

# O NOVO TESTAMENTO INTERPRETADO VERSÍCULO POR VERSÍCULO



Editora  
Candeia

Autor  
R. N. Champlin, Ph. D.

## INTRODUÇÃO

- I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA E AUTENTICIDADE
- II. AUTORIA
- III. DATA, PROVENIÊNCIA E DESTINO
- IV. FONTES E INTEGRIDADE
- V. TIPO LITERÁRIO E RELAÇÕES
- VI. O CRISTIANISMO JUDAICO
- VII. PAULO E TIAGO
- VIII. PROPÓSITOS E ENSINAMENTOS
- IX. LINGUAGEM
- X. CONTEÚDO
- XI. BIBLIOGRAFIA

\*\*\*

Tiago é um dos livros problemáticos do N.T., em que quase todos os seus principais aspectos têm sido disputados. Não há um consenso geral acerca da natureza da maioria dos itens alistados nesta introdução. A principal dificuldade tem sido a indisposição dos intérpretes examinarem o livro com honestidade, porquanto têm sentido ser necessário harmonizar Tiago com Paulo. Essa tentativa de harmonização tem obscurecido os propósitos e os ensinamentos de Tiago. Quão facilmente os intérpretes cristãos deslizam para a defesa da teologia sistemática a qualquer preço! Certamente deve ter ocorrido à maioria dos intérpretes que Tiago é um documento que representa o «cristianismo legalista»; mas esse «pensamento chave», que poderia servir para que se compreenda claramente o livro, tem sido negligenciado pela grande maioria dos intérpretes. Eles pensam antes que o livro, na realidade, não pode contradizer a Paulo; e passam a expressar muitas interpretações dúbias e errôneas de seu conteúdo. Ter-nos-lamos esquecido que, no primeiro século, o problema legalista nunca foi solucionado, e que uma boa porção da igreja cristã, que sofria a influência do judaísmo, nunca abandonou seus antigos caminhos, porém buscou incorporar o novo nos antigos? Ter-nos-lamos esquecido que o décimo quinto capítulo do livro de Atos mostra claramente que muitos crentes, em áreas judaicas, chegavam a crer que a circuncisão era necessária para a salvação, subentendendo que a lei era igualmente necessária? Até mesmo nas áreas gentílicas, os judaizantes obtinham notáveis progressos e chegaram a controlar até mesmo igrejas gentílicas, constituídas essencialmente de elementos gentílicos. A epístola de Paulo aos Gálatas é prova disso. Até mesmo a igreja em Roma contava com os seus *judaizantes*, que exerciam grande autoridade, como o conteúdo da epístola aos Romanos certamente o indica. E outro tanto se dá no caso da primeira e da segunda epístolas aos Coríntios, onde uma das principais facções era aquela que fazia de Pedro o seu herói, e que, não há que duvidar, tinha uma atitude «legalista». A mesma coisa ocorria na igreja dos filipenses, a julgar pelo trecho de Fil. 3:1-8.

Afastados agora tantos séculos daquele agudo conflito (embora ele esteja bem vivo na igreja, até hoje), esquecemo-nos da sua magnitude. É fato brutal que Paulo *nunca* foi aceito pela igreja cristã judaica, mas antes, sempre foi encarado com suspeita, como destruidor da verdadeira religião. Isso ficamos sabendo através de Atos 21:21 e ss. É verdade que alguns dos líderes principais reconheciam a sua missão e o seu ofício apostólicos (ver Gál. 2:9 e ss.), mas é destituída de fundamento a suposição que a sua aceitação se tornou generalizada. O partido da circuncisão (ver notas expositivas a respeito, em Atos 11:2) tinha um poder grande demais para permitir que sua reputação fosse outra coisa senão algo totalmente negativo ou duvidoso para os membros comuns da igreja judaica. Os caminhos e costumes antigos fenecem muito lentamente; e sempre será verdade que novas verdades não triunfam por conquistarem a geração contemporânea, mas porque conquista uma nova geração, até que a antiga, finalmente, perece. De fato, conforme disse Alfred North Whitehead: «Se voltarmos a atenção para as novidades do pensamento em nosso próprio período de vida, veremos que quase todas as idéias realmente novas se revestem de certo aspecto de insensatez, quando são apresentadas pela primeira vez».

Havia muitos cristãos judeus que recebiam sinceramente a Cristo como seu Messias e Salvador, crendo no valor expiatório de sua morte, bem como no poder vivificador de sua ressurreição, mas que tinham plena certeza que essas crenças podiam ser injetadas no judaísmo antigo, cuja lei (excluindo-se os sacrifícios) e cuja circuncisão, conforme eles, continuavam plenamente em vigor, sem interrupção ou abrandamento. (Ver as notas expositivas em Atos 10:9 quanto à descrição da «questão legalista na Igreja primitiva»). Assim sendo, muitos pensavam que a idéia paulina de «justificação *exclusivamente* pela fé» era uma perversão da verdade, e não um degrau mais alto da verdade. Apesar de reconhecerem a importância e até mesmo a necessidade da fé vital, viam isso como um acompanhamento da fé, e, de fato, como uma maneira de cumprir a lei, e não como algo que suplantava a lei, exatamente conforme está expresso no livro de Tiago 2:14-26, que é uma linguagem plenamente legalista, tão clara como se poderia encontrar em qualquer documento judaico e não-cristão.

Por que se pensaria ser estranho que vários autores tivessem deixado documentos, expressando as idéias da facção judaica da Igreja primitiva, e que um desses documentos, a epístola de Tiago, por causa de suas qualidades inerentes, finalmente tenham vindo a fazer parte do N.T.? É a aceitação desse pensamento que facilita a interpretação da epístola de Tiago, eliminando a necessidade de se buscar uma harmonia desonesta com os escritos de Paulo.

A epístola de Tiago não era conhecida e nem foi usada na Igreja cristã durante três séculos; e mesmo depois disso sempre foi um livro disputado, e isso pela razão simples que muitos reconheciam, sem evitá-lo, o verdadeiro problema, que consiste em como reconciliar Paulo com Tiago, fazendo com que, no N.T. tenhamos um documento legalista que, quanto a certos aspectos, está fora de lugar. Bem entendido, está fora de lugar para vários grupos protestantes, apesar de ser alegremente aceito, exatamente como está, na Igreja Católica Romana, que retém aspectos legalistas em sua doutrina. Qualquer outra abordagem a esse livro, além daquela que aqui é sugerida, envolve o intérprete em desonestidade, ainda que creia pessoalmente estar exercendo bom juízo e não tenha consciência de que perverte certos versículos.

Lutero escreveu: «Em suma, o evangelho de João e a sua primeira epístola, as epístolas de Paulo, sobretudo aquelas aos Romanos, aos Gálatas, aos Efésios, e a primeira epístola de Pedro—esses são os livros que mostram Cristo e nos ensinam tudo quanto é necessário e bem-aventurado conhecer, embora não vejamos ou não ouçamos qualquer outro livro ou doutrina. Portanto, a epístola de Tiago é uma epístola de palha, em comparação com aqueles, porquanto não exhibe o caráter do evangelho». (Lutero, *Introdução à Epístola de Tiago*).

Todavia, embora ele tivesse essa baixa opinião sobre o caráter doutrinário do livro, nem por isso o rejeitou completamente, e nem proibiu o seu uso, dizendo: «Por conseguinte, eu não o terei em minha Bíblia entre seus principais livros, mas nem assim pretendo a quem quer que seja de colocá-lo ali e de exaltá-lo como melhor lhe convier, pois contém muitas coisas boas».

Assim sendo, em sua Bíblia impressa, Lutero separou a epíst. aos Heb., juntamente com Tiago, Judas e Apocalipse



atribuindo-lhes um lugar no fim do volume, e não os fazendo figurar na tabela de conteúdo. Dessa maneira, na Bíblia em alemão impressa através dos séculos, essa ordem acabou sendo conservada, embora, finalmente, recebessem lugar na tabela de conteúdo.

O autor deste comentário acredita que Lutero designou uma posição baixa demais a Tiago e falhou no reconhecimento do lugar vital que ocupa no «Cânon» cristão. Podemos não apreciar certos aspectos da teologia de Tiago, nem tão pouco a maneira com que expressa determinadas coisas, influenciado, como foi, pelo legalismo, mas o que acaba por dizer é uma mensagem de importância tão extrema, que podemos desculpar o modo de expressão. Tiago merece lugar no «cânon» porque levanta um *importantíssimo* problema—o da relação entre as obras e a fé, reconhecendo intuitivamente que há um sentido em que as obras fazem parte da salvação, embora o livro não expresse com exatidão como isso pode ser. A fé é um princípio vital, que produz obras, e não um produto, mas uma «auto-expressão» da graça; porquanto as «obras», espiritualmente compreendidas, na realidade, são produtos ou frutos do Espírito Santo em um homem, a auto-expressão do princípio da graça, operante no íntimo. De acordo com definições espirituais, por conseguinte, as obras e a graça são sinônimos, já que ambas as coisas são divinamente inspiradas e infundidas no ser humano. (As notas expositivas em Efé. 2:8 esclarecem esse conceito).

É crença do autor do comentário que o judaísmo, tal como Tiago, que foi apenas um porta-voz de idéias mais antigas, reconhecia intuitivamente esse princípio. Mas, faltando-lhe uma melhor revelação, expressava o princípio sem habilidade, isto é, legalisticamente, e não «misticamente» (o Espírito é o autor das verdadeiras obras espirituais, mediante o seu contacto genuíno com os homens). A expressão desse princípio é o cerne mesmo do judaísmo.

Infelizmente, a interpretação legalista obscureceu a verdade. Mas nos escritos de Paulo essa verdade é claramente expressa, em Fil. 2:12; e o princípio da graça divina transparece com clareza em Fil. 2:13: «Assim, pois, amados meus, como sempre obedestes, não só na minha presença... desenvolvei a vossa salvação... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade». O décimo segundo versículo expressa a verdade das «obras»; e o décimo terceiro expressa a verdade da «graça». Não podemos interpretar o décimo segundo versículo como «desenvolvei aquilo que já foi operado em vós», como se tudo quanto estivesse em foco fosse «expressar com ações externas» a graça que opera no íntimo. Essa é uma interpretação errônea. Antes, é-nos ordenado que «efetuemos» nossa própria salvação, tornando-a real. Isso depende de buscar o Espírito e de permitir-lhe produzir seu fruto em nós, santificando-nos ele e transformando-nos segundo a imagem de Cristo, que expressa a salvação em sua inteireza. O termo grego envolvido na idéia de «efetuar» é *katergazomai*, que significa «obter», realizar, «produzir». Em sentido real, pois, produzimos a nossa própria salvação, isto é, da maneira que acaba de ser sugerida. Não obstante, isso seria impossível a menos que sejamos inspirados pelo Espírito de Deus, que nos capacite a tanto—primeiramente, desejando-o, e então, realizando-o.

O valor da epístola de Tiago, pois, tem o mesmo valor que havia no judaísmo. Um homem sabe intuitivamente que deve fazer algo, ser algo, produzir alguma coisa, a fim de que tenha uma busca espiritual válida. Esse discernimento é expresso de forma legalista no judaísmo e na epístola de Tiago, o que é um equívoco; porque tal verdade deveria ser expressa misticamente, ou seja, através da submissão e do cultivo do poder do Espírito Santo em nós, para operarmos, nos esforçarmos e efetuarmos ou pôr em funcionamento a nossa própria salvação. Porém, o próprio fato que Tiago tenta expressar essa verdade, ainda que desajeitadamente, é razão suficiente para aceitarmos essa epístola no «cânon»; pois a verdade assim ressaltada é vital, e certamente não deve ser olvidada na igreja evangélica moderna, com a sua crença fácil. Portanto, que soe a mensagem de Tiago; e que, com a ajuda de Paulo, possamos fazer com que seu tom seja alto e claro. Tendo dito isso, atribuímos à epístola um elevado lugar, e muito mais importante que aquele que lhe foi atribuído por Lutero.

A *intuição*: Intuitivamente reconhecemos que a salvação deve incluir o ser e o fazer, e não a mera anuência a um credo. Pela revelação bíblica sabemos que há graus diversos de glorificação, que dependem de nossas obras (ver II Cor. 5:10);

e a glorificação é o nível mais elevado da salvação (ver Rom. 8:29,30). Portanto, se forem corretamente entendidas, as «obras» estão plenamente envolvidas na salvação. Mas essas obras não são legalistas; são misticamente produzidas, como a auto-expressão da graça divina, que opera sobre a alma humana. É na «direção» dessa intuição que Tiago dirige a sua mensagem, embora de uma maneira com a qual não possamos concordar inteiramente. O próprio fato que a epístola aponta para essa verdade é motivo suficiente para lhe conferir uma parcela importante na nossa literatura e pregação, ao mesmo tempo que melhoramos alguns de seus pontos, com o auxílio de revelações maiores e melhores, extraídas dos escritos dos apóstolos Paulo e Pedro.

O *paradoxo*: A maioria das principais doutrinas do cristianismo apresenta algum paradoxo. Como é que Cristo pode ser, ao mesmo tempo, Deus e homem, é algo em que cremos, mas que não temos maneira fácil e clara de explicar. Como é que o determinismo e o livre-arbítrio se encontram nas páginas do N.T. é algo em que igualmente cremos, mas sem podermos reconciliar esses princípios. Por semelhante modo, a fé e as obras, apesar de parecerem princípios contraditórios, quando nos referimos a «meios» de salvação, são apenas dois lados de uma grande verdade; mas, como harmonizá-los, não sabemos dizê-lo, embora façamos algumas sugestões, como aquelas que aparecem nos parágrafos acima. Os paradoxos resultam de nossa falta de compreensão; e a falta de compreensão resulta de nossa atual baixa posição, como espíritos aprisionados em corpos. Contudo, algum dia os paradoxos serão explicados, e deixarão de ser paradoxos.

## I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA E AUTENTICIDADE

Apesar de que normalmente, neste comentário, as questões de autoria e data são discutidas em primeiro lugar, no caso da epístola de Tiago, é mais sábio iniciarmos o estudo com o problema da confirmação antiga, que influenciará o que acreditamos sobre outras questões.

A discussão abaixo procura mostrar que Tiago é um tratado ou panfleto religioso (na forma de epístola, e não de uma missiva comum), que escapou à atenção de todas as seções da Igreja primitiva por quase dois séculos. Orígenes, na primeira metade do século III D.C., foi o primeiro dos pais da igreja a identificar expressamente o livro, conferindo-lhe importância. Não é livro citado pelos pais da igreja anteriores a ele. É incrível (segundo alguns intérpretes) que se Tiago, apóstolo e irmão de Jesus, tivesse escrito alguma coisa, que tal escrito tivesse sido desprezado por tantos decênios, ao ponto de permanecer no olvido até aos dias de Orígenes!

### 1. Clemente e os primeiros livros:

Nos escritos dos mais antigos pais da igreja, como Clemente de Roma, Inácio, Policarpo e Justino Mártir, bem como nos escritos dos apologistas do segundo século, não há qualquer referência clara ao livro de Tiago. E nem se acha citado ou claramente aludido nos primeiros escritos, isto é, II Clemente (escrita em nome de Clemente de Roma, embora não fosse, realmente, de sua autoria), a Epístola de Barnabé, o Ensino dos Doze Apóstolos e a Epístola a Dioneto. Nos escritos de Clemente de Roma há temas similares que envolvem o estudo sobre Abraão, nos capítulos décimo, décimo sétimo e trigésimo primeiro, e sobre Raaca, no décimo segundo capítulo. Existem coincidências de expressão nos capítulos treze, vinte e três, trinta, trinta e oito e quarenta e seis. Porém, em todos esses casos, as similaridades são do tipo que se encontram na literatura judaica da época, expressões e idéias que foram reproduzidas, e que não eram originais e nem distintivas nesta epístola a Tiago, pelo que não se pode demonstrar qualquer dependência dos escritos de Clemente aos escritos de Tiago, o que certamente Clemente teria feito, se tivesse conhecido e usado esta epístola. Quase todos os eruditos modernos concordam ser fraco o argumento que Clemente usou a epístola de Tiago. Tal posição é insustentável.

### 2. Policarpo, Inácio e Justino Mártir:

As evidências de que qualquer desses conhecia e usou a epístola de Tiago ainda são mais fracas que no caso de Clemente. Similaridades ocasionais são devidas ao uso de idéias e expressões comuns ao judaísmo helenista. Não há coisa alguma, nos escritos desses pais da igreja, que possa ser claramente derivado da epístola de Tiago.

### 3. O Pastor de Hermas (cerca de 150 D.C.):



Esse foi um trabalho literário simbólico, cujo intuito era o de despertar uma igreja lassa e chamar ao arrependimento os crentes que houvessem pecado. Alguns segmentos da igreja aceitavam essa obra como canônica, e ela aparece no códex Sinaiticus do N.T. Essa obra tem vários pontos de semelhança com a epístola de Tiago, muito mais do que os livros e os pais acima mencionados. Porém, quando esses pontos de semelhança são examinados, vê-se que sob hipótese alguma este livro reflete algo exclusivamente pertencente ao livro de Tiago, o que certamente teria ocorrido, se seu autor tivesse usado essa epístola. Por exemplo, nada aparece acerca da famosa passagem sobre a «justificação», em Tia. 2:14-26. E até mesmo quando há certo paralelismo de idéias, a linguagem e a atitude são diferentes. Assim, pois, nenhum empréstimo diretamente feito de Tiago pode ser demonstrado, mesmo ao ser apresentado material semelhante. O paralelo mais notável é em *Hermas* Mand. ix, onde aparece o tema da «duplicidade de propósitos». Ali somos informados que devemos orar sem «dúvidas» e sem «hesitações». Também nos é prometido que Deus responderá à oração da fé, porquanto Deus não guarda ressentimentos. Tudo isso é paralelo ao trecho de Tia. 1:5-8; mas o mais provável é que esse tipo de estudo sobre a oração era comum nas exortações do judaísmo, podendo ser ouvido em muitas sinagogas. Um outro notável exemplo pode ser achado se compararmos Mand. viii com Tia. 1:27. E há outros exemplos de segunda ordem, em grande número, embora sem qualquer instância de qualquer coisa peculiar a Tiago. Apesar de que alguns eruditos têm aceitado o uso da epístola de Tiago pelo autor do *Pastor de Hermas*, a maioria dos eruditos modernos concorda que o caso está longe de ser demonstrado.

#### 4. Irineu (século II D.C.):

As únicas passagens que poderiam ser evocadas são as de *Contra as Heresias* iv.16 (ver Tia. 2:23); iv.13 (ver Tia. 2:23) e v.1 (ver Tia. 1:18,22). Dentre essas instâncias, somente a de iv.16 (com Tia. 2:23) é notável; e, além disso, o paralelismo se dá apenas quanto às últimas cinco palavras. As demais semelhanças são por demais superficiais para merecerem exame. Portanto, é evidente que Irineu não conheceu e nem usou a epístola de Tiago.

#### 5. Tertuliano

Nenhum trecho dos escritos de Tertuliano demonstra qualquer dependência à epístola de Tiago. O seu *De orat.* 8, concernente à oração do Pai Nosso, e o fato de não ter citado Tia. 1:13, quando isso teria sido tão conveniente, mostram-nos que o mais provável é que ele não conhecia essa epístola. Os trechos de *Adv. Jud.* 2 e *De Orat.* 8, contêm similaridades com algumas das expressões utilizadas por Tiago, mas existem casos, como esses, discutidos nos parágrafos anteriores, que são meras similaridades, mas sem que haja qualquer reflexo realmente distintivo da epístola de Tiago.

#### 6. Clemente de Alexandria

Coisa alguma, em seus escritos, parece indicar a familiaridade com a epístola de Tiago. Mas Eusébio, em sua *História Eclesiástica* vi.14, parece indicar que Clemente conhecia o livro. Contudo, não sabemos quão exata é essa informação, porquanto entre Clemente e Eusébio havia um espaço de cinquenta anos. Admitindo-se a exatidão de sua declaração, mesmo assim não se obtém qualquer testemunho direto em favor de Tiago, até aos primórdios do século III D.C. Todavia, um escrito latino, intitulado *Adumbrationes Clementis in Epistolas Canonicas* aceito como tradução das «*Hypótyposes*», feita sob a direção de Cassiodoro, no sexto século de nossa era, das epístolas católicas, incluindo somente I Pedro, Judas, I e II João, dá-nos a entender, pelo menos com base nessa tradição, que Clemente não aceitava a epístola de Tiago como canônica, embora aceitasse tal livro como digno de ser usado nas igrejas. O fato que Orígenes, seu sucessor, conhecia e aceitava essa epístola como canônica, mostra-nos, pelo menos, que é provável que Clemente tivesse consciência de sua existência. Quanto valor ele atribua a essa epístola, entretanto, é algo duvidoso, pelo menos enquanto maiores provas não forem colhidas.

#### 7. Orígenes e a igreja grega:

Orígenes faz muitas e indisputáveis citações da epístola de Tiago. A sua data é 181 - 251 D.C., pelo que ele nos leva bem dentro do século III D.C. Na sua obra, *Commen. Joann.* xix., cap. 23, ele cita diretamente a passagem de Tia. 2:14, mencionado diretamente tanto a ele como à sua «epístola».

Também menciona Tiago diretamente em sua *Select in Salmos* 30, 65, 118, em sua «seção sobre Êxodo 15», em seu fragmento do *Comentário de João*, 6, além dos fragmentos 38 e 126. Clemente chamou esse Tiago de «apóstolo», embora não o tivesse identificado ainda mais exatamente, como «irmão do Senhor», como filho de Zebedeu, de Alfeu, o «menor», ou de qualquer outro. E ainda que tivesse feito qualquer identificação dessa natureza, visto que estava distante dele por mais de duzentos anos, duas declarações expressariam meras opiniões. Ao falar sobre Tiago, o irmão do Senhor, em seu comentário sobre Mat. 10:17, ele deixa de mencionar que esse é o Tiago que escreveu a epístola desse nome. Por conseguinte, é bem provável que ele não fizesse tal identificação. Não obstante, isso poderia ser um descuido. As evidências que temos pois, é que Orígenes foi o primeiro de todos os pais da igreja a aceitar como canônica a epístola de Tiago, não a tendo classificado como inferior aos demais livros do N.T.

Os pais da igreja que se seguiram imediatamente a Orígenes, na igreja grega, usaram a epístola de Tiago muito raramente; mas não há qualquer indicação de que a tenham rejeitado. Assim o fizeram Gregório Taumaturgo, Dionísio de Alexandria (ambos em cerca de 270 D.C.), e Metódio de Olimpo (311 D.C.).

Eusébio (falecido em 340 D.C.), o famoso historiador eclesiástico, utilizou-se abundantemente da epístola. (Ver *História Eclesiástica* ii.23,25 e iii.25:3). Suas declarações, no entanto, falam sobre as dúvidas dos pais mais antigos da igreja, e de como a epístola de Tiago era um dos livros disputados, sem jamais ter obtido larga aceitação na igreja, conforme sucedia aos demais livros do N.T., por essa época.

O *Catalogus Claromontanus* (século VI D.C.), que alguns estudiosos acreditam ter sido composto em Alexandria, no século IV D.C., incluía a epístola de Tiago, como também o faziam os catálogos preparados por Atanásio (falecido em 373 D.C.), por Cirilo de Jerusalém (falecido em 386 D.C.), por Epifânio (falecido em 403 D.C.), por Gregório de Nazianzeno (falecido em 390 D.C.) e por Crisóstomo (falecido em 407 D.C.).

A essas testemunhas poderíamos adicionar Marcário do Egito (391 D.C.), o concílio de Laodiceia (60º cânon, dos séculos IV ou V D.C.), Cirilo de Alexandria (século V D.C.), e todos os pais alexandrinos que se seguiram.

#### 8. A igreja armênia:

Todos os manuscritos em armênio (com data de cerca de 430 D.C.) contêm essa epístola.

#### 9. A igreja síria:

A primeira tradução da epístola de Tiago para o siríaco data de cerca de 412 D.C. Dali veio a ser aceita no Peshitto, o texto siríaco oficial. Antes de 412 D.C., entretanto, nenhuma das epístolas universais obtivera total aceitação na igreja síria. O cânon neotestamentário dessa igreja, composto em cerca de 400 D.C., incluía somente os quatro evangelhos, o livro de Atos, as epístolas paulinas (com Hebreus e uma terceira epístola aos Coríntios), mas excluía as epístolas universais e o livro de Apocalipse. Assim sendo, os primeiros pais sírios da igreja, como Afraates (345 D.C.) e Efraem (378 D.C.) não mostram qualquer indicio claro da aceitação da epístola de Tiago. A aceitação eventual dessa epístola parece ter sido devido à influência da igreja grega, mas muitos, ainda assim, duvidavam de sua autenticidade, conforme o fazem Teodoro de Mopsuestia, Tito de Bostra, Severiano de Gabala e o autor das *Constituições Apostólicas*. Essa opinião de alguns sírios continuou até mais tarde na história daquela igreja. Os nestorianos rejeitavam as epístolas universais (ou católicas) em sua inteireza, e isso era comum na porção síria da igreja, até bem dentro da Idade Média.

#### 10. A Igreja Ocidental:

A história da epístola de Tiago no ocidente se parece muito com a que se pintou no tocante à igreja síria; e nesse caso, sua aceitação também se deveu à influência da igreja grega. O cânon muratoriano (Roma, 200 D.C.) o omite. Conforme temos visto, Irineu e Tertuliano não se utilizaram dela, se é que a conheciam. Cipriano, embora tivesse usado inúmeras citações, nunca citou Tiago (falecido em 258 D.C.). Outro tanto se pode dizer com respeito a Novaciano (252 D.C.). Em 359 D.C., o *Catálogo Monseniano*, de origem africana, omite o livro de Tiago; e Ambrósio (397 D.C.) nunca citou diretamente o mesmo. Nos textos do códex Corbeiensis, o pseudo-Agos-



tinha *Speculum* (350 D.C.), essa epístola é incluída, mas evidentemente como se fora um panfleto patrístico, e não como parte de qualquer N.T. em latim. De fato, nenhum manuscrito latino contém essa epístola, senão já cerca de uma geração mais tarde.

O exemplo mais antigo de citação da epístola de Tiago, em latim, é o de Hilário de Poitiers, de *Trin.* iv. 8 (358 D.C.), e mesmo assim apenas como parte de vários textos que os arianos perverteram para suas próprias finalidades, embora não cite o livro de Tiago de modo a autenticá-lo, e nem demonstre qualquer respeito especial pelo mesmo. Ambrosiastro (382 D.C.) demonstra ter conhecimento do livro, como também o fez Prisciliano (386 D.C.). As traduções da Vulgata latina que começaram a incluir a epístola de Tiago começam a fazê-lo em cerca de 384 D.C.

O fato que Agostinho (430 D.C.) e Jerônimo (420 D.C.) finalmente aceitaram o livro como canônico, fez a Igreja Ocidental seguir a prática; e assim, os líderes cristãos subsequentes dessa parte do mundo passaram a aceitar a epístola, embora certas vezes emitissem dúvidas, aqui e acolá. (Isidoro de Sevilha, em 636 D.C., menciona a existência de tais dúvidas). Não obstante, a autoridade do livro prevalecia de modo geral, diferentemente do que sucedia na igreja siria, onde sempre houve protestos vocíferos contra tal inclusão.

#### 11. Na história posterior:

**Na Reforma:** Os comentários acima demonstram a natureza da história da epístola de Tiago desde o século V até à época de Erasmo. Na igreja grega, quase não havia disputa; na igreja ocidental, menos ainda; na igreja siria continuava havendo forte resistência contra sua inclusão; nos dias imediatamente antes da Reforma, Erasmo novamente levantou a questão da autenticidade do livro, sua canonicidade e seu direito à autoridade, entre os escritos sagrados. Erasmo revisou as antigas razões para a reserva acerca da epístola de Tiago, e acrescentou algumas razões pessoais. Ele argumentou principalmente com base em questões de linguagem e estilo, e indagou, com razão, se qualquer dos apóstolos (judeus-galileus) poderia tê-la escrita. Não obstante, aceitava-a, talvez como filho obediente da igreja. No tocante à Igreja Católica Romana, as opiniões de Jerônimo e Agostinho eram seguidas de maneira geral, pelo que nunca foram coerentemente levantadas objeções sérias. Todavia, no Concílio de Trento, alguns falaram acerca da «incerteza» de sua autoridade apostólica. A despeito disso, a 8 de abril de 1546, por decreto do citado concílio, a epístola de Tiago foi aceita juntamente com os outros vinte e seis livros de nosso presente N.T. Outrossim, seu autor foi declarado «apóstolo». Esse decreto foi confirmado pelo Concílio do Vaticano, de 24 de abril de 1870.

No Concílio de Trento, entretanto, surgiu certa distinção (que continua a ser observada entre os católicos romanos), entre aqueles livros tidos como sempre aceitos e aqueles cuja aceitação foi gradual. Dentro dessa última categoria, naturalmente, foi situado o livro de Tiago. Mas isso é mera distinção histórica, que não visa atribuir valores diferentes aos livros.

**No lado Protestante:** Posto que o protestantismo não foi forçado a concordar sobre o que dizia a hierarquia de organizações eclesásticas, e nem de aceitar automaticamente as opiniões dos primeiros pais da igreja, houve muito maior oposição à inclusão da epístola de Tiago no «cânon». As epístolas de Hebreus, Tiago, II Pedro, II e III João, Judas e Apocalipse sempre foram livros disputados, e isso assim continuou sendo até dentro do período da Reforma. Lutero fez o evangelho de João, I Pedro e Romanos o seu «padrão» de julgamento; por essa causa, rejeitava a epístola de Tiago como canônica e autoritativa, chamando-a de «epístola de palha» (na sua Introdução à Epístola de Tiago), embora nem por isso tivesse proibido outros a usarem-na ou a pensarem dela o que bem entendessem. Em sua Bíblia vertida para o alemão, ele a colocou, juntamente com Heb., Judas e o Apo., no fim da coletânea dos livros do N.T., não dando a esses livros posição na tabela de conteúdo. A Bíblia alemã preservou essa ordem, mas, finalmente, alistou-os em sua tabela de conteúdo.

**Carlstadt,** o ciumento opositor pessoal de Lutero, admitia que o livro era disputado e de menor dignidade, mas nem por isso o excluiu do «cânon» de livros autoritativos. Melancthon pronunciou-se em favor dele, sem limitações pessoais, embora reconhecesse que outros líderes demonstravam escrúpulos

sobre a questão. Após o ano de 1600, porém, a maioria dos luteranos admitia a autoridade da epístola de Tiago.

**Calvino,** Zwinglio e Beza aceitavam a epístola de Tiago como canônica, mas disputavam a sua autoria.

Na Inglaterra, os pontos de vista de Lutero exerceram influência. Assim, no N.T. de Tyndale (1525 D.C.), foi adotado o arranjo da Bíblia em alemão, até ao ponto de não haver número das páginas dos livros disputados, na tabela de conteúdo. O próprio Tyndale aceitava a epístola, mas não ignorava a aura de dúvidas que a rodeava. As Bíblias de Coverdale (1535), Matthew (1537), Taverner (1539) também preservaram a ordem de livros da Bíblia alemã. Mas as Bíblias Grande (1539), «Bispos» e King James preferiram a ordem de livros que aparece na Vulgata, ignorando a disputa. As Bíblias em holandês, em dinamarquês, em sueco (do século XVI) e da Suíça, seguiram a ordem apresentada por Lutero.

A igreja anglicana, nos seus Trinta e Nove Artigos (artigo vi), e a Confissão Westminster (1647), aceitaram a epístola de Tiago sem disputa.

(Quanto ao «cânon do N.T.», ver o artigo de apresentação desse assunto, na introdução ao comentário). Pode-se ver, com base nisso, bem como com base na discussão anterior, que, depois do livro de Apocalipse, a epístola de Tiago foi o livro mais disputado do N.T., e com grande hesitação é que recebeu lugar no «cânon», no período pós-apostólico, nunca lhe tendo sido atribuída autoridade nos dois primeiros séculos da história da igreja.

## II. AUTORIA

Tendo visto claramente as dificuldades que circundam este livro, no tocante à sua autoridade e canonicidade, podemos mais facilmente dizer algo de significativo sobre a questão do próprio autor. O livro identifica algum «Tiago» como seu autor. Mas, qual Tiago está em foco, que nos seja conhecido no N.T.? Ou tratar-se-ia de um Tiago desconhecido? Ou seria este livro uma pseudépigrafe, isto é, escrito em nome de um famoso Tiago do N.T., mas não na realidade? Essa prática era comum nos primeiros séculos da era cristã, havendo mais de cem escritos dessa natureza que chegaram até nós, supostamente de famosos cristãos primitivos, mas certamente sem que isso seja verdade. E esses são os escritos acerca dos quais temos algum conhecimento, pelo menos através de fragmentos, ou títulos mencionados por outros pais da igreja. Deve ter havido um número muito maior de casos. Tal prática não era reputada desonesta, naqueles dias; era uma prática comum, usada tanto na literatura profana como na sagrada.

**Os vários Tiagos do N.T.:** (Ver notas expositivas mais completas sobre esses personagens em Ato 12:2. Notas expositivas adicionais são dadas acerca de «Tiago, irmão do Senhor», que subsequentemente se tornou bispo de Jerusalém, em Ato 12:17 e 15:13).

1. Tiago, filho de Zebedeu, irmão de João, incluído em todas as quatro listas sobre os doze apóstolos. Foi decapitado a mando de Herodes Agripa I, em 44 D.C. ou pouco antes. (Ver Ato 12:2).

2. Tiago, filho de Alfeu, um dos doze apóstolos. (Ver Mat. 10:3; Marc. 3:18; Luc. 6:15 e Ato 1:13).

3. Tiago, irmão do Senhor. (Ver Gál. 1:19; 2:9,12; I Cor. 15:7; Ato 12:17; 15:13 e 21:18). Ficou convicto do caráter messiânico de Jesus, evidentemente através de aparição pessoal a ele, após a ressurreição de Cristo. Subsequentemente, tornou-se o líder principal da igreja de Jerusalém, uma figura de estatura sumo sacerdotal, muito respeitado entre judeus e cristãos, igualmente.

4. Tiago, o Menor (uma alusão à sua pequena estatura, a fim de distingui-lo de outros personagens do mesmo nome). (Ver Marc. 15:40; Mat. 27:56; Luc. 24:10). Muitos identificam esse Tiago com o filho de Alfeu.

5. Tiago, pai ou irmão de Judas, um dos doze apóstolos (ver Luc. 6:16 e Ato 1:13). Ao invés desse Judas (não o Iscariotes), nas listas dos evangelhos de Marcos (capítulo terceiro) e de Mateus (capítulo décimo), aparece o nome de Tadeu ou Laheu.

6. Tiago, autor da epístola, que possivelmente, pode ser com um ou outro dos Tiagos mencionados acima.

7. Tiago, irmão de Judas (ver Jud. 1), por meio de quem a epístola de Judas teria sido escrita.

Dentre esse número, os Tiagos de posição primeira, segunda, terceira e sétima têm sido identificados como o autor



da epístola.

Os argumentos típicos contra a idéia de que qualquer Tiago do N.T. escreveu este livro:

1. É uma provação de fé, e não um ponto de fé, supormos que qualquer figura importante, e até mesmo apóstolo de Cristo, pudesse ter escrito alguma coisa e isso ficasse inteiramente desconhecido na igreja cristã, até aos tempos de Orígenes, isto é, já nos meados do século III D.C.

2. Seria virtualmente impossível a qualquer dos apóstolos, aldeões e pescadores galileus como eram, ter produzido uma obra em grego dotada de tal linguagem e estilo. Os aldeões galileus simplesmente não poderiam ter conhecido e usado o grego dessa maneira. Poder-se-ia argumentar que escreveram em aramaico, e que alguém, ato contínuo, traduziu a obra. Mas as traduções sempre trazem sinais de serem traduções. Não há mesmo qualquer indício de que temos aqui uma tradução. Pelo contrário, trata-se de um escrito original, com um grego de tão alto naipe que só perde para a epístola aos Hebreus, em todo o N.T. Também se poderia argumentar que o Espírito Santo ajudou esse Tiago a ter um grego impecável. Mas esse mesmo Espírito não ajudou a Marcos ou o autor do livro de Apocalipse a escrever em grego superior ao «grego de rua», o que explica seus barbarismos. Nas páginas do N.T. se encontram muitos níveis de grego, alguns se aproximando do clássico (como a epístola aos Hebreus), e outros em bom estilo literário (*koiné* (como os escritos de Paulo), havendo outros de inferior qualidade. É um argumento eivado de preconceitos aquele que afirma que, neste único caso (na epístola de Tiago), um autor foi ajudado pela inspiração para «escrever acima» de sua capacidade no idioma.

Acresça-se a isso o fato que o autor estava familiarizado com as minúcias de estilo helenista, com artifícios retóricos, com aliterações, com diatribes e com a terminologia dos filósofos éticos-estóicos e cínicos da época, o que facilmente poderia fazer parte do vocabulário de judeus da Galiléia. O que queremos asseverar é que o autor sagrado exibe os sinais de ter sido homem bem-educado na tradição helenista. A família imediata de Jesus e os seus discípulos, dificilmente teriam recebido tão formal educação.

3. Ademais, note-se que Tiago é o «menos cristão» e o *mais judaico* de todos os livros do N.T. Há quase total ausência das doutrinas distintivamente cristãs, e o próprio Jesus é mencionado apenas por duas vezes (em Tiago 1:1 e 2:1). É impossível crermos que qualquer apóstolo que tivesse passado tanto tempo com Cristo, e especialmente um irmão seu, pudesse ter escrito tão pouco sobre a sua pessoa.

4. A data da epístola certamente deve ser assinalada em depois do tempo de Tiago, filho de Zebedeu, que foi martirizado em 44 D.C. (Ver as notas expositivas sobre a «Data» desta epístola, na secção III da introdução à mesma. Assim, esse Tiago fica eliminado ao menos devido a essa consideração.

5. Qualquer declaração em prol da autoria de qualquer desses três personagens é pura *conjectura*. A própria epístola não identifica o «Tiago». Qualquer identificação deve residir na tradição; e, nesse caso, a tradição é distintamente contrária à idéia de que qualquer deles tenha sido o autor, a menos que admitamos aquela tradição iniciada em meados do século III D.C. Todavia, a tradição do próprio século III em diante se contradiz consigo mesma. Aqueles que conjecturavam que Tiago, o irmão do Senhor, é quem escreveu essa epístola, meramente conjecturavam; e isso é verdade no tocante às demais identificações específicas. Não há qualquer evidência de que qualquer deles escreveu o livro.

A observação que há algum acordo verbal entre esta epístola e o discurso de Tiago, no décimo quinto capítulo do livro de Tiago—Atos 15:23 com Tia. 1:1; Atos 15:17 com Tia. 2:7; Atos 15:14,26 com Tia. 2:7 e 5:10,14; Atos 15:14 com Tia. 1:27 e Atos 15:19 com Tia. 5:19,20—não é mais convincente que dizer que o mesmo autor escreveu a primeira epístola de Pedro, por causa de uma lista similar de semelhanças, que se pode traçar entre esses dois livros, a saber, I Ped. 1:1 com Tia. 1:1; I Ped. 1:6 com Tia. 1:2; I Ped. 1:23 com Tia. 1:18; I Ped. 1:24 com Tia. 1:10; I Ped. 2:1 com Tia. 1:1; I Ped. 4:8 com Tia. 5:20; I Ped. 5:5 com Tia. 4:8 e I Ped. 5:9 com Tia. 4:7. A epístola de Tiago exibe semelhanças assim em relação a vários outros escritos, totalmente não-cristãos.

O *Tiago desconhecido*: É possível que um Tiago inteiramente desconhecido tenha sido o autor da epístola. Contra tal

opinião, porém, talvez corretamente se possa dizer que o simples título, «Tiago», tinha por intuito ser reconhecido como autoritário. Isso está de acordo com o costume da época, quando alguém poderia escrever um livro «no nome» de outrem, a fim de garantir tanto o prestígio como a distribuição de sua obra. Pode-se supor, pois, que o autor sagrado queria que seus leitores pensassem em uma figura «apostólica», ao lerem o livro, como se tivesse sido escrito sob a autoridade de tal personagem, promovendo a sua doutrina. Ou Tiago, o apóstolo, filho de Zebedeu, ou então Tiago, irmão do Senhor, poderiam ser assim indicados.

*Trata-se (alguns dizem) de uma pseudepígrafe*: Em outras palavras, foi escrita a epístola sob o nome de Tiago, filho de Zebedeu, ou sob o nome de Tiago, irmão do Senhor (não sabemos dizer qual deles o autor sagrado queria dar a entender). Na realidade, entretanto, o autor não foi nem um e nem outro. Essa era uma prática comum naqueles dias; e isso explicaria por que os primeiros pais da igreja não lhe deram qualquer atenção. Sem dúvida, por onde quer que a epístola fosse distribuída e conhecida, era reconhecida não como produção de um verdadeiro apóstolo, e, portanto, sem autoridade. Somente em época posterior é que gradualmente começou a ser reconhecida, devido a certos elementos de valor próprio, intrínseco. É natural que quando a epístola adquiriu certo prestígio, que tivesse solidificado essa vantagem adquirindo autoridade apostólica. É posição de muitos intérpretes modernos, que, embora a epístola certamente não seja de origem apostólica, nem por isso deixa de merecer lugar no «cânon» neotestamentário, somente por causa dos problemas de crítica que ela levanta; antes, merece tal posição devido o fato de ser uma digna composição literária. Evidentemente foi escrita por um homem altamente espiritual, que tinha discernimento suficiente para merecer nossa atenção, mesmo que possuísse uma revelação inferior àquilo que, de modo geral, fora revelado ao apóstolo Paulo. Mui provavelmente era ele um judeu, embora treinado na cultura helenista, sendo homem de consideráveis habilidades literárias.

Os cansativos esforços de alguns intérpretes, por descobrirem quem teria sido o «Tiago» que escreveu esta epístola, têm sido baldados, porquanto lhes falta qualquer apoio na igreja apostólica e imediatamente posterior, onde os demais livros do N.T. são abundantemente autenticados. O resultado líquido desses esforços se resume em *quem devemos supor* que escreveu o livro. Em outras palavras, os autores desses estudos meramente querem que suponhamos que um certo famoso «Tiago» escreveu o livro. É a autoridade do mesmo, pois, que esses autores desejam trazer para detrás do livro, sendo perfeitamente possível que ele houvesse apresentado *fielmente* os pontos de vista desse Tiago.

*Argumentos em favor do caráter genuíno de Tiago* (com isso se entende que, de fato, foi escrito ou pelo apóstolo Tiago, ou por Tiago, irmão do Senhor, o que significa que tem autoridade apostólica e deve ser considerado como livro canônico):

*Primeira discussão, extraída do comentário de Lange*:

«A. Informes que pressupõem existência remota e o acolhimento da epístola em Clemente, *Romanus*, Ep. 1, cap. x; no Pastor de Hermas, *Similit.* viii.6; em Irineu, *adv. Haeres.* iv. 16; *Abraham amicus Dei* (*Jacob* ii.23); em Tertuliano, *adv. Judaeus*, cap. ii; *Abraham amicus Dei...* (Deve-se admitir que a maioria dos estudiosos vêm agora que as supostas «citações» acima, extraídas de Tiago, não passam de coincidências verbais, pois nada contém distintamente pertencente a Tiago).

B. *Testemunhos*: A antiga versão siríaco Peshitto contém esta epístola. Clemente de Alexandria a conhecia, conforme Eusébio, *História Eclesiástica* vi. 14. Ele também alude a Tia. 2:8 em Stromat. vi. Orígenes menciona a epístola de Tiago em Rom. 19 sobre João, e ocasionalmente a chama de *divina Jacobi Apostoli Epistola*. Homl. 13 em Gên., etc. Dionísio de Alexandria apela para ela em vários lugares, e Dídimo de Alexandria escreveu um comentário a seu respeito. Cirilo de Alexandria e Jerônimo, Cat. 3, consideravam-na genuína. (Após descrever dúvidas, antigas e modernas, sobre Tiago, o citado comentário tenta falar de modo favorável, respondendo, em parte, as dúvidas levantadas):

«A circunstância da epístola não ser geralmente conhecida pela igreja antiga em qualquer data remota, pode ser explicada pelas seguintes considerações:



1. Foi dirigida a judeus cristãos, pelo que já figura na versão Peshitto, porque na Síria, em particular, havia muitos judeus cristãos.

2. A epístola, em sua tendência, apresentava apenas poucos pontos dogmáticos, ao passo que a igreja antiga reverteu especialmente para pontos dogmáticos.

3. A ausência da designação apostólica no título e coisas similares. Lange alude a uma discussão, feita por outro autor. Usualmente, acerca da suposta «humildade» do autor, que seria o «irmão do Senhor», levou-o a omitir qualquer tal declaração, e, embora não fosse um «apóstolo» no sentido estrito, ele foi uma figura apostólica.

«Alford: No seu todo, sobre quaisquer princípios inteligíveis de acolhimento canônico dos escritos antigos, não podemos negar a esta epístola lugar no cânon. Que tal lugar lhe foi dado desde o princípio em porções da igreja; que apesar de muitas circunstâncias adversas, gradualmente obteve aceitação em outros lugares; que, quando devidamente considerada, é coerente e digna de seu caráter e da posição daquele cujo nome ela traz; que ela está assinalada por tão forte linha de distinção de outros escritos e epístolas que nunca tiveram lugar no cânon — todas essas são considerações que, embora não sirvam mais de demonstração do que noutros casos, contudo, fornecem, quando combinadas, uma prova difícil de ser resistida, de que o lugar que ela ocupa agora no cânon do N.T. é merecido, pois a providência divina guiou a igreja para atribuir-lhe tal posição».

*Segunda discussão*, extraída do comentário de Jamison, Fausset e Brown: «Canonicidade: Não é de admirar que epístolas não dirigidas a igrejas particulares (particularmente a de Tiago, aos crentes israelitas dispersos) fossem menos conhecidas por algum tempo. A primeira menção à epístola de Tiago, por seu nome, ocorre no começo do século III D.C., em Orígenes (Comentário sobre João 1.29.4.306; nasceu cerca de 185 e morreu em 254 D.C.). Clemente Romano (Primeira epístola aos Coríntios, cap. x: comparar com Tia. 2:21,23; cap. xi; cf. Heb. 11:31 e Tia. 2:25) o cita. Assim também o faz o Pastor de Hermas, que cita 4:7. Irineu (*Heresias* iv. 16.2) parece aludir a Tia. 2:23. Clemente de Alexandria comentou sobre a mesma, de acordo com Cassiodoro. Efraem Siro (*Opp. Grac.* iii.51) cita Tia. 5:1. Uma forte prova de sua autenticidade é dada na antiga versão siríaca, que não contém qualquer outro dos 'livros disputados' (*Antilegomena*, Eusébio iii.25), exceto a epístola aos Hebreus. Eusébio diz que os livros disputados são 'reconhecidos pela maioria' (Gnórima homoi tois pollois). Diz ele que a epístola de Tiago era lida publicamente na maioria das igrejas como obra genuína. Nenhum pai latino, antes do século IV D.C., a cita; mas logo depois do concílio de Nicéia, ela foi admitida como canônica, pelo Oriente e pelo Ocidente, e foi especificada como tal nos concílios de Hipona e Cartago (397 D.C.). Isso é o que já se poderia esperar, um escrito que a princípio era conhecido apenas em parte, até que subsequentemente obteve circulação mais lata; e tornou-se melhor conhecida nas igrejas apostólicas, onde havia homens dotados de discernimento de espíritos, que os qualificava para discriminar entre escritos inspirados e disputados, passando a ser universalmente aceita. (Ver I Cor. 14:37). Embora postos em dúvida por algum tempo, pelo menos os livros disputados (Tiago, II e III João, Judas e Apocalipse) foram universalmente aceitos... a objeção de Lutero... se deveu a idéia equivocada, de que o segundo capítulo se opõe à justificação pela fé, não segundo as obras, ensinada por Paulo».

Se a epístola foi escrita por Tiago, irmão do Senhor, sua data deve ser fixada antes de 62 D.C., pois é evidente que, naquele ano, ou perto de seu término, esse Tiago foi martirizado por apedrejamento. Poucos consideram que essa epístola foi escrita pelo apóstolo Tiago, martirizado em 55 D.C.

#### Conclusão:

1. Já que o livro não identifica o «Tiago» que é chamado seu autor, e já que não nos é possível descobrir que Tiago está em pauta, para todos os propósitos práticos, o livro é anônimo. Supor que uma figura apostólica é frisada, não passa de sugestão. Nenhuma prova contra ou a favor, em absoluto, pode ser oferecida.

2. De modo nenhum, pois, a aceitação ou rejeição do livro como «apostólico» pode servir de base de ortodoxia ou heterodoxia, e nem pode isso servir de prova de fé cristã. O

próprio livro não afirma ser apostólico. Podemos apenas supor que seu autor queria que entendêssemos que o livro se baseia sobre a tradição apostólica. Tiago, o irmão do Senhor, não foi um apóstolo, estritamente falando, embora fosse uma figura apostólica, um poder apostólico.

3. Lutero dizia: «...para dar minha opinião franca, embora sem preconceitos para com outrem, não suponho que seja o escrito de um apóstolo. E estas são as minhas razões: ...opõe-se diretamente a Paulo e a outras Escrituras, ao atribuir a justificação às obras, ao passo que Paulo ensina que Abraão foi justificado pela fé, independentemente das obras, esse Tiago nada faz além de impor-nos a lei e suas obras, escrevendo de modo tão confuso e desconexo que a mim parece que algum homem piedoso se apossou de certo número de declarações dos seguidores dos apóstolos e as lançou no papel; ou provavelmente foi escrito por alguém, conforme a pregação do apóstolo» (*Prefácio a Tiago e João*).

Não são poucos os intérpretes protestantes que têm seguido essa avaliação de modo geral. Cremos que tende a subestimar o valor de Tiago, embora enfrente com franqueza certos problemas apresentados por este livro, o que alguns comentadores modernos só têm feito com relutância.

4. *O problema real*: O problema crítico que enfrentamos, quando consideramos esta epístola, não é «qual Tiago a escreveu?» Aceitamo-la como canônica e inspirada, pelo que aquele que fez mover-se a pena, afinal, foi o próprio Espírito Santo. Contudo, ele não movimentou homens deixando de lado as suas idéias e expressões naturais. Portanto, em expressão, o autor contradiz a Paulo. Mas, quanto à «essência do significado», ele dá apoio a uma importantíssima doutrina paulina: é mister que o crente seja transformado na justificação e na santificação; a mera crença não basta. Se o autor se encontrasse com Paulo, certamente haveria um debate. Ele era bom representante dos «crentes judeus» de Jerusalém, isto é, dos «legalistas». Estes jamais concordariam com certas crenças paulinas. Mas, por detrás da controvérsia, destaca-se a grande verdade que a graça deve transformar; que a «crença fácil» é uma mentira. Tiago mostra ser uma coluna contra a mentira e o engodo da crença fácil, mesmo que o autor não se tenha expressado conforme Paulo faria, se falasse sobre o tema. O real problema que enfrentamos aqui, portanto, é: «Temos entendido o absurdo que é a 'crença fácil'?» Tiago, sem importar quem foi ele, compreendeu isso, e falamos bem em buscar discernir a sua idéia. Sob a seção VII desta introdução, temos mostrado que Paulo e Tiago discordam do mesmo modo, e acerca das mesmas coisas, como fazem o «sistema da graça» e o «sistema legalista». Tiago representa o ponto de vista legalista da fé religiosa. Lutero viu isso claramente, e muitos bons intérpretes não têm temido destacar o fato. Contudo, de um ponto de vista da «compreensão espiritual», não há contradição entre Tiago e Paulo, tal como não há diferença entre as «obras» e a «graça», quando ambas são entendidas de um ponto de vista realmente espiritual. A graça em ação é obras, e sem esse tipo de obras não houve salvação. Tiago, de modo cru, talvez, viu isso. E falamos bem em vê-lo também.

5. Se nossa disposição é aceitar o testemunho da maioria dos antigos pais da igreja, então cumpre-nos rejeitar a autoridade apostólica deste livro. Se aceitarmos a opinião da igreja, a começar do século III D.C., afirmariamos que Tiago, irmão do Senhor, o escreveu, ou então que seu autor foi o apóstolo Tiago; e nesse caso aceitaríamos o livro como canônico. Apesar do que pensamos sobre sua autoria, não há motivo para rejeitar sua autoridade e canonicidade. Ele nos apresenta importantíssima mensagem. O antinomianismo tem como fruto a «crença fácil», e esse sentimento é muito mais generalizado na igreja moderna do que ousamos admitir. Tiago se opõe a tal desenvolvimento, e sua mensagem deve ser ouvida.

#### III. DATA, PROVENIÊNCIA E DESTINO

Porquanto a questão de autoria é tão indefinida, é difícil afirmarmos qualquer coisa, de forma absolutamente certa, sobre essas questões. Pelo menos, podemos eliminar algumas idéias «piores», chegando a uma espécie de aproximação da verdade.

*Data*: O que se acredita sobre esse particular varia desde uma data não-fixada, A.C., até 150 D.C. A própria data mais antiga poderia ser correta, se a epístola não é um documento cristão, que foi adotado para uso cristão, com o acréscimo de alguns poucos toques cristãos, como a menção do nome de



Cristo, em Tia. 1:1 e 2:1. O nome «Tiago» e o nome «Jacó» na realidade procedem de um só nome hebraico, pelo que esse tratado «não-cristão» poderia ter sido intitulado «Discurso de Jacó», com base em idéias sugeridas pelo quadragésimo nono capítulo do livro de Gênesis, ou algo similar. (Ver a explicação dessa teoria, com maiores detalhes, na IV secção, que envolve a «integridade» da epístola). Contrariamente a essa idéia temos o fato que a passagem central do livro, Tia. 2:14 e ss., é definitivamente um ataque contra certas idéias de Paulo, ou contra certa forma corrompida das mesmas, que foram surgindo na igreja, na era pós-paulina. Isso é mais que um toque cristão; é o coração, o âmago mesmo da epístola, e só poderia ter sido escrito depois que os ensinamentos de Paulo se propalassessem, porquanto, no judaísmo, não havia qualquer debate que pusesse em choque a fé e as obras. Não pode haver dúvidas que os pensamentos que Paulo trouxera à fé religiosa estão em pauta, naquele capítulo. Por conseguinte, a epístola tem de ser pós-paulina. Poderíamos supor que a passagem de Tia. 2:14 e ss. é obra de um editor cristão subsequente; mas, apesar disso ser perfeitamente impossível, tal idéia nunca obteve grande aceitação entre os eruditos do N.T.

*Seria o livro mais antigo do N.T.:* Alguns eruditos raciocinam que a epístola a Tiago é o livro mais antigo do N.T., mormente porque lhe faltam as grandes revelações cristãs, o que significaria que «deve» refletir uma data recuada, antes das revelações mais profundas se terem tornado ensinamento comum da igreja primitiva. Porém, a mesma objeção que é levantada contra a teoria pré-cristã pode ser aplicada aqui. O trecho de Tia. 2:14 e ss. combate conceitos paulinos; portanto, a epístola deve ser de data pós-paulina.

*Seria um panfleto religioso pós-paulino e posterior a Tiago:* A epístola foi escrita após ter sido escrita a epístola aos Romanos (porquanto se opõe principalmente a seu quarto capítulo); e também após a morte do apóstolo Tiago, irmão do Senhor, porquanto é improvável que alguém presumisse escrever em seu nome, enquanto ele ainda vivesse. Tiago faleceu em cerca de 60 - 66 D.C. Portanto, devemos apontar para uma data logo posterior a isso. Se a escolha do autor de um nome sob a égide de quem escreveria, foi influenciada pelo livro de Atos, então ele deve ter escrito após o ano 70 D.C. Se a datarmos em 70 - 90 D.C., provavelmente não estaremos longe do alvo. Os trechos de Tia. 5:1-6 e 8,9 indicam que as expectativas apocalípticas continuavam bem vivas, e o retorno de Cristo ainda era esperado para breve; por conseguinte, poderíamos supor que o período de «esfriamento», no tocante a esses eventos, que ocorreu do segundo século da era cristã em diante, ainda não chegara.

*Proveniência:* Não há maneira de determinarmos «de onde» foi escrita essa epístola. Alguns defendem Roma, outros, Jerusalém, e outros ainda, Alexandria. Cesaréia também tem sido conjecturada, na suposição que esse ou algum outro lugar fora da corrente principal do cristianismo tenha sido o lugar de sua composição, o que explicaria o fato que o tratado permaneceu desconhecido até à época de Orígenes, que o redescobriu, e por meio de quem adquiriu prestígio na igreja grega, a qual, por sua vez, influenciou, primeiramente, as igrejas ocidentais, e, então, a igreja síria, para que o aceitasse.

Um bom alvitre é *Jerusalém*, especialmente se pensarmos que Tiago, irmão do Senhor, foi seu autor genuíno. Há indícios, na própria epístola, que demonstram que o autor estava familiarizado com a vida à beira-mar (ver Tia. 1:6 e 3:4), que ele vivera em uma terra onde abundava o azeite, a vinha e os figos (ver Tiago 3:12), estando familiarizado com o sal e com as fontes amargas (ver Tia. 3:11,12). Além disso, ele vivera em uma região onde a chuva e o estio eram questões de vital importância (ver Tia. 3:17,18), e ele alude às primeiras e às últimas chuvas do ano (ver Tia. 5:7). Tudo isso parece indicar a região da Palestina. Porém, apesar de que escreveu com as condições daquela região em vista, isso não indica que ele estivesse necessariamente no local quando escreveu, e nem essas condições de vida se reduzem exclusivamente à Palestina. A habilidade do autor, em seus escritos helenistas, cheios de artifícios próprios daquela cultura, pode indicar um erudito centro do judaísmo, fora da Palestina, como *Alexandria*.

*Destino:* Alguns estudiosos têm argumentado que não há destino expresso no caso desta epístola, nenhuma comunidade especial está em vista. Isso, provavelmente, é correto. Tiago é, verdadeiramente, uma epístola «católica» ou «universal», que visa a igreja cristã inteira. O endereço, as «doze tribos» (ver

Tia. 1:1), pode ser reputado como indicação de «cristãos judeus»; mas há quem pense que isso significa a «igreja cristã», e não o povo de Israel. É verdade que estão ausentes «problemas gentílicos» distintivos, nas várias repreensões e exortações existentes neste tratado. Não há qualquer alusão à idolatria, a escravos, à lassidão sexual—em suma, os perigos e vícios do paganismo, conforme poderíamos esperar em uma epístola dirigida para cristãos gentílicos, ou mesmo para a igreja em geral, onde havia a mistura de elementos judeus e gentios. Essa observação favorece a idéia que toma a expressão «doze tribos» como suposição que a epístola foi literalmente escrita a judeus da dispersão. Notamos, em Tia. 2:2, que a palavra «sinagoga» é usada, ao invés de «igreja»; e bastaria isso para mostrar-nos a mentalidade «judaica» do seu autor, e, talvez, a mesma coisa, por parte dos endereçados da epístola. Outrossim, a própria epístola tem numerosas alusões judaicas, que um autor não haveria de esperar que gentios compreendessem, mas somente os judeus. A ênfase sobre as *esmolas* (ver Tia. 2:14-16) e sobre a visita dos anciãos aos enfermos (ver Tia. 5:15 e ss.), são toques tipicamente judaicos, talvez visando principalmente os crentes judeus. A despeito dessas coisas, alguns bons intérpretes contendem pela verdadeira catolicidade ou universalidade da epístola, isto é, por toda a parte, onde estivesse a igreja cristã, composta de judeus ou de gentios, era destinada a epístola.

A epístola não indica condições calamitosas, não havendo qualquer alusão à destruição de Jerusalém, o que quase certamente ocorreu antes de sua composição. Isso pode indicar um lugar distante de Jerusalém, e, talvez, fora mesmo da Palestina. A escolha parece ficar reduzida a: 1. Crentes judeus da dispersão, que seriam seus principais endereçados; 2. a igreja universal, composta de judeus e gentios. Seja como for, nenhuma comunidade local parece estar em foco. Não há saudações e nem informes pessoais.

#### IV. FONTES E INTEGRIDADE

A escolha de idéias parece girar entre duas possibilidades: 1. O livro é um documento cristão, dotado de forma essencialmente como foi originalmente escrito; mas com muitos empréstimos e citações diretas, além do refraseado segundo moldes judaico-helenistas, e tudo revestido nas formas retóricas do grego. 2. Ou o livro, em sua maior parte (se falarmos do volume total ali contido), é não-cristão, uma composição judaica anterior aos tempos cristãos, mas que foi refraseada por um editor cristão. Neste caso, também teria sofrido a influência da erudição e da retórica gregas.

Consideremos, em primeiro lugar, a segunda dessas possibilidades. Ambas as possibilidades dizem respeito à «integridade» da epístola, que é um termo usado pelos eruditos para falar sobre o estado intocável e sobre a «unidade» de uma obra literária qualquer. A epístola se encontra segundo a sua forma original, ou sofreu modificações, desde que foi escrita originalmente? A epístola é produto de um único autor, ou algum editor combinou uma ou mais fontes, juntamente com suas próprias adições? As evidências textuais favorecem o argumento que o livro é conhecido, hoje em dia, tal e qual foi originalmente escrito; mas é possível que incorpore algum documento judaico, e que a isso várias porções foram acrescentadas por algum editor cristão.

Nos fins do século XIX, o erudito francês L. Massebieau («*L'épître de Jacques est-elle l'oeuvre d'un Chrétien?*», págs. 249-283), levantou a questão se a epístola de Tiago conta ou não com um documento judaico que a escuda. Escrevendo independentemente, o erudito alemão Friedrich Spitta (*Der Brief des Jacobus*, 1896) levantou idêntica especulação; e ambos supunham que a leve adição, em Tia. 1:1 e 2:1, que menciona o nome de Cristo, fez desse documento um tratado cristão. De fato, no trecho de Tia. 2:1 surge uma grande dificuldade gramatical (ver as notas expositivas, *in loc.*), a qual seria solucionada de pronto se supuséssemos que esse versículo foi uma interpolação feita por algum editor posterior. Sem essas duas interpolações, esses citados escritores encaravam o documento como próprio da literatura judaica, e nada mais. Porém, tal posição recebe golpe fatal com o trecho de Tia. 2:14 e ss., que é a porção central do tratado, em torno do que a questão inteira é edificada, e que foi especificamente escrita para combater ou certas idéias de Paulo ou certa perversão de idéias paulinas, o que significa que a epístola deve ser pós-paulina. A mensagem ou perversão do quarto capítulo da epístola aos Romanos certamente está em foco,



nessa mencionada passagem, com o que concordam praticamente todos os eruditos modernos. Tal teoria, apesar de manuseada com respeito, não conseguiu obter aderentes.

Então, Arnold Meyer (*Das Ratsel des Jakobsbrieves*, 1930) não somente reviveu a idéia geral, mas também a elaborou. Ele observou que os nomes «Tiago» e «Jacó», na realidade, são apenas duas formas diferentes de um só apelativo hebraico, «Jacó». Portanto, a saudação poderia ser lida como «Jacó, servo de Deus, às doze tribos da dispersão, saudações». O editor, portanto, teria acrescentado somente as palavras (servo) «do Senhor Jesus Cristo». Meyer concordou com os dois eruditos acima mencionados, no sentido de que os trechos de Tia. 1:1 e 2:1 envolvem interpolações; mas adicionou a idéia que o trecho de Tia. 5:12,14 também pertence a essa natureza. Poucos eruditos modernos o têm seguido com exatidão; mas certo número deles tem adotado, pelo menos, a sua idéia de um «documento judaico», como teoria básica.

É possível que a principal contribuição de Meyer tenha sido a sua tentativa em explicar o estilo literário da epístola, em sua possível forma original. No capítulo quarenta e nove do livro de Gênesis encontramos o discurso de Jacó acerca das doze tribos; e, com base nesse «precedente», o autor sagrado pode ter desenvolvido o seu livro. Naquele citado capítulo cada tribo de Israel é devidamente caracterizada, suas virtudes e seus vícios particulares são descritos. Filo seguiu essa sugestão, equiparando cada tribo com alguma virtude ou vício especial. Meyer cria que, de maneira bem mais sutil, cada tribo também recebe seu louvor ou repreensão, no tratado de «Tiago». Abaixo encontramos a descrição de como ele via essa questão:

Tia. 1:2-4 falaria de Isaque como «Alegria», de Rebeca como «Constância» e de Jacó como «Perfeição» mediante as tribulações. Tia. 1:9-11 falaria de Aser como «Rico», que seria um mundano; Tia. 1:12 falaria de Isacar como «Homem de Deus», pleno de boas obras; Tia. 1:18 falaria de Rubem como as «Primícias»; Tia. 1:19,20 falaria de Simeão como «Ira»; Tia. 1:26,27 falaria de Levi como «Religião»; Tia. 3:18 falaria de Naftali como «Paz»; Tia. 4:1,2 falaria de Gade como «Homem de Guerra e de Lutas»; Tia. 5:7 falaria de Dã como «Aquele que aguarda a salvação» e como «Paciente»; Tia. 5:14-18 falaria de José como «Oração»; Tia. 5:20 falaria de Benjamim como «Morte e Nascimento». Além disso, haveria algumas alusões mais obscuras, adicionadas em Tia. 1:22-25, em que Levi apareceria como o «Ativo», isto é, homem de ação; em Tia. 2:5-8 teríamos Judá como o «Majestático»; em Tia. 5:12 teríamos Zebulon como um «Juramento». Por conseguinte, a «epístola de Jacó» (supostamente a porção principal do livro que atualmente denominamos «epístola de Tiago», na realidade era um documento judaico, servindo de meio para louvar ou repreender as doze tribos de Israel. É possível que Meyer tenha obtido essa idéia das comparações ao observar que há muitos paralelos de idéias e expressões entre os *Testamentos dos Doze Patriarcas* e a epístola de Tiago. Alguns desses paralelismos aparecem no ponto terceiro da seção V desta introdução.

Essa teoria, a despeito de atrativa, certamente é por demais elaborada, não podendo ser submetida a teste; mas, por ser tão sutil, torna-se imediatamente suspeita, segundo o conceito da maioria dos eruditos. De modo algum podemos eliminar o elemento «cristão» da epístola com o simples expediente de apagar da mesma os trechos de Tia. 1:1; 2:1; 5:12 e 5:14. Alguns estudiosos modernos, seguindo, em termos gerais, o que foi explanado acima, descobrem ainda outras interpolações feitas pelo suposto «editor» cristão, especialmente na passagem de Tia. 2:14 e ss. Se a teologia judaica discutia as relações entre a fé e as obras, nunca houve uma polêmica que pusesse em campos opostos a «fé» e as «obras»; pelo que também, a passagem de Tia. 2:14 e ss. é, distintivamente, um produto da era cristã. Eruditos posteriores têm salientado passagens como Tia. 3:1-12; 1:6-8 e 2:7,8,12 como outras possíveis interpolações. Alguns deles frisam que essas adições têm um único objetivo, ao passo que o resto do livro, que teria «fundo judaico», se comporia de muitas declarações miscelâneas, mais ou menos ao estilo do livro de Provérbios. O quadro se torna ainda mais confuso devido à suposição que algumas das porções «judaicas», foram, na realidade, adicionadas pelo editor cristão, embora se tivesse alicerçado em material «pré-cristão», principalmente de fundo judaico. Outrossim, até mesmo as chamadas «porções judaicas» poderiam ter sido elaboradas e reescritas pelo editor, para dar à totalidade da epístola (que mais se parece com uma colcha de retalhos) a

aparência de unidade e de solidariedade. Entretanto, esse alvo não foi conseguido com perfeição, pelo que nos grupos diversos de declarações, conforme se vê nos capítulos terceiro, quarto e quinto (mas, especialmente, neste último), não há sequência na apresentação do assunto, de um versículo para outro, mas antes, o livro salta de um tema para outro bruscamente.

A própria complexidade das diversas teorias nos deixa inteiramente no terreno das *especulações*. Quando muito, as teorias dessa natureza poderiam acertar com a verdade daquilo que chamamos de «Tiago», ou seja, que essa epístola é formada de blocos de material tomados por empréstimo de uma ou mais fontes judaicas. Entrar em maiores detalhes do que sugerir quais passagens talvez reflitam esses empréstimos, é algo precário, talvez não sendo uma especulação muito frutífera.

A maioria dos eruditos defende a idéia que o livro é, essencialmente, um documento cristão, dotado de forma tal e qual foi originalmente escrito, embora contenha muito material emprestado, como citações diretas e refraseados de material judaico-helenista, revestido nas formas retóricas gregas. Nada existe no livro que não possa ser explicado segundo essa teoria geral. Portanto, sendo seu autor um cristão, deixou de lado questões legalistas como preceitos dietéticos, ritos judaicos, circuncisão e os muitos regulamentos sobre a vida diária que os fariseus acrescentaram a um ritual já bastante complicado. Um documento puramente judaico certamente teria alguns desses aspectos. Obviamente, poder-se-ia argumentar que o editor cristão apagou tal material, existente na obra original. Portanto, sem importar a teoria proposta, podem ser levantadas várias objeções. Mas, se tivermos de escolher entre «teorias», aquela apresentada neste parágrafo é a mais provável do que as anteriores. Em adição a empréstimos judaicos, o autor sagrado poderia ter tomado emprestado material estoico-clínico, acerca dos pecados da língua (ver Tia. 3:1-12), porquanto tal passagem conhece paralelos naqueles escritos ético-filosóficos, e o autor sagrado, evidentemente alguém dotado de educação grega liberal, assegurou-nos que estava familiarizado com as várias escolas éticas filosóficas dos seus dias.

O estudo abaixo, sobre «Tipo Literário e Relações», dá-nos um quadro ainda mais claro sobre as fontes possíveis.

## V. TIPO LITERÁRIO E RELAÇÕES

1. A diatribe é um desenvolvimento baseado na retórica grega. Esse método de ensino e de discursar se derivou dos sofistas, dos filósofos pragmáticos da época de Sócrates. De fato, o próprio Sócrates, que tendo começado sua carreira com eles, posteriormente os abandonou, preservou algo desse método de discursar, segundo se vê em certas porções dos diálogos de Platão. A diatribe se caracteriza por exortações e repreensões severas, do que, algumas vezes, abusa. Nos escritos dos filósofos helenistas estoicos e clínicos, esse método é muito usado. Sêneca e Epicteto são os mais famosos entre tais filósofos. As sátiras de Horácio, Pérsio, Juvenal, as orações de Dio de Prusa, os ensaios de Plutarco, os tratados de Filo, contêm todos esse elemento. Paulo, em Atenas (ver o décimo sétimo capítulo do livro de Atos), talvez tenha procurado imitar proposadamente as diatribes dos filósofos, para obter a atenção de seus ouvintes. As diatribes incorporavam perguntas retóricas que o próprio autor passava a responder, ou que deixava sem resposta declarada, quando esta era óbvia. (Ver Tia. 2:18 e ss. e 5:13 e ss. quanto a esse estilo). Além disso, as diatribes com frequência começavam com expressões como «Não vos enganeis» (ver Tia. 1:16), «Queres saber...?» (ver Tia. 2:20), «Vedes» (ver Tia. 2:22), «Que proveito...?» (ver Tia. 2:14,15), «Pelo que diz» (ver Tia. 4:6, apresentando citações), «Eis que» (ver Tia. 3:4,5 e 5:4,7,8,11). Assim sendo, na epístola de Tiago, as transições são feitas do mesmo modo em que os escritores usavam diatribes, isto é, levantando alguma objeção (ver Tia. 2:8), fazendo alguma pergunta (ver Tia. 2:14; 4:1 e 5:13), ou por «age» (termo grego que significa «ir para», em Tia. 4:13 e 5:11). Os imperativos são abundantes nas diatribes, pelo que, na epístola de Tiago, em cento e oito versículos, há sessenta imperativos. Os que usavam diatribes lançavam mão das metáforas de negociantes, ricos, pobres, remadores, freio, etc., bem como ilustrações baseadas em vidas de pessoas famosas (como Tiago, Abraão, Raabe, Jó e Elias). As diatribes com frequência empregam um paradoxo para introduzir uma idéia, conforme se vê em Tia. 1:2,10 e 2:5; ou falam com ironia, segundo se vê em Tia. 2:14-19 e 5:1-6. Todos



esses artifícios, naturalmente, se encontram em toda e qualquer literatura, mas a reunião de todos, em um único documento, é o que caracteriza a diatribe. Não se pode duvidar que nas sinagogas, nos tempos helenistas, pelo menos alguns se utilizavam dessa maneira de discursar. A literatura judaica dos tempos helenistas se utiliza do método; mas não com a intensidade com que o vemos na epístola de Tiago. O primitivo ensinamento cristão, todavia, abunda do mesmo; e isso era apenas natural, pois a igreja cristã se desenvolveu em lugares onde a maneira de falar em público era desse caráter. (Ver Crisóstomo, *Homilia* sobre João 3:3, como um exemplo).

2. *O protréptico ou panfleto perenético.* A primeira dessas palavras se deriva do termo grego «protrepo», «persuadir», «exortar». A segunda vem do vocábulo grego «paraineo», «avisar», «recomendar», «aconselhar». Esse estilo literário, portanto, consiste essencialmente de uma fileira de exortações e conselhos. Os primeiros exemplos que temos desse método se encontram nas obras de Isócrates (até 338 A.C.), em suas obras «*Ad Nicoclem*» e «*Nicoles*». Esse tipo de literatura tende por preservar muitas declarações sábias e espirituosas, com frequência em uma série, sem qualquer conexão especial entre elas, mais ou menos como se vê em porções dos capítulos terceiro, quarto e quinto da epístola de Tiago. Posidônio, Aristóteles, Galeno, e vários dos filósofos estoicos produziram obras dessa natureza. Os filósofos morais escreveram «folhetos» que eram, essencialmente, convites a que seus leitores adotassem meios filosóficos sérios na sua vida, que eram formas do estilo literário «protréptico».

3. *Tiago e a literatura de sabedoria, no A.T.* Apesar de que o estilo de Tiago e da literatura de sabedoria seja diferente, contudo, há muitas idéias e afirmações que parecem ser tomadas de empréstimo desta última. Por isso, há coisas que se assemelham com Provérbios, com Eclesiástico e com a Sabedoria de Ben Siraque. Tia. 4:6 cita Pro. 3:34, e outros paralelos podem ser encontrados, como: Tia. 3:18 (ver Pro. 11:30); 1:13 (ver Pro. 19:3); 4:13 (ver Pro. 27:11); 1:3 (ver Pro. 17:3 e 27:21); 1:19 (ver Pro. 29:20). Os paralelos com a Sabedoria de Ben Siraque e com Eclesiástico são ainda mais numerosos. É possível que o autor sagrado não conhecesse qualquer dessas obras; mas certamente estava familiarizado com a prédica, nas sinagogas, que empregavam as idéias e as declarações ali achadas. Há tópicos, no livro de Eclesiástico, que são paralelos próximos daqueles selecionados por Tiago. Assim é que Ecl. 19:6 e ss.; 20:18 e ss.; 28:13 e ss.; 35:7 e ss. falam da sabedoria como um dom de Deus (ver Tia. 1:1-10); Ecl. 1:27 alude às orações feitas por um coração dividido (ver Tia. 1:16); ao orgulho, em Ecl. 10:7-18 (ver Tia. 4:6); à incerteza da vida, em Ecl. 10:10 e 11:16,17 (ver Tia. 4:14), ao lançar a culpa em Deus, em Ecl. 15:11-20 (ver Tia. 1:13 e ss.). Os deveres para com as viúvas, para com os órfãos e as visitas aos enfermos, que figuram em Ecl. 4:10; 7:34 e 13:19 e ss., têm paralelos em Tia. 2:14 e ss. e 1:27. O livro Sabedoria de Salomão conta com alguns paralelos menos notáveis na epístola de Tiago, a saber, Sab. 1:11 corresponde a Tia. 4:11 e 5:9; Sab. 2:4 corresponde a Tia. 4:14; Sab. 2:10-20 corresponde a Tia. 5:1 e ss. e 5:8, repreendendo o orgulho e as riquezas. No entanto, em nenhum desses casos, fica subentendida a dependência, apesar de que o autor sagrado pode ter usado diretamente outras porções do livro de Eclesiástico.

Além desses casos, paralelos de idéias e expressões abundam, com base nos escritos de Filo; havendo também algumas similaridades com o quarto livro de Macabeus. Clemente de Roma e Hermas exibem empréstimos similares e métodos de expressão, ainda que também possam ter sofrido a influência indireta, de alguma fonte, como sucedeu no caso do autor da epístola de Tiago.

Apesar de que o autor da epístola de Tiago seja mais educado que o autor dos *Testamentos dos Doze Patriarcas* (100 A.C.), podem ser observados alguns paralelos de idéias, com algumas coincidências verbais. Por exemplo, sobre *Benjamim*, o Tes. 6:5 se parece com Tia. 3:9,10; sobre *Naftali*, o Tes. 8:4 se parece com Tia. 4:7; sobre *Daniel*, o Tes. 6:2 se parece com Tia. 4:8; sobre *Zebulom*, o Tes. 8:3 se parece com Tia. 2:13; sobre *José*, o Tes. 2:7 se parece com Tia. 1:2-4; e sobre *Benjamim*, o Tes. 4:1 se parece com Tia. 5:11.

4. *Tiago e outros livros do N.T.* A maior parte dos eruditos concorda sobre o fato que Tiago não parece ter feito empréstimos diretos de qualquer dos livros do N.T. Naturalmente, há material similar. Os trechos de Heb.

11:8-10,17-19 e 11:31 falam sobre Abraão e Raabe, tal como se vê nas epístolas aos Romanos e de Tiago; mas não há qualquer «dependência» entre uns e outros. A influência mais notável é a exercida pelo quarto capítulo da epístola aos Romanos, sobre a «justificação», e que Tia. 2:14 e ss. reverte enfaticamente, ao invés de confirmar. Mas o autor desta epístola poderia estar combatendo certas idéias que tinham surgido na igreja por influência de Paulo, sem estar combatendo a Paulo diretamente, através de sua epístola aos Romanos.

A relação mais próxima entre a epístola de Tiago e qualquer outro livro do N.T., é com a primeira epístola de Pedro. Esta última, dentre todos os livros do N.T., é a que mais se assemelha com aquela, dentre todos os livros não-paulinos. A epístola de Tiago e a primeira epístola de Pedro mostram pontos curiosamente idênticos, quanto a frases e idéias, a saber: I Ped. 1:1 (ver Tia. 1:1); I Ped. 1:6 e ss (ver Tia. 1:2 e ss.); I Ped. 2:1 (ver Tia. 1:21); I Ped. 4:8 (ver Tia. 5:20); I Ped. 5:5 e ss. (ver Tia. 4:8); I Ped. 5:9 (ver Tia. 4:7). Dentre essas passagens, I Ped. 1:24; 4:8 e 5:5 são citações extraídas do A.T., a saber, respectivamente, de Isa. 40:6-9; Prov. 10:12 e 3:34, pelo que não se pode pensar que Tiago as tomou por empréstimo da primeira epístola de Pedro, ou vice-versa. Seja como for, não se pode provar ter havido qualquer dependência. Tudo quanto se pode demonstrar é que tanto o autor da epístola de Tiago como o autor da primeira epístola de Pedro se basearam em influências religiosas e literárias idênticas.

5. *Tiago e o Antigo Testamento:* Tal como qualquer livro do N.T., Tiago citou diretamente ou fez alusões ao A.T. Por exemplo: Tia. 1:5 (ver Pro. 2:3-6); Tia. 1:10 (ver Isa. 40:6,7); Tia. 1:12 (ver Dan. 12:12); Tia. 1:19 (ver Ecl. 7:9); Tia. 1:26 (ver Sal. 34:13); Tia. 2:8 (ver Lev. 19:18); Tia. 2:9 (ver Deut. 1:17); Tia. 2:11 (ver Exo. 20:13); Tia. 2:12 (ver Deut. 5:17,18); Tia. 2:21 (ver Gên. 22:10,12); Tia. 2:23 (ver Gên. 15:6 e II Crô. 20:7); Tia. 2:25 (ver Jos. 2:4,15 e 6:17); Tia. 3:8 (ver Sal. 140:3); Tia. 3:9 (ver Gên. 1:27); Tia. 4:5 (ver Exo. 20:3,5); Tia. 4:6 (ver Jó 2:29); Tia. 4:8 (ver Zac. 1:3 e Isa. 1:16); Tia. 4:13 (ver Pro. 27:1); Tia. 4:14 (ver Sal. 39:5,11); Tia. 5:3 (ver Pro. 16:27); Tia. 5:4 (ver Lev. 19:13; Deut. 24:14; Mal. 3:5; Isa. 5:9 e Jó 31:38-40); Tia. 5:6 (ver Pro. 3:34, LXX e Osé. 1:6, LXX); Tia. 5:7 (ver Deut. 11:14; Joel 2:23; Zac. 10:1 e Jer. 5:24); Tia. 5:11 (ver Dan. 12:12; Jó 1:21,22; Sal. 103:8 e 111:4); Tia. 5:13 (ver Sal. 50:15); Tia. 5:16 (ver I Reis 17:1); Tia. 5:18 (ver I Reis 18:42); Tia. 5:20 (ver Sal. 51:13 e Pro. 10:12).

## VI. O CRISTIANISMO JUDAICO

A epístola de Tiago certamente é um documento que representa o cristianismo judaico; e não erramos por dizer, representa o *cristianismo legalista*. Esse ponto já foi frisado e discutido amplamente, na declaração introdutória, no começo mesmo da introdução ao livro. Por que se pensaria ser estranho que ao menos um dos documentos legalistas finalmente veio a fazer parte do «cânon» do N.T.? Uma vez que admitamos que isso é exatamente o que sucedeu, a interpretação do trecho de Tia. 2:14 e ss. se torna clara, não havendo qualquer necessidade de reconciliar essa passagem com os escritos de Paulo, mediante interpretações engenhosas, mas nem por isso menos infrutíferas e até mesmo desonestas. Esse livro, provavelmente, representa fielmente o que a maioria dos membros da igreja de Jerusalém pensava sobre a «justificação». Paulo jamais foi aceito por esse seguimento da igreja, e as suas doutrinas da «justificação pela fé» e da «graça divina», como instrumentos da salvação, na realidade nunca foram bem compreendidas e nem aceitas. É verdade que alguns dos principais líderes cristãos aceitavam-nas, mas mesmo assim as misturavam com questões legalistas, embotando o seu brilho (segundo se depreende de Gál. 2:12).

No texto de Gál. 2:12 não temos o direito de pensar que aqueles que «vinham da parte de Tiago» agiam por sua própria autoridade, e não por autoridade de Tiago. E o décimo quinto capítulo do livro de Atos mostra-nos que muitos cristãos nunca viram bom senso nas doutrinas paulinas distintivas, nunca lhes tendo prestado lealdade. Esses viam Jesus como o Messias, talvez como o maior de todos os profetas; criam na ressurreição como prova da validade de sua missão divina; mas jamais imaginaram que Moisés seria removido, juntamente com sua lei, sua circuncisão e seu cerimonial. Portanto, consideravam Paulo um herege perigoso, porquanto seus ensinamentos da graça e da fé se opunham à lei e seu cerimonialismo. A passagem de Atos 21:18 e ss. mostra-nos isso claramente, e a história do período apenas confirma tal verdade. Paulo jamais convenceu ao segmento judaico da



igreja sobre o fato que Cristo ultrapassou e substituiu a Moisés, incorporando em si mesmo tudo quanto realmente se revestia de significado espiritual em Moisés e seu sistema.

Pode-se notar que, em Atos 21:20, os crentes de Jerusalém são descritos como «zelosos da lei». Isso mostra, claramente, sem necessidade de maior elaboração, onde se colocavam aqueles crentes sobre as questões da justificação, da fé e das obras, etc. O vigésimo primeiro versículo mostra-nos que eles continuavam a circuncidar a seus filhos, sem dúvida crendo que isso era um ato meritório, e que lhes conferia as bênçãos próprias do pacto abraâmico. As novas idéias nunca triunfam porque conquistam as mentes da geração mais idosa; antes, vencem cativando as novas gerações, enquanto a geração mais antiga falece. Assim também sucedeu entre os cristãos primitivos, no tocante às doutrinas paulinas distintivas; no entanto, até mesmo na igreja cristã moderna, um maior número crê na necessidade de obras para a salvação do que aqueles que não crêem.

Mesmo admitindo a plena força do concílio de Jerusalém, isto é, que Lucas não fez o quadro mais risonho do que realmente era, deveríamos observar que as concessões feitas no décimo quinto capítulo do livro de Atos foram para os gentios, e não para a comunidade cristã judaica. Não há razão para supormos que foi conseguida qualquer grande diferença senão muitas gerações mais tarde. Não há que duvidar que muitas das comunidades cristãs judaicas encaravam as concessões feitas aos gentios como «heresias pecaminosas», como se fossem transigências a novidades destruidoras. A amargura com que Paulo escreve em Gálatas (ver também Fil. 3:1 e ss.) mostra-nos com que vigor ele era combatido nas igrejas gentílicas que contavam com um forte elemento judaico. Portanto, nem mesmo todas as igrejas gentílicas eram «paulinas». Quando o autor da segunda epístola de Pedro (ver II Ped. 3:16) falou sobre coisas «difíceis de entender» nas epístolas de Paulo, falava em prol de um grande segmento da igreja. As inovações de Paulo eram encaradas com suspeita, aceitas com cautela e rejeitadas com malícia.

Naturalmente, a epístola de Tiago não toma a posição mais extrema contra Paulo, promovendo a circuncisão e a continuação da lei cerimonial. Contudo, postava-se definitivamente do lado «legalista» do campo. Pensar que Paulo somente fala acerca da lei «cerimonial» de Moisés, como algo que foi eliminado em Cristo, é negar ou ignorar os claros ensinamentos das epístolas aos Romanos e aos Gálatas. Aquelas epístolas tratam de questões de «salvação», e não de ritos e observâncias religiosas; portanto, a «lei moral» está em primeiro plano; pois era na base da obediência aos mandamentos centrais que os judeus esperavam obter a salvação. Outrossim, a distinção moderna entre as leis morais e cerimoniais seria algo totalmente estranho para os judeus. Para eles, as leis cerimoniais eram perfeitamente morais, e algumas de suas provisões eram consideradas como importantes tanto quanto o próprio decálogo. A circuncisão aparecia em primeiro lugar, entre essas questões. Mas havia outras questões, como a fimbria das vestes usadas pelos homens (de uma certa tecedura e cor), as lavagens cerimoniais, os batismos, etc., que eram reputadas de extrema importância entre os judeus, como se fossem questões imperativas. (Quanto a notas expositivas que desenvolvem esse tema, ver acerca do «partido da circuncisão», em Atos 11:9; e acerca da «questão legalista», que houve no seio da igreja cristã primitiva, ver Atos 10:9).

## VII. PAULO E TIAGO

É apropriado que agora alistemos vários modos como os escritos e as idéias de Paulo têm sido tentativamente reconciliados com a epístola de Tiago:

1. Obviamente as palavras são contraditórias. Comparar Rom. 4:1-5 com Tia. 2:14,21. Pouca dúvida há que Tiago foi escrito para refutar idéias paulinas específicas, contidas no quarto capítulo da epístola aos Romanos, sem importar se essa epístola era conhecida ou não do autor. Não admira, pois, que as duas epístolas se contradizem entre si. Os intérpretes que se recusam a reconhecer isso, supõem que Paulo e Tiago possuem diferentes definições para as palavras-chaves «justificação», «obras», «fé» e várias outras.

2. Segundo nos dizem, a «justificação», na epístola de Tiago, incluiria o processo inteiro da salvação, ao passo que, em Paulo, indica somente a retidão inicial, imputada. (As notas expositivas em Rom. 3:24-28 mostram que o uso que Paulo fez da palavra «justificação» é tão amplo quanto o de

Tiago). A justificação é «de vida» (ver Rom. 5:18), o que certamente inclui mais do que mera declaração forense de retidão. Tanto Tiago como Paulo se preocupam com a «correta posição» diante de Deus, o que resulta em salvação. A justificação é a «declaração» de uma correta posição diante de Deus, em Cristo, mas essa correta posição também outorga ao crente a santidade que ratifica aquela posição e a torna eternamente válida. Seja como for, na epístola de Tiago, ser «justificado por obras» não significa que «a fé deve produzir obras, como seu resultado», conforme a questão é popularmente esclarecida. Para ele, segundo se vê claramente afirmado no texto, isso significa que é necessária a combinação de «fé-obras» para a justificação, e que a fé não pode fazer sozinha o seu papel. A fé é «aperfeiçoada» pelas obras da fé (ver Tia. 2:22); pelo que um homem é justificado por «obras, e não somente por fé» (ver Tia. 2:24); e isso significa que «a fé sem obras, é morta» (ver Tia. 2:26).

3. Segundo nos dizem, a «fé» é um termo que indica coisas diferentes para Paulo e para Tiago. Para este último seria o mero *monoteísmo*, conforme se pode subentender de Tia. 2:19. Mas os intérpretes que assim fazem não observam que o resto do estudo sobre a «fé» não se limita a isso. A fé é um princípio ativo, copulada às obras que produzem a justificação. «Abraão creu em Deus»; e essa «fé» lhe foi «lançada na conta» como retidão (ver o vigésimo terceiro versículo). Certamente não é fé aquela que não vai além de crer que «só existe um Deus». No judaísmo helenista não havia conflito entre a fé e as obras. Não temos razão de supor que Tiago vai além do contexto judaico helenista, o qual via tanto a fé como as obras como algo necessário para a obtenção do favor diante de Deus. Para os judeus, a fé nunca consistia da mera aceitação da crença monoteísta. É verdade, porém, que Tiago não focaliza a fé na expiação feita por Cristo, ou não focaliza a fé como uma dotação divina, mediante o Espírito Santo (ver Rom. 5:11; Gál. 5:22 e Efé. 2:8 no tocante a esses elementos, nos escritos de Paulo). Paulo tinha uma visão mais ampla da «fé» do que Tiago; mas, para Tiago, a fé era uma outorga ativa às mãos de Deus, como um princípio espiritual (conforme se deu no caso de Abraão), e não apenas uma crença de qualquer natureza. Assim sendo, se algumas diferenças podem ser vistas quanto ao prisma como a fé é reputada, nos escritos de Paulo e de Tiago, as considerações acima não solucionam a controvérsia, pois a idéia central de fé transparece nos escritos de ambos. Tiago simplesmente ensina que a fé deve vir ligada às obras; e com isso ele entende a lealdade e a obediência à lei mosaica (ver Tia. 2:8, Lev. 19:19; 2:9, Lev. 19:15; e 2:11, Êxo. 20:13,14). A posição de Tiago é que o judaísmo ordinário nunca contemplou a doutrina que diz, «fé somente». A história da teologia deles é uma prova clara sobre isso. Por que se pensaria estranho que Tiago tomou a posição judaica normal sobre essa questão? É óbvio que esse ponto de vista teológico normal do judaísmo não estava de acordo com a teologia paulina. Por que se pensaria estranho, pois, que Tiago contradisse a Paulo? Se o judaísmo contradizia a Paulo (e quem pode duvidar disso?), então, igualmente, Tiago contradizia a Paulo.

4. Alguns dizem que Paulo e Tiago usaram *diferentemente* a palavra *obras*. Novamente, Paulo tinha um discernimento mais profundo sobre a natureza das «obras», mas tanto ele como Tiago usam o termo normalmente, indicando obediência à lei mosaica e suas implicações. Tiago insiste que isso faz parte da salvação; Paulo afirma o contrário. Tiago assume a posição judaica normal do «mérito» adquirido pelas obras; Paulo já havia abandonado tal posição, quando recebera suas revelações superiores da parte de Cristo; mas ambos os escritores usam o vocábulo «obras» da mesma maneira. Em Fil. 2:12 Paulo usa a definição «espiritual» das «obras», isto é, «aquilo que o Espírito Santo realiza em nós»; e, nesse caso, o termo se torna simples sinônimo da «graça ativa». Esse conceito é explicado em Efé. 2:8, bem como na referência que acabamos de dar. Porém, se Paulo tinha um ponto de vista mais alto acerca das verdadeiras «obras espirituais», por outro lado não é com esse sentido que ele aplica a expressão nas seções polêmicas de Romanos e de Gálatas. Ali ele falava sobre os «méritos» da obediência legalista; e foi exatamente assim que Tiago usou o termo, em sua epístola. Esse era o ponto de vista judaico normal acerca das obras; eles criam sinceramente que um homem obtém o favor de Deus mediante a obediência à sua lei; Tiago compartilhava dessa crença. Faltavam-lhe as revelações cristãs superiores, que poderiam ter modificado sua maneira de pensar. A definição paulina das «obras», que faz delas um sinônimo da «graça», foi um



discernimento da qual não participa a epíst. de Tiago. Assim sendo, Tiago não ensina que pela operação íntima do poder do Espírito Santo, forma-se no crente a natureza moral de Jesus Cristo, que então se expressa na forma de boas obras. Antes, dizia ele que a obediência à lei produz mérito. Suas «obras», pois, que justificam, eram «obras de observância da lei», e não as operações místicas do Espírito no íntimo, chamadas de «fruto do Espírito», em Gál. 5:22,23.

5. A contradição era apenas *aparente*, segundo afirmam alguns, e com base na falta de melhor entendimento dos escritos paulinos por parte de Tiago. Isso faz supor que Paulo aceitava a posição de Tiago, de que a obediência à lei obtém favor diante de Deus, o que é um absurdo. Não tenhamos dúvidas, entretanto, que essa é a posição tomada por Tiago, nesta epístola. Supostamente, incorporado na fé de Paulo, havia o princípio das obras; e isso é verdade mesmo que façamos alusão à atuação mística do Espírito. Porém, será algo totalmente falso se aludirmos a como a fé se expressa, levando a pessoa a agradar a Deus mediante obras legalistas, que era a posição de Tiago.

6. Antes, a contradição é *real*, porque as posições teológicas dos dois são diferentes, tal como Paulo, em contraste com o judaísmo ordinário, era diferente. Nem pode isso ser explicado com base nos ataques de Tiago contra as «perversões» feitas nos ensinamentos paulinos, uma espécie de liberalismo ou antinomianismo exagerados, e não na verdadeira doutrina paulina. É bem possível que muitos pervertersem os ensinamentos de Paulo, como os gnósticos, que pensavam que o que faziam com seus corpos não fazia qualquer diferença, pois o espírito ficava livre de toda a mácula, «por causa da expiação de Cristo». Certamente Tiago ataca esses extremistas, não havendo, porém, provas de que atacasse somente a eles. Antes, atacou a todos quantos supunham que «basta a fé», como se a obediência aos princípios morais da lei de Moisés fosse algo desnecessário e não meritório quanto à salvação. Se ao menos pudermos ver que a epístola de Tiago representa o judaísmo, no que concerne à fé e às obras, sendo também uma expressão do cristianismo legalista, então todos os problemas de reconciliação, os mistérios e as dificuldades de interpretação seriam imediatamente solucionados. Por que suporíamos que quando Tiago escreveu sobre essas questões, dizendo as mesmas coisas que se acham nos documentos judaicos (aqueles citados nas seções IV e V desta introdução), que ele queria dizer algo diferente do que eles diziam? Ora, se ele dizia as mesmas coisas que eles, então discordava de Paulo, que abandonara a teologia judaica quanto a esse particular. O maior problema de todos, e que os intérpretes falham em solucionar, é que tentam harmonizar Tiago e Paulo, quando a verdade é que Tiago discorda de Paulo, pondo-se ao lado da teologia judaica. Portanto, como poderia alguém dizer que Tiago discorda da teologia judaica, se diz as mesmas coisas que disseram vários escritores judeus? Porventura ele poderia dizer as mesmas coisas que eles disserem, sem concordar com eles? Ele disse as mesmas coisas simplesmente porque defendia os mesmos pontos de vista teológicos. E, defendendo a mesma teologia, automaticamente ele contradizia a Paulo. De fato, ele escreveu para deixar bem clara essa contradição.

7. A questão é claramente delineada. Ou Paulo estava com a razão, ou a razão estava com Tiago. A salvação ou inclui ou não inclui as observâncias legalistas da lei mosaica. Nisso é que consistia toda a disputa. (Ver Atos 10:9, quanto ao «problema legalista» da primitiva igreja cristã).

8. *O ponto de vista paradoxal.* De alguma maneira, tanto Tiago como Paulo estariam com a razão. A salvação é pela fé somente, mediante a graça de Deus, segundo ela é demonstrada em Cristo. Contudo, as obras são essenciais a ela — e como esses pensamentos podem ser reconciliados entre si, não sabemos dizer. As grandes tradições religiosas têm representado ambos os lados, e bem falamos em respeitar a ambos.

9. *Não há contradição final:* Podemos afirmar que Tiago levanta uma questão vital: sabemos, intuitiva e racionalmente, bem como através da revelação, que «devemos ser algo; devemos fazer algo». Sabemos que a fé religiosa deve ser ativa, produtiva e frutífera. Sabemos que a fé deve ser a fonte do caráter justo e das ações, pois, do contrário, não será a verdadeira fé, pois esta consiste na outorga da própria alma aos cuidados de Cristo, para que possamos ser transformados segundo sua imagem moral, em primeiro lugar, e então, em sua imagem metafísica (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18),

mediante o que chegaremos a participar de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19) e da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). Assim, apesar de que Tiago de fato contradiz a Paulo, porquanto lhe faltavam as revelações recebidas por este último, não tendo ainda sido desmamado de Moisés e do legalismo judaico comum, sabemos intuitivamente, todos nós, que deve haver «obras» de alguma ordem, uma revolução e uma renovação moral e espiritual, sem a qual não haverá salvação sob hipótese alguma. Tiago expressou essa intuição sem grande maestria, já que seguia as expressões legalistas a que estava afeito, através de anos de treinamento. As obras, quando são reputadas como as obras do Espírito, insufladas no íntimo, são vários aspectos de seu fruto (ver Gál. 5:22,23), são necessárias à salvação. E desse modo as obras se mesclam com a «graça», porquanto esses tipos de obras são meras expressões da graça ativa. São expressões, mas também são a alma mesma do princípio da graça, atuante no íntimo. Portanto, as «obras» de natureza espiritual *não são apenas «resultados»* da fé, conforme popularmente se diz; fazem parte da *natureza inerente* da graça, que tem como seu objetivo a transformação do ser humano na natureza moral de Cristo, de forma que os homens podem vir a participar da mesma santidade e das mesmas perfeições de Deus (ver Rom. 3:21; Heb. 12:14 e Mat. 5:48). Podemos dizer, pois, que Tiago contradiz a Paulo porque tinha um ponto de vista legalista sobre as obras, e não uma idéia «mística». Faltava-lhe o discernimento que encontramos em Fil. 2:12,13. Contudo, enquanto lhe faltava esse «discernimento», não lhe faltava a intuição que as «obras», segundo determinadas considerações, são necessárias para a justificação e para a salvação. Podemos desculpar-lo por sua expressão desajeitada dessa intuição, porquanto levantou ele uma questão vital, de que muito se precisa na igreja evangélica moderna, onde domina a «crença fácil». Deveríamos aprender, da epístola de Tiago, ainda que não concordemos com seu modo de expressão, que um homem precisa assumir a imagem de Cristo, duplicando a vida de Cristo em sua própria vida; é mister que Cristo viva por seu intermédio; é preciso que consiga a vitória moral; é necessário que seja transformado, porquanto, de outra maneira, nem ao menos ter-se-á convertido. Não basta alguém aceitar certo credo para imaginar, tolamente, que isso obriga Deus a aceitá-lo, por causa de sua «correta opinião». Precisamos possuir aquela fé que transforma a vida inteira, espiritualizando-a segundo os moldes de Cristo, formando em nós a vida de Cristo (ver João 5:25,26 e 6:57). É como se Tiago houvesse dito em tons sarcásticos: «A correta opinião a ninguém pode salvar». (Comparar com Tia. 2:19). Somente a vida transformada nos pode conduzir realmente à salvação (ver II Tes. 2:13).

10. *Paulo, Tiago e Jesus:* Talvez o problema mais vexatório do N.T. é o que indaga: «Onde ficava Jesus, nessa controvérsia?» Visto que ele falou antes do surgimento da mesma, não há qualquer Escritura a respeito. Apesar de que, nas citações que temos de Jesus, em regra geral parece que ele tomava a posição judaica comum sobre o meio de salvação, devemos supor que não lhe faltava a compreensão paulina sobre as «obras espirituais» em contraste com as «obras legalistas». Portanto, apesar de que não usou a exata terminologia empregada pelo apóstolo dos gentios, quanto às idéias, podemos ter a certeza que Cristo concordava com a abordagem paulina. E já que Paulo pôde afirmar que os demais apóstolos concordavam com ele, no tocante à natureza do evangelho (ver Gál. 2:2 e ss.), precisamos crer que Pedro e os demais apóstolos não viam nenhuma contradição básica entre o que Paulo e Jesus ensinavam. Sem dúvida, se Paulo tivesse entrado em qualquer contradição relativa a Jesus, Pedro e os demais ter-se-iam colocado ao lado de Jesus e contra Paulo. Portanto, Paulo deve ter ensinado de acordo com a realidade das obras espirituais, contradizendo o ordinário sistema judaico de «méritos».

Sendo essa verdade, continua sendo um fato que Paulo trouxe a lume diversos conceitos da verdade espiritual que Jesus nunca explanou para os seus discípulos originais. Esses conceitos aumentam grandemente o nosso entendimento acerca do destino daqueles que se acham em Cristo, acerca da glória ali envolvida, acerca da magnitude do poder e do desenvolvimento espirituais que isso representa. Nas revelações dadas por meio de Paulo, o cristianismo deu um prodigioso salto para a frente, em comparação com o pensamento judaico e com a experiência espiritual.



A graça é a livre-dádiva de Deus para nós, por intermédio de Cristo. Quando olhamos para a salvação como dom de Deus, estamos falando sobre a graça divina. Porém, à graça em nós operante, ao poder do Espírito no íntimo, chamamos de «obras». Portanto, a graça divina, vista do ponto de vista diferente, pode ser chamada de «graça» ou de «obras»; mas, seja como for, tudo procede da parte de Deus, embora deva haver uma reação humana favorável. O legalismo vê um dos lados da questão com diáfana clareza; sabe que a espiritualidade deve produzir algo. Essa foi a contribuição do legalismo. Confronta a «crença fácil» e a chama de «fingimento». Porém, o legalismo é míope, tendendo para a superficialidade, porquanto normalmente diz que quando obedecemos aos mandamentos da lei, obtemos o favor de Deus. Esse é o grande erro do legalismo, e contra isso é que Paulo se opunha amargamente. O legalismo tem a tendência de escorar-se no braço da carne, fazendo da salvação uma questão de conta corrente de méritos e deméritos, ao invés de reconhecer a total espiritualidade do processo da salvação, que envolve a transformação de alma, e não meramente a bondade que se poderia acumular através de observâncias minuciosas.

### VIII. PROPÓSITOS E ENSINAMENTOS

As notas acima já nos puderam indicar a maior parte dos propósitos e ensinamentos desta epístola. Consideremos, entretanto, os pontos seguintes:

1. Um de seus propósitos é puramente *polêmico*: Ele procura refutar as inovações acrescentadas à teologia paulina; isso ele faz na ignorância, entretanto, por faltar-lhe as revelações mais profundas de Paulo. E o autor da epístola exibe uma justa indignação, pensando que fazia o bem, ao assim combater aquelas idéias. É verdade que tinha certo discernimento, mas expressou-se desajeitadamente, mediante uma terminologia e uma mentalidade nitidamente legalistas. Certamente que a passagem de Tia. 2:14 e ss. é uma refutação às idéias do quarto capítulo da epístola aos Romanos, ou é mesmo um assédio direto contra as idéias ali expostas. (Ver a secção VII da introdução, quanto a notas expositivas completas sobre a questão).

2. Porém, a intenção do autor sagrado foi boa—ele queria que soubéssemos (e nisso estava com a razão), que corretas opiniões sobre as verdades cristãs não são suficientes; deve haver uma vida espiritual vital, pois, do contrário, a fé estará morta.

3. Além disso, ele desejava fornecer instruções éticas concretas, que envolvessem muitos pontos. Este livro consiste, essencialmente, em um tratado que visa dar instruções morais. Assim sendo, ele aborda a questão da tentação. Alguns indivíduos punham a culpa em Deus por seus próprios erros e pecados, supondo, virtualmente, que Deus assim os «fizera» (ver Tia. 1:12 e ss.). Tiago refuta violentamente esse conceito. Também exortou à oração e à mentalidade espiritual (ver Tia. 1:5); repreendeu a ira e o mau gênio (ver Tia. 1:19 e ss.); insistiu sobre a prática das boas obras (ver Tia. 1:22 e ss.). Assim nos deu uma das nossas definições centrais acerca da verdadeira religião (ver Tia. 1:27). A verdadeira religião, pois, consiste na pureza pessoal, bem como em atos de bondade para com o próximo. Tiago também repreende a soberba (ver Tia. 2:1 e ss.) e o favoritismo, na mesma passagem; mostra como a atividade moral deve incluir a lei inteira, e não meramente alguns pontos da mesma, e cria ser isso possível para os homens (ver Tia. 2:10 e ss.). Também repreendeu vivamente aos pecados da língua (ver Tia. 3:1 e ss.); denunciou o mundanismo (ver Tia. 4:1 e ss.); advertiu aos ricos acerca da dependência às suas possesões aos seus excessos (ver Tia. 5:11 e ss.). A leitura da própria epístola realmente serve de observação sobre os muitos mandamentos morais do autor sagrado, e o que expomos aqui é apenas um exemplo.

4. Seus propósitos não eram essencialmente teológicos, com exceção da passagem de Tia. 2:14 e ss. Lutero tinha razão ao reconhecer a «esterilidade» do conteúdo teológico dessa epístola. Não tem nada das elevadíssimas doutrinas cristãs que se acham nos escritos de Paulo, exceto que o ensino sobre a «parousia» (a segunda vinda de Cristo) é reputado como algo que poderia acontecer em breve (ver Tia. 5:7). Por essa razão é que Lutero a chamou de «epístola de palha», porquanto, para ele, não podia equiparar-se com as epístolas de Paulo, especialmente Romanos, ou com a primeira epístola de Pedro e o evangelho de João. Ele sumariou o seu ponto de vista ao

dizer: «Louvo à epístola de Tiago, e a considero boa, porquanto não ensina qualquer doutrina humana, e afirma severamente a lei de Deus». (Introdução à Epístola de Tiago). Talvez esse seja um sumário tão bom quanto qualquer outro que se possa fazer acerca do caráter dessa epístola.

«Sempre que a fé não resulta em amor», e o dogma, por mais ortodoxo que seja, aparece desvinculado da vida diária; sempre que os crentes são tentados a aceitar uma religião centralizada no próprio homem, tornando-se eles esquecidos das necessidades sociais e materiais de outros; ou sempre que negam, com a sua maneira de viver, ao credo que professam, e parecem por demais ansiosos por serem amigos do mundo, mais do que de Deus, então a epístola de Tiago tem algo a dizer-lhes, e que só rejeitam com perigo próprio». (Tyndale N.T. Commentary, *Introdução à Epístola de Tiago*).

Há vários abusos contra os ensinamentos da epístola a Tiago, segundo se vê nos pontos seguintes: 1. Alguns vêm um certo apoio à idéia medieval da «extrema-uncção», em Tia. 5:14; 2. outros vêm a idéia que a justificação é ajudada mediante obras legalistas, em Tia. 2:14 e ss.; 3. e outros são encorajados e levados a permitir extremismos na prática da confissão pública de pecados, com base em Tia. 5:16.

### IX. LINGUAGEM

Quanto às *características literárias*, a epístola de Tiago demonstra afinidades com o tratado aos Hebreus, embora nunca se mostre tão eloquente como o mesmo. Foi escrita em grego excelente, que demonstra conhecimento das delicadezas das habilidades retóricas do grego, como a aliteração, a diatribe, etc., além de demonstrar excelente escolha das palavras. Sua seleção e uso dos modos dos verbos gregos é superior à de qualquer dos demais livros do N.T. Quanto à sua prática da «aliteração», ver as três palavras proeminentes em Tia. 1:21, começando com a letra grega «delta». O autor sagrado exibe a prática de introduzir cada sentença de uma série de cláusulas ou sentenças inter-relacionadas com a mesma palavra, o que se denomina «paranomásia» ou «assonância». Com freqüência ele situa duas ou mais palavras em íntima justaposição, com o mesmo som ou sons finais, conforme se vê em Tia. 1:7,14; 2:16,19 e 5:5,6. Suas sentenças são francas e vívidas, dotadas de uma certa concisão epigramática.

Alguns estudiosos consideram o grego usado na epístola de Tiago segundo apenas em relação à epístola aos Hebreus, em todo o N.T. Não há qualquer indício de que esse trabalho é uma tradução, o que sem dúvida não poderia ocultar, se assim fosse. Portanto, é duvidoso que qualquer dos discípulos originais de Jesus, ou um irmão seu, um aldeão galileu, tivesse podido escrever essa epístola. Ainda que o seu autor fosse bilingue, é extremamente duvidoso que ele pudesse ter adquirido bastante educação formal, da variedade helenista, para poder expressar-se com as delicadezas da retórica grega. É possível, todavia, que Tiago (irmão do Senhor, ou outro do N.T.) podia ter tido seu trabalho *cuidadosamente revisado* (e *modificado* em lugares) por um discípulo cuja linguagem nativa foi o grego.

O vocabulário da epístola de Tiago se reduz acerca de quinhentas e setenta palavras. Dentre essas, setenta e três não aparecem em qualquer outra porção do A.T., mas somente vinte e cinco não se encontram no A.T. grego (Septuaginta), e somente seis não se acham nem no Antigo e nem no Novo Testamentos. O autor sagrado conhecia e usou a Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada bem antes da era apostólica), conforme se vê em Tia. 1:10 e ss. (ver Isa. 40:6 e ss.); Tia. 2:21 (ver Gên. 22:2,9); Tia. 4:6 (ver Pro. 3:34); Tia. 5:6, (ver Pro. 3:34). Os hebraísmos são poucos, entre os quais podemos encontrar os de Tia. 5:10,14. Isso não inclui, naturalmente, suas citações extraídas do A.T., as quais podem conter hebraísmos, por razão do fato que a Septuaginta os exibe.

### X. CONTEÚDO

- I. Saudação (1:1)
- II. O Teste da Fé (1:2-4)
- III. Deus responde à Oração e dá Sabedoria (1:5-8)
- IV. A Futilidade das Riquezas (1:9-11)
- V. Promessas aos Vencedores (1:12)
- VI. A Tentação ao Mau não Vem de Deus (1:13-15)
- VII. Todas as Coisas Boas Procedem de Deus (1:16-18)
- VIII. Contra a Ira e o Mau Temperamento (1:19-21)
- IX. O Fazer Adicionado ao Ouvir (1:22-25)





+ ΕΠΙΣΤΟΛΗ ΚΑΘΟΛΙΚΗ ΚΝΙΑΚΩΝ:  
 ΑΚΑΘΑΡΤΙΑ ΚΑΙ ΠΟΡΝΕΙΑ ΤΩΝ ΔΟΥΛΩΝ ΤΗΣ ΔΕ ΔΕΚΑΦΥΛΑΙΩΤΑΙΩ  
 ΟΥΤΩΝ ΔΙΑΚΟΝΩΝ ΧΕΙΡΩΝ ΠΑΡΑΧΕΙΡΗΝΑ ΣΟΦΙΣΤΕΛ  
 ΦΙΛΙΜΟΥ ΟΥΤΩΝ ΤΩΝ ΜΑΙΟΤΩΝ ΤΩΝ ΠΟΙΕΙΛΙΩΝ Μ  
 ΡΟΠΟΙΟΤΩΝ ΤΩΝ ΔΕΙΜΑΡΧΩΝ ΤΩΝ ΤΩΤΩΝ ΚΑΤΡΩΝ Ε  
 ΛΠΟΜΟΡΟΙ ΔΕ ΤΩΝ ΜΑΡΤΥΡΩΝ ΤΩΝ ΛΙΒΕΡΑΧΕ  
 ΝΤΕ ΠΛΗΘΙΟΙ ΜΑΛΑΧΟΙ ΟΥ ΜΑΔΕΡΜΑΙΩΝ ΤΩΝ ΜΑΡ  
 ΜΑΡΧΙΩΝ ΤΩΝ ΣΦΙΩΝ ΑΙ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ  
 ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ  
 ΑΙ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ  
 ΜΑΡΜΟΝΕΣ ΕΙΣ ΚΑΛΩΝΙΟΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ  
 ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ ΤΩΝ



- X. O Abuso da Língua (1:26)  
 XI. Definição da Verdadeira Religião (1:27)  
 XII. Contra o Respeito Humano (2:1-13)  
 XIII. Fé e Obras, Opostas e Unidas (2:14-26)  
 XIV. Os Males da Língua (3:1-12)  
 XV. A Sabedoria Mundana (3:13-18)  
 XVI. Reprimenda Contra os Desejos Mundanos (4:1-10)  
 XVII. Mais Males da Língua (4:11,12)  
 XVIII. Confiança na Providência (4:13-16)  
 XIX. O Pecado da Omissão (4:17)  
 XX. Desgraça Espiritual dos Ricos (5:1-6)  
 XXI. A Parousia e a Paciência Cristã (5:7-11)  
 XXII. Contra os Juramentos (5:12)  
 XXIII. Conduta na Tristeza e na Alegria (5:13)

XXIV. Sobre a Enfermidade (5:14-18)

XXV. Rem-aventurança de quem Converte ao Errante (5:19,20)

#### XI. BIBLIOGRAFIA:

Além dos quinze comentários que são usados como base da exposição, por todo este comentário, no que tange à epístola de Tiago, vale a pena fazer um estudo especial nos comentários abaixo relacionados.

Enslin, Morton Scott, *The Literature of the Christian Movement*, N.Y.: Harper and Bros., 1956.

Knowling, R.J., *The Epistle of St. James*, Westminster Commentaries: London: Methuen and Co., 1904.

Moffatt, James, *The General Epistles*, Moffatt N.T. Commentary, N.Y.: Harper and Bros., 1928.

Titus, Eric Lane, *Essentials of New Testament Study*, N.Y.: The Ronald Press, 1958.

O *Interpreter's Bible* está utilizado neste comentário pela gentil permissão da Abingdon-Cokesbury Press, Nashville. Desta obra, são citados, em Tiago, os autores Burton Scott Easton e Gordon Poteat.

#### Capítulo I

Tiago acha-se à frente daquelas epístolas chamadas «católicas» ou «universais». Essas epístolas são: Tiago, I e II Pedro, I, II e III João, Judas. São sete epístolas. Mas alguns estudiosos acrescentam à lista Efésios e Hebreus. A interpretação neotestamentária tem atribuído vários significados ao termo «católico», em aplicação a essas epístolas, como segue:

1. Na igreja ocidental, desde os tempos de Junílio e Cassiodoro (século V D.C.), essas epístolas foram chamadas «canônicas», evidentemente como que definindo a palavra «católica» dessa maneira. Porém, era apenas um uso local, conforme fica demonstrado pelo fato que Eusébio (em sua História Eclesiástica ii.23) aplica o termo «católicas» às epístolas de Dionísio, cuja canonicidade nunca foi ao menos sugerida. Alguns também chamavam a epístola de Barnabé de «católica», mas tal epístola nunca obteve colocação no «cânon» do N.T.

2. Outros fizeram o termo significar *universal*, no sentido que têm um «conteúdo mais geral»; mas isso também foi uso isolado, apenas de alguns.

3. Ainda outros têm usado o termo no sentido de «koiné» ou «comum», assumindo então o significado de «escritos apostólicos, reunidos em uma comum categoria». Portanto, esse termo supostamente indica tanto a autoridade daquelas epístolas como indica aquele «grupo de epístolas», dentro do «cânon» do N.T., que têm algo em comum, que as distingue de outras categorias, como os evangelhos, os livros de Atos dos Apóstolos, os livros de Paulo e os Apocalipses. Alguns intérpretes têm visto esse significado em Clemente de Alexandria, comentando sobre o trecho de Atos 15:23; mas quase certamente essa é uma interpretação errônea do que Clemente disse. Uma modificação dessa idéia de catolicidade é a que afirma que o termo «católico» era simples designação dada a todos os escritos «apostólicos», em contraste com as «pseudepígrafas», escritas em nome deles. Porém, se essa tiver de ser a definição do termo, deve ter sido uma definição isolada, pois as evidências que há a respeito limitam-na a uma só citação de Eusébio, além de serem duvidosas.

4. O uso comum desse termo faz dele um sinônimo de *encíclica*. Em outras palavras, as «epístolas católicas» seriam aquelas que não foram enviadas a indivíduos ou igrejas específicos, mas para alguma região ou grupo de igrejas, ou para a igreja em geral. Esse sentido pode ser facilmente observado na história eclesiástica: Clemente de Alexandria chama à carta referida em Atos 15:22-29 de «epístola católica» (ver *Stromat.* IV), o que, obviamente, indicava uma epístola enviada para a igreja em geral, e não para uma só assembleia local. Orígenes (ver *Contra Celsum*, i. 63), chamou a epístola de Barnabé de «católica», com o intuito de indicar que a sua intenção era para ser largamente usada nas igrejas. Eusébio (ver História Eclesiástica v. 18) emprega o termo de modo similar. Nos tempos de Eusébio, o termo já vinha sendo aplicado às sete epístolas assim chamadas hoje em dia. Assim também fez Ecumênio (ver *Prolegom.* in *Epist. Jacob*). Certamente essa é a moderna maneira como essa palavra é usada pela maioria dos eruditos do N.T.

Na introdução a esta epístola se tem provido espaço para discutir acerca de assuntos como confirmação antiga, canonicidade, autoria, data, proveniência, destino, fontes e integridade, tipo literário e relações com outros escritos, profanos e religiosos, cristianismo judaico, relação entre Paulo e Tiago, propósitos e ensinamentos do livro, sua linguagem, conteúdo, e bibliografia. A leitura dessa introdução dará ao leitor melhor compreensão sobre a epístola, emprestando maior significação ao comentário de versículo por versículo.

Tiago, se for compreendido quanto ao discernimento que procura expressar, e não segundo o modo como expressa esse discernimento, poderia servir de base de harmonização entre o judaísmo e o cristianismo. Seu grande discernimento é que a salvação deve ser frutífera, produtora de piedade e de um andar santo. Esse discernimento combate a «crença fácil» que há em grande parte da moderna igreja evangélica; infelizmente, porém, esse discernimento foi expresso de modo «legalista», o que explica sua contradição com Paulo. Se tal discernimento houvesse sido expresso de maneira «mística», isto é, que as verdadeiras obras são produtos e frutos do Espírito Santo, atuante no íntimo, a expressão inerente do próprio princípio da graça encontraria paralelo em Fil. 2:12,13, e não haveria qualquer contradição com o que escreveu Paulo. Além disso, se o judaísmo for compreendido misticamente, e não legalisticamente, ou se dissermos que apesar de uma expressão desajeitada, contudo o discernimento do judaísmo era o mesmo que o de Tiago, então não haveria qualquer contradição entre o judaísmo e o cristianismo.

Pelo menos, com uma mentalidade como essa, os dois grandes sistemas — do judaísmo e do cristianismo — foram não apenas reconciliados, mas até mesmo unificados. Assim é que Agostinho declarou: «Aquilo que é chamado de religião cristã existia entre os antigos, nunca tendo deixado de existir desde o começo da raça humana, até que Cristo veio na carne, quando então a verdadeira religião, que já existia, começou a ser chamada de cristianismo». (*Librum de vera religione*, cap. x). Por isso é que George Benedict, um ex-rabino, em sua autobiografia, intitulada, «Christ Finds a Rabbi», escreveu: «Alguns de vocês poderão estar perguntando...ó rabino, o que Cristo fez por ti que estás disposto a abandonar o judaísmo e a vergonha por causa do cristianismo? ...Por favor, nota que não voltei as costas para o judaísmo. Pelo contrário, estou levando avante o judaísmo juntamente comigo. Não posso voltar as costas para minha mãe, mas posso dar-lhe o meu braço, ajudando-a a andar comigo, enquanto durar a vida». (pág. 263).

#### I. Saudação (1:1)

1 Ἰάκωβος θεοῦ καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ χαίρειν.

1 taís...διασπορᾷ Ao 15:23; 1 Pe 1:1

1:1 Tiago, servo do Deus e do Senhor Jesus Cristo, da doze tribos da dispersão, saúdo.

•Tiago... A maioria dos intérpretes mais antigos identifica-o com Tiago, irmão do Senhor, embora alguns o façam com Tiago, filho de Zebedeu, e outros com o filho de Alfeu. Ainda outros, identificam-no com um Tiago desconhecido. Todavia, segundo outros, a epístola é uma pseudepígrafe, talvez escrita no nome de Tiago, irmão do Senhor, por parte de algum

crente desconhecido. Essa prática era comum naquela época. Evidentemente, a epístola era desconhecida na igreja até aos meados do século III D.C., quando Orígenes primeiramente a utilizou. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «confirmação antiga e a canonicidade», bem como sobre a «autoria», ver as seções I e II da introdução. Quanto a notas expositivas sobre todos os «Tiagos» do N.T., ver Atos 12:2; quanto a notas



adicionais sobre Tiago, irmão do Senhor, ver Atos 12:17 e 15:13). O nome «Tiago» é o mesmo nome «Jacó», isto é, ambos se derivam do mesmo nome hebraico.

Tiago, irmão do Senhor, bispo de Jerusalém, (pessoalmente, ou através de um discípulo), certamente alguém que se inclinava para o cristianismo legalista, (ver Atos 21:18 e ss. e Gál. 2:12 ss), é aquele que fala para nós através dessas páginas; e é bem provável que aquilo que ali se lê seja fiel representação de suas crenças. Já que não existe nenhuma identificação de quem seria esse «Tiago», devemos supor que está em foco algum Tiago bem conhecido, e o irmão do Senhor é a escolha mais provável.

«...servo de Deus...» Isso subentende total dedicação a Deus e a Cristo, pois o original grego diz aqui, «escravo». Os leitores antigos, sendo assim lembrados do antigo sistema escravista, instantaneamente perceberiam o que o autor sagrado indica. O escravo não tem vida própria; não tem direitos; não passa de propriedade alheia, sendo pouco mais que um animal irracional. A vontade de seu senhor é a sua vontade; e, se não obedecesse, poderia ser morto sem direito de defesa e sem poder apelar para qualquer autoridade. Portanto, a vontade do escravo se mescla com a do seu senhor, unindo-se à dele. Esse é um vívido quadro de dedicação religiosa e espiritual a Deus e a seu Filho. Paulo usou esse termo com frequência, e, em Rom. 1:1 há uma nota expositiva detalhada a respeito. Aqueles que aceitam a idéia que Tiago, o irmão do Senhor, escreveu a epístola, vêm nesse termo, «escravo», um sinal de humildade de sua parte, por não se identificar com o grande Jesus. Seja como for, o termo indica humildade e sujeição, sem importar qual o Tiago em foco.

A expressão «servo de Deus» é comumente usada no A.T. e nos escritos rabínicos. Portanto, teríamos aqui o equivalente a *Jacó, escravo de Deus*, porquanto «Jacó e Tiago» se derivam do mesmo nome hebraico. Alguns intérpretes têm pensado que o livro original de que estamos falando é, realmente, uma «carta de Jacó», e que um editor cristão posterior se aproveitou dessa obra judaica, e adicionando-lhe alguns poucos toques, como se vê aqui e em Tia. 2:1 (onde é acrescentado o nome de Cristo), e também em Tia. 5:7, aludindo à «parousia» ou segunda vinda de Cristo, fez dela um documento cristão. Essa questão é discutida na seção IV da introdução, sob o título «Fontes e Integridade». A conclusão apresentada pelo presente comentário é que apesar da epístola talvez ter feito empréstimos substanciais de um ou mais escritos judaicos, desde o começo tinha por fito ser um folheto ou panfleto cristão. O âmage da epístola fica em Tia. 2:14 e ss., que versa sobre um exame claro sobre a controvérsia entre a «graça» e as «obras», na igreja primitiva, uma disputa que nunca houve no judaísmo. Portanto, o livro tem de ser tanto cristão como pós-paulino.

«...do Senhor Jesus Cristo...» (Quando a notas expositivas sobre o título completo de Cristo, segundo temo-lo aqui, e sobre o seu «senhorio», ver Rom. 1:4,7). Jesus não é Salvador de quem não é Senhor, porquanto a fé exige outorga da alma a ele, e, de fato, consiste disso. (Quando a notas expositivas completas sobre a «fé», ver Heb. 11:1). Se o livro original era pré-cristão (judaico), então esse título foi interpolado neste ponto pelo seu editor cristão; porém, apesar dessa teoria ser atrativa, fica muito aquém de uma clara demonstração.

«...às doze tribos...» (Comparar com Mat. 19:28; Atos 26:7 e Apo. 7:4-8). De acordo com a fraseologia judaica, a expressão «doze tribos» falava sobre «todo o Israel», sem importar se doze tribos distintas podiam ser localizadas. (Comparar com Apo. 7:4-8). Porém, essa expressão, quando usada por um crente, tem sentido incerto. Alguns dos intérpretes pensam que se refere aos «judeus crentes»; mas há outros que opinam que alude ao «Israel espiritual», isto é, à igreja cristã, sem que se faça qualquer distinção entre judeus e gentios. (Ver Rom. 9:6 e Gál. 6:6 quanto ao uso desse termo, para indicar crentes de quaisquer raças). Não há maneira certa de resolver o que o autor sagrado quis dizer. Seja como for, a epístola é «católica»,  
II. O Teste da Fé (1:2-4).

A saudação, *Regozijai-vos!* (no primeiro versículo), é agora aproveitada para que se faça a observação que as provações, na realidade, são causa de alegria, porquanto nos beneficiam na inquirição espiritual, fortalecendo nossa fé e purificando-nos da escória. «Saudai com toda alegria...» quando tais provações sobrevierem. O autor sagrado, sem dúvida alguma, inclui as peregrinações, que eram comuns naquela época; mas não limita sua declaração às mesmas.

2 Πᾶσαν χαρὰν ἡγήσασθε, ἀδελφοί μου, ὅταν πειρασμοῖς περιπέσῃτε ποικίλοις,

2 Ro 8:2-8; 1 Pe 1:6

1:2; Moss irmãos, tende por motivo da grande gozo o passardes por várias provações,

«...irmãos...» O autor queria identificá-los como crentes, sendo esse o mais comum de todos os títulos e de todas as saudações entre os cristãos, usado por cerca de trezentas vezes nas páginas do N.T. Consideremos os seguintes pontos: 1. Tal termo faz-nos lembrar a nossa responsabilidade para com a família de Deus, à qual pertencemos. 2. Faz-nos lembrar de Cristo, nosso irmão mais velho, que é o padrão de nossa conduta e o objeto de nossa esperança. 3. Faz-nos lembrar de Deus, que é o nosso Pai, perante quem somos responsáveis, e da parte de quem recebemos vida, forças e orientação em nossas vidas, através de seu Espírito. 4. Faz-nos lembrar que haveremos de participar da plena natureza e imagem de Cristo, que é o alvo mesmo de nossa vida e de nossos esforços. (Ver Rom. 8:29 acerca de notas expositivas completas sobre esse conceito). Desse modo, surge uma comunidade de natureza, a participação na vida da família divina, segundo encontramos em Heb. 2:10 em diante.

Tal uso surgiu primeiramente entre os judeus, e daí, naturalmente, passou para a igreja cristã. Embora dispersos por muitos lugares, e vivendo sob as mais diferentes condições, todos os cristãos, juntos, perfazem a grande família de Deus.

«...tende por motivo...» No grego é usado o verbo «*egeomai*», que primariamente significa «guiar», «liderar», mas que com frequência veio a

porquanto foi escrita a um grupo muito amplo de igrejas, e não para alguma comunidade isolada, para uma igreja local ou para um indivíduo. (Ver a nota de introdução sobre o primeiro versículo, onde são discutidos os vários significados do vocábulo «católico», quando usado a certos livros do N.T.).

«...Dispersão...» De acordo com a terminologia judaica, essa era uma palavra usada para indicar todos os judeus vivos então, como se estivessem «dispersos», fora da Palestina, sua verdadeira pátria, e cujo idioma, por isso mesmo, era o grego, e não o aramaico (comparar com João 7:35). Se este tratado foi originalmente enviado a crentes judeus, então tal expressão seria natural, embora fosse apropriada para todos os crentes, judeus ou gentios. Pois os crentes são pintados como peregrinos e errantes sobre a terra (ver Heb. 11:9,14-16), distantes de sua pátria, que é o céu, tal e qual sucedia aos judeus afastados da Palestina, que estavam verdadeiramente «dispersos» por terras estrangeiras. (Ver os trechos de Deut. 30:3; Nec. 1:9; Sal. 167:2 e João 7:35. Quanto a uma nota detalhada que mostra que os crentes são «peregrinos», ver Heb. 11:37).

*Tudo é como se eu tivesse a graça de usá-lo, fazendo As coisas sob os olhares de meu grande Cupataz.*

(Milton)

Os judeus sofreram várias dispersões. Houve as dispersões assíria, babilônia e aquela sob a dominação romana, quando da destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C., e alguns anos mais tarde, quando houve uma destruição ainda mais completa, sob Hadrano, em 132 D.C. Hadrano ordenou que nenhum judeu tinha permissão de retornar a Jerusalém, e isso permaneceu de pé até à época de Constantino (começo do século IV D.C.), tendo a cidade sido transformada em um santuário cristão.

A reunião das doze tribos, na sua terra natal, era uma acariciada esperança judaica; assim também, a reunião nos céus é a esperança cristã distintiva. A «dispersão» judaica por outras nações começou tão cedo quanto o século IX A.C. Por conseguinte, a dispersão era fenômeno de longa data. Os cristãos também desde há muito estão longe de sua pátria celeste. A graça de Deus, finalmente, os reunirá, em um grande corpo de seres celestiais, que haverão de compartilhar da própria imagem de Cristo (ver Rom. 8:29). Em muitos casos, a dispersão indicava escravidão para homens maus, perda da liberdade e condições de insegurança na vida. Assim também a vida terrena do crente pode estar repleta de condições e experiências negativas. Essas condições ensinam-nos a desejar anelante-mente por nossa pátria celeste, por nossa transformação segundo a imagem de Cristo, pois nisso reconhecemos que no mundo estamos «fora de lugar», em uma esfera física. O homem é um espírito, e, em última instância, haverá de habitar nas regiões celestes. O novo Israel tem uma metrópole celestial (ver Gál. 4:26), bem como uma cidadania celestial (ver Fil. 3:20), e os crentes, no presente, são peregrinos em exílio (ver 1 Ped. 1:1; 2:11 e João 17:14-18; ver também Heb. 13:13,14, que mostra que nossa disposição ao exílio é em imitação a Jesus, que «sofreu fora do acampamento»). Filo (*de Cherub*, 34) apresenta os homens como peregrinos e forasteiros na terra, e Hermas Sim. i se assemelha ao que diz Pedro, quanto ao teor.

«...saudações...» No grego é «*cheirein*», literalmente, «regozijar-se!», uma antiga e comum saudação. Tem sido preservada em incontáveis cartas escritas em papiro. Em Atos 23:26 há uma nota completa sobre essa palavra e seu emprego. Tal saudação era comum entre os judeus de língua grega (ver Est. 16:1; 1 Esdras 6:7; 1 Macabeus 10:25; 12:6; II Macabeus 1:1,10; e Ep. Arist. 41). Note-se, nisso, a ausência da influência paulina, na saudação; a declaração introdutória não tem paralelo em toda a literatura. A designação do autor como «escravo», tanto de Deus como do Senhor Jesus Cristo, se acha exclusivamente aqui, em todo o N.T. Em Tia. 2:1 e 5:14, Cristo também aparece como o Senhor; noutros trechos, num total de onze ocorrências, Deus é quem é chamado «Senhor». (Ver também Tia. 5:7,8).

ter o sentido de pensar, considerar. É como se tivéssemos aqui: «Considerai vossas provações uma autêntica alegria, por causa dos benefícios que isso vos trará».

«...toda...» No grego, «*pas*», que talvez deva ser compreendido adverbialmente, como «inteiramente», ou seja, «completamente alegre», como se as provações produzissem circunstâncias totalmente jubilosas; não por causa daquilo que são, porém, devido aos resultados produzidos. Ou pode ter o sentido de um adjetivo: uma alegria perfeita e sem mistura. O mesmo sentido geral é expresso de um modo ou de outro.

«...alegria...» (Notas expositivas completas sobre a «alegria», ver João 15:11 e 17:13 onde também há poemas ilustrativos. Ver também Gál. 5:22, quanto à «alegria» como fruto do Espírito). Portanto, a alegria é produto do crescimento espiritual, e consiste de um senso de bem-estar e de regozijo, porque o indivíduo está em harmonia com Deus, destruindo da comunhão com Deus que satisfaz à alma e a torna feliz. (Ver Fil. 1:4, quanto à «alegria» como nota chave daquela epístola).

Tiago, neste ponto, reflete o ponto de vista cristão comum acerca da «felicidade», pelo menos aquela felicidade refletida no N.T. A felicidade é uma qualidade espiritual, de bem-estar da alma, e não algo que satisfaz ao corpo, devido a boas circunstâncias físicas. Assim sendo, a alegria de alma é possível mesmo sob as circunstâncias mais adversas, que podem tomar a forma de «provações» e tribulações. Esse ideal cristão da alegria repousa



sobre a convicção neotestamentária de que a verdadeira vida transcende ao que é físico, e, portanto, às tentativas de prejudicar ao crente, mediante circunstâncias desfavoráveis para seu corpo. Tentar abafar tal alegria é como jogar pedras no sol.

A justaposição de «alegria» e «Regozijai-vos!» (na saudação), no primeiro versículo, é uma paranomásia possível somente no grego; e isso demonstra as seguintes coisas: 1. A epístola de Tiago foi originalmente escrita em grego; e 2. seu autor possuía habilidades retóricas no grego. Isso nega a idéia de que o documento fosse originalmente de origem judaica (posteriormente adaptado para uso cristão); pelo menos é assim se pensarmos que tal documento foi escrito em hebraico. Também lança dúvidas sobre a autoria do livro por parte de um judeu da Galiléia, como qualquer dos «Tiangos» do N.T. (Ver a seção II da introdução para completa discussão sobre a autoria do livro).

«...várias provações...» No grego, o substantivo é «*peirasmos*», palavra geral que indica qualquer espécie de provação ou tribulação, não se limitando às tentações ao pecado, mas sem excluir tais. Portanto, a forma verbal significava «testar», «tentar ao pecado». O autor indicava toda a forma de acontecimento desagradável, como retrocessos, derrotas, desencorajamentos, perseguições por causa de Cristo e a oposição feita pelo reino das trevas, na tentativa de derrotar ao crente. (Comparar com Mat. 6:13 e I Ped. 1:6, quanto ao uso da palavra em questão). Esse vocábulo é usado por vinte e uma vezes no N.T., em boas e em más conexões, isto, vinculado ou não em conexão com o pecado. (Quanto a notas expositivas sobre os benéficos resultados ou produtos das provações e tribulações, ver Ato 14:22. Ali se acha uma completa nota expositiva sobre o tema, que bem ilustra o versículo à nossa frente).

*As aflições são benéficas:* 1. Elas promovem a glória de Deus (ver João 9:1-13 e 11:3,4; 21:18,19). 2. Elas exibem o poder e a fidelidade de Deus (ver Sal. 34:19,20; 11 Cor. 4:7-11). 3. Ensinam-nos a vontade de Deus (ver Deut. 4:30,31; Nec. 1:8,9; Sal. 78:34; Isa. 10:20,21; Osé. 2:6,7). 4.

οἱ γινώσκοντες ὅτι τὸ δοκίμιον<sup>1</sup> ὑμῶν τῆς πίστεως κατεργάζεται ὑπομονήν·

1 3 [C] ΔΟΜΙΝΟΝ Κ Α Β Σ Κ Ρ Ψ 040 056 0142 22 31 25 104 181 226 230  
426 461 614 629 630 946 1605 1729 1877 2127 2412 2492 2495 Byz Lect [www.domi.gr]  
Α.Ν.Σ.Υ. - 98 ΑΡΧ. Γ ΔΟΜΙΝΟΝ 141 1241

2 το...πλοῦτος 1 Pt 1.7

No contexto, *δοκίμιον* em seu sentido usual («meio ou instrumento de testes») dá um sentido um pouco menos que satisfatório; o que é mister é um adjetivo (usado como substantivo), que signifique «aprovado», «genuíno». Este último é suprido pelo termo *δοκιμον*, que figura em vários testemunhos (*P* (74) 110 431 1241). Deve-se notar que, segundo a evidência dada pelos papiros grego, no «koiné» *δοκίμιον* algumas vezes era termo usado como o neutro de um adjetivo (= *δόκιμον*). Ver também os comentários sobre I Ped. 1:7.

1:21 sabendo que o esboço da vida te produz a perseverança;

Os versículos terceiro e quarto demonstram, uma vez mais, as habilidades retóricas do autor sagrado, com o pleonismo que diz -perfeitos e completos, em nada falhosos-. Trata-se do uso de palavras similares ou sinônimas, para expressar mais enfaticamente a idéia desejada, o que, em suas formas negativas, ou usadas sem maestria, degeneram em mera redundância.

...provação...» (Ver notas expositivas completas sobre essa questão, no segundo versículo). A palavra traduzida aqui também por «provação», entretanto, é diferente no grego. «*Dokimion*» significa «testar», «aquilatar». A mesma palavra é empregada para indicar o ato de aquilatar a autenticidade das moedas. Portanto, as provações testam a validade de nossa sinceridade, nossa vitalidade e santidade. Elas mostram se nosso metal é puro, ou se há nele elementos de corrupção, refugos. (Comparar com I Ped. 1:6). Os versículos desta passagem são distintamente contrários àquele subproduto da «crença fácil» que medra na moderna igreja evangélica, e que diz que basta alguém fazer profissão de aceitação de Cristo, como seu Salvador, para que fiquem solucionados todos os problemas e se assegure a prosperidade. Pelo contrário, os problemas, os testes e as provações podem aumentar notavelmente. O próprio Senhor Jesus é prova disso: nada lhe foi poupado no que respeita a tribulações e sofrimentos.

«...da vossa fé...» O termo «fé», é usado de três maneiras, nas páginas do N.T., a saber: 1. Há a fé objetiva, aquilo em que se crê, um credo, ou o cristianismo. Ver I Tim. 1:2 quanto a esse tipo de fé. Fora das «epístolas pastorais» tal uso é raro, se é que é encontrado algures. 2. Há a fé como uma virtude, como uma qualidade espiritual, produzida pela influência do Espírito Santo (ver Gál. 5:22). Essa forma de fé é apenas a expressão diária da «fé subjetiva», que aparece em seguida. 3. A fé subjetiva é o nosso próprio exercício pessoal de confiança em Cristo, na forma de outorga de alma aos seus cuidados, a base de toda a vida espiritual. O trecho de Heb. 11:1 tem as notas expositivas a respeito desse aspecto, onde são examinadas todas as suas facetas, e com poemas ilustrativos. Esse é o aspecto da fé que se torna melhor e mais puro devido às provações porquanto assim aprendemos a reconhecer que a vida nesta terra é temporal, e que o objetivo de nossos desejos e de nossa fé deve ser eterno (ver II Cor. 3:18). No presente versículo, o resultado particular de tal provação é a «constância», a permanência na fidelidade. (Ver as notas expositivas abaixo).

...uma vez confirmada... Essas palavras foram suprimidas pelos tradutores, mas não se acham no original grego. Talvez eles tivessem visto essa idéia, a da confirmação da fé, sua perfeição sob o teste, contida no verbo traduzido como «produz». Trata-se da filha conformada e amadurecida, que nos ajuda a suportar a tudo com fidelidade.

«...produz...» No grego é «*katergadzmiai*»; «realizar», «produzir»

Fazem-nos voltar para Deus para obter ajuda (ver Deut. 4:30,31). 5. Fazem-nos buscar a Deus em oração (ver Jof. 4:3; Jer. 31:18; Jon. 2:1). 6. Elas nos convencem do pecado (ver Jó 36:8; Sal. 119:67 e Luc. 15:16-18). 7. Elas nos levam a confessar e a abandonar os nossos pecados (ver Num. 21:7; Sal. 32:5; 51:3,6). 8. Elas nos ensinam a obediência (ver Gên. 22:1,2 com Heb. 11:16; Exo. 15:23-25; 1 Ped. 1:7 e Apo. 2:10).

-Há uma verdadeira alegria para o guerreiro quando ele enfrenta face a face o adversário que precisa subjugar, em uma guerra que treina mãos e vista e enrijece os nervos e tempera a vontade». (Parry, *in loc.*).

Os crentes judeus sofriam a oposição da comunidade judaica ordinária, por quem eram tachados de traidores de Moisés e do estado judaico, e seguidores de uma heresia; também sofriam a oposição dos oficiais romanos, porquanto o cristianismo nunca foi aceito como «religião legal», e, portanto, era reputado como uma religião de traidores: tal como todos os homens, passavam pelas dificuldades da vida diária, com suas derrotas e tragédias; tinham a oposição do reino das trevas, o que os fazia evitar os céus.

...O veterano que já experimentou bem a sua armadura, que aprendeu a enfrentar o perigo habitual como um dever, é mais digno de confiança que um recruta, por grandalhão que seja e por corajoso que seja; assim também sucede ao soldado cristão. Este precisa aprender a 'suportar as dificuldades' (ver II Tim. 2:3), tolerando o mundo alegremente e todas as tribulações que haverão de fortalecê-lo para a guerra santa. A inocência é realmente uma graça; todavia, há um estágio superior dessa virtude, a saber, a pureza conquistada mediante longo e muitas vezes amargo conflito com as milhares de sugestões para o mal, vindos de fora, que despertam a impureza natural, no íntimo. Tentação não é pecado. Conforme diz o piedoso germânico: «Não se pode impedir que os passarinhos voem por cima de nossas cabeças, mas pode-se impedir que façam ninhos em nossos cabelos». (Punchard, *in loc.*) (Ver I Cor. 10:13 acerca de uma promessa de que nenhuma tentação nos será enviada, se não formos capazes de suportá-la).

completamente», «criar», são seus sentidos possíveis. Um subproduto da fé testada e comprovada é a necessidade do crente resistir, sem escorregar, sem desviar-se, sem negar o princípio espiritual.

...perseverança...». Essa é melhor tradução do que «paciência», que é outro significado possível do vocábulo grego. Antes, está em foco a resistência fiel e constante, debaixo dos testes, mediante o que o caráter cristão é fortalecido. (Comparar com II Ped. 1:6 e Tia. 5:7). «*Upomene*», o termo grego aqui usado, raramente ou mesmo nunca é usado no N.T. com o sentido de «paciência», conforme tal palavra é usualmente empregada nos idiomas modernos. Não há qualquer idéia de meramente aprender e suportar tudo com paciência, sem queixumes, embora isso também seja uma virtude. E não há a idéia de «sorrir e suportar tudo». Antes, estão em foco as idéias de «constância», de «fortaleza cristã», de «lealdade constante», conforme tal termo era usado na literatura antiga. Trata-se de uma «fortaleza cristã», e de que muito precisamos, conforme o autor sagrado salienta.

Filto chamava a -upomone- de -rainha das virtudes-, por tratar-se daquela força de caráter que nos ajuda a realizar nossos propósitos espirituais e a tornar bem-sucedida a nossa inquirição espiritual. (Comparar isso com Rom. 5:3, que diz: «...sabendo que a tribulação produz perseverança...»). As notas expositivas ali existentes suplementam o que aqui é dito). Por causa das muitas provações por que passou o povo de Israel, a «constância», a «perseverança», não eram consideradas uma virtude de pouco valor. Muitos eram convocados a suportar provações incriveis, por amor à sua fé. O autor sagrado, tal como o N.T. de modo geral, antecipa o fato que tal história continuaria na igreja cristã; e até mesmo naqueles dias a história já estava se repetindo. (Quanto a outros trechos bíblicos que falam sobre a «alegria na provação», ver II Macabeus 6:12-17; IV Macabeus 7:22; 11:12; Mt. 5:11 e ss.; Atos 5:41 e I Ped. 1:6 e ss.).

O termo grego «dokimion», que significa «meio de teste» ou «instrumento de testar», aparece em quase todos os testemunhos textuais, mas «dokmon» (aquilo que é aprovado, que é genuíno), figura nos mss P(74), 110, 431 e 1241. Essa leve variante provavelmente foi intencionalmente feita, não tendo direitos à originalidade. No grego «kolné», essas duas palavras provavelmente eram intercambiáveis. (Quanto a notas expositivas sobre os antigos manuscritos do N.T., e como os textos corretos devem ser escolhidos, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução do comentário, que versa sobre esse tema).

*Variantes Textuais:* As palavras *-de fô-* são omitidas nos man B(3), Si(bcl), mas essa é uma evidência textual muito superficial, não podendo ser levada a sério como representante do original. Alguns eruditos supõem que essas palavras foram adicionadas para conformar-se à passagem como o trecho de I Ped. 1:7; mas isso é menos provável do que a explicação que foram simplesmente omitidas por acidente, em alguns textos copiados.

O termo grego «dokimion», que significa «meio de teste» ou «instrumento de testar», aparece em quase todos os testemunhos textuais, mas «dokimon»



laquilo que é aprovado, que é genuíno, figura nos mss P174), 110, 431 e 1241. Esta leve variante provavelmente foi funcionalmente feita, não tendo direitos à

4 ἡ δὲ ὑπομονὴ ἔργον τέλειον ἔχεται, ἵνα ᾗτε τέλειοι καὶ ὁλόκληροι, ἐν μηδενὶ λειπόμενοι.

1:4: o o perseverança tenha a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, não faltando em coisa alguma.

A constância na fidelidade, a despeito das dificuldades, tem uma obra a realizar—a do «aperfeiçoamento». Todas as experiências da vida, o recebimento e uso dos dons espirituais (ver as notas de introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios), tudo faz parte da obtenção desse alvo em geral. Talvez a perfeição aludida por Tiago seja «moral», e não espiritual e metafísica; porém, ainda que isso seja verdade, não nos devemos olvidar que se trata da transformação moral, que provoca a transformação metafísica. Isso equivale a dizer que, quando assumimos a natureza moral de Cristo, através das operações íntimas do Espírito (ver Gál. 5:22,23), é provocada a transformação metafísica, de modo a assumirmos também a sua natureza. Em outras palavras, somos transformados em seres muito superiores aos anjos, na medida em que Cristo é superior a eles; e assim chegamos a participar das perfeições e dos atributos do próprio Deus, com base na participação na natureza divina. Esses conceitos são claros em versículos como Col. 2:10; Efé. 3:19; II Ped. 1:4; Rom. 8:20 e II Cor. 3:18.

#### U Alvo De Nossa Perfeição

1. A perfeição do homem, agora ou na eternidade, será sempre relativa, pois somente Deus é perfeito, embora a sua perfeição se concretize em seu Filho. A perfeição do Filho é que se torna nosso modelo de desenvolvimento espiritual; e as coisas nunca mudarão em relação a isso, pois salvação é equivalente a filiação, e filiação é algo que se desenvolve tendo o Filho como seu arquétipo. (Ver Heb. 2:10 e João 1:12).

2. As perfeições morais de Deus devem ser infundidas e cultivadas em nós; e isso importa em que a própria natureza divina está sendo implantada em nós. Porém, participamos dessa natureza divina em sentido finito. Entretanto, essa participação irá perenemente aumentando, por toda a eternidade, porquanto jamais poderá haver estagnação ou realização final em nossa glorificação.

3. Nessa glorificação sempre crescente, o espírito humano será transformado em um tipo de ser que ultrapassará em muito ao poder e à glória, mesmo do mais exaltado arcanjo. Esses seres tornar-se-ão a expressão de Cristo nos mundos eternos, os mestres e líderes de outros, que terão também de descobrir todo o seu propósito e alvo de existência em Cristo. (Esses conceitos são anotados em Efé. 1:10 e 23).

4. Tiago lança mão de três termos ou expressões ao referir-se a nosso progresso espiritual: *perfeitos, completos e em nada faltosos*. Comparar isso com Efé. 4:13.

Notemos que a estrada para a perfeição é pavimentada com tribulações e provas. Não há modo de polir as rochas, a menos que se use um abrasivo. Apesar de que tal processo pode ser encarado como infinitamente fantástico, impossível e impraticável, é possível em graus sempre crescentes, devido ao poder do Espírito de Cristo, pois é ele quem nos transforma. O processo inteiro é uma «operação divina»; naturalmente, exige nossa anuência, nossa busca, nossa aceitação, e esse é o lado humano da questão. Na salvação, o ser humano sempre entra em contacto com o ser divino; e os dois se combinam. Esse alvo transcendental que impede o crente de fixar-se no mundo e ficar satisfeito com o mesmo. Esse o pensamento que nos impede de concordar com os sentimentos expressos por III. *Deus Responde à Oração e dá Sabedoria* (1:5-8).

Continuando a empregar suas habilidades retóricas, o autor sagrado (tal como no segundo versículo, em vinculação com o primeiro), toma a expressão «em nada deficientes», no quarto versículo, e sobre essa idéia edifica o quinto versículo, que fala sobre a *necessidade de sabedoria*. Também há certa conexão de idéias: suportar as provas e progredir na busca espiritual pela perfeição é algo que exige uma altíssima sabedoria, e, de fato, uma sabedoria divina. As orações, feitas com razões egoístas, serão ignoradas (ver Tia. 4:3); mas a oração pela sabedoria é agradável diante do Senhor, tal como no caso de Salomão, provocando alguma espécie de resposta. Isso é dito para dar ao leitor uma disposição diligente na busca pela sabedoria.

5 Εἰ δέ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, αἰτείτω παρὰ τοῦ διδόντος θεοῦ ἡδὴ αὐτῷ ἀπλῶς καὶ μὴ ὀνειδίζοντος, καὶ δοθήσεται αὐτῷ.

5 Pr 23-6

1:5: Ora, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não censura, e dar-lhe-á abundante.

O autor sagrado faz uma proposição como se fosse incerta, embora sabendo que todos os crentes precisam de sabedoria, porquanto todos estão distantes da realização da «perfeição», do «estado completo», que não é deficiente em coisa alguma — acerca do que ele falara, no versículo anterior.

...*sabedoria*... Conforme Cícero, essa era a «princesa das virtudes». É a fonte do conhecimento bem aplicado. A sabedoria espiritual consiste em compartilhar da sabedoria divina; e essa é misticamente transmitida, isto é, mediante o poder e a comunhão do Espírito. Por sua vez, isso significa que, segundo o N.T., a sabedoria não consiste em mera astúcia humana, em aplicação habilidosa do conhecimento, e mesmo de um vastíssimo conhecimento.

A *sabedoria de Deus*: Consideremos os pontos seguintes: 1. Essa é uma das suas qualidades (ver I Sam. 2:3 e Jó 9:4). 2. Ela é perfeita (Jó 37:16), poderosa (Jó 37:16), universal (Dan. 2:22), infinita (Sal. 146:5 e Rom. 11:33), insondável (Isa. 40:28 e Rom. 11:33), maravilhosa (Sal. 139:6), além do entendimento humano (Sal. 139:6). 3. Incomparável (Isa. 44:7), contida em Cristo e no evangelho (Col. 1:3; I Cor. 2:7). 4. Além disso, toda a verdadeira sabedoria humana se deriva dela (Eze. 7:25 e Efé. 1:17). 5. É exibida nas obras de Deus (Sal. 104:24), em seus planos (Isa. 28:29), na predição dos acontecimentos (Isa. 42:9), na redenção (I Cor. 1:24 e Efé. 1:8), no juízo (Mat. 24:36), na resposta às orações (Tia. 1:5). 6. Da

originalidade. No grego «koiné», essas duas palavras provavelmente eram intercambiáveis.

um bom poeta:

*Tanto esforço perdido em ser perfeito!  
Em ser superno, tanto esforço vão!  
Sonho efêmero, acordo e, junto ao leito,  
A mesma inércia, a mesma escuridão.*

.....

(Hermes Fontes, Sergipe, 1888)

Naturalmente, assim é que as coisas são agora, mas o Espírito está conosco a fim de mudar tudo, não havendo limite para a possibilidade de realizações na inquirição espiritual, o que traz o divino ao humano, o infinito ao finito.

...*Integros*... No grego é «*olokeros*», que se deriva de «*olos*», «inteiro», e «*kleros*», «sorte», «partilha». Portanto, buscamos uma «partilha inteira» da perfeição, a duplicação das perfeições de Cristo, o Irmão mais velho da família de Deus. Essa perfeição deve ser completa em todas as suas partes, sem quaisquer defeitos.

...*em nada deficientes*... Sem imperfeições nas qualidades morais; sem qualquer defeito moral. Não há que duvidar que essa é a idéia central nesta epístola, mas lembremo-nos, uma vez mais, que a transformação moral produz a transformação metafísica.

A experiência abrasiva da vida é necessária para produzir-se a perfeição; esse é o pensamento central do autor sagrado, nestes versículos. Somente assim podemos «ater plenamente» nossa chamada divina para a perfeição. A vida é uma disciplina e uma escola, e não uma viagem agradável. Essa é uma lição severa, mas é necessária. Aqueles que não se submetem a essa «abrasão», são «deixados para trás», em estados de imaturidade, não se fazendo completos. Esses são os «deficientes». A constância é algo excelente, mas não é o bastante. A constância consiste em ganharmos consistentemente a vitória; mas algum dia teremos de triunfar de modo absoluto. A perfeição, pois, é esse triunfo absoluto, que buscamos.

Conforme diz Ropes (*in loc.*): «...*teleios*» significa 'completo', no sentido de 'perfeito', de 'terminado'. Portanto, «*olokeros*» significa 'completo em todas as porções', em que nenhuma porção é deixada em estado de inadequação».

Neste versículo, o autor soa mui claramente a sua trombeta. Ele haverá de mostrar-nos no que consiste a verdadeira fé; agora nos mostrou onde ela nos leva e o que ela pode fazer. Ele exhibe poderoso discernimento contra a «crença fácil», e esse é o grande proveito que derivamos de seu livro.

Aqueles que crêem que a porção central da epístola de Tiago era um documento judaico e pré-cristão, pensam ver neste versículo algumas indicações dessa idéia. Vêem alusões às tribos israelitas (tal como em Gênesis, em seu quadragésimo nono capítulo; ou tal como nos Testamentos dos Doze Patriarcas, do princípio ao fim). Assim é que Filo identificava Isaque com a «alegria»; Rebeca com a «constância»; e Jacó com a «perfeição» em meio aos testes, precisamente as idéias que encontramos aqui, embora sem que se façam quaisquer referências pessoais. (Quanto a notas expositivas sobre essa questão de «origem», ver o ponto IV da introdução; e consultar também a secção V, que fala sobre tipo literário e relações da epístola para com outros escritos).

sabedoria de Deus nada se oculta (Sal. 139:12). 7. A sabedoria de Deus deve ser magnificada (Rom. 16:27 e Judas 25). Nesta epístola de Tiago é forte a ênfase sobre a sabedoria. (Ver ainda Tia. 3:13,15,17; e, em sua forma adjetivada, ver Tia. 3:13).

A sabedoria tem sua base no perfeito conhecimento de Deus; e como seu objeto, a inquirição pela perfeição moral e metafísica visa o que é exemplificado em Cristo. A sabedoria pode ser transmitida à alma sem que sejam alteradas nossas proposições doutrinárias, sem que sejam aumentadas ou «racionalmente» compreendidas.

A sabedoria a que Tiago se refere não é o conhecimento de fatos a que denominamos de ciência, mas é aquela qualidade do entendimento que aguç a percepção das obrigações morais e a apreensão das realidades eternas. Essa é a sabedoria pela qual Salomão orou (ver II Crô. 1:8-12). Ela se compõe daqueles são princípios que, conforme diz o livro de Provérbios, se originam da reverência para com Deus (ver Pro. 1:7). O fenomenal progresso que tem feito a humanidade, no acúmulo do conhecimento científico, infelizmente não tem sido acompanhado pelo crescimento na sabedoria, a que Tiago se refere. Conforme escreveu Arnold Tonybee, o grande historiador norte-americano: «A evidência técnica não é, por si mesma, uma garantia de sabedoria ou de sobrevivência».

Por que a oração é necessária para a obtenção dessa sabedoria? Por que segundo o entendimento cristão sobre a sabedoria, a oração envolve a confissão de insuficiência moral, de inadequação e de aspiração pela perfeição divina. À parte de tal atitude, é impossível adquirir-se a



sabedoria, a oração cristã não é uma tentativa de modificar a mente de Deus, mas consiste na abertura do coração para a influência transformadora do Espírito de Deus» (Easton, *in loc.*).

A sabedoria consiste no discernimento da alma quanto às realidades espirituais; e é através dessa entrega da alma, ao processo transformador, que Cristo a produz em nós. (Ver Efê. 1:17, 18 quanto à oração de Paulo, pedindo sabedoria e conhecimento). Isso vem através da «iluminação» conferida pelo Espírito Santo). A sabedoria, por conseguinte, é uma qualidade mística, e não uma qualidade racional ou empírica. (Ver também Col. 1:9 sobre esse tipo de «sabedoria»).

A sabedoria é personificada em Cristo (ver I Cor. 1:30); e isso tem precedente na passagem messiânica do oitavo capítulo do livro de Provérbios. A Torah, comentário dos rabinos sobre as Escrituras do A.T., era chamada de «sabedoria». Em um sentido mais estreito, a Torah era idêntica ao Pentateuco; mas assumiu o sentido lato de toda a revelação divina. Aquela era uma revelação menor da sabedoria de Deus; Cristo é a revelação superior; e ele está em nós, por meio do seu Santo Espírito, transformando-nos. Nisso consiste a sabedoria de Deus em nós.

A oração é um ato de criação: Ela modifica tanto as circunstâncias como as pessoas que fazem as circunstâncias. Acima de tudo, a oração modifica a alma daquele que ora, espiritualizando-lhe a alma, dando-lhe contacto com o ser divino. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «oração», onde são considerados muitos de seus aspectos, ver Efê. 3:18. Ali também se prevê poemas ilustrativos).

«...a todos...» Essas palavras indicam «todos os crentes sinceros e inquiridores», embora não seja errado supor-se que um incrédulo sincero possa obter respostas às suas orações, mormente quando busca, de todo o coração, a Deus e à verdade divina.

«...liberalmente...» Quando se trata de benefícios espirituais que possam ser dados à alma, não há limite para o que Deus pode e quer fazer. Suas doações liberais continuarão até participarmos plenamente da natureza, dos atributos e dos poderes de Cristo; pois é esse o alvo cristão, um alvo elevadíssimo. A fim de que esses alvos sejam conseguidos, juntamente com outros alvos dignos da vida diária, que fazem parte desse grande plano geral, é mister que Deus nos os dê, liberalmente. O termo grego «*aplos*», que significa, literalmente, «simplesmente», isto é, sem a mistura da malícia, da reserva ou da relutância, significa, portanto, «liberalmente», isto é, de modo livre e pleno, que não conhece limitações, senão aquelas impostas pela incredulidade e pela carnalidade de quem pede. Deus nos dá de maneira simples, franca, sem limites, sem reservas ou motivos ulteriores; mas, bem pelo contrário, dá-nos de uma maneira diferente daquela que os homens estão acostumados a dar. Portanto, ninguém pode «pedir demasiadamente a Deus». Isso é verdade, naturalmente, enquanto lhe pedimos bênçãos relativas ao progresso espiritual e ao bem-estar da alma. Porém, quando começamos a pedir, motivados pelo egoísmo, Deus se recusa a atender-nos, a fim de não sermos prejudicados pela nossa própria ganância. (Ver Tia.

6 αἰτεῖται δὲ ἐν πίστει, μηδὲν διακρινόμενος, ὁ γὰρ καὶ ῥιπιζομένῃ

6 αἰτεῖται... διακρινόμενος Mt 7:7; Mk 11:24

116: Peça-a, porém, com fé, não duvidando; pois aquele que duvida é semelhante à onda do mar, que é sublevada e agitada pelo vento.

Existem condições acerca da oração eficaz. O autor sagrado apressa-se por afirmar isso. A fé é necessária (isso é aqui declarado), e não podemos fazer orações egoístas em sua natureza. (Ver Tia. 4:3). Algumas pessoas não possuem porque não pedem; e essa preguiça serve de empecilho para muitos. (Ver Tia. 4:2). As orações mais eficazes são aquelas que buscam de Deus o avanço na inquirição espiritual, conforme o presente texto o demonstra, o que também se evidencia nas orações que há nos trechos de Efê. 1:15 e ss. e Col. 1:9 e ss. Quão freqüentemente negligenciamos os verdadeiros objetos que as nossas orações deveriam buscar, tornando-nos obcecados com meros progressos terrenos, com seus confortos e vantagens. A oração do homem espiritual será eficaz porque ele ora por aquelas coisas que condizem com o crescimento espiritual. (Ver Tia. 5:16). É seguro dizermos que tal pessoa é espiritual porque aprendeu o verdadeiro uso da oração. Algumas vezes nos esquecemos que a vida é uma escola disciplinadora, para dirigir-nos na direção da idéia divina e da pesquisa divina. Não se trata de mero meio de satisfazer os apetites e as ambições carnis.

«...fé...» Consiste na confiança em Deus, de mistura com a outorga da alma aos cuidados de Cristo, que serve de base para tal confiança. A própria fé é um dos aspectos do fruto do Espírito, um produto do desenvolvimento espiritual (ver Gál. 5:22 e as notas expositivas ali existentes, ver as notas expositivas, também, sobre Heb. 11:1, onde a fé é plenamente descrita, e onde há poemas ilustrativos).

A fé, neste caso, consiste na confiança indivisível no poder e na bondade de Deus, o que, realmente, consiste de uma reação da alma a Deus, a quem o ser inteiro foi entregue. Não abarca meramente alguns fatos sobre Deus, ou a aceitação de um credo ortodoxo. Antes, é um atributo e uma expressão do próprio espírito, do homem interior, do homem real. É a reação da alma para com as realidades celestiais, tal como o autor da epístola aos Hebreus afirma em 11:1.

«A fé, nesta epístola, se refere ao estado mental em que um homem não somente crê na existência de Deus, mas em que seu caráter ético é apreendido e a evidência de sua boa vontade para com o homem é reconhecida; é a crença na atividade benéfica, bem como na personalidade de Deus; inclui a dependência a Deus e a expectativa daquilo que é solicitado, pois isso será concedido pelo Senhor. A palavra aqui utilizada não indica a fé no sentido de um corpo de doutrinas. Essa idéia de fé não é especificamente cristã; era e continua sendo, precisamente, a idéia

4:3).

«...e nada lhes impropere...» No grego é «*oneidizo*», que significa «repreender», «insultar». Ele não mostrará para nós quão estúpidos fomos antes de nos mostrarmos suficientemente sábios para buscar os seus caminhos; ele não nos insultará pelo que tivermos sido. Deus anseia por ver-nos transformados naquilo que está reservado para nós em Cristo. Deus lança no olvido os erros passados, e faz o melhor possível quanto à nossa presente inquirição espiritual. Há certa declaração no livro de Eclesiástico (41:22), que diz: «Depois que deste, não increpas». Aqueles que necessitam daquilo que podemos dar, precisam antes de nosso encorajamento, e não de nossos insultos ou censuras. Assim também Deus não age diferentemente para conosco, não ultrapassando aquilo que é justo que os homens façam.

O autor sagrado diz isso para tirar todos os escrúpulos e temores que os seus leitores poderiam ter, a fim de que pudessem chegar-se ousadamente ao trono da graça. (Ver Heb. 4:16).

«...e ser-lhe-á concedida...» «Ele (Deus) nunca envergonhará aqueles que o buscam, com uma recusa». (Oosterzee, *in loc.*). (Comparar isso com afirmações similares, de que as orações corretas serão respondidas, em Mat. 7:7-11; Luc. 11:13 e I Reis 3:9-12). Alguns eruditos supõem que o autor sagrado tinha em mente o Sermão da Montanha. O trecho de Tia. 5:12 é uma instância muito mais clara disso. Pelo menos percebe-se que o autor conhecia a tradição de onde Mateus também se aproveitou, se é que ele não copiou o próprio evangelho de Mateus. O mais provável, porém, é que as declarações de Jesus, naquela oportunidade, se tenham espalhado oralmente pelas igrejas, e o autor não dependera e nem copiara qualquer documento escrito. Se porventura ele tivesse tais documentos, provavelmente teria usado maior número de citações do que ele fez. (Ver Sal. 145:15-19; Salmos de Salomão 4:13-15; Test. XII Patr. Gad. 7:2; Filo, de Cher. 34, Leg. Alleg., i. 13, quanto à literatura judaica que encerra a idéia que Deus está pronto e desejoso por galardear a todos quantos o buscam).

«...um homem mortal, por mais liberal que seja, sente-se envergonhado por pedir por demasiadas vezes. Mas Tiago lembra-nos que diante de Deus não precisamos ter esse pejo; porquanto ele está sempre pronto para adicionar novas bênçãos às anteriores, sem qualquer fim ou limitação». (Calvino, *in loc.*).

«O insensato dá pouco e increpa muito... ele é odiado por Deus e pelos homens» (Eclesiástico xx. 15).

«A coisa mais importante em qualquer relação não é o que se obtém, mas o que se dá... Seja como for, a dádiva do amor é uma educação por si mesma». (Eleanor Roosevelt).

«Mais bem-aventurado é dar do que receber» (Atos 20:35).

«Ou, qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?... Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas cousas aos que lhe pedirem?» (Mat. 7:9, 11).

διακρινόμενος εἰκεν κλύδωνι θαλάσσης ἀνεμιζομένῃ

judaica». (Oosterley, *in loc.*).

«A fé é uma atitude religiosa fundamental, e não uma graça incidental de caráter; e essas palavras indicam mais do que 'na confiança de que Deus acolherá nossa petição'. (Ropes, *in loc.*).

«...em nada duvidando...» Assim como a fé é fundamental à atitude religiosa, assim também a dúvida revela defeito na vida espiritual, falta de outorga da alma a Cristo, carnalidade e debilidade espiritual. Tal pessoa fez pouquíssimo progresso espiritual; seus conceitos são apenas palavras estéreis, e não experiências do homem interior. Suas orações são egoístas e ineficazes. Ele ainda não ouviu o som dos santos sobre terreno mais alto, e nem está pressionando em direção ao caminho mais elevado. Ele não tem realmente certeza que vive acima do mundo, porquanto se sente perfeitamente à vontade do mesmo; por conseguinte, vive no local do mundo onde os dardos de Satanás são lançados.

Não sei; duvido e espero. Na ansiedade,  
Vago, entre vagas sombras. Se não rezo,  
Sonho; e invejo dos crentes a humildade  
E o orgulho dos filósofos desprezo.

Como um Jó miserável da verdade  
É de receios farto como um Creuso,  
Adormeço a Tristeza que me invade  
É engano o coração cansado e leso...

Talvez haja na morte o eterno olvido,  
Talvez seja ilusão na vida tudo...  
Ou gema um deus em cada ser ferido...

Não afirmo, não nego. É vão o estudo.  
Quero clamar da horror, porque duvido;  
Mas, porque espero, espero e fico mudo.

(Olavo Bilac)

Esse homem «...expressa a hesitação que se equilibra entre a fé e a incredulidade, que se inclina para esta última. Essa idéia é destacada na próxima sentença». (Vincent, *in loc.*).

Há uma afirmação não-canônica de Jesus, que diz: «Não duvideis, para que não afundeis no mundo, como Simão, que começou afundar no mar quando duvidou». (Ver as declarações não-canônicas de Jesus, isto é, afirmativas atribuídas a ele por fontes externas ao N.T., no artigo sobre ele, sob «ensinamentos», na introdução ao comentário. Ver também Mat. 21:21). «Na hora do pensamento atribulador da incredulidade, o escudo da fé apagará todos os dardos inflamados do iníquo». (Punchard, *in loc.*, citando algo de Efê. 6:16).

«Ninguém pode acreditar demasiadamente em Deus». (Adam Clarke, *in loc.*).



...é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento...» Conforme comenta Matthew Henry, *in loc.*, «Ser alguém algumas vezes enlevado pela fé, para então ser lançado abaixo, pelo desânimo, é muito apropriada e elegantemente comparado com as ondas do mar, que se alçam e baixam, que incham e se desfazem, segundo o vento as lança para o alto ou para cima, para baixo, para cá ou para lá». O autor sagrado salienta os seguintes pensamentos: 1. A instabilidade; 2. a mudança súbita; e 3. a falta de solidariedade e de propósito.

Pode-se observar aqui o pleonismo que o autor usa como artifício literário: 1. Uma onda (que relembra algo que muda de lugar e se modifica). 2. O «ver-tangido» pelo vento, que faz a onda ser lançada numa direção, com determinada finalidade, para então, abruptamente, mudar noutra direção. 3. O ser «agitada» a onda para a frente e para trás, pelo mesmo vento, sem a menor evidência de propósito, facilmente influenciável pelo mal, sem vontade própria. (Esse artifício retórico pode ser comparado com o que diz o quarto versículo deste capítulo, onde ocorre o mesmo fenômeno literário. Ver a seção II da introdução, acerca dessa questão). O autor sagrado demonstra grande habilidade retórica no grego, sabendo usar

7 μή γὰρ οἰέσθω ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος ὅτι λήμψεται τι παρὰ τοῦ κυρίου,<sup>a</sup>

<sup>a</sup> = 7-8 a minor, a minor: WH<sup>ms</sup> Bov New B<sup>9</sup> RV A<sup>8</sup>V Z<sup>8</sup>r J<sup>8</sup>r // a none, a minor: WH RV<sup>ms</sup> ABV<sup>ms</sup> RSV // a maior, a minor: NEB TT 8em // a maior, a none: TR

AV NEB<sup>ms</sup> Luth

7 π] om XC<sup>vid</sup> p<sup>cs</sup> | (Κυρίου, R<sup>1</sup>). vg ζ: om, R<sup>m</sup>)

1:7: Não pense tal homem que receberá de Senhor alguma coisa,

«Visto que a oração é, essencialmente, um pedido, nenhuma resposta poderá ser esperada se o pedido não é feito com total sinceridade. A aspiração verbalmente expressa é motivada por um desejo genuíno? Ou, à semelhança de Agostinho, oramos: 'O Deus, faz-me puro, mas não agora?' Nossos fracassos na oração se devem mais freqüentemente ao fato que nossas aspirações são divididas; ainda não decidimos 'desejar os mesmos desejos de Deus'. 'Salva-me, ó Deus, das conseqüências do mal, mas não dos prazeres da indulgência'. Como é que uma pessoa de ânimo tão dividido poderia esperar 'receber qualquer coisa da parte do Senhor? Ao invés de orar 'em nome de Jesus', dentro do círculo de seu temperamento ('Não seja feita a minha vontade, e, sim, a tua'), tais pessoas oram 'fora do nome de Jesus'. 'A oração é o desejo sincero da alma'. 'Somente os 'puros de coração' podem ver a Deus, isto é, aqueles que estão isentos de toda a duplicidade». (Easton, *in loc.*). (Quanto a notas expositivas completas sobre a oração, com poemas ilustrativos, ver Efé. 5:18).

...esse homem... Enfático. Tal tipo de homem, que duvida e não tem propósitos espirituais firmes. Não será um homem de oração; e, quando orar, ficará desapontado ante os resultados. Notemos, neste versículo, um «anel de desprezo» pelo indivíduo que pensa que pode obter alguma coisa, mesmo que duvide, porquanto não possui fé firme, é carnal e vive hesitando. Esse é o tipo de indivíduo que aparece em Tia. 4:3, que ora somente por interesse próprio e carnal, por motivos egoístas, ao invés de 8 ἀνὴρ δίψυχος,<sup>a</sup> ἀκατάστατος ἐν πάσαις ταῖς ὁδοῖς αὐτοῦ.

1:8: homem vacilante que é, é inconsistente em todas as suas maneiras.

Aristóteles chamava os verdadeiros amigos de «dois corpos com uma só mente». O indivíduo instável, cheio de dúvidas, é o contrário disso: tem apenas um corpo, mas duas mentes; e, em sentido espiritual, isso resulta em aleijão e deformação, tornando-o um moleirão espiritual. O trecho de Tiag. 4:8 usa a expressão «ânimo dobre» novamente, com a idéia de que tal pessoa está corrompida pelo pecado, não possuindo «singeleza» no tocante às questões morais. Sua vida moral é dúctil, pois tem duas personalidades em uma: há nele certa inquirição espiritual, mas isso é debilitado e mesmo destruído pelo poder do homem de carne, que normalmente o domina. Trata-se do «Sr. Duas Caras», no dizer de Ropes, *in loc.* É atraído pela mensagem celestial, e crê «em parte» na herança celestial; mas na realidade, vive no mundo, e mui freqüentemente satisfaz à carne, e não ao espírito. Sua linguagem pode ser espiritual, e talvez até sinta fortemente o que diz, mas, no momento seguinte, no outro dia, não é melhor que qualquer pessoa mundana, agindo da mesma maneira que faria uma pessoa sem qualquer discernimento espiritual.

...ânimo dobre... Essa palavra é usada como título de uma das obras de Filo, preservada em um fragmento (Fgm. II.663), mas não é da lavra do próprio Filo. A palavra não figura nem na Septuaginta e nem no A.T., mas se tornou comum nos escritos cristãos, provavelmente tomada por empréstimo de Tiago. Assim, no livro do *Pastor de Hermas* (ver 9:6 e 10:2), em II *Clemente* 11:2; em *Did.* 4:4; e em Barnabé 19:5 e 20:1 ela também aparece. Equivalentes (com o uso de outros termos gregos), entretanto, aparecem na literatura helenista judaica: Filo, *de merc. meretr.* 4, pág. 269; *Test. XII Patr. Aser.* 2. Assim também, em Sal. 12:2, temos «oração duplo». (Ver igualmente I Crô. 12:33 e Eclesiástico 1:28).

...inconstante... No grego é «akatastotos», isto é, «instável». O termo visa ser uma descrição menos cabaladora do «duvidoso». Por causa de tal expressão espiritual, o indivíduo se tornou «volúvel». Ninguém pode depender dele; e ele mesmo já aprendeu a não confiar nem em si próprio. Sua fibra moral foi prejudicada ao ponto de não produzir qualquer fruto espiritual, sendo sempre sujeito a tentações contra as quais não sabe oferecer resistência.

...em todos os seus caminhos... Sua volubilidade e sua vida dúctil se tornaram um câncer em sua vida diária, afetando tudo quanto ele é e faz. A palavra aqui traduzida por «caminhos» é um hebraísmo que indica «conduta

#### IV. A Futilidade das Riquezas (1:9-11).

Os humildes da igreja, que possuem pouco dinheiro, tendem também por exercer pouca autoridade e por receber pouco respeito, quando a congregação em que estão porventura é rica. O autor sagrado mostra que tal padrão está distante de qualquer validade cristã. Os ricos deveriam lembrar-se que o dinheiro não somente não representa um valor permanente, como, na

os seus adornos.

Foi Jesus quem acalmou o mar agitado. Ele pode fazer a mesma coisa pelas mentes atribuladas e em dúvida. A fé é o elemento que estabiliza; e isso é um produto do desenvolvimento espiritual.

«Em um momento lançado na praia da fé e da esperança, e no instante seguinte, empurrado de volta à incredulidade; em um momento elevado ao cume do orgulho humano, e no instante seguinte projetado nas areias do desespero». (Weisinger, *in loc.*). (Quanto ao ensinamento judaico em geral de que a fé é necessária para a oração bem-sucedida, ver Tia. 5:18; Eclesiástico 7:10; Sabedoria 1:1 e ss.; Enoque 91:4; Herm. Mand. ix). Há muitas alusões e citações parciais dos livros apócrifos dos judeus nesta epístola. (Ver as seções IV e V que demonstram isso). Plummer, *in loc.*, oferece numerosos paralelos entre esta epístola e os livros de Eclesiástico e Sabedoria, deplorando o fato que esses livros não são usados pelos protestantes. Pois ainda que não são reputados como «canônicos», possuem muitas coisas valiosas, que merecem nossa atenção. Quando se tem pontos de vista extremistas, sempre se perde coisas de valor.

\*\*\*

fazê-lo para benefício próprio e de outros, bem como para a glória de Deus.

...do Senhor... Normalmente, nas páginas do N.T., o título «Senhor», isoladamente, indica o Senhor Jesus Cristo. (Ver as notas expositivas a esse respeito em Rom. 1:4,7). Mas, neste ponto, mui provavelmente Deus é quem está em foco, o que concorda tanto com o contexto como com o caráter judaico da epístola. Deus é o Senhor de todos. Ele pode dar-nos ou recusar-se a dar-nos. E ele não se mostra arbitrário nesse particular, porquanto tudo é governado por estritas leis espirituais. Aquele que não conhece a Deus como Senhor, mas para quem Deus é apenas uma proposição teológica de sentido duvidoso, dificilmente pode obter grande coisa em suas orações: não tem Senhor que se disponha a conceder-lhe suas petições.

«Um homem indeciso de caráter nunca pode dizer que pertence a si mesmo... Pertence àquilo que o cativa». (John Foster, *Decision of Character*, pág. 71). É óbvio que o indivíduo que não pertence nem a si mesmo dificilmente pode pertencer a Deus; portanto, Deus não é seu Senhor. Só pode ser escravo de caprichos e influências mundanas.

«Ele recebe muitas coisas de Deus, como alimento, vestes, etc., mas esses são dons gerais da providência divina. Das coisas especialmente outorgadas, em resposta à oração, os duvidosos não receberão qualquer coisa, e muito menos a sabedoria» (Fauett, *in loc.*, aludindo ao quinto versículo deste capítulo, onde a sabedoria é vista como a principal bênção de que precisamos, e sobre o que devemos fazer pedidos sem duvidar).

8 ἀνὴρ] add γὰρ 326 p<sup>c</sup> ay<sup>m</sup>

habitual». (Ver Sal. 91:11; 145:17; Pro. 3:6; Sabedoria 2:16; Eclesiástico 11:26; 17:15,19; Jer. 16:17; Eze. 7:8,9; Atos 14:16 e I Cor. 4:17).

Alguns intérpretes pensam que essa expressão indica uma predição sobre o futuro; não tem tal indivíduo um futuro certo, podendo até mesmo cair em juízo severo. Naturalmente, isso é verdade, mas a ênfase do versículo recai sobre o que tal indivíduo é no momento. Embora não se considere um hipócrita, e ainda que seja distinguido dos hipócritas, com freqüência desempenha um papel fingido, a fim de ocultar suas ações dúbias daqueles que o conhecem como pessoa espiritual. Sua duplicidade se baseia sobre sua tendência de hesitar entre a fé e a incredulidade. E toda a sua hesitação resulta disso.

«No versículo que temos à frente, a palavra que significa 'ânimo dobre' parece indicar alguém indigno de confiança, o homem que não confia em Deus não merece a confiança dos homens; mui provavelmente é isso que está na mente do escritor sagrado». (Oosterley, *in loc.*).

«Quem duvida é delineado primeiramente quanto ao modo que enfrenta o mundo (uma onda); e então quanto a como parece perante Deus (homem presunçoso), e, em último lugar, quanto a como enfrenta a si mesmo (dúctil)... por assim dizer, tem não somente duas almas, em conflito uma com a outra, mas também o seu entusiasmo se volta psicologicamente ora para Deus ora para o mundo, em duas formas mutantes de sua vida psíquica... possui duas almas, uma tocada por Deus e a outra ocupada com o mundo. E mostra-se falso em ambas essas direções: falso para com Deus e falso para com o mundo, devido à sua dupla reserva de egoísmo, em contraposição à sua piedade, e vice-versa». (Oosterzee, *in loc.*).

Hipócritas usava essa palavra, «instável», para indicar as febres intermitentes, sem razão aparente. Assim também esse homem não precisa de «razões suficientes» para agir como faz; é escravo das circunstâncias e dos caprichos, que vive namorando com os vícios, mas que nunca falta à igreja no domingo.

«É inútil alguém ter, por assim dizer, dois corações, um elevado para Deus e outro voltado para fora. 'Não venhas a ele (Deus) com um coração dúctil'» (Eclesiástico 1:28; Mat. 6:24). (Punchard, *in loc.*).

«Ele é confuso em sua mente; desassossegado em seus pensamentos, perturbado em seus desígnios e intenções; inconstante em suas petições; incerto em suas noções e opiniões sobre as coisas; extremamente mutável em suas ações, e, sobretudo, sobre matéria religiosa...» (John Gill, *in loc.*).



realidade, não tem qualquer valor, quando olhamos espiritualmente para as coisas. Até mesmo neste mundo temporal, a confiança na posição social e nas riquezas é um alicerce muito fraco, que fatalmente haverá de sucumbir sob a pressão do tempo. Com frequência os ricos não têm senso muito agudo de sua necessidade de Deus; e, assim, a vida centralizada em torno dessas coisas, não se reveste de especial importância. (Comparar isso com os trechos de Dan. 4:30; Luc. 12:16-21; Jer. 9:23,24 e I Crô. 1:26-29). Naturalmente, a *denúncia* contra a busca pelas coisas materiais não significa que tais coisas não devem fazer parte de nossa vida diária. Todo homem deveria obter a melhor educação possível, desenvolvendo-a ao máximo de sua habilidade; mas tais coisas deveriam ser subordinadas aos mais elevados propósitos espirituais. Um homem de haveres poderá usar seu tempo, dinheiro e prestígio para finalidades dignas, encarando suas posses, posição e vantagem com essa meta em mira. LeTourneau, o inventor de muitas máquinas de remoção de terra, e que assim se tornou imensamente rico, foi exemplo de um homem de tremendo impulso e ambição; mas nunca fez dessa ambição o seu Deus. Antes, usava o seu dinheiro para benefício do cristianismo, e, em seus últimos anos, tornou-se um tão grande pregador como era um grande industrial. O autor sagrado certamente não entraria em choque com um homem assim.

É verdadeira aquela declaração que diz «Estar em boa situação não é ser bom». Mas é esse começar a ser *melhor*, isto é, ser «perfeito», que deve ser o alvo de nossa vida. (Ver o quarto versículo deste capítulo).

9 *Καυχάσθω δὲ ὁ ἀδελφὸς ὁ ταπεινὸς ἐν τῷ ὕψει αὐτοῦ,*

9 o 1º om B

1:9: Mas o irmão da condição humilde gloriar-se na sua exaltação.

«...O irmão...» Um irmão na fé, título mais frequentemente usado no N.T. para indicar um crente. (Ver as notas expositivas a respeito, no segundo versículo). O décimo versículo deste capítulo, que usa a expressão «...o rico...», mui provavelmente alude ao «irmão que é rico», porquanto parece que o autor sagrado descreve uma situação própria da igreja, em que os ricos dominavam e degradavam aos pobres. O quinto capítulo desta epístola, em contraste com isso, parece falar diretamente aos ricos ímpios, sem Deus.

«...condição humilde...» Isso alude à sua condição financeira fraca, à sua pobreza; e isso, naturalmente, obriga-o a ajustar-se a um nível inferior da escala social, devido ao tipo de sociedade em que vivemos, tornando-se menos benquisto como pessoa. A palavra «tapeinos», aqui traduzida por «humilde», não é aqui empregada em sentido espiritual e recomendável, como acontece com a maioria de suas ocorrências no N.T. Significa, simplesmente, pobre e afligido, em contraste com o rico, que é exaltado e poderoso.

Tal como sucede hoje em muitos países, os pobres compõem a camada maior da sociedade; e na igreja isso sempre reflete a realidade dos fatos, porquanto poucos são os ricos e poderosos que têm o tempo e a disposição para prestarem lealdade à humilde e desprezada «nova religião», com seu crucificado Cristo. Assim sendo, Tiago aludia às condições externas dos humildes, e não a uma atitude de alma, conforme também o demonstra o resto do versículo. (Comparar com Eclesiástico 11:1; 29:8; I Macabeus 14:14; Sal. 9:39; 10:18; 82:3; Eclesiástico 10:6; Isa. 11:4; Dan. 3:37; Jó 5:11; Pro. 30:14 e Luc. 1:52).

«...glorie-se na sua dignidade...» O crente pobre tem sua «exaltação», apesar de sua «humildade» em recursos financeiros e em posição social. Consideremos os dois pontos seguintes: 1. A dignidade de tal crente consiste

10 *ὁ δὲ πλούσιος ἐν τῇ ταπεινώσει αὐτοῦ, ὅτι ὡς*

10-11 ὡς...ἀπώλετο Ps 102:4, 11; Ia 41:8-9; I Pe 1:24

1:10: e o rico no seu abatimento; porque ele passará como a flor da erva.

Este versículo tem sido compreendido de duas maneiras radicalmente diversas, a saber:

1. Alguns pensam que fala para o rico incrédulo, como o faz o trecho de Tia. 5:1 e ss. Nesse caso, a única coisa que o rico miserável possui é o gloriar-se em seu «futuro castigo», aqui referido como «humilhação», quando a prestação de contas tiver lugar e ele receber o que merece. Se é assim que devemos compreender as coisas, então os versículos décimo e décimo primeiro envolvem uma amarga ironia.

2. Se termos de adicionar a palavra *irmão*, que vem do nono versículo, assim aplicando o versículo ao crente rico, então os versículos décimo e décimo primeiro se tornam advertências afetuosas e severas. Que o crente rico se glorie em sua «humilhação», o que significa que deve tomar posição idêntica à dos pobres da igreja; pois não é meramente porque tem dinheiro que teria o direito de exaltar-se acima das pessoas mais humildes e pobres. Assim é que o crente pobre é exaltado e o crente rico é humilhado na igreja, porquanto a igreja eleva a mentalidade íntima e os propósitos da vida do homem simples, ao passo que o rico é levado a reconhecer o valor e os direitos dos outros, aos quais anteriormente talvez desprezasse, como se fossem seus inferiores.

Contra a primeira dessas interpretações, podemos alinhar os seguintes argumentos: 1. É mais natural entender-se «irmão» conforme a palavra é entendida, e que o autor sagrado procurava regulamentar a conduta na igreja, onde a perfeição era buscada por todos. 2. Fazer essa declaração aplicar-se ao rico incrédulo e a sua ufania significar o «seu julgamento» (humilhação), é algo excessivamente irônico e duro. Por outro lado, essa aguda repreensão contra o rico, meramente porque o crente «pobre» sugere seu extremo oposto, o «rico incrédulo» concorda em tom com o trecho de Tia. 5:1 e ss., adaptando-se melhor aos versículos décimo primeiro em diante, o que parece ter um incrédulo em mente. Não há modo de precisar o que está realmente em foco. Ambas as idéias expressam verdades.

O autor sagrado encarava as riquezas como um impedimento, e não como uma vantagem; não tenhamos dúvidas disso. (Ver os trechos de I Tim. 6:10,17; Mat. 19:23,24 quanto à mesma atitude negativa; e a segunda dessas referências envolve uma declaração de Jesus).

Tolstoy conta a história de um pobre aldeão a quem o diabo ofereceu toda a terra que ele pudesse percorrer correndo, do nascer do sol até ao ocaso do mesmo dia. O aldeão, tomado de ambição, querendo adquirir toda a terra que podia, começou a correr tanto que a exaustão provocada o matou. Conta-se história similar de um homem que estava de viagem, levando

nas riquezas morais de sua presente experiência espiritual. É a «obra perfeita» que está sendo produzida na sua alma, mediante a qual ele começa, desde agora, a compartilhar da imagem e da natureza de Cristo (ver o quarto versículo). 2. Essa dignidade é aquela «galardão» que ele busca receber no mundo eterno, quando então ele receberá a «perfeição»; e assim, consiste em todas as riquezas do ser de Cristo, pois compartilha de sua herança (ver Rom. 8:17). (Quanto a notas expositivas sobre a questão dos «galardões», ver os trechos de I Cor. 3:14 e II Cor. 5:10. Ver também II Tim. 4:8 acerca das «coroas»). Essas notas expositivas ilustram amplamente o tipo de exaltação e de riquezas em que os crentes pobres podem gloriar-se).

«...glorie-se...», ou seja, que a sua exaltação consista de sua dignidade. (Ver I Cor. 1:29 quanto ao ensinamento que ninguém pode gloriar-se de si mesmo, ao invés de gloriar-se de Deus. O trecho de I Cor. 1:31 mostra que há uma atitude correta de ufania — a exaltação espiritual da alma em Cristo, o Senhor).

A exaltação foi o tema de várias profecias. (Ver Isa. 54:11 e ss.; Pro. 3:34; Sal. 18:27; 138:6 e Luc. 14:11). O quinto capítulo do evangelho de Mateus, no Sermão da Montanha, enfatiza a mesma coisa. Há uma «bem-aventurança» para os pobres que confiam em Cristo, e aprendem o valor do mundo eterno, vivendo segundo as dimensões da eternidade.

O autor sagrado queria que compreendêssemos que tesouro é o sermos aceitos por Deus. Se um crente pobre, devido à sua lealdade a Cristo, reconhece isso, então não haverá riquezas sobre a terra que precisem atrair atenção. Tendo abraçado o cristianismo, automaticamente vão ficando mais humilhados, conforme o mundo considera as coisas; porém, sua humilhação adicional se torna uma vasta fonte de riquezas para eles. São cercados por opressores e atraem a crueldade dos homens do mundo; mas também obtêm grande consolação e esperança.

*ἄνθος χόρτου παρελεύσεται.*

consigo larga soma em dinheiro, em ouro e prata. Sucedeu que o navio naufragou no mar. O homem reuniu todo o dinheiro que lhe foi possível, e o amarrou à volta da cintura. E mergulhou na água sobrecarregado com mais de cinquenta quilos em excesso. Aié onde poderia nadar, com tanto peso? Aquele homem era dono de suas riquezas, ou elas é que o dominavam?

*Amontoa teu ouro, e ajunta quanto puderes.*

*Tudo quanto puderes segurar em tua fria e morta mão*

*E aquilo que tiveres dado a outros.*

(E. M. Potent).

«...passará como a flor da erva...»

*A esperança mundana sobre a qual os homens põem suas esperanças*

*Se transmuta em cinzas — ou prospera; e em breve,*

*Tal como a neve, sobre a face poeirenta do deserto,*

*Depois de brilhar por uma hora ou duas, desaparece de vez.*

(Rubaiat. do Omar Khayyam, estrofe xlvii)

O autor sagrado mostra quão transitórias são as riquezas materiais (um tema religioso comum, no cristianismo ou não), a fim de alertar os seus leitores para a necessidade de buscar as verdadeiras riquezas, a saber, as espirituais. (Ver as Escrituras seguintes e os escritos judaicos que dão declarações similares à declaração deste versículo: Jó 24:24; 27:21; Sal. 49:16-20; Sabedoria 5:8 e ss.; Eclesiástico 11:18 e ss.; Mat. 6:19; Luc. 12:16-21; 16:19-31; Filo. «De sacrificantiis»). 10).

Este versículo também ensina a estupidez dos homens que se gloriam de si mesmos, porquanto aquilo que era deles mesmos não poderia perdurar. Somente a dimensão eterna, trazida à vida diária, mediante a inquirição espiritual séria, dá sentido duradouro à vida. (Ver I Cor. 1:29,31; II Cor. 4:18 quanto às notas expositivas desses pensamentos. Tiago 2:1 e ss., 6-8 e 5:1-6 retornam a esse tema). A «sorte típica» do rico é melancólica, conclui o autor sagrado, que concorda com o que Jesus disse em Mat. 19:23,24. A passagem (versículos dez e onze) evidentemente depende do trecho de Isa. 40:6 e ss., também citado em I Ped. 1:24. A citação original no livro de Isaías diz respeito à vida em geral, em que o espetáculo da grama e das flores subitamente se ressecam pelo calor e pela seca (como no oriente), o que era um símbolo apropriado. O autor sagrado aplica a citação somente aos ricos, o que está de acordo com o propósito que ele tem em mente. Tal como uma flor ressecada que perdeu sua beleza, glória e a própria vida, assim os ricos deixarão de ser ricos. Se algo lhe sobrar, se algo permanecer realmente, será no terreno espiritual. Não há outra área em que se possa fazer um ganho permanente. Esse «passar» do rico deve incluir, necessariamente, o julgamento, e as consequências de sua morte. Em toda a



sua exaltação, o rico não pode escapar da morte, pois Deus não usa de respeito humano. Deus não se deixa comprar por suborno. Ele julgará segundo os méritos das obras espirituais de cada um, das qualidades de alma, sem importar se alguém é rico ou pobre. É nisso que residem as verdadeiras riquezas.

«Os filósofos ensinam a mesma coisa; mas o cântico é entoado a ouvidos surdos até que estes sejam abertos pelo Senhor, para que ouçam a verdade concernente à eternidade do reino celeste». (Calvino, *in loc.*).

Por que o crente rico deve gloriar-se em sua humilhação? A resposta é dupla: 1. Porque a sua humilhação, ao tornar-se apenas um outro irmão na comunidade cristã, na realidade o exalta potencialmente em imensas proporções: a «humilhação» do rico é a mesma coisa que a «exaltação» do pobre, quanto a seu potencial; e as diferentes palavras meramente falam da presente posição social em que nossas riquezas espirituais, que temos em Cristo, nos colocam. 2. Um rico pode emancipar-se de seu orgulho

11 ἀνέτειλεν γὰρ ὁ ἥλιος σὺν τῷ καύσωνι καὶ ἐξήρανε τὸν χόρτον, καὶ τὸ ἄνθος αὐτοῦ ἐξέπεσεν  
καὶ ἡ εὐπρέπεια τοῦ προσώπου αὐτοῦ ἀπώλετο· οὕτως καὶ ὁ πλούσιος ἐν ταῖς πορείαις αὐτοῦ  
μαρανθήσεται.

11 autou 1º om 429 pc 67<sup>b</sup> | autou 2º om B pc

11:11: Pois o sol se levanta em seu ardor e faz secar a erva; a sua flor cai e a beleza de seu aspecto perece; assim marchará também o rico em seus caminhos.

Continua o simbolismo existente em Isa. 40:6, 7. O sol escaldante vence a beleza do campo e da flor, matando a esta com seu poder. Assim também se dará com a formosura do rico, tão luxuoso em sua época, mas que, de fato, é tão insignificante. Se porventura há aqui a alusão a alguma tribo (pois supostamente o livro seria um documento judaico, adaptado para uso cristão; ver a seção IV da introdução), então Aser está em foco, a quem Filo (ver *Sobre os Sonhos*, II, 35) descreve como tipo do «homem rico e mundano».

Alguns estudiosos pensam que a linguagem, neste ponto, é apocalíptica: o julzo escaldante não demorará; e isso nivelará todos os homens à mesma posição. A morte introduz o homem ao julzo; não respeita a qualquer pompa da exaltação humana. O vento que soprava na Palestina, vindo da direção sueste («siroco»), conforme somos informados, pode modificar um campo verdejante em um campo ressequido e cinzento em um único dia. Assim também quando a vida passa, e o homem olha para trás, quão breve parece a existência terrena, como se fosse um único dia, que logo se escoou. Convém que nos certifiquemos que aquele dia não é passado em insensatez e egoísmo. Essa é a lição que o autor sagrado queria que aprendêssemos.

As glórias de nosso sangue e posição  
São sombras, e não coisas substanciais;  
Não há armadura contra a Sorte;  
A morte põe as mãos geladas em reis;  
Cetro e coroa  
Têm de cair,  
E no pó se tornam iguais  
Como a pobre enterrada a pé.  
(James Shirley,  
«Death, the Leveler»)

Quanto ao vento ocidental ressecador, ver os trechos de Jó 1:19; Eze. 17:10. A vida da vegetação não suporta tal vento. Assim também o julzo divino, ao sobrevir, tem o poder de ressecar a mais pomposa figura humana.

«...seca...» No grego é usado o verbo *dzeraino*, «secar», «ressecar», e que tem também a idéia de reduzir a nada. A grama verde, que fenece e se resseca, simboliza a «queda» e a redução a nada da pompa e das riquezas dos homens orgulhosos.

«...sua flor cai...» No grego é usado o verbo «ekipto», «cair fora». A vida fenece e a flor cai de sua haste, morta e irrecuperável. Assim também o homem sem Deus, quando chega a sua morte espiritual. (Ver as notas expositivas em Apo. 14:11 quanto ao «julgamento»; e ver I Ped. 3:18 e 4:6 quanto à «esperança de que o julzo redundará em algum bem», embora não envolva a vida que será conferida aos eleitos).

«...desaparece a formosura...» Somente os necrófitos vêem beleza na morte. Uma flor morta, a menos que seja tratada de modo especial, logo perde a sua beleza; e outro tanto se dá com todos os objetos vivos. De fato, a

#### V. Promessa aos Vencedores (1:12)

Excetuando a polêmica de Tia. 2:14 e ss., este versículo é talvez a porção mais conhecida e citada da epístola de Tiago; e com razão, pois expõe grandíssima esperança. Outrossim, é passagem de grande penetração espiritual, que fala da participação na vida e na glória de Deus, em resultado dos testes e da disciplina, que nos ajudam a deixar de lado a carne e os seus apetites, para que assim se possa obter a transformação moral segundo a imagem de Cristo.

«Este versículo é uma declaração completa em si mesma. Não tem conexão direta com os versículos dez e onze, mas dá prosseguimento ao tema das «provações», dos versículos segundo a quarto, reafirmando-o com grande calor religioso, podendo mesmo ser reputado como um sumário final e conclusão do tema. A «coroa» era uma grinalda, usualmente de folhas de oliveira ou de hera, embora algumas vezes fosse feita de metais preciosos, conferida como prêmio, ou simplesmente usada como um ornamento. Não deve ser confundida com o *diadema* (ver Apo. 12:3, etc.), que era uma tira de pano usada em torno da cabeça, e que denotava autoridade. Se tivermos de salientar a força da forma genitiva, «coroa de vida», então provavelmente está em pauta a forma apositiva, isto é, «a coroa que é vida». O texto grego mais antigo, «prometeu», não tem sujeito, de acordo com a prática judaica de evitar o nome de Deus quando (como aqui) não se pode compreender outro sujeito. Copistas posteriores adicionaram, em alguns casos, «Deus», e, mais usualmente, «o Senhor».

Parece que o escritor sagrado se refere a alguma passagem definida, onde está registrada a promessa de uma coroa: talvez Zac. 6:14 (na Septuaginta, pois o hebraico é inteiramente diferente): «A coroa será para aqueles que forem constantes» ('forem constantes' é o mesmo termo grego que é usado na epístola de Tiago).

«Uma referência tribal seria a Issacar, o qual, de conformidade com Filo (*Alleg. Interp.* 1.80), «é o símbolo daquele que pratica boas ações». (Poteat, *in loc.*).

prejudicial e de suas ambições destrutivas, apropriando-se humildemente da posição humilde que lhe é dada, tal como sucede a qualquer outro discípulo de Cristo. Fica igual aos demais.

Notemos, nesta epístola de Tiago, os vários usos metafóricos, típicos da «diatribe». Ele prefere tirar suas ilustrações da natureza. Assim é que, no primeiro capítulo, temos a «onda do mar» (sexto versículo) e a «flor da erva» (décimo versículo). No terceiro capítulo temos os «rijos ventos», a madeira incendiada por «uma fagulha», «toda espécie de leras, de aves, de répteis e de seres marinhos». (Ver os versículos quarto a sétimo). No quarto capítulo, temos a vida humana, comparada a um «vapor» (décimo quarto versículo). No quinto capítulo temos menção à «iraça», à «ferrugem» e ao «fruto da terra», como também às «primeiras e últimas chuvas» (versículos dois, três, sete e dezoito). (Ver as notas sobre a seção V da introdução, quanto ao estilo de escrita e de discurso chamado «diatribe», que foi criado entre os gregos).

morte faz com que objetos, belos até então, se revistam da mais gritante feiura. O dinheiro de um homem rico pode circundá-lo de todas as coisas desejáveis e finas, embora tudo desta vida presente. Mas não pode conferir-lhe, nem mesmo nesta vida, a beleza de alma; e é indiscutível que o tipo de beleza que as riquezas materiais podem comparar é algo extremamente temporário. Dizem as Escrituras: «Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio» (Sal. 90:12). E a sabedoria é aquela graça espiritual que busca o mundo eterno.

De acordo com o quarto capítulo do livro de Malaquias, o dia do Senhor virá como um forno escaldante contra todos os orgulhosos; mas o Sol da Justiça se levantará com cura em suas asas, para todos quantos temem a Deus. E o princípio da sabedoria consiste no temor de Deus. O sol que se levanta chama o vento ardente; mas também poderá trazer cura e vida. E o que ele significará para cada um de nós depende somente de nossas atitudes espirituais.

«...assim também se marchará o rico em seus caminhos...» Os ricos perderão suas riquezas, ou, pelo menos, sua formosura, até mesmo nesta vida, conforme nos ensina o presente versículo. Assim, a natureza precária das possessões materiais é destacada. É evidente que, no futuro, quando levantar-se aquele Sol ardente, com seu vento tórrido (no julzo), os ricos serão reduzidos a nada, e a prestação de contas será em seu detrimento. Quando da morte física e do julgamento, os ricos subitamente fenece em «meio às suas atividades». Seus planos, atrás de maiores riquezas e de fama, de maiores luxos e prazeres, repentinamente serão cortados pela morte, se não mesmo antes.

«...caminhos...» Que significa essa palavra? Consideremos os pontos seguintes: 1. Alguns dizem que isso significa «meios de obter riquezas». Provavelmente isso tem por escopo ser entendido como se não fosse algo diretamente focalizado. 2. Em sua busca geral pela vida. 3. Em seus «projetos» ou «atividades», de que ele se ocupa, procurando melhorar fisicamente: repentinamente será cortado, em meio a tais atividades. Isso nos faz lembrar da história do rico, segundo o registro de Luc. 12:16 e ss. Esse rico era um magnificante insensato. Tais são todos aqueles que seguem o seu exemplo. 4. Alguns manuscritos dizem aqui «poria», em lugar de «poria», que pode significar (se usada essa palavra em lugar de «euporia»), «em sua fortuna», «em sua boa sorte». Bem no meio de sua prosperidade, será cortado. Porém, essa variante (que aparece nos mss Aleph. A e alguns poucos manuscritos minúsculos), provavelmente consiste apenas de um itacismo (uma variante quanto à soletração), dando a impressão de ser outra palavra; e isso significaria que nenhuma diferença de sentido está em foco. Não obstante, é verdade que os ricos, a despeito do poder que o dinheiro lhes confere, são reduzidos a nada em meio mesmo à sua «abundância».

O sentido fencionado, mui provavelmente, é o descrito na terceira dessas possibilidades. Tal como uma flor que desabrocha em todo o seu resplendor, subitamente é ressecada pelo vento oriental, assim também o rico, em meio à sua prosperidade material, subitamente é reduzido a nada.







uma atitude humana incomum. Gostamos de lançar a culpa sobre a «providência», sobre «circunstâncias inevitáveis», devido a nossas falhas e pecados. Alguns culpam às estrelas, e assim tornam cósmica a causa de seus erros. O autor sagrado deixa claro que a tentação ao pecado parte do íntimo, das próprias fraquezas, que cultivou por uma vida de carnalidade e negligência. Quando se levanta a questão: «Quem deve ser culpado» por nossa natureza e por nossos atos pecaminosos? então nos deleitamos em transferir a culpa para alguma coisa ou para alguém, buscando evitar encontrar a razão na falta de nosso progresso espiritual e de forças próprias. Mas Tiago declara que somos responsáveis pelos vícios que nos conquistam. Não podemos dizer: «Esta é a minha fraqueza, inerente à minha natureza!» Antes, juntamente com o autor sagrado, nesta passagem, devemos dizer: «Esta é a minha fraqueza, porque tenho negligenciado os meios de recebimento de forças, pelo que sou inerentemente fraco». As pessoas gostam de dizer que *Deus me fez assim!* Conheço um caso de homossexualidade numa igreja local, e que desde há muito vem sendo desculpada e deixada sem disciplina, pelos anciãos da igreja, embora o caso seja bem conhecido, porque a mulher culpada se defende, dizendo: «Deus me fez assim e vocês não podem punir-me por isso». Até mesmo a psicologia, e quanto mais a teologia espiritual, chama isso de uma mentira. As causas do homossexualismo são bem conhecidas, podendo ser combatidas — uma pessoa pode libertar-se da mentalidade que promove a homossexualidade até mesmo sem apelar para Deus. Porém, o que aquela mulher dizia, para desculpar-se de seu pecado particular, muitos de nós, tão culpados quanto ela em outros particulares, dizemos ou pensamos, a fim de nos desculparmos das nossas faltas.

O autor sagrado, pois, insurge-se contra tal maneira de pensar, com vigor e severidade, mostrando que ele cria ser isso uma blasfêmia, porquanto faz de Deus o autor do pecado. E mesmo quando Deus não é acusado, desculpamo-nos, ao invés de admitir plenamente a culpa e buscar solução. O indivíduo vencido pelo vício sexual lança a culpa sobre as suas glândulas. Admite-se que a testosterona, na corrente sanguínea, é um impulso poderoso para a sexualidade. Contudo, que necessidade haveria de alguém deturpar esse impulso, embora poderoso, transformando-o em um vício, em um defeito de caráter? Além disso, há vitória para quem busca solução no caminho espiritual. Sempre temos posto diante de nós «alternativas de desenvolvimento básico», que nos conferem o poder de seguir uma vereda ou outra, ou que nos inclinam para um modo de agir ou para outro. O que fizemos com esses padrões básicos de desenvolvimento de caráter, determinará nossos hábitos e nosso teor geral de vida, subseqüentemente. Somos responsáveis pelo que praticamos, na formação de nosso caráter básico; isto está ao nosso alcance, sob nosso controle. Porém, uma vez que um indivíduo debilita a sua fibra moral, tornando-se inerentemente fraco, passa a ser dominado pelos vícios, sendo possuído pelo pecado, sem mais poder controlá-lo. Não será mais o capitão de sua própria alma; será lançado para lá e para cá, como as ondas do mar. Somente com grande dificuldade tal indivíduo será capaz de recuperar-se de sua maneira de viver. O diabo que o faz agir como age, é o diabo da sua própria carnalidade, ainda que existam impulsos externos que o empurrem naquela direção, e que ele segue como um manso cordeirinho.

«Desde Adão e Eva até ao último 'homo sapiens', será invariável o alibi daquele que sucumbe: 'Não é culpa minha. Se Deus me fez assim, por que eu seria considerado responsável conforme a minha natureza?' Hoje em dia, especialmente, as desculpas pela delinquência moral revolvem em torno do determinismo popular, que nega a liberdade de escolha do homem, revogando assim sua responsabilidade temporal. Se um homem não é livre para escolher entre alternativas, mas é apanhado em uma seqüência causal que o impele a um fim predeterminado, então ele não é reputado responsável pelos resultados de suas ações: a sorte, a sociedade ou as circunstâncias é que são responsabilizadas, mas não ele... Nesta passagem, entretanto, Tiago não especulava sobre o problema filosófico da origem do mal. Meramente proferia uma advertência a seus amigos crentes contra o uso de desculpas especiosas para a conduta má... A possibilidade de perversão ou abuso não serve de prova que os dotes de Deus são maus, ou que ele é responsável pela conduta errada do homem. 'Toda a nossa miséria humana vem do erro de confundir de onde jazem as nossas verdadeiras satisfações' (Comparar com Eclesiástico 15:11-20)». (Easton, *in loc.*)

13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι Ἀπὸ θεοῦ πειράζομαι ὁ γὰρ θεὸς ἀπειραστός ἐστὶν κακῶν, πειράζει δὲ αὐτὸς οὐδένα.

13 μηδεὶς...πειράζομαι B1c 15.11-13

1:13: Ninguém, sendo tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele a ninguém tenta.

...por Deus... Melhor seria a tradução «da parte de Deus», pois o termo grego «apo» denota uma causa mais remota da tentação do que uma causa imediata, que seria expressa pelo termo «upo». Portanto, não podemos afirmar que Deus, em última análise, é a fonte da tentação, seja em que sentido for. Deus não conta com uma «série de eventos e circunstâncias», para que dela nos sobrevenham tentações ao mal; menos ainda ele tenta diretamente ao indivíduo, em ocasiões específicas, mediante circunstâncias específicas ou impulsos implantados. O autor sagrado não aborda o difícil problema do mal moral e natural (com notas expositivas em Rom. 3:8); mas tão-somente nega que Deus, em qualquer sentido, pode ser responsabilizado pelas ações dos homens. O ponto por ele frisado é aquele mais freqüentemente ressaltado pelos teólogos, o mal se origina da perversidade vontade humana. (Ver 1 Tim. 2:4 e as notas expositivas ali existentes, sobre o tema do «livre-arbítrio humano»).

...Deus não pode ser tentado pelo mal... Não há qualquer debilidade no caráter de Deus, e nem defeito em sua santidade, que possa admitir qualquer inclinação para o mal. O mal não atrai a Deus, pois ele não pode ser tentado. Sendo esse o caso, dificilmente se interessaria por tentar aos homens. Porém, o homem tem uma tendência para o mal, sendo facilmente tentado pelo mal, e com freqüência é encontrado a tentar a outros, para que com ele participem de sua maldade. Havia um ensinamento entre os judeus que afirmava que Deus «implanta» no homem «duas tendências» — uma boa e outra má, para ver o que o homem faria. O autor sagrado rebate tal idéia, considerando-a uma blasfêmia.

Filo (ver *Leg. alleg.* ii.19, *Mang.*, pág. 80) diz: «Quando a mente peca e se afasta para longe da virtude, lança a culpa sobre causas divinas, atribuindo a Deus sua própria transformação». E em *De fuga et inv.* 15, *Mang.*, pars. 577 em diante, diz ele: «Acerca de nenhum crime secreto, traçoeiro e deliberado é apropriado dizer que foi praticado pela vontade de Deus; antes, tudo é feito pela nossa própria vontade. Pois em nós mesmos,

14 ἕκαστος δὲ πειράζεται ὑπὸ τῆς ἰδίας ἐπιθυμίας ἐξελκόμενος καὶ δελεαζόμενος.

14 14 é nome, ὁ nome: WH Bov Nm BF<sup>2</sup> J b minor, ὁ nome: TR AV RV ASV (RSV) (NEB) Zec Luth Bsg J b nome, ὁ minor: RV=4 ASV= TT (Jat)

14 (πειράζεται R<sup>m</sup>), e R<sup>1</sup> et ἐπιθυμίας e R<sup>1</sup>, R<sup>m</sup>)

1:14: Cada um, porém, é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência;

...Ao contrário... A tentação ao pecado é depositada nos pés do homem, a quem se deve dar o crédito pela perversão manifestada. Ele abusou de seu dom da liberdade e trouxe o caos ao mundo, mediante o que vem a miséria contra ele mesmo.

conforme eu já disse, existem os tesouros da maldade; mas Deus só possui os tesouros bons. Portanto, todo aquele que «foge para refugiar-se», isto é, quem lança a culpa não sobre si mesmo, mas sobre Deus, por causa de seus pecados, que seja castigado... uma mancha quase incurável é a afirmação que a deidade é a causa do mal... E que calúnia poderia ser pior do que dizer que a origem do mal não está em nós, mas em Deus?»

Mas Deus tentou a Abraão! (Ver Gên. 22:1). Isso é reconciliado com a presente passagem, argumentando-se que «tentar», nesse sentido, significa «submeter a teste», e não «solicitar para o mal». Essa explanação é «doutrinamente» correta; porém, deve-se observar que a tentação, nesse caso, foi para que Abraão «sacrificasse a seu próprio filho». Certamente isso envolve um ato mau. Portanto, precisamos asseverar que Tiago tinha um melhor discernimento sobre a verdadeira natureza da santidade de Deus do que o escritor dessa passagem do A.T.; e que idéias imperfeitas sobre Deus transparecem, até mesmo dentro das Escrituras Sagradas. Isso se deve ao fato que nenhum homem é guardião de todo o conhecimento e sabedoria divinos, e que todas as idéias humanas sobre Deus são parcialmente errôneas.

Notemos que acreditar que Deus tenta um homem ao mal é algo perigosamente próximo da atitude dos fariseus, que evidentemente criam que um homem pode ficar dividido contra si mesmo, mas, mesmo assim, pode permanecer de pé. (Ver Mat. 12:22-37). Deus dividiria o reino se tentasse os homens ao mal, ou em sentido remoto, ou mediante provações específicas.

...pelo mal... Poder-se-ia entender aqui «por homens maus» (se pensarmos que no grego foi usado o gênero masculino); mais provavelmente, porém, foi usado o gênero neutro — «por qualquer coisa má, circunstância ou condição». Alguns imaginam que Deus não pode ser o «tentador de homens maus» (sentido objetivo do genitivo), mas isso é declarado nas palavras seguintes, pois Deus não tenta a nenhum homem, e, nenhum homem mau, por igual modo.

...pela sua própria cobiça...

O simbolismo, talvez seja o da pesca. Os homens usam de uma isca para enganar o peixe, o qual, apanhado pelo engodo, paga com sua vida. Portanto, o «desejo», que pode ser bom em si mesmo, é pervertido nas mãos dos homens, que cobiçam após o poder, as riquezas, a glória e os prazeres ilícitos. O desejo se torna um tirano e um destruidor, reduzindo os homens a



meros escravos. Para os filósofos estoicos, o desejo (qualquer tipo, negativo ou positivo) era um dos quatro vícios básicos, juntamente com o prazer, a tristeza e o medo. (Ver certo colorido estoico nas palavras de II Tim. 3:6 e Tito 3:3, que talvez apareça também no presente versículo).

«...atrai...», «ludibriado», como animal que cai em uma armadilha, atraído por um pouco de alimento, ou como um peixe na água, que nada faz senão andar à cata de comida. Assim sucede aos homens, com seus muitos «desejos», que os escravizam; tornando-se escravos do mundo material e físico. E assim têm pouco conhecimento sobre a dimensão eterna da existência, e nenhum desejo pela mesma. O termo grego aqui empregado também era usado para indicar as vestes atrativas das prostitutas. Elas sabem como aproveitar-se das fraquezas dos homens, e excitam seus desejos ilícitos. Assim, pois, um homem é sua própria prostituta, seu próprio iludidor, já que se mostra fraco demais por buscar e aplicar os meios de desenvolvimento e fortalecimento espirituais.

A concupiscência é personificada como uma meretriz que atrai ao homem». (Fauclt, *in loc.*). Essa opinião provavelmente é verdadeira, considerando que o décimo quinto versículo parece dar prosseguimento à metáfora: há uma concepção ilegítima, e então há um filho ilegítimo (o pecado); e esse filho, quando maduro, traz a morte. Porém, a «concupiscência», o desejo, é algo íntimo; um homem deve ter a «tendência» para o pecado, pois, de outro modo, o estímulo externo não o atingiria. A natureza íntima do homem é como uma mulher sem castidade, cuja fibra moral foi destruída, e se deixou dominar inteiramente por seus vícios e perversões. Assim como é verdade que para cada qual foi designado um anjo guardião, assim também cada indivíduo conta com um demônio que o acompanha—mas esse demônio é a sua própria natureza pecaminosa. O

15 *εἴτα ἡ ἐπιθυμία συλλαβοῦσα τίκτει ἁμαρτίαν, ἡ δὲ ἁμαρτία ἀποτελεσθεῖσα ἀποκύει θάνατον.*

15 (apokúei) -*apocúei* 181 a)

1:15: então a concupiscência, havendo concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.

A prostituta tivera seu filho (o pecado); e o neto é a morte. Esse é o processo de geração natural do pecado e do vício que não são dominados. Trata-se da mesma mensagem de Rom. 6:23, vazada em linguagem diferente. «O salário do pecado é a morte».

A passagem de Eclesiástico 15:11,12 deveria ser comparada com esta passagem inteira. Deus não é o progenitor desse processo gerador e destrutivo.

*Não digas: 'Por causa do Senhor é que caí'.  
Pois não daves fazer coisas que ele abomina.  
Não digas: 'Foi ele quem me fez pecar'.  
Pois ele não precisa do pecador.*

O autor sagrado aponta para a natureza hedionda do pecado não-controlado, e, desse modo, ilustra claramente como Deus não pode envolver-se no pecado e ser causa sua, ainda que remota.

O pecado, representado como uma mulher, já está grávida com a morte; e esta, uma vez plenamente desenvolvida, trará a morte». (Assim comentam alguns eruditos). Mas outros dizem: «A prostituta, que é a Concupiscência, desvia e atrai ao homem. A união culposa é cometida pela vontade, que abraça à tentadora: a consequência é que ela concebe o pecado... Então o pecado, aquele pecado particular, uma vez desenvolvido, como que preenhe o tempo todo, produz a morte». (Vincent, com uma citação de Alford).

*Para trás retrocederam, temerosos  
A princípio e me chamaram pecado, e como sinal  
Portentoso me seguraram; mas tendo ficado familiarizado,  
Agradei, e com graças atrativas conquistei  
Os mais avessos, e tu, principalmente, que geralmente,  
Tu mesmo em mim, vendo tua imagem perfeita,  
Te enamoraste, e tal alegria tiveste  
Comigo em segredo, que meu ventre concebeu  
Uma carga crescente,  
Levando-a a dar à luz a morte.*

(Milton, *Paraiso Perdido*, Livro II).

A má concupiscência é fecundada, isto é, obteve o domínio sobre a vontade do indivíduo». (Oosterzee, *in loc.*). O simbolismo mostra que o pecado obteve um total domínio sobre o homem; ele permitiu que o mesmo tivesse pleno curso; tornou-se escravo completo do pecado.

«...geru a morte...» A morte física se deriva do pecado, pois essa foi a maldição proferida contra o mesmo; mas é mais provável que o autor sagrado aluda ao juízo, à separação entre a alma humana e Deus, que é a segunda morte. Ver as notas expositivas em Apo. 20:14. Não está em pauta a aniquilação, e, sim, a condição de separação de Deus, que não permite ao indivíduo participar do tipo de vida que foi antecedido para os homens. É experimentada uma existência inferior, à qual são aplicadas as chamadas

VII. *Todas as Coisas Boas Procedem de Deus* (1:16-18).

Mui distante da verdade é a idéia que Deus tenta os homens para o mal; antes, qualquer bem que haja, direta ou remotamente, Deus é quem o dá. Não nos devemos enganar a esse respeito, pois, se atribuirmos mal a Deus, estaremos blasfemando; e, se não reconhecermos que ele é a fonte de todo o bem, haverá algo de distorcido em nossa sensibilidade espiritual. Seu Espírito opera no mundo, e, através de sua influência, qualquer manifestação que haja de amor, justiça, bondade e gentileza deve ser atribuída a ele. O que há de bom no homem é um resto de divindade, porquanto o homem foi feito à imagem de Deus. Assim sendo, qualquer bem que tenhamos ou venhamos a obter, pode ser atribuído a Deus, embora esse bem venha por meios indiretos e mui obscuros. O décimo sexto versículo, pois, vincula Tia. 1:13-15 com Tia. 1:17,18. Todo o bem vem da parte de Deus; todo o mal vem da parte do próprio homem; não erremos acerca de qualquer dessas idéias. O bem vem do alto; o mal vem de baixo. O bem é uma manifestação do reino celeste; o mal vem da depravação humana. Assim, o autor continua a contradizer a comum tradição judaica que dizia que Deus (usualmente de forma indireta, mediante as circunstâncias) tenta os homens ao mal, a fim de ver como reagirão. O autor nega isso peremptoriamente. Isso envolveria Deus, como é lógico, em ser a «causa» do mal; e isso é inconcebível.

Alguns estudiosos acreditam que os trechos de Mat. 4:7; 6:13 e I Cor. 10:13 refletem essa idéia defeituosa dos judeus acerca de

homem faz de vítima a si mesmo.

Há uma antiga lenda escocesa que fala de um agricultor que vivia perturbado por um monstro horrendo e destruidor. O monstro destruíra seus celeiros, matava seu gado e o dispersava, arruinava suas colheitas, e, finalmente, matou até mesmo seu filho primogênito. Triste e irado, embora momentaneamente vencido pelo terror, o agricultor resolveu enfrentar o monstro e matá-lo. Assim, em uma noite gélida, ele se pôs de tocaia em uma ravina. As memórias do que o monstro fizera contra seu filho lhe sustentavam a coragem. Repentinamente, ouviu os pesados passos da fera, que se aproximava. Enraivecido, ele se lançou contra o monstro, com um brado de guerra. Seu ímpeto lhe deu a vantagem inicial; o monstro retrocedeu. Porém, a fera era mais forte do que o homem antecipara, e logo começou a revidar com golpes e maldições. O agricultor estava prestes a ser vencido quando, em desespero de causa, começou a lutar tão heroicamente que enfraqueceu o monstro. Finalmente, o monstro foi derrubado. O agricultor avançou e levantou a espada para dar-lhe o golpe fatal. Naquele instante, porém, um raio do luar iluminou o rosto do monstro; horrorizado, o agricultor recuou—o rosto do monstro era o seu próprio rosto! Por isso é que, com verdade se diz que o homem é o seu próprio pior inimigo, ou porque fica embaraçado em seus próprios vícios, que lhe são prejudiciais, ou por causa de sua negligência e preguiça, de mistura com a falta de dedicação ao Senhor, levando-o a falhar no cumprimento da sua missão.

A má concupiscência, no começo, é como uma teia de aranha; mais tarde, se assemelha à corda de uma carroça». (*Sanhedrin*, fol. 99). «Esse é o costume da má concupiscência: Hoje ela diz: Faz isso; e amanhã: Adora a um ídolo. E o homem vai e adora». (*Midrash hanaalam*, fol. 20).

da punição dos perdidos, bem como tudo quanto nisso está envolvido. (Ver I Ped. 3:18-20 e 4:6 quanto a notas expositivas sobre a «punição dos perdidos», e tudo quanto isso envolve. Ver Col. 3:6 quanto à nota sobre a «ira de Deus»). A morte faz violento contraste com a «coroa da vida», referida no décimo segundo versículo, da mesma maneira que aqueles que são vitimados pelo pecado e experimentam toda a sua gama, fazem vívido contraste com aqueles que resistem à tentação e são vencedores. A «morte» é o oposto do bem-aventurado estado da «vida», que é prometido aos vencedores. (Ver Rom. 6:21,23; 8:6; Sabedoria de Salomão 1:12 e ss.; Filo, *De Plurim. Noe*, 9, M. Pág. 335; Mat. 7:13,14, quanto a declarações similares).

O versículo ensina que o pecado começa como coisa sem importância, como um embrião. Mas se desenvolve rapidamente, pois suas células se multiplicam com grande presteza; finalmente, vem à luz um monstro que continua a crescer assustadoramente. Esse monstro, finalmente, mata aquele que o concebeu.

A contrariedade legalista. Alguns intérpretes vêem neste versículo que os judaizantes já estavam apostatando, porque, finalmente, tinham rejeitado a Cristo; e consigo arrastavam cristãos legalistas, que não sabiam separar-se de Moisés. Porém, é altamente improvável que o autor sagrado tenha isso em mente. Antes, falava de indivíduos que tinham sido vencidos pelo pecado, porquanto permitiram que o mesmo tivesse início, sem oferecer-lhe resistência.

«O pecado é uma questão de somenos, no começo; mas, devido à indulgência, vai crescendo e se multiplica acima de todo o cálculo». (Adam Clarke, *in loc.*). O pecado reina para a morte. (Ver Rom. 5:21).

*Há uma antiga declaração,  
Proferida nos dias do antanho,  
Que a felicidade humana, quando plena,  
Gera, e não morre sem filhos:  
É para a raça vindoura,  
Dá início à miséria, insaciada da prosperidade.  
Mas somente eu  
Cultivo em meu peito outro pensamento.  
Os feitos ímpios  
Geram uma ninhada numerosa, a eles similares:  
Enquanto famílias, governadas por direito inflexível  
Florescem com uma bela prole.  
Nos homens depravados geram a insolência,  
Que novamente surge, de quando em vez,  
Quando se avizinha o dia da condenação, e de novo cria  
Nos salões imensos da Sorte,  
Feroz ira, proveniente da luz,  
Ousadia profana, um inimigo invencível,  
Inconquistável, estampado com a imagem de seu pai.*  
(Milton, *Paraiso Perdido*, li. 780-801).



O argumento dos ateus e dos agnósticos contra a existência de Deus se alicerça sobre o próprio problema levantado nestes versículos. Tem sido pensado que um Deus «todo bom», que é também «todo poderoso» e que pode «prever» todos os acontecimentos, poderia ter impedido a entrada do mal no mundo; de outro modo, deve haver algum defeito em sua natureza, o que permitiu a entrada do mal. Apesar de não haver solução fácil para esse problema, pode-se dizer, à guisa de solução, que há «alvos mais elevados» a serem atingidos do que a preservação da criação na «inocência», e que, para serem atingidos esses alvos mais elevados, foi necessário «permitir» a entrada do mal. Pelo menos um *bem maior* é que seres inteligentes, incluindo os homens, devam ter «livre-arbítrio», para que seu desenvolvimento espiritual seja real, e não artificial; se o desenvolvimento espiritual desses seres é algo automático, isto é, os seres se tornam bons sem realmente participarem do processo, então bem pouco é realizado. Deus quer «filhos» dotados de sua própria natureza moral; e isso não poderia ser realizado se os homens fossem feitos como «autômatos». Dai houve a permissão do livre-arbítrio, para que o desenvolvimento espiritual fosse real e dotado de valor, o que permitiu a entrada do mal, pois o livre-arbítrio pode ser pervertido; mas, tendo sido esse o caso, o homem é visto como a «causa» do mal, sendo responsabilizado pelo mesmo, sem tentar lançar a culpa sobre Deus. (Ver Rom. 3:8 e as notas expositivas ali existentes quanto a um completo estudo acerca do *problema do mal*).

Quando alguém considera o que os seres humanos fazem contra os seus próprios corpos, o que comem e bebem, o que vestem e o que fazem para si mesmos, e como tratam uns aos outros, fica perguntando se o erro da natureza não foi que a dor não seja bastante severa; pois certamente, a despeito de tudo, de todas as advertências e das enfermidades, os homens continuam a insultar os seus corpos com uma incrível equanimidade». (Percy Dearmer, «Man and His Maker», págs. 36,37).

1:16: Não vos enganais, meus amados irmãos.

Não aceitamos essa degradante idéia sobre Deus, mesmo que assim tenhamos sido ensinados na sinagoga, ou se agora, ocasionalmente, a ouvimos na igreja cristã, ou alguma idéia similar. Todo o bem vem da parte de Deus (ver os versículos dezessete e dezoito); e todo o mal vem da parte da depravação humana (ver os versículos décimo terceiro a décimo quinto deste capítulo).

...ando vos enganei... Além de ser uma mensagem em si mesma, essa declaração é usada como artifício literário para apresentar e expor um tema sério. (Ver igualmente os trechos de I Cor. 6:9; 15:33; Gál. 6:7; e os escritos de Inácio: o terceiro capítulo de sua epístola aos Filipenses e o décimo sexto capítulo de sua epístola aos Efésios).

17 πᾶσα δόσις ἀγαθὴ καὶ πᾶν δῶρημα τέλειον ἄνθρωπεν ἔστιν,· καταβαῖνον· ἀπὸ τοῦ πατρὸς τῶν  
φώτων, παρ' ᾧ οὐκ ἔστι παραλλαγή ἢ τροπῆς ἀποσκίασμα<sup>3</sup>.

<sup>17</sup> [C] παραλλαγή η τροπή ἀποδείξιμα M<sup>a</sup> A C K P : Ψ οὐδέ  
for δι 049 058 0142 B1 αλ 1114 Th1 326 330 436 εἰς 629 630 943 1241 1735 1877  
2127 2492 Hmε Lcrl Itw . com dte . vgr ayen<sup>18</sup> efm ὅπως δ' παραλλάττει  
η τροπή ἀποδείξιμα M<sup>b</sup> B δ' παραλλαγή η τροπή ἀποδείξιματα

\* 17 c minor, c none: TR WH AY RV ARV RSV TT (Jer)  $\delta$  c none, c minor: NEB Zü Luth Sag  $\delta$  c none, c none: Boy Nam BF\*

17 ἡδίστα... παρὰ τὸ Μ: 7.11

17 (εσπν | , ζ K) | εν | εσπν KP α!

A obscuridade da passagem levou ao aparecimento de certo número de variantes. A forma de Ν\* Β (παράλλαγή η τροπή ἀποσκίασματος) — faz sentido somente se η for lido como ἡ («variação que é (i.e., consiste de ou pertence) da volta da sombra») - embora até mesmo assim a expressão é excessivamente obscura. Tomado η como ἡ os demais testemunhos trazem ou o genitivo antes e depois ἡ (παράλλαγῆς ἡ τροπῆς ἀποσκίασματος p<sup>22</sup>) ou o nominativo (em certa variedade de variantes) antes e depois de ἡ. Na opinião da comissão, a forma menos insatisfatória é παράλλαγή ἡ τροπῆς ἀποσκίασμα, — apoiada por Ν<sup>c</sup> A C K P 81 1739 Byz Lect vg sir (p, h) ara al. O saídico busca evitar as dificuldades, tomando cada nome em separado: «(não há qualquer) sombra ou mudança ou variação (literalmente, declínio)». No fim do versículo, diversos manuscritos minúsculos (876 1518 1610 1765 2138) adicionam a glosa οὐδὲ μέχρι ὑπονοίας τινὸς ὑποβολῇ ἀποσκίασματος («...nem mesmo a menor suspeita de sombra»).

1:17: Toda honrédica e toda dor perfeita vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.

As palavras «... Toda boa dádiva e todo dom perfeito...», no grego, formam uma linha em hexâmetro (ver também Tia. 4:5 quanto a uso semelhante). A fonte de tal declaração é inteiramente desconhecida. O autor sagrado pode ter citado minúscula porção de um poema ou de um primitivo hino cristão, ou pode ter criado a linha poética. Algumas vezes, tais citações se derivam de poetas gregos, no N.T. Tais citações poéticas, entretanto, estão confinadas aos escritos de Paulo. (Ver instâncias sobre isso em Ato 17:28; I Cor. 15:33 e Tito 1:12).

...dom... Está em foco o próprio dom ou o ato de dar: Deus é o autor de ambas as coisas. Todo o bem-estar, físico e espiritual, bem como as coisas individuais que participam desse bem-estar, vêm da parte de Deus como "doms", como sua graça espontânea, não sendo algo merecido pelo homem. Essa é a graça soberana de Deus, em ação, a qual nos dá de todo o seu impacto sobre a criação. Para o mundo presente, essa graça nos vem através de Cristo, pois este mundo está sujeito à sua atenção e redenção.

...boas... Estão em foco as coisas boas, benéficas, que curam e abençoam, em contraste com os resultados deprimentes do pecado e da condescendência, e que são subprodutos da natureza decalda do homem. Os dons são -bons- para esta vida, tornando possível e mais agradável a existência humana; e também são bons para a próxima existência, orientando-nos na direção da vida eterna. A vida eterna é o maior de todos os dons de Deus. (Ver João 3:15 quanto a notas expositivas completas acerca desse tema).

•...perfeito...» Sem defeito, totalmente agradável, sem mistura e sem

«...amados irmãos...» Uma expressão usada para garantir aos leitores que o escritor da epístola muito se importava com eles. Ele não os repreendia a fim de feri-los, mas para que fossem ajudados. Ele não lança dúvidas sobre a genuinidade da conversão cristã deles, embora percebesse que tinham calado em alguns erros doutrinários e práticos. (Comparar isso com o segundo versículo deste capítulo e com os trechos de Tia. 2:5 e 3:12).

«Isso é um argumento com base na idéia oposta; pois assim como Deus é o autor de todo o bem, assim também é absurda a suposição que ele é o autor do mal. A ele perience fazer o bem; e de acordo com a sua natureza, e da parte dele, todas as coisas boas chegam até nós. Portanto, qualquer maldade que exista não concorda com a sua natureza». (Calvino, *in loc.*).

514 1306 2412 2455 ὁ παραλλαγῆς ἢ τροπῆς ἀποσιτισματος  $\rho^m$  ὁ ἀποσιτισμα ἢ τροπή ἢ παραλλαγή  $\text{cor}^m$  ὁ παραλλαγή ἢ ῥοπή ἀποσιτισμα Augustine ὁ παραλλαγή ἢ ῥοπή ἀποσιτισματος  $i1^a$   $\text{cor}^{10a}$

diluição, o que nos conduz à perfeição (ver o quarto versículo). A perfeição das dádivas de Deus excluem a ideia que podem vir misturadas com qualquer elemento máfico. Os dons de Deus eventualmente produzem a vida; sua bondade não é meramente temporal. Isso deve ser contrastado com o pecado, que produz a morte. É óbvio que Deus não pode dar boas dádivas que conduzem à vida, ao mesmo tempo que é ele causa da maldade que conduz à morte. Nem o mais perverso sistema teológico poderia incorporar esses elementos totalmente divergentes; e é claro que a pessoa de Deus não os inclui. Por conseguinte, este versículo visa contrastar a fonte de todo o bem, que é Deus, com a fonte de todo o mal. Uma dessas fontes é Deus, e a outra fonte é a concupiscência e a depravação humanas.

«...é lá do alto...». Provavelmente temos aqui um eufemismo em lugar de «Deus». A fim de evitar a menção direta dos nomes divinos, os judeus os substituíam por algo como *céu*; e daí se originou a expressão «reino do céu», ao invés de «reino de Deus», quando o mesmo conceito está em mente. O evangelho escrito para os judeus (o de Mateus), portanto, tem o eufemismo, «dos céus», ao passo que o evangelho de Marcos, dirigido aos gentios, invariavelmente diz «de Deus». Assim sendo, a expressão «lá do alto», equivale a dizer «da parte de Deus». O reino celeste, por conseguinte, abençoa a terra com muitas coisas preciosas, que tornam possível a existência neste plano terreno. De outro modo, se não houvesse aqui a graça de Deus em operação, a terra se transformaria em um inferno impossível de ser habitado.

Nas palavras que se seguem, na epístola, Deus é chamado de «Pai». Ele abençoa aos homens como seus filhos, e ama-os como a tais (ver João 3:16). Sendo essa a situação, não é provável que Deus os tentasse para o mal, o que fatalmente os levaria à morte. Nem mesmo um pai terreno agiria assim



para com seus filhos, a menos que fosse um louco ou um perverso. (Ver essa expressão também em Tia. 3:15, 17; João 3:31 e 19:11). As dádivas divinas não podem deixar de ser boas e perfeitas, porquanto descem da parte de Deus e de seu reino celeste. Aquilo que é mau procede deste nível terreno.

«...Pai das luzes...» (Quanto a Deus como um «Pai», ver as notas expositivas em João 8:42; 17:1 e Rom. 8:14,15). Um dos sinônimos de «salvação», nas páginas do N.T., é a «filiação», com todos os seus benefícios provenientes do Pai celeste para seus filhos, os quais estão no processo de transformação segundo a imagem do Filho, Cristo. Portanto, compartilham os remédios da natureza e da imagem do Filho (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18), bem como de sua glorificação (ver Rom. 8:29,30), de sua herança (ver Rom. 8:17), de sua plenitude (ver Efé. 1:23) e da plenitude do Pai (ver Col. 2:10 e Efé. 3:19). E assim, na qualidade de filhos, participarão da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), em toda a sua pujança, que é o que fica implícito nas idéias de bem-estar e exaltação espirituais, que ultrapassam à nossa presente imaginação.

#### «...das luzes...» Ilustração Extraída Da Natureza

1. Quase certamente, as «luzes» aqui mencionadas são o sol, a luz, os planetas, as estrelas—aqueles corpos celestes que provocam tanta admiração nas mentes dos homens. Deve existir alguma grande força criadora, pois, em caso contrário, não existiriam essas maravilhas. Essa grande força é Deus. Ele é o criador de tudo.

2. Este estúpido universo deve ter sido criado por algum poder prodigioso. Deus brande esse poder. Deus usou esse poder a fim de trazer tudo à existência. (Ver Rom. 1:20, quanto a uma nota de sumário sobre as provas naturais e racionais da existência de Deus).

3. O grande Deus possui poder capaz de proporcionar-nos tudo o de que precisamos para nosso desenvolvimento espiritual e bem-estar geral. Ele prometeu ser generoso conosco, e não lhe falta poder para tanto. Ele criou os corpos celestes (ver Sal. 136:7 e Jer. 4:23), e pode fazer qualquer coisa. Confiemos em Deus, portanto!

4. O fato de que Deus criou os imensos corpos luminosos do firmamento, faz-nos lembrar que ele está interessado em «iluminar» os homens. De fato, a criação física foi feita a fim de que, subsequentemente, possa haver uma criação espiritual, através da iluminação. (Ver João 1:9 e suas notas, quanto a esse pensamento; e comparar isso com Efé. 1:18).

Nas bênçãos proferidas nas orações judaicas, encontramos expressões como: «Bendito seja o Senhor, nosso Deus, que formou as luzes» (uma alusão aos corpos celestes luminosos). Provavelmente é ali sugerida a idéia que o próprio Deus é Luz, porquanto nele não há quaisquer trevas; portanto, ele ilumina, e essa é a sua maneira de transmitir dons bons e perfeitos. Não parece haver aqui qualquer alusão astrológica, como se esses luzeiros possam controlar as nossas vidas, ainda que seja bem conhecido o fato que o judaísmo helenista dava muita atenção às idéias astrológicas. (Ver Col. 2:8 e as notas expositivas ali existentes, em demonstração disso).

O fato de que Deus é Luz mostra que é impossível que ele seja a fonte do mal, ou mesmo da tentação para o mal. Seu poder criador é usado para iluminar os homens, mediante seus dons celestiais. Os homens se corrompem através de sua perversa engenhosidade.

As idéias que Deus é Pai e criador com freqüência aparecem vinculadas nos escritos judaicos. (Ver Filo, *Apocalipse de Moisés*, 36; *Testamento de Abraão*, recensão B, cap. 7; *Ephraem Sy Opera*, v.1, col. 389). Portanto, Deus habita em esplendor e é, ao mesmo tempo, o «arquétipo» da criação. (Ver Filo, *de Cherub*, 28. M.i. par. 56; *de Somn.*, i,13, M.i. par. 632).

O sol despande seus raios de luz e de vida ao mundo, e disso todos os seres terrenos se beneficiam. A luz envia sua luz suave, e a ninguém evita. Portanto, Deus é o benfeitor universal. Sua luz brilha perenemente; não há aqui qualquer indício de sombra ou variação em sua pessoa. (Comparar com I João 1:5; Isaías 60:19, 20; Sabedoria de Salomão 7:29 e ss.). No livro de Enoque temos a idéia que o sol se modifica com freqüência, amaldiçoando, ao invés de abençoar; ele dá vida, mas também espalha a seca (ver Enoque 41:3). (Ver também Eclesiástico 17:31; Epict. *Diss.*, i, 14:10). Mas Deus não muda, e sempre se mostra beneficente para com os homens.

«...em quem não pode existir variação...» Essas palavras são perfeitamente compreensíveis, mas, por detrás delas, há um texto grego obscuro, que tem dada origem a diversas:

**Variantes Textuais:** Os mss Aleph(1) B dizem «...variação que é de (isto é) consiste de) transformar-se em uma sombra...». Essa forma toma a letra grega «eta», como se fosse dotada da aspiração forte, ou seja, o artigo definido. Outros testemunhos trazem «eta» mas com o acento agudo e sem a aspiração forte, o que resulta em «ou». Assim diz o ms P(23), que de ambos os lados de «ou» aparece com palavras no caso genitivo, ou seja: «...em quem não há sombra de variação ou de modificação...». Ainda outros manuscritos trazem o caso nominativo de ambos os lados da letra «eta», o que resulta em três nominativos em seguida, «variação», «transformação», «sombra». Assim é que a versão Saldica tenta evitar a dificuldade, tomando todos os nominativos em separado, sem qualquer dependência de uns para com os outros. Nesse caso, teríamos, «...em quem não há variação, transformação ou sombra...». Os mss Aleph(1), ackp, 81, 1739. Byz. Lect. a Vulgata, o S(1)ph e o Aza trazem o «ou» com o nominativo antecedendo (variação), mas com o genitivo seguindo, além

de fazerem com que a «sombra» dependa desse genitivo, o que resulta em: «...em quem não há variação ou sombra de mudança...». É então, aumentando mais ainda a confusão, os mss minúsculos 878, 1618, 1610, 1765, 2138 adicionam, ao final do versículo, a glosa «...e nem a mínima suspeita de uma sombra...». Pelo menos sabemos que isso é secundário.

A maioria dos eruditos modernos aceita a variante que aparece nos mss Aleph(1), ACKP, etc., como a forma contra a qual menos se pode objetar. Porém, mesmo depois que se determina a forma correta, e isso permanece em dúvida, o sentido exato das palavras nem por isso é muito claro. Talvez a melhor conjectura seja a que aparece na versão inglesa RSV, «...nenhuma variação ou sombra, devido à mudança». A tradução inglesa de Williams (aqui vertida para o português), diz: «...nenhuma variação de sombra mutante...», o que seria uma alusão ao disco do sol, cujas sombras se modificam devido às diferenças de posições relativas entre o sol e a terra. O exame abaixo dos vocábulos isolados, nos fornece vários sentidos possíveis, bem como idéias que servem de ilustração.

«...variação...» Alguns estudiosos supõem que o termo é usado em sentido técnico, astronômico, indicando os movimentos dos corpos celestes e as mudanças nas relações espaciais, que daí resultam. Porém, os leitores originais do livro talvez não tivessem compreendido isso. Todavia, os antigos conheciam os movimentos dos «planetas»; e esse termo português se deriva de um termo grego que significa «vagabundo». Outrossim, os antigos sabiam bastante acerca dos movimentos dos corpos celestes a ponto de poderem prever eclipses. Thales de Mileto, que introduziu a geometria na cultura grega, proveniente do Egito, predisse o eclipse do sol de maio de 585 A.C. Os antigos babilônios também pareciam ser capazes de tal feito, predizendo eclipses tanto do sol como da lua. Portanto, é possível que, neste versículo, a «variação» que não há em Deus, seja metaforicamente baseada em observações astronômicas. Mas outros supõem que estão em foco as «variações» de luz produzida pelos corpos celestes luminosos. O sol é a luz maior, a luz vem em seguida, e então aparecem as estrelas, com seus inúmeros graus de magnitude. Seja como for, a lição é clara. Embora haja coisas que julgaríamos invariáveis, como os corpos celestes, até mesmo neles há variações. Mas não ocorre outro tanto em Deus. Ele é, perenemente, a fonte de todo o bem; e nunca é a fonte do mal.

«...mudança...» Essa palavra também se revestiria de um sentido astronômico, referindo-se ao «solstício» (ver Sabedoria de Salomão 7:18; Soph. Greek Lex; e talvez Deut. 33:14). Tal palavra era empregada para indicar os movimentos dos corpos celestes—talvez usada em Jó 38:33 (segundo a Septuaginta). (Ver Platão, *Tim.*, 11, pág. 39D). Quando empregada acerca dos homens, fala da sua «brevidade» e fragilidade. (Ver Filo, *Ieb. all.*, ii,9; *de Sacr. Abel et Cain*, 37). Provavelmente é real a referência astronômica; mas não sabemos dizer qual fenômeno celeste exato o autor sagrado tinha em mente. Talvez se referisse ele ao «retorno do sol», do oeste para leste, e sua ida do leste para o oeste. (Assim temos em Enoque 41:8 e 72:3-5,35). A lição é perfeitamente clara. O sol e outros corpos celestes sofrem modificações, mudanças de relação uns para com os outros—não são constantes. Deus, entretanto, desconhece a mínima variação em sua natureza e modo de tratar com os homens. Ele não pode ser a fonte do bem, em um momento, para ser a fonte do mal, no instante seguinte.

«...sombra...» Essa palavra não significa «indício» ou «indicação mínima» de mudança, porquanto não era assim que se usava no grego o termo. Contudo, isso serve de boa ilustração. Não há, em Deus, qualquer «indício» de «duplicidade», e, muito menos ainda, de praticar o bem, e então praticar o mal. Alguns eruditos tecem referências ao disco do sol. A aparente mudança de posição do sol modifica as sombras projetadas por sua luz. Entretanto, parece que uma palavra grega diferente, «apokiasmos» é que sempre era usada com esse significado. Assim também, o termo não significa «estado de sombra» (como nos casos de eclipses do sol e da lua), como se se pudesse pensar em alguém que, de algum modo, pudesse dominar a Deus, fazendo-o diferente do que ele é, ou que ele mesmo se tornasse diferente, mediante algum impulso ou capricho. Também parece que a palavra não significa «lançar uma sombra sobre Deus», pondo seu caráter em dúvida, como se suspeitássemos ser ele o causador do mal. A alusão pode ser ao sol ou a outra fonte luminosa, que lança sombra, ou seja, envolve tanto a luz como a «obscuridade». Mas Deus nunca pode ser fonte de obscuridade, e somente da luz. Provavelmente, a alusão astronômica seja a revolução dos planetas e da lua, que os faz se tornarem obscurecidos, como sucede à lua, em suas diversas fases. O que vemos da lua hoje, não veremos dentro de uma semana; e há certas fases da lua em que nem ao menos a vemos. Algumas vezes ela aparece «cheia», mas de outras vezes aparece apenas um arco. Deus não se assemelha a isso; ele emana constantemente de sua plena luz. Ele nunca pode «fazer voltar um lado escuro para os homens», conforme faz a lua.

Embora haja vários pontos difíceis de entender neste versículo, e que o texto seja um tanto incerto, a mensagem geral é perfeitamente clara: Deus é a fonte originária somente do bem, e nunca do mal. Ele não muda, não varia, não se modifica; por conseguinte, não pode ser bom em um momento, para ser mau no instante seguinte. «Porque eu, o Senhor, não mudo...» (Mala. 3:6). A imutabilidade da natureza e dos propósitos de Deus, é a verdade aqui ensinada. (Ver também os trechos de Sal. 102:26,27; Heb. 1:12 e 13:8 quanto à «imutabilidade de Deus»).

τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχὴν τινὰ τῶν αὐτοῦ κτισμάτων.

18 βουλῆθεὶς ἀπεκύθησεν ἡμᾶς ἰσ 1:18 ἀπεκύθησεν...ἀληθείας | Pa 1:23

1:18: Segundo a sua própria vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criações.

Deus é o criador, e isso produziu um povo novo, espiritual. São gerados por Deus, tal como a concupiscência «gera» o pecado, e o pecado «gera» a morte (ver o décimo quinto versículo deste capítulo). Portanto, em Deus encontramos o oposto das operações do pecado; em Deus tudo é santo, e o

filho da operação divina é a «vida eterna», em contraste com a «morte». Desse modo, aprendemos que o povo espiritual de Deus veio à existência por um ato divino, e não através de processos naturais, dependentes do mérito humano. Aqueles que participam desse ato divino, recebendo vida através do mesmo, tornam-se distintos dentre outros homens. Tornam-se como que «primícias», elevados acima do resto da humanidade, quanto à



posição e aos privilégios espirituais. E se tornam o modelo mediante o qual outros seres humanos podem chegar ao mesmo estado.

...segundo o seu querer... A vontade de Deus outorga vida; isso não pode originar-se dos homens. (Ver os trechos de Efé. 1:3-9, 11-14, que enfatizam essa verdade, de diferentes modos). Notar, por igual modo, que sua vontade é completamente dedicada à doação desse benefício; não pode ser a origem da tentação para o mal, para o pecado.

...gerou... O «novo nascimento» está em foco. (Ver notas expositivas completas, em João 3:3-5). Assim serão levados muitos filhos à glória (ver Heb. 2:10), que participam do mesmo tipo de vida que possuem Deus Pai e Deus Filho (ver João 5:25,26 e 6:57), os quais são participantes da «vida eterna» porque pertencem à família divina (ver João 3:15 e Heb. 2:10 e ss.). Esse é um «nascimento do alto» (ver João 3:3), tal como as dádivas de Deus procedem «do alto» (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo). Assim é dada a mais rica de todas as dádivas, o bem-estar eterno da alma, o mesmo bem-estar que Cristo possui. A geração operada por Deus é dessa natureza—Deus não pode ser a causa do pecado, o qual, finalmente, leva à morte espiritual.

...nestes... Nesse pronome oblíquo não está em foco a humanidade, porquanto a passagem fala sobre o nascimento espiritual. Devemos entender aqui a geração espiritual de todos os crentes, judeus ou gentios, de conformidade com a mensagem geral do cristianismo.

...palavra da verdade... Não estão em foco as Escrituras, nem do Antigo e nem do Novo Testamento, mas sim, o «evangelho cristão». Normalmente, nas páginas do N.T., o vocábulo «palavra», usado sem modificadores, ou mesmo com vários adjetivos, indica a mensagem cristã. O uso mais comum é «palavra de Deus» (ver Atos 6:2; 8:14; 13:46; 18:11; Rom. 9:6; I Cor. 14:36; Efé. 6:17 e II Tim. 2:9, além de muitas outras referências neotestamentárias, conforme uma completa concordância o demonstrará); mas também é usada a expressão «palavra do Senhor», com o sentido de «evangelho» (ver Atos 8:25; 13:48; 15:36 e 19:10). Outras expressões que envolvem o termo *palavra*, com o sentido de *evangelho*, são menos frequentes, como «palavra de sua graça» (ver Atos 20:32), «palavra de reconciliação» (ver II Cor. 5:19), «palavra da verdade» (segundo se vê no presente versículo e em II Cor. 6:7; Col. 1:5; II Tim. 2:15). Ver igualmente «palavra de Deus» (ver Col. 3:16), «palavra da vida» (ver Fil. 2:16), ou simplesmente «palavra» (ver I Tes. 1:6). O evangelho é, ao mesmo tempo, «verdade», e traz a «verdade» da vida eterna, reconciliando os homens com Deus. É o conhecimento e a aceitação dessa «verdade» (o evangelho) que nos torna filhos de Deus. Os judeus usavam o termo «palavra» para indicar a lei; e Tiago reflete isso no vigésimo quinto versículo deste capítulo, embora lihe dê, ali, certo colorido tipicamente cristão.

...primícias... Um filho primogênito tinha privilégios superiores: tinha o lugar de precedência na família (ver Gên. 48:13,14), exercia autoridade sobre seus irmãos mais novos (ver Gên. 27:29 e I Sam. 20:29), recebia uma bênção especial de seu pai (ver Gên. 27:4,35), recebia a autoridade paterna (ver II Crô. 21:3), recebia dupla porção na herança (ver Deut. 21:17), era tratado especialmente por seus pais, para que não fosse alienado (ver Deut. 21:15,16). Em sentido espiritual, Cristo é o primogênito acima de todos (ver Col. 1:18). Nele, os crentes chegam a participar de seus poderes e privilégios espirituais (ver Heb. 12:23). Porém, na qualidade de primogênitos, eles também são «primícias». São a melhor porção da colheita (ver Núm. 18:12), dedicada a Deus, como o eram as primícias no antigo Israel (ver Êxo. 34:26 e Eze. 48:14). Deus era honrado com o oferecimento de suas vidas (ver Pro. 3:9); a oferta dos primogênitos consagrou a humanidade inteira, mostrando que todos os homens, se o quiserem, podem participar de VIII. Contra a Ira e o Mau Temperamento (1:19-21).

Se tiver de haver qualquer conexão direta com os versículos anteriores, esta breve seção deve ser vista como algo que toca em certo aspecto da santidade e da conduta que se espera de *primícias* privilegiadas (ver o décimo oitavo versículo), de quem se espera que ilustrem amplamente, em si mesmos, o poder e a realidade do novo nascimento. Assim é que alguns manuscritos dizem, «Portanto, meus amados irmãos...» Assim dizemos mas P(2), KLP, bem como a maioria dos manuscritos minúsculos da tradição bizantina. O texto correto, entretanto, diz «... (isto) sabeis...», conforme se vê nos mas P(74), Aleph, BC, e o Sai, o Bo e o Si(hp). A maioria dos textos alexandrinos e ocidentais concorda com isso, pelo que o parágrafo mui provavelmente não aparecia originalmente com qualquer elementos de ligação, porque também o seu tema, é desvinculado do resto. Grande parte da epístola de Tiago se caracteriza por idéias sem vinculação entre si, assemelhando-se ao livro de Provérbios. O vocábulo grego «iste» pode ser traduzido como imperativo ou como indicativo; mas o imperativo ordena que os crentes tomem consciência do que estava prestes a ser dito.

19 Ἰστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί. ἔστω δὲ πᾶς ἄνθρωπος ταχύς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδὺς εἰς τὸ λαλῆσαι, βραδὺς εἰς ὀργήν.

19 Ἰστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί. ἔστω δὲ πᾶς ἄνθρωπος ταχύς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδὺς εἰς τὸ λαλῆσαι, βραδὺς εἰς ὀργήν.

19 ἔστω... λαλῆσαι Sir 6.11 βραδὺς εἰς ὀργήν Eo 7.8

Ao invés da forma abrupta, ἔστω, o Textus Receptus liga o ἔστω seguinte (descontinuando δὲ) mas intimamente com o vs. 18, substituindo por ὥστε, seguindo boa variedade de testemunhos posteriores (K P (2) Ψ 614 Byz sir (p,h) al). A forma adotada como texto é fortemente apoiada por testemunhos alexandrinos e ocidentais (N<sup>o</sup> B C (81) 1739 it (ff) vg al).

1:19: Sabed isto, meus amados irmãos: Todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar e tardio para se irar.

O versículo indica que havia contendas na igreja, com base no egoísmo, no desejo pela proeminência, em vinculação com a falta de consideração pelos sentimentos e direitos alheios. São defeitos comumente encontrados hoje em dia nas igrejas, uma fonte de contendas e cismas constantes. Desculpamos nosso mau temperamento com base em várias considerações

idênticos benefícios (ver Rom. 11:16). (Ver também Apo. 14:4, onde a igreja é chamada de «primícias»). Em I Cor. 15:20,23 o próprio Cristo recebe esse título, o que indica que ele ocupa o primeiro lugar em uma imensa companhia, que será levada à vida eterna e à ressurreição. (Ver Jer. 2:3; Filo, de Const. Princ., 6, quanto ao simbolismo usado acerca do povo de Israel. Comparar também com I Tes. 2:13, onde o termo é usado relativamente aos crentes).

...das suas criaturas... Deus possui uma vasta criação; e todos os seres inteligentes da mesma são passíveis de redenção; e esse é o plano divino relativo a eles. Ele mostra o que pode fazer pelos mesmos, através do que tem feito à igreja. A igreja, pois, é o modelo da redenção divina. Esse mesmo pensamento geral está contido em Efé. 3:10, onde se vê que a igreja instrui à hierarquia angelical acerca de como a vontade de Deus é que a redenção opere no mundo. Do mesmo modo que ele reconciliou a igreja a Cristo, assim também reconciliará todas as coisas consigo mesmo. (Ver Efé. 1:10,19 e ss.). Cristo, pois, tornar-se-á centro e cabeça de «tudo, para todos» (ver Efé. 1:23). Um número excessivo de cristãos limita essa ação universal de Deus na redenção. Finalmente, todos serão afetados, embora nem todos os homens venham a participar da mesma vida eterna dos eleitos. Cristo faz uma diferença universal, tendente ao aprimoramento. Mas inclinamo-nos por subestimar o seu poder, bem como o vastíssimo alcance de sua graça. O evangelho não pode ser o fracasso em que muitos o transformam.

Na antiga nação de Israel, as «primícias» de todas as coisas vivas, homens, gado, cereal, etc., eram consagradas ao Senhor. Essa consagração de tudo santificava a nação inteira, tornando-a apta para ser usada por Deus (ver Rom. 11:16). Assim também, no plano espiritual, o fato que Deus separou as «primícias» mostra-nos que, eventualmente, tudo se beneficiará da expiação e da vida ressurreta de Cristo. O produto da terra era de tipo mui diversos, como a cevada, o trigo, o vinho, o azeite, o mel, as novas árvores frutíferas—todo o produto da terra (ver Lev. 23:10-14; Êxo. 23:16; 23:16,17; Deut. 18:4; Lev. 19:23,24 e Deut. 26:2). Mediante o uso desses itens, os sacerdotes viviam. No terreno espiritual, as coisas (ou seres) de muitas espécies e gradações, se beneficiam daquilo que Cristo realizou, e tudo, eventualmente, será consagrado a Deus, embora com níveis diversos de bem-estar e de glória. Toda a criação, por fim, participará, de algum modo, na glorificação dos filhos de Deus. (Ver Rom. 8:20,21).

ENSINAMENTOS DO VERSÍCULO: Ver os pontos seguintes: 1. A vida precisa de renovação; é mister um novo nascimento. 2. Esse novo nascimento gera as «primícias», o que implica uma vasta obra na redenção, a ser realizada, que afetará a todos os seres. 3. Essa renovação vem exclusivamente da parte de Deus, embora exija reação favorável da parte da vontade humana, de sua cooperação mundana. 4. A transmissão de vida vem de Deus, que nos dá de sua própria forma de vida (ver João 5:25,26). 5. A regeneração é um ato da vontade divina, bem como um presente de amor (ver João 3:16; Efé. 2:8 e Tito 3:5). 6. O autor desta epístola, embora usasse de tons legalistas (ver Tia. 2:14 e ss.), foi um autor dotado de algum discernimento quanto ao nascimento espiritual; e isso mostra que Tiago é um documento originalmente cristão, e não um documento judaico adaptado para uso entre os cristãos. (Quanto a esse problema sobre a «origem» do material desta epístola, ver o ponto IV da introdução à mesma). 7. O meio usado no processo regenerador é a «palavra», a «mensagem do evangelho»; e isso quando ela é usada pelo Espírito Santo, para conduzir os homens aos pés de Cristo. Por conseguinte, não dependemos de meios «mágicos», «sacramentais» de transmitir graça. O Espírito de Deus é quem opera, usando a mensagem cristã. Nossa fé é «mística», e não sacramental ou legalista. Em outras palavras, tudo é realizado mediante o «contacto com o ser divino», através das operações do Espírito de Deus.

καὶ ἔστω ὁ πᾶς ἄνθρωπος ταχύς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδὺς εἰς τὸ λαλῆσαι, βραδὺς εἰς ὀργήν.

καὶ ἔστω ὁ πᾶς ἄνθρωπος ταχύς εἰς τὸ ἀκοῦσαι, βραδὺς εἰς τὸ λαλῆσαι, βραδὺς εἰς ὀργήν.

[ἔστω δὲ] καὶ ε. A 33 pc: om δὲ KLP cl g

falsas, a saber: 1. Estaríamos, realmente, exercendo justa indignação, defendendo direitos da igreja. 2. Embora reconhecendo nossas faltas, desculpamo-nos dizendo que «temos trabalhado demais», ou dizendo que outros nos provocaram. 3. E alguns chegam mesmo a crer que seu espírito irascível é uma tendência herdada, da qual não podem controlar-se.

Na realidade, porém, tudo isso é obra da carne, devido à falta de crescimento espiritual, evidência da imaturidade espiritual. Este versículo



pode ser comparado com Pro. 10:19; 15:1,2; 16:32; 17:27; Mat. 5:22; Efê. 4:26,29,31. Na referência da epístola aos Efésios aparecem notas expositivas que esclarecem amplamente as idéias do presente versículo. Uma diatribe proferida com ira é um tributo a Satanás, não podendo ser obra de Deus, por mais que nos queiramos desculpar e justificar. O versículo seguinte, ainda dentro deste tema, afirma isso. É errado o uso da faculdade da fala quando proferimos palavras iracundas, conforme essa citada passagem da epístola aos Efésios. Ao invés de usarmos os pulmões para apagar o fogo, quando a chama é pequena, fazemo-la ser atizada. O homem religioso que não doma a própria língua (ver o vigésimo sexto versículo) não é homem espiritual; mas é apenas um pretencioso.

Com grande frequência a ira se origina do ódio, se não é que sempre tem tal base, de mistura com o *egoísmo*; e ambas as atitudes caracterizam o pecador, que não faz segredo de sua depravação. Mas é uma desgraça quando essas coisas sucedem no seio da igreja, que pertencem somente a homens que não buscam pelas realidades espirituais, que não vivem segundo a dimensão eterna. Quando nos iramos, esquecemo-nos do amor de Cristo; e este não opera em nós. Um menino pequeno foi indagado por qual motivo não ficava irado com sua professora, ao mesmo tempo que se irava com tanta frequência com sua mãe. Sua resposta foi reveladora. Ele disse que não ficava zangado com sua professora porque não queria perder a aprovação dela. Evidentemente ele contava com o amor de sua mãe como algo garantido, de forma que podia mostrar-se indisciplinado em casa, restando sempre a aprovação materna. Mas não tinha a certeza sobre a mesma coisa, quanto à sua professora. Porém, muitos membros da igreja, desconsiderando totalmente a aprovação de Deus e de seus semelhantes, exibem mau temperamento e servem somente para destruir a unidade que deve haver no seio da igreja cristã.

«...amados irmãos...» Palavras usadas como tratamento, o que também sucede no décimo sexto versículo deste capítulo, onde há notas expositivas a respeito.

«...prontos para ouvir...» Em outras palavras, ao invés de exibirem um mau temperamento, forçando sua vontade sobre os outros, os crentes deveriam estar prontos a ouvir e ver os pontos de vista dos outros. (Ver esse conceito, em termos gerais, em Rom. 12:16). Deve haver uma atitude de mútua condescendência, o que é apenas outra maneira de se falar sobre o amor mútuo em operação. (Ver João 14:21 e 15:10 quanto ao «amor» como princípio normativo na família de Deus). O amor cristão consiste em cuidarmos dos outros conforme cuidamos de nós mesmos. Aquele que segue essa regra não explode em ira, nem anseia por impor sua vontade aos outros.

«...tardio para falar...» Essa qualidade acompanha a qualidade anterior. A prontidão em ouvir deve incluir a prontidão para receber a «palavra da verdade» (ver o décimo oitavo versículo). Pelo menos, o homem que atenta para essa palavra terá a virtude do altruísmo e da condescendência, que este texto nos dá a entender. «Aquele que se apressa nas palavras se apressa por lançar fogo», e «Vede como uma lagulha põe em brasas tão grande selva» (Tia. 3:5).

«Já que algum resto do velho homem permanece em nós, necessário é que, através da vida, sejamos continuamente renovados, até que a natureza carnal seja abolida; pois tanto a nossa perversidade, como a nossa arrogância, como a nossa indolência são grandes empecilhos a Deus, no aperfeiçoamento de sua obra em nós». (Calvino, *in loc.*). (Quanto ao conceito de «não nos apressarmos no falar», ver Pro. 10:19; 17:27,28 e Ecl. 5:2).

«Dois ouvidos nos são dados, conforme observam os rabinos, mas apenas uma língua; as orelhas são externas, mas a língua (com ótimas razões), está 20 ὅρη γὰρ ἀνδρὸς δικαιοσύνην θεοῦ οὐκ ἐργάζεται. 1:20; Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus.

Deus requer certo tipo de conduta santa da parte dos homens. Segundo bases neotestamentárias, trata-se da própria santidade divina expressa no homem, mediante o poder do Espírito, que lhe opera no íntimo. (Ver os trechos de Rom. 3:21 e Heb. 12:14, onde esse conceito é amplamente comentado). No homem remido, a natureza moral de Cristo vai sendo formada (ver Gál. 5:22). Desse modo é que haverá a transformação conforme a natureza metálica de Cristo.

As várias obras da carne entram nesse processo de transformação, podendo até mesmo destruí-lo totalmente. Por essa razão é que é dito aqui que a ira do homem, a sua disposição para o mau temperamento, não podem produzir a retidão divina. As obras da carne fazem estagnar e retardar a implantação da natureza moral de Cristo em nós. Esse é o pensamento central deste versículo. Pensamentos secundários, como os que dizem que «a ira nunca ajuda aos outros», ou que «a ira impede o trabalho da igreja», são legítimos, mas não são focalizados aqui. A ira do homem não pode produzir qualquer ação «justa aos olhos de Deus». Esse é outro sentido insuflado a essa passagem, mas que, apesar de verdadeiro, não é o que o autor queria dizer aqui, basicamente. Pelo contrário, a ira prejudica a alma, porque a ira é uma das manifestações da natureza vil do homem, tal e qual outras obras da carne, que amortecem espiritualmente ao crente e lhe embaraçam o avanço que deve haver em sua conduta diária, na qual ele deve aplicar as lições morais que for aprendendo. Ao irar-se, o homem realmente entra em conflito consigo mesmo—a vontade própria se alia ao egoísmo carnal, fazendo frente à vontade do Espírito no íntimo. Sendo esse o caso, é difícil, se não mesmo impossível, que a vontade de Deus realize em nós o que foi divinamente proposto. Um indivíduo que vive para si mesmo, luta por si mesmo e degrada ao próximo, dificilmente pode estar progredindo espiritualmente. Não pode ser «produzida», sob essas condições, a manifestação da retidão e da santidade de Deus, enquanto o homem vive no egoísmo. A vontade de Deus é a de produzir uma vida nova

murada por detrás dos dentes». (Faucett, *in loc.*).

«Sê pronto para ouvir, e dá resposta com profunda consideração». (Ben Siraque 5:11).

«...se uma palavra vale um siclo, o silêncio vale dois, ou vale uma pedra preciosa». (John Gill, *in loc.*, mencionando uma declaração judaica sobre o ponto).

«Faz muito e fala pouco». (Shammai, em Pirke Abot., cl. 1, seção 15,17 e 3:13).

«Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio, e o que cerra os lábios por entendido» (Pro. 17:28).

«Nenhum conflito é tão severo como o daquele que labuta por subjugar a si mesmo». (Thomas à Kempis, *Imitação de Cristo*).

«O egoísmo é o único verdadeiro ateísmo; a aspiração e o altruísmo são a única verdadeira religião». (Israel Zangwill, *Children of the Ghetto*).

«Um homem ostensor prefere relatar um ato ridículo ou absurdo, que tenha cometido, a refrear-se de falar de sua própria querida pessoa». (Joseph Addison).

«...tardio para se irar...» Alguns estudiosos têm pensado que este versículo aborda diretamente os cultos de adoração, que envolveriam o «ouvir» a «palavra da verdade» (ver o décimo oitavo versículo). Porém, esse mandamento contra o irar-se, quase certamente situa o versículo dentro de uma categoria «geral», e não dentro de uma categoria «específica», como é a dos «cultos de adoração». Porém, aplica-se a todos os aspectos da vida do crente, dentro e fora da igreja. Não pode limitar-se a qualquer isolada situação da vida diária.

«Melhor é o longânimo do que o herói de guerra, e o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade» (Pro. 16:32).

A «ira», nesse caso, dificilmente indica a «impaciência para com Deus», conforme supõem alguns intérpretes. Antes, indica a impaciência com o próximo, devido ao que são usadas palavras de despeito e de egoísmo, de mistura com sentimentos de superioridade e ódio.

Há quatro variedades de disposição. Primeiramente, há aqueles que facilmente se iram, mas que facilmente são pacificados; esses perdem por um lado e ganham por outro. Em segundo lugar, há aqueles que não se iram facilmente, mas que dificilmente podem ser aplacados; esses ganham por um lado e perdem por outro. Em terceiro lugar, há aqueles que dificilmente se iram e que facilmente são pacificados; esses são os bons. Em quarto lugar, há aqueles que se iram facilmente, e dificilmente se deixam aplacar; esses são os ímpios. (*Midrash hannaham*, cap. v.11).

«A ira começa com a insensatez e termina com o arrependimento». (John Dryden).

«Temperamento: uma qualidade que, em momentos críticos, produz o melhor que há no aço e o pior que há nas pessoas». (Oscar Hamming).

«A melhor resposta à ira é o silêncio». (Provérbio alemão).

«A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira» (Pro. 15:1).

*Escrituras sobre a ira*: 1. A ira é proibida (ver Eclesiástico 7:9; Mat. 5:22 e Rom. 12:19). 2. A ira é uma das obras da carne (ver Gál. 5:20). 3. A ira é característica dos insensatos (ver Pro. 12:16). 4. A ira sempre aparece vinculada ao orgulho (ver Pro. 21:24), à crueldade (ver Gên. 49:7), às palavras pesadas (ver Efê. 4:31), à malícia e à blasfêmia (ver Col. 3:8); à contenda (ver Pro. 21:29 e 29:22). 5. A ira atrai a sua própria punição (ver Jó 5:2; Pro. 19:19). 6. À ira não resiste o pecado (ver Efê. 4:26). 7. As nossas orações devem ser isentas de ira (ver 1 Tim. 2:8). 8. A ira é evitada mediante a sabedoria (ver Pro. 29:8).

★ ★ ★

em nós (ver o décimo oitavo versículo deste capítulo), o que deveria ser caracterizado por uma nova santidade—a própria santidade de Deus. Todas as obras da carne impedem essa transformação moral.

Não há que duvidar que este versículo, além de ser uma declaração geral da verdade, também tem valor polêmico. Os membros das igrejas que querem impor os seus caminhos egoístas, podem disfarçar isso exercendo a suposta justa indignação em favor da «ordem certa», quando nas igrejas se levantam questões sobre isto ou aquilo. Aqueles que se acham na «luta pelo poder», no seio da igreja, atacam aos outros com ira, e afirmam estar prestando a Deus um serviço, utilizando-se da «espada de Deus», em sua defesa das «questões» em pauta. Quão familiar nos parece tudo isso, em nossas igrejas, e quão frequentemente esse teatro do diabo é armado, entre indivíduos supostamente espirituais! A «justa indignação» raramente se justifica. Usualmente há muitas questões laterais em qualquer causa, que envolvem elementos do «ego», do orgulho e da carnalidade. A verdadeira justiça se semeia na paz, e não na atmosfera da contenda, conforme se vê em Tia. 3:18.

Alguns dão a este versículo certo sentido «evangelístico». A ira não pode servir de meio para converter os pecadores ao caminho reto de Deus; não pode produzir em outros essa disposição e transformação moral. Devemos ser gentis e cheios de tato, ao tratar com as vidas alheias. E não há que duvidar que nenhum conflito aberto e nenhum emprego da força deve haver, forçando homens religiosos a aceitarem certas doutrinas, conforme tão frequentemente tem sucedido na igreja cristã. Também não se deve usar de força e de violência para «defender a verdade» contra os hereges. Toda essa suposta «justa indignação», esse zelo ardente, é atizada pelo inferno, totalmente estranho ao evangelho de Cristo. Jonas afirmou: «É razoável a minha ira...» (Jon. 4:9). No entanto, estava equivocado. A ira do homem e a cólera jamais poderão contribuir para que o indivíduo seja bem-visto aos olhos de Deus, e nem poderão levar outrem à santidade. Deve-se contrastar essa atitude com aquilo que é ilustrado no trecho de 1 Tes. 2:8: «...assim,



querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos, não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a nossa própria vida, por isso que vos tornastes muito amados de nós». Ou com o que se lê em 1 Tim. 2:8: «Quero,

21 διὸ ἀποθέμενοι πᾶσαν ῥυπαρίαν καὶ περισσεΐαν κακίας ἐν πρᾶτῃ δεῖξασθε τὸν ἐμφυτον λόγον

τὸν δυνάμενον σῶσαι τὰς ψυχὰς ὑμῶν.

1:21: *Por que, despojando-vos de toda sorte de imundícia e de todo vestígio da mal, recebei com mansidão a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar as vossas almas.*

...*Portanto...*, isto é, em face do fato que, agindo de modo carnal, egoísta, desprezador e iracundo, ninguém pode fazer bem a si mesmo ou ao próximo, nem de maneira temporal e nem de maneira espiritual, despiando-se das diversas manifestações de carnalidade de que a epístola fala, como quando se despe uma roupa que não mais pode ser usada.

...*despojando-vos...* No grego é usado o verbo «*apothemi*», que significa «tirar»; isso em sentido geral. Mas, também era verbo usado para indicar o ato de «despir» uma roupa, o que, muito provavelmente, é a metáfora aqui tencionada. Esse vocábulo é usado aqui para indicar «livrar-se» dos empecilhos à vida espiritual, tal como as roupas sujas devem ser removidas. Por isso é que a palavra «impureza» é novamente utilizada por Tiago, em Tia. 2:2, onde se lê acerca de um «pobre andrajoso». (Comparar com Efê. 4:25; Heb. 12:1; 1 Ped. 2:1; Rom. 13:12 e Col. 3:5 e ss., quanto a declarações similares).

...*toda impureza...* No grego é «*ruparia*», «imundícia». O caráter do indivíduo fica poluído com os padrões e ações do mundo, que corrompem e sujam moralmente, tal como roupas usadas por tempo demais se enchem de elementos desagradavelmente sujos e mau cheirosos. Neste lugar, a palavra significa todas as formas de defeito moral, de ação dúbia, de pecados externos e internos, como o pecado da ira, discutido nos versículos dezoito e vinte, que corrompe a alma e impede a obra moral de Deus, que transforma a pessoa. A palavra significa «sujos» ou «imundo» no sentido literal; mas, metaforicamente, indica aquilo que suja moralmente, a imundícia moral, a vulgaridade, a avaria sordida, a ganância. A Palavra ...*toda...* é acrescentada a fim de dar àquele adjetivo um sentido mais amplo, e também para reforçar a idéia que é mister uma completa purificação moral.

...*acúmulo de maldade...* No grego é usado o adjetivo «*kakia*», que significa «iniquidade», «maldade», com freqüência com o sentido geral de «toda a forma de iniquidade e maldade», embora com freqüência também envolva o sentido mais restrito de «malícia». A palavra «...*acúmulo...*», isto é, «superfluidade», empresta a esse vocábulo a idéia que isso, na realidade, é um «excesso» para a personalidade humana, e não uma porção legítima da mesma. Os homens se sobrecarregam com males morais, vícios que degradam ao corpo, atitudes de ira, ações desprezíveis, motivos vis. Os homens transportam consigo esse grande acúmulo, que se torna uma pesada carga. Quanto mais espiritual procura ser uma pessoa, tanto mais agudamente sentirá o peso dessa depravação supérflua.

...*acolhei com mansidão a palavra em vós implantada...* De que maneira? Eliminando a «malícia» aludida, reconhecendo a própria necessidade, tornando-se humilde de mente—tudo isso contribui para o acolhimento da «...palavra...», isto, é do evangelho, implantada, e que produzirá os seus frutos, transformando o crente individual segundo a imagem de Cristo; e, por meio disso, virão eles a compartilhar da salvação que ele oferece, a saber, a vida eterna, o bem-estar espiritual da alma. O termo grego aqui traduzido por «...mansidão...» é «*prautes*», que quer dizer «humildade», «gentileza». Essa palavra é usada no N.T. somente aqui, em Tia. 3:13 e 1 Ped. 3:15. Mas um termo correlato, «*praotes*», é usado por nove vezes, incluindo Gál. 5:23, onde se vê que é um dos aspectos do «fruto do Espírito». Assim sendo, é óbvio que até a humildade com que uma pessoa aceita a Palavra é uma obra do Espírito no homem interior. O homem natural e carnal mostra-se por demais altivo para sujeitar-se a um processo de transformação moral.

## IX. A Prática Adicionada ao Ouvir (1:22-25).

A breve secção que ora se inicia salienta uma verdade religiosa e espiritual com a qual todos concordamos, mas que nem sempre praticamos. Freqüentar aos cultos da igreja não basta; não é virtude ouvir lições e sermões, como se isso fosse um medicamento espiritual; nossa presença nos cultos, se formos ali somente para tal atividade, não impressiona a Deus. Somos obrigados, devido à nossa posição como crente, de pormos em prática aquilo que ouvimos. Aquele que ouve mas não pratica, e ainda pensa que é um crente, perdeu-se no seu autoludíbrio. Se vemos em um espelho uma imagem da qual não gostamos, mas nada fazemos para melhorá-la, aquela aparência má permanecerá. Portanto, se na alma fica demonstrado haver um defeito, precisando ela do cultivo de algo positivo, pela prática, mas o indivíduo fica impassível, certamente teremos de imaginar uma alma indolente e corrupta. Outrossim, a simples «convicção de pecado», o reconhecimento de nosso estado, não tem real e duradoura significação, a menos que seja seguido pelo arrependimento autêntico. De nada adianta alguém ouvir falar sobre o amor, sobre como Deus amou ao mundo, sobre como Cristo deu a sua vida, a menos que esse amor opere através de nós para benefício de outros. A bem-aventurança espiritual pela qual lutamos, a aprovação de Deus, bem como a consciência de uma inquirição espiritual bem feita, só são dadas para aqueles que são praticantes da doutrina cristã, e não somente ouvintes.

Não são muitas as pessoas na igreja cristã, ou mesmo no mundo, que são *ateus teóricos*: em outras palavras, não são muitos os que negam a existência de Deus. Mas a maioria das pessoas, visto que vive com base em motivos egoístas, se compõe de «ateus práticos». Em outras palavras, vivem como se Deus não existisse: não há espaço para Deus em suas vidas; e o fato que Deus existe não faz qualquer diferença prática em suas vidas. A igreja cristã conta com muitos teístas teóricos que, na realidade, são ateus práticos. Esses são os que ouvem a Palavra, mas não põem em prática aquilo que ouvem; aprovam sermões e lições, a leitura bíblica e as orações, mas agem com base em motivos egoístas, não estando verdadeiramente motivados por viver segundo os moldes da dimensão eterna. Quando argumentam, defendem veementemente a inspiração das Escrituras; mas, em suas vidas diárias, praticam muitas coisas que demonstram que não consideram a sério a Bíblia, a Palavra de Deus. Talvez até cheguem a denunciar heréticos, que se desviam daquilo que pensam ser a doutrina ortodoxa; mas, em suas vidas, são hereges práticos, discordando dos ensinamentos da fé que defendem. Defendem verbalmente ao cristianismo, mas não provam a verdade de suas doutrinas, mediante a vida prática diária. Acreditam na *graça* divina, mas agem como se esta fosse base para a doutrina da

portanto, que os vossos orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade».

21 ἀποθέμενοι πᾶσαν ῥυπαρίαν καὶ περισσεΐαν κακίας ἐν πρᾶτῃ δεῖξασθε τὸν ἐμφυτον λόγον

21 ἀποθέμενοι...κακίας Col 3:8; 1 Pe 2:1

A Metáfora Baseada Na Vida Agrícola

«...A Palavra Implantada...»

O termo «palavra», tal como no versículo dezoito, indica o evangelho. Essa idéia é comentada naquela referência. Essa questão pode ser entendida de diversos modos:

1. Deus *enxerta* a sua palavra (a mensagem concernente a Cristo) em nossas almas. Essa planta lança raízes e se propaga rapidamente. Ao *espalhar-se*, cativa o ser inteiro, de maneira que a alma é transformada em consonância com a natureza do organismo nela enxertado. Isso pode ser confrontado com o trecho de Mat. 13:19, que diz: «...a palavra do reino... o que lhes foi semeado no coração... A vida está envolvida em tudo isso; de fato, uma *modalidade de vida*. Deus nos confere a natureza divina de seu Filho, com todos os atributos pertinentes (ver Col. 2:10), porquanto é a sua vida que se propaga em nós e que, finalmente, nos transforma, em cada célula de nosso ser, em células semelhantes às dele mesmo.

2. Outros supõem que o cultivo de um campo plantado, está em mira na parábola do semeador, no décimo terceiro capítulo de Mateus. Essa é uma idéia menos provável, no que concerne ao texto presente, mas a mensagem por ela exposta não difere em muito daquela.

3. Seja como for, a palavra *implantada* ou a palavra *enxertada*, é indicação de que o evangelho de Cristo se apossa de nosso ser inteiro, formando em nós uma nova modalidade de vida. Por conseguinte, pode ser dito com plena sinceridade: «Porquanto, para mim o viver é Cristo...» (Fil. 1:21); e também que a vida que agora floresce em mim não é minha própria, mas «Cristo vive em mim» (Gál. 2:20). Bem-aventurado é o homem cuja espiritualidade chegou a essa condição!

...*poderosa para salvar...* A Palavra; devido ao fato de ser uma expressão do Espírito Santo, em seu poder regenerador, é capaz de levar à perfeição a obra da salvação. (Comparar isso com Heb. 4:12, onde se lê acerca da Palavra como «...viva e eficaz...» Quanto à própria «salvação», ver Heb. 2:3). Essa obra de salvação pode ser realizada porque é feita pelo poder divino, que opera através do evangelho de Cristo, o qual anuncia esse poder aos homens. Assim também, em Rom. 1:16, vê-se que o evangelho é o «poder de Deus para a salvação», embora somente para aqueles que crêem. O próprio Cristo é a Palavra personalizada (ver João 1:1).

...*as vossas almas...* (Quanto a notas expositivas completas sobre a «alma», em sua origem e natureza, ver II Cor. 5:8, onde também há notas sobre a «imortalidade»). Na introdução ao comentário, vários artigos se oferecem e que dão apoio à verdade da existência e da imortalidade da alma, abordando ângulos teológicos, filosóficos, populares e científicos da questão da existência e da sobrevivência do espírito ante a morte biológica. A palavra «...*alma...*» (no grego, «*psuche*») indica o homem «real», o ser essencial e não-material, tendo, pois, o mesmo sentido que a palavra «espírito», neste caso. Assim é que, no presente comentário, os vocábulos «alma» e «espírito» são usados como sinônimos gerais, embora a personalidade do homem se componha de, pelo menos, três elementos distintos. (Ver as notas expositivas em I Tes. 5:23 quanto ao problema teológico da «dicotomia versus tricotomia»).

O livro de IV Esdras diz: «...eis que semeio em ti a minha lei, e ela produzirá fruto, e serei glorificado nela para sempre...» (Ver declaração um tanto similar em IV Esdras 8:6; Deut. 30:11-14; Marc. 4:20 e Luc. 8:13). Pensando que o autor sagrado se escudara em tais conceitos do A.T., alguns intérpretes supõem que o termo «palavra», usado neste versículo, é «a lei sob trajos cristãos», ou seja, a «verdade acumulada de Deus», atingida na dispensação cristã. Porém, conforme é esclarecido no décimo oitavo versículo, o «evangelho» é que está aqui em foco.



«crença fácil», segundo a qual idéia ao homem é dada passagem livre para os céus, sem a necessidade de real conversão e de transformação moral segundo a imagem de Cristo. O que torna tão vital essa questão é que há um grande número de tais pessoas; e, infelizmente, a pregação superficial na igreja, que não exige moralidade, e nem desafio espiritual para a transformação segundo a imagem e a natureza de Cristo, tem promovido o culto dos «ouvintes que não são praticantes» da Palavra.

22 Γίνεσθε δὲ ποιηταὶ λόγου καὶ μὴ μόνον ἀκροαταὶ παραλογιζόμενοι ἑαυτοὺς.

22 Γίνεσθε... μόνον Mt 7:28; Ro 2:13

22 λόγου] νομοῦ 88 al, ism vs. 23

1:22: E todo compridor da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.

...pois... Esse termo vincula este versículo com o que é dito anteriormente: se tivermos de pôr de lado, como roupa suja, a imundícia e a excrecência da iniquidade, recebendo com mansidão a Palavra implantada, que nos revolucionará, levando-nos assim à salvação, precisamos ser mais do que meros ouvintes da Palavra. Devemos praticar os preceitos de nossa fé, provando que se trata de um elemento transformador. De outra maneira, estaremos dando provas positivas de que a Palavra de Deus foi implantada em nós apenas supostamente, porquanto não nos está transformando moralmente.

...praticantes da palavra... Essa expressão é usada somente por Tiago, em todo o N.T., embora a idéia seja bastante comum, expressa de muitos modos diversos. (Ver Eze. 33:32 e Mat. 7:24, que são as duas ocorrências principais). Ouvir e praticar edifica na pessoa um firme alicerce, que não pode ser abalado; porque se trata, realmente, do Espírito em nós, criando a imagem e a natureza de Cristo. Assim, todas as virtudes que possuímos, que podemos expressar para outros, são fruto do Espírito (ver Gál. 5:22,23). Parece, pois, que o segredo da «prática» e do «ser» aquilo que professamos, se acha na busca e na submissão ao Espírito, incluindo-se nisso o uso dos dons espirituais, mediante os quais a igreja será levada à maturidade e à perfeição (ver Ef. 4:7-16). Ninguém pode ser «praticante» bem-sucedido da palavra a menos que, primeiramente, seja algo em Cristo; e a pessoa se «torna em algo» através do poder residente e transformador do Espírito Santo.

O Talmude reconhece esse princípio. «Todos os meus dias tenho passado entre os sábios, e não tenho encontrado melhor coisa para o homem que o silêncio; não o aprender, mas o fazer, é a base; e quem multiplica suas palavras ocasiona o pecado». (Pirke, Aboth, i.16; i.18; Rabino Simeon ben Gamaliel 1). «Todo aquele cuja sabedoria excede suas obras, tem uma sabedoria firme, e todo aquele cuja sabedoria excede às suas obras, não tem uma sabedoria firme». (Rabino Chananiah ben Dosa, iii.14). (Ver declarações similares em Filo, De Praem et Poenis, 14; e Sêneca, Ep., 108.35).

A expressão «praticantes da palavra» significa «pôr em prática o que lhes é ordenado», mostrando que tais pessoas são sensíveis para com a Palavra de Deus, devendo ser transformadas por ela, tanto em seu ser como em suas ações. A piedosa anuência aos ensinamentos de Jesus, seguida por ações contraditórias, é um simulacro da vida cristã, algo que os profetas condenaram sem reservas. (Ver Osé. 6:6 e Mat. 9:13).

Conforme o ponto de vista judaico, o praticante da palavra era praticante da lei. Conforme o ponto de vista cristão, a Palavra se tornou o «evangelho» (anotado no décimo oitavo versículo; e ver notas expositivas completas sobre o tema, em Rom. 1:16). O evangelho exige fé, ou seja, temos de entregar nossas almas aos cuidados de Cristo, a fim de sermos transformados segundo a sua imagem. Essa transformação dá início ao ser moral, pois deveremos assumir a natureza moral de Cristo, e, desse modo, chegaremos

23 ὅτι εἴ τις ἀκροατὴς λόγου ἐστὶν καὶ οὐ ποιητής, οὗτος ὅμοιος ἀνδρὶ κατανοοῦντι τὸ πρόσωπον τῆς γενέσεως αὐτοῦ ἐν ἐσόπτρῳ.

1:23: Pois se alguém é ouvinte da palavra e não cumpridor, é semelhante a um homem que contempla no espelho a sua rosto natural;

...ouvinte da palavra e não praticante... (Ver as idéias do versículo anterior, anotadas acima).

...contempla num espelho o seu rosto natural... Não parece haver aqui, diferentemente do que alguns estudiosos têm sugerido, a idéia de usar o gênero masculino («aner», varão, em contraste com mulher) porque, tradicionalmente, um homem olha-se rapidamente em um espelho, para ver se tudo está em ordem, ao passo que uma mulher passa ali muito tempo, garantindo a aparência que deseja. Contudo, isso serve de boa ilustração. O ouvinte que também não é praticante, se parece com o homem que dá uma mirada rápida em um espelho, mas não dá grande importância a isso. Porém, o mais provável é que o gênero masculino foi usado para incluir qualquer ser humano.

...contempla... No grego é usado o verbo «katnoeo», que freqüentemente significa «olhar atentamente», «contemplar». Porém, tal verbo era usado acerca de qualquer tipo de olhar, sem especificar se era apressado ou não; e é nesse sentido «neutro» que o verbo foi mais provavelmente usado neste texto. O homem veio ver se havia algum «defeito» em sua aparência. Dá uma mirada no espelho. E ele vê ou não vê algum defeito; mas, seja como for, não se deixa envolver pelo que viu, e não toma nenhuma medida corretiva para melhorar-se. Sua atitude é inteiramente casual e descuidada. Assim também sucede na vida espiritual. Há muitos ouvintes descuidados, que miram ao acaso o espelho da alma, que é a Bíblia, o Livro de Deus.

...espelho... Os espelhos metálicos da antiguidade, que eram feitos de metal polido, não refletiam tão perfeitamente a imagem como os espelhos modernos, embora dessem uma boa idéia da aparência, conforme pode afirmar todo o que, hoje em dia, olha para a prata polida. O espelho de Deus reflete para nós a imagem do Filho de Deus, e com essa imagem é que estamos sendo amoldados. Portanto, é para detrimento da alma que o homem dá uma rápida mirada em sua imagem, sem fazer qualquer tentativa de melhorar-se espiritualmente.

a participar da mesma santidade que Deus tem. Esse conceito é anotado em Mat. 5:48; Rom. 3:21 e Heb. 12:14. Tudo isso está envolvido na «prática da palavra», o que faz a mensagem cristã tornar-se eficaz em nossas vidas. Segundo se lê em Luc. 11:28, «Antes bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!».

«Faremos e ouviremos. Está escrito (em Shabbath, 88a) que quando Israel puser o «faremos» antes do «ouviremos», virão sessenta miríades de anjos ministrantes, conferindo a cada israelita uma coroa, uma correspondente ao «faremos», e outra ao «ouviremos»; e quando pecarem, descerão cento e vinte miríades de anjos destruidores, para lhes arrancar as coroas».

...ouvintes... Temos aqui uma alusão à prática da leitura das Escrituras, na sinagoga, mais tarde praticada também na igreja cristã. Poucas pessoas possuíam cópias manuscritas, e menor número ainda sabia ler. Quase todo o «aprendizado da Bíblia» era efetuado pelo ouvir a leitura das Escrituras. Hoje em dia, quase todos sabem ler, podendo fazê-lo durante a semana, e não apenas em dias de culto. Por isso mesmo, nossa responsabilidade aumentou extraordinariamente. Os judeus tomavam sua Torah (as Escrituras do A.T. e seus comentários) a sério. Criam que Deus lhes fizera tal revelação, tornando-os privilegiados acima de outros povos. Portanto, a leitura da Torah, na sinagoga, era uma prática solene, que se esperava servir de fator transformador das vidas dos ouvintes. O próprio Senhor Jesus se ocupou dessa prática, na sinagoga. (Ver Mat. 5:17,18; 7:12; 12:5; 19:17; 23:3; Luc. 4:21; 10:26 e 16:17,29). Cristo sempre mostrou ler as Escrituras Sagradas no mais alto conceito.

«Porque Moisés tem, em cada cidade desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados» (Atos 15:21).

...enganando-vos a vós mesmos... Isso faríamos, supondo que Deus se agrada da pessoa que conhece profundamente as Escrituras, mas não as aplica à sua vida diária; supondo que o ouvir é bastante; supondo que a aceitação de um credo obriga Deus a salvar a alma; supondo que a fé salvadora consiste em aceitar alguma doutrina ortodoxa, mas sem reconhecer que a fé verdadeira é mística, e não racional ou credal. Em outras palavras, o Espírito Santo, que entra em contacto genuíno conosco, transforma as nossas vidas, e não meramente nos expõe doutrinas em que devemos crer. Assim sendo, o indivíduo colhe aquilo que tiver semeado, e isso determinará o seu estado eterno. (Ver Gál. 6:7,8, onde somos avisados que não nos devemos enganar a nós mesmos).

Aquele que ouve mas não pratica, assim age porque está cheio de si mesmo, e desconhece o que é a dedicação a Cristo e qual é seu poder residente. O homem que pensa que pode haver substituição para a prática da Palavra, «engana» a si próprio com uma idéia falsa; e, assim, só prejudica espiritualmente a si mesmo.

«A religiosidade não consiste no conhecimento e na crença, nem mesmo em verdades lundamentais, e, sim, em sermos levados a certa atitude e conduta». (Bispo Butler).

Os espelhos: Durante os tempos do A.T., os espelhos eram fabricados de metal, modelado e altamente polido (ver Jó 37:18). A arqueologia tem recuperado exemplares de bronze que datam da Idade de Bronze Média na Palestina (2900 a 1100 A.C.). As mulheres hebréias, ao deixarem o exílio egípcio, trouxeram consigo espelhos, normalmente feito de metais mistos, mas, principalmente, de cobre, e entalhados com notável habilidade. Tinham cabos de madeira, de pedra ou de metal, com freqüência contando com mui ornadas figuras de mulheres, flores, e, algumas vezes, animais e monstros míticos. Feitos de metal, esses espelhos corriam sempre o perigo de serem arranhados ou de enferrujarem, e requeriam polimento constante. (Ver Sabedoria de Salomão 7:26; Eclesiástico 12:11). Esse polimento era feito com pedra-pomes, e então com uma esponja. O trecho de I Cor. 13:12 indica que o reflexo obtido deixava algo a desejar. Os espelhos de vidro, entretanto, foram descobertos tão cedo como o primeiro século D.C.

#### O Espelho Espiritual

Nosso espelho é um livro abençoado  
Em cujas páginas iluminadas  
Vemos uma gloriosa imagem  
Que ofusca e atrai a todos os olhos.  
O Filho de Deus, e na verdade  
Vêmo-Lo como sabemos que Ele é,  
Já que no mesmo vidro vemos  
A própria vida das coisas terrenas.

Olho da Palavra de Deus, para onde nos voltamos  
Está sobre nós! Tua mirada penetrante  
Pode discernir toda a profundidade do pecado,  
E deslindar todo labirinto do seio.

Quem tem sentido teu olhar tãovel,  
Atravessar as mais remotas células do coração,  
Sobre sua vereda, sobre seu leito,  
E pode duvidar que o Espírito habita em ti?  
(Kehle)

Em um espelho, uma pessoa vê seu rosto natural, o que,



metaforicamente, indica sua verdadeira condição espiritual. Ao mesmo tempo, isso entra em contraste com a condição «espiritual ideal», conforme é contemplada em Cristo e em seu evangelho, através das páginas das Escrituras Sagradas. Ao ver alguém a Cristo, vê o caráter eterno que deverá vir a possuir. (Ver II Cor. 3:18). O versículo presente mostra-nos que a

24 κατενόησεν γὰρ ἑαυτὸν καὶ ἀπελήλυθεν καὶ εὐθέως ἐπελάβετο ὁποῖος ἦν.

1:24: porque se contempla a si mesmo e vai-se, e logo se esquece de como era.

Os verbos gregos, aqui traduzidos por «contempla» e «esquece» estão no tempo aoristo. É o chamado «aoristo gnômico», usado em provérbios, etc., e que em português deve ser traduzido no tempo presente. Porém, «se retira», está no perfeito, no original grego, denotando uma ação que produz resultados duradouros: «...ele se retira e não retorna» (Poteat, *in loc.*). O aoristo gnômico era usado para dar um tom vívido à narrativa: «...ele contemplou e se esqueceu...». A própria palavra indica algo «sábio e espiritual», como as máximas que dizem muito com poucas palavras. Esse aoristo gnômico é mais uma forma de narração popular do que mesmo uma nuance literária, embora nosso autor demonstre muito conhecimento das habilidades retóricas no grego. (Ver as notas expositivas sobre os versículos dois e três deste capítulo, a esse respeito, e como isso influi sobre a autoria da epístola).

Metaforicamente, a ilustração fala sobre o tipo de homem que trata a religião cristã como um dever social, como uma curiosidade ou obrigação.

25 ὁ δὲ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἀκροατὴς ἐπιλησιμονῆς γυνόμενος ἀλλὰ ποιητὴς ἔργου, αὐτὸς μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται.

25 νόμον...ἐλευθερίας Ro 8:2; Ga 3:12; 1 Pe 2:16 οὐτος...ἐπαινος Jo 12:17

1:25: Entretanto aquela que estava bom para a lei perfeita, a da liberdade, o não perseverava, não sendo ouvido esquecido, mas executor da obra, esta será bem-aventurado no que fizer.

«...considera atentamente...». No grego temos «se inclina por sobre», mas com o sentido de «inclinar-se para a frente a fim de mirar». É o mesmo termo usado em João 20:11, quando Maria Madalena «...abaixou-se e olhou para dentro do túmulo». Nos escritos clássicos, entretanto, essa palavra com frequência indica dar uma mera «mirada», «olhar descuidadamente», «olhar de lado». Porém, é óbvio que não era isso que o autor sagrado queria dizer aqui. A escolha do vocábulo provavelmente foi influenciada pela continuação da metáfora do espelho, na mente do autor sagrado. A pessoa se baixa ou se inclina a fim de olhar o espelho, posto sobre uma mesa, ou no chão. Aqui temos uma pessoa realmente interessada em ver o que o espelho revelaria, com o intuito de mudar qualquer defeito de aparência que o espelho revelasse.

«...lei perfeita...». Essa é a mensagem cristã, a «nova lei», por assim dizer, a «mudança de lei» referida em Heb. 7:12. Porém, não se pode duvidar que nesta epístola, sendo ela uma expressão legalista, o autor sagrado cria que essa nova lei incorporava a antiga lei, e não que a abolira totalmente. Naturalmente, há certa verdade até mesmo nesse ponto de vista, o qual é frisado pelo próprio Paulo, em Rom. 3:21: a lei não foi inutilizada pela fé, mas antes, foi confirmada. Para o autor da epístola de Tiago, parece seguro dizer que essa «lei perfeita» é a lei segundo ela foi moldada nas mãos de Cristo. Assim é que a igreja de Jerusalém encarava a questão, não havendo razão para crermos que o autor sagrado se tenha desviado para longe desse ponto de vista. Naturalmente, o apóstolo dos gentios se desviou dessa maneira de ver; ele abandonara a lei como método de justificação e de santificação (ver Rom. 3:21 e Gál. 3:2,3). O autor desta epístola, porém, simplesmente não recebeu esse mais profundo discernimento, mas antes, participava da avaliação judaico-cristã das coisas. (Ver Atos 21:20 e ss. quanto à atitude do verdadeiro Tiago, e de outros elementos da igreja de Jerusalém).

No presente texto, a lei é vista como «perfeita», segundo afirmava a opinião judaica sobre a lei mosaica. Para o autor sagrado, isso era tanto mais evidente, porquanto Cristo a tomara em suas mãos, fazendo dela um grande poder moral. O evangelho cristão, ao incorporar a lei, tornou-se a palavra implantada, que tem o poder de «salvar» (ver o vigésimo primeiro versículo). Essa lei fornece um «reflexo perfeito». Nela, o homem se vê tal qual é: vê a Cristo tal qual ele é; e diz: «Quero ser como ele é». Desse modo, exerce fé e começa a ser transformado segundo a imagem de Cristo, que é o alvo mesmo de toda a existência. (Ver as notas de sumário sobre esse tema, em Rom. 8:29).

A lei e o evangelho (que incorpora a primeira), são «perfeitos», porque foram doados por Deus e são administrados pelo Espírito Santo; e também porque conduzem à perfeição. Um homem vem a participar da própria santidade de Deus (ver Rom. 3:21), de toda a sua plenitude (ver Efê. 3:19). Ver Heb. 7:11,19 quanto ao conceito da «perfeição», no cristianismo. Também se pode observar ali que seu autor, por não ter tendências legalistas, rejeitou a lei como parte desse processo, em contraste com o presente autor, que vê a lei como parte integrante do mesmo, porquanto está incorporada no evangelho. A lei e o evangelho são encarados como algo sem qualquer falha. Esse é o tema (no tocante à lei), do longuíssimo Salmo 119. Os códigos humanos tinham erros e falhas; mas isso não pode ser dito acerca da lei de Deus ou do evangelho de Cristo.

«...lei da liberdade...». Esse conceito, aplicado à lei, era comum no judaísmo; e o autor sagrado se aproveita dele, aplicando-o ao evangelho. «Todo aquele que recebe o jugo da Torah, remove de si o jugo da realza e o jugo das preocupações terrenas». (Talmude, *Pirke Aboth*, iii.8; *Rabino Nechonyiah ben ha-Kanah*). «Não poderás encontrar homem livre, senão aquele que se ocupa no aprendizado da Torah». (*Rabino Josué ben Levi*, vi.2). Filo (ver de *vita Mos.* ii.9) glorifica a lei mosaica em contraste com os códigos humanos, que escravizam aos homens. Apesar de que o autor sagrado descreve o «evangelho de Cristo», que teria incorporado a lei

contemplação repetida e constante da pessoa de Cristo, como que em um espelho, produz a nossa transformação e espiritualização, para que cheguemos a compartilhar de sua imagem. A contemplação da imagem de Cristo, pois, não pode ser algo feito em vão, contanto que com honestidade.

mas que não é uma pessoa espiritualmente séria. Crê em um credo, e pouco mais. Engana a si mesmo, pensando que isso lhe basta; e, que, de algum modo, Deus se agrada dessa «crença» estéril, infrutífera. A mensagem inteira do N.T. é contrária a essa suposição.

O homem que se viu no espelho esquece-se do que vira, ignorando o ideal do desenvolvimento espiritual; mas não fica justificado, somente por ter alguma forma de religiosidade. Ele tem a forma, mas não o poder (ver II Tim. 3:5). Não lhe falta conhecimento, porquanto já se olhou no espelho e viu os seus defeitos, comparando-se, ao mesmo tempo, com o ideal que há em Cristo. Porém, não age de acordo com esse conhecimento, e nem sente profundamente a necessidade de tal ação. Aprecia um bom sermão, do mesmo modo que aprecia uma boa peça de teatro. Nem uma coisa e nem outra são vitais para a sua vida diária. Professava crer na inspiração das Escrituras e na validade da missão salvadora de Cristo; mas, na realidade, não leva muito a sério essas realidades, conforme fica demonstrado pela sua vida de «ateísmo prático».

mosaica (ponto de vista comum entre os judeus cristãos), não pode haver dúvida que isso não compartilhe da opinião paulina sobre a natureza escravizadora da lei. (Ver Gál. 4:23 e ss. e 5:1). O trecho de Atos 15:10 alude à lei como um jugo ou canga posta sobre o pescoço, algo difícil demais para ser suportado. Mas essa opinião não era compartilhada de modo geral pelos elementos da igreja cristã judaica. Os judeus simplesmente não tinham essa opinião sobre sua própria lei, pois, segundo pensavam, ela pode libertar um homem do pecado, conduzindo-o à salvação. (Quanto ao evangelho como uma «lei», ver Heb. 7:12; *Hermas*, Vis. i. 3:4; *Sim.* v. 3:3; 6:3; viii.3:2; Justino Mártir, *Apol.* 43). Nos escritos de Irineu, o evangelho é chamado de «nova lei». A passagem à nossa frente não se refere às «leis naturais da alma» ou à «luz da natureza». Trata-se da «nova lei», aquela estabelecida pelo novo pacto, implantada nos corações dos homens. (Ver Jer. 31:31-34). Não há neste texto qualquer distinto contraste com a lei do A.T., e nem oposição à mesma.

#### Buscando A Transformação Moral

1. Olhemos para o espelho espiritual. Não é provável que gostemos do que ali virmos. Quantos defeitos morais! Olhemos novamente para esse espelho. Contemplemos Cristo ali, porquanto ele é o Homem ideal, em cuja imagem estamos sendo transformados. Prossigamos nessa contemplação. Consideremos qual a sua semelhança, e roguemos ao Espírito que ele nos torne semelhantes a Cristo. (Ver II Cor. 3:18 e suas notas, quanto a essa metáfora).

2. No texto presente, a lei, nas mãos de Cristo, serve-nos de espelho espiritual. Ela revela a natureza do homem, e lhe presta informações sobre como pode mudar seu caráter. O autor sagrado mistura as obras da lei e a fé, com a motivação e o poder que há por detrás da transformação moral. Paulo expressou com maior felicidade esse pensamento, em Fil. 2:12,13: «...efetuai a vossa salvação...» (o lado humano). Todavia, lembremos de que nada poderemos fazer por iniciativa própria, na realidade, pois «...Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade». Mas, seja como for, quer o expressemos à moda de Paulo, quer o façamos à moda de Tiago, permanecem de pé dois grandes fatos: a. Precisamos fazer alguma coisa em relação ao nosso estado espiritual; precisamos mostrar-nos ativos em nosso desenvolvimento espiritual. b. Existem leis morais e espirituais que exercem autoridade sobre nós, e estamos na obrigação de procurar viver em harmonia com essas realidades.

3. Apliquemos os meios de desenvolvimento espiritual: o estudo da Bíblia, o treinamento da mente quanto às questões espirituais, a oração, a meditação, a santificação prática, a prática da lei do amor, o emprego dos dons espirituais, etc.

«...nela persevera...». Está em foco saber o que a Palavra exige, para que ela seja posta em prática, fazendo do indivíduo um praticante, e não mero ouvinte; e que o crente faça disso um modo de vida, pois é somente através da continuação que ocorre uma mudança e um desenvolvimento permanentes. Por isso é que declarou Filo: «Após ter tocado no conhecimento, não permanecer no mesmo é como quem prova o alimento e a bebida, mas não pode satisfazer à própria fome». (De sacr. Abel et Cain., 25).

«...esse será bem-aventurado...». Tal como no décimo segundo versículo, é aqui prometida uma bênção espiritual, a «felicidade» no nível da alma, as «riquezas» de Deus, o «bem-estar» da alma, conforme é indicado pela palavra «makarios», no N.T. (Ver as notas expositivas em Mat. 5:3, quanto à história dessa palavra e seus usos). O bem-estar se evidenciará, particularmente, no futuro estado, quando da total salvação da alma (ver o vigésimo primeiro versículo), mas a adição das palavras «...no que realizar...», mostra-nos que o autor sagrado promete uma bênção presente, nesta vida terrena, para o crente praticante da Palavra.

«A vida obediente é o elemento de que consiste a bênção, e na qual ela se encontra». (Alford, *in loc.*). Assim, a vida geral do crente praticante é bendita; e ele é abençoado na prática de atos individuais. (Isso pode ser comparado com o Sermão da Montanha—Mat. 7:24 e ss.). A ereção da casa sobre a rocha requer uma prática constante. Dessa maneira é que a casa



permanecerá firme, resistindo a todo o ímpeto da inundação. Não há que duvidar que isso envolve a bem-aventurança espiritual. «O movimento de vida espiritual, que é o esforço ou a prática, se torna em um festivo movimento de vida espiritual, de alegria perfeita». (Oosterzee, *in loc.*)

«Quatro são os tipos de homens que visitam as sinagogas: 1. Aquele que entra, mas não age; 2. aquele que age, mas não entra; 3. aquele que entra e age; e 4. aquele que nem entra e nem age. Os dois primeiros são tipos X. O Abuso da Linguagem (1:26).

Conforme sucede com frequência nesta epístola, temos agora uma declaração totalmente isolada da que a antecede e da que segue, mais ou menos a exemplo do que sucede no livro de Provérbios. O autor retorna a uma nota que não havia feito soar no décimo nono versículo, contra as explosões de ira repentina, que envolvem diatribes e palavras amargas. O terceiro capítulo aborda longamente o uso e o abuso da língua. Apesar de que todos ofendemos com nossas palavras, pois, em caso contrário, seríamos perfeitos (ver Tia. 3:2), contudo, o homem verdadeiramente espiritual controlará sua língua e, pelo menos «habitualmente», a usará para o bem, em contraste com o homem ímpio, que continuará ofendendo mediante palavras apressadas, duras, amargas e pervertidas. (Ver Tia. 3:6). Nenhuma pessoa pode abençoar e amaldiçoar *habitualmente* com sua língua, porquanto isso indicaria uma «fonte» boa e má, ao mesmo tempo (ver Tia. 3:11). E toda a pessoa tem de ser boa ou má, porquanto ninguém pode ser as duas coisas ao mesmo tempo. Isso significa que, de modo geral, na regeneração, a pessoa recebe uma nova natureza, boa e benéfica; e esta, por sua vez, dominará suas ações e sua linguagem, ainda que, ocasionalmente, ele venha a deslizar e usar de alguma expressão carnal.

26 Εἴ τις δοκεῖ θρησκὸς εἶναι, μὴ χαλιναγωγῶν γλῶσσαν αὐτοῦ ἀλλὰ ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ, τούτου μάταιος ἡ θρησκεία.

26 εἶναι] add εν υμιν KL pm c

1:26: Se alguém cuida ser religioso e não retém a sua língua, mas engana o seu coração, a sua religião é vã.

«...religioso...» Esse é o único uso que se faz desse adjetivo grego, «*Threskos*», de que se conhece na literatura grega, embora a forma nominal, «*threskeia*», seja perfeitamente comum. Foi termo usado por Filo no sentido de «atividade religiosa», de «oração e cerimônia», de «culto» religioso em geral. *The Worse Attacks the Better*, 21. Algumas vezes o termo é usado no sentido de «ritual», em contraste com a verdadeira «santidade»; e, nesse caso, o sentido é depreciatório, mas não há qualquer indício disso no presente versículo. A palavra aqui empregada indica bem a atitude geral do autor sagrado para com a atitude religiosa. Ele continuava praticando certos ritos e cerimônias judaicas, e em sentido algum abandonara a lei de Moisés. Portanto, tal como todos os crentes legalistas, sua religiosidade era expressa; era revestida de certas formalidades rituais. Contudo, ele insistiu, de modo absoluto, que a religiosidade consiste em muito mais do que disso—deve ser algo prático, produzindo «boas obras» (ver os versículos vigésimo segundo em diante); e agora se vê que deve haver o controle da língua e do temperamento.

Ora, isso pressupõe uma operação feita pelo Espírito de Deus no coração do homem. Todavia, o fato que o autor sagrado escolheu uma palavra que expressa um «culto religioso», a fim de aludir à espiritualidade, mostra-nos que ele ainda não entrara em contacto com aquela profundidade da fé livre, de que Paulo já auferia. Não obstante, muito temos a aprender desta epístola, especialmente de sua diatribe contra a «crença fácil». A passagem de *Herod.* ii. 37 usa a forma nominal desse vocábulo para indicar as observâncias dos sacerdotes egípcios, que se vestiam de linho, que se circuncidavam, que rapavam os cabelos, etc. (Ver também Atos 26:5, onde Paulo aplica essa palavra à «religião» dos fariseus, que ele antes seguira. Col. 2:18 é outra referência neotestamentária; e, nesse caso, o vocábulo é aplicado ao culto dos gnósticos, que perturbavam às igrejas da Ásia Menor). Parece que a raiz da palavra é «*threomai*», «sussurrar orações formuladas»; mas quanto a isso não há certeza.

«...deixando de refrear a sua língua...» No grego é «*chalinagogein*», isto é, «guiar com arreios»; metaforicamente, «controlar». Trata-se da única ocorrência da palavra, em todo o N.T. (Comparar com Platão, *Leis*, 701: «Penso que o argumento deveria ser evocado de quando em vez, não lhe sendo permitido livre curso, mas antes, ser controlado com arreios»). O autor sagrado usa a metáfora de um cavalo fogoso e indomável. Algo se faz necessário para controlá-lo, pois, de outra maneira, desembestará na carreira e alguém sairá ferido. Assim também, o homem que permite que sua boca seja usada sem controle, prejudicará a outros e a si mesmo. E agir assim devido a um espírito carnal e descontrolado; e se porventura esse é o seu costume, podemos estar bem certos de que ele não é homem verdadeiramente espiritual, mas tão-somente tem a forma externa da fé religiosa. Tal fé é «vã», porquanto em nada contribui para controlar a expressão de sua vida e suas relações com outras pessoas. Tornar-se-á uma pessoa destrutiva, e não benéfica. A idéia de pôr arreios na língua, mostra

indiferentes; o terceiro é o homem justo; e o quarto é inteiramente ímpio». (*Pirke Aboth.*, cap. v. 14).

Talvez haja aqui uma alusão ao homem bem-aventurado, de Sal. 1:1-3. Esse rejeita o conselho e o andar dos ímpios; e se deleita na lei do Senhor, meditando nela dia e noite. Isso está de conformidade com a atitude geral do autor sagrado.

26 μή...γλῶσσαν αὐτοῦ Pi 34.13; 39.1; 141.3

que o autor ainda tinha em mente as palavras proferidas com ira (ver o décimo nono versículo), porquanto esse é o elemento que faz a língua descontrolar-se. Nessa condição, a língua é incendiada pelo ímpio. (Ver Tia. 3:6). (Quanto a essa mesma metáfora dos «arreios», ver Filo, *de mut. nom.*, 41; de *agric.*, 15 e s.; *Hermas*, *Mand.* xii.1; *Aristoph.* 862; *Eurip.* *Bacchae*, 386).

«...enganando o próprio coração...» Alguém diria: «Frequente a igreja, faça parte das orações, observe os dias santos, dou o dzimo, observe jejuns e dou esmolas—certamente sou favorecido por Deus.» Sim, mas tal pessoa tem uma língua descontrolada e espalha muitos males com ela; suas observâncias religiosas são vãs, e sua fé é simulada. Esse é o raciocínio do autor sagrado. Portanto, tal indivíduo pensa que é um «exemplo de piedade», e, dessa maneira, engana a si próprio. A palavra «...coração...», no N.T., indica o «homem interior», a alma, ainda que a ênfase com frequência recaia sobre a porção emocional ou intelectual da pessoa. Tal pessoa tem confiança; mas essa confiança não tem base sólida.

«...vã...» No grego é «*mataios*», que é palavra usada para falar sobre os ídolos e sua adoração (ver Jer. 2:3; Atos 14:15 e 1 Ped. 1:18). Portanto, se a religiosidade de um homem não o livra de vícios dominantes, não é ela melhor que a adoração idólatra dos pagãos; é vazia e ineficaz. A fé religiosa não depende das questões «externas», vinculadas ao culto; é mister que transforme o coração; deve poder mudar o indivíduo no nível espiritual. Com isso concordam todos os profetas. Assim diz Miq. 6:8: «Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e antes humildemente com o teu Deus?» (Ver o trecho de Efê. 5:3-6 acerca do uso apropriado da língua: essa passagem contém os três grandes vícios da linguagem: a calúnia, a blasfêmia e as palavras impuras. E notemos que esses vícios estão alistados entre aqueles que não permitem a um homem herdar o reino de Deus, se não forem dominados. (Ver o sexto versículo daquele capítulo). Isso concorda, em espírito, com o texto presente.

«...supõe ser religioso...» Um homem pode ter a aparência de ser religioso e espiritual, tanto a seus próprios olhos como aos olhos alheios. Pode «pensar» de si mesmo como tal, conforme dizem algumas traduções. No entanto, não é aceitável aos olhos de Deus, sem importar o que suponha ser. Tal religiosidade só será válida se for poderosa para dominar os seus vícios. (Ver Gál. 5:21 quanto ao fato que os vícios impedem a entrada no reino de Deus. As notas sobre o décimo nono versículo deste capítulo contém várias citações e idéias que ilustram bem este versículo).

**Variante Textual:** As palavras «...se algum homem entre vós...» aparecem nos mss KL e na maioria dos manuscritos minúsculos da tradição bizantina, identificando essa forma com o texto «bizantino». A forma correta, entretanto, é apenas «...se alguém...», conforme se lê nos mss P1741, Aleph, ABDP e na maioria das versões. As palavras «...entre vós...» envolvem uma glosa escrital, para que o versículo se tornasse mais pessoal para os leitores, como se na própria comunidade deles imperassem tais condições. Essa declaração, entretanto, é geral.

## XI. Definição da Verdadeira Religião (1:27).

Uma vez mais, encontramos outra declaração isolada, uma espécie de máxima que define a religião autêntica. Já que temos aqui tal definição, naturalmente isso liga o versículo com o que fora dito antes, embora não tenha sido escrito como continuação ou conclusão do versículo anterior. O autor sagrado solapa toda a definição cerimonial da religiosidade, e, de acordo com o melhor ponto de vista dos profetas do A.T. (bem como da revelação neotestamentária), mostra-nos que a verdadeira fé religiosa depende do que sucede internamente à pessoa, de sua transformação moral, que o leva a ter certo padrão de vida, e não depende de ritos e de observâncias religiosas por que tenha passado. Assim ensinam-nos as passagens de Miq. 6:8 e Sal. 51:6.

O autor sagrado, naturalmente, não tinha a intenção de apresentar uma definição completa. De fato, isso seria impossível. Meramente quis caracterizar o âmago da questão. A caracterização dada enfatiza dois elementos essenciais de qualquer homem espiritual:

1. Ele deve expressar a sua fé de maneira altruísta, isto é, amando ao próximo, mostrando feitos de bondade e misericórdia. Nisso ele se assemelha mais com Deus, que amou ao mundo com amor incomensurável. (Ver João 3:16).
2. Além disso, ele deve ser pessoa que não é mundana, mas antes, deve ser pura e santificada. (Com isso concordam as passagens de Luc. 6:36; Osé. 6:6; Mat. 9:13 e Marc. 12:12-33).



Esses dois pontos se revestem de tremenda importância, ainda que não descrevam todas as características da espiritualidade. A fraqueza maior deles é que deixam de lado nossa busca por Deus, nossa comunhão mística com ele, que são aspectos tão proeminentes na oração de Paulo, em Efé. 1:16 e ss., tão frequentemente aludidos na expressão «em Cristo», usada por cento e sessenta e quatro vezes nos escritos paulinos. (Isso é comentado em I Cor. 1:4). Mas esse é o lado divino da religião, não incluído aqui pelo autor sagrado, cuja definição abarca a «religião prática» apenas, isto é, como ela opera neste mundo pecaminoso.

27 θρησκεία καθαρά καὶ ἀμείαντος παρὰ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὐτῇ ἐστίν, ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανούς καὶ χήρας ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν, ἀσπίλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου.

27 [31] ἀσπίλον ἑαυτὸν τηρεῖν N (A) σεαυτὸν H C K P 04v 056 0142 12 N<sup>1</sup> A<sup>1</sup> 104 101 126 320 436 τηρεῖν ἑαυτὸν 439 630 943 1241 1730 1877

2127 2492 Hys Ixet [cor] = om. div. 9. m. p. 1. 1. v. g. syr<sup>h</sup> cor<sup>h</sup> arm ieth σεαυτὸν; ὁ ἀσπίλον αὐτοῦ τηρεῖ 614 1305 3412 2492 ὁ ἑαυτὸν ἀσπίλον αὐτοῦ τηρεῖ

27 θρησκεία add γὰρ A pc sy<sup>p</sup> | τω om N<sup>1</sup> KL pm

Ao invés do texto apoiado pela massa esmagadora de testemunhos, P (74) diz ὑπερασπίζειν αὐτοὺς («para se protegerem»). O plural também figura em vários minúsculos (ἀσπίλους ἑαυτοὺς τηρεῖτε 614 1505 2412 2495).

1:27: A religião pura e imaculada diante do nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições a guardar-se isento da corrupção do mundo.

...religido... Trata-se da mesma palavra, usada no versículo anterior, uma vez em forma adjetivada e outra vez em forma nominal. (Ver as notas expositivas completas a respeito, ali). Embora essa palavra seja, por si mesma, apropriada para descrever o culto religioso, com seus ritos, cerimônias e questões externas, nosso autor mostra que a verdadeira religião deve ser mais profunda do que isso.

...pura e sem mácula... Sem vícios, sem reprimendas, agradável aos olhos de Deus, como eram as ofertas sem defeito. É óbvio a alusão ao sistema de sacrifícios da lei mosaica; porém, ao invés de dar qualquer valor a essas excrecências religiosas, o autor sagrado mostra que a verdadeira «pureza» não se acha nos sacrifícios de animais, e, sim, no coração do adorador, que então se caracterizará por uma religiosidade sem mácula e sem dúvidas. (Ver Filo quanto ao uso desses dois termos, aplicados aos sacrifícios de animais, em *Leg. all.* i. 15). O sentido ético, tal e qual se vê no presente texto, também aparece no Pastor de Hermas. (Ver *Mand.* ii. 7; *Sim.* v. 7; *Testamento dos XII Patriarcas, José*, 4:5. Quanto ao N. T., comparar com os trechos de Heb. 7:26 e I Ped. 1:4).

A própria moralidade é o serviço e o cerimonial (culto externo, *threskia*) da religião cristã. (Ropes, *in loc.*). Isso serve de adorno suficiente; isso é um sacrifício suficiente. O autor da epístola aos Hebreus tem a mesma idéia. (Ver Heb. 13:15). Nossos sacrifícios consistem em louvar a Deus, em nossas palavras e em nossa vida diária, bem como a prática do bem e a comunhão com os sofrimentos alheios, quando ajudamos a outros em suas necessidades. É com esses tipos de sacrifícios que «Deus se agrada». (Ver as notas expositivas no local citado, onde a idéia é expandida). Naturalmente, tal conceito não era novo, não era nenhum novo discernimento. (Ver *Miq.* 6:6-8; *Isa.* 1:10-17; *S8:6*; *Zac.* 7:4-10 e *Pro.* 14:2, quanto a essa idéia, nas páginas do A. T.). Até mesmo os escritores pagãos puderam perceber essa verdade. (Ver *Isócrates, Ad Nocol.*, pág. 18:36). Nesse último caso, puderam chegar a um conceito mais espiritual de Deus.

...nosso Deus e Pai... Essa terminologia aparece na introdução de quase todas as epístolas paulinas. (Ver *Rom.* 1:7; *I Cor.* 1:3 e *Efé.* 1:2). A passagem de *Efé.* 1:3 envolve tal expressão, indicando Deus como Deus e Pai do Senhor Jesus; e em *João* 20:17 aparece nos lábios de Jesus, ao falar ele com Maria Madalena, de que em breve ascenderia para o Deus e Pai que era dele e de seus seguidores. (Ver as notas expositivas sobre esses lugares, onde os termos são explanados. Ver *João* 8:42 e *Rom.* 8:15 quanto ao ensinamento sobre a «paternidade de Deus»). O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que todas as bênçãos espirituais chegam até nós como filhos do Pai celeste, devido às nossas relações com o Filho de Deus, o qual é o nosso irmão mais velho. A filiação é virtual sinônimo da salvação, porque aquilo que temos na qualidade de filhos espirituais é aquilo em que consiste a salvação. (Ver *Heb.* 2:10 e as notas expositivas ali existentes quanto à nossa participação na «família divina»).

O emprego dessa expressão, no presente versículo, serve especificamente para mostrar que agradamos a Deus, em nossa religiosidade espiritual, como os filhos agradam a seus pais, cuidando em conservar nossa pureza pessoal. Assim é que nos tornamos dignos filhos de um Pai santo e exaltadíssimo; e servimos a nossos semelhantes, também como seus filhos.

...visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações...

Tipos De Fé Religiosa

1. Há o *legalismo*: É a posição dos que dizem: Conhece a lei de Deus e põe-na em prática, e receberás mérito. Paulo, porém, negava a validade de tal princípio; todavia, isso não significa que não possa haver verdadeiros crentes que cumpram (mediante o poder do Espírito Santo) as exigências morais e práticas da lei de Deus. *Conhecer Deus*, segundo os termos do A. T., consistia em conhecer a lei divina e pô-la em prática. Os inúmeros preceitos morais do N. T. confirmam o fato, embora o próprio N. T. nos conduza além dessa maneira simplesmente prática e experimental de conhecer Deus. Consideremos, por exemplo, a iluminação espiritual (ver *Efé.* 3:18), a fé (ver *Heb.* 11:1) e a graça (ver *Efé.* 2:8).

2. Há o *sacramentalismo*: Alguns acreditam que se pode adquirir méritos diante de Deus através do uso dos chamados sacramentos. Todavia, quando legítimos, são apenas símbolos da nossa fé, e não a substância mesma das realidades espirituais.

3. Finalmente, há o *misticismo*: Esse consiste do «contacto com um poder ou ser superior a nós mesmos». Exprime a mensagem do N. T. O Espírito Santo nos transforma, nos santifica e em nós cultiva as virtudes morais e espirituais. Este versículo destaca a necessidade de vivermos a lei do amor, a qual se concretiza através das boas obras em benefício alheio. Amor é prova de espiritualidade (ver as notas a respeito em *I João* 4:7). O Espírito pode

insuflar essa virtude em nós. Peça-lhe que faça isso em sua vida!

...visitar... No grego é usado o termo «*episkeptomai*», «cuidar» ou «visitar» (visitação divina ou humana). Era o verbo comumente usado para indicar as visitas aos enfermos. (Ver *Mat.* 25:36,43; *Eclesiástico* 7:35; *Xenofonte* *Cyr.* v.4:10; *Plutarco, de san praec.*, 15, pág. 129C). Porém, envolve mais que uma simples visita. Também indica a manifestação de simpatia e as dádivas para aliviar as necessidades físicas: como quem age como pai para quem não tem pai. As viúvas e os órfãos não são os únicos que possuem necessidades especiais; mas serão sempre exemplos salientes de pessoas em necessidade, sendo aqui usadas como símbolos. (Ver *Deut.* 27:19; *Eclesiástico* 4:10; *Atos* 6:1; *Barn.* 20; *Plyc.* 6; *Hermas, Mand.* viii.10).

...tribulações... No grego temos «*thlipsis*», «pressão», que metaforicamente significa «pressão», «aflição», «perseguição». Tribulações e privações nos «pressionam» e angustiam. Essas pressões sofridas podem ser aliviadas pela bondade de pessoas piedosas.

...e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo... O verdadeiro sacrifício do crente a Deus é a sua própria pessoa. (Ver *Rom.* 12:1,2). Como sacrifício, o crente deve ser sem mácula e sem defeito. O grego usa a palavra «aspilos», isto é, «imaculado», «sem defeito». É a forma privativa de «spilos», «mancha», «mácula». Uma vez mais o autor sagrado mostra sua preocupação pela pureza e pelas qualidades morais, em contraste com o que é cerimonialmente apropriado. Não mais precisamos de sacrifícios de animais sem defeito: nós mesmos devemos ser moralmente puros, isentos de vícios, como crentes que estão recebendo as perfeições morais da própria natureza perfeita de Cristo.

...mundo... No grego, «*kosmos*». Essa palavra tem grande variedade de significados, a saber: 1. Adorno (ver *João, Antiq.* 1:250). 2. O mundo, como arranjo ou adorno feito por Deus, ou como a criação inteira considerada como tal. (Ver *Platão, Gorg.* 508a). 3. O mundo físico, ou criação física. (Ver *João, Antiq.* 9:241). 4. A soma total de tudo quanto habita na terra, ou a soma total dos homens. (Ver *João, Antiq.* 9:241 e *10:205*; *Sib. Or.* 1:169; *II Clemente* 8:3 e *João* 16:21). 5. O que é terreno, em contraste com o que é celestial (ver *II Clemente* 19:3; *João* 6:14 9:39). 6. Ou certo sentido ético, em que o mundo é visto como adversário de Deus, perdido no pecado, em conflito com o ser divino, por ser pecaminoso, malicioso e moralmente poluído. (Ver *I João* 2:15 e s.; *Col.* 2:8,20 e *Gál.* 6:14). É neste último sentido que o vocábulo é usado no presente versículo. O homem verdadeiramente espiritual não é mundano; será alguém livre do orgulho da vida, da concupiscência da carne e da concupiscência dos olhos. (Ver *Rom.* 12:1,2 para declaração bem similar). Não nos podemos «amoldar» a este mundo pecaminoso, mas antes, devemos-nos deixar transformar em seres espirituais, através da renovação da nossa mente. Isso pressupõe a ação do Espírito Santo, o qual espiritualiza o crente, levando-o a participar da imagem moral de Cristo.

A criação terrena inteira, separada de Deus, espojada no pecado, a qual, sem importar se é considerada como composta dos homens que a servem, ou se é considerada como as atrações que os prendem a más concupiscências, para os crentes será uma fonte de constante contaminação. (Alford, *in loc.*).

O Senhor não quer que aqueles que o reverenciam vivam na impureza; e nem se agrada daqueles que cometem adultério, mas daqueles que dele se aproximam com um coração puro e com lábios incontaminados. (*Testamento dos Doze Patriarcas, José*, iv.6).

Aquilo a que o Novo Testamento chama de «o mundo» é um sistema de culpa cooperativa, de possibilidades limitadas. A crucificação só foi possível devido à cooperação de um governador covarde, de elementos eclesiásticos inescrupulosos, de um discípulo traiçoeiro, de uma multidão insensata e de executores calejados. (W. R. Inge, *A Rustic Moralist*, pág. 219). Esse tipo de mundo moralmente corrupto é que macula o justo e o torna incapaz para a adoração e o serviço de Deus.

...guardar-se... De que modo? Mediante os costumes e exercícios espirituais apropriados: a oração, a busca de forças espirituais, o conhecimento das Escrituras, o intelecto esclarecido; e também as experiências místicas, através da posseção e do uso de dons espirituais; e, igualmente, o desenvolvimento espiritual, que ocorre mediante a presença habitadora do Espírito Santo. (Ver *Gál.* 5:22,23 e *Mat.* 5:48). É isso que convida a aprovação de Deus, ao passo que o cerimonialismo pode parecer suficiente para os homens que julgam as coisas observando apenas as externalidades.

Deus, em virtude de seu amor, só pode considerar puro o culto religioso que é expressão de amor. (Luther, *in loc.*).

A adoração a Deus corresponde à paternidade de Deus: aqueles que dela



se ocupam fazem a obra divina com amor e compaixão, porque ele é Pai dos irmãos e é Juiz (protetor dos direitos) das viúvas. (Ver Sal. 68:6). (Oosterzee, *in loc.*).

**Variação Textual:** A maioria dos manuscritos diz aqui «...guardar-se imaculado...», mas o ms P174 exibe o plural, além de usar um verbo diferente, isto é, «...protegerem-se...». O sentido é praticamente o mesmo. Esse papiro

(dos fins do século VII D.C., e que foi dos últimos manuscritos a empregar tal material) não tem autoridade, porque está completamente isolado nessa variante, pelo que a outra forma pode ser considerada correta. Usando o mesmo verbo que aparece na forma comum, embora no plural, «...guardarem-se imaculados...», temos os manuscritos minúsculos 614, 1506, 2412 e 2495.

## Capítulo 2

### XII. Contra o Respeito Humano (2:1-13).

A seção que ora se inicia está unificada por um tema comum, do princípio ao fim, embora as exortações consistam de declarações que usualmente são completas em si mesmas, podendo permanecer de pé sozinhas; não há argumentos apresentados juntamente com vários temas dependentes uns dos outros, embora, na realidade, haja um certo tipo de interdependência, por causa do tema comum. A base da seção inteira é o primeiro versículo deste capítulo. Não devemos favorecer uma pessoa em detrimento de outra, e nem devemos degradar a uma pessoa em relação a outras, por causa de padrões mundanos. O principal padrão mundano usualmente empregado na sociedade humana (e até mesmo no seio do cristianismo), é a posse ou não de dinheiro. Dinheiro indica poder e posição social, para aqueles que o possuem, sem importar sua inteligência. Os ricos são os favorecidos, embora, não fosse o dinheiro, e nada haveria que os destacasse entre os demais. Mas Deus nunca escolheu os homens por causa de algum padrão mediante o qual os homens elevam a uns e rebaixam a outros. De fato, é até mesmo evidente que ele prefere os pobres, porquanto a vasta maioria das pessoas crentes, que se ocupam da inquirição espiritual, se compõe de pessoas de pequenos privilégios financeiros.

Apesar de que, no seio do cristianismo, alguns crentes vivam a exaltar aos ricos e a desprezar aos pobres, a verdade é que, no mundo, esses mesmos crentes são oprimidos pelos ricos; e são estes últimos que ridicularizam o evangelho e perseguem ao evangelho. Portanto, de onde vem essa obsessão de favorecer aos ricos e de degradar aos pobres? Além dessas considerações, devemos pensar na lei do amor, que nunca diz «Amai aos ricos e desprezai aos pobres», mas antes: «Amai ao próximo», o que certamente inclui tanto os pobres como os ricos, tanto os de muita como os de pouca influência na sociedade. Portanto, no caso daqueles para quem escrevia Tiago, a lei ordenava um amor que eles não exerciam. E diz o autor sagrado que se alguém é culpado de transgredir qualquer ponto da lei, já é culpado de todos, e só merece a sua condenação. E podemos ter a certeza que se alguém não seguir os pontos mais importantes da lei, demonstrando misericórdia para com o próximo, então chegará o tempo em que tal pessoa será julgada, sem que lhe seja exibida qualquer misericórdia.

A seção pode ser subdividida como segue:

1. Primeiro versículo: tema.
2. Versículos segundo a quarto: repreensão contra o pecado específico — exaltação dos ricos e opressão dos pobres.
3. Versículos quinto a sétimo: repreensão direta — sois insensatos por exaltar aos ricos, se vós mesmos sois oprimidos por eles na sociedade; pois é evidente que Deus deixou de lado aos ricos e escolheu aos pobres.
4. Versículos oitavo e nono: a lei contém o mandamento de amor ao próximo — não estareis cumprindo esse mandamento se desprezais aos pobres.
5. Versículos décimo e décimo primeiro: a lei exige obediência completa, e não obedecer-lhe é ficar condenado; abusar contra os pobres merece a condenação.
6. Versículo décimo segundo: a lei, nas mãos do evangelho, não se mostra menos severa.
7. Versículo décimo terceiro: se alguém não mostrar misericórdia para com o próximo, não poderá receber misericórdia. A seção inteira faz o resumo do que foi introduzido, em Tia. 1:9-11.

2 Ἀδελφοί μου, μὴ ἐν προσωπολημψίαις ἔχετε τὴν πίστιν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τῆς δόξης.\*

\* 1 a conc: TR WH Bov Nss B<sup>17</sup> TT Jer // a maior: WH<sup>4</sup> AV RV ASV RSV Zür Luth Reg

\* 1 b statement: TR Bov Nss B<sup>17</sup> AV RV

ASV RSV NEB TT Luth Jer Reg // b question: WH RV<sup>2</sup> ASV<sup>2</sup> // b exclamation: Zür

1 μὴ...ἔχετε Job 34:19; Ac 10:34; Jas 2:9

2. 1 (Χριστοῦ) ; | τῆς δόξης| por ante tou Κυρ. 614 al sy as<sup>1</sup> bo: om 33 429 sa(1) | (δόξης) ; R<sup>m</sup>

2:1: Meus irmãos, não tenhamos a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em aceção de pessoas.

«...Meus irmãos...» Temos aqui um apelo direto, ao senso cristão dos leitores, como participantes que eram da família divina, que incorporava a crentes pobres, a quem eles estavam desprezando. (Ver o uso do apelo aos «irmãos em Cristo», em Tia. 1:16). Essas palavras também são usadas como um artifício literário, assinalando uma transição. (Quanto a isso ver Tia. 1:19, 2:14; 3:1 e 5:7).

«...tenhamos...» O autor sagrado queria que seus leitores professassem a fé cristã; mais exatamente, porém, queria que isso fosse uma «qualidade íntima», uma «outorga da alma aos cuidados de Cristo». (Ver Tia. 2:14,18; Mat. 17:20; 21:21; Marc. 11:22; Luc. 17:6; Atos 14:2; Rom. 14:22; 1 Tim. 1:19 e File. 5 quanto a usos similares das palavras gregas envolvidas).

«...fé em nosso Senhor Jesus Cristo...» Consideremos os pontos seguintes: 1. A fé deve ser entendida aqui como a fé «objetiva», isto é, aquilo em que se acredita, o sistema de doutrinas do cristianismo, o credo cristão. Esse uso se limita, nas páginas do N.T., quase inteiramente às «epístolas pastorais». (Ver as notas expositivas a respeito em 1 Tim. 1:2). 2. A fé como virtude, que consiste de uma qualidade espiritual, na qual mostramos nossa confiança e nossa entrega aos cuidados de Cristo. Essa é a fé subjetiva em ação diária. (Ver as notas expositivas em Gál. 5:22 quanto à fé como um dos aspectos do «fruto do Espírito»). 3. Além disso, a fé pode ser «subjetiva», isto é, a outorga pessoal da alma a Cristo, o que confere ao crente uma vida dedicada. Essa é a fé referida neste versículo, e que normalmente aparece nas páginas do N.T. (Esse aspecto da fé é amplamente comentado em Heb. 11:1, com poemas ilustrativos). Esse aspecto da fé exercido inicialmente quando da conversão, pois a fé e o arrependimento é que compõem a conversão (ver Atos 20:21 e João 3:3). Todavia, o justo viverá «por fé» (ver Rom. 1:17). Portanto, a outorga inicial da alma a Cristo é vivida na vida diária e vai sendo aprimorada, porquanto a vida inteira do crente visa uma dedicação sempre crescente a Cristo, quando vamos recebendo sua própria imagem e natureza (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18). Por conseguinte, se isso realmente tiver de suceder entre os homens, eles dificilmente poderão ocupar-se na tarefa de exaltar a uns e de degradar a outros, somente por causa da prosperidade financeira dos primeiros. Terão maior bom senso do que isso.

«...Senhor Jesus Cristo...» (Quanto a explicações sobre o título completo

de Cristo, juntamente com notas sobre o seu «senhorio», ver Rom. 1:4). Cristo, como Senhor, e não meramente como Salvador, requer a lealdade que não nos permite cair no erro do favoritismo.

«...Senhor da glória...» A palavra «...Senhor...», neste caso, é suprida pelas traduções. Esse título ocorre em I Cor. 2:8, onde há notas expositivas completas a respeito. Está em pauta a glória celestial; a magnificência (incluindo a sua divindade) de sua pessoa e de sua herança é salientada a fim de relembrar aos crentes que Cristo, acima de todos, é quem deve ser exaltado. Na qualidade de ser supremamente exaltado, Cristo não permite a exaltação de outros, que venha a obscurecer a sua glória, que é o que sucede quando alguém se gloria em homens ricos. Outrossim, essa glória do Senhor Jesus será compartilhada por todos os crentes, incluindo os pobres, pelo que estes merecem nosso respeito tanto quanto quaisquer outros homens. O autor sagrado salienta, com esses títulos, que a atitude certa para com o Senhor deveria impedir nossas atitudes impróprias para com os homens.

«...aceção de pessoas...» Essa expressão também ocorre em Rom. 2:11, onde é comentada. O termo grego assim traduzido, mais literalmente traduzido diria «...recepção de face...», dando a entender quem «age com parcialidade». (Ver os trechos de Efé. 6:9; Col. 3:25; Policarpo Fil. 6). Um ato de favoritismo em favor de alguém, geralmente ocorre quando o indivíduo acha mais valor nesse alguém, ou quando espera receber algum favor, em troca da lisonja. Usualmente essa é a razão do favoritismo. No caso dos ricos, as dádivas em dinheiro, e também o prestígio dado na solução de algum problema ou na obtenção de alguma finalidade desejada, podem levar as pessoas das igrejas a exaltá-los. Mui raramente isso seria feito com motivos puros. Por conseguinte, o favoritismo é uma espécie de desonestidade, de lisonja insincera. Os pobres não são tão favorecidos simplesmente porque lhes falta a capacidade de enriquecer a igreja com seus donativos, ou de emprestar seu prestígio ou sua autoridade à causa de outrem. O plural é aqui usado, dando a idéia de *favoritismos*; e isso subentende muitos atos distintos, que compõem a atitude de «recepção de face», conforme diria literalmente a expressão.

Consideremos este versículo e a questão da origem. Este versículo tem sido muito usado no debate sobre a questão da forma original da epístola. Seria ela, realmente, um documento judaico que recebeu alguns pequenos retoques, a fim de ser adaptado a propósitos cristãos? Nesse caso, o trecho de Tia. 2:1, ou parte do mesmo — a adição do longo título conferido a



Jesus—teria sido uma das adições feitas pelo autor cristão. Essa teoria tem obtido algum peso entre os entendidos devido à observação que a adição é um tanto capenga no grego, juntando uma série de sete palavras, todas no caso genitivo. Para tentar solucionar o problema da tradução, foi então acrescentado o termo «Senhor», antes de «glória», o que quebra um tanto a série de genitivos e dá um melhor equilíbrio à mesma; contudo, a palavra «Senhor» não faz parte do original, pelo que também não se encontra em muitos manuscritos. A despeito dessa dificuldade, a conclusão do presente comentário é que apesar de evidentemente haver grandes parcelas de empréstimo, provenientes de autores judaicos, desde o começo o documento foi tipicamente cristão. (O problema é discutido amplamente na introdução à epístola, em sua seção IV).

A tese do autor sagrado já foi exposta. Quando os homens tomam maior consciência da pompa deste mundo, e dirigem suas ações conforme a mesma, esquecem-se da magnitude do Cristo eterno; e isso não tarda a redundar em prejuízo para suas respectivas congregações locais. Sob tais circunstâncias, a fé se enfraquece, se é mesmo que não morre. Na verdade, há certa igualdade profunda entre todos os crentes, porquanto todos somos apenas irmãos em uma mesma grande família, e todos devemos prestar lealdade ao mesmo Irmão mais velho e ao mesmo Pai. O respeito humano corrompe essa lealdade singela, fazendo-a voltar-se para indivíduos que não a merecem, além de rebaixar a outros, quando todos merecem igual tratamento, por serem todos membros da mesma família divina. O Senhor

2 εἰς γὰρ εἰσέλθῃ εἰς συναγωγὴν ὑμῶν ἄνθρωπος χρυσοδακτύλιος ἐν ἐσθῇτι λαμπρῇ, εἰσέλθῃ δὲ καὶ πτωχὸς ἐν ῥυπαρῇ ἐσθῇτι,

2:1. Porque, se entrar na vossa reunião algum homem com ornato de ouro no dedo e com traje esplêndido, e entrar também algum pobre com traje sórdido,

A grande ocasião em que os homens não devem preocupar-se a julgar segundo padrões mundanos e carnais, é quando eles se reúnem para adorar ao Deus dos céus, o Pai de todos nós. Apesar de que as igrejas cristãs primitivas contariam com poucos ricos (ver I Cor. 1:26-28), deve ter havido alguns poucos deles, sobretudo convertidos dentre o judaísmo, porquanto neste não havia falta de ricos. Essa lição teria excelente aplicação à sinagoga, porquanto ali não era incomum que um homem rico pertencesse a uma assembléia local de judeus, ou mesmo estivesse de visita, vindo de outro lugar qualquer, porquanto muitos judeus prosperavam economicamente e de modo algum o povo judeu era um povo pobre. Porém, esse princípio geral sem dúvida tinha aplicação até mesmo no seio da igreja cristã primitiva; sobretudo na era moderna, em que a igreja cristã, em muitos lugares, se compõe de membros que participam da abundância de bens materiais de que gozam as sociedades em geral. Alguém já salientou, no tocante aos problemas raciais existentes em alguns países, que o culto de adoração do domingo pela manhã é o culto mais segregado da semana, e que isso é apenas uma outra forma do respeito humano. Portanto, o que é frisado neste versículo é um fenômeno bem moderno, e, infelizmente, os ricos ainda exigem uma deferência maior que os demais, porquanto dinheiro sempre significará poder, dentro ou fora do cristianismo, e poucas igrejas locais se compõem de membros suficientemente espirituais para que seja evitado tal pecado. Isso estabelece um falso padrão de juízo quanto a pessoas semelhantes, e que sob hipótese alguma agrada a Deus.

As riquezas autênticas consistem em quanto damos, em quanto servimos, em quanto nos dedicamos ao bem-estar alheio, e não de quanto somos capazes de amedilhar, ou de quantos anéis podemos enfiar nos dedos, ou de quão boas roupas podemos usar. As verdadeiras riquezas são aquelas que devemos buscar. Elas ajudam os crentes na busca da espiritualidade, ao invés de serem um empecilho.

«...sinagoga...» O emprego desse vocábulo, para indicar uma congregação cristã, é raríssima na literatura cristã; mas não há qualquer razão boa para supormos que não devemos pensar aqui em uma igreja cristã local. Esse termo significa «reunião», «assembléia», pelo que também pode aludir a qualquer ajuntamento cristão. Devemos notar que está em foco a própria reunião, e não o local da reunião. Era apenas natural que o autor sagrado, sendo judeu, tivesse sido influenciado pelo seu passado no judaísmo, usando essa palavra talvez de maneira automática, impensada. (Quanto a outros usos do termo para indicar uma assembléia cristã, ver *Hermas Mand.* xi.9; *Inácio, Polic.* 4:2; *Irineu, Haer.* v. 31:1-12; *Epiph. Haer.* xxxi, 18. Quanto a notas expositivas sobre a «sinagoga judaica», ver os trechos de *Mat.* 4:23 e *Luc.* 4:33).

Uma acolhida por demais festiva aos ricos (com motivos vis) faz com que a fé da igreja seja posta em dúvida. Isso é sinal de carnalidade, pois assim o pastor e os membros da igreja estariam cortejando o favor dos ricos; e visto que os pobres não dispõem de capacidade financeira e não podem dispensar favores, não são recebidos com idêntica acolhida, mas antes, sua entrada no templo é recebida sem entusiasmo.

3 ἐπιβλέψετε δὲ ἐπὶ τὸν φοροῦντα τὴν ἐσθῆτα τὴν λαμπρὰν καὶ εἶπητε, Σὺ κάθου ὧδε καλῶς, καὶ τῷ πτωχῷ εἶπητε, Σὺ στήθι ἐκεῖ ἢ κάθου ὑπὸ τὸ ὑποπόδιόν μου,

3 εἰς ἣν κάθου ἐκεῖ B 945 1241 1739 2492 116 f 4 κάθου ὧδε eor<sup>1</sup> f 4a1 a1 κάθου C\* J1C1 f 4a1 κάθου A Ψ 23 R1 R14 1503 2412 2495 1000 1001 1002 1003 1004 1005 1006 1007 1008 1009 1010 1011 1012 1013 1014 1015 1016 1017 1018 1019 1020 1021 1022 1023 1024 1025 1026 1027 1028 1029 1030 1031 1032 1033 1034 1035 1036 1037 1038 1039 1040 1041 1042 1043 1044 1045 1046 1047 1048 1049 1050 1051 1052 1053 1054 1055 1056 1057 1058 1059 1060 1061 1062 1063 1064 1065 1066 1067 1068 1069 1070 1071 1072 1073 1074 1075 1076 1077 1078 1079 1080 1081 1082 1083 1084 1085 1086 1087 1088 1089 1090 1091 1092 1093 1094 1095 1096 1097 1098 1099 1100 1101 1102 1103 1104 1105 1106 1107 1108 1109 1110 1111 1112 1113 1114 1115 1116 1117 1118 1119 1120 1121 1122 1123 1124 1125 1126 1127 1128 1129 1130 1131 1132 1133 1134 1135 1136 1137 1138 1139 1140 1141 1142 1143 1144 1145 1146 1147 1148 1149 1150 1151 1152 1153 1154 1155 1156 1157 1158 1159 1160 1161 1162 1163 1164 1165 1166 1167 1168 1169 1170 1171 1172 1173 1174 1175 1176 1177 1178 1179 1180 1181 1182 1183 1184 1185 1186 1187 1188 1189 1190 1191 1192 1193 1194 1195 1196 1197 1198 1199 1200 1201 1202 1203 1204 1205 1206 1207 1208 1209 1210 1211 1212 1213 1214 1215 1216 1217 1218 1219 1220 1221 1222 1223 1224 1225 1226 1227 1228 1229 1230 1231 1232 1233 1234 1235 1236 1237 1238 1239 1240 1241 1242 1243 1244 1245 1246 1247 1248 1249 1250 1251 1252 1253 1254 1255 1256 1257 1258 1259 1260 1261 1262 1263 1264 1265 1266 1267 1268 1269 1270 1271 1272 1273 1274 1275 1276 1277 1278 1279 1280 1281 1282 1283 1284 1285 1286 1287 1288 1289 1290 1291 1292 1293 1294 1295 1296 1297 1298 1299 1300 1301 1302 1303 1304 1305 1306 1307 1308 1309 1310 1311 1312 1313 1314 1315 1316 1317 1318 1319 1320 1321 1322 1323 1324 1325 1326 1327 1328 1329 1330 1331 1332 1333 1334 1335 1336 1337 1338 1339 1340 1341 1342 1343 1344 1345 1346 1347 1348 1349 1350 1351 1352 1353 1354 1355 1356 1357 1358 1359 1360 1361 1362 1363 1364 1365 1366 1367 1368 1369 1370 1371 1372 1373 1374 1375 1376 1377 1378 1379 1380 1381 1382 1383 1384 1385 1386 1387 1388 1389 1390 1391 1392 1393 1394 1395 1396 1397 1398 1399 1400 1401 1402 1403 1404 1405 1406 1407 1408 1409 1410 1411 1412 1413 1414 1415 1416 1417 1418 1419 1420 1421 1422 1423 1424 1425 1426 1427 1428 1429 1430 1431 1432 1433 1434 1435 1436 1437 1438 1439 1440 1441 1442 1443 1444 1445 1446 1447 1448 1449 1450 1451 1452 1453 1454 1455 1456 1457 1458 1459 1460 1461 1462 1463 1464 1465 1466 1467 1468 1469 1470 1471 1472 1473 1474 1475 1476 1477 1478 1479 1480 1481 1482 1483 1484 1485 1486 1487 1488 1489 1490 1491 1492 1493 1494 1495 1496 1497 1498 1499 1500 1501 1502 1503 1504 1505 1506 1507 1508 1509 1510 1511 1512 1513 1514 1515 1516 1517 1518 1519 1520 1521 1522 1523 1524 1525 1526 1527 1528 1529 1530 1531 1532 1533 1534 1535 1536 1537 1538 1539 1540 1541 1542 1543 1544 1545 1546 1547 1548 1549 1550 1551 1552 1553 1554 1555 1556 1557 1558 1559 1560 1561 1562 1563 1564 1565 1566 1567 1568 1569 1570 1571 1572 1573 1574 1575 1576 1577 1578 1579 1580 1581 1582 1583 1584 1585 1586 1587 1588 1589 1590 1591 1592 1593 1594 1595 1596 1597 1598 1599 1600 1601 1602 1603 1604 1605 1606 1607 1608 1609 1610 1611 1612 1613 1614 1615 1616 1617 1618 1619 1620 1621 1622 1623 1624 1625 1626 1627 1628 1629 1630 1631 1632 1633 1634 1635 1636 1637 1638 1639 1640 1641 1642 1643 1644 1645 1646 1647 1648 1649 1650 1651 1652 1653 1654 1655 1656 1657 1658 1659 1660 1661 1662 1663 1664 1665 1666 1667 1668 1669 1670 1671 1672 1673 1674 1675 1676 1677 1678 1679 1680 1681 1682 1683 1684 1685 1686 1687 1688 1689 1690 1691 1692 1693 1694 1695 1696 1697 1698 1699 1700 1701 1702 1703 1704 1705 1706 1707 1708 1709 1710 1711 1712 1713 1714 1715 1716 1717 1718 1719 1720 1721 1722 1723 1724 1725 1726 1727 1728 1729 1730 1731 1732 1733 1734 1735 1736 1737 1738 1739 1740 1741 1742 1743 1744 1745 1746 1747 1748 1749 1750 1751 1752 1753 1754 1755 1756 1757 1758 1759 1760 1761 1762 1763 1764 1765 1766 1767 1768 1769 1770 1771 1772 1773 1774 1775 1776 1777 1778 1779 1780 1781 1782 1783 1784 1785 1786 1787 1788 1789 1790 1791 1792 1793 1794 1795 1796 1797 1798 1799 1800 1801 1802 1803 1804 1805 1806 1807 1808 1809 1810 1811 1812 1813 1814 1815 1816 1817 1818 1819 1820 1821 1822 1823 1824 1825 1826 1827 1828 1829 1830 1831 1832 1833 1834 1835 1836 1837 1838 1839 1840 1841 1842 1843 1844 1845 1846 1847 1848 1849 1850 1851 1852 1853 1854 1855 1856 1857 1858 1859 1860 1861 1862 1863 1864 1865 1866 1867 1868 1869 1870 1871 1872 1873 1874 1875 1876 1877 1878 1879 1880 1881 1882 1883 1884 1885 1886 1887 1888 1889 1890 1891 1892 1893 1894 1895 1896 1897 1898 1899 1900 1901 1902 1903 1904 1905 1906 1907 1908 1909 1910 1911 1912 1913 1914 1915 1916 1917 1918 1919 1920 1921 1922 1923 1924 1925 1926 1927 1928 1929 1930 1931 1932 1933 1934 1935 1936 1937 1938 1939 1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949 1950 1951 1952 1953 1954 1955 1956 1957 1958 1959 1960 1961 1962 1963 1964 1965 1966 1967 1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025 2026 2027 2028 2029 2030 2031 2032 2033 2034 2035 2036 2037 2038 2039 2040 2041 2042 2043 2044 2045 2046 2047 2048 2049 2050 2051 2052 2053 2054 2055 2056 2057 2058 2059 2060 2061 2062 2063 2064 2065 2066 2067 2068 2069 2070 2071 2072 2073 2074 2075 2076 2077 2078 2079 2080 2081 2082 2083 2084 2085 2086 2087 2088 2089 2090 2091 2092 2093 2094 2095 2096 2097 2098 2099 2100 2101 2102 2103 2104 2105 2106 2107 2108 2109 2110 2111 2112 2113 2114 2115 2116 2117 2118 2119 2120 2121 2122 2123 2124 2125 2126 2127 2128 2129 2130 2131 2132 2133 2134 2135 2136 2137 2138 2139 2140 2141 2142 2143 2144 2145 2146 2147 2148 2149 2150 2151 2152 2153 2154 2155 2156 2157 2158 2159 2160 2161 2162 2163 2164 2165 2166 2167 2168 2169 2170 2171 2172 2173 2174 2175 2176 2177 2178 2179 2180 2181 2182 2183 2184 2185 2186 2187 2188 2189 2190 2191 2192 2193 2194 2195 2196 2197 2198 2199 2200 2201 2202 2203 2204 2205 2206 2207 2208 2209 2210 2211 2212 2213 2214 2215 2216 2217 2218 2219 2220 2221 2222 2223 2224 2225 2226 2227 2228 2229 2230 2231 2232 2233 2234 2235 2236 2237 2238 2239 2240 2241 2242 2243 2244 2245 2246 2247 2248 2249 2250 2251 2252 2253 2254 2255 2256 2257 2258 2259 2260 2261 2262 2263 2264 2265 2266 2267 2268 2269 2270 2271 2272 2273 2274 2275 2276 2277 2278 2279 2280 2281 2282 2283 2284 2285 2286 2287 2288 2289 2290 2291 2292 2293 2294 2295 2296 2297 2298 2299 2300 2301 2302 2303 2304 2305 2306 2307 2308 2309 2310 2311 2312 2313 2314 2315 2316 2317 2318 2319 2320 2321 2322 2323 2324 2325 2326 2327 2328 2329 2330 2331 2332 2333 2334 2335 2336 2337 2338 2339 2340 2341 2342 2343 2344 2345 2346 2347 2348 2349 2350 2351 2352 2353 2354 2355 2356 2357 2358 2359 2360 2361 2362 2363 2364 2365 2366 2367 2368 2369 2370 2371 2372 2373 2374 2375 2376 2377 2378 2379 2380 2381 2382 2383 2384 2385 2386 2387 2388 2389 2390 2391 2392 2393 2394 2395 2396 2397 2398 2399 2400 2401 2402 2403 2404 2405 2406 2407 2408 2409 2410 2411 2412 2413 2414 2415 2416 2417 2418 2419 2420 2421 2422 2423 2424 2425 2426 2427 2428 2429 2430 2431 2432 2433 2434 2435 2436 2437 2438 2439 2440 2441 2442 2443 2444 2445 2446 2447 2448 2449 2450 2451 2452 2453 2454 2455 2456 2457 2458 2459 2460 2461 2462 2463 2464 2465 2466 2467 2468 2469 2470 2471 2472 2473 2474 2475 2476 2477 2478 2479 2480 2481 2482 2483 2484 2485 2486 2487 2488 2489 2490 2491 2492 2493 2494 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000 3001 3002 3003 3004 3005 3006 3007 3008 3009 3010 3011 3012 3013 3014 3015 3016 3017 3018 3019 3020 3021 3022 3023 3024 3025 3026 3027 3028 3029 3030 3031 3032 3033 3034 3035 3036 3037 3038 3039 3040 3041 3042 3043 3044 3045 3046 3047 3048 3049 3050 3051 3052 3053 3054 3055 3056 3057 3058 3059 3060 3061 3062 3063 3064 3065 3066 3067 3068 3069 3070 3071 3072 3073 307



σῆθι ἐκεῖ. Não reconhecendo isso, B e vários outros testemunhos (incluindo 1739) transpõem ἐκεῖ produzindo um paralelismo de duas referências (e não de três) a lugares.

2:3; e entretanto para o que vem com treje capiloso e lis disordas; sento-te aqui num lugar de honra; e disordas no pobre: Fica ali em pé, ou senta-te abaixo de exemplo dos meus pés.

Assim que entram o rico e o pobre, começa a discriminação: primeiramente no que é dito a um e ao outro; e então nos lugares atribuídos a eles. Ao rico se faz entender de pronto que ele é um visitante ilustre (na esperança, subentendida, que se mostre generoso em suas dádivas, dispensando à larga de seu prestígio); já ao pobre é dado entender que a igreja facilmente poderia passar sem ele. E assim tal congregação estará exibindo um desgraçado preconceito. Tem assentos melhores e piores, mais ou menos confortáveis; e até alguém pode assentar no chão. Tais assentos também são colocados em lugares mais ou menos conspícuos. Ao rico é dado um lugar de honra, onde todos possam observá-lo e admirá-lo, talvez na plataforma do orador. Além disso, ao rico é oferecida uma cadeira confortável. Mas o pobre se assenta no banco duro dos fundos, ou mesmo no chão, se não houver lugar para ele. Tudo isso cheira a discriminação. Ela é bem real hoje em dia, ainda que praticada de outras maneiras. Conforme comenta Easton (*in loc.*): «Gandhi, quando se encontrava na África do Sul, no início de sua carreira, foi a uma igreja evangélica onde seu amigo inglês, C.F. Andrews, haveria de pregar. Mas fê-lo somente para ser impedido de entrar, desde à entrada, pelo porteiro, sob a alegação que sua pele não era branca. O oponente das castas, na religião hindu, encontrou a idéia de castas à porta de um templo cristão. Um ministro anglicano, naquele mesmo país, foi lançado na prisão, em 1947, por não ter respeitado as barreiras de cor. E seria a África do Sul o único país do mundo onde essas coisas ocorrem? Um missionário italiano, que fazia parte de uma missão, em uma cidade norte-americana, que era sustentada por uma congregação rica, observou: 'Eles querem que sejamos salvos, mas não querem associar-se conosco'. As palavras de Tiago são inequívocas: 'Se mostrardes parcialidade, estareis pecando'».

No tocante a assentos melhores e piores, deve-se comparar o zelo demonstrado pelos judeus acerca dos assentos de honra em suas sinagogas, em um texto que ilustra bem o presente, isto é, Mat. 23:6. Um antigo comentário sobre este texto, que impõe as mesmas normas de conduta à igreja, se acha nos Estatutos dos Apóstolos, da Etiópia. Algo similar também se encontra nas «Constituições Apostólicas», ii.58, bem como na

4 οὐ διεκρίθητε ἐν ἑαυτοῖς καὶ ἐγένεσθε κριταὶ διαλογισμῶν πονηρῶν;

4 ou NA al lat sy; R] καὶ οὐ KLP ρη ς: em B\* ρε ff (st πονηρων.)

2:4; não fazais, porventura, distinção entre vós mesmos e não vos torneis juizes movidos da vossa parcialidade?

No grego é usado o verbo «*diakrino*», que literalmente significa «fazer distinção», «separar», mas que aqui, em sentido moral, significa «exercer duplicidade mental», tornar-se culpado de discriminação e de preconceitos contra homens que são tão justos como quaisquer outros, favorecendo a outros que, em si mesmos, não são melhores que os demais. Em outras palavras, ao agir assim, a congregação local age com hipocrisia. Esperando obter favores, a todo o tempo se olvidavam da lei do amor de Cristo. A tradução inglesa de Williams diz aqui «...fizestes distinções impróprias entre vós mesmos e mostrais ser críticos com maus motivos». Aqueles crentes nada tinham a ganhar dos pobres, pelo que também os tratavam desprezivelmente. Mas tinham algo a ganhar dos ricos, e procuravam obter sua aprovação, tratando-os suntuosamente. Os motivos daqueles crentes eram corruptos; não exibiam o amor de Cristo, mas apenas a astúcia de quem busca obter favores. Desse modo, demonstravam uma mente dúplice, sobrecarregada de dúvidas, e não de fé, além de demonstrarem uma conduta instável, com base em atitudes mentais depravadas. Desse modo, caíam no pecado aludido em Tia. 1:6-8. Isso os condenava a não poderem esperar coisa alguma da parte do Senhor. Eram infieis para com sua melhor parte, e se tornavam escravos do egoísmo.

Várias idéias têm sido vinculadas à questão da discriminação, dependendo de como o verbo tiver de ser compreendido: 1. Separar—dividir erroneamente uns aos outros, provocando cismas na igreja, reais, embora não oficiais, como se houvesse ali um sistema religioso de castas. 2. Discriminar—prejudicar a alguns dos membros mediante um tratamento injusto, ao mesmo tempo que outros eram favorecidos. 3. Fazer mau julzo—ter certas pessoas em má conta, devido à sua aparência andrajosa e à sua pobreza. 4. Hesitar—usar de duplicidade, própria de quem se mostra

δ' Ἀκούσατε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοί. οὐχ ὁ θεὸς ἐξελέξατο τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει καὶ κληρονομοῦς τῆς βασιλείας ἧς ἐπηγγειλάτο τοῖς ἀγαπῶσιν αὐτόν;

B δ...κόσμου 1 Cor 1:26-28

2:5; Ouví, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que são pobres quanto ao mundo para fazer-lhes ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?

«...escolheu...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «eleição», ver Ef. 1:4 e Rom. 8:29).

É óbvio que a maioria dos membros das igrejas cristãs são pobres. O contato com o evangelho pode ter melhorado as suas ambições, e talvez tenham ficado fisicamente, tanto quanto espiritualmente, mais limpos. Porém, não houve qualquer modificação radical quanto ao estado financeiro. Se se encontram na igreja cristã, é que Deus evidentemente os chamou. Se porventura se tornarem ricos, é na fé; e a chamada divina é que lhes garantiu isso. Se Deus os considerou suficientemente pobres para chamá-los para a fé, tornando-os herdeiros do reino celestial, então os homens são obrigados a dar-lhes valor, particularmente os líderes das igrejas. Assim sendo, se alguém corteja o favor dos ricos mas despreza aos

Didascalia Apostolorum, 12, da Síria, o que mostra que o problema era bem real e generalizado, tal como sucede hoje em dia, embora disfarçado sob outras formas.

«As pessoas aludidas eram visitantes, que poderiam ser conquistadas pela igreja; e o tratamento que lhes foi dispensado, naquele momento crítico, revela o verdadeiro sentimento dos membros para com o valor relativo das diferentes classes de pessoas da sociedade. Os visitantes parece terem sido claramente distinguidos dos membros da congregação; e nada indica e nem sugere que eles eram membros de igrejas irmãs. Sem dúvida eram estranhos, sem importar se eram judeus ou gentios». (Ropes, *in loc.*). Essa opinião de Ropes mui provavelmente é correta; mas o princípio envolvido ainda é mais lato, e, como é lógico, pode incluir visitantes vindos de outras igrejas cristãs.

Ao pobre é ordenado que «fique ali de pé», ou então, que se assente «aqui, debaixo do estrado dos meus pés». Mas quem assim ordenava se encontrava assentado em uma cadeira de luxo. O pobre, pois, é ignorado, e até mesmo humilhado.

O que foi praticado ali era contrário às normas judaicas que governavam os cultos de adoração. Ninguém podia assentar-se enquanto outro estivesse de pé; e ninguém era compelido a tomar um assento inferior, tornando-se obviamente menos favorecido do que os demais. Pelo menos isso é o ideal. (Ver *Maimônides Hilchot, Sanh.* cap. 21, seção 3).

*Variação textual:* As palavras «...Tu, fica ali de pé ou te assenta...» aparecem nos mas AC (vid), Pal, 33, 81, 614, 630, 2495 e na Vulgata e no Si(b). Mas a forma «...fica ali de pé ou te assenta aqui...» (abaixo do estrado de meus pés) é a forma que aparece nos mas P(74) (vid), Alph, C(2), KP, 049, 068, 0142, no Si(P) e na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina. A palavra «aqui», embora conte com algum apoio textual impressionante e variado, incluindo o dos manuscritos alexandrinos, sem dúvida alguma não corresponde ao original, mas antes, é uma glosa escrital, que dá um melhor paralelismo e que define melhor o «aqui», referente ao local onde o pobre deveria assentar-se. Os mas R, 231 e alguns poucos outros, dizem «ali», juntamente com a idéia de assentar-se, ao invés de com a idéia de ficar de pé, como se tivéssemos a frase: «Fica de pé, ou assenta-te ali, a meus pés». E isso talvez seja uma tentativa de forçar o paralelismo (sentar-se, em oposição ao ficar de pé), sem a adição da palavra «aqui». A primeira forma mencionada, sem dúvida alguma, corresponde ao original, embora isso tenha dado origem às duas modificações mencionadas.

indeciso quanto ao tratamento que se deve dar às pessoas. Apesar de que todas essas quatro idéias encerram alguma verdade, a segunda posição parece ser a que estava na mente do autor sagrado. Aqueles crentes faziam «distinções impróprias» entre os homens, favorecendo a uns e desprezando a outros, mas não por motivos «reais», mas somente devido a considerações carnis, interesseiras.

\*\*\*

«...juízes...» No sentido de «críticos». Na posição de supostos críticos espirituais, embora, na realidade, fossem apenas pessoas carnis, aqueles crentes agiam impelidos por pensamentos perversos e por motivações vis, buscando apenas o próprio benefício, e que os ricos poderiam dispensar-lhes. Assim, podiam dar-se ao luxo de ignorar os pobres—mas fazer isso com os ricos atrairia o risco de perderem favores substanciais. É um dos pecados característicos dos perversos que seus julgos e decisões são influenciados por motivos envilecidos, normalmente centralizados em alguma forma de egoísmo. Esse é o vício de quem calcula mal—é pessoa vendável e que espera poder vender-se. Suas decisões dependem disso, e não do senso de justiça e equidade. Portanto, uma igreja local pode assentar-se em julzo contra outros e tratá-los segundo aquilo que espera da parte deles, não agindo como devem fazer os filhos de Deus, considerando a todos iguais aos olhos do Senhor. Assim agindo, os homens perdem de vista a dimensão eterna da existência, e, para eles, a vida se resume ao que é meramente terreno e carnal.

Esses péssimos críticos se olvidam da verdade que a verdadeira riqueza não consiste do tipo superficial de bens materiais, que há neste mundo; e também se esquecem de que chegará o tempo quando todas as distinções superficiais, feitas pelos homens, serão removidas. Então, somente as riquezas da alma terão qualquer valor e serventia.

Esses péssimos críticos se olvidam da verdade que a verdadeira riqueza não consiste do tipo superficial de bens materiais, que há neste mundo; e também se esquecem de que chegará o tempo quando todas as distinções superficiais, feitas pelos homens, serão removidas. Então, somente as riquezas da alma terão qualquer valor e serventia.

5 βασιλείας] (Heb. 6. 17) ἐπαγγελίας X\* A

pobres, estará agindo de modo contrário a Deus; e aquele que age assim mostra que sua avaliação é carnal, e não espiritual. Aquele que pratica o vício do egoísmo é homem de pouca fé. Tal pessoa se esquece que os crentes pobres são os futuros verdadeiros ricos, já que compartilharão da herança do próprio Cristo, o que envolve riquezas de tal magnitude e vastidão que nem a imaginação mais ousada pode apreender. (Ver Rom. 8:17). Por outro lado, quando alguém trata os crentes pobres com equidade, automaticamente estará tratando bem dos futuros ricos eternos.

«...ricos em fé...» Essas palavras se revestem das seguintes idéias possíveis:

1. Eles possuem fé «abundante», o que, eventualmente, colherá ricos dividendo na forma de bem-estar espiritual e eterno.

2. Portanto, são ricos em «razão da fé», sendo esse o poder que lhes dará o reino dos céus, e que agora lhes enriquece a vida espiritual diária.



3. Possuir fé em abundância é possuir desde o presente grande riqueza. Esse pensamento pode ser comparado com os trechos de Efé. 2:4; 1 Cor. 1:5; 1 Tim. 5:18.

4. Eles são ricos naquela esfera onde a fé é o bem principal.

5. Eles são ricos, quando julgados segundo os padrões de Deus, e não segundo os padrões humanos, porquanto as verdadeiras riquezas são adquiridas mediante a fé. (Comparar esse pensamento com os trechos de Luc. 12:21; 1 Cor. 4:5; 1 Tim. 6:18 e Efé. 2:4).

6. Certamente a fé é encarada como o poder que confere aos homens o «reino» e suas riquezas eternas. O equivalente rabínico é «rico na lei», porquanto a lei era vista por eles como a fonte de todo o verdadeiro bem-estar.

Passagens paulinas similares são as que damos nos pontos abaixo: 1. Quanto ao chamamento dos pobres por parte de Deus, em contraste com o exiguo número de ricos e de nobre nascimento, ver 1 Cor. 1:26-28. Esse fato deveria fazer-nos deixar de nos gloriarmos em nós mesmos, ou nas vantagens terrenas que são temporais, e não nas verdadeiras vantagens (ver 1 Cor. 1:29, comparar com Tia. 1:10,11). 2. Há uma herança futura que tornará os pobres em ricos (ver Rom. 8:17; consultar essa idéia mais diretamente, no Sermão da Montanha, em Mat. 5:3). 3. Os pobres, portanto, serão os verdadeiros ricos, contanto que se tornem discípulos genuínos de Cristo. O povo de Deus é chamado para possuir uma «mente celestial», isto é, dando sempre valor ao mundo eterno. De fato, a fé consiste na dedicação à dimensão eterna da existência. (Ver as notas expositivas em Heb. 11:1). Devemo-nos deixar controlar por esse princípio. As realidades invisíveis são as realidades vitais e permanentes.

Conseqüências sociais das atitudes errôneas na igreja. É patente que o avanço do comunismo, em nossos dias, não se deve a seu valor inerente, porquanto ordinariamente impõe um sistema econômico deficiente. Quanto maior for a dose de capitalismo injetado no comunismo, melhor este funcionará. O avanço do comunismo se deve às desigualdades e injustiças patentes que ainda restam na ordem social dos demais sistemas. As pessoas se agarram em qualquer coisa que lhes prometa a modificação na situação opressora. E que tem feito a igreja cristã para modificar essas desigualdades e essa opressão econômica? Tiago mostra-nos que a igreja cristã bem pode ser culpada de estar encorajando e promovendo essas coisas. Esse tipo de atitude tem feito florescer movimentos políticos maus. A igreja cristã, corrupta por si mesma, repleta de pessoas que são impelidas por maus motivos e pelo egoísmo, dificilmente poderá refrear este mundo, que abraça um sistema ímpio, porque ela não apresenta uma opção genuína.

«...amados irmãos...» (Ver Tia. 1:16 quanto a notas expositivas a esse respeito). Essa expressão assinala um apelo direto à fraternidade cristã para que melhore suas ações morais, e, ao mesmo tempo, serve de transição para matéria nova, para um outro tema. Assim também se nota em Tia. 1:19; 2:1,14; 3:1 e 5:7. Na qualidade de irmãos em Cristo, os crentes devem tratar os crentes pobres como tais.

«...reino...» (Ver as notas expositivas completas sobre o conceito do «reino de Deus» ou «reino dos céus», em Mat. 3:2). O conceito do reino é muito complexo, indicando o «reino político e terreno do Messias», ou «o governo do Espírito no íntimo», ou «a doutrina cristã em geral», ou «a igreja à face da terra», representando princípios divinos, a vida eterna, «o reino celestial» e várias outras coisas. No texto presente, a expressão indica a vida e o bem-estar próprios das esferas celestiais, o reino espiritual de Deus. É expressão equivalente à «vida eterna» e seus benefícios, a participação na vida e na herança de Cristo (ver Rom. 8:17,29,30), incluindo a glorificação. Alguns intérpretes pensam que devemos interpretar essa expressão em seu sentido judaico, isto é, o reino de Deus à face da terra. Outros opinam que está em foco o sentido milenar do reino, o futuro reino de Cristo na terra. Mas tais idéias não se adaptam bem aqui. Somente aqui, em toda a epístola

ἡ υμῶν δὲ ἡτιμώσατε τὸν πτωχόν. οὐχ οἱ πλούσιοι καταδυναστεύουσιν ὑμῶν, καὶ αὐτοὶ ἔλκουσιν ὑμᾶς εἰς κριτήρια;

2:6: Mas vós desonrastes o pobre. Porventura não são os ricos os que vos oprimem e os que vos arrastam aos tribunais?

Aos ricos é demonstrada uma acolhida respeitosa, mas os pobres são ignorados e humilhados. No entanto, as classes abastadas são as que oprimem socialmente os crentes. Esse é o segundo argumento do autor sagrado. No quinto versículo deste capítulo demonstrou ele que os crentes pobres são os verdadeiros ricos do futuro, porquanto recebem o favor e as bênçãos de Deus. Por conseguinte, os pobres também deveriam ser favorecidos pelos crentes, pois, de outro modo, estarão usando de um senso de valores diferente daquele que Deus usa. Outrossim, os pobres são elementos inofensivos e pacíficos da sociedade, ao passo que os ricos oprimem os outros, devido ao poder que exercem e à sua ganância.

«...menosprezastes o pobre...» Como? 1. Favorecendo aos ricos e negligenciando aos pobres. 2. Usando de discriminações injustas contra os pobres, devido ao que estes últimos são humilhados na própria igreja cristã. 3. «Desprezar» é uma tradução possível do termo grego aqui usado, «Menosprezais os pobres porque lhes faltam riquezas materiais, ao que dais excessiva importância». Pode-se notar o mesmo caso em 1 Cor. 11:22. Quando da Ceia do Senhor, os crentes abastados efetuavam grandes banquetes, com abundância de vinho. Alguns deles chegavam a embriagar-se. Entrementes, os pobres se sentavam por ali, passando fome. Por causa de tal abuso, Paulo recomendou que se descontinuasse a refeição, nessa cerimônia, observando-se apenas a participação no pão e no vinho.

«...os ricos que vos oprimem...» Isso envolve os ricos da sociedade em geral, e não os crentes ricos, naturalmente. O termo grego aqui usado é «katadunasteuo», que significa «explorar», «dominar», «oprimir». Na Septuaginta, a palavra é usada para indicar os ultrajes contra os pobres, as

de Tiago, é que é mencionado o «reino».

«...aos que amam...» Trata-se da mesma expressão usada em Tia. 1:12. Aquele que suporta a tentação ou provação, receberá a «coroa da vida». (Ver as notas expositivas sobre esse tema, naquele lugar). Não há qualquer diferença essencial entre a expressão «coroa da vida» e a expressão «reino», no presente versículo. Ambas as expressões falam sobre a riqueza da salvação (ver as notas a respeito em Heb. 2:3). Deus raramente pode ser amado diretamente, através da contemplação da alma, porquanto poucos homens são capazes disso. Porém, todos podemos amar indiretamente a Deus, amando a outros homens. (O trecho de Mat. 25:31 ss. ilustra esse tipo de amor).

#### A Lei Do Amor

1. Embora as religiões divirjam em muitos pontos dogmáticos, no tocante a certo princípio, todas dizem a mesma coisa: «Vivei a lei do amor». Os próprios grandes místicos informam-nos de que esse grande princípio é certo, e que nenhuma iluminação nos poderá mostrar caminho mais seguro: «A maior coisa que se pode aprender na vida é amar e ser amado!»

2. O amor é comprovação da espiritualidade, e se origina na regeneração (ver 1 João 4:7 e suas respectivas notas).

3. O amor medra por cultivo do Espírito de Deus, é uma virtude moral que ele implanta em nós, regando-a e cultivando-a (ver Gál. 5:22). Esse é o solo no qual todas as demais virtudes lançam raízes e se desenvolvem.

4. Sem esse princípio, todas as grandes obras e realizações espirituais seriam inúteis, e até mesmo pretenciosas. Examinar o décimo terceiro capítulo inteiro de 1 Coríntios.

5. O amor consiste de desejarmos para os outros o que desejamos para nós mesmos, aplicando nossa inteligência e envidando esforços para que assim seja. Ora, amar ao próximo é amar a Deus (ver Mat. 25:35 e ss.).

O autor sagrado dissera tudo isto, e agora passa a mostrar que os ricos da sociedade são os opressores dos crentes; isso o autor faz para demonstrar melhor a sua idéia que a perseguição aos pobres é uma depravação espiritual, e que a exaltação aos ricos faz parte dessa perversão.

«Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus» (Luc. 6:20). «Para eles (os pobres) o caminho é mais próximo e menos acidentado do que para os ricos, contanto que cumpram as Escrituras. (Comparar com Mat. 6:3).» (Punchard, *in loc.*).

A diatribe. Tiago emprega constantemente o estilo retórico grego da diatribe. Isso é comentado na introdução, seção V, intitulada «Tipo Literário». Uma de suas características é a severa linguagem com que o orador ou escritor chama à atenção dos seus ouvintes. Portanto, é como se Tiago estivesse dizendo: «Escutai... dai atenção: não permiti que vossos processos mentais vos turmem da verdade de que vos falo!»

«Não devemos entender mal a Tiago. Ele não diz e nem subentende que aos pobres foi prometida a salvação por motivo de sua pobreza, ou que tal pobreza é meritória em qualquer sentido. Não é esse o caso, do mesmo modo que não é pecado a riqueza do rico. Mas até onde Deus declarou sua preferência, lê-lo pelos pobres, e não pelos ricos. Os pobres sofrem menores tentações, e se prestam mais por viver segundo a vontade de Deus, conquistando as bênçãos reservadas para aqueles que amam ao Senhor. Sua dependência de Deus, quanto aos meios de vida, é algo de que o pobre nunca se esquece, sendo-lhe poupado o perigo de confiar nas riquezas, que é um ardil terrível para os ricos. Os pobres mais facilmente mostram as virtudes que fazem um homem parecer-se com Cristo, passando por menor número de ocasiões que levam o indivíduo a separar-se dele, o que é fatal. Porém, oportunidades não são virtudes, e pobreza não é salvação. Não obstante, para os crentes, os pobres devem ser objetos de referência, e não de desprezo.» (Plummer, *in loc.*).

viúvas e os órfãos. Em Josefo, *Antiq.* 12,30, a palavra é usada para indicar a exploração e opressão contra quem quer que seja. Em Plut. *Is. et Os.* 41, pág. 367D, o termo é usado para indicar a opressão da parte dos maus espíritos. Em Dg. 10:5, indica o governo tirânico do diabo sobre os homens. Originalmente, a palavra não tinha necessariamente um sentido negativo, mas significa apenas «exercer autoridade». Porém, o poder deixado nas mãos de homens gananciosos logo se transforma em opressão; e é isso que está em foco no texto presente.

«...vos arrastam para tribunais...» Essa é uma das instâncias da opressão exercida pelos ricos. Talvez com direito legal, mas com atitude desprezível e sem paciência, exigiam seu dinheiro; e, se porventura não o recebessem, punham os ofensores na prisão e lhes confiscavam as propriedades. Ou com freqüência, mesmo sem quaisquer direitos legais, mas através da manipulação de poder político, que o dinheiro lhes conferia, furtavam propriedades e perseguiam seus concidadãos menos afortunados.

Isso pode ser confrontado com a queixa de Jesus contra os fariseus, aos quais o Senhor acusou de «roubar as casas das viúvas», o que faziam apossando-se ilegalmente de suas heranças e propriedades. (Ver Mat. 23:14). Provavelmente este versículo não tem em mente qualquer perseguição de natureza religiosa, embora, algumas vezes, isso fosse o motivo por detrás da opressão financeira. Antes, os ricos são aqui retratados como quem cobra violentamente salários, dívidas, alugueis, etc.

«...tribunais...» No grego é «kritérion», que significa exatamente isso, «tribunal». Os ricos se escudam na legalidade, com freqüência segundo a letra da lei; mas desconhecem totalmente a atitude de amor, que os levaria a serem pacientes. Devido à sua ganância, tornam-se calejados em sua mente, e consciência. Arruinam o pobre sem pestanejar, ou o lançam na prisão, o que, para os primeiros, é algo sem importância, contanto que aumentem



um pouco mais suas riquezas.

O autor sagrado, pois, mostra a atitude da sociedade para com os pobres, que é de desprezo, em contraste com a atitude de Deus. E ele esperava que tal contraste ajudaria os crentes a perceberem a gravidade do problema do favoritismo, corrigindo-o segundo esse novo entendimento. E também queria que percebessem que o favorecimento aos opressores da sociedade, oprimindo aqueles que já viviam oprimidos, dificilmente os ajudaria e não poderia ser motivado por qualquer qualidade espiritual.

Apesar de que, em regra geral, os tribunais romanos fossem equânimes, nas províncias, tal como sucede até hoje, a autoridade era comprada e vendida, e havia peitas mui comumente. Além disso, tal como agora, custava alugar um advogado de defesa. Por isso mesmo, principalmente para os pobres, muitos não tinham quem os defendesse legalmente, e eram

7 οὐκ αὐτοὶ βλασφημοῦσιν τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ' ὑμᾶς;

2:7: Não blasfemam eles o bom nome pelo qual sêis chamados?

Os ricos incrédulos, por suas palavras e ações, blasfemam do nome de Deus. Talvez esteja em pauta o nome de Cristo. Há muitos paralelos dessa idéia, no A. T. (Quanto àqueles que são «chamados pelo nome de Deus», ver Deut. 28:10; Isa. 62:19; Jer. 14:9 e 15:16. Quanto às blasfêmias contra o nome de Deus, por parte de incrédulos e inimigos de Israel, ver Isa. 52:5 e Eze. 36:20). Porém, o autor sagrado se utiliza dessas idéias, particularizando aos ricos como blasfemos e aos pobres como perseguidos que sofrem devido a tais blasfêmias, de um modo sem paralelo direto na literatura judaica. Aqueles estudiosos que acreditam que esta epístola de Tiago era, originalmente, um documento judaico, que sofreu leves modificações para uso cristão, especulam que os versículos quinto a sétimo deste capítulo representam uma dessas «adições do editor cristão». (Quanto a essa teoria, e sua refutação, ver a introdução à epístola, em sua secção IV).

«...blasfemam...» No grego há o verbo «blasphemeo», «difamar», «vilipendiar», «dizer palavras injuriosas»; ou contra os homens, no sentido de lhes prejudicarem a reputação (ver Isócr. 10,45; Sócrat. Ep. 22,2); ou contra Deus, ou contra aquilo que lhe pertence—como seu templo, seu povo ou sua santa Palavra (ver Apo. 16:11; 11:21; II Macabeus 10:34; 12:14 e Mat. 9:9), ridicularizando ainda de seu nome e proferindo palavras insultuosas contra Cristo (ver Mat. 27:39; Mar. 15:29 e Heb. 2:2). A própria vida de uma pessoa pode ser uma constante blasfêmia. Existem muitos «ateus práticos», que não permitem que Deus faça qualquer diferença em suas vidas, embora não sejam ateus teóricos. Os ricos, devido à sua conduta ímpia, blasfemam contra Deus e contra o espírito de amor do evangelho de Cristo; mas também usam de linguagem profana, zombando das realidades espirituais. Tais pessoas acham que as questões religiosas servem somente para mulheres e crianças, afirmando, alto e bom som, que um homem exaltado e auto-suficiente como ele não tem tempo para essas coisas. Para tais indivíduos, a religião é o ópio do povo, mais um empecilho do que uma ajuda, e sem base real em qualquer fundo de verdade. Se tais pessoas têm algum conceito de Deus, têm um conceito «deísta», e não teísta. Talvez exista mesmo algum poder criador; mas, segundo pensam, esse poder não teria contacto algum com os homens, não estando interessado em puni-los ou galardoa-los. Ou então se mostram totalmente antagônicos. Existem evidências negativas e positivas em favor da existência de Deus, mas, para tais indivíduos, nenhuma delas é tão predominante que lhes permita julgar se existe ou não um ser supremo. Ou talvez se mostrem positivistas: para eles, não existem evidências concernentes à existência de Deus, porquanto opinam que todas as evidências devem ser empíricas, e que, assim sendo, não existem provas da existência de Deus. Seja como for, tais indivíduos são ateus práticos na vida, ainda que não expressem seu ateísmo sob a forma de proposições teóricas. (Acerca das diversas idéias concernentes à «existência de Deus», ver as notas expositivas sobre Rom.

8 εἰ μέντοι νόμον τελεῖτε βασιλικὸν κατὰ τὴν γραφὴν, Ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτὸν, καλῶς ποιεῖτε.

8 Ἀγαπήσεις...σεαυτὸν Lv 19:18; Mt 19:19; Mc 12:31; Lc 10:27; Ro 13:9; Gn 3:14

2:8: Todavia, se acatais cumprida a lei real segundo a escritura: Amaráis ao teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem.

É como se Tiago houvesse dito: «Tal como os ricos, contradizeis a lei de amor ensinada por Cristo, que se baseia inteiramente no decálogo. Os ricos oprimem a saberia e amargamente aos pobres, e vós o fazeis mais sutilmente, ignorando-o e humilhando-o, dando preferência aos esnobes. Sois tão culpados quanto os ricos, ao ignorardes e contradizerdes à lei do amor, ainda que o façais de modo menos conspícuo e violento.» (Quanto ao uso que o Senhor Jesus faz desse mandamento, ver as notas expositivas em Mat. 22:37-40). A lei e os profetas, em sua inteireza, se baseavam sobre esses dois preceitos basilares: amor a Deus e amor ao próximo. Amar ao próximo é apenas uma outra forma de amar a Deus, um princípio bem ilustrado em Mat. 25:35 e ss. (Ver as notas expositivas ali existentes).

Alguns cristãos talvez tivessem apresentado o argumento que sua deferência para com os ricos era em obediência à lei de Lev. 19:18, que proíbe o espírito amargo e vingativo, baseados no mandamento de amor ao próximo. Poderiam eles ter argumentado: «A despeito de todas as faltas deles, amemos os ricos». Porém, só poderiam agir assim esquecendo-se do mandamento de Lev. 19:15, que ordena que se respeite e honre aos pobres, que também são nossos semelhantes e devem ser amados. Uma aplicação «desigual» de qualquer dos mandamentos da lei importa em total transgressão da lei, tornando o indivíduo culpado e condenado aos olhos da lei.

O autor sagrado aponta para o fato que é possível alguém apresentar desculpas piedosas para sua conduta anticristã. «O pior é a corrupção do melhor. Um lírio apodrecido cheira mais mal do que uma planta daninha apodrecida. A religião cristã, que contém a promessa das realizações morais

injustamente condenados. Assim sendo, era fácil para os ricos fazerem as coisas correrem a seu modo, e com toda a «legalidade», mesmo quando sua causa era totalmente injusta.

«...vos arrastam...» Apesar de que a palavra grega «elko» pode significar «convocar», é mais provável que o autor sagrado quisesse dar a entender o uso da «força», da violência, pois temos aqui a tradução literal desse verbo. Assim é que os ricos tratam dos pobres.

Não parece haver o intuito de frisar aqui a perseguição por motivos religiosos. Os ricos perseguidores não são aqui crentes judeus, e nem mesmo judeus. Antes, o autor falava de uma classe inteira, a dos ricos, sem importar quem fossem eles. O mais certo é que não fossem crentes, como no caso do rico visitante que foi acolhido suntuosamente, meramente por ser este rico e pomposo.

1:20. Ver os artigos referentes a «Deus», na introdução ao comentário, e que abordam essas questões todas).

«...bom nome...» É impossível dizermos se o autor sagrado queria dar a entender o nome de Deus ou o nome de Cristo. Mas é certo que não há aqui nenhuma alusão ao nome de *cristão*. O contexto do A. T., naturalmente, exigiria «Deus»; mas, nas mãos de um crente, Cristo pode estar em foco. Os ricos não encontram utilidade para a nova religião cristã, e ridicularizam de seu Cristo crucificado. Sua vida inteira contradiz a lei do amor de Cristo, porquanto ele a desperdiça em uma série interminável de atos egolistas. Poder-se-ia traduzir aqui por «nome digno». Oramos, «Santificado seja o teu nome...» (Ver Mat. 6:9 e comparar com Sal. 52:9 e 54:6).

«...que sobre vós foi invocado?...» Essas palavras falam sobre o povo de Deus, aqueles que lhe são leais e obedecem a seus mandamentos; esses são o «povo de Cristo», a nova comunidade religiosa, que respeitam o nome de Cristo e vivem de acordo com seus profundíssimos preceitos. O nome de Cristo está escrito sobre eles como sinal de posseção; eles lhe pertencem, e ele é o objeto de sua existência diária. Assim também um terreno é identificado pelo nome de seu proprietário, e o mesmo se dá com os filhos ou os escravos de alguém. Em tudo isso encontramos as idéias de «posseção», de «identificação», de «lealdade» e de «proteção». É isso que significa ser chamado pelo nome de Deus. O gado é marcado a ferro com as iniciais de seus proprietários, identificando a posse. É lamentável que alguns estudiosos pensem que o «batismo» é a marca identificadora aqui aludida, porque no ato do batismo em água é que o crente confessa claramente sua lealdade. (Ver Mat. 28:19). Porém, isso é ver demais nessa expressão. O trecho de Atos 15:17 encerra a mesma expressão aqui utilizada, a qual não é encontrada em qualquer outra porção do N.T. Alguns eruditos vêem nisso uma «prova» sobre a autoria, isto é, que Tiago, o irmão do Senhor Jesus, realmente foi o autor da epístola. Porém, não temos aqui uma prova, mas tão-somente uma coincidência. (Quanto à questão da «autoria» da epístola, ver a secção II da introdução à mesma).

Argumentos do autor sagrado, até este ponto. Quando os crentes favorecem os ricos, 1. estão agindo de modo contrário aos métodos de Deus, porque ele honra aos pobres; 2. estão favorecendo aqueles que os oprimem; 3. estão ajudando os blasfemadores do nome de Cristo. Os homens nos chamam de «nazarenos» ou de «crentes» com um tom de desprezo em sua voz; e nos apodam de «ateus», somente porque rejeitamos seus deuses de barro, de madeira, de pedra ou de metal.

«Aquilo que é dito na lei: Maldito aquele que for pendurado numa cruz, confirma nossa esperança, que depende do Cristo crucificado. Não como se Deus estivesse amaldiçoando ao crucificado Cristo, mas porque Deus predisse o que seria feito por todos vós, e por aqueles que vos são semelhantes... E podeis ver, com os vossos próprios olhos, que isso está acontecendo; pois, em vossas sinagogas amaldiçoais a todos aqueles que, dentre vós, se têm tornado cristãos.» (Justino Mártir, *Trypho*, xevi).

mais elevadas, tem sido usada para encobrir alguns dos piores males do mundo. Eis dois exemplos de sua perversão: a. A discriminação em favor dos ricos, que é desculpada como a prática da lei do amor. b. A falta de coração para com os necessitados, que é desculpada como algo sem importância, enquanto a pessoa tiver fé» (Easton, *in loc.*).

«...a lei régia...» Trata-se de uma expressão romana, encontrada exclusivamente aqui em todo o N.T. O judaísmo tinha dez mandamentos centrais, e mais de seiscentos outros mandamentos, alguns dos quais, com a passagem do tempo, adquiriram importância primária, pelo menos para alguns judeus, como os fariseus. Porém, há uma «lei régia», que forma a base de toda a verdadeira lei moral, sem a qual a observância da lei não é agradável aos olhos de Deus—e essa é a lei do amor. Por essa razão é que Paulo, em Rom. 13:10, mostra que «o amor é o cumprimento da lei». Essa lei do amor não consiste no afrouxamento das obrigações morais; bem pelo contrário, empresta significado a toda a ação moral, exigindo que haja nela certa qualidade espiritual e íntima, a fim de que a obediência não seja meramente ritualista, legalista ou cerimonial. O amor é um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22), pelo que deve ser visto como um produto do Espírito divino no homem, ou seja, um produto do desenvolvimento espiritual. O amor faz os dons espirituais se tornarem vitais e úteis (ver o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios).

1. A lei do amor é chamada de «...régia...» porque, nas mãos de Cristo, ela é *supremamente exaltada*. O autor sagrado provavelmente conhecia certas tradições cristãs, como a que figura em João 13:34, acerca do «novo mandamento», que consiste dos crentes se amarem uns aos outros. Ou como a de João 14:21, em que é ordenado que amemos à pessoa de Cristo, através da observância de seus mandamentos (ver João 14:23). O trecho de João 15:10 expressa o mesmo sentimento. (Ver ainda João 14:21 e 15:10 quanto a



notas expositivas centrais sobre o «amor», neste comentário, onde a questão é ilustrada com poesias. O trecho de João 3:16 comenta sobre «o amor de Deus».

2. A palavra «régia» também indica *suprema*. Assim sendo, o amor é a lei suprema, que forma o alicerce para todas as demais exigências morais. O amor é o «rei» de toda a lei. É administrado pelas mãos do «Rei dos reis», o Senhor Jesus Cristo. Quando de seu advento, o amor adquiriu um novo e vital significado.

3. Além disso, esse adjetivo, «régia», indica que a lei do amor, por semelhante modo, é o *mais excelente* de todos os preceitos.

«...a Escritura...» Uma alusão ao A.T., compreendido como algo que tem prosseguimento na lei do amor; ou a «passagem particular das Escrituras» em que a menção é encontrada. Provavelmente a última possibilidade está em foco, e, neste caso, a alusão é a Lev. 19:18. Há evidências que o uso da expressão, «a Escritura», indica algo «obrigatório», desde os primitivos tempos cristãos.

«...o teu próximo...» Alguém que vive perto de outrem, com quem tem algum contacto. A Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego) utiliza esse termo grego, «*phros*», para traduzir termos hebraicos que significam «amigo», «conterrâneo», «compatriota», etc. Nos lábios de Jesus, «o próximo» torna-se simplesmente «outro ser humano», qualquer ser humano. Portanto, Cristo tinha um conceito mais elevado acerca de quem devemos amar. Deus amou ao «mundo». O mundo inteiro é o lugar de habitação do próximo cristão; assim sendo, devemos amar a todos, tal como é demonstrado pelo amor de Deus. (Ver os ensinamentos de Jesus a

9 *εἰ δὲ προσωπολημπτεῖτε, ἀμαρτίαν ἐργάζεσθε, ἐλεγχόμενοι ὑπὸ τοῦ νόμου ὡς παραβάται.*

9 *ἐλεγχόμενοι... παραβάται* Mt 11:17

2:17: Mas se fazeis acepção das pessoas, cometais pecado, sendo por isso condenados pela lei como transgressores.

O *respeito humano* é agora definido como um abuso do princípio do amor. Um respeito interesseiro, prestado a alguém, não é verdadeiro amor a esse alguém, pois se baseia em motivos egoístas; e a degradação de outrem, a fim de exaltar ao primeiro, é uma ignorância da aplicação universal e necessária da lei do amor, que vê todos os homens como próximos uns dos outros. (Acerca de notas expositivas completas sobre a «recepção da face» — respeito a pessoas, parcialidade, favoritismo, ver o primeiro versículo deste capítulo e Rom. 2:11). Mostrar interesse por alguém, meramente para obter algum favor da parte dele, por ser demonstração de egoísmo, é uma forma de amor-próprio que, obviamente, ignora o amor de Cristo, longe de cumpri-lo.

«...cometeis pecado...» Tal conduta é pecaminosa; primeiramente porque o respeito indevidamente prestado aos ricos perverte a lei do amor, embora «aparentemente» a obedeça, porque está longe de ser obediência real à mesma; em segundo lugar, no tocante ao abuso contra os pobres, tal conduta é pecaminosa porque nenhum favor pode ser esperado em retorno, da parte dele, sendo uma direta violação dessa lei. O pecado é a violação da lei; mas a obediência inferior àquele que é exigida, também é pecaminosa.

«...arguidos pela lei como transgressores...» Esse mandamento é perfeitamente claro (ver Lev. 19:15), e, se for desconsiderado, torna-se uma «convicção» de culpa. (Comparar com Deut. 1:17 e 16:19). A própria lei, portanto, que o indivíduo pensa que está satisfazendo por suas ações (que

10 *ὅστις γὰρ ὅλον τὸν νόμον τηρήσῃ, πταίῃ δὲ ἐν ἐνί, γέγονεν πάντων ἑνοχος.*

10 *τηρήσῃ* — *οσι* KLP *ρη* *co* *ς*; *πληρωσῇ* A *δ*14 *al*; *τελεσῇ* Ψ 1739 *ρη*; *πληρωσας* *τελεσσι* 33 | *πταισῇ* — *οσι* KLP *ρη* *ς*

2:18: Pois qualquer que guardar toda a lei, mas tropeçar em um só ponto, torna-se culpado de todas.

Este versículo tem sido sujeito a diversos exageros, nas explicações populares, a saber: 1. Não significa que desobedeceu a um mandamento leva Deus a ver a pessoa como quem desobedeceu a todos os mandamentos. Se alguém mente, não é visto por Deus como assassino, por exemplo, e nem será julgado como tal. 2. Não significa que um pecado não é maior do que o outro. O fato que alguns pecados recebem maior condenação e julzo mostra-nos que a lei divina, tal como a humana, reconhece «graus de malignidade». 3. Não significa que todos receberão o mesmo tipo de julzo, a despeito dos pecados que houverem cometido. A diatribe de Jesus contra os fariseus, no vigésimo terceiro capítulo do evangelho de Mateus, mostra-nos que ele reconhecia tanto uma «culpa maior» como um *castigo maior*. Tudo o mais é tolice. (Ver especialmente Mat. 23:14). A culpa também se baseia no «conhecimento» e na oportunidade, conforme Jesus nos ensina em Mat. 10:15. Até mesmo os habitantes das ímpias cidades de Sodoma e Gomorra receberam um julzo mais tolerante do que os habitantes das cidades judaicas que conheceram a Cristo mas o rejeitaram. O julzo divino é de acordo com as obras dos homens (ver Rom. 2:6). Portanto, há iniquidades piores do que outras, dignas de mais severo julgamento.

O que significa o presente versículo? 1. Significa que basta alguém desobedeceu a um dos mandamentos para que fique sujeito ao julgamento de Deus; e mesmo que alguém só desobedecesse a um mandamento da lei, tornar-se-ia «culpado» e condenável. 2. A lei é uma cadeia: seus elos permanecem de pé ou caem juntos, e o conjunto depende de cada elo individual. Portanto, se um dos elos for quebrado, «a lei inteira será quebrada», devendo o culpado ser julgado e condenado.

O indivíduo se torna «culpado de todos» não porque desobedeceu a todos os mandamentos, sendo visto por Deus como adúltero, assassino, mentiroso, ladrão, etc., tudo ao mesmo tempo, mas porque a sua culpa é que o leva a ser condenado pela lei como um todo, pois a lei condena a cada um daqueles pecados individuais. Embora as palavras do texto possam dar margem a uma outra interpretação, o bom senso e o confronto com outras passagens bíblicas exigem a interpretação que aqui apresentamos.

respeito, em Luc. 10:25-37). O termo «próximo» é equivalente a «eteros» (outro de qualidade diferente). (Ver Rom. 13:8,10 e 15:2 onde isso se evidencia).

«...fazeis bem...»

1. Se tratais realmente a alguém com amor, tal ação será boa espiritual e moralmente.

2. Pode haver nisso certa ponta de ironia. É como se Tiago tivesse dito: «Vede quão bem fazeis, favorecendo aos ricos, como se estivesseis obedecendo à lei régia, ao mesmo tempo que contradizeis a essa lei, abusando dos pobres!»

«No período monárquico da história de Roma, a frase «lei régia» não significava uma lei promulgada pela autoridade absoluta do rei, mas uma lei aprovada por assembleia popular, sob a presidência do rei. Em tempos posteriores, o termo passou a ser aplicado a todas as leis cuja origem era atribuída ao período monárquico. E gradualmente o termo veio a representar menos a vontade popular, incluindo todos os direitos e poderes que o povo romano anteriormente possuía, de tal modo que o imperador se tornou o que anteriormente o povo fora, isto é, soberano. No dizer de Gibbon, «Não foi antes que as idéias e mesmo a linguagem dos romanos se corrompeu que a lei régia (*lex regia*) e um irrevogável dom do povo foram criados... A vontade do imperador, segundo dizia Justiniano, tem o vigor e o efeito de lei, pelo que o povo romano, mediante a lei régia, viu transferida a seus príncipes a plena extensão de seu poder e soberania...» (*Declínio e Queda*, cap. xlv, citado por Vincent, *in loc.*).

9 *εἰ δὲ προσωπολημπτεῖτε, ἀμαρτίαν ἐργάζεσθε, ἐλεγχόμενοι ὑπὸ τοῦ νόμου ὡς παραβάται.*

na realidade consistem de favoritismo) o convence de pecado. Isso subentende uma eventual punição ou julgamento, embora isso não seja dito no presente versículo. O décimo terceiro versículo deste capítulo mostra-nos que o julgamento será sem misericórdia para aqueles que não tiverem usado de misericórdia.

«...transgressores...» O grego usa o termo «*parabate*», que indica alguém que age contrariamente a uma lei conhecida, sob a qual está obrigado a certo curso de ação ou inação. O grego, «*parabaino*», significa «ir ao lado», «transgredir», «quebrar», «desviar-se do caminho», sugerindo que há um caminho «conhecido» e «aceito» de ação moral, e que «desviar-se» do mesmo é agir segundo uma vontade perversa. Certamente esse é o ensino das Escrituras, no tocante a quem desobedece à lei, conhecida por revelação e implantada no coração. O conceito judaico mais básico de pecado é a «transgressão da lei»; e isso é correto, embora o pecado também possa ser praticado pela inação ou por deixar de fazer aquilo que é correto (ver Tia. 4:17). A passagem de I João 3:4 informa-nos que o pecado é «a transgressão da lei».

Este versículo se assemelha muitíssimo a Mat. 7:22,23, quanto a seu tom. Há pessoas religiosas que fazem muitas obras maravilhosas, e até mesmo operam milagres; mas nada disso é prova de piedade cristã. Cristo indicou que algumas dessas pessoas, na realidade, podem ser «obreiros da iniquidade». Portanto, o homem que piedosamente «serve e ama aos ricos», esperando deles o favor, não é homem espiritual.

10 *ὅστις γὰρ ὅλον τὸν νόμον τηρήσῃ, πταίῃ δὲ ἐν ἐνί, γέγονεν πάντων ἑνοχος.*

10 *τηρήσῃ* — *οσι* KLP *ρη* *co* *ς*; *πληρωσῇ* A *δ*14 *al*; *τελεσῇ* Ψ 1739 *ρη*; *πληρωσας* *τελεσσι* 33 | *πταισῇ* — *οσι* KLP *ρη* *ς*

Naturalmente, há uma outra maneira em que este versículo pode ser compreendido. Os rabinos pensavam que cada violação da lei traria as «sementes» da desobediência a todos os seus preceitos, ou seja, em «forma de semente», haveria em cada transgressão a desobediência contra todos os preceitos da lei. Se é isso que o autor sagrado diz aqui, então podemos ver algum sentido no que ele diz; mas não se deve pressionar isso ao ponto de dizer que o indivíduo é reputado responsável diante de Deus, como se tivesse desobedeceu a cada um dos preceitos da lei. Antes, será considerado responsável na medida em que tiver transgredido. Um pecado é uma brecha feita no decálogo inteiro, porque sua unidade é assim destruída e desconsiderada; portanto, utilizando-se de uma linguagem um tanto frouxa, pode-se dizer que basta um pecado para que todas as provisões da lei sejam desobedecidas. Todavia, precisamos qualificar o que queremos dizer.

«...não se deve compreender que a pessoa se tornou culpada de cada preceito particular da lei, como se alguém culpado de homicídio também fosse automaticamente culpado de adultério; ou como se o adúltero também fosse culpado de homicídio. Mas o sentido é que ele é culpado de ter quebrado a lei inteira, embora não a totalidade da lei. Assim, se alguém viola uma única condição de um pacto, que consiste de muitas condições, embora não tenha violado a cada condição, contudo já desobedeceu a todo o pacto. Isso é o que sucede a quem transgredir contra um único ponto da lei — quebra o todo, comete pecado e torna-se merecedor de morte, devendo ser tratado pela lei como um transgressor, sem importar em que ponto ele se tenha feito culpado.» (John Gill, *in loc.*).

Alguns dos filósofos estoicos afirmavam o absurdo que todas as transgressões são iguais, pelo que furtar um tostão equivale a matar a própria mãe. Deve-se admitir que, em ambos os casos, a virtude é abandonada, e que alguém pode afogar-se tanto em meio metro de água como em sete metros. Porém, nenhuma ilustração ou raciocínio filosófico podem convencer-nos disso. Jesus indicou, especificamente que há pecados mais graves e menos graves (ver João 19:11). Nos tempos de Dracon, no século VII A.C., em Atenas, todas as ofensas eram castigadas com o mesmo grau de severidade, e até mesmo crimes os mais mínimos eram punidos com



a morte; mas isso não se dá no caso da lei de Deus. (Ver Mat. 11:22, 24).

Em *Shemot Rabba*, xxv temos uma declaração similar à presente: «O sábio equivale a todos os preceitos: se alguém lhe é obediente, deve ser considerado como quem obedece à lei toda; se alguém o profana, é como se tivesse desobedecido a toda a lei». Mas isso deve ser reputado como se faz com o versículo presente, sem supor que ensina algo semelhante à doutrina estoica, mencionada acima. (Ver Zeno, *Chrysippus*, apud Laert. Vit. Zeno, §10).

«Tal como uma corrente se parte, quando um de seus elos mais fracos cede, assim também sucede à lei, em sua harmonia e totalidade, quando, à vista de Deus, é quebrada por uma única ofensa de um homem; e a penalidade recal, com seu peso e incidência natural, sobre o culpado». (Punchard, *in loc.*).

«Essa é uma maneira retórica de dizer que tal indivíduo é transgressor da lei como um todo, e não de todos os seus preceitos». (Ropes, *in loc.*).

Talvez o melhor comentário deste versículo seja a passagem do 11 ο γὰρ εἰπών, Μὴ μοιχεύσης, εἶπεν καὶ, Μὴ φονεύσης· εἰ δὲ οὐ μοιχεύεις, φονεύεις δέ, γέγονας παραβάτης νόμου.

11 Μὴ μοιχεύσης Ex 20:14; Dt 5:18 (Mt 5:27; 18:18; Mk 10:19; Lc 18:30; Ro 13:9) Μὴ φονεύσης Ex 20:13; Dt 5:17

(Mt 5:21; Mk 10:19; Lc 18:30; Ro 13:9)

2:11: Porque a mesma que disse: Não adulterarás, também disse: Não matarás. Ora, se não cometes adultério, mas és homicida, te têm tornado transgressor da lei.

Este versículo meramente repete a idéia do versículo anterior, com uma ilustração. Portanto, todas as notas expositivas dadas ali, se aplicam aqui, especialmente a citação extraída do Testamento dos Doze Patriarcas, que completa os comentários sobre este versículo. Ainda que alguém demonstrasse amor genuíno para com os ricos (o que não está em foco nesta passagem), mas humilhasse aos pobres, teria quebrado a lei do amor mediante sua obediência imperfeita, vinculada a um elemento de violação franca. Tendo partido a lei do amor, é culpado perante a lei inteira.

Valor polêmico dos versículos décimo e décimo primeiro deste capítulo. É óbvio, do ponto de vista do N.T., que declarações como essas «exigem» a idéia da justificação à parte da lei, porquanto quem entre nós poderia ser considerado perfeitamente obediente à lei? Ora, se não podemos ser assim reputados, é evidente que somos culpados e condenados pela lei, e não justificados por ela. Portanto, a justificação se baseia na graça, que é recebida pela fé. O autor desta epístola, tal como o próprio judaísmo e o cristianismo legalista, não levaram a questão à sua conclusão lógica, no tocante à justificação, segundo o mostra claramente o trecho de Tia. 2:14 e ss. Paulo foi o mestre escolhido para levar essa questão à sua conclusão lógica, e isso ele fez em passagens como os capítulos terceiro a quinto da epístola aos Romanos e os capítulos segundo e terceiro da epístola aos Gálatas. É possível que a mentalidade judaica, tal como toda a mentalidade legalista, acreditasse que quando alguém vive normalmente à altura da lei, obedecendo habitualmente a seus preceitos, lapsos ocasionais não destroem sua aceitação espiritual diante de Deus. Portanto, poderia ser justificado através da observância da lei, se essa obediência o caracteriza habitualmente na vida. Mas, apesar disso parecer razoável, esquece a natureza extremamente exigente da lei, permitindo que uma obediência inferior seja considerada como a verdadeira. E também ignora o fato que precisamos possuir a própria retidão de Deus, e não alguma forma de nossa justiça própria, elevada ou inferior, a fim de obtermos admissão à sua presença, mas antes, a conformação com a própria natureza e imagem de Cristo. (Ver os trechos de Rom. 3:21; Mat. 5:48 e Heb. 12:48 quanto a notas expositivas sobre esse conceito). Quem ama realmente a Deus, como a si mesmo? Quem ama ao próximo como a si mesmo? O padrão da lei é elevadíssimo. Porém, em Cristo, primeiramente recebemos aceitação diante

12 οὕτως λαλεῖτε καὶ οὕτως ποιεῖτε ὡς διὰ νόμου

12 νόμον ἐλευθερίας Ro 8:2; Ga 5:2; Jaa 1:25; 1 Pe 2:18

2:12: Falei de tal maneira e de tal maneira procedei, como havendo da vós julgadas pela lei da liberdade.

O autor sagrado apresenta-nos um sumário bem geral de como deve ser a vida cristã. Longe de ser ela envolvida em favoritismos dúbios, que contradizem a régia lei do amor, deveria ser governada por esta de tal modo que aquilo que é feito e o que é dito devem ser considerados de natureza espiritual. Tudo isso deve ser praticado com a consciência que essa lei nos servirá de juiz, nas mãos do Deus que tudo sabe. Esse juízo pode ser extremamente severo sobre aqueles que tiverem deixado de observar a lei do amor, os quais não tiverem usado de misericórdia; pois não devem imaginar os tais que lhes será demonstrada qualquer misericórdia. (Ver o versículo seguinte). Notemos a similaridade da mensagem, se não da mesma expressão, em Col. 3:17: «E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai». O dever da conduta circunspecta inclui tanto as palavras como as ações. Ambas as coisas devem visar o benefício de nossos semelhantes, e não o seu detrimento, visando glorificar devidamente a Deus.

A questão do falar se refere ao trecho anterior de Tia. 1:19, 26, que alude ao controle da língua, mostrando agora (tal como em Efé. 4:29), qual é o uso apropriado da faculdade da fala. (Isso pode ser confrontado com o que disse Jesus, em Mat. 12:36, 37: «Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia de juízo; porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás julgado». O terceiro capítulo da epístola de Tiago toma a questão do uso da língua uma vez mais, e, dessa vez, de maneira bem mais completa. Aquele terceiro capítulo se dedica inteiramente a isso, e isso demonstra a importância do tema para o autor sagrado. As palavras revelam o estado da alma; mas, por si mesmas, são forças poderosas para o bem ou para o mal. Isso pode ser ilustrado observando-se que o próprio evangelho é transmitido a outros homens

Testamento dos Doze Patriarcas, Aser, 2:5-10, que trata de duplas circunstâncias, em que o bem é misturado com o mal, do que resulta o mal: «Um outro rouba, pratica a injustiça, se esposa de bens alheios e deles dá uma esmola aos pobres: isso tem um duplo aspecto, mas a ação toda é má. Aquele que defrauda ao próximo provoca a Deus; ele jura falso contra o Altíssimo, mas mostra dó dos pobres: ao Senhor, que determinou a lei, ele reduz a nada e provoca, mas refrigera aos pobres. Ele macula a alma e satisfaz ao corpo; mata a muitos e mostra misericórdia a uns poucos. E isso também tem um duplo aspecto, mas a ação toda é má. Um outro comete adultério e fornicção, mas se abstém de comer carne; e, ao engordar, pratica o mal, e pelo poder de suas riquezas prejudica a muitos; não obstante sua excessiva iniquidade, ele procura praticar certos mandamentos. Isso também se reveste de um duplo aspecto, mas a ação toda é má. Tais homens são como os coelhos; pois em parte são limpos, mas em cada ação são imundos. Pois Deus, nas tábuas dos mandamentos, assim o declarou».

11 παραβάτης] αποστάτης A

de Cristo, por causa da justiça de Cristo; e em seguida, mediante a santificação, somos revestidos da própria natureza moral de Deus, o que nos confere as suas perfeições morais, conforme elas se manifestam em Cristo.

Assim é que as exigências da lei são finalmente cumpridas, participando nós da natureza moral perfeita de Deus. Esse é o elevadíssimo ensinamento do evangelho. Não se trata de uma maneira para sermos profanos e escapar do juízo divino; e nem é um meio de sermos menos santos do que aquilo que a lei exige, escapando ao juízo divino, assim mesmo. Antes, é um meio de tornar-nos perfeitos, para que compartilhem de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19) e da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). Trata-se de elevadíssima realização, completamente fora do alcance da lei. Isso mostra a necessidade do sistema da graça divina (o qual é amplamente esclarecido nas notas expositivas sobre Efé. 2:8).

«...adulterarás... matarás...» O sétimo mandamento, mencionado antes do sexto, uma ordem talvez devida à Septuaginta, no trecho do vigésimo capítulo do livro de Êxodo. (Ver Êxodo. 20:13, 15 e Deut. 5:17 e ss., quanto aos mandamentos, dentro do A.T.). Não sabemos dizer por que o autor sagrado escolheu esses dois mandamentos como sua ilustração. Talvez tenha sido porque envolviam crimes sérios, punidos com a morte, assim ilustrando melhor o severo juízo que a lei impõe aos transgressores, tal como se vê no décimo terceiro versículo deste capítulo. Ou talvez o adultério envolva o sentido metafórico de infidelidade a Deus (que o autor sagrado queria salientar como uma das grandes características do pecado); e o homicídio é a manifestação mesma da falta de amor, o pecado sobre o qual ele falava particularmente, na presente passagem. Ambos os pecados são, particularmente, pecados que prejudicam ao próximo, mais do que quaisquer outros; e isso poderia ter sido o motivo da escolha desses dois tipos de transgressão. O mais provável, entretanto, é que esses dois mandamentos foram escolhidos arbitrariamente, servindo tão bem como ilustração como quaisquer outros mandamentos do decálogo. Mediante qualquer ilustração assim, ele poderia ter mostrado, igualmente bem, que a desobediência à lei, em qualquer de seus pontos particulares, impõe culpa; e a culpa atrai o juízo final.

«...transgressor...» (Quanto a notas expositivas completas sobre essa palavra, ver o nono versículo deste capítulo).

ἐλευθερίας μέλλοντες κρίνεσθαι.

mediante a pregação, e que «...aprove a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação» (I Cor. 1:21). Por conseguinte, devido às suas palavras injuriosas, os homens são entravados e desviados das realidades espirituais. (Ver o trecho de Mat. 5:22 quanto ao ponto de vista do Senhor Jesus acerca da seriedade do uso de palavras más).

«...julgados pela lei da liberdade...» (Ver notas expositivas completas acerca da «lei da liberdade», em Tia. 1:25). Nas mãos de Cristo, a lei é uma medida libertadora; ela tem o poder de liberar-nos do pecado, e, portanto, da condenação. Esse é o ponto de vista do autor sagrado, embora certamente não seja o parecer de Paulo. Na epístola de Tiago não encontramos a «lei do Espírito», como um princípio espiritual aplicado no Intimo, inteiramente à parte da lei mosaica. (Ver Rom. 8:2). Contudo, «a lei», segundo Cristo, é um passo na direção desse entendimento. Paulo não via na lei nem a capacidade de julgar e nem a capacidade de santificar (ver Rom. 3:21-24; Gál. 3:1-3 e 5:1 e ss.). Mas não pode haver dúvida que os judeus cristãos viam essas funções na lei, embora sob os cuidados da administração de Cristo. O décimo quinto capítulo do livro de Atos mostra claramente que assim sucede; e o trecho de Tia. 2:14 indica a mesma coisa. Aqueles crentes ainda não tinham recebido esse conhecimento e entendimento, que pertenciam às mais puras revelações dadas a Paulo. Contudo, apesar de como essas verdades foram expressas, o que levanta certas questões, há uma grande verdade nesta porção do versículo. Um homem será julgado segundo os padrões divinos, expressos na lei, e será julgado de conformidade com as suas obras (ver Rom. 2:6). E em II Cor. 5:10 fica claro que até os próprios crentes serão julgados dessa maneira, isto é, pelo que tiverem praticado de «bem» ou de «mal». Portanto, a lei do amor, que exige tratamento para os pobres igual àquele conferido aos ricos, se não for seguida, tornar-se-á um fator de condenação. E um severo juízo é prometido contra aqueles que não usaram de misericórdia (ver o décimo terceiro versículo deste capítulo).



Para o autor sagrado, o evangelho incorpora a lei do A.T., ao invés de eliminá-la. Ele não via uma natureza escravizadora na lei, conforme Paulo via as coisas (ver Gál. 4:23 e ss. e o sétimo capítulo da epístola aos Romanos). Antes, Tiago concordava com o ponto de vista normal dos judeus (o que é bem ilustrado nas notas expositivas sobre Tia. 1:25), que declara que a lei liberta o indivíduo. A única diferença é que, sendo cristão o autor desta epístola, a lei foi absorvida e elevada pelo evangelho, tornando-a um código libertador em alto grau. (A leitura das notas, em Tia. 1:25, dará um sentido mais claro ao presente versículo). Tentar compreender a epístola de Tiago senão através de olhos judeu-cristãos, é perverter a sua mensagem, paulinizando aquilo que, simplesmente, não

13 ἡ γὰρ κρίσις ἀνέλεος τῷ μὴ ποιήσαντι ἔλεος·

13 ἡ... ἔλεος Mt 6:7; 16:22-23

2:13: Porque o juízo será sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia; a misericórdia triunfa sobre o juízo.

O julgamento consiste em o indivíduo encontrar-se consigo mesmo. Se nos tivermos mostrado míseros, colheremos mui exígua colheita; se nos tivermos mostrado sem misericórdia, não haverá misericórdia para conosco. Se tivermos sido generosos, seremos tratados com generosidade. Isso é apenas uma outra maneira de dizer que o juízo é segundo as obras de cada um. (Ver Rom. 2:6). Ou então que cada qual colherá aquilo que tiver semeado. (Ver Gál. 6:7,8). Ou que a pessoa recebe o bem ou o mal que houver praticado. (Ver. II Cor. 5:10).

...juízo... Sem dúvida alguma a referência é ao juízo final. (Ver as notas expositivas a respeito, em Apo. 14:11. Consultar também as notas em I Ped. 3:18-20; 4:6 e Col. 3:6, acerca da «ira de Deus»). Duas correntes principais de idéias, acerca do juízo, (ver as notas expositivas a respeito, em Apo. 14:11. Consultar também as notas em I Ped. 3:18-20; 4:6 e Col. 3:6, acerca da «ira de Deus»). Duas correntes principais de idéias, acerca do juízo, aparecem nas Escrituras: Uma delas fala de um juízo severo e sem paliativos, que concorda com o ponto de vista normal dos judeus; a outra vê o julgamento divino como medida disciplinadora e restauradora, e não apenas como uma retribuição. E isso concorda com o aprimoramento cristão da idéia do julgamento. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que, eventualmente, todas as coisas devem ter por centro e propósito a existência em Cristo, e ele deverá ser tudo para todos, afinal de contas. Isso não significa que todas as pessoas compartilharão da vida eterna, dos eleitos, mas significa que mesmo dentro do estado de perdição haverá algum melhoramento, para que todos tenham uma existência até certo ponto útil. O trecho de I Ped. 4:6 diz a mesma coisa. Apesar de esse ponto de vista sobre o juízo não seja conhecido e nem aceito por certos segmentos da igreja, hoje em dia, era um ponto de vista comum entre os pais gregos da igreja. Assim é que João Damasceno (século VII D.C.) diz-nos, em seu livro, *Fonte de Conhecimento*. Vários teólogos das denominações anglicana e luterana têm defendido esse conceito, incluindo Lange, o principal expositor do luteranismo.

#### A Natureza Do Julgamento

1. Existem versículos bíblicos extremamente severos no que tange à natureza do julgamento. Esses pintam uma tempestade que se vai acumulando de melancolia e terror, sem oferecer o mínimo raio de esperança. São desesperadores a um grau máximo, e retratam o juízo divino como algo meramente retributivo. Como exemplos, ver II Tes. 1:7 e Mar. 9:44,48.

2. Esses versículos, não obstante, não esgotam tudo o que a Bíblia ensina sobre o julgamento. Porque é evidente que o trecho de I Ped. 4:6 (em uníssono com a narrativa geral da descida de Cristo ao hades; ver as notas a respeito em I Ped. 3:8), subentende que o julgamento terá natureza restauradora também, e não meramente retributiva.

3. A passagem de Efé. 1:10 mostra-nos que, eventualmente, através do julgamento, e não à revelia do mesmo, haverá a restauração geral de todas as coisas em redor de Cristo. Para os perdidos, sem a menor dúvida, isso ficará muito aquém da redenção dos eleitos, mas lhes conferirá uma utilidade na qual poderão servir de motivo de glória positiva para Cristo, porquanto ele será o motivo e o alvo de sua existência. Entrementes, os eleitos compartilharão da própria forma de vida que o Cristo exhibe, em sua imagem e natureza—e disso consiste a salvação, da qual os não-eleitos estão para sempre cortados. Essa «perda do ganho infinito», significa que os perdidos sofrerão uma perda infinita, sem importar as grandes coisas que a missão universal de Cristo eventualmente faça em favor dos mesmos.

4. Quanto a outros versículos vinculados à idéia da natureza do julgamento divino, ver os seguintes: Notas de sumário sobre o «julgamento», Apo. 14:11; o «universal poder de atração de Cristo», João 12:32; «a misericórdia e o propósito do julgamento», Rom. 11:32; a «missão universal de Cristo» (sob este título), João 14:6; a redenção dos eleitos, sob o título

XIII. A Fé e as Obras Opostas e Unificadas (2:14-26).

Paulo e Tiago.

É apropriado alistarmos agora os vários modos como os escritos e as idéias de Paulo têm sido tentativamente reconciliadas com esta epístola a Tiago:

1. Obviamente as palavras de um e de outro se contradizem. (Ver Rom. 4:1-5 em comparação com Tia. 2:15,21 e s.). Pouca dúvida pode haver que Tiago foi escrito para refutar especificamente as idéias paulinas, contidas no quarto capítulo da epístola aos Romanos, sem importar se essa epístola era conhecida ou desconhecida para o autor sagrado. Não admira que os dois escritores sagrados tenham entrado em conflito um com o outro, em seus escritos. Os intérpretes que se recusam a reconhecer isso, supõem que Paulo e Tiago exibem duas definições diferentes das idéias de «justificação», das «obras» ou da «fé»; ou mesmo que tinham mais de uma definição para cada um desses vocábulos.

2. «Justificação», na epístola de Tiago, segundo nos dizem, inclui o processo inteiro da salvação, ao passo que, em Paulo,

fazia parte das idéias de Paulo. (Ver Atos 10:9 quanto à «questão legalista na igreja cristã primitiva»). Por que negaríamos que um dos livros do N.T. reflete os pontos de vista dos judeus cristãos? Uma vez que reconheçamos essa verdade, não mais teremos tantos problemas de interpretação. Poderemos tomar as palavras segundo elas querem dizer, não tentando encontrar reflexos das idéias paulinas por toda a parte, embora de formas sutis e diferentes. A questão legalista, na igreja primitiva, nunca foi realmente resolvida. (As notas de introdução sobre o trecho de Tia. 2:14 entram nesse problema com detalhes, comparando e contrastando Tiago com Paulo).

\*\*\*

κατακαυχᾶται ἔλεος κρίσεως.

13 κατακαυχᾶται] -χασθω δε Α 33 ρς: φραστ και ιδρι ρς ε

«salvação», Heb. 2:3. Essa última idéia deve ser posta em confronto com a idéia da «restauração geral», amplamente comentada nas notas sobre Efé. 1:10.

Orígenes declarou que uma doutrina do julgamento divino que contempla mera retribuição, é um dogma que condescende com uma teologia inferior. Sem dúvida, essa é uma avaliação correta.

...A misericórdia triunfa sobre o juízo... Somos tentados a dizer: «Ai está! Tiago tinha o mesmo ponto de vista?» Mas o mais provável é que a idéia aqui expressa seja que «Aquele que tiver sido misericordioso, será julgado com misericórdia. Assim é que a misericórdia triunfa sobre o juízo severo, que, de outra maneira, poderíamos receber». Por isso é que temos, em *Rosh Hash.* 17a: «De quem são perdoados os pecados? daquele que perdoa a injúria». E ler. *Baba q.* viii.10, diz: «De cada vez em que usas de misericórdia, Deus usa de misericórdia contigo; mas, se não te mostrares misericordioso, Deus também não mostrará misericórdia para contigo». Portanto, a misericórdia que um homem demonstra para com outro é vista como uma espécie de proteção para o primeiro—vai adiante dele, até ao tribunal divino, e lhe prepara o caminho. Garante-lhe um tratamento misericordioso. E assim a misericórdia triunfa sobre o severo julgamento que tal pessoa, de outro modo, receberia. Essa é apenas outra maneira de dizer que um homem é julgado de conformidade com suas obras, colhendo aquilo que tiver semeado. Essa idéia pode ser confrontada com os trechos de Mat. 5:7; 6:14; 7:1; 18:23-25; Sal. 18:25,26; Eclesiástico 28:2 e ss.; *Testamento dos Doze Patriarcas, Zebulom* 5 e 8.

«A misericórdia tem grande valor aos olhos de Deus, porquanto intercede pelo pecador e parte suas algemas, dissipando as trevas e apagando as chamas do inferno, destruindo o verme e salvando do rilhar de dentes. Para a misericórdia se abrem as portas dos céus.

A misericórdia é a princesa das virtudes, tornando os homens semelhantes a Deus. Pois está escrito: «Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai» (Luc. 6:36). A misericórdia tem asas de prata, como a pomba, e penas de ouro, elevando-se bem alto, revestida de glória divina e chegando até ao trono de Deus. Quando corremos o perigo de ser condenados, ela se eleva e pleiteia por nós, encobrindo-nos com sua defesa e protegendo-nos sob as suas asas. Deus ama mais a misericórdia do que ao sacrifício. (Ver Mat. 9:13)». (Crisóstomo).

Alguns estudiosos pensam haver certo intuito «evangelístico» neste versículo. A misericórdia é administrada por meio de Cristo, vence os terrores do juízo e assim propaga o evangelho, e nisso consiste o triunfo da misericórdia. Naturalmente, o que esses eruditos percebem envolve uma grande verdade; mas o mais certo é que não é a verdade aqui salientada, embora seja algo necessariamente implícito nas palavras de Tiago, porquanto a exibição de misericórdia é produto do desenvolvimento espiritual, através do poder de conversão, motivada pelo evangelho.

As misericórdias de Deus! que tema para meu cântico,

Oh! nunca pude enumerá-las a todas;

São mais que as estrelas na abóbada celestial,

Ou que a areia das praias batidas pelas ondas.

(T.O. Chisholm)

«Portanto, tende também vós compaixão, filhos meus, de todo o homem, para que o Senhor também tenha compaixão e misericórdia de vós. Pois no último dia Deus enviará sua compaixão à terra, e onde quer que ele encontre ternas misericórdias, ali ficará habitando. Pois com o grau em que um homem tiver usado de compaixão com seus semelhantes, com esse mesmo grau o Senhor o tratará». (*Testamento dos Doze Patriarcas, Zebulom*, viii.1-3).

«Naquele grande dia, embora a justiça condene a cada homem, segundo o rigor da lei, contudo, Deus fará a misericórdia triunfar sobre a justiça, levando à glória aqueles que, por sua causa, alimentaram os famintos, vestiram os nus e ministraram os enfermos e visitaram os encarcerados. Isso é o que diz o Senhor, em Mat. 25:31-46.» (Adam Clarke, *in loc.*).



envolve apenas a justiça *inicialmente imputada*. (As notas expositivas sobre Rom. 3:24-28 mostram que o uso que o apóstolo Paulo fazia do termo «justificação» é exatamente igual ao de Tiago, tão amplo como a idéia deste último). A justificação é «de vida» (ver Rom. 5:18), o que certamente envolve mais do que a mera declaração forense de retidão. Tanto Tiago quanto Paulo se preocupam com a «posição correta» diante de Deus, o que resulta na salvação. A justificação é a «declaração» de correta posição, em Cristo; mas também envolve a outorga daquela santidade que ratifica tal posição, tornando-a eternamente válida. Seja como for, o fato que alguém é «justificado pelas obras», não indica, na epístola de Tiago, que «a fé deve produzir obras em resultado», conforme a questão é popularmente explanada. Mas significa para ele o que é claramente afirmado no texto, que a combinação de «fé e obras» é algo necessário para a justificação, e que a fé não pode ficar de pé sozinha, nesse processo. A fé é «aperfeiçoada» pelas obras (ver Tia. 2:22). Assim também o indivíduo é justificado «por obras, e não somente pela fé» (ver Tia. 2:26). E disso se conclui que a fé «sem obras, é morta». (ver Tia. 2:26).

Afirmar que, na epístola de Tiago, a justificação é vista como *diante dos homens*, mas que, nos escritos paulinos, é *diante de Deus*, é tomar um ponto de vista extremamente superficial do segundo capítulo da epístola de Tiago, que não passa de uma esquivia popular, a fim de obter uma «harmonia teológica» a «qualquer preço», mesmo que esse preço seja a honestidade de interpretação. Notemos que o décimo quarto versículo desse segundo capítulo fala sobre a «salvação». Poderia uma mera fé infrutífera «salvar» a alguém? Notemos, por igual modo, que no vigésimo terceiro versículo deste mesmo capítulo, lemos que a retidão pela qual buscamos é imputada por Deus, e não meramente algo a ser visto pelos homens. Mediante obras de fé, Abraão se tornou o amigo de Deus, e não meramente foi aprovado aos olhos dos homens.

3. Conforme dizem outros, a *fé* é um termo que significa coisas diferentes para os dois autores sagrados. Para Tiago seria o *monotelismo*, implícito em Tia. 2:19. Mas os intérpretes que dizem isso não observam que o resto do estudo acerca da «fé», mesmo em Tiago, não se limita a isso. A fé é um princípio ativo, copulado às obras que produzem a justificação. «Abraão creu em Deus», e essa «fé» lhe foi «imputada» como justiça (ver o vigésimo terceiro versículo). Certamente isso não pode ser a mera fé de que existe «um só Deus». No judaísmo helenista não havia qualquer conflito entre as obras e a fé, como se as duas idéias tivessem sido postas em oposição uma à outra. Não temos razão de supor que Tiago vai além do contexto judaico-helenista, que via tanto a fé como as obras como aspectos necessários à obtenção do favor divino; e, para os judeus, a fé nunca foi a mera aceitação do conceito monotelista. É verdade, porém, que Tiago nunca aborda a fé como a contemplação da fé na expiação de Cristo, ou da fé como dádiva divina, mediante do Espírito Santo (ver Rom. 5:11; Gál. 5:22; Efé. 2:8, quanto a esse elemento, nos escritos de Paulo). Paulo tinha uma visão mais ampla da «fé» do que Tiago; mas a fé, no parecer de Tiago, também consistia na outorga ativa a Deus, um princípio espiritual (como no caso de Abraão), e nunca mera crença de qualquer sorte. Portanto, apesar de haver algumas diferenças acerca do que um e outro pensavam sobre a fé, tais considerações não solucionam a controvérsia, porquanto a idéia central sobre a fé, em ambos, é a mesma coisa. Tiago meramente ensina que a fé deve ser ligada às obras, e assim ele entende que a mesma consiste na lealdade e na obediência à lei mosaica. Ver Tia. 2:8 (Lev. 19:18), 2:9 (Lev. 19:15) e 2:11 (Exo. 20:13-14). A posição de Tiago é a do judaísmo comum, que nunca pensou em uma doutrina que fala em «basta a fé somente». A história da teologia deles é prova clara disso. Por que se pensaria ser estranho que Tiago se colocou na posição judaica normal sobre a questão? É claro que os pontos de vista teológicos comuns do judaísmo não concordavam com a teologia paulina; e por que se pensaria ser estranho que Tiago tenha entrado em contradição com Paulo? Se o judaísmo contradizia a Paulo (e quem pode duvidar disso?), então igualmente o fazia Tiago.

4. As obras significariam diferentes coisas para Paulo e para Tiago, segundo alguns afirmam. Uma vez mais, Paulo tinha um discernimento mais profundo sobre a natureza das «obras», corretamente consideradas, do que Tiago; mas ambos usavam o termo, normalmente, com o sentido de obediência à lei mosaica e suas implicações. Tiago insiste que isso faz parte da salvação; Paulo diz que não faz parte. Tiago toma a posição judaica normal de «obras meritórias»; Paulo abandonou tal posição quando recebeu suas revelações superiores da parte de Cristo; mas ambos usaram o termo do mesmo modo. No trecho de Fil. 2:12 Paulo usa a definição «espiritual» da idéia das «obras», o que dá a entender «aquilo que o Espírito Santo realiza em nós»; e, na presente instância, a palavra se torna um simples sinônimo da «graça ativa». Esse conceito é explanado em Efé. 2:8, bem como na referência que acabamos de dar. Porém, se Paulo tinha ponto de vista mais elevado sobre o que sejam as verdadeiras «obras espirituais», não é esse o termo que ele aplica nas seções polêmicas de Romanos e de Gálatas. Antes, ele fala ali sobre os «méritos» da obediência legalista, e é exatamente assim que Tiago usa o termo em sua epíst. Esse era o ponto de vista normal sobre as obras, entre os judeus; eles criam, sinceramente, que um homem obtém o favor divino através da obediência à sua lei. E Tiago compartilha dessa crença. Faltava-lhe revelações cristãs mais elevadas, que poderiam ter modificado sua maneira de pensar. A definição espiritual de Paulo acerca das «obras», que faz delas um sinônimo da «graça» reflete um discernimento acerca do qual não há qualquer traço na epístola de Tiago. Portanto, Tiago nunca quis dizer que «pela operação íntima do poder do Espírito, é formada em vós a natureza moral de Cristo, o que, ato contínuo, expressais a outros homens. Antes, ele falava sobre os méritos produzidos pela obediência à lei. Para Tiago, portanto, as «obras» que justificam são as «obras da observância da lei», que importam em mérito, e não as operações místicas do Espírito no íntimo, e que a passagem de Gál. 5:22,23 denomina de aspectos do «fruto do Espírito».

5. A *contradição* entre Paulo e Tiago seria apenas «aparente», conforme dizem alguns, supondo que isso se devia ao fato que Tiago não compreendeu corretamente a Paulo. Isso faz supor que Paulo aceitava a posição de Tiago de que a obediência à lei obtém o favor divino, o que é um absurdo. O certo, porém, é que essa é a posição de Tiago na presente epístola. Supostamente incorporada na fé de Paulo havia o princípio das obras; e isso é verdade se estivermos falando acerca das obras místicas do Espírito; mas é algo totalmente falso se falarmos de como a fé se expressa, levando a pessoa a agradar a Deus mediante obras legalistas, que é a posição de Tiago.

6. Antes, a *contradição é real*, entre Paulo e Tiago, porque as posições teológicas dos dois são diferentes, tal como Paulo diferia da posição comum do judaísmo. E isso não pode ser explicado à base da idéia que Tiago ataca uma «perversão» de idéias paulinas, uma espécie de liberalismo ou antinomianismo extremados, e não a doutrina paulina. É bem possível que muitos tivessem pervertido os ensinamentos paulinos, conforme faziam os gnósticos, que pensavam que aquilo que fizessem com seus corpos não fazia qualquer diferença, pois o espírito continuaria livre de toda a mácula, «por causa da expiação de Cristo». Certamente Tiago ataca esses extremistas, mas não há evidência que ele tivesse atacado *somente* a eles. Antes, ele atacava a todos quantos supunham que *basta a fé* para a salvação, sem qualquer alusão à obediência à lei de Moisés como algo necessário. Se ao menos pudermos perceber que Tiago foi apenas um representante do judaísmo, no tocante à fé e às obras ao mesmo tempo, bem como uma expressão do cristianismo legalista, então todos os misteriosos problemas de reconciliação e todas as dificuldades de interpretação se solucionam como que por milagre. Por que suporíamos que quando Tiago escreveu sobre tais questões, e disse a mesma coisa que encontramos nos documentos judaicos (como aquelas coisas citadas, nas seções IV e V desta introdução), que ele quis dizer algo diferente do que eles diziam? Ora, se ele quis dizer a mesma coisa que eles disseram, então ele discorda de Paulo, que abandonara a teologia judaica, neste ponto. O maior problema de todos, e no qual afundam muitos intérpretes, ao tentarem reconciliar Paulo com Tiago, é que se Tiago e Paulo concordam entre si, então Tiago discordava da teologia judaica. Mas, como poderíamos dizer que Tiago discordava da teologia judaica, quando diz a mesma coisa que disseram vários escritores judeus? Poderia ele dizer as mesmas coisas que eles disseram, sem concordar com eles, entretanto? Tiago disse a mesma coisa que eles simplesmente porque defendia a mesma teologia. E, sustentando a mesma teologia, ele automaticamente contradisse ao apóstolo Paulo. De fato, ele escreveu para deixar bem clara essa contradição.

7. A questão está claramente traçada. Ou Paulo estava com a razão, ou Tiago era quem estava. A salvação ou inclui ou não inclui



a observação legalista dos preceitos mosaicos. Em torno disso girava toda a disputa. (Ver Atos 10:9, quanto ao «problema legalista na igreja cristã primitiva»).

8. O ponto de vista do *paradoxo*. De algum modo, tanto Tiago como Paulo estão certos. A salvação vem exclusivamente pela fé, mediante a graça de Deus, demonstrada em Cristo. Contudo, as obras são essenciais a ela. Mas, como esses pensamentos podem ser reconciliados, não sabemos dizer. As grandes tradições religiosas têm defendido ambos esses lados, e fazemos bem em respeitar a ambos.

9. *Não há qualquer contradição final*. Podemos afirmar que Tiago levanta uma questão vital: sabemos, intuitiva e racionalmente, bem como através da revelação, que devemos «ser alguma coisa» e que devemos «fazer alguma coisa». Sabemos que a fé religiosa deve ser ativa, produtiva e frutífera. Sabemos que a fé deve ser a fonte de um caráter e de ações justos, pois, de outro modo, nem será autêntica tal fé, pois a fé consiste na outorga da alma aos cuidados de Cristo, para que primeiramente sejamos transformados segundo sua imagem moral, e então segundo sua imagem metafísica. (Ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18), mediante o que chegamos a compartilhar de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19) e da natureza divina (ver II Ped. 1:4). Assim, se Tiago de fato contradiz a Paulo, por lhe faltarem as revelações maiores que Paulo recebera, Tiago ainda não fora desmamado de Moisés e do comum legalismo judaico; mas, intuitivamente, como todos nós, sabia que deve haver «obras» de alguma espécie, uma revolução e uma renovação morais e espirituais, pois, do contrário, não terá havido salvação. Todavia, Tiago expressou sem habilidade essa «intuição», porquanto ele seguia, naturalmente, expressões legalistas da mesma, devido a seus muitos anos de treinamento no judaísmo.

As obras, se forem consideradas como obras do Espírito no íntimo, como «o fruto do Espírito» (ver Gál. 5:22,23), são necessárias à salvação; e assim as «obras se confundem com a graça», pois tais obras são meramente expressões da graça ativa. Porém, se são expressões, também são a alma mesma do princípio da graça no íntimo; portanto, são obras de natureza espiritual, e não meramente «resultados» da fé, conforme popularmente é dito. São a «natureza inerente» da graça, que tem por objetivo a transformação do ser humano segundo a natureza moral de Cristo, para que os remidos venham a participar da mesma santidade e das mesmas perfeições que tem o próprio Pai (ver Rom. 3:21; Heb. 12:14 e Mat. 5:48). Podemos dizer, por conseguinte, que Tiago contradiz a Paulo por ter um ponto de vista legalista sobre as obras, e não um ponto de vista «místico». Faltava-lhe aquele discernimento que encontramos em Fil. 2:12,13, por exemplo. Contudo, se lhe faltava tal «discernimento», não lhe faltava a «intuição» que as obras, sob certo prisma, são necessárias à justificação e à salvação. Podemos desculpar-lo por sua maneira desajeitada de expressar essa intuição, porquanto ele levantou uma questão vital, de que muito precisamos na igreja, em nossa época de *crença fácil*. Devemos aprender de Tiago, mesmo que não possamos concordar com sua maneira de exprimir as coisas, que um homem deve revestir-se da imagem de Cristo, duplicando em sua vida a vida de Cristo; é mister que Cristo viva por seu intermédio; é preciso que obtenha a vitória moral; é necessário que seja transformado, pois, de outra maneira, nem mesmo ter-se-á convertido. Não basta alguém aceitar um credo, para em seguida imaginar tolamente que isso obriga a Deus a aceitá-lo, por causa da «correta opinião» defendida por tal pessoa. Antes, é necessário que a fé nos transforme a vida inteira, espiritualizando-a na direção da imagem de Cristo, formando em nós a vida de Cristo (ver João 5:25,26 e 6:57). «As corretas opiniões nunca podem salvar a quem quer que seja». Tiago diz isso, em efeito, em Tia. 2:19, e em tons sarcásticos. Somente a vida transformada pode conduzir alguém à salvação. (Ver II Tes. 2:13).

10. *Paulo, Tiago e Jesus*. Talvez o problema mais vexatório de todo o N.T., seja o que indaga: «Onde ficaria Jesus, nesta controvérsia?» Visto que ele viveu na terra antes do surgimento do problema, não temos passagens diretas explicando a opinião de Jesus. Apesar de que nas citações que temos da parte dele, parece que Jesus toma a posição judaica ordinária acerca dos meios da salvação, precisamos supor que a Cristo não faltava o discernimento dado a Paulo sobre a questão das «obras espirituais», em contraste com as obras legalistas. Portanto, apesar de que talvez não tivesse usado a mesma terminologia usada por Paulo, podemos ter a confiança que ele concordaria com a abordagem paulina. O fato que Paulo pôde afirmar que os demais apóstolos concordavam com ele, acerca da natureza do evangelho (ver Gál. 2:2 e ss.), capacita-nos a asseverar que Pedro e os demais apóstolos não viam qualquer base de contradição entre o que ensinava Paulo e o que Jesus ensinara. Não há que duvidar que se Paulo tivesse entrado em contradição com Jesus, em qualquer conceito básico, Pedro e os demais apóstolos teriam tomado o lado de Cristo e contra Paulo. Portanto, Cristo deve ter ensinado a seus discípulos qual a natureza real das obras espirituais, contradizendo o ordinário «sistema de méritos» do judaísmo.

Sendo essa a verdade, o fato é que Paulo salientou vários conceitos da verdade espiritual sobre o que Jesus nunca falou a seus discípulos originais (pelo menos de acordo com os registros dos evangelhos). Esses conceitos aumentam grandemente nossa compreensão sobre o destino dos homens em Cristo, sobre a glória que lhes pertence, sobre a magnitude do poder e do desenvolvimento espirituais que existem no cristianismo. Nas revelações de Paulo, o cristianismo deu um prodigioso salto para a frente, em comparação com o pensamento e com a experiência espiritual entre os judeus.

A graça é uma dádiva gratuita que Deus nos confere por intermédio de Cristo. Quando olhamos para a salvação como dom de Deus, falamos em «graça». Mas a graça, quando opera em nós através do poder íntimo do Espírito, pode ser chamada de «obras». Portanto, a graça, vista de dois ângulos diferentes, pode ser chamada de «graça» ou de «obras»; mas, seja como for, tudo vem de Deus, embora deva haver a reação favorável do homem. O legalismo vê um dos lados da questão com plena clareza: sabe que a espiritualidade deve produzir algo. Essa é a contribuição do legalismo. Defronta a «crença fácil», chamando-a de simulacro. No entanto, é míope e tende para a superficialidade, pois normalmente diz que precisamos obedecer aos mandamentos da lei para que se obtenha o «favor» diante de Deus. Esse é o erro do legalismo; e contra isso é que Paulo se opunha amargamente. O legalismo exhibe a tendência de apoiar-se no braco da carne, fazendo da salvação uma questão de conta corrente de méritos e deméritos, ao invés de reconhecer a espiritualidade do processo da salvação, que envolve a transformação da alma, e não meramente os atos bondosos que uma pessoa pode acumular, através da observância minuciosa dos preceitos mosaicos.

Assim sendo, se podemos fazer com razão objeção à expressão da secção que se segue, e que é definidamente *legalista*, paralelo a muito que dizia o judaísmo, não podendo mesmo a passagem ser entendida de outro modo, contudo, seu discernimento não deveria ser ignorado. Ninguém pode ser salvo apenas porque profere com os lábios: «Aceito a Jesus como Salvador», a menos que isso assinala realmente o começo da conversão, o seu primeiro passo, que conduz à santificação autêntica e à transformação moral. A salvação consiste na formação da pessoa de Cristo em nós, e não meramente em dizer: «Eu creio». O Espírito Santo tem de fazer sua obra, de produzir seu fruto, de revolucionar o indivíduo, tornando-o um digno instrumento de seu poder. Notemos que, na passagem de II Tes. 2:13, a santificação é o «próprio meio» da salvação, porquanto, da conversão nos conduz à glorificação. Dizer alguém, *Eu creio*, e então defender um credo ortodoxo, para que seja válido, é necessário que frutifique na forma de verdadeira santificação, o que leva a pessoa a participar de todos os atributos morais de Cristo, incluindo seu amor (ver Gál. 5:22,23). De outra maneira, será mera confissão verbal, mas sem vida, estéril. Podemos aprender isso nos versículos que se seguem.

14 Τί τὸ ὄφελος, ἀδελφοί μου, ἐὰν πίστιν λέγῃ τις ἔχειν, ἔργα δὲ μὴ ἔχῃ; μὴ δύναται ἡ πίστις σῶσαι αὐτόν;

14 τί... ἔχῃ Mt 7:21

2:14: Que proveito há, meus irmãos se alguém disser que tem fé e não tiver obras? Porventura essa fé pode salvá-lo?

«...Meus irmãos...» O autor sagrado usa essa forma de tratamento como artifício literário para assinalar o início de uma nova secção; mas, com esse

expediente, também lembra seus leitores acerca da responsabilidade que há, na família divina, de seus membros agradarem ao Pai celestial, o qual espera a manifestação de uma fé vital, da parte dos crentes, e que produza obras de bondade e de amor. (Ver Tia. 1:19; 2:1,14; 3:1 e 5:7 quanto a esse



uso, como introdução a alguma nova seção. Ver Tia. 1:16 quanto a seu valor hortatório).

...*proveito...* No grego é «ophelos», que significa «bom», «benéfico». Consideremos, a esse respeito, os pontos seguintes: 1. Pode estar em foco o benefício feito a outros (segundo se vê no décimo sexto versículo). 2. Pode estar em pauta o benefício próprio, na questão da justificação aos olhos de Deus (segundo se percebe no vigésimo primeiro versículo).

O autor sagrado não via *qualquer* benefício na fé sem o acompanhamento de suas obras, em nenhuma dessas instâncias, conforme se vê claramente nos versículos seguintes, quando alguém não se sente obrigado a «paulinizar» os mesmos mediante alguma interpretação dúbia. O judaísmo nunca antecipou a justificação exclusivamente pela fé, à parte das obras da lei. Devemos perceber que o pensamento paulino foi uma verdadeira inovação, considerado uma heresia mortal por muitos elementos da igreja. Os capítulos um e dois da epístola aos Gálatas e o décimo quinto capítulo do livro de Atos mostram isso claramente. (Ver as notas expositivas, em Atos 10:9, acerca do problema legalista na igreja primitiva; ver Atos 11:2 quanto ao «partido da circuncisão»). Muitos dos primeiros cristãos judeus chegaram a insistir que a circuncisão era algo necessário à salvação, tal como, hoje em dia, muitos insistem sobre a necessidade do batismo em água para a salvação, como sinal externo da nova aliança. A passagem inteira de Tia. 2:14-26 se aclara se a vimos simplesmente como expressão do cristianismo legalista, sobre a questão da justificação. Não pode haver dúvidas que foi escrita para combater a inovação da «justificação exclusivamente pela fé», conforme se vê nos capítulos terceiro e quarto da epístola aos Romanos. No judaísmo nunca houve qualquer controvérsia entre a «fé» e as «obras». Ninguém jamais sonhou que somente a fé, de qualquer qualidade, pudesse justificar. Assim, pois, dizer que essa passagem é anterior aos escritos paulinos, é afirmar que tal controvérsia se encontrava no judaísmo, ou no cristianismo anterior a Paulo, o que não poderá jamais ser demonstrado. Tiago não estava antecipando alguma controvérsia que ainda haveria de surgir; mas descrevia algo que era motivo de desentendimento na igreja, por causa das inovações de Paulo.

Outrossim, dizer que está em foco um *abuso da doutrina paulina*, e não os escritos do próprio Paulo (Paulo corretamente compreendido), é dizer que a igreja primitiva não tinha uma facção que se opunha ao apóstolo dos gentios. Antes, é claro, com base nos capítulos dez, onze, quinze e vinte do livro de Atos, que havia forte oposição a Paulo, o que se reflete na primeira e na segunda epístolas aos Coríntios e na epístola aos Gálatas.

#### Procurando Solucionar Um Problema Difícil

1. Na introdução a este parágrafo, expomos dez argumentos que procuram esclarecer as relações entre a doutrina de Tiago e a de Paulo. A leitura daquelas notas, oferecerão ao leitor o que as diversas escolas interpretativas têm pensado a respeito desse problema.

2. Reconhecemos que a doutrina de Tiago é representativa do «cristianismo legalista», tão patente no décimo quinto capítulo do livro de Atos. Essa forma de cristianismo é anotada por nós em Atos 10:9, com comentários adicionais em Atos 11:2. Não há nisso qualquer elemento de mistério. Houve cristãos legalistas desde o princípio, e eles controlavam tanto a igreja de Jerusalém como igrejas de áreas gentílicas. Se reconhecermos que a teologia de Tiago reflete a doutrina desse segmento da igreja primitiva, cessarão automaticamente as nossas lutas por tentarmos reconciliar Paulo com Tiago.

3. Cremos que o trecho de Fil. 2:12,13, declara o correto inter-relacionamento entre a fé e as obras. «Desenvolvei a vossa própria salvação», declara Paulo. «Mas lembremo-nos que isso não poderia ser realizado, e nem ao menos desejado, não fora as operações do Espírito Santo em nós». O legalismo discerne o fato de que «devemos fazer e ser». A graça afiança-nos como isso pode ser concretizado, ao passo que o legalismo nos dá uma resposta inadequada sobre o «como» isso pode ser feito.

4. Tiago nos brinda com uma mensagem importante, e, de fato, essencial: «A graça barata é uma mentira; a graça fácil é uma ilusão». A graça tem de realizar algo. Para tanto, precisa do respaldo do Espírito, para que ao menos nos leve a desejar realizar o bem; mas, se não chega a transformar a alma humana, não é melhor que a lei. Porém, quando se tratava de dizer-nos «como» isso poderia ser efetuado, a mente de Tiago, agrihoadada à teologia legalista, não foi capaz de manusear o problema de forma adequada.

5. A graça divina é o poder impulsor por detrás das obras; e essas obras, espiritualmente compreendidas (isto é, como fruto do Espírito Santo), fazem parte do quadro da salvação. (Esse pensamento é comentado em Ef. 2:10). Tiago reconhecia isso intuitivamente, mas expressou o «como» isso pode ser de maneira um tanto desajeitada, por causa de seu legalismo.

...*dizer que tem fé...* Nas páginas do N.T., a fé pode ser: 1. Objetiva, isto é, o «credo» no qual se acredita, o sistema de doutrinas do cristianismo. (Ver as notas expositivas sobre esse tipo de «fé» em I Tim. 1:2). Esse conceito se limita quase inteiramente às «epístolas pastorais». 2. A fé como uma «virtude», como um dos aspectos do «fruto do Espírito», o que indica a expressão diária da alma, que se dedica a Cristo e às realidades espirituais. 3. Nas páginas do N.T., usualmente a fé consiste na outorga da alma aos cuidados de Cristo, como um ato e decisão definidos da alma, do homem interior e real. Essa fé se torna uma virtude ao ser expressa na vida diária. (Ver Heb. 11:1 quanto a notas expositivas completas sobre esse aspecto da «fé», onde também aparecem poesias ilustrativas).

Não há qualquer base para a idéia que Tiago usa aqui o termo «fé» para indicar apenas o «monotelismo». O vigésimo terceiro versículo mostra-nos que está em pauta muito mais do que isso, pois a fé de Abraão certamente era mais que o mero monotelismo (o que é salientado no décimo nono versículo). Para os judeus, a fé «começava» no monotelismo, porquanto isso

contradizia as noções politeístas dos pagãos: mas a fé nunca significou meramente isso. Antes, a fé é a confiança em Deus, em que o indivíduo aceita seus padrões e suas exigências. No cristianismo, a fé é definida ainda com maior exatidão. Agora consiste na outorga da alma a Cristo, a fim de que o crente seja transformado segundo a sua imagem, conforme a vontade de Deus acerca dos remidos. Naturalmente, tal fé deve ser ativa e produtora de obras. Tanto Paulo como Tiago reconheceram isso. Mas Tiago expressou a questão legalisticamente, como se as obras fossem a obediência aos preceitos da lei, possibilitada através da fé, e como se esses leitos, paralelamente à fé, fossem o alicerce e a causa da justificação. Para Tiago, pois, a fé é um princípio vital, uma expressão espiritual, embora ele não possuísse revelações maiores acerca de sua natureza exata, no tocante a Cristo. Se Tiago tivesse querido falar de outra forma de fé, diferente daquela que seus leitores já conheciam, certamente teria esclarecido esse particular. Antes, lembra que Abraão exerceu fé; e temos de considerar que ele teve uma fé real, espiritual. Todavia, isso não foi — bastante — para justificá-lo, por maior que tivesse sido a sua fé; também foi mister que ele adicionasse as obras, o que, para os judeus, significava sempre a *obediência à lei mosaica*. (Ver o vigésimo primeiro versículo em diante).

#### Do Que Consistem As Obras. Na Epístola De Tiago?

1. De nada adianta nos iludirmos propositalmente aqui. O autor sagrado contempla as obras como «a guarda da lei», como «a prática das boas obras». Tinha consciência de que o Espírito Santo precisa fazer-se presente em tudo isso, mas lhe faltava aquele discernimento mais agudo de Paulo, a respeito da graça divina e suas operações.

2. Em seu legalismo, Tiago pensava que a «observância da lei» daria à alma méritos diante de Deus, e que tais obras, *unidas à fé* (como no caso de Abraão), seriam válidas como base da justificação. Isso foi o que disse; e foi o que quis dizer. Nada ganharemos por complicar o quadro com interpretações desconexas.

3. Tiago não percebeu que «a lei do Espírito» (ver Rom. 8:2), escrita no coração, suplantou totalmente o princípio legalista. Nem mesmo a tradição paulina convenceu-o do fato. E a igreja de Jerusalém, nos primeiros passos do cristianismo, compartilhava dessa atitude de Tiago. O décimo quinto capítulo de Atos comprova isso.

4. O legalismo intuiu uma grande verdade: «É mister que sejamos; é mister que façamos». Nega categoricamente a validade de qualquer fé que esteja morta, de qualquer estado religioso que não seja transformador em sua natureza. Porém, ao tentar desvendar para nós como a fé religiosa se torna espiritual e poderosa, capaz de transformar-nos a alma, tropeça e nos oferece explicações inadequadas. Seu ponto de vista sobre o ministério do Espírito era deficiente.

*Nota do Tradutor:* Respeitando o ponto de vista do autor do comentário e considerando-o independente e corajoso, nem por isso me considero intérprete desonesto quando defendo uma perspectiva um tanto diversa do meu amigo, Dr. Champlin, no tocante à relação entre Paulo e Tiago. No meu entender, o apóstolo dos gentios olhava a questão do ângulo de quem ensinava a justificação exclusivamente pela fé como uma tese, provando que Deus nunca considera nossas obras, mas somente nossa fé, quando nos justifica *inicialmente*. Vale dizer, quais sejam ou tenham sido nossas obras, antes do ato justificador inicial, é algo que não se reveste do menor peso diante do Senhor. Deus não leva em conta nossas obras, pois não é levado por respeito humano. Tiago, por sua vez, escrevia sobre o perigo de certos que afirmam ter fé, mas não a confirmam com as «obras da fé». Essa espécie de fé é ilusória. Só existe na imaginação. A fé autêntica conduz o crente às «obras». Sumariando, Paulo considerava a questão como que antes e até o momento do ato justificador; Tiago, considerava-a a partir desse ponto. Paulo fazia o retrospecto da justificação; Tiago examinava os seus resultados. Creio também que nem todos os apóstolos tinham a mesma sabedoria e discernimento espirituais, e que Paulo recebeu revelações que os outros não possuíam. Mas, porventura Tiago teria expressado todo o seu tesouro de conhecimento espiritual em uma epístola tão pequena? Seja-me permitido duvidar. Por outro lado, a questão a que Tiago se reportou, nunca preocupou a Paulo? É evidente que o preocupou. Todas as porções hortatórias de suas epístolas são outras tantas provas disso. Uma vez convertido, o crente, justificado que está diante de Deus, precisa pôr em ação a sua fé, mediante as boas obras produzidas pela fé. Assim sendo, para mim, Paulo e Tiago se completam mutuamente, dentro daquilo que o Espírito de Deus permitiu que chegasse até nós, dentre os ensinamentos que nos legaram. Se nos fosse possível reuni-los em uma mesa de conferência, estou certo de que, após pequeno intervalo de tempo, sairiam dali de mãos dadas, apresentando ao mundo uma declaração conjunta. Infelizmente, esse encontro e essa declaração conjunta não ocorreram. E isso tem levado alguns intérpretes a pensarem em discrepâncias entre Paulo e Tiago!

#### Nota do escritor do comentário:

Se houvesse tal conferência sairia fogo, não acordo.

...*pode... fé salvá-lo?* O autor sagrado, com sua pergunta, e de acordo com a índole da gramática grega, esperava uma resposta negativa. A partícula grega «me», usada na frase, antecipa uma resposta negativa, em contraste com a partícula «ou», que espera uma resposta positiva. A fé (até mesmo aquela que Abraão teve; ver o vigésimo primeiro versículo em diante) não pode salvar, se não for acompanhada (daí por diante, é claro; porque antes não poderia mesmo haver tal obediência) pelas obras de obediência ao espírito da lei. Naturalmente, Tiago não cria que a verdadeira fé pudesse prescindir do acompanhamento das obras; mas dá a entender, em sua epístola, que havia quem acreditasse nisso, e que tal, mesmo assim, seria real. E é contra isso que ele se opõe. «Essa questão é apresentada como se admitisse uma única resposta, a qual é auto-evidente». (Ropes, *in loc.*).

A crença da *eficácia* das boas obras era universal no judaísmo. Por isso diz Sota 3b, em *Kethuboth*, 67b: «Quando Mar Ukba jazia moribundo, pediu suas contas: orçava em 7000 zuzim (isto é, o total de suas «smolas



dadas»). Então ele exclamou: 'O caminho é longo e a provisão é pequena'. (Com isso ele quis dizer que a provisão para sua viagem aos céus não era suficiente, e precisava de maior número de boas obras para ser o bastante). Assim, ele douu metade de sua fortuna, a fim de assegurar-se». Em *Babu Baihra* 10a, diz-se que Deus pôs os pobres na terra a fim de salvar os ricos do inferno. Isso quer dizer que os ricos, mediante suas esmolas, conseguirão mérito suficiente para serem admitidos aos céus.

«Uma excessiva importância à eficácia das boas obras era dada na crença judaica. Quando eles (os judeus) se vão tornando crentes, correm o perigo de perder algo da excelência de sua crença anterior, supondo erroneamente que as obras, não sendo eficazes por si mesmas (o que até aquele momento é certo), são inteiramente desnecessárias, e que o mero fato de crer na

16 εὖν ἀδελφὸς ἡ ἀδελφῇ γυμνοὶ ὑπάρχωσιν καὶ λειπόμενοι τῆς ἐφημέρου τροφῆς,

15 εὖν] add δε Α α1 lat sy<sup>b</sup> bo c

2:15: Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano,

O autor passa a ilustrar quão oca é a fé sem a caridade, sem a expressão de amor ao próximo. Ele nos expõe uma pequena parábola. Um homem vê um irmão ou uma irmã que carecem das necessidades básicas da vida, como o alimento e as roupas; no entanto, não se põe a agir. Sua suposta fé não produz qualquer fruto. Tal inação teria parecido especialmente repugnante para os judeus e para os primeiros cristãos, que davam grande importância às esmolas. (Quanto a notas expositivas sobre esse fato, ver Atos 3:2).

«...carecidos de roupa...» No grego, literalmente, temos «nus», embora o termo geralmente seja usado em sentido relativo no N.T., isto é, sem a capa externa, ou, simplesmente, sem vestuário adequado. Tal pessoa vem à reunião com uma camisa ou blusa desgastada; a irmã só tem um vestido para usar no domingo; e mesmo essa roupa há muito deixou de ser decente. Uma outra crente, que tem cinco vestidos novos em seu guarda-roupa, pode perceber isso, sem sentir qualquer simpatia e sem nada fazer para remediar a situação da primeira. A fé desta última seria fingida, um simulacro espiritual.

«...alimento cotidiano...» Algumas pessoas, entre as classes mais pobres, literalmente não sabem de onde lhes virá sua próxima refeição, e muito menos como poderão passar o mês. Muitas delas não possuem dinheiro bastante para garantir, de modo absoluto, que elas e seus filhos terão o necessário para a alimentação diária. Algumas dessas pessoas se encontram na igreja cristã. Deveríamos fazer uma espécie de provisão para elas. Os membros mais abastados deveriam estar dispostos a fazer doativos. Essa é a lei do amor, o que é exigência da fé autêntica. O fato que o autor sagrado menciona o «alimento cotidiano» mostra-nos que o caso suposto pela parábola é «urgente». Exige ações imediatas e generosas. No entanto, o crente de «crença fácil» não se deixa impressionar. Quer dê, quer não dê,

16 εἶπη δὲ τις αὐτοῖς ἐξ ὑμῶν, Ὑπάγετε ἐν εἰρήνῃ, θερμαίνεσθε καὶ χορτάζεσθε, μὴ δῶτε δὲ αὐτοῖς τὰ ἐπιτήδεια τοῦ σώματος, τί τὸ ὄφελος;

2:16: e algum de vós lhes disse: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos; e não lhes dades as coisas necessárias para o corpo, que proveito há nisso?

O indivíduo primeiramente diz: «Tenho fé» (ver o décimo quarto versículo). Agora ele «diz» para quem padece necessidade: «Arranja aquelas coisas de que precisas para ser feliz». No entanto, nada «faz». Tal homem é condenável porque ele não é aquilo que afirma ser. Ele rejeita a espiritualidade da lei, e a sua piedade é superficial, não passando de expressões verbais. A espiritualidade é a transformação do ser inteiro, que não pode resumir-se em palavras piás.

*Líderes da terra incerta, guias de norte perdido...*

*...reverteram os seus marcos;  
Nascidos estéréis, planta mirrada, raízes no lixo,  
Florescem sem fruto, cuja folhagem sufoca,  
Sua semente é lenta, rejeitam ao sol*

*Obtadores, não geradores; ganhadores, e não principiantes;*

*Que não se guiam por qualquer estrela...  
Negando diariamente, incapazes de cavar*

*Contadores de colheitas, contentes com almofadas*

*Nem drogas e nem isolamento curarão esse câncer.  
(C. Day Lewis)*

São líderes das igrejas, mas perderam toda e qualquer influência, devido à sua maneira de vida que consiste apenas de «conversas piás».

**A Influência Perdida:** «Acharam, porém, que ele gracejava com eles» (Gên. 19:14). Portanto, Ló deixou muito a desejar, no modo como agia perante sua família, e terminou fazendo grande dano para os que viviam ao seu redor. Conta-se a história de um pregador que sucedeu apanhar um cão perdido. Esse cão era todo preto, porém, tinha certo número de pêlos brancos na cauda. O pregador e seus filhos vieram a gostar muito do animal. Então, um dia, foi posto um anúncio no jornal, acerca do cão perdido. A descrição apontava claramente para o cão que eles tinham adotado. Mas, não queriam perder o bicho, e cortaram cuidadosamente todos os pêlos brancos de sua cauda, que no anúncio dizia serem capazes de distinguir o animal. Não responderam ao anúncio. Mas o verdadeiro dono do cão descobriu que um animal que estava de acordo com a descrição vivia em uma casa não muito longe da sua. Foi ver o cão; e este deu todos os sinais de reconhecer seu verdadeiro dono. Mas o pregador apontou para o cão, dizendo que não estava de acordo com a descrição dada no anúncio, porque não tinha os pêlos brancos na cauda. Não convencido ainda, o

unidade de Deus é suficiente. Consideradas as coisas desse ponto de vista, uma vez mais não se pode duvidar do conflito com o ensinamento paulino. (Oesterley, *in loc.*).

Os comentários sobre este versículo, bem como sobre a introdução a esta seção, mostram que há algumas diferenças de idéias sobre a natureza das obras e da fé, nos escritos de Paulo e Tiago, mas que, quanto ao uso fundamental desses vocábulos, não há qualquer diferença substancial. Portanto, não nos podemos livrar da oposição que há entre eles, supondo que indicavam idéias radicalmente diferentes pelos termos «obras» e «fé». A contradição, pois, é doutrinária, e não verbal, e, de fato, essa é exatamente a contradição que estamos enfrentando aqui, do mesmo modo que o cristianismo paulino contradizia o legalismo cristão.

sente-se seguro em sua salvação. E apenas recomenda ao irmão pobre que «aperte o cinto». O autor deste comentário conhece o caso de um pastor que estava realmente em grande necessidade e a quem foi recomendado exatamente essa ação, por parte de crentes sem coração que deveriam ter sido os primeiros a ajudá-los em sua necessidade. E os que assim lhe disseram eram seus colegas de ministério. Mas fizeram-no para sua vergonha eterna. Os que vivem assim têm uma «fé morta», o que é a conclusão dessa pequena parábola. (Ver o décimo sétimo versículo).

«...irmã...» De acordo com o espírito neotestamentário, que eleva a mulher. O que acontece a uma crente também é importante. O judaísmo degradava a mulher; e alguns rabinos chegaram a debater se a mulher tem alma ou não. (Ver as notas expositivas em João 4:27,29 quanto a uma discussão sobre a posição da mulher, no judaísmo). O cristianismo se declarou em favor da igualdade da mulher, embora isso nunca tenha sido posto inteiramente em prática. (Ver Gál. 3:28 e as notas expositivas ali existentes, acerca desse conceito). (Comparar isso com o *Testamento dos Doze Patriarcas*, *Zebulom* vii.1-3, que diz: «Vi um homem afligido com a nudez, no inverno, e tive compaixão dele. Furtei uma roupa secretamente, da casa de meu pai, e a dei para aquele que estava afligido. Portanto, meus filhos, dai aquilo que Deus vos outorgou, mostrando compaixão e misericórdia sem hesitação, para com todos os homens, e dai a cada homem com um bom coração. E se não tiverdes coisa alguma para dardes àquele que tem necessidade, tende compaixão dele com ternas misericórdias.

O fato que são mencionados um «irmão» e uma «irmã» mostra que o autor sagrado aponia para um dever «óbvio». Se um homem não tem compaixão por um estranho, certamente terá compaixão, se sua fé é real, daqueles que sabe estarem em aflição na congregação local que frequenta. A lei do amor, naturalmente, exige mais do que o dever «óbvio».

θερμαίνεσθε καὶ χορτάζεσθε, μὴ δῶτε δὲ αὐτοῖς

verdadeiro dono foi-se embora; e o pregador e seus filhos ficaram com o animal. Porém, tudo se tornou espiritualmente prejudicial. Os filhos do pregador não mais respeitavam a seu pai. E, passado algum tempo, dizia este: «Ficamos com o cão; mas eu perdi meus três filhos, que não querem saber de Cristo». Tal homem era ortodoxo em suas doutrinas, mas não o era na prática diária.

*Os homens lêem e admiram o evangelho de Cristo,  
Com seu amor tão infalível e verdadeiro;  
Mas, que dizem eles, e que pensam eles  
Do evangelho segundo a tua pessoa?  
(Anônimo)*

«Não ores e pregues como 'creme de leite' para viveres como 'leite desnataado'». (Henry G. Bosch).

Notemos neste versículo, bem como na parábola toda, que as coisas que «não foram dadas» eram as próprias necessidades básicas. O autor sagrado frisa aquilo que, obviamente, «deveria ser feito». Não está em foco qualquer caso dúbio, com hipóteses sutis de impiedade. Não poderia haver dúvidas sobre o que se deveria fazer; mas, o homem da parábola, embora falasse «piamente», preferiu ignorar a necessidade real.

«Impressões sentimentais passivas, diante da miséria, quando não se transformam em ações ativas de socorro, apenas endurecem o coração». (Faucett, *in loc.*).

«...Ide em paz...» Tal homem se mostra «civil» e «cortês» em sua maneira de falar, cuidando em cumprir as gentilezas sociais. Mas nada faz daquilo que poderia aliviar o sofrimento.

«...aquecei-vos...», isto é, com vestes (ver Jó 31:20). As pessoas em foco faltava o agasalho suficiente para as intempéries, quanto mais para o decoro que as vestes podem dar a quem as usa.

«...qual é o proveito disso?...» Em que sentido? 1. Para o benefício humano; 2. ou para a justificação da alma, conforme mostra o contexto. (Ver as notas expositivas a esse respeito, no décimo quarto versículo). Não há proveito em qualquer dessas áreas para as palavras piedosas que não se transmutam em ação. Deve haver piedade nas ações da vida diária, para que haja proveito em um e outro sentido. O autor sagrado ataca a «crença fácil».

«Aquecei-vos e enchei-vos. Essa é a reprimenda da fria prosperidade ante a adversidade importuna. 'Por que tal impaciência? Deus é um só, e é nosso Pai: ele proverá'. Nenhuma fé, por mais intensa que seja, poderia revestir os membros que tremem de frio ou poderia aplacar as contrações da fome. Quão escarminha, pois, é a zombaria que usa textos de preceitos piedosos, que é o resultado usual de uma benevolência espúria e barata!» (Punchard, *in loc.*).



Como cúmulo da insensatez e da zombaria, alguém poderia até usar textos como Mat. 6:25 e ss., que ordena o controle das ansiedades, no tocante até mesmo às necessidades básicas. «Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto

17 οὕτως καὶ ἡ πίστις, ἐὰν μὴ ἔχη ἔργα, νεκρά ἐστίν καθ' αὐτήν.

2:17: Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma.

...fé... Não há motivo algum para a suposição que a «fé» aqui referida seja mera «pretensão» (conforme pode suceder em alguns casos, segundo o texto pode indicar); mas é também a «verdadeira fé», como a de Abraão. Até mesmo essa espécie de fé, se não for acompanhada pelas obras, será morta. O autor sagrado não especula abertamente para saber se uma fé como a de Abraão pode ser autêntica ou não sem o acompanhamento das obras. Talvez ele pensasse que isso é possível, como um caso hipotético; mas, mesmo assim, pronuncia morta tal fé, por não estar acompanhada de suas obras. Também não há aqui qualquer idéia que as obras são meros resultados e acompanhamentos da fé, e que a «fé» realmente justifica a parte das obras. Antes, a seção inteira foi escrita para mostrar que até mesmo a fé genuína não basta, sob nenhuma consideração. Ela precisa do concurso das «obras», isto é, da «obediência» à lei, conforme ela é administrada pelas mãos de Cristo.

O ensinamento do autor é apenas o ensinamento do judaísmo normal. A verdade é exigida da parte dos homens, a outorga da alma aos cuidados de Deus; mas até mesmo esse tipo de fé se torna inválido, a menos que a pessoa observe as exigências da lei, que se concretizam essencialmente em atos de amor, o cumprimento da régia lei do amor, conforme vemos em Tia. 1:27, que define no que consiste a verdadeira religião. A ansiedade dos intérpretes por reconciliar Tiago e Paulo entre si leva-os a pensar que a «fé», no presente contexto, significa menos do que isso, para que possam dizer que a fé era uma coisa para Tiago e outra para Paulo, ou seja, para Tiago a fé *nem era fé*. Porém, Tiago não estava considerando a justificação como algo que pode tornar-se real «sem qualquer fé». Antes, ele falava sobre a «fé genuína», de mistura com obras genuínas, porque dessa combinação é que vem a justificação. O vigésimo quarto versículo deixa isso bem claro. Não é a «fé genuína que produz obras» que justifica, de acordo com o autor sagrado (conforme alguns estudiosos procuram fazê-lo dizer); antes, o indivíduo é «justificado por obras, e não somente por fé». Essa é a posição do autor sagrado, perfeitamente normal dentro do judaísmo. Não perceber isso é algo que tem produzido muita confusão quanto a esta passagem, bem como quanto à mensagem inteira do livro. No décimo quarto versículo nas notas de introdução ao mesmo, o problema da reconciliação entre Paulo e Tiago é discutido.

Essa «fé morta» não é morta apenas diante dos homens, como se Tiago houvesse falado sobre a justificação perante os homens, neste texto, e não perante Deus. Antes, o contexto está falando sobre a «salvação» (ver o décimo quarto versículo) e sobre a aceitação do indivíduo diante de Deus (ver os versículos vinte e três e vinte e quatro).

O autor sagrado não estava atacando apenas o antinomianismo. Ele se dirigia a uma comunidade de cristãos judeus, ou a algumas comunidades deles, que respeitavam a lei, e que a tinham incorporado no evangelho. Eles louvavam a virtude (ver o décimo sexto versículo), mas, na realidade, não estavam interessados em praticá-la.

...morta... Por que? Porque 1. Tal fé não frutifica na forma de atos de amor, em benefício do próximo. 2. Porque tal fé não tinha o poder de transmitir vida espiritual, através da justificação. 3. Portanto, tal fé era morta em relação a outras pessoas e em relação aos próprios indivíduos. Era uma fé não apenas «inativa» e «inútil», porquanto era internamente morta.

18 Ἄλλ' ἐρεῖ τις, Σὺ πιστὸν ἔχεις· καὶ ἔργα ἔχω.· δείξόν μοι τὴν πίστιν σου χωρὶς τῶν ἔργων, καὶ ἔγω σοι δείξω ἐκ τῶν ἔργων μου τὴν πίστιν.

AV RV ABV TT Luth Soc // c minor, e question: Jer // e question, e major: WH=

εργων 1º] add σου C pm e | μου] om lat sy<sup>h</sup> | πιστον 3º] add μου AKLP pm lat sy bo e

2:18: Mas dirá alguém: Tu tens fé, a se tenho obras; mostra-me a tua fé sem as obras, a ou te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

Dois são os casos aqui apresentados, e o primeiro deles é impossível. É impossível alguém mostrar a verdadeira fé sem obras. Tal fé só pode existir hipoteticamente. Se existisse, sendo genuína em si mesma, mas negligenciasse as obras da lei, ainda assim estaria morta. Parece que o autor sagrado declara que tal caso não pode existir, realmente, ainda que, devido ao argumento (que diz que o agente justificador consiste da «fé» juntamente com suas «obras»), ele permita a hipótese. Porém, ainda que tal fé porventura existisse, não poderia «demonstrar convincentemente» a sua existência, independentemente das obras. Portanto, a conclusão é que sem importar se estamos tratando de uma fé real, mas improdutiva, ou de uma fé falsa (piedade que consiste de meras palavras), nem uma forma e nem outra são vitais, não podendo salvar e nem justificar, e nenhuma das duas formas pode dar demonstração convincente de piedade. Por outro lado, temos o outro caso, que é perfeitamente «convince» de que o indivíduo verdadeiramente possui a piedade. Esse outro caso é quando as obras são reais e vitais, demonstrando que a fé também possui tal natureza. O argumento do autor sagrado é invencível. Equivale ao que disse o Senhor Jesus: «Pelos frutos os conhecereis» (Mat. 7:20).

...alguém dirá... Um artifício retórico comum (na diatribe), para introduzir uma objeção feita por um oponente, a fim de refutá-la. (Ver a seção V da introdução à epístola, quanto à habilidade retórica e literária do autor sagrado. Há outros usos semelhantes a esse, em Tia. 1:13 e 2:8-11; Rom. 9:19; 11:19; I Cor. 15:35; IV Macabeus 2:24; Epístola de Barnabé 9:6). Os moralistas gregos usavam tal expressão com frequência. O que o «opponente» (o advogado da «crença fácil») tencionava fazer com suas

ao que haveis de vestir». Porém, quem usasse tal texto para consolar aos necessitados, ao mesmo tempo que negligenciasse a lei do amor, ensinada por Cristo, estaria apenas usando de um «pretexto» para desculpar sua negligência espiritual.

17 Jm 2:20, 26

sem qualquer possibilidade de produzir vida e bem-estar espirituais de qualquer espécie. Isso é que o autor sagrado pensava sobre a fé «espúria» ou sobre a fé «real» (hipoteticamente considerada), quando não se manifestasse viva, através de atos de altruísmo.

Existe aquela fé fingida que, naturalmente, não produz qualquer fruto, devido ao próprio fato que é morta, não podendo dar início e nem sustentar qualquer forma de fruição. Existem muitos membros, das modernas igrejas evangélicas, que apenas crêm em credos, mas nunca entregaram a própria alma a Cristo. Muitas pessoas supõem que basta alguém ser ortodoxo em seu credo e confissão para que possua a verdadeira fé. Porém, a fé consiste na outorga da alma aos cuidados de Cristo, visando a transformação da mesma segundo a imagem do Senhor; em que o Espírito Santo venha transformar inteiramente o ser, produzindo ali a natureza de Cristo, primeiramente em seu aspecto moral, e então em seu aspecto metafísico. (Ver as notas expositivas completas acerca disso, em Heb. 11:1).

A contribuição do autor sagrado, com seu discernimento, o que todos também sentimos intuitivamente, é que a verdadeira piedade deve consistir em «ser» e «praticar». Não pode consistir meramente em «crer». Mas expressou isso legalisticamente; e nisso consiste o seu equívoco, porquanto ainda não avançara para além das atitudes judaicas normais. Contudo seu discernimento é algo absolutamente necessário para nós, embora a moderna igreja evangélica com frequência tenha perdido de vista esse aspecto da verdade.

...obras... Tal como no décimo quarto versículo, indica: 1. A observância dos ditames da lei, suas exigências acerca da adoração e da piedade pessoal. 2. A prática de atos de justiça, sendo assim cumprida a lei do amor—e assim as obras são «para com Deus» e «para com o próximo». (Ver outras notas sobre isso, no décimo quarto versículo).

A crença fácil, isto é, aquela opinião que diz «Basta crer», frustra todo o intuito do evangelho, quando diz coisas como a seguinte: «Sei que não estou levando uma vida piedosa; mas também não estou confiando em meus próprios méritos para obter a salvação. Estou confiando nos méritos de Cristo, bem como em sua morte, como meu substituto na cruz». (D.C. Macintosh, «Social Religion», pág. 98). E assim, supostos discípulos de Cristo usam a «cruz» como desculpa para não «carregarem a cruz».

...por si... A tradução é correta. A fé é morta «por si mesma», em sua própria natureza, se não produz obras. Algumas traduções dizem aqui «...morta, estando só...», e isso também é tradução correta. Mas aqui a declaração é mais enfática. A fé dessa espécie está absolutamente morta em si mesma, sem importar qualquer outra consideração, quando não se expressa mediante obras de fé. Por isso mesmo é que Paulo disse: «Porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados» (Rom. 2:13). Assim também os islamitas supõem que se o jejum e a oração levam o fiel até diante dos portões do paraíso, as esmolas permitem-no entrar ali.

O estado de morte dessa fé é ilustrado no vigésimo sexto versículo, com o pensamento que a fé e as obras se assemelham à personalidade humana que consiste na combinação de corpo e alma. Mas, quando a alma abandona o corpo, este morre. Assim também, a fé se parece com um corpo que perdeu a alma, a menos que se mostre ativa a combinação «fé-obras» obedecendo à lei do amor.

18 c nome, o maior: WH RBV NEB 20r // c minor, e maior: TR Bov Nes HP<sup>1</sup>

18 εχης (,);] om p<sup>64</sup> | σου] om p<sup>64</sup> 44b ff | χωρης] ex KL al c |

palavras (isto é, demonstrar a sua fé), era desmanchado com sua vida diária. Podia ser facilmente refutado. E essa é uma das intenções do autor sagrado, na seção à nossa frente. Tiago afirma que não podem existir, um separada da outra, a fé viva e as obras vivas. E ainda que isso pudesse se feito, hipoteticamente, tal fé estaria morta, não podendo justificar, embora hipoteticamente genuína. É como se Tiago tivesse dito, dentro desse argumento: «Creio que Cristo morreu por meus pecados, e o aceitei com meu Salvador. Mas, embora o Espírito Santo devesse estar operando em meu íntimo, na realidade não está transformando o meu ser, não me fazendo santo e nem tornando minha vida útil para outros. Embora eu crei genuinamente em tudo quanto Cristo fez, e o respeito muito e o amo, de modo algum poderei ser justificado por tal fé».

Jesus falou, «Se me amardes, guardareis os meus mandamentos». (João 14:15).

...tu... Está em foco qualquer objeto epositor da doutrina da justificação por «fé» e «obras», ensinada por Tiago. A palavra «...eu...» provavelmente não deve ser entendida como se fosse o próprio autor sagrado, e, sim, o imaginário objeto à crença fácil. Tiago imaginou existência de dois advogados de doutrinas opostas, e pôe argumentos em seus lábios. Com uma breve declaração, ele mostra que o caso de um dos advogados é causa perdida; mas a causa do outro é totalmente convincente.

«Com base na própria existência da conduta reta, o fato da fé poderia ser demonstrado, pois, sem fé, nunca eu poderia realizar suas obras». (Roper in loc.). Portanto, as obras genuínas são, automaticamente, provas de fé genuína.

Outras variações de interpretação são as que aparecem enumeradas abaixo:



1. Alguns eruditos pensam que o «objeto» estaria atacando a Tiago, e que este último defenderia «somente as obras», dependendo delas para a justificação, sem o concurso da fé, como se poderia pensar da parte de um judeu que ainda não se convertera ao cristianismo. Se essa tivesse sido a objeção levantada, então Tiago respondeu que suas obras eram prova da existência de uma fé genuína, porquanto não pode haver tal coisa como obras genuínas, sem a fé. É incidental a este versículo se o próprio autor é quem estava sendo atacado, ou se meramente criou um diálogo hipotético, embora não seja provável que o autor sagrado estivesse falando de qualquer oposição que fizessem a si mesmo. Meramente usava de artifícios retóricos.

2. Von Soden dá o termo grego «*echeis*» um sentido interrogativo. Portanto, para ele Tiago teria dito: «A fé sem as obras é morta». O oponente: «Tens tu alguma fé?» Tiago: «Tenho obras. Mostra-me a tua fé sem obras; e eu te mostrarei que tenho fé». A maioria dos intérpretes faz objeção a essa explicação, dizendo que não há base suficiente, no original grego, para merecer a forma interrogativa. Contudo, o sentido das sentenças em nada se altera, realmente, se entendermos o diálogo desse modo.

3. Outros problemas são levantados, acerca de quem teria sido o porta-voz de Tiago: um crente legalista, ou um judeu? O crente legalista supostamente defenderia a tese de «fé somente»; e o judeu defenderia a tese das «obras», ao mesmo tempo que dizia: «Tenho toda a fé de que preciso». Porém, isso faria a passagem deixar de ser cristã, e certamente não pode ser esse o intuito do autor sagrado. Além disso, o conflito era entre o

19 οὐ πιστεύεις ὅτι εἰς ἔστιν ὁ θεός;<sup>19</sup> καλῶς ποιεῖς

<sup>19</sup> εἰς θεός ἐστιν B 814 830 1505 2412 2465 Theophyl. [C] εἰς ἔστιν ὁ θεός p<sup>1</sup> N A 1845 1241 1739 omit ὁ ἰησοῦς υἱὸς τοῦ θεοῦ vg syr<sup>h</sup> cop<sup>sa</sup> bo arm eth<sup>10</sup> Cynl<sup>17</sup> εἰς ὁ θεός ἐστιν K 81 2492 syr<sup>h</sup> ὁ θεός εἰς ἔστιν L K<sup>17</sup> omit etc

4 19 d. questions: WH Nov Rev B<sup>17</sup> TT Luth Jer J d. statement: TR AV RV ABV RBV NEB Zür Bas 19 τὰ δαιμόνια πιστεύουσιν καὶ φρίσσουν. Mt 1:29; Mt 1:34; 5:7; Lk 4:34

Entre as várias formas, a principal diferença gira em torno da presença ou ausência do artigo: B 614 630 1875 2412 2495 *al* dizem *εἰς θεός ἐστιν* («Há um Deus»; cf. *εἰς ἔστιν θεός* 945 1241 1739 *al*, e a forma singular de *Ψ*), ao passo que as outras formas envolvem *ὁ θεός* ou antes ou depois do verbo («Deus é um»). A forma *εἰς ὁ θεός ἐστιν* (C 33 81 sir (h) *al*) e mais ainda a forma *εἰς θεός ἐστιν* podem ser suspeitas de terem sido assimiladas ao estilo da doutrina cristã sobre o «senhorio» (I Cor. 8:6; Efé. 4:6; I Tim. 2:5). Por outro lado, *εἰς ἔστιν ὁ θεός* (p<sup>1</sup> N A (945 1241 1739 omitem ὁ; 2464 vg sir (p) cop (sa,bo)) está em conformidade com a fórmula prevalente na ortodoxia judaica. Claramente secundária é a forma do Textus Receptus, *ὁ θεός εἰς ἔστιν* (K (mg) 049 056 0142 88 436 *Byz Lect al*), onde *ὁ θεός* aparece primeiro a fim de dar-lhe uma posição mais enfática.

2:19: Crês tu que Deus é um só? Fazas bem; os demônios também a crêem a estremeçam.

#### Para Tiago, Do Que Consistia A Fé?

1. Alguns intérpretes, ansiosos por reconciliarem Tiago com Paulo, dão a entender que a fé de Tiago era diferente da de Paulo. Portanto, por assim dizer afirmam: «A fé de Tiago era uma crença meramente monoteísta, e não a outorga ativa da fé, aos cuidados de Cristo, conforme era a fé de Paulo. Não nos admiremos, pois, que o tipo de fé de Tiago pensava que a fé, isolada, é insuficiente para a justificação, a menos que mesclada com as obras».

2. Essa noção, entretanto, ignora dois fatos: a. Primeiro, que o monoteísmo é apenas um dos aspectos do tipo de fé a que Tiago se reportava. Tiago 2:24, é trecho que mostra claramente que a fé de Tiago era a fé de Abraão, uma força ativa e viva que levava Abraão a fazer o que fizera. Notemos, entretanto, que é dito que as obras de Abraão «completaram» a sua fé, de modo a poder ser dito com razão: «Verificais que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente». Esse é o simples princípio legalista que o judaísmo sempre promoveu. Por que fazemos mistério em torno? E essa justificação sempre foi «diante de Deus», tendo por escopo a salvação. b. Em segundo lugar, não nos esqueçamos da importância do monoteísmo. O monoteísmo é que distingue o povo de Israel das nações pagãs. Por conseguinte, a crença monoteísta subentendia que o estado religioso do indivíduo envolvia muitas outras virtudes dignas de nota.

No presente versículo, Tiago destaca um importante elemento da fé, até onde dizia respeito a mentalidade judaica, isto é, a crença em um único Deus, em contraste com o politeísmo dos pagãos. Essa era uma das principais características da fé judaica; e, segundo Tiago dá a entender, isso está incorporado no credo cristão ortodoxo. Ao caracterizar a fé como uma crença ortodoxa, o autor sagrado não tinha por fito dizer que a fé consiste exclusivamente disso; pois a fé genuína envolverá mais do que isso. Porém, mesmo que seja exercida a fé verdadeira, se não for unida às suas obras, será morta, tão morta e inútil como a fé parcial. Abraão teve fé verdadeira; e quem pode duvidar disso? (Ver o vigésimo terceiro versículo). No entanto, ele também precisou de obras de fé para ser justificado (ver o vigésimo quarto versículo).

O autor escolheu o caso do monoteísmo, salientando que os demônios também têm um credo ortodoxo, pelo menos quanto a esse particular; mas é óbvio que essa ortodoxia de nada lhes aproveita. Nem pode tirar proveito disso um cristão. Antes, deve possuir na alma o poder do Espírito Santo, que o vá transformando. O autor sagrado não queria dizer que crentes ortodoxos mas estéréis não diferem dos demônios. Mas apenas ilustrou sua lição com tal alusão; mas sua lição é mais ampla do que esse ponto isolado.

...Fazes bem... Essas palavras indicam: 1. Isso é bom até onde vai; 2. mas também há aqui um toque de ironia, pois os demônios fazem esse tanto. Grande é a vossa fé religiosa! grande é a vossa espiritualidade! pertenceis à mesma categoria dos demônios! O autor dá a entender isso, devido ao efeito de choque de sua declaração. É como se ele tivesse continuado: «Dais um excessivo valor à fé, como se ela pudesse substituir a

«legalismo» e o «paulinismo», e não entre o judaísmo e o cristianismo.

4. Alguns eruditos vinculam à palavra «...mostra-me...» a idéia de «demonstrar perante os homens». Portanto, dizem que as obras demonstram a fé diante dos homens, e não diante de Deus, o qual reconhece a genuinidade ou não da fé, sem a necessidade de qualquer demonstração mediante palavras. Mas isso é perder de vista o ponto central do versículo. Essa «demonstração» é prova de validade, é evidência da fé, e não mera demonstração diante dos homens. Sem obras, porém, ninguém jamais conseguirá convencer a Deus de sua fé, pois, nesse caso, sua fé está morta.

Quanta tolice é falar sobre a vida de uma árvore, como real, antes da mesma produzir folhas ou frutos e pensar que isso tem qualquer coisa a ver com o versículo à nossa frente. Para o autor sagrado, essa ilustração estaria inteiramente fora de lugar. Para o autor sagrado, a árvore sem folhas e sem fruto está «morta». Não está viva a árvore que apenas eventualmente «provará» estar viva, pela produção de folhas e de fruto, como se a vida espiritual pudesse existir sem a demonstração de suas obras. Antes, não haveria vida em tal árvore, a menos que folhas e frutos o evidenciassem.

**Variação Textual:** As palavras «...mostra-me tua fé à parte» de tuas obras... aparecem nos mss P(64), P(74), Aleph, ABC e na maioria das versões. Os mss KL e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, dizem, «...mostra-me tua fé 'da parte' (no grego, «*ek*») de tuas obras...» Mas essa forma destrói a antítese tencionada no versículo, sendo claramente uma forma secundária, tanto do ponto de vista da evidência textual, como do ponto de vista que lança confusão no texto sagrado.

καὶ τὰ δαιμόνια πιστεύουσιν καὶ φρίσσουν.

K<sup>17</sup> 049 056 0142 NA 104 181 296 436 820 1877 1320 451 2127 omit ὁ; *Byz Lect* Didymus Ps-Cherementius εἰς ὁ θεός ἰη<sup>10</sup> eth<sup>10</sup> Cyril<sup>10</sup> εἰς ἔστιν θεός ψ

19 τὰ δαιμόνια πιστεύουσιν Mt 1:29; Mt 1:34; 5:7; Lk 4:34

tudo o mais; no entanto, em nada vos destacais dos demônios comuns, cuja doutrina se assemelha à vossa! Tendo dito essas palavras chocantes, o autor sagrado consegue salientar mais facilmente o seu ponto: a fé não basta, sem importar sua intensidade ou qualidade.

Era um pensamento teológico comum, no judaísmo e no mundo helenista, que os demônios eram temerosos e hesitantes, reconhecendo o poder de Deus, mas que lhe faziam oposição, para seu próprio horror. (Ver Dan. 7:15; Man. 4; Josefo, *Guerras dos Judeus*, v. 10:3; Justino Mártir, *Diál.* 49; Testamento de Abraão Rev. A. 16; Xenofonte, *Cry.* iv. 2:15; fragmentos órficos números 238 e 239. Quanto a notas expositivas completas sobre os «demônios», ver Marc. 5:2; quanto à «possessão demoníaca», ver Mat. 8:28). O N.T., por toda a parte insiste, com razão, sobre a realidade da existência de espíritos invisíveis e malignos. Grande parte das pesquisas psíquicas de nossos dias também exigem a mesma suposição.

A fé pode ser acompanhada pela hesitação e pelo temor, se ela é estéril, a despeito do que possa incluir; mas, em contraste com isso, a paz acompanha a salvação autêntica. Sendo justificados, gozamos de paz (ver Rom. 5:1). E o autor bem poderia ter escrito: «Sendo justificados pela fé e pelas obras, temos paz com Deus». Essa era a atitude judaica, adotada pelo cristianismo legalista; e é precisamente isso que é dito na presente secção. Portanto, Tiago mostra possuir um discernimento necessário: a espiritualidade precisa incluir o «ser» e o «praticar», se tiver de ser verdadeira fé. De outro modo, tudo não passará de piedade apenas verbal. Desafortunadamente, esse expressa tal conceito de modo legalista, e não místico. O Espírito Santo, devido ao seu poder transformador, opera em nós, e assim as «obras» são acrescentadas à «fé», e isso se evidencia em todas as ações da vida do crente. Mas, visto que o autor desta epístola expressou seu discernimento de modo legalista, assim fazendo com que a *obediência à lei* se revista de mérito (o que era opinião comum no legalismo), entrou em choque com Paulo, que já havia abandonado toda e qualquer forma de legalismo. Qualquer outra interpretação da passagem que ora consideramos, força-nos a ensinar algo que ultrapassa ao que as claras palavras de Tiago indicam. Nenhum judeu teria qualquer dificuldade em interpretar essa passagem. São somente os «cristãos harmonizadores» que encontram dificuldades, imaginando tola mente que podem fazer as expressões de Tiago serem equivalentes ao cristianismo paulino, visando a «harmonia bíblica a qualquer preço». Esse preço é a própria honestidade interpretativa. (Ver as notas expositivas da introdução ao décimo quarto versículo, quanto a uma completa explanação sobre a controvérsia entre Paulo e Tiago, que apresenta informações sobre os vários modos como as harmonias são tentadas).

**Importância do monoteísmo, dentro do judaísmo.** Os judeus criam que Deus é um só, e que nele há unidade. «Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor» (Deut. 6:4). Essa citação veio a ser conhecida, entre os judeus, por «Shema» (derivado da palavra inicial «Ouve», com que começa a recitação). No tempo do exílio, segundo diz *Berecith*, i.e., a recitação da *Shema* era exigida da parte de todos os judeus piedosos, pela manhã e à noite. Na atualidade, é costumeiro que cada judeu, em seu leito de morte, exclame essa citação. Assim fez o rabino Akiba, que sofreu o martírio, e que ao morrer proferiu apenas uma palavra, «...único...», sem







O autor sagrado busca agora comprovar sua posição, aludindo ao episódio relatado em Gên. 22:1-14. Todos admitem prontamente que Abraão foi justificado e «salvo». Portanto, agora poderíamos indagar: Como lhe foi dada a justificação? A resposta dada pelo autor sagrado é direta, simples e completa: «...por obras...». Naturalmente, fica subentendido que isso acompanhou sua fé (ver os versículos vinte e dois a vinte e quatro deste capítulo). Tiago não se interessava em provar a «justificação somente pelas obras», mas se opunha, além de qualquer dúvida, à «justificação exclusivamente pela fé». Pelo contrário, tomou a antiga atitude judaica, de fé mais obras, contanto que ambas sejam genuínas, o que leva o indivíduo à justificação aos olhos de Deus. Neste ponto, muitos intérpretes cristãos precisam tornar-se desonestos, seguindo a norma da «harmonia com Paulo a qualquer custo». Obviamente a passagem é o reverso de Rom. 4:1 e ss., e poderia ter sido escrito com esse trecho paulino em mente, ou pelo menos, com a tradição que o representava ante os olhos.

«...nosso pai...» O autor é judeu, pois Abraão é o progenitor dos israelitas de raça. Mas também é reputado como o progenitor espiritual de todos os crentes verdadeiros, judeus ou gentios; e talvez as palavras do autor sagrado incluam esse significado. (Ver Gál. 3:7; Rom. 4:16; I Cor. 10:1 e Clemente de Roma 3:12).

«...justificado...»

*Para Tiago, Do Que Consistia A Justificação?*

1. Aquilo que Abraão fez, fé-lo para agradar a Deus e obter o seu favor. Não há em Tiago qualquer indicio de que a justificação de Abraão tivesse sido «diante dos homens», e não diante de Deus. Dizer-se que a justificação, no livro de Tiago, era «diante dos homens» (para comprovar a justificação já realizada na alma), ao passo que a de Paulo era «diante de Deus», e que, portanto, o tipo ensinado por Tiago precisava das obras «para provar sua realidade», ao passo que essa necessidade não existia no caso de Paulo, é uma interpretação extremamente defeituosa e desonesta do segundo capítulo da epístola de Tiago. Baseia-se em «harmonia a qualquer preço», ainda que esse preço se deva à honestidade interpretativa.

2. Notemos como o versículo vinte e três relaciona a justificação, segundo as idéias de Tiago, à questão da «retidão imputada». Por certo, a retidão imputada trata da própria salvação, e não sobre como poderei comprovar, diante dos homens, que sou um homem justo. A abordagem paulina, no quarto capítulo da epístola aos Romanos, tem a mesma espécie de declarações. (Ver Rom. 4:3). Em ambos os casos, essa imputação da retidão tem a própria salvação em mira.

3. Por conseguinte, embora Tiago e Paulo tivessem conceitos diferentes sobre «como» se realiza a justificação, o alvo da justificação era o mesmo para ambos, a saber, a «redenção humana».

4. Também é falsa aquela distinção que supõe que a justificação, segundo Tiago, contemplava «o curso inteiro da salvação», ao passo que Paulo via somente a declaração forense da justificação. A justificação, para Paulo, também contemplava o curso inteiro da salvação, por ser ela a semente tanto da justificação quanto da glorificação. (Ver as notas em Rom. 5:18, quanto a esse conceito. Ver notas completas sobre a «justificação», em Rom. 3:24,28).

Ainda que Paulo tivesse querido salientar somente o ato forense inicial, contudo ele mostra que a «sanctificação» deve dar prosseguimento àquilo que é iniciado na conversão e na justificação. (Ver II Tes. 2:13 e as notas expositivas ali existentes). Pois tudo isso, considerado juntamente, é que nos dá a «salvação».

«Justificar» pode significar *pronunciar reto*, «mostrar ser reto», ou «tornar reto». Tanto Tiago como Paulo combinam a primeira e a terceira dessas idéias. A sanctificação consiste em «tornar reto»; e é ela a fruição da justificação, que conduz à vida eterna. (Ver Rom. 5:18).

«O sentido da palavra «justificação», nos escritos paulinos, não difere do uso que ele já encontrou corrente em seus dias, embora sua doutrina teológica da justificação, que ele expôs com a ajuda desse termo, fosse altamente original. E o sentido do presente versículo não se afasta de modo

22 βλέπετε ὅτι ἡ πίστις συνήργει τοῖς ἔργοις αὐτοῦ καὶ ἐκ τῶν ἔργων ἡ πίστις ἐτελείεθαι,\*

\* 22 o statement: WE Bov Nam B<sup>2</sup> RV ABV RBV NEB TT Zkr Luth Jor Baz //

algun do que era ordinário... A afirmativa que vem «das obras» corresponde ao ponto de vista judaico usual, de acordo com um sentido comum um tanto superficial... Que Abraão foi justificado e salvo, naturalmente, era algo reconhecido por todos; que sua justificação dependeu não meramente do ato inicial de fé, mas também de sua manifestação confirmatória, sob o teste, é o que Tiago assevera. Isso, pensa ele, se torna mais claro ao tecer alusões ao grande incidente do sacrifício de Isaque (ver Gên. 22:1 e ss.) mediante o qual foi testada a realidade vital da fé de Abraão, e ao que se seguiu a renovação da promessa (divina) (ver Gên. 22:15-18). Se Abraão não tivesse passado nesse teste, ficaria demonstrado que sua fé era fraca, e sem dúvida teria impedido a sua justificação; portanto, é inevitável a inferência extraída do grande caso representativo de Abraão. Ao mesmo tempo, a real contenção de Tiago, nos versículos vigésimo a vigésimo segundo, não é tanto a necessidade das obras, mas qual vitalmente inseparável é a combinação da fé e das obras. Tudo isso é dito em resposta à sugestão, levantada no décimo oitavo versículo, que a fé e as obras são funções separáveis na vida cristã». (Ropes, *in loc.*, que expressa uma correta interpretação, em contraste com muitos, que corrompem essa passagem a fim de tentarem uma reconciliação forçada com os escritos paulinos).

Alguns intérpretes reduzem a «justificação», neste ponto, à idéia que as boas obras «sempre estão vinculadas» à fé. Porém, como pode isso significar «justificação»? Não corresponde nem ao sentido da palavra e nem ao seu emprego. Também não há aqui qualquer idéia que as obras meramente «provam» que a fé existe. O uso judaico em geral labora contra isso, e o próprio cristianismo nunca concebeu tal uso do vocábulo, em todo o N.T. Não há qualquer motivo para que se entenda esta palavra em qualquer sentido diferente daquele que era usado nos tempos de Tiago, nas comunidades religiosas cristãs. A justificação, pois, deve significar «favor diante de Deus», a fim de ser obtida sua aceitação e aprovação. Não há qualquer dúvida e quem pode demonstrar o contrário? que o judaísmo sempre creu que as obras são necessárias para a correta posição diante de Deus. No judaísmo nunca houve a idéia de que «basta a fé para a justificação». Tiago simplesmente refletiu a tradição judaica de seus dias, que foi aproveitada pelo cristianismo legalista.

Alguns intérpretes, usando de sutilezas, mostram que o ato de fé de Abraão, por causa do qual foi chamado justo (ver Gên. 15:6), procedeu, por considerável período, o seu ato de obediência, referido no presente versículo. E assim supõem que seu ato posterior de obediência foi apenas uma «prova» da retidão que já possuía. Porém, esse sutil raciocínio nunca fizera parte das explicações judaicas sobre o assunto, e nem é o que está em foco no presente texto. Bem pelo contrário, a ordem cronológica dos acontecimentos foi revertida pelo autor sagrado. O vigésimo primeiro versículo fala do ato de obediência, e o vigésimo terceiro versículo fala do ato inicial de fé. Isso mostra que o autor sagrado não punha a fé em primeiro lugar. De fato, ele não estava fazendo qualquer distinção cronológica. Para ele, ambos os lados são juntamente considerados — a fé e as obras são inseparáveis, e é isso que justifica ao homem. Essa é a única interpretação possível desta passagem, sem perversões, e nisso é que os judeus sempre creram e sempre ensinaram. Por que pensaríamos que estranho encontrar aqui a simples representação do cristianismo legalista? E o que é aqui ensinado corresponde à verdade, se pensarmos misticamente, e não legalisticamente, nas obras. Inteligentemente, o autor sagrado expôs a questão sob moldes legalistas. Podemos rejeitar sua maneira de exprimir o assunto, mas mesmo assim somos obrigados a aceitar a verdade na direção da qual ele se esforçava por chegar.

«...sobre o altar o próprio filho, Isaque...» Este era o filho prometido, a chave para a aliança abraâmica; portanto, sua morte teria sido uma perda inestimável. O autor sagrado, portanto, ilustra a grandiosidade dessa obra de Abraão. Na realidade, ele sumaria assim a obra inteira da vida de Abraão, porquanto aquele foi o seu teste supremo, para o que ele fora preparado por toda a sua vida anterior. Quanto a notas expositivas sobre o «pacto abraâmico», ver Atos 3:25.

22 ἡ πίστις... αὐτοῦ Ro 11:17

22 συνήργει] συνέργει R<sup>a</sup> ff s | (συνεργῶν, R<sup>1</sup>); ε R<sup>m</sup>)

2:22. Vós que a fé cooperou com os seus obras, o que pelas obras a fé foi aperfeiçoada;

Não é a fé somente que justifica; também não somos justificados somente pelas obras. Mas é o que os judeus sempre acreditaram: a fé e as obras é que justificam. A fé operava «juntamente» com «suas obras»; e as obras operavam com a fé, para produzir esse resultado.

«...fé...» (Isso é amplamente comentado em Heb. 11:1 e no décimo quarto versículo deste capítulo, no que concerne ao uso que Tiago fez do termo).

«...obras...» (Ver as notas expositivas a respeito no décimo quarto versículo deste capítulo). Consiste na obediência às leis de Deus, e envolvem a adoração a Deus e a santidade pessoal — «obras para com Deus». Mas também indica obras de bondade, expressões do amor para com o próximo — «obras para com o próximo».

«...operava juntamente...» Um outro jogo de palavras está aqui em foco: «A fé opera com as obras, para a justificação. Em contrapartida, a fé, sem suas obras, não funciona para tal finalidade. (Ver o vigésimo versículo). (Quanto às formas literárias empregadas pelo autor sagrado, e quanto às suas inegáveis habilidades retóricas, ver a introdução à epístola, em sua seção V).

«A fé ajudou as obras, e as obras completaram a fé, isto é, visando a justificação, conforme indica o vigésimo primeiro versículo. Nessa

declaração geral é esclarecida a mútua relação entre a fé e as obras — as duas coisas são inseparáveis em uma vida devidamente orientada (comparar com o versículo 18b)». (Ropes, *in loc.*). O autor sagrado não estava interessado na controvérsia se, nessa combinação, a fé é superior às obras; ele meramente afirma que as duas coisas devem andar juntas, porquanto uma ajuda à outra, e não que uma é subordinada à outra.

«...a fé se consumou...» Consideremos os dois pontos seguintes: 1. Isso não significa que a fé era «defeituosa», precisando ser ajudada por uma qualidade superior de obras. 2. Mas significa que a fé é suplementada de forma a ser levada à fruição, ficando completo o alvo colimado, a saber, a justificação. Se Abraão tivesse falhado no «teste das obras», ficaria demonstrado que sua fé era imperfeita, cívica de uma natureza invencível, e a justificação não poderia resultar dali. Certamente não há aqui qualquer idéia que «ficou demonstrado que a fé era perfeita», no sentido de «demonstrar a perfeita qualidade já existente». Não obstante, provavelmente inclui a idéia que a «fé foi fortalecida» pelas obras, a ela adicionadas; mas mesmo assim a ênfase recai sobre como a fé foi levada à fruição pelas obras, de tal modo que as duas coisas, atuando juntas, levaram à justificação.

Tiago não mostrou ser um teólogo sutil. Falava com franqueza. Se ele tivesse querido ensinar as coisas sutis e misteriosas que imaginam alguns intérpretes modernos, a fim de reconciliá-lo com Paulo, certamente teríamos um estudo bem diferente daquele que temos à nossa frente. Antes, seu estudo reflete a franqueza do judaísmo. Não nos enganemos, como que



diz ele, é preciso adicionar as obras à fé; porquanto somente as duas coisas, juntamente consideradas, justificam. Vemos, portanto, como até mesmo a fé do grande Abraão não foi suficiente. Ele precisou obedecer à ordem do Senhor. E desse modo foi «justificado por obras». Sua obediência mereceu o favor divino, sem o que a sua fé, por mais genuína que fosse, não o teria justificado aos olhos de Deus. Essa é a única coisa que podemos apreender da presente passagem, a menos que forcemos outro significado, modificando o sentido das palavras, em relação ao seu uso na herança judaica e na herança cristã igualmente.

A fé, por conseguinte, desenvolve-se e chega a ser consumada mediante suas obras, e isso é que produz a justificação. A justificação, portanto, não pode consistir em um único acontecimento, mas é o final de um processo, o seu efeito acumulado. Isso, naturalmente, é o que o legalismo sempre ensinou. E, na realidade, expressa uma verdade, porquanto a salvação é o resultado de um processo; mas esse processo resulta das operações do Espírito Santo, e não do mérito humano. Uma vez mais percebemos como o autor sagrado e o legalismo postulam certo discernimento acerca das

23 καὶ ἐπληρώθη ἡ γραφή ἡ λέγουσα, Ἐπίστευσεν δὲ Ἀβραὰμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην, καὶ φίλος θεοῦ ἐκλήθη.

ἐκλήθη 2 Chr. 20:7; Lc 11:8

23 δε] om p<sup>10</sup>L 69 614 al lat bo

2:23; e se cumpriu a escritura que diz: E creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça, a foi chamado amigo de Deus.

#### Tentativas De Harmonização

1. A declaração deste versículo é igual à de Rom. 4:3. Alguns intérpretes conseguem perceber esse fato, mas divorciam inteiramente o versículo do restante do capítulo. E dizem: «Como se vê, Tiago ensinava a mesma coisa que Paulo ensinava».

2. Mas, quando lhes mostramos o versículo seguinte (vs. 24), eles dizem: «Mas essa justificação de Tiago era diante dos homens, e não diante de Deus». Esse absurdo é a sua própria refutação. (Ver as notas no vs. 21, sob o título «Para Tiago, do que consistia a justificação?», quanto a maiores informações a respeito).

3. O fato é que Paulo e Tiago, ao se utilizarem do trecho de Gên. 15:6, viam diferentes coisas na mesma mensagem. Paulo via a livre graça; Tiago via as obras em cooperação com a fé.

4. Temos provido ampla discussão sobre os problemas do presente capítulo, nas notas introdutórias ao vs. 14.

5. Ver também Atos 10:9 e suas notas quanto ao problema do «legalismo» na igreja primitiva; e ver Atos 11:2 quanto ao «partido da circuncisão».

Notemos também que, segundo a ordem cronológica apresentada por Tiago, as obras aparecem em primeiro lugar, e então é que figura a fé. Contudo, ele nunca pretendeu separar esses dois elementos um do outro. Antes, o seu propósito era mostrar que ambos os elementos cooperaram juntamente, produzindo a correta posição do indivíduo aos olhos de Deus (ver o vigésimo segundo versículo). Portanto, ele não procura estabelecer qualquer ordem cronológica. O versículo que se refere à fé como medida justificadora, com a mesma facilidade poderia aparecer em primeiro lugar. Entretanto, alguns eruditos pensam que o trecho de Gên. 15:6 é uma predição; e, nesse caso, poderia ter profetizado sobre o tempo em que a fé seria aperfeiçoada mediante as suas obras; e mais do que nunca os dois elementos seriam vinculados, como o poder que justifica. A idéia que a passagem do livro de Gênesis era profética, e que essa predição foi cumprida na grande obra realizada por Abraão, ao oferecer a Isaque em sacrifício, se deriva da expressão que há no versículo, «...e se cumpriu a Escritura...». Quando é que a Escritura se cumpriu? Quando Abraão realizou sua obra de fé, por ocasião do sacrifício de Isaque.

«A mesma passagem do livro de Gênesis é usada por Paulo (ver Rom. 4:3 e Gál. 3:6), como prova de sua doutrina da justificação pela fé. Tiago, como que em resposta, salienta que aquilo que ele dissera no vigésimo primeiro versículo mostra que era mister o concurso das obras, para que a fé fosse completada, a fim de que houvesse o fim desejado, a justificação». (Ropes, *in loc.*)

Em I Macabeus 2:52, a passagem do livro de Gênesis em foco também é aludida; mas parece que o grande ato de fé, o sacrifício de Isaque (ver o vigésimo segundo capítulo do livro de Gênesis), estava na mente de seu autor, como prova da fé em ação. O uso que faz Tiago desse episódio é idêntico, embora ele apresente os versículos citados em ordem inversa. Paulo limita sua discussão ao ato original da fé, quando Abraão acolheu a promessa divina, aparentemente impossível, de vir a ter um filho, que seria seu herdeiro. Assim é que Rom. 4:17 e ss. retorna a esse pensamento e o desenvolve. O trecho de Heb. 11:8 e ss. também alude a essa fé de Abraão, salientando a ocasião em que este deixou a sua pátria; Heb. 11:9 descreve a fé de Abraão, exercida quando residia em Canaã; e Heb. 11:17 e ss. se refere diretamente à sua fé no tocante ao sacrifício de Isaque. Clemente em sua epístola aos Romanos (capítulo trinta e um), também se utiliza do trecho de Gên. 15:6, mas não indica a natureza precisa da fé de Abraão.

«...lhe foi imputado para justiça...» Há várias maneiras em que essas palavras podem ser entendidas, a saber:

1. Já pudemos observar que Tiago via a justificação como algo cumulativo. Para ele, não consistia apenas de um ato de declaração forense da parte de Deus. Antes, trata-se de um processo: a fé e as suas obras se mesclam, e seu desenvolvimento combinado obtém o favor e a aceitação de Deus. Portanto, quando ele diz que a justiça foi imputada a Abraão por causa de seu ato, ele quer indicar que o desenvolvimento de sua vida piedosa, inspirado pela fé e pelas obras, chegou a um elevado nível quando do sacrifício de Isaque; e assim, naquela oportunidade, mais do que em

verdades espirituais, embora as explicassem de modo desajeitado, que só pode ser parcialmente compreendido. O grande acúmulo é o grau sempre crescente com que vamos compartilhando da imagem de Cristo; porquanto isso é o que o Espírito de Deus está implantando em nós. (Ver II Cor. 3:18). O final desse acúmulo é a «glorificação». (Ver as notas expositivas a respeito da «glorificação», em Rom. 8:29, 30).

Observemos o tipo de «fé» que está envolvido em tudo isso. Está em foco a «fé de Abraão», que é muito maior que o simples monoteísmo, pois assim também precisamos entender o décimo nono versículo. Tiago, pois, não usava a palavra «fé» em sentido essencialmente diferente do que fazia Paulo, embora ele não defina seu objeto como a pessoa de Deus, a sua expiação, etc., a exemplo do que fazia Paulo. É claro que ele haveria de pensar na fé em Cristo, mas não nos informa disso. Nesta epístola, não há qualquer esclarecimento sobre a expiação operada por Cristo, e nem há qualquer doutrina distintamente cristã, exceto a «parousia» ou segunda vinda de Cristo. (Ver Tia. 5:7 e, talvez, 1:12).

\*\*\*

Ἀβραὰμ τῷ θεῷ, καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς

23 Ἐπίστευσεν...δικαιοσύνην Qa 15.6 (Ro 4.3, 9, 22; Ga 3.6) φίλος θεοῦ

[φίλος] δουλός 429 614 al sy<sup>6</sup>

qualquer outro instante, ele obteve o favor e a aceitação diante de Deus, pois o Senhor o teve por justo. Mas isso foi algo adquirido, e não apenas uma declaração forense. Esse é o ponto de vista judaico normal da justificação. A retidão, aqui referida, apesar de inspirada por Deus, não é a retidão divina, em qualquer sentido restrito, mas inclui também o mérito humano, obtido pela obediência aos mandamentos de Deus. Isso também sempre fez parte do ponto de vista judaico sobre a questão.

2. Nos escritos de Paulo, entretanto, essa retidão, que vem através da justificação, consiste, antes de tudo, na «correta posição diante de Deus», isto é, «em Cristo», e não consiste na justiça do próprio indivíduo. Mas envolve um «decreto forense», em que Deus reputa que o indivíduo foi aceito no Amado. Porém, na santificação, essa retidão é realmente dada ao indivíduo, o qual passa a compartilhar da natureza moral de Cristo, mediante o poder do Espírito residente no crente. Outrossim, essa retidão pertence a Deus, e não ao homem, porquanto essa é a única retidão que tem valor aos olhos de Deus, e que pode levar quem quer que seja à sua presença. (Ver Rom. 3:21 quanto a notas expositivas completas sobre esse conceito. Comparar também com os trechos de Mat. 5:48 e Heb. 12:14). A perfeição absoluta é requerida segundo esse ponto de vista, e o Espírito Santo, eventualmente, produzirá isso nos remidos, os quais, em sentido bem literal, compartilharão da própria justiça de Deus, segundo ela é exibida na pessoa de Cristo.

Pode-se perceber, portanto, que os dois conceitos de justiça, o de Paulo e o de Tiago, são bem diferentes, tal como o legalismo é diferente da graça. Porém, em qualquer desses casos, o termo «retidão» significa «aprovação e aceitação de alguém por parte de Deus», em sentido geral, e não meramente no tocante a qualquer ato isolado. Quando essa aprovação é obtida (por quaisquer meios que se possa supor), então dizemos que tal homem está «justificado».

«...amigo de Deus...» Essa designação não faz parte da citação original, mas é comumente aplicada a Abraão, na literatura judaica. (Ver Isa. 41:8; Filo, *de sobr.* 11, m. pág. 410—onde ele substitui «meu amigo» por «meu filho»—Jubileus 19:9; 30:20 e o Testamento de Abraão, em vários trechos). A mesma idéia aparece, embora com outros termos, em II Crô. 20:7; Dan. 3:25; Esd. 3:14; Filo, *de Abraham* 19. O trecho de *Pirke Aboth* V, 4 enfatiza o amor de Abraão a Deus, como um amigo cuida de outro. As referências do A.T. não usam o termo no original, embora algumas traduções contenham tal palavra. Isa. 41:8, por exemplo, na realidade diz: «Abraão, a quem tenho amado». Mas, nessas expressões, a amizade aparece como algo inerente.

Isso também é expressão comum no tocante a Abraão, no islamismo. (Ver Alcorão, sura IV, 124). Os trechos de Clemente, *Rom.* 10:1; Tertuliano *Adv. Jud.*, 2 encerram igualmente essa expressão, mas isso dificilmente demonstra qualquer dependência deles para com Tiago, porquanto tal expressão era tão largamente usada na literatura judaica. Irineu iv.16:2 também usa a expressão, mas independentemente de Tiago, tendo-a tomado por empréstimo da mesma herança literária de onde Tiago extraiu a expressão.

O título *amigo de Deus* é usado para mostrar quão completa era a aceitação de Abraão. Era tão completa que a relação com Deus como Rei, Déspota, temível Governante, capantoso Juiz, de que participam quase todos os homens, é substituída por uma relação de amizade e de assistência prometida em todas as coisas, porquanto é de nossos amigos que esperamos ajuda de toda a espécie. O fato que Abraão era «amigo» não mostra meramente que ele estava «justificado», mas que, através de sua «correta posição» diante de Deus, ele viera a desfrutar de elevada relação de amizade com Deus, amando e sendo amado de maneira especial. Como foi que ele atingiu essa posição quase singular, além de mera aceitação e aprovação? Foi através de sua poderosa fé e de suas profundas obras de obediência a Deus. Foi galardão por esse tipo de vida; sua espiritualidade singular não poderia ser desprezada por Deus. (Ver João 15:15, onde Jesus chama de «amigos» a seus verdadeiros discípulos).

E o autor sagrado não faz apenas prestar-nos a informação. Mas também indica que se seguirmos o mesmo caminho de fé e obediência que teve Abraão, podemos obter o mesmo grau de elevada aceitação de que ele gozava. Seja como for, todos os «justificados» percorrem essa senda, que deve incluir a obediência aos mandamentos de Deus. Na corte dos Ptolomeus, o termo «amigo» (no grego, «*philos*»), era o título de honra do



mais elevado dos oficiais do rei; e, em Sabedoria 7:27, a expressão «amigos de Deus» indica os «justos», que abandonaram as inquietações mundanas, tendo escolhido a Deus como centro de suas vidas. Essas instâncias do uso da expressão ajudam a ilustrar o elevado significado que deveria ser vinculado à mesma, ao passo que, no uso moderno, o termo não precisa indicar qualquer coisa tão significativa.

Tudo isso demonstra uma das principais facetas da interpretação que têm 24 ὁρᾷτε ὅτι ἐξ ἔργων δικαιοῦνται ἄνθρωπος καὶ οὐκ ἐκ πίστεως μόνον.

2:24: Vedeis então que é pelas obras que o homem é justificado, e não somente pela fé.

Como é que o autor sagrado poderia ter expresso mais direta e simplesmente a questão do que o fez? Essa é a sua conclusão. A fé não basta, mesmo que seja a fé de Abraão, que ele acabara de mencionar. A própria fé genuína de Abraão precisou a adição das obras, a obediência aos mandamentos de Deus, a fim de ser aperfeiçoada (ver o vigésimo segundo versículo); e assim ele obteve a aceitação diante de Deus (a justificação). Essa é apenas a maneira normal dos judeus encararem a questão, maneira essa que foi adotada pelos cristãos judeus legalistas. Tiago é o porta-voz dessa posição, e qualquer outra interpretação é uma perversão em favor da harmonização com Paulo a qualquer preço. (Ver as notas de introdução ao décimo quarto versículo, onde há completo estudo sobre Tiago versus Paulo). Notemos a posição enfática da palavra «...somente...». Ninguém é justificado «por fé somente», ainda que sua fé seja genuína.

«...verificais...» Tratamento direto no plural (em contraste com o singular, usado nos versículos vinte e vinte e dois), porquanto agora há uma conclusão geral acerca da discussão anterior, endereçada ao corpo inteiro dos leitores. A começar pelo décimo oitavo versículo deste capítulo, o autor sagrado apresenta a discussão entre dois oponentes imaginários, cada qual procurando refutar o outro. Um deles representa o legalismo cristão, e o outro representa o paulinismo. O vigésimo quarto versículo dá a idéia que o legalista cristão expunha sua avaliação e conclusão da discussão. Na opinião do autor sagrado, o legalismo se sai claramente triunfante.

«...justificada por obras...» (Ver Rom. 3:24,28 quanto a notas expositivas completas sobre a «justificação»). Quanto ao fato que a justificação é «por obras», ver o vigésimo primeiro versículo; mas que, para o autor sagrado, isso significava «obras que cooperam com a fé», ver o vigésimo segundo versículo, em suas notas expositivas).

«...não por fé somente...» A fé, sem a ajuda e a cooperação das obras, jamais poderá justificar a um homem diante de Deus. Essa é a «resposta formal e conclusiva à indagação feita no décimo quarto versículo» (Ropes, *in loc.*). «Pode a fé salvá-lo?» O autor muito se tem esforçado por mostrar

25 ὁμοίως δὲ καὶ Ῥαββὴ ἡ πόρνη οὐκ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη, ὑποδεξαμένη τοὺς ἀγγέλους καὶ ἑτέρα ὁδῶ ἐκβαλοῦσα;

28 Jos 2:4, 18; 6:17; He 11:31

2:25: E de igual modo não foi a meretriz Raabe também justificada pelas obras, quando acolheu os espiões, e os fez sair por outro caminho?

Raabe praticou algo que obteve a aprovação divina, tal como sucedeu no caso de Abraão. E agora o caso dela é usado como exemplo de como a fé e as suas obras cooperam juntamente, visando a justificação. Em Heb. 11:31, Raabe também aparece como um caso exemplar de fé. (Ver as notas expositivas ali). Ela se tornou esposa de Salmom (ver Mat. 1:5), que foi um dos ancestrais de Boás, o avô de Jessé, pai de Davi. Talvez Salmom tenha sido um dos espiões cuja vida ela salvara. Seja como for, ela entrou diretamente na árvore genealógica de Cristo, e talvez, devido a essa posição genealógica, tenha sido contada como digna de ser usada como exemplo de um ensinamento moral e espiritual, a despeito de sua vida anterior na prostituição. Alguns intérpretes, tanto aqui como em Heb. 11:31, seguindo os indícios deixados por intérpretes judeus acerca da história do A.T. (ver Jos. Antig. 2:1-21), procuram explicar que a palavra normalmente traduzida por «prostituta» significa «estalajadeira»; mas isso é apenas uma tentativa de «limpar» o seu caráter, a fim de que ela possa ser usada, sem reservas, para ensinar uma verdade espiritual.

No entanto, ela serve perfeitamente bem de ilustração da vantagem, da justificação e da fé espirituais, etc., especificamente por causa daquilo que ela fora antes. Assim aprendemos que Deus tem o poder de dominar o passado, transformando em santos aqueles que antes eram pecadores. Por isso mesmo foi indagado: «De Nazaré pode sair alguma coisa boa?» (João 1:46). Jesus é a resposta a essa indagação. Assim também poderíamos agora perguntar: «Pode alguma coisa boa derivar-se de uma vida destruída?» E Raabe é a resposta para isso. A lição é que a graça de Deus chega até onde nos encontramos. Não precisamos alinhar certo grau de aceitabilidade, antes de podermos receber a graça divina.

«Pensamos que devemos subir até certo nível de bondade, antes de podermos chegar a Deus. Mas ele não diz: 'No fim do caminho poderei achar-me'. Antes, declara: 'Eu sou o caminho; sou a estrada a teus pés, a estrada que começa tão baixo como tu mesmo és'. Se porventura nos encontrarmos no buraco, o Caminho começará no buraco. No momento em que voltamos nosso rosto na sua direção, estaremos andando com Deus.» (Dorothy Berkeley Philipps, *The Choice is Always Ours*, pág. 44).

E foi desse modo que Raabe se tornou uma das heróicas da fé. O fato que

26 ὥσπερ γὰρ τὸ σῶμα χωρὶς πνεύματος νεκρόν ἐστιν, οὕτως καὶ ἡ πίστις χωρὶς ἔργων νεκρά ἐστιν.

26 Joa 3:17, 20

2:26: Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.

Este versículo se parece com o décimo sétimo versículo, onde a idéia é amplamente comentada, exceto que ali há a pequena ilustração do corpo,

sido defendida por este comentário: nesta secção, a «justificação» é algo «diante de Deus», e não «diante dos homens». Isso deve ser óbvio ante o fato que Abraão, mediante sua vigorosa expressão de «fé-obras», veio a ser amigo de Deus, isto é, «aprovado por ele de modo especial». A aprovação de Deus é que ele buscava e conquistou, e não a aprovação humana; e suas obras de fé faziam parte dessa busca e conquista.

que a resposta é «Não!». Contudo, quando combinada com as obras, a fé pode salvar! Uma vez mais, para Tiago, a palavra «obras» concorda com o uso judaico do termo, o que envolvia os dois pontos seguintes: 1. Obediência à lei, no tocante à adoração a Deus e à santidade pessoal (obras para com Deus) e 2. obediência à lei, no serviço amoroso prestado a outros (obras para com o próximo).

Conforme fazem por toda esta passagem, os intérpretes, procurando evitar o pleno sentido, e sentindo a necessidade de reconciliarem-na com escritos paulinos, sem importar se isso pode ser conseguido ou não, pervertem o sentido do termo «justificação». Dizem eles que essa justificação é «perante os homens», e não diante de Deus. Mas isso entra em conflito direto com o vigésimo terceiro versículo, além de conferir ao termo «justificação» um sentido nunca aprovado no A.T., ao aludir aos incidentes esquecidos. Abraão buscou a aprovação divina, e não a humana; o texto deixa bem claro que isso foi que ele conseguiu. E nem o presente versículo significa apenas que Abraão «comprovou a realidade» da sua fé e de sua justificação, mediante suas obras. Nunca as Escrituras usam o termo «justificação» dessa maneira. Por igual modo, não devemos supor que a «fé», para Paulo, deve ser compreendida como se incluisse o que Tiago chama de «fé e obras», como se a fé contivesse o germen de todas as obras. Naturalmente que isso é uma verdade, e, espiritualmente entendido, reconcilia os dois conceitos; mas o ponto de vista de Tiago sobre as obras é que elas importam em «mérito humano», o qual, se for suficientemente acumulado, merece a aprovação divina. Essa sempre foi a posição judaica sobre a questão. Tiago não concordava com Paulo de alguma maneira sutil, como se tivesse querendo dizer aquilo que não disse. Quando Paulo aludia às «obras», também falava sobre os «méritos humanos», mas rejeitava tais obras como se tivessem qualquer papel a desempenhar na justificação. Há aquela «obra» do Espírito Santo na alma, mediante o que vai sendo formada em nós a natureza moral de Cristo. É óbvio que essa «obra» faz parte da salvação, porquanto é a salvação em seu desenvolvimento na direção da glorificação; mas não consiste no mérito humano, adquirido através da observância da lei. Tiago não tinha uma visão clara sobre essa forma de «obra», embora a sentisse intuitivamente.

25 ἀγγέλους κατακόπους K<sup>ms</sup>L 1739 al ff sy<sup>p</sup>, h<sup>ms</sup> bo

isso é possível, demonstra que todos podem ser justificados.

«...e os fez partir por outro caminho?...» Isso sucedeu depois que ocultara os espiões no telhado, tendo-os então feito descer através de alguma porta que dava para o telhado (provavelmente), e permitindo-lhes a saída da cidade por uma janela da casa que dava para fora das muralhas da cidade. (Ver Jos. 2:15). Tudo isso ela fez porque cria que o Senhor lhe dera lugar nas tendas de Israel. E, tendo agido de conformidade com essa fé, não fez oposição, mas antes, ajudou na operação.

«...justificada por obras...» (Ver o vigésimo primeiro versículo sobre essa expressão, em suas notas expositivas).

Os dois exemplos: Abraão, que sempre foi notado como homem de fé, e Raabe, totalmente estranha a Israel, além de ter sido mulher depravada, representam a gama inteira de possibilidades para o recebimento do favor divino. A justificação pode ser experiência de qualquer pessoa. Outrossim, não é oferecida somente a judeus, conforme o demonstra o caso de Raabe. Se somente Abraão tivesse sido usado como exemplo, alguém poderia objetar que poderíamos esperar atos heróicos da parte dele, mas que sob hipótese alguma podemos reproduzir sua vida de fé e piedade. Mas Raabe, a mulher até então pagã e prostituta, conforme mostra o autor sagrado, foi igualmente aceita por Deus. Todos podem duplicar sua reforma e sua subsequente vida piedosa.

Raabe é constantemente referida nos escritos judaicos. Em Mechilta 64b é ela apresentada como quem pedira a Deus o perdão por sua vida anterior, escudando-se em suas boas obras, ao proteger os espiões, como razão por que merecia tal coisa. Raabe era uma mulher, uma pagã (cananã) e uma prostituta. Nenhum caso poderia ser pior do que isso, do ponto de vista da mentalidade judaica, onde até mesmo o valor de uma mulher piedosa era subestimado. (Ver João 4:27,29 e as notas expositivas ali existentes sobre a posição da mulher no judaísmo).

Clemente de Roma, em sua primeira epístola aos Coríntios, compara o fio escarlate que Raabe pendurou da janela ao sangue de Cristo, como símbolo deste último. Aquele fio identificou a sua casa como aquela que não deveria ser atacada, e todos quantos permanecessem na casa estariam livres da malança. (Ver Jos. 2:18 e 23.).

26 γὰρ om B 1775 sy<sup>p</sup>: 8a ff Or

que é morto se não tiver espírito. O autor sagrado exhibe, incidentalmente, sua crença na inseparabilidade entre o corpo e a alma, dando a entender a imortalidade desta última. (Há notas expositivas completas sobre a «imortalidade», em II Cor. 5:8, do ponto de vista científico, filosófico e



teológico. Vários artigos fazem parte da introdução ao comentário, sobre esse tema, onde são defendidas as teses tanto da sobrevivência como da imortalidade da alma).

Este versículo, que declara que a fé pode estar morta como um cadáver, se não for acompanhada por suas obras, é uma conclusão apropriada para a seção inteira; e esse pensamento já foi expresso, nos versículos dezesete e vinte, de maneira levemente diversa. Apesar de que poderíamos esperar que a fé fosse representada pelo espírito, e que as obras representassem o corpo, o autor sagrado reverte isso. O fato que as obras são equiparadas ao espírito, que dá vida ao corpo, mostra que o autor sagrado sob hipótese alguma elevava a fé acima das obras. Antes, ele deixa claro que formam uma unidade perfeita, igualmente necessárias para a justificação do crente. No dizer de Ropes (*in loc.*): «...para Tiago, a fé e as obras cooperam para garantir a justificação; e pelas obras a fé é mantida viva. Assim, pois, o corpo e o espírito cooperam para garantir a continuação da vida, e, pelo espírito, o corpo é conservado em vida. Quando se dá ao vigésimo segundo versículo o seu sentido verdadeiro, pode-se perceber que o paralelo é melhor do que geralmente se pensa».

«...espírito...» O espírito imortal está em foco, e não a «respiração». O judaísmo helenista chegou a rejeitar o pensamento do judaísmo mais antigo sobre a natureza metafísica do homem. No Pentateuco, o homem é visto meramente como um ser físico animado, devido à ação do «sopro» de Deus sobre ele. Porém, ali não há qualquer doutrina declarada de um espírito imortal; pois, ao morrer o homem, não se espera que o ser essencial sobreviva. A imortalidade da alma foi uma doutrina desenvolvida fora da cultura judaica, em vários lugares do Oriente; e sua primeira declaração formal foi feita por Platão, embora haja declarações na filosofia grega anteriores a ele, quanto a isso. Porém, o judaísmo helenista veio a aceitar essa doutrina, e normalmente cria que a alma é preexistente em relação ao corpo, não sendo criada por ocasião do nascimento (criacionismo), e nem surgindo como parte da reprodução (traducionismo). Era natural, pois que muitos rabinos, especialmente fariseus, tivessem aceitado a reencarnação como uma verdade da experiência humana comum. Julgar que Tiago usa a palavra «espírito», neste caso, apenas como «respiração», «hálito», e não como o homem essencial, é supor que ele rejeitava a teologia comum a seus dias, tendo voltado à teologia mais primitiva, o que é altamente improvável.

#### Capítulo 1

### XVI. Os Males da Língua (3:1-12).

Tendo encerrado sua controvérsia sobre a origem da justificação (2:14-26), o autor sagrado volta agora sua atenção para questões de moral. Primeiramente, ele retoma a questão que introduzira em 1:19, e que abordara de passagem em 2:12, isto é, os pecados da língua, e o uso apropriado da linguagem. Esse era um dos temas favoritos dos moralistas gregos, e parece que o autor sagrado aproveita algumas idéias dos mesmos.

«Uma seção completa em si mesmo, sem qualquer conexão com o que a precede. O tema é declarado em 3:2b. 'Se alguém não erra naquilo que diz, é um homem perfeito'. A esse tema é prefixado, nos versículos 1-2a, uma aplicação especial do princípio a cristãos contemporâneos, uma aplicação que é ignorada no resto da seção. O que se segue é uma elaboração do tema mediante uma série de figuras: o controle de algo grande, por algo pequeno (vers. 2c,5); fogo (vers. 6); amansamento de animais (vers. 7,8); conduta incongruente (vers. 9-12)». (Potter, *in loc.*).

Este capítulo, apesar de aplicável a todos os crentes, porquanto os pecados da língua são comuns a todos, envolve especificamente o «mestre» e o «sábio». Fica subentendido que são duas qualidades de uma mesma pessoa — tal homem é mestre devido à sua sabedoria. O mestre usa um instrumento potencialmente perigoso, sua língua. Pode fazer grande dano se não se dedicar à instrução piedosa. Conta com nobres possibilidades, mas também com possibilidades de corrupção e destruição. O mestre, acima de todos, será chamado a prestar contas, diante de Deus, pelo uso que tiver feito de sua faculdade da fala. Portanto, deve refrear-se das propensões mais baixas da língua, dedicando-a ao serviço de Deus. A boa compreensão das nobres possibilidades em que a língua pode ser posta a uso já é um bom motivo para evitar usá-la de maneira inferior.

«Deixando de lado a 'fé vã', Tiago passa a falar sobre a 'palavra vã'... Tiago participa inteiramente da opinião de Carlyle, de que, na maioria dos casos, se a fala é de prata, o silêncio é de ouro. Mas não escreve vinte volumes para provar essa verdade. Em sua nobre retidão, ele dá valor à prática estrita de deveres concretos, e abomina o muito falar, no dizer de Reuss. E apesar de admitir que os mestres são necessários, e que alguns são chamados a ocupar tal ofício, ele diz a todos quantos querem ocupar tal ofício, que precisam ter sempre em mente seus perigos e responsabilidades. E é óbvio que os verdadeiros mestres sempre deverão formar minoria». (Plummer, *in loc.*).

### 3 Μη πολλοί διδάσκαλοι γίνεσθε, ἀδελφοί μου, εἰδότες ὅτι μείζον κρίμα λημφόμεθα.<sup>a</sup>

<sup>a</sup> 1-3 e maior, e maior: AV RV ABV Zür Luth Bag // a maior, e maior: Bov Nss BF<sup>8</sup> RSV NEB TT // a menor, e maior: TR WH Jer

3:1: Meus irmãos, não sejam muitos de vós mestres, sabendo que receberemos um juízo mais severo.

«...Meus irmãos...» Este título é empregado de duas maneiras: 1. Para lembrar os leitores de sua fraternidade e de sua responsabilidade para com o Pai celestial, além de seu imenso privilégio de serem irmãos do Irmão mais velho, que é Cristo; e 2. como um artifício literário para introduzir alguma nova seção. (Ver Tia. 1:16 quanto a uma nota geral sobre o uso desse título; e ver Tia. 1:19; 2:1,14; 3:1 e 5:7,12 quanto a notas expositivas sobre o seu uso literário).

«...não vos torneis muitos de vós, mestres...» Que ninguém anseie demasiadamente por ser mestre, certificando-se sempre de seu dom e chamamento, porquanto isso traz consigo uma responsabilidade em nada pequena, e um julgamento mais severo, se tal dom for abusado. E isso envolve diretamente o uso da língua, algo potencialmente perigoso.

«...mestre...» Em um contexto puramente judaico, isso significa «rabino» (ver Mat. 23:8; Luc. 2:46; João 1:38; 20:16 e 3:10). Porém, pelo tempo em que esta epístola foi escrita, nas congregações cristãs havia indivíduos que se destacavam como mestres, que assumiam autoridade sobre os demais, tal como os rabinos eram os líderes das sinagogas. Alguns desses mestres eram apóstolos e evangelistas. Dos diáconos e anciãos se esperava que pudessem ensinar. Porém, havia mestres, especialmente dotados por Deus para tal mister, que eram guardiões do conhecimento bíblico e religioso, os quais

Seria coisa desnatural e impossível um corpo humano existir vivo sem o espírito. Assim também a fé é desnatural, e está morta, quando não é acompanhada por suas obras. E isso envolve qualquer tipo de fé, mesmo tão genuína como a de Abraão, contanto que não seja fingida. Nossa fé pode aceitar todos os conceitos ortodoxos, e podemos confiar verdadeiramente em Deus; mas, se ela não for acompanhada por obras de fé, isto é, a obediência à sua lei (conforme é plenamente esclarecido nas notas expositivas sobre o décimo quarto versículo deste capítulo), então tal fé será morta, não servindo mais para a justificação ou para a obtenção da aprovação divina. Porém, a fé e suas obras, se permanecerem juntas, serão vivas, conseguindo a aprovação de Deus; e é disso que consiste a salvação (ver o décimo quarto versículo deste capítulo).

O erro combatido por Tiago: «Algumas pessoas imaginam que podem agradar a Deus se o acolherem no coração e na mente, mas pouco fizerem por ele com suas ações; e que, por isso mesmo, podem cometer pecados sem fazer violência à fé e sem temor; ou, em outras palavras, que podem ser adúlteros, mas, ao mesmo tempo, ser castos, que podem envenenar seus pais, e, contudo, ser piedosos! A julgar por tal raciocínio, aqueles que pecam, mas são piedosos, podem ser lançados ao inferno, e, contudo, serem perdoados! Mas idéias como essas são produzidas pela hipocrisia de amigos declarados do Maligno.» (Tertuliano, em *de Poenit.*, cap. 5).

Uma oração: Então a controvérsia rugiu entre os legalistas e paulinistas. Mas Senhor, enaltece minha espiritualidade acima das contradições onde uma «teologia» ataca outra, onde um homem, com expressão de sábio em sua face, odeia outro por suas opiniões serem diferentes. Que possa minha alma ao invés disso clamar, «Quanto de Cristo tem-se formado em mim?» Se sou obrigado a responder, «pouco», de que vale minha teologia? Que valor pode possuir «opinião certa» para mim se o Espírito não tiver controle sobre meu espírito, se outros à minha volta, cheios de necessidades, ouvem minhas trivialidades, mas por minha vida deparam-se com o nada.

Oh espírito meu! Compre o campo onde o tesouro precioso enterrado está. Oh alma minha! Dê toda a vida para encontrar aquela única Pérola de Grande Valor!

E afasta de ti aquela praia onde as ondas violentas da controvérsia teológica batem e tornam a bater incessantemente, onde homens sussurram e mutilam-se por línguas afiadas pelo sectarismo.

eram inspirados pelo Espírito Santo, para usarem seu conhecimento com o mais elevado proveito. Não eram, necessariamente, diretamente inspirados por Deus, como no caso dos apóstolos e profetas; mas ocupavam-se principalmente de transmitir a outro aquele corpo de conhecimento que já estava formado, ou o do A.T., ou de porções do Novo Testamento (ou as tradições que, finalmente, vieram a compor o N.T.), e que a igreja cristã reconhecia como autorizado. (Ver a introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, acerca de cada dom espiritual, descrito de modo breve, além de outras notas a respeito em 1 Cor. 12:28. No oitavo versículo desse referido capítulo há comentários sobre o dom do «conhecimento», o principal instrumento do mestre).

É algo ao mesmo tempo óbvio e necessário, meramente devido às considerações sobre a natureza do «mestre», que não pode haver grande número de mestres. Outros podem ensinar com capacidades limitadas e que realmente não possuem a aptidão e o dom do ensino, como sucede no caso de muitos dos «professores» de Escola Dominical da moderna igreja evangélica. (Quanto a um «mestre», residente na igreja, ver Atos 13:1; *Didache* 11:1 e s.; 13:2; 15:2, que se referem aos missionários itinerantes como mestres. O trecho de 1 Cor. 12:28 separa em uma classe distinta, tal como sucede em Efé. 4:11).

«...sabendo...» É como se Tiago tivesse dito: «Aquilo que passo a dizer já é do conhecimento de todos, e esse conhecimento agirá como motivo para a



conduta certa-.

...havemos da receber maior julgo... Porque tomamos sobre nós a responsabilidade da instrução cristã, em que o desenvolvimento espiritual é encorajado ou amortecido. Quão freqüentemente, nas modernas denominações evangélicas, os pregadores passam de ano para ano sem aprimorarem a si mesmos ou à eficácia de sua mensagem! Estes serão julgados por sua negligência. Se eles mesmos estagnaram, como se pode esperar que seus pupilos sejam outra coisa? Além disso, o melhor mestre é aquele que vai sempre aumentando em sua experiência e em seu conhecimento espirituais. O mestre estagnado não se aprimorará em qualquer dessas áreas. (Quanto ao fato que haverá julgamentos mais e menos severos, ver as notas expositivas em Marc. 12:40; Luc. 20:47 e Mat. 23:14).

O mestre professa «conhecer», em elevado grau, a vontade de Deus e a sua revelação aos homens, e atorga-se o direito de conduzir os homens pelo caminho espiritual. Se ele falhar em seus deveres, mostrando-se indolente, ou pervertendo os mesmos, o seu julgamento será mais severo. (Comparar esse pensamento com Luc. 12:47 e ss.). Ele será considerado responsável pelo seu doutrinarismo (ver I Tim. 4:1 e ss. e 6:3). Ele será responsabilizado por seu exemplo (ver I Cor. 11:1). Como um pai para seus filhos, assim é um mestre para com os demais irmãos na fé. Ele deve para eles três coisas principais: exemplo, exemplo, exemplo. (Quanto a notas expositivas completas sobre o julgamento do crente, ver II Cor. 5:10. Ver acerca das «recompensas», em I Cor. 3:14; e acerca das «coroas», em II Tim. 4:8 e as respectivas notas expositivas).

O mestre e o pregador cristãos movimentam com a mais preciosa de todas as entidades—a personalidade humana. No plano espiritual, tratam do bem-estar das almas. Isso não é coisa sem importância, o que explica a advertência do presente texto. Os mestres cristãos praticamente não são recompensados financeiramente; mas, se fizerem bem seu trabalho, grande será o seu peso de glória. Mas, se Deus está envolvido no caso, isso se dá em

2 πολλὰ γὰρ πταίμεν ἅπαντες,<sup>a</sup> εἰ τις ἐν λόγῳ οὐ πταίει, οὗτος τέλειος ἀνὴρ, δυνατὸς χαλινᾶγωγῆσαι καὶ ὅλον τὸ σῶμα.

3:2. Pois todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavras, esse é homem perfeito, a capaz de refrear também todo o corpo.

A língua é um membro bem pequeno do corpo. Mas tanto é difícil de ser controlado como é potencialmente traiçoeiro. Um homem, pois, pode ter pleno controle sobre todos os demais aspectos de sua vida, e, no entanto, ser apanhado em pecados da língua, pelo menos em certas ocasiões.

...tropeçamos em muitas coisas... Todos cometem equívocos dos tipos mais diversos; talvez o erro mais comum seja o da língua. É fácil dizer palavras duras e apressadas, proferir ofensas de alguma espécie, sem termos consciência ou não de que ofendemos ao próximo. Portanto, se houver algum crente que não ofende com a sua língua, e nem comete erro verbal, então terá de ser, para todos os efeitos práticos, um homem perfeito, porquanto não ofende em qualquer palavra sua.

...tropeçamos... No grego é «ptaio», literalmente, «tropeçar», mas que, em sentido moral, significa «errar», «equivocar-se», «pecar». A declaração que todos «tropeçamos» é uma admissão de pecado universal, pois estão em foco erros morais, e não equívocos não-morais. (Ver Rom. 3:9-18; I João 1:8; Eclesiástico 7:20; 19:16; II Esdras 8:34 quanto à universalidade do pecado). Com isso concordam vários autores pagãos. (Ver Sêneca, *De Clem.* i, 6). Os pecados constantes da língua, como aqueles a que os homens, em sua maioria, estão sujeitos, também formam um tema dos antigos escritores. (Ver Pro. 15:1-4, 7, 23, 26, 28; Eclesiástico 5:11 - 6:1; 22:27 e 28:13-26).

...perfeito varão... Alguém moralmente perfeito, não sujeito aos pecados e erros de outros homens, porquanto demonstra, em sua linguagem, que não tem defeito. Se tivesse algum defeito, certamente o mostraria com suas palavras, em algum ponto, ao conversar com outros. Naturalmente, esse «perfeito varão» (impeccável) é um caso hipotético. Tiago não afirma que realmente existe algum homem assim. O adjetivo «...perfeito...» é aqui usado para indicar a «perfeição moral», e não a maturidade espiritual, porque assim o exige o contexto. Até mesmo um homem moralmente maduro, certamente ofende com palavras, ocasionalmente. (Quanto a usos da palavra «perfeitos», com esse sentido, ver Mat. 5:48; Col. 1:28; 4:12; Sabedoria 9:6; Gên. 6:9; Eclesiástico 44:17). A perfeição, no sentido neotestamentário, consiste da participação nas virtudes positivas de Deus, como o amor, a justiça e a bondade (ver Gál. 5:22, 23 e as notas expositivas ali existentes), e não meramente de ser alguém impecável. A perfeição absoluta, negativa e positivamente considerada, é o grande alvo moral de todos os crentes; e isso eles poderão obter mediante a transformação segundo a imagem moral de Cristo, mediante o poder do Espírito Santo. (Ver II Cor. 3:18; Efê. 4:12 e Heb. 7:11, 19).

...capaz de refrear também todo o seu corpo... O pecado é retratado como algo que se utiliza do corpo, embora isso não indique que o próprio corpo é pecaminoso, e nem que o pecado não existe na alma ou homem interior. O autor sagrado simplesmente preferiu fazer uma declaração

3 εἰ δὲ τῶν ἵππων τοὺς χαλινούς εἰς τὰ στόματα βάλλομεν εἰς τὸ πείθεσθαι αὐτοὺς ἡμῖν, καὶ ὅλον τὸ σῶμα αὐτῶν μεταγομεν.

<sup>1</sup> 3 [C] εἰ δὲ 33 104 161 326 330 436 451 2492 [H] ἀπομνημόνιον v.g. corp<sup>10</sup> John-Damascenus Ps-Oreumenuia ὁ δὲ for εἰς N A B C K P Ψ 049 050 0142 3 154 81 88 014 029 030 045 1241 1305 1739 2127 2412 2495 Byz Lect 297<sup>1</sup>

[τα στοματα] το στομα p<sup>14</sup>A 33 al sy

A confusão itacista entre *ei* e *i* por ser extremamente comum, faz possível que um copista escreveu *ide* mas quis dizer *ei* δε, ou vice-versa (ver Moulton-Howard, *Grammar*, págs. 76 s). O editor, pois, deve escolher a forma que, em seu

todos os aspectos da vida cristã, contanto que a pessoa envolvida tenha sido chamada pelo Senhor para aquele mister. Cada pessoa tem uma missão específica a cumprir, sendo pessoa sem-par; e isso não somente agora, neste mundo, mas também por toda a eternidade. (Ver Apo. 2:17, nas notas expositivas ali existentes, acerca desse conceito). Cada indivíduo será responsabilizado pelo modo como tiver cumprido sua própria vida, e então, sua própria missão.

...havemos... Notemos o verbo na primeira pessoa do plural, em que o autor sagrado inclui a si mesmo, mostrando ser ele um dos «mestres» da igreja. Provavelmente não temos aqui apenas um toque polido, em que o orador se inclui na exortação, conforme fazem os mestres e os oradores, a fim de suavizarem suas expressões.

Havia proselitismos fanáticos e manias por polêmicas que talvez tenha encorajado a alguns para tomarem a si a tarefa de ensinar, mas que realmente não haviam sido preparados para isso pelo Senhor. Além disso, na sinagoga, todos os tipos de mestres eram convidados a falar, para que as idéias pudessem ser trocadas de modo «liberal». É bem possível que esse costume tenha sido insuflado na igreja. Seja como for, o autor anseia que não houvesse um número demasiado de mestres, e que os já existentes tomassem a sério a sua responsabilidade, não usando o ensino como meio de satisfazer alguma maneira ou fanatismo. Em *Pirke Aboth*, cap. 1.10, encontramos um aviso contra os mestres (certos rabinos), os quais, em seu zelo fanático, espantavam os discípulos e usavam o ensino para efeito de autoglorificação. (Isso pode ser comparado com as palavras de Jesus, em Mat. 23:1-12). Muitos gostavam de ser chamados «Rabino, rabinol», e usavam a posição de mestres como trampolim para propósitos autoritários e egoístas. Os trechos de Atos 15:24; I Cor. 1:12; 14:26; Gál. 2:12 ilustram o problema de um grande número de mestres, muitos dos quais, na realidade, não foram chamados por Deus para o ofício, e alguns dos quais são até mesmo inimigos da verdade do evangelho.

óbvia: o corpo é instrumento fácil do pecado. O sexto capítulo da epístola aos Romanos desenvolve amplamente esse tema. O corpo pode ser um escravo do pecado, mas também pode ser um escravo da justiça. O homem perfeito, que controla a sua língua, o mais incontrolável de todos os membros do corpo, também será capaz de controlar o corpo inteiro, para que, em nenhuma instância, venha a tornar-se veículo de ações pecaminosas. O corpo é um instrumento pelo qual o homem se expressa nesta plana terrena. Quando peca, quase sempre usa seu corpo de alguma maneira. O homem perfeito exerce controle sobre o seu corpo, como um homem controla um cavalo com os arreios. Os arreios estão ligados a uma peça posta na boca do animal, que o força a obedecer. Os arreios dão ao cavaleiro o controle do cavalo inteiro, já que pode controlar suas ações desde a cabeça. Assim também, um homem perfeito exerce completo controle sobre seu corpo, desde a língua.

Até mesmo o homem espiritualmente maduro, embora precavido em suas palavras, ofende com a língua. «Quem multiplica palavras ocasiona o pecado». (*Pirke Aboth* 1,18). O homem que controla bem sua língua, por semelhante modo saberá controlar bem toda a sua vida moral, ainda que, ocasionalmente, caia em alguma falha. O controle da língua é evidência de controle em geral.

Embora aqui não sejam diretamente salientados os «mestres», devemos entender que a passagem continua tendo aplicação a eles, se é que não somente a eles. Um bom mestre é aquele que controla e refreia a sua linguagem, e, portanto, toda a sua vida, tornando-se um bom exemplo nesse particular, utilizando-se de sua faculdade da fala para o bem, e não para o mal.

*Falar é barato.* 'Palavras, palavras, somente palavras'. Ele é apenas um falador'. Essas afirmativas ilustram uma comum depreciação da importância da linguagem. Porém, haverá outras coisas, neste mundo, tão potentes para o bem ou para o mal como as palavras? A fala é a faculdade que distingue o homem dos animais irracionais. É um sinal de personalidade. O subconsciente se manifesta somente através da fala. O pensamento é impossível sem as palavras, que expressam as idéias. A ação é precedida pelo pensamento. Conforme disse Heine, 'O pensamento antecede à ação, como o relâmpago antecede ao trovão'. Porém, o pensamento é impulsionado por sugestões verbais. Toda a cooperação entre os seres humanos depende, para seu sucesso, da comunicação verbal... A solidariedade cultural de um grupo se alicerça sobre um idioma comum. O caráter é revelado pela linguagem empregada pelo indivíduo. 'O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração' (Luc. 6:45). Por conseguinte, Tiago não se equivocou quando deu tão grande importância ao uso da língua». (Easton, *in loc.*).

Disse comigo mesmo: Guardarei os meus caminhos, para não pecar com a língua; porei mordaça à minha boca... (Sal. 39:1).

corp<sup>10</sup> arm Theophylact 3 1504 1871 3 154 γάρ N\* εἰς: xpi 3 2949 ergo it<sup>10</sup>



juízo, é mais apropriada ao contexto. De acordo com isso, a maioria da comissão preferiu *εἰ* *δέ* como a forma mais difícil, e explicou o surgimento de *ἰδε* parcialmente como resultado de itacismo e parcialmente como harmonização com *ἰδοῦ* nos vss. 4 e 5. O Textus Receptus assimila a *ἰδοῦ*, com 36 483 614 1874 1877.

3:3: *Oru, se pones freios na boca dos cavalos, para que nos obedeam, então conseguireis dirigir todo o seu corpo.*

O autor sagrado passa agora a mostrar o controle do homem inteiro, através do controle da língua, utilizando-se de duas ilustrações: o freio, que controla os cavalos (terceiro versículo), e o leme, que controla os navios (versículo quarto). A isso ele adiciona ainda uma outra ilustração, a fim de mostrar quão grande destruição pode ser feita pela língua: ela se assemelha ao fogo que incendeia. Começa com uma pequena chama, mas sai de controle e produz um dano incalculável (versículos quinto e sexto).

**Variante Textual:** Essa é a forma que aparece em quase todas as manuscritos, e certamente é a forma correta (no grego «*ei de*»). Porém, devido à confusão itacista (substituição de letras por outras de som semelhante), «*ei de*» foi transformado em «*ide*», em que «*ei*» é substituído por «*i*». E visto que nos antigos manuscritos gregos não havia espaço entre as palavras, essa foi o resultado. Os manuscritos que dizem «*ide*» (em português, «*ide*»), são *cp* e alguns poucos manuscritos minúsculos. Disto se desenvolveu «*idou*», em harmonia com o quarto versículo, que é leve modificação de «*ide*». Trata-se de um sinónimo de «*ide*». Vários manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina, trazem essa variante, a qual chegou até ao Textus Receptus, ou seja, em quase todas as traduções. Os mss. Alex. S. P. dizem «*ide gar*», «*pola eis*», que é ainda mais secundária. A forma «*ei de*» é a forma correta, o que fica demonstrado pela evidência objetiva esmagadora. Não

4 ἰδοῦ καὶ τὰ πλοῖα, τηλικαῦτα ὄντα καὶ ὑπὸ ἀνέμων σκληρῶν ἐλαυνόμενα, μεταγεται ὑπὸ ἐλαχίστου πηδαλίου ὅπου ἡ ὁρμὴ τοῦ εὐθύνοτος βούλεται.

3:4: *Vede também os navios que, embora tão grandes e levados por impetuosos ventos, com um pequenino leme se voltam para onde quer o impulso do timoneiro.*

Tal como o cavalo, que é um animal grande, pode ser controlado por um minúsculo freio posto em sua boca, assim também um grande navio pode ser controlado por um relativamente pequeno leme. E assim também, o indivíduo que tem sua língua sob controle, em todos os sentidos é um homem autocontrolado. Dessa maneira, o autor sagrado ilustra a tremenda importância da língua, que pode ser usada para o bem ou para o mal. E os mestres cristãos, cujo principal instrumento de trabalho é a língua, deveriam cuidar disso, sabendo como controlar a língua, tal como sabem manejar seu conhecimento bíblico.

«...tão grandes...» Os navios, nos tempos antigos, embora não fossem tão gigantescos como os que agora são fabricados, às vezes eram bastante grandes. O navio que transportava Paulo para Malta trazia duzentas e sessenta e seis pessoas a bordo. (Ver Atos 27:37).

«...batidos de rijos ventos...» Os ventos são «rijos», e, portanto, ameaçadores e impelidores. Contudo, o pequeno leme, a despeito da situação que de outro modo seria desesperadora, pode manter o navio em seu devido curso. Por igual modo, a língua, apesar de pequena, realiza grande função ou efetua grande mal. O homem, sem a ajuda de Deus, é como um cavalo fogoso, ou como um navio batido pelas ondas e pelo vento. Não obstante, pode ser controlado, tal como a língua, que é centrada na personalidade humana, pode controlar o homem todo. Os ventos rijos simbolizam as tentações e impulsos a que uma pessoa está sujeita, e que podem afetar sua fala, fazendo grande diferença em sua expressão espiritual.

«...impulso...» No grego é «*orme*», «impulso», «desejo», usado no N.T.

5 οὕτως καὶ ἡ γλῶσσα μικρὸν μέλος ἐστὶν καὶ μεγάλα αὐχεῖ. Ἴδοῦ ἡλίκον πῦρ ἡλίκην ὕλην ἀνάπτει.<sup>b</sup>

<sup>a</sup> 5-6: (see footnote c) <sup>b</sup> major: TR WH Bov Nes RP<sup>7</sup> Jer<sup>1</sup> // <sup>c</sup> exclamatory; <sup>d</sup> minor: AV RV<sup>1</sup> ABV<sup>1</sup> TT Luth Eng // <sup>e</sup> exclamatory; <sup>f</sup> major: RV ABV RBV NRB

Zür // <sup>f</sup> minor; <sup>g</sup> major: Jer

3:5: Assim também a língua é um pequeno membro, e se gaba de grandes coisas. Vede quão grande beirica um tão pequeno fogo incendeia.

Tal como o freio, na boca de um cavalo, ou tal como o leme de um navio, a língua, apesar de ser um pequeno membro, envolve uma capital importância no controle da personalidade. Pode gerar uma grande e destrutiva malignidade, como uma fagulha, que começa minúscula, mas que não demora a engolfar uma grande floresta.

«...se gaba de grandes coisas...» Essas palavras podem significar: 1. Presume realizar grandes coisas, devido a seu orgulho. 2. Jacta-se por mostrar a suposta grandeza pessoal, o que é resultado da auto-exaltação; e o restante do versículo mostra que tal atitude e ação resultam em grande perversão e ludíbrio. 3. Outros estudiosos pensam que isso significa que a língua afirma que «realiza grandes coisas» (mas em sentido negativo, pois tais coisas são prejudiciais). E essa opinião é possível, devendo ser incluída na aplicação das palavras, se é que não as interpretam diretamente. Combinando as várias idéias, precisamos somente pensar sobre os grandes oradores gregos e sobre o poder que exerciam sobre as multidões; e, nos tempos modernos, Hitler, ditador alemão, inflamava as massas com sua oratória; os políticos e as figuras religiosas cuja oratória é poderosa, exercem influência sobre vasto número de pessoas, para o bem ou para o mal.

«...uma fagulha põe em brasas tão grande selva!...» O autor sagrado passa a ilustrar os efeitos malignos e de longo alcance que podem ser gerados pela língua. A maldicência pode acumular e arruinar completamente a reputação de alguém; a oratória de um militar pode iniciar uma guerra; as falsidades agradáveis, ditas por algum mestre cristão, podem fazer desviar-se uma alma eterna.

A floresta incendiada era uma das metáforas favoritas dos antigos. (Ver Píndaro, *pyth.* iii.36.37; Eurípides, *Ino, frag.* 411; Filo, *de decal.* 32, M.

obstante, o sentido em nada se altera com a variante.

«...pomos freios na boca dos cavalos...» O autor sagrado continua a sua ilustração sobre o cavalo, iniciada no versículo anterior. A brida é posta sobre a cabeça do animal; a brida segura o freio, o qual é posto na boca do cavalo; e os arreios dão ao cavaleiro um meio de controlar o animal, pois pode fazer a cabeça dele voltar-se para um lado e para outro, conforme ele quiser. Assim também, um freio na boca de um homem pode controlar sua personalidade inteira. O termo grego aqui usado, «*chalinós*», pode significar a «brida» inteira; e alguns intérpretes assim entendem a frase, ansiosos por fazer isso concordar com a forma verbal da mesma palavra, no segundo versículo. Mas, seja como for, a ilustração é perfeitamente clara, porque a brida inclui o freio. Se um homem puder controlar sua boca, é quase certo que também poderá controlar tudo o mais. Porém, se lhe falta tal controle, é quase certo que também não conseguirá controlar outras áreas de sua própria personalidade. (Quanto à idéia geral deste versículo, controle mediante a brida e o freio, usada como metáfora de autocontrole espiritual, ver Filo, «*de Mundi Opif.*», pág. 19r. Ele mostra quão fácil é controlar até os mais fogosos cavalos por esse método. Ver igualmente Zac. 14:20 e Sal. 32:9).

A mesma coisa se aplica «...à pena, substituto da língua». (Bengel, *in loc.*)

aqui e em Atos 14:5. O piloto do navio movimenta o leme para o lado que desejar, e esse desejo é governado pelas exigências da viagem. Assim também a língua é controlada pelos impulsos e desejos íntimos da pessoa que a usa. A raiz do abuso da língua reside no caráter íntimo da pessoa que a usa. Por conseguinte, se a língua tiver de ser controlada, se-lo-á pelo desenvolvimento espiritual do homem interior, pela espiritualização do crente, para que este venha a compartilhar da natureza moral de Cristo. Por conseguinte, no sexto versículo deste capítulo, a língua é comparada às chamas do inferno; e esse é o controle do mal, sobre a personalidade, que o leva a exibir sua depravação por aquilo que ele diz, por aquilo que ele ensina e pela maneira como conversa com seus semelhantes. Alguns pensam que o «impulso», neste caso, seja a «pressão do timoneiro sobre o leme»; porém, até mesmo tal «pressão» vem do íntimo desejo, pelo que, seja como for, a metáfora em nada se altera basicamente.

«...timoneiro...» Este representa o próprio indivíduo, que pode usar corretamente de sua faculdade da fala ou pode abusar dela. Ele representa cada um de nós. Ou ele representa o impulso íntimo que se baseia no grau de espiritualidade que o crente tiver conseguido alcançar.

Uso dessas metáforas. A combinação das ilustrações do cavalo e do navio, como metáforas da manifestação do uso da língua, a fim de ensinar uma lição moral ou espiritual, é algo que o autor sagrado não criou, mas antes, tomou por empréstimo. O mesmo simbolismo é encontrado em Plutarco, *de aud. poetis.* 12, par. 33; *de genio Socratis.* 20, par. 588E; Aristipo, em Stobaeus, *Antol.* iii.17.17; Filo, *de opificio mundi.* 29; *Leg. alleg.* iii.79; *de agricult.* 15; *de confus. ling.* 23; *In Flacc.* 5. A figura de linguagem constante do leme do navio, usada separadamente, é encontrada em Lucret., «*de rer nat.*» iv.863-868. Em Sophocles, *Antig.* 477F é usado o simbolismo do cavalo.

5 ἡλικον ἡλικην πῦρ ἡλικην ὕλην ἀνάπτει.<sup>b</sup>

5 ἡλικον ἡλικην πῦρ ἡλικην ὕλην ἀνάπτει.<sup>b</sup>

Par. 208). Por semelhante modo, é usada a conflagração de uma cidade, como ilustração. (Ver Filo, *de Migr. Abra.*, 12. M. par. 455; Sêneca, *Contrav. excerptia.* v.5; Diógenes de Oinaanda, filósofo epicureu do século II D.C., *fragm.* xxvii.3). Nos escritos judaicos, tais metáforas podem ser vistas em Isa. 9:18; 10:18; Sal. 83:14; Eclesiástico 11:32. A língua é comparada ao fogo, em Sal. 120:3 e s., e há paralelos dessa metáfora, muito comuns, no Talmude.

«...grande selva...» Essa tradução reflete a interpretação da maioria dos eruditos, mas alguns deles compreendem aqui «quão grande quantidade de material é incendiada». A razão disso é que o termo grego «*u-le*» pode significar uma coisa ou outra. Porém, o mais provável é que esteja em foco a idéia da «floresta», mais de acordo com a linguagem metafórica que vinha sendo usada por Tiago até este ponto.

A língua, semelhante a um navio que perde o leme, pode descontrolar-se; e, tal como um navio, pode perder o seu ancoradouro, ficando descontrolado, em alto-mar. Também pode produzir efeitos prejudiciais de longo alcance, como uma pequena chama pode engolfar uma floresta inteira. Contra essas condições é que o autor sagrado nos adverte.

«Quão vastas quantidades de madeira, de imensas florestas, de edifícios majestáticos, de cidades e aldeias populosas, são atacadas por uma fagulha, e, dentro de poucas horas, encontram-se totalmente destruídos. Um dos provérbios usados por Ben Siraque era «Os incêndios devoram grandes montões», sugerindo que uma língua má também pode praticar grande dano...» (John Gill, *in loc.*).

Como quando o fogo  
Apanha uma floresta fechada, e o vento  
O impulsiona em ondas, enquanto os troncos  
Caem com as suas copas entre as chamas devoradoras.  
(Homero, *Ilíada*, xi.166).



6 καὶ ἡ γλῶσσα πυρ,<sup>b</sup> ὁ κόσμος τῆς ἀδικίας,<sup>c</sup> ἡ γλῶσσα<sup>c</sup> καθίσταται ἐν τοῖς μέλεσιν ἡμῶν, ἡ σπιλοῦσα ὅλον τὸ σῶμα καὶ φλογίζουσα τὸν τροχὸν τῆς γενέσεως καὶ φλογιζομένη ὑπὸ τῆς γεέννης.

<sup>a</sup> ἡ γλῶσσα ὡς ἡ minor, e nome: B01 N01 B7<sup>a</sup> J01 // e maior, e nome: RV=0<sup>a</sup> ABV=0<sup>a</sup> TT Luth B01 // e minor, e minor: RV=0<sup>a</sup> ASV=0<sup>a</sup> // e nome, e nome: WH RV ABV

RSV NEB Zor // different text: TR AV

6 ἡ σπιλοῦσα...γενέσεως Mt 12:36-37; 18:11, 18, 19

6 και 10<sup>a</sup> om K<sup>a</sup> (εἰς, ὁ ἀναπτει η γλωσσα.) | (πυρ, ο κ. της αδ., η γλ. καθ. . . ημων, η) πυρ. . . αδ. η γλ. . . R<sup>a</sup>: πυρ, ο κ. της αδ. . . ημων η R<sup>m1</sup>: πυρ. . . αδ., η γλ., . . ημων η R<sup>m2</sup> | η γλωσσα 2<sup>a</sup> γραφει οτως P ρη ς: γραφει οτως και L 104 ρε | η σπιλ. και σπιλ. K<sup>a</sup> 33 | γενεσεως add ημων K ρc ρg ap

316: A língua também é um fogo, sim, a língua, qual mundo de iniquidade, calcando sobre os nossos membros, contamina todo o corpo, e inflama o carro da natureza, sendo por sua vez inflamada pelo inferno.

A língua é um pequeno membro, mas quão grande é o seu poder! Conforme comenta Easton (*in loc.*): «A língua é uma chama que pode inflamar uma multidão, levando-a a praticar um linchamento. A língua é um pequeno membro, mas pode inspirar uma nação a uma ação heróica. Palavras iracundas iniciam contendas, destroem amizades, destroçam lares, instigam guerras. Por outro lado, palavras consoladoras podem salvar uma alma do desespero; palavras ousadas podem desferir golpes poderosos em favor da justiça; palavras inspiradas podem indicar a marcha na direção do alvo da fraternidade humana. Alguém já disse: 'Uma palavra, proferida em um momento solene, pode ser uma palavra mais poderosa para o bem ou para o mal do que qualquer ato físico'. E Píndaro escreveu: 'Mais que as ações, vivem as palavras'. (*Nemean Odes*, IV). Pensemos nas reverberações das conclusões do discurso de Gettysburg, de Lincoln. Pensemos no que poderia ter sucedido à Inglaterra, se não fosse alguém como Churchill, que falou em 'sangue, suor e lágrimas'. O efeito que Jesus tem tido na história se deve às suas palavras; o efeito que Hitler teve sobre seu povo, foi igualmente mediado. 'Tanto a glória como a desgraça vêm do falar', disse Ben Siraque, em Eclesiástico 5:13. Admira-nos, pois, que Jesus tenha dito: 'Por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado' (Mat. 12:37)? 'Muitos têm caído pelo fio da espada, mas não tantos quantos têm caído pela língua', é a verdadeira afirmativa de Ben Siraque, em Eclesiástico 28:18. Então ele também diz: 'Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas as palavras nunca poderão ferir-me'. Sim, se a religião de um homem lhe confere o controle da língua, de tal modo que as suas palavras edifiquem, e não corrompam (comparar com Efé. 4:29), sua religião é útil; caso contrário, ela terá fracassado no ponto mais crucial. (Comparar com Tia. 1:26).»

«...língua é fogo...» Isto é, um incêndio que tem início em pequena fagulha, mas que cresce e se transforma em uma das forças mais destruidoras que há, segundo é ilustrado no versículo anterior. O fogo fala, aqui, de uma destruição «descontrolada e terrível». Um cavalo pode ficar indomável, sem seu freio; o navio não poderá ser controlado em alto-mar, se não tiver leme; o fogo que incendeia a floresta é algo como um terror incontrolável. Todas essas coisas ilustram o emprego da língua, quando não é controlada pelo Espírito Santo.

«...mundo de iniquidade...» Várias interpretações têm sido dadas a essas palavras, a saber:

1. Alguns pensam na tradução «ornamento de iniquidade», o que é possível porque o termo grego «kosmos» pode significar «mundo» ou «enfeite». Poderia ser a língua um ornamento de decore e graça; mas, uma vez que é descontrolada, enfeia aquilo que deveria ser belo. Essa interpretação é possível, mas o sentido dificilmente é aquele tencionado pelo autor sagrado, embora sirva de excelente ilustração homilética. A oratória é um exemplo de como a língua pode ser decorativa.

2. A língua é um «símbolo» que representa o mundo ímpio. Novamente, temos uma boa ilustração, mas ainda não é a interpretação certa.

3. A língua representa o submundo, o inferno, o qual pode incendiar a vida humana toda, devido às suas malignas propensões, que se manifestam em defeitos internos. Essa ilustração é boa, mas não é a interpretação central. A própria língua é uma espécie de mundo pessoal, que incorpora em si mesmo a expressão do ser humano em sua totalidade.

4. A língua é o «instrumento do mundo maligno em que vivemos». Certamente há nisso uma verdade, mas dificilmente é a interpretação que devemos buscar.

5. Provavelmente, tudo quanto Tiago quis dizer é que a língua, embora seja um membro minúsculo, uma vez que é incendiado pelo inferno, torna-se algo monstruoso, incorporando muitas maldades, tal como o próprio mundo é algo grande, expansivo, incorporando em si mesmo grande acúmulo de iniquidade, geralmente totalmente ímpio em suas atitudes e ações.

Portanto, a iniquidade toda do mundo pode concentrar-se na língua. Isso mostra a «imensidade» da iniquidade que a língua representa, tal como o mundo é por nós reputado como algo imensamente hostil e maldoso. «O pequeno mundo de um homem é uma imagem do mundo maior, isto é, do universo; assim também a língua é uma imagem do primeiro» (Bengel, *in loc.*). Em outras palavras, a língua incorpora em si mesma a vastidão de iniquidade deste mundo de homens ímpios. (Ver a palavra «kosmos», usada em mau sentido, em Tia. 1:27; 2:5 e 4:4, e comparar com os trechos de Mat. 12:32; Marc. 4:19 e Efé. 1:21, onde está em foco o mundo como algo maligno).

«...a língua... contamina o corpo inteiro...» A língua «...contamina...», isto é, macula o corpo inteiro. Leva o indivíduo a ocupar-se de muitas coisas duvidosas; encoraja-o a abusar de seu corpo; leva-o a macular sua personalidade toda. Essa expressão significa apenas que a língua se torna o instrumento pelo qual o indivíduo é arrastado a grande variedade de maldades. Com freqüência, os membros do corpo efetuam esses pecados, mas as palavras do autor sagrado são metafóricas, indicando o homem

inteiro e aquilo que ele pratica. Portanto, não precisamos pensar nos membros literais do corpo, como se estes, individualmente, fossem encorajados a praticar o mal, embora isso também possa acontecer. A língua amaldiçoa, profana, jacta-se, profere juramentos falsos, mente e engana; e também conduz à idolatria, ao adultério e ao homicídio. E dos males, o pior: quando deveria pronunciar-se pelo bem, mantém-se calada. Há uma declaração no Talmude que expressa praticamente a mesma idéia, fazendo a língua ser a causa da queda: «Quando Adão pecou, Deus o apanhou e dividiu sua língua em duas porções, dizendo-lhe: A iniquidade que há e que haverá no mundo, iniciaste com tua língua má; portanto, farei saber, a todos quantos vieram ao mundo, que tua língua é a causa de tudo isso» (Otiot Rabino Akiba, em *Ketoreth Hassammin*, sobre Gênesis, fol. 12:4). A língua traz a discórdia a uma família, a contenda a uma comunidade inteira ou o cisma em uma igreja local. Primeiramente contamina o homem, e então, por intermédio dele, todo um grupo de pessoas, que o cercam.

«...põe em chamas...» O «curso da natureza» é incendiado pela língua, quando esta é usada de maneira descontrolada, maligna e destruidora, mediante palavras e ações ameaçadoras.

«...carreira...» No grego é «trochos», um «curso», também usada mui freqüentemente como «roda». Alguns estudiosos preferem a tradução «ciclo da natureza». Na realidade, esse vocábulo tem deixado perplexos aos intérpretes, não havendo paralelos do mesmo em qualquer outra literatura. É impossível nos certificarmos sobre seu sentido original, embora possamos imaginar que era termo bastante comum no mundo antigo, de tal modo que os leitores originais da epístola sabiam do que se tratava, sem qualquer elaboração. Se considerarmos que está em foco o «curso da natureza», então provavelmente isso indica tudo quanto há na natureza, em suas funções e relações mútuas. A língua pode corromper a todos e a tudo, lançando o fel em todas as relações. Vincent (*in loc.*) fala sobre «a roda da existência», dando a entender que a natureza se manifesta em ciclos. Assim também Anacreonte (iv.7) descreve a vida humana como a roda de uma carroça, que vai girando sem cessar. Talvez o autor sagrado imaginasse essa roda totalmente em chamas, a destruir tudo à sua passagem, ao mesmo tempo que vai sendo consumida. A língua é aquele elemento que inicia seu movimento destruidor. O autor ensina a «vastidão» do mal possível que a língua pode trazer, o que é um pensamento reiterado nesta seção, ilustrado de várias maneiras. O «fogo», vinculado a isso, fala sobre a natureza destruidora e descontrolada do mal. E visto que a natureza é aqui pintada em ciclos, podemos supor que o autor sagrado também queria impressionar-nos com o fato que a chama do mal, uma vez acesa, passa através de ciclos, só podendo ser apagada com extrema dificuldade. Isso é uma maneira diferente de dizer que os pecados dos pais se estendem, em seus resultados, até à segunda e terceira geração, embora não se limite a esse pensamento.

Tal como uma roda pode girar e girar sobre seu próprio eixo, sem ir a lugar nenhum, assim também pode haver a repetição do mal, que nunca cessa, e que se mostra insensato e inútil, no tocante a bons propósitos.

A idéia da roda e dos ciclos aparece em muitas conexões na literatura grega, algumas delas totalmente desvinculadas da presente seção, a saber: 1. Mutabilidade da sorte, os altos e baixos da vida, a «sorte» descontrolada e imprevisível. (Assim aparece o termo em Anacron, *Orac. sibyll.*, ii.87). 2. Muito movimento sem progressão, usado como argumentos apresentados sob «diferentes» palavras, mas sem que se consiga qualquer iluminação mental. (Assim faz Ocellus Lucano, filósofo neopitagórico, em *Lib. Univ. nat.*, i.15). 3. Gerações sucessivas, o ciclo da vida humana, conforme o uso de Eurípides em *Ino fragm.* 415 e *fragm.* 419. 4. A reencarnação ou transmigração das almas, em ciclos, conforme se vê nos ensinamentos órficos e pitagóricos (ver *Orph. fragm.* 226; Proclo, *In Palt. Tim. comm.* v., par. 330). 5. A «necessidade fatalista» também está em foco, em Filo, *De somn.*, ii.6, par. 665.

«...põe a mesma em chamas pelo inferno...» O termo grego aqui usado e traduzido como «...inferno...» não é «hades» (a esfera dos espíritos desencarnados), mas «gehenna», o lugar do fogo, de julzo e de destruição, onde habitarão os iníquos, perversos e malignos, após o julgamento final. (Ver Mat. 5:22 quanto a notas expositivas e explicações sobre essas palavras e seu uso. Ver também Marc. 9:45). Esse lugar maligno, caracterizado por chamas perenes, é pintado a estender sua maléfica influência e a «inflamar a língua», a qual, por sua vez, inflama o curso inteiro da natureza, bem como os ciclos da história humana.

O termo *Gehenna* é usado no N.T. por doze vezes. (Ver Mat. 5:22,30; 10:28; 18:9; 23:15,33; Marc. 9:43,45,47; Luc. 12:5 e aqui). A referência original era ao vale de Hinom, perto de Jerusalém, onde os antigos israelitas tinham sacrificado seus filhos a Moloque. Posteriormente, aquela área se tornou o monturo da cidade, e havia fogo contínuo ali, para queimar os detritos e impedir enfermidades e pestilências. Os criminosos executados, a quem se negava sepultamento, também eram sepultados ali. Por conseguinte, tornou-se o lugar um símbolo neotestamentário apropriado dos horrores do inferno. Sua contaminação é vista por Tiago como algo que chega até a esta terra, afetando, antes de tudo, a língua, que então assume



uma natureza infernal, e não demora a contaminar e destruir o que lhe está próximo. O fogo da língua é um fogo infernal.

«Foram-nos dadas duas orelhas, mas somente uma língua, conforme observaram os rabinos. As orelhas são expostas, mas a língua (por boas razões), é escondida por detrás dos dentes». (Faucett, *in loc.*, comentando sobre Tia. 1:19).

«Se uma palavra vale um ciclo, o silêncio vale dois, ou mesmo uma pedra preciosa». (John Gill, com uma declaração judaica em vista).

«Diz pouco e faz muito» (Shammai sobre *Pirke Aboth*, cl. 1, sec. 15,17 e 3,13).

7 πᾶσα γὰρ φύσις θηρίων τε καὶ πετεινῶν ἐρπετῶν τε καὶ ἐναλίων δαμάζεται καὶ δεδάσται τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ.

3:7: Pois toda espécie tanto da terra, como da aves, tanto da réptila como da animais do mar, se doma, e tem sido domada pelo gênero humano;

Todos os tipos de animais irracionais, grandes e pequenos, têm sido domados pelo homem, mas este não tem podido domar sua própria língua bestial. Os animais e as aves e os répteis todos se sujeitam ao homem, mas sua língua, dentro de seu próprio corpo, recusa-se a essa sujeição.

Este versículo apresenta ainda uma outra figura simbólica: a língua pode ser como um cavalo indomável (versículos dois e três), como um navio que perdeu o ancoradouro e é sacudido sem controle em alto-mar (versículo cinco), ou como um grande e incontrolável incêndio (versículos cinco e seis), ou mesmo como um mundo inteiro de iniquidade (versículo seis). Mas agora a língua é pintada como uma fera indomável, como uma serpente cheia de veneno mortífero (versículos sete e oito). Mais adiante ainda, a língua é retratada como uma fonte que emana, ao mesmo tempo, água doce e água amarga (versículo onze), ou como uma árvore que produz seu próprio fruto e fruto estragado (versículo doze).

O simbolismo inclui «aves», «répteis» e «peixes», uma lista comum de animais, que incorpora todos os gêneros. (Ver Deut. 4:17,18; I Reis 4:33; Ato 10:12; 11:6; Rom. 1:23). Todas essas passagens, em última análise, dependem de Gên. 1:20, 24:26. O controle dos animais pelo homem é uma observação hebraica comum. Ver Gên. 1:28; 9:2; Sal. 8:6-8 e Eclesiástico 17:4. Escritores gregos e romanos também usavam a idéia como metáfora de moralização.

«...feras...» Esse vocábulo, no grego, inclui os «quadrúpedes»: contudo, o termo grego «therion» é bastante laio, talvez usado para dar início à lista seguinte. Assim, tanto as aves, como os répteis e os animais marinhos, seriam «feras». No entanto, há intérpretes que vêem aqui o sentido que

8 τὴν δὲ γλῶσσαν οὐδεὶς δαμάσαι δύναται ἀνθρώπων· ἀκατάστατον κακόν, μεστὴ τοῦ θανατηφόρου.

8 μεστὴ τοῦ θανατηφόρου Ps 140,3. Ro 3,12

3:8: mas a língua, nenhum homem a pode domar. É um mal inextinguível; está cheia de poeira mortal.

Todos os tipos de animais se sujeitam aos seus domadores humanos; mas a língua, incendiada pelo inferno, e, portanto, sendo algo diabólico, está fora do controle humano, a menos que recebamos o auxílio divino, através da influência do Espírito Santo. Os animais podem ser ferozes, mas continuam sendo terrenos. O homem, em contraste, pode ser influenciado por seres malignos dos mundos espirituais (ver Ef. 6:12 e ss.), e assim é muito menos controlável do que as feras mais indomáveis; e isso é bem demonstrado pelo modo como ele usa a sua faculdade da fala.

Este versículo ensina, quase incidentalmente, a pecaminosidade universal do homem, porquanto a declaração que temos aqui abarca a tudo. Nenhum homem conseguiu domar completamente a sua língua, e isso mostra que todos os seres humanos são maus.

«...capaz...» Por si mesmo, o homem não pode conquistar sua vontade rebelde, o seu egoísmo e as manifestações dessas coisas através do uso da língua. Somente o Espírito Santo pode transformar o homem, para que sejam eliminadas essas coisas más de seu caráter. (Ver Gál. 5:22,23; II Cor. 3:18 e as notas expositivas ali existentes, acerca da «transformação moral»; e comparar isso com Mat. 5:48).

«...mal incontido...» No grego é «akatastetos», literalmente, «não contido», isto é, «indomável», «fugoso», «incontrolável». O mal se apossa da personalidade inteira, e os homens se tornam escravos de seus vícios. Não são eles que controlam os seus vícios; mas seus vícios os controlam. O mal não pode ser contido e dominado como podem sê-lo as feras. Em todos os homens a fera do mal está solta, a destruir tudo. Nenhum homem pode domar essa fera. Tal feito cabe exclusivamente ao Espírito Santo, o qual entra em contacto conosco, isto é, através da comunhão mística conosco. A língua é essa fera inquieta e indomável. Simboliza o mal incontrolável que há no íntimo, bem como seu principal expoente. Nunca foi engaiolado; está solto, e é perigoso. Tem a liberdade de destruir, e, com demasiada frequência, os homens não a temem, pelo que caem presa fácil dessa fera.

9 ἐν αὐτῇ εὐλογοῦμεν τὸν κύριον καὶ πατέρα, καὶ ἐν αὐτῇ καταρώμεθα τοὺς ἀνθρώπους τοὺς καθ' ὁμοίωσιν θεοῦ γεγονότας.

9 τοὺς ἀνθρώπους...γεγονότας Qm 1,26; 27; I Cor 11,7

Ao invés de κύριον, o Textus Receptus diz θεόν, seguindo K L maioria dos minúsculos vg sir (h) cop (sa,bo) al. A forma κύριον é preferível (a) por causa da combinação «Senhor e Pai», que é incomum (não ocorre em nenhum outro trecho da Bíblia) e mais provavelmente teria sido modificada para «Deus e Pai», e não vice-versa, e (b) por causa da evidência externa em apoio de κύριον que é decisivamente superior (N A B C P 4<sup>a</sup> 5 33 623 1739 1852 it (ff) vg (ms) sir (p) cop (bo(mss)) ara al).

3:9: Com ela bendizemos ao Senhor e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.

Este versículo dá início ao simbolismo da fonte, que emana tanto água boa

«Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio, e o que cerra os lábios por entendido» (Pro. 17:28).

«Como é que o fogo começa? Como é que a língua, que foi criada para propósitos bem diferentes, adquire essa propensão mortal? Tiago deixa-nos em dúvida sobre esse ponto. É uma inspiração do Maligno... A antiga serpente a insufla de seu próprio veneno. Transmite-lhe sua própria agência diabólica. Vive perpetuamente a incendiá-la (participio presente) do próprio inferno». (Plummer, *in loc.*). Portanto, o uso errado da língua é uma obra da carne, inspirada pelo princípio do mal que existe no universo. (Ver Gál. 5:19-21 quanto às obras da carne).

damos à moderna palavra «quadrúpede», isto é, animais terrestres, em contraste com os que vivem no mar e cruzam os ares com seu voo. É interessante que, em Ato 28:4,5, essa palavra é usada para indicar a «víbora» que mordeu o apóstolo Paulo; e isso mostra quão amplo é o uso desse vocábulo. (Ver também Heb. 12:20).

«...seres marinhos...» Embora algumas traduções digam aqui «peixes», o termo grego é «enaios», isto é, «pertencentes ao mar». Daí a tradução «seres marinhos», que se encontra em português. No grego bíblico, o vocábulo figura exclusivamente aqui, embora fosse de uso comum no grego clássico e no grego posterior.

A vida irrefletida dos pássaros,  
As feras que vaguiam pelos campos,  
A ninhada nascida no ar profundo,  
A todos ele apanha em suas redes,  
Amarradas em malhas que prendem,  
O homem, admirável em habilidade,  
E, com suas artes tão sutis,  
Ele mantém sob seu domínio as feras  
Que vaguiam pelo campo ou sobem nos montes altos;  
É pôr o jugo que agridão  
Sobre o pescoço do cavalo com crina baloiçante,  
Ou sobre o touro, na crista do monte,  
Indomável em suas forças.

(Sófocles)

«...se doma e tem sido domada...» Desde há muito que os homens aprenderam essa arte; há séculos que a vem praticando, e continuam a praticá-la. No entanto, nunca conseguiram e nem conseguirão domar a sua língua bestial.

ἀκατάστατον κακόν, μεστὴ τοῦ θανατηφόρου.

ΚΑΡΡ 1739 lat bo arm; R] ακατασχετον CKL 33 pl m sy c

«Sim, embora a natureza a tenha cercado de dupla barreira, os lábios e os dentes, ela salta para assediar e prejudicar os homens». (Faucett, *in loc.*).

«...carregado de veneno mortífero...» A fera que é a língua, e agora pintada como uma serpente extremamente mortífera, venenosa. Sua forma talvez tenha sugerido isso, embora sua malignidade fosse suficiente para sugerir a serpente que ali jaz oculta, aguardando suas vítimas, para atacá-las no momento oportuno.

A língua é como uma serpente, quanto à sua aparência, mas também quanto às suas ações. «O caráter irremediavelmente selvagem da língua, que excede em fúria às piores feras, deve ser o de um mentiroso, o de um difamador, de um blasfemador. Comparar com Sal. 140». (Punchard, *in loc.*).

Alford supõe que o simbolismo é aquele relatado acerca de Proteu, o qual evitava ser apanhado por Menelau mudando por muitas vezes de forma. Assim também a língua, um mal desassossegado e bestial, evita ser apanhada pelo poder domador do homem.

«A língua combina a ferocidade do tigre e a zombaria do macaco, com a sutileza e o veneno da serpente. Pode ser entravada, pode ser disciplinada, pode ser ensinada a fazer coisas boas e úteis, mas nunca poderá ser domada, e nela nunca se poderá confiar. Se não se usar de cuidado e vigilância, sua natureza maligna irromperá novamente, e os resultados serão calamitosos». (Plummer, *in loc.*). (Ver outras passagens bíblicas que se declaram contra os males da língua, como Pro. 16:27,28; Eclesiástico 5:13,14; 28:9-23, e das quais passagens Tiago pode ter extraído algo de suas idéias. Ver também as palavras proferidas por Jesus, em Marc. 7:15,20,23).

Variante Textual: Os mss chl e muitos manuscritos minúsculos posteriores trazem a palavra «indomável, ao invés de «incontido», que é a forma mais antiga, conforme se vê nos mss P(20), P(74), Aleph, ABC(1)P. A tradução de Goodspeed diz aqui «irreconhecível», e a tradução New English diz «intratável». Essa variante, evidentemente, resultou da substituição do termo primitivo por uma palavra de sentido similar, talvez considerada como um sinônimo. A consulta de qualquer bom léxico mostrará que as duas palavras têm sentido parecido. Aquilo que é «incontido», quase sempre é «indomável».

9 Κυριον θεον KL pm p vg sy<sup>h</sup> sa bo<sup>1</sup> c



é uma repreensão, já que é algo contrário à natureza, ao bom senso e ao entendimento espiritual. Tal uso da língua é uma revolta contra a natureza. Uma fonte não faz assim: uma árvore frutífera não pode produzir mais do que um tipo de fruto, alternadamente. O autor sagrado, pois, salienta que não faz bem espiritual algum para o homem ser ele uma bênção e uma maldição ao mesmo tempo, dependendo do capricho do momento. Isso é contrário à natureza; é uma demonstração de perversão, e não sinal de que tal homem, afinal de contas, não é assim tão mau, porquanto às vezes se utiliza da língua para bons propósitos.

«...*Senhor e Pai*...» Deus Pai está em foco, sendo ele também o Senhor, embora, normalmente, nas páginas do N.T., a palavra «Senhor» seja um título dado a Jesus Cristo. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Rom. 1:4, juntamente com o ensinamento sobre o «senhorio de Cristo». Quanto a notas expositivas sobre Deus como «Pai», ver João 8:42 e Rom. 8:15,16). Era prática dos judeus «bendizer» a Deus, em suas orações e em sua liturgia. Uma expressão comum era, «Bendito seja Deus!». De fato, isso se tornou tão comum que de cada vez que o nome de Deus era mencionado, seguem-se quase automaticamente as palavras *bendito seja ele*. O Talmude serve de ilustração sobre essa prática. (Comparar com Rom. 1:25; 9:5; II Cor. 11:31. Ver também Tia. 1:27 quanto a Deus como Pai). A expressão exata, «Senhor e Pai», não tem paralelo na literatura, mas cada título em separado era comum.

*Variação Textual:* O caráter incomum desse título, «Senhor e Pai», levou alguns escribas a modificá-lo para o mais familiar título «Deus e Pai». Assim dizem os mss KL, a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, e a Vg, o Cóp(h), o Cóp(a bo). Porém, os mss Aleph, ABCP, 4(1), f. 33, 823, 1739, 1862, o 1(f), a Vg (alguns manuscritos), o 81(p), o Cóp (bo, alguns manuscritos) e o Ara, servem de evidência objetiva esmagadora, em favor do título «Senhor e Pai». Outrossim, se originalmente o versículo tivesse a forma familiar, «Deus e Pai», nunca teria sofrido qualquer modificação. O trecho de Tia. 1:27 também traz essa expressão familiar, que serviu de modelo para a modificação variante.

...amaldiçoamos... (Quanto à prática condenável de «amaldiçoar», ver igualmente os trechos de Jô 31:30; Sal. 10:7; 62:4; 109:28; Luc. 6:28 e Rom. 12:14). O termo grego «kataraoimai» significa «amaldiçoar», «invocar o

10 ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος ἐξέρχεται εὐλογία καὶ κατάρα. οὐ χρή, ἀδελφοί μου, ταῦτα οὕτως γίνεσθαι.

3:16: Da mesma boca procede bênção e maldição. Não convém, meus irmãos, que se façam assim.

...uma só boca... Isso não é natural. Uma fonte produz água boa ou má; uma árvore frutífera produz um tipo ou outro de fruto. E contra a natureza um homem jorrar de si mesmo maldições e bênçãos. O fato que sua língua pode ser usada desse modo, mostra a sua depravação íntima. O presente versículo aplica o que é dito no anterior, e as principais idéias aqui apresentadas, são explanadas nas notas expositivas sobre o versículo anterior.

\*Essa incoerência é frequentemente increpada na literatura judaica; c se tornava urgentemente necessária, naqueles primeiros dias, porque isso não era reputado como algo repreensível. Comparar com Pro. 11:26; 24:24; 26:2 e 30:10». (Oesterley, *in loc.*).

...bênção e maldição...» A bênção é dirigida a Deus, e a maldição, contra o homem, conforme se vê no nono versículo. «Vida» ou «morte» estão ao alcance da língua (Ver Sal. 62:4).

...*meus irmãos*... Neste ponto, a expressão não é usada como sinal de transição para um novo assunto, conforme frequentemente sucede nestas epístolas. (Ver as notas expositivas sobre isso, em Tia. 2:1). Pelo contrário, o autor sagrado apela para a consciência dos «irmãos», que se inclinavam por acusar-se uns aos outros, ou a outros homens, que também tinham sido criados segundo a imagem de Deus (ver o nono versículo), ao mesmo tempo que, com sinais externos de piedade, bendiziam a Deus, na igreja ou em suas devoções particulares. Acima de tudo, aqueles que a si mesmos se chamam de irmãos em Cristo, e filhos do mesmo Pai celeste, deveriam ter

11 μήτι ἡ πηγή ἐκ τῆς αὐτῆς ὀπῆς βρῦει τὸ γλυκὺ καὶ τὸ πικρὸν;

3.11: Porventura a fonte delta da nossa abertura água doce e água salgada?

«...jorrar...» No grego é «bruo», que significa isso mesmo, «jorrar». Também era usado para indicar os «botões» de flores, quando se abriam, e, figuradamente, para dar a idéia de «plenitude». Neste caso, a fonte é imaginada a jorrar água em abundância.

“...doce e o que é amargo?...” Não é incomum encontrar uma fonte com traços de enxofre, e sabe-se que algumas das fontes das vertentes orientais da região montanhosa da Judéia produzem uma água salobra, desagradável, que causa náusea. Porém, podem tais fontes produzir, alternadamente, esse tipo de água e também água potável e boa? Isso seria uma fonte rara, na realidade! No entanto, o homem é esse tipo de ser. O pecado o perverteu, tornando-o um ser desnatural. Mas o autor sagrado deixa entendido que o homem espiritual pode vencer isso, e que realmente assim o fará!

As fontes de águas minerais, abundantes no vale do rio Jordão, perto do mar Morto, fazem contraste com os mananciais e riachos do norte, que são alimentados pelas neves do Líbano. O homem, pois, por assim dizer combina o norte e o sul, o bom e o perverso, o saudável e o enfermigo. O homem tem lançado em confusão a natureza de seu próprio ser. Plínio (ver *História Natural* 1:2, cap. 103), falava acerca de fontes que enviavam água doce e amarga, alternadamente, mas isso deve ter sido um fenômeno verdadeiramente raro.

12 μὴ δύναται, ἀδελφοί μου, συκῇ ἐλαίας ποιῆσαι ἢ ἄμπελος σῦκα; οὔτε ἄλυκόν<sup>1</sup> γλυκὺ ποιῆσαι ὕδωρ.

mal», «orar para que venha o mal», «proferir imprecções contra». É o contrário de «bendizer», e tem o intuito de prejudicar e degradar.

...feitos à semelhança de Deus...» Essa é a razão por que não se deve amaldiçoar a um homem, o que é similar, em mentalidade, ao trecho de 1 João 4:20, onde fica demonstrado que ninguém pode, realmente, amar a Deus e odiar ao próximo, ao mesmo tempo; porque o ódio a um implica no ódio a outro, e o amor a um subentende o amor ao outro. Portanto, se amaldiçoarmos a um ser humano, ser feito segundo a imagem de Deus, estaremos insultando a Deus, se não mesmo amaldiçoando-o, porque estaremos desejando prejudicá-lo, numa criação sua, e a quem ele não criou para que fosse degradada e prejudicada. (Ver o ensino vetotestamentário de que o homem foi criado segundo a imagem de Deus, e sobre o que o autor sagrado baseia o seu argumento, em Gên. 1:26; 9:6; Eclesiástico 17:3; Wisd. 2:23 e *Beresht* r. 24). O homem é uma espécie de expressão terrena de Deus, e amaldiçoá-lo é amaldiçoar a Deus, aquele que lhe serviu de modelo.

O homem tem por finalidade ser transformado segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18), chegando assim a compartilhar da natureza divina (ver II Ped. 1:4). Portanto, precisa ser respeitado, e não amaldiçoado. Entretanto, a língua, indomável e maliciosa como é, não respeita ninguém. Desrespeita ao homem e desrespeita a Deus. No entanto, amar ao homem é amar a Deus. (Ver Mat. 25:35 e ss.). Dessa maneira, aprendemos acerca da «solidariedade» do homem com Deus, uma importante doutrina do N. T. Deus planejou para o homem o bem. O indivíduo peca profundamente quando propositalmente fere a outros, a quem Deus deseja que seja feito o bem. «Absalão calra do favor do rei; mas o povo mesmo assim continuou a reconhecê-lo como o filho do rei» (Bengel, *in loc.*). Assim também, quando um homem cai do favor divino, continua sendo filho de Deus por criação, e, potencialmente, um filho através da transformação em Cristo, que é «o Filho».

Há um pensamento similar no Talmude, e que diz: «Não digas: Tenho sido desprezado nisto ou naquilo; que meu próximo também seja desprezado. Se assim fizeres, entende que estarás desprezando aquele de quem foi escrito, 'à imagem de Deus, ele o fez'». (Rabino Akiba, sobre Gên. 9:6).

consciência do dano que fazem, quando usam suas línguas uns contra outros, pois todos os homens são reputados igualmente valiosos aos olhos de Deus.

«O rabino Simeão, filho de Gamaliel, disse a seu servo, Tobias: Vai e me traz algum bom alimento do mercado; o servo foi e trouxe llinguas. Noutra ocasião, disse ele ao mesmo servo: «Vai e me traz algum alimento ruim do mercado; o servo foi e trouxe llinguas. E o mestre lhe perguntou: por qual razão, quando eu te ordenei que me trouxesses bom ou mau alimento, me trouxeste llinguas? E o servo retrucou: O homem faz o bem e faz o mal com a sua língua; se faz o bem, nada há de melhor; se faz o mal, nada há de pior.» (*Vayikra Rabba*, seção 33).

«A boca deseja estudar a lei e proferir boas palavras; glorificar a Deus e louvá-lo, celebrando-o com hinos; mas também pode caluniar, blasfemar, repreender e jurar falso». (*Rabino Tanchum*, fol. 10:4).

«Encontrar um homem que ofenda nas coisas sagradas mas que tem boca blasfemadora e caluniadora, é algo realmente monstruoso; porém, tem havido muitos casos dessa categoria, e já conheci diversos. Desejo dizer a todos esses: 'Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim'». (Adam Clarke, *in loc.*)

...ndo é conveniente... No grego é usado o termo «chre», que significa «necessário», «deve», uma forma impessoal de «chreo», «necessitar», «querer», «ser urgente», e que nos escritos religiosos é usado para indicar os imperativos morais. A palavra normalmente usada nesses casos, é «dei». O termo grego «chre» se encontra somente aqui, em todo o N.T., nesse uso impessoal.

καὶ τὸ πικρὸν;

«Somente nos tempos do fim, nos dias dos pecadores, quando toda a natureza reverter a sua ordem e mostrar-se madura para a destruição, é que tal fenómeno aparecerá». (Spitta, *in loc.*). (O presente versículo pode ser confrontado com o que diz a passagem de Mat. 12:34,35: «Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? porque a boca fala do que está cheio o coração...»).

*A Palestina é aqui aludida. A Palestina era terra de mananciais (ver Deut. 8:7; 11:11). Conforme disse Dean Stanley, em seu livro, «Sinai and Palestine»: «A Palestina era o único país onde um oriental poderia sentir-se familiarizado com a linguagem do salmista: 'Tu fazes rebentar fontes no vale, cujas águas correm entre os montes' (Sal. 104:10). Essas fontes, ainda que de pouca duração, são notáveis por sua copiosidade e beleza. Nem no Oriente e menos ainda no Ocidente, podem ser vistas fontes e origens de correntes tão claras e tão cheias até mesmo no seu nascedouro, como aquelas que deságuam no Jordão e em seus lagos; por todo o seu curso, desde o norte até ao sul». Esse mesmo escritor descreve uma «fonte» como «o 'olho' brilhante e aberto da paisagem». O meio ambiente palestino, apesar de sugerir aqui um «destino» da epístola, não exige isso em absoluto, e, menos ainda, que o próprio autor sagrado vivesse ali. (Ver a introdução ao livro, em sua seção III, «proveniência» e «destino»).*

«...a madeira (que tipifica a cruz de Cristo), transformou as amargas águas de Mará, em água potável». (Faucett, *in loc.*).

[illegible]

gor<sup>ms</sup> (eth) Cyril ἡ οὐρανὸς οὐραμία πηγή ἀληθείας καὶ Κ' Π οὐρα μία. 049  
050 0142 104 181 326 330 420 481 614 828 830 943 11803 2493 οὐραμία. 1877  
2127 2412 *Rys Lavt* Ρυ-4ουμενίου Theophylact



Muitos testemunhos, incluindo N C (2) K L P 049 056 0142 81 104 1739 it (ff) vg sir (p,h,com\*) cop (bo) *al*, adicionam οὕτως antes da negativa. Porém, já que era natural que copistas adicionassem tal palavra para aumentar a força da comparação, e já que está ausente de testemunhos antigos e importantes como A B C\* 88 2492 (txt) sir (h) cop (sa) ara, a comissão preferiu a forma mais breve. Menos provável ainda como original é a expansão que figura no Textus Receptus, que após οὕτως continua com οὐδεμία πηγὴ ἀλκυὸν καί, seguindo K (P) 049 056 0142 104 614 917.

3:12: *Moss irmãos, pode acaso uma figueira produzir azeitonas, ou uma videira figos? Nem tampouco pode uma fonte de água salgada dar água doce.*

«...Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas, ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce...» O autor sagrado toma uma outra ilustração da natureza, que mostra também a necessidade de coerência. Cada árvore frutífera produz seu tipo específico de fruta, e certamente não pode produzir, ora uma espécie, ora outra. Isso é impossível. E apesar de que isso seria uma deliciosa curiosidade, qualquer pessoa que observasse o fenômeno, pensaria que é apenas uma perversão, algo em que a natureza erra profundamente. E isso se daria especialmente se a mesma árvore produzisse, alternadamente, fruto comestível e fruto venenoso. Se esse fosse o caso, a árvore seria considerada uma afronta ao processo da natureza, e não apenas uma curiosidade. O homem, portanto produz fruto bom e fruto venenoso, também é uma afronta e uma perversidade da natureza.

«...figueira... azeitonas... videira...» Três frutos característicos da Palestina. (Comparar com Mat. 7:16; 12:33; Sêneca, *Ep.* 87:25; de ira, 10:6; Epict. *Diss.* ii. 29:18 quanto a figuras simbólicas similares).

Significados supostamente mais profundos têm sido visto no uso desses frutos, como se estivessem em loco lições morais e espirituais; mas não há que duvidar que tais interpretações são meras curiosidades, que não podem ser tomadas a sério: «A figueira, símbolo de uma vida natural luxuosa, não pode produzir oliveiras, que simboliza a vida espiritual. A videira, o símbolo da teocracia e do cristianismo, afinal, não pode produzir figos, isto é, a felicidade externa, a plenitude da vida natural dos judeus. Portanto, seu sentido seria o que segue: Se alguém quer ser um judeu natural, não pode produzir os frutos dos filhos do Espírito; mas, se por outro lado, quiser ser cristão, não poderá contemplar ideais do judaísmo, sentando-se debaixo da figueira da prosperidade externa, esperando desfrutar de seu fruto». (Lange, *in loc.*). O autor sagrado não estava apresentando qualquer simbolismo assim sutil, mas meramente ilustrava a monstruosidade do homem que, sendo comparado a uma árvore frutífera, produzia, alternadamente, fruto bom e fruto mau.

Ariano, aluno de Epicteto, diz algo similar: «Como poderia medrar uma videira, não como videira, mas como oliveira; ou uma oliveira, por outro lado, não como oliveira, mas como videira? Isso é impossível, inconcebível». As árvores, tal como os homens, são conhecidas por seus frutos, que mostram de que qualidades são eles. (Ver Mat. 7:20).

«...fonte de água salgada pode dar água doce...» O mar Morto, na Palestina, fica apenas acerca de vinte e cinco quilômetros de Jerusalém. Naquela área há muitos poços de sal, pantanais e fontes que contêm água salgada em variadas percentagens. Há grande abundância de riachos salgados e fontes salobras naquela região, além de fontes termais impregnadas de enxofre, que abundam no vale vulcânico do rio Jordão.

## XV. A Sabedoria Piedosa (3:13-18).

O primeiro versículo deste capítulo apresenta-nos a responsabilidade dos mestres cristãos: precisa aprender a usar sua língua com corretos propósitos, porquanto a língua é uma força poderosa. Então segue-se a seção acerca dos males da língua. A seção que ora se inicia, e que vai até ao fim do capítulo, está frouxamente ligada a ambos os temas. O mestre cristão deve ser homem sábio e dotado de conhecimento. Também pode haver outras pessoas, que não são mestres, mas que possuem essas duas qualidades. Usualmente, porém, aquele que tem muito conhecimento anela por transmiti-lo a outros. Porém, pode haver um conhecimento falso e uma sabedoria pretenciosa, que são essencialmente egocêntricos, ao passo que, na igreja de Cristo, o centro deve ser o Cristo. O egolista que se encontra em posição de autoridade na igreja, especialmente quando ensina, pode provocar um dano indescritível. Além disso, infelizmente, surgem rivalidades entre os mestres e outros líderes, todos asseverando possuir uma sabedoria superior; e, em tais casos, a igreja local sofre devido às dissensões. Nada disso, como é óbvio, pode proceder de Deus. Existe uma verdadeira sabedoria, e há também um conhecimento verdadeiro, que têm origem celestial, que não se presta para promover a dissensão. Naturalmente, isso é perfeitamente óbvio, mas com frequência agimos como se isso fosse um princípio escondido. Onde se encontra a dissensão, podemos estar perfeitamente certos que ali há também toda a forma de práticas vis; e basta um pouco de observação para mostrar isso. A verdadeira sabedoria, dotada de origem celestial, tende por acalmar águas perturbadas e trazer a paz. É plena de misericórdia, e não de amargura, e abunda em boas obras, em contraste com o espírito contencioso que promove somente o próprio «eu». O resultado final da sabedoria autêntica é a colheita da retidão, que resulta da sementeira pacífica. Isso significa que a comunidade da igreja cresce e progride segundo a imagem de Cristo vai sendo formada em seus membros. O final é a vida eterna. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em João 3:15).

13 Τίς σοφὸς καὶ ἐπιστήμων ἐν ὑμῖν; δεῖξάτω ἐκ τῆς καλῆς ἀναστροφῆς τὰ ἔργα αὐτοῦ ἐν πραΰτητι σοφίας.

3:13: Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostra pelo seu bem procedimento as suas obras em manifestação de sabedoria.

O homem verdadeiramente sábio não se esquece de seus deveres morais, tanto para consigo mesmo como para com a igreja cristã. Não podemos separar a sabedoria da conduta moral diária. Aquele que semeia as contendas, e busca os seus próprios interesses, quando muito, é sábio somente segundo o mundo. Ele não compartilha da qualidade da sabedoria divina, da penetração do pensamento divino, da ordem e da natureza hígida do conhecimento celestial. A sabedoria autêntica resulta em uma vida cristã autêntica. É isso que o autor sagrado diz aqui.

«...Quem entre vós é sábio e entendido?...» Essas palavras refletem um artifício retórico comum, o da diatribe, o estilo de escrito empregado pelo autor sagrado. (Ver a seção V da introdução quanto ao tipo literário desta epístola).

Portanto, se os leitores originais da epístola eram naturais da Palestina, haveriam de entender perfeitamente a linguagem simbólica usada. Haveriam de saber que existem fontes de água potável e também de água salobra, mas que é impossível que de um mesmo manancial jorrasse água boa e água salobra. Os mananciais de água potável trazem vida; os demais mananciais nada produzem senão odores asfixiantes. Somente o homem pode cultivar a prodigiosa monstruosidade de produzir o que é bom e hígido, para em seguida produzir influências e poderes malignos e mortíferos. Pelo menos no crenite, que é alguém que está sendo transformado para compartilhar da imagem de Cristo, isso não deveria ocorrer; o N.T. dá a entender que isso, realmente, não sucederá jamais.

*Variação Textual:* Um texto mais antigo, no tocante à fonte, se encontra nos mss KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina. Essa forma expandida diz: «...nenhuma fonte pode produzir tanto água salgada como água fresca...» Porém, a forma mais breve é a mais antiga, conforme se vê nos mss P(74), Aleph(1), ABC. As traduções inglesas de Goodspeed e de Williams traduzem isso por «nenhuma fonte salobra» pode produzir água potável; e é bem provável que esse seja o sentido tencionado, embora não traduza literalmente o grego.

«Se a boca emitir maldições, assim se fazendo uma fonte salobra, não pode, sob hipótese alguma, emitir também o riacho potável do louvor e das boas obras; e ainda que pareça fazê-lo, tudo deve ser hipocrisia e espetáculo». (Alford, *in loc.*). «Toda a bênção, de fato, é maculada pela língua que profere maldições; e até mesmo o 'Louvor não fica bem na boca do pecador'. (Punchard, *in loc.*, com uma citação extralida de Eclesiástico 15:9).

«De certa feita, foi apresentado em favor de um homem que fora criticado e condenado por motivo insatisfatório, que ele era 'um bom homem, com exceção de seu mau gênio'. 'Tudo, menos o seu mau gênio!' Foi a resposta em nada errada. 'Como se o mau gênio não representasse nove décimos do erro religioso!' 'Se alguém não tropeça no falar é perfeito varão'. (Plummer, *in loc.*).

O poema abaixo transcrito é excelente como encerramento sobre a discussão acerca do uso da língua:

### Faz passar

Antes de falaras, três portais de ouro:  
Esses portais estreitos são, primeiro: 'É verdade?'  
Então: 'É necessário?' Em tua mente,  
Dá uma resposta veraz. É o próximo  
É o último e mais estreito: 'É bondoso?'  
E, se para chegar finalmente a teus lábios,  
Passar por todos esses três portais,  
Então poderás contar a história, sem temer  
Qual seja o resultado de tuas palavras.  
(Beth Day)

«...sábio e entendido...» Provavelmente temos aqui um pleonasmo retórico, não devendo nós compreender coisas diferentes por «sabedoria» e por «conhecimento». A distinção popular de que o «conhecimento» é o fundo de proposições conhecidas, ao passo que a sabedoria é a habilidade de usar devidamente esse conhecimento, é válida, embora talvez não fosse tencionada pelo autor sagrado. Em qualquer caso, conforme o texto sagrado passa a mostrar, a sabedoria é uma qualidade divina, da qual o homem pode participar, mediante a iluminação do Espírito Santo. (Ver o décimo sétimo versículo deste capítulo. Comparar com Ef. 1:17, onde também há notas expositivas sobre a «sabedoria» e o «conhecimento»).

A sabedoria piedosa leva seu possuidor a ter profundo conhecimento do Pai e do Filho, e isso lhe transforma a natureza, com o propósito de infundir-lhe a imagem de Cristo, mediante o que o indivíduo chega a ser glorificado (ver Rom. 8:29,30).



«...sábio...» No grego é «*sophos*», que nos escritos clássicos era termo usado para indicar *astuto*, conhecedor das ciências, habilidoso em alguma arte ou artesanato. Nas páginas do N.T., o termo se reveste dos seguintes significados: 1. Habilidade em algum artesanato (ver I Cor. 3:10). 2. Letrado, bem-educado naquilo que o mundo considera educação e realizações intelectuais (ver Rom. 1:14,22; I Cor. 1:19,26 e 3:18). Nesse sentido é que a palavra era usada para indicar os doutores da lei, entre os judeus (ver Mat. 11:25), ou os mestres cristãos (ver Mat. 23:34). 3. Além disso, há aquela sabedoria prática, empregada na observância da lei da piedade e da honestidade (ver Efê. 5:15 e I Cor. 6:5). 4. Porém, a palavra «sabedoria» também é usada no N.T. no sentido filosófico e teológico mais elevado, uma qualidade divina transmitida ao homem mediante a iluminação do Espírito, segundo salientamos mais acima. Isso confere discernimento quanto à piedade e à transformação segundo a imagem de Cristo. (Ver Rom. 16:27; I Tim. 1:17; Efê. 1:17, 18; Jud. 25; I Cor. 1:30). Cristo é a Sabedoria personificada, conforme vemos na última dessas referências.

Há um «dom da sabedoria» (ver I Cor. 12:8 e as notas na introdução a esse capítulo), que confere ao crente um discernimento especial acerca de problemas, de questões e de realidades espirituais, mais ou menos aquilo que Salomão possuía. Se tivéssemos nas igrejas um bom número de pessoas assim dotadas, quão grande seria a ajuda! Contudo, todos os crentes, supostamente, devem possuir algo desse dom, e exercê-lo. Os mestres e os líderes evangélicos são reputados responsáveis, segundo as palavras deste texto, por buscarem e usarem a sabedoria.

«...conhecimento...» Nos escritos gregos clássicos, o vocábulo «episteme» é frequentemente usado como sinônimo ou quase sinônimo de «sabedoria»; e isso significa «hábil», «versado», em algum conhecimento científico ou filosófico. Se, no texto presente, há certa distinção entre o conhecimento e a sabedoria, então temos de dizer que o «conhecimento» alude mais à eficiência em um «corpo de conhecimento» de categoria espiritual, o desenvolvimento inteligente das faculdades mentais acerca de propósitos espirituais. A sabedoria certamente é a mais transcendental dessas duas qualidades; e é isso que é desenvolvido nos versículos seguintes. O conhecimento tem a tendência de inchar, quando não é espiritualmente controlado (ver I Cor. 8:1), mas a sabedoria sempre reconhece suas origens.

*O conhecimento se orgulha de ter aprendido tanto,  
A sabedoria é humilde, porque não sabe mais.*

«...Mansidão de sabedoria...» No grego temos o adjetivo «*prautes*», que quer dizer «gentileza», «humildade», «cortesia», «mansidão». Trata-se de um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, o que significa que se manifesta mediante o desenvolvimento espiritual, através do poder divino. (Ver notas expositivas completas acerca dessa qualidade, em Gál. 5:23). E o oposto mesmo da arrogância, que produz a dissensão, e que o autor passa agora a

denunciar. Por isso mesmo, *Pirke Aboth* iv. 11 fala sobre o perigo constante por que passavam os rabinos: «Aquele que é arrogante em suas decisões, é tolo, Impio e ativo em seu espírito». A sabedoria é a base da qualidade da mansidão; e é essa qualidade que os mestres e os líderes cristãos devem possuir, acima de todas as demais qualidades. De outro modo, serão eles uma força destruidora na igreja, e não uma força edificante, porquanto passarão mais tempo edificando sua própria reputação e orgulho do que exaltando a Cristo e edificando a sua igreja.

«...mediante condigno proceder, as suas obras...» A sabedoria nada será, a menos que se manifeste na forma de boas obras e de uma vida moral e espiritual correta. Também precisa ser frutífera e poderosa, tal como se espera que seja a fé cristã (ver Tia. 2:14 e ss.), porquanto, de outro modo, será algo morto e inútil. Mediante sua vida boa e pacífica, o homem demonstrará a origem piedosa e divina de sua sabedoria. Portanto, o sábio é convidado a demonstrar a validade de sua sabedoria pelas suas obras de mansidão. A sabedoria que não é comprovada desse modo é uma sabedoria falsa; e mostra-se ainda mais falsa quando se torna motivo de orgulho e de contenda.

«Tiago compartilha do conceito bíblico geral que a sabedoria não consiste apenas no conhecimento, na astúcia e na habilidade, mas antes, em uma profunda compreensão sobre o que é e deve ser a vida piedosa. Tal sabedoria produz concórdia e harmonia entre as pessoas e os grupos. Faz agudo contraste com o egoísmo calculista que é a causa de 'desordem' social e de todas as 'práticas vis'... O astuto, o esperto, o manipulador habilidoso, está convencido que sua sagacidade superior é o que os sofisticados denominam de 'egoísmo iluminado', o 'conhecimento', a manipulação de homens e de circunstâncias, para a satisfação de sua ganância. Para obter a sua finalidade, o homem astuto não mostra escrúpulos em mentir, desunir, enganar ou subornar, se pensa que poderá evitar ser apanhado. Uma boa parte da astúcia de que ele se orgulha é a sua habilidade de 'encobrir' de 'passar despercebido'. Se a sua ambição só puder ser satisfeita mediante a deslealdade para com seus amigos, ou mediante a crueldade para com suas vítimas, isso é lamentável, mas é o preço que o 'realista' paga para ganhar o único sucesso que vale a pena ter neste mundo'. (Easton, *in loc.*)»

«...proceder...» No grego é usado o termo «*anastrophe*», «conduta», «comportamento», o caráter geral de uma vida, algo que é indicado, nas páginas do N.T., pela metáfora do «andar», que é de uso mui freqüente. O «sábio» crente deve ser pessoa de uma conduta repleta de boas obras, efetuadas em mansidão. Somente a sabedoria divina, uma qualidade divinamente transmitida, pode tornar bem-sucedida a vida do crente. É algo por demais exigente para a personalidade humana sem ajuda.

«Ações, ações, ações, é o clamor de Tiago. 'Isto deveríeis ter feito, sem deixardes de fazer aquelas outras'. Sem a prática cristã, todas as outras coisas que alguém professe possuir é sal que já perdeu o sabor». (Plummer, *in loc.*)»

14 εἰ δὲ ζῆλον πικρὸν ἔχετε καὶ ἐριθείαν ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν, μὴ κατακαυχᾶσθε καὶ ψεύδεσθε κατὰ τῆς ἀληθείας.

14 και ψευδ. κατα της αλ.] της αλ. και ψευδ. Ν° 33 87º

3:14; Mas, se tendes inveja ácida e sentimento faccioso em vossa carne, não vos gloriéis, nem mintais contra a verdade.

«...pelo contrário...», isto é, se vos faltar a sabedoria espiritual e sua companheira inseparável, a mansidão. A quem faltam essas qualidades é apenas um orgulhoso, que não sabe mais o que fazer para exaltar-se, mas cujo homem interior, cuja alma, não tardará por estar tomada de contendas e amarguras carnis, gloriando-se em si mesmo, e não em Cristo.

«...vosso coração...» O termo «coração», no N.T., tal como nos idiomas modernos, indica o homem real, a alma ou espírito. Algumas vezes esse vocábulo alude especificamente às manifestações emocionais ou intelectuais do espírito humano, mas nunca sem a idéia que tais qualidades são expressões do homem real. A sabedoria pervertida, pois, corrompe o próprio homem, não sendo um lapso acidental e ocasional de má conduta.

«...inveja amargurada...» Um mestre inveja a outro, ou um líder eclesástico se enche de ciúmes por causa de outro, porque lhe parece «melhor» ou «potencialmente melhor» do que ele mesmo, ameaçando assim atrair mais discípulos e louvor do que ele. Sua alma está doente, e ele começa a agir como servo do diabo, e não como um líder da igreja de Cristo. A inveja é uma das obras da carne, uma espécie de ódio, o contrário do amor, que é o fator orientador na família divina (ver João 14:21 e 15:10). O termo grego aqui usado é «*zelos*», que significa «ardor», «ansiedade», «zelo», mas que, em mau sentido, significa «ambição desmedida», «emulação», «inveja». Portanto, ao deixar-se arrastar por tal defeito de caráter o indivíduo se esquece de que está servindo a Cristo, e começa a servir a si mesmo, sem quaisquer reservas. Essa atitude propaga a enfermidade, e, logo, a igreja se vê despedaçada por facções que defendem seus respectivos heróis. Seu zelo é «amargo» com interesses próprios. A fonte expede água salobra e abominável. Ao invés de alguém ser consumido de zelo pelo Senhor, o zelo carnal corrói a igreja. Assim, pois, supostos líderes carnis se tornam «asnos carregados de livros», conforme a literatura rabínica descreve os mestres orgulhosos e egoínicos. Disse Vincent (*in loc.*): «A emulação é a melhor tradução aqui, o que não envolve, necessariamente, a inveja; mas pode ser repleta do espírito de autodevoção».

«...sentimento faccioso...» As rivalidades entre os mestres logo criam rivalidades na igreja. Os homens esforçam-se por ser, cada qual, o líder mais poderoso; e aqueles que os apóiam adicionam combustível ao fogo, até que tudo é consumido pelas chamas devoradoras da carnalidade. Todos são «zelotes», mas não em favor de Cristo; são todos ambiciosos, mas somente em proveito próprio; todos estão consumidos de ardor, mas não do fogo celestial, e, sim, do fogo do inferno. As dissensões eclesásticas sempre foram caracterizadas por situações assim, e quanto mais homens carnis são exaltados e transformados em heróis, ou se apresentam a outros como

tais, maior é o desastre, embora tais homens se apresentem como quem salvará o investimento divino sobre a terra. (Quanto ao «sentimento faccioso» em resultado da carnalidade, ver I Cor. 3:3).

O termo grego aqui usado *erithia*, subentende a «inclinação por usar meios indignos e divisórios para promover os próprios interesses. (Comparar com Rom. 2:8; II Cor. 12:20 e Gal. 5:20») (Ropes, *in loc.*). «Realmente indica o vício de um líder ou de um partido, criado pelo orgulho próprio; é a ambição partidária, a rivalidade partidária». (Hori).

Essa palavra veio a ser «...aplicada àqueles que servem em posições oficiais por causa de seus interesses egoístas, os quais, com essa finalidade, promovem o espírito partidário e faccioso. Por isso é que Rom. 2:8 diz que eles são contenciosos, ou, literalmente, 'de facções'. (Vincent, *in loc.*)»

«...nem vos glorieis disso...» Nada existe nisso de que um homem se possa orgulhar, e ninguém deveria sentir orgulho por esse tipo de realização da carne. (Ver I Cor. 1:29,30, quanto a uma nota geral sobre a «jactância humana»). Essa forma de jactância, no próprio espírito faccioso, e naquilo que alguém ganha com isso, é uma afronta para a verdade, porquanto é exibição de uma vida falsa. A mente carnal, secretamente, quando não abertamente, se gloria em suas realizações, em sua forma de sabedoria pervertida. O autor sagrado repreende essa forma de atitude, como algo indigno em um mestre ou líder na igreja. Jacta-se ele: «O triunfo malicioso, o mínimo ponto de vantagem obtido por um partido, era exatamente aquilo que foi calculado para amargar o outro lado; isso é realmente o 'mentir contra a verdade', porquanto tão tolos triunfos são freqüentemente obtidos às expensas da verdade». (Oesterley, *in loc.*). Tais indivíduos se gloriam em seu «conhecimento» falso e em seus efeitos prejudiciais, ao invés de se gloriarem da verdade do evangelho.

«...mintais contra a verdade...» O autor sagrado quis indicar a verdade cristã, em valores e ações práticas e morais. Tais homens negam a verdade da lei do amor, a propriedade da mansidão, que se deriva da sabedoria autêntica. Suas vidas e palavras se tornam «mentiras opostas», que não permitem que a verdade tenha o seu curso natural na comunidade cristã. Esses mestres e líderes se tornam «falsos para com a verdade», representando erroneamente aquilo que deveriam representar. Com suas vidas, elogiam a hipocrisia e a contenda, o partidarismo e o egoísmo. Eles mesmos são «mentiras espirituais», e vivem como aqueles que abandonaram qualquer busca séria pela espiritualidade. «Vangloriar-se alguém de uma sabedoria que não concorda com a vida diária, é, virtualmente, mentir contra a verdade do evangelho». (Faucett, *in loc.*)»

Um certo homem professa o evangelho e o ensina; mas sua vida contradiz o que ele afirma. Assim, está transformando o evangelho em uma mentira, no que concerne aos outros. Pilatos, zombeteiro, indagou: «Que é a



verdade!» Os que não fazem parte do cristianismo têm o direito de pedir e de receber uma resposta franca. Eles percebem as facções em luta no seio do cristianismo evangélico, e dizem para consigo mesmos: «O que eles ensinam é uma mentira!» E assim os próprios líderes evangélicos facciosos negam e contradizem a verdade do evangelho. O evangelho ensina um certo código moral; trata-se de um código digno de confiança; os homens devem vivê-lo a fim de recomendá-lo a outros. Tal como o próprio Cristo suportou contra si mesmo as «contradições dos pecadores» (ver Heb. 12:3), assim também os líderes do evangelho chegam a contradizer o evangelho de Cristo e o seu ensinamento espiritual. Tornam-se outros tantos Judas Iscariotes. São líderes que não guiam a uma pátria determinada; reverteram os marcos.

15 οὐκ ἔστιν αὕτη ἡ σοφία ἄνθρωπον κατερχομένην, ἀλλὰ ἐπίγειος, ψυχική, δαιμονιώδης·

18 ἡ...κατερχομένη Jac 1:8, 17

3:15: Isso não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica.

A sabedoria mediante a qual o indivíduo se exalta a si mesmo e provoca rivalidades no seio da igreja, não pode ser atribuída à inspiração celeste; não «desce» dos céus, não é «enviada por Deus». Não procede da iluminação do Espírito Santo, conforme deve ser toda a sabedoria verdadeira (ver Efê. 1:17, 18). (Ver as notas expositivas, no décimo sétimo versículo deste capítulo, acerca dessa «sabedoria vinda do alto»). A sabedoria proveniente do alto se reveste de muitas qualidades boas. (Ver a lista no décimo sétimo versículo). Mas a sabedoria que vem da terra se reveste de qualidades negativas. Esse costume de fazer «listas de vícios» e «listas de virtudes» era algo visto comumente nos escritos hebreus do período helenista. Também era um artifício de ensino dos filósofos morais. De seus alunos requeriam que decorassem tais listas, mais ou menos como as crianças decoram os dez mandamentos, nas Escolas Dominicais de hoje em dia. (Entre a literatura representativa do judaísmo helenista, ver essa prática em Sabedoria de Salomão 7:7-22; 14:23-26. No N.T., ver Rom. 1:29-31; 1 Tim. 3:2-4; Efê. 5:3 e ss.; Col. 3:5 e ss. e 1 Cor. 5:13). A última dessas referências encerra a nota detalhada sobre essa prática.

...terrena... Tal sabedoria se desenvolve sobre a terra, como propriedade de habitantes mundanos, que não têm direito a se considerarem espirituais. É uma sabedoria humana, não inspirada do alto, egocêntrica, calculadamente carnal. Sua astúcia visa somente a vantagem particular, e não o cultivo da piedade. Deriva-se do «mundo frágil e finito da vida e dos negócios humanos», não sendo por isso, de modo algum, uma propriedade divina.

...animal... é tradução do termo grego «psuchike», «natural», isto é, pertencente à vida natural, em contraste com a vida sobrenatural. É animal porque está confinada à «alma», aquela porção que o homem tem em comum com outros animais, e em sentido algum transcende a esse tipo inferior de natureza. A palavra aqui empregada algumas vezes indica algo superior ao que é animal, a saber, aquilo que é próprio da alma, a «psuche». Os gnósticos empregavam esse vocábulo aplicando-o à espiritualidade inferior, que não chega ao nível do que é «espiritual» (pneumático), embora superior ao que é puramente físico. Eles classificavam os homens em três categorias: 1. Os indivíduos hílicos (ou «terrenos»). 2. Os psíquicos (dotados de alguma possibilidade de progresso, como eles atribuíam ao caso dos profetas do A.T.). 3. Os pneumáticos (ou verdadeiramente espirituais), cujo fim seria serem reabsorvidos no ser de Deus. Pode-se ver, pois, que o uso

16 ὅπου γὰρ ζῆλος καὶ ἐριθεία, ἐκεῖ ἀκαταστασία καὶ

3:16: Porque onde há clima a contumácia facciosa, aí há confusão a toda obra má.

...inveja e sentimento faccioso... Temos aqui as mesmas duas palavras empregadas no décimo quarto versículo, onde os conceitos são comentados. As rivalidades entre os mestres cristãos, e as tentativas de cada qual por se exaltar acima uns dos outros, o que resulta em cismas na igreja, ou, pelo menos, em facções, são evidências seguras de que muitos outros pecados existem em segundo plano, escondidos sob a capa de piedade. Isso se deve ao fato que o homem carnal, que exibe a carnalidade de certo modo, naturalmente pode exibi-la de outras maneiras também. Quando alguém deixa de viver sendo a «dimensão eterna», então passa a viver segundo a dimensão carnal, em muitas áreas de sua vida. E, dessa maneira, pode haver total naufrágio espiritual em uma congregação local de crentes.

O falso «sábio» conduz a si mesmo e a outros a toda a espécie de males, quando deveria estar liderando outros a Cristo. Quão grande é a sua dívida diante de Deus! Algum dia ele terá de encontrar-se consigo mesmo, e será julgado conforme aquilo que tiver praticado! Sua elevada posição perante os homens de nada lhe valerá, quando estiver perante Deus.

...confusão... No grego, «akatastasia», isto é, «desordem», «perturbação», «tribulação». A igreja cai em uma série de conflitos e lutas por poder,

17 ἡ δὲ ἄνθρωπον σοφία πρῶτον μὲν ἀγνή ἐστιν, ἔπειτα εἰρηνική, ἐπεικὴς, εὐπειθής, μεστή ἐλέους καὶ καρπῶν ἀγαθῶν, ἀδιάκριτος, ἀνυπόκριτος·

3:17: Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois pacífica, moderada, frutífera, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, a sem hipocrisia.

...sabedoria... (Ver as notas expositivas em Efê. 1:17 e no décimo terceiro versículo deste mesmo capítulo de Tiago).

...lá do alto... No grego é «anōthen», que significa «do alto», isto é, do «mundo celestial», em contraste com a sabedoria demoníaca e sensual dos mestres pervertidos (ver o décimo quinto versículo). Temos aqui a alusão à sabedoria divina, pois o «alto» é o lugar da habitação de Deus. É possível que essa expressão, além disso, seja um eufemismo para Deus, porquanto os judeus relutavam em usar o nome divino, substituindo-o por algum outro título, como «reino dos céus», ao invés de «reino de Deus». A sabedoria celestial é inspirada por Deus, e é sua propriedade particular. Os homens a

Bode Judas: Conta-se a história de um belo bode branco, pertencente à New York Butcher's Dressed Meat Company. Esse bode começava a operar cedo pela manhã, e trabalhava até à noite, escutando ovelhas desde o ponto de desembarque, à beira do rio, até ao matadouro. Visto que uma ovelha pode ser guiada, não precisando ser tangida, esse bode tinha grande sucesso em sua tarefa. Calcula-se que, durante sua carreira, guiou quatro e meio milhões de ovelhas à morte certa. Assim também, os líderes da igreja, quando contradizem ao evangelho com suas vidas e com suas crenças indolgentes, tornam-se líderes destruidores. Aquele que faz de si mesmo o centro da atenção na igreja, ao invés de exaltar a Cristo, já começou a desviar as ovelhas.

\*\*\*

presente do termo se assemelha mais aos «hílicos» do que aos «psíquicos». No grego, «hyles» significa «matéria».

...demoníaca... Semelhantes ao pertencentes ao mundo dos seres malignos, demônios, espíritos maldosos. O termo grego «daemon», originalmente significava um «deus» inferior; mas, pelo tempo em que foi escrito o N.T., significava, regularmente, os espíritos malignos, pertencentes às fileiras de espíritos humanos malignos e desencarnados, ou às fileiras dos anjos inferiores «decaídos», ou desconhecidos, mas mesmo assim espíritos que não pertenciam à ordem dos anjos bons. (Quanto a notas expositivas completas sobre os «demônios», ver Marc. 5:2; quanto à «possessão demoníaca», ver Mat. 8:28).

O tipo de sabedoria carnal que os homens empregam para se exaltarem a si mesmos, pode ser até mesmo inspirada pelos demônios, um produto do reino das trevas, longe de ter origem celestial e divina. A igreja cristã primitiva aplicava essas descrições à heresia gnóstica, que floresceu com maior força depois da era apostólica. A sabedoria falsa dos gnósticos era adjectivada por todas essas coisas, inclusive como «demoníaca». (Ver Justino Mártir, *Apol.* i.58, que diz algo similar a isso. Quanto ao «gnosticismo», ver Col. 2:18). Sendo demoníaca, tal sabedoria é «hostil» a Deus, e não meramente uma forma inferior de sabedoria. Portanto, uma sabedoria hostil a Deus produz uma igreja dividida, e isso é uma vitória para o reino das trevas.

«Notemos o clímax da tríada: terrena, animal e diabólica, tal como em Tia. 1:15». (Potest, *in loc.*).

«Tiago deixa subentendido que não seremos sábios, exceto quando iluminados por Deus, com uma sabedoria vinda do alto, através do Espírito. Entretanto, em tal caso, embora a mente humana se expanda, toda a sua acuidade será vaidade; e não somente isso, mas, sendo finalmente presa nos ardis de Satanás, tornar-se-á inteiramente delirante». (Calvino, *in loc.*).

Essa sabedoria é «terrena» porque busca distinções terrenas e pertence a categorias terrenas. Além disso, ela é sensual, isto é, natural (ver 1 Cor. 2:14), porque é o resultado de princípios que atuam sobre os homens naturais, como a inveja, a ambição, o orgulho, etc. Finalmente, ela é demoníaca, porque primeiramente veio do diabo, constituindo a imagem mesma de seu orgulho, de sua ambição, de sua malignidade e de sua falsidade. (Este parágrafo é baseado em sugestões de Scott, *in loc.*).

πᾶν φθῶλον πρᾶγμα.

em que os chamados «mestres sábios» encabeçam, por assim dizer, exércitos adversários. Logo a igreja local cai em total confusão e desordem, mas nunca por inspiração do Espírito de Deus. (Ver 1 Cor. 14:33). Esse termo foi empregado por Políbio (1.70) para indicar a instabilidade política que se seguiu à morte de Alexandre. (Quanto a seu emprego espiritual, comparar com os trechos de Pro. 26:28; 1 Cor. 14:33 e 11 Cor. 12:20).

...coisas ruins... No grego, o adjetivo é «phaulos», que significa «vil», «depravado», «indigno», «ruim». O autor sagrado não enumera as coisas que ele tinha em mente, porque, provavelmente, deixa isso em aberto, para ser preenchido pela imaginação dos seus leitores. Podemos pensar em imoralidades, desonestidade, furtos dos fundos da igreja, desrespeito à autoridade, filhos desobedientes. O que tiver de entortar, será entortado, porquanto a base espiritual da igreja já foi destruída. Em suma, cada uma das obras da carne (ver Gál. 5:19-21) será praticada. O estado da igreja local inteira tornar-se-á vil, contrário totalmente às exigências morais do evangelho.

Por palavras e nomes que lutem os zelotes iracundos;  
Cujas vidas são erradas, e nunca poderão ser endireitadas.

recebem mediante a iluminação do Espírito Santo. (Ver Efê. 1:17, 18).

...pura... isto é, «não-contaminada», sem qualquer defeito moral, sem motivos ulteriores: livre do «espírito faccioso»; livre da ambição humana e da autoglorificação. Não é algo meio bom, meio mau; porquanto isso não poderia mesmo descrever a verdadeira sabedoria. (Ver Sabedoria 7:25). Trata-se de uma expressão pura, do íntimo; não tem falhas ocultas. Essa é a sua qualidade primária; e dessa qualidade se originam todas as outras, conforme se vê na lista abaixo. Tal sabedoria é isenta das corrupções humanas, que fazem parte integrante da sabedoria mundana; não conduz a qualquer facção e nem exaltação de um homem sobre outro; não contempla maldade moral, mas seu intuito constante é a prática do bem. É inocente de quaisquer motivos dúbios, e seu intuito é glorificar unicamente a Deus.

O trecho de Sabedoria 7:25 atribui a sabedoria a uma emanção pura da



parte de Deus, que retém a sua glória e pureza, e assim não pode ser atingida por nenhuma contaminação.

«...*pacífica*...» A sabedoria não é «*contenciosa*», nem «*facciosa*» e nem «*beligerante*». Não busca seus próprios interesses, às expensas de outrem, conforme faz a carnal sabedoria humana. Pelo contrário, confere a paz; alimenta-se da harmonia. O trecho de Pro. 3:17, diz acerca da sabedoria: «Os seus caminhos são caminhos deliciosos e todas as suas veredas de paz». Bem-aventurados são os pacificadores, porquanto serão chamados filhos de Deus, conforme se aprende em Mat. 5:9. (Quanto a notas expositivas detalhadas sobre a «paz», com poemas ilustrativos, ver João 14:27 e 16:33).

«...*indulgente*...» No grego temos o termo «*piekes*», isto é, «razoável», «cheio de consideração», «moderado», «gentil», qualidades essas que os homens facciosos e por demais ambiciosos não possuem. Antes, a sabedoria do homem espiritual é tratável, moderada, sem temperamento radical.

«...*tratável*...» No grego é «*eupieithes*», isto é, «facilmente persuadido», o contrário de «obstinado», que normalmente é o caráter dos homens por demais ambiciosos, que se tornam ditadores na igreja. Essa sabedoria é «aberta à razão». Pode ver o ponto de vista alheio, mudando suas próprias opiniões.

«...*plena de misericórdia*...» Os homens por demais ambiciosos tendem para a crueldade e para o mau temperamento. A verdadeira sabedoria produz profundo sentimento de misericórdia no homem interior. Notemos que o homem verdadeiramente sábio será «pleno» de misericórdia, tal como Deus. Através de sua misericórdia nos é permitido continuar em nosso caminho, na direção de Deus e da verdade, apesar de nossas muitas quedas e erros. O homem sábio segundo o mundo, entretanto, não demonstra misericórdia para com ninguém, e procura fazer nome para si mesmo, de modo brutal. Tal homem considera as pessoas meramente como objetos a serem usados para sua própria satisfação e exaltação. Não tem espírito de amor e nem senso altruísta genuíno; é alguém completamente egocêntrico, e acredita que deveria ser o centro da vida de outras pessoas, igualmente. Fez de si mesmo um deus, e destronizou Deus, até onde diz respeito à sua própria pessoa. Tornou-se em um ateu prático, a despeito das crenças que porventura professe. O indivíduo dotado de sabedoria falsa, outrossim, tem a boca cheia de maldição e amargura; mas o homem verdadeiramente sábio é cheio de misericórdia. Este último aplica o princípio do amor cristão em sua vida diária. (Ver Tia. 1:27 e 2:13 quanto à simpatia do homem bom por aqueles que padecem necessidade, com o resultado que está sempre pronto a dar do que tem. Já o homem falsamente sábio nada dá; antes, recolhe tudo quanto pode obter).

Misericórdia: Consideremos os pontos seguintes, a respeito dessa qualidade cristã: 1. Deus é o exemplo supremo de misericórdia (ver Luc.

18 καρπὸς δὲ δικαιοσύνης ἐν εἰρήνῃ σπείρεται τοῖς ποιοῦσιν εἰρήνην.

18 καρπὸς...σπείρεται Lc 32:17; Hc 12:11 τοῖς ποιοῦσιν εἰρήνην Mt 5:8

3:18; Ora, o fruto da justiça semeia-se em paz para aqueles que promovem a paz.

A sabedoria é dotada de seus frutos, sendo produzida por uma atmosfera de paz; envolve rica colheita para o sábio, e para aqueles a quem ele ensina; a colheita é da santidade crescente; a colheita é perene, resultando na vida eterna. (Ver as notas expositivas sobre João 3:15).

«Quão formosos sobre os montes são os pés dos que trazem boas novas, que anunciam a paz» (Isa. 52:7). (Isso é trecho citado e comentado em Rom. 10:15). Ali temos o «evangelho da paz», porquanto o evangelho tende por trazer a paz aos corações dos homens (ver Rom. 5:1), estabelecendo a paz entre Deus e o homem (ver Col. 1:20). No estado de paz existe uma harmonia saudável, em contraste com os efeitos mortíferos das contendas e das divisões. Nessa atmosfera é possível o cultivo do fruto da justiça. Portanto, os crentes devem viver na atmosfera da paz. (Ver João 14:27 e 16:33 quanto a notas expositivas detalhadas sobre a «paz», com poesias ilustrativas). A paz é um dos aspectos do fruto do Espírito, isto é, do desenvolvimento espiritual, mediante o que assumimos a natureza moral de Cristo, através da transformação segundo a sua pessoa. (Ver essa verdade comentada nas notas expositivas sobre Gál. 5:22).

A conduta reta produz muitas recompensas, que resultam na vida eterna. O cultivo dos galardões é realizado na atmosfera da paz. E o homem justo, que é verdadeiramente sábio, sabe disso, evitando os interesses pessoais e o espírito contencioso, que não contribuem para essa finalidade.

«...*promovem a paz*...» (Comparar com Mat. 5:9). Os pacificadores serão chamados «filhos de Deus». Jesus, em sua cruz e missão, «estabeleceu a paz». Os homens deveriam seguir ativamente o exemplo por ele deixado. (Ver Efé. 2:15 e Col. 1:20). Os pacificadores não são meramente aqueles que conciliam oponentes, para evitarem as brigas. Mas são aqueles que promovem ativamente a paz, mediante esforços planejados, procurando solucionar pendências com os inimigos e antagonistas. São exatamente o contrário daqueles que despertam contendas, e que agem devido à sua excessiva ambição (conforme é descrito no décimo quarto versículo deste capítulo).

«O alicerce lançado pela retidão, para nele ser apoiada a vida eterna, só pode ser lançado em paz, e por aqueles que praticam a paz. Isso equivale a dizer que a retidão inclui o espírito pacificador». (Ropes, *in loc.*). (Ver Rom. 3:21 acerca da «justiça de Deus», que deve tornar-se possessão do crente, antes dele poder entrar na presença de Deus. Comparar essa idéia com as notas expositivas sobre Heb. 12:14).

Alguns estudiosos tomam o termo «fruto de justiça» como se significasse «fruto que consiste de justiça». Porém, apesar disso expressar certa verdade, a verdade é que a justiça deve também produzir muitas boas obras, ações gentis, uma vida caracterizada pelo altruísmo, etc. A retidão é produtora tanto de fruto, como o fruto colhido permite-nos entrar na presença de Deus. O homem verdadeiramente sábio colherá a retidão de Deus, que lhe é

6:36). 2. A misericórdia nos é ordenada nas Escrituras (ver Rom. 12:30 e Col. 2:12). 3. Deve essa qualidade ser gravada no coração (ver Pro. 3:3). 4. Deve ser uma das características dos crentes (ver Pro. 37:26 e Isa. 57:1). 5. Deve ser demonstrada com ânimo alegre (ver Rom. 12:8), quanto aos irmãos na fé (ver Zac. 7:9), para com os que sofrem aflições (Luc. 10:37) e até mesmo quanto aos animais (ver Pro. 12:10). 6. É beneficente para com aqueles que a exibem (ver Pro. 11:17). 7. Quem usa de misericórdia é bem-aventurado (ver Mat. 5:7; Pro. 14:21).

«...*de bons frutos*...» A sabedoria tem o caráter da misericórdia, cultivando o fruto do Espírito (ver Gál. 5:22,23); e assim sua vida é repleta de piedade, sendo transformada para receber a imagem moral de Cristo, que é o supremo possuidor dessas qualidades. Neste caso, os «bons frutos» indicam as «boas obras». (Comparar com Mat. 21:45; Gál. 5:22; Efé. 5:8 e Fil. 1:11). Uma vez mais Tiago enfatiza a questão das «boas obras». (Ver as notas expositivas sobre isso, em Tia. 2:14). Os feitos de bondade e de misericórdia (tal como se vê em Tia. 1:27), mui provavelmente estão praticamente em foco.

«...*imparcial*...» Este adjetivo, no grego, é «*adiákritos*», literalmente, «não-dividido em julgamento», «sem variação», «de todo o coração». Provavelmente isso alude à situação dos versículos nono e décimo deste capítulo, onde vemos os homens sem sabedoria a abençoarem a Deus e a amaldiçoarem aos homens. Essa palavra também pode subentender que o homem verdadeiramente sábio é livre de «incertezas» espirituais; e, nesse caso, a questão da «mente dúplice» está em foco, tal como em Tia. 1:6-8. O homem verdadeiramente sábio já se desfaz da mente dúplice, entre as coisas terrenas e as celestiais; vive exclusivamente para a dimensão eterna; também pode julgar com imparcialidade, tratando dos homens com justiça e com honestidade.

«...*sem fingimento*...» O homem verdadeiramente sábio não precisa ser «insincero», e nem hipócrita, porquanto nada tem a ocultar, e não busca suas próprias vantagens. O vocábulo aqui usado é, especificamente, «sem hipocrisia». Tal homem não precisa viver como um ator, desempenhando um papel falso (que é o sentido original do vocábulo). Antes, vive na sinceridade. (Ver Rom. 12:9; 11 Cor. 6:16 quanto a outros versículos de natureza similar). A sabedoria não opera por detrás de uma máscara, supostamente para o bem de outros, mas, na realidade, visando apenas os seus próprios interesses, conforme fazem certos mestres e líderes exageradamente ambiciosos nas igrejas.

«Verdadeiramente, essa sabedoria não pode ser obtida em troca de ouro, e nem a prata será pesada como seu preço». Feliz é o homem que a encontra. (Ver Pro. 3:13-18).» (Punchard, *in loc.*).

necessária, incluindo a transformação moral da imagem de Cristo, que serve para a vida eterna e que é a colheita dos justos.

«Se um agricultor não empregasse mais cuidados, tempo e esforços por obter a colheita, do que fazem muitos membros da igreja de Cristo, no tocante ao estabelecimento da justiça social, conseguiria ele, porventura, obter uma colheita?» (Easton, *in loc.*).

«A nota chave do presente versículo é a paz, em contraste com a inveja, com o espírito faccioso e com a confusão, acima mencionados; a paz e a retidão são inseparáveis, porquanto são resultantes da sabedoria da sabedoria que vem do alto; por outro lado, as contendas e as «ações vis do dia a dia» pertencem umas às outras, pois resultam da sabedoria que é «terrena» e «demoníaca». (Oesterley, *in loc.*).

«Aqueles que são sábios para com Deus, se por um lado são pacificadores e se mostram tolerantes para com o próximo, por outro lado têm por principal preocupação a sementeira da justiça, não fingidamente, mas reprovando os pecados com tal moderação que serão amigos, e não executores dos pecadores». (Fauceit, *in loc.*).

«Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes» (Sal. 126:6).

A paz virá, por fim, embora a vida seja repleta de dor;  
Tranquilo na fé em Cristo, eu me deito;  
A dor por causa de Cristo é a paz, e a perda é lucro;  
Pois todos quantos carregam a cruz usaram a coroa.

«Aquele que espalha a paz pacificamente, semeando a sabedoria cristã genuína, cresce na colheita da justiça. Isso se aplica não somente aos mestres, mas também a todos quantos recebem, da parte de Deus, a sabedoria e o dom de influenciar a outros». (Von Gerlach, no comentário de Lange).

«É evidente que a sabedoria celestial é a sabedoria eminentemente prática. Não é algo puro e principalmente intelectual; não é especulativa; não se perde em mera contemplação. Seu objetivo é o de aumentar a santidade, ao invés de apenas prestar informação. Sua atmosfera não é a da controvérsia e do debate, mas a da gentileza e da paz. É plena, não de sublimes teorias ou hipóteses arrojadas, mas de misericórdia e de bons frutos. Pode mostrar-se confiante sem ser briguenta, pode mostrar-se reservada sem hipocrisia. É a irmã gêmea daquele amor celestial que não inveja, que não se ufana, que não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal». (Plummer, *in loc.*).

A sabedoria não é finalmente testada nas escolas,  
A sabedoria não pode passar de quem a tem, para quem não a tem,  
A sabedoria é da alma, não é susceptível de provas: é sua própria  
(Walt Whitman)

«O temor do Senhor é o princípio da sabedoria». (Sal. 111:10).



## XVI. Reprimenda contra os Desejos Mundanos (4:1-10).

A sabedoria falsa é força poderosa em favor do mal, conforme fica demonstrado na secção anterior. Porém, mais prejudicial ainda para a inquirição espiritual é o desejo maligno e descontrolado; e esse é o tema que o autor sagrado agora passa a abordar e a repreender. Esta secção não demonstra qualquer unidade especial, pois o autor sagrado mistura muitas idéias, embora, de alguma maneira, alguma forma de desejo distorcido apareça por detrás de cada versículo.

Os versículos 1-2b introduzem uma espécie de *aforismo estóico*, sendo bem possível que essas palavras foram tomadas por empréstimo de algum outro escritor. O que se segue, entretanto, é puramente religioso, no estilo judaico. Os homens que têm desejos conflitantes, nenhum deles santificados pela influência do Espírito de Deus, criam confusão em suas próprias vidas, bem como na vida da congregação local a que pertencem. Desejos conflitantes provocam guerras, entre nações ou indivíduos, ou mesmo entre facções de uma igreja local. Aqueles que se envolvem em tais dissensões, esquecem-se da grande chave mestra da conduta cristã: «Buscai primeiramente o Reino de Deus...» Mas buscam zelosamente as coisas de mero valor temporal, que são coisas inteiramente prejudiciais para a alma, quando substituem os valores espirituais. É um dos elementos do paradoxo que é a natureza humana, que aquele que se esquece de seu bem-estar espiritual, termina por anelar por coisas que são prejudiciais para sua alma. Contenta-se em seguir algo que lhe dá prazer imediato, e age como se os valores eternos não existissem, ou como se fossem secundários, sem importância. Sempre temos sido ensinados, e professados a crer que a vida digna de ser vivida é aquela que traz o bem para outros, que é expressão de amor e altruísmo. Porém, freqüentemente, vivemos exclusivamente para nós mesmos, e mesmo quando fazemos algo em favor de outrem, é porque temos algum motivo egoísta ulterior. Dessa maneira, não vivemos segundo a lei do amor, que exige que tomemos sempre em consideração a dimensão eterna.

É o desejo mau e egoísta que nos leva a olvidar e a ignorar os verdadeiros motivos da vida. O primeiro mandamento consiste em amar a Deus; o segundo mandamento nos ordena amar ao próximo e o trecho de Mat. 25:35 e ss. mostra-nos que amamos a Deus quando amamos ao próximo, o que é realizado por feitos de generosidade em favor de nossos semelhantes. Porém, quando buscamos os próprios interesses e agimos somente em proveito próprio, dificilmente podemos viver segundo essa regra. Por conseguinte, os maus desejos, egoístas que são, frustram a lei do amor; e o resultado natural disso é o espírito contencioso.

#### 4 Πόθεν πόλεμοι καὶ πόθεν μάχαι ἐν ὑμῖν; οὐκ ἐντεῦθεν, ἐκ τῶν ἡδονῶν ὑμῶν τῶν στρατευομένων ἐν τοῖς μέλεσιν ὑμῶν;

1 Ro 7:23; 1 Pa 2:11

4:1: De onde vêm as guerras e contendas entre vós? Porventura são vós disto, dos vossos delitos, que nos vossos membros guerreiam?

«De alto a baixo da escala social, despertam-se desejos indefinidos e não focalizados. Nada poderia chegar a aplicá-los (aos homens)... eles têm sede de novidades, de deleites desconhecidos, de sensações sem nome que, não obstante, perdem seu fio aguçado assim que são experimentados. Então, ocorrendo a menor reversão, e eis que os homens são impotentes para suportá-lo... Descubrem quão fútil era toda a grita, e percebem que qualquer número dessas experiências novas, empilhadas indefinidamente, não consegue acumular um sólido capital de felicidade, do que poderiam viver em tempos de provação». (*The University Observer*, University of Chicago).

«...guerras e contendas...» Temos aqui um pleonismo retórico. O autor sagrado quis indicar toda a contenda, dissensão e espírito faccioso que há na igreja, apontando para os líderes egoístas que atraem os discípulos após si, e que eventualmente se defrontam com outros de igual natureza, que se opõem a eles e a seus alvos egoístas. O segundo versículo indica que tais contendas terminam, realmente, por «matar». Isso, provavelmente, mostra que os dois primeiros versículos deste capítulo foram tomados por empréstimo. Originalmente eram encontrados em um contexto secular. Certamente ninguém estava literalmente «assassinando» nas igrejas. Porém, enquanto os homens do mundo levam a questão a seu extremo lógico, e matam, na igreja é feito um grande dano, as reputações são derrubadas por terra e as vidas espirituais são destruídas.

«Considerai a guerra contínua que prevalece entre os homens, em tempo de paz, e que surge não meramente entre nações, países e cidades, mas também entre famílias particulares, ou antes, deveria eu ter dito, que se faz presente entre cada homem individual; observai a tempestade incrivelmente furiosa que ruga nas almas dos homens, excitada pelo ímpeto violento das atividades da vida, e podereis então indagar se alguém pode desfrutar de tranqüilidade em meio a tal temporal, conservando a calma em meio a esse mar agitado e explosivo». (Filo, *de gig.* 11).

«...guerras...» No grego temos o vocábulo «*polemos*», e que, no contexto original, que talvez fosse uma obra estóica, significava, literalmente, «guerra», conforme é indicado no segundo versículo. Porém, segundo o uso pleonástico do autor sagrado, devemos entender aqui «querelas», «rixas».

«...contendas...» No grego, «*machai*», «conflitos», «batalhas». Essas palavras, juntamente consideradas, indicam hostilidades agudas e crônicas na comunidade religiosa. Quão moderno é tudo isso!

«...de onde, sendo dos prazeres...» No grego, o substantivo abstrato é «*edone*», palavra comumente usada para indicar prazer. Entretanto, algumas traduções preferem aqui *concupiscências*, dando a idéia de mau colorido e ainda outras preferem «paixões». O vocábulo pode incorporar ambas as idéias. Trata-se de um perverso desejo pelo prazer, às custas de qualquer coisa. As imoralidades estão à testa da lista de preços, embora certamente não ocupem lugar exclusivo. O problema é criado quando os homens fazem dos «prazeres» o «alvo» mesmo de sua vida, tornando-se «hedonistas». Ao invés de se submeterem a Deus (sétimo versículo), eles se submetem a desejos incontroláveis, à cata de prazeres. Esses prazeres são corporais, mentais e sociais, e residem na inquirição pelo domínio, pela fama, pela posição e pelas ações imorais.

2 ἐπιθυμεῖτε, καὶ οὐκ ἔχετε· φονεύετε· καὶ ζηλοῦτε, καὶ οὐ δύνασθε ἐπιτυχεῖν· μάχεσθε καὶ πολεμεῖτε. οὐκ ἔχετε διὰ τὸ μὴ αἰτεῖσθαι ὑμᾶς·

2a 2a 2a, a maior: WHms (RSV) (NEB) // a question, a maior: Jee

614 pm it vg<sup>4</sup>.<sup>41</sup> sy: add de 1739 pc 5

4:2: Desejam a vida terrena; logo mortais. Inveja, e não podem alcançar; logo combatem e fazem guerras. Nada tendo, porque não pedis.

«...militam na vossa carne...» «...que se guerreiam entre si, tendo sede em vossos membros do corpo». (Ropes, *in loc.*). Tal guerra começa, antes de tudo, no homem interior; o conflito da consciência contra os maus desejos; em seguida a personalidade é vencida, à proporção em que a consciência é enfraquecida. E o conflito íntimo não tarda a afetar outras pessoas, que são seduzidas a tomar parte no excesso. Finalmente, a igreja inteira é engolfada nas contendas. Isso acontece quando aqueles cujo grande alvo na vida é o prazer, entram em choque uns com os outros, porquanto seus interesses são opostos. Seu grande intuito é a auto-satisfação, e isso quase sempre infringe sobre os direitos alheios.

«...na vossa carne...» Literalmente, «em vossos membros», pois o corpo humano é aqui concebido como composto de diversos elementos. O autor sagrado pensa nos prazeres como, primariamente, a satisfação do corpo. O corpo humano é presa fácil do princípio do pecado. Isso pode ser confrontado com os trechos de Rom. 6:13, 19; 7:5, 23; Col. 3:5; Apocalipse de Barueque 83:3. Ver ainda, especialmente, 1 Ped. 2:11, que é um bom paralelo do versículo presente. Ali é dito que as concupiscências carnis «...fazem guerra contra a alma».

Portanto, tais homens buscam a felicidade e a satisfação onde elas não podem ser encontradas, e o resultado disso é o conflito e a querela.

«Se a raça humana é tão estúpida que em dois mil anos ainda não teve cérebro bastante para apreciar a felicidade secreta contida em uma simples sentença que, segundo se pensaria, qualquer menino de escola poderia compreender e aplicar, então já não é chegado o momento de nos enfiarmos no primeiro buraco e permitir que as formigas tenham a sua chance? Essa simples sentença é: Pois que aproveitará a um homem ganhar o mundo inteiro, e perder a sua própria alma?» (Eugene O'Neill, *United Press Dispatch*, Nova Iorque, 2 de setembro de 1946, com uma citação extralda de Marc. 8:36).

Se seguirmos a mensagem ensinada em Col. 3:5, no tocante à corrida louca em busca dos prazeres, faremos bem:

«Esses versículos revelam o pavoroso estado de depravação moral daquelas congregações da diáspora: contenda, auto-indulgência, concupiscência, assassinio, cobiça, adultério, inveja, orgulho e calúnia corriam à vontade... Deve ter sido horrível para o autor sagrado a contemplação de tais profundezas de iniquidade». (Oesterley, *in loc.*).

«Os desejos de várias espécies de prazeres se assemelham a soldados do exército do diabo, postados e de prontidão por toda a parte, sobre nós, na esperança de conquistar nossos membros, e, assim, a nós mesmos, de volta à lealdade a ele...» (Bispo Moberly).

«Pois de onde chegam as guerras, dissensões e facções? De onde, senão do corpo e das concupiscências do corpo?» (Platão, *Fédon*, 66).

«...os vícios que prevaleciam entre eles eram como outros tantos auxiliares armados, para excitar contendas...» (Calvino, *in loc.*).

Alguns intérpretes pensam que este versículo reflete o estado degenerado em que caiu a sociedade judaica, aproximando-se a destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C. em diante, em que, literalmente, guerras e conflitos sangrentos se tornaram uma ameaça crônica para todos. O autor sagrado talvez aluda a isso como ilustração. Porém, o autor escrevia para uma comunidade cristã, atacando as lutas por poder e as rivalidades, e não guerras literais.

“ 2 a maior, a 2a: TR WH Bv Nss B<sup>17</sup> (AV) (RV) (ABV) RSV= TT Zkr Luth

4. 2 (φονεύετε.) | (πολεμεῖτε.) | 5: R | οὐκ ἔχετε 2<sup>a</sup>] πρᾶξαι καὶ KP

Este versículo dá prosseguimento à citação «secular» que encabeça a presente secção. Não podemos imaginar que houvesse mortes reais no seio



da igreja. A citação secular fala sobre «guerras», com derramamento de sangue e tudo, em que sempre há um vencedor e um perdedor. Espiritualmente, entretanto, todas essas declarações se aplicam especialmente às contendas nas igrejas, pois, quando isso sucede, não pode haver um verdadeiro vencedor; a igreja inteira é perdedora, sendo sacrificado seu bem-estar e seu poder espirituais.

O segundo versículo deste capítulo explica detalhadamente a conexão entre a busca pelos prazeres e as lutas subsequentes, no primeiro versículo. A tradução inglesa RSV reflete isso claramente: «Desejais e não tendes; portanto, matais. Cobiais e não podeis obter; portanto, combateis e fazeis guerras». Os desejos não cumpridos causam descontentamento; o descontentamento se manifesta na forma de violência e de contenda franca.

«...cobiais...» No grego é «*epithumeo*», «desejar», «anelar por», em bom ou em mau sentido. É óbvio que aqui isso deve ser entendido de maneira prejudicial. Tal palavra era com frequência usada para indicar as paixões sexuais descontroladas; mas o presente contexto não limita seu sentido a isso.

«...e nada tendes...» Obter para si mesmo não é satisfatório; a alma, que reconhece intuitivamente a natureza da verdadeira inquirição na vida, não aceita a satisfação falsa derivada do egoísmo. Portanto, o resultado líquido do egoísmo é a insatisfação.

«...matais...» No contexto original, devia ser entendido literalmente; no contexto cristão, conforme o uso do autor sagrado, está em foco a destruição do bem-estar espiritual, da reputação alheia, da vida espiritual de crentes individuais e de igrejas locais inteiras. Erasmo, pensando que o termo é por demais severo, conjecturou um termo similar como se fosse o original, a saber, «*phthoneo*» (em contraste com a palavra usada aqui, «*phoneo*»); porém, isso é uma emenda arbitrária, e sem qualquer apoio dos manuscritos do N.T. grego existentes.

«...inveja, e nada podeis obter...» A emulação também não é satisfatória; até mesmo quando se obtém aquilo que se deseja, a porção nobre do homem rejeita isso como digno. O estoicismo diz isso claramente. O desejo cumprido conduz meramente a uma maior multiplicidade de desejos; e a grande multiplicidade dos desejos conduz à frustração; e a frustração leva à futilidade. Esse tema é desenvolvido amplamente na filosofia moderna por *Schopenhauer*. Sua conclusão é que a única emoção legitimamente orientadora é a simpatia; e isso é apenas uma outra maneira de dizer «Amar o próximo». O amor é o oposto da emulação. O amor constrói; a inveja e a emulação destroem.

Finalmente, ele proíbe o desejo, sabendo que o desejo produz a revolução e se inclina para a intriga. Pois todas as paixões da alma são más, agitando-a e excitando-a de maneira desnatural, destruindo sua saúde e, pior que tudo, seu desejo. E esses males têm por causa o amor ao dinheiro, o amor às mulheres, o amor à glória ou o amor a qualquer daquelas coisas que produzem prazer—são elas coisas pequenas e ordinárias? Não é por causa dessa paixão que relações são quebradas, e assim a boa vontade natural é transformada em uma desesperadora inimizade? que grandes e populosos países são desolados domésticos? e que terras e mares são tomados por tremendos desastres, devido a batalhas navais e campanhas terrestres? Pois as guerras, famosas em sua tragédia, que os gregos e os bárbaros têm feito uns contra os outros, originaram-se todas de uma só fonte: o desejo pelo dinheiro, pela glória ou pelo prazer. Por causa dessas coisas a raça humana tem enlouquecido. (Filo, *de decal.*, 28, M, par. 204 e s.).

«...viveis a lutar e fazer guerras...» No uso original e «secular», bem de acordo com a citação de Filo, transcrita acima, estavam em foco guerras e derramamento de sangue literais, a violência dos homens, os atos desumanos dos homens uns contra os outros, tudo por causa de desejos descontrolados. Porém, conforme essa citação foi utilizada pelo autor sagrado, estão em foco lutas íntimas e comunais, que são prejudiciais tanto para o crente individual como para as igrejas locais. Essas atividades nada conseguem realizar. Essa é a tese que o autor reitera por muitas vezes.

3 αἰτεῖτε καὶ οὐ λαμβάνετε, διότι κακῶς αἰτεῖσθε, ἵνα ἐν ταῖς ἡδοναῖς ὑμῶν παπανήσητε.<sup>a</sup>

<sup>a</sup> 3-a é maior, b menor: TR WH Bv Nss BF<sup>4</sup> AV RV ARV TT Zkr Luth Jer // b maior, b exclamação: RSV NRB Seg // b menor, b maior

4:13: Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o perdurardes em vossos delitos.

Para eles, orar era apenas um meio de fomentar a ganância. Se conseguissem qualquer coisa com esse propósito dúbio, teriam a certeza que não fora Deus quem lhe dera. Tinham perdido completamente o conceito do uso apropriado da oração. Tinham-na transformado em um instrumento da carnalidade. Em que eles se importavam acerca da oração como um avanço na santidade e no bem-estar espiritual? Agiam como se houvesse apenas a dimensão terrena na existência, sem céu e sem Deus. Eram teístas professos, mas eram ateus na prática, porquanto, na realidade, imaginavam que Deus não desempenhava qualquer papel vital em suas vidas. Do «eu» e seus prazeres tinham feito os seus deuses. Eram idólatras da pior espécie. Nada há de errado nas orações que pedem a prosperidade e o bem-estar físico; conforme se depreende de III João 2. É bom «alguém gozar de boa saúde e estar financeiramente próspero. Mas é mau fazer dessas coisas a finalidade central de nossas vidas. Outrossim, os leitores originais da epístola tinham como alvos verdadeiros de suas vidas a busca pelos prazeres, pelo conforto e pelo poder; e assim não se preocupavam apenas com uma abastança mais razoável. Tinham substituído a dimensão eterna pela dimensão temporal; tinham feito da auto-indulgência algo mais importante do que cumprir a vontade de Deus, sendo transformados segundo a imagem de Cristo, o que é e deverá ser sempre o alvo de toda a existência. (Ver Efé. 1:10). «...buscai pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas» (Mat. 6:33).

Uma vida consagrada ao serviço de Deus é a melhor oração que pede bênçãos temporais. A oração feita com espírito ganancioso é como a de um

Em contraste violento com tudo isso, posta-se Deus. Filo comenta acerca desse princípio em *Leg. all.* ii.23, M., par. 83. Comenta ele que é impossível dominar a busca pela satisfação dada pelo prazer, exceto mediante a submissão a Deus. Somente na comunhão mística com Deus, através do seu Santo Espírito, que forma a imagem de Cristo no íntimo, podemos esperar receber as forças necessárias para vencermos as nossas paixões, os nossos desejos egoístas. A maioria dos homens se deixa governar por esses elementos, conforme a observação mais casual o demonstra. O homem de Deus, entretanto, deve viver acima desse tipo de vida.

«Existe uma espécie de reação em cadeia na alma do homem, tal como aquela que Tiago aqui descreve: a concupiscência, incapaz de sentir-se satisfeita, leva o indivíduo a impulsos sádicos, os quais, despertados por uma visão de prazeres fora do alcance do indivíduo, se transformam em violência, em crueldade e em homicídio. (Easton, *in loc.*).

«...Nada tendes, porque não pedis...» O autor sagrado descontinua abruptamente sua citação (provavelmente de uma fonte estoica), e agora se volta para o tema da oração. O fato de ter ele dito que toda a concupiscência e contendas de seus leitores «nada consegue», fá-lo lembrar-se que aquilo que é digno de ser recebido nos é dado em resposta às nossas orações. Por conseguinte, ele se volta imediatamente para esse assunto. A abrupta mudança de tema tem deixado perplexos aos intérpretes, que não percebem que o autor sagrado estava somente se utilizando de uma citação, que aqui descontinua, e que isso sugeriu uma nova corrente de pensamento, a qual se segue imediatamente. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «oração», ver o trecho de Efé. 3:18, onde é apresentada a nota de sumário a respeito).

#### A Natureza Da Oração

1. A oração é um ato criativo que pode fazer qualquer coisa, até mesmo os labores mais fantásticos e prodigiosos.

2. Porém, precisa mover-se acompanhando a corrente da vontade divina; em caso contrário, pode-se pedir o que bem se entender, que nada sucederá.

3. Se pudéssemos ver nossas vidas conforme Deus as vê, assim observando seu curso inteiro, do princípio ao fim, perceberíamos aqueles acontecimentos que terão de ocorrer, a bem de nosso desenvolvimento espiritual. Então perceberíamos quão errada e prejudicial é qualquer oração que nos leva a evitar tais ocorrências. E também veríamos como, antes de qualquer acontecimento valioso, nossas almas são inspiradas a orar com intensidade. E assim oramos; e depois dizemos: «A oração fez isso». Talvez fosse mais correto dizermos: «Deus fez isso. Isso fazia parte de seu plano para mim, e minha oração foi um exercício espiritual que me preparou para buscar e aceitar o que Deus tencionava para mim».

4. Seja como for, a oração é um importante exercício espiritual, e não consiste meramente de «pedir e receber». A oração nos serve de treinamento espiritual. Portanto, é um de nossos meios de desenvolvimento espiritual.

5. Quanto a outras notas que nos oferecem discernimento acerca da natureza da oração, ver a nota de sumário sobre a «oração», em Efé. 6:18 e Mat. 7:7 e ss. Busquemos a dimensão eterna, e todas as coisas nos serão acrescentadas (ver Mat. 6:31-33).

«Deus promete àqueles queoram, e não aos que lutam. Se orássemos, não haveria nem 'guerras' e nem 'lutas'». (Faucett, *in loc.*).

«Os bens mundanos são os vossos deuses; não deixais pedra sobre pedra, a fim de obtê-los; e visto que nada pedis de Deus, senão para o consumirdes em vossos maus desejos e propensões, vossas orações não são ouvidas». (Adam Clarke, *in loc.*).

«Eles não tentam suprir suas necessidades de um modo que cause perda a alguma outra pessoa, a saber, orando a Deus; preferem empregar a violência e a astúcia contra os outros. Ou então, seoram, pedindo o suprimento de suas necessidades terrenas, nada obtêm, porquantooram com mau intuito. Orar sem o espírito da oração é namorar com o fracasso». (Plummer, *in loc.*).

bandido, que pede sucesso para os seus assaltos. (Plummer, *in loc.*).

«...mal...», isto é, erradamente. (Comparar com Sabedoria 14:29,30 e IV Macabeus 6:17). Aquela gente podia com «propósitos egoístas», para obter os frutos ilegítimos dos prazeres. Essas orações não são ouvidas por Deus. (Quanto ao fato que Deus ouve as orações dos justos e penitentes, ver Sal. 34:15-17; 145:18; Pro. 10:24; Salmos de Salomão 6:6; Luc. 18:9 e ss.; Tia. 1:6 e ss.; I João 5:14 e *Hermas*, Sim. iv.6).

«...esbanjardes em vossos prazeres...» A idéia central é que eles desejam a abastança financeira, a fim de se ocuparem mais diligentemente na busca pelos prazeres; e existem ainda outros meios pelos quais os prazeres podem ser obtidos, e as petições de tais pessoas incluem qualquer coisa mediante o que o «eu» pode ser satisfeito.

«Até mesmo as orações dos crentes com frequência são melhor respondidas quando os seus desejos são menos atendidos». (Faucett, *in loc.*).

«Queriam fazer de Deus o ministro de suas próprias concupiscências». (Calvino, *in loc.*).

«O sentido geral é: se realmente orásseis corretamente, esse senso de contínua sede por coisas mundanas em maior quantidade não existiria: todas as vossas necessidades apropriadas seriam supridas; e aqueles desejos impróprios, que geram guerras e contendas entre vós desapareceriam. Pedir-lheis, e pedir-lheis bem, e, conseqüentemente, obter-lheis». (Alford, *in loc.*).

«É grande a misericórdia de Deus quando ele não ouve aos homens que fazem orações injustas. (Ver Sal. 66:18)» (Quesnel, *in loc.*).







qualquer evidência nos manuscritos que dê apoio a tal conjectura. 7. Há ainda a possibilidade que a citação tenha sido feita de alguma obra judaica atualmente perdida, a qual, por algum motivo, era reputada «Escritura», como aquela denominada *Eldad e Modai* (comparar com Núm. 11:24-30), a qual é mencionada em *Herm. Vis.* 11.3,4).

Quanto a esse problema, não podemos fazer melhor do que conjecturar. No que concerne às Escrituras que o autor sagrado poderia ter em mente, e que ele teria citado indiretamente, se esse tivesse sido o seu intuito, há as seguintes possibilidades: Gên. 6:3,5; 8:21; Núm. 11:29; Deut. 5:9; 32:21; Sal. 119:20; Pro. 21:10; Cantares de Salomão 8:6; Sabedoria de Salomão 6:12. Alguns supõem haver alguma alusão a passagens do N.T. ou a algum livro apócrifo do N.T.; mas isso é altamente improvável. Seja como for, a questão não é importante.

Já que a citação é um *hexâmetro*, foi colocada no texto um tanto desajeitadamente. Por essa razão, têm surgido algumas dúvidas quanto a seu sentido exato. A reprodução de sua métrica e de seu estilo grego, pode ser percebida nas seguintes palavras: «Zelosamente anela por Deus o espírito que ele implantou em nós». E pode-se ver claramente que o sentido é duvidoso, mesmo sem ser modificado o hexâmetro pela tradução interpretativa. A esse respeito, consideremos os pontos abaixo:

1. A palavra *Esprito* pode ser o sujeito ou o objeto do verbo. Portanto, poderíamos traduzir aqui a frase por «O Espírito que ele implantou em nós anela zelosamente por Deus». Isso significaria que o Espírito nega o valor do princípio mundano e da preocupação pelo que é terreno, e nos dirige exclusivamente para Deus, com o intuito de criar dentro de nós a mesma atitude. Poderíamos entender isso como uma espécie de «anelo ciumento», paralelamente à hostilidade àquelas coisas e daqueles princípios que são contrários à vontade de Deus, como se o Espírito nos dedicasse a Deus como se fôramos uma esposa fiel (de acordo com o simbolismo do quarto versículo).

2. Se a palavra «Espírito» é o objeto do verbo, então a sentença diria: «Deus anela zelosamente pelo Espírito que implantou em nós». Em outras palavras, o Senhor Deus tem uma atitude de ciúmes quanto ao trabalho do seu Espírito, em nós.

3. Dois sentidos adicionais podem ser derivados, simplesmente modificando-se a palavra «Espírito» para «espírito», o que resultaria em uma alusão ao espírito humano. O «verdadeiro homem interior», o elemento implantado por Deus no homem, e que naturalmente tende por buscar a seu criador, zela pela honra de Deus em nossas vidas; ou Deus zela anelantemente pela lealdade do espírito humano para com ele mesmo. Em qualquer desses dois casos, a alusão seria ao trecho de Gên. 2:7, onde Deus é visto a «soprar no homem» o espírito ou sopro da vida.

4. Uma outra modificação interpretativa consiste em tomar-se o vocábulo «espírito» para indicar uma «disposição» geral no seio da comunidade cristã. Assim sendo, há entre nós esse «espírito», inspirado pelas Escrituras, e que nos ensina que Deus é um Deus zeloso, que exige a nossa lealdade, em detrimento das expressões mundanas em nossas vidas.

Qualquer dessas quatro interpretações, entretanto, nos fornece o mesmo significado geral. Nossa lealdade a Deus e ao mundo eterno é um tema do ciúme de Deus, pelo que se trata de uma consideração séria. O uso de tais termos emocionais como «ciúmes», «ira», «prazer», referindo-se às atitudes divinas, naturalmente é um toque antropomórfico, isto é, expressa as realidades divinas como a linguagem humana inexata, não querendo isso dizer que Deus realmente possua essas formas de «emoção». Trata-se de mera tentativa de expressarmos certas verdades espirituais, mediante o uso da débil linguagem humana. Isso é o melhor que podemos fazer. Não asseveramos que Deus tenha as emoções que conhecemos. A «ira de Deus», por exemplo, não é uma emoção, e, sim, um termo técnico que indica

«juízo» (Ver Col. 3:6 acerca dessa questão).

Seja como for, todas essas interpretações querem ensinar-nos a mesma coisa. «O apóstolo fala sobre o amor anelante e zeloso de Deus, para com aqueles que ele uniu consigo mesmo, através dos laços do matrimônio (espiritual)» (Alford, *in loc.*). Por conseguinte, qualquer lealdade para com o mundo é uma ofensa e um adultério. Ser amigo do mundo é cometer adultério espiritual.

Um problema adicional de interpretação é aquele que indaga se devemos aceitar essa declaração como declarativa ou como interrogativa. Se ela é declarativa, então seu sentido é: «Deus é um amante ciumento». Se ela é interrogativa, poderia significar isso, mas também poderia significar «Supondes que o Espírito, que nos foi dado por Deus, poderia chegar ao ponto de ser ciumento?», com a idéia que isso seria incompatível com a sua natureza, envolvendo-o no pecado de ciúmes. Apesar dessa interpretação ser possível, seu sentido é uma contradição ao uso comum do A.T., que alude a Deus em termos de um marido ciumento, além de dar aqui um significado inesperado ao contexto. O quarto versículo, ao falar sobre o adultério espiritual, prepara-nos para entender Deus como um marido ciumento.

«...fex habitar em nós...»

**Variante Textual:** Duas formas verbais têm sido criadas aqui, devido ao fenômeno gramatical do itacismo (troca de vogais por outras, de sons similares), o que, neste caso, criou sentidos levemente diferentes. Os mss P(74), Aleph, AB, Pel, 049, 104, 226, 241, 482, 547, 807, 1241, 1739 e 1877(1) dizem «katokisem». Isso tem uma força causativa, que poderia ser traduzida por «...o espírito que ele (Deus) faz habitar em nós...». Mas «katokisem» é a forma que aparece nos mss KLP, 056, 0142 e a maioria dos manuscritos minúsculos de tradição bizantina, bem como a maioria das versões. É forma intransitiva, pelo que teríamos aqui a tradução «...o espírito (ou Espírito) que habita em nós...» («habitou» compreendida como se quisesse dizer «tomou sua residência», e, portanto, está agora habitando em nós, embora se trate do aoristo). O sentido essencial permanece o mesmo no caso de ambas as formas; mas a primeira enfatiza o poder causativo de Deus; e, a julgar pelas evidências externas, é a melhor das duas formas. A primeira forma se deriva da raiz, «katokisem», e a segunda da raiz «katokisem». A segunda forma é de ocorrência comum no N.T., e a primeira aparece somente neste presente versículo. Por conseguinte, é possível que alguns escribas a tenham modificado, para amoldar-se ao emprego usual; e isso é uma outra razão para cremos que a primeira forma é a que representa o original. Portanto, devemos compreender, neste ponto, o sentido causativo.

O ato de Deus, levando o seu Espírito a habitar em nós, tornando-o fiel a ele mesmo, é a bênção dos céus, a doação da vida, tal como Deus, no princípio, soprou sobre o homem o hálito da vida. Isso nos dá o motivo de nossa gratidão.

«...se uma alma puser de lado seu Deus, e casar-se com outro, comete adultério. A esposa que cultiva amizade com um homem que procura seduzi-la, torna-se adversária de seu marido; e todo o judeu e todo o crente deveria saber que a amizade com o mundo é inimidade contra Deus» (Plummer, *in loc.*).

Ainda existem duas outras interpretações: 1. As palavras gregas, «pros phthonon» significam «ao ponto do ciúme». O Espírito Santo anela até esse ponto; essa é a medida de seu anelo por nós. Não deveria ser vinculado ao termo «leghi», «diz», como se a tradução fosse, «a Escritura diz, ao ponto do ciúme», ou então, «fala como se com ciúme». Devemos rejeitar toda a idéia que «phthonos» subentende «má-vontade» para com os rivais de Deus, embora isso seja uma verdade. 2. O vocábulo grego «epithoeo» tem a idéia de «anelo», isto é, de «afeto» pelo ser amado, desejando o seu retorno. (Ver Deut. 13:8; 32:11 e Jer. 13:14 quanto a idéias similares. Nas páginas do N.T., ver Fil. 1:8 e II Cor. 9:14).

ὁ μείζων δὲ δίδωσιν χάριν· ὁ θεὸς ὑπερῆφανοῖς ἀντιτάσσεται, ταπεινοῖς δὲ δίδωσιν χάριν.

«O...χάρις» Pr 3:34 LXX (Mt 23:12; 1 Pd 5:5)

4:4; Todavia, dá maior graça. Portanto diz: Deus resiste aos soberbos; dá porém, graça aos humildes.

Alguns intérpretes têm pensado que a conexão entre este e o versículo anterior é um tanto obscuro, pelo que têm suscitado de alguma forma de corrupção textual. Na realidade, porém, não há tal problema. Parece antes que em face de termos um Deus que nos contempla como um amante ciumento, que ele também anseia por derramar sobre nós a sua graça. O mesmo amor que o leva a ser ciumento, leva-o a ser generoso para com os objetos de seu amor.

«...dá maior graça...» Essas palavras envolvem as seguintes idéias: 1. Deus nos confere ajuda graciosa em abundância. 2. Ricos dons espirituais no presente. 3. Os benefícios de sua vida eterna, mediante a graça (ver Efé. 2:8). 4. A provisão de que necessitamos para a vida temporal, de modo que não tenhamos de ser gananciosos e egocêntricos (ver o quarto versículo), porquanto isso nos levaria a deslizar ao estado de adultério espiritual. 5. Ele nos outorga uma graça «maior do que a esperada», e «maior do que qualquer benefício» que poderíamos esperar obter neste mundo; mas talvez a força comparativa não deva ser pressionada. Nesse caso, a «abundância» da graça é o que está em vista, sem compará-la com qualquer coisa. 6. Deus pode propiciar-nos essa abundância da sua graça porque o Espírito Santo, que em nós habita, é quem o garante.

«...pelo que diz...» Deus é doador da graça, mas existem condições. Sua graça é outorgada aos humildes, e não aos altivos. O autor sagrado usa o texto de prova de Pro. 3:34 (ver I Ped. 5:5, que faz a mesma citação). Essa citação segue a Septuaginta quase «verbatim», porquanto o original hebraico é um tanto diferente, dizendo: «Ele zomba dos escarneceiros, mas dá graça aos humildes». Não sabemos dizer se os tradutores da LXX seguiram um texto hebraico diferente daquele que chegou até nós, ou se eles

modificaram voluntariamente o texto a seu talante. Alguns dos Papiros do Mar Morto têm demonstrado que o atual texto massorético não é a única edição do A.T., pois alguns dos manuscritos hebraicos daquele grupo, especialmente nos livros de Samuel e no de Jeremias, com frequência se aliam à LXX contra o presente texto conhecido. Isso significa que o texto do A.T., conforme o conhecemos hoje em dia, é apenas um dentre outros, embora talvez seja o texto principal, pelo menos em alguns dos livros do A.T. Entretanto, a diferença feita nos diversos trechos não é de grande importância. Naturalmente, parte da diferença que aparece na Septuaginta se deve ao manuseio dos tradutores ao passarem o texto do hebraico para o grego, não se devendo ao próprio texto hebraico.

«A citação extralda de Pro. 3:34 ilustra e confirma a posição principal da passagem anterior, os versículos primeiro a quinto, a saber, que Deus não cede aos prazeres uma porção da lealdade do coração dos homens; antes, por sua graça, ele permite que os homens lhe prestem uma lealdade total» (Ropes, *in loc.*).

Portanto, Deus resiste aos «soberbos», isto é, aqueles que o servem apenas na aparência, porquanto realmente buscam fomentar sua própria causa, provocando rivalidades nas igrejas (ver os versículos primeiro a terceiro), pelo que se tornam amigos do sistema mundano hostil, que os infeccionou com o seu veneno (ver o quarto versículo). Deus faz resistência a esses «amigos do mundo»; mas abençoa abundantemente aos humildes da igreja, que se contentam em buscar o que é espiritual, e não o que é carnal.

Alma da humilde tem asas;  
De ambicioso, rastreja.  
O incenso morre nas brasas  
E perfuma toda a igreja.  
(Augusto Gil)



«...humildes...» Esta em foco, principalmente, a humildade para com Deus; neste contexto, porém, também estão em pauta aqueles que evitam a ambição exagerada, para que não prejudiquem a seus semelhantes. (Ver Tia. 1:10 e 2:5, onde o autor sagrado louva aos humildes e aos pobres, em contraste com os orgulhosos e com os ricos).

Vemos, pois, que a bênção plena de Deus é prometida para os singelos de coração, aqueles que se conservam puros e incontaminados com o mundo, que não se fazem amigos deste mundo hostil a Deus, o que os levaria ao adultério espiritual.

«Há tantas e tão difíceis coisas no mundo que ninguém pode evitar a iniquidade, a menos que desista de pensar constantemente sobre prazeres e recompensas, obtendo forças para suportar o que é difícil e doloroso. Meu pai tinha a grandeza própria da integridade; ele preferiu a pobreza e a obscuridade, ao invés da falsidade. Considere o frei Girolamo (Savanarola), este tinha a grandeza que pertence a uma vida que luta contra erros poderosos, que busca elevar os homens aos feitos mais excelentes de que são capazes. E assim, meu Lilo, se você quiser agir com nobreza e buscar saber

as melhores coisas que Deus tem posto ao alcance dos homens, terá de fixar sua mente com essa finalidade, e não no que lhe sucederá por causa disso. E lembre-se que se preferir algo inferior, fazendo disso a regra de sua vida, buscando apenas seu próprio prazer e tentando escapar do que é desagradável, a calamidade o atingirá da mesma maneira; e é uma calamidade adquirir uma mentalidade vil, pois isso envolve uma forma de tristeza para a qual não há bálsamo.» (George Eliot, *Epílogo a Romola*).

O indivíduo piedoso perde a sombra de bênção que o homem mundano busca, ao passo que os cobardes e orgulhosos se aterrorizam às sombras, e perdem de vista a substância da verdadeira vida.

Deus retribui aos pecadores com a própria moeda deles; eles dão pouco ou nenhum valor às realidades eternas, e obtêm pouquíssimo da parte de Deus.

É uma verdade acerca do homem espiritual e humilde que «...o Deus em quem ele crê representa muito mais para ele do que o mundo, que ele vê e sente. ...esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé» (Plummer, *in loc.*, com uma referência a 1 João 5:4b).

7 ὑποτάγητε οὖν τῷ θεῷ· ἀντίστητε δὲ τῷ διαβόλῳ, καὶ φεύζεται ὑμῶν

7 ἀντίστητε... διαβόλῳ Efb 6:12; 1 Pt 5:8-9

4:7; *Sujeitai-vos, pois a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós.*

«...Sujeitai-vos...» Esse é um elemento imprescindível para a vitória na vida espiritual. É para os «humildes» que a graça presente de Deus é conferida. Como sempre, no evangelho, a palavra final não é de condenação, mas de apelo à mudança de atitude, para que haja restauração, pois «Deus é amor» (1 João 4:8). Não obstante, o homem que insiste em mostrar-se auto-indulgente e orgulhoso só pode provocar dissensões no seio da igreja local (ver Tia. 4:1,2). E, assim sendo, torna-se culpado de adultério espiritual e amigo do mundo (versículo quarto). E, sendo orgulhoso (ver o sexto versículo), não receberá qualquer assistência em sua vida espiritual, mas antes, tornar-se-á um escravo do diabo.

Quem se sujeita é quem se torna «humilde» de espírito, reconhecendo a sua própria fraqueza e reconhecendo que tornar-se aliado do mundo é algo totalmente irreconciliável para a alma que retorna a Deus e que vive na esfera espiritual. Realmente, é necessário que o crente se submeta ao seu Comandante, pois está diante de um inimigo feroz. Sozinho, o crente certamente fracassará; com Cristo, a vitória lhe está assegurada, mas ninguém estará «com ele», a menos que se submeta às suas ordens.

«...portanto...», isto é, considerando-se como Deus ajuda aos humildes, mas resiste aos orgulhosos; e considerando-se como a inquirição pelas coisas mundanas entrava a busca espiritual.

«...resisti ao diabo...» No dizer de Ropes (*in loc.*): «Tomai atitude firme, resistindo às tentações e ao mundanismo, enviados pelo 'príncipe deste mundo' (João 14:30), e obtereis sucesso». Se Satanás for resistido com constância, sabendo que Deus é quem firma ao crente, desistirá imediatamente. A ousadia espiritual, em Cristo, é grande força contra as tentações. Isso indica um desenvolvimento espiritual resoluto, e não um impulso momentâneo de resistência. Os impulsos momentâneos são alternados por momentos de fraqueza; e o tentador sabe atacar-nos quando estamos fracos.

«Não se trata da questão da sujeição a Deus ou ao diabo; mas antes, da escolha entre a vontade de Oesterley e a vontade de Deus—é o espírito orgulhoso que deve ser tolhido.» (Oesterley, *in loc.*).

«O Espírito de Deus repousa sobre os humildes e sobre os mansos (ver Isa. 57:15)... tal como ele declarou que o Espírito de Deus é abundante, aumentando os seus dons, daí concluindo que devemos pôr de lado a inveja, submetendo-nos a Deus» (Calvino, *in loc.*).

«...e ele fugirá de vós...» Essa ideia aparece sob várias formas, na literatura judaica: «Se fizerdes aquilo que é bom, meus filhos... o diabo

fugirá de vós.» (*Testamento dos Doze Patriarcas, Naftali, 8:4*). «Se um homem foge para o Senhor, o espírito maligno fugirá dele.» (Idem, *Simeão, 3:5*). «Se praticardes o bem, até mesmo os espíritos imundos fugirão de vós» (Idem, *Benjamim, 5:2*).

«...a coragem e o poder autênticos procedem de Deus; o poder de Satanás é um poder fantasma mentiroso (ver o quarto capítulo do evangelho de Mateus). É somente quando o homem tenta a si mesmo que a tentação de Satanás se mostra eficiente.» (Lange, *in loc.*).

«A submissão a Deus é o começo, o meio e o fim do retorno do filho pródigo depois da desastrosa familiaridade com o mundo, para a segurança do lar paterno. A prontidão em submeter-se a tudo quanto Deus impõe é o primeiro passo na conversão, tal como o não querer render a própria vontade é o primeiro passo na direção da revolta e da deserção... A verdade para o lar celeste não é fácil, mas é certa; e aqueles que se enveredam por ela com constância certamente chegarão a seu término... Tiago faz um protesto intenso e simples contra o fraco apelo que diz que as tentações são irresistíveis. Asseverar tal coisa é dizer que o maligno tem maior força de vontade e maior poder em destruir os homens, do que tem Deus por salvá-los. A verdade é exatamente o contrário. Deus não somente não permite a Satanás qualquer poder de coagir um homem ao pecado, mas ele mesmo está perenemente pronto a ajudá-lo, quando o homem solicita fielmente ao Senhor que assim faça.» (Plummer, *in loc.*).

«Revesti-vos de toda a armadura de Deus e oferecerei resistência a ele (ao diabo) e ele fugirá de vós. A resolução fecha e cerra a porta contra a tentação.» (Matthew Henry, *in loc.*).

«Ele (o diabo) pode lutar, mas não pode vencer; portanto, se lhe oferecereis resistência, ele fugirá de ti, derrotado e envergonhado.» (Pastor de Hermas).

«O diabo não gosta do poder da oração, e nem da força da fé, e nem do fio da espada de dois gumes, a Palavra de Deus, e nem do cajado, do bernal, da funda do crente.» (John Gill, *in loc.*).

«...diabo...» Por toda a parte, as Escrituras aludem a Satanás como uma personalidade real, e não meramente como símbolo do princípio do mal. (Notas expositivas completas sobre ele aparecem em Luc. 10:18 e João 8:44). A história espiritual do mundo é, essencialmente, a luta pela lealdade (da parte de todos os seres) a Deus ou ao diabo. Eventualmente, todos os seres haverão de prestar lealdade a Deus, por meio de Cristo (ver Efé. 1:10); mas será necessário muitíssimo tempo para que isso aconteça, pois tal lealdade nunca é forçada, mas é extraída do livre-arbítrio, embora Deus tenha suas maneiras próprias de persuadir.

8 ἐγγίσσατε τῷ θεῷ, καὶ ἐγγίει ὑμῖν· καθαρῶς χεῖρας, ἀμαρτωλοὶ καὶ ἀγνίσσατε καρδίας, δίψυχοι.

8 ἐγγίσσατε... ὑμῖν Zeb 1:3; Mal 3:7 καθαρῶς χεῖρας, ἀμαρτωλοὶ Is 1:16

4:8; *Chegai-vos para Deus, e ele se chegará para vós. Limpai as mãos, pecadores; e, vós do espírito vacilante, purificai as corações.*

«...Chegai-vos a Deus...» Do princípio ao fim, fica subentendido que os leitores tinham um propósito honroso; e que embora isso tenha sido empanado pelo orgulho e pelos interesses próprios, o verdadeiro desejo da alma é retornar a Deus, com uma inquirição espiritual digna. Portanto, o autor sagrado mostra-lhes o caminho. A ideia de «avizinhar-se de Deus» é pensamento que, nas páginas do A.T., é associado aos sacerdotes no templo. (Ver Êxo. 19:22; Eze. 44:13; Isa. 29:13; Sabedoria de Salomão 6:19, 20; Judite 8:27; Heb. 7:19; Filo, de migr. Abr. 11, M. pág. 445; *Testamento dos Doze Patriarcas, Dã, 6:2*). Já que todo o crente é um sacerdote (ver Apo. 1:6), o seu desejo deveria ser o de aproximar-se de Deus e de seu santo templo. O trecho de Heb. 10:19 mostra-nos que o destino da alma consiste exatamente disso. Por conseguinte, esta vida deveria ser um preparativo para aquela; e se uma pessoa não participa de tal atividade, nesta vida ou em alguma outra esfera da alma, nunca poderá entrar na presença de Deus. Portanto, que o crente se aproxime de Deus agora, a fim de que, algum dia, sua alma esteja verdadeiramente próxima dele, em seu templo celeste, apesar de que todos os remidos chegarão nos céus. Mas temos aqui a ideia de maior ou menor aproximação, e não de acesso.

Deus espera por essa nossa aproximação com graça e antecipação benignas, tal como o filho pródigo encontrou seu amoroso pai a esperar por ele, depois que resolveu retornar à casa paterna. Sua decisão de voltar, naturalmente, envolveu o abandono do antigo caminho, não podendo mesmo alguém retornar a Deus sem tal abandono.

«Tornai-vos para mim, diz o Senhor dos Exércitos, e eu me tornarei para vós outros...» (Zac. 1:3). Assim como provocamos nossas próprias

tentações, assim também devemos encontrar, em nós mesmos, a vontade de provocar nosso retorno. O Espírito Santo nos ajuda, mas nunca nos coage. O livre-arbítrio do homem não pode ser violado, pois, de outra maneira, a pessoa que voltasse a Deus não seria digna de acolhida. O homem precisa aprender, desse modo, a preferir voluntariamente ao bem, e não ao mal, tal como Deus o faz.

«Em suma, Tiago quis indicar outra coisa nesta passagem, senão que Deus nunca se esquivava de nós, exceto quando nos afastamos dele. Ele se assemelha a quem leva o faminto à mesa, e o sedento à fonte.» (Calvino, *in loc.*).

As Escrituras, naturalmente, nunca dão a entender que esse retorno e essa resolução são fáceis. Jesus, ao resolver a questão do pecado, teve de pagar um tremendo preço. Poderia agora a vitória ser-nos dada gratuitamente? Poderíamos esperar ser levados aos céus em meio a canções floridas de despreocupação?

«...purificai as mãos...» As mãos se corrompem mediante o contacto com as coisas profanas. A alusão, evidentemente, é aos sacerdotes que contralham impureza cerimonial, e precisavam de lavagens frequentes, a fim de serem dignos de cuidar de seu serviço. Apesar de que o ato de lavar as mãos, no A.T., indicava a libertação da poluição cerimonial, para que o indivíduo se tornasse apto para ocupar-se de seus deveres religiosos, de ritos e de funções externas da fé, não há que duvidar que o autor sagrado aplica isso ao direito e à capacidade da alma de adorar e servir a Deus quanto às coisas espirituais, mediante a purificação dos males morais, tais como aqueles discutidos no contexto geral, como o orgulho, os interesses pessoais, a auto-exaltação, a amizade com o mundo, etc. Quando nos livramos dessas coisas é que «purificamos as mãos».



**Importância Da Santificação**

1. As Escrituras muito têm a dizer sobre esse assunto, e o que elas dizem é surpreendentemente severo. Podemos dizê-lo em poucas palavras: «Sem a santificação, a salvação é impossível». Ninguém jamais poderá ver Deus sem a santificação (ver Heb. 12:14).

2. A eleição garante a santificação, e a santificação põe em ação a eleição. (Ver I Ped. 1:2 e II Tes. 2:13). Isso conduz o indivíduo à própria salvação.

3. A santificação elimina o pecado, primeiramente concedendo-nos a vitória sobre ele. Chegamos a obter a vitória sobre o vício. Finalmente, ela nos remove da presença do pecado e remove o pecado de nossa natureza. Isso não sucederá enquanto estivermos nesta plana terrena, contudo (ver I João 1:8). Aqui, entretanto, temos vitória de modo a não pormos o pecado em prática (ver I João 3:6).

4. A santificação também é positiva, porquanto, através das operações do Espírito, obtemos as virtudes morais positivas do próprio Deus (ver Gál. 5:22,23). Isso se torna o poder que nos transforma segundo a imagem e a natureza de Cristo (ver notas completas a respeito, em Rom. 8:29; ver a nota geral sobre a «santificação», em I Tes. 4:3).

«...pecadores...» Do tipo definido no texto: amigos do mundo; os que buscam o que é temporal, e não o que é eterno; os que são orgulhosos e exaltados aos seus próprios olhos, provocando rivalidades e facções nas igrejas; os que se mostram adúlteros espirituais. Temos aqui uma repreensão incisiva e cortante, que visa despertar os chamados homens espirituais a seu bom senso.

«...ânimo dobre...» Tais pessoas servem ao mundo, embora finjam servir a Deus; uma parte de seu coração se volta para Deus, mas outra parte se volta para o mundo. Em Tia. 1:6-8 o indivíduo de mente dúctil já fora repleto. Tal indivíduo se mostra instável em todos os seus caminhos. Toma resoluções hoje que prontamente desmancha amanhã. O pouco progresso espiritual que ele consegue ocasionalmente, é prontamente perdido, quando enfrenta alguma nova e difícil batalha. Ele crê no mundo

eterno, mas não se contenta em entregar-se totalmente ao mesmo. Quer ser amigo de Deus, mas, na realidade, normalmente é amigo do mundo. Hesita, balança e é impelido como que pelas ondas do mar; nele não há estabilidade espiritual. É capaz de enganar a seus amigos; mas reconhece qual é a verdadeira situação de sua alma. É homem que possui como que duas almas—uma boa e outra má. Mas isso é apenas uma monstruosidade espiritual.

«...limpai o coração...» Temos aqui alusão à purificação íntima, da alma, a santificação do verdadeiro homem, o espírito. A palavra «coração» é aqui usada a fim de indicar «espírito» ou «alma». Noutras passagens, o lado intelectual ou emotivo da alma é salientado como o uso da palavra «coração», tal como se dá nos idiomas modernos. A santificação, portanto, deve chegar até à alma; não pode ser apenas externa e cerimonial. Não pode aplicar-se somente aos nossos «atos», mas também deve envolver os próprios motivos de nosso ser. (Comparar isso com os trechos de Sal. 51:12,18,19; Pro. 23:26; Jer. 31:33 e I Ped. 3:15). Na restauração do pecador, não poderá haver cura apenas superficial; deve ser algo profundo e revolucionário. Somente com a ajuda do Espírito Santo isso pode ocorrer; pelo que também devemos buscar a sua pessoa constantemente, nesse sentido.

As mãos imundas e assassinas não podem ser perfumadas com todos os perfumes da Arábia; para tanto, é preciso a operação divina. Isso chega até nós mediante autêntico arrependimento e santificação, e é mistificamente tornado real pelo contacto mesmo com o Espírito de Deus.

Se alguma diferença é aqui tencionada entre as palavras «mãos» e «coração», então a primeira indica as ações externas, coisas que os homens podem ver—e até essas coisas devem ser santificadas; ao passo que «coração» se refere ao homem interior, ao espírito, de onde se originam essas ações. Tiago pede de nós que sejamos mais do que meros superficiais meio-crente, em credos casuais. Ele requer a realidade do arrependimento e da santificação.

9 **ταλαίπωρήσατε καὶ πενθήσατε καὶ κλαύσατε· ὁ γέλως ὑμῶν εἰς πένθος μετατραπήτω καὶ ἡ χαρὰ εἰς κατήφειαν.**

9 και κλαυσατε B pllat e; R], κλαυο. KA: om 36 307 pc c syr | μετατραπήτω BP 1739 pe | μεταστραφήτω NA pl e; R

4:9; *Senti as vossas misérias, lamentai a chorar; tornai as vossas risas em pranto, e a vossa alegria em tristeza.*

O autor sagrado passa agora a exortá-los a abandonarem a atitude afetada da folia mundana. Não se pode duvidar que os pecadores apreciam o que fazem, e no íntimo se ufanam de poderem continuar em seu curso sem serem castigados. Exaltam-se em seus pecados, e exaltam a seus pecados. Alguns deles chegam mesmo a se gloriarem de sua vergonha (ver Fil. 3:19). Tudo isso é típico da rebelião contra Deus. A lição deste versículo é que a atitude verdadeira de arrependimento e santificação não pode ter lugar enquanto o indivíduo está se alegrando e gloriando em sua depravação. O coração precisa ser antes quebrantado, e o espírito precisa ficar contrito. As referências do A.T. a isso são abundantes. (Ver Sal. 12:5; 38:7; Sl:3,4,8,12,17, os quebrantados e contritos de coração são aqueles que Deus não despreza; Tobias 13:10; II Macabeus 4:47; IV Macabeus 16:7; II Sam. 19:1; Nee. 8:9. Quanto ao N.T. ver Mat. 5:4; Marc. 16:10; Luc. 6:25 e Apo. 18:11,15,19).

«...afligi-vos...» A forma nominal de onde vem este verbo é «*talaiporia*», isto é, «*miséria*». (Ver Tia. 5:1 quanto a seu uso). O homem precisa reconhecer a miserabilidade de seu estado espiritual, sentindo-a profundamente. Isso é fortíssimo motivo de arrependimento. Ele deve encarar com horror a sua vida anterior, como uma afronta feita ao Deus santo. (Ver Rom. 7:24 quanto a esse sentimento; «Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?»). Somos informados que uma das formas de execução na antiguidade consistia em amarrar o assassino ao cadáver daquele que ele tinha morto. Então o assassino era abandonado, para sofrer as agonias de ficar em contacto com um corpo em putrefacção, até enlouquecer ou morrer de inanição. Trata-se de horrível forma de morte; mas o indivíduo que se vincula aos caminhos do mundo, na realidade leva a morte juntamente consigo. E o indivíduo precisa clamar, pedindo libertação de seu «corpo de morte», para que realmente se sinta liberto.

10 **ταπεινώθητε ἐνώπιον κυρίου, καὶ ὑψώσει ὑμᾶς.**

4:10; *Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará.*

Não é natural os homens buscarem e manterem sentimentos de tristeza e abatimento. Não é natural ao indivíduo buscar humilhar-se. Todos querem sentir-se livres, poderosos, auto-suficientes! Aquela atitude de contrição deve ser buscada em Cristo, mediante o dom de Deus, porquanto também é em Cristo que seremos exaltados e glorificados. Porém, essa exaltação e glória nada tem a ver com a maneira como os homens ordinariamente se exaltam, mediante experiências e alegrias carnisais. A humilhação *desnatural*, pela qual precisamos passar a fim de nos libertarmos da carnalidade, não é a expressão permanente que buscamos. O versículo presente deixa isso claro. Esse estado de quebrantamento é apenas a preparação da alma para receber alegria e exaltação espirituais; mas são preparativos necessários, uma vez que nos tenhamos permitido ser levados pelo mundo, pela maneira de pensar e de agir dos homens mundanos.

«...humilhai-vos...» O autor sagrado retorna, neste ponto, ao início de sua exortação (no sexto versículo, onde ele diz que Deus dá graça aos «humildes»). Para que se obtenha essa atitude de «humilhação», conforme nos diz o autor, há necessidade de vários estágios ou atos: sujeição a Deus, resistência ao diabo (versículo sétimo), aproximação de Deus, purificação de atos e do homem interior (versículo oitavo), aflição, lamentação, choro, tristeza de coração (versículo nono). Todos esses elementos fazem parte necessária de nossa humilhação diante do Senhor.

«...na presença...» isto é, perante os olhos divinos, algo visível para o

«...lamentai e chorai...» Reconhecendo a ofensa que sua vida tem sido para Deus e para os homens, demonstrando um coração contrito e transformado no tocante ao pecado. Nos tempos vetotestamentários, os homens exibiam sua contrição vestindo-se de cilício e cobrindo a cabeça com cinzas. O autor sagrado roga-nos que assim vistamos nossas almas, a fim de sermos livres da folia destrutiva e pecaminosa do mundo. Existe uma tristeza piedosa, da qual não nos arrependemos. (Ver II Cor. 7:10). Lembremo-nos da angústia penitente de Pedro, depois de negar a Jesus! Lembremo-nos de sua vitória eventual! Cumpre-nos banir os sorrisos disfarçados e os ares de tristeza, pois é na sinceridade de coração que a bênção nos é finalmente dada. (Ver Mat. 5:4).

«...converta-se o vosso riso em pranto...» O indivíduo orgulhoso e degenerado levanta bem alto sua voz, em gargalhadas e piadas, ao mesmo tempo que se entrega ao vinho, a bacanais e às suas canções profanas. O homem humilde, inclinado ao arrependimento, ajoelha-se no templo e não usa de sorrisos fingidos, mas lamenta o seu estado como convém.

«...pranto...» (Comparar isso com Amós 8:10; Tobias 2:6; Pro. 14:13; I Macabeus 1:39; 9:41). Normalmente, esse vocábulo indica uma tristeza auto-reprimida, e nunca algo violento ou altamente exibicionista. Trata-se do estado íntimo da alma, que pode exteriorizar-se de várias maneiras.

«...tristeza...» No grego é «*katēphēia*», isto é, «abatimento», «melancolia»; pois se deriva de «*katēphē*», isto é, «ar abatido», «olhar voltado para baixo». (Ver Luc. 18:13). O quadro apresentado é o contrário do indivíduo orgulhoso, jovial, convencido e mundano. Antes, é uma pessoa de coração quebrantado, porquanto chegou a ver-se como realmente é, ou seja, tremendamente distanciado de Deus e da sua santidade.

«Essas palavras expressam o contraste entre a folia que se expressa em altos brados, daqueles que buscam os prazeres, e a atitude submissa e abatida dos penitentes». (Oesterley, *in loc.*). Através de sua alegria carnal, não podem ocultar que são amigos do mundo. Mas a atitude lamentosa demonstraria que estão interessados em restaurar sua amizade com Deus.

10 Joh 8:11; 1 Pt 5:6

Senhor. Isso deve ser feito na busca da comunhão com ele, para que sejamos aceitos por ele, buscando libertar a alma de seus liames com o que é terreno, absorvendo-nos na contemplação das realidades divinas. Se não agirmos assim, nossa experiência, eventualmente, será a de Scott Fitzgerald, um novelista, que viveu na dissipação de costumes, em sua juventude, buscando lebrilmente as sensações corpóreas, o que é bastante típico da vida dos jovens modernos, que não têm Deus. Pouco antes de sua morte prematura, ele se descreveu como um «prato rachado». Passou por muitos vales de depressão, procurando recuperar-se de sua bancarrota moral e espiritual. E assim ele teve de aprender a árdua lição que «custa muito mais alguém entregar-se a um único hábito mau do que praticar muitos hábitos bons», conforme diz um antigo e sábio provérbio. (Quanto à necessidade que temos de nos humilharmos diante de Deus, ver as notas expositivas sobre o sexto versículo deste capítulo, bem como ver as Escrituras seguintes: Rom. 6:4—participação na morte de Cristo; Jô 5:11; Eze. 21:26; Mat. 23:12; Luc. 14:11; I Ped. 5:6 e *Ben Siraque* II.17).

«Deus protege os humildes e os libra; ele os ama e consola; e também lhes confere uma graça acessível; e, após a humilhação dos mesmos, eleva-os até à glória. E assim serve seus segredos aos humildes, atraindo-os docemente a ele mesmo» (Tomás à Kempis).

«...Senhor...» Está em foco Deus Pai, tal como nos versículos sexto, sétimo e oitavo, embora normalmente, nas páginas do N.T., essa palavra aponte para o Senhor Jesus Cristo. (Ver Rom. 1:4 quanto a esse título



de Cristo e quanto a seu «senhorio», nas notas expositivas ali existentes). Deus é o «Senhor» da humanidade; ele tem os direitos da soberania; e isso requer humildade de nossa parte, bem como a lealdade a ele.

«...vos exaltará...» Agora está em foco o poder e a bênção espirituais; e isso tanto quanto ao bem-estar presente como na glória futura, quando compartilharemos da glorificação de Cristo. (Ver as notas expositivas sobre esse tema, em Rom. 8:29,30). Ele nos exaltará espiritual e moralmente, e, finalmente, nos levará à sua presença (ver Heb. 10:19). (Ver também esse pensamento, incorporado no bem-estar da vida eterna, em Tia. 1:12 e 5:8; e ver notas expositivas completas sobre essa questão, em João 3:5). Essa exaltação ocorre dentro de nossa «salvação», o que é comentado em Heb. 2:3. (Ver declarações similares nos trechos de Mat. 23:13; Luc. 14:11; 18:14; II Cor. 11:7 e I Ped. 5:6).

Os escritores judaicos também insistiam veementemente sobre a necessidade do arrependimento, para aqueles que desejam receber qualquer coisa da parte de Deus. «É lugar comum, na boca de Raba que, a partir da sabedoria é o arrependimento» (*Berachoth*, 17a).

«Tal como uma árvore deve lançar profundas raízes para baixo, a fim de XVII. *Mais Males da Língua* (Tia. 4:11,12).

O capítulo terceiro inteiro se dedica a esse tema, e agora o autor sagrado retorna ao mesmo uma vez mais, posto que de modo breve. Isso mostra a grande importância que ele dava ao controle da faculdade da fala. Esta seção, apesar de ser completa em si mesma, tem uma conexão vital com o que ocorre antes. A auto-exaltação e o orgulho, vinculados aos desejos maus, inevitavelmente resultam na perversão de expressões verbais. Um homem se exalta degradando a outro, com uma linguagem imprópria. Jacta-se de sua grandeza, mediante o uso de palavras vãs. O autor sagrado ensina-nos que aquele que julga a seu irmão ou o degrada com suas palavras, coloca-se acima da lei do amor e infringe as prerrogativas de Deus, o único qualificado a ser Juiz, aquele que instituiu a lei. Aquele que usa palavras para falar mal de outros certamente é um filho deste mundo maligno, que se acha em inimizade contra Deus. Aqueles que vivem caindo em lapsos morais, gostam de encontrar falhas naqueles que desejam, e é bem provável que isso está em foco aqui, como parte do assunto explorado — a degradação de outros por meio de palavras ferinas, que é aqui atacada pelo autor sagrado.

11 *Μη καταλαλεῖτε ἀλλήλων, ἀδελφοί· ὁ καταλαλῶν ἀδελφοῦ ἢ κρίνων τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ καταλαλεῖ νόμου καὶ κρίνει νόμον· εἰ δὲ νόμον κρίνεις, οὐκ εἰ ποιητῆς νόμου ἀλλὰ κριτῆς.*

11 ουκ] ουκετι KP 69 1739 pe it

4:11; irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, o julga e seu irmão, fala mal da lei, a julga a lei; ora, se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz.

«...Irmãos...» Dois propósitos devem ser vistos nesta afirmação direta aos leitores, chamados de «irmãos». Primeiramente, eles são lembrados de sua responsabilidade, como membros da família divina — a Cristo, o Irmão mais velho; a Deus Pai; e uns aos outros, como membros da mesma comunidade espiritual. Em segundo lugar, a afirmação, tal como se vê normalmente nesta epístola de Tiago, assinala a transição para um novo tema. (Ver esse uso que aparece também em Tia. 1:19; 2:1,14; 3:1 e 5:7).

«...não faleis mal uns dos outros...» No grego é usado o termo «*katalaleo*», que quer dizer «falar mal de», «degradar», «difamar». Esse termo é frequentemente aplicado ao ato de dizer palavras duras contra os ausentes, os quais, por isso mesmo, não podem defender-se. No entanto, não temos de entender aqui, necessariamente, tal elemento. Notemos o imperativo presente. É como se Tiago tivesse dito: «Não tenhais por hábito, conforme vindes fazendo, de difamar a outros, por qualquer razão. A maior parte dessa difamação provavelmente está vinculada a supostas «críticas pias», daqueles que não praticavam a «Torah» (a lei), conforme podia esta ser entendida no seio do cristianismo. Isso proíbe a maledicência e os boatos, que se originam do ódio e do despeito. Trata-se de um uso impróprio da fala, dando a entender que quem assim faz busca suplantar a lei, que é o verdadeiro agente condenador nas mãos de Deus. (Ver Efê. 5:4 quanto a notas expositivas sobre o uso apropriado da faculdade da fala. Quanto a outras passagens bíblicas que têm o mesmo sentido geral contra a fala prejudicial ao próximo, ver Sal. 101:5; II Cor. 12:20; I Ped. 2:1; Rom. 1:30. Quanto à primitiva literatura cristã, ver *Clemente, Romanos* 30:1,3; 35:5; *II Clemente, Romanos* 4:3; *Hermas, Sim.* vi.5:5; viii.7:2; ix.26:7; *Mand.* ii.2; *Barnabé* 20; *Testamento dos Doze Patriarcas, Gade*, 3:3 e 5:4).

«O que está em foco aqui é a inteligência daqueles que falam sem gentileza. Nada indica que qualquer outra coisa está em foco, do que a crítica dura, comum na vida diária da antiguidade e de nossos dias. Não há aqui um ensino diretamente dirigido contra os mestres, que se mordiam entre si (ver Tia. 4:14 e ss.). Quanto a tal ponto de vista, com o de Pfeleiderer, por exemplo, que pensava haver aqui uma polêmica contra a atitude de Márcion, que julgava a lei judaica inferior, não há qualquer confirmação, como também se dá no caso da idéia (esposada por Schneckenburger), de que há aqui a repreensão contra aqueles que atacavam o caráter de Paulo por suas costas». (Ropes, *in loc.*).

«...fala mal da lei...» De que maneira? 1. Ignorando seus mandamentos contra o tratamento maldoso contra outros, em que fica ferida a lei do amor. Quem age assim, viola a régia lei do amor (ver Tia. 2:8 e o contexto, vinculado a Lev. 19:18, bem como aquele versículo que ordena o amor ao próximo). Ele declara que a lei é «sem valor e sem aplicação», no seu próprio 12 *εἰς ἐστὶν [ὁ] νομοθέτης καὶ κριτής, ὁ δυνάμενος πλησιῶν;*

12 ουδ' πλησιῶν Ro 2:1; 14:4

4:12; Não há só legislador e juiz, aquele que pode salvar a destruir; tu, porém, quem és, que julgas ao próximo?

*Variante Textual:* As palavras «...e Juiz...» São omitidas nos mss P(74) (papiro, uma do século VII D.C.), KL e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina. Esta parece ser um daqueles casos raros em que o original é mais longo que a variante. Normalmente, a forma mais curta é reputada correta, porquanto era muito mais natural aos escribas aumentarem, e não diminuiram o texto. Porém, a evidência objetiva

que cresça para cima, assim também aquele que não fixar profundamente sua alma na humildade, se exalta a si mesmo para sua própria ruína» (Agostinho).

«Ele lhes dá um lugar e um nome em sua casa, melhor que o de filhos e filhas; ele os adorna com a sua graça; ele os reveste da retidão de seu Filho; ele lhes concede proximidade a si mesmo; e, finalmente, ele os introduzirá em seu reino e em sua glória» (John Gill, *in loc.*). Porém, melhor do que tudo isso, ele lhes dá de sua própria «plenitude» de atributos e poderes, com base na participação em sua própria natureza (ver Efê. 3:19; Col. 2:10).

«...(*exalta*) a glória inefável de seus filhos manifestos» (Alford, *in loc.*).

Tudo isso faz contraste com as vitórias temporais e fúteis, e com a exaltação humana, na face da terra:

*As vitórias deste mundo  
Lembram-me as águas do mar:  
Cai lá oiro, vai ao fundo.  
E um cepo fica a boiar.  
(Augusto Gil)*

caso, desobedecendo-a e desconsiderando-a cruelmente. 2. Também fica implícito que a lei não é juiz suficiente, porque presumia tornar-se juiz, em lugar da lei. Desse modo, tal indivíduo degradava à lei, como um instrumento nas mãos de Deus, que realmente critica e julga.

«...julga a lei...» Tal indivíduo julga a lei ao «avaliá-la». Ele lhe dava pouco valor, reputando-a inútil, como as suas ações. É como se ele dissesse: «A lei não serve de juiz, pelo que tenho de ocupar suas funções». Assim sendo, dá à lei uma avaliação muito inferior. E também julgava a lei errônea, ao reprimir aqueles que faziam mal ao próximo, como se ele fosse o real juiz das ações morais corretas. Ainda que tal pessoa não o declarasse, suas ações assim dão a entender. E talvez não agisse conscientemente, mas suas ações equivaliam à rejeição consciente da lei como autêntico juiz dos homens. O autor sagrado, naturalmente, pensava na lei segundo os moldes cristãos, conforme ele faz por toda esta epístola, o que é perfeitamente óbvio na seção de Tia. 2:14 e ss. Ao julgar a lei de Deus como algo sem valor, tal indivíduo tomava o lugar de Deus como juiz. Mas somente Deus é um juiz infalível (ver o décimo segundo versículo e o trecho de I Cor. 4:3-5); mas esse indivíduo presume negar essa proposição por meio de suas ações. Nesse processo, chega bem perto da blasfêmia, e certamente se torna um elemento prejudicial na comunidade religiosa.

«...se julgas a lei, não és observador da lei...» Todos os homens são chamados para serem observantes da lei. Porém, quando um homem se exalta tanto que imagina poder julgar à lei, considerando-a inútil, dificilmente haveria de praticá-la. Sua própria atitude altiva o torna transgressor da lei; sua presumida auto-exaltação o torna um transgressor; ele degrada seu irmão, e isso o torna transgressor, porquanto ignora a principal característica da lei, o «amor». Tornou-se um homem cívico de preconceitos.

«...mas juiz...», isto é, juiz acima da lei, como quem substituiu a lei. Já que Deus se utiliza da lei em seus julgamentos morais sobre as ações humanas, esse indivíduo, na realidade, pensa em suplantar a Deus. Sua atitude preconcebida, portanto, perdeu inteiramente o controle. Esse homem pensa que é a fonte do direito e da bondade, estando qualificado, por conseguinte, a julgar aos outros. Fez de si mesmo um Deus falso. É um juiz hostil à lei e ao Deus da mesma, sendo o pior tipo de depravado. E também é «juiz» por que «condena à lei», já que a considera «sem valor», tomando seu lugar. Porém, as outras idéias parecem mais centrais, já que esse pensamento já havia sido expresso neste versículo. O versículo seguinte mostra-nos o absurdo de qualquer homem que se presume um juiz. Só existe um ser que está qualificado a tal trabalho — o qual possui inteligência e poder divinos. Outrossim, o verdadeiro juiz também é o «legislador». Em contraste com isso, este homem nega a lei que foi dada, tornando-a inútil, ao viver de modo contrário a seus mandamentos, procurando impor suas idéias a outros.

σῶσαι καὶ ἀπολέσαι· σὺ δὲ τίς εἶ, ὁ κρίνων τὸν πλησιῶν (ἐστὶν) BP 1175 pc] add a NA pl 61 R | καὶ κριτής] em KL al 6

mais forte favorece a inclusão das palavras «...e Juiz...» Assim dizem os mss Alaph, ABP e a maioria das versões. E vários dos primitivos pais da igreja assim também citaram a passagem.

Deus foi quem deu a lei, e ele é o Juiz que a aquilata como os homens obedecem à lei; ele ocupa lugar solitário nesse mister, pois somente ele possui a inteligência, a sabedoria e o poder de julgar aos homens. Somente os presumidos de maior estatura imaginam tomar o seu lugar.



«Indivíduos intolerantes com freqüência afirmam que representam a Deus nos preceitos severos que impõem a seus semelhantes; na realidade, porém, estão usurpando o seu trono. Com os outros preconceitos encobrem suas idéias de poder sobre as almas, com uma capa de piedade e ortodoxia. Os dogmáticos, com a certeza da infalibilidade, julgam-se capazes de perceber aqueles que não são ortodoxos. Esquecem-se, entretanto, que só existe 'um Legislador e Juiz', e que eles mesmos não são deuses. (Comparar com Tia. 5:9). A crueldade daqueles que são justos a seus próprios olhos é mais terrível por estar revestida com o disfarce da prática do bem. A intolerância, não infreqüentemente, atinge seu estágio mais amargo em certas pessoas que se professam seguidoras de Cristo». (Easton, *in loc.*)

«...salvar e fazer perecer...» O trabalho próprio de um Juiz é algo inteiramente fora da capacidade do homem, pois aborda a solenidade suprema. Envolve a doação da vida ou seu contrário, quando é imposta a morte espiritual. (Quanto a esses temas, ver sobre a «vida eterna», em João 3:15; sobre o «juilamento», em Ap. 14:11; e sobre a «ira de Deus», ver Col. 3:6). É óbvio que somente o Ser supremo está qualificado para essa gigantesca tarefa. Mediante tal argumento, o autor sagrado torna o seu caso invencível contra aqueles que queriam ser juizes, ou seja, contra a atitude de censura ao próximo, especialmente quando alguém presume dizer quem é digno ou não do nome de «discípulo de Cristo».

«...tu, porém, quem és...?» Essa é uma observação ferina. Quem és tu, na realidade, que presumes possuir tal responsabilidade? Apenas te tornas ridículo! (Ver Mat. 7:1 e ss.; 10:28; 19:17; Rom. 4:4 e ss.; 1 Cor. 4:3 e ss., quanto a idéias similares). Devemos sujeitar-nos totalmente a Deus, porquanto ele é nosso único Juiz, sem haver outro. (Ver *Hermas Mand.* xii.6:3; Sal. 68:20; Deut. 32:39; 1 Sam. 2:6; 11 Cor. 5:7 quanto a idéias parecidas). Deus, o Juiz, é capaz de salvar ou de condenar, e evidentemente essa era uma maneira comum, na terminologia judaica, de se referirem os judeus ao Ser Supremo. O N.T. com freqüência atribui a Jesus Cristo o papel de Juiz, por delegação de Deus Pai. (Ver Atos 17:31). O autor sagrado mui provavelmente sabia disso, não se tendo incomodado, porém, de descer a detalhes da questão. Mas certamente ele indica aqui que Deus Pai é quem é o Juiz.

#### XVIII. Confiança na Providência (4:13-16).

Esta seção destaca-se isolada, sendo completa em si mesma, sem qualquer conexão com o que lhe vem antes ou depois. Alguns estudiosos têm pensado que consta de um exemplo dos pecados da língua, o tema da seção anterior. Em outras palavras, uma pessoa muito pode falar sobre o que fará, demonstrando, por suas palavras, a falta de confiança na providência divina, ou ignorando a mesma. Porém, essa espécie de conexão, apesar de possível, é bastante remota. Preferimos pensar que o tema foi completamente mudado, o que não é incomum nesse autor sagrado, porquanto ele passa rapidamente de um assunto para outro, sem conexões literárias que dissemos nos avisem, exceto que ocasionalmente, ele assinala tais transições dirigindo-se diretamente a seus leitores, como «irmãos». (Quanto a essa prática do autor sagrado, ver Tia. 1:19; 2:1,14; 3:1; 4:11 e 5:7).

O autor sagrado passa agora a demonstrar sua crença em uma forma altamente desenvolvida de teísmo. O teísmo ensina que Deus existe e tem contacto com os homens, intervindo na história humana, a fim de galardão ou punir. O deísmo, em contraste com isso, ensina que apesar de ser razoável a suposição de que existe algum poder Supremo, também é razoável supormos que ele abandonou a sua criação, conforme fica demonstrado pelo problema do mal. Em outras palavras, existe tanto o mal, de natureza moral, em que os homens se mostram desumanos para com os seus semelhantes, ou de natureza natural, como os dilúvios, os incêndios, os terremotos, as enfermidades e a morte, que alguns sentem dificuldade em crer que existe alguma Força boa e toda poderosa no universo, que está cuidando das coisas. (Quanto ao problema do mal, ver as notas expositivas em Rom. 3:8). O autor sagrado, juntamente com outros escritores do Antigo e do Novo Testamentos, cria que haverá uma resposta adequada para o problema do mal, vinculada à entrada do pecado no mundo, o que criou a confusão e o caos. Já que os homens participam alegremente do pecado, precisam pagar o preço. Contudo, esse pagamento do preço tem uma finalidade disciplinadora, e não meramente retributiva. O mal, portanto, treina os homens a buscarem o bem, por verem que o preço do mal é excessivamente elevado. (Ver Rom. 11:32 quanto a um versículo que subentende que Deus usa o mal a fim de levar os homens à crença certa). Por conseguinte, os autores do N.T. demonstravam fé na proposição que Deus está conosco, a fim de dirigir-nos em tudo. E essa é exatamente a posição do teísmo. (Quanto às várias idéias sobre a «natureza de Deus» e sobre sua maneira de tratar com os homens, ver Atos 17:27). Visto que os escritores da Bíblia acreditavam nessa verdade, foi apenas natural que ensinassem que todas as ações da vida de um crente devem ser efetuadas sob o poder e a orientação de Deus. A seção que se segue demonstra claramente essa crença, e que, naturalmente, também era defendida no judaísmo.

O homem que realmente crê que Deus está conosco, observando tudo quanto fazemos, e que nos ajuda ou castiga ativamente, conforme nossas ações sejam boas ou más, naturalmente orientará a sua vida na direção dos princípios divinos e espirituais. Se crê, porém, que não há Deus, ou que Deus abandonou o seu mundo (posições respectivas do ateísmo e do deísmo), ou que não há provas sólidas para a existência de Deus, e a questão deve permanecer na dúvida (posição do agnosticismo), ou que é impossível investigar o assunto positiva ou negativamente (positivismo), então ele bem pouco se preocupará em orientar a sua vida segundo o mundo eterno. O teísta teórico, que afirma verbalmente que Deus existe, mas que não lhe permite guiá-lo na sua vida, na realidade é um ateu prático. Há muitas dessas pessoas no mundo atual, e não poucos que estão no seio da própria igreja. O texto à nossa frente fala acerca dos *ateus práticos*, os quais conduziam sua vida como se Deus não existisse. O autor sagrado chama-nos a uma crença e a uma prática teístas ativas. Ignorar esse chamamento é tomar a atitude mundana e carnal, coisas essas que não podem caracterizar aos crentes.

13 Ἄγε νῦν οἱ λέγοντες, Σήμερον ἢ αὐριοι πορευσόμεθα εἰς τήνδε τὴν πόλιν καὶ ποιήσομεν ἐκεῖ ἐνιαυτὸν καὶ ἐμπορευσόμεθα καὶ κερδήσομεν

13 η] και AKLP ρη ς

4:13; Em agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã iremos a tal cidade, lá passaremos um ano, negociaremos e ganharemos.

«...Atendei, agora...» O grego diz, literalmente, «vinde agora», com a força de «vede agora». Assim também se lê em Tia. 5:1. Isso representa um convite insistente, uma chamada incisiva para que se dê atenção. Na Septuaginta temos tal expressão nos trechos de Jul. 19:6; 11 Reis 4:24 e Isa. 43:6.

«...vós que dizeis...» Em seus corações e em suas atitudes, e que às vezes se manifestava abertamente em suas palavras. Tanto no íntimo como nas palavras proferidas, Deus era deixado do lado de fora. Que se poderia

*O problema de não julgar:* O texto não é contra a idéia de fazermos juízos morais, de tentar ajudar a outros a corrigirem os seus caminhos tortuosos. É óbvio que se um crente não pudesse fazer aquilatações dessa natureza, dizendo, «Irmão, você está errado nisto ou naquilo», então a instrução cristã se tornaria vaga e inoperante. Nada existe no texto à nossa frente que tire a severidade da instrução ou da reprimenda morais. Contudo, quando vemos um irmão em uma falta flagrante, devemos procurar «restaurá-lo» com amor e paciência (ver Gál. 6:1). Aquele que age assim, de acordo com o mesmo versículo, compreende o tempo todo, que ele mesmo poderia cair no mesmo erro, não sendo tão superior e elevado que esteja acima da mesma forma de tentação. O que o texto condena, pois, é a atitude de censurar, que degrada a outrem, ao mesmo tempo que exalta a si mesmo, ou que profere críticas negativas, que não edificam, mas apenas degradam. Ao mesmo tempo, tais pessoas geralmente exaltam a si mesmas, desfazendo da realidade do discipulado cristão de outrem. Toda a censura ou crítica negativa, pois, é atitude condenada. Algumas vezes, infelizmente, há uma linha divisória muito estreita entre a crítica positiva e a crítica negativa, até onde podemos ver as coisas. Deus é quem conhece a diferença. A crítica positiva se dá quando um crente, no espírito de amor, busca *ajudar* a um outro por aquilo que diz, e aprende a dizê-lo com gentileza, sem motivo ulterior de auto-exaltação. A crítica negativa se verifica quando o indivíduo não se importa realmente em ajudar a outro, mas antes, se aproveita da ocasião para fazer o outro parecer errado, e ele mesmo, bom, em contraste. Essa forma de crítica ocorre quando o indivíduo age a fim de prejudicar ou humilhar. Se procuramos prejudicar e humilhar a outros, embora criticando o que está de acordo com os fatos, eventualmente seremos prejudicados e humilhados, pelas línguas venenosas de outros. E assim é verdade aquele declaração:

*Não basta que o teu conselho seja verdadeiro;*

*A verdade crua prejudica mais que a falsidade aberta.*

(Alexander Pope,

*Essay on Criticism*).

(Ver também as notas expositivas em Tia. 3:2 e 6, onde são dadas citações e ilustrações, apropriadas para a presente seção, constante dos versículos onze e doze deste quarto capítulo da epístola de Tiago).

13-14 Ἄγε...ὁμῶν Pr 31:1; Lk 12:18-20

aproveitar disso? Tais motivos são uma forma de mundanismo, de amor às vanidades terrenas.

«...hoje ou amanhã...» Tais pessoas dizem: «O tempo está em nossas mãos», em contradição com o que ensinam as Escrituras. E continuam: «Quer hoje, quer amanhã, a decisão depende de nossos próprios desejos, de nossos caprichos, e não de Deus».

«...cidade tal...» Literalmente, «...esta cidade...», alguma cidade específica em mente, que oferece boas oportunidades de lucro. É possível, entretanto, que essa palavra seja aqui usada como uma designação indefinida, e não porque aqueles que fazem tais planos não sabem para onde vão; antes, porque o autor sagrado, ao criar uma situação hipotética,



não tinha um lugar definido em mente. Alguns intérpretes preferem este último sentido.

«...passaremos um ano...» Um tempo regularmente longo, mas ainda sem levar Deus em consideração. Seria um ano vivido inteiramente para o próprio «eu».

«...negociaremos e teremos lucros...» O autor sagrado não condena o desejo de obter lucro ou de alguém ocupar-se de atividades comerciais legítimas. Mas o que é condenado é a atitude totalmente egoísta de certas pessoas. Ele se sentia chocado que certos homens podem fazer esses planos, deixando Deus inteiramente de fora. Eles viajam buscando lucro, o que é uma prática comum, na antiguidade e nos dias hodiernos. Mas fazem tudo sem Deus, até onde diz respeito a suas vontades.

«Não te incomodes com o amanhã, pois não sabes o que o dia te trará. Talvez ele não esteja vivo ao amanhecer, e assim ter-se-ia preocupado por um mundo que não mais existe para ele». (Sanhedrin 100b, extralido do Talmude). Há grande semelhança entre essa declaração talmúdica e o que declarou o Senhor Jesus (em Mat. 6:25 e ss., especialmente o versículo 34), em reverberação ao que ele dissera: «Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus...» (versículo 33).

★ ★ ★

**Pontos de vista diversos sobre o uso da vida:** O autor sagrado apresenta certo ponto de vista—não devemos ter cuidados que não sejam postos sob o governo de Deus. Isso representa uma inquirição espiritual que é deleitosa para a mente divina. Isso também agrada a Jesus Cristo, que é nosso Senhor. (Ver as notas expositivas em Rom. 1:4 quanto ao «senhorio de Cristo»). A resposta dos epicureus, entretanto, era: «Vive para os prazeres». A resposta dos estoicos, era: «Vive com apatia, indiferente a qualquer emoção». Aristóteles recomendava: «Vive para alguma função virtuosa». Platão declarava: «Vive para o mundo eterno, para que passes para as dimensões do espírito puro, quando fores liberto do corpo». O filósofo chinês, Yang Chu, tomava o ponto de vista epicureu ou hedonista, ao dizer: «Cem anos é o limite de uma longa vida. Nem uma pessoa, em cada mil, consegue chegar a esse ponto. Contudo, se alguém atingi-lo, a infância inconsciente e a idade avançada furtarão metade desse tempo. O tempo em que passará inconsciente, enquanto dorme, à noite, e aquilo em que desperdiça os seus pensamentos, durante o dia, também totaliza a outra metade do tempo restante. Além disso, as dores e enfermidades... preenchem alguns anos, de modo que realmente ficará apenas com dez anos, mais ou menos, para seu aprazimento... Portanto, devemos nos apressar a gozar a vida, sem dar atenção à morte... Permite que os ouvidos ouçam o que lhes agrada, que os olhos vejam o que lhes agrada, que o nariz sinta as fragrâncias que lhe parecerem agradáveis, e que a boca diga o que melhor lhe parecer, e que o corpo desfrute dos confortos que puder, para que faça o que melhor lhe parecer». (Yu-lan Fung, *A Comparative Study of*

*Life Ideals*, págs. 82-84).

Talvez essa última citação indique um bom raciocínio, especialmente se imaginarmos que não há imortalidade, se as ações desta vida não têm efeito atinente à «vida futura». Na realidade, porém, a vida é um «grande contínuum». Passa através de vários estágios, antes do nascimento, no nascimento, após o nascimento, na morte, após a morte e por todo o tempo é a mesma pessoa que vive, pois a alma é imortal. A morte não mata. E, por conseguinte, o indivíduo é responsável por aquilo que pratica, pouco importando por quanto tempo ele viva na terra; pois o que importa é a maneira de sua vida. A morte não nos leva a escapar da vida, e nem da necessidade de prestarmos contas. Somos responsáveis por aquilo que fazemos, de bom ou de mal (ver II Cor. 5:10). Nesse versículo mencionado, damos a nota de sumário sobre o *juízo do crente*. A vida física, na realidade, é bem passageira; mas o que importa é que estejamos vivendo de acordo com a dimensão eterna; e a nossa inquirição espiritual deve visar aquela forma de imortalidade que o próprio Deus possui. (Ver João 5:26,27 e 6:57, bem como as notas expositivas ali existentes, sobre a vida «necessária» e «independente» de Deus).

#### Avaliando A Vida E Os Seus Valores

1. O *ateu* diz: «Há boas evidências como o mal existente no mundo, seus desastres, violências, ódio, etc., e que Deus não existe. Portanto, viverei essencialmente para mim mesmo, e talvez, um pouco para mais uma ou duas pessoas».

2. O *agnóstico* diz: «É impossível decidir se Deus existe ou não. Há evidências positivas e negativas quanto a isso. Porém, como não posso saber (pelo menos por enquanto) qual a verdade da questão, conduzirei a minha vida como um ateu prático. Agirei como se Deus não existisse, até obter maiores luzes. Viverei essencialmente para mim mesmo, e somente para o presente».

3. O *positivista lógico* diz: «Não há qualquer evidência, nem a favor e nem contra a existência de Deus, porquanto questões como essa estão completamente fora da possibilidade de nossas investigações. O único tipo de conhecimento que possuímos é de ordem científica; por conseguinte, viverei para a ciência e para as coisas que ela pode oferecer. Viverei exclusivamente para este mundo. Não me preocuparei com especulações metafísicas».

4. O *hedonista* diz: «O alvo da vida é o prazer. Empregarei a minha inteligência e todos os recursos físicos para fomentar a quantidade e a qualidade dos meus prazeres. Este mundo é meu. Viverei para o mundo».

5. O *teísta* diz: «Creio em Deus e em suas leis. Creio que sou responsável diante de Deus, porque ele intervém na história humana e porque os homens lhe estão sujeitos. Portanto, viverei para o mundo vindouro. Minha vida, neste mundo, será governada pela dimensão eterna. Aquilo que o Senhor quiser, isso farei. O que ele não quiser, não o farei».

14 οἰτῖνες οὐκ ἐπὶ σταθε τὸ τῆς αὔριον<sup>34</sup> ποία<sup>1</sup> ἡ ζωὴ ὑμῶν. ἀτμὶς γάρ ἐστε ἡ<sup>2</sup> πρὸς ὀλίγον φαινόμενη,

ἐπειτα καὶ ἀφανιζομένη.

<sup>1</sup> 14 τῆς αὔριον B Jerome J. [C] τὸ τῆς αὔριον M K Ψ 049 056 0142 104 181 336 330 426 451 629 1877 Hys Lect [1] m... dom. div. a. s. s. v. g. syr<sup>1</sup> ntm

<sup>2</sup> 14 [C] ποία M<sup>1</sup> H 614 1505 2412 2495 it<sup>1</sup> syr<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> m<sup>1</sup> arm eth<sup>1</sup> j<sup>1</sup> ποία γάρ p<sup>1</sup> m<sup>1</sup> A K P Ψ 049 056 0145 23 81 98 104 181 336 330 426 451 629 631

<sup>3</sup> 14 ἀτμὶς γάρ ἐστε B 048 1739 [1] D<sup>1</sup> ἀτμὶς γάρ ἐστε ἡ 81 104 614 2412 2482 syr<sup>1</sup> [arm?] ὡς ἀτμὶς eth<sup>1</sup> P<sup>1</sup> Documentum<sup>1</sup> j<sup>1</sup> ἀτμὶς γάρ ἐστε ἡ K Ψ 048 [P] as 1241 omid j<sup>1</sup> 181 336 426 1505 2127 2485 Hys<sup>1</sup> Lect [1] add

P<sup>1</sup> Documentum<sup>1</sup> Theophylact j<sup>1</sup> τὸ τῆς αὔριον A P 23 81 86 614 630 945 1241 1505 1730 2412 2492 2493 syr<sup>1</sup>

945 1241 1730 1877 2127 2482 Hys Lect [1] m... dom. div. a. s. s. v. g. syr<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> P<sup>1</sup> Documentum<sup>1</sup> Theophylact j<sup>1</sup> ποία δὲ it<sup>1</sup> eth<sup>1</sup>

ὡς [ntm?] ὡς ἀτμὶς eth<sup>1</sup> j<sup>1</sup> ἀτμὶς ἐστε ἡ A [1] m... dom. div. a. s. s. v. g. cop<sup>1</sup> m<sup>1</sup> [arm?] j<sup>1</sup> ἀτμὶς γάρ ἐστε ἡ I, 036 0142 230 451 629 830 1877 Hys<sup>1</sup> it<sup>1</sup> Jerome Fede John-Dimmus Theophylact j<sup>1</sup> ἡ M<sup>1</sup> j<sup>1</sup> οὐκ ἴδω ἀτμὶς ἡ syr<sup>1</sup>

Dentre as diversas variantes τὰ τῆς αὔριον, embora apoiada por vários bons testemunhos (A P 33 81 1739 *al*), é suspeita de assimilação escríbal a Pro. 27:1; e, em face de certa tendência de omitir o artigo, no ms. B, a forma τῆς αὔριον não pode ser confiantemente reputada como original. A forma restante, τὸ τῆς αὔριον, é apoiada por larga diversidade de testemunhos (N K Ψ —maioria dos minúsculos vg sir (p) ara *al*).

<sup>4</sup> Embora a forma com γάρ seja generalizada (p<sup>1</sup> <sup>34</sup> N<sup>1</sup> A K L P Ψ 049 056 maioria dos minúsculos vg sir (p) cop (bo) *al*), a partícula conectiva parece ter sido inserida (talvez sob a influência da cláusula seguinte) a fim de impedir ambigüidade (ποία pode introduzir uma indagação independente ou pode depender de ἐπίστασθε). A forma ποία é adequadamente apoiada por N<sup>1</sup> B 614 it (67) sir (h) cop (bo) (ms) ara etí (ro).

<sup>5</sup> A partícula conectiva γάρ, que parece interromper o sentido após a questão anterior, foi omitida em A 33 *al*. Embora vários testemunhos importantes (incluindo B e 1739) não tenham o artigo, a comissão reputou mais provável que escribas tenham omitido acidentalmente ἡ ao invés de adicioná-la. Já que no grego posterior ai e e eram pronunciados do mesmo modo, ou ἐσται ou ἐσ: | pode ter-se originado por meio de corrupção itacista; a evidência em prol das duas juntas ultrapassa em muito aquela que apóia ἐστιν. Entre a segunda pessoa, ἐστε e a terceira, ἐσται, não apenas a evidência externa no todo favorece a primeira forma, mas também é provável que copistas tenderiam por preferir a terceira pessoa, na réplica a uma pergunta. A omissão de ἀτμὶς γάρ ἐστε em N parece resultar de descuido accidental de algum escriba.

4:14: No entanto, não seiis a que sucederá amanhã. Qua é a vossa vida? Sois um vapor que aparece por um pouco, e logo se dissipa.

«...o que sucederá amanhã...» Há uma história, contada pelos rabinos, que ilustra a questão: «Os nossos rabinos contam-nos uma história que aconteceu nos dias do rabino Simão, filho de Quelpata. Ele estava presente à circuncisão de uma criança, e ficou com o pai da mesma, na celebração que se seguiu. O pai trouxe vinho de sete anos de idade para seus convidados, dizendo: Com este vinho continuarei a celebrar por longo tempo o nascimento de meu filho recém-nascido. Eles continuaram a ceia até à meia-noite. Então o rabino Simão se despediu para retornar à cidade onde morava. No caminho de volta, viu o anjo da morte, que andava para lá e para cá. E ele lhe perguntou: 'Quem és tu?' E ele respondeu: 'Tiro a vida

daqueles que dizem, Faremos isto ou aquilo, e não pensam de quão breve a morte se apossa deles. Aquele homem, com quem tomaste a ceia, e que disse a seus convidados: Com este vinho continuarei celebrando por muito tempo o nascimento de meu filho recém-nascido, eis que o fim de sua vida se aproxima, porquanto ele morrerá dentro de trinta dias». (*Debarim Rabba*, secção 9, fol. 261:1). Que história impressionante! Quem disse que o Talmude é sensaborão?

«Que a incerteza da vida nos lembre de quanto dependemos de Deus». (Ropes, *in loc.*).

«...neblina...» No grego temos o termo «atmís», «vapor» ou «fumo», segundo também se vê em Ecd. 7:61 e Apocalipse de Baruc 82:6, sendo palavra usada para indicar a natureza fugidia e tênue desta vida mortal. O



termo grego pode significar uma ou outra dessas coisas. Indicava o «vapor» que escapa da água fervente, ou indicava a «fumaça» produzida pela combustão de algo. Parece não haver qualquer apoio léxico para a tradução «neblina», que ordinariamente era «amichle» ou «aer», no original grego. Porém, a alusão pode ser à «neblina» que se levanta de um rio ou lago, cedo pela manhã, e que logo se dissipa, assim que aparece o sol.

A mentalidade da segurança e do planeamento carnisal se esboroa ante o fato brutal da mortalidade e da fragilidade do homem. Pouco tempo depois dessas palavras de Tiago terem sido escritas, o desastre e a morte caíram sobre Jerusalém com tremenda força. É bem possível que alguns dos leitores originais desta epístola tenham morrido debaixo do açoit de Roma.

*O qual, continuando longos anos de prazer aqui,  
Está bem despreparado para o mundo vindouro.  
Como as folhas de árvores é a vida de um homem,  
Verdejantes na juventude, mas agora secas na chão,  
Uma outra saíra será suprida na primavera seguinte;  
Eles caem sucessivamente, e sucessivamente se levantam.  
E assim decaem as gerações, em seu curso;  
E florescem estas, quando aquelas decaem.*

(Homero, *Ilíada*, vi. estrofe 146).

«Não fixes teu coração em teus bens, e não digas, Tenho bastante para a minha vida. Não sigas tua própria mente e tuas forças, para andares segundo os caminhos de teu coração; e não digas, Quem me controlará? Pois o Senhor certamente se vingará do teu orgulho». (Eclesiástico 5:1-3).

Somos apenas pó, e uma sombra.

**Variantes Textuais:** A palavra «*garra*» («portanto») é omitida nos mss A, 53 e alguns poucos outros, provavelmente porque parecia interromper o sentido. As palavras «...sóis apenas como neblina...» foram acidentalmente omitidas nos mss

15 ἀντὶ τοῦ λέγειν ὑμᾶς, Ἐάν ὁ κύριος θέλῃ, καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο.

44 15 d maior, d nome: TR WH Bov Nes B<sup>19</sup> (AV) (RV) (ASV) BSV NEB TT Jer Bez // d nome, d menor: Zür Luth

15 Ἐάν...ἀέριο Ae 18.31

15 (θέλ, και ζήσομεν) θέλ. και ζήσομεν, p vg sy<sup>o</sup> co)

4:13; Em lugar disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo.

Não faz muito, quando pessoas piedosas escreviam cartas, acrescentavam «D.V.» a quaisquer planos ali mencionados. Isso significa «Deo volente», isto é, se Deus quiser. Seguiam literalmente—e esperamos que também seguiam no espírito—a exigência do presente texto. O «D.V.» deveria ser escrito na alma, servindo-nos de guia na vida, porquanto certamente Deus sabe melhor o que convém para nós.

«Pois o segredo do ser do homem não consiste apenas em viver; mas em ter algo pelo que viver. Sem um conceito estável do objetivo da vida, o homem não deveria consentir em continuar vivendo, preferindo destruir-se do que permanecer na face da terra, embora tenha pão em abundância». (Dostoevski, *Os Irmãos Karamazov*, ao comentar sobre a afirmativa do Senhor Jesus, «O homem não vive de pão apenas»).

O indivíduo seriamente interessado em fazer a vontade de Deus, em lançar a sua alma nessa direção, não demora a perceber quão inadequado é o ponto de vista dos materialistas, sobre a vida e sobre os ideais da vida. Em nossos próprios dias, a ciência se tem tornado o novo deus, porque serve tão bem à prosperidade material do homem. Mas é verdade o que disse Charles P. Steinmetz (um gênio científico): «Algum dia, as pessoas aprenderão que as coisas físicas não trazem felicidade, sendo de pouco uso para tornar homens e mulheres criativos e poderosos. Então os cientistas do mundo transformarão seus laboratórios, adaptando-os para o estudo de Deus, da oração e das forças espirituais».

A expressão «...Se o Senhor quiser...» Não era comumente usada pelos judeus quando expressavam seus planos e intuítos; mas era algo extremamente comum na cultura pagã. Nos escritos de Platão tal expressão é comum: *Alci.* i. pár. 135D; *Hipp. maior.*, par. 286C; *Leges*, par. 688E e 799E; *Theat.*, par. 151D; e ver também *Arist. Plus.* 1188; *Zeno.*, *Hip ar.*

16 νῦν δὲ καυχᾶσθε ἐν ταῖς ἀλαζονείαις ὑμῶν· πᾶνα καύχησις τοιαύτη πονηρὰ ἐστίν.

16 καυχᾶσθε| κατα- R 1739 pc

4:16; Mas agora vos jactais das vossas presunções; toda jactância tal como esta é maligna.

No décimo terceiro versículo vemos a condenação das assertivas ditadas pela confiança própria. Jactar-se da «corteza mundana» é algo ainda mais agravado; alegrar-se nessas coisas ainda é mais condenável. A mente religiosa sabe que Deus deve ser a alegria de nossa existência, e isso é expresso nas palavras do hino, «Jesus, alegria da vida dos homens». A alegria é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (segundo se aprende em Gál. 5:22), e com base nisso ficamos sabendo que a alegria verdadeira é uma qualidade espiritual que se origina do desenvolvimento espiritual. (Ver João 15:11 e 17:13, quanto a notas de sumário sobre a «alegria», onde também aparecem poesias ilustrativas).

**Alegria:** 1. É dada por Deus (Ecl. 2:23 e Sal. 4:7). 2. Vem por meio de Cristo (Isa. 61:3 e Rom. 5:11). 3. É um dos aspectos do fruto do Espírito (Gál. 5:22). 4. O evangelho traz a alegria (1 Tes. 1:6). 5. É uma promessa especial, feita aos santos (Sal. 132:16 e Isa. 55:12). 6. A plenitude da alegria se verifica na presença de Deus (Sal. 16:11). 7. É inútil buscar alegria nas coisas terrenas (Ecl. 2:10,11 e 11:8). 8. Nos crentes, a alegria deve ser abundante (ver II Cor. 8:1). E isso na esperança (Rom. 12:12); na tristeza XIX. **O Pecado da Omissão** (4:17).

Este pequeno versículo se destaca como uma secção separada, e é um dos mais bem conhecidos versículos desta epístola. Trata-se de um aforismo isolado, exatamente como se vê no trecho de Tia. 1:12. Alguns estudiosos acreditam que este versículo sumaria a idéia da brevidade da vida (ver o décimo quarto versículo). A idéia é que, sabendo nós quão breve é a vida, devemos fazer todo o bem que pudermos; e, se assim não fizermos, teremos falhado em nossa missão, e, por conseguinte, teremos caído em

*São mortos os que nunca acreditaram  
Que esta vida é somente uma passagem,  
Um atalho sombrio, uma paisagem  
Onde os nossos sentidos se pousaram.*

«...Sóis apenas como neblina... Logo se dissipa...»

*A vida é o dia de hoje,  
A vida é ai que mal soa,  
A vida é sombra que foge,  
A vida é nuvem que voa,  
A vida é sonho tão leve  
Que se desfaz como a neves  
E como o fumo se esvai:  
A vida dura um momento,  
Mais leve que o pensamento.  
A vida leva-a o vento,  
A vida é folha que cai!  
A vida é sopro suave,  
A vida é estrela cadente,  
Voa mais leve que a ave,  
Nuvem que o vento nos aras,  
Onda que o vento nos mares,  
Uma após outra lançou,  
A vida—pena calda  
Da asa de ave ferida,  
De vale em vale impelida  
A vida o vento a levou.  
(João de Deus, Portugal).*

Alaph. O artigo (com «*artia*» e «*phainomena*») é omitido nos mss B e 1739, provavelmente por acidente.

9,8; *Alex. Sever.* 45; *Minucius Felix*, Oct. 18; *Ennius ap. Cic. de off.* i.12,38; *Plautus, Capt.* ii.3,94. Essa expressão também era de uso comum nos escritos árabes. Seus autores, evidentemente, copiavam os sírios, e os sírios copiavam os gregos, nesse costume sadio.

Parece, pois, que Tiago recomendava aos judeus uma prática helenista, e que ele considerava digna de ser adotada, pois não há qualquer evidência de que os judeus estavam acostumados a falar assim. «Faz a vontade dele (de Deus) como se fosse a tua própria vontade, para que ele faça a tua vontade, como se fosse a tua. Anula a tua vontade diante da vontade dele, para que ele anule a vontade de outros perante a tua vontade». (Pirke Gamaliel, palavras do rabino Gamaliel).

«Com o termo vontade ele indica não aquilo que é expresso na lei, mas o conselho de Deus, mediante o qual ele governa todas as coisas». (Calvino, *in loc.*).

*Guia, luz bondosa, em meio d melancolia circundante,  
Guia-me Tu, para adiante;  
A noite é escura, e estou longe de meu lar;  
Guia-me Tu, para adiante.  
Guarda os meus pés; não peço para ver a cena distante  
Pois um passo ad me basta.*

(John H. Newman)

(Quanto à vontade toda-inclusiva de Deus, ver Efé. 1:10, sob o título «o mistério de sua vontade», a saber, a restauração de todas as coisas em Cristo. Ver também acerca da vontade de Deus, no tocante à «vida diária», comentado em Efé. 5:17 e 6:6). Deus opera em nós tanto o querer como o fazer, segundo o seu beneplácito (ver Fil. 2:13). Cumpre-nos ser «cheios do conhecimento de sua vontade» (ver Col. 1:9). É da vontade de Deus que sejamos santificados (ver I Tes. 4:3). É de sua vontade que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade e da salvação (ver I Tim. 2:4).

(II Cor. 6:10); nas tribulações (Tia. 1:2 e I Ped. 1:6); nas perseguições (Mat. 5:11,12); na fé em Cristo (Rom. 15:13); na comunhão com outros (II Tim. 1:4; I João 1:3,4 e II João 12). 9. Deus deve ser servido com alegria (Sal. 100:2). 10. A alegria dos ímpios se deriva dos prazeres terrenos (Ecl. 11:19); da insensatez (Pro. 15:21); é ilusória (Pro. 14:13); e não perdura (Mat. 13:44).

«...arrogantes pretensões...» As palavras de arrogância se originam do espírito altivo, demonstrando-se em ações arrogantes. A raiz da palavra aqui usada significa «vagabundo», e envolve a ideia de ludibrio; aquele que é pretencioso (ver Pro. 27:1) está aqui em loco.

«...maligna...» No grego é «*poneros*», que significa «errado», «prejudicial», por ser mal. (Comparar isso com Tia. 2:4; Mat. 5:19; João 3:19; 7:7; I João 3:12; Col. 1:21 e Ato 25:18).

O presente versículo fala especificamente sobre o «orgulho da vida» (ver I João 2:16). Trata-se da confiança equivocada dos ímpios, em sua habilidade de levarem uma vida baseada na arrogância, sem sofrerem perturbação ou perda. Trata-se do indivíduo que pensa que não precisa da providência divina em sua vida. Ele é o seu próprio bem; ele adora a si mesmo.



pecado. Naturalmente, isso é uma idéia verdadeira e importante; mas qualquer conexão com os versículos catorze e dezoito é remota. Daí a força da palavra *portanto*, a qual, embora universalmente confirmada nos manuscritos antigos, não deve ser exagerada, pois não há nenhuma maneira boa de vincular essa declaração isolada com o que lhe vem antes. O autor conhecia a assertiva, ou criou-a ele mesmo, sentindo que a mesma poderia ser incluída em sua epístola; e aqui temos um lugar tão bom como qualquer outro de colocá-la. O contrário de viver na vanglória, do viver para si mesmo, é o fazer o bem aos outros; e se assim não fizermos, isso será um pecado que teremos cometido. E assim podemos forçar certa conexão entre este versículo e o anterior; mas, repetimos, tal conexão dificilmente é o que o autor sagrado tencionou.

17 εἰδότες οὖν καλὸν ποιεῖν καὶ μὴ ποιῶντι, ἁμαρτία αὐτῷ ἐστίν.

17 Lk 12:47

4:17: Aquela, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado.

Aparecem com freqüência as oportunidades de fazermos bem aos outros, especialmente no suprimento de suas necessidades físicas (ver Tia. 2:14 e ss.; 1:27, como parte da definição do autor do que é a fé religiosa), simplesmente porque tal necessidade é universal. Na história intitulada *Bela Lenda*, vê-se um crente ocupado na contemplação de uma visão de Cristo; então surge a oportunidade de distribuir pão aos famintos, que interromperia o seu êxtase. Aquele crente todavia, tinha uma idéia bem esclarecida de seus deveres religiosos; e assim, de pronto deixou de lado sua visão mística a fim de alimentar aos famintos. Ao retornar, encontrou Cristo no mesmo lugar, que aprovou o que ele fez, dizendo-lhe: se tivesses ficado, eu me teria ido embora.

O autor sagrado vê claramente essa lição. Nossa fé religiosa não pode ser guardada dentro de nós. Trata-se de uma experiência mística e deve continuar como tal, pois temos contacto com o Espírito Santo no nível da alma—mas deve ser algo prático, generoso, altruísta. Em outras palavras, deve ser uma expressão de amor, tal como Deus é amor e «deu» seu Filho a um mundo necessitado. O trecho de Mat. 25:35 e ss. ensina a importante lição que amamos a Deus amando a outros, dando o necessário para eles, ajudando-os em suas necessidades físicas. Poucos homens podem amar a Deus diretamente, mediante a contemplação da alma, mas todos podem amá-lo indiretamente, amando ao próximo. E nesse ponto que deve começar o amor de Deus. Este comentário provê várias notas longas sobre o amor, com poesias ilustrativas. Ver João 3:16 quanto ao «amor de Deus»; ver João 14:21 e 15:10 quanto ao amor como «norma diretiva na família de Deus»; ver Gál. 5:22 quanto ao amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito»; e ver o décimo terceiro capítulo da epístola aos Coríntios quanto ao «elogio ao amor».

O autor sagrado, pois, como que dizia: «Aquele que sabe que deve amar, porém, não ama, está pecando». Consideremos, ainda, os seguintes pontos a respeito:

1. Tal indivíduo talvez seja um bom teólogo teórico; mas não é um bom discípulo de Cristo, pois ele é o padrão de como todos nós devemos amar, e ele «foi por toda a parte, fazendo o bem» (ver Atos 10:38). Se falharmos nesse ponto, ainda não teremos avançado muito em nossa transformação moral segundo a sua imagem, que resulta do desenvolvimento espiritual. À fé devemos acrescentar a «gentileza fraternal» (ver II Ped. 1:6,7).

2. Para o autor sagrado, as boas obras são realizações dos exercícios religiosos apropriados, bem como o cuidado com a santidade pessoal (obras feitas no tocante a Deus) e práticas de bondade em favor de outros (ver Tia. 2:14 sobre isso, em suas notas expositivas). Portanto, neste lugar, o autor sagrado pode ter querido incluir a idéia que um homem deve ter cuidado com a natureza e a qualidade de suas práticas religiosas, e certamente incluí-las na santificação prática (ver as notas expositivas em I Tes. 4:3). Porém, sua preocupação principal é a expressão do amor fraternal. Não fazer isso, é pecar.

3. Fica subentendido, embora não seja uma interpretação direta, que ele quis ensinar que cada crente tem uma missão sem-par a cumprir, sendo um instrumento impar nas mãos de Deus (ver as notas expositivas sobre esse conceito, em Apo. 2:17). Tudo quanto faz parte de sua existência diária, como seja, a sua expressão religiosa, etc., deveria ter por alvo o cumprimento dessa missão. Ele deveria ocupar-se em cumprir sua missão com grande intensidade de propósitos, realizando seu trabalho específico, levando-o à perfeição; e isso para seu próprio benefício e para benefício de seus semelhantes. Mas, se vier a falhar nesse particular, estará pecando contra Deus, que lhe conferiu vida e lhe dá muitas oportunidades para cumprir a sua missão.

4. Jesus falou de coisas «deixadas por fazer», mas que são mais urgentes e eticamente vitais do que outras (ver Mat. 25:41-45). Assim é com freqüência nos ocupamos de atividades que são legítimas, embora secundárias, esquecendo-nos das questões primárias. Isso também é pecado, embora não estejam sendo cometidos atos abertos de pecado. Mas há um desperdício das energias da vida, que são desviadas para coisas de valor secundário, quando nossas vidas deveriam ser dedicadas à realização

## XX. A Desgraça Espiritual dos Ricos (5:1-6).

O autor sagrado já atacara aos ricos (ver Tia. 1:10,11), e agora retorna ao tema com vigor redobrado. Pode-se considerar que aquele primeiro ataque foi dirigido a membros da igreja; mas esta passagem é uma diátriba contra os ricos como uma classe, e o autor sagrado subentende que os ricos são necessariamente pecadores, mais ou menos ao estilo de Jesus, em passagens como a de Mat. 19:23 e ss., onde fica entendido que é extremamente difícil a um rico desvencilhar-se suficientemente, de si mesmo e de suas riquezas, a fim de ter uma inquirição espiritual bem sucedida, de modo a obter o reino de Deus.

**Utilização da pregação.** Certamente a passagem à nossa frente, embora talvez não a apreciemos, indica que a pregação deve incluir críticas sobre questões sociais e econômicas, embora normalmente isso não deve ser pregado nos púlpitos. Muito há na Bíblia contrário à opressão social e política, e até mesmo o pregador do evangelho não pode deixar tais questões inteiramente de lado. Foi um opróbrio que entre as igrejas cristãs primitivas, tão poucos cristãos se opusessem a tão grande mal como a escravidão. E foi um opróbrio entre as igrejas evangélicas, ao tempo da Alemanha hitlerista, que tão poucos entre elas se opusessem à maldade que Hitler representava.

«Haveríamos de falar sobre uma passagem terrível como esta? Até mesmo lê-la em um culto, na igreja, seria arranhar os

de coisas primárias.

5. Assim também a passagem de I Sam. 12:23 mostra que o deixar de orar por alguém, que também está em grande necessidade, é um pecado de omissão. Esse princípio geral tem muitas aplicações possíveis. Um professor, preguoso na realização de seus deveres, comete pecado contra aqueles a quem deveria estar ajudando mais conscienciosamente. O pastor que negligencia seus deveres e se contenta em apenas pregar no domingo, também está pecando. Outro tanto faz o pastor ou mestre evangélico que se recusa a aprimorar-se, mas antes, se torna espiritual e intelectualmente preguoso, prejudicando seu povo; esses estarão pecando porque seu povo fica estagnado em sua vida espiritual, por falta da instrução e do encorajamento apropriados.

6. O homem que pode melhorar a vida espiritual de outros, impedindo que caiam em pecado, se não o fizer, será culpado em parte desses pecados. «Todo aquele que estiver em posição de impedir que sejam cometidos pecados por parte de membros de sua casa, mas se refreia em fazê-lo, torna-se culpado dos pecados daqueles» (*Shabbath* 54b).

7. Alguns estudiosos pensam que o pecado aqui focalizado não é o pecado de omissão, mas antes, que é o pecado de alguém que sabe obviamente as coisas boas que devem ser feitas, em qualquer dada situação, mas, ao invés disso, praticam as coisas erradas. Porém, a maioria dos intérpretes prefere continuar com a idéia do «pecado de omissão», como aquela falha aqui em foco.

8. O pecado contra a luz (não corresponder à mesma) deve ser incluído na aplicação deste versículo.

9. O pecado de não se aproximar de Deus, por motivo de orgulho e de egocentrismo, é um pecado básico de omissão.

10. Este versículo não é passagem estritamente legalista, que repreende aos judeus cristãos por não estarem cumprindo as leis cerimoniais. Mas trata-se de passagem elevadamente ética em sua natureza, e mui ampla em sua aplicação.

«Embora a asserção possa parecer descabida entre nós, provocando comentários contraditórios, não me cansarei de asseverar que cada um de nós deveria fazer mais bem do que faz: e, portanto, nos devemos humilhar ao extremo, por termos praticado tão pouco bem no mundo» (Woods, *in loc.*).

«Aqueles que se dedicam a bons planos, e que observam devidamente suas oportunidades de praticar o bem, usualmente percebem que suas oportunidades para tanto crescem de modo admirável. E quando uma pedra é lançada em uma poça, um círculo segue-se a outro, estendendo-se quem sabe até onde!» (Cotton Mather).

«Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se apertou, nem fez segundo a sua vontade, será punido com muitos açoites» (Luc. 12:47).

Quanto melhor instruídos ficamos, como crentes, tanto maior será a nossa responsabilidade. «Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me» (Mat. 16:24). Geralmente aceitamos essa responsabilidade mui superficialmente. De fato, dificilmente a aceitamos conforme devemos fazê-lo. Na moderna igreja evangélica, temos visto pouquíssimo interesse pelas qualidades espirituais dos membros, mas muito interesse pelo número deles; e, por causa dessa atitude, a instrução dos crentes tem ocupado um pobre segundo lugar, em favor do evangelismo.

«Por longo tempo, as táticas têm visado induzir o maior número possível, todos quantos for possível, para que entrem no cristianismo. Não sejamos por demais curiosos em saber se aqueles que entram entendem realmente o cristianismo. Mas a minha tática, com a ajuda de Deus, será deixar claro o que é a exigência cristã, ainda que ninguém entre» (Kierkegaard, citado por P.T. Forsyth, *Positive Preaching and Modern Mind*, introdução).

O trecho de Rom. 1:21 mostra-nos que a grande rebelião dos pagãos contra Deus começou pelo pecado de omissão. Eles conheciam a Deus, mas não o glorificaram como tal. Não demoraram a fazer do «eu» o seu deus, tornando-se vãos em suas imaginações. E não passou muito tempo para fazerem imagens de feras, de pássaros, etc., a fim de adorá-las.

capítulo 5



tímpanos de muitos adoradores. Upton Sinclair de certa feita leu esse trecho do livro de Tiago a um grupo de ministros, após atribuí-lo a Ema Goldman, uma agitadora anarquista. Os ministros reagiram com indignação contra a afronta de sua diátribe e declararam que ela deveria ser deportada!» (Easton, in loc., aludindo ao seu livro *The Profits of Religion*, págs. 287-290).

A mensagem de Amós está contida, em espírito, nesta passagem de Tiago. (Ver Amós 5:10,11, que diz:

«Aborreceis na porta ao que vos repreende, e abominais o que fala sinceramente. Portanto, visto que pisais o pobre, se ele exigir tributo de vós, não habitareis nas casas de pedras lavradas que tendes edificado; nem bebereis do vinho das vides desejáveis que tendes plantado».

Isso pode ser confrontado com as seguintes passagens: Miq. 6:10,11; Isa. 3:13-15; Jer. 5:26; Luc. 20:26,27 e 16:19-31.

«Conforme nos diz o argumento (de Tiago), aqueles que possuem riquezas não dão um exemplo atrativo, assim que o verdadeiro caráter de suas posses e de suas esperanças é compreendido. Tal como os prazeres (ver Tia. 4:1-10), assim também as riquezas - buscadas para que dêem prazer - formam um alvo falso. Portanto, o tom da passagem não é um apelo aos malfetores para que se reformem (contrastar com Tia. 4:7-10 e até mesmo com Tia. 4:13-17), mas é uma ameaça de juízo; e a atitude atribuída aos ricos é a de Tia. 2:15 ss., e não a de Tia. 1:10 e s. Alguns desses ricos poderiam ser cristãos, mas não são endereçados aqui como cristãos. O propósito destes versículos é, parcialmente, o de dissuadir os cristãos de darem excessivo valor às riquezas, e em parte visa dar-lhes algum conforto, ante a dureza própria da pobreza (comparar com Tia. 5:7-11)». (Ropes, in loc.).

Prossegue o mesmo autor: «A passagem é altamente retórica, e, em seus detalhes, relembra as denúncias feitas pelos profetas do A. T. Muitas de suas idéias se encontram no segundo capítulo do livro de Sabedoria, onde aparecem a arrogância e o egotismo costumeiro dos ricos, a transitoriedade de sua prosperidade, e sua maneira de tratar aos justos. A passagem de Luc. 6:24 e s. também forma um paralelo bem próximo. (Comparar com Enoque 94:7-11; 96:4-8; 98:4-16; 99:11-16; 100:6-13 e 103:6-8)».

A conexão: Notamos que, em Tia. 1:9,10, os ricos são mencionados, a princípio com desprezo, e em seguida se observa quão brevemente eles e suas riquezas terão de perecer. Então no fim do quarto capítulo (versículo décimo quarto) vê-se quão transitória é a vida terrena; e segue-se, então, uma diátribe depreciadora contra os ricos. É possível que o pensamento do fim daquele capítulo tenha inspirado o autor sagrado a retornar, uma vez mais, ao tema dos abusos provocados pelos ricos e da necessidade que há de serem julgados.

5 Ἄγε νῦν οἱ πλούσιοι, κλαύσατε ὁλολύζοντες ἐπὶ ταῖς τὰ λαιπωρίαις ὑμῶν ταῖς ἐπερχομέναις.

5 1 Lc 8.24

5:1: Em agora, vós ricos, chorai e pranteai, por causa das desgraças que vos sobrevirão.

«...Atendei agora...» Temos aqui as mesmas palavras que se lêem no décimo terceiro versículo do capítulo anterior (ver as notas expositivas ali existentes). Literalmente temos aqui «Vinde, agora...», no sentido de «Vede, agora...», uma incisiva chamada à atenção, no estilo da diátribe. (Quanto a notas expositivas sobre os estilos literários que Tiago apresenta, ver a seção V da introdução. A adição da palavra «...agora...», aumenta a intensidade e a insistência do aviso).

«...chorai lamentando...» Em Tia. 4:9, a lamentação e o choro são vinculados ao arrependimento, o que conduz à restauração da alma. Em contraste com isso, aqui temos uma lamentação provocada pelo julgamento inevitável. Não há aqui qualquer chamada ao arrependimento. «As lamentações, diferentemente de Tia. 4:9, não são uma expressão de humilde arrependimento, e, sim, de remorso e terror sem alívio» (Poteat, in loc.). Tudo isso, naturalmente, mostra a intensidade com que o autor sagrado sentia os erros sociais em que os pobres eram oprimidos pelos ricos. Não é verdade que muitos são reduzidos a escravos virtuais, que recebem salários ridículos por um trabalho árduo, que lhes consome longas horas? O avanço do comunismo no mundo não tem resultado essencialmente do fato de ser um bom sistema econômico, pois a experiência não tem demonstrado isso; pelo contrário, seu progresso se deve aos abusos do capitalismo. Consideremos os alugueiros que são cobrados, o preço das consultas aos médicos, etc. Nessas, e noutras áreas, exerce-se uma feroz pressão econômica, que muitos governos não conseguem controlar, ou se recusam a fazê-lo.

«...chorai...» No grego é «klaio», «chorar», com frequência usada com o 2 ὁ πλοῦτος ὑμῶν σέσηπεν καὶ τὰ ἱμάτια ὑμῶν σητόβρωτα γέγονεν, 3:2: As vossas riquezas estão apodrecendo, e os vossos vestidos estão roídos pela traça.

Essas palavras indicam a decadência das riquezas: o ouro e a prata, apesar de serem naturalmente resistentes à ferrugem ou corrosão, serão sobrenaturalmente corroidos. As riquezas representadas pelas vestes luxuosas serão dilapidadas pelas traças terrenas, sendo totalmente consumidas no julgamento, o qual é anunciado como algo iminente e inevitável.

«...roupagens comidas de traça...» Os povos orientais daquela época gastavam grandes somas em dinheiro adquirindo roupas caras; e isso envolvia tanto trajes femininos como masculinos. Tal era o perigo constante das traças que estas logo podiam estragar e inutilizar tais roupas, enfeando-as. Porém, o futuro julgamento ainda é uma perspectiva mais temível, quando o juízo mostrar-se mais destruidor do que as traças terrenas. O julgamento é um supercorrosivo.

Alguns intérpretes pensam que este versículo, do ponto de vista espiritual, pronuncia denúncia contra as riquezas, como se estas fossem já sujeitas a certa espécie de decadência: estão corroidas, perfuradas pelas traças e enferrujadas. «A sua ferrugem testificará contra vós no dia do julgamento, mostrando quão sem valor é aquilo em que confiais. E a inutilidade de vossas riquezas será então a vossa ruína, porquanto continuais a amontoar para vós mesmos somente o fogo do inferno». (Ropes, in loc.).

Notemos aqui os verbos no perfeito, «sesepe» (corruptas) e «gengenon»

3 ὁ χρυσὸς ὑμῶν καὶ ὁ ἀργυρὸς κατὶώται, καὶ ὁ ἰὸς αὐτῶν εἰς μαρτύριον ὑμῖν ἔσται καὶ φάγεται τὰς σάρκας ὑμῶν ὡς πῦρ· ἐθησαυρίσατε ἐν ἐσχάταις ἡμέραις.

\* 2 s aone, s major: TR WH<sup>4</sup> Bov Nab BF<sup>4</sup> AV RV ABV RBV NEB TT Zue Luth Bag // s major, s none: WH RBV<sup>4</sup> Jer

sentido de «chorar pelos mortos», sentido tristeza e desespero. Esse é o choro daqueles que antecipam um juízo severo, e não o choro dos penitentes. (Comparar com Apo. 6:15-16 e Joel 1:5).

«...lamentando...» No grego, «ololudzo», termo usado para indicar «chorar em voz alta», «uivos de lamentação». Era termo usado para descrever a palavra anterior. O «choro» será em altos uivos de lamentação. (Ver Isa. 13:6, a diátribe do profeta contra Babilônia; Isa. 15:2,3, contra Moabe; Zac. 11:2; Isa. 10:10 e 14:31, contra a Filistia; e Isa. 23:1, contra Tiro).

«...desventuras...» No grego é «lalaiporia», «misérias». Há uma alusão direta aos «sofrimentos dos condenados», ao julgamento, embora certas tristezas, provocadas pelo infortúnio, talvez não estejam excluídas do pensamento do autor sagrado. (Comparar com os versículos sete e nove deste capítulo; Apo. 18:7 e s.; 21:8; Sal. 140:10; Enoque 63:10; 99:1 e 103:7. Comparar ainda com II Macabeus 7:14,17, 19,35; IV Macabeus 9:9,32; 11:3,23 - 12:12,19; 13:15 quanto à denúncia de futuros castigos, especificamente contra os opressores. Ver também Apo. 14:11 quanto à nota de sumário sobre o «julgamento». E ver Col. 3:6 quanto a notas expositivas sobre a «ira de Deus»).

Alguns intérpretes acreditam que temos aqui uma profecia sobre a destruição de Jerusalém; mas tal juízo foi apenas uma prelibação do juízo da alma, pelo que não pode ser a questão especificamente em vista, se é que ela se destaca aqui. E nem o juízo significa mera «perda das propriedades», conforme alguns estudiosos supõem.

«...sobrevirão...» No grego é usado o particípio presente—agora mesmo elas começam a concretizar-se, imediatamente antes da «parousia» (ou segundo advento de Cristo, ver o sétimo versículo).

2 Mt 8.19

(comidas pelas traças) e «katiatō» (enferrujadas, no segundo versículo), que descrevem graficamente o «estado» de corrupção e inutilidade em que as riquezas já se encontram, do ponto de vista espiritual. Mas há estudiosos que pensam que esses verbos no perfeito indicam antes a «antecipação profética», como se o juízo já tivesse tido lugar. «Todas as vossas riquezas perecerão no dia do juízo. Sua ferrugem testificará contra vós de antemão, sobre vossa própria vindoura destruição; e o juízo, quando houver destruído vossas possessões, cairá sobre vós. Tendes acumulado tesouros para os próprios dias do julgamento!» (Huther, in loc.).

«...roupagens...» (Quanto a «roupas» como uma das principais formas de riquezas materiais, ver Mat. 6:19; I Macabeus 11:24; Atos 20:33; Hor. Ep. i.6, linhas 40-44; Quint. Curt., v. 6:3).

«Vossas riquezas estão se embolorando na corrupção, e vossas vestes, guardadas em vã superfluidade, estão comidas pelas traças; embora ofusquem aos homens com o seu esplendor, de fato, já estão cancerosas; são abomináveis aos olhos de Deus; a ira divina soprou sobre elas e as ressecou; já começam a encolher-se e ser destruídas». (Bispo Wordsworth, in loc.).

É extremamente difícil perceber-se que as verdadeiras riquezas de um homem são medidas por quanto ele dá de si mesmo, de suas posses materiais e não por quanto ele é capaz de reter para si mesmo. (Ver Marc. 8:35: «Quem quiser, pois, salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salva-la-á»).



3 φάγεται... πῦρ Pn 21.9; Jdt 16.17

5:13: O vosso ouro e a vosso prata estão enferrujados, e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e daverá na vossa carne como fogo. Entesourastes para os últimos dias.

...gastos de ferrugens... O ouro e a prata não se desgastam dessa maneira, pelo que sabemos que o autor sagrado falava sobre a «ferrugem sobrenatural», sobre o eventual poder consumidor do julgamento, que reduzirá as falsas riquezas dos homens ao nada.

...por testemunho contra vós mesmos... No dia do juízo, as falsas riquezas de um homem, sendo consumidas, servirão de testemunho contra ele: mostrarão como ele desbaratou a sua vida, servindo a si mesmo, enquanto seus semelhantes padeciam necessidade. A estes o rico conveniente terá ignorado, ao passo que o dinheiro lhe era abundante, deixando-o a gozar no seu lazer. Esqueceu-se das necessidades do espírito e serviu antes ao corpo e ao mundo. Deveria ser chamado por causa disso, a prestar contas; pois todos os homens serão julgados segundo as suas obras (ver Rom. 2:6 e Apo. 20:12). A redução das riquezas terrenas ao nada, no juízo, será um sinal visível, claro e inequívoco, de que o indivíduo em questão merece o juízo que está prestes a receber.

...devarar, como fogo, as vossas carnes... A perecibilidade das riquezas indica a ruína dos ricos: estes perecerão todos juntos; aquilo a que os ricos deram tanto valor, e no que confiaram, será o motivo de sua perdição. A idéia ou simbolismo apresentado é o de metais corroidos; e nesse processo, emana grande calor, como de fogo, que consome o indivíduo que os amalhara. Ou talvez devamos pensar em uma corrente enferrujada, enrolada e apertada em torno do indivíduo, a qual consome o indivíduo com sua ferrugem envenenada. (Ver Eclesiástico 34:31 quanto a uma figura simbólica um tanto similar). Figuradamente, a «carne» indica o próprio homem, visto como alguém desroçado no juízo, mas sem haver qualquer alusão literal à destruição do corpo.

Alguns eruditos pensam que a palavra *fogo*, que há no versículo, está ligada ao que se segue, e não ao que precede. Assim, ao invés de dizer-se que a carne do homem foi comida como que pelo fogo, dever-se-ia imaginar: «...ajuntastes fogo, amontoando vossos tesouros». A diferença, na estrutura da sentença, depende de como a pontuarmos. Ocasionalmente isso se torna questão de interpretação, porquanto os manuscritos originais não tinham qualquer pontuação. Seja como for, um bom sentido é conseguido. No segundo caso, o próprio tesouro é visto como algo imbuído das chamas da Gehena, tornando-se o motivo mesmo da perdição do rico. (Ver Isa. 30:33; Judite 16:17; Mat. 5:22 quanto ao fogo da Gehena. Tiago 3:6 alude a isso, onde também aparecem notas expositivas completas a respeito).

4 ἰδοὺ ὁ μισθὸς τῶν ἐργατῶν τῶν ἀμυσάντων τὰς χώρας ὑμῶν ὁ ἀφυστερημένος ἀφ' ὑμῶν κρᾶζει, καὶ αἱ βοαὶ τῶν θερισάντων εἰς τὰ ὦτα κυρίου Σαβαὼθ εἰσελήλυθαι.

4 ὁ μισθός... κρᾶζει Lv 19.13; Dt 24.14-16; Mal 3.6 αἱ βοαὶ... εἰσελήλυθαι Gn 4.10; Ps 14.6; Is 6.9

4 αφυστερημενος NB\*; R] απεστερ- (αποστερ- KL al) AP ρη ς

Por um lado, pode-se argumentar que *ἀφυστερημένος* (N B\*), que ocorre somente aqui no N.T., é original, e que *ἀπεστερημένος* (A B<sup>2</sup> P Ψ 049 (056) (0142) maioria dos minúsculos), um verbo bem mais familiar, resulta de assimilação escríbal a Mal. 3:5; cf. Sir. 4:1; 29:6; 34:22 (27). Por outro lado, porém, já que N e B usualmente preservam um único tipo de texto, a maioria da comissão preferiu a forma mais largamente confirmada, reputando *ἀφυστερημένος* como um refinamento alexandrino.

5:4: Eis que o salário que fraudulentamente coíbam os vossos campos clama, e os clamores dos ceifantes têm chegado aos ouvidos do Senhor dos exércitos.

O autor sagrado agora destaca diante de nós um dos pecados específicos dos ricos, o qual se tem mostrado proeminente em todos os séculos. Eles defraudam aos trabalhadores em seu merecido salário, o que, no judaísmo, era reputado um crime grave. As leis do A.T. proibiam a demora no pagamento dos salários, bem como proibiam o pagamento injusto, insuficiente. «Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás: a paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã» (Lev. 19:13; ver também Deut. 24:14,15). Normalmente, os diaristas eram pagos todos os dias, e não semanal, quinzenal ou mensalmente, segundo o costume atual. (Ver Mat. 20:2,9,10,13. Contra a retenção de salários, ver também Deut. 24:14,15; Jó 24:10; Miq. 3:10; Jer. 22:13; Pro. 3:27,28; Mal. 3:5; Ben Siraque 31:22 e Tobias 4:14).

A injustiça dos ricos, que desfrutavam de grande opulência e conforto, lado a lado com os que padecem grande necessidade, é antiga e universal. O que o autor sagrado deplora especificamente aqui, entretanto, não é que essa condição existe, e, sim, que os pobres, tendo trabalhado arduamente e por longas horas, não recebem um salário justo, sendo ludibriados inteiramente pelos ricos, os quais, naturalmente, possuem poder político, e assim deixam os pobres serem entregues, sem recursos, aos tribunais de justiça. Em muitos lugares, o custo da defesa perante os tribunais é tão alto que os pobres nunca podem defender-se; e assim também são explorados.

«Até que ponto, ó ricos, continuareis vos estendendo em vossa avareza insensata? Tencionais ser os únicos habitantes da terra? Por que expulsais aqueles que convosco compartilham da natureza, exigindo-a toda para vós mesmos? A terra foi feita para todos, para os ricos e para os pobres igualmente. Por que vós, os ricos, a reivindicais como se fosse vosso direito exclusivo? A propriedade não tem direitos. A terra é do Senhor, porquanto todos sua geração». (Ambrósio).

...trabalhadores... Lavradores, o tipo de trabalho mais comumente efetuado naquela época, e que dependiam do pagamento diário de seu salário, para poderem sobreviver.

...campos... Está em foco uma extensa propriedade ou fazenda, e não

5. 3 υμων 2º] add ο ιος AP 33 614 al sy<sup>b</sup> | (ως πυρ. εθνοσυν.)

• ως πυρ εθνοσυν. AL sy<sup>p</sup>)

Em favor da segunda dessas duas interpretações, pode-se observar que a menos que o fogo seja entendido com aquilo que se segue, fica sem objeto o verbo grego «thesauridzo»; no entanto, normalmente, se não mesmo sempre, esse verbo é transitivo. Se «fogo» não é seu objeto, então temos de dizer que aqui esse verbo é usado de modo intransitivo. Alguns intérpretes, entretanto, creem que tal uso é possível, e que o verbo «contém em si mesmo o seu objeto». Os usos léxicos parecem confirmar essa opinião. (Ver Luc. 12:21; II Cor. 12:14, que parecem ser casos claros do modo intransitivo. Quanto a outras passagens bíblicas com uma mensagem similar à que se vê no presente versículo, ver Mat. 6:19; Marc. 10:21; Luc. 18:22; Rom. 2:5; Pro. 1:13; 2:7; Tobias 4:9; IV Esdras 6:5; 7:77; Testamento dos Doze Patriarcas. Levi, 13:5).

...nos últimos dias... Essa expressão é compreendida de diversas maneiras no N.T., a saber: 1. Pode significar «os dias do Messias», quando Cristo viveu no seu primeiro advento, pintado como algo que precederá imediatamente uma gigantesca transformação nas condições das vidas dos homens. Isso significaria os «últimos dias» da comunidade judaica, conforme ela existia nos tempos de Jesus, antes de qualquer transformação revolucionária. 2. Também pode aludir à dispensação do evangelho, vista como algo que precede cronologicamente o retorno de Cristo, e quando, então, ele estabelecerá o estado eterno. 3. Pode-se referir-se à «última porção» da dispensação desse evangelho. 4. Pode ser uma referência aos dias do juízo, propriamente dito. Os intérpretes normalmente pensam na terceira ou na quarta dessas posições. Os ricos seriam então vistos como ridículos, a amontoarem riquezas nos «dias preliminares» mesmo do segundo advento de Cristo, como se estivessem fazendo algum negócio importante em seu leito de morte. Ou a idéia pode ser o quão inútil é, para os ricos, viverem esse tipo de vida autocentralizada, porque aquilo que eles amontoaram está destinado meramente à destruição certa, quando do julgamento (o qual é visto como iminente, ver o sétimo versículo).

Já que há uma referência à «parousia», no sétimo versículo, supomos que os «últimos dias», deste versículo, indicam aqueles dias que antecederão imediatamente a segunda vinda de Cristo, quando ele vier para julgar. O autor sagrado não sabia por quanto tempo perduraria a era da graça. Tal como outros escritores sagrados do N.T., ele via a segunda vinda de Cristo como ocorrência não distante, e que talvez ocorresse até mesmo durante sua vida terrena. (Quanto a notas expositivas sobre essa expectativa dos crentes primitivos, ver I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15. Quanto a outras referências aos «últimos dias», no N.T., onde há notas adicionais, ver João 6:39; 6:37; Atos 2:17; II Tim. 3:1; Heb. 1:2 e II Ped. 3:3. Ver também a expressão «último tempo», em I Ped. 1:5,20).

algum pequeno terreno, limitado por cercas. A própria extensão das terras indicam as riquezas dos proprietários; no entanto, presta-se ele à desumanidade de pagar salários irrisórios, defraudando os seus trabalhadores. O autor deste comentário conhece uma família que trabalhava como lavradores arrendatários das terras de um rico. Já tinham trabalhado para o rico cerca de dez anos, recebendo um sustento miserável. Um dia, a filha da família, de cerca de onze anos de idade, quebrou o úmero e o omoplata em uma queda perigosa. O rico, embora obrigado a cuidar das despesas médicas, recusou-se a fazê-lo, e instruiu a mãe da menina a dizer às autoridades que a família vinha trabalhando para ele apenas há alguns meses, não tendo direito, portanto, a qualquer assistência médica. A mãe, transida de medo, pois o braço da menina inchava horrivelmente cada vez mais, foi de lugar em lugar, atrás de um médico ou de uma clínica, que endireitasse o braço da filha. Mas ninguém quis fazê-lo, porque ela não tinha dinheiro para pagar. Vê-se neste incidente a horrenda desumanidade tanto do rico proprietário como das autoridades médicas. Certamente o dinheiro era o deus deles. Deus não permitirá que pessoas tão desumanas escapem ao julgamento merecido.

...clamores... Os clamores de tristeza dos pobres, por causa da injustiça sofrida, diante de Deus; e serão ouvidos por Deus. A palavra aqui empregada se acha em Gên. 4:10, quanto ao «clamor do sangue de Abel», diante de Deus. (Ver também Eut. 24:15 e Enoque 47:1).

...Senhor dos Exércitos... Temos aqui uma expressão judaica que aponta para a pessoa de Deus, em que o Senhor é retratado como o Capitão e chefe de seus exércitos; tal palavra também era usada para indicar seu senhorio sobre as hostes celestes, tanto os poderes angelicais como os céus estelados. No trecho de Isa. 5:9, o título é usado para sugerir seu poder total e sua majestade, como também se vê em III Macabeus 6:17 e ss. No presente texto, o título sugere que esse poderoso Senhor toma o lado dos pobres, a fim de tornar-se juiz severo dos ricos injustos. Esse título de Deus é extremamente freqüente no A.T., e só no livro de Zacarias é usado por mais de cinquenta vezes. A tradução *Senhor Sabaoth* significa a mesma coisa, expressão essa usada em Rom. 9:29, em algumas versões. (Ver as notas expositivas nesse local). No N.T., esse versículo de Tiago e esse de Romanos são as únicas ocorrências do termo. O uso do título acrescenta solenidade às advertências existentes no texto. Cristo não traz a espada em



vão.

Em *Sohar Synop.*, par. 100, 45, é retratado um «vapor» que ascende até os céus, do suor dos trabalhadores, que relembra Deus do trabalho dos mesmos, levando-o a servir de Juiz, quando o pagamento dos mesmos é injusto ou procrastinado. Apesar de que os pobres não possuem um protetor

neste mundo, podemos estar certos de que eles têm um Protetor. Deus julgará os opressores dos pobres. Os trabalhadores pobres da lavoura exaurem-se a fim de produzir o alimento para muitos; mas eles mesmos são reduzidos à quase inanição. Nisso se vê uma irônica injustiça.

\*\*\*

ὁ ἐτρυφήσατε ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐσπαταλήσατε, ἐθρέψατε τὰς καρδίας ὑμῶν ἐν ἡμέρᾳ σφαγῆς.

ὁ ἡμέρᾳ σφαγῆς Jr 12.3; 26.34

5 ὑμῶν K\*ABP pc latt; R] add KL pl sy c

5:5; Deliciosamente vivastes sobre a terra, e vos daltastais; covastes os vossos corações no dia da matança.

Os versículos quinto e sexto deste capítulo apresentam quatro pecados adicionais dos ricos. O primeiro desses (ver o quarto versículo), é que não pagam salários justos aos seus trabalhadores, ou então lhes negam um pronto salário, ou mesmo não lhes dão salário algum. Agora os ricos são acusados de: 1. Viverem nos prazeres; 2. levarem vidas luxuosas e em meio à auto-indulgência; 3. manipularem o poder político a fim de poderem condenar a homens justos, abusando deles legalmente e de outras maneiras; 4. finalmente, alguns ricos chegam a assassinar a outros homens, a fim de retirá-los de seu caminho. São meros homicidas, embora, sem dúvida, na maioria dos casos, aluguem o serviço de outros para fazerem suas matanças.

O presente versículo pode ser comparado com a mensagem do trecho de Luc. 16:19 ss.—o rico e Lázaro. A vida dos ricos, mesmo quando não inclui os abusos acima mencionados, é apenas o preliminar do dia do juízo e da punição. Se assim não fora, então o caos governaria o mundo, e não a justiça.

«...vivido regulamentamente...», isto é, «entre delicadezas». No grego, a palavra usada se deriva de «thrupto», isto é, «dividir», «enfraquecer»; essa palavra indica não apenas grande opulência, mas também uma vida de vícios, que é encorajada pelo excesso de riquezas. Há um outro vocábulo derivado desse, «trupe», que significa «levantes», «orgia». Os ricos transmutam sua opulência em orgia, o que, naturalmente, inclui toda a modalidade de vício carnal, como as drogas, o sexo e os excessos de alimento e de bebida. Não possuindo coisas espirituais satisfatórias em que se ocuparem, devotam a vida aos prazeres da carne; e, visto que possuem o dinheiro necessário para tanto, terminam por praticar tremendos excessos, na tentativa de se agradarem. (Comparar isso com Nee. 9:25; Eclesiástico 14:4; Luc. 7:25; 16:19 e 11 Ped. 2:13, além de Hermas Sim. vi. 1:6, quanto a reprimendas similares contra os ricos, em seus luxos e vícios.

«...sobre a terra...» Tais pessoas se têm conduzido como meras criaturas terrenas, sem lançarem olhos para os céus ou para a dimensão eterna.

«...vivido nos prazeres...» Em grego «spataleo», um verbo recente e raro (em literatura). A raiz substantiva é «spatale», «vida gasta em dissipação» e em todos os tipos de prazeres sensuais. Aquele que vive para si mesmo tende a deleitar-se em grande variedade de prazeres; mas usualmente abusa de prazeres sexuais e da perversidade. Esses «se entregam aos prazeres», conforme o vocábulo grego aqui usado poderia indicar. Tornam-se escravos ὁ κατεδικάσατε, ἐφρονέσατε τὸν δίκαιον. οὐκ ἀντιτάσσειται ὑμῖν. 6 (ὕμν.) ;

P 6 4 statement; TR WH\* Bov Nov BF1 AV RV ASV RSV NEB TT Zor Luth Jer Syn fl b question; WH

5:6; Condenastes a maristas a juízo; eis não vos realista.

«...condenado...» Os pobres são impotentes diante dos ricos, porquanto não possuem dinheiro para se defenderem nos tribunais, para comprarem o favor das autoridades, ou para influenciarem os poderosos. Todos esses benefícios pertencem aos ricos, pelo que lhes é fácil oprimir os pobres. Por conseguinte, a «justiça» se torna questão inteiramente secundária, quando o conflito é entre um homem rico e outro pobre. A justiça se verga ante o poder, e o poder é o dinheiro. Um dos pecados característicos dos ricos é que eles estão dispostos a se ocuparem dessa forma de injustiça, prejudicial ao próximo. «Os ricos são os juizes; ou, seja como for, controlam os tribunais». (Ropes, *in loc.*)

«...matado...» Em casos extremos, a injustiça leva à execução de pobres, através de processos legais; mas mesmo inteliramente à parte disso, alguns ricos mandam matar seus inimigos, através de assassinos profissionais. Alguns estudiosos tomam esta palavra figuradamente; eles «destroem» aos pobres e os reduzem a nada. Apesar disso ser verdade, a matança literal é algo especificamente salientado aqui. Trata-se de uma injustiça extrema. É a pior das «obras da carne». (Ver as notas expositivas sobre as «obras da carne», em Gál. 5:21).

«...o justo...» Vários intérpretes antigos, seguidos por alguns modernos, pensam que Cristo está em foco, nesta palavra, como também seu julgamento e execução. (Ver Atos 3:14, onde Cristo é chamado de «Justo» (e Santo), em relação à sua condenação e morte, ordenada e arranjada pelo sinédrio judaico. Mas outros estudiosos vêem aqui o caso de Estêvão ou de algum outro dos primitivos mártires cristãos, porquanto esses foram os hediondos crimes dos judeus incredulos daqueles dias. A maioria dos intérpretes, entretanto, prefere ver esta passagem, no que estão corretos, como uma atribuição geral contra os ricos. Além disso, o crime envolvido na morte de Cristo não foi praticado especificamente pelos ricos, conforme é o caso neste versículo. Acusar os «ricos» por aquele crime, separados de outros elementos da sociedade, não está de conformidade com qualquer ensinamento neotestamentário, embora certamente os ricos, por serem poderosos, tiveram importantíssimo desempenho nisso. Os saduceus, naturalmente, formavam uma classe mui influente, e eles eram os principais poderes civis e religiosos nos dias de Jesus Cristo. Não obstante, a XXI. A «Parousia» e a Paciência Cristã (5:7-11).

A palavra «...pois...», que aparece no sétimo versículo, vincula esta seção com o parágrafo anterior. Os «irmãos» são oprimidos pelos ricos; mas podem ter a esperança firme de que Cristo aparecerá em breve como Juiz. Esse mesmo fato serve de

dos mesmos. Visto que não lhes falta o dinheiro, não lhes falta qualquer excesso ou prazer pecaminoso. Os pobres são protegidos da prática de alguns vícios, pela simples falta de dinheiro. Assim também, em certas porções do mundo atual, certas drogas são usadas para induzir os homens a experiências estranhas. O preço dessas drogas com frequência é altíssimo. E isso significa que somente os ricos podem «usufruir» de alguns vícios. Em Eze. 16:49, a palavra usada neste versículo é usada para descrever as mulheres de Jerusalém, que se conduziam tão licenciosamente como as mulheres de Sodoma. Assim também os ricos podem tornar-se todos sodomitas, se assim quiserem fazê-lo, contando que usemos o sentido mais amplo desse vocábulo—«sodomitas». No dizer de 1 Tim. 5:6: «...a que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta». (Ver as notas expositivas ali existentes quanto a idéias que ilustram o sentimento do presente versículo).

«...engordado os vossos corações...» Os ricos vinham engordando a si mesmos, mediante sua vida no luxo. Mas, com que finalidade? Somente para se tornarem ainda mais aptos para a matança (o julgamento), tal como os animais de corte são preparados para o abate mediante a engorda. (Comparar isso com Jer. 46:21; Xen. *Mem.* i.1:22; Filo, *In Flacc.* 20). Neste caso, a palavra «...corações...» não indica o «homem real», a «alma», conforme o termo é usualmente utilizado nas páginas do N.T., mas antes, indica a «sede dos prazeres», dos «apetites», das «paixões». Esses «saturaram» os seus apetites. Nunca conhecera moderação no cultivo de suas paixões, que vão crescendo de intensidade e de exigências, conforme vão sendo alimentadas.

«...em dia de matança...» O sentido dessas palavras tem sido disputado entre os intérpretes. 1. A maioria deles pensa que está em foco o dia do juízo. Até mesmo os animais a serem abatidos se empanturraram no dia em que morrerão; assim também os ricos continuarão em seus excessos até às vésperas mesmas do juízo. (Ver Luc. 17:27 e ss. quanto a uma indicação sobre isso, imediatamente antes do dilúvio. Eles «...comiam... bebiam... e veio o dilúvio e os levou a todos»). Isso se refere ao «dia da matança» do julgamento, que se seguirá, nos últimos dias (ver os versículos terceiro e sétimo). 2. Outros estudiosos pensam que está em foco, neste ponto, a iminente destruição de Jerusalém, que assinalaria a matança daquelas bestas gananciosas; mas essa interpretação é muito menos provável. 3. Ainda mais distante da verdade é aquele pensamento que diz que está em foco qualquer época calamitosa, quando os ricos perdem suas riquezas ou são mortos, ou, de alguma outra maneira qualquer, se reduz a nada o seu orgulho, ficando eles humilhados.

6 (ὕμν.) ;

maneira pela qual Jesus de Nazaré foi ilegalmente condenado, e, finalmente, foi executado sem misericórdia, serve de excelente ilustração sobre o que tem acontecido com frequência aos pobres, que sofrem às mãos de ricos corruptos.

«...sem que ele vos faça resistência...» Naturalmente, isso soa como as circunstâncias que envolveram a morte de Cristo. (Ver Isa. 53:7 e 1 Ped. 2:23). Mas o caso de Cristo não é aqui diretamente mencionado.

Várias interpretações têm sido dadas a esta simples declaração, a saber:

1. A declaração seria positiva e declarativa, não devendo ser compreendida como uma pergunta. O que está em foco é a deliberada não-resistência dos justos, conforme se vê em Isa. 53:7 e 1 Ped. 2:23. Essa é a maneira mais natural de se entender essas palavras.

2. Outros estudiosos opinam que Cristo está especificamente em foco, como aquele que não oferece resistência, compreendendo esta afirmativa como se ela fosse declarativa.

3. Ainda outros pensam que está em vista a pessoa de Cristo ou dos justos pobres em geral, embora entendam a frase de modo interrogativo: «Ele vos ofereceu resistência?» «Eles vos oferecem resistência?»

4. Ainda há quem compreenda a expressão como interrogativa, embora injetando nela a idéia de julgamento: «Ele (Cristo) vos oferece resistência?» A resposta esperada, naturalmente, é: «De fato, ele oferece, no juízo, quando de sua segunda vinda» (ver o sétimo versículo). Pois então ele julgará aos ricos, devido às opressões dos mesmos, corrigindo todas as questões. Os ricos sofrerão uma eficaz e definitiva resistência.

5. Há estudiosos que fazem «Deus» ser o sujeito do verbo «resistir»: «Ele (Deus) não vos resistirá?» Certamente que o fará.

6. Além disso, o verbo pode ser entendido como impessoal e passivo, ou seja, «nenhuma oposição é feita». Isso resulta em um sentido igual ao da primeira possibilidade.

Não tenhamos dúvidas que a verdadeira significação dessas palavras é expressa pela primeira dessas posições. Os pobres, embora justos e corretos, e embora os ricos estejam em falta, não possuem meios (e nem a disposição) para oferecerem resistência; antes, voltam o outro lado do rosto, seguindo o famoso princípio cristão. Portanto, os pobres são indevidamente oprimidos pelos ricos injustos.



advertência e de motivo de temor aos ricos, porquanto a altivez dos mesmos não demorará a ser cortada, visto que serão conduzidos ao julgamento, devido aos maus tratos que conferiram aos pobres. O autor sagrado, pois, faz da «paciência» sob todas as dificuldades (não apenas no caso da opressão pelos ricos), o seu tema central. Ele cria que a vinda de Cristo podia ocorrer a qualquer momento, pelo menos em sua própria vida terrena, o que era uma esperança comum na igreja cristã primitiva. (Ver I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15 quanto a notas expositivas completas sobre essa questão).

O autor-sagrado, portanto, roga aos crentes que suportem tudo até ao fim, quando o próprio Cristo será a recompensa pela paciência deles. As perseguições e as dificuldades faziam com que muitos crentes primitivos se sentissem tentados a desistir do caminho. Esse é o tema central do livro aos Hebreus, mas que reaparece em vários outros lugares do N.T. Tiago, portanto, buscava fortalecer às «mãos fracas e aos joelhos trêpegos». (Ver Isa. 35:3).

«Em um mundo como o nosso, a colheita da retidão não ocorre da noite para o dia. As forças do mal parecem cada vez mais poderosas do que os poderes do bem. Certas pessoas contam com a maior parte do dinheiro, e o maior prestígio e poder político e social, não têm escrúpulos em utilizar-se de meios para obter e conservar o poder, negando àqueles que servem à causa de Cristo. Por conseguinte, a causa de Cristo às vezes parece inteiramente perdida, como quando no tempo da crucificação, em que os próprios discípulos de Cristo, desanimados, o abandonaram e fugiram». (Easton, *in loc.*).

7 Μακροθυμήσατε οὖν, ἀδελφοί, ἕως τῆς παρουσίας τοῦ κυρίου. ἰδοὺ ὁ γεωργὸς ἐκδέχεται τὸν τίμιον καρπὸν τῆς γῆς, μακροθυμῶν ἐπ' αὐτῷ ἕως λάβῃ πρόϊμον καὶ ὄψιμον.

7 13; λαβῇ P 048 045 1241 1739 it<sup>2</sup> vg cop<sup>m</sup> a1m f λάβῃ  
ἰδοὺ A K P Ψ 049 036 0142 A1 B4 104 161 326 330 431 614 629 630 1508 1877  
2127 2412 2482 2488 B<sup>12</sup> Luc<sup>1</sup> syr<sup>h</sup> P<sup>4</sup>-Oecumenius Theophylact f ἰδοὺ

λάβῃ 436 f λάβῃ καρπὸν (N<sup>1</sup> καρπὸν τῆς γῆς) N<sup>1</sup> 11<sup>8</sup> αγ<sup>1</sup> (cop<sup>m</sup>) Camillo-  
dorus Antichus

7 πρόϊμον καὶ ὄψιμον Dt 11:14; Jr 3:4; Jl 3:33

Já que a forma λάβῃ πρόϊμον καὶ ὄψιμον, que é fortemente apoiada por representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (P (74) B 048 1739 vg cop (sa)) era ambígua, copistas adicionaram o que foi reputado como substantivo apropriado. Assim, em consonância com o uso coerente da LXX, ἰδοὺ figura em A K L P Ψ maioria dos minúsculos sir (p,h) al. Vários outros testemunhos (N 255 398 1175 it (ff) sir (hmg) (cop (bo)) Cassiodoro Antiocho), talvez não estando familiarizados com o clima da Palestina e com a grande importância das primeiras e das últimas chuvas, introduziram καρπὸν extraída da cláusula anterior, assim subentendendo que o sujeito de λάβῃ é «ele», isto, o agricultor.

5:7: Portanto, irmãos, sede pacientes até a vinda do Senhor. Ele que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-a com paciência, até que reciba as primeiras e as últimas chuvas.

«...paciência...» No grego é «makrothumeo», «ser paciente», «ser constante». A raiz é makros, «longo», «longe», e «thumos», «vida», «hábito», «alma», «coração», «coragem». Os crentes devem ter uma «coragem duradoura». A idéia pode ser apenas a da paciência, mais ou menos como esse vocábulo é usado nas línguas modernas; mas frequentemente, entretanto, a idéia, no N.T., é a de «constância», de «resistência» debaixo de certo tipo de circunstância. Por isso mesmo, tal palavra é frequentemente usada como sinônimo de «upomene». O autor sagrado encoraja seus leitores a continuarem constantes e fiéis na convicção moral, opondo-se ao erro, praticando a santidade pessoal e o amor fraternal; em suma, fazer aquelas coisas que caracterizam um verdadeiro discípulo de Cristo. Os leitores originais da epístola poderiam ter de sofrer certas opressões e perseguições; mas a ordem parece ser dirigida diretamente à vida cristã diária, e não a alguma instância específica de dificuldade.

«...irmãos...» Há um duplo propósito no uso desta palavra, na epístola de Tiago. Em primeiro lugar, isso identifica os leitores com a família divina, obrigando-os a observarem as regras próprias dessa família, respeitando-se mutuamente, como também ao Pai e ao Irmão mais velho. Além disso, nesta epístola, o uso dessa palavra com frequência assinala alguma nova divisão, sendo uma espécie de sinal de tal propósito. (Ver Tia. 1:19; 2:1, 14 e 3:1, além da presente referência).

«...vinda do Senhor...» Neste caso, o «...Senhor...» é Jesus Cristo (tal como em Tia. 1:1 e 2:1; ver também esse título usado para indicar Jesus, e ver as notas expositivas sobre o seu «senhorio», em Rom. 1:4). O autor sagrado esperava o retorno de Cristo para breve; e isso ele via como um elemento que faria grande diferença na vida e na conduta do indivíduo. Isso ajuda a pessoa a mostrar-se paciente no curso correto, porquanto conduz ao Senhor. A passagem de I João 3:2 alude à «parousia» (segundo advento de Cristo), como motivo para a pureza na vida do crente, porquanto a sua vinda inaugurará o juízo. E a segunda vinda de Cristo também é motivo a ações nobres, porquanto nos é assegurado que seremos transformados segundo a sua imagem, naquela oportunidade, e assim chegaremos a compartilhar de sua natureza essencial. Esse será o salto maior possível em um passo gigantesco, na direção das perfeições e plenitude de Deus Pai (Ef. 3:19), que é uma operação do poder transformador do Espírito Santo (ver II Cor. 3:18). (A nota geral sobre a «parousia», ou segunda vinda de Cristo, aparece em I Tes. 4:15, onde são considerados diversos de seus aspectos, incluindo a vexatória questão do elemento tempo—pré-tribulação, pós-tribulação, etc. Quanto à «vinda do Senhor», ver Mat. 24:3, 27, 37, 39; I Tes. 3:13; 4:15; 5:23; II Tes. 2:1; II Ped. 1:16; 3:4; I Cor. 15:23; I João 2:28). O termo «parousia», utilizado neste versículo, bem como na maioria dos outros mencionados, significa, primariamente, «vinda», e veio a ser usado como termo técnico para indicar a «segunda vinda» de Cristo. As notas expositivas sobre I Tes. 4:15 explicam essa palavra e seus usos. Antes dos tempos neotestamentários, não tinha qualquer alusão messiânica, mas adquiriu tal significação no N.T.

«...Eis que o lavrador...» O lavrador é homem que nos dá um exemplo sobre o que o autor sagrado queria dizer. O lavrador precisa esperar; e tem de exercer paciência, porquanto nenhuma colheita surge imediata e automaticamente. Antes, é mister que prepare a sua colheita mediante um trabalho diligente, arando e semeando. Mas, mesmo depois de haver feito tudo quanto é possível, ainda assim tem de esperar. Outrossim, tem de

dependar da providência divina, pois, sem as chuvas, todo o seu trabalho será inútil.

«...precioso fruto...» A terra finalmente produz fruto, e sua produção é vital e preciosa. Recompensa a paciência do lavrador. E este pode dizer: «Valeu a pena todo o trabalho». Portanto, o crente não precisa ter dúvidas sobre a preciosidade da vida eterna (ver notas expositivas em João 3:15), a qual será a recompensa de sua espera, porquanto Cristo voltará para dar vida, e isso com maior abundância do que agora.

«...as primeiras e as últimas chuvas...» No A.T. há dois períodos críticos de chuvas, mencionados em Deut. 11:14; Jer. 5:24; Joel 2:23; Zac. 10:1. (Comparar também com Jer. 3:3 e Osé. 6:3).

As primeiras chuvas. Essas ocorriam na estação chuvosa (outono e inverno) que, na Palestina, normalmente começava nos fins de outubro ou em começos de novembro, e que algumas vezes se prolongava até janeiro, quando se transformava em neve. Sua utilidade era a de prover umidade para a semente recém-plantada, para que pudesse germinar. Portanto, era o sinal para a semeadura. Essas primeiras chuvas eram mais pesadas que as últimas. Chovia principalmente da direção oeste e sudoeste (ver Luc. 12:54), à noite, continuando por dois ou três dias de cada vez.

As últimas chuvas: Essas ocorriam em abril e maio (na primavera), chuvas necessárias para que a semente amadurecesse. Não fossem essas chuvas, a despeito das mais pesadas chuvas do outono e do inverno, e a umidade não seria suficiente, e a colheita falharia. Assim, pois, os lavradores da Palestina esperavam ansiosamente pela bênção da providência divina, para que pudessem semear e para que a safra pudessem amadurecer e fosse abundante. Assim como os lavradores dependiam do Senhor para isso, assim também o crente depende do Senhor em sua inquirição espiritual. Somos informados que, na Palestina, essas chuvas de modo algum eram garantidas, e em alguns anos elas não vinham, em contraste com outros lugares, onde as chuvas próprias da estação eram quase certas. Portanto, a dependência dos lavradores da Palestina é ilustrada melhor ainda.

Mui provavelmente, o autor sagrado sabia a respeito dessas chuvas, baseado em sua experiência pessoal; mas isso não provaria necessariamente que ele escreveu na Palestina, e nem mesmo que tenha escrito para crentes que ali habitavam, embora seja possível que a maioria dos leitores originais desta epístola vivesse naquela porção do mundo. (Quanto a notas expositivas sobre as questões da proveniência e destino desta epístola, ver a seção III da introdução à mesma).

«Os seguidores de Jesus constituíam uma pequena e insignificante maioria no poderosíssimo império romano, e as forças lançadas contra eles pareciam avassaladoras. Porém, se ao menos agüentassem firme um pouco mais, quando o Senhor aparecesse, a sua verdade seria vindicada». (Easton, *in loc.*).

«Por conseguinte, por causa de vossa profunda e constante miséria, certificai-vos que Deus está próximo.

A hora mais negra é imediatamente antes da madrugada.

Tomando vossas tristezas quais pedras, à semelhança do que fez Jacó antigamente, edificai uma casa para Deus (ver Gên. 28:19), onde podereis ocultar-vos e encontrar refúgio. Se há a ira entesourada para os opressores, grande é a paz vindoura dos oprimidos». (Punchard, *in loc.*).

Falando sobre as «últimas chuvas», Faucett (*in loc.*), tem um interessante comentário: «As últimas chuvas... precederão a colheita espiritual, e provavelmente serão uma outra efusão do Espírito Santo, nos moldes pentecostais».

8 μακροθυμήσατε καὶ ὑμεῖς, στηρίζατέ τὰς καρδίας ὑμῶν, ὅτι ἡ παρουσία τοῦ κυρίου ἥγγικεν.

8 ἡ παρουσία... ἥγγικεν Ro 13:11-12; Ha 10:25; I Pe 4:7



5:10: *Sede vós também pacientes; fortalecei os vossos corações, porque a vinda do Senhor está próxima.*

...*pacientes*... Temos aqui o mesmo vocábulo que foi utilizado no sétimo versículo, onde o mesmo é comentado.

...*fortalecei*... No grego é *steridzo*, «estabelecer», «confirmar». Deriva-se de uma palavra que significa «apoiar», «permanecer», um elemento ou instrumento de apoio ou estabilização para algo. Fazemos isso espiritualmente mediante o cultivo dos meios espirituais de desenvolvimento e crescimento. A coragem aumenta e os propósitos espirituais são firmados e se tornam frutíferos. (Comparar com I Tes. 3:12; Sal. 112:8; Eclesiástico 6:37; 22:16; Jui. 19:5,8). O verbo aqui empregado é comum nas páginas do N.T. (Ver I Ped. 5:10; II Tes. 2:17; Luc. 22:32; Atos 18:23 e Rom. 1:11).

...*corações*... O homem interior, a alma, o homem essencial está aqui em foco. Essa palavra, no N.T., quase sempre tem esse sentido, embora ocasionalmente indique a expressão emocional ou intelectual da pessoa.

9 μή στενάζετε, ἀδελφοί, κατ' ἀλλήλων, ἵνα μή κριθῆτε: ἰδοὺ ὁ κριτὴς πρὸ τῶν θυρῶν ἔστηκεν.

9 ὁ κριτὴς, ἔστηκεν Mt 24:33

5:10: *Não vos queixais uns dos outros, para que não sejais julgados. Eis que o juiz está à porta.*

...*Irmãos*... Uma chamada ao interesse mútuo, fraternal, em face do fato que aqueles que prejudicam a outros membros da família cristã em breve serão julgados por causa de tais ações.

...*queixais*... No grego é *stenadzo*, que significa «queixar-se», «suspirar», «queixar-se contra», envolvendo críticas prejudiciais. Esse verbo é frequentemente usado na forma «steno», «suspirar», «queixar-se», e que tem um certo tom reforçado, em relação ao outro, ou seja, «queixar-se muito». A raiz básica é «steno», «estreito», «tribulação». Portanto, não devemos pôr nossos irmãos em Cristo em «posição difícil», «oprimindo-os» com queixas e críticas. Alguns estudiosos vêem aqui a idéia de «culpar a outrem pela aflição da era presente, que em breve terminará», mas tal interpretação não parece própria ao contexto. Como poderia um crente culpar a outro por causa disso? Antes, o descontentamento geral e a maledicência é que estão em foco. Isso envolve ativamente, pelo menos, a «maledicência» contra outros, em meio ao «juízo» contra eles, conforme se vê no décimo primeiro versículo. O autor sagrado combate, em ambos os lugares, a atitude e as expressões de «censura». Só existe realmente um que está qualificado a ser Juiz dos motivos dos homens, chamando-os à prestação de contas por isso. Se censurarmos aos outros, isso deve ser feito com paciência e com a idéia de restaurar, e não meramente de criticar.

...*para não serdes julgados*... A pessoa censuradora é um elemento deletério, e não construtivo. E torna-se culpado por esse motivo; e, visto que destrói, ao invés de edificar, está sujeito a severo juízo de Deus. Encontramos a mesma idéia em Tia. 2:12 e ss.; 5:12 e Mat. 7:1, além de Rom. 2:16.

Sempre será verdade que obtemos aquilo que tivermos dado; colhemos aquilo que tivermos semeado—encontramos-nos conosco mesmos. Se tivermos prejudicado a outros, mediante o juízo e as críticas duras, nós mesmos haveremos de sofrer dano e perda, na exata proporção dos males cometidos. Assim nos ensina a passagem de II Cor. 5:10, acerca do tribunal de Cristo: e assim nos ensina a passagem de Gál. 6:7,8, que ensina a lei da colheita segundo a sementeira. Nem mesmo o perdão dos pecados pode fazer isso parar; o pecado perdoado, e a alma salva do dano maior, não significa que escapamos dos «resultados» de nossos pecados. Seremos julgados de acordo com o que tivermos praticado, de bem ou de mal, sem importar o perdão dos pecados. O presente versículo não contempla o juízo no hádes; mas focaliza a prestação de contas, até mesmo no caso dos

10 ὑπόδειγμα λάβετε, ἀδελφοί, τῆς κακοπαθείας καὶ τῷ ὀνόματι κυρίου.

5:10: *Irmãos, tomai como exemplo do sofrimento e paciência os profetas que falaram em nome do Senhor.*

...*Irmãos*... Outra chamada aos crentes, para que tomem consciência da conexão com a família divina, o que envolve sérias responsabilidades.

...*sofrimento*... No grego é usado o termo «*kakopatheia*», «infortúnio», «miséria», «sofrimento» por causa de qualquer forma de mal. As perseguições, provavelmente, devem ser incluídas nessa explicação. Tal palavra pode significar «constância», nesse caso, a constância e a paciência nos são recomendadas, sem qualquer alusão aos sofrimentos, ao infortúnio e às perseguições; mas a maioria dos intérpretes prefere a idéia anterior. (Comparar com Heb. 11:36-38, quanto aos muitos tipos de sofrimentos e dificuldades que tiveram de experimentar os santos da antiguidade, os quais, desse modo, se tornaram exemplos de como o crente deve suportar essas coisas, mediante o que se pode obter bom testemunho, e através do que se pode entrar no mundo eterno e obter elevado grau de glória. O trecho de IV Macabeus 9:8 encerra as mesmas expressões do presente versículo, «dificuldades e paciência», excetuando que ali a «paciência» é o termo grego «*upomone*», que é virtualmente um sinônimo.

...*paciência*... Melhor tradução seria «constância», «resistência». Essa palavra também é usada nos versículos sétimo e oitavo deste capítulo, com notas expositivas no sétimo.

...*profetas*... Estão em foco os profetas do A.T., os antigos heróis da fé, os quais deixaram o exemplo apropriado de piedade, debaixo das pressões exercidas por este mundo hostil. (Ver Mat. 5:12; 23:34,37; Atos 7:52; Heb. 11:33; I Tes. 2:15; Luc. 11:49; II Crô. 36:16 quanto a esse tipo de invocação ao exemplo dos profetas, a fim de ensinar-nos uma lição moral ou espiritual). É digno de atenção que o exemplo dos sofrimentos de Cristo não é mencionado, conforme se poderia esperar. Contraste-se isso com o que diz o escritor da epístola aos Hebreus, o qual, após fazer muitas ilustrações com os profetas do passado, ilustrou com o exemplo dado por Cristo (ver os

porém, sempre apontando para o ser essencial.

...*vinda do Senhor*... Trata-se da mesma «parousia» aludida no sétimo versículo, e amplamente explicada nas notas expositivas sobre I Tes. 4:15.

...*está próximo*... Os cristãos primitivos esperavam a segunda vinda de Cristo para seu próprio período de vida. (Ver I Cor. 15:51; I Tes. 4:15 quanto a notas expositivas a esse respeito). Todos os elementos deste oitavo versículo estão contidos no versículo anterior, e as notas expositivas ali existentes ilustram igualmente o intuito do presente versículo, o qual foi escrito em confirmação das idéias do versículo prévio.

É estranha ao texto a interpretação que diz que o autor sagrado tencionava indicar a «vinda providencial de Cristo» (na vida diária), a fim de aliviar os sofrimentos, e não queria indicar o evento escatológico, embora ele também tivesse feito isso. Antes, cada geração de crentes deve crer que Cristo pode vir em seu próprio tempo, porquanto isso serve de base de consolo e santificação.

crentes. Nós, os crentes, nos encontraremos conosco mesmos. (Quanto a tudo que isso significa, ver II Cor. 5:10, o julgamento dos crentes, e II Tim. 4:8—as coraças).

«O juiz está às portas...» Mui provavelmente, o «...juiz...», neste caso, é Cristo, porquanto o «Senhor», referido no sétimo versículo, certamente é ele. (Ver Atos 17:31 quanto a Cristo como Juiz). Entretanto, alguns estudiosos preferem pensar que ambas as referências são a Deus Pai, porquanto, normalmente, ele é aludido nesta epístola como Juiz e Senhor. (Ver Tia. 4:12 quanto a Deus como Juiz). Outros ainda acreditam que Cristo está em foco no sétimo versículo, mas que, no nono versículo, é Deus Pai (através da segunda vinda de Cristo) que figura como juiz. Não há maneira absolutamente segura de resolver a questão, e nem ela se reveste de grande importância. (Ver Deus como Senhor, no quarto versículo do presente capítulo). O autor sagrado pode ter usado os termos, por todo este capítulo, querendo indicar a pessoa de Deus Pai. Ou então, devido à menção da «parousia», nos versículos sétimo e oitavo, que é obviamente de Cristo, e não de Deus Pai, Cristo pode ser o Senhor e o Juiz em ambos os casos, sem que o autor sagrado nos dê qualquer explicação específica de que agora usava os termos para o Filho, e não para indicar a Deus Pai.

...*às portas*... Cristo está próximo do ato de entrar; e, por assim dizer, já pode ser dividido. Esse é um símbolo dado para ilustrar a «proximidade» da «parousia», conforme fica implícito nos versículos sétimo e oitavo. Ele está tão próximo que nos segue com olhar atento, percebendo tudo quanto fazemos, e nos considera responsáveis pelo que praticamos. Isso pode ser comparado com a linguagem figurada de Apo. 3:20, onde Cristo é visto a bater na porta a fim de obter admissão a uma igreja local fria e formal. (Ver Mat. 24:33 quanto à vinda de Cristo como algo «às portas»).

Visto que a vinda do Juiz está tão próxima, podemos deixar, com segurança, nas mãos dele, todas as questões pertinentes ao juízo. (Ver Tia. 4:11,12, onde há um severo aviso contra aqueles que presumem tomar o lugar de Deus, fazendo-se juizes de outros, quando, na realidade, só há um Juiz qualificado, que é igualmente o único legislador).

A íntima aproximação do Juiz é motivo para suspendermos os nossos próprios juízos, e isso impede de cairmos naquele pronto julgamento que nos sobrevirá se não suspendermos tal hábito. (Alford, *in loc.*).

«Nada serve de freio mais eficaz, para nos entravar as nossas precipitações, do que considerar que nossas imprecacões não se desvanecem no ar, porquanto o juízo de Deus está próximo». (Calvino, *in loc.*).

τῆς μακροθυμίας τοῦς προφῆτας, οἱ ἐλάλησαν ἐν

10 κακοπαθείας] καλοκαθαθείας N

capítulos onze e doze da epístola aos Hebreus). Pedro, por semelhante modo, apresentou Cristo como exemplo de como se deve suportar os sofrimentos, em defesa do direito (ver I Ped. 2:21 e ss.).

...*os quais falaram em nome do Senhor*... O «...Senhor...», agora, é Deus Pai, porquanto estamos pisando em contexto tetotelestamentário. O sofrimento dos profetas foi ocasionado pela proclamação fiel da mensagem divina. «Aborreceis na porta ao que vos repreende, e abominais o que fala sinceramente». (Amós 5:10). Ficamos sabendo que os melhores servos de Deus são os mais expostos aos abusos de homens ímpios e desvairados. Se isso acontecer conosco, então devemos saber que estamos em boa companhia e participais da mesma esperança da glória eterna que eles tiveram. (Comparar com Dan. 9:6; 20:9; 44:16 quanto à questão do «homem falando por Deus»).

...*nome*... O «nome» representa a autoridade e o poder da pessoa; é expressivo de seu caráter distinto; o nome «identifica» a pessoa. Assim também o «nome divino» significa a identificação do Deus dos céus; e isso subentende o seu poder e a sua autoridade sobre os homens. Alguns homens têm o privilégio de representar «o Nome», ou seja, de falarem por Deus. Parece que a idéia envolve mais do que o fato que a existência do A.T. lhes deu o impulso de falarem. Antes, receberam revelações e a inspiração direta, a fim de se tornarem porta-vozes autorizados de Deus.

Os sofrimentos dos profetas: «...a vossa espada devorou os vossos profetas, como leão destruidor» (Jer 2:30). «...viraram as costas à tua lei e mataram os teus profetas, que protestavam contra eles, para os fazerem voltar a ti...» (Nee. 9:26). «...os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares, e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procurei tirar-me a vida» (I Reis 19:10). «Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados!» (Mat. 23:37). «Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos» (Atos 7:52).



11 ἰδοὺ μακαρίζομεν τοὺς ὑπομείναντας τὴν ὑπομονὴν Ἰωβ ἤκούσατε, καὶ τὸ τέλος κυρίου εἶδετε, ὅτι πολὺσπλαγχνός ἐστιν ὁ κύριος καὶ οὐκ ὀκτὶρμων.

Ex 24.6; Ps 103.8; 111.4

11 ὑπομείναντας] -μενον-

11 μακαρίζομεν τοὺς ὑπομείναντας De 12.12 πολὺσπλαγχνός...οὐκ ὀκτὶρμων KL 33 pm ε | τέλος] εἰδος 323 1739\* pc | ο κύριος] Κυρ. B: om KL al

3111: Ele que chamamos bem-aventurados os que suportaram aflições. Ovístos da paciência de Jó, a virtude o fim que o Senhor lhe deu, porque o Senhor é cheio de misericórdia e compaixão.

...felizes... Tradução do termo grego «makarios», «feliz», «bem-aventurado»; mas, no N.T., tal termo se reveste da idéia de bem-estar espiritual e recompensa, e não meramente de uma forma de felicidade que depende das circunstâncias. O bem-estar espiritual aparece aqui em primeiro plano, porque Deus abençoa aqueles que se mostram sérios em sua inquirição espiritual, até mesmo em face de séria oposição. Porém, está particularmente em vista a recompensa dos céus, a vida eterna. Esse é o vocábulo usado no quinto capítulo do evangelho de Mateus, onde Jesus apresenta várias «bem-aventuranças». E esse vocábulo é comentado no trecho de Mat. 5:3, onde são dadas a sua história e o seu uso. Essas notas são úteis como ilustrações do presente texto.

...perseveram... No grego é «upomene», «permanecer», «tolerar»; algumas vezes tem o sentido de «ser paciente»; e quase sempre tem a idéia de «resistência paciente».

...paciência de Jó... A palavra aqui traduzida por «paciência» é «upomene», forma nominal do verbo anterior. Significa «permanência», «constância», «perseverança». Ocasionalmente, porém, tem o sentido de «paciência», conforme essa palavra é atualmente compreendida—isto é, uma espécie de atitude que tudo suporta, esperando tranqüilamente por algo, sem qualquer queixa. Mas dificilmente essa é a maneira pela qual a palavra é usada nas páginas do N.T. Antes, está aqui em foco a idéia de «permanência paciente». Jó dificilmente poderia ser chamado de «paciente», no sentido normal dessa palavra. Ele se queixou amargamente e muito; não «esperou com paciência» que se modificassem as suas circunstâncias; antes, ele agonizou continuamente debaixo das suas circunstâncias. No entanto, Jó «perseverou»; e mostrou-se «constante» em sua fé, a despeito de seu grande sofrimento físico, das zombarias de seus «amigos», e até das blasfêmias de sua esposa, que lhe recomendou amaldiçoar a seu Deus e morrer. Foi esse o tipo de «constância» que Jó demonstrou supremamente, debaixo das mais adversas circunstâncias, mediante o que reteve sua fé em Deus. «Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento» (Jó 13:15). Sob circunstância alguma ele quis renunciar a Deus. (Ver Jó 1:21 e ss.; 2:9 e ss.; 13:15; 16:19 e 19:25 e ss.).

O Ponto De Vista Do Clínico

1. Satanás subestimou a Jó. Levou-o a queixar-se amargamente, mas pensou que poderia destruí-lo, removendo dele as vantagens e os prazeres mundanos.

2. Tal como Satanás, os clínicos modernos duvidam das pessoas espirituais, pondo em dúvida os seus motivos e a sinceridade de suas ações. Acima de tudo, duvidam da realidade do mundo celestial que buscam.

3. Jó provou que a verdadeira espiritualidade pode resistir a qualquer teste, e essa lição é desesperadamente necessária hoje em dia, em um mundo que está às vésperas do período da tribulação final. Verdaderamente, Cristo tem feito diferença em algumas vidas! Aprendamos algo dessas vidas, e imitemos-las. (Ver I Cor. 11:1 quanto à «importância do exemplo»).

4. O livro de Jó, acima de qualquer outra coisa, é um protesto contra o ponto de vista clínico acerca da vida. É um tratado contra aqueles que supõem que os valores da vida devem estar todos vinculados às vantagens pessoais.

5. Muitos intérpretes ficam desapontados ante o final da narrativa, pois, como galardão, Jó recebeu vantagens materiais, prosperidade, etc. As coisas usualmente não terminam desse modo. Porém, aceitemos esse fato alegoricamente. Há um grande galardão à espera dos fiéis. Suas obras «os seguem», determinando sua glorificação e felicidade. (Ver Apo. 14:13). (Quanto a notas completas sobre os «galardões», ver I Cor. 3:14; e quanto às «coroas», ver II Tim. 4:8).

Alguns vivem para um propósito superior àquilo que é normal para os homens ordinários. «Podeis queimar meu corpo e espalhar-lhe as cinzas aos ventos dos céus; podeis lançar minha alma às regiões das trevas, mas não podereis forçar-me a apoiar aquilo que creio ser errado». (Abraão Lincoln). Assim também disseram os huguenotes franceses, debaixo da perseguição: «Estamos dispostos a sacrificar nossas vidas e nossas propriedades ao rei, mas não podemos desistir de nossa consciência diante de Deus».

...que fim o Senhor lhe deu... Isso está registrado no quadragésimo segundo capítulo do livro de Jó. Ele recebeu em dobro tudo quanto perdera; e terminou a sua vida terrena em meio ao conforto e ao luxo. Alguns XXII. Contra os Juramentos (5:12).

Não há qualquer conexão entre este versículo e a seção anterior. Talvez se pense que a fala incorreta, a linguagem abusiva contra outros (ver o nono versículo) tenha alguma espécie de fruição na feitura de juramentos; mas tal idéia é mui remota. Antes, conforme sucede freqüentemente em Tiago, o autor sagrado introduz um aforismo que se destaca isolado, e que poderia ter sido tão bem localizado em qualquer parte da epístola como aqui. O autor sagrado a introduz com as palavras «...acima de tudo...», que tem a idéia de «mas especialmente», o que mostra a importância que ele dá à questão da negligência no uso de Deus, ou de algum objeto santo, a ele pertencente, como o seu trono ou o seu templo. É bem possível que as palavras de Jesus, em Mat. 5:34-37, se baseiam sobre a mesma tradição oral que preservou as declarações e ensinamentos de Jesus, embora dificilmente possa haver qualquer dependência direta de Tiago a Mateus, porquanto o mais certo é que esta epístola foi escrita antes daquele evangelho.

12 Πρὸ πάντων δέ, ἀδελφοί μου, μὴ ὀμνύετε, μήτε τὸν οὐρανὸν μήτε τὴν γῆν μήτε ἄλλον τινὰ ὄρκον ἢ τῷ θεῷ ὑμῶν τὸ Ναὶ ναὶ καὶ τὸ Οὐ οὐ, ἵνα μὴ ὑπὸ κρίσειν πέσητε.

12 Mt. 1:34-37

12 de 2º add (Mt. 5. 37) o logon K\* pc vg\* c1 57\* | uio κριου] eis υποκριου KLP pm ε

intérpretes ficam desapontados com essa conclusão; e supõem que o fim do livro de Jó é apócrifo, porquanto dificilmente a vida termina desse modo. Contudo, a mensagem do livro é assim salientada: Deus não se olvidou de Jó, o qual triunfou, finalmente; e isso durante seu próprio período de vida terrena. Na maioria dos casos, todavia, não é assim que termina esta existência terrena. O décimo primeiro capítulo da epístola aos Hebreus mostra-nos que o real consolo é a esperança da vida eterna. De fato, a fé consiste em confiarmos nas realidades daquele mundo celestial, em que o crente se contenta em ser, neste mundo, apenas um peregrino. A bênção dos justos dificilmente será terrena, e certamente a recompensa deles é eterna, pertencente à dimensão celeste, e jamais temporal em sua natureza.

...que fim o Senhor lhe deu... Certamente está em foco a conclusão providenciada pelo Senhor, que pôs ponto final aos sofrimentos de Jó. O «propósito» do Senhor, é o de tirar o bem do mal. Curiosamente, alguns eruditos têm imaginado que aqui há uma alusão à morte de Cristo, pelo que «fim» teria o sentido de «morrer»; mas isso está muito longe da realidade do contexto, ainda que consideremos que a ressurreição faz parte desse «fim». Outros intérpretes crêm que, com esse termo, o autor sagrado acrescentou o exemplo deixado por Cristo ao exemplo de Jó; porém se o autor sagrado assim tivesse querido fazer, é muito difícil que tivesse ocultado seu pensamento em uma alusão tão obscura e duvidosa. Não obstante, tal pensamento serve de excelente ilustração para o texto. A recuperação de Jó, após seus sofrimentos, quando entrou no bem-estar, foi um tipo de ressurreição, sem dúvida.

...O Senhor é cheio de ternas misericórdia... Uma única palavra grega é assim traduzida, e ela significa «pleno de misericórdia», «mui gentil». A raiz desse vocábulo, «splagchnon», significa «órgãos vitais», como o «coração»; mas algumas vezes estão incluídos os órgãos da cavidade inferior do tronco do corpo humano, como os «intestinos». Os antigos associavam esses órgãos às emoções, provavelmente devido à observação que as emoções afetam suas funções. Usamos a palavra «coração» desse modo, em nossos próprios dias. O «Senhor é cheio de coração»—e seu equivalente moderno seria «O Senhor tem um coração terno». (Comparar com Efê. 4:32, onde se lêem as palavras «...sede... compassivos...», e onde é empregada a mesma raiz utilizada aqui). A palavra exata, na literatura sagrada, se acha somente em Hermas Sim. v. 7:4; Mand. vi.3. A forma nominal da mesma se encontra em Hermas Vis. i.3:3; ii.2:8; iv.2:3; Mand. ix.2; Justino Mártir, Dial. 55. Porém, palavras derivadas da mesma raiz, e com a mesma idéia, são de uso freqüente no N.T. Em sua forma verbal, ela ocorre por doze vezes nas páginas do N.T.; e, em sua forma nominal, ocorre por onze vezes, embora alguns de seus usos sejam literais, e não simbólicos. Em Mat. 9:36, onde é dito que Jesus teve profunda compaixão das multidões, é empregado esse vocábulo; e, nesse lugar, há notas expositivas mais completas a respeito.

...compassivo... No grego é «oiktirmon», isto é, «misericordioso». Deriva-se de uma palavra que significa «dó». Deus tem dó daqueles que o temem, tal como um pai tem dó de seus filhos pequenos. (Ver Sal. 103:13).

Compaixão: Há vários pontos que devemos considerar a respeito: 1. Era qualidade necessária aos sacerdotes (ver Heb. 5:2). 2. Manifesta-se em favor dos sobrecarregados (ver Mat. 11:28-30); em favor dos que são fracos na fé (ver Isa. 40:11 e Mat. 12:20); em favor dos que são tentados (ver Heb. 2:18); em favor dos aflitos (ver Luc. 7:13 e João 11:33,35); em favor dos que perecem (ver Mat. 9:36 e João 3:16); em favor dos pobres (ver Marc. 8:2); em favor dos enfermos (ver Mat. 14:14 e Marc. 1:41). 3. É um dos atributos de Cristo (ver Mat. 9:36), devendo ser duplicado nos crentes (ver Gál. 5:22,23).

Visto que Deus é quem possui supremamente essa qualidade, não admira que ele abençoe, finalmente, àqueles que sofrem dor e tribulação, contanto que nele confiem. Neste texto, também aprendemos que Deus tem um propósito nos sofrimentos, e que nem sempre eles são um sinal de castigo contra o pecado.

Jó ocupa elevado lugar de estíma na literatura judaica; e um livro apócrifo foi escrito em seu nome, «O Testamento de Jó». O autor sagrado concorda com essa avaliação, e agora se utiliza de seu exemplo para ensinar uma lição espiritual.

«Despido de todas as possessões terrenas, privado de todos os seus filhos, com um único golpe, torturado no corpo por chagas, tentado pelo diabo, assediado por sua esposa, caluniado pelos seus amigos, ele (Jó), entretanto, manteve firme a sua integridade, resignando-se às dispensações divinas e nunca acusando totalmente a Deus». (Adam Clarke, *in loc.*)



5:12; Mas, subornado, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem fazeis qualquer outro juramento; seja, porém, a vossa sim, sim, e a vossa não, não, para não cairdes em condenação.

«...Acima de tudo...» No grego temos a expressão «pro panton de», que literalmente traduzida diria «...antes de tudo, porém...». Seu sentido é, «especialmente», em face das instruções que se seguem, dadas pelo autor sagrado, que são mais importantes que muitos mandamentos morais que ele já apresentara.

«...meus irmãos...» O apelo é novamente feito à consciência dos membros da família divina, a qual, como tal, impõe certas responsabilidades a seus membros. Neste ponto, essas palavras são usadas como um artifício literário para assinalar um novo pensamento ou uma nova seção. (Quanto a esse emprego, ver Tia. 1:19; 2:1,14; 3:1, e 5:7).

«...não jureis...» Fazer juramentos era um dos costumes favoritos dos judeus, que tendiam por confirmar a verdade de quase qualquer questão, fazendo alguma espécie de juramento, mediante o emprego do nome divino ou do nome de algum objeto santo. Os judeus juravam por Deus, pelo seu trono, pelos céus, pela terra, por Jerusalém, pelo templo ou por diferentes membros de seus próprios corpos. Além disso, essa prática era misturada com desonestidade, pois eram feitos juramentos e afirmações solenes por indivíduos que não tinham qualquer intenção de cumpri-los. Assim é que o rabino Akiba ensinava que um homem «pode jurar com os lábios e anular o juramento no coração; e então o juramento não tem efeito». Jesus percebia a hipocrisia de tais juramentos, e, por essa razão, ensinou a seus discípulos que se abstinêssem de todo e qualquer juramento. Esse costume enfraquece o senso de honestidade do indivíduo, conferindo-lhe a oportunidade de usar de ludíbrio, a fim de enganar a outros com sua falta de sinceridade. Além disso, trata-se de uma prática ridícula, pois dizer alguém, «Juro pelo nome de Deus», de modo algum obriga a Deus a confirmar tal juramento, e nem reflete a mente divina sobre qualquer assunto. O fato é que ninguém pode obrigar a Deus a validar alguma promessa, algum contrato ou alguma transação efetuada entre os homens.

A referência aqui, naturalmente, não é tanto à profanação. Naturalmente, isso também, é condenado, debaixo da categoria dos abusos contra a faculdade da fala. (Ver as notas expositivas sobre esse tema, em Ef. 4:29). Tem sido debatido, como sempre o será, se Jesus (ver Mat. 5:34 e ss.), como também Tiago, com base nas palavras de Jesus, visavam proibir juramentos feitos em tribunais de justiça. Alguns intérpretes sempre consideraram esses textos como passagens que incluem tal proibição; mas outros têm negado tal possibilidade. Para estes últimos, o que é condenado é o apoio frívolo, aos nossos negócios com outros, mediante «juramentos», que comprovam que algo é verdadeiro, válido ou justo. Mas, apesar disso certamente estar incluso, essas palavras de Tiago, consideradas naquilo que elas dizem, também devem condenar os juramentos em tribunal. No entanto, em muitos lugares, tais juramentos são exigidos por lei; e qualquer perjúrio é severamente punido. Em tais casos e em tais lugares, é razoável supormos que deve haver «exceções» à regra geral. Em tais tribunais, que permitem uma simples afirmativa, sem a necessidade de qualquer juramento, o crente deveria contentar-se em dar um «sim» ou um «não»; e isso deveria ser confirmado não com juramentos, e, sim, com uma vida e uma reputação honestas. Outros intérpretes observam que não é mencionado qualquer juramento feito «no nome de Deus», e isso significaria que os juramentos em tribunal, feitos em seu nome, são permissíveis. Porém, o autor sagrado não tinha em mente nenhuma idéia assim, por causa do que propositadamente omitiu o nome divino. Essa interpretação ultrapassa os limites convenientes de uma omissão arbitrária. (Quanto à «proibição de juramentos», e outras questões afins, ver as notas expositivas sobre Mat. 5:34).

«...nem pelo céu...» Jesus também proibiu isso (ver Mat. 5:34). Os judeus juravam por um lugar ou por um objeto sagrado, evitando o nome divino; mas tais juramentos, na realidade, equivaliam a jurar pelo nome de Deus.

«...nem pela terra...» Isso também é especificado em Mat. 5:35, onde o leitor poderia examinar as notas expositivas. A terra também não pode ser motivo dos nossos juramentos, porque também é um objeto sagrado, criação de Deus e seu escabelo. Não possuímos a terra, e nem pode ela garantir qualquer acordo, promessa ou contrato que os homens façam. Todo juramento assim é um ato teatral e presunçoso.

«...seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não...» O paralelo é Mat. 5:37, cujas notas expositivas devem ser consultadas. Jesus ensinou que tudo quanto passa de simples afirmação ou negação, vem do maligno. Se um homem é honesto, e é reconhecido como tal, não será necessário fazer juramentos. Mas os desonestos juram a fim de enganar ao próximo, para que pense que as suas promessas são válidas. Portanto, os juramentos de um homem desonesto se derivam de motivos estranhos, de desejos malignos e enganadores.

### XXIII. Conduta na Tristeza e na Alegria (5:13).

Uma vez mais, temos um aforismo sem conexão com o que o antecede, embora a idéia de aflição evidentemente inspirou o autor sagrado a escrever a seção depois desta (versículos décimo quarto a décimo oitavo), sobre as «enfermidades», que formam uma espécie de aflição. A verdadeira mensagem deste versículo é a total consagração, porquanto prescreve a conduta piedosa sob toda e qualquer circunstância, algo parecido com o que diz Col. 3:17: «E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai». (Ver as notas expositivas ali existentes, que ilustram grandemente o presente versículo).

13 Κακοπαεῖ τις ἐν ὑμῖν; προσευχέσθω· εὐθυμεῖ τις; ψαλλέτω.

5:13; Está alguém doente entre vós? Ora, está alguém contente? Canta louvores.

«...sofrendo...» Essa palavra visa descrever aqueles que sofrem por qualquer tribulação, aperto, necessidade, privação ou enfermidade. O vocábulo grego, «kakopatheo», «sofrer infortúnio», já foi usado no décimo

...para não cairdes em juízo...» O julgamento espera o homem que se utiliza frivolamente do nome de Deus, — bem como o homem que é desonesto em seus negócios com outros, cujo «sim» é uma negativa, e cujo «não» é uma afirmação. Tudo isso faz parte daquelas obras malignas que levam os homens ao juízo. (Ver Rom. 2:6 e Apo. 20:12). Um homem assim terminará por ser condenado por outros homens, talvez em tribunais humanos, talvez de maneira particular; mas a condenação divina parece ser a idéia central dessa declaração.

Variação Textual: Os ms KLP e vários manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina, dizem aqui «...cairdes em hipocrisia...», ao invés da forma normal. As datas e a qualidade dos manuscritos que assim dizem, entretanto, demonstram que tal forma é secundária, não podendo reivindicar direitos à originalidade.

Fonte judaica de tal ensinamento. Não foi Jesus quem criou esse ensinamento, embora o tenha ressaltado grandemente. O trecho de Eclesiástico 23:9-11 e 27:14 diz algo similar. Filo discute sobre os juramentos em «De decal.» 17-19, como também em «De pec. leg.» il. 1-6, e o princípio ali defendido é que os juramentos devem ser evitados na medida do possível; e mesmo que sejam feitos, devem ter por objeto realidades menores, como a terra, o sol, as estrelas ou o universo, e não a pessoa de Deus, que é a causa primária de tudo. Filo considerava os juramentos algo profano e indevido. Nedarim 20, uma peça da literatura rabínica, desencoraja a prática, porquanto se transforma em meio de enganar ao próximo, e não de confirmar seriamente alguma promessa. Midrash Wajjikra r. 6 condena categoricamente o juramento. Os essênios normalmente se abstinham de tal prática. Eles ensinavam que o homem que é tão indigno de caráter que precisa chamar a Deus por testemunha, já demonstrou ser homem desonesto. (Ver Josefo, Antiq. xv.10:4 quanto a essa informação). Vários filósofos pagãos moralistas também condenaram a prática de juramentos, que era algo generalizado entre os gregos e os romanos. Assim o fez Pitágoras, Diog. Laert. 22; Vita Pytha. 9 e 28; Jamblichus; Epicteto, Enchir. 33:5; Eusébio, Stobaeus, ant. iii.27,13; Choerilus de Samos (século IV A.C.), em Stobaeus, Ant. iii. 27,1; Menandro, Sent. sin., 441; Nicolau Damasceno, Stob. Ant. iv. 2,25.

Os primeiros escritores cristãos, naturalmente, condenaram igualmente essa prática, especialmente porque os juramentos exigidos nos tribunais pagãos eram de natureza idólatra. (Ver Justino Mártir, Apol. i.16; Clemente, Alex. Strom. v. 14,99, pág. 707; vii.11,67, pág. 872). Mais tarde, nos escritos de Tertuliano, de Crisóstomo e de Agostinho, encontramos condenações contra tal prática.

«O uso de juramentos é sinal não só da tentativa de ludíbrio, mas também produz engano. Inclina-se por produzir a crença que existem dois tipos de verdade, uma das quais é coisa séria por demais para ser violada, a saber, quando é acompanhada por um juramento; mas a outra seria de violação venial, a saber, quando a falsidade é apenas falsidade, e não perjúrio. Isso, tanto entre os judeus como entre os cristãos, produz um refinamento mais ilusório ainda, isto é, que alguns juramentos são mais obrigatórios do que outros, e que somente quando é empregada a forma mais estrita de juramento é que há real obrigação do indivíduo dizer a verdade. Quão desastrosas são todas essas distinções, às expensas da verdade, conforme a experiência humana tem testificado abundantemente!» (Plummer, in loc.).

A lição do texto é a necessidade de honestidade: O homem verdadeiramente honesto não precisa jurar. Deus deseja a verdade desde o íntimo, na alma (ver Sal. 51:6). A passagem de Ef. 4:25 enfatiza a necessidade da eliminação da falsidade, bem como a necessidade de dizermos a verdade para todos. Os mentirosos são condenados ao julgamento do inferno (ver Apo. 21:8; e ver também as notas expositivas, em Col. 3:9, que são contra a mentira e a desonestidade, o que ilumina o presente versículo).

«Sem a honestidade, todas as demais virtudes perdem a base. O amor é aclamado como a qualidade suprema da vida cristã, mas Paulo, que diz que dentre a fé, a esperança e o amor, a maior qualidade é o amor, também declara que o amor deve ser sem hipocrisia (ver Rom. 12:9). O amor falso é pior do que a ausência de amor. A honestidade é a essência da coragem moral, como ficou bem patenteado na vida de Jesus. Uma mentira poderia salvá-lo da cruz, mas ele nunca preferiria uma inverteza, ainda que sua vida estivesse em jogo. Os cristãos primitivos deixaram tão profunda impressão sobre seus contemporâneos, não simplesmente porque exemplificavam o amor («Vede como os cristãos se amam uns aos outros»), porém, mais ainda, devido à integridade de suas vidas». (Easton, in loc.).

Um criminologista norte-americano declarou que a fraude é a ofensa criminal mais generalizada nos Estados Unidos da América do Norte, permeando todas as camadas da sociedade. É natural supormos que a mesma coisa sucede em todos os países. (Quanto a notas expositivas mais completas sobre a questão dos «juramentos», ver Mat. 5:34 e ss.).

versículo deste capítulo, em forma nominal (ver ali as notas expositivas a respeito). Tal vocábulo se refere a calamidades de qualquer sorte, não sendo o contrário de «euthuia» (bom ânimo) (Ropes, in loc., referindo-se à palavra que se segue, e que descreve o bom ânimo de alguém, que o leva a



entoar cânticos).

«...*faça oração...*» Por quais razões? 1. Porque a oração é um ato criativo, que pode solucionar problemas e trazer alegria. 2. Porque a oração pode ajudar o indivíduo a mostrar-se capaz de suportar suas tribulações. 3. Porque a oração pode distrair a mente do crente de suas tribulações, tornando-o útil na intercessão pelos outros, ainda que sua própria condição não seja melhorada. 4. Porque a oração é um exercício espiritual que melhora a qualidade espiritual da alma, ainda que o homem mortal continue a padecer sob circunstâncias adversas. Ver a nota detalhada sobre a oração em Efé. 6:18.

«...*alegre...*» Porque as circunstâncias lhe são favoráveis; porque ele está prosperando. A sua tentação é tornar-se auto-suficiente, esquecendo-se que depende de Deus, quanto a tudo que possui e quanto à continuação de seu estado feliz. Portanto, que:

«...*Cante louvores...*» Isso fará sua mente demorar-se em Deus, que é o doador de todo bem e de toda a dádiva perfeita (ver Tia. 1:17). Um crente pode entoar hinos, cânticos e salmos, conforme se aprende em Efé. 5:19. Nesta última passagem há uma nota de sumário sobre o uso da música na igreja. Essas notas expositivas podem ser usadas para ilustrar o presente versículo.

Este versículo ensina, pois, que não há ocasião e nem condição em que não nos podemos ocupar de alguma espécie de atividade espiritual, que XXIV. *Sobre a enfermidade* (5:14-18).

A universalidade da cura. A antropologia tem comprovado a universalidade de duas atividades «sobre-humanas». Essas são a profecia e a cura. Normalmente, essas funções têm sido vinculadas a rituais religiosos, geralmente administrados mediante cerimônias estranhas e exóticas. Porém, as duas funções não são de cunho necessariamente religioso ou espiritual (conforme nós, os crentes, entendemos essas palavras), porquanto podem ocorrer inteiramente à parte do sentimento religioso. Por exemplo, os estudos dos sonhos têm demonstrado que todos os seres humanos possuem certa habilidade de «ver o futuro». Os sonhos meeclam, em forma simbólica, o passado, o presente e o futuro, de tal modo que todas as pessoas têm consciência, pelo menos no nível subconsciente, de eventos futuros em suas vidas. Naturalmente, isso ainda não é o dom de profecia, que visa, principalmente, a instrução moral, ainda que, ocasionalmente, inclua um vislumbre de eventos vindouros. Além disso, através de toda a história dos homens e em todas as culturas, têm havido aqueles que possuem poderes de cura. Apesar de poder-se admitir que existem poderes demoníacos envolvidos em muitas curas, no caso de certas pessoas, contudo, a cura pode ser algo perfeitamente natural e humano, através do uso de qualidades inatas ao espírito humano.

A fotografia Kirliana. Trata-se de uma forma de fotografia que se utiliza do processo radiológico. É capaz de detectar a radiação de energia que emana dos seres vivos, mas que são invisíveis para o olho humano. Com esse processo (que agora vem sendo experimentado em várias partes do mundo), a «aura» humana pode ser fotografada e vista. Trata-se de um campo de luz que circunda o ser humano, estendendo-se até cerca de quatro metros além do corpo. Todas as coisas vivas, além disso, possuem esse campo de luz. Existe antes da formação da porção física, e mesmo depois do desaparecimento dessa porção. Os ovos de rãs, por exemplo, têm um campo de luz entre dez a quinze centímetros. Mediante a mesma luz pode-se determinar onde se desenvolverão as várias partes da rã, e, evidentemente, essa é a força que controla o desenvolvimento. No caso da amputação dos dedos, dos braços ou das pernas de um homem, a fotografia Kirliana continua exibindo a luz dos dedos, braços ou pernas amputados. Em outras palavras, a porção psíquica continua presente, antes e depois, pois é independente da porção material. Estudos como esses, naturalmente, ajudam na aproximação científica da alma, pois demonstram que aquilo que atualmente chamamos de parte «física» não é a totalidade da personalidade humana.

No tocante às curas, tem sido demonstrado, através da fotografia Kirliana, que quando há uma cura, a luz da pessoa usada para curar a outrem decresce, mas a aura da pessoa curada aumenta. Outrossim, aquele que cura perde peso. Evidentemente, essa energia desconhecida tem certo peso. Portanto, nas curas, pode haver certa transferência de energias vitais. Isso mostra que falar alguém de meras curas psicológicas, crendo que não existem curas reais de condições físicas adversas, é um absurdo.

*Fontes da cura.* O que dissemos acima mostra que a cura pode ter origem totalmente humana, por ser uma qualidade inerente do espírito humano, sem qualquer interferência do Espírito de Deus, de outros espíritos, etc. Até mesmo quando a cura ocorre por alguma influência direta de um ser espiritual ou do Espírito Santo, parece haver o mesmo «mecanismo». Em outras palavras, é transferida alguma energia vital daquele que cura para aquele que recebe a cura. Talvez por isso é que até no caso do poderoso Senhor Jesus, é dito que «dele saiu virtude» (ver Luc. 6:19 e 8:46). É fato bem conhecido que, nas curas, o terapeuta chega a um ponto em que suas energias se esgotam, e ele não pode mais curar. O descanso normalmente restaura essa energia, embora, em alguns casos, tal poder se perca inteiramente, após diversos meses ou anos de uso. Nada disso visa indicar que as curas não podem transcender ao que é humano; pois evidentemente esse é o caso, ainda que possa utilizar-se de energias vitais humanas como seu «modus operandi». Naturalmente, também pode ultrapassar inteiramente a tudo quanto é meramente humano; normalmente, porém, não é assim que as coisas são. No caso de transcender aos poderes humanos, só podem essas curas ser de origem demoníaca, ou então inspiradas pelo Espírito Santo, e, quem sabe, por poderes angelicais.

*O dom das curas.* (Ver as notas expositivas sobre isso, na introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios). O dom de curas pode envolver qualquer dos níveis de origem acima mencionados. Em outras palavras, Deus pode dar a certas pessoas a habilidade de usarem suas energias curadoras latentes, que todos os seres humanos possuem, mas que não podem e não sabem usar. Tal pessoa pode demonstrar poderes de cura desde a meninice; e sua missão pode ser a de curar, contanto que use tal capacidade como um elemento de instrução espiritual. A cura raramente, se é que alguma vez, serve apenas para curar alguma enfermidade física; antes, deve servir de demonstração da dimensão espiritual da existência. Quando assim acontece, sem importar seu nível, é algo belíssimo e um gracioso dom de Deus. As curas provavelmente podem ser efetuadas mediante o ministério dos anjos, que operam através de instrumentos humanos. Nesse caso, o poder pode ser repentinamente dado à pessoa, e ser notável. Além disso, pode agradar a Deus curar diretamente, através do seu Santo Espírito. Mas, uma coisa é certa: as curas são um fato, uma bellissima realidade. No entanto, pode ser um instrumento perigoso e mesmo prejudicial, usado nas mãos de ímpios, em qual caso pode ser igualmente real, mas não dedicado à glória de Cristo.

*A oração confiante pode curar.* Todos os homens são terapeutas em potencial, «ocasionalmente»; e a oração de muitos crentes certamente tem tal efeito. Normalmente, entretanto, as curas espirituais são efetuadas por aqueles que são dotados para tanto, tal como alguns são dotados para ensinar, outros para profetizar, outros para falar em línguas, e ainda outros para interpretar-las. Cada crente individual tem sua missão específica, e deveria ocupar-se de seu desenvolvimento. Cumpre-nos orar pedindo os dons espirituais, desejando-os ardentemente (ver I Cor. 14:31), mas o amor deve ser desenvolvido, a fim de controlar o uso dos dons espirituais. Naturalmente, no processo de nossa transformação segundo a imagem de Cristo, teoricamente poderíamos possuir todos os dons espirituais; e, de fato, eventualmente haveremos de possuir aqueles que forem úteis nas esferas espirituais, além do sepulcro. No entanto, para efeito de uso na igreja cristã, que ninguém se assenhoreie de outro, mas antes, tudo deve ser feito com

consERVE nossa mente sintonizada com a dimensão eterna. No dizer de Calvino (*in loc.*): «Tal é a perversidade dos homens, que não podem alegrar-se sem se esquecerem de Deus; e ao serem afligidos, ficam desencorajados e são levados ao desespero. Por conseguinte, devemos-nos conservar dentro dos devidos limites, a fim de que a alegria, que usualmente nos faz olvidar de Deus, nos induza a louvar a bondade do Senhor, e que a tristeza nos ensine a orar. Pois ele (o autor sagrado) confrontou o cântico de salmos com a alegria profana e desregrada; e assim os crentes expressam sua alegria devido à prosperidade que estão desfrutando, diante de Deus».

No grego original, as palavras «...cante louvores...» são uma só, «psaleto». Originalmente, tal termo significava «brandir» ou «torcer», porquanto o cântico de salmos geralmente era acompanhado por instrumentos de cordas. Contudo, tal palavra veio a indicar o cântico de salmos, sem a idéia original; e, finalmente, veio a indicar qualquer cântico religioso. Portanto, «...cante louvores...» é uma boa tradução.

A aflição deve provocar-nos à oração. Esse é um antiquíssimo princípio judaico. Quando a enfermidade entra em uma família, os líderes religiosos e sábios da comunidade eram solicitados a orar, entre os judeus. (Ver *Baba bathra*, fol. 116.1).

*Mais coisas são feitas pela oração  
Do que este mundo imagina.*

*A oração é o peso de um suspiro,  
O rolar de uma lágrima,  
O volver os olhos para cima,  
Quando ninguém, sendo Deus, está perto.*  
(Montgomery)



base no amor (ver I Cor. 12:30), embora uma pessoa possa exercer mais de um dom, segundo a experiência o demonstra.

Considerando as declarações acima, vemos que esta breve secção da epístola de Tiago, sobre as curas espirituais, está longe de envolver questões ultrapassadas, obsoletas. As curas são uma realidade viva hoje em dia. Tiago nos fornece algumas regras sobre a questão, tal como a oração unida dos anciãos da igreja e a unção com óleo. Essas medidas têm mostrado ser valiosas, embora outros métodos se tenham mostrado igualmente eficazes. Podemos supor que, juntamente com a unção com óleo, a imposição de mãos deve ser efetuada; e a maioria dos terapeutas pratica esse método. Os filmes de raios-X capturam a energia que emana das mãos dos terapeutas e essa energia cura tanto plantas e animais como os seres humanos.

14 ἀσθενεῖ τις ἐν ὑμῖν; προσκαλεσάσθω τοὺς πρεσβυτέρους τῆς ἐκκλησίας, καὶ προσευξάσθωσαν ἐπ' αὐτὸν ἀλείψαντες [αὐτὸν] ἐλαίῳ ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ κυρίου·

14 ἀλείψαντες ἐλαίῳ Μθ 6:12

14 του Κυρίου Κυρ. A al em B

5:14: Está doente algum de vós? Chame os anciãos da igreja, e estes oram sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor;

Certamente estão em foco os doentes no corpo físico, e não aqueles que sofrem de distúrbios emocionais ou psicológicos, embora esses distúrbios sejam enfermidades reais. E certamente o texto não fala de «enfermidades espirituais», conforme alguns têm crido erroneamente, como se as curas fossem algo do passado, e não do presente.

...presbíteros... Estão aqui em foco os líderes principais da igreja, sem designação específica quanto às funções que exercem, como mestres, pastores, etc. (Ver I Tim. 5:1,17 quanto ao uso desse vocábulo, bem como quanto ao desenvolvimento dos anciãos liderantes na igreja cristã. Ver acerca do «presbitério», em I Tim. 4:14). A igreja cristã primitiva copiou a sinagoga em questões de governo eclesiástico, e a primeira coisa feita foi reconhecer certos homens, de grande espiritualidade, como líderes das igrejas, os quais ocupavam, individualmente, funções diversas, para benefício da comunidade cristã.

Os anciãos ou presbíteros, quando de sua consagração, recebiam dons espirituais, normalmente através da imposição de mãos. (Ver I Tim. 4:14). Portanto, esperava-se que fossem capazes de curar, pelo menos alguns deles; e sua oração unida era reputada mais do que o exercício da eloquência verbal. Antes, tinham o poder de Deus. Por conseguinte, que os enfermos lhes fossem levados. Deus haveria de levantar aos enfermos, porquanto o próprio Senhor resolvera cuidar dos casos de enfermidade por esse método.

...façam oração sobre ele... Podemos supor que a imposição de mãos também era aplicada aos enfermos, sendo medida eficaz nas curas. Outrossim, a oração é uma força criadora, que pode alterar as condições físicas, pois nos vincula ao poder de Deus. (Ver Ef. 6:18 quanto à nota expositiva geral sobre a «oração»). No tocante a esse costume entre os judeus (pois Tiago não nos apresentava nenhuma novidade), ver *Sanhedrin* 101,1; *Shabbath* 127b e *Sota* 14a. *Amichoti Zutari* tem uma extensa passagem sobre esse costume, e seu fraseado se assemelha extraordinariamente ao rito da «extrema-unção» da Igreja Católica Romana, em nossos dias. Portanto, essa prática, em algumas de suas formas, é mais antiga que a era cristã, ainda que tenha sofrido algumas modificações entre os cristãos. É normal, pois, para aqueles que crêem na extrema-unção como um sacramento, verem neste versículo de Tiago um texto de prova. Mas a «extrema-unção» não se tornou prática formalizada da Igreja Católica Romana, bem como um dos sete sacramentos, até ao século XII D.C., ainda que tivesse existido sob forma informal desde muito antes disso. Recebeu definição autoritativa em um decreto, no concílio de Trento, ao tempo de Lutero (1545 ---). Este texto da epístola de Tiago foi usado como apoio neotestamentário. (Ver Sessão xiv, *Doctrina de sacr. extr. unct. cap.*). A Igreja Ortodoxa Grega, entretanto, retém a prática original. Ele unge os corpos enfermos, visando sua recuperação à saúde, e não em benefício da alma, antes da morte, visando o perdão dos pecados. A idéia entre as igrejas protestantes segue o pensamento esposado pela Igreja Ortodoxa Grega.

A idéia que a unção com óleo envolve alguma graça espiritual, tendente ao perdão de pecados, certamente se deriva de tradições dogmáticas, e não do próprio N.T., pois na Bíblia certamente tal idéia nunca é ensinada. (Ver também *Babu Buthra* 116 e *Talmude Babilônico Shabbath* 13b, quanto à prática da «oração pelos enfermos»).

...óleo... Os antigos consideram o azeite de oliveira dotado de propriedades medicinais (ver Luc. 10:34). Contudo, nunca se pensou que o azeite é capaz de curar toda e qualquer enfermidade. Portanto, sabemos que era usado meramente como sinal visível e tangível do poder de Deus; e os primitivos cristãos criam que o Senhor curaria o enfermo, quando assim fizessem, porque, com tal ação, confirmavam sua fé em Deus. É possível que alguns primitivos cristãos criam que o azeite tem algum poder

15 καὶ ἡ εὐχὴ τῆς πίστεως σώσει τὸν κάμνοντα, πεποιηκώς, ἀφεθήσεται αὐτῷ.

5:15: a a oração da fé salvará o doente, o o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados.

...oração da fé salvará... A salvação é aqui a cura física, e não a salvação da alma, conforme alguns têm dito, em defesa da idéia da extrema-unção. A palavra «salvar», no grego, «soso», com frequência se revestia também do sentido de «restaurar à saúde», segundo se vê também em Mat. 9:21; Marc. 6:56 e Diodoro Siculo 1.82. Ver as notas expositivas sobre isso no décimo quarto versículo, como parte da exposição das palavras «façam oração sobre ele». O perdão dos pecados participa dessa questão, no décimo sexto versículo, como uma das condições da cura, pelo menos em certos casos, embora a experiência demonstre que nem sempre o caso é assim. Mas mesmo assim o perdão visa o «presente», e não como preparação da alma quando passar para a eternidade. Em todos os versículos desta secção não há a idéia de que a pessoa curada é curada no espírito, e não no corpo

«sacramental» verdadeiro. Em outras palavras, que comunicasse a graça da cura. Mas é provável que a maioria deles visse no azeite um mero meio de confirmação da fé. Era algo que faziam a fim de mostrar sua fé. Alguns crentes da atualidade continuam usando o óleo desse modo e com essa atitude, e não como se o mesmo tivesse propriedades sacramentais.

A palavra *sacramento*, usada na cristandade, não significa apenas alguma coisa «sagrada», conforme se poderia pensar, com base no próprio termo. Seu sentido teológico é «um meio físico que transmite graça espiritual», como se, sem tal meio físico, não se pudesse esperar a transmissão da graça espiritual. Assim é que alguns pensam que sem a água do batismo, não pode haver regeneração. Entretanto, isso é fazer da fé religiosa algo «mágico». Na verdade, em todas as suas manifestações graciosas, o Espírito opera com ou sem qualquer sinal visível. Pois o contacto dos homens com o Espírito de Deus é «místico», e não «sacramental».

Também não deveríamos reduzir este versículo, fazendo-o ensinar que a oração e a unção com óleo meramente prepara psicologicamente o enfermo, de tal modo que, com fé e confiança, seu corpo natural tenha aumentada a sua resistência às enfermidades. É claro que nisto há certa verdade; mas a cura é efetuada através de uma energia real, e essa energia pode fazer qualquer coisa. Algumas vezes opera até mesmo à parte da fé, e a despeito do ridículo lançado pela própria pessoa que recebe a cura. Não sabemos muito sobre o que governa as curas, embora saibamos que estão envolvidos fatores espirituais e morais, além da fé. Normalmente a fé é algo necessário; mas nem sempre. Jesus ressuscitou a mortos, e não foi a fé deles que operou. Assim também muitas crianças são curadas, quando delas não se pode pedir qualquer fé da parte delas. Contudo, usualmente a fé é necessária.

O óleo usado na cura: Era fato, tanto na cultura judaica como na pagã, e não meramente da cristã, que se usava o azeite na unção dos enfermos. (Ver Isa. 2:6; Luc. 10:34; *Galeno, Med. temp. il, Tal. Jerus. em Berakoth*, 3:1). Algumas vezes era misturado vinho com azeite, conforme se vê nessa última referência. (Ver também o *Talmude Jerusa.*, em *Maasar Shen* 53:3; *Bab. em Joma* 77:2; *Jerusal. em Shab.* 14:3. Quanto aos primitivos escritores cristãos, ver *Tertuliano, Ad Scapulam* 4; *Orígenes, Hom. ii. sobre Levítico* 4; *Cirilo de Alex., de adorat. in spir. et ver. vi., par. 211*). Em alguns lugares, tais práticas eram recomendadas em substituição à magia pagã. Após o século IV D.C. idéias sacramentais começaram a entrincheirar-se firmemente na igreja, no tocante a essas coisas. Antes do fim do século VIII de nossa era, o «perdão dos pecados» já estava vinculado a esse costume; e o óleo já vinha sendo usado não para efeitos curadores, mas para a transmissão da graça perdoadora. Essa idéia, naturalmente, provinha de grande antiguidade. *Irineu* (i.21:5) menciona que Márcion, o gnóstico, ungiu os moribundos com azeite e água, o que supostamente lhes protegia as almas contra poderes espirituais hostis, ao passarem para a dimensão dos espíritos. Portanto, os gnósticos tinham idéias sacramentais. (Quanto a notas expositivas sobre o desenvolvimento da prática da «extrema-unção», na Igreja cristã ocidental, ver o parágrafo que comenta sobre as palavras «façam oração sobre ele», neste mesmo versículo. Em alguns setores da igreja antiga, o azeite veio a ser usado para unção, antes do batismo, e com intenções sacramentais).

...em nome do Senhor... Provavelmente está em foco o Senhor Jesus Cristo, o Grande Médico. (O trecho de Rom. 1:4 encerra as notas expositivas sobre esse título de Jesus, bem como sobre o seu «senhorio»). Cristo também é o Senhor de todas as enfermidades e doenças da alma. O uso de seu nome faz da unção com óleo um ato espiritual, e não um mero tratamento médico. Os primitivos cristãos criam que continua presente o poder de Cristo para curar, tal como nos dias de sua carne, embora ele não se faça visivelmente presente.

15 καὶ ἡ εὐχὴ τῆς πίστεως σώσει τὸν κάμνοντα, πεποιηκώς, ἀφεθήσεται αὐτῷ.

15 ἡ εὐχὴ...κάμνοντα Μθ 10:18

15 εὐχη] προσευχη P al

físico; e nem há qualquer indício de que está em foco um caso em que a pessoa está prestes a morrer. Bem pelo contrário, é declarado que tal pessoa se recuperará, contanto que as condições de cura sejam satisfeitas; e, em sua recuperação, ela aceita a graça de Deus, arrependendo-se de seus pecados, e começando a viver com uma nova determinação de servir a Deus, conforme deve ser sempre o efeito da cura espiritual. Deve haver muito mais do que um ato humanitário. Deve haver também uma lição espiritual, e poderosíssima.

A oração da fé cura:

1. Isso é um fato porque a fé realmente encoraja o fluxo da energia curadora, de modo literal. Apesar da cura poder efetuar-se sem o concurso da fé, até mesmo quando a fé é impossível, da parte de quem está sendo curado (como no caso de cura de infantes, de pessoas inconscientes, ou do levantamento de mortos), normalmente, a fé é necessária para a função real



da cura.

2. Além disso, deve haver fé da parte daqueles que curam, tal como da parte das pessoas curadas. Esse é um elemento que agrada a Deus, e ele o honra de tal modo que dá a graça da cura, tornando-a eficaz em cada caso. Os anciãos dotados de tal dom, mostram fidelidade à sua missão e chamada, quando são impulsionados pela verdadeira fé.

...o Senhor... O Senhor Jesus (ou Deus Pai) é o poder divino por detrás da cura espiritual; ou, pelo menos, devido à graça divina, o potencial da cura tem permissão de ser liberado para que possa haver a cura. Em última análise, seja como for, todas as dádivas perfeitas vêm da parte de Deus Pai; e certamente isso se dá também com o dom de curas, sem importar o seu nível. Deus é o Senhor da vida, da morte e das enfermidades. Não existem enfermidades incuráveis para ele. Assim é que Jesus curou a lepra, um feito extremamente difícil; mas não tenho ouvido falar em casos de cura dessa enfermidade nos tempos modernos, embora certamente até isso possa ser realizado. A menção da palavra «Senhor», nos faz entender, indiretamente, que a vontade de Deus deve operar em tudo isso. Algumas pessoas estão enfermas, não a fim de pagarem alguma dívida, mas a fim de aprenderem lições necessárias; outras a fim de pagarem alguma dívida da alma. Seja como for, a «vontade de Deus» deve ser consultada nos casos de cura, e não é de sua vontade curar a todos. Além disso, em alguns casos a cura é «merecida»; mas, em outros casos, se deve à pura graça divina. Em nenhum desses casos, entretanto, a cura é sem propósito e sem seguir determinadas leis espirituais.

...levantará... Isto é, do leito de enfermidade, uma expressão comum para indicar a «recuperação» de enfermos. (Ver Mat. 9:5; Marc. 1:31; II Reis 4:31; Sal. 41:10). Embora o mesmo verbo seja usado para indicar a «ressurreição», não é com esse sentido que o mesmo é usado aqui.

...pecados... Os antigos, tal como muitos crentes piedosos de nossa época, criam que o pecado muito tem a ver com as enfermidades; e não há razão para duvidarmos que a maior parte das doenças tem, por detrás delas, alguma forma de perversão da alma. A medicina moderna tem demonstrado, positivamente, que a maioria das enfermidades tem causas psicológicas, ainda que os seus efeitos físicos sejam perfeitamente literais. A fotografia Kirliana mostra defeitos na «aura», muito antes do aparecimento das enfermidades no corpo; e esses defeitos podem ser causados por atitudes errôneas, estados de ira, frustração, ansiedade, etc. Portanto, certas

enfermidades físicas, e até enfermidades como o câncer, são causadas, em alguns casos pelo menos, por atitudes mentais e espirituais erradas, geralmente pecaminosas em sua natureza. Portanto, é perfeitamente possível que a pessoa dada à amargura, ira e ao ódio desenvolva uma enfermidade como câncer. Ou pode haver a tendência a certos vícios sensuais, o que tem levado a certos casos de tuberculose. Não temos profundo conhecimento do mecanismo envolvido em tudo isso, mas possuímos informações suficientes para saber que um defeito na alma inevitavelmente produz um defeito correspondente no corpo. Portanto, se um homem tiver sua alma curada, com a cura dos seus pecados, pode tornar-se uma pessoa saudável e até mesmo escapar de certas enfermidades. Os mestres espirituais, mediante a inspiração mística, há muito vêm ensinando a relação entre o estado da alma e a higidez do corpo; mas somente agora a ciência moderna começa a confirmar esse ponto de vista. Naturalmente, a enfermidade nem sempre é causada pelo pecado, pelas condições doentias da alma. (Quanto às enfermidades devidas ao pecado, ver Mar. 2:5 e ss.; João 9:2 e ss.; 5:14; I Cor. 11:30; Deut. 28:22,27; Sal. 28; Isa. 38:17; Eclesiástico 18:19-21; Nedarim, fol. 41:1). Há trechos da literatura judaica que dizem, como se vê aqui: «Nenhuma pessoa doente é curada de sua enfermidade, enquanto seus pecados não são perdoados». Isso se lê no *Testamento dos Doze Patriarcas, Rubem*, 1,7; *Simeão* 2:12; *Zebulom*, 4,5 e Gade 5,9 e ss.

Notemos que, na presente passagem, é dito que os pecados são perdoados com o exposto propósito de ser curado o corpo (à parte do fato, naturalmente, que é extremamente importante que a alma seja curada). Os pecados não são perdoados, conforme se vê nesta passagem, a fim de que a alma possa ter um voto melhor para os céus, conforme é ensinado no caso da «extrema-unção», que é doutrina errônea que se utiliza falsamente do presente texto.

Na literatura rabínica há conexões diretas entre os pecados específicos e certas enfermidades específicas. Assim é que a hidropsia acompanharia pecados sexuais; a lepra se deveria ao acúmulo de muitos pecados, mas, principalmente, pecados da língua, etc. Assim dizem Shabbath, 55a e Nedarim 41a. Apesar de não aceitarmos, sem discussão essas informações, os místicos indicam que certos pecados tendem a propiciar certas enfermidades.

16 ἐξομολογήσθε οὖν ἀλλήλοις τὰς ἁμαρτίας καὶ εὐχεσθε ὑπὲρ ἀλλήλων, ὅπως ἰαθῆτε.<sup>ε</sup>  
πολὺ ἰσχύει δέησις δικαίου ἐνεργουμένη.

<sup>ε</sup> 16 a maior: TR WH Bov Nm BP<sup>1</sup> AV RV ARV RSV NEB TT Zor Luth Bag // e tetragraph: Jor // e menor

16 τὰς ἁμαρτίας] τὰ παραπτώματα KL αἰς: add ὑμῶν L b14 al latt sa | προσεύχεσθαι AB pc; K] εὐχ- RKLP pl ε

Não contando esta passagem, εὐχεσθαι ocorre no N.T. por 6 vezes; προσεύχεσθαι ocorre por 85 vezes. Embora προσεύχεσθαι apareça por 4 outras vezes neste capítulo, sem variante digna de nota nos testemunhos, nesta passagem a comissão preferiu seguir N K P Ψ 056 0142 maioria dos minúsculos, que dizem εὐχεσθε, considerando προσεύχεσθε, que se acha em A (B προσεύχεσθαι) 048 (vid) e alguns poucos minúsculos, como resultado da conformação escríbal ao uso cristão costumeiro.

5:14: Confessai, portanto, os vossos pecados uns aos outros, a oral uma pelos outros, para serdes curados. A súplica do um justo pode muito na sua situação.

Isto visa o encorajamento mútuo, como também a busca da reconciliação e perdão, quando os pecados em questão são prejudiciais a outrem. A confissão de pecados, neste caso, é principalmente a do indivíduo enfermo, que busca a cura, conforme o contexto demonstra. E esses confessam seus pecados aos anciãos dotados do dom de cura, para facilitar a mesma. Naturalmente, o mandamento pode ter uma aplicação mais lata do que isso, segundo fica demonstrado nas notas expositivas acima. Porém, dois exageros têm surgido dessa instrução, ou talvez a prática, tendo surgido separadamente, meramente se utilize do presente versículo como texto de prova. O primeiro exagero é o do confessorário, em que o sacerdote supostamente teria o direito de interceder em favor do penitente, absolvendo-lhe os pecados. Naturalmente, o presente texto não ensina coisa alguma parecida com isso, mesmo porque não havia qualquer distinção entre clero e corpo laico, na igreja cristã primitiva, antes, tudo isso foi um desenvolvimento dogmático histórico. O outro abuso é que alguns grupos protestantes têm exagerado os sentimentos do versículo, dando ênfase demasiada às confissões públicas de toda a forma de pecado, assim trazendo desgraça e desgosto aos cultos religiosos. Afortunadamente, essa atividade se tem limitado a pouquíssimos grupos. Algumas pessoas, um tanto perturbadas psicologicamente, sentem certo prazer por contar aos outros as suas vidas perversas; e a igreja local nunca deveria ser o palco onde elas desfrutem tal prazer.

...outros... Segundo o contexto, estão em foco os «anciãos», dotados do poder de cura. Tal ordem pode ter uma «aplicação mais ampla, mas devemos evitar os abusos, conforme se explica acima. Porém, a maior aplicação é apenas uma aplicação, e não uma interpretação. A pessoa que prejudicou a outra, faz bem em aproximar-se da outra e confessar-lhe o seu pecado. Receberá o perdão tanto do homem como de Deus, devido à sua ação. Mas nunca deve confessar seus pecados meramente para satisfazer algum senso perverso do dramático. Nos primeiros tempos do cristianismo, era muito popular o hábito de «escrever confissões». Algumas delas possuem material útil, mas outras nunca deveriam ter sido escritas. Certamente não há qualquer base bíblica para tal atividade, e somente um grande exagero do presente versículo poderia justificar tal prática.

...oral... isto é, principalmente pela cura física, conforme o contexto o demonstra. Mas, na última declaração deste versículo, isso é ampliado até indicar as orações em geral.

...serdes curados... No corpo, é claro, como se vê no restante do

versículo, embora a cura da alma esteja em vista na questão do perdão.

Este versículo, como se vê por toda a epístola de Tiago, tem um pano de fundo judaico. A literatura rabínica demonstra que os rabinos exortavam aos enfermos para que confessassem seus pecados, a fim de facilitar a cura. Era natural, portanto, nos tempos do cristianismo primitivo, quando o dom de curas ainda operava com tanto vigor, rodearem-se os crentes de práticas e sentimentos judaicos antigos. Portanto, os anciãos visitantes, a unção com óleo e a confissão de pecados são aqui mencionados. Os rabinos reputavam a confissão como um ato meritório (ver *Sanhe*. 103a), mediante o que até mesmo o pior dos pecadores poderia ser perdoado e herdar a vida eterna. Não era de admirar, pois, que se pensasse ser possível a cura física mediante a confissão de pecados, se um homem fosse sincero em seu arrependimento. O rabino *Johnan ben Zakkai* (fim do século primeiro D.C.) reconhecia o valor da oração em favor dos enfermos, e assim pediam aos seus auxiliares que orassem, para que as crianças enfermas fossem curadas. Disse ele: «Embora eu tenha maior conhecimento do que Chaninah, ele é mais eficaz nas orações; de fato, eu sou o príncipe, mas ele é o ajudante que tem acesso constante ao Rei». (*Berachoth* 34b). É provável que esse homem, Chaninah, além de ser homem de oração, usasse, inconscientemente, o dom de curas, e que sua reputação de curar se tenha criado mediante suas orações.

...Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo... Os rabinos também tinham uma declaração curiosa, que dizia: «A oração do justo se compara com um gadanho; assim como o gadanho modifica a posição do trigo, a oração muda a disposição de Deus, fazendo-o passar da ira para a misericórdia» (*Enciclopédia Judaica* x. 169). O grego diz aqui, literalmente: «Muito vale a oração de um justo, em sua operação». A oração é um ato criador; modifica as pessoas e altera as circunstâncias, mas só tem verdadeira eficácia nas mãos do justo, que se torna um vaso para a manifestação do poder de Deus. O poder de Deus se manifesta através dos justos, mas não através de instrumentos defeituosos. Este versículo indica, antes de tudo, que a oração pela cura só é eficaz quando administrada por anciãos verdadeiramente justos. E, em segundo lugar, indica que toda a oração, feita por crentes justos, pode fazer muitas coisas, além da cura.

*Sariam os homens melhores que ovelhas ou cabras, se, nutrido uma vida cega dentro de seu cérebro, conhecessem a Deus mas não lhe elevavam as mãos em oração. Tanto por si mesmos como por seus amigos, ligados aos pés da Deus por correntes de ouro!*

No entanto, os injustos não estão ligados por correntes de ouro aos pés de Deus; antes, são eles rebeldes e alienados. Portanto, não se pode esperar que as orações dos tais tenham grande efeito. Se porventura forem ouvidos e atendidos, será pela mais pura graça—não merecem tal atitude da parte do



Senhor.

«...eficácia...» Alguns intérpretes pensam que deve entender este vocábulo como se estivesse vinculado à «súplica», em uma função adjetivadora. Nesse caso, teríamos a idéia de «oração eficaz» ou «oração fervorosa». Porém, é melhor compreendermos o mesmo como um advérbio, isto é, a oração do justo, «em sua operação», muito faz. O vocábulo, no grego, é uma definição participial de como opera a oração. Sua operação é poderosa; seus resultados são muitos e significativos.

Os judeus exaltavam essa espécie de oração. No dizer de Zohar, sobre Exo. fol. 100.1 e do Talmude Babilônico *Berechot.*, fol. 32:2, a oração é «forte e melhor que as boas obras».

Condições da oração eficaz, de acordo com o presente versículo: 1. Só é eficaz a oração feita pelo justo. Portanto, são fatores necessários para a oração verdadeiramente poderosa o desenvolvimento espiritual, incluindo a

17 Ἡλίας ἄνθρωπος ἦν ὁμοιοπαθὴς ἡμῖν, καὶ προσευχῇ προσηύξατο τοῦ μὴ βρέξαι, καὶ οὐκ ἔβρεξεν ἐπὶ τῆς γῆς ἐνιαυτοὺς τρεῖς καὶ μῆνας ἕξ.

17.1 Km 17.1: Lk 4.25

5:17: Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e ora com fervor para que não chovasse, e por três anos e seis meses não choveu sobre a terra.

Com essa declaração, o autor sagrado ilustra o poder da oração quando feita pelo justo, utilizando-se de uma familiar narrativa do A.T. A oração do justo pode modificar até as condições atmosféricas. Até mesmo nos tempos modernos, em que os cientistas têm obtido algumas alterações ligeiras nas condições atmosféricas, estas estão fora do controle essencial do homem. Assim também sucede a muitas circunstâncias da vida terrena. No entanto, nada está fora do alcance do controle divino, e a oração pode fazer esse poder entrar em ação. (Quanto à narrativa vetotestamentária, ver I Reis 17:1; 18:1,42 e ss.).

De acordo com o pensamento judaico, Elias teve importantíssima relação à fome daquele tempo. (Ver Eclesiástico 48:1-3 e IV Esdras 7:39). A própria história do A.T. não menciona diretamente o fato que as orações de Elias controlaram as condições atmosféricas nessa instância histórica; mas os comentários judaicos sobre esse assunto incluem esse pormenor; e essas foram as tradições seguidas pelo autor sagrado. É disputado nos comentários se a narrativa do A.T. deixa «implícito» esse aspecto da questão; alguns pensam que assim é; mas outros são de outra opinião. Seja como for, isso não aparece claramente no A.T. Todavia, o autor sagrado em nada se importa com essa disputa. Ele simplesmente segue a tradição judaica comum que acompanha a questão. O trecho de Eclesiástico 48:3 atribui diretamente à seca que houve ao poder das orações de Elias.

«...semelhante a nós...» Isso é dito a fim de lembrar-nos que um homem comum, que não é um anjo disfarçado, pode ter uma vida de oração poderosa. As orações dele é que fizeram as maravilhas, porquanto ele mantinha contacto com o poder divino; não foi alguma grandeza pessoal que provocou um tão significativo acontecimento.

«...por três anos e seis meses não choveu...» Primeiramente, o tempo de seca foi extraordinariamente longo. Devemos compreender que isso não poderia ter sucedido normalmente. Houve algo de sobrenatural em operação e foram as orações de Elias que puseram em ação as forças divinas. A mesma declaração quanto à duração da seca aparece em Luc. 4:25; outro tanto figura em *Jalkut Shimoni*, Fol. 32, col. 2, quando comenta sobre a história narrada no primeiro livro de Reis. A base vetotestamentária evidentemente é a passagem de I Reis 18:1, que menciona o «terceiro ano» quando Elias foi enviado a Acabe, a fim de informar a esse rei de que as chuvas viriam. Não sabemos dizer como os escritores sagrados chegaram ao 18 καὶ πάλιν προσηύξατο, καὶ ὁ οὐρανὸς ὑετὸν ἔδωκεν καὶ ἡ γῆ ἐβλάστησεν τὸν καρπὸν αὐτῆς.

18.1 Km 18.42-45

5:18: E arrou outra vez e a céu deu chuva, e a terra produziu o seu fruto.

Essa segunda oração também não é especificamente mencionada na passagem do A.T., embora o trecho de I Reis 17:42 pode deixá-la implícita. Uma vez mais, o autor sagrado toma por empréstimo elementos da tradição judaica que circunda a questão, e nem por um momento sequer vê qualquer dificuldade no fato que o A.T. não relata exatamente a história segundo se vê aqui.

Elias orou pela primeira vez—o impossível aconteceu. As chuvas cessaram por longo tempo; Elias orou pela segunda vez—o inesperado sucedeu: começou a chover outra vez, e a terra retornou à sua fruição normal. As orações de Elias obtiveram o impossível e o inesperado. Essa é uma poderosa lição para nós, e também é motivo de grande encorajamento. (Quanto a instâncias similares, na literatura judaica e na literatura cristã, XXV. *Bênção aos que Convertem os que Erram* (5:19,20).

A secção que aqui se inicia é completa em si mesma, embora possa ter sido sugerida pela secção anterior, que menciona a confissão de pecados. Os pecadores podem arrepender-se e converter-se, e bem-aventurado é o crente que se envolve na tarefa de levar outros a essas atitudes, servindo de instrumentos nas mãos de Deus para salvar as almas do inferno.

Esta epístola salta demasiadamente de um tema para outro, geralmente sem qualquer conexão no pensamento ou assunto. Contudo, este término, apesar de abrupto, não representando o término usualmente encontrado em epístolas e livros, forma um modo apropriado de encerrar este tratado. É próprio que a epístola termina em uma nota de esperança, que inclui a idéia de pecadores sendo conduzidos ao arrependimento e à vida. O autor sagrado não retira suas anteriores palavras duras, acerca dos indivíduos renegados, dotados de mente dúplice; e nem tenta suavizar sua mensagem, que as obras devem acompanhar a salvação; mas também não nos deixa pensando que a salvação é impossibilitada por isso, como se fora um ideal impossível de ser atingido pelo homem mortal. Bem pelo contrário, o arrependimento é algo à nossa disposição, tornando real a conversão, o que salva a alma da condenação do inferno e a põe no caminho dos céus.

O autor sagrado, em seguida, faz um apelo geral no qual apresenta a cura para todos os pecados anteriores, para as propensões más e para os perigos espirituais que ele descrevera. Mostra-nos também que a vantagem a longo prazo é aquela que deveria atrair nossa atenção, e que nos deveríamos esforçar nessa direção.

santificação e a transformação do crente segundo a imagem de Cristo. 2. A oração é eficaz nas mãos de crentes espiritualmente dotados, especialmente dotados do dom de curas. 3. A oração é eficaz quando o enfermo confessa e abandona o seu pecado. 4. A oração é eficaz somente quando empregada com bom propósito e com diligência. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «oração», ver a nota de sumário em Efé. 6:18, que ilumina os pensamentos do presente texto, com o acompanhamento de poesias ilustrativas).

**Variente Textual:** A palavra grega «euchomai» (que provavelmente representa o original) figura nos mss Aleph, KP, Pai. 056, 0142 e na maioria dos manuscritos minúsculos. O termo mais comum, «proseuchomai», é a forma que aparece nos mss AB, 048 e alguns poucos dos manuscritos minúsculos. Provavelmente houve a mudança de uma palavra menos comum para a mais usual. A evidência objetiva também é bem equilibrada.

total definido de três anos e meio. Provavelmente houve alguma tradição válida que preservou esse detalhe, de modo totalmente independente do A.T. A mesma expansão de tempo é usada em certas passagens proféticas, como Dan. 7:25; 12:7; Apo. 11:2,3,9; 12:6,14 e 13:5. Para Israel era um tempo de sofrimento e teste, um período em que poderes malignos estavam se levantando, podendo ser usados simbolicamente para tais épocas. Entretanto, duvidamos que o autor sagrado tivesse em mente qualquer simbolismo, ao falar em três anos e meio. Ele meramente se baseou na tradição que circundava o evento.

Elias não foi algum ser sobrenatural; não possuía poderes mágicos especiais, e, de fato, nem era algum mágico; antes, era um homem como nós. A única coisa que o destacava é que, na qualidade de homem reto, ele aprendera a utilizar-se do poder da oração. Elias foi perseguido, sofreu fome e temor; esteve sujeito ao ridículo e ao opróbrio; caiu em desgraça e se tornou indigno de confiança, sendo abandonado por outros homens santos. Contudo, ele se tornou instrumento de poderosíssimos acontecimentos, mediante a oração. Ele tinha todas as restrições e empecilhos próprios da natureza humana, mas venceu espiritualmente, conforme ficou demonstrado por suas eficazes orações. Assim também Jesus, em sua encarnação e humilhação. (Ver o segundo capítulo da epístola aos Filipenses). Elias estava limitado às condições humanas, dependendo do poder do Espírito quanto a seus milagres. Contudo, na qualidade de homem, de forma inteiramente à parte de sua divindade, ele desenvolveu-se espiritualmente e se tornou homem extraordinariamente poderoso, a fim de operar maravilhas, com sua elevadíssima natureza humana. Tudo isso foi franqueado a nós, por igual modo (ver as notas expositivas a esse respeito, em Fil. 2:7). Se usarmos os meios que ele usou, sendo transformados por eles, nosso desenvolvimento espiritual resultará no mesmo poder, quando orarmos e quando agirmos. O Senhor Jesus ensinou-nos a mesma coisa, quando disse: «Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai» (João 14:12).

«...sobre a terra... não choveu...» Essas palavras não devem ser entendidas como se envolvessem o globo terrestre inteiro. Trata-se de uma hipérbole oriental. O autor sagrado quis dizer no lugar onde a narrativa teve lugar. Ou suas palavras podem indicar a «terra da Judéia», o que, nos escritos judaicos, não tencionava envolver o globo terrestre inteiro.

em que a oração pôs fim a algum período de seca, ver Josefo, *Antiq.*, xiv.2,1 e *Epifânio Hare*, lviii e lxxvii). Tais histórias são frequentes no tocante ao poder da oração em qualquer época; e ocasionalmente ouvimos falar do mesmo fenômeno em tempos modernos. Apesar de que a coincidência pode explicar alguns desses acontecimentos, não há razão alguma para supormos que algumas dessas instâncias não sejam válidas intervenções do poder divino, no tocante às condições atmosféricas. Deus pode fazer e realmente faz maiores coisas do que os seus feitos, em seus tratos com os homens. A suposição básica do teísmo é que isso pode acontecer. A negação categórica dessa realidade faz o indivíduo tornar-se um deísta ou um ateu. (Ver as notas expositivas em Ato 17:27 quanto às definições dadas a esses dois vocábulos, e a outros similares, usados para descrever a natureza de Deus e os seus tratos com os homens).







a palavra «dele» é azibigua, parecendo melhor a sua omissão. Seja como for, a alma que é salva é a do «pecador», nesse caso, e não a do justo. Fica subentendido que a alma deste último já está salva, como é óbvio.

«...morte...» (Quanto à «segunda morte», a condenação eterna do indivíduo, ver Apo. 20:14 e as notas expositivas ali existentes). Não há nisso qualquer idéia de aniquilamento, mas antes, a de deixar de obter o «tipo de vida» que é dado àqueles que se convertem a Deus, retornando a ele por meio de Cristo. Esses últimos possuirão uma modalidade de vida que, segundo as definições divinas, é a verdadeira vida. Mas os outros, por não possuírem tal vida, incorrerão na «morte». (Ver Apo. 14:11; 1 Ped. 3:18-20 e 4:6 quanto a notas expositivas sobre o «juízo».) Ver Gl. 3:6 quanto à «ira de Deus»).

«...alma...» No grego, com frequência é usado o termo grego «*psuche*», isto é, «alma», como indicação do espírito humano, a parte imortal e imperecível do homem, a pessoa essencial. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «alma», acerca de sua origem, natureza e destino, ver II Cor. 5:8). Na introdução a este comentário há vários artigos sobre a «alma», em sua imortalidade, que se revestem de grande interesse para o leitor. Assim, «*psuche*» é um sinônimo frequente de «*pneuma*» (espírito); e, nos escritos de Platão e de outros autores clássicos, tal palavra é sempre utilizada para indicar a porção espiritual, não material do homem, a qual sobrevive à morte física. A ciência anda perto de demonstrar isso; e os artigos existentes na introdução, a que já nos reportamos, incluem material que demonstram essa afirmativa.

«...cobrirá multidão de pecados...» Temos aqui linguagem figurada que indica «produção do perdão de pecados», de tal maneira que os pecados de um homem não mais o exponham ao olhar desaprovador de Deus. Isso subentende algo «esquecido». (Comparar com Sal. 32:1 e ss.; 85:2; Rom. 4:7; Heb. 4:5; Epístola ad Diogn. 9. Quanto ao «perdão dos pecados», ver as notas expositivas em Rom. 3:25; 4:7 e Atos 2:38 quanto ao perdão como um «apagar», ver Atos 3:19).

De quem são cobertos os pecados, daquele que converte a outrem, ou daquele que é levado à conversão? Uma infecunda controvérsia tem rugido em torno desse ponto. A maioria dos comentadores católicos romanos (juntamente com a maioria dos comentadores protestantes), pensa que está em loco a pessoa que se converte. Mas alguns, como Orígenes (ver *Homilia* sobre Lev. ii.5), entendem que a salvação de outras pessoas é um dos métodos pelos quais podemos obter o perdão dos nossos próprios pecados. Assim é que em Zohar 92:18 lemos: «Grande é a recompensa daquele que reconduz pecadores ao caminho do Senhor». Assim também poderia ser compreendida a declaração do presente versículo. Ver, igualmente, *Pirke Aboth* v.26, que diz: «Todo aquele que a muitos fizer justos, sobre ele não prevalecerá o pecado». Por conseguinte, o amor oculta todas as transgressões, tal como o ódio estimula as contendas. (Ver Pro. 10:12. Ver também essa mesma idéia, aludida em I Ped. 4:8). As muitas transgressões encobertas ou ocultadas, podem ser aquelas da pessoa que converte a outros, mediante o evangelismo, a despeito de tudo.

Porém, sem importar se aceitamos um ou outro lado dessa questão, tudo depende de pressuposições teológicas. Aqueles que afirmam que as boas obras fazem parte da salvação, naturalmente crerão que a condução de outros à justiça faz parte do perdão dos pecados daquele que assim age, talvez como uma espécie de recompensa. Mas aqueles que acreditam não haver nisso qualquer mérito, porquanto a salvação se dá inteiramente pela graça divina, rejeitam tal pensamento. A questão é: «O que o próprio autor sagrado pensava sobre o tema?» Tendo ele uma mentalidade legalista (conforme fica demonstrado em Tia. 2:14 e ss.), facilmente ele poderia ter pensado que o evangelismo adquire méritos para o evangelizador, ajudando-o a obter o perdão de seus próprios pecados. Na realidade, entretanto, não há como resolver definitivamente a questão; portanto, aquilo que cremos pessoalmente sobre a verdade da questão pode ser satisfatório para os nossos desejos de tirarmos um benefício espiritual do texto à nossa frente.

Seja como for, aprendemos que a salvação de uma alma cobre grande multidão de pecados, de tal modo que perdem sua força condenatória; e isso é motivo suficiente para que nos ocupemos ativamente no evangelismo e no ensino.

Tiago, à semelhança do Senhor Jesus, preocupava-se em que devemos ser compassivos para com aqueles que são considerados incapazes de serem salvos. Na realidade, não existe alma que não possa ser ganha para Cristo. Mas, às vezes, isso exige esforço e dedicação; contudo, grande é a recompensa que envolve essa atividade.

Um número demasiadamente grande de membros ou não tem fé para compartilhar dela com outros, ou lhes falta o entusiasmo para tanto. Esses se dispõem a delegar tal responsabilidade a empregados pagos pela igreja. Talvez esses não mais acreditem que a questão é tão séria que é uma questão de vida ou morte; talvez não creiam mais que o desvio para longe da verdade é algo extremamente destrutivo. Porém, poderíamos olhar ao nosso redor, hoje em dia, sem tremer ante o estado desesperador do mundo,

que está se encaminhando tão loucamente pelo caminho largo para a destruição. A única alternativa para nós não é Cristo ou o caos? (Easton, *in loc.*).

«Quão belo é encontrar uma alma nobre, tendo comunhão frequente com ela» quanta é a felicidade daquele que é usado como meio de preservá-la da máculal porém, o mais bendito de tudo é sermos instrumentos para salvamento da degradação e da destruição! Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento» (Plummer, *in loc.*, com uma alusão ao trecho de Luc. 15:7 e ss.).

O convite por começarmos tal ação em casa, salvando aos nossos próprios filhos. «Prezado leitor, imploro-lhe da parte de Cristo, pelo bem de sua alma, pelo bem de seus filhos, pelo bem da igreja (e do mundo), que, conscientemente e com seriedade, você estabeleça um culto doméstico, invocando o nome de Deus, entoando-lhe louvores, instruindo a seus filhos e a seus empregados nas Escrituras e na doutrina cristã, educando sábia e diligentemente a seus filhos jovens. Ouça-me, como se eu lhe implorasse de joelhos, com lágrimas nos olhos. Ai do mundo, devido à sua negligência nesse particular! E dentre famílias ímpias que surgem os ímpios governantes do mundo, os ministros ímpios, e um enxame de inimigos da santidade e da paz, bem como inimigos de sua própria salvação. Qual é a nação que não geme debaixo da confusão, das misérias e da horrenda iniquidade, que são apenas frutos das negligências domésticas, da educação maligna e descuidada da juventude? É obra de grande habilidade e cuidado constante a instrução e a educação de nossos filhos, procurando evitar que caiam em companhias tentadoras e em armadilhas. Clamam alguns contra os ministros mudos ou infelizes, quando eles mesmos são piores do que isso, em seus próprios lares! Isso é apenas autocondenação. Os ministros teriam maiores obrigações de cuidar das almas dos filhos alheios, por natureza ou por voto e pacto, do que os seus próprios pais? Poderão os ministros fazer isso em favor de paróquias inteiras, quando outros não cuidam nem de suas próprias famílias e de seus filhos? A primeira obrigação e porção é a dos chefes de família. Se as famílias negligenciarem traiçoeiramente à parte que lhes cabe, pensando que tudo o mais deve ser contrabalançado na igreja, então com igual razão se poderia enviar as crianças às universidades, antes de saberem ler e escrever, o que se aprende nas escolas elementares. Se houver qualquer esperança de correção dos homens deste mundo ímpio, miserável e desviado, certamente reside na religião doméstica, bem como na educação cristã de nossa juventude». (Baxter).

Declara um outro autor, no mesmo tom apaixonado: «Se eu tivesse uma voz capaz de atingir os mais remotos limites da cristandade, faria uma exortação aos pais e aos ministros, dizendo: Firmai vossas corações na promoção da piedade dos filhos e dos jovens, desde o começo, daqueles que estiverem sob os vossos cuidados. Que vos ocupeis disso com peculiar interesse, em vossos estudos e orações diários. Pais, se amais aos vossos filhos, cuidai em permitir-lhes verem o vosso piedoso intuito de buscá-los seu bem-estar eterno. Começai o mais cedo possível, e nunca permitais a diminuição da diligência. Ministros! se amais às almas imortais; se amais à igreja de Deus; se desejais ligar os corações de pais e de filhos às vossas pessoas e ministérios, para o benefício espiritual deles; se desejais edificar a causa de Cristo da maneira mais eficaz possível, que não haja demora e nem interrupção nesse interessantíssimo trabalho. Satanás começa a alistar os jovens desde cedo em seu serviço. Resolve livrá-los de seu poder e treinai-os para servir a Deus. Mantende um catálogo com seus nomes, residências, etc. Revisai-o com frequência, sob oração. Observai seu progresso, afetuosamente, em vossas visitas diárias. Catequizei-os diligentemente. Explicai, com condescendência, o que estais procurando ensinar. Resguardai-vos— de tudo quanto for austero ou repulsivo em vossas maneiras. E acompanhai a tudo com insistentes pedidos a Deus, rogando-lhe o sucesso!» (Dr. Miller).

«Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas sempre e eternamente» (Dan. 12:3).

**Variante Textual:** O «Amém» litúrgico é adicionado no fim desta epístola, nos mss 181, 378, 614, 1518, 1765, 1898 e no Si(h). O ms 330 acrescenta ainda as palavras, «para que a ele seja a glória para sempre. Amém».

**Subtítulo:** Os manuscritos originais dos livros e epístolas do N.T. não possuem subtítulo algum. Foram acrescentados a fim de fornecerem pequenos detalhes quanto a questões como autoria, proveniência, destino, etc. Algumas vezes, as informações dadas são corretas; mas, de outras vezes, tal não acontece. Algumas vezes, algumas dessas informações se baseiam em declarações feitas nos próprios livros bíblicos, mas, de outras vezes, sua base é a tradição ou a imaginação. O códex B diz simplesmente «De Tiago», ficando subentendido o termo «Epístola». O ms Alaph diz «Epístola de Tiago». Assim também sucede com os mss A, 40, 67, 177 e alguns poucos outros, embora com as palavras em ordem reversa, «De Tiago, Epístola». Os mss P e 63 dizem «Epístola Católica do Apóstolo Tiago». O ms L diz «Fim da epístola católica do santo apóstolo Tiago». Existem ainda outras variantes no subtítulo, com diversos adornos.



# I PEDRO

## INTRODUÇÃO:

- I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA
- II. AUTORIA
- III. DATA; PROVENIÊNCIA E DESTINO
- IV. ESTILO LITERÁRIO E LINGUAGEM
- V. MOTIVO E PROPÓSITOS
- VI. PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO E O RESTO DO NOVO TESTAMENTO
- VII. PEDRO E PAULO
- VIII. TEMAS PRINCIPAIS
- IX. CONTEÚDO
- X. BIBLIOGRAFIA

As Epístolas Católicas: As chamadas *Epístolas Católicas* do N.T. são Tiago, I e II Pedro, as três epístolas de João e a epístola de Judas. Para alguns, esse título significa «canônico», isto é, aquela série de epístolas, dessa porção do N.T., que foram aceitas no «cânon» dos livros sagrados da igreja. Para outros, significa «apostólico»; e ainda para outros, «ortodoxo». O sentido comumente aceito do termo, entretanto, é «geral», dando a entender aquelas epístolas neotestamentárias que foram escritas para uma «audiência geral», e não para qualquer comunidade cristã específica. Há uma completa discussão sobre o vocábulo «católicas», utilizado como termo literário, no que se aplica aos livros acima mencionados, na introdução à epístola de Tiago, imediatamente antes da exposição versículo por versículo. Nesse mesmo lugar, as diversas idéias a respeito são documentadas com base nos comentários de antigos escritores.

### I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA

A antiga confirmação conferida à primeira epístola de Pedro é igual àquela dada à maioria dos outros livros do N.T., e, em alguns aspectos, é mesmo superior. Consideremos os seguintes pontos:

1. O trecho de II Ped. 3:1 é a primeira confirmação antiga da primeira epístola de Pedro. Ainda que ponhamos em dúvida a autoria petrina daquela segunda epístola, ainda assim ela nos fornece o reconhecimento do uso da presente epístola, desde os primeiros tempos do cristianismo, porquanto aquela segunda epístola não deve ter sido escrita mais tarde que os meados do segundo século da era cristã. Incidentalmente, essa referência também demonstra que a primeira epístola de Pedro circulava desde os primeiros tempos, sendo reconhecida como uma epístola do apóstolo Pedro, e não como carta anônima, conforme alguns estudiosos têm pensado.

2. A epístola de Barnabé evidentemente cita e faz alusão à esta primeira epístola de Pedro. A epístola de Barnabé data de entre 70 a 130 D.C., segundo as diversas opiniões. (Comparar Barnabé 1:5 com I Ped. 1:9; 4:12 com 1:7; 5:1 com 1:2; 5:6 com 1:11 e 16:10 com 2:5). Esses paralelos não são absolutamente convincentes, mas parecem resultar de algum conhecimento da primeira epístola de Pedro.

3. Clemente de Roma. Essa epístola data de cerca de 95 D.C. Além da similaridade do vocabulário, o que, por si mesmo, não é particularmente significativo, há certo número de passagens paralelas, o que pode indicar certa dependência de Clemente à primeira epístola de Pedro. Lightfoot apresenta doze dessas paralelas, e Harnack descobre vinte. (Ver as saudações, que são igualmente similares; comparar Clemente 7:4 com I Ped. 1:19; 9:4 com I Ped. 3:20; 36:2 com I Ped. 2:9). Além desses paralelismos, há outros menos óbvios. Clemente se utiliza de duas citações, extraídas do A.T., que também foram usadas na primeira epístola de Pedro. (Ver Clemente 30:2 e I Ped. 5:5 — Pro. 3:34; 49:5 e 4:8 — Pro. 10:12). E isso pode ser significativo ou não. A primeira dessas passagens — Pro. 10:12 — também é citada em Tia. 4:6.

4. *Testamenta XII Patriarcharum*: Fim do primeiro século ou começo do segundo século de nossa era. (Comparar Benu. 5; 8, Naftali 4 com I Ped. 1:3,19; Gade 6 com I Ped. 1:22;

Benjamim 8 com I Ped. 4:14; e Aser 4 com I Ped. 3:10).

5. *Hermas*, 110 a 140 D.C. (Comparar Hermas 3:5 com I Ped. 2:5; 4:3,4 com I Ped. 1:7; Sim. 9:28,5 com I Ped. 4:14; Sim. 9:16 com I Ped. 4:6).

6. *Policarpo*, martirizado em 155 D.C. Na *História Eclesiástica* de Eusébio (iv.14.9) temos uma vinculação de Policarpo com a presente epístola. Em Policarpo há várias citações reais, e não meras similaridades, conforme se vê até este ponto na discussão. (Comparar Fil. 1:3 com I Ped. 1:8; 2:1 com 1:13,21; 2:2 com 3:9; 5:3 com 2:11; 7:2 com 4:7; 8:1 com 2:14,22; 10:2 com 2:12). Uma das curiosidades sobre o uso que Policarpo faz desta epístola é que ele nunca diz que se trata de uma epístola de Pedro, apesar de sempre citar Paulo por nome. Alguns estudiosos têm julgado que tal indicio não é significativo, mas outros têm pensado que isso indica que a epístola circulou a princípio como carta anônima, e que somente mais tarde o nome de Pedro foi ligado à mesma. Nesse caso, a segunda epístola de Pedro teria sido escrita após os dias de Policarpo, porquanto o trecho de II Ped. 3:1 demonstra que a primeira epístola de Pedro era conhecida como de autoria petrina pelo menos pouco depois de meados do segundo século.

7. *Papias*. Eusébio, e sua *História Eclesiástica* iii.39.17, menciona que Papias se utilizou desta primeira epístola de Pedro: Sua data é 130 - 140 D.C.

8. *Justino Mártir*: Sua morte é datada em 163 - 165 D.C. Mas alguns pensam em uma data tão recusada como 148 D.C. Em sua *Apologia* i.61 e em Trifo 110, o título de Cristo, «aspilos», isto é, «imaculado», é empregado, cujo paralelo, no N.T. inteiro, aparece somente em I Ped. 1:19. A Trifo 114 ele alude a Cristo como a «pedra angular», tal como temos em I Ped. 2:6. Também há outras similaridades verbais. Trifo 138 parece subentender conhecimento da história de Noé, segundo ela é comentada em I Ped. 3:18-21. Noé, como tipo do batismo cristão, em que oito pessoas foram envolvidas no incidente, é referido, conforme se dá no seu paralelo na primeira epístola de Pedro. Justino Mártir também escreve sobre a descida do Senhor ao hades, a fim de pregar o evangelho aos mortos (ver Trifo 72), conforme também se vê em I Ped. 3:18-20 e 4:6; mas ele apela para uma citação apócrifa, que ele atribui a Jeremias. A mesma citação é usada por Irineu, em idêntica conexão. A dependência de Justino Mártir é considerada como provável, mas de modo algum como conclusiva.

9. Há vários outros escritos antigos em que talvez haja certa dependência, conforme é demonstrado no caso de Melito de Sardis *Apologia* ix., par. 432, em comparação com I Ped. 1:4. Sua data é cerca de 170 D.C. Teófilo de Antioquia (185 D.C.), em *Ad Autol.* ii.34, que é comparável com I Ped. 1:18. E Atos dos Mártires Cilianos (180 D.C.), edição de J.A. Robinson, pág. 114, em comparação com I Ped. 2:17.

10. *Irineu*, (nasc., 130 D.C.). Foi ele o primeiro dos pais da igreja a citar esta epístola pelo nome de Pedro. (Ver iv.9:2; 16:5 e v.7:2). Ele inclui a mesma citação, extraída de livros apócrifos, que se refere à descida de Cristo ao Hades, a fim de pregar o evangelho aos perdidos, e que foi usada por Justino Mártir, em iii.20,4, atribuindo tal citação a Isaías; mas, em iv.22:1, a atribuição é a Jeremias. Entretanto, originalmente, a



citação pode ter sido tomada por empréstimo de I Ped. 3:18-20 e 4:6.

11. *Tertuliano*, falecido em 220 a 240 D.C. Seu livro *Scorp.* xii pode ser comparado com o trecho de I Ped. 2:20; e *Adu. Judaeos* x com I Ped. 2:22; iv.13 com I Ped. 2:8 e *De Orat.* xv com I Ped. 3:3.

12. *Clemente de Alexandria*: Morreu em cerca de 213 D.C. Clemente cita livremente passagens de cada capítulo desta primeira epístola de Pedro.

13. Os gnósticos Basilides, Valentino, Marcósio conheciam e citaram, ou mesmo puseram em dúvida certas porções da primeira epístola de Pedro. Márciom também conhecia o livro, mas recusou-se a aceitá-lo como autoritário.

14. Visto que os primeiros «cânones» do N.T. estavam baseados sobre leves modificações do «cânon» de Márciom (dez epístolas paulinas e o Evang. de Lucas, incorporando as mesmas epístolas paulinas, mas expandindo o «cânon» para incluir todos os quatro evangelhos, a primeira epístola de Pedro não foi incluída em qualquer cômputo canônico dos primeiros séculos, nem mesmo no caso do cânon muratoriano, datado de cerca do ano 200 D.C., que refletia as idéias da igreja de Roma. A sua natureza fragmentar, entretanto, tem sido ventilada como uma das razões por que não foi incluída a presente epístola. Presumivelmente, o documento original a conteria. Mas, acerca disso, não há qualquer indício positivo ou negativo. Entretanto, Eusébio, em sua *História Eclesiástica* iii.25.2 alistou a primeira epístola de Pedro entre os livros «comumente aceitos» entre os cristãos, o que demonstra que, por essa altura, a epístola atingira aceitação universal, em contraste com vários outros livros (como Tiago, II Pedro, Hebreus, Judas, II e III João e o Apocalipse), os quais continuaram sendo «livros disputados», por não serem de universal aceitação nas fileiras cristãs. Ainda outros escritos foram por ele chamados de «espúrios», o que significa que Eusébio deu à primeira epístola de Pedro a melhor avaliação possível em seu tempo. (Quanto a detalhes sobre a questão do «cânon», ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre essa importante questão). Tal como no caso da epístola de Tiago, a presente epístola foi usada e citada, primeiramente, pela igreja grega. A confirmação dada por autores latinos não é muito forte. Mas, no início do terceiro século de nossa era, tal aceitação já se tinha tornado universal em seu escopo.

## II. AUTORIA

*Argumentos Típicos contra a autoria petrina da primeira epístola de Pedro:*

1. A epístola se reveste de tal qualidade, quanto ao grego usado (ver a secção IV desta introdução, acerca de detalhes a respeito), que não há como atribuí-la a um pescador galileu. A idéia que a obra é uma tradução não convence, pois as traduções inevitavelmente exibem o fato que o original foi escrito noutro idioma. Não há qualquer indício que a primeira epístola de Pedro seja uma tradução para o grego. Seu uso dos artifícios retóricos, ensinados nas escolas gregas, demonstra que seu autor estava afeito ao idioma grego, tendo sido criado na cultura grega. Há menos hebraísmos em I Pedro do que nos escritos de Paulo, o qual, sem dúvida, falava o grego desde a infância e escrevia em grego. Dificilmente poderíamos esperar ser isso verdade no caso de um autor criado na Galiléia, pois uma tradução feita de obra assim certamente incluiria esses maneirismos lingüísticos, conforme fica abundantemente demonstrado em outros livros do N.T., cujos autores são definitivamente conhecidos como israelitas que tiveram contacto com a Palestina, tendo vivido ali pelo menos durante algum tempo.

2. Esta epístola é obviamente dependente dos escritos de Paulo, quase servilmente. Isso é comentado na secção VI da presente introdução. Esta epístola depende pesadamente de Romanos e de Efésios, especialmente. Não é muito provável que Pedro, um apóstolo do Senhor, dotado pessoalmente de revelações e de uma vasta experiência, incluindo o contacto direto e pessoal com o Senhor Jesus, tivesse sentido a necessidade de depender tanto do apóstolo Paulo.

3. O extenso contacto de Pedro com Jesus teria influenciado mais definitivamente qualquer coisa que ele tivesse escrito sobre a doutrina cristã; mas não há quaisquer evidências que o autor desta epístola tenha escrito com base na experiência em primeira mão. (Isso pode ser contrastado com I João 1:1,2). No entanto, poderíamos esperar algo dessa natureza, se esta epístola fosse genuinamente petrina.

4. O período que a epístola parece refletir, deve ser situado na primeira porção do segundo século de nossa era, o que dificilmente coincide com a época da vida de Pedro.

5. Confirmação antiga. (Ver a secção I da introdução). Temos de admitir que essa confirmação é forte, não parecendo ter havido quaisquer dúvidas, nos tempos antigos, sobre a autoria petrina. Entretanto, apesar de ser evidente que esse livro foi usado pelos primeiros pais da igreja, não foi senão nos tempos de Irineu (nascido em 130 D.C.) que a epístola foi diretamente atribuída a Pedro. Policarpo, por exemplo, apesar de citá-la diretamente, não a atribui a Pedro. Alguns têm pensado, com base nessa circunstância, que a princípio a epístola circulou como obra anônima. A passagem de II Ped. 3:1 atribui a Pedro esta primeira epístola; mas talvez a segunda epístola de Pedro tenha surgido somente após os meados do século II D.C., refletindo idéias próprias daquela época, e não idéias anteriores. Já que nos faltam informes mais diretos sobre esse ponto, é impossível demonstrar, meramente através da confirmação antiga, que Pedro foi o autor desta epístola.

*Essas cinco objeções, no entanto, têm sido respondidas pelos eruditos da seguinte maneira:*

1. Alguns eruditos presumem que Pedro poderia ter aprendido suficientemente bem o grego, para produzir um livro dessa natureza. Sendo galileu, provavelmente ele sabia, desde a infância, algum grego «koiné». Mais tarde na vida, poderia ter estudado o grego, dominando-o suficientemente para produzir uma epístola como esta. Além disso, ele teve a ajuda de outros, que «revisaram» sua obra, como é a de Pedro, mas que a *mão* que a escreveu foi a de Silvano. Uma revisão extraordinariamente hábil poderia ter produzido o grego de I Pedro e eliminado as expressões hebraicas naturais que devem ter aparecido na obra original de Pedro.

2. Que se pode dizer sobre a forte dependência que esta epístola demonstra, quanto aos escritos paulinos? Pedro e Paulo representaram a mesma teologia e tradição, pelo que pouca divergência haveria entre eles quanto às doutrinas. Alguns estudiosos acreditam que a idéia da dependência tem sido *exagerada*, pelo que não haveria aqui qualquer forte argumento. De qualquer maneira, Pedro, um homem com pouca instrução formal, não teria hesitado em emprestar liberalmente idéias e expressões de Paulo, um óbvio gigante literário.

3. Por que razão o autor, se realmente foi Pedro, não exibiu memórias mais vitais de seus anos passados em companhia de Jesus? Por que não o citou uma vez sequer? Por que ele não ilustra como algo baseado na vida de Jesus? A isso alguns têm respondido que os trechos de I Ped. 1:8 e 5:1 subentendem que o autor conhecia pessoalmente a Jesus; que I Ped. 2:21-24 alude ao julgamento de Jesus; e que I Ped. 5:2 pode ser uma reminiscência da ordem de Jesus, conforme se lê em João 21:17. Há diversos «ecos» dos evangelhos e dos ensinamentos de Jesus, embora não sejam citações diretas. Talvez não se possa esperar que um livro de cento e cinco versículos contenha mais do que esses pontos implícitos sobre a possibilidade de que o autor sagrado conhecia pessoalmente a Jesus.

4. Quanto ao tempo em que esta epístola foi escrita, a alusão às «perseguições» (ver I Ped. 1:6; 2:12,15; 4:12 e ss. e 5:9) é de ordem geral (excetuando o trecho de I Ped. 4:12 e ss.), e pode facilmente ser aplicada a perseguições anteriores (como no tempo de Pedro, o apóstolo) e não às mais intensas perseguições do início do segundo século da era cristã. A expressão «...se sofrer como cristão...» (I Ped. 4:16), não subentende, necessariamente, uma época em que o cristianismo já fora oficialmente declarado como uma traição ao estado (o que ocorreu nos tempos de Plínio, 112 D.C. em diante, pelo menos ao que se sabe), porquanto grandes tinham sido as perseguições contra os «cristãos», que desde há muito vinham sendo intitulados dessa maneira. Nero ordenou a decapitação de Paulo; e Roma era o centro das ferozes perseguições que rebentaram em cerca de 62 D.C. Mas até mesmo naquela época, a mera profissão cristã era, por muitos, considerada como uma traição. De fato, nosso livro de Atos foi escrito como uma apologia, na esperança que ao cristianismo se desse a posição de religião legal. Por conseguinte, até mesmo naquele tempo os cristãos vinham sendo perseguidos somente por serem cristãos, membros de uma seita «fora da lei», embora isso ainda não tivesse sido uma questão universal e decidida por parte das autoridades romanas.



5. A forte confirmação antiga nos convence que esta carta é petrina. O bom grego provavelmente foi devido ao fato que Silvano, ou outro, cuja língua nativa foi o grego, fez uma revisão cuidadosa, acrescentando, talvez, algumas expressões tipicamente gregas.

O fato que alguns dos pais mais antigos citaram I Pedro sem mencionar, especificamente, o nome de Pedro, podemos considerar uma simples omissão que não tem qualquer significado. Todos os manuscritos gregos (e das versões que possuímos) têm o nome de Pedro em 1:1. Se o manuscrito original, e as primeiras cópias, circularam sem o nome de Pedro, é quase certo que pelo menos uma cópia em grego ou uma cópia de uma versão teria chegado a nós sem seu nome. O fato que isto não tem acontecido prova (quase certamente) que, desde o princípio, o livro foi conhecido como uma carta do Apóstolo Pedro.

### III. DATA; PROVENIÊNCIA E DESTINO

**Data.** As tradições afirmam que Pedro sofreu martírio durante o reinado de Nero, ou seja, durante a década de 60 D.C. A perseguição neroniana irrompeu em 64 D.C., portanto, é provável que este livro foi escrito em cerca de 67 D.C. Alguns lhe dão uma data ainda anterior, supondo que esta epístola foi escrita imediatamente antes do irromper dessa perseguição, porquanto Pedro continua aconselhando a lealdade ao imperador (ver I Ped. 2:13-17), talvez dando a entender que ele previa que o pior ainda viria, segundo se vê em I Ped. 4:12. Nesse caso, a epístola deve ter sido escrita pouco antes de 64 D.C.

Seja como for, a epístola não pode ter sido escrita muito tarde, sendo que Papias a usou em sua epístola aos Filipenses. Eusébio diz que Papias se utilizou dela (ver *História Eclesiástica* iii.39,17), pelo que deve ter gozado de boa circulação no início do segundo século de nossa era.

**Proveniência.** Se Pedro não é o autor desta epístola, então qualquer conjectura sobre isso pode ser artificial, pois as menções sobre pessoas e lugares seriam artificiais. Mas, se ele realmente foi seu autor (como supomos) então qualquer localização geográfica indicada pelo termo «Babilônia» deve ser identificada como o lugar de onde a epístola foi enviada. Naturalmente, é possível que ainda que Pedro não tivesse sido seu autor, a referência à Babilônia seja genuína, da parte do seu verdadeiro autor. O trecho de I Ped. 5:13 nos fornece essa identificação. «Aquele» que se encontrava em Babilônia, conforme se vê na saudação final, mui provavelmente era a igreja local, e não a esposa de Pedro ou alguma proeminente figura feminina da comunidade cristã—portanto, a igreja em Babilônia enviava saudações aos endereçados da epístola. Alguns estudiosos supõem que a antes renomada cidade da beira do rio Eufrates realmente está em foco; mas a maioria deles pensa que isso é apenas um código, um nome críptico para a cidade de Roma. Se assim realmente é, e se a epístola foi realmente escrita pelo apóstolo Pedro, pelo menos é dado algum crédito à tradição que diz que Pedro foi bispo de Roma, tendo ali sido martirizado, sob ordens de Nero, embora isso não faça dele, sob hipótese alguma, o primeiro papa, conforme diz a Igreja Católica Romana.

Na atualidade, a maioria dos intérpretes protestantes aceita a tradição que põe Pedro em Roma durante os últimos anos de sua vida. Não há qualquer razão verdadeiramente válida para duvidar disso. (Comparar com Apo. 14:8 e 17:5, onde há outras alusões críticas a «Roma»). A menção de Marcos e Silvano, além disso, favorece a referência a Roma. A tradição afirma que Marcos escreveu seu evangelho na capital do império, e que esse evangelho consiste essencialmente nas memórias da igreja de Roma sobre a vida de Jesus, de mistura com as memórias do apóstolo Pedro. A associação de Marcos com Roma, portanto, é quase certa; e a associação de Pedro com Marcos, nas proximidades da morte desse apóstolo, indicaria que Pedro esteve igualmente associado com a igreja em Roma. Quanto ao motivo por que a epístola de Paulo aos Romanos não menciona a pessoa de Pedro, pode ser que essa epístola foi escrita antes da chegada de Pedro ali. Seja como for, a longa lista de saudações, no décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos (e que não inclui o nome de Pedro), mui provavelmente não faz parte original daquela epístola, mas antes, parece ser uma carta de recomendação em favor de Febe, enviada para a igreja em Éfeso. (Acerca de evidências a esse respeito, ver a introdução ao décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos).

A aceitação da referência à «Babilônia», como se fora

«Roma», era universal na igreja, até à época da reforma protestante, quando alguns pensaram ser necessário negar isso a fim de combater a idéia que Pedro foi o primeiro papa de Roma. Mas agora, tendo-nos afastado do calor da polémica da reforma, a maioria dos eruditos, protestantes ou não, chegou a reconhecer que isso é o que realmente essa menção significa. Se Pedro foi ou não o primeiro papa é uma questão que tem de alicerçar-se sobre muitas outras considerações, além daquela que ele pode ter vivido em Roma por algum tempo; e essas considerações, naturalmente, se originam das tradições e dos dogmas eclesiásticos, e não do próprio N.T.

**Destino:** O trecho de I Ped. 1:1 nos fornece a resposta, pelo menos em parte: Ponto (norte da Ásia Menor), Galácia (região centro-sul da Ásia Menor, incluindo as cidades visitadas por Paulo durante sua primeira viagem missionária—Antioquia da Pisídia, Iconio, Listra e Derbe, ver os capítulos treze e catorze do livro de Atos), Capadócia (oriente da Ásia Menor), Ásia (ocidente da Ásia Menor, da qual Éfeso era sua principal cidade) e Bitínia (norte da Ásia Menor), onde se encontravam as congregações para as quais escreveu o autor sagrado. Não se pode duvidar de que aquelas igrejas se compunham, predominantemente, de gentios, embora certas daquelas localidades contassem com numerosa população judaica, isto é, as cidades mais importantes. Isso significa que essas igrejas eram compostas de algum elemento judaico.

Essa epístola poderia ter sido uma carta circular, cujo intuito era serem enviadas a diferentes províncias da Ásia Menor romana, na ordem alistada em I Ped. 1:1; ou quizá o portador da epístola faria uma viagem a essas áreas, na ordem alistada, levando diferentes cópias da epístola original.

### IV. ESTILO LITERÁRIO E LINGUAGEM

Esta epístola não se mostra tão hábil na retórica como a epístola de Tiago, mas evidencia conhecimentos sobre os artifícios retóricos do grego. A epístola contém menor número de hebraísmos do que os escritos de Paulo. A versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada bem antes da era apostólica) é usada nas citações, tal como se dá no caso da epístola de Tiago; e pode-se observar que o autor sagrado tinha especial predileção pela literatura do período dos Macabeus e pela literatura de Sabedoria. Os hebraísmos supostamente identificados na presente epístola aparecem em I Ped. 1:13,14,17,25 e 3:7.

A primeira epístola de Pedro se assemelha mais ao grego clássico do que ao grego «*koiné*» vernáculo, o que evidencia que o autor sagrado recebera uma educação liberal. Emprega o artigo definido grego com mais elegância do que qualquer outro dos escritores do N.T. (Ver I Ped. 1:17; 3:1,3,20; 4:14; 5:1 (por duas vezes) e 4, quanto a usos especiais do artigo). Também exhibe o uso clássico do termo grego «os» (advérbio), tal como o faz o autor do tratado aos Hebreus, o que não é comum nas páginas do N.T. O autor sagrado emprega um mui lato vocabulário, considerando-se as dimensões da epístola, empregando sessenta e dois vocábulos que não se acham em qualquer outra porção do N.T. De forma geral, o autor sagrado usa de graça, liberdade e dignidade em sua linguagem, e freqüentemente com precisão refinada. É óbvio, portanto, que Pedro, o apóstolo, não poderia ter escrito essa epístola pessoalmente. Mas alguns estudiosos têm sugerido (provavelmente com razão) que temos aqui a voz de Pedro, que passou pelas mãos de Silvano (ver I Ped. 5:12). O dialeto aramaico de Pedro deixava transparecer sua origem humilde (ver Mat. 26:73), tendo outros se referido a ele como homem «iletrado e inculto» (ver Atos 4:13). O argumento de que ele poderia ter aprendido suficientemente bem o grego, a ponto de escrever dessa maneira, é extremamente improvável, conforme sabem todos aqueles que se utilizam de um idioma aprendido como segunda língua.

Silvano era um judeu, um cidadão romano, escolhido para a delicada tarefa de explicar as resoluções tomadas pelo concílio de Jerusalém (ver Atos 15:22 e ss.) para igrejas gentílicas de áreas remotas; portanto, era homem de considerável habilidade. Era um obreiro devotado, que trabalhava em áreas gentílicas. Portanto, deveria ser homem que dominava bem o idioma grego. Têm sido encontrados alguns paralelos verbais entre I e II Tessalonicenses e esta primeira epístola de Pedro. (Comparar I Tes. 4:3-5 com I Ped. 3:7). Em I Tes. 1:1 e II Tes. 1:1, ficamos sabendo que Silvano (também chamado Silas), estava associado com Paulo naquele tempo, e que talvez tenha sido usado pelo apóstolo como amanuense de algumas de suas epístolas. É provável, portanto, que seus pensamentos



pessoais e suas formas de expressão tenham dado certo colorido a essas epístolas paulinas, como também a esta primeira carta de Pedro. (Ver as notas expositivas sobre «Silas», em Atos 15:22).

## V. MOTIVO E PROPÓSITOS

Há muitas alusões a perseguições nesta epístola, considerando-se sua brevidade. (Ver I Ped. 1:6; 2:12,15; 4:12 e ss. e 5:9). Torna-se imediatamente óbvio que as perseguições é que levaram esta epístola a ser escrita. O autor sagrado queria fortalecer aos crentes da Ásia Menor para poderem enfrentar as tribulações que já sofriam, preparando-os para testes ainda mais severos, no futuro (ver I Ped. 4:12 e ss.). Também queria que se mostrassem firmes em sua lealdade cristã, e mostrou-lhes que o próprio Cristo fora assim perseguido; dessa maneira não estranhariam a tragédia, de outro modo inexplicável, baseada no caos. (No tocante a quando tiveram lugar essas perseguições, que envolve a questão de quando foi escrita a epístola, ver sobre a «data», na secção III da presente introdução).

«O alvo do autor desta breve epístola—é mais ou menos das mesmas dimensões da epístola aos Filipenses—é exclusivamente prático. Seu próprio desejo era o de inspirar e encorajar seus leitores, em face de uma severa perseguição, ou pelo menos, em face da oposição. Não deveriam perder de vista o grande prêmio; através de seu amor e pureza deveriam avançar e propagar o poder do evangelho, provocando a admiração de seus adversários. O verdadeiro crente só aparece em período de grande sofrimento. Essa é a tese mesma desta epístola. Mas, embora todo o esforço do autor sagrado visasse essa finalidade, reforçando a espinha dorsal daqueles que dentro em breve seriam chamados a 'sofrer como cristãos', nada há de pessimista ou mórbido, do começo ao fim. Pelo contrário, a nota chave é a esperança. E desde às palavras de abertura essa nota é soada com mão certa»:

«Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança... para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros...» (I Ped. 1:3,4).»

«Eles haveriam de sofrer, mas não como 'homicidas, ou ladrões, ou malfetores, ou quem se intromete em questões alheias, e, sim, como cristãos'. Nada tinham a temer. Para eles, a esperança nunca esmaeceria». (Morton Scott Enslin, *The Literature of the Christian Movement*, pág. 321).

**O propósito a ensinar:** Esta epístola, apesar de visar, principalmente, o encorajamento dos crentes na perseguição, tal como fazem todos os demais documentos do N.T., aproveita a oportunidade para ensinar. Portanto, ela tem um propósito didático. Consideremos os pontos seguintes: 1. Há uma esperança eterna que conduz à salvação da alma; ela se alicerça sobre a redenção, e isso mediante a expiação pelo sangue de Cristo, e não devido a méritos pessoais: essas são as idéias capitais do primeiro capítulo da epístola. 2. Essa doutrina da redenção faz do crente uma pessoa do «outro mundo»; e o fato que é perseguido neste mundo confirma esse fato: portanto, devemos viver aqui como estrangeiros e peregrinos. Até o grande Cristo, a «pedra de esquina» do edifício espiritual de Deus, foi rejeitado e perseguido na esfera terrena: isso é o que ensina, principalmente, o segundo capítulo. 3. Enquanto estivermos neste mundo, devemos fazê-lo com nossos lares em ordem. As mulheres devem conduzir-se com piedade e propriedade, e os maridos devem cumprir os seus deveres: essas são as principais idéias do terceiro capítulo. 4. Os sofrimentos de Cristo e a sua missão recebem uma atenção especial e extensa. Têm valor para fazer expiação aqui, e até mesmo no *hades*, o mundo dos espíritos perdidos, porquanto ele também teve uma missão a cumprir ali (ver I Ped. 3:18 - 4:6). Quanto bem, portanto, foi conseguido com os sofrimentos de Cristo. Portanto, se o crente sofrer juntamente com Cristo, só poderá advir disso a bênção (ver I Ped. 4:12-19). Esses são os temas principais do quarto capítulo. 5. Os anciãos, na qualidade de líderes do rebanho, são os que mais dispostos devem ser por cuidar do rebanho que sofria, tal como fazia o Sumo Pastor. Esse é o tema básico do quinto capítulo. Pode-se ainda notar que até mesmo no propósito didático o tema dos sofrimentos do crente percorre do princípio ao fim do livro, assumindo diversas formas e aplicações.

## VI. PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO E O RESTO DO NOVO TESTAMENTO

Apesar de que alguns estudiosos têm procurado diminuir ao máximo a dependência desta epístola aos escritos de Paulo, o que tem sido usado como argumento contrário à autoria petrina (ver a secção II da presente introdução), é perfeitamente óbvio que o autor sagrado leva pelo menos várias epístolas de Paulo, principalmente Efésios e Romanos. Daniel Schulze, no começo do atual século XX, afirmava que a primeira epístola de Pedro era pouco mais do que reminiscências extraídas de epístolas de Paulo. Outros eruditos, como Holtzmann e Julicher, em tempos mais recentes, têm procurado mostrar que o autor deve ter estado familiarizado com quase todo o resto do N.T. E isso subentende, naturalmente, uma data posterior para esta epístola. Von Soden via uma dependência definida às epístolas aos Romanos, aos Gálatas, à primeira epístola a Timóteo e a Tito. Vários eruditos (como Lightfoot, Hort e Sieffert) têm mencionado e procurado demonstrar a mesma coisa. O último desses nomes tem até mesmo defendido a estranha teoria que as epístolas aos Efésios e a primeira de Pedro foram escritas pelo mesmo autor (não o apóstolo dos gentios, mas um paulinista). Outros têm revertido a prioridade, dizendo que Romanos e Efésios é que demonstram dependência literária a esta primeira epístola de Pedro, uma idéia que não é aceita de bom grado pela maioria dos eruditos.

Considerando que Paulo foi um homem de letras e tinha uma reputação de erudito e teólogo (tendo recebido muitas visões e experiências místicas do Espírito), não teria sido estranho para Pedro, um homem com pouca instrução, emprestar liberalmente as idéias e expressões das cartas de Paulo. Certamente, ele tinha diversas das cartas dele para usar.

### Comparar:

<i>Efésios</i>	<i>I Pedro</i>
1:1-3	1:1-3
1:4	1:20
1:14	2:9
1:21	3:22
2:21,22	2:5
5:22-24	3:1-6
5:25-33	3:7
6:1-6	Instruções às crianças, não em I Pedro.
6:5-9	2:18-25

Essas similaridades envolvem algum material que fazia parte de itens comuns do ensinamento e da pregação do cristianismo primitivo, podendo coincidir com os mesmos; mas não é provável que todos esses itens coincidam. Embora a mentalidade do autor da epístola aos Efésios seja mística, e a mentalidade do autor desta epístola seja prática e pastoral, não há razão para supormos que não há qualquer dependência. Cada autor expressou o assunto à sua maneira.

<i>Romanos</i>	<i>I Pedro</i>
4:24	1:21
6:7	4:1
6:11	2:24
8:18	5:1
8:34	3:22
12:1	2:5
12:2	1:14
12:3-8	4:10,11
12:9,10	1:22
12:14-19	3:8-12
13:1-4	2:13-15

### Um caso especial a ser observado:

Rom. 9:33	I Ped. 2:6,7
-----------	--------------

Uma série de citações aparece na epístola aos Romanos, extraídas de Isa. 28:16a; 8:14 e 28:16b, e que Pedro, por igual modo, usou. Fizemos ambos essas citações praticamente do mesmo modo, utilizando-se da Bíblia em grego (mas com modificações para o sentido hebraico original), que sofrera certas modificações na Septuaginta utilizada. Como é que essas citações foram usadas em série, e praticamente do mesmo modo, a menos que haja certa forma de dependência um ao outro? É possível que os primitivos cristãos tivessem antologias de citações do A.T., e que ambos os autores tivessem feito empréstimos de uma fonte comum, e não um do outro. Mas, apesar disso ser possível, simplesmente há um número demasiadamente grande de similaridades para



supomos que não houve qualquer interdependência. Pelo menos deve-se dizer que o autor «ouviu» Paulo pregando por muitas vezes, ainda que talvez não houvesse lido os seus escritos; e isso explicaria como ele podia estar tão bem fundado no pensamento e nas expressões de Paulo.

<i>Gálatas</i>	<i>I Pedro</i>
3:23 e 4:7	1:4
5:13	2:16
4:24	3:16

No entanto, esses exemplos podem ter sido meras coincidências. Alguns estudiosos fazem objeção ao uso da epístola aos Gálatas por parte do autor desta epístola, porquanto ele não tece qualquer comentário sobre o controvertido segundo capítulo; mas talvez não tenha tido ele qualquer motivo para usar material dali extraído. E nem mesmo deveria ser de seu interesse reavivar a controvérsia entre Pedro e Paulo, descrita naquele capítulo.

As afinidades desta epístola com as epístolas a Tito e as duas a Timóteo são menos óbvias. Mas a afinidade com o tratado aos Hebreus é forte:

<i>Hebreus</i>	<i>I Pedro</i>
13:21	4:11
13:21	5:10 (oração final)
12:14	3:11
1:2	1:20
9:14	1:19 (afinidade de termos sobre a redenção)
9:28	2:24 (mesmo fenómeno que o caso anterior)
11:1	1:8 (o objeto da fé é o mundo inviolável)
12:1-3	2:21-23 e 3:17,18 (Jesus mostrou como se deve sofrer)
10:37	4:7,17,19 (perseguições, um sinal do fim).

#### Afinidades literárias entre Tiago e I Pedro:

<i>Tiago</i>	<i>I Pedro</i>
1:1	1:1 (a diáspora)
1:2,3	1:6,7
1:10,11	1:23 - 2:2
4:6,7	5:5-9

Muitos eruditos acreditam que se um desses autores sagrados dependeu do outro, Tiago é que se baseou em Pedro.

Alusões aos evangelhos, em alguma forma pré-canônica. Alusões às fontes que, mais tarde, se tornaram os nossos quatro evangelhos. A semelhança é mais evidente no caso do evangelho de Lucas.

<i>Lucas</i>	<i>I Pedro</i>
10:24,25	1:10
24:26	1:11,21
12:35	1:13
11:2	1:17
8:12	1:23
20:17,18	2:7
6:28	3:9
12:42	4:10
<i>Mateus</i>	<i>I Pedro</i>
5:16	2:12
5:10	3:14
<i>João</i>	<i>I Pedro</i>
3:3	1:3
1:13	1:23
1:29	1:19
10:11	2:25
21:16	5:2
<i>Atos</i>	<i>I Pedro</i>
10:34	1:17
15:9	1:22
4:11	2:4
5:41	4:13,16
1:8,22	5:1

Tudo isso poderia ser usado como argumento em prol de uma data posterior, o que daria tempo para que o N.T. fosse circulado, mediante a prédica e o ensino. Porém, grande parte dessa coincidência poderia ser devida meramente ao uso de material proveniente de fontes informativas comuns; contudo, a dependência a Paulo parece ser bem real. (Quanto ao problema de autoria que isso cria, quanto à presente epístola, ver a discussão sob a secção II da introdução).

#### VII. PEDRO E PAULO

Na introdução à epístola de Tiago é discutida a relação entre Paulo e Tiago; e esta breve secção tem atitude similar àquela. Apesar de ser quase certo que Tiago representava o ramo *legalista* da igreja (ver as notas expositivas sobre Atos 10:9), e apesar de ser absolutamente certo que o livro de Tiago, que foi escrito em seu nome, representa essa tradição, somente a escola de Tubingen e alguns escassos eruditos dispersos têm contido que Pedro se aliou ao legalismo, opondo-se à doutrina paulina de «justificação pela fé, mediante a graça, sem o concurso da lei mosaica».

Evidências: As principais evidências bíblicas a serem examinadas são os capítulos dez, onze e quinze do livro de Atos, e o segundo capítulo da epístola aos Gálatas. Pedro facilmente teria sido um legalista; mas recebeu uma visão especial que lhe deu uma amplitude de visão mais lata que a dos membros comuns da comunidade cristã de Jerusalém; foi severamente criticado por sua defesa da missão gentilica, bem como por causa de seus métodos; ele não impunha a circuncisão, a observância da lei ou regras dietéticas aos convertidos gentios; misturava-se livremente com eles; e se declarou favorável e pregador da doutrina da justificação pela fé, quando do concílio de Jerusalém. A única dúvida que surge em todo o N.T., acerca dessa questão, é a do segundo capítulo da epístola aos Gálatas, onde se vê Pedro em uma de suas falhas, porquanto se retirou dos gentios, não tendo mais companheirismo com eles. Todavia, deve-se notar que até *Barnabé* errou nessa oportunidade. É claro que em nenhum dos casos isso foi feito por convicção, mas por acomodação àqueles que tinham sido enviados da parte de Tiago. E o próprio Paulo não deixou de deslizar ou de comprometer-se, devido à época de transição do antigo para o novo pacto, em que ele viveu. (Ver o fato que ele fez votos judaicos, em Atos 21:18, o que, uma vez mais, foi feito devido à pressão exercida por Tiago, irmão do Senhor). Não há qualquer razão para crermos, porém, que Pedro continuou em sua conduta comprometedora, e o fato que mais tarde ele ministrou em Roma parece ser outra indicação que ele não poderia diferir grandemente de Paulo quanto à doutrina e à prática. Não há que duvidar que se tivesse havido algum conflito sério entre Paulo e Pedro, quanto à questão do legalismo, a história eclesiástica tê-lo-ia registrado. É verdade que algumas seitas legalistas do segundo século de nossa era tomaram a Pedro como seu herói, rejeitando a Paulo, especificamente por causa de sua posição acerca da lei mosaica e do método de justificação; e seitas legalistas de séculos futuros continuaram assim fazendo. Porém, não há quaisquer provas de que Pedro foi bem escolhido por elas, como campeão de sua doutrina, do mesmo modo que certas seitas libertinas, como alguns ramos do gnosticismo, não tinham o direito de reivindicar a autoridade de Paulo quanto às suas idéias e práticas, que atribuíam a esse apóstolo.

Não há qualquer evidência, no N.T., acerca de qualquer grande divergência, na doutrina e na prática, entre Paulo e Pedro; e qualquer dedução que se possa tirar disso, com base na história eclesiástica, dificilmente pode apoiar tal tese. Se a presente epístola é autenticamente petrina, então o argumento já está bem firmado. Trata-se do livro mais tipicamente paulino do N.T., fora da coletânea paulina.

#### VIII. TEMAS PRINCIPAIS

O tema predominante, o qual também sugere quase todos os demais, é o do sofrimento do crente. (Ver I Ped. 1:6; 2:12,15; 4:12 e ss. e 5:9). Consideremos os pontos seguintes: 1. Podemos-nos regozijar nos sofrimentos (I Ped. 1:6). 2. Isso traz honra e glória a Cristo, através da prova e da purificação da fé (I Ped. 1:7). 3. Isso resulta em alegria inexprimível e cheia de glória (I Ped. 1:8). 4. Isso resulta em vida eterna, a salvação da alma (I Ped. 1:9). 5. A própria morte, mediante a perseguição, não é fatal: Deus ressuscitou a Cristo; e ele também nos ressuscitará, após a purificação de nossas almas (I Ped. 1:21,22). 6. Seja como for, toda a carne é apenas «erva», e através da perseguição ou de outro modo, logo haverá de perecer (I Ped. 1:24,25). 7. Mas a Palavra de Deus,



o evangelho, não pode perecer, como também não podem perecer aqueles que confiam nessa Palavra (I Ped. 1:25). 8. O próprio Jesus, a despeito de toda a sua grandeza e valor, não pôde evitar o sofrimento (I Ped. 2:6 e ss.); antes, seus sofrimentos foram vicários e expiatórios, o que lhes dá imenso valor: assim também os sofrimentos do crente podem revesti-lo de valor (I Ped. 2:21 e ss.). 9. O sofrimento mostra-nos que precisamos ser estrangeiros e peregrinos neste mundo, pois a terra não oferece habitação segura (I Ped. 2:10 e ss.). 10. Os sofrimentos de Cristo levaram o evangelho até às almas perdidas no hades, melhorando sua condição, ou até lhes oferecendo salvação, até a *parousia*. (Ver I Ped. 3:18-4:6). Isso mostra-nos os imensos resultados dos sofrimentos de Cristo. Fizeram dele o Salvador cósmico. 11. O sofrimento serve-nos de lição moral que nos ensina a rejeitar os pecados da carne, pois é o princípio do pecado que produz desastres, bem como os atos desumanos dos homens (I Ped. 4:1 e ss.). 12. Os sofrimentos humanos podem ser uma participação nos sofrimentos de Cristo, mas devem ser sofridos somente porque o crente participa da sua santidade, e não porque merece os maus-tratos, devido a uma vida depravada (I Ped. 4:12 e ss.). 13. Os anciãos da igreja local, particularmente, deveriam estar prontos a sofrer pelo rebanho, tal como fez o Grande Pastor (I Ped. 5:1 e ss.). 14. Satanás está por detrás de homens ímpios e desvairados; ele é o inspirador das desumanidades deles. Resistamos ao diabo, portanto (I Ped. 5:8 e ss.). 15. Haverá um fim de todos os sofrimentos do crente, porquanto Deus chamou-nos para a vida eterna (I Ped. 5:10), e haveremos de finalmente triunfar, contra todos os obstáculos (I Ped. 5:11).

Temas doutrinários da primeira epístola de Pedro. É óbvio que esta carta apresenta elementos da pregação cristã mais primitiva (no grego, «*kerugma*»). Paralelamente a essa «pregação», devemos levar em conta os ensinamentos de Jesus, quase sempre de natureza ética. Portanto, o evangelho foi proclamado (como se vê em Marcos, o mais antigo dos evangelhos), em combinação com ensinamentos morais. Dentro desse padrão de pregação e ensino, supunha-se que a substância do A.T. ficava preservada; mas, no cristianismo, isso era visto sob uma luz mais significativa. Isso é o que explica as freqüentes alusões ao A.T., e mesmo citações diretamente extraídas dali. Em livros como Hebreus, Tiago e I Pedro, também são usados os livros posteriores do A.T., os livros apócrifos, sobretudo a literatura de Sabedoria; e isso na forma de alusão, de idéia, embora não na forma de citações diretas. Na epístola de Tiago, isso é demonstrado na seção V da introdução à mesma. Nesta epístola primeira de Pedro, há pelo menos quarenta referências vetotestamentárias, além de seis claras referências a livros apócrifos do A.T. Devemo-nos lembrar que a Septuaginta (a tradução grega do A.T. hebraico) continha os livros apócrifos. Era apenas natural, pois, que alusões e citações extraídas dos mesmos chegassem a penetrar nas epístolas «católicas», que foram enviadas a áreas tipicamente gentílicas, ou para a igreja cristã em geral. Somente os judeus da Palestina é que rejeitavam os livros apócrifos do A.T. Esses nunca foram recebidos como parte da Bíblia hebraica (o A.T. original). Contudo, os judeus da dispersão usavam esses livros, segundo se vê mediante o lato uso da versão da Septuaginta, naquelas regiões ocupadas por eles. Os temas que figuram nesta epístola de Pedro, por conseguinte, são estes:

1. *A doutrina de Deus*: Nesse caso temos o conceito judaico, com pouca ou nenhuma modificação. Deus é vivo, criador (I Ped. 4:9); transcendental e santo (I Ped. 1:5); longânimo e gracioso (I Ped. 3:20 e 5:10). Dentro do contexto cristão ele é nosso Deus e Pai, bem como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (I Ped. 1:3,17); temos de aproximarmo-nos dele com profundo respeito (I Ped. 1:7 e 3:2). Ele é o Juiz (I Ped. 1:17). Dentro do contexto cristão, ele é o Deus da ressurreição (I Ped. 1:3,21).

2. *Os ensinamentos morais*: Aparece aqui o cingir moral (da mente) (I Ped. 1:13; comparar com Luc. 12:35). Há a invocação de Deus como Pai (I Ped. 1:7; comparar com Luc. 11:2). Há a menção das boas obras para glória de Deus (I Ped. 2:12; comparar com Mat. 5:16). Não se deve retornar o mal pelo mal (I Ped. 3:9; comparar com Luc. 6:28). Os sofrimentos devido à justiça são abençoados (I Ped. 3:14; comparar com Mat. 5:11). Teremos de prestar contas ao Juiz dos vivos e mortos (I Ped. 4:5; comparar com Mat. 12:36). Quem sofre por causa de Cristo é abençoado (I Ped. 4:14; comparar com Mat. 5:11). Convém que nos humilhemos debaixo da mão de Deus, para sermos exaltados eventualmente (I Ped. 5:6;

comparar com Luc. 14:11). É mister pormos de lado toda a ansiedade (I Ped. 5:7; comparar com Mat. 6:25). Uma lista similar de comparações entre esta epístola e o *Didache* também pode ser feita. Este último é um documento que representa a pregação cristã primitiva, imediatamente após a época apostólica.

3. *A doutrina de Cristo e sua obra*: Cristo é o Senhor (I Ped. 2:3 e 3:15). Ele é o que ressuscitou (I Ped. 1:3,21 e 3:21). Ele é o Servo Sofredor (I Ped. 2:21,22). Ele é quem fez expiação por nossos pecados (I Ped. 2:24 e 3:18 e ss.). Ele é o Salvador cósmico (I Ped. 3:18-20 e 4:6). Ele é preexistente (I Ped. 1:20). O título divino *Yahweh*, que aparece no A.T., pode ser aplicado com propriedade a Cristo (I Ped. 2:3 e 3:15). Ele ocupa o mesmo nível do Pai e do Espírito Santo (I Ped. 1:2). Ele é o instrumento de nossa fé em Deus (I Ped. 1:21). Em contraste com o tratado aos Hebreus, esta epístola jamais usa o título simples, «Jesus».

4. *A doutrina do Espírito Santo*: O Espírito Santo foi enviado dos céus (I Ped. 1:2), uma provável referência ao dia de Pentecoste. A consagração vem mediante o Espírito (I Ped. 1:2). Ele forma agora uma casa espiritual (I Ped. 2:5). Ele repousa sobre os crentes (I Ped. 4:14). Ele se encontrava tanto no Antigo quanto no N.T., como o inspirador dos profetas (I Ped. 1:11).

5. *A doutrina da igreja*: A palavra «igreja» (no grego, «*ekklesia*») não figura neste livro, mas existem vários ensinamentos sobre a igreja. A igreja é o povo de Deus, e se forma de judeus e gentios crentes, reunidos em um corpo (I Ped. 2:10). Por isso mesmo, a igreja assume vários títulos que tinham pertencido à nação de Israel (I Ped. 2:9,10). A igreja é um templo espiritual (I Ped. 2:5). Os crentes que a formam são pedras vivas, e Cristo é sua principal pedra de esquina. Além disso, os crentes são sacerdotes desse templo, e oferecem sacrifícios espirituais (I Ped. 2:5). Também são o rebanho de Deus (I Ped. 5:2). E Cristo é o seu Sumo Pastor (I Ped. 5:4).

6. *A esperança e a vida eterna*: Esse é um dos temas predominantes desta epístola, um encorajamento em meio às tribulações e desastres. (Ver I Ped. 1:3, onde se aprende que a esperança repousa sobre a ressurreição de Cristo). A esperança da salvação vem através de Cristo (I Ped. 1:7,13; 4:13). Ocorrerá quando da vinda de Cristo, como coroa de Glória, como galardão de imensas proporções (I Ped. 4:13; 5:1,5). A esperança é dada ao crente no tocante ao julgamento (I Ped. 4:5,17,18); mas Cristo levou a esperança até mesmo ao hades (I Ped. 3:18-20 e 4:6).

*Abandona os teus planos tolos;  
Pois ninguém poderá segurar-te,  
Salvo aquele que nunca muda,  
Teu Deus, tua vida, tua cura!*  
(Henry Vaughan)

## IX. CONTEÚDO

### I. Saudação (1:1,2)

### II. Ação de graças (1:3-12)

1. Pela misericórdia e esperança, mediante a ressurreição de Cristo (vs.3)
2. Pela herança eterna (vs.4)
3. Pelo poder resguardador de Deus (vs.5)
4. Em meio aos sofrimentos (vs. 6,7)
5. Pelo consolo dado pelo Cristo invisível (vs.8)
6. Pela salvação da alma (vs.9)
7. Pela revelação do Espírito de Cristo (vs. 10-12)

### III. Resultados implícitos na salvação. Exortação à vida santa (1:13-2:3)

### IV. A Pedra de esquina e o novo templo de Deus (2:4-10)

### V. Os deveres dos cristãos (2:11-4:11)

1. Relações entre o crente e o incrédulo (2:11-12)
2. Os cristãos em relação ao estado (2:13-17)
3. O dever dos escravos (2:18-20)
4. Imitando a Cristo (2:21-25)
5. Relações entre esposos e esposas (3:1-7)
6. Sumário (3:8-12)
7. Os cristãos debaixo da perseguição (3:13-17)
8. Cristo, exemplo de sofrimento. Sua misericórdia atingiu o próprio hades, habitação das almas perdidas (3:18-22. Ver também 4:6).
9. A pureza da vida (4:1-6)
10. Vivendo em função do fim de tudo (4:7-11)

### VI. Os sofrimentos do cristão (4:12-5:11)

1. Chamada à perseverança (4:12-19)
2. Exortação aos anciãos (5:1-5)
3. Exortação final (5:6-11)

### VII. Conclusão e bênção (5:12-14)

## X. BIBLIOGRAFIA

Além dos catorze comentários em série que são usados para a exposição da



todos os livros do N.T., neste comentário, o leitor pode ainda examinar os seguintes livros, em seus estudos especiais:

Enslin, Morton Scott, *The Literature of the Christian Movement*, N.Y.: Harper and Bros., 1958.

Moffatt, James, *The General Epistles*, Moffatt N.T., N.Y.: Harper and Bros., 1928.

O *Interpreter's Bible* está utilizado neste comentário pela gentil permissão da Abingdon-Cokesbury Press, Nashville. Desta obra, são citados, em I Pedro, os autores Archibald M. Hunter e Elmer G. Homrighausen.

### Capítulo 1

Já foram abordados os principais temas e problemas da primeira epístola de Pedro, na introdução. Já foram ventiladas questões como confirmação antiga, autoria, data, proveniência, destino, estilo literário, linguagem, motivo, propósitos e a dependência da primeira epístola de Pedro a outros documentos do N.T., além de uma comparação e contraste entre Pedro e Paulo, os temas principais, o conteúdo geral e a bibliografia. Para melhor entendimento da epístola, esta introdução deveria ser lida. (Quanto a notas expositivas sobre o sentido de «epístolas católicas», das quais esta epístola é uma delas, ver as observações de introdução à epístola de Tiago, imediatamente antes da exposição geral.

As *epístolas católicas* foram escritas com o intuito de instruir certo número de igrejas em uma área geográfica, e não alguma igreja local ou um ou mais membros individuais dessa igreja, como se dá no caso das epístolas paulinas. As sete «epístolas católicas» têm, cada qual, a sua mensagem específica, embora várias mensagens menores as acompanhem. Tiago fala da necessidade das obras que acompanham a fé; João salienta a importância suprema do amor; Pedro, em sua primeira epístola, refere-se à esperança cristã, a despeito da perseguição; e Judas fala sobre a fé pura, em meio a uma geração hostil e apóstata. Portanto, dentro delas encontramos as virtudes cardeais do cristianismo, bem como alguns dos maiores problemas que a igreja universal tem de enfrentar. A palavra escrita é a maior arte do homem, e continua sendo o mais eficaz modo de comunicação. Com base na idéia das «epístolas católicas», a Igreja de Roma tem reconhecido o valor das encíclicas papais, conferindo a seus membros um pronunciamento autoritativo sobre alguma questão importante. Ela tem baixado encíclicas sobre o matrimônio, o labor, a educação e outras questões vitais. Além disso, o clero recebe instrução específica mediante tais cartas. E as organizações protestantes, posto que em menor escala, têm seguido essa prática, embora nenhuma carta de tais organizações reivindique autoridade, conforme aquelas expedidas pelo papa se arrogam ser.

As «epístolas católicas» foram as comunicações originais e autoritativas para as primitivas igrejas cristãs, espalhadas em várias áreas do hostil mundo romano. Esta primeira epístola de Pedro foi escrita para crentes de regiões que atualmente são classificadas como pertencentes à Ásia Menor, atualmente ocupadas pela moderna Turquia.

### I. Saudação (1:1,2).

Pedro escreveu para a dispersão do Novo Israel; e desde suas primeiras palavras assume sua plena autoridade como apóstolo de Jesus Cristo, a fim de que sua mensagem de esperança, em tempos de perseguição, recebesse atenção séria. (Quanto a notas expositivas sobre as antigas formas de endereço, nas cartas, ver Rom. 1:1. Quanto ao tipo ordinário de endereço, em uma carta grega, ver Atos 23:46. Quanto ao endereço tipicamente paulino, ver Rom. 1:7 e I Cor. 1:3).

**1 Πέτρος ἀπόστολος Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐκλεκτοῖς παρεπιδήμοις διασπορᾶς Πόντου, Γαλατίας, Καππαδοκίας, Ἀσίας, καὶ Βιθυνίας,**

1 παρεπιδήμοις...βιθυνίας Joh 1:1

1 Ásia e Bithyn.] Ásia B: καὶ Βιθ. K<sup>2</sup> P<sup>2</sup>

1:1: Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos peregrinos da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bithynia.

«...Pedro...» (Quanto a notas expositivas sobre «Pedro», ver a lista dos doze apóstolos, onde cada um deles é descrito, em Luc. 6:12. Quanto a notas sobre Pedro como a «rocha da igreja», ver Mat. 16:18, 19. Quanto a notas que elogiam sua vida, excelentes para propósitos homiléticos, ver João 6:68). Depois de Paulo, no livro de Atos, Pedro é o maior vulto. O livro de Atos termina sem dar-nos qualquer indicação sobre a sua vida posterior; mas isso é preenchido por informes provenientes da tradição. Não há base suficiente para alguém disputar a residência de Pedro em Roma e seu martírio naquela cidade. Quase certamente, a presente epístola foi escrita dali, porquanto a palavra *Babilônia* (ver I Ped. 5:13), era um título criptico para indicar Roma. O livro apócrifo, Atos de Pedro, registra seu martírio por crucificação de cabeça para baixo, bem como seu ministério prévio em Roma. Não sabemos quanto desses informes é válido, mas é provável que o esboço principal o seja. As escavações feitas na capital do antigo império romano têm revelado um antigo culto de Pedro em Roma. Isso pode ser comparado com o que diz Eusébio, em sua *História Eclesiástica* ii.25. Portanto, há indicações de que Pedro trabalhou ali, embora isso talvez tenha sido exagerado. A tradição afirma que ele morreu na matança dos cristãos, na colina do Vaticano, em 64 D.C., sob as perseguições neronianas.

Pedro foi uma rocha e uma coluna da igreja nos seus primeiros anos. Devido à sua fé e ardor, ao seu temperamento gentil e de mente aberta, além de seus dotes intelectuais, ele salvou a igreja em seus dias iniciais e mais difíceis da possível desintegração. Em alguns lugares ele era altamente favorecido, acima de todos os demais apóstolos, conforme fica claro na famosa passagem da «pedra», no décimo sexto capítulo do evangelho de Mateus. A igreja cristã, após a destruição de Jerusalém, com seu templo e seu Sinédrio e, conseqüentemente, com sua autoridade religiosa, buscou alguma autoridade estabilizadora. Alguns segmentos da igreja puseram Pedro nesse lugar; mas outros (conforme se reflete no evangelho de João 20:22, 23) deram ao Sinédrio a autoridade anteriormente dada ao concílio dos doze. Mais tarde, a própria igreja cristã foi investida dessa autoridade, conforme fica demonstrado no décimo oitavo capítulo do evangelho de Mateus, bem como em vários lugares do livro de Atos, onde se vê que a igreja e que comissiona os seus líderes e seus respectivos labores, por consenso geral.

Foi Jesus quem deu a Simão o nome de «Pedro», que significa «rocha», para caracterizar a missão que ele estava prestes a realizar. (Ver Mat. 16:18 acerca disso). Assim, ao referir-se a si mesmo, ele usa o novo nome, «Pedro», e não o nome original, Simão, tal como Paulo nunca mais chamou a si mesmo de Saulo, depois que se tornou conhecido como Paulo entre os cristãos. Paulo, entretanto, chamou Pedro de «Cefas», que é transliteração do termo aramaico que significa *rocha*. (Ver Gál. 2:9 sobre isso).

Titus, Eric Lane, *Essentials of New Testament Study*, N.Y.: The Ronald Press, 1958.

Ver também:

F.J. Fosken Jackson, *Peter, Prince of Apostles*, 1927; O. Cullmann, *Peter: Disciple, Apostle, Martyr*, 1953; C.F.D. Moule, *New Testament Studies*, III, 1957.

«...apóstolo...» (Quanto a notas expositivas completas sobre o ofício do «apostolado», ver Mat. 10:1; quanto a seu uso mais amplo, que inclui mais do que os doze apóstolos originais, ver Atos 14:4). Esse vocábulo significa «enviado»; mas, no N.T., ele tem o sentido de «enviado especial», dotado de alta missão e propósito, pela vontade divina, mediante o que lhe é conferida autoridade e poderes especiais. A menção do apostolado de Pedro, neste ponto, tem por intuito dar à epístola uma maior autoridade. Dentre as sete «epístolas católicas», somente aquelas atribuídas a Pedro trazem o solene título de «apóstolo». Alguns intérpretes vêem isso como algo necessário, porquanto Pedro agora escrevia para os territórios que estavam afeitos à autoridade apostólica de Paulo. Por isso, Pedro teve de lembrar aos crentes daquelas regiões que ele também era um apóstolo, tendo alguma coisa importante para dizer-lhes, e que precisavam ouvir. No entanto, ele não tinha necessidade de defender suas credenciais apostólicas. Era universalmente conhecido ser ele o principal dentre os doze apóstolos. Ninguém disputaria a sua autoridade.

«...aos eleitos...» Essa designação se deriva do A.T. O povo de Israel era assim chamado, porquanto fora «escolhido» dentre outras nações com uma finalidade precípua. (Ver Isa. 65:9, 15, 22; Sal. 10:43). Ver também Mat. 20:16; 22:14 e Rom. 8:33). Esse é um título aplicado aos crentes, porquanto com freqüência eles são encarados, no N.T., como os «eleitos» de Deus, aqueles a quem o Senhor escolheu do mundo para levá-los à glória, mediante a transformação segundo a imagem de Cristo, a fim de compartilharem de sua natureza e santidade, e, finalmente, de sua divindade e plenitude. (Ver Rom. 8:29; Col. 2:10 e II Ped. 1:4. Quanto à «eleição», ver Efé. 1:4, onde há notas expositivas completas sobre esse assunto). O vocábulo «eleito» é usado por vinte e três vezes no N.T. Em I Ped. 1:1 e 2:4, 6, 9 esse termo é usado. Esse termo não subentende que eles não tivessem exercido sua livre-vontade para virem a Cristo; antes, mostra claramente que há um lado divino nesse processo. Ninguém pode vir a Cristo a menos que o Pai o atraia (ver João 6:44). Contudo, esse poder de atração pode ser resistido, conforme a experiência humana o demonstra. Sempre haverá os lados divino e humano no arrependimento, na conversão e na fé, e, por conseqüência, na eleição também. É ilópe a teologia que reconhece apenas o lado divino ou o lado humano, mas não ambos os lados.

«...forasteiros...» O termo grego «parepidemeo» é o cognato verbal, que significa «residir por pouco tempo» em uma localidade. Assim, o substantivo «parepidemios» significa «exilado», «forasteiro». Isso indica que os crentes são «estrangeiros na terra», cujo intuito é ficar neste mundo apenas por um pouco, cujo lar real é os céus. (Ver I Ped. 2:11 onde Pedro, novamente, dá esse título aos crentes, juntamente com o termo *peregrinos*). Ver também Heb. 11:9, 13, 14, onde a metáfora é igualmente empregada). O décimo quarto versículo do presente capítulo mostra-nos que todos esses estrangeiros e peregrinos buscam o país celestial; e Paulo, em Fil. 3:20, mostra que o verdadeiro lar do crente é o mundo eterno e celestial.



Portanto, aquele é o mundo que deve ser o objeto de nossa fé, de nossa esperança e de nossa conduta diária (ver Heb. 11:1). Essa palavra é usada com um sentido especial, nesta epístola, porquanto aqueles a quem se escrevia estavam sob o severo teste da perseguição. Muitos dentre eles seriam mortos, e o próprio autor não tinha ainda muito tempo de vida. Em breve estariam naquele país distante, deixando para trás sua habitação temporária desta esfera terrestre. (Quanto ao título aplicado aos hebreus, espalhados pelo mundo inteiro, ver Gên. 22:4 e Sal. 39:12). Mas, nesta primeira epístola de Pedro os crentes são focalizados, sem importar se são judeus ou gentios.

«...da Dispersão...» (Ver as notas expositivas sobre isso, em João 7:35). No N.T., essa palavra é usada em três lugares, a saber, João 7:35; Tia. 1:1 e I Ped. 1:1. Esse termo, tal como os anteriores, foi aplicado a Israel, referindo-se às diversas deportações e dispersões deles entre as nações, isto é, entre assírios, babilônios e romanos. Mas tal vocábulo também passou a ser usado para indicar todos os judeus que viviam em países estrangeiros, por qualquer motivo que para ali tinham ido, de natureza violenta ou pacífica. Parte dessa dispersão era voluntária, usualmente por razões econômicas. Após as conquistas de Alexandre, muitos judeus migraram para países estrangeiros. Filo calculava que o número de judeus, somente no Egito, era de cerca de um milhão (ver *In Flaccum* vi). Estrabão, o geógrafo antigo, menciona, em uma época anterior à de Filo, que havia colônias judaicas que se tinham concentrado em certos lugares: «Esse povo já se instalou em cada cidade, e não é fácil descobrir algum lugar, no mundo habitável, que não tenha recebido elementos dessa nação, e onde seu poder não se tem feito sentir». (Citado em Josefo, *Antiq.* xiv.7.2). A história comprova a veracidade dessa avaliação. Fora do Egito, havia grandes colônias de judeus na Ásia Menor, na Síria e na própria capital do império. Desta, entretanto, os judeus foram expulsos, em 139 A.C., e uma vez mais, nos tempos neotestamentários; mas terminavam sempre por voltar. Aprendemos que a dispersão não estava confinada ao império romano. Também havia numerosas colônias judaicas na Pérsia. (Ver Atos 2:9-11).

Pedro, pois, considerava que os cristãos, tal como os judeus, habitavam em muitas áreas geográficas diferentes, mas nunca se sentindo inteiramente em casa. Isso também era uma «dispersão», pelo que lhes dá esse título. Eram como uma nação que habitavam em muitos países estrangeiros, espalhados, peregrinos e forasteiros na terra.

«Os crentes sabem que são peregrinos que vivem em um vale de formação de alma, em uma escola terrena de aperfeiçoamento da vida, em um lugar onde até o Filho do homem foi 'aperfeiçoado pelos sofrimentos'. Eles conhecem a verdade das palavras dos escritos da epístola aos Hebreus, que relembrou a seus amigos que Deus pune amorosamente a seus filhos, a fim de torná-los 'participantes de sua santidade' (Heb. 12:10), para levá-los à maturidade, se assim se exercitam e são ensinados». (Homrighausen, *in loc.*).

Prossegue o mesmo autor: «A existência humana é posta dentro do contexto da eternidade; sua origem, sentido e destino estão presos a coisas invisíveis, apenas esperadas. As coisas próprias do outro mundo não são populares porque ninguém deseja ser tachado de pessoa irrealista, utópica.

2 κατὰ πρόγνωσιν θεοῦ πατρὸς, ἐν ἁγιασμῷ πνεύματος, εἰς ὑπακοὴν καὶ ῥαντισμὸν αἵματος Ἰησοῦ Χριστοῦ· χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη πληθυνθεῖη.

1:2: eleitos segundo a presciência de Deus Pai, na santificação do Espírito, para a abundância e asperado de sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.

«...eleitos...» O original grego não se encontra aqui esta palavra, pois os tradutores a repetiram aqui, com base no primeiro versículo, a fim de ser obtida maior clareza no português. (Ver as notas expositivas ali; ver Efé. 1:4 quanto a notas expositivas completas sobre a eleição).

«...segundo a presciência de Deus Pai...» Aqueles que não podem incorporar em sua teologia e mentalidade a idéia que Deus escolhe a alguns e deixa de lado a outros, como se isso fosse algo contrário ao bom senso e à justiça, se têm agarrado a esta simples expressão, como se ela quisesse dizer: «Aqueles a quem Deus previu que criariam, a esses ele elegeu». Naturalmente, não é isso o que indica o original grego, e nem sua tradução. Não há aqui qualquer indicio de «fé prevista». Antes, foram previstas as «pessoas», aqueles que anteriormente foram conhecidos por Deus, por serem amados por ele. Notemos que, no vigésimo versículo deste capítulo, Cristo também é considerado como «conhecido de antemão»; e certamente, nesse caso, não pode haver pensamento de fé prevista. (Comparar com Amós 3:2, que diz: «De todas as famílias da terra somente a vós outros vos escolhi, portanto eu vos punirei por todas as vossas iniquidades»). Portanto, esse termo tem a idéia de cuidado anterior, de favor previamente conferido a alguém, e não do mero conhecimento de como os homens corresponderiam ao evangelho. Notemos ainda, em Rom. 8:29, que o povo conhecido de antemão também é o povo predestinado. Ali, por igual modo, não há nenhuma idéia de «fé prevista». A tradução inglesa de Williams, aqui vertida para o português, diz: «Aqueles em quem Ele pôs seu coração de antemão» (em lugar de «conheceu antes»); e esse, sem dúvida, é o sentido da frase. (Ver as notas expositivas em Rom. 8:29, onde há um estudo mais completo dessa idéia, inerente ao conhecimento prévio de alguém por parte de Deus).

Isso não quer dizer, como é claro, que o homem não tenha genuíno livre-arbítrio. Esse também é um ensino essencial do evangelho; mas é um outro lado da questão, não abordado no presente texto. Porém, sempre se evidencia no esquema inteiro da salvação. O arrependimento, a fé, a conversão, a santificação—tudo tem seu lado divino e seu lado humano. O

idealista ou anti-social. As pessoas que se mostram *pias* provocam risos de escárnio, porque isso indica certo escape das responsabilidades desta vida. No entanto, a grande verdade da questão é que os homens, todos os homens, são peregrinos, nascidos para a intranquilidade e para uma vida agitada. A vida do homem é breve e precária. Ele pode perceber que o 'Ponto', sem importar se está nos Estados Unidos, na Rússia ou nas ilhas Fiji, não é sua habitação eterna; e que a terra, por mais bela e abundante que pareça, não pode satisfazer, afinal, as mais profundas necessidades humanas, porquanto a existência humana é algo frágil e interrompido. O crente reconhece tudo isso e mais ainda. Embora se ache exilado, não cede lugar ao desespero. Porque a sua vida está centralizada em um lar permanente, ele aceita sua vida de dispersão e faz o realismo de sua cidadania celestial exercer efeito sobre essa condição fugidia, já que percebe que a ordem eterna de sua vida celeste e de sua ordem humana, estão em conflito neste mundo. O antigo apologeta expressou isso bem, quando disse: 'Os crentes habitam em sua própria pátria como peregrinos. Compartilham de todas as coisas externamente, como se fossem cidadãos, e suportam tudo como se fossem estrangeiros. Cada terra estrangeira lhes perience, e cada país é estrangeiro' (Epístola a Diogneto, 5:5).

«...Ponto...» Temos com esse nome uma faixa costeira ao norte da Ásia Menor, e que se estende desde a Bitúnia, no ocidente, até às terras altas da Armênia, ao oriente. (Ver Atos 2:9 quanto a notas expositivas completas sobre esse lugar).

«...Galácia...» Essa foi a área explorada por Paulo, em sua primeira viagem missionária, no centro da Ásia Menor, onde se situavam as cidades de Antioquia da Pisídia, Listra, Icônio e Derbe. (Ver a introdução à epístola aos Gálatas, na porção intitulada «Identificação dos Gálatas»; e ver Atos 13:13 e as notas expositivas ali existentes, na parte intitulada «Quem eram os Gálatas, para quem Paulo escreveu?»).

«...Capadócia...» Essa fica na porção sudeste da Ásia Menor. Ver as notas expositivas em Atos 2:9.

«...Ásia...» (Notas expositivas completas sobre essa área aparecem em Atos 2:9 e 19:10). Ficava na porção noroeste da Ásia Menor, onde havia as cidades de Éfeso, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia, Esmirna, Lileu e Trôade. (Ver os capítulos segundo e terceiro do livro de Apocalipse quanto às sete epístolas às igrejas das sete cidades da Ásia Menor, onde há notas expositivas sobre cada uma delas, individualmente).

«...Bitúnia...» Ficava no extremo norte da Ásia Menor, margeando o mar Negro. (Ver Atos 16:7 quanto a notas expositivas sobre essa antiga localidade).

Todas as áreas acima mencionadas vieram a ser incorporadas na moderna Turquia. Esses cinco distritos formavam quatro províncias romanas, pois o Ponto e a Bitúnia eram contados apenas como uma província. Foram unidos, formando uma única província, em 64 A.C.

É possível que os cinco distritos aqui mencionados apareçam na ordem lida porque o portador da epístola levaria cópias da mesma a esses distritos, nessa ordem; ou então, a epístola foi enviada de uma para outra dessas localidades, nessa ordem.

2 Εἰς ὑπακοὴν καὶ ῥαντισμὸν αἵματος Ἰησοῦ

2 πρόγνωσιν θεοῦ Ro 8:29 ἁγιασμῷ πνεύματος 2 Tm 2:13 ῥαντισμὸν

αἵματος Ro 12:24

Esprito de Deus inspira a todos. Sem Deus, ninguém poderia existir, e nem alguém poderia aproximar-se de Deus, pois o homem está irrevogavelmente decalado, sem a «ajuda divina». Contudo, no arrependimento, um homem pode corresponder por sua própria vontade; pela fé, ele deve exercer sua vontade, a fim de que creia; na santificação, deve aceitar o poder transformador do Espírito. Todos esses aspectos do caminho para Deus, embora constituam um único caminho em Cristo, têm dois lados, duas pistas. A salvação não consiste apenas na pista divina; também consiste na pista humana. Envolve o que Deus faz pelo homem, mas também envolve o que o homem faz, em reação favorável a Deus. Toda a experiência humana comprova isso. Não possuímos nenhuma maneira excelente de reconciliar essas «duas pistas de uma única estrada»; mas para cada um desses aspectos há provas bíblicas abundantes, demonstradas na experiência humana. Assim é que Deus elege, predestina; mas o homem deve corresponder. Todos são potencialmente eleitos de um modo que não sabemos explicar logicamente. No entanto, a verdade transcende à lógica humana. Chamamos de paradoxo ao ensino da eleição e do livre-arbítrio humano, ou seja, uma verdade que é aparentemente autocontraditória. Mas a contradição existe apenas na compreensão humana, e não na própria verdade.

Assim sendo, erramos quando supomos que a opinião calvinista ou a opinião arminiana estão plenamente corretas ou totalmente errôneas. Ambas essas posições apresentam certa verdade; mas ambas são míopes, não podendo ver o outro lado respectivo. Não se deve pensar que a verdade pode ser reduzida a um único sistema teológico, ou que um sistema de pensamento possa conter toda a verdade, e nada senão a verdade.

Quanto a notas expositivas completas sobre o livre-arbítrio humano, ver I Tim. 2:4.

«...em santificação do Espírito...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «santificação», ver I Tes. 4:3; quanto à santificação como algo absolutamente necessário à salvação, ver II Tes. 2:13). Todos os vocábulos de que nos utilizamos, como conversão, arrependimento, fé, santificação, glorificação, são apenas maneiras diferentes de descrever aspectos diversos da «salvação». Começa na fé e no arrependimento, que formam a conversão. A conversão vai sendo aperfeiçoada na santificação; e a santificação é levada à perfeição na glorificação. Todos esses aspectos formam como que



uma corrente de ouro, que se estende da terra aos céus; e, se qualquer dos elos dessa corrente se partir, a subida para Deus é impossível. O extremo inferior dessa corrente, que começa na terra, desce até qualquer abismo, até qualquer lugar de degradação. O arrependimento nos acha onde nos encontramos; não precisamos subir a um nível mais alto para começar; deace até onde nos achamos. Porém, na conversão, e então na santificação, começamos a subir para Deus. Na santificação começamos a compartilhar da própria santidade de Deus, da qual teremos de participar plenamente—e isso envolve tanto o ser livre do pecado como o participar das virtudes positivas de Deus, como o amor, a bondade, a justiça, a gentileza, etc. (Ver as notas expositivas sobre o «fruto do Espírito», em Gál. 5:22,23).

#### O Alvo Da Santificação

1. A santificação tem seus primórdios originários na eleição; e uma vez que se desenvolve em realidade, ela se torna um meio da eleição. Temos visto isso nas referências anteriormente sugeridas, e o presente versículo indica outro tanto.

2. O Espírito Santo é o agente da santificação, pois, afinal de contas, trata-se de uma realização divina. Requer a cooperação humana e isso se concretiza mediante o uso dos meios de desenvolvimento espiritual, como o estudo dos documentos sagrados, a oração, a meditação, a prática da lei do amor, bem como o emprego dos dons espirituais, no cumprimento de nossas respectivas missões e na santificação.

3. O alvo é elevadíssimo: antes de mais nada, a própria natureza santa de Deus está sendo implantada em nós, conforme é esclarecido nas notas sobre Rom. 3:21.

4. A perfeição de Deus é o alvo da santificação (ver Mat. 5:48). Chegaremos a participar da natureza do Pai, porquanto somos filhos de Deus e estamos sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10).

5. A participação na natureza metafísica de Deus é o resultado da inquirição após a perfeição (ver II Ped. 1:4). Isso nos conferirá a plenitude divina (a natureza e os atributos de Deus), conforme se aprende em Efé. 3:19. Essa transformação é levada a efeito em conformidade com a imagem do Filho, o qual é o arquétipo da nossa salvação (ver Col. 2:10 e Rom. 8:29).

«...Espírito...» (Quanto a notas expositivas completas sobre o «Espírito», ver Rom. 8:1. Quanto à «Trindade», ver I João 5:7. Quanto à «divindade de Cristo», ver Heb. 1:3). Quanto a Deus, ver a secção da introdução ao comentário que versa sobre esse tópico. Vários artigos aparecem ali, alguns de autoria de teólogos bem conhecidos.

«...para a obediência...» A santificação conduz à genuína obediência cristã, ao cumprimento da vontade de Deus na vida do crente. Cristo é o objeto dessa obediência, porquanto é em sua imagem que estamos sendo transformados.

«...aspersão...» No grego é usado o termo «*rantismos*». A alusão é às aspersões ritualistas de sangue ou água, segundo o culto vetotestamentário. (Ver Núm. 19:19,21). Nesse mesmo capítulo, nos versículos nono e décimo terceiro, há alusão à água misturada com as cinzas de uma novilha. Isso é comentado em Heb. 9:13. As idéias de purificação, consagração e expiação pelo pecado são inerentes aos tipos simbólicos do A.T. A passagem de Êxo. 24:7,8 menciona o ato original de aspersão, sob o antigo pacto. Isso levou Israel ao lugar onde podia compartilhar das divinas bênçãos, em estado de reconciliação com o Senhor, mediante o perdão dos pecados e a santificação da alma. (Ver Heb. 9:13-15 quanto a um comentário a esse respeito, no que concerne aos crentes). Mediante a expiação pelo sangue de Cristo e a

#### II. Ação de Graças (1:3-12).

1. Pela misericórdia e esperança, mediante a ressurreição de Cristo (vs. 3).

Tal como nas introduções paulinas, são mencionadas aqui muitas verdades cristãs fundamentais. Todas essas verdades foram comentadas em outros lugares, como segue: 1. A misericórdia (Efé. 2:4; I Tim. 1:2 e Tito 3:6). A misericórdia faz parte da salvação, dentro das «epístolas pastorais», em I Pedro, em II João e em Judas. 2. O novo nascimento (João 3:3-5). 3. A esperança (Rom. 8:24,25). 4. A ressurreição (em suas teorias sobre a ressurreição de Cristo) (Luc. 24:6); em seu fato e significado (I Cor. 15:20). Portanto, os comentários sobre o presente versículo terceiro são limitados a explanações sobre o propósito particular da menção de cada uma dessas grandes verdades cristãs, dentro do contexto da presente epístola.

A saudação, nesta epístola, agora passa para uma doxologia de ação de graças, devido às grandiosas realidades espirituais da fé e da esperança cristãs. A ressurreição é o alicerce de tudo isso; e esse fora o fato que transformara totalmente a vida de Pedro; e ele a vê como o agente transformador dos homens de toda a parte. Tem o poder de transmutar a tragédia humana em triunfo; e todos os homens precisam desse mesmo evento transformador, embora de diferentes maneiras.

3 Εὐλογητὸς ὁ θεὸς καὶ πατὴρ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ κατὰ τὸ πολὺ αὐτοῦ ἔλεος ἀναγεννήσας ἡμᾶς εἰς ἐλπίδα ζωῆς δι' ἀναστάσεως Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐκ νεκρῶν,

3 Εὐλογητὸς...Χριστοῦ I Cor 1:3

1:3; Bendito seja o Deus o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,

«...Bendito o Deus o Pai...» No grego é usado o termo «*eulogetos*», «bendito», «louvado». Essa expressão é de uso freqüente na literatura judaica, e um dos títulos atribuídos ao Ser Supremo, é «o Bendito». Um pronunciamento de louvor a Deus, nas cartas judaicas, tal como aqui, era de uso comum, imediatamente após a saudação inicial. Tal uso, aqui e na segunda epístola aos Coríntios e na epístola aos Efésios, sem dúvida imita esse estilo. Deus é bendito em seu ser, sendo louvado por todas as criaturas. É justo, pois, que os homens o louvem com suas palavras e com suas vidas, pois ele é a fonte de todo o bem-estar; e não há que duvidar que isso deve ser reconhecido na presente expressão. Tal palavra é empregada por oito vezes no N.T., sempre indicando a Deus Pai, exceto em Rom. 9:5, onde é atribuída a Cristo, considerado em sua divindade. Em II Cor. 1:3 e Efé. 1:3 é palavra usada na introdução, tal como aqui, onde Deus é retratado como o Deus o Pai de nosso Senhor, Jesus Cristo. (Ver o termo usado em Marc. 14:61; Luc. 1:68; Rom. 1:25; 9:5; II Cor. 1:3 e 11:31. Ver as notas

santificação pelo Espírito, os crentes chegam a compartilhar das realidades do Novo Pacto, primeiramente através da purificação da má consciência, em que o crente pode servir ao Deus vivo, e, finalmente, através da herança eterna. (Ver Rom. 3:25 e as notas expositivas ali existentes, sobre a «expiação pelo sangue»; e ver Rom. 5:11 quanto a notas expositivas completas sobre a «expiação». Comparar também com Heb. 9:19 e 12:24. Essa última referência menciona diretamente ao sangue de Jesus quanto à aspersão). No presente texto, a aspersão também incorpora a idéia da «purificação diária» do pecado, o que é necessário para o andar na obediência e para a santificação progressiva.

*Nota:* A eleição nos traz esses benefícios: a. a expiação pelo sangue de Cristo; b. a santificação; e c. a herança na vida eterna. (Ver João 3:15 quanto a notas expositivas completas sobre a «vida eterna»). A vida eterna consiste na participação na «modalidade da vida» de Deus, e não meramente na vida sem fim, segundo se aprende em João 5:25,26 e 6:57, onde esse conceito é comentado.

«...Jesus Cristo...» Notemos aqui a fórmula trinitária: Pai, Filho e Espírito Santo, pois todos são ativos em nossa salvação. (Ver as notas expositivas sobre «Jesus», em Mat. 1:1,21; sobre «Cristo», em Mat. 1:16. Quanto a um artigo sobre a identificação, a vida e os ensinamentos de Jesus, ver a introdução ao comentário, entre vários artigos gerais, no volume que dá início à série).

«...Graça e paz...» (Quanto a notas expositivas completas sobre essa forma de saudação, comum nos escritos de Paulo, ver Rom. 1:7 e I Cor. 1:3. Quanto à «graça», discutida teologicamente, ver Efé. 2:8; quanto à «paz» ver João 14:27 e 16:33; quanto à «paz» como um dos aspectos do «fruto do Espírito», ver Gál. 5:22. Essas notas expositivas são ilustradas com poesias).

«...multiplicadas...» Essa adição faz a saudação tornar-se quase impar. Mas ela também se acha em II Ped. 1:2 e Jud. 2. Indica o desejo do autor que seus leitores tenham graça em «abundância» e paz operante em suas vidas. Considerando-se as perseguições a que vinham sendo sujeitos, vemos que esse desejo expresso era bem justificado. Precisavam dessa abundância da graça divina, se quisessem estar firmes diante de Deus. Essa palavra é bastante comum nas saudações judaicas, as quais envolvem o desejo de «paz» para as pessoas saudadas. (Ver Talmude Hieros. Maaser Shené, fol. 56.3; Talmude Babilônico Sanhe., fol. 112).

Observação sobre a «expiação pelo sangue». Havia uma antiga superstição de que o animal ficava carregado da virtude e do poder do deus sobre cujo altar o animal era sacrificado. Em Homero, Od. xi. 36. 95, 152 232, os deuses inferiores ou fantasmas que lambiam o sangue, supostamente derivavam seu vigor físico desse ato. O N.T., naturalmente, não promove qualquer idéia assim. O sangue se torna o símbolo da vida de Cristo, que foi dada em favor dos homens, em sacrifício e expiação, ou seja, símbolo das virtudes e benefícios derivados dali.

*Nota sobre a obediência:* Devemos nos lembrar, em conexão com isso, que ninguém tem a Cristo como Salvador, se também não o tem como Senhor. (Ver Rom. 1:4 acerca desse título de Cristo e seu «senhorio»). Esse versículo combate a «crença fácil». O evangelho tem suas exigências; e a obediência está inclusa. A fé consiste na «outorga da alma» a Cristo, envolvendo a vida inteira e sua dedicação a ele, e não meramente a aceitação de certos itens de um credo. (Ver Heb. 11:1 quanto a notas expositivas sobre a «fé», segundo o N.T.).

3 εκ νεκρ. om 242 sy<sup>p</sup> Aug

expositivas a respeito em II Cor. 1:3). A passagem de II Cor. 11:31 também a envolve, na doxologia, de modo quase idêntico ao que se vê no presente texto.

«...o Deus o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo...» (Ver as notas expositivas sobre essa expressão em Efé. 1:3. Ela também ocorre em II Cor. 1:3). O «Pai» revela a sua graça através do «Filho» aos «filhos», os quais estão sendo transformados em sua imagem, de modo a virem participar de sua própria natureza. Desse relacionamento é que fluem todas as realidades e bênçãos espirituais.

Maltby, falando sobre a atitude dos primitivos cristãos, diz: «Quando faziam as suas orações a Deus, à noite, havia um outro Rosto na tela de suas mentes, e eles dormiam pensando em Jesus». (Na obra de Frederic Greeves, *The Christian Way*, pág. 39). Essa é a distinta contribuição do cristianismo. Aquilo que Deus confere aos homens, aquilo que ele faz em prol deles, é tudo por meio do Filho. Assim a salvação aparece como uma relação filial. Tudo quanto ela inclui, são provisos de Deus Pai a seus filhos, por intermédio do Irmão mais velho, Jesus Cristo.

«...segundo a sua muita misericórdia...» Pode-se compreender melhor a



misericórdia quando a vemos como um sinônimo virtual da «graça» (com notas expositivas em Efé. 2:8; quanto a notas expositivas sobre a «misericórdia», ver a introdução ao presente versículo, onde são dadas referências). Tanto a «graça» como a «misericórdia» dizem-nos aquilo que Deus faz por nós, que não é de conformidade com os nossos méritos. A ressurreição de Cristo, que é a base de todos os benefícios espirituais mencionados neste versículo, foi um ato de Deus. A nossa transformação segundo a imagem de Cristo, a fonte de todo o nosso bem-estar espiritual, é um ato do Espírito de Deus (ver II Cor. 3:18). Toda a nobre potencialidade que houver em nós, e que, finalmente, deverá conduzir-nos à participação na divindade, se baseia, antes de tudo, no ato misericordioso de Deus, que se baixou para encontrar-se com o homem, com o intuito de transformá-lo. Naturalmente, exige-se a reação humana favorável; mas, neste ponto, o autor sagrado mostra-nos apenas um dos lados da moeda, a mais importante, aquela que torna válido o outro lado. A misericórdia de Deus é aqui descrita como *muita*, isto é, *abundante*, devido à sua intensidade e poder de operação.

«...*nus regenerou...*» No grego é «*anagennao*», «gerar novamente», «fazer nascer de novo», palavra usada somente aqui e no vigésimo terceiro versículo deste mesmo capítulo, embora a ideia se ache em outros lugares, no N.T., expressa com outros termos.

1. Salvação é conceito sinônimo de «filiação». Aquilo que porventura pudermos dizer a respeito da filiação, é exatamente o que poderemos dizer sobre a própria salvação. Obtemos a salvação tornando-nos filhos de Deus, segundo os moldes do Filho de Deus. Isso envolve certo número de implicações.

a. Participação na natureza e atributos do Filho (ver Col. 2:10) e tornarmo-nos a sua plenitude (ver Efé. 1:23). Participação em sua santidade (ver I João 2:29 e Tito 3:5).

b. Participação em sua herança, não como sub-herdeiros, mas como co-herdeiros (ver as notas a respeito, em Rom. 8:17).

c. Tornarmo-nos uma espécie completamente nova de ser muito superior aos seres angelicais (ver II Ped. 1:4 e Efé. 3:19).

d. Chegarmos a compartilhar da vida independente e necessária de Deus Pai (ver João 5:25,26), de modo a obtermos a verdadeira imortalidade.

e. Compartilharmos da glorificação do Filho (ver Rom. 8:30).

2. Participaremos dessa glória mediante a ressurreição (ver as notas sobre isso em I Cor. 15:20), pois somente assim é que adquiriremos a natureza de Cristo, no que concerne ao corpo ressurto, mas também no que se relaciona à própria natureza da alma, que será transformada a fim de compartilhar da mesma forma de vida do Filho.

3. O novo nascimento é uma nova criação (ver II Cor. 5:17). Em termos presentes e práticos, consiste de «revestir-se do novo homem» (ver Efé. 4:24). Por enquanto já houve em nós uma certa transformação, mas esta foi apenas o primeiro passo, porquanto uma glória maior ainda se seguirá.

4. A própria glorificação será um processo eterno. Nesse processo, passaremos de um estágio de glória para outro, na medida em que formos compartilhando da natureza do Filho. (Ver as notas em II Cor. 3:18 sobre esse conceito).

«...*viva esperança...*» A palavra «viva» é favorita de Pedro. (Ver I Ped. 1:23; a «Palavra viva» de Deus; 2:4; Cristo como «pedra viva»; 2:5, os crentes como «pedras vivas» do templo espiritual; 2:24, a «espiritualidade viva», por estarmos mortos para o pecado; 4:5, Cristo como juiz dos «vivos»; 4:6, os perdidos vivem no hades, por misericórdia divina e pelo poder de Cristo, recebendo certo tipo de existência espiritual, devido à provisão sem limites de Cristo, a qual também não conhece os embargos do tempo).

Esperança viva. A ideia é que essa esperança envolve vida espiritual, a qual, embora desfrutada agora parcialmente, é intensamente desejada em toda a sua plenitude. Essa é a «esperança da vida eterna» (Tito 1:2); a esperança que não nos envergonha (Rom. 5:5); a esperança da glória de Deus (Rom. 5:2); a esperança mediante a qual somos salvos (Rom. 8:24); a esperança da justiça (Gál. 5:5); a esperança do nosso chamamento (Efé.

## II. Ação de Graças (1:3-12).

### 2. Pela herança eterna (vs. 4).

(Quanto a notas expositivas completas sobre a «ação de graças», ver I Tes. 5:18).

O agradecimento expresso por Pedro inclui agora a herança eterna, o objeto da esperança cristã. (Notas expositivas completas sobre a «herança» aparecem em Rom. 8:17). Isso significa muito mais do que vir a possuir «coisas celestes», que também pertencem a Cristo. Indica possuir tudo quanto está associado à filiação, a começar pela participação na verdadeira filiação, entrando pela participação na natureza de Cristo, em suas perfeições e em sua divindade (ver Rom. 8:29; Efé. 1:23; Col. 2:10 e II Ped. 1:4). Na qualidade de *seres* tremendamente glorificados, naturalmente participaremos das coisas celestiais. Mas erramos em reduzir nossa herança eterna a um mero conceito materialista: «O que obterei? quão grande e bela será a minha mansão celestial? De quantas coisas consistirá a minha herança nos céus?» Todos esses pensamentos são vãos. Bem pelo contrário, nossa herança consiste daquilo que Deus faz em nós e conosco, e não essencialmente o que ele nos dá, na forma de bênçãos *externas*, embora isso também seja incluído. Deus expandirá infinitamente os limites de nosso ser; duplicará Cristo em nós. Na qualidade de seres assim, receberemos missões de vasta e eterna importância, tornando-nos instrumentos de sua glória, para realização de suas obras; o nosso progresso nunca conhecerá ponto final, porquanto haveremos de «participar de toda a plenitude de Deus», das suas perfeições, de seus poderes e de sua natureza. Ora, visto que Deus é infinito, nossa participação também será um processo infinito. Porquanto existe uma infinitude daquilo de que seremos cheios, também deverá haver um enchimento infinito.

4 εἰς κληρονομίαν ἀφθαρτον καὶ ἀμείαντον καὶ ἀμάραντον, τετηρημένην ἐν οὐρανοῖς εἰς ὑμᾶς

1:4; para uma herança incorruptível, imutável e imarcescível, reservada aos céus para vós,

«...*incorruptível...*» No grego é «*aphthartos*», isto é, «imperecível», «incorruptível», «imortal», em contraste com esta terra perecível e com a possessão da mortalidade, pois todos os tesouros terrenos se dilapidam. A antiga terra de Canã era uma herança da Israel terrestre; mas era apenas

1:18 e 4:4); a esperança do evangelho (Col. 1:23); a esperança em nosso Senhor Jesus (I Tes. 1:3); a esperança que vem através da graça (II Tes. 2:16); a esperança na bem-aventurada volta de Cristo (Tito 2:13); a esperança que causa regozijo (Heb. 3:6); a plena certeza da esperança (Heb. 6:11). Essa esperança serve de âncora da alma (Heb. 6:19); é melhor que a esperança própria do A.T. (Heb. 7:19); está firmada em Deus (I Ped. 1:21); é razoável (I Ped. 3:15); é purificadora (I João 3:3). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «esperança», ver Rom. 8:24,25).

A esperança é subjetiva. Essa é a atitude espiritual de expectação. Mas também é objetiva, quando indica «aquilo que é esperado». Sempre que se manifesta a atitude de expectação, há também o «objeto» dessa expectação, pelo que esses dois aspectos são inseparáveis, embora um lado ou outro possa ser enfatizado. Neste ponto está em foco a esperança «subjetiva».

Essa esperança é «viva» porque é vivificada e tornada real pela ressurreição de Cristo.

«...*mediante a ressurreição...*» Participamos da ressurreição de Cristo mediante o contacto místico com o Espírito Santo. Esse princípio é esclarecido nas notas expositivas sobre Rom. 6:3. O Espírito aplica a nós os benefícios e o poder da ressurreição de Cristo, insuflando em nós sua modalidade de vida espiritual, literalmente transformando nosso tipo de ser e de vida no tipo de ser e de vida de Cristo; e isso faz de nós seres novos, espiritualizados cada vez mais. Desse modo deixamos para trás o «eu» carnal, morto, próprio do presente sistema mundano, tornando-nos cidadãos do mundo eterno. Isso é muito mais que mera motivação. Antes, é uma realidade viva de espiritualização, operada pelo poder residente de Deus. E vamos sendo transformados em seres diferentes, muito diferentes. Já que somos seres diferentes, participamos de sua santidade, perfeição e natureza. É isso que a ressurreição faz em nosso favor. Não é apenas uma teoria e nem palavras bonitas; é uma realidade do íntimo. Crescemos de acordo com nosso desenvolvimento espiritual, através dos meios de avanço espiritual, como o estudo, a oração, a meditação, a experiência mística, a possessão e o uso dos dons espirituais.

«...*de Jesus Cristo...*» (Quanto à «ressurreição de Cristo», ver Luc. 24:6; quanto ao «fato e ao significado da ressurreição», ver I Cor. 15:20, onde a natureza do corpo ressurto também é explicada). Quando recebermos esse corpo ressurto, veículo espiritual da alma (porquanto não será material ou formado de partículas atômicas, e, sim, será uma pura forma espiritual), começaremos a compartilhar de seu tipo de natureza; tornar-nos-emos seres transcendentais, verdadeiros filhos de Deus no sentido mais literal possível, amoldados segundo a imagem do Filho. (Ver I João 3:2).

Notas adicionais sobre as ideias constantes neste versículo: Quanto ao «louvor a Deus», que é o Deus de Cristo, o Filho, ver também II Cor. 1:3; 11:31; Efé. 1:3; Rom. 15:6; o Deus de Jesus, Mat. 26:46; João 20:17; Efé. 1:17; Heb. 1:9; Apo. 1:6 e 3:2,12. Quanto a Jesus como «Senhor», ver as notas expositivas completas sobre esse título, bem como sobre o «senhorio de Cristo», em Rom. 1:4.

A *esperança viva*: «Essa viva esperança se alicerça sobre a ressurreição. A páscoa é um evento pessoal sem igual; não é como a chegada inevitável da primavera. Nem fica dentro da categoria de ovos chocos, bonecos em grande quantidade ou as vestes festivas em parada. A ressurreição significa que Jesus se levantou dentre os mortos; e que tudo quanto ele disse, fez e foi, veio à vida por um ato criativo de Deus. É isso que celebramos a cada dia do Senhor. A páscoa significa: Jesus Cristo vive. A luz, a vida e o amor de Deus, que brilhava nele e através dele, é algo real, verdadeiro e permanente. A ressurreição, «É o triunfo coroador da vida neste universo criado» (Homrighausen, *in loc.*, fazendo uma citação extralda da *Speaker's Bible*).

«Quão pobres parecem os discursos terrenos quando os confrontamos com o glorioso quadro que será revelado em nós! A herança da esperança cristã requer, a fim de ser descrita, aquelas palavras indescrevíveis que o apóstolo Paulo ouviu no paraiso, mas que não podia expressar». (R. Rawson Lumby, *in loc.*).

uma possessão material, oferecida a homens mortais. Há uma pátria celestial, com uma cidade imperecível; esse é o lar da alma; é imortal; não conhecerá decadência, diminuição ou modificação. Está longe da destruição da guerra, das doenças, da modificação e da mudança do tempo. Não pode ser destruída, conforme diria aqui o grego, mais literalmente, porquanto «phtheiro» significa «destruir».

«...*sem mácula...*» No grego é «*amiantos*», isto é, «sem mancha». O termo



grego «miaino» é a forma verbal sem o «a» privativo. Significa «manchar», «tingir», «sujar», «poluir». Um tesouro terreno pode ser maculado ou sujo. Substâncias estranhas podem manchar o tesouro formado por roupas luxuosas: a ferrugem pode corroer o metal das moedas. Mas a nossa possessão celestial está além da possibilidade de qualquer modificação indesejável. É incapaz de poluição moral ou espiritual, bem como de qualquer degradação.

«...imarcescível...» No grego é «amarantos», isto é, «que não desaparece», usada para supostas flores espirituais, que florescem eternamente, segundo se vê no livro apócrifo Apocalipse de Pedro. Os tesouros celestiais não podem perder sua fragrância, como fazem as flores, ao murcharem. A palavra é aqui usada metaforicamente, indicando certa forma de bem-aventurança celestial e certo bem-estar espiritual, que não pode sofrer decadência, desintegração ou mudança para pior. Sua glória original não pode desaparecer ou diminuir; manter-se-á perenemente fresca, viva e gloriosa. A derivação verbal, sem a partícula privativa, «a», é «maraino», a qual significa «extinguir», «apagar», «definhar», «desintegrar-se». Até mesmo as tinturas das roupas mais excelentes, que eram um importantíssimo item dos tesouros antigos, podem esmaecer, e as vestes podem tornar-se inúteis. Tal coisa jamais poderá suceder à herança dos eleitos, na glória.

«...reservada nos céus para vós outros...» A herança plena será recebida no mundo eterno. Notemos aqui o plural, «...céus...» Os antigos pensavam em diversos níveis de glorificação, que envolveriam numerosos planos dos universos espirituais. (Isso é comentado em Ef. 1:3). O conceito antigo, de pluralidade de céus, é muito melhor que o moderno, pois representa melhor a realidade dos fatos.

«...reservada...» É usada a linguagem de um «tesouro mantido em segurança», fora do alcance de assaltantes, tal como em Mat. 6:19 e ss.

## II. AÇÃO DE GRAÇAS (1:3-12).

### 3. Pelo poder resguardador de Deus (vs. 5).

Pedro vinha descrevendo as verdades cristãs cardiais, os elementos de valor inestimável daquilo que Deus faz pelo homem, por meio de Cristo: a eleição, o novo nascimento, a esperança, a ressurreição e a herança. Todas essas coisas necessariamente envolvem o poder de Deus, pois obviamente estão fora do alcance dos poderes humanos. Portanto, agora é expresso reconhecimento ao poder divino, tornando-se mais um motivo de agradecimento. Mas Pedro vê esse poder especialmente como um poder «resguardador», pois agora estava prestes a abordar a questão da perseguição, o teste da fé. O tesouro que Deus tem no homem, pois tornou-se este uma possessão e uma herança para Cristo, é *protegido*; e o poder protetor, conforme é aplicado ao homem, e mediante o qual o homem é capaz de tirar proveito da força divina, é a fé. É o poder de Deus que guarda, mas é a fé do homem que saca desse poder. A aplicação constante e ininterrupta da fé apropriada, leva, finalmente, à salvação em seus estágios finais. A segurança se baseia sobre a fé, tal como se vê em Col. 1:23. Fica claramente implícito (embora não diretamente dito nesse trecho) que a fé titubeante significará a perda do poder protetor de Deus. Não pode haver dúvidas razoáveis que alguns autores do N.T. algumas vezes tomam a posição arminiana, vendo a salvação como algo que pode ser hipoteticamente perdida, depois de haver sido ganha. Mas outros escritores sagrados, vendo a questão do ponto de vista divino, apresentam a posição calvinista sobre a questão da «segurança». (Em Rom. 8:39, neste comentário, o problema da «segurança eterna do crente» é ventilado amplamente, com uma lista dos vários versículos que representam ambos os lados, postos em foco).

No presente comentário se especula que a *queda* é algo relativo, isto é, pode acontecer, porquanto representa a condição da presente vida mortal. Mas que a «segurança» é algo absoluto. Em outras palavras, a segurança saberá representar, finalmente, o estado daquele que realmente confiou em Cristo. Isso significa que o Senhor trará de volta todos aqueles que porventura tiveram «caldo», ou algum tempo antes da morte, ou no mundo intermediário, em alguma esfera espiritual, mas antes que as questões eternas sejam fixadas, quando da vinda de Cristo. — (Ver as explicações em I Ped. 4:6, quanto ao fato que as questões eternas só serão fixadas quando da vinda de Cristo, segundo se aprende no N.T., e não quando ocorre à morte física de cada um). Portanto, até ao segundo advento de Cristo, a graça divina se mostra ativa em todas as esferas da existência, e a restauração é possível. Esse ponto de vista leva em conta tanto as Escrituras como a experiência humana. Esta última demonstra que os crentes verdadeiros podem, realmente, cair; alguns até chegam a perder inteiramente a fé. Contudo, em algum ponto, em algum tempo, Deus haverá de trazê-los de volta, pois essa é a promessa do grande Pastor (ver o décimo capítulo do evangelho de João e o oitavo capítulo da epístola aos Romanos). O poder resguardador de Deus, portanto, é finalmente absoluto, ainda que certos crentes voluntariamente venham a desviar-se por caminhos tortuosos, o que atrairá contra eles muitas disciplinas agonizantes.

ὅς τοὺς ἐν δυνάμει θεοῦ φρουρουμένους διὰ πίστεως εἰς σωτηρίαν ἐτοιμῇν ἀποκαλυφθῆναι ἐν καιρῷ ἐσχάτῳ.

ὅς τοὺς...φρουρουμένους Jn 10:28; 17:11

1:3; que pelo poder de Deus são guardados, mediante a fé, para a salvação que está preparada para se revelar no último tempo;

«...guardados...» No grego, essa palavra é um termo militar. Os crentes são «guarnecidos»; são guardados na fortaleza de Deus, e o próprio Deus é o guarda que monta sentinela. O tesouro deles é «guardado» pelo Senhor; e os próprios herdeiros do tesouro são resguardados sob a proteção divina. (Comparar com Fil. 4:7, onde é guardado ou «guarnecido», o «coração», palavra esta que indica o homem interior, o homem essencial, a alma; e isso pela paz de Deus, de tal modo que nenhuma tragédia terrena pode deixá-la devastada).

O Senhor, quando de sua vinda (ou «revelação») levantará o cerco que obterá a vitória final; entretanto, seus soldados estão sob a custódia protetora de Deus, não sofrendo qualquer dano final. Sofrem como outros sofrem; são perseguidos mais que os outros; mas não perdem a coragem e nem a fé, porque o Espírito de Deus insufla neles a fé e a esperança (ver Gál. 5:22), pois esses são aspectos do fruto do Espírito Santo.

«...poder de Deus...» Está em foco o poder de Deus, que dá ao homem seu desenvolvimento espiritual, o que garante a sua constância. É a infusão da imagem de Cristo no homem; e, sendo esse um processo ativo, ele é capaz de torná-lo um ser que está fora do alcance das tentações e perseguições do mundo. Sua fé não pode ser destruída por essas coisas, porque há uma constante comunhão mística do crente com o Espírito do Senhor. Porém, uma vez que seja cortado esse companheirismo, o poder começa rapidamente a desaparecer, e pode ser inteiramente perdido. Não há que duvidar que a experiência humana demonstra isso. Assim, se por um

Quão grande é esse tesouro! Quão seguro está ele em Cristo! Quão firme é para os que creem! (Comparar com Col. 1:5, a «esperança que vos está preservada nos céus...»). Por igual modo, a «coroa da justiça» está reservada para aqueles que amam a volta do Senhor (ver II Tim. 4:8). Essa herança é «guardada» pelo poder de Deus; está reservada em toda a sua grandeza e plenitude. É um tesouro incalculável.

Podeis contar o custo, podeis contar o custo  
De todos os tesouros do Egito!  
Mas as riquezas de Cristo não podereis contar;  
Seu amor não podereis medir!

(Jane E. Leeson)

Esta afirmativa pode ser contrastada com o vigésimo quarto versículo, onde a temporalidade da vida presente é frisada. Qualquer tesouro aqui é destruído ou furtado, e toda a existência finalmente haverá de ceder à decadência. Não acontecerá o mesmo com a herança celestial. Os tesouros terrenos são reunidos mediante a avarizia, e dificilmente se prestam para qualquer importância e uso. Ficam fora dos interesses do homem verdadeiramente espiritual. Usualmente surgem de mistura com o desprazer, com o sacrifício desnecessário, criando uma atitude de ansiedade acerca de sua retenção. Nenhum elemento assim desagradável acompanha o tesouro celestial.

«Todas as possessões deste mundo são contaminadas e maculadas por muitos defeitos e falhas: alguma coisa lhes falta, alguma coisa as embolora, alguma coisa as estraga—casas bonitas, mas profundas preocupações em torno do telhado forrado e dourado; leitos imponentes e fofos, e também uma mesa repleta, mas um corpo enfermo e um estômago dado a enjoos... Todas as possessões estão manchadas pelo pecado, ou devido à maneira de sua obtenção ou devido a seu modo de uso, pelo que também são chamadas de «mamom da injustiça» (ver Luc. 16:9). (Leighton, *in loc.*).

lado há um grande poder, por outro lado somos exortados a não estagnar, deixando de ser bons condutores do poder divino. Isso pode ser comparado com o trecho de Heb. 5:11-14, que nos apresenta a possibilidade de apostasia, no seu sexto capítulo. Aqueles que não fazem qualquer progresso, que ficam estagnados, que são crianças espirituais, quando desde há muito deveriam ser adultos espirituais, ficam espiritualmente atrofiados. Não é preciso nenhum grande assalto do inimigo para derrotá-los; começam a desviar-se, e então descambam completamente para o erro. O mesmo poder de Deus, que ressuscitou a Cristo dentre os mortos (ver o terceiro versículo), opera agora nos homens, levando-os a participar da mesma forma de vida. Porém, se chegarem a rejeitar esse poder divino, mediante a desobediência e a rebeldia, ou meramente através da indiferença, correrão o perigo de perder sua qualidade protetora.

«...mediante a fé...» Agora o lado humano é frisado. O homem é convidado a responder ativamente. A salvação não é o grande programa de donativos de Deus. Ela exige a reação humana favorável; e a fé é essa reação, resultando na obediência e na constância. A fé consiste na «outorga da alma» aos cuidados de Cristo; não consiste na mera aceitação, ainda que sincera, de um credo qualquer, por mais ortodoxo que seja. Trata-se de uma transação da alma com Deus. Um homem vê a Cristo e diz: «Quero ser como ele». Esse é o primeiro passo da fé. Em seguida tal homem vai sendo transformado na imagem de Cristo, pelo Espírito, porquanto sua alma lhe foi dedicada—e isso é a fé em desenvolvimento. A fé provém do Espírito de Deus (ver Gál. 5:22); mas também deve ser uma reação humana favorável. É como uma estrada de duas pistas: a divina e a humana. Não será verdadeiro caminho se não tiver essas duas pistas. Mas, se as tiver, será o



caminho de volta para Deus. (Quanto a notas expositivas completas sobre a fé, ver Heb. 11:1, onde aparecem poemas ilustrativos). A fé pode ser «subjetiva», isto é, a reação da alma de um homem diante de Cristo; ou pode ser «objetiva», isto é, aquilo em que se vê, o credo cristão ou o cristianismo. Esse uso é limitado às «epístolas pastorais», com notas expositivas em I Tim. 1:2. A fé também pode ser apresentada no N.T. como uma «virtude», ou seja, a fé subjetiva em sua manifestação diária, em seu desenvolvimento espiritual. (Ver Gál. 5:22 e as notas expositivas ali existentes, quanto a esse uso).

A fé contempla o alvo distante e se apegua ao poder de Deus para garantir a alma, a fim de conservá-la em segurança, até que o retorno de Cristo lhe traga a vitória final. A fé se recusa em permitir que um homem viva de conformidade com os padrões do mundo, mas antes, mantém à sua frente o alvo eterno.

«...para salvação...» A salvação vem pela graça, mediante a fé (ver Efé. 2:8), de acordo com um sentimento bem paulino, que expressa profunda verdade espiritual. (Notas completas sobre a «salvação» aparecem em Heb. 2:3). Não envolve a mera questão de perdão dos pecados, e nem culmina apenas em uma viagem futura para os céus. Antes, envolve tudo quanto está incluído na «filiação», pois «salvação» e «filiação» são sinônimos virtuais.

Idéias adicionais sobre o quinto versículo. As palavras «...para revelar-se no último tempo...» falam sobre a *parousia* ou segunda vinda de Cristo, conforme se vê no sétimo versículo. Os fiéis são vistos «guardados» ou «guardados» pelo poder de Deus, embora sob o fogo de um mundo hostil. Por se manterem firmes, podem continuar até ao retorno do Rei, que é o general do exército inteiro. Quando Ele retornar, dispersará o inimigo, e aqueles que tiverem continuado fiéis receberão seus salários como soldados fiéis, a saber, a vida eterna. A «salvação», então se manifestará, pois então terá lugar a culminação de um grande ciclo. Aquelas palavras, pois, designam o advento de Cristo, que assinalará o fim do ciclo mortal, tendo então início o ciclo eterno. Os versículos sétimo e décimo terceiro fazem outras alusões a esse evento. A salvação é encarada sob a imagem de um «livramento», porquanto livrará os soldados atualmente sob cerco. Mas também serão liberados ao bem-estar espiritual de um novo ciclo. A II. AÇÕES DE GRAÇAS (1:3-12).

#### 4. Em meio aos sofrimentos (vers. 6,7).

A ação de graças pode continuar em meio aos sofrimentos, pois Deus extrairá algo excelente, da agonia toda. O trecho de Atos 14:22 tem a nota de sumário sobre os resultados benéficos da tribulação e da perseguição, o que pode ser usado a fim de ilustrar o texto presente. Os versículos à nossa frente envolvem muito mais que a mera perseverança até o fim de um grande teste, como algo possível e desejável; antes, ensinam-nos que haverá grande recompensa para aqueles que assim perseverarem. Que maior recompensa poderá haver do que a *salvação* (ver o quinto versículo) e do que a «herança» (ver o quarto versículo) que já foi prometida aos vencedores? (Comparar o sentimento desta passagem com o que diz o trecho de Tia. 1:12). Aos vencedores é que a coroa da vida é prometida.

ὁ ἐν τῇ ἀγαλλιάσθῃ, ὀλίγον ἄρτι εἰς δέον [ἐστὶν] λυπηθέντες ἐν ποικίλοις πειρασμοῖς,

ὁ λυπηθὲν...πειρασμοῖς Jm 1:2

1:2: Na qual exultais, ainda que agora por um pouco de tempo, sonda necessária, estejais contristados por várias provações,

«...nossa...» Em quê? 1. No «tempo» da vinda de Cristo; 2. no próprio «Jesus Cristo»; 3. em «Deus»; ou 4. no «total estado de coisas», descrito nos versículos terceiro a quinto? Não há como decidir com certeza a questão; mas a quarta possibilidade é a mais provável. A grandiosa verdade é que, embora sejamos perseguidos, Deus nos guarda para a salvação. É nisso que «exultamos».

«...exultais...» O grego usa o verbo «agallomai», «alegrar-se», «regozijar-se». Porquanto, no N.T., essa palavra é frequentemente empregada para indicar um «grande regozijo», embora haja uma única palavra, algumas traduções dizem «grande regozijo». (Ver Mat. 5:12; Luc. 1:47 e 10:21). Isso não se deve ao fato que gostamos de ser perseguidos, ou porque gostamos de ser reputados mártires, obtendo disso alguma alegria perversa. O sétimo versículo, bem ao contrário disso, nos oferece a razão verdadeira: o teste da fé é precioso, redundando em grande galardão final, quando sofremos de maneira apropriada. Em antecipação à recompensa, regozijamo-nos grandemente, e consideramos um privilégio estarmos preparados a enfrentar a tudo. O homem nasce em tribulações, e para elas, como as fagulhas sobem para o céu; e estas simplesmente não sobem noutra direção. O termo grego poderia aqui indicar o indicativo ou o imperativo. Nós «nos regozijamos», ou «deveremos regozijar-nos».

«...por breve tempo...» A mentalidade, neste ponto, é a mesma de Rom. 8:18. Os sofrimentos do tempo presente, porém, por mais prolongados que sejam, nem podem ser comparados com a glória que se seguirá. Naquela passagem (ver o décimo sétimo versículo), os sofrimentos também são vistos como uma espécie de garantia acerca da glorificação futura. Um paralelo mais direto se acha em II Cor. 4:17, que declara: «Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação». Então segue-se a declaração de que todas as coisas visíveis no presente constituem o mundo temporal; entretanto, existe um mundo eterno, pelo qual esperamos; e, por mais que esperemos, não pode ser considerada uma longa espera.

É bem provável que essa expressão também indique que o autor sagrado esperava a volta de Cristo durante seus dias de vida na terra, para «breve»; e que esse retorno de Cristo (mencionado por três vezes neste capítulo, ver os versículos quinto, sétimo e décimo terceiro) sucederia logo, durante o império romano, que aterrorizava a igreja com suas perseguições. (Ver I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15 acerca da crença da igreja primitiva, de que Cristo voltaria ainda durante o período da vida terrena de seus membros).

Porém, ainda que Cristo não venha imediatamente, a morte física não se demorará, libertando-nos de todo o sofrimento.

expressão exata, no grego «en kairo eschato», encontra-se somente aqui no grego sagrado. No evangelho de João temos a expressão no último dia, referindo-se à ressurreição (ver João 6:39 e vários outros lugares); e também há alusões aos «últimos dias» (Tia. 5:3 e II Tim. 3:1); «nestes últimos dias» (Hebreus 1:2); nos «últimos tempos» (Jud. 18) e «a última hora» (João 2:18). A expressão «último dia» normalmente indica o «juízo»; e a expressão «últimos dias» indica os dias imediatamente anteriores à vinda de Cristo. A palavra «tempo» normalmente se refere à «parousia» ou segundo advento de Cristo. O «último tempo» significa aquele evento que ocorrerá por fim, como sumário dos vários acontecimentos de um ciclo, sendo, ele mesmo, o fim desse ciclo.

A «parousia» ou segundo advento de Cristo será uma «revelação». Antes de tudo, revela o próprio Cristo, como Salvador e Juiz; revela o verdadeiro estado dos homens, bem como a realidade do juízo e da vida eterna. Porém, a revelação central, aqui referida, é a grande dimensão da «salvação». A salvação será «plenamente exibida» naquilo que ela é. Então aprenderemos muito, até mesmo de coisas que nunca antes imagináramos. Veremos qual maior é a salvação do que o mero perdão de pecados e a mudança de endereço para os céus, ao que a salvação usualmente é reduzida na moderna igreja evangélica.

«De que nos valeria a salvação, entesourada nos céus, quando aqui somos lançados para lá e para cá, como se estivessemos em um mar turbulento? De que nos adiantará que a nossa salvação esteja segura em um porto tranquilo, quando somos empurrados para um lado e para outro por mil naufrágios? O apóstolo, portanto, antecipa objeções desse tipo ao mostrar que embora estejamos expostos a perigos neste mundo, contudo, somos guardados pela fé... mas, visto que a própria fé, devido à fraqueza da carne, com frequência hesita, poderíamos estar sempre ansiosos pelo dia de amanhã, não fora a ajuda do Senhor». (Calvino, *in loc.*).

«O crente avança com plena segurança, com os olhos fixos no alvo do dever que o seu Mestre lhe mostrou, e, sem importar-se com os assaltantes, persevera em sua luta, que o cerca. Então, mesmo sob as chamadas mais ferozes da provação, ele vê ao seu lado o Filho de Deus e lhe ouve a voz: 'Sou eu; não temas'». (Lumby, *in loc.*).

ὁ λυπηθὲν...πειρασμοῖς Jm 1:2

«...se necessário...» E não duvidemos que temos de passar pelo sofrimento, porquanto isso é que o Senhor nos prometeu. (Ver João 15:18 e ss.). Não é provável que Nero poupe à igreja; antes, ele já se apresenta como um louco furioso. A vontade de Deus permite isso, por causa de propósitos somente dele conhecidos, embora possamos ser parcialmente entendidos por nós.

«...sejais contristados por várias provações...» No grego é usado o verbo «pupeo», «entristecer», «causar dor», «afligir-se». Alguns dos crentes morrerão; outros perderão as suas propriedades; alguns serão maltratados em suas respectivas comunidades; e ainda outros serão encarcerados. Nenhuma dessas coisas é agradável por si mesmo; antes, parecerão esmagar aos crentes, e estes podem ser tentados a se entregarem ao desespero. Os crentes serão tratados vergonhosamente às mãos de homens ímpios e desviados. Mas a agonia dos seguidores de Jesus será breve, ao passo que sua recompensa será grande e eterna.

«...várias...» No grego é «poikilois», que literalmente poderia ser traduzida por «variegadas»; pois era termo usado para descrever a pele manchada dos leopardos, ou as muitas veias de uma pedra de mármore, ou o intrincado desenho de uma fazenda bordada. O seu sentido básico é «diversificado», e a palavra é aplicada a diversas variações de tons musicais, por exemplo. (Como comparação, ver Efé. 3:10, onde se lê sobre a «multiforme sabedoria de Deus»). Essa palavra, no dizer de Vincent (*in loc.*): «...fornece um vívido quadro da 'diversidade' dos testes, enfatizando essa idéia mais do que o pensamento de seu número, que fica subentendido».

«...provações...» No grego é «peirasmos», «testes», «tentações». Mas este último sentido, apesar de poder ser hipoteticamente incluído, não é o pensamento central. O autor sagrado falava especificamente das perseguições que sobrevirão aos crentes como se fossem um dilúvio, as quais serão tantas e tão diversificadas que, a menos que sejam resguardados pelo poder de Deus, certamente serão varridos pela sua fúria. É claro que, sob tais circunstâncias, muitos abandonam inteiramente a sua fé, porque o mundo físico é muito importante para eles permitirem sua destruição, naquilo que os envolve.

Na história posterior, Baron von Hugel disse a Rufus Jones (J. F. Rowntree, *Inner Light*, pág. 294): «A alegria em meio à tempestade e às tensões da vida é o único sinal indispensável para aqueles que são canonizados como santos». Por semelhante modo, Pedro exorta a todos os santos (ver as notas sobre esse termo, usado como título aplicado a todos os crentes, em Rom. 1:7) a que suportem a tempestade com regozijo. (Quanto a outras passagens do N.T. que têm a mesma mensagem que a presente, ver João 15:18 e ss.; II Tim. 3:12; Mat. 13:21 e ss.; Atos 13:50; 26:9-11; Gál. 4:29; 5:11; II Cor. 4:9; Rom. 8:35 e II Tes. 3:2).



7 ἵνα τὸ δοκίμιον ὑμῶν τῆς πίστεως πολυτιμότερον χρυσοῦ τοῦ ἀπολλυμένου, διὰ πυρὸς δὲ δοκιμαζομένου, εὐρεθῇ εἰς ἔπαινον καὶ δόξαν καὶ τιμὴν ἐν ἀποκαλύψει Ἰησοῦ Χριστοῦ.

17 [C] δοκίμιον M A H C K P Ψ 048 049 058 0142 23 81 88 104 181 388  
330 436 481 614 628 636 943 1241 1806 1729 1877 2127 2412 2492 2493 B<sub>4</sub> L<sub>4</sub> V<sub>1</sub>  
2198 2200 2201 2202 2203 2204 2205 2206 2207 2208 2209 2210 2211 2212 2213 2214 2215 2216 2217 2218 2219 2220 2221 2222 2223 2224 2225 2226 2227 2228 2229 2230 2231 2232 2233 2234 2235 2236 2237 2238 2239 2240 2241 2242 2243 2244 2245 2246 2247 2248 2249 2250 2251 2252 2253 2254 2255 2256 2257 2258 2259 2260 2261 2262 2263 2264 2265 2266 2267 2268 2269 2270 2271 2272 2273 2274 2275 2276 2277 2278 2279 2280 2281 2282 2283 2284 2285 2286 2287 2288 2289 2290 2291 2292 2293 2294 2295 2296 2297 2298 2299 2300 2301 2302 2303 2304 2305 2306 2307 2308 2309 2310 2311 2312 2313 2314 2315 2316 2317 2318 2319 2320 2321 2322 2323 2324 2325 2326 2327 2328 2329 2330 2331 2332 2333 2334 2335 2336 2337 2338 2339 2340 2341 2342 2343 2344 2345 2346 2347 2348 2349 2350 2351 2352 2353 2354 2355 2356 2357 2358 2359 2360 2361 2362 2363 2364 2365 2366 2367 2368 2369 2370 2371 2372 2373 2374 2375 2376 2377 2378 2379 2380 2381 2382 2383 2384 2385 2386 2387 2388 2389 2390 2391 2392 2393 2394 2395 2396 2397 2398 2399 2400 2401 2402 2403 2404 2405 2406 2407 2408 2409 2410 2411 2412 2413 2414 2415 2416 2417 2418 2419 2420 2421 2422 2423 2424 2425 2426 2427 2428 2429 2430 2431 2432 2433 2434 2435 2436 2437 2438 2439 2440 2441 2442 2443 2444 2445 2446 2447 2448 2449 2450 2451 2452 2453 2454 2455 2456 2457 2458 2459 2460 2461 2462 2463 2464 2465 2466 2467 2468 2469 2470 2471 2472 2473 2474 2475 2476 2477 2478 2479 2480 2481 2482 2483 2484 2485 2486 2487 2488 2489 2490 2491 2492 2493 2494 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000

7 δοκίμιον...πίστεως Job 23:10; Ps 66:10; Pr 17:3; Jas 1:3 διὰ...δοκιμαζομένου Is 49:10; Zeb 13:9; Mal 3:3; 1 Cor 3:12

O termo *δοκίμιον*, que no grego clássico significa «meio ou instrumento de teste», no grego «koiné» veio a ser usado como um adjetivo equivalente em sentido a *δοκιμον* «aprovado», «genuíno». Dentre as duas formas que há aqui, a comissão preferiu *δοκίμιον*, apoiada por todos os manuscritos unciais e quase todos os minúsculos. A variante *δοκιμον* figura em P (72,74) 23 36 69 206 429. Ver também os comentários sobre Tia. 1:3.

1:7: para que o prova da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que parece, embora provada pelo fogo, redunde para louvar, glória e honra na revelação de Jesus Cristo;

«...o valor da vossa fé... confirmado...» No grego, o primeiro substantivo abstrato é «*dokimion*». Esse termo pode significar «teste», «prova», sendo assim que alguns intérpretes o entendem. Nesse caso, a provação mesma se torna preciosa, devido a seus gloriosos resultados. Mas outros pensam que a palavra deve ser entendida no sentido de «genuína», pois tal vocábulo era empregado para indicar moedas «genuínas» ou outros metais preciosos, os quais, apesar de passarem por teste, demonstram sua autenticidade e pureza. Quando o termo é usado para indicar a pureza de metais, significa que eles são «genuínos», livres de mistura com metais inferiores. Provavelmente a idéia de «genuinidade» é que está em foco aqui. O teste mostrará que a fé é genuína, sem qualquer mistura de incredulidade. Essa fé consiste na outorga da alma a Cristo, sem espaço para o serviço ao próprio «eu», e que seja fé suficientemente forte para resistir aos assaltos de homens hostis e ímpios.

Aquilo sobre o que lemos aqui tão pacificamente, era uma questão das mais vitais para seus leitores originais. Alguns deles morreriam na voragem. Outros ficariam aleijados; ainda outros seriam prisioneiros ou perderiam suas propriedades. E muitos seriam vilipendiados e expulsos de seus lares. A fé deles resistiria ao impacto de tal tratamento? Pedro diz que tais coisas servem somente para demonstrar a autenticidade da fé; e isso resulta em grande vitória, para louvor de Deus e para o bem-estar espiritual de seus filhos.

«...fé...» (Ver as notas expositivas completas sobre a «fé», em Heb. 11:1. E comparar com o quinto versículo deste mesmo capítulo).

«...muito mais precioso do que o ouro que parece...» O ouro é testado no fogo. E quanto mais quente for o fogo, tanto mais puro sairá o ouro. A metáfora metalúrgica continua em foco. O ouro é precioso; e o tesouro humano é elevadíssimo. O ouro tem sido, freqüentemente, a base da economia. Alguém já disse que o ouro é amarelo por ser tão cobiçado por homens violentos. Mas, pertence apenas a este mundo temporal. Finalmente, terá de perecer. E só é mais valioso que os outros metais por ser mais raro do que eles. Há metais de maior utilidade, pois o ouro é um metal principalmente decorativo. Teria pouquíssimo valor, se não fosse tão raro. Só tem valor porque os homens lhe atribuem tal valor, e não porque ele tem valor intrínseco. Existem três espécies de valor: 1. Algumas coisas possuem um valor intrínseco ou primário, por serem valiosas por si mesmas. Nessa categoria se acha a água, por exemplo. Não podemos viver sem água. 2. Há coisas que possuem um valor secundário, por causa do uso que lhe podemos dar, como se dá no caso de um instrumento. Seu metal talvez não valha grande coisa; mas a sua «utilidade» a torna valiosa. 3. Além disso, há valores terciários ou subjetivos—como quando uma pessoa atribui valor a uma fotografia, porque está sentimentalmente preso a ela. O papel é de valor extremamente baixo; outras pessoas não estão interessadas no mesmo; porém, uma ou mais pessoas poderão dar a uma fotografia um grande valor, devido àquilo que ela representa. O ouro cabe dentro desta terceira categoria. Só é valioso porque os homens o supõem valioso, em seu raciocínio subjetivo. Tal raciocínio, entretanto, pode modificar-se. Se descobrimos grandes depósitos de ouro em um outro planeta, e esse tornar-se disponível em grande abundância na terra, o ouro perderá o seu valor relativo.

Não acontece a mesma coisa com a fé, diz Pedro. Quando é testada no fogo, e é comprovadamente genuína, terá muito mais valor que todo o ouro da terra. Por essa mesma razão é que disse o Senhor Jesus: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma?» (Marc. 8:36,37). Mediante a fé, um homem (ver o quinto versículo deste capítulo) é «guardado para a salvação», contanto que com ela combine o poder de Deus e se aproveite do mesmo. A alma é o elemento do homem dotado de valor primário ou intrínseco, e isso em um grau incalculável.

«O ponto frizado é que se o ouro temporal tem valor para ser trabalhosamente refinado, quanto mais a fé se reveste de um valor eterno.» (Hunter, *in loc.*).

«...mesmo apurado por fogo...» É preciso um fogo de grau muito elevado

II. AÇÕES DE GRAÇAS (1:3-12).

5. Pelo conforto dado pelo Cristo invisível (vs. 8).

A longa lista de itens pelos quais o autor sagrado exorta-nos a usar de ações de graças, continua ainda. Tendo a ressurreição de Cristo como base todas as bênçãos da alma, o crente sabe que Cristo é também a origem de toda a benevolência de Deus em favor dos homens. Isso transparece no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, onde as expressões «em Cristo Jesus», «da parte do Senhor Jesus Cristo», «em Cristo», etc., aparecem em quase cada versículo do mesmo. O terceiro versículo daquele capítulo estabelece o padrão: «Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo...» é a «revelação» desse Cristo que nos dará as bênçãos celestiais; e nisso cremos, embora, no momento, ele nos seja invisível. Contudo, apesar de invisível, ele é o objeto tanto de nossa fé como de nosso amor; pois sua invisibilidade não impede a nossa comunhão com ele, por intermédio do Espírito Santo. (Ver o trecho de I Cor. 1:4

para purificar o minério de ouro; mas os homens se dão a esse trabalho, por causa do resultado obtido. Assim também o crente, com coragem deveria resistir às chamas da provação, porquanto envolverá purificações morais; e, se o crente resistir ao teste, será o instrumento pelo qual receberá a salvação divina. O autor sagrado queria dar a entender que Deus acolhe o indivíduo que sofre, recompensando-o generosamente, porquanto terá sofrido tudo por amor ao Senhor Jesus Cristo. (As notas expositivas, em Atos 14:22, sugerem muitas maneiras pelas quais as tribulações e as perseguições podem redundar em nosso benefício).

«...redunde em louvor...» De quem? Do «Deus bendito» (ver o terceiro versículo), naturalmente, porquanto Deus transformará a tragédia em triunfo; e seu Filho será exaltado quando os filhos de Deus atingirem a imagem e a natureza dele, como parte integrante de sua herança, quando de sua segunda vinda. Por isso é que Jesus falou da bem-aventurança do servo que ouviu o «Muito bem, servo bom e fiel» (Mat. 25:21). Ora, vendo que Deus o conduziu em segurança através das provações, para o benefício eterno de sua alma, o crente se encherá de louvores ao Senhor. Assim é que um agnóstico, como John Stuart Mill, pode dizer: «Devemo-nos esforçar por viver de tal modo que Jesus Cristo aprove a nossa vida». E não temos nisso nenhuma sugestão inútil. Eventualmente, todos haverão de buscar a sua aprovação, segundo se vê no primeiro capítulo da epístola aos Efésios e no trecho de Fil. 2:9-11.

Louvor: 1. Deus é digno de ser louvado (ver II Sam. 22:4); 2. Cristo é digno de ser louvado (ver Apo. 5:12); 3. Deus é glorificado por nossos louvores (ver Sal. 22:23); 4. O louvor deve ser oferecido a Cristo (ver João 12:13); 5. O louvor é aceitável mediante Cristo (ver Heb. 13:15); 6. Deus merece o louvor devido aos seguintes fatores: a. sua majestade (Sal. 96:1); b. sua glória (Sal. 138:5); c. sua excelência (Sal. 148:3); d. sua grandeza (I Crô. 16:25 e Sal. 145:3); e. sua santidade (Isa. 6:3).

«...glória e honra...» Essa combinação de qualidades é comum nas páginas do N.T. (Ver Rom. 2:7,10; I Tim. 1:17; Heb. 1:3 e Sal. 8:6). Porém, em combinação com o «louvor», só figura aqui em todo o N.T. A glória e a honra pertencem a Deus, pelas mesmas razões que o louvor lhe deve ser atribuído, conforme vimos acima. Esses elementos pertencem exclusivamente a Deus; mas agradou-lhe conferi-los também aos homens (ver Rom. 2:7,10), quando estes agem bem, de modo que lhe agrade. Deus é honrado pela vida do crente de fé comprovada; e também receberá honra verbalmente expressa da parte de tal crente. Deus é honrado pela vida e pelas palavras desse crente, tal como um pai é exaltado quando seus filhos agem direito. A glória de Deus se derramará por sobre os homens, e muitos filhos de Deus, por conseguinte, serão conduzidos à glória (ver Heb. 2:10).

«...revelação de Jesus Cristo...» Está em foco a «parousia», tal como nos versículos quinto e décimo terceiro. A segunda vinda de Cristo será a revelação de sua pessoa e de sua glória; e assim o homem dará um grande salto à frente, para descobrir o centro e a razão de sua existência, o que, finalmente, haverá de caracterizar a todas as coisas, conforme explica o primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Ele será então revelado como Salvador, Juiz, Senhor universal, centro de tudo, razão da existência e alvo de toda a existência. (Comparar com I Cor. 1:7 e II Tes. 1:7). «Em todas essas passagens, denota a revelação de Cristo em sua majestade, como Juiz e Galardoador.» (Bigg, *in loc.*). Porém, parece que está envolvido ainda mais do que isso, segundo é explicado mais acima.

Variação Textual: A palavra «*dokimion*» que neste contexto significa «aprovado» ou «genuíno», é a forma que aparece nos mss Aleph, ABC e todos os outros manuscritos unciais, bem como em quase todos os manuscritos minúsculos e todas as tradições textuais. Porém, os mss P(72), P(74), 23, 36, 69, 206 e 429 trazem a forma «*dokimon*», um adjetivo que significa «aprovado» ou «genuíno». A primeira dessas palavras, no grego clássico, era usada substantivamente com o sentido de «instrumento de teste», ou então o próprio «teste»; porém, no grego «koiné» também tinha um sentido adjetival equivalente a «*dokimon*». Vários escribas, não familiarizados com esse uso do grego «koiné», propositalmente alteraram a forma nominal para a forma adjetivada. Supostamente, pois, a modificação visou fazer uma correção. Portanto, a forma «*não-coriçada*» é a original. (Quanto a informações sobre os manuscritos antigos e como os textos corretos devem ser escolhidos quando há variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse tema).



quanto à expressão «em Cristo», em cujas notas expositivas se vê como isso indica o «misticismo que envolve a pessoa de Cristo», o que torna real a nossa fé, fazendo de Cristo uma pessoa íntima e querida de nós, embora não possamos contemplá-lo).

8 ὃν οὐκ ἰδόντες<sup>2</sup> ἀγαπάτε, εἰς ὃν ἄρτι μὴ ὁρῶντες πιστεύοντες δὲ ἀγαλλιᾶσθε χαρᾷ ἀνεκκλήτῳ καὶ δεδοξασμένῳ,

18 (B) ἰδόντες p<sup>2</sup> M B C 048<sup>1</sup> 4<sup>2</sup> 230<sup>1</sup> 451 670 948 1739 J<sup>1</sup> (ca. r. om. d. r. n. s.)  
vg sy<sup>1</sup> 2<sup>1</sup> 3<sup>1</sup> 4<sup>1</sup> 5<sup>1</sup> 6<sup>1</sup> 7<sup>1</sup> 8<sup>1</sup> 9<sup>1</sup> 10<sup>1</sup> 11<sup>1</sup> 12<sup>1</sup> 13<sup>1</sup> 14<sup>1</sup> 15<sup>1</sup> 16<sup>1</sup> 17<sup>1</sup> 18<sup>1</sup> 19<sup>1</sup> 20<sup>1</sup> 21<sup>1</sup> 22<sup>1</sup> 23<sup>1</sup> 24<sup>1</sup> 25<sup>1</sup> 26<sup>1</sup> 27<sup>1</sup> 28<sup>1</sup> 29<sup>1</sup> 30<sup>1</sup> 31<sup>1</sup> 32<sup>1</sup> 33<sup>1</sup> 34<sup>1</sup> 35<sup>1</sup> 36<sup>1</sup> 37<sup>1</sup> 38<sup>1</sup> 39<sup>1</sup> 40<sup>1</sup> 41<sup>1</sup> 42<sup>1</sup> 43<sup>1</sup> 44<sup>1</sup> 45<sup>1</sup> 46<sup>1</sup> 47<sup>1</sup> 48<sup>1</sup> 49<sup>1</sup> 50<sup>1</sup> 51<sup>1</sup> 52<sup>1</sup> 53<sup>1</sup> 54<sup>1</sup> 55<sup>1</sup> 56<sup>1</sup> 57<sup>1</sup> 58<sup>1</sup> 59<sup>1</sup> 60<sup>1</sup> 61<sup>1</sup> 62<sup>1</sup> 63<sup>1</sup> 64<sup>1</sup> 65<sup>1</sup> 66<sup>1</sup> 67<sup>1</sup> 68<sup>1</sup> 69<sup>1</sup> 70<sup>1</sup> 71<sup>1</sup> 72<sup>1</sup> 73<sup>1</sup> 74<sup>1</sup> 75<sup>1</sup> 76<sup>1</sup> 77<sup>1</sup> 78<sup>1</sup> 79<sup>1</sup> 80<sup>1</sup> 81<sup>1</sup> 82<sup>1</sup> 83<sup>1</sup> 84<sup>1</sup> 85<sup>1</sup> 86<sup>1</sup> 87<sup>1</sup> 88<sup>1</sup> 89<sup>1</sup> 90<sup>1</sup> 91<sup>1</sup> 92<sup>1</sup> 93<sup>1</sup> 94<sup>1</sup> 95<sup>1</sup> 96<sup>1</sup> 97<sup>1</sup> 98<sup>1</sup> 99<sup>1</sup> 100<sup>1</sup> 101<sup>1</sup> 102<sup>1</sup> 103<sup>1</sup> 104<sup>1</sup> 105<sup>1</sup> 106<sup>1</sup> 107<sup>1</sup> 108<sup>1</sup> 109<sup>1</sup> 110<sup>1</sup> 111<sup>1</sup> 112<sup>1</sup> 113<sup>1</sup> 114<sup>1</sup> 115<sup>1</sup> 116<sup>1</sup> 117<sup>1</sup> 118<sup>1</sup> 119<sup>1</sup> 120<sup>1</sup> 121<sup>1</sup> 122<sup>1</sup> 123<sup>1</sup> 124<sup>1</sup> 125<sup>1</sup> 126<sup>1</sup> 127<sup>1</sup> 128<sup>1</sup> 129<sup>1</sup> 130<sup>1</sup> 131<sup>1</sup> 132<sup>1</sup> 133<sup>1</sup> 134<sup>1</sup> 135<sup>1</sup> 136<sup>1</sup> 137<sup>1</sup> 138<sup>1</sup> 139<sup>1</sup> 140<sup>1</sup> 141<sup>1</sup> 142<sup>1</sup> 143<sup>1</sup> 144<sup>1</sup> 145<sup>1</sup> 146<sup>1</sup> 147<sup>1</sup> 148<sup>1</sup> 149<sup>1</sup> 150<sup>1</sup> 151<sup>1</sup> 152<sup>1</sup> 153<sup>1</sup> 154<sup>1</sup> 155<sup>1</sup> 156<sup>1</sup> 157<sup>1</sup> 158<sup>1</sup> 159<sup>1</sup> 160<sup>1</sup> 161<sup>1</sup> 162<sup>1</sup> 163<sup>1</sup> 164<sup>1</sup> 165<sup>1</sup> 166<sup>1</sup> 167<sup>1</sup> 168<sup>1</sup> 169<sup>1</sup> 170<sup>1</sup> 171<sup>1</sup> 172<sup>1</sup> 173<sup>1</sup> 174<sup>1</sup> 175<sup>1</sup> 176<sup>1</sup> 177<sup>1</sup> 178<sup>1</sup> 179<sup>1</sup> 180<sup>1</sup> 181<sup>1</sup> 182<sup>1</sup> 183<sup>1</sup> 184<sup>1</sup> 185<sup>1</sup> 186<sup>1</sup> 187<sup>1</sup> 188<sup>1</sup> 189<sup>1</sup> 190<sup>1</sup> 191<sup>1</sup> 192<sup>1</sup> 193<sup>1</sup> 194<sup>1</sup> 195<sup>1</sup> 196<sup>1</sup> 197<sup>1</sup> 198<sup>1</sup> 199<sup>1</sup> 200<sup>1</sup> 201<sup>1</sup> 202<sup>1</sup> 203<sup>1</sup> 204<sup>1</sup> 205<sup>1</sup> 206<sup>1</sup> 207<sup>1</sup> 208<sup>1</sup> 209<sup>1</sup> 210<sup>1</sup> 211<sup>1</sup> 212<sup>1</sup> 213<sup>1</sup> 214<sup>1</sup> 215<sup>1</sup> 216<sup>1</sup> 217<sup>1</sup> 218<sup>1</sup> 219<sup>1</sup> 220<sup>1</sup> 221<sup>1</sup> 222<sup>1</sup> 223<sup>1</sup> 224<sup>1</sup> 225<sup>1</sup> 226<sup>1</sup> 227<sup>1</sup> 228<sup>1</sup> 229<sup>1</sup> 230<sup>1</sup> 231<sup>1</sup> 232<sup>1</sup> 233<sup>1</sup> 234<sup>1</sup> 235<sup>1</sup> 236<sup>1</sup> 237<sup>1</sup> 238<sup>1</sup> 239<sup>1</sup> 240<sup>1</sup> 241<sup>1</sup> 242<sup>1</sup> 243<sup>1</sup> 244<sup>1</sup> 245<sup>1</sup> 246<sup>1</sup> 247<sup>1</sup> 248<sup>1</sup> 249<sup>1</sup> 250<sup>1</sup> 251<sup>1</sup> 252<sup>1</sup> 253<sup>1</sup> 254<sup>1</sup> 255<sup>1</sup> 256<sup>1</sup> 257<sup>1</sup> 258<sup>1</sup> 259<sup>1</sup> 260<sup>1</sup> 261<sup>1</sup> 262<sup>1</sup> 263<sup>1</sup> 264<sup>1</sup> 265<sup>1</sup> 266<sup>1</sup> 267<sup>1</sup> 268<sup>1</sup> 269<sup>1</sup> 270<sup>1</sup> 271<sup>1</sup> 272<sup>1</sup> 273<sup>1</sup> 274<sup>1</sup> 275<sup>1</sup> 276<sup>1</sup> 277<sup>1</sup> 278<sup>1</sup> 279<sup>1</sup> 280<sup>1</sup> 281<sup>1</sup> 282<sup>1</sup> 283<sup>1</sup> 284<sup>1</sup> 285<sup>1</sup> 286<sup>1</sup> 287<sup>1</sup> 288<sup>1</sup> 289<sup>1</sup> 290<sup>1</sup> 291<sup>1</sup> 292<sup>1</sup> 293<sup>1</sup> 294<sup>1</sup> 295<sup>1</sup> 296<sup>1</sup> 297<sup>1</sup> 298<sup>1</sup> 299<sup>1</sup> 300<sup>1</sup> 301<sup>1</sup> 302<sup>1</sup> 303<sup>1</sup> 304<sup>1</sup> 305<sup>1</sup> 306<sup>1</sup> 307<sup>1</sup> 308<sup>1</sup> 309<sup>1</sup> 310<sup>1</sup> 311<sup>1</sup> 312<sup>1</sup> 313<sup>1</sup> 314<sup>1</sup> 315<sup>1</sup> 316<sup>1</sup> 317<sup>1</sup> 318<sup>1</sup> 319<sup>1</sup> 320<sup>1</sup> 321<sup>1</sup> 322<sup>1</sup> 323<sup>1</sup> 324<sup>1</sup> 325<sup>1</sup> 326<sup>1</sup> 327<sup>1</sup> 328<sup>1</sup> 329<sup>1</sup> 330<sup>1</sup> 331<sup>1</sup> 332<sup>1</sup> 333<sup>1</sup> 334<sup>1</sup> 335<sup>1</sup> 336<sup>1</sup> 337<sup>1</sup> 338<sup>1</sup> 339<sup>1</sup> 340<sup>1</sup> 341<sup>1</sup> 342<sup>1</sup> 343<sup>1</sup> 344<sup>1</sup> 345<sup>1</sup> 346<sup>1</sup> 347<sup>1</sup> 348<sup>1</sup> 349<sup>1</sup> 350<sup>1</sup> 351<sup>1</sup> 352<sup>1</sup> 353<sup>1</sup> 354<sup>1</sup> 355<sup>1</sup> 356<sup>1</sup> 357<sup>1</sup> 358<sup>1</sup> 359<sup>1</sup> 360<sup>1</sup> 361<sup>1</sup> 362<sup>1</sup> 363<sup>1</sup> 364<sup>1</sup> 365<sup>1</sup> 366<sup>1</sup> 367<sup>1</sup> 368<sup>1</sup> 369<sup>1</sup> 370<sup>1</sup> 371<sup>1</sup> 372<sup>1</sup> 373<sup>1</sup> 374<sup>1</sup> 375<sup>1</sup> 376<sup>1</sup> 377<sup>1</sup> 378<sup>1</sup> 379<sup>1</sup> 380<sup>1</sup> 381<sup>1</sup> 382<sup>1</sup> 383<sup>1</sup> 384<sup>1</sup> 385<sup>1</sup> 386<sup>1</sup> 387<sup>1</sup> 388<sup>1</sup> 389<sup>1</sup> 390<sup>1</sup> 391<sup>1</sup> 392<sup>1</sup> 393<sup>1</sup> 394<sup>1</sup> 395<sup>1</sup> 396<sup>1</sup> 397<sup>1</sup> 398<sup>1</sup> 399<sup>1</sup> 400<sup>1</sup> 401<sup>1</sup> 402<sup>1</sup> 403<sup>1</sup> 404<sup>1</sup> 405<sup>1</sup> 406<sup>1</sup> 407<sup>1</sup> 408<sup>1</sup> 409<sup>1</sup> 410<sup>1</sup> 411<sup>1</sup> 412<sup>1</sup> 413<sup>1</sup> 414<sup>1</sup> 415<sup>1</sup> 416<sup>1</sup> 417<sup>1</sup> 418<sup>1</sup> 419<sup>1</sup> 420<sup>1</sup> 421<sup>1</sup> 422<sup>1</sup> 423<sup>1</sup> 424<sup>1</sup> 425<sup>1</sup> 426<sup>1</sup> 427<sup>1</sup> 428<sup>1</sup> 429<sup>1</sup> 430<sup>1</sup> 431<sup>1</sup> 432<sup>1</sup> 433<sup>1</sup> 434<sup>1</sup> 435<sup>1</sup> 436<sup>1</sup> 437<sup>1</sup> 438<sup>1</sup> 439<sup>1</sup> 440<sup>1</sup> 441<sup>1</sup> 442<sup>1</sup> 443<sup>1</sup> 444<sup>1</sup> 445<sup>1</sup> 446<sup>1</sup> 447<sup>1</sup> 448<sup>1</sup> 449<sup>1</sup> 450<sup>1</sup> 451<sup>1</sup> 452<sup>1</sup> 453<sup>1</sup> 454<sup>1</sup> 455<sup>1</sup> 456<sup>1</sup> 457<sup>1</sup> 458<sup>1</sup> 459<sup>1</sup> 460<sup>1</sup> 461<sup>1</sup> 462<sup>1</sup> 463<sup>1</sup> 464<sup>1</sup> 465<sup>1</sup> 466<sup>1</sup> 467<sup>1</sup> 468<sup>1</sup> 469<sup>1</sup> 470<sup>1</sup> 471<sup>1</sup> 472<sup>1</sup> 473<sup>1</sup> 474<sup>1</sup> 475<sup>1</sup> 476<sup>1</sup> 477<sup>1</sup> 478<sup>1</sup> 479<sup>1</sup> 480<sup>1</sup> 481<sup>1</sup> 482<sup>1</sup> 483<sup>1</sup> 484<sup>1</sup> 485<sup>1</sup> 486<sup>1</sup> 487<sup>1</sup> 488<sup>1</sup> 489<sup>1</sup> 490<sup>1</sup> 491<sup>1</sup> 492<sup>1</sup> 493<sup>1</sup> 494<sup>1</sup> 495<sup>1</sup> 496<sup>1</sup> 497<sup>1</sup> 498<sup>1</sup> 499<sup>1</sup> 500<sup>1</sup> 501<sup>1</sup> 502<sup>1</sup> 503<sup>1</sup> 504<sup>1</sup> 505<sup>1</sup> 506<sup>1</sup> 507<sup>1</sup> 508<sup>1</sup> 509<sup>1</sup> 510<sup>1</sup> 511<sup>1</sup> 512<sup>1</sup> 513<sup>1</sup> 514<sup>1</sup> 515<sup>1</sup> 516<sup>1</sup> 517<sup>1</sup> 518<sup>1</sup> 519<sup>1</sup> 520<sup>1</sup> 521<sup>1</sup> 522<sup>1</sup> 523<sup>1</sup> 524<sup>1</sup> 525<sup>1</sup> 526<sup>1</sup> 527<sup>1</sup> 528<sup>1</sup> 529<sup>1</sup> 530<sup>1</sup> 531<sup>1</sup> 532<sup>1</sup> 533<sup>1</sup> 534<sup>1</sup> 535<sup>1</sup> 536<sup>1</sup> 537<sup>1</sup> 538<sup>1</sup> 539<sup>1</sup> 540<sup>1</sup> 541<sup>1</sup> 542<sup>1</sup> 543<sup>1</sup> 544<sup>1</sup> 545<sup>1</sup> 546<sup>1</sup> 547<sup>1</sup> 548<sup>1</sup> 549<sup>1</sup> 550<sup>1</sup> 551<sup>1</sup> 552<sup>1</sup> 553<sup>1</sup> 554<sup>1</sup> 555<sup>1</sup> 556<sup>1</sup> 557<sup>1</sup> 558<sup>1</sup> 559<sup>1</sup> 560<sup>1</sup> 561<sup>1</sup> 562<sup>1</sup> 563<sup>1</sup> 564<sup>1</sup> 565<sup>1</sup> 566<sup>1</sup> 567<sup>1</sup> 568<sup>1</sup> 569<sup>1</sup> 570<sup>1</sup> 571<sup>1</sup> 572<sup>1</sup> 573<sup>1</sup> 574<sup>1</sup> 575<sup>1</sup> 576<sup>1</sup> 577<sup>1</sup> 578<sup>1</sup> 579<sup>1</sup> 580<sup>1</sup> 581<sup>1</sup> 582<sup>1</sup> 583<sup>1</sup> 584<sup>1</sup> 585<sup>1</sup> 586<sup>1</sup> 587<sup>1</sup> 588<sup>1</sup> 589<sup>1</sup> 590<sup>1</sup> 591<sup>1</sup> 592<sup>1</sup> 593<sup>1</sup> 594<sup>1</sup> 595<sup>1</sup> 596<sup>1</sup> 597<sup>1</sup> 598<sup>1</sup> 599<sup>1</sup> 600<sup>1</sup> 601<sup>1</sup> 602<sup>1</sup> 603<sup>1</sup> 604<sup>1</sup> 605<sup>1</sup> 606<sup>1</sup> 607<sup>1</sup> 608<sup>1</sup> 609<sup>1</sup> 610<sup>1</sup> 611<sup>1</sup> 612<sup>1</sup> 613<sup>1</sup> 614<sup>1</sup> 615<sup>1</sup> 616<sup>1</sup> 617<sup>1</sup> 618<sup>1</sup> 619<sup>1</sup> 620<sup>1</sup> 621<sup>1</sup> 622<sup>1</sup> 623<sup>1</sup> 624<sup>1</sup> 625<sup>1</sup> 626<sup>1</sup> 627<sup>1</sup> 628<sup>1</sup> 629<sup>1</sup> 630<sup>1</sup> 631<sup>1</sup> 632<sup>1</sup> 633<sup>1</sup> 634<sup>1</sup> 635<sup>1</sup> 636<sup>1</sup> 637<sup>1</sup> 638<sup>1</sup> 639<sup>1</sup> 640<sup>1</sup> 641<sup>1</sup> 642<sup>1</sup> 643<sup>1</sup> 644<sup>1</sup> 645<sup>1</sup> 646<sup>1</sup> 647<sup>1</sup> 648<sup>1</sup> 649<sup>1</sup> 650<sup>1</sup> 651<sup>1</sup> 652<sup>1</sup> 653<sup>1</sup> 654<sup>1</sup> 655<sup>1</sup> 656<sup>1</sup> 657<sup>1</sup> 658<sup>1</sup> 659<sup>1</sup> 660<sup>1</sup> 661<sup>1</sup> 662<sup>1</sup> 663<sup>1</sup> 664<sup>1</sup> 665<sup>1</sup> 666<sup>1</sup> 667<sup>1</sup> 668<sup>1</sup> 669<sup>1</sup> 670<sup>1</sup> 671<sup>1</sup> 672<sup>1</sup> 673<sup>1</sup> 674<sup>1</sup> 675<sup>1</sup> 676<sup>1</sup> 677<sup>1</sup> 678<sup>1</sup> 679<sup>1</sup> 680<sup>1</sup> 681<sup>1</sup> 682<sup>1</sup> 683<sup>1</sup> 684<sup>1</sup> 685<sup>1</sup> 686<sup>1</sup> 687<sup>1</sup> 688<sup>1</sup> 689<sup>1</sup> 690<sup>1</sup> 691<sup>1</sup> 692<sup>1</sup> 693<sup>1</sup> 694<sup>1</sup> 695<sup>1</sup> 696<sup>1</sup> 697<sup>1</sup> 698<sup>1</sup> 699<sup>1</sup> 700<sup>1</sup> 701<sup>1</sup> 702<sup>1</sup> 703<sup>1</sup> 704<sup>1</sup> 705<sup>1</sup> 706<sup>1</sup> 707<sup>1</sup> 708<sup>1</sup> 709<sup>1</sup> 710<sup>1</sup> 711<sup>1</sup> 712<sup>1</sup> 713<sup>1</sup> 714<sup>1</sup> 715<sup>1</sup> 716<sup>1</sup> 717<sup>1</sup> 718<sup>1</sup> 719<sup>1</sup> 720<sup>1</sup> 721<sup>1</sup> 722<sup>1</sup> 723<sup>1</sup> 724<sup>1</sup> 725<sup>1</sup> 726<sup>1</sup> 727<sup>1</sup> 728<sup>1</sup> 729<sup>1</sup> 730<sup>1</sup> 731<sup>1</sup> 732<sup>1</sup> 733<sup>1</sup> 734<sup>1</sup> 735<sup>1</sup> 736<sup>1</sup> 737<sup>1</sup> 738<sup>1</sup> 739<sup>1</sup> 740<sup>1</sup> 741<sup>1</sup> 742<sup>1</sup> 743<sup>1</sup> 744<sup>1</sup> 745<sup>1</sup> 746<sup>1</sup> 747<sup>1</sup> 748<sup>1</sup> 749<sup>1</sup> 750<sup>1</sup> 751<sup>1</sup> 752<sup>1</sup> 753<sup>1</sup> 754<sup>1</sup> 755<sup>1</sup> 756<sup>1</sup> 757<sup>1</sup> 758<sup>1</sup> 759<sup>1</sup> 760<sup>1</sup> 761<sup>1</sup> 762<sup>1</sup> 763<sup>1</sup> 764<sup>1</sup> 765<sup>1</sup> 766<sup>1</sup> 767<sup>1</sup> 768<sup>1</sup> 769<sup>1</sup> 770<sup>1</sup> 771<sup>1</sup> 772<sup>1</sup> 773<sup>1</sup> 774<sup>1</sup> 775<sup>1</sup> 776<sup>1</sup> 777<sup>1</sup> 778<sup>1</sup> 779<sup>1</sup> 780<sup>1</sup> 781<sup>1</sup> 782<sup>1</sup> 783<sup>1</sup> 784<sup>1</sup> 785<sup>1</sup> 786<sup>1</sup> 787<sup>1</sup> 788<sup>1</sup> 789<sup>1</sup> 790<sup>1</sup> 791<sup>1</sup> 792<sup>1</sup> 793<sup>1</sup> 794<sup>1</sup> 795<sup>1</sup> 796<sup>1</sup> 797<sup>1</sup> 798<sup>1</sup> 799<sup>1</sup> 800<sup>1</sup> 801<sup>1</sup> 802<sup>1</sup> 803<sup>1</sup> 804<sup>1</sup> 805<sup>1</sup> 806<sup>1</sup> 807<sup>1</sup> 808<sup>1</sup> 809<sup>1</sup> 810<sup>1</sup> 811<sup>1</sup> 812<sup>1</sup> 813<sup>1</sup> 814<sup>1</sup> 815<sup>1</sup> 816<sup>1</sup> 817<sup>1</sup> 818<sup>1</sup> 819<sup>1</sup> 820<sup>1</sup> 821<sup>1</sup> 822<sup>1</sup> 823<sup>1</sup> 824<sup>1</sup> 825<sup>1</sup> 826<sup>1</sup> 827<sup>1</sup> 828<sup>1</sup> 829<sup>1</sup> 830<sup>1</sup> 831<sup>1</sup> 832<sup>1</sup> 833<sup>1</sup> 834<sup>1</sup> 835<sup>1</sup> 836<sup>1</sup> 837<sup>1</sup> 838<sup>1</sup> 839<sup>1</sup> 840<sup>1</sup> 841<sup>1</sup> 842<sup>1</sup> 843<sup>1</sup> 844<sup>1</sup> 845<sup>1</sup> 846<sup>1</sup> 847<sup>1</sup> 848<sup>1</sup> 849<sup>1</sup> 850<sup>1</sup> 851<sup>1</sup> 852<sup>1</sup> 853<sup>1</sup> 854<sup>1</sup> 855<sup>1</sup> 856<sup>1</sup> 857<sup>1</sup> 858<sup>1</sup> 859<sup>1</sup> 860<sup>1</sup> 861<sup>1</sup> 862<sup>1</sup> 863<sup>1</sup> 864<sup>1</sup> 865<sup>1</sup> 866<sup>1</sup> 867<sup>1</sup> 868<sup>1</sup> 869<sup>1</sup> 870<sup>1</sup> 871<sup>1</sup> 872<sup>1</sup> 873<sup>1</sup> 874<sup>1</sup> 875<sup>1</sup> 876<sup>1</sup> 877<sup>1</sup> 878<sup>1</sup> 879<sup>1</sup> 880<sup>1</sup> 881<sup>1</sup> 882<sup>1</sup> 883<sup>1</sup> 884<sup>1</sup> 885<sup>1</sup> 886<sup>1</sup> 887<sup>1</sup> 888<sup>1</sup> 889<sup>1</sup> 890<sup>1</sup> 891<sup>1</sup> 892<sup>1</sup> 893<sup>1</sup> 894<sup>1</sup> 895<sup>1</sup> 896<sup>1</sup> 897<sup>1</sup> 898<sup>1</sup> 899<sup>1</sup> 900<sup>1</sup> 901<sup>1</sup> 902<sup>1</sup> 903<sup>1</sup> 904<sup>1</sup> 905<sup>1</sup> 906<sup>1</sup> 907<sup>1</sup> 908<sup>1</sup> 909<sup>1</sup> 910<sup>1</sup> 911<sup>1</sup> 912<sup>1</sup> 913<sup>1</sup> 914<sup>1</sup> 915<sup>1</sup> 916<sup>1</sup> 917<sup>1</sup> 918<sup>1</sup> 919<sup>1</sup> 920<sup>1</sup> 921<sup>1</sup> 922<sup>1</sup> 923<sup>1</sup> 924<sup>1</sup> 925<sup>1</sup> 926<sup>1</sup> 927<sup>1</sup> 928<sup>1</sup> 929<sup>1</sup> 930<sup>1</sup> 931<sup>1</sup> 932<sup>1</sup> 933<sup>1</sup> 934<sup>1</sup> 935<sup>1</sup> 936<sup>1</sup> 937<sup>1</sup> 938<sup>1</sup> 939<sup>1</sup> 940<sup>1</sup> 941<sup>1</sup> 942<sup>1</sup> 943<sup>1</sup> 944<sup>1</sup> 945<sup>1</sup> 946<sup>1</sup> 947<sup>1</sup> 948<sup>1</sup> 949<sup>1</sup> 950<sup>1</sup> 951<sup>1</sup> 952<sup>1</sup> 953<sup>1</sup> 954<sup>1</sup> 955<sup>1</sup> 956<sup>1</sup> 957<sup>1</sup> 958<sup>1</sup> 959<sup>1</sup> 960<sup>1</sup> 961<sup>1</sup> 962<sup>1</sup> 963<sup>1</sup> 964<sup>1</sup> 965<sup>1</sup> 966<sup>1</sup> 967<sup>1</sup> 968<sup>1</sup> 969<sup>1</sup> 970<sup>1</sup> 971<sup>1</sup> 972<sup>1</sup> 973<sup>1</sup> 974<sup>1</sup> 975<sup>1</sup> 976<sup>1</sup> 977<sup>1</sup> 978<sup>1</sup> 979<sup>1</sup> 980<sup>1</sup> 981<sup>1</sup> 982<sup>1</sup> 983<sup>1</sup> 984<sup>1</sup> 985<sup>1</sup> 986<sup>1</sup> 987<sup>1</sup> 988<sup>1</sup> 989<sup>1</sup> 990<sup>1</sup> 991<sup>1</sup> 992<sup>1</sup> 993<sup>1</sup> 994<sup>1</sup> 995<sup>1</sup> 996<sup>1</sup> 997<sup>1</sup> 998<sup>1</sup> 999<sup>1</sup> 1000<sup>1</sup> 1001<sup>1</sup> 1002<sup>1</sup> 1003<sup>1</sup> 1004<sup>1</sup> 1005<sup>1</sup> 1006<sup>1</sup> 1007<sup>1</sup> 1008<sup>1</sup> 1009<sup>1</sup> 1010<sup>1</sup> 1011<sup>1</sup> 1012<sup>1</sup> 1013<sup>1</sup> 1014<sup>1</sup> 1015<sup>1</sup> 1016<sup>1</sup> 1017<sup>1</sup> 1018<sup>1</sup> 1019<sup>1</sup> 1020<sup>1</sup> 1021<sup>1</sup> 1022<sup>1</sup> 1023<sup>1</sup> 1024<sup>1</sup> 1025<sup>1</sup> 1026<sup>1</sup> 1027<sup>1</sup> 1028<sup>1</sup> 1029<sup>1</sup> 1030<sup>1</sup> 1031<sup>1</sup> 1032<sup>1</sup> 1033<sup>1</sup> 1034<sup>1</sup> 1035<sup>1</sup> 1036<sup>1</sup> 1037<sup>1</sup> 1038<sup>1</sup> 1039<sup>1</sup> 1040<sup>1</sup> 1041<sup>1</sup> 1042<sup>1</sup> 1043<sup>1</sup> 1044<sup>1</sup> 1045<sup>1</sup> 1046<sup>1</sup> 1047<sup>1</sup> 1048<sup>1</sup> 1049<sup>1</sup> 1050<sup>1</sup> 1051<sup>1</sup> 1052<sup>1</sup> 1053<sup>1</sup> 1054<sup>1</sup> 1055<sup>1</sup> 1056<sup>1</sup> 1057<sup>1</sup> 1058<sup>1</sup> 1059<sup>1</sup> 1060<sup>1</sup> 1061<sup>1</sup> 1062<sup>1</sup> 1063<sup>1</sup> 1064<sup>1</sup> 1065<sup>1</sup> 1066<sup>1</sup> 1067<sup>1</sup> 1068<sup>1</sup> 1069<sup>1</sup> 1070<sup>1</sup> 1071<sup>1</sup> 1072<sup>1</sup> 1073<sup>1</sup> 1074<sup>1</sup> 1075<sup>1</sup> 1076<sup>1</sup> 1077<sup>1</sup> 1078<sup>1</sup> 1079<sup>1</sup> 1080<sup>1</sup> 1081<sup>1</sup> 1082<sup>1</sup> 1083<sup>1</sup> 1084<sup>1</sup> 1085<sup>1</sup> 1086<sup>1</sup> 1087<sup>1</sup> 1088<sup>1</sup> 1089<sup>1</sup> 1090<sup>1</sup> 10



salvação espera sua plena realização na *parousia* ou segundo advento de Cristo (ver os versículos quinto, sétimo e décimo terceiro deste mesmo capítulo).

9 κομιζόμενοι τὸ τέλος τῆς πίστεως [ὑμῶν] σωτηρίαν ψυχῶν.

■ Ro 6.22

9 πίστεως B 1 pc Cl Or; R] add υμων RAP pl lat bo c

1:9; começando e fim da verso 16, a salvação das vossas almas.

Isso é visto como: 1. Possível; 2. resultado natural da fé contínua; 3. a despeito das perseguições e retrocessos na esfera moral; 4. mas aqui é visto como algo que certamente será esperado, devido ao poder e à fidelidade de Deus (ver os versículos quarto e quinto). O vocábulo aqui empregado se encontra por três vezes nos escritos de Pedro, sempre envolvendo a recepção do galardão ou do castigo, devido à retidão ou à iniquidade. (Comparar com I Ped. 5:4 e II Ped. 2:13).

...o fim... No grego é usado o termo «telos», que pode olhar para algo 1. temporal: resultado; 2. lógico: questão ou consumação. (Hunter, *in loc.*). Seja como for, a fé resulta na salvação eterna da alma.

...fé... (Ver as notas expositivas nos versículos cinco, sete e oito acerca da forte ênfase sobre a «fé», tanto quanto em qualquer das epístolas paulinas). Alguns estudiosos acreditam que o real autor desta epístola era um paulinista, que, entretanto, escreveu em nome de Pedro. (Ver a introdução, na seção II, que versa sobre a «autoria do livro», onde esse problema é abordado. Ver também a nota de sumário sobre a «fé», em Heb. 11:1).

...salvação... (Quanto a notas expositivas completas sobre a «salvação», ver Heb. 2:3. Comparar com o quinto versículo deste capítulo, onde o tema já fora mencionado, e onde há notas adicionais). A «herança», referida no quarto versículo, é outra maneira de encerrar a questão.

...almas... (Quanto a notas expositivas completas sobre a «existência, a natureza e a sobrevivência da alma», após a morte biológica, ver II Cor. 5:8). Na introdução ao comentário há vários artigos sobre este tema, alistados sob o título «Imortalidade da Alma». O homem real ou essencial não é o corpo, que é apenas um veículo de expressão nesta esfera terrena. A alma haverá de receber o corpo ressurto, um veículo espiritual, não material e nem formado de partículas atômicas, a fim de poder expressar-se II. AÇÕES DE GRAÇAS (1:3-12).

## 7. Pela revelação do Espírito de Cristo (vers. 10-12).

Essa grande salvação era tema das especulações dos profetas do A.T. Eles anelavam por conhecer como seria, e sondavam espiritualmente, procurando entendê-la. Os próprios anjos anseiam por perscrutá-la. Pedro não desenvolve mui extensamente esse tema, conforme se vê, por exemplo, em Efê. 3:9,10, que deixa subentendido que Deus age no seio da igreja, levando os homens a Cristo e fazendo de Cristo o próprio centro de toda a sua existência, na criação inteira, entre todos os seres. E então a igreja se torna o «modelo» de «como» Deus fará isso. A lealdade que, no seio da igreja, os homens dão a Cristo, será duplicada em todas as esferas da existência, entre todos os seres, angelicais, humanos e de qualquer outra variedade que porventura existam. Essa união e restauração de todas as coisas em Cristo é o tema central do *mistério da vontade de Deus* (ver Efê. 1:10 e também todo esse primeiro capítulo). Portanto, damos graças a Deus porque ele nos deu —bem como a toda a sua criação— o seu Espírito, por meio de cuja missão chegamos a conhecer a vastidão do plano de salvação e chegamos a nos tornar participantes do mesmo.

Hunter (*in loc.*) nos oferece uma paráfrase dos versículos décimo e décimo segundo, que nos ajuda a compreender melhor o seu intuito: «Não foi outra coisa, senão essa esperança de salvação, que impeliu poderosamente aos profetas antigos. Eles se esforçaram para saber quando e como se cumpriram aquelas coisas misteriosas que o Espírito do Messias, falando neles, lhes apontava. Esse Espírito falava acerca dos sofrimentos do Messias e das glórias que se seguiriam. Aqueles profetas antigos sabiam que essas coisas teriam cumprimento, não em sua própria geração, mas em alguma geração futura e bendita. E tal cumprimento agora desfrutais no evangelho».

Notemos como, incidentalmente, temos aqui a polêmica, tão comum nas páginas do N.T., de que a nova dispensação é apenas a continuação da antiga, em nada contradizendo a mesma. O cristianismo não contradizia o judaísmo bíblico; antes, é cumprimento do mesmo, e até mesmo em grau mais elevado.

10 Περὶ τῆς σωτηρίας ἐξεζητήσαν καὶ ἐξηραύνησαν προφῆται οἱ περὶ τῆς εἰς ὑμᾶς χάριτος προφητεύσαντες,

10 Mt 13.17, Lc 10.24

1:10; Deste salvação inquiriram e indagaram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que para vós era destinada.

(Ver as notas expositivas nos versículos quarto, quinto e nono, bem como as completas notas em Heb. 2:3, acerca da «salvação»). O autor sagrado não faz aqui qualquer distinção entre o tipo de salvação esperado na antiga e na nova dispensações. Essencialmente, a salvação da alma é a mesma coisa, centralizada em Jesus Cristo, sem importar se os homens viviam no antigo pacto ou vivem na nova aliança. O autor sagrado também não estabelece qualquer distinção entre uma salvação terrena e outra celestial; pois devemos lembrar que as promessas feitas a Israel, como nação terrena, algumas vezes eram chamadas de «salvação». O autor sagrado prefere demorar-se sobre a salvação da alma, na dimensão eterna. Não faz nenhuma pausa a fim de descrever para nós como o novo pacto tem meios mais elevados e idéias mais elevadas da «salvação», em contraste com o que sucedia no antigo pacto. Tudo isso jaz fora de seu desígnio. Mas meramente mostra que a salvação é em Cristo, e é algo tão vasto que até mesmo os profetas antigos, respeitadíssimos, não sabiam muito acerca dela, porquanto somente agora, pelo evangelho, e que veio à luz a sua verdadeira natureza. A revelação da salvação tem sido progressiva, e nunca terminará. A eternidade mesma será uma revelação das dimensões da salvação. Porquanto ela envolve a participação em «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19), nunca haverá limite ou fim de seu alcance potencial, porquanto Deus é um ser infinito. O vaso mergulhado no oceano não pode contê-lo; antes, é engolfado pelo oceano. Porém, a eternidade inteira consistirá na expansão das dimensões e na capacidade daquele vaso imaginário. Essa expansão, por sua vez, será levada a efeito de conformidade com o «modelo», que é Cristo, do mesmo modo que ele participa da natureza e das

nas esferas celestiais (ver as notas expositivas a esse respeito, em I Cor. 15:20). O N.T. encara a imortalidade final não como algo que envolve apenas a sobrevivência da alma. Pelo contrário, a alma é «revestida» do seu veículo apropriado, através do que será transformada em um ser semelhante ao da natureza de Cristo. Por conseguinte, a imortalidade não consiste apenas em existência sem fim; mas e antes um «tipo de vida».

Portanto, a fé nos leva a pensar os pensamentos divinos: a contemplar o mundo eterno; a crer no que é invisível; e, se essa fé é suficientemente forte, haverá de reconduzir-nos à presença de Deus (ver Heb. 10:19).

Neste caso, a salvação importa em «livramento», um de seus sentidos possíveis; o livramento do mundo hostil, de suas perseguições e de suas tentações ao mal; mas também livramento para a entrada no mundo eterno, para o recebimento dos benefícios divinos, conferidos por intermédio de Cristo. Tal livramento é motivo de intenso regozijo, conforme também se lê em Apo. 5:9.

«O evangelho envolve libertação. Portanto é dito que recebemos agora, como prelibação, a recompensa que será amplamente dada quando da revelação. O termo «psuche», nos escritos de Pedro, denota a total natureza íntima do homem, tal como na filosofia grega e no grego comum; nos evangelhos e no livro de Atos, nunca é posta em oposição a «pneuma» ou «nous», conforme faz o apóstolo Paulo». (Bigg, *in loc.*).

«A esperança viva diz respeito ao futuro, tanto quanto ao presente. A palavra «receber» é usada acerca dos competidores, em uma competição, os quais, após obterem a vitória, levam os presentes ou prêmios. As palavras «to telos», indica o final a que aspiram os competidores da carreira cristã (comparar com I Cor. 9:24 e ss.; II Tim. 4:7,8 e Heb. 12:1). A salvação da alma é a finalidade da fé e a recompensa dada pela graça, conferida ao crente quando ele termina sua competição. (Comparar com Atos 15:11 e I Ped. 1:5).» (Lange, *in loc.*).

perfeições divinas.

...profetas... Quase certamente Pedro se referia aqui aos profetas do A.T., e não aos profetas da era apostólica, na igreja primitiva.

...indagaram... No grego é usado o verbo «ekzeteo», «buscar», «sondar», «pesquisar». É termo usado para indicar a diligente busca de Esaú pelo arrependimento, em Heb. 12:17.

...inquiriram... No grego é «ekseraunao», «inquirir cuidadosamente». Era termo usado como pleonismo retórico, juntamente com o termo anterior, por ser um seu sinônimo essencial. Essas duas palavras, juntas, indicam intensa busca, levada a efeito de diversas maneiras, por certo período de tempo. Essa inquirição é de natureza espiritual, mediante a inspiração interna do Espírito, que falava a respeito de Cristo, predizendo coisas a seu respeito.

...profetizaram acerca da graça... O autor sagrado tem em mente as diversas passagens messiânicas do A.T., que indicavam uma era maior da graça, no porvir, em que a salvação seria conhecida e concretizada em grau maior do que aquilo que já se conhecia. No trecho de Atos 3:22 temos o «testemunho geral do A.T. a respeito de Cristo», onde são alistadas várias profecias vetotestamentárias a seu respeito. Ver também Cristo como o «Messias e Servo Sofredor», em Atos 3:18, o qual é referido também no décimo primeiro versículo do presente capítulo.

...graça... Há aqui menção à graça divina, demonstrada na missão do Messias, que nos e descrita nos evangelhos. (Há notas expositivas completas sobre a «graça», em Efê. 2:8). Neste ponto a «graça» indica a dádiva graciosa de Deus, ao propiciar-nos a salvação. Cristo cumpriu a esperança que tinham os profetas do A.T. na «restauração» e no «bem-estar



espiritual». É verdade que ele fê-lo em uma escala mais universal do que eles normalmente esperavam, ultrapassando suas mais arrojadas imaginações. Os profetas viam essa «salvação» de longe, como Moisés contemplou à distância a terra de Canaã, tendo uma visão apenas esboçada da mesma; no entanto, viam-na, tal como Jesus disse que Abraão «viu o meu dia e se alegrou». (Ver João 8:56).

«Os profetas se preocupavam com a salvação messiânica, e pesquisavam seus próprios escritos, bem como os de seus predecessores, procurando informações definidas a respeito. Esses são honrados pelos cristãos que entendem que, na realidade, eles profetizaram acerca da graça destinada à Igreja cristã» (Hart, *in loc.*). Naturalmente, a busca deles era em suas próprias mentes e espíritos, nos raciocínios e contemplações secretos da alma. Para eles, era uma busca espiritual no próprio íntimo.

O autor, por conseguinte, aumenta a apreciação e o respeito dos seus leitores por sua própria salvação; pois esta é algo tão grande que ocupou a atenção dos profetas antigos, cujos nomes aqueles cristãos primitivos tanto respeitavam. O que eles tinham antecipado tão claramente e o que tinham buscado, se tornara uma fulgurante realidade. Grande, pois, é o tesouro do

11 ἐραυνῶντες εἰς τίνα ἢ ποῖον καιρὸν ἐδήλου τὸ Χριστὸν παθῆματα καὶ τὰς μετὰ ταῦτα δόξας·

11 (ἐδήλου το) [ἐδήλουτο L b9 al] | Χριστον] om B Athan

1:11; indagando qual o tempo ou qual a ocasião que o Espírito de Cristo que estava neles indicava, ao prever os sofrimentos que o Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir.

A atuação e a contemplação dos antigos profetas, embora visasse a sua própria geração, teve importância até mesmo para as gerações posteriores; porque somente nas gerações posteriores é que suas profecias tiveram cumprimento, quando então foi compreendida melhor a sua imensa importância. O sentido total de sua obra preparatória, porém, lhes estava oculto, ainda que sua inquirição espiritual procurasse um mais completo entendimento sobre o grandioso desígnio no qual estavam pessoalmente envolvidos.

«...investigando atentamente...» No grego é usado o termo «eraunao», que tem a mesma raiz do vocábulo usado no versículo anterior, sem o prefixo preposicional, e sem qualquer idéia intensificadora. Portanto, esta tradução, «...investigando atentamente...» não pode ser justificada. Contudo, o contexto geral indica que houve, de fato, uma busca intensa. Essa busca foi feita, antes de tudo, através de seu ofício como profeta; através de suas profecias, que eram divinamente inspiradas; através de sua atividade como instrutores do povo; mas também em sua inquirição particular, quando procuravam entender mais perfeitamente a magnitude daquilo que estava envolvido em sua missão.

«...a ocasião...» No grego temos «*tiná*», pronome indefinido, acusativo ou nominativo masculino. Alguns estudiosos entendem isso como «que pessoa» estava envolvida em suas profecias — quem seria o Messias? quando ele haveria de vir? que circunstâncias acompanhariam o seu aparecimento, etc. Mas outros estudiosos interpretam isso como «o que» (neutro, no grego), o que seria algo indefinido — «o que lhes vinha sendo dito!» qual a importância e o real significado disso? Há um terceiro grupo de eruditos que pensa que o pronome indefinido se refere à idéia de «tempo», ou seja — «procuravam descobrir o tempo e a natureza dos tempos», acerca do que o Espírito lhes testificava. Todas essas idéias são verdadeiras, sendo impossível determinar exatamente qual delas é a mais exata.

«...quais as circunstâncias oportunas...» No grego temos «que tipo de tempo», talvez com o sentido de «que tempo específico», qual período da história, quão perto ou quão distante, etc., é que a promessa messiânica se cumpriria, quando o Messias sofreria e seria glorificado. Inquiriam eles acerca dos «tempos e estações» que o Pai mantém para sua exclusiva autoridade. (Ver Atos 1:7). Mas há estudiosos que vêem aqui as «condições» ou características do tempo do Messias. Assim sendo, os profetas queriam saber quais condições ou circunstâncias acompanhariam a época da vinda do Messias. Uma vez mais, não se pode decidir com certeza o que está em foco. Ambas as idéias expressam verdades. Os profetas queriam saber algo sobre «quando» — deveriam esperar o Messias, mas também queriam saber alguma coisa acerca das «condições» desse tempo.

«Eles previam um Cristo, mas não puderam prever a Jesus; não podiam atribuir ao seu Cristo qualquer posição definida na história futura. (Comparar isso com Mat. 22:42; Luc. 3:15; 23:35; João 3:28; 7:26, 41 e Atos 2:36)». (Mason, *in loc.*)

«...indicadas...» O grego exhibe o verbo finito no imperfeito: «Qual o tempo e quais as circunstâncias da vinda do Messias, acerca do que o Espírito de Cristo estava indicando?». Portanto, havia uma indicação contínua, através da sucessão dos profetas, a cada geração, até que houve um real cumprimento de suas profecias, dentro do espaço e do tempo.

«...Espírito de Cristo...» Essas palavras apontam para o Espírito de Deus, e não para o próprio Cristo em alguma manifestação preencarnada. Paulo usa o mesmo título para indicar o Espírito Santo, em Rom. 8:9. Ele é chamado de «Espírito de Cristo» porque as profecias do A.T. sobre o Messias, serviam de uma espécie de precursoras e testemunhas. No N.T., o Espírito Santo é chamado de Espírito de Cristo porque ele atua no mundo como o *alter ego* de Cristo, como seu representante e glorificador. Assim é que os escritores do N.T. identificam o Espírito de Cristo como o elevadíssimo Deus, «Yahweh», porquanto ele era o Espírito que inspirou aos profetas; e, após a ascensão de Cristo, ele é quem inspira a todos quantos confiam no mesmo Cristo sobre o qual ele anteriormente profetizara. Nisso fica demonstrada a unidade entre o antigo e o novo pacted, tal como no décimo versículo deste capítulo, porquanto «um único Espírito inspirador opera em ambos, e em ambos o mesmo Cristo é o Salvador apontado.

crente!

«...destinada...» O plano de Deus opera segundo a ordem divina, e de consonância com um cumprimento previamente destinado. O cumprimento maior da esperança da graça não ocorreu nos dias de Moisés ou de Isaias, mas se cumpre agora, nos dias do cristianismo: Deus destinou uma demonstração especial de sua graça para nossa geração. Esse é um grande privilégio, que envolve tremenda responsabilidade!

«A mensagem do evangelho destranca os tesouros da revelação do A.T. Evangelistas e apóstolos foram os expositores dos profetas. A continuidade da revelação divina nunca se interrompeu. O Espírito que falou por meio de Joel, acerca do derramamento pentecostal, falara a homens de dias anteriores, a Abraão, a Jacó, a Moisés e a Davi; e agora fora derramado sobre os primeiros pregadores do evangelho, sendo abundantemente conferido para a obra da recém-fundada Igreja de Cristo. O apóstolo Pedro mesmo, principal receptor desse dom, proclama aqui a unidade da revelação inteira; e, mais do que isso ainda, dá testemunho sobre a unidade do ensino no corpo inteiro dos missionários cristãos». (Lumby, *in loc.*).

★ ★ ★

ἐν αὐτοῖς πνεῦμα Χριστοῦ προμαρτυρόμενον τὰ εἰς

11 προμαρτυρόμενον...παθήματα Ps 22; Is 53; Lk 24:26

(Quanto a notas expositivas completas sobre o «Espírito Santo», incluindo seus muidíssimos títulos, ver a passagem de Rom. 8:1).

«...que neles estava...» O Espírito de Cristo habitava neles, tal como agora habita em nós; ele os inspirava, e essa inspiração lhes dava o desejo de conhecerem a Cristo. E agora ele habita em nós com o mesmo propósito (ver João 16:13, 14). No mundo, o Espírito de Deus tem a mesma função: mostrar aos homens a importância de Cristo, em seu ofício de Salvador e Juiz (ver João 16:7 e ss.).

«...ao dar de antemão testemunho...» A Polêmica Cristã

1. Uma das dificuldades (e talvez a maior de todas) dos judeus, consistia em aceitar a idéia de um Messias que fosse também o «Servo Sofredor». Como poderia vir a ser crucificado o Messias, o Rei esperado? O próprio N.T., de certa forma, é a resposta para essa indagação.

2. Quanto a notas completas sobre o conceito do Messias-Servo Sofredor, ver Atos 3:18. Vários trechos do A.T. eram utilizados, pelos crentes primitivos, a fim de demonstrar que esse papel estava predito no tocante ao Messias. Em Atos 3:22 apresentamos, de maneira gráfica, uma lista das profecias messiânicas que se cumpriram na pessoa de Jesus.

3. No texto presente, Pedro alude a como o Espírito Santo predissera sobre um Messias que é o Servo Sofredor. Agora podemos perceber como os sofrimentos (e, portanto, a expiação) faziam parte necessária da missão do Messias; e isso, longe de servir de obstáculo ao cumprimento de sua missão, era porção necessária e inseparável dela. Porém, trata-se de uma questão extremamente difícil para os judeus entenderem. Era conveniente que, através de sofrimentos, o Messias entrasse em sua glória. O insensatos e lentos de coração para crer! Isso não é perfeitamente óbvio? (Ver Lucas 24:25 e ss.).

4. Em João 20:31 apresentamos uma nota detalhada sobre como os cristãos primitivos procuravam defender a validade das reivindicações messiânicas de Jesus.

«...as glórias que os seguiriam...» Está em foco sobretudo a ressurreição, mas incluindo a subsequente ascensão e glorificação. O sermão de Pedro, em Atos 3:25 e ss., tem os mesmos temas. Ele foi ressuscitado por Deus (ver o trigésimo primeiro versículo), tendo sido exaltado à mão direita de Deus (ver o trigésimo terceiro versículo), e ali aguarda a derrota de todos os seus inimigos (ver os versículos trinta e cinco e trinta e seis), a fim de que, eventualmente, seja o Senhor de todos (ver o trigésimo sexto versículo). As «glórias» que se seguiriam, portanto, deve incluir a idéia da glória que sua morte e ressurreição trazem até nós, devido à possessão da salvação, tal como nos versículos nono e décimo do presente capítulo. Portanto, a palavra «glórias» (no plural), indica os vários estágios sucessivos de glória que acompanham o triunfo de Cristo.

O presente versículo ensina, por implicação direta, as seguintes coisas: 1. Os gentios não eram apenas um pensamento tardio, mas ocupavam também posição central, junto com os judeus, no plano redentor de Deus. 2. Deus não é alguma força arbitrária que age caprichosamente. 3. O poder de Deus é salvador e benigno, contanto que os homens assim o acolham. 4. A unidade da tradição profética mostra o alvo comum das grandes profecias do A.T.

O autor sagrado não entra em detalhes acerca da profundidade do entendimento dos profetas do A.T.; mas luta em prol do «discernimento messiânico» das suas profecias, sem importar sua exatidão ou inexactidão. Pedro defende a inspiração profética. Assim também Filo pensava (ver *de migr. Abr.* 7.1.441) que a verdade vem por inspiração: «Subitamente fui invadido por pensamentos que choviam sobre mim como flocos de neve».

Em outros lugares Pedro fala sobre os profetas do A.T., que previram aqueles dias em que ele e seus leitores viviam: Joel falou sobre os últimos dias (ver Atos 2:16 e ss.); outro tanto fez Davi (ver Atos 3:25 e ss.). O autor do tratado aos Hebreus expõe a mesma polêmica. (Ver Heb. 10:16). Na profecia de Jeremias (31:33, 34), o autor vê a alusão a uma nova aliança. Passagens como o nono e o décimo segundo capítulos do livro de Daniel, subentendem que é razoável essa abordagem do sentido da profecia, que pode ter um cumprimento remoto do tempo de sua escrita, e que poderia ser entendida até pelo profeta que a escreveu, com base em outros livros (ver Dan. 9:2).

Os sofrimentos de Cristo: Alguns intérpretes compreendem isso «misticamente», isto é, como se estivessem em foco os sofrimentos de seu



corpo, a Igreja. Assim, estariam diretamente em vista os sofrimentos dos cristãos; mas isso é apenas um exagerado refinamento do que diz este versículo. Naturalmente, participamos dos sofrimentos de Cristo (ver Col. 1:24), e o presente capítulo indica tudo isso, mas não podemos ter nisso a interpretação primária do versículo à nossa frente.

*Variante Textual:* As palavras «Espírito de Cristo» aparecem em quase todos

12 οἷς ἀπεκαλύφθη ὅτι οὐχ ἑαυτοῖς ὑμῖν δὲ διηκόνουν αὐτά, ἀ νῦν ἀνηγγέλη ὑμῖν διὰ τῶν  
εὐαγγελισσαμένων ὑμᾶς [ἐν | πνεύματι\* ἀγίῳ ἀποσταλέντι ἀπ' οὐρανοῦ, εἰς ᾧ ἐπιθυμοῦσιν ἄγγελοι παρακύψαι.

12 πνεύματι π<sup>2</sup> A B Ψ 33 436 Ihdym Cynl<sup>1</sup> IC | ἐν πνεύματι  
M C K P 049 056 0142 81 88 104 181 226 330 431 814 829 830 945 1241 1503

\*\*\*

1738 1877 1891 2127 2412 2492 2493 Byz Lect Vigilus Ps-4 Iocumenius

Theophylact

12 οἷς...διηκόνουν Na 1.2 εἰς...παρακύψαι Eob 3.10

Por um lado, o uso prevalente em I Pedro (como também noutros trechos do N.T.) favorece a forma ἐν, confirmada por N C K P maioria dos demais testemunhos. Por outro lado, em face da ausência da palavra de testemunhos antigos e importantes como p<sup>2</sup> A B Ψ 33 al a maioria da comissão julgou necessário deixar a palavra entre colchetes.

(A forma sem ἐν é preferível com base em (a) evidência externa superior, (b) tendência dos escribas por adicionarem ἐν em consonância com a expressão usual algures, e (c) ausência de qualquer bom motivo que justifique a omissão da preposição. B.M.M. e A.W.).

1:12: As coisas que agora foram reveladas que não para si mesmos, mas para vós, elas ministraram estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu vos pregaram o evangelho; para as quais coisas os anjos bem desejam atentar.

Pedro vê agora os profetas do A.T. a servirem a Deus, não por causa de si mesmos ou de sua época, mas por nossa causa e de nossos dias. Eles fizeram uma obra cuja importância foi reconhecida por eles apenas em parte. Seu trabalho se estendia até às gerações futuras, porquanto o Cristo a quem profetizavam seria o Salvador de todos os homens, e não meramente de uma pequena nação antiga. A esperança messiânica de que falavam não podia ser confinada a uma única geração, e nem a um único povo. Portanto, os gentios não foram um pensamento tardio de Deus, no que tange à salvação; Deus não agiu arbitrariamente em relação à missão genérica da igreja cristã—faziam eles parte central do seu plano, desde o princípio.

Pedro também diz que os profetas entenderam esse aspecto lato de sua missão. O nono capítulo do livro de Daniel, pelo menos, indica isso de modo delinido, conforme também Jesus deu a entender no caso de Abraão, o qual antecedeu, por muito tempo, a atividade profética do A.T. (Ver João 8:56).

«...não para si mesmos...» Isto é, não «principalmente» para seu proveito pessoal, já que suas profecias eram messiânicas. Mas, naturalmente, tiveram um ministério dirigido às suas respectivas gerações; e Cristo aplicou o ministério delas às mesmas, tal como faz conosco, isto é, por antecipação.

«...vós outros...», ou seja, para a própria geração de Pedro, quando Cristo veio; mas também para todas as gerações subseqüentes da humanidade.

«...as coisas que agora vos foram anunciadas...» Os ministros cristãos deram continuação à obra iniciada pelos profetas: trouxeram à frente um novo e mais importante estágio da mesma obra. Os profetas do A.T. anunciaram a Cristo; assim também fizeram os profetas, apóstolos e demais obreiros do N.T. A mensagem era a mesma; o ministério também era o mesmo, embora um tanto mais expandido e refinado, nos tempos neotestamentários. Pedro defende, uma vez mais, embora mais enfaticamente agora, a unidade entre a antiga e a nova dispensações. A defesa do caráter messiânico de Jesus é, por si mesmo, uma defesa da conexão vital entre o Antigo e o Novo Testamentos. (Ver João 12:37,38 quanto à polêmica cristã primitiva em favor de Jesus como o «Messias Sofredor». O trecho de João 7:45, em suas notas expositivas, apresenta um sumário das provas neotestamentárias sobre o caráter messiânico de Jesus).

«...pelo Espírito Santo enviado do céu...» A alusão primária é à visitação do Espírito no dia de Pentecoste; mas não há que duvidar que o autor sagrado também quis indicar a sua missão contínua entre os homens, daí por diante. Notemos, aqui, que o «Espírito de Cristo» (ver o décimo primeiro versículo), é chamado agora de «Espírito Santo». É ele quem santifica aos homens, levando-os à santidade do próprio Deus Pai (ver Mat. 5:48); que é a única santidade aceitável diante da presença de Deus (ver Heb. 12:14 e Rom. 3:21). O Espírito de Deus é santo em si mesmo, tal como Deus Pai é santo. Ele é a emanação mesma da santidade divina, pelo que é um agente purificador e instrutor entre homens pecaminosos. Ele lhes expõe a mensagem da santificação, a qual é capaz de espiritualizá-los, levando-os a compartilhar da natureza de Cristo. É nisso que consiste o evangelho.

«...vós pregaram o evangelho...» Os profetas e apóstolos do N.T., agindo sob a mesma influência que agia sobre os profetas do A.T., o que os levou a pregarem a mesma mensagem. Foi assim que o evangelho foi anunciado aos homens. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «evangelho», ver Rom. 1:16).

«...coisas essas que anjos anelam perscrutar...» (Quanto a notas expositivas completas sobre os «anjos», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10). Os anjos são considerados numerosíssimos, pertencentes a muitas ordens diferentes, dotados de grande inteligência, poder e autoridade, e alguns deles são dirigentes de vastas regiões dos mundos celestiais (ver Efé. 1:21). Não obstante, não podiam saber, e nem agora, certamente, sabem tudo quanto está envolvido no plano redentor de Deus em favor dos homens. É parte disso se deve ao fato que, na qualidade de seres que nunca caíram, não podem apreciar devidamente o que significa ser alguém remido do pecado. Por isso mesmo o hino da redenção é

*Um cântico que nem mesmo os anjos*

*Nunca, nunca poderão entoar.*

(Charles Wesley).

os manuscritos. Mas o ms B deixa de ser «Cristo», o que foi feito acidental ou propositalmente, por causa da suposta dificuldade de chamar o Espírito Santo por esse título. Comparar com Atos 18:7, onde o termo «Espírito de Jesus» é a forma correta. Vários manuscritos deixam de lado as palavras «de Jesus», talvez com a idéia que o Espírito Santo não pode ser assim chamado.

Porem, é errado reduzir a falta de entendimentos deles somente à questão do pecado. Além disso, devemos nos lembrar que o destino do homem, remido por Cristo, é muito superior que o destino dos anjos. O remido se torna filho de Deus, tal como o é o Filho (ver Heb. 2:10 e ss.). O homem minúsculo ascenderá a uma posição superior à dos anjos, dotados da plenitude de Cristo, o qual preenche a tudo em todos (ver Efé. 1:23). Notemos, em Efé. 3:10, como os anjos observam o plano de Deus, e como isso é um meio de mostrar o que Deus fará no universo; a restauração e exaltação do homem, em que Cristo se tornará o centro de sua vida e de seu ser, é o que Deus tenciona duplicar no universo inteiro, com todos os seres inteligentes.

Orígenes especulava que o espírito humano não-decaído e os espíritos angelicais, são uma e a mesma coisa; e é provável que essa opinião esteja com a razão. Portanto, na restauração em Cristo, o indivíduo é feito maior do que era, antes da queda; transcende a seu anterior nível angelical, em seu próprio ser e em seus poderes, e vem a participar da família divina; e assim expressa as mesmas propriedades e poderes que o Deus-homem, Jesus Cristo, que é o modelo de como serão os remidos, terminada a obra da redenção. Assim como Cristo é superior aos anjos, assim sê-lo-ão também os remidos, e, potencialmente, no mesmo grau de superioridade.

«...anelam...» No grego é usado o termo «epithumeo», uma forma intensiva, que significa «desejar intensamente». Para os anjos, a questão não é apenas curiosa. Antes, é uma atividade, tal como sucedia aos profetas do A.T. A mesma palavra grega é usada em Luc. 15:16, acerca do desejo que tinha o filho pródigo de matar a fome com as bolotas dadas aos porcos; ver também Gál. 5:17, onde o termo é usado a respeito do anelo da carne contra o espírito, na luta íntima do crente, ou na luta do mundo de maldade contra o que é direito.

«...perscrutar...» No grego é «parakupto», que originalmente significa «inclinar-se por sobre»; posteriormente, porém, adquiriu a idéia de inclinar-se para olhar para algo, e então tomou o sentido de «perscrutar». Podemos ter a idéia de alguém a abaixar-se ou a esticar o pescoço, a fim de contemplar alguma visão maravilhosa. Pedro e João correram até ao túmulo e se baixaram a fim de olhar para dentro, com nervosa e ansiosa excitação (ver João 20:5). Portanto, o grande espetáculo da redenção humana atrai até mesmo o interesse atento dos anjos. Assim é que no livro apócrifo de Enoque ix.1, os grandes arcanjos Miguel, Uriel, Rafael e Gabriel são vistos a se baixarem para espiar as questões terrenas que tanto os interessavam. Isso era uma profecia de acontecimentos espantosos, que ocorreriam na terra e envolveriam a redenção humana. O mesmo termo grego que ali ocorre, aparece aqui.

Alguns estudiosos acreditam que o presente versículo e o quarto versículo deste capítulo fazem alusões a esse livro apócrifo de Enoque. Pelo menos as idéias expostas são similares. Os livros de Hebreus, Tiago, I e II Pedro têm tais alusões em bastante abundância; e Judas cita diretamente o livro de Enoque (ver Jud. 14). (Ver ali as notas expositivas, em prova disso). Os livros apócrifos do A.T. não eram usados pelos judeus da Palestina, e nem jamais entraram no A.T. hebraico. No entanto, faziam parte da Septuaginta, a versão grega do A.T., usada por todo o judaísmo fora da Palestina. Quase todos os cristãos primitivos usavam a Septuaginta, e não o A.T. em hebraico; pelo que os livros apócrifos do A.T. eram muito usados por eles; e isso se evidencia por toda a parte, nas chamadas «epístolas católicas». A passagem em I Ped. 3:18 e ss., que fala sobre a descida ao «hades», também pode estar baseada em alusões ao livro de Enoque.

*Pergunta do Sacerdote do Pai, agora,*

*Aquele que ordenou os meios;*

*Anjos se prostram ao redor dos altares*

*Para buscá-la, mas em vão.*

*Os anjos, em fixa admiração*

*Evocam ao redor dos altares*

*Com alhares anelantes adoram a graça*

*Do nosso eterno Amante.*

(Charles Wesley)

Com isso se pode comparar a intensa atenção dos querubins, por sobre o propiciatório (ver Êxo. 25:20), como se estivessem olhando atentamente para ver algo do ministério da expiação. Os anjos são enviados como espíritos ministradores em favor dos homens (ver Heb. 1:14), e, naturalmente, estão interessados nos planos divinos, no que envolve a humanidade.

Os profetas do A.T. estavam interessados por ver o que Deus faria pelos homens, através do Messias. Os anjos, seres mais elevados do que eles,



estão igualmente interessados. O autor sagrado menciona essas coisas a fim de ilustrar, para os seus leitores, a imensa importância da obra remidora, o valor inigualável do evangelho.

**Variação Textual:** «No» Espírito Santo, com o sentido de «através», é a forma que aparece nos mss Alaph, CKP e na maioria das versões e manuscritos minúsculos. A preposição, todavia, é omitida pelos mss P(72), AB, P<sup>ai</sup> e 33. Isso, entretanto, em nada altera o sentido da frase. Quanto à genuinidade da preposição, a evidência externa favorece sua omissão; e também se pode argumentar que a inserção de «em» (no grego), visou conformar o texto com o

estilo «usual» dos escritores do N.T. A única razão que poderia ter sido omitida, se fosse parte original do texto, seria o descuido dos escribas. Mas há estudiosos que argumentam que o uso prevalente, nesta primeira epístola de Pedro, como no resto do N.T., é o da preposição, nessas situações gramaticais, e isso favorece sua inclusão. Não há maneira certa de solucionar essa dificuldade, o que, porém, não perturba o significado do versículo. A pregação era realizada sob inspiração do Espírito, primeiramente dado em larga escala no dia de Pentecosta, mas agora habitando conosco, a fim de inspirar-nos a levar aos homens a mensagem de esperança.

### III. RESULTADOS IMPLÍCITOS DA SALVAÇÃO: Exortação à vida santa (1:13-2:3)

O autor sagrado, tendo declarado tantas e tão grandes verdades cristãs, é agora inspirado a fazer algumas aplicações práticas dessas verdades, mais ou menos como Paulo adicionava sempre uma seção prática às suas epístolas, baseadas sobre as doutrinas por ele ensinadas. Ver os capítulos doze a dezesseis, baseados sobre a parte anterior da epístola aos Romanos; ver Colossenses (capítulos terceiro e quarto) baseados sobre os capítulos primeiro e segundo; ver os capítulos quarto a sexto de Efésios, baseados sobre os capítulos primeiro e terceiro. Pedro nos dissera no que consiste o evangelho, e quais são as suas promessas. E agora mostra o que ele exige de nossas vidas. Como sempre no N.T., isso indica uma vida santa; o elevado privilégio da salvação arrasta consigo o imperativo moral, e não admira que envolva a transformação segundo a imagem de Cristo, para compartilharmos de sua natureza, o que deve provocar a transformação moral segundo ele. Assim sendo, o Espírito Santo habita em nós para produzir aquele fruto do qual ele é o padrão e o modelo (ver Gál. 5:22,23), e nós nos tornamos perfeitos no amor, na fé, na bondade, na longanimidade, etc., adquirindo aos poucos a sua própria natureza moral, para que assim possamos adquirir sua natureza metafísica.

Não há como exagerar a ênfase posta sobre o imperativo moral do evangelho. Não é questão de escolha; é uma necessidade absoluta para a experiência cristã; do contrário, não haverá qualquer experiência cristã. Alguns eruditos gostariam de adicionar a santidade à fé, como se isso fosse um luxo que pudesse ser acrescentado ou não. Mas o N.T. inteiro responde com a negativa: a santidade é a subistência mesma da salvação, e, sem ela, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 2:14). A santificação é o meio mesmo da glorificação, segundo temos em II Tes. 2:13. A salvação fica de pé ou cai juntamente com ela.

**Sumário.** «Devemos viver vidas santas e puras:

- a. Porque Deus, nosso Pai, é santo (versículos 13-17);
- b. porque fomos remidos por Cristo a um custo infinito (versículos 18-21); e
- c. porque nascemos de novo (versículos 22-25)» (Hunter, *in loc.*).

13 Διὸ ἀναξωσάμενοι τὰς ὁσφύας τῆς διανοίας ὑμῶν, νήφοντες,<sup>a</sup> τελείως<sup>a</sup> ἐλπίσατε ἐπὶ τὴν φερομένην ὑμῖν χάριν ἐν ἀποκαλύψει Ἰησοῦ Χριστοῦ.

<sup>a</sup> 13 a minor, a none: TR B<sup>ov</sup> N<sup>es</sup> R<sup>p</sup>1 AV RV ASV RSV TT (Zür) (Luth) Jer

(B<sup>ov</sup>) <sup>a</sup> none, a minor: WH K<sup>eb</sup>

13 ἀναξωσάμενοι τὰς ὁσφύας 1k 12,25; Eph 6,14

13 (νήφ., τελείως) νήφ. τελείως.)

1:13. Portanto, cingindo os lombos de vossa contenção, sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos oferece na revelação de Jesus Cristo.

«...Por isso...» Uma conexão bem geral com aquilo que antecede, e não com o que se segue. Por causa de tudo que o evangelho tem feito por nós, e devido ao que ele promete, devemos «estar prontos para a ação», possuindo as virtudes seguintes, necessárias para corrigir a vida cristã. Seremos considerados responsáveis por aquilo que fazemos, quando da «...revelação...» ou vinda de Cristo.

«...cingindo o vosso entendimento...» Nos países orientais, o «cingir os lombos» significava meter a blusa para dentro do cinto, para possibilitar a ação rápida, sem o empecilho de vestes flutuantes e frouxas. Na conexão espiritual ou moral, pois, a prontidão e o alerta espirituais estão em foco; a preparação e o cultivo das faculdades mentais e espirituais são ordenados, através dos quais um homem pode demonstrar profunda espiritualidade, completa com o adorno de todas as virtudes cristãs, fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22,23). (Comparar com Luc. 12:35 e ss., onde ocorre a mesma expressão, e em conexão com o preparo espiritual para a segunda vinda de Cristo: «Bem-aventurados aqueles servos a quem o Senhor quando vier os encontre vigilantes...» — Luc. 12:37). Cristo nos chama para um serviço ativo e santo. Os peregrinos e forasteiros (ver I Ped. 1:1 e 2:11) devem ser sempre prontos para o cultivo e a ação espirituais, não permitindo que o mundo os conduza à negligência espiritual, conformando-se com a presente era má. Este mundo vil seria amigo da graça ajudando-nos a subir até Deus? Certamente que não; pelo que o cultivo das virtudes próprias do outro mundo é algo necessário. Alguns eruditos vêem nesta figura simbólica uma alusão ao ato de «cingir-se» de Jesus, que teve lugar quando da celebração da páscoa (ver Exo. 12:11), e talvez Cristo, em sua vinda, pode ser visto como quem «liberará» aos fiéis, mas julgará aos incrédulos, conforme se vê nos tempos do A.T.

«...mentes...» As faculdades mentais devem ser alertas e dedicadas à inquirição espiritual. A razão é uma força poderosa, podendo transformar espiritualmente ao homem. (Comparar com a chamada à dedicação, em Rom. 12:1,2, o que será realizado mediante a «renovação da mente»). Dentro da fé religiosa, a emoção é parte importante e necessária; a importância mais elevada, porém, é a do misticismo, mediante o que a alma entra em contacto direto com o Espírito Santo; mas não podemos deixar de lado as faculdades mentais, pois elas também perfazem a porção central daquilo que um homem é, podendo degradá-lo ou transformá-lo segundo a imagem de Jesus Cristo. O «cingir» da mente é uma expressão poética que indica o cultivo espiritual das faculdades mentais, o que pode ser feito por intermédio do estudo da Palavra de Deus, da meditação, da oração e da inquirição pela posse e uso dos dons espirituais.

«Os homens devem amar a Deus com sua mente; e o evangelho consiste das boas novas de que a verdade veio libertá-los da servidão ao erro, às trevas e à falsidade. A luz da verdade revelada é a fonte da liberdade. Uma igreja real é uma igreja que ensina. Rejeita a exigência superficial de pessoas sentimentais que entretêm mas não instruem, bem como o cristianismo fácil que não impõe exigências à mente. Se a igreja tiver de ser salva de ser um 'guia cego dos cegos', deve cingir-se em sua mente, tornando-se mestra militante da verdade, que liberta os homens das superstições que aleijam, da ignorância que cega e do erro condenador» (Hornighausen, *in loc.*).

«...sede sóbrios...» No grego é «*nephotes*», literalmente, «ser sóbrio». Essa palavra era usada primariamente para indicar a sobriedade física, em oposição ao alcoolismo. Alguns intérpretes vêem esse sentido literal aqui. Mas certamente deve ser incluído, pelo menos, o sentido de autocontrole, de equanimidade, de equilíbrio espiritual, de excessos evitados. (Ver I Tim. 3:2,11 e Tito 2:2 quanto a outros usos desse vocábulo). No dizer de Matthew Henry (*in loc.*): «Sede sóbrios, sede vigilantes contra todos os perigos e inimigos espirituais, e sede equilibrados e modestos no comer, no beber, nas vestes, nas recreações, nos negócios e em toda a vossa conduta; sede dotados de mente sóbria até mesmo em vossas opiniões, e também humildes no julgamento sobre vós mesmos».

Portanto, embora Pedro ocasionalmente se tivesse mostrado impetuoso, aconselha aos crentes, em duas ocasiões (ver I Ped. 4:7 e 5:8) a evitarem os excessos do mundo pagão, que poderiam enfraquecer seus sentidos espirituais, sendo essa a razão mesma da sobriedade e do autocontrole. A sobriedade aqui aconselhada visa o propósito de tornar os crentes «vigilantes» em antecipação à vinda de Cristo. O trecho de I Tes. 5:1-9 envolve mensagem bem similar, embora sob forma mais adornada. Constitui um excelente comentário sobre o presente versículo. Os que se embebedam, geralmente fazem-no à noite. Entretanto, somos filhos do dia, e aguardamos aquele grande Dia.

«...esperai inteiramente na graça...» Uma graça especial (um dom de Deus, administrado na salvação) lhes foi prometida (ver o décimo versículo e as notas expositivas a respeito)? e agora os crentes são exortados a esperar por isso de todo o coração e de mente alerta, para que a suposta importância do presente mundo mau seja empanada, e seja magnificada a importância do mundo eterno em suas mentes e em suas almas. Essa graça será dada quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo, que Pedro chama, aqui e no sétimo versículo, de «revelação» de Cristo.

«...revelação...» Cristo Jesus será revelado como Salvador, Juiz, Benfeitor universal, centro da existência, razão da vida, Senhor universal, conforme nos mostra o primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Ver I Tes. 4:15 quanto a notas expositivas completas sobre a segunda vinda de Cristo, o arrebatamento da igreja, onde é considerado o aspecto do tempo, a tribulação pré, mid ou pós, juntamente com outras questões reputadas pertinentes a esses eventos. Por três vezes, neste primeiro capítulo, Pedro menciona esse evento—ver os versículos quinto, sétimo e décimo terceiro; e, evidentemente, ele esperava que isso ocorresse ainda durante seus dias na carne, que era a expectativa usual dos cristãos primitivos. (Ver as notas expositivas a esse respeito em I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15).

Aos crentes que sofriam sob severa perseguição, pois, Pedro mostra a luz do Dia melhor, a aurora do mundo eterno, quando Cristo revelar-se em todo o vasto significado que ele tem para este mundo terrestre.

Conta-se a história de como a tribulação de uma embarcação passou uma noite de terror em um mar tempestuoso, de tal modo que todos chegaram a desistir da própria vida. Entretanto, a aurora matinal revelou que o vento os empurrara para perto de uma ilha, estando eles confinados a uma área de águas rasas, nunca tendo corrido qualquer perigo real. Assim também Pedro conclama os crentes a que esperem pela Aurora da vinda de Cristo, que espantará quaisquer terrores e revelará seu livramento e a segurança que possuímos nele. Assim como a aurora automaticamente se segue à noite, assim também a vinda de Cristo é vista como algo que já está a



caminho, e que em breve terá lugar.

**Graça:** Consideremos os três pontos seguintes: 1. Fica implícita a «libertação» de toda a perseguição, com a segurança final. 2. Mas está incluído o sentido paulino, a «salvação» como dom de Deus. 3. E isso é salientado pela vinda de Cristo, como se esse dom da graça fosse oferecido por ele aos que o aguardam.

**Sobriedade:** Consideremos estes pontos. 1. É algo ordenado, aqui e em I Ped. 5:8. 2. O evangelho a ensina (ver Tito 2:11,12). 3. Deve existir em nós em meio à atitude de vigilância (ver I Tes. 5:6). 4. E isso com orações (ver I Ped. 4:7). 5. É uma qualidade requerida especialmente da parte dos

14 ὡς τέκνα ὑπακοῆς, μὴ συσχηματιζόμενοι ταῖς

14 ὡς τέκνα ὑπακοῆς Ro 12:2; Eph 2:3; 4:17-19

1:14: Como filhos obedientes, não vos conformais às concupiscências que antes tinham na vossa ignorância;

O leitor pode notar a similaridade entre este versículo, e certas declarações paulinas. (Ver Efé. 2:2,3, onde aparece a mesma idéia, sob forma mais adornada. Ver também Col. 3:5 e ss.). Na primeira dessas passagens figuram vários vícios do paganismo, que podem ser subentendidos no presente versículo, embora não sejam aqui mencionados. O uso de listas de vícios, nos ensinamentos morais, era comum no mundo helenista, nas sinagogas dos judeus e nas escolas de filosofia moral. (Ver Rom. 1:26 e ss.; I Cor. 5:10 e ss.; Gál. 5:19 e ss.; I Tim. 6:3, quanto a outras passagens, além daquelas em Efésios e Colossenses). As listas de virtudes também eram comuns. (Ver Tito 1:7; I Tim. 3:3; Gál. 5:22,23; Fil. 4:8, como exemplos).

...filhos da obediência... Há menor número de hebraísmos na primeira epístola de Pedro que nas epístolas de Paulo; mas aqui temos um dos casos. Contudo, a indicação «do caráter geral da natureza», dizendo «filho de...» era uma expressão de forma alguma confinada à cultura hebréia. O filho compartilha da natureza de seus pais; portanto, um filho de Deus possui a retidão moral que falta a outros, porquanto seu Pai é santo. Por essa razão, Deus Pai, que é Santo, chama-nos a participar da sua natureza; de outra maneira, nem seríamos filhos seus (ver os versículos dezesseis e dezessete). (Essa expressão pode ser comparada com «filhos da desobediência», em Efé. 2:2, onde a expressão é anotada como um hebraísmo). A obediência é a virtude cardinal do N.T., que traz em seu bojo todas as demais virtudes.

**Obediência:** Consideremos os pontos seguintes: 1. É algo que nos é ordenado (ver Deut. 13:4). 2. Exige fé (ver Heb. 11:6). 3. Inclui a obediência à voz de Deus (ver Exo. 19:5); à sua lei (ver Isa. 42:24); a Cristo (ver Exo. 23:21 e II Cor. 10:5); ao evangelho (ver Rom. 1:5; 6:17; 10:16,17; II Tes. 1:8). 4. É melhor que o sacrifício (ver I Sam. 15:22). 5. Cristo é nosso grande exemplo de obediência (Mat. 3:15; Heb. 5:8 e João 15:10). 6. A obediência é uma das grandes características dos santos (ver I Ped. 1:14). 7. A eleição nos leva à obediência (ver I Ped. 1:2). 8. A obediência deve provir do coração (ver Rom. 6:17).

Ver ainda as expressões «filhos da luz», Efé. 5:8; «filhos da luz e do dia», I Tes. 5:5; «filhos da paz», Luc. 10:6; «filhos da destruição», II Tes. 2:3 e João 17:12; e «filhos da ira», Efé. 2:3.

Contudo, a obediência ensinada aqui é aquela de filhos, e não de escravos. (Quanto a um poema que ilustra de forma excelente a «obediência», ver Rom. 1:5).

...não vos amoldeis... No grego o verbo é «*suschematizō*», «formar», «amoldar-se», segundo a imagem ou caráter de outra coisa, «conformar-se

15 ἀλλὰ κατὰ τὸν καλέσαντα ὑμᾶς ἅγιον καὶ αὐτοῖ

1:15: mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda o vosso procedimento;

Assim como todos os vícios são repreendidos no décimo quarto versículo, sem serem enumerados, assim também agora todas as virtudes possíveis são enfileadas dentro da santidade. A idéia é a mesma que aparece em Col. 3:1-5, onde o morrer e o viver com Cristo nos são ordenados. O «morrer» é o morrer para o pecado, para seu poder sobre nossa vida diária; o «viver» é a permissão ao poder da vida ressurreta de Cristo em transformar-nos à santidade e à virtude.

O N.T. nos ensina: 1. Que nenhuma pessoa sem santidade verá a Deus (ver Heb. 12:14). 2. Que do homem é requerido ser perfeito em santidade, tal como o é Deus Pai (ver Mat. 5:49). 3. Que o homem deve vir a participar da própria retidão divina, se espera habitar em sua presença (ver Rom. 3:21). 4. Que, mediante o poder transformador do Espírito, essa santidade se torna verdadeiramente nossa; não nos é conferida apenas como uma declaração forense. É nisso que consiste a santificação (ver I Tes. 4:3 quanto a notas expositivas completas sobre esse tema. Ver II Tes. 2:13 quanto ao fato que a santificação é necessária à salvação).

Nunca se espera que a mudança do pecado para a santidade seja algo fácil; mas também não foi fácil para o próprio Cristo resolver o problema do pecado.

...santo aquele que vos chamou... Deus Pai é o modelo de nossa santidade; e como isso nos é dado é demonstrado em Cristo, que é o modelo de nossa transformação moral. Devemos ser filhos da «obediência», possuidores da natureza de nosso Pai santo. A operação do Espírito e a garantia de que nossa participação na santidade se torna um fato da existência.

**A santidade de Deus:** Consideremos os pontos seguintes: 1. É incomparável (ver Exo. 15:11 e I Sam. 2:2). 2. É exibida em seu caráter (ver Sal. 22:3 e João 17:11), em seu nome (ver Isa. 57:15), em suas palavras (ver Sal. 60:6 e 145:7), em seu reino (ver Sal. 47:8), nos remidos (ver Rom. 3:21 e Mat. 5:48). 3. Garante o cumprimento de suas promessas (ver Sal. 89:35) e de seus juízos (ver Amós 4:2). 4. Requer a imitação por parte dos crentes

ministros da Palavra (ver I Tim. 3:2,3 e Tito 1:8). 6. E também da parte das esposas dos ministros (ver I Tim. 3:11); dos homens idosos (ver Tito 2:2); dos jovens (ver Tito 2:6) e de todos os santos (ver I Tes. 5:6,8). 7. E esse o elemento mental em que devemos viver como crentes (ver Tito 2:12). 8. Há motivos dignos que provocam essa atitude (ver I Ped. 4:7 e 5:8).

A graça e a revelação presentes. Naturalmente, em certo sentido, a graça opera em nós desde agora, conferindo-nos mesmo na época presente uma revelação de Cristo que nos transforma. Alguns intérpretes fazem disso a interpretação primária do presente versículo; mas esses perdem de vista o tom escatológico do versículo bem como o tom da era apostólica.

πρότερον ἐν τῇ ἀγνοίᾳ ὑμῶν ἐπιθυμίαις,

com». Não sigamos o «mau exemplo» de homens ímpios e desobedientes. Antes, sejamos corajosos bastante para rejeitar o padrão de vida que eles gostariam de impor-nos por seu exemplo e influência. Notemos a similaridade entre este versículo e Rom. 12:2, que diz: «E não vos conformeis com este século...», onde é empregado o mesmo verbo do presente versículo. (Ver as notas expositivas ali, quanto a detalhes). Pedro adverte-nos contra a tendência de imitar o mundo, o qual é passageiro e ilusório, temporal e maligno, contrário às autênticas inquirições da alma. Este mundo vil não é aliado da graça divina, que nos aproxima de Deus.

...as paixões... No grego temos o vocábulo «*epithumia*», que indica anelos bons ou maus; aqui, como é óbvio, são anelos distorcidos, pervertidos. Com freqüência essa palavra indica concupiscências sexuais ilegítimas, e não há que duvidar que essa idéia está incluída aqui; mas seu uso também é geral. Qualquer desejo que nos desvie do verdadeiro anelo da alma, nós é proibido.

...que tínheis anteriormente... Essas palavras devem ser confrontadas com as de Efé. 2:2: «...nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo...». Os judeus, devido à lei, embora não podendo obedecê-la corretamente, não eram ignorantes; pelo que, tal como em Efésios, estão aqui em foco os gentios. Tais crentes tinham vivido os vícios pagãos por causa de sua conversão a Cristo; portanto, são advertidos a não retornarem àqueles vícios que caracterizam a ignorância espiritual. Tinham sido iluminados por Cristo; que desgraça seria para eles ignorarem essa iluminação e se desviarem para sua vida antiga! Tinham-se tornado filhos de Deus; a lealdade a Deus Pai deveria abafar neles as tendências para o retorno à vida velha. É fato bem conhecido, pela experiência, que aqueles que retornam à moral da vida antiga logo perdem a fé; pois as duas coisas são incompatíveis, não podendo ser reconciliadas sob hipótese alguma. Um homem deve ou abandonar a sua fé ou o caminho da vida pecaminosa.

As concupiscências não são apenas os impulsos e desejos sensuais, mas são também os desejos diferentes daquilo que Deus permite, desejos maus, compreensivelmente descritos por João (ver I João 2:16) como a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da vida. (Comparar com Gál. 5:19 e ss.). (Lange, *in loc.*).

A menção da palavra «ignorância», no dizer de Alford (*in loc.*), «...assinála não só o período, mas também a base ou elemento dessa concupiscência, que prevalece na modelação da vida». Mas alguns intérpretes pensam que essa «ignorância» é a da porção incrédula do povo de Israel; porém, o mais certo é que estejam em foco os gentios. Esta epístola foi enviada à Ásia Menor (ver I Ped. 1:1), onde as igrejas se compunham principalmente de gentios, embora não exclusivamente.

ἅγιοι ἐν πάσῃ ἀναστροφῇ γενήθητε,

(ver Lev. 11:44 e I Ped. 1:15,16), e seu louvor (ver Sal. 30:4). 5. Deve produzir um tempo reverente (ver Apo. 15:4). 6. Exige um serviço santo (ver Jos. 24:19 e Sal. 93:5), e leva as hostes celestiais à adoração (ver Isa. 6:3 e Apo. 4:8). 7. Todos os seres inteligentes haverão de exaltá-la (ver I Crô. 16:10; Sal. 48:1; 99:3 e Apo. 15:4).

...chamou... (Quanto à «chamada cristã», ver as notas expositivas em Rom. 8:30). Esse chamamento é mais que um mero convite. É eficaz, por ser o cumprimento da eleição, e é efetuado mediante o poder do Espírito. Portanto, aqueles que são chamados também deverão ser santos. A chamada nos convoca a uma nova vida de santidade e de separação do pecado, bem como de progresso na direção da perfeição. A perfeição absoluta é o alvo. Não será bastante que um homem seja sem pecado; também terá de compartilhar de todas as perfeições divinas.

...tomar-vos santos... em todo vosso procedimento... Essa santidade deve controlar a vida presente; e haverá de dominar totalmente a vida nos lugares celestiais. Os remidos não serão apenas pessoas sem pecado; compartilharão de toda a «plenitude de Deus», isto é, de suas perfeições e poderes, conforme estes são exibidos em Cristo, com base na participação da natureza divina, por parte dos remidos (ver II Ped. 1:4; Efé. 3:19 e Col. 2:10).

Notemos, por igual modo, que a santidade não é algo enclausurado. Pelo contrário, é o poder orientador de todas as ações da vida; torna reais as virtudes cristãs, sendo algo vital para a vida cristã, porquanto permite que se manifestem todos os aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22,23). Essas virtudes substituem os vícios da vida antiga.

...procedimento... No grego é «*anastrophe*», que significa «conduta», «comportamento», «modo de vida», «caráter geral da vida». Paulo usou esse termo a fim de indicar sua forma anterior de vida, no judaísmo (ver Gál. 1:13). Esse vocábulo é usado por treze vezes nas páginas do N.T., oito das quais ocorrências aparecem na primeira e na segunda epístolas de Pedro. (Além do presente versículo, ver também I Ped. 1:18; 2:12; 3:1,3,16; II Ped. 2:7 e 3:11). Fora das epístolas de Pedro ver também Gál. 1:13; Efé. 4:22; I Tim. 4:12; Heb. 13:7 e Tia. 3:13. (Quanto à palavra «santos», como um dos



titulos aplicados aos crentes, o que mostra que todos devem compartilhar da santidade de Deus, para que sejam crentes, ver Rom. 1:7).

Os santos são exortados a ocuparem um lugar singular na história, evidenciando o fato que há um Deus que impõe condições à vida humana, e que pode, se for obedecido, elevar infinitamente o nível da vida humana. O evangelho é a mensagem de como Deus pode fazer isso, e de como o fará. O homem tornar-se-á superior aos mais elevados anjos. Participará na vida e na natureza da família divina (ver Heb. 2:10 e ss.).

Disse W.E. Sangster: «A única necessidade da igreja... é de santidade», (*Religion in Life*, xviii, 493-502). Porém, não existe igreja verdadeira sem santidade; quando muito, haverá pessoas que buscam a conversão, mas 16 διότι γέγραπται, [ὅτι] «Ἅγιοι ἔσσεθε, ὅτι ἐγὼ ἅγιός [εἰμι]. 16 ὅτι 1º B 69 sy om NAP pl lat Cl c; R | εσσεθε RAB 614 ul Cl; R | γεσσεθε KP r al c; γιν- L al

1:16; porquanto está escrito: Sedeis santos, porque eu sou santo.

Conforme é comum nas traduções do N.T., o autor sagrado agora reforça seu argumento através de um apelo ao A.T. A necessidade de santificação não era nenhum tema novo, nenhuma novidade. Quaisquer que sejam as diferenças entre o Antigo e o Novo Testamento, qualquer modificação na exigência de santidade não é uma delas. No entanto, este provê informações sobre os meios eficazes de santificação, que o Antigo Testamento não dava, por lhe faltarem certas revelações superiores. Agora sabemos que as exigências da lei, quanto à perfeição moral, podem ser cumpridas em Cristo, e não através de alguma suposta observância vicária de sua parte, e, sim, mediante a transformação íntima, operada pelo Espírito, o qual está literalmente duplicando em nós a natureza moral e metafísica de Cristo. O trecho de Gál. 5:22,23 exhibe o padrão dessa duplicação, em seus vários aspectos.

Cremos que a influência e o poder do Espírito Santo, transformaram-nos de modo real e vital; sua influência nos espiritualiza, tornando-nos seres diferentes, os quais são dignos e capazes de habitar nos mundos espirituais. Cristo é o modelo dessa obra transformadora. Assim a santificação e a santidade se tornam realidades em nossas vidas, e não meras teorias ou fórmulas teológicas. Portanto, devemos utilizar-nos dos meios de nossa espiritualização. O intelecto é uma força poderosa, pelo que devemos voltar nossas mentes para Deus, sobretudo no estudo de sua Palavra. Utilizamo-nos da oração, que consiste no falar com Deus; lançamos mão da meditação, que é o ouvir a Deus; buscamos e fazemos uso dos dons espirituais, o que nos confere o toque necessário do misticismo, em nossa fé religiosa. Através desses vários meios, a imagem de Cristo se vai formando gradualmente em nós; e assim nos tornamos santos, finalmente tão santos quanto o próprio Deus. Pelo menos esse é o nosso alvo eterno, devendo nós aproximar-nos sempre do mesmo. Outrossim, sem essa santidade, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14), porquanto esse processo de santificação é absolutamente essencial à salvação (ver II Tes. 2:13).

«...escrito está...» Temos nisso uma fórmula comum de introdução de citações extraídas do A.T. Ela subentende a aceitação do A.T. como uma revelação inspirada e aplicável a nós; mostra que os autores sagrados reputavam o Novo Pacto como uma continuação do Antigo, como graduação acima do mesmo, e não como contradição com ele, e nem independente. (Há notas expositivas em Rom. 3:10 que expandem esses temas e nos fornecem idéias adicionais, sobre as quais nada dissemos aqui).

A citação aqui usada foi tirada de Lev. 11:44,45. O judaísmo convocava os homens à santidade; essa convocação, porém, era obscurecida pelo legalismo, devido à sua suposição que o homem tem poder de santificar-se por seus próprios esforços. O cristianismo, por sua vez, mostrou como isso

ainda não a possuem. A santidade, bem ao contrário disso, tornar-se-á o «meio» de impedir que os males espirituais atinjam o crente. E se a palavra «necessidade» foi usada por esse autor nesse sentido, então ele disse uma grande verdade.

As similaridades entre esta primeira epístola de Pedro e as epístolas paulinas são muitas. O leitor poderá observar grande dependência desta epístola aos escritos de Paulo. (Isso é amplamente comentado na secção VI da introdução, onde esta epístola é comparada ao resto do N.T.). Isso influi em nossas idéias sobre a autoria da epístola. Poderia Pedro mostrar-se tão dependente da maneira paulina de pensar? (Quanto à discussão desse problema, ver a secção II da introdução).

16 Ἅγιος...ἅγιος Lv 11:44, 45; 19:2; 20:7

pode ser feito misticamente, através do poder do Espírito, que em nós habita. Mas o alvo é o mesmo, no Antigo ou no Novo Testamento: sermos santos, porque nosso Pai celestial é santo.

Também somos ensinados na Bíblia que a santidade pode ser genuína. Não precisamos ocultar nem uma pontinha da serpente coleante do orgulho, da inveja e de outros vícios morais, através de um rosto santarrão. Deus Pai, nosso Pai, que é santo, chama-nos a realizar uma missão singular na história, isto é, mostrar que o homem, decalado para tão longe de Deus, pode ser santificado—isso é possível. Além disso, o povo santo deve realizar uma missão singular, na propagação do plano remidor de Deus; e, finalmente, seremos um povo celestial. Tudo isso é impossível à parte da santidade, porquanto a santidade é uma característica necessária da família divina. É totalmente impossível a alguém ser verdadeiro membro dessa família, se não está sendo santificado pelo poder do Espírito. Por isso mesmo, ninguém pode exagerar a necessidade e a importância da santidade. Chegamos a ser filhos de Deus nas dimensões celestes, participantes da própria natureza de Cristo, porque nós mesmos fomos santificados, e não meramente porque fomos aceitos, por força de um decreto forense. Todavia, esse decreto forense de Deus é perfeitamente real; mas igualmente real é o processo santificador; e nenhum decreto poderia ter validade a menos que se tornasse uma realidade da experiência espiritual do crente.

«...sede santos...» O imperativo deve ser aqui compreendido, embora o verbo tenha sido vazado no futuro, no original grego. Mas isso é bem comum no uso da Septuaginta e do Novo Testamento *koiné*.

De acordo com o que escreveu Matthew Henry (*in loc.*): «A santidade completa é o desejo e o dever de todo o crente: encontramos aqui uma dupla regra de santidade: 1. Quanto à sua extensão, ela deve ser universal; precisamos ser santos em toda a nossa conduta. 2. Quanto ao seu padrão, devemos ser santos tal como Deus Pai o é. Ele é perfeitamente santo, imutável e eternamente santo; e deveríamos aspirar por chegar a tal estado».

A santidade de Deus deveria tornar-se nossa; teremos essa espécie de santidade, e não apenas uma santidade humana aperfeiçoada. Isso é amplamente comentado em Rom. 3:21; Heb. 12:14 e Mat. 5:48. (Comparar também com Ef. 5:1 e I João 3:3, quanto ao «tipo de santidade» a que devemos aspirar). Somente o tipo de santidade que Deus tem poderá admitir uma alma à sua presença. Por conseguinte, precisamos compartilhar de tal forma de santidade, o que, eventualmente, indicará a total perfeição do ser do crente, na participação da bondade, da justiça e do amor, positivamente falando, e não na participação da mera ausência de pecados evidentes.

17 Καὶ εἰ πατέρα ἐπικαλεῖσθε τὸν ἀπροσωπολήμπτως κρίνοντα κατὰ τὸ ἐκάστου ἔργον, ἐν φόβῳ τὸν τῆς παροικίας ὑμῶν χρόνον ἀναστράφητε,

17 εἰ πατέρα ἐπικαλεῖσθε Ps 69:26; Is 64:8; Jr 3:19; Mt 6:8;

1:17; 1:2; Wad 14:2; Str 23:4 τὸν ἀπροσωπολήμπτως κρίνοντα 2 Chr 19:7; Ac 10:34; Ro 2:11; Ga 2:8; Eph 6:9; Col 3:28 κατὰ...ἔργον Ps 28:4; 62:12; Pr 24:12;

Is 69:18; Jr 17:10; Ro 2:6; 1 Cor 3:8; 2 Cor 11:15; 2 Tm 4:14; Re 2:23; 18:6; 20:13, 14; 22:13

1:17; 1, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, então sei temer durante o tempo da vossa peregrinação.

Este versículo é muito similar, em sua atitude e conteúdo, ao que se lê em Rom. 2:6, onde é abordada a questão do julgamento segundo as obras (ver ali as notas expositivas a respeito); e também ao que se lê em Rom. 2:11, onde se vê o fato que para Deus não há favoritismos, e nem aceção de pessoas. (Ver essa referência, quanto a notas expositivas completas sobre o assunto). Já tivemos oportunidade de notar como a primeira epístola de Pedro se parece com os escritos paulinos, quanto à sua perspectiva e maneiras de expressão. É quase certo que o autor sagrado teve acesso a algumas das epístolas de Paulo, pelo menos. As muitas similaridades entre esta primeira epístola de Pedro e os escritos de Paulo, e outros escritos do N.T., é algo amplamente comentado na secção VI da introdução. Essa similaridade com Paulo envolve diretamente a questão da autoria da presente epístola, e isso é discutido na secção II da introdução à mesma.

«...invocais como Pai...» Mui provavelmente temos aqui uma alusão à recitação coletiva da oração do Pai Nosso, que provavelmente começava com a palavra simples, «Pai», segundo se vê na sua versão lucana (ver Luc. 11:2; (ver também as notas expositivas sobre a «paternidade de Deus», em João 8:42 e Rom. 8:15). Deus Pai é, ao mesmo tempo, o padrão de nossa santidade e seu severo Juiz. O fato que ele é o nosso Pai mostra-nos a obrigação que temos de buscar seriamente a santificação. Naturalmente, isso é mais que uma obrigação; é uma necessidade absoluta.

«...aceção de pessoas...» (Notas expositivas completas, incluindo os termos gregos envolvidos, aparecem em Rom. 2:11. Comparar também com as palavras de Pedro, em Atos 10:34). Deus é um Juiz imparcial. Ele reconhece a santidade verdadeira, quando a contempla, e conhece também as imitações. Não aceita suborno e não considera posições sociais ou

prestígios religiosos. Aceita somente a santidade autêntica, quando a natureza moral de Cristo é formada em nosso homem interior. Isso é dito para que nos demos por avisados e temamos; e para que nos certifiquemos que nossa experiência religiosa é genuína. O grande Juiz não aceita imitações. No plano terreno, não é difícil fazer passar como genuíno aquilo que é falso; mas Pedro queria que soubéssemos que isso não pode suceder no mundo celestial. O juízo divino será exato e penetrante.

«...julga segundo as obras...» (Há notas expositivas completas a esse respeito, em Rom. 2:6. Ver também Apo. 20:12). Paulo concorda com esse ensino, em II Cor. 5:10, onde ele descreve o julgamento dos crentes como algo que devolverá a cada um aquilo que ele «tiver feito, de bom ou de mau». O juízo dos crentes ou dos incrédulos consistirá em «enfrentarem a si mesmos», colhendo aquilo que tiverem semeado. (Ver Gál. 6:7,8 quanto ao que está escrito sobre os crentes, no tocante ao julgamento nos céus, e não no tocante a «meros resultados naturais» de certas ações, nesta dimensão terrena. Até mesmo os pecados perdoados trazem consigo resultados espirituais necessários; e esses nos seguem até ao «tribunal de Cristo»). No entanto, geralmente damos pouquíssimo valor a esses fatos. (Ver as notas expositivas aludidas, quanto a descrições completas sobre o significado do «juízo», no que concerne aos crentes).

«...portai-vos com temor...» No grego é «*anastrepho*», que basicamente significa «abalar», «transtornar», mas também «viver», «permanecer», e, metaforicamente, «agir», «comportar-se». Isso deve ser feito «com temor». O termo grego «*phobos*» é palavra comum para indicar «temer», «alarmar-se», «assustar-se». O autor sagrado conclama-nos a uma busca espiritual caracterizada pelo temor de espírito. Apesar de sabermos que não nos devemos aproximar de nosso Pai celeste como se fôssemos escravos aterrorizados, e, sim, como filhos cheios de confiança, o que significa que



temos aqui uma alusão ao «respeito reverente», a julgar pelo contexto, sabemos que está envolvido bem mais do que isso. Não nos prejudica ter o temor de Deus, porque ele é o augusto Juiz de todos. Parece que o autor sagrado mostrava agora que o verdadeiro temor a Deus, conforme normalmente se entende essa palavra, é uma emoção sã, que nos disciplina em nossa inquirição espiritual. É algo que transcende ao mero temor reverente. Ele é nosso Deus e Pai, mas é também o nosso Juiz; e o seu juízo será mui exato e severo.

Isso nos permite compreender que a vida é algo sério, e que a derrota e o desastre são possíveis para o crente descuidado. A sementeira é inevitavelmente seguida pela colheita, e de acordo com aquela. Essa é uma lei universal, sem a qual o universo entraria em caos.

Não sejamos tão embotados a ponto de pensar que podemos ludibriar a sabedoria divina. E nem pensemos que a retribuição jaz em algum lugar remoto dos mortais. Deus sabe bem a quem deve atingir. A justiça pode ser invisível e sem palavras, mas persegue os passos de um homem até mesmo depois de ter ele entrado na eternidade. O que tivermos feito do errado não será cancelado sem mais nem menos; antes, a eternidade o revelará. O julgamento divino sobrevirá repentinamente e com absoluta certeza, e varrerá da terra os ímpios, fazendo os próprios justos tremerem.

...tempo... A vida terrena, embora extremamente breve, se reveste de imensa importância. Agora é que devemos viver como peregrinos. E nisso há profunda recompensa.

...peregrinação... No grego é «*paroikia*», que significa «permanência temporária em um lugar», «exílio», «peregrinação». Os que assim fazem, são peregrinos; ou, se o fazem à força, são exilados. Mas, não têm país certo; não desfrutam de cidadania terrena. São distintos do mundo. São um povo celestial, destinado a um país celestial; e, na alma, não fazem parte de qualquer pátria terrestre, embora façam contribuições comuns à existência na presente esfera. Os judeus exilados ansiavam, a cada ano, por voltar; e, ao celebrarem a cerimônia da páscoa, diziam: «No ano seguinte em Jerusalém». Por semelhante modo, o desejo do crente verdadeiro é que, em algum tempo, a cidade celestial se torne seu lar permanente. Se Deus é nosso Pai e se o seu lugar de habitação é celestial, então chamamos os céus de nossa pátria. Aqueles a quem foi escrita originalmente esta epístola, pertenciam à «dispersão». E que sabiam bem o que significa alguém ser estrangeiro e peregrino. Sentiam o poder do apelo à manutenção de uma atitude espiritual em todas as atividades da vida diária.

Os imperativos morais: Esses assumem diversas formas, no presente

18 εἰδότες ὅτι οὐ φθαρτοῖς, ἀργυρίῳ ἢ χρυσίῳ ἐλυτρώθητε ἐκ τῆς ματαίας ὑμῶν ἀναστροφῆς πατροπαράδοτου,

1:18: sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vel maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais.

O meio de redenção custou um horrendo preço ao Filho de Deus. O que ele adquiriu para nós não poderia ser comprado com todos os tesouros do Egito. É algo excessivamente precioso: daí a gratidão com que devemos viver diariamente. Esse é o tipo de raciocínio que o autor sagrado nos apresenta agora, e, naturalmente representa uma lógica impecável. Somente os perversos e egoístas deixarão de sentir o seu impacto.

«A vida santa do crente deve originar-se da percepção do custo de sua redenção». «Remido», a ideia base do termo grego (*elatrotheie*) é a de «resgate» da servidão para a liberdade—um rito que algumas vezes era acompanhado por um sacrifício. Pedro, sem dúvida alguma, deriva a metáfora de seu Senhor, o qual falava sobre seu sacrifício expiatório como um «resgate em favor de muitos» (ver Marc. 10:45). Neste ponto Pedro não pressagia alguma doutrina de expiação, mas se contenta em sugerir seu preço. O preço da redenção não foi «prata ou ouro» perecíveis, mas o sangue da vida do impecável Cordeiro de Deus. (Hunter, in loc.).

Se fosse meu o reino inteiro da natureza,  
E isso seria um presente por demais pequeno;  
Amor tão admirável, tão divino,  
Exige minha alma, minha vida, meu tudo.  
(Isaac Watts)

...resgatados... A redenção é vista como um preço pago para dar liberdade a escravos, conferindo-lhes o triunfo sobre o pecado e sobre as forças do mal, o que, eventualmente, leva à glorificação. O substantivo do termo grego aqui empregado, «*lutrosis*», é usado em Luc. 2:38 e Heb. 9:12. O termo básico «resgate», é usado em Marc. 10:45 e Mat. 20:28, sendo comentado nesta última referência. A forma verbal, «*lutroo*», é utilizada em Luc. 24:21 e Tito 2:14, além da presente passagem. (Ver as notas expositivas a respeito na passagem de Tito. Ver também Rom. 5:11 acerca de notas expositivas completas sobre a «expiação»; ver Rom. 5:10 sobre a «reconciliação»). Somos «liberados» da servidão ao pecado e da lealdade a forças espirituais hostis, mediante o «preço» do sangue de Cristo. Recebemos a liberdade de participar da inquirição espiritual que nos conduz de volta a Deus. (Ver notas expositivas completas sobre a «redenção», em Rom. 3:24 e I Cor. 1:30). A mesma palavra básica é usada, como aqui, naquelas passagens, embora sem prefixo preposicional.

...coisas corruptíveis... Essas palavras apontam para qualquer coisa terrena que, por isso mesmo, estão sujeitas à dissolução. Na redenção, tratamos de questões espirituais e eternas. Nenhuma coisa terrena, como riquezas, influência ou poder, pode fazer qualquer coisa em favor das almas eternas.

19 ἀλλὰ τιμίῳ αἵματι ὡς ἀμνοῦ ἀμώμου καὶ ἀσπίλου Χριστοῦ,  
1:19,20

Entre os vss. 19 e 20, vários testemunhos latinos (vg (mss) Bede) inserem o equivalente a outro versículo: *ipse ergo qui et praecognitus est ante constitutionem mundi et novissimo tempore natus et passus est ipse accepit gloriam quam deus verbum*

contexto: 1. Devemos ser santos, por causa da natureza santa daquele a quem chamamos de Pai (ver os versículos dezesseis e dezessete). 2. Porque essa é a exigência tanto do Antigo como do Novo Testamentos (ver os mesmos versículos). 3. Porque nosso Pai também é o Juiz que exige a perfeição de nossa parte (ver o décimo sétimo versículo). 4. Porque aquilo que fazemos nesta esfera terrestre faz grande diferença em nosso bem-estar no mundo espiritual (ver o mesmo versículo). 5. Porque Cristo, na qualidade de nosso Redentor, exige de nós essa santidade, fazendo plena provisão para nós, podendo nós atingi-la em nossa experiência terrestre (ver os versículos dezoito a vinte e um). O ato redimidor foi extremamente caro, e a redenção que há em Cristo é extremamente preciosa. Considerações assim serão um motivo à santidade. 6. Porque o Espírito Santo habita em nós, tornando a santidade possível (ver o vigésimo segundo versículo). 7. Porque a santificação faz parte do processo do «novo nascimento», de tal maneira que, eventualmente, nasceremos dentro do mundo celestial. 8. Porque embora a vida presente seja transitória, a provisão da salvação divina, mediante o evangelho, é eterna, e nos elevará até aos mundos eternos, como seres totalmente santificados (ver os versículos vinte e quatro e vinte e cinco). 9. Porque a transitoriedade de nossa existência terrena exige que olhemos para Deus e para os céus, em busca da significação da existência. (Quanto a notas expositivas completas sobre a vida como uma «peregrinação», ver Heb. 11:9,10,14,16).

Esclarecimento sobre o uso da palavra «temor», no presente versículo. O perfeito amor lança fora o medo—o temor dos homens, das calamidades, da retribuição não-disciplinadora no juízo; mas nunca o temor de Deus.

«Esse temor não é covardia: não rebaixa, mas eleva a mente; pois abafa a todos os temores inferiores, e gera a verdadeira fortaleza e a coragem de enfrentar a todos os perigos, por causa de uma boa consciência e da obediência a Deus. O justo é ousado como o leão (ver Pro. 28:1). Ele ousa fazer tudo, menos ofender a Deus; e ousar fazer isso é a maior insensatez, fraqueza e vileza que há no mundo. Desse temor se originam todas as resoluções generosas, bem como os sofrimentos pacientes dos santos e dos mártires de Deus: porque os que não ousam pecar contra ele, são aqueles que arrostam as prisões, a pobreza, a tortura e a morte. Por isso é que o profeta pôs em contraste o temor carnal e o temor piedoso, e uma coisa expela a outra (ver Isa. 8:12,13). E nosso Salvador disse: 'Não temais os que matam o corpo... Temei... a Deus.' Ver Luc. 12:4. Não temais, mas temais: e, portanto, temei, para que não temais» (Leighton, in loc.).

...prata ou ouro..., isto é, o «dinheiro» fabricado com esses metais, as jóias e outros objetos de valor, feitos desses metais preciosos. Os homens dão um excessivo valor a certos objetos físicos; mas isso é apenas seu raciocínio subjetivo sobre os mesmos: não possuem qualquer valor intrínseco, pelo que também nunca podem ter qualquer poder espiritual, mesmo que mantenham grande poder sobre as mentes de homens carnis e gananciosos. Israel fez um bezerro de ouro e o adorou entre festas de regozijo. Os homens sempre adoraram ao dinheiro, embora alguns procurem ocultar isso sob muitos disfarces. Porém, aquilo a que o homem dá valor não tem, necessariamente, um valor real. A prata e o ouro facilmente podiam comprar a liberdade de um escravo; mas a alma escravizada requer um preço muito mais elevado do que esse.

...fútil procedimento... Temos aqui a mesma palavra que no décimo sétimo versículo é traduzida por «portar-se», onde nós é ordenado que nos portemos com temor diante de Deus. Há uma «conduta» que conduz à vida. Pedro nega que isso possa ser encontrado nos costumes, tradições e práticas do paganismo. Mas é algo inspirado na nova vida pelo Espírito de Cristo, mediante o que chegaremos a ser conformados segundo a sua santa imagem. Pedro, pois, fala agora de como os «fúteis caminhos», herdados de nossos antepassados, não podem ter qualquer valor para a redenção. Esses caminhos fúteis estão contidos em «tradições», e, ordinariamente, isso é altamente respeitado pelos homens, que lhe dão um valor transcendental, embora assim ajam com insensatez. Por isso é que Clemente se queixou: «Os pagãos dizem que não é razoável subverter um costume que nos foi deixado pelos antepassados». (Clemente, *Ac Progr.* x). Muitos desses costumes tradicionais eram de natureza religiosa. Incluíam muitos esquemas de redenção, alguns crus e outros refinados; mas todos são igualmente fúteis para beneficiar a alma. Os sacrifícios animais, e até mesmo humanos, estavam vinculados a essas tradições; mas nenhum desses sacrifícios tinha qualquer valor. Tais costumes e tradições eram como quem anda de rastros, nas trevas espirituais, confinados dentro de muralhas de degradação; eram desajeitados, inúteis e infrutíferos, não trazendo qualquer satisfação verdadeira, aplicável à inquirição espiritual. Pedro não aponta, especificamente, para a cultura judaica, e, sim, para os pagãos, porquanto os recebedores desta epístola eram principalmente gentios: contudo, a mesma coisa se aplicaria a eles, a menos que vissem as tradições dos seus antepassados como algo dotado de valor, porquanto apontavam para Cristo.

...legaram... No grego é «*patroparados*», isto é, qualquer coisa «transmitida da parte dos pais», qualquer coisa «herdada». As tradições e a maneira fútil de viver (comparar com Efê. 2:1 e ss.) são vistas como um legado destituído de valor, até onde são envolvidos os propósitos espirituais. O «legado» real vem da parte do Pai «celestial», mediante o preço pago pelo Filho.



*semper possedit sine initio manens in patre* («Ele mesmo, pois, que também era conhecido antes da fundação do mundo, e que no último tempo nasceu e sofreu, recebeu a glória que Deus, a Palavra, sempre possuiu, habitando sem começo no Pai»).

1:19: *mas com preciosos sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo*.

O drama da cruz é destacado ante nossa memória. Sabemos que horrendo preço Cristo pagou pela nossa redenção. Essa consideração exige a nossa lealdade, a nossa luta em prol da santidade.

«...precioso sangue...» Essa é a natureza do preço da redenção, um valor que transcende aos cálculos e avaliações terrenos. É algo de grande preço, imprecável. Cristo é o Cordeiro pascal do crente, sendo ao mesmo tempo imprecável e extremamente precioso, o que lhe dá sua natureza extremamente eficaz em seu ofício. Pedro dá a entender o ponto de vista da expiação como um «resgate», sem dúvida uma reminiscência das palavras de Deus (ver Marc. 10:45); mas não tenta oferecer qualquer explicação teológica sobre o tema. Isso aparece em Rom. 5:11, onde é incluída a teoria do *resgate*. Essa teoria tem sofrido alguns refinamentos perversos, devido ao desejo dos teólogos por explicar «a quem foi pago o resgate». Alguns têm mesmo chegado a imaginar totalmente que o preço foi pago ao diabo; mas que então o diabo descobriu, para sua tristeza, que embora ele desse todas as almas em troca de Cristo, que este não era o tipo de pessoa que pudesse ficar retido debaixo do poder de Satanás; e assim Cristo foi libertado e o diabo ficou sem qualquer alma. Se tivérmos de imaginar a quem foi pago o preço da redenção, então é mais lógico imaginarmos que Deus recebeu tal pagamento. Porém, nesse caso, é muito difícil vermos como Deus pode receber tal preço, para permitir aos pecadores irem em liberdade, tendo estado presos por escravidão a Deus. Assim sendo, é melhor simplesmente vermos que o resgate custou um preço terrível, mas não tentar estender a metáfora, a ponto de incluir «a quem» foi pago o preço. Assim, na história de diversas nações, a libertação dos escravos tem custado muitas vidas, muito sangue derramado, mas não houve preço pago a quem quer que fosse; simplesmente foi o preço da liberdade. Desse modo, o preço da nossa liberdade do pecado e das forças espirituais hostis foi o sacrifício expiatório de Cristo.

*A expiação pelo sangue:* (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema, em Rom. 3:25. Comparar com Heb. 9:22, que diz: «...sem derramamento de sangue não há remissão»).

Todos os benefícios espirituais nos vêm através do contacto íntimo e através da operação do Espírito Santo, o qual nos espiritualiza bem literalmente, embora sob moldes espirituais. É o Espírito do Senhor quem nos leva ao arrependimento, à santificação e a todos os benefícios adquiridos para nós pela morte de Cristo. E visto que estamos identificados com Cristo em sua morte, obtemos o perdão dos pecados, porquanto a morte de Cristo pelo pecado se tornou a morte do meu pecado. Ele tomou sobre si mesmo a minha penalidade, e eu tomei a sua vida. (As notas expositivas em Rom. 5:11 entram em detalhes sobre o que significa a morte de Cristo para nós).

«...de Cristo...» Essas palavras aparecem no fim da sentença para efeito de ênfase. Esse é o preço do resgate, e não algum fator ou poder terreno.

«...Cordeiro...» (Quanto a notas expositivas completas sobre Cristo, como o Cordeiro de Deus», ver João 1:29. Ver I Cor. 5:7, acerca de Cristo como a nossa «páscoa», sacrificado por nós. A alusão é ao cordeiro sacrificado, naturalmente, sem qualquer defeito. (Ver Êxo. 12:5; Lev. 22:20 e Heb.

20 προεγνωσμένου μὲν πρὸ καταβολῆς κόσμου, φανερωθέντος δὲ ἐπ' ἐσχάτου τῶν χρόνων δι' ὑμᾶς

20 προεγνωσμένου...κόσμου Ac 2:23; Rph 1:4

1:20: *e qual, na verdade, foi conhecida ainda antes da fundação do mundo, mas manifeste no fim dos tempos por amor de vós*,

«...conhecido...» Literalmente teríamos «conhecido de antemão», tal como é dito acerca dos crentes, descritos no segundo versículo. Tendo sido conhecidos por Deus de antemão, tendo sido assinalados para a manifestação de seu amor, foram eleitos. O Filho, o irmão mais velho, em sentido especial também foi «conhecido de antemão», isto é, mantido em amorosa estima pelo Pai.

Parece que o sentido é que Cristo foi especialmente amado, e que, por causa desse amor, foi destinado a ser o Redentor da humanidade. Difícilmente podemos aceitar o sentido de «mero conhecimento prévio», isto é, que Deus sabia meramente o que Cristo faria, tendo visto as coisas antes do tempo, em sua missão redentora. Antes, está em foco a relação de comunhão e amor entre Deus Pai e Deus Filho, nos mundos eternos do passado. Eles se «conheciam» um ao outro de modo especial. E a mesma coisa pode estar indicada em João 1:1. O Verbo estava «com Deus», isto é, «face a face» com ele. Naturalmente, esse companheirismo de Deus Pai com Deus Filho implica na comunhão com os filhos; pelo que também a doutrina do conhecimento anterior dá a entender e mesmo requer a predestinação da missão de Cristo por inferência lógica, embora não seja isso que está diretamente em foco. No dizer de Adam Clarke (*in loc.*): «Conhecido de antemão: apontado, no propósito divino, para ser enviado ao mundo, por haver sido infinitamente aprovado pela justiça divina».

*Significados possíveis da questão de Cristo ter sido conhecido de antemão:* 1. Sua missão terrena é que estaria em foco, e não ele mesmo, como alguém conhecido por Deus desde a eternidade passada. Naturalmente, o «conhecimento anterior» não exige, necessariamente, a idéia da preexistência; porém, aludir alguém a Cristo, o Filho de Deus, desse modo, é absurdo, com base no N.T. É inconcebível que o autor sagrado tenha falado do mero conhecimento anterior de Deus sobre o que Jesus faria. 2. Um sentido preferido por vários comentaristas e tradutores é «preordenado»; e isso inclui, logicamente, a amorosa estima do Pai pelo Filho. Porém quase certamente esse não é o sentido central da passagem. 3.

9:14).

«...sem defeito...» No grego é «amomos», «sem mancha», palavra usada para indicar como deveriam ser os animais sacrificados a Yahweh (ver Núm. 6:14; 19:2; Filo, «Sacr. Abel», 51; Somn. 1,62). Tal termo também é aplicado a Cristo, em Heb. 9:14. Em certo sentido moral, também pode significar «inculpável», ou seja, sem defeito moral. A impecabilidade de Cristo, bem como a total qualificação de sua pessoa como expiação, são assim salientadas. (Quanto a notas expositivas completas acerca da «impecabilidade de Cristo», ver João 8:46 e Heb. 4:15).

«...sem mácula...» No grego é «aspilos», isto é, «imaculado», forma privativa de «pilos», que significa «mancha»; «mácula» ou qualquer defeito. (Comparar com Tia. 1:27, que diz: «...guardar-se incontaminado do mundo»). Essas duas palavras, consideradas juntamente, enfatizam a perfeita santidade e impecabilidade de Cristo, o que o qualificou para seu ofício sacrificial, tal como os animais sacrificados não podiam ter qualquer defeito físico.

Que «cordeiro» está em pauta, se considerarmos o pano de fundo simbólico? Alguns eruditos respondem que estão em foco os cordeiros diariamente sacrificados; mas outros preferem pensar no cordeiro pascal da primeira páscoa ou de páscoas subsequentes. Mas outros acreditam que a menção do «lútil procedimento» (ver o décimo oitavo versículo) em que agora se encontravam repele a história do tempo de Israel no Egito ou no deserto, pois fala antes do paganismo, e não da experiência de Israel. Portanto, não estaria em foco o cordeiro pascal, associado à história do povo de Israel. Mas, o mais provável é que o autor sagrado não está apto tanto para qualquer cordeiro em particular: Cristo incorpora todos os sentidos do sacrifício, que a menção da palavra «cordeiro» automaticamente traz à nossa memória. (Quanto a um sumário sobre as idéias referentes ao «sacrifício», ver Heb. 10:18. Quanto aos «melhores sacrifícios» do novo pacto, ver Heb. 9:23. Quanto à «ineficácia dos sacrifícios de animais», ver Heb. 9:13. Quanto ao próprio sacrifício de Cristo, em substituição a todos os demais, ver Heb. 7:27, 28).

«Em Cristo temos tudo quanto era prefigurado nos sacrifícios antigos, embora ele (o autor sagrado) faça alusão especial ao Cordeiro pascal». (Calvino, *in loc.*).

O cordeiro é um dos símbolos de nosso Senhor. O Senhor Jesus mostrou-se manso, inofensivo, gentil, não tendo resistido a seus atormentadores; mostrou-se paciente e benigno debaixo dos sofrimentos. Nunca foi malicioso, nem mesmo com homens que mereciam um tratamento severo e desprezível. Finalmente, foi ele o sacrifício pelos nossos pecados.

*Variante Textual:* Entre os versículos dezenove e vinte, várias versões latinas (Vgimes, etc.) Bede) inserem o que é equivalente a um outro versículo: «ipse ergo qui et praecongnitus est ante constitutionem mundi et novissimum tempore natus est ipse accepti gloriam quam deus verbum semper possedit sine initio manens in patre». E isso significa: «Ele mesmo, pois, que também foi conhecido antes da fundação do mundo, e que nasceu nos últimos tempos e sofreu, recebeu a glória que Deus, a Palavra, sempre possuiu, habitando no Pai sem início». Obviamente essa é uma glosa teológica que não tem direitos à originalidade. Não aparece em qualquer dos manuscritos gregos.

20 ὑμᾶς] ἡμ-Αα

Não foi meramente a missão de Cristo que foi conhecida de antemão. Antes, o próprio Cristo é que foi previamente conhecido; e esse conhecimento anterior de sua pessoa, o que subentende a estima amorosa por ele, aponta para os «mundos eternos do passado», e não meramente uma antecipação acerca deste plano terrestre. Ele foi «altamente estimado e amado» na presença do Pai, por toda a eternidade passada.

Por causa da associação de Cristo com as almas humanas, essa estima exigiu que ele se tornasse o Redentor delas, porquanto o plano de Deus é o de duplicar o Filho nos filhos. Esse «amor prévio», por conseguinte, tornou-se também uma «preordenação». Deus conheceu e amou a Cristo desde toda a eternidade; e, por causa de sua associação com os demais filhos de Deus, estes foram, igualmente, conhecidos de antemão e amados. Porém, foi somente no «fim dos tempos» que Cristo se manifestou, a fim de cumprir a vontade poderosa de Deus, em sua missão e redenção humanas.

«...antes da fundação do mundo...» Essas palavras apontam não apenas para o «conhecimento» que então havia sobre o que Cristo faria em sua missão terrena; mas o próprio Cristo, na qualidade de Filho, foi alvo da estima do Pai antes mesmo de qualquer criação. Isso subentende, logicamente, a sua divindade, conforme se vê em João 1:1-3. Assim como se diz que Cristo foi «conhecido de antemão», antes da fundação do mundo (sua criação), assim também os crentes foram «escolhidos» nele (em Cristo), antes da criação (ver Efé. 1:4; ver também as notas expositivas nesse lugar acerca da expressão «antes da fundação do mundo»). Em Apo. 13:8, o Cordeiro é retratado como «morto», isto é, destinado à sua obra expiatória «desde a fundação do mundo». Provavelmente nada temos de diferente naquela expressão, em confronto com a presente. Quando levantamos uma casa, pomos os «alicerces». Assim também a criação teve seu alicerce ou começo. Com base nessa noção, é provável que o termo «fundamento» veio a ser usado como simples sinônimo de «criação». Os escritos rabínicos falam sobre sete coisas, existentes antes da criação do mundo, e o Messias é uma dessas coisas, segundo certas tradições. Naturalmente, os judeus criam na preexistência da alma humana, e talvez algumas almas existissem antes da criação material. Vários dos primeiros pais da igreja (principalmente da escola alexandrina), seguindo a direção imprimida pelos pais gregos da



igreja em geral, criam que todas as almas humanas já existiam antes da criação do mundo físico, porque pertencem à criação original dos espíritos angelicais.

«...manifestado...» Cristo agora se manifestou ou revelou, nesta era particular da história, a fim de produzir o grande plano. Essa manifestação, naturalmente, subentende, conforme faz todo o versículo, a preexistência do Filho. Ele sempre existiu, mas agora se manifestou em nosso favor, a fim de conferir-nos a redenção. Tudo isso é dito por Pedro a fim de mostrar-nos «por que razão» devemos ser santos. Não nos faltam motivos para tanto; porém, mais ainda está envolvido nessa motivação. A nós são dados os «meios» necessários para que nos elevemos espiritualmente. A missão terrena de Cristo tem garantido isso. (Comparar o conceito da manifestação do Filho de Deus, entre este versículo com as passagens de João 1:31; I Tim. 3:16 e I João 3:5,8. No dizer de Hort (*in loc.*): «Considerada por si mesma, esta palavra sugere uma existência prévia oculta; e dificilmente poderia ter sido escolhida, não fora esse seu sentido implícito». A encarnação, a morte, a ressurreição e a ascensão de Cristo fazem parte dessa manifestação; e a predica do evangelho, na era presente, é uma demonstração e continuação da mesma.

«...no fim dos tempos...» Essa expressão ensina o que o autor sagrado via acerca do advento de Cristo, que assinalaria o fim do presente ciclo mundial. Os «...tempos...» podem ser uma alusão a várias dispensações, que conduzem ao «tempo» final, em que a palavra «finis» será escrita por sobre todas. Ou podem falar sobre diversos ciclos da história do judaísmo, completados pelo advento do Messias. (Comparar isso com Efé. 1:10, que diz: «...fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra»). Isso fala sobre um tempo ainda futuro, quando o governo do mundo eterno, tendo a Cristo como Cabeça, trará à «fruição» todos os ciclos e obras prévios de Deus. Em termos gerais tudo que o autor sagrado quer indicar é que o advento do cristianismo marca a última época da história do mundo; e os primeiros cristãos não imaginavam essa época como muito ampla. Antes, acreditavam que em seu próprio período de vida terrena o Cristo retornaria, e o mundo eterno seria imposto ao mundo material. (Ver I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15 quanto a essa crença).

A dispensação do evangelho é o último dos ciclos da história religiosa do homem, que não será suplantado por qualquer outro, até que a existência terrena seja absorvida pela celestial, e que o temporal seja absorvido pelo

21 τοὺς δι' αὐτοῦ πιστοὺς εἰς θεὸν τὸν ἐγείραντα αὐτὸν ἐκ νεκρῶν καὶ δόξαν αὐτῷ δόντα, ὥστε τὴν πίστιν ὑμῶν καὶ ἐλπίδα εἶναι εἰς θεόν.

21 πιστοὺς AB latt; R] πιστευοντας N p<sup>ca</sup> g: -ευοντας 33 pc

A maioria da comissão preferiu a expressão mais vigorosa, *πιστοὺς*, preservada em A B 398 vg, e considerou — *πιστευοντας* (33 a) como assimilações escribais a modos bem mais comuns de expressar a idéia.

1:21: *que por ele credes em Deus, que a ressurreição dentre os mortos a Ele deu glória, da modo que a vossa fé e esperança ativaram em Deus.*

«...por meio dele, tendes fé em Deus...» 1. Por causa do que Cristo fez em sua expiação, segundo se vê no vigésimo versículo. 2. Por ser ele o agente ativo da fé, isto é, mediante o seu Espírito ele cria e mantém nos homens a fé. 3. Porque, em comunhão com ele, a fé sobe de vitória em vitória, tornando-se parte da expressão da alma, em nível crescente. 4. Os homens creem em Deus porque Deus, como Pai, se «manifestou» a eles no Filho, e esse é o meio eficaz da graça que obtém a confiança deles e a outorga da alma ao mundo eterno. 5. A revelação de Deus no Filho, que convence os homens a crerem nele, vem através das maravilhas da expiação, mas também mediante o milagre da ressurreição doadora de vida. Esse foi um poderoso ato de Deus, que convenceu a muitos céticos e embora não possamos ver agora a evidência física da ressurreição de Cristo, vemos em outros esse poder miraculoso em ação, como também o vemos em nós mesmos.

*Fé*: Consideremos os três pontos seguintes sobre a «fé»: 1. Ela pode ser subjetiva, isto é, uma confiança pessoal, a outorga da alma aos cuidados de Cristo. (Isso é amplamente comentado em Heb. 14:1). Trata-se de uma transação da alma, em que o ser inteiro é entregue a Cristo para ser transformado segundo a sua imagem. Não se trata da crença em algum credo, embora tenha suas características doutrinárias. 2. A fé é «objetiva», isto é, um credo, o «cristianismo», em seu sistema de doutrinas. Tal uso se limita às «epístolas pastorais», e raramente ou nunca se encontra fora delas. Notas sobre esse aspecto da «fé» aparecem em I Tim. 1:2-3. 3. A fé pode ser uma «virtude»; essa é a fé subjetiva, na ação e no desenvolvimento diários. (Isso é comentado em Gál. 5:22). A fé, como «dom» do Espírito, é um notável grau de fé subjetiva e virtuosa. (Ver I Cor. 12:9 e as notas expositivas ali existentes, acerca disso. As notas em Heb. 11:1 sobre a «fé» oferecem poemas ilustrativos).

«...em Deus...» Normalmente pensamos na fé como algo firmado «em Cristo». Porém, toda a fé assim, em última análise, é fé «em Deus», porquanto o Pai é a origem do bem-estar da alma, e Cristo é o seu agente. Aquele que confia no Filho e lhe entrega a própria alma, a fim de compartilhar de sua natureza e glória, confia no Pai, de que ele produzirá essa transformação.

«...o ressuscitou dentre os mortos...» Essa era a pedra de esquina da predica cristã inteira, a qual pode ser vista e comentada em vários outros lugares. O leitor, portanto, deveria consultar as seguintes notas expositivas: 1. Teorias sobre o modo da ressurreição de Cristo (ver Luc. 24:6). 2. O fato e o significado da ressurreição, no que se aplica a Cristo e a nós (ver I Cor. 15:20). 3. O corpo ressurrecto (ver I Cor. 15:20,35,40). 4. A ressurreição como poder presente na vida, que nos transforma segundo a imagem de

eterno, até onde diz respeito às almas humanas remidas. Cada «tempo» se caracteriza, primeiramente, por uma súbita e notável mudança e então por um caráter específico, que continua por toda a sua duração. O «tempo» do evangelho é uma fruição de outros tempos, e é o último dos ciclos terrenos. Cristo trouxe uma grande e súbita mudança ao mundo, determinando assim o caráter do ciclo que começou em seguida. Os judeus sempre viram os «últimos dias» como os dias do Messias, o qual completaria os vários ciclos da história humana; e essa é a idéia geral da expressão aqui empregada, embora um tom distintivamente cristão lhe tenha sido adicionado.

*Variante Textual*: Alguns manuscritos (como KL, a maioria dos manuscritos gregos minúsculos, principalmente da tradição bizantina, VG e Sa) dizem «nestes últimos tempos». Porém, a forma melhor, conforme o testemunho dos manuscritos mais antigos e mais dignos de confiança (Aleph, ABC e a maioria das versões antigas), diz «no fim destes tempos». Seja como for, está em foco «o fim do tempo», embora a segunda forma nos dê a figura gráfica da sucessão de vários ciclos, trazidos à sua fruição pelo primeiro advento de Cristo.

«...por amor de Deus...» Essas palavras são uma interpretação. O original grego diz somente «por vossa causa», «por vós». Porém, com bases neotestamentárias, é mister incluir a idéia de amor, segundo se vê em João 3:16; Rom. 5:6 e ss. e II Cor. 5:14. O amor permeia o plano divino; e assim a manifestação de Cristo, no fim dos ciclos terrenos, a fim de remir aos homens, deve ter-se baseado sobre o mesmo. Sendo tão grande o amor de Deus, e tão vasto e benéfico o seu plano redidor, somos forçados à batalha pela verdade, lutando em prol da santidade pessoal. O amor exige isso de nossa parte. O homem espiritual corresponderá ao amor de Deus. (Ver João 3:16 quanto a notas expositivas sobre esse «amor», ilustrado com poesias). O Deus eterno serve ao indivíduo solitário. O indivíduo, sentindo algo da imensidade desse serviço, corresponde amorosamente. É esse amor, tão admirável, tão divino, que exige minha alma, minha vida, meu tudo.

*Minha vida, meu amor eu te dou a Ti,  
Tu, Cordeiro de Deus, que morreste por mim,  
Oh, que seja eu sempre fiel,  
Meu Salvador e meu Deus!*

*Viverei por Aquele que por mim morreu,  
E quão feliz será então a minha vida!  
Viverei por Aquele que por mim morreu,  
Meu Salvador e meu Deus!*

(R.E. Hudson)

21 τοὺς...πιστοὺς Ja 14:8; Ro 8:1-2 τοὺς...νεκρῶν Ro 4:24; 10:8

Cristo: a comunhão mística em sua vida ressurrecta (ver Col. 3:1 e Rom. 6:3). 5. A ressurreição, na pregação de Pedro (ver Atos 2:31 e ss.). 6. A ressurreição subentende a ascensão e a subsequente glorificação de Cristo (ver Atos 2:32,33). (Quanto a notas expositivas centrais sobre a «ressurreição», no livro de Atos, ver Atos 2:24,27).

«...lhe deu glória...» A glorificação de Cristo está aqui em foco. (Quanto a essa verdade, na pregação de Pedro, ver Atos 3:13. Quanto à «glorificação de Cristo», ver Efé. 1:20-22. Quanto à «glorificação do crente», em união com Cristo, ver Rom. 8:29-30. Assim é que o homem chega a participar de sua natureza e atributos. (Quanto à «glorificação de Cristo, com base no término bem-sucedido de sua missão redidora» na terra, ver Heb. 1:9). Essa é uma das grandes lições que «Jesus» nos ensina. Se os homens tiverem de ser glorificados, terão de ser obedientes ao Senhor Jesus, amando à retidão e abominando à iniquidade.

A ressurreição e a glória, em associação a Cristo, são aqui salientadas. Vê-se aqui os meios da revelação de Deus entre os homens, mostrando-lhes sua misericórdia abundante; e, como tal, isso se torna a base do desejo e da luta pela verdadeira santificação. Ele «morreu» por nós; mas também foi ressuscitado e glorificado por nós, pois participamos de todas essas coisas. Portanto, sejamos santos, pois ele é santo. Porém, tudo isso serve mais do que meros motivos: são realidades espirituais; aplicadas pelo Espírito Santo em sua comunhão mística conosco, através do que se torna possível e real a santidade no homem.

«...a vossa fé e esperança estejam em Deus...» Poderíamos encerrar isso como «a fé transmitida em esperança»; e isso é uma verdade, sem importar se este versículo o ensina ou não. Porém, é mais provável que a «esperança» seja vista aqui como a virtude gêmea da fé, como resultado da mesma, e não como se esses dois vocábulos — fé e esperança — indicassem a mesma realidade espiritual. A esperança pode ser subjetiva, isto é, o exercício pessoal de expectação espiritual. Ou pode ser objetiva, ou seja, aquilo que é esperado, a herança eterna, a vida eterna. Ambos os aspectos se completam, sendo impossível ter esperança se não houver algo em que se espera. Neste ponto, entretanto, está particularmente em foco a esperança subjetiva, e seu objeto é «Deus», tal e qual Deus é o objeto da fé. Ele é a origem de toda a nossa antecipação de bem-estar, na eternidade. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «esperança», com poemas ilustrativos, ver Rom. 8:24,25).

No terceiro versículo deste capítulo lê-se sobre uma «viva esperança», motivada pela ressurreição de Cristo. As notas expositivas ali existentes ilustram bem o significado do presente versículo, porquanto os temas são os mesmos.

«Vossa fé repousa sobre a ressurreição de Cristo — foi Deus quem o ressuscitou. Vossa esperança repousa sobre a glorificação de Cristo, foi Deus quem lhe conferiu essa glória. Bem de acordo com isso foi o primeiro



sermão público do apóstolo Pedro, segundo se vê em Atos 2:22 e ss., onde tudo quanto sucedeu a Cristo é atribuído a Deus, como seu realizador... (Alford, *in loc.*).

**Variação Textual:** O termo grego «πίστους» aparece nos mss AB. 396, e na Vg, e quase certamente é a forma original. Os demais manuscritos, em sua vasta maioria, substituem-na por «πιστευόντων» («πιστευάντων» em 83 e 22) Τὰς ψυχὰς ὑμῶν ἡγνικότες ἐν τῇ ὑπακοῇ τῆς ἀληθείας<sup>4</sup> εἰς φιλαδελφίαν ἀνυπόκριτον, ἐκ [καθαρὰς] καρδίας<sup>5</sup> ἀλλήλους ἀγαπήσατε ἐκτενῶς,

<sup>4</sup> 22 [C] ἀληθείας p<sup>1</sup> M A B C Ψ 33 41 436 429 448 1241 1730 1881 2492  
 104 181 224 338 461 614 630 1305 1877 2127 2412 2493 Hys Lect it<sup>a</sup> arm  
 Clement 1 ἀληθείας διὰ πνεύματος K P 049 056 0142 05

<sup>5</sup> 22 ἐκ καρδίας A B (et. dem. dicitur) vg Gildus f[C] ἐκ καθαρὰς καρδίας p<sup>1</sup>  
 M<sup>a</sup> C: K P Ψ 049 056 0142 33 41 43 104 181 238 330 436 461 614 639 630 845  
 1241 1304 1730 1877 1881 2127 2412 2492 2493 Hys Lect it<sup>a</sup> syr<sup>b</sup> cop<sup>b</sup>

22 ἀλλήλους ἀγαπήσατε ἐκτενῶς Jo 13:34. Ro 12:10

<sup>4</sup>Após ἀληθείας o Textus Receptus, seguindo os manuscritos unciais posteriores (K P 049 056 0142) e a maioria dos minúsculos, adiciona a frase διὰ πνεύματος. Essas palavras, cuja ausência de testemunhos antigos e bons como p<sup>1</sup> M A B C Ψ 33 1739 al, não pode ser facilmente explicada se fizessem parte do original, mas parecem ser expansão teológica introduzida por copistas. No ocidente, vários manuscritos em Latim Antigo e da Vulgata substituem ἀληθείας por caritatis («caridade»), e um testemunho (Espéculo) expande com fidei per spiritum («fé através do Espírito»).

<sup>5</sup>Com base em p<sup>1</sup> M<sup>a</sup> C 81 614, a maioria da comissão preferiu a forma ἐκ καθαρὰς καρδίας, mas, em face da ausência do adjetivo em A B vg, pensou ser melhor deixar καθαρὰς entre colchetes. A forma ímpar, καρδίας ἀληθινῆς (N<sup>a</sup>) pode ter

1:22: Já que todos purificadas as vossas almas na obediência à verdade, que leva ao amor fraternal e da singlidade, do coração amor-velo e ardentemente uma nas outras.

O processo da salvação produz a purificação da alma, mediante o que ela assume a natureza e a santidade de Cristo. Isso é produzido pela influência e poder transformador do Espírito Santo. Atinge a alma por ser espiritual, vital e essencial, e não algo ritual ou cerimonial. Assim a alma é espiritualizada, tornando-se uma entidade que compartilha da santidade divina. Esse tema é comentado longamente em outros lugares. Quanto a notas expositivas completas sobre isso e suas implicações, ver os trechos de Mat. 5:48; Heb. 12:14; Rom. 3:21—a retidão divina, compartilhada pelos demais membros da família divina; I Tes. 4:3. Quanto à «santificação», ver I Tes. 4:3; e quanto à «necessidade de santificação para a glorificação», ver II Tes. 2:13). Porquanto a glorificação é o nível culminante da salvação, vê-se que a salvação depende da santificação. Nesse processo, o favor divino é conferido ao homem quebrantado:

...purificado... No grego é usado o tempo perfeito de «agonizar», que quer dizer «purificar». A raiz desse verbo é «agos», qualquer coisa que dê «respeito» religioso. Essa palavra vem a descrever os sacrifícios oferecidos a qualquer divindade, dando a idéia de qualquer coisa separada para ela. Dal veio a idéia de «separação» do mal para Deus, envolvendo a verdadeira natureza da santidade. Nas páginas do N.T., a palavra «santidade» veio a ser definida como a participação na própria santidade de Deus, pois nenhum outro tipo de santidade dará à alma o direito de habitar em sua presença. (Ver Rom. 3:21 e as notas expositivas ali existentes, acerca desse conceito).

...alma... (Notas expositivas completas sobre a «alma» aparecem em II Cor. 5:8, além de vários artigos que procuram demonstrar a existência e a sobrevivência da alma ante a morte biológica, na introdução ao comentário, na seção que trata da «imortalidade»). O ser humano é uma entidade espiritual; seu corpo é apenas uma residência passageira. Por isso mesmo, ele tem a obrigação moral de viver de acordo com a «dimensão eterna».

...pela obediência à verdade... A «verdade» é o evangelho, conforme se vê comumente nas páginas do N.T. É mediante o evangelho que a verdade divina é trazida aos homens. E é no evangelho que ficou preservado tudo quanto é de maior valor no A.T. O próprio Jesus é a personificação da verdade (ver João 14:6). Ele se manifestou cheio de «graça e verdade», em contraste com a aspereza e inadequação da verdade, segundo esta era apresentada pela antiga dispensação. (Ver as notas expositivas sobre a «verdade», conforme se vê no evangelho, em Rom. 1:18; Gál. 2:5; Efê. 1:13 e Col. 1:5).

**Referências e idéias básicas sobre a verdade.** 1. Ela provém de Deus (ver Sal. 31:5). 2. Cristo é a verdade personificada (ver João 14:6). 3. Cristo é pleno de verdade (ver João 1:14). 4. O Espírito Santo é o Espírito da verdade (ver João 14:17); guiando-nos à verdade (ver João 16:13). 5. A Palavra de Deus é verdade (ver Dan. 10:21; João 17:17). 6. A adoração deve ser efetuada em ambiente de verdade (ver João 4:24). 7. O serviço a Deus é prestado na verdade (ver Jos. 24:14 e I Sam. 12:24). 8. A conduta do crente deve ser no elemento da verdade (ver I Reis 2:4; II Reis 20:3). 9. O valor da verdade é inestimável (ver Pro. 23:23).

...obediência... O evangelho impõe determinadas exigências, que precisam ser satisfeitas. A primeira de todas é a consagração da alma a Cristo, para que ela possa ser transformada segundo a sua imagem, e assim venha a participar de sua natureza e atributos, incluindo a qualidade da santidade, que está particularmente em foco no presente versículo. A verdade do evangelho precisa ser acolhida e obedecida, pois, de outra maneira, não haverá salvação. Essa verdade é perfeitamente clara nas páginas do N.T., embora isso não seja claramente pregado pela igreja evangélica moderna, com sua crença fácil. (Ver II Tes. 2:10-13). O trecho de II Tes. 1:8 mostra-nos claramente que o evangelho deve ser «obedecido» a fim de tornar-se eficaz na salvação da alma. A verdadeira fé,

alguns poucos outros manuscritos), mas essas foram meras assimilações escritas, a modos da expressão mais comum. Sem importar a forma que acolhermos, nenhuma diferença ocorre em nosso entendimento sobre a «fé» envolvida. O termo «πίστους» assume aqui um sentido ativo, isto é, «crente». E como se Pedro tivesse escrito: «Vós sois os que confiam em Deus, por causa daquilo que ele fez em vosso favor, por meio de Cristo». Na tradução, porém, é mister traduzir a forma adjetivada por alguma espécie de expressão verbal.

Priscillian Vigilius Gildus Ps-Oecumenius Theophylact f fidei per spiritum  
 it<sup>a</sup> f caritatis (p<sup>1</sup>) M<sup>a</sup> C 81 614 630 1305 1877 2127 2412 2493 Hys Lect it<sup>a</sup> arm

arm Priscillian Anthony Ps-Oecumenius Theophylact f fidei per spiritum  
 it<sup>a</sup> f caritatis (p<sup>1</sup>) M<sup>a</sup> C 81 614 630 1305 1877 2127 2412 2493 Hys Lect it<sup>a</sup> arm

naturalmente, consiste em muito mais do que na mera aceitação de um credo, mas antes, é a fonte mesma do cultivo contínuo da obediência. (Ver Heb. 11:1 quanto a notas expositivas completas sobre a «fé»). A fé consiste na outorga da própria alma aos cuidados de Cristo, bem como às realidades do mundo eterno. Consiste de uma nova orientação, imprimida à alma, com novos desejos e nova maneira de viver, tendo a Cristo como alvo, com a finalidade de compartilhar de sua natureza, de sua santidade, de seus poderes e de seus atributos. (Ver Efê. 3:19 e Col. 2:10). A receptividade da verdade produz a obediência; pois quando uma pessoa aceita seriamente a verdade, o Espírito Santo começa a espiritualizá-la e transformá-la; e a obediência é o necessário resultado disso. De fato, a obediência, em sua natureza intrínseca, caracteriza a fé, não sendo apenas um mero resultado da mesma.

Notemos, no segundo versículo deste capítulo, que a eleição leva à santificação, e que a santificação é o meio pelo qual a eleição se torna real na experiência do crente. Isso visa a «obediência». Por conseguinte, a fé resulta em incansáveis boas obras (ver Efê. 2:8). (As notas expositivas sobre o segundo versículo deste capítulo ilustram bem os conceitos principais desta passagem).

**Referências e idéias sobre a «obediência».** 1. A obediência é exigida por Deus (ver Deut. 13:4). 2. Repousa sobre a fé (ver Heb. 11:6). 3. Consiste de obedecer a Cristo (ver Exo. 23:21 e II Cor. 10:5). 4. Obedecer é melhor que oferecer sacrifícios (ver I Sam. 15:22). 5. A obediência é ao evangelho (ver Rom. 1:5; 6:17; 10:16,17). 6. Cristo é o exemplo supremo de obediência (ver Heb. 1:9; Mat. 3:15 e João 15:10). 7. Eventualmente, a obediência tornar-se-á universal (ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios e Dan. 7:27).

...em vista do amor fraternal... A ordem espiritual traçada por Pedro, nesta epístola, é: recepção da verdade, regeneração, obediência, pureza e amor aos irmãos. O amor é um dos aspectos do «fruto do Espírito» (ver Gál. 5:22), sendo o alicerce mesmo de todos os outros aspectos desse fruto. Portanto, o indivíduo que está sendo transformado segundo a imagem de Cristo, deve possuir algo de sua natureza amorosa, porquanto o próprio Cristo é o modelo ou depositário supremo das virtudes do Espírito Santo, frutos seus. E o crente, sendo paulatinamente espiritualizado, vai-se tornando menos egoísta e mais altruísta; e a isso chamamos de «amor». Amamo-nos uns aos outros quando queremos, para nosso semelhante, aquilo que queremos para nós mesmos. Amamos a Deus através do amor a outros (ver Mat. 25:35 e ss.). O amor é comentado longamente em outros lugares deste comentário. (O leitor pode consultar as referências seguintes, que desenvolvem esse tema, completas com poesias ilustrativas: sobre o amor de Deus, João 3:16; sobre o «amor» como norma de conduta na família cristã, João 14:21 e 15:10; amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito», como uma virtude espiritual, Gál. 5:22; o amor de Cristo demonstrado, Rom. 5:6 e ss.; o amor de Cristo por nós, como motivo de nosso amor ao próximo, II Cor. 5:14).

**Referências e idéias sobre o amor:** 1. O amor faz parte da natureza e do caráter de Deus (ver II Cor. 13:11; I João 4:8). 2. Em Deus, o amor é soberano (ver Deut. 7:8), grande (ver Efê. 2:4), permanente (ver Sof. 3:17), infalível (ver Isa. 49:15), inalienável (ver Rom. 8:39), eterno (ver Jer. 31:3). 3. O amor se exhibe no dom de Cristo (ver João 3:16), na expiação (ver Rom. 5:8), na adoção (ver I João 3:1), na eleição (ver Mal. 1:2,3 e Rom. 9:11-13), no perdão (ver Isa. 38:17), nas bênçãos temporais (ver Deut. 7:13). 4. O amor deve ser exibido a Cristo (ver Mat. 25:35 e ss.), aos santos (ver o quarto capítulo da primeira epístola de João e João 15:10). 5. O amor é evidência da adoção (ver João 8:42). 6. O amor deve ser sincero (ver Efê. 6:24), partindo da própria alma (ver I Ped. 1:22). 7. O amor é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo (ver Rom. 5:5). 8. O amor é um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo» (ver Gál. 5:22).

...de coração... Isto é, «sinceramente», desde a alma, como atributo e



manifestação do homem interior, e não como mera conveniência, como espetáculo hipócrita. A palavra «coração», apesar de frequentemente enfatizar o aspecto emotivo da alma, nas páginas do N.T. quase sempre é uma alusão ao homem interior e real, ao homem espiritual, à alma. O amor deve ser parte da própria essência de um homem. «Deus é amor» (1 João 4:7); e o homem espiritual também deve ter tal característica—o amor deve fazer parte de sua essência. A essência de Deus é o amor, e isso convém ser duplicado em nossos seres. O exercício de todos os dons espirituais depende do amor (ver o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios).

«...ardentemente...» No grego é «ektenos», «fervorosamente», «constantemente». A raiz verbal desse vocábulo é «ektenos», isto é, «esticar». Portanto, temos a idéia de algo ambicioso e assertivo, de uma «intensidade extrema», conforme o expressa Bigg (*in loc.*). O amor deve ter a profunda ambição de servir ao próximo, de «estender» a própria atividade e o próprio interesse no serviço aos outros.

«O amor sincero e genuíno, dos crentes pelos crentes, é uma das grandes características da conduta cristã. O amor fraternal é a essência mesma da comunidade cristã. Pedro sabia o que significa amar, por amarga experiência. Ele virá o amor em Jesus; e experimentou-o em sua própria restauração. Há certa ortodoxia do amor que poucas igrejas aplicam a seus membros; no entanto, isso é tão importante como a ortodoxia nas doutrinas... Muitas lamentáveis controvérsias eclesásticas poderiam ter sido evitadas se os crentes tivessem conservado juntos a fé e o amor. O amor aos irmãos é uma exigência da confissão cristã. João deixa isso claro em sua primeira epístola (ver 1 João 4:20)... Esse amor é ativo e intenso: não tem dolo e nem hipocrisia que o manche; participa do tipo de amor que houve em Jesus Cristo. O amor fervoroso pelos irmãos resulta do esforço «purificador» do crente, quando ele «obedece» à «verdade», sendo movido pelo poder do Espírito... O amor é a maior coisa do mundo; é o objetivo da verdade» (Homrighausen, *in loc.*).

«...sincero...», isto é, «sem fingimento». Esse é o tipo de amor exigido de

23 ἀναγεννημένοι οὐκ ἐκ σπορᾶς φθαρτῆς ἀλλὰ ἀφθάρτου, διὰ λόγου ζῶντος θεοῦ καὶ μένοντος

23 ἀναγεννημένοι... ἀφθάρτου Ja 1:13 λόγου ζῶντος θεοῦ He 4:12 ζῶντος... μένοντος Da 6:26

Após μένοντος o Textus Receptus, seguindo K I P maioria dos minúsculos vg sir (p) etí, adiciona εἰς τὸν αἰῶνα. A frase, que é uma intrusão proveniente do vs. 25, está ausente em grande variedade de representantes textuais (p<sup>72</sup> N A B C 33 322 323 424 (c) 436 1739 1852 2138 vg (mss) sir (h) cop (sa,bo) ara Dídimo Cirilo Jerônimo).

1:23: tendo nascido, não de semente corruptível, mas de incorruptível, pela palavra de Deus, a qual vive e permanece.

«...regenerados...» No grego é «anagennao», que na forma ativa e transitiva significa «gerar de novo», «fazer nascer novamente», e que na voz passiva significa «nascer de novo». A forma ativa pode ser vista no terceiro versículo deste mesmo capítulo, sendo unicamente esse o outro uso do termo grego, em todo o N.T. Entretanto, a mesma idéia teológica é apresentada em João 3:3-5, onde as notas sobre o «novo nascimento» são apresentadas. Nascer de novo é mais do que converter-se, pois a conversão é apenas o princípio do «novo nascimento». Quando fomos glorificados e chegamos a compartilhar da própria natureza de Cristo, no mundo eterno, então é que plena e verdadeiramente teremos «nascimento de novo», pois nos tornaremos membros literais da família divina, nascidos no mundo novo e espiritual. Nascer de novo em sentido mais completo, pois, equivale a tudo quanto está incluído na salvação, desde o arrependimento, a fé, a conversão e até à glorificação. Indica a total espiritualização de nosso ser, a fim de sermos mais exaltados que os anjos, seres que compartilharão da natureza divina—e toda a plenitude de Deus, (Col. 2:10).

A conversão dá início ao processo do novo nascimento. Por conseguinte, em certo sentido, podemos chamar a conversão de «novo nascimento»; mas isso é apenas um dos seus estágios iniciais. O evangelho é o agente do novo nascimento, nesta existência terrena, porquanto isso nos traz o conhecimento e a realidade de Cristo, cuja natureza é em nós duplicada por meio do novo nascimento, de tal modo que o Filho é duplicado nos filhos de Deus. O trecho de Tia. 1:18 declara: «Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas».

«...semente corruptível...» O termo grego «spora», aqui usado, pode indicar «semente» ou «semeadura». A maioria dos intérpretes prefere a idéia de «sementes». A «semente corruptível» pode significar uma das seguintes coisas:

1. Um pai humano ou a descendência humana (como no caso de Abraão); e isso poderia apontar, incidentalmente, para a doutrina do «pecado original». Em outras palavras, os homens são pecaminosos por natureza, e isso é transmitido por procriação, de tal modo que os filhos são gerados dentro do princípio do pecado, nascendo com natureza pecaminosas. (Ver Sal. 51:5 quanto a esse conceito). Passagens como Rom. 3:10 e ss. parecem concordar com essa doutrina. A regeneração ou novo nascimento de modo algum podem resultar da procriação humana, da descendência física.

2. Em certo sentido geral, o autor sagrado talvez quisesse indicar qualquer tipo de esforço humano, incluindo os esforços religiosos, que não têm o poder de dar o novo nascimento a uma alma, porquanto não podem eles transcender ao que é meramente terreno. Nenhum meio «terreno» pode conduzir uma alma à vida eterna, como cidadã do mundo celestial. (Comparar isso com João 1:13, onde o novo nascimento não vem «pelo sangue», isto é, ninguém participa da família divina por motivo de descendência humana).

«...corruptível...» No grego é «phthartos», «perecível», «sujeito à dissolução», «mortal». Não há qualquer idéia negativa aqui, comparável com o que diziam alguns mestres rabinicos, que falavam do fluido seminal

nós. O termo grego original significava «ator», alguém que «replica» a outro. «upokronomai», a raiz verbal, significa «responder», indicando, originalmente, «sobre o palco», nos diálogos ali efetuados. Um hipócrita é um tipo de «ator», que desempenha um papel, mas não tem sinceridade quanto àquilo que faz e diz.

«Que vidas santas são solitárias é algo que ninguém se aventura a disputar, e que os crentes devotos têm encontrado forças para si mesmos, dando exemplo ao mundo, retirando-se da sociedade de seus semelhantes, é conformato por mais de uma vez na história da cristandade. Mas, o Novo Testamento mostra pouquíssima simpatia por uma vida assim isolada e reclusa» (Lumby, *in loc.*). O amor não é uma virtude enclausurada. Antes, existe a fim de expressar-se em favor dos outros.

«...ardentemente...» Essa palavra denota «...esticar, pôr em tensão, envair esforço intenso; portanto: a. forçando, estendendo cada energia, por uma elasticidade incansável; b. por manter perseverança; c. por incluir até mesmo aqueles irmãos que parecem menos dignos de amor» (Lange, *in loc.*).

Variantes Textuais: Após a palavra «verdade», os mss KP, 049, 066, e 0142, como também a maioria dos manuscritos minúsculos da tradição bizantina, adicionam as palavras «pelo Espírito», provavelmente para serem entendidas com a idéia de «obediência». Isso nos vem através da inspiração do Espírito. Entretanto, tais palavras são omitidas pela maioria dos manuscritos antigos, a saber, P(72), Aleph, ABC, P45, 33, 1739 e a maioria das versões. A adição foi uma expansão teológica, feita por escribas subsequentes. Alguns antigos manuscritos latinos mudam «verdade» para «amor», e Speculum expandiu o texto com as palavras «fidei per spiritum», isto é, «fé através do Espírito».

As palavras «de um coração «puro» aparecem nos mss P(72), Aleph(1), 81, 614; mas a palavra «puro» se faz ausente da evidência mais impressionante de AB e da Vg. A maioria dos críticos textuais prefere deixar o adjetivo, mas essa decisão é precária, pois, normalmente, o texto correto é o mais curto, já que os escribas se inclinavam mais por adornar o texto do que por abreviá-lo.

23 ἀναγεννημένοι οὐκ ἐκ σπορᾶς φθαρτῆς ἀλλὰ ἀφθάρτου, διὰ λόγου ζῶντος θεοῦ καὶ μένοντος

como «gota imunda» (ver Pirke Abot., cap. 3, seção 1, e Bartenora in inb; Zohar sobre Êxodo, fol. 62:1 e 78:2, tudo derivado do Talmude). Por meio dessa «gota imunda», a natureza humana corrupta é propagada, de acordo com esses autores judaicos. Ao contrário disso, Pedro apontava para a geração humana como uma semente perecível, o que significa que a vida eterna não pode vir através da descendência humana, do ato de procriação. O novo nascimento precisa transcender ao que é humano e terreno, porquanto envolve almas eternas e impercíveis.

«...incorruptível...» Em outras palavras, que nunca pode perecer, o que, por sua vez, significa que pode produzir um ser eterno, mediante o novo nascimento. 1. A semente impercível é a «Palavra de Deus», dentro da parábola do semeador (ver Luc. 8:11). No trecho de Mat. 13:37, a boa semente são os «filhos de Deus», produzidos pela Palavra. 2. No presente versículo, talvez o autor sagrado estivesse se referindo à operação inteira do Espírito Santo, como a semente que produz o novo nascimento; porém, a expressão que se segue imediatamente, «...pela palavra de Deus...», define bem claramente, a «semente» anterior; pelo menos é a sua principal descrição.

«...palavra de Deus...» Tal como se dá com o termo «verdade», o vocábulo «palavra» também significa, normalmente, o evangelho, no N.T., sendo raramente, ou mesmo nunca, uma designação para as Escrituras, nem do Antigo e muito menos do Novo Testamento. Contudo, os autores sagrados certamente concordariam que a mensagem divina, conforme está contida no evangelho, foi reduzida a uma forma concreta dentro das Escrituras. O vigésimo quinto versículo deste mesmo capítulo define essa «palavra» como o «evangelho». (Ver igualmente as expressões «palavra de Deus», em Atos 4:31; 6:7; 8:14; 12:24; 13:5 e Rom. 9:6; «palavra», usada sem qualquer modificador, em Atos 14:25 e 17:11, palavra de sua graça», em Atos 20:32; «palavra do Senhor», em Atos 13:49 e 19:10; «palavra da verdade», em II Cor. 6:7 e Efê. 1:13; «palavra da vida», em Fil. 2:16; «palavra de Cristo», em Col. 3:16), formas alternativas, todas elas, de referir-se ao evangelho cristão. (Ver notas expositivas completas sobre o «evangelho», em Rom. 1:16). O «evangelho» é o agente regenerador, porquanto nos traz o conhecimento de Cristo, mediante cujo Espírito somos novamente nascidos.

«...vive e é permanente...» Alguns intérpretes pensam que essas descrições se aplicam a Deus, pelo que estaria em foco a «palavra do Deus vivo e eterno». A maioria deles, no entanto, compreende isso como uma alusão à «palavra». O vigésimo quinto versículo deste capítulo diz exatamente isso. Trata-se de uma «palavra viva», por ser o meio usado pelo Espírito Santo para doar a vida, em contraste com os resultados perecíveis da geração humana. Permanece, pois a vida dada é eterna, e não física e perecível. (Ver João 3:15 quanto à «vida eterna»). Essa vida consiste da participação na própria modalidade da vida divina. Há muitas espécies de vida, a começar pelos animais celulares, que têm a capacidade de se reproduzirem. Há vários tipos de vida no mar e sobre a terra. O homem é a mais alta forma de vida, neste plano terreno, porquanto combina o físico e o espiritual em si mesmo. Há dimensões de vida compostas por espíritos puros. Mas Deus é o pináculo e a origem de toda e qualquer vida. E desse tipo de vida que participaremos plenamente, quando formos glorificados em Cristo. Portanto, nossa «modalidade de vida» será superior à dos



próprios anjos, embora já a possuamos em germe, desde agora. Participaremos da vida necessária e independente de Deus. Essa vida nunca pode deixar de existir, e nem depende de qualquer outra vida para a sua continuação. (Ver as notas expositivas em João 5:25,26 e 6:57 quanto a esses conceitos). A vida eterna, por conseguinte, e muito mais do que «vida interminável».

A «palavra de Deus», o evangelho, fala da energia de Deus em movimento e é nessa atividade que o Espírito Santo nos torna real aquilo que é ensinado no evangelho. Portanto, o evangelho não é meramente a «palavra dita acerca de Cristo»; é a Palavra que é o Cristo formado em nós, mediante a comunhão mística com o seu Santo Espírito. A sua «palavra» nos espiritualiza através do contacto do Espírito conosco. Portanto, o conceito da «palavra viva» necessariamente envolve «o Verbo que, sendo Deus, não somente se revela a nós, mas também se dá a nós, sendo formado em nós nesse processo». (Scott, falando sobre Tia. 1:18, no

24 διότι πᾶσα σὰρξ ὡς χόρτος, καὶ πᾶσα δόξα αὐτῆς ὡς ἄνθος χόρτου· ἐξηράνθη ὁ χόρτος, καὶ τὸ ἄνθος ἐξέπεσεν· 24-25 Is 40:6-8 (Jm 1:10-11)

Ao invés de αὐτῆς (p<sup>72</sup> N<sup>c</sup> (-του N<sup>c</sup>)) A B C 206 614 1739 1873 2298 vg sir (p,h) cop (sa), (bo) etí Orígenes Dídimo), o Textus Receptus, seguindo os manuscritos unciais posteriores (K L P Ψ) e a maioria dos minúsculos, diz aqui ἀνθρώπων, assim assimilando a citação à LXX, no texto de Isa. 40:6.

1:24: Porque:

Toda a carne é como a erva,  
e toda a sua glória como a flor da erva.  
Secou-se a erva,  
e caiu a sua flor;

O vigésimo terceiro versículo fala acerca da «semente perecível», que não pode dar novo nascimento aos homens. Em contraste com isso, há a semente impercível da Palavra de Deus, que confere aos homens a participação na natureza divina, na vida eterna, um tipo extremamente alto e elevado de vida. É a impercível Palavra de Deus que nos proporciona essa vida indestrutível. Esse contraste faz o escritor sagrado lembrar-se da fragilidade da vida moral, levando-nos a estacar por alguns instantes, a fim de comentar a respeito da mesma, usando uma citação diretamente extraída de Isa. 40:6-8, segundo a Septuaginta, com leves alterações. Ele como que dizia: «Já lesteis, no livro de Isaias, que a palavra de Deus permanece, quando tudo o mais fracassa e cai por terra. Pois bem, essa palavra é o evangelho». E o evangelho é sempiterno, porque o seu centro é «... Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre (ver Heb. 13:8)». (Hornighausen, *in loc.*).

«...a carne é como a erva...» A fragilidade e o caráter rapidamente perecível da vida humana mortal são os aspectos aqui focalizados. Esse tema já foi comentado amplamente, com muitas citações e poemas interessantes, em Tia. 1:10,11 e 4:14, notas essas que o leitor deveria examinar.

As incertezas do presente estado mortal.  
Pausa agora, ó minha alma, para contemplanças;  
Pela verdade séria deixa-te convencer para sempre.  
Confessando, pela fato inexorável que é mostrado:  
Que para viver para o «eu» não há tempo;  
Que fazer de Deus ao próprio «eu» não há rima.  
Vivendo distante do desejo autêntico da alma  
Será removido de ti o fogo central do universo.  
O ar vivificado pela sua imensa graça  
Trouxe esperança, até a este miserável lugar.  
Não busques aqui, pois, lucro míope,  
Para que não desprezes aos mundos eternos.  
(Russell Champlin, ao meditar  
sobre I Ped. 1:24)

«...toda a sua glória, como a flor da erva...» Na época da primavera surge uma grande variedade de flores, embelezando a erva dos campos, como as tulipas, as papoulas e muitas outras variedades de flores silvestres, para as quais nem temos designação. Porém, assim que chega o calor do verão, extingue-se a glória das mesmas. Assim também nossas vidas podem ter um belu e glorioso aspecto, tal como sucedeu no caso de nossos ascendentes. Porém, toda essa glória é apenas temporária, revestida de parco valor relativo. Pedro desperta nossas mentes para contemplarmos a eternidade, e assim acrescenta à nossa vida presente a dimensão eterna. A vida pode ser brilhante e atrativa por algum tempo, e a maioria das pessoas dá tudo para compartilhar, mesmo em pouco grau, dessas qualidades possíveis à vida mortal; entretanto, ao assim fazerem, com frequência negligenciam o

26 τὸ δὲ ῥῆμα κυρίου μένει εἰς τὸν αἰῶνα. τοῦτο δὲ ἐστὶν τὸ ῥῆμα τὸ εὐαγγελισθὲν εἰς ὑμᾶς.

1:25: mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que nos foi evangelizada.

«...a palavra do Senhor...» (Ver o vigésimo terceiro versículo deste capítulo quanto a notas expositivas a respeito. Ali a Palavra de Deus também é considerada eternamente permanente, e igualmente, «viva»). A Palavra «...Senhor...», neste caso, mui provavelmente indica Deus Pai, embora normalmente, nas páginas do N.T., o «Senhor» é Jesus Cristo. (Ver Rom. 1:4). Essa referência também contém notas expositivas sobre o «senhorio» de Cristo, que fica implícito no termo. A «palavra» é o «evangelho», conforme o presente versículo nos ensina, o que é igualmente comentado nas notas expositivas sobre o vigésimo terceiro versículo deste capítulo). Neste ponto, a palavra grega traduzida como «palavra» é «rema», ao passo que, no vigésimo terceiro versículo, é «logos». Porém, nenhuma diferença real de significado é tencionada. Alguns intérpretes nos dão «razões» insatisfatórias para essa modificação; mas todas essas tentativas são vãs. O vocábulo «logos», no vigésimo terceiro versículo, talvez não

Speaker's Commentary). — A Palavra de Deus — leva-nos a participar da vida ressurrecta. Deus é o semeador da mesma; e o Espírito Santo é o agente que rega e cultiva a semente.

«Esse sentido é genuíno e sublime, porquanto, em nossa regeneração, o próprio Cristo é pessoalmente transmitido a nós, de tal modo que a deidade, daí por diante, reside em nós, como que em um templo; e nós, por nossa vez, nos tornamos participantes da natureza divina». (A. Lápide, sobre II Ped. 1:4, citado nessa passagem, por Lange, *in loc.*).

**Variante Textual:** Alguns manuscritos (KLP e a maioria dos manuscritos minúsculos da tradição bizantina, juntamente com a Vg, o Síp<sup>h</sup> e o Etí), acrescentam, no fim deste versículo, a palavra «eternamente». Porém, os manuscritos mais antigos, como P(72), Aleph, ABC, 33, 322, 323, 424(c), 618, 1739, 1882 e 2137, além da Vg (alguns manuscritos), do Síp<sup>h</sup>, do Cóp<sup>sa</sup> bo, do ara e de diversos pale da igreja, omitem tais palavras, o que, certamente, representa o original.

24 ως 1<sup>o</sup> em A al c p<sup>o</sup> vg(6) Aug | αὐτῆς | αὐτοῦ K<sup>o</sup>: ἀνθρώπων

KLP al c

verdadeiro resplendor, a verdadeira atração da alma. Buscam um «lucro míope», e terminam por desprezar aquilo que é realmente importante e vital, a salvação, de suas próprias almas eternas.

Na loja do diabo todas as coisas se vendem,  
Cada grama de escória custa um quilo de ouro;  
Por uma capa a sinetes pagamos com a vida,  
Adquirimos bolhas com a tarefa inteira da alma  
(James Russell Lowell)

«...seca-se...cai...» Esses verbos foram corretamente traduzidos pelos tradutores no presente, embora, no original grego, tenha sido usado o aoristo, em ambos os casos. Porém, mais provavelmente temos aqui o «aoristo gnômico», mediante o qual um versículo recebe uma expressão enérgica e espirituosa. A erva, que é tão verdejante, já está ressecada e moria antes de podermos contemplá-la direito; a gloriosa flor já caiu, quando começávamos a contemplá-la em sua beleza. Assim sucede ao melhor que há nesta vida humana mortal, segundo toda a nossa experiência e observação o demonstram.

Em seu pano de fundo original, essas observações deveriam revestir-se de grande poder de convicção. Os crentes da Ásia Menor sofriam severas perseguições, e logo a intensidade das mesmas aumentaria. Aqueles crentes reconheciam quão precária é a vida humana. Suas propriedades já tinham sido confiscadas; alguns dentre eles haviam sido lançados nas prisões; outros tinham sofrido o martírio; diversos tinham morrido na juventude, no vergel da vida.

«O homem é uma criatura que se resseca, que se esvai, que morre. Em sua entrada no mundo, nesta vida, e também sua queda, ele se assemelha à relva. (Ver Jó 14:2 e Isa. 40:6,7). Consideremo-lo em toda a sua glória, que é como a flor da erva: sua espiritualidade, sua beleza, sua força, seu vigor, suas riquezas, sua honra; tudo isso é como a flor da erva, que logo se resseca e perece. A Palavra de Deus, quando recebida, e ela somente, pode preservá-lo para a vida eterna, permanecendo com ele para sempre. Os profetas e os apóstolos pregavam a mesma doutrina, como Isaias e outros, no A.T.» (Matthew Henry, *in loc.*).

«Todos os homens, nascidos de semente corruptível, são frágeis, mortais e perecíveis; medram como a erva, e sua beleza esplende por um pouco, mas logo se enfraquecem, e em pouco tempo são cortados pela morte, e se ressecam... todas as coisas externas, que são estimadas pelos homens e que lhes parecem gloriosas, como as riquezas, a honra, a sabedoria, a força; a retidão externa, a santidade e a bondade, são perecíveis e transitórias, como a flor do campo; mas o evangelho continua e revela riquezas duradouras, honrando a pessoa de Cristo». (John Gill, *in loc.*).

**Variante Textual:** As palavras «sua glória» (isto é, a glória da carne), aparecem nos mas P(72), Aleph(c), ABC, 206, 614, 1739, 1873, 2298, na Vg, no Síp<sup>h</sup>, no Cóp<sup>sa</sup> bo, no Etí, e nos escritos de Orígenes e Dídimo. Mas essa forma é alterada para «do homem», nos mas KLP, Psi e na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina. A modificação foi feita à base do que diz a Septuaginta em Isa. 40:6, que estava sendo citada, em harmonia à mesma; portanto, a outra forma, que tem o apoio objetivo muito mais forte, sem dúvida alguma é a forma correta.

apareça como «rema» porque, na passagem vetotestamentária citada, é usado o vocábulo grego «logos». Provavelmente, pois, Pedro meramente se utilizou do termo «rema» como um sinônimo, sem nenhuma intenção de dar-lhe qualquer significado sutil e oculto.

«...permanece eternamente...» Essa Palavra dura «para sempre», e sempre terá o poder de gerar e de vivificar, em contraste com as instituições humanas, que podem apenas cultivar a vida mortal, que logo se esvai.

«...esta é a palavra que vos foi evangelizada...» Essa palavra é o «evangelho», o qual nos foi pregado. Em outras palavras, o Espírito regenerador de Deus opera por intermédio dessa mensagem concernente a Cristo—primeiramente porque os seus ouvintes dão lealdade a Cristo, entregando-lhe a alma (ver Heb. 11:1); e então, porque começam a ser amoldados segundo a santa imagem de Cristo, na esperança firme de que, eventualmente, haverão de compartilhar de sua perfeita natureza.

Aprendemos que essa «Palavra» não está «distante» de nós. Antes, é uma



graça bem presente, conferida por Deus, que podemos conhecer no evangelho. Não há qualquer necessidade de subirmos aos céus, em busca da verdade; ou de descermos até ao hades, em busca de Cristo, que supostamente se acharia ali, para que lhe possamos indagar acerca da «verdade» e da «vida eterna». Bem pelo contrário, a «Palavra» está bem presente conosco, a saber, aquela palavra que nos é pregada: «Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creeres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo» (Rom. 10:9). A salvação da alma vem através da pregação do evangelho (ver I Cor. 1:18), embora os homens considerem isso uma tolice. O evangelho tem um poder que não reside nas invenções do homem. (Ver Rom. 1:16).

«Tal como a própria Palavra de Deus não pode ser abolida, mas antes, ultrapassa a duração dos céus e da terra, conforme nosso Salvador nos ensina, assim também todas as tentativas dos homens contra a verdade divina ou contra a Palavra, a fim de desfazê-la, são baldadas, como se eles

quissem tirar o sol do firmamento. Por igual modo, como se quisessem tirá-la do coração de um crente. Ela é imortal e incorruptível». (Leighton, *in loc.*).

«...pregada...» Principalmente pelo apóstolo Paulo, mas também por outros, que promoveram a missão evangelizadora entre os povos gentílicos, porquanto esta epístola foi enviada a igrejas das áreas da Ásia Menor onde Paulo labutou.

«Neste ponto Pedro parece aludir a uma pregação anterior à sua própria, e a nenhum outro se poderia atribuir a evangelização daquelas regiões da Ásia, com maior dose de probabilidade, do que ao apóstolo Paulo e a seus colegas missionários. Mas, não havia qualquer nota de discordância entre aqueles primeiros embaixadores de Cristo. Todos podiam dizer acerca de seu trabalho: 'Quer eu ou eles, assim prego, e assim credes'». (Lumby, *in loc.*).

## Capítulo 2

### 2 Ἀποθέμενοι οὖν πᾶσαν κακίαν καὶ πάντα δόλον καὶ ὑποκρίσεις καὶ φθόνους καὶ πάσας καταλαλιὰς,

2 1 Eph 4:22; Jas 1:21

2:1: Deixando, pois, toda a malícia, todo o engano, o fingimento, a inveja, e toda a maledicência,

O tema que aqui tem prosseguimento é o mesmo que foi expresso em I Ped. 1:16, e que diz: «Sede santos, porque eu sou santo». Mas agora são abordadas certas particularidades, ficando demonstrado que tipos de pecado impedem essa santidade. A secção inteira de I Ped. 1:13-2:3 enfatiza o que está implícito na salvação que foi dada: o que exige de nós a nossa salvação? A resposta pode ter muitos aspectos; mas, na presente passagem, há um vocábulo que encerra o pensamento do autor sagrado, em sua inteira «santidade». A santificação é algo que não é opcional, sendo aplicado ou negligenciado, segundo o capricho do crente individual. Antes, é uma necessidade absoluta, que não somente acompanha, mas também efetua ou opera a salvação, conforme se aprende em II Tes. 2:13. De fato, faz parte essencial da salvação, como nossa transformação moral segundo a imagem de Cristo; recebemos uma nova natureza moral, semelhante à dele. E isso, por sua vez, provoca a nossa transformação metafísica, através da qual chegamos a compartilhar de sua natureza metafísica ou essencial, de sua modalidade de vida. (Ver II Cor. 3:18). (Ver igualmente a introdução à secção, em I Ped. 1:13).

«...despojando-vos...» No grego é «apothemai», «despir», verbo usado para indicar o «despir de roupas». Figuradamente, significa «livrar-se» de algo. A metáfora tencionada, provavelmente é a de tirar algo desnecessário, ou, mais particularmente ainda, tirar vestes sujas, que se tornaram repelentes para a pessoa, devido à sua imundícia e mau cheiro. É sob essa luz que deveríamos ver os vícios que combatem contra a alma: «Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis que fazem guerra contra a alma...» (I Ped. 2:11).

«...portanto...» Esta palavra liga o pensamento agora expresso com o que fora dito antes. A vida é breve e incerta; seus valores são transitórios; porém, há uma Palavra eterna, que nos confere a vida eterna nos mundos celestiais. Deveríamos viver, portanto, para aquele mundo; e também nos deveríamos desembaraçar dos vícios terrenos, que impedem nossa inquirição espiritual. Alguns estudiosos vinculam isso com a ideia de I Ped. 1:23—já que somos «nascidos de novo», como poderíamos viver naqueles vícios que tipificam a vida antiga?

**Lista de vícios:** Pedro nos fornece agora uma breve lista de vícios, aumentada em I Ped. 2:11 e ss. O uso de listas de vícios e virtudes era um comum artifício didático nos tempos helenistas, empregado pelos filósofos morais, embora não nas sinagogas judaicas. (Ver I Cor. 5:13 quanto a notas expositivas sobre essa prática, onde aparecem outras referências neotestamentárias onde essa prática também é exibida).

«...maldade...» No grego é usado o vocábulo «kakia», «depravação», «maldade», «vício», um termo geral para toda a forma de prática má e de atividade degradante. Essa palavra é empregada por onze vezes no N.T. Aparece na lista de vícios em Rom. 1:29 e em I Cor. 5:8. (Ver também I Cor. 14:20; Efé. 4:31; Col. 3:8 e Tito 3:3). Ocorre novamente no décimo sexto versículo do presente capítulo. A adição da palavra «todas», neste versículo, visa dar uma amplitude maior à lista, envolvendo outros males, não designados. Pedro deixa que a consciência de seus leitores lhes dissesse o que está envolvido nisso.

«...dolo...» No grego, «dolos», «engano», «ludíbrio», e, em sentido mais negativo ainda, «traição». Esse vocábulo é empregado por doze vezes no N.T. Jesus elogiou a Natanael porque nele não havia dolo, não havia esperteza negativa e destrutiva, não havia falsidade maliciosa. (Ver João 1:47, onde essa palavra é empregada). Essa palavra também aparece na lista de vícios de Rom. 1:29. (Ver as notas expositivas ali, acerca da mesma. Comparar também com Atos 13:10; II Cor. 12:16; I Tes. 2:3; I Ped. 2:22 e 3:10, onde esse vocábulo é igualmente utilizado).

«...hipocrisias...» No grego é «upokrisis», «fingimento», «exibição externa e superficial». A raiz da palavra, «upokrinomai», significa «responder» ou «retrucar», sendo originalmente usada para descrever o «diálogo» dos atores. Dal veio a indicar o próprio ator. Um «hipócrita» é um ator com mau intuito. Na vida real é um ator, e representa alguém que ele mesmo não é. Há algo de um hipócrita em todos nós. Essa é uma das obras da carne, um

1 υποκρισεις] -ισιν B 1 sy P Cl Or Aug

atributo da antiga natureza não-regenerada. O «novo nascimento» visa livrar-nos de tudo isso. A forma nominal do termo, conforme se vê neste versículo, se encontra por sete vezes no N.T. (Ver também Mat. 23:38). Era um dos defeitos proeminentes dos fariseus.

«...invejas...» No grego é «phthonos», «ciúme», «inveja», palavra empregada por nove vezes nas páginas do N.T., incluída na lista de vícios de Gál. 5:21, onde é descrita como uma das obras da carne. (Ver ali as notas expositivas completas a respeito. Consultar também Rom. 1:29, onde o vocábulo aparece na lista de vícios. E ver também I Tim. 6:4 e Tito 3:3).

«...toda sorte de maledicências...» No grego é «katalalia», «difamação», «calúnia», «maledicência». Pedro ataca agora os pecados da língua. (Quanto a um estudo mais extenso sobre essa questão, no N.T., ver todo o terceiro capítulo da epístola de Tiago. Ver também Tia. 1:26 e ss. São ali apresentadas diversas ilustrações e poemas, que ajudam a desenvolver o tema, no tocante ao ensino e à pregação cristã). Se um homem não ofende em suas «palavras», é um homem perfeito. Não há pecado a que mais prontamente nos inclinemos do que os pecados da língua. A passagem de Efé. 4:29 nos mostra o uso ideal da língua: aquilo que é de bom uso para a edificação, que ministre graça aos ouvintes. As notas expositivas sobre esse mencionado versículo podem ser usadas para ilustrar o texto presente. Nesse versículo encontramos a adição de «todas as formas», mostrando que o abuso da língua pode assumir as mais variadas formas. Alguns crentes caluniam e detratam a outros, degradando-os; outros crentes usam de maledicência, passando ao redor meias-verdades, verdades distorcidas e inverdades. Ainda outros guardam silêncio, quando deveriam falar; alguns mestres não se dispõem a sacrificar-se o suficiente para realmente cumprir o seu ofício. A palavra aqui empregada só é usada também em II Cor. 12:20, além desta ocorrência.

Esse vício da calúnia é praticado «ou negando-se ou denegrindo-se as virtudes do próximo, ou atribuindo-se a ele uma maldade ou um mau designio na prática do bem» (Huss, *in loc.*).

«A malícia (kakia) se deleita em ferir a outrem; a inveja (phthonos) se dói da vantagem alheia; o dolo (dolos) empresta duplicidade ao coração; e hipocrisia (upokrisis) ou lisonja forma duplicidade à língua; a maledicência (katalalia) fere o caráter alheio» (Agostinho, *in loc.*).

«Algumas vezes os apóstolos salientam um desses males, e de outras vezes, a outro; mas são todos inseparáveis, formando uma única veste, compreendidos sob aquela única descrição (ver Efé. 4:22) do 'homem velho', e que o apóstolo exorta que seja despido; e aqui é pressionada essa necessidade como uma evidência necessária do novo nascimento, com a promoção do desenvolvimento espiritual, o que exige que esses maus hábitos sejam despojados, quais vestes imundas, impróprias para os filhos de Deus». (Arcebispo Leighton, *in loc.*).

«O dolo foi o pecado de Jacó, o que rompeu o laço fraternal entre ele e Esaú, tendo trazido tanta miséria na história da inteira família de Jacó. O dolo não pode ser encontrado em Natanael. O olho perscrutador de Jesus viu que o pecado próprio do 'suplantador' se achava ausente dele. Portanto, foi salientado como um exemplo de verdadeiro israelita, aquilo que era intuito fazer da raça de Jacó».

«Que a hipocrisia é adversária da fraternidade, nosso Senhor deixou evidente, ao repreender aos fariseus por causa desse pecado...» (Matthew Henry, *in loc.*).

«Aqueles convertidos da Ásia teriam de sofrer pessoalmente por causa de maledicências, experimentando seus horribéis efeitos. Eram caluniados como malfiteiros, conforme o apóstolo observa por duas vezes (ver I Ped. 2:12 e 3:15). Essa maldade adiciona a covardia a outras qualidades vergonhosas, porquanto tira vantagem da ausência da vítima para atacá-la». (Lumby, *in loc.*).

«A cultura greco-romana estava saturada do espírito pagão, contra o que os cristãos tinham de lutar noite e dia. Era uma autêntica guerra espiritual contra as práticas e as idéias degradantes e desintegradoras que ameaçavam sua integridade pessoal e suas relações sociais». (Homrighausen, *in loc.*).

«O homem que é caracteristicamente enganador, astucioso e velhaco, não pode ser um crente». (Albert Barnes).

2 ὡς ἀρτιγέννητα βρέφη τὸ λογικὸν ἄδολον γάλα ἐπιποθήσατε, ἵνα ἐν αὐτῷ αὐξηθῆτε εἰς σωτηρίαν,

2 ὡς...ἐπιποθήσατε I Cor 3:2; He 8:12-13

2 eis σωτηριαν] om L al c

O Textus Receptus, seguindo L e a maioria dos minúsculos, omite εἰς σωτηριαν ou por descuido de cópia (εἰς ... εἰς) ou porque a ideia de «crescer na salvação» parecia teologicamente inaceitável.



2:3: *desejai como meninos recém-nascidos, a pureza do leite espiritual, a fim de por ela alcançar a salvação.*

É interessante o ardor com que uma criança de peito mama. Toma seu leite como se sua vida dependesse do mesmo; e assim acontece. Por igual modo, o crente deveria anelar pelo leite espiritual do evangelho, pelas provisões que nos permitem avançar na vida espiritual, porquanto sua vida espiritual depende dessa inquirição. Notemos que, neste versículo, o «crescimento» espiritual é visto como algo necessário à «salvação». Isso fala da salvação plenamente desenvolvida, incluindo a glorificação, e não apenas a conversão, o passo inicial da salvação. E esse crescimento pode ser obtido dando-se atenção aos meios de nutrição espiritual, através da prática dos mesmos.

#### OS MEIOS DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

1. Devemos ter cuidado com a porção *intelectual* da espiritualidade. Devemos estudar a Palavra de Deus, tornando-nos intelectualmente versados na revelação divina. Devemos contemplar as questões espirituais com a mente, procurando entendê-las.

2. O *intelecto*, entretanto, não é tudo, como é óbvio, e nem é tão importante como certas pessoas imaginam. Também precisamos da *prática da oração*, que consiste em falar com Deus. A oração é uma disciplina própria do crente, sendo um ato criador que, antes de tudo, o transforma; e em seguida transforma as pessoas e as circunstâncias ao seu redor. É como se fosse uma linha de contacto com os recursos espirituais. (Ver as notas expositivas completas sobre a «oração», em Efé. 6:18).

3. A *meditação*, que é o dar ouvidos a Deus, é uma arte quase esquecida pela maioria dos crentes da atualidade. Somente a igreja oriental (Igreja Ortodoxa Grega) ainda enfatiza esse meio espiritual, como ajuda ao desenvolvimento espiritual. Muitas pessoas, naquele segmento da cristandade, buscam zelosamente a «iluminação», por meio da meditação. Esse é um meio espiritual que deveria ser empregado (em alguma medida) por todos os crentes, entretanto.

4. O *toque místico*. A busca e o uso dos dons espirituais. Ver Efé. 4:11 ss.

5. A *prática da lei do amor* (boas obras). O amor é a *prova da espiritualidade* (ver I João 4:7).

6. A *santificação* é básica para todo o desenvolvimento espiritual.

«...desejai ardentemente...» Temos aqui uma única palavra grega, «epithoeo», que significa «anelar», «desejar muito». Esse vocábulo é usado por nove vezes nas páginas do N.T., algumas vezes em bom sentido, e de outras vezes em mau sentido, como no sentido de «concupiscência» (ver Tia. 4:5; ver também I Tes. 3:6 e II Tim. 1:4). Sua forma composta dá a essa palavra um sentido intensivo, conforme é comum no grego.

«...crianças recém-nascidas...» No grego é «brephos», palavra usada para designar os infantes de tenra idade. (Ver Luc. 18:15; Atos 7:19; e ver Luc. 2:12, 16, acerca do infante Jesus). Também era palavra para indicar o «embrião» humano. O termo «artigennetos», «recém-nascido» é bem traduzido aqui. Pedro não quis dizer que aqueles crentes tinham se convertido bem recentemente a Cristo, como se eles fossem «bebês» espirituais, embora isso também possa ficar subentendido; antes, o que ele queria salientar é que sem importar seu estado espiritual presente, e a despeito do tempo que já conheciam a Cristo, no desejo de crescerem espiritualmente, deveriam ter anelo pela Palavra de Deus, tal como uma criança recém-nascida anela pelo leite materno. Essa atitude deveria caracterizar todos os crentes, e não apenas os recém-convertidos. Essa é a mensagem de Pedro, neste ponto.

«...genuíno leite...» No grego, o adjetivo é «adolos», forma privativa da palavra usada no primeiro versículo, para indicar «dolo». Essa nutrição espiritual não deveria envolver nenhum elemento adulterador, mas antes, deve ser pura e genuína. Isso significa a nutrição espiritual encontrada em Cristo e no seu evangelho, sem qualquer mistura de idéias e práticas pagãs. Isso porque, o leite da Palavra, se for misturado com a falsidade, pode tornar-se um veneno, e não um alimento nutritivo.

«...espiritual...» Assim quisera os tradutores traduzir as palavras

gregas «to logikon», que alguns estudiosos pensam que se deveria traduzir por «da palavra». O termo «logos», em sua forma adjetivada (como aqui), significa «espiritual», «racional». (Ver Rom. 12:1 quanto a outro uso do mesmo, a única outra ocorrência em todo o N.T.). Portanto, o leite não é «da Palavra», ou seja, «das Escrituras» ou «do evangelho», conforme este versículo tem sido frequentemente interpretado. Naturalmente, o leite espiritual do qual nos nutrimos, vem através do evangelho e das Escrituras, mas não é isso que Pedro queria afirmar aqui, mais diretamente. Ele sabia que os seus leitores reconheceriam a necessidade que tinham da mensagem cristã e dos ensinamentos das Escrituras, e que esses são os elementos da nutrição espiritual. Alguns intérpretes preferem aqui a tradução «da Palavra», supondo que a forma adjetivada de «logos» pode significar «pertencente à palavra»; e então, a «palavra» seria o «evangelho», conforme se vê em I Ped. 1:23, 25. Porém, não há nenhum apoio léxico para tal significado.

#### Os Elementos Da Metáfora

1. O uso que Pedro faz da metáfora do «leite» não corresponde ao uso paulino do mesmo elemento em I Cor. 3:1. O uso de Paulo tem aspectos nitidamente depreciativos. Segundo disse o apóstolo dos gentios, é uma desgraça alguém precisar permanentemente de leite, como se continuasse sendo uma criança recém-nascida. Mas o uso que se faz da metáfora, em Heb. 5:12 e 6:2, é semelhante ao de Paulo.

2. A metáfora de Pedro simplesmente nos diz que devemos ter o «urgente desejo» de ter as realidades espirituais, tal e qual uma criança recém-nascida busca o leite como se a sua vida dependesse desse alimento, e como, na realidade, depende.

3. Em certo sentido, Pedro considerava todos os crentes, sem importar sua condição, jovens ou antigos, fortes ou fracos, como meros bebês, que precisam urgentemente do leite dos cuidados de Cristo. Nenhum indivíduo chega a ficar tão avançado e forte, espiritualmente falando, que não mais precise do leite espiritual. Ninguém jamais atinge uma tão elevada espiritualidade, que não possa ser chamado de mero infante, em contraste com a espiritualidade que ainda precisa atingir.

4. Para Pedro, assim sendo, «leite» não representa a doutrina ou a experiência cristã em seus estágios elementares, e, sim, a totalidade da nutrição espiritual, da qual todos precisamos, e sem a qual não poderemos crescer de forma alguma.

«...crescimento...», ou seja, o avanço na maturidade espiritual: purificação dos antigos vícios, paralelamente à obtenção dos atributos positivos e santos de Cristo, como o amor, a bondade, a fé, a justiça, etc. (ver os vários aspectos do «fruto do Espírito», em Gál. 5:22, 23). Esse desenvolvimento moral provoca o «crescimento metafísico», que consiste em receber a própria natureza essencial de Cristo, a fim de nos tornarmos verdadeiros filhos de Deus, tal e qual ele é o Filho. E, eventualmente, significa a participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4; Col. 2:10 e Efé. 3:19), mediante o que todos teremos «a completa plenitude de Deus».

«...para salvação...», isto é, a salvação em sua maior extensão, que praticamente jaz toda no futuro, incluindo, finalmente, a glorificação. (Ver Rom. 8:29, 30 quanto a notas expositivas sobre esse tema). Ver as notas expositivas completas sobre a «salvação», em Heb. 2:3. A salvação é vista aqui como algo essencialmente escatológico, e não o passo único que damos quando da conversão inicial. A salvação é o dom gratuito de Deus, embora requiera o uso dos meios da graça para que entremos em sua possessão, incluindo a reação positiva da vontade humana, a sua santificação (ver II Tes. 2:13) bem como seu desenvolvimento espiritual, conforme o presente versículo diz sem rebuços.

**Variante Textual:** As palavras «...para salvação...» foram omitidas pelos escribas das ms. L e vários manuscritos posteriores minúsculos, principalmente da tradição bizantina, e, portanto, assim ficou o Textus Receptus, que foi compilado à base de alguns poucos desses manuscritos minúsculos. Porém, todos os manuscritos verdadeiramente antigos trazem essas palavras, conforme se vê em P172). Aleph, ABCKP, na maioria das versões e dos escritos dos pais da igreja. Essas palavras podem ter sido omitidas por acidente, em que a vista do escriba saltou de «eis» para o «ei...» do começo do terceiro versículo. Ou então tal omissão foi deliberada, já que a idéia de «crescer para salvação» pode ter parecido a alguns teologicamente inaceitável.

1341 1406 1728 1877 1881 2187 2412 2492 2495 Byz Lect (P<sup>172</sup> b726) (P<sup>172</sup> d726) vg syr<sup>1</sup> Cyril Ps-Oecumenius Theophylact

«transubstanciação». Cristo é misticamente transubstanciado em nós, quando assumimos a sua natureza, embora não vejamos a Ceia do Senhor como algo mágico, capaz de produzir tal feito. A verdadeira transubstanciação é aquela referida em II Cor. 3:18: «...todos nós, com o rosto devedendo, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito».

«...O Senhor é bondoso...» Melhor tradução seria «a bondade do Senhor», embora a forma usual seja mais literal. Essa «bondade» fala de tudo quanto Cristo faz em favor dos homens, em sua missão redimidora, cujo resultado é a «salvação» referida no segundo versículo deste capítulo. Essa bondade se alicerça no amor (ver II Cor. 5:14).

«...experiência...» A experiência espiritual da conversão, da santificação, da vida cristã diária, da participação nos benefícios espirituais mediante o ministério do Espírito Santo. Essa experiência é prática, mas também é

3 εἰ θεούσασθε δι τὸ χρῆσθός το κύριος.

13 [C] al p<sup>1</sup> N<sup>a</sup> A B it<sup>41</sup> 11<sup>1</sup> 12<sup>1</sup> 13<sup>1</sup> 14<sup>1</sup> 15<sup>1</sup> 16<sup>1</sup> 17<sup>1</sup> 18<sup>1</sup> 19<sup>1</sup> 20<sup>1</sup> 21<sup>1</sup> 22<sup>1</sup> 23<sup>1</sup> 24<sup>1</sup> 25<sup>1</sup> 26<sup>1</sup> 27<sup>1</sup> 28<sup>1</sup> 29<sup>1</sup> 30<sup>1</sup> 31<sup>1</sup> 32<sup>1</sup> 33<sup>1</sup> 34<sup>1</sup> 35<sup>1</sup> 36<sup>1</sup> 37<sup>1</sup> 38<sup>1</sup> 39<sup>1</sup> 40<sup>1</sup> 41<sup>1</sup> 42<sup>1</sup> 43<sup>1</sup> 44<sup>1</sup> 45<sup>1</sup> 46<sup>1</sup> 47<sup>1</sup> 48<sup>1</sup> 49<sup>1</sup> 50<sup>1</sup> 51<sup>1</sup> 52<sup>1</sup> 53<sup>1</sup> 54<sup>1</sup> 55<sup>1</sup> 56<sup>1</sup> 57<sup>1</sup> 58<sup>1</sup> 59<sup>1</sup> 60<sup>1</sup> 61<sup>1</sup> 62<sup>1</sup> 63<sup>1</sup> 64<sup>1</sup> 65<sup>1</sup> 66<sup>1</sup> 67<sup>1</sup> 68<sup>1</sup> 69<sup>1</sup> 70<sup>1</sup> 71<sup>1</sup> 72<sup>1</sup> 73<sup>1</sup> 74<sup>1</sup> 75<sup>1</sup> 76<sup>1</sup> 77<sup>1</sup> 78<sup>1</sup> 79<sup>1</sup> 80<sup>1</sup> 81<sup>1</sup> 82<sup>1</sup> 83<sup>1</sup> 84<sup>1</sup> 85<sup>1</sup> 86<sup>1</sup> 87<sup>1</sup> 88<sup>1</sup> 89<sup>1</sup> 90<sup>1</sup> 91<sup>1</sup> 92<sup>1</sup> 93<sup>1</sup> 94<sup>1</sup> 95<sup>1</sup> 96<sup>1</sup> 97<sup>1</sup> 98<sup>1</sup> 99<sup>1</sup> 100<sup>1</sup> 101<sup>1</sup> 102<sup>1</sup> 103<sup>1</sup> 104<sup>1</sup> 105<sup>1</sup> 106<sup>1</sup> 107<sup>1</sup> 108<sup>1</sup> 109<sup>1</sup> 110<sup>1</sup> 111<sup>1</sup> 112<sup>1</sup> 113<sup>1</sup> 114<sup>1</sup> 115<sup>1</sup> 116<sup>1</sup> 117<sup>1</sup> 118<sup>1</sup> 119<sup>1</sup> 120<sup>1</sup> 121<sup>1</sup> 122<sup>1</sup> 123<sup>1</sup> 124<sup>1</sup> 125<sup>1</sup> 126<sup>1</sup> 127<sup>1</sup> 128<sup>1</sup> 129<sup>1</sup> 130<sup>1</sup> 131<sup>1</sup> 132<sup>1</sup> 133<sup>1</sup> 134<sup>1</sup> 135<sup>1</sup> 136<sup>1</sup> 137<sup>1</sup> 138<sup>1</sup> 139<sup>1</sup> 140<sup>1</sup> 141<sup>1</sup> 142<sup>1</sup> 143<sup>1</sup> 144<sup>1</sup> 145<sup>1</sup> 146<sup>1</sup> 147<sup>1</sup> 148<sup>1</sup> 149<sup>1</sup> 150<sup>1</sup> 151<sup>1</sup> 152<sup>1</sup> 153<sup>1</sup> 154<sup>1</sup> 155<sup>1</sup> 156<sup>1</sup> 157<sup>1</sup> 158<sup>1</sup> 159<sup>1</sup> 160<sup>1</sup> 161<sup>1</sup> 162<sup>1</sup> 163<sup>1</sup> 164<sup>1</sup> 165<sup>1</sup> 166<sup>1</sup> 167<sup>1</sup> 168<sup>1</sup> 169<sup>1</sup> 170<sup>1</sup> 171<sup>1</sup> 172<sup>1</sup> 173<sup>1</sup> 174<sup>1</sup> 175<sup>1</sup> 176<sup>1</sup> 177<sup>1</sup> 178<sup>1</sup> 179<sup>1</sup> 180<sup>1</sup> 181<sup>1</sup> 182<sup>1</sup> 183<sup>1</sup> 184<sup>1</sup> 185<sup>1</sup> 186<sup>1</sup> 187<sup>1</sup> 188<sup>1</sup> 189<sup>1</sup> 190<sup>1</sup> 191<sup>1</sup> 192<sup>1</sup> 193<sup>1</sup> 194<sup>1</sup> 195<sup>1</sup> 196<sup>1</sup> 197<sup>1</sup> 198<sup>1</sup> 199<sup>1</sup> 200<sup>1</sup> 201<sup>1</sup> 202<sup>1</sup> 203<sup>1</sup> 204<sup>1</sup> 205<sup>1</sup> 206<sup>1</sup> 207<sup>1</sup> 208<sup>1</sup> 209<sup>1</sup> 210<sup>1</sup> 211<sup>1</sup> 212<sup>1</sup> 213<sup>1</sup> 214<sup>1</sup> 215<sup>1</sup> 216<sup>1</sup> 217<sup>1</sup> 218<sup>1</sup> 219<sup>1</sup> 220<sup>1</sup> 221<sup>1</sup> 222<sup>1</sup> 223<sup>1</sup> 224<sup>1</sup> 225<sup>1</sup> 226<sup>1</sup> 227<sup>1</sup> 228<sup>1</sup> 229<sup>1</sup> 230<sup>1</sup> 231<sup>1</sup> 232<sup>1</sup> 233<sup>1</sup> 234<sup>1</sup> 235<sup>1</sup> 236<sup>1</sup> 237<sup>1</sup> 238<sup>1</sup> 239<sup>1</sup> 240<sup>1</sup> 241<sup>1</sup> 242<sup>1</sup> 243<sup>1</sup> 244<sup>1</sup> 245<sup>1</sup> 246<sup>1</sup> 247<sup>1</sup> 248<sup>1</sup> 249<sup>1</sup> 250<sup>1</sup> 251<sup>1</sup> 252<sup>1</sup> 253<sup>1</sup> 254<sup>1</sup> 255<sup>1</sup> 256<sup>1</sup> 257<sup>1</sup> 258<sup>1</sup> 259<sup>1</sup> 260<sup>1</sup> 261<sup>1</sup> 262<sup>1</sup> 263<sup>1</sup> 264<sup>1</sup> 265<sup>1</sup> 266<sup>1</sup> 267<sup>1</sup> 268<sup>1</sup> 269<sup>1</sup> 270<sup>1</sup> 271<sup>1</sup> 272<sup>1</sup> 273<sup>1</sup> 274<sup>1</sup> 275<sup>1</sup> 276<sup>1</sup> 277<sup>1</sup> 278<sup>1</sup> 279<sup>1</sup> 280<sup>1</sup> 281<sup>1</sup> 282<sup>1</sup> 283<sup>1</sup> 284<sup>1</sup> 285<sup>1</sup> 286<sup>1</sup> 287<sup>1</sup> 288<sup>1</sup> 289<sup>1</sup> 290<sup>1</sup> 291<sup>1</sup> 292<sup>1</sup> 293<sup>1</sup> 294<sup>1</sup> 295<sup>1</sup> 296<sup>1</sup> 297<sup>1</sup> 298<sup>1</sup> 299<sup>1</sup> 300<sup>1</sup> 301<sup>1</sup> 302<sup>1</sup> 303<sup>1</sup> 304<sup>1</sup> 305<sup>1</sup> 306<sup>1</sup> 307<sup>1</sup> 308<sup>1</sup> 309<sup>1</sup> 310<sup>1</sup> 311<sup>1</sup> 312<sup>1</sup> 313<sup>1</sup> 314<sup>1</sup> 315<sup>1</sup> 316<sup>1</sup> 317<sup>1</sup> 318<sup>1</sup> 319<sup>1</sup> 320<sup>1</sup> 321<sup>1</sup> 322<sup>1</sup> 323<sup>1</sup> 324<sup>1</sup> 325<sup>1</sup> 326<sup>1</sup> 327<sup>1</sup> 328<sup>1</sup> 329<sup>1</sup> 330<sup>1</sup> 331<sup>1</sup> 332<sup>1</sup> 333<sup>1</sup> 334<sup>1</sup> 335<sup>1</sup> 336<sup>1</sup> 337<sup>1</sup> 338<sup>1</sup> 339<sup>1</sup> 340<sup>1</sup> 341<sup>1</sup> 342<sup>1</sup> 343<sup>1</sup> 344<sup>1</sup> 345<sup>1</sup> 346<sup>1</sup> 347<sup>1</sup> 348<sup>1</sup> 349<sup>1</sup> 350<sup>1</sup> 351<sup>1</sup> 352<sup>1</sup> 353<sup>1</sup> 354<sup>1</sup> 355<sup>1</sup> 356<sup>1</sup> 357<sup>1</sup> 358<sup>1</sup> 359<sup>1</sup> 360<sup>1</sup> 361<sup>1</sup> 362<sup>1</sup> 363<sup>1</sup> 364<sup>1</sup> 365<sup>1</sup> 366<sup>1</sup> 367<sup>1</sup> 368<sup>1</sup> 369<sup>1</sup> 370<sup>1</sup> 371<sup>1</sup> 372<sup>1</sup> 373<sup>1</sup> 374<sup>1</sup> 375<sup>1</sup> 376<sup>1</sup> 377<sup>1</sup> 378<sup>1</sup> 379<sup>1</sup> 380<sup>1</sup> 381<sup>1</sup> 382<sup>1</sup> 383<sup>1</sup> 384<sup>1</sup> 385<sup>1</sup> 386<sup>1</sup> 387<sup>1</sup> 388<sup>1</sup> 389<sup>1</sup> 390<sup>1</sup> 391<sup>1</sup> 392<sup>1</sup> 393<sup>1</sup> 394<sup>1</sup> 395<sup>1</sup> 396<sup>1</sup> 397<sup>1</sup> 398<sup>1</sup> 399<sup>1</sup> 400<sup>1</sup> 401<sup>1</sup> 402<sup>1</sup> 403<sup>1</sup> 404<sup>1</sup> 405<sup>1</sup> 406<sup>1</sup> 407<sup>1</sup> 408<sup>1</sup> 409<sup>1</sup> 410<sup>1</sup> 411<sup>1</sup> 412<sup>1</sup> 413<sup>1</sup> 414<sup>1</sup> 415<sup>1</sup> 416<sup>1</sup> 417<sup>1</sup> 418<sup>1</sup> 419<sup>1</sup> 420<sup>1</sup> 421<sup>1</sup> 422<sup>1</sup> 423<sup>1</sup> 424<sup>1</sup> 425<sup>1</sup> 426<sup>1</sup> 427<sup>1</sup> 428<sup>1</sup> 429<sup>1</sup> 430<sup>1</sup> 431<sup>1</sup> 432<sup>1</sup> 433<sup>1</sup> 434<sup>1</sup> 435<sup>1</sup> 436<sup>1</sup> 437<sup>1</sup> 438<sup>1</sup> 439<sup>1</sup> 440<sup>1</sup> 441<sup>1</sup> 442<sup>1</sup> 443<sup>1</sup> 444<sup>1</sup> 445<sup>1</sup> 446<sup>1</sup> 447<sup>1</sup> 448<sup>1</sup> 449<sup>1</sup> 450<sup>1</sup> 451<sup>1</sup> 452<sup>1</sup> 453<sup>1</sup> 454<sup>1</sup> 455<sup>1</sup> 456<sup>1</sup> 457<sup>1</sup> 458<sup>1</sup> 459<sup>1</sup> 460<sup>1</sup> 461<sup>1</sup> 462<sup>1</sup> 463<sup>1</sup> 464<sup>1</sup> 465<sup>1</sup> 466<sup>1</sup> 467<sup>1</sup> 468<sup>1</sup> 469<sup>1</sup> 470<sup>1</sup> 471<sup>1</sup> 472<sup>1</sup> 473<sup>1</sup> 474<sup>1</sup> 475<sup>1</sup> 476<sup>1</sup> 477<sup>1</sup> 478<sup>1</sup> 479<sup>1</sup> 480<sup>1</sup> 481<sup>1</sup> 482<sup>1</sup> 483<sup>1</sup> 484<sup>1</sup> 485<sup>1</sup> 486<sup>1</sup> 487<sup>1</sup> 488<sup>1</sup> 489<sup>1</sup> 490<sup>1</sup> 491<sup>1</sup> 492<sup>1</sup> 493<sup>1</sup> 494<sup>1</sup> 495<sup>1</sup> 496<sup>1</sup> 497<sup>1</sup> 498<sup>1</sup> 499<sup>1</sup> 500<sup>1</sup> 501<sup>1</sup> 502<sup>1</sup> 503<sup>1</sup> 504<sup>1</sup> 505<sup>1</sup> 506<sup>1</sup> 507<sup>1</sup> 508<sup>1</sup> 509<sup>1</sup> 510<sup>1</sup> 511<sup>1</sup> 512<sup>1</sup> 513<sup>1</sup> 514<sup>1</sup> 515<sup>1</sup> 516<sup>1</sup> 517<sup>1</sup> 518<sup>1</sup> 519<sup>1</sup> 520<sup>1</sup> 521<sup>1</sup> 522<sup>1</sup> 523<sup>1</sup> 524<sup>1</sup> 525<sup>1</sup> 526<sup>1</sup> 527<sup>1</sup> 528<sup>1</sup> 529<sup>1</sup> 530<sup>1</sup> 531<sup>1</sup> 532<sup>1</sup> 533<sup>1</sup> 534<sup>1</sup> 535<sup>1</sup> 536<sup>1</sup> 537<sup>1</sup> 538<sup>1</sup> 539<sup>1</sup> 540<sup>1</sup> 541<sup>1</sup> 542<sup>1</sup> 543<sup>1</sup> 544<sup>1</sup> 545<sup>1</sup> 546<sup>1</sup> 547<sup>1</sup> 548<sup>1</sup> 549<sup>1</sup> 550<sup>1</sup> 551<sup>1</sup> 552<sup>1</sup> 553<sup>1</sup> 554<sup>1</sup> 555<sup>1</sup> 556<sup>1</sup> 557<sup>1</sup> 558<sup>1</sup> 559<sup>1</sup> 560<sup>1</sup> 561<sup>1</sup> 562<sup>1</sup> 563<sup>1</sup> 564<sup>1</sup> 565<sup>1</sup> 566<sup>1</sup> 567<sup>1</sup> 568<sup>1</sup> 569<sup>1</sup> 570<sup>1</sup> 571<sup>1</sup> 572<sup>1</sup> 573<sup>1</sup> 574<sup>1</sup> 575<sup>1</sup> 576<sup>1</sup> 577<sup>1</sup> 578<sup>1</sup> 579<sup>1</sup> 580<sup>1</sup> 581<sup>1</sup> 582<sup>1</sup> 583<sup>1</sup> 584<sup>1</sup> 585<sup>1</sup> 586<sup>1</sup> 587<sup>1</sup> 588<sup>1</sup> 589<sup>1</sup> 590<sup>1</sup> 591<sup>1</sup> 592<sup>1</sup> 593<sup>1</sup> 594<sup>1</sup> 595<sup>1</sup> 596<sup>1</sup> 597<sup>1</sup> 598<sup>1</sup> 599<sup>1</sup> 600<sup>1</sup> 601<sup>1</sup> 602<sup>1</sup> 603<sup>1</sup> 604<sup>1</sup> 605<sup>1</sup> 606<sup>1</sup> 607<sup>1</sup> 608<sup>1</sup> 609<sup>1</sup> 610<sup>1</sup> 611<sup>1</sup> 612<sup>1</sup> 613<sup>1</sup> 614<sup>1</sup> 615<sup>1</sup> 616<sup>1</sup> 617<sup>1</sup> 618<sup>1</sup> 619<sup>1</sup> 620<sup>1</sup> 621<sup>1</sup> 622<sup>1</sup> 623<sup>1</sup> 624<sup>1</sup> 625<sup>1</sup> 626<sup>1</sup> 627<sup>1</sup> 628<sup>1</sup> 629<sup>1</sup> 630<sup>1</sup> 631<sup>1</sup> 632<sup>1</sup> 633<sup>1</sup> 634<sup>1</sup> 635<sup>1</sup> 636<sup>1</sup> 637<sup>1</sup> 638<sup>1</sup> 639<sup>1</sup> 640<sup>1</sup> 641<sup>1</sup> 642<sup>1</sup> 643<sup>1</sup> 644<sup>1</sup> 645<sup>1</sup> 646<sup>1</sup> 647<sup>1</sup> 648<sup>1</sup> 649<sup>1</sup> 650<sup>1</sup> 651<sup>1</sup> 652<sup>1</sup> 653<sup>1</sup> 654<sup>1</sup> 655<sup>1</sup> 656<sup>1</sup> 657<sup>1</sup> 658<sup>1</sup> 659<sup>1</sup> 660<sup>1</sup> 661<sup>1</sup> 662<sup>1</sup> 663<sup>1</sup> 664<sup>1</sup> 665<sup>1</sup> 666<sup>1</sup> 667<sup>1</sup> 668<sup>1</sup> 669<sup>1</sup> 670<sup>1</sup> 671<sup>1</sup> 672<sup>1</sup> 673<sup>1</sup> 674<sup>1</sup> 675<sup>1</sup> 676<sup>1</sup> 677<sup>1</sup> 678<sup>1</sup> 679<sup>1</sup> 680<sup>1</sup> 681<sup>1</sup> 682<sup>1</sup> 683<sup>1</sup> 684<sup>1</sup> 685<sup>1</sup> 686<sup>1</sup> 687<sup>1</sup> 688<sup>1</sup> 689<sup>1</sup> 690<sup>1</sup> 691<sup>1</sup> 692<sup>1</sup> 693<sup>1</sup> 694<sup>1</sup> 695<sup>1</sup> 696<sup>1</sup> 697<sup>1</sup> 698<sup>1</sup> 699<sup>1</sup> 700<sup>1</sup> 701<sup>1</sup> 702<sup>1</sup> 703<sup>1</sup> 704<sup>1</sup> 705<sup>1</sup> 706<sup>1</sup> 707<sup>1</sup> 708<sup>1</sup> 709<sup>1</sup> 710<sup>1</sup> 711<sup>1</sup> 712<sup>1</sup> 713<sup>1</sup> 714<sup>1</sup> 715<sup>1</sup> 716<sup>1</sup> 717<sup>1</sup> 718<sup>1</sup> 719<sup>1</sup> 720<sup>1</sup> 721<sup>1</sup> 722<sup>1</sup> 723<sup>1</sup> 724<sup>1</sup> 725<sup>1</sup> 726<sup>1</sup> 727<sup>1</sup> 728<sup>1</sup> 729<sup>1</sup> 730<sup>1</sup> 731<sup>1</sup> 732<sup>1</sup> 733<sup>1</sup> 734<sup>1</sup> 735<sup>1</sup> 736<sup>1</sup> 737<sup>1</sup> 738<sup>1</sup> 739<sup>1</sup> 740<sup>1</sup> 741<sup>1</sup> 742<sup>1</sup> 743<sup>1</sup> 744<sup>1</sup> 745<sup>1</sup> 746<sup>1</sup> 747<sup>1</sup> 748<sup>1</sup> 749<sup>1</sup> 750<sup>1</sup> 751<sup>1</sup> 752<sup>1</sup> 753<sup>1</sup> 754<sup>1</sup> 755<sup>1</sup> 756<sup>1</sup> 757<sup>1</sup> 758<sup>1</sup> 759<sup>1</sup> 760<sup>1</sup> 761<sup>1</sup> 762<sup>1</sup> 763<sup>1</sup> 764<sup>1</sup> 765<sup>1</sup> 766<sup>1</sup> 767<sup>1</sup> 768<sup>1</sup> 769<sup>1</sup> 770<sup>1</sup> 771<sup>1</sup> 772<sup>1</sup> 773<sup>1</sup> 774<sup>1</sup> 775<sup>1</sup> 776<sup>1</sup> 777<sup>1</sup> 778<sup>1</sup> 779<sup>1</sup> 780<sup>1</sup> 781<sup>1</sup> 782<sup>1</sup> 783<sup>1</sup> 784<sup>1</sup> 785<sup>1</sup> 786<sup>1</sup> 787<sup>1</sup> 788<sup>1</sup> 789<sup>1</sup> 790<sup>1</sup> 791<sup>1</sup> 792<sup>1</sup> 793<sup>1</sup> 794<sup>1</sup> 795<sup>1</sup> 796<sup>1</sup> 797<sup>1</sup> 798<sup>1</sup> 799<sup>1</sup> 800<sup>1</sup> 801<sup>1</sup> 802<sup>1</sup> 803<sup>1</sup> 804<sup>1</sup> 805<sup>1</sup> 806<sup>1</sup>



mística. No presente versículo, isso é visto como um «provar», como uma apropriação dos nutrientes espirituais. O original grego diz «*geuomai*», «provar», «participar de»; e, metaforicamente, «vir a conhecer», e, portanto, «experimentar» de modo espiritual. É melhor preservar o sentido primário de «provar», porquanto Pedro sem dúvida dá continuação à sua metáfora do «leite».

A «prova» inicial de qualquer coisa leva os homens a desejarem mais, contanto que o sabor seja «agradável» ao paladar. Precisamos cultivar o anelo pela nutrição espiritual, até que isso controle todo o nosso ser. Então será rápido o nosso progresso na espiritualização, por meio do que assumiremos a natureza de Cristo. Precisamos, por assim dizer, tornar-nos «viciados» na inquirição espiritual. «Uma prova excita o apetite». (Bengel). É bom termos o apetite espiritual excitado, e esse é o mais agradável de todos os prazeres.

«Quão triste é ter perdido o gosto pela verdade evangélica!» (Mason, *in loc.*).

**Naturalidade da inquirição espiritual:** Um número muito grande de pessoas encara o desejo pelas realidades espirituais como algo vergonhoso, anormal, ou, pelo menos, como algo a ser evitado, sem importar o interesse de outros pelas mesmas. Porém, observemos, neste ponto, como a ardorosa inquirição espiritual aparece como algo «natural», e, em seguida, como algo absolutamente «necessário». Uma criança recém-nascida morre sem o leite: este é algo natural e necessário para ela, nada havendo de vergonhoso em anelar ela pelo mesmo. Outro tanto é verdade no terreno das realidades

#### IV. A PEDRA DE ESQUINA E O NOVO TEMPLO DE DEUS (2:4-10).

O autor sagrado abandona agora, momentaneamente, os seus imperativos morais, e descreve Cristo e à sua igreja sob a figura de um templo espiritual. Os imperativos morais são fortalecidos por esse lançar de olhos para a realidade e os privilégios espirituais, nos quais somos envolvidos pela nossa relação com Cristo, porque, sendo os crentes uma comunidade inteiramente nova, com uma forma de vida totalmente diferente, dificilmente podemos continuar sujeitos aos vícios da nossa vida antiga.

«**Sumário.** Cristo, nosso Salvador, é uma pedra viva; de fato, é a pedra de esquina do novo templo de Deus; e vós, seus adoradores, sois as pedras vivas desse templo, construído ao seu redor. Ele vos tornou sacerdotes diante de Deus. A vós, os que credes, pertence a honra que é dele, mas, no caso daqueles que não creem, ele é como uma pedra na vereda, na qual tropeçam. Vós, os crentes, tendes herdado a vocação espiritual do antigo povo de Israel: sois o novo povo de Deus, chamado para manifestar as suas glórias nas trevas circundantes, para que sejais dignos da grande misericórdia que Deus vos tem demonstrado». (Hunter, *in loc.*).

4 πρὸς ὃν προσερχόμενοι, λίθον ζῶντα, ὑπὸ ἀνθρώπων μὲν ἀποδοκιμασμένον παρὰ δὲ θεῷ ἐκλεκτὸν ἔντιμον,

4 λίθον...ἀποδοκιμασμένον P<sup>a</sup> 118.22; M<sup>1</sup> 21.42; A<sup>c</sup> 4.M παρὰ...ἔντιμον Ia 28.16

2:4; e, chegando-vos para ela, pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas, para com Deus eleita e preciosa.

«...**chegando-vos para ele...**» Aproximamo-nos de Cristo para receber consolo espiritual em tempos de necessidade, conforme se vê na sugestão de Sal. 34:6, outro versículo do Salmo citado no versículo anterior desta epístola, e que parece que estava na mente do autor sagrado desde I Ped. 1:15. Achegamo-nos a Cristo para receber o progresso espiritual que se torna necessário, para atingirmos aquela grande salvação que Pedro vinha descrevendo. Achegamo-nos a ele para participarmos plenamente da bondade que temos encontrado no Senhor, mediante uma prova preliminar. É quando o achamos, ele é para nós qual Rocha, sobre a qual firmamos alegremente as nossas vidas, porquanto participamos de tudo que é dele, e obtemos o grande bem-estar eterno da alma.

«...**chegando-vos...**» No Dizer de Vincent (*in loc.*): «Está indicada grande aproximação (pros), e habitual (participio presente), na forma de uma associação íntima». A perseverança dos santos não é algo que ocorra de uma vez por todas. Precisa do retorno repetido à fonte originária de toda a vida.

«...**pedra que vive...**» A origem da idéia do Cristo ou Messias, como a «pedra» principal do templo espiritual, o lugar da habitação de Deus, onde ele manifesta a sua graça e o seu poder, fica em Sal. 118:22, que Cristo aplicou a si mesmo (ver Marc. 12:10, 11), onde se lê: «A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular». (Ver igualmente o trecho de Atos 4:11, onde Pedro repetiu essa aplicação do citado Salmo. Essa Rocha é «viva», o que subentende mais do que mera animação. As idéias de certa modalidade de vida, de certa manifestação da vida divina, em comunhão com Deus, é inerente a esta passagem, porque é no templo espiritual que Deus manifesta a sua glória; e é ali que ele é plenamente conhecido. Na qualidade de «Rocha», ele provê para nós uma segurança estável na vida; e essa segurança é eterna, porquanto o Senhor é eterno. Por essa razão é que nos abrigamos nele, pois, em nós mesmos ou no mundo nada poderíamos encontrar de seguro, nada de duradouro.

**Significados da Rocha:** Isso pode ser visto melhor através dos seguintes pontos: 1. Foi cuidadosamente esculpida e cortada; a preparação de Cristo e a aprovação de Deus Pai, para ser remidor da raça humana, estão em foco. 2. Estabilidade espiritual em Cristo. 3. Permanência do templo espiritual, e, por conseguinte, da boa esperança da vida eterna por meio dele. 4. Tornamo-nos habitação de Deus, o lugar onde ele manifesta a glória e a vida, quando associados à Pedra viva, que é a chave do edifício inteiro, por ser a principal pedra angular. 5. Porque ele está vivo, nós também o estamos, e agora mesmo temos recebido a participação preliminar em sua natureza. 6. Cristo é o fundamento de toda a vida espiritual, conforme somos ensinados no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, apesar de haver ali um ensino sob outros termos. 7. Cristo é a nossa força e proteção: nossa vida está garantida pela dele. 8. Cristo é imutável. 9. Cristo é elevada fortaleza para os necessitados.

«...**rejeitada...**» Temos aqui uma alusão direta a Sal. 118:22; uma vez mais alusão ao sétimo versículo deste capítulo. Neste ponto, os «homens» são substituídos por «construtores», porquanto está em pauta a humanidade inteira, e não meramente a maquinaria eclesialística do judaísmo, que poderia ser reputado como os construtores do estado religioso judaico.

espirituais. A vida verdadeira vem por meio da nutrição espiritual, o que requer uma inquirição ardorosa. Não há opção quanto a isso. Precisamos buscar por esse alimento espiritual, sob pena de morte.

«A menos que alguém tenha provado, não terá visto. O alimento é o maná escondido; é o novo nome que ninguém conhece senão aquele que o recebe. Não consiste de um treinamento externo, e, sim, da união didática do Espírito; não é conhecimento (*scientia*) que aprende a verdade, mas é a consciência (*conscientia*) que a comprova». (S. Bernardo).

«Todo aquele que ainda não provou da Palavra, para esse ela não é doce: mas, para aqueles que já a experimentaram, que creem de coração, Cristo foi enviado para mim, para tornar-se meu, minhas misérias são dele, e a sua vida é minha, para esses, ela tem um doce sabor». (Lutero, *in loc.*).

A doçura do sabor da provisão dada em Cristo, entretanto, é viciada pelo pecado e pelos interesses pessoais. Não fora essa mistura, e ele nos encheria do sabor agradabilíssimo de sua graça salvadora:

**Variação Textual:** A palavra grega *ei* figura nos mss 72, Aleph(1), AB, e, mui provavelmente, representa o original. Mas *eiper* é a palavra que aparece nos mss Aleph(c), CKP, Psi, 81, 614, 1739, na Vg, no Si(b), o que representa uma modificação de estilo, dando um sentido um tanto mais vivido, isto é, *se de fato*. Essa palavra grega, no N.T. inteiro, ocorre exclusivamente nos escritos paulinos.

\*\*\*

(Comparar com o trecho de João 1:11, que é uma declaração direta sobre a mesma rejeição por parte dos homens). Cristo foi «repelido», dando a entender uma prova ou consideração anterior, que deu em uma avaliação negativa. Os construtores inspecionaram a «pedra», considerando suas qualidades; no entanto, a rejeitaram. Ao assim fazerem, caíram num tremendo erro de julgamento. É isso que o apóstolo Pedro desejava que entendêssemos. O próprio Deus foi quem preparou a Pedra. Ela satisfazia a todas as mais estritas exigências. Mas os homens, dotados de um julgamento pervertido, rejeitaram a obra divina. Ao assim fazerem, puseram-se em atitude de oposição a Deus, e se lançaram à construção de um templo espiritual que jamais poderá ser aprovado por ele.

«...**para com Deus eleita...**» A Pedra satisfaz a todas as exigências divinas quanto ao edifício espiritual, pelo que é considerada, pelo Chefe-Construtor, como apropriada e necessária para seu templo vivo. Assim sendo, sem qualquer hesitação, Deus escolheu essa Pedra para pedra de esquina de seu templo espiritual, o lugar onde ele manifestará a sua glória. Essa é também a mensagem do primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Cristo será o Cabeça de toda a criação; e tudo encontrará nele a razão de sua existência. O termo «...**eleita...**», embora envolva a metáfora da escolha da Pedra angular certa, também subentende a elevada estima do Pai pelo Filho, o seu amor e a sua graça, derramados sobre ele. A escolha foi feita tendo em vista as excelências de sua pessoa. (Comparar isso com Isa. 28:16, onde se lê: «Portanto, assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge». A predestinação de Cristo para sua missão está incluída nessa idéia; mas a grande estima à sua própria pessoa também transparece em I Ped. 1:20.

«...**preciosa...**» No grego é «*entimos*», a mesma palavra básica que é usada em I Ped. 1:19, relativa ao seu sangue expiatório, mas com certa variação na forma de expressão. Talvez, naquele caso, a palavra grega, «*timios*», fale mais acerca da preciosidade «essencial», ao passo que aqui, o termo grego «*entimos*» indica mais a preciosidade como algo reconhecido e devidamente louvado. Portanto, a palavra grega, neste ponto, poderia significar meramente «honrada». Não obstante, indica algo «valioso», de grande preço: pois era vocábulo usado para indicar as pedras preciosas (ver *Diad. S.* 2.50 *Tub.* 13:17), como também outros objetos valiosos, propriedades, pessoas, etc. A Pedra é preciosa, de grande valor, porquanto Cristo é necessário e imprescindível para a ereção do templo, para que seja atingido o elevadíssimo alvo colimado. Sem Cristo, o próprio templo perderia o seu valor. Todo o seu valor depende dele, é medido por ele.

A «Rocha», nas páginas do A.T. À parte dos trechos mencionados, o simbolismo da «rocha» é muito importante no A.T. Representa a fidelidade e a força do Senhor Deus, a segurança com que ele mantém o seu povo, e o ajuda. Assim é que lemos, em Isa. 26:4: «Confiai no Senhor perpetuamente, porque o Senhor Deus é uma rocha eterna». Deus é a «Rocha de Israel» (ver Isa. 30:29). Davi invocou a Deus, para que fosse sua «forte rocha» e sua «fortaleza» (ver Sal. 31:2). «As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu!» (Sal. 19:14).

«Muitas pessoas são alienadas do evangelho por ser ele rejeitado pela



maioria dos homens. Pedro retruca a isso, dizendo que, embora rejeitado pelos homens, Cristo é a pedra da salvação, honrada por Deus». (Faucett, *in loc.*). (Comparar com Gên. 49:24 e ss.).

Já que Cristo foi constituído como uma rocha, assim também deve suceder conosco, de tal modo que nada quanto tenha sido determinado para ele, pelo Pai, seja vão ou sem propósito. Pedro profetiza que estaremos Cristo

ὅ καὶ αὐτοὶ ὡς λίθοι ζῶντες οἰκοδομεῖσθε οἶκος πνευματικὸς<sup>a</sup> εἰς ἱεράτευμα ἅγιον,<sup>b</sup> ἀνενέγκαι πνευματικὰς θυσίας εὐπροσδέκτους [τῷ] θεῷ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ.

<sup>a</sup> = 6 a none, a minor: WH Bb Nov Be<sup>2</sup> RV<sup>2</sup> ARV<sup>2</sup> NEB<sup>2</sup> 20<sup>a</sup> // a minor, a none // a minor, a none: RV ASV RSV NEB TT (Luthi Jer // different text: TR AV Seg

δ αὐτοὶ...πνευματικὸς Eph 2:21-22

ἱεράτευμα ἅγιον Ex 19:6; Is 61:6; 1 Pe 2:9; Rm 1:6; 5:10; 20:6

ἀνενέγκαι...θεῷ Ro 12:1; He 13:15

ς οἰκοδομεῖσθε A<sup>2</sup>BP<sup>2</sup> ρm Cl Or 6; R] εποικ- N al lat (πνευματικος R<sup>m</sup>), 6 R<sup>1</sup>) [eis] om KLP 33 ρm lat Cl 6

O Textus Receptus, seguindo os manuscritos unciais posteriores (K L P) e a maioria dos minúsculos, omite εἰς, provavelmente porque sua presença parecia subentender que os cristãos já não eram sacerdotes (cf. o vs. 9). Seu direito de participar do texto é fortemente confirmado por <sup>p</sup>72 N A B C 5 88 307 322 323 424 (c) 436 441 467 623 915 1739

2:3: *vós também, quais pedras vivas, sereis edificadas como com espírito para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo.*

A metáfora do templo vivo é agora expandida em diversas direções importantes, a saber: 1. Além da grande Pedra viva, há outras pedras vivas: estas possuem vida por meio da agência da Pedra viva. A vida que possuem é a participação em sua vida, em sua «modalidade de vida» (ver as notas expositivas a esse respeito, em João 5:25,26 e 6:57). 2. A associação dessas pedras vivas, com a grande Pedra viva, visa o propósito de formar um templo espiritual, um lugar onde Deus possa manifestar a sua glória e o seu poder: e isso subentende a comunhão com o Espírito Santo, para que os crentes sejam sujeitos ao seu poder transformador, o que lhes confere a natureza, os atributos e as perfeições de Cristo. 3. A formação do templo sugere o «sacerdócio» que cuida da adoração no mesmo. Todos os crentes são sacerdotes do novo templo de Deus, possuidores do direito e do poder de se aproximarem de Deus, a fim de receberem a sua graça e a sua ajuda, na inquirição espiritual. 4. Na qualidade de sacerdotes, eles também têm sacrifícios a oferecer, que envolvem a dedicação de si mesmos ao mundo eterno e à produção da santidade e das boas obras que agradam ao Senhor. 5. O sacerdócio e os sacrifícios oferecidos pelos mesmos, não são oferecidos independentemente do grande Sumo Sacerdote; mas antes, são tomados aceitáveis e eficazes por intermédio dele, pois tudo é feito sob sua direção, e por causa de seus elevadíssimos méritos pessoais.

«...vós mesmos...» A graça de Deus, que traz elevados privilégios espirituais, foi estendida até abarcar-nos também. Cristo é o Redentor da humanidade, e a sua missão foi eficazmente cumprida. A aplicação do N.T. é sempre diretamente a seus leitores, sempre em nível individual. É um desafio à santidade pessoal, bem como à inquirição espiritual de cada crente de per si.

«...pedras que vivem...» O contacto com a grande Pedra viva anima as demais pedras, de tal modo que um novo tipo de templo é formado. Não se trata mais de um templo de pedras e cimento, sujeito à dissolução. Uma comunidade de pessoas agora se torna sujeita à presença habitadora do Espírito Santo. O seu propósito é fazer as pedras vivas compartilharem da natureza e das propriedades da grande Pedra viva, um conceito completamente novo, que transcende a qualquer antecipação vetotestamentária do que significa a salvação e a glorificação. Esse conceito é amplamente comentado em Col. 2:10. Já que estamos no processo que nos conduzirá a esse alvo, avançamos de «glória em glória», até atingirmos a glória máxima da participação na natureza divina (ver II Ped. 1:2 e II Cor. 3:18). É nisso que consiste a mensagem do evangelho. A santificação é um passo necessário em tudo isso, pois, sem a santidade, ninguém jamais verá a Deus, quanto menos participará de sua natureza. (Ver Heb. 12:14).

«...sereis edificadas...» O grego pode ser imperativo ou indicativo; e diferentes intérpretes preferem uma ou outra dessas possibilidades. Ambas têm grande sentido espiritual: em conexão com Cristo, tornamo-nos, de fato, nesse templo espiritual; porém, precisamos ser exortados a tornar isso mais e mais real em nossa experiência cristã, através do uso daqueles meios que nos tornam mais vivos em Cristo, e, por conseguinte, ainda mais espirituais e genuínos como pedras vivas. Consideremos, a esse respeito, os dois pontos abaixo:

1. A idéia de «sereis edificadas» sugere que Cristo se tornou o fundamento básico de tudo na vida cristã; e isso é uma maneira figurada de expressar uma dedicação de alma completa a ele, naquela atitude que denominamos «fé». (Ver as notas expositivas completas sobre a «fé», em Heb. 11:1).

2. A idéia de «sereis edificadas» também expressa solidariedade, segurança e comunhão. Estamos envolvidos na mesma realidade espiritual em que está envolvida a grande Pedra viva. Cristo é a garantia do valor duradouro que buscamos.

«...casa espiritual...» Em contraste com o templo material dos tempos do A.T. Os judeus estavam acostumados a ir ao templo material de Jerusalém, a fim de adorarem. Agora o crente é o próprio templo, e Deus vem nele habitar. Assim se estabelece uma forma muito superior de adoração. (Comparar com Efê. 2:20-22 quanto ao mesmo simbolismo). Tornamo-nos «habitação de Deus por meio do Espírito». Isso é o que possibilita ao Espírito Santo duplicar em nós a pessoa de Cristo, através da espiritualização real da alma. Portanto, tornamo-nos seres muito mais exaltados e superiores do que os anjos: tornamo-nos «filhos de Deus», tal como Cristo é o Filho de Deus. (Ver Heb. 2:10 e ss. quanto ao conceito da «participação na filiação»). O conceito de filiação é apenas uma outra

como algo de somenos, por mais desprezado que ele seja pelo mundo, porquanto, a despeito disso, ele retém o seu valor pessoal e sua honra diante de Deus». (Calvino, *in loc.*). Esse mesmo tema aparece com proeminência no sermão de Pedro, no segundo capítulo do livro de Atos. Os homens desprezaram a Jesus Cristo; mas, a despeito disso, ele é o Messias de Deus.

maneira de falar sobre a salvação. Tudo isso está envolvido na salvação, podendo também ser descrito sob o título de «filiação». Há a participação na natureza de Deus, tal e qual Cristo Jesus dela participa; há a herança como membros da família divina (ver Rom. 8:17 e as notas expositivas ali existentes); há a glorificação dos filhos de Deus, com a mesma forma de glória com que o Filho de Deus foi glorificado (ver Rom. 8:29,30 e as notas expositivas a respeito; ver também Heb. 2:3, quanto a notas expositivas que dão o «sumário da salvação»).

A igreja cristã, como comunidade, é esse templo espiritual, mas, por igual modo, cada crente individual é um templo de Deus. (Ver I Cor. 3:16 e 6:19). A ênfase, no texto presente, recai sobre a experiência da comunidade, mas cada crente, individualmente, é participante dessa experiência; pelo que ela também é pessoal, e não apenas geral.

**Variante Textual:** Os mss KLP e a maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina, omitem o termo grego «eis», antes das palavras «sacerdócio santo». Porém, os mss P(72), Aleph, ABC, 5, 88, 307, 322, 323, 424(c), 436, 441, 467, 623, 915, 1739, 1862, os escritos de Orígenes, Eusébio e Cirilo, a contêm. Isso dá à declaração a idéia de que somos edificadas, formando um santuário santo, com a finalidade de nos tornarmos um sacerdócio santo. O fato que podemos ser feitos um templo espiritual «promove» nossa transformação em um sacerdócio santo. A evidência em favor dessa idéia é esmagadora.

Desse modo é que as «pedras» se tornam sacerdotes. Imediatamente antes disso, os crentes foram descritos como «bebês», que precisam de leite. E assim, Pedro, tal como Paulo, nos fornece uma série de metáforas misturadas, todas elas instrutivas.

#### Algumas Características Dos Sacerdotes

1. Em primeiro lugar, o sacerdócio forma uma fraternidade toda inclusiva. Todos os crentes são sacerdotes, tal como todos eles são pedras que fazem parte do templo espiritual.

2. Todos esses sacerdotes têm uma dedicação suprema a atingir (ver Rom. 12:1,2).

3. Não somente servem no templo, mas também perfazem o próprio templo, e, por conseguinte, são o lugar da habitação de Deus (ver Efê. 2:20 e ss.).

4. Nessa qualidade, é mister que sejam santos (ver Rom. 3:21).

5. Não possuem herança, exceto em Cristo (ver I Cor. 9:13 e Deut. 8:1,2).

6. Constituem eles uma família real, pelo que também são reis-sacerdotes (ver I Ped. 2:9; Apo. 1:6 e 5:10).

7. O clamor da Reforma Protestante, «Cada crente é um sacerdote!» inspirou as vidas de muitos. Esse é um conceito neotestamentário que nos deveria inspirar perenemente.

**Esses sacerdotes são santos:** Não podemos enfatizar demasiadamente o «imperativo moral» imposto pelo N.T. Os crentes são convocados à «santidade», porque espera-se que compartilhem da própria santidade de Deus Pai. (Ver isso comentado em Rom. 1:7 e 3:21). O alvo final é a perfeição (ver Mat. 5:48). Esse alvo é extremamente elevado: nunca poderá ser atingido plenamente, porquanto Deus é um ser infinito. Porquanto há uma infinidade que deve ser atingida, também deve haver um enchimento infinito. Assim, a eternidade inteira estará ocupada na mesma inquirição em que nos achamos agora, mas de maneira muito mais elevada e satisfatória. Deus será sempre o alvo de toda a vida e existência, neste mundo terreno ou na dimensão celestial. Sem a santidade, entretanto, isso é um alvo impossível de ser atingido. A santificação é o próprio meio de nosso bem-estar espiritual, conforme se lê claramente em II Tes. 2:13. (Ver as notas expositivas completas sobre a «santificação», em I Tes. 4:3).

No N.T., todos os ensinamentos «doutrinários» são vistos como a base do ensinamento moral. Pelo que, inevitavelmente, as doutrinas de posição e glória são seguidas por imperativos morais que repousam sobre esses privilégios espirituais. Isso demonstra para nós, com grande ênfase, que os autores sagrados do N.T. pensavam ser imprescindível a santificação. Trata-se de uma «necessidade», e não de uma opção na inquirição espiritual. Ninguém é salvo, se não estiver sendo santificado, e isso cada vez mais, em sua experiência diária. A santidade do crente, eventualmente, será sem qualquer defeito, como uma extensão da própria santidade de Deus, de tal modo que os filhos de Deus virão a participar da natureza e da expressão de seu Pai celeste.

«...sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus...» Esses sacrifícios são chamados de «espirituais» em contraste com os «materiais», oferecidos na dispensação do A.T. Os sacrifícios de animais tinham de ser descontinuados (ver Heb. 9:13 - ver Heb. 9:23 quanto aos «melhores»



sacrifícios da nova dispensação). Os sacrifícios espirituais envolvem o oferecimento da própria vida a Deus, para seu agrado e glória. Na «vida oferecida» é que Deus recebe os frutos do serviço, a oferta do louvor, tanto em palavras como em ações. Os próprios sacerdotes se tornam, assim, *sacrifícios vivos*, conforme se lê em Rom. 12:1. Rom. 12:2 mostra que essa oferta do próprio «eu» a Deus não pode ser realizada enquanto teirmos em nos dedicarmos ao mundo, de conformidade com o mesmo. Podemos sacrificar-nos ao mundo ou a Deus. Podemos ser sacerdotes do diabo ou de Deus. Podemos ser sacerdotes do bem ou do mal. A escolha será sempre nossa, e a cada dia estamos reiterando essa escolha, em detrimento ou em benefício de nossas almas. Isso pode ser confrontado com o trecho de Heb. 13:15, que diz: «Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome». Em Fil. 4:18, Paulo denominou o suprimento de provisões físicas, que os filipenses lhe tinham dado, como «...aroma suave, como sacrifício aceitável e agradável a Deus». Portanto, até mesmo a generosidade com nossas posses físicas é um sacrifício dos sacerdotes do N.T. Uma vida dedicada, disposta a ser martirizada, se necessário for, também é um sacrifício a Deus, conforme temos em Fil. 2:17, sendo causa de grande regozijo, quando genuína.

O trecho de Heb. 9:26 mostra-nos que Cristo eliminou o pecado pela oferta de si mesmo. Assim também agora dos crentes se espera que se ofereçam a Deus como sacrifício vivo; e isso fazem quando dedicam sua vida inteira à inquirição espiritual, à santidade, ao mundo eterno. Um sacrifício assim não é uma «sombra», como eram os sacrifícios do A.T., e nem é «representativo» ou «simbólico». Antes, é um sacrifício genuíno, com o qual Deus se agrada, porquanto isso é o que ele exige da parte dos homens. Os crentes devem viver de acordo com a dimensão eterna. Essa é a lição que nos convém aprender neste mundo. O homem não é um mero animal, embora, no presente, esteja cativo a um corpo animalesco. O homem é um espírito; é um ser inerentemente transcendental; pertence aos mundos espirituais. Em sua vida espiritual, ele deveria fazer isso ser uma realidade primeiramente em seu próprio ser, e, em seguida, na sua experiência diária.

«...agradáveis...» No grego é usado o termo «euprosdektos», «aceitável», «bem acolhido», «agradável». (Ver Rom. 15:16,31; II Cor. 6:2 e 8:12 quanto a outros usos dessa mesma palavra no N.T.).

O trabalho ou missão particular de um crente deveriam servir de altar seu, porquanto é através dos mesmos que ele se expressa. A sala de aula do professor deveria ser o seu altar; a biblioteca do erudito deveria ser o seu altar; o lar da dona de casa deveria ser o seu altar. Não deveríamos fazer

distinção entre trabalho «secular» e trabalho «espiritual». Não deveria haver tal coisa como «Deus em primeiro lugar», e então todas as outras coisas em segundo, em terceiro lugar, etc. Antes, para o homem verdadeiramente espiritual, Deus é tudo, ocupa todos os lugares na escala de valores de sua vida.

«...por intermédio de Jesus Cristo...» Cristo é a fonte e o alvo de toda a existência, conforme se aprende em Col. 1:16. Ele é a fonte específica da vida espiritual, tanto nos homens como em todos os demais seres (ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, especialmente os versos: décimo e décimo nono até ao fim). Ele é nosso grande Sumo Sacerdote, em quem e por causa de quem existe nosso próprio sacerdócio (ver Heb. 2:17; 4:14 - 5:10 e 9:24). Ele é a grande Pedra viva, que nos confere vida, na qualidade de pedras vivas. Deus amou ao mundo e entregou seu Filho, para que, por meio dele, todos os crentes possam ser salvos (ver João 3:16). O N.T., de importante ponto de vista, em sua inteireza, é uma descrição da missão medianeira de Cristo. (Ver I Tim. 2:5 acerca de «Cristo como Mediador»). Somos aceitos por Deus no Amado (ver Efé. 1:6). Por meio de Cristo «oferecemos» nossos sacrifícios; por meio dele, igualmente, é que esses sacrifícios se tornam «aceitáveis». Não há necessidade de pensar que «através de Cristo» é pensamento vinculado apenas a uma ou outra dessas idéias. Tudo nos vem por intermédio dele.

Quase toda religião constrói seus templos, seus símbolos de adoração e se interessa por certas coisas espirituais. O templo de Herodes era magnificente, erigido com muito mármore branco, puro como a neve. No entanto, foi transformado em pó, e dele chegaram até nós somente duas pedras. A fé cristã tem inspirado a construção de magníficas catedrais, mas somente a fé cristã no Intimo pode erigir um templo verdadeiramente espiritual, o homem crente e a comunidade cristã. Esse templo, por ser espiritual, e não material, nunca poderá ser reduzido a pó. Antes, a sua magnificência deverá aumentar agora e por toda a eternidade, até termos cheios de toda a plenitude de Deus.

Os tipos de oferta espirituais eram, naturalmente, reconhecidos no A.T. (Ver Sal. 4:5, que fala sobre «sacrifícios de justiça»). Por igual modo, o sacerdócio espiritual envolvia alguns poucos indivíduos selecionados: «...vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa» (Exo. 19:6). (Ver também Apo. 1:6; 5:10 e 20:6, onde todos os crentes são vistos como sacerdotes).

«Os sacrifícios espirituais que os crentes devem oferecer são seus corpos, suas almas, suas afeições, suas orações, seus louvores, suas esmolas e todos os seus outros deveres». (Matthew Henry, *in loc.*).

6 διότι περιέχει ἐν γραφῇ, Ἰδοὺ τίθημι ἐν Σιών λίθον αὐτῷ οὐ μὴ καταισχυθῇ.

6 «ἐλ. ακρογ. B 6g pc (sy<sup>p</sup>) Irsr ακρογ., «ἐλ., KA pl latt c; R

2:6: Por isso, na Escritura se diz:

«Eis que ponho em Sião uma principal pedra angular, a qual a pedra: e a quem nela crer não será confundido».

A passagem bíblica citada é Isa. 28:16. Pedro cita o A.T. a fim de mostrar que tudo quanto vem até nós, por intermédio de Cristo, no Novo Pacto, não é uma contradição com o antigo, mas antes, é um desenvolvimento, uma graduação sobre o mesmo. Era crença comum, na igreja primitiva, que o cristianismo deu prosseguimento ao judaísmo verdadeiro, pois longe estava de ser uma excrescência herética do mesmo. Isso pode ser comparado com a expressão «está escrito», em Rom. 3:10, onde os comentários a respeito adicionam mais razões ao que dizemos aqui.

As Testemunhas: Notemos aqui que Pedro citou Isa. 28:16, e, em seguida, já no oitavo versículo deste capítulo, Isa. 8:14. Então Paulo, em Rom. 9:33, mistura os mesmos dois versículos. Mui provavelmente um deles não copiou do outro. Antes, deve ter havido alguma antiga *coletânea* de declarações, incluindo versículos do A.T., onde Cristo e o cristianismo são preditos. Essas declarações eram então agrupadas, de tal modo que, quando um autor sagrado usava uma delas, geralmente incorporava outras que faziam parte da mesma lista. A maioria dessas declarações representavam uma espécie de «antologia» de textos de prova messiânicos, extralidos do A.T.

«...Sião...» Geograficamente, Sião designa, conforme a maioria dos eruditos agora pensa, a colina oriental e mais baixa da cadeia de Jerusalém. Originalmente continha uma fortaleza dos jebuseus, e que Davi transformou em sua capital. (Ver II Sam. 5:6,10). Tinha uma localização central, um forte posto militar, e, originalmente, ficava fora do território das doze tribos. Originalmente, dos tempos de Davi em diante, Sião abrigava a arca da aliança e era o centro da adoração. A nova Sião, de natureza celestial, é o centro da verdadeira adoração. A Sião original era uma fortaleza, mas não invencível. A fé na Sião celestial, na provisão divina em nosso favor, é invencível e inabalável. Em Sião é que Davi recebeu o pacto «davídico»; e na Sião espiritual temos o pacto eterno. A Sião espiritual se torna a concretização eterna da verdadeira adoração a Deus (ver João 4:23 e ss. e Heb. 12:12 e ss.). É a pátria do justo. O termo «Sião veio a indicar a cidade inteira de Jerusalém, passando a ser usado como sinônimo da mesma. Assim também a «Sião celestial» é a cidade celeste (ver Heb. 11:10), a nossa pátria celeste (ver Heb. 11:14).

«...pedra angular...» Notas expositivas completas aparecem sobre «Cristo como Pedra Angular», no quarto versículo deste capítulo. A pedra angular não era a pedra do «topo», no alto do edifício, que completava o edifício, posta sobre a entrada, mas era a pedra da extremidade do ângulo do alicerce, que controlava o desenho subsequente do edifício, em sua

ἀκρογωνιαίον ἐκλεκτὸν ἐντιμον, καὶ ὁ πιστεύων ἐπ’

6 Ἰδοὺ...καταισχυθῇ Is 28:16 (Ro 9:33) ἀκρογωνιαῖον ἐντιμον Bb 2:20

construção. (Ver Efé. 2:20 quanto a outras notas expositivas a respeito). A pedra angular é distinguida da pedra de «fundação» por vários eruditos. A pedra de fundação, em torno da qual o alicerce de um edifício era formado, subentende a dependência dos crentes à pessoa e à obra de Cristo. Mas a pedra angular salienta a coesão dos crentes em torno de Cristo, ficando destacada a participação comum no designio do templo espiritual de Deus. A maioria dos intérpretes, entretanto, pensa que as duas pedras são uma só. Nesse caso, seria a pedra posta no alicerce, formando um ângulo do edifício, onde seus dois lados formam o alicerce de um dos lados e da extremidade da parede. A união das duas paredes pode significar como Cristo une os homens de todas as raças, formando um só templo espiritual. Cristo une todos os elementos da criação espiritual, e os conserva juntos, para o bem-estar eterno de todos. Essa é a mensagem central do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, e, de fato, do evangelho inteiro.

«...eleita e preciosa...» No quarto versículo já foram anotadas as descrições sobre a Pedra angular, que é Cristo.

«...e quem nela crer não será de modo algum envergonhado...» Essa citação foi extralida da Septuaginta, de Isa. 28:16. O original hebraico diz: «não se apresse». Isso significa, provavelmente, que para alguém lançar outra pedra de fundação terá necessidade de precipitar-se, porquanto o alicerce posto já é adequado para todos os propósitos possíveis. Ou pode significar «ele não fugirá em terror», com medo de qualquer de seus inimigos, porquanto está seguro, descansando sobre o alicerce estabelecido pelo próprio Deus. A Septuaginta e o N.T. usam essa citação de maneira similar, embora a fim de enfatizar pontos diferentes: mediante a fé em Cristo não pode haver opróbrio, nem lamentação e remorso. Por isso é que Paulo foi capaz de dizer: «...não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê...» (Rom. 1:16).

O alicerce da igreja: Cristo e Pedro. O presente versículo tem sido usado, com frequência, na tentativa de mostrar que o próprio Pedro não se tinha como a pedra fundamental do templo espiritual, da igreja, porquanto ele aqui alude a Cristo como essa pedra. Porém, deve-se observar que a pedra angular dificilmente pode ser o próprio alicerce, porquanto é apenas uma das pedras do alicerce. Por conseguinte, nada pode ser provado, com base no presente versículo, no tocante a essa controvérsia. As notas expositivas em Mat. 16:18 mostram que Pedro era «fundamental» para a igreja, do mesmo modo que todos os apóstolos o foram (ver Efé. 2:20), da mesma maneira que Abraão e os antigos patriarcas eram fundamentais para a congregação de Israel. As notas expositivas em I Cor. 3:11 mostram que Cristo é «fundamental» para a igreja de uma maneira que nenhum mero homem pode sê-lo. Não há qualquer contradição, e, de diferentes maneiras, Pedro, os demais apóstolos e Cristo, são fundamentais para a igreja.

7 ὑμῖν οὖν ἡ τιμὴ τοῖς πιστεύουσιν· ἀπιστοῦσιν δὲ λίθος ὃν ἀπεδοκίμασαν οἱ οἰκοδομοῦντες οὗτος ἐγενήθη

εἰς κεφαλὴν γωνίας

7-8 ὁ number 8, ὁ no number: TR<sup>46</sup> WH Bov Nae B<sup>27</sup> AV RV ASV RSV NEB TT Zür Luth Jer Beza // ὁ no number, ὁ number 8: TR<sup>46</sup>

7 λίθος...γωνίας Ph 1:18,22; Mt 21:42; Ac 4:11

7 ἀπιστοῦσιν KB al latt; R] ἀπισθοῦσιν AP pc c



2:7: *Il existiu para vós, os que credes, é a preciosidade; mas para os descrentes, a pedra que os edificadores rejeitaram esta foi posta como a principal da esquerda.*

Para os crentes, Cristo é tido em grande honra, paralelamente a Deus Pai, segundo vemos no quarto versículo deste capítulo. Alguns homens chegam a ter Cristo em respeito como o fazem com Deus Pai e isso vem através da fé, da outorga da própria alma aos cuidados do Rei, Cristo, e de seu mundo eterno. (Ver Heb. 11:1, quanto a uma completa descrição sobre a fé, com poemas ilustrativos). Ao honrarem a Cristo, devido à sua preciosidade, os crentes chegam a participar da mesma honra, segundo o contexto inteiro o demonstra.

**Referências e idéias sobre a preciosidade de Cristo:** 1. Cristo é precioso para Deus (ver Mat. 3:17 e I Ped. 2:4). 2. Para os santos (Can. 5:10; Fil. 3:8 e I Ped. 2:7). 3. Cristo é precioso por causa de — a. sua bondade e beleza (Zac. 9:17); b. sua excelência e graça (Sal. 45:2); c. seu nome (Heb. 1:4); d. seu valor expiatório (I Ped. 1:19 e Heb. 12:24); e. suas palavras (João 6:69); f. suas promessas (II Ped. 1:4); g. seu cuidado e ternura (Isa. 40:11). 4. Cristo é precioso como a pedra angular da igreja (ver Isa. 28:16 e I Ped. 2:6); 5. Como a fonte originária de toda a graça (ver João 1:14 e Col. 1:19); 6. Sua preciosidade é insondável (ver Efê. 3:8). 7. Ilustrações (ver Can. 2:3; S:10-16 e Mat. 13:44-46).

«...para os descrentes...» Aqueles que não se deixam «persuadir» e que, portanto, se mantêm na «desobediência», conforme a palavra «descrentes» pode significar, consideram a Cristo com repulsa, e não como uma pessoa atraída. A «grande desobediência» consiste na recusa de crer no evangelho, o que conduz a todas as demais formas de desobediência. O evangelho deve ser «obedecido» (ver II Tes. 1:8). O evangelho é como um imã que, com seus dois pólos, atrai a alguns e repele a outros. Isso sempre aconteceu, sendo verdade porque certos homens preferem as trevas, rejeitando a luz; de fato, ocultam-se de qualquer luz que porventura incida sobre eles, como certos insetos que são aterrorizados pela luz. (Ver João 3:19, 20 e as notas expositivas ali existentes, sobre essa atitude humana).

«...A pedra que os construtores rejeitaram...» (Quanto à rejeição dessa «pedra» por parte dos homens, ver as notas expositivas acerca do quarto versículo deste capítulo. Quanto ao fato que Deus escolheu a Cristo para ser a Pedra central de seu templo espiritual, ver as mesmas notas). Devido ao que dizem essas palavras, embora rejeitado pelos homens, Cristo assumiu a posição a que faz jus. (Quanto ao fato que essa Pedra foi feita pedra «angular», por decreto e vontade de Deus, ver as notas expositivas sobre o versículo anterior). Os incrédulos, portanto, se postam em atitude contrária ao Senhor Deus, e preferem avaliar a Cristo de maneira degradante. Dessa maneira ilustram o quanto estão alienados de Deus.

«Nem todos os homens possuem fé. A Bíblia diz isso em cada página.

8<sup>b</sup> καὶ λίθος προσκόμματος καὶ πέτρα σκανδάλου· οἱ προσκόπτουσιν<sup>c</sup> τῷ λόγῳ ἀπειθοῦντες, εἰς ὃ καὶ ἐτέθησαν.

<sup>c</sup> B e none: TR WH Bov Nae BF<sup>2</sup> AV RV A8V // e minor: RV<sup>19</sup> ABV<sup>19</sup> RSV; (NEB: (TT) Zur Luth (Jer) (8eg)

8 λίθος...σκανδάλου Is 8:14 (Rc 9:33)

3:8: a:

Como uma pedra de tropeço e rocha de escândalo;

porque tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados.

A citação é tirada de Isa. 8:14. É usado o original hebraico nessa citação, porquanto a Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, terminada bem antes da era apostólica) reverteu ousadamente o sentido das palavras de Isaias, fazendo com que ele dissesse algo bem diferente, provavelmente porque os tradutores da Septuaginta não gostaram da mensagem negativa de Isaias, neste ponto. O trecho de Rom. 9:33 diz a rocha de tropeço e pedra de ofensa, mas, naquele versículo, a questão da fé em Cristo, como algo que não envergonha, é adicionada, o que, no texto presente, é vinculado ao sexto versículo, segundo se vê na citação original. Portanto, em Rom. 9:33, Paulo misturou as passagens de Isa. 8:14 e 28:16, formando uma combinação natural. Em Rom. 9:33, as idéias da pedra de tropeço e da rocha de ofensa são comentadas. O simbolismo, mui provavelmente, é o de qualquer pedra ou rocha encontrada no caminho, que se torna um empecilho para o tipo de progresso que a pessoa está fazendo, e, portanto, é um motivo de tropeço, de alguma forma de sofrimento ou detrimento. Talvez devêssemos ver a «pedra rejeitada» como algo que se interpõe no caminho dos construtores, ao passo que eles se apressam por levantar o templo mesmo sem ela. Em sua precipitação descuidada, continuam labutando contra a pedra que lhes causa ofensa. Não podem livrar-se dela, mas nem assim se dispõem a usá-la na edificação, como deveriam fazê-lo. Essa rocha se interpõe como uma força maciça no caminho deles, repreendendo-lhes as ações. Ao fugirem para longe de Deus (empregando outra metáfora possivelmente subentendida aqui), correm para cima da Pedra, que é Cristo, e tropeçam, ao invés de serem ajudados, conforme é sua intenção: encontram uma rocha maciça que lhes bloqueia o caminho de retirada. Isso os ofende, mas nem assim modificam os seus caminhos, removendo a causa do tropeço ou ofensa.

«...são estes os que tropeçam na palavra...» A figura simbólica anterior é agora esclarecida com termos evangélicos. A ação de tropeçar sobre a Pedra, que é Cristo, é definida como um tropeço ante a mensagem do seu evangelho, aqui referido no vocábulo «...palavra...», como também já se viu em I Ped. 1:23, 25. A mensagem do evangelho inclui a declaração dos sofrimentos do Messias e Servo de Deus (ver as notas expositivas a respeito, em Ato 3:18), o que ofende os susceptibilidades dos judeus. Foi por isso que crucificaram ao Redentor, o qual, embora ressuscitado dentre os mortos, parece motivo de riso para os gregos (ver as notas expositivas em Ato 17:32 e I Cor. 1:23). Portanto, a mensagem cristã, apesar de que

Deus sabe o que existe no homem; e, em sua revelação escrita, ele deixou não apenas convites e bênçãos, mas também advertências e penalidades. A vida e o bem, a morte e o mal — essas coisas são continuamente proclamadas como elementos vinculados à lei de Deus, mas sempre junto com a exortação: «Escolhei a vida». De tais advertências, esta epístola de Pedro nos dá exemplos, extraídos dos livros proféticos e dos salmos: «...mas para os descrentes, a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular» (I Ped. 2:7 e Sal. 118:22), como também «Pedra de tropeço e rocha de ofensa» (I Ped. 2:8 e Isa. 8:14). Neste ponto, o apóstolo toca na raiz do mal. O teste da fé é a obediência. Assim sucedeu no Eden; assim deverá ser sempre. (Lumby, *in loc.*)

Tanto para o crente como para o descrente, Cristo se tornou a Pedra angular. Isso indica, em linguagem figurada, que todos os incrédulos, eventualmente, terão de reconhecer a suprema importância cósmica de Cristo, o seu senhorio, conforme se lê claramente em Fil. 2:9-11. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra que todos deverão reconhecer, eventualmente, beneficiando-se disso, a universalidade do senhorio de Cristo, porquanto ele se tornará para todos a origem e a razão de toda a existência. Esse é o «mistério da vontade de Deus», descrito com abundância de detalhes nas notas expositivas sobre Efê. 1:10. A missão de Cristo produziu efeitos universais, e, por fim, todos «crerão» nele, embora isso não lhes dê a vida eterna dos eleitos. A grande maioria entrará em julgamento, a fim de pagar por sua incredulidade e desobediência. Ainda que esse julgamento envolva certa restauração no caso desses, isso de modo algum lhes conferirá a vida dos eleitos. (Quanto a esses conceitos, ver I Ped. 3:18-20 e 4:6, que ilustram o tema, em suas notas expositivas). O julzo é algo terrível, porque aqueles que nele entram para sempre estarão barrados de vir a participar da natureza e da modalidade de vida de Cristo, e essa é uma tragédia sem comparação, pois significa que os tais perderão eternamente o destino para o qual foram criados. Nisso se vê mais claramente o terrível caráter do julgamento, e não tanto no fato que os perdidos entrarão em sofrimento. (Ver as notas expositivas sobre a «ira de Deus», em Col. 3:6).

Em consideração a esses fatos, portanto, o N.T. convoca-nos para reconhecermos o senhorio de Cristo, o seu caráter de Salvador e a sua majestade. Nesse reconhecimento é que se obtém a salvação da alma.

**Variante Textual:** As palavras «para aqueles que são desobedientes» figuram nos mss AKLP e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina. Trata-se de um embelesamento feito sobre o texto original, que diz «aos incrédulos», conforme se vê nos mss P(72), P(74), Aleph, BC. Era muito mais natural que os escribas adornassem o texto do que o condensassem; portanto o texto mais curto normalmente é o correto. Seja como for, a evidência objetiva em favor do texto mais breve é, neste ponto, esmagadora e irrefutável.

8 εἰς α] εἰς τὴν παρὰ σκευασάντων ταῦτα 429 614 pc

deveria ser uma mensagem de vida, terminou por condená-los. (Ver as notas expositivas a esse respeito em II Cor. 3:3 e ss.).

«Acerca dessa descrição de Cristo, dois comentários podem ser feitos: Primeiro, a referência, aqui e em outros trechos do N.T., a Cristo, como uma pedra de tropeço, é um testemunho comovente acerca do «escândalo» da cruz, nos primeiros dias da fé cristã. Segundo, Cristo não pode ser aceito ou deixado. Conforme diz Selwyn, «Para aqueles que se recusam a crer, Ele é uma anomalia constante, defrontando-se com ele nos lugares mais inesperados, a desafiar-lhes a indiferença?» (Hunter, *in loc.*).

O N.T. é um documento que procura ensinar aos homens a importância cósmica constante de Cristo para os homens. Cristo não pode ser examinado e avaliado como outros personagens famosos da história:

«...palavra...» Está em foco o evangelho, tal como em I Ped. 1:23, 25. Esse termo raramente significa o A.T., e nunca o N.T., em qualquer dos livros sagrados deste último. Antes, focaliza a mensagem divina, em qualquer modo como ela seja conhecida, em suas exigências aos homens. Naturalmente, as Escrituras puseram em forma concreta grande parte dessa mensagem, podendo elas, por isso mesmo, ser chamadas de «Palavra de Deus». (Ver as notas expositivas completas sobre o «evangelho», em Rom. 1:16).

«...desobedientes...» No grego é «apeitheo», a mesma palavra traduzida como «descrentes», no versículo anterior. A descrença no evangelho é o primeiro e maior ato de desobediência, segundo a mentalidade dos primitivos cristãos. O autor sagrado deixa entendido, naturalmente, que esse ato original de desobediência deixa os homens destituídos de controle moral, daí resultando muitas formas de desobediência às leis morais de Deus.

«...para o que também foram postos...» O sentido é «para tropeçarem na palavra», «para a incredulidade», «para a desobediência», ou envolve todas estas coisas. Essas palavras, se não forem interpretadas com uma certa liberdade, por si mesmas parecem ensinar uma reprovção ativa. A doutrina da reprovção ativa declara que Deus faz os homens, ativamente rejeitarem o evangelho, condenando-os ao julzo eterno, e não meramente «permitindo-lhes» ignorarem ou rejeitarem o evangelho, ao reter sua graça convencedora, os seus métodos de pressão moral. É verdade que a «reprovção ativa» se encontra nos ensinamentos de alguns rabinos, não nos devendo surpreender que a encontrássemos nas páginas do N.T. Em Rom. 9:17 e ss quase certamente essa idéia transparece, embora os intérpretes tudo tenham feito, empregando até mesmo meios desonestos de interpretação, para eliminar tal possibilidade. Porém sem importar onde o encontremos, temos de rejeitar tal ensinamento; pois faz de Deus a origem



do mal. Antes, o trecho de Tia. 1:13 nos dá a posição correta a respeito: «Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta». Portanto, se um homem se desvia para o mal, terá de acusar somente a si mesmo. Ainda que tenha agido como que compelido pelos vícios e pelas circunstâncias, obviamente terá preparado a sua alma a não resistir à tentação, o que deveria fazer, se estivesse seriamente interessado no desenvolvimento espiritual. Ver a nota detalhada sobre a reprovação em Rom. 9:10. Esta nota explica como o conceito *pode* refletir uma verdade.

Até mesmo a reprovação *inativa* é suspeita, pois é difícil crer que Deus deixe de lado qualquer homem, negando sua graça a qualquer indivíduo, ainda que essa possa ser conferida em intensidades variadas. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que todos os homens se beneficiam da graça divina, encontrando, em Cristo, a origem e a razão de sua existência. Isso não elimina a doutrina do «juízo», e nem significa que todos os homens se tornarão, automaticamente, eleitos. Mas significa que Cristo fará uma diferença universal no estado espiritual dos homens. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em Ef. 1:10; e comparar com I Ped. 4:6. Ver também João 12:32 quanto a outro versículo que indica que Cristo fará diferença universal entre os homens. O trecho de Fil. 2:9-11 exige a mesma interpretação).

É seguro dizer-se, por conseguinte, que ninguém é propositadamente levado a descer ou a desobedecer, pelo Espírito de Deus. Porém, se alguém persistir nesse curso, então o evangelho se tornará um meio de tropeço para ele, para seu julgamento, porquanto não poderá escapar sem sofrer a ira de Deus. (Ver notas expositivas completas sobre esse tema, em Col. 3:6).

«...foram postos...» No grego é «*itheimi*», «*pōt*», «colocar», e, em linguagem metafórica, «ordenar», «destinar», «determinar». Poder-se-ia empregar essa palavra para dar idéia de «reprovação ativa», conforme é explicado acima; mas isso é teologicamente inaceitável, pelo que devemos entender que a palavra significa «destinados a sofrer o resultado de sua errada decisão». E isso só pode ser prejudicial para suas próprias almas. Esses estão «destinados» por Deus para sofrerem os maus resultados da desobediência, porquanto desceram e desobedeceram voluntariamente ao evangelho. Porém, não podem ser destinados à própria incredulidade ou desobediência. Isso degradaria nossa visão de Deus, tornando-o a fonte e o inspirador do mal.

«Porquanto desobedecem, Deus ordena que tropecem. A desobediência

9 Ὑμεῖς δὲ γένος ἐκλεκτόν, βασιλείον ἱεράτευμα, ἔθνος ἅγιον, λαὸς εἰς περιποίησιν, ὅπως τὰς ἀρετὰς ἐξαγγείλητε τοῦ ἐκ σκότους ὑμᾶς καλέσαντος εἰς τὸ θαυμαστόν αὐτοῦ φῶς·

9 γένος ἐκλεκτόν Ia 43:20 (Dt 7:6; 10:16)

βασιλείον ἱεράτευμα Et 10:6 (23:22 LXX); Ia 61:6; I Pe 2:9; Re 1:6; 5:10; 20:6

ἔθνος ἅγιον Ea 19:6

(23:22 LXX)

λαὸς εἰς περιποίησιν Ia 43:21; Ea 19:6 (23:22 LXX); Dt 4:20; 7:6; 14:2; Ti 2:14 τὰς ἀρετὰς ἐξαγγείλητε Ia 43:21 (42:12) ἐκ...φῶς

Ia 9:2; Ae 24:18; Eph 5:8; Col 1:13

2:9: Mas vós sois o geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;

«...vós...» É como se o autor sagrado tivesse dito: «Vós, meus leitores...» em contraste com os indivíduos incrédulos e irreligiosos, que se encaminham para o merecido julgamento. Ao descrever o «novo Israel», a Igreja, embora essa entidade atualmente se componha principalmente de gentios, Pedro agora confere vários títulos à Igreja, que antes pertenciam ao antigo povo de Israel.

«...raça eleita...» Assim é chamado o antigo povo de Israel, em Isa. 43:20. (Quanto à «eleição cristã», ver as notas expositivas em Ef. 1:4 e I Ped. 1:2). O vocábulo grego «*genos*» indica «raça», um agrupamento de gente com vida e descendência comuns. Espiritualmente falando, a igreja tem uma vida comum, porquanto a vida de Cristo (e, portanto, a vida de Deus Pai) é compartilhada por todos; e também possuem uma descendência comum, já que todos participam do novo nascimento, o que faz deles filhos de Deus. Os crentes são uma nova raça, destinada a habitar na pátria e na cidade celestial; a nação ideal. Por conseguinte, Israel continua existindo, a despeito da rejeição ao Messias, por parte da nação terrena de Israel. O Senhor ainda não os abandonou de todo, entretanto, mas antes, eventualmente reverterá o erro que cometeram, e isso visando ao bem-estar eterno deles. (Ver Rom. 11:26 e as notas expositivas ali existentes).

«...sacerdócio real...» Já tivemos ocasião de observar, no quinto versículo, que todos os crentes são sacerdotes. Ali eles são chamados de sacerdócio «santo». Neste ponto, são chamados «regios». São sacerdotes que pertencem à família real. Notemos como, em Heb. 4:14, o Sumo Sacerdote (Cristo) é visto entronizado, o que dá a idéia de um Rei Sacerdote. Assim também Melquisedeque era sacerdote, mas, igualmente, era rei de Salém (ver Heb. 7:1,2). E Cristo pertence à ordem sacerdotal de Melquisedeque (ver Heb. 7:17). A idéia que os sacerdotes cristãos também são reis acrescenta ênfase à elevada posição e ao privilégio de que desfrutam. O trecho do Êxo. 19:6 chama Israel de reino de sacerdotes. Em Apo. 1:6 e 5:10, os crentes também são chamados de reis e sacerdotes. Ali talvez seja indicado como, na eternidade futura, elevadas posições de governo poderão ser alcançadas, tanto no milênio como já no estado eterno, por parte do povo de Deus, tal como existem muitos elevados seres angelicais governantes. Seja como for, o verdadeiro crente desde agora já «reina em vida» (ver Rom. 5:17).

«...nação santa...» Essa descrição também é extraída de Êxo. 19:6. O termo grego «*laos*» (povo, nação), mui provavelmente não deve ser entendido noutro sentido que tem o termo «*genos*». São meros sinônimos. (Ver, no quinto versículo deste capítulo, onde o sacerdócio é chamado «santo»). A necessidade de santidade, adquirida através do processo de santificação, é novamente frisada ante nossos olhos. É impossível alguém exagerar o imperativo moral, porquanto é através da transformação moral

deles não é determinada; mas a penalidade contra a desobediência o é. Pode-se encontrar uma ilustração disso no livro de Êxodo (5:2). (Bigg, *in loc.*).

Se alguém argumentar que a própria «incredulidade» subentende um prévio endurecimento divino, responderemos, com base nas Escrituras, que tal endurecimento se deve antes aos caminhos tortuosos do homem, por pensar que Deus impossibilita a fé a alguém, como se, por algum capricho divino sádico, Deus assim o fizesse. Isso é totalmente irreconciliável com o conceito sobre a natureza do Deus clemente e longânimo, que tem, como um de seus títulos, o epíteto de «amor». (Ver I João 4:8).

As profecias apontavam, pois, para a incredulidade e o tropeço. É possível que devamos entender essa expressão como algo que diz que as profecias do A.T. previram a incredulidade e o tropeço dos incrédulos, o que significa que elas destinaram os homens para isso. Se assim é o caso, o autor sagrado simplesmente não entra em detalhes, e nem se lança a qualquer pesquisa sobre o «porquê» as Escrituras assim falam sobre certos indivíduos. Deus previu como eles agiriam, mas também previu que agiriam espontaneamente; portanto, eles agem voluntariamente. O conhecimento prévio de Deus, e nem o das Escrituras, não pode ser a «causa» do que agora os homens fazem. O conhecimento anterior não envolve o determinismo. Deus previu que tais pessoas agiriam livremente, e, ao mesmo tempo, ele designou, nas Escrituras, qual seria o resultado dessa ação livre, como ela resultaria em mal. Essa descrição profética, portanto, não se torna a causa da resposta negativa por parte dos homens. Antes, a própria profecia é condicionada a como os homens responderiam negativamente, pelo exercício de seu livre-arbítrio.

«Precisamos apenas dar maior valor à nossa presente salvação, confiando no amor de Deus quanto àquela colheita mais completa, do que agora temos apenas as primícias. De alguma maneira, até mesmo o tropeço deles comprovará o amor (de Deus), tanto para com eles como para conosco». (Mason, *in loc.*).

Beza, Calvino e Afford (*in loc.*) aparentemente vêem a «reprovação ativa» como doutrina aceitável e ensinada nas Escrituras. John Gill ensinava a *reprovação inativa*. Sem qualificações, estas idéias são má doutrina, a despeito de quem as tenha ensinado. A reprovação ativa é ofensiva à noção razoável sobre a natureza divina; a reprovação inativa fica aquém do que sabemos sobre seu amor. Se tais elementos do judaísmo penetraram nas páginas do N.T., faríamos bem em rejeitá-los até mesmo aqui.

#### 9 υμεις ημ- 69 Cl

que vamos sendo transformados segundo a imagem metálica de Cristo. (O leitor pode consultar as notas expositivas sobre o quinto versículo, quanto a esse tema). Somos «santos» porque fomos «separados» do mundo, de seus vícios e corrupções. A idéia de «separação do mal» e de «separação para Deus» faz parte inerente do termo grego *agios*, «santo». O vocábulo grego básico é «*agos*», que indicava qualquer coisa que provocava o «respeito» religioso. Essa palavra veio a ser vinculada aos «sacrifícios» oferecidos aos deuses, por serem sacrifícios «separados» para esse propósito. E assim a idéia de «separação» passou a fazer parte de seu significado. Porém, «pureza» de ordem moral e espiritual é a idéia fundamental desse vocábulo, o qual, algumas vezes tem, e outras vezes não tem a idéia de separação. A nação santa deve ser uma nação «separada» de outras nações, tanto na conduta da vida como na natureza da alma.

«...povo de propriedade exclusiva de Deus...» O grego diz aqui, literalmente, «um povo para aquisição», ou então «um povo para a possessão». Essa nação devia «pertencer a Deus» verazmente, demonstrando isso por seus atos agradáveis ao Senhor, ao passo que os povos estrangeiros seriam possuídos por forças espirituais da maldade, conduzindo-se como bem entendessem. O povo «possuído», portanto, deve ser santo, porquanto faz parte das possessões de Deus. Idêntico argumento pode ser visto em I Cor. 6:19,20. Não «pertencemos a nós mesmos»; em outras palavras, não podemos agir como melhor nos pareça; pelo contrário, fomos «comprados por preço», a saber, ao custo da expiação pelo sangue de Cristo. Assim sendo, pertencemos a ele, de corpo e alma. Nosso ser, pois, torna-se a localidade da glória de Deus, porquanto seu Santo Espírito habita em nós. Ver Isa. 43:21, que declara: «...ao povo que formei para mim, para celebrar o meu louvor».

Deus torna esse povo remido uma possessão exclusivamente sua, a fim de que todos os seres inteligentes possam receber uma lição objetiva de como, em Cristo, se acha a vida e a existência de todos. (Ver Ef. 3:10, e as notas expositivas ali existentes, quanto a essa verdade). Nisso Deus demonstra sua sublime sabedoria, a qual, finalmente, se mostrará eficaz e operante em todas as porções de sua criação. Então Cristo ocupará o lugar que lhe convém, no universo, e será «tudo em todas as coisas». (Ver Ef. 1:23).

«...a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz...» Essas virtudes declaramos agora mediante a pregação do evangelho; mas também as declaramos por nossas vidas dedicadas ao Senhor. No dia da eternidade também haveremos de proclamá-las. No dizer de Hunter (*in loc.*): «Um privilégio envolve responsabilidades: o novo povo de Deus deve tomar a peito a sua tarefa, que não foi cumprida pelo antigo povo, a saber, a declaração das excelências (dos feitos admiráveis) de Deus, que os chamou das trevas do paganismo para a maravilhosa luz da salvação. Isso pode ser comparado com as palavras de Jesus: «Vós sois a luz do mundo... Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens...» (Mat. 5:14,16).



«...virtudes...» No grego é «*arete*», «excelência moral», «manifestação do poder divino», «milagre». (Comparar com Isa. 43:21 e 42:12: «...anunciai a sua glória nas terras do mar», onde, na Septuaginta, é usado o mesmo vocábulo grego que se acha aqui).

«O crente deve exibir, em suas palavras e em sua vida, não meramente a bondade de Deus, mas também a sua glória, a sua grandeza, todos os seus nobres atributos, como a justiça, a sabedoria e a força» (Bigg, *in loc.*). Naturalmente, este versículo tem certo sentido evangelizador: a «exibição» das excelências divinas é feita mediante a pregação do evangelho, por meio do que Deus mostra a sua bondade para conosco, por intermédio de Cristo.

«...trevas...» Esse é o símbolo do pecado, em seu poder cegador e em seus efeitos prejudiciais. As metáforas da «luz» e «trevas» são comentadas amplamente em Efé. 5:8, onde a idéia do presente versículo é bem esclarecida. (Comparar também com Col. 1:13, onde se lê: «Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor»). O reino do Filho, naturalmente, é o reino da luz. (Ver também João 1:9, quanto ao poder iluminador de Cristo, a Luz do Mundo). Cristo ilumina aos crentes, até nos tornarmos filhos da luz, possuidores da mesma natureza dele. Sua iluminação nos espiritualiza.

Pedro convoca os seus leitores originais a uma ação corajosa. Já vinham

10 οἱ ποτε οὐ λαὸς νῦν δὲ λαὸς θεοῦ, οἱ οὐκ ἠλεημένοι νῦν δὲ ἐλεηθέντες.

1o Ho 2:23 (1.6, 9; 2.1)

2:10: vós que outrora não fostes povo, e agora sois povo de Deus; vós que não tínheis alcançado misericórdia, e agora a tendes alcançado.

«...antes...» As cansadas gerações que viveram antes da revelação do Messias ou Cristo aos gentios.

«...não fostes povo...» Os gentios não mereciam o nome de «povo» em qualquer sentido dotado de propósito comum e de alvo de vida. Eram apenas agrupamentos esparsos de seres humanos mortais, classificados de «pagãos», ridicularizados pelos judeus como «cães». Eram orgulhosos e falsamente auto-suficientes, mas ficavam muito aquém do ideal humano, conforme é exemplificado na pessoa de Cristo. De modo algum cumpriam o ideal divino quanto ao ser «humano», não podendo ser chamados de «povo» segundo os padrões do Senhor. Uma comunidade de pessoas se torna um povo quando é aceita pela mente divina como digna da graça que ele estende aos homens, através do que a imagem de Cristo é formada neles. A dignidade vem através da fé e da obediência ao Senhor. A verdadeira humanidade é obtida quando Cristo é inundado no ser humano. Essa é a atitude bíblica, pois ele é o Homem ideal, o arquétipo da humanidade. Pedro se refere aqui ao trecho de Osé. 2:23. Paulo usa esse mesmo texto em Rom. 9:25, mas combina-o com Osé. 1:10, um outro exemplo possível dos primitivos «testemunhos» cristãos, isto é, uma antologia de passagens do A.T., usadas como provas de texto da fé cristã. (Ver as notas expositivas a este respeito, no sexto versículo deste capítulo). Aquilo que pode ser chamado de «povo», portanto, na realidade é «povo de Deus», aquela comunidade que lhe pertence, conforme temos no nono versículo deste capítulo.

«...agora sois povo de Deus...» Esse é o povo que tem as seguintes características: 1. Eles pertencem a Deus, como possessão sua (ver o nono versículo). 2. São a revelação divina, na esfera terrena, de seus desígnios espirituais atinentes à redenção (ver Efé. 3:10). 3. Estão destinados a receber a plenitude da natureza de Cristo. 4. Por isso mesmo, tornam-se cidadãos do mundo eterno, um povo transcendental. Esse é o grande alvo da humanidade. A terra não é o nosso verdadeiro lar. Desde o começo o homem foi um ser celeste ou espiritual. A queda no pecado destruiu tal imagem. O homem passou a merecer o lugar ocupado nesta terra, entre os animais, passou a merecer seu corpo animalesco, porquanto chegara a negar a sua origem espiritual, desprezando seus privilégios celestiais, tal como o fizeram os anjos que caíram. Mas Cristo tornou possível a restauração da imagem celeste do homem. E isso lhe dá o direito de voltar ao seu lar verdadeiro. Contudo, alguns indivíduos têm caldo tão baixo que afirmam que, inerentemente, pertencem apenas à classe dos animais. Ridicularizam a doutrina da «alma imortal», a despeito do fato que são almas imortais, que temporariamente habitam em um corpo físico, que pouco mais lhes é do que uma pele ou cobertura.

«...não tínheis alcançado misericórdia...» Em seu estado anterior de alienação, a misericórdia de Deus, embora existente no mundo, não lhes interessava. Então, naqueles dias, a misericórdia de Deus não era evidente.

## V. DEVERES DOS CRISTÃOS (2:11- 4:11).

### 1. Relações entre o crente e o incrédulo (2:11,12).

Proseguem aqui os ensinamentos morais desta epístola, tendo sido interrompidos por um lance de olhos para a glória e a estatura de Cristo, na qualidade de principal Pedra angular. Uma vez mais vemos que não há como enfatizar em demasia o imperativo moral do evangelho. Este requer obediência e santidade, porquanto, nada tem o poder de salvar aos homens. A santificação é um vero meio de salvação, conforme se aprende claramente em II Tes. 2:13. Mediante a transformação moral segundo a imagem de Cristo é que auferimos a transformação metafísica. Isso significa que mediante a vereda moral somos levados à participação na natureza de Cristo, na qualidade de filhos de Deus em quem se duplica a imagem do Filho. Isso leva à participação na própria divindade. (Ver II Ped. 1:4; Col. 2:10; Rom. 8:29 e II Cor. 3:18 quanto a notas expositivas completas sobre esses conceitos). Quando consideramos a «moralidade» sob esse prisma, vemos claramente quão importante ela é. É visto que o Espírito Santo é o agente santificador, percebemos o quão insistentemente devemos buscar seu poder íntimo, a fim de que ele possa formar Cristo em nós, pois esse é o propósito mesmo da vida e da existência toda.

Aqueles que estão sendo transformados segundo a imagem de Cristo têm a responsabilidade de demonstrar aos homens deste mundo a eficácia da graça de Deus, que neles opera. Se isso for feito como deve, então os crentes, santificados, serão capazes de levar outros a participarem da graça de Deus, de modo a virem louvar ao Senhor com suas palavras e com sua vida diária. Além disso, nossa inquirição espiritual visa ao benefício de nossas próprias almas imortais. Sem importar de que direção olhemos para essa questão, o imperativo moral se reveste de máxima e capital importância.

11 Ἀγαπητοί, παρακαλῶ ὡς παροίκους καὶ παρεπιδήμους ἀπέχεσθαι τῶν σαρκικῶν ἐπιθυμιῶν,

sofrendo por apresentarem Cristo e a sua luz aos homens. Mas agora são exortados a envidarem ainda maiores esforços na exibição clara do que está envolvido nessa lealdade.

«...maravilhosa luz...» No grego o adjetivo é «*thaumastos*», que significa «maravilhoso», «admirável», «notável», aquilo que causa admiração e respeito, devido à sua grandiosidade, poder ou raridade. Assim é que o evangelho narra a obra extraordinária de Deus por meio de Cristo, mediante o que foi realizada a redenção.

A idéia oposta à luz, «trevas», é usada porque o pecado é a ignorância de Deus, o contrário exato da iluminação espiritual. O pecado é assim chamado porque geralmente é praticado em segredo, escravizando a impiedade oculta que os olhos puros não podem contemplar. O pecado é a privação daquilo que é bom e saudável, em que o pecador se oculta de Deus e da luz da majestade de sua presença.

Luz. No dizer de Alford (*in loc.*): «Esta expressão dificilmente significa apenas a luz de nossa vida cristã; antes deve indicar aquela luz da própria presença de Deus e de seu Ser, conforme a qual deve ser amoldado o nosso próprio andar na luz: a luz à qual aludiu o apóstolo João, quando disse: «...se andarmos na luz, como ele está na luz...».

e nem era muito acessível. Foi mister a manifestação pessoal de Cristo para trazer a misericórdia aos gentios, de maneira suficientemente vívida para lhe darem atenção. Finalmente, com seu advento, embora a misericórdia seja oferecida em silêncio, e não em meio a um espetáculo pretencioso, o dom divino se tornou quase instantaneamente eficaz e universal. Essa é uma obra de Deus, e é maravilhosa aos nossos olhos.

*Quão silenciosamente, quão silenciosamente,  
Nos é oferecido o maravilhoso dom!  
Assim, Deus confere, aos corações humanos  
As bênçãos próprias de seu céu.  
Nenhum ouvido talvez ouça sua vinda,  
Porém, neste nosso mundo de pecado,  
Onde almas mansas o receberem,  
O querido Cristo entrará.*

(Philipa Brooks)

Quão gentil e suavemente nos é oferecido o dom de Deus! Quão mansamente o Cristo se conduziu entre os homens. Quão benignamente ele se elevou à grandeza, e, finalmente, deixou o seu nome escrito nas páginas da história, com o seu próprio sangue expiatório.

«...alcançastes misericórdia...» Essas palavras falam sobre a nossa participação na graça divina (o que é amplamente comentado nas notas expositivas sobre Efé. 2:8), mediante o que temos sido redimidos. A misericórdia divina confere aos homens a ampla participação na «salvação» (comentários a respeito em Heb. 2:3). Seja como for, foi a misericórdia de Deus que operou a transformação revolucionária no estado dos povos gentílicos, e não algum mérito que eles mesmos tivessem. Essa é uma afirmação comum nas páginas do N.T.

«Não há qualquer outra razão pela qual o Senhor conta o seu povo, exceto que ele, tendo tido misericórdia de nós, nos adotou por sua graça» (Calvino, *in loc.*).

«A memória do que eles tinham sido anteriormente, deveria aprofundar o senso de gratidão da parte dos leitores da epístola... antes, debaixo do julgamento divino, se tinham entregue ao pecado e a seus frutos corruptos» (Lange, *in loc.*).

Os comentadores fazem aqui uma pausa a fim de se ocuparem de breve controvérsia acerca da identificação dos «leitores» aos quais Pedro escrevia: seriam eles judeus ou gentios? É óbvio que, vivendo eles na Ásia Menor, deveriam ser gentios, em sua maioria. É verdade que a citação usada aqui aludia à «restauração» a Deus do povo de Israel, tornando-se seu povo novamente. Porém, não existe qualquer razão pela qual isso não pode ser aplicado aos gentios. Paulo emprega esse mesmo texto em Rom. 9:25,26, referindo-se aos gentios. Provavelmente, na presente passagem, os gentios estejam particularmente em foco; mas o princípio tem natureza geral. Todos os povos, sem importar sua nacionalidade ou raça, podem tornar-se o Novo Israel, mediante a fé em Cristo. Mas, antes disso, são «não povo» de Deus.



## αἰτνες στρατεύονται κατὰ τῆς ψυχῆς.

στρατεύονται...ψυχῆς Gn 8.17; Jm 4.1

2.11: Amados, exortai-vos, como o peregrino a forasteiros, que vos abstenha das concupiscências da carne, as quais combatam contra a alma;

«...Amados...» O tratamento amoroso serve para mostrar que estas exortações foram dadas com uma atitude altruísta. Aquilo que é ordenado aos crentes não visa o propósito de prejudicá-los, furtando-os de sua liberdade, impedindo sua auto-realização na vida. Antes, Pedro teve o cuidado de levar em conta o bem-estar eterno de suas almas. Anteriormente eram «estranhos» para Deus; mas agora Deus os alienara do mundo, para o próprio bem-estar deles. Nesse estado, tornaram-se beneficiários da misericórdia divina, conforme é expresso no versículo anterior. Por isso mesmo, em seu peito deveria habitar o senso de gratidão, honrando o nome da família divina a que pertencem. Tudo quanto possuímos no N.T., que nos foi dado para orientar-nos em nossas vidas morais, são conselhos de amor. Sempre que esses conselhos nos sugerem a restrição, essa restrição é vista como necessária ao nosso verdadeiro bem-estar, visando aquilo que é espiritual e duradouro.

A saudação, «amados», é uma das saudações favoritas dos escritores do N.T. Aparece por sessenta e duas vezes no N.T. Somente na epístola segunda de Pedro figura por seis vezes (ver II Ped. 1:17; 3:1,8,14,15,17); figura por cinco vezes na epístola aos Romanos e por cinco vezes na primeira epístola de João. Dentre os vinte e sete livros do N.T., vinte e um empregam essa saudação. Ele nos transmite a idéia do amor divino, que deve permear a família divina, fluindo do Pai para o Filho, daí para os filhos de Deus, e vice-versa.

«...exortai-vos...» No grego temos o termo «parakaleo», muito comum no N.T., onde é usado por cento e oito vezes, algumas vezes com o sentido de «consolar», mas de outras vezes, como aqui, com o sentido de «exortar». A forma nominal, «parakletos» é um dos títulos aplicados ao Espírito Santo, com o sentido de «Ajudador» ou «Consolador» (ver as declarações de Jesus sobre o «divino parakletos», em João 14:16). A exortação, o consolo ou a ajuda espirituais, portanto, são funções espirituais alicerçadas sobre a obra do Espírito entre nós.

«...como peregrinos...» No grego temos o substantivo «paroikos», «estranho», «estrangeiro», alguém que vive em terra que não é sua, que não mora permanentemente no lugar onde habita. Assim, na literatura cristã fora do N.T., o crente é retratado como alguém distante de seu lar, porquanto seu lar verdadeiro é o céu. (Nas páginas do N.T., ver a forma nominal desse termo, em Atos 13:17 e I Ped. 1:17. Ver também a forma nominal pessoal, além do uso no presente texto, em Atos 7:29 e Efê. 2:19). Na referência da epístola aos Efésios, os gentios são vistos como «estranhos» à comunidade divina, até que chegam a conhecer a Cristo. Pedro escrevia como que a «exilados» em um país estrangeiro. Os crentes se encontravam dispersos, habitando uma pátria estranha (ver I Ped. 1:1-17), e agora ele retorna àquela figura de linguagem, a fim de tornar mais vívida a sua exortação. Na qualidade de «estrangeiros», portanto, não se deveriam envolver nas corrupções do mundo; isso é algo contrário à natureza e à posição deles.

Não há desânimo  
Que o faça afrouxar  
Do seu primeiro intento  
De ser um peregrino.  
(John Bunyan)

«...forasteiros...» No grego é «parepidemos», um «exilado», um «forasteiro», alguém que permanece por pouco tempo em um país estrangeiro. O único outro uso desta palavra, em todo o N.T., se encontra em Heb. 11:13; e nessa última referência há notas expositivas que ilustram bem a significação do presente texto.

«...absterdes...» No grego é «apecho», isto é, «estar distante de», «abster-se», «conservar-se longe de».

*Variante Textual:* O imperativo aparece nos mss P(72), ACL, 33, c(2), f, h, j(1), o, e no Si, Cóp, Et e nos escritos de Didimo e Cirilo. Mas o infinitivo aparece nos mss Aleph, BK e na Vg. A forma do infinitivo é preferida pela maioria dos críticos textuais. Sempre era mais provável que o infinitivo fosse mudado para o imperativo do que vice-versa, como meio de emprestar mais força a uma declaração qualquer. Nenhuma diferença é criada no sentido geral: «Peço-vos que vos abstenhais» ou «Peço-vos, abstenede-vos». A tradução inglesa de Williams (agora vertida para o português), diz «Continuai a vos absterdes», observando o tempo presente do infinito. Seja como for, a ordem dada é nos «mantermos distantes» das paixões prejudiciais, que podem prejudicar não apenas o corpo, mas, principalmente, a alma.

12 τὴν ἀναστροφὴν ὑμῶν ἐν τοῖς ἔθνεσιν ἔχοντες καλὴν, ἵνα, ἐν ᾧ καταλαλοῦσιν ὑμῶν ὡς κακοποιῶν, ἐκ τῶν καλῶν ἔργων ἐποπτεύοντες δοξάσωσιν τὸν θεὸν ἐν ἡμέρᾳ ἐπισκοπῆς.

12 ἀκ...θεὸν Mt 8.16 ἡμέρα ἐπισκοπῆς Is 10.3, Lk 19.44

2.12: tendo a vossa procedência correta entre os gentios, para que, quando os falar mal de vós, como de malfetores, observando as vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação.

«...mantendo exemplar...» (A nota de sumário, sobre a importância do exemplo, juntamente com poemas ilustrativos, aparece em I Cor. 11:1. Essas notas podem ser usadas para ilustrar o texto presente). Não basta salvar alguém a própria alma por sua piedade pessoal: do crente se espera que influencie outros com a sua vida. Não lhe convém fugir do mundo ou desistir da luta. Porém, vivendo dentro da comunidade pecaminosa, compete-lhe ser uma lição objetiva do fato que, com fé em Cristo, é dotado do poder do Espírito de Deus, um homem pode ser vencedor nessa batalha contra o mal, incluindo os excessos sexuais, tão valorizados entre os pagãos.

As virtudes cristãs não devem ser enclausuradas, mas antes, devem ser desenvolvidas em meio à luta, apesar dos assaltos das más influências. Assim o indicou o Senhor, em João 17:15,16: «Não peço que os tireis do

11 παροῖσιν καὶ παρεπιδήμου Pz 39.12 ἀπέχεσθαι...ἐπιθυμιῶν Gn 8.24

11 ἀπεχεσθαι] · Απεχεσθε ALP 33 ρη vg(4) sy Cyr

«...paixões carnis...» No grego temos «epithumia», que quer dizer «anelos», «anseios», desejos de boa ou má índole, mas que aqui é palavra usada em sentido negativo. Pedro já usara essa palavra em I Ped. 1:14, onde as notas expositivas a respeito devem ser consultadas. Esse vocábulo era freqüentemente usado em conexão com as aberrações sexuais, parecendo ser esse o seu uso aqui, embora o vocábulo «carnal», que acompanha esse termo, não signifique isso, necessariamente. Na maioria das listas de vícios do N.T. (ver Rom. 1:29 e ss. e Gál. 5:19), os pecados de natureza sexual ocupam lugar de destaque. Os antigos gentios, tal como as gerações modernas, eram perturbados principalmente pelos pecados da carne; por conseguinte, era apenas natural que fossem mais constantemente advertidos os crentes quanto a esse problema. Para os povos gentílicos da antiguidade, a simples fornicação nem era considerada pecaminosa, e o adultério, apesar de ser quase universalmente denunciado, era extremamente comum nas sociedades antigas. O homossexualismo e outros impulsos sexuais pervertidos, também eram muito comuns. O apóstolo Paulo, com forte senso de horror, ataca esse vício em Rom. 1:26,27.

A Metáfora Baseada Na Vida Militar

1. Pedro entendia que todo o crente, se for autêntico, terá de sentir-se como um estrangeiro e peregrino neste mundo. Aqueles que não são peregrinos, dificilmente podem pertencer ao grupo seleto dos eleitos.

2. Todo o verdadeiro crente, também deve ser um soldado. O indivíduo que meramente observa a batalha, que jamais obtem uma vitória no conflito contra o mal, dificilmente pode ser tido como irmão de Cristo.

3. Existem adversários que fazem guerra contra as nossas almas e que ameaçam a nossa salvação. O verdadeiro crente, entretanto, vence a todos eles. (Ver Apo. 2:7,11,17,25; 3:5,12,21). «Aquele que vencer», é a descrição do crente genuíno. Coisa nenhuma foi prometida àqueles que não vencerem. Não existem crentes legítimos, senão aqueles que vencem. Talvez tenham de se sair perdedores em muitas refregas, mas jamais desistem da batalha, e suas vidas são vitoriosas. É isso que o evangelho requer de nós.

«...fazem guerra...» Não nos equivocemos a esse respeito—a alma pode ser danificada e até ser uma das vítimas dessa guerra. O poder do pecado e das forças malignas é perfeitamente real em nosso mundo; e nenhum homem se acha tão elevado e é tão piedoso que esteja livre dos ataques da iniquidade. Assim também, em Efê. 6:11, a metáfora da guerra espiritual é empregada com ênfase sobre a armadura apropriada e necessária, para que possamos resistir aos ataques do inimigo. Pedro parece ter tomado a posição de que a alma pode ser prejudicada ao ponto de vir a perder sua salvação, o seu bem-estar. (Quanto a notas expositivas completas sobre a questão da «segurança do crente», e da «possibilidade de queda», ver Rom. 8:39). A história da humanidade consiste essencialmente na descrição da luta entre as forças do bem e as forças do mal. A lealdade do homem deve ser dada ou a Deus ou às forças adversárias do mal.

«...alma...» No original é usado o termo «psuche», empregado como por Platão, para indicar a porção imaterial do homem, em contraste com a porção física. (Há notas expositivas completas sobre a «alma», em sua origem, natureza e destino, em II Cor. 5:8; e há vários artigos na introdução ao comentário sobre a «alma», salientando sua sobrevivência após a morte biológica. Ver ali sob «Imortalidade»). O apóstolo Paulo prefere usar o termo «pneuma» para referir-se à natureza espiritual do homem. Mas, seja como for, compete-nos abster-nos das concupiscências carnis.

«Aceitemos...» as palavras sobre o resultado da experiência de Davi. Elas nos ensinam a sutileza dessas concupiscências carnis, ao fazerem guerra contra a alma. Levaram Davi ao adultério e ao homicídio (Lumby, *in loc.*).

Vê-se, pois, que as concupiscências carnis podem abater a alma, levando-a ao cativeiro, furtando-lhe sua liberdade espiritual, alienando um homem de Deus, de outros homens, e até mesmo de si mesmo. Essas concupiscências podem banir-nos dos céus, tornando-nos exilados espirituais. Quão pior isso será do que sermos estrangeiros e peregrinos neste plano terrestre!

«Essas são as inimigas da paz, do consolo e do bem-estar espirituais da alma; e por estarem na casa humana, no seu próprio coração, são as piores adversárias que ele tem. Devem ser tratadas como tais (essas concupiscências carnis), sendo repelidas e evitadas, mantendo-se vigilância quanto a elas». (John Gill, *in loc.*). (Este versículo pode ser comparado ao trecho de Rom. 7:23, onde é descrita a luta íntima contra o pecado).

12 τὴν ἀναστροφὴν ὑμῶν ἐν τοῖς ἔθνεσιν ἔχοντες καλὴν, ἵνα, ἐν ᾧ καταλαλοῦσιν ὑμῶν ὡς κακοποιῶν, ἐκ τῶν καλῶν ἔργων ἐποπτεύοντες δοξάσωσιν τὸν θεὸν ἐν ἡμέρᾳ ἐπισκοπῆς.

mundo; e, sim, que os guardes do mal. Eles não são do mundo como também eu não sou». Pedro não aconselhava a seus leitores que fugissem da batalha, mas antes, que, espiritualmente fortalecidos, triunfassem na batalha, exibindo aos outros, agora vencidos pelo pecado, que a vitória é possível. É verdade que os mundanos agora ridicularizam o crente; mas isso também pode ser ultrapassado. Todos os homens devem sentir o que deveria ser a verdadeira humanidade. Hoje os homens podem chamar a religião de ópio do povo. Blastemam em suas objeções à fé. Lembremo-nos, porém, que eles nada são em comparação com o Senhor Jesus Cristo, e não devem servir-nos de modelo. Antes, na qualidade de soldados cristãos, nunca daremos baixa do exército do Senhor, e nem a guerra terminará ao fim de nossa vida terrena. Apesar disso parecer um fato difícil, contudo, oferece uma oportunidade de realmente «fazermos uma diferença» no mundo, devido à nossa vida. Aqueles que cedem à carne e blastemam contra os que resistem à carne, não terão vivido na terra com qualquer



propósito real. Por nosso exemplo, pois, podemos dar sentido a outras vidas, e não apenas às nossas próprias.

...*malfeitores*... Nos tempos de Pedro, os cristãos eram chamados de adúlteros, incestuosos e canibais, principalmente por motivo de rumores, e porque os seus inimigos não entendiam algumas de suas doutrinas. As investigações quanto a essas acusações mostraram-se falsas, conforme nos diz Plínio. Os crentes também foram acusados de sedição e traição. Eram odiados por causa de seus crimes, conforme nos diz Tácito (ver *Anais* xv.44). Suetônio referiu-se ao cristianismo como «essa nova e repelente superstição». (Ver Nero, 16). Em seu zelo por eliminar todas as seitas traiçoeiras, Plínio chegou a torturar as mulheres cristãs; mas finalmente teve os cristãos como meros fanáticos, e não como culpados de qualquer imoralidade ou crime. Várias antigas apologias cristãs foram escritas para refutar as acusações que eram comumente feitas contra os primitivos cristãos.

...*procedimento*... A conduta geral está em foco, tal como em 1 Ped. 1:15, onde há comentários sobre essa palavra. O procedimento do crente deve ser o melhor possível, a fim de rebater em silêncio as acusações que lhe sejam feitas.

...*observando-vos em vossas boas obras*... Aquilo que os outros vêem nos crentes deve ser mais impressionante do que aquilo que ouvem da boca deles. Os estranhos ao evangelho não hão de mudar rápida e prontamente de atitude; mas assim terminarão por fazê-lo, se formos suficientemente fiéis. De qualquer modo, ainda que não mudem de parecer, teremos realizado nosso papel, deixando o resto seguramente nas mãos de Deus. O termo grego aqui usado para «observar», subentende alguém que é uma «testemunha ocular». Aquele que tem uma experiência tem mais vantagem do que aquele que tem apenas um argumento. Portanto, demos a eles uma experiência pessoal que ilustre a genuinidade do cristianismo. Isso vencerá os argumentos do adversário. Na realidade, essa é a força mais poderosa de persuasão. As palavras significam pouquíssimo, a menos que sejam uma demonstração da verdade da doutrina cristã, na vida diária. Isso sabemos distinguir, e sempre pregamos; mas, quando frequentemente o deixamos de observar em nossa experiência diária!

«Quem sabe a quem pode afetar o poder da influência? Certamente que em uma época em que as palavras da comunidade cristã têm ultrapassado além de uma vida exemplar, a própria igreja corre o perigo de que o juízo comece «pela casa de Deus» (ver 1 Ped. 4:17).» (Homrighausen, *in loc.*).

Os iniciados das religiões misteriosas antigas, quando chegavam a um elevado grau, eram admitidos ao círculo mais íntimo, sendo-lhes permitido «observarem» os ritos sagrados, as cerimônias mágicas, os objetos sagrados; e a palavra empregada para indicar essa observação é a mesma utilizada aqui. Talvez Paulo estivesse pensando em outro tipo de «observação», que seria perfeitamente útil para os crentes—uma boa mirada no que Cristo pode fazer por um homem.

...*boas obras*... Os atos de gentileza altruísta, com base em uma santa disposição, estão aqui em foco; isso inclui a pureza da vida diária, conforme o contexto parece exigir. Os de fora verão que Cristo nos tornou pessoas moralmente superiores, e assim deixarão de condenar a fonte de nossa recém-encontrada bondade.

...*glorifiquem a Deus*... Essa glória, atribuída a Deus, não deve ser imaginada como algo dado com relutância e queixumes. Portanto, Pedro deve estar querendo dizer que a observação feita pelos incrédulos, acerca dos crentes, deveria levar os primeiros à conversão genuína. E naturalmente, então louvarão a Deus em suas palavras e em suas ações. Notemos o claro eco das palavras de Jesus, em Mat. 5:16: «Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus». É bem provável, contudo, não haver aqui qualquer alusão direta ao evangelho de Mateus. Esta primeira epístola de Pedro, muito provavelmente, foi escrita antes daquele evangelho. Todavia, foi usada uma declaração de Jesus que, mais tarde, veio a ser incorporada no citado evangelho: tais declarações foram preservadas oralmente ou em forma escrita, e posteriormente foram usadas pelos autores dos evangelhos.

«Pedro cria que o melhor testemunho em favor do cristianismo é uma boa vida cristã: que se caracterize pela santidade de vida, o que vale mais que

## V. OS DEVERES CRISTÃOS (2:11-4:11).

### 2. Os cristãos em relação ao estado (2:13-17).

Quão difícil deve ter sido para Pedro escrever esta passagem! Embora os crentes estivessem sob perseguição, em que muitos morriam, outros eram lançados nas prisões e ainda outros perdiam suas propriedades, Pedro continua a recomendar-lhes que respeitassem o imperador, o seu grande perseguidor, que continuassem a obedecer às leis humanas, «por amor ao Senhor». Ele esperava, de alguma maneira, que a crise presente passaria, e que as agências do governo cumpririam sua obrigação, castigando aos malfeitores, e não os praticantes do bem (ver o décimo quarto versículo). Ele advoga a continuação da vida piedosa, como o melhor meio de silenciar seus fanáticos detratores, que despertavam tanto ódio contra os cristãos (ver o décimo quinto versículo). Eram *homens livres*, mas isso não lhes dava o direito de usarem dessa liberdade para detrimento alheio, de incrédulos ou de irmãos na fé. Portanto, deveriam abrir mão de certas liberdades e direitos, através de total dedicação de alma, tornando-se escravos de Deus (ver o décimo sexto versículo). O caráter cristão requer a honra prestada a todos os homens, como também o temor a Deus, o amor à fraternidade, e até mesmo a honra ao rei, que era o perseguidor e algoz dos crentes. Nisso se demonstraria a natureza exigida de nós por parte de Cristo — em que devemos voltar a outra face ao que já nos aplicou a bofetada. (Ver Mat. 5:39). Quanto a outros estudos, no N.T., sobre as relações entre «o crente e o estado», ver Rom. 13:1 e ss. e Tito 2:1,2).

O estudo apresentado aqui por Pedro, dá prosseguimento ao ensino sobre o *código moral cristão*, no que concerne às suas relações com os de fora e uns com os outros:

1. Suas relações para com os incrédulos em geral, e para com os perseguidores em particular (2:11,12).
2. Suas relações para com o estado (2:13-17).
3. Suas relações para com os escravos (2:18-20).
4. Suas relações para com Cristo, que é o modelo de nossas ações (2:21-25) e o grande exemplo de sofrimento a ser seguido

doze grossos volumes de apologética cristã». (Hunter, *in loc.*).

Notemos também o testemunho de Justino Mártir, o qual explica por que razão ele veio a Cristo: «Quando ouvi dizer do que os cristãos eram acusados, e os vi destemidos ante a morte e ante tudo que se considera temível, fiquei certo que eles não viviam em impiedade e no amor aos prazeres». (*Apologia* 2, xii). «Vimos claramente que o Senhor é contíguo; então dissemos: Haja agora juramento entre nós e ti...» (Gên. 26:28).

...*dia da visitação*... No grego é «episkope», «visitação do poder divino», agradável ou desagradável. No presente contexto, muito provavelmente está em foco a visitação benéfica, e não a iracunda. A raiz dessa palavra significa «inspeção», «exame», e uma de suas outras formas significa «supervisor», «bispo». Assim sendo, o «...dia...», neste caso, é um dia de «exame», quando Deus visitar os homens a fim de inspecionar o que são e o que fazem. Lumby (*in loc.*), combina a idéia de contemplar com a idéia dos cuidados do pastor que guarda suas ovelhas, ao dizer: «Quando Deus olhar para esses desviados, como um pastor contempla suas ovelhas, e tornar-se o supervisor ou bispo de suas almas».

### Do Que Consistirá Esse Dia De Visitação?

1. Alguns estudiosos supõem que Pedro houvesse aqui predito a destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C., a saber, o julgamento divino contra Israel, por haver essa nação repellido o Messias. Mas parece que essa idéia não se ajusta aqui.

2. Outros apresentam uma interpretação muito geral, dizendo: «Trata-se de qualquer período de crise, de qualquer provação». Um período de crise e tribulação, embora desagradável, pode fazer os homens se voltarem para Deus de todo o coração.

3. Ainda em consonância com uma interpretação vaga e geral, essa visitação pode ser concebida como qualquer oportunidade que Deus escolha para convocar os homens a prestarem contas de suas obras, sem importar do que consista exatamente esse evento.

4. Todavia, quase certamente há aqui uma alusão, se não mesmo uma referência direta, ao dia do juízo, que terá início por ocasião da «parousia» (segunda vinda de Cristo). Esse será o dia real e final de visitação. Esse dia terá aspectos positivos e negativos para os homens, dependendo do relacionamento que tiverem para com Deus.

*Visitações divinas para bem ou para mal:* Quanto às visitas para «bem», temos: Gên. 21:1; Sô. 24; Exo. 3:16; 4:31; 1 Sam. 2:21; Jó 7:18; Luc. 1:68,69 e Atos 15:14. Quanto às visitas «más», temos: Jer. 9:24,25; 44:14; 46:25; Sal. 59:6 e Exo. 20:5.

*A diferença estabelecida por Cristo:* Tertuliano contrastou os pagãos com os cristãos, salientando as seguintes diferenças: Os pagãos desfrutavam as cenas de derramamento de sangue, como as dos espetáculos de gladiadores. A igreja cristã proíbe a frequência a tais espetáculos horrendos, com a ameaça de exclusão. Entre os pagãos, muitos deles estavam aprisionados por causa de seus crimes; os cristãos eram aprisionados por causa de sua fé religiosa e de suas convicções espirituais. Os pagãos não permitiam que os escravos participassem de seus cultos religiosos. O cristianismo considerava os escravos cristãos como iguais. Os pagãos abandonavam os seus parentes, ao adoecerem de alguma praga, por temerem contrair a enfermidade. Os cristãos ministravam aos doentes, não se importando com o perigo. Quando os pagãos deixavam seus moribundos nas ruas, após batalhas sangrentas, os cristãos se apressavam por ministrar aos mesmos.

Justino Mártir disse: «Anteriormente nos alegrávamos na fornicação, mas agora nos regozijamos somente com a castidade; antes amávamos e buscávamos bens materiais e dinheiro mais do que qualquer outra coisa, mas agora depositamos tudo no tesouro comum, compartilhando com os que padecem necessidade. Aqueles que antes se odiavam mutuamente, agora amam por seus inimigos, e procuram persuadir aqueles que os odeiam injustamente, vivendo de acordo com Cristo, como participantes da esperança da obtenção da mesma bênção conosco, da parte de Deus, o governante de todos os homens».

Merivale atribui quatro causas principais da eventual conversão do império romano ao cristianismo: 1. As profecias e os milagres cumpridos. 2. O senso de pecado e de necessidade espiritual, por parte dos pagãos. 3. O exemplo santo dos cristãos primitivos. 4. O sucesso temporal final dos cristãos, a despeito de todas as adversidades e oposições.



(3:18-22).

5. Suas responsabilidades matrimoniais (4:1-11). Por toda a parte se percebe a similaridade do que aqui é dito com várias passagens paulinas, como Rom. 13:1 e ss.; Efé. 5:21 - 6:9 e Col. 3:18 - 4:1. É possível que houvesse material didático do qual ambos os escritores sagrados tiraram proveito, o que explica a inclusão de material similar em suas epístolas.

13 Ὑποτάγητε πάσῃ ἀνθρωπίνῃ κτίσει διὰ τὸν κύριον· εἴτε βασιλεῖ ὡς ὑπερέχοντι,

13-14 Ro 13:1-7; Tt 2,1

2:13: *Sujeitai-vos a toda autoridade humana por amor do Senhor, quer ao rei, como soberano,*

O sentimento é o mesmo que aquele expresso na passagem mais elaborada de Rom. 13:1,2. (Consultar também a introdução àquele capítulo quanto a notas expositivas que ilustram o problema da «obediência às autoridades civis», por parte dos crentes, quando há condições sociais que criam problemas para o cumprimento desse dever).

«...toda instituição humana...» Está em foco o governo federal, o estadual e o cidadão. O termo grego aqui usado é «ktisis», que normalmente envolve a idéia de «criação». Neste ponto indica alguma organização com propósitos governamentais, de criação humana. Paulo dá a entender que todas essas instituições têm uma autorização indireta da parte de Deus, porquanto os governos são «ordenados» por Deus. (Ver Rom. 13:1). Nesse particular, porém, Pedro não toca, a não ser, talvez, por inferência.

«...sujeitai-vos...», porquanto estais sendo acusados de traição ao estado, ou, pelo menos, de «traição em potencial», por não quererdes adorar ao imperador como um «deus», e porque prestais lealdade a um outro Rei, Jesus Cristo. O próprio Pedro, pelo menos em uma ocasião, rejeitou sujeitar-se, porquanto—Antes importa obedecer a Deus do que aos homens» (Atos 5:29). Mas aquela foi uma notável exceção à regra, justificada pelas circunstâncias. Pedro não dava instruções acerca de casos «excepcionais», para que não enfraquecesse seu conselho à sujeição. Permite antes que o bom senso dite aos crentes quais preceitos gerais não se aplicam em cada caso.

«...por causa do Senhor...» A palavra «...Senhor...» indica aqui a pessoa de Cristo (ver as notas expositivas sobre esse título, em Rom. 1:4). Às vezes indica a Deus Pai. Mais freqüentemente, porém, nas páginas do N.T., «Senhor» aponta para Jesus, conforme se vê aqui, embora isso seja impossível de ser comprovado. Essa expressão tem recebido várias interpretações legítimas, embora diferentes, a saber: 1. Porque o Senhor determinou esses governos (argumento de Paulo, em Rom. 13:1). 2. Porque a sujeição silenciaria os detratores dos cristãos, que procuravam levantar o ânimo popular contra eles, em consonância com a vontade do Senhor. 3. Porque a vida terrena do Senhor deixou o exemplo de obediência aos governantes civis; e, ao assim fazermos, seguimos o seu exemplo. 4. Porque ao assim agirmos, não desonramos o nome do Senhor, através de qualquer conduta apressada e desordenada. 5. Ou por causa de nossa «profissão de fé cristã», considerada de modo geral, alicerçada sobre o senhorio de Jesus e

14 εἴτε ἡγεμόσιν ὡς δι' αὐτοῦ πεμπομένοις εἰς ἐκδίκησιν κακοποιῶν ἐπαινον δὲ ἀγαθοποιῶν

2:14: *quer aos governadores como por ele enviados para castigo dos malfazeiros, e para levar dos que fazem o bem.*

«...autoridades...enviadas...» No grego é *egemon*, que indica qualquer «príncipe», mas que é termo aqui empregado para designar os governadores das províncias imperiais. Os procuradores, na Judéia, também recebiam esse nome, como no caso de Pôncio Pilatos (ver Josefo, *Antiq.* 18,55; Mat. 27:2; Luc. 20:20). Esse título também foi dado a Félix (ver Atos 23:24,26,33); a Festo (ver Atos 26:30). [Quanto aos governadores imperiais, assim designados, ver *Ael. Aristid.* 50:12 e Josefo, *Antiq.* 15,405; Mat. 10:18; Marc. 13:9 e Luc. 21:12]. Apesar de que Pedro, mais provavelmente, se referiu a esses governantes, naturalmente parece ter incluído a todas as espécies de autoridades, até mesmo os prefeitos das cidades e os oficiais menores, contanto que seu governo seja uma extensão legítima do governo.

O imperador enviava seu delegado; mas o próprio imperador era um delegado do poder divino. Assim também a água é encontrada em muitas formas, nas fontes, nos rios, nos lagos, nos oceanos e no alto das montanhas, na forma de neve. Flui através de diferentes canais ou aquedutos; faz movimentar máquinas inventadas pelos homens, ou se movimenta em lugares criados por Deus. No entanto, sempre é apenas água. Outro tanto sucede ao poder governante. Deus é a fonte originária de toda essa autoridade. Portanto, estamos na obrigação moral de obedecer às autoridades constituídas, observando-lhes as leis justas e contribuindo pessoalmente para o bem-estar da cidade e do estado, sem queixumes.

«...malfazeiros...» No grego, «os que praticam o mal», ou «maldosamente», aqueles que fazem coisas prejudiciais, atos criminosos. O imperador envia seus delegados a fim de manterem a lei e a ordem. Estes têm duas funções: punir o mal e recompensar o bem. Sobre essa base é que toda a sociedade está estabelecida; e quando essas funções se esborçam, o caos anda perto. Os crentes não deveriam aumentar ainda mais o caos, que leva ao desastre eventual. Portanto, o crente deveria cooperar plenamente com as leis da cidade, do estado e da nação.

«...praticam o bem...» Aqueles atarefados na «prática do bem», particularmente, por cuidarem de seus próprios negócios e obedecendo pacificamente às leis, ou publicamente, fazendo o bem positivo,

15 ὅτι οὕτως ἐστὶν τὸ θέλημα τοῦ θεοῦ, ἀγαθοποιῶντας φιμοῦν τὴν τῶν ἀφρόνων ἀνθρώπων ἀγνοσίαν

15 d d no 101556 TR Boy Nee Bp AV RV ASV RSV NRB TT Zür Juth Jer Bea f d Jativa, d parens: WH

15 ἀγαθοποιῶντας...ἀγνοσίαν 1 Pe 3,16

2:15: *Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo o bem, façais esquecer a ignorância dos homens insensatos.*

É isso foi o que sucedeu no caso de Plínio, o qual perseguiu pessoalmente

sobre a lealdade a ele. Não devemos lançar a fé cristã no opróbrio por causa de uma conduta desordenada.

«...quer seja ao rei, como soberano...» A obediência cristã deve incluir até mesmo o respeito pelo rei perseguidor e blasfemo, e não apenas aos governantes locais mais agradáveis. É provável que o imperador da época fosse Nero! Esse foi o executor assassino de Paulo e de Pedro. Que homem, a quem prestar lealdade! Até mesmo os dicionários e as enciclopédias seculares reputam-no indivíduo notório pela sua crueldade e bestialidade. Por isso mesmo, em nosso idioma moderno, um «Nero» indica um homem «cruel», «depravado», e «despótico».

Se Nero era mesmo o imperador que os crentes tinham de obedecer, é algo que levanta de novo a antiga questão que indaga até onde deve ir a obediência cristã. É óbvio que o próprio Pedro não levou isso a uma dimensão ridícula, porquanto desafiou Nero e resistiu à sua crueldade e iniquidade; porquanto se opôs à fé cristã, até que isso lhe custou a vida; e Paulo agiu por igual modo. A igreja cristã nunca se esquecerá da lição dada pela época de Hitler, na Alemanha, quando os seus abusos deixaram de ser censurados pela igreja, por muito tempo, até que isso não fizesse mais qualquer diferença.

Pedro confiava que os crentes perceberiam quando não deveriam obedecer, estando envolvida alguma questão espiritual. Contudo, abandonou totalmente a antiga idéia judaica de que nenhum rei merecia obediência, a não ser que fosse judeu também. Eles ensinavam que obedecer a um rei pagão, não-judeu, era uma afronta a Deus, sobretudo se esse rei tivesse usurpado a terra do povo de Deus. Foi essa a atitude que lançou a nação de Israel em tantas dificuldades, ao tempo da ocupação romana na Palestina. Muitos se recusavam a prestar qualquer lealdade ao rei. Isso é ilustrado na questão da legitimidade do pagamento de impostos, por parte dos judeus. (Ver a história a respeito em Mat. 22:20 e seu contexto). O próprio Senhor Jesus pagou impostos, embora não sem algum pequeno protesto. (Ver Mat. 17:25-27). O cristianismo via a obediência como algo não somente legítimo, mas também necessário. Isso deveria ter ajudado o cristianismo a ser melhor recebido no império romano, mas não foi isso que sucedeu, infelizmente.

«...como soberano...» Por ser ele a autoridade civil suprema, como chefe do estado. Em última análise, além disso, sua autoridade lhe fora conferida pelo Senhor Deus. O imperador devia ser obedecido não como um indivíduo qualquer, mas porque o governo humano lhe fora entregue.

promovendo o bem-estar da sociedade em que vivem; conservando o ofício público, ocupando-se de obras benéficas, que ajudem a outros. Tais pessoas receberam o seu «louvor» e recompensa da parte dos governantes: serão reconhecidas como pessoas de bem, longe de serem injustamente castigadas por motivo de suas convicções religiosas. Essa era a confiança de Pedro, embora isso não se tenha cumprido plenamente na experiência da igreja cristã primitiva; mas, pelo menos, a igreja estava debaixo da obrigação de fazer tudo quanto pudesse para não entrar em antagonismo com o estado a ela hostil.

Essas palavras de Pedro, acerca das funções dos governantes de castigarem os maus e de galardarem os bons, são muito similares às de Paulo, em Rom. 13:3,4, ali o argumento é um tanto mais elaborado. Paulo chama esses governantes de «servos» de Deus, o que Pedro deixa entendido, embora não diga diretamente. Para Pedro, Deus é o Rei; mas governa através de leis. Para Paulo, os governantes são representantes de Deus, pelo que são merecedores de elevado respeito. Bigg (*in loc.*) vê uma mentalidade «constitucional» em Pedro, devido à sua ênfase sobre a lei. Em Paulo ele vê uma mentalidade «imperialista», pois, para o apóstolo dos gentios, assim como Deus é o soberano sobre todos, assim também César tinha soberania política, por delegação divina.

O estado, no dizer de Pedro, não deve apenas controlar o mal por intermédio de punições; mas também deve promover ativamente o bem, mediante louvor e recompensa. Os crentes deveriam cooperar com ambas essas funções.

«A verdadeira religião é o maior sustentáculo do governo civil; requer submissão por amor ao Senhor e por causa da consciência própria.» (Matthew Henry, *in loc.*)

Nunca houve uma tirania (e nem pode ser imaginada), por mais cruel que fosse, e por mais descontrolada, em que não aparecesse alguma parcela de equidade: outrossim, certos tipos de governo, embora deformados e corrompidos, ainda são melhores e mais benéficos do que a anarquia». (Calvino, *in loc.*, apoiando a obediência, até mesmo a um mau governo. Isso não nega o direito de mudança, contanto que tudo seja feito legalmente, e através de meios razoáveis).

à igreja cristã. Até mesmo mulheres foram por ele torturadas, o que, finalmente, revelou-lhe o que provavelmente ele não esperava: «Descobri



ncles tão-somente uma perversa e extravagante superstição». (*Cartas ao imperador Trajano*). Não havia entre os cristãos primitivos nem imoralidade, nem canibalismo, nem traição, conforme Plínio pensara. A conduta dos cristãos, sob as mais horrendas pressões, convenceram-no disso. Pedro tinha a confiança que a boa conduta, se mantida por tempo suficientemente longo, mitigaria as perseguições. (Ver I Ped. 3:13). Essa era uma confiança mui razoável; mas, as coisas não aconteceram desse modo. As perseguições perduraram até Constantino, na primeira porção do século IV D.C.

«...vontade de Deus...» Neste particular, essas palavras indicam que, mediante a boa conduta, eventualmente os crentes fariam silenciar os seus detratadores. Essa boa conduta necessariamente incluía a submissão aos governantes e às leis, segundo nos mostra o contexto inteiro. De outro modo, segundo as próprias definições de Pedro, dificilmente poderiam ser considerados os crentes como quem «pratica o bem». Antes, seriam rebeldes ao estado; e isso certamente só pioraria sua condição.

«...prática do bem...» 1. Mediante a submissão às leis civis e aos governantes do estado. 2. Mediante a prática positiva dos deveres civis, para benefício do estado. 3. Mediante a prática geral da fé cristã e suas leis de amor. A persistência no bem conquistaria, eventualmente, os homens, para a fé cristã.

«...emudecer...» No grego é «*phomoo*», que literalmente significa «amordacar», «amarrar», «fechar» a boca, de modo a não poder esta emitir qualquer som. Por extensão da metáfora, significa «silenciar». A escolha desse vocábulo, que também traz à memória animais ferozes, provavelmente foi consciente e deliberada. Mostra-nos, incidentalmente, que Pedro pensava sobre as «feras» que tinham feito do cristianismo a sua vítima, para ataques incansáveis. Ele as vê conforme elas eram.

«...a ignorância...» Quão esquisitas devem ter soado para os cristãos algumas das acusações contra eles assacadas! Eram chamados «canibais» porque participavam do rito da Ceia do Senhor. Eram apodados de «adúlteros», porque se amavam; eram reputados «traidores» porque davam lealdade primária ao grande Rei. As acusações lançadas contra eles se baseavam em rumores e falta de entendimento. Seus acusadores não faziam o menor esforço para se informarem melhor: as perseguições eram cegas e

16 ὡς ἐλεύθεροι, καὶ μὴ ὡς ἐπικάλυμμα ἔχοντες τῆς κακίας τὴν ἐλευθερίαν, ἀλλ' ὡς θεοῦ δοῦλοι.

16 μὴ...ἐλευθερίαν (1a.5.13)

2:16: como livres, e não tendo a liberdade como capa da malícia, mas como servos de Deus.

«...livres...» Aos cristãos se ensinava que eles estavam «livres» da legislação mosaica, livres do pecado, porquanto eram verdadeiros homens libertos. Essa doutrina, porém, ficou sujeita a vários abusos. No décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos, vemos que, para alguns, a doutrina da liberdade cristã era transformada em licença para o desrespeito às sensibilidade alheias, no tocante às exigências cerimoniais da lei, prejudicando-os em sua inquirição espiritual. O oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios enfoca o mesmo problema. No trecho de II Tim. 3:6 (e seu contexto) é aludido um abuso ainda mais sério contra a «liberdade cristã». Formas primitivas de gnosticismo tinham invadido a igreja, e vários representantes do gnosticismo criam que pouco importava o que fazemos com nossos corpos, caindo então em muitas formas de excesso corporal, como práticas sexuais exageradas, bebidas alcoólicas, gula, etc., como se isso em nada prejudicasse à alma. E chegavam até mesmo a reputar esses excessos como benéficos, porquanto cooperavam com o desígnio do «cosmos», que seria o de destruir todas as coisas físicas, porquanto na matéria é que estaria a sede do pecado. Esses pseudocristãos, pois, praticavam muitas formas de imoralidade, parcialmente, pelo menos, sob o disfarce da «liberdade cristã», conforme entendiam as coisas. Por isso é que vemos aqui que Pedro suspeitava que alguns cristãos, que se reputavam «livres», cidadãos dos céus e não da terra, recusavam-se a prestar obediência a qualquer autoridade terrena.

A comunidade judaica já dera o precedente a esse desrespeito pelas autoridades civis, de tal modo que os elementos políticos mais radicais que entre eles havia, não havia qualquer respeito por autoridades não-judaicas; e pensavam que assim prestavam um serviço a Deus. Durante a Segunda Guerra Mundial, lembro-me que alguns crentes norte-americanos costumavam enganar outros na questão dos produtos racionados, adquirindo, ilegalmente, os selos necessários para adquirir tais itens. E isso incluía certos alimentos, gasolina, etc. A desculpa que davam para isso é que, na qualidade de cidadãos dos céus, não precisavam observar as leis terrenas com grande exatidão. Desse modo, juntamente com seus antigos amigos, eles zombavam das autoridades delegadas por Deus. Imagino que o abuso mais característico entre os modernos evangélicos, no tocante à obediência à lei, consiste em ludibriar no que concerne ao imposto de renda. Quantos são honestos nas deduções apresentadas? Quantos ocultam fontes de renda, não querendo noticiá-las? Nos Estados Unidos da América, quase cada crente afirma uma dedução de dez por cento como «*donativos à igreja*», o que é permissível por lei. Porém, pouquíssimos realmente fazem tais contribuições, pois, se estas realmente fossem feitas, as igrejas seriam ricas.

«...pretexto...» No grego é usado o termo «*epikalumma*», uma «cobertura», um «véu», uma «desculpa» para ocultar a verdadeira natureza de qualquer coisa. Portanto, o «pretexto» para a prática do mal. A liberdade cristã, pois, vinha sendo usada para «encobrir» a natureza real de certos atos, como se seus praticantes se encapuzassem, para esconder sua

17 πάντας τιμῆσατε, τὴν ἀδελφότητα ἀγαπᾶτε, τὸν θεὸν φοβεῖσθε, τὸν βασιλέα τιμᾶτε.

17 πάντας τιμῆσατε Ro 12.10 τὸν θεόν...τιμᾶτε Pt 24.21

2:17: Honrai a todos. Amai aos irmãos. Temei a Deus. Honrai ao rei.

maliciosas, o que geralmente é o caso, sempre que se praticam ações depravadas. O termo grego «*agnosia*», aqui traduzido por «ignorância», algumas vezes indica o tipo de ignorância que se origina da falta de contacto ou de familiaridade, embora também indicasse, algumas vezes, «falta de entendimento» daquilo que deveria ser conhecido. Ambos esses tipos de ignorância eram evidentes, nas perseguições movidas contra o cristianismo primitivo. Em certo sentido, espiritual, isso indicava «falta de entendimento espiritual»; e não há que duvidar que Pedro também deve ter subentendido isso. Na opinião de Hart (*in loc.*): «Implica a falta de discernimento, um ponto de vista determinado pelas aparências externas». Ou, segundo afirma Faucett (*in loc.*): «Não possuindo o conhecimento de Deus, eles, os perseguidores, entendiam erroneamente as ações de seus filhos».

«...insensatos...» No grego é «*apron*», «ignorante», «tolo», «sem bom senso», deficiente nas faculdades mentais. A escolha das palavras, pelo autor sagrado, mostra o fogo de indignação que nele havia, por motivo das insensatas perseguições que tinham causado tantos sofrimentos. Contudo, ele exortava aos crentes para que exercessem restrição, esperando modificar aquelas feras perseguidoras pela vida correta que levavam. Aqueles homens, sem «bom senso», são os mesmos referidos no décimo segundo versículo, os detratadores dos crentes.

«Essa ignorância se originava na corrupção do coração; e, por sua vez, influenciava o mesmo (ver I Ped. 2:12; I Cor. 15:34 e João 16:3). Era assinalada por vários graus de culpa. Paulo contrasta o conhecimento da vontade divina com esse estado de ignorância (ver Efé. 5:17). Por serem eles cegos para com as realidades divinas, eram incapazes de compreender a maneira da conduta dos cristãos». (Lange, *in loc.*)

Grande parte da dificuldade, conforme este versículo dá a entender, era de natureza «política». Em outras palavras, os cristãos eram suspeitos de traição, porque falavam da lealdade a Jesus como seu Rei. Plínio disse distintamente, em sua carta a Trajano, que ele começou uma investigação sobre a sociedade cristã, em consequência da ordem baixada por Trajano contra as organizações políticas suspeitas.

«Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem» (Rom. 12:21). A exortação geral de Pedro corresponde a essa recomendação de Paulo. Tal método mais facilmente obteria resultados do que uma atitude rebelde.

malignidade.

«A idéia é a do uso da liberdade cristã como máscara para a licenciosidade ímpia... Quanto a esse sentimento, comparar com Gál. 5:13». (Vincent, *in loc.*) O oposto desse tipo de conduta é aquele motivado pelo amor cristão, o que também é salientado em Gál. 5:13.

«...malícia...» No grego é «*kakia*», palavra bem geral para indicar toda a forma de maldade, vício, iniquidade, tribulação e infortúnio. De muitas maneiras um homem pode deixar de observar leis humanas, desafiando assim às autoridades, secreta ou publicamente. O crente, com efeito, pode chegar a culpar a Deus por suas ações, dizendo que a liberdade cristã é que lhe dá tal direito.

«...servos de Deus...» Melhor seria a tradução «escravos de Deus». O vocábulo «servo» não tem a força tencionada pelo autor sagrado. Um escravo não tinha vida e nem vontade próprias. Era apenas uma extensão da vida de seu senhor. Não tinha direitos perante a lei, pois era apenas uma propriedade. Podia até mesmo ser torturado ou morto por capricho de seu senhor, sem qualquer proteção perante as leis. Ser alguém um «escravo» de Deus é estar em total submissão a ele, e parte dessa sujeição deve ser manifestada mediante a submissão aos governantes terrenos, já que estes são representantes de Deus, exercendo sua autoridade por delegação divina. Portanto, longe de serem «livres» para desobedecer aos governantes terrenos, os crentes estão sob a obrigação moral de obedecê-los, até mesmo «servilmente», exceto quando questões de consciência religiosa entrem em cena.

A guisa de advertência geral: Como aplicação a todas as situações da vida, este versículo ensina que a emancipação em Cristo não significa que podemos desconsiderar as leis morais. A lei do Espírito, que governa os crentes, obriga-nos a duplicar em nós mesmos a moralidade e a santidade do próprio Cristo. Assim fazendo é que nos tornamos verdadeiramente livres, pois o princípio do pecado é um princípio que envolve a relação «escravo-senhor».

Menandro, utilizando-se do termo do presente versículo, que pode ser traduzido por «cobertura» ou «pretexto», disse: «As riquezas são uma cobertura para muitas coisas más» (*Boenitia*). Para os crentes, o conceito de «liberdade» pode participar dessa função. Aqueles que estão sujeitos a muitos vícios prejudiciais gostam de defender-se, salientando que têm o «direito» ou a «liberdade» de agir conforme bem entendam. Quantas atrocidades, assassinatos, matanças e ações desumanas e radicais têm sido cometidos por indivíduos que supostamente defendiam a «liberdade» com os seus excessos!

«Servir a Deus, conforme disse Agostinho, é a mais elevada das liberdades. Aquilo que era esperado de Israel como uma nação (a qual é com frequência intitulada o «servo» de Deus; ver Isa. 44:1,21; 48:20 e Jer. 30:10), é também o que Jesus, em sentido particular (sendo o que Pedro chama preferencialmente a Cristo; ver Atos 3:13,26 e 4:27,30), deveria ser percebido em cada crente do Novo Testamento». (Lange, *in loc.*)

Este versículo, com seus quatro mandamentos, torna-se um lema para o crente que quiser ser bom cidadão e bom membro da igreja de Cristo. A



verdadeira liberdade cristã nos livra dos excessos, da rebelião e das ações dúbias.

«...com honra...» Visto ser uma criatura de Deus, o homem merece ser tratado com certa honra, ainda que certos homens, como é natural, sejam mais honrados do que outros. Um homem honrará sua esposa mais do que a um vizinho ou a um estranho; dará uma deferência diferente a seu empregador do que ao presidente da república; honrará um homem piedoso diferentemente de um ímprobo. Mas honrará a todos por amor a Cristo, a fim de que, de todas as maneiras, possa conquistar a alguns para a causa de Cristo. Pedro ensina-nos que os governantes são merecedores de honra. Neste caso particular, ele quer dizer que devemos honrar as autoridades através da obediência à lei, bem como através da promoção ativa e positiva do bem-estar coletivo, conforme nos mostra o décimo quarto versículo deste capítulo. «Respeitai a cada homem como criatura também, como alguém que pode participar convosco da vida eterna; portanto, estai preparados para dar a cada um o socorro que estiver ao vosso alcance». (Adam Clarke, *in loc.*).

O trecho de Rom. 13:7 é similar em sentimento ao mandamento presente, e é ainda mais elaborado, conforme é típico daquela passagem em geral, que aborda a mesma questão. «Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra».

«...amai aos irmãos...» Essa é a lei de Cristo, totalmente comentada em João 14:21 e 15:10, com poemas ilustrativos. O amor ultrapassa às honras, devendo ser particularmente dirigido aos irmãos na fé, embora o crente seja obrigado a amar a todos os homens, isto é, interessar-se por eles, agindo de modo altruísta para com eles, conduzindo suas almas a Cristo, tal como Deus amou «ao mundo» (ver João 3:16). (Ver o amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito», em Gál. 5:22). Portanto, o amor é um produto do desenvolvimento espiritual. É a participação na natureza moral de Cristo, em que sua natureza é infundida em nós, mediante o que somos espiritualizados. Comparar isso com a ordem de I Ped. 1:22, «...amai-vos de coração uns aos outros ardentemente...» O amor é a raiz de todas as outras virtudes ou atributos espirituais, bem como o guia para o uso dos dons espirituais. (Ver o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios). As notas expositivas sobre o «amor», neste ponto, são propositalmente breves, porquanto notas expositivas mais longas aparecem nos trechos mencionados.

«...temei a Deus...» A combinação do temor a Deus e do temor ao rei é a mesma encontrada em Pro. 24:21, que diz: «Teme ao Senhor, filho meu, e ao rei, e não te associes com os revoltosos». A reverência santa é aqui aconselhada. «O temor do Senhor é o princípio da sabedoria...» (Pro. 9:10). É isso porque leva-nos a odiar ao pecado e evitá-lo, buscando a retidão.

«O mero medo de Deus faz os homens tremerem diante dele como escravos; o mero amor sentimental para com Deus torna os homens descurados e irresponsáveis. Calvino observou que alguns homens 'sentem

somente o temor forçado e servil arrancado pelo juízo divino... os ímpios... sabendo que ele (Deus) está armado do poder de vingar-se... tremem em desmaio, ao ouvirem de sua ira'. (*Institutas da Religião Cristã*, livro III, cap. 2, secção 27, 1.63 e 2:127). O temor servil se alicerça sobre o conceito errôneo de Deus, e é desastroso. Somente a fé iluminada, no Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, dá a um homem uma autêntica perspectiva sobre si mesmo, uma verdadeira atitude para com Deus, e um incentivo dinâmico para levar uma vida santa. Clemente de Alexandria considerava o temor de Deus como a atitude de uma criança para com seu pai, ou de uma cidadã para com um bom magistrado (*The Instructor* 1.9). (Homrighausen, *in loc.*). Este versículo pode ser comparado ao trecho de I Ped. 1:17, onde vemos o «temor» como o elemento que deverá governar esta nossa peregrinação terrestre. O temor a Deus causa a submissão aos governantes terrenos, pois essa é a sua vontade. Aqueles que o temem, cumprirão a sua vontade. (Quanto ao tema geral do «temor de Deus», que deve incluir mais do que o respeito reverente, pois também envolve o senso de temor genuíno perante a sua majestade e igualmente o temor que confia em sua bondade, e não meramente estremece diante do seu poder. Ver Atos 13:16; Rom. 3:18; I Cor. 7:1; Efê. 5:21 e Heb. 12:28).

*Referências e idéias. O temor dos santos:* 1. Deus é o objeto desse temor (ver Isa. 8:13). 2. Ele é o seu autor (ver Jer. 32:39,40). 3. Consiste do ódio contra o mal (ver Pro. 8:13). 4. Consiste da sabedoria (ver Sal. 111:10). 5. É um tesouro para os santos (ver Pro. 15:16). 6. É uma fonte de vida (ver Pro. 14:27). 7. É santificador (ver Sal. 19:7-9). 8. É algo filial e reverente (ver Heb. 12:9,28).

«...honrai ao rei...» O temor a Deus nos leva a honrar ao rei. A honra ao rei é demonstrada pela obediência a ele, conforme temos no décimo terceiro versículo. A ordem final de honrarmos ao rei é o clímax e o sumário do argumento anterior, iniciado no décimo terceiro versículo. A atitude rebelde de Israel para com Roma criava em alguns gentios, mesmo ao se tornarem crentes, e ao terem contacto com os judeus e com a cultura judaica, a mesma atitude. Nada há de «cristão» na rebeldia, insiste Pedro. Antes, honremos ao rei pela submissão a ele. Não provoquemos qualquer perseguição desnecessária, pois a situação já é suficientemente má. «Pessoas verdadeiramente religiosas nunca se encontram nas sedições. Os hipócritas podem unir-se a qualquer classe dos obreiros da iniquidade, dizendo: 'Salve, irmãos!'» (Adam Clarke, *in loc.*).

«...Temei a Deus, honrai aos pais, reverenciad os amigos e obedecei às leis...» (Isócrates. *Paraen. ad Demon. Orat.* 1).

Os verbos no imperativo. O primeiro desses verbos, «honrai», está no aoristo, assinalando-o, de imediato, como algo que envolve o princípio geral, a mentalidade permanente. Os outros verbos estão todos no presente, enfatizando a necessidade de amor contínuo, de temor e honra; e tudo baseado sobre a mentalidade permanente de «honrar a quem é devida a honra», que aparece no primeiro verbo.

## V. OS DEVERES CRISTÃOS (2:11- 4:11)

### 3. Os deveres dos escravos (2:18-20).

A escravidão era um problema profundo que vexava a igreja primitiva, o que fica demonstrado pelo grande espaço dado à questão, no N.T. (Ver Efê. 6:5-7; Col. 3:22-25; I Tim. 6:1,2 e Tito 2:9,10). O livro de Filemom foi escrito a fim de moderar o tratamento que um senhor cristão daria a seu escravo fugido, após a volta deste. Na introdução àquele livro, secção V, o problema inteiro da relação entre o «cristianismo» e a «servidão» é examinado. Essas notas podem ser suplementadas pela leitura das introduções a cada uma das secções das Escrituras acima mencionadas. Na presente secção, o estudo é breve, porquanto o leitor interessado poderá consultar as notas mencionadas e que iluminam e ilustram a questão inteira.

Ficamos naturalmente desapontados ante certos aspectos do tratamento dado pelo cristianismo primitivo a essa instituição social extremamente má. Ninguém poderia esperar que o cristianismo tentasse eliminar a escravatura do império romano. Isso seria desastroso, além de ser uma tarefa impossível. Contudo, no seio da própria igreja os crentes poderiam ser proibidos de terem escravos, de terem outros homens como sua propriedade, o que é obviamente contrário à lei do amor, propagada pelo cristianismo. Contudo, pode-se dizer que a igreja primitiva modificou essa instituição de vários modos importantes:

1. Insuflou na mesma a lei do amor, o que forçou a modificação do tratamento dado aos escravos.
2. Conferiu aos escravos o senso de valia pessoal, liberando-os em espírito, se não em corpo.
3. Tornou os escravos elementos do mesmo nível, na igreja, paralelamente a seus próprios senhores, embora não os tenha libertado fora da esfera espiritual. Em outras religiões antigas, os escravos não podiam nem ao menos participar do «culto».
4. O cristianismo trouxe a lei do amor, que eventualmente destruiu a servidão, embora isso tivesse exigido longo tempo.
5. O cristianismo elevou o nível moral dos escravos, devido à sua submissão forçada; em muitos casos isso sucedeu como que a uma classe, porque os escravos tinham-se tornado pouco melhores que os animais irracionais em sua atitude e em seus hábitos morais.
6. O cristianismo elevou imensamente a avaliação do trabalho feito pelos escravos, porquanto agora tal serviço passou a ser visto como um serviço prestado a Deus.
7. Além disso, o cristianismo prometeu aos escravos um galardão eventual, a vida eterna, em troca do serviço fiel, sendo, portanto, um galardão igual ao de qualquer outro crente. (Ver Col. 3:24).

Até onde estão envolvidas as exortações do cristianismo, o que é recompensada é a obediência, e não a rebeldia. Aos escravos se recomenda que suportem com paciência toda a sua carga, como se uma missão divina lhes tivesse sido dada; porque, em qualquer condição social, os homens podem aprender a servir a Deus, e suas circunstâncias sociais são organizadas por Deus como meios para discipliná-los e ensiná-los.

É possível que uma das razões por que o cristianismo não tentou abolir a instituição da escravatura se origine do fato que a maioria dos cristãos primitivos esperava a volta de Cristo em seu próprio período de vida. Por conseguinte, a necessidade urgente não era a revolução social, e, sim, o evangelismo. (Ver I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15 quanto à expectativa da igreja sobre a volta iminente de Jesus Cristo). Portanto, cabia obedecer fielmente aos senhores de escravos, até mesmo aos malignos, porquanto o retorno do Senhor em breve alteraria o estado de coisas.

Aplicação moderna dos textos sobre a escravidão.

1. Há formas modernas de servidão, nas instituições sociais. Os homens fazem de outros homens seus escravos



econômicos. O cristianismo aplica a isso a lei do amor. Tende por levar os homens a se mostrarem justos no trato a seus semelhantes. Quantas mulheres crentes reduzem suas criadas a pouco mais que escravas, exigindo trabalho longo e árduo, em troca de um salário ridiculamente pequeno, simplesmente porque as mulheres de classes mais baixas não têm meios para se educarem melhor, devendo ganhar a duras penas o dinheiro que lhes é pago.

2. As relações entre empregadores e empregados, bem como os deveres de uns e de outros, são elementos dos textos sobre os escravos. Os empregadores devem ser generosos; os empregados devem ser honestos e zelosos no seu trabalho, merecendo assim a generosidade. A relação inteira entre eles deveria basear-se sobre o respeito mútuo e a ajuda mútua, compreendendo que todos os homens têm um Senhor nos céus, a quem terão de prestar contas.

3. Os crentes, no seu trabalho e na sociedade em geral, descobrem muita coisa que não pode ser imediatamente modificada, e que lhes parecem abusos. Os crentes, pois, devem ajustar-se o melhor possível a tal situação; se porventura se mostrarem ativos na busca pela alteração das circunstâncias, deveriam fazê-lo através de meios legais e não violentos, para que não se tornem piores criminosos do que aqueles que estão combatendo.

18 Οἱ οἰκέται ὑποτασσόμενοι ἐν παντί φόβῳ τοῖς δεσπόταις, οὐ μόνον τοῖς ἀγαθοῖς καὶ ἐπιεικέσιν ἀλλὰ καὶ τοῖς σκολιοῖς.

18 Oí...despótai Eph 6:5; Ti

2:18: Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor aos vossos senhores, não somente aos bons e moderados, mas também aos maus.

...Servos... Melhor ainda, «escravos», alguém totalmente sujeito a outrem, sem direitos próprios. O trecho de Rom. 1:1 usa a palavra grega mais empregada, «*doulos*», em sentido metafórico; e na seção V da introdução à epístola a Filemom há uma descrição sobre a natureza da antiga escravidão. O vocábulo grego aqui usado não é «*doulos*», mas «*oiketai*», isto é, «domésticos», que pode indicar qualquer membro da família, livre ou servil; mas, como é óbvio, neste caso aponta aos escravos. Talvez o uso da palavra seja um eufemismo, ou talvez Pedro tentasse dar aos escravos uma importância reconhecida na casa, elevando sua coragem moral desse modo.

...submissão... (Ver Ef. 6:5; Col. 3:22 e Tito 2:9, que comentam a mesma coisa). A obediência e a submissão são os principais deveres dos escravos. Aristóteles argumentava que alguns homens nascem para ser escravos, e muitos judeus e mesmo cristãos têm compartilhado dessa atitude. Pelo menos, podemos dizer que é a vontade de Deus que cada homem, em suas circunstâncias peculiares, devem ver isso como condição de sua missão, devendo conduzir segundo essas linhas a sua inquirição espiritual. A rebeldia contra os senhores não torna os escravos cristãos mais piedosos, e nem seus alvos espirituais serão obtidos dessa maneira. Devemos usar as circunstâncias para a glória de Deus. Apesar de que talvez nunca fiquemos satisfeitos com a porção que nos cabe, devemos ser suficientemente inteligentes, espiritualmente falando, para usar nossa situação para o bem, não permitindo que sejamos destruídos por isso.

...não somente aos bons... No grego é «*agathos*», termo geral que significa «bom», e que, neste ponto, provavelmente aponta para aqueles senhores de escravos que não maltratavam severamente aos mesmos, mostrando-se generosos em suas recompensas, e que não exigiam dos mesmos longas e cansativas horas de trabalho.

...cordatos... No grego é «*epieikēs*», que significa, principalmente, «complacente», e, portanto, gentil, dotado de espírito condescendente. Seu cognato verbal é «*eikos*», que significa «ceder», «ceder lugar a», «submeter-se». É um mestre de coração compassivo aquele que retira o escravo da escravidão.

...perversos... No grego é usado o termo «*skolios*», que essencialmente significa «torto». Figuradamente, pois, indica alguém «distorcido», «pervertido», «desonesto», «sem escrúpulos», «injusto». Esse é o indivíduo que paga pouco e exige muito, e nunca é agradecido pelo benefício que lhe é feito. Crítica a tudo quanto é feito e que degrada aqueles sobre os quais exerce controle. Ele se «desvia» do correto tratamento que deve ser dado a seus semelhantes. E um escravo, dotado de um senhor pervertido, diria: «É justo furtar daquele que me dá tão pouco. Mereço aquilo que furto. É meu

19 τοῦτο γὰρ χάρις εἰ διὰ συνείδησιν θεοῦ ὑποφέρει τις λύπας πᾶσιν ἀδίκως.

19 charis] add para τῷ θεῷ C (33) 614 al 19<sup>b</sup> [θεοῦ] αγαθὴν C 614 al 19: θεοῦ αγ. A\*Ψ 33

A dificuldade de interpretar a expressão διὰ συνείδησιν θεοῦ, uma colocação que ocorre somente aqui em todo o N.T., impulsionou copistas a introduzirem uma ou outra suavização. De conformidade com Atos 23:1 e I Tim. 1:5,19, alguns testemunhos (C 94 206 322 323 424 (c) 614 915 1175 1518 1739 2298 sir (p,h)) substituem θεοῦ por ἀγαθὴν. Em outros testemunhos, as duas formas são mescladas, produzindo θεοῦ ἀγαθὴν (A\* Ψ 33) e ἀγαθὴν θεοῦ (P (72) 81). A forma θεοῦ é fortemente apoiada por N A (2) B K L P maioria dos minúsculos vg cop (sa,bo) et João Damasceno.

2:19: Porque isto é agradável, que alguém, por causa da consciência para com Deus, suporte tristezas, podendo injustamente.

Pedro deixa entendido que grande parte da miséria sofrida por um escravo se origina de sua rebeldia e de seu serviço malffeito; portanto, tal miséria é merecida (ver os versículos dezenove e vinte deste capítulo). Assim acontece com todos nós, neste mundo. O sofrimento é recomendável quando passado devido a alguma boa causa, em prol da justiça, incorrido na defesa do direito e do bem; mas de modo algum será recomendável o sofrimento se for provocado por nossas ações perversas. O escravo que é punido pelo seu senhor, por opor-se ao paganismo, pode ficar esperando a retribuição divina. Porém, um escravo que fosse espancado por ter furtado algo ou por ser preguiçoso, quem o louvaria? Mas, se se recusasse a queimar incenso a Zeus, e o seu senhor o punisse por isso, então seria um caso diferente, que somente a sua consciência poderia determinar.

Este versículo envolve várias dificuldades, que passam a ser comentadas:

...grato... No grego é usado o vocábulo «*charis*», palavra que normalmente significa graça. Também pode significar «favor», um meio de receber o galardão temporal ou o galardão espiritual. Ou então pode-se pensar em ser aprovado por Deus, e, secundariamente, na maneira do

direito não servir com grande diligência, pois não obtenho qualquer recompensa por aquilo que faço. Também tenho o direito de agir com temperamento violento, porquanto estou devolvendo a meu senhor aquilo que ele me tem dado». Todas essas atitudes podem ser vistas, até hoje, nas relações entre os empregados e seus empregadores.

Os princípios cristãos tiram todas essas questões da mentalidade estritamente legal, que diz «olho por olho, dente por dente». Ao invés disso, instaura o respeito mútuo, a honra e o amor, quando o ideal cristão é realmente seguido, ainda que isso seja raro.

...com todo o temor... No grego é «*phobos*», palavra comum para indicar «medo», «temor», em grego. Alguns tradutores preferem «respeito», e não «temor», porquanto temer a Deus lhes parece algo como «terror». Não há aqui qualquer idéia de «temor ao castigo», embora isso, sem dúvida alguma, fosse um lado prático aos escravos. É óbvio que Pedro visse esse temor aos senhores como uma extensão do temor a Deus (ver as notas expositivas quanto ao décimo sétimo versículo), porquanto em tudo aquilo que fazemos, servimos a Deus, se o fazemos consiente e honestamente. (Ver o trecho de I Ped. 3:22, onde o serviço honesto e a obediência aos senhores é ordenado como que no «temor a Deus»; e ver I Ped. 3:23, que adiciona que todo o nosso serviço deve ser feito como que ao Senhor, e não aos homens—devemos visar «agradar» ao Senhor. Servir aos homens com uma boa atitude é apenas um dos meios de prestar um serviço ao Senhor. Portanto, o cristianismo elevou imensamente a avaliação do trabalho dos escravos.

Tipos de temor: 1. Há o temor do castigo. 2. Há o temor dos homens como representantes de Deus. 3. Há o temor de ofender ao senhor, levando-o a ter o cristianismo em pouca conta. O senhor diria: «O cristianismo piorou o meu escravo». 4. Há o temor de excitar o ódio do senhor contra a igreja que se debate. Dessas quatro possibilidades, a segunda é a que mais principalmente está em vista. Contudo, o temor às suas pessoas, como seres humanos que também eram, deve estar incluído.

O problema do paganismo. A obediência dos escravos, em uma família pagã era complicada porque poderia ser-lhe exigido que participasse de algum trabalho diretamente vinculado à adoração pagã, às decorações para as festividades pagãs, à queima de incenso, a festividades dedicadas aos deuses, etc. Podemos supor que a obediência ainda assim era obrigatória, se o escravo deixasse claro a seu senhor que se opunha a tais atividades, tendo de agir contra a sua própria vontade. Esse aspecto também pode ter um equivalente moderno. Deveria um crente trabalhar aos domingos, e assim perder as principais reuniões da igreja? Não há resposta fácil para tal pergunta, mas é evidente que devemos fazer tudo a fim de estarmos livres para participar dos cultos; e Deus honrará nossas tentativas de adorarmos, conferindo-nos o tipo de trabalho que nos permita tal participação.

crente olhar para as coisas. Tal crente pratica o bem e receberá galardão por haver sido «aprovado por Deus». Essa seria a interpretação que combina as duas idéias, estando de conformidade com os textos neotestamentários que falam sobre os «escravos». Porém, ainda há outras idéias, a saber: Diversos pensam no sentido de «digno de louvor», compreendendo algo que receberia o aplauso tanto de Deus como dos homens. Na verdade, essa palavra grega era usada das mais diferentes maneiras, conforme se vê na nota geral sobre Ef. 2:8. Além disso, não nos devemos esquecer que é um sinal da graça que o crente seja privilegiado por sofrer por causa de Cristo, embora essa seja uma verdade não salientada no presente versículo. (Mas, ver Atos 5:41).

...consciência para com Deus... Consideremos os pontos seguintes: 1. Não está em foco a «consciência» no seu sentido ordinário. 2. Nem está em pauta a «consciência da presença de Deus, em consideração àquilo que é feito». 3. Antes, o crente que é servo deve agir movido pelo senso do «dever para com Deus». Se assim mesmo for maltratado, então certamente encontrará «favor» diante de Deus, ainda que seja somente no julzo final. (Ver Col. 3:24,25). Normalmente, o vocábulo «consciência», nas páginas do N.T., indica aquela função da alma que discerne o bem e o mal. (Ver as notas expositivas completas sobre a «consciência», em Rom. 13:5).



«...sofrendo injustamente...» Porquanto tal crente mantém a atitude cristã, desejando praticar a sua fé, então seu senhor o castiga, visto ser este último um pagão, odiando a nova religião. Ou então o escravo crente sofre às mãos de um senhor cruel, mas não por causa de qualquer coisa que tenha praticado. Ainda que tal sofrimento não seja diretamente causado pelo fato de ser ele um crente, mas somente porque trabalha sob circunstâncias desfavoráveis, devido à ruindade de seu senhor, até mesmo quando ele age bem, então Deus recompensará tal crente, devido à sua paciência e sofrimentos. Tal crente deve considerar sua vida e as circunstâncias da mesma como algo determinado por Deus. Se essa determinação incluir os sofrimentos, então saberá que deve isso fazer parte da sua experiência terrena. E, se porventura sofrer com paciência e resignação, em sua posição na sociedade, estará servindo a Deus: não poderá perder sua recompensa, dada pela «graça» de Deus.

Notemos que o cristianismo reconhece que um senhor pode ser «injusto» no tratamento conferido a seus escravos. As leis humanas, naquela época, não reconheciam isso: pois um senhor podia fazer qualquer coisa contra seus escravos, sem nunca ter de prestar contas por isso. Isso nos faz lembrar da história de uma mulher que viveu na antiguidade, que mandou crucificar um escravo. Quando lhe indagaram por que agira assim, ela replicou que não precisava de um motivo. Os caprichos dos senhores de escravos não eram regulamentados por lei, e nem eram reputados tais senhores injustos, a despeito do tratamento dado a seus escravos. Naturalmente, os filósofos morais entre os gregos atacaram os abusos próprios da escravidão, porquanto possuíam sentimentos humanos também. Porém, até mesmo nos escritos de um tão bom filósofo como Aristóteles, que escreveu muito do que é útil no campo da ética, temos uma negação que a justiça ou a injustiça, no sentido apropriado de tais palavras, não eram condições que havia entre os

20 ποῖον γὰρ κλέος εἰ ἁμαρτάνοντες καὶ κολαφιζόμενοι ὑπομενεῖτε; ἀλλ' εἰ ἀγαθοποιοῦντες καὶ πάσχοντες ὑπομενεῖτε, τοῦτο χάρις παρὰ θεῷ.

20 κολαφιζόμενοι] κολαζ- P 3138 al m r vg(1) sy<sup>p</sup> | τοῦτο] add γὰρ A 33 al

2:20: Pois, que glória é essa, se, quando cometes pecado e soles por isso esbofeteados, soles com paciência? Mas se, quando fazes o bem e soles afligidos, o soles com paciência, isso é agradável a Deus.

«...que glória há...» Que «crédito» haveria em algo assim? Nem Deus e nem os homens haveriam de «louvar» tal pessoa. O vocábulo grego é «kleos», que significa «fama», «glória», «crédito». Esta é a única vez em que tal vocábulo é usado em todo o N.T., embora seja de uso bastante comum na literatura grega. Nenhum homem haverá de louvar a outro por receber o castigo merecido; e nem Deus louva a tal homem. Antes, ambos haverão de censurá-lo, porque vive de tal modo que merece o castigo. O contexto, naturalmente, continua abordando a questão dos escravos, os quais, devido à sua rebeldia, serviam mal a seus senhores; mas o princípio se aplica à igreja em geral.

Se a igreja cristã fosse perseguida por defender a causa do Senhor, receberia de Deus um galardão eterno; mas, se ela fosse perseguida por mostrar-se rebelde e traiçoeira para com o estado, ou porque se recusava a obedecer às leis terrenas, merecia a perseguição que estivesse sofrendo. Talvez Pedro tivesse usado essas palavras tanto no sentido geral como no particular, porquanto sua epístola foi escrita principalmente para fortalecer a igreja cristã, que então sofria perseguição; e essa questão mui provavelmente estava na mente do autor sagrado, juntamente com a questão da escravidão, em que os escravos crentes sofriam devido à maldade de seus senhores caprichosos.

«...esbofeteados...» No grego é «kolaphidzo», que originalmente significava «bater com o punho»; e é termo usado em Mat. 26:67, acerca do tratamento abusivo dado a Jesus, por parte de homens violentos. Mas, se isso acontece ao crente, não devido à sua conexão com o Servo Sofredor, então não merece ele qualquer crédito. (Ver as notas expositivas sobre o «Messias e Servo Sofredor», em Atos 3:18). No vigésimo primeiro versículo deste capítulo, Pedro se refere diretamente aos sofrimentos de Cristo e aborda a questão das perseguições em geral, deixando de lado o problema dos escravos que sofriam às mãos de seus senhores. Os versículos decimo nono a vigésimo quarto refletem as memórias de Pedro acerca dos sofrimentos de Jesus, que foi espancado no rosto pelos servos, vilipendiado pelas autoridades, açoitado pelos soldados, tudo o que ele sofreu em silêncio.

## V. OS DEVERES CRISTÃOS (2:11- 4:11).

### 4. Imitando a Cristo (2:21-25).

Imediatamente antes, Pedro mostrara que os escravos podem sofrer com justiça, por causa de erros cometidos; por igual modo, os crentes podem ser perseguidos por motivo de sua rebeldia contra o estado, por sua recusa em obedecer às leis, segundo sucedeu a Israel, o que culminou com a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., e então, novamente, em 132 d.C. Pedro deixa entendido que já há sofrimentos suficientes, não precisando nós provocá-lo. Jesus, por exemplo, sofreu terrivelmente, mas nunca porque mereceu tal coisa. Esta seção continua visando parcialmente aos escravos. E como se Pedro tivesse escrito: «Tereis muito de sofrer às mãos de senhores pagãos; a sociedade está evitada de abusos. Segui o exemplo da resistência constante de Cristo, e não podereis perder o vosso galardão. Seus 'açoites' foram remidores; não foram sofridos em troca de nada. Vossos sofrimentos também terão um efeito remidor». E foi assim que ele encorajou os escravos. Todavia, este texto também se aplica aos crentes perseguidos em geral, porquanto o fortalecimento de cristãos que sofriam perseguição é um dos propósitos principais desta epístola. (Ver a introdução à mesma, seção V, sobre esse tema).

Esta seção parece ter em vista, do princípio ao fim, a passagem do capítulo cinquenta e três de Isaías, embora não haja qualquer citação direta. Esse reflexo sobre os sofrimentos de Cristo nos dá uma das mais nobres passagens desta epístola, bem como uma clara indicação sobre o valor dos sofrimentos de Cristo, em expiação pelo pecado, para cura da alma e para a restauração da comunhão com Deus, mediante a lealdade ao Pastor e Supervisor das nossas almas.

*Comparação com o capítulo cinquenta e três do livro de Isaías, segundo a versão da Septuaginta:*

senhores e os seus escravos. (Ver *Eth. Nic.* v. 10.8). Portanto, que horrendas condições sociais isso criou, sabendo-se que, ao tempo de Jesus, quase metade da população do império romano se compunha de escravos! Essa imensa parcela da população romana não tinha quaisquer direitos.

Portanto, Pedro ensina-nos as seguintes verdades, neste ponto: 1. O sofrimento, se tiver de fazer parte da experiência humana, não deve ser «merecido». 2. Deve ser reconhecido o sofrimento como algo proveniente das mãos de Deus, como parte da nossa missão terrena. 3. Trata-se o sofrimento de um dos meios pelo qual obtemos o favor divino, tanto que sofremos por estarmos «côncios» da presença de Deus e de suas exigências sobre as nossas vidas diárias. 4. Nossa conduta depende de nossas relações para com Deus, e não tanto de nossas relações para com os nossos semelhantes. Essas relações podem ser boas ou más. Seja como for, devemos buscar servir a Deus, e não aos homens, ainda que estes exerçam qualquer autoridade sobre nós. 5. Nenhuma posição social é tão inferior, e nenhum serviço é tão degradante, que isso não possa ser usado para a glória de Deus, formando a base de nossa recompensa eterna. (Quanto a notas expositivas completas sobre os possíveis resultados benéficos do sofrimento, da perseguição e das tribulações, ver o trecho de Atos 14:22. Essas notas ilustram amplamente o texto à nossa frente).

*Variante Textual:* A raridade da expressão «consciência para com Deus» levou vários escribas a introduzirem alguma variante. De acordo com Atos 23:1 e I Tim. 1:5,19, «boa consciência» é a forma que aparece nos mss C, 94, 206, 322, 323, 424(c), 614, 916, 1175, 1518, 1739, 2298, e no Si(p b). A combinação «boa consciência de Deus» aparece nos mss A, Pal, 33 (na ordem «Deus» e «boa») e nos mss P(72) e 81 (na ordem «boa» e «Deus»). O texto original, sem dúvida alguma é a primeira forma sobre a qual falamos, com o apoio amplo de Aleph, A(2), BKL.P, a maioria dos manuscritos minúsculos, a Vg, o Cóp, o Et e os escritos de João Damasceno.

20 εἰ ἀγαθοποιοῦντες...θεῷ | Ps 2:14, 17, 14:14

submissão.

«...pecando...» Palavra novamente usada no vigésimo segundo versículo, onde somos informados que os sofrimentos de Cristo não se deveram a qualquer pecado que tivesse praticado. Notemos que a rebeldia deles é vista como um «pecado». Ofenderam a Deus desse modo, e não meramente aos homens. Seu castigo, pois, não somente era merecido, mas até certo ponto era uma medida disciplinadora enviada indiretamente da parte de Deus, por causa do pecado. Assim é que opera a lei universal da retribuição. O castigo sempre consiste em nos «encontrarmos a nós mesmos». Teremos de enfrentar os péssimos resultados de nossas ações más; e isso é inevitável, tanto aqui como no mundo eterno. (Ver Gál. 6:7,8, quanto a notas expositivas completas sobre a «lei universal da retribuição»). Naturalmente, a retribuição é uma medida disciplinar e restauradora, e não apenas de vingança; e essa doutrina é ensinada especialmente em I Ped. 3:18-20 e 4:6.

«...suportais com paciência...» No grego é «upomeno», e seus cognatos raramente indicam mera «paciência», segundo se entende atualmente essa palavra; antes, está em vista a «resistência» a «constância paciente», debaixo de circunstâncias adversas. Ainda que um escravo fosse punido por sua má conduta e demonstrasse grande coragem pessoal debaixo do seu sofrimento, nem por isso teria qualquer mérito, embora, ordinariamente, os homens admirem tal capacidade. Se um crente desobedecer às leis civis e por isso for espancado, por uma vez ou mais, e demonstrar grande coragem e forças, resistindo galhardamente aos espancamentos, que crédito poderia ele esperar derivar de tal circunstância? Pelo contrário, que obedeça ele às leis civis, para escapar ao castigo merecido. A obediência também requer sua própria coragem e constância. Que seja o crente louvado por essa modalidade de coragem e constância, e não por causa daquela outra modalidade.

«...isto é grato a Deus...» Tal atitude merece a «aprovação» divina? Isso obtém o «favor» ou a «recompensa» de Deus, conferida pela sua graça? É isso «agradável» aos olhos de Deus? O vocábulo grego «charis» («graça») é novamente usado aqui, tal como no décimo nono versículo, e pode ter um ou mais desses significados declarados. Deus «louvará» ao crente por causa disto ou daquilo? Aquilo que o crente tem praticado pode ser elogiado? Pedro deixa que os seus leitores percebam o absurdo de esperar por tal coisa.



I Ped. 2:21-25

Isa. 53

1. vs. 21: Cristo também sofreu por nós  
 2. vs. 22: Não tinha pecado, nem dolo se achou em sua boca.  
 3. vs. 23: Vilipendiado, não revidou; ao sofrer, não ameaçou, mas entregou-se ao que julga com justiça.  
 4. vs. 24: Ele mesmo levou nossos pecados sobre o madeiro.  
 5. vs. 24b: Por suas pisaduras fomos sarados.  
 6. vs. 25: Éramos como ovelhas desviadas, mas agora fomos restaurados.

- vs. 4: Levou nossos pecados e sofreu por nós.  
 vs. 9: Não tinha pecado, nem dolo se achou em sua boca.  
 vs. 7: Por causa de sua aflição, ele não abriu a boca. (Pedro parece adicionar algo de memória, lembrando-se de que vira os sofrimentos de Cristo em primeira mão).  
 vs. 12: Levou os pecados de muitos.  
 vs. 5: Por suas pisaduras fomos sarados.  
 vs. 6: Éramos como ovelhas desgarradas, mas o Senhor pôs sobre ele todas as nossas iniquidades.

21 εἰς τοῦτο γὰρ ἐκλήθητε, ὅτι καὶ Χριστὸς ἑπαθεν<sup>2</sup> ὑπὲρ ὑμῶν, ὑμῖν<sup>3</sup> ὑπολιμπάνων ὑπογραμμὸν ἵνα ἐπακολουθήσητε τοῖς ἰχνεσιν αὐτοῦ.

<sup>2</sup> 21 [R] ἑπαθεν<sup>2</sup> A B C<sup>4</sup> K P 049 050 0142 22 81 68 181 326 436 614 630 945 1241 1505 1739 1881 2412 2492 2493 Byz Lect [supra] dom div. p. u. l. v. g. syr<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> [supra] [supra] eth Tertullian Cyprian John-Damascus f. ἐπιπαθεν<sup>2</sup> [supra] 2:18.

N Ψ 104 (330 451) ἐπαθεν<sup>2</sup>; 829 1877 2127 [supra] syr<sup>1</sup> arm Ambrosianer Ambrose Cyril Fulgentius John-Damascus

<sup>3</sup> 21 [H] ὑμῶν, ὑμῖν<sup>3</sup> N A B C Ψ 81 945 1241 1730 2127 [supra] [supra] dom div. p. u. l. v. g. syr<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> arm eth Ambrose John-Damascus [supra] [supra] Jeronimianum f. ὑμῶν, ὑμῖν 1877 2492 [supra] f. ὑμῶν, ὑμῖν K P 049 050 0142 22 81 104 181 326 330 426

451 620 1881 Byz Lect [supra] v. g. l. cop<sup>1</sup> [supra] Tertullian Cyprian Theophylact f. ὑμῶν, ὑμῖν 614 629 1503 2412 2493 syr<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> Augustine John-Damascus

21 Χριστός...ὑπογραμμὸν Jn 13:13 ἐπακολουθήσητε...αὐτοῦ Mt 16:24

<sup>2</sup> A forma ἑπαθεν, que é fortemente apoiada por P (72) A B C (vid) 33 81 614 1739 it (r,65) vg sir (h) cop (sa,bo,fay vid), foi substituída, em outros testemunhos (incluindo N Ψ — 209\* 2127 sir (p) ara) por ἀπέθανε, provavelmente sob a influência da variante existente em 3:18.

<sup>3</sup> Tanto a evidência externa quanto as probabilidades de transcrição unem-se em favor de ὑμῶν ὑμῖν como forma original. Apoiada por representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (p<sup>72</sup> N A B C 81 it (65) vg sir (h)), a forma foi alterada por copistas ou por causa de descuido (confundindo ἡ e ὑ que eram letras pronunciadas da mesma maneira), ou porque a alusão à obra de Cristo, unicamente como exemplo a ser seguido pelos leitores, pareceu por demais limitada.

2:21: Porque para isso fostes chamados, porquanto também Cristo padeceu por vós, deixando-vos exemplo, para que sigais as suas pisadas.

(Ver Isa. 53:4 quanto à base profética para este versículo. As notas expositivas gerais sobre o exemplo, que ilustram bem o presente versículo, aparecem em I Cor. 11:1). O exemplo deixado por Cristo é universal, em outras palavras, é para todos e se aplica em todos os setores da vida. Seu exemplo de sofrimento é aquele particularmente salientado por toda esta epístola. Consideremos os pontos seguintes: 1. Cristo sofreu para benefício de outros. 2. Seu sofrimento tem implicações duradouras, e até mesmo implicações benéficas eternas. 3. Seu sofrimento foi à custa de seu bem-estar e conforto temporários. 4. Isso era parte de sua missão, que ele não evitou de cumprir. 5. Isso foi ocasionado por sua resistência contra o pecado. 6. Isso fez expiação pelo pecado. 7. Seus sofrimentos podem ser compartilhados, exceto por sua qualidade expiatória (ver Col. 1:24).

**Referências e idéias. Sofrimento:** 1. É uma glória para aqueles que sofrem por causa de Cristo (ver Atos 5:41 e 9:16). 2. Leva à glória eterna, com o que não pode comparar-se em intensidade (ver Rom. 8:36; II Cor. 1:7; 11:23 e Fil. 3:10). 3. É preferível aos prazeres do mundo (ver Heb. 11:25). 4. Os profetas nos deram seu exemplo de paciente resistência debaixo do sofrimento (ver Tia. 5:10). 5. O sofrimento deve ser por causa da justiça, e não devido aos nossos próprios erros (ver I Ped. 2:20). 6. Há consolo e vitória final até mesmo nos sofrimentos (ver I Ped. 5:10 e I João 5:4,5). (Quanto a notas expositivas completas sobre os resultados benéficos do «sofrimento», da «perseguição» e das «tribulações», ver Atos 14:22).

«...para isto mesmo fostes chamados...» O «chamado» geral do crente a Jesus Cristo, que envolve a operação eficaz de sua «eleição», dentro do tempo, inevitavelmente leva a nossa participação nos sofrimentos de Cristo nesta esfera terrestre. (Ver Rom. 8:30 quanto à «chamada do crente»; ver Ef. 1:4 quanto à sua «eleição»; e ver João 15:18 e ss. quanto à sua necessidade de sofrimento, devido à sua identificação com Cristo).

Deus Jesus levar sozinho a cruz,  
 E o mundo inteiro ficar livre?  
 Não, há uma cruz para todos,  
 E há uma cruz também para mim.  
 (Thomas Shepherd)

«...Cristo sofreu em vosso lugar...» A preposição grega é «super», comumente usada com o sentido de «em favor de». O códex A diz «peri», «ao redor de»; e isso indicaria que o seu sofrimento foi «com respeito» à «oferta pelo pecado». Entretanto, a palavra «super» é a forma correta. Quando é dito que o sofrimento de Cristo é «em nosso favor», isso significa:

1. Que o crente vem a aproveitar, moral e espiritualmente, as dores sofridas por Cristo. Como isso pode ser, entretanto, não é definido aqui. As diversas teorias de expiação nos dão respostas parciais. (Ver Rom. 5:11 quanto a essas teorias).

2. Vários meios pelos quais os sofrimentos de Cristo nos beneficiam podem ser alistados de modo abreviado, a saber: a. o vigésimo quarto versículo mostra que seus sofrimentos foram o meio dele «levar os nossos pecados». Esses cuidaram da questão do pecado. A teoria de expiação melhor ilustra por aquele versículo é a da «substituição». O termo grego «super» pode significar «no lugar de», e isso faz parte legítima do significado desta passagem, embora, provavelmente, não seja o ponto central

intencionado. Cristo levou meu pecado; e eu recebo a sua retidão. Ele tomou o lugar do pecador; e o pecador toma o seu lugar. b. Os sofrimentos de Cristo, embora fossem uma ferida horrível para ele, tornaram-se uma cura para nós. O bem-estar da alma está em foco, incluindo o perdão dos pecados; mas vai muito além disso, entrando até nas considerações da glorificação, na participação de tudo quanto Cristo é, de tudo quanto ele possui.

3. O crente também tem em Cristo o exemplo de que o sofrimento não é algo a ser desprezado, e nem é sinal da desaprovação divina. Antes, frequentemente está vinculado à vontade de Deus quanto aos crentes; e, tal como no caso dos sofrimentos passados por Cristo, deve ter resultados benéficos. Os sofrimentos de Cristo foram suportados voluntária e graciosamente por ele; porquanto ele sabia que outros seriam beneficiados pelos mesmos. Esse é o «caminho» do sofrimento que ele deixou para nós, a fim de o considerarmos e de seguirmos o seu exemplo.

4. Até mesmo os incrédulos, notando como o crente sofre com paciência, e por uma boa causa, ficarão bem impressionados, e talvez até se convertam (ver o décimo segundo versículo); e nisso Cristo atinge o mundo exterior por nosso intermédio, quando revivemos os seus sofrimentos. E assim seus sofrimentos são claramente vistos como algo sofrido «em favor do mundo inteiro», e não meramente em favor daqueles que são conhecidos como crentes.

«...exemplo...» (Ver notas expositivas completas sobre esse tema, em I Cor. 11:1).

**Referências e idéias sobre o exemplo:** 1. O exemplo de Cristo é perfeito (ver Heb. 7:26). 2. Conduz à santidade (ver I Ped. 1:15,16 com Rom. 1:6). 3. Conduz à pureza (ver I João 3:3). 4. Conduz à obediência (ver João 15:10). 5. Conduz à abnegação (ver Mat. 16:24 e Rom. 15:3). 6. Conduz à benevolência (ver Atos 20:35 e II Cor. 8:8,9). 7. Conduz à atitude de perdão a outros (ver Col. 3:13). 8. Conduz ao sofrimento em favor da retidão (ver Heb. 12:3,4).

Conforme nos mostra o presente contexto, esse exemplo é: 1. Para os escravos, que sofrem às mãos de senhores ímpios e desvairados. 2. Mas, de conformidade com a mensagem geral da epístola inteira, esse exemplo também é para todos os crentes; pois quando esta epístola foi escrita, a igreja cristã já tinha entrado no início de um terrível teste de perseguições. Era preciso lembrar como Cristo sofrera com paciência, e como a sua constância obteve, finalmente, uma estupenda vitória. Nenhum mal permanente pode apegar-se ao homem bom.

O termo grego aqui usado é «upgrammas», usado exclusivamente aqui em todo o N.T. Indica um escrito a ser copiado, o «original» a ser copiado. Cristo deixou bem claro para nós o «padrão» a ser seguido. Em nossas vidas, devemos reproduzir o documento original. Em Clemente *Alex. Strom.* vs. 8:49, essa palavra é usada para indicar a idéia de um «perfeito modelo escrito», em que uma criança esperaria reproduzir a tarefa escrita. Nossa prática deve ser de tal natureza que finalmente sejamos capazes de fazer uma cópia perfeita do «modelo». Assim como uma criança pode treinar a si mesma para «traçar» sobre os vários caracteres que lhe são dados, assim também a vida do crente deve «traçar» por sobre o caráter da vida de Cristo, na questão dos sofrimentos, tanto quanto de modo geral.

«...para seguides os seus passos...» Essa é uma doutrina claríssima nas páginas do N.T. Cristo é o arquétipo de tudo quanto esperamos ser e fazer.



Cumpre-nos ser transformados em sua imagem, vir participar de sua natureza, de seus atributos e de sua glória, através do poder do Espírito Santo (ver II Cor. 3:18; Rom. 8:29 e Col. 2:10 quanto a esses conceitos). Outro tanto se dá no tocante aos sofrimentos, em que Cristo é o «arquetipo» a ser duplicado. A menção dos «passos», entretanto, modifica a metáfora da duplicação de um documento escrito para a metáfora do seguir uma vereda específica, que conduz a um alvo desejado. Assim também Cristo é o Caminho e igualmente o Pioneiro desse caminho, devendo ser seguido até mesmo na questão dos sofrimentos. (Ver Heb. 2:10 quanto a Cristo como o «Pioneiro do caminho»; e ver João 14:6 quanto a Cristo como o próprio «Caminho»).

O termo grego aqui traduzido por *seguirdes* poderia ser traduzido por «seguirdes por sobre» (notemos o prefixo preposicional, no grego). Isso nos transmite a idéia de «seguir de perto». Devemos estar «bem atrás» de Cristo, a fim de não perdermos sua trilha. Cristo é o «Escritor Mestre», cujo documento deve ser copiado. Mas é também o «Guia» cuja vereda deve ser seguida de perto. Essas são as duas metáforas usadas por Pedro. (Ver Rom. 4:12 e II Cor. 12:18 quanto à idéia de «seguir os passos»). O próprio Pedro foi convocado a «seguir» (ver Mat. 4:19 e João 21:19). «Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me» (Mat. 16:24). Nas páginas do N.T., portanto, o ato de «seguir a Cristo» necessariamente inclui a cruz. Isso concorda com Pedro, neste ponto. O próprio Pedro dera antes um mau exemplo, seguindo a Cristo «de longe». Mas agora ele nos mostra qual é a verdadeira exigência do evangelho—seguir bem de perto o exemplo deixado por Cristo.

Esta passagem expressa os seguintes pensamentos: 1. Somos obrigados a obedecer a Cristo, porque ele sofreu por nós. 2. Consequentemente, somos chamados a sofrer na inocência, sem culpa, porquanto assim também Cristo sofreu por nós, sem ter qualquer culpa. E assim devemos sofrer, tendo em vista imitar seu exemplo.

Tertuliano, em de *Patentia*, cap. 3, adorna a idéia da presente passagem, como segue: «Aquele que é Deus, baixou-se para nascer no ventre de sua mãe, e esperou com paciência que crescesse; e, tendo crescido, não se mostrou impaciente para ser reconhecido como Deus. Foi batizado por seu servo, e repeliu o tentador somente com palavras. Quando se tornou

22 ὁς ἀμαρτίαν οὐκ ἐποίησεν οὐδὲ εὐρέθη δόλος ἐν τῷ στόματι αὐτοῦ·

22 Ia 53:9, Jo 8:46 2 Cor 5:21; 1 Jo 2:5

2:22: Ele não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano;

A declaração da impecabilidade de Cristo tem a função, na presente passagem, de mostrar que os sofrimentos de Cristo não foram causados por ele mesmo; ele sofreu, sendo inocente. Portanto, um crente, escravo de outro homem, ou mesmo um crente qualquer, não devem pensar em escapar aos sofrimentos meramente porque são inocentes. Os sofrimentos, pois, não são sinais necessários da punição divina devido a algum mau cometido. Podem ser apenas o resultado dos pensamentos e dos feitos de homens ímpios e desaviados, contra pessoas inocentes. Deus, a despeito de tudo, obterá a vitória; e não há necessidade da idéia que os crentes serão protegidos do sofrimento. Antes, passarão por tudo e triunfarão, tal como Cristo fez, porquanto Deus os justificará, e à causa que defendem. (Comparar com Isa. 53:9, que é a outra passagem aqui citada. Ver também a introdução ao vigésimo primeiro versículo do presente capítulo, quanto a uma demonstração do fato que aquela passagem do A.T. é a base de toda a secção presente).

«...não cometeu pecado...» Claríssima demonstração da impecabilidade de Cristo, o que não é tema incomum nas páginas do N.T. (Ver as notas expositivas acerca dessa questão, onde são reunidas as várias passagens que o ensinam, em Atos 3:14; II Cor. 5:21 e Heb. 7:26,27. Os trechos de João 8:46 e Heb. 4:15 encerram comentários adicionais sobre esse tema). Algumas vezes, esse tema é usado polêmicamente. Os judeus zombavam dos cristãos e afirmavam que os sofrimentos de Cristo eram merecidos, porque ele era um indivíduo blasfemo e praticante das artes da magia negra, que aprendera no Egito. Os primitivos cristãos mantinham que os homens bons necessariamente sofrem. O sofrimento nem sempre resulta da

23 ὁς λοιδορούμενος οὐκ ἀντελοιδορεῖ, πάσχωιν οὐκ ἡπείλει, παρεδίδου δὲ τῷ κρίνοντι δικαίως·

23 Ia 53:7, 1 Pe 3:9

2:23: sendo injuriado, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente;

As perfeições de Cristo não lhe permitiam «pecar nas palavras», ultrajando seus inimigos, nem mesmo sob as circunstâncias mais contrárias e difíceis. Pedro mescla aqui a passagem de Isa. 53:7 com suas próprias memórias sobre a majestosa resistência de Cristo ante as zombarias, os vilipêndios, os insultos. Contraste-se essa atitude com a ação de um homem tão grande como o apóstolo Paulo (ver Atos 23:3), o qual assediou com suas palavras ao sumo sacerdote judaico, quando era pressionado. Assim, pois, o martiriológico cristão exige vários cristãos que fizeram declarações cáusticas, quando sofriam perseguição ou pressão.

«...ultrajado...» No grego, *loidoreo*, «blasfemar», «dizer palavras injuriosas», «usar de linguagem abusiva». O termo básico é «loidoros», «linguagem abusiva». Isso Jesus sofreu, segundo a narrativa do evangelho ilustra abundantemente. Mas isso ele não deu de volta para aqueles que dele abusavam, conforme o mesmo registro do evangelho o afirma.

«...maltratado...» Nos abusos e insultos verbais, nos esbofateamentos, nos açoites, na coroação com espinhos, nas zombarias, nos escarros e, finalmente, na agonizante crucificação. Ver Mat. 27:27 e ss. quanto a uma vívida descrição sobre essas coisas. O trecho de Mat. 27:35 tem a nota expositiva sobre a única evidência arqueológica já encontrada sobre a crucificação, e de descoberta recente. Isso ilustra bem as agonias sofridas por Jesus.

Mestre, não clamou e nem se ouviu a sua voz pelas ruas. Não quebrou a cana rachada e nem apagou a torcida que fumega. Não repeliu a companhia do homem; não evitou a mesa de ninguém. Conversou com publicanos e pecadores. Derramou água e lavou os pés de seus discípulos. Quando os samaritanos não quiseram acolhê-lo em uma de suas aldeias, não os prejudicou, embora seus discípulos quisessem chamar fogo dos céus para consumi-los. Curou aqueles que não tinham gratidão; retirou-se daqueles que arquitetavam contra ele. Teve o traidor constantemente em sua companhia e não o desmascarou. E quando foi traído e levado à execução, mostrou-se como uma ovelha perante seus tosquiadores, ficando mudo, como um cordeiro que não abre a boca. Ele, que é o Senhor das legiões angelicais, não aprovou a espada que Pedro puxou em sua defesa, mas antes, foi cuspidor, açoitado e zombado. Tal longanimidade com a dele é exemplo para todos os homens, mas se encontra somente em Jesus.

O trecho de Gál. 5:22 mostra-nos que a longanimidade é uma qualidade espiritual, um «fruto do Espírito», que deve ser ganho através do desenvolvimento e da maturidade espirituais. Portanto, é uma qualidade divina infundida no crente. (Ver Policarpo, cap. 8, onde é imitada a presente passagem).

*Variantes Textuais:* A palavra «sofreu» (*epathen*) aparece nos mss P(72), ABC (vid), 33, 81, 614, 1739, no It(r), 66, Vg, S(h) e Cóp(ia bo fai(vid)). Isso foi substituído por «apethanen» («morreu»), nos mss Aleph, Psi, 209(1), 2127, no S(h) e no Ara, provavelmente devido à influência do trecho de I Ped. 3:18. Mas tal variante não tem qualquer direito à originalidade, conforme fica demonstrado pela esmagadora evidência objetiva.

As palavras «...sofreu por nós...» e «...deixando-nos...» exemplo, aparecem em vários manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, os mss latinos d, o Si, o Cóp e os escritos de Efraim e Agostinho. As formas «por nós», mas também «deixando-vos», aparecem nos mss KL, nos mss latinos a, f, h, j, i, o e vários dos pais da igreja. Mas «por nós» e «deixando-vos» é a forma que aparece nos mss P(72), Aleph, BC, 81, e no It(65), Vg, S(h), que é a melhor confirmação que já surgiu até hoje. A modificação para «nos», em uma ou outra instância, é o intercâmbio familiar do «upsilon» e do «eta», porquanto, no grego posterior, essas duas vogais vieram a ser pronunciadas do mesmo modo, e os escribas não tinham o cuidado de distinguir entre elas, especialmente quando um amanuense ditava para outro, conforme algumas vezes sucedia.

prática do mal, como punição contra a mesma.

A declaração sobre a impecabilidade de Cristo deve ser compreendida como algo mantido a despeito de provocar circunstâncias adversas. Cristo manteve a sua inocência, sob os sofrimentos mais teríveis. Os crentes devem seguir seu elevado exemplo.

«...dolo...» Quando foi maltratado, e finalmente perseguido até à morte, Cristo não proferiu uma única palavra amarga contra os seus adversários, e isso se deveu ao fato que lhe faltava totalmente o espírito de ódio e de amargura, que faz parte da natureza de todos os homens. Portanto, a história mostra-nos que nem todos os mártires sofreram quietamente, como fez Jesus, mas antes, proferiram palavras ofensivas contra os seus perseguidores. Até mesmo Paulo chegou a deslizar para essa forma de ação. (Ver Atos 23:3). O termo grego «dolos» indicava, originalmente, uma «isca», usada para apanhar peixes, dando a idéia de «engano», «esperteza maliciosa», «traição». Cristo Jesus, entretanto, estava isento desses defeitos e dessas paixões bem humanas, pelo que também não exibiu amargor nem nesta vida e nem mesmo na hora da morte. Não obstante, sofreu; e assim deve suceder a todos os crentes, a despeito do elevado grau de perfeição que tenham obtido em sua inquirição espiritual. Cristo não «tratou astuciosamente» com os homens; mas tudo fez para beneficiá-los. Contudo, eles o perseguiram até à morte. Desse modo é que Pedro mostra aos verdadeiros crentes a necessidade de não esperarem boas-vindas, bom acolhimento, da parte deste mundo vil, hostil contra a causa cristã. Seria este mundo um amigo da graça, ajudando-nos a subir na direção de Deus?

«A impecabilidade nas palavras é um dos sinais da perfeição. (Ver Tia. 3:2). O dolo é uma falta comum entre os servos». (Faucett, *in loc.*).

23 δικαιως] adikos l6 p i vg Cl Cyp

«...ameaças...» No grego, «apeileo», «ameaçar», «fazer ameaças jactanciosas», «aterrorizar por ameaças». Cristo poderia ameaçá-los com a destruição de Jerusalém, que sabia que estava próxima, ou com o juízo eterno e muitas misérias que ainda sofreriam. Mas refrizou-se disso, embora isso representaria uma conduta comum e justificável, conforme os homens consideram as coisas. Cristo deu um exemplo admiravelmente elevado de paciência e resistência no sofrimento, a tal ponto de seu porte ser chamado de «majestático». Pedro exortou aos crentes perseguidos que seguissem esse exemplo.

«...entregava-se...» Esse vocábulo faz-nos lembrar do trecho de Luc. 23:46, que diz: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou». Essas foram as últimas palavras de Jesus, proferidas na cruz. O verbo aqui usado normalmente não é reflexivo no grego, deixando o objeto a quem se entregava como algo indefinido, dando margem às seguintes interpretações, no presente caso: 1. Cristo teria entregue ao Pai a sua «causa». 2. Ou ter-lhe-ia entregue seu julgamento. 3. Ou seus escarnecedores, para que Deus cuidasse deles, ao invés de voltar-se contra ele mesmo. 4. Ou a questão inteira, incluindo os «insultos»—tudo foi entregue ao Pai, para julgo e retribuição. A maioria dos intérpretes, porém, prefere pensar «no próprio Cristo», como objeto subentendido, embora isso não faça parte legítima do próprio verbo; e isso, mui provavelmente, é correto. Porém, poderia significar «seu caminho», como se lê em Sal. 37:5: «Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará». Ou como



se lê em Pro. 16:3: «Confia ao Senhor as tuas obras...».

«...daquele que julga retamente...» Essas palavras, sem dúvida, indicam Deus Pai, o Pai do Senhor Jesus Cristo. (Ver I Ped. 1:17 e as notas expositivas ali existentes sobre isso). O Pai julgará sem fazer acepção de pessoas. Outrossim, ele é o consolador dos oprimidos, que sofrem por males que não praticaram. Deus Pai defenderá os tais e à sua causa. Eventualmente, ele corrigirá todos os erros e imporá justiça perfeita. Deus conhece nossos sofrimentos; nossa causa não ficará sem defesa, e nem nossa alma pode ser injuriada pela maldade do homem mortal.

Bem provavelmente este versículo visa ser entendido de forma geral, não tendo meramente aplicação ao evento da crucificação, embora certamente isso seja central à discussão, conforme é demonstrado pela mui discutida citação do capítulo cinquenta e três do livro de Isaias. Durante toda a sua vida, Jesus seguiu esse padrão de conduta, porquanto desde os primeiros estágios de seu ministério ele sofreu a oposição de indivíduos ímpios e desavairados.

«A provocação ao pecado nunca justificará a sua prática; as razões pelo pecado nunca serão grandes; antes, haverá sempre fortes motivos para o evitarmos. O julgamento de Deus determinará com justiça cada homem e cada causa; pelo que também, com paciência e resignação, devemos entregar tudo ao Senhor.» (Matthew Henry, *in loc.*).

24 ὁς τὰς ἀμαρτίας ἡμῶν αὐτὰς ἀνήνεγκεν ἐν τῷ σώματι αὐτοῦ ἐπὶ τὸ ξύλον, ἵνα ταῖς ἀμαρτίαις ἀπογενόμενοι τῇ δικαιοσύνῃ ζήσωμεν· οὐ τῷ μύλῳπι λάθῃτε.

24 ὁ...ἀνήνεγκεν Is 53.4, 12; He 9.28 ταῖς...ζήσωμεν Ro 6.2, 11 οὐ...λάθῃτε Is 53.5

2:24; levando ele mesmo os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fôssemos curados.

(Comparar com Isa. 53:11,12, sobre a qual passagem esta declaração está essencialmente alicerçada). A questão de suas feridas curadoras está contida em Isa. 53:5, e Pedro combina várias idéias daquela passagem em uma única declaração geral.

«...carregando ele mesmo... os nossos pecados...» (Ver Rom. 5:11 quanto às várias «teorias da expiação»). Nenhuma teoria descreve tudo quanto é possível no tocante ao sentido da morte de Cristo. O aspecto mais exatamente salientado aqui é o da «substituição» e o da «satisfação». Ele levou a «culpa» dos nossos pecados e a «maldição» imposta aos mesmos — a separação de Deus. Mas, em sua infinitude, ele foi capaz de experimentar isso em favor de todos os homens de todos os tempos. Essa interpretação é confirmada ao notarmos que a cruz é considerada declaradamente como uma «maldição» por aqueles que nela são pendurados; e isso profeticamente (em Deut. 21:22,23) ou no seu cumprimento (em Gál. 3:13): «Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro». (Comparar igualmente com Atos 5:30 e 10:39). Portanto, muito mais está envolvido nisso que mero «exemplo» ou mero «martírio», conforme dizem algumas teorias da expiação. As palavras «...em seu corpo...» nos fazem lembrar do bode que, no dia da expiação, tomava sobre si mesmo, simbolicamente, todo o pecado de Israel, sendo expulso para o deserto. (Ver Lev. 16:20-22).

«...sobre o madeiro...» Está em foco a «cruz», que se tornou um altar de sacrifício. Portanto, Cristo é tanto a vítima como o sacerdote oficiante, segundo também se vê em Heb. 9:11-15. A cruz é o lugar da maldição, porquanto o pecado universal que Cristo tomou sobre si era hediondo. Mas a cruz também é o altar bendito, onde a misericórdia pode ser obtida, e onde um Deus de nós alienado pode ser reconciliado a homens mortais e pecadores. (Quanto a notas expositivas completas sobre o sentido e sobre os efeitos da «cruz», que são numerosos, ver Gál. 3:13. Quanto à «maldição» da cruz, ver Gál. 3:10,13. Quanto ao «sacerdócio de Cristo», ver Heb. 2:17; 4:14,15 e 5:10-9:24. Quanto aos «melhores sacrifícios» da nova aliança, ver Heb. 9:23. Quanto a como o único sacrifício de Cristo substituiu a todos os outros, ver Heb. 7:27,28, e quanto a como o «sacerdócio de Cristo» substituiu a todos os demais sacerdócios, ver Heb. 7:23,24).

«...em seu corpo...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Lembrando-nos do bode expiatório ou «azazel», que simbolicamente levava o pecado de Israel, removendo-o dentre o povo (ver Lev. 16:20-22). 2. Revelando-nos que a morte de Cristo tem poder expiatório. (Ver acerca da «expiação pelo sangue», em Rom. 3:25). 3. Essa retidão nos é dada, aquela retidão pertencente a Cristo, o que tira o pecado sem deixar um vácuo; antes, os homens são cheios da perfeição de Deus, primeiramente na forma de uma declaração forense, de modo que ficamos perfeitos em Cristo, mas, em segundo lugar, como fato real, mediante o processo santificador, o que é comentado em I Tes. 4:3. 4. Afirmando a sua humanidade autêntica, pois, em sua moralidade, Cristo fez expiação, o que foi o grande cumprimento de sua missão terrena. 5. E porque tudo foi feito na humanidade de Cristo, ele é assim identificado com os homens. Devido ao fato que ele tomou sobre si mesmo a mortalidade, conquistando o pecado e a morte em sua carne, agora assumimos a sua imortalidade, compartilhando da sua natureza, e, finalmente, de seus atributos e de sua glória. (Col. 2:10).

«...mortos aos pecados...» (Comparar com Rom. 6:2,4,5-7 quanto ao fato que a «identificação» com Cristo, em sua morte e ressurreição — batismo espiritual, comentado em Rom. 6:3 — dá-nos a vitória sobre o pecado, de tal modo que morremos ao pecado, o que significa que não podemos mais ser tentados e atraídos por ele a ponto de sofrer derrota espiritual. Essa «identificação» com Cristo, que produz todos esses resultados, torna-se real mediante a comunhão mística com o Espírito Santo, o qual nos transforma no nível da alma, de tal maneira que somos transformados e espiritualizados segundo o padrão da natureza moral e metafísica de Cristo. Estamos começando a ser aquilo que Cristo é, pelo que também desfrutamos de sua vitória sobre o pecado. Esse é um dos grandes efeitos da morte de Cristo, que o Espírito de Deus torna real em nós através da

«Para evitar o mau temperamento e o desassossego e perigo de tirarmos vingança pessoal, é muito vantajoso, em todos os casos assim, sermos capazes de entregar nossa causa a Deus, estando certos de que o juiz de toda a terra fará o que é direito.» (Adam Clarke, *in loc.*).

O consolo: Os homens podem maltratar-nos, mas Deus defende, eficaz e eternamente, à causa dos justos. Quanto mais isso é verdade quanto a nossa causa está diretamente vinculada à causa de Cristo. Esse é um pensamento que nos dá consolo, em meio a qualquer provação, especialmente aquelas que nos são impostas pela malícia de outros. Portanto, se lê: «Dai lugar à ira» (ver Rom. 12:19); «Não vos vingueis» e «A vingança me pertence, diz o Senhor». (Ver as notas expositivas sobre todo esse conceito, na passagem de Rom. 12:17).

«Deixemos nosso caso nas mãos dele: não a fim de que ele seja o executor da nossa vingança, mas orando em favor dos inimigos. O justo julgo de Deus dá tranqüilidade aos oprimidos.» (Faucett, *in loc.*).

O consolo de sermos capazes de deixar o julgamento nas mãos de Deus é algo que também pode ser visto nas passagens de Rom. 12:19; 2:6-11; I Ped. 3:9; II Tes. 1:6; Luc. 18:7,8 e 11:55.

Variação Textual: A Vulgata latina tem a curiosa variante que diz: «entregou-se àquele que julga injustamente», como se Pilatos fosse o objeto dessa entrega; mas essa forma não tem qualquer direito à originalidade.

24 ημῶν] υμ- B pc

comunhão mística com ele, ou seja, mediante o seu contacto conosco. Esse contato vai transmitindo o divino para o humano, não sendo de admirar que se espera que sejamos homens mortos para o pecado, intocados por ele, inabaláveis ante a pressão das tentações.

«...vivamos para a justiça...»

1. Aprendemos que somente a participação na própria santidade de Deus é que tem qualquer valor no tocante à salvação. Essa santidade não pode ter natureza legalista (ver Rom. 3:20), nem sacramental (ver Rom. 2:28,29). Deve ser a genuína participação na própria santidade divina, mediante o poder transformador do Espírito Santo.

2. Ela envolve mais que a mera ausência de pecado. Também consiste da participação positiva nas virtudes morais de Deus (ver as notas a respeito, em Gál. 5:22,23). Trata-se de um cultivo do Espírito. Não obstante, requer a cooperação da vontade humana.

3. Essa cooperação é promovida através do uso dos meios de desenvolvimento espiritual, como a salvação da mente com os escritos espirituais (incluindo o emprego de boas obras escritas que expliquem a Bíblia, ou que promovam as mesmas idéias e ideais), a oração, a meditação, o viver a lei do amor, a santificação e o uso dos dons espirituais, no cumprimento de nossas respectivas missões.

4. Nossa eleição exige que nos santifiquemos, e a santificação é um meio de pôr em execução a nossa eleição (ver II Tes. 2:13 e I Ped. 1:2).

5. A cruz não pode ser usada como justificativa para não carregarmos a cruz. A santidade precisa ser real em nossa vida. A cruz nos conduz à glória, a saber, à participação na própria natureza e nos atributos de Cristo (ver as notas sobre isso, em Rom. 8:29 e Col. 2:10).

«...por suas chagas fôssemos curados...» Essas palavras são extraídas diretamente do trecho de Isa. 53:5. O pecado é visto como algo repelente, que corrompe o ser. A cruz cura essa enfermidade. Cristo foi enfermo até a morte pelos espantamentos que sofreu, e assim somos libertados da enfermidade e da morte da alma. A cura total da alma e o florescer do ser na vida eterna são os alvos da morte de Cristo. (Ver, no N.T., a menção dos vergões deixados pelos açoites sofridos por Cristo, em João 19:1; Mat. 27:26 e Marc. 15:15). Somos curados por suas feridas humilhantemente feitas, porquanto ele as sofreu em nosso lugar. Simbolicamente, Pedro descreve um sofrimento «vicário», ainda mais incisivamente do que o fizera em I Ped. 3:18.

«...chagas...» Não as chicotadas propriamente ditas, mas os vergões sangrentos deixados por essas chicotadas. Esses vergões sangrentos, que tornaram o corpo de Cristo uma massa sangrenta e palpitante, são curadores para nós. Eles simbolizam os efeitos expiatórios e curadores da própria «expiação».

«Sentimo-nos seguros de tal visão quando lemos essa passagem descritiva (os vergões sangrentos feitos pelo espantamento que Cristo sofreu) de que os olhos do apóstolo Pedro contemplaram o corpo de seu Senhor, cuja carne estava tão pisada que sua forma desfigurada parecia a seus olhos como uma única ferida.» (Lumby, *in loc.*).

Sofreste açoites e vergões,  
Tratamento de opróbrio e de dor,  
Para que curasses a minha praga,  
E minha paz obtenha para sempre.  
(Hino germânico)

Os místicos que têm visto os sofrimentos de Cristo sob forma visionária, são tomados de tristeza avassaladora, e alguns deles nunca foram novamente os mesmos, tão poderoso tem sido o seu efeito psicológico. Alguns que posteriormente receberam os «estigmas» (as marcas da cruz) em seus corpos, provavelmente receberam-nos devido ao efeito psicológico de sua tremenda visão. (Ver as notas expositivas sobre Atos 3:18, quanto a Cristo como o «Messias e Servo Sofredor»).

Notas adicionais. 1. A palavra «carregando» tem a dupla idéia inerente à palavra grega, isto é, «levar», como era o caso do bode expiatório, levando o pecado para longe do seu povo, e também «suportar», o que Cristo fez na cruz, como se fosse esta um altar de sacrifício. 2. Ele mesmo

«levou» — notemos o enfático pronome reflexivo. Somente Cristo poderia fazer isso. Sua expiação foi muito mais que mero exemplo de dedicação a uma grande causa. Cristo fez algo na cruz que eu nunca poderia fazer em meu próprio benefício. 3. A santificação é o grande alvo da cruz, algo totalmente necessário para a salvação, e não uma opção em aberto, que possa ser aceita ou repelida. Assim nos ensina a passagem de II Tes. 2:13. Esse é o «imperativo moral» do evangelho. Somente através da santidade é que um homem pode retornar a Deus. 4. A menção de seus vergões sangrentos como «cura» é especialmente pertinente aos escravos, que sofriam às mãos de senhores violentos. Também é instrutivo para aqueles que sofrem espancamentos por parte de seus perseguidores. É paradoxal que um vergão sangrento possa curar. Mas é isso que se reivindica para os vergões de Cristo, porquanto fizeram parte de sua expiação, tornando-se

25 ἦτε γὰρ ὡς πρόβατα πλανώμενοι, ἀλλὰ ἐπεστράφητε νῦν ἐπὶ τὸν ποιμένα καὶ ἐπίσκοπον τῶν ψυχῶν ὑμῶν. 25 ἦτε... πλανώμενοι Is 63:6; Em 34:5-6; Mt 9:36

2:15: Porque vós desgarraídes, como ovelhas, mas agora tendes voltado ao Pastor e Rapa das vossas almas.

O pensamento de Isa. 53:6 é agora trazido ao primeiro plano e Cristo é aqui exposto como o Pastor das ovelhas, e não como o Messias e Servo Sofredor, como antes. (Quanto a Cristo como «o Pastor», ver João 10:11. Quanto ao *Messias e Servo Sofredor*, ver Atos 3:18, em suas respectivas notas expositivas). Nos evangelhos, Jesus aparece usando a metáfora do pastor e das ovelhas, e não só no quarto evangelho. (Ver Marc. 6:34; 14:27 e Luc. 12:32. Comparar também com os trechos de Heb. 13:20 e Apo. 7:17). As «ovelhas» são uma excelente metáfora para a «igreja», porquanto esta é incapaz de defender-se, inofensiva, sujeita à violência sem ter recursos próprios de defesa, dotada de paciência sob os sofrimentos.

«...desgarrados...» No grego é «planao», «desviar» (voz ativa) ou «ser desviado» (voz passiva). Esse vocábulo pode trazer a idéia de ser «iludido»; e isso poderia ser considerado um dos motivos do desgarramento. A condição espiritual dos leitores da epístola é assim descrita. Encontravam-se em estado de desvio espiritual, sem qualquer destino certo e conhecido, mas corriam o perigo da perdição. Essa condição se devia: 1. Parcialmente à autodecepção. 2. À ilusão provocada por mestres falsos e pelas pressões de uma sociedade ímpia. 3. Pela ignorância acerca das questões espirituais. Cristo provê a liderança, o alvo da vida eterna, desfrutada nos lugares celestiais e o conhecimento espiritual necessário para a obtenção daquilo que Deus promete aos homens por meio de seu Filho. A metáfora das «ovelhas» nos leva a entender que aquela gente fora facilmente desviada e de que muito necessitavam da orientação dada pelo Pastor, sem quem não tinham qualquer esperança de encontrarem o rumo certo, espiritualmente falando.

«...vós convertestes ao Pastor...» Essa ação da «conversão» tirou-os dos perigos do desvio e do ludíbrio. Deu-lhes conhecimento, e então propósito, progresso espiritual e segurança. O termo grego é «epistrephos», «tornar-se», «voltar-se», «retornar», «voltar»; e, nas páginas do N.T. com frequência é usado com o sentido do «converter-se». Trata-se de uma transação espiritual entre a alma e Deus; e assim a alma se «volta» para Cristo, porquanto este é o legítimo Pastor e Senhor de todos os homens. Dessa maneira é revertida a queda no pecado, e os homens retornam à Fonte de todo o bem-estar e de toda a vida, a qual é pintada aqui como um Pastor que cuida com ternura do seu rebanho. O amor de Deus, portanto, permeia todo esse simbolismo. (Ver as notas expositivas sobre João 3:16, que dão esclarecimentos acerca dessa questão. Quanto a notas expositivas sobre a «conversão», ver João 3:3, sob o ponto terceiro, intitulado «novo nascimento»). O «retorno» ao Pastor é a conversão da alma.

«...Pastor...» (Quanto a Cristo como «Pastor», ver João 10:11). Aqui — pode estar em foco Deus Pai ou Deus Filho. O ofício do pastor fala de total devoção ao bem-estar das ovelhas. Na antiguidade, o trabalho do pastor não era reputado algo destituído de importância, pelo que também o A. e Novo Testamentos não hesitam a aplicar esse símbolo a Deus (no tocante a Israel) e a Cristo (no tocante a todos os homens, especialmente à igreja). O pastor precisava encontrar erva e água, em uma terra reconhecidamente estéril e ressequida, pois, de outro modo, suas ovelhas pereceriam. A lição espiritual nisso envolvida é óbvia. O pastor devia proteger suas ovelhas das vicissitudes das intempéries e da ferocidade dos animais carnívoros. Se uma das ovelhas se desviasse, o pastor deveria ir retirá-la do perigo. (Ver Eze. 34:8 e Mat. 18:12). A fim de cumprir bem o seu trabalho, o pastor tinha de ser sábio e forte, acostumado aos perigos que pudessem ameaçar o bem-estar das ovelhas. Outrossim, ele deveria ser devotado à sua tarefa, dotado de alto altruísmo, pois, de outra maneira, lhe faltariam tais cuidados. As lições espirituais nisso existentes requerem pouca imaginação para serem reconhecidas. (Quanto a *Deus como Pastor*, ver Gên. 49:24; Sal. 23:1; 80:1; Isa. 40:11; Jer. 31:10; 51:23; Zac. 13:7; Núm. 27:17; I Reis 22:17). Havia subpastores, como Moisés (ver Isa. 63:11), e até mesmo um monarca pagão foi capaz de executar esse propósito de Deus, isto é, Ciro (ver Isa. 44:28). E havia também pastores falsos ou

símbolos da mesma. 5. *Lição prática.* Não é provável que nossa identificação com Cristo nos envolva em tão horribéis sofrimentos como aqueles sofridos por nosso Senhor. Seja como for, não nos devemos olvidar que fomos chamados a exibir a mesma coragem que ele exigiu em seus sofrimentos expiatórios, sabendo que a vitória será finalmente nossa, tal como sucedeu com ele. Mas nossos presentes sofrimentos de maneira alguma podem ser comparados com a glória que será revelada em nós (ver Rom. 8:18). 6. A cura da enfermidade da alma consiste, antes de tudo, no «perdão dos pecados». (Ver as notas expositivas a esse respeito em Atos 2:38; Rom. 3:25 e 4:7). Mas também consiste na participação da alma, na saúde e na vida de Deus, a sua glória eterna. (Ver sobre a «vida eterna», em João 3:15; sobre a «glorificação», em Rom. 8:30. Esses versículos descrevem o sentido de «ser curado»).

25 πλανώμενοι] -μενα KLP pl co c5 [ υμων] ημ- L 69\* at infieis. (Ver Eze. 34; Jer. 23:1-4 e 25:32-38). Quanto a *Cristo como Pastor*, ver que ele é o «Grande Pastor» (ver Heb. 13:20); o Bom Pastor (ver João 10:14); o único Pastor (João 10:16); o Sumo Pastor (ver I Ped. 5:4). E ele também tem seus pastores auxiliares (ver I Ped. 5:1). Existem falsos pastores que se opõem à obra de Cristo, procurando destruir as ovelhas (ver João 10:1 e ss.).

«...Bispo...» No grego é «episkopos», um «supervisor», um «superintendente», aplicado a certo ofício ministerial da igreja (ver I Tim. 3:2 e Tito 1:7). Mas essa palavra pode indicar qualquer pessoa que exerça o trabalho de supervisor ou guardião. Muitos intérpretes pensam que, neste caso, a idéia central é a de «Guardião»; e provavelmente isso foi sugerido pelo fato de que esse era um dos principais serviços prestados por um pastor. Essa palavra era usada para indicar a agência protetora de Deus, e isso tanto na literatura sagrada quanto na profana. (Ver Êsquilo, *Sept.* 272; Sófocles, *Ant.* 1148; Filo, *Migr. Abr.* 115; I Clemente 59:3; 16 20:29; Sabedoria de Salomão 1:6). Tanto Deus Pai como Cristo podem estar sendo aludidos no presente versículo, não havendo maneira de determinar qualquer deles. Porém, levando-se em conta que o capítulo cinquenta e três do livro de Isaías, de onde se originou esta passagem, é definitivamente messiânico em sua natureza, provavelmente é Cristo quem é aqui focalizado, como acontece, de resto, por toda esta seção. É Cristo que, na qualidade de Grande Pastor e de Bom Pastor, dá a sua vida pelas ovelhas, segundo se aprende em João 10:15.

«Ser um pastor é um trabalho tão bom que é não somente um título dado a reis, sábios e almas perfeitamente purificadas, mas também a Deus, o Governador de todos — o qual, como Pastor e Rei, nos conduz segundo a justiça e a lei, estabelecendo sobretudo o seu Logos, o Filho primogênito, o qual tem tomado conta de seu santo rebanho, como faz o deputado de um grande rei». (*De Agricultura*, pág. 194 e 195).

«...das vossas almas...» No grego é «psuche», a porção imaterial e imortal do homem, palavra que Pedro usava para indicar «alma», em contraste com o termo comumente empregado por Paulo, «pneuma». Porém, «psuche» é o termo comum nos escritos clássicos e na filosofia grega para indicar a alma, pelo que nenhum novo uso da palavra foi assim criado. A menção da porção eterna do homem como estando sujeita aos cuidados do Pastor e Guardião eternos, demonstra que a passagem inteira deve ser compreendida soteriologicamente e que a vida eterna está em foco, como o principal benefício conferido pelo Pastor às suas ovelhas. (Quanto ao uso do termo «psuche», da parte de Pedro, ver também I Ped. 1:9,22; 2:11; 3:20; 4:19. Quanto a notas expositivas completas sobre a alma, sua origem, natureza e sobrevivência ante a morte biológica, ver II Cor. 5:8. Diversos artigos estão devotados a esse tema, na introdução ao comentário, sob o título «Imortalidade»). A ciência está prestes a provar a existência da alma e sua sobrevivência à morte física, segundo se vê nesses artigos e na nota geral).

A soberania que Cristo assume sobre a alma não é externa, e nem é temporária. Antes, ele é o Senhor eterno, e todas as almas lhe pertencem, pois ele é o Arquétipo do destino humano. Essa é a mensagem do primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Aprendemos ali que todas as coisas haverão de ser restauradas em torno dele, encontrando em sua pessoa a razão da existência. A vida que será eventualmente dada às almas remidas é a própria vida de Deus, concretizada em Cristo, segundo se aprende em Rom. 8:29.

«Aqueles que esperam o amor e o cuidado desse Pastor universal, devem retornar a ele, devem morrer para o pecado e viver para a retidão» (Matthew Henry, *in loc.*).

Se uma ovelha perdida, já cobrada,  
Glória tal, e prazer tão repentino  
Vos deu, como afirmais na Sacra História,  
Eu Sou, Senhor, ovelha desgarrada;  
Cobrai-a; e não queirais, Pastor divino,  
Perder na vossa ovelha a vossa glória.  
(Gregório de Matos)

## Capítulo 1

### V. Os Deveres Cristãos (2:11-4:11).

#### 5. Relações entre maridos e mulheres (3:1-7).

Este tema foi longamente abordado em Efé. 5:22,33, onde há muitas notas expositivas úteis para ilustrar o tema em geral. O centro da mensagem é, principalmente, a regulamentação da conduta feminina, em sua submissão, modestia e vestuário, o que, se bem regulamentado em moldes apropriados, servirá de poder convencedor aos maridos incrédulos de que o cristianismo é algo de que eles também precisam. Se a fé cristã tiver transformado uma senhora casada para melhor, seu marido incrédulo perceberá isso e poderá receber a mesma transformação. O trecho de I Cor. 7:16 também tem o argumento que a conduta apropriada de uma senhora pode revestir-se de um poder evangelístico, *salvando a alma em resultado disso*. Isso impõe a uma esposa crente uma tremenda responsabilidade; e, à semelhança de todas as «exigências» do evangelho, é algo que não pode facilmente ser posto de lado. É algo praticamente proverbial que uma mulher é mais dirigida por costumes aprovados por outras mulheres do que pelo



que outros homens pensam, incluindo seu próprio marido. As mulheres se vestem para outras mulheres, adotam modos de expressão que as fazem pertencer à noção aceita de como deve ser a aparência feminina, conforme a definição aceita pelas próprias mulheres. Pedro demonstra que de capital importância, entretanto, é o que o marido pensa de sua mulher, sobretudo se tal marido é incrédulo, podendo ver a Cristo em sua mulher, potencialmente, por ser ela uma crente. Sendo esse o caso, ela está obrigada a guiar-se em sua conduta e expressões pessoais de acordo com as exigências da fé cristã, e não pelas exigências de uma sociedade ímpia, que sejam nela projetadas pelos valores aceitos pelas mulheres em geral, a maioria das quais tem pouco ou nenhum interesse por conceitos espirituais.

«**Sumário.** Uma esposa cristã obedecerá a seu esposo, ainda que este seja pagão, na esperança de conquistá-lo para Cristo pela sua conduta. Perante Deus, o caráter significa mais que os adornos externos de uma mulher. (Lembremo-nos das mulheres da antigüidade). Por outro lado, o marido crente tratará a sua mulher com toda a consideração, não somente porque ela pertence ao sexo mais fraco, mas porque ela é co-herdeira com ele na vida eterna. Pedro não falava como um desses modernos igualitários entre os sexos; mas em seus conselhos transparece o próprio espírito do cavalheirismo cristão». (Hunter, *in loc.*).

3 Ὁμοίως [αἱ] γυναῖκες ὑποτασσόμεναι τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν, ἵνα καὶ εἰ τινες ἀπειθοῦσιν τῷ λόγῳ διὰ τῆς τῶν γυναικῶν ἀνατροφῆς ἀνευ λόγου κερδηθῶσινται 3 1 αἱ... ἀπειθοῦσιν Hpb 5:23; Col 3:18; Tt 2:6

3. 1 Ομοίως (R) X<sup>a</sup>AB 2298; R] add αἱ γυναικες

3:1: Semelhantemente vós, mulheres, sode submissas a vossos maridos; para que também, se alguns deles não obedecem à palavra, sejam ganhos sem palavra pelo procedimento de vossas mulheres,

«...igualmente...», isto é, como os escravos devem obedecer a seus senhores (ver I Ped. 2:18 e ss.).

«...mulheres...» O evangelho de Cristo elevou as mulheres a um novo nível na sociedade, e, naturalmente, as mulheres crentes têm idêntico destino dos homens crentes, no tocante à vida eterna e à participação na imagem e natureza de Cristo. Isso pode ser contrastado com a baixíssima avaliação das mulheres entre os judeus, pois entre seus eruditos se debatia até se a mulher tem mesmo alma ou não. (Ver as notas expositivas em João 4:27,29 sobre a «posição da mulher no judaísmo»). Debajo do cristianismo, conforme se vê em Gál. 3:28, a mulher é reputada em posição de igualdade, ainda que tal princípio nunca tenha sido completamente posto em prática através dos séculos.

«...submissas...» No grego é «*upotasso*», que na voz ativa significa «subordinar», e na voz passiva indica «estar subordinado», «obedecer a». A mesma palavra foi usada no caso dos «servos», em I Ped. 2:18. Quando duas pessoas montam em um cavalo, uma deve estar mais na frente que a outra; outro tanto sucede no lar cristão, embora marido e mulher sejam iguais quanto ao valor inerente de seus seres. E nenhum deles, em Cristo, é mais privilegiado do que o outro. Contudo, por amor à ordem, o marido deve tomar a liderança no lar. Biologicamente, no que tange à composição emocional, o marido está mais qualificado para seu trabalho, sendo mais capaz de defrontar o mundo e proteger sua família do que a mulher. O ideal é a democracia; e nessa direção é que a família cristã deveria esforçar-se, de tal modo que não haja exigências absurdas da parte do esposo para com a esposa, da parte dos pais para com os filhos, etc. Pois tais exigências alienam os seres humanos uns dos outros, se não na presença, pelo menos em espírito. É particularmente entristecedor ver um homem governar sua casa com vara de ferro, quando, na realidade, ele é inferior à sua mulher, que lhe é superior moral e intelectualmente. O simples fato que ele é homem, e que ela é mulher, não o torna superior, a não ser na força física dos músculos. Em tudo o mais, ela pode ser superior a ele. Seja como for, ela precisa da proteção dele, e não de sua brutalidade e governo despótico; ela exige o seu respeito e amor e não suas expressões egoístas. Quase todos os conflitos que surgem nos lares se originam do egoísmo, da parte do homem ou da parte da mulher. Porém, quando o amor toma o lugar do egoísmo, os conflitos cessam—mas, como gostamos de ser egoístas, como gostamos de entregar-nos a nossos interesses pessoais, esquecendo-nos dos direitos e do bem-estar dos outros!

O presente texto pode ser comparado com o trecho de Efé. 5:21 e ss. O vigésimo primeiro versículo desse trecho mostra que a «submissão» de uns para com os outros faz parte dos deveres cristãos. Isso indica que cada pessoa que é chamada para ter o nome de cristão tem a responsabilidade de ter com os outros a atitude do «dar e receber», e não apenas do «receber» dos outros. As idéias e os desejos dos outros devem ser respeitados. Assim também, em certo sentido, o marido deve estar em sujeição à sua esposa. O vigésimo segundo versículo desse mesmo trecho apresenta o mesmo mandamento que encontramos aqui, isto é, que as esposas sejam sujeitas a seus próprios «esposos», «como ao Senhor». O marido é o cabeça de sua mulher, assim como Cristo é o cabeça da igreja (vigésimo terceiro versículo); e, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também a esposa deve submeter-se ao seu esposo. A leitura desses versículos fornecerá muito material que ilustra bem a presente passagem.

«...a vossos próprios maridos...» Temos aqui a mesma expressão de Efé. 5:22, onde a questão é comentada. A esposa não deve sujeitar-se a todos os homens, meramente porque eles são homens. Ela não deve submeter-se a estranhos. Sua sujeição é a seu próprio marido, e sob a condição do amor e dos laços matrimoniais.

«...alguns deles ainda não obedecem à palavra...» Essa sujeição se aplica até mesmo nos casos em que o marido não é crente, ainda que estes sejam abusivos em suas exigências. Apesar de que a primeira lealdade da esposa é para com Cristo, e que ela nada deve fazer que possa desgraçar o nome do Senhor ou a fé cristã, ela deve obedecer até mesmo sob circunstâncias e em coisas que lhe pareçam totalmente fora de lugar. Aqueles casos em que a obediência envolva desobediência a Cristo devem ser julgados individualmente, com a ajuda do conselho espiritual de crentes mais experientes. Pedro não aborda os «casos nebulosos», em que é duvidoso o que a esposa crente deve fazer. Ele estabelece uma regra geral, esperando que a esposa cristã saiba o que fazer naqueles casos nebulosos. Sem dúvida alguma ele

reconhece que há casos em que a obediência ao marido é impraticável, porque isso envolveria desobediência a Cristo. Ele estabelece uma regra geral que admite exceções, mas não aborda a questão das exceções, a fim de não debilitar o seu caso. Alguns antigos romanos obrigavam suas esposas e suas irmãs a se prostituírem, a interesse de lucro financeiro. Obviamente, nenhuma mulher crente deve obedecer a seu marido se ele exigir dela algo que se assemelhe ao menos a isso.

«...obedecem à palavra...» Neste caso, «...palavra...» é o evangelho, conforme é normal nas páginas do N.T., não havendo qualquer alusão às Sagradas Escrituras. (Ver I Ped. 2:8 e Col. 1:5 quanto a notas expositivas completas sobre esse uso do termo «palavra»). Ver também I Tes. 1:6 quanto a notas expositivas adicionais sobre essa questão). No presente versículo, isso significa apenas que os maridos em foco ainda não se tinham convertido a Cristo, mediante a «mensagem» que fala sobre ele. E alguns desses maridos permanecem até ao fim como homens não-regenerados, hostis à mensagem do que lhe parece uma «nova religião». Contudo, as esposas, a fim de eliminarem essa hostilidade, devem obedecer a esses maridos. Todo o marido incrédulo não deveria ser capaz de dizer: «O cristianismo piorou a minha mulher». A conduta obediente dela, suas ações em geral, devem antes tender para levá-lo a reconhecer: «O cristianismo melhorou a minha mulher; talvez possa fazer a mesma coisa por mim».

«...sejam ganhos...» (Comparar com Mat. 18:15, onde se vê que um irmão, através de ações apropriadas, pode «ganhar» a outro para Cristo). O termo grego aqui usado, «*kerdaino*», significa «ganhar», «adquirir». Paulo falou em «ganhar a Cristo», isto é, o bem-estar espiritual da vida eterna, que vem por meio do Senhor, utilizando-se desse vocábulo, em Fil. 3:8. Esse vocábulo tem natureza geral, dando a idéia de obter vantagem ou lucro de qualquer natureza. No presente contexto, significa «converter o marido», levando-o a prestar lealdade a Cristo. A obediência de uma esposa crente, pois, deve ter um propósito evangelístico natural, tal como a conduta de um crente, para com os «estranhos», deve ter tal motivação. (Ver Col. 4:5,6).

«...sem palavra alguma...» Essa declaração não significa, «sem que a esposa pregue o evangelho», e, sim, muito mais provavelmente, «sem argumentos», «sem discussões». A conduta da mulher crente será suficiente, se for genuína. O marido haverá de reconhecer a genuinidade da conduta dela, e isso falará mais alto que as palavras que ela disser. «Ganhos pela vida piedosa, e não pelas discussões resmungadoras». (Robertson, *in loc.*).

«...procedimento de suas esposas...» No grego é «*anastrepho*», que literalmente significa «desequilibrar», «transtornar», mas que no reflexivo passivo significa «permanecer», «viver», e, metaforicamente, indica a conduta geral dos seres humanos, o seu «comportamento». Semelhante a isso é a metáfora do «andar» cristão, tão freqüente nas páginas do N.T. (Ver Rom. 4:12; Gál. 5:16,25; Efé. 2:10).

«Vossa conduta santa pode ser o meio de levá-los (vossos maridos) à reverência pelo cristianismo, cuja pregação ouvirão». (Adam Clarke, *in loc.*). Sempre será verdade que aquele que passou por uma experiência tem maior vantagem do que aquele que tem apenas um argumento, e os antigos julgavam uma religião qualquer mais pela sua força prática, na vida diária, do que pelas suas doutrinas.

«Uma mulher calada é um dom do Senhor... uma mulher que grita aos berros é uma repreensão e será buscada para espantar os adversários». (Ben Siraque xxvi. 14,27).

«O silêncio é o melhor ornamento da mulher». (Ajaz, 2933, em Sófocles).

«A esposa discreta procurará, antes de tudo, persuadir a seu esposo a compartilhar com ela das coisas que levam à hem-aventurança; mas, se isso for impossível, que somente ela busque diligentemente a virtude, em tudo obedecendo a ele, sem nada fazer contra a sua vontade, exceto aquilo que for essencial para a salvação». (Clemente de Alexandria).

«Uma alma convertida e ganha para si mesma, ganha para o pastor, ou amigo, ou esposa ou esposo que a buscou e a conquistou para Jesus Cristo; acrescentada ao tesouro de Cristo, o qual não pensou que seu precioso sangue era caro demais para essa conquista». (Leighton, *in loc.*).

O orador pagão Libânio apreciava o que o cristianismo fizera em favor de esposas. Disse ele: «Que esposas admiráveis têm esses cristãos!»

**Variante Textual:** As palavras «serão ganhos» (futuro), o que subentende uma certeza relativa, é a forma melhor, a qual aparece nos man. P172), Aleph, ABCK e nos escritos de Clemente e Teófilo. O subjuntivo, «sejam ganhos», conforme aparece em nossa versão portuguesa, aparece nos manuscritos bizantinos minúsculos e nos manuscritos latinos a, b, j e o. É possível que tenha havido uma modificação accidental do ômicron para o ômega, conforme com freqüência aconteceu em manuscritos posteriores, quando, na pronúncia comum, não mais se observava a distinção entre o «o» longo e o «o» breve.

2 ἐποπτεύσαντες τὴν ἐν φόβῳ ἀγνὴν ἀναστροφὴν ὑμῶν.

2 φοβα] λογω 38 Cl: φ. και λογω 378

3:2: considerando a vossa vida cmta, em temor.

O cristianismo prático pode conquistar a outros para Cristo, ao passo que a pregação pode ter o efeito apenas de espantar aos outros, sobretudo quando essa pregação está eivada de murmúrios e críticas.

«O longo e detalhado conselho de Pedro às esposas crentes pode subentender que as mulheres eram bem mais numerosas que os homens nas igrejas às quais ele dirigiu esta sua epístola. Isso parece bem moderno. Não há que duvidar que um maior número de mulheres é atraído pela pessoa e pelo evangelho de Jesus Cristo... Muitas dessas esposas, para as quais Pedro escrevia, sem dúvida eram casadas com esposos pagãos. A posição delas parecia ainda mais difícil do que daquelas que não eram cristãs. Os maridos pagãos de mulheres crentes podiam tornar a vida destas últimas uma miséria. O conselho de Pedro às esposas, pois, é muito mais que uma reiteration dos costumes mundanos da época; ele reconhecia a dignidade e a vocação influente das esposas cristãs. Ele tinha pouca razão para escrever a maridos crentes cujas mulheres não fossem crentes; estes poderiam mais certamente conduzir suas mulheres à fé». (Homrighausen, *in loc.*).

Pedro não queria que as mulheres crentes violassem às leis da terra, fazendo com que sua fé cristã fosse motivo para interromperem o seu estado matrimonial. Antes, queria que usassem a sua fé cristã para firmarem mais ainda o seu lar, tornando-o cristão. Paulo fornece instruções mais detalhadas sobre essa questão, no trecho de 1 Cor. 7:10 e ss., onde o conselho é mais geral: o marido crente é exortado a procurar conquistar sua esposa para a fé cristã. Essa é a sua responsabilidade.

«...observarem...» (Comparar com 1 Ped. 2:12). Todos os «estranhos» são passíveis de conversão, se os crentes viverem diante deles de modo a lhes darem um exemplo suficientemente bom; e não se pode duvidar que uma vida piedosa impressiona sobretudo no lar, atingindo até mesmo o pecador mais endurecido e hostil. Em caso contrário, o crente terá feito tudo quanto está ao seu alcance, libertando-se da tremenda responsabilidade de livrar alguém do pecado e da morte eterna da alma de um parente seu.

«...comportamento...» No grego, «anastrophe», a mesma palavra usada no primeiro versículo, onde são dadas as notas expositivas.

«...honesto...» No grego é «agnos», que significa «puro», «casto». Qualquer dessas traduções é melhor do que «honesto». Pedro salienta que a mulher crente deve estar livre das influências morais corruptoras do paganismo, incluindo os pecados e os desvios sexuais, mas também qualquer contacto com as maneiras do viver pagão, com os excessos de várias modalidades, e até mesmo com os abusos religiosos degradantes, comuns no paganismo. A raiz da palavra é «agos», que indica qualquer tipo de «respeito religioso». Isso veio a ser aplicado aos «sacrifícios» oferecidos aos deuses, ou seja, algo «separado» do uso comum, preservado para o que era sagrado. Porém, o vocábulo veio a indicar «santo» ou «puro», com ou sem a idéia de «separação».

3 ὧν ἔστω οὐχ ὁ ἐξῶθεν ἐμπλοκῆς τριχῶν καὶ περιθέσεως χρυσίων ἢ ἐνδύσεως ἱματίων κόσμος,

3 ἔστω...κόσμος 1 Tm 2:9

3 ἐμπλοκῆς] εκ πλοκῆς (ver εκπλ-) β14 al | τριχων] om CΨ pc att m sa Cl

3:3: O vasso adorno não seja enfeite exterior, como as tranças dos cabelos, o uso de jóias de ouro, ou o luxo das vestidas.

As mulheres crentes devem ser distintas e adornadas, mas não na ornamentação externa, e, sim, pela beleza íntima do caráter cristão. Esse é o adorno que verdadeiramente se faz necessário. Pedro dava a entender não que as mulheres devem ser descuidadas em seu vestuário, porque isso chamaria para elas uma atenção negativa. Também não é provável que estivesse proibindo o uso de jóias. Antes, ele advertia contra a ostentação nos penteados, no uso das jóias e no modo de vestir. Sua advertência pode ser comparada com o que se lê em Isa. 3:16-24, onde o profeta denuncia as filhas de Sião que andavam ativas, de pescoços esticados, com olhos dissipadores, a balançar as cadeiras e suas jóias a tilintar, ao darem os seus passos medidos. Paulo, em 1 Tim. 2:9-12, nos dá uma denúncia muito similar a essa, acerca da tendência das mulheres de exagerarem em seus adornos artificiais. Não é provável que Pedro ou Paulo aprovassem o exagero das mulheres no uso moderno dos cosméticos e dos estilos arrojados de vestes.

«...adorno...» O verdadeiro sentido, neste caso, é penteados, maquiagem, uso de jóias e vestes, como algo meramente exterior. O verdadeiro adorno das mulheres crentes é descrito no quarto versículo—um adorno espiritual, composto das riquezas da alma, o que embeleza a mulher em seu caráter. O termo grego aqui empregado é «kosmos», que tem os significados de «mundo», «ordem», «enfeite». A última dessas significações está em foco aqui. Dessa palavra é que se deriva o termo moderno «cosmético». Pode haver alguma conexão tencional, devido ao uso dessa palavra, com a idéia de «mundanismo»; pelo menos Pedro quis dizer que a ornamentação externa exagerada é sinal de mundanismo. Porém, visto que essa palavra tem um sentido geral, podendo dar a entender o que é exterior ou interior, não há qualquer tentativa verbal consciente para designar a ornamentação como «mundanismo», por si mesma.

«...frisado de cabelos...» Juvenal, em suas *Sátiras*, vi., ridiculariza a extravagância dos penteados das matronas romanas de seus dias. «Suas auxiliares voltam quanto ao penteado como se isso fosse uma questão de reputação, ou como se a vida estivesse em perigo, tão grande é o valor que ela dá à questão da beleza; ela levanta muitas camadas, ela ergue muitos andares de caracóis sobre a cabeça. Torna-se tão alta como Andrômaca na frente, mas por detrás é baixa. Pensar-se-ia que ela é outra pessoa».

O fato que uma mulher podia fazer um alto penteado, como se fosse uma torre, significa que ela tinha os cabelos longos; e isso é mais do que o que pode ser dito acerca de muitas matronas modernas. Sabemos que as mulheres não se contentavam em pentear os cabelos em penteados

«...cheio de temor...» Algumas traduções preferem aqui «respeito» ou «reverência», sem dúvida indicando «pelo marido». O termo grego «phobos» é o vocábulo grego comum para indicar «medo», embora possa ter outras variações de sentido. Certamente uma esposa não deve ter «medo» de seu esposo como se este estivesse prestes a fazer-lhe algum mal. Notemos, em 1 Ped. 2:18, que os servos também devem ter temor ou reverência por seus senhores, o que os levará a se mostrarem zelosos em seu serviço. Qualquer «temor» dessa modalidade, da parte de quem quer que seja, deve ser entendido à base do «temor de Deus». Isso é comentado em 1 Ped. 2:17. Fica subentendido, embora isso seja expresso ou não, que todo o comportamento cristão visa apenas secundariamente aos homens, porquanto é ao Senhor Jesus que realmente devemos servir em tudo quanto praticamos. Isso é enfaticamente ensinado em Col. 3:22, onde se diz que o serviço deve ser feito, idealmente, no «temor a Deus». O vigésimo quarto versículo daquele mesmo capítulo mostra que todo o serviço deve ser prestado ao «Senhor Jesus». Temos um «Senhor nos céus», Cristo (ver Col. 4:1), o qual requer a nossa lealdade; porque se lhe formos leais, haveremos de servir também a nossos superiores, respeitando-os por serem criaturas de Deus, investidas de autoridade pelo próprio Deus. Comparar o presente versículo com Efé. 5:33, onde é ordenado às esposas, diretamente, o «temor» aos seus esposos.

«O marido vigia zelosamente para ver o que fará sua mulher, depois que ela aceitou aquelas tolas noções do cristianismo; ao ver dele; mas, finalmente, ele cede. Jesus deve ser o Messias, pois, de outro modo, sua esposa não seria tão casta!» Leighton observa sobre a palavra «casta» que se trata de uma graça delicada e temente, que receia o menor ar ou aparência de qualquer coisa que pareça errado, na maneira de falar, de vestir, segundo se vê no terceiro e no quarto versículos desta passagem.

«...os maridos certamente investigariam, e, nessa investigação, aprenderiam segredos aos quais eram estranhos, aprendendo como a língua é contida onde a reprimenda seria apenas natural, como a vida pura é mantida, a despeito das tentações à lassidão, e como os laços do matrimônio são exaltados com a observância religiosa, até mesmo quando a reverência pelo marido não encontrava reflexo. Tais vidas se mostram mais poderosas do que a oratória, são dotadas de encantadora resistência e levam um marido, primeiramente, à admiração, e então ao louvor, e, finalmente, à imitação». (Lumby, *in loc.*).

«Escrupulosamente pura; não a ambição ruidosa das mulheres mundanas» (Fauett, *in loc.*).

«...por não compreenderem a doutrina de Cristo, fazem uma estimativa da mesma através das vidas de suas esposas. Seria impossível não virem a elogiar o cristianismo, que teme a pureza e o temor». (Calvino, *in loc.*).

O silêncio da inocência pura  
Persuade quando a fala falha.

(Shakespeare)

mirabolantes, mas também tingiam-nos e seguravam suas madeixas com grampos de grande valor, encrustados de ouro, com pedras preciosas. Eram usadas perucas, até mesmo louras. Pelo menos, quanto a esse particular, «Nada há de novo debaixo do sol!» A história antiga mostra que as mulheres gregas, bem como as de outras culturas antigas, não eram menos vaidosas quanto a esse particular do que as mulheres romanas. Algumas vezes, placas finas de ouro eram misturadas com os cabelos, refletindo a luz do sol; ou, à noite, refletindo a luz das candeias, o que fornecia uma estranha cena. Os alfinetes de marfim, com pontas de pérola ou com corpos incrustados de pedras preciosas, eram comuns entre as mulheres das classes mais abastadas. Mulheres solteiras com freqüência encaracolavam ou frisavam seus cabelos, formando uma massa geral, ao passo que as mulheres casadas com freqüência os partiam no alto, acima da testa. Clemente de Alexandria, em *Pai.* III.xi, observa como as mulheres temiam o sono, pois teriam a necessidade de descansar a cabeça sobre algum travesseiro, e isso lhes estragaria o penteado. Na cultura judaica havia cabeleireiras profissionais, cuja especialidade era frisar os cabelos de suas clientes. Maria Madalena, segundo certas tradições, teria tido essa profissão; e os judeus dizem que Maria, mãe de Jesus, também tinha essa profissão. (Ver *Mishnah Sabbath.*, cap. 6, seção 1). Não há como confirmar ou confutar essas tradições.

«...adereços de ouro...» Os ornamentos de ouro eram usados nos cabelos, na forma de redes para os cabelos, braceletes, anéis, laços e argolas de tornozelo. As antigas mulheres judias usavam uma espécie de coroa de ouro sobre a cabeça, na forma da cidade de Jerusalém (ver *Mishnah Sabbath.*, cap. 6, seção 1); e isso tanto antes como depois da destruição daquela cidade.

«...aparato de vestuário...» Essas palavras não proíbem o uso de roupas de boa qualidade, nem encorajam o desleixo nas vestes. Antes, proíbem a tentativa de ostentação deliberada, através do uso de vestidos bordados em ouro ou com jóias, o que, naturalmente, dariam a impressão de fausto, além de ser sexualmente estimulante.

«Duas coisas devem ser levadas em conta nas vestes, a utilidade e a modéstia. Portanto, não se pode justificar a vaidade de uma mulher que usa os cabelos encaracolados ou penteados extravagantes. Aqueles que fazem objeção e dizem que vestir-se desse modo é questão indifferente, porquanto todos seriam livres para fazer o que bem quieram, podem ser facilmente desditos; pois a elegância excessiva e a exibição supérflua, em suma, todos os excessos, se originam de u'a mente corrompida. Além disso, a ambição, o orgulho, a afetação e todas as coisas semelhantes não são coisas indifferentes. Por conseguinte, aqueles cujas mentes foram



purificadas de todas as variedades haverão de pôr devidamente em ordem todas as coisas, não pecando contra a moderação». (Calvino, *in loc.*).

Xenofonte contava uma encantadora história em que um cavaleiro ateniense exprobrava sua esposa por sua vaidade, pois ela esperava poder atrair-lo com seus sapatos de saltos altos, pintando o rosto de rouge e branco. A esposa de Fócio, que foi um célebre general ateniense, recebeu a visita de uma senhora finamente ornamentada de pedras preciosas, cujos cabelos estavam adornados de pérolas e tinham sido frisados. A esposa de Fócio naturalmente, observou o preço da aparência de sua visitante, mas acrescentou: «Meu ornamento é meu marido, agora general dos atenienses

4 ἀλλ' ὁ κρυπτὸς τῆς καρδίας ἄνθρωπος ἐν τῷ ἀφάρτῳ τοῦ πραέως καὶ ἡσυχίου πνεύματος, ὃ ἐστὶν ἐνώπιον τοῦ θεοῦ πολυτελής.

3:4: mas seja a de dentro da coração, no incorruptível traje da um espírito manso e tranquilo, que é precioso diante de Deus.

Melhor tradução seria «pessoa interior», porquanto mulheres estão em pauta. A expressão equivale àquela de Paulo, «homem interior» (ver Efê. 3:16), que indica a «verdadeira pessoa», a «alma». Essa «verdadeira pessoa» pode ser embelezada tanto quanto o quiser uma mulher crente; e esse adorno consiste de um espírito tranquilo e manso, isto é, essas são evidências—juntamente com outras coisas—de desenvolvimento e de maturidade espirituais. Naturalmente, isso também se aplica a homens crentes, porquanto aquilo na direção em que nos devemos esforçar é a beleza da alma, porquanto, sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14).

O grego diz, literalmente, «homem oculto», porquanto Pedro queria estabelecer o contraste entre a «pessoa externa», que pode ser decorada com jóias e artifícios, e a «alma», que não aparece aos sentidos, mas que, não obstante, é real.

«...coração...» Apesar do termo «coração» ser freqüentemente usado para indicar a porção «emocional» do homem, a alusão à alma ou verdadeiro eu é quase sempre inerente, e isso é óbvio aqui também. O coração é aquela porção vital sem a qual a vida física é impossível. Portanto, torna-se símbolo apropriado da verdadeira vida do ser, investido na alma. O coração é a fonte da verdadeira fé (ver Rom. 10:10); podendo ser cegado (ver Efê. 4:18); é a fonte de alegria e cântico (ver Efê. 5:19); deve ser singelo, mas é totalmente dedicado a Deus e a questões espirituais (ver Efê. 6:5 e Col. 3:22); pode condenar as ações do indivíduo ou aprová-las, pois é dotado da função da consciência (ver I João 3:20,21). E também pode ser obscurecido e endurecido, entrando em apostasia e esquecendo Deus inteiramente (ver Rom. 1:21 e 2:5).

«...incorruptível...» A «jóia imperecível» das autênticas graças cristãs, em contraste com tudo quanto é físico, incluindo o ouro e as jóias, que finalmente serão destruídas, juntamente com todo o mundo físico. Essa é uma maneira poética de dizer-nos que devemos buscar o que é celestial e eterno, pois todas as coisas terrenas são corruptíveis e perecíveis, e, portanto, temporais. A alma, adornada pelas graças cristãs, torna-se imortal, tal como Deus é imortal, pois chega a participar da própria modalidade da vida de Deus. (Ver as explicações a esse respeito em João 5:25,26 e 6:57). A alma, ao obter essa natureza imperecível, torna-se uma jóia eterna, apropriada para que sobre ela seja posta a coroa de Cristo.

«...espírito manso...» O termo «espírito» parece ter aqui o sentido de «disposição»; mas essa disposição deve ser compreendida como expressão do espírito ou alma da mulher crente. A graça feminina que o evangelho exige é a gentileza, e a gentileza feminina é algo de que este mundo cruel muito precisa. O trecho de Gál. 5:22 alista a «gentileza» como um dos aspectos do «fruto do Espírito», pelo que se deriva do desenvolvimento e da maturidade espirituais, não podendo ser qualidade limitada exclusivamente às mulheres. Jesus era gentio. (Ver Mat. 11:29).

As toques gentil de uma mulher  
pura e virtuosa,  
O que, neste mundo brutal e indiferente,  
se pode comparar?  
(Russell Champlin)

ὅ οὕτως γὰρ ποτε καὶ αἱ ἅγαι γυναῖκες αἱ ἐλπίζουσιν εἰς θεὸν ἐκόσμου ἐαυτάς, ὑποτασσόμεναι τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν,<sup>a</sup>

\*\*\* 5-6 a menor, a maior, a none: WH Bov Nê B<sup>7</sup> RV // a menor, a maior, a menor: TT Zù

Jer Beç // a menor, a menor: Luth // a maior, a menor, a menor: TR // a maior, a maior, a menor: AV RV ABV NEB // a menor, a maior, a menor: RV= ABV=

5, 6 (ἀνδραῖν, ὡς . . . καλοῦσα: ης εγ. τεκνα αγ.) ἀνδρ. (ὡς . . . καλοῦσα, ης εγ. τεκνα), αγ. R<sup>m</sup>)

3:5: Porque assim se adornavam antigamente também os santos mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas a seus maridos;

Pedro não apresenta aqui qualquer doutrina nova. Havia o exemplo de mulheres piedosas a seguir. Elas agradaram a Deus, e suas leitoras crentes, seguindo o exemplo daquelas, também haveriam de agradar ao Senhor. (Ver I Cor. 11:1 quanto a notas expositivas completas sobre a «força do exemplo», que ilustra bem o presente texto. Ver também I Ped. 2:21 e as notas expositivas ali existentes sobre esse tema). Cada homem é um sermão silencioso, uma força em favor do bem ou em favor do mal, ou então, alternadamente, em favor de uma coisa ou de outra. Não se pode exagerar o valor e o poder do exemplo. Ninguém é uma ilha, e estamos tratando da comodidade de almas eternas.

«...esperavam em Deus...» Algumas traduções dizem aqui «têm esperado em Deus», mas o original grego diz aqui conforme se lê na nossa tradução portuguesa. A esperança e a fé, porém, com freqüência quase sempre são idéias sinônimas, e as duas coisas correm inentemente juntas. Essas mulheres esperavam na vida eterna porquanto confiavam em Deus. Pedro mostra que elas tinham uma mente «ligada ao outro mundo»; e essa é uma definição neotestamentária da «fé». (Ver Heb. 11:1 acerca de uma nota de sumário sobre a «fé», onde também aparece poemas ilustrativos a respeito).

já por vinte anos». Para uma mulher crente, o seu ornamento deve ser a espiritualidade obtida da parte de Cristo, o seu Senhor.

Os intérpretes salientam que as santas mulheres do A.T. usavam jóias (ver Gên. 24:53) supondo que esta objeção é contra o excesso nessas coisas, e não contra o uso completo de jóias. É bem provável que essa posição seja correta. Cada crente deveria estar individualmente convencido para si mesmo, acerca de onde traçar a linha entre a modéstia e o exagero, no que diz respeito ao que é abordado pelo presente versículo. Se uma mulher crente se mostra cuidadosa a respeito do decoro de sua alma, também terá o bom senso de como ornamentar a sua tenda de carne.

«...tranquilo...» A mulher crente aqui idealizada não é resmungona, rixenta ou bruxa. Sua conduta deve ser simples e digna. Ela deve mostrar-se autoconfiante e temperada, dotada de vida santa. A vida de uma crente assim é um sermão eloquente, embora talvez nunca abra a boca para pregar o evangelho. Ela vale mais que rubis. (Ver Pro. 3:15 e ss.) «Quem entre vós é sábio e entendido? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras» (Tia. 3:13).

«...mansa, gentil, tranquila (ver Mat. 21:5; I Cor. 13:4; Efê. 4:2; Col. 3:12; Mat. 11:29; Tia. 1:20; 3:13; I Cor. 4:21; Gál. 6:1 e II Tim. 2:24). É o contrário do espírito voluntarioso, orgulhoso, presumido, obstinado, endurecido, iracundo e invejoso; antes, é calmo, tranquilo, sem excitações apaixonadas» (Lange, *in loc.*).

«...de grande valor diante de Deus...», isto é, as qualidades cristãs da esposa crente. É isso que realmente a enriquece, bem como àqueles que entram em contacto pessoal com ela. O termo grego «*poluteles*» significa «caríssimo», sendo usado em I Tim. 2:9 a fim de descrever roupas caras. Não pode haver dúvidas que Pedro alude ao «grande preço» das vestes e das jóias. No entanto, é como se ele dissesse: «Esses não são verdadeiros valores; os verdadeiros valores de uma mulher crente são as graças cristãs, que sua alma obteve mediante o desenvolvimento espiritual».

«...diante de Deus...» As mulheres por muitas vezes usam vestes caras e penteados exagerados a fim de atrair a atenção de outras pessoas: primeiramente, de outras mulheres, e então dos homens. No entanto, deveriam preocupar-se com sua aceitação diante de Deus, e não diante de outros seres humanos. O favor divino pode ser obtido, e este versículo mostra-nos como uma mulher crente pode fazê-lo.

«Pois, por que as mulheres tanto cuidado mostram por se adornarem, exceto atraírem os olhos dos homens para elas? Mas Pedro, pelo contrário, ordena que elas anelem por buscarem a aprovação diante de Deus, que é de grande valor». (Calvino, *in loc.*).

**Idéias adicionais:** 1. Devemos preocupar-nos com o que é interno e espiritual, e não com o que é apenas externo e terreno. No dizer de Sêneca: «Grande é aquele que usa sua louça de barro como se ela fosse de prata; não menor é aquele que usa sua prata como se ela fosse louça de barro». 2. «Deus dá grande atenção aos mansos, humildes e tranquilos; ele eleva tais almas, quando estão abatidas; ele faz com que as boas novas lhes sejam pregadas; ele aumenta a alegria delas no Senhor; ele alimenta essas almas até à saciedade, quando estão famintas; ele as guia no juízo, e as ensina os seus caminhos; ele as elevará no julgamento, reprovando-as com equidade por amor a elas; ele dá maior graça a elas e as embeleza com a salvação, levando-as a herdar a terra» (John Gill, *in loc.*). 3. «Aprende: Uma das principais preocupações de um verdadeiro crente jaz no reto ordenar e comandar de seu espírito; onde termina o trabalho de um hipócrita, ali começa a obra do verdadeiro crente». (Matthew Henry, *in loc.*).

**Referências e idéias.** A gentileza. 1. A gentileza de Deus torna grande o crente (ver Sal. 18:35). 2. Deus trata a seu povo com gentileza (ver Isa. 40:11). 3. A missão do Messias foi realizada com gentileza (ver Isa. 42:3). 4. A gentileza caracteriza a Cristo (ver II Cor. 10:1). 5. A gentileza é um dos aspectos do «fruto do Espírito», uma qualidade espiritual exigida da parte dos homens (ver Gál. 5:22).

A esperança aparece aqui como algo subjetivo, isto é, a expectativa da alma por aquilo que Deus pode dar. Também é algo objetivo, isto é, aquilo por que se espera. Mas, embora esteja aqui em pauta a esperança subjetiva, é impossível alguém esperar sem ter algum «objeto» em que espere, pelo que ambos os tipos de esperança sempre aparecem nos textos em que se menciona uma ou outra qualidade da esperança. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «esperança», ver Rom. 8:24,25).

**Referências e idéias.** A esperança. 1. Ela se firma em Deus (ver Sal. 39:7 e I Ped. 1:21). 2. Ela se firma em Cristo (ver I Cor. 15:19 e I Tim. 1:1). 3. Ela se alicerça sobre as promessas de Deus (ver Ato 26:2 e Tito 1:2). 4. Ela se nutre na misericórdia de Deus (ver Sal. 33:18). 5. Ela é obra do Espírito Santo (ver Rom. 15:13 e Gál. 5:5). 6. Ela é ordenada na graça (ver II Tes. 2:16). 7. Ela é dada por meio do evangelho (ver Col. 1:5,23). 8. Ela resulta da experiência espiritual (ver Rom. 5:4). 9. Ela não envergonha a ninguém (ver Rom. 5:5). 10. Ela se baseia na fé (ver Rom. 5:1,2 e Gál. 5:5).

«...santas mulheres...» A mulher, como qualquer ser humano, tem por alvo a obtenção da «santidade». Essa santidade pertence a Deus, não sendo imitação, mas antes, sendo dada na justificação, como declaração forense, sendo desenvolvida deveras no processo santificador. Sem a santificação é impossível alguém chegar à glorificação, e isso faria falhar o propósito

mesmo da salvação; seu conteúdo jamais se cumpriria no ser. A passagem de II Tes. 2:13 ensina-nos isso, o que deve ser levado a sério. «...a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14). (Ver as notas expositivas completas sobre a santificação, em I Tes. 4:3; e sobre a «justiça de Deus», em nós inundada pelo Espírito Santo, em Rom. 3:21. Ver ainda as notas expositivas sobre o «fruto do Espírito», em Gál. 5:22,23, que é em nós produzido através do poder do Espírito Santo).

«...submissas...» Temos aqui a mesma palavra utilizada no primeiro versículo. (Ver ali as notas expositivas). O evangelho exige que as mulheres crentes da atualidade imitem suas antigas irmãs na fé, nesse particular: submissão a seus próprios maridos. Esse é um adorno espiritual a ser buscado pelas mulheres que são sérias em sua inquirição espiritual.

«...se ataviaram...» Elas se adornavam da maneira descrita no quarto versículo, isto é, com mansidão e tranqüilidade, de mistura com a submissão a seus maridos. Essa é uma das particularidades que deve ser emulada ou copiada pelas mulheres crentes da atualidade. «As piedosas mulheres do A.T. são citadas como modelos de matronas cristãs. Aqui encontramos outra instância do forte senso de Pedro sobre a vida religiosa em sua continuidade. Pode haver uma alusão oculta à denúncia contra os

6 ὡς Σάρρα ὑπήκουσεν τῷ Ἀβραάμ, κύριον αὐτὸν καλοῦσα· ἧς ἐγενήθητε τέκνα· ἀγαθοποιούσαι καὶ μὴ φοβούμεναι μηδεμίαν πτόησιν.

3:4; como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, se fazeis o bem e não temeis nenhum aspecto.

O apóstolo pode ter tido em mente várias mulheres do A.T. como suas ilustrações, como Rebeca, Raquel, Ana ou Rute; mas era comum, entre os rabinos judeus, usar de elogios elaborados acerca de Sara, para propósitos ilustrativos; e não há que duvidar que isso podia ser comumente ouvido nas sinagogas, no primeiro século da nossa era. Sara era usada como um exemplo, primeiramente, por ser ela a esposa favorita de Abraão, e juntamente com Moisés, a mais elevada posição de respeito, no conceito de Israel; em segundo lugar, porque, na qualidade de esposa de Abraão e mãe de Isaque, ela era a grande matriarca da raça judaica. Sara era meio-irmã de Abraão, pelo lado paterno, Terá (ver Gên. 20:12). Ela o acompanhou desde Ur dos caldeus, através de Harã, e, finalmente, chegou à terra de Canaã. Era mulher belíssima, o que causou problemas para Abraão, quando ele foi forçado a entrar no Egito, devido à fome. Quando Faraó se sentiu atraído por Sara, suspeitou que ela fosse mais do que irmã de Abraão, e a despediu. Ela se fez apenas de irmã de Abraão por uma segunda vez, na corte de Abimeleque, rei de Gerar. (Ver Gên. 20:13).

Sara levou sobre si o opróbrio da esterilidade, o que deu margem à instância de Hagar e do nascimento de Ismael. Com a idade de noventa anos, seu nome foi mudado de Sarai para Sara, e Abraão se tornou Abraão. A teofania prometia-lhes um filho, e que ela se tornaria a «mãe de nações». Isso pareceu ridículo a Sara, e ela riu-se; mas, neste contexto, aparecem as famosas palavras: «Acaso para Deus há coisa demasiadamente difícil?» (Gên. 18:14). O nascimento de Isaque cumpriu a promessa, removeu a reprimenda de Sara e trouxe à existência a linha física do Messias. Com a idade de cento e vinte e sete anos, faleceu Sara, in Quiriate-Arba, tendo sido sepultada na caverna do campo de Macpela. (Ver Gên. 23:1 e ss.).

Sara figura nas Escrituras, fora do registro do livro de Gênesis. Em Isa. 51:2 ela é mencionada como exemplo de pessoa que confiava em Yahweh. No N.T., o apóstolo Paulo menciona tanto Abraão quanto Sara, como aqueles cuja fé foi reputada como justiça (ver Rom. 4:19); e ele escreve sobre Sara como a mãe dos filhos da promessa (ver Rom. 9:9). Na epístola aos Hebreus, Sara é incluída na longa lista dos fiéis (ver Heb. 11:11). Em I Ped. 3:6 ela é apresentada como exemplo do respeito que uma esposa deve ter por seu esposo, mostrando-se obediente para com ele.

«...Sara...» obedeceu a Abraão... A grande matriarca da raça judaica deve ser digna de imitação. Quanto a isso ela deve ser observada e seguida. Ela demonstrou a obediência e o respeito apropriados por seu marido.

Filhas de Sara: «...chamando-lhe senhor...» Sara se situou na posição de um dos servos de Abraão, prestando-lhe a alegre lealdade, sem queixumes e nem hipocrisia. (Ver Gên. 17:12). Mônica, a mãe de Agostinho (ver Confissões ix.9.2) repreendia as mulheres que dela se aproximavam, queixando-se contra seus maridos, e ela as acusava de terem línguas censuradoras, «dizendo-lhes que ao lerem a declaração matrimonial, deveriam ter observado que de acordo com ela eram criadas; portanto, deveriam lembrar-se de sua condição, não se rebelando contra os seus senhores». Naturalmente, isso soa estranho para os ouvidos modernos, pois agora as mulheres elevaram muito acima disso a sua mentalidade, embora reflita bem a posição das mulheres nos tempos antigos. Os antigos escritos judaicos usam essa instância, na vida de Sara, em que ela é vista a chamá-lo de Senhor, mais ou menos como Pedro faz: «A esposa deve cuidar da família, educando seus filhos, servindo e ministrando a seu esposo em tudo, chamando-o de seu próprio senhor; e é isso que aprendemos do exemplo de Sara... que chamava Abraão de senhor...» (Sopher Musar apud Drus. de

7 Οἱ ἄνδρες ὁμοίως συνοικοῦντες κατὰ γνῶσιν, ὡς ἀσθενεστέρῳ σκεύει τῷ γυναικείῳ ἀπονέμοντες τιμὴν, ὡς καὶ συγκληρονόμοι<sup>1</sup> χάριτος ζωῆς, εἰς τὸ μὴ ἐγκόπτεσθαι τὰς προσευχὰς ὑμῶν. ὡς R)

1 7 [C] συγκληρονόμοις p<sup>2</sup> n<sup>2</sup> (n<sup>2</sup> συγκληρονόμοις) B<sup>2</sup> (B<sup>2</sup> συγκληρονόμοις) 33 1241 1739 1881 2492 [m. a. 10. sup. div. (m.) a. 1. v. g. sy<sup>2</sup> (sup<sup>1</sup>)] αὐτοῖς  
eth Ambrose Augustine Cammadorus Pa-Oecumenius Theophylact f  
7 Οἱ...γυναικείῳ Eph 5:22; Col 3:18 7 συνοικ. κατὰ γνῶσιν] συνοικούντες n<sup>2</sup>

[χαριτος] praet (add 2298 sy<sup>2</sup>) ποικίλης KA 614 al | τὰς προσευχὰς τοῖς -χαῖς B sy<sup>2</sup>

Dentre as duas variantes principais (συγκληρονόμοις 217 pode ser desconsiderada como idiossincrasia escribal), o apoio externo em prol de συγκληρονόμοις parece ser levemente mais forte (p<sup>2</sup> n<sup>2</sup> (n<sup>2</sup> συγκληρονόμοις) B (c) (B<sup>2</sup> συγκληρονόμοις) — 33 1739 it (65) vg sir (p) ara etí (Espéculo) do que no caso de συγκληρονόμοι (A C K P Ψ 81 614 Byz

enfeites exagerados das mulheres (ver Isa. 3:16 e ss.); mas o apóstolo Pedro não fala sobre o que as mulheres piedosas do passado não usavam, e, sim, do que usavam. Elas se adornavam com um manso espírito de sujeição, porquanto estavam em estado de subordinação». (Bigg. in loc.).

«Ele apresenta a elas o exemplo de mulheres piedosas, que buscavam o adorno espiritual, e não o adorno externo, os ornamentos meretrícios». (Calvino, in loc.).

«O apóstolo frisa sua doutrina mediante o exemplo, a maneira de ensinar mais compendiosa». (Leighton, in loc.).

«A sujeição delas era o seu adorno». (Mason, in loc.).

«Vesti-vos com a seda da honestidade, com o linho fino da santidade e com a púrpura da castidade: assim adornadas, Deus será o vosso amigo». (Tertuliano).

«A vaidade era proibida como algo contrário à sujeição feminina». (Fauceit, in loc.).

«Nada é mais indecente e impróprio do que uma mulher que não se sujeita a seu marido». (John Gill, in loc.).

\*\*\*

καλοῦσα· ἧς ἐγενήθητε τέκνα· ἀγαθοποιούσαι

6 Σάρρα...καλοῦσα Gs 18.12 6 ὑπηρετοῦσαν] -οῦσαν B 69 lat sy<sup>2</sup>

Quaesitis, Ep. 54 in loc.).

«Deve-se admitir, entretanto, que tal fraseologia não é fácil para uma esposa crente moderna» (Hunter, in loc.). «As mulheres, de alguma maneira, não organizam sociedades de 'filhas de Sara'». (Robertson, in loc.).

«...da qual vós vos tornastes filhas...» Não há necessidade de supor que a maioria das pessoas para quem Pedro escreveu era composta de judeus. Antes, na Ásia Menor, certamente a maioria da igreja se compunha de gentios. Contudo, conforme o ponto de vista neotestamentário, as mulheres gentias que se tinham tornado crentes são legitimamente chamadas de «filhas de Sara», porquanto a igreja é o Novo Israel participando amplamente do pacto abraâmico. (Quanto a esse pacto, ver Atos 3:25; quanto ao fato que a igreja se tornou o Novo Israel, ver Rom. 4:12,17; Gál. 6:16 e Ef. 2:19-22).

«...praticando o bem...» Cumprindo os deveres próprios de esposa e mãe incluindo o que é exortado na presente passagem, a modéstia nas vestes, a possessão de um espírito manso e tranqüilo, a obediência e o respeito ao marido. As mulheres que se recusam a fazer tais coisas dificilmente podem ser chamadas de «filhas de Sara». Notemos que elas se «tornaram» (no grego é usado o «aoristo») filhas de Sara «quando» começaram a praticar o bem. Essa era a condição de sua filiação. O evangelho cristão, com suas diversas exigências morais impostas às mulheres, faz com que as mulheres cumpram as condições para serem filhas de Sara.

«...não temendo perturbação alguma...» Evidentemente Pedro aludia à tentativa de alguns maridos pagãos de desviarem suas mulheres do cristianismo através de ameaças e abusos. Até esses maridos podem ver frustrados os seus desígnios, contanto que suas mulheres sejam autênticas filhas de Sara.

«...perturbação...» O grego é mais forte, «ptosis», que indica «intimidar» ou «terrorizar». Pedro sabia que certas mulheres sofriam terrivelmente nas mãos de homens pagãos brutais. Ele lhes assegura que elas podem obter a vitória se obedecerem às exigências do evangelho. Não precisam ser aterrorizadas ao ponto de abandonarem à fé; e, mediante a paciência e a resistência, podem conquistar para o evangelho até mesmo seus brutais maridos. Justino Mártir (segunda apologia) conta acerca de um marido pagão que denunciou sua mulher de havê-lo abandonado porque se tornara cristã; e isso trouxe a ela terríveis sofrimentos. Mas a verdadeira razão porque ela o tinha abandonado é que ele era um alcoólatra e um imoral.

A certeza dada por Pedro de que uma mulher crente não precisa alarmar-se pode estender-se a outras situações, que não a perseguição direta de maridos brutais. Ela terá de enfrentar alarmas referentes a seus filhos, à crescente oposição de vizinhos pagãos, e à perseguição movida pelo governo. Ela pode enfrentar a tudo isso se sua fé é genuína e sua vida produz boas obras.

Que isto seja minha muralha de bronze, não estar convicto  
De qualquer delinquência particular, nem mudar de cor  
Quando for acusado de alguma falta.

Se isso pode ser veraz na vida do crente, os riscos de ser um crente genuíno podem ser enfrentados e vencidos. «Não temas o pavor repentino...» (Pro. 3:25) é o conselho de Salomão, ao que Pedro pode ter-se referido neste versículo, embora lhe dê um sentido cristão todo especializado. Talvez Pedro estivesse pensando na falsidade demonstrada por Sara (ver Gên. 12:20), como razão justa porque ela foi subitamente assaltada pelo temor. O fato de estar o crente «espiritualmente correto», tira o terror próprio das crises repentinas.

7 Οἱ ἄνδρες ὁμοίως συνοικοῦντες κατὰ γνῶσιν, ὡς ἀσθενεστέρῳ σκεύει τῷ γυναικείῳ ἀπονέμοντες

τιμὴν, ὡς καὶ συγκληρονόμοι<sup>1</sup> χάριτος ζωῆς, εἰς τὸ μὴ ἐγκόπτεσθαι τὰς προσευχὰς ὑμῶν. ὡς R)

συγκληρονόμοι A C K P Ψ 049 058 0142 81 88 104 181 326 330 426 451 614  
420 620 845 1606 1877 2412 2465 Byz Lat sy<sup>2</sup> syr<sup>1</sup> Jerome f συγκληρ-  
ονόμοις 2127

(ὡς...γυν., απον. τιμην ὡς) ὡς...γυν. απον. τιμην,



*Lect. sir (h)*). Ser for adotado o dativo, a referência da cláusula *ὡς . . . ζῶντες* serão as esposas; se for adotado o nominativo, a referência apontará para os esposos. (1) A transição em sentido, do singular *τῷ γυναικείῳ σκεύει* para o plural *συγκληρονόμοις* pode ter parecido áspera para os copistas, que assim preferiram o nominativo. Na realidade, porém, a transição não é desnatural, e o dativo está mais em harmonia com a estrutura da sentença e com o pensamento (pois a presença de *καί* parece favorecer tomar-se as duas cláusulas como coordenadas entre si).

1. O substantivo *συγκληρονόμος*, derivado como é de um adjetivo de duas terminações, pode ser masculino ou feminino.

3:7: Iguamente vós, maridos, vivei com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vossas mães fráguas, e como senhas das herdeiras convexas da graça da vida, para que não sejam impedidas as vossas orações.

Uma declaração curta sumaria os ensinamentos do autor sagrado sobre as responsabilidades dos maridos crentes para com suas respectivas mulheres. Ele não nos apresenta a exigência paulina do amor supremo, que deve governar todas as ações e atitudes do crente (ver Ef. 5:25); porém, se aquilo que Pedro diz aqui for seguido pelos maridos crentes, certamente não haveria contendas nos seus lares, e nem esposas queixosas e amarguradas.

«...igualmente...» O marido crente, e não apenas sua mulher, recebe imposições morais da parte do evangelho. O matrimônio é uma situação de «dar e receber», e é somente quando um dos cônjuges insiste somente em «receber» que surge a dificuldade. Quase todos os problemas matrimoniais se baseiam no egoísmo de um ou outro dos cônjuges ou de ambos; e quando surge alguma dificuldade grave, raramente qualquer dos crentes é totalmente inocente.

«...vivei a vida comum do lar, com discernimento...» Essa tradução é mais uma interpretação. O grego diz, simplesmente, «vivei juntos segundo o conhecimento». Mas está em foco a vida conjugal diária. Essa vida em comum cria tensões para ambos os indivíduos, os quais têm suas necessidades e seus desejos. Mas as tensões podem ser vencidas se ambos estiverem dispostos a seguir o ideal cristão quanto à vida em família, com o respeito mútuo, com o amor mútuo, com a tentativa de subjugar as tendências egoístas.

«...com discernimento...» 1. Acerca do que o evangelho exige de ambos. 2. Acerca dos direitos de um e de outro. 3. Com o reconhecimento inteligente do que se requer para tornar bem-sucedido o casamento. 4. Com uma autêntica iluminação espiritual que torna a pessoa cônica das necessidades alheias e cônica das obrigações sagradas do matrimônio. Essa iluminação, sem dúvida, enche de amor um pelo outro, porquanto isso virá do Espírito Santo, que também enche a alma do espírito de amor. (Ver Gál. 5:22).

«...tendo consideração...» No grego temos «aponemo», «mostrar honra», «demonstrar respeito», «tratar com dignidade». O cristianismo elevou a posição da mulher. Ela é vista como igual ao homem (ver Gál. 3:28) no tocante ao privilégio espiritual, embora deva subordinar-se no lar por motivo de conveniência (conforme se vê na presente passagem). O judaísmo tinha a mulher em baixíssima conta, segundo se vê nos comentários sobre João 4:27,29. O cristianismo, por sua vez, exige de um marido crente que ame à sua mulher. Se todos os homens agissem assim, tribulações e contendas seriam banidas dos lares crentes.

«...como parte mais frágil...», ou como «vaso mais fraco». O termo grego «skeuos» significa: 1. Bens móveis ou peças de mobiliário (ver Mat. 12:29 e Luc. 8:16). 2. Qualquer mobiliário de uma casa. 3. Qualquer instrumento usado para algum propósito específico. 4. Um vaso qualquer, ou um prato, etc. Tanto o marido crente como sua mulher são vistos como «vasos» na casa de Deus, como «mobílias» da sua casa. O homem é o vaso mais «forte»; a mulher é o vaso mais «frágil». Mas ambos são úteis, dentro dos propósitos de Deus. Se Deus respeita a mulher crente e tem um lugar para ela, em seu designio eterno, como pode um homem desprezá-la e abusar dela?

«...frágil...» Pode-se entender: 1. Fisicamente débil; mas 2. os antigos também viam a mulher como intelectualmente inferior ao homem, como também emocionalmente. Normalmente, a mulher é mais fraca emocionalmente; mas, mui provavelmente, isso se deve às condições do meio ambiente, e à falta inerente de confiança em suas forças físicas, para ajudá-la em qualquer crise. Tem sido demonstrado que a presença dos hormônios femininos tornam a mulher definitivamente mais tímida e menos agressiva, e isso antes de qualquer condicionamento do meio ambiente. Por exemplo, se na frente de um menino bem pequeno for posta uma barreira, o menino tentará derrubar a barreira para passar adiante; mas, se isso for feito diante de uma menina bem pequena, ela chorará sem fazer qualquer tentativa de derrubar a barreira. Evidentemente isso se deve à presença dos hormônios femininos, que afeta a mentalidade da menina. Portanto, os meninos podem enfrentar as questões da vida com mais facilidade que as meninas; e isso se estende à idade adulta.

Apesar de saber-se atualmente não serem as meninas menos inteligentes que os meninos, as mulheres são o sexo mais fraco, em vários sentidos. É verdade que seu organismo tem maior resistência às enfermidades, e, em média, ela vive por mais tempo que o homem. Contudo, a declaração de Pedro, neste ponto, tem certos elementos de verdade. Isso era especialmente verdadeiro nos tempos em que ele escreveu, porquanto a mulher era severamente oprimida na sociedade, sendo reduzida quase que à posição de uma propriedade apenas. E os homens, sabendo disso, deveriam tratar as mulheres com maior ternura, com base no amor e no respeito. Sempre foi verdade, porém, que moral e até espiritualmente (em muitos casos), a mulher é mais forte que o homem, talvez devido ao fato que, biologicamente, a mulher é menos sujeita a certas tentações que o homem. Talvez a sua natureza naturalmente mais intuitiva (compensação pela debilidade física e resguardo contra os abusos praticados pela sociedade) as deixe mais «bem sintonizadas», espiritualmente falando. O homem, por sua V. Os Deveres Cristãos (2:11-4:11).

vez, encontra maiores obstáculos nesse particular.

«...por isso que sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida...» A palavra «vida», neste caso, sem dúvida deve ser compreendida no seu sentido joanino, isto é, «vida eterna». (Ver as notas expositivas quanto a isso, em João 3:15). A expressão, «graça de vida» indica que essa vida nos é dada pela graça divina, equivalendo a dizer que a pessoa é «salva pela graça», ou que a vida eterna é dom gracioso de Deus. (Ver Ef. 2:8 quanto a notas expositivas completas sobre a «graça»).

Os rabinos judeus debatiam para saber se as mulheres têm alma ou não. Esse tolo debate nunca penetrou no N.T., e nem qualquer dos autores sagrados do N.T. deixou entendido que o homem tem um destino mais elevado que a mulher. O trecho de Apo. 2:17 mostra-nos que todos os seres humanos são ímpares, dotados de propósito especial, nesta vida terrena e na eternidade, preenchendo um lugar que ninguém mais pode ocupar. Portanto, nada há de inferior quanto à mulher, do ponto de vista espiritual.

«...herdeiros...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «herança» do crente, ver Rom. 8:17). Essa herança envolve muito mais que a mera «posseção de coisas celestiais». Indica tornar-se um —ser celeste, moldado segundo a própria natureza de Cristo, um filho de Deus conduzido à glória, participante da mesma glorificação de Cristo (ver Rom. 8:30 e Heb. 2:10). Na qualidade de autêntico filho de Deus, em quem está sendo duplicada a natureza do Filho de Deus, o crente, naturalmente, compartilha da herança comum à família divina.

#### A Qualidade Da Espiritualidade Está Vinculada À Vida Doméstica:

1. Não deveria constituir surpresa para nós que a espiritualidade de um homem deve começar no seu lar, influenciando primeiramente aqueles que lhe são mais próximos. O homem que persegue sua esposa e põe obstáculos no caminho de seus filhos, dificilmente pode ser um homem verdadeiramente espiritual, sem importar o espetáculo que ele esteja apresentando a aqueles que não fazem parte de sua família. Assim, pois, foi requerido da parte dos anciãos e dos diáconos, que primeiramente governassem bem a sua própria casa, antes que pudessem estar qualificados a governar a casa de Deus. (Ver Tito 1:6).

2. Pedro salienta aqui que as orações de um homem podem ser impedidas se forem erradas as relações com a sua esposa. E visto que a oração é um dos principais meios de desenvolvimento espiritual, isso mostra que a espiritualidade do próprio indivíduo é entravada quando ele não mantém relações cordiais com a sua esposa.

3. Se um homem não pode influenciar a si mesmo e à sua esposa, para viverem em harmonia, se ele não vive segundo a lei do amor no tocante a ela (a qual, dentre todas as pessoas, é a que lhe está mais próxima), como pode ele viver com bom êxito a vida de amor, no tocante a outras pessoas?

4. Pode-se observar com freqüência como certos conflitos não somente impedem o desenvolvimento espiritual, mas também, como destroem, em certas oportunidades, a espiritualidade do indivíduo de forma terminante.

5. Você quer que as suas orações sejam respondidas? Nesse caso, viva em harmonia com sua esposa. Seja generoso para com ela, e Deus mostrar-se-á generoso para com você. O homem e a sua mulher formam, misticamente, um único ser. Se você causar algum dano à sua esposa, automaticamente estará causando um dano contra sua própria pessoa.

«São companheiros de viagem com as mesmas necessidades. Juntos podem levar suas petições a Deus, e quando coração e alma estão juntos, Cristo prometeu estar presente como a terceira pessoa. Ao orarem, conhecerão as necessidades um do outro. Esse é o maior conhecimento que um marido pode atingir, para honrar sua mulher; e, utilizando-se de tal conhecimento, ele fará subir prontamente suas súplicas unidas até ao trono da graça, e a união de corações não falhará em suas bênçãos.» (Lumby, *in loc.*).

Alguns comentadores creem que Pedro quis dar a entender que a oração sofre empecilho quando um homem se recusa a reconhecer a igualdade de sua esposa na participação da herança eterna; portanto, exclui-a da vida espiritual, incluindo a vida de oração. Talvez tais comentadores digam isso por inferência legítima, mas não é isso que o presente versículo ensina. A hostilidade de um homem à sua esposa, por qualquer razão e de qualquer maneira, também impede as orações e a inquirição espiritual.

«Não sobra espaço para a resposta às orações, quando um marido despreza e tiraniza sua mulher, e onde o casamento é maculado pela discórdia.» (Rons, no comentário de Lange).

«O tratamento severo leva a insulto e contenda, o que impede o poder e a eficácia da oração.» (Grotius, *in loc.*).

**Variante Textual:** A palavra «*syngleronomois*» («co-herdeiros»), no dativo, aparece nos mss P(72), Aleph(c), B(c) e os B(1) diz «*syngleronomois*», forma equivalente, com leve variação na soletração. 33, 1739, no It 65, Vg, Si(p), Ara e Eti (Speculum). Mas os mss ACKP, Pal, 81, 614, Byz. Lect. O Si(h) tem o nominativo. Se o nominativo é a forma correta, então a referência é à «participação conjunta na graça da vida», especificamente pelo lado dos «maridos»; se o dativo é que é correto, a alusão é às «esposas». A evidência objetiva favorece o dativo. Contudo, o próprio verbo, ao falar da participação mútua, deve incluir as mulheres no pensamento, se não mesmo como uma referência direta.

## 6. Sumário (8:8-12).

Agora o autor sagrado se dirige à comunidade cristã inteira, e não a alguma classe distinta da mesma, conforme foi caracterizado nas seções anteriores. Todos são exortados a manter a «unidade de espírito, a simpatia, o amor fraternal, um coração terno de u'a mente humilde»; e a esta seção é então adicionada a bela citação do Sal. 34. Um pensamento subjacente em toda esta seção sobre os deveres cristãos, a começar em I Ped. 2:11, é que toda a conduta do crente é potencialmente evangelística. As pessoas «estranhas», vendo como o amor genuíno regula tudo o que fazemos, e que o amor é produto do evangelho, ficarão impressionadas talvez o suficiente para também buscarem ao Senhor. «Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros» (João 13:35). «...a fim de que todos sejam um...para que o mundo creia que tu me enviaste» (João 17:21).

8 Το δὲ τέλος πάντες ὁμόφρονες, συμπαθεῖς, φιλάδελφοι, εὐσπλαγχνοί, ταπεινόφρονες,

8 ταπεινόφρονες] φιλόφρονες KP al c: φιλ. τω. L pc m r vg<sup>cl</sup>

3:8: Resbucendo, sede todos de um mesmo sentimento, compassivos, cheios de amor fraternal, misericordiosos, humildes.

«...Finalmente...» No grego é «to telos», um artifício literário que assinala o final de uma seção—neste caso, dos «deveres cristãos» no tocante a diversas classes, a começar em I Ped. 2:11. Essas palavras gregas também marcam o começo da declaração final, que prevê uma espécie de sumário geral sobre os deveres exigidos pelo evangelho da parte dos crentes.

«...sede todos de igual ânimo...» Ou então, «...tende todos a mesma maneira de pensar...», «...tende unidade de espírito...» O chamamento cristão é para a unidade no seio da igreja e entre os crentes individuais. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito em Efé. 4:3). A unidade do corpo é um fato, mas deve ser aplicada constantemente à prática da vida diária. É produzida pelo Espírito, pelo que a unidade será resultante do desenvolvimento espiritual e da maturidade. Mas, onde impera a desunião, a qual é acompanhada pela contenda, os homens tornam-se carnais. Paulo deixa isso bem claro em I Cor. 3:1 e ss. A unidade é produzida pela disposição em dar e tomar, e não meramente por tomar, em qualquer problema ou questão. Os homens que somente tomam, tornam-se facciosos; esses são os «hereses» do N.T., pois o espírito faccioso, antes de tudo, é uma heresia (ver I Cor. 11:18,19). Os homens podem entreter «opinões» diferentes, mas, se tiverem todos um só «sentimento» espiritual, poderão resolver suas diferenças. A maior parte da desunião nas igrejas, que alienam um crente de outro, em base pessoal, é causada por alguma espécie de «jogo de poder», em que um deles espera obter maior posição de autoridade e prestígio. Todos esses conchavos se baseiam no egoísmo, que é o contrário do amor, já que o amor cristão busca o bem dos outros, e não somente o nosso próprio.

«Não que os crentes devam conformar-se servilmente a padrões doutrinários de outros, mas devem estar profundamente unidos no 'sentimento' e na 'disposição'». Essa unidade não é um 'luxo espiritual', mas algo essencial ao bem-estar da igreja. A lealdade comum dos crentes a seu Senhor não elimina diferenças reais e tensas entre eles, que podem envolver questões de raça, nacionalidade ou posição econômica; mas antes, une-os mediante um laço firme. Deve ser sempre mais forte do que todas as nossas divisões. Quando essas divisões se tornam mais evidentes que a unidade cristã, cometemos pecado; nossos interesses tornam-se mais importantes que o senhorio de Cristo. As tensões no seio da igreja deveriam levar os crentes não a conflitos amargos, mas a maior humildade e penitência, para que Cristo não seja desonrado e o testemunho cristão não seja debilitado». (Hornighausen, *in loc.*).

«...compadecidos...» No grego é *sympathes*, termo usado exclusivamente aqui, em todo o N.T., embora haja um termo correlato em Heb. 4:15 e 10:34. Nosso Sumo Sacerdote é tocado pelo sentimento de nossas debilidades: ele simpatiza conosco. Os homens devem ser «compassivos», desenvolvendo a capacidade de entristecer-se pelos outros, levando suas tristezas; a simpatia, porém, não deve limitar-se às questões que envolvem «tristeza». Deve ser mais lata do que isso. Indica a capacidade de compartilhar das esperanças, dos desejos, das ambições de outros, considerando essas coisas como benéficas ao próprio «eu», já que são benéficas aos outros. O evangelho exige a existência de um «sentimento comunitário», o «espírito comunitário», o regozijo com os que se alegram e o entristecer-se com os que choram, porquanto todos são de uma só mente, cuidando uns dos outros. (Ver Rom. 12:15,16).

«...fraternalmente amigos...» A tradução literal diria «amor fraternal». O amor aos irmãos é o novo mandamento de Cristo, o qual deve ser o impulso orientador de todas as ações da comunidade cristã. O amor é comentado longamente em vários trechos deste comentário, juntamente com poemas ilustrativos. (Quanto ao «amor como princípio normativo da família de Deus», ver João 14:21 e 15:10, em suas respectivas notas expositivas. Quanto ao «amor de Deus, fonte de todo outro verdadeiro amor», ver João 3:16). O amor é um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo», sendo, por

9 μη ἀποδιδόντες κακὸν ἀντὶ κακοῦ ἢ λοιδορίαν ἀντὶ λοιδορίας, τὸναντίον δὲ εὐλογοῦντες, ὅτι εἰς τοῦτο ἐκλήθητε ἵνα εὐλογίαν κληρονομήσητε.

9 εὐλογοῦντες] add εἰδοτες LP pm c

3:9: não retribuindo mal por mal, ou injúria por injúria; antes, pela contrária, bendizendo; porque para isso fostes chamados, para herdardes uma bênção.

Este versículo é extremamente parecido com a passagem de Rom. 12:17-21, onde as notas expositivas devem ser consultadas para que se compreenda melhor os princípios aqui envolvidos.

«...não pagando mal por mal...» Como dissemos, Rom. 12:17 é virtualmente igual, até nas palavras, exceto quanto à ordem das mesmas. Talvez ambos os trechos, este e o de Rom. 12:17 se tenham baseado sobre Pro. 17:13; que declara: «Quanto àquele que paga o bem com mal, não se apartará o mal da sua casa». A versão dessa declaração bíblica, nos evangelhos, entretanto, é ainda mais forte, porquanto o mal recebido não deve ser devolvido com vingança, tão longe devemos estar de pagar o bem

isso mesmo, produto do desenvolvimento espiritual (ver Gál. 5:22). Trata-se de um poder constrangedor (ver II Cor. 5:14). O amor consiste no interesse pelos outros que normalmente reservamos para nós mesmos. É o genuíno altruísmo, que consiste em querermos para os outros aquilo que queremos para nós mesmos.

*Referências e Idéias sobre o Amor.* 1. O amor a Deus nos é ordenado (ver Deut. 10:1). 2. O amor é o primeiro e grande mandamento, e o segundo é o amor ao próximo (ver Mat. 22:38). 3. O amor é produto da atuação do Espírito (ver Gál. 5:22). 4. O amor é supremamente exibido na pessoa de Cristo (ver João 14:31). 5. O amor aos santos é algo ordenado (ver I João 5:1). 6. O amor deve guiar a família de Deus, como se fosse o solo de onde se originam todas as virtudes (ver João 14:21 e 15:10). 7. O amor é necessário à felicidade (ver Pro. 15:17). 8. O amor é a evidência do verdadeiro discipulado a Cristo (ver João 13:35). 9. A medida em que amamos a nós mesmos deve ser a medida em que amamos ao próximo (ver Marc. 12:33). 10. Até mesmo os dons sobrenaturais nada são, sem o amor (décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios).

«...misericordiosos...» No grego é usado o termo «*eusplagchnoi*». (Ver igualmente o trecho de Efé. 4:32, onde há o único outro uso dessa palavra em todo o N.T.). Literalmente, a palavra significa «eu» (bem) e «*splagchna*» (as entranhas mais nobres como o coração e os pulmões, mas, às vezes, até os intestinos e o ventre são referidos por essa palavra). Seu uso equivalia ao uso popular e moderno da palavra «coração», como a sede dos afetos e das emoções gentis e amorosas. Provavelmente, a palavra veio a ser empregada para indicar as emoções, incluindo o espírito de misericórdia, por ter-se observado que as emoções fortes afetam os intestinos, levam o coração a pulsar mais rápido, etc. Devemos participar dos sofrimentos alheios, e, inspirados por isso, sermos levados a atos de socorro misericordioso. Isso incluirá o suprimento das necessidades físicas, os atos de caridade e de bondade.

*Variante Textual:* A palavra grega «*tapeinophrones*» significa «de mente humilde», e isso é confirmado nos mss P1721. Aleph. ABC na maioria das versões. Mas o termo grego «*philophrones*», «corde», aparece nos mss KP e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores. Porém, do ponto de vista da evidência objetiva, essa é uma forma inferior. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, acerca dos antigos manuscritos do N.T., onde são dados princípios sobre como os textos corretos devem ser escolhidos, quando surgem variantes).

Essa palavra é relativamente comum nas páginas do N.T., onde ela é usada por sete vezes. (Consultar também os trechos de Atos 20:19; Efé. 4:2; Fil. 2:3; Col. 2:18,23 e 3:13, onde são dadas notas expositivas completas a respeito). A referência na epístola aos Filipenses mostra que essa «humildade de mente», levará cada crente a estimar seu irmão em Cristo como melhor do que ele mesmo; e assim as contendas sumirão do seio da igreja. Esse mesmo capítulo mostra que a missão redimidora de Cristo foi inspirada por essa atitude mental. Ele se preocupava supremamente quanto ao bem-estar dos outros, sacrificando o seu próprio bem-estar de acordo com isso. Essa atitude deveria permear a igreja. (Ver I Cor. 1:29 quanto a notas expositivas que combatem o orgulho e a jactância própria).

O cristianismo é a fé religiosa que tem ensinado as pessoas a cuidarem, a desejarem o bem-estar e o direito dos outros. Jesus se compadecia de seus semelhantes humanos; ele se opunha à violência, ao ódio e à ganância; e prestou um serviço humilde até mesmo em favor de seus inimigos. Os antigos tinham pouco respeito por aquilo que agora é declarado como algo respeitável, isto é a «humildade mental». Porém, esse respeito continua sendo principalmente acadêmico, não sendo deveras praticado na sociedade ou mesmo no seio da igreja evangélica. Contudo, é algo largamente reconhecido que o «ego» descontrolado pode causar dano e sofrimento. Continua sendo verdade que aquele que deseja encontrar a vida, deve estar disposto a sacrificar a sua própria vida. Continua sendo verdade que os verdadeiramente grandes entre nós são aqueles que são servos de todos.

9 μη...εὐλογοῦντες Mt 5:44; I Tm 5:15; I Pe 2:23

com o mal. O trecho de I Tes. 5:15 também é virtualmente idêntico. E o Senhor Jesus, em Luc. 6:27,28, declara essa regra em uma forma ainda mais vívida: «Digo-vos, porém, a vós outros que me ouvis: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam». Essa afirmativa exige o bem ativo, praticado em favor daqueles que nos prejudicam, não meramente proibindo que devolvamos seus atos com outros atos maldosos. O que Cristo aqui exige é muito mais difícil de fazer, apesar da forma mais branda do mandamento não ser fácil de cumprir. Ambos esses mandamentos vão contra as inclinações humanas naturais, que dizem que só devemos ser bons para com os que são bons conosco, e que devemos tirar vingança contra os que nos prejudicam. «Não digas: Vingar-me-ei do mal; espera pelo Senhor, e ele te



livrará». (Ver também Mat. 5:38 e ss., onde a regra geral de conduta, no tocante às injúrias recebidas, é aborçada).

A regra aqui exarada se baseia no amor cristão, até mesmo pelos próprios inimigos. Às vezes temos dificuldades até em tolerar os vizinhos, quanto mais em amar a nossos inimigos! Isso ilustra que tal tipo de amor deve ser divinamente derramado em nós, pelo poder do Espírito Santo, em nós residente, segundo se vê em Gál. 5:22. É produto do crescimento espiritual; nunca será produto meramente humano. Ora, desenvolvemo-nos espiritualmente mediante o estudo das questões espirituais (desenvolvimento do intelecto na piedade); através da oração, quando falamos com Deus; através da meditação, quando damos ouvidos a Deus; através da busca e do uso dos dons espirituais, o toque místico na vida cristã, do que necessitamos urgentemente. Somente em meio a tal desenvolvimento é que pode o verdadeiro amor (participação no próprio amor divino, expressando o mesmo) ser expresso. A natureza de Jesus Cristo vai sendo assim formada em nós, pelo Espírito Santo. E, desse modo, passamos de um estágio de glória para outro. (Ver II Cor. 3:18).

«...injúria por injúria...» No grego, «loidoria», «reprimenda», «vilipêndio». O autor leva-nos de volta ao pensamento de I Ped. 2:23; onde vemos que Jesus mesmo debaixo das mais difíceis circunstâncias, não devolveu os insultos e as injúrias de seus adversários. Cristo é o exemplo supremo; e, visto que o seu Espírito está formando em nós a sua natureza moral, é possível seguirmos o seu exemplo. Os crentes da Ásia Menor, que sofriam perseguição, poderiam ser tentados a fazer tudo quando estivesse a seu alcance, para prejudicar seus perseguidores. Mas Pedro os exorta a seguirem o exemplo de Cristo.

«...pelo contrário, bendizendo...» Isso nos ordena bendizer a nossos inimigos, perseguidores e rivais, mediante nossas palavras e nossas ações; e aqui nos aproximamos da verdade da declaração de Jesus, contida em Luc. 6:27,28, citada acima. O bem positivo, a bênção espiritual, devem ser conferidos àqueles que, mediante uma hostilidade perversa, se opõem apenas a si mesmos e a seus melhores interesses.

«...pois para isto mesmo fostes chamados...» O crente é «chamado para abençoar» e é «chamado para a bênção eterna», para a herança celestial. É chamado para Cristo, a fim de que nele se forme a espiritualidade e a santidade pessoal, o que o levará aabençoar, ao invés de amaldiçoar a outros, tal como Jesus conduziu-se a si mesmo. «Essa é a vossa vocação, abençoar e herdar bênção». (Tradução de Moffatt). Podemos estar certos que a mesma graça que operou o milagre da transformação do crente, a fim de que, em alguma medida, venha a amar como Cristo amou, também será

10 ὁ γὰρ θέλων ζωὴν ἀγαπᾶν καὶ ἰδεῖν ἡμέρας ἀγαθὰς παυσάτω τὴν γλῶσσαν ἀπὸ κακοῦ καὶ χεῖλιν τοῦ μὴ λαλῆσαι δόλον,

10-12 Pt 34.12-16

3:18; Psa,

Quem quer amar a vida,  
e ver os dias bons,  
refreie a sua língua do mal,  
e os seus lábios não falem engano;

Pedro cita agora o trecho de Sal. 34.12-16, segundo a Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completado alguns séculos antes da era apostólica), a fim de reforçar o seu argumento. (Ver a expressão «está escrito», em Rom. 3:10 e nas notas expositivas ali existentes, onde se vê por que os escritores do N.T. citaram o antigo pacto). Pedro defendia a continuidade da fé espiritual; o cristianismo é a continuação de tudo quanto havia de bom e duradouro no judaísmo revelado, em nada contradizendo ao mesmo.

«...amar a vida...» Para o salmista, a «vida» é a existência boa e feliz à face da terra; mas Pedro aplica essa declaração à vida eterna, não se esquecendo, naturalmente, que a vida presente já pode ter a bênção de Deus, sendo uma espécie de garantia prévia para a vida futura, no outro mundo. (Ver as notas expositivas completas em João 3:16, quanto à «vida eterna»).

«...dias felizes...» Agora mesmo, mas, mais especialmente ainda, nos «dias futuros», quando a herança tornar-se inteiramente nossa (ver o sétimo versículo), que é a bênção final de Deus (ver o nono versículo). Mediante tais afirmativas, o autor sagrado remove o vexame desta vida, quando vivida debaixo de ameaças e perseguições; pois, de outra maneira, tal vexame seria intolerável.

«...refreie a sua língua do mal...» Se um homem busca a bênção celestial, não deve deixar-se envolver em lutas carnis, no uso impróprio de sua faculdade da fala. Antes, deve «refrear» a língua (o grego diz aqui, literalmente, «parar a língua»). (Quanto ao uso apropriado da «faculdade da fala», ver as notas expositivas em Efé. 4:29). A língua deve ser empregada para o bem, para a edificação, para a ministração da graça aos ouvintes. Assim é que Jesus usava sua língua. Ele merecia os «dias felizes» que se seguiram à sua prova de julgamento, porquanto sempre foi uma bênção para os homens, e jamais uma maldição para eles.

«...evite que os seus lábios falem dolosamente...» No grego, o advérbio é «dolos», que significa «ludíbrio», «tração», «astúcia». O termo, originalmente

11 ἐκκλινάτω δὲ ἀπὸ κακοῦ καὶ ποιησάτω ἀγαθόν, ζητησάτω εἰρήνην καὶ διωξάτω αὐτήν.

11 8a) om N 33 pnt va(a) c

3:11; aparte-se do mal, e faça o bem; busque a paz, e siga-a.

Este versículo é extremamente geral, convocando os crentes a praticarem toda a sorte de boas obras, fugindo de todo o mal; dentro desse lato mandamento se confina o N.T. inteiro, no tocante às suas instruções morais e aos seus encorajamentos à conduta espiritual. Aqueles que recebem o poder para tanto, por estarem sendo transformados segundo a imagem de Cristo, o que lhes permite realizarem o que lhes é ordenado, receberão a

eficaz, levando a ele a plenitude da vida eterna, a bênção e o benefício supremo. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «chamada» do crente, aquele convite eficaz de Deus, que tira o indivíduo das trevas para a luz, ver Rom. 8:30).

«...a fim de receberdes bênção por herança...» A «herança» (ver as notas expositivas em Rom. 8:17) será a bênção suprema que produz o bem-estar absoluto da alma. A isso é que os crentes são convocados. Porém, não poderão atingir esse ponto sem passarem pelo treinamento moral em que terão de aprender a expressar amor, até mesmo por seus inimigos. O próprio espírito de amor divino é que deve ser duplicado em nós; e isso seria impossível sem o treinamento apropriado, debaixo de pressão. Portanto, «a esperança cristã também é a regra cristã», no dizer de Bigg (*in loc.*). O crente espera pela bênção; também terá de aprender, primeiramente, a conferi-la a outros. Jesus disse: «...se perdoardes... vosso Pai celeste vos perdoará...» (Mat. 6:14,15). Pedro repete, como que em estribilho: «Se quiserdes ser abençoados, tereis de abençoar!»

«Isso é, realmente, muito difícil, mas devemos imitar, nesse caso, nosso Pai celeste, o qual faz seu sol levantar-se para os indignos...» Pedro deixa entendido que aqueles que buscam vingar-se das injúrias recebidas, tentam aquilo que não lhes redundará em bem nenhum, porquanto assim se privam da bênção de Deus». (Calvino, *in loc.*).

«Deus tem um propósito ao chamar aos crentes para tarefa tão difícil, e ao exigir deles agora o cumprimento da mesma. E esse propósito é que recebam uma bênção. Não devem pensar nisso como uma dureza arbitrária, ou como uma restrição que, por fim, não lhes seja benéfica. A bênção completa e eterna de Deus só pode ser obtida através de tal curso de auto-supressão e de amor, até mesmo para com aqueles que nos odeiam... Abençoemos, ao invés de revidarmos, pois isso é mais próprio para aqueles que estão esperando ser abençoados». (Mason, *in loc.*).

«Antes, éreis inimigos de Deus; mas agora vos tornastes participantes da sua chamada celestial (ver Heb. 3:1), para que recebais a bênção. Isso nos deveria impelir para abençoar até aos nossos inimigos». (Lumby, *in loc.*).

«O fogo não é extinto pelo fogo, mas pela água; por igual modo, o erro e o ódio, são extintos não com a retaliação, mas com a gentileza, com a humildade e com a bondade». (Crisóstomo).

O sândalo perfuma, ao ser derrubado  
Pelo machado que o cortou.  
Que aquela que quer ser perdoada  
Perdoe e abençoe a seu inimigo.

te significa «isca para peixes», indicando algo para enganar o peixe, a fim de destruí-lo. A forma verbal dessa palavra significa «armar cilada», «enganar». O trecho de I Ped. 2:22,23 mostra que Jesus, ao ser vilipendiado por homens ímpios e desvairados, não devolveu seus insultos verbais, e nem saiu qualquer ludíbrio de seus lábios; não era ele uma pessoa dúplice, pronta a dizer tolices; antes, sempre se mostrou honesto em todas as suas ações e em todas as suas palavras. (Quanto à passagem mais completa do N.T. que trata dos «pecados da língua», ver todo o terceiro capítulo da epístola de Tiago. «Se alguém não tropeça no falar é perfeito varão, capaz de refrear também todo o seu corpo» (Tia. 3:2).

«O sentimento comum, de fato, favorece o que é bem diferente; pois os homens pensam que se expõem à insolência dos inimigos, se não se defendem fisicamente deles. Mas o Espírito de Deus promete uma vida feliz somente aos mansos, àqueles que suportam males; e não podemos ser felizes, a menos que Deus prospere os nossos caminhos. Deus favorecerá aos bons e benévolos, e não aos cruéis e desumanos». (Calvino, *in loc.*).

«Certo homem, passando pela cidade, não cessava de clamar: 'Quem quer o elixir da vida?' A filha do rabino Joda o ouviu e contou o que ouvira a seu pai. Este disse: 'Chame esse homem'. Quando ele entrou, o rabino perguntou: 'O que é o elixir da vida, que vendes?'. Respondeu ele: 'Não está escrito: Aquele que ama à vida e deseja ver dias felizes, que refreie a sua língua do mal e os seus lábios de falarem o dolo? Esse é o elixir da vida, e se acha na boca do homem'.» (Mussar, cap. 1).

Todo o homem espiritual e zeloso deseja a vida eterna que foi prometida na revelação, bem como aquilo que os homens sentem ser veraz, pela razão e pela intuição, embora não haja revelação direta. Como pode ele obter essa vida? O evangelho mostra-nos que isso vem pela santificação, pois «Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14). Ele mostra, pois, onde começa a santificação, a saber, em uma importante esfera, a «faculdade da fala». A boca expressa o estado e a natureza da alma. Seremos chamados a prestar contas de nossas palavras, e delas depende a vida ou a morte (ver Mat. 12:36,37). O décimo segundo versículo expande e mostra que a ação piedosa positiva também é necessária para a boa inquirição espiritual, incluindo a busca pela paz. Não basta alguém ser bom, também é mister praticar o bem.

bênção da vida eterna. Talvez o melhor comentário sobre este versículo seja a passagem de Fil. 2:12,13, que diz: «...desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade». Há um sentido em que a palavra «obras» torna-se sinônimo de «graça», a saber, quando o Espírito Santo opera em nós, transformando-nos segundo a imagem de Cristo, dotando-nos de sua natureza moral, e, finalmente, de sua natureza metafísica ou real, da sua modalidade de vida. Esse processo tem lugar em

nossas vidas, encorajado e cultivado por nós mediante a submissão de nossa vontade à dele. (Ver Efê. 2:8 quanto a uma nota expositiva mais longa sobre como as «obras» podem ser um sinônimo da «graça»). Sabemos, intuitivamente, o que devemos ser e fazer, e não meramente aceitar alguma declaração doutrinária ortodoxa. O presente versículo é outra afirmação dessa intuição.

«...aparte-se do mal...» No grego «*ekklineo*», «evitar», «desviar-se de». Temos aqui a santificação ativa, a busca da santidade mediante a rejeição a toda a forma de mal. (Ver I Tes. 5:22). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «santificação», ver I Tes. 4:3). O trecho de II Tes. 2:13 mostra-nos que a santificação é algo absolutamente necessário para a glorificação, a qual é o cumprimento mesmo da salvação; e, portanto, salvação sem santificação é impossível.

«...pratique o que é bom...» Isso indica todas as formas de boas obras, os atos de bondade, a demonstração de amor, a bênção invocada sobre os inimigos, o lado positivo inteiro da moralidade, a «prática do bem», o que, se for negligenciado, importa em pecado. Lê-se em Tia. 4:17: «...aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando».

Os intérpretes judeus viam a lei inteira neste versículo citado—Sal. 34:14. Para eles, o mandamento anterior que nos manda desviar do mal, representava os trezentos e sessenta e cinco preceitos negativos, que proibiam vários pecados e ações; este versículo representaria os duzentos e quarenta e oito mandamentos positivos, que requerem vários tipos de boas obras.

«...busque a paz e empenhe-se por alcançá-la...» Comparar isso com as palavras de Jesus: «Bem-aventurados os pacificadores...» (Mat. 5:9). Tanto aqui como ali, a atitude «pacificadora» deve ser vista como uma busca positiva, não indicando somente que o crente deve manter-se longe da controvérsia. Essas passagens exigem a «promoção» da paz. O mal é vencido pelo bem. Poucas são as pessoas que buscam criar a paz, onde só há discórdia e contenda. Muitas são aquelas que promovem ativamente a discórdia e a atitude censuradora. «Seis cousas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina: Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras, e o que semeia contendas entre irmãos» (Pro. 6:16-19).

12 ὅτι ὀφθαλμοὶ κυρίου ἐπὶ δικαίους καὶ ὦτα αὐτοῦ εἰς δέησιν αὐτῶν, πρόσωπον δὲ κυρίου ἐπὶ ποιοῦντας

κακά.

3:12: Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos à sua súplica;

mas o rosto do Senhor é contra os que fazem o mal.

«...os olhos do Senhor...» Nas páginas do N.T., a palavra «Senhor» usualmente é o Senhor Jesus Cristo. (Isso é comentado longamente em Rom. 1:4, juntamente com o conceito de seu *senhorio*). Aqui, porém, visto que estão sendo usadas as palavras de Sal. 34:15,16, e posto que aqui o Senhor aparece como «Juiz universal», provavelmente está em foco a pessoa de Deus Pai. O termo «...olhos...» representa a sua onisciência e a sua onipresença. O telmo é ensinado. Em outras palavras, Deus não somente criou, mas também se faz perenemente presente com a sua criação. Ele julga e recompensa; ele modifica o curso da história, e está interessado por cada indivíduo. Portanto, conforme sucede por toda a parte no N.T., a posição do «delmo» é rejeitada. O delmo ensina que apesar de haver uma grande força divina, de alguma sorte, que criou a tudo, imediatamente em seguida abandonou a sua criação, deixando-a entregue às leis naturais. Portanto, a divindade nunca interferiria na história humana; ele não recompensa e nem castiga. (Quanto a notas expositivas sobre as várias «idéias teológicas e filosóficas sobre a natureza de Deus e suas relações para com os homens», ver Atos 17:27. Na introdução ao comentário há uma secção dedicada ao tema de «Deus», que apresenta a filosofia que circunda a questão de sua existência).

Neste ponto, especificamente, está em ênfase o «cuidado vigilante» de Deus. Deus nos observa, a fim de saber quando proteger-nos e dar-nos assistência, em meio à perseguição. Talvez tenhamos de sofrer, mas nunca estaremos sozinhos, pois Deus está perto. Veremos a verdade disso, finalmente, embora a mão protetora de Deus nos pareça indefinida, devido às perseguições. Talvez agonizemos devido à morte de algum parente ou ente querido. Talvez fiquemos totalmente desconsolados; mas a vitória nos será dada, finalmente, se não nesta vida, pelo menos na vida vindoura. O V. Os Deveres Cristãos (2:11- 4:11).

## 7. Os crentes debaixo de perseguição (3:13-17).

Esse é o tema central desta epístola, o qual figura em muitos lugares, e sem importar se é abertamente discutido ou não. Esta epístola foi escrita para encorajar a crentes perseguidos, dando-lhes instruções sobre como deveriam comportar-se em tempos difíceis. A longa secção de *Ação de Graças* (ver I Ped. 1:3-12) mostra-nos como podemos ter um espírito de gratidão ao Senhor, a despeito de nossas provações terrenas; como a vida e o destino humanos transcendem a essas coisas; como Deus é a nossa esperança final e frutífera; como o crente deveria ter relações para com o estado, apesar da perseguição movida por este, que é o tema de I Ped. 2:13-17. A secção acerca dos deveres dos escravos (ver I Ped. 2:18-20) inclui instruções sobre a necessidade de suportar tudo sob a opressão brutal de senhores pagãos. Para aqueles, bem como para os crentes em geral, Cristo é o grande exemplo de sofrimento paciente e vitorioso. (Ver I Ped. 2:21-25). As esposas que talvez fossem aterrorizadas por seus esposos pagãos, são encorajadas em I Ped. 3:1-7. O sumário dos deveres cristãos inclui instruções sobre as atitudes e a esperança que os crentes devem manter, sob a pressão da perseguição (ver I Ped. 3:8-12). E agora Pedro aborda diretamente o tema do «sofrimento». (Ver a secção V, na introdução a esta epístola, intitulada «Motivos e Propósitos», quanto a notas que suplementam as idéias apresentadas na secção diante de nós. Ver igualmente a secção VIII da introdução, intitulada «Temas Principais»).

«Sumário. Como regra geral, a melhor defesa é uma vida reta. Mas, surgindo a perseguição, é bem-aventurado sofrer por causa

«A paz deve ser buscada, e o apóstolo usa uma palavra que subentende que é mister persegui-la, para que seja obtida. O apóstolo Paulo tem uma passagem que muito se assemelha em espírito a este ensinamento de Pedro, e cujas palavras pintam distintamente as dificuldades contra as quais os crentes têm de labutar: «...esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz» (Efê. 4:3). Isso nos mostra que o apóstolo (Pedro) nos exorta a buscar a paz. Esta é um laço que une os crentes em comunhão íntima». (Lumby, *in loc.*).

«...quanto depender de vós, tende paz com todos os homens» (Rom. 12:18).

«Que ele(o crente) busque a paz no mundo e entre todos os homens, tanto quanto possível; sim, entre seus próprios inimigos. E que viva uma vida tranqüila e pacífica, no reino, na cidade, na aldeia e na vizinhança onde mora; e, particularmente, na igreja de Deus, entre os santos». (John Gill, *in loc.*). (Quanto a uma nota geral sobre «paz», com poemas ilustrativos, ver João 14:27 e 16:33). A paz é um dos aspectos do «fruto do Espírito», ou seja, é uma qualidade íntima, adquirida mediante o progresso e a maturidade espirituais. Aquele que possui a paz interna tem a chance de propagá-la aos outros. (Ver Gál. 5:22 quanto à «paz» como um dos aspectos do fruto do Espírito).

*Referências e Idéias sobre a Paz.* 1. A paz é a harmonia da alma com Deus, e, portanto, de um homem com outro, quando ambos buscam a Deus. Consiste no bem-estar da alma, pois essa é a base de onde se originam outras qualidades espirituais. Trata-se de uma planta terra, nutrida e cultivada pelo Espírito Santo (ver Gál. 5:22). 2. Jesus nos deixou a paz, mediante o bem-estar da alma, quando esta se reconcilia com Deus, a fim de vivermos sem perturbações íntimas, neste mundo hostil (ver João 14:27). 3. A paz é estabelecida com os homens e entre os homens, porque o Pai está conosco e é por nós. Jesus venceu o mundo, o que garante a nossa paz (ver João 16:33). 4. A paz é estabelecida mediante a realização da justificação (ver Rom. 5:1), e essa paz é com Deus. 5. A cruz é o meio que está estabelecendo a paz no cosmos inteiro (ver Col. 1:20). 6. A pregação de Cristo traz a paz a este mundo conturbado (ver Atos 10:36). 7. Cristo é a nossa paz, pois une a todos os remidos, com eles formando um corpo harmonioso (ver Efê. 2:14-17). 8. Deus é Deus do paz (ver Fil. 4:9). 9. A paz deve ser cultivada entre os irmãos (ver I Tes. 5:3).

tipo de telmo em que cremos garante isso, e nossa fé se baseia não apenas na revelação escrita, mas até mesmo na experiência de homens santos do passado, que sofreram coisas semelhantes, mas que, finalmente, triunfaram.

«...ouvidos estão abertos às suas súplicas...» A oração é o recurso das pessoas perseguidas e abatidas. A oração é a força criadora que se vale do poder divino. Somos aqui assegurados que o poder divino está à nossa disposição, para ajudar-nos, mostrando que o Senhor está perenemente atento às orações de seus santos. Essas podem ser meras palavras para aqueles que vivem em relativo conforto e prosperidade material; mas são palavras de vida para os crentes, a exemplo dos primitivos cristãos, que não tinham a certeza da continuação da existência, devido à hostilidade de homens ímpios e desviados. O texto assegura-nos o valor final de nossa inquirição espiritual, a despeito das dificuldades que intervinham:

(Quanto a notas expositivas completas sobre a «oração», ver Efê. 6:18).

«...o rosto do Senhor...» Trata-se de um rosto que infunde temor, porquanto está abrasado de ira contra os perseguidores de seu povo. Continua em pauta a posição do «telmo», embora agora seja salientada a presença de Deus para julgar ao mal. O «rosto do Senhor» é uma expressão que fala da manifestação da presença divina. O Senhor pode ser invocado, para ajudar-nos e favorecer-nos; e quando assim nos aproximamos dele, chegamos perante o «seu rosto». «Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo...» (Sal. 31:16). «...o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti...» (Núm. 6:25).

«A ira excita a fisionomia inteira do homem; mas o amor lhe faz brilhar os olhos». (Bengel, *in loc.*). (Comparar isso com os trechos de II Sam. 22:28; Lev. 17:10; 20:5 e Sal. 68:3).

«...contra aqueles que praticam males...» Isso é uma porção apropriada do sumário geral, feito por Pedro. Assim como o bem praticado não deixará de ser galardoado, assim também o mal praticado não deixará de ser punido. Isso seria uma afronta contra a justiça de Deus, deixando a criação cair no caos. A lei da semeadura e da colheita é eterna e inexorável. (Ver as notas expositivas sobre Gál. 6:7,8).



da justiça. Não tenhais receio; que o Cristo seja o Senhor dos vossos corações; preparai-vos para dar resposta cortês e inteligente àqueles que vos perguntarem por que sois cristãos; e que a vossa boa consciência e vida envergonhem vossos acusadores». (Hunter, *in loc.*).

13 Καὶ τίς ὁ κακῶσων ὑμᾶς ἐὰν τοῦ ἀγαθοῦ ζηλωταὶ γένησθε;

13 [ζηλωταὶ] μιμηταὶ KLP βη ς

3:13: Ora, quem é o que vos fará mal, se fordes zelosos da bem?

Este versículo mostra-nos claramente que as perseguições, na Ásia Menor, estavam em seus estágios iniciais, pois mais tarde tornou-se evidente que homens ímpios e desarrazoados maltratam, realmente, aos piedosos e bons. Porém, tal como no caso de Paulo, em Rom. 13:3,4, fica subentendido que os «governantes não são um terror para os que praticam o bem, mas para os que praticam males». Ficaria o crente com receio de tal poder? Que pratique aquilo que é direito, e receberá louvor da parte do mesmo; pois o governo é ministro de Deus para o bem geral. Porém, se um crente praticar aquilo que é mal, que tema, pois o governante traz a espada não em vão. A experiência mostra que isso é verdade apenas de modo geral, a despeito das notáveis exceções, quando o poder do estado se torna opressivo. Quando foi escrita a presente passagem, ainda não se sabia qual horrenda exceção seria o imperador Nero. Tanto Pedro como Paulo foram executados por sua ordem, como também o foram multidões de outros crentes; e isso não amainou por dois séculos mais, até que Constantino aceitou nominalmente o cristianismo e pôs fim à era de perseguições de Roma contra a igreja cristã.

«...zelosos do que é bom...» Fica entendido que os crentes praticantes do bem serão reconhecidos como bons cidadãos, dignos da proteção do estado. Infelizmente, as coisas não funcionaram dessa maneira. Seja como for, juntamente com Sócrates, podemos estar certos que nenhum dano final pode sofrer o homem bom. Portanto, a despeito do sofrimento presente, «a bondade continua sendo melhor». Serve de proteção para a alma. Mas é preciso fé e esperança para que alguém perceba e aprecie isso.

14 ἀλλ' εἰ καὶ πάσχετε διὰ δικαιοσύνην, μακάριοι.

ταραχῇτε,

14 εἰ...μακάριοι Mt 5:44; 1 Pe 2:20, 4:14

3:14: Mas também, se perseguides por amor da justiça, bem-aventurados sereis; e não temais as vossas ameaças, nem vos turbeis;

Pedro sentiu que talvez estivesse sendo otimista demais acerca de como o governo romano trataria os cristãos. Tiago já perecera à espada, e por toda a parte havia ameaças e maldições contra a igreja. O temporal já se juntara, e estava bem próximo e ameaçador. Assim, supondo que o sofrimento era inevitável, conforme Jesus predissera (ver João 15:18 e ss.), ainda assim a vitória final seria dos justos: o triunfo na glória espiritual. Aquele que retém a Cristo como seu Senhor (versículo décimo quinto) também deve ter a ele como seu consolador e curador.

«...venhais a sofrer...» No grego é usado o optativo, dando a entender o quão remoto era o cumprimento possível; mas o tom do versículo não mostra qualquer grande dúvida que o sofrimento finalmente sobreviria. No N.T. grego, o modo optativo é raras vezes usado, pois o subjuntivo toma seu lugar. Neste caso, porém, o seu uso é genuíno, e, presumivelmente, é cumprimento da condição apresentada (a seu otimismo, a despeito dos sinais de desastre iminente).

«...por causa da justiça...» Em que sentido? 1. Porque o crente se recusa a denunciar sua fé cristã e a abandonar a Cristo, o que lhe seria exigido. 2. Porque, como crente, ele pratica boas obras, feitos caridosos que não são apreciados pelo estado hostil, o qual via a fé cristã como ato de traição, porquanto os cristãos adoravam a certo rei, «Jesus».

«...bem-aventurados...» No grego é «makarios», «bendito», «feliz». A bênção espiritual, o bem-estar da alma, estão em foco. O termo parece que originalmente tinha o sentido de «rico», descrevendo a condição dos deuses, em contraste com a condição dos homens. Veio a significar «feliz» como condição que descreve a condição dos deuses, em contraste com a miséria dos homens. Assim, em Cristo, compartilhamos da condição bem-aventurada do bem-estar do próprio Deus. Parece haver alusão às palavras de Jesus,

15 κύριον δὲ τὸν Χριστὸν<sup>1</sup> ἀγιάσατε ἐν ταῖς καρδίαις αἰτοῦντι ὑμᾶς λόγον περὶ τῆς ἐν ὑμῖν ἐλπίδος,

<sup>1</sup> 15 [H] τὸν Χριστὸν β<sup>72</sup> N A B C Ψ 33 326<sup>ms</sup> 614 630 945 1739 1841 2412 it<sup>ms</sup> den. div. c. vg sy<sup>h</sup> l<sup>h</sup> cor<sup>ms</sup> arm Clement 3 τὸν θεόν K P 049 056

<sup>2</sup> 15 é minusc: WH Nov Nov BP<sup>1</sup> AV RV ASV ZW Jea J<sup>1</sup> h maior; TR RSV NER TT Luth Seg

TT Zur Luth Jer J<sup>1</sup> c no number, c number 16; TR<sup>4</sup> WH AV RV ASV RSV NER<sup>1</sup> Seg

Em lugar de Χριστὸν o Textus Receptus usa θεόν, seguindo os manuscritos unciais posteriores (K L P) e a maioria dos minúsculos. A forma Χριστὸν, porém, é fortemente apoiada por evidência externa antiga e diversificada —(β<sup>72</sup> N A B C Ψ 33 614 1739 it (65) vg sir (p,h) cop (sa,bo) ara Clemente), bem como pela probabilidade de transcrição, a expressão mais familiar (κύριον τὸν θεόν) substituiu a menos usual (κύριον τὸν Χριστὸν). A omissão de τὸν Χριστὸν no tratado patrístico de *Promissionibus*, atribuído a Quodvultdeus, deve dever-se a descuido acidental por parte do tradutor ou do copista.

3:15: antes santificai em vossas corações a Cristo como Senhor; e assim sempre preparai-vos para responder ao mandado e temer a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós;

**Variante Textual:** As palavras «Senhor Deus» aparecem nos mas KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina; mas o texto correto diz, literalmente, «Senhor, o Cristo», o que aponta para o fato que Cristo é o Senhor. Assim se vê nos mas P1721, Aleph, ABC, P<sup>ai</sup>, 33, 614, 1739 no It(65), na Vg, no Sl(p,h), no Cóp(sa, bo), no Ara e nos escritos de Clemente. A alteração ocorreu para fazer o título moldar-se a uma fórmula mais familiar do A.T. O versículo do A.T. que está sendo citado diz: «Senhor dos exércitos», o que mostra que a fonte originária difere de ambas as variantes.

Pedro talvez tivesse aludido (embora não citado diretamente) o trecho de Isa. 50:9, que diz: «Eis que o Senhor Deus me ajuda; quem há que me condene? Eis que todos eles como um vestido serão consumidos; a traça os comerá». Isso pode ser confrontado com as palavras de Jesus: «Não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer» (Luc. 12:4). Um corpo pode ser despedaçado por pedras e balas, mas a alma do homem bom é invulnerável, e não pode ser atingida por qualquer coisa que homens ímpios planejem.

**Variante Textual:** Os mas KLP e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, em lugar de «zelosos» dizem «seguidores». Mas a primeira forma certamente é a correta, aparecendo nos mas P1721, Aleph, ABC e na maioria das versões, os manuscritos mais antigos e mais dignos de confiança que possuímos. Dessa maneira é ilustrada aquela afirmativa que «Nenhuma virtude é segura se não for entusiasta»; ou aquela outra: «Nenhum coração é puro se não for apaixonado» (Sir John Sealey). A proteção é prometida aos zelosos, e não aos mortos, como no caso dos cristãos de Laodiceia, que amavam o conforto e o lazer. E ainda que nem sempre uma proteção envolva o corpo físico, segundo a história por muitas vezes o documento, pelo menos é força poderosa em favor da alma imortal, e isso, em última análise, é o que importa. Sem dúvida Pedro continuava esperando que a conduta certa, da parte dos crentes, conquistaria para si mesmos as boas graças do governo romano, impedindo a perseguição que já tivera início, de tornar-se mais intensa.

Platão expressou uma idéia similar à que temos aqui: «A injustiça causa sedições, ódios e conflitos de uns contra os outros; mas a justiça causa a concórdia e a amizade». (*República*).

τὸν δὲ φόβον αὐτῶν μὴ φοβηθῇτε μηδὲ

14-15 τὸν δὲ φόβον Is 8:13-13

14 μηδὲ ταραχῇτε] om BL

em Mat. 5:10, onde é usada a mesma palavra: «Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus». O termo é comentado em Mat. 5:3, e essas notas expositivas ajudam a ilustrar o presente versículo.

«...não vos amedronteis...» Literalmente, o grego diz: «...não temais o temor deles...» Não temais as coisas terríveis que eles imaginam contra vós. No dizer de Bigg (*in loc.*): «Não temais as suas ameaças». Parece estar em pauta a passagem de Isa. 8:12, onde se lê: «...não temais o que ele teme, nem temeis isso por temível». Assim sendo, o próximo versículo desta epístola dá prosseguimento à citação (Isa. 8:13). O certo é que para alguém seguir esses mandamentos, é mister que possua o poder do Espírito de Deus. São fáceis de proferir; são impossíveis de seguir através dos simples meios humanos. A coragem, em face de grande perigo, e em meio à matança dos amigos e entes queridos, deve ser o produto do Deus consolador.

«...nem fiquéis alarmados...» No grego é «atrrasso», «sacudir junto», «agitar», e, figuradamente, «perturbar», «lançar em confusão». A raiz nominal é «tarache», «perturbação», «tumulto», «distúrbio», «rebelião». Assim, Herodes ficou «perturbado» pelo que ouviu sobre Cristo (ver Mat. 2:3). O tanque de Betesda era «agitado» (João 5:4).

«Aquele que teme a Deus nunca precisa ter medo». (Adam Clarke, *in loc.*).

«Nem mesmo o sofrimento pode tirar-vos a bênção; antes, promove-a» (Faucett, *in loc.*). (Comparar com o trecho de Marc. 10:30).

«Mas embora Deus não impeça os vossos sofrimentos, pois, de fato, alguns dentre vós já foram visitados assim (ver I Ped. 4:12,17,19; 5:9,10), não obstante sois bem-aventurados se sofrerdes por causa da justiça, conforme diz Cristo (ver Mat. 5:10): Não temais o terror que eles inspiram, e não permitais ficar desconcertados». (Lange, *in loc.*).

ὑμῶν,<sup>2</sup> ἔτοιμοι αἰεὶ πρὸς ἀπολογίαν παντὶ τῷ

0142 81 104 181 326<sup>ms</sup> 330 438 451 1241 1503 1827 2127 2492 2495 Byz Lect 18<sup>ms</sup> τὸν θεόν ἡμῶν; P<sup>o</sup>-Ducumenius Theophylact 3 omit de Promissionibus

<sup>3</sup> 15-16 c number 18, c no number: TR<sup>4</sup> Nov Nov HF<sup>2</sup> NEB<sup>1</sup>

15 αἰτοῦντι] απαιτ- A pc





(Lange, *in loc.*).

«Só pode defender sua esperança cristã com plena certeza aquele que tiver mantido boa consciência, como se fosse um vaso excelente que guardasse a graça recebida». (Harless, *in loc.*). (Comparar com I Ped. 2:19, onde há palavras extremamente similares).

**Referências e Ideias sobre a consciência:** 1. Testifica ao homem (ver Pro. 20:27 e Rom. 2:15). 2. Acusa de pecado (ver Gên. 42:21; Mat. 27:3; Ato. 2:37). 3. Devemos buscar a aprovação da consciência (ver Ato. 24:16 e Rom. 9:1). 4. O sangue de Cristo nos purifica a consciência (ver Heb. 9:14 e 10:2-10). 5. A consciência dos santos deve ser pura (ver Heb. 13:18; I Ped. 3:16, 21). 6. A consciência dos ímpios é cauterizada (ver I Tim. 4:2); contaminada (ver Tito 1:15). 7. Devemos ter o cuidado para não ofender a consciência alheia (ver Rom. 14:21; I Cor. 10:28, 32).

«...**fiquem envergonhados**...» A vida do crente que cultiva a boa consciência negará as acusações. Pedro confia que «o bem prevalecerá», não podendo haver verdadeiro bem enquanto não houver genuína consciência pura na vida diária. Novamente aprendemos que a vida diária deve ser a confissão, pois, de outro modo, a confissão por palavras provocará apenas o ridículo.

«...**falam contra**...» No grego é «katalaleo», «falar contra», «caluniar».

**Variação Textual:** A forma «katalaleisthe» é a forma mais breve, apoiada pelos mss P1721, B, Psi, 814, pelo Cópia e nos escritos de Clemente. Portanto, o texto sagrado diz: «...quando de vós abusarem (com palavras)...» Alguns escribas, entretanto, modificaram isso para que dissesse: «...quando de vós abusarem (com palavras) como malfiteiros...», talvez com base na idéia de I Ped. 2:12. Assim se lê nos mss Alaph, ACKP, 049, 33, 81, Lect. E também no It(851, no Si(p, hmg) e no EtI. Normalmente, a forma mais breve é a correta, porquanto seria mais natural que os escribas adornassem o texto, e não que o abreviassem. Seja como for, a evidência objetiva, neste caso, favorece o texto mais breve.

«...**difamam**...» No grego é «epereadzo», «assediar», «insultar». Não se espere tratamento gentil da parte deles. Eles pensam que a fé é uma maligna superstição. Eles pensam que os crentes são traidores do estado por darem a sua lealdade a Jesus, considerando-o seu Rei. Mas, têm os crentes a oportunidade de se envergonharem do que dizem contra eles, levando-os a

17 κρείττον γὰρ ἀγαθοποιούντας, εἰ θελοῖ τὸ θέλημα τοῦ θεοῦ, πᾶσχειν ἢ κακοποιούντας.

3:17: Porque melhor é sofrerdes fazendo a bem, se a vontade de Deus assim o quer, do que fazendo a mal.

Pedro reconhece aqui plenamente que a «vontade de Deus» pode exigir de nós que sofram, em cumprimento à predição feita por Cristo (ver João 15:18 e ss.). É como se ele tivesse dito: «Se isso tiver de suceder a vós, certifica-vos que estais sofrendo por causa de Cristo, por causa do bem, em favor da causa cristã, e não porque mereceis o que vos sucede, já que certamente aquilo é o 'melhor'».

«A resistência paciente não somente silencia a calúnia (versículo 16) e se assemelha à atitude de Cristo (versículo 18), mas também tem um valor todo seu (versículo 17)». (Robertson). (Ver o trecho de Ato. 14:22 quanto aos resultados benéficos dos sofrimentos, das tribulações e das perseguições).

«Se assim quiser o querer de Deus...» Essa tradução nos permite ver melhor o jogo de palavras que há nesta passagem. Se a «vontade de Deus», ao operar, incluir o nosso sofrimento, para nosso benefício final, então esse benefício será obtido, se sofrermos por causa de Cristo, mas não por nossa própria perversidade. Não é glória para o crente sofrer por motivo das V. Os Deveres Cristãos (2:11-4:11).

## 8. Cristo, exemplo de sofrimento (3:18-22).

Sua misericórdia desce ao Hades, habitação das almas perdidas.

O propósito imediato desta seção é mostrar que os sofrimentos de Cristo são altamente benéficos, e isso prova claramente para nós que nossos sofrimentos têm idêntico efeito. Assim somos encorajados nos sofrimentos, pelo fato que os sofrimentos de Cristo produzem vastos e benéficos resultados. O amor de Deus alcança o inferno mais baixo.

### A DESCIDA DE CRISTO AO HADES

Coletânea de pontos de vista

Breve sumário referente aos temas:

1. Os intérpretes, antigos e modernos, que admitem estar em foco real desce ao hades.
2. Os que creem que essa descida ao hades visou ao propósito de melhorar a condição das almas perdidas dali.
3. Os que creem que a descida visou ao propósito de agravar a condição delas, ou, pelo menos, ajudou somente os justos, deixando de lado aos injustos.
4. Paralelos em outros antigos escritos ou credos, judaicos e cristãos, que dão apoio à descida ao hades.
5. Os que negam toda a idéia de tal descida.
6. Quem são os espíritos que seriam melhorados?
7. Qual a extensão ou potencial de sua melhoria?
8. Não é a mesma coisa que o purgatório.
9. Sumário do ensino da passagem.
10. Esse ensino nos comentários modernos.
11. A «descida ao hades» na história do cristianismo.
12. A descida no Novo Testamento.

1. Os intérpretes, antigos e modernos, que admitem estar em foco real desce ao hades.

Nenhum pai da igreja, credo ou tradição cristã negou a realidade da descida de Cristo ao hades antes de Agostinho, no século V. João Damasceno, no século VIII, em seu livro, «A Fonte do Conhecimento», no qual sumaria a doutrina e os ensinamentos cristãos dos pais, informa-nos que a realidade da descida era universalmente aceita em seus dias, e mostra que a opinião geral era que foi um oferecimento da salvação aos perdidos, além-túmulo, o que, de algum modo, um oferecimento para melhorar a condição dos perdidos. Na Idade Média era um

reconsiderarem seus insultos, contanto que os seguidores de Jesus vivam acima de reprimenda. Isso fala em voz alta, em voz mais alta do que qualquer defesa verbal. Se perceberem que Jesus nos transformou moral e espiritualmente, suas mentes se sentirão inseguras sobre o que digam acerca de nossa fé.

«...**procedimento**...» No grego é «anastrophe», que já foi termo usado por este escritor sagrado em I Ped. 1:15, 18; 2:12 e 3:1, 2. Significa «modo de vida», «conduta», «comportamento». A pureza da conduta moral dos crentes, a bondade de seus atos, mostrará a depravação e brutalidade do paganismo em que os seus acusadores ainda vivem. Eles serão bastante inteligentes para observar isso; espera-se, pois, que se envergonharão de seus insultos lançados contra os crentes.

«...em Cristo...» Consideremos estes pontos: 1. Isso pode significar apenas «como crentes», como aqueles que dão lealdade a Cristo. 2. Mais provavelmente, porém, é termo usado por Paulo para falar da «comunhão mística» com Cristo. É expressão usada por cento e sessenta e quatro vezes nos escritos de Paulo, com esse sentido místico. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em I Cor. 1:4). Já que temos um contacto genuíno com Cristo, mediante a habitação no Espírito, nossa conduta será pura e altruísta. «...se alguém está em Cristo, é nova criatura...» (II Cor. 5:17). «A expressão 'em Cristo' tem significação mística, e é por isso que o apóstolo Paulo tanto a amava» (Bigg, *in loc.*).

**Ideias adicionais.** 1. «A consciência não só se oferece para mostrar-nos como devemos andar, mas, por igual modo, traz consigo a sua própria autoridade, pois é nosso guia natural, o guia determinado pelo Autor da nossa natureza; portanto, ela pertence à nossa condição de ser; é nosso dever andar nessa verdade e seguir sua orientação». (Bishop Butler). 2. Nas Escrituras, a consciência é encarada não usualmente em sua natureza abstrata, mas em suas manifestações práticas. Por conseguinte, é ela chamada de «fraca» (ver I Cor. 8:7, 12); «má» ou «contaminada» (ver Heb. 10:22 e Tito 1:15); «cauterizada» (ver I Tim. 4:2); e «pura» (ver II Tim. 1:13). No entanto, a consciência é uma dádiva de Deus ao homem, para dar-lhe um guia interno acerca da boa conduta. Mas os homens podem abusar da consciência, e, obviamente, assim o fazem.

τὸν θεοῦ, πᾶσχειν ἢ κακοποιούντας.

nossas próprias faltas. Isso não nos tornará aceitáveis diante de Deus. (Ver I Ped. 2:20 e as notas expositivas ali existentes, quanto a esses sentimentos). A resistência paciente pode fazer calar a calúnia; seja como for, se assemelha à atitude de Cristo, isso é «para bem» e tem valor para si mesmo. Há uma ironia sutil no vocábulo usado por Pedro, «melhor», como se ele admitisse que o sofrimento por culpa própria fosse «bom», e como se «melhor» seria que o crente sofresse por causa de Cristo. Naturalmente, ele não indica isso, mas somente diz-lo como ironia, a fim de assinalar seu ponto. Se Deus quiser que sofram para receber um benefício, esse benefício só será recebido se sofrermos em defesa do bem. Pedro personifica aqui a vontade de Deus. (Comparar com Efê. 1:11). «Proseguir na fé e no amor; se vier a cruz, tomai-a; se não vier, não a buscai». (Lutero). Normalmente assim acontece.

«Nessas palavras ele lembra-nos que se sofrermos injustamente, não será por acaso, mas de conformidade com a vontade divina; e ele dá a entender que Deus nada deseja ou determina a não ser para melhor razão. Portanto, os fiéis sempre terão esse consolo em suas misérias». (Calvino, *in loc.*).

tama popular de peças teatrais, da arte e da literatura. Na Reforma, foi geralmente incluída essa idéia nas confissões e credos. Apesar de ser idéia aceita pela vasta maioria numérica dos cristãos até hoje, tem sido totalmente negada em algumas modernas denominações evangélicas.

2. Os que creem que essa descida ao hades visou ao propósito de melhorar a condição das almas perdidas ali.

Quanto à natureza exata da melhoria, há desacordo; mas que o texto de I Pedro 3 e 4 tenciona ensinar que o estado dos perdidos foi melhorado de algum modo, ou que foram eles potencialmente restaurados por meio desse ato de Cristo no mundo inferior, é idéia aceita por quase a mesma maioria descrita sob o primeiro ponto. Esse ensino necessariamente inclui a idéia de que o próprio juízo não é algo meramente retributivo, mas também restaurador. Isto é, a própria retribuição é uma medida restauradora. Esse ensino, por igual modo, com freqüência inclui a idéia de que o «hades» representa um julgamento intermediário, e não o juízo final, e também que a segunda vinda de Cristo, com a eliminação do hades após o milênio, assinala o fim do tipo intermediário de julgamento, bem como o começo do estado final. Só uma pequena minoria de intérpretes tem visto nisso a justificação do «universalismo». Mesmo que a descida seja um precedente do que possa ocorrer no julgamento intermediário, isso significaria apenas que a capacidade de Cristo salvar abarca a todas as almas, de toda parte, até que seja instituído o estado final, mas não que as almas sejam forçadas a submeter-se ao senhorio de Cristo de modo a virem ser salvas. Eventualmente, todas as almas terão de sujeitar-se ao Senhorio de Cristo, mas para muitas, talvez para a maioria das pessoas, isso talvez ocorra tarde demais para lhes garantir a «salvação», conforme ela é descrita no Novo Testamento. No entanto, a descida, conforme é explicada pela maioria dos pais da igreja, estende até à segunda vinda de Cristo a oportunidade de total salvação, e isso por meio de Cristo, pois Ele é o Caminho, aqui ou em qualquer lugar.

Nomes específicos ligados à idéia da «melhoria», que para a maioria indica oportunidade de completa salvação:

A maioria dos pais da igreja, gregos e latinos, incluindo Justino Mártir, Pantano, Clemente de Alexandria, Orígenes e seus sucessores, João Damasceno, traçando o desenvolvimento da teologia da igreja antiga, sumaria a doutrina em foco como segue:

«Sua alma glorificada desce ao hades a fim de que, tal como o Sol da justiça nasceu para os homens da terra, por igual modo, ele brilhe sobre aqueles que, sob a terra, se assentam em trevas e na sombra da morte; a fim de que, tal como ele publicou paz aos homens sobre a terra, dando livramento aos cativos e vista aos cegos e tornando-se a Causa da eterna salvação dos crentes, ao mesmo tempo que convencia de incredulidade aos desobedientes, por igual modo tratasse com os habitantes do hades, a fim de que todo joelho se prostrasse ante Ele, nos céus, na terra e debaixo da terra, e para que, tendo assim solto as cadeias daqueles prisioneiros há muito confinados, Ele retornasse dos mortos e preparasse para nós o caminho da ressurreição».

Clemente de Alexandria expressou a crença da maioria dos pais gregos, quando disse: «Assim, para que os levasse ao arrependimento, o Senhor também pregou aos que estão no hades. Que! As Escrituras não afirmam que o Senhor pregara aos que pereceram no dilúvio, e não só a esses mas a todos que estão em cadeias, e que são guardados no asilo e prisão do hades?» Sua citação passa a dizer que, nessa missão no mundo inferior, Cristo deixou exemplo, pelo que os apóstolos seguiram o exemplo de seu Senhor, e também ministraram naquele lugar. Isso quer dizer que, para esse autor, a descida do Senhor ao hades abriu o lugar como um campo missionário, ou que a missão evangelística instituída na terra foi estendida ao hades. Isso, é óbvio, é conjectura, mas Efésios 1 (especialmente o vs. 23) pode apoiar tal ensino. Orígenes (comentando sobre I Reis, sec. 28, Hom. 2) expressou a crença que os profetas do A.T. já haviam aberto missões de misericórdia no hades, pelo que a missão pessoal de Cristo ali foi confirmação e continuação das mesmas, tal como sua missão terrestre foi confirmação e continuação do que os profetas do A.T. haviam iniciado. Nessa sermão particular, Orígenes ensinou que a pregação beneficiava aqueles que tinham sido preparados para o ministério (injetando um pouco de idéia de predestinação no hades), e esse ponto de vista tornou-se popular na Igreja Oriental. Mas o texto (I Ped. 3 e 4) não sugere tal limitação. O comentário de Orígenes neste lugar provavelmente foi influenciado pelo fato que vários escritos judaico-helenistas falam de supostas missões de misericórdia da diversos profetas do A.T. ao mundo inferior.

Sob o primeiro ponto vimos que a crença na descida continuou na maioria das esferas do cristianismo moderno, embora tenha sido ignorada ou rejeitada por algumas denominações. Bloomfield, em seu comentário (citado no *Comprehensive Bible Commentary*) afirma que é universal a crença na descida por parte da Igreja cristã.

«Nenhuma interpretação parece natural, ou trazer o selo da verdade, a não ser a 'comum', isto é, que Cristo foi e pregou (proclamou Seu reino) aos antediluvianos no hades, interpretação essa apoiada pela autoridade unida dos antigos e pelos mais sãos de nossos modernos comentaristas. As palavras certamente não envolvem dificuldade; e o sentido claro e natural não deve ser rejeitado porque contém assunto que nos admira, ou que pouco podemos apreender, com nossas atuais faculdades».

Assim também Meyer, em seu comentário, avalia o testemunho antigo e moderno, dizendo: «Essa é a opinião dos mais antigos pais da Igreja grega e latina, como também de maior número de teólogos posteriores e modernos». A «opinião» de que ele fala é de que a descida foi uma realidade, e que melhorou o estado dos perdidos. Seu próprio ponto de vista é que foi oferecida plena salvação, de tal modo, que, se aceita, tal melhoria poderia redundar em completa salvação.

3. Os que creem que a descida visou ao propósito de agravar a condição dos ímpios, ou, pelo menos, ajudou somente os justos, deixando de lado aos injustos.

a. A pregação foi feita somente aos justos, e (segundo alguns) elevou-os do hades para o céu. Assim ensinaram Márcion, Tertuliano e Zwínglio. Mas o texto de I Pedro 3 mostra especificamente que foi aos «desobedientes», e não para os justos do A.T. que foi feita tal pregação.

b. A pregação foi feita aos injustos, mas para confirmar a condenação deles. Assim ensinavam Placius, Calov, Wolf, Buddeus e Aretius. Isso labora em erro porque: 1. é contra o contexto, que aborda especificamente como os sofrimentos de Cristo são «beneficentes»; 2. dá um sentido estranho ao verbo traduzido «pregar», que noutros lugares do N.T. (61 vezes) é usado para descrever a pregação do Evangelho, embora o termo não tenha necessariamente esse sentido. Contudo, esse é seu uso coerente no N.T. (Cf. Mat. 3:4; 4:17; Rom. 10:8,16; Gál. 2:2). 3. I Pedro 4:6 mostra que o «Evangelho» foi pregado aos mortos e não se pode duvidar que esse parágrafo do I Pedro alude à anterior história da descida, no terceiro capítulo. 4. O Cristo que tão recentemente pedira ao Pai que perdoasse seus mais fiéis inimigos, e que acabara de completar seu ato redentor, na cruz, se tivesse logo em seguida chegado ao hades para proclamar condenação, agravando a situação dos perdidos, teria agido de modo repugnante às sensibilibidades cristãs.

c. A pregação foi feita aos penitentes de último minuto, os quais, temendo o avanço das águas, subitamente deram crédito à pregação de Noé, pelo que «mereciam» algum benefício da parte de Cristo, uma vez que ele desceu ao hades. Essa interpretação é uma óbvia invenção.

d. A pregação teve duplo aspecto, de consolo e progresso, para os justos do A.T., e de condenação para os perdidos. Essa idéia está sujeita às objeções alçadas sob os pontos «a» e «b», que declaram os dois lados da dupla pregação independentemente. Atanásio, Ambrósio, Erasmo e Calvino se aferraram à idéia da dupla pregação.

«Tal pregação condenatória, além de ser totalmente supérflua no caso dos espíritos já reservados à condenação (conforme Alford comenta) é um insulto ao caráter do Redentor: a consciência cristã se revolta ante o pensamento que o santo Jesus, cujas palavras, ao expirar, foram de perdão e amor, tivesse visitado as dimensões dos mortos e se tivesse jubilado ante a miséria dos condenados, publicando o Seu triunfo, intensificando os tormentos deles e fazendo o inferno tornar-se mais inferno para eles». (Lange, em seu comentário, in loc. Lange foi o principal intérprete luterano de sua época).

4. Paralelos em outros antigos escritos ou credos judaicos e cristãos, que dão apoio à descida ao hades.

Na literatura judaica temos os livros de Enoque. I Enoque 60.5,25; 69.26 são trechos tão proximamente paralelos de I Pedro que alguns intérpretes têm pensado em um empréstimo direto. O Talmude tem algumas passagens que falam da descida de profetas do A.T. ao hades, em missões de misericórdia. Os Dom Patriarcas e Levi 4 trazem algo similar. Os livros apócrifos do N.T., o Evangelho de Nicodemos, o Testamento de Abraão e o Evangelho de Pedro trazem histórias de descida e comentários que mostram que a Igreja primitiva não duvidava da questão. Os primeiros pais aludem com frequência à narrativa. (Ver Irineu III.20.4; IV.33,12; V.31,1; Márcion, em Irineu, I.27,2;

Tertuliano, de Anima, 56; Orígenes, Celso, II.43; H. n. IV. Ignatius, Magn. ix.3; Justino Mártir, Trifo, 72. O «clima literário» da época, pois, antes e depois da composição do N.T., era favorável à narrativa da «descida». De fato, até ao século V, não havia outra interpretação para I Pedro 3 e 4. Os credos apostólicos e stanisano incluem a descida, refletindo a crença cristã dos primeiros séculos.

5. Os que negam toda a idéia de tal descida.

Esses intérpretes pensam que Cristo pregou por meio de Noé em seu dia, ou «através dos apóstolos», na missão evangelística da Igreja primitiva.

a. Por meio de Noé: Essa interpretação teve início com Agostinho, no século V, e foi popularizada em algumas denominações evangélicas atuais. Além de Agostinho, Beda, Aquino, Lira, Beza, Leighton (que mais tarde mudou de ideia) Hofmann e outros a têm defendido.

Objeções a esse ponto de vista:

1. É arbitrária, apesar de alguns bons nomes que ficaram a ela associados. Arbitrária, porque as Escrituras nada dizem aqui da pregação de Noé. Nada há de mediação nessa descrição.

2. Não é gramatical:

a. O tema não é nem Noé e nem o Logos divino em algum ministério pré-encarnação, mas é Jesus, o Cristo, que tão recentemente morreu e agora tinha uma missão no hades.

b. Os objetos da pregação são os «espíritos», espíritos destituídos de corpos, e não mortais na carne, quando receberam a mensagem.

c. Não há indicio, na estrutura da sentença, da declaração de que os espíritos a quem se pregou estavam vivos na carne quando ouviram a mensagem, embora agora estivessem «em prisão», isto é, no hades. A simples leitura desses versículos mostra-nos que estavam na prisão ao ouvirem a pregação.

d. «*apethésasin poté*» (que em algum tempo foram desobedientes), vs. 20, obviamente são palavras que removem o tempo da desobediência a um tempo anterior ao tempo da pregação. Isto é, a «desobediência» foi no passado remoto (antes do dilúvio), ao passo que a pregação foi feita em passado recente «por Cristo», imediatamente após sua descida ao hades, o que se seguiu à Sua morte e antecedeu à Sua ressurreição.

e. A expressão, «ele foi e pregou», no vs. 19, dá com clareza o sentido de «ir para outro lugar», a fim de pregar. Isso dificilmente poderia ser dito sobre Noé pois, «para onde ele se foi, a fim de pregar?» Mas Cristo é o sujeito. Quando de sua morte, «ele foi ao hades», a fim de pregar ali. Também não faz muito sentido dizer: «O Logos divino 'se foi' do céu, tendo descido à terra, a fim de pregar por meio de Noé». Isso é ler demais no texto, meramente para evitar uma doutrina que parece modificar, necessariamente, certos pontos de vista sobre o julgamento.

f. A pregação medianeira, por meio de Noé, ignora totalmente a antiteese tensionada entre «*sarki*» (na carne, na qual Cristo sofreu a morte) e «*pneumati*» (no estado desencorporado, «espíritual», no qual Ele desceu ao hades). Além disso, isso requer a dubia tradução de «pelo Espírito», a fim de fazer com que a pregação tivesse sido feita nos dias de Noé. Isso ignora a força normal do vocábulo «*en*», «em» (a não «por»). e faz o termo anátró «espírito» significar «o Espírito». Se o Espírito Santo estivesse em pauta, é 99 por cento certo que o artigo antecederia «*pneumati*». Mas Jesus, «em espírito» é que se deve entender aqui, e em «essa forma desencorporada» («na qual», vs 19), é que ele teve essa missão no mundo inferior.

3. Essa interpretação é anti-histórica: Ignora o «meio» no qual se originou a idéia da «descida», onde eram comuns «estórias da descida», que permeavam a atmosfera do pensamento e da teologia na qual I Pedro foi escrito. Pedem-nos que criamos que era teologia comum crer na descida de profetas a heróis ao hades, a fim de efetuar missões de misericórdia, mas que quando Pedro usou expressões quase idênticas (em comparação com as do livro de Enoque, por exemplo), que ele quis dizer algo diferente.

4. Essa interpretação é anti-hermenêutica: Quer levar-nos a crer que o que era universalmente aceito na Igreja, durante quatro séculos, como algo verdadeiro, na verdade não era verdadeiro, e que Agostinho, no século V, foi o primeiro que interpretou corretamente a passagem.

5. Essa interpretação é hermenêuticamente fraca: Dá-nos um ponto de vista míope e pessimista da missão do Cristo, atribuindo-lhe paquíssimas realizações, se, de fato, Deus deseja que todos sejam salvos. Requer que a mensagem e a missão de Cristo caíam essencialmente por terra, pois tudo depende do que a Igreja possa fazer, aqui e agora, e não do que Cristo, com e sem a Igreja, pode fazer onde quer que se achem as almas dos homens, aqui e no além. Ignora as elevadas revelações do primeiro capítulo de Efésios, onde vemos que Deus, «na dispensação da plenitude dos tempos», «reunirá em Cristo todas as coisas» (vs. 10), para que Cristo seja «tudo para todos», por meio da Igreja, «que é sua plenitude» (vs 23). Exige que essa «unidade» seja conseguida mediante uma «exclusão», o que o trecho de Col. 1:16 mostra ser impossível, pois assim como a criação é «em» e «por», assim também deve ser para Ele. Em outras palavras, tal como procedeu dele, deverá também retornar a ele, a fim de que seja ele «tudo em todos» e venha a «preencher a tudo em todos», ou a ser «tudo para todos». É míope porque não deixa espaço para níveis de restauração, que são essenciais à unidade que é «o mistério da vontade de Deus», supondo que porque homens não são eleitos a missão de Cristo não se aplica a eles. Mas ele declarou: «Quando eu for levantado, atrairei todos a mim» (João 12:32). Não vê que Cristo é o grande ímã central que nada deixa fora de seu poder de atração, e que Deus é amor, e que o juízo é um dedo da mão amorosa, e que a própria retribuição é uma medida de amor. Essa interpretação é hermenêuticamente fraca porque, ao pensar honrar a Palavra de Deus, enfatizando inflexivelmente certos versículos acerca do juízo, conferindo assim um aspecto pessimista à missão salvadora do Cristo, ignora outros versículos que indicam a vasta magnitude de realização daquela missão. Sem querer degradar a obra de Cristo e limitar a sua esfera de operação, ao passo que as próprias Escrituras não encerram tal limitação.

Essa interpretação é hermenêuticamente fraca porque ignora que o contexto da história da descida é o ensinamento de que «bem pode provir do sofrimento», que visa a encorajar os crentes que estavam sofrendo perseguição. O autor diz, na realidade: «Vede como o bem pode advir dos sofrimentos, porque Cristo, em seus sofrimentos, desceu ao hades e fez o bem às almas perdidas».

Essa interpretação é hermenêuticamente fraca porque supõe que podemos dividir a pessoa de Deus, tachando-o agora de amoroso, e depois de severo e julgador, por causa de sua justiça. Mas a verdade é que Deus não pode ser assim dividido, de tal modo que podemos dizer que ele é sempre amoroso, sempre justo, sempre severo; e todos esses fatores são simultâneos. Portanto, o autor requer julgamento, mas esse julgamento jamais consiste apenas de severidade, mas essa severidade será sempre manifestação do amor, e tem um propósito, chegando a realizar finalmente esse propósito. Ou, expressando esse



conceito de modo mais simples, «o julgamento é um dedo da mão de amor».

Essa interpretação é hermenêuticamente fraca porque supõe em dividir o Logos eterno em seu propósito, limitando sua obra no que tange às almas dos homens, de modo que tal alma, enquanto está no corpo—conforme nos quer fazer acreditar—somente então pode ser alvo do ato salvador do Logos. Mas a verdade é que, conforme alguém já disse: «O que esta tradição nos ensina é que Jesus pode alcançar os homens em qualquer lugar».

Essa interpretação é hermenêuticamente fraca porque ignora o fato que as próprias Escrituras situam o tempo das *fronteiras eternas* serem traçadas quando da volta de Cristo, e não por ocasião da morte do indivíduo. (Ver Atos 17:31; II Tim. 1:12; 4:8; I João 4:17). «Mas em nossa passagem (I Pedro 4:6), tal como em 3:19,20, Pedro, por iluminação divina, afirma claramente que os meios da salvação divina não terminam com a vida terrena, e que o Evangelho é pregado além do sepulcro para aqueles que partiram da vida sem o conhecimento do mesmo» (Lange, *in loc.*). E assim, se aos homens está «determinado morrerem uma vez, e depois disso (vem) o juízo» (Heb. 9:27), o «depois disso» é definido, nas próprias Escrituras, como «aquele dia», ou seja, a «parousia», o dia do aparecimento de Cristo. Por conseguinte, até aquele tempo, tal como no julgamento do hades, os homens estarão sujeitos ao poder da missão salvadora de Cristo.

6. Essa interpretação se baseia em um *preconceito a priori* sobre como deve ser o julgamento e sobre o que a missão de Cristo pode realizar, e quanto tempo haverá até ser cumprida. Esse preconceito acolhe somente todos os «versículos severos» que se aplicam ao juízo e ignora tudo mais. Em outras palavras, a fim de defender «um lado» do ensino bíblico sobre o tema, ignora ou não quer saber do outro lado, no qual a missão de Cristo é vista a triunfar, afinal, embora isso não torne em elitos a todos os homens. Por causa desse «preconceito a priori» permite que a missão de Cristo caia por terra e aceita o absurdo que o seu poder realiza pouquíssimo, se é verdade que Deus amou ao mundo inteiro e deseja que todos sejam salvos.

7. Essa interpretação tem uma visão *miópe* do que é a missão de Cristo e o que a mesma visa a realizar; e assim perverte as revelações constantes em I Ped. 3:18 ss. e 4:6, bem como em Ef. 1 e Col. 1:16. O trecho de I Ped. 4:6 declara francamente (o que aplicarmos, pelo menos no tocante ao juízo do hades, o julgamento intermediário) que «o evangelho foi pregado também aos mortos, para que fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem conforme Deus, no espírito», o que significa que o julgamento é um meio de restauração, e não apenas uma medida retributiva. Se aplicarmos isso ao julgamento final, então não se segue, necessariamente, que todos os homens por fim se tornarão elitos (embora alguns tenham usado esse ensino nesse sentido), mas segue-se que deve haver uma restauração em níveis diversos, o que produzirá a unidade de todas as coisas em torno de Cristo, e que o próprio Cristo deve ser o alvo e o propósito da vida de todo homem. Isso não significaria que muitos homens podem vir a participar da «natureza divina» (II Ped. 1:4), ou da «imagem de Cristo», mas significa muito mais do que supõe aquele que conhece apenas um lado da questão do julgamento.

8. Essa interpretação é anticronológica. O texto de I Ped. 3:18 ss. coloca a pregação de Cristo aos perdidos após sua morte e antes de sua ressurreição. A interpretação de que Noé é quem pregou, inspirado pelo «Espírito», faz a pregação situar-se antes da morte de Cristo, o que é distintamente contrário à cronologia da passagem.

9. Essa interpretação é uma deslocalização. Faz os homens receberem a mensagem enquanto ainda estão na terra, apesar de que agora, visto que morreram, estão «em prisão». Mas o texto de I Ped. 3:18 ss e 4:6 faz a mensagem ser pregada àqueles que estão «em prisão» e em «estado desencorporado».

10. Essa interpretação é antilógica. Aquilo que ignora o que a igreja dizia sobre a descida, durante quatro séculos, e o que a maioria da igreja continua dizendo, e aceita uma interpretação que data a partir do século V, sendo defendida até hoje por pequena minoria, é antilógica. Essa interpretação, que se alicerça sobre uma falácia gramatical, sendo anti-histórica, anti-hermenêutica e hermenêuticamente débil, é, igualmente, ilógica. Aquilo que se caracteriza por miopia do que a missão de Cristo pode realizar, e que transforma a fé cristã em um ponto de vista mundial pessimista, é antilógico.

Finalmente, aquilo que adere a certas Escrituras concernente à natureza do juízo, mas fá-lo mediante um «preconceito a priori», ignorando outras passagens bíblicas sobre o mesmo tema, é ilógico.

11. Essa interpretação é antibíblica. Visto que nega a realidade da descida de Cristo ao hades, nesta ocorrência de I Pedro, deve também negá-la em cada ocorrência sua no N.T. Deve ignorar a história de Atos 2:27,31 (Pedro também falou); Ef. 4:8-10 e Rom. 10:6-8. Também deve ignorar a antecipação profética do fato, em Sal. 18:10.

b. Medianeiramente, através dos apóstolos: Chegamos agora à segunda maneira comum de negar completamente a realidade da descida. Alguns supõem que a pregação não foi feita por Cristo, o qual desceu pessoalmente ao hades, e, sim, por meio dele, isto é, «através do seu Espírito», o qual teria inspirado aos apóstolos em sua missão evangelizadora, após a ressurreição. Essa interpretação tem atrelado algumas pessoas de renome, como Socino, Grotius, Schottgen, Schlechting e Henalar. Mas está sujeita, de vários modos, a todas as objeções levantadas contra a interpretação que acabamos de criticar.

1. É «arbitrária», porque o sujeito é Cristo, e não os apóstolos. Nada é dito, em absoluto, sobre a missão da igreja, e nem tal idéia é ventilada.

2. É «não-gramatical», porque o sujeito é Cristo, em seu estado desencorporado, e os objetos da pregação são espíritos desencorporados, e não homens mortais da Judeia, da Ásia Menor ou da Grécia, os quais foram objetos da missão da igreja primitiva. Os outros pontos não-gramaticais, alistados em «d», «e» e «f» também podem ser aplicados a esta interpretação.

3. É «anti-histórica», porque também ignora o meio ambiente literário no qual se originou a narrativa da descida.

4. É «anti-hermenêutica», porque ignora o que a igreja universal tem ensinado.

5. É «hermenêuticamente fraca», porque confere-nos o mesmo ponto de vista miópe sobre o que é a missão de Cristo, tal como a interpretação que acabamos de descrever.

6. Apóia-se sobre um *preconceito a priori*, acolhendo ou rejeitando versículos sobre o julgamento de acordo com as opiniões já formadas sem darem a devida atenção ao corpo inteiro de Escrituras sobre o tema.

7. É «miópe» porque limita desnecessariamente o poder e a missão de Cristo, conforme se descreveu antes.

8. Também é anticronológica, visto que, se admite que o texto exige uma

«predica após a morte de Cristo», contudo, situa essa pregação após a ressurreição, e não entre a morte e a ressurreição de Jesus.

9. É uma deslocalização porque localiza a cena da pregação na terra, e não «na prisão», no mundo inferior.

10. É antilógica, por causa de todas as observações acima.

11. É antibíblica, porque ignora os demais trechos bíblicos que descrevem a «descida»; pois de que adiantaria aceitar a narrativa em outros «textos de prova», mas negá-la neste ponto?

Em adição a essas objeções, ainda outras podem ser levantadas.

12. Essa interpretação vê-se forçada a dizer que os «mortos» de I Pedro 4:6 são aqueles que estão «vivos na carne», mas «mortos em delitos e pecados», a fim de separar aquele versículo da história da descida. Porém, não há qualquer indicio, no contexto, de que devemos entender metaforicamente a palavra «mortos». Nem faz sentido dizer que aqueles que estão «agora mortos» é que estão em foco, pois isso é injetar no texto algo que está ausente no original grego.

13. Essa interpretação também se vê forçada a ver a «prisão» como uma expressão metafórica, como a «prisão do corpo», a «prisão do pecado», o que dificilmente fica de pé sob exame.

Concordamos com Huther, que observa com razão, «...essa interpretação acumula capricho acima de capricho».

Aludindo a esses tipos de interpretações, Alford observa, *in loc.*, «cada palavra de cada cláusula protesta contra» elas.

6. Quem são os espíritos que seriam melhorados?

a. Alguns dizem, «aqueles agora desencorporados, mas que eram homens mortais quando ouviram a pregação». Portanto, têm de ler I Ped. 4:6 como: «Por esta causa o Evangelho foi também pregado àqueles que agora estão mortos...» Mas isso é desencavar no versículo, por causa de certo ponto de vista sobre o juízo, que «o Evangelho não pode ser pregado aos mortos», algo que não se acha ali. Além disso, a ignorar o claro ensino da descida de Cristo ao hades, que ocupa o trecho de I Ped. 3:18 ss.

Mason, *in loc.*, refutando essa idéia, diz: «Ninguém, com mente desanuviada pode duvidar, considerando esta cláusula por si mesma, que as pessoas a quem esta pregação foi feita estavam mortas quando ouviram a pregação».

Hart, *in loc.*, diz: «No que toca aos mortos, Cristo desceu ao hades a fim de pregar ali, e nisso foi seguido por seus apóstolos. E o objetivo disso foi que embora os mortos fossem julgados como homens, no tocante à carne, pudessem viver como Deus vive, no tocante ao espírito».

Alford, *in loc.*, diz: «Se, 'o Evangelho foi pregado aos mortos' pode significar 'o Evangelho foi pregado a alguns durante sua vida terrena, os quais agora estão mortos', a exegese não conta mais com nenhuma regra fixa, e a Escritura pode ser manuseada para provar qualquer coisa».

b. Outros pensam que esses «espíritos» são anjos caídos, que são seres espirituais. O termo grego «pneuma» pode significar qualquer tipo de «espírito», como a alma humana, a porção não-material do homem, os espíritos angelicais, os espíritos demoníacos, ou o Espírito Santo. Portanto, nada se pode provar mediante uma consideração do vocabulário, à parte do contexto. Aqueles que aqui identificam os «espíritos» como anjos caídos, provavelmente fazem-no por causa da observação que em algumas histórias de descida, na literatura judaica-helenista, está em foco a restauração de anjos caídos, e, presumivelmente, pois, a história de Pedro poderia estar descrevendo tal coisa.

Mas o texto em parte alguma indica redenção de anjos, e introduzir tal coisa aqui é algo fora de lugar, mesmo que se pudesse demonstrar que esse é um dos resultados positivos dos sofrimentos de Cristo. O texto procura provar que os sofrimentos de Cristo tiveram tais resultados positivos, a fim de convencer aos crentes que o bem pode advir do sofrimento. O pensamento que a descida de Cristo ao hades foi boa, de algum modo, para aliviar o sofrimento humano, seria um argumento mais poderoso do que dizer que isso fez algum bem aos anjos caídos, pelo que também o mais provável é que é àquilo que Pedro alude. Outrossim, havia amplo precedente para isso nos escritos e na teologia judaicas, e assim Pedro não estava criando no vácuo uma nova doutrina. Se ligarmos I Ped. 3:18 ss. com 4:6, então teremos um argumento totalmente fatal à idéia de que os «anjos caídos» são os espíritos em foco. Cristo pregou aos «mortos», isto é, a «espíritos humanos desencorporados», chamados mortos por terem deixado seus corpos mortais. O termo «mortos» jamais poderia ser aplicado a anjos caídos. Virtualmente todos os intérpretes que crêem na descida de Cristo ao hades, ligam I Ped. 4:6 com a descrição da descida em 3:18 ss.

c. Outros pensam que os «mortos» são aqueles «mortos em delitos e pecados», e assim fazem esses espíritos serem os de homens mortais, mas ainda encorporados quando ouviram a pregação. Aqueles que acreditam que os apóstolos é que pregaram aos «mortos» em delitos e pecados, por inspiração do Espírito de Cristo, negam peremptoriamente a descida ao hades, conforme já vimos. Mas já mostramos, também, que essa interpretação não é válida, e isso, por meio de muitos argumentos. Portanto, não vemos como se pode entender metaforicamente a palavra «mortos», e I Ped. 4:6. Não a «prisão» pode aludir à «prisão do corpo» ou à «prisão do pecado».

d. Os «espíritos» são «espíritos humanos desencorporados», e, especificamente, aqueles que foram desobedientes nos dias de Noé. Mas por que a narrativa, dada em I Ped. 3:18 ss. limitaria os mortos só a esses? Porventura somente os antediluvianos teriam recebido o benefício da descida de Cristo? Em resposta a essas perguntas, respondemos:

1. Essa limitação surgiu por causa do fato que o contexto trata da história do dilúvio. Pedro usou a narrativa do dilúvio como ilustração tanto do juízo vindouro como da salvação em meio ao juízo. — Era natural, pois, que ele tivesse falado somente dos «espíritos» associados com aquele evento, pois isso concorda com o contexto de sua ilustração.

2. Esses «espíritos» representam os mais rebeldes e corruptos entre os espíritos; e, no entanto, a graça de Deus atingiu até eles. Quanto mais, pois, a implicação pode abarcar todos os espíritos, já que esses pessimistas «exemplares» de maus espíritos não estavam fora da missão salvadora de Cristo.

O ensinamento é claro, portanto: Os sofrimentos de Cristo se revestem de valor imenso, mais do que a língua humana pode narrar, atingindo aos mais altos céus, mas também ao mais baixo inferno. Se forres perseguido, se estás sofrendo, lembra-te disto: Deus pode sair dentre o sofrimento.

3. I Ped. 4:6, seguindo imediatamente após a narrativa da descida, e querendo servir de comentário adicional a respeito, fala sobre os «mortos» em geral, como aqueles que receberam a visita da descida de Cristo, pelo que fica eliminada a limitação de I Ped. 3:18 ss. Se a descida de Cristo trouxe esperança aos mais rebeldes, é certo que trouxe esperança a todas as almas perdidas.

e. Ainda outros, apesar de admitirem a plena força da descida, pois é claro que Cristo pregou e ajudou às almas perdidas no hades, limitam isso a «uma só

ocasião», e se recusam a ver nesse acontecimento um «precedente». Isto é, creem que Cristo foi de benefício ou ofereceu salvação plena a almas perdidas que tinham decidido ao hades antes de sua missão terrena, mas não acreditam que esse ministério «continua no hades». Em outras palavras, desde a cruz, nenhum outro benefício pode ser esperado no hades da parte da anterior decisão de Cristo ali. Dos dezesseis comentários examinados sobre o tema, somente um toma essa posição limitada, embora treze concordem com a realidade da decisão. A maioria dos intérpretes, antigos e modernos, vê um «precedente» do que sucedeu no hades. Essa tradição, pois, ensina que Jesus pode alcançar os homens em qualquer lugar, até que ele ache por bem traçar fronteiras eternas quando de sua segunda vinda, ou, conforme o caso pode ser, após o milênio, segundo Apo. 10 pode indicar. Assim é que Hunter, *in loc.*, diz: «Se indagarmos que valor tem esta tradição para nós, hoje em dia, a resposta é que onde quer que estejam os homens, Cristo tem o poder de salvar». A lógica concorda com isso, pois é óbvio que o Evangelho alcança apenas poucos homens, uma minúscula porcentagem, enquanto vivem em corpos mortais, mas o amor de Cristo não permitirá que se vá devido à ignorância. Somente se chegarem a rejeitá-lo é que perderão a salvação por ele oferecida.

Que dizer sobre a justiça? Romanos 1 deixa claro que Deus seria «justo» se condenasse homens ao inferno, sem importar se ouviram o Evangelho ou não. Porém, não existe tal coisa como *justiça sua*, é parte do amor e da misericórdia. Uma justiça temperada, na qual os atributos de Deus não estejam divididos e nem se choquem uns contra os outros, alia-se à razoável posição que diz que ninguém poderá perder-se finalmente sem antes ter chegado frente a frente com a verdade, conforme ela se acha em Cristo. O Logos eterno salta todo o espaço e o tempo e garante esse encontro. O que as almas fizeram com isso, dependerá delas, entretanto. Por isso, Bigg, *in loc.*, defende a idéia que a graça de Deus, por meio de Cristo, trará finalmente a todos os homens o «conhecimento» do Evangelho. Ele foi levantado. Todos os homens deverão saber disso, para então se voltarem para Cristo ou rejeitarem-no. Negar isso é perder as imensas dimensões da missão de Cristo, que são subentendidas na história da «decisão», bem como em outras passagens, como Efésios 1 e Colossenses 1:16.

«...O Evangelho foi pregado aos mortos com o propósito de moldar a condição deles, de tal modo que, por um lado, sendo julgados segundo a carne (estado dos mortos visto como um juízo contínuo segundo a carne), por outro lado, fossem capazes de «através do juízo [arbitrio], atingir, à maneira de Deus, a vida imortal do espírito» (Wiesinger, comentando sobre I Ped. 4:6).

Deus nos considerará responsáveis! Não negam outros versículos acerca do julgamento? Antes, procuramos combinar todos os versículos que falam sobre o assunto, formando um todo harmonioso, e não negligenciamos aqueles versículos que oferecem esperança, quer seja para a salvação das almas que tenham ido para o hades, quer para a melhoria dos perdidos, uma vez que sejam traçadas as fronteiras eternas. Deus nos considerará responsáveis se diminuirmos aquilo que foi revelado, no tocante à amplitude e poder da missão de Cristo. Sem dúvida é muito sério degradar ou subestimar a sua missão. A igreja universal tem reconhecido isso, em parte, pelo menos, porquanto a vasta maioria dos intérpretes antigos e modernos tem dado à «decisão» um papel importante em sua teologia. O mais provável, porém, é que todos os homens, de alguma maneira, tenham subestimado o que Cristo pode fazer e fará, visto que seu poder permeia todas as esferas, todos os mundos e todos os seres. É impossível que alguma coisa esteja fora do alcance de seu poder.

#### 7. Qual o potencial ou extensão de sua melhoria?

O que já foi dito até aqui produz muitos subentendidos sobre o que agora procuramos expressar, e alguma duplicação de pensamento é inevitável. Entre aqueles que acreditam que Cristo, em sua decisão ao hades, fez o bem às almas perdidas, naturalmente há pontos de vista diversos.

a. A maioria dos pais gregos e latinos ensinaram que, através da decisão, Cristo ofereceu aos perdidos a plena salvação. Muitos deles ensinaram que esta oferta será válida até a segunda vinda de Cristo que estabelecerá os destinos eternos.

b. Conforme se mencionou acima, alguns creem que a decisão foi um incidente isolado, e que a melhoria que isso trouxe ao estado dos perdidos, visava somente ao benefício dos antediluvianos. Esse «bem» poderia ser visto como uma oferta de plena salvação, ou como mero aprimoramento da condição dos perdidos, os quais estavam confinados a «prisão» antes do advento da Cruz. Se o «bem» consistiu da oferta de plena salvação, então alguns, poucos ou muitos, não somos informados, provavelmente se aproveitaram desse ato especial de graça; mas, de acordo ainda com essa interpretação, isso não seria possível para os perdidos que morreram desde a crucificação de Jesus. Desse modo, tal graça foi oferecida a alguns poucos, após a morte deles, e essa graça deve ser encarada como paralela à revelação de Atos 17:30: «...Deus deixou passar os tempos dessa ignorância; mas agora ordena a todos os homens de toda parte que se arrependam». Apesar de que Deus estaria plenamente justificado se condenasse a todos (ver Romanos 1), contudo, seu amor levou a missão de Cristo a beneficiar aos perdidos antes da cruz. Presume-se que essa interpretação nos queira levar a crer — agora que a igreja leva diante a missão evangelizadora instituída por Cristo — que agora não se pode mais esperar o oferecimento dessa graça especial aos perdidos do hades.

Mas se a decisão ao hades e a pregação do Evangelho aos mortos (I Ped. 4:6) não visava a oferecer a salvação, mas somente melhorar o estado dos perdidos; talvez lhes dando razão e propósito de um viver centralizado em Cristo, embora não a salvação, ou seja, a participação em sua natureza, então poderíamos supor que essa condição de melhoria no hades tornou-se uma regra — isto é, a dimensão dos mortos foi elevada a fim de permitir-lhes fazer parte da unidade que eventualmente terá lugar em torno da pessoa do Cristo eterno (ver Efé. 1:10). Portanto, segundo essa idéia, a «melhoria dada numa ocasião» produziu resultados contínuos embora algo que não deve ser repetido. Homens bons e dignos intérpretes têm assumido uma ou outra dessas posições, isto é, aquela exposta no parágrafo anterior, com as modificações dadas neste parágrafo. Wordsworth parece tomar a primeira, e Eliott a segunda posição. Eliott supõe que essa «melhoria» seria medida através das diferenças nas ressurreições, pois os perdidos ficariam excluídos dos benefícios do corpo ressurto, conforme os salvos possuirão, e, portanto, perderão o tipo de vida de que o corpo ressurto será o veículo. No entanto, com base em I Ped. 4:6, este autor supõe que eles terão uma expressão espiritual agradável a Deus, por ter sido dada diretamente por ele, o que não eliminará o juízo, mas será seu resultado. Conforme esse ponto de vista, pois, o juízo não será apenas retributivo, mas também restaurador, e a retribuição se tornará um meio de uma espécie de restauração para os perdidos, embora isso esteja longe da salvação descrita no N.T. O que Eliott supõe certamente tem valor no tocante ao estado final dos perdidos, mas é quase certo que o «hades» não é o estado final. Apocalipse 20 deixa claro que haverá um juízo *além* do hades, após o milênio. O testemunho da literatura judaica e cristã sempre foi que o hades

representa um «julgamento intermediário», e muitos autores têm pensado ser algo «mutável». Assim, no Testamento de Abraão, a oração intercessória prevalente do patriarca impõe Deus a livrar do hades as almas perdidas; e no evangelho de Nicodemos, a decisão de Cristo ao hades esvazia aquele lugar de todos os seus cativos; e na narrativa inspirada de Pedro, a base de nossa atual discussão, a decisão de Cristo, de algum modo, oferece melhoria aos perdidos, ou, quiçá, no mundo intermediário, até lhes oferecer salvação, pois Cristo é o Salvador de todos os mundos, em todos os mundos. É curioso observar que o evangelho apócrifo de Pedro (escrito em cerca de 130 D.C.) fala em favor do benefício aos mortos proveniente da decisão de Cristo ao hades por antecipação, pois estando ainda na cruz, de Jesus é feita a pergunta: «Pregaste aqueles que dormiram?» A resposta dada pelo Salvador em agonia é o misericordioso «Sim». O autor, não Pedro, naturalmente, antecipa assim a história da decisão do Salvador agonizante, que beneficiou até ao próprio hades. Mencionamos essas obras extracanônicas a fim de ilustrar atitudes cristãs dos primeiros séculos. A observação, conforme se observou acima, no evangelho apócrifo de Pedro, sem dúvida se baseou sobre o livro canônico de I Pedro, e sua história da decisão, e firma-se como uma interpretação deste último. Portanto, se essas obras extracanônicas não têm autoridade como documentos inspirados, pelo menos refletem a comum interpretação cristã do livro canônico de I Pedro.

c. Fazendo o pêndulo da interpretação inclinar-se para o extremo oposto do pensamento teológico, os universalistas vêem evidências, na história da decisão, de que em algum lugar, de algum modo, em algum tempo, a graça divina, por meio de Cristo, atrairá todos os homens aos lugares celestiais, como homens remidos. Os universalistas fazem a predestinação dar as mãos ao total propósito redentor, fazendo elos a todos os homens. A diferença entre os homens seria apenas uma questão de tempo, e não se seriam ganhos ou não pelo poder de Cristo. Os universalistas não se interessam em tentar equilibrar as Escrituras que falam sobre o juízo, e nem em contrariar versículos sobre o juízo com aqueles sobre a eleição. Eles assumem a atitude que diz que as revelações superiores ultrapassam as inferiores, e assim a salvação final (uma revelação superior) substituiria os temíveis versículos sobre a condenação eterna. É conveniente, portanto tomar a palavra «eterno» em seu sentido possível de «qualidade», e não em seu sentido de «quantidade». Em outras palavras, o juízo «pertence ao estado eterno», pelo que seria eterno, mas não seria «sem fim». Teólogos e filósofos estão bem cónicos do fato que a palavra «eterno» pode aludir a «qualidade», e não à quantidade. Assim é que Deus é chamado Eterno a fim de distingui-lo do que é temporal. E «vida eterna» é um «tipo de vida», isto é, pertencente aos mundos celestiais, não-físicos. Portanto, o termo «eterno» pode indicar «espécie», e não, necessariamente «extensão». Não se pode duvidar de que no evangelho de João o vocábulo «eterno», algumas vezes pelo menos, tem o sentido de «qualidade», e não o de «extensão». A «vida eterna», pois, é a vida que pertence ao mundo além; e «julgamento eterno» é o tipo de juízo que pertence ao mundo além, embora não seja algo necessariamente «interminável». As alusões ao grego clássico apoiam esse uso «qualitativo» do termo. Porém, se pressionarmos os universalistas, dizendo que o sentido «comum» do termo «eterno» quase sempre inclui também a idéia de «extensão», e se a apresentação de muitas referências bíblicas os deixar avassalados, eles simplesmente retrucarão voltando a seu anterior argumento de que «revelações superiores» suplantam inferiores. A história da decisão seria um exemplo de revelação superior, oferecendo esperança eventual para todos, porquanto há provas positivas de que o propósito de Cristo opera para a salvação de todas as almas até mesmo do outro lado da morte física. Se seu raciocínio for contradito, aludindo nós que é ilógico supor que uma revelação superior possa suplantar (e contradizer) uma inferior, eles simplesmente nos lembrarão que foi exatamente isso que sucedeu em relação ao Antigo e ao Novo Testamentos, com suas respectivas mensagens. Nos mostraram referências velotestamentárias que falam da aplicação «eterna» da lei, com seus sacrifícios etc. Então, enquanto estamos um pouco encolhidos, a arrumar os pensamentos, eles mostrarão que os rabinos do Talmude assim interpretavam sua própria revelação, pois defendiam a qualidade eterna das leis, cerimônias, sacrifícios, etc. (O judeu olhará desconfiado para nossas «inovações cristãs», perguntando como temos contradito «a revelação», abandonando os mandamentos do A.T., que naquele mesmo documento são declarados como de aplicação eterna). Se firmarmos certos textos do N.T., que falam de punição eterna, então os universalistas apontarão para outros versículos, incluindo aqueles sobre a decisão de Cristo ao hades, que podem ser interpretados como se ensinassem salvação final para todos. E assim, conforme se dá com a maioria das discussões argumentativas, ambos (nós e eles), deixaremos a sala pela mesma porta que tínhamos entrado.

Nesta discussão sobre a decisão, como por todo este comentário, procuramos obter bom equilíbrio na interpretação. Cremos, portanto, que por mais sobre que seja a ideia do universalismo, não preserve esse equilíbrio, comparando Escrituras com Escrituras, motivo porque é suspeito.

d. Além disso, ansiosos por preservar esse citado equilíbrio, rejeitamos ver nas Escrituras somente os temidos versículos de retribuição eterna. Nesses versículos, outrossim, vemos outras revelações, modificadas ainda por outros versículos, que lançam maiores luzes sobre a questão do hades, projetando esperança. A fonte de água viva da cruz eleva-se acima de toda a vergonha humana e cascoteia dali as doces águas da gentileza, que tombam sobre a dimensão tristonha dos antediluvianos desobedientes. Por isso, foi dito: «Ele foi pregar aos espíritos em prisão, que antes foram desobedientes... O Evangelho foi pregado aos mortos». Haverá de deasistir dessas palavras de graça e benevolência eternas porque, em outro lugar, a ira ardente de Deus e vista a perseguir ao pecador e ao pecador com terrível luta sem quartel? Não eu! Sim, eu não, principalmente porque não ouse diminuir a missão de Cristo abaixo do que ela é vista nas Escrituras, ainda que outros homens, ignorando as mesmas, ou por terem um ponto de vista diverso das mesmas, diminuam essa missão para menos do que ela certamente é.

Oh, Cristo, Salvador de Todos os Mundos

Cristo, o Salvador de todos os mundos, em todos os mundos, até à beira mesma da condenação;

Amado, buscando, sondando, saltando além do sepulcro ou túmulo.

Não decretos divinos, dogmas de homens, eras agora e então,

mentes mesquinhas, embodadas pelo sentido e pelo tempo.

Podem limitar Seu imutável poder salvador, uma fixa esperança sublime.

Oh, Cristo, imutável, Redentor perena,

na transição dos séculos o mesmo,

Constante e perpétuo é o poder reconquistador de teu nome.

Ponto do tempo chamado terra e um Jesus terreno

não são tudo, não podem ser tudo,

Esferas além, mundos vindouros, o Jesus Celeste deverá fascinar.



*Ponto de tempo terminado pela morte, significa para alguns, o fim da própria vida,*

*para outros, o fim da esperança, ambas são visões míopes, sem dúvida.*

*Pois Tu, ó Cristo eterno, no tempo e fora do tempo seguras a tudo com segurança.*

*Amando, buscando, sondando, salvando além do sepulcro ou túmulo.*

*Tu és o Cristo de todos os mundos, em todos os mundos, até à beira da condenação. Na condenação? Na condenação?*

(Russell Champlin

meditando sobre I Ped. 3:18-20, 4:6).

Quão temível o caso, quão temível o pensamento, aqueles que perderam seres amados,

*Os quais até à beirada seguraram aqueles a quem amam,*

*E sobre o limiar insuperável se postam,*

*Com nomes queridos reprovam sua calma muda,*

*E afagam por sobre o abismo sua mão não segurada.*

(Tennyson).

«Ele foi e pregou aos espíritos em prisão, que antes foram desobedientes... O Evangelho foi pregado aos mortos».

*O abismo é profundo demais,*

*Suas mãos são por demais pequenas,*

*No entanto, Jesus, ao lado deles,*

*Pode recuperar almas perdidas.*

*Contemplai esses homens erguidos por Cristo,*

*O resto permanece sem ser desvendado.*

*Ele não nos diz, ou algo selou*

*Os lábios de Pedro, o Evangelista.*

(Russell Champlin,

primeiro versículo; segundo, adaptado de Tennyson).

Deixe-nos ver o que o texto aqui tem a ensinar, nada mais, mas, ao mesmo tempo, nada menos. Ele pregou o Evangelho aos mortos desobedientes, sem dúvida, para estender sua missão redentora (ou melhoradora) aos mesmos, que tão recentemente havia feito na face terrestre. Primeiro Pedro 4:8 exige esta interpretação da descida, pois é um comentário breve sobre o mesmo. O resto Pedro não revela. Seus lábios estavam selados. Quantos acreditaram? Quantos sombaram? Quantos rejeitaram? Foi seu ato um precedente? Foi o acontecimento único? Estas são questões importantes.

O caso para o precedente: Um pouco de reflexão nos assegurará de que aquilo feito por Cristo no hades era um precedente, isto é, «estabeleceu um modelo» para futuras missões similares, de fato, foi a abertura do hades como campo missionário. A razão e as Escrituras nos levam a isto, mesmo que o texto com o qual desfrutamos não declara simples e diretamente esta implicação. Tudo que Cristo fez foi um precedente. Toda sua vida e missão foram designadas para serem precedentes de diversos tipos. Sua vida tornou-se para nós, por todos os tempos, um precedente de como a busca espiritual deve ser conduzida. Sua morte tornou-se a base da expiação por todos os tempos. Sua ressurreição tornou-se a base da vida, a própria fonte do princípio da vida. Em sua ascensão, também nós somos elevados aos céus. Seria deveras estranho se sua descida ao hades fosse a única ação de sua missão que tivesse aplicação de vez única, sem resultados contínuos no futuro. Seria deveras estranho se sua descida ao hades, em contraste com todo o mais que realizou, não tivesse aplicação além do que no momento e naquele tempo ele lá conseguiu.

As Escrituras são pelo precedente: Ver especialmente Efé. 4:9, 10 (e as notas in loc.) que impõem sobre nós a ideia do precedente. Efé. 1:23 mostra que Cristo tornar-se-á tudo para todos, e por sua «plenitude», a igreja, pois é por intermédio de seu corpo que Ele se expressa.

O que fica implícito na descida, no tocante ao estado final dos perdidos:

Esta narrativa (como dada em I Ped.) não descreve diretamente o estado final, mas antes, o juízo intermediário do hades. Contudo, seu espírito de admirável graça concorda com outras revelações que levantam ainda mais a cortina eterna, além da história da descida. Apesar de não podermos aqui defender os ensinamentos do universalismo, por razões já declaradas, contudo as Escrituras, em passagens como Efésios 1 e Col. 1:18 certamente vão além do que alguns homens ensinam acerca do estado final dos perdidos. Essas Escrituras requerem que, no estado eterno, haja uma espécie de restauração de tudo em Cristo. Esse é o mistério da vontade de Deus (ver Efésios 1:10), e todos os ciclos sucessivos (dispensações) da operação de Deus levarão, todas as coisas e todos os seres, eventualmente, a ficarem em torno de Cristo como sua razão de existência. Mas isso não faz com que todos os homens se tornem eleitos, embora envolva infinitamente mais do que alguns querem atribuir a essas palavras. Ver as notas sobre Efé. 4:9, 10 onde a descida é ligada com o estado eterno.

A tragédia de rejeitar a Cristo depois que ele lhes oferece, as almas deles, a sua própria natureza e vida (salvação), não consiste apenas dos meros «sofrimentos» que os homens encontrarão; e não nos equivocaremos sobre isso, tais sofrimentos são reais. Mas a tragédia consiste muito mais do fato que perderam sua primogenitura como homens, um direito de primogenitura que lhes cabe pelo simples fato de serem homens, pelo que, potencialmente, podiam ter vindo a participar da vida e da natureza do Homem Ideal, chegando assim a participar da sua própria divindade (ver II Ped. 1:4). Tendo perdido seu direito de primogenitura, passaram por perda infinita, porquanto aquilo que poderiam ter ganhado é um ganho infinito. Os perdidos, pois, estão infinitamente perdidos, por terem deixado de ser infinitamente salvos. Se fizermos da salvação apenas o perdão dos pecados e a mudança futura de endereço para os céus, algum dia, então não teremos compreendido o que significa ser eleito para a glória eterna. Nisso, outrossim, teremos perdido de vista o contraste gigantesco entre o que significa ser «salvo» ou ser «perdido».

Eventualmente, a missão de Cristo recolherá até os perdidos, embora a restauração dos mesmos não importe em salvação, por mais magnificente que venha a ser. Sua magnificência, contudo, será perda infinita, em confronto com o ganho infinito dos salvos. Até mesmo na condenação opera a mão amorosa de Deus, e um dedo daquela mão é a retribuição, a operação da lei da colheita segundo a semeadura, de tal modo que nenhum pecado de comissão ou de omissão seja esquecido. Não obstante, são «julgados como homens na carne, a fim de que, finalmente, vivam como Deus vive, no espírito» (I Ped. 4:6 - tradução livre). Essa é uma de nossas mais inspiradas revelações. Não honramos a Deus rejeitando a mesma, pois assim só reduzirmos o ensino bíblico sobre o que é o que realiza a missão de Cristo.

O trecho de Col. 1:16 mostra que o «tudo» que Cristo criou, o que foi criado por causa de seu ser (a criação foi «nele» e «por» ele), também será «para ele», isto é, um «retorno a ele». Encontramos aqui uma «metáfora da emanção» da

filosofia e da teologia antigas. O sol, o fogo central, despedia seus raios, emana seus raios. Mas então o sol recolhe seus raios, que uma vez mais são absorvidos pelo sol. Autores do N. T. e primitivos cristãos normalmente evitavam a metáfora da emanção, porque se prestava a ensinar o panteísmo; mas neste ponto essa metáfora é aplicada com cautela, sem qualquer intenção de ensinar o panteísmo. Assim, a criação procede de Cristo. «O tudo» vem da parte dele, por causa dele e por meio de seu poder. Mas então, com a mesma certeza, haverá de retornar a ele, sendo por ele absorvido, o que é a mesma coisa que a unidade-referida em Efé. 1:10. O mesmo «tudo» que foi emanado dele, haverá de retornar a ele, pois nada pode ficar fora do magnetismo de seu poder. Em seu retorno, Cristo tornar-se-á «tudo para todos» (ver Efé. 1:23). Ele é a razão de existência de tudo, o alvo do viver de todos. Sim, isso será menos intenso no caso dos perdidos, mas é algo verdadeiro, embora com alguma limitação, o que nos admira. E assim se vê a veracidade da declaração: «Quando eu for levantado, atrairei todos a mim» (João 12:32). Isso não quer dizer que todos os homens venham a entrar na «verdadeira vida», que foi tencionada para todos, e que consiste da participação na própria forma de vida necessária e independente de Deus (ver João 5:25, 26 e 6:57). Nem significa que todos compartilharão da «natureza divina» (II Ped. 1:4). Mas significa que de nenhuma forma, e por nenhum meio, poderá falhar finalmente a missão de Cristo, conforme os homens consideram isso um fracasso. Quando tudo for reunido em torno de Cristo, formando uma unidade, sua missão terá sucesso de diferentes modos, e com diferentes resultados, mas não será um fracasso. E é mesmo impossível que sua missão possa falhar, do modo como os homens descrevem um fracasso.

O vício das teologias sistemáticas e das denominações sectaristas.

É bom termos um sistema de crenças; é bom que nos identifiquemos com algum grupo, a fim de podermos enviar um esforço comum em prol do Evangelho. As teologias sistemáticas e as denominações podem, compartilham todas do vício de «excluir» ou «distorcer» aquilo que não se bota dentro de sua linha de pensamento. Assim, alguns homens negam a divindade de Cristo porque não podem perceber como uma entidade pode ser, ao mesmo tempo, divina e humana. E outros, pelo mesmo motivo, negam a humanidade de Cristo. Ambos esses lados deixam de ver as doutrinas realmente grandes da fé cristã, as quais, em algum ponto, se resumem em paradoxos; não por serem realmente tais, mas porque assim nos parecem, devido ao nosso presente limitado entendimento. A «teologia» é o estudo do divino, e, portanto, como pode ser reduzido com êxito a termos humanos? Alguns rejeitam a doutrina do «livre-arbítrio», porque as Escrituras ensinam a «predestinação» e, por semelhante modo, outros rejeitam a doutrina da predestinação, porque as Escrituras ensinam o livre-arbítrio. Denominações são formadas a fim de defender este ou aquele lado de um paradoxo. As denominações fazem a verdade estar no ponto de partida. As denominações param, mas a verdade continua; e aqueles que se põem a seguir a verdade, são tidos como quem está no trilho errado.

Nesse mesmo campo dos paradoxos deixamos os ensinamentos sobre o juízo. Existem aqueles versículos severos, incansáveis, aterrorizantes, rubros. Precisamos deles porque nos advertem contra a perda infinita e eterna que pudermos vir a sofrer. Mas também existem aqueles versículos esperançosos, resplendentes, penetrantes, que levantam o véu da melancolia. Não se pode duvidar que não sabemos como harmonizar todas as Escrituras em um único «grande quadro», e nem podemos dar argumentos convincentes para todos. Mas incorremos em erro ao fazermos uma passagem bíblica entrar em choque com outra, negando assim a grandiosidade da revelação de Cristo, o qual, eventualmente, será «tudo para todos».

Ouçamos o cântico da redenção que desce dos céus, em dons divinos, o magnífico cântico dos eleitos, e que somente eles podem entoar. Mas demos ouvidos, igualmente, ao cântico da restauração, que ascende das dimensões do juízo eterno. Esse cântico é menos imponente, mas expressa o mesmo tema, o único tema que finalmente haverá, Cristo. Ouçamos ao tema do hino entoado por qualquer indivíduo ali: é Cristo. É isso que as Escrituras querem dizer quando afirmam que Cristo é o Alfa e o Ômega. Alfa, porque a criação foi efetuada «nele» e «por ele». E Ômega, porque a criação também é «para ele». Ômega, repito, e não meramente Alfa. Vede o Cristo de pé!

*Foi grandioso ordenar que um mundo saísse do nada,*

*Mas foi maior redimir.*

*Foi grandioso revelar Deus a seres angelicais,*

*Mas foi maior dar valor ao humilde homem.*

*Foi grandioso habitar em favor divino exaltado,*

*Mas foi maior ser Salvador de homens aquebrados.*

(Russell Champlin)

Aos perdidos, entretanto, sem importar quão grande seja seu lucro final, podemos dizer as palavras de Robert Browning:

*Oh, se traçarmos um círculo prematuro,*

*Sem nos importarmos com ganho a longo prazo,*

*Generosos por pronto lucro ou proveito, certamente*

*Má terá sido nosso barganha!*

8. Não é a mesma coisa que o purgatório

O texto que ora comentamos tem sofrido várias perversões. Naturalmente, tem sido usado como texto de prova da existência do purgatório, mas desajustadamente. Pois o purgatório envolve a noção que os cristãos que tiverem morrido com pecados não-perdoados ou imperfeições, terão de passar um período de sofrimento e julgamento, a fim de serem purificados e aprimorados. Nosso texto, porém, fala de almas perdidas, e não das almas dos justos. Para os perdidos foi que a misericórdia foi oferecida; a eles é que o Evangelho foi pregado.

9. Sumária do ensino da passagem

Após fazer expiação, Cristo, em seu espírito humano desencarnado, desceu ao hades, dimensão dos espíritos humanos que partilham. Ali pregou o evangelho aos desobedientes e lhes ofereceu salvação sob a condição de fé e arrependimento, preservando as mesmas condições de sua missão salvadora conforme se vê no plano terrestre, onde ele é, igualmente, o único Salvador. Nesse ato, Cristo, cremos, por implicação, estabeleceu um precedente. A igreja, que é seu corpo, sua plenitude, por ser isso, tem a tarefa de fazer Cristo tornar-se «tudo para todos», pois o corpo é a expressão do Cabeça em todas as dimensões. Assim nos ensina Efé. 1:23, e este versículo contempla a eternidade, conforme nos mostra o contexto. Outros trechos bíblicos ensinam que fronteiras eternas serão iraçadas quando da volta de Cristo, e não quando da morte de cada indivíduo; e notemos que I Ped. 4:6 demonstra isso. O texto mostra que Cristo é o Salvador cósmico, e não meramente terreno. Ele teve seu

ministério sobre a terra; seus apóstolos e sua Igreja continuaram essa missão; então ele levou sua missão ao mundo inferior, para ser continuada do mesmo modo que sua missão terrena. Finalmente, ele teve sua missão nos céus, e, combinando todas essas missões, que não apenas uma grande Missão Cósmica, eventualmente ele se tornará tudo para todos.

Alguns intérpretes acham que a descida deve ser ligada com tais escrituras como Efé. 1:10, 23 e 4:8-10 para ensinar que esta missão de Cristo aos perdidos no hades terá o efeito de uma restauração dos não-aleitos, mas não a redenção dos eleitos. A restauração dará a eles uma vida de utilidade e certo nível de glória, mas será uma forma de vida infinitamente mais baixa do que a redenção.

#### 10. Esse ensino nos comentários modernos

Conforme já se viu aqui e ali, acima, essa interpretação é «comum» na história da igreja, embora, para alguns, possa parecer uma novidade até obnóxica, pois tem contemplado a verdade somente através dos óculos de alguma denominação particular. As notas e idéias têm sido compiladas com base no exame de sessenta comentários diversos, além de outros livros, como dicionários, léxicos e enciclopédias, que também têm sido consultados. Dentre os sessenta comentários consultados, doze têm uma interpretação essencialmente idêntica à deste compêndio. Esses doze são os seguintes: Bloomfield, no «Comprehensive Commentary»; Vincent, em «Word Studies in the New Testament»; Mason em «Ellicott's Commentary»; R. Rawson Lumby, em «The Expositor's Bible»; Lange, no «Lange's Commentary»; Bigg, no «The International Critical Commentary»; Hunter e Homrighausen no «The Interpreter's Bible»; Meyer, em «Meyer's Commentary on the New Testament»; Wordsworth, em «Wordsworth Greek New Testament»; Alford, em «The Greek New Testament»; J.H.A. Hart, em «The Expositor's Greek Testament». Pode-se notar que esses homens representam a herança da literatura cristã no idioma inglês, e são luteranos, anglicanos, batistas e presbiterianos. A maior parte dos batistas e presbiterianos no tocante aos modernos grupos evangélicos, precisamos admitir, não seguiram essa orientação. Dentre os cinco comentários restantes que foram consultados, John Gill, Adam Clarke e Feucett negam totalmente a narrativa da descida. Calvino admite a realidade da descida, mas não vê nenhum bem oferecido aos perdidos dali. Robertson apresenta ambos os lados da questão, mas não nos dá sua opinião pessoal. Portanto, dentre os sessenta comentários examinados sobre a questão, apenas três negam completamente a «descida», e somente quatro dão uma interpretação que não segue as linhas apresentadas neste comentário. Por «não seguirem as linhas» queremos dizer que não vêem vantagem nem melhoria na descida, no tocante aos perdidos, ao passo que todos os outros comentários, de vários modos, vêem uma melhoria ou mesmo o oferecimento de plena salvação no mundo de julgamento intermediário. Esse mesmo esmagador apoio tem sido dado à narrativa da «descida» através da história da igreja (conforme já vimos no primeiro ponto desta discussão).

#### 11. A descida ao hades na história do cristianismo

Primeiramente, deve-se notar, que «descidas» ao mundo inferior dos espíritos, por parte de deuses e heróis, e por várias razões, como curiosidade, obtenção de algum dote pessoal, para prestar algum serviço misericordioso, etc., são comuns nos escritos dos babilônios, egípcios, gregos e romanos. Nas tradições babilônicas temos a descida de Ishtar; nas tradições gregas, a descida de Hércules; nas tradições romanas, a descida de Hércules. E tais descidas também eram comuns nas religiões misteriosas.

As descidas na literatura pagã podem refletir uma intuição espiritual da parte dos homens que o estado dos mortos deve ser sujeito a modificação pela misericórdia de Deus. Na teologia judaica-helenista, tal conceito era acolhido.

#### 18 ὅτι καὶ Χριστὸς ἀπαξ περὶ ἁμαρτιῶν ἀπέθανεν<sup>4</sup>, — δίκαιος ὑπὲρ ἀδίκων, ἵνα ὑμᾶς προσαγάγῃ τῷ θεῷ, θανατωθεὶς μὲν σαρκὶ ζωοποιηθεὶς δὲ πνεύματι

<sup>1</sup> 18 περὶ ἁμαρτιῶν ὑπὲρ ὑμῶν (see footnote 4) P<sup>1</sup> A 1241 (1505) 2495 ὑπὲρ ἁμαρτιῶν ὑπὲρ ὑμῶν) arm f περὶ ἁμαρτιῶν ὑπὲρ ὑμῶν (N<sup>o</sup> τῶν ἁμαρτιῶν) N<sup>o</sup> C<sup>1</sup> 23 81 88 104 438 614 630 845 1739 1881 2412 P<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> eth Didymus f περὶ ὑμῶν ὑπὲρ ἁμαρτιῶν Ψ f περὶ ἁμαρτιῶν

<sup>2</sup> 18 ἀπέθανεν (see footnote 4) P<sup>1</sup> M A C<sup>1</sup> Ψ 33 88 328<sup>1</sup> 426 614 629 630 946 1341 1505 1739 1881 2412 2495 P<sup>1</sup> it<sup>1</sup> vg<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> arm eth Cyprian Didymus Augustine Cyril Severus Theophylact<sup>1</sup> f

<sup>3</sup> 18 [C] ὑμᾶς P<sup>1</sup> B P Ψ 049 181 328 330 481 1241 1505 1877 2492 2495 Byz<sup>1</sup> P<sup>1</sup> it<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> arm f ὑμᾶς N<sup>o</sup> A C K 056 0142 23 81 88 104 436 614 629 630 945 1739 1881 2127 2412 Byz<sup>1</sup> Lat<sup>1</sup> it<sup>1</sup> vg<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> cop<sup>1</sup>

<sup>4</sup> 18 Χριστὸς...ἀπέθανεν Ro 8:10; Eph 2:16; He 9:28; 10:10

favoravelmente, e profetas do A.T. são retratados como quem cumpria missões no hades. (Ver o ponto quarto da discussão em prova disso). Na literatura extracanônica da igreja primitiva, a descida era doutrina importante. O Evangelho de Pedro, o Evangelho de Nicodemos e o Testamento de Abraão contêm a história. A descida foi referida de modo positivo pela maioria dos pais da igreja, cujos escritos porventura ventilem o tema, e isso continuou até Agostinho, no século V, que deu uma interpretação que nega totalmente a descida. A descida foi incluída nos credos apostólico e atanasiano. Logo após a época de Agostinho, poucos chegaram a negá-la, embora alguns nomes respeitáveis estejam ligados a essa negação.

«Tal crença, sob uma forma ou outra, tornou-se cada vez mais comum nos primeiros séculos, e, finalmente, foi geralmente aceita pela igreja, aparecendo nos credos apostólico e atanasiano. Na Idade Média, tornou-se tema popular de peças teatrais sobre milagres, na arte e na literatura. Durante a Reforma, foi geralmente incluída nas confissões e outras declarações de fé. Em tempos mais recentes, a «descida» tem-se tornado motivo de controvérsia. Contudo, continua sendo aceita, mas com variegadas interpretações, pela maior parte do cristianismo, tanto católica quanto protestante, ainda que um número crescente de denominações evangélicas a venha negando» (Encyclopedia of Religion, New Students' Outline Series, pág. 224).

#### 12. A descida no Novo Testamento

Quanto a passagens, além daquelas que ventilamos, que contêm alusões à descida de Cristo ao hades, ver Atos 2:27,31 (Pedro também falou); Efé. 4:8-10; Rom. 10:6-8. Notas adicionais sobre o tema aparecem nesses referências. A «descida», pois, não é um tema isolado, isto é, que só se encontra na passagem de I Pedro. Também foi profeticamente antecipada em Sal. 18:10.

#### Conclusão:

1. É errado usar este texto ou permitir que influencie o pensamento de alguém de modo a diminuir a importância da missão evangelizadora da igreja atual. Quão absurdo seria pensar que é menos importante conduzir homens a Cristo agora, somente porque é possível que sejam levados após seu sepultamento. A mesma rebeldia que levou homens a rejeitarem a Cristo agora, facilmente pode levar homens ao estado eterno destituídos de sua salvação. Entretanto, por outro lado, nenhum zelo evangelístico no presente estado mortal deveria levar-nos a uma visão embotada acerca do prodigioso poder da missão de Cristo, aqui, ali ou em qualquer parte.

2. A discussão sobre a «descida», ou sobre qualquer outro ponto teológico, não deveria tornar-se pretexto para certarmos e requieirmos a outros, apontando-lhes dedos acusadores, usando impensadamente a palavra temível «herege».

Ó Deus! ... Que carne e sangue fossem tão baratos!

Que os homens viessem a odiar e matar,

Que os homens viessem a silvar e a decepar a outros homens,

Com línguas de vilões

... por causa da...

«Teologia»

(Russell Champlin)

Ouçamos as palavras ditadas pela sabedoria:

Da covardia que teme novas verdades

Da preguiça que aceita meias-verdades,

Da arrogância que pensa saber toda a verdade,

Ó Senhor, livra-nos!

ἁμῶν C<sup>1</sup> 239 it<sup>1</sup> vg<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> Clement Cyprian Augustine Bede<sup>1</sup> [D] περὶ ἁμαρτιῶν B K P 049 058 0142 181 328<sup>1</sup> 330 481 1877 2127 Byz<sup>1</sup> Lect<sup>1</sup> vg<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> Cyprian Cyril Ps-Oecumenius Theophylact f ὑπὲρ ἁμῶν ἁμαρτιῶν 239 f ὑπὲρ ἁμαρτιῶν 2492 f ὑπὲρ ἁμαρτιῶν Didymus

ἁμῶν (see 2:31; B K P 049 058 0142 81 104 181 328<sup>1</sup> 330 451 1877 2127 2495 Byz<sup>1</sup> Lect<sup>1</sup> Augustine Ps-Oecumenius Theophylact<sup>1</sup>)

Clement Cyprian Peter-Alexandria Didymus Cyril Ps-Oecumenius Theophylact f (see 1) N<sup>o</sup>

<sup>4</sup> A incrível diversidade de formas pode ser alistada em conexão com a variante que envolve o verbo acompanhante. Seguidas por ἔπαθει as variantes são:

a. περὶ ἁμαρτιῶν — B K P 049 056 0142 326<sup>1</sup> 330 451 1877 2127 Byz<sup>1</sup> Lect<sup>1</sup> Ps-Ecumenio.

b. ὑπὲρ ἡμῶν ἁμαρτιῶν 326 (c).

c. ὑπὲρ ἁμαρτιῶν 2 241 242 325 337 460 489 2492.

Seguidas por ἀπέθανεν as variantes são:

d. περὶ ἁμαρτιῶν ὑπὲρ ὑμῶν — P (72) A 206 429 441 1241 ara.

e. περὶ ἁμαρτιῶν ὑπὲρ ἡμῶν N<sup>o</sup> (N<sup>o</sup> τῶν ἁμαρτιῶν) C<sup>1</sup> 23 — 33 88 322 323 436 614 630 945 1739 1881 2412 1(6) cop (bo) et Didimo.

f. περὶ ὑμῶν ὑπὲρ ἁμαρτιῶν Ψ.

g. περὶ ἁμαρτιῶν ἡμῶν C<sup>1</sup> 23 — 5 629 2298 it (65) sir (p) cop (sa) Cipriano.

h. ὑπὲρ ἁμαρτωλῶν Didimo.

Apesar de reconhecer a dificuldade em determinar o texto original, a maioria da comissão preferiu a forma περὶ ἁμαρτιῶν ἔπαθεν porque (a) esse verbo, que é um favorito do autor sagrado (ocorre algures em I Pedro por 11 vezes), leva avante o pensamento do vs. 17, ao passo que ἀποθνήσκειν (que não ocorre em nenhum outro trecho da epístola) abruptamente introduz uma nova idéia; (b) em face da presença da expressão περὶ ἁμαρτιῶν escribas penderiam mais por



substituir ἀπέθανεν em lugar de ἔπαθεν e não vice-versa; e (c) as formas que contêm ἡμῶν ou ὑμῶν (que em grego posterior tinham a mesma pronúncia) são naturais, e, de fato, esperadas como expansões escribais.

<sup>5</sup> A comissão inclinou-se por preferir ὑμᾶς (p<sup>72</sup> B P Ψ it<sup>43</sup> sir (p,h) ara), e não ἡμᾶς (N<sup>c</sup> (N\* omite acidentalmente o pronome) A C K 81 614 1739 vg sir (hmg) cop (sa,bo) Clemente), porque copistas mais provavelmente teriam alterado a segunda para a primeira pessoa (por ser mais inclusiva), e não vice-versa.

3:18: *Porque também Cristo morreu uma só vez pelos pecados, e [isto] pelos injustos, para levar-nos a Deus; sendo, na verdade, morto na carne, mas vivificado no espírito;*

A descida ao hades: O leitor deveria examinar a discussão introdutória a esta secção, quanto aos ensinamentos gerais dos versículos dezoito e vinte. As notas seguintes são breves, dando-nos o significado geral, mas sem penetrar na controvérsia que circunda as declarações individuais. Aquelas controvérsias são amplamente ilustradas na discussão preliminar.

O propósito imediato desta secção foi o de demonstrar que os sofrimentos de Cristo tiveram grande valor. Portanto, sob perseguição, os crentes deveriam ter esperança, porque seus sofrimentos haveriam de resultar em seu benefício. (Ver Atos 14:22 quanto aos «benefícios das tribulações, das tristezas e das perseguições»).

«Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados...» (Ver Rom. 5:11 quanto a notas expositivas completas sobre a «expição», onde é apresentada uma descrição completa sobre as diversas teorias da expiação). Pedro já tinha apresentado um poderoso argumento em favor do valor expiatório da morte de Cristo. (Ver I Ped. 1:18, 19 quanto a notas expositivas a esse respeito).

...uma vez...» (Ver Heb. 9:28 quanto a isso). A expiação efetuada por Jesus Cristo foi realizada «uma vez por todas», e satisfaz todas as exigências do sacrifício. Seu sacrifício não pode ser repetido, como sucedia àqueles do A.T. E nem qualquer simulacro moderno pode realmente repeti-lo, ainda que receba o nome de «sacrifício de missa», de maneira mágica ou mística. O sacrifício de Cristo é perfeito em si mesmo. Nada pode ser acrescentado à perfeição. Esses conceitos são desenvolvidos na epístola aos Hebreus. (Ver Heb. 8:27,28 quanto a esse tema, nas notas expositivas a respeito). «O sacrifício único de Cristo substituiu a todos os demais sacrifícios». Ver Heb. 7:23,24 quanto a notas expositivas sobre o «sacerdócio de Cristo», o qual substituiu a todo outro sacrifício; ver Heb. 9:23 quanto aos «melhores sacrifícios do novo pacto»; ver «Sacrifício, Sumário de Idéias», em Heb. 10:18; ver «Os sacrifícios de animais não são eficazes», em Heb. 9:13; ver Rom. 6:10 sobre o tema, «Cristo morreu uma única vez pelo pecado»; ver Heb. 10:10 quanto ao tema, «O sacrifício de Cristo foi realizado de uma vez para sempre».

Este texto subentende quatro coisas no tocante à «morte de Cristo», a saber: 1. Ela é expiatória (no que concerne aos pecados). 2. Ela é vicária (o Justo morreu pelos injustos). 3. Seu propósito é o de restaurar a comunhão quebrada do homem com Deus (a fim de que o homem seja levado à presença de Deus). 4. Os sofrimentos, portanto, são benéficos, pelo que não temamos sofrer, se isso tem por finalidade a Deus e ao bem.

...para conduzir-vos a Deus...» Em que sentido? 1. O perdão dos pecados fica implícito, porquanto nenhum retorno a Deus é possível sem isso (ver Col. 1:20). 2. A santificação fica subentendida, pois sem a mesma ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). 3. A glorificação é algo necessário, pois o retorno a Deus se verifica por meio da filiação, em que se adquire a natureza do Filho, se recebe toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19) e se obtém a própria natureza divina (ver II Ped. 1:4).

...morte na carne...» A humanidade de Cristo era real, e, com sua morte, ele fez expiação. Sua missão terrena proveu a missão para a expiação. No dizer de Rom. 5:6: «...Cristo... morreu a seu tempo pelos ímpios...»

...vivificado no espírito...» Os revisores desta versão em português estão corretos por não terem usado aqui a letra maiúscula, em «espírito». O uso é anato e adverbial, referindo-se à vivificação do espírito humano de Cristo, e não ao fato que o Espírito Santo foi responsável por isso. Assim sendo, no versículo seguinte, vê-se que, na forma de «espírito vivo», ele desceu ao hades. «Devemos ter o cuidado de não compreender aqui 'espírito' como se fora o Espírito de Deus, em distinção ao corpo físico de Cristo, mas sim, trata-se da natureza espiritual de Cristo; a natureza espiritual superior que pertencia à integridade de sua humanidade».

19 ἐν ᾧ καὶ τοῖς ἐν φυλακῇ πνεύμασιν πορεύεθαι ἐκήρυξεν,

19 πνεύμασιν] - απ 614 c vg<sup>21</sup>

Não poucos eruditos têm advogado a emenda conjectural que introduz o sujeito «Enoque» (ἐνωκαιενωχ). Ao invés de melhorar a inteligibilidade da passagem (como toda a forma conjecturada deveria fazer), a palavra Ἐνώχ interrompe a continuidade do argumento, ao introduzir uma mudança abrupta e inesperada de sujeito, que não o sujeito do vs. 18. (2)

2. Ver Metzger, *Journal of Religion*, xxxii (1952), págs. 268 a, ou, mais abreviadamente, *The Text of the New Testament*, p. 185, n. 1, e a diacronia de William J. Dalton no seu monótipo, *Christ's Proclamation to the Spirits; a Study of I Pet. 3:18-4:6* (Rome, 1965) págs. 135 ss.

3:19: *ao qual também foi, o pregar aos espíritos em prisão;*

Apesar de sua grande simplicidade e brevidade, este versículo tem sido sujeito a grande controvérsia. (Quanto a detalhes sobre seu significado, e quanto à controvérsia que o circunda, que é a mesma que rodeia a questão inteira da «descida ao hades», ver as notas de introdução ao décimo oitavo versículo). Neste ponto, a controvérsia não é reiterada; antes, somente os significados do autor sagrado são indicados.

...no qual...», isto é, «em forma de espírito». Cristo, em sua forma de espírito, no intervalo entre a morte e a ressurreição, visitou o hades para benefício dos perdidos ali encerrados. O «Espírito Santo» não está em pauta, conforme concordam quase todos os intérpretes, e certamente a pregação não foi «através de Noé», durante o período de vida dos homens cujos espíritos mais tarde vieram a residir no hades. Notemos que a ordem é: 1. Os sofrimentos de Cristo; 2. então a descida de Cristo, como espírito desencorporado. Seu espírito humano está em foco. Por outro lado, Noé

(Vincent, com uma citação de Cook).

Isso não significa que o espírito de Cristo estava morto, e que precisou ser reavivado, e, sim, que embora ele estivesse morto quanto a seu corpo físico, estava perfeitamente vivo em sua natureza espiritual, em sua alma. Portanto, era como se ele tivesse morrido como uma entidade, mas não! Continuava vivo! E, visto que ele vive, também vivemos. O seu «espírito foi imbuído de novos e maiores poderes de vida» (Thayer). Nesse sentido, pois, é que ele foi «vivificado», tornando-se mais vivo ainda do que antes; e essa é a experiência de toda a alma liberta do corpo. Ela entra em uma nova esfera de vida, superior.

Pedro certamente não quis dar a entender que o espírito de Cristo morreu juntamente com seu corpo, mas que foi, então, imediatamente vivificado. Essa idéia não se coaduna com a doutrina neotestamentária. Contradiz a presente passagem, onde se vê que os «espíritos» dos mortos estão bem vivos no hades. (Ver também I Ped. 4:6). Antes, o espírito do homem Jesus recebe a «graça de vida» (ver I Ped. 3:7), entrando naquela dimensão superior da vida, que com razão pode ser encarada como uma vivificação, pois assim ela é, realmente. A vida consiste de muito mais do que mera existência. Trata-se de uma «espécie de existência», e Cristo entrou em uma nova fase da vida quando seu espírito foi libertado do corpo. E assim sucede a todos os crentes—uma grande e sublime verdade. Não existe a morte! A morte não mata! Cristo teve o poder de dar sua vida; e teve o poder de reavê-la, e foi isso que ele fez. (Ver João 10:18).

*Variantes Textuais:* Uma imensa variedade de textos exista, quanto ao presente versículo, a saber:

1. «Sofreu acerca dos pecados», é o texto dos mss BKP. 048, 056, 0142, 326, 330, 461, 1877, 2128, Byz Lect Ps. Oecumenius. «Acerca» é tradução do termo grego «peri».

2. «Sofreu em favor de nossos pecados», é o texto do ms 326(c), com a adição da palavra «nossos» e tendo «uper» em lugar de «peri».

3. «Sofreu em lugar dos pecados» é o texto dos mss 2; 241, 242, 325, 337, 460, 489 e 2492.

4. «Morreu no tocante aos pecados, em vosso favor», é o texto dos mss P(72), A, 206, 429, 441, 1241 e no Ara. «Morreu» substitui a «sofreu», e tanto «peri» como «uper» figuram nesses manuscritos, formando uma composição.

5. «Morreu acerca dos pecados, em nosso lugar», é o texto dos mss Aleph(c), C(2) (vid), 33, 68, 322, 323, 436, 614, 845, 1739, 1881, 2412, 1161, no Cóp(bo), no Etí e nos escritos de Didimo. Também temos aqui uma composição, com leve variação em relação ao caso anterior, onde «vosso» tem o lugar de «nosso».

6. «Morreu acerca de vós, em lugar dos pecados» é a forma que aparece no ms Paí.

7. «Morreu acerca de nossos pecados», é o texto dos mss C(1) (vid), 5, 629, 2298, no It(65), no Sitt(p), no Cóp(sal) e nos escritos de Cipriano.

8. «Morreu em lugar dos pecados» é a forma que aparece nos escritos de Didimo.

É impossível afirmar-se, com cem por cento de certeza, qual era o texto original. Mas a primeira forma, dentre essas, é a que tem levantado menor número de objeções. Não se trata de uma composição ou mescla, o que desqualifica a diversas outras possibilidades. A palavra «sofrer» parece ser termo favorito do autor sagrado, sendo usado por mais de onze vezes na presente epístola. Talvez alguns escribas tenham substituído «sofreu» por «morreu», como algo mais apropriado à idéia da expiação, não reconhecendo que, para o escritor sagrado, o vocábulo «sofrer» inclui a idéia da morte de Cristo. A alteração entre «nosso» e «vosso» provavelmente se deveu ao fato que, no grego posterior (quando a maior parte dos manuscritos gregos foi produzida) essas duas palavras tinham o mesmo som, podendo ser facilmente confundidas entre si.

As palavras «...levar-vos a Deus...» aparecem nos mss P(72), BP, Paí, no It(65), no Sitt(p,h), e no Ara. Provavelmente essa é a forma correta, a que está escudada em maior evidência textual. As palavras «levar-nos a Deus» aparecem nos mss Aleph(c), ACK, 81, 614, 1739, na Vg, no Sitt(hmg), no Cóp(sa,bo), e nos escritos de Clemente. Porém, devido à troca familiar entre «e» e «u» está novamente em jogo (amas, umas) é impossível ter-se certeza.

pregou «antes dos sofrimentos» de Cristo; assim, em sentido algum está em foco a pregação de Noé. Não foi senão já no século V D.C. (com Agostinho) que essa interpretação veio a lume. Até então, concordava-se unanimemente que Cristo, em sua forma espiritual, desceu ao hades para ter ali um ministério de alguma espécie; e a maioria dos estudiosos cria que essa missão foi benéfica.

...foi e pregou...» Cristo transformou o hades em um campo missionário. (Ver I Ped. 4:6 quanto a uma confirmação a esse respeito). A palavra que aqui é traduzida por «pregou», em todas as páginas do N.T. indica «pregar o evangelho», embora, por si mesma, não tenha esse significado como necessidade. A maioria dos intérpretes concorda que há aqui o sentido de «pregar as boas novas». I Ped. 4:6 é passagem que concorda com isso, exigindo esse ponto de vista. «Os mortos foram evangelizados». O verbo, naquele versículo, pode significar somente «pregar o evangelho». O verbo grego «kerusso» (usado neste versículo) é empregado

por sessenta e uma vezes no N.T., sempre com o sentido de pregar o evangelho ou pregar o reino. Não há razão para supormos que seu uso aqui é excepcional.

Assim sendo, Cristo, o grande Redentor dos homens, pregou durante sua peregrinação terrena; demonstrou aos homens a riqueza da salvação divina. Quando foi crucificado por homens cruéis e irracionais, não se tornou um adversário dos homens. Antes, continuou sua missão redimidora em uma nova esfera, no hades. E assim se tornou Salvador de todos os homens, até à beira mesma da condenação ou dentro da própria condenação. Então ele ressuscitou e retornou a Deus Pai; e agora, nos lugares celestiais, ele continua em sua missão benéfica, porquanto enviou seu Espírito a fim de representá-lo na terra, fazendo intercessão por todos os crentes. Agora ele é o grande impulso da redenção e da restauração na criação inteira. (Ver Efé. 1:10 quanto a esse conceito).

«...espíritos...» Esse termo pode significar qualquer tipo de «espírito», humano, angelical, demoníaco ou divino. Quase todos os estudiosos pensam que está em foco a idéia de «espíritos humanos desencorporados», a saber os espíritos dos «desobedientes» da época de Noé, os quais com razão mereceram a perdição no dilúvio e sua subsequente descida ao hades. Nem mesmo ali, porém, ficaram fora do alcance da graça de Deus. (Quanto à palavra grega usada para indicar «espíritos humanos», ver as notas expositivas em Rom. 8:16; I Cor. 2:11 e Heb. 12:23). Todavia, esses «espíritos» a quem foi pregado o evangelho não eram somente aqueles dos dias de Noé, mas todos os habitantes cativos no hades, conforme I Ped. 4:6 esclarece. Mas somente os desobedientes dos dias de Noé são aqui mencionados, porque: 1. Representam eles os mais rebeldes dentre todos os espíritos humanos. Se a graça divina chegou até eles, certamente poderá atingir a todos. 2. Pedro usa um incidente da história de Noé porque estava prestes a fazer uma alusão ao batismo, que ilustra aptamente a salvação, de acordo com certo ponto de vista, através do incidente do dilúvio. Por isso, ele limita suas observações aos elementos daquela história; assim sendo, os «espíritos» aqui referidos são os da história relatada. Pedro usou o incidente do dilúvio a fim de ilustrar tanto o juízo como a salvação em meio ao juízo. Foi apenas natural, pois, que ele limitasse os «espíritos» aludidos ao contexto de sua ilustração. No entanto, em I Ped. 4:6 ele remove essa limitação. Lemos ali que o evangelho foi pregado «aos mortos», isto é, a todos os espíritos aprisionados no hades. Material similar no livro de Enoque poderia levar-nos a crer que estão em foco «espíritos angelicais». Nesse caso, o texto nos ensinaria alguma espécie de restauração de anjos caídos. Mas isso não se harmonizaria com o presente contexto, que aborda diretamente a questão da redenção humana, e como os sofrimentos de Cristo efetuaram tal resultado.

«Se indagarmos que valor tem para nós essa tradição, a resposta é que onde estiverem os homens, ali tem Cristo o poder de salvar». (Hunter, *in loc.*). Consideremos a grandiosidade de Cristo: ele atinge homens em todos os lugares e sob todas as condições. Por que diminuíamos as tremendas dimensões de sua missão redimidora, a fim de satisfazer nossas mentes quanto a certo ponto de vista sobre a natureza do julgamento?

#### O Propósito Imediato Da Narrativa

O propósito de Pedro, ao contar o episódio da descida de Cristo ao hades, foi o de mostrar que, «através do sofrimento pode sobrevir o bem». Por conseguinte, que os crentes sofram as perseguições motivadas com elevada esperança. Isso gerará um bom resultado. Pois consideremos como a descida de Cristo ao hades, e até mesmo naquele lugar horrendo, produziu o bem para as almas perdidas. Cristo não poderia ter descido ali, a menos que tivesse passado seu período de sofrimento neste mundo. Através desse sofrimento, porém, tornou-se qualificado para ministrar o bem a todos os homens, em todos os lugares, mesmo no submundo.

20 ἀπειθήσαίν ποτε ὅτε ἀπεχέδετο ἡ τοῦ θεοῦ μακροθυμία ἐν ἡμέραις Νῶε κατασκευαζομένης κιβωτοῦ, εἰς ἣν ὀλίγοι, τοῦτ' ἐστὶν ὀκτῶ ψυχαί, διεσώθησαν δι' ὕδατος.

20 Gn 6.1-7.24

20 απειθεσαν ποτε οτε απεχεδετο ο η του θεου μακροθυμία εν ημεραις Νωε κατασκευαζομένης κιβωτου, εις ην ολιγοι, τουτ' εστιν οκτω ψυχαι, διεσωθησαν δι' υδατος.

«...os quais...» Os mesmos «espíritos» do décimo nono versículo, mas agora pintados como homens mortais nos dias de Noé. Eles não obedeceram «anteriormente». Aqueles dentre eles que ouviram a prédica de Noé, se recusaram a dar-lhe ouvidos, e não obedeceram a Deus. A história do A.T. mostra que foram grandes exemplos de desobediência. Contudo, Cristo lhes quis anunciar o evangelho. Graça admirável! Quão doce é ela! Esse é o amor de Deus, que amou tanto que deu o seu Filho.

«...desobedientes...» Pelos seguintes motivos: 1. Seguiram a perversão de sua própria natureza caída. 2. Recusaram-se a mudar de conduta, até mesmo quando a pregação de Noé lhes mostrou o caminho. Pedro usou-os como exemplos extremados de desobediência. Contudo, os sofrimentos de Cristo lhes redundaram em bem. Pedro ensina-nos aqui que nossos sofrimentos terão resultados similares. Esse é o pensamento que introduz a discussão inteira sobre a «descida». Os sofrimentos de Cristo fizeram o bem até mesmo para indivíduos depravados e hostis, que agora tinham passado para o merecido julgamento no hades. Se sofrermos juntamente com Cristo, em prol da causa cristã, os resultados conseguidos não falharão. (Ver Atos 14:22 onde se vê como os sofrimentos, as tribulações e as perseguições têm resultados benéficos). Contudo, embora o texto fale somente desses espíritos, não devemos entender que somente eles receberam a oportunidade de se arrependerem. O trecho de I Ped. 4:6 mostra-nos que Cristo pregou a todos os mortos, sem importar o tempo em que viveram à face da terra.

«...longanimidade de Deus...» Esta esperou longamente, nos tempos de Noé. Esperou durante os longos séculos; fez provisão direta por meio de

«...prisão...» Esse é o *hades*, onde são encerradas as almas em prisão, um mundo intermediário. O termo «prisão», aludindo ao «hades», fazia parte do comum vocabulário rabínico, que Pedro agora emprega. (Ver este uso no N.T. II Ped. 2:4; Judas 6; Apoc. 20:7. Ver Luc. 16:22,23 quanto a notas expositivas sobre o Hades). Nos tempos de Pedro, o *hades* era visto como lugar tanto de punição como de glória relativa. Tinha dois compartimentos: um para os justos e outro para os injustos. Em certo sentido, era uma «prisão» tanto para uns como para outros, porquanto era um estado intermediário, e não o estado de mais elevada glória. E não era, por igual modo, o lugar final do juízo. Por isso mesmo, era reconhecido como «detenção», até que chegasse uma nova ordem de coisas, e não lugar final de juízo, segundo se aprende em Apo. 20:14. Apesar de que os espíritos dos justos vão para os «lugares celestiais», na presente dispensação (ver as notas expositivas a respeito em Efé. 1:3), o «mundo intermediário» nunca foi eliminado no que concerne aos perdidos. Enquanto existir o «mundo intermediário», a salvação será possível para os perdidos. Essa é a clara indicação do presente texto. As fronteiras eternas serão traçadas somente quando do segundo advento de Cristo. Ver as notas em I Ped. 4:6.

«No ponto mais negro da resistência do homem contra Deus, Cristo, o Senhor vitorioso, foi anunciado, o que indica que a sua vitória não foi dele somente, mas uma vitória que penetrou no terreno dos mortos mais desobedientes». (Homrighausen, *in loc.*).

«O que o apóstolo Pedro diz é que Cristo não só ministrou a homens sobre a terra, mas foi, como espírito, pregar aos espíritos aprisionados... O termo «*euangelisthe*» (evangelizou) em I Ped. 4:6, deve ser aceito como prova do ponto de vista de Pedro de que nosso Senhor pregou o evangelho aos espíritos, oferecendo-lhes oportunidade de arrependimento... O pensamento que sublinha as palavras de Pedro é que não pode haver salvação sem arrependimento, e que não há oportunidade razoável de arrependimento sem que se ouça o evangelho». (Bigg, *in loc.*).

«Antes da vinda de Cristo, não tinham ouvido o evangelho do reino de Deus. A mediação de Enoque falhara. Porém, quando da pregação de Cristo se arrependeram como os homens de Nínive...» (J.H.A. Hart, *in loc.*).

#### Os Eleitos Serão Poucos

1. A descida de Cristo ao hades, por certo envolveu uma *melhoria universal* para as almas que tiveram de ir, até mesmo para o lugar de juízo. A restauração universal, prometida em Efé. 1:10 (onde o leitor deve consultar as notas expositivas), assegura que haverá essa melhoria.

2. Se Cristo porventura ofereceu a oportunidade de completa salvação, quando de sua descida ao hades, isso não significa que um grande número das almas ali retidas, tenha tirado proveito de seu ministério. Outros trechos bíblicos indicam que o número dos eleitos será comparativamente pequeno.

3. Mas todos os seres humanos terão boas razões para viver, por causa do ministério de Cristo. Não limitemos o seu propósito de acordo com alguma noção nossa, sobre o que deverá vir a ser o julgamento. Sem embargo, poucos descobrirão a redenção que cabe exclusivamente aos eleitos, de acordo com o que os homens tornar-se-ão participantes da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4).

*Variante Textual:* Alguns eruditos têm conjecturado que «Enoque» é o sujeito do verbo deste versículo. Mas a emenda para «*enokai*», conforme o grego deveria dizer, ao invés de melhorar a inteligibilidade da passagem, como o texto conjecturado deveria dizer, quebra a continuidade do argumento, mudando uma modificação abrupta e inesperada em relação ao versículo anterior, onde Cristo é o sujeito. A maioria dos eruditos, portanto, rejeita corretamente essa emenda. Provavelmente foi encorajada pelo fato que a presente passagem parece depender de várias idéias escritas séculos antes do livro de Enoque, onde a descida ao hades também é descrita.

Cristo, em favor do hades hostil. *Graça admirável!* A «longanimidade» é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo. A qualidade divina da espera paciente é gentil, tolerando o mal sofrido e que pratica o bem em face do mal recebido, é infundida nos homens pela operação do Espírito. Assim eles assumem a natureza moral de Cristo, o avanço na direção da perfeição, que é o grande alvo. (Ver Gál. 5:22 quanto a notas expositivas acerca dessa palavra).

«...aguardava...» Foram cento e vinte anos de espera, durante os dias de vida de Noé. E foram muitos séculos mais, até à vinda de Cristo.

«...poucos...» Poucos foram salvos, porquanto não estavam além do longo braço remidor de Deus. cremos que esse princípio se aplica até hoje. O ministério universal de Cristo, em todos os mundos, dentro e fora do tempo, reverterá a aparente derrota de sua influência no mundo dos homens mortais. Isso não significa, entretanto, que todos os homens tornar-se-ão eleitos; mas significa que, sob a condição da fé em Cristo, como Salvador e Senhor, todos serão elevados a alguma espécie de existência digna. Não há outro modo de interpretar honestamente o primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Esse é o grande raio de luz que torna a revelação cristã prodigiosamente magnífica. Nos tempos de Noé, somente «oito» pessoas acreditaram: Noé e sua esposa, três filhos e suas esposas (ver Gên. 7:13). Contudo, as vastas multidões não ficaram esquecidas na mente divina. Mereciam ser esquecidas. O julgamento delas era justo; mas Deus não abandona os homens a isso. Sua graça e suas operações misericordiosas transcendem a todos esses «desertos».

«...através da água...» No grego, a preposição é «*dia*», que pode significar «através», em sentido instrumental. A água fez «boiar» a arca, preservando as vidas nela abrigadas. Ou o grego pode significar apenas que a arca viajou





22 ὅς ἐστιν ἐν δεξιᾷ [τοῦ] θεοῦ, πορευθεὶς εἰς οὐρανόν, ὑποταγέντων αὐτῷ ἀγγέλων καὶ ἐξουσιῶν καὶ δυνάμεων.

22 Eph 1:20-21

22 θεοῦ K<sup>o</sup>B<sup>o</sup>Ψ 33.; R] *praem* του τελ *ς*: *add* deglutiens mortem,

ut vitae aeternae heredes efficeremur lat Aug

Após *θεοῦ* a maioria dos manuscritos da Vulgata insere *deglutiens mortem ut vitae aeternae haeredes efficeremur* («devorando a morte, para que sejamos feitos herdeiros da vida eterna»). Conforme é sugerido pelo uso do particípio presente, *deglutiens*, no sentido do passado, é provável que a adição seja a tradução de uma glosa grega, a qual, conforme a reconstituição de Harnack, pode ter dito *καταπιῶν* (τὸν) θάνατον, ἵνα ζωῆς αἰωνίου κληρονόμοι γενηθῶμεν (A. von Harnack, *Beitrag zur Einleitung in das Neue Testament*, vii (Leipzig, 1916), pág. 83).

3:22: que está à destra do Deus, tendo subido ao céu; havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potestades.

Este versículo deve ser confrontado com Efê. 1:20, 21, que lhe é virtualmente igual, exceto que naquele trecho a doutrina é apresentada de forma mais elaborada. É o ministério da vontade de Deus (comentado em Efê. 1:10), o qual ensina que, finalmente, todos os seres inteligentes e todos os universos virão a reconhecer o senhorio de Cristo. Em torno dele é que se concentrará a existência inteira, e ele se tornará «tudo para todos». Portanto, haverá uma espécie de restauração geral, e Cristo dará razão e validade a essa restauração. As notas expositivas sobre Efê. 1:10 abordam a questão, como também o fazem as notas de introdução ao versículo dezoito do presente capítulo.

«...ir para o céu...» Essa é uma alusão direta à «ascensão» de Cristo. (Há notas expositivas completas sobre essa doutrina, em Atos 1:6). A ascensão subentende sempre, no N.T., a glorificação subsequente, que também é óbvia no presente versículo.

«...está à destra de Deus...» (Quanto a notas expositivas sobre essa expressão, ver Heb. 1:3. Comparar com Mat. 20:21, 23, no tocante à significação de achar-se alguém à «direita» de um rei. Quanto a outras referências neotestamentárias que ensina que Cristo obterá aquela privilegiada posição, ver Mat. 26:64; Atos 2:34; 5:31; 7:55, 56; Rom. 8:34; Efê. 1:20; Col. 3:1; Heb. 1:1, 13; 8:1; 10:12; 12:2). A metáfora é extraída da corte de um monarca qualquer, onde o seu «primeiro ministro» recebe o exaltado privilégio de tomar assento à sua mão direita. Isso reconhece o fato que tal ministro é a segunda autoridade no reino, tendo acesso especial à presença do rei.

«...ficando-lhe subordinados os anjos...» Esses seres, dotados de imenso poder, que têm acesso ao plano celestial, são apenas uma fumaça, em comparação com Cristo (ver Heb. 1:7). Por grandes que sejam, serão ultrapassados pelos remidos, quando estiverem glorificados em Cristo, pois os homens remidos participarão da própria natureza de Cristo, o que não pode ser dito acerca de qualquer anjo. Assim é que, no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, vemos que Cristo «enche a tudo, em todos» (em outras palavras, «é tudo para todos»); e a igreja, e não os anjos, será sua plenitude. Os homens remidos, e não os anjos, virão a possuir «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19; ver também Col. 2:10 quanto a esse conceito). Por semelhante modo, Cristo, o Senhor de toda a criação, em sua glorificação, assumiu um lugar muito superior ao dos anjos. Os anjos são ministros de Deus, mas o Filho é o «primeiro ministro», que se assenta à mão direita do Rei. Em Cristo é coordenado e administrado todo o governo de Deus, e a ele todos os seres inteligentes prestarão contas.

«...anjos...» Trata-se de um nome genérico, e as duas designações a seguir são «ordens» particulares de anjos. Existem muitas ordens de anjos, algumas delas importantíssimas, que exercem autoridade sobre vastas regiões dos lugares celestiais. Outras dessas criaturas são de estatura mais modesta, e têm atribuições menores. (Quanto a notas expositivas completas sobre os «anjos», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10).

«...potestades...» No grego é «*exousia*», palavra comum que indica todas as formas de poder e autoridade, mas aqui usada para indicar uma «ordem» de anjos poderosos, investidos de grande autoridade nos lugares celestiais, por delegação de Deus. (Comparar isso com o Testamento de Levi 3:8; com o Testamento de Salomão 20:15; com I Cor. 15:24; Efê. 1:21 e Col. 2:10, onde tal vocábulo também é usado, indicando autoridades angelicais). No trecho de Efê. 6:12 são aludidos poderes angelicais malignos, com o uso desse título; e podemos especular que há áreas dos mundos espirituais que ficaram sob o seu controle maligno. (Ver Efê. 1:21 quanto a maiores explicações sobre essa palavra, juntamente com a comparação com outros títulos que são usados quanto às ordens e autoridades angelicais).

«...poderes...» No grego é «*dunamis*», título dado a outra ordem de anjos poderosos. Isso também se vê em *Eth. Epic.* col. 9, 16; *Porphy. Absts.* 2, 2.

## V. Os Deveres Cristãos (2:11-4:11).

### 9. A pureza da vida (4:1-6).

O evangelho, que nos oferece as riquezas de Cristo, a transformação segundo a sua imagem e a posse da herança eterna, traz consigo um imperativo moral. É impossível alguém salientar demais esse imperativo. Ao estudarmos o Novo Testamento, encontramos esse imperativo por toda a parte, e notamos que é impossível alguém chegar à salvação completa sem santificação. (Ver II Tes. 2:13 a esse respeito, bem como a nota geral sobre a «santificação», em I Tes. 4:3). A conversão deve fruir na santificação, ou seu poder é negado e destruído. O resultado é que ninguém pode jamais chegar à glória, se não tiver sido santificado pelo Espírito Santo, porquanto a glória vem mediante a *infusão* da natureza moral de Cristo em nós. Tal infusão nos leva à transformação metafísica, isto é, chegamos a participar da natureza e do tipo de vida de Cristo. Isso é impossível sem a real santidade. Devemos participar da própria retidão de Deus a fim de sermos aprovados por ele (ver Rom. 3:21), pois sem a santificação ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). O que estamos dizendo é que o evangelho deve operar realmente em nós; deve ser algo eficaz; deve ser uma força poderosa e transformadora, pois, de outra maneira, não poderá haver salvação. Um credo não basta; a confissão em uma igreja não é suficiente. A confissão de um crente deve ser a sua vida diária. Um estadista norte-americano, dos estados do sul, jazia moribundo. Seus amigos se reuniram em volta dele de maneira solícita. Um deles se preocupava com a sua alma. «Não deveríamos chamar um pregador, para orar?» perguntou tal amigo. «Não», retrucou o estadista, «minha vida é a minha oração». Essa declaração representa uma grande verdade, e se aplica a todos. A vida sem

par. 133; *Escritos Herméticos* 1:26; 13:15; e Efê. 1:21. Supomos que essa ordem angelical possui menor poder que a ordem anterior. Normalmente, nas listas de poderes angelicais, os «principados» ocupam o primeiro lugar, designando a autoridade maior, mas é duvidoso que as ordens que se seguem acompanham qualquer hierarquia. A ordem de apresentação nem sempre é a mesma, nas páginas do N.T. (Comparar Efê. 1:21 com Col. 1:16). E nem sempre essas ordens são iguais. Neste ponto, são mencionadas somente duas ordens distintas, ao passo que as referências, nas epístolas aos Efésios e aos Colossenses, incluem muitas outras ordens.

Os livros de Enoque e dos Jubileus exibem uma angelologia bem desenvolvida. Notamos neles sete ordens diferentes de anjos, dotados de autoridade sobre as regiões celestiais. No livro dos Jubileus, os anjos de maior autoridade são aqueles que estão diante da face de Deus; em seguida aparecem os anjos de glória, que exercem mando sobre regiões celestiais; finalmente, há aqueles que controlam coisas terrenas, como os anjos dos ventos, das nuvens, das trevas, da neve, da geada, da saraiva, e muitos outros. O N.T., naturalmente, não se envolve nessa tentativa de categorizar os anjos, embora não haja motivo para dúvidas que ao menos as idéias principais sejam reconhecidas: existem ordens diferentes de anjos; existem vastas soberanias celestiais. Pode-se ver, especialmente em Hebreus, Tiago e I Pedro, a influência dos escritos judaico-helenistas, e esses livros mencionados pertencem a essa classe. Apesar de que algumas das idéias contidas naqueles livros são exageradas e mesmo mitológicas, não há razão para supormos que também não envolvam alguma verdade significativa. Os autores do N.T. não hesitam em tomar por empréstimo tal verdade.

O ensinamento geral é perfeitamente claro: quaisquer poderes, ordens ou autoridades que possam haver entre os seres celestiais (e não pode haver dúvidas razoáveis de que o N.T. reconhece essa espécie de angelologia), Cristo está acima de todos eles, e é o Senhor dos mesmos. Quanto mais, portanto, é ele o Senhor dos homens!

Interpretação imediata desta passagem. Notemos como os sofrimentos de Cristo não o derrotaram. Finalmente, ele entrou na glória, e da forma mais elevada. Se sofrermos pacientemente por ele, se formos constantes em nossa fé e confissão cristã, também triunfaremos com Cristo. Essa é a lição prática que a seção à nossa frente procura ensinar-nos. Esta primeira epístola de Pedro foi escrita para consolar àqueles que estão sob a pressão da perseguição, a fim de dar-lhes orientação sobre como poderão obter a vitória, a despeito de suas circunstâncias desfavoráveis. Cristo sofreu, morreu, ressuscitou e subiu aos céus, e então foi glorificado. Ele é o Pioneiro do caminho, e também é o próprio Caminho. Se o seguirmos, compartilharemos de sua glória. Se ele foi elevado acima dos próprios anjos mais poderosos, certamente tem poder e autoridade para dar-nos a vitória, em meio às perseguições. Esperemos em Cristo quanto a isso.

«Não podemos conceber qualquer coisa difícil demais para a onipotência. Esse mesmo ser onipotente é amigo do homem. Por que, pois, não nos achegamos a ele com plena confiança, esperando o máximo de salvação de que nossas almas e nossos corpos são capazes?» (Adam Clarke, *in loc.*).

«...embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu» (Heb. 5:8). «Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse por meio de sofrimentos o Autor da salvação deles» (Heb. 2:10).

*Variante Textual:* Após a palavra «Deus», segundo a maioria dos manuscritos da Vulgata latina, são acrescentadas as palavras «deglutiens mortem ut vitae aeternae haeredes efficeremur», que significa, «devorando a morte, para que pudéssemos ser feitos herdeiros da vida eterna». Embora essa adição apareça somente em manuscritos latinos que conhecemos, o uso do particípio presente, «deglutiens», no sentido do tempo passado, indica que a glosa original aparecia no grego. Essa veio a ser traduzida para o latim, e sobreviveu em manuscritos conexos. Naturalmente, não é algo original, mas não passa de um adorno escríbal.



santidade é demonstração do fato que a graça divina não operou qualquer operação transformadora, porquanto isso não lhe foi permitido. A santidade é algo absolutamente essencial para a entrada nos lugares celestiais; e essa deve ser real na vida, e não meramente como declaração posicional em Cristo.

«**Sumário:** Cristo é nosso exemplo no sofrimento, o qual se for aceito humildemente, purificará o homem do pecado. Vivamos, pois, para fazer a vontade de Deus. Antes vivíeis como devassos e agora vossos vizinhos pagãos esperam que continueis nessa vida e vos insultam quando vos recusais a isso. Esses terão de prestar contas àquele que julga os vivos e os mortos. É porque o juízo abarca os mortos que o evangelho tem de ser pregado a eles, de tal modo que foram antes julgados segundo as experiências de sua vida terrena, mesmo assim podendo chegar à vida espiritual». (Hunter, *in loc.*).

4 Χριστοῦ οὖν παθόντος<sup>1</sup> σαρκὶ καὶ ὑμεῖς τὴν αὐτὴν ἐννοιαν ὀπλίσασθε, ὅτι ὁ παθὼν σαρκὶ πέπανται ἁμαρτίας<sup>2</sup>,

11 [13] *παθόντος* <sup>1</sup> <sup>2</sup> <sup>3</sup> <sup>4</sup> <sup>5</sup> <sup>6</sup> <sup>7</sup> <sup>8</sup> <sup>9</sup> <sup>10</sup> <sup>11</sup> <sup>12</sup> <sup>13</sup> <sup>14</sup> <sup>15</sup> <sup>16</sup> <sup>17</sup> <sup>18</sup> <sup>19</sup> <sup>20</sup> <sup>21</sup> <sup>22</sup> <sup>23</sup> <sup>24</sup> <sup>25</sup> <sup>26</sup> <sup>27</sup> <sup>28</sup> <sup>29</sup> <sup>30</sup> <sup>31</sup> <sup>32</sup> <sup>33</sup> <sup>34</sup> <sup>35</sup> <sup>36</sup> <sup>37</sup> <sup>38</sup> <sup>39</sup> <sup>40</sup> <sup>41</sup> <sup>42</sup> <sup>43</sup> <sup>44</sup> <sup>45</sup> <sup>46</sup> <sup>47</sup> <sup>48</sup> <sup>49</sup> <sup>50</sup> <sup>51</sup> <sup>52</sup> <sup>53</sup> <sup>54</sup> <sup>55</sup> <sup>56</sup> <sup>57</sup> <sup>58</sup> <sup>59</sup> <sup>60</sup> <sup>61</sup> <sup>62</sup> <sup>63</sup> <sup>64</sup> <sup>65</sup> <sup>66</sup> <sup>67</sup> <sup>68</sup> <sup>69</sup> <sup>70</sup> <sup>71</sup> <sup>72</sup> <sup>73</sup> <sup>74</sup> <sup>75</sup> <sup>76</sup> <sup>77</sup> <sup>78</sup> <sup>79</sup> <sup>80</sup> <sup>81</sup> <sup>82</sup> <sup>83</sup> <sup>84</sup> <sup>85</sup> <sup>86</sup> <sup>87</sup> <sup>88</sup> <sup>89</sup> <sup>90</sup> <sup>91</sup> <sup>92</sup> <sup>93</sup> <sup>94</sup> <sup>95</sup> <sup>96</sup> <sup>97</sup> <sup>98</sup> <sup>99</sup> <sup>100</sup> <sup>101</sup> <sup>102</sup> <sup>103</sup> <sup>104</sup> <sup>105</sup> <sup>106</sup> <sup>107</sup> <sup>108</sup> <sup>109</sup> <sup>110</sup> <sup>111</sup> <sup>112</sup> <sup>113</sup> <sup>114</sup> <sup>115</sup> <sup>116</sup> <sup>117</sup> <sup>118</sup> <sup>119</sup> <sup>120</sup> <sup>121</sup> <sup>122</sup> <sup>123</sup> <sup>124</sup> <sup>125</sup> <sup>126</sup> <sup>127</sup> <sup>128</sup> <sup>129</sup> <sup>130</sup> <sup>131</sup> <sup>132</sup> <sup>133</sup> <sup>134</sup> <sup>135</sup> <sup>136</sup> <sup>137</sup> <sup>138</sup> <sup>139</sup> <sup>140</sup> <sup>141</sup> <sup>142</sup> <sup>143</sup> <sup>144</sup> <sup>145</sup> <sup>146</sup> <sup>147</sup> <sup>148</sup> <sup>149</sup> <sup>150</sup> <sup>151</sup> <sup>152</sup> <sup>153</sup> <sup>154</sup> <sup>155</sup> <sup>156</sup> <sup>157</sup> <sup>158</sup> <sup>159</sup> <sup>160</sup> <sup>161</sup> <sup>162</sup> <sup>163</sup> <sup>164</sup> <sup>165</sup> <sup>166</sup> <sup>167</sup> <sup>168</sup> <sup>169</sup> <sup>170</sup> <sup>171</sup> <sup>172</sup> <sup>173</sup> <sup>174</sup> <sup>175</sup> <sup>176</sup> <sup>177</sup> <sup>178</sup> <sup>179</sup> <sup>180</sup> <sup>181</sup> <sup>182</sup> <sup>183</sup> <sup>184</sup> <sup>185</sup> <sup>186</sup> <sup>187</sup> <sup>188</sup> <sup>189</sup> <sup>190</sup> <sup>191</sup> <sup>192</sup> <sup>193</sup> <sup>194</sup> <sup>195</sup> <sup>196</sup> <sup>197</sup> <sup>198</sup> <sup>199</sup> <sup>200</sup> <sup>201</sup> <sup>202</sup> <sup>203</sup> <sup>204</sup> <sup>205</sup> <sup>206</sup> <sup>207</sup> <sup>208</sup> <sup>209</sup> <sup>210</sup> <sup>211</sup> <sup>212</sup> <sup>213</sup> <sup>214</sup> <sup>215</sup> <sup>216</sup> <sup>217</sup> <sup>218</sup> <sup>219</sup> <sup>220</sup> <sup>221</sup> <sup>222</sup> <sup>223</sup> <sup>224</sup> <sup>225</sup> <sup>226</sup> <sup>227</sup> <sup>228</sup> <sup>229</sup> <sup>230</sup> <sup>231</sup> <sup>232</sup> <sup>233</sup> <sup>234</sup> <sup>235</sup> <sup>236</sup> <sup>237</sup> <sup>238</sup> <sup>239</sup> <sup>240</sup> <sup>241</sup> <sup>242</sup> <sup>243</sup> <sup>244</sup> <sup>245</sup> <sup>246</sup> <sup>247</sup> <sup>248</sup> <sup>249</sup> <sup>250</sup> <sup>251</sup> <sup>252</sup> <sup>253</sup> <sup>254</sup> <sup>255</sup> <sup>256</sup> <sup>257</sup> <sup>258</sup> <sup>259</sup> <sup>260</sup> <sup>261</sup> <sup>262</sup> <sup>263</sup> <sup>264</sup> <sup>265</sup> <sup>266</sup> <sup>267</sup> <sup>268</sup> <sup>269</sup> <sup>270</sup> <sup>271</sup> <sup>272</sup> <sup>273</sup> <sup>274</sup> <sup>275</sup> <sup>276</sup> <sup>277</sup> <sup>278</sup> <sup>279</sup> <sup>280</sup> <sup>281</sup> <sup>282</sup> <sup>283</sup> <sup>284</sup> <sup>285</sup> <sup>286</sup> <sup>287</sup> <sup>288</sup> <sup>289</sup> <sup>290</sup> <sup>291</sup> <sup>292</sup> <sup>293</sup> <sup>294</sup> <sup>295</sup> <sup>296</sup> <sup>297</sup> <sup>298</sup> <sup>299</sup> <sup>300</sup> <sup>301</sup> <sup>302</sup> <sup>303</sup> <sup>304</sup> <sup>305</sup> <sup>306</sup> <sup>307</sup> <sup>308</sup> <sup>309</sup> <sup>310</sup> <sup>311</sup> <sup>312</sup> <sup>313</sup> <sup>314</sup> <sup>315</sup> <sup>316</sup> <sup>317</sup> <sup>318</sup> <sup>319</sup> <sup>320</sup> <sup>321</sup> <sup>322</sup> <sup>323</sup> <sup>324</sup> <sup>325</sup> <sup>326</sup> <sup>327</sup> <sup>328</sup> <sup>329</sup> <sup>330</sup> <sup>331</sup> <sup>332</sup> <sup>333</sup> <sup>334</sup> <sup>335</sup> <sup>336</sup> <sup>337</sup> <sup>338</sup> <sup>339</sup> <sup>340</sup> <sup>341</sup> <sup>342</sup> <sup>343</sup> <sup>344</sup> <sup>345</sup> <sup>346</sup> <sup>347</sup> <sup>348</sup> <sup>349</sup> <sup>350</sup> <sup>351</sup> <sup>352</sup> <sup>353</sup> <sup>354</sup> <sup>355</sup> <sup>356</sup> <sup>357</sup> <sup>358</sup> <sup>359</sup> <sup>360</sup> <sup>361</sup> <sup>362</sup> <sup>363</sup> <sup>364</sup> <sup>365</sup> <sup>366</sup> <sup>367</sup> <sup>368</sup> <sup>369</sup> <sup>370</sup> <sup>371</sup> <sup>372</sup> <sup>373</sup> <sup>374</sup> <sup>375</sup> <sup>376</sup> <sup>377</sup> <sup>378</sup> <sup>379</sup> <sup>380</sup> <sup>381</sup> <sup>382</sup> <sup>383</sup> <sup>384</sup> <sup>385</sup> <sup>386</sup> <sup>387</sup> <sup>388</sup> <sup>389</sup> <sup>390</sup> <sup>391</sup> <sup>392</sup> <sup>393</sup> <sup>394</sup> <sup>395</sup> <sup>396</sup> <sup>397</sup> <sup>398</sup> <sup>399</sup> <sup>400</sup> <sup>401</sup> <sup>402</sup> <sup>403</sup> <sup>404</sup> <sup>405</sup> <sup>406</sup> <sup>407</sup> <sup>408</sup> <sup>409</sup> <sup>410</sup> <sup>411</sup> <sup>412</sup> <sup>413</sup> <sup>414</sup> <sup>415</sup> <sup>416</sup> <sup>417</sup> <sup>418</sup> <sup>419</sup> <sup>420</sup> <sup>421</sup> <sup>422</sup> <sup>423</sup> <sup>424</sup> <sup>425</sup> <sup>426</sup> <sup>427</sup> <sup>428</sup> <sup>429</sup> <sup>430</sup> <sup>431</sup> <sup>432</sup> <sup>433</sup> <sup>434</sup> <sup>435</sup> <sup>436</sup> <sup>437</sup> <sup>438</sup> <sup>439</sup> <sup>440</sup> <sup>441</sup> <sup>442</sup> <sup>443</sup> <sup>444</sup> <sup>445</sup> <sup>446</sup> <sup>447</sup> <sup>448</sup> <sup>449</sup> <sup>450</sup> <sup>451</sup> <sup>452</sup> <sup>453</sup> <sup>454</sup> <sup>455</sup> <sup>456</sup> <sup>457</sup> <sup>458</sup> <sup>459</sup> <sup>460</sup> <sup>461</sup> <sup>462</sup> <sup>463</sup> <sup>464</sup> <sup>465</sup> <

\* I | H | ἀπαρτίαι ρ<sup>α</sup> κ<sup>α</sup> Α C K P 81 88 104 181 326 330 438 451 614 620  
630 945 1241 1503 1739 2127 2412 2493 2495 Byz Lect cap<sup>α</sup> ~~1000~~ (Jerome) f

2482 Hys Lev syr<sup>1</sup> (cop<sup>m</sup>) Ἰσραηλῶν παύλος σαρκὶ ὑπὲρ ψυχῶν arm eth  
Athanasius Basil Didymus Ps-Athanasius Epiphanius Jerome Augustine  
Cyril Theodoret f παύλους ὑπὲρ ψυχῶν : M<sup>a</sup> ἀρεθολογίας : (149) transpos:  
παύλος σαρκὶ ὑπὲρ ψυχῶν : 1503 2485 syr<sup>2</sup> Ps-Documenius<sup>1</sup> Theophylact

ἀμαρτίας ἢ R Ψ (12. a. 14. c. 15. d. 16. e. 17. f. 18. g. 19. h. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 842. 843. 8

4 1 δ...δμάρτια Ro 8.2, 7

<sup>1</sup> A forma que melhor explica a origem das demais é *παθόντος*, que é fortemente apoiada por *p*<sup>72</sup> B C Ψ 330 1739 it (65) vg cop (sa) *al*. A fim de expressar mais amplamente a idéia, alguns copistas adicionaram *ὑπὲρ ἡμῶν* (N<sup>c</sup> A K P<sup>33</sup> Byz Lect sir (h) cop (bo) ara eti *al*), ao passo que outros adicionaram *ὑπὲρ ὑμῶν* (N 1505 2495 sir (p) *al*). Se qualquer dessas formas fosse original, nenhuma razão adequada se poderia achar para justificar a ausência da frase preposicional dos melhores representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental.

<sup>2</sup> Com base em  $\pi^{11} \kappa^* \text{A C 81 614 1739 cop (sa,bo (mss)) al}$ , a maioria da comissão preferiu o genitivo  $\dot{\alpha}\mu\alpha\rho\tau\acute{\iota}\alpha\varsigma$ , e explicou o dativo,  $\dot{\alpha}\mu\alpha\rho\tau\acute{\iota}\alpha\iota\varsigma$  como assimilação ao termo seguinte,  $\epsilon\pi\iota\theta\upsilon\mu\acute{\iota}\alpha\iota\varsigma$ . A forma  $\dot{\alpha}\pi\delta \dot{\alpha}\mu\alpha\rho\tau\acute{\iota}\alpha\varsigma$  (049 056 0142 1881 al) é um fortalecimento secundário do simples genitivo.

4:1: Ora pois, já que Cristo padeceu na carne, armai-vos também vós deste mesmo pensamento; porque aquele que padeceu na carne já conheceu da pecada;

Quase todas as secções desta primeira epístola de Pedro estão relacionadas, de algum modo, à questão do sofrimento, pois esta foi uma epístola escrita para fortalecer e encorajar uma igreja perseguida, que em breve estaria sofrendo graves testes, com o martírio de muitos de seus membros. Reflete o início da perseguição neroniana; e sabemos pela história, fora do N.T., quão feroz foi essa perseguição. A palavra «neroniana» veio a significar, na linguagem moderna, «cruel», «depravado», «despótico». Portanto, até mesmo uma passagem que ensina essencialmente a necessidade de pureza de vida, é associada ao sofrimento. Se vivermos santamente, isso será a despeito dos insultos e pressões dos vizinhos pagãos; eles nos perseguirão, tornando-nos objeto de ridículo. Secretamente, porém, invejarão nossa vida piedosa. Mas, para encobrir a inveja, tentarão esmagar-nos. Os oficiais do estado os encorajarão, e adicionarão seus insultos e ataques.

«...tendo Cristo sofrido na carne...» O exemplo supremo do sofrimento é o de Cristo. Ele já foi usado como exemplo disso, em I Ped. 2:21. Ali vemos «como se deve sofrer», isto é, pacientemente, não por culpa própria. Em I Ped. 3:18 somos encorajados a ver que seu sofrimento foi benéfico, isto é, produziu bons resultados, e isso nos leva a crer que nosso sofrimento não terá outro resultado. Agora vemos que seu sofrimento e sua morte foram um «cessar» do pecado, pois, ao morrer, não mais teve a necessidade de manejar o pecado, porquanto já fizera perfeita expiação pelo mesmo. Não há aqui qualquer sentido negativo, vinculado à palavra «carne», conforme com freqüência se vê no N. T. Mas refere-se apenas ao corpo físico de Cristo. Seus sofrimentos foram sofridos no corpo físico; e outro tanto sucede ao crente também. O bem redunda de tal sofrimento, a vitória sobre o pecado. Pedro vê nessa circunstância uma lição objetiva de que o sofrimento é um meio de eliminarmos a questão do pecado. Os sofrimentos podem purificar como a experiência demonstra amplamente. Encorajam-nos à santificação: 1. Fazendo nossas mentes se voltarem para questões sérias; 2. queimando o refúgio de nossas vidas; 3. identificando-nos com Cristo em seus sofrimentos, o que nos confere u'a mente própria do mundo celestial. (Ver Atos 14:22 quanto a extensas notas expositivas sobre os «benefícios dos sofrimentos, das tribulações, etc.»).

«...deixou o pecado...» Um duplo sujeito é aqui sugerido: Cristo, em seus sofrimentos, e nós, nos nossos, de acordo com o exemplo dado por ele. Os sofrimentos de Cristo provocaram a sua morte, e assim ele deu solução ao problema do pecado. Para nós, o sofrimento pode ser um meio de adquirirmos a santificação positiva. A idéia é bem similar daquela de Rom. 6:6,7. Fomos «crucificados com Cristo», e assim fomos «libertos do pecado». A identificação em sua morte nos livra do juízo e do presente poder do pecado. Essa «identificação» com a morte de Cristo é uma experiência mística, isto é, torna-se real mediante o poder habitador e a influência do Espírito Santo. Em outras palavras, o Espírito de Deus nos transforma desde o íntimo, modificando os desejos da alma e os alvos da vida, eliminando de nós a atração pelo pecado. Assim é que somos identificados com a morte de Cristo.

• A aflição, doce e humildemente tolerada, purifica e libera o coração do pecado, desmamando-o do mundo e de seus caminhos comuns. (Robert Leighton). Naturalmente, a questão envolve mais do que isso. Há aquele contacto com o divino, no nível da alma, que transforma nossa natureza

2 εἰς τὸ μηκέτι ἀνθρώπων ἐπιθυμίαις ἀλλὰ θελήματι θεοῦ τὸν ἐπίλοιπον ἐν σαρκὶ βιώσαι χρόνον.

4:1: para que, no tempo que ainda vos resta na carne, não continueis a viver para os concupiscências dos homens, mas para a vontade de Deus.

moral interior e nos ajuda a conquistar o pecado; e a aflição é um meio de aumentar esse poder, de dar-nos terreno fértil para tal operação.

«...armai-vos...» No grego é «*opliázō*», «armar-se». Pedro emprega uma metáfora baseada na vida militar. Precisamos de armas para a batalha. Uma delas é o «pensamento» ou «discernimento» de que nossos sofrimentos podem ser um meio de livrar-nos do poder do pecado. É óbvio que há mais do que isso, nessa idéia. O poder de transformação do íntimo, pelo Espírito, é a grande arma de que dispomos contra o pecado. Jesus via o sofrimento sob certo ângulo. Ele sabia que a batalha contra o pecado dependia de sua disposição de agonizar (ver Heb. 12:2). Assim sendo, suportou a dor e esperou que Deus lhe desse a vitória. «Armai-vos dessa mesma atitude», recomenda-nos Pedro.

«Armai-vos da mente de Cristo», exorta Pedro. (Comparar com Fil. 2:5 acerca da mesma idéia, em outro contexto). Assim como o Espírito nos transforma, segundo a imagem e natureza de Cristo, assim também adquirimos sua «mente», suas «atitudes», seus «processos mentais», incluindo suas atividades intelectuais, racionais. Assim sendo, adquirimos seu espírito militante, que se torna uma arma invencível, a qual nos torna santos. Mas devemos buscar o Espírito para tanto; pois isso só pode ser-nos dado mediante agonizante desenvolvimento espiritual; não é algo automático. A morte do corpo liberta-o de qualquer tentação ao pecado. A participação moral na morte de Cristo nos concede uma santificação presente. Naturalmente, não há aqui qualquer pensamento de que a culpa é, de qualquer modo, expiada pelo sofrimento humano. Não obstante, o sofrimento humano, se também armar-nos da mente de Cristo, pode dar-nos a vitória sobre o pecado. No dizer de Robertson (*in loc.*): «As tentações perdem seu poder de atração para tal homem». (Quanto a outras passagens que encerram essa metáfora militar, ver Rom. 13:12; II Cor. 6:7; Efê. 6:10,17; I Tes. 5:8 e Col. 3:12).

«Embora alguns golpes do adversário caíam sobre a carne, o conflito, na realidade, é espiritual... a armadura da luz e da justiça é o equipamento da alma, o qual Paulo chama aqui de mente de Cristo... Esse termo subentende intenção, propósito, resolução, aquilo em que a alma se firma. Ora, o intuito da vida de Cristo foi o de opor e vencer a tudo quanto é mal, consagrando-se a todo o bem, por amor a seu povo». (Lumby, *in loc.*).

«A nova vida subentende a morte para a antiga... O pensamento (ou propósito de Cristo) que ele teve ao morrer, é compartilhado pelos crentes...» (Hart, *in loc.*).

«A assertiva geral é entimemática (subtendendo uma conclusão, embora não a declare diretamente), repousando sobre o fato que a carne é o elemento comum do pecado... aquele que a mortifica, pelo sofrimento, na mesma proporção libertou-se do pecado». (Allord, *in loc.*).

*Variante Textual:* Os manuscritos mais antigos dizem apenas «sofreu», segundo se vê nos mss P(12), BC, Psi, 330, 139 e no It(86). Vg e Cóp(bol). Alguns manuscritos dizem «por nós», conforme se lê em Aleph(c), AKP, 33, 81, 614, Byz. Lect. S(16), Cóp(bol). Ara e Eth. E ainda outros dizem «por vós», a saber, Aleph, 1505, 2496 e o Sipl. Mas ambas essas possibilidades são glosas escritas. Era mais natural que os escribas adornassem e expandissem o texto, do que o abreviassem; outrossim, a evidência objetiva mais forte favorece a primeira forma, porque conta com os manuscritos mais antigos e de maior valor em seu favor. (Quanto a um estudo sobre os antigos manuscritos do N.T., que nos dá os princípios sobre os quais as formas corretas são escolhidas, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário, sobre esse tema em geral).

ποὺ τὸν ἐπίλοιπον ἐν σαρκὶ βιώσαι χρόνον.

mundol. Convém-nos viver para a retidão. Que tolce a do homem que vive para si mesmo, para a carne!

...*não vivais de acordo com as paixões dos homens...* O terceiro versículo apresenta uma lista de vícios, a fim de definir o que são essas «...paixões...». São perversões sexuais, excessos de sensualidade, devassidões e vícios, a gula e o endeuamento de qualquer coisa, que exclua o verdadeiro Deus da vida do indivíduo. Essa lista, como é claro, é apenas representativa. Muitos outros pecados, que impedem a santificação dos homens, poderiam ser alistados. (Comparar com o que declara João: «...a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberbia da vida...» (I João 2:16).)

Os vícios dominam os homens, tornando-os escravos. Então passam a viver «de acordo» com eles, como a força íntima que os conduz a uma vida

3 ἀρκετὸς γὰρ ὁ παρεληλυθὼς χρόνος τὸ βούλημα τῶν ἐθνῶν κατειργάσθαι, πεπορευμένους ἐν ἀσελγείαις, ἐπιθυμίαις, οἰνοφλυγίαις, κώμοις, πότοις, καὶ ἀθεμίτοις εἰδωλολατρίαις.<sup>a</sup>

<sup>a</sup> 3 |B| γάρ p<sup>3</sup> M<sup>a</sup> A B Ψ 81 438 814 826<sup>a</sup> 843 1341 1803 1788 1881 2412 2496 It<sup>1</sup>... dom<sup>1</sup>... p<sup>3</sup> vg syrr<sup>h</sup> b cop<sup>m</sup> arm Clement Augustine f γάρ ἡμῖν C K l' 049 068 0142 181 326 1877 2492 B<sup>2</sup>... f<sup>1</sup> Jerome Pe-Documentum f

<sup>a</sup> 3 a maior: WH Bov New BF<sup>2</sup> RBV NEB TT Zur Luth Jer Seg // a maior: TR AV RV ASV

2 Eph 2:2-3; Tt 2:3

A adição ou de ἡμῖν (C K L P maioria dos minúsculos) ou de ὑμῖν (N<sup>a</sup> 28 88 104 330 451 630 915 1518 2127 Lect cop (bo) etí ad) é uma expansão natural do pensamento do autor sagrado. Que há duas formas da expansão aumenta a suspeita de que se originaram entre os escribas, e confirma a impressão da originalidade da forma mais breve, que é fortemente apoiada por bons representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (p<sup>3</sup> A B Ψ 81 614 it (65) vg Clemente).

4:3: Porque é bastante que no tempo passado tenham cumprido a vontade dos gentios, estando em dissoluções, concupiscências, borrachiceiras, glutonarias, bebedices e abomináveis idolatrias.

*Listas de vícios:* Era comum os filósofos morais helenistas ensinarem mediante o uso de listas de vícios, como a que se acha neste versículo. Embora a prática não fosse comum nos escritos judaicos, é bem possível que isso indique que tal forma de ensino era empregada nas sinagogas, em imitação às escolas de filosofia dos gregos. Em vários trechos do N.T. aparecem listas de vícios visando a instrução moral. (Ver Rom. 1:21 e ss.; I Cor. 5:10 e ss.; Gál. 5:19 e ss.; Col. 3:8 e ss.; Efé. 4:29 e ss.; II Tim. 3:5 e ss. Ver a nota geral sobre esse tema, em I Cor. 5:13). As «listas de virtudes» também eram empregadas no ensino moral positivo. (Ver Fil. 4:8,9 e Gál. 5:22,23).

...basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios... Se pudesse haver qualquer valor nos vícios do paganismo, aquela gente já teria recebido tal benefício, pois, em suas vidas anteriores, haviam praticado às escancaras tais depravações. Pedro fala com ironia cortante: ele não elogiava as vidas passadas daquela gente, como se houvesse algo de valor nelas. No dizer de Hunter (in loc.): «Uma ironia: tendes tido bastante oportunidade, no passado, de praticar aquilo em que os gentios se deleitavam—segundo, como fazeis, um caminho de indecências, deboche, alcoolismo, devassidão, orgias e abominável idolatria».

...gentios... Na qualidade de pagãos sem regeneração, tinham uma vida que se afastava totalmente da «vontade de Deus». Mas Cristo os salvara de tal paganismo; e agora deveriam comprovar a validade de suas ações, na forma de vida santa. (Comparar com Efé. 2:1-3, que contem essencialmente as mesmas idéias, embora de maneira mais expressiva e completa).

Pedro alista em seguida seis paixões ou vícios próprios dos homens, e que ele conhecia tão bem na sociedade antiga. Esses vícios são atacados por toda a parte, nas páginas do N.T. São as «obras da carne»; e aqueles que as praticam, nunca poderão herdar o reino de Deus. (Ver Gál. 5:19,20 e Efé. 5:6). O evangelho envolve um absoluto «imperativo moral». Ou transforma moralmente a um homem, ou ele não se converteu; neste último caso, não poderá entrar nos lugares celestiais. Paulo exorta-nos a não permitir que qualquer pessoa nos engane quanto a essas questões, segundo se lê em Efé. 5:6. Isso representa a «vontade dos pagãos», que contradiz a «vontade de Deus», e traz a sua própria condenação.

...*andando...* No grego é «*porreuo*», isto é, «prosseguir», «viajar», indicando um «curso» fixo e usual da ação, como quando alguém segue por uma «estrada» até determinado destino. A metáfora do «andar» é frequente nos autores sagrados e profanos, indicando a conduta moral ou o curso geral da vida, embora, normalmente, o termo grego «*peripateo*» seja empregado para isso. (Quanto a notas expositivas sobre essa metáfora, juntamente com referências, ver Gál. 5:16,25).

*Referências e Idéias sobre o «Andar».* 1. Indica a perfeição diante do Senhor Deus (ver Gên. 17:1). 2. É demonstrado sobre Deus (ver Êxo. 18:20). 3. Envolve a comunhão com Deus (ver Lev. 26:12). 4. Equivale a ser reto (ver Sal. 84:11). 5. Deve ser feito na fé (ver Rom. 4:12). 6. É digno de Cristo (ver Efé. 4:1). 7. Só pode ser efetuado no Espírito (ver Gál. 5:16,25). 8. É de acordo com os seus mandamentos (ver II João 6). 9. É conforme ele mandou (ver I João 2:6). 10. É o resultado de ter alguém recebido a Cristo (ver Col. 2:6).

...*dissoluções...* No grego temos uma palavra que indica «licenciosidade», «deboche», «sensualidade», palavra normalmente usada para indicar vários excessos ou perversões sexuais. Essa palavra é empregada por nove vezes nas páginas do N.T. (Ver também Marc. 7:22; Rom. 13:13; II Cor. 12:21; Gál. 5:19—é uma das obras da carne, o contrário do «fruto do Espírito»—Efé. 4:19; II Ped. 2:7,18 e Jud. 4). A raiz dessa palavra é «*thelgo*», «encantar». A depravação sexual priva a vida de seu verdadeiro encanto, pelo que a palavra aqui usada é a forma privativa, «*athelgia*».

...*concupiscências...* No grego temos o termo «*epithumia*», palavra comum para todas as formas de desejo, de boa ou má natureza; mas, neste

depravada e espiritualmente enegrecida.

...*mas segundo a vontade de Deus...* «...esta é a vontade de Deus, a vossa santificação...» A vida de santidade é aqui vista como a vontade de Deus. Essa vontade é vastíssima, incluindo todas as facetas de nossa existência; mas, neste ponto, a santificação está principalmente em foco. Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus, e é por essa razão que ele quer que adquiramos e expressemos a santidade em nossas vidas. (Ver Heb. 12:14 e Rom. 3:21). «Sua vontade é a nossa lei, sua palavra é a nossa regra, a vida de seu Filho é o nosso exemplo, e o seu Espírito, e não nossa própria alma, é que nos deve guiar as ações».. (Lancelot Andrewes, «*Sermões*», II, 203). «Somente a vontade de Deus deveria ser a nossa estrela Polar».. (Lange, in loc.).

\*\*\*

γάρ ὑμῖν N<sup>a</sup> 88 104 330 451 630<sup>a</sup> 630 2127 B<sup>2</sup>... Lect cop<sup>m</sup> eth Augustine Theophylact

γάρ ὑμῖν N<sup>a</sup> 88 104 330 451 630<sup>a</sup> 630 2127 B<sup>2</sup>... Lect cop<sup>m</sup> eth Augustine Theophylact

contexto, é o desejo mau, provavelmente ligado ao impulso sexual, como é comum no N.T. Essa palavra é usada por trinta e oito vezes no N.T., positiva e negativamente. (Ver Rom. 1:24; 13:14; Gál. 5:24 quanto a notas expositivas a esse respeito).

Os filósofos morais, sobretudo aqueles da variedade estoica, salientavam que a «santificação» do desejo servia apenas para intensificar o desejo, mas que a finalização do desejo é a futilidade. Apesar da moral cristã não proibir todo e qualquer desejo, subjugava-o a propósitos santos e dignos.

...*borrachiceiras...* No grego é «*oinophlugia*», «bebedices», o que é denunciado novamente neste versículo, como o uso de outro vocábulo. O termo tem por raiz a palavra «*oinos*», «vinho» e «*phleo*», «manar em abundância». (Comparar isso com Efé. 5:18, que diz: «...não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução...» Nessa referência a nota geral contra o alcoolismo é oferecida). Todos sabemos que o alcoolismo conduz a muitos outros excessos e a tragédias. Abafa a inibição e libera desenfreados os impulsos sexuais. Mata na estrada; degrada no lar; destrói a fibra moral; debilita o corpo; perverte a sociedade. O N.T., naturalmente, não condena a ingestão moderada do vinho; mas também não há crime algum na total abstinência. Essa abstinência oferece segurança contra os possíveis excessos.

...*orgias...* No grego é «*kornos*», «procissão festiva», «refeição alegre», «banquete», e, em sentido mau, «orgia», «festividade excessiva». A palavra básica é «*kome*», uma «aldeia». Portanto, orgias «comunitárias» estão em pauta. Os entretenimentos comunitários se transformam em orgias, em cânticos, danças e dissipações. Tais excessos faziam parte das observâncias religiosas do paganismo, sobretudo no culto de Baco, de Deméter e do Zeus Idaeo de Creta, geralmente degenerando em devassidão sexual, e alcoolismo. Os homens enlouqueciam, despedaçando animais, devorando carne crua e até mesmo se cortando e abusando do próprio corpo.

Lucrécio, em *De Rerum Natura*, ii.618-631, descreve tais excessos, como segue:

Com mão vigorosa e tambores clamorosos eles se levantam,  
E despertam o címbalo que retine; a corneta rouca  
Derrama sua música ameaçadora, e o píffaro,  
Com ares frígios distrai a mente enlouquecida  
Enquanto armas sangrentas os entusiastas ferozes brandem  
Para assustar as multidões injustas e incômodas  
Suas almas impías perante o poder divino.  
Assim se move o ídolo pomposo pelas ruas,  
A espalhar bênçãos mudas, enquanto as massas devotas  
Dispersam, em retorno, sua prata e seu cobre,  
Carregando as veredas de presentes, e encobrendo  
A forma celestial; e todo o séquito acompanhante,  
Com esguichos fragrantados de rosas, em profusão,  
Um bando selado perante eles, pelos gregos  
Chamados curetas, nascidos do país frígios.  
Se apresentam com cadeias fantásticas, dançando com exatidão,  
Requebrando-se enfurecidos, cobertos de sangue humano,  
A tremerem loucamente seus tremendo penachos.

A Cibele da Frígia, a grande mãe dos deuses, era adorada em furiosas orgias e mutilações odiosas, que os adoradores infligiam contra si mesmos e contra outros.

...*bebedices...* No grego, «*potos*», «bebedice», «festa de bebedeiras».

...*detestáveis idolatrias...* Os judeus consideravam que a idolatria é o mau básico das sociedades pagãs, de onde se originavam todos os outros males, porque o indivíduo que rejeita a Deus como seu soberano não demora a fazer de si mesmo, seus interesses egoístas, poderes espirituais estranhos ou mesmo ídolos de madeira e de pedra, os seus deuses. Quando isso sucede, ele perde o controle sobre a sua própria vontade e se torna escravo de uma força prejudicial. (Ver Atos 17:16 quanto a um exemplo da extensão da «idolatria pagã»). A idolatria é uma das «obras da carne», e isso é anotado em Gál. 5:20. (Ver o fato que a «cobiça» é considerada idolatria, em Col. 3:5).

As idolatrias são «*ahomináveis*» «*ilegítimas*» por si mesmas, embora se



tenham mais abomináveis ainda devido às muitas perversões a elas vinculadas. Por exemplo, em Corinto, o sistema da idolatria se tornou uma prostituição oficial, havendo mais de mil prostitutas profissionais que traziam dinheiro adquirido em seu comércio espúrio, que ajudava os templos idólatras. Também havia sacrifícios humanos e outras depravações, que se tornaram parte da adoração que transformava os homens em meros escravos.

«Riquezas, fama, indulgências sensuais, vidas desregradas, todas essas 4 ἐν ᾧ ξενίζονται μὴ συντρεχόντων ὑμῶν εἰς τὴν αὐτὴν τῆς ἀσωτίας ἀνάχυσιν, βλασφημοῦντες»

4:4: E acham estranho não correrdes com eles no mesmo desenfreamento da dissolução, blasfemando de vós;

É como se Pedro tivesse dito: «Fostes seus companheiros de devassidão no passado; mas agora se ressentem de vossa revolução moral, embora vos invejem secretamente». Sim, os ímpios pretendem encorajar os crentes a se reunirem a seus deboches. Se alguém não se unir a eles, torna-se vítima de seus deboches, e, finalmente, de suas perseguições.

«...difamando-vos...» Literalmente, «blasfemando de vós», «proferindo palavras ofensivas», com o sentido de ferir, de degradar.

A palavra aqui empregada, no dizer de Bigg (*in loc.*): «...expressa a pressa cega dos ímpios, que se atiram diretamente aos prazeres; comparar isso com Rom. 3:15, onde se lê: '...são os seus pés velozes para derramar sangue...'».

«...excesso...» No grego, «*anachysis*», que algumas vezes significa «derramar», ou seja, um «rio largo», um «dilúvio». O deboche só vem em prodigiosas quantidades. Os ímpios se dedicam aos vícios e os cultivam prolixamente.

«...devassidão...» No grego, «*asotia*», «dissipação», «deboche». Várias modalidades foram descritas no versículo anterior. O filho pródigo se ativou na vida devassa, onde a mesma palavra aqui usada é ali empregada. Moffatt apresenta a cláusula inteira como: «Espanta aos pagãos que não vos atreais, juntamente com eles, no mesmo dilúvio de devassidão».

«...torrentes de impiedade me impuseram terror...» (II Sam. 22:5). Os ímpios se assemelham a «...ondas bravias do mar, que espumam as suas 5 οἱ ἀποδώσουσιν λόγον τῷ ἐτοίμῳς ἔχοντι κρίναι ζῶντας καὶ νεκρούς.

ζ ἔχοντι κρίναι] κρίνουντι B 614 al

4:5: os quais têm de dar conta ao que está preparado para julgar os vivos e os mortos.

Não é claro, neste ponto, se Deus Pai ou Cristo é que é o Juiz; mas é claro que haverá um juízo para todos, tanto para aqueles que agora vivem como para aqueles que agora se tornaram espíritos desencorporados. Doutrinariamente, com base em vários trechos do N.T., sabemos que Deus julga por meio de Cristo. (Quanto a «Cristo como Juiz», ver Atos 17:31. Quanto a notas gerais sobre o julgamento, ver acerca da «ira de Deus», em Col. 3:6, as notas introdutórias sobre o décimo oitavo versículo do presente capítulo, e Apo. 14:11. Quanto ao «julgamento dos crentes», ver II Cor. 5:10). O julgamento será severíssimo, porquanto «de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo» (Mat. 12:36). Assim sendo, é óbvio que os ímpios que difamam e perseguem aos crentes, porque não se unem a eles, na busca pelos vícios, não passarão para a eternidade sem antes prestar contas pelo que fizeram, pelo sofrimento que causaram. A despeito de como a graça de Deus ainda possa alcançá-los, para melhorar seu estado, não há como escapar ao castigo apropriado. Isso Pedro diz a fim de encorajar aos crentes, mostrando-lhes que a justiça, finalmente, haverá de ser vencedora, apesar da derrota aparente que agora ela sofre.

«...prestar contas...» Cada homem será julgado de «acordo com suas obras» (ver Rom. 2:6 e Apo. 20:12), pelo que sua vida será aberta como um livro; suas tentativas de defesa serão vãs, pois seu débito será imenso. Será forçado a começar a pagar o seu débito, o que é um pensamento solene. Mas que todo homem será obrigado a condenar-se ou a justificar-se, com suas próprias palavras, ao «prestar contas», é idéia perfeitamente comum na literatura judaica-helenista. (Ver Enoque 59:27. Comparar com Rom. 14:10).

Deus (ou Cristo) está «preparado» para julgar; e isso mostra que o julgamento não é encarado como algo distante, segundo os cálculos divinos.

6 εἰς τοῦτο γὰρ καὶ νεκροῖς εὐηγγελίσθη ἵνα κριθῶσι μὲν κατὰ ἀνθρώπους σαρκὶ ζῶσι δὲ κατὰ θεὸν πνεύματι.

4:6: Pois é por isto que foi pregado o evangelho até aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito.

#### Universalidade Da Oportunidade

1. O primeiro capítulo da epístola aos Romanos ensina que Deus seria justo se condenasse a todos os homens em seus pecados, sem lhes oferecer qualquer mensagem de salvação. Isso, entretanto, seria «justiça crua», mas o evangelho nos assegura que a justiça não será feita sem o revestimento da misericórdia e do amor de Deus. É isso que Paulo passa a demonstrar, a partir do terceiro capítulo de Romanos.

2. Este versículo, desde os primeiros pais da igreja, tem sido corretamente usado para indicar a oportunidade de se ouvir falar de Cristo, para que se possa aceitá-lo ou rejeitá-lo, em um âmbito que, finalmente, tornar-se-á absolutamente universal. Eis a razão pela qual Cristo desceu ao hades. O evangelho foi pregado aos mortos rebeldes. Eles tiveram a sua oportunidade... O texto que alude à descida de Cristo ao hades (I Ped. 3:18-4:6) não indica quantos se aproveitaram da oportunidade. Mas há outras passagens bíblicas que mostram que os eleitos serão finalmente poucos. Contudo, finalmente a oportunidade será universal.

coisas se inclinam por conquistar novos escravos, e pintam seus atrativos nas cores mais bonitas». (Lumby, *in loc.*).

*Variante Textual:* As palavras «vos são suficientes» figuram na mas Aleph(1), 28, 88, 104, 330, 451, 630, 915, 1518, 1519, 2127, no Lac. Cóp(bo) e no Etl. Mas as palavras «vos são suficientes» aparecem em CKLP e na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina. «Suficiente» isoladamente, o que pode ser traduzido por «que seja suficiente o tempo passado», é a forma correta, com o apoio da prova mais convincente, das mss P172, Aleph, AB, Psi, 81; 814; no It(66), na Vg e nos escritos de Clemente.

próprias sujidades...» (Jud. 13).

As primeiras apologias dos cristãos fornecem provas suficientes de como os pagãos caluniavam e de outros modos procuravam prejudicar aos crentes, porquanto estes últimos não participavam da busca frenética dos vícios por parte daqueles.

«...estranham...» Eles se surpreendem pelo súbito «puritanismo» dos seguidores de Cristo, ressentindo-se amargamente disso, porquanto exibirão sua depravação mais claramente ainda. Procuram, antes de tudo, destruir a pureza dos crentes; se estes não cederem às tentações, tornam-se objeto dos ataques dos ímpios. É que os ímpios não compreendem que os crentes são compelidos moralmente a se manterem distantes dos males morais da sociedade, devido à sua lealdade a um mundo superior.

«...não concorrais...» No grego é «suntrecho», «correr juntamente com outro», «concordar com», «estar em harmonia com». «Atirar-se» no mesmo local de deboche é a idéia aqui. Eles «concorrem aos bandos», apressadamente, anelando por satisfazer seus desejos pervertidos. Querem a companhia dos crentes para concorrerem com eles em busca dos «vícios» e «paixões». Comparar isso com os ritos báquicos, que dizem:

*Eia, ai vem Bacal e com os gritos festivos  
Reassoam os campos; e, da mistura com o ruído constante,  
Homens, matronas, criadas, pobretões e nobres orgulhosos,  
São levados de roldão para os ritos misteriosos.*  
(Ovídio, *Metamorfoses*, III, 528-530)

ζῶντας καὶ νεκρούς.

ζ τῶ...νεκροῖς Ao 10:42; 2 Tm 4:1

Talvez o autor sagrado estivesse pensando na «parousia», a volta de Cristo, o que inaugurará o julgamento. (Ver I Ped. 1:17 e as notas expositivas ali existentes sobre «Deus como Juiz»; e ver I Ped. 1:13 quanto ao juízo em conexão à «revelação de Jesus Cristo». Em I Ped. 5:4, vê-se que o julgamento no seio da igreja será ocasionado pelo retorno do Pastor-Chefe).

«...competente...» No grego é «*etoimos*» (com «tem»), isto é, está «pronto» ou «bem-disposto», o que, naturalmente, inclui a idéia de «competência», embora o original não diga exatamente o que temos nesta versão portuguesa.

«...vivos e mortos...» Isto é, todos os homens, ainda em seus corpos mortais ou desencorporados, já transferidos para o mundo dos espíritos, quando chegar o tempo do juízo. Assim é que, em Atos 10:42, Pedro se refere a Deus, que é o Juiz dos «vivos e mortos». A mesma idéia é reiterada em II Tim. 4:1. As palavras talvez já tivessem um uso semicredal. Deus é o Juiz de Deus, de todas as gerações; ninguém pode escapar a seu poder, e a justiça prevalecerá por fim. Portanto, o julgamento será: 1. Universal em seu escopo. 2. Seu critério será ético e espiritual. 3. Seu promotor será o grande poder e a mais elevada Inteligência que há. 4. Cada indivíduo será julgado segundo os seus próprios méritos.

A palavra «mortos» não deve ser aqui entendida metaforicamente, isto é, «mortos nos pecados», e nem no sexto versículo. Esse termo meramente salienta o fato que o indivíduo que morre nem por isso escapou ao julgamento. Talvez seja esquecido pelos homens, mas Deus haverá de relembrar tudo quanto foi praticado, a fim de que haja perfeita justiça. Se assim não fora, o universo se caracterizaria pelo caos. Kant, sem qualquer revelação, mas pela razão pura, esclareceu essa verdade. Deverá haver a imortalidade, para permitir que todos os homens sejam apropriadamente julgados. E deverá haver um Deus, suficientemente inteligente e poderoso, para impor e dirigir esse juízo. A revelação e a intuição concordam quanto a esse ponto.

3. Deus continuaria sendo justo se não desse aos homens tal oportunidade, mas não foi assim que ele preferiu agir. Seu amor não permitiria tal coisa, embora uma justiça despidida de misericórdia e amor, pudesse contemplar tal ação.

4. Há uma outra consideração que não deve ser negligenciada neste ponto. Se, por um lado, os eleitos são poucos, os «restaurados» serão todos. Há um ministério secundário na missão de Cristo, que elevou todos os homens, embora isso não os torne eleitos. (Isso é amplamente comentado em Efé. 1:10, e constitui apenas um outro aspecto da narrativa de Cristo, de si mesmo já tão maravilhosa).

«As Santas Escrituras em parte alguma ensinam a condenação eterna daqueles que morreram como pagãos ou não-cristãos; antes, em muitas passagens, deixam entendido que o perdão pode ser possível além do sepulcro, porquanto estabelecem a decisão não por ocasião da morte (física), mas por ocasião do dia de Cristo. (Ver Atos 17:31; II Tim. 1:12; 4:8 e I João 4:17). Porém, em nossa passagem, como também em I Ped. 3:19, 20, Pedro, por iluminação divina, afirma claramente que os caminhos da salvação de Deus não terminam juntamente com a vida terrena, e que é o

evangelho pregado além do sepulcro, no caso daqueles que partiram desta vida sem ter o conhecimento do mesmo. Mas isso não comprova nem a doutrina da recuperação universal, incluindo de Satanás, dos demônios e dos ímpios, e nem a doutrina do purgatório...» (Lange, *in loc.*).

Nas notas em I Ped. 3:18 é discutido o tema da «descida de Cristo ao hades», onde os vários subentendidos são examinados. A maioria dos intérpretes, antigos e modernos, tem defendido a idéia do resultado benéfico dessa descida; e isso é demonstrado sob os pontos dois e dez da mencionada discussão. Somente em tempos relativamente modernos é que qualquer porção maior da igreja a tem negado. Foi a partir do século V D.C. que qualquer teologia regular foi formada para opor-se a essa idéia. João Damasceno, em seu livro «Fonte do Conhecimento» (início do século VIII D.C.), no qual faz um estudo sistemático da teologia da igreja primitiva, assevera que todos os pais gregos e todos os primeiros concílios eclesiásticos defendiam o ponto de vista que a descida de Cristo ao hades produziu resultados benéficos. Exatamente como houve tal benefício, era disputado; e os resultados dessa disputa aparecem nas notas sobre o *descensus*, mencionadas acima. Quase todos os intérpretes concordam que a menção aos «mortos», neste ponto, relembra a descida de Cristo, que tem sido descrita ultimamente. Basta menos de um minuto para ler de I Ped. 3:18 a 4:6, pelo que o tema ainda estava bem fresco na mente de Pedro.

Alguns, entretanto, não se satisfazem com essa interpretação, com bases dogmáticas *a priori*, por terem aceito o conceito que é impossível, qualquer bem aos perdidos, uma vez que eles morram. Apesar dessa idéia ser popular no meio evangélico de hoje, continua sendo a voz da minoria. Mas, a fim de evitar a clara inferência de trechos como I Ped. 3:18-20 e 4:6, vários estudiosos têm inventado explicações como a que diz que Cristo pregou, por seu Espírito, na pessoa de Noé, durante a vida terrena daqueles que «agora-se acham na prisão». Portanto, eles estão mortos agora, mas estavam vivos quando ouviram a pregação de Noé. Alford (*in loc.*) diz que se pudermos interpretar desse modo o grego original das duas passagens referidas, então podemos fazer o N.T. dizer o que bem quisermos.

«...foi o evangelho pregado...» Os mortos foram evangelizados. Isso define a «pregação» aludida em I Ped. 3:19. Cristo pregou o evangelho aos mortos. Alguns dos primeiros pais da igreja pensavam que o ato de «pregar», em I Ped. 3:19, se aplica somente a Cristo, ao passo que o «pregar o evangelho» se aplica ao ministério subsequente dos apóstolos, no hades. Porém, apesar de ser provável que esse ministério tenha prosseguido, não é provável que as duas afirmativas queiram classificar as coisas desse modo. Seja como for, «...o evangelho também foi pregado a eles, com o propósito de dar-lhes o meio de se livrarem da ira de Deus» (Steiger, *in loc.*). Assim também opina Bigg (*in loc.*): «A idéia parece ser que Deus não julgará cada homem até que, finalmente, a verdade inteira lhe tenha sido revelada. Se essa interpretação é correta, então a «pregação» é a mesma referida em I Ped. 3:19, embora a audiência, neste ponto, inclua todos aqueles que morreram antes da descida de Cristo ao hades, ocupado por santos ou pecadores».

«...mortos...» O sentido simples é, aqueles que estavam «mortos» quando o evangelho lhes foi pregado, ou seja, eram «espíritos humanos desencorporados». E isso concorda com o que diz Bigg (*in loc.*): «Os mortos devem ser reputados de acordo com o sentido óbvio da palavra: estavam mortos quando o anúncio lhes foi feito».

#### Falsas Interpretações

1. A fim de evitar o fato óbvio que aqueles «mortos» eram espíritos desencorporados quando ouviram a pregação das boas novas, e que devem ser identificados com os «desobedientes», aludidos em I Ped. 3:19,20, alguns eruditos afirmam que a palavra «mortos», neste ponto, deve ser entendida metaforicamente, ou seja, «mortos em delitos e pecados» (ver Efé. 2:1 e Col. 2:13).

2. Outros estudiosos distorcem o texto grego, acrescentando o vocábulo «agora», isto é, «que agora estão mortos», embora estivessem vivos, quando a mensagem supostamente lhes fora anunciada.

3. Alguns chegam mesmo a imaginar que esses «mortos» sejam crentes que morreram por causa de perseguições, mas que, quando *ainda vivos*, ouviram e aceitaram a mensagem do evangelho. Tais intérpretes propositalmente pervertem o presente versículo, o qual faz parte da narrativa da descida de Cristo ao hades, narrativa essa iniciada em I Ped. 3:18.

«Ninguém, de mente despreocupada, poderia duvidar, aceitando esta cláusula por si mesma, que as pessoas a quem a pregação foi feita estavam mortas por ocasião do anúncio.» (Mason, *in loc.*).

«No tocante aos mortos, Cristo desceu ao hades a fim de ali pregar, e nisso foi seguido pelos apóstolos. E o objetivo disso foi que embora os mortos tenham sido julgados como homens, no tocante à carne, vivessem como Deus vivo, no tocante ao espírito.» (Hart, *in loc.*).

«Se 'o evangelho foi pregado aos mortos' pode significar 'o evangelho foi pregado a alguns durante sua vida terrena, que agora estão mortos', então a exegese não tem mais qualquer regra fixa, e pode-se fazer as Escrituras provarem qualquer coisa.» (Alford, *in loc.*, o qual passa a mostrar que os «mortos» são todos os que se acham no hades, o que amplia a idéia dada em I Ped. 3:19, trecho esse que falava somente dos «desobedientes dos dias de Noé». Certamente o parecer de Alford é correto).

Por conseguinte, Cristo pregou o evangelho a todos os habitantes do hades, visando o benefício deles. Conforme diz Hunter (*in loc.*): «Em I Ped. 3:19 temos a idéia que nosso Senhor pregou a uma classe particular, a saber, os ímpios contemporâneos de Noé. Aqui, porém, isso é generalizado».

No que concerne ao problema inteiro da descida de Cristo ao hades, e o que isso indica, no tocante à natureza do julgamento, dezessete comentários

foram consultados, como representantes da herança da literatura cristã no idioma inglês. Desses, doze afirmam uma posição extremamente similar à do presente comentário, isto é, afirmam que os «mortos» são os do «hades», na forma de espíritos desencorporados, aos quais foi pregado o evangelho nesse estado, por parte de Cristo, para seu bem, e não para sua condenação. (Quanto à identificação dos comentários que assim ensinam, ver o décimo ponto da discussão em I Ped. 3:18).

«...para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus...» Esta porção do versículo tem sido sujeitada às mesmas discussões que se vê acima. Aquilo que cremos sobre quem foram os «mortos» que ouviram a mensagem, determinará o que creermos sobre esta porção do versículo. Certamente indica que a pregação abriu para eles alguma forma de vida espiritual útil, após pagarem suas dívidas em «julzo». Tal julzo foi, primeiramente, aplicado pela morte física, por ocasião do dilúvio; e em segundo lugar, seu subsequente sofrimento no hades. Tal sofrimento, entretanto, pode ter um fim possível. Isso poderia significar uma dentre duas possibilidades: 1. O oferecimento de total salvação a eles, já que Cristo é o Salvador de todos os mundos, em todos os mundos, até à beira da condenação e até dentro da própria condenação. Mui provavelmente essa é a correta maneira de ver as coisas. 2. Outros estudiosos, contudo, vêem uma espécie de vida inferior, oferecida a esses espíritos, uma existência espiritual e útil, embora não seja ainda a vida dos eleitos. Essa idéia pode ter aplicação direta ao estado final dos mortos, por toda a eternidade. Em outras palavras, o primeiro capítulo da epístola aos Efésios exige alguma espécie de restauração de tudo; mas, comparando-se outras porções do N.T. com isso, supomos que isso ficará aquém da vida conferida aos eleitos. Assim, pois, nem todos os homens participarão da imagem de Cristo (ver Rom. 8:29), da «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19) e da «natureza divina» (ver II Ped. 1:4); todavia, possuirão certa vida espiritual que glorifica a Deus, por ser útil aos propósitos divinos e a eles mesmos.

#### O Juízo Do Hades É Um Juízo Intermediário

1. As Escrituras declaram que o julgamento, tanto dos crentes quanto dos incrédulos, será por ocasião da «parousia», a segunda vinda de Cristo. Este versículo também demonstra esse fato.

2. O julzo do hades, por conseguinte, não é o julgamento final, e representa um estado líquido, sujeito a modificação. Muitos dos pais da igreja pensavam que esse julgamento era passível de reversão, ao passo que outros pensavam que poderia resultar em um estado de melhoria para as almas perdidas.

3. Os efeitos da missão de Cristo ao hades, seja como for, *olham para além* do julgamento que, no presente, é imposto aos perdidos. (Ver as notas completas sobre esse conceito em Efé. 1:10).

#### Negando Uma Doutrina De Esperança

1. É curioso observarmos aqui como tantos intérpretes distorcem a clara mensagem da descida de Cristo ao hades, bem como a esperança que essa mensagem oferece. Nos comentários sobre este versículo, sob o título «Falsas Interpretações», temos demonstrado as formas que essas atividades adquirem.

2. Indagamos: Por qual razão é que homens, em todos os mais honestos, distorcem as Escrituras, a fim de eliminarem uma grandiosa esperança como a que elas oferecem? Que o leitor me permita algumas sugestões:

a. Porque não querem modificar seus pontos de vista sobre o julgamento, alicerçados como estão em outros trechos bíblicos. Recusam-se a perceber que certas passagens escriturísticas podem olhar *para além* do que vêem outras passagens, quanto ao seu significado. Posto que o N.T. enxerga muito além do A.T., por que se julgaria impossível que algumas passagens do N.T. pudessem ir além de outras, ou que alguns autores soubessem mais das realidades espirituais do que outros dos escritores sagrados?

b. Alguns pregadores, a fim de preservarem o «efeito de espanto» em sua pregação evangélica, relutam em perceber qualquer raio de esperança para aqueles que jamais ouviram falar no evangelho (enquanto em sua vida física), ou para aqueles que o tiveram ouvido, mas que o rejeitaram enquanto viviam neste mundo. Esses tais pressentem que se injetarmos algum raio de esperança quanto à vida do além-túmulo, isso diminuirá o poder de sua pregação. Porém, fique reconhecido por todos, que é melhor pregarmos o conselho completo de Deus, e uma verdade mais plena, do que preservar a idéia de temor, na pregação do evangelho.

#### FATOS PARA CONSIDERAR

1. Este versículo ensina a absoluta necessidade do julgamento de todos. Ver Gál. 6:7,8.

2. O julgamento intermediário de hades pode chegar ao fim, uma vez que as dívidas sejam pagas e aqueles que forem julgados poderão encontrar vida eterna em Cristo, ou, pelo menos, um melhoramento de estado e utilidade.

3. O julgamento não é meramente retributivo; inclui o elemento restaurativo.

4. Oportunidade para receber a salvação existirá até a *parousia* (segunda vinda) de Cristo. Ou, pelo menos, a missão de Cristo oferece *melhoramento* para os perdidos. Ver sobre a *restauração* de todas as coisas em Efé. 1:10. Fazemos uma distinção entre *restauração* e *redenção* que é explicada na nota em Efésios.

«Os mortos já sofreram algum julzo durante sua existência na terra. Agora o evangelho lhes é anunciado no hades, a fim de que tenham a oportunidade de receber completa e final salvação, isto é, a vida com Deus, como Deus vive.» (Hunter, *in loc.*).

«...o evangelho foi pregado aos mortos com a finalidade de amoldar as suas condições de tal modo que, por um lado, são julgados segundo a carne (o estado de morte visto como um julgamento contínuo segundo a carne), e, por outro lado, se tornem capazes de atingir (mediante o julgamento, e



usado o aoristo, no original grego), ao modo de Deus, a vida imortal do espírito. (Wiesinger, *in loc.*).

«Tendes merecido a morte, tanto no tocante ao corpo como no tocante à alma, e por causa de vossa desobediência perecesteis no dilúvio e fostes V. Os Deveres Cristãos (2:11- 4:11).

10. Vivendo em face do fim de tudo (4:7-11).

Pedro mencionou a «parousia» ou segundo advento de Cristo (ver o quinto versículo), e como isso trará o julgamento. Tal como a maioria dos cristãos primitivos, ele estava convicto que a vinda de Cristo seria para breve, e que isso poria fim à existência na terra, conforme a conhecemos, dando início a um ciclo inteiramente diferente. (Quanto a essa expectativa dos cristãos primitivos, ver as notas expositivas em I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15). Convencido que o tempo era curto, e que grandes modificações haveriam de ocorrer em breve, ele aconselhou aos crentes que permanecessem tranquilos e triunfantes sob a perseguição, exercendo a graça cristã da oração, rejeitando aos vícios dos pagãos e os seus excessos. Acima de tudo, os crentes deveriam continuar a tratar uns dos outros com amor, seguindo a lei áurea, determinada pelo próprio Cristo. Na igreja, o ministério deveria prosseguir como é usual; e todo homem deveria ter o cuidado de exercitar seus dons, na plena medida dos mesmos, para benefício geral da comunidade. E diz ele então: «Prossigui praticando o que vindeis praticando, mas melhorai a qualidade de vossos atos. Não deveis interromper vossas funções normais, e nem deveis ficar descoroçoados em face dos dias difíceis. Sabei que a vinda de Cristo, para breve, vos libertará de tudo isso».

7 Πάντων δὲ τὸ τέλος ἤγγικεν.<sup>b</sup> σωφρονήσατε οὖν καὶ νήψατε εἰς προσευχάς.<sup>b</sup>

<sup>a</sup> 7 b maior, b minor: TR WH Bev Nes BF<sup>7</sup> // b maior, b menor: AV RSV NEB Beg // b maior, b menor: RV ABV TT Zkr Luth Jee

7 Πάντων...ἤγγικεν Ro 13.11-12, 1 Jo 2.18

4:7: Mas já está próximo o fim de todas as coisas; portanto sede sóbrios e vigiai em oração;

Em outras palavras, o fim da ordem atual de coisas, e não o fim literal do mundo. Essa grande alteração será produzida pelo segundo advento de Cristo, o que dará início a um novo e melhor ciclo. Os primitivos cristãos criam que Cristo retornaria durante o próprio período de vida terrena deles. (Ver as notas expositivas a esse respeito em I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15. Quanto a notas expositivas completas sobre a questão do «arrebatemento», ver I Tes. 4:15: Quanto à «segunda vinda de Cristo», ver Apo. 19:11).

A idéia do iminente retorno de Cristo visa ser embalada em todas as épocas da história eclesiástica, pois, potencialmente, pode ocorrer a qualquer momento. É ensinamento exposto por vários autores do N.T., como motivo para uma vida santa. Por isso é que aqui é aconselhada a «sobriedade», juntamente com a «diligência na oração». Em I Tes. 4:11 e 5:8, Paulo exorta aos crentes para que vivam de maneira ordeira, em sobriedade e autocontrole, devido à expectativa desse evento. Em I João 3:3, a vinda iminente de Cristo é apresentada como motivo forte para a vida santa. Cristo, que já nos habita no coração, exorta-nos às mesmas qualidades morais, sem ou com a expectativa da «parousia»; mas o pensamento que seu retorno está às portas, quando o crente realmente crê nisso, é uma poderosíssima influência na vida do crente.

«Vai alta a noite e vem chegando o dia» (Rom. 13:12). Essa é uma expressão exata da atitude dos primitivos cristãos. Eles tinham razão por viver com se Cristo já estivesse às portas, ainda que, devido à ignorância natural dos fatos, nunca tivessem antecipado uma tão longa «era da igreja». Em sentido real, sem importar se Cristo voltará imediatamente ou não, o «fim» está sempre próximo, no que concerne à nossa vida mortal, porquanto todos somos mortais, que não podem contar com o dia de amanhã. Por conseguinte, devemos viver como se nos restasse bem pouco tempo. «Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio» (Sal. 90:12).

«Que diferença faz esse fim iminente na vida? Porque o fim está sempre perto, isso faz um mundo de diferença: na mente, no espírito, nas nossas atitudes para com os outros, no serviço prestado e também na pregação e no ensino. Em uma palavra, esse senso de estarmos vivendo 'entre os tempos', entre o que era o fim do tempo antigo e o começo do novo, dá à vida um tom e um temperamento ímpares, fazendo com que a finalidade principal do homem seja a glória (ou manifestação) de Deus. Pois a Deus pertencem a glória e o domínio final, para todo o sempre». (Homrighausen, *in loc.*).

«...está próximo...» Literalmente, «chegou perto», expressão constantemente usada acerca da vinda iminente de Cristo e de seu reino. (Ver seu uso em Mat. 3:2; Marc. 1:15; Luc. 10:9 e Heb. 10:25). «Deve ser uma das principais preocupações dos crentes fixarem suas mentes totalmente no seu segundo advento». (Calvino, *in loc.*).

O quinto versículo deste capítulo anuncia que haverá um juízo para os «mortos» e para os «vivos». Estes são os que continuarem vivendo na carne até ao dia do retorno de Cristo e os que já tiverem falecido então, tendo-se tornado apenas espíritos desencorporados. Agora Pedro mostra que esse acontecimento inaugurará o julgamento, mas que não deve ser concebido como evento remoto, distante. Está próximo. E, de fato, segundo Deus considera as coisas, está próximo mesmo. Outrossim, sempre haveremos de enfrentar o espírito de juízo do Senhor, pois nossas vidas são constantemente chamadas a prestar-lhe contas. (Ver as notas expositivas sobre o «julgamento dos crentes», em II Cor. 5:10).

«E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras» (Apo. 22:12).

«Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor» (Fil. 4:5).

«...fortalecei os vossos corações, pois a vinda do Senhor está próxima» (Tia. 5:8).

8 πρὸ πάντων τὴν εἰς ἑαυτοὺς ἀγάπην ἐκτενῆ ἔχοντες, ὅτι ἀγάπη καλύπτει πλήθος ἁμαρτιῶν

Ἡ ἀγάπη...ἁμαρτιῶν Pt 10.12; Joo 8.30

4:8: todo antes de tudo ardente amor uns para com os outros, porque o amor cobre uma multidão de pecados;

conduzidos a este lugar subterrâneo de aprisionamento; mas um meio de salvação vos foi agora oferecido, para que vivais no espírito, como Deus, de acordo com a vontade de Deus» (Lange, *in loc.*).

★ ★ ★

«Porque ainda dentro de pouco tempo aquele que vem virá, e não tardará» (Heb. 10:37).

«Filhinhos, já é a última hora» (I João 2:18).

A história sagrada está sumariada em Cristo; ele é a revelação final de Deus. É o ponto final na vida humana. Cada nova geração precisa aprender isso, e assim o ensino de sua segunda vinda para breve, que produzirá o final da história, conforme a conhecemos, deve tornar-se vlvido em cada geração. Uma das principais finalidades do ensino sobre o «retorno» de Cristo para breve é que cada geração sucessiva tenha discernimento quanto à «espiritualidade» final e compreensiva representada por Cristo. Pois, nesse ensinamento, tais fatores são expostos em alto-relevo.

«...sede, portanto, criteriosos...» No grego é «*sophroneo*», «ter mente sã», expressão usada para indicar a «saúde mental» apropriada. Também indica as idéias de ser alguém «razoável», «sensível», «sério». A atitude tranqüila e séria dos crentes haverá de mantê-los ocupados em sua vida de oração. Essa parece ser a principal idéia deste versículo, pois o que aqui é dito está diretamente vinculado à vida de oração. A tradução inglesa de Williams (aqui vertida para o português), diz: «...sede sérios e sóbrios de mente, para que vos dediqueis à oração». Os crentes são exortados a não desanimar sob a perseguição, mas antes, a desenvolverem ativamente com toda a seriedade, suas próprias qualidades espirituais, a fim de que se tornem poderosos na oração. Assim poderiam eles resistir sob os sofrimentos que Nero lhes infligiria, além de poderem desenvolver uma espiritualidade capaz de resistir ao solene escrutínio do juízo.

«...sóbrios...» No grego é «*nepho*», «ser sóbrio», «ser bem equilibrado», «ser autocontrolado». O uso clássico dessa palavra indicava «não beber vinho», isto é, ser «sóbrio» em sentido físico. O terceiro versículo deste capítulo condena o excesso na ingestão do vinho, e aqui poderíamos ter uma extensão daquele conselho. Os crentes devem evitar os excessos do paganismo, dirigindo-se suas energias a uma inquirição espiritual séria. A vida de oração deles seria ajudada enormemente por esse desenvolvimento espiritual. O alvo de tudo é que o crente esteja preparado para enfrentar o julgamento, tendo feito todo o possível para viverem para o Senhor, negando à sua natureza inferior.

«...a bem das vossas orações...» Pedro indicava toda a forma de oração, pública e privada. Comparar com Efé. 6:18.

#### Os Meios De Desenvolvimento Espiritual

1. «Fazei quanto puderdes», dizia Pedro, «pois o tempo é curto!» Aproveital ao máximo a vossa vida espiritual. A oração é uma porção importante de tudo isso, porquanto é um dos meios de crescimento espiritual. A oração nos possibilita entrar em contacto com o Poder Divino, e por esse Poder é que as nossas vidas podem ser preservadas em períodos de tribulação, e assim é que nossas respectivas missões poderão ser cumpridas. Portanto, orai! (Ver as notas completas sobre a «oração», em Efé. 6:18).

Nessa oração, «vigiai» durante a longa e escura noite, pois em breve haverá a madrugada da «parousia», a segunda vinda de Cristo.

2. Aplicaí, igualmente, os demais meios de desenvolvimento espiritual:

a. A meditação, irmã gêmea da oração.

b. A santificação.

c. A vida diária segundo a lei do amor.

d. O uso dos dons espirituais em vossas respectivas missões, para que o vosso bom êxito seja abundante.

«...o fim de todas as coisas e dos homens se tem aproximado; os crentes também devem estar preparados, 'vigindo e orando', conforme Jesus ensinou em uma sua parábola. (Ver Marc. 13:34-37)». (Hart, *in loc.*). «As bebidas alcodlicas estonteiam: o estonteamento impede a oração». (Faucett, *in loc.*). Por conseguinte, qualquer forma de excesso ou de ação espiritual dúbil, contribui para o despreparo da alma para a devida inquirição espiritual.

8 καλύπτει ABK pm lat sy; R] -υψι NLP al c

O amor é um dos principais temas do N.T., tendo sido anotado noutros trechos, com o acompanhamento de poemas ilustrativos. (Ver sobre o

«amor de Deus», a fonte originária de todo outro amor, em João 3:16; quanto ao «amor como guia de toda a vida cristã», ver João 14:21 e 15:10; acerca do amor como a maior virtude da tríada suprema—fé, esperança e amor—ver I Cor. 13:13; quanto ao amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito», uma qualidade moral ou virtude em nós infundida, que passa a fazer parte do caráter do crente, mediante o poder habitador do Espírito Santo, ver Gál. 5:22).

O estudo sobre os «dons espirituais», nos capítulos doze a catorze da primeira epístola aos Coríntios, mostra-nos que nenhum dom tem qualquer valor, a menos que seja inspirado e controlado pelo amor. Além disso, o amor é o caminho mais rápido de retorno a Deus, porquanto confere ao crente a rápida espiritualização do seu ser. O amor é o maior mandamento da lei, que, de fato, a sumaria. Portanto, o amor é a virtude suprema. (Ver Mat. 22:37-39 e Rom. 13:10). O amor não faz mal a ninguém, mas, bem pelo contrário, faz o bem, porquanto o amor é a essência mesma do altruísmo, o contrário do egoísmo. Consiste em quererem para os outros o que desejamos para nós mesmos, o que eleva os outros em nossa estima. Entretanto, ninguém amará assim naturalmente. Isso é inspirado pelo Espírito de Deus, pelo que é uma disposição divina, uma qualidade moral insuflada no ser humano. Torna-se claro, pois, que «ser capaz de amar» depende do desenvolvimento espiritual, como subproduto de nossa transformação segundo a imagem moral de Cristo. Não admira que Pedro tenha dito que, «*acima de tudo*» devemos ter o amor. As notas expositivas sobre o «amor», neste ponto, são breves, na expectativa que o leitor consultará as notas gerais sobre o tema mencionado acima.

**Referências e Idéias sobre o Amor ao homem.** 1. É uma ordem de Deus (ver I João 4:21). 2. Tem sua origem em Deus (ver I João 4:7). 3. É um dos aspectos do «fruto do Espírito», e, portanto, é um desenvolvimento espiritual (ver Gál. 5:22). 4. Foi determinado por Cristo (ver João 13:34 e I João 3:23). 5. A fé opera pelo amor (ver Gál. 5:6). 6. Sem o amor, até os maiores sacrifícios nada significam (ver I Cor. 13:3). 7. Sem o amor, até mesmo os dons miraculosos são inúteis (ver I Cor. 13:1,2). 8. O amor é especialmente recomendado aos ministros da Palavra (ver I Tim. 4:12 e II Tim. 2:22). 9. O amor deve ser sincero (ver Rom. 12:9 e II Cor. 6:6). 10. Os crentes devem buscar diligentemente o amor (ver I Cor. 14:1).

«...o amor cobre multidão de pecados...» Essa expressão tem deixado perplexos aos intérpretes, razão pela qual várias interpretações têm aparecido em torno dela. Abaixo damos os exemplos:

1. O amor seria cego para as faltas dos outros. Certamente isso não é o que Pedro quis dizer, embora seja uma maneira popular de explicar a questão.

2. O amor expia pelos pecados de outras pessoas. Isso é verdade somente se estivermos falando sobre o amor de Cristo, que o levou a fazer expiação na cruz (ver João 3:16 e Rom. 5:6-8). Porém, não parece haver qualquer alusão direta ao amor expiatório de Cristo neste ponto. Certamente é 9 *φιλόξενοι εἰς ἀλλήλους ἀνευ γογγυσμοῦ*.

4:9; sendo hospitaleiros uns para com os outros, sem murmuração;

O tema da hospitalidade é comentado noutros lugares. (Quanto a notas expositivas completas sobre esse tema, ver Atos 16:15 e Rom. 12:13). As hospedarias da antiguidade viviam infestadas de prostitutas e assassinos. Portanto, os cristãos, segundo a prática oriental comum, acolhiam em seus lares outros crentes que por ali passassem em viagem, vindos de outras regiões. Pedro encoraja aqui essa prática. Supomos que a hospitalidade e a generosidade daqueles que viviam na mesma comunidade também está envolvida, e não meramente o acolhimento de crentes vindos de outras terras. A hospitalidade é apenas uma extensão do amor fraternal, uma subcategoria daquilo que aparece no versículo anterior.

«...sem murmuração...» No grego é «*goggusmos*», «queixa», «desprazer». Um homem que é exortado a convidar um viajante a abrigar-se em sua casa, pode pensar consigo mesmo: «Isso me custará dinheiro e perderei minha liberdade em casa». Ao assim meditar, ele registra um pensamento de desprazer, o que fará, de sua oferta de hospitalidade um motivo de «murmuração». Tal hospitalidade não se baseia no amor; portanto, não é uma hospitalidade autêntica, do ponto de vista do cristianismo bíblico. Os supervisores e outros líderes eclesiásticos deveriam ser «hospitais» (ver I Tim. 3:2). Também deveriam ser «amantes da hospitalidade» (ver Tito 1:8), porquanto normalmente se esperava que os líderes entre os cristãos é que receberiam em casa irmãos na fé em viagem.

«Nos dias de Pedro, os hotéis eram raros e distantes uns dos outros. As hospedarias eram caras e imorais. Os crentes em viagem encontravam

10 *ἐκαστος καθὼς ἔλαβεν χάρισμα, εἰς ἑαυτοὺς αὐτὸ διακονοῦντες ὡς καλοὶ οἰκονόμοι ποικίλης χάριτος θεοῦ*.

4:10; servindo uns aos outros conforme o dom que cada um recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus.

«...Servi uns aos outros...» De modo geral, mas particularmente aqui, devemos entender «trabalho físico», isto é, a partilha de alimentos, de abrigo e de dinheiro, tal como na hospitalidade que acabara de ser recomendada.

«...conforme o dom que recebeu...» O trecho de Rom. 12:7 focaliza um dom de «ministério», isto é, boas obras na forma de esmolas, de cuidados pelos enfermos, e de hospitalidade. Alguns crentes são especialmente dotados pelo Espírito, tornando-se «ricos» em atos de caridade, dispostos à realização de serviço bondoso, o que fazem com maneiras graciosas e corteses. Talvez alguns médicos, enfermeiras e filantropos, quando são também crentes espirituais, recebem tal dom, além de outros, que têm a oportunidade especial de ministrar as necessidades físicas dos outros. Algumas vezes tais pessoas também recebem amplos meios financeiros,

incorreta a suposição que o amor humano pode fazer qualquer tipo de expiação pelo pecado, por mais forte que seja tal afeto.

3. Talvez a idéia em vista seja a de Tia. 5:20, onde se lê: «...sabei que aquele que converte o pecador do seu caminho errado, salvará da morte a alma dele, e cobrirá multidão de pecados». Se algum crente ama às almas perdidas, procurará convertê-las ao Senhor. Se tiver sucesso, grande multidão de pecados será apagada, isto é, será expiada, e, indiretamente, não-teologicamente, o amor do tal crente pelas almas perdidas terá produzido esse resultado. No dizer de Bigg (*in loc.*): «O amor de Cristo cobre os pecados (ver Luc. 7:47); e o amor dos irmãos, fluindo como faz, do amor de Cristo, poderia ser reputado como uma segunda expiação».

4. Ainda outros encaram a questão como o amor aos irmãos, e não às almas perdidas; e assim vêem o amor como uma espécie de expiação pelas inúmeras faltas praticadas pelos irmãos. Os judeus consideravam as esmolas como uma espécie de expiação pelos pecados próprios; e alguns têm mantido aqui essa idéia, no tocante ao amor. Mas isso é distintamente contrário à doutrina neotestamentária, que nega o «mérito» de obras humanas, no tocante ao problema do pecado. Não podemos expiar nossos próprios pecados mediante o amor ao próximo. Parece que essa idéia é similar àquela expressa em Pro. 10:12: «O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões». Aquele que verdadeiramente ama, embora não ignore as muitas falhas do outro, cuidará dele, a despeito dessas faltas, pois seu amor será suficientemente forte para ocultá-las.

Parece que Pedro queria dizer: «Tendo profundo amor uns pelos outros. Isso será um meio de dar solução a todas as diferenças, promovendo as ações altruístas. Se vosso amor for suficientemente forte, haveis de exercê-lo a despeito das faltas irritantes de outros. Vosso amor alugará vossa tendência à crítica ferina. Antes, fareis tudo quanto puderdes pelos outros, e vossos pecados e faltas serão ocultados pelo vosso ponto de vista espiritual, e em sentido algum impedirá vossas expressões de amor cristão. Vosso amor será tão grande como o oceano que cobre o fundo irregular e pedregoso, de modo a não perceberdes as faltas de vossos irmãos na fé».

Assim também, de modo geral, diz Faucett (*in loc.*): «Cobre, de modo a não condenar ou expor brutalmente; antes, tolera as cargas alheias, perdendo e esquecendo as ofensas recebidas».

«Assim como Deus, com o seu amor, encobre os meus pecados, creio que devo encobrir as falhas do próximo». (Lutero, *in loc.*)

Deus trata graciosamente conosco, a despeito dos nossos pecados. Assim, por igual modo, devemos tratar com os outros, em amor. «...o amor... deve lançar no olvido os pecados alheios». (Lange, *in loc.*). «Amai-vos uns aos outros porque o amor, conforme dizem as Escrituras, remove a substância da contenda». (Steiger, *in loc.*). A terceira dessas interpretações é a verdadeira, naturalmente, mas parece que algo da quarta posição também está em foco no presente versículo.

abrigo nos lares de seus irmãos na fé. Não há que duvidar que o acolhimento a pregadores e crentes em viagem se tornou uma carga que podia ser sentida pesadamente pelos crentes. Agravando mais ainda a situação, visto que os edifícios eclesiásticos eram poucos, os lares eram usados como lugar de comunhão e culto. De fato, a causa missionária, tanto no passado como no presente, deve uma soma incalculável àqueles cujos lares foram abertos e que, em amor persistente e duradouro, praticaram a hospitalidade sem murmuração... Nosso Senhor deu novo sentido a tal hospitalidade, relacionando-a consigo mesmo: «...era forasteiro e me hospedastes... sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes» (Mat. 25:35,40). (Homrighausen, *in loc.*)

«De fato, sem a prática literal dessa virtude, as missões da igreja cristã teriam sido impossíveis». (Bigg, *in loc.*)

O crente que aceita a hospitalidade de outro deve ser suficientemente sábio para não permanecer por tempo demais. O trecho de Eclesiástico 29:25-28 descreve como um estranho que exagera da hospitalidade recebida, primeiramente recebe trabalhos manuais para fazer, e então é expulso. É sinal de amor e consideração, da parte do hospedado, não exigir uma benevolência exagerada de seu hospedeiro.

A hospitalidade na antiga igreja cristã. Lemos que os cristãos primitivos determinavam até mesmo jejuns, a fim de que o alimento poupado pudesse ser conferido aos necessitados, aos estranhos e aos viajantes. Isso é amor verdadeiro em operação.

10 *ἐκαστος...διακονοῦντες* Ro 12.6-8

capacitando-se assim de se mostrarem generosas em alto grau. O judaísmo e o cristianismo primitivo enfatizavam grandemente a importância das esmolas. (Isso é comentado nas notas sobre Atos 3:2. Comparar também com Tia. 1:27, onde a «religião pura» é definida como a visita aos órfãos e às viúvas, em suas aflições, isto é, mediante a ministração às suas necessidades, além de conservar-se o crente imaculado do mundo). Tal ministração é a prática da regra áurea de Cristo, uma duplicação do seu amor. Portanto, esse «ministério» é apenas a concretização da lei do amor, mencionada no oitavo versículo deste capítulo.

Este versículo, naturalmente, não só fala do dom especial da «ministração às necessidades físicas», mas também impõe a todos os crentes o mesmo costume, ao ponto em que suas habilidades e circunstâncias lhes permitirem a participação. Cada homem tem um «dom»; e, no presente versículo, sem dúvida cada crente deve contribuir com o seu próprio. Em outras palavras, Deus abençoa um homem, e então ele tem os «meios» para realizar um serviço de caridade para com outros, sem importar se esse



serviço consiste em hospedar alguém, em dar esmolas ou em cuidar de enfermos ou necessitados. E assim aprendemos aquele princípio básico, tão comum nas páginas do N.T., e que determina: «Recebemos a fim de dar, não a fim de amontoar bens para nosso próprio conforto». Feliz é o homem que cre nisto e o pratica. Todo crente é um «mordomo», e não um «proprietário» daquilo que possui. O mordomo deve mostrar-se ativo no «uso» de seus bens em favor de outrem, e não na tentativa de juntar mais ainda para si mesmo.

...*despenseiros*... Cada pessoa é ímpar e tem uma missão sem igual, agora e na eternidade. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Apo. 2:17). Ele recebe habilidades necessárias para o exercício apropriado de sua missão. Também recebe os meios financeiros para poder realizar sua obra. Sua missão o transforma no tipo de pessoa que pode realizar um serviço específico. Um crente também pode receber várias missões; e todas elas, coletivamente consideradas, visam fazer dele um indivíduo sem-par. Uma missão é um meio de expressar a graça de Deus para com outros, pois nenhuma missão visa apenas o benefício do próprio indivíduo. Todos os dons de Deus se originam em sua «graça». Essa é a fonte de tudo de bom que possuímos. Portanto, quando ministramos a outros, em qualquer sentido que seja, meramente espalhamos ao redor a graça de Deus, do modo que nos foi apontado. A mordomia subentende tanto que nos foi confiada certa missão como também a existência de uma necessidade autêntica. A graça de Deus se reveste de variedade infinita, resultando em dádivas abundantes aos homens. Tornamo-nos ministros mediante quem essa abundância é distribuída. Não «possuímos» aquilo que a graça de Deus nos dá, pois tudo nos foi dado por empréstimo, temporariamente. Se nos recusarmos a contribuir, logo deixaremos de receber. Quando o povo de Israel ficou cobiçoso e recolheu mais maná do que era mister para o suprimento de um dia, o maná se estragou e soltou mau cheiro, tornando-se inútil. Assim, o homem que recebe mais não dá, logo se tornará inútil como despenseiro da graça de Deus, e sua alma será estragada, perdendo toda a similaridade com a natureza espiritual de Cristo. O próprio Cristo veio para servir, e não para ser servido. (Ver Mat. 20:28).

II εἰ τις λαλεῖ, ὡς λόγια θεοῦ· εἰ τις διακονεῖ, ὡς ἐξ ἰσχύος ἧς χορηγεῖ ὁ θεός· ἵνα ἐν πᾶσιν δοξάζηται ὁ θεὸς διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, ᾧ ἐστὶν ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων ἁμήν.

II 4...θεός I Cor 10:31

4:11. Se alguém fala, fale como entregando oráculos de Deus; se alguém ministra, ministre segundo a força que Deus concede; para que em todo Deus seja glorificado por meio de Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e a dominação para todo o sempre. Amém.

A vida inteira é uma partilha, e os dons da bondade de Deus nos ajudam a compartilhar do que temos. Pedro aponta agora para dois meios centrais, que nos permitem compartilhar do que temos:

1. *Mediante o ensino*: É básico darmos aos outros o «alimento espiritual». Assim os outros crescem na semelhança a Cristo, que é o alvo de toda a vida humana. Sem o ensino, esse processo é grandemente entravado, e não existirá a menos que o crente ensine a si mesmo, para compensar pela falta de ensino conferido a outros. Não foi por acidente que o «ensino» veio a fazer parte da Grande Comissão. (Ver Mat. 28:19,20). Essa porção da Grande Comissão, infelizmente, é negligenciada. Na Idade Média, a igreja se tornou, essencialmente, uma escola. Nos tempos modernos, porém, tornou-se pouco mais que um centro evangelizador. Precisamos de ambos os aspectos na igreja. O alvo de toda a existência é compartilhar da plenitude de Cristo, de sua natureza. Ora, isso é impossível sem a transformação moral e metafísica; e isso, por sua vez, é impossível sem a instrução cristã. (Ver Heb. 6:1-3; I Tim. 4:13-16; II Tim. 2:15 quanto à importância do ensino e do ser ensinado).

2. Em seguida o presente versículo frisa novamente a importância de contribuírmos para o bem-estar de outros com coisas materiais—a necessidade do serviço prático.

...*se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus*... O ensino é agora determinado, presumivelmente através do exercício do dom do ensino. (Ver as notas de introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, onde se explana cada um dos dons espirituais). O mestre cristão não fala por inspiração direta, mas é alguém dotado da habilidade especial de transmitir conhecimento espiritual; e, acima de todos os outros, é depositário das Escrituras e das realidades espirituais. Mas, embora não fale diretamente por inspiração, receberá discernimento especial sobre o significado das doutrinas, e será capaz de transmitir o seu pensamento a outros. Naturalmente, o texto presente pode incluir os pronunciamentos inspirados dos profetas, além de outros pronunciamentos que envolvam dons que não o do ensino; mas o dom do ensino parece estar especialmente em vista.

...*oráculos de Deus*... O mestre cristão, o pregador e o profeta não possuem mensagens de sua própria lavra. O que ensina deve concordar com os «oráculos de Deus». Quanto a isso, consideremos os pontos abaixo:

1. Esse termo é usado para indicar os dez mandamentos ou as Escrituras do A.T., nos escritos rabínicos e é bem provável que esse seja seu significado aqui. Está particularmente em foco as Escrituras do A.T., usadas como base e linha mestra de todo o ensinamento cristão. Se o N.T. já tivesse sido terminado e canonizado, sem dúvida Pedro teria dito que o ensino deve ser guiado pelo mesmo, juntamente com o A.T. Esta passagem mostra que Pedro considera que as Escrituras do A.T. são revelações inspiradas por Deus. (Comparar com II Tim. 3:16. Ver também Atos 7:38; Rom. 3:2 e Heb. 5:12).

2. Com base no N.T., os «oráculos de Deus», naturalmente, são sempre entendidos como as Escrituras do A.T., interpretadas à luz do evangelho cristão. Assim sendo, até mesmo sem a existência do N.T., esses oráculos

...*multiforme graça*... No grego, o adjetivo é «poikilos», «diversificado», «de muitas espécies». A graça divina se manifesta de muitos modos e se concretiza na vida humana de muitas maneiras. Cada crente recebeu tal graça, e está na obrigação moral de concedê-la a outros.

...*graça*... (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça», ver Efé. 2:8). O que possuímos que não tenhamos recebido de Deus? «Pois quem é que te faz sobressair? e que tens tu que não tenhas recebido? e, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?» (I Cor. 4:7). Alguns agem como se o que têm fora produzido por eles mesmos.

*Concede-nos graça tal que possamos cumprir tua vontade  
E proferir tuas palavras e andar diante de teu rosto,  
Profundos e calmos, como águas profundas e tranqüilas,  
Concede-nos tal graça.*

(Christina Rossetti)

*Dom*: Consideremos os pontos seguintes a respeito: 1. Envolve qualquer coisa dada gratuitamente. 2. Indica alguma bênção dada graciosamente por Deus, de qualquer espécie, aos pecadores (ver Rom. 5:15,16 e 11:29). 3. Indica a graça da salvação (ver Efé. 2:9), mediante a qual a salvação é conferida aos homens. 4. Indica um preparo gracioso e divino para o serviço, algum dom espiritual, alguma operação extraordinária do Espírito Santo (ver I Tim. 4:14) ou mesmo os dons do Espírito Santo (ver os capítulos doze a catorze da primeira epístola aos Coríntios). 5. Indica a abundância de possessões físicas, usadas para benefício alheio; ou bens materiais suficientes para que deles possamos contribuir, embora não naquela profusão que poderíamos chamar de «abundante». Esse é o sentido que está em foco, talvez com alguma mistura com a quarta posição.

Esta passagem pode ser ilustrada pela parábola dos «talentos», narrada pelo Senhor Jesus, em Mat. 25:15. Alguns intérpretes acreditam que Pedro alude aqui a essa tradição, embora tal narrativa ainda não tivesse tomado forma escrita nos evangelhos canônicos, porquanto esta primeira epístola de Pedro foi escrita antes dos mesmos, com a única exceção possível do evangelho de Marcos.

II εἰ τις λαλεῖ, ὡς λόγια θεοῦ· εἰ τις διακονεῖ, ὡς ἐξ ἰσχύος ἧς χορηγεῖ ὁ θεός· ἵνα ἐν πᾶσιν δοξάζηται ὁ θεὸς διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, ᾧ ἐστὶν ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων ἁμήν.

eram o «A.T. cristianizado». Várias tradições orais, que preservavam as declarações de Jesus, e talvez alguns documentos escritos, posteriormente usados na formulação dos evangelhos, fizeram parte da cristianização do A.T. E muitos desses documentos, pelos tempos em que foi escrita esta epístola, eram chamados «oráculos», tomando lugar juntamente com os oráculos mais antigos. Certamente o que Jesus disse, embora ainda não tivesse tomado a forma de evangelhos escritos, era reputado igual ao A.T., ou seja, fazia parte dos «oráculos de Deus».

3. A palavra «oráculos» também pode significar «as declarações da antiga e da nova revelações», incorporadas na pregação inspirada dos profetas do N.T., ou então as «declarações dos crentes dotados do carisma da Palavra», a fim de poderem proferir a Palavra de Deus com poder. Nesse caso, no presente versículo estão mais em foco os profetas do que os mestres cristãos.

Os «oráculos» (no grego, «logia»), em outras referências: 1. No tocante aos Dez Mandamentos, Aristas em *Eus. Praep. Eu.* viii.9.27; Atos 7:38; Phil. em Eusébio, *História Eclesiástica* ii. 185; Basílio, de S.A. 30.2. 2. Mas todos os escritos de Moisés também eram chamados assim (ver Filo, *Vita Mosi* iii.23; de *Praemiis et Poenis*, i, ii.408). 3. A Bíblia hebraica, as Escrituras do A.T., em algumas referências de Filo, talvez com o mesmo sentido tencionado em Heb. 5:12 e Rom. 3:2. 4. Os escritos cristãos foram assim chamados em Clem. Rom. xiii, xix, liii, lxii e II Clem. xiii. Policarpo, Phil. vii evidentemente se refere aos evangelhos canônicos ao empregar o termo grego «logia». (Ver também Papias, em Eusébio, *História Eclesiástica* iii.39.1.16). Ephrem Syrus dividia o N.T. em «declarações do Senhor» («logoi») e «declarações dos apóstolos».

...*se alguém serve*... O tipo de serviço «físico» está agora em foco, tal como nos versículos nono e décimo. Aquele que se ocupa de tal serviço deve exercê-lo de acordo com Deus o tem capacitado, tal como um mestre ou profeta deve depender de Deus quanto às suas declarações. Não devem esses dons contribuir para a autoglorificação, e nem devem ser exercidos mediante a mera piedade para com os menos afortunados, mas por causa da graça e do dom que Deus tem dado. A vida inteira do crente deveria ser uma expressão de motivos, criados na alma, pela operação do Espírito Santo. Por conseguinte, todo o serviço em favor dos crentes é divino, e a vida não pode ser dividida nas duas categorias «secular» e «religiosa». Tudo quanto um crente faz deve ser na humilde dependência ao impulso do Senhor, em seu íntimo.

...*supre*... No grego é «choregeo», que originalmente significa «liderar um coro», ou então «pagar as despesas para o treinamento de um coro». Posteriormente veio a significar o «custeio» de qualquer empreendimento, ou seja, o «suprimento» de algo, para benefício de outrem. A idéia é que nos convém servir nas coisas materiais, contribuindo liberalmente e sem queixumes, porquanto Deus também supre —liberalmente— as nossas necessidades. Nosso serviço deve ser liberal e sem murmúrios, tal como o são os dons de Deus. Seu suprimento é visto como a «força» mediante a qual servimos ao próximo. Ele nos fortaleceu grandemente, pelo que tudo posto por meio de Cristo. O serviço ao próximo só é aceitável se for «abundante», pois, de outro modo, estaremos sugerindo que Deus nos deu pouca força para usá-la em favor de nossos semelhantes.

...*para que em todas as coisas seja Deus glorificado*... As palavras de Pedro assumem agora a forma de uma doxologia. Consideremos os três pontos seguintes: 1. Deus é «glorificado» quando recebe o crédito da parte

do mestre cristão, que diz: «É a Palavra de Deus que prego, e não a minha própria; ensino pelo poder do Espírito Santo». Deus também é glorificado quando recebe o crédito da parte daquele que contribui e declara: «Dou porque Deus primeiramente me deu, além de ter-me conferido o desejo de compartilhar disso com outros». Assim se percebe que todo o dom perfeito e bom vem da parte de Deus, embora possa ser mediado através de mordomos humanos. 2. Outrossim, o tipo certo de pregação e de ensino, como também de serviço caridoso, por si mesmo serviria de ilustração da natureza graciosa do Senhor, ficando assim exaltados a sua bondade e o seu amor. 3. Além dessas ações, dado o fato de terem sido inspiradas pelo Espírito Santo, devemos considerar que isso nos transforma a natureza moral, beneficiando igualmente o beneficiário de nossos atos e dádivas. Dessa maneira, algumas pessoas virão a compartilhar da natureza de Cristo, e isso redundará na glória de Deus, porquanto ele receberá a glória da parte de muitos de seus «filhos». (Ver Heb. 2:10).

...por meio de Jesus Cristo... Em que sentido? 1. Porque tudo quanto o crente é e faz, é em Cristo, mediante quem lhe fluem todas as bênçãos espirituais (ver Efé. 1:3). 2. Porque Deus trata com os homens por meio de Cristo, que é o arquétipo e o alvo de toda a existência humana (ver II Cor. 3:18 e Efé. 1:23). 3. Porque quando os homens são transformados segundo a imagem de Cristo, é então que recebem plenamente a natureza de filhos e glorificam apropriadamente a Deus, tornando-se sua «plenitude» (ver Efé. 3:19), dotados do mesmo tipo de vida que Deus possui (ver João 5:25,26 e 6:57). 4. No caso da bênção apostólica, a glória é dada a Deus por meio de Cristo, pois ele é o mediador da glória de Deus, até onde concerne aos homens, segundo nos mostra o primeiro capítulo da epístola aos Efésios (mas essa passagem também inclui a própria criação com todos os seres inteligentes, incluindo os anjos). (Ver Deus glorificado por meio de Cristo, nas bênçãos apostólicas encontradas em Rom. 16:27 e Jud. 25).

...a quem... Provavelmente está em foco «a Cristo», por ser ele a última pessoa a ter sido mencionada.

...glória e domínio... Porque o Filho, sendo o arquétipo de toda a vida, merece a mesma glória dada ao Pai. Portanto, os homens devem glorificá-lo tanto em suas «palavras» como em sua «conduta», e é isso, exatamente, que os remidos estão fazendo e farão. Quando os homens realizam as obras de Deus nos lugares celestiais, o Filho é honrado pelos seus esforços. O mesmo deveria suceder agora mesmo, pois o alvo da existência na eternidade será o mesmo que agora faz os homens retornarem a Deus. Cristo «...nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém» (Apo. 1:6).

...pelos séculos dos séculos... Fórmula grega comum para indicar «eternidade», mas que os tradutores e revisores preferiram transliterar. No grego, há diversas maneiras de expressar a eternidade, e essa fórmula é a

VI. Os Sofrimentos dos Crentes (4:12- 5:11).

### 1. Uma exortação à perseverança (4:12-19).

Esta primeira epístola de Pedro é, essencialmente, uma epístola que encoraja os crentes a resistirem galhardamente sob perseguição, permanecendo fiéis a Cristo a despeito de tudo. Quase todas as seções desta epístola dizem respeito a essa questão, embora sejam abordados muitos temas. Contudo, ao examinarmos o texto mais de perto, podemos ver que quase todas as idéias desta epístola são apresentadas contra o pano de fundo do *sofrimento*. A seção que agora iniciamos é a mais extensa daquelas que abordam diretamente o problema. Pedro sabia que Nero, o imperador, não permitiria que a igreja continuasse sem passar por tremenda provação. Mas não sabia o apóstolo quão grande seria ela, e nem que ele mesmo e Paulo cairiam pela espada de Nero. No entanto, podia ver claramente o ajustamento de nuvens negras, e esperava que sua epístola teria o efeito de ajudar os crentes da Ásia Menor a resistirem às chamas, a fim de saírem da prova como ouro purificado, ao invés de serem reduzidos a nada, como mera palha. (Ver a seção V da introdução a esta epístola, intitulada «Motivos e Propósitos», e a seção VIII, intitulada «Temas Principais», quanto à natureza geral desta epístola).

«Sumário. Vossa iminente provação não vos deveria surpreender, pois sabeis o quanto Cristo sofreu. Ao compartilhardes de seu sofrimento, regozijai-vos, certos de que tereis a glória futura. Nenhum cristão deve cair em dificuldades por motivo de crimes, como homicídio ou furto; mas se alguém sofre, que sofra como cristão, e assim glorifique a Deus. O julgo que começa, envolverá primeiramente a família de Deus. Quem sabe qual será a sorte dos incrédulos? Nosso dever é claro: praticar a retidão e confiar em nosso Criador». (Hunter, *in loc.*)

12 Ἀγαπητοί, μὴ ξενίζεσθε τῇ ἐν ὑμῖν πυρώσει πρὸς πειρασμὸν ὑμῖν γινομένην ὡς ξένου ὑμῖν συμβαινόντος, 12 τῇ...συμβαίνοντος I Pe 1:7

4:12; Anedotas, não estranheis a ardente provação que vem sobre vós para vos experimentar, como se coisa estranha vos acontecesse;

...amados... (Quanto a esse termo de tratamento aos crentes, e que os descreve nas páginas do N.T., comparar com Rom. 1:7; 11:28; 12:29; I Cor. 4:14,17; 15:58; II Cor. 7:1; 12:19; Fil. 2:12; 4:1; Col. 3:12; I Tes. 1:4; II Tes. 2:13; I Tim. 6:2; Heb. 6:9; Tia. 1:16,19; II Ped. 3:1,8,14,15,17; I João 3:2,21; 4:1,7,11; II João 2,5,11; Jud. 3,17,20 e Apo. 20:9). Os crentes são «amados» de Deus e dos apóstolos, sendo objetos especiais do amor de Deus (ver as notas expositivas a respeito, em João 3:16), sendo dotados de amor fraternal mútuo (ver as notas expositivas a respeito em João 14:21 e 15:10). E aqui e em I Ped. 2:11, o termo é usado como introdução a uma nova seção.

...não estranheis... Melhor tradução é «Não vos surpreendais». A palavra é «xenizo». Pode significar «receber como hóspede», mas também significa «ser surpreendido», «espantar-se». Consideremos os três pontos seguintes: 1. Cristo já demonstrará que os justos devem sofrer, havendo grande abundância de comprovações acerca disso, no A.T. 2. As perseguições já tinham começado; haveriam de ir piorando até as chamas se transformarem em verdadeiro incêndio de floresta. 3. Nero era um imperador impio, violento e imprevisível. A igreja não poderia passar por ele sem algum sofrimento e perda. Portanto, o sofrimento dificilmente podia ser reputado uma coisa «estranha», para quem era crente naquela época.

mais elaborada de todas. A eternidade é vista como uma sucessão interminável de eras; e é bem possível que assim realmente seja, embora a própria expressão seja humana. Em outras palavras, sabemos o que é um século, ou o que é uma «era». Normalmente as «eras» envolvem uma espécie de «ciclos», cada qual dotado de um caráter específico. Por conseguinte, supomos que a eternidade envolverá uma série interminável de ciclos ou eras; haverá muitas e grandes coisas revolucionárias. Mas, sem importar o que traga a eternidade, viveremos em Cristo e por meio dele, pois ele é «tudo para todos», de acordo com o que se aprende em Efé. 1:23.

As doxologias têm uma função toda especial nas páginas do N.T., a saber: 1. Assinalam o fim de uma seção, conferindo-lhe uma aura de elevação. 2. Marcam o despertar de sentimentos piedosos por parte do escritor sagrado e salientam certos pensamentos importantes. 3. Uma discussão sobre o uso das doxologias no N.T. aparece em Efé. 3:21. (Quanto às diversas «fórmulas que expressam o conceito de eternidade», no idioma grego, ver as notas expositivas em Efé. 3:21).

...Amém... Quando aparece no fim dos livros do N.T., o «Amém» litúrgico geralmente não é genuíno. Neste caso, entretanto, é genuíno e faz parte do texto sagrado. Significa: 1. «Assim seja», como uma ordem. 2. «Assim e, na verdade», como confirmação da veracidade do que foi dito imediatamente antes. O uso do «Amém» foi tomado por empréstimo da sinagoga. Seu uso é frequente nas páginas do A.T. (Ver I Crô. 16:36; II Esdras 15:13; Nec. 5:13; 8:6, etc., onde é também empregado em doxologias). Esse vocábulo ocorre por cento e cinquenta e duas vezes no N.T. (Quanto ao uso que Jesus fez da palavra «Amém», ver João 1:51. Quanto a esse termo como título de Cristo, ver Apo. 3:14 nas suas notas expositivas).

O sentido básico do termo *Amém*, no hebraico, é «certamente». Consideremos os pontos seguintes: 1. Era usado para reconhecer a «validade» de algum juramento ou maldição, em que alguém se propunha a aceitar suas consequências (ver Núm. 5:22 e Deut. 27:15). 2. Era usado para acolher um anúncio ou predição boa (ver I Reis 1:36 e Jer. 28:6). 3. Era usado como expressão de acordo com o que outro declarava, ou como parte de uma doxologia (ver I Crô. 16:36 e Sal. 41:13). Foi esse o uso que passou da sinagoga para a adoração na igreja cristã. Cristo, na qualidade de «Amém», é a confirmação positiva de todo o bem que Deus pode e quer fazer pelo homem, e, ao mesmo tempo é a confissão da «validade» do fato que Deus falou por meio dele.

Doxologias no N.T.: Gál. 1:5; Rom. 9:5; 11:36; 16:25-27; Fil. 4:20; Efé. 3:21; I Tim. 1:17; 6:16; II Tim. 4:18; Heb. 13:21; Apo. 1:6; 5:13; 7:12. Nas epístolas de Pedro: I Ped. 5:11 e II Ped. 3:18. O «Amém» usado no presente texto é essencialmente dirigido a Cristo, como também se dá nos casos de II Tim. 4:18; II Ped. 3:18 e Apo. 1:6.

...fogo ardente... No grego é «purosis», uma «queimadura», mas que aqui indica uma «prova de fogo». Os crentes haveriam de passar por um sofrimento: a. destruidor; b. doloroso; c. violento e d. inexorável, como um fogo em galharia seca.

...a provar-vos... Esse fogo é testador, provador e purificador, tal como o ouro mais apurado é aquele que passa pelas mais altas temperaturas. Sua finalidade original não era beneficiar aos crentes, mas fatalmente produziria esse efeito. (Ver Atos 14:22 quanto aos resultados benéficos das tribulações e sofrimentos). «Como o crisol prova a prata, e o forno o ouro, assim o homem é provado...» (Pro. 27:21). As chamas seriam ferozes; mas, quanto mais ferozes fossem mais haveriam de refinar aos seguidores de Cristo. Portanto, nada Deus haveria de permitir que acontecesse aos crentes que não visasse seu benefício final.

...destinado... No grego é usado o verbo no presente (algo que ocorria então), pelo que várias traduções dizem «que vem sobre vós». Talvez se trate do presente usado em lugar do futuro, porque se esperava que a tribulação ocorresse em breve; ou então o presente visa demonstrar que a provação já estava em processo, o que é mais provavelmente correto. Mas por toda esta epístola Pedro mostra que esperava que a provação aumentasse.

...coisa extraordinária... No grego é «zenos», algo «estranho», «surpreendente», «próprio do estrangeiro». Esse termo é usado como substantivo, com o significado de «estranho», «alienado». A perseguição porém, dificilmente é algo surpreendente para o crente. Por isso é que Paulo





representava a presença de Yahweh. Agora Deus desce sobre os discípulos dignos de Cristo, tornando-os sua habitação, e sobre eles derrama o resplendor de sua glória. (Ver Efê. 2:20-22 e as notas expositivas ali existentes sobre esse conceito). O fato que Deus vem habitar nos crentes tem o propósito de duplicar neles a natureza de Cristo. Ora, essa natureza é gloriosa, pelo que a glória eterna lhes é outorgada assim.

O original grego é aqui um tanto difícil, admitindo duas traduções diferentes, a saber: 1. «O Espírito da glória, sim, o Espírito de Deus», (tradução essa que faz com que «glória» e «Deus» se reflam ao Espírito. Por isso explica Bigg (*in loc.*): «Ele é o Espírito que nos capacita a glorificar a Deus mediante o sofrimento. Ele repousa sobre o crente como a shekinah repousava sobre o tabernáculo, dando-lhe uma prelibação... daquela glória que será plenamente dada quando da revelação». 2. Outros estudiosos pensam que essas palavras significam «O Espírito da Glória e de Deus». Isso nos força a tentar definir a palavra «glória»: a. Alguns entendem que Cristo é a glória pessoal e revelada de Deus. Nesse caso, o Espírito é retratado como quem revela Cristo ao crente, primeiramente no sofrimento, e então quando de sua revelação. b. Ou a «glória» pode ter aqui um sentido impessoal, indicando a glória conferida ao crente, o «enchimento divinos», a «presença divina». Qualquer dessas duas possibilidades dá um bom sentido. Mas os intérpretes parecem preferir o primeiro caso. c. A «glória» também poderia indicar a «glorificação» futura do crente, em Cristo, como operação do Espírito Santo.

...*Esprito de Deus...* (Quanto a notas expositivas completas sobre o «Espírito Santo», ver Rom. 8:1, onde também são alistados os seus muitos títulos).

*Variante Textual:* As palavras «e da poder» são acrescentadas à palavra «glória» nos mss Alaph, A e em vários outros manuscritos posteriores, como também nos mss latinos a, c, g, h, no Si, no Sal e em alguns dos escritos dos pais da Igreja. Entretanto, tais palavras são omitidas dos manuscritos

15 *μη γάρ τις ὑμῶν πασχέτω ὡς φονεὺς ἢ κλέπτης ἢ κακοποιὸς ἢ ὡς ἀλλοτριεπίσκοπος*

4:15: *Que nenhum de vós, intrinseco, paduca como homicida, ou ladrão, ou malfaitar, ou como quem se intrinseca em negócios alheios;*

A lista é estranha, pois começa pelos piores pecados, como o assassinio e termina com pecados relativamente sem importância, como o de intrinseca-se em negócios alheios. Evidentemente Pedro não esperava que crentes chegassem a tornar-se assassinos, sendo então «perseguidos» por isso, e não devido à sua lealdade a Cristo. Provavelmente ele apresenta aqui uma lista representativa de pecados, que poderia causar sofrimentos. Naturalmente, alguns cristãos professam, matam, e até mesmo mestres e membros fiéis da igreja chegam a tornar-se homicidas; mas isso é caso muito raro.

Pedro coloca o dedo sobre um nervo psicológico. Há pessoas que lançam a culpa de seus sofrimentos por serem leais a Cristo, ao invés de admitirem suas faltas e se arrependem. Pedro dá a entender que o indivíduo que normalmente é bom e pratica o bem não sofre dano (ver I Ped. 3:13); contudo, se vier a sofrer, deve certificar-se que não merece tal castigo, por sua pecaminosidade (ver I Ped. 2:20). «Pois, que glória há, se pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência?»

...*assassino...* No grego é «*phoneus*», «homicida». Essa palavra figura nas listas de vícios, como em Apo. 21:8 e 22:15. Está em foco o assassinato literal de alguém, e não o mero «assassinio de caráter». Naturalmente, este também é um pecado muito sério, provocado pela língua caluniadora; e muitos crentes se tornam culpados do mesmo.

...*ladrão...* É possível que certos crentes, que tinham essa mancha de caráter no paganismo, fossem tentados a voltar ocasionalmente a seu antigo vício. Esses certamente criariam problemas para si mesmos, sofrendo legalmente às mãos das autoridades civis. Tais crentes não deveriam ser presunçosos, lançando a culpa do seu sofrimento à sua lealdade a Cristo.

...*malfaitor...* No grego é «*kakopoios*», cuja raiz verbal é «*kakopoieo*», «fazer mal», «prejudicar». Trata-se de palavra de sentido bem geral, podendo incluir quaisquer tipos de males praticados; era termo aplicado até

16 *εἰ δὲ ὡς Χριστιανός, μὴ αἰσχυνέσθω, δοξαζέτω δὲ τὸν θεὸν ἐν τῷ ὀνόματι τοῦτω.*

16 *Χριστιανός* *Χρηστὴ* K<sup>o</sup> | *ονοματι* *μερει* KLP *ρη* c  
4:16: *mas, se paduca como cristão, não se envergonhe, antes glifique a Deus nesta nome.*

A mera profissão do cristianismo é vista como um «crime», neste ponto. Por causa disso, alguns eruditos dão a esta epístola uma data tardia, porquanto essa atitude só se tornou «oficial» em cerca de 110 D.C. em diante, conforme sabemos pela correspondência de Plínio com o imperador Trajano. Porém, muito antes de qualquer oposição oficial contra o cristianismo, como se este fosse uma «religião ilícita» (e, portanto, traíçoeira), já era uma desgraça a alguém identificar-se com os «cristãos».

...*cristão...* Originalmente, isso era apenas um apelido, que significava «partidário de Cristo». Tornou-se corrente em Antioquia da Síria, pelos meados do primeiro século da era cristã. (Ver Atos 11:26). Portanto, facilmente poderia ser de uso comum na Ásia Menor quinze anos mais tarde. Assim sendo, nenhuma «data posterior» precisa ser imaginada para esta epístola. (Ver a seção III da introdução a esta epístola onde há completa discussão sobre a «data» da mesma. Notas expositivas completas sobre o termo «cristão» aparecem em Atos 11:26. Ver também Atos 26:28). Esta palavra figura por três vezes nas páginas do N.T. Pela época de Inácio (início do segundo século), evidentemente essa palavra perdeu sua idéia pejorativa, porquanto seus escritos mostram que era termo comumente usado pelos próprios crentes. (Ver Efésios xi:2; Romanos iii e Policarpo vii). O uso que Pedro faz do termo mostra que embora os pagãos o usassem pejorativamente, o título era aceitável pela comunidade cristã, e nenhum crente se sentia envergonhado por ser assim chamado.

...*sofrer...* Palavra geral, que não indica, necessariamente, «sofrer às

realmente antigas, como P(72), BK, Pal, 049, 330 e nos escritos de Tertuliano, Efrêmio, Cirilo e Fulgêncio, pais da igreja. A adição mui provavelmente é um adorno homilético apenas.

...*repousa...* Essa palavra dá a idéia de uma permanência proposital. O Senhor terá encontrado então, nos seres humanos, o seu descanso, pois assim se cumprirá a vontade de Deus relativa à redenção humana. Esse descanso será glorioso, segundo se vê em Isa. 11:10. No dizer de Mason (*in loc.*): «Expressa o total repouso e a satisfação com que o Espírito da glória repousa sobre os homens que possuem corações de mártires». Notemos que a paciência e as forças para sofrer a perseguição, mantendo a mente na glória que está sendo operada, não surgem naturalmente nos homens. É operação do Espírito Santo, no nível da alma.

*A segunda crença:* Cremos em muitas doutrinas bíblicas porque elas nos têm sido ensinadas; mas nunca as experimentamos ainda. Quando, mediante a experiência espiritual, aprendemos o que significam, cremos pela segunda vez, dessa vez ao nível da alma. Aqueles que com razão temiam a perseguição e o martírio, ao enfrentarem tal prova, descobriam que, de fato, lhes era dada a força necessária para resistirem. Não precisa o crente de forças para morrer, até que chega o momento decisivo. Naquele momento, ele crê pela segunda vez. Sua alma se satisfaz; o triunfo é obtido.

*Variante Textual:* As palavras «...da parte deles, ele é vilpendido, mas, de vossa parte, ele é glorificado...», figuram nos mss KLP, Psi e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, como também no It(iz 65), na Vg, no Si(h) e no Cóp(αα) (Cóp (ba) somente alguns manuscritos), sendo também citadas pelo pai da igreja Cipriano. Porém, são omitidas nos manuscritos mais antigos e dignos de confiança, como P(72), Alaph, AB e nos escritos de Tertuliano, quando ele se refere a este texto. Embora essas palavras talvez tenham sido acidentalmente omitidas, devido ao fenômeno da parablesis («ata... substituído pelo seguinte «ata», tendo os olhos do escriba saltado por cima de várias palavras), o mais provável é que a adição tenha sido outra glosa escrital.

mesmo aos «criminosos». Pedro avisa aqui a seus leitores que o estado já estava de vigia, procurando traidores em potencial. Deveriam evitar toda espécie de malfeito, cuidando em obedecer às leis humanas e respeitando os direitos alheios.

...*se intrinseca em negócio de outrem...* Isso traduz um único termo grego, «*allotrioeπισκοπος*», que tem o sentido simples de «intrinsetido», pessoa que se mete onde não lhe compete. Moffatt traduz por «revolucionário» e Julicher por «informante», o que daria a idéia de uma intrinsecação «política». Nesse caso, Pedro estaria advertindo contra o imiscuir-se na política, contra o aliar-se a algum movimento revolucionário. Certamente isso seria fatal para os cristãos primitivos. Porém, o sentido literal da palavra algumas vezes dá a idéia de «supervisor do que pertence a outros». Portanto, «intrinsetido» é uma boa tradução. O aviso não parece ser contra o evangelismo por demais zeloso, que ofendia aos pagãos. Também não parece indicar «ter profissão ou negócio estranho à profissão cristã»; e nem «cobiciar o dinheiro de outros», significados esses que vários intérpretes têm dado a esse vocábulo grego. Alguns interpretam-no «eclesiasticamente», como se os bispos ou supervisores cristãos que saem de suas províncias e se imiscuem nas províncias de outros, estivessem em foco. Mas dificilmente isso é o que está em foco aqui. Esse vocábulo não tem sido achado fora deste versículo, exceto em obras eclesiásticas posteriores, baseadas no presente texto. Talvez Pedro tenha cunhado essa palavra (isto é, Silvano, seu amanuense). Passagens provavelmente paralelas, no N.T., são I Tes. 4:11; 5:13; II Tes. 3:11, que condenam a maledicência, a intrinseca, etc.

«Essa palavra denota aquelas pessoas espíais e importantes a seus próprios olhos, que imaginam que podem endireitar tudo, e que toda a pessoa com quem se encontram está debaixo de sua jurisdição pessoal. Tais pessoas tendem por tornar o cristianismo impopular entre os incrédulos; e, em caso de perseguição, seriam as primeiras a ser atingidas». (Mason, *in loc.*).

mãos das autoridades», embora esse sentido também possa ser incluído, porquanto Pedro antecipava um estado de perseguição direta para breve.

...*não se envergonhe disso...* O Senhor crucificado foi desprezado e ridicularizado. Plínio referiu-se ao cristianismo como uma superstição estranha. A crucificação nem ao menos era mencionada na polida sociedade romana; e agora surgia aquele bando de religiosos proclamando um «Senhor crucificado», fazendo dele Salvador divino e universal! Os judeus, por sua parte, simplesmente não podiam ver qualquer valor no conceito do «Messias-Servo Sofredor». (Ver Atos 3:18 e as notas expositivas ali existentes, sobre esse conceito judaico).

Assim sendo, vemos que houve um «opróbrio» que caiu sobre os aderentes do Senhor Jesus. Algumas vezes escárnios e observações cortantes são mais difíceis de tolerar que as ofensas físicas. Os crentes devem acostumar-se a sofrer de ambos os tipos de ataque.

*Reprimenda universal, muito pior de suportar que a Violência.*

(Milton, *Paraiso Perdido*, livro viii, 1.34).

As observações ferinas podem chegar ao âmago mesmo da vida da pessoa, pois todos nós anelamos pela aceitação da parte de nossos semelhantes. O ridículo cria a solidão, o isolamento, e, algumas vezes, até mesmo o desespero. Mas, nada disso terá valor, contanto que a «shakinah» ou glória de Deus realmente repousa sobre nós—isso nos serve de compensação suficiente.

O próprio Pedro, certa ocasião, se envergonhara de seu Senhor; ficou



abalado ante a reprimenda de uma simples criada (ver Marc. 14:68). Essa vergonha se tornou perversidade quando ele começou a jurar e a amaldiçoar. Mas, quão diferente estava agora o apóstolo. Não estremecia diante da espada de Nero. À semelhança de Paulo, Pedro não se envergonhava do evangelho de Cristo (ver Rom. 1:16).

...antes, glorifique a Deus com esse nome... Por toda a parte o N.T. mostra que a glória deve ser dada a Deus por meio de Cristo, porquanto Cristo é o arquétipo de toda a existência humana, o Filho que está sendo duplicado nos filhos de Deus. Assim sendo, é bom que soframos «por seu nome», que pratiquemos o bem em «seu nome», que puguemos a boa mensagem ao mundo perdido «em seu nome», e que sejamos transformados segundo a sua imagem, «por causa do seu nome». Os crentes deveriam usar sua posição e sua reputação de «cristãos» para trazer glória positiva a Deus: mediante a consciência e a paciência debaixo do sofrimento; através das boas obras, que contradizem as zombarias lançadas contra eles. Assim haveriam de exaltar o desprezado nome de Cristo, que alguns pagãos ímpios

17 ὅτι [ὁ] καιρὸς τοῦ ἄρξασθαι τὸ κρίμα ἀπὸ τοῦ οἴκου τοῦ θεοῦ· εἰ δὲ πρῶτον ἀφ' ἡμῶν, τί τὸ τέλος τῶν ἀπειθούντων τῷ τοῦ θεοῦ εὐαγγελίῳ;

17 ο] om KA al | ημων] υμ- N\* 69 al

4:17: Porque já é tempo que comecem a julgamento pela casa de Deus; e se começam por nós, qual será o fim daqueles que desobedecem ao evangelho de Deus?

Dois coisas se destacam nessas palavras concernentes ao julgamento da casa de Deus, a saber: 1. Pedro encarava o juízo como algo que, em parte, purificava, algo de que a igreja precisa, para seu aprimoramento, tal e qual se deu no caso da nação de Israel. Assim também, no décimo segundo versículo, a prova ardente é a chama da refinação. Isso subentende que a igreja possui impurezas que precisam ser expurgadas. Portanto, a perseguição que surge somente devido à vontade de homens iníquos, também é o açoitio de Deus. 2. Além disso, o julgamento que terá lugar na «parousia» ou segundo advento de Cristo, é visto como algo que já tinha tido começo na igreja de Deus, através da perseguição contra os crentes. Assim, pois, é como se Pedro estivesse dizendo: «Se vós, os filhos da família de Deus, tendes de ser sujeitados a tais provações morais, por causa do pecado, quão mais terrível deverá ser a condenação dos adversários de Deus—aquela condenação da qual a sua misericórdia vos salvou!» (Hunter, *in loc.*).

O fato que o julgamento podia ser visto como algo que já tinha começado, na forma de perseguições, mostra-nos que Pedro esperava que a «parousia» ou segunda vinda de Cristo ocorreria para breve, pois esse acontecimento, sem provocar qualquer interrupção, será a continuação do juízo divino.

...casa de Deus... Está em foco a igreja cristã, a família composta dos filhos de Deus. (Quanto a esse simbolismo, ver as notas expositivas em Ef. 2:19). A igreja é constituída pela «família» que ocupa a casa; mas também é a própria casa, formada de «pedras vivas». (Quanto a esse simbolismo, ver I Ped. 2:5). A igreja é o «novo templo» onde Deus manifesta a sua glória. Algumas vezes até a casa de Deus precisa de limpeza, de ser posta em ordem. A perseguição pode preencher essas necessidades. Tal ensino é duro, mas é veraz.

...qual será o fim... Pedro queria dizer: «Qual será a natureza do julgamento dos ímpios, se o julgamento dos crentes é tão temível? Certamente será mais temível ainda». Mas o apóstolo não quis dar a entender que não será misturado com a misericórdia, pois nos trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6 ele mostra que o juízo será temperado pela misericórdia. (Ver Col. 3:16 e suas respectivas notas expositivas sobre a «ira de Deus»).

...não obedecem ao evangelho de Deus... (Quanto à «desobediência ao evangelho», ver as notas expositivas em II Tes. 1:8). O trecho de II Tes. 3:14 é equivalente a esta declaração, onde o termo «palavra» substitui «evangelho», e onde a «palavra» não é obedecida. Consideremos os pontos seguintes: 1. Não obedecer ao evangelho é, primeiramente, recusar-se a confiar em Cristo; essa é a desobediência primária, porquanto Deus enviou

18 καὶ εἰ ὁ δίκαιος μόλις σφίζεται, ὁ ἀσεβὴς καὶ ἁμαρτωλὸς πῶς φανεῖται;

18 Pt 11,31 ixx

4:18: E se o justo dificilmente se salva, ainda mais perecerá o ímpio pecador?

Temos aqui uma citação direta extraída de Pro. 11:31 (segundo a Septuaginta—tradução do original hebraico do A.T. para o grego, terminada algum tempo antes da era apostólica). A porta é apertada e o caminho é estreito, e não admitem passagem fácil (ver Mat. 7:14). Pedro sabia, por experiência pessoal, qual o poder do Maligno, pois ele mesmo teria sido «peneirado» por Satanás, se o próprio Senhor Jesus não tivesse feito intervenção. Contudo, o que é «impossível para os homens é possível para Deus» (ver Luc. 18:27); pelo que até mesmo o pior dos pecadores não precisa desesperar-se.

«Quando ele (Pedro) diz que 'o justo com dificuldade é salvo', alude às dificuldades desta vida, pois nosso curso no mundo é como perigosa viagem marítima, entre muitas tochas, sujeita a muitas tempestades e furacões; e assim ninguém chega ao porto, a não ser que tenha escapado de mil mortes. Nesse ínterim, é certo que seremos guiados pela mão de Deus, não correndo perigo de naufragar enquanto o tivermos como nosso piloto». (Calvino, *in loc.*).

...com dificuldade... salvo... Em que sentido? 1. Por causa das tentações, desastres e perigos que nos esperam no caminho, como também da dificuldade de atingir o porto de descanso, devido a esses percalços. Muitos começam, mas poucos terminam a viagem. 2. Talvez esteja incluída a idéia de «salvo por pouco», ou seja «como que através do fogo», uma salvação mínima, sem grande recompensa, segundo se vê em I Cor. 3:15; mas a outra idéia é mais central. 3. Não há aqui qualquer indicio de que o crente é salvo pelos seus próprios esforços, embora possa deixar de corresponder à graça de Deus, se for conduzido pelas atrações do mundo.

queriam lançar contra eles. Mediante suas ações, os crentes deveriam retirar o sentido negativo do nome de «cristão». Quando esse nome fosse proferido, deveria dar a idéia de um povo humilde e bom, zeloso de boas obras, altruísta e gentil. Essa «visão» sobre o que quer dizer o «nome de cristão» haveria de ir apagando o sentido negativo que, originalmente, os pagãos lhe tinham conferido. Naturalmente, isso foi exatamente o que aconteceu.

Variante Textual: Ao invés das palavras «sob esse nome» (ou «com esse nome»), os mss KLP e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, dizem, «em seu favor», ou que parece referir-se de volta à designação «cristão», ou que pode indicar «em favor de Cristo», «em favor desse homem». Seja como for, essa forma não é a original, pelo que não interessa grandemente o que ela significa. Os mss P(72), Aleph, AB, a maioria das versões e os escritos dos pais da igreja, dizem «nome», que se refere de volta ao nome de «cristão», que servia de marca identificadora dos seguidores do Senhor Jesus.

\*\*\*

17 τοῦ ἄρξασθαι...θεοῦ Jr 26 20; Em 9 6 τῶν...εὐαγγελίῳ 2 Tb 1 8

o Salvador para que os homens nele cressem. 2. Porém, as «exigências morais» do evangelho também estão em pauta. O evangelho requer do homem uma revolução moral, uma mudança radical. Isso se reflete na vida diária deles, em seus motivos e em seus alvos na vida. Mas os homens, ao negligenciarem e se oporem ao evangelho, não atendem às suas exigências morais, tornando-se desobedientes ao mesmo. A própria retidão de Deus deve tornar-se a retidão do homem, através da transformação deste segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 3:21); e sem isso ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). No entanto, os homens se recusam a entregar-se aos cuidados de Cristo, para que na sua imagem sejam transformados—e assim desobedecem ao evangelho.

\*\*\*

...evangelho de Deus... (Ver Rom. 1:1; 15:16; II Cor. 11:7; I Tes. 2:8,9 quanto a outros usos desta expressão). O evangelho são as «boas novas», mediadas por intermédio de Cristo, pelo que normalmente é intitulado «evangelho de Cristo». (Ver Rom. 15:19,29; II Cor. 2:12 e Fil. 1:27 quanto a essa expressão. Ver «evangelho de Jesus Cristo», em Marc. 1:1; e ver «evangelho da graça de Deus», em Atos 20:24. O trecho de Rom. 1:16 encerra a nota de sumário sobre o «evangelho»). Comparar a mensagem deste versículo com os trechos de Jer. 25:15 e ss. e Sof. 1 e 2, quanto ao conceito que o «dia do Senhor» virá primeiramente a Jerusalém, e então a outras áreas, em círculos concêntricos cada vez maiores, até abarcar a terra inteira.

Alguns estudiosos viam o juízo à luz da destruição da cidade de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C., o que ocorreu pouco depois da presente epístola ter sido escrita. Mas essa interpretação é impossível, pois os judeus não são os únicos que seriam julgados. Antes, todos os homens desobedientes serão julgados; e esse julgamento estava próximo, porquanto já tinha começado pela casa de Deus. Outrossim, o que sucedeu em Jerusalém dificilmente serviu de qualquer ameaça contra os incrédulos (na sua maioria, gentios) que viviam na Ásia Menor. Pode ter havido nisso, entretanto, certo tom profético. O juízo sobrevirá ao mundo, quando da Grande Tribulação, primeiramente atingiria a igreja, na forma de perseguições. Os rabinos ensinavam como uma máxima que quando Deus se prepara para julgar aos ímpios, primeiramente limpa a sua casa. O juízo é uma espada de dois gumes. Primeiramente corta aos retos, e então aos iníquos. Assim também é apresentado o princípio geral no Talmude, em Talmude Babilônico *Bava Kama*, fol. 60.1; *Caphtor*, fol. 70.2; *Jarchi* sobre Núm. 179, apud Grotium *in loc.*

18 δε B\* 674 pc sy<sup>h</sup> om KA al vg sy<sup>p</sup> 61 R

Notemos o contraste dessas palavras com o que se lê em II Ped. 1:11: «...desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Mas essa entrada ampla só é dada a quem se mostra diligente em fazer «certo seu chamamento e eleição», conforme se lê no versículo anterior. Então é que o crente não fracassará. Essas declarações trazem-nos à mente o problema da «segurança eterna» versus «possibilidade de queda». (Ver as notas expositivas em Rom. 8:39 quanto a um estudo completo sobre esse problema). Este comentário assume a posição que a «queda» é relativa, embora perfeitamente possível. Em outras palavras, o crente verdadeiro pode cair; mas isso será apenas por algum tempo, sendo trazido de volta ao redil durante sua vida mortal ou em alguma esfera espiritual após o sepulcro. Mas a «segurança» do crente é absoluta, ou seja, todos aqueles que tiverem confiado em Cristo, embora caiam, serão finalmente trazidos de volta ao Senhor. Essa é a sua promessa.

...o ímpio... No grego é «asebes», que significa «homem ímpio», dando a idéia de desprezo a Deus e a tudo quanto lhe pertence. Os perseguidores dos crentes são classificados entre esses.

...o pecador... O termo grego comum, «amartolos» é aqui usado. Indicava toda a espécie de errados, de malfetores, de pecadores. O seu sentido básico é «quem erra o alvo»; neste caso, os que erram o alvo da retidão exigida por Deus. Mas tal vocábulo era freqüentemente usado sem qualquer sentido original. Portanto, estão em foco todos os obreiros da iniquidade. Estão indicados os adeptos do pecado, dos vícios, o que inclui praticamente todos os homens. Tanto os ímpios como os pecadores «desobedecem ao evangelho de Deus» (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo).

...onde vai comparecer...? Certamente não comparecerão diante do  
 19 ὡστε καὶ οἱ πάσχοντες κατὰ τὸ θέλημα τοῦ θεοῦ πιστῶ κτίστη παρατιθέσθωσαν τὰς ψυχὰς  
 αὐτῶν ἐν ἀγαθοποιίᾳ. 19 πιστῶ... αὐτῶν Ph 31.5

4:19: Portanto os que sofrem segundo a vontade do Deus confiam as suas almas ao  
 fiel Criador, praticando a bem.

A viagem só poderá ficar completa e terminar em segurança se o indivíduo entregar sua alma aos cuidados de Cristo, que é a atitude que chamamos de «fé» (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 11:1). O castigo de Deus, sofrido parcialmente nas perseguições, não visa afastar-nos dele. Antes, seu propósito é fazer-nos aproximar do Senhor, para nos dedicarmos mais ainda aos interesses do mundo eterno.

...sofrem segundo a vontade de Deus... isto é, as perseguições não nos sobrevêm ao acaso, mas antes, tornam-se o fogo purificador do ouro, para que este adquira ainda maior valor; ou o acóite de Deus, em sua casa, leva seus filhos à total obediência. Deus decretou tais sofrimentos. (Ver Atos 14:22, quanto aos resultados benéficos das tribulações e perseguições, nas notas expositivas ali existentes. Ver Heb. 12:6 e s. quanto ao tema da necessidade que Deus tem de usar de castigo entre seus filhos. O sexto versículo dessa passagem declara que tudo isso é realizado em «amor», para «benefício» dos «filhos», a fim de que a santidade de Deus possa ser formada neles, e cheguem eles à glória eterna). Assim se sumaria o «motivo dos sofrimentos dos crentes». É medida disciplinadora, e pode ser altamente benéfica quando é sofrida na atitude correta. Nunca sucede por mero acaso; por detrás do sofrimento do crente brilha a «vontade do Pai».

...encomendem suas almas ao fiel Criador... Podemos outorgar nossas almas a seu cuidado, porquanto nele se encontra o manancial da vida. Cristo não deu a sua vida sem razão, e certamente não nos deixará sofrer sem razão. Tem um desígnio benigno para tudo isso. Confiamos nele quanto a isso. Visto ele ter-nos dado a vida física, de modo algum nos negará a vida espiritual, que nos capacita entrar na herança eterna. De fato, a criação original teve seu propósito, que foi o de armar o palco para a criação espiritual. Da criação física emergirá a espiritual. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito em João 1:4). A vida se torna «luz», ou seja, «vida iluminada», uma vida de alto nível, uma vida diferente, superior.

O Senhor Jesus nos deixou o exemplo supremo a esse respeito. Nos seus momentos de mais severa tribulação, ao ponto da morte, ele entregou a alma ao Pai, o qual é o Criador. (Ver Luc. 23:46).

...encomendem... Palavra que significa «entregar como um depósito», para ser guardado em segurança. Trata-se da mesma palavra usada no trecho de Luc. 23:46, que acabamos de mencionar. Nos escritos clássicos, era um vocábulo bancário; de outras vezes, indicava um amigo «entregando» a outro algum tesouro, para ser guardado em segurança. «...sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia» (II Tim. 1:12).

...na prática do bem... Consideremos os pontos seguintes: 1. Essa outorga tem um «sinal» de que é real, de que se busca a vida piedosa. Não basta dizermos com os lábios que a outorga foi feita. A vida diária deve comprovar tal outorga. 2. Outrossim, a vida piedosa é, por si mesma, a

## VI. O Sofrimento dos Crentes (4:12-5:11)

### 2. Exortação aos Anciãos (5:1-5).

Em tempos de sofrimento, os anciãos ou líderes da igreja, recebem uma responsabilidade especial. Devem continuar praticando, com toda a diligência, aquilo que concorda com seus deveres de subpastores, sob as ordens do Supremo Pastor. «O rebanho precisará mais do que nunca de vosso cuidado e proteção. Mais do que nunca deveis prover isso livre e generosamente, e não a fim de tirardes lucro. Não deveis ceder a tentação de serdes ditadores, como se fôsseis pequenos deuses na igreja, mas deveis dar exemplo do que Cristo pode fazer por um homem, nesta vida. Se assim agirdes, o Pastor Supremo, ao retornar, certamente vos dará a coroa de glória, que nunca se resseca. Promovei entre os irmãos um espírito de respeito mútuo—e de submissão, porquanto Deus resiste aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes».

«Sumário. Eu, Pedro, ancião e testemunha convosco dos sofrimentos de Cristo, recomendo aos anciãos que pastoreiem fiel e altruisticamente o rebanho de Deus. Que os mais jovens se submetam a eles; e que haja entre todos a deferência mútua».

5 Πρεσβυτέρους οὖν ἐν ὑμῖν παρακαλῶ ὁ συμπρεσβύτερος καὶ μάρτυς τῶν τοῦ Χριστοῦ παθημάτων, ὁ καὶ τῆς μελλούσης ἀποκαλύπτεισθαι δόξης κοινωνός.\*

\* I a minor: TR WH Box Nee BF<sup>3</sup> AV RV ASV TT Zor Luth 86a f a major: RSV NEB Jer

5. 1 ou] om KLP I pm c: add τοὺς NKLP I pl lat c | o 1<sup>a</sup>] ou P I al sy<sup>3</sup> 1a

5:1: Aos anciãos, pois, que há entre vós, digo eu, que sou ancião com eles o  
 testemunha dos sofrimentos de Cristo, o participante da glória que se há de revelar:

...presbíteros... (Quanto a notas expositivas sobre os «anciãos» ou oficiais da igreja, ver Atos 11:30 e I Tim. 5:17. A história do desenvolvimento desse ofício está incluída nessas notas. Quanto à distinção entre «ancião» e «bispo», ver a nota de introdução a I Tim. 5:17. Quanto ao «presbítero», ver I Tim. 4:14). Até mesmo dentro do próprio N.T. há um desenvolvimento de ofício eclesiástico, de tal modo que pelo tempo em que foram escritas as chamadas «epístolas pastorais», havia «anciãos» que se tinham tornado «bispos» ou «supervisores», exercendo autoridade não apenas sobre alguma congregação local, mas sobre áreas inteiras. No entanto, naquelas epístolas o quadro não é tão rígido como nas epístolas de Inácio, escritas no começo do segundo século D.C. No período do N.T. a posseção e o exercício dos dons espirituais eram o fator principal na distribuição de ofícios eclesiásticos; mais tarde, porém, essa consideração passou a lugar secundário, e assim veio para o primeiro plano a maquinaria eclesiástica. Precisamos urgentemente do retorno à norma da igreja primitiva, se queremos ter verdadeiros pastores, verdadeiros mestres, etc.

Nas páginas do N.T., os «anciãos» eram os pastores das igrejas locais. E

porto seguro; mas encontrarão a ira de Deus.

19 Θεοῦ] add ou KLP 33 pl sy c | αγαθοποιου] -ais A 33 1739 al lat sy

outorga presente da alma a Deus, pois disso consiste a «obediência ao evangelho». Um homem não pode viver piedosamente se não tiver entregue sua alma a Cristo. Portanto, a outorga é a garantia de que Deus conservará uma pessoa em segurança. 3. Essa «prática do bem» serve de salvaguarda contra os «desejos carnaís» dos ímpios que nos perseguem, e isso é algo desejável (ver Rom. 12:17). 4. Também pode ser até mesmo o meio de elevarmos o nome de «Cristo» perante os incrédulos, para que cessem de perseguir-nos (conforme é expressa a esperança, em I Ped. 2:13); e também pode tornar-se um meio para a conversão deles (o que talvez esteja subentendido em I Ped. 2:15).

«Ainda que nos sobrevenha o pior...» e podeis morrer como mártires, isso será apenas a execução do plano de Deus a vosso respeito. Considerai a vossa vida um depósito: deixai tudo confiadamente em suas mãos, que vos será devolvido no tempo certo; e assim o estareis considerando fiel, como deve ser o Criador». (Mason, *in loc.*).

«Aquele que estiver empregado no trabalho de Deus, gozará da proteção de Deus. A vereda do dever sempre foi e sempre será o caminho da segurança». (Adam Clarke, *in loc.*).

Este texto ensina-nos que o significado final da vida só pode ser encontrado em Deus. Talvez não soframos, mas temos de enfrentar a morte tão certamente quanto qualquer mártir. Também precisamos entregar nossas almas aos cuidados do Criador benevolente, nosso Pai. Podemos fazer isso agora mesmo, obedecendo ao evangelho, inclusive suas «exigências morais». Aquele que se recusa a isso, não entregou sua alma a Deus. O texto, pois, ensina a suprema necessidade da inquirição espiritual. Somente quando buscamos a sério as realidades espirituais poderemos ter a confiança que a alma será protegida e beneficiada por Deus. De outro modo, a declaração do décimo oitavo versículo poderia aplicar-se a nós: «...onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador?» Convém que busquemos a piedade e a fé, por temor de participarmos do destino dos ímpios.

«Ele (Deus) não somente criou originalmente as nossas almas, mas também as criou em Cristo. E na mesma proporção em que ele é fiel, é de sua bendita vontade terminar em nós a obra iniciada, cumprindo em nós todas as suas promessas. Na qualidade de nosso Criador, ele tem direitos absolutos sobre nós (ver Atos 4:24). ...Ele é o guardião de nossas almas, em quem devemos confiar acima de tudo (ver Sal. 31:6 e Ecl. 12:7)... Sem sua vontade, nem um cabelo de seus filhos poderá ser danificado». (Lange, *in loc.*).

«Na qualidade de fidelíssimo, ele quer preservar aos crentes; na qualidade de Todo-poderoso, ele pode fazê-lo». (Gerhard, *in loc.*).

«A «prática do bem» que garante a proteção do Senhor faz contraste com a «prática do mal», aludido no décimo quinto versículo, contra o que os crentes já tinham sido advertidos, e por causa do que poderiam sofrer às mãos de homens hostis, que desprezavam o nome de «cristão».

## Capítulo 5

deveras interessante que o plural sempre é dado, donde se conclui que a situação de «um só pastor» para cada congregação local ainda não surgira. Os trechos de Apo. 2:1,8,12,18 e 3:1,7,14 falam sobre os «anjos» das igrejas, dando a idéia que cada congregação local tinha seu próprio pastor. E isso talvez indique que pelos fins do século I D.C., a liderança de cada igreja local era ocupada por um homem principal, embora fosse ajudado por outros elementos de menor autoridade. Isso concordaria com o costume judaico, de ter um «presidente» ou «ancião principal» em cada sinagoga, ajudado por outros, é certo, mas investido de maior autoridade. Seja como for, no N.T. não havia tal coisa como ministério pastoral de um homem só, pois em cada igreja local havia vários irmãos espiritualmente dotados (que exerciam dons e ministérios espirituais) que se tornavam os líderes naturais em cada igreja. A perda desses dons espirituais criou a necessidade de um clero profissional.

Em tempos de perseguição, os líderes da igreja precisarão de todas as qualificações a seu dispor; mas, particularmente, precisam do poder e do consolo do Espírito Santo. A igreja esperará deles a liderança caracterizada por essas qualidades. A presente seção instrui a esses líderes que guiem a igreja através de seus momentos negros e difíceis.



No primeiro versículo deste capítulo, os «presbíteros» certamente são os «pastores» ou «oficiais» da igreja. No quinto versículo, talvez a palavra tenha sido usada para indicar apenas os «velhos»; porém, até mesmo nesse caso é possível estarem em vista os oficiais da igreja, embora retratados como homens «idosos», que exigem o respeito dos mais jovens.

«...eu, presbítero com eles...» Pedro não salienta diretamente a sua autoridade apostólica. Ele se classifica juntamente com os «presbíteros» ou «anciãos». Mas ao mencionar que ele era testemunha ocular dos sofrimentos de Cristo, estabelece a distinção entre ele mesmo e os demais. Ele era um *ancião chefe*, dotado da alta comissão de testemunha ocular, desde os primórdios do evangelho cristão. Assim, os apóstolos tinham de ser «testemunhas oculares» (ver Atos 1:21 e ss.). Seu uso aqui, pois, é um equivalente virtual à imposição de sua autoridade sobre eles, como «apóstolo». Contudo, ele levanta a importância do ofício deles como «anciãos», ao classificá-los juntamente com eles. Seja como for, todos eles, incluindo Pedro, estavam ocupados na tarefa de guiar, de alimentar e de consolar ao rebanho do Senhor.

«...testemunha dos sofrimentos de Cristo...» Pedro mostra agora que a sua autoridade não deveria ser desprezada, pois, na qualidade de testemunha ocular, ele era um apóstolo, dotado de uma sagrada comissão. A palavra «testemunha» não significa «colega pregador» dos sofrimentos de Cristo (juntamente com os líderes das igrejas da Ásia Menor), e nem que os sofrimentos de que ele testificava eram os «seus próprios sofrimentos», vistos como uma participação nos sofrimentos de Cristo. Devemos considerar a declaração em seu sentido mais natural: o autor afirma ter visto pessoalmente os sofrimentos do Senhor; e isso fez dele um «ancião» com mais autoridade do que os da Ásia Menor.

«...co-participante da glória...» Em 1 Ped. 4:13 o princípio de que a participação nos sofrimentos de Cristo também é a participação em sua glória, é anunciado. Isso é reiterado agora. Alguns intérpretes vêem aqui uma alusão à «transfiguração» (outros dizem ressurreição) como se Pedro estivesse lembrando a seus leitores que ele já vira Cristo na glória, em forma preliminar, um privilégio conferido a pouquíssimos homens. Pedro, pois, deve ser visto como alguém a quem foi prometida participação toda especial na glória do Senhor, quando ele voltar, acima da maioria dos homens. Ele recebeu uma prelibação da glória de Cristo como poucos

2 ποιμάνετε τὸ ἐν ὑμῖν ποίμνιον τοῦ θεοῦ, [ἐπισκοποῦντες] μὴ ἀναγκαστῶς ἀλλὰ ἐκουσίως κατὰ θεόν<sup>1</sup>,  
μηδὲ αἰσχροκερδῶς ἀλλὰ προθύμως,

<sup>1</sup> 2 [C]: ἐπισκοποῦντες μὴ ἀναγκαστῶς ἀλλὰ ἐκουσίως κατὰ θεόν N<sup>a</sup> P<sup>a</sup> Ψ 33 81 104 181 270<sup>m</sup> 436 (614 630 2412 2493 ἐπισκοπεύοντες 945 1241 1506 1739 1881) [ἐπισκοπῶντες ἀπὸ τοῦ θεοῦ] vg syr<sup>h</sup> (syr<sup>p</sup> ἐπισκοποῦντες πνευματικῶς ἀπὸ τοῦ θεοῦ) cop<sup>m</sup> arto eth Antiochus John-Daniuscu

2 ποιμάνετε...θεοῦ Jo 21:16-17; Ac 20:38

É difícil decidir se se deve seguir a autoridade de importantes testemunhos como N<sup>a</sup> B 33 *al*, e reputar a inclusão de ἐπισκοποῦντες em p<sup>73</sup> N<sup>3</sup> A e a maioria dos demais testemunhos como expansão exegética (talvez feita em consonância com o 2:25), ou se o texto mais breve é o resultado de excisão deliberada, impelida ou por considerações de estilo (a saber, que após ποιμάνετε o termo é redundante) ou por convicção eclesiástica (a saber, que Pedro jamais poderia ter admoestado presbíteros (vs. 1) a exercerem a função de bispos). A fim de representar o equilíbrio da evidência externa e das probabilidades de transcrição, a comissão decidiu incluir a palavra (a qual se presta bem para o gosto do autor sagrado por participios), mas entre colchetes, a fim de indicar certa dose de dúvida que pertence ao texto. A frase κατὰ θεόν, que figura em certa variedade de testemunhos, que representam vários tipos de texto (p<sup>73</sup> N<sup>a</sup> A P Ψ 33 81 1739 it (h,r) vg sir (h) cop (sa,bo) ara etí (Espéculo)), é omitida em B K L maioria dos minúsculos sir (p), talvez porque copistas acharam difícil entender seu sentido exato (i.e., «segundo (a vontade de) Deus»).

5:12: Apacentar e rebanho de Deus, que está entre vós, não por força, mas espontaneamente seguindo a vontade de Deus; sem por força ganhar, mas de boa vontade;

«...Pastoreai o rebanho de Deus...» Não podemos deixar de lembrar as palavras de Cristo a Pedro: «Alimenta minhas ovelhas... alimenta os meus cordeiros» (João 21:15, 16). Isso exigia um serviço dedicado, baseado na disposição espiritual que se origina do amor a Cristo, conforme o indica o contexto daquela passagem. Indica o seguinte: 1. Ensino; 2. consolo; 3. proteção; 4. transmissão do amor de Cristo ao povo de Deus. Em outras palavras, está envolvido tudo quanto faz parte de ser alguém líder da igreja cristã, o que faz o pastor manusear com questões eternas, como objeto de sua vida diária. Em períodos de perseguição, o ministério de consolo e exortação à constância tomava o primeiro lugar. Nesses períodos, o pastor deve preocupar-se ternamente por seu rebanho. Ora, isso não pode ser realizado à parte do amor de Cristo e do amor aos homens, como a inspiração da parte de seu Santo Espírito. (Ver Gál. 5:22 e II Cor. 5:14).

«...rebanho de Deus...» Na tradição hebreu-cristã, é comum pintar a comunidade religiosa como um «rebanho de ovelhas». Assim, as alusões a pastores e ovelhas, no Antigo e no Novo Testamentos são numerosas. (Ver Isa. 40:11; Salmos 23,80 e 95; Núm. 27:17; I Reis 22:17; II Sam. 5:2; 7:7; Jer. 12:10; Eze. 34:1 e ss.; Zac. 11:16 e ss.; João 10:11-18 e Luc. 19:10). As ovelhas servem de boa ilustração dos crentes. Os crentes são impotentes em períodos de perigo, a menos que o divino Pastor os socorra; são conduzidos e amados pelos pastores. No entanto, tendem por desviar-se; são sujeitos às explorações de pastores falsos e sem escrúpulos. A segurança e o bem-estar dos crentes depende, em última análise, do divino Pastor. Mas este se interessa especialmente por eles, individualmente.

Os subpastores, por sua vez, devem exibir essas mesmas qualidades exemplificadas pelo Supremo Pastor. E, se assim agirem, grande será a recompensa dos mesmos. Mas o serviço deve ser prestado no mesmo espírito e do mesmo modo que o Supremo Pastor serviu; e é exatamente isso que agora Pedro passa a descrever:

homens têm experimentado, e isso era promessa de uma glória ainda maior, que se seguiria. Portanto, Pedro deve ser visto como vaso especial da glória de Deus; e, de fato, assim era. O que ele nos ordena, pois, deve ser acolhido com máxima atenção, pois a sua experiência espiritual lhe confere extraordinária autoridade na igreja. Notemos que, em Mat. 19:28, aos apóstolos foi prometida posição de grande autoridade no reino. Isso está de acordo com a mensagem geral deste texto.

A visão dos sofrimentos de Cristo deixou profunda e duradoura impressão no ânimo de Pedro, e isso se tornou mais crítico pelo fato que ele falou diante do Senhor em um momento crítico. (Ver Marc. 14:29,50,54,66-72; Luc. 23:31,61). Finalmente, entretanto, a vitória foi sua; e agora ele relembra aquele instante importantíssimo em que fora feito, pela graça divina, um «apóstolo do Senhor». E não hesita em impor a outros a autoridade espiritual que lhe fora conferida. Entretanto, essa imposição visava ao bem daqueles para quem escrevia, pois fora feita no espírito ou em atitude correta.

«...testemunha...» No grego é «*mártis*», palavra que no N.T. tem vários significados, a saber: 1. Espectador ou testemunha ocular. (Ver Atos 10:39 e 6:13). 2. «Pregador», que testifica acerca de algo (ver Atos 1:8 e 5:32). 3. Há um sentido forense, «testemunha de uma ocorrência» (ver Mat. 26:65; Marc. 14:62). 4. Aquele que autentica seu testemunho cristão com seus sofrimentos, ou seja, um «mártir» (ver Atos 22:20; Heb. 12:1 e Apo. 2:13 e 17:6). Apesar de não precisarmos limitar o sentido da palavra neste versículo, para que signifique apenas «testemunha ocular» porque Pedro também foi pregador dos sofrimentos de Cristo e era mártir em potencial, o que mais tarde se concretizou, contudo, essa é a idéia central aqui transmitida.

Através da menção dos sofrimentos de Cristo, Pedro deixou novamente indicado que a igreja logo entraria em um crítico período de sofrimentos; e, por causa disso, as instruções que se seguem se revestem de um caráter incisivo.

É como se Pedro houvesse escrito: «Estou em tão grande perigo quanto qualquer de vós. Mas posso testificar que o próprio Cristo assim sofreu; e, por isso, sei que aquele que sofre com Cristo, desde agora se torna participante da glória, embora um véu a oculte, por enquanto». (Mason, *in loc.*).

Therophylaci δ ἐπισκοποῦντες μὴ ἀναγκαστῶς ἀλλὰ ἰσθ' ἀλλ': ἐκουσίως K<sup>1</sup> 049 058 0142 88 326<sup>m</sup> 330 451 629 1877 2127 2493 Byz Lect 12<sup>m</sup> ἀναγκαστικῶς) δ μὴ ἀναγκαστῶς ἀλλὰ ἐκουσίως κατὰ θεόν N<sup>a</sup> cop<sup>m</sup> δ μὴ ἀναγκαστῶς ἀλλὰ ἐκουσίως B

| κατὰ Θεον RAP 69 614 pm latt sy<sup>p</sup> arm; R<sup>1</sup> om BKL al sy<sup>p</sup> c; R<sup>m</sup>

«...não por constrangidos...» No grego é «*anagkastos*», um advérbio que quer dizer «por compulsão». A forma verbal significa «compelir», «forçar», «exortar fortemente». A forma nominal e raiz é «*anagke*», «força», «violência», «restrição». O ministério de amor e compaixão, como é óbvio, não pode ser empurrado sobre quem quer que seja. O dever dos pastores não deve ser cumprido meramente porque lhes foi dada essa responsabilidade. Deve haver um «impulso íntimo», alicerçado sobre o amor cristão, que deve colorir todo o serviço prestado, se este tiver de ser válido. Esse princípio é amplamente demonstrado no décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios. O mero «senso de dever» também não deve ser o princípio dominante de um pastor piedoso. Sua inspiração deve provir de um nível muito superior a esse.

«...espontaneare ente...» A inspiração do pastor, em seu trabalho de amor, deve provir do íntimo, fluente e sem empecilhos, sem obstáculos de ordem pessoal. Isso sugere que todo o serviço prestado por ele deve ser um subproduto do desenvolvimento espiritual, de tal modo que seja um obra «espiritual», e não carnal. Tudo quanto um homem faz depende de sua experiência pessoal com o Espírito de Deus. Sem isso, o serviço espiritual seria motivado por considerações errôneas.

**Variante Textual:** As palavras «...como Deus quer...» aparecem nos mss P(72), Aleph, AP, Psi, 33, 81, 7139, no It(h,r), na Vg. no Si(b), no Cóp(sa,bo), no Ara e no Etí (Speculum), mas são omitidas nos mss BKL e na maioria das manuscritos minúsculos posteriores e no Si(p). Algumas traduções incluem essas palavras, e outras as omitem, mas a evidência textual está bem dividida. Talvez tenham sido omitidas porque os escribas não compreenderam seu verdadeiro sentido. Normalmente, porém, o texto mais breve é o correto, pois era mais natural que os escribas aumentassem o texto do que o abreviassem. Se essas palavras são genuínas, porém, então significam, muito provavelmente, «de acordo com a vontade de Deus». E como se Pedro tivesse recomendado: «Que vosso serviço pastoral seja guiado pela vontade de Deus, e não pela vossa própria vontade, para que sigais o exemplo de Cristo».

Antes das palavras, «...não por constrangidos...», os mss P(72), Aleph (2) A e vários manuscritos posteriores dizem «tomando a supervisão»; mas não há que duvidar que isso é uma glosa explanatória.

«...nem por sordida ganância...» Um bom «homem de palco», na igreja, talvez induzisse seu povo a pagar-lhe um polpudo salário. De fato, muitos homens têm feito a igreja tornar-se um excelente e bem remunerado emprego, e muitos são os truques empregados nesse particular. Aqueles que trabalham na igreja apenas pelo dinheiro, têm uma «sórdida ganância», e seu salário se torna um «lucro imundo». O ministro autêntico de Cristo não pode ser ganancioso; se o for, tornar-se-á qual um «assalariado», e não um pastor. (Ver João 10:12 quanto a esse conceito). Os principais anciãos deveriam ser pagos de acordo com o princípio que o «trabalhador é digno de seu salário» (ver Luc. 10:7). O apóstolo dos gentios disse que aquele que prega o evangelho deve viver do evangelho (ver I Cor. 9:14). Por conseguinte, Pedro não estava proibindo uma compensação razoável, pelo bom serviço prestado pelos pastores, mas antes, combatia a tendência de certos homens de só olhar para a vantagem econômica. (Comparar isso com I Tim. 3:8 e Tito 1:7).

É característico do falso mestre ou do falso pastor, preocupar-se demasiadamente com dinheiro. É fato bem conhecido que alguns «grandes pregadores» se têm enriquecido, dependendo dos sentimentos de mulheres idosas, que são induzidas a se lembrarem da igreja em seus testamentos. A pessoa de sentimentos religiosos se deixa enganar mais facilmente que as pessoas comuns, contribuindo com seu dinheiro para supostas causas religiosas. Portanto, há nas igrejas um campo fértil em potencial, para os «espertos», cujo jardim é fraudulento e cujo verdadeiro alvo é o de açambarcarem o dinheiro dos outros. Certamente homens assim terão de enfrentar um mais severo julgamento, pois tal atitude não pode deixar de

3 μηδ' ὡς κατακυριεύοντες τῶν κληρῶν ἀλλὰ τύποι γινόμενοι τοῦ ποιμνίου·

3 μηδ'...«κλήρω» 2 Cor 1:24 τύποι...ποιμνίου Phb 3:17; Tt 2:7

3:3; assim como dominadores sobre os que vos foram confiados, mas servindo de exemplo no rebanho.

«...dominadores...» No grego é usado o termo «katakuriueuo», «tornar-se senhor», «obter o domínio». As palavras raízes são kata, «sobre», e «kuriewo», «dominar». Alguns pastores se transformam em «pequenos céasares» na igreja, agindo como se a igreja fosse um pequeno reino sob sua soberania. Todos nós conhecemos supostos líderes cristãos que são dotados de atitudes ditatoriais. E isso se torna ainda mais crítico quando homens, que já demonstram essa tendência, tornam-se mais idosos. Então suas tendências ditatoriais chegam ao cúmulo, e logo começam as divisões, provocadas por tal atitude. Isso se deve ao fato que tais homens perdem a capacidade de arbítrio, e temem perder os seus poderes. «Lutas de poder» são o resultado, e Cristo é perdido de vista em meio à batalha. A pior parte desse quadro, já negro por si, é que tais homens pensam que os ataques contra suas «atitudes ditatoriais» são ataques contra a fé. Não podem distinguir entre questões «reais» e interesses pessoais.

Pode-se ver, pois, que o poder pode corromper até mesmo homens espirituais. Não há corrupção tão odiosa como a que se origina do puro egoísmo, mas que se apresenta em público como «luta pela fé», «luta pela razão», etc. Jesus advertiu contra isso quando falou sobre a atitude carnal dos pagãos, que eleva a uns dentre outros, obtendo aqueles a primazia. Disse ele: «Mas entre vós não é assim...» (Marc. 10:43). Se um crente tem o desejo de ser grande, que tal desejo seja espiritualmente orientado, e que se torne servo de todos; então é que será verdadeiramente grande. (Ver Marc. 10:43-45). O próprio Jesus foi exemplo supremo disso. (Ver as notas sobre isso em Mat. 20:25-28). Os apóstolos com razão se «indignaram» ante a tentativa da mãe de João e Tiago (talvez impelida por eles) por elevar seus filhos acima dos demais. Um bem conhecido pregador, líder de certa denominação evangélica, foi descrito por sua própria filha como o tipo de homem que «governa ou arruína». Tais homens certamente receberão o pago quando do tribunal de Cristo, devido sua atitude. São carnisais, e não espirituais, e só trazem descrédito à igreja.

«...dos que vos foram confiados...» No grego é «kleros», «sorte», «seixo», «dado». Ou pode ser «aquilo atribuído por sorte», ou seja, uma «partilha». Algumas vezes essa palavra é usada no N.T. para indicar «herança eterna», ou seja, «porção eterna», ou mesmo «porção» (ver Col. 1:12). No presente texto, a palavra indica os que estão ao encargo de alguém, a «herança de Deus», o «rebanho» de alguma congregação local. Cada ancião tem autoridade sobre certa porção da herança de Deus, sua igreja, e essa porção lhe é deixada aos cuidados. Isso envolve tanto um elevadíssimo privilégio como uma pesadíssima responsabilidade. Um pastor não deve abusar de seu cargo, tornando-se ditatorial. Mas muitos homens não podem resistir a essa tentação, porquanto alimentam o orgulho carnal.

«...antes...» Ao invés de ser um pequeno César, o pastor deve ser um exemplo para o rebanho. Essa é a maneira espiritual de agir.

4 καὶ φανερωθέντος τοῦ ἀρχιποίμενος κομείσθε τὸν

4 κομείσθε...στέφανον 1 Cor 9:23

3:4; 5, quando se manifestar o sumo Pastor, recebereis a inmarcescível coroa da glória.

«...Supremo Pastor...» Esse é o único uso desse título, em todo o N.T., para indicar a pessoa de Cristo. (Quanto a Cristo como «Pastor», ver João 10:2,11). Cristo é o «bom Pastor» e também é o «supremo Pastor». Este último título ocorre no Testemunho dos Doze Patriarcas, em Judas, capítulo oitavo. Os arqueólogos o têm encontrado em culturas pagãs, como em um pedaço de madeira do sarcófago de uma múmia egípcia e em um papiro datado de 338 D.C. (Conforme nos diz Deissmann, em «Light...», pág. 100). Portanto, essa designação já era bem conhecida. Contudo, se aplica mais admiravelmente a Cristo, porquanto ele é o maior de todos os pastores, Senhor de todos eles, que são seus subpastores. Na qualidade de Supremo Pastor é ele também o «Grande Pastor» do Heb. 13:20. Ele é

ser notado por Deus. Seu ganho é «vergonhoso», conforme o vocábulo grego indica; também é «sórdido», o que é um outro sentido da palavra. Na qualidade de ministros do evangelho, devemos ser «honrados» acima de todos os homens. E um líder eclesiástico obtém um lucro «sórdido» quando explora a sua igreja. Pedro sabia o que os «falsos pastores» fariam às igrejas, não lhes conferindo bem algum ao chegar qualquer período de perseguição. Calcularão que a vantagem material não compensa pela perda de suas vidas, e abandonarão totalmente a igreja. «Claramente os anciãos recebiam estipêndios, de outro modo não poderia haver tal tentação». (Robertson, *in loc.*).

«...de boa vontade...» Qual o sentido dessas palavras? 1. Voluntariamente. 2. Com base em princípios espirituais, incluindo o amor. 3. Sem considerações de lucro financeiro. Aquele que serve meramente para obter uma vantagem material está pervertido em sua vontade. Os ministros devem servir de «boa vontade». O termo grego aqui utilizado é «prothumos», que poderia ser traduzido por «voluntariamente». Literalmente, significa «de coração avançado», isto é, «com o coração». Assim sendo, está em foco o zelo e a boa vontade. Os pastores devem servir por «amor ao serviço do Senhor», e não calculando o lucro material que o seu trabalho lhes oferece. «Não são sem censura aqueles pastores que, se pudessem ser outra coisa qualquer, seriam tudo menos pastores». (Bengel, *in loc.*).

Os pastores devem servir «com preocupação sincera pela glória de Deus e visando o bem de almas imortais; estando prontos a fazê-lo com alegria, fazendo tudo que contribua para isso». (John Gill, *in loc.*).

«...modelos...» No grego é usado o termo «typos», que originalmente significava «golpe»; então veio a indicar «marca deixada pelo golpe». Essa impressão duplica o instrumento que a fez, pelo que se torna cópia do mesmo. Dalí o vocábulo veio a significar «cópia» ou «exemplo». O exemplo torna-se um «arquetipo» para outros. Em outras palavras, aqueles que seguem um exemplo são os que «duplicam em si mesmos» a natureza geral do exemplar. O líder deveria ter qualidades tais que aqueles que estão sob a sua autoridade deveriam ansiar por duplicar em si mesmos as suas qualidades. Por isso é que Paulo foi capaz de escrever aos crentes que se tornassem «imitadores» seus, tal como ele era de Cristo. (Ver I Cor. 11:1 a esse respeito). Nessa referência também é dada a nota geral sobre o «exemplo», que ilustra admiravelmente bem o presente texto.

Todo indivíduo, quer ele goste disso ou não, quer se proponha a isso ou não, torna-se uma força para o bem ou para o mal (ou para ambas as coisas, alternadamente), pelo exemplo que projeta no mundo. Ninguém é uma ilha de tal modo que não influencie a outros para o bem ou para o mal, atingindo, nem que seja, algumas poucas pessoas. Isso indica uma espantosa responsabilidade; e ela foi imposta a cada um de nós. Haveremos de prestar contas pelo tipo de exemplo que tivermos dado neste mundo vil.

«O pastor é a principal figura cristã do rebanho. Ele é o crente de todos. Assim como o bom Pastor não empurrava suas ovelhas, mas antes, ia adiante delas no caminho (ver João 10:4), assim também deve fazer o pastor no caso de sua congregação. No caso de um pastor não é possível ele dizer: 'Faça o que digo, mas não faça o que faço'. O nível espiritual da congregação dificilmente se elevará acima do nível da integridade espiritual de seu pastor. Palavra e vida devem corresponder uma à outra; a palavra sem a vida, estéril é; a vida sem a palavra, não tem sentido». (Hornigshausen, *in loc.*). (Quanto a versículos similares ao presente, ver I Cor. 11:1; II Tes. 3:9; I Tim. 4:12; Tito 2:7 e Fil. 3:7).

A história de Cristo, e o de seus doze apóstolos  
Ele ensinava, mas antes, praticava-a pessoalmente.  
(Chaucer, falando sobre um pastor fiel).

«Ou não ensines, ou ensina com a tua vida». (Nazianzeno). «Pregador ou pastor, quem quer que seja, ao leres isto, não apliques a palavra a teu próximo, seja ele nomeado pelo estado, nomeado pela congregação ou nomeado por si mesmo, mas toma tudo para ti... Cuida para que teu próprio coração, teus pontos de vista e tua conduta sejam corretos com Deus; e então prossegue para o próximo versículo». (Adam Clarke, *in loc.*).

«Uma monstrosidade é ver elevada posição unida a uma vida aviltada, uma língua grandiloquente unida a uma vida preguiçosa, e muito falar com pouco fruto». (Bernardo).

O pastor, por conseguinte, não deve desempenhar um papel de ditador, «empurrando suas ovelhas». Antes, compete-lhe liderá-las, «dando-lhes o seu exemplo».

ἀμαράντινον τῆς δόξης στέφανον.

«supremo» ou «chefe» em relação aos outros pastores; e ele é «grande» em comparação com eles e conosco, porquanto ele é quem cumpre, supremamente, o ideal do pastorado, realizando seu trabalho de forma tão magnificente que o seu trabalho é prodigioso. E visto que seu trabalho é prodigioso, encontramos segurança dentro de seu redil, isto é, uma completa e total salvação. Sua grandeza exalta o ofício «pastoral».

Assim sendo, aqueles que ousam tomar esse título, também devem dar à igreja o tipo de exemplo que Cristo deixou. O título também é um consolo aos perseguidos da igreja. Primeiramente, porque assegura à igreja uma contínua proteção e a segurança final. Em segundo lugar, porque esse Supremo Pastor é que voltará ao mundo como Juiz. É ótimo ter alguém um Juiz que também é um Pastor, o qual, por conseguinte, deve ter no coração o bem de suas ovelhas.



*Ela era pastor, e não um mercenário,  
E embora fosse santa e virtuosa,  
Merceu a compaixão de homens pecadores.  
Suas palavras eram fortes, mas não iracundas,  
E ensinou discretamente o amor benigno.  
Para atrair gentilmente os homens aos céus,  
E o bom exemplo era sua principal tarefa.  
Se ao menos ninguém fosse abstinado,  
Sem importar se ele era de alta ou baixa posição,  
Seria vigorosamente impedido com aparência alterada.  
Melhor pessoa ninguém jamais viu.  
Não dava atenção à pompa e à reverência,  
Nem feria sua consciência das expensas da alma,  
Mas o amor de Jesus, que não conhece orgulho ou saque  
Ela ensinava, mas primeiro, o seguiu pessoalmente.*  
(Chaucer)

«...se manifestar...» O termo grego normal para indicar o segundo advento de Cristo é «parousia», mas algumas vezes aparece alguma forma de «phaneroo» (verbal ou nominal). Assim, a «epifania» indica sua «revelação aos gentios», na forma dos sábios ou «magos»; e esse evento é celebrado pela cristandade a 6 de janeiro. (Quanto a essa palavra, usada para indicar o primeiro advento de Cristo, ver I Ped. 1:20 e I Tim. 3:16). Quanto à segunda, além do presente texto, ver Col. 3:4 e I João 2:28. Ver também as notas expositivas sobre a «epifania», em I Tim. 6:14. Quanto a notas expositivas completas sobre o «arrebatemento da igreja», ver I Tes. 4:15; quanto à «segunda vinda» de Cristo, ver Apo. 19:11). A «manifestação» de Cristo, pela segunda vez, o trará como Juiz; mas esse Juiz poderá ser recebido como o Pastor que dá vida e protege às suas ovelhas.

«...recebereis a imarcescível coroa...» O galardão ou o eterno bem-estar é representado em vários lugares do N.T. como a outorga de «coroas», como as recebiam os vencedores das competições atléticas, ou um rei ao elevar-se à posição de autoridade. Assim, somos vencedores na inquirição da vida, e nos tornamos reis e sacerdotes de Deus. Essas coroas não consistem em «possessões físicas» nos lugares celestiais, e, sim, em «avanços espirituais da alma», que nos tornam pessoas mais bem capacitadas para o serviço eterno. É isso que está envolvido na questão das «coroas». Essas consistem no que sucederá conosco, como filhos maduros de Deus, amoldados segundo o Filho, embora também recebamos possessões físicas. (Ver II Tim. 4:8 quanto à nota de sumário sobre as «coroas». Comparar com I Cor. 3:14, que fala sobre os «galardões»).

«...imarcescível coroa...» No grego, o adjetivo é «amarantos», que significa «irrescível», «não-murchoso», em contraste com as coroas de louros dos atletas vitoriosos. Aquelas coroas eram de valor real extremamente exíguo; no entanto, os homens se exauriam para obtê-las!

5 Ὅμοιοις, νεώτεροι, ὑποτάγητε πρεσβυτέροις. πάντες δὲ ἀλλήλοις τὴν ταπεινοφροσύνην ἐγκομβώσασθε, ὅτι ἡ τοῦ θεοῦ ὑπερηφάνους ἀντιτάσσεται, ταπεινοὶς δὲ δίδωσιν χάριν.

4<sup>a</sup> & à maior, & nome: WH B06 N06 BF<sup>1</sup> RV ARV RSV NER (TT) Z0r Luth Jer (Heg) & à menor, & maior: RV<sup>4</sup> ARV<sup>4</sup> & different text: TR AV

5 Ὅμοιοις...χαρίν Pr 2:24 LXX Mt 23:12; Jas 4:6)

5:5: Semelhantíssimo a vós, os mais moços, sede sujeitos aos mais velhos. E cingi-vos todos de humildade uns para com os outros, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.

«...jovens...» Nenhum ofício está em foco. Os jovens deveriam submeter-se aos «anciãos» da igreja, os quais tanto são mais idosos que eles como exercem autoridade espiritual. Ninguém precisa ser lembrado entre o conflito de mentes jovens e mais idosos hoje em dia, formando o «hiato das gerações». Os idosos e os jovens trazem à igreja duas espécies de mentalidade. Devido à ordem das coisas, e também por ser mais sábio, os mais idosos devem exercer o predomínio. A possibilidade de diálogo, porém, deve permanecer aberta, e o ancião que «peca» não deve passar sem censura (ver I Tim. 5:20).

Já tivemos ocasião de ver que os anciãos não devem ser ditadores, e, se agir em como o Supremo Pastor, seu governo será aceitável para os jovens. Outrossim, a humildade é ordenada a todos, e isso acalma as águas perturbadas. Um «ancião», ou homem «idoso», deve ser tratado como pai, e não «repreendido», como se estivesse sujeito à censura dura de outros (I Tim. 5:1,17). Os mais idosos merecem nosso respeito, tanto por causa de sua idade como por causa do ofício que porventura ocupem. O termo «...jovens...», neste caso, não deve ser entendido como indicação de «todos os membros da igreja» que não são numerados entre os «anciãos». Antes, Pedro falava diretamente aos jovens que pudessem causar perturbação contra a autoridade lícita. Essa é uma atitude comum dos jovens, que se impacientam com o que consideram as imperfeições de qualquer indivíduo, organização, sociedade ou nação. Faltando-lhes a experiência, dão apoio àquelas idéias e aos indivíduos que prometem soluções rápidas. A maioria dos problemas, porém, não admite «caminho fácil»; e assim os jovens, apesar de seu zelo, com frequência apóiam causas indignas, que eventualmente eles mesmos abandonam, quando a idade adiciona sabedoria ao seu zelo.

«...cingi-vos todos de humildade...» Se essa regra simples fosse obedecida, não haveria luta de posições na igreja. Um homem busca poder quando se exalta pelo orgulho e vê seus irmãos como inferiores a si mesmo. Estas palavras recomendam-nos «vestir-nos» de humildade. O grego é «egkombōmai», que significa «vestir-se (de uma roupa)» ou «amarrar», como quem faz um nó em um cinto. A raiz nominal é «kombos», «nó». A «egkomboma» era uma espécie de «avental», usado pelos escravos, que assinalava sua posição humilde. Portanto, este verbo poderia ser traduzido «põe o avental». Moffatt traduz por «Põe o avental da humildade, para servirdes uns aos outros». Isso fornece um belo simbolismo. Ao invés dos jovens combaterem contra os mais idosos, ou vice-versa, ou ao invés do

O grego diz aqui, literalmente, «feito de amaranço», que era um gênero de plantas algumas vezes chamadas «mortais», porquanto retinham seu frescor por longo tempo. Assim, pois, Pedro dá a entender que o jardim do Paraíso de Deus exibe «plantas» eternas, que nunca murcham. Essa será a glória eterna dos vencedores. Ao Supremo Pastor foi dada a «coroa de espinhos». Mas ele triunfou em sua missão, e agora pode oferecer aos homens uma imarcescível coroa de vida eterna. (Ver as notas expositivas sobre a «vida eterna», em João 3:15).

«...de glória...» Mediante a possessão dessa coroa, chegaremos a compartilhar da «glória de Cristo, nos céus eternos. Isso fala da participação na própria glorificação de Cristo, o que é comentado em Rom. 8:29,30. A glorificação indica que chegaremos a ter o mesmo tipo de vida que Cristo possui (ver João 5:25,26 e 6:57), o que, por sua vez, é o próprio tipo de vida de Deus. Seremos «glorificados»; não meramente «receberemos» alguma forma de riqueza celeste, embora isso também expresse uma verdade. Há muitas formas de vida, a começar pelos simples animais unicelulares, que se podem reproduzir. Há insetos e animais de vida mais complexa. O homem é ainda mais complexo, e ocupa a fronteira entre o físico e o espiritual. Há também níveis de seres angelicais, que são puros espíritos. Mas Deus é a forma mais elevada de vida espiritual, bem como a origem de toda e qualquer outra vida. Os crentes em Cristo, ao serem glorificados nele, serão elevados muito acima dos anjos, participando da própria forma de vida de Deus, algo indizivelmente grande, o que os tornará seres de poder e inteligência magníficos, podendo ocupar-se em missões especiais dadas por Deus. (Ver as notas expositivas sobre a «coroa da vida», em Tia. 1:12).

Que coisa gloriosa é ser alguém recebido pelo Juiz de todos como o Supremo Pastor que coroa os subpastores com sua própria glória! Isso é dito a fim de mostrar aos subpastores que recompensa notável e prodigiosa podem eles receber!

«Que poderemos participar da glória de Deus, é um ponto constantemente salientado pelo apóstolo Pedro (ver I Ped. 5:1; 4:13; 1:17, e, acima de tudo, o décimo versículo, mais abaixo). Essa idéia atinge seu ponto culminante nos escritos de João, para quem a unidade íntima da vida divina com a vida de Cristo é tudo. (Comparar, especialmente, com I João 3:2 e ss.). (Alford, *in loc.*).

«Ao invés da sórdida ganância e a honra vazia do predomínio, o apóstolo mostra aos anciãos, uma vez mais, a nobre vantagem e a verdadeira coroa de honra» (Besser, *in loc.*). Eles podem ganhar uma eterna coroa de glória, ao invés da sórdida ganância (ver o segundo versículo), contanto que sirvam espiritualmente e bem.

5 Ὅμοιοις, νεώτεροι, ὑποτάγητε πρεσβυτέροις. πάντες δὲ ἀλλήλοις τὴν ταπεινοφροσύνην ἐγκομβώσασθε,

5 ἀλλήλοις (. R<sup>m</sup>) add υποτασσόμενοι KLP ρίγῃς; add

υποταγόμενοι διὰ τοῦ

homem tornar-se qual pequeno deus na igreja (ver o terceiro versículo), cada homem deveria vestir-se do avental de serviço, demonstrando assim a sua humildade e procurando servir aos outros, ao invés de lutar contra ele. Supomos que a habilidade para tanto vem mediante o desenvolvimento espiritual, porquanto isso é feito através do amor e da consideração mútua; esse é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22). Mas o homem, sem a influência e a operação do Espírito, torna-se exaltado a seus próprios olhos, e, em seu egoísmo, quer que sua vontade impere de qualquer modo, embora oculte isso dizendo que «defende a fé», que «combate por questões básicas», que «age direito», etc.

«...porque Deus resiste aos soberbos...» Temos aqui uma citação extralida de Pro. 3:34, também usada em Tia. 4:6, onde é amplamente comentada. O homem humilde tem Deus a seu lado; o orgulhoso tem Deus por seu adversário. Isso não se evidencia agora, pois quase sempre os orgulhosos obtêm o que querem, ao passo que os humildes são humilhados. Mas a justiça eterna de Deus reverterá tudo isso. Além disso, agora mesmo, no tocante ao desenvolvimento espiritual, o homem humilde consegue muito maior progresso espiritual, ao passo que o orgulho retrocede sempre. Portanto, os humildes já têm desde agora seu galardão, e os orgulhosos desde agora sofrem detrimento.

«...resiste...» Uma palavra gráfica no grego; literalmente: «...lança-se armado contra...» Trata-se de uma metáfora militar. O orgulhoso leva os exércitos do céu a declararem guerra contra ele. «Não admira, pois, que o orgulho antecede à destruição». (Vincent, *in loc.*).

«...graça...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça», ver Ef. 2:8). Neste caso, indica a bênção diária, o consolo, o socorro, especialmente visando o crescimento espiritual. Mas isso é apenas uma demonstração temporária da graça eterna. Suas manifestações terrenas são uma exibição de suas manifestações celestiais, uma espécie de prelibação.

«A humildade, tal como um espírito manso e quieto», é um ornamento de grande valor, uma bela vestimenta». (Bigg, *in loc.*).

Lembremo-nos do Senhor: ele se cingiu de uma toalha e lavou os pés dos discípulos. A vida inteira do crente deveria ser uma demonstração disso: uma humildade resultante em serviço. (Ver João 13:15 e contexto. Ver Ef. 5:21 quanto ao princípio da submissão mútua, como meio que ajuda os crentes a crescerem espiritualmente).

«Por assim dizer, assaltam a honra de Deus, apossando-se do que pertence a Deus. Outros pecados fogem para longe de Deus; o orgulho se opõe diretamente a Deus; outros pecados esmagam aos homens; o orgulho se levanta contra Deus. Portanto Deus também, por sua vez, se opõe ao orgulhoso». (Gerhard, *in loc.*).

## VI. Os Sofrimentos do Crente (4:12- 5:11).

## 3. Exortação final (5:6-11).

Sejamos humildes. Não façamos oposição aos irmãos, causando-lhes tristeza. Já há tristeza bastante a sofrer neste mundo negro e satanicamente controlado. É um crime trazer contensão ao seio da igreja, devido ao orgulho. Já há suficiente conflito em nossa luta contra o mundo, contra a carne e contra o dia. A luta de uns crentes contra os outros é algo perfeitamente dispensável. Os sofrimentos continuarão. Portanto, lancemos sobre ele nossos cuidados, pois o Senhor realmente cuida de nós. Pelo mundo vagueia o grande adversário, o diabo. Ele tem o poder e a ferocidade de um leão. Ele anseia por devorar a quantos possa. Controlou a Nero; e, não nos enganemos, atacará e procurará aleijar a igreja. Procurará com muitos pecados sugeridos, usando também homens ímpios para persegui-la. Não obstante, é possível oferecer resistência ao diabo. Todavia, devemos compreender que nossa angústia também é a de muitos outros cristãos pelo mundo. Os homens de todos os lugares, seguidores de Cristo, sofrem as mesmas tribulações que nos assediam. Mas, tanto no caso deles como no vosso, Deus dará forças para que resistamos a tudo galhardamente. Logo virá a glória eterna de Cristo, da qual todos participaremos. Portanto, sejamos firmes e inabaláveis. Cumpre-nos dar glória a Deus, pois o seu domínio não conhecerá fim. Assim também, nossos louvores a ele não cessem!

«Sumário: Sede humildes - assim Deus vos exaltará. Sede vigilantes - o diabo está à solta, procurando vítimas. E preparai-vos para passar pelos mesmos sofrimentos que vossa irmandade no mundo sofre. Terminados os vossos sofrimentos, Deus vos fortalecerá». (Hunter, *in loc.*).

Esta epístola que tem por seu propósito central consolar a igreja cristã perseguida, idéia essa que permeia quase todas as suas seções (ver a Introdução, ponto V, intitulada *Motivos e Propósitos* e o ponto VIII, *Temas Principais*), uma vez mais retrocede ao tema, em suas observações finais.

6 Ταπεινώθητε οὖν ὑπὸ τὴν κραταιὰν χεῖρα τοῦ θεοῦ, ἵνα ὑμᾶς ὑψώσῃ ἐν καιρῷ,

6 Job 22:29; Mt 23:12; Lk 14:11; 18:14; Jm 4:10

6 καιρῶ] add (2. 12) ἐπισκοπῆς AP al<sup>1</sup> latt sy<sup>h</sup>

Após καιρῶ o Textus Receptus adiciona ἐπισκοπῆς, seguindo A P (Ψ) 5 28 (c) 33 104 181 326 436 623 913 1827 1898 vg sir (h com\*) cop (bo) eti Efraem Bede. A palavra, que está ausente em p<sup>72</sup> & B K L 0206 maioria dos minúsculos sir (p, h txt) cop (sa) Orígenes, parece ser uma adição escribal derivada de 2:12.

5:6: Humilhe-se, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte;

Essa declaração pode ser comparada com o que disse o Senhor Jesus: «Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado» (Luc. 14:11).

«A humildade real, a humildade mental, é a maior virtude, mãe de todas as virtudes» (Tennyson). Trata-se de um senso de pequenez que resulta da visão da grandiosidade da existência. Não pode haver humildade enquanto não há consciência de atingir um ponto mais alto. A humildade resulta do fato de descobrir um homem que tudo quanto ele é e possui se deriva de Deus ou de seus pares humanos. Acima de tudo, a humildade de espírito vem da consciência do fato que ninguém é salvo senão pela graça gratuita e incondicional de Deus, em Cristo Jesus. A humildade reconhece seu próprio pecado, e, com simplicidade infantil, aceita o livre-perdão de Deus, com alegria e esperança. Humildade similar se encontra na mente de grandes eruditos, artistas e mestres. Defrontados com as áreas quase ilimitadas do conhecimento, da beleza e da verdade, esquecem-se de sua própria excelência e «aguardam», com mansidão, a glória do ideal ainda desconhecido. Tal humildade confere forças, e não fraqueza. Para Pedro, o exemplo supremo de humildade é o Senhor Jesus, o qual sabia que viera de Deus, voltava para Deus, tinha tudo em suas mãos dado pelo próprio Deus, e, no entanto, tomou de uma toalha e se cingiu, abaixando-se para lavar os pés de seus discípulos. (Ver João 13:1-17). Jesus se humilhou porque não se envergonhava de realizar a tarefa própria de um escravo. Humilhou-se embora e precisamente por causa de sua peculiar consciência de relação com Deus e de seu poder em Deus. Contudo, apesar de ser humilde diante de Deus, não se mostrou covarde diante dos homens». (Homrighausen, *in loc.*). (Ver I Cor. 1:28,29 e Tia. 4:10 quanto a notas gerais sobre a «humildade». A última dessas referências é bastante semelhante à do presente versículo).

«...a poderosa mão de Deus...» Temos aqui uma expressão rabínica e vetotestamentária comum. (Ver Êxo. 3:19; Deut. 3:24; Jó 30:21 e Dan. 9:15). No N.T., é usada somente aqui. Deus livrou o povo de Israel «com mão poderosa». No livro de Ezequiel a expressão é usada para denotar o temível poder do grande Juiz. De modo geral, indica «o poder divino em operação». No presente versículo, esse poder divino é visto a operar em nosso benefício, exaltando-nos, «contanto que sejamos sábios bastante para nos humilharmos perante Deus. A «mão» é o instrumento da ação. Pode fazer muitas coisas. Pode concretizar o que o cérebro ordena. Assim também Deus, através do seu Espírito, pode realizar coisas poderosas em prol daqueles que se humilham diante dele.

«...tempo oportuno...» «Não o tempo que fantasias, mas o tempo sabiamente determinado pelo Senhor» (Leighton, *in loc.*). Mui provavelmente há aqui uma alusão à «parousia» ou segundo advento de Cristo. Então certamente Deus exaltará os humildes, rebaixando os altivos. Mas Pedro cria que até mesmo nesta vida opera esse princípio.

7 πᾶσαν τὴν μέριμναν ὑμῶν ἐπιρίψαντες ἐπ' αὐτόν, ὅτι αὐτῷ μέλει περὶ ὑμῶν.

7 ὅμων 2<sup>o</sup> ημ- & 33 pc

7 πᾶσαν... αὐτόν Pa 55:22; Mt 6:25-30

5:7: lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.

Já imaginastes que vós mesmos não continuaríeis?

Já temestes essas vespas da terra?

Já temestes que o futuro nada reserva para vós?

O hoje é nada! o passado sem começo nada é!

Se o futuro nada é, certamente eles nada são.

Pensar que o sol surge no oriente — que homens e mulheres

São flexíveis, reais, vivos — que tudo é vivo

Pensar que tu e eu não vemos, sentimos, pensamos

Ou suportamos a nossa parte,

Pensar que estamos agora aqui e suportamos nossa parte.

.....

(Walt Whitman)

Sob o sofrimento, os homens podem limitar suas mentes à miséria do momento, deixando-se dominar pelo mistério da vida que parece reduzi-los a nada, a não ser ansiedade e angústia. O remédio recomendado por Pedro é olharmos para Cristo, cujos cuidados por nós garantem a vitória final, a correção de todos os erros sofridos. O que Cristo fará por nós tem sido constantemente definido nesta epístola. O sofrimento redunda em glória eterna, pelo que isso é indicado ou diretamente afirmado nos versículos um, quatro, cinco, seis e dez deste capítulo. (Ver também Rom. 8:18-39; II Cor. 4:17,18; I Ped. 4:13,14, onde esse pensamento é longamente comentado).

«...lançando sobre ele...» Sobre o «Cristo sofredor mas triunfal». No dizer de Heb. 4:15,16: «Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as



cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna».

«...lançando...» No grego é usado o particípio aoristo, denotando um ato realizado de uma vez por todas. Isso significa que a vida e seus fardos, a alma e suas dúvidas e ansiedades, devem ser entregues a Cristo, como uma carga que não podemos mais suportar. Cristo tem poder suficiente para levar nosso fardo, para sustentar nossas almas.

«...ansiedade...» No grego é «merimna», «ansiedade», «preocupação». Os leitores originais da epístola estavam entrando em um período de terrível perseguição. Esta atingiu a igreja cristã na forma de dez ondas poderosas, que ocuparam mais de duzentos anos. Foi terrível! Difícilmente houve uma família cristã que não contasse com algum mártir. No concílio de Nicéia, no começo do século IV D.C., dificilmente algum dos presentes não trazia uma cicatriz no corpo por motivo da perseguição. A Igreja se acostumou a viver na angústia e diante da morte. O povo a quem Pedro escreveu enfrentou o terror que era Nero. Ele divertia seus convivas, em seus jardins palacianos, torturando, ferindo, decapando e queimando cristãos. O adjetivo «neroniano» passou a significar cruel, brutal, louco.

«...tem cuidado de vós...» No grego, o verbo é «melei», usado aqui impressionalmente, «ter cuidado de alguém». Isso expressa o «telismo». Cada indivíduo tem um grande valor aos olhos de Cristo. Ele conhece e cuida de cada um, e assim garante-lhes a vitória final. Isso é contrastado com o «deísmo», que crê na existência de alguma força criadora, mas também que esse poder abandonou sua criação, deixando que as «leis naturais» governassem em seu lugar. Na verdade, Deus cuida dos seus, e isso ficou supremamente demonstrado em Cristo. (Quanto a notas expositivas sobre as idéias filosóficas e teológicas acerca da «persona de Deus», ver Ato 17:27). Nas palavras «ele tem cuidado de vós», no dizer de A.S. Peake, temos «...a verdade central que Cristo se manifestou, a fim de revelar». Esse conceito incorpora a mensagem cristã em sua inteireza. Ele cuida de nossas almas, pois ele é a manifestação do amor de Deus. (Ver João 3:16). Ele cuida do homem inteiro, agora e eternamente, e ele é a força que finalmente dará vitória sobre o sofrimento.

«Que o Pai eterno de nosso Senhor Jesus Cristo, que do nada fez os céus e a terra, com tudo que neles há, que também sustenta e governa os mesmos por seu conselho e providência eternos, e, por causa de Cristo, seu Filho, meu Deus e meu Pai; em quem confio, de modo a não ter dúvidas que proverá tudo quanto me for necessário para o corpo e a alma; e, além disso, que todo o mal que ele me enviar, neste vale de lágrimas, fará redundar em meu bem; pois ele é capaz de fazê-lo, sendo o Deus Todo-poderoso, e está disposto a fazê-lo, sendo Pai fiel». (Resposta 26, Catecismo de Heidelberg).

«O grande Deus, em quem «vivemos, nos movemos e existimos», se importa. A base fundamental da existência é benevolente». (Hornighausen, *in loc.*).

**Referências e Idéias sobre a Perseguição.** 1. Cristo foi perseguido (ver Sal. 69:26 e João 5:16). 2. Os santos podem esperar a perseguição (ver Marc. 10:30 e João 15:20). 3. Os piedosos podem esperar a perseguição (ver II Tim. 3:12). 4. Ela se origina na ignorância sobre Deus e Cristo (ver João 16:3); no ódio a Deus e seu Cristo (ver João 15:20,23); no ódio contra o evangelho (ver Mat. 13:21); no orgulho (ver Sal. 10:2); no zelo equivocado (ver Ato 13:50). 5. A perseguição é contradição contra o espírito do

8. *Νῆψατε, γρηγορήσατε. ὁ ἀντίδικος ὑμῶν διάβολος ὡς λέων ὠρυόμενος περιπατεῖ ζητῶν [τίνα] καταπιεῖν*<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> 8 [13]: τίνα καταπιεῖν B\* καταπιῖν B\* P<sup>1</sup> P<sup>2</sup> P<sup>3</sup> P<sup>4</sup> P<sup>5</sup> P<sup>6</sup> P<sup>7</sup> P<sup>8</sup> P<sup>9</sup> P<sup>10</sup> P<sup>11</sup> P<sup>12</sup> P<sup>13</sup> P<sup>14</sup> P<sup>15</sup> P<sup>16</sup> P<sup>17</sup> P<sup>18</sup> P<sup>19</sup> P<sup>20</sup> P<sup>21</sup> P<sup>22</sup> P<sup>23</sup> P<sup>24</sup> P<sup>25</sup> P<sup>26</sup> P<sup>27</sup> P<sup>28</sup> P<sup>29</sup> P<sup>30</sup> P<sup>31</sup> P<sup>32</sup> P<sup>33</sup> P<sup>34</sup> P<sup>35</sup> P<sup>36</sup> P<sup>37</sup> P<sup>38</sup> P<sup>39</sup> P<sup>40</sup> P<sup>41</sup> P<sup>42</sup> P<sup>43</sup> P<sup>44</sup> P<sup>45</sup> P<sup>46</sup> P<sup>47</sup> P<sup>48</sup> P<sup>49</sup> P<sup>50</sup> P<sup>51</sup> P<sup>52</sup> P<sup>53</sup> P<sup>54</sup> P<sup>55</sup> P<sup>56</sup> P<sup>57</sup> P<sup>58</sup> P<sup>59</sup> P<sup>60</sup> P<sup>61</sup> P<sup>62</sup> P<sup>63</sup> P<sup>64</sup> P<sup>65</sup> P<sup>66</sup> P<sup>67</sup> P<sup>68</sup> P<sup>69</sup> P<sup>70</sup> P<sup>71</sup> P<sup>72</sup> P<sup>73</sup> P<sup>74</sup> P<sup>75</sup> P<sup>76</sup> P<sup>77</sup> P<sup>78</sup> P<sup>79</sup> P<sup>80</sup> P<sup>81</sup> P<sup>82</sup> P<sup>83</sup> P<sup>84</sup> P<sup>85</sup> P<sup>86</sup> P<sup>87</sup> P<sup>88</sup> P<sup>89</sup> P<sup>90</sup> P<sup>91</sup> P<sup>92</sup> P<sup>93</sup> P<sup>94</sup> P<sup>95</sup> P<sup>96</sup> P<sup>97</sup> P<sup>98</sup> P<sup>99</sup> P<sup>100</sup> P<sup>101</sup> P<sup>102</sup> P<sup>103</sup> P<sup>104</sup> P<sup>105</sup> P<sup>106</sup> P<sup>107</sup> P<sup>108</sup> P<sup>109</sup> P<sup>110</sup> P<sup>111</sup> P<sup>112</sup> P<sup>113</sup> P<sup>114</sup> P<sup>115</sup> P<sup>116</sup> P<sup>117</sup> P<sup>118</sup> P<sup>119</sup> P<sup>120</sup> P<sup>121</sup> P<sup>122</sup> P<sup>123</sup> P<sup>124</sup> P<sup>125</sup> P<sup>126</sup> P<sup>127</sup> P<sup>128</sup> P<sup>129</sup> P<sup>130</sup> P<sup>131</sup> P<sup>132</sup> P<sup>133</sup> P<sup>134</sup> P<sup>135</sup> P<sup>136</sup> P<sup>137</sup> P<sup>138</sup> P<sup>139</sup> P<sup>140</sup> P<sup>141</sup> P<sup>142</sup> P<sup>143</sup> P<sup>144</sup> P<sup>145</sup> P<sup>146</sup> P<sup>147</sup> P<sup>148</sup> P<sup>149</sup> P<sup>150</sup> P<sup>151</sup> P<sup>152</sup> P<sup>153</sup> P<sup>154</sup> P<sup>155</sup> P<sup>156</sup> P<sup>157</sup> P<sup>158</sup> P<sup>159</sup> P<sup>160</sup> P<sup>161</sup> P<sup>162</sup> P<sup>163</sup> P<sup>164</sup> P<sup>165</sup> P<sup>166</sup> P<sup>167</sup> P<sup>168</sup> P<sup>169</sup> P<sup>170</sup> P<sup>171</sup> P<sup>172</sup> P<sup>173</sup> P<sup>174</sup> P<sup>175</sup> P<sup>176</sup> P<sup>177</sup> P<sup>178</sup> P<sup>179</sup> P<sup>180</sup> P<sup>181</sup> P<sup>182</sup> P<sup>183</sup> P<sup>184</sup> P<sup>185</sup> P<sup>186</sup> P<sup>187</sup> P<sup>188</sup> P<sup>189</sup> P<sup>190</sup> P<sup>191</sup> P<sup>192</sup> P<sup>193</sup> P<sup>194</sup> P<sup>195</sup> P<sup>196</sup> P<sup>197</sup> P<sup>198</sup> P<sup>199</sup> P<sup>200</sup> P<sup>201</sup> P<sup>202</sup> P<sup>203</sup> P<sup>204</sup> P<sup>205</sup> P<sup>206</sup> P<sup>207</sup> P<sup>208</sup> P<sup>209</sup> P<sup>210</sup> P<sup>211</sup> P<sup>212</sup> P<sup>213</sup> P<sup>214</sup> P<sup>215</sup> P<sup>216</sup> P<sup>217</sup> P<sup>218</sup> P<sup>219</sup> P<sup>220</sup> P<sup>221</sup> P<sup>222</sup> P<sup>223</sup> P<sup>224</sup> P<sup>225</sup> P<sup>226</sup> P<sup>227</sup> P<sup>228</sup> P<sup>229</sup> P<sup>230</sup> P<sup>231</sup> P<sup>232</sup> P<sup>233</sup> P<sup>234</sup> P<sup>235</sup> P<sup>236</sup> P<sup>237</sup> P<sup>238</sup> P<sup>239</sup> P<sup>240</sup> P<sup>241</sup> P<sup>242</sup> P<sup>243</sup> P<sup>244</sup> P<sup>245</sup> P<sup>246</sup> P<sup>247</sup> P<sup>248</sup> P<sup>249</sup> P<sup>250</sup> P<sup>251</sup> P<sup>252</sup> P<sup>253</sup> P<sup>254</sup> P<sup>255</sup> P<sup>256</sup> P<sup>257</sup> P<sup>258</sup> P<sup>259</sup> P<sup>260</sup> P<sup>261</sup> P<sup>262</sup> P<sup>263</sup> P<sup>264</sup> P<sup>265</sup> P<sup>266</sup> P<sup>267</sup> P<sup>268</sup> P<sup>269</sup> P<sup>270</sup> P<sup>271</sup> P<sup>272</sup> P<sup>273</sup> P<sup>274</sup> P<sup>275</sup> P<sup>276</sup> P<sup>277</sup> P<sup>278</sup> P<sup>279</sup> P<sup>280</sup> P<sup>281</sup> P<sup>282</sup> P<sup>283</sup> P<sup>284</sup> P<sup>285</sup> P<sup>286</sup> P<sup>287</sup> P<sup>288</sup> P<sup>289</sup> P<sup>290</sup> P<sup>291</sup> P<sup>292</sup> P<sup>293</sup> P<sup>294</sup> P<sup>295</sup> P<sup>296</sup> P<sup>297</sup> P<sup>298</sup> P<sup>299</sup> P<sup>300</sup> P<sup>301</sup> P<sup>302</sup> P<sup>303</sup> P<sup>304</sup> P<sup>305</sup> P<sup>306</sup> P<sup>307</sup> P<sup>308</sup> P<sup>309</sup> P<sup>310</sup> P<sup>311</sup> P<sup>312</sup> P<sup>313</sup> P<sup>314</sup> P<sup>315</sup> P<sup>316</sup> P<sup>317</sup> P<sup>318</sup> P<sup>319</sup> P<sup>320</sup> P<sup>321</sup> P<sup>322</sup> P<sup>323</sup> P<sup>324</sup> P<sup>325</sup> P<sup>326</sup> P<sup>327</sup> P<sup>328</sup> P<sup>329</sup> P<sup>330</sup> P<sup>331</sup> P<sup>332</sup> P<sup>333</sup> P<sup>334</sup> P<sup>335</sup> P<sup>336</sup> P<sup>337</sup> P<sup>338</sup> P<sup>339</sup> P<sup>340</sup> P<sup>341</sup> P<sup>342</sup> P<sup>343</sup> P<sup>344</sup> P<sup>345</sup> P<sup>346</sup> P<sup>347</sup> P<sup>348</sup> P<sup>349</sup> P<sup>350</sup> P<sup>351</sup> P<sup>352</sup> P<sup>353</sup> P<sup>354</sup> P<sup>355</sup> P<sup>356</sup> P<sup>357</sup> P<sup>358</sup> P<sup>359</sup> P<sup>360</sup> P<sup>361</sup> P<sup>362</sup> P<sup>363</sup> P<sup>364</sup> P<sup>365</sup> P<sup>366</sup> P<sup>367</sup> P<sup>368</sup> P<sup>369</sup> P<sup>370</sup> P<sup>371</sup> P<sup>372</sup> P<sup>373</sup> P<sup>374</sup> P<sup>375</sup> P<sup>376</sup> P<sup>377</sup> P<sup>378</sup> P<sup>379</sup> P<sup>380</sup> P<sup>381</sup> P<sup>382</sup> P<sup>383</sup> P<sup>384</sup> P<sup>385</sup> P<sup>386</sup> P<sup>387</sup> P<sup>388</sup> P<sup>389</sup> P<sup>390</sup> P<sup>391</sup> P<sup>392</sup> P<sup>393</sup> P<sup>394</sup> P<sup>395</sup> P<sup>396</sup> P<sup>397</sup> P<sup>398</sup> P<sup>399</sup> P<sup>400</sup> P<sup>401</sup> P<sup>402</sup> P<sup>403</sup> P<sup>404</sup> P<sup>405</sup> P<sup>406</sup> P<sup>407</sup> P<sup>408</sup> P<sup>409</sup> P<sup>410</sup> P<sup>411</sup> P<sup>412</sup> P<sup>413</sup> P<sup>414</sup> P<sup>415</sup> P<sup>416</sup> P<sup>417</sup> P<sup>418</sup> P<sup>419</sup> P<sup>420</sup> P<sup>421</sup> P<sup>422</sup> P<sup>423</sup> P<sup>424</sup> P<sup>425</sup> P<sup>426</sup> P<sup>427</sup> P<sup>428</sup> P<sup>429</sup> P<sup>430</sup> P<sup>431</sup> P<sup>432</sup> P<sup>433</sup> P<sup>434</sup> P<sup>435</sup> P<sup>436</sup> P<sup>437</sup> P<sup>438</sup> P<sup>439</sup> P<sup>440</sup> P<sup>441</sup> P<sup>442</sup> P<sup>443</sup> P<sup>444</sup> P<sup>445</sup> P<sup>446</sup> P<sup>447</sup> P<sup>448</sup> P<sup>449</sup> P<sup>450</sup> P<sup>451</sup> P<sup>452</sup> P<sup>453</sup> P<sup>454</sup> P<sup>455</sup> P<sup>456</sup> P<sup>457</sup> P<sup>458</sup> P<sup>459</sup> P<sup>460</sup> P<sup>461</sup> P<sup>462</sup> P<sup>463</sup> P<sup>464</sup> P<sup>465</sup> P<sup>466</sup> P<sup>467</sup> P<sup>468</sup> P<sup>469</sup> P<sup>470</sup> P<sup>471</sup> P<sup>472</sup> P<sup>473</sup> P<sup>474</sup> P<sup>475</sup> P<sup>476</sup> P<sup>477</sup> P<sup>478</sup> P<sup>479</sup> P<sup>480</sup> P<sup>481</sup> P<sup>482</sup> P<sup>483</sup> P<sup>484</sup> P<sup>485</sup> P<sup>486</sup> P<sup>487</sup> P<sup>488</sup> P<sup>489</sup> P<sup>490</sup> P<sup>491</sup> P<sup>492</sup> P<sup>493</sup> P<sup>494</sup> P<sup>495</sup> P<sup>496</sup> P<sup>497</sup> P<sup>498</sup> P<sup>499</sup> P<sup>500</sup> P<sup>501</sup> P<sup>502</sup> P<sup>503</sup> P<sup>504</sup> P<sup>505</sup> P<sup>506</sup> P<sup>507</sup> P<sup>508</sup> P<sup>509</sup> P<sup>510</sup> P<sup>511</sup> P<sup>512</sup> P<sup>513</sup> P<sup>514</sup> P<sup>515</sup> P<sup>516</sup> P<sup>517</sup> P<sup>518</sup> P<sup>519</sup> P<sup>520</sup> P<sup>521</sup> P<sup>522</sup> P<sup>523</sup> P<sup>524</sup> P<sup>525</sup> P<sup>526</sup> P<sup>527</sup> P<sup>528</sup> P<sup>529</sup> P<sup>530</sup> P<sup>531</sup> P<sup>532</sup> P<sup>533</sup> P<sup>534</sup> P<sup>535</sup> P<sup>536</sup> P<sup>537</sup> P<sup>538</sup> P<sup>539</sup> P<sup>540</sup> P<sup>541</sup> P<sup>542</sup> P<sup>543</sup> P<sup>544</sup> P<sup>545</sup> P<sup>546</sup> P<sup>547</sup> P<sup>548</sup> P<sup>549</sup> P<sup>550</sup> P<sup>551</sup> P<sup>552</sup> P<sup>553</sup> P<sup>554</sup> P<sup>555</sup> P<sup>556</sup> P<sup>557</sup> P<sup>558</sup> P<sup>559</sup> P<sup>560</sup> P<sup>561</sup> P<sup>562</sup> P<sup>563</sup> P<sup>564</sup> P<sup>565</sup> P<sup>566</sup> P<sup>567</sup> P<sup>568</sup> P<sup>569</sup> P<sup>570</sup> P<sup>571</sup> P<sup>572</sup> P<sup>573</sup> P<sup>574</sup> P<sup>575</sup> P<sup>576</sup> P<sup>577</sup> P<sup>578</sup> P<sup>579</sup> P<sup>580</sup> P<sup>581</sup> P<sup>582</sup> P<sup>583</sup> P<sup>584</sup> P<sup>585</sup> P<sup>586</sup> P<sup>587</sup> P<sup>588</sup> P<sup>589</sup> P<sup>590</sup> P<sup>591</sup> P<sup>592</sup> P<sup>593</sup> P<sup>594</sup> P<sup>595</sup> P<sup>596</sup> P<sup>597</sup> P<sup>598</sup> P<sup>599</sup> P<sup>600</sup> P<sup>601</sup> P<sup>602</sup> P<sup>603</sup> P<sup>604</sup> P<sup>605</sup> P<sup>606</sup> P<sup>607</sup> P<sup>608</sup> P<sup>609</sup> P<sup>610</sup> P<sup>611</sup> P<sup>612</sup> P<sup>613</sup> P<sup>614</sup> P<sup>615</sup> P<sup>616</sup> P<sup>617</sup> P<sup>618</sup> P<sup>619</sup> P<sup>620</sup> P<sup>621</sup> P<sup>622</sup> P<sup>623</sup> P<sup>624</sup> P<sup>625</sup> P<sup>626</sup> P<sup>627</sup> P<sup>628</sup> P<sup>629</sup> P<sup>630</sup> P<sup>631</sup> P<sup>632</sup> P<sup>633</sup> P<sup>634</sup> P<sup>635</sup> P<sup>636</sup> P<sup>637</sup> P<sup>638</sup> P<sup>639</sup> P<sup>640</sup> P<sup>641</sup> P<sup>642</sup> P<sup>643</sup> P<sup>644</sup> P<sup>645</sup> P<sup>646</sup> P<sup>647</sup> P<sup>648</sup> P<sup>649</sup> P<sup>650</sup> P<sup>651</sup> P<sup>652</sup> P<sup>653</sup> P<sup>654</sup> P<sup>655</sup> P<sup>656</sup> P<sup>657</sup> P<sup>658</sup> P<sup>659</sup> P<sup>660</sup> P<sup>661</sup> P<sup>662</sup> P<sup>663</sup> P<sup>664</sup> P<sup>665</sup> P<sup>666</sup> P<sup>667</sup> P<sup>668</sup> P<sup>669</sup> P<sup>670</sup> P<sup>671</sup> P<sup>672</sup> P<sup>673</sup> P<sup>674</sup> P<sup>675</sup> P<sup>676</sup> P<sup>677</sup> P<sup>678</sup> P<sup>679</sup> P<sup>680</sup> P<sup>681</sup> P<sup>682</sup> P<sup>683</sup> P<sup>684</sup> P<sup>685</sup> P<sup>686</sup> P<sup>687</sup> P<sup>688</sup> P<sup>689</sup> P<sup>690</sup> P<sup>691</sup> P<sup>692</sup> P<sup>693</sup> P<sup>694</sup> P<sup>695</sup> P<sup>696</sup> P<sup>697</sup> P<sup>698</sup> P<sup>699</sup> P<sup>700</sup> P<sup>701</sup> P<sup>702</sup> P<sup>703</sup> P<sup>704</sup> P<sup>705</sup> P<sup>706</sup> P<sup>707</sup> P<sup>708</sup> P<sup>709</sup> P<sup>710</sup> P<sup>711</sup> P<sup>712</sup> P<sup>713</sup> P<sup>714</sup> P<sup>715</sup> P<sup>716</sup> P<sup>717</sup> P<sup>718</sup> P<sup>719</sup> P<sup>720</sup> P<sup>721</sup> P<sup>722</sup> P<sup>723</sup> P<sup>724</sup> P<sup>725</sup> P<sup>726</sup> P<sup>727</sup> P<sup>728</sup> P<sup>729</sup> P<sup>730</sup> P<sup>731</sup> P<sup>732</sup> P<sup>733</sup> P<sup>734</sup> P<sup>735</sup> P<sup>736</sup> P<sup>737</sup> P<sup>738</sup> P<sup>739</sup> P<sup>740</sup> P<sup>741</sup> P<sup>742</sup> P<sup>743</sup> P<sup>744</sup> P<sup>745</sup> P<sup>746</sup> P<sup>747</sup> P<sup>748</sup> P<sup>749</sup> P<sup>750</sup> P<sup>751</sup> P<sup>752</sup> P<sup>753</sup> P<sup>754</sup> P<sup>755</sup> P<sup>756</sup> P<sup>757</sup> P<sup>758</sup> P<sup>759</sup> P<sup>760</sup> P<sup>761</sup> P<sup>762</sup> P<sup>763</sup> P<sup>764</sup> P<sup>765</sup> P<sup>766</sup> P<sup>767</sup> P<sup>768</sup> P<sup>769</sup> P<sup>770</sup> P<sup>771</sup> P<sup>772</sup> P<sup>773</sup> P<sup>774</sup> P<sup>775</sup> P<sup>776</sup> P<sup>777</sup> P<sup>778</sup> P<sup>779</sup> P<sup>780</sup> P<sup>781</sup> P<sup>782</sup> P<sup>783</sup> P<sup>784</sup> P<sup>785</sup> P<sup>786</sup> P<sup>787</sup> P<sup>788</sup> P<sup>789</sup> P<sup>790</sup> P<sup>791</sup> P<sup>792</sup> P<sup>793</sup> P<sup>794</sup> P<sup>795</sup> P<sup>796</sup> P<sup>797</sup> P<sup>798</sup> P<sup>799</sup> P<sup>800</sup> P<sup>801</sup> P<sup>802</sup> P<sup>803</sup> P<sup>804</sup> P<sup>805</sup> P<sup>806</sup> P<sup>807</sup> P<sup>808</sup> P<sup>809</sup> P<sup>810</sup> P<sup>811</sup> P<sup>812</sup> P<sup>813</sup> P<sup>814</sup> P<sup>815</sup> P<sup>816</sup> P<sup>817</sup> P<sup>818</sup> P<sup>819</sup> P<sup>820</sup> P<sup>821</sup> P<sup>822</sup> P<sup>823</sup> P<sup>824</sup> P<sup>825</sup> P<sup>826</sup> P<sup>827</sup> P<sup>828</sup> P<sup>829</sup> P<sup>830</sup> P<sup>831</sup> P<sup>832</sup> P<sup>833</sup> P<sup>834</sup> P<sup>835</sup> P<sup>836</sup> P<sup>837</sup> P<sup>838</sup> P<sup>839</sup> P<sup>840</sup> P<sup>841</sup> P<sup>842</sup> P<sup>843</sup> P<sup>844</sup> P<sup>845</sup> P<sup>846</sup> P<sup>847</sup> P<sup>848</sup> P<sup>849</sup> P<sup>850</sup> P<sup>851</sup> P<sup>852</sup> P<sup>853</sup> P<sup>854</sup> P<sup>855</sup> P<sup>856</sup> P<sup>857</sup> P<sup>858</sup> P<sup>859</sup> P<sup>860</sup> P<sup>861</sup> P<sup>862</sup> P<sup>863</sup> P<sup>864</sup> P<sup>865</sup> P<sup>866</sup> P<sup>867</sup> P<sup>868</sup> P<sup>869</sup> P<sup>870</sup> P<sup>871</sup> P<sup>872</sup> P<sup>873</sup> P<sup>874</sup> P<sup>875</sup> P<sup>876</sup> P<sup>877</sup> P<sup>878</sup> P<sup>879</sup> P<sup>880</sup> P<sup>881</sup> P<sup>882</sup> P<sup>883</sup> P<sup>884</sup> P<sup>885</sup> P<sup>886</sup> P<sup>887</sup> P<sup>888</sup> P<sup>889</sup> P<sup>890</sup> P<sup>891</sup> P<sup>892</sup> P<sup>893</sup> P<sup>894</sup> P<sup>895</sup> P<sup>896</sup> P<sup>897</sup> P<sup>898</sup> P<sup>899</sup> P<sup>900</sup> P<sup>901</sup> P<sup>902</sup> P<sup>903</sup> P<sup>904</sup> P<sup>905</sup> P<sup>906</sup> P<sup>907</sup> P<sup>908</sup> P<sup>909</sup> P<sup>910</sup> P<sup>911</sup> P<sup>912</sup> P<sup>913</sup> P<sup>914</sup> P<sup>915</sup> P<sup>916</sup> P<sup>917</sup> P<sup>918</sup> P<sup>919</sup> P<sup>920</sup> P<sup>921</sup> P<sup>922</sup> P<sup>923</sup> P<sup>924</sup> P<sup>925</sup> P<sup>926</sup> P<sup>927</sup> P<sup>928</sup> P<sup>929</sup> P<sup>930</sup> P<sup>931</sup> P<sup>932</sup> P<sup>933</sup> P<sup>934</sup> P<sup>935</sup> P<sup>936</sup> P<sup>937</sup> P<sup>938</sup> P<sup>939</sup> P<sup>940</sup> P<sup>941</sup> P<sup>942</sup> P<sup>943</sup> P<sup>944</sup> P<sup>945</sup> P<sup>946</sup> P<sup>947</sup> P<sup>948</sup> P<sup>949</sup> P<sup>950</sup> P<sup>951</sup> P<sup>952</sup> P<sup>953</sup> P<sup>954</sup> P<sup>955</sup> P<sup>956</sup> P<sup>957</sup> P<sup>958</sup> P<sup>959</sup> P<sup>960</sup> P<sup>961</sup> P<sup>962</sup> P<sup>963</sup> P<sup>964</sup> P<sup>965</sup> P<sup>966</sup> P<sup>967</sup> P<sup>968</sup> P<sup>969</sup> P<sup>970</sup> P<sup>971</sup> P<sup>972</sup> P<sup>973</sup> P<sup>974</sup> P<sup>975</sup> P<sup>976</sup> P<sup>977</sup> P<sup>978</sup> P<sup>979</sup> P<sup>980</sup> P<sup>981</sup> P<sup>982</sup> P<sup>983</sup> P<sup>984</sup> P<sup>985</sup> P<sup>986</sup> P<sup>987</sup> P<sup>988</sup> P<sup>989</sup> P<sup>990</sup> P<sup>991</sup> P<sup>992</sup> P<sup>993</sup> P<sup>994</sup> P<sup>995</sup> P<sup>996</sup> P<sup>997</sup> P<sup>998</sup> P<sup>999</sup> P<sup>1000</sup> P<sup>1001</sup> P<sup>1002</sup> P<sup>1003</sup> P<sup>1004</sup> P<sup>1005</sup> P<sup>1006</sup> P<sup>1007</sup> P<sup>1008</sup> P<sup>1009</sup> P<sup>1010</sup> P<sup>1011</sup> P<sup>1012</sup> P<sup>1013</sup> P<sup>1014</sup> P<sup>1015</sup> P<sup>1016</sup> P<sup>1017</sup> P<sup>1018</sup> P<sup>1019</sup> P<sup>1020</sup> P<sup>1021</sup> P<sup>1022</sup> P<sup>1023</sup> P<sup>1024</sup> P<sup>1025</sup> P<sup>1026</sup> P<sup>1027</sup> P<sup>1028</sup> P<sup>1029</sup> P<sup>1030</sup> P<sup>1031</sup> P<sup>1032</sup> P<sup>1033</sup> P<sup>1034</sup> P<sup>1035</sup> P<sup>1036</sup> P<sup>1037</sup> P<sup>1038</sup> P<sup>1039</sup> P<sup>1040</sup> P<sup>1041</sup> P<sup>1042</sup> P<sup>1043</sup> P<sup>1044</sup> P<sup>1045</sup> P<sup>1046</sup> P<sup>1047</sup> P<sup>1048</sup> P<sup>1049</sup> P<sup>1050</sup> P<sup>1051</sup> P<sup>1052</sup> P<sup>1053</sup> P<sup>1054</sup> P<sup>1055</sup> P<sup>1056</sup> P<sup>1057</sup> P<sup>1058</sup> P<sup>1059</sup> P<sup>1060</sup> P<sup>1061</sup> P<sup>1062</sup> P<sup>1063</sup> P<sup>1064</sup> P<sup>1065</sup> P<sup>1066</sup> P<sup>1067</sup> P<sup>1068</sup> P<sup>1069</sup> P<sup>1070</sup> P<sup>1071</sup> P<sup>1072</sup> P<sup>1073</sup> P<sup>1074</sup> P<sup>1075</sup> P<sup>1076</sup> P<sup>1077</sup> P<sup>1078</sup> P<sup>1079</sup> P<sup>1080</sup> P<sup>1081</sup> P<sup>1082</sup> P<sup>1083</sup> P<sup>1084</sup> P<sup>1085</sup> P<sup>1086</sup> P<sup>1087</sup> P<sup>1088</sup> P<sup>1089</sup> P

dos homens santos e de Deus. Ele assaca «acusações hostis» contra os crentes. Foi o acusador de Jó, e é pintado como se vagueasse pela terra, espiando a fraqueza daqueles que procuram a vitória na inquirição espiritual. É um leão que vagueia destruidor e sem misericórdia, o exemplo máximo do mal e da depravação. Em seu ser não há bem algum, embora goste de apresentar-se como ser bom. Provavelmente está auto-enganado ao ponto de pensar que realmente é melhor que Deus, merecedor da lealdade dos homens. Por toda a parte as Escrituras falam dele como uma personalidade, a eptome do mal, assim como Deus é a eptome do bem. (Há notas expositivas completas sobre «Satanás»—derivado do hebraico, e que significa «adversário»—em Luc. 10:18 e João 8:44. Quanto a seu título de «Belzebu», ver Mat. 10:25 e Luc. 10:18. Quanto aos «demônios, seus auxiliares», ver Marc. 5:2). De certo ângulo, a própria história é a luta entre as forças do bem e do mal, em que a lealdade do homem é reivindicada constantemente. É preciso muito tempo para que os homens se convençam de que o bem é melhor do que o mal. Muitas lições repetidas são necessárias a fim de aprendermos essa lição. Mas, enquanto isso não é aprendido, os homens, até certo ponto, continuam escravos do mal inspirado por Satanás. A redenção, pelo menos parcialmente, consiste na história de como homens são libertados dessa servidão, pois, verdadeiramente, os remidos são libertados do domínio satânico.

«...leão...» Dado que o leão é sem misericórdia ao buscar sua presa, destruindo-a totalmente, sem qualquer consciência; e dado que o leão é poderoso, nada podendo resistir-lhe—por essas razões, Satanás é bem representado aqui por esse felino. O leão «ruge» porque busca sua presa em fome e furor. Quando a vítima é dominada, o leão a «devora», o que indica, metaforicamente, «total destruição». Isso é que Satanás faz contra uma alma, impedindo-a de possuir a salvação divina, destruindo o indivíduo

9 ὡς ἀντίστητε στερεοὶ τῇ πίστει, εἰδότες τὰ αὐτὰ τῶν παθημάτων τῇ ἐν [τῷ] κόσμῳ ὑμῶν

ἀδελφότητι ἐπιτελεῖσθαι.

519: no qual resisti firmes na fé, sabendo que os mesmos sofrimentos estão-se cumprindo entre os vossos irmãos no mundo.

Há vitória; a derrota não é necessária, embora o adversário seja dotado de forças e inteligência prodigiosas. Mas Satanás pode ser derrotado por nossa resistência. Uma metáfora militar é aqui utilizada. As forças do bem devem ser reunidas e preparadas para a batalha. (Comparar com Tia. 4:7, que diz: resisti ao diabo, e ele fugirá de vós). Satanás só é poderoso enquanto contar com a simpatia do homem que ele tenta. Ele explora todas as tendências para o mal que encontrar. Porém, logo que encontra pela frente uma vontade resoluta, baseada na bondade e na espiritualidade sinceras, suas forças logo o abandonam, como que por encanto.

«...firmes na fé...» A resistência faz parte do desenvolvimento espiritual. Baseia-se sobre a «fé». A fé pode ser: 1. Subjetiva, a confiança pessoal em Cristo e a outorga da alma a ele. Provavelmente esse é o uso do termo neste passo. «...esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé» (I João 5:4). Quando entregamos as nossas almas ao Capitão das almas retas, ele nos dá as forças necessárias para resistir ao mal, quer venha este na forma de perseguição inspirada por Satanás ou na forma de tentação ao mal. 2. A fé pode ser «objetiva», isto é, o credo cristão, o cristianismo. Esse uso é limitado às epístolas pastorais no N.T., embora tenha penetrado um tanto tardiamente no vocabulário teológico. (Ver as notas expositivas sobre isso em I Tim. 1:2). 3. A fé também é uma virtude comum, uma graça espiritual desenvolvida na alma pelo poder do Espírito (ver Gál. 5:22). É um dos aspectos do seu fruto. A fé é uma virtude espiritual como resultado da fé «subjetiva». (Quanto a notas expositivas completas sobre a «fé», ver Heb. 11:1, onde também aparece poesia ilustrativa). A «outorga da alma a Cristo» e a firme confiança nele, nascida da influência do Espírito, podem levar-nos a resistir com sucesso a todo o mal, até mesmo ao Príncipe do Mal.

«...sofrimentos...» Estão em foco aqui os sofrimentos, tal como em toda esta epístola. As perseguições levariam aqueles crentes a abandonarem a Cristo, a menos que eles fossem firmes na fé. Se houvesse o abandono da fé, Satanás teria obtido a vitória que ele queria.

«...estão-se cumprindo...» Esse «cumprimento» faz parte da vontade de Deus, conforme vimos antes, embora sob a mediação de homens ímpios. I Ped. 4:17 mostra-nos que a perseguição era reputada o açoit de Deus, que visava a purificação da igreja. E era o início mesmo do julzo, que a «parousia» haveria de inaugurar. Quando Deus tencionava julgar o mundo, ele primeiramente limpa sua própria casa. Assim também, por toda a parte do mundo então conhecido, a perseguição já começara. E como se Pedro tivesse escrito: «Vosso caso não é isolado; o mesmo propósito está se cumprindo por toda a terra. Consolai-vos nisso; sois apenas parte do propósito e designio gerais de Deus. Deus controla a questão. Ele controlará

quanto à missão tencionada por ele para o Senhor. (Ver Jó 1:7 e 2:2 quanto às «atividades de Satanás»). Sem dúvida Pedro aqui relembra suas próprias experiências. Satanás desejava «peneirar-lo», e teria obtido sucesso se o próprio Jesus não lhe tivesse oferecido proteção no momento crítico. (Ver Luc. 22:31).

«Cristo é chamado 'leão' (ver Ap. 5:5) por causa de sua coragem. O diabo, por causa de sua ferocidade. Um leão veio para conquistar, o outro, para ferir» (Agostinho).

*Variação Textual:* Após a palavra «...procurando...» há três formas diversas nos manuscritos antigos: 1. «...procurando a quem possa devorar...» é a forma que se acha em Aleph, KP, 049, 81, 181, 326, 1739, no cóp(bol) e nos escritas de Orígenes. 2. «...procurando alguém para devorar...» é a forma dos mss P1721, A, 814 e manuscritos bizantinos. 3. «...procurando devorar...» é a forma dos mss P, Pei, Orígenes (latim). Posto que a evidência textual está bem dividida, nada se pode afirmar com certeza absoluta quanto ao original. A terceira forma tem em seu favor o fato que é a forma «mais breve». Era mais natural que os escribas subsequentes adornassem o texto, ao invés de abreviá-lo. Talvez o indefinido «tina» (alguém) tenha sido adicionado para tornar a declaração mais completa e compreensível. Nesse caso, o fato que a «maioria dos manuscritos» lhe dão apoio, é de pequena consideração. Isso é mais provável do que a palavra «tina» ter sido omitida por acidente. O subjuntivo mais provavelmente é apenas uma modificação gramatical que alguns escribas pensaram que melhoraria o estilo e o sentido da frase.

Este versículo mostra-nos que o diabo é visto aqui como o verdadeiro autor da perseguição. Homens maus agem como fazem porque não fazem qualquer esforço para resistir ao caráter da influência corruptora do mal. «O sofrimento presente dos crentes é obra do diabo tanto quanto os sofrimentos de Jesus (ver I Cor. 2:6, 8) como de Jó». (Hart, *in loc.*).

9 ὡς ἀντίστητε Eph 6:11-13; Jac 4:7

9 τω RB; R] om AKLP pl c

tudo e fará tudo redundar para vosso bem».

A palavra traduzida por «cumprir» tem um significado alternativo. Era usada para denotar «pagamento de impostos». Por isso, diz a tradução de Moffatt: «...sabendo que pagais a mesma taxa de sofrimentos que fazem vossos irmãos no mundo...». Isso nos confere a idéia de uma «dívida que precisa ser paga»; mas Deus a exige dos homens, embora isso, finalmente, redunde em bem.

«...espalhada pelo mundo...» Isso indica quão «espalhado» já fora o cristianismo, ate mesmo durante o tempo dos apóstolos. (Quanto a isso, ver informações em Col. 1:6).

«...firmes...» No grego é «sterous», algo «sólido», «completo». Disso vêm termos como «estereofônico», de «som sólido», de «som cheio». A palavra, em certa forma cognata («stereoma») é usada para indicar «ordem», em metáfora militar. (Ver Col. 2:5). Isso indica «frente sólida», «falange fechada». A dedicação dos crentes a Cristo deveria conferir-lhes uma frente sólida e impenetrável para o inimigo, o que lhes assegura a vitória.

«A covardia nunca obtém a vitória contra o diabo (ver II Tim. 1:7); somente a coragem». (Robertson, *in loc.*). Assim sendo, somos convocados a ter a coragem de nos tornarmos pessoas espirituais, utilizando-nos dos meios da oração, da meditação, do treinamento intelectual, buscando o poder do Espírito, usando os dons que possuímos. Todas essas coisas melhoram nossa firmeza na fé.

Este versículo diz de modo diverso, embora idêntico quanto à essência, o que se lê em I Cor. 10:13: «Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar». Essa é uma verdade que muito nos consola; ela nos encoraja. Esse é o motivo por que Pedro disse que o sofrimento é universal, não meramente algo dirigido contra seus leitores originais, como se fosse um acidente. Satanás assediou a Jó porque ele já era homem aprovado, e necessitava passar por testes que o aprimorassem mais ainda, e não porque ele não fosse aprovado e precisasse de punição. Esse é o ponto de vista que os crentes que sofrem devem tomar sobre a questão.

«A vitória sobre Satanás depende da fé, porquanto a fé» nos vincula a Cristo, o Vitorioso. Mediante a fé, o diabo é posto em fuga, tal como o leão fuge ante o fogo». (Gerhard, *in loc.*).

Este versículo pode ser comparado ao trecho de I Ped. 4:12. Os crentes poderiam pensar que algo «estranho» lhes sobreviera, por estarem sendo perseguidos. Mas isso é impossível, porquanto a vontade de Deus está por detrás de tudo quanto sucede nas vidas dos crentes. Que todos participem dos mesmos sofrimentos, em escala universal, também mostra que nada de «estranho» lhes estava acontecendo.

10 Ὁ δὲ θεὸς πάσης χάριτος, ὁ καλέσας ὑμᾶς εἰς τὴν αἰώνιον αὐτοῦ δόξαν ἐν Χριστῷ [Ἰησοῦ]<sup>3</sup>, ὁ λίγον παθόντας αὐτὸς καταρτίσει, στηρίξει, σθενώσει, θεμελιώσει<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> 10 Χριστῷ N 0206<sup>1</sup> 0114 030 1305 2412 2403 xpi<sup>2</sup> δ τῷ Χριστῷ B 3<sup>1</sup> C<sup>1</sup> Χριστῷ Ἰησοῦ p<sup>1</sup> A K P Ψ 036 0162 33 41 44 104 181 326 330 438 451 829 1241 1739 1857 1991 2127 2492 Byz Jav<sup>1</sup> it<sup>1</sup> lat<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> co<sup>1</sup> arm<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> ge<sup>1</sup> vgl<sup>1</sup> κρις 0114

xpi<sup>2</sup> δ τῷ Χριστῷ N 0206<sup>1</sup> 0114 030 1305 2412 2403 xpi<sup>2</sup> δ τῷ Χριστῷ B 3<sup>1</sup> C<sup>1</sup> Χριστῷ Ἰησοῦ p<sup>1</sup> A K P Ψ 036 0162 33 41 44 104 181 326 330 438 451 829 1241 1739 1857 1991 2127 2492 Byz Jav<sup>1</sup> it<sup>1</sup> lat<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> co<sup>1</sup> arm<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> ge<sup>1</sup> vgl<sup>1</sup> κρις 0114

<sup>2</sup> 10 [C] σθενώσει, θεμελιώσει N K P 049 356 0162 44 104 181 326 330 438 451 829 945 1241 1739 1877 1991 2127 2492 Byz Jav<sup>1</sup> it<sup>1</sup> lat<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> co<sup>1</sup> arm<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> ge<sup>1</sup> vgl<sup>1</sup> σθενώσει, θεμελιώσει 814 830 1603 2412 2495 Ps-Oecumenius

Theophylact δ σθενώσει A B Ψ 0206 [uam<sup>1</sup> it<sup>1</sup> lat<sup>1</sup> sy<sup>1</sup> co<sup>1</sup> arm<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> ge<sup>1</sup> vgl<sup>1</sup> θεμελιώσει p<sup>1</sup> 91 110<sup>1</sup>



forma *Χριστῷ Ἰησοῦ*, contudo, porquanto *Ἰησοῦ* está ausente em vários manuscritos importantes (incluindo N B 614), foi decidido deixar a palavra entre colchetes, indicando certa dúvida que a mesma faz parte do texto.

(Em face da tendência dos escribas por adicionar, e não omitir, nomes sagrados, o texto mais breve é preferível. B.M.M.).

A similaridade de finais, de verbos sucessivos explica a omissão accidental de *σθενώσει* em P (72) 81 e o ancestral de it (r), bem como de *μεμλιώσει* em A B Ψ al. A substituição dessas por formas optativas (*σθενώσαι, μεμλιώσαι*) em vários testemunhos posteriores (614 630 1505 2412 al) reflete modificação escrital ou editorial.

5:10: *Ele o Deus da vida e graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de havêis sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, confirmar e fortalecer.*

«Deus de toda a graça...» Deus permite o sofrimento, mas ele é o grande Benfeitor. Tudo faz parte de sua graça administrativa; tudo tem uma finalidade, e o alvo final é glorificar aos crentes. Essas são palavras de consolo. (Ver Efê. 2:8 quanto à nota de sumário sobre a «graça»). Esse termo significa, popularmente, aquilo que recebemos «graciosamente» e «livremente», sem o concurso de nosso mérito pessoal. Teologicamente, porém, significa que a salvação vem do mesmo modo, sem o concurso das obras humanas, embora a graça exija a «obra do Espírito», realizada em nós. Isso, entretanto, é apenas parte de sua operação graciosa em favor dos homens, em que ele faz todos os remidos participarem da imagem e da natureza de Cristo, ficando eles assim qualificados para entrar em seu lar celeste, tornando-os, primeiramente, seres celestiais, participantes da mesma vida e natureza possuídas por Cristo.

«...em Cristo...» Temos aqui um termo místico, que significa «em comunhão com», através de meios místicos, a saber, a presença habitadora do seu Santo Espírito. Trata-se de uma expressão usada por cento e sessenta e quatro vezes nos escritos de Paulo. (Ver isso anotado em I Cor. 1:4, sob o título, o *Cristo-Misticismo*). Estamos «associados» com Cristo, mas essa associação é uma comunhão mística, em que tudo quanto Cristo é nos é transmitido, a fim de compartilharmos de tudo quanto ele é e de tudo quanto ele possui. Então nos tornaremos «um só», quanto à natureza, ao desejo, ao destino, à herança e à glória.

«...vos chamou...» Essa é a chamada eficaz de Deus para a salvação. Ele nos chama do mundo, da destruição para os lugares celestiais, para Cristo, para o bem-estar eterno. Os homens devem responder a essa convocação, e isso vem através do exercício do livre-arbítrio, que é a parte do homem em toda essa questão. A salvação e a fé, portanto, representam uma estrada com duas pistas: uma é humana e a outra é divina. Essas pistas devem seguir paralelas, ou a estrada termina. (Ver notas expositivas completas sobre o «chamamento cristão», em Rom. 8:30; sobre a «salvação», em Heb. 2:3; sobre o «livre-arbítrio», em I Tim. 2:4). A chamada repousa sobre a «predestinação» (comentada em Rom. 9:15,16) e sobre a «eleição» (comentada em Efê. 1:4).

«...eterna glória...» Essa é a «salvação» e a «vida eterna» (ver as notas expositivas em João 3:15), em que somos «glorificados» com Cristo. (Ver esse tema comentado em Rom. 8:29,30). Significa que chegaremos a ser a «plenitude de Deus», daquele que preenche a tudo em todos (é tudo para todos), segundo se aprende em Efê. 1:23. Portanto, seremos elevados acima dos anjos, tanto na natureza, como no poder e na inteligência; isso significa que compartilharemos de «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19 e Col. 2:10), e, por conseguinte, da própria «divindade» (ver II Ped. 1:4); da própria natureza de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18) e de sua herança (ver Rom. 8:17). Significa compartilhar do mesmo «tipo de vida» que Deus possui (ver João 5:25,26 e 6:57), e de sua perfeita santidade (ver Rom. 3:21 e Heb. 12:14).

Essas grandes verdades estão contidas apenas em palavras, mas são conceitos que se revestem de grande poder, representando verdades de gigantescas proporções. Quanto mais experiência tiver o crente, mais ele é espiritualizado, mais essas coisas significam para nós. Portanto, são mais

11 αὐτῷ τὸ κράτος<sup>6</sup> εἰς τοὺς αἰῶνας<sup>6</sup>. ἀμήν.

11 IC<sup>1</sup> τὸ κράτος p<sup>72</sup> 0206<sup>1</sup> omitt τὸ. A B Ψ vg<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> δ' ἡ δόξα 376 915 1835 it<sup>1</sup> δ' ἡ δόξα κράτος K 049 086 0142 330 438 omitt ἡ 451 2127. Irv<sup>1</sup> δ' ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος ver 4 11 N P 99 104 181 326 1957 2492 Hgt it<sup>1</sup> omitt<sup>1</sup> e<sup>1</sup> vg<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> iTh-Oecumenius omitt τὸ Theophylact δ'

11 IC<sup>1</sup> αἰῶνας B P<sup>72</sup> vg<sup>1</sup> it<sup>1</sup> δ' αἰῶνας τῶν αἰῶνων lat<sup>1</sup> 4 111 N A K P Ψ 049 056 0142 0206 33 81 84 104 181 326 190 428 451 614 628 630

11 αυτω AB 0206 pc vg<sup>1</sup>; R] add η δόξα και η αιωνας 33 81 614 al) vg<sup>1</sup> cl c]

<sup>6</sup> A variação de posição de *ἡ δόξα* (antes de *κράτος* em N K P 049 056 0142 88 181 326 330 al; após *κράτος* em 33 81 614 630 945 1241 1505 1739 1881 al), bem como sua ausência em testemunhos como p<sup>72</sup> A B Ψ vg etí (ro), pode ser explicada melhor sob a suposição que é uma intrusão posterior ao texto, derivada de 4:11. Outras variantes singulares e subsingulares ocorrem, derivadas de doxologias tradicionais.

<sup>6</sup> Considerando a tendência quase universal de expandir as doxologias, a maioria da comissão preferiu a forma mais breve, apoiada por P (72) B 36 307\* Lect (136 (m)) cop (bo) ara.

5:11: *A ele seja o domínio para todo o sempre. Amém.*

Nas páginas do N.T., as doxologias têm as seguintes finalidades: 1. Pôr ponto final a uma seção sobre alguma elevada questão espiritual. 2. Elevar um pensamento expresso imediatamente antes. 3. Empréstimo uma expressão climática apropriada a alguma sublime passagem, que provoca as emoções espirituais. 4. Ou, simplesmente prover oportunidade para fazer soar uma sincera e exaltada nota de louvor, porque aquilo que foi dito toca a alma. Os usos das doxologias são descritos nas notas expositivas sobre Efê. 3:21. (A doxologia presente é igual à de I Ped. 4:11, exceto que ali temos «glória e domínio», atribuídos a Deus, enquanto os melhores

«experiências» do que fias declarações teológicas.

«...depois de terdes sofrido por um pouco...» Até mesmo Cristo, o Senhor, teve de passar pelos «sofrimentos» a fim de entrar na glória. (Ver I Ped. 3:18 e ss., quanto ao fato que os sofrimentos de Cristo foram seguidos pela glória e pela bênção eternas, não somente quanto a si mesmo, mas quanto àqueles a quem ele ministra). A passagem de I Ped. 4:19 ensina-nos que aqueles que sofrem entregam suas almas a Deus como um tesouro, pois certamente ele as conservará em segurança. O trecho de I Ped. 4:13 fala diretamente de como os sofrimentos nos conduzem à glória. Os «sofrimentos de Cristo» é que são compartilhados por nós; também é de sua «glória» que participaremos, segundo se aprende em Rom. 8:29,30. Outrossim, a passagem de I Ped. 5:4, uma vez mais reitera o tema «os sofrimentos conduzem à glória». Há uma «coroa de glória» a ser dada pelo Supremo Pastor, quando ele voltar. (Quanto a versículos similares nos escritos de Paulo, que podem ser usados para ilustrar o presente texto, ver Rom. 8:18 e II Cor. 4:17, ambas as quais passagens salientam a «brevidade» do tempo de sofrimento, em comparação com a eternidade gloriosa que se seguirá. Por conseguinte, a aflição é «leve», e dura apenas um «momento», mas opera «peso eterno de glória» em nosso favor.

«...ele mesmo vos há de aperfeiçoar...» Quem? Deus, por meio de Cristo. Mas agora, mediante os sofrimentos, está «aperfeiçoando» a seus santos. Ele é o agente dessa perfeição, embora meios severos possam ser necessários para produzir isso. A perfeição que buscamos é a do próprio Deus, e não mera imitação humana. Isso nos confere tudo quanto Cristo é e possui. Torna-nos perfeitos, não apenas libertos do pecado, mas também participantes de todas as virtudes morais positivas de Deus, de seu amor, de sua bondade, de sua gentileza e de sua justiça (ver Gál. 5:22,23). Mas também está envolvida a participação em sua forma de vida, que é perfeita. (Ver Efê. 4:12 quanto ao conceito neotestamentário da «perfeição»).

O grego diz aqui «*katartidzo*», «pôr em ordem», *restaurar*, «completar». Ele restaurará no crente o seu propósito eterno, obliterando todos os sinais de sofrimento. Ele nada deixa incompleto que deixe os crentes em estado de imperfeição espiritual. Ele duplicará seu Filho nos crentes, porquanto Cristo é o padrão mesmo da perfeição.

«...firmar...» No grego «*steridzo*», «confirmar», «estabelecer», «fortalecer». Ele curará nossos seres de todo o dano que nos faz tender para a fraqueza. É possível que Pedro estivesse olhando parcialmente para o presente. As perseguições não durarão para sempre. Deus nos livrará das mesmas, e, finalmente, nos estabelecerá em paz e graça. Mas parece estar em vista, principalmente, a confirmação escatológica.

«...fortificar...» No grego é «*sthenoo*», «fortalecer». As perseguições debilitam aos crentes, e talvez até lhes ameacem a fé. O próprio Deus cuidará de tudo, porém, se nele confiarmos. E no dia eterno ele nos fortificará de veras, em meio ao bem-estar eterno que desfrutaremos. Agora «ultrapassaremos» os poderes hostis; na eternidade, a vitória será completa. Essa é a força que Deus dá.

«...fundamentar...» No grego é «*themelioo*», «estabelecer», «alicerçar». Deus porá um alicerce eterno debaixo de nossos pés, e nunca seremos abalados. Isso nos ajudará desde agora, embora mais completamente no dia eterno. A metáfora tencionada é a de um edifício. O templo espiritual, a igreja, haverá de obter um alicerce eterno, permanente, fortíssimo. Então esse templo será, verdadeiramente, a habitação do Deus eterno (ver Efê. 2:20-22).

τὸ κράτος καὶ ἡ δόξα 33 81 614 630 945 1241 1505 1739 1881 2412 2498 P<sup>72</sup> syth cop<sup>1</sup> arm δ' ἡ δόξα καὶ ἡ βασιλεία 020 δ' αἰωνος et joh<sup>1</sup> omitt it<sup>1</sup> δ' εὐνοια and dominion and honor av<sup>1</sup>

945 1241 1506 1739 1877 1681 2127 2412 2482 2495 Hgt Lect<sup>1</sup> ign<sup>1</sup> e<sup>1</sup> dom d<sup>1</sup> b. p. q. k. vg syth<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> Pa-Oecumenius Theophylact

manuscritos dizem aqui apenas «domínio»).

*Variante Textual:* A palavra «glória» é adicionada antes de «domínio», nos mss Aleph, KP, 049, 056, 0142, 88, 104, 181, 326, 330; e depois dessa palavra, nos mss 33, 81; 614, 630, 945, 1214, 1605, 1739, e 1881. Mas essa palavra é omitida pelos mss P(72), AB, Psi, na Vg e no Etí(ro). Sua adição se deveu à tentativa de harmonização, por parte de escribas, com o trecho de I Ped. 4:11; pois a omissão certamente representa o texto mais antigo e melhor.

«...pelos séculos dos séculos...» (Quanto às diversas fórmulas para aludir à idéia de «eternidade», no grego, incluindo a presente expressão, ver as notas expositivas em Efê. 3:21). O homem ao contemplar a eternidade pensa que se trata de uma interminável sucessão de «eras», tal como ele

concebe o passado. Provavelmente a eternidade será apenas isso, em que cada era será prenhe de propósito, provavelmente com uma finalidade específica, para desenvolvimento do propósito eterno de Deus, em seus labores infundáveis.

«...Amém...» (Ver as notas expositivas em I Ped. 4:11 quanto a esta palavra, que também nos dá informações sobre onde ela é comentada em outros trechos do N.T.). «Assim seja», um imperativo, é um de seus significados. «Assim é», uma declaração em favor da verdade do que foi dito imediatamente antes, é outro sentido possível. No judaísmo, tornou-se uma afirmação litúrgica comum, tanto na linguagem escrita como no vernáculo.

## VII. Conclusão e Bênção (5:12-14).

Mui provavelmente o autor sagrado, conforme era o costume de Paulo, tenha acrescentado aqui uma nota, escrita de próprio punho, como uma espécie de autógrafa. Essa era uma das maneiras de autenticar cartas, na antiguidade, além de conferir-lhes certo toque pessoal. (Comparar isso com Gál. 6:11; Col. 4:18; II Tes. 3:16 e File. 19).

12 Διὰ Σιλουανοῦ ὑμῖν τοῦ πιστοῦ ἀδελφοῦ, ὡς λογίζομαι, δι' ὀλίγων ἔγραψα, παρακαλῶν καὶ ἐπιμαρτυρῶν ταύτην εἶναι ἀληθῆ χάριν τοῦ θεοῦ εἰς ἡν στήτε.

12 (θεοῦ,] · R)

5:12: Por Silvano, nosso fiel irmão, como o considero, escrevo brevemente, exortando e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus; nela permanecerei firmes.

Este versículo tem sido tomado a favor da autoria petrina da epístola. Em seu favor, salienta-se que apesar de ser óbvio que a carta tem um estilo e uma redação que ultrapassem as possibilidades de um pescador galileu, contudo, dado que aqui se diz que Pedro escreveu por meio de Silvano..., é provável que a redação seja deste último, e não do próprio Pedro. Isso significaria, naturalmente, que a epístola não foi escrita como teria sido diretamente ditada; pois, se assim fosse, seu grego seria muito inferior ao que é, provavelmente repleto de hebraísmos. Se Pedro escreveu esta epístola é certo que Silvano reformulou totalmente o grego, preparando uma cuidadosa cópia final. Somente desse modo o grego desta epístola poderia ter resultado uma obra de arte como é. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «problema da autoria», ver a seção II da introdução a esta epístola).

«...por meio...» No grego, poderíamos ter os seguintes sentidos: 1. Silvano foi o escriba e não o compositor da epístola. 2. Silvano foi o correio, aquele que levou a epístola a seu destino. 3. Foi ele o verdadeiro redator da epístola, tendo refeito completamente as idéias de Pedro.

«...Silvano...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse homem, ver Atos 15:22).

«...fiel irmão...» Temos aqui um título comum para os crentes sérios. (Comparar isso com I Cor. 4:2). Essa é a obrigação dos «mordomos». Eles têm uma comissão. Devem ser fiéis, dispensando bênçãos apropriadamente, de maneira agradável ao Senhor da casa. Todos os verdadeiros santos são chamados «fiéis», em Efé. 1:1. São pessoas «dignas de confiança» e também são «crentes». Epáfras era «fiel» (ver Col. 1:7). Onésimo era «fiel e amado» (ver Col. 4:7). A doutrina cristã deve ser transmitida a «homens fiéis» que, por sua vez, propaguem a mesma fé (ver II Tim. 2:2). O próprio Cristo é «fiel» (ver Heb. 2:17), como também o é Deus (ver I Cor. 1:9). Portanto, podemos confiar em suas promessas, bem como na graça dele recebida. Deus é um «fiel criador», que guarda as almas que lhe são dadas como um tesouro (ver I Ped. 4:19). Jesus Cristo é a «fiel testemunha» (ver Apo. 1:5); a fidelidade é requerida dos crentes, até à morte (ver Apo. 2:10).

«...escrevo resumidamente...» O propósito desta epístola foi o de consolar e fortalecer a igreja que sofria perseguição (ver a introdução à mesma, em suas seções V e VII). Muitas outras coisas também foram mencionadas,

13 Ἀσπάζεταιται ὑμᾶς ἡ ἐν Βαβυλῶνι συνεκλεκτὴ καὶ Μάρκος ὁ υἱὸς μου.

13 Βαβυλωνι] Ρωμη 2138: add ἐκκλησια Κρς 78 sy<sup>p</sup>

Ao invés de Βαβυλῶνι alguns poucos testemunhos (4 mg) 1518 2138) dizem Ῥώμη.

5:13: A vossa co-eleita em Babilônia vos saúda, como também meu filho Marcos.

«...Aquele...» Provavelmente devemos pensar em uma «igreja» local, embora alguns estudiosos pensem estar em foco a esposa de Pedro. (Comparar com a igreja chamada de «irmã eleita», em II João 13).

«...Babilônia...» Alguns poucos intérpretes creem que está em foco a famosa cidade antiga desse nome; mas a grande maioria dos eruditos rejeita esse ponto de vista. Há boas evidências de que Pedro terminou seus dias em Roma; e sem dúvida temos aqui uma declaração críptica, uma referência velada à capital do império romano. (Ver também Apo. 14:8; 16:19; 17:5 e 18:2,10,21, onde se vê que «Babilônia» indica Roma). É bem possível, entretanto, que nesse caso, há também uma profecia a longo prazo, que não se aplica necessariamente à cidade de Roma, mas a alguma cidade que a substituiria espiritualmente. É quase impossível que Pedro tivesse feito da Babilônia assíria a sua residência e centro de atividades missionárias. Josefo diz-nos que o imperador Cláudio expulsou daquela área quase todos os judeus. Tradições que antecedem ao surgimento da igreja católica-romana em muito vinculam Pedro a Roma, não havendo razões sólidas para rejeitar essa tradição. Pedro desaparece da cena de Jerusalém, e Tiago se tornou o principal líder cristão daquela área. Não há qualquer tradição que associe Pedro à literal cidade de Babilônia, e se ele tivesse vivido ali por alguns anos, fazendo da cidade seu centro de atividades, é mui provável que haveria informações extracanonônicas a esse respeito. No entanto, todas as fontes extracanonônicas apontam para Roma como o lugar onde Pedro residiu em seus anos finais, referindo-se a seu martírio sob Nero.

Ainda que se possa demonstrar com sucesso que o decreto de Cláudio não foi eficaz e nem perdurou por muito tempo, e que a cidade literal da Babilônia contava com numerosa população judaica, isso não contribuiria em favor da idéia que Pedro residiu ali, havendo total ausência de

Variente Textual: As palavras «...para dentro dos séculos dos séculos...» figuram nos mss Aleph, AKP, Psi e a maior parte dos manuscritos. Porém, os mss P(72), B, 36, 307(1), 1(1565 M), Cóp(bo) e Ara dizem o simples «para sempre» (no grego, «aionas»). Provavelmente essa é a forma correta, pois a outra forma é apenas um adorno, com base na memória dos escribas sobre I Ped. 4:11, a outra expressão mais elaborada. Qualquer dessas fórmulas expressa o conceito de «eternidade». Uma delas diz, literalmente, «pelos séculos», mas a outra diz «pelos séculos dos séculos». Ambas essas fórmulas representam a eternidade como uma série interminável de «eras».

★ ★ ★

mas todas elas tendo por pano de fundo os sofrimentos. Contudo, a epístola foi mantida como missiva relativamente breve. Pode ser lida em dez minutos, embora precise de muito mais tempo para ser estudada a sério.

«...exortando...» No grego temos o familiar termo «parakaleo», usado por nada menos de cento e oito vezes no N.T., com o sentido de «exortar» ou «consolar». Pedro faz ambas as coisas nesta epístola, e ambas eram necessárias. Ele consolou a seus leitores que sofriam tribulação, levando-os a considerar a glória eterna que se seguiria. Ele os exortou a uma vida de constante santidade. Uma forma nominal desse verbo, «paracleto», é um dos títulos dados ao Espírito Santo. Ele é o «Consolador» e «Ajudador» de todos quantos buscam zelosamente a Deus. Como tal, ele é o «alter ego» de Cristo. (Quanto a notas expositivas sobre as «declarações de Jesus sobre o divino paracleto», ver João 14:16).

«...testificando...» No grego é «epimartureo», «dar testemunho» dos sofrimentos de Cristo, mediante o que somos beneficiados. Se tais sofrimentos forem sofridos estando o crente na santidade, serão benéficos, resultando em glória. (Ver I Ped. 4:13 e 5:1). Pedro também dera testemunho da necessidade absoluta de santidade, no caso daqueles que esperam participar da glória de Cristo. (Ver I Ped. 2:11 - 4:11).

«...genuína graça de Deus...» A «graça» divina, de que participavam os leitores da epístola, na conversão, na santificação e na glorificação, é genuína. Não deveriam permitir que a presente condição de angústia os convencesse de outro modo. Os pagãos dirão: «Vede quantas tribulações vossa nova religião vos tem trazido. Isso mostra o desfavor de Deus». Mas Pedro nega essa lógica falsa. O termo grego «alethes» (traduzido aqui por «genuíno»), está vinculado ao termo «graça». Não devemos entender aqui o evangelho, ou a «crença», a administração da graça inclui essas coisas, naturalmente, mas não são elas que estão aqui em foco. (Ver Efé. 2:8 quanto a notas expositivas completas sobre a «graça»).

«...nela estai firmes...» Os mss KLP e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, têm o indicativo. Mas os mss P(72), Aleph, AB e várias versões, trazem o imperativo. A graça é genuína. «Permanecei nela», ou «Continuai a ser fiéis e constantes em vossa profissão de fé, apesar da oposição». Sem dúvida esse uso é o correto, conforme o demonstram os manuscritos mais antigos. No dizer de Alford (*in loc.*): «...é uma exortação breve mas intensa, que contém o âmago do que fora dito como exortação por toda a epístola».

evidências corroboradoras. Notemos, igualmente, a presença de João Marcos. Ele é o autor do evangelho canônico original, e seu nome também está associado a tradições que envolvem a cidade de Roma. Pedro usou o «código» a fim de não aumentar o antagonismo dos romanos, que já começavam a perseguir os cristãos. Ele não queria lembrar aos pagãos que naquela cidade havia uma numerosa comunidade cristã. Isso também talvez explique o uso da palavra «mulher», ao invés de «igreja». Todavia, mediante o uso desse nome, ele lança escárnio sobre Roma, devido à sua oposição pagã à verdade, segundo as tradições da antiga Babilônia. Os crentes, que tinham conhecimento do A.T., e que sabiam da depravação da antiga Babilônia, compreenderiam o que Pedro queria dizer. Os pagãos, fica subentendido, não entenderiam. A razão verdadeira por que alguns intérpretes protestantes têm gasto tanta energia em negar que aqui temos uma alusão a «Roma», é que anelam por negar a crença que Pedro viveu em Roma por algum tempo, tendo ali estabelecido a sua autoridade apostólica, tornando-se o «principal pastor» daquela localidade. Mas que assim realmente sucedeu é algo quase fora de dúvida. Mas isso não significa, naturalmente, que Pedro se tornou algo como o primeiro papa, segundo muito mais tarde a Igreja Católica Romana começou a afirmar.

«...eleita...» A «igreja» é a «eleita». (Ver o título «eleitos», dado aos crentes, individual ou coletivamente, em Mat. 24:24; Rom. 8:33; Col. 3:12; Tito 1:1; I Ped. 1:2 e II João 1,13. Quanto a notas expositivas sobre a «eleição», ver Efé. 1:4). Os crentes são «escolhidos» dentre outros, a fim de serem santos. Dessa maneira tornam-se um povo «especial».

«...meu filho Marcos...» Filho em sentido espiritual, como é óbvio. Os rabinos se utilizavam do termo com o sentido de «pupilo», e não somente com o sentido de alguém «convertido» sob o ministério de outrem. Os trechos



de Col. 4:10 e File. 24 mostram que Marcos acompanhou Paulo a Roma, ajudando-o ali, quando o apóstolo foi encarcerado. O trecho de Atos 12:12 e ss. e o testemunho de Papias demonstram que Marcos também foi amigo íntimo de Pedro. (Quanto a notas expositivas completas sobre o que se

14 ἀσπάσασθε ἀλλήλους ἐν φιλήματι ἀγάπης. εἰρήνη ὑμῖν πᾶσιν τοῖς ἐν Χριστῷ<sup>7,8</sup>

14 10 Χριστῷ Α Β Ψ 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

14 10 Χριστῷ Α Β Ψ 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

O Textus Receptus, seguindo N K P 81 614 1739 it (h) sir (h) cop (bo) ara al, adiciona Ἰησοῦ, e 629 diz κυρίῳ Ἰησοῦ. Em face da tendência dos copistas por expandirem o nome sagrado, a comissão preferiu adotar o texto mais breve, apoiado por representantes de vários tipos de texto, incluindo A B Ψ 33<sup>ad</sup> 307 lect (1365 (m), 1441 (m)) it (r) vg sir (p) cop (sa, bo (mss)) etí (P (72) não traz toda a cláusula final).

Embora a maioria dos testemunhos, conforme também seria de esperar, termine a epístola com ἀμήν (incluindo N K P 614 1739 Byz it (h,r) vg sir (p,h) cop (bo(mss) ara), o que deve ter sido forte tentação litúrgica para adicionar a palavra foi resistido pelos copistas de A B Ψ 81 629 945 1241 1881 cop (sa,bo) etí.

Sl:14: Saudai-vos uns aos outros com áscula de amor. Paz seja com todos vós que estais em Cristo.

(Quanto ao «ósculo santo», que aqui é chamado «ósculo de amor», expressivo do amor cristão, ver as notas expositivas em Atos 20:37. Também há alusões a essa prática em Rom. 16:16; I Cor. 16:20; II Cor. 13:12 e I Tes. 5:26). A história do «ósculo», na igreja cristã, é deveras interessante, e as notas expositivas mencionadas abordam a questão). Alguns crentes evangélicos continuam considerando a questão como obrigatória. Originalmente, o ósculo era meramente um ato de saudação ou despedida (comum no Oriente), mas que veio a ter significados eclesiásticos, de tal modo que, finalmente, veio a tornar-se parte da liturgia, usualmente em relação à Ceia do Senhor.

Em Didache 14:2 vê-se que o «ósculo santo» era usado como sinal de reconciliação entre irmãos antes em desacordo. Judas usou-o para saudar a Cristo (ver Marc. 14:14 e Luc. 7:45), e isso sem dúvida mostra que era costumeira a saudação entre os primeiros discípulos de Cristo. Naturalmente, isso também refletia um costume social da época, não havendo razão para a suposição que os primeiros cristãos interromperam ou abandonaram tal costume.

«...Paz a todos vós que vos acheis em Cristo...» A paz é um dos elementos comuns das saudações e bênçãos paulinas. (Ver as notas expositivas a respeito, em II Cor. 13:11 e Efé. 6:23. Comentários completos sobre a «paz», com poemas ilustrativos, aparecem em João 14:27 e 16:33). A paz é um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo» (ver Gál. 5:22), consistente de uma harmonia e uma calma íntimas, com base na reconciliação com Deus. É sentimento bastante poderoso para conferir consolo à mente, em meio às tribulações. Portanto, o desejo de paz, no fim da epístola, é particularmente apropriado no caso dos seus leitores originais, que vinham sendo perseguidos. Somente o Espírito Santo e sua paz poderiam dar tal consolo. Assim sendo, esta epístola começa (ver I Ped. 1:2) e termina com uma oração que deseja a paz a seus leitores.

sabe acerca de «Marcos», ver Atos 12:12).

Variação Textual: Ao invés de Babilônia (o texto de quase todos os manuscritos antigos e modernos), os mss 4(mg), 1518, 2138 dizem Roma. Mas essa é apenas uma interpretação substitutiva, embora correta.

945 1241 1505 1739 1877 1881 2137 2413 2492 2495 Hys Lect<sup>m</sup> it<sup>div.2.p</sup> vg<sup>1</sup> syr<sup>1</sup> cop<sup>m</sup> arm P<sup>1</sup>-Oecumenius Theophylact / κυρίῳ Ἰησοῦ 629

2127 2413 2492 2495 Hys Lect<sup>m</sup> it<sup>div.2.p</sup> vg<sup>1</sup> syr<sup>1</sup> cop<sup>m</sup> arm P<sup>1</sup>-Oecumenius Theophylact

«...em Cristo...» Temos aqui uma expressão mística, que indica comunhão com Cristo no nível da alma, do que fluem todas as bênçãos espirituais, e mediante o que, eventualmente, haveremos de participar de sua própria natureza e vida. Tal expressão é usada nos escritos de Paulo por cento e sessenta e quatro vezes. (Ver as notas expositivas a esse respeito em I Cor. 1:14). Em I Ped. 3:16 e 5:10 essa expressão também é usada.

A paz não pode ser obtida fora de nossa associação com Cristo. (Ver Rom. 5:1 e Col. 1:20 acerca disso). «Paz seja convosco; mas lembrai-vos que a verdadeira paz só pode ser dada àqueles que estão firmemente vinculados com Cristo pela fé, ligados uns aos outros naquela comunhão amorosa que é a igreja». (Hunter, in loc.). Cristo é a «nossa paz», segundo se vê em Efé. 2:14.

Variantes Textuais: As palavras «em Cristo» aparecem nos mss AB, Psi, 33(vld), 1(1365m), no It(r), na Vg, no Si(p), no Cóp(sa bo(mss)). Iseo é adornado para «Cristo Jesus», nos mss Aleph, KP, 81, 614, 1739, no It(h), no Si(h), no Cóp(bo) e no Ara. Porém, sem dúvida alguma, isso é uma glosa escrital. O ms 629 substitui «Senhor» por «Jesus». O ms P(72) não apresenta a cláusula final inteira.

A palavra Amém figura nos mss Aleph, KP, 614, 1739, nos Byz, no It(h,r), na Vg, no Si(p,h), no Cóp(bo (mss)) e no Ara. Mas é omitida nos mss AB, Psi, 81, 629, 846, 1241, 1881, no Cóp(sa bo) e no Etí. O «amém» litúrgico é raramente autêntico ao fim dos livros do N.T. e dificilmente é autêntico aqui. Mas parece autêntico no final das epístolas aos Romanos e aos Gálatas.

Subtítulo: Os subtítulos não faziam parte original dos livros e epístolas do N.T., mas foram adicionados por escribas para informar os leitores sobre questões de proveniência, autoria, destino, amanuense, etc., de cada livro. Nas versões temos subtítulos como «Fim da Primeira Epístola de Pedro, o Apóstolo» (síriaco); «Fim da Epístola de São Pedro; que sua cópia nos preserve! Amém. Louvor ao Senhor, de glória eterna e interminável!» (árabe). A Vg e o Cóp não trazem subtítulo. Entre os manuscritos gregos, Aleph, A e B dizem apenas «Primeira (epístola) de Pedro». O ms L diz «do santo apóstolo Pedro, a Primeira (epístola) Católica». Vários manuscritos posteriores também atribuem a proveniência a Roma.

## II PEDRO

### INTRODUÇÃO

- I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA
- II. AUTORIA
- III. DATA
- IV. PROVENIÊNCIA E DESTINO
- V. RELAÇÃO ENTRE ESTA EPISTOLA  
I PEDRO E JUDAS
- VI. MOTIVO E PROPÓSITOS
- VII. CONTEÚDO
- VIII. BIBLIOGRAFIA

★ ★ ★

Esta segunda epístola de Pedro pode ser chamada «literatura de heresia», ou seja, um dos livros do N.T. escrito para combater a heresia. Seu autor foi um ardoroso defensor da fé cristã ortodoxa. Parece que vários mestres falsos usavam o fato de serem membros da igreja cristã como frente para a propagação de doutrinas e práticas não-cristãs. A consequência desse erro é que a licenciosidade invadiu a igreja. O autor toma a posição, tomada por toda a parte no N.T., que a prática correta deve estar alicerçada sobre a doutrina correta, e que quando há desvios doutrinários inevitavelmente haverá debilidades morais na vida diária. Provavelmente, nesta epístola, é atacada alguma forma primitiva de gnosticismo. Em contraste com a variedade ascética, atacada na epístola aos Colossenses, esta segunda epístola de Pedro trata dos gnósticos libertinos. Outros livros neotestamentários que atacam o gnosticismo, direta ou indiretamente, são o evangelho e as epístolas de João, as epístolas pastorais e a epístola de Judas. (Quanto a notas expositivas completas sobre essa heresia, que foi um câncer da igreja primitiva por cerca de cento e cinquenta anos, ver Col. 2:18).

#### I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA

Parece não haver citações absolutamente claras desta epístola até Orígenes (falecido em 253 D.C.). Os primeiros pais da igreja, como Irineu (185 D.C.), com freqüência citam a primeira epístola de Pedro, mas nenhuma de suas citações, tiradas da presente epístola, diz que Pedro era citado. Irineu fala da «epístola de Pedro». É possível, naturalmente, que ele tivesse conhecido a presente epístola, mas a tivesse rejeitado como autêntica. Contemporâneos seus no ocidente, como Tertuliano e Cipriano, não fazem qualquer alusão ao livro. O cânon muratoriano, que reflete a tradição canônica primitiva no ocidente, não contém a presente epístola. Pelo menos no ocidente, até 200 D.C., a segunda epístola de Pedro não era aceita como canônica, era ignorada e não era citada, mesmo que porventura fosse conhecida.

No oriente, por esse tempo, Clemente de Alexandria era o principal líder cristão. Eusébio (*História Eclesiástica* vi.14:1), diz-nos que Clemente deu «explicações concisas sobre todas as escrituras canônicas», incluindo os escritos chamados «disputados», como Judas, e as demais epístolas católicas, a epístola de Barnabé e o Apocalipse de Pedro. Suas declarações subentendem que Clemente conhecia nossa segunda epístola de Pedro, mas os próprios escritos de Clemente não contêm qualquer citação direta tirada desta epístola. *Protrep.* x.106 talvez aluda ao trecho de II Ped. 2:2; *Strom.* 1:19.94 talvez se refira a II Ped. 1:14; *Strom.* ii.12.55 a II Ped. 2:8. E alguns poucos outros casos poderiam ser alistados. Mas o mais provável é que se tratem de «coincidências verbais», e não citações diretas, porquanto certo acúmulo de material (idéias, expressões, partes de declarações, etc.) estava em disponibilidade de todos os autores do período. E assim, nas epístolas católicas, há similaridades de conteúdo, o que é transferido para os escritos dos primeiros pais da igreja; mas isso não reflete qualquer real dependência literária.

Pelo menos é certo que Pantaeno, antecessor imediato de Clemente, não exibe ter tido qualquer conhecimento deste livro; pelo que é possível que certas similaridades de expressão, nos escritos de Clemente e nesta epístola, sejam meras coincidências. No oriente, pois, esta epístola certamente não era reputada canônica, até aos começos do século III

D.C., embora pudesse ser conhecida. De outro modo, teria sido usada em citações, embora não diretamente reputada como livro canônico.

Orígenes cita esta segunda epístola de Pedro por cerca de seis vezes, diretamente, além de fazer outras poucas alusões. Tem sido salientado que até mesmo nesse autor as citações são tiradas da versão latina dos escritos gregos de Orígenes, talvez sendo interpolações. Mas Orígenes afirma que Pedro deixou apenas uma epístola genuína (I Pedro). Ele classificou II Pedro como «duvidosa» quanto à sua autenticidade e participação do cânon. (Ver o «Comentário sobre João», V.3, de autoria de Orígenes).

Eusébio incluía II Pedro em seu N.T., juntamente com outras epístolas católicas, mas dizia que sua eventual aceitação pela igreja resultou de ser «lida em público, na maioria das igrejas» (*História Eclesiástica* 23:25; III.3.1.4). Contudo, de conformidade com ele, «os anciãos de tempos antigos» reconheciam somente a primeira epístola de Pedro como autêntica e canônica. Assim sendo era um livro «disputado, apesar de ser familiar para a maioria». (*Op. Cit.* III.25.3). O próprio Eusébio duvidava de sua autenticidade, mas não negava seu uso na igreja.

Após o século III D.C., o livro começou a obter aceitação geral, embora antes fosse reputado duvidoso. Assim Atanásio (*Epístolas Festais* xxxix.5) e Agostinho (*Sobre a Doutrina Cristã*, II.8.13) reconheceram ambos o livro como canônico; e essa posição também foi assumida pelo concílio de Cartago, em 397 D.C. Jerônimo alude às «duas epístolas de Pedro», mas uma vez mais revive a antiga questão da autenticidade, admitindo que «muitos» não aceitavam uma delas como de autoria petrina (*Sobre Homens Famosos*, I). Ele mencionou o problema, mais amplamente investigado em tempos modernos, dizendo que seu estilo é contrário à sua aceitação. Certamente é muito diferente em estilo à primeira epístola de Pedro. Mas deu a entender o uso de um diferente escritor ou compilador, o que poderia explicar tal diferença. Parece que ele a aceita com cautela; mas sua atitude não foi compartilhada por vários pais eminentes de seus próprios dias, principalmente Crisóstomo, Teodoro e Teodoreto, cujos escritos, apesar de volumosos e prenhos das Escrituras, não citam II Pedro.

A versão siríaca, em suas formas primitivas, aceitava somente três das epístolas católicas como canônicas, a saber: Tiago, I Pedro e I João, e alguns estudiosos duvidam que o siríaco original ao menos incluía tais livros.

#### II. AUTORIA

Não foi senão no século IV D.C. que esta epístola começou a ser aceita como de autoria petrina. E foi somente no século V D.C. que ela recebeu reconhecimento geral na igreja. Mas mesmo então, alguns pais importantes a ignoraram. Isso dificilmente poderia ter ocorrido se Pedro realmente a tivesse escrito. Assim, a maioria dos eruditos concorda, tanto liberais como conservadores (embora não necessariamente pastores e líderes não-eruditos da igreja) que esta segunda epístola de Pedro deve ser classificada como uma *pseudepígrafe*. Naturalmente, nos primeiros séculos, muitas obras assim foram produzidas. Conhece-se, em forma fragmentar ou mediante citações, cerca de cem obras primitivas que supostamente foram escritas por apóstolos ou outros nomes cristãos famosos. Um evangelho é atribuído a Tomé, outro a



Pedro, e um outro a Nicodemos. Há um apocalipse de Pedro, um Ato de Paulo, etc. Os livros apócrifos seguem as mesmas classificações das escrituras canônicas: evangelhos, Ato, epístolas e apocalipses. (Ver o artigo sobre os «Livros Apócrifos do N.T.», na introdução ao comentário).

Naqueles dias não era vergonhoso atribuir uma epístola ou um livro a algum autor famoso. Isso era feito para «honrar» tal autor, propagando suas idéias, ou mesmo apenas para garantir larga circulação para o livro. Não havia leis que regulamentassem tais práticas; e parece que elas não eram condenadas pela opinião pública. Paulo tinha o cuidado de autenticar suas epístolas mediante assinatura pessoal, ou então escrevendo de próprio punho as últimas poucas linhas. E é bem possível que ele assim fizesse a fim de evitar as más consequências de epístolas que circulassem em seu nome, mas que não lhe pertenciam de fato. (Ver I Cor. 16:21; Gál. 6:11; Col. 4:18 e II Tes. 3:17 quanto a essa prática).

#### *Argumentos Típicos Contra a Autoria Petrina de II Pedro:*

1. Falta-lhe a confirmação dos pais da igreja, que viveram nos primeiros séculos da era cristã. Nenhuma sólida confirmação, pelos pais da igreja, aparece, até ao século V D.C. (Ver as notas expositivas a esse respeito, na secção I).

2. Parece haver dependência literária para com a epístola de Judas, o que dificilmente sucederia, se o apóstolo Pedro realmente a tivesse escrito. Isso é anotado na secção V desta introdução.

3. Sua distância de I Pedro, quanto ao estilo literário e quanto ao conteúdo. Não há possibilidade do mesmo autor, da mesma mente, ter estado por detrás de ambas essas epístolas. (Quanto a notas expositivas sobre isso, ver a secção V desta introdução).

4. Parece ter sido grande a ansiedade de seu autor por autenticar a autoria petrina. Assim Pedro é chamado e descrito como «servo e apóstolo» de Jesus Cristo (ver II Ped. 1:1). A predição do martírio de Pedro é aludida (ver II Ped. 1:14; comparar com João 21:18,19). Há alusão à sua presença com Jesus, no monte santo (monte da transfiguração) (ver II Ped. 1:17,18; comparar com Mat. 17:5; Marc. 9:7 e Luc. 9:35). Há uma referência implícita à «primeira epístola», como livro igualmente escrito por ele. Esses dados, longe de serem favoráveis à autenticidade da epístola, parecem ser uma tentativa exagerada, por parte de seu autor, por fazer a obra passar por petrina. Esse zelo «autenticador» cria mais dúvidas do que confiança. Porém, apesar disso, a igreja em geral, até ao século IV D.C., não a aceitava ou não a conhecia como livro autenticamente petrino.

5. O reconhecimento, por parte do autor, sobre certas epístolas paulinas como «Escritura», e seu abuso às mãos de hereges (ver II Ped. 3:16) aponta definitivamente para um período post-petrino, embora essa seja nossa primeira afirmação «canônica» na igreja primitiva.

6. Alguns estudiosos crêem que a heresia combatida é o gnosticismo, e que isso a situa, automaticamente, nos meados do século II D.C., obviamente distante dos tempos de Pedro. Todavia, isso não é argumento muito forte, pois agora se sabe que já havia formas primitivas de gnosticismo desde o começo da igreja cristã.

7. Outro argumento fraco é o que afirma que as «idéias» da epístola refletem o período dos meados do século II D.C. e depois. Nada, entretanto, na própria epístola, reflete idéias que já não existiam na era apostólica.

8. O terceiro capítulo desta epístola parece ter sido especificamente escrito para reestabelecer a fé na «parousia» ou segundo advento de Cristo. Isso sugeriria que, pelo tempo em que esta epístola foi escrita, vários elementos da igreja já tinham começado a crer que a volta de Cristo não seria imediata. Evidentemente, alguns dos mestres falsos tinham chegado a essa conclusão, incorporando-a em suas doutrinas. Sabemos, porém, que a verdadeira igreja primitiva sempre teve o ponto de vista do «retorno de Cristo a qualquer instante». (Ver I Tes. 4:15 e I Cor. 15:51 quanto a notas expositivas a esse respeito). Por conseguinte, parece que esta segunda epístola de Pedro reflete um tempo posterior, na história da igreja, ao período refletido na primeira epístola de Pedro, pois ali as alusões à «parousia» são freqüentes, sem qualquer indicação de que alguém, na igreja cristã, se opunha a essa idéia.

9. A primeira epístola de Pedro foi escrita para fortalecer a igreja sob perseguição. Pouco depois de sua composição, essa

situação se agravou. É difícil imaginar que uma carta, escrita à igreja que sofria sob tais circunstâncias, pudesse olvidar-se totalmente de tais assuntos. Além disso, há boas evidências de que Roma foi o lugar de «proveniência» e que a Ásia Menor foi o «destino», tanto quanto no caso da primeira epístola de Pedro. No entanto, nada diz ela acerca da questão das perseguições sofridas. Parece, então, que a segunda epístola de Pedro foi escrita mais tarde que a primeira, de fato, em um período pós-petrino.

10. A maioria dos eruditos concorda que a segunda epístola de Pedro (cap. 2), é um plágio da epístola de Judas, incorporando grande parte da mesma. Não é provável que um homem da experiência espiritual do apóstolo Pedro tivesse tido necessidade de fazer tal empréstimo, embora não se possa dizer que, de conformidade com os padrões da antiguidade, isso era «rebaixar-se» em uma atividade obviamente dúbia.

#### *Argumentos em Favor da Autoria Petrina de II Pedro:*

1. Ela afirma isso em seu próprio favor.

2. Suas várias «autenticações internas» são reputadas marcas genuínas de autoria petrina.

3. Suas diferenças, quanto ao estilo, e à gramática podem ser explicadas, supondo-se que Pedro se utilizou de dois escritos diferentes, na composição de I e II Pedro. O grego «artificial» de II Ped. (um grego, parcialmente aprendido de livros) bem possivelmente pode refletir a realização do próprio Pedro na língua grega. É possível, então, que I Ped. foi escrito (reduzido) por Silvanus, enquanto II Ped. foi escrito por Pedro diretamente, com uma revisão por um discípulo.

4. O argumento contra II Ped. que nos diz que «deveria» ter incluído trechos sobre perseguições (como existem em I Ped.) perde toda a sua força quando nos lembramos que as perseguições continuaram até o quarto século, e até ficaram piores do que nos primeiros anos apostólicos. Por este argumento (das perseguições), qualquer livro escrito até o quarto século devia ter tratado, pelo menos parcialmente, com perseguições. O fato é que não é assim que aconteceu. Um livro ou carta podia ter tratado de um ou outro assunto crítico, sem mencionar outros menos ou igualmente críticos.

5. A dependência sobre Judas teria sido natural para Pedro, um homem sem grande instrução. I Ped. depende pesadamente de Paulo. O pescador da Galiléia podia ter usado bom material de diversas fontes, sem qualquer condenação da consciência.

6. A ansiedade da autenticação apostólica não é mais exagerada do que o que nós encontramos em certos trechos de Paulo, como em I e II Cor. e Gál. A oposição contra os hereges, naturalmente, exigiu uma forte declaração de autoridade apostólica. Assim, aconteceu com Paulo, e porque não podia ter acontecido com Pedro?

7. O reconhecimento das escrituras de Paulo como autoritárias (3:16) seria bem natural dentro do contexto do primeiro século. Todos que conheceram Paulo, suas visões e forças espirituais, podiam ter considerado suas escrituras inspiradas desde o princípio. Tal reconhecimento não teria exigido qualquer grande período de tempo.

8. O terceiro capítulo pode reafirmar a crença na «Parousia», e não procurar restabelecê-la. Além disto, certos escritos de Paulo (como I Cor. 15, sobre a ressurreição) mostram que a igreja primitiva tinha elementos que não aceitaram doutrinas básicas da fé cristã. Portanto, todas estas doutrinas exigiram reafirmação e repetição, bem dentro da época apostólica.

9. O único argumento de peso real contra a autoria petrina desta carta é aquele que nos informa que a atestação antiga da carta foi fraca. Teria sido possível isto se o próprio Pedro (ou um discípulo seu, sob sua direção) tivesse escrito a carta? É possível, certamente, que Pedro (como Paulo) escreveu muitas cartas que nunca chegaram a ser incluídas no «cânon» do N.T. Sendo que existiam muitas composições contra os hereges, é possível que «mais uma», até de Pedro, podia ter passado muito tempo sem ser conhecida ou reconhecida como importante.

#### III. DATA

1. O que acreditamos sobre a data depende muito do que cremos sobre a autoria. Se Pedro escreveu esta epístola, deve tê-la escrito em 67-68 D.C., pouco antes de seu martírio, sob as ordens de Nero. Mas, se negarmos a autoria petrina, podemos situá-la no fim do primeiro século (dando tempo à

formação de uma coletânea de escritos paulinos, considerados canonicamente autoritativos; ver II Ped. 3:16). A maioria dos eruditos modernos, porém, a situa nos meados do século II D.C. Esse argumento se baseia sobre a observação que, de modo geral, reflete o meio ambiente do segundo século. O autor sagrado conhecia e, evidentemente, aceitava a tradição de que o evangelho de Marcos consiste, essencialmente, das memórias de Pedro (ver II Ped. 1:15; comparar com I Ped. 5:13 e Eusébio, *História Eclesiástica* III.39.15).

2. Apesar de que as epístolas de Paulo, sem dúvida, obtiveram reconhecimento quase imediato, não foi senão no tempo de Márcion (150 D.C.) que teve lugar o real processo de canonização dos livros do N.T., na igreja. É provável, alguns dizem, que II Ped. 3:16 reflita um período não muito distante disso.

Não tem nada no livro todavia, que não pode refletir uma situação do primeiro século. 3:16 reconhece as escrituras (algumas, pelo menos) de Paulo como autoritárias. Isto facilmente podia ter acontecido no tempo de Pedro, e, podia ter sido uma convicção do próprio Pedro. A declaração não reflete, necessariamente, um «cânon» do N.T. muito avançado, o que foi, naturalmente, o produto de um tempo posterior. 1:15 pode refletir um fato histórico. O que Pedro experimentou, o que ele viu e ouviu, seria reduzido a um evangelho, ou quando ele escreveu esta carta, já foi publicado. Pedro, bem provavelmente, teria mencionado isto em uma ou mais das cartas que ele escreveu.

Outros fatores, que alguns acham em favor de uma data posterior têm sido discutidos sob «autoria», com argumentos pró e contra.

#### IV. PROVENIÊNCIA E DESTINO

Alguns indícios parecem apontar para uma origem romana. O quadro que o autor sagrado nos dá das relações entre Pedro e Paulo (remotas das controvérsias que os cercaram na igreja primitiva, acerca das relações entre a graça e o legalismo) parece indicar uma área distante do conflito. Em Roma, Pedro e Paulo eram ambos tidos em alta conta, sendo possível que ambos sofreram martírio sob Nero. A menção do martírio potencial de Pedro seria natural a uma epístola produzida em Roma, lugar de muitas perseguições. A alusão ao evangelho de Marcos (produzido em Roma) tende a localizar ali a produção desta epístola. (Ver II Ped. 1:15 e ss.). Além disso, em I Pedro e em Judas (que influenciou o conteúdo da presente epístola), quase certamente temos documentos romanos; pelo que, seria natural que o autor sagrado, residente naquele lugar, tenha dependido dos mesmos. Apesar de que nenhum desses argumentos em separado, ou todos eles, coletivamente, possam ser vistos como prova inequívoca de origem romana, a idéia não conta com qualquer alternativa séria, pelo que pode ser aceita com alguma confiança. I Ped. 5:13 quase certamente coloca Pedro em Roma nos seus últimos anos.

*Destino.* Esta epístola é dirigida àqueles que «...conosco obtiveram fé igualmente preciosa...». Os outros que tinham tal fé seriam os apóstolos. Supostamente, os leitores endereçados tinham recebido a primeira epístola de Pedro (ver II Ped. 3:1). Também é dito que pertenciam à mesma área onde foram distribuídas algumas epístolas de Paulo, as quais tinham sido canonicamente aceitas. (Ver II Ped. 3:16). Se não temos nisso armadilhas literárias (como provavelmente não) então a Ásia Menor está em vista, pois, certamente, esse foi o destino da primeira epístola de Pedro. (Ver I Ped. 1:1). As epístolas de Paulo (a maioria delas, em comparação com qualquer outro território) foram enviadas primeiramente àquela área, tendo obtido autoridade ali antes que em qualquer outra região. Nenhuma congregação local estava particularmente em foco. Portanto, a epístola é «católica», isto é, dirigida às igrejas de uma determinada região, ou à igreja em geral, e não a alguma assembléia cristã local.

O gnosticismo sempre foi forte no cristianismo da Ásia Menor, e isso serve de uma evidência a mais, inteiramente à parte de questões específicas da própria epístola, de que essa região foi o destino original da epístola. Portanto, é quase certo que alguma forma de gnosticismo libertino é aqui assediada. Não há valor nas observações de que esta segunda epístola de Pedro não poderia ter sido escrita para a mesma área que recebeu a primeira epístola de Pedro, já que os tópicos abordados pelas duas epístolas *tanto diferem* entre si. De fato, esta epístola deixa inteiramente de lado o tópico da perseguição, que tanto satura a primeira epístola.

Portanto, ambas as epístolas foram escritas para a mesma área, mas refletem circunstâncias diferentes. O sofrimento era o principal problema abordado por Pedro, em sua primeira epístola. Mais tarde, o principal problema se tornou a entrada de conceitos heréticos na igreja.

#### V. RELAÇÃO ENTRE ESTA EPÍSTOLA, I PEDRO E JUDAS

*Judas.* Todos os eruditos concordam que um autor se baseou no outro; mas os estudiosos não concordam sobre quem se apoiou em quem. Lutero se manifestou em prol da prioridade da segunda epístola de Pedro, dizendo que a epístola de Judas fora «forjada». Mas essa suposição, apesar de continuar sendo apoiada por alguns, tem caído no descrédito da maioria. Holtzmann escreveu: «Não é mister refugar novamente essa hipótese (a prioridade da segunda epístola de Pedro), a qual tem sido abandonada praticamente no presente». Weiss diz que «não pode haver dúvidas» quanto à prioridade da epístola de Judas. Essa posição é defendida pela maioria dos eruditos. Mas há aqueles que tomam uma posição mediana, postulando uma «origem comum» para ambas as epístolas, crendo muitos que os evangelhos também têm fontes informativas comuns, tomadas por empréstimo, com algumas modificações.

Em favor da prioridade da epístola de Judas, Morton Enslin (*The Literature of the Christian Movement*) declara que várias obscuridades existentes na segunda epístola de Pedro são imediatamente esclarecidas mediante a consulta da epístola de Judas. Ele supõe que essas obscuridades surgiram em resultado do manuseio inapropriado da epístola de Judas, por parte do autor da presente epístola. Ele vê evidências de que o autor desta epístola modifica, sistematicamente, os tempos passados dos verbos, na epístola de Judas, para o futuro, na tentativa de dar a Pedro a posição de profeta. (Ver II Ped. 2:10-22 quanto a provas sobre isso). Judas se refere à negativa de Miguel, ao contender com o diabo, de proferir «julgamento» condenatório contra ele (ver o nono versículo). Sobre isso, comenta Enslin: «II Pedro (2:11), ao omitir essa alusão específica, tirada da *Assunção de Moisés*, faz uma alusão totalmente ininteligível aos anjos em geral, que não ousariam proferir julgo contra dignidades em geral». (Pág. 340).

Alguns acham impossível que um homem, com a experiência espiritual de Pedro teria emprestado seus materiais desta maneira. Mas isto é de ver a coisa com olhos modernos. Na antigüidade, escritores não hesitaram em copiar de outros sem qualquer condenação segundo os padrões do tempo. Pedro, um homem com pouca instrução formal, provavelmente não teria hesitado em emprestar materiais que ele considerava importante para sua composição.

*Dependência a Judas.* O segundo capítulo desta epístola exhibe muito dessa dependência. (Considerar II Ped. 2:1-2 com Jud. 4; II Ped. 2:4 com Jud. 6; II Ped. 2:11 com Jud. 9; II Ped. 3:3,4 com Jud. 17,18). Ambos os escritores apresentam um quadro bem similar quanto ao julgamento dos ímpios:

##### II Pedro 2

##### Judas

- |   |   |
|---|---|
| 1. ....                                 | Israel no deserto (vers. 5).                      |
| 2. Anjos caídos (vers. 5)               | Anjos caídos (vers. 9 e ss.).                     |
| 3. O dilúvio (vers. 5)                  | ....  |
| 4. Cidades da planície (Ló) (vers. 6,7) | Cidades da planície (sem a menção de Ló, vers. 7) |
| 5. ....                                 | Cain (vers. 11)                                   |
| 6. Balaão (vers. 15,16)                 | Balaão (vers. 11)                                 |
| 7. ....                                 | Coré (vers. 11)                                   |

Dado o fato de que Judas tem apenas vinte e cinco versículos, pode-se ver que quase toda ela foi incorporada nesta epístola, principalmente em seu segundo capítulo.

*I Pedro.* Nesta segunda epístola de Pedro há cerca de cinquenta e cinco vocábulos gregos que não figuram no resto do N.T. Há cerca de trezentas e sessenta palavras que não figuram na primeira epístola de Pedro. Bigg (em sua introdução à segunda epístola de Pedro, seção 4), alista cerca de quarenta palavras que se esperaríamos que aparecessem na segunda epístola de Pedro, se a primeira e a segunda tivessem sido escritas pelo mesmo autor, apesar da diferença quanto ao conteúdo. Essas palavras envolvem expressões comuns e usos típicos da primeira epístola de Pedro. Na presente epístola há cerca de duzentas e trinta dessas expressões que não fazem parte da primeira. Esta epístola usa menor número de participios do que a primeira. Além disso, sempre haverá os



«sinais» de autoria, como as expressões adverbiais, como «além disso», «portanto», «não obstante», etc. Essas são as coisas que um escritor usa bem regularmente em suas composições, sem importar a diferença quanto ao tema. Nesta segunda epístola de Pedro há a tendência de cair no ritmo jâmbico. (Ver II Ped. 2:1—«*ton agropasanta*», etc. Ver II Ped. 2:3—«*plastoisin umas*», etc. Ver II Ped. 2:4—«*theos ouk*», etc.). No seu terceiro capítulo, há uma perceptível aproximação ao movimento de versículos em branco, nos sonoros passivos futuros, bem como no valor métrico da linguagem, como em «*stoiceia de kausoumenas*», etc. Sabemos que, em Alexandria, os autores judaicos gostavam de imitar o verso grego jâmbico; portanto, não é de surpreender que isso transpareça nas páginas do N.T. Porém, o ponto que aqui destacamos é que a primeira epístola de Pedro não demonstra essa característica de estilo. Os autores antigos também observavam a diferença de estilo e de vocabulário, particularmente Jerônimo, embora Orígenes, que era melhor autoridade sobre essa questão, tenha negligenciado a questão no que concerne às duas epístolas de Pedro. A primeira delas está saturada de citações extraídas do N.T. Nesta segunda epístola isso é muito menos aparente. A primeira epístola de Pedro conta com um muito maior número de alusões a palavras e fatos dos evangelhos. Seu vocabulário também é solene. Já o vocabulário desta segunda epístola de Pedro tende por ser grandioso, talvez até mesmo artificialmente.

Para alguns, estas diferenças literárias lançam dúvida sobre a autoria comum de I e II Pedro. É certo que Pedro usou escribas diferentes na redução das cartas. Provavelmente «Silvanus» escreveu I Pedro (sob a orientação de Pedro), e possivelmente, o próprio Pedro escreveu II Ped. usando um grego «aprendido» de livros, portanto, «artificial». Subseqüentemente, sua carta provavelmente foi revisada. Ver notas completas sobre o problema de «autoria» na parte II da introdução.

## VI MOTIVO E PROPÓSITOS

1. O autor sagrado via que alguma forma de gnosticismo libertino invadia a igreja. Portanto, ele lança um amargo ataque contra essa heresia, que assediou a igreja por cerca de cento e cinquenta anos. O segundo capítulo envolve isso. O primeiro capítulo é essencialmente introdutório, envolvido com o estabelecimento da autoria petrina do autor.

2. O terceiro capítulo reinicia o ataque, mas assedia primariamente um ângulo da heresia. A igreja começara a negligenciar a doutrina da «parousia», e evidentemente os falsos mestres tinham negado inteiramente o segundo advento de Cristo, ou então o transferiam para um futuro distante. O autor sagrado não estava disposto a permitir que isso sucedesse àquela doutrina, pois evidentemente concordava com a opinião da igreja primitiva de que tal acontecimento pode ter lugar a qualquer instante. (Ver I Tes. 4:15 e I Cor. 15:51 quanto à expectativa da igreja primitiva, de que esse acontecimento teria lugar em seu próprio tempo).

3. A heresia atacada não era o tipo asceta de gnosticismo, como sucedeu em Colossos (ver Col. 2:14 e ss.), mas a variedade *libertina* de gnosticismo. (Ver II Ped. 2:12 e ss. quanto a esse problema nesta epístola). Os gnósticos criam que um dos propósitos do processo do sistema do mundo visa «destruir» o corpo, que é a sede do princípio do pecado, porquanto o corpo é material, e toda a matéria seria inerentemente má. Podemos cooperar com o sistema do mundo, ainda segundo essa opinião, degradando e castigando o corpo. Isso poderia ser feito através do ascetismo ou da licenciosidade, pois ambas as coisas enfraquecem e degradam

eficazmente o corpo. Podemos nos ocupar de ambas as atividades, segundo diziam os gnósticos, sem sofrer qualquer dano no espírito, o qual simplesmente ficaria livre do corpo físico por ocasião da sua morte. Assim sendo, não importa o que fazemos com o corpo. De fato, fariamos bem em puni-lo. Dependendo das inclinações pessoais, alguns gnósticos escolhiam o ascetismo, ao passo que outros preferiam a licenciosidade, como meio de cooperar com o sistema do mundo para livrar-se o homem do seu corpo físico e de toda a matéria.

4. Esse tipo de gnosticismo, portanto, tirava proveito do ensinamento paulino sobre a liberdade cristã, transformando-a em licença para a vida imoral. (Ver II Ped. 3:16).

5. O ataque contra a má moral, naturalmente, levou o autor sagrado a inserir algum material «ético». (Ver o trecho de II Ped. 1:4-9, que contém a melhor porção ética desta epístola. Tal secção é a mais significativa da epístola, do ponto de vista espiritual, e, como é freqüente nas páginas do N.T., nos fornece os «imperativos morais» do evangelho). Deve o evangelho produzir fruto santo, ou, de outro modo, terá falhado quanto ao indivíduo que se diz crente, mas é um profano. Ao darmos atenção ao imperativo moral, através do desenvolvimento da vida santa, «fazemos certa a nossa eleição». O autor sagrado, pois, procurou corrigir um ensinamento falso, levando os verdadeiros crentes a se declararem contrários ao mesmo, propagando, ao mesmo tempo, uma autêntica ética cristã. A heresia é que «ocasionou» esta epístola; sua correção foi o propósito do autor sagrado. E todos os «temas» da presente epístola giram em torno desses elementos.

## VII. CONTEÚDO

- I. SAUDAÇÃO (1:1,2)
- II. FÉ ORTODOXA — GUIA PARA A SALVAÇÃO (1:3-21)
  1. Conhecimento de Cristo, portão da apropriação da gloriosa salvação (1:3-11)
  2. Autoridade de Pedro em prol da verdade do evangelho dos apóstolos (1:12-21)
    - a. Está contida na revelação (1:12-16)
    - b. Baseia-se no testemunho ocular (1:16-18)
    - c. Concorda com a tradição profética (1:19-21)
- III. HERESIA, FONTE DE PERDIÇÃO E NÃO DE SALVAÇÃO (2:1-22)
  1. Os hereges são filhos espirituais dos falsos profetas do A.T. (2:1-10a)
  2. São corruptos quanto à doutrina e à prática
    - a. Concupiscência e irreverência são seus guias (2:10b-17)
    - b. A liberdade pregada por Paulo é pervertida por eles (2:18-22)
- IV. A PAROUSIA, PODER DETERMINANTE DOS DEVERES CRISTÃOS (3:1-18)
  1. Critérios para a condenação da heresia que nega a parousia (3:1,2)
  2. Os ímpios, destruídos pelo dilúvio, foram os precursores dos que agora negam a parousia (3:3-7)
  3. Provas extraídas do A.T. em apoio à parousia (3:8-10)
  4. Aplicação ética da doutrina da parousia (3:11-13)
  5. Epístolas de Paulo em apoio à doutrina da parousia (3:14-18a)
- V. CONCLUSÃO E BÊNÇÃO (3:18b)

## VIII. BIBLIOGRAFIA

No tocante a esta segunda epístola de Pedro, quinze comentários em série foram utilizados como base da exposição. (Quanto à identificação desses livros, ver a lista de abreviações existente na introdução ao comentário). Além desses, recomendamos os seguintes livros para estudos especiais:

Cass, Shirley Jackson, *Second Peter*, The Abingdon Bible Commentary, NY: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.

Englin, Morton Scott, *The Literature of the Christian Movement*, NY: Harper and Bros., 1956.

Moffatt, James, *The General Epistles*, Moffatt N.T. Commentary, NY: Harper and Bros., 1928.

Titus, Eric Lane, *Essentials of New Testament Study*, NY: The Ronald Press, 1958.

O *Interpreter's Bible* está utilizado neste comentário pela gentil permissão da Abingdon-Cokesbury Press, Nashville. Desta obra, são citados em II Pedro, os autores Albert E. Barnett e Elmer G. Homrighausen.

## Capítulo I

Sem importar o que sintamos sobre a autoria petrina deste livro, devemos admitir que ele veio a participar de nosso N.T., sendo agora aceito como *canônico*. Portanto, esta epístola merece nosso respeito. Contém excelentes passagens e profundas verdades. Fazemos bem, pois, ao lê-la para benefício pessoal. A epístola, embora tenha conquistado poucos dos antigos, antes do século V d.C., tem sido vista como dotada de suficiente importância para não ser finalmente rejeitada. Os processos históricos na igreja lhe têm conferido tal posição, pelo que ela deve conter uma mensagem poderosa para, finalmente, ter merecido tal posição, no conceito da igreja cristã.

Calvino, que duvidava da origem petrina desta epístola, disse: «As dúvidas concernentes a esta epístola, mencionadas por Eusébio, não devem impedir-nos de lê-la... nada contém indigno de Pedro, mostrando por toda a parte o poder e a graça do espírito apostólico». E, prosseguia Calvino, especulando que algum discípulo de Pedro poderia tê-la escrito, combatendo, conforme Pedro teria feito, as dificuldades e problemas de sua própria época.

## 1. Saudação (II Ped. 1:1,2).

Esta Epístola de Pedro, diferentemente de I Pedro e de Judas, os livros que lhe estão ligados mais de perto, foi dirigida a cristãos em geral, sem importar a área geográfica em que vivesssem. Esta epístola, pois, é verdadeiramente católica, isto é, enviada para a igreja de áreas extensas, ou para a igreja em geral, em contraste com epístolas enviadas a indivíduos ou a uma única comunidade cristã. A palavra «católica», portanto, significa *universal*, isto é,

«epístola enviada à igreja universal». Os intérpretes, porém têm compreendido o sentido de tal palavra de outras maneiras. Os comentários de introdução sobre a exposição de Tia. 1:1 alia e discute os vários sentidos vinculados à palavra «católica», no que tange a certas epístolas do N.T., a saber, Tiago, I e II Pedro, as três epístolas de João e Judas.

1 Συμεών Πέτρος δούλος καὶ ἀπόστολος Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῖς ἰσοτίμοις ἡμῖν λαχοῦσιν πίστιν ἐν δικαιοσύνῃ τοῦ θεοῦ ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ

1:1 [C] Συμεών M A K P 049 056 0143 0209 104 436 82v 94b 1883 1739  
1881 3127 2495 Bys 10m 35ab 1461 188v sy ph, a arm mss<sup>ss</sup> It<sup>ss</sup> Pa-Occumensis Thier-

phylact f Συμων p<sup>ss</sup> B Ψ 81 AB 181 330 481 614 830 1241 1877 2412 2495  
[It<sup>ss</sup> 10m 35ab 1461 188v sy ph, a arm mss<sup>ss</sup> It<sup>ss</sup> Pa-Occumensis Thier-

1 Συμεων NA al c; R=] Συμων B 33 69 pm; R<sup>1</sup> [ανση] ns -σηνη K vg(2) | Θεου Κυριου N pc 1a

O peso do apoio externo em prol das duas formas é dividido — (Συμεών N A K P 049 056 0142 1739 sir (ph, h) ara al; Σίμων p<sup>ss</sup> B Ψ 81 614 it (h, r) vg sir (pal) cop (sa, bo) etí al). A comissão concordou que, falando em termos de cópia, é mais provável que Σίμων é uma correção para -Συμεών e não vice-versa, já que -Συμεών é usada para Pedro em somente

outra passagem no N.T. (Atos 15:14).

1:1. *Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que anseiam alcançar fé igualmente preciosa na justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.*

«Simão Pedro...» (Quanto a notas expositivas sobre «Pedro», ver a lista dos apóstolos, onde há uma breve descrição sobre cada um deles, em Luc. 6:12. Quanto aos diversos personagens de nome «Simão», no N.T., ver as notas expositivas em Atos 9:43).

«...servo...» O grego diz *doulos*, «escravo». (As notas expositivas sobre Rom. 1:1, onde Paulo também se designa «escravo de Jesus Cristo», nos fornecem a completa caracterização do que essa palavra significava, no tocante ao discipulado cristão). Um escravo não tinha vontade própria. Existia somente para cumprir a vontade de seu senhor. Portanto, como um símbolo espiritual, a escravidão aponta para uma total consagração ao «Senhor de todos».

«...apóstolo...» A lista dos apóstolos, em Luc. 6:12, fornece uma breve descrição sobre cada um deles. (São dadas notas expositivas sobre o *apostolado*, em Mat. 10:1). O uso mais lato do termo, designando outros personagens que não faziam parte dos «doze» apóstolos originais, é discutido em Atos 14:4. Pedro também é chamado «apóstolo», em I Ped. 1:1. (Ver ali as notas expositivas, quanto a idéias adicionais).

O autor sagrado ansiava para mostrar sua causa contra os hereses gnósticos. A totalidade do primeiro capítulo envolve isso. Sua intenção era a de combater a heresia na doutrina e na conduta diária. Ele desejava mostrar que o sistema dos hereses estava em conflito com os ensinamentos e as exigências morais dos apóstolos. (Ver a introdução ao livro, sob a seção VI, intitulada «Motivo e Propósitos» da epístola).

«...Jesus Cristo...» (Quanto a notas expositivas sobre o título completo de Cristo, «Senhor Jesus Cristo», ver Rom. 1:4, 7. Quanto a completas informações acerca da identificação, da vida e dos ensinamentos de Jesus, ver o artigo, existente na introdução ao comentário, que versa sobre esse assunto. Quanto a notas expositivas sobre o termo «Cristo», ver Mat. 1:16 e Marc. 1:1. Quanto a «Jesus», ver Mat. 1:21 e as notas expositivas a respeito).

Pedro, pois, se dedicara a Cristo como seu Senhor. Esta epístola espera mostrar que a heresia gnóstica tirara de Cristo os seus direitos, em seus ensinamentos e em suas práticas heréticas. Que se visse, pois, o exemplo de Pedro, escravo de Cristo, alguém verdadeiramente dedicado a Cristo, em contraste com os mestres falsos. Além disso, Pedro era um «apóstolo», e, por conseguinte, tinha a autoridade de baixar ordens. Que fosse seguido o seu exemplo!

*Tudo é, se eu tiver graça para assim usá-la, feito  
Como quem está sob o grande olho do grande Mestre.*  
(Milton)

«...aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa...» Os apóstolos não foram os únicos a obter a verdadeira fé que conduz à completa salvação. Todos os que crêem assumem igual posição. Esta declaração também é polêmica. A seguir a opinião dos gnósticos, dificilmente se poderia esperar participar da fé dos apóstolos e da salvação que se deriva da mesma. A «fé» pode ser: 1. Subjetiva, isto é, a confiança pessoal e a outorga da alma a Cristo. 2. Objetiva, isto é, a doutrina cristã, o cristianismo. Esse uso está limitado às «epístolas pastorais», com notas expositivas em I Tim. 1:2, 3. A fé como virtude, isto é, a confiança em Cristo, a qual prossegue na outorga diária da alma, como produto da fé espiritual. (Ver as notas expositivas sobre isso, em Gál. 5:22, onde a «fé» é apresentada como um dos aspectos do «fruto do Espírito»). No presente versículo está em foco a «fé subjetiva», aquela dedicação ativa a Cristo, na forma de confiança nele, que nos leva a viver santamente, zelosos por guardar a sua doutrina.

«...obtiveram...» Como? Através do acolhimento à mensagem cristã, pois a fé vem pelo «ouvir, e o ouvir vem pela palavra de Cristo» (ver Rom. 10:17). Algumas traduções e manuscritos dizem «palavra de Deus»; mas os melhores manuscritos dizem aqui «palavra de Cristo». Assim sendo, este versículo alude diretamente ao «evangelho». Os gnósticos pretendiam perverter o evangelho, para que não mais fosse uma palavra salvadora. O crente mais humilde pode desfrutar dos benefícios da fé em Cristo e, uma vez tendo-se assim beneficiado, deveria o crente opor-se aos mestres e a outras falsas autoridades espirituais que desejam destruir o valor dessa fé. Pedro acolhia essa palavra na qualidade de «escravo» de Cristo. E assim é que ele se tornou um homem verdadeiramente livre.

«...preciosa...» 1. Devido ao que ela faz por nós, libertando-nos do pecado. 2. Porque ela nos dá uma vívida esperança de vida eterna. 3. Porque ela nos conduz à santidade, necessária para que cheguemos à

glorificação com Cristo. 4. Porque ela nos confere a graça «intima» da regeneração, o que torna possível e frutífera a inquirição espiritual. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «fé», com poesias ilustrativas, ver Heb. 11:1).

*Torna-me cativo, ó Senhor,  
E então serei livre;  
Força-me a entregar a espada,  
E serei conquistador.*  
(George Matheson)

*O Imperativo Do Evangelho*

1. Aqueles para quem Pedro estava escrevendo conheciam o poder do paganismo. O evangelho não havia contribuído para que se sentissem à vontade diante de seus pecados ou para desculpá-los. Pelo contrário, chegara a fim de libertá-los do poder do paganismo, e não a fim de salvá-los em seus pecados, mas sim, de seus pecados.

2. Por conseguinte, logo em seguida Pedro mostra que o caráter do crente deve incluir a qualidade da santidade. Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14).

3. A eleição garante a santificação, e a santificação, por sua vez, põe em ação a nossa eleição. (Quanto a esses conceitos, ver II Tes. 2:13 e I Ped. 1:2). Portanto, a santificação é mais que um mero subproduto da nossa salvação; pelo contrário, é a própria salvação, em seu presente estágio de desenvolvimento. (Ver notas completas sobre esse assunto, em I Tes. 4:3).

4. A santidade em nós desenvolvida não é de nossa lavra; mas é a própria santidade divina, em nós infundida. (Ver Rom. 3:21 e suas notas, quanto a esse conceito).

5. As virtudes morais positivas que se seguem, são cultivadas pelo Espírito Santo (ver Gál. 5:22, 23).

6. A participação na santidade divina e nas virtudes morais positivas de Deus, e um aspecto do fato de que participamos da natureza e dos atributos do Filho. Trata-se de um poder transformador que nos torna em seres que chegarão a compartilhar da forma de vida do Filho. (Ver notas completas sobre esse conceito, em Col. 2:10).

7. A santificação é uma parte necessária da glorificação, e sem a santificação não poderá haver futura glorificação. (Ver as notas em Rom. 8:30 e II Cor. 3:18, quanto à «natureza da glorificação»).

«...Salvador Jesus Cristo...» Todos os benefícios espirituais chegam aos homens através dele. (Quanto a notas expositivas completas sobre isso, ver Efé. 1:3). Cristo é o Salvador porque os homens precisam ser salvos do pecado e de seus resultados naturais condenadores. E são salvos para viver nos mais altos céus, para participarem de tudo quanto Cristo é e possui. (Quanto à palavra «Salvador», aplicada a Cristo, ver Mat. 1:21; João 4:42; Atos 5:31; 13:23; II Tim. 1:10; Tito 1:4 e 2:13). Nesta epístola, além daqui, essa expressão se acha em II Ped. 1:11; 2:20; 3:2, 18. (Ver também I João 4:14. Quanto a Deus Pai como «Salvador», ver Tito 1:3; 2:10 e Jud. 25. Quanto a notas expositivas completas sobre a «salvação», ver Heb. 2:3). A salvação envolve muitíssimo mais que o perdão dos pecados (que é apenas seu começo) e a mudança de endereço para os céus. Envolve, essencialmente, a «filiação», em que nos tornamos naquilo que é o Filho de Deus, em sua natureza essencial e em suas perfeições, compartilhando tanto de sua glorificação (ver as notas expositivas sobre Rom. 8:29, 30) como de sua herança (ver as notas expositivas sobre Rom. 8:17).

*Idéias adicionais sobre este versículo:*

1. «Tiro era escravo de Cícero. O fato lhe conferiu reputação e fama. Ele entendia seu senhor, gostava muito dele e o servia com entusiasmo. Tornou-se verdadeiramente grande devido às suas relações com Cícero. A escravidão ao melhor e mais excelente é uma experiência criadora e regeneradora». (Homrighausen, *in loc.*).

2. A fé é «...igualmente preciosa para os que crêem, embora não tenham visto a Cristo, como Pedro e outros, que o viram. Pois se apegam às mesmas «grandiosas e preciosas promessas, e à mesma justiça de Deus». (Fauett, *in loc.*). (Ver o termo «preciosa», aplicado à fé e à provação da mesma (em I Ped. 1:7); a Cristo (ver I Ped. 2:7); ao sangue (ver I Ped. 1:19) e às promessas de Deus (ver II Ped. 1:4). O grego diz aqui «isotimos», algo de «igual valor». Os apóstolos tinham igual tipo de fé que temos, com os mesmos resultados, com o mesmo prodigioso valor. Temos iguais possessões, honras e promessas eternas que eles, mediante nossa fé.

*Variantes Textuais:* A maneira de grafar a palavra «Simão», no grego, varia de acordo com os manuscritos. «Συμεων» é a forma que aparece nos mss Aleph, AKP, 049, 056, 0142, 1739, no Si(ph, h) e no Ara. «Σιμων» é a forma dos mss P(72), BP, Pel, 81, 614, no It(h, r), na Vg, no Si(pal), no Cóp(sa bo) e no Et.



«Simon» é mais provavelmente, uma correção de transcrição, e não vice-versa, e somente em uma outra passagem do N.T. — Atos 15:14 — é que Pedro usa a forma «Simeon». Portanto, «Simeon» parece a forma original aqui, a forma mais rara, a qual, portanto, deve ter sido modificada para a forma mais comum.

Notemos que há apenas um artigo definido no título «...nosso Deus e Salvador Jesus Cristo...». Normalmente, se duas pessoas devem ser distinguidas entre si, o grego diria «...do nosso Deus e do nosso Salvador Jesus Cristo...». Contudo, é possível que a existência da palavra «nosso», imediatamente antes do termo «Salvador», tenha tornado desnecessário o uso do artigo definido. Alguns intérpretes insistem, apesar disso, que só uma pessoa está em foco, pelo que Jesus Cristo, o Salvador, é aqui inequivocadamente chamado de «Deus». Aleph e alguns poucos outros manuscritos gregos de pouco valor, bem como o S<sup>1</sup>ss, substituem aqui «Deus» por «Senhor», fazendo, assim, com que o versículo fale exclusivamente acerca de Cristo, evitando a dificuldade de ser ele aqui diretamente chamado de «Deus». No entanto, parece melhor ver duas pessoas aqui distinguidas, pelos seguintes motivos: 1. Porque o versículo seguinte deixa clara essa distinção (dois artigos definidos são ali usados). 2. Porque o uso do pronome possessivo, imediatamente antes de «Jesus», poderia ter visado eliminar a necessidade do artigo. 3. Porque, seja como

2 χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη πληθυνθεῖ ἐν ἐπιγνώσει τοῦ θεοῦ καὶ Ἰησοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν.\*

\* 2-3 a paragraph: TR Bov Nae BP<sup>1</sup> RSV NER TT Zür Luth Jer Baz // a minusc: WH AV RV ASV

2 χάρις...πληθυνθεί Id 2

2 τ. Θ. και Ιησ. | om PΨ (al) v<sup>8</sup> | Ιησου add Χριστου KALΨ 1:2: Graça a paz vem sejam multiplicadas no pleno conhecimento de Deus e de Jesus nosso Senhor;

(Quanto à «graça» e à «paz», como elementos das saudações, ver as notas expositivas em Rom. 1:7 e I Cor. 1:3). O desejo que essas coisas sejam «...multiplicadas...» é similar ao de I Ped. 1:2, onde o conceito é comentado. A isso é adicionado, aqui: «...no pleno conhecimento de Deus e de Jesus nosso Senhor...» (Essa idéia se assemelha à de João 17:3, que diz: «E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste»). A multiplicação da graça de Deus, na vida, aprimora a nossa presente vida espiritual e disso resulta a vida eterna. A paz de Deus aumenta a harmonia que é produzida mediante a reconciliação com Deus. (Ver Rom. 5:1 e Col. 1:20 quanto à «paz»). Também há notas gerais a respeito em João 14:27 e 16:33. Quanto à nota de sumário sobre a «graça», ver Efé. 2:8).

**Definição neotestamentária do conhecimento:** A graça e a paz, bem como seus acompanhamentos benéficos, são mediados pelo «conhecimento» de Deus e de seu Filho. O vocabúlo grego aparece aqui em sua forma intensiva, «epignosis» (com um prefixo preposicional). Por essa razão, algumas traduções dizem «pleno conhecimento». O conceito de conhecimento é um dos principais conceitos desta segunda epístola de Pedro. (Ver igualmente II Ped. 1:3,8 e 2:20). Lembremo-nos que os gnósticos davam grande importância ao «conhecimento» e que essa designação «gnósticos» tem por base o vocabúlo grego aqui traduzido por «conhecimento». O «conhecimento» que os gnósticos supostamente possuíam seria superior à «fé», e esta seria um meio de desenvolvimento espiritual de homens sem grande avanço espiritual, que não poderiam esperar chegar à plena redenção. Os gnósticos dividiam os homens em três classes, a saber: 1. Os «hílicos», isto é, «terrenos». Esses seriam os asoberbados pela matéria, nunca podendo livrar-se da mesma. Para os gnósticos, a matéria seria a essência mesma do mal, e os que só se preocupam com ela haverão de perecer juntamente com ela. Os «hílicos» seriam a vasta maioria dos homens, pelo que os gnósticos estariam totalmente fora do escopo da redenção. 2. Os «psíquicos» seriam homens de desenvolvimento espiritual bastante baixo, embora espirituais até certo ponto. Obteriam seu desenvolvimento mediante a «fé», que seria inferior ao «conhecimento». Esses obteriam um tipo de redenção inferior. Nesse grupo, os gnósticos classificavam os profetas do A.T. e outros homens bons, que não tinham a vantagem do «conhecimento» dos gnósticos. 3. Além disso, haveria os «pneumáticos», os indivíduos verdadeiramente espirituais, que obteriam sua espiritualidade mediante o «conhecimento», conforme os gnósticos entendiam essa palavra. O conhecimento deles era mágico, místico, ritualisticamente mediado. Os homens precisariam participar de seus rituais e cerimônias mágicas para alcançarem o verdadeiro conhecimento. Tais homens, que formariam uma exígua minoria, obteriam redenção mais completa. Primeiramente, se tornariam unidos aos «aeons» ou manifestações de Deus, isto é, as emanações angelicais; finalmente, seriam reabsorvidos em Deus, perdendo sua identidade pessoal, em que o «ego» se tornaria o *Superego*.

#### A Natureza Do Conhecimento

1. Nas páginas do A.T., «conhecer Deus» era compreender os requisitos de sua lei e obedecer aos mesmos. Ali começava e se desenvolvia o conhecimento. Esse conhecimento é contrastado com a ignorância em que viviam os pagãos, os quais estavam envolvidos em todas as formas de atividade prejudicial, pelo motivo de não conhecerem Deus.

2. Sem a menor dúvida, o N.T. dá prosseguimento a essa idéia, pois ali conhecer Deus é algo prático e moral. Naturalmente, o N.T. ultrapassa em muito a esse conceito, pois, na pessoa do Logos divino, há uma mais completa revelação de Deus do que aquela que se verificava nos tempos do A.T. (Ver João 1:18 quanto a isso).

3. Ao observarmos a natureza de Cristo, chegamos a conhecer Deus. Ao II. Fé Ortodoxa- Guia para a salvação (1:3-21).

1. Conhecimento de Cristo, portão da apropriação da gloriosa salvação (1:3-11).

Já fomos informados da necessidade imperiosa do «conhecimento» do Pai e do Filho. Agora, o autor sagrado nos instrui sobre como opera esse conhecimento. Os versículos terceiro a sétimo demonstram que, através desse conhecimento, somos levados a uma vida de piedade, o que resulta na possessão de tudo quanto pertence à vida e à piedade. A finalidade é a «glória» dos lugares

for, o uso do artigo definido, no grego *koiné*, não era coerente, pelo que nada de positivo se pode dizer em seu favor. Portanto, concordamos com Pummer (*in loc.*), o qual diz: «...a rígida gramática, somente, nem sempre é o guia mais seguro na interpretação das Escrituras. O próprio versículo seguinte, independentemente de quaisquer outras considerações, parece determinar que tanto o Pai como o Filho são aqui mencionados». 4. A expressão poderia ter o intuito de mostrar a «unidade» que há entre o Pai e o Filho, e isso poderia justificar a omissão do artigo antes da palavra «Jesus». Seja como for, o N.T. ensina a divindade de Cristo em outros lugares. (Ver a nota de sumário sobre esse tema, em Heb. 1:3).

Uma defesa da idéia de que o Senhor Jesus é aqui chamado «Deus» é apresentada por Barnett (*in loc.*), o qual assevera que, pelo tempo em que foi escrita esta epístola de Pedro, era comum chamar Cristo de «Deus». Assim sendo, Inácio da Antioquia, em sua epístola aos *Eféssios*, refere-se a Jesus Cristo como «nosso Deus» (18:2). Talvez, assim também é que deva ser compreendido o trecho de Tito 2:11-13; I Clemente 1:1 tem algo similar. Portanto, Inácio saúda à igreja de Éfeso como «unidos e escolhidos mediante verdadeiro sofrimento, pela vontade do Pai e Jesus Cristo, nosso Deus». Essa declaração de Inácio evidentemente faz tanto o Pai como Jesus Cristo serem chamados «Deus», em uma única expressão.

pm (trsp 33 al vg<sup>4</sup>, c<sup>1</sup>) | (ημυν), R)

sermos transformados segundo a sua imagem, começamos a conhecer Deus, por percebermos que a sua natureza vai sendo formada em nós, o que vai adquirindo cada vez maior significação, à medida em que crescemos nas perfeições de Cristo.

4. O conhecimento também se verifica através da iluminação, sendo essa uma operação do Espírito Santo (ver Efé. 1:18 e ss.).

5. O conhecimento de Deus é mediado através da experiência cristã. Dessa forma somos espiritualmente identificados com Cristo. A sua vida é vivida em nós. (Ver esse conceito em Fil. 3:10,11, onde Paulo é retratado como quem buscava intensamente o conhecimento de Cristo). Conhecer o Filho, afinal de contas, é conhecer o Pai (ver João 17:3).

6. O conhecimento de Deus resulta na vida eterna, conforme é indicado pela referência que acabamos de dar no evangelho de João.

Portanto, Lightfoot (*in loc.*) está parcialmente com a razão, quando diz: «O conhecimento, com base no N.T., é o alvo e a coroa do curso do crente, a apropriação completa de toda a verdade e a identificação, sem reservas, com a vontade de Deus». Porém, é mais do que isso, ainda. É a completa identificação com a natureza de Cristo, isto é, produz esse resultado. (Ver II Cor. 3:18).

«Tendo Deus Pai ou Cristo como o objeto, todas as faculdades da personalidade se ocupam na obtenção do conhecimento, com o resultado de que o conhecimento é o mais profundo que a inteligência humana consegue possuir. A revelação também contribui para ficar completo tal conhecimento». (Barnett, *in loc.*). (Ver a oração de Paulo, em Efé. 1:18, quanto ao fato de que o conhecimento é mediado através da «iluminação», já que nenhuma faculdade intelectual humana pode chegar ao verdadeiro conhecimento de Deus. Assim, torna-se necessária a iluminação do Espírito). O conhecimento, portanto, é uma «experiência espiritual», e não meramente o progresso intelectual. (Comparar também com Col. 1:10).

O conhecimento de Deus vem através do conhecimento de Cristo, pois este é tanto o Caminho de volta a Deus como é o Pioneiro do caminho. Em outras palavras, ele mostra aos homens como retornar a Deus, conduzindo-os por ali. Consideremos como ele veio a conhecer a Deus como homem, aprendendo mediante as coisas que sofreu, segundo se lê em Heb. 5:8.

«...Jesus nosso Senhor...» Ninguém tem a Jesus como Salvador, se também não o tem como Senhor. A fé é a outorga da alma a Cristo, como Senhor (ver Rom. 10:13). (Quanto ao «senhorio de Cristo» e quanto a seu título completo, «Senhor Jesus Cristo», ver Rom. 1:4). «Senhor» é título mui freqüente de Jesus, no N.T., e nessa referência damos provas sobre isso.

**Aprender:** O conhecimento de Deus e de seu Cristo vem através da submissão da alma a Cristo, como Senhor. É a essa atitude que chamamos «fé». (Ver as notas expositivas completas sobre a «fé», em Heb. 11:1. Ver acerca do «pleno conhecimento», *epignosis*, usado por Paulo em Col. 1:9,10; 2:2; 3:10; Rom. 1:28; 3:20; 10:3; Efé. 1:17; 4:13; Fil. 1:9; I Tim. 2:4; 6:20; Tito 1:1 e File. 6. Ver também Heb. 10:26). «Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar» (Mat. 11:27). Os gnósticos reduziam Cristo a meramente um dos «aeons» ou emanações angelicais de Deus. Antes, ele é o Filho unigênito, aquele que revela Deus para os homens.

**Variantes Textuais:** As palavras de Deus são omitidas nos mss P, Pai e em alguns códices da Vulgata. Se isso representa o original, então o conhecimento buscado é o de «Jesus, nosso Senhor». Porém, a maior parte dos críticos textuais rejeita essa forma, embora normalmente a forma mais breve seja a melhor. Provavelmente tais palavras foram omitidas por acidente. O ms P<sup>72</sup> omite as palavras «e Jesus», e o texto então se torna, «...conhecimento da Deus e nosso Senhor». Mas certamente isso também representa uma forma secundária. Os mss Aleph, AL adicionam «em Cristo», a fim de dar a Jesus um título mais completo, «Senhor Jesus Cristo». Mas isso é um adorno adicionado por escribas.

celestiais, a participação da *virtude* perfeita, que é a de Deus. Isso só pode ocorrer através do «poder divino». Desse modo, o conhecimento autêntico é uma iluminação divina, pelo poder do Espírito. Esse poder se expressa em nossa participação na «divindade», o cumprimento de muitas grandes e preciosas promessas. No presente, nosso progresso espiritual nessa direção é manifesto pela posse de muitas virtudes espirituais de caráter. A participação da imagem metafísica de Cristo (sua própria natureza, a vida que o próprio Deus possui) nunca pode tornar-se realidade, exceto pela «transformação moral». Deus primeiramente a insufla em nós, mediante a operação do Espírito, a natureza moral de Cristo; e isso, por sua vez, provoca a modificação na própria essência de nosso ser, a fim de elevar-nos acima dos anjos, conduzindo-nos à glória como verdadeiros filhos, da mesma natureza do Filho de Deus, participantes da sua herança. Os versículos quinto a sétimo mostram-nos o «lado humano», como os homens devem «apropriar-se» do que lhes foi prometido. Essa apropriação vem pela vida santa. Sem santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14), e o homem tem a responsabilidade de entregar-se a Cristo, a fim de receber a transformação moral. É impossível salientar demais o «imperativo moral» do evangelho. As promessas do evangelho não terão cumprimento sem a autêntica e total santificação, bem como o desenvolvimento positivo das virtudes cristãs. (Ver II Tes. 2:13 quanto ao fato de que a santificação é absolutamente necessária para a salvação. Não é algo que possamos acolher ou rejeitar).

O conhecimento, pois, funciona através do divino e do humano. Conhecemos Deus à medida em que seu Espírito infunde em nós a natureza de Cristo. Nós o conhecemos conforme cedemos a essa infusão. Esse tipo de conhecimento é remidor, transformador, *revolucionário*. É o trato de Deus com a alma, e não o mero acúmulo intelectual de proposições teológicas.

3 Ὡς πάντα ἡμῖν τῆς θείας δυνάμεως αὐτοῦ τὰ πρὸς ζωὴν καὶ εὐσέβειαν δεδωρημένης διὰ τῆς ἐπιγνώσεως τοῦ καλέσαντος ἡμᾶς ἰδίᾳ δόξῃ καὶ ἀρετῇ<sup>3</sup>,

<sup>3</sup> 1 [D] ἰδίᾳ δόξῃ καὶ ἀρετῇ N A C P Ψ 33 81 84 104 436 614 629 630 945 1241 1506 1739 1881 2412 2493 2598 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000 3001 3002 3003 3004 3005 3006 3007 3008 3009 3010 3011 3012 3013 3014 3015 3016 3017 3018 3019 3020 3021 3022 3023 3024 3025 3026 3027 3028 3029 3030 3031 3032 3033 3034 3035 3036 3037 3038 3039 3040 3041 3042 3043 3044 3045 3046 3047 3048 3049 3050 3051 3052 3053 3054 3055 3056 3057 3058 3059 3060 3061 3062 3063 3064 3065 3066 3067 3068 3069 3070 3071 3072 3073 3074 3075 3076 3077 3078 3079 3080 3081 3082 3083 3084 3085 3086 3087 3088 3089 3090 3091 3092 3093 3094 3095 3096 3097 3098 3099 3100 3101 3102 3103 3104 3105 3106 3107 3108 3109 3110 3111 3112 3113 3114 3115 3116 3117 3118 3119 3120 3121 3122 3123 3124 3125 3126 3127 3128 3129 3130 3131 3132 3133 3134 3135 3136 3137 3138 3139 3140 3141 3142 3143 3144 3145 3146 3147 3148 3149 3150 3151 3152 3153 3154 3155 3156 3157 3158 3159 3160 3161 3162 3163 3164 3165 3166 3167 3168 3169 3170 3171 3172 3173 3174 3175 3176 3177 3178 3179 3180 3181 3182 3183 3184 3185 3186 3187 3188 3189 3190 3191 3192 3193 3194 3195 3196 3197 3198 3199 3200 3201 3202 3203 3204 3205 3206 3207 3208 3209 3210 3211 3212 3213 3214 3215 3216 3217 3218 3219 3220 3221 3222 3223 3224 3225 3226 3227 3228 3229 3230 3231 3232 3233 3234 3235 3236 3237 3238 3239 3240 3241 3242 3243 3244 3245 3246 3247 3248 3249 3250 3251 3252 3253 3254 3255 3256 3257 3258 3259 3260 3261 3262 3263 3264 3265 3266 3267 3268 3269 3270 3271 3272 3273 3274 3275 3276 3277 3278 3279 3280 3281 3282 3283 3284 3285 3286 3287 3288 3289 3290 3291 3292 3293 3294 3295 3296 3297 3298 3299 3300 3301 3302 3303 3304 3305 3306 3307 3308 3309 3310 3311 3312 3313 3314 3315 3316 3317 3318 3319 3320 3321 3322 3323 3324 3325 3326 3327 3328 3329 3330 3331 3332 3333 3334 3335 3336 3337 3338 3339 3340 3341 3342 3343 3344 3345 3346 3347 3348 3349 3350 3351 3352 3353 3354 3355 3356 3357 3358 3359 3360 3361 3362 3363 3364 3365 3366 3367 3368 3369 3370 3371 3372 3373 3374 3375 3376 3377 3378 3379 3380 3381 3382 3383 3384 3385 3386 3387 3388 3389 3390 3391 3392 3393 3394 3395 3396 3397 3398 3399 3400 3401 3402 3403 3404 3405 3406 3407 3408 3409 3410 3411 3412 3413 3414 3415 3416 3417 3418 3419 3420 3421 3422 3423 3424 3425 3426 3427 3428 3429 3430 3431 3432 3433 3434 3435 3436 3437 3438 3439 3440 3441 3442 3443 3444 3445 3446 3447 3448 3449 3450 3451 3452 3453 3454 3455 3456 3457 3458 3459 3460 3461 3462 3463 3464 3465 3466 3467 3468 3469 3470 3471 3472 3473 3474 3475 3476 3477 3478 3479 3480 3481 3482 3483 3484 3485 3486 3487 3488 3489 3490 3491 3492 3493 3494 3495 3496 3497 3498 3499 3500 3501 3502 3503 3504 3505 3506 3507 3508 3509 3510 3511 3512 3513 3514 3515 3516 3517 3518 3519 3520 3521 3522 3523 3524 3525 3526 3527 3528 3529 3530 3531 3532 3533 3534 3535 3536 3537 3538 3539 3540 3541 3542 3543 3544 3545 3546 3547 3548 3549 3550 3551 3552 3553 3554 3555 3556 3557 3558 3559 3560 3561 3562 3563 3564 3565 3566 3567 3568 3569 3570 3571 3572 3573 3574 3575 3576 3577 3578 3579 3580 3581 3582 3583 3584 3585 3586 3587 3588 3589 3590 3591 3592 3593 3594 3595 3596 3597 3598 3599 3600 3601 3602 3603 3604 3605 3606 3607 3608 3609 3610 3611 3612 3613 3614 3615 3616 3617 3618 3619 3620 3621 3622 3623 3624 3625 3626 3627 3628 3629 3630 3631 3632 3633 3634 3635 3636 3637 3638 3639 3640 3641 3642 3643 3644 3645 3646 3647 3648 3649 3650 3651 3652 3653 3654 3655 3656 3657 3658 3659 3660 3661 3662 3663 3664 3665 3666 3667 3668 3669 3670 3671 3672 3673 3674 3675 3676 3677 3678 3679 3680 3681 3682 3683 3684 3685 3686 3687 3688 3689 3690 3691 3692 3693 3694 3695 3696 3697 3698 3699 3700 3701 3702 3703 3704 3705 3706 3707 3708 3709 3710 3711 3712 3713 3714 3715 3716 3717 3718 3719 3720 3721 3722 3723 3724 3725 3726 3727 3728 3729 3730 3731 3732 3733 3734 3735 3736 3737 3738 3739 3740 3741 3742 3743 3744 3745 3746 3747 3748 3749 3750 3751 3752 3753 3754 3755 3756 3757 3758 3759 3760 3761 3762 3763 3764 3765 3766 3767 3768 3769 3770 3771 3772 3773 3774 3775 3776 3777 3778 3779 3780 3781 3782 3783 3784 3785 3786 3787 3788 3789 3790 3791 3792 3793 3794 3795 3796 3797 3798 3799 3800 3801 3802 3803 3804 3805 3806 3807 3808 3809 3810 3811 3812 3813 3814 3815 3816 3817 3818 3819 3820 3821 3822 3823 3824 3825 3826 3827 3828 3829 3830 3831 3832 3833 3834 3835 3836 3837 3838 3839 3840 3841 3842 3843 3844 3845 3846 3847 3848 3849 3850 3851 3852 3853 3854 3855 3856 3857 3858 3859 3860 3861 3862 3863 3864 3865 3866 3867 3868 3869 3870 3871 3872 3873 3874 3875 3876 3877 3878 3879 3880 3881 3882 3883 3884 3885 3886 3887 3888 3889 3890 3891 3892 3893 3894 3895 3896 3897 3898 3899 3900 3901 3902 3903 3904 3905 3906 3907 3908 3909 3910 3911 3912 3913 3914 3915 3916 3917 3918 3919 3920 3921 3922 3923 3924 3925 3926 3927 3928 3929 3930 3931 3932 3933 3934 3935 3936 3937 3938 3939 3940 3941 3942 3943 3944 3945 3946 3947 3948 3949 3950 3951 3952 3953 3954 3955 3956 3957 3958 3959 3960 3961 3962 3963 3964 3965 3966 3967 3968 3969 3970 3971 3972 3973 3974 3975 3976 3977 3978 3979 3980 3981 3982 3983 3984 3985 3986 3987 3988 3989 3990 3991 3992 3993 3994 3995 3996 3997 3998 3999 4000 4001 4002 4003 4004 4005 4006 4007 4008 4009 4010 4011 4012 4013 4014 4015 4016 4017 4018 4019 4020 4021 4022 4023 4024 4025 4026 4027 4028 4029 4030 4031 4032 4033 4034 4035 4036 4037 4038 4039 4040 4041 4042 4043 4044 4045 4046 4047 4048 4049 4050 4051 4052 4053 4054 4055 4056 4057 4058 4059 4060 4061 4062 4063 4064 4065 4066 4067 4068 4069 4070 4071 4072 4073 4074 4075 4076 4077 4078 4079 4080 4081 4082 4083 4084 4085 4086 4087 4088 4089 4090 4091 4092 4093 4094 4095 4096 4097 4098 4099 4100 4101 4102 4103 4104 4105 4106 4107 4108 4109 4110 4111 4112 4113 4114 4115 4116 4117 4118 4119 4120 4121 4122 4123 4124 4125 4126 4127 4128 4129 4130 4131 4132 4133 4134 4135 4136 4137 4138 4139 4140 4141 4142 4143 4144 4145 4146 4147 4148 4149 4150 4151 4152 4153 4154 4155 4156 4157 4158 4159 4160 4161 4162 4163 4164 4165 4166 4167 4168 4169 4170 4171 4172 4173 4174 4175 4176 4177 4178 4179 4180 4181 4182 4183 4184 4185 4186 4187 4188 4189 4190 4191 4192 4193 4194 4195 4196 4197 4198 4199 4200 4201 4202 4203 4204 4205 4206 4207 4208 4209 4210 4211 4212 4213 4214 4215 4216 4217 4218 4219 4220 4221 4222 4223 4224 4225 4226 4227 4228 4229 4230 4231 4232 4233 4234 4235 4236 4237 4238 4239 4240 4241 4242 4243 4244 4245 4246 4247 4248 4249 4250 4251 4252 4253 4254 4255 4256 4257 4258 4259 4260 4261 4262 4263 4264 4265 4266 4267 4268 4269 4270 4271 4272 4273 4274 4275 4276 4277 4278 4279 4280 4281 4282 4283 4284 4285 4286 4287 4288 4289 4290 4291 4292 4293 4294 4295 4296 4297 4298 4299 4300 4301 4302 4303 4304 4305 4306 4307 4308 4309 4310 4311 4312 4313 4314 4315 4316 4317 4318 4319 4320 4321 4322 4323 4324 4325 4326 4327 4328 4329 4330 4331 4332 4333 4334 4335 4336 4337 4338 4339 4340 4341 4342 4343 4344 4345 4346 4347 4348 4349 4350 4351 4352 4353 4354 4355 4356 4357 4358 4359 4360 4361 4362 4363 4364 4365 4366 4367 4368 4369 4370 4371 4372 4373 4374 4375 4376 4377 4378 4379 4380 4381 4382 4383 4384 4385 4386 4387 4388 4389 4390 4391 4392 4393 4394 4395 4396 4397 4398 4399 4400 4401 4402 4403 4404 4405 4406 4407 4408 4409 4410 4411 4412 4413 4414 4415 4416 4417 4418 4419 4420 4421 4422 4423 4424 4425 4426 4427 4428 4429 4430 4431 4432 4433 4434 4435 4436 4437 4438 4439 4440 4441 4442 4443 4444 4445 4446 4447 4448 4449 4450 4451 4452 4453 4454 4455 4456 4457 4458 4459 4460 4461 4462 4463 4464 4465 4466 4467 4468 4469 4470 4471 4472 4473 4474 4475 4476 4477 4478 4479 4480 4481 4482 4483 4484 4485 4486 4487 4488 4489 4490 4491 4492 4493 4494 4495 4496 4497 4498 4499 4500 4501 4502 4503 4504 4505 4506 4507 4508 4509 4510 4511 4512 4513 4514 4515 4516 4517 4518 4519 4520 4521 4522 4523 4524 4525 4526 4527 4528 4529 4530 4531 4532 4533 4534 4535 4536 4537 4538 4539 4540 4541 4542 4543 4544 4545 4546 4547 4548 4549 4550 4551 4552 4553 4554 4555 4556 4557 4558 4559 4560 4561 4562 4563 4564 4565 4566 4567 4568 4569 4570 4571 4572 4573 4574 4575 4576 4577 4578 4579 4580 4581 4582 4583 4584 4585 4586 4587 4588 4589 4590 4591 4592 4593 4594 4595 4596 4597 4598 4599 4600 4601 4602 4603 4604 4605 4606 4607 4608 4609 4610 4611 4612 4613 4614 4615 4616 4617 4618 4619 4620 4621 4622 4623 4624 4625 4626 4627 4628 4629 4630 4631 4632 4633 4634 4635 4636 4637 4638 4639 4640 4641 4642 4643 4644 4645 4646 4647 4648 4649 4650 4651 4652 4653 4654 4655 4656 4657 4658 4659 4660 4661 4662 4663 4664 4665 4666 4667 4668 4669 4670 4671 4672 4673 4674 4675 4676 4677 4678 4679 4680 4681 4682 4683 4684 4685 4686 4687 4688 4689 4690 4691 4692 4693 4694 4695 4696 4697 4698 4699 4700 4701 4702 4703 4704 4705 4706 4707 4708 4709 4710 4711 4712 4713 4714 4715 4716 4717 4718 4719 4720 4721 4722 4723 4724 4725 4726 4727 4728 4729 4730 4731 4732 4733 4734 4735 4736 4737 4738 4739 4740 4741 4742 4743 4744 4745 4746 4747 4748 4749 4750 4751 4752 4753 4754 4755 4756 4757 4758 4759 4760 4761 4762 4763 4764 4765 4766 4767 4768 4769 4770 4771 4772 4773 4774 4775 4776 4777 4778 4779 4780 4781 4782 4783 4784 4785 4786 4787 4788 4789 4790 4791 4792 4793 4794 4795 4796 4797 4798 4799 4800 4801 4802 4803 4804 4805 4806 4807 4808 4809 4810 4811 4812 4813 4814 4815 4816 4817 4818 4819 4820 4821 4822 4823 4824 4825 4826 4827 4828 4829 4830 4831 4832 4833 4834 4835 4836 4837 4838 4839 4840 4841 4842 4843 4844 4845 4846 4847 4848 4849 4850 4851 4852 4853 4854 4855 4856 4857 4858 4859 4860 4861 4862 4863 4864 4865 4866 4867 4868 4869 4870 4871 4872 4873 4874 4875 4876 4877 4878 4879 4880 4881 4882 4883 4884 4885 4886 4887 4888 4889 4890 4891 4892 4893 4894 4895 4896 4897 489



vem do Senhor, que é o Espírito». (Ver II Cor. 3:18; Rom. 8:29; I Cor. 11:7; 15:49; Efê. 4:24 e Col. 3:10). (Barnett, *in loc.*).

«De fato, a forma mais elevada de glória divina se irradia de Jesus Cristo. Ele é a luz da própria luz, a imagem expressa do ser de Deus. Cristo Jesus é a virtude, o poder eurador de Deus em sua forma mais exaltada e disponível. Para todos quantos o «recebem», ele dá «poder» para que se tornem filhos de Deus. A elevadíssima vocação da igreja consiste em apresentar a glória e a virtude de Jesus Cristo aos homens, para que estes contemplem e acolham sua operação remidora em suas vidas». (Homrighausen, *in loc.*).

**Variante Textual:** As palavras «chamou-nos glória e virtude», fazendo dessas coisas instrumentos da sua operação, fazem parte dos mas P(72), BKL e

4 δι' ὧν τὰ τίμια καὶ μέγιστα ἡμῖν ἐπαγγέλματα δεδώρηται, ἵνα διὰ τούτων γένησθε θείας κοινωνοὶ φύσεως, ἀποφυγόντες τῆς ἐν τῷ κόσμῳ ἐν ἐπιθυμίᾳ φθορᾶς.

4 της εν τω (em τω K al ε) κοσμῳ εν επιθυμια AB al (ε); R] της εν τω (em τω C al) κοσμῳ επιθυμιας και (C) 1739 ρη εγῆ: την εν τ. κ. -αν

℣ Hier

A ordem das palavras varia enormemente:

a. τίμια καὶ μέγιστα ἐπαγγέλματα ἡμῖν — P (72)

b. τίμια καὶ μέγιστα ἡμῖν ἐπ. B 1 206 255 429 489 614 1611 1898 2143

c. τίμια ἡμῖν καὶ μέγιστα ἐπ. ℣ K L 0142 muitos minúsculos

d. μέγιστα καὶ τίμια ἡμῖν ἐπ. C P (ὅμιν A; ὅμων Ψ) A; 5 33 69 81 88 104 218 307 326 441 623 1175 1739 2298 vg sir (ph,h) cop (sa,bo)

e. μέγιστα ἡμῖν καὶ τίμια ἐπ. vários manuscritos minúsculos e o Textus Receptus.

A forma que melhor explica a origem das demais parece ser (b). O desejo de vincular mais intimamente o pronome, ou com o verbo ou com τίμια resultou na forma (a), por um lado, e as formas (c) e (d) por outro. A seqüência de μέγιστα e τίμια em (d) e (c) pode ter-se originado na omissão acidental ou deliberada de τίμια καὶ e de sua posterior inserção vinda da margem. As formas ὅμιν de A, e ὅμων de Ψ foram conformadas ao γένησθε seguinte.

1:4: pela qual ele nos tem dado as suas preciosas e grandíssimas promessas, para que por elas vos torneis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo.

...*pelas quais...*, isto é, «por sua glória e virtude». Primeiramente somos chamados «à glória e à virtude»; então nos tornamos participantes delas, sendo-nos dadas grandes e preciosas promessas; e, em seguida, pela concretização dessas promessas, chegamos a participar da natureza divina, algo tão exaltado que estonteia a imaginação. As «promessas» são aquelas especificamente anunciadas no evangelho. O autor nega que a doutrina gnóstica tenha qualquer direito ou poder. Todo o bem espiritual vem através do evangelho dos apóstolos, e esse bem espiritual é indizivelmente profundo. O evangelho promete a regeneração, a liberdade do pecado na santificação, a esperança da vida eterna, a participação na natureza divina e a participação na plenitude de Deus. Essas são grandes e preciosas promessas. Tudo isso dava à igreja cristã bons motivos para rejeitar os ensinamentos falsos dos gnósticos. (Ver Col. 2:18 quanto a notas expositivas completas sobre o «gnosticismo»).

...*preciosas...* No grego é «timios», que vem de «time», «valor». Aponta para algo de raro valor, que muito se estima. (Ver o uso dessa palavra na primeira epístola de Pedro: acerca da fé (I Ped. 1:7); acerca do sangue de Cristo (I Ped. 1:19). E então, neste versículo, acerca das promessas do evangelho.

...*grandes...* No grego temos um superlativo, para maior ênfase. Alguém pode calcular o valor de todos os tesouros do Egito, mas ninguém pode calcular o valor do amor de Deus, em Cristo. Portanto, as promessas divinas falam de um benefício espiritual incalculável.

...*por elas vos torneis co-participantes da natureza divina...* Através da concretização dessas promessas na experiência real, devido ao poder do Espírito, chegamos a compartilhar do próprio tipo de vida de Deus. Isso, naturalmente, é uma das mais profundas declarações do N.T., com paralelos em outros trechos. Com freqüência, neste comentário, temos-nos reportado ao presente versículo, como passagem que ensina o mais elevado conceito conhecido do homem—um homem pode ser transformado ao ponto de receber a divindade do Filho de Deus. E, assim, os remidos serão elevados muito acima dos anjos, porque serão dotados de uma natureza infinitamente maior que a deles. Isso envolve muitíssimo mais que o mero perdão de pecados e a mudança de endereço para os céus, que é tudo que se prega hoje em dia na maioria das igrejas evangélicas. Consideremos as idéias e referências seguintes, onde o tema é desenvolvido:

1. Os trechos de Rom. 8:29 e II Cor. 3:18 ensinam que o Espírito Santo nos transforma segundo a imagem de Cristo, para participarmos de sua natureza e glória. Portanto, os remidos participarão da divindade do mesmo modo que o Filho.

2. Os trechos de João 5:25,26 e 6:57 ensinam a doutrina que os remidos virão a participar do próprio «tipo de vida» de Deus, o qual Cristo, como homem, foi o primeiro a possuir. Agora, Cristo tem o poder de transmiti-la a outros. Essa é a vida «necessária» (que não pode deixar de existir); e também é a vida «independente» (que não depende de outra para existir). Os remidos, pois, virão a participar dessa mesma fonte de vida, recebendo uma vida superior às outras, incluindo a própria vida dos anjos. Há muitas formas ou modalidades de vida, algumas muito simples e outras extremamente completas; algumas são físicas, outras espirituais. Os remidos possuirão a mais elevada forma de vida possível, tornando-se «filhos de Deus», participantes da própria forma de vida divina.

a maior parte dos manuscritos posteriores. As palavras «chamou-nos para sua própria glória e virtude» aparecem nos mas Aleph, ACP, Psi, 33, 81, 614, 1739, no It(h,r), na Vg, no Siph, h, pai), no Cóp(ia bo) e no Ara (Speculum). O dativo pode ser entendido como instrumental, pelo que «por» subentenderia a idéia preposicional tencionada. A evidência textual está bem dividida, quando tomamos as versões em consideração, que apoiam fortemente a segunda possibilidade. A maior parte dos críticos textuais, de fato, prefere a segunda possibilidade, pelos seguintes motivos: 1. Por causa da lata confirmação no grego e nas versões. 2. Porque o termo «dia» provavelmente foi escrito por engano em lugar de «idia» («através» em lugar de «sua própria»), porquanto há vários outros «dia» no contexto. 3. Porque «idos», em várias formas, é um dos vocabúlos favoritos desta epístola, aparecendo por seis outras vezes em apenas três capítulos.

★ ★ ★

★ ★ ★

3. Os remidos chegarão a participar de «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19; isso também pode ser visto em Col. 2:10). A plenitude (conforme e demonstrado nessas notas expositivas) indica a «natureza», com sua manifestação de atributos e perfeições divinos. As notas expositivas, nesses versículos, definem todas essas tão exaltadas doutrinas.

*Qual é a natureza dessa participação?* Em primeiro lugar, precisamos dizer que ela não é «secundária», no sentido que é de natureza diferente. Os remidos não participarão de alguma natureza divina secundária, como também Cristo não possui nenhuma natureza divina secundária.

*Qual é a extensão dessa participação?* A diferença entre o homem que vier a participar da natureza divina e essa natureza, possuída pelo próprio Deus, não é questão de «tipo», e sim, de «extensão». Deus é infinito. Assim sendo, embora os remidos venham a participar de sua natureza, no sentido mais real, terão menor grau de poder, de glória, etc. A natureza será a divina, mas os «atributos» estarão sempre em desenvolvimento. Mas, essa «extensão menor» da participação nos atributos divinos irá sempre aumentando. É disso que consiste a vida, aqui ou na eternidade (ver I Cor. 8:6). Os remidos crescerão sempre na «participação» e na «extensão» dessa participação. Pode-se ilustrar isso mergulhando um vaso no mar. O vaso não pode conter o oceano infinito, mas pode ser cheio por ele, circundando-o por todos os lados. Assim, também um remido é mergulhado na divindade, embora não a possa conter, pois ela é infinita. Contudo, as dimensões do vaso podem ir crescentemente aumentando, podendo conter mais e mais do oceano. Assim também o Senhor nunca deixa de aumentar as dimensões de sua habitação. Suas paredes se alargam, seu telhado se eleva, e, enquanto isso sucede, os filhos de Deus vão-se tornando cada vez mais parecidos com o Senhor. Não poderiam fazer isso, porém, se realmente não participassem da natureza divina. Portanto, quão profunda é esta declaração! Os anjos são seres admiravelmente elevados e inteligentes. Mas não são «divinos». Os remidos tornar-se-ão «divinos», ou seja, serão maiores que os anjos. (Quanto a um completo desenvolvimento dessa doutrina, o leitor deveria consultar as referências dadas acima, que abordam os vários aspectos da questão).

...*livrando-se da corrupção...* Os gnósticos advogavam o avanço espiritual por meio da licenciosidade. Criam que se pode abusar do corpo mediante o ascetismo ou a devassidão de qualquer tipo, sem que o espírito em nada sofra. Criam que o sistema do mundo visa destruir o corpo e liberar a alma, e que, abusar pecaminosamente do corpo, seria uma maneira de cooperar com o sistema do mundo. O autor sagrado nega isso, entretanto, concordando nisso com todo o N.T. A liberação do espírito humano não pode vir através da devassidão. Antes, o próprio corpo precisa ser santificado. À medida em que progredimos espiritualmente, deixamos de lado as práticas moralmente corruptas; somos libertados dos pecados que nos dominam o corpo. Quando chegarmos à total redenção, estaremos totalmente libertos de todas as formas de corrupção.

...*natureza...* No grego é «phusis», a «condição natural» que algo tem, devido à sua participação em uma forma particular de «tipo de vida». (Comparar com Gál. 4:8, onde se diz que os ídolos não são «verdadeiros deuses», por natureza). Em outras palavras, tais deuses não são divinos. Uma árvore, por natureza, pode ser uma «oliveira brava» (ver Rom. 11:21,24). Portanto, está em vista natureza essencial, o que significa que a participação do homem na «divindade» é real, e não apenas simbólica, como se ele apenas chegasse a possuir alguns atributos divinos, mas sem base na natureza real. Tal interpretação seria apenas uma fuga dessa grandiosa doutrina, por causa de noções teológicas a priori, que dizem que isso é

impossível. Os limites que os intérpretes impõem não são verdadeiros limites, mas dependem somente de seu próprio conhecimento e compreensão. Portanto, *que declaração imensa é feita aqui!*

Oh! Imensidade a que Chamo de 'Eu'

Oh! imensidade a que chamo de 'eu',  
Minha alma, engrandecida por Deus, és tu.  
A pequenas do mundo, a miséria e o pecado,  
Por longo tempo ocultaram isso de minha visão.  
Mas agora vejo, a transformação em sua imagem  
É o que a Bíblia indica por novo nascimento.

Essa grande verdade está oculta daqueles que  
Aspiram apenas habitar em algum lugar celeste,  
Quando o destino da alma é ter suas riquezas;  
Ser o que Ele é, pela graça;  
Ser o que Ele é, divindade compartilhada,  
Verdades dominantes, fato admirável,  
O caminho por Ele preparado.

(Russell Champlin, ao meditar sobre  
II Ped. 1:4).

Afirmamos, pois, que nascer de novo é mais do que converter-se. É tornar-se um tipo de ser inteiramente novo, que chega, finalmente, a compartilhar da natureza e da vida de Deus. A conversão é tão somente o primeiro passo terreno na direção do total «novo nascimento». Sendo realmente nascidos de novo, entramos nos lugares celestiais como uma forma nova e prodigiosa de seres, os autênticos filhos de Deus.

Os gnósticos falavam da participação na natureza divina como o alvo da redenção. Mas seu ponto de vista sobre seu significado era muito inferior. Em primeiro lugar, os homens chegam a participar da «forma de vida» dos «aeons» ou emanções angelicais de Deus, o que, de acordo com a doutrina deles, realmente participavam da natureza divina, embora em plano secundário, pois cada ser seria apenas uma partícula da natureza divina, manifestando algum aspecto dos atributos divinos. Ao contrário disso, haveremos de ser «cheios de toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), chegando a manifestar todas as suas perfeições, todos os seus atributos, o que os gnósticos imaginavam que só poderia ser feito pelo agrado total dos «aeons». Imaginemos, pois, um homem tornar-se maior que a soma de todos os poderes angelicais! Essa é uma doutrina extraordinária! Os gnósticos pensavam que um homem, tendo finalmente sido transformado em um «aion», seria reabsorvido por Deus, assim perdendo a sua identidade pessoal, em que o «ego» se tornaria em um «superego». Mas a verdade é que os remidos participarão da divindade, sem perderem sua identidade pessoal, tal como um filho é distinto de seu pai, embora ambos tenham a mesma natureza.

«...natureza divina...» No grego é «theia phusis», que originalmente era uma expressão usada pelos filósofos estoicos, os quais imaginavam uma espécie de «panteísmo». (Ver Plat. Symp. II.6). O cristianismo jamais promoveu o panteísmo. Há certa distinção entre os «tipos de vida», e nem toda a vida é uma «emanção» da vida divina. Mas os remidos, na qualidade de filhos, chegarão a participar de fato do «tipo» de vida de Deus. Essa é a única maneira em que esse termo poderia ter sido entendido, nos dias em que esta epístola foi composta. Falar da «natureza divina» e dizer que ela indica algo menos que a real participação no «tipo de vida de Deus» é alterar radicalmente o sentido da expressão, conforme era usada na antiguidade divorciando-a totalmente do seu contexto histórico. Isso é um suicídio hermenêutico, que alguns estudiosos se dispõem a cometer, a fim de furtar a redenção humana de suas autênticas e gigantescas dimensões. Preferem cometer esse «furto» porque ensinam uma modalidade inferior de redenção, que envolve pouco mais do que «ir algum dia para os céus».

A Salvação Nas Páginas Do N.T.

1. Este versículo ultrapassa em muito à pregação normal da igreja, a respeito da salvação! Não estão envolvidos apenas o perdão dos pecados e a futura mudança de endereço para os céus, porquanto a salvação inclui a «participação na natureza divina»!

2. A participação na natureza divina envolve a participação na própria forma de vida do Pai, com a obtenção crescente dos atributos divinos. (Ver esse tema plenamente comentado em Efé. 3:19). Isso é mediado pela filiação (ver as notas a respeito em João 1:12).

3. Cumprir-nos igualar a salvação à filiação; cumprir-nos igualar a filiação com a participação na natureza divina; cumprir-nos igualar essa participação com o fato de que a natureza de Cristo vai sendo literalmente duplicada em nós. Se estabelecermos essas equações, compreenderemos melhor do que consiste a salvação. (Ver a nota geral sobre esse assunto, em Heb. 2:3).

Nas notas expositivas sobre Col. 2:10, esses elevados conceitos são melhor explanados. Há confirmação sobre esse ponto de vista, da parte de escritores cristãos, antigos e modernos, nessas notas. Muitos homens piedosos, intérpretes liderantes da fé cristã, têm aceito esse ponto de vista

δὲ καὶ αὐτὸ τοῦτο δὲ σπουδὴν πᾶσαν παρεισενέγκαντες ἐπιχορηγήσατε ἐν τῇ πίστει ὑμῶν τὴν ἀρετὴν, ἐν δὲ τῇ ἀρετῇ τὴν γνῶσιν,

1:5: E por isso mesmo vós, compreendendo toda a diligência, acorredais à vossa fé e virtude, e à virtude e ciência.

Listas de vícios e de virtudes. No N.T. há certas listas assim, um método de ensinamento moral usado nas escolas morais dos gregos, mais ou menos como as crianças, hoje em dia, aprendem os dez mandamentos de Moisés, na Escola Dominical. Esse método de ensinamento, porém, não foi muito bem incorporado na literatura rabínica ou nas sinagogas judaicas, embora apareça com frequência nos escritos de Filo. (Ver as notas expositivas em I Cor. 5:13 quanto a esse uso de listas de vícios no ensinamento moral. Ver Gál. 5:22,23 e Fil. 4:8 quanto a outras «listas de virtudes»).

sobre os cumes mais altaneiros da redenção. Deus é o alvo de toda a existência, ou nesta esfera terrena, ou nos lugares celestiais. Esforçamo-nos na direção desse alvo da participação na vida divina, e isso de maneira perenemente crescente. Não poderá haver estagnação nessa inquirição, porquanto Deus é infinito. O evangelho é aquela mensagem que mostra como o infinito foi trazido ao finito, como o divino foi trazido ao humano.

Na redenção, os homens são «restaurados à imagem de Deus», imagem essa que se perdera por ocasião da queda. Mas, além disso, recebem muito mais ainda.

*Interpretações inferiores*, que perdem de vista o alvo e reduzem a grandiosidade do evangelho:

1. Aquele que diz que estão em foco as «disposições» de Deus, ou seja, que os remidos meramente «imitarão» os atributos de Deus, mas sem participarem do mesmo tipo de vida que ele tem. Mas essa interpretação é apenas uma perversão, porquanto é impossível que as palavras fossem assim entendidas, quando foram escritas. Tal posição é uma concessão a um conceito inferior da redenção, que veio a surgir na cristandade.

2. Não está em foco apenas a «natureza santa» de Deus, como se o autor sagrado dissesse que vamos sendo santificados por crescermos na graça. Isso fica muitíssimo aquém do sentido tencionado desta declaração petrina.

3. Por igual modo, a explicação que a «semelhança» com Deus cumpre as exigências do texto. Os gnósticos, os filósofos gregos antigos e os religiosos pagãos da época, e que pensavam que a real participação na divindade é possível para os homens, nunca usaram as palavras «natureza divina» dessa maneira. Se o autor sagrado porventura tivesse querido reduzir a isso o sentido dessa expressão, certamente ter-se-ia explicado. É mlope aquele ponto de vista da redenção envolvida que reduz o sentido. Não fazem isso os próprios autores sagrados do N.T.

Lange mostra-se correto, ao dizer: «Assim como a sua (de Cristo) natureza participou da divindade, assim também os crentes tornar-se-ão participantes da natureza divina. A alusão, conseqüentemente, não é apenas à semelhança moral, à comunhão ideal, mas à verdadeira comunhão de ser, que começa aqui, quando de nossa regeneração (ver I João 1:3), mas que se consumará no porvir. (Comparar com Rom. 8:29 e João 17:21).

«Isso não significa que os participantes da natureza divina serão exatamente iguais a Deus. Deus reserva para sua pessoa, para si mesmo, embora compartilhe conosco de sua natureza. Assim como o sol reflete a sua imagem em um lago claro ou em uma gota de orvalho, mas continua sendo o sol, assim também Deus permanece sendo o que ele era e é, embora tenha feito os homens participarem de sua natureza». (Zeller, *Biblisches Wörterbuch*).

*Variantes Textuais:* Há um incrível número de ordens de palavras, nos manuscritos antigos, quanto a este versículo: 1. «...preciosas e grandes promessas para nós...» é a ordem do ms P172). 2. Os mss B, 1, 206, 256, 429, 489, 614, 1611, 1898 e 2143 dizem «...preciosas e grandes para nós promessas...». 3. «...preciosas para nós e grandes promessas...» é a ordem dos mss Aleph, KL, 0142 e muitos manuscritos minúsculos. 4. «...grandes e preciosas para nós promessas...» é a ordem dos mss CP (para «...vós...», diz o ms A; e «...de vós...» diz o ms Pal), 6,33, 69, 81, 89, 104, 218, 307, 326, 441, 623, 1175, 1739, 2298, na Vg. no Siph. hl. no Cóp(sa bo). 5. «...grandes para nós e preciosas promessas...» é a ordem que aparece nos manuscritos minúsculos posteriores, seguidos pelo «Textus Receptus». Provavelmente, a primeira forma é a correta, mas, em uma confusão dessa natureza, é impossível termos a certeza. Seja como for, nenhuma diferença de significado é criada, com a ordem que preferirmos.

#### Buscando O Caminho

1. A declaração é extremamente exaltada. Há uma salvação a ser ganha, e essa salvação consiste na participação na natureza divina. Como podemos buscar esse tão elevado alvo? Busquemo-lo através da santificação, pois todo aquele que não escapa das corrupções que há no mundo não poderá jamais adquirir a natureza divina. O Pai declara: «Sede santos como eu sou santo»!

2. Os gnósticos se enganavam totalmente ao suporem que uma vida de dissipação pode mesmo ajudar a alma a libertar-se do corpo físico, e, portanto, ficar livre. Bem pelo contrário! diz o autor sagrado. A alma é ajudada mediante a santificação do corpo, e não mediante o abuso de suas potencialidades.

3. A eleição garante a santificação, e a santificação põe em ação o propósito eletivo (ver II Tes. 2:13 e I Ped. 1:2). Não há eleição a não ser aquela concretizada «através da santificação».

4. A santidade traz até nós o Espírito Santo, pois ela é fruto de seu cultivo. Sua presença opera em nós a inteireza da salvação, isto é, a participação na natureza divina.

Ao assim afirmarmos, vê-se que estamos ultrapassando a estimativa mais modesta das realidades espirituais; mas o evangelho afirma, peremptoriamente, que essa é a sua tremenda dimensão na vida de um crente.

«...por isso mesmo...», isto é, «exatamente por essa razão», para que possais escapar da corrupção que há no mundo, vindo assim a participar da natureza divina, ao invés dos vícios (praticados pelos gnósticos), é que devem ser postas em prática as virtudes santas recomendadas em seguida. As promessas de Cristo podem ser cumpridas, mas somente se os homens se dedicarem a ele, a fim de que sua imagem lhes seja formada no íntimo. «A alma da religião é o seu aspecto prático» (João Bunyan).

«...reunindo toda a vossa diligência...» A vida cristã não é algo automático. Pode falhar. Não escapamos das concupiscências que estão no mundo mediante um único ato miraculoso de cura. Somente o desenvolvimento e a batalha diária contra o mal nos poderão conferir a vitória necessária, para que progredamos na direção da participação na



natureza divina. Devemos ser vencedores; mas não podemos vencer de uma vez para sempre. Cada experiência espiritual é apenas um elemento no grande total que nos confere o poder de resistir ao mal e de buscar ao bem. A vida cristã, se tiver de ser bem-sucedida, é uma tremenda batalha. Não nos equivoquemos quanto a isso.

O verbo aqui usado ocorre exclusivamente neste lugar, em todo o N.T. Literalmente, significa «trazer para o lado de», «acrescentar de vossa parte». O esforço humano é aqui ordenado; e, de fato, a inquirição espiritual não pode existir sem isso. Por isso mesmo é que, no décimo versículo deste capítulo, se lê: «...procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição...» Somente quando fazemos isso é que «nunca falhará» a promessa divina. Precisamos «ajuntar nosso zelo», de nosso lado, a essa inquirição. «Adicionamos nossa diligência às promessas divinas», segundo diz Vincent (*in loc.*).

«...associai com vossa fé a virtude...» Fica suposto que a «fé» já existia. Mas a fé é uma força poderosa na vida do indivíduo, uma fonte viva de todas as virtudes cristãs. Assim sendo, a fé deve ser «suplementada» pela virtude, pela excelência moral. A fé consiste da outorga da própria alma aos cuidados de Cristo, e não apenas da crença em certo número de crenças ortodoxas. É uma transação com Deus, em que o homem interiormente diz: «Vejo como é Cristo, e quero ser como ele». Em seguida, o indivíduo se entrega a Cristo, a fim de ser transformado segundo a sua imagem. A fé, pois, consiste em olharmos para o «outro mundo», dedicando-nos ao mesmo, rejeitando, por outro lado, todos os meros valores humanos e terrenos. Isso é assim porque a alma do homem realmente não pertence a este mundo. Ele se encontra aqui somente por causa da queda no pecado. Seu verdadeiro lar é espiritual e celeste, pois é um espírito, e não um mero animal racional. (Ver Heb. 11:1 quanto a notas expositivas completas sobre a «fé», onde também há poesias ilustrativas que servem para ilustrar o presente texto. Ver Gál. 5:22 quanto à fé como um dos aspectos do «fruto do Espírito»). A fé pode ter um caráter «objetivo», isto é, ser entendida como o «cristianismo», a «crença cristã». Mas, tal emprego se limita às chamadas «epístolas pastorais». (Ver I Tim. 1:2 quanto a notas expositivas sobre tal uso do termo «fé»).

«...associar...» No grego é «pichoregeo», que originalmente significava «pagar as despesas de um coro», mas que posteriormente passou apenas a significar «surprender», «prover». A fé nunca pode ficar de pé sozinha; deve ser suprida com virtudes transmissoras de vida; de outro modo, perecerá. A própria fé é a fonte dessas virtudes, mas aqui o crente é pintado a suprir tais virtudes para a fé, a fim de torná-la forte e operante. Sendo «suplementada», a fé se torna vigorosa. Devemos, pois, preparar uma

6 ἐν δὲ τῇ γνώσει τὴν ἐγκράτειαν, ἐν δὲ τῇ ἐγκρατείᾳ τὴν ὑπομονήν, ἐν δὲ τῇ ὑπομονῇ τὴν εὐσεβειαν,

6-7 Ga 5:22-23

1:4: a fé e a ciência o domínio próprio, a do domínio próprio a perseverança, e a perseverança a piedade,

«...domínio próprio...» No grego é usado o vocábulo «egkrateia», «autocontrole», palavra formada de «en» e «kratos», o que dá o sentido de «poder» no íntimo. O crente deve saber controlar-se. O autor sagrado, mui provavelmente, pensava sobre as práticas licenciosas e excessivas dos gnósticos (ver II Ped. 2:1-3). Faltava-lhes completamente o controle próprio, e se lançavam a práticas viciosas sem limites. O controle sobre o próprio temperamento, sobre o egoísmo e sobre toda a forma de pecado, também está em foco.

«...perseverança...» No grego é «upomone», que literalmente significa «ficar para trás». Deriva-se de «meno», «esperar». Essa palavra pode significar apenas «paciência», mas raramente é usada assim no N.T. A «constância espiritual» usualmente é o significado tencionado. No contexto da presente epístola, o autor sagrado conclama seus leitores a resistirem aos assédios das doutrinas e das práticas do gnosticismo; a conservarem as antigas linhas mestras. Em outras palavras, que fossem os crentes «constantes» na maneira de viver e de crer dos apóstolos. Os mestres heréticos se contaminavam com suas muitas concupiscências (ver II Ped. 2:10 e 3:3). Os verdadeiros crentes devem resistir a essa «revolução» moral, pois a «nova moralidade», na realidade, é apenas a «antiga imoralidade». Lembremo-nos de José e de sua tentadora egípcia. Ele resistiu e continuou firme no antigo ensinamento. Haverá muitos ataques externos e internos contra o crente. Para que possa resistir aos mesmos é mister uma lealdade dedicada e grande constância na doutrina de Cristo. Lembremo-nos que é o covarde que sucumbe ante padrões inferiores, quando já conheceu padrões superiores. O crente, em algum tempo, em algum lugar, deve aprender a defender a refidão, mostrando-se fiel a Cristo e a tudo quanto ele exige. De outra maneira, não conseguirá permanecer um crente fiel.

«...piedade...» No grego é «eusebeia», isto é, «reverência para com Deus». 7 ἐν δὲ τῇ εὐσεβείᾳ τὴν φιλαδελφίαν, ἐν δὲ τῇ φιλαδελφίᾳ τὴν ἀγάπην.

7 αγαπῇ add ἐν δὲ τῇ ἀγαπῇ τὴν παρακλησιν 181

1:7: a fé e a piedade a fraternidade, e a fraternidade o amor.

«...fraternidade...» No grego é «philadelphia», «amor fraternal». Essa palavra é empregada por seis vezes nas páginas do N.T. (Ver também Rom. 12:10; I Tes. 4:9; Heb. 13:1; I Ped. 1:22). Subentende a necessidade de aplicarmos o grande princípio do amor cristão a nossos amigos íntimos, parentes e à comunidade cristã, isto é, à família divina. Os crentes devem conceber-se como membros de uma mesma família, em que Deus é o Pai e Cristo é o irmão mais velho. Se assim fizerem, naturalmente agirão com bondade uns para com os outros; terão uma paciência especial uns com os outros e cuidarão de não se ofenderem ou prejudicarem. Esse conceito, se posto em prática, poderia ter evitado multidões de conflitos eclesiais, cismas e separações. Ser alguém membro da família divina envolve altíssima responsabilidade. O Senhor Jesus ordenou que nos amássemos

«provisão» generosa para a inquirição espiritual. Sete virtudes ou qualidades espirituais são aqui enumeradas, que perfazem um rico suprimento. É possível que esse número simbólico tenha sido propositalmente escolhido. Essas qualidades são «representativas» de todas as graças e do desenvolvimento cristãos, embora não exauzam a lista possível.

«...virtude...» Trata-se da mesma palavra usada no terceiro versículo, isto é, «arete», a «excelência moral». A santidade aparece aqui, paralelamente às virtudes positivas que são chamadas de «fruto do Espírito», em Gál. 5:22,23. A adição delas à fé, portanto, requer a operação do Espírito Santo na vida do crente, o que «culmina» em tais frutos. Ele «nos influencia», levando-nos a rejeitar os vícios e a cultivar as virtudes. Ele cria em nós a imagem moral de Cristo, mas não pode fazer isso a menos que acrescentemos a nossa própria diligência. Não obstante, a nossa própria diligência, nessa inquirição espiritual, é inspirada pelo Espírito Santo.

«...com a virtude, o conhecimento...» Aqui a palavra «gnosis» é usada, em contraste com «epignosis», dos versículos segundo e terceiro deste capítulo. Não é provável que o autor sagrado quisesse estabelecer diferença entre as formas simples e intensificadas, embora algumas vezes essa distinção possa ser feita. Certamente esse «conhecimento» não difere do que temos no segundo versículo. No segundo versículo há notas expositivas completas sobre esse conceito. Esse «conhecimento» não é apenas intelectual. Não é o aumento das proposições teológicas conhecidas. Antes, consiste de «experiências espirituais», por iluminação do Espírito, no coração, na experiência da vida diária, o que nos ensina acerca de Deus e de seus elevadíssimos designios acerca da redenção humana. A santidade, pois, devemos acrescentar a iluminação acerca de Deus e de seus planos; e a alma crente, nesse ínterim, vem a conhecer experimentalmente a Deus, e não apenas intelectualmente. O conhecimento é «espiritualmente experimental», o que nos transforma a natureza. Promove a formação da imagem de Cristo em nós. O conhecimento dessa natureza, como é óbvio, inclui o discernimento e a sabedoria espirituais, quanto ao curso que devemos seguir, em nosso desenvolvimento espiritual, o que inclui a rejeição dos vícios e o cultivo das virtudes cristãs.

«A vida moral e espiritual é considerada aqui como um gérmen que é expandido pelo esforço, em que um passo conduz a outro, em que cada passo se faz pela cooperação da vontade humana com a divina». (Bigg, *in loc.*).

«Por esta razão não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor» (Efé. 5:17).

6 ἐν δὲ τῇ γνώσει τὴν ἐγκράτειαν, ἐν δὲ τῇ ἐγκρατείᾳ τὴν ὑπομονήν, ἐν δὲ τῇ ὑπομονῇ τὴν εὐσεβειαν,

Também tem o sentido de «reverência». Nas epístolas pastorais tem um sentido mais formal—«piedade segundo a doutrina cristã». Pela piedade, o crente vive de acordo com a adoração e os padrões de vida cristã. Mui provavelmente, esse é o sentido do termo, nesta segunda epístola de Pedro. Existe um «código de conduta santa», que se tornou padronizado na igreja cristã, derivado dos ensinamentos dos apóstolos. Que os falsos mestres não nos consigam desviar do correto modo de vida. Tenhamos «respeito» e «reverência» por essa maneira de viver, permanecendo nela.

Nos seus escritos sobre assuntos éticos (particularmente ao falar sobre idéias de «felicidade»), Aristóteles alistou três maneiras básicas de abordagem (ver Eth. Nic. i.9): 1. Ética baseada naquilo que temos «aprendido», como «costume». 2. Ética baseada nos oráculos divinos. 3. Ética baseada no «acaso», ou seja, no mero desenvolvimento humano. A última dessas formas é o ponto de vista naturalista. O autor sagrado combina a primeira e a segunda dessas abordagens. Deus foi quem nos conferiu nossos princípios éticos. O ensinamento apostólico organizou os princípios divinamente revelados. Se dermos atenção ao que nos ensinam os apóstolos, seremos obedientes aos oráculos de Deus. Na presente epístola, portanto, os falsos mestres são os «ímpios» (no grego, «asebes», ver II Ped. 2:5 e 3:7), o exato contraste com os «piedosos».

O incentivo à constância na virtude é a piedade no íntimo. Moisés permaneceu firme porque viu «aquele que é invisível» (ver Heb. 11:27). Ele considerava a conduta ética como algo divinamente alicerçado.

«Ele (o crente) toma sua cruz e a carrega, seguindo seu Senhor; e assim tem início o seu discipulado, tornando-se mais e mais íntima, a cada dia, a comunhão com Cristo. Tal era a piedade de Paulo. Visto que ele seguia ao Senhor em tudo quanto devia fazer, é que o apóstolo foi ousado, exortando aos crentes coríntios como segue: «Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo» (I Cor. 11:1)». (Lumby, *in loc.*).

«uns aos outros» (ver João 15:12), com a mesma intensidade com que ele nos amou. Ora, isso é um padrão verdadeiramente elevado, mas é o padrão cristão verdadeiro.

Vossa piedade não deve ser egoísta e solitária, mas social e cristã; pois aquele que ama a Deus também deve amar a seu irmão (ver I João 4:20,21). Embora o amor comece em casa, com aqueles que são os domésticos da fé, não deve terminar nesse ponto, mas estender-se a todos os homens, crentes ou não. (Comparar com I Tes. 3:12 e Gál. 6:10). (Strachen, *in loc.*). A piedade não deve manifestar-se através de «...hábitos morosos e de solidão melancólica, mas deve ser do tipo generoso e cortês» (Alford, *in loc.*). O amor fraternal «...sem o qual a piedade ou adoração externa, ou profissão religiosa, é apenas um espetáculo inútil». (John Gill, *in loc.*).

«...amor...» Essa é a última das sete virtudes alistadas nesta passagem.

Porém, quanto à importância, realmente ocupa o primeiro lugar. É a fonte de todas as demais virtudes, cumprindo a total moralidade da lei (ver Rom. 13:10). O amor a Deus e ao próximo são, respectivamente, o primeiro e o segundo mandamentos (ver Mat. 22:37-39). O amor de Deus é a fonte de todo o amor humano (ver João 3:16 e as notas expositivas ali existentes). O amor a Cristo é a motivação de toda a vida cristã (ver II Cor. 5:14). O verdadeiro amor vem da parte de Deus, pois é um dos aspectos do «fruto do Espírito»; não pode ser produzido pelo mero esforço humano, embora possa ser imitado (ver Gál. 5:22). O amor é a norma de ação na família de Deus, o padrão de cada ato dos crentes (ver João 14:21 e 15:10). Nessas duas últimas referências, são dadas as principais notas expositivas sobre o «amor», neste comentário, onde também há poemas ilustrativos. Também são utilíssimas como ilustração do presente versículo.

O amor consiste do interesse e da preocupação pelos outros, assim como cuidamos de nós mesmos; é o egoísmo transmutado em altruísmo. Deus e o seu Cristo são os grandes exemplos de como funciona o amor. Deus amou o mundo de tal modo, que «deu seu Filho unigênito». E Cristo amou o mundo de tal maneira, que deu sua própria vida por seus amigos, fazendo o sacrifício supremo por outros (ver João 15:13). Além disso, aprende-se que ele nos amou quando ainda éramos seus inimigos (ver Rom. 5:8-10). Ele amou até mesmo aos perdidos do hades, tendo ali descido a fim de ajudá-los (ver as notas expositivas a respeito, em I Ped. 3:18-20 e 4:6). Há um grande número de virtudes que podem e devem ser desenvolvidas em Cristo, incluindo aquela tríada divina; a fé, a esperança e o amor. Mas o amor é a maior dessas três virtudes. (Ver I Cor. 13:13). É algo excelente possuímos dons espirituais; mas o crente que tivesse todo o conhecimento e toda a fé, e

8 ταῦτα γὰρ ὑμῖν ὑπάρχοντα καὶ πλεονάζοντα οὐκ ἀργοὺς οὐδὲ ἀκάρπους καθίστησιν εἰς τὴν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐπίγνωσιν.

1:8: Porque, se em vós houver o abundar em certas coisas, elas não vos deixarão ociosos nem infrutíferos na plena compreensão de nosso Senhor Jesus Cristo.

«...estas coisas...» Quais? As sete virtudes cristãs que devem ser adicionadas à fé, referidas nos versículos quinto a sétimo deste capítulo.

«...existindo... aumentando...» Não basta que os crentes as possuam; não basta que se mostrem ativas neles; também devem ir aumentando sempre. Isso fala de nossas realizações no progresso espiritual, da contínua espiritualização do ser do crente. Essa é a transformação moral de nós exigida, a fim de ser produzida a transformação metafísica. Precisamos usar os meios disponíveis para crescer espiritualmente, pois esse desenvolvimento consiste, em larga escala, do aumento das virtudes morais, da busca pela santidade e pela perfeição. Esses meios são o estudo (o lado intelectual) da Palavra, a oração, a meditação, a busca por Deus, o ouvir à voz do Senhor e a busca pela iluminação, em que o crente busca o poder do Espírito Santo, através de seus dons. Se nos ocuparmos ativamente dessa inquirição, podemos estar certos que as virtudes espirituais aumentarão em nós, e que a alma estará sendo certamente transformada. Deus requer de nós tal esforço; esse esforço é imprescindível para o crescimento espiritual, porquanto nada é automático na vida cristã.

«...inativos...» O grego é «argos», «desempregado», «ocioso», «preguiçoso», «inútil». Diferentes tradutores e revisores têm escolhido um ou outro desses significados. O crescimento espiritual impede a preguiça que leva à inutilidade. Há pessoas que evitam o trabalho, quer físico, quer mental, quer espiritual. Mas somos obrigados, devido ao imperativo moral do N.T., a ser espiritualmente «ambiciosos».

«...infrutuosos...» Porquanto essas virtudes são outros tantos aspectos do «fruto do Espírito», embora esta lista não corresponda, exatamente, à lista de Gál. 5:22,23. Ambas as listas são representativas, e não têm por intuito serem completas. A exposição sobre aqueles versículos ilustrará amplamente o sentido desta porção do presente versículo. O Espírito «cultiva» o desenvolvimento espiritual em nós; se lhe permitirmos tal cultivo, ele nunca nos deixará espiritualmente «estéreis».

«...pelo conhecimento...» No grego é novamente «epignosis», tal como em II Ped. 1:2. O sexto versículo deste capítulo diz somente «gnosis». Provavelmente, porém, nenhuma diferença de sentido é tencionada pelo autor sagrado. Ambas as palavras gregas significam «pleno conhecimento», para ele. O autor sagrado retorna aqui ao seu tema favorito de «conhecimento», que ele já abordara nos versículos segundo, terceiro e sexto deste capítulo. O conhecimento neotestamentário de «conhecimento» é comentado no segundo versículo. Envolve mais que o aumento intelectual

9 ὃ γὰρ μὴ πάρεστιν ταῦτα, τυφλὸς ἐστὶν μυωπαίων, λήθην λαβὼν τοῦ καθαρισμοῦ. τῶν πάλαι αὐτοῦ ἀμαρτιῶν. 9 (ιστη), 5 R)

1:9: Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, vendo somente o que está perto, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados.

Os cegos e os míopes: Aqueles que, espiritualmente, têm tais deficiências, são os que não têm interesse pelo desenvolvimento espiritual. Não se «esforçam» por aumentar no conhecimento espiritual; são teístas teóricos, mas ateu práticos. Seu interesse se limita às coisas terrenas. Não dão nem cinco minutos por dia à inquirição espiritual séria. Passam pouco tempo com Cristo, e gastam muito tempo consigo mesmos; razão pela qual as vantagens pessoais e este mundo lhes parecem muito mais reais do que Cristo e o mundo eterno. Mental e espiritualmente são cegos, pois se têm recusado a desenvolver a visão espiritual. Essa visão, em contraste com a visão física, não nasce com a pessoa, não surge automaticamente ou por processos terrenos naturais. Só pode ser conseguida com esforço; e esse esforço é a transformação moral. Há pessoas que desenvolvem um pouco dessa visão; são os «míopes» espirituais. Esses percebem algumas coisas, mas o escopo de sua visão é limitado a objetos «muito próximos», objetos «óbvios». (Ver Mat. 15:14; 23:17,19,24,26; João 9:39-41; Rom. 2:19 e Apo. 3:17 quanto à metáfora da «cegueira espiritual»). A mente é obscurecida e o

falasse com as línguas dos anjos, mas não tivesse amor, nada significaria (ver I Cor. 13:1,2).

Amor: «O amor a Deus se manifesta através do amor aos homens e à criação inteira...» (Mayer, *in loc.*).

«A verdadeira religião nunca é egoísta e isolada; onde se manifesta o amor de Deus, não pode medrar o preconceito». (Adam Clarke, *in loc.*, que passa a atacar aqueles crentes que pensam que estão sozinhos na posse da verdade, desprezando a outros, até mesmo a crentes professos; esses somente mostram que lhes faltam o amor e as graças cristãs).

«...e o Senhor vos faça crescer, e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco...» (I Tes. 3:12).

Alguns eruditos supõem que essa lista de virtudes, agora completa, pode ser melhor entendida, quanto à importância de cada uma delas, em ordem inversa—tudo começa pelo amor. O amor em geral provoca o amor fraternal; o amor fraternal requer a piedade geral; essa piedade cria a constância; a constância facilita o autocontrole; o autocontrole promove o discernimento ou conhecimento espiritual. Apesar de ser isso uma maneira possível de ilustrar o presente texto, é quase certo que tal refinamento não estava na mente do próprio autor sagrado.

As virtudes cristãs formam aqui uma corrente de preciosas pérolas. Cada pérola está ligada à outra pelo desenvolvimento espiritual, que é o fio de ouro da «unidade». O crente que possui todas essas virtudes obrigatoriamente se mostra excelente em sua vida espiritual. Essas virtudes são a garantia e os adornos da verdadeira fé.

★ ★ ★

de conceitos teológicos. Trata-se antes da «experiência espiritual», misticamente orientada, o que nos confere a «iluminação» do Espírito. Inclui discernimento e sabeloria quanto às questões espirituais. Isso é retratado, no presente capítulo, como o «meio» por excelência do desenvolvimento espiritual. Cristo é o seu objeto, pois o alvo de toda a existência é Cristo; mas chegamos a esse resultado pelo aumento do «conhecimento» acerca dele.

«...Senhor Jesus Cristo...» (Quanto a notas expositivas sobre esse título completo de Jesus, e acerca de seu «senhorio», ver Rom. 1:4). Aprendemos sobre Jesus, primeiramente, que ele é Salvador; mas logo em seguida reconhecemos nele o nosso Senhor. De fato, é impossível alguém ter a Cristo como Salvador, se também não o tem como Senhor. O exercício de seu senhorio sobre nós é a essência mesma da salvação. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios ensina-nos isso, pois a redenção final se verificará quando todas as coisas estiverem «sumariadas» em Cristo, como Cabeça de todos os universos. (Ver Efé. 1:10 quanto a notas expositivas sobre isso, sob o título «o ministério da vontade de Deus»).

«No conhecimento (eis)... mais corretamente, «para dentro de». A idéia não é a de lazer no conhecimento, mas antes, devemos pressionar e nos desenvolvermos, até finalmente atingirmos tal conhecimento. Com isso concorda o termo composto, «epignosis», o aumento constante e, finalmente, o pleno conhecimento». (Vincent, *in loc.*).

«Quando essas virtudes não se fazem presente, o indivíduo é cego, é míope, por assim dizer, inteiramente esquecido do grande fato que seus pecados foram expurgados no passado». (Strachen, *in loc.*). A *Didache* (12) adverte contra certos pregadores itinerantes que se recusavam a trabalhar, física ou espiritualmente. Se eram preguiçosos e infrutíferos, deveriam ser evitados. Em outras palavras «por seus frutos os conhecereis», no dizer de Mat. 7:20.

A vida espiritual não consiste em descansarmos sobre as vitórias e realizações passadas. A vida cristã é alargada e aprofundada por novas vitórias, por novos desenvolvimentos.

«...finalmente provareis que Cristo está realmente convosco, se estiverdes dotados de virtude, controle próprio e outras virtudes». (Calvino, *in loc.*).

As virtudes resultam em conhecimento; o conhecimento resulta em maior espiritualidade; a maior espiritualidade resulta na glória a Cristo e em nossa transformação segundo a sua imagem. «É cumprindo a sua vontade, e assim tornando-nos semelhantes a ele, que crescemos no conhecimento dele. (Ver João 7:17)». (Faucett, *in loc.*).

καθαρισμοῦ. τῶν πάλαι αὐτοῦ ἀμαρτιῶν.

senso de discernimento é embotado devido a essa condição. (Ver João 12:40; II Cor. 4:4 e I João 2:11).

«...vendo só o que está perto...» Um verbo (no particípio) é assim traduzido. Esse verbo pode significar «pisar os olhos» ou «desviar os olhos da luz». Trata-se de uma «aversão» à luz; e isso pode suceder até no caso de crentes que se descuidam em suas vidas e permitem que os vícios os prendam. A palavra grega se deriva de «muo», «fechar» e «ops», «olho». Obtém-se a idéia de ato de contrair os olhos, conforme fazem os míopes, ou alguém cujos olhos são sensíveis à luz. Nosso vocábulo moderno, «míope», se deriva desse vocábulo grego. O termo grego pode ter esse significado, sem qualquer alusão à «aversão à luz». Alguns crentes podem perceber somente o que está perto; sua visão não pode penetrar até aos lugares celestiais, e nem podem eles discernir os presentes valores espirituais. O autor sagrado passa a mostrar dúvidas de que esses «crentes» sejam verdadeiros crentes, porque sua chamada e eleição está longe de ser firme e confirmada.

«...esquecido da purificação dos seus pecados de outrora...» A salvação começa no perdão dos pecados, aqui pintado como uma purificação. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «perdão», ver Atos 2:38;



Rom. 3:25 e 4:7. Quanto ao perdão retratado como um «apagar», ver Ato 3:19). Há um «registro adverso» contra nós, que precisa ser eliminado. O pecado é como uma contaminação leprosa: precisa de purificação. Suja a alma; enegrece o caráter. Essa linguagem provavelmente dá a entender o «batismo», que é símbolo de purificação, embora não subentenda que o batismo em água realmente purifique. (Comparar com I Ped. 3:21. Quanto a outros versículos onde é empregada a metáfora da «purificação dos pecados», ver Efê. 5:26; Tia. 4:8; I João 1:9; Sal. 19:12; 5:2 e 119:9). «...o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado» (I João 1:7). (Ver também I Ped. 1:18; 2:24 e 3:18, quanto aos meios de purificação).

O crente primeiramente é limpo; então ele começa a adicionar virtudes à sua fé. Se tornar-se esquecido, esse processo fica estagnado. Sob hipótese alguma, se isso sucede consigo, pode ele vir a obter a «natureza divina» (ver o quarto versículo deste capítulo). Sem santidade é impossível alguém ao menos ver a Deus, quanto mais compartilhar de sua natureza! (Ver Heb. 12:14).

A idade avançada provoca a má visão e a memória fraca. Os crentes podem envelhecer prematuramente, quando não progredirem espiritualmente, quando não se interessam por adicionar virtude à fé. Então se esquecem da importância da purificação passada e presente; tornam-se incapazes de ver claramente os valores espirituais.

Alguns vêm neste versículo um ataque direto contra os falsos mestres, os

10 διὸ μᾶλλον, ἀδελφοί, σπουδάσατε βεβαίαν ὑμῶν τὴν κλησιν καὶ ἐκλογὴν ποιεῖσθαι· ταῦτα γὰρ ποιοῦντες οὐ μὴ πταίσητέ ποτε·

10 [11] σπουδάσατε βεβαίαν ποιεῖσθαι p<sup>7</sup> B C K P 049 060 0142

0309 181 220 430 481 614 643 1241 1730 1877 1881 2127 2402 B<sup>19</sup> Lat<sup>1</sup> <sup>19</sup>ms. <sup>19</sup>ms.

10<sup>19</sup> p<sup>7</sup> Antiochia Ps-Documentum Theophylact f σπουδάσατε ἵνα διὰ τῶν καλῶν ἔργων βεβαίαν...ποιήσθε (N ποιήσθαι: Ψ 21 88 420 διὰ καλῶν ἔργων)

Após σπουδάσατε vários testemunhos, incluindo N A Ψ 81 630 e as versões latina, siríaca, copta substituem a construção infinitiva complementar (que ocorre regularmente no N.T. após σπουδάζειν) pela construção ἵνα por um lapsus calami, porém, no fim da cláusula, N A e alguns poucos outros testemunhos, por descuido, retêm o infinito, ao invés do subjuntivo, ποιήσθαι (o que, por itacismo, era pronunciado tal como ποιεῖσθαι e ποιεῖσθε). Ao mesmo tempo, esses testemunhos introduzem uma explicação edificante διὰ τῶν καλῶν (ὑμῶν) ἔργων. Em face das diversas variações entre essas expansões, a comissão reputou a forma mais breve, de p<sup>7</sup> B C K P 614 1739 al. como original.

1:18) Portanto, irmãos, procurai mais diligentemente fazer firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis.

As palavras «...Por isso...» mostram que é possível ao crente ser tanto cego como míope, com o resultado que perderá qualquer possibilidade de atingir a salvação final, em que compartilharemos da natureza divina. O autor sagrado assume aqui claramente a posição «arminiana» no tocante à «eleição» e à «segurança». Ele crê que a eleição depende da cooperação humana; ele crê que aqueles que antes foram purificados de seus antigos pecados podem, finalmente, falhar na eleição; ele crê que a chamada de Deus não é necessariamente irresistível.

#### Buscando Uma Solução

1. Não será isso uma impossibilidade, ou, pelo menos, um paradoxo? Poderia a eleição eterna (ver as notas a respeito disso em Efê. 1:4), ser ajudada pelos esforços espirituais do homem? Não se trata antes de um decreto eterno, de um propósito divino?

2. Pedro não tenta dar resposta a essa modalidade de indagações. Ele simplesmente discerne que os «eleitos» precisam possuir a realidade daquilo que professam. Suas vidas «devem ser a confissão deles». Portanto, para que alguém tenha a certeza de que é um eleito, é mister que possua santidade e espiritualidade, porquanto essa é a grande característica dos eleitos.

3. Paulo declara algo similar, em Fil. 2:12,13. Precisamos «desenvolver a nossa salvação». Precisamos assegurar-nos de que possuímos santidade e espiritualidade genuínas. Precisamos viver de acordo com a lei do amor. Precisamos ser indivíduos transformados. Nenhum esforço deveria ser poupado, para que essas coisas se tornassem realidades em nós. Não obstante, a menos que Deus opere em nós tanto o querer como o efetuar essas coisas, todo o nosso esforço será inútil. Por conseguinte, essa questão da salvação tem dois lados: o lado divino e o lado humano.

4. Podemos descrever ou um ou outro desses dois lados, mas não podemos reconciliá-los em sua natureza aparentemente contraditória. A salvação procede inteiramente de Deus, mas é mister que obtenha o concurso humano, e essa reação positiva do homem deve produzir real santidade e transformação da alma. Na qualidade de subprodutos, a responsabilidade humana implica na possibilidade do desvio (ver as notas a respeito, em Heb. 6:4), ao passo que a eleição deixa entendida a absoluta segurança do crente. (Ver esse paradoxo comentado em Rom. 8:39, e, um tanto mais abreviadamente, em Col. 1:23).

Deus se utiliza do livre-arbítrio humano, sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como isso pode ser. Mas nem por isso estamos na obrigação de negar as doutrinas do determinismo divino ou do livre-arbítrio humano. Deve ser bem limitada aquela teologia que precisa ser sujeitada a explanações lógicas. A própria razão argumenta conosco que, quando tratamos de questões espirituais, entramos em muitos mistérios e elevadíssimos conceitos, que não se prestam bem para explicações minuciosas ou para a perfeita compreensão humana. Por conseguinte, dizemos que, no livre-arbítrio e no determinismo, temos um «paradoxo», isto é, uma verdade que aparentemente se contradiz a si mesma. Todavia, a contradição se acha no entendimento humano, e não na própria verdade. Assim sendo, torna-se uma atividade tola a daqueles que rejeitam ao livre-arbítrio (por um lado, como faz o «calvinismo»), ou o determinismo divino (por outro lado, como faz o «arminianismo»). (Quanto a notas expositivas completas sobre o «livre-arbítrio», ver I Tim. 2:4. Quanto à

gnósticos licenciosos, contra quem esta epístola foi escrita. Particularmente esses é que se tornaram cegos e míopes, sem a purificação de pecados. Outros intérpretes vêm aqui a «dificuldade» do perdão dos pecados cometidos «após o batismo» (como se a purificação fosse uma alusão ao batismo). Como uma perversão—e não uma interpretação—deste versículo, surgiram controvérsias sobre a validade do arrependimento dos desviados (ou mesmo, sua possibilidade); e se uma pessoa que assim se desviar, arrepender-se, deveria ser batizada novamente; e também o sistema inteiro das penitências, como meio de restauração dos desviados, começou a existir.

«Aquele que está destituído das virtudes morais, e no entanto espera a salvação do evangelho, que imperativamente está ligada a eles, é cego e vê pouquíssimo da verdadeira natureza do evangelho». (Bloomfield, *in loc.*). O texto, pois, manifesta-se contra a «crença fácil», que é um «evangelho» falso, sem imperativos morais.

O coração durante o sono,

Sente a dor da derrota,

Experimenta o remorso da retirada.

Sabedoria castigadora, incansável em seu governo,

Ao homem desviado acusa amargamente,

E dá orientação que o pecador rejeita.

(Russell Champlin)

420 1505 2418 2495 (19<sup>ms</sup> p<sup>7</sup> ποιήσθαι) j<sup>19</sup> p<sup>7</sup> dom. di v. b. p. (17.1) vg. <sup>19</sup>ms. <sup>19</sup>ms. <sup>19</sup>ms.

atm f σπουδάσατε ἵνα διὰ τῶν καλῶν ὑμῶν ἔργων βεβαίαν...ποιήσθε

A 1104 ἔργων ὑμῶν) kyr<sup>19</sup> eth

«predestinação» ver as notas expositivas em Rom. 9:15,16).

No tocante à «segurança eterna» e à possibilidade de queda», este comentário propõe uma reconciliação *tentativa*, que remove essas doutrinas do que é puramente paradoxal. A queda seria *relativa*; isto é, pode realmente suceder; um crente verdadeiro pode ser invadido pela incredulidade; um crente verdadeiro pode apostatar. Mas essas condições não caracterizarão «finalmente» essa pessoa, se ela conheceu a Cristo. Em algum ponto, em algum tempo, ou neste mundo, antes da morte, ou depois da morte física, já nos lugares espirituais (mas não nos lugares celestiais), e antes que Cristo determine fronteiras eternas—o que não é traçado quando da morte física—Cristo estenderá novamente a mão e o trará de volta. Portanto, a «segurança» é *absoluta*, ou seja, finalmente haverá de caracterizar ao crente. De outro modo, a promessa de Cristo não se cumpriria. Cristo não pode, afinal, perder qualquer de suas ovelhas. (Ver as notas expositivas em I Ped. 4:6 quanto ao fato que o N.T. estabelece a determinação das fronteiras finais quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo, e não quando da morte física do indivíduo. Ver as notas expositivas completas sobre a questão da «segurança eterna», em Rom. 8:39).

«...irmãos...» O autor sagrado tinha boas esperanças quanto a seus leitores, a despeito de suas falhas e apesar do poder do gnosticismo licencioso que vinha sendo promovido entre eles. Segundo ele esperava, continuariam a ser irmãos em Cristo e filhos do Pai eterno. Ao chamá-los aqui de «irmãos», o autor sagrado os encoraja a resistirem contra os vícios, desfazendo-se da cegueira e da miopia espirituais. O N.T. usa o termo «irmão» como um título aplicado aos crentes, por mais de trezentas vezes. Isso nos faz lembrar que a salvação é uma filiação. Estamos sendo transformados segundo a imagem do Filho de Deus, para nos tornarmos possuidores de sua natureza e de sua herança; e isso vem através da bondade de nosso Deus e Pai.

«...procurai, com diligência cada vez maior...» O autor sagrado acrescenta uma declaração a outra, de tal modo que, através de grande acúmulo, enfaticamente declarasse que a segurança só vem através da «transformação moral», a qual requer o esforço humano. Não pode haver chamada divina eficaz sem isso e, sem a chamada eficaz, não pode haver eleição. (Isso pode ser comparado com o quinto versículo deste capítulo, onde se acha um mandamento similar: «...reunindo toda vossa diligência, associai...» as sete virtudes em seguida recomendadas. Esse mesmo sentido é aqui tencionado).

«...chamada...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «chamada cristã», ver Rom. 8:30). O autor sagrado não via essa chamada como algo «irresistível», e nem necessariamente «eficaz», no caso de todos quantos «em» declarado confiar em Cristo. No entanto, há outras passagens neotestamentárias que vêm as coisas por esse prisma; e assim voltamos ao «paradoxo» apresentado pelas doutrinas do determinismo divino e do livre-arbítrio humano. Falamos bem em crer em ambos os lados da questão, crendo como se tudo dependesse de Deus, mas agindo como se tudo dependesse de nós. Na verdade, porém, não há reconciliação fácil ou conclusiva para esses tremendos quebra-cabeças teológicos; e as tentativas apresentadas nos furtam de um lado ou de outro da verdade bíblica.

«...eleição...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «eleição», ver Efê. 1:4). Parece razoável supor que a eleição, vindo da parte de Deus, e

não sendo de acordo com os méritos humanos (ver Rom. 9:11), visto ter ocorrido antes da fundação do mundo (ver Efê. 1:4), não pode depender de outra coisa além da fé. No entanto, a própria fé é um dom de Deus (ver Efê. 2:8). Essas são doutrinas bíblicas; mas a fé não consiste em mera crença em um credo; antes, é um princípio vital e frutífero, de outorga da alma aos cuidados de Cristo. Não pode ela ficar de pé sozinha, sem virtudes acompanhantes; pois tais virtudes são suas manifestações inerentes, sua natureza essencial exteriorizada. O presente texto, porém, contempla a possibilidade da sufocação da fé, levando-a a ressecar-se e morrer. Qualquer outra interpretação procura evitar o problema, ao invés de tentar explicá-lo. Ora, se a fé pode ser sufocada, então a própria «eleição» pode ser anulada. É exatamente isso que o autor sagrado diz aqui: e ele não pode desculpar por assumir tal posição, e nem aborda a contradição entre o «livre-arbítrio humano» e a «predestinação divina». Falamos bem em acolher a sua mensagem sem disputas, e então procurar cumprir o que ele nos ordena. Devemos tornar-nos «firmes» nossa chamada e eleição; e isso mediante a transformação moral, ou seja, pelo adonhecimento, à fé, das virtudes que o autor sagrado alista nos versículos quinto a sétimo deste capítulo. Somente assim é que podemos ter a certeza de que nunca «falharemos».

«...confirmar...» No grego é «bebaio», algo «permanente», «firme». Deriva-se de uma raiz que significa «forte». Se a chamada e a eleição não forem confirmadas, então serão invalidadas. Isso é o que o versículo deixa claro. Pois se não forem assim «confirmadas», haverá a real possibilidade da «queda», e o autor sagrado acredita que todos quantos não «confirmam» a fé, mediante as virtudes, terminarão por «cair». Isso significa falhar no propósito para que a chamada e a eleição nos são dadas.

«...não tropeçareis em tempo algum...» O adonhecimento das virtudes à fé leva o crente a garantir a «segurança», para que não «caia» sob o peso do pecado, ou para que não tropece em algum obstáculo no caminho, e assim sofra desastre espiritual. A confirmação de nossa eleição produz dois resultados, a saber: 1. Não «calmos»; e 2. nos é dada entrada abundante no reino eterno do Senhor (ver o décimo primeiro versículo). Fica implícita a metáfora da corrida. Durante a corrida, um atleta pode tropeçar em algum obstáculo, cair, e assim perder a corrida. (Ver I Cor. 9:24). «Tiago 3:2 diz, realmente, que todos calmos ou tropeçamos de vários modos; mas Pedro refere-se aqui ao tropeço que denota a queda permanente de alguém, em que descai inteiramente da graça divina, em que perde a graça divina. (Comparar com Heb. 12:13)» (Tosser, citado no comentário de Lange). Quem tropeça não chega ao reino eterno (ver o décimo primeiro versículo deste capítulo).

11 οὕτως γὰρ πλουσίως ἐπιχορηγηθήσεται ὑμῖν ἡ ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ.

1:11: Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

«...desta maneira...» Como? Confirmando nossa chamada e eleição, adicionando virtudes cristãs à fé (ver o versículo anterior). A única maneira pela qual um homem pode ter certeza de entrada no reino de Cristo é se está sendo transformado pelo Espírito Santo, para que se torne participante da natureza moral de Cristo. Esse é, realmente, o ABC da fé cristã, apesar da «crença fácil» de nossos dias tê-lo esquecido. A própria salvação consiste de nos tornarmos o que Cristo é, para compartilharmos de tudo quanto ele possui. Assim sendo, como pode haver real salvação, a menos que realmente estejamos no processo de adquirir essas bênçãos?

«...será amplamente suprida a entrada...» Há uma «rica provisão» que nos será propiciada: um acesso abundante e pleno ao reino celestial; uma entrada triunfal no mesmo. Essa entrada nos será «ricamente suprida». Esse é o reverso de ser salvo, «...como que através do fogo...» (I Cor. 3:15).

«...suprida...» No grego é «epichoregeo», o mesmo verbo que foi usado no versículo quinto, e que diz respeito à necessidade de «adicionarmos» virtudes à fé. Se tivermos o cuidado de fazer tal adição, Deus nos favorecerá com adições suas, a saber, a entrada abundante na vida eterna, nos lugares celestiais. (Ver as notas expositivas acerca desse verbo, no quinto versículo deste capítulo). Essa é a resposta divina à fidelidade humana; e é algo realmente prodigioso.

«...reino eterno...» O conceito do «reino», nas páginas do N.T., é muito complexo. Não significa a mesma coisa para todos os autores; e, às vezes, um só autor vincula diferentes significados ao mesmo. Pode subentender o reino político do Messias, estabelecido na terra (esse é o ponto de vista primitivo, tomado por empréstimo do judaísmo); pode significar o «reino milenar», uma adaptação cristã de outro ponto de vista; pode significar o «reino na alma», isto é, quando Deus estabelece seu reino no coração do crente individual (ver Luc. 17:21); ou pode indicar a prática dos preceitos morais cristãos em geral (ver Rom. 14:17). Além disso, pode apontar simplesmente para a «vida eterna», pois quando entramos nos lugares celestiais, no reino de Deus do alto, teremos esse tipo de vida perene, que consistirá em participarmos da própria modalidade de vida que Deus possui (ver João 5:25, 26 e 6:57). Esse último sentido é o empregado no evangelho de João, bem como no presente versículo. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «conceito do reino, nas páginas do N.T., ver Mat. 3:2, onde é apresentada a nota de sumário).

«...Senhor...» (Quanto a notas expositivas sobre esse título de Cristo, e que é muito freqüentemente empregado no N.T., e também quanto ao seu «senhorio», ver Rom. 1:4).

«...Salvador...» (Ver II Ped. 1:1; Luc. 2:11; João 4:42; Atos 5:31; 13:23; Efê. 5:23; Fil. 3:20; II Tim. 1:10; Tito 1:4; 2:13; 3:6; II Ped. 2:20; 2:2, 18 e I João 4:14, que são versículos que apresentam Cristo como «Salvador»).

II. Fé Ortodoxa - Guia para a Salvação (1:3-21)

«Como isso pode ser reconciliado com o fato que nosso «chamamento» e «eleição» procederam, inteira e livremente, da parte de Deus, não é algo difícil demais para ser demonstrado: mas não deve ser feito, conforme Calvino tenta fazê-lo, malbaratando palavras e contexto claros». (Alford, *in loc.*, o qual passa a esclarecer aquilo que, supostamente, não é «difícil». Ele dá a entender que, do lado divino, a questão é clara; mas, de nosso lado, a questão não tem solução, até que, buscando diligentemente as virtudes cristãs, tenhamos a certeza por nós mesmos. Ao assim dizer, ele não falta com a verdade; mas de forma alguma explana o vexoso problema do livre-arbítrio humano versus o determinismo divino, a eleição e a possibilidade de queda. Se a eleição não é certa, até onde isso nos envolve, então ela é realmente incerta pelo lado humano; e esse é o lado que nos preocupa).

«O caminho será árduo, e talvez longo, os obstáculos em vossa vereda serão muitos e íngremes, amontoados pelo príncipe deste mundo, procurando impedir-vos de avançar e pretendendo descoroçoar-vos; mas, bem em meio ao perigo, eis que surgirá resplendente o Pai das luzes, em raio que iluminará as trevas e vos aclarará a vereda por que deveis palmilhar; e o cajado do poder de Deus vos sustentará e consolará» (Lumby, *in loc.*).

«Embora nenhuma boa obra jamais tenha adquirido ou possa adquirir o reino de Deus, contudo, nenhuma alma pode esperar biblicamente ver a Deus, se não tem boas obras». (Adam Clarke, *in loc.*, o qual apresenta o «paradoxo» acima aludido sob uma correta perspectiva, embora não procure dar-lhe solução). No estudo geral sobre a «graça», em Efê. 2:8, um dos itens mostra como as obras e a fé, quando são corretamente compreendidas, são sinônimas. A graça é uma operação eficaz do Espírito Santo na vida, é uma força transformadora. E assim ela é sinônima das «obras», se ao menos compreendemos corretamente o que é uma obra espiritual. O homem é considerado responsável por permitir e cultivar a revolução moral em sua própria alma.

**Variante Textual:** Os mss Aleph, A, Psi, 81, 630 e as versões latinas, siríaca e copta, após as palavras «com diligência», acrescentam «através das boas obras», mas quase certamente isso é uma glosa escribal, que vê as virtudes exigidas como «boas obras». Os mss P(72), BCKP, 814, 1739 e alguns poucos outros manuscritos retêm, corretamente, a forma mais breve. Normalmente, a forma mais breve é a correta, pois era muito mais natural que os escribas tentassem ornar o texto do que procurassem abreviá-lo. (Quanto a notas expositivas sobre como os textos corretos devem ser escobidos, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário, acerca dos antigos manuscritos do N.T.).

εἰσόδος εἰς τὴν αἰώνιον βασιλείαν τοῦ κυρίου

Cristo salva do pecado e deste mundo terrestre, transferindo-nos para a vida e para o mundo celestiais. Porém, essa salvação consiste, principalmente, do que sucede ao ser humano, e não do lugar onde ele habitará finalmente. O «ser salvo» haverá de compartilhar da natureza de Cristo (ver Rom. 8:29), herdando a sua herança (ver Rom. 8:17). Deus Pai também é intitulado «Salvador», e com muita freqüência, no antigo pacto. Nas páginas do N.T., isso ocorre em I Tim. 1:1; 4:10; Tito 1:3; 2:10 e 3:4. Ver as notas adicionais sobre Cristo, como «Salvador», em Mat. 1:21. Isso é o que significa o apelativo «Jesus».

«...Jesus...» (Ver as notas expositivas a respeito em Mat. 1:21).

«...Cristo...» (Ver as notas expositivas a respeito em Mat. 1:16 e Marc. 1:1).

O reino pertence a Cristo, embora seja o «reino do Pai». E isso porque todo o bem espiritual que é conferido aos homens é mediado por intermédio de Cristo. A nossa inquirição espiritual se torna possível em Cristo.

«Três coisas são ditas acerca do reino: a. É eterno; b. é o reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo; c. a entrada no mesmo é futura, moralmente condicionada e divinamente provida. O cristianismo ortodoxo tomou essas coisas como automáticas (comparar com Mat. 6:10; 25:31-46, etc.). São salientadas porque os zombadores as ridicularizam (ver II Ped. 3:3,4). A procrastinação, que todos admitem ser lamentável, não deve, entretanto, debilitar a confiança daqueles que participam da mesma fé dos apóstolos». (Barnett, *in loc.*).

A entrada não precisa ser «escassa», conforme se vê em I Ped. 4:18, e nem «como que através do fogo», segundo se aprende em I Cor. 3:15. Começa agora, sendo preparada pela transformação moral; será consumada quando do retorno de Cristo ou quando da morte física do crente. O crente é convocado a triunfar em sua inquirição espiritual; a provisão já foi feita em seu favor, contanto que ele queira dela tirar proveito.

Alguns coros gregos tinham seus membros vestidos com as ricas vestes que lhes eram «fornecidas», com muitas jóias. Assim também, a nossa «provisão» pode ser abundante e rica. Alguns intérpretes, no tocante ao verbo aqui usado—que originalmente falava do equipamento de um coro—vêm essa metáfora subentendida no presente versículo. Ou então, a metáfora envolve o «triunfo» dos militares romanos, em cortejo militar.

«Abundantemente, isso é, com calorosas boas-vindas, como um filho que chega em casa triunfalmente; não uma admissão seca e queixosa, como que a um estrangeiro» (Plummer, *in loc.*).

«Neste versículo, a assistência divina é mais claramente prometida. Quando os homens contribuem, isso lhes é devolvido multiplicadamente. Faça-se tudo com diligência... e vos será suprido o rico tesouro de Deus, tudo quanto vos possa ajudar em vossa jornada para os céus» (Lumby, *in loc.*).



## 2. Autoridade de Pedro em prol da verdade do evangelho dos apóstolos (1:12-21).

## a. Está contida na revelação (1:12-15)

O autor sagrado queria mostrar que o veraz evangelho de Cristo, a fé cristã genuína, exige a transformação moral do ser. O evangelho gnóstico, pois, que não apenas permitia, mas também encorajava a devassidão corporal, como meio de ajudar na sua destruição, era totalmente contrário ao evangelho pregado aos leitores da epístola. Os gnósticos ensinavam que a matéria é o próprio princípio do pecado, e que o corpo, por ser material, faz o homem participar desse princípio. Portanto, não importa a maneira como tratamos do corpo. De fato, seria bom ajudar o mundo no processo destruidor, cujo intuito era destruir finalmente toda a matéria, abusando do corpo. Isso podia ser feito pelo ascetismo ou pela licenciosidade. O cristianismo, todavia, sempre primou pela posição que o corpo, apesar de ser presa fácil do princípio do pecado, não é pecaminoso por si mesmo. Portanto, juntamente com o espírito, deve ser dedicado a Cristo. (Ver Rom. 12:1,2 e o sexto capítulo da primeira epístola aos Coríntios). Portanto, grande importância tem aquilo que fazemos com os nossos corpos. Na secção anterior ficou demonstrado que a própria salvação (mediada pela chamada e eleição divinas) é impossível se não adicionarmos as virtudes à fé. (Ver II Tes. 1:13, onde vemos que a «santificação» é absolutamente necessária à salvação, pois, sem ela, a glorificação não terá lugar).

Para reforçar seu argumento contra os falsos mestres, o autor sagrado agora lança mão da autoridade apostólica. Lembra a seus leitores que o evangelho que tinham seguido até ali era o evangelho que os apóstolos lhes tinham transmitido, e não o ensino gnóstico, que não passava do amontoamento de fábulas ou mitos bem arquitetados. O autor sagrado apela para a cena da «transfiguração» a fim de mostrar quão diretamente Deus se comunicara com Cristo e seus apóstolos, mostrando-lhes a glória do reino futuro. Finalmente, o autor sagrado liga o evangelho cristão à tradição profética inteira, indicando que era apenas a continuação de uma longa tradição de revelações divinas, dadas para benefício dos homens. Normalmente, os gnósticos negavam a autoridade espiritual do A.T., e chegavam a ensinar que o Deus do A.T. era um *aeon inferior* (uma inferior emanção angelical do verdadeiro Deus), o qual era imperfeito, razão pela qual criou o mundo imperfeitamente, com todas as suas corrupções, segundo se vê por simples observação do que ocorre neste mundo. O autor sagrado, entretanto, nega tudo isso. O Deus do A.T. é o mesmo Deus do N.T. E há grande tradição profética que é continuada e aperfeiçoada na vinda de Jesus Cristo e no evangelho pregado acerca dele, por parte dos seus apóstolos.

12 Διὸ μελλήσω αἰεὶ ὑμᾶς ὑπομνησκεῖν περὶ τούτων, καίπερ εἰδότας καὶ ἐστηριγμένους ἐν τῇ παρουσίᾳ ἀληθείας.

12 μελλήσω...εἰδότες Jd 8

12 μελλήσω] ουκ αμελήσω KL ρί ς: ου μελλήσω 467 b

1:12: Pelo que estou sempre pronto para vos lembrar estas coisas, ainda que as sabeis, e estejais confirmados na verdade que já está convosco.

...Por esta razão... Temos aqui direta alusão à mensagem dos versículos décimo e décimo primeiro. Visto serem possíveis a confirmação da eleição e a entrada no reino eterno, adicionando-se a virtude à fé (ver os versículos quinto a sétimo deste capítulo), o autor resolve continuar lembrando seus leitores sobre as profundas verdades cristãs, embora soubesse que já tinham sido ensinadas por muitos excelentes mestres cristãos. Porém, a despeito de sua confiança, não tinha plena certeza que a heresia gnóstica não os prejudicaria, podendo ela até mesmo furtar-lhes a entrada no reino, anulando sua chamada e eleição. Portanto, ele dá prosseguimento à sua mensagem, realirmando verdades que já eram bem conhecidas deles.

...acerca destas coisas... Quais? 1. As grandes e preciosas promessas, referidas no quarto versículo, que lhes ofereciam a participação na divindade. 2. O fato que, à fé, se deve acrescentar a excelência moral. 3. O fato que há abundante entrada no reino eterno, oferecida àqueles que fazem certa a sua eleição. Ele quis dar a entender, de modo geral, «a verdade cristã, mediada pelos apóstolos», em contraste com a nova e perniciosa mensagem dos gnósticos, que buscava aderentes entre eles.

...lembrados... O autor sagrado exorta os crentes a exercerem piedosa lembrança. Que fossem lembrados os apóstolos e sua mensagem! Que fosse lembrado o grande sacrifício, primeiramente de Cristo, e então de seus seguidores imediatos, necessário para que a mensagem cristã fosse pregada aos crentes. Não deveriam os leitores da epístola permitir que os falsos mestres os enganassem através de argumentos capciosos, em favor de seus ensinamentos destruidores.

...verdade já presente convosco... O autor sagrado não estava apresentando qualquer nova mensagem. Era a mesma mensagem que tinham recebido, e que sempre tinham conhecido. A «inovação» era da parte dos falsos mestres. O autor sagrado os adverte a não se desfazerem descuidadamente da verdade tradicional do evangelho em favor de argumentos hábeis, mas destruidores e falsos.

13 δίκαιον δὲ ἡγοῦμαι, ἐφ' ὅσον εἰμὶ ἐν τούτῳ τῷ σκηνώματι, διεγείρειν ὑμᾶς ἐν ὑπομνήσει,

1:13: É justo por justo, enquanto ainda estou nesta tabernáculo, despertar-vos com admoestações,

...justo... Tal como o apóstolo Paulo, o autor sagrado crê que o seu ministério de admoestação é justo e apropriado. (Comparar com Fil. 3:1, onde Paulo exhibe a mesma atitude). Fica implícita a autoridade apostólica; e, no presente contexto, isso tem finalidades polêmicas. O autor sagrado mostra que o evangelho dos apóstolos traz consigo um imperativo moral, em contraste com os ensinamentos falsos e permissivos dos gnósticos. O bem-estar espiritual dos crentes exigia, da parte dos apóstolos, um ministério de advertência contra o pecado debilitador.

...tabernáculo... No grego, «skenoma», isto é, «tenda», «habitação», «alojamento». O corpo humano é aptamente comparado a uma tenda, uma habitação portátil que pode ser armada ou desmantelada. Pois o corpo é apenas a habitação do ser real, e não o próprio ser. O corpo pode ser desmantelado (dissolvido) sem qualquer dano para a alma. (Ver II Cor. 5:1-10, onde essa metáfora é longamente usada pelo apóstolo dos gentios). Ver o oitavo versículo daquele capítulo, quanto à nota geral sobre a «imortalidade», acompanhada por uma discussão sobre a natureza da personalidade humana). Na introdução ao comentário, há uma secção inteira, com vários artigos, dedicada a esse tema, sob o título de «imortalidade». O corpo humano, com frequência, é visto como uma carga, um empecilho, a presa fácil do pecado, mas nunca como inerentemente mau, nas páginas do N.T.

...nada confirmados... A «verdade» é o ensinamento cristão em geral, com base no evangelho, o que, no N.T., é freqüentemente chamado de «verdade» ou «palavra da verdade». (Ver Gál. 2:5; Col. 1:5; II Tes. 2:10). Nessa verdade aqueles crentes já tinham sido «firmados». No grego é «steridzo», «confirmar», «estabelecer», «fortalecer». O autor sagrado não busca lançar qualquer «novo alicerce» e nem erigir algum «novo edifício». Ele queria apenas lembrá-los que já tinham um fundamento, já constituíam uma casa espiritual. (Ver I Ped. 2:4-6). Mas a heresia gnóstica ameaçava abalar os alicerces e solapar o edifício.

...verdade já presente convosco... Ou, como diz a tradição inglesa de Williams, «...verdade que já possuíis...» Possuidores dessa verdade, não precisavam de quaisquer outros conceitos, sobretudo falsos. Não está aqui em foco «a verdade que agora é discutida», embora se trate da mesma verdade. Está em foco aquela verdade que vossos mestres fiéis vos tem transmitido, e que presentemente possuíis. (Pode-se comparar com isso o conceito de Gál. 1:6-9). Não pode haver «outro» evangelho. Há uma fé «uma vez por todas entregue aos santos» (ver Judas 3). Os crentes tinham «mandamentos santos», que lhes haviam sido transmitidos. (Ver II Ped. 2:21).

«O conteúdo histórico, doutrinário e ético do ensinamento cristão ortodoxo é visto aqui como uma unidade, a verdade em contraste com os mitos habilidosamente traçados (ver o décimo sexto versículo), as heresias destruidoras dos falsos mestres (ver II Ped. 2:1 e I Ped. 1:22,25)». (Barnett, *in loc.*)

A verdade da graça de Deus, na qual aqueles crentes estavam firmes (ver I Ped. 5:12), era a verdade «presentemente possuída».

*Variante Textual:* As palavras «não serei negligente» é o texto dos mss KL e da maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina. Mas os mss P(27), Alaph e ABCP trazem a frase em sentido positivo, «Cuidarei», «Sempre persistirei», «Sempre estarei pronto». A forma positiva é a que conta com a evidência objetiva mais forte, com o apoio dos melhores e mais antigos manuscritos, devendo ser preferida por isso mesmo.

## O Pesado Urso

O pesado urso que vai comigo,  
Com mel de muitos tipos a lambuzar-lhe a face,  
Desajeitado e a tropeçar aqui e acolá,  
A tonelada central de todo o lugar,  
O faminto e espancador bruto  
Que tanto ama bombons, a ira e o sono,  
Louco factotum, a desmanchar tudo,  
Sobe aqui, chuta acolá,  
Bate em seu irmão na cidade do ódio.

(Delmore Schwartz)

Notemos que combinando-se os versículos doze e treze, temos duas metáforas, a da «edificação» e a do «vestuário», em que a tenda é pintada como uma espécie de veste temporária para o ser essencial. Na passagem mencionada, no quinto capítulo da primeira epístola aos Coríntios, as mesmas duas metáforas são empregadas. (Ver I Cor. 5:1). O crente é um peregrino; sua habitação neste mundo é temporária, e por isso mesmo sua tenda também é temporária. (Ver Heb. 11:9,13 quanto a essa metáfora). Os patriarcas, que eram peregrinos, habitavam em «tendas».

Para Platão, o corpo era uma «prisão»; para Pitágoras, era um «sepulcro». Os homens dotados de sensibilidade espiritual sabem que o homem é um espírito, e que somente por causa da queda é que ele tomou um veículo mortal, uma habitação temporária, de barro. A redenção final, entretanto, o libertará dessa forma de existência.

A consciência da morte é motivo fortíssimo para que o crente procure

cumprir apropriadamente a sua missão. A morte sempre é vista como próxima. Isso é razão para que o crente se mostre diligente em sua missão de exortação e instrução. A vida é tão breve que o mesmo motivo pode aplicar-se a todos nós.

14 εἰδὼς ὅτι ταχυνῇ ἔστιν ἡ ἀπόθελσις τοῦ σκηνώματος μου, καθὼς καὶ ὁ κύριος ἡμῶν Ἰησοῦς Χριστὸς ἐδηλώσεν μοι.

1:14: sabendo que brevemente hei de deixar este meu tabernáculo, assim como nosso Senhor Jesus Cristo já me revelou.

...estou prestes a deixar... O autor sagrado sentia a urgência do tempo; a morte não podia calar-lhe a voz, e ele sentia a obrigação de dar toda a instrução ao seu alcance, especialmente a uma comunidade cristã que estava sendo atacada por uma heresia debilitadora.

...tabernáculo... (Ver as notas expositivas a respeito no décimo terceiro versículo deste capítulo).

...como... nosso Senhor Jesus Cristo me revelou... O autor sagrado evidentemente se refere à predição registrada no vigésimo primeiro capítulo do evangelho de João, ou a alguma tradição oral ou escrita anterior a esse registro. Ou a alusão poderia ser a alguma visão especial, intuição ou revelação que lhe foi dada, inteiramente à parte de alusão a qualquer outro documento neotestamentário. (Ver Atos 1:2, 11; 4:8; 9:5-9; 10:9-16; 12:7-11; 16:9; 18:9; 22:11; 23:11 e 27:23 quanto a essas experiências).

...prestes... O grego diz aqui «tachine», que tem sido interpretado como «subitamente» ou «rapidamente», isto é, esperado para breve. Ambas as coisas ocorreram no martírio de Pedro; mas acontecer «em breve», conforme temos nesta versão portuguesa, é o sentido mais provável. Contudo, Pedro morreu repentinamente, por decapitação.

Se a alusão deste versículo é diretamente ao trecho de João 21:18 e ss., então isso mostraria uma data tardia para esta segunda epístola de Pedro, de fato, uma data totalmente pós-petrina. Por essa razão, alguns intérpretes

15 σπουδάσω δὲ καὶ ἐκάστοτε ἔχειν ὑμᾶς μετὰ τὴν ἐμὴν ἐξοδὸν τὴν τούτων μνήμην ποιεῖσθαι.

15 σπουδᾶσω - αἶω X 69: -απαρ 2138 pc

1:15: Mas procurarei diligentemente que também em toda ocasião depois da minha morte tenha lembrança destas coisas.

1. Se o autor sagrado fizesse um bom trabalho, apresentando admoestações «incisivas» e «poderosas», eles haveriam de lembrá-lo após sua morte. Portanto, embora fisicamente morto, ele continuaria a falar-lhes. 2. Parece haver a confiança de que, «através de sua epístola», ele continuaria a falar-lhes. 3. Pelo menos, não há dúvidas de que a revelação que foi dada mediante os apóstolos haveria de sobreviver a eles, eventualmente derrotando ao gnosticismo. De fato, esse sistema sobreviveu por mais cem anos, mas, finalmente, caiu no esquecimento, ao passo que a mensagem dos apóstolos continua triunfante, séculos agora. O autor sagrado, pois, previu algo desse triunfo, e não temia que sua morte pudesse, de qualquer modo, impedir o poder de sua mensagem.

É curioso que alguns intérpretes acreditem que o evangelho de Marcos está aqui em foco mais do que esta segunda epístola de Pedro, como o documento que preservaria a mensagem de Pedro para as gerações sucessivas. Papias demonstra que o evangelho de Marcos contém as memórias de Pedro. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* III.39,15; V.8,3; VI.14,5-7, onde é mencionada essa tradição atinente ao evangelho de Marcos. Assim também faz Irineu, *Contra as Heresias* III.1.1, onde ele explica: «Após a partida deles (de Pedro e de Paulo), Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, também nos entregou, em forma escrita, o que fora pregado por Pedro»). Irineu e esta segunda epístola de Pedro usam o mesmo vocábulo grego para «partida» (morte), que o autor sagrado usava aqui (no grego, «exodos»). E é bem possível que Irineu tenha entendido o trecho de II Ped. 1:15 como uma alusão ao evangelho de Marcos, o evangelho de Pedro. Naturalmente, houve outras fontes informativas, usadas na compilação do evangelho de Marcos, além das memórias de Pedro. (Isso é comentado na introdução àquele evangelho, sob o título «Fontes Informativas», bem como no artigo introdutório ao comentário, intitulado «O Problema dos Evangelhos Sinópticos»).

...partida... No grego é «exodos», um eufemismo para «morte», mas propositalmente escolhido a fim de fazer a idéia da morte concordar com a metáfora acompanhante do «tabernáculo». Chegava o tempo de Pedro sair de sua habitação temporária, para ir residir no mundo eterno. A morte física é apenas uma transição. A morte, considerada em um de seus significados, o de «cessar de existir», naturalmente não existe de fato. O

2. *Autoridade de Pedro em prol da verdade do evangelho dos apóstolos* (1:12-21)

b. Baseia-se no testemunho ocular (1:16-18).

O autor vinha confirmando o que dizia nesta epístola, contra a nova mensagem do gnosticismo, mostrando que seu próprio evangelho conta com a autoridade apostólica. Isso é ainda mais fortalecido nestes versículos dezesseis e dezoito, os quais contam a história da transfiguração de Cristo. Aqueles que ali estiveram e o contemplaram em sua transfiguração receberam da parte do Senhor altíssimo privilégio e posições subsequentes mui exaltadas no seio da igreja. O raciocínio da passagem é como segue: «A quem escolhereis para seguir e obedecer? Escolhereis um mestre falso, que não tem autoridade para pregar o evangelho, antes, criou uma mensagem toda sua; ou escolhereis obedecer ao apóstolo Pedro, obviamente homem que recebeu grande privilégio e posição, no que diz respeito à pregação do evangelho e à edificação da igreja?» O autor sagrado não considera que isso envolva uma decisão difícil de ser tomada, porquanto a escolha certa é perfeitamente óbvia. Se a correta decisão fosse tomada, o gnosticismo sofreria um golpe fatal na Ásia Menor, pelo menos entre aquelas comunidades cristãs que recebessem esta epístola.

16 Οὐ γὰρ σεσοφισμένοις μύθοις ἐξακολουθήσαντες ἐγνωρίσαμεν ὑμῖν τὴν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ δύναμιν καὶ παρουσίαν, ἀλλ' ἐπόπται γενηθέντες τῆς ἐκείνου μεγαλειότητος.

1:16: Porque não seguimos fábulas engenhosas quando vos fizemos conhecer a poder e a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, pela nós fomos testemunhas oculares da sua majestade.

...devemos fixar na mente o fato de que essas coisas não podem ser por demais bem conhecidas, e nem demasiadamente cridas». (Matthew Henry, *in loc.*). (Comparar com II Ped. 3:1, que é outro lembrete: a epístola mesma é assim chamada).

14 ὁ ἀπόθελσις... μου 2 Cor 5:1 καὶ... ἐδηλώσεν μοι Jn 21:18-19

dizem que foi com base na «memória de Pedro acerca da advertência de Jesus», ou com base em alguma «fonte» do quarto evangelho, empregado antes, que essas palavras foram escritas. (Ver a introdução a esta epístola, nos tópicos «Autoria» e «Data», onde tais problemas são ventilados).

A veste de carne de Simão Pedro lhe serviu bem, para o tempo de sua peregrinação terrena. Finalmente, porém, teve de ser posta de lado. Outro tanto sucederá com todos nós. Esse é um pensamento solene, cuja finalidade é encorajar-nos à fidelidade ao Senhor.

«Ele via que o tempo de sua partida não podia estar distante; é isso não lhe dava desculpas para reter suas admoestações» (Lumby, *in loc.*).

«Ele (o autor sagrado) expõe sua morte de maneira fácil e familiar, e não como algo terrível e ameaçador para si mesmo; era apenas como mudar de roupa ou como o dismantelar de um tabernáculo, removendo a tenda de seu lugar. Os santos são peregrinos neste mundo, habitam em tendas ou tabernáculos, por ocasião da morte, porém, são transferidos para seu próprio país, para a casa do Pai... A morte não é a destruição do homem... somente o remove deste mundo para outro, de uma hospedaria para um reino» (John Gill, *in loc.*).

Não é fenômeno completamente raro um homem saber que sua morte se avizinha. Sabemos que Cipriano e Crisóstomo sabiam disso. Todos os homens, naturalmente, no subconsciente, percebem, às vezes com bastante antecedência, quando ocorrerá sua morte.

amor nunca pode perder os seus. A morte é apenas uma separação temporária, e que na realidade não é diferente de fazer uma viagem, o que separa temporariamente uma pessoa amada de outra.

...não culpo a Morte, por ter tirado  
Desta terra o uso bom da virtude;  
Sei que, transplantado, o valor humano  
Florescerá com proveito, algures.  
Só por isso me sacio na Morte,  
O laurel que ornará meu coração:  
Ela separa de tal modo as nossas vidas  
Que não ouvimos mais a voz um do outro.  
(Alfred Lord Tennyson)

A palavra «exodos», com o sentido de «morte», também é usada em Luc. 9:31, acerca da morte de Cristo, na narrativa de sua transfiguração. E é possível que isso tenha sugerido o uso do termo aqui, porquanto imediatamente em seguida o autor sagrado menciona tal acontecimento (ver o décimo sexto versículo deste capítulo). O êxodo promete a glória subsequente. Assim é que Sócrates disse, após ter tomado o veneno: «Já afirmei que após ter bebido o veneno, não mais permanecerei convosco, mas partirei para certas felicidades dos bem-aventurados».

*Outras interpretações acerca do presente versículo:*

1. Alguns pensam que aqui o autor sagrado promete escrever mais epístolas, para que, por meio delas, outras exortações ao bem lembrassem disso a seus leitores. Mas tal interpretação é altamente improvável; o tempo foi retratado como breve demais para permitir isso.

2. Há quem pense que o autor sagrado, considerado como o apóstolo Pedro, promete aqui interceder nos céus por seus leitores, pelo que, literalmente, a sua morte não impediria que ele continuasse a ajudá-los. Essa interpretação de forma alguma se deriva do próprio texto. Repousa sobre dogmas posteriormente desenvolvidos, no tocante ao contacto possível entre os vivos e os mortos, e como esse contacto pode ser benéfico para os vivos. O ensinamento inteiro dos santos e suas presentes atividades se baseiam sobre essa suposição. O trecho de Heb. 12:1 poderia ser apresentado por alguns como trecho que ensina isso, através da delegação de espíritos partidos deste mundo, como se isso envolvesse um ministério benéfico para os que ainda estão vivos; mas essa doutrina não encontra qualquer alicerce sério nas páginas do N.T.

Não está em foco o primeiro, e, sim, o segundo advento de Cristo. Os gnósticos evidentemente negavam a validade do ensino da segunda vinda de Cristo. Vê-se, claramente, no terceiro capítulo desta epístola, que o autor



sagrado se opunha a «zombadores», os que lançavam essa doutrina no ridículo. Quando da transfiguração, houve vivo retrato e profecia da «parousia», na glória que a acompanhará. Os primeiros cristãos creram na «parousia» porque ela já fora vista em forma preliminar, como visto. A maioria dos primitivos cristãos acreditava que esse evento teria lugar durante seu próprio período de vida na terra. (Ver os trechos de I Tes. 4:15 e I Cor. 15:51 quanto a isso. Ver as notas completas sobre o «arrebatamento da igreja», em I Tes. 4:15, e sobre a segunda vinda gloriosa de Cristo, em Apo. 19:11). Na primeira dessas duas passagens, também é usado o vocábulo «parousia», que o autor sagrado usa aqui. Ele dizia que a mensagem dos gnósticos, que negava a «parousia», ou segundo advento de Cristo, era apenas fábulas e mitos, por mais bem arquitetada que ela tenha sido. Em contraste com isso, o verdadeiro evangelho continua a salientar o fato e a importância do segundo advento de Cristo.

...nosso Senhor Jesus Cristo... (Quanto ao título completo de Cristo e quanto ao seu «senhorio», ver Rom. 1:4). O autor sagrado não tem qualquer intenção de salientar apenas que o verdadeiro evangelho é o que ensina o segundo advento de Cristo, pois obviamente inclui muitas outras doutrinas. Mas ele frisa aqui apenas um de seus temas, que vinha sendo especificamente negado pelos mestres falsos da Ásia Menor. Assevera o autor sagrado que o «seu evangelho» é o autêntico, anunciado com autoridade apostólica, entregue a ele diretamente, pelo próprio Senhor Jesus. Nessa outorga, ficou comprovado que o Cristo do verdadeiro evangelho é o Senhor da glória, o qual voltara revestido de poder. Mas os mestres falsos, que negavam o evangelho autêntico, tinham criado um ensinamento anticristão. A familiaridade pessoal do autor sagrado com o Senhor da glória, bem como a visão que recebera acerca de seu segundo advento, o qualificou, na qualidade de mestre cristão, de um modo que não podia ser igualado e nem derrubado pelos mestres falsos, os quais jamais poderiam compartilhar de iguais privilégios.

...*fabúlas*... No grego é usado o termo «*muthos*», que significa «lenda», «mito», «história inventada», sem qualquer veracidade. Os gnósticos criaram um sistema elaborado, incluindo narrativas de seres angelicais, que participavam da redenção humana. Tinham um drama «cósmico» entre a «plêroma», bem como um «drama terreno», entre a «histéroma». A «plêroma» seriam as mais elevadas emanções angelicais de Deus, ao passo que a «histéroma» seriam as emanções materiais, inferiores, incluindo o homem mortal. A criação inteira envolvia a história de «heróis», de batalhas terrenas e celestiais, de derrotas e vitórias. (Ver Col. 2:18 quanto a notas expositivas completas sobre o «gnosticismo»). Cinco são as ocorrências da palavra grega «*muthos*», no N.T. (Ver igualmente I Tim. 1:4; 4:7; II Tim. 4:4 e Tito 1:14, onde há outros comentários de interesse sobre esse vocábulo e o que ele subentende). Os livros citados nessas referências também combatem formas de gnosticismo.

...ingenhosamente inventadas...» No grego é «sophidzo», «tornar sábio», raciocinar com base na sabedoria», e, em sentido negativo, «traçar sutilmente», «planejar ardilosamente». A origem da mensagem gnóstica era a perversa sabedoria humana, e não a sabedoria da revelação divina. Os gnósticos proferiam palavras bombásticas e tonitroantes; tinham criado um sistema atrativo, com profundidade de pensamento e de doutrina; mas nada de divino havia naquilo e, certamente, não refletia isso o evangelho que o Senhor Jesus mandara seus apóstolos e seguidores anunciarem.

«...testemunhas oculares...» Essa declaração tem por intuito opor-se diretamente aos «mitos» dos gnósticos, criados pela sua sabedoria humana perversita. Nenhuma necessidade de tais imaginações ousadas havia na mensagem apostólica. Sua mensagem lhes fora dada diretamente da parte do Senhor, e «testemunhas oculares» dos fatos haviam registrado suas palavras e seus atos. O vocábulo grego aqui usado, traduzido por «testemunhas oculares», é «epoptes», termo usado nos mistérios eleusianos (partes dos quais foram incorporados no gnosticismo) a fim de descrever os iniciados nesses mistérios, que tivessem atingido o nível mais elevado de discernimento, dotados de visões e experiências místicas. O autor sagrado toma por empréstimo o próprio vocábulo usado pelos gnósticos, mostrando-lhes do que consiste uma visão autêntica, a saber, que viram Cristo e o que os experimentaram, quando observaram a sua transfiguração.

17 λαβὼν γὰρ παρὰ θεοῦ πατρὸς τιμὴν καὶ δόξαν φωνῆς ἐνεχθείσης αὐτῷ τοιαύδε ὑπὸ τῆς  
μεγαλοπρεποῦς δόξης, Ὁ υἱὸς μου ὁ ἀγαπητός μου οὗτός ἐστιν<sup>4</sup>, εἰς ὃν ἐγὼ εὐδόκησα —

17 | C | δ υιός μου ὁ ἀγαπητός μου οὗτός ἐστιν P<sup>1</sup> B cop<sup>m</sup> eih<sup>1</sup> /  
οὗτός ἐστιν ὁ υιός μου ὁ ἀγαπητός ιω<sup>n</sup> M<sup>1</sup> 2.17; 12.5; N A C K Ψ 049 036  
(0142 σινι<sup>1</sup> μου; 0709 23 81 88 104 181 330 330 438 451 814 839 830 945 1241

<sup>4</sup> 17 b dash: WH Boy Neg BF<sup>1</sup> 24r / 4 major: TR AV RV ABV NEB TT Luth Jer Soc / 6 minor: BSV

O texto original parece ter sido preservado só em P (72) B (o copta e o etíope são ambíguos), e todos os demais testemunhos conformaram a forma ao texto tradicional de Mateus, οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς μου ὁ ἀγαπητός (Mat. 3:17 e 17:5). A forma singular de P (οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς μου ὁ ἀγαπητός οὗτός ἐστιν) sugere que um de seus ancestrais também dizia como P (72) e B, mas que quando a forma assimilada foi adotada, os copistas se olvidaram de apagar as palavras οὗτός ἐστιν no fim. É bem possível que a forma singular de 1175 (οὗτός ἐστιν) tenha surgido mediante falta de atenção similar, por parte de um copista, que substituiu a forma mais antiga pela outra.

1.17: Porquente ela recebe da Deus Pai honra e glória, quando pela Glória Magnifica  
Se foi dirigida a seguinte voz: Esta é a meu Filho amado, em quem me comprazo;

É como se o autor sagrado tivesse dito: «Cristo recebeu glória e aclamação da parte do Pai; e nós, como seus apóstolos, também as recebemos. A nova mensagem dos gnósticos contradiz e diminui essa glória. A voz divina está em nosso favor; mas a nova mensagem degrada a Cristo, pois não se interessa em adicionar virtudes à fé; não tem as exigências morais certas e nega a «parousia».

(Ver Mat. 17:1 e ss. quanto a essa ocorrência). Por conseguinte, os apóstolos viram «com seus próprios olhos», mas também sob a forma de visão, a glória do Senhor. (Ver Col. 2:18 quanto ao fato que os gnósticos também afirmavam receber visões).

«...majestade...» Os apóstolos viram um «esplendor visível» de Cristo com seus próprios olhos; e suas almas foram engolfadas na compreensão de algo da magnificência do ser e da obra do Filho de Deus. Uma vez mais, o autor sagrado contrasta isso com as reivindicações místicas dos gnósticos. Há um misticismo *verdadeiro* e outro *falso*. O autor degrada comparativamente o dos gnósticos, pois o considerava falso e até deprimente. Ao mesmo tempo, ele exalta o verdadeiro misticismo, centralizado em Cristo, honrando-o por aquilo que ele é e faz. (Ver Col. 2:18 quanto a «tipos de visões», que abordam o problema do misticismo. Tomás de Aquino sugeriu que o misticismo deve ter essas três qualidades: 1. Não contradizer as Escrituras; 2. não contradizer a moralidade cristã; 3. estar em consonância, naquilo que ensina, com a *autoridade* das Escrituras e da igreja. Ora, a variedade gnóstica ofendia cada um desses pontos.

A majestade exibida na transfiguração é interpretada pelo autor sagrado como uma garantia da maior majestade que Cristo exibirá quando de seu segundo advento. Os gnósticos negavam esse evento, e até ridicularizavam o mesmo. Sua mensagem, pois, era falsa.

...parousia... A volta de Cristo, no grego, um termo técnico para esse acontecimento. (Vê-lo também usado em I Tes. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; II Tes. 2:1,8,9; Mat. 24:3,27,37,39; I Cor. 15:23; Tia. 5:7,8; I João 2:28 e II Ped. 3:4,12).

O autor sagrada utiliza-se da ocorrência da transfiguração, a fim de provar o seguinte: 1. A validade da doutrina da «parousia» ou segundo advento de Cristo. 2. A credibilidade dos ministros de Cristo, que continuavam pregando essa doutrina. 3. A credibilidade geral do evangelho cristão, em contraste com a nova mensagem dos gnósticos. 4. A falsidade do sistema gnóstico, que não envolvia a «parousia» de Cristo e nem qualquer autêntico misticismo.

*Misticismo.* Essa palavra significa, basicamente, qualquer contacto genuíno com uma coisa ou ser mais elevado que ela mesma. No ocidente, usualmente, tem um sentido «objetivo», pelo que, normalmente, significa contacto com forças «externas», no oriente, porém, normalmente tem significado «subjetivo», o contacto com a própria alma ou «eu superior». No cristianismo, porém, o misticismo consiste no contacto com Cristo, com Deus, com os anjos, com o outro mundo de alguma maneira qualquer; ou então, subjetivamente, a «compreensão de alma» acerca de verdades espirituais, mediante a iluminação do Espírito. Os dons espirituais são misticamente mediados. Quase todas as religiões têm alguma origem e base «mística». O cristianismo primitivo era extremamente místico. Seus líderes eram homens dotados de dons e visões espirituais, mantendo contacto direto com o Espírito Santo. Contudo, existe um falso misticismo, o qual é perigoso, pois faz o homem penetrar em esferas desconhecidas e negras da vida.

...vós demos a conhecer... Provavelmente há aqui uma alusão à pregação apóstólica; talvez o evangelho escrito de Marcos também esteja em foco; e também a primeira e a segunda epístola de Pedro, como meios pelos quais os apóstolos, e particularmente Pedro, tornaram sua mensagem conhecida. Essa outorga de informação não era de acordo com invenções e mitos humanos, e levava-os diretamente à fonte do amor e da graça de Cristo, conferindo-lhes esperança para o futuro, na doutrina da «parousia».

Assim se passou a vida do apóstolo Pedro, que cumpriu sua missão e realizou aquilo que lhe fora determinado. Sua vida foi um sucesso.

*Sucesso.* - Obteve sucesso quem viveu bem, riu-se com frequência e amou muito; quem obteve o respeito de homens inteligentes e o amor das crianças; quem preencheu seu lugar e realizou sua tarefa, quer se trate de uma papoula melhorada, de um poema perfeito ou de uma alma libertada; a quem nunca faltou apreciação pela beleza da terra, e nem deixou de expressá-la; quem procurou ver o melhor nos outros, e deu do melhor que tinha; cuja vida foi uma inspiração e cuja memória é uma bênção. (Robert Louis Stevenson).

1903 1729 1877 1881 2127 2412 2482 2485 *Byz Lat* = *jeu* v. d. m. d. v. h. u. v. g. syrr. =  
(cap<sup>m</sup>) δὲ ἀγαθὸν μου ἀρτι εἶ? P<sup>a</sup>-Theumenius Theophylact f οὐτός  
ἐστιν ὁ υἱός μου ὁ ἀγαθὸς αὐτὸν ἐστιν P f οὐτός ἐστιν ὁ 1175

17-18 M1 17.1-6; M2 9.2-7; Lk 9.28-34

Neste ponto, o autor sagrado assume a familiaridade dos leitores com a narrativa dos evangelhos sinópticos sobre a transfiguração. (Ver Mat. 17:1 e ss. quanto a notas expositivas; consultar também Marc. 9:2-13 e Luc. 9:28-36). Tendo sido contemplada pelos apóstolos, a transfiguração servia de autenticação deles, pois nenhum servo indigno de Cristo teria tido permissão de ver aquele prodígio acontecimento. Também confirma a doutrina da «parousia» algo que os gnósticos negavam. O autor como que dizia: «Recebei como veraz o testemunho da transfiguração ou o testemunho dos falsos mestres. Não podereis ficar com ambas as coisas».

Apesar da transfiguração, dentro da teologia cristã, tradicionalmente vista como prefiguração do reino e de sua glória, tendo Cristo como Rei, aqui, a ênfase é à «previsão» da «parousia» (portanto, do reino e de sua glória). Nos evangelhos sinópticos, entretanto, a narrativa da transfiguração vem imediatamente após o anúncio da segunda vinda de Cristo; e a maioria dos intérpretes pensa que isso foi feito propositadamente, isto é, a transfiguração é uma profecia da glória de Cristo, quando de seu segundo advento.

«...Deus Pai...» (Quanto ao ensinamento sobre a «paternidade» de Deus, ver as notas expositivas em João 8:42 e Rom. 8:15). Todos os benefícios espirituais chegam aos homens como filhos de um pai. (Ver Efê. 1:2,3,5 quanto a esse tema). A própria salvação pode ser chamada de «filiação», pois tudo quanto há nela é cumprimento desse ideal. Chegaremos a compartilhar da imagem e da natureza de Cristo, o Filho, e somos filhos que estão sendo conduzidos à glória. (Ver Heb. 2:10). Os gnósticos, por sua vez, tinham um conceito deísta de Deus, tornando-o tão transcendental que não entrava em contacto direto com os homens, vivendo em um céu inabordável. As «epístolas pastorais» ventilam a mesma heresia; e note-se que, ali, a fim de contradizer o «deísmo» daquele sistema, Deus Pai é chamado «Salvador», em I Tim. 2:3. Deus não está separado dos homens por um quase interminável sucesso de «aeons» ou manifestações angelicais, mas tem apenas um Mediador entre ele e os homens, a saber, o Senhor Jesus Cristo (ver I Tim. 2:5). Na qualidade de «Pai», ele está naturalmente interessado por seus filhos. O «deísmo» afirma que, apesar de talvez haver uma força sobrenatural que tudo criou, é tão distante essa força que não tem qualquer contacto direto com os homens; antes, estabeleceu as leis naturais para estabelecer tal contacto. O «telismo», que é a posição da doutrina neotestamentária, por seu lado, ensina que Deus entra em contacto com os homens, observando atentamente o que eles fazem, a fim de puni-los ou castigá-los. Falar de Deus como um «Pai» é falar segundo os moldes telistas.

O Pai observava o que fazia o Filho, como ele cumpria as exigências de sua missão e o «aprovou». Por igual modo, ele aprova seus verdadeiros ministros, que têm a autoridade de Cristo. Aos gnósticos, entretanto, faltava essa aprovação, pelo que sua mensagem não deveria ser levada a

18 καὶ ταύτην τὴν φωνὴν ἡμεῖς ἠκούσαμεν ἐξ οὐρανοῦ ἐνεχθείσαν σὺν αὐτῷ ὄντες ἐν τῷ ἁγίῳ ὄρει.

1:18: a essa voz, dirigida do céu, ouvimos-a nós mesmos, estando com ele no monte santo.

Uma das aplicações ou significados que a transfiguração tinha para o autor sagrado é que isso comprovava a autenticidade da doutrina da «parousia». Este versículo nos traz uma outra comprovação: fica autenticado o evangelho que fora e vinha sendo pregado na Ásia Menor (ficando assim negada a veracidade da mensagem gnóstica) porque os ministros aprovados de Cristo, que com ele estiveram no monte da transfiguração, tinham anunciado a boa mensagem cristã naquela região.

«...monte santo...» O «monte» da transfiguração, uma espécie de Sinai cristão, como o «monte» do Sermão da Montanha também o foi. Esse uso reflete um período quando os «Jugares por onde Jesus andara» já começavam a ser chamados «santos», tal como hoje em dia se fala sobre a Palestina como «Terra Santa». (Comparar com Eze. 28:14, o «monte santo de Deus», uma alusão ao Sinai). O lugar onde a glória de Cristo foi eminentemente exibida merece a mesma designação.

O monte se tornou santo devido à teofania. (Bigg, in loc.). (Comparar

2. Autoridade de Pedro em prol da verdade do evangelho dos apóstolos (1:12-21)

c. Concorda com a tradição profética (1:19-21).

O autor sagrado deixa entendido não haver qualquer contradição entre as dispensações do antigo e do novo pactos, porquanto qualquer diferença essencial pode ser demonstrada na mensagem de Deus aos homens. Ele não nega que o novo pacto é uma graduação acima do antigo, mas vê a unidade essencial entre esses dois pactos. Isso ele já deixara implícito em sua reportagem sobre a transfiguração. E supõe que seus leitores continuavam tendo o A.T. como a Palavra de Deus. Nesse caso, deveriam reconhecer que esse documento fala, com unanimidade, acerca da vinda de Cristo, descrevendo também sua missão salvadora. (Ver I Ped. 1:10 e comparar com Atos 3:21). A conclusão que o autor sagrado queria tirar de tais observações é que o evangelho que ele pregava já fora predito e confirmado pelo testemunho do A.T. Isso, pois, é mais um ponto em seu favor, e mais um ponto contra a falsa mensagem do gnosticismo. De fato, os gnósticos, que negavam a validade da revelação do A.T., considerando o Deus *Yahweh* do A.T. como um «aen» inferior e imperfeito, pelo que também seria o criador de um mundo imperfeito como é o nosso, nem ao menos se interessavam por invocar o testemunho do A.T. em favor de seu sistema. O autor sagrado, pois, espera que os leitores vejam nisso algo de valor, em favor do evangelho anunciado pelos apóstolos. Ele raciocinava que seus leitores visavam que a mensagem que sentia necessidade de repelir o A.T., ou de ignorar a tradição profética, não podia mesmo ser o verdadeiro evangelho.

A «mais confirmada palavra profética», de que ele fala, provavelmente aponta para a tradição profética do A.T., continuada no N.T., e não separada deste último. Por conseguinte, o ministério de Pedro (como o dos demais apóstolos de Cristo), acrescenta peso à tradição profética, tornando-a mais completa e poderosa.

19 καὶ ἔχομεν βεβαιότερον τὸν προφητικὸν λόγον, ᾧ καλῶς ποιεῖτε προσέχοντες ὡς λύχνῳ φαίνοντι ἐν αὐχμηρῷ τόπῳ, ἕως οὗ ἡμέρα διαυγάσῃ καὶ φωσφόρος ἀνατείλῃ ἐν ταῖς καρδίαις ὑμῶν·

1:19: I temos ainda mais firme a palavra profética à qual bem fazemos em estar atentos, como a uma candela que aluma em lugar escuro, até que o dia amanheça e o estrela da alva surja em vossas corações;

«...Temos...» Dada a nós pela vontade divina e aceita pela fé, para por ela vivermos, em contraste com os gnósticos, que rejeitavam a autoridade do A.T., da palavra profética.

«...confirmada...» Consideremos os pontos seguintes: 1. O grego não admite aqui a tradução «Palavra segura» ou «Palavra firme», porquanto «mais confirmada» é expressão usada como predicado, e «palavra» é acompanhada pelo artigo definido. Assim sendo, uma das duas idéias abaixo é possível. 2. «Temos a palavra profética ainda mais confirmada»,

sério.

«...voz...» é aqui a voz de Deus, o meio de comunicação, ouvida literalmente, ou, pelo menos, misticamente, isto é, como parte da visão. Seja como for, a experiência foi real; a aprovação foi genuína e óbvia. Os rabinos chamavam de «Bath Qol» a «voz» de Deus, que era dada nas experiências místicas, a fim de dar orientação, de elogiar, ou de reprovar. Não foi somente quando da transfiguração que essa «voz» foi dada a Cristo. (Ver também João 12:28, onde temos uma outra instância, e onde a *Bath Qol* é comentada). A «voz» também se ouviu quando do batismo de Cristo. (Ver Mat. 3:17).

«...Glória Excelsa...» Esse título visa apontar para Deus Pai. Secundariamente, significa a nuvem que foi iluminada por sua glória, e de onde a voz procedeu. Assim, tal como a «shekinah» pairava por sobre o propiciatório, como manifestação da glória de Deus, assim também a glória de Deus fez a nuvem resplandecer. A majestade de quem falava acrescentava glória e autoridade aos que ouviam, isto é, seus ministros. Esse é o efeito total que o autor sagrado deseja transmitir a seus leitores. A aprovação a Cristo foi divina; divina também é a aprovação aos ministros de Cristo.

«...glória e honra...» Uma combinação comum, quando estão em vista aprovação especial, posição ou bem-estar. (Ver o uso dessas duas palavras, juntas, em Sal. 8:6; Jó 40:10; Rom. 2:7,10; I Tim. 1:17; Heb. 2:7,9 e I Ped. 1:7).

«...Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo...» Por três motivos: 1. Por causa de sua pessoa excelente; 2. por causa de sua total obediência; 3. por causa de sua missão remidora, bem realizada. (Ver Mat. 17:5 quanto a essa expressão, nas notas expositivas ali existentes). A «voz» disse a mesma coisa que foi dita quando da imersão de Cristo (ver Mat. 3:17).

*Variante Textual:* Os mss P(72) e B parecem preservar aqui o texto original, literalmente: «O Filho meu, o amado meu, é este». Mas a forma que aparece na maioria dos manuscritos é: «Este é o meu filho, o amado», em conformidade com a forma que se acha em Mat. 3:17 a 17:5. Na realidade, porém, nenhuma diferença de significação é criada com isso.

com «terra santa», em Exo. 3:5 e Jos. 5:15).

O monte da transfiguração é geralmente identificado com o monte Tabor, cerca de duas horas de distância de Nazaré, na porção nordeste da planície de Jezreel. Mas outros estudiosos preferem pensar no monte Hermom, porque o Tabor, nos dias de Jesus, era fortificado e talvez tivesse tráfego demais para servir como bom lugar de retiro. (Ver as notas expositivas sobre essa questão, em Mat. 17:1). Difícilmente pode estar em foco o monte Sião, embora este seja o monte envolvido no «bath qol» da narrativa de João 12:28.

Pedro, Tiago e João estiveram no «monte santo» com Jesus, com Elias e com Moisés. Há aquela grande tradição de verdade nessa cena: o judaísmo com sua lei e seus profetas; o cristianismo com seu Cristo e seus apóstolos. Os gnósticos nunca podiam apresentar qualquer coisa que se lhe comparasse. A tradição deles, além disso, era antagônica a isso. Os apóstolos, porém, trouxeram luz do monte santo, e todas as nações se têm aproveitado espiritualmente da mesma.

com o sentido que ela ficou mais certa do que nunca, por causa da «voz» que aprovou o ministério de Cristo. 3. Ou a «palavra de Deus» (a palavra profética) é mais firmemente confirmada como voz de Deus, do que a própria «voz» que foi ouvida por ocasião da transfiguração de Cristo, embora as duas coisas em sentido algum sejam contraditórias. Ambas essas coisas, juntamente, formam um testemunho irresistível em favor do evangelho dos apóstolos, devendo ser repudiado, portanto, o falso ensinamento que surgira na Ásia Menor. Essa última possibilidade é a que, provavelmente, está mais em foco aqui.

Devemos nos lembrar que, naquela altura dos acontecimentos, o N.T. ainda não fora canonizado. Portanto, um incidente na vida de Cristo, embora extraordinário, e que já era conhecido nos evangelhos escritos, não



teria a força de confirmação do ministério de Cristo como as Escrituras do A.T., que prediziam sobre a vida do Senhor, e que tinham sido cumpridas no decorrer de sua passagem neste mundo. No dizer de Barnett (*in loc.*), a «prova da profecia servia para fazer o A.T., na realidade, um livro cristão». Por causa disso, os primeiros cristãos consideravam o A.T. seu livro de textos de prova sobre a autenticidade da missão messiânica de Jesus de Nazaré. (Ver Atos 3:22 quanto a uma nota de sumário sobre o «testemunho geral do A.T. acerca de Cristo». Essa nota alista várias profecias do A.T. que foram cumpridas na vida de Cristo).

«O testemunho dos profetas é unido porque testifica sobre Cristo, seus sofrimentos e sua glória. (Ver I Ped. 1:10).» (Bigg. *in loc.*).

Seja como for, a «voz» de profecia (A.T.) e a «voz» do monte da transfiguração são a mesma voz de Deus. Mas, o autor sagrado percebia que o A.T. inteiro apresenta um testemunho mais poderoso sobre Cristo do que poderia fazê-lo um único incidente em sua vida, por mais significativo que fosse esse acontecimento. Alguns intérpretes pensam que a «voz» tornou mais firme ainda a voz do A.T.; e isso é uma verdade (ver acima, o número «dois»); mas é um sentido menos provável que a outra posição. A interpretação de Agostinho, de que tal voz não era mais certa, por si mesma, do ponto de vista da divindade, embora fosse «mais confirmada» para nós, isto é, do ponto de vista humano, pode expressar uma verdade, mas não é o que este texto procura transmitir-nos.

«...palavra profética...» Temos aqui uma direta alusão ao A.T.; mas é bem provável que Pedro quisesse dizer que essa palavra é agora confirmada e continuada. Profeticamente, o N.T. pode estar em vista, como algo que suplementa e confirma o A.T., mas isso não é diretamente dito aqui. O A.T., embora possuidor de um número muito maior de mensagens proféticas, é, pelo momento, visto como um documento de profecias messiânicas, ou seja, confirmação importante e firme da autoridade e do sentido remidor de Cristo. Os gnósticos, entretanto, por rejeitarem totalmente o A.T., não tinham a «segurança» do evangelho cristão, e nem podiam exibir as mesmas comprovações. Esse foi o propósito do autor sagrado, ao mencionar o A.T. como uma palavra confirmatória.

«...fazeis bem em atendê-la...» Por quê? Porque essa é a palavra que traz a salvação àqueles que a compreendem e acolhem; essa é a palavra que expõe o «imperativo moral». E mister os homens darem atenção a essa Palavra, e não à mensagem promovida pelos gnósticos.

«...como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso...» A Palavra divina é um agente iluminador, evitando que caminheemos nas trevas da incerteza. Isso, naturalmente, é um simbolismo comum em alusão às Escrituras, à mensagem de Deus. «Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos» (Sal. 119:105). «Porque o mandamento é lâmpada e a instrução, luz e as repreensões da disciplina são o caminho da vida» (Pro. 3:23). «Então andarás seguro no teu caminho, e não tropeçará o teu pé» (Pro. 3:23). A Palavra viva é a Luz do mundo (ver as notas expositivas completas sobre esse tema, em João 1:7-9). Através dessa «luz» é que recebemos a «vida» (ver João 1:4). Habitar na presença de Deus é algo que só é possível aos homens mediante a iluminação espiritual.

«...lugar tenebroso...» O presente mundo mau é visto como se estivesse mergulhado em noite escura, antes do alvorecer da «parousia», a segunda vinda de Cristo, o que trará o dia eterno. (Quanto às metáforas da «luz» e das «trevas», que podem ser usadas para ilustrar o presente versículo, ver Efé. 5:8).

«...o dia clareie...» Avizinha-se a alvorada para o mundo, na segunda vinda de Cristo. (Quanto a notas completas sobre a «parousia», ver I Tes. 4:15 e Apo. 19:11). Observemos que, em I Tes. 5:2,4 e seu contexto, a «parousia» é vista como o «dia»; o período de tempo que se avizinha, é chamado «noite». Assim sendo, os crentes são «filhos da luz» (versículo quinto) e devem praticar as obras próprias da luz (a santidade), a fim de comprovarem isso. Os desobedientes valem-se das trevas em que está mergulhado o mundo para praticarem suas maldades. A noite é o tempo do sono (a despreocupação espiritual), do alcoolismo, de todos os tipos de excesso e dos pecados ocultos. Os filhos do dia, porém, «aguardam» diligentemente pelo retorno de Cristo, pela madrugada do novo dia.

20 τοῦτο πρῶτον γινώσκοντες, ὅτι πᾶσα προφητεία

20 προφητεία γραφῆς] γραφή «nas 614 al

Ao invés de πᾶσα προφητεία γραφῆς os copistas de vários manuscritos minúsculos (206 378 429 522 614 1108 1758 2138), lembrando a declaração sobre a Escritura, em II Tim. 3:16, escreveram πᾶσα γραφή προφητείας. O escriba de P (72) introduziu uma mescla diferente, πᾶσα προφητεία καὶ γραφή.

1:20; sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.

«...provém...», isto é, «origina-se». A «fonte» das Escrituras inspiradas está aqui particularmente em vista, e não o seu manuseio, embora esse pensamento também deva ser incluído.

«...de particular elucidação...» Um profeta não produzia sua «escritura» (a concretização da sua profecia) por seu próprio impulso, e nem por sua própria «interpretação» do que é a verdade espiritual. A ênfase deste versículo não recai sobre como alguém «compreende» as Escrituras, e, sim, sobre como os profetas a produziram originalmente, segundo mostra-nos o versículo que se segue. Este versículo deixa entendido que houve vários profetas, todos iluminados pelo mesmo Espírito de Deus; e todos eles, juntamente, produziram as Escrituras. Portanto, essas Escrituras não provieram do impulso ou da avaliação humanas sobre as questões espirituais. Por essa razão, comenta Robertson (*in loc.*): «Nenhuma escritura resulta de um desvendamento particular... É a apreensão do profeta quanto à profecia, e não a dos leitores, que é aqui apresentada, conforme mostra o versículo seguinte». Sim, os profetas não «inventaram», pela força do desejo humano, aquilo que escreveram. E ainda há vários

«...a estrela da alva nasce em vossos corações...» Nossa palavra «fósforo» é uma transliteração do termo grego aqui traduzido como «estrela». Literalmente significa «portador da luz» (o mesmo sentido da palavra «Lúcifer»). É a «estrela matutina» que precede o aparecer do sol. Essa «estrela matutina» parece representar, preliminarmente, a iluminação dada na fé e na experiência cristã, que devem anteceder àquela maior iluminação que Cristo trará quando de seu segundo advento, o que será o verdadeiro raiar da madrugada para o mundo inteiro, mas, especialmente, para os seguidores de Cristo.

O planeta Vênus, naturalmente, é a «estrela matutina». Trata-se da mais brilhante luz do firmamento, excluindo o sol e a lua. Anuncia o aparecimento do sol. Assim também a iluminação cristã é o arauto da maior iluminação da «parousia», que já se avizinha. O autor sagrado indica que o testemunho profético do A.T. antecipava a «parousia», bem como o primeiro advento de Cristo. Isso é definitivamente asseverado no terceiro capítulo deste livro, ao falar sobre o «dia do Senhor», um tema comum no A.T. A vinda do «dia» também é o começo de uma nova «era», de um novo ciclo. (Ver Mal. 4:2; Apo. 22:16 e contexto e II Ped. 3:4). Em Apo. 22:16, Jesus é intitulado «a brilhante estrela da manhã». Cristo anunciará a nova era, pois a traz em seu retorno à terra. Alguns equiparam o «alvorecer» com a «estrela», mas essa identificação dificilmente é correta. Antes, haverá sucessivos estágios de iluminação. O crente, em seu coração, isto é, em seu «homem interior», no «nível da alma», está sendo agora iluminado por Cristo. Mas isso é apenas a prelibação daquela mais potente iluminação que deverá haver quando de seu segundo advento ou «parousia».

Estágios de iluminação, ilustrados neste versículo: 1. A palavra profética do A.T. 2. O cumprimento das profecias na pessoa de Cristo, o qual trouxe luz ao mundo. Esse foi o alvorecer do evangelho no mundo. 3. O surgimento da estrela matutina (Cristo e sua mensagem) na alma do crente. 4. A iluminação da «parousia», que inaugurará o dia eterno. A «estrela matutina» já resplandeceu em nossos corações; com isso podemos calcular que o «alvorecer» está próximo.

Estrela maravilhosa, estrela de luz  
Com resplandecente beleza real,  
Guia para o ocidente, vai à nossa frente,  
Guia-nos à luz perfeita.  
(Philippe Brooks)

Jesus, o Cristo, nascido entre os homens, ó Luz de Deus, ilumina aos homens. Jesus, agora mesmo vindo da presença do Deus que é Luz, faz também dos homens luzes de Deus. Provido de celestial esplendor, tão recentemente deixaste a tua glória, as tuas prerrogativas divinas; contudo, ocasionalmente, deixas transparecer tua natureza divina, pois vemos vislumbres da mesma. És verdadeiro homem, e antes foste o padrão e o agente da criação. Agora és o seu alvo. Então — aprendendo a obedecer como homem, então sofrendo, então crescendo e amadurecendo, então comungando com o Pai, imerso no Espírito—verdadeiro homem, sazornado como deveria ser o homem, a mostrar-nos o caminho, a ser o próprio caminho. Em tua face, vemos com resplendor crescente a luz de Deus, e contemplando-te somos iluminados e transformados de glória em glória, até que, finalmente, sejamos tua imagem perfeita. Ó Jesus, tu preenches tudo em todos, mas somos tua plenitude. Nunca ensinaste que tal será o destino dos anjos. Mas nós somos teus irmãos, filhos de Deus que se encaminham para a glória, dotados de um destino de maior estatura que a dos anjos. Por enquanto, essa glória é para nós desconhecida, insondável: —nossas almas a percebem instintivamente, mas logo perdem essa fugidia compreensão. Estatura agora desconhecida, incompreensível—mas assim seremos. Jesus, esse é o teu evangelho. Perdão de pecados! Mais do que isso, porém: iluminação! Mais ainda: transformação em filhos de Deus que estão sendo levados à glória, para participarem da própria divindade. O Estrela maravilhosa, ó Estrela de resplendente beleza real, guia-nos à tua luz perfeita. (Com base nos trechos bíblicos de João 1:1,4,9,12,14; Heb. 5:8; Efé. 1:11,18,20-23; 3:19; Col. 2:9,10; Rom. 8:18,19,29,30; II Cor. 3:18 e II Ped. 1:4).

γραφῆς ἰδίᾳς ἐπιλύσεως οὐ γίνεται.

outros significados vinculados a este versículo, segundo se vê nos pontos abaixo:

1. Se considerarmos que o termo «*ginetai*» significa «é» (ao invés de «clareie»), então este versículo pode ser simples declaração de que a interpretação das Escrituras não depende da compreensão de quem quer que seja. Deve haver a iluminação divina para que se entenda as Escrituras. No dizer de Bigg (*in loc.*): «Deus dá tanto a visão como a sua interpretação. (Ver Gên. 40:8 e 41:16)». Isso seria um ataque direto contra os «gnósticos», que «torciam» as Escrituras (ver II Ped. 3:16) a seu próprio favor, fazendo com que nada significassem, a fim de fazê-las concordar com seu ímpio sistema.

2. Popularmente, o versículo é explicado como se dissesse que nenhuma passagem das Escrituras pode ser considerada «isoladamente» do todo, porquanto a interpretação de qualquer passagem deveria ser feita em confronto com outras passagens. Isso expressa uma verdade, mas não é o que ensina o presente versículo.

3. Este versículo não quer dar a entender que os próprios profetas não sabiam compreender e nem interpretar os seus escritos inspirados.

4. Há outros que pensam que os profetas não podiam interpretar suas

profecias pelo «capricho pessoal», fixando significados a elas, desse modo. Antes, a compreensão que tinham lhes era dada pela iluminação divina. Mas isso parece ser apenas uma parte do sentido aqui tencionado.

5. Naturalmente, o versículo não é contra a investigação particular das Escrituras, como se nenhuma verdade pudesse ser revelada ao indivíduo, sem a ajuda das autoridades eclesásticas.

6. Alguns intérpretes pensam que «epiluseos» (normalmente traduzida por «interpretação») significa aqui «anulada». Nesse caso, o significado seria: «Nenhuma profecia das Escrituras pode ser anulada». Mas esse é um sentido extremamente duvidoso desse vocábulo, e poucos eruditos têm aceito tal interpretação. Dentre essas diversas interpretações adicionais, a primeira é possível, sendo a preferida pelos bons intérpretes. E a quarta possibilidade, provavelmente, faz parte do significado tencionado pelo

21 οὐ γὰρ θελήματι ἀνθρώπου ἡνέχθη προφητεία ποτέ, ἀλλὰ ὑπὸ πνεύματος ἁγίου φερόμενοι ἐλάλησαν ἀπὸ θεοῦ ἄνθρωποι.

21 (B): ἀπὸ θεοῦ γ' B P 614 620 945 1241 1503 1739 1831 2412 2492 2493 it<sup>100</sup> syr<sup>6</sup> cop<sup>1</sup> arm de Promissionibus Fulgentius & al. ἁγίοι 431 cop<sup>1</sup> & ἀπὸ θεοῦ ἁγίοι C (81) ἁγίοι ἀπὸ θεοῦ eth Didymus i Theophylact ὑπὸ &

escritor sagrado.

«Escritura...» O A.T. está em foco. Não havia então o «cânon» do N.T. Entretanto, o trecho de II Ped. 3:16 mostra-nos que o processo de canonização das Escrituras deveria estar no começo, pois algumas das epístolas de Paulo (não sabemos dizer quantas) eram vistas pelo autor sagrado como «escritura», e, mui provavelmente, em pé de igualdade com o A.T.

*Variante Textual:* As palavras «toda profecia da Escritura» é a forma que aparece em todos os manuscritos realmente antigos, exceto P(72), que diz «toda profecia e escritura». Os manuscritos minúsculos 206, 378, 428, 522, 614, 1108, 1768, 2138 dizem «toda Escritura de profecia» (escrituras proféticas). Essa forma, bem como a do ms P(72), evidentemente foram influenciadas pelo trecho de II Tim. 3:16, produzindo-se certa forma de «combinação» deste com aquele texto.

ἁγίοι θεοῦ N K Ψ 049 058 0142 (A 1877 τοῦ θεοῦ) 33 48 104 181 328 330 436 43: 629 2123 Byz Lect 2<sup>100</sup> it<sup>100</sup> syr<sup>6</sup> cop<sup>1</sup> arm de v.g. syr<sup>6</sup> Fulgentius Bede (Pa-Oecumenius) al. ἁγίοι & ἁγίοι οἱ θεοῦ (P)

21 ὑπὸ... ἄνθρωποι 2 Tim 3:16; 1 Pe 1:11

A forma que melhor explica a origem das demais é ἀπὸ θεοῦ, que figura em P (72) B P 614 1739 sir (h) cop (bo) ara al. A forma ἁγίοι θεοῦ (N K Ψ 33 Byz al), parece ter sido sugerida pela presença de ἁγίου mais cedo na sentença; pode ter havido também confusão paleográfica, se αποθγ foi tomada como αρισθγ. As duas formas se combinam em mesclas diversas, em C 81 1 (809) al.

1:21: Porque a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens da parte do Deus falaram movidos pelo Espírito Santo.

As profecias não tiveram sua «origem» na vontade humana, no mero desejo de escrever sobre coisas espirituais, por exemplo. Deus é aquele que deu as Escrituras, bem como a sua interpretação, mediante a iluminação.

«...foi dada...» O autor sagrado se refere aos profetas do A.T., embora o seu conceito de «Escrituras» incluísse, pelo menos, algumas das epístolas de Paulo (ver II Ped. 3:16). Aqui, entretanto, não parece que ele incluí qualquer dos livros que mais tarde vieram a fazer parte do «cânon» do N.T. Certamente, pelo tempo em que esta epístola foi escrita, o processo de canonização dos livros neotestamentários ainda não tinha ido muito longe.

«...homens falaram... movidos...» No grego o segundo verbo é «phero», isto é, «conduzidos». Eles foram «conduzidos pelo Espírito Santo». Apesar de usarem de mensagens e de palavras que cruzaram por suas mentes, deixando o colorido de seu estilo, de maneirismos gramaticais, etc., contudo, foram «movidos» por uma força sobrenatural, pois seus pensamentos lhes eram dados pela iluminação espiritual. Por conseguinte, o que escreveram foram «revelações da parte de Deus». O autor sagrado reivindica aqui alguma forma de experiência mística, da parte daqueles que foram os autores das Escrituras Sagradas. Portanto, este versículo assevera fortemente a «inspiração» do A.T.

Alguns estudiosos fazem dessa inspiração algo verbal, isto é, palavra por palavra. Naturalmente, as «palavras» são nossos velucos de expressão, pelo que qualquer interpretação deve ser «verbal» em algum sentido. Mas isso não quer dizer que a mensagem inspirada foi sempre «ditada» de modo a deixar de lado todo o colorido humano. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «inspiração», ver II Tim. 3:16).

«...falaram...» Os profetas primeiramente «proferiam vocalmente» sua mensagem. Então isso era reduzido à forma escrita, tornando-se Escritura Sagrada.

«...da parte de Deus...» As Escrituras do A.T. não podem ser consideradas uma produção humana. Supomos que o autor sagrado inclui aqui a totalidade do A.T., embora ele concentre a atenção sobre a «tradição profética», dentro das Escrituras. No vigésimo versículo deste capítulo, o autor sagrado demonstra que a tradição profética, e, portanto, as Escrituras, não tiveram «origem» na vontade ou no capricho de qualquer

dos profetas. Agora ele passa a mostrar sua verdadeira fonte originária: Deus. Deus falou a certos homens, e fazemos bem em dar atenção à mensagem produzida.

«...pelo Espírito Santo...» O Espírito de Deus é o agente «impulsionador». Ele é a origem do «impulso», do «motivo» do «pensamento», do «desejo de escrever» e do «caráter do que foi escrito». Esses profetas, por sua vez, foram «movidos», isto é, «impulsionados» pelo Espírito, tal como um navio à vela é tängido pelo vento. Isso se deu mediante alguma modalidade de experiência mística, de tal modo que foi produzido não um livro humano, produto da perspicácia humana, e, sim, um livro divino, que nos traz revelações autênticas da parte de Deus.

Apesar de que o autor sagrado limita aqui suas observações ao A.T., contudo, a passagem de II Ped. 3:2,16 mostra-nos que ele se dispunha a incluir até mesmo o N.T. em sua avaliação de como as «Escrituras» vieram a existir, embora a canonização dos livros neotestamentários ainda estivesse em seus estágios iniciais.

*A polémica.* O Espírito Santo inspirou os profetas antigos a escreverem acerca de Cristo e sua missão. (Comparar com I Ped. 1:11,12). Eles testificaram de antemão, sobre os sofrimentos de Cristo e sobre as glórias que então se seguiriam. Assim sendo, os antigos profetas podem ser tidos como quem confirmou a autenticidade do evangelho anunciado pelos apóstolos, em contraste com os ensinamentos falsos do gnosticismo, que eles injetavam nas comunidades cristãs da Ásia Menor, e que não contavam com o apoio da tradição das Escrituras Sagradas. Os próprios gnósticos afirmavam que o A.T. era inútil, pelo que, a última coisa que queriam, era receber o seu testemunho. Contudo, essa é a tradição que teve prosseguimento na obra dos apóstolos. O Antigo e o Novo Testamentos permanecem juntos, de pé, e ambos se manifestam contrariamente às inovações dos falsos mestres.

*Variante Textual:* As palavras «homens santos» aparecem nos mss Aleph, K, Psi, 33, Byz al. Mas a palavra «santos» (aplicada a homens) é omitida pela autoridade textual mais vigorosa, a saber, pelos mss P(72), BP, 614, 1739, no Si(h), no Cóp(bo) e no Ara. Essa palavra foi acrescentada como uma glosa escrital, provavelmente através da sugestão da mesma palavra já encontrada neste versículo, e que modifica o vocábulo «Espírito». Ou, então, poderia ter sido adicionada através de uma confusão paleográfica, em que apothu (forma abreviada) foi confundida com «agioithu».

## Capítulo 2

III. Heresia, Fonte de Perdição, e não de Salvação (2:1-22).

1. Os hereges são filhos espirituais dos falsos profetas do A.T. (2:1-10a).

As similaridades entre o segundo capítulo desta epístola e a epístola de Judas são tão grandes e óbvias, que quase todos os eruditos admitem que um deles copiou do outro. Alguns crêem que Judas copiou de II Pedro; mas, a maioria afirma que o presente capítulo foi tomado por empréstimo da epístola de Judas. A questão inteira é discutida e os paralelos aparecem na secção V da introdução à presente epístola. Isso levanta problemas concernentes à autoria, porque é difícil imaginar que Pedro teria de depender da obra de outrem para compilar a sua epístola. (Ver a secção II da introdução, que versa sobre os problemas de «autoria»).

O livro de Judas era peça literária conveniente como base, porquanto o autor sagrado desta epístola desejava mostrar que os falsos profetas, referidos no A.T., podem ser reputados como progenitores espirituais dos hereges gnósticos da Ásia Menor; o material da epístola de Judas, que também ataca o gnosticismo, contém muitas declarações que se adaptam bem a esse tema. Posto que na antiga dispensação havia profetas falsos, não é de surpreender que encontremos, na igreja moderna, elementos falsos, que procuram introduzir doutrinas perniciosas no cristianismo. O capítulo segundo desta epístola é uma exposição sobre a depravação, a falsidade e a natureza destruidora da heresia gnóstica.

2 Ἐγένοντο δὲ καὶ ψευδοπροφῆται ἐν τῷ λαῷ, ὡς καὶ ἐν ὑμῖν ἔσονται ψευδοδιδάσκαλοι, οἵτινες παρεισάξουσιν αἰρέσεις ἀπωλείας, καὶ τὸν ἀγοράσαντα αὐτοὺς δεσπότην ἀρνούμενοι, ἐπάγοντες ἑαυτοῖς ταχυνὴν ἀπώλειαν.

2 1 ἐν ὑμῖν...ψευδοδιδάσκαλοι Mt 24:11 τὸν...ἀρνούμενοι Jd 4

2:1: Mas houve também entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá falsos mestres, os quais introduzirão encobertamente heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgata, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.

O sistema gnóstico era a suposta descrição de um meio de salvação. Pintava o homem como criatura decaída, necessitada de ajuda para retornar a Deus. Mas o caminho de retorno era, pelos gnósticos, tido como



possível por uma sucessão quase interminável de seres angelicais secundários, todos eles mediadores de alguma maneira. Os gnósticos esperavam que, mediante o «conhecimento», os homens pudessem ser salvos. Mas o conhecimento deles vinha mesclado com o ascetismo, com a licenciosidade, com as artes mágicas e com os ritos secretos de um misticismo falso. Este versículo e Colo. 1:20 e ss. mostram que quase todos os gnósticos negavam a doutrina da «expição» de Cristo como algo que tem valor para o retorno do homem a Deus. Para eles, Cristo não era um Salvador todo-suficiente. Ele seria apenas um outro dos «aeons», que contribuiria com os demais para a salvação do homem. Alguns gnósticos viam em Cristo o mais elevado dos «aeons» e também o Deus criador deste mundo, havendo, naturalmente, muitos outros mundos, com outros tantos deuses e salvadores. Mas alguns gnósticos nem ao menos atribuíam tão elevada posição a Cristo. Eis por que passagens como João 1:1-3; Col. 1:15 e ss.; e Efê. 1:19 e ss. afirmam tão incisivamente que somente Cristo é o criador de todos os mundos possíveis. E é também por esse motivo que Col. 1:20 e ss. mostra que Cristo é o único Salvador. E é também por isso que 1 Tim. 2:5 declara que há «um só Deus» e também «um só mediador» entre Deus e os homens. Os gnósticos negavam a ambas essas proposições. Todas as passagens mencionadas rebatem declarações dos mestres gnósticos. Essa heresia assediou a igreja cristã por cerca de cento e cinquenta anos. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», ver Col. 2:18).

«...falsos profetas...» O autor sagrado passa agora a mostrar que não nos devemos surpreender se falsos mestres surgirem no cristianismo. No antigo Israel também surgiram falsos profetas entre o povo. Isso subentende que, em qualquer era, a comunidade religiosa contará com elementos radicais e falsos, destruidores da fé e do bem-estar espiritual. (Ver Deut. 13:1-5; 18:20; Jer. 5:31; Eze. 13:3 e Luc. 6:26 quanto a referências a tais indivíduos, que viveram nos tempos velotestamentários). Balaão é especificamente mencionado no décimo quinto versículo deste capítulo, fazendo paralelo com a referência em Jud. 11. Ele é um exemplo de profeta falso; e o autor sagrado assevera que haverá muitos iguais a ele nas igrejas do N.T.

«...entre vós falsos mestres...», a saber, como os gnósticos que provocavam dificuldades nas igrejas da Ásia Menor. Esses eram «filhos espirituais» dos profetas falsos do A.T., e eram tão depravados e perniciosos como aqueles. Indiretamente, o autor sagrado vincula as comunidades religiosas da antiga e da nova dispensações, dando a entender que a nova é a continuação da antiga. Ora, isso os gnósticos também negavam. Alguns deles admitiam que vários dos profetas do A.T. seriam homens «psíquicos», isto é, dotados de espiritualidade secundária, passíveis de um baixo grau de redenção e glória; mas os gnósticos se imaginavam os «pneumáticos», isto é, homens espirituais em elevado grau, capazes de receber a mais elevada redenção, a saber, a reabsorção na própria essência, com a perda da personalidade, em que o ego se tornava então o superego. Os «psíquicos» seriam remidos através da «fé», ao passo que os «pneumáticos» o seriam através do «conhecimento», o que, na concepção dos gnósticos, era superior à fé. E à maioria dos homens os gnósticos classificavam como «hilicos», isto é, «terrenos», totalmente incapazes de serem remidos, porquanto estavam assobrecidos pela «matéria», o «princípio do mal», nunca podendo desvencilhar-se dela, pelo que deveriam perecer juntamente com a matéria, em meio a grande conflagração.

A passagem de 1 Tim. 1:4 contradiz essas idéias gnósticas, mostrando-nos que a vontade de Deus é que todos os homens sejam salvos. Daí se infere que todos os homens podem ser remidos. Pelo que se tem dito aqui, pode-se ver que razões há para chamar os gnósticos da Ásia Menor de «falsos mestres». Além de seus erros doutrinários, eles se mostravam ascetas ou libertinos, ou seja, negavam o bom senso da ética cristã. A variedade gnóstica que perturbava as igrejas da Ásia Menor era a variedade libertina, conforme este capítulo passa a mostrar.

«...dissimuladamente heresias destruidoras...» Alguns tradutores preferem dizer aqui «secretamente»; e outros dizem «em particular». Os métodos de ensino dos gnósticos eram subversivos. Nunca entravam em uma comunidade declarando em que criam. Mostravam-se astutos, procurando firmar o pé, antes de dizerem sua posição. O termo grego «pareisago» indica «trazer secretamente», «trazer maliciosamente». A metáfora tencionada é a de um «espião» ou «traidor», cujo propósito é o de prejudicar ou destruir, que oculta o seu verdadeiro intento. (Comparar com o quarto versículo da epístola de Judas—os falsos mestres «...se introduziram com dissimulação...», isto é, sem serem percebidos ou temidos da parte de pessoas simples e inocentes, que confiavam demais nos outros).

«...heresias...» O vocábulo grego «*airesis*» vem do verbo que significa «escolher», ou seja, indica, basicamente, «selecionar uma doutrina ou uma atividade». (Ver Ato 5:17; 15:5 e 26:5). No grego antigo, essa palavra era usada para indicar qualquer «seita», como a dos fariseus, a dos saduceus, etc., dando-lhe um sentido em coisa alguma negativo. Gradualmente, porém, o sentido negativo foi sendo atribuído ao termo. Ficou assim subentendido que tal «escolha» daria da escolha normal dos cristãos. O primeiro uso da palavra, no N.T., descreve homens «facciosos» na igreja, por razão de busca pessoal de poder e egoísmo. Muitos existem que possuem credos ortodoxos, mas que, de acordo com o ponto de vista do N.T., são «hereses». Todos quantos causam divisões, criando denominações e erigindo para si mesmos pequenos reinos, difamando a outros em suas prédicas e se envolvendo em «lutas de poder» na igreja ou suas organizações, de acordo com essa definição, são «heréticos». (Ver 1 Cor. 11:19 e Gál. 5:20 quanto a esse emprego da palavra).

No presente versículo, porém, certamente está também em foco um sentido que essa palavra adquiriu posteriormente. Os gnósticos causavam divisões, mas também «preferiam» um sistema doutrinário contrário ao do 2 και πολλοί ἐξακολουθήσουσιν αὐτῶν ταῖς ἀσελγείαις, δι' οὓς ἡ ὁδὸς τῆς ἀληθείας βλασφημηθήσεται.

cristianismo moral, sendo assim «hereses» no exato sentido em que esse vocábulo tem na atualidade. Defendiam doutrinas não-ortodoxas, criando uma mensagem que não era a boa mensagem cristã. As notas expositivas abaixo ilustram em que sentido isso era verdade; e Col. 2:18, em seus comentários, nos fornece um quadro mais completo sobre o tema).

«...destruidoras...» Essencialmente por causa da vil posição a que reduziam a pessoa e a obra de Cristo. Para os gnósticos, em sentido algum Cristo era «limpar», como «o Filho de Deus», pois seria apenas uma, dentre muitas emanções angelicais ou «aeons», um, dentre muitos mediadores e salvadores. A obra de Cristo seria significativa, mas não sem-par. Evidentemente, não viam valor em sua morte como expiação definitiva pelo pecado. Imaginavam que a destruição do corpo físico é que os libertaria do pecado, e de que agora a alma é libertada de seus maus resultados através de ritos mágicos. Quanto à ética, os gnósticos combatidos nesta epístola se mostravam totalmente licenciosos. Eles «puniam» o corpo com a depravação, pois imaginavam que tal ação cooperaria com o desígnio do sistema do mundo, que visaria destruir eventualmente o corpo, a fim de libertar a alma, permitindo-lhe o seu voo para a realidade última. Portanto, suas doutrinas éticas transformavam a conduta cristã apropriada, levando os homens para longe de Deus, e não para perto do Senhor, pois «sem a santificação, ninguém verá a Deus» (Heb. 12:14).

«...renegarem o Soberano Senhor que os resgatou...» Os gnósticos negavam que Cristo é «soberano» no sentido afirmado pelo cristianismo normal, fazendo dele apenas um dos «aeons». Para eles, Cristo não era «Senhor» em qualquer sentido veraz, porque seria apenas um senhor entre muitos. Mas o trecho de Col. 1:15 e ss. expõe vários pontos da superioridade de Cristo, e essa passagem foi escrita especificamente para definir o «senhorio» de Cristo, em contraste com a posição secundária que os gnósticos atribuíam a ele. (Ver as notas expositivas sobre o «senhorio» de Cristo em Rom. 1:4, onde também é descrito o seu título como «Senhor»). O termo aqui usado no grego é «despotes», traduzido aqui por «Senhor». E esse era o vocábulo que os gnósticos davam ao governante absoluto. Dentro do sistema deles, havia muitos senhores angelicais, as emanções divinas ou «aeons», muitos dos quais tinham áreas sobre as quais governavam. E os gnósticos não tinham Cristo como o Senhor dos anjos, conforme se aprende em Efê. 1:19 e ss. e Col. 1:16. Esse vocábulo é usado por dez vezes no N.T.; por cinco vezes com o sentido de «senhor de uma casa», o governante absoluto de um clã. Ao referir-se a Deus, indicava Deus como o dirigente absoluto do universo. (Ver Luc. 2:29 e Ato 2:24 quanto a esse vocábulo usado para indicar «Deus»). Comparar com Col. 2:19 quanto ao fato que os gnósticos não reputavam Cristo como «o Cabeça»).

«...os resgatou...» O grego diz aqui «*agoradzo*», «comprar». (Comparar com 1 Ped. 1:18,19, onde se vê que é o «sangue de Cristo» que compra, embora ali tenha sido usado um termo grego diferente do daqui. Assim sendo, a negação feita pelos gnósticos tinha algo a ver com a rejeição da expiação de Cristo como elemento de valor no plano de redenção. Ver I João 5:6, notas. Eles pensavam que poderiam livrar-se do pecado abusando do corpo, promovendo a fuga da alma para o campo da realidade final, mediante ritos mágicos, conhecimento para os iniciados—um falso misticismo. Tudo isso, segundo a concepção deles, eliminava a necessidade de expiação pelo pecado, segundo o N.T., ensina. A maioria dos gnósticos tinham o ponto de vista «docético» sobre Cristo, isto é, que a sua natureza humana seria ilusória; sua vida como homem seria apenas um «ato» fingido da parte de um «aion» qualquer; e os sofrimentos de Cristo não teriam sido reais, o que eliminava mais ainda qualquer valor em sua expiação. (Quanto às várias «teorias sobre a expiação», ver Rom. 5:11, onde a expiação, vista como um «resgate», também é questão abordada). Essa é a idéia de expiação, subentendida no presente versículo. Cristo torna os homens proprietários suas, mediante o valor de seu sangue vertido).

Não precisamos estender a metáfora a ponto de perguntar «para quem foi pago o preço». Alguns têm imaginado que o preço foi pago para «Satanás», e outros pensam que o foi para «Deus», como que para aplacá-lo e tirar-lhe da mente a idéia de julgar aos homens. A metáfora usada não precisa ser desenvolvida a esse ponto; e, se assim o fizermos, cairemos em problemas teológicos. (Ver Heb. 10:29; onde são mencionados aqueles que pisavam ao Filho de Deus e profanavam o sangue do pacto, através do qual tinham sido consagrados).

«...repentina destruição...» O fim de tais heréticos é a perdição, e não a salvação, embora totalmente imaginassem que seu sistema, por eles mesmos criado, pudesse levá-los à salvação. (Comparar isso com Judas 4,15,17). A condenação dos hereses é certa e terrível, sendo pintada como algo que subitamente lhes sobrevirá. (Ver Col. 3:6 e as notas expositivas ali existentes sobre a «ira de Deus»). No presente versículo, mui provavelmente, o autor pensava sobre a «parousia» como aquele acontecimento que trará súbita perdição para os hereses; e ele esperava tal acontecimento para seu próprio período de vida terrena, conforme fica demonstrado no terceiro capítulo desta epístola. Seja como for, conforme Deus computa o tempo (ver 1 Ped. 3:8), esse acontecimento e a subsequente perdição eterna dos heréticos não podem estar mesmo longe.

«Há um melancólico humor na advertência que todo aquele que introduz heresias destruidoras na igreja, traz súbita perdição para si mesmo, 'reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios' (1 Ped. 3:7). O jogo de palavras com o termo grego «*apoleia*» (perdição) é intencional e eficaz». (Barnett, *in loc.*).

Se este versículo não ensina outra coisa, pelo menos ensina que Cristo *soluciona*, em favor do crente, o problema de *lealdade*. Ser alguém cristão é ter a Jesus como seu Senhor; e ninguém tem a Cristo como seu Salvador se também não o tem como seu Senhor e vive de modo a ser uma comprovação desse fato.

2 de... βλασφηημοσύνας το δδ.8

2:2: E muitos seguirão no suas dissidências e por causa delas serão blasfemados o caminho da verdade;

É impossível alguém salientar em demasia o *imperativo moral* do evangelho. Ele nos ensina que a verdadeira santidade, produzida pelo processo santificador, é imprescindível para a salvação. (Ver II Tes. 2:13, que declara exatamente isso; e ver I Tes. 4:3 quanto à nota geral sobre a «santificação»). Na vida do crente, a santidade deve ser algo mais do que meramente «lorense», ou seja, envolve mais do que o decreto divino que nos declara santos em Cristo. Também deve tornar-se uma realidade vivida diariamente. O trecho de Rom. 3:21 mostra que o crente deve vir a participar da própria santidade de Deus. E isso não é mero ideal teológico; é mister que se torne uma realidade na vida do crente. Por essa razão é que o Senhor Jesus ordenou-nos ser «santos como é santo vosso Pai celestial» (Mat. 5:48). De fato, não pode haver salvação sem essa santidade. (Ver Heb. 12:14). A salvação pode ser comparada a uma corrente com vários elos. Acha o homem em qualquer lamaçal onde ele se encontra submerso. Desce até qualquer nível de depravação. É nesse ponto em que o indivíduo pode começar a confiar em Cristo, experimentando a conversão. Porém, a corrente de ouro da salvação não nos abandona ali e nem meramente declara que somos santos, se de fato não o somos. Pelo contrário, o homem sai da masmorra e segura firme o elo da santificação. Por intermédio disso ele é levado até à «glorificação», ao elo da corrente de ouro que atinge a realidade final, nos *lugares celestiais* (comentados em Efê. 1:3). Sem esse elo da santificação interrompe-se a corrente e a salvação não pode tornar-se uma realidade.

Exatamente nesse ponto é que os gnósticos tanto falhavam. Transformavam a santidade cristã em licenciosidade. Imaginavam que toda a forma de depravação corporal ajudaria a destruir o corpo; e eles pensavam que o corpo físico é a sede do pecado, por participar da matéria, o princípio pecaminoso, segundo eles pensavam. Daí supunham tola mente que um homem pode abusar de seu corpo mediante várias depravações, especialmente de natureza sexual, sem que a alma em nada fosse prejudicada. Portanto, os gnósticos não entendiam que tanto a alma como o corpo são santos, e que tanto a primeira como este último serão finalmente remidos (ver I Cor. 15:20, 35, 40 e as notas expositivas ali existentes). Portanto, o trecho de Rom. 12:1,2 retrata a santidade como algo obtido mediante a apresentação do «corpo» a Deus, como um sacrifício vivo.

O que sucedia no sistema gnóstico é que a antiga ética pagã veio a ser aceita como prática oficial, através dessa *distorção teológica*. O vício e o pecado se tornaram a prática oficial e aceita, mediante o truque solista que a depravação ajuda na destruição do corpo, e que isso é recomendável. Os gnósticos, por conseguinte, haviam desistido da batalha moral, tendo divorciado a santificação da inquirição espiritual. (Isso pode ser confrontado com o trecho de II Tim. 3:6, que afirma: «Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulheres nas sobrecasregadas de pecados, conduzidas de várias paixões»). Os «falsos mestres» incluíam, em suas doutrinas, que a licenciosidade sexual é benéfica para o progresso espiritual do indivíduo; sempre conseguiram encontrar certas mulheres, nas igrejas, dispostas a se submeterem a toda a forma de atos depravados, tendo aceito a posição gnóstica.

«...será infamado o caminho da verdade...» Os próprios mestres falsos haveriam de difamar a ética cristã e sua doutrina de santidade. Mas os de fora, contemplando a igreja conduzir-se como um bordel, e seus «líderes» agindo como se fossem os gerentes do mesmo, haveriam de «zombar» do

3 και ἐν πλεονεξία γένστοις λόγοις ὑμᾶς ἐμπορεύσονται· οἷς τὸ κρίμα ἔκπαλαι οὐκ ἄργεῖ, καὶ ἡ ἀπώλεια αὐτῶν οὐ νυστάζει.

2:3: também, movidos pela ganância, e com palavras fingidas, eles terão de vos seduzir; a condenação dos quais [é de longo tempo não tardar a sua destruição não dormita.

Este versículo é paralelo a Jud. 11 e 16. Os falsos mestres abandonam o juízo correto e o senso espiritual, em troca da «obtenção» do erro de Balaão, tornando-se lisonjeadores, a fim de obterem vantagens financeiras. Os falsos mestres, se utilizam da «religião» para obterem vantagens pecuniárias. Aproveitam-se dos sentimentos religiosos de outros a fim de promoverem seu próprio enriquecimento. Jesus repreendeu os líderes religiosos do judaísmo, devido ao seu hábito de «roubarem» as casas das viúvas. Obtinham as propriedades das viúvas por meios ilegais, ou então encorajavam-nas a doarem as mesmas ao templo; e daí, o passo era bem curto, até cair tudo nas mãos deles. (Ver Mat. 23:14). Quantos líderes das igrejas evangélicas ortodoxas de nossos dias tiram proveito dos sentimentos de mulheres idosas e as encorajam a «lembrarem da igreja» em seus testamentos, assim furtando a família dessas viúvas? Outros se têm enriquecido através de campanhas de evangelização e de curas, que atraem muitos milhares de pessoas. Mais de um «evangelista» de nossa época se tem feito um milionário. Portanto, é possível que pessoas «ortodoxas» se envolvam na «comercialização» da fé cristã.

Os falsos mestres tiravam bom proveito de suas «atividades religiosas». Eles anelavam por satisfazer seus desejos físicos; cobiçavam dinheiro. A acusação de avarizia é lançada contra os falsos mestres mediante os termos «...palavras fictícias...» O evangelho gnóstico, que parecia tão bom e atrativo, uma vez apanhada a atenção dos simplices, para os falsos mestres se transformava em um meio de vida, em uma fonte de ganhar dinheiro ilicitamente. (As notas em Col. 2:18 descrevem as crenças do sistema gnóstico). O autor sagrado, pois, contrasta essa corrupta mensagem com a «verdade» (o evangelho pregado pelos apóstolos, ver o segundo versículo deste capítulo). Assim, também Paulo falou sobre homens sinceros em contraste com os que «mercadejam» com a Palavra de Deus (ver II Cor.

2 odos] δόξα ΝΑ.11

«caminho cristão», e com razão.

Na epístola de Judas, a lassidão em questões sexuais (perversão focalizada acima de todas, neste versículo), é tratada como um correlato de heresia. (Ver Jud. 4,6,8,13,18 e 23). Notemos que aqui o grego usa uma forma plural da palavra aqui traduzida por «práticas libertinas», o que provavelmente indica que os falsos mestres se ocupavam de grande variedade de depravações sexuais, juntamente com outros hábitos morais duvidosos. Seus atos eram variados e freqüentemente repetidos.

«...caminho...» A fé cristã veio a ser conhecida como «o Caminho». (Ver Atos 9:2; 22:4; 24:14 sobre isso). O «Caminho» seria ridicularizado por estranhos ao virem que tornava os homens ainda mais pagанизados que antes. Tudo isso negaria o poder de Cristo, o qual é «...o Caminho...», no dizer de João 14:6, transformando-o em agente de depravação, e não de santidade. (Isso pode ser confrontado com o trecho de Rom. 2:24, onde se vê que Paulo acusou os judeus de fazer Deus ser blasfemado entre os pagãos, devido à sua conduta, em contradição à doutrina judaica. Comparar também com II Cor. 6:3, onde Paulo exorta os líderes da igreja a terem cuidado com sua conduta, para não ser «censurado» o ministério). Se fazemos parte da igreja, e especialmente se ocupamos posição de liderança, o que fazemos afeta a avaliação de outras pessoas acerca de Cristo e da fé que ele ensinou. Somos os únicos representantes de Cristo com que algumas pessoas contam. Eles o julgam, com a sua fé, por nosso intermédio. De nada adianta dizer: «Não deveria ser assim». Esse é um fato inegável, que não se pode mudar.

«A semelhança de Pied Pipers, suas palavras suaves engodam os que buscam o novo ensinamento, conduzindo os inocentes à lenta mas firme desintegração de suas mentes, afetos e vontades». (Homrighausen, *in loc.*). (Quanto a notas expositivas completas sobre a importância do «exemplo», e sobre o fato que todos os homens servem de exemplo, quer queiram, quer não, ver I Cor. 11:1). Os falsos mestres transmutam «o Caminho» no «caminho de Balaão» (ver II Ped. 2:15). (Ver também, em *Hermes Vii. iii. 7.1*, a menção sobre «o caminho da verdade»; isso também se acha em Aristides, *Apol. xvii*).

«...verdade...» Temos aqui o evangelho em sua verdade ética, representado nos escritos e na pregação apostólicos. (Ver sobre a «palavra da verdade», nas notas expositivas sobre Efê. 1:13; sobre «a verdade do evangelho», em Gál. 2:5; e sobre a «palavra da verdade do evangelho», em Col. 1:5). Provavelmente os gnósticos exageravam e pervertiam a doutrina cristã (especialmente paulina) da «liberdade» acerca de questões indiferentes, transformando-a em libertinagem. Desse modo é que eles «deturpavam» o sentido dos escritos paulinos (ver II Ped. 3:16). Assim também Ecumêneo descreveu os nicolaitas e os gnósticos como «extremamente profanos em suas doutrinas e em sua conduta». Clemente de Alexandria fala acerca das «vidas despidoras» dos falsos mestres, o que trazia «infâmia» contra o bom nome do cristianismo.

Onde quer que Deus erga uma casa de oração,  
Ali sempre o diabo erige uma capela.

O morcego e a coruja habitam ali;  
A serpente se aninha sobre o altar de pedra;  
Os vasos sagrados embolaram perto;  
A imagem de Deus se foi. (Matthew Arnold)

Variante Textual: Ao invés de «caminho», os mss Aleph, A e o copta saídico dizem «glória»; mas essa forma sem dúvida é secundária, considerando-se o resto do antigo testemunho no grego e nas versões, que trazem a primeira dessas formas.

οἷς τὸ κρίμα ἔκπαλαι οὐκ ἄργεῖ, καὶ ἡ ἀπώλεια αὐτῶν οὐ νυστάζει. 2 ἐν...ἐμπορεύσονται Ro 16:18; I Tm 2:3

2:17; comparar também com Tia. 4:13). Os falsos mestres exploravam o sexo e as aventuras financeiras. Eram exploradores do corpo das mulheres que de nada suspeitavam, bem como exploradores financeiros dos discípulos que conseguiam fazer. Não admira que epístolas como as de Colossenses, I e II Timóteo, Tito, II Pedro, Judas e as três epístolas de João tivessem sido escritas contra tais homens. É triste a situação quando homens supostamente espirituais se tornam «comerciantes, e não profetas».

«...para eles, o juízo lavrado há longo tempo não tarda...» Isso concorda com outras passagens bíblicas que pintam o pecado como algo que se acumula, envolvendo uma condenação necessária, até que o cálice encha e transborde, na forma de um severo e final julgamento. (Ver Rom. 2:5, em sua expressão «...acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus». Ver também Apo. 18:5,6 e Isa. 51:17,22). A acumulação de pecado não pode resultar em julgamento «tardios». Espumeggia e ferve, até que resulta em julgamento.

«O juízo é representado como algo vivo, desperto e expectante. Desde há muito o juízo deu início à sua carreira, em sua vereda destruidora; e a sorte dos anjos que calram, e o dilúvio e a destruição de Sodoma e Gomorra foram apenas ilustrações incidentais de seu poder; e desde então não se tem mostrado tardio... Continua avançando, forte e vigilante como quando a princípio saltou do peito de Deus, e não deixará de atingir o alvo que lhe foi apontado desde a antiguidade». (Salmond e Lillie).

«O juízo foi proferido desde a antiguidade no caso de muitos pecadores similares; não é letra morta, e também sobrevirá prontamente a esses homens». (Bigg, *in loc.*).

O autor sagrado tinha em mente o julgamento que será inaugurado pela «parousia», um fato que ele não via como distante. Então é que o julgamento será levado à sua plena fruição (ver o nono versículo). O presente versículo ensina, como o N.T. o faz por toda a parte, que o «juízo» terá lugar quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo, e não quando da morte física do indivíduo, embora, sem dúvida,



algumas formas preliminares de julgamento se verifiquem no «mundo intermediário», tal como sucede até mesmo neste mundo. (Ver as notas expositivas em I Ped. 4:6, acerca desse tema). O que fica implícito em I Ped. 4:6, em vinculação com I Ped. 3:18-20, é que, até ao tempo da «parousia», a redenção é possível, embora sempre por intermédio de Cristo e da fé nele. (Ver as notas de introdução a I Ped. 3:18, que exploram esse conceito).

«...não dorme...» Trata-se o julgamento de algo como que vivo, que tem um desígnio e um propósito inevitáveis. O termo aqui traduzido por «dorme» é o mesmo aplicado às virgens imprudentes da parábola de Mat. 25:5. No dizer de Strachen, *in loc.*, em Isa. 5:27 essa palavra «...é usada para indicar os instrumentos da ira de Deus, utilizados contra aqueles que são culpados de abusos sociais». (Este versículo pode ser comparado com I Tim. 6:5, onde a obtenção de dinheiro é vinculada à «impiedade», como se a profissão religiosa falsa fosse meio de iniquidade).

A justiça é inevitável. A demora aparente não é prova de que a justiça foi esquecida neste mundo. Precisamos postular uma justiça eventual, que trará a retribuição ou o galardão. É óbvio que isso não ocorre plenamente neste mundo. Contudo, confiamos em Deus, de que ele trará isso

4 Εἰ γὰρ ὁ θεὸς ἀγγέλων ἀμαρτησάντων οὐκ ἐφέισατο, ἀλλὰ σειραῖς<sup>1</sup> ζόφου ταρταρώσας παρέδωκεν εἰς κρίσιν τηρουμένων.

1 4 {D}precipitavit K P Ψ 049 058 0142 23 88 104 181 328 330 438 481  
614 620 630 945 1241 1243 1739 1878 1891 2127 2412 2492 2495 B<sup>1</sup>u Lect 11400  
12 1211, dem d... 12 1211, dem d... 12 1211, dem d... 12 1211, dem d...

John-Damascus Ps-Oecumenius Theophylact f. 301v N A B C 1114 1115  
cop= Augustine de Promissionibus f. calixtus 117

4 Jd 8

τηρουμένων] (9) κολαζομένων τηρεῖν NA al latt

A evidência textual está singularmente bem equilibrada entre *σειραῖς* e *σιροῖς*. Esta última forma, apesar de ser apoiada por — N A B C 81 (vid) cop (sa) al, foi reputada pela comissão como uma correção (talvez feita no Egito, onde *σιρός* era termo corrente) sobre a forma original, *σειραῖς*. Se, conforme geralmente se supõe, II Pedro depende em parte da epístola de Judas, então o autor daquela parece ter substituído a palavra mais elegante, *σειραῖς* em lugar do termo comum *δσμοῖς* que figura em Jud. 6. Seja como for, a forma adotada como texto é tanto a mais antiga (aparece em P (72)) como é a mais generalizada, sendo apoiada por muitos testemunhos patrísticos e das versões, bem como por quase todos os manuscritos minúsculos.

1:4: Porque se Deus não poupou a anjos quando pecaram, mas lançou-os no inferno, e os entregou aos abismos da escuridão, reservando-os para o juízo;

O autor sagrado ilustra agora o princípio de que o juízo não está distante de nós, mas antes, é um princípio já em operação; não dorme, mas está sempre ativo de modo preliminar, esperando sua completa concretização, quando da «parousia». Ele usa o exemplo dos anjos caídos que foram julgados e que aguardam o juízo final; o de Noé e o dilúvio; o das cidades de Sodoma e Gomorra. A conclusão aparece no nono versículo. O Senhor «sabe como» livrar os justos; mas também sabe como infligir juízos preliminares que prometem o julgamento final; e, eventualmente, ele imporá o juízo final. Certamente, pois, os hereges gnósticos (e outros como eles) não escaparão sem sofrer o juízo merecido, devido à confusão que tem provocado no seio do cristianismo; mas esse juízo será preliminar. Não podem continuar fazendo o que praticam nem mesmo agora; e, finalmente, todo o peso do julgamento cairá sobre eles. Naquele dia temível se encontrarão entre os que são julgados. Não é coisa pequena corromper à igreja de Cristo, mesmo em tentativa.

«...não poupou a anjos...» Comparar isso com Jud. 6, que evidentemente é a base da presente declaração. O autor sagrado seguia e reformulava o material que encontrava na epístola de Judas. (Ver as notas de introdução ao segundo capítulo, bem como na introdução, na sua secção V, onde isso é demonstrado). As ilustrações históricas de Judas sobre o juízo divino se acham na história do Êxodo, dos anjos pecaminosos e de Sodoma e Gomorra (ver os versículos quinto a sétimo). O autor sagrado segue uma ordem cronológica mais estrita, dando o primeiro lugar ao julgamento dos anjos, que foi, por muito, o primeiro desses acontecimentos. O autor sagrado dá início à sua declaração com uma condição, «...se Deus não poupou...». Sua conclusão lógica, pois, seria que «certamente Deus não poupará aos falsos mestres». No entanto, ele adia essa conclusão até ter apresentado seus três exemplos — e a apresentação toda se constitui em tremenda sentença, sem qualquer interrupção. E então, somente no nono versículo deste capítulo, ele conclui, «...o Senhor sabe como...» libertar os justos e conservar os iníquos debaixo de punição, até que, finalmente, venha a julgá-los em caráter final quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo.

No sexto versículo da epístola de Judas, vemos os anjos caídos guardados em cadeias eternas, na escuridão exterior, esperando pelo julgamento do grande dia. Pode-se considerar que isso acontecerá quando da «parousia», ou então, no fim do milênio, quando for instaurado o julgamento do grande Trono Branco. Nesta segunda epístola de Pedro, ao invés de «cadeias», há menção a «abismos». Isso reflete a crença antiga de que o «hades» (que aqui recebe o nome de «Tártaro», embora nossa versão portuguesa diga «inferno») está localizado no centro da terra, mais ou menos como Dante o descreveu. Não é necessário aceitar essa «localização» do *hades*; mas o próprio *hades* é perfeitamente real. Assim sendo, Cristo desceu àquele lugar a fim de levar uma mensagem de esperança e arrependimento (ver I Ped. 3:18-20 e 4:6). A linguagem simbólica de «cadeias» e «abismos» não foi criada pelos autores da epístola de Judas e da presente epístola. Tais descrições já existiam na literatura rabínica do período pré-cristão. (Ver Enoque 10:4-6; 19:1 e 54:5). Judas se refere diretamente a esse livro (Enoque 54:3,4). (Ver Jud. 6 e 14). São frequentes as alusões aos livros apócrifos do A. T., nos últimos livros do N. T., como Tiago, II Pedro, Judas, e também nas epístolas pastorais e na epístola aos Hebreus. Isso tem

eventualmente. De outro modo, este mundo seria governado caoticamente. Moralmente falando, deve existir Deus, porquanto somente a «divindade» pode ter inteligência e poder suficientemente profundos para saber como julgar e galardão. Por conseguinte, a imortalidade também deve ser um fato, pois neste mundo isso não se cumpre. Assim, pois, a concretização da justiça deve esperar o mundo posterior, e os homens deverão sobreviver à morte física, a fim de poderem ser julgados. Há uma eterna lei da colheita, segundo a semeadura, a qual se aplica a todos os homens. (Ver Gál. 6:7,8 quanto a notas expositivas sobre essa lei). Até mesmo os crentes receberão aquilo que tiverem praticado «...por meio do corpo», no dizer de II Cor. 5:10.

Considerai Estes, Pois os Temos Condenado

Considerai estes, pois os temos condenado;  
Líderes de nenhuma terra certa, guias de morte perdido,  
Ou em liga com ladrões, que mudam os sinais indicativos,  
Que desrespeitam aos antigos, irresponsáveis aos herdeiros.  
Nascidos estéréis, que pouco crescem, raízes apodrecidas,  
A florirem sem fruto, cuja folhagem sufoca;  
Sua selva é lenta, e rejeitam ao sol.

(C. Day Lewis)

John-Damascus Ps-Oecumenius Theophylact f. 301v N A B C 1114 1115  
cop= Augustine de Promissionibus f. calixtus 117

John-Damascus Ps-Oecumenius Theophylact f. 301v N A B C 1114 1115  
cop= Augustine de Promissionibus f. calixtus 117

τηρουμένων] (9) κολαζομένων τηρεῖν NA al latt

«...estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negritão das trevas, para sempre» (Judas 13). Assim também se vê na Odisseia, de Homero (xi.155):  
Meu filho, homem vivo, como vieste  
Para este lugar de trevas?  
Outro tanto se vê em Dante:  
«Aquele ar para sempre negro» (Inferno lii.329).  
e ainda:  
«Cheguei a um lugar isento de toda luz» (Inferno v.28).

Aqui sua prisão foi determinada,  
Em trevas totais, e sua porção foi marcada  
Tão distante de Deus e da luz dos céus  
Como do centro três vezes ao pólo mais distante.  
(Milton, Paraíso Perdido, li. 71-74).

«...estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negritão das trevas, para sempre» (Judas 13).

Assim também se vê na Odisseia, de Homero (xi.155):

Meu filho, homem vivo, como vieste  
Para este lugar de trevas?

Outro tanto se vê em Dante:

«Aquele ar para sempre negro» (Inferno lii.329).

e ainda:

«Cheguei a um lugar isento de toda luz» (Inferno v.28).

«...inferno...» No grego é «tártaros», o termo pagão para *hades*. Mas, tanto um como outro, para os gregos, indicava o «mundo inferior». Originalmente, o mundo inferior abrigava somente fantasmas, sem inteligência e memória, de acordo com os conceitos gregos. Gradualmente, porém, seus habitantes passaram a ser vistos como espíritos partidos deste mundo, que retinham sua inteligência; e, eventualmente, foram postuladas secções para os bons e para os maus espíritos. O desenvolvimento do «hades» entre os hebreus (por eles chamado «sheol»), seguiu o mesmo padrão. Neste ponto, entretanto, o «Tártaro» é visto como casa intermediária, a caminho do juízo, de acordo com a idéia normal do «hades». Não se trata de «geena», o lugar de fogo eterno, também chamado de «lago do fogo». Antes, é como um lugar de detenção, até ser proferido o juízo final. A «geena» ou «lago do fogo» será a «segunda morte». Portanto, é óbvio que existe um «mundo intermediário», que ainda não é o juízo final. Os trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6 expressam certa esperança no caso dos espíritos detidos nesse mundo intermediário de juízo, e esse conceito é amplamente comentado no começo das notas sobre o décimo oitavo versículo da primeira dessas passagens, juntamente com evidências que a maioria dos intérpretes, antigos e modernos, viam valor no ministério de Cristo naquele lugar ou lugares. Alguns desses estudiosos creem que a completa salvação foi oferecida a tais espíritos. Mas, se aproveitaram ou não desse oferecimento, é algo que não nos é dito. Todavia, neste ponto da epístola que comentamos, não há o menor sinal de tal ministério. Somente tristeza e mais tristeza transparecem aqui. Naturalmente, somente os anjos caídos estão aqui em foco. Mas o nono versículo deste capítulo parece estender as mesmas condições a todos os espíritos dos mortos, sem importar sua natureza exata.

Em Enoque 20:2, «Tártaro» é a designação usada para o lugar de punição dos anjos caídos. (Quanto a essa «queda», ver Apo. 12:4 e as notas expositivas ali existentes). Algumas das referências a esse lugar, na literatura grega, parecem indicar que se imaginava ser esse um lugar inferior ao «hades», bem como um lugar especial de ira divina. Mas nada há, na presente passagem, que indique que o autor sagrado queria fazer distinção entre o «Tártaro» e o «hades». (Quanto a notas expositivas sobre o «hades», ver Luc. 16:23). Dentro da literatura apocalíptica dos judeus, o Tártaro é o lugar da punição, evidentemente o equivalente à porção má do

«hades». (Ver Filo, Exo. 152; Josefo, C. Ap. 2,240; Sib. Or. 2,302:4,186; Enoque 20,2 e Jô 41:24).

«...precipitando-os...» O termo grego «tartaroo» poderia ser traduzido por «assinalado para o inferno» (em que o julzo não é visto como cumprido). Ou, então, tais seres poderiam ser vistos como quem «possui» uma condição que merece a descida ao Tártaro. Ou, ainda, como quem era «caracterizado» por uma natureza «infernal», apesar de ainda não lançado naquele lugar. Entretanto, a maioria dos intérpretes concorda que o sentido tencionado é «lançado no Tártaro», porquanto esse é o uso regular do vocábulo no grego clássico. De acordo com as *categorias infernais*, concebidas pelos gregos, primeiramente vinha o «hades»; e então o «Tártaro» (um lugar pior que o primeiro); e então vinha o «mundo inferior» (mais baixo ainda que o segundo). O N.T., contudo, não reconhece tais refinamentos quanto ao uso dos citados termos, embora graus de punição certamente seja uma doutrina neotestamentária.

«...abismos...» No grego é «seiros» ou «siros», que, originalmente, indicava uma escavação onde o cereal era guardado; posteriormente, veio a indicar qualquer caverna. Aqui é utilizado para indicar o «abismo» do mundo inferior, o lugar dos espíritos detidos.

**Variante Textual:** Em lugar de *abismos*, os mss P(72), KL e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina (ou seja, o «Textus Receptus») dizem «cadeias». Judas também diz «cadeias», mas, usando a palavra mais comum, «desmóis». Contudo, a forma «cadeias», neste ponto, provavelmente visa fazer harmonia com aquela passagem. A maioria dos críticos textuais favorece «siros» como o original, ou seja, «abismos». Mas o editor do «Textual Commentary», Bruce Metzger (União Bíblica Societal) se pronunciou em favor de «cadeias», expressa pelo vocábulo grego «seiros». A forma «siros» aparece nos mss Aleph, ABC, 81(vld) e no Cópiai. Porém, a evidência das versões favorece «cadeias». Não obstante, parece razoável supor que os escribas subseqüentes, percebendo que «cadeias» é o pensamento expresso na epístola de Judas, tenham modificado levemente a palavra «siros» para «seiros», nesta segunda epístola de Pedro. Portanto, apesar de terem usado um vocábulo diferente, queriam que o texto concordasse

ὁ καὶ ἀρχαίου κόσμου οὐκ ἐφείσατο, ἀλλὰ ὄγδοον Νῶε δικαιοσύνης κήρυκα ἐφύλαξεν, κατακλυσθὲν κόσμῳ ἀσεβῶν ἐπάφας,

2:5; se não poupou ao mundo antigo, embora preservasse a Noé, pregador da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios;

Aqui encontramos a segunda ilustração acerca da certeza do julgamento. O julzo divino, em suas formas preliminares, não poupou nem mesmo aos culpados das regiões celestes, os poderes angelicais. No antigo mundo da época de Noé, somente ele e mais sete pessoas escaparam ao severo julgamento, quando a humanidade foi encontrada moralmente corrompida. E, como se poderia pensar que homens igualmente corrompidos, como eram os mestres gnósticos, poderiam escapar ao julzo divino? Tal suposição será anti-histórica e ilógica. Só podemos tirar a inferência de que Deus julga à maldade, e que esses julgamentos preliminares têm fruição no julzo final, quando da «parousia», ou então quando da instalação do grande Trono Branco de julgamento.

Judas emprega a história do Êxodo, pelo que a presente epístola não tomou por empréstimo diretamente daquele documento, neste ponto. Contudo, o «pecado dos anjos» (ver o sexto capítulo do livro de Gênesis), no A.T., é imediatamente seguido pela narrativa do dilúvio, e outro tanto se verifica no livro apócrifo de Enoque. É possível, pois, que isso sugeriu, ao autor da presente epístola, o incidente do dilúvio como ilustração de um julzo divino na antigüidade. Em II Ped. 3:6 o autor sagrado retorna a essa ilustração. E essa ilustração é apropriada, porquanto ele acabara de acusar os gnósticos de grosseira imoralidade; e o dilúvio sobreveio à humanidade antiga porque os homens se tinham corrompido vilmente. Veja-se Gên. 6:5, que diz: «...era continuamente mau todo desígnio do seu coração».

«...preservou a Noé...» Alguns poucos receberam a favor divino. A misericórdia pode operar paralelamente ao julzo, e cada indivíduo receberá uma coisa ou outra, dependendo de seu estado moral. Assim, no nono versículo deste capítulo, é salientada a mesma coisa. «Enquanto os ímpios pereciam, a sabedoria livrava um homem justo» (Sabedoria de Salomão 10:6). Por conseguinte, há esperança, e devemos abrigar-nos em Cristo para receber misericórdia. Ora, isso era algo que os mestres gnósticos não faziam, porquanto tinham reduzido o Cristo a um tipo de pessoa que não pode ajudar muito aos homens, conforme é indicado nas notas expositivas sobre o primeiro versículo deste mesmo capítulo.

«...pregador da justiça...» Noé assume lugar junto aos proclamadores do

ὁ καὶ πόλεις Σοδόμων καὶ Γομόρρας τεφρώσας [καταστροφῇ] κατέκρινεν<sup>2</sup>, ὑπόδειγμα μελλόντων ἀσεβε[σ]ιν<sup>3</sup> τεθεικώς, ὁ κατέκρινεν ὁ B C\* 945 1241 1738 1881 cor<sup>h</sup> f κατέκρινεν ὁ P f κατέκρινεν P f [12]; καταστροφῇ κατέκρινεν K A C K Ψ 049 658

1 B [C] ἀσεβῶν ὁ B P 614 620 1506 2412 2496 sy<sup>h</sup> h [sy<sup>h</sup> h] αἱ πρὶν ἀσεβῶν K A C K Ψ 049 668 8142 33 81 88 104 181 230\* 438 628 945 1241 1739

ὁ πόλεις...κατέκρινεν Qn 12:24 Jd 7

com o da epístola de Judas. Minha conjectura é que «abismos» é a forma correta, neste ponto.

«Observemos: Nenhuma excelência isenta o pecador da punição. Se os anjos violaram a lei de Deus, então será executada a sentença determinada pela lei, sem misericórdia ou mitigação. Dal se conclui que quanto mais excelente for o ofensor, mais severo será o seu castigo». (Matthew Henry, *in loc.*).

**Os pecados dos anjos.** Quais teriam sido? 1. Muitos supõem que o pecado original dos anjos foi terem seguido a Satanás, em sua tentativa de derrubar a Deus. (Ver Apo. 12:4,7-9; Isa. 14:12 e ss.). 2. Os judeus tinham uma tradição da queda dos anjos com base no trecho de Gên. 6:2, supondo que os espíritos angelicais desejaram mulheres humanas, e que lhes nasceram filhos (os gigantes da terra). Assim, pois, o pecado original dos anjos teria sido a «concupiscência». 3. Outra possibilidade se baseia no terceiro capítulo do livro de Gênesis, onde se narra a história da tentação. Supostamente, os anjos, vinculados a Satanás, tornaram-se corrompidos por haver ele tentado ao homem, e eles se tornaram, subseqüentemente, agentes da corrupção humana. A verdade da questão provavelmente se assemelha à da primeira posição; e a queda dos anjos provavelmente ocorreu muitíssimo tempo atrás, na eternidade. Não obstante, tudo quanto dissermos a esse respeito será meramente conjectura, porquanto dispomos de pouquíssima informação a respeito. (Quanto a notas expositivas sobre os «anjos», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10. Quanto aos «demônios», cujo número talvez inclua alguns «anjos caídos», ver Marc. 5:2).

De acordo com Enoque vi, o pecado inicial dos anjos foi a «concupiscência». O segundo pecado é que eles ensinaram às suas mulheres e a seus filhos (uma noção alicerçada em Gên. 6:2—os «filhos de Deus» seriam seres angelicais) o uso das artes mágicas, das armas de guerra e dos artigos de luxo. O sexto capítulo do livro de Judas nos transmite a idéia que o pecado dos anjos motivou a «alteração» do lugar de habitação dos anjos. Eles abandonaram o seu primeiro estado.

5 ὄγδοον...ἐφύλαξεν Gk A.1h κατακλισθόν...ἐπάφας 2.1e 3.6

evangelho dos apóstolos, entre os quais o autor desta epístola também se numerava. Noé teve quem se lhe opôs, embora fosse fiel pregador da justiça. Por semelhante modo, quando foi escrita a presente epístola, os gnósticos faziam combate aos pregadores piedosos. Os pregadores do evangelho de Cristo davam prosseguimento à tradição de Noé. Os gnósticos davam continuação à tradição daqueles que pereceram no dilúvio. Cada indivíduo precisa escolher o tipo de tradição que quer seguir, pois ninguém pode ficar neutro nesse conflito entre o bem e o mal.

Tanto na tradição judaica como na primitiva tradição cristã, Noé era conhecido como pregador da justiça, embora o próprio A.T. nem desenvolva e nem sugira necessariamente esse tema. (Ver Josefo, *Antiq.* 1.3.1 e I Clemente 7:6, que a contém). O presente versículo é confirmação dessa mesma tradição. O livro de Enoque não descreve Noé desse modo, mas vemos isso no «Apocalipse de Noé». Seja como for, tal crença era corrente no judaísmo. (Ver Bereschith Rabba, xxx.6).

«...e mais sete pessoas...» O grego diz aqui, simplesmente, apenas «...oitavo, Noé». Isso poderia significar uma das seguintes coisas: 1. Noé, o oitavo, dando a entender que houve outros sete salvos juntamente com ele. Isso se vê em I Ped. 3:20. 2. Ou poderia significar «Noé, o oitavo depois de Adão», conforme talvez nos seja sugerido no décimo quarto versículo da epístola de Judas. 3. Ou poderia ser o «oitavo pregador» depois de Adão, e não, necessariamente, a oitava geração dos descendentes de Adão. É dito aqui que Noé seguia uma tradição profética, e que ele foi o oitavo dessa linhagem. Por assim dizer, ele foi o oitavo pregador, que pregou à oitava geração. Entretanto, não se pode ter certeza absoluta acerca disso, embora a maioria dos estudiosos prefira a idéia que ele foi uma das oito pessoas salvas da morte, quando do dilúvio. O idioma grego concorda com essa maneira de entender. (Ver *Tucidides* ii.79; Platão, *Leg.* iii., pág. 695, quanto a paralelos). Se uma pessoa é chamada de «oitavo», fica subentendido que sete outras a acompanhavam.

A depravação humana provoca o julzo divino. Este julzo é tão severo que apenas oito pessoas escaparam dele, nos dias de Noé. É claro, pois, que os gnósticos que corrompiam a igreja cristã, na Ásia Menor, não tinham qualquer possibilidade de escapar ao julzo.

8142 33 81 88 104 181 230 338 436 431 614 620 630 1305 1877 2127 2412 2492 2498 Byz Lect [12] h [sy<sup>h</sup> h] cor<sup>h</sup> f [sy<sup>h</sup> h] vg [sy<sup>h</sup> h] cor<sup>h</sup> [sy<sup>h</sup> h] eth Ephraem

1877 1881 2127 2492 Byz Lect [12] h [sy<sup>h</sup> h] cor<sup>h</sup> f [sy<sup>h</sup> h] vg f ἀσέβει 330\* 451 [D] ἀσέβει f om 326

[ασέβει] ασέβειν (B)P 614 pc sy<sup>h</sup>

<sup>2</sup> É difícil decidir se *καταστροφῇ*, que figura em K A C (2) K Ψ 049 056 0142 33 81 614 *al.*, foi adicionada por escribas, ou se fazia parte do original e por acidente foi descontinuada em P (72 txt) B C\* 322 945 1241 1243 1739 1881 *al.* Já que a forma mais breve bem pode ter surgido por descuido de cópia (note-se *καταστροφῇ κατέκρινεν*), e já que, se o termo tivesse sido adicionado por copistas, esperar-se-ia achar o mesmo (ou um seu sinônimo) em vários lugares, em vários manuscritos, a comissão julgou melhor incluir *καταστροφῇ* no texto, mas deixá-la entre colchetes, a fim de refletir o peso de vários testemunhos importantes, aos quais falta essa palavra (P (72 txt) B C\* 1739).

<sup>3</sup> A evidência externa está quase dividida ao meio entre *ἀσεβῶν*, apoiada por P (72) B P 614 sir (ph.h) (cop (sa,bo) τοῖς ἀσεβῶν) ara e *ἀσεβῶν*, apoiado por K A C K Ψ 33 81 1739 Byz it (h) vg. Do ponto de vista da probabilidade



de transcrição, após *μελλόντων* copistas mais provavelmente teriam mudado o nome para o infinitivo, e não o contrário. Do ponto de vista da probabilidade intrínseca, o nome dá melhor sentido («um exemplo (ou advertência) a ímpios de coisas entesouradas para eles») do que o verbo — («um exemplo) contra eles que estão prestes a praticarem o erro (agir impiamente)»). A fim de apresentar o equilíbrio de probabilidades, foi resolvido deixar a letra «sigma» entre colchetes.

2:6: *oe*, reduzido a *cinza* as cidades de Sodoma e Gomorra, condenou-as à destruição, havendo-as posto para exemplo aos que vivem impiamente;

O terceiro exemplo de operação do julzo divino preliminar aparece aqui. Os habitantes de Sodoma e Gomorra tornaram-se conhecidos por sua depravação, de tal modo que basta a menção dos nomes dessas cidades para serem lembrados de uma série de vícios. Ora, se Deus julgou aos tais, por que pensaríamos que os praticantes dos mesmos vícios, em qualquer época, poderiam escapar ao julgamento divino? Os mestres gnósticos da Ásia Menor, perpetradores de grandes vícios, eventualmente haveriam de ser julgados. (Quanto a notas expositivas sobre «Sodoma e Gomorra», ver Mat. 11:23,24). Essas cidades eram proverbialmente usadas, na literatura rabínica, para indicar graus profundos de depravação, mostrando como Deus julga ao pecado. Há trinta e nove alusões a Sodoma, e dezenove alusões a Gomorra, nas páginas do A.T. No N.T. há nove alusões a Sodoma (ver Mat. 10:15; 11:23,24; Marc. 6:11; Luc. 10:12; 17:29; II Ped. 2:6; Jud. 7 e Apo. 11:8), e cinco a Gomorra (ver Mat. 10:15; Marc. 6:11; Rom. 8:29; II Ped. 2:6 e Jud. 7). Usualmente, nas páginas do N.T., essas cidades são mencionadas juntamente, mas nem sempre.

Deus castigou pela água (no dilúvio), e em seguida pelo fogo (Sodoma e Gomorra). O fogo intenso reduziu essas cidades a meras cinzas. O julzo foi severo e completo. Isso representa uma advertência para todos. Note-se, em III Macabeus 2:4,5, a mesma sequência de julgamentos: «Destruíste aqueles que antes praticaram iniquidade... trazendo-lhes inundante dilúvio de água. Queimaste com fogo e enxofre os homens de Sodoma». Por igual modo, em III Macabeus 3:6,7 é prometido para o mundo um novo e mais terrível julgamento a fogo. O julzo de Deus não tarda (ver o terceiro versículo deste capítulo).

«Sem importar o que os homens pensem sobre esses castigos que sobrevieram aos homens e aos anjos, no passado, Pedro está estabelecendo uma eterna verdade: a vida falsa, produzida por ensinamentos falsos, termina em sofrimento e desastre... A sensualidade foi o espírito falso nos residentes de Sodoma e Gomorra. Vivendo em um vale luxuriante, que os supria de tudo quanto era bom, desviaram-se pela força dos apetites. Ezequiel diz acerca deles: «Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e prospera tranquilidade teve ela e suas filhas...» (Eze. 16:49). O fim foi o mesmo em cada caso. O que os homens, e os anjos semeiam, isso também colhem». (Homrighausen, *in loc.*).

«...exemplo...» No grego, «*upodeigma*», uma forma não-clássica de «*paradeigma*». A referência, nessa palavra, é ao «modelo» de um escultor ou de um pintor, ou então ao «plano» do arquiteto. Deus não deixa os homens sem testemunho e sem advertência.

«...cinzas...» Provavelmente houve um terremoto, acompanhado de atividade vulcânica. Em Dio. Cass. lxi., pág. 1094, encontramos uma

ἡ καὶ δίκαιον Λὼτ καταπονούμενον ὑπὸ τῆς τῶν ἀθέσμων ἐν ἀσελγείᾳ ἀναστροφῆς ἐρρύσατο.\*

\* 7-B a maior, a maior: Nm B<sup>1</sup> TT Luth ἡ a maior, a maior: NKB ἡ a dash, a maior: See ἡ a dash, a dash: WH Bov Zkr Jer ἡ a menor, a menor: TR AV RV ASV RSV

7 Gn 19.1-18

2:7: e ao *livro* ao justo *Ló*, atribuído pela vida descontrolada daqueles perversos

«...livro o justo Ló...» O autor sagrado agora ilustra o fato que a justiça não é cega. Opera de conformidade com a razão e com os méritos, e não de acordo com os caprichos de algum deus irado e insensato. Outrossim, a misericórdia acompanha o julgamento, e os homens podem ser os beneficiários da mesma, ao invés de serem destruídos. No dizer de Homrighausen (*in loc.*), «Um tênue raio de luz brilha através da situação melancólica».

Excetuando os comentários do N.T. sobre o incidente (além de certos subentendidos na literatura hebraico-helenista, como Sabedoria 10:6), teríamos pensado tudo, menos que Ló fora homem justo. Antes, seu livramento seria tido como um favor feito a Abraão, seu tio. A menção do livramento de Ló, pelo autor desta epístola, sem dúvida visava o encorajamento dos cristãos ortodoxos, que rejeitavam heresias destruidoras. Assemelhavam-se a Ló—viviam entre os ímpios, mas não aprovavam o que faziam. De fato, suas almas estavam profundamente contristadas pelas ações dos ímpios. Pessoas assim é que escaparão ao julzo divino. O autor sagrado ignora a vida horrendamente má que Ló levava em Sodoma, obviamente porque isso não se adaptava bem à sua tese. Ele disse tudo quanto poderia dizer de bom sobre Ló, deixando o resto em silêncio. O fato de que Ló se sentia intranquilo por contemplar o mal o assinalou como homem «justo», a despeito de suas quedas sérias. Assim, pois, aprendemos que Deus não pode abandonar o homem justo, nem mesmo ante a necessidade de infligir severo julgamento ao seu derredor. Talvez, tal homem tenha de sofrer; porém, finalmente será salvo. A ilustração foi bem

δ βλέμματι γὰρ καὶ ἀκοῇ ὁ δίκαιος ἐγκατοικῶν ἀνόμοις ἐργοῖς ἐβασάνιζεν.\*

2:8: *i* porque este justo, habitando entre eles, por ver e ouvir, afligia todos os dias a sua alma [isto com as injustas obras deles];

Este versículo ilustra a agonia mental e espiritual de Ló, enquanto viveu como habitante de sua cidade, embora não pertencesse a ela, no coração. Visava a coisas melhores, mas as circunstâncias e certas decisões errôneas o tinham apanhado como que em uma armadilha. Assim sendo, ele vivia diariamente com o espírito amargurado e desgostoso. O autor sagrado continuava aplicando o caso de Ló aos verdadeiros crentes da Ásia Menor.

descrição da destruição provocada pelo Vesúvio, onde a «cobertura de cinzas» é elemento enfatizado. Naturalmente, a cena inteira poderia ter sido uma manifestação divina direta; mais provavelmente, porém, tal como no caso do dilúvio, devem ter sido usados processos naturais. O sétimo versículo do livro de Judas menciona «cidades» existentes na área geral, e que compartilharam da mesma sorte de Sodoma e Gomorra. Houve um grande cataclismo de alguma sorte, que devastou extensa área. A Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, em Gen. 19:29, usa a palavra «catastrophe» em conexão com a destruição dessas cidades, sendo a mesma palavra aqui usada e traduzida por «ruína completa».

Josefo (*Guerras dos Judeus* iv. 8.4) fala de vestígios de «cinco cidades» existentes naquela região, e que foram destruídas nessa catástrofe, cuja localização ainda era visível em seus dias. Referências no A.T. subentendem a mesma coisa. (Ver Deut. 29:22; Isa. 13:19; Jer. 49:18; 50:40; Sal. 107:34; Amós 4:11; Sof. 2:9; Sabedoria 10:7 e II Esdras 2:9). Alguns arqueólogos modernos, entretanto, acreditam que atualmente essa área esteja debaixo da extremidade sul e mais rasa do mar Morto. Seja como for, nunca foram reconstruídas essas cidades, o que demonstra quão completo foi o julgamento sofrido por elas.

Conta-se a estória de que, em anos recentes, houve planos de criar cassinos e outras modalidades de diversão na região geral das antigas cidades de Sodoma e Gomorra. Mas o plano foi vetado pela exclamação de um dos homens envolvidos: «Oh! Não! Não comecemos tudo aquilo de novo!»

**Variantes Textuais:** A palavra grega «*katastrophe*» (Catástrofe) aparece no texto grego nos mss Aleph, AC(2)K, Psi, 049, 066, 0142, 33, 81, 814 e em alguns poucos outros. Os mss P(72), BC(1), 322, 945, 1241, 1243, 1739, 1881 omitem essa palavra. Normalmente, o texto mais curto é o preferido, por ser muito mais natural que os escribas tentassem ornar o texto, ao invés de abreviá-lo. Neste caso, porém, a sequência de palavras «*katastrophe katekrinen*» (letras semelhantes, envolvidas nessas duas palavras) poderia ter feito alguns escribas omitirem a primeira delas, acidentalmente, porquanto a vista saltava para a segunda. Por essa razão, a maioria dos críticos textuais retém a palavra no texto, embora dentro de colchetes, expressando dúvidas, desse modo, quanto à sua genuinidade. É possível que ela tenha sido acrescentada para estabelecer harmonia com Gen. 18:29.

A forma nominal, «*asebesis*», aparece nos mss P(72), BP, 614, Si(ph), h e no Cóp(sa bo). O infinitivo «*asebein*» aparece em Aleph, ACK, Psi, 33, 81, 1739, no Byz It(h). O substantivo dá um sentido melhor: «Exemplo (ou aviso) a ímpios das coisas que os esperam». A forma verbal também daria sentido: «Um exemplo (ou advertência) aqueles que estão prestes a praticar o erro (agir impiamente)». Além disso, após a palavra «*mellonton*», os copistas mais provavelmente teriam modificado o substantivo para o infinitivo, do que vice-versa. Portanto, mais provavelmente a forma nominal é a original.

escolhida, porquanto o desassossego de Ló se devia às depravações sensuais que eram praticadas pelos habitantes daquelas cidades. Assim também os líderes fiéis da igreja cristã da Ásia Menor se sentiam vexados ante a sensualidade desabrida dos gnósticos, que tinham penetrado fundamente na igreja cristã, os quais faziam da licenciosidade sexual uma parte de suas doutrinas éticas.

«...afligido...» No grego é «*kataponeo*», «desgastado», «abatido». Ló se sentia «desgastado» em espírito, ao observar o que faziam os habitantes de sua cidade. Ele tinha consciência sensível, e anelava por livrar-se de todo aquele horror. Isso demonstra que Deus implantara nele certo bom caráter indestrutível, do qual ele não podia libertar-se, embora tivesse entrado voluntariamente em terreno mundano.

«...libertino...» No grego é «*aselgeia*», «licenciosidade», «deboche», «conduta indecente». Esse vocábulo grego normalmente se aplicava a desvios sexuais, perversões e exageros dessa natureza. Assim, pois, «sodomia» é um termo que indica homossexualismo, a depravação comum dos habitantes de Sodoma.

«...insubordinados...» No grego é «*aihesmos*», «desregrado», «sem princípios». Aponta para os que vivem sem qualquer restrição, interna ou externa. O vocábulo «*thesmos*» era usado para indicar alguma «ordenança divina» ou «lei fundamental», que se esperava fosse observada por todos. Mas aqueles homens tinham abandonado até mesmo as normas básicas da conduta moral. Falavam de liberdade, mas essa «liberdade» era a mais completa servidão à depravação. Tinham-se reduzido a meros animais, e até piores, não reconhecendo qualquer regra de conduta.

ἐν αὐτοῖς ἡμέραν ἐξ ἡμέρας ψυχὴν δίκαιαν

Diariamente, eles também viviam entre desgostos, ao observarem a conduta de certos supostos «líderes cristãos», a saber, os falsos mestres gnósticos que não tinham qualquer norma fixa, e que tinham feito da conduta imoral parte de seu código religioso.

«A visão do mal ao seu redor era para Ló uma provação ou teste; mas ele emergiu vitorioso dessa provação, e, por conseguinte, Deus o livrou... Os piedosos, para quem o apóstolo Pedro escrevia, eram tentados como Ló o tinha sido». (Bigg, *in loc.*).

«...via... ouvia... cada dia...» Não havia como ele poderia ajustar-se ao que via e ouvia, pois as coisas pioravam a cada dia. A alma de Ló agonizava continuamente. «Todos os seus sentidos abominavam os crimes de Sodoma». (Calvino, *in loc.*).

«...atormetava a sua alma justa...» No grego é «*basanízo*», «torturar», «atormetar». Essa palavra era usada para indicar a tortura administrada nos inquéritos judiciais. (Ver Thu. 8:92,2; Charito 4,3,2; II Macabeus 7:13; Josefo, *Antiq.* 2,105; 16,232). Ló estava debaixo do tormento da provação. Sua alma estava como que na grelha; sua cabeça estava no nó da forca.

«...iníquas...» No grego é «*anomos*», «sem lei», palavra sinônima de «*athemos*», usada no versículo anterior. As obras daqueles ímpios não se harmonizavam nem mesmo com as leis humanas comuns, quanto menos

9 οἶδεν κύριος εὐσεβεῖς ἐκ πειρασμοῦ ῥύεσθαι, ἀδίκους δὲ εἰς ἡμέραν κρίσεως κολαζομένους τηρεῖν, 9 οἶδεν... ῥύεσθαι I Cor 10:13 ἀδίκους... τηρεῖν Jd 8

2:9; também sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar para a dia do juízo os injustos, que já estão sendo castigados;

Essa é a conclusão geral das ilustrações apresentadas pelo autor sagrado (ver versículos quarto a oitavo), que cobrem três instâncias de juízo: Os anjos foram julgados; portanto, nenhum poder ou pessoa pode escapar ao julgamento merecido. O dilúvio julgou ao mundo antigo e somente oito pessoas escaparam; portanto, o julgamento é severo e incansável e todo quanto o merece será atingido—contudo, houve livramento para uns poucos, que permaneceram fiéis. Desceu fogo dos céus e destruiu as ímpias cidades da planície, arrasando-as totalmente. O julgamento também realizará seu trabalho de maneira completa. Aquelas cidades nunca foram reconstruídas. No entanto, escaparam alguns poucos e um deles foi o justo Ló. Portanto, a misericórdia acompanha o juízo; a justiça nunca é cega.

*Quer alguém durma, ande ou se assente ocioso,  
Invisível e mudo, a Justiça lhe persegue os passos,  
Acompanhando de perto seus passos à direita e à esquerda.  
E o que é feito na loucura a noite não pode ocultar:  
O que fizeres, em qualquer lugar, Deus te contempla.  
E imaginas que conseguirás algum tempo vencer  
A sabedoria divina? E imaginas que conseguirás  
Que a retribuição fique distante dos mortais?  
Bem perto, embora invisível, ela vê e sabe tudo,  
E a quem deve ferir. Mas tu não sabes  
Quando, repentina e subitamente,  
Ela virá e arrebatará os perversos da face da terra  
(Esquillo)*

Este versículo atua como a «conclusão» de uma única e longa sentença, iniciada no quarto versículo: «Ora, se Deus não poupar...» (mas exerceu juízo de mistura com misericórdia) «...e porque o Senhor sabe livrar...», demonstrando tanto a misericórdia e a libertação como reservando os ímpios para juízo, mediante o exercício de julgamentos preliminares.

«...livrar da provação os piedosos...» Tal como Deus fez com Ló, mostrando as seguintes verdades: 1. Deus julgará aos falsos mestres entre os crentes, livrando aos crentes e à igreja dos mesmos. 2. Pelo menos, quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo, Deus corrigirá as coisas e vindicará a posição assumida pelos discípulos do Senhor. Nem os juízos

10 μάλιστα δὲ τοὺς ὀπίσω σαρκὸς ἐν ἐπιθυμίᾳ μiasμοῦ πορευομένους καὶ κυριότητος καταφρονοῦντας.

Τολμηταί,<sup>b</sup> αὐθάδεις, δόξας οὐ τρέμουνσιν<sup>c</sup> βλασφημοῦντες,

<sup>a</sup> 10 b minor WH AV RV ANV RSV (NEB) TT Zor Luth Jer Bez <sup>b</sup> b base: TR Bov Neg BF<sup>c</sup>

<sup>c</sup> 10 c base: TR Bov Neg B<sup>7</sup> RV ANV RSV NEB TT Zor Luth Jer Bez <sup>c</sup> c minor: WH

10 Jd 7-8

10 ἐπιθυμία] 19 P 614 al bo | (τολμηταί), R)

2:10; especialmente aqueles que, seguindo o carne andam em imundas concupiscências, e desprezam toda autoridade. Atrevidos, arrogantes, não receiam blasfemar das dignidades,

Aqueles que, à semelhança dos gnósticos, «andam» em depravações sexuais ou outros pecados grosseiros, serão finalmente julgados. O autor sagrado aplica agora o seu argumento, diretamente, aos falsos mestres que havia na área geral para onde escrevia. O décimo versículo age como conclusão da presente seção, e também como introdução a uma seção seguinte. Os versículos décimo, de sua segunda metade em diante, até ao décimo sexto (que se apóiam pesadamente na epístola de Judas) descrevem detalhadamente o caráter dos hereges gnósticos, e também a natureza inflexível da lei da colheita segundo a sementeira. Essa lei pode produzir boa ou má fruição, dependendo de como nos conduzirmos na vida. (Ver Gál. 6:7,8 quanto a notas expositivas completas sobre essa lei).

«...seguindo a carne andam...» A metáfora do «andar», indicando a conduta geral e o caráter da vida, é metáfora frequentemente usada pelos autores sagrados e profanos. (Ver as notas expositivas a respeito em Gál. 5:16,25). Isso pode ilustrar uma vida «positivamente» piedosa, ou seu contrário. (Ver também Rom. 6:4; 8:1, 4; 13:13; I Cor. 3:3; 7:17; II Cor. 5:7; 6:16; 10:3; Efé. 2:10; 4:1,17; 5:2,8,15; Fil. 3:16,17; Col. 1:10; 2:6; 4:5; I Tes. 2:12; 4:1; II Tes. 3:11; I João 1:6,7; II João 6; III João 4). Os gnósticos, embora se apresentassem como os mais espirituais de todos os homens, realmente andavam segundo sua natureza «carneal» ou pecaminosa, expressando isso em sua conduta diária, o que era uma desgraça para a comunidade dos crentes onde isso ocorria.

«...imundas paixões...» As paixões e as práticas sexuais estão em foco, algo já enfatizado frequentemente em outros lugares desta epístola. Os gnósticos criam que se deve «abusar» do corpo a fim de ajudar o sistema do mundo a destruí-lo. Acreditavam que o corpo físico é a própria sede do mal, o que significa que a sua destruição era desejável. Em alguns casos, abusavam do corpo mediante o ascetismo, conforme se via em Colossos (ver Col. 2:15 e ss.); em outros casos, mediante a licenciosidade exagerada, a

com os padrões espirituais.

«Homem justo é aquele que habita entre dois homens ímpios e não aprende as suas obras». (*Bab. Yoma*, fol. 38.2. Talmude). Assim é que o autor sagrado nos apresenta Ló, pelo que o chama de «justo» por três vezes. O autor não aborda o detalhe da transigência e da falha de Ló, mas escolhe cuidadosamente todo o bem que pode dizer a seu respeito, porquanto Ló representa aqui os líderes cristãos fiéis da comunidade cristã da Ásia Menor, os quais se sentiam afligidos e atormentados pelos pecados dos mestres gnósticos.

«Que os pecados alheios nos perturbem; de outro modo não nos poderemos conservar puros». (Matthew Henry, *in loc.*).

9 οἶδεν κύριος εὐσεβεῖς ἐκ πειρασμοῦ ῥύεσθαι, ἀδίκους δὲ εἰς ἡμέραν κρίσεως κολαζομένους τηρεῖν, 9 οἶδεν... ῥύεσθαι I Cor 10:13 ἀδίκους... τηρεῖν Jd 8

preliminares e nem o julgamento final haverão de atingir os que são fiéis verdadeiros.

«...reservar, sob castigo...» A saber, no «Tártaro» (ver o quarto versículo) ou «hades», em estado de punição, detidos para o juízo final. Os ímpios, portanto, podem sofrer juízo terreno, sofrerão no mundo intermediário do «hades» e atrairão contra si mesmos, inexoravelmente, o julgamento final inaugurado pela «parousia». Este autor não contempla, ou, pelo menos, não menciona, o raio de esperança que brilha em I Ped. 3:18-20 e 4:6; isto é, o ministério de Cristo no «hades», o qual trouxe esperança a uma situação de outro modo desesperadora. (Ver as notas de introdução ao trecho de I Ped. 3:18, quanto a explanações sobre esse conceito).

Mediante tais declarações, o autor sagrado encoraja-nos a lutar contra as trevas, a fazer virar a maré do paganismo, a nos sacrificarmos segundo a necessidade, em prol da piedade e da razão. Nosso Senhor fez o sacrifício supremo. E não foi em vão.

«...dia de juízo...» (Quanto à «ira de Deus», ver Col. 3:5,6; quanto ao «julgamento», ver Apo. 14:11; quanto ao «julgamento dos crentes», ver II Cor. 5:10). Uma vez mais, em II Ped. 3:7, essa expressão é usada. O autor sagrado alude ao juízo que será instaurado pela «parousia», o que ele esperava que ocorresse durante seus dias de vida na terra. (Quanto a essa expectativa dos «crentes primitivos», ver I Tes. 4:15 e I Cor. 15:51. Ver também sobre o «dia do juízo», em Mat. 10:15; 11:22,24; I João 4:17; Testamento de Levi 3 e Enoque 65:2).

«...o Senhor sabe livrar...» Os justos podem ser vexados pelo mal e perturbados ante a demora do castigo; podem ser tentados a se desviarem de seu próprio curso, pois o mal parece continuar florescendo, ao passo que o bem não é galardoadado. Nosso autor, porém, assegura-nos que haverá uma justa e final prestação de contas:

Embora os moinhos de Deus moam lentamente  
Moem excessivamente fino.  
(Longfellow).

«...sabe livrar da provação...» Essas palavras podem ser confrontadas com I Ped. 1:6; 4:12; Mat. 6:13; 26:41; Luc. 8:13; Atos 20:19; I Cor. 10:13; I Tim. 6:9; Heb. 3:8; Tia. 1:2 e Apo. 3:10.

forma contra a qual foram escritas esta epístola e as chamadas «epístolas pastorais». Os crentes, entretanto, nunca aceitaram a idéia de que o corpo é inerentemente mau, embora admitissem que se trata de presa fácil do princípio do pecado. Assim também se ordena que o corpo seja consagrado a Deus; e, através disso, ocorre verdadeira santificação (ver Rom. 12:1,2). O corpo pode tornar-se «templo de Deus», tão longe está ele de ser necessariamente pecaminoso (ver o sexto capítulo da primeira epístola aos Coríntios).

«De alto a baixo da escala social, despertam-se desejos violentos mas indefinidos, mal focalizados. Nada pode aplacar aos homens... Eles têm sede de novidades, de deleites desconhecidos, de sensações sem designação, que, não obstante, perdem todo o fio logo que são experimentadas. Então, que ocorra a menor reversão e os homens já se sentem incapazes de suportá-la... Descubrem quão fútil é todo o levante e percebem que qualquer número de experiências novas, que tenha sido indefinidamente empilhado, não consegue acumular um sólido capital de felicidade a que se possam agarrar em tempos de tribulação». (The University of Chicago, *University Observer*).

«...menosprezam qualquer governo...» (Quanto a notas sobre qual deve ser a atitude dos crentes para com as «autoridades civis», ver Rom. 13:1 e ss. e I Ped. 2:13 e ss.). Aqueles iníquos quanto às questões morais, também não respeitavam às autoridades civis. (Comparar isso com o oitavo versículo da epístola de Judas, que evidentemente é a fonte desta declaração). Já tivemos ocasião de ver, nos versículos sétimo e oitavo, através do uso de dois vocábulos gregos diferentes, que aqueles indivíduos eram «iníquos», «desregrados». Isso incluía a vida moral particular e a sua vida pública também. Neste ponto, o versículo tem sido variegadamente compreendido, a saber:

1. Essas autoridades seriam uma classe ou classes de anjos, porquanto a palavra grega, aqui traduzida por «governo», algumas vezes os indica (ver Efé. 1:21; Col. 1:16; Hermas, Sim. v.6.1). Porém, essa interpretação parece ter errado o alvo. De fato, os gnósticos davam suprema lealdade às ordens



angelicais.

2 Também poderia haver aqui uma alusão ao «senhorio» de Cristo, pois assim era também empregada a palavra «*kurioses*». (Ver *A Ordem Eclesiástica Apostólica*, 12; *Didache* iv). É verdade que os gnósticos, mediante sua doutrina de intermináveis «acons» intermediários, entre os quais classificavam Cristo, degradavam o senhorio de Cristo. Para eles, Cristo era apenas um dentre multilssimos senhores (ver Col. 2:19). Eles não reputavam Cristo como Cabeça. Col. 1:15 e ss. é passagem que apresenta oito superioridades de Cristo, demonstrando seu senhorio; e aquela passagem foi escrita tendo em vista a heresia gnóstica. Notemos que, no primeiro versículo deste capítulo, os falsos mestres são acusados de negar ao Senhor que os «comprara». Ninguém pode ter a Jesus como Salvador, se também não o tem como seu Senhor. (Ver as notas expositivas sobre seu «senhorio» em Rom. 1:4). O trecho de Efê. 1:10 mostra-nos que, eventualmente, todos os seres inteligentes haverão de reconhecer a Cristo como Senhor. Esse é o mistério da vontade de Deus. É possível que a recusa dos gnósticos em reconhecerem o «governo» seja uma alusão ao «senhorio de Cristo». Pelo menos é óbvio que eram deficientes quanto a esse particular, tanto na doutrina como na prática diária.

3. As autoridades civis também podem estar em foco. No oitavo versículo da epístola de Judas, a declaração de que os falsos mestres não temiam em difamar «autoridades superiores» (tradução do mesmo vocábulo aqui usado)

2. São corruptos quanto à doutrina e à prática

**a. Concupiscência e irreverência são seus guias (2:10b-17)**

O décimo versículo deste capítulo atua tanto como conclusão da secção anterior como introdução à secção seguinte. A secção que ora se inicia é uma descrição sobre o carácter vil dos gnósticos. Já abordamos parte dessa descrição. Estavam irremediavelmente embaraçados em vícios sensuais; não tinham respeito pelas autoridades (ver as notas acima, sobre este mesmo décimo versículo). E agora o autor sagrado amplia mais ainda a lista de seus vícios e iniquidades.

**Atevidos...** No grego é *tolmetes*, «audacioso», «atevido». Esses se mostraram «atevidos no egolismo», temerários, não se submetendo a qualquer restrição legal, pessoal ou externa. Eram «ousados», que viviam somente para si mesmos, devido ao seu exagerado egolismo.

...arrigantes...». No grego é «autóades», palavra que se deriva de «autos» (mesmo) e «edomai», «deleitar-se em». Em outras palavras, alguém voluntarioso, ou «amante de si mesmo». Viviam para agradar a si mesmos, e nada mais. Eram os supremos modelos do comportamento egoísta, nada tendo aprendido da lei do amor, aprendida por Cristo.

...não temem difamar... No grego é *blasphemeo*, -falar injuriosamente- contra Deus, contra o homem ou contra qualquer outra criatura. Não sabiam controlar a própria língua. Os pecados da língua lhes eram um elcio. (Ver o terceiro capítulo da epístola de Tiago quanto à mais completa diátribe que há no N.T. contra os pecados da «língua»).

...*autoridades superiores*... No grego, literalmente, teríamos «glórias». Esse termo é usado para indicar os «poderes angelicais». (Ver Filo, *Sepe. Leg.* 1, 45). Embora outros tipos de seres gloriosos possam estar em foco, inclusive seres humanos, parece mais natural compreender isso como poderes angelicais. Portanto, o «governo» referido no começo deste versículo também pode significar isso. No entanto, é difícil perceber como isso se coaduna com o sistema gnóstico, a menos que o autor sagrado os tivesse acusado de degradarem aos anjos, pelo menos alguns dentre eles, através de seu «tipo» de doutrina. Os gnósticos adoravam aos anjos, pelo que estavam longe de blasfemarem contra eles. A referência e seu significado, portanto, permanecem um tanto vagos, pois em sentido algum os mestres gnósticos repeliem aos poderes celestiais. Bem pelo contrário, exageravam a importância dos mesmos, em detrimento ao senhorio de Cristo. (Ver as notas expositivas a respeito em Col. 2:18).

Naturalmente, é possível que alguns dos falsos mestres que o autor

parece estar ligada ao décimo versículo, que traz o incidente em que Miguel não ousou fazer acusação contra o diabo. Isso talvez indique que as autoridades superiores em paula sejam os «aons» ou poderes angelicais. Ou pode, simplesmente, ilustrar que é errado alguém falar contra qualquer autoridade: ou, pelo menos, que devemos ter muito cuidado quanto a essa questão, o que é ilustrado no caso de Miguel, o qual, em sua «dimensão espiritual», exercea cuidado sobre essas questões. Portanto, em nossa «dimensão física» devemos exercer cuidado similar.

Não há modo absolutamente certo de determinar a natureza do *governo* degradado pelos gnósticos. A opinião deste comentário é que as «autoridades civis» são aqui focalizadas. É muito difícil imaginar um *gnosticismo* inclinado para o «materialismo», o que poderia incliná-los a falar em tons pejorativos de poderes invisíveis. É bem mais provável que eles adorassem a «aons» de todos os níveis, desprezando poderes terrenos, os quais, segundo pensavam, participavam irreversivelmente da matéria, a qual desprezavam.

4. Alguns estudiosos apresentam aqui uma interpretação bem lata: os gnósticos não teriam respeito por qualquer modalidade de senhorio ou governo. Porém, essa interpretação parece um pouco geral demais para ser aplicada ao sistema gnóstico. Os gnósticos possuíam objetos sagrados, que exigiam sua adoração.

sagrado aqui ataca tivessem atitudes materialistas, tendo chegado a negar inteiramente a existência de poderes angelicais, excluindo-os de sua teologia. Nesse caso, a reprimenda feita pelo autor sagrado é heterogênea, incluindo mais que uma modalidade de falsos mestres; mas, de modo geral, seria contrário aos gnósticos. Os gnósticos talvez zombassem da «tentação diabólica»; e isso pode estar em foco aqui. Podem ter blasfemado da doutrina dos «anjos maus». Para o autor sagrado, isso seria um grave erro. E outro tanto fica subentendido no nono versículo da epístola de Judas, do qual texto, a idéia aqui exposta pode ter sido tomada por empréstimo, sem que fosse novamente contado o incidente que envolveu o arcanjo Miguel.

Um outro significado possível é que eles «blasfemavam» contra os *gloriosos* poderes angelicais, atribuindo-lhes suas próprias práticas licenciosas. (Comparar com Gên. 6:1-4, onde se lê que os «poderes angelicais» cobiçaram as filhas dos homens). Isso é possível, pois lembramo-nos que a mitologia grega atribua a seus deuses os pecados humanos, embora em um estilo «superior». Ora, pensar sobre o poder divino ou sobre o poder angelical desse modo, é incorrer em uma espécie de blasfêmia, e isto é o que, talvez, seja censurado aqui. Seja como for, certamente é verdade que os gnósticos criam que os «aeons» eram progressivamente «imperfeitos», quanto mais afastados estivessem do fogo divino. O «aeon» que criou este mundo, por exemplo, por estar tão distante de Deus ao ponto de habitar quase em trevas, naturalmente criou uma terra repleta de caos, maldade e trevas, refletindo a sua própria natureza inferior. Considerando todos os fatores, essa interpretação parece ser a correta. Permite que a palavra «glórias» retenha seu sentido natural, os anjos, e permite que se pudessem blasfemar contra eles, mediante as doutrinas gnósticas, que não passavam de blasfêmias. Os gnósticos certamente não eram materialistas que ignorassem ou falassem em termos zombeteiros desses poderes.

Ἡ ὁπου ἀγγελοὶ ἰσχύϊ καὶ δυνάμει μείζονες ὄντες οὐ φέρουσιν κατ' αὐτῶν παρὰ κυρίῳ<sup>1</sup> βλάβημον  
κρίσιν.

"11 IC" παρὰ κληρὸν Ν Β Σ Κ Ρ 018 83 104 320 945 1730 1867 παρὶ  
2127 2402 Byz Lat syrr<sup>1</sup> hith " arm Ps-Domenius Theophylact ὁ παρὰ  
αἰθρια π<sup>η</sup> 036 0143 330 451 1341 it<sup>1</sup> syrr<sup>1</sup> hith " ὁ κληρὸς : " and A Ψ

33 41 181 436 614 820 1505 1881 2412 2495 17<sup>th</sup> C. 18<sup>th</sup> C. 19<sup>th</sup> C. 20<sup>th</sup> C.  
Ephraem Node

11 39 9

Entre *παρὰ κυρίῳ*, que figura em **N B C K P 88 1739** *ara al*, e *παρὰ κυρίου*, que figura em **P (72) 056 0142 330 al**, a maioria da comissão preferiu a última forma, como forma mais difícil. A fim de evitar atribuir *βλάσφημον κρίσιν* a Deus, escribas alteraram *κυρίου* para *κυρίῳ* ou omitiram inteiramente a frase preposicional (tal como em **A Ψ 33 81 614** *vg cop* (sa,bo) *eti*). A omissão também pode refletir a memória escriba da narrativa paralela em Jud. 9, onde não há qualquer menção à presença do Senhor.

(Em face da ausência da frase preposicional em grande variedade de testemunhos gregos, patrísticos e das versões, suspeita-se que escribas a adicionaram na forma *παρὰ κυρίου* ou *παρὰ κυρίου*. (1) Se tal frase tiver de ser incluída no texto, a decisão menos insatisfatória seria adotar a forma dos grandes manuscritos unciais (N B C), mas deixar os termos *παρὰ κυρίου* entre colchetes. B. M. M.)

1. O genitivo é usado com *παρὰ* por 78 vezes no N.T., em confronto com as 50 vezes com o dativo e as 60 vezes com o acusativo (J. H. Moulton, *Prolegomena*, pág. 106).

2:11: enquanto que as mães, embora mulheres em força e poder, não pronunciem contra elas juízo blasfemo diante do Senhor.

... anjos... maiores em força e poder ... Isso poderia significar uma das seguintes coisas: 1. Os anjos são dotados de maior poder que aqueles falsos mestres, e não são conhecidos como quem degrada a outros, aos quais aqui foi aplicado o título de «glórias». 2. Ou então, os anjos bons, embora maiores em poder que os anjos maus (as «glórias» acabadas de mencionar), não proferem palavras insultuosas contra eles. 3. Ou ainda, os anjos bons,

ainda maiores que outras ordens que poderiam ser mencionadas, nunca proferem palavras insultuosas contra ordens inferiores (de anjos bons). 4. Ou ainda, mui geralmente, nos reinos angelicais, não se usa de calúnia em uma ou outra direção, nem de maus contra bons, nem de bons contra maus. No entanto, os mestres gnósticos se mostravam tão ousados que não temiam fazer o que os próprios anjos temiam. (Comparar com o nono versículo da epístola a Judas). Até mesmo o grande Miguel, o maior de todos os anjos, não proferiu palavras insultuosas contra Satanás. Essa interrelação mais

geral parece adaptar-se melhor ao contexto; mas também é possível que estejam em foco anjos maus. O nono capítulo do livro apócrifo de Enoque parece estar por detrás dessa questão. Os arcanjos, Miguel, Uriel, Rafael e Gabriel evitariam proferir juízo precipitado contra os anjos caldos e contra os homens desobedientes na presença do Senhor. Queixam-se perante o Senhor, mas não apelam para palavras duras e insultuosas contra os acusados.

...da presença do Senhor... Seguindo o nono capítulo do livro de Enoque, onde se lê sobre os arcanjos queixando-se na presença do Senhor, embora abstenha-se de proferir palavras pesadas contra os acusados de maldade. Naturalmente, o nono versículo da epístola de Judas, o trecho paralelo, não pinta Miguel e o diabo como quem estava na presença do Senhor, naquela confrontação. O autor sagrado adapta o seu material (os 12 οἱ τοῦ θεοῦ, ὡς ἄλογα ζῶα γεγεννημένα φυσικὰ εἰς ἄλωσιν καὶ φθορὰν, ἐν οἷς ἀγνοοῦσιν βλασφημοῦντες, ἐν τῇ φθορᾷ αὐτῶν καὶ φθαρῆσονται,

12 γεγεννημένα - γεγ. Ν 33: τὰς φυσ. γεγεννημ. KL al. εἰ φυσικὰ (Jud. 10) φυσικῶς 209<sup>o</sup> latt

2:12: Mas estes, como criaturas irracionais, por natureza (talvez para serem prontos a matar, blasfemando do que não entendam, porocorão na sua corrupção.

A maioria dos intérpretes crê que o autor sagrado relatava o pensamento do décimo versículo da epístola de Judas, embora se tenha confundido de maneira vaga. Seja como for, este versículo (e seu contexto imediato), além de outros usos que o autor faz da epístola de Judas, parece favorecer a prioridade da epístola de Judas sobre a presente epístola (ver a seção V da introdução, quanto às relações entre esta epístola e a de Judas).

...brutos irracionais... Aqueles indivíduos, que não possuíam a capacidade do discernimento, proferiam palavras insultuosas sobre questões acerca das quais não tinham e nem podiam mesmo ter conhecimento. Na epístola de Judas, essa expressão alude às ousadas asseverações dos brutos, sobre coisas acerca das quais não tinham conhecimento; mas, quanto à área das coisas que conheciam—coisas carnis e físicas—usavam tal conhecimento plenamente, isto é, prostituam sua natureza física com excessos carnis. No presente versículo, o autor sagrado reflete a opinião comum de que os animais vivem por instinto, e não segundo a razão. A ciência moderna tem demonstrado a elevada inteligência de alguns animais irracionais, e todos os animais provavelmente são muito mais inteligentes do que temos imaginado. Os antigos, pois, tanto quanto os modernos, pensavam que os animais são criaturas «irracionais». Os indivíduos que se tornam animais quanto à questão da indulgência carnal, sem restrições, e que proferem palavras ousadas sobre coisas que lhes fogem do conhecimento, são como animais (os quais, pela avaliação popular, não possuem autêntica faculdade de raciocínio).

...feitos para presa e destruição... Segundo a avaliação humana comum, os animais têm pouquíssimo valor. Foram criados para benefício do homem; e o homem pode caçar um animal e matá-lo, em busca de alimento ou de mero prazer; e não há lei que possa impedi-lo. Pelo menos, as leis não são inerentemente contrárias a essa forma de ação, ainda que alguns animais, que já rareiam, sejam protegidos por lei, sendo vedada a sua caça, ao mesmo tempo que há «estações» de caça no caso de outros. Contudo, um animal tem tão pouco valor que um homem pode fazer qualquer coisa com ele, sem ser censurado e sem que se pense que ele fez qualquer coisa moralmente errônea. Nisso, novamente, o autor sagrado reflete a maneira comum de pensar. Mas a verdade da questão é que os animais são muito mais valiosos do que imaginamos. Há estudos que indicam até mesmo a imortalidade dos animais. Seja como for, a idéia do autor é bastante clara. Os homens que se reduzem ao nível animal são sujeitos naturais do juízo e da perdição e, inevitavelmente, terminarão por ser «capturados» (talvez figura simbólica do «Tártaro» ou «hades», a prisão subentendida no quarto versículo deste capítulo) e «destruídos» (talvez o simbolismo do julgamento que lançará os homens na perdição, quando da «parousia»). Portanto, o indivíduo brutal merece seu cativeiro no «hades» e seu subsequente juízo condenatório, tal como um animal, para nada mais

13 ἀδικούμενοι<sup>5</sup> μισθὸν ἀδικίας ἡδονὴν ἡγούμενοι τὴν ἐν ἡμέρᾳ τρυφῇ, σπῖλοι καὶ μῶμοι ἐν τρυφῶντες ἐν ταῖς ἀπάταις<sup>6</sup> αὐτῶν συνευχόμενοι ὑμῖν,

<sup>5</sup> 13 [C] ἀδικούμενοι p<sup>72</sup> N<sup>a</sup> B P Ψ syr<sup>1</sup> ar<sup>1</sup> & κομιούμενοι N<sup>c</sup> A C K 049 056 0142 33 81 88 104 181 326 330 436 451 814 829 830 945 1241 1563 1738

<sup>6</sup> 13 [D] ἀπάταις p<sup>72</sup> N<sup>a</sup> A<sup>c</sup> C K P 049 056 0142 33 81 88 104 181 326 330 436 451 814 829 830 1803 1871 2127 2412 2492 2495 Byz Lect ar<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> ar<sup>2</sup> Jerome Pn-Oecumenius Theophylact & ἀγάπαις (see Jd 12: A<sup>c</sup> B Ψ 12<sup>m</sup> & 4<sup>m</sup>).

13 σπῖλοι... ὑμῖν Jd 12

<sup>5</sup> A forma ἀδικούμενοι, que é apoiada por testemunho antigo e diversificado (p<sup>72</sup> N<sup>a</sup> B P Ψ 1175 1852 sir (ph) ara), envolve a raríssima construção com μισθόν, pelo que copistas introduziram o termo menos sujeito a objeção, κομιούμενοι. A C K 049 maioria dos minúsculos vg sir (h) cop (sa,bo) etí Espéculo. Parece que o autor tolerou a incomum construção gramatical, a fim de armar um jogo de palavras, ἀδικούμενοι... ἀδικίας («defraudados do salário da fraude», J.B. Mayor, *Com.*, pág. cxvii; ver também Schrenk na obra de Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament*, I, págs. 156 s. e Bauer-Arndt-Gingrich, s.v. ἀδικέω, no fim).

<sup>6</sup> Em face da probabilidade que a forma original de Jud. 12 seja ἐν ταῖς ἀγάπαις ὑμῶν (ver os comentários sobre aquela passagem), a maioria da comissão opinou que o autor de II Pedro conscientemente alterou a expressão de Judas, substituindo-a (conforme ele faz alhures) por expressão mais geral, ἐν ταῖς ἀπάταις αὐτῶν, que é fortemente apoiada por p<sup>72</sup> N<sup>a</sup> A<sup>c</sup> CKP 33 81 614 sir (h) cop (bo) ara al, e em favor do que a presença de αὐτῶν é um argumento de apoio. A forma ἀγάπαις (A<sup>c</sup> B Ψ 424 (c) 623 1827 vg sir (ph,hmg) cop (sa) etí Espéculo al), portanto, é uma assimilação escríbal ao texto prevalente da epístola de Judas.

empréstimos feitos do texto de Judas), para harmonizar-se com seu próprio plano de apresentação.

Os hereges gnósticos, bem em contrário disso, possuidores de um espírito ardente pelo mal, proferem palavras insultuosas à vontade, até mesmo contra seres angelicais, sem importar se eram bons ou maus. A doutrina deles era blasfema para a verdadeira compreensão de como são as esferas angelicais. (Ver Luc. 4:10 e Atos 1:10 quanto a notas de sumário sobre os «anjos»).

«...força e poder...» No grego é «ischus» e «dunamis», que geralmente são sinônimos; mas é possível que, neste ponto, «ischus» indique «força inerente», o potencial de um ser, ao passo que «dunamis» indique o poder em ação. Porém, tais distinções tendem a ser um tanto superficiais.

12 Jd 10

(Jud. 10) φυσικῶς 209<sup>o</sup> latt

serve senão ser capturado e morto pelo caçador. Os animais se deixam prender em armadilhas por motivo de seu apetite descontrolado. Assim também os indivíduos brutais, devido aos apetites carnis, caem na armadilha do juízo divino. O autor sagrado acusa aqui aos falsos mestres de viverem segundo os desejos e instintos animais e não de acordo com o Espírito.

...na sua destruição também não de ser destruídos... Uma vez que sejam apanhados no julgamento divino, não haverá como reverter sua condição. Ficarão totalmente perdidos, tal como um animal, apanhado em uma armadilha, é inevitavelmente destruído. Sua presente vida maligna é sua armadilha; o «hades» será outra, mais avançada; e ambas as coisas preservam os ímpios para a perdição da segunda morte.

Alguns intérpretes pensam que essa cláusula tem um sentido «totalmente presente». Por isso é que diz a tradução inglesa de Williams (aqui vertida para o português); «...sofrendo o erro como castigo por terem praticado o erro». Mas até mesmo isso pode ter um intuito futuro. O «castigo» mencionado poderia aludir ainda ao futuro. O «sofrimento» consistirá de «obter o que foi dado». O erro foi praticado. E o «sofrimento» será a devolução dessa prática. Todo erro praticado será sofrido. A lei universal da colheita segundo a semeadura fica aqui implícita. (Ver as notas expositivas sobre Gál. 6:7,8 acerca disso).

...daquilo em que são ignorantes... Alusão ao fato que os mestres gnósticos blasfemavam contra os poderes angelicais (ver os versículos onze e doze). Eles se intrometiam em coisas sobre as quais não tinham conhecimento, tendo erigido um esquisito sistema de adoração aos anjos, degradando a Cristo, o único Senhor. (Comparar isso com Col. 2:18,19).

A glória do homem é a sua razão; isso é o que o distingue dos animais irracionais. Portanto, quando entristecer o que ele a ponha de lado e se torne um animal, às vezes tornando-se pior que um animal. Seja como for, o homem deixado sem a graça de Deus, quando muito é apenas um «nobre selvagem». O evangelho o eleva acima desse nível, fazendo dele um «filho de Deus», que participa da essência da natureza e da vida do Filho (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18) e assim se torna participante da própria divindade (ver II Ped. 1:4 e Elé. 3:19).

**Reprovação ativa:** Este versículo é tido por alguns como passagem que ensina aquele ato que rejeita ativamente a certos homens, conduzindo-os inexoravelmente à condenação. (Ver as notas expositivas que repudiam essa idéia de «reprovação ativa», em Rom. 9:10). A «reprovação», segundo a qual Deus é tido como quem criou propositamente um homem a fim de condená-lo, é repugnante à razão e à revelação. Até mesmo a reprovação passiva, que vê Deus a «deixar de lado» alguns, não lhes conferindo graça, o que permite que o indivíduo continue em seu curso na direção da destruição, é contra tudo quanto sabemos acerca do amor de Deus. Deus não é forçado a amar qualquer coisa que há no homem, mas a sua própria natureza o «auto-obriga». E nisso que consiste o próprio evangelho.

1877 1881 2127 2412 2492 2495 Byz Lect (12<sup>m</sup> & 4<sup>m</sup>) vg syr<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> eth Ephraem Jerome Pn-Oecumenius Theophylact

1881 vg syr<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> eth Hilary Ephraem & ἀγάπαις 945 1241 1738



2:13: recebendo e paga da sua injustiça; pois que tais homens têm prazer em delitos à luz do dia; todos são eles e máculas, deformando-se em suas dissimulações, quando se banquetizam convosco;

O versículo anterior apresentou a idéia da «destruição» inevitável dos falsos mestres. Os versículos treze a décimo sexto deste capítulo desenvolvem este tema e nos fornecem razões adicionais porque merecem tal destruição. O salário do erro é o erro sofrido. O sofrer o erro é o salário do erro praticado. Balaque alugou Balaão e nunca o pagou (ver Núm. 24:11; comparar com II Ped. 2:15). Por igual modo a destruição (isto é, a morte) defrauda os falsos mestres das recompensas materiais pelas quais sacrificaram todos os demais valores (comparar com Luc. 12:19-21). A licenciosidade e a cobiça não podem tornar um homem rico aos olhos de Deus. «Licenciosos e cobiçosos sem hesitação 'blasfemam contra os gloriosos', considerando a concupiscência como algo angelical. Não obstante, sentem-se tristes quando Deus os faz sofrer o erro praticado.» (Barnett, *in loc.*). (Isso pode ser comparado com o que se lê em Rom. 6:3: «O salário do pecado é a morte»).

«...luxúria carnal em plena luz...» (Comparar com as «impudicícias» aludidas por Paulo em Rom. 13:13). Em pleno sol do dia, os mestres falsos, enquanto cumpriam visitas para a igreja, conduziam «mulherinhas cativas», sobrecarregadas de vários pecados e paixões, além de outras atividades que os pagãos normais deixavam para as trevas da noite. (Ver II Tim. 3:6). O autor sagrado aponta para a natureza totalmente «desavergonhada» das concupiscências e vícios daquela gente. A maioria dos pecadores deixa o «prazer» das orgias e dissoluções para a noite. Aqueles supostos líderes cristãos, entretanto, se ocupavam do mesmo em plena luz.

Alguns estudiosos pensam que a palavra «...dia...», neste caso, significa a vida humana, «breve como um dia». Isso explica a tradução de Goodspeed: «...na indulgência do momento...» O sentido, porém, é o total despudor dos atos que o autor sagrado salientava. «Ora, os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam é de noite que se embriagam» (I Tes. 5:7). Mas os gnósticos não tinham seguir formas convencionais de dissolução. Nem ao menos queriam fingir ser «filhos da luz» (ver I Tes. 5:5), conforme essa expressão era entendida pelo cristianismo genuíno. (Quanto às metáforas da «luz» e das «trevas», amplamente desenvolvidas, ver as notas expositivas sobre Efé. 5:8).

Já que as dissoluções e orgias dos falsos mestres eram levadas a efeito até mesmo no *agape* (festa de amor ou Ceia do Senhor), conforme o restante deste versículo o demonstra, alguns pensam que o autor sagrado queria dizer que aqueles indivíduos tinham como máximo prazer corromper esta cerimônia, que sempre era despedida antes de sobrevir a noite—portanto, era uma «festividade diurna». Por essa mesma razão Bigg (*in loc.*) sugere a seguinte tradução: «Considerando nossa sôbria e diurna alegria (o «agape») como se fora um vulgar prazer». Ora, se os mestres gnósticos corrompiam o «agape» em plena luz do dia, é certo que praticavam outras dissoluções durante o dia. Portanto, ambas as interpretações estão com razão.

«...nódoas...» No grego é *spiloi*, usado esse termo aqui e em Efé. 5:27. «Mancha», alguma coisa que suja e contamina. Eles manchavam e sujavam a igreja através da adoção de uma ética licenciosa, totalmente estranha às

14 ὀφθαλμοὺς ἔχοντες μεστοὺς μοιχαλίδος καὶ ἀκαταπαύστους ἁμαρτίας, δειλιάζοντες ψυχὰς ἀσθηρίκτους, καρδίαν γεγυμνασμένην πλεονεξίας ἔχοντες, κατάρως τέκνα,

14 μοιχαλίδος] -λας NA pc lat sy | ἀκαταπαύστους] -στον 33 al it vg<sup>cl</sup> <sup>1</sup>: -παστοὺς AB I al

2:14: tendo os olhos cheios de adultério e inconstância no poder; engodando as almas inconstantes, tendo um coração exercitado na ganância, filhos da maldição;

«...olhos cheios de adultério...» Eles não respeitavam a esposa de ninguém. Seus olhos viviam para cá e para lá, procurando novas vítimas para sua concupiscência. Para eles, cada mulher, de dentro ou de fora da igreja, era uma sócia em potencial do adultério. Tinham-se enganado a si mesmos, pensando que quanto mais prostituíssem e contaminassem seus corpos, mais rapidamente os levariam à destruição; e ainda imaginavam que isso seria melhor para a alma, pois então ela seria liberada para o seu vó para as dimensões da realidade última. Não se incomodavam em entender que aquilo que corrompe o corpo também corrompe a alma. Cada homem sabe o que é ter olhos cheios do adultério; poucos sabem o que é vencer esse pecado. Os gnósticos se especializavam no mesmo, e ainda o chamavam de «ética cristã».

«...insaciáveis no pecado...» No grego o adjetivo é «*akatapaustos*», isto é, «incapaz de ser refreado». Eles tinham feito inequívocos as algemas de seu pecado, a concupiscência de suas mentes, algo irresistível. Os homens se tornam escravos das paixões que permitem que os dominem por longo tempo. O desejo cumprido ou não, se não for espiritualmente controlado, torna-se a fonte de desejos piores. Esses desejos exigem cumprimento mais intenso; o fim desse ciclo louco é a futilidade e a frustração.

«...engodando almas inconstantes...» Na depravação deles, pensavam que as suas formas religiosas eram dignas de serem propagadas. Portanto, faziam discípulos homens que de nada suspeitavam. Existem aquelas pessoas «instáveis» que se convertem facilmente a quase qualquer tipo de religião. São atraídos pela novidade, visto que lhes falta o sólido fundamento em Cristo, logo se deixam arrastar por hábeis mestres falsos. Os falsos mestres os «apanham com a isca» de seus argumentos capciosos. A raiz da palavra aqui usada, «deleado» («engodado») é «isca», «chamarizo». Aqueles que estão «firmados» na verdade, não podem ser assim atraídos (ver II Ped. 1:12). Os falsos mestres não hesitavam em «torcer» as epístolas de Paulo (conhecidas e respeitadas como eram), a fim de fortalecer a seus argumentos, para que sua «isca» fosse mais atrativa para indivíduos instáveis. Provavelmente, declaravam que sua doutrina da *liberdade cristã* concordava com a sua mentalidade, mediante a qual abusavam das concupiscências do corpo.

exigências morais do evangelho.

«...deformidades...» No grego é «*monos*», um «defeito corporal», uma «mácula» de qualquer natureza. Eles deformavam o cristianismo com sua grosseira imoralidade. Eram como uma excrescência na igreja, não representando aquilo que o evangelho de Cristo pode produzir.

«...se regalam nas suas próprias mistificações...» O grego diz aqui «*apatais*», «ludibrios», «mistificações», «desejos enganadores». Isso era produzido pela imoralidade com que aquela gente se enganava a si mesma, isto é, imaginavam que o evangelho de Cristo não envolve exigências morais, e que não é errado praticar a dissolução contra o corpo.

**Variante Textual:** Ao invés de «*apatais*», palavra que aparece nos mss P(72), Aleph, A(1)CKP, 33; 81, 614, no Si(h), no Cóp(bo) e no Ara, outros manuscritos (a saber, A(c)B, Pei, 424(c), 823, 1827, a Vg, o Si(ph, hmg), o Cóp(m), o Et( Speculum) dizem «*agapais*», «festas de amor», uma alusão à Ceia do Senhor. A primeira forma é mais fortemente apoiada objetivamente, sendo também provável que houve modificação na mesma para que se fizesse harmonia com o décimo segundo versículo da epístola de Judas, onde «*agapais*» é a forma correta. Seja como for, provavelmente a «festa de amor» também está em foco aqui. Aqueles falsos mestres não mesmo quando da celebração de Ceia do Senhor deixavam de lado seu deboche. Entregavam-se à gula e ao excesso de vinho, embriagando-se (comparar com I Cor. 11:21,22 quanto a esses vergonhosos acontecimentos na igreja cristã primitiva).

«...enquanto banquetizam junto convosco...» Os mestres falsos e seus discípulos tiravam proveito das «festas de amor» para se entregarem ao deboche. É difícil dizer-se o que ocorria em tais reuniões, além da gula e da embriaguez deles. Não é impossível que se entregassem a práticas sexuais ilícitas, em imitação às festividades nos templos pagãos. Isso significa que o paganismo penetrara no cristianismo com todos os seus quatro pés. Não admira, pois, que o autor sagrado tivesse atacado tão duramente aqueles supostos líderes cristãos. Clemente de Alexandria descreveu o abuso do «*agape*» ou «festa de amor» com as seguintes palavras: «Não há limite, entre os homens, para os excessos epicureus. Pois isso os tem levado a carnes adocicadas, a bolos de mel e a pudins de açúcar... Mas nós, que buscamos o pão celestial, precisamos controlar o ventre... Pois 'os alimentos são para o ventre', pois deles depende essa vida verdadeiramente carnal e destrutiva; e daí alguns, falando desabridamente, ousam aplicar o nome «*agape*» a coisas entristecedoras, que transcendem a sabor e a tempero... Mas as tais entretenimentos o Senhor não chamou de festas de amor.» (O Instrutor, II.1).

Mediante tais ações, os falsos mestres e seus discípulos tornavam-se «máculas e deformações» na celebração da Ceia do Senhor.

**Variante Textual:** As palavras «...sofrendo o erro...» (pelo erro praticado) figuram nos mss P(72), Aleph(1), BP, no Si, 1175, 1852, Si(ph) e no Ara; mas são modificadas para «recebendo», nos mss Aleph(c), ACK, 049, a maioria dos manuscritos minúsculos, na Vg, no Si(h), no Cóp(m bo), no Et( Speculum). A modificação foi feita devido ao desejo dos escribas de aliviar o texto de uma expressão um tanto desajeitada, substituído-a por outra, mais fácil e mais comum. O autor original escolheu essa expressão incomum, que faz «mistérios» (salário) ser o objeto de «erros», a interesse da delicadeza literária—«...*adikhomencoi*... *adichias*...» a repetição da mesma raiz básica sob formas diferentes, um artifício literário um tanto semelhante à aliteração.

«...covação exercitada na avariza...» No grego há a idéia de satisfação sensual, mas, mais provavelmente, está em foco o «lucro financeiro». O verdadeiro motivo pelo qual estavam no seio da igreja é que, do ponto de vista material, obtinham grandes vantagens. Seus convertidos mostravam-se generosos ao «sustentá-los». Eram mercenários e não servos e pastores reais da igreja. No terceiro versículo do presente capítulo, vemos que eles «exploravam» a igreja, criando para si mesmos uma vida fácil. (Ver ali as notas expositivas, onde esse tema é desenvolvido. Ver Efé. 5:3 quanto a notas expositivas completas sobre a «cobiça»). As notas expositivas sobre Col. 3:5 podem ser acrescentadas a essas; ali há uma lista de referências sobre o tema, com as idéias paralelas).

«...filhos malditos...» Os desviados gnósticos inevitavelmente teriam de sofrer o erro praticado por eles mesmos (ver o décimo terceiro versículo), tornando-se «filhos» da «maldição». (Essa expressão—comum no hebraico para descrever a «natureza geral» ou característica de algo ou alguém—pode ser confrontada com o trecho de Efé. 2:2,3). Eram «malditos», e, portanto, estavam «condenados». (Comparar com Gál. 3:13). A retribuição para a apostasia é ser finalmente rejeitado por Deus; é isto que faz o homem levar sobre si a sua «maldição». Este é o resultado final que os falsos mestres e os depravados terão de enfrentar, o que resulta das suas próprias atitudes e atividades. Merecem a maldição; do contrário, esta não teria sido lançada sobre eles. A maldição é a declaração negativa, a declaração de condenação. Isto paira sobre a cabeça de todos os perversos. Seu cumprimento é o julgamento.

**Variante Textual:** No caso da palavra *adultério* temos o termo grego «*moichabidos*», que literalmente significa «uma adúltera» (mas também pode funcionar como adjetivo; ver Mat. 12:39 e 16:4). Isso poderia significar, portanto, «olhos cheios (do desejo) de uma adúltera», isto é, sempre buscando tal mulher, a fim de satisfazer a concupiscência. Essa forma aparece nos mss P(72), B e na maioria dos demais. Mas os mss A e Aleph, juntamente com alguns poucos outros manuscritos, trazem a forma mais comum, «*moichabias*», «adulterio». Houve a modificação da forma difícil para a mais fácil.

A forma dos mss A e B é «*akatapaustos*», em lugar de «*akatapaustos*». Provavelmente, porém, isso se deveu à omissão accidental da letra «u», por falta de cuidado, ou porque essa letra, em algum manuscrito antigo, vinha no fim da linha, tendo sido negligenciada por escribas subsequentes. Ou então, em algum manuscrito ditado, aquele que ditava pronunciou-a de modo irreconhecível, o que foi ignorantemente registrado. Seja como for, a palavra assim criada não tem qualquer apoio léxico, pelo que, evidentemente, não é a palavra original.

15 καταλείποντες ευθείαν ὁδὸν ἐπλανήθησαν, ἐξακολουθήσαντες τῇ ὁδῷ τοῦ Βαλαὰμ τοῦ Βοσόρ<sup>1</sup>, ὃς μισθὸν ἀδικίας ἠγάπησεν

<sup>1</sup> 16 | B: Βοσόρ | A C K P Ψ 048 040 086 0142 81 88 104 181 238 220 436 481 614 630 630 845 1241 1508 1738 1877 1881 2127 2412 2493 | 2493

Βοσόρ | Bys Lact 10<sup>1</sup> 10<sup>2</sup> 10<sup>3</sup> 10<sup>4</sup> 10<sup>5</sup> 10<sup>6</sup> 10<sup>7</sup> 10<sup>8</sup> 10<sup>9</sup> 10<sup>10</sup> 10<sup>11</sup> 10<sup>12</sup> 10<sup>13</sup> 10<sup>14</sup> 10<sup>15</sup> 10<sup>16</sup> 10<sup>17</sup> 10<sup>18</sup> 10<sup>19</sup> 10<sup>20</sup> 10<sup>21</sup> 10<sup>22</sup> 10<sup>23</sup> 10<sup>24</sup> 10<sup>25</sup> 10<sup>26</sup> 10<sup>27</sup> 10<sup>28</sup> 10<sup>29</sup> 10<sup>30</sup> 10<sup>31</sup> 10<sup>32</sup> 10<sup>33</sup> 10<sup>34</sup> 10<sup>35</sup> 10<sup>36</sup> 10<sup>37</sup> 10<sup>38</sup> 10<sup>39</sup> 10<sup>40</sup> 10<sup>41</sup> 10<sup>42</sup> 10<sup>43</sup> 10<sup>44</sup> 10<sup>45</sup> 10<sup>46</sup> 10<sup>47</sup> 10<sup>48</sup> 10<sup>49</sup> 10<sup>50</sup> 10<sup>51</sup> 10<sup>52</sup> 10<sup>53</sup> 10<sup>54</sup> 10<sup>55</sup> 10<sup>56</sup> 10<sup>57</sup> 10<sup>58</sup> 10<sup>59</sup> 10<sup>60</sup> 10<sup>61</sup> 10<sup>62</sup> 10<sup>63</sup> 10<sup>64</sup> 10<sup>65</sup> 10<sup>66</sup> 10<sup>67</sup> 10<sup>68</sup> 10<sup>69</sup> 10<sup>70</sup> 10<sup>71</sup> 10<sup>72</sup> 10<sup>73</sup> 10<sup>74</sup> 10<sup>75</sup> 10<sup>76</sup> 10<sup>77</sup> 10<sup>78</sup> 10<sup>79</sup> 10<sup>80</sup> 10<sup>81</sup> 10<sup>82</sup> 10<sup>83</sup> 10<sup>84</sup> 10<sup>85</sup> 10<sup>86</sup> 10<sup>87</sup> 10<sup>88</sup> 10<sup>89</sup> 10<sup>90</sup> 10<sup>91</sup> 10<sup>92</sup> 10<sup>93</sup> 10<sup>94</sup> 10<sup>95</sup> 10<sup>96</sup> 10<sup>97</sup> 10<sup>98</sup> 10<sup>99</sup> 10<sup>100</sup> 10<sup>101</sup> 10<sup>102</sup> 10<sup>103</sup> 10<sup>104</sup> 10<sup>105</sup> 10<sup>106</sup> 10<sup>107</sup> 10<sup>108</sup> 10<sup>109</sup> 10<sup>110</sup> 10<sup>111</sup> 10<sup>112</sup> 10<sup>113</sup> 10<sup>114</sup> 10<sup>115</sup> 10<sup>116</sup> 10<sup>117</sup> 10<sup>118</sup> 10<sup>119</sup> 10<sup>120</sup> 10<sup>121</sup> 10<sup>122</sup> 10<sup>123</sup> 10<sup>124</sup> 10<sup>125</sup> 10<sup>126</sup> 10<sup>127</sup> 10<sup>128</sup> 10<sup>129</sup> 10<sup>130</sup> 10<sup>131</sup> 10<sup>132</sup> 10<sup>133</sup> 10<sup>134</sup> 10<sup>135</sup> 10<sup>136</sup> 10<sup>137</sup> 10<sup>138</sup> 10<sup>139</sup> 10<sup>140</sup> 10<sup>141</sup> 10<sup>142</sup> 10<sup>143</sup> 10<sup>144</sup> 10<sup>145</sup> 10<sup>146</sup> 10<sup>147</sup> 10<sup>148</sup> 10<sup>149</sup> 10<sup>150</sup> 10<sup>151</sup> 10<sup>152</sup> 10<sup>153</sup> 10<sup>154</sup> 10<sup>155</sup> 10<sup>156</sup> 10<sup>157</sup> 10<sup>158</sup> 10<sup>159</sup> 10<sup>160</sup> 10<sup>161</sup> 10<sup>162</sup> 10<sup>163</sup> 10<sup>164</sup> 10<sup>165</sup> 10<sup>166</sup> 10<sup>167</sup> 10<sup>168</sup> 10<sup>169</sup> 10<sup>170</sup> 10<sup>171</sup> 10<sup>172</sup> 10<sup>173</sup> 10<sup>174</sup> 10<sup>175</sup> 10<sup>176</sup> 10<sup>177</sup> 10<sup>178</sup> 10<sup>179</sup> 10<sup>180</sup> 10<sup>181</sup> 10<sup>182</sup> 10<sup>183</sup> 10<sup>184</sup> 10<sup>185</sup> 10<sup>186</sup> 10<sup>187</sup> 10<sup>188</sup> 10<sup>189</sup> 10<sup>190</sup> 10<sup>191</sup> 10<sup>192</sup> 10<sup>193</sup> 10<sup>194</sup> 10<sup>195</sup> 10<sup>196</sup> 10<sup>197</sup> 10<sup>198</sup> 10<sup>199</sup> 10<sup>200</sup> 10<sup>201</sup> 10<sup>202</sup> 10<sup>203</sup> 10<sup>204</sup> 10<sup>205</sup> 10<sup>206</sup> 10<sup>207</sup> 10<sup>208</sup> 10<sup>209</sup> 10<sup>210</sup> 10<sup>211</sup> 10<sup>212</sup> 10<sup>213</sup> 10<sup>214</sup> 10<sup>215</sup> 10<sup>216</sup> 10<sup>217</sup> 10<sup>218</sup> 10<sup>219</sup> 10<sup>220</sup> 10<sup>221</sup> 10<sup>222</sup> 10<sup>223</sup> 10<sup>224</sup> 10<sup>225</sup> 10<sup>226</sup> 10<sup>227</sup> 10<sup>228</sup> 10<sup>229</sup> 10<sup>230</sup> 10<sup>231</sup> 10<sup>232</sup> 10<sup>233</sup> 10<sup>234</sup> 10<sup>235</sup> 10<sup>236</sup> 10<sup>237</sup> 10<sup>238</sup> 10<sup>239</sup> 10<sup>240</sup> 10<sup>241</sup> 10<sup>242</sup> 10<sup>243</sup> 10<sup>244</sup> 10<sup>245</sup> 10<sup>246</sup> 10<sup>247</sup> 10<sup>248</sup> 10<sup>249</sup> 10<sup>250</sup> 10<sup>251</sup> 10<sup>252</sup> 10<sup>253</sup> 10<sup>254</sup> 10<sup>255</sup> 10<sup>256</sup> 10<sup>257</sup> 10<sup>258</sup> 10<sup>259</sup> 10<sup>260</sup> 10<sup>261</sup> 10<sup>262</sup> 10<sup>263</sup> 10<sup>264</sup> 10<sup>265</sup> 10<sup>266</sup> 10<sup>267</sup> 10<sup>268</sup> 10<sup>269</sup> 10<sup>270</sup> 10<sup>271</sup> 10<sup>272</sup> 10<sup>273</sup> 10<sup>274</sup> 10<sup>275</sup> 10<sup>276</sup> 10<sup>277</sup> 10<sup>278</sup> 10<sup>279</sup> 10<sup>280</sup> 10<sup>281</sup> 10<sup>282</sup> 10<sup>283</sup> 10<sup>284</sup> 10<sup>285</sup> 10<sup>286</sup> 10<sup>287</sup> 10<sup>288</sup> 10<sup>289</sup> 10<sup>290</sup> 10<sup>291</sup> 10<sup>292</sup> 10<sup>293</sup> 10<sup>294</sup> 10<sup>295</sup> 10<sup>296</sup> 10<sup>297</sup> 10<sup>298</sup> 10<sup>299</sup> 10<sup>300</sup> 10<sup>301</sup> 10<sup>302</sup> 10<sup>303</sup> 10<sup>304</sup> 10<sup>305</sup> 10<sup>306</sup> 10<sup>307</sup> 10<sup>308</sup> 10<sup>309</sup> 10<sup>310</sup> 10<sup>311</sup> 10<sup>312</sup> 10<sup>313</sup> 10<sup>314</sup> 10<sup>315</sup> 10<sup>316</sup> 10<sup>317</sup> 10<sup>318</sup> 10<sup>319</sup> 10<sup>320</sup> 10<sup>321</sup> 10<sup>322</sup> 10<sup>323</sup> 10<sup>324</sup> 10<sup>325</sup> 10<sup>326</sup> 10<sup>327</sup> 10<sup>328</sup> 10<sup>329</sup> 10<sup>330</sup> 10<sup>331</sup> 10<sup>332</sup> 10<sup>333</sup> 10<sup>334</sup> 10<sup>335</sup> 10<sup>336</sup> 10<sup>337</sup> 10<sup>338</sup> 10<sup>339</sup> 10<sup>340</sup> 10<sup>341</sup> 10<sup>342</sup> 10<sup>343</sup> 10<sup>344</sup> 10<sup>345</sup> 10<sup>346</sup> 10<sup>347</sup> 10<sup>348</sup> 10<sup>349</sup> 10<sup>350</sup> 10<sup>351</sup> 10<sup>352</sup> 10<sup>353</sup> 10<sup>354</sup> 10<sup>355</sup> 10<sup>356</sup> 10<sup>357</sup> 10<sup>358</sup> 10<sup>359</sup> 10<sup>360</sup> 10<sup>361</sup> 10<sup>362</sup> 10<sup>363</sup> 10<sup>364</sup> 10<sup>365</sup> 10<sup>366</sup> 10<sup>367</sup> 10<sup>368</sup> 10<sup>369</sup> 10<sup>370</sup> 10<sup>371</sup> 10<sup>372</sup> 10<sup>373</sup> 10<sup>374</sup> 10<sup>375</sup> 10<sup>376</sup> 10<sup>377</sup> 10<sup>378</sup> 10<sup>379</sup> 10<sup>380</sup> 10<sup>381</sup> 10<sup>382</sup> 10<sup>383</sup> 10<sup>384</sup> 10<sup>385</sup> 10<sup>386</sup> 10<sup>387</sup> 10<sup>388</sup> 10<sup>389</sup> 10<sup>390</sup> 10<sup>391</sup> 10<sup>392</sup> 10<sup>393</sup> 10<sup>394</sup> 10<sup>395</sup> 10<sup>396</sup> 10<sup>397</sup> 10<sup>398</sup> 10<sup>399</sup> 10<sup>400</sup> 10<sup>401</sup> 10<sup>402</sup> 10<sup>403</sup> 10<sup>404</sup> 10<sup>405</sup> 10<sup>406</sup> 10<sup>407</sup> 10<sup>408</sup> 10<sup>409</sup> 10<sup>410</sup> 10<sup>411</sup> 10<sup>412</sup> 10<sup>413</sup> 10<sup>414</sup> 10<sup>415</sup> 10<sup>416</sup> 10<sup>417</sup> 10<sup>418</sup> 10<sup>419</sup> 10<sup>420</sup> 10<sup>421</sup> 10<sup>422</sup> 10<sup>423</sup> 10<sup>424</sup> 10<sup>425</sup> 10<sup>426</sup> 10<sup>427</sup> 10<sup>428</sup> 10<sup>429</sup> 10<sup>430</sup> 10<sup>431</sup> 10<sup>432</sup> 10<sup>433</sup> 10<sup>434</sup> 10<sup>435</sup> 10<sup>436</sup> 10<sup>437</sup> 10<sup>438</sup> 10<sup>439</sup> 10<sup>440</sup> 10<sup>441</sup> 10<sup>442</sup> 10<sup>443</sup> 10<sup>444</sup> 10<sup>445</sup> 10<sup>446</sup> 10<sup>447</sup> 10<sup>448</sup> 10<sup>449</sup> 10<sup>450</sup> 10<sup>451</sup> 10<sup>452</sup> 10<sup>453</sup> 10<sup>454</sup> 10<sup>455</sup> 10<sup>456</sup> 10<sup>457</sup> 10<sup>458</sup> 10<sup>459</sup> 10<sup>460</sup> 10<sup>461</sup> 10<sup>462</sup> 10<sup>463</sup> 10<sup>464</sup> 10<sup>465</sup> 10<sup>466</sup> 10<sup>467</sup> 10<sup>468</sup> 10<sup>469</sup> 10<sup>470</sup> 10<sup>471</sup> 10<sup>472</sup> 10<sup>473</sup> 10<sup>474</sup> 10<sup>475</sup> 10<sup>476</sup> 10<sup>477</sup> 10<sup>478</sup> 10<sup>479</sup> 10<sup>480</sup> 10<sup>481</sup> 10<sup>482</sup> 10<sup>483</sup> 10<sup>484</sup> 10<sup>485</sup> 10<sup>486</sup> 10<sup>487</sup> 10<sup>488</sup> 10<sup>489</sup> 10<sup>490</sup> 10<sup>491</sup> 10<sup>492</sup> 10<sup>493</sup> 10<sup>494</sup> 10<sup>495</sup> 10<sup>496</sup> 10<sup>497</sup> 10<sup>498</sup> 10<sup>499</sup> 10<sup>500</sup> 10<sup>501</sup> 10<sup>502</sup> 10<sup>503</sup> 10<sup>504</sup> 10<sup>505</sup> 10<sup>506</sup> 10<sup>507</sup> 10<sup>508</sup> 10<sup>509</sup> 10<sup>510</sup> 10<sup>511</sup> 10<sup>512</sup> 10<sup>513</sup> 10<sup>514</sup> 10<sup>515</sup> 10<sup>516</sup> 10<sup>517</sup> 10<sup>518</sup> 10<sup>519</sup> 10<sup>520</sup> 10<sup>521</sup> 10<sup>522</sup> 10<sup>523</sup> 10<sup>524</sup> 10<sup>525</sup> 10<sup>526</sup> 10<sup>527</sup> 10<sup>528</sup> 10<sup>529</sup> 10<sup>530</sup> 10<sup>531</sup> 10<sup>532</sup> 10<sup>533</sup> 10<sup>534</sup> 10<sup>535</sup> 10<sup>536</sup> 10<sup>537</sup> 10<sup>538</sup> 10<sup>539</sup> 10<sup>540</sup> 10<sup>541</sup> 10<sup>542</sup> 10<sup>543</sup> 10<sup>544</sup> 10<sup>545</sup> 10<sup>546</sup> 10<sup>547</sup> 10<sup>548</sup> 10<sup>549</sup> 10<sup>550</sup> 10<sup>551</sup> 10<sup>552</sup> 10<sup>553</sup> 10<sup>554</sup> 10<sup>555</sup> 10<sup>556</sup> 10<sup>557</sup> 10<sup>558</sup> 10<sup>559</sup> 10<sup>560</sup> 10<sup>561</sup> 10<sup>562</sup> 10<sup>563</sup> 10<sup>564</sup> 10<sup>565</sup> 10<sup>566</sup> 10<sup>567</sup> 10<sup>568</sup> 10<sup>569</sup> 10<sup>570</sup> 10<sup>571</sup> 10<sup>572</sup> 10<sup>573</sup> 10<sup>574</sup> 10<sup>575</sup> 10<sup>576</sup> 10<sup>577</sup> 10<sup>578</sup> 10<sup>579</sup> 10<sup>580</sup> 10<sup>581</sup> 10<sup>582</sup> 10<sup>583</sup> 10<sup>584</sup> 10<sup>585</sup> 10<sup>586</sup> 10<sup>587</sup> 10<sup>588</sup> 10<sup>589</sup> 10<sup>590</sup> 10<sup>591</sup> 10<sup>592</sup> 10<sup>593</sup> 10<sup>594</sup> 10<sup>595</sup> 10<sup>596</sup> 10<sup>597</sup> 10<sup>598</sup> 10<sup>599</sup> 10<sup>600</sup> 10<sup>601</sup> 10<sup>602</sup> 10<sup>603</sup> 10<sup>604</sup> 10<sup>605</sup> 10<sup>606</sup> 10<sup>607</sup> 10<sup>608</sup> 10<sup>609</sup> 10<sup>610</sup> 10<sup>611</sup> 10<sup>612</sup> 10<sup>613</sup> 10<sup>614</sup> 10<sup>615</sup> 10<sup>616</sup> 10<sup>617</sup> 10<sup>618</sup> 10<sup>619</sup> 10<sup>620</sup> 10<sup>621</sup> 10<sup>622</sup> 10<sup>623</sup> 10<sup>624</sup> 10<sup>625</sup> 10<sup>626</sup> 10<sup>627</sup> 10<sup>628</sup> 10<sup>629</sup> 10<sup>630</sup> 10<sup>631</sup> 10<sup>632</sup> 10<sup>633</sup> 10<sup>634</sup> 10<sup>635</sup> 10<sup>636</sup> 10<sup>637</sup> 10<sup>638</sup> 10<sup>639</sup> 10<sup>640</sup> 10<sup>641</sup> 10<sup>642</sup> 10<sup>643</sup> 10<sup>644</sup> 10<sup>645</sup> 10<sup>646</sup> 10<sup>647</sup> 10<sup>648</sup> 10<sup>649</sup> 10<sup>650</sup> 10<sup>651</sup> 10<sup>652</sup> 10<sup>653</sup> 10<sup>654</sup> 10<sup>655</sup> 10<sup>656</sup> 10<sup>657</sup> 10<sup>658</sup> 10<sup>659</sup> 10<sup>660</sup> 10<sup>661</sup> 10<sup>662</sup> 10<sup>663</sup> 10<sup>664</sup> 10<sup>665</sup> 10<sup>666</sup> 10<sup>667</sup> 10<sup>668</sup> 10<sup>669</sup> 10<sup>670</sup> 10<sup>671</sup> 10<sup>672</sup> 10<sup>673</sup> 10<sup>674</sup> 10<sup>675</sup> 10<sup>676</sup> 10<sup>677</sup> 10<sup>678</sup> 10<sup>679</sup> 10<sup>680</sup> 10<sup>681</sup> 10<sup>682</sup> 10<sup>683</sup> 10<sup>684</sup> 10<sup>685</sup> 10<sup>686</sup> 10<sup>687</sup> 10<sup>688</sup> 10<sup>689</sup> 10<sup>690</sup> 10<sup>691</sup> 10<sup>692</sup> 10<sup>693</sup> 10<sup>694</sup> 10<sup>695</sup> 10<sup>696</sup> 10<sup>697</sup> 10<sup>698</sup> 10<sup>699</sup> 10<sup>700</sup> 10<sup>701</sup> 10<sup>702</sup> 10<sup>703</sup> 10<sup>704</sup> 10<sup>705</sup> 10<sup>706</sup> 10<sup>707</sup> 10<sup>708</sup> 10<sup>709</sup> 10<sup>710</sup> 10<sup>711</sup> 10<sup>712</sup> 10<sup>713</sup> 10<sup>714</sup> 10<sup>715</sup> 10<sup>716</sup> 10<sup>717</sup> 10<sup>718</sup> 10<sup>719</sup> 10<sup>720</sup> 10<sup>721</sup> 10<sup>722</sup> 10<sup>723</sup> 10<sup>724</sup> 10<sup>725</sup> 10<sup>726</sup> 10<sup>727</sup> 10<sup>728</sup> 10<sup>729</sup> 10<sup>730</sup> 10<sup>731</sup> 10<sup>732</sup> 10<sup>733</sup> 10<sup>734</sup> 10<sup>735</sup> 10<sup>736</sup> 10<sup>737</sup> 10<sup>738</sup> 10<sup>739</sup> 10<sup>740</sup> 10<sup>741</sup> 10<sup>742</sup> 10<sup>743</sup> 10<sup>744</sup> 10<sup>745</sup> 10<sup>746</sup> 10<sup>747</sup> 10<sup>748</sup> 10<sup>749</sup> 10<sup>750</sup> 10<sup>751</sup> 10<sup>752</sup> 10<sup>753</sup> 10<sup>754</sup> 10<sup>755</sup> 10<sup>756</sup> 10<sup>757</sup> 10<sup>758</sup> 10<sup>759</sup> 10<sup>760</sup> 10<sup>761</sup> 10<sup>762</sup> 10<sup>763</sup> 10<sup>764</sup> 10<sup>765</sup> 10<sup>766</sup> 10<sup>767</sup> 10<sup>768</sup> 10<sup>769</sup> 10<sup>770</sup> 10<sup>771</sup> 10<sup>772</sup> 10<sup>773</sup> 10<sup>774</sup> 10<sup>775</sup> 10<sup>776</sup> 10<sup>777</sup> 10<sup>778</sup> 10<sup>779</sup> 10<sup>780</sup> 10<sup>781</sup> 10<sup>782</sup> 10<sup>783</sup> 10<sup>784</sup> 10<sup>785</sup> 10<sup>786</sup> 10<sup>787</sup> 10<sup>788</sup> 10<sup>789</sup> 10<sup>790</sup> 10<sup>791</sup> 10<sup>792</sup> 10<sup>793</sup> 10<sup>794</sup> 10<sup>795</sup> 10<sup>796</sup> 10<sup>797</sup> 10<sup>798</sup> 10<sup>799</sup> 10<sup>800</sup> 10<sup>801</sup> 10<sup>802</sup> 10<sup>803</sup> 10<sup>804</sup> 10<sup>805</sup> 10<sup>806</sup> 10<sup>807</sup> 10<sup>808</sup> 10<sup>809</sup> 10<sup>810</sup> 10<sup>811</sup> 10<sup>812</sup> 10<sup>813</sup> 10<sup>814</sup> 10<sup>815</sup> 10<sup>816</sup> 10<sup>817</sup> 10<sup>818</sup> 10<sup>819</sup> 10<sup>820</sup> 10<sup>821</sup> 10<sup>822</sup> 10<sup>823</sup> 10<sup>824</sup> 10<sup>825</sup> 10<sup>826</sup> 10<sup>827</sup> 10<sup>828</sup> 10<sup>829</sup> 10<sup>830</sup> 10<sup>831</sup> 10<sup>832</sup> 10<sup>833</sup> 10<sup>834</sup> 10<sup>835</sup> 10<sup>836</sup> 10<sup>837</sup> 10<sup>838</sup> 10<sup>839</sup> 10<sup>840</sup> 10<sup>841</sup> 10<sup>842</sup> 10<sup>843</sup> 10<sup>844</sup> 10<sup>845</sup> 10<sup>846</sup> 10<sup>847</sup> 10<sup>848</sup> 10<sup>849</sup> 10<sup>850</sup> 10<sup>851</sup> 10<sup>852</sup> 10<sup>853</sup> 10<sup>854</sup> 10<sup>855</sup> 10<sup>856</sup> 10<sup>857</sup> 10<sup>858</sup> 10<sup>859</sup> 10<sup>860</sup> 10<sup>861</sup> 10<sup>862</sup> 10<sup>863</sup> 10<sup>864</sup> 10<sup>865</sup> 10<sup>866</sup> 10<sup>867</sup> 10<sup>868</sup> 10<sup>869</sup> 10<sup>870</sup> 10<sup>871</sup> 10<sup>872</sup> 10<sup>873</sup> 10<sup>874</sup> 10<sup>875</sup> 10<sup>876</sup> 10<sup>877</sup> 10<sup>878</sup> 10<sup>879</sup> 10<sup>880</sup> 10<sup>881</sup> 10<sup>882</sup> 10<sup>883</sup> 10<sup>884</sup> 10<sup>885</sup> 10<sup>886</sup> 10<sup>887</sup> 10<sup>888</sup> 10<sup>889</sup> 10<sup>890</sup> 10<sup>891</sup> 10<sup>892</sup> 10<sup>893</sup> 10<sup>894</sup> 10<sup>895</sup> 10<sup>896</sup> 10<sup>897</sup> 10<sup>898</sup> 10<sup>899</sup> 10<sup>900</sup> 10<sup>901</sup> 10<sup>902</sup> 10<sup>903</sup> 10<sup>904</sup> 10<sup>905</sup> 10<sup>906</sup> 10<sup>907</sup> 10<sup>908</sup> 10<sup>909</sup> 10<sup>910</sup> 10<sup>911</sup> 10<sup>912</sup> 10<sup>913</sup> 10<sup>914</sup> 10<sup>915</sup> 10<sup>916</sup> 10<sup>917</sup> 10<sup>918</sup> 10<sup>919</sup> 10<sup>920</sup> 10<sup>921</sup> 10<sup>922</sup> 10<sup>923</sup> 10<sup>924</sup> 10<sup>925</sup> 10<sup>926</sup> 10<sup>927</sup> 10<sup>928</sup> 10<sup>929</sup> 10<sup>930</sup> 10<sup>931</sup> 10<sup>932</sup> 10<sup>933</sup> 10<sup>934</sup> 10<sup>935</sup> 10<sup>936</sup> 10<sup>937</sup> 10<sup>938</sup> 10<sup>939</sup> 10<sup>940</sup> 10<sup>941</sup> 10<sup>942</sup> 10<sup>943</sup> 10<sup>944</sup> 10<sup>945</sup> 10<sup>946</sup> 10<sup>947</sup> 10<sup>948</sup> 10<sup>949</sup> 10<sup>950</sup> 10<sup>951</sup> 10<sup>952</sup> 10<sup>953</sup> 10<sup>954</sup> 10<sup>955</sup> 10<sup>956</sup> 10<sup>957</sup> 10<sup>958</sup> 10<sup>959</sup> 10<sup>960</sup> 10<sup>961</sup> 10<sup>962</sup> 10<sup>963</sup> 10<sup>964</sup> 10<sup>965</sup> 10<sup>966</sup> 10<sup>967</sup> 10<sup>968</sup> 10<sup>969</sup> 10<sup>970</sup> 10<sup>971</sup> 10<sup>972</sup> 10<sup>973</sup> 10<sup>974</sup> 10<sup>975</sup> 10<sup>976</sup> 10<sup>977</sup> 10<sup>978</sup> 10<sup>979</sup> 10<sup>980</sup> 10<sup>981</sup> 10<sup>982</sup> 10<sup>983</sup> 10<sup>984</sup> 10<sup>985</sup> 10<sup>986</sup> 10<sup>987</sup> 10<sup>988</sup> 10<sup>989</sup> 10<sup>990</sup> 10<sup>991</sup> 10<sup>992</sup> 10<sup>993</sup> 10<sup>994</sup> 10<sup>995</sup> 10<sup>996</sup> 10<sup>997</sup> 10<sup>998</sup> 10<sup>999</sup> 10<sup>1000</sup>

16 ἐξακολουθήσαντες...ἠγάπησεν Nu 22:7; Jd 11. Rn 2:14



τετήρηται.

17 οἱ... τετήρηται Jd 13

2:17: Estas são fontes sem água, névoas levadas por uma tempestade, para as quais está reservada a negrume das trevas.

«...fonte...», isto é, um «manancial», e não um «poço». Cristo é a fonte das águas vivas (ver João 4:14 e 7:38). Aqueles falsos mestres apenas fingiam ser tais, mas suas vidas e suas doutrinas eram tremendamente áridas. A metáfora é muito hábil, levando-se em conta a extrema sequeidão que caracteriza grande parte da Palestina. O cansado viajante espera ansiosamente encontrar alguma água, uma comodidade que então se torna preciosíssima. Do mesmo modo, a espiritualidade autêntica dá ao indivíduo sede por experiências espirituais genuínas e vivas. Os falsos mestres, entretanto, desapontavam tal expectativa.

«...névoas...» Não «nuvens», conforme se vê no ms L e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores. «Nuvens» é um esforço de harmonização com Jud. 12; feito por escribas posteriores. Notemos que, naquele versículo se lê acerca de «nuvens sem água» que também são «tangidas» por ventos. Neste ponto, isto é ampliado para «fontes sem água» e «névoas impelidas por temporal». O autor da presente epístola adornou o texto que tinha à sua frente. Do princípio ao fim do comentário sobre esta epístola, supomos que ele estava se alicerçando na epístola de Judas, servindo-se pesadamente dela. (Ver a secção V da introdução a esta epístola, quanto a esta questão). Os falsos profetas, pois, são descritos como vazios de qualquer espiritualidade, incapacitados para ajudar a outros em sua inquirição espiritual, além de serem extremamente instáveis, da parte de quem nada se poderia esperar.

«Névoas impelidas por uma tempestade. As palavras são poéticas, e talvez exibam certo traço de tendências homéricas, conforme se vê nos primeiros oráculos sibílicos e nos escritos de Filo... e tornou-se isso uma característica marcante do estilo do segundo século (de nossa era)... A qualidade especial da névoa é que atrapalha a visão clara. A névoa não surge do sopro gentil do Espírito, mas é impelida pelas ferozes lufadas da ignorância e da ação voluntariosa, como que de um demônio». (Bigg, *in loc.*)

«...para eles está reservada a negridão das trevas...» Neste ponto, na epístola de Judas, encontramos as palavras «...estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre...». As «estrelas errantes», naturalmente, são «planetas» (palavra essa que significa «vagabundos»). Estes erram da porção iluminada do firmamento para as trevas totais. O autor sagrado abrevia esta metáfora, juntamente com diversas outras, modificando-as até certo ponto. Isto era prática comum de quem se baseava no que está à sua frente, mas sem citá-lo diretamente. (Quanto à «negridão das trevas», que é a retribuição que será dada aos mestres falsos, por conduzirem outros homens às trevas, ver as notas III. *Heresia, Fonte de Destruição e Não de Salvação* (2:1-22).

## 2. São corruptos quanto à doutrina e à prática (10b-22).

### b. A liberdade ensinada por Paulo é pervertida por eles (2:18-22).

Sabemos, com base em II Ped. 3:16, que havia uma coletânea de epístolas de Paulo, e que elas já tinham ganho, pelo menos para certas pessoas, posição «canônica». Não foi muito depois da escrita desta epístola de Pedro que foi formado o primeiro *cânon*, pelos meados do século II D.C. Consistia de dez epístolas paulinas e dos quatro evangelhos. (Ver informações sobre o «cânon» no artigo existente sobre este tema, na introdução ao comentário). Portanto, as epístolas de Paulo exerceram considerável influência sobre a igreja, antes mesmo de haver sido escrita esta segunda epístola de Pedro. Os falsos mestres da Ásia Menor tentaram capitalizar esta influência, pervertendo a doutrina paulina da «liberdade cristã», conforme se encontra ela em trechos como o décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos e o oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, para que se tornasse uma licença à concupiscência. Declarações como «Todas as coisas me são lícitas...» (I Cor.6:12; ver também 10:23), eram distorcidas, sendo aplicadas a todas as questões morais, ao passo que Paulo falara apenas sobre questões indiferentes à moral.

Os gnósticos acreditavam ser certo abusar do corpo, mediante os excessos e a indulgência; ou então, pendendo para o outro extremo, mediante o ascetismo. Isso cooperaria com o sistema do mundo, cujo desígnio seria destruir, finalmente, toda e qualquer matéria, incluindo o corpo, a prisão material da alma humana. Supunham eles que a entrega do corpo às dissoluções em coisa alguma afetava o estado da alma, mas até contribuía para melhorá-lo. Anelavam, por conseguinte, por encontrar qualquer *texto de prova* da narte de Paulo, com que pudessem tentar consubstanciar a sua errônea doutrina. E isto eles encontraram na doutrina da «liberdade cristã», embora, como é óbvio, tivessem de «distorcer» os escritos de Paulo para este fim. A secção que temos à frente mostra-nos que a promessa de «liberdade», feita por eles, tornava-se na forma mais envilecida de servidão.

18 ὑπέρογκα γὰρ ματαιότητος φθειγόμενοι δελεάζουσιν ἐν ἐπιθυμίαις σαρκὸς ἀσελγείαις τοὺς ὀλίγους<sup>18</sup> ἀποφεύγοντας τοὺς ἐν πλάνῃ ἀναστρεφόμενους,

<sup>18</sup> 18 [C] ὀλίγους<sup>18</sup> m<sup>a</sup> A B Ψ 33 43b 104 430 1503 2495 ὀλίγων<sup>18</sup> l<sup>a</sup> m<sup>a</sup> d<sup>a</sup> m<sup>a</sup> v<sup>a</sup> vg sy<sup>ab</sup> h cop<sup>m</sup> m<sup>a</sup> eth Jerome Augustine Bede f d<sup>a</sup>ntas m<sup>a</sup> C K P

048 049 056 0142 81 88 326 330 461 614 620 945 1730 1977 2127 2412 2492 Byz  
I-act arm Ps-Oecumenius Theophylact f d<sup>a</sup>ntas 181 1241 1881

18 ἀσελγείαις] -είας P 1612 al latt sy |

Entre as formas paleograficamente similares (ΟΛΙΓΩC: ΟΝΤΩC: ΟΝΤΑC), ὀλίγως, um termo que não ocorre em nenhum outro trecho do N.T. ou da LXX (embora Áquila a tenha em Isa. 10:7), parece ser a forma original. No tocante à evidência externa ὀλίγως é apoiada por representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (p<sup>22</sup> A B Ψ 33 vg sir (ph,h) cop (sa,bo) Jerônimo Agostinho Bede). No tocante às probabilidades de cópia, já que os copistas mais provavelmente substituiriam o termo incomum pelo familiar, e não vice-versa, δυνως é bem mais provavelmente secundária em relação a ὀλίγως. Finalmente, no tocante às probabilidades intrínsecas, δυνως parece envolver uma autocontradição após δελεάζουσιν. e δυντας (que figura em vários minúsculos, incluindo 181 489 1241 1881) é totalmente imprópria com ἀποφεύγοντας que se segue.

2:18: Porque, falando palavras arrogantes da vaidade, uma concupiscência da carne, enganam com dissoluções aqueles que mal estão escapando aos que vivem no erro;

Substituíam os gnósticos a espiritualidade sôbria pela licenciosidade desregrada. As almas «inconstantes», referidas no décimo quarto versículo

expositivas sobre o quarto versículo deste capítulo, onde se lê acerca de «abismos de trevas»). A alusão é às regiões tenebrosas do «Tártaro» ou «hades». Estas idéias são comentadas nas notas sobre o quarto versículo. Naquele versículo tais indivíduos também são apresentados como quem está «reservado para o julgamento». O *hades* é apenas um mundo intermediário; ali há punição, mas ainda não o castigo final. Isto virá por ocasião da «parousia», ou segundo advento de Cristo, que ainda jaz no futuro. O *hades* é uma espécie de casa a meio caminho do julgamento, uma prisão que retém os homens, até chegar o verdadeiro julgamento divino, quando do retorno de Cristo Jesus. Na modificação assim feita, o autor sagrado ou faz as nuvens aparecerem como névoa, ou faz com que desapareçam nas trevas e se percam, uma figura simbólica não tão apropriada quanto a de «estrelas errantes» que se desviam para o negrume de certas regiões celestes. Ou, então, deixa inteiramente de lado a metáfora, e simplesmente afirma (sem qualquer simbolismo tencionado) que os falsos mestres terminariam sua carreira na negridão do *hades*.

«...para sempre...» Estas são palavras que aparecem nos mss ACL, no Etí e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores. Porém, os mss P(72), Aleph, B, na Vg. no Si e no Cóp, como também nos escritos de vários dos pais da igreja, são omitidas essas palavras do texto. Foram tomadas por empréstimo do paralelo do décimo terceiro versículo da epístola de Judas, onde são genúinas.

Deus é apresentado como fonte de águas vivas. (Ver Jer. 2:13 quanto a esta metáfora). Os ídolos, em contraste com Yahweh, são cisternas quebradas, que não contêm água. Portanto, a mesma coisa pode ser dita com justiça acerca dos falsos mestres. Quando muito, são eles apenas uma «miragem», dando a aparência de algo, mas sem que, realmente, possam ajudar às almas alheias. Na realidade, são veios de qualquer possibilidade de refrigério espiritual.

Os falsos mestres são comparados aqui com «névoas» «...devido ao seu súbito aparecimento nas igrejas, onde penetraram sorrateiramente; e também devido às trevas que espalham de maneira geral, pois quando prevalecem os erros e as heresias, as igrejas atravessam um dia negro e enevoado, um dia de trevas densas, um dia de tribulação, repreensão e blasfêmia» (John Gill, *in loc.*).

Em tempo de grande seca, ver nuvens começando a cobrir os céus faz despertar a expectativa de chuva; mas ver essas nuvens serem subitamente levadas por uma tempestade é amargo desapontamento. Aqueles falsos mestres eram igualmente inúteis como fontes sem água, ou como a névoa tenue, dissipada pela tempestade.

deste capítulo, tornavam-se as suas maiores vítimas, embora, até então, houvesse alguma possibilidade de escaparem de seus antigos caminhos pagãos. Os gnósticos possuíam uma retórica floreada, mas uma horrenda desculpa para uma vida contaminada pelos vícios. «Usando frases bem feitas, mas sem significado, atraíam com o anzol para os apetites desviados dos sentidos». (John Knox).

...palavras jactanciosas... No grego é «uperogka», palavra usada exclusivamente aqui e em Jud. 16, seu paralelo no N.T. Indica algo dotado de «tamanho excessivo», e, portanto, «inchado», «orgulhoso», «altivo», «bombástico». Os gnósticos confundiam as pessoas com sua retórica prodigiosa, jactando-se de seu conhecimento e de sua sabedoria superiores.

...engodam com paixões carnis... Eles «iludiam» como que com um chamariz, a indivíduos instáveis, que pouca resistência ofereciam às tentações. A mesma palavra é usada no décimo quarto versículo. A isca que usavam era a satisfação aos desejos carnis, dos excessos sexuais. Faziam da concupiscência e da perversão sexual uma porção oficial de seu código ético, e tudo sob a suposição de estarem seguindo o ensinamento paulino da «liberdade cristã». Os pagãos recém-convertidos, ou os indivíduos fracos na fé cristã, tendo praticado perversões sexuais como parte de sua anterior religião pagã, não eram difíceis de se converterem àquele falso caminho livre e fácil. Em Corinto, na época de Paulo, os templos pagãos eram sustentados principalmente pela prostituição religiosa. Lê-se que havia cerca de mil prostitutas religiosas, que entregavam o dinheiro por elas arrecadado às autoridades dos templos pagãos, e que praticavam seu comércio em honra a deuses e deusas da fertilidade. Os gnósticos virtualmente trouxeram para a igreja cristã estas mesmas práticas libertinas. Ver o décimo terceiro versículo deste capítulo, chegaram a incluir suas orgias e dissipações na «celebração da Ceia do Senhor», ali chamada de «agape», isto é, «festa de amor». E tinham os «olhos cheios de adultério», conforme se vê no décimo quarto versículo.

...prestes a fugir... Algumas traduções dizem aqui «escaparam totalmente», dando a entender que haviam abandonado de vez as depravações pagãs, mas então retornaram a seus antigos caminhos. Porém, a maioria dos intérpretes entende o vocábulo grego «oligos» como «por pouco» escaparam; ou, então indicando a exiguidade do tempo, «há pouco escaparam». Esta versão portuguesa dá uma terceira possibilidade. A 19 ελευθερίαν αὐτοῖς ἐπαγγελλόμενοι, αὐτοὶ δοῦλοι τούτῳ δεδούλωται.

2:19: prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção; porque de quem um homem é vencido, do mesmo é feito escravo.

Eles asseveravam: «Somos livres; segui-nos na liberdade paulina». Faziam dos excessos sexuais um sinal de liberdade cristã. Antes, deveriam ter ensinado que Cristo veio a fim de libertar-nos dos vícios, e que ninguém pode entrar viciado no reino de Deus (ver Gál. 5:21; Efê. 5:5 e I Cor. 6:9,10). Porém, ensinavam que a entrada no reino se deve, em parte, à dissolução do corpo mediante os vícios. Imaginavam que abusar do corpo liberta o espírito de sua prisão física. Na realidade, assim fazendo, tanto o corpo como o espírito se fazem escravos das concupiscências. Quão moderno é tudo isso! Quão comum é ouvirmos advogados da «nova moralidade», que não passa da «antiga imoralidade», os quais afirmam que seus caminhos emancipam os homens de antigos e indesejáveis códigos morais! A verdadeira liberdade consiste no livramento de pecado, e não nos excessos desabridos para participar do mesmo. A experiência humana comprova o caráter escravizador dos vícios. Eles a ninguém libertam; não há emancipação alguma na prática dos mesmos. (Ver as notas expositivas sobre a «liberdade», em Rom. 8:21). A liberdade consiste em ser alguém libertado da «escravidão da corrupção», e nunca em prestar lealdade à mesma.

«Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte» (Rom. 8:2).

...escravos da corrupção... Os mestres gnósticos eram meros escravos de quem conclamavam outros a se unirem a eles na servidão, o que, segundo sua ilusão, imaginavam ser liberdade. Está em foco a «corrupção moral», tal como em II Ped. 1:4 e 2:13,14,18. Esta segunda epístola de Pedro aborda a variedade licenciosa de gnosticismo (como também o fazem as «epístolas pastorais»), ao passo que a epístola aos Colossenses foi escrita contra a variedade ascética do gnosticismo. (Ver notas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18).

...pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor... O melhor comentário bíblico sobre este conceito é o sexto capítulo da epístola aos Romanos, que ventila longamente esta idéia. «...o pecado não terá domínio sobre vós...» (Rom. 6:14). «...daquele a quem vos oferecereis como servos para obediência, deste mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça» (Rom. 6:16). «Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo, viesdes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues» (Rom. 6:17). «...uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça» (Rom. 6:18). «...quando éreis escravos do pecado...» (Rom. 6:20). «Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso

20 εἰ γὰρ ἀποφυγόντες τὰ μιάσματα τοῦ κόσμου ἐν ἐπιγνώσει τοῦ κυρίου [ἡμῶν] καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ<sup>9</sup> τούτοις δὲ πάλιν ἐμπλακέντες ἡττώνται, γέγονεν αὐτοῖς τὰ ἔσχατα χείρονα τῶν πρώτων.

<sup>9</sup> 20 Ἰησοῦ κυρίου ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ P<sup>45</sup> M A C P Ψ 048 056 0142 21 436 114 630 945 1505 1726 2412 2495 it<sup>m</sup> vg<sup>cl</sup> sy<sup>cl</sup> cop<sup>m</sup> arm<sup>1</sup> Augustine John-Damascus Theophylact f<sup>1</sup> κυρίου καὶ σωτῆρος ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ 104 330 451 (124) ἡμῶν 3127 P<sup>45</sup> Anthony f<sup>1</sup> κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ

20 γέγονεν...πρώτων M1 1248

conversão deles era recente; isto fazia neles alguma diferença, mas de maneira alguma tinham sido totalmente transformados, pelo que estavam ao alcance fácil de errôneas doutrinas licenciosas.

As religiões pagãs não associavam necessariamente a bondade com a religiosidade. Zeus, por exemplo, era o deus principal, mas somente por possuir maior poder, e não por ser mais santo que os demais. Os deuses gregos supostamente praticavam todos os vícios humanos, mas de maneira «super». Os excessos sexuais sempre estiveram vinculados às religiões pagãs e aos mistérios orientais. Os convertidos ao cristianismo, provenientes de áreas pagãs, tinham de aprender um código ético inteiramente novo, que dava à religião a aura necessária da «pureza». Porém, não era difícil, aos falsos mestres, induzirem os recém-convertidos a voltarem a seus antigos vícios, dos quais tão «recente» e «difícilmente» tinham escapado. O «pequeno grau» em que tinham escapado logo se perdia.

...dos que andam no erro... Seus amigos e vizinhos continuavam a viver no antigo paganismo. Os falsos mestres introduziram isto na igreja cristã. Portanto, os novos convertidos em breve se uniam à multidão que vivia no erro—no erro doutrinário e prático. Mas aqui está especialmente em foco o «erro moral», baseado na religiosidade falsa.

«Há grande paixão nessas palavras. O sofismo grandiloquente é o anzol, a concupiscência vil é a isca, com o que aqueles homens apanhavam aqueles que o Senhor queria livrar ou estava livrando». (Bigg, *in loc.*).

Variente Textual: A palavra «oligos» (mal a mal, aparece nos mss P(72). AB. Pal. 33, na Vg. no Siph. h) e nos escritos de Jerônimo, Agostinho e Bede. A palavra «ontos», «realmente», figura nos mss CKL, Aleph(1) e no Ara. Esta forma provavelmente substituiu a outra, por causa da semelhança entre os dois termos gregos. Além disso, «oligos» aparece somente aqui em todo o N.T., e nunca aparece na Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, terminada antes da era apostólica), estando sujeita a ser substituída por um vocábulo mais familiar.

υπάρχοντες τῆς φθορᾶς ᾧ γὰρ τις ἡττῆται,

19 ᾧ...δεδούλωται Jn 834

fruto para a santificação, e por fim a vida eterna». (Rom. 6:22). «...porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor» (Rom. 6:23).

Ênfase sobre a liberdade, nas páginas do N.T. (Ver Tia. 1:25; 2:12; I Ped. 2:16; Mat. 17:26; João 8:33,36; Efê. 6:8; Apo. 6:15; 13:16 e 19:18). Fundamentalmente, essa «liberdade» indica o privilégio de entregar a própria alma aos cuidados de Deus, para que ela seja por ele governada, a fim de ser livrada dos vícios e do pecado, que conduz à morte. «Para a liberdade foi que Cristo nos libertou» (Gál. 5:1). Mas isso não pode ser interpretado como licença ao crente para retornar aos vícios que antes o agrilhoavam (ver Gál. 5:13-17). A promessa de liberdade que dava licença à prática dos vícios era, na realidade, um «ardil». E esta atrativa idéia era, realmente, a atração para um estado moral pior. Escapar da corrupção que há no mundo é, deveras, um gigantesco passo na participação da natureza divina (ver II Ped. 1:4), o que é o alvo da humanidade inteira, contanto que todos os homens aceitem essa bênção. Essa maravilha, entretanto, não pode ser posse real do indivíduo, enquanto ele anda tolhido pelos vícios. Verdadeiramente livre é a alma que foi libertada dos vícios, a ponto de poder buscar livremente a Deus, para benefício próprio.

A própria «liberdade cristã» é uma espécie de lei de entrega aos cuidados de Deus. (Ver Tia. 1:25 e 2:12). No N.T., a liberdade cristã sempre nos livra do pecado, embora também nos livre da carga da lei de Moisés. Não obstante, ser livre da lei de Moisés significa apenas que nos tornamos sujeitos à mesma moralidade, sob a direção do Espírito, daí por diante sendo guiados pela «lei do Espírito», de acordo com o que se lê em Rom. 8:2. Essa é a lei que nos «liberta» do pecado e da morte.

Os gnósticos perdiam totalmente de vista a verdadeira significação da «liberdade cristã», confundindo-a com a licenciosidade. Não percebiam como o pecado faz decair a vitalidade tanto do corpo como da alma. Buscavam libertar a alma de sua suposta prisão corporal, abusando do corpo; mas, desse modo, na realidade, só abusavam da alma. A decadência espiritual deixava-os cair em uma auto-indulgência sem freios.

...vencido... Uma metáfora militar. O pecado é um exército hostil que assedia a alma e a aprisiona por meio de vícios. Um prisioneiro (segundo os costumes antigos) podia ser vendido à servidão. Satanás diz para os homens: «Tudo isto eu te darei, se me servires». Sua promessa é crida, e os homens se tornam escravos seus. Seu salário é a morte.

A obediência é maior que a liberdade. Que é livre?

A balouçante palha ao vento, a espuma do oceano que se agita;

O grande oceano é livre ao empolar-se e ondear, mas

Nos limites de uma ilimitada obediência ele habita.

Χριστοῦ καὶ σωτῆρος ἡμῶν ἡγ<sup>1</sup> f<sup>1</sup> κυρίου καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ B K 048 88 191 228 1877 2493 Byz Lat<sup>1</sup> it<sup>1</sup> P<sup>45</sup>-Vaticanus f<sup>1</sup> κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ 029 1851 cop<sup>m</sup> eti<sup>1</sup> Ephraem Ps-Chrysostom

Por um lado, a variação de posição de ἡμῶν (após κυρίου e/ou após σωτῆρος) parece condenar o termo como adição escribal em ambos os casos. Por outro lado, a forma completa da expressão parece ser favorita do autor sagrado (1:11 e 3:18), e escribas ocasionalmente podiam omitir elementos da forma completa - conforme é demonstrado aqui pela ausência de καὶ σωτῆρος em L 28 309 425 483 629 1881 cop (bo) etí *al*. Em face do equilíbrio, pareceu melhor incluir ἡμῶν após



κρυβον (seguindo p<sup>72</sup> N A C P Ψ 614 1739 *af*), mas deixá-la entre colchetes, a fim de refletir o peso do testemunho de B K 049 *af*.

2:20: Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo pelo pleno conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, ficam de novo envolvidos nas mesmas, tornem-se-lhes a última estado pior do que o primeiro.

«...terem escapado...» Seu escape foi «recente» e «por um triz», segundo se vê nas notas sobre o décimo oitavo versículo. Não há qualquer indicação, porém de que o autor não visse tais pessoas como crentes verdadeiros, como se fossem apenas interessados que ainda não encontraram o caminho. O versículo subentende que a queda de crentes verdadeiros é possível, até mesmo no caso daqueles que foram salvos de vidas vis, se logo forem sujeitos a influências negativas. Isto, naturalmente, levanta um problema acerca da «segurança eterna» do crente. Este comentário defende que a «queda» é possível, mas apenas «relativamente»; em outras palavras, pode vir a caracterizar temporariamente ao crente, nesta vida, e que talvez, em algum nível da existência, após a morte (mas não nos lugares celestiais), no atual mundo intermediário, ele venha a recuperar-se. As fronteiras eternas não serão firmadas senão quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo, segundo se aprende em I Ped. 4:6. Portanto, as almas podem ser alcançadas pelo arrependimento no estado intermediário. É promessa de Cristo de que ele não perderá nenhuma de suas ovelhas. Por conseguinte, ele vê a «segurança» como algo *absoluto*, ou seja, deverá caracterizar finalmente a todos os crentes. Assim sendo, a alma que se desviou, mas que antes viera a Cristo, será trazida de volta em algum tempo, de alguma maneira, embora sofra castigo devido a seu desvio. (Quanto a este princípio, mais amplamente declarado, ver Col. 1:23, bem como a nota de sumário sobre a «segurança eterna do crente», em Rom. 8:39).

«...contaminações...» No grego é «*miasmata*», que significa exatamente o que temos aqui, e que neste contexto indica «corrupção moral», «vícios», como aquilo que os novos convertidos praticavam antes de virem a Cristo.

«...mediante o conhecimento...»

#### O Poder Do Conhecimento

1. O conhecimento postulado pelos gnósticos deixava os homens agrihoados aos seus pecados, pois presumiam que é bom para o homem abusar do próprio corpo, como meio de libertação da alma. O N.T. taxa essa noção de fantástica mentira, porquanto a verdade diz exatamente o contrário a isso. A salvação vem por meio da santificação (ver II Tes. 2:13).

2. O conhecimento ensinado pelo N.T. retém a idéia do A.T. no sentido de que «conhecer a Deus» é algo prático e moral, desde o início. Consiste em conhecer as exigências da legislação divina, e de obedecer à mesma. Essa é a grande característica que falta aos pagãos, o que os torna pagãos.

3. O N.T. ensina que só se pode conhecer o Pai por intermédio do Filho. (Ver sobre esse conceito em João 17:3). Esse versículo também demonstra que esse conhecimento resulta na salvação.

4. Na medida em que o Filho vai sendo duplicado nos filhos de Deus (em sua natureza e atributos; ver Col. 2:10), esses filhos chegam a conhecer o Pai, naquilo que está sucedendo neles, porquanto discernem a natureza do Pai tomando forma em seus próprios seres. Essa é uma elevadíssima maneira de se conhecer Deus, e nisso está envolvido um grande poder espiritual.

5. O ministério do Espírito entra em cena em tudo isso, por ser ele tanto o iluminador (ver Ef. 1:18), quanto o transformador (ver II Cor. 3:18). A operação do conhecimento, portanto, é uma operação divina, que ultrapassa em muito às capacidades humanas. O conhecimento é sempre algo moral. Jamais poderá ser meramente informativo e intelectual. Ora, por ser algo moral, também é algo espiritual. E, sendo algo espiritual, transforma a natureza mesma do espírito humano, a ponto de ser criada

21 κρείττον γὰρ ἦν αὐτοῖς μὴ ἐπεγνώκεναι τὴν ὁδὸν τῆς δικαιοσύνης ἢ ἐπιγνοῦσιν ὑποστρέψαι ἐκ<sup>10</sup> τῆς παραδοθείσης αὐτοῖς ἀγίας ἐντολῆς.

\* 21 [C] ὑποστρέψαι ἐκ p<sup>72</sup> B C P 945 1241 1739 1881 John-Damascus f 110v στρέψαι ἐκ K 048 058 0143 88 181 326<sup>11</sup> 330 426 481 629 6830 ἀπό) 1877 3127 3492 Byz Lect Maximus Pr-Oecumenius (Theophylact ἀπό) f 110v στρέψαι ὅτ στρέψαι: ἐκ it<sup>10</sup> sy<sup>10</sup> h cop<sup>10</sup> m azm Origenius f 110v τὰ

21 Lk 12:47-49

Com base na evidência externa, a comissão preferiu a forma ὑποστρέψαι (p<sup>72</sup> B C P 1739 *af*), e não a forma ἐπιστρέψαι (K L 049 056 Byz *af*). A forma εἰς τὰ ὅπισω ἀνακάμψαι ἀπό, embora bem confirmada por N A Ψ 048 33 (vid) 81 vg cop (sa(ms)) Efraem Jerônimo *af*, parece uma glosa explicativa.

2:21: Porque melhor lhes fora não terem conhecido a caminho da justiça, do que, conhecendo-a, desviarem-se de santo mandamento que lhes fora dado.

(Isto pode ser confrontado com Heb. 6:1 e ss. A idéia expressa é essencialmente a mesma, ali). Sim, a luz aumentada aumenta a responsabilidade do indivíduo, e quando o mesmo pecar contra a luz, terá de receber mais severo julgamento do que se tivesse pecado na ignorância. Por conseguinte, até mesmo no caso do julgamento dos crentes, estes terão de sofrer mais pesado julgamento, porquanto tiveram uma vida mais iluminada. Isto deveria tê-los tornado mais santos (ver Tia. 3:1).

«...caminho da justiça...» O «caminho» da fé cristã, que santifica. (Comparar com II Ped. 2:2 e 15). Tais pessoas se desviaram para um «outro caminho», o qual conduz à perdição.

«...santo mandamento...» Em Rom. 7:12, estas palavras indicam os «dez mandamentos» da lei mosaica; porém, no presente versículo, significa «o evangelho e suas exigências morais». Equivale ao que Judas diz sobre a «fé que uma vez por todas foi entregue aos santos» (Jud. 3). A «santa lei» não

uma espécie de ser completamente nova. (Isso é amplamente comentado em II Ped. 1:4. Ver também a respeito do «conhecimento», nas notas sobre II Ped. 1:2,3).

«...do Senhor e Salvador Jesus Cristo...» Este é o tipo de conhecimento que salva; e Cristo é o seu mediador. Os gnósticos tinham rejeitado ao «senhorio» de Cristo, transformando-o em apenas um dos muitos «senhores» ou mediadores angelicais. (Ver Col. 2:19 quanto a notas expositivas sobre Cristo como «o Cabeça». Este versículo pode ser comparado ao primeiro desta epístola, onde Cristo figura como «Salvador», e com o seu segundo versículo, onde ele aparece como «Senhor». Estas expressões não foram usadas como meros adornos da saudação. Ver também II Ped. 1:11, onde tanto «Senhor» como «Salvador» são títulos aplicados a Cristo. E isto é reiterado em II Ped. 3:2 e 18. Quanto à natureza de Cristo como «Salvador», ver Mat. 1:21; quanto ao seu «senhorio», bem como ao seu título «Senhor», ver Rom. 1:4. O título completo, «Senhor Jesus Cristo», também é comentado naquele ponto).

«...se deixam enredar de novo...» Antes estiveram livres, mas agora foram outra vez «enredados», como que na «rede» do erro e dos vícios. O grego diz «*emplexo*». Em Hs. 6:2,6f, tal palavra é usada para indicar a lâ das ovelhas «enredada» em espinhos. Em II Tim. 2:4 (sua única outra instância no N.T.), fala-se do homem ficar «enredado» em questões puramente materiais, para seu próprio detrimento. Em Pro. 28:18 refere-se a animais que são apanhados em armadilhas. O homem retorna à sua servidão ao vício e às concupiscências e ali fica aprisionado como que por mil cordas.

«...o seu último estado pior que o primeiro...» Consideremos aqui os três pontos seguintes: 1. Antes de tudo, dirá tal pessoa para si mesma: «O evangelho de Cristo supostamente livra os homens. Mas, veja-se meu estado agora; sou pior escravo dos vícios do que antes. Portanto, algo de errado há com o evangelho». Com esta mentalidade ser-lhe-á muito difícil confiar novamente em Cristo. Em algum ponto ao longo da jornada, porém, através de muitas provações, ser-lhe-á ensinado a confiar novamente. Cristo não permitirá que uma ovelha sua fique para sempre emaranhada em espinhos. 2. Em segundo lugar, uma vez que os falsos mestres passem a controlá-la, farão dela um pecador pior do que era antes de vir à igreja. 3. Provavelmente, o autor sagrado também quis dizer que ela terá responsabilidade por seu pecado, porquanto já conhecia a luz. Assim sendo, seu estado espiritual será pior, e pode-se esperar que o juízo será mais severo do que se ela nunca tivesse conhecido a Cristo. (Comparar com Mat. 12:45, onde se vê a parábola de um homem que, mediante a reforma pessoal, limpou sua vida; mas sua «casa» (sua vida), tendo ficado vazia, veio a ser ocupada por sete espíritos, piores do que aquele que saíra. Seu estado final foi muito pior que aquele antes da «limpeza da casa»).

Há aqui o pensamento, como também ali, que o pecado, se não o solucionarmos e abandonarmos de vez, tornar-se-á uma força tão irresistível que, finalmente, levará o indivíduo ao estado mais deplorável. Tendo confiado antes em Cristo, mas tendo-o rejeitado na vida moral, tal indivíduo não tem mais obstáculos que possam fazer parar a maré do pecado; e assim uma obra má completa é realizada, o que, antes, tinha apenas começado. (Comparar com Heb. 10:26 e ss., quanto a idéias similares). S6 há um sacrifício pelo pecado. Se este for negligenciado ou abandonado, restará apenas horrenda expectativa de juízo.

Variantes Textuais: Em alguns manuscritos, a palavra «nosso» segue a palavra «Senhor» (mas P(72), Aleph, ACP, Psi, 614, 1739), mas em alguns outros, vem após «Salvador» (mas latino g e alguns poucos outros). Os mss BK e 049 omitam totalmente esta palavra. Os mss L, 28, 309, 425, 629, 1881, o Coptico e o Etiópico omitam as palavras «e Salvador». A maioria dos críticos textuais inclui a palavra «nosso» após «Senhor», e também retém «e Salvador». Porém, não há meio de adquirir-se certeza absoluta quanto ao texto exato aqui.

ὅπισω ἀνακάμψαι ἀπό N A Ψ 048 23<sup>14</sup> 81 104 326<sup>11</sup> 481 614 1803 ἐπιστρέψαι: 2412 2493 it<sup>10</sup> dms<sup>10</sup> av<sup>10</sup> vg cup<sup>10</sup> Ephraem (Didymus) Jerome Augustine Cyril (de Promissionibus) Salvan Pr-Chrysostom (Anthony ὑποστρέψαι)

era a lei mosaica, nas mãos dos apóstolos. Confundir as duas coisas é algo contrário ao uso normal que o N.T. dá a essa idéia. Os apóstolos não expuseram uma versão revisada da lei mosaica. Eles trouxeram um novo evangelho, que impõe exigências morais. O evangelho tem um imperativo moral. A conversão, na realidade, é apenas o começo da santificação. Aquilo a que denominamos de «santificação» (ver as notas expositivas a respeito em I Tes. 4:3), é a fruição progressiva da conversão. É a implantação da própria natureza divina no indivíduo (ver Rom. 3:21), e a salvação é totalmente impossível sem a santificação (ver II Tes. 2:13). Ninguém jamais verá a Deus se não tornar-se santo (ver Heb. 12:14). É impossível alguém exagerar as exigências morais do evangelho. Um homem ou está sendo santificado, ou não o está; e a sua salvação, em última análise, depende deste processo. Somos «aceitos no Amado» (ver Ef. 1:6), mas também devemos estar sendo transformados segundo a sua santa imagem, a fim de compartilharmos de suas perfeições divinas (ver Mat. 5:48), pois a graça não estará operando em nós, de forma alguma, se assim não estiver sucedendo.

...dado... O «santo mandamento» veio aos leitores mediante a pregação feita pelos apóstolos; e, naquele tempo, pelos descendentes espirituais dos apóstolos. Os mestres gnósticos, porém, lhes tinham anunciado uma mensagem perversa, uma novidade, que envolvia a licença e o encorajamento à concupiscência, ao invés de exigirem a santidade da parte de seus aprendizes.

O autor sagrado salienta aqui o cristianismo como uma «lei moral», ao passo que os mestres gnósticos transformavam o cristianismo em uma licença para as paixões carniais. (Ver II Ped. 3:2, onde se vê que o evangelho é novamente chamado de «mandamento»).

22 συμβεβηκεν αὐτοῖς τὸ τῆς ἀληθοῦς παροιμίας, Κύων ἐπιστρέψας ἐπὶ τὸ ἴδιον ἐξέραμα, καί, ὥς λουσαμένη εἰς κυλισμὸν βορβόρου.

2:22: Desta modo sobrevém-lhes o que diz este provérbio verdadeiro: Volta o cão ao seu vômito, e a porca lavada volta a revolver-se no lamaçal.

O primeiro desses provérbios vem de Pro. 26:11. E o segundo se origina em alguma fonte desconhecida, não bíblica. Nos escritos de Epicteto e de outros filósofos morais, os hábitos imundos do porco servem para ilustrar os vícios morais. (Ver Epict. iv.11.29; Cícero, Verr. iv.24). Horácio coloca o cão e o porco na mesma linha, ao falar da imundície de que ambos se deliciam (ver Epp. i.2.26). Os homens que se reduzem a meros animais irracionais, naturalmente agem à semelhança deles. Uma das coisas que fazem é retornar a seus pecados anteriores, com deleite e entusiasmo, embora, por algum tempo, a crença e a inquirição espirituais os livressem. A experiência humana comprova a validade desta observação.

...voltou ao seu próprio vômito... Estas palavras apresentam um quadro repulso, que nem gostamos de contar. O autor sagrado salienta o fato que o pecado anterior é horrendo e nojento, tal como um vômito. Retornar ao mesmo requer u'a mente perversa, da parte de alguém que perdeu todo o senso do direito, da parte de alguém que ficou tão escravizado ao vício que pôde de lado todo o senso moral.

...a porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal... J. Rendel Harris (Story of Ahikar, par. lxvii) conta o caso de uma porca que se ia banhar

### Capítulo 3

IV. A «Parousia» - Poder Determinante dos Deveres Cristãos (3:1-18).

1. Critérios para a condenação da heresia que nega a «parousia» (3:1,2).

No segundo capítulo desta epístola, se encontra longa denúncia contra a natureza moral depravada dos falsos mestres gnósticos da Ásia Menor. No capítulo seguinte, o autor sagrado aborda um de seus erros doutrinários centrais -- a negação da realidade da *parousia*, ou segundo advento de Cristo, o que é encarado como dotado de elementos debilitadores. Provavelmente, esta segunda epístola de Pedro foi escrita em um período em que a doutrina da «segunda vinda de Cristo a qualquer ocasião» estava começando a perder o seu poder na igreja. Portanto, o presente capítulo é, essencialmente, a demonstração de como a falta de fé na «parousia» servia de elemento corruptor da natureza moral dos mestres gnósticos. Quanto ao elemento do tempo desse evento, o autor sagrado argumenta que a longa espera, da parte do homem, pode ser apenas um breve momento, de acordo com a mentalidade divina (ver II Ped. 3:8). Este argumento, em si mesmo, subentende o afastamento da ardente expectação da «parousia», típica dos cristãos primitivos. Dificilmente podemos imaginar Paulo a falar desse modo, porquanto dava a impressão de que se incluía entre os vivos, por ocasião do retorno do Senhor a esta terra. (Ver I Tes. 4:15 e I Cor. 15:51 acerca desta expectação, que supomos fosse geralmente aceita pela igreja cristã primitiva).

O autor sagrado começa por trazer tanto os profetas do A.T. como os apóstolos do Senhor para as fileiras que defendem a doutrina da *parousia* (Ver II Ped. 3:2 e ss.). Ele subentende que a inteira tradição profética continha esta previsão, e que ela também previu que zombadores haveriam de negá-la e de rejeitá-la. A «parousia» dará início a um julgamento de fogo. Nisso, o autor sagrado parece mesclar a doutrina normal da «parousia» com a doutrina da destruição da terra e de todo o universo, mediante o fogo, o que normalmente, dentro das explicações proféticas do cristianismo, será algo que terá lugar muito mais tarde, já no fim do milênio, ou mesmo já dentro do futuro remoto, na eternidade. Por toda esta epístola, pode-se observar que o «juízo final» é associado à *parousia*, pelo que não há distinções claras acerca dos eventos principais do futuro, no tocante ao juízo.

Os julgamentos referidos em II Ped. 2:4 subentendem a concretização do julgamento por ocasião da «parousia», e não muito após o juízo do grande Trono branco. Evidentemente, o autor sagrado não estabelecia distinções de «tempo» nesses acontecimentos, que são características do Apocalipse e da teologia cristã posterior. De fato, no décimo versículo, ele faz o remoto «dia do Senhor» (o verdadeiro «julgamento final», que se vê no vigésimo capítulo do livro de Apocalipse) ser identificado com a «parousia». Certamente que não devemos confundir a «parousia» com a imensa conflagração que assinalará o fim do sistema de universos, conforme o conhecemos hoje em dia. Que o autor sagrado falava acerca da «parousia» ou segundo advento de Cristo, fica demonstrado pelo fato que ele, tal como os primitivos cristãos, via este acontecimento como algo bem próximo, tendo denunciado os zombadores que o negavam ou o odiavam.

3 Ταύτην ἤδη, ἀγαπητοί, δευτέραν ὑμῖν γράφω ἐπιστολήν, ἐν αἷς διεγείρω ὑμῶν ἐν ὑπομνήσει τῇν εἰλικρινῇ διάνοιαν,

3:1: Amados, já é esta a segunda carta que vos escrevo; em ambas eu quais desperto com recordações o vosso ânimo sincero;

...Amados... Uma maneira bastante comum de aludir aos crentes, subentendendo sua participação no amor de Deus, como filhos, juntamente com a «santa família», a igreja. Mas esta palavra também assinala a transição para um novo assunto, pelo que é um artifício literário. (Ver novamente esta palavra nos versículos oito, catorze e dezessete deste capítulo. Comparar com I Ped. 2:11 e 4:12). Esse termo é usado por mais de cinquenta vezes no N.T., indicando indivíduos ou comunidades inteiras. (Ver João 14:21 e 15:10 quanto a notas expositivas como o «amor como princípio normativo da família de Deus». O amor de Deus é a base e a fonte de todo o amor cristão. Ver João 3:16 quanto a notas expositivas sobre o «amor de Deus»).

...segunda epístola... Geralmente se pensa que temos aqui alusão à primeira epístola de Pedro. Entretanto, alguns estudiosos o negam, com base nos argumentos seguintes: 1. Esta segunda epístola de Pedro é dirigida a crentes judeus, ao passo que a primeira epístola de Pedro é dirigida a crentes gentios. Assim, as comunidades endereçadas eram diferentes, não

Longas dias sem sol! noites de terno luto!  
Alma cega, perdida, à toa no caminho!  
Roto casto de nau, desprezado no mar!  
E, ávido, acabard sem nunca dar fruto;  
E, homem, há de morrer como viveu: sozinho!  
Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!

(Olavo Bilac)

Variante Textual: O simples «abandonam o antigo mandamento» é adornado, nos mss Aleph, A, Psi, 048, 33 (vidi. 81, na Vg, no Cóp(s)) (alguns manuscritos), de forma a incluir as palavras «coisas essas que antes tinham abandonado». Mas isto, sem dúvida, é uma glosa dos escribas, na tentativa de explicação.

22 Κύων...ἐξέραμα Pr 26.11

22 {καί, ὥς} καί vs R)

com pessoas de qualidade. mas que, ao sair dali, viu uma poça de lama fedorenta e foi espiar-se na mesma (Robertson, *in loc.*). Notemos o hábito dos cães, que costumam rolar por cima de coisas mortas e putrefactas. (Isto pode ser comparado com o trecho de Mat. 7:6, que combina o cão e o porco ao pintar as ações dos pecadores com relação à verdade. Eles tratam desdenhosamente da verdade). Assim fazem os pecadores que «estiveram limpos», mas voltaram ao pecado.

Trineu, ao escrever contra os gnósticos, utilizou o termo «lamaçal» (aquilo em que se delira um porco), ao mencionar que os gnósticos criam que a natureza espiritual não pode sofrer com os pecados carniais, assim como o ouro não absorve a lama do lamaçal. «Pois do mesmo modo que o ouro, mergulhado no lamaçal, não perde sua beleza, mas preserva sua própria natureza, pois a lama não pode prejudicar ao ouro, assim também, no dizer deles, sem importar que tipo de ações materiais pratiquem, não podem sofrer qualquer dano, e nem podem perder sua essência espiritual». (I cap. vi.2, uma citação que mostra habilmente a opinião dos gnósticos de que os excessos corporais não podem prejudicar a alma).

«Vede quão terrível é aquilo com que ele os compara; pois é uma coisa terrível: um cão e uma porca... Que serás tu, aos olhos de Deus?» (Agostinho).

3. 1 ἡδη] ecce (i.e. idē) lat 1a

podendo haver aqui alusão a uma carta que seus leitores originais não receberam. 2. O próprio Pedro pregara aos endereçados desta segunda epístola de Pedro, mas aparentemente isso não sucedeu no caso dos leitores da primeira epístola (comparar I Ped. 1:12 com II Ped. 1:16). 3. O conteúdo da primeira epístola de Pedro não é descrito aqui com exatidão, pelo que aquela epístola não pode estar em foco neste ponto. A maioria dos intérpretes, entretanto, concorda que há aqui certa alusão à primeira epístola de Pedro; mas muitos deles acreditam que isso é artificial, visando obter autoridade apostólica para esta epístola, a qual, na realidade, não teria sido escrita pelo apóstolo Pedro. Naturalmente, isso nos envolve na controvérsia sobre a «autoria», que é abordada longamente na introdução à epístola.

...despertar com lembranças... Estas palavras podem subentender que a primeira epístola teve os mesmos propósitos que esta segunda. Mas a leitura de ambas mostra-nos que elas abordam temas inteiramente diversos. Ambas falam sobre a *parousia* ou segunda vinda de Cristo, mas esta segunda epístola foi escrita para denunciar aos hereses gnósticos, ao passo que a primeira foi escrita para encorajar uma igreja que sofria perseguições.



«...mente esclarecida...» No grego é «*elikhri-ne*», isto é, «sem mistura», «puro». A raiz parece ser «*eile*», o «calor do sol» e «*krino*», «julgar», «testar», «discernir», ou seja, «algo testado pelo calor do sol». Tal palavra também pode significar «testado pela luz do sol» ou «aclaramento pelo sol», conforme é demonstrado por qualquer bom léxico grego. Seu uso aqui, com o sentido de «sincero», provavelmente é o tencionado pelo autor sagrado. Suas mentes ainda não tinham sido pervertidas ou corrompidas pela heresia gnóstica; continuavam a crer na «parousia» ou segundo advento de Cristo, e pelo menos alguns deles tinham escapado da sensualidade gnóstica. O autor

2 *μνησθῆναι τῶν προειρημένων ρημάτων ὑπὸ τῶν ἁγίων προφητῶν καὶ τῆς τῶν ἀποστόλων ὑμῶν ἐντολῆς τοῦ κυρίου καὶ σωτῆρος*

3:2; para que vos lembreis das palavras que antes foram ditas pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, dado mediante os vossos apóstolos;

«...palavras...» A mensagem geral da retidão, conforme agora fora anunciada pela mensagem cristã, contrária à heresia gnóstica, tanto quanto à doutrina, como quanto à ética. Mas, está particularmente em foco a palavra «profética», que prediz sobre a segunda vinda de Cristo, a «parousia». Os leitores da epístola não eram ignorantes, e seriam tidos como responsáveis pela luz recebida. Isso pode ser comparado ao paralelo do décimo sétimo versículo da epístola de Judas, onde as «predições dos apóstolos» são vistas como confirmatórias da expectativa sobre o segundo advento de Cristo. Antes, nesta mesma epístola, já tivemos ocasião de ver a combinação do testemunho dos profetas do A.T. com o testemunho dos apóstolos do N.T., como pano de fundo e apoio do ensinamento sobre a «parousia». (Ver II Ped. 1:12-21). Ali se vê que a segunda vinda de Cristo foi prefigurada pela sua «transfiguração».

«...mandamento do Senhor e Salvador...» O trecho de II Ped. 2:21 diz: «santo mandamento», indicando o evangelho cristão, que traz consigo a «exigência moral», onde também a idéia é comentada. Assim também, aqui, o evangelho é chamado de «mandamento», indicando que o mesmo envolve várias «exigências» que os crentes devem observar. Isso contradiz a licenciosidade dos gnósticos, que eles queriam que fizesse parte da moralidade cristã, através de seus falsos ensinamentos. Mas também fica inclusa a necessidade da aceitação de certas crenças que fazem parte do sistema cristão, corretamente entendido, incluindo a «parousia». A lealdade ao Senhor exige a lealdade ao ensino sobre seu segundo advento, como parte

IV. A «Parousia» — Poder determinante dos deveres cristãos (3:1-18).

2. Os ímpios, destruídos pelo dilúvio, foram os precursores dos que agora negam a «parousia» (3:3-7).

A secção que ora se inicia é, essencialmente, o adorno do trecho de Judas 17,18, com o propósito de frisar a «parousia» como porção essencial do evangelho dos apóstolos. O autor sagrado lança mão, novamente, da narrativa sobre o dilúvio, a fim de ilustrar certo aspecto de sua mensagem. Antes (em II Ped. 2:4-10), isto fazia parte de uma secção que busca mostrar quão inevitável é o juízo dos ímpios. Nos dias de Noé foi pregada uma mensagem que anunciava um cataclismo, a «vinda» de um grande acontecimento que significaria a prestação de contas e a punição das vidas más. Os homens ignoraram propositalmente as advertências, ridicularizando-as.

Isto não pode impedir o julgamento divino. Assim também, hoje em dia, os homens zombam da doutrina da «parousia» ou segunda vinda de Cristo. A «parousia» será, igualmente, uma prestação de contas e um julgamento, em que os homens serão chamados a dar contas da vida que levam. Também há, agora, os escarnecedores.

3 *τοῦτο πρῶτον γινώσκοντες, ὅτι ἐλεύσονται ἐπ' ἐσχάτων τῶν ἡμερῶν [ἐν] ἐμπαίγμονῃ ἐμπαίκεται κατὰ τὰς ἰδίαις ἐπιθυμίαις αὐτῶν πορευόμενοι*

3 ἐλεύσονται... αὐτῶν Jd 18

3 εν εμπαίγμονη RAB; R] om KL pt ζ: om εν CP al: εμπαίγμονης b14 pc

3:3; sabendo primeiro isto, que nos últimos dias virão escarnecedores como zombaria, andando segundo as suas próprias concupiscências,

«...Tendo em conta...» Trata-se da mesma expressão achada em II Ped. 1:20. Ao aprendermos e sabermos, certas coisas se revestem de importância primária. Para os crentes, a fé na «parousia» é uma delas. Os versículos onze a treze deste capítulo mostram a importância da «parousia» para a ética cristã, pois é impossível salientar-se exageradamente a exigência moral do evangelho. Portanto, acima de tudo quanto se possa mencionar, que se saiba «primeiramente isto»: a «parousia» é uma doutrina veraz embora muitos zombem dela.

«...últimos dias...» Temos aqui uma expressão que pode revestir-se de boa variedade de significações. Os judeus viam-na como algo que indica «dias imediatamente antes da manifestação do Messias». No cristianismo veio a significar «dias imediatamente antes do segundo advento de Cristo». Algumas vezes se reveste de um significado profético, em que essa vinda é transferida para um período posterior; normalmente, porém, significa «nosso próprio tempo», o qual é visto como algo que precede imediatamente a vinda de Cristo. Assim, neste ponto, o autor sagrado alude aos «seus próprios dias», quando fala em «últimos dias». Suas palavras, pois, para ele, não são primariamente preditivas de alguma data remota e indeterminada. Ele acreditava que já vivia nos «últimos dias». Do ponto de vista profético, os intérpretes crêem que Escrituras, tal como a que temos à nossa frente, embora falem de condições que caracterizavam os tempos apostólicos, são essencialmente preditivas. Assim, pois, nas páginas do N.T., as palavras «últimos dias» se referem, especificamente, ao tempo que antecederá imediatamente à segunda volta de Cristo. Portanto, as condições que havia na Igreja primitiva, que os escritores sagrados consideravam como os «últimos dias», eram somente simbólicas e preditivas em sua natureza. Na realidade, não viviam nos «últimos dias», embora assim pensassem. A Igreja, em qualquer época de sua história, espera a segunda vinda de Cristo como acontecimento possível a qualquer instante. Esta é uma esperança purificadora para os crentes.

Essa expressão sempre traz consigo a idéia de *tempos perturbados*, preches de apostasia, de ganância, de concupiscência, de todas as formas

sagrado espera manter seus leitores pensando desse modo, sem importar que os gnósticos negassem essa doutrina ou não.

A primeira epístola de Pedro, em concordância com a segunda, tem em comum o apelo à autoridade dos profetas e apóstolos (ver I Ped. 1:10-12; II Ped. 1:4,16-21 e 3:2). Ambas salientam reiteradamente a segunda vinda de Cristo como uma das verdades fundamentais da tradição apostólica (ver I Ped. 1:4-7; 4:5,7,13,18; 5:4,10; II Ped. 1:11,19; 2:9; 3:4,7,8,10-13). Certas similaridades como estas podem ter levado o autor sagrado a sentir-se justificado a ver sua epístola como uma espécie de continuação da primeira.

3 2 Jd 17

imprescindível deste sistema.

«...Senhor e Salvador...» Os títulos que aqui vemos também figuram em II Ped. 2:20, onde suas implicações são comentadas. Aquele que tem a Jesus como seu Salvador e Senhor não abandona o evangelho em favor de ensinamentos falsos que porventura penetrem na cristandade. Todo o que tem a Jesus como Senhor terá uma vida santa. Os gnósticos degradavam a Cristo e tinham abandonado o conceito de seu senhorio absoluto. (Ver Col. 2:19 acerca disso). Eles pensavam que os «aeons» ou «emanações angelicais» fossem tantos outros «senhores», aos quais adoravam, e que seriam mediadores da salvação.

«...mandamento...» Essa palavra (no grego, «*entole*») é usada em outras porções do N.T. como «ensinamento», dotada de autoridade e de poder irresistível sobre os crentes. Em sua forma verbal, ver Mat. 17:9; 28:20; João 15:14,17; Atos 1:2; 13:47. Em sua forma nominal ver João 13:14; 14:15,21 e 15:10,12. (Comparar também com I João 2:3,4,7,8; 3:22-24; 4:21; 5:2,3; II João 4-6). Os «mandamentos» de Cristo, confirmados pelo ensinamento dos apóstolos, deve permanecer de pé, em oposição a «fábulas engenhosamente inventadas» (ver II Ped. 1:16). Os apóstolos precisam ser reputados sucessores dos profetas do A.T., em que o ensinamento deles é suplementado e desenvolvido pelo ensinamento dos apóstolos. Os gnósticos, entretanto, negavam a autoridade do A.T.

«...apóstolos...» (Quanto ao ofício do «apostolado», ver Mat. 10:11. Quanto à lista dos apóstolos, com uma breve descrição sobre cada qual, ver Luc. 6:12. Quanto ao sentido mais amplo do termo «apóstolo», incluindo outros que não faziam parte dos «doze» apóstolos originais, ver Atos 14:4).

de iniquidade. Esse era o ponto de vista dos judeus, relativamente às condições que haveria imediatamente antes da manifestação do Messias. Os cristãos primitivos, pois, retiveram essa mesma idéia, mas no tocante ao tempo imediatamente anterior à «nova manifestação» de Cristo. (Ver Dan. 9:25. No N.T., ver João 6:39,40,44,54; 11:24; 12:48; Atos 2:17; II Tim. 3:1; Heb. 1:2; Tia. 5:3; I Ped. 1:5,20; I João 2:18; Jud. 18; Clemente, Rom. 14:2; Barnabé 16:5). A tradição cristã associava, igualmente, a vinda de Cristo, com o aparecimento do anticristo, que antecederia àquela, por pouco. (Ver o segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses, especialmente seu terceiro versículo, acerca deste tema). Na introdução ao comentário, há um artigo sobre o «anticristo»; é suposição do autor deste comentário que o anticristo surgirá com poder em nossa própria época, no princípio da década de 1990. Isto faria os nossos tempos serem, verdadeiramente, os «últimos tempos».

«...escarnecedores...» A própria circunstância de que tais homens se estejam levantando, a negarem a «parousia», na opinião do autor da epístola, era prova de que ele já vivia nos «últimos dias», porquanto a segunda vinda de Cristo, naturalmente, será acompanhada por tais condições, e a tradição profética já tinha antecipado tal coisa. Aqueles escarnecedores eram ímpios, sem regra moral alguma, mas continuamente andavam segundo suas próprias concupiscências. Embora afirmassem ser os mais santos dentre os mortos, viviam no excesso da auto-indulgência. Estes eram, exatamente, os tipos de homens que o autor sagrado via que entrariam nas fileiras do cristianismo não muito antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo.

#### Os Escarnecedores

Zombai, zombai, Voltaire, Rousseau,  
Continuai zombando; tudo será em vão;  
Lançais a areia contra o vento,  
E o vento a devolve novamente  
E cada grão de areia se torna uma gema  
Que reflete os raios divinos;  
Soprados de volta, cegam o olho escarnecedor,  
Mas a vereda de Israel continua brilhando.

*Os átomos de Demócrito  
E as partículas de luz de Newton,  
São grãos de areia na praia do mar Vermelho,  
Onde as tendas de Israel santo brilham.*  
(William Blake)

**Variante Textual:** Ao invés de «...encarnecedores... andando...», conforme se vê nos mss AKL, os mss P172), Alph, BC, no Vg, no SI, no Cóp, no EtI e nos mss de Cirilo e outros, encontramos «zombadores... zombando...». Portanto, a cláusula inteira afirma: «...zombadores virão com suas zombarias (vivendo) segundo paixões más...». Certamente isto representa o

4 καὶ λέγοντες, Ποῦ ἐστὶν ἡ ἐπαγγελία τῆς παρουσίας πάντα οὕτως διαμένει ἀπ' ἀρχῆς κτίσεως.

3:4; e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.

Comenta Homrighausen (*in loc.*): «Os «zombadores» mundanos, seculares, pareciam estar com a razão. Não levavam a sério o mundo espiritual, pelo que nada tinham a ver com o cumprimento mais amplo da vida e da história. E aquela gente presa a esta terra tem seus contemporâneos atuais. Estes não estão interessados pela segunda vinda de Cristo. Até mesmo os crentes, cuja esperança desde há muito vem sendo adiada, se inclinam por perder seu interesse pela mesma. Muitos não se apegam mais ao literalismo da fé profunda da igreja. O método científico tem diluído a realidade, ao ponto da mesma tomar a natureza prosaica da continuidade. Qualquer idéia de interferência vinda de fora, no mundo de processos inflexíveis, é ridicularizada como um absurdo. A segunda vinda é uma curiosidade teológica, uma espécie de ameaça religiosa que é brandida pelos evangelistas de fogo e trovão, uma pura ficção criada por mentes temerosas e férvidas. Afinal de contas, ano se sucede a ano, e geração se sucede a geração, e século se sucede a século. Nada tem havido de novo debaixo do sol, e nada haverá de novo no futuro. A mentalidade horizontal do secularista, a mentalidade fechada do naturalista, a mentalidade indisposta do pagão, não podem perceber qualquer coisa no cumprimento daquilo que foi iniciado na Palestina, anos atrás».

As respostas de Pedro a tais atitudes são essencialmente três, que alistamos abaixo:

1. Argumento baseado na *história*. A história tem tido seus eventos incomuns, seus cataclismas. Por exemplo, consideremos o dilúvio. Isto mostra que coisas assim podem suceder, e cremos que algo assim sucederá novamente. O processo histórico não é algo necessariamente contínuo, sem interrupções abruptas e modificações repentinas. A «parousia» transformará repentinamente ao mundo, afetando os seus habitantes.

2. Ao tratarmos com o «Deus eterno», precisamos perceber sua estimativa acerca do tempo, que *não é igual* à nossa estimativa. Para a mente divina, não há qualquer grande demora. As coisas têm lugar quando ele quer que assim seja, e tudo dentro do breve dia concebido pela mente divina. Assim sendo, o autor sagrado ensina aqui que os homens têm uma perspectiva limitada que perverte sua estimativa sobre as coisas.

3. A própria «demora» não envolve negligência divina, mas antes, Deus deseja dar *oportunidade* de arrependimento e salvação a todos. Essa demora é uma dádiva divina aos homens. Havia um antigo ditado entre os judeus que dizia que, se todos os judeus se tornassem penitentes por um único dia, o Messias viria imediatamente. Mas ele agora não vem pela segunda vez porque o Senhor espera que os homens encontrem a sua salvação; a «parousia» é retratada, nas páginas do N.T., como o fator determinante das fronteiras eternas, o fim da oportunidade para alguém obter a «salvação», em contraste com as condições do presente. Quais outras formas de oportunidade Deus possa dar, estão fora do alcance de nossa capacidade. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios indica que alguma forma de reconciliação e harmonia será estabelecida em redor de Cristo, como Cabeça, em todo o universo, em toda a criação; mas isso não significa que os homens participarão da vida dos eleitos. A eternidade definirá o que isso significa.

«...promessa...» Esta foi proferida por profetas e apóstolos, estando registrada nas Escrituras proféticas. A negação da «parousia», por parte dos mestres gnósticos, era, parcialmente, a negação da revelação divina. Estes homens tinham perdido a fé na Palavra revelada.

Os crentes do primeiro século, em contraste com isso, acreditavam que a grande promessa do retorno de Cristo seria cumprida no próprio tempo da vida terrena deles. (Ver I Tes. 4:15 e I Cor. 15:51).

«...vinda...» No grego é «parousia», que literalmente significa «presença», «aparecimento», termo que veio a ser um termo técnico para a «segunda»  
5 λαμβάνει γὰρ αὐτοὺς τοῦτο θέλοντας, ὅτι οὐρανοὶ  
συνεστῶσα τῷ τοῦ θεοῦ λόγῳ,

3:5; Pois elas da propósa ignoram isto, que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram as céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subleito;

«...deliberadamente esquecem...» As notas expositivas sobre o versículo anterior demonstram que a própria história é contrária à teoria da «imutabilidade», pregada pelos falsos mestres gnósticos. O autor sagrado salienta dois exemplos, a saber: a criação e o dilúvio. A própria criação foi uma drástica modificação na ordem de coisas e o dilúvio não foi menos do que isso. Além de ser drástica modificação, o dilúvio também foi um julgamento. Eventos como esses os gnósticos ansiavam por olvidar. Isso não estava de acordo com os seus argumentos, e, naturalmente, os homens gostam de ignorar aquilo que enfraquece suas opiniões e doutrinas. Há grande vaidade nos homens, quando supõem que são os guardiões de toda a verdade divina. Se ouvem alguma idéia nova, e seus cérebros não se sentem em conforto com a mesma, imediatamente a rejeitam como algo sem valor.

texto correto, pois conta com o apoio dos manuscritos mais antigos e mais dignos de confiança. Pode-se notar um jogo de palavras parecido com isso, em II Ped. 2:13, «...notando o erro pela prática do erro».

O aparecimento de zombadores e de falsos mestres, na igreja, são sinais sobre os «últimos dias». (Ver I João 2:18 e ss.).

«Com essas palavras, o apóstolo Pedro lança seu ataque contra a negação da «parousia», o erro doutrinário que subjaz às extravagâncias morais dos falsos mestres. Mas, ele tinha em vista esse tema, desde o início de sua epístola». (Bigg, *in loc.*).

αὐτοῦ; ἀπ' ἧς γὰρ οἱ πατέρες ἐκοιμήθησαν,

vinda de Cristo». (Ver notas expositivas completas sobre esta verdade, em I Tes. 4:15 e Apo. 19:11). O autor sagrado não faz a distinção entre o «arrebatamento» e a «segunda vinda de Cristo» e o «juízo final», conforme se percebe no vigésimo capítulo do livro de Apocalipse. Sua mente fundia tudo juntamente. A teologia cristã posterior estabeleceu várias distinções entre estes eventos, embora algumas destas distinções, mais provavelmente, não sejam válidas.

Os homens, devido à impaciência, perdem de vista essas coisas, pretendendo interromper os ordeiros planos de Deus, por um toque súbito da corneta de Gabriel, pondo fim a tudo. Muitos estudiosos, como Lutero, se têm maravilhado que Deus desde há muito, não tenha tocado o sinal de fim da perversidade humana, mas antes, continue a tolerar aos homens. Charles Beard, um bem conhecido historiador, declarou que uma coisa a história nos tem ensinado, a saber:

*Embora os moínhos de Deus moam lentamente,  
Contudo, moem excessivamente fino.*  
(Longfellow).

«...pais dormiram...» Pais do V.T., e possivelmente, *pais da igreja*. O primeiro par de gerações cristãs conservava firmemente a crença na «parousia». Mas, agora, estas gerações já tinham falecido, e nada tinha acontecido. Por que continuariam outros a conservar as expectativas daqueles? E nestes nossos próprios dias, mui distantes do tempo em que os cristãos pela primeira vez tiveram tal expectativa, podemos raciocinar do mesmo modo. Contudo, o aparecimento do anticristo em nossa época haverá de mostrar que «nem todas as coisas continuam as mesmas». É possível que a alusão que aqui se faz aos «pais» seja mais lata, incluindo até mesmo os patriarcas israelitas. No tempo deles, esperavam o Messias. Bem, ele veio e instaurou uma radical mudança. Se ele veio uma vez, certamente virá novamente. Assim sendo, se ao assim argumentarem os mestres falsos teciam alusão aos pais judeus, o argumento deles, em favor da continuidade da história, sem a intervenção de crises espirituais significativas, não é um bom argumento.

Os filósofos, de modo geral, excetuando os estóicos (os quais esperavam uma conflagração final de todas as coisas), falavam tanto da eternidade passada da matéria, como de sua continuidade por toda a eternidade futura. Filo assim se manifestou, e vários escritos rabínicos expressam o mesmo sentimento. Mas a doutrina petrina da conflagração geral (ver os versículos décimo e décimo primeiro deste capítulo) contradiz esse ponto de vista de uma essencial «imutabilidade». Talvez os falsos mestres da Ásia Menor pretendessem comprovar sua doutrina de «continuidade» mediante a citação de escritos filosóficos e rabínicos. (Ver Filo, *de mundo*, 2). Ali a «continuidade» é uma idéia alicerçada sobre «a lei eterna do Deus eterno».

A própria história serve de prova de que todas as coisas não têm continuado a mesma coisa «desde o princípio da criação». Isso não é verdadeiro nem no tocante ao estado da matéria, porquanto tem ocorrido cataclismas; e nem no tocante às questões espirituais, pois o Messias já se manifestou uma vez. Jerusalém foi destruída no ano 70 D.C., e, novamente, em 132 D.C., e toda uma comunidade e um sistema religioso foram apagados. Os falsos mestres da Ásia Menor terminaram por contemplar ambos os acontecimentos. A história mostrou ser contrária à tese deles—continuidade ininterrupta. Tomaram a posição absurda de que não pode haver surpresas.

«Esse argumento cético é empregado com força crescente, à medida que se vão passando novas gerações. E terá maior força justamente antes da Ilúcia ser inequivocamente exposta—às vésperas do dia do juízo». (Plummer, *in loc.*).

O próprio Senhor Jesus exortou-nos à vigilância e à prontidão, embora tenha proibido a marcação de datas. (Ver Mat. 24:34).

ἦσαν ἐκπαλαι καὶ γῆ ἔξ ὕδατος καὶ δι' ὕδατος

5 ὁ οὐρανός...λόγῳ τοῦ λόγου

5 & ὕδατος] (Gen. 1. 2) πνεύματος 431.

A Academia Francesa da Ciências, há alguns séculos atrás, declarou solenemente que é «fisicamente impossível que pedras caiam do céu». E, assim, as universidades que tinham recolhido meteoritos se sentiram embaraçadas, doando ou jogando fora suas coleções de meteoritos. Os homens de ciência, naquela época, tinham visão acanhada por demais para incorporar esse acontecimento (observado por testemunhas oculares) em seu sistema de crenças. Assim também, quando um representante de Edison foi enviado a demonstrar o «toca-discos» a essa mesma academia, sua demonstração sobre a «cera falante» foi interrompida, quando expulsaram o homem fisicamente para fora do recinto. Ficaram irados e declararam que: «Qualquer tolo sabe que a cera não pode falar». Acusaram o homem de perpetrar um «truque barato de ventríloquismo».

«Se alguém dirigir sua atenção para as novidades do pensamento, em seu próprio período de vida, observará que quase todas as idéias realmente novas se revestem de um certo aspecto de insensatez, quando são



apresentadas pela primeira vez». (Alfred North Whitehead).

Assim também, há homens religiosos que pensam que seus sistemas são finais e perfeitos. Limitam a verdade de Deus a certas fronteiras e sempre será considerado «herege» aquele que procura ampliar esses limites. Mas os limites estabelecidos pelos homens geralmente são as limitações de seu próprio entendimento e não limites autênticos.

«...pela palavra de Deus...» Em outras palavras, a criação veio à existência pela palavra de Deus. Em seguida, o mundo humano e o reino animal que fora criado pereceram nas águas do dilúvio (ver o sexto versículo deste capítulo). O ato criador foi uma modificação abrupta no curso das coisas; o dilúvio foi outra modificação súbita. Ao usar a expressão «palavra de Deus», o autor sagrado deixa entendido que a mesma «palavra», sem forma falada e escrita, dada através dos profetas, assegura-nos que modificações repentinas podem ocorrer e realmente ocorrerão. Assim, nos versículos oitavo a décimo deste capítulo, ele mostra que as Escrituras do A.T. concordam com sua tese, não com a teoria gnóstica da «imutabilidade». O ensinamento dos apóstolos concordava com o A.T., nesse particular. As seguintes passagens neotestamentárias falam sobre a «parousia» ou segundo advento de Cristo: Mat. 10:23; 16:28; 23:4, 27-31, 34, 42; Atos 1:11; I Tes. 4:16, 17; II Tes. 1:7-9; Tia. 5:8, 9; Apo. 2:5, 25 e 3:11.

«...céus...» A forma plural é usada aqui, como é comum nas páginas do N.T. Os judeus contemplavam a existência de sete céus. A forma singular, «céu», seria uma doutrina estranha para eles. Por isso é que Paulo falava dos «lugares celestiais», nos quais habitavam anjos bons, anjos maus, homens, e, no ponto mais elevado dos céus, o próprio Deus. (Ver Efé. 1:3 quanto a notas expositivas completas sobre a idéia da «pluralidade dos céus»).

Notemos que primeiramente foram criados os céus, e depois a terra. Isso indica, mui provavelmente, as «esferas espirituais» de tipo não-material, e então secundariamente, os céus estrelados. Isso concorda com a narrativa do primeiro capítulo do livro de Gênesis e com a literatura rabínica, que apresentam primeiramente a criação espiritual, então a criação dos céus físicos, e somente depois a criação desta terra.

«...a qual surgiu da água e através da água...» Essa expressão tem provocado muitas dificuldades. Poderia subentender que o autor sagrado aceitava a antiga noção grega de que um dos quatro elementos básicos é o primário. Os quatro elementos básicos seriam a terra, o ar, o fogo e a água. O autor sagrado talvez concordasse com a idéia que a «água» é o elemento primário, e que, mediante várias modificações na condensação e na

6 δι' ὧν ὁ τότε κόσμος ὑδατι κατακλυσθεὶς ἀπώλετο.  
3:6: pelas quais coisas pereceu o mundo de então, afogado em água;

As súbitas modificações que poderão ocorrer, poderão ser formas de julgamento, tal como foram o dilúvio e como o será a «parousia» ou segunda vinda de Jesus Cristo. A terra, por assim dizer, foi absorvida à sua forma original, tendo retornado a seu elemento primário, a água. A água cooperou com a palavra de Deus a fim de provocar a destruição de indivíduos ativos e iníquos.

«...o mundo daquele tempo...» Havia uma antiga tradição, refletida no livro de Enoque (lxxxiii.3-5) no sentido que, ao tempo de dilúvio, houve uma espécie de destruição dos céus e da terra, com o surgimento de um novo céu e de uma nova terra. Naturalmente, isso não é cientificamente válido; mas tradução existia, e talvez o autor sagrado faça aqui alguma alusão a isso. A antiga tradição dizia que o universo inteiro retornou a seu elemento primário, a água. É possível que o autor sagrado tenha empregado sua linguagem aqui com o intuito de dar a entender a antiga tradição meramente como um colorido retórico. Seja como for, o dilúvio, sem importar o tipo de julgamento então envolvido, tornou-se o precedente para o autor sagrado pensar que o universo inteiro poderá vir a ser reabsorvido pelo fogo (ver o décimo versículo deste capítulo).

**Variante Textual:** As palavras «...pelas quais...» aparecem no singular em τ οἱ δὲ νῦν οὐρανοὶ καὶ ἡ γῆ τῷ αὐτῷ λόγῳ τεθησαυρισμένοι εἰσὶν<sup>a</sup> πυρὶ,<sup>a</sup> τηρούμενοι εἰς ἡμέραν κρίσεως καὶ ἀπωλείας τῶν ἀσεβῶν ἀνθρώπων.

<sup>a</sup> 7 e none, e mior: RV ASV RSV NEB TT (Zür) // e mior, e nove: TR AV Luth // e nove, e none: WH Bov Nm BR<sup>3</sup> (Jer) :Reg

7 τῷ αὐτῷ AP 1739 al; R], τῷ αὐτοῦ N pm sy: αὐτοῦ 421 pc s | [πυρὶ], πυρὶ 5: πυρὶ, R)

3:7: mas os céus e a terra de agora, pela mesma palavra, têm sido guardados para o fogo, sendo reservados para o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios.

O que sucedeu haverá de suceder novamente, embora de modo um tanto diverso. O processo histórico tem demonstrado essa possibilidade e a revelação mostra que se trata de algo inevitável. Tal como o antigo cataclisma, o novo será um meio de julgar aos ímpios, incluindo aqueles que disserem que nada semelhante poderá ocorrer novamente.

«...céus... terra...» Este versículo, bem como os que o seguem, mostram que o autor antecipava total destruição dos céus e da terra, conforme os conhecimentos agora. É estranho, para a moderna escatologia cristã, que associemos isso à «parousia», pois quase todos não entendem que o segundo advento de Cristo será acompanhado de destruição, mas apenas de renovação, em que Cristo assumiria o governo das nações e levaria os homens a juízo. Segundo é mencionado antes, o autor sagrado não faz distinção entre o «arrebatamento», o «segundo advento para julgar» e «o juízo final» (o que incluirá necessariamente a destruição dos atuais céus e da terra atual, sendo trazidos à existência novos céus e nova terra). (Ver Apo. 21:1 quanto aos «novos céus e nova terra»). Por igual modo, não há distinções cronológicas claras nesta epístola, pois ela situa tais coisas após o milênio e após o grande Trono Branco.

«...pela mesma palavra...» Qual? A Palavra de Deus, cujo poder entrará em ação, a qual criou a criação original e então a levou à destruição; a qual estabeleceu uma nova ordem de coisas após o dilúvio, mas que levará essa

rarefação, foi ela usada para criar os outros elementos.

Essas palavras, contudo, não se aplicam bem à narrativa do Gênesis, em que o globo terrestre aparecia «coberto de águas», e então foram separadas as terras das águas, etc. Se isso é tudo quanto o autor sagrado queria dizer com essas palavras, então ele declarou a questão de maneira simples e peculiar. A maioria dos estudiosos acredita que está em foco o trecho de Gên. 1:9, e que o aparecimento da terra seca, emergindo da massa de água, é tudo quanto está em foco aqui. Isso, porém, pode ser uma explicação que simplesmente evita a dificuldade, ao invés de aclará-la. O que significa «pela água» ou «através da água»? Certamente isso se adapta às antigas explicações, oferecidas pela filosofia grega, muito melhor do que a noção de que a simples separação entre terras e águas está aqui em pauta. Se não é isso que está em foco, então haverá aqui alusão a alguma noção metafísica obscura, a respeito da qual não temos qualquer conhecimento, o que explicaria a obscuridade do próprio texto sagrado.

Alford (*in loc.*), conjectura que «pela água» são palavras que indicam que a «água» acima, que desce mediante a chuva, é o meio pelo qual a terra continua «existindo». Podemos supor que ele aludia a «formas de vida», existentes na terra, através da água. Faucett (*in loc.*), faz da «água» o «agente» da formação da superfície da terra, de tal modo que a vida pode posteriormente ser encontrada ali, em um lugar próprio para sua habitação. Outros estudiosos supõem que tudo quanto está aqui focalizado é que a «água» foi misturada compactamente com os elementos terrestres, e que as duas coisas «perfazem» a natureza do nosso mundo. Águas subterrâneas, pois, estariam aqui especialmente em foco.

Tais explanações são possíveis, mas de maneira alguma são as soluções corretas. Nas *Homílias Clementinas* xi.xxiv temos a antiga idéia de que as coisas foram feitas partindo da água; isso mostra que a antiga noção metafísica dos gregos continuava sendo aceita por alguns e tornou-se parte da teologia de alguns cristãos. Portanto, é possível que esta idéia esteja em foco no presente versículo. De qualquer modo, sem importar as noções metafísicas utilizadas pelo autor sagrado, é claro que está em foco a criação, como algo que ocorreu pelo poder da palavra de Deus. E isso foi uma modificação radical de qualquer condição que porventura tivesse existido antes disso. Pela mesma «palavra» (de conformidade com a tradição profética do A.T.) a «parousia» ou segundo advento de Cristo também teria lugar. E a «parousia» será uma modificação radical, de conseqüências extremamente grandes e profundas.

6 Gn 7.11-21; 2 Po 2.5

6 ων] ον 69 ρ\*

alguns poucos manuscritos, como 68 e alguns poucos outros manuscritos minúsculos. Isso é uma modificação do plural para o singular, para que a alusão seja somente à «água» ou à «Palavra», como força destruidora. O plural poderia indicar uma destas coisas: 1. A Palavra e a água destruindo, mas a Palavra de Deus decretada empregou o instrumento da água. 2. Pode haver aqui uma alusão às «duas águas», as vindas do céu e as subterrâneas. 3. Ou a alusão pode ser aos dois: «céus e terra» — a tradição que transparece no livro apócrifo de Enoque; neste caso, o sentido seria que as águas — dos céus e da terra — reabsorveram todas as suas variações, retornando tudo ao elemento primário. Portanto, este versículo estaria dizendo que tanto o céu como a terra contribuíram para o dilúvio. Assim, pois, poderíamos continuar pensando em «águas» superiores (da atmosfera) e «águas» inferiores (depósitos subterrâneos), em que o autor estaria aludindo a «águas» dos céus e «águas» da terra.

«Katakleitheis» Desse termo grego é que veio nosso vocábulo moderno «cataclisma», não se podendo justificar uma coisa pela outra. Enfim, houve distorção na tradução, que serviu apenas para obscurecer o texto sagrado. A tradução inglesa RSV diz aqui: «...the world that then existed was deluged with water and perished...», em que o termo «deluged» é tradução de «katakleitheis». Outras traduções trazem algo semelhante. A destruição, por conseguinte, foi causada por um «cataclisma de água». Outros cataclismos poderão ocorrer. A «parousia» será um cataclisma de fogo. Esse é o ponto a que quer chegar o autor sagrado.

«cataclisma», não se podendo justificar uma coisa pela outra. Enfim, houve distorção na tradução, que serviu apenas para obscurecer o texto sagrado. A tradução inglesa RSV diz aqui: «...the world that then existed was deluged with water and perished...», em que o termo «deluged» é tradução de «katakleitheis». Outras traduções trazem algo semelhante. A destruição, por conseguinte, foi causada por um «cataclisma de água». Outros cataclismos poderão ocorrer. A «parousia» será um cataclisma de fogo. Esse é o ponto a que quer chegar o autor sagrado.

«...entesourados...», isto é, guardados como um tesouro, para serem conduzidos a determinado destino. O mundo é o guardião do fogo primário, por assim dizer, tal como o é da água primária. O fogo pode tomar conta do mundo, tal como o fez de certa feita a água. A ciência, naturalmente, tem demonstrado que isso é possível, pois uma explosão cósmica poderia destruir a tudo. Alguns intérpretes relembram-nos que as armas atômicas poderiam deflagrar uma total destruição da terra. No texto presente, porém, estão em vista forças «cósmicas» e naturais, usadas pelas mãos de Deus, por seu decreto, e não a destruição do homem por si mesmo. Seja como for, aquilo que antes era tido como impossível (a saber, a total destruição do próprio universo) é agora considerado como possível. O presente texto assevera que, eventualmente, isso ocorrerá.

Os três mundos. Temos aqui o reflexo da antiga noção judaica acerca da existência de três mundos: 1. O mundo antediluviano (ou universo), que terminou com o dilúvio. 2. O mundo renovado, que é o nosso, mas que eventualmente também perecerá. 3. O «novo mundo», o qual reinará a justiça, quando será restaurada a harmonia original. Essa é a «nova criação» aludida em Apo. 21:1. Esse é o «mundo eterno» que não terá fim, e no qual Cristo será exaltado como Cabeça (ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios).

«...homens ímpios...» Embora Deus os tenha tolerado (e agora tolere uma geração do mesmo tipo, ver o nono versículo deste capítulo), contudo,

finalmente haverá de chegar seu tempo. É que ainda resta alguma paciência divina, que é infinitamente maior que a dos homens. Mas os ímpios que viveram antes do dilúvio (descrito em Gên. 6:5) são os -progenitores espirituais- dos atuais homens ímpios, entre os quais se acham os falsos mestres gnósticos. Pais e filhos, dentro do terreno espiritual, haverão de sofrer a mesma sorte.

-Na realidade, a profecia e o testemunho apostólico se combinam, a fim de mostrar que o Deus que formou a terra "da água e por meio da água", e que de certa feita a destruiu, destruí-la-á pelo fogo, incluindo até mesmo os céus que agora existem (comparar com Enoque 83:3-5; Isa. 29:6; 30:30; 34:4; 51:6; 65:15; Dan. 7:9,10; Joel 2:30,31; 3:15,16; Naum 1:5,6 e Mal. 4:1). Em lugar disso, ele estabelecerá o seu reino. A tradição apostólica não deixa margem para dúvidas sobre essas questões, até onde diz respeito aos membros fiéis da igreja-. (Barnett, *in loc.*).

A tradição de que o mundo, antes destruído pela água, seria novamente destruído pelo fogo, era antiga tradição judaica, adotada pelo cristianismo. Josefo (*Antiq.* 1.2.3) refere-se a um livro de profecias, atribuídas a Adão, que continha tal declaração. Alguns dos próprios gnósticos, provavelmente atrainos da influência do estoicismo, mantinham doutrina similar. Assim, também Irineu (i.7.1) diz que os valentinianos tinham uma doutrina de que «o fogo que se oculta no mundo (fogo primário), a brilhar, a acender e a destruir toda a matéria, se apagará juntamente com a matéria e ficará extinto». A terra estaria sendo entesourada pelo fogo, que algum dia haverá de irromper e destruir a tudo.

...dia do juízo...» (Ver as notas expositivas sobre essa expressão em II Ped. 2:9. Ver acerca da «ira de Deus» em Col. 3:6).

\*...entesourados...» Esse termo também é usado em II Ped. 2:4,9 e em I Ped. 1:4. (Quanto ao fato que o termo «destruição» descreve o juízo, o que arruína um homem em relação a seu original destino tencionado, ver II Ped.

## IV. A «Parousia»—Poder Determinante dos Deveres Cristãos (3:1-18).

### 3. Provas extraídas do A.T. em apoio à «parousia» (3:8-10).

O autor sagrado expõe três argumentos em favor da «parousia»: 1. O argumento histórico, que mostra que já ocorreram outros cataclismas, e que grandes mudanças históricas têm tido lugar. Assim sendo, a história não favorece à ideia da «continuidade sem mudanças radicais», que era a tese dos gnósticos (ver os versículos quarto a sétimo deste capítulo). 2. A mente divina é diferente da mente humana; aquilo que nos parece demorado, não é necessariamente para ele. Isso pode ser demonstrado pelo A.T. (ver o oitavo versículo). 3. A «demora», na realidade, é uma demonstração de misericórdia, porquanto dá aos homens tempo de se arrependerem, para que assim escapem do juízo que inexoravelmente leva à «perdição» (ver o nono versículo). Não obstante, o «dia do juízo» chegará e será terrível (ver o décimo versículo deste capítulo).

Os crentes que se mostram impacientes e se inclinam por fazer soar a trombeta de Gabriel, se isso lhes fosse possível, a fim de porem fim a tudo, deveriam considerar esses fatores. Há certa verdade divina que podem deixar escapar, devido à sua impaciência. Isso é confirmado em Sal. 90:4.

8 "Εν δὲ τοῦτο μὴ λανθανέτω ὑμᾶς, ἀγαπητοί, ὅτι μία ἡμέρα παρὰ κυρίῳ ὡς χίλια ἔτη καὶ χίλια ἔτη ὡς ἡμέρα μία.  
8 μία...μία Ps 90.4

8 μm, 10 μm Pz 90.4

3:8: Mas vós, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, a mil anos como um dia.

...uma coisa...» Isso pode ser negligenciado; mas é uma explicação de suposta «demora». Deus tem determinado seus próprios «tempos e épocas» (ver Atos 1: 7); e estes não se atrasam em suas mãos. Deus não tem pressa; seus planos estão sendo executados dentro de rígido horário. Isso pode envolver a passagem de mil anos; mas, para Deus, isso não é adiamento. Para ele, um período assim é como se fora um só dia. A fim de comprovar tal coisa, o autor sagrado faz alusão ao trecho de Sal. 90:4, onde se lê: «Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite». O autor sagrado dá a entender isso no tocante à «parousia» — para os homens talvez esse acontecimento pareça tardio. Mas o próprio autor sagrado não entendia as coisas assim. Seja como for, «divinamente falando» (conforme se deve compreender a maneira de falar de um crente espiritual), nem mesmo mil anos seriam grande demora.

...ndo deveis esquecer... Os crentes talvez estivessem demonstrando certa impaciência no tocante à doutrina da «parousia», com a tendência de começarem a duvidar de sua validade, porquanto suas expectativas ainda não se tinham cumprido. A nossa fé nos orientará na direção da eternidade, modificando nossa mentalidade. Ela nos ensinará a retermos nossas crenças e expectativas, sem impaciência. Até mesmo as previsões e declarações do A.T. mostram a validade de nossa fé. Os mestres gnósticos rejeitavam a autoridade do A.T., mas o autor sagrado não hesita em usar esse documento para apoiar seu argumento.

**Significados vistos no presente versículo:**

1. A idéia é aplicada aos dias da criação, em que cada um deles é ampliado para envolver «mil» anos. Naturalmente, essa idéia é, pelo menos, «cientificamente absurda». Um dia ou mil anos não é nem mesmo uma gota no balde das eras geológicas necessárias para produzir as modificações que se tem verificado no mundo.

2. Alguns estudiosos supõem que o autor desta epístola quis dizer que *não*

9 οὐ βραδύνει κύριος τῆς ἐπαγγελίας, ὥς τινες βραδύτητα ἡγοῦνται, ἀλλὰ μακροθυμεῖ εἰς ὑμᾶς<sup>1</sup>,  
μὴ βουλόμενός τινας ἀπολέσθαι ἀλλὰ πάντα εἰς μετάνοιαν χωρῆσαι.

1720 1877 1881 2127 cop<sup>m</sup> arm 2 els nuâs K 049 104 330 451 629 2492 *Nu*  
*lact* *lact* = Fr-Oecumenius Throophylact 2 els nuâs M A Ψ 33 436 614 630 1803

2:1,3). Nas páginas do N.T., «apoleia» não pode significar «aniquilamento», embora, por si mesma, seja palavra que pode ter esse sentido. Não há qualquer idéia de «proveito» nesse entesouramento, embora outros trechos bíblicos mostrem que os grandes ciclos trazem certo proveito, não apenas destruição. A própria destruição é um meio de redundar em proveito, porquanto limpa do mal à casa universal de Deus. Tão longe estava o autor sagrado de pensar que é impossível a «mudança» radical que ele informa-nos que tais mudanças assinalam os estertores dos ciclos antigos e os começos dos novos ciclos; portanto, trata-se de algo necessário, dentro daquilo que Deus faz. Os elementos necessários para modificações tão radicais residem inerentemente no mundo e no universo. A água de certa feita fez sentir seu peso; chegará a vez do fogo. Mas ambos esses elementos são controlados pela «palavra de Deus», pois esse é seu desígnio divino e seu poder.

*Relembrando as sortes do tempo quando o fogo*

*Deverá aspirar aos contrafortes do céu,*

*E todo o mundo acima se incendiar,*

*E todo o globo inferior se torna em cinzas.*

(Ovídio, *Met.* lib. i.v.256. Portanto, a tradição romana também continha a ideia de uma futura destruição universal pelo fogo).

Nos escritos de Melito (bispo de Sardes no século II D.C.), no curetoniano siríaco, há um comentário sobre o conceito deste versículo, que é interessante exemplo da exegese antiga: «Houve um dilúvio de água, e todos os homens e criaturas vivas foram destruídos pela multidão de águas; mas os justos foram preservados na arca de madeira, por ordenança de Deus. Assim, também será nos últimos tempos; haverá um dilúvio de fogo, e a terra se incendiará com os ídolos que os homens têm feito; e será consumido o mar, juntamente com suas ilhas; mas os justos serão livrados da fúria do fogo, tal como aqueles justos (foram salvos) na arca, do dilúvio de águas».

existe a «categoria de tempo» na mente divina. Isso é possível, pois Platão já falara nesse sentido. A filosofia neoplatônica poderia ter levado o autor sagrado a compartilhar dessa crença. Naturalmente, isso foi o começo da teoria da relatividade, pois ali o tempo é pintado como algo não necessariamente aplicado a toda a existência, no mesmo fluxo.

3. Este e o versículo seguinte ensinam, pelo menos, que a misericórdia divina é tão grande que a mente divina perde todo o computo de tempo finito.

4. Alguns antigos pensavam que temos aqui indícios de que o mundo perduraria por seis mil anos, em que cada milênio corresponderia a um dia da criação; o sétimo dia seria o «milênio». Biblicamente falando, isto é, segundo o cômputo cronológico do A.T., passar-se-ão seis mil anos desde Adão até ao ano 2000 D.C. Naturalmente, a geologia tem demonstrado que já se passaram muito mais de seis mil anos de história humana. Contudo, a declaração bíblica pode ser simbólica, representando uma *cronologia representativa*, e não estritamente histórica. Essa *cronologia representativa* fala da existência do homem, da criação ao juízo, como se essa perdurasse seis mil anos. Essa tabela de tempo estaria agora quase completa. Muitos eruditos modernos compartilham dessa antiga opinião. Tal idéia também pode ser encontrada no Talmude. (Ver *Zohar* sobre Gênesis fol. 13:4. Ver *Bartenora* em Mishnah, capítulo sétimo, secção quarta. O sétimo dia, que duraria por mil anos, para os antigos intérpretes judeus, seria o período correspondente ao reinado do Messias, quando ele viesse em seu primeiro advento, mas que o cristianismo percebeu que só ocorrerá quando de seu segundo advento).

5. Este versículo ilustra que os desenvolvimentos históricos, bem como os seus paralelos espirituais, podem envolver períodos longuíssimos, segundo os homens calculam.

6. Ainda outros pensam que, neste contexto, temos a idéia de que Deus «pode punir em um dia os pecados de mil anos»; mas isso não é apropriado ao versículo e ao seu contexto, sem importar o que pensemos do próprio conceito.

2412 2495 *Agrobacterium tumefaciens* var. *gladioli* *vg* *eryth<sup>r</sup>* *cop<sup>+</sup>* *bio<sup>+</sup>* *eth* Fastidious Augustine  
Fulgensius

Embora a preposição *διὰ* seja largamente apoiada (figura em  $N A \Psi$  33 630 vg sir (ph,h) cop (sa,bo(mss)) crī Espéculo *αὐτῶν*), a comissão preferiu *ἐκ*, que é apoiada por  $P$  (72)  $B C K L P$  maioria dos minúsculos cop (bo) ara, considerando *διὰ* como



correção exegetica. Ao invés de *hymns* o *Textus Receptus*, seguindo autoridades textuais secundárias (incluindo *K 049 Byz Lect*), diz *hymns*.

3:9: O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; porém é longânimo para conosco, não querendo que ninguém se perca, sendo que todos venham a arrepender-se.

O autor sagrado expõe agora a terceira razão pela qual ele continuava a crer na «parousia»—sua demora «aparente» é apenas a maneira pela qual Deus demonstra a sua paciência, para que os homens possam arrepender-se e escapar do juízo. (Ver as notas de introdução ao oitavo versículo, onde se acham os três argumentos apresentados pelo autor sagrado em favor da «parousia»).

«...não retarda...» No grego é «*braduno*», «demorar», «adiar», como que mediante despreocupação, indiferença, descuido ou impotência, idéias que os zombadores vinculam ao que lhes parece a «demorada» volta do Senhor.

«...Senhor...» Está em foco a pessoa de Jesus Cristo, cuja «parousia» está sendo esperada. (Quanto ao «senhorio» de Cristo e ao seu título de «Senhor», ver as notas expositivas em Rom. 1:4). Cristo voltará para fazer deste mundo o seu reino.

«...promessa...», isto é, da «parousia» ou segundo advento de Cristo, o que concretizará plenamente a salvação dos crentes.

«...pelo contrário...» ele é longânimo para conosco... A suposta «demora» do retorno de Cristo tem um bom motivo por detrás. Não se deve à falta de interesse por nós. Bem pelo contrário, é devido ao seu profundo interesse por nós, pois almeja que nos arrependamos, aprendendo que seu caminho é melhor, pois assim podemos escapar ao juízo que o seu retorno inexoravelmente trará. (Isso pode ser comparado com Rom. 3:25 e 11:32). Assim sendo, podemos considerar como nossa salvação a «longanimidade de nosso Senhor», segundo se lê no décimo quinto versículo. Em outras palavras, a demora misericordiosa do Senhor, devido à sua longanimidade, resultará na salvação de muitos, pois o tempo extra que assim lhes é dado não será inútil. Muitos são os que tiram proveito do dom divino, para bem-estar eterno de suas almas. Portanto, essa demora, se for corretamente entendida, inspirará os crentes ao evangelismo, pois verão isso como meio de ampliarem a influência do evangelho.

«...não querendo que nenhum pereça...» Isso pode ser confrontado com 1 Tim. 2:4, que diz: «...o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade». (Nessa mesma referência aparecem as notas de sumário sobre o «livre-arbítrio»). Este versículo, juntamente com aquele, nega tanto a «reprovação ativa» (com notas expositivas em Rom. 9:16-18,20) como a «reprovação passiva». Em outras palavras, Deus não se ocupa em endurecer as mentes dos homens, para que não aceitem a oferta da salvação; nem os deixa de lado, retendo deles sua graça. A demora da «parousia» serve de prova quanto a isso. A cruz é outra prova disso. A descida de Cristo ao «hades» (ver as notas expositivas a respeito, em 1 Ped. 3:18 e 4:6), a fim de pregar o evangelho aos espíritos

10 Ἦξει δὲ ἡμέρα κυρίου ὡς κλέπτῃς, ἐν ᾗ οἱ οὐρανοὶ ροιζήδον παρελεύσονται, στοιχεῖα δὲ καυσοῦμενα λυθίσσεται, καὶ γῆ καὶ τὰ ἐν αὐτῇ ἔργα εὐρεθήσεται.<sup>2</sup>

10 [10] ἡμεῖς... αὐτῶν... 1241 1739 1881 syr<sup>l</sup> arm Origen<sup>3</sup> 0142 32 34 104 181 326 330 438 481 614 (81 829 830 2492 κατακαήσονται: 945 1503 1871 2127 2412 2493 Byz Lect 1881 1882 1883 vg<sup>a</sup> syr<sup>p</sup> cop<sup>b</sup> eth Augustine

10 Ἦξει... κλέπτῃς Mt 24:43-44 Lk 12:39-40 1 Th 5:2, 4, Rn 3:3, 16:15

No fim do vs. 10, os testemunhos existentes exibem grande variedade de formas, nenhuma das quais parece ser a original. A forma mais antiga, e aquela que melhor explica a origem das demais que foram preservadas, é *εὐρεθήσεται*, que figura em *N B K P 424 (c) 1175 1739 1852 sir (ph,hmg) ara* Orígenes. Em face da dificuldade de extrair qualquer sentido aceitável do trecho, não é de estranhar que copistas e tradutores tenham retido *εὐρεθήσεται* mas qualificando-a com outros termos: (a) a versão sírdica e um manuscrito do siríaco harcleano inserem a negativa, e (b) o papiro Bodmer (P 72) adiciona *λυόμενα* («a terra e as coisas que há nela serão dissolvidas») - um expediente, porém, que sobrecarrega o contexto com três instâncias do mesmo verbo. Outros testemunhos ou (c) omitem *εὐρεθήσεται* e a cláusula acompanhante (conforme faz *Ψ vg Pelágio al*), ou utiliza outro verbo que dê um sentido mais ou menos bom. Assim (d) C diz *ἀφανισθήσονται* («desaparecerão»), e (e) A 048 049 056 0142 33 614 *Byz Lect* (sir (h) cop (bo) etí *al* dizem *κατακαήσεται* («será queimada»).

Já que *εὐρεθήσεται*, embora seja a forma mais antiga que existe, parece não ter sentido no contexto (mesmo com o expediente de pontuar como uma pergunta: «A terra e as coisas que nela há serão achadas?», que não consegue impor-se), várias emendas conjecturais têm sido propostas: (a) após *ἔργα* o termo *ἄργα* é retirado (Bradshaw), «a terra e as coisas que nela há serão achadas inúteis»; *εὐρεθήσεται* é uma corrupção escríbal de — (b) *ρῆσεται* ou *ρεύσεται* (Hort) (1) «a terra e as coisas que nela há fluirão»; (c) *συρρηθήσεται* (Naber), «...fluirão juntos»; (d) *ἐκπυρωθήσεται* (Olivier), «...se queimarão até às cinzas»; (e) *ἀρθήσεται* (J.B. Mayor), «...serão tirados»; (f) *κριθήσεται* (Eb. Nestle), «...serão julgados»; (g) *λαθήσεται* (ou *ἐξαθήσεται*) (Chase), «...serão curados (inteiramente)»; (h) *πυρωθήσεται* (Vansittart), «...serão queimados».

1. Em apoio à conjectura de Hort, cf. 1 Enoque 1:8 onde, em contexto similar, alguns testemunhos dizem τοῦ δια' ὀρυγῆς ὄρη («pelo que as montanhas se dissolvem»).

3:10: Virá, pois, como ladrão a dia do Senhor, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se dissolverão, e a terra, e as obras que nela há, serão descobertas.

O autor sagrado realinha aqui o seu ensinamento que, assim como a criação já sofreu a devastação por meio da água, outro tanto sucederá novamente, mas mediante o fogo. (Ver o sétimo versículo deste capítulo quanto às possíveis «idéias metafísicas» por detrás dessa declaração). O autor sagrado emprega, ao que parece, a antiga idéia de Heráclito, posteriormente incorporada no estoicismo, de que o universo tem o «fogo-entesourado como um de seus elementos primários, e que, chegado o tempo

desobedientes, também é prova da mesma afirmação.

Este versículo, por igual modo, não esquece apenas o «propósito oculto da predestinação». O autor sagrado meramente não contempla qualquer problema quanto à salvação para todos, sem ou com a eleição divina. Há a eleição divina (ver Efe. 1:4). Porém embora não entendamos como, isso não é empecilho à *real possibilidade* de todos virem a ser salvos. Preferimos considerar que a questão é «paradoxal», isto é, um ensinamento que aparentemente se contradiz consigo mesmo. Não sabemos dizer como a eleição divina e o livre-arbítrio podem ser verdadeiros, ao mesmo tempo: mas cremos que assim sucede; também cremos que para a inteligência divina (da qual todos haveremos eventualmente de participar (ver as notas expositivas a respeito em Efé. 3:19) não há qualquer contradição inerente a esses ensinamentos. O processo histórico consiste, essencialmente, da demora de Deus em agir; mas isso é necessário, porquanto até mesmo para Deus é preciso muito tempo para convencer os homens que seu caminho é realmente melhor, que esse é o único manancial autêntico de bem-estar espiritual. Em sua sabedoria divina, pois, ele sabe que é melhor esperar um pouco.

«...arrependimento...» Esse é o portão de entrada para a vida, pois é o início da conversão. A conversão consiste da fé e do arrependimento. (Ver as notas expositivas sobre o «arrependimento», em Atos 2:38; e sobre a «fé», em Heb. 11:1; ver Atos 20:21 quanto ao fato de que o arrependimento e a fé constituem a «conversão». Ver as notas expositivas completas sobre a «conversão», em João 3:3, ponto terceiro, sob o «novo nascimento»). A conversão é uma mudança de mente e de «direção de alma», operada pelo Espírito Santo, em cooperação com a submissão da vontade humana. Trata-se do primeiro passo da conversão, uma real mudança na qualidade moral do ser, não mera resolução para praticar o que é melhor. É uma espécie de primeiro passo em direção à nossa eventual participação na vida e na natureza de Cristo, o primeiro passo da alma para participar da santidade divina.

Deus é longânimo porque ele é eterno. «Aquele que é de eternidade, a eternidade pode dar-se ao luxo de esperar». (Plummer, *in loc.*). Naturalmente, o plano de Deus envolve uma tabela definida de tempo. Ele sabe por quanto tempo deve esperar, ao passo que os homens podem pensar, erroneamente, que esse adiamento é sinal de desinteresse.

Variantes Textuais: As palavras «eis umas» (para conosco), aparecem nos mss P 721, BCKLP, na maioria dos manuscritos minúsculos, no Cópico e no Ara. Mas a palavra «dia» figura nos mss Aleph, A, Psi, 33, 630. Vg. no Siph, hi, no Coptas e em alguns manuscritos. Isso significa «por nossa causa». O mais provável, entretanto, é que essa última forma represente uma correção exegetica. O «Textus Receptus», seguindo manuscritos secundários, como K, 048, Byz Lect diz «nós» ao invés de «vós». Mas os manuscritos verdadeiramente antigos, como P 721, Aleph, ABC dizem «vós», o que certamente representa o texto original.

Cyril John-Damasus Ps-Oecumenius εὐρεθήσεται λυόμενα p<sup>1</sup> ε ἀφανισθήσονται C ε ομι εὐρεθήσεται τοῦτων 1<sup>o</sup> ε ομι καὶ γῆ... εὐρεθήσεται. Ψ 114<sup>o</sup> vg<sup>a</sup> Pelagius Cassiodorus Bede Ps-Oecumenius Theophylact

10 κλέπτῃς] add (1 Thess. 5, 2) εν νυκτι CKL pm sy<sup>h</sup> c

nova terra (ver o décimo terceiro versículo deste capítulo e o trecho de Apo. 21:1). No locante ao presente versículo, tem havido certo debate, que indaga se ele indica a «renovação» da antiga terra, mediante o fogo, para que a mesma matéria seja usada na confecção da nova terra, ou se este versículo contempla a total destruição e aniquilamento da terra física e dos céus estrelados. Levando-se em conta a metafísica estoica, que o autor sagrado provavelmente empregava, certamente ele quis indicar a idéia de aniquilamento total, seguido por completa nova criação; não concebia mera renovação da antiga criação. A metafísica estoica, conforme é explanado acima, não concebia qualquer coisa como uma mera renovação.

...*dia do Senhor...* O autor sagrado não faz qualquer distinção clara, em sua escatologia, acerca da «parousia» e do «juízo final». Ele não alude a «arrebatamento», a «segunda vinda para ajudar», a «milênio» e, finalmente, a «juízo final», o que seria seguido pela criação de «novos céus e nova terra». Os capítulos dezenove e vinte e um do livro de Apocalipse indicam que esses acontecimentos serão entidades separadas (exceto que não haverá qualquer distinção entre o «arrebatamento» e a «segunda vinda para julgar»). Em contraste com isso, o autor sagrado faz a «parousia» incluir todos esses elementos, excetuando o «milênio». Alguns crentes, evidentemente, não tinham qualquer refinamento em seu ensinamento escatológico. Assim, também temos hoje em dia os a-milenistas, os pós-milenistas e os pré-milenistas, todos com diferentes idéias acerca da realidade e da natureza da vinda de Jesus, do milênio e da relação deles mesmos para com o juízo final. Para o autor sagrado, o «dia do Senhor» é a mesma coisa que a «parousia», ao passo que, em outras porções do N.T., esse evento é visto como algo que levará os santos aos lugares celestiais, ou como juízo preliminar para os incrédulos, mas não o juízo final, que deverá esperar até terminar o milênio. (Quanto a notas expositivas sobre o *dia do Senhor*, ver o sétimo versículo; quanto ao «dia do juízo» e ao «dia de Cristo», que são termos equivalentes, ver I Tes. 2:2). Em I Tes. 5:2 temos a mesma expressão que se acha aqui; o «dia do Senhor» virá como um «ladrão à noite». Ali se acha a nota de sumário sobre o «dia do Senhor». Nas Escrituras, essa expressão é usada para aludir a qualquer «intervenção divina sobre a história humana, podendo incluir eventos distintos como a «parousia», o «milênio» e o «juízo final». Nenhum desses acontecimentos, isoladamente, exaure o significado dessa expressão. Pode significar até mesmo qualquer julgamento divino direto, como demonstração da ira divina, nada tendo a ver com qualquer intervenção final. O «dia do Senhor» pode ser bom ou mau, ou então ambas as coisas ao mesmo tempo, dependendo de como os homens se tiverem preparado para acolhê-lo. Normalmente, entretanto, essa expressão se reveste da idéia de julgamento divino.

...*como ladrão...* Isso também é dito acerca do «dia do Senhor», em I Tes. 5:2, onde a questão é comentada. As idéias centrais são «secretamente», «inesperadamente», «repentinamente», apanhando os homens despreparados. (Ver também Mat. 24:43 quanto à figura de linguagem que ali também é aplicada à «parousia»). A vinda de Cristo não demorará que os despreparados se preparem e se arrependam. Será tarde demais para eles.

...*as céus passarão com estrepitoso estrondo...* Os céus estrelados estão em loco, e talvez até mesmo os céus espirituais. Haverá a reversão ao fogo primário. Não será apenas uma renovação. Será uma total aniquilação. Isso criará tremendo ruído. No grego temos «*roidzhdon*», um advérbio que significa «sibilante» (aplicado às serpentes), «farfalhante» (aplicado ao movimento rápido das asas dos pássaros) ou «rugido» (aplicado ao vento ou ao fogo). O autor pensava sobre o ruído feito por tremendo fogo, de natureza tão gigantesca que desafia toda a descrição.

...*elementos...* No grego é «*stoicheia*», derivado de «*stoichos*», «fileira». Esse vocábulo também era usado para indicar as letras do alfabeto, os «elementos» de um idioma qualquer. Tal palavra era aplicada, pelos filósofos da antiguidade, à terra, ao ar, ao fogo e à água, os elementos primários do universo material. Também era termo usado para aludir aos «espíritos elementares» e às «emanações» angelicais. Neste ponto, seu sentido é «elementos primários» da criação física, sem importar o que o autor sagrado pensasse sobre quais seriam os mesmos. Desde muitos séculos antes de ter sido escrita esta epístola de Pedro, havia uma crua teoria atômica; mas, considerando-se o que fica implícito nos versículos

quinto a sétimo do presente capítulo (que abordam os elementos da «água» e do «fogo») parece que o autor sagrado via os elementos básicos, terra, ar, fogo e água, como o «ABC» da criação física. Seja como for, todos esses elementos primários reverterão ao fogo; e isso será acompanhado por horrendo rugido. A ciência moderna, naturalmente, tem feito progressos suficientes para compreender o que são os «elementos», mas concorda com o texto presente de que a reversão à energia pura, que seria acompanhada por tremenda explosão e dissolução de tudo quanto existe, é possível. Assim sendo, apesar de que a antiga metafísica seja aqui usada para expressar tais idéias, conforme já seria de esperar, contudo, algo bem moderno é ensinado.

...*também a terra...* O mundo físico não escapará a essa universal conflagração.

...*e as obras que nela existem...* Todos os labores humanos se consumirão nessa oportunidade. Isso deixará somente o Deus eterno e sua habitação; e aí do homem que não se tiver arrependido! Repentinamente haverá de aprender que Deus, sendo o Criador, realmente é a única fonte do bem-estar espiritual. Lamentará para sempre ter buscado o bem-estar no mundo material, o que é impossível, se por bem-estar entendermos a felicidade eterna da alma.

*Elementos.* Consideremos os seguintes pontos a respeito: 1. Na concepção antiga havia quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Até o próprio fogo, conforme o conhecemos em sua manifestação terrena, será reabsorvido no fogo sobrenatural e verdadeiramente primário. 2. Também poderíamos estar aqui em foco os elementos do universo, como as estrelas, a terra, etc. As primeiras certamente estão em foco, de alguma maneira. O autor aponta para os «blocos básicos de edificação» do universo físico. 3. Os «espíritos elementares» não podem estar em foco aqui, embora esse fosse um uso legítimo do termo grego «*stoicheia*». (Ver Col. 2:8,20 quanto a tal uso). Alguns antigos pensavam que as estrelas seriam «animadas», habitações de espíritos (seres angelicais); ou, então, que seriam a própria manifestação luminosa desses seres, os seus corpos, por assim dizer. A astrologia veio a misturar-se com essas noções. Esses «espíritos-estrelas» eram concebidos como seres dotados de influência sobre os homens. Mas o autor sagrado não tinha em mente uma metafísica tão complicada. Não pensava acerca da dissolução das «emanações» de Deus. Os corpos celestes são freqüentemente vistos, nas Escrituras, como coisas afetadas pela destruição que ocorrerá quando do «dia do Senhor». (Comparar isso com os trechos de Mat. 24:29; Isa. 13:9,10; 24:23 e 34:4).

*Variantes Textuais:* «*Eurethesetai*», que se deriva de «*euriako*», «encontrar» (portanto, «encontrará») é a forma que aparece nos mss Aleph, BKP, 424(c), 1175, 1852, no Siph.hmg), no Ar e nos escritos de Orígenes. Significará «e as obras» («a terra» serão achadas? Os escribas devem ter ficado perplexos sobre isso, pelo que grande variedade de variantes veio à existência. A maioria dos manuscritos antigos simplesmente acrescenta o negativo, «as obras não serão encontradas» (compreendendo-se que elas serão completamente destruídas). O ms P172 solucionou o problema adicionando «*luomena*», dando o resultado: «a terra e as coisas nela serão dissolvidas». No ms Psi, na Vg e nos escritos de Pelágio, bem como em algumas outras poucas fontes, a questão é solucionada, omitindo-se totalmente a cláusula. O ms C modifica «acharão» para «desaparecerão» (no grego, *aphanisthesontai*). E os mss A, 048, 056, 0142, 33, 614, Byz. Lect. no Siph), no Cóp(h) e no Etí isso é substituído por «*kaukaesetai*», «serão queimadas». Essa é a forma que chegou ao «Textus Receptus», e, daí, para a maioria das primeiras traduções.

Talvez pudéssemos solucionar a dificuldade retendo «acharão» (forma mais bem confirmada, conforme se mostra acima), mas pensando que temos o interrogativo. Considerando-se que todas as coisas serão reduzidas ao fogo primário, achar-se-iam ainda obras sobre a terra? Vários editores textuais têm modificado o texto, como uma conjectura, para «arga» (inútil), conforme os Bradeshaw: «a terra e suas obras serão achadas» (inúteis). Isso daria uma torção moral ao versículo, o qual é desenvolvido pelo próprio autor no décimo primeiro versículo. Hort conjectura «fluir» (no grego, «*ruetai*»), dando em resultado: «a terra e as coisas que nela há fluirão». Naber prefere «fluirão juntas». Nente prefere «serão julgados». Chass prefere «serão curados» (completamente). Vansittart prefere «serão queimados». O presente comentário assume a posição de que a conjectura da versão sálica, que simplesmente põe a forma negativa («não») na sentença, é o que o autor sagrado quis dizer originalmente. «...a terra e suas obras não serão achadas...» Provavelmente o autor original, ou alguma das primeiríssimas cópias, tenha olvidado o advérbio de negação por acidente.

IV. A «Parousia» — Poder determinante dos Deveres Cristãos (3:1-18).

4. Aplicação ética da «doutrina da parousia» (3:11-13).

11 τούτων οὕτως<sup>3</sup> πάντων λυομένων ποταποῦς δεῖ ὑπάρχειν [ὕμās]<sup>4</sup> ἐν ἀγίαις ἀναστροφαῖς καὶ εὐσεβείαις.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> 11 [C] τούτων οὕτως p<sup>75</sup> B 614 630 845 1241 1606 1739 1851 2412 2496  
ayr<sup>7</sup> f τούτων οὖν M A K Ψ 048 049 33 88 104 181 226 230 436 461 639 1877  
1127 2493 Byz Lect P<sup>69</sup> (p<sup>75</sup> omittit) vg ayr<sup>7</sup> cop<sup>1</sup> Pelagius Augustine

<sup>4</sup> 11 [C] ὕμās p<sup>75</sup> M A (C\* ὑμās ὕμās) C K P Ψ 048<sup>7</sup> 049 056 0142  
33 81 88 181 226 330 436 451 614 629 946 1241 1606 1739 1877 1891 2127 2412 2492  
2495 Byz P<sup>69</sup> (p<sup>75</sup> omittit) vg ayr<sup>7</sup> b cop<sup>1</sup> arm Augustine f

<sup>5</sup> 11-12 à minor, b major: WH Rev Nov B<sup>17</sup> Zib Jer f b minor, et question: (TR) AV RV ASV f à minor, et exclamation: HSB (TT) Luth f b exclamation, b major: NEB Rev

Ps-Documentus Theophylact f τούτων οὖν οὕτως 91 ayr<sup>7</sup> cup<sup>1</sup> f τούτων  
de οὕτως C P 056 0142 arm f omittit see footnote 3) Luth

048<sup>7</sup> M<sup>104</sup> 830 [P<sup>69</sup> omittit] na, 1586, 1591 1891. Pelagius Theophylact f omittit p<sup>75</sup> b<sup>75</sup> 114  
B it<sup>1</sup> cop<sup>1</sup>

<sup>3</sup> Embora a forma *τούτων οὖν* seja apoiada por representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental, a comissão inclinou-se por preferir a forma *τούτων οὕτως* por causa do peso da combinação de p<sup>75</sup> B 614 1739 sir (h) al, e porque *-οὖν* pode ter sido introduzida para prover uma mais suave conexão com as declarações anteriores. As formas *τούτων δὲ οὕτως* (C P al) e *τούτων οὖν οὕτως* (81 al) são obviamente secundárias.

<sup>4</sup> Em lugar de *ὕμās*, que figura em grande variedade de testemunhos gregos e das versões (incluindo A C\* K P Ψ 33 81 614 1739 vg sir (ph.h) cop (sa) ara), vários testemunhos dizem (por itacismo) *ἡμās*, que parece ser menos apropriado ao contexto



(N\* 104 209 241 630 *al*). Embora a ausência de qualquer pronome em *P* (72\* 74 *vid*) B 1175 *al* possa ser ou acidental ou resultante de poda escribal deliberada de um vocábulo aparentemente supérfluo, em face da antiguidade e importância de *P* (72) e B, a maioria da comissão julgou aconselhável deixar *umãs* entre colchetes.

3:11: *Ora, uma vez que todas estas coisas hão de ser assim dissolvidas, que pessoas não devem ser em santidade e piedade.*

O ímpio vive para o mundo e para o que nele há; o indivíduo pervertido corrompe os elementos físicos e abusa de seu próprio corpo, que participa da matéria. O que farão tais homens quando desaparecer a matéria? Os meios de sua satisfação lhes serão tirados. Aqueles que tiverem confiado no mundo eterno serão vistos, então, como aqueles que tomaram a mais sábia decisão. Agora mesmo, conforme diz o autor sagrado, devemos estar comprovando a prioridade do mundo eterno, andando corretamente neste mundo, sem abusar de seus elementos. Essa é a aplicação ética da doutrina da «parousia»; ensina-nos que a satisfação a longo prazo e duradoura só pode ser obtida nas realidades espirituais, porquanto as coisas físicas são temporárias. O homem é uma alma eterna, pelo que também existirá por toda a eternidade. (Ver II Cor. 4:17,18 e 5:1-10, onde aparece a mesma mensagem). A alma perdurará mais do que este mundo, pois, na realidade, não pertence ao mesmo. O homem se encontra apenas em uma peregrinação, habitando na tenda do corpo. Algum dia, a alma humana retornará ao seu verdadeiro elemento, e será julgada de acordo com o que tiver praticado nesta esfera terrestre. (Ver as notas de sumário a esse respeito, em II Cor. 5:1,11).

«Porque os zombadores supõem a permanência das coisas conforme elas são, e não esperam pelos novos céus e pela nova terra». O que é temporal e transitório ocupa a atenção deles. Mas a santidade e a piedade pertencem à ordem eterna. Tal como a fé, a esperança e o amor (ver I Cor. 13:13), permanecem. As palavras, 'os elementos... serão dissolvidos pelo fogo' e 'vidas de santidade' se referem ao modo como os piedosos se conduzem. A alusão é, fundamentalmente, à 'vida e à piedade' (1:3), que Cristo outorga aos homens. As qualidades pelas quais as vidas dos crentes devem ser caracterizadas, portanto, são amplamente exemplificadas na glória e na excelência de Cristo (ver 1:3). No que diz respeito específico aos homens, essas qualidades são alistadas em II Ped. 1:5-7. (Barnett, *in loc.*).

«...santo procedimento...» Uma vida consagrada ao desenvolvimento de

12 προσδοκῶντας καὶ απεύδοντας τὴν παρουσίαν τῆς τοῦ θεοῦ ἡμέρας, δι' τὴν οὐρανοὶ πυροῦμενοι λυθίσονται καὶ στοιχεῖα καυσούμενα τήκεται.<sup>b</sup>

12 Θεοῦ Κυρίου CP *al* vg\*<sup>cl</sup> | τηκεται [ ] ; ζ R]] τακροσται

3:12: *aguardando, a desejando ardentemente a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se dissolverão, e os elementos, ardendo, se fundirão?*

Este versículo nada adiciona de novo, mas, por ser um sumário do que dizem os versículos anteriores, é acrescentada maior ênfase. A «parousia», visto que trará uma mudança tão radical, incluindo a destruição total da criação material antiga, e igualmente o estabelecimento de uma ordem totalmente espiritual, deveria ser ansiosamente aguardada. Por isso mesmo, Jesus ordenou a seus discípulos que «vigiassem» (ver Mat. 25:13). Paulo disse: «...vigíemos e sejamos sóbrios» (I Tes. 5:6), também em associação ao ensino sobre a «parousia». «Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações» (I Ped 4:7).

«...apressando...» Consideremos os pontos abaixo:

1. Alguns eruditos assumem a idéia de que podemos «literalmente apressar» a vinda do citado dia, mediante o evangelismo. Dificilmente esse é o sentido dessa palavra, embora, isoladamente, ela pudesse ter tal significado. Ao conduzirmos os eleitos ao seio da família de Deus, presumivelmente o dia de Cristo pode ser apressado. Porém, o plano de Deus é fixo.

2. Outros pensam que a idéia aqui é a de «desejar anelantemente». Esse é um significado legítimo do vocábulo grego, mui provavelmente o sentido tencionado pelo autor sagrado. Pelo menos, isso é o que algumas vezes podem fazer, mas de modo algum poderemos abreviar a ocorrência da «parousia», sem importar o que fazemos. Não obstante, a tradição judaica asseverava que os pecados dos homens impedem a vinda do Messias, e que se todo o povo de Israel, em um único dia, se arrependesse do pecado, o

13 καινοὺς δὲ οὐρανοὺς καὶ γῆν καινὴν κατὰ τὸ ἐπίγγελμα αὐτοῦ προσδοκῶμεν, ἐν οἷς δικαιοσύνη κατοικεῖ.

13 καινοὶ...αὐτοῦ Ia 65:17, 66:22; Rn 21:1 ἐν κατοικεῖ Ia 60:21; I Cor 8:9-10; Rn 21:27; 22:15

13 κατὰ] και Α vg\*<sup>cl</sup> = 12 | το ἐπίγγελμα] τα -ματα NA pc vg yb

3:13: *Não, porém, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça.*

Os novos céus e a nova terra produzirão a ordem eterna, na qual, homens, remidos em Cristo, compartilharão da «natureza divina» (ver II Ped. 1:4). Esse é o alvo mesmo de toda a existência humana, sendo promessa digna de por ela esperarmos e por ela vivermos, até que se cumpra. Tudo isso está contido em uma promessa (a do segundo advento de Cristo, que inaugurará essa nova forma de existência; ver o nono versículo deste capítulo). É essa promessa é apenas uma, dentre muitas «grandes e preciosas promessas» (ver II Ped. 1:4). As mensagens profética e apostólica confirmavam, ambas, a validade dessas promessas. (Ver II Ped. 1:19,21; Apo. 21:1; Enoque 91:16; Isa. 65:17 e 66:22, quanto a essas profecias que mencionam, especificamente, «os novos céus e a nova terra»). Por conseguinte, estamos aguardando o cumprimento disso tudo. E esse mesmo verbo é usado novamente no versículo décimo segundo e no versículo décimo quarto. Portanto, essa idéia é fortemente salientada, fazendo frente à negação dos gnósticos de que a «parousia» teria realmente lugar.

O autor sagrado quis ensinar que os antigos céus e a antiga terra (talvez incluindo até mesmo as dimensões espirituais) serão completamente

virtudes santas, como aquelas alistadas em II Ped. 1:5-7; uma vida de santificação (ver I Tes. 4:3), de desenvolvimento positivo quanto ao fruto do Espírito Santo em seus variados aspectos (ver Gál. 5,22,23), como o amor, a alegria, a paz, a longanimidade, a bondade, a fé, etc. (Comparar também com I Ped. 1:15, onde é empregada a mesma expressão).

«...piedade...» No grego é «eusebeia», que indica todas as atitudes e ações piedosas. Mas também é possível que o termo seja semitécnico: «piedade, segundo as exigências da igreja cristã», em contraste com o sistema dos gnósticos. (Essa palavra já fora usada e comentada em II Ped. 1:3,6,7 e em I Tim. 2:2; 3:16; 4:7,8; 6:3,5,6,11; II Tim. 3:5 e Tito 1:1). Nas epístolas pastorais, o termo também assume sentido semitécnico, porquanto aquelas epístolas também foram escritas contra a heresia gnóstica, que pervertia a «piedade» substituindo-a por uma ética licenciosa.

No original, ambas as expressões, «santo procedimento» e «piedade» estão no plural, embora várias traduções retenham o singular, por ser isso mais natural nos idiomas modernos. O plural indica muitas formas e manifestações de conduta santa.

«...tais como...» Como deve ser o crente, terreno ou espiritual? Qual é a nacionalidade ou origem deles? Qual é a pátria dos crentes? As ações de cada qual revelarão a resposta. Pessoas provenientes de países diferentes têm costumes e características diferentes.

Variantes Textuais: A palavra «oun» (portanto), ao invés de «outos» (segundo), aparece em vários textos alexandrinos e ocidentais, como Aleph, AKP, Pai e a maioria dos manuscritos posteriores. Mas a outra forma é apoiada pelos mas P(72), B, 814, 1739 e no Si(b). Provavelmente a palavra «oun» foi introduzida para suprir uma transição mais fácil. Neste versículo, também encontramos o familiar intercâmbio entre «umas» (vós) e «emas» (nós). No grego medieval, as duas palavras eram pronunciadas do mesmo modo, pelo que, em alguns manuscritos uma veio a ser trocada pela outra. A forma «vós» é apoiada pelos mas AC(1)KP; Pai, 33, 81, 814, 1739, na Vg. no Si(ph. bl. no Cópisa) e no Ara; a maioria dos críticos textuais prefere tal forma. A palavra «nós» figura nos mas Aleph(1), 104, 209, 241 e 630. Os mas P(72), P(74) (vidl. B, 1175) deixam de lado qualquer pronome, o que parece ter sido uma poda deliberada, feita por algum escriba.

C *al* latt: τακροσται PΨ pc

Messias certamente viria logo em seguida, porquanto o empecilho moral seria removido. É possível que, ao escrever assim, o autor sagrado estivesse pensando sobre essa tradição judaica. A santidade, pois, é vista aqui como uma maneira de apressar (literalmente) a vinda de Cristo, e não o evangelismo ou a introdução dos eleitos de Deus no rebanho, o que deve acontecer antes da vinda de Cristo. Apesar de que essa idéia fazia parte das tradições judaicas, podendo ela ter entrado no texto, contudo, sabemos que, na realidade, isso não pode acontecer. O autor sagrado talvez tivesse usado tal tradição meramente como artifício retórico, para salientar a necessidade de vigilância e de vivermos santamente, sem esperar que, com isso, os crentes realmente apressassem a volta de Cristo. Também devemos orar «como se» isso pudesse abreviar tal acontecimento. (Ver Mat. 6:10 e I Cor. 16:22).

«...dia de Deus...» Essa expressão equivale a «dia do Senhor», usada no décimo versículo deste capítulo, onde as notas expositivas devem ser consultadas. (Ver o «dia de Deus» usada também em Jer. 41:10 e Apo. 16:14).

«...os céus, incendiados, serão desfeitos...» Essa idéia é amplamente comentada nos versículos sétimo e décimo deste capítulo).

«...elementos...» Há notas expositivas a respeito no décimo versículo.

«...se derreterão...» Neste ponto é empregado um vocábulo diferente do que figura no décimo versículo, embora a mesma coisa seja indicada. O incêndio será derreteror. Está em foco a idéia da reversão de todas as coisas ao fogo.

«...o dia que vem, os abrasará, diz o Senhor...» (Mal. 4:1).

aniquilados. Haverá uma criação inteiramente nova, a qual esperamos ansiosamente. Não distingue o autor sagrado entre os conceitos do «arrebatamento», da «segunda vinda para julgar», do «milênio» e do «julgamento final», isto é, uma ordem de eventos diversificada e bastante longa. Ele reúne o conceito escatológico inteiro no termo «parousia», mais ou menos como fazem hoje em dia os «milenistas». Por conseguinte, se contássemos exclusivamente com este versículo, seríamos todos, forçosamente, «milenistas». Os capítulos décimo nono a vigésimo segundo do livro de Apocalipse, entretanto, nos fornecem a ordem cronológica desses acontecimentos, juntamente com a idéia que não sucederão todos ao mesmo tempo, mas antes, estender-se-ão por considerável espaço de tempo. A nova criação, no livro de Apocalipse, não surge senão depois do «milênio» do «julgamento final». Ainda temos de aprender muita coisa sobre essas questões, mas a razão informa-nos que mudanças tão gigantescas não poderão ocorrer em uma simples e isolada ocorrência.

«...habita justiça...» A grande «mudança» que será operada pela «parousia», embora venha a ser drástica e esbraseada, produzirá um bom resultado. O estabelecimento final da santidade de Deus será uma realidade. (Isso pode ser comparado aos capítulos vinte e um e vinte e dois

do livro de Apocalipse, que encerram as mesmas idéias, embora de forma mais elaborada). A própria história, segundo certo ponto de vista, está mostrando aos homens que o caminho de Deus é melhor, e que, eventualmente, o divino caminho da santidade haverá de dominar a tudo. Entretanto, é mister um período de tempo excessivamente longo para convencer disso aos homens, pelo que também o processo histórico é tão prolongado. Isso não significa, entretanto, que modificações gigantescas e abruptas não possam ter lugar. O presente capítulo assegura-nos que assim ocorrerá.

Tudo isso pode ser comparado com a idéia do «domínio universal do direito», o que será instaurado pela vinda do Messias. (Ver Isa. 65:25 e Apo.

#### IV. A «Parousia» — Poder Determinante dos Deveres Cristãos (3:1-18).

##### 5. Epístolas de Paulo em apoio à doutrina da «parousia» (3:14-17).

O autor sagrado mostrara que a tradição profética do A.T. e a tradição apostólica geral favorecem a doutrina da «parousia». Agora ele passa a mencionar especificamente certas epístolas de Paulo, que ele considerava terem posição canônica. Não sabemos quantas seriam. Mas, pouco depois, pelos meados ou fim do século II D.C., cerca de dez dessas epístolas foram recebidas pela igreja cristã.

Ao levar sua epístola à conclusão, o autor exorta à manutenção da esperança sobre a *parousia*, o que ele vê como fator que inspira à santidade, resguardando os crentes contra o tipo de lapso moral que era tão comum no seio da heresia dos gnósticos. Paulo, ao apoiar suas idéias, certamente não ensinaria qualquer doutrina de «liberdade» que entrasse em contradição com isso. Os gnósticos, eventualmente, perverteram a «liberdade» pregada por Paulo quanto a questões indiferentes, tais como os alimentos que os cristãos têm o direito de consumir, ou como as festas religiosas a serem celebradas, etc. (Ver o décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos e os capítulos sexto e oitavo da primeira epístola aos Coríntios). Os gnósticos tinham feito dessa «liberdade» uma mera licença para abusar do corpo com toda a forma de imoralidade.

14 Διό, ἀγαπητοί, ταῦτα προσδοκῶντες σπουδάσατε ἄσπιλοι καὶ ἀμώμητοι αὐτῷ εὐρεθῆναι ἐν εἰρήνῃ,

14 ἀμωμητοί] ἀμωμοί A 33 b14 pc

3:14: Pelo que, amados, como estais aguardando estas coisas, procurai diligentemente que por ela sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz;

...por essa razão..., isto é, devido a grande promessa acabada de mencionar, a segunda vinda de Cristo e ao estabelecimento de um eterno estado santo, um novo mundo governado pela santidade, e de que tudo quanto é terreno e meramente material será eliminado. Os crentes devem ser «zelosos» por não terem qualquer mácula ou defeito, para que vivam acima de toda e qualquer censura.

...amados... (Ver as notas expositivas sobre essa palavra em II Ped. 1:17 e 3:1,8,14). Esse termo fala sobre os remidos como participantes do amor de Deus, como membros da santa e divina família. Tal vocábulo também assinala, com freqüência, a transição para um novo parágrafo ou idéia, casos em que se torna um artifício literário.

...estas coisas..., a saber, os novos céus e a nova terra, inaugurados através da «parousia», ou segundo advento de Cristo, bem como a santidade que ali haverá de dominar (ver os versículos onze a treze deste capítulo).

...empenhai-vos... No grego temos «spoudazō», «apressar», mas também, metaforicamente, «ser zeloso», que é o uso que aqui tem o termo. Somos convocados a nos mostrarmos «intensos» no tocante às realidades do mundo eterno, aplicando as suas características agora mesmo, à vida presente, para sermos cidadãos dignos dos mundos eternos. É como se o autor sagrado tivesse escrito: «Fazei todo esforço» para mostrardes que pertenceis a uma ordem santa e superior, rejeitando as práticas condenáveis da ética dos mestres gnósticos, que são próprias de homens que, finalmente, haverão de perecer, assim que o mundo material chegar a seu fim.

...sem mácula e irrepreensíveis... O trecho de II Ped. 2:13 mostra-nos que os hereses gnósticos tanto estavam «maculados» (com culpa e pecado), como eram «condenáveis», do ponto de vista da santidade autêntica; as

15 καὶ τὴν τοῦ κυρίου ἡμῶν μακροθυμίαν σωτηρίαν ἡγείσθε, καθὼς καὶ ὁ ἀγαπητὸς ἡμῶν ἀδελφὸς

Παῦλος κατὰ τὴν δοθεῖσαν αὐτῷ σοφίαν ἔγραψεν ὑμῖν,

3:15: e toda por salvação a longanimidade do nosso Senhor; como também a nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada;

Isso lança os olhos de volta ao nono versículo deste capítulo, onde é declarado que uma das razões pelas quais a «parousia» vem sendo adiada é que seja dada bastante oportunidade para os homens se arrependem, escapando assim ao julgamento merecido. Essa «demora», da qual os falsos mestres zombavam, na realidade, era uma gentileza misericordiosa de Deus, visando o bem deles. Não é incomum ver homens dotados de mente perversa a amaldiçoarem aquilo que visa ao seu bem. A depravação tem um meio de corromper até mesmo o processo de raciocínio.

...salvação... (Ver as notas expositivas completas sobre a «salvação» em Heb. 2:3). Neste ponto, essa palavra significa as seguintes coisas: 1. Escapar do castigo; 2. participar do mundo eterno, no qual habita perfeita santidade; 3. em II Ped. 1:4 indica a participação na «natureza divina». Nunca inclui apenas «ir para o céu quando morremos, porque nossos pecados foram perdoados». Envolve muitíssimo mais do que isso — a nossa transformação segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18), em que chegamos a participar de toda a plenitude de Deus, à semelhança do homem Jesus Cristo, que participa dessa plenitude (ver Efê. 3:19 e Col. 2:10). Envolve sermos, em nosso ser essencial, aquilo que Cristo é, e também participar daquilo que ele possui (ver João 5:25,26; 6:57 e Rom. 8:17).

...nosso Senhor... Isso porque ninguém pode ter a Jesus como seu Salvador se também não o tem como seu Senhor. A salvação consiste em darmos plena lealdade a Cristo como Cabeça de todas as coisas (ver Efê. 1:10 e Col. 2:19). Mediante sua liderança, todas as bênçãos chegam agora até nós. Enquanto não o admitimos em sua posição legítima de Senhor absoluto, ele não nos pode dar aquilo que quer. (Ver Rom. 1:4 quanto a notas expositivas sobre o seu «senhorio» e sobre o seu título de «Senhor»).

21:27). A justiça, que agora é quase uma estranha neste mundo, finalmente obterá residência fixa na nova criação. Será estabelecida para sempre ali. Será a proprietária e a dona-de-casa, e não uma mera hóspede. Se os pagãos pensavam que isso é possível, conforme Platão acreditava, quanto mais os crentes em Jesus, que possuem nas mãos a palavra profética de Deus! «A terra inteira, que trouxe em seu seio o corpo do Senhor, será um paraíso». (Anselmo).

*A paisagem distante não se avizinha  
Apesar de a contemplarmos, mas a alma  
Que olha para cima, percebe sempre  
Mais próximo, a cada dia, o alvo brilhante.*

mesmas palavras gregas básicas ali usadas são empregadas aqui. O autor sagrado, desse modo, conclama os seus leitores a agirem de modo oposto ao que faziam os gnósticos. Os crentes não devem caracterizar-se por «máculas morais», e nem darem razão para «condenações justas». (Ver as notas expositivas sobre essas palavras no trecho mencionado).

...em paz..., isto é, com a devida reconciliação estabelecida com Deus (ver Col. 1:20), estando justificados e andando de modo a não quebrarem a harmonia com ele (ver Rom. 5:1). Essa paz «primária» com Deus, obtida mediante o perdão dos pecados, a justificação e o andar santo, deve tornar-se a atmosfera característica da comunidade religiosa cristã, cujo resultado seja que os homens vivam em paz e harmonia uns com os outros. Isso é visto como algo impossível sem a santidade. Os gnósticos, que inauguraram uma ética estranha, tinham perturbado a paz da igreja. Pode-se comparar isso com Efê. 4:3, que diz: «...esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz...» (Ver também João 14:27 e 16:33 quanto às notas gerais sobre a «paz», com poemas ilustrativos).

...achados por ele..., isto é, «quando ele vier» (a concretização da «parousia»), então essas condições deverão caracterizar aos crentes. Naturalmente, o autor sagrado também dá a entender um «estado presente», na avaliação que Cristo faz das condições espirituais dos crentes e que corresponda às condições antecipadas para a «parousia». Assim sendo, são salientadas as idéias de «agora, sob os olhos de Cristo», e «quando de sua vinda», igualmente.

...para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém, santa e sem defeito» (Efê. 5:27). (Ver ali as notas expositivas quanto ao desenvolvimento de idéias que aparecem neste versículo).

16 τὴν τοῦ...ἡγείσθε Ro 2:4; 2 Pe 3:9

«...o nosso amado irmão Paulo...» (Quanto a notas expositivas acerca de «Paulo», ver a lista dos apóstolos, em Luc. 6:12, bem como o artigo dedicado a ele, na introdução ao comentário, intitulado «Importância de Paulo»). O autor sagrado lançara mão do testemunho do A.T. para consubstanciar seus argumentos, juntamente com o testemunho dos apóstolos em geral (ver II Ped. 3:2); e agora ele aponta para Paulo em particular. Isso se devia ao fato de que algumas das epístolas de Paulo já tinham ganho grande prestígio no seio do cristianismo primitivo, sendo bem conhecidas pelos leitores da presente epístola. Tanto para o autor sagrado, como também para seus leitores, algumas das cartas de Paulo eram consideradas «Escrituras». Portanto, temos nelas o começo do processo «canonizador» das Escrituras do N.T. Mais tarde, pelos meados ou fins do segundo século da era cristã, dez epístolas paulinas (juntamente com os nossos atuais quatro evangelhos) receberam posição canônica. Essas dez epístolas eram todas aquelas que agora são atribuídas ao apóstolo dos gentios, com exceção das «epístolas pastorais» e, naturalmente, da epístola aos Hebreus. Um dos primeiros pais da igreja, Márcion, declarou-se em favor dessas dez epístolas de Paulo e de uma forma mutilada do evangelho de Lucas, como se fora o evangelho de Paulo. Isso provocou atividade similar entre os estudiosos cristãos primitivos, e assim, pelos fins do segundo século de nossa era, catorze dos livros do N.T. se tinham tornado o primeiro «cânon» neotestamentário. (Quanto à história completa do desenvolvimento do «cânon do N.T.» ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse tema).

O fato que o autor sagrado se escuda em Paulo está vinculado aos seguintes particulares: 1. Porque Paulo favorecia a doutrina da «parousia»; 2. porque Paulo favorecia a exigência moral do evangelho, salientada pela crença na iminente volta de Cristo; 3. porque era necessária a «paciência», na espera por esse evento tão glorioso; 4. porque a presente demora se deve



a «longanimidade de Deus», o qual espera que os homens se arrependam. (Quanto à passagem paulinas sobre a «parousia», das quais podemos extrair esses pontos, ver os capítulos quarto e quinto da primeira epístola aos Tessalonicenses, I Cor. 15:51 e ss. e Rom. 8:18 e ss. A nota expositiva geral sobre a «parousia» aparece em I Tes. 4:15, a qual, juntamente com o trecho de I Cor. 15:51, demonstra o clima de expectativa que havia na igreja cristã primitiva, de que isso poderia acontecer durante a vida terrena daqueles primeiros cristãos).

«...amado imundo...» Tal tratamento mostra o grande respeito do autor pelo nome de Paulo. Talvez isso figure aqui para deixar entendido que nenhuma desarmonia essencial havia entre Pedro e Paulo, conforme alguns pensavam que haveria. Ambos os apóstolos ensinavam a salvação pela graça divina; ambos defendiam a «parousia» e o que nela está envolvido.

16 ὡς καὶ ἐν πάσαις ἐπιστολαῖς λαλῶν ἐν αὐταῖς ἀμαθεῖς καὶ ἀστήρικτοι στρεβλοῦσιν ὡς καὶ τὰς

16 pasais] add tais R pl c [ais] ois KLP ρη c

3:16: como faz também em todas as suas epístolas, nãofalando acerca destas coisas, mas quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconsistentes torcem, como o fazem também com as outras Escrituras, para sua própria perdição.

«...acerca destes assuntos...» Quais? Temas como a «parousia», as exigências morais do evangelho, a sua influência purificadora, a demora de Deus, esperando pelo arrependimento dos homens, a volta iminente de Cristo—aquilo que é exposto no terceiro capítulo da presente epístola. A tradição profética do A.T., os ensinamentos dos apóstolos e agora, os ensinamentos de Paulo, em particular, são tidos como elementos consubstanciadores da doutrina geral ensinada por esta epístola, em contradistinação às perversões dos falsos mestres, os hereses gnósticos.

«...em todas as suas epístolas...»

Não sabemos quantas cartas paulinas foram aceitas como «escrituras» quando este versículo foi escrito. Bem provavelmente, durante a própria vida de Paulo, algumas das suas cartas formaram a base do começo do cânon do N.T. Alguns intérpretes acham que o «cânon» aqui é aquele do segundo século, datando II Ped., portanto, tardiamente, fora da era apostólica. (Ver os problemas de autoria e data na introdução ao livro). Paulo deixou bem claro que as suas idéias teológicas resultaram de visões e revelações. Muitos crentes do tempo de Paulo, portanto, que levaram seriamente estas declarações, teriam tido um grande respeito pelas cartas de Paulo, e logo, teriam atribuído uma posição a elas igual àquela das escrituras do V.T. O cânon Muratoriano (de cerca de 190 D.C.) continua 10 epístolas de Paulo (a nossa coletânea, menos Heb. e as cartas pastorais). É dito neste documento que eram «santificadas e honradas pela Igreja Católica».

«...certas coisas difíceis de entender...» O autor sagrado admite aqui que os escritos de Paulo incorporam coisas difíceis. Mas nenhum indício é dado sobre quais seriam essas dificuldades. Provavelmente, o autor sagrado só menciona esse aspecto a fim de enfatizar, ainda mais, que embora certos pontos das epístolas paulinas fossem difíceis de compreender, quanto aos pontos essenciais—como a moralidade correta e a validade da esperança sobre a «parousia», contudo, tais ensinamentos deveriam ser acolhidos com alegria. A despeito do fato de que certos pontos são difíceis de entender, admitindo certa variedade de interpretações, isso, porém, não significava que podiam ser manuseados de modo a enganar a outros, com a distorção de seus ensinamentos claros, a fim de que ensinassem algo inteiramente diferente.

«...ignorantes e instáveis...» Isso aponta para os falsos mestres e seus discípulos. Os falsos mestres, na realidade, «ignoravam» as verdades espirituais; e tinham convencido a certos indivíduos «instáveis» a seguirem-nos em suas idéias absurdas. Isso pode ser comparado com II Ped. 2:14, onde também há a mesma idéia. Eles é que tinham abandonado «o reto caminho», tendo preferido seguir doutrinas espúrias, como o fizera Balaão no passado (ver II Ped. 2:15,16), que fora repreendido por uma

17 Ὑμεῖς οὖν, ἀγαπητοί, προγινώσκοντες φυλάσσεσθε ἵνα μὴ τῇ τῶν ἀθέσμων πλάνῃ συναπαχθέντες ἐκπέσητε τοῦ ἰδίου στηριγμοῦ,

3:17: Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que pelo engano dos homens perversos sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza;

«...amados...» (Ver as notas expositivas sobre tal tratamento dos crentes, no décimo quarto versículo deste capítulo). O autor sagrado tinha confiança de que, embora o perigo fosse grande, e embora os mestres gnósticos já exercessem grande influência sobre a igreja da Ásia Menor, a grande maioria da igreja não seria arrastada por tal erro. Portanto, não hesitou em chamar seus leitores de «amados», como membros que eram da família divina, amados diretamente pelo Senhor Deus.

«...prevenidos... de antemão...» Do quê? Da natureza dos falsos ensinamentos dos gnósticos, e de como isso contradizia tanto os ensinamentos do Antigo, como os do Novo Testamento, incluindo, particularmente, os escritos do apóstolo Paulo. E também, de como tais falsos ensinamentos levam à condenação. O autor sagrado encoraja aqui os seus leitores a permitirem que os falsos mestres calsem sozinhos na perdição.

«...acautelai-vos...» No grego é «*phylasso*», «guardar», «proteger», «vigiar». Aqueles crentes precisavam «proteger-se» contra o erro, agora que tinham sido tão claramente avisados a respeito. De outro modo, seriam como Balaão, arrastados para o caminho errado, necessitados de algum jumento mudo que os advertisse. O autor sagrado, antes disso, já os tinha exortado a agirem de acordo com tal entendimento (ver II Ped. 1:20), tendo despertado a mente sincera deles com um «lembrete» (ver II Ped. 3:1).

«...sabedoria que lhe foi dada...» Devemos pensar aqui sobre a «sabedoria divina», através da revelação, segundo se vê em Efê. 1:17,18. Mui provavelmente, o autor sagrado reivindicava, desse modo, a «inspiração divina» para as epístolas de Paulo, pelo menos para aquelas que ele conhecia pessoalmente.

Notemos a similaridade deste versículo com o que diz Policarpo em sua epístola aos *Filipenses* (3:2): «Nem eu e nem qualquer outro como eu podem igualar-se, em sabedoria, ao bendito e glorioso Paulo... o qual vos escreveu epístolas, e mediante as quais, se lhes derdes atenção diligente, podereis ser edificados na fé». Policarpo (falecido em 155 D.C.?) reflete assim a mesma atitude para com as epístolas de Paulo que o faz o autor sagrado; Policarpo e o autor desta epístola, mui provavelmente, eram contemporâneos.

★ ★ ★

περί τούτων, ἐν αἷς ἐστὶν δυσνόητά τινα, ἃ οἱ λοιπὰς γραφὰς πρὸς τὴν ἰδίαν αὐτῶν ἀπώλειαν.

muda besta de carga. Os mestres gnósticos eram «heréticos» que atiram vítimas, para aceitar suas doutrinas perniciosas (ver II Ped. 2:10-12).

«...ignorantes...» No grego é «*amathes*», que literalmente significa «sem erudição». «*Mathtes*» é «aprendiz», «discípulo». Os gnósticos não eram «aprendizes» (portanto, não eram «discípulos» autênticos de Cristo). Antes, eram «ignorantes» acerca da doutrina cristã, tendo-a substituído por ensinamentos espúrios. Nossa palavra moderna, «matemática», vem da raiz desse termo grego; a matemática é um ramo da «erudição».

«...instáveis...» No grego é «*asterikhos*», «fraco», «instável». É a forma privativa de «*steridzo*», «firmar», «estabelecer», «fixar». Tais indivíduos nunca se tinham mostrado firmemente fundados na verdade cristã, pelo que facilmente tinham sido arrastados para o erro dos gnósticos. Essa palavra é usada em II Ped. 2:14 para indicar os discípulos dos falsos mestres. Neste caso, parece indicar tanto os mestres heréticos como seus discípulos. (Comparar com Tia. 1:6, onde tais indivíduos são comparados a «ondas» do mar, devido ao fato de terem fé instável).

«...deturpam...» No grego é «*strebloos*», «torturar», «distorcer», «torcer». Isso significa que faziam as epístolas de Paulo dizer algo que ele nunca quis dizer, ignorando aspectos que ali não são ignorados. Em outras palavras, as epístolas de Paulo eram forçadas a servir à heresia gnóstica, o que é uma desgraça. Os mestres gnósticos pervertiam a doutrina paulina da «liberdade cristã», transformando-a em licença para a devassidão. Negavam ou modificavam totalmente o ensinamento paulino sobre a «parousia», eliminavam a exigência moral do evangelho. E faziam com que Paulo tivesse ensinado tão deturpadas doutrinas.

«...as demais Escrituras...» Isso aponta para o A.T. A grande maioria dos mestres gnósticos negava totalmente a veracidade do A.T. Márcion procurou eliminar do cristianismo toda e qualquer forma do judaísmo; e, nesse processo, descobriu ser mister negar a validade do A.T. como revelação da parte de Deus. Evidentemente, várias formas de gnosticismo tentavam usar trechos do A.T. em favor de suas idéias, assim «torcendo» aqueles documentos em seu próprio favor. O autor sagrado, mediante essa expressão, classifica definitivamente algumas das epístolas de Paulo como «Escrituras», o que subentende o início da formação do «cânon» do N.T.

«...para a própria destruição deles...» Tal desonestidade, que ousava até mesmo perverter trechos bíblicos, não pode deixar de ser julgada pelo Senhor. Comparar com II Ped. 2:1,3,7,9,12,14 e 3:7,9 onde é prometida a destruição (a ira e o juízo divinos) para os falsos mestres e seus discípulos. (Quanto à «ira de Deus», ver Col. 3:6 e as notas expositivas ali existentes; quanto ao «juízo», ver Apo. 14:11).

As palavras «...as demais Escrituras...», que temos neste versículo, têm sido interpretadas por alguns estudiosos como «até mesmo as Escrituras», procurando assim eliminar a idéia que os escritos de Paulo são chamados aqui de «Escrituras». Mas isso não é visto com bons olhos pela maioria dos intérpretes.

17 Ὑμεῖς οὖν, ἀγαπητοί, προγινώσκοντες φυλάσσεσθε ἵνα μὴ τῇ τῶν ἀθέσμων πλάνῃ

17 Ὑμεῖς...συναπαχθέντες Mk 13,6 φυλάσσεσθε...στηριγμοῦ I Cor 10,12

«...arrastados pelo erro desses insubordinados...» No grego é «*sunapago*», «levado embora». Essa palavra foi usada por Paulo, acerca de Barnabé, quando ele passou para o lado de Pedro, em Antioquia. «...ao ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles...» (Gál. 2:13). O abutre «agarrar» a sua presa; um animal feroz e «leva embora»; e a palavra inicial desta porção bíblica tem exatamente esse sentido. Os falsos mestres eram animais predatórios, atrás de vítimas. Assim também o demônio era «apanhado» por um espírito imundo (ver Luc. 8:29—onde é usado o mesmo termo deste versículo). O navio de Paulo foi «apanhado» pelo vento e lançado ao redor (ver Atos 27:15, onde também é usado o mesmo vocábulo).

«...erro...» No grego, «plane», «engano», «ludíbrio».

«...insubordinados...» No grego, «*athesmos*», «sem princípio». Os falsos profetas não se conduziam por qualquer guia orientador. Andavam desorientados. O mesmo vocábulo é usado para indicá-los, em II Ped. 2:7, onde aparecem notas expositivas adicionais. Em II Ped. 2:8 também são chamados «iníquos», e onde é usado o vocábulo grego «anomos».

«...descaiais...» No grego é «*ekpipto*», «cair fora de». O autor considerava possível a queda da fé. A apostasia lhe parecia possível. Ele não deixou esta advertência devido a nenhum motivo, apenas para «assustar» a seus ouvintes. (Ver II Ped. 2:20 quanto a uma discussão sobre a relação entre a «segurança do crente» e a «possibilidade de queda», e como ambas as doutrinas podem ser verdadeiras. A nota geral sobre a «segurança», em Rom. 8:39 também aborda esse problema teológico).

«...vossa própria firmeza...», isto é, a posição firme deles no evangelho da verdade, e no qual tinham recebido a certeza da salvação. (Ver também II Ped. 1:12, onde é usada a mesma palavra). Aqueles crentes, até então, eram «constantemente» na verdade; mas o erro gnóstico ameaçava tirá-los de seu «alicerce». Talvez haja a intenção de ser usada a metáfora da «edificação». (Comparar com I Ped. 2:4,5 quanto à metáfora da «edificação espiritual»). Comparar este versículo com Jud. 24, de cujo trecho provavelmente foi tomado por empréstimo).

«A perda da estabilidade começa no ceticismo a respeito da 'verdade que tendes' e termina por transformar-se em licenciosidade». (Barnett, *in loc.*).

«O estado de graça é a fortaleza. Ali o próprio Deus é o fortim e o

V. Conclusão e Bênção (3:18).

18 αὐξάνετε δὲ ἐν χάριτι καὶ γνώσει τοῦ κυρίου ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ. αὐτῷ ἡ δόξα καὶ νῦν καὶ εἰς ἡμέραν αἰῶνος. [ἀμήν.]<sup>b</sup>

• 18 | D | αἰμρν. 2<sup>a</sup> N A C K P Ψ 040 050 0142 33 81 88 104 181 226 230  
420 451 614 639 650 945 1008 1739<sup>a</sup> 1877 2412 2492 2495 B<sup>18</sup> Lac<sup>1</sup> (P<sup>18</sup>) eis tou<sup>1</sup>

Por um lado, o testemunho externo em apoio à presença de ἀμήν no fim da doxologia é quase esmagador em seu escopo e peso, incluindo P<sup>72</sup> N A C 33 81 614 vg sir (ph,h) cop (sa,bo) ara eti. Por outro lado, se o termo estivesse originalmente presente, seria difícil justificar sua ausência em tão notáveis testemunhos orientais e ocidentais como B 1739<sup>a</sup> Agostinho Bede, bem como em vários outros minúsculos (82 440 522 1175 1241 1881). A fim de refletir esse conflito entre as considerações internas e externas, a comissão julgou melhor incluir ἀμήν mas entre colchetes, sugerindo considerável medida de dúvida sobre seu direito de permanecer no texto.

3:18: antes creais na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora, como até o dia da eternidade.

A melhor maneira de evitarmos a queda é através do crescimento cristão positivo. Cumpre-nos crescer na «graça», isto é, na provisãoterna, e isso é obtido através da nossa transformação segundo a imagem de Cristo, o que é produzido pelo poder do Espírito Santo (ver II Cor. 3:18 e Gál. 5:22,23). Submetemo-nos a esse processo gracioso empregando os meios espirituais a nosso dispor, como o estudo das Escrituras, a oração, a prática de boas obras, cumprindo a lei do amor, a busca pelo Espírito e pelos seus dons espirituais e ministeriais. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «graça», ver Efé. 2:8).

«...conhecimento...» Essa palavra não indica apenas o melhoramento de um maior número de proposições teológicas aprimoradas. Antes, esse «conhecimento» é de natureza mística e experimental. 1. Consiste de nosso «vir a conhecer a Cristo», segundo diz Paulo em Fil. 3:10. 2. Trata-se do conhecimento dado pela iluminação do Espírito (ver Efé. 1:17 quanto a isso, em suas respectivas notas). Esta segunda epístola de Pedro tem início com a ênfase sobre o «conhecimento» de Cristo como nosso Salvador e Senhor. E agora, no encerramento, o autor sagrado retorna a esse tema inicial. (Ver II Ped. 1:2 acerca de como o autor sagrado se utiliza do vocábulo «conhecimento»). O «conhecimento» exposto pelo autor sagrado faz contraste com o «conhecimento» falsamente místico e mágico do sistema gnóstico, que consistia mais de ritos e cerimônias.

«...Senhor e Salvador Jesus Cristo...» (Quanto a notas expositivas acerca desse título, ver II Ped. 1:1,2). Cristo é «Senhor», pois ninguém pode tê-lo como seu Salvador, se também não o tem como seu Senhor. Os mestres gnósticos tinham chegado a negar o senhorio de Cristo, porquanto faziam dele apenas um senhor entre muitos, pois o reputavam apenas um dos muitíssimos «aeons» ou manifestações angelicais de Deus. (Ver as notas expositivas sobre o «senhorio de Cristo», em Rom. 1:4). Jesus Cristo também é o Salvador, porque nos salva da ira e da perdição, conduzindo-nos à vida eterna, ao estado de bem-estar espiritual constante. (Ver as notas expositivas sobre o fato que Cristo é o «Salvador», em Mat. 1:21. Quanto ao título «Senhor e Salvador», nesta epístola, ver II Ped. 1:11; 2:20 e 3:2).

«...a ele seja a glória...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Está em foco a glória que nossas palavras podem dar a Cristo—nossos louvores. 2. Também está em pauta a glória que nossas vidas podem dar a Cristo. Cristo é exaltado como Senhor não apenas por nossas palavras, mas também através de nossa reta conduta cristã.

«...tanto agora como no dia eterno...» No presente nós exaltamos a Cristo, como ele merece, mediante nossa posição doutrinária, mediante os

castelo; Cristo é a rocha sobre a qual somos edificados; ali somos certificados do privilégio de que tudo coopera juntamente para nosso bem, de nós que amamos a Deus; ali somos guardados para a salvação, mediante o poder de Deus. Um crente cai dal. de sua própria fortaleza, quando perde a graça, negligenciando a vigilância e a oração, não dando mais ouvidos à Palavra de Deus, cedendo gradualmente à comissão de pecados intencionais, os quais, mediante algum dogma bem sasonado, ou apenas mediante algum juízo apressado, ele considera erroneamente como algo bem diferente e em consequência, se desculpa e até se justifica». (Roos, *in loc.*).

★ ★ ★

18 γινώσκει πιστεῖ P 69 pc |

αἰῶνας τῶν αἰώνων. ἀμήν. | i<sup>18</sup> a<sup>18</sup> am<sup>18</sup> d<sup>18</sup> v<sup>18</sup> sy<sup>18</sup> h<sup>18</sup> enp<sup>18</sup> m<sup>18</sup> arm eth f  
omit B 1241 1739<sup>a</sup> 1881 it<sup>a</sup> Augustine Bede

«...no dia eterno...» Essa expressão se encontra somente aqui em todo o N.T. Cristo será sempre o grande objetivo de nossa «vida», pois ele é «tudo para todos» (ver Efé. 1:23). No grego, temos aqui uma das fórmulas que significam «eternidade», porquanto haverá um dia contínuo e interminável, um período de luz divina e bem-estar. A eternidade é aqui encarada como um dia eterno, no qual nunca chega a noite. Usualmente, nas páginas do N.T., a eternidade é retratada como uma interminável sucessão de eras. (Quanto às várias fórmulas neotestamentárias da «eternidade», bem como no tocante ao uso de «bênçãos e doxologias», ver as notas expositivas em Efé. 3:21).

«O dia do Senhor, a começar pelo retorno do Senhor». (Faucett, *in loc.*).

«Trata-se apenas de um dia, mas de um dia eterno, sem ontem que o antecede e sem amanhã que o siga; não será produzido pelo sol natural, que então não mais existirá, e, sim, por Cristo, o Sol da Justiça». (Agostinho).

Isso equivale, pelo menos em certo sentido, ao «dia do Senhor» (ver o décimo versículo deste capítulo), e ao «dia de Deus» (ver o décimo segundo versículo deste capítulo), embora isso não envolva a idéia negativa de julgamento. Antes, temos aqui o dia do bem eterno, que Deus inaugurará.

«Cristo é central e crucial; Cristo compartilha da glória do Deus eterno; Cristo haverá de ser glorificado então; Cristo é a glória daquele dia eterno, que envolverá e cumprirá todos os nossos dias». (Homrighausen, *in loc.*).

«A eternidade é um inalterável, interminável, sem nuvens e imutável DIA!» (Adam Clarke, *in loc.*).

Variantes Textuais: O «Amém» litúrgico se encontra nos mss P(72), Aleph. AC, 33, 81, 614, na Vg. no Si(ph,h), no Cóp(m,bol), no Ara e no Eti. Porém, é omitido nos mss B, 1739(1), 82, 440, 522, 1175, 1241, 1881 e nos escritos de Agostinho e Bede. Provavelmente, foi acrescentado por escribas posteriores, conforme se dá em quase todos os livros do N.T. O peso da evidência externa é mais em seu favor, neste ponto, do que em outras passagens. Por conseguinte, alguns críticos textuais supõem que deveríamos incluí-lo no texto sagrado.

Subtítulo: Os subtítulos não faziam parte original dos livros do N.T., mas foram acrescentados por escribas subseqüentes, dando-nos informações acerca da proveniência, do destino, do autor, dos portadores das epístolas, etc. Algumas vezes, a informação é tirada de indícios existentes nos próprios documentos, mas, pelo menos parte dessa informação é tirada das tradições ou mesmo da imaginação. Assim sendo, tais informações em parte são certas e em parte são erradas.

Nos manuscritos no copta e na Vulgata latina não há subtítulos. O siríaco diz «Fim da Segunda Epístola de Pedro, o Apóstolo». O etíope diz: «Segunda Epístola de Pedro termina: e glória a Deus para todo o sempre». Os mss gregos Aleph, A e B dizem apenas «Segunda de Pedro». O ms C diz: «Fim da epístola católica de Pedro». Muitos manuscritos posteriores dizem: «Segunda epístola do santo apóstolo Pedro».

★ ★ ★



# I JOÃO

## INTRODUÇÃO:

- I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA
- II. AUTORIA
- III. DATA, PROVENIÊNCIA, E DESTINO
- IV. MOTIVOS E PROPÓSITOS
- V. RELAÇÃO ENTRE AS EPÍSTOLAS E O EVANGELHO DE JOÃO
- VI. TEMAS PRINCIPAIS
- VII. CONTEÚDO
- VIII. BIBLIOGRAFIA

Embora haja dúvidas quanto ao autor (ou autores) do material joanino — o evangelho, as epístolas e o Apocalipse — nas introduções às três epístolas são normalmente tratadas como uma unidade. Esta introdução as agrupa, pois não há qualquer razão convincente de que não provieram todas as três da mesma escola de tradição, ainda que mais de um autor tivesse estado envolvido em sua escrita. As diversas idéias sobre a questão da autoria estão contidas na secção II da presente introdução.

Tal como no caso dos livros aos Hebreus e de Tiago, ainda que a primeira epístola de João seja chamada de «epístola», nada há de epistolar na mesma. Mais provavelmente trata-se de um tratado, de uma dissertação, que visava uma situação particular na igreja, e não uma congregação ou um grupo de congregações cristãs, como se dá no caso de uma carta. Em contraste com isso, II e III João são definitivamente dotadas de natureza epistolar. A atração de todas as três, contudo, reside na simplicidade e no poder de seu testemunho, no sentido que Deus é amor, e que a verdadeira espiritualidade consiste do amor. Apesar de nos fornecerem essa forma de ensinamento «positivo», também atacam a heresia gnóstica incipiente; e assim, juntamente com as chamadas epístolas pastorais, I e II Timóteo e Tito, II Pedro, Judas e Colossenses (e talvez até mesmo Efésios), elas se tornaram parte do que se tornou conhecido por «literatura de heresia», isto é, a porção do N.T. que foi escrita para combater as primeiras heresias que surgiram no seio do cristianismo.

Essas epístolas de João também vieram a ser classificadas junto às «epístolas católicas», alinhando-se ao lado das epístolas de Tiago, de I e II Pedro e de Judas. Todas elas recebem essa designação. A palavra «católica», aplicada a cada uma dessas epístolas (ou tratados) tem recebido muitos significados no decorrer da história eclesiástica. Há notas expositivas sobre isso na exposição sobre a epístola de Tiago, imediatamente antes das notas expositivas começarem, em Tia. 1:1. O significado ordinariamente dado ao termo *católica*, quando aplicado a essas epístolas, é que tencionavam ser «universais», ou seja, foram dirigidas à igreja em geral, ou ao cristianismo de uma área geral, e não a alguma comunidade cristã em particular e muito menos ainda, a algum indivíduo isolado.

## I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA

Devemos saber distinguir entre os «ecos» e as «influências» literárias do «material em comum» e das «citações diretas». Nunca será fácil perceber se algum dos pais da igreja cita uma obra diretamente, a menos que se faça uma tradução de palavra por palavra, ou se houver a identificação de suas palavras como uma citação. No caso das «epístolas católicas» somente I Pedro e as epístolas joaninas gozam de confirmação verdadeiramente antiga (antes do século III D.C.). No caso de I João há citações extraídas da mesma nos escritos dos primeiros pais da igreja, embora não exista qualquer afirmativa de que o apóstolo João a escreveu, senão já no fim do segundo século de nossa era.

De modo bem geral, pode-se afirmar que a primeira epístola de João foi utilizada por Papias (140 D.C.), foi citada por Policarpo (110 - 120 D.C.), e mui provavelmente também foi citada por Justino Mártir (150 - 160 D.C.). Irineu (180 D.C.) aceitava essa epístola como obra do apóstolo João. O Cânon Muratoriano (180 - 200 D.C.) alista-a (juntamente com a

segunda e a terceira epístolas de João) como obra canônica e joanina. E isso foi aceito por Clemente, Orígenes e seus sucessores de Alexandria. A segunda e a terceira epístolas de João algumas vezes têm sido postas em dúvida, desde os primeiros tempos, talvez devido à sua natureza breve. Mas Eusébio (século IV D.C.) mostra-nos que nunca houve quaisquer dúvidas, entre os cristãos, acerca da autenticidade da primeira epístola de João. Aqueles que têm estudado sobre questões de «confirmação» percebem que a confirmação, proporcionada à primeira epíst. de João é quase tão boa como aquela dada a qualquer outro dos livros do N.T. Entretanto, os primeiros cânones alistavam dez epístolas paulinas e os quatro evangelhos, o que vale dizer que nem mesmo a primeira epístola de João fez parte dos primeiros pronunciamentos canônicos. Contudo, não demorou muito, depois desses primeiros pronunciamentos, que a primeira epístola de João, pelo menos, assumiu lugar entre aqueles livros tão prestigiados. (Quanto a um estudo sobre o «cânon» do N.T., ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse assunto).

*Os pais da igreja, em particular, dão seu testemunho:*

*Clemente de Roma: Romanos* xlix.5 talvez reflita o trecho de I João 4:18. *Romanos* 1:3, por igual modo, parece ser uma reverberação daquela passagem joanina.

*Policarpo: Ad Phil.* c.vii se assemelha a I João 4:2 (e 2:18,22 e 3:8 se parecem com II João 7). Essas passagens mostram, ao menos, que Policarpo estava familiarizado com as epístolas joaninas. Alguns estudiosos têm argumentado, porém, que a influência é justamente o contrário — as epístolas joaninas é que ecoariam os escritos de Policarpo. Ele não cita as epístolas (caso elas tenham surgido primeiro, e não os seus escritos) como de autoria do apóstolo João; e isso é estranho, se soubesse que assim era, pois ele mesmo era discípulo pessoal de João. Poderia ele citar a seu mestre, sem identificá-lo?

A *Didache*, ou seja, obra que reúne os ensinamentos dos apóstolos, com data de cerca de 150 D.C. (em c.x), parece ter tirado proveito de I João 4:18.

*Irineu: Sua obra* III.xvi.5 fala do evangelho e das epístolas do apóstolo João. Embora ele fale no singular «a epístola de João», seus escritos, na realidade, contém citações extraídas da segunda epístola. Assim sendo, ao falar em «a epístola», provavelmente ele se referia à «coleção joanina». Ele se refere aos «profetas falsos» aludidos em I João 4:1-3 e II João 7:8 e fá-lo de tal modo que dá claramente a entender que tinha essas epístolas de João à sua frente. Nos escritos de Irineu, entretanto, não temos qualquer citação clara extraída da terceira epístola de João, sendo possível que sua aceitação e uso tenha ocorrido algum tempo depois da aceitação e do uso atribuídos à primeira e à segunda epístolas de João.

*Clemente de Alexandria: (Ver Str. ii.15.66 que cita I João 5:16 e ss.; Ib. Str. iii. que cita I João 1:6 e ss.; iii.5.42,44 e iii.6.45 que reverberam material joanino; Quis Div. Salv. 37.6, que foi extraído de I João 3:15; Ib. Str. iv.16.100 que muito se assemelha a I João 3:18 e ss.; 4:16,18 e 5:3; v.1.13 que é trecho parecido com I João 4:16; iv.18.113 que se parece com I João 4:16; Quis Div. Salv. 38 que se parece com I João 4:18. Clemente faz pleno uso das duas primeiras epístolas de João, mas nunca da terceira. Isso poderia ter motivo em alguma circunstância, porém, em que a terceira epístola não se*

prestava diretamente para os seus fins.

É questão debatida se o *Fragmento Muratoriano* confirma todas as três epístolas de João. Pelo menos são confirmadas as suas primeiras, além do que elas são identificadas com João, o apóstolo.

*Orígenes*: (em *Joann.* v.3, ex Euseb., *História Eclesiástica* vi.25) confirma o material joanino, incluindo o livro de Apocalipse, mencionando João por nome. Suas citações, entretanto, se limitam à primeira epístola de João. Informa-nos esse pai da igreja que a autoria das «duas epístolas menores» era questão disputada em seus dias.

*Tertuliano*: Usou por muitas vezes a primeira epístola de João, mas não as outras. A história da segunda e da terceira epístolas de João é muito difícil de ser traçada; alusões específicas à terceira nem existem; e o uso que os pais da igreja fazem da segunda é bem escasso. O Cânon de Edessa (século IV D.C.) não continha qualquer dos escritos joaninos epistolares, aceitando apenas os evangelhos, o livro de Atos e as epístolas paulinas. E isso concorda com o original Cânon Sirio (400 D.C.). Porém, em outras porções da igreja antiga, parece que todas as três epístolas de João já tinham sido aceitas como canônicas, pelos fins do segundo século. Quanto à primeira não havia dúvidas; quanto à segunda, havia alguma confirmação; e quanto à terceira era ignorada, ou então referida como pertencente à mesma coletânea, sem qualquer designação específica, como «a terceira».

*Eusébio* informa-nos que Clemente de Alexandria comentou sobre todas as «sete» epístolas católicas. Assim, pelo menos no oriente, todas as três epístolas de João, pelo meados do século III D.C., provavelmente já tinham recebido posição canônica.

*Atanásio* (367 D.C.), em sua trigésima nona epístola festal, incluiu todas as três epístolas de João; e isso reflete uso oficial das mesmas no Egito, naquela ocasião. Essa é a primeira declaração que possuímos de que a igreja cristã aceitava todos os livros do N.T. que hoje em dia são considerados canônicos. Até aquela época, a questão inteira do «cânon», excetuando os evangelhos e dez epístolas paulinas, era fluida. Mas continuou havendo dúvidas acerca de algumas das epístolas católicas, em certas porções do cristianismo, até ao concílio de Trento (13 de dezembro de 1545 a 4 de dezembro de 1563). Os protestantes, de modo geral, adotaram seus pronunciamentos, mas sem os livros apócrifos do A.T. Contudo, muitos indivíduos, incluindo alguns dos líderes da Reforma, até mesmo estudiosos modernos, têm posto em dúvida um ou mais livros do N.T., que, na realidade, são canônicos e inspirados; e as epístolas católicas provêm a origem da maioria dessas dúvidas.

## II. AUTORIA

Alguns estudiosos debatem se o mesmo autor compôs todas as três epístolas que agora chamamos «de João». Porém, quase todas as introduções ao material joanino as manuseiam como uma unidade. É quase certo, pelo menos, que a segunda e a terceira epístolas de João saíram da mesma pena. O autor da primeira epístola de João permanece estritamente *anônimo*, e sua identificação como o apóstolo João se originou devido às grandes e muitas *similaridades* com o evangelho de João. Na segunda e na terceira epístolas, o autor se identifica como «o ancião», mas sem deixar entendido quem poderia ser ele. Perto dos fins do século II D.C., todas essas três epístolas vieram a ser conhecidas como de autoria de João, o apóstolo; mas Orígenes informa-nos que a questão de autoria continuava disputada em sua época. Em algumas porções da igreja, até mesmo no século IV D.C., essas epístolas continuavam não sendo aceitas como canônicas e como joaninas. Há eruditos que têm identificado a primeira epístola de João com o evangelho de João, como obras de um mesmo autor e classificam a segunda e a terceira epístolas de João juntamente com o livro de Apocalipse. A qualidade e o estilo do grego, no livro de Apocalipse, mostram ter sido impossível que o autor do evangelho (ou da primeira epístola de João) tivesse sido também o autor do livro de Apocalipse. O evangelho de João exibe um grego muito simples, mas puro. Já o grego do livro de Apocalipse é notoriamente deficiente, apesar de que a mensagem que nos é transmitida é esplêndida. Não obstante, há estudiosos que pensam ter sido um o autor do evangelho de João e outro o autor da primeira epístola de João, pensando que as similaridades entre um e outro desses livros foram propositalmente feitas, isto é, que o autor de um desses livros imitou o do outro. Há aqueles

estudiosos que argumentam que o mesmo autor escreveu a primeira e a segunda epístolas de João (havendo um autor diferente para o evangelho de João), e que a terceira epístola de João foi escrita pelo autor do livro de Apocalipse.

Não há maneira certa de alguém resolver o problema de autoria dessas epístolas. Devemos observar que, no tocante às epístolas de João e ao livro de Apocalipse, não há qualquer declaração, nessas obras, de que foi o apóstolo João quem as escreveu; e isso nem ao menos foi sugerido até ao fim do século II D.C. Portanto, sem importar o que cremos sobre a autoria desses livros, tal crença deve repousar, pelo menos em parte, sobre a tradição ou conjectura, porque nenhuma evidência interna serve para comprovar qualquer coisa. O livro de Apocalipse afirma ter sido escrito por «João»; mas Papias parece ter conjecturado que esse era João, um «ancião» da Ásia Menor, a quem ele não identificou como o apóstolo João. Diversos intérpretes modernos têm concordado com isso, pelo que esse «João», na opinião deles, é algum cristão desconhecido, do começo do segundo século de nossa era, e não o mesmo João do quarto evangelho.

No entanto, pelo menos a primeira epístola de João está intimamente vinculada ao evangelho de João (ver a seção V quanto a total estudo sobre isso). O evangelho de João (em 21:20 e ss.) encerra uma declaração de autoria joanina. Naturalmente, isso é no epílogo do livro, e talvez tenha sido feito por anotação dos discípulos de João, em Efeso, significando que o evangelho de Efeso se baseava sobre a *tradição joanina* do evangelho, embora não signifique isso que o mesmo foi escrito *pessoalmente* pelo apóstolo. Não nos olvidemos que o evangelho de Marcos, no tocante a seu fundo histórico, repousa sobre as memórias de *Pedro*, embora certamente não tenha sido Simão a única fonte informativa. Se, no evangelho de Marcos, houvesse declaração similar à de João 21:20 e ss., baseando aquele evangelho sobre a tradição petrina, não tenhamos dúvidas de que tal evangelho teria chegado até nós como *evangelho de Pedro*, ainda que tivesse sido escrito pelo punho de Marcos. Assim também, o evangelho de João, embora escrito pelo punho de algum membro da comunidade cristã de Efeso, porquanto reflete a tradição joanina, chegou até nós com o nome de evangelho de João. O material joanino, além do evangelho de João, desde tempos antigos vem sendo atribuído a João, filho de Zebedeu; mas há estudiosos que o têm atribuído ao João aludido por Papias, o ancião de Efeso (que não era o apóstolo do mesmo nome). E ainda outros estudiosos, nos tempos antigos, não faziam qualquer idéia quanto à sua autoria, conforme nos mostra Orígenes, nos meados do século terceiro de nossa era.

### Teorias sobre a autoria dos livros joaninos:

1. Ponto de vista tradicional, depois do século IV D.C. João, o apóstolo, teria escrito o evangelho, as três epístolas de seu nome e o livro de Apocalipse. Praticamente nenhum erudito moderno toma essa posição, porquanto se reconhece que pelo menos o livro de Apocalipse teve por autor alguém cujo domínio do grego era fluente, mas não muito correto, gramaticalmente, inserindo muitos modos de expressão próprios do aramaico. O evangelho de João tem um grego muito simples, mas puro, e as influências aramaicas são muito menores. Na primeira epístola de João não há aramaísmos. Se o apóstolo João é quem escreveu esses livros, deve-se pensar que ele deu sua obra para que um revisor a refizesse completamente, porquanto o grego de nenhum desses livros pertence ao tipo que um estrangeiro — um aldeão galileu — teria escrito.

2. Alguns estudiosos afirmam que o evangelho e as três epístolas são joaninas (de autoria do apóstolo João), mas que o Apocalipse foi escrito pelo «ancião» da Ásia Menor, um outro homem de nome João. Esse ponto de vista pelo menos é defensível, mas deixa sem resposta a questão do «tipo de grego» empregado. Além disso, há diferenças genuínas entre o evangelho e as epístolas (discutidas na seção V da presente introdução), que não recebem estudo convincente da parte dos advogados de tal teoria.

3. Outros estudiosos afirmam que o evangelho e as epístolas foram escritos por um discípulo de João, ao passo que o Apocalipse foi escrito pelo próprio apóstolo. Ou que o Apocalipse poderia ter sido escrito ainda por um outro discípulo do círculo de Efeso, que teria preservado a tradição e os ensinamentos joaninos. Certas citações extraídas dos escritos de Papias são usadas em apoio a essa idéia. Essa é a idéia de defesa mais fácil, considerando-se todas as



dificuldades. Sem importar se o «discípulo» ou «discípulos» estiveram envolvidos ou não, como discípulos em «primeira mão» do apóstolo João, é algo que pode ser debatido; mas, pelo menos, é certo que não estavam muito distanciados dele, pois o evangelho e a primeira epístola de João são confirmados desde tempos *bem remotos*, desde a primeira porção do século II D.C. Podemos dizer que o evangelho e as epístolas são *joaninos*, embora talvez não escritos pelo próprio punho de João. Mas, para todos os propósitos práticos, chegamos ao mesmo ponto, a saber, à *autoridade* e à *tradição apostólicas*, que confirmam esses livros. João, como poderoso líder apostólico da comunidade cristã da Ásia Menor, como mestre que atuou por longo tempo naquela porção do mundo, naturalmente desenvolveu seus modos de expressão pessoais, suas próprias ênfases, suas próprias idéias. E os seus discípulos imediatos se alicerçaram fortemente sobre essa sua tradição, e, naturalmente, seguiram sua maneira de exprimir as idéias, enfatizando aquilo que era considerado importante. Portanto, mais de um autor poderia ter produzido uma obra *genuinamente joanina*; e talvez isso é o que tenha sucedido no caso da «coletânea joanina».

Contra a idéia que o próprio apóstolo João escreveu esses livros que ora consideramos, levemos em conta os pontos seguintes: 1. Nenhuma identificação pessoal aparece ali: os livros são anônimos. 2. O grego envolvido está longe da possibilidade de ser um «idioma adquirido». 3. A tradição antiga não dá apoio à escrita desses livros *diretamente* pelo apóstolo João, segundo se dá no caso de várias das epístolas paulinas, no tocante ao apóstolo dos gentios.

Estas objeções (contra a idéia que o Apóstolo João escreveu a coletânea pessoalmente) podem ser respondidas como segue: 1. O Evangelho não é anônimo, considerando a declaração de 21:24. As similaridades de idéias e expressões nas Epístolas e no Apocalipse, indicam que esta declaração pode ser estendida para incluir estes livros. 2. O grego diferente de cada um é devido aos escribas diversos empregados na redução. 3. A tradição antiga é forte em favor do Evangelho e I João. É mais fraca no caso das outras duas cartas, provavelmente por causa de seus tamanhos tão pequenos e insignificantes. A relutância da igreja primitiva em aceitar o Apocalipse provavelmente foi devido ao fato que diversos outros livros semelhantes (os apocalipses judaicos) estavam circulando ao mesmo tempo, e estes livros não ganharam um lugar no cânon dos livros sagrados. O Apocalipse de João, o maior dos apocalipses, podia ter sofrido por causa da cautela dos antigos em aceitar tais livros como autoritários. Finalmente, devido ao seu valor intrínseco o Apocalipse de João ganhou um lugar merecido no cânon. O grego do livro é do tipo que esperaríamos de alguém nascido na Galiléia, quem adquiriu grego num centro como Éfeso, um autor que pensava em aramaico mas escrevia em grego.

### III. DATA, PROVENIÊNCIA E DESTINO

**Data.** Dado que Policarpo (110 - 120 D.C.) cita a coletânea inteira dos escritos joaninos, com exceção da terceira epístola, dificilmente tais livros foram escritos muito depois da primeira porção do segundo século. O próprio João, evidentemente, viveu até ao fim do primeiro ou até ao começo do segundo século. E assim, de qualquer modo, esses livros foram escritos imediatamente ou quase imediatamente após a sua morte. É possível que a terceira epístola de João tenha sido dada ao público mais tarde, porquanto não é citada pelos primeiros pais da igreja. Todavia, não é impossível que meramente tenha sido negligenciada por eles, devido à sua extrema brevidade e tema tão limitado.

**Proveniência.** Tradicionalmente, todas as três epístolas «joaninas», bem como o evangelho de João, têm estado associados à Ásia Menor, particularmente à cidade de Éfeso. O apóstolo João aparentemente labutou ali, e ali se desenvolveu sua tradição evangélica. O fato que se opõem à certa forma de gnosticismo que se sabe ter havido naquela área (contra a qual Colossenses, II Pedro e Judas também foram escritos) também favorece essa teoria. Policrates, bispo de Éfeso (190 D.C.), declarou que João, «que se reclinava ao peito do Senhor», após ter sido «testemunha e mestre, dormiu em Éfeso». E Irineu afirma que João «entregou» o evangelho e combateu aos hereges, recusando-se a permanecer sob o mesmo teto com Cerinto, o «adversário da verdade». E em Éfeso ele permaneceu morando até aos dias de Trajano, o qual reinou em 98 - 117 D.C. Jerônimo repete a tradição que associa João a Éfeso, e fala da avançada idade a que ele chegou.

Também alude ao fato que sua ênfase sempre foi «amor entre os irmãos».

Apesar de que alguns disputem que João residiu em Éfeso, Westcott concluiu que «nada é melhor confirmado, na história da igreja primitiva, do que a residência e a obra do apóstolo João em Éfeso». Porém, há alguma evidência em prol de um martírio mais no começo de sua vida, deixando óbvia a residência de João em Éfeso. Um cronista do século IX D.C., Jorge Hamartolos, reproduziu uma declaração contida na história de Filipe de Side (cerca de 450 D.C.), que alude a um antigo fragmento de um documento que fala sobre o martírio, desde cedo, de «ambos» os filhos de Zebedeu. Mas Eusébio deixa de lado todas as tradições dessa ordem; e a maioria dos eruditos tem duvidado de sua validade. É possível que a declaração de Side se tenha baseado no martirológio sírio, escrito em cerca de 400 D.C., no qual a data de 27 de dezembro é dedicada a «João e Tiago, os apóstolos em Jerusalém», os quais, supostamente, teriam sido ali martirizados. Contudo, não há qualquer razão em supormos que esse martirológio preserve qualquer tradição antiga autêntica; e nem se segue que o martírio de ambos necessariamente tenha tido lugar ao mesmo tempo, somente porque a data que relembra a ambos é uma só. Fatal a essa teoria é a narrativa do livro de Atos, o qual, apesar de registrar a morte de Tiago, nada diz acerca de João. É impossível que se o apóstolo João tivesse sido martirizado juntamente com Tiago, que isso tivesse sido olvidado por Lucas. (Ver Atos 12:2 quanto à narrativa sobre a morte de Tiago, e que ali é identificado como irmão de João). Nenhuma teoria, pois, se pode rivalizar com aquela que coloca João em Éfeso, e isso até avançadíssima idade.

Além disso, é dito que João, o «ancião», referido por Papias, morreu em Éfeso. E que, nos dias de Papias, seu sepulcro era conhecido. Portanto, ainda que o apóstolo João não tenha escrito pessoalmente os livros em questão, a tradição os vincula a Éfeso.

**Destino.** Todas as três epístolas de João parecem ter sido endereçadas às comunidades cristãs da Ásia Menor, vários membros das quais eram conhecidos pelo autor sagrado. A tradição universal é que foram enviadas à província romana da Ásia, território modernamente conhecido por Turquia. As principais cidades dessa área eram aquelas sete que figuram no livro de Apocalipse: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia, além de Colossos e Hierápolis. Para essa área em geral também foram enviadas a primeira e a segunda epístolas de Pedro e a epístola de Judas. Portanto, a «literatura de heresia» surgiu a fim de combater os assédios dos gnósticos naquela região, além de dar instruções éticas necessárias aos crentes dali. A primeira epístola de João foi escrita para combater o gnosticismo docético, que se sabe ter florescido na região da Ásia Menor que se supõe haver recebido essa epístola. A epístola aos Colossenses foi escrita para combater o gnosticismo ascético; e a segunda epístola de Pedro, para combater uma variedade licenciosa do gnosticismo. Sem dúvida alguma, todas essas formas pululavam na Ásia Menor. Apesar de não haver evidências esmagadoras em favor da «Ásia Menor», como destino, esse destino simplesmente não tem rival. Alguns poucos manuscritos trazem títulos que destinam as epístolas de João a «*parthos*». Mas não há qualquer tradição que vincule João aos «*partas*» (antigo reino a sudoeste do mar Cáspio).

Clemente de Alexandria aludiu a essas epístolas como escritas às «*virgens*», e alguns estudiosos têm conjecturado que «*parthos*» seja abreviação ou corruptela de «*parthenos*» (virgem). Mas outros dizem que «*parthenos*» teria sido uma explicação para um original «*parthos*». Agostinho repetiu a identificação de «*parthos*» como o destino dessas epístolas. Mas todas essas tradições são mal definidas e envolvem obscuridades.

### IV. MOTIVOS E PROPÓSITOS

Cerinto, contemporâneo de João, e a quem este se opôs, era um gnóstico. Nada sobreviveu até nós de seus escritos, e os primeiros pais da igreja apresentam um quadro confuso sobre sua heresia. Mas vinculam-no a Éfeso, fazendo dele um oponente do apóstolo João. Evidentemente, Cerinto cria que o homem Jesus fora filho natural de José, e que seu poder se devera a uma descida temporária de um «*aeon*» ou emanção angelical. Tal «*aeon*» teria vindo sobre Jesus quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião da crucificação. Alguns manuscritos posteriores chegam mesmo a dizer: «Meu poder, meu poder, por que me abandonaste?» uma corrupção

gnóstica da conhecida declaração de Jesus. O texto do A.T. poderia ser assim traduzido, embora o original grego, evidentemente, não o possa. (Ver Sal. 22:1). Parece que Cerinto também negava o valor da expiação de Cristo (ponto de vista bastante comum entre os gnósticos, conforme se vê em II Ped. 2:1, onde se lê: «...ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou...»). Os gnósticos criam que o ato do batismo é muito importante, pois o «aeon» teria descido sobre Jesus de Nazaré naquele momento. Contudo, negavam o valor de seu sangue vertido. Assim, segundo afirmavam, Cristo veio pela água, mas não pelo sangue.

Alguns estudiosos têm negado a influência de Cerinto; mas, mesmo sem ele, está em foco alguma forma *docética* de gnosticismo, como heresia combatida. O docetismo ensinava que o Cristo real não era «humano» e que o seu corpo era apenas um fantasma. Assim, pois, sua vida como homem e seus sofrimentos, teriam sido irreais—eram apenas parte do papel desempenhado pelo «aeon». Notemos como o trecho de I João 4:2,3 identifica os hereges como aqueles que negavam a verdadeira humanidade de Cristo. Os heréticos exibiam o espírito do «anticristo». Temos ali uma denúncia contra o gnosticismo docético. Os gnósticos, que faziam de Cristo apenas um dentre muitos «aeons» ou manifestações ou emanações angelicais, tinham abandonado, por isso mesmo, a verdade do «senhorio» absoluto de Cristo, negando que ele seja o Cabeça de tudo. A epístola aos Colossenses foi especialmente escrita para combater essa modalidade de gnosticismo, juntamente com seu «ascetismo», que foi antes uma das manifestações éticas daquela variedade herética. (Ver Col. 2:15 e ss.). Alguns elementos gnósticos eram licenciosos; e contra isso é que foram escritas as «epístolas pastorais» e a segunda epístola de Pedro. Podemos supor, com base em I João 2:15-17, que os gnósticos das igrejas para as quais João escreveu também tinham um caráter licencioso. (Ver essa conexão, em todo o segundo capítulo da segunda epístola de Pedro e o trecho de II Tim. 3:6 e ss.).

Mas, se Cristo Jesus tivesse sido apenas um dentre muitíssimos mediadores, então ele nada tinha de especial, no tocante à salvação dos homens. (Tal conceito é denunciado no segundo capítulo da primeira epístola a Timóteo). Os gnósticos, pois, atacavam tanto a verdadeira divindade como a verdadeira humanidade de Cristo Jesus. O evangelho de João foi escrito para defender sua divindade; e a primeira epístola de João foi escrita para defender sua humanidade. O evangelho de João dá a entender a humanidade de Cristo e defende a sua divindade; e a primeira epístola de João dá a entender a sua divindade e defende a sua humanidade.

É impossível classificar-se exatamente os tipos de gnosticismo que assediavam cada área. O mais certo é que todas as formas de gnosticismo se faziam presentes em cada área, embora algumas dessas formas predominassem aqui ou acolá. Os falsos mestres algumas vezes se mostravam totalmente desorganizados em seu pensamento e prática. Por isso é que E.C. Hoskyns e Noel Davey sugeriram: «O autor dos escritos joaninos, tal como o apóstolo Paulo, enfrentava um romantismo religioso desordenado... Quando escreveu o romantismo espiritual tinha penetrado na igreja, sendo confiantemente declarado como a essência da religião cristã. Portanto, ele se preocupa menos com o romantismo espiritual no mundo do que com seu aparecimento no seio da igreja; e sentiu-se compelido a lançar toda a sua energia pastoral e literária a fim de recuperar o controle da igreja pela vida e morte de Jesus». (*The Riddle of the N.T.*, Nova Iorque, Harcourt, Brace and Co., 1931, págs. 231 - 232).

Irineu mostra a confusão que existia entre os gnósticos, mediante sua declaração: «A doutrina deles é homicida, conjurando, por assim dizer, certo número de deuses e simulando muitos pais, ao mesmo tempo que rebaixa e divide o Filho de Deus de muitos modos». (*Contra Heresias*, III.16.5; comparar com III.16.8).

O gnosticismo, tal como o cristianismo, essencialmente ensinava um plano de salvação, embora de maneiras bem diversas entre si. O gnosticismo postulava um deus «deísta», isto é, que emanara os universos (mediante mediadores ou emanções) mas que não teria qualquer contacto pessoal com os homens, por ser por demais grande para tanto. A matéria é vil demais, e o ser supremo não poderia contaminar-se com ela, porque a matéria seria o próprio princípio do pecado. Assim, a fim de entrar em contacto com seres tão inferiores, era obrigado a tratar com eles mediante uma quase interminável sucessão de emanções angelicais fantasmagóricas. Cristo seria uma

dessas emanções, mas não necessariamente a maior delas. De fato, a maioria dos gnósticos declarava que Cristo não era o «aeon» maior, o «demiurgo», que teria criado este mundo, teria problemas pessoais, sendo uma emanção imperfeita de Deus, porquanto habitaria em trevas quase totais, por encontrar-se na linha fronteira entre a matéria e o espírito, uma longa distância de Deus. Alguns gnósticos identificavam esse «demiurgo» com o Deus do A.T., e outros, com Cristo. Seja como for, para eles Cristo era apenas um dentre muitos mediadores angelicais; e a salvação consistiria, antes de tudo, do indivíduo livrar-se da matéria (e, portanto, do corpo físico), para então participar da essência dos mediadores angelicais, com a reabsorção final na essência de Deus, quando então a alma perderia a sua individualidade e o ego se tornaria parte do «superego». Além disso, a maioria dos homens são de inclinações tão materiais que nunca serão capazes de desvencilhar-se da matéria, sendo forçados a perecer juntamente com a mesma. Portanto, não poderiam ser remidos. Os gnósticos chamavam tais pessoas de «hílicos», derivado esse termo do vocábulo grego que significa «matéria». Outrossim, mediante a fé, algumas pessoas de natureza «psíquica», como os profetas do A.T., haveriam de obter certa forma inferior de redenção. Mas, mediante o «conhecimento» (no grego, «gnosis», do que se derivou o nome *gnosticismo*), os indivíduos «pneumáticos», que seriam as almas humanas verdadeiramente espirituais, haveriam de obter a total redenção. Esse «conhecimento» (que os gnósticos reputavam ser superior à «fé»), significaria o conhecimento e o poder obtidos através das mágicas, das cerimônias e do misticismo gnósticos. Portanto, o «conhecimento» seria o grande «meio» de salvação. Por isso é que se vê, na primeira epístola de João, o uso freqüente do termo «conhecimento». (Ver I João 2:3,5; 3:16,19,24; 4:2,6,13 e 5:2). Mas nessa epístola temos a menção do «conhecimento» cristão, em contradistinação ao tipo gnóstico de falso conhecimento. Para os escritores sagrados, esse conhecimento significava a «verdade», em que o indivíduo tem a Cristo Jesus como seu Salvador e Senhor. Além disso, tal conhecimento é permeado pelo «amor», resultando em uma espécie de «amor-conhecimento», que requer a atitude altruísta em favor do próximo. Isso explica a ênfase dada ao «amor», na primeira epístola de João. Alguns dos gnósticos, evidentemente, apresentavam-se como homens impecáveis. E isso, sem dúvida, queria dizer que seu espírito não era contaminado pelos pecados praticados com o corpo, pois o espírito seria o homem essencial. Mas o autor sagrado nega a impecabilidade sob quaisquer condições. (Ver o trecho de I João 1:10 a esse respeito).

Naturalmente, essas epístolas de João não são apenas polêmicas, pois foram motivadas não apenas por causa de ataques heréticos. Há ensinamentos cristãos positivos, especialmente a «ética do amor», que o escritor sagrado preferia salientar, sem importar que havia uma heresia a enfrentar. Há um mundo a que devemos fazer oposição, e há um mundo eterno que devemos conquistar.

Propósitos secundários também podem ser vistos nestas epístolas. Havia um adversário da verdade cristã, um certo Diótrefes, que vinha causando grande perturbação, que se opunha à autoridade joanina na igreja, tal como certos indivíduos se tinham levantado contra Paulo, nas igrejas da Galácia e em Corinto. Há, por igual modo, o problema do perdão dos pecados; e a primeira porção da primeira epístola de João explica a relação dos crentes para com tal problema. Ninguém está isento do pecado, mas o crente não pode ser viciado no mesmo, porque, do contrário, nem ao menos será um crente, pois todo aquele que conhece a Deus não pode viver na prática contínua do pecado (ver I João 1:8 e 2:9,10). Há perdão de pecados (após o batismo em água, conforme talvez fique subentendido), mediante a confissão. E é mediante o sangue de Cristo que nos chega o perdão divino (ver I João 1:9). A fé é um grande princípio que os gnósticos gostavam de subestimar. Porém, através da fé é que obtemos vitória sobre o mundo (ver I João 5:4,5), e essa fé é em Cristo.

O propósito do autor sagrado, portanto, foi fazer oposição a certa heresia (o que provocara a escrita dessa primeira epístola de João), ensinando certos princípios positivos da fé cristã. Desse modo ele esperava pregar aos crentes a resistirem aos assédios da heresia, aclarando a visão deles quanto ao significado de Cristo e seu amor, para que tivessem nele uma fé completa. Assim viriam a participar da «vida eterna» (ver I João 5:13), o que mostra o «propósito» mais central do autor sagrado, ao escrever essa epístola.



«Alguns mestres falsos ensinavam, na província da Ásia, que Jesus não era homem verdadeiro, e que, quando de seu batismo, descera sobre ele um elemento divino, tornando-o o Messias, embora tal elemento o tenha abandonado por ocasião de sua morte. Esses mestres, chamados docéticos, diziam que Jesus nem é o Filho eterno e nem é homem real... O propósito desta epístola foi o de contra-atacar a influência exercida por esses mestres. Diz-se que João não quis permanecer no banho público juntamente com Cerinto, o líder herético. Quanto ao lado positivo, ele escreveu a fim de mostrar que o eterno Filho de Deus realmente se tornara homem, na pessoa de Jesus, a fim de mostrar que os crentes deveriam desfrutar de certeza pessoal de ser filho de Deus, e que a fé e o amor, que se expressam nas ações corretas, na obediência aos mandamentos de Deus, na prática do bem para com nossos irmãos sofredores, são as provas experimentais de tal certeza». (Tradução inglesa de Williams, *nota introdutória* à primeira epístola de João).

#### V. RELAÇÃO ENTRE AS EPÍSTOLAS E O EVANGELHO DE JOÃO

Apesar de não haver qualquer relação particular entre o evangelho de João, a segunda e a terceira epístolas de João, a sua similaridade com a primeira epístola de João é avassaladora. Além das similaridades quanto ao conteúdo e às expressões favoritas, há muitos paralelos atinentes ao estilo, ao idioma e aos modos de expressão. Em tempos recentes, entretanto, alguns eruditos têm pensado que essas grandes e muitas similaridades se devem ao fato que o autor da primeira epístola de João imitava propositadamente ao autor do quarto evangelho. A teoria da «mímica» adquire força no fato que há diferenças e similaridades genuínas, talvez incluindo alguns aspectos difíceis de explicar, se mantivermos a autoria comum no caso de ambos esses livros. Na presente discussão, essas diferenças são discutidas imediatamente após a apresentação das similaridades. Um dos argumentos em favor da autoria comum é que o autor sagrado queria que sua epístola fosse conhecida como «de João», através da imitação do «evangelho de João»; mas isso ele poderia ter feito mais facilmente dizendo simplesmente, na introdução ou no final, que «o apóstolo João» escrevera a epístola. Tentar fazer a epístola parecer joanina, mas deixando-a totalmente anônima, é um estranho paradoxo, a menos que o autor, pertencendo genuinamente à tradição joanina, nada estivesse querendo provar com isso. Naturalmente, poderia argumentar que o autor sagrado não estava interessado em fazer a sua epístola «parecer» joanina, mas meramente gostou do estilo e do conteúdo do evangelho de João, copiando-o, por conseguinte. Mas, nesse caso, poder-se-ia indagar por qual motivo o autor sagrado, se não estava interessado em adquirir a «autoridade» de João para sua epístola, ao escrever contra os hereges da Ásia Menor, sentiu a necessidade de copiar o estilo e o conteúdo joaninos. Certamente o evangelho de João está longe desse propósito, no tocante ao seu conteúdo geral; e procurar incorporar na epístola seus modos de expressão e seu conteúdo foi algo bem supérfluo.

Talvez a solução da questão é que tanto as epístolas como o evangelho de João representam genuinamente a tradição joanina, e que, embora talvez não tenham sido escritos pelo próprio apóstolo, foram escritos por algum discípulo ou discípulos *imediatos* de João. Estavam bem alicerçados sobre sua tradição, sobre suas idéias, sobre seus modos de expressão. Estavam fundamentados sobre a tradição do evangelho de João, o evangelho efésio, o evangelho da localidade deles. Assim, sem importar se um ou mais autores tenham estado envolvidos na escrita do quarto evangelho e das epístolas de João, seria natural que muitas coisas similares aparecessem na «coletânea» joanina. E grande parte disso poderia fazer parte do esforço proposital de preservar expressões e idéias que eram típicas do próprio João, preservadas na comunidade cristã onde labutavam. Portanto, a tradição da coletânea joanina se deriva genuinamente de João; e se um ou mais autores estiveram envolvidos na preservação dessa tradição, isso é questão de somenos importância. Não obstante, a evidência em favor da autoria comum do evangelho de João, e pelo menos da primeira epístola de João, é irresistível. Westcott comenta como segue sobre isso, dizendo: «Nenhuma teoria de imitação consciente pode explicar razoavelmente as *sutis coincidências* e diferenças entre essas duas passagens breves mas cruciais». (Referia-se ele aos «*prólogos*» do evangelho de João e da primeira epístola de João).

Similaridades entre o evangelho de João e a primeira epístola de João. Nesses paralelos, um grego similar está envolvido, e não apenas a similaridade de conceitos.

<i>Primeira Epístola de João</i>	<i>Evangelho de João</i>
1:6 (duas frases gregas)	3:21 e 8:12
1:8 (duas frases gregas)	8:44 e 9:41
2:3	14:15
2:4	8:44
2:5	14:21
2:6 (duas frases gregas)	15:4 e 2:21
2:11	8:12; 3:8; 8:14; e 13:26
2:16	8:23 e 15:19
2:17	8:35 e 12:34
2:21	18:37
2:24	15:7
2:27	2:25 e 16:30
2:28	6:56
2:29	1:13
3:1	1:12
3:2	11:52
3:3	11:55
3:4	8:34
3:5	1:29
3:8	8:44
3:9 (duas frases gregas)	3:8 e 8:43
3:10	8:47
3:14	5:24
3:16	10:11, 17, 18 e 13:37
3:19	18:37
3:20	10:29
3:23	14:31; 12:49; 13:34 e 11:57
4:4	10:29
4:6	14:15 e 16:13
4:7	7:17
4:9	1:14, 18; 3:16, 18
4:12 (duas frases gregas)	1:18 e 6:56
4:16	6:69
4:20 (duas frases gregas)	6:46 e 5:44
5:4	3:8 e 16:33
5:5	16:33
5:6 (duas frases gregas)	19:34 e 1:33
5:9 (duas frases gregas)	3:33, 34; 5:34; 14:28; 8:53
5:18	3:8
5:20	17:3

Abaixo exibimos *similaridades de estilo* que podem ser observadas nos exemplos dados:

1. O uso infrequente de pronomes relativos. O pensamento é continuado através de outros meios, como «ou... alla» (ver João 1:18, 23 e I João 2:2, 16, 21).

2. Sentenças desconexas (ver João 3:18 e I João 1:8, 9, como em «o pisteuon... o me pisteuon»).

3. Combinação de uma expressão positiva e de outra negativa, em um único pensamento, formando uma unidade (ver João 1:3 e I João 1:5).

4. A ênfase de pensamentos mediante a introdução dos mesmos com um demonstrativo, como «em tauto», «aute», e isso seguido por uma cláusula explanatória introduzida com «ina», «ean», «oti», ou outra cláusula, adicionada em oposição. (Ver João 15:12 e I João 5:4 e 3:11; João 3:19 com I João 5:9; João 9:30 com I João 4:9; João 9:30 com I João 4:9; João 13:34 com I João 2:3; João 4:37 com I João 2:6; João 15:8 com I João 4:17; João 5:16 com I João 3:1 e João 18:37 com I João 3:8. Vários outros maneirismos de estilo são alistados no «International Critical Commentary», introdução à primeira epístola de João, págs. vi., vii e viii. Notemos, por igual modo, que ali se mostra como ambos esses livros envolvem um vocabulário bem limitado.

Além dessas formas de similaridades «lingüísticas», que são como que as «impressões digitais» de um autor qualquer, existem *similaridades de idéias*, o que se vê nesses dois livros nos pontos seguintes:

1. Quanto à encarnação, apresentada praticamente do mesmo modo (ver João 1:14 e I João 4:2).

2. A vida, cuja fonte originária é Cristo (ver João 1:4 e I João 5:11).

3. Nossa identificação mística com Cristo (ver João 5:26; 11:25 e I João 1:1, 2).

4. A permanência em Deus, para quem permanece em Cristo

(ver João 6:56; 15:4-7 e I João 2:24 e 3:6).

5. A Palavra de Deus, a habitar permanentemente nos homens (ver João 5:38 e I João 2:14,24).

6. A prova do amor de Deus, ao enviar seu Filho (ver João 3:16 e I João 4:9).

7. O amor, como guia da família divina (ver João 13:34; 15:10 e I João 3:23).

8. Os crentes, como filhos de Deus (ver João 1:12,13 e I João 5:1).

9. O «testemunho» de Cristo (ver João 5:36 e I João 5:6).

10. O uso de pontos opostos metafóricos e espirituais, como a luz e as trevas; a vida e a morte; o amor e o ódio; a verdade e a falsidade; o Pai e o mundo; do mundo e não do mundo; Deus e o diabo; os filhos de Deus e os filhos do diabo; o conhecer a Deus e o não conhecer a Deus; o ver a Deus e o não ver a Deus; o ter a vida e o não ter a vida.

*Dissimilaridades* entre o evangelho de João e a primeira epístola de João. Os dois eruditos que, mais do que quaisquer outros, se têm esforçado para demonstrar isso, são C.H. Dodd e A.E. Brooke. Dodd chama-nos a atenção para as peculiaridades gramaticais e sintáticas, para as expressões idiomáticas e para as características retóricas distintivas, que são diferentes na primeira epístola de João. Esta última não contém aramaismos, a exemplo do evangelho de João. Ao sumariar seus argumentos, ele diz o seguinte: «O estilo da epístola tem forte similaridade geral com o evangelho; mas, no seu total, é mais monótono e mais estreito quanto ao alcance, ao passo que usa certas expressões idiomáticas e figuras que não se fazem presentes no evangelho, o que, plausivelmente, indicaria um caráter semítico, do qual a epístola é livre». Seu vocabulário se justapõe ao do evangelho, mas falta-lhe um número maior de termos altamente significativos, que aparecem naquele. Apesar de não se poder dizer que esses fatos refutam a identidade de autoria, deixam-nos em grande dúvida» (*The First Epistle of John and the Fourth Gospel*, pág. 141).

Há outros pontos de disparidade, quanto às idéias religiosas, nessas duas obras. A epístola de João não tece qualquer alusão ao A.T., mas encerra uma doutrina do «anticristo» que é sui generis. Mas falta-lhe aquele misticismo mais profundo do evangelho. Na epístola, Jesus é o «paracleto» (ver I João 2:1); no evangelho, o «paracleto» é o Espírito Santo, o representante de Cristo (ver João 14:16). Na epístola, Deus é «luz»; no evangelho, Cristo é que é a «luz» (comparar com João 1:4,7-9 e I João 1:5). Na epístola, a «parousia» aparece como «acontecimento» que logo teria cumprimento; no evangelho, é uma espécie de presença mística permanente, que já se acha com os homens. Naturalmente, é possível que o mesmo autor, sob circunstâncias diferentes, a enfrentar problemas diferentes e com um intervalo de vários anos, pudesse variar desse modo, no ensinamento de doutrinas. Por exemplo, é verdade que a «parousia», na primeira epístola, é um acontecimento mais incisivamente antecipado, pois o «anticristo» deverá vir primeiro; mas desde agora já há «anticristos» no mundo. (Ver I João 2:28 e 4:3). Contudo, no evangelho, é mencionado o «último dia» (ver João 5:26-29 e 6:38,40), mesmo que não fique subentendido que isso poderia ocorrer a qualquer momento. Contra isso poder-se-ia argumentar que a vívida expectação da vinda de Cristo, «a qualquer momento», e «durante minha vida terrena», é algo que se faz totalmente ausente do evangelho, e que, pelo tempo em que o evangelho foi escrito, essa expectação já diminuiria ou se perdera. Portanto, sem importar o argumento que apresentemos, em favor deste ou daquele lado, sempre haverá um argumento contrário. Talvez não possamos fazer melhor que Morton Scott Enslin, em sua obra *Literature of the Christian Movement*, pág. 348 (introdução à primeira epístola de João), onde ele assevera: «Que esse escritor sem nome seja o homem que traçou o quarto evangelho é, atualmente, considerado como altamente provável por muitos eruditos, embora diversos críticos competentes prefiram identificá-lo com um revisor posterior. No evangelho, por igual modo, o autor oculta o seu nome. Outrossim, há muitos paralelos e similaridades notáveis quanto ao vocabulário, ao estilo e ao tipo de pensamento. Uma conveniente pesquisa do material é provido por Moffatt (*Introduction to the Literature of the N.T.*, pág. 589-593), o qual tende por ver o escritor vivendo e movendo-se 'dentro do círculo em que se originou o quarto evangelho, embora com uma individualidade e um propósito todo seu'. A esses

paralelos poderíamos bem adicionar o fato que ambos os escritores apreciavam o tempo perfeito. Contudo, apesar das similaridades serem inescapáveis, também existem, claramente, algumas diferenças, a natureza polêmica da epístola se contrasta com a calma e fluência do evangelho, o que talvez possa ser melhor explicado como os paralelos livres do mesmo autor, que trabalhava para falar sobre um assunto bastante diferente. Um ponto de vista que não é impossível é que a epístola foi escrita algum tempo depois do evangelho, dirigida contra os falsos mestres que estavam abusando do evangelho, os quais assim punham em perigo o cristianismo e se apresentavam como mestres aos menos avisados».

Como é fácil ver, os eruditos não chegam a qualquer conclusão certa, mas expressam opiniões que são abertas a objeções. Parece, todavia, que os argumentos em favor da autoria comum do Evangelho e Primeiro João, têm mais peso do que os contra-argumentos.

Um completo estudo sobre esse problema pode ser lido no «The International Critical Commentary», introdução à primeira epístola de João, pontos i a xxvii. Mas, em última análise, o problema não é tão importante assim. Podemos dizer com confiança que a tradição «joanina» é a base de ambas essas obras; e que talvez algum discípulo ou discípulos imediatos de João estiveram envolvidos. Mas se os escritores envolvidos foram um ou mais, não é questão de grande monta. Ambos representam bem as idéias, as crenças, os ensinamentos e as esperanças de João, e de um modo como o próprio apóstolo João gostava de expressar-se. Portanto, ambos envolvem a «autoridade apostólica joanina», tal como o evangelho de Marcos se alicerça sobre a autoridade apostólica petrina, já que Pedro foi uma das principais fontes de informação do evangelho de Marcos.

## VI. TEMAS PRINCIPAIS

A secção IV, que trata dos «Motivos e Propósitos», já apresentou os temas principais. Mas abaixo, em forma de esboço, há um quadro mais completo dos temas principais.

De modo geral, pode-se dizer que a primeira epístola de João representa a fé comum da era apostólica, mas com adaptações às circunstâncias do fim do primeiro século e do começo do século II, na Ásia Menor. Assim, se os temas principais da mensagem apostólica são repetidos, são ditos de tal modo que fazem combate à heresia gnóstica daquela região do mundo. Isso é verdade tanto quanto ao lado «ético» da vida cristã como no que tange às doutrinas básicas.

1. A doutrina do Verbo forma o prólogo, tal como no evangelho, embora apresentada de maneira mais impessoal. Esse prólogo afirma ser obra de uma «testemunha ocular», pois a tradição do apóstolo João confirma a verdade que estava prestes a ser apresentada. (Ver I João 1:1,2).

2. O Verbo é, especificamente, o despenseiro da «vida»; e essa vida eterna vem da parte de Deus Pai (ver I João 1:2 e 5:13).

3. A doutrina do Verbo é polêmica. Exalta Cristo à sua posição ímpar, em contraste com os gnósticos, que pretendiam fazer dele apenas um dentre muitos «aeons» ou emanções angelicais, ou seja, mediadores. Há apenas um Mediador entre Deus e os homens, Cristo, o qual é o meio de vida eterna para os homens; essa vida não pode vir através de supostas emanções angelicais.

4. No Verbo temos a *comunhão* com a família divina, com o Pai e com o Filho. E nisso reside nossa alegria (ver I João 1:3,4). Isso também é polêmico. Os gnósticos consideravam a maioria dos homens como incapazes de serem remidos. Mas a oferta do evangelho, para haver comunhão com o Pai e com o Filho, visa a todos os homens. (Ver I João 2:2, onde se aprende que a «propiciação» foi efetuada em favor de todos os homens, e não em favor somente de algum grupo seletivo).

5. A «comunhão», embora possível para todos, é condicionada à «conduta moral», vinculada ao perdão dos pecados, mediante a expiação no sangue de Cristo. (Ver I João 1:5-10). Os gnósticos negavam ambas as coisas. Viviam na licenciosidade e pensavam que abusar do corpo não prejudica em nada à alma. De fato, pensavam que abusar do corpo seria um dos meios de cooperar com o sistema do mundo, cujo intuito, finalmente, seria a destruição de todas as coisas materiais, pois a matéria seria o princípio mesmo do pecado, bem como a sua sede. Os gnósticos, pois, asseveravam não ter pecado, porquanto o espírito não poderia ser prejudicado pelos pecados praticados com o corpo, já que o espírito é o



verdadeiro homem. João salienta o fato que não há homem que não peque, mostrando assim que o pecado envolve a pessoa real, a alma, e não meramente o corpo físico.

6. A vida e a comunhão nos vêm pela *expição* de Cristo (ver I João 2:1,2) e de sua atuação como nosso advogado. Os gnósticos, por sua vez, negavam a validade da expiação de Cristo. Não havia expiação por sangue, dentro de seu sistema.

7. As provas de comunhão e do conhecimento de Deus são a obediência aos seus preceitos e o amor ao próximo (ver I João 2:3-17). Os gnósticos, em sua licenciosidade, desobedeciam às leis de Deus; em sua altivez, desprezavam aos irmãos.

8. O evangelho de Cristo impõe certa *exigência moral*; deve ser acompanhado pela rejeição ao mal que há no mundo, nas concupiscências da carne (ver I João 2:15,16). Os gnósticos ignoravam a necessidade do crente separar-se do mundo, pelo menos os gnósticos que assediavam aquelas comunidades cristãs para onde foram escritas estas epístolas. O gnosticismo combatido na epístola aos Colossenses era ascético; o que está em foco aqui é libertino.

9. Os apóstatas negavam o verdadeiro Cristo, fazendo de seu corpo um mero fantasma, e de sua pessoa real um «aeon» angelical. Tinham eles uma atitude «docetista». (Ver I João 2:18-29 e 4:2-4 quanto a esses temas).

10. Os apóstatas negavam a realidade da «parousia». Mas a doutrina cristã a apresenta claramente, pois assinalará «notável salto à frente», quando os remidos haverão de participar da própria natureza de Cristo; e assim darão início ao progresso rápido nas perfeições divinas, sendo cheios de «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19). (Ver I João 3:1,2).

11. A «parousia» impõe uma *exigência moral*, a saber, a nossa pureza pessoal. Mas isso era ignorado pelos gnósticos. (Ver I João 3:3-10). Um homem não pode agora ser «praticante» do pecado; de outro modo, nem mesmo conhecerá a Deus.

12. O amor é a virtude suprema exigida da parte dos irmãos. Um homem ama a Deus somente quando ama a seus semelhantes (ver I João 3:11 e ss.). O amor cristão se manifesta através de atos de altruísmo, feitos de gentileza. Amar ao próximo é, ao mesmo tempo, amar a Deus, que é o Pai de todos. A observância dos mandamentos de Deus é prova de que o amamos. O maior dos mandamentos divinos é que nos amemos uns aos outros.

13. Os falsos mestres mostravam-se corruptos em suas doutrinas e práticas, e eram amigos do mundo. Portanto, não admira que desprezassem aos verdadeiros crentes, que não pertencem ao mundo. (Ver I João 4:1-6).

14. Deus é amor, e todos quantos são seus filhos genuínos devem amar. A prova desse amor é a expiação feita por seu Filho. Devemos imitar a Deus em seu amor, sacrificando-nos em favor de outros. Esse tipo de ação prepara-nos para o dia do juízo. Não tememos aquele dia porque amamos, e o perfeito amor lança fora o medo. (Ver I João 4:11-21).

15. O amor coopera com a fé; e essa é a «gnosis» cristã, em contraste com o suposto «conhecimento» dos gnósticos. Nessas virtudes é que obtemos vitória sobre o mundo. Aquele

que «nasceu de Deus» vence ao mundo. Ora, tudo isso é mediado por Cristo, o Filho de Deus. Ele veio por água (a autoridade de seu batismo), mas também veio por sangue (a autoridade de sua expiação). Os gnósticos aceitavam somente a primeira idéia, e mesmo assim não em sua forma completa. (Ver I João 5:1-10).

16. O Filho de Deus veio para dar-nos a *vida eterna*; e a vida está nele. O principal propósito do autor sagrado era demonstrar isso, em oposição àquilo ao que Cristo fora reduzido pelos gnósticos, fazendo dele apenas um dentre muitos senhores e mediadores. Nosso «conhecimento» consiste de conhecer a Cristo; e a nossa vida está em Cristo, presentemente mediada pela moralidade cristã. Em contraste com isso, os gnósticos buscavam a vida eterna independentemente do verdadeiro Cristo e da santidade. (Ver I João 5:13-21).

## VII. CONTEÚDO

### I. PRÓLOGO - O Verbo possibilita a comunhão com Deus (1:1-4)

### II. CONDIÇÕES E BASE DA COMUNHÃO - Exigências morais do evangelho (1:5-2:17)

1. A comunhão se dá no perdão e na santidade (1:5-10)
2. A comunhão é possibilitada pela expiação e advocacia de Cristo (2:1-6)
3. Prova e condição da comunhão: a lei do amor (2:7-11)
4. Comunhão com Deus mediante separação do mundo (2:12-17)

### III. OS FALSOS MESTRES (2:18-27)

1. Têm o espírito do anticristo (2:18-23)
2. Os verdadeiros crentes são convidados à fidelidade, negando as doutrinas anticristãs (2:24-27)

### IV. OS FILHOS DE DEUS - Advertências e promessas (2:28-3:24)

1. Suas relações para com a *parousia* (2:28-3:3)
2. Suas relações para com o diabo (3:4-10)
3. Como devem viver uns com os outros. Lei do amor fraternal (3:11-24)

### V. OS ESPÍRITOS FALSOS E O ESPÍRITO DE DEUS (4:1-6)

1. O docetismo (4:1-3)
2. A vitória dos verdadeiros filhos de Deus (4:4-6)

### VI. O AMOR DE DEUS INSPIRA NOSSA CONFIANÇA (4:7-5:12)

1. É a base do amor mútuo, o vínculo da família divina (4:7-12)
2. Inspira a nossa confiança (4:13-18)
3. É a base dos mandamentos (4:19-5:6)

### VII. CRISTO VEIO POR ÁGUA E SANGUE E O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO (5:6-12)

### VIII. EPÍLOGO: Afirmações e exortações finais (5:13-21)

### VIII. BIBLIOGRAFIA

Por todo o comentário destas epístolas, foram consultados quinze autores de comentários (em séries), para ajudar na exposição das mesmas. (Quanto à identificação dessas obras, ver a lista de abreviações existente na introdução ao comentário). Além dessas obras, recomendamos os títulos abaixo, para estudos especiais:

Dodd, C.H., *The Johannine Epistles*, Moffatt N.T. Commentary, NY: Harper and Brothers, 1946.

Enslin, Morton Scott, *The Literature of the Christian Movement*, N.Y: Harper and Brothers, 1956.

Findlay, G.G., *Fellowship in the Life Eternal*, Londres: Hodder and Stoughton, 1909.

Titus, Eric Lane, *Essentials of New Testament Study*, N.Y: The Ronald Press, 1958.

Westcott, Brooke Foss, *The Epistles of St. John*, Londres: Macmillan and Co. 1892.

João, os autores Amos N. Wilder e Paul W. Hoon.

## Capítulo 1

Quanto ao estudo do pano de fundo da presente primeira epístola de João, o leitor deveria consultar a introdução à mesma, que aborda temas como a antiga confirmação das epístolas de João; sua autoridade, sua data, sua proveniência e destino; seus motivos e propósitos; suas relações para com o evangelho de João; seus temas principais e seu conteúdo em geral.

A mensagem desta epístola começa sem as saudações epistolares normais, alinhando-se antes, em estilo e conteúdo, entre os tratados, em contraste com a segunda e a terceira epístolas de João, que são verdadeiramente epistolares.

A primeira epístola de João é uma das «epístolas católicas». (Quanto a notas expositivas sobre como essa expressão vem sendo usada na igreja, através dos séculos de sua história, e como tal expressão se aplica a sete epístolas do nosso N.T., ver as notas de introdução a Tia. 1:1).

### 1. Prólogo - O Verbo possibilita a comunhão com Deus (1:1-4).

Tal como no prólogo do evangelho de João, o autor sagrado começa com um hino à grandiosidade de Cristo. Cristo é grande por si mesmo; mas também é o grande doador da vida. Ele traz o conhecimento de Deus Pai para os homens; e, através disso, traz os benefícios da vida e do bem-estar celestiais. Essas coisas foram testemunhadas pelos apóstolos; e o escrito presente dá a entender essa autoridade apostólica. Se a mensagem cristã for ouvida e aceita, resultará em alegria. Assim, pois, logo no prólogo temos uma polêmica. Os falsos mestres (gnósticos da Ásia Menor) tinham reduzido Cristo a apenas um dos «aeons» ou mediadores angelicais entre Deus e os homens. Para a maioria dos gnósticos, Cristo nem ao menos era o «aeon» superior. Seja como for, no sistema deles havia muitos deuses, senhores e mediadores. O próprio Deus ficaria isolado, nos mais altos céus, pois não poderia contaminar-se pelo contacto com a matéria, o próprio princípio do pecado, na concepção gnóstica. Portanto, ele estabeleceria uma longa sucessão de mediadores sombrios, até que finalmente, nas trevas quase totais, um dos «aeons» (que seria um ser imperfeito) entrou em contacto com a matéria, fazendo assim a mediação entre o espírito e a matéria. Para chegarmos a Deus teríamos de passar através de muitíssimas emanções. O autor sagrado, entretanto, nega isso. Antes, Cristo, o Verbo, é o único

mediador, e ele pode conferir-nos perfeita comunhão com o Pai, o qual dificilmente pode ser concebido como isolado de sua criação.

Os gnósticos ensinavam o *deísmo*, isto é, Deus teria criado (ou melhor, emanado) as coisas, mas não teria contacto directo com sua criação, e muito menos com a sua porção material. Ele é intocável e inabalável, sendo mediado através de suas supostas inúmeras ondas de emanção. Já o cristianismo bíblico ensina o «teísmo», isto é, Deus não somente criou, mas também tem contacto presente com a sua criação, interferindo no curso da história humana, recompensando e castigando. Jesus Cristo é o grande Mediador entre Deus e os homens, bem como o meio de revelação. (Quanto às diversas idéias acerca da natureza e das ações de Deus, ver Atos 17:27, onde o «teísmo» e o «deísmo» são ventilados).

O prólogo desta epístola estabelece nosso ponto de vista na história como «apostólico», isto é, como algo que tem base na era dos apóstolos. O idoso João deixara sua tradição, da qual participamos. João fala-nos do fato que ele era testemunha ocular de experiências com a grandeza de Cristo. Nessas experiências ele viera a perceber que o Cristo terreno também é o Verbo eterno. Ele é a mensagem de Deus, o criador e sustentador do universo, a comunicação de Deus dentro de sua criação, a expressão de sua pessoa divina. Ele é quem estabelece harmonia e comunhão com o Pai e isso torna-se possível aos homens por seu intermédio.

Assim, pois, João faleceu; e chega até nós a triste mensagem que,

*...não é deixado na terra*

*Qualquer pessoa viva que saiba (considerai isso!)*

*—que tenha visto com os olhos e manuseado com as mãos*

*Aquilo que era desde o princípio, a Palavra da Vida.*

*Como será quando ninguém mais puder dizer, «eu vi»?*

(Wilder).

Mas a vitória é declarada neste tratado, pois ele mostra-nos que a mensagem cristã está firmemente estabelecida sobre aquele testemunho, mediante o qual o apóstolo João foi capaz de exclamar: «eu vi!». Portanto, ele reconhecia a autoridade de sua mensagem, a sua origem celestial. O Verbo eterno, a própria expressão de Deus aos homens, também é o alvo do homem, pois em sua imagem é que os homens remidos estão sendo transformados (ver I João 3:2). E então os homens passarão para uma glória muito superior que aquela da qual participavam os supostos «aeons». Pois os remidos tornar-se-ão filhos de Deus e compartilharão da real divindade (ver II Ped. 1:4), ficando cheios de toda a plenitude de Deus (Efé. 3:19), subindo de um estágio de glória para outro, assumindo a imagem e a natureza do Filho de Deus, através do poder do Espírito Santo (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29). Essa é a grandiosa mensagem que o autor sagrado nos apresenta, ao mesmo tempo que refuta a heresia gnóstica, que degradava a pessoa de Cristo.

1 *ὁ ἦν ἀπ' ἀρχῆς, ὁ ἀκηκόαμεν, ὁ ἐώρακάμεν τοῖς ὀφθαλμοῖς ἡμῶν, ὁ ἐθεασάμεθα καὶ αἱ χεῖρες ἡμῶν ἐψηλάφησαν, περὶ τοῦ λόγου τῆς ζωῆς —<sup>a</sup>*

<sup>a</sup> = 1-2 = daab, e daab: WH Bov Neo BF<sup>2</sup> RBV Zur Luth Jer Neg g a patena, a patena: TR AV RV ANV g a maior, e maior: NEB TT

1 *ὁ ἦν ἀπ' ἀρχῆς* Jo 1.1, 2; 1 Jo 2.13, 14 τοῦ...ζωῆς Jo 1.1; 4, 14

1 (Λόγου] λόγου R)

1:1: O que era desde o princípio, e que ouvimos, e que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, e respeito do Verbo da vida

O autor sagrado nos faz remontar à eternidade passada, e não meramente ao primeiro instante da criação. E certamente também não é o começo da pregação do evangelho que é aqui localizado. Há uma alusão óbvia aos trechos de Gên. 1:1 e João 1:1, supondo-se que o evangelho de João foi escrito antes da presente epístola, segundo pensa a maioria dos intérpretes. O «começo» é a «criação». Mas o Verbo «já estava» ali quando veio o começo. Porém, o evangelho eleva o sentido do termo, dando a entender tratar-se da «eternidade passada e sem data». Nessa eternidade, quando não havia distinções de tempo, segundo hoje as conhecemos, o Verbo já estava presente. Ele transcende a todas as considerações de tempo, pois ele mesmo é eterno e divino. Ao começar a criação, em sua forma espiritual, antes de existir qualquer matéria, o Verbo eterno já era a mensagem de Deus para a sua criação. Até mesmo os seres angelicais conhecem a Deus por meio dele. Portanto, é impossível que ele seja somente um dos muitos «aeons» ou supostas emanções angelicais de Deus, conforme os gnósticos asseveravam. Esse Verbo também é «vida», porquanto ele é a Palavra da Vida. E isso quer dizer que toda a vida, física ou espiritual, se origina dele. Ele é o único mediador da vida de Deus para a criação, em qualquer esfera da criação. (Ver notas adicionais sobre isso no evangelho de João, nas palavras «No princípio era o Verbo...» Ver Col. 1:16 quanto a Cristo como «o Alfa e o Ômega de toda a criação», pois tudo foi criado «nele», «por ele» e «para ele»). (Quanto às notas expositivas completas sobre a «doutrina do Verbo», ver João 1:1).

Houve um período de seiscentos anos de desenvolvimento da doutrina do «Verbo», antes de João ter empregado esse termo. (As notas expositivas em João 1:1 traçam esse desenvolvimento). Tal doutrina nunca concebeu um «começo» para o próprio Verbo (que às vezes tinha um sentido pessoal, e de outras vezes, impessoal). O Verbo é a razão divina na criação inteira. É mesmo quando se pensou que o Verbo seria o «primeiro passo para fora de Deus», como se fora uma emanção inicial, o poder controlador sobre a existência e a manifestação de Deus nos universos, nem mesmo então houve qualquer idéia de «começo», vinculado ao Verbo. Assim como uma «sombra» é co-existente e co-extensiva ao objeto que a projeta, assim como o sol não existe sem os seus raios, assim também o Verbo sempre esteve com Deus. O Verbo não começou. Ele é co-existente e co-extensivo com Deus.

O terceiro versículo deste capítulo mostra-nos que o propósito do autor sagrado era o de transmitir-nos o significado da Palavra ou Verbo da Vida, e assim levar-nos à comunhão com ele e com Deus Pai. Disso consiste a grande alegria da existência, pois assim cumprimos a razão pela qual existimos. A salvação consiste, essencialmente, da «filiação». Todos os benefícios que nos chegam da parte de Deus são recebidos por nós como de um Pai a seus filhos, por intermédio do Filho de Deus, Jesus Cristo.

A expressão «...desde o princípio...» (no grego, «ap arches») ocorre por duas vezes no quarto evangelho (ver João 8:44 e 15:27), por nove vezes nesta primeira epístola e por duas vezes na segunda epístola de João. (Ver I João 1:1; 2:7, 13, 14, 24; 3:8, 11 e II João 1:5, 6). O trecho de I João 2:13, 14 usa novamente essa expressão acerca de Cristo. I João 2:7 é trecho que ordena o

amor que vem com o evangelho, e que acompanhou a mensagem apostólica desde o começo. Em contraste com isso, o diabo vem pecando «desde o princípio», desde que o pecado veio a existir (ver I João 3:8). O trecho de II João 5,6 tem essa expressão em vinculação ao mandamento sobre o amor, bem como sobre o imperativo do evangelho acerca da santidade. «Desde o princípio» esses elementos transpareciam no ensinamento apostólico. A nova mensagem dos gnósticos, porém, negava todos esses ensinamentos básicos.

«...temos ouvido, o que temos visto...» A tradição joanina era contemporânea do primeiro advento de Cristo. Isso não deixava margem para suposições. Os gnósticos tinham modificado a mensagem que originalmente fora «ouvida» e «vista», conforme é demonstrado na vida do próprio Jesus. O ponto central dessas palavras é que a mensagem contida na sua primeira epístola se alicerça sobre a autoridade apostólica. Notemos que ambos esses verbos são usados no tempo perfeito, no original grego. Eles tinham visto e continuavam a lembrar o que tinham visto; os efeitos do que tinham visto e ouvido continuavam entre eles.

«...com os nossos próprios olhos...» Essas palavras são adicionadas para enfatizar ainda mais a mensagem de Cristo recebida pelas «testemunhas oculares». Deixa entendido que os gnósticos não tinham tal reivindicação, mas antes, tinham eles renegado ao verdadeiro Cristo da eternidade e da história, tendo inventado um novo «cristo». Os gnósticos não tinham o Cristo da autoridade apostólica. A percepção dos «olhos» levava à percepção do «coração» e da «alma». Os gnósticos, que não tinham visto com os próprios olhos, também eram cegos em suas almas. O autor sagrado fala sobre a «vida terrena» de Jesus, conforme ela fora vista, mas também fala sobre suas «implicações espirituais», percebidas pela alma. Na vida terrena se refletia a passada glória eterna do Verbo; e assim a alma veio a vê-lo espiritualmente.

«...contemplamos...» O tempo do verbo é o aoristo. A visão «permanece» no coração, ou seja, a visão original com os olhos era um acontecimento histórico, ou seja, «nós vimos». O autor salienta o testemunho de vários discípulos acerca da «manifestação histórica» do Verbo ou Palavra da Vida. O autor sagrado fala acerca de todo o conhecimento terreno que os apóstolos tiveram de Cristo, antes e depois de sua ressurreição. Os «aparecimentos do Cristo ressurrecto» (ver as notas expositivas a respeito, em João 20:1) estão em foco, mas não como a exclusão de sua vida terrena, repleta de milagres e de atos gentis, mediante os quais ele demonstrou a sua grandeza pessoal.

«...as nossas mãos apalparam...» Jesus Cristo era «tangível». Não era nenhum fantasma, conforme os gnósticos erroneamente imaginavam. Ele tinha um real corpo humano; ele veio na carne. A mensagem gnóstica o apresentava, algumas vezes, como «sólido», e às vezes como se ele «nem estivesse ali», quando nele tocavam. Os docéticos imaginavam que a humanidade de Cristo não era real. Apenas «pareceria» real. No grego, o termo «dokeo» deu origem ao termo «docético» em português. O autor sagrado refuta especificamente essa falsa doutrina, em I João 4:2,3. Mui provavelmente, a alusão é ao «manuseio» do Cristo ressurrecto, conforme é registrado em Luc. 24:39 e João 20:27. Mas, uma vez mais, não devemos



limitar a referência somente a isso. O apóstolo João e os demais apóstolos, durante o tempo de sua associação com Jesus, receberam muitas provas, mediante o «contacto» com ele, em um manuseio como que «por suas mãos», certificando-se eles que ele era um verdadeiro ser humano. (Ver Fil. 2:7 quanto ao ensinamento bíblico sobre a «humanidade de Cristo»).

É lamentável que em muitos ramos da moderna igreja cristã, Cristo seja reduzido quase a uma figura «docética», porquanto tudo quanto ele faz e quase sempre atribuído às suas prerrogativas divinas, nada sendo deixado a Jesus, senão morrer. A sua humanidade, porém, era perfeitamente real.

#### *Jesus, O Pioneiro Do Caminho*

1. O trecho de João 14:6 deixa claro que Cristo é o caminho para a vida eterna.

2. Entretanto, em sua humanidade, Jesus é o pioneiro do caminho espiritual que conduz à vida. Ele nos mostrou quais são os requisitos espirituais de Deus, tendo feito uma demonstração de como devemos viver neste mundo. A epístola aos Hebreus enfatiza esse aspecto da vida de Jesus em vários trechos.

3. Em sua humanidade, Jesus passou por muitos sofrimentos, e assim foi «perfeccionado». Isso não significa, porém, que ele se teria tornado «impecável», e, portanto, que antes fora um indivíduo pecaminoso. Antes, significa que as virtudes positivas de Deus estavam sendo cultivadas nele, tal como sucede a qualquer outro homem, porquanto Jesus era possuidor de autêntica natureza humana. A passagem de Mar. 13:32 mostra-nos que ele não possuía as perfeições do Pai, e nem o seu conhecimento. E a razão disso é que ele se autolimitou quando de sua encarnação, como uma medida imprescindível para o cumprimento de sua missão terrena. (Ver as notas completas sobre esse conceito, naquela referência).

4. A encarnação do Filho teve, entre seus propósitos, servir de vívida ilustração, ou exemplo, do que a espiritualidade humana pode fazer e deveria ser. Sigamos esse exemplo, portanto (ver Heb. 12:1 e ss.).

5. Como homem, o Filho adquiriu o direito à sua exaltadíssima posição nos lugares celestiais (ver Heb. 1:9); e, dessa maneira, abriu o caminho pelo qual podem seguir os demais filhos de Deus (ver Heb. 2:10).

Os gnósticos negavam essa importância, e muitos indivíduos da cristandade moderna correm o perigo de fazer a mesma coisa, reduzindo o Senhor a uma posição «docética». A «percepção dos sentidos» dos apóstolos «comprovou» para eles a realidade da humanidade de Cristo; e desse modo viram a glória da encarnação, parte da glória do Verbo eterno, isto é, um estágio dessa glória. Os apóstolos destruíram de certa forma de contacto íntimo com o Senhor, como os gnósticos nunca tiveram. Convém que nós também prestemos atenção cuidadosa à mensagem dos apóstolos, ao mesmo tempo que nos convém rejeitar idéias como as dos gnósticos.

«... Verbo da vida...» A idéia aqui expressa é paralela à que se vê em João 1:4, onde se lê: «A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens». O Verbo de Deus é a fonte de toda a vida, tanto física quanto espiritual. Ele é o Alfa e o Ômega da criação, sua fonte originária e seu alvo. O Verbo é o criador, o sustentador e o informante do que o Pai deseja transmitir aos homens. Essa comunicação transmite a «vida», a saber, a vida eterna que esta epístola tanto salienta. (Ver I João 1:2; 2:25; 3:14,15; 5:11,12,13,20. Quanto a notas expositivas completas sobre a «vida eterna», ver João 3:15). A vida eterna não consiste apenas de vida «sem fim», porquanto também é uma modalidade de vida, a saber, a participação na mais elevada forma de vida, a própria vida de Deus. Há muitos níveis ou tipos de vida, a começar pelas substâncias protéicas, que se podem reproduzir. Além disso, há os insetos, os animais inferiores, os animais superiores e o homem. Em seguida penetramos na região da vida angelical, em vários níveis. Mas o pináculo de toda a vida, em suas origens, é o próprio Deus. Ele possui um «tipo de vida», que o distingue de outros seres. Possui a vida «independente», isto é, a vida que não tem causa exterior a si mesma. E ele possui a vida «necessária», a forma de vida que não pode deixar de existir. Por meio de Cristo, pois, Deus compartilha dessa forma de vida com os homens, mediada através da ressurreição de Cristo. (Ver notas expositivas completas sobre isso, em João 5:25,26 e 6:57). A vida eterna para as almas remidas, portanto, é a transmissão da própria vida de Deus aos seres humanos, em que a alma se torna espiritualizada a ponto de possuir esse tipo de vida. Assim é que chegaremos a participar de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10), bem como da «própria divindade» (ver II Ped. 1:4). Sendo Deus um ser infinito, nunca poderá ser totalmente transmitido aos homens; mas a transmissão cada vez maior é o nosso alvo. O vaso mergulhado no oceano não pode conter o oceano inteiro; antes, o oceano é que o contém. Contudo, imaginemos que esse vaso pudesse ir aumentando sempre em suas dimensões, para que pudesse ir contendo cada vez maior porção do oceano. No evangelho, esse vaso é «espiritualizado», a fim de ter a mesma «natureza»

2 και ἡ ζωὴ ἐφανερώθη, καὶ ἐωράκαμεν καὶ μαρτυροῦμεν καὶ ἀπαγγέλλομεν ὑμῖν τὴν ζωὴν τὴν αἰώνιον ἣτις ἦν πρὸς τὸν πατέρα καὶ ἐφανερώθη ἡμῖν —<sup>a</sup>

2 και 2º] add ὁ B pø

1:2: [pois a vida foi manifestada, e nós a tomamos visto, e dela testificamos, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e a nós foi manifestada).

Assim como João 1:2 é, essencialmente, a repetição de João 1:1, assim também este segundo versículo repete os elementos essenciais do primeiro versículo, embora de forma mais adornada, salientando o conceito da «vida», que é introduzido no primeiro versículo. O segundo versículo é um parentese que explica o primeiro versículo.

O Verbo é uma revelação do intuito de Deus para com os homens. Esse «intuito» é benigno e benéfico, pois envolve a transmissão de vida, a saber, a própria vida divina, a vida eterna. No Verbo estava a vida «...e a vida era a luz dos homens». Essa declaração envolve a transição da vida física para a vida espiritual. A criação física já existia, a fim de que Deus

que o oceano. E os filhos de Deus tornar-se-ão verdadeiros filhos espirituais e celestes de Deus Pai, moldados de acordo com Deus Filho. Tudo isso está envolvido na transmissão da vida, que consiste de muito mais do que viver para sempre nos céus, onde se gozaria de todas as formas de luxo. Essas últimas idéias são idéias infantis sobre o que seja a salvação.

#### *Sumário Das Principais Idéias*

1. Em si mesmo, o Logos é o arquétipo da redenção humana; e, assim sendo, os homens, uma vez que participem de sua natureza, chegam a obter a plena salvação. (Ver as notas sobre a «salvação», em Heb. 2:3).

2. O Logos revela a vida eterna, o Pai e todo o conhecimento espiritual aos homens. (Ver João 1:18 sobre esse conceito).

3. O Logos transcende a quaisquer noções que os gnósticos porventura tivessem sobre como Deus pode revelar-se aos homens. Além disso, Cristo é o revelador universal, não se limitando nesse mister a alguns poucos selecionados. Ele abriu o caminho para todos os homens poderem herdar a vida eterna, contanto que aceitem a sua oferta gratuita (ver I João 2:3).

4. Uma glorificação imensa aguarda os crentes (ver I João 3:2).

Este é o único trecho onde Cristo é chamado de «Verbo ou Palavra da vida». (No grego, «tou logou tes dzoes»). Em Fil. 2:16 o evangelho é que é assim chamado. É por meio do evangelho que chegamos a conhecer o Verbo da Vida, que é vivo. A sua «palavra da graça» (ver Atos 20:32), «palavra dessa salvação» (ver Atos 13:26), ou «palavra da verdade» (ver Tia. 1:18)—vários termos para indicar o «evangelho»—é o meio pelo qual nos familiarizamos com a pessoa que é a vida, compartilhando de sua própria vida, por ordem de Deus Pai. A alusão, neste ponto, certamente é «pessoal», ainda que o termo «palavra» usualmente seja impessoal. A alusão ao trecho de João 1:1 é óbvia; e o uso é essencialmente o mesmo aqui e ali. Seria estranho que esta epístola usasse a expressão de modo substancialmente diverso do que é usado no evangelho de João. Portanto, em Cristo temos a «revelação da vida» (Palavra de vida, impessoalmente compreendida); mas ele mesmo é a «Palavra da Vida», a pessoa que transmite essa vida, mediante seu Santo Espírito. O ponto de vista «pessoal» sobre o Verbo, neste ponto, é algo necessário devido à própria mensagem deste versículo. Os apóstolos «tocaram» nessa Palavra; e também a «viram»; e igualmente «ouviram» as suas palavras. Como e que isso poderia indicar uma mensagem impessoal? Uma pessoa está em foco, necessariamente. O fato que esse uso «pessoal» da expressão não tem «paralelo verbal» exato, já que o termo «palavra» usualmente é usado para indicar a mensagem cristã, isso não é contrário a tal entendimento, neste ponto.

«...nossas...» Devemos notar o «nós» editorial (na tradução portuguesa, subentendido, que indica, primariamente, os «apóstolos», as «testemunhas oculares» originais, e, secundariamente, a «comunidade joanina» em Éfeso, que transmitia o testemunho ocular joanino. Em certo sentido, todos nós que temos aceito a mensagem cristã e consideramos a Cristo como Senhor são os «nós», que viram a Cristo, porquanto a percepção física resulta na percepção espiritual, por parte da alma. (Ver I João 4:13, onde a palavra «nós» representa todos os crentes, que temos participado da comunhão cristã, através da comunhão mística com o Pai. O autor sagrado demonstra forte sentimento de «solidariedade» com os crentes originais e com os apóstolos).

Há certa lenda que relata que algumas vezes os antigos cristãos eram exilados para o norte da África, sendo postos a trabalhar nas minas de sal pelo resto de suas vidas. Com seus instrumentos de trabalho, gravavam sobre as paredes das minas as palavras «vita, vita, vita» (vida, vida, vida). Ao assim fazerem, enfatizavam o fio central dourado do cristianismo, envolvido na transmissão da «vida».

*Como aquele, que alha atento,  
E se esforça com olhar perscrutador, como possa ver  
O sol em sua eclipse e, através do declínio  
Da visão, perde o poder da vida, assim eu  
Contemplei aquele último resplendor*  
(Dante)

Subentendidos teológicos do presente versículo: 1. A preexistência de Cristo. 2. A eternidade da Palavra, pois o «logos» da teologia e da filosofia sempre foi concebido como «eterno». 3. Fica subentendido (aludindo-se a João 1:1) que ele é o criador, aquele que sustenta aos mundos. 4. Ele é a fonte de toda a vida. 5. Ele é divino, pois é esse o significado padrão inerente na doutrina do Verbo, desde os tempos de Heráclito. 6. Mas Cristo também é humano, desde a sua encarnação, estando sujeito à mesma percepção dos sentidos que os homens possuem. 7. Sua vida foi confirmada por testemunhas oculares, cujo testemunho e tradição são evidenciados e defendidos na presente epístola.

2 και ἡ ζωὴ ἐφανερώθη, καὶ ἐωράκαμεν καὶ μαρτυροῦμεν καὶ ἀπαγγέλλομεν ὑμῖν τὴν ζωὴν τὴν αἰώνιον ἣτις ἦν πρὸς τὸν πατέρα καὶ ἐφανερώθη ἡμῖν —<sup>a</sup>

2 η...ἐωράκαμεν Jn 1:14

extralasse dela a vida espiritual. Em certo sentido, naturalmente, o espiritual antecede ao que é físico, pois as dimensões de existência espiritual existiam antes da criação material. Contudo, no que diz respeito aos homens, o físico é importante, pois, no nível corporal, os homens participam da matéria. Porém, o homem mortal, material, não tem seu destino no que é meramente material. O Verbo é a origem dessa materialidade, mas também é a fonte de sua espiritualidade: e do que é material ele tenciona tirar o que é espiritual. Essa criação «espiritual», para a qual os remidos estão sendo levados, consiste da participação na família divina, participando de uma filiação genuína, da participação na natureza divina. Assim sendo, a «vida» torna-se «luz». A vida é «iluminada» até ao ponto de transformar-se em uma forma de vida inteiramente diferente e infinitamente superior, tal como a própria

vida de Deus. Esses são os propósitos de Cristo, na criação.

*Lições extraladas da criação.* 1. A magnificência e o poder infinitos de Deus. 2. Subentende que Deus é justamente tão grande em bondade como é imensa sua provisão salvadora. 3. Fica subentendida a existência de Deus (no argumento cosmológico: «deve haver uma causa para o universo»), mas também fica subentendido que Deus está interessado em sua criação (telismo, em contraste com delismo; ver as notas expositivas a respeito, em Atos 17:27). 4. Deus é a fonte da vida material e da vida espiritual. Ele criou o homem segundo a sua própria imagem—na redenção que há em Cristo essa imagem será levada à perfeição. 5. A vida é iluminada e se torna em «luz», e isso envolve o recebimento de um tipo de vida infinitamente alto, e não apenas existência sem fim. 6. Cristo é o mediador tanto da criação física como da criação espiritual (ver Col. 1:16). Ele é o Alfa e o Ômega de ambas essas criações. 7. Essa doutrina não visa satisfazer à nossa curiosidade; mostra-nos que o Senhor é a fonte originária de todo o bem-estar, devendo ser buscado como o grande significado da vida.

*Sentimos que somos nada, pois tudo és Tu e em Ti;  
Sentimos que somos algo, isto também vem de Ti.  
Sabemos que somos nada, mas Tu nos ajudarás a ser algo.  
Bendito seja o Teu nome, aleluia.  
(Tennyson)*

«...a vida se manifestou...» Essas palavras equivalem parcialmente ao trecho de João 1:14, onde se lê: «E o Verbo se fez carne...» Consideremos os pontos seguintes, a esse respeito: 1. A «vida» da Palavra se manifestou. 2. Isso trouxe vida «espiritual» aos homens. 3. Isso é definido, neste mesmo versículo, como «vida eterna». 4. Essa «vida» é a própria modalidade da vida divina, amplamente comentada nas notas expositivas sobre o primeiro versículo deste capítulo. 5. Dessa maneira é que a natureza humana chega a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4 e Col. 2:10), em que o finito assume o que é infinito. 6. Deus, em Cristo, é a realidade final, trazendo essa realidade final à experiência humana. No dizer de Hoon (*in loc.*): «Em Cristo, o eterno inventou o tempo, e a realidade última exibiu-se ante os olhos humanos para ser vista e ante ouvidos mortais para ser ouvida. De acordo com isso, porquanto Deus achou por bem revelar-se na história, Jesus não é um acidente ou um incidente na descontinuidade da vida humana, e, sim, a auto-revelação deliberada do divino, no contexto da vida humana (comparar com I João 5:10-12). Outrossim, porquanto a realidade final se declarou decisivamente o seu caráter em Cristo, a encarnação qualifica para sempre a natureza do universo como algo inalterável e eternamente parecido com Cristo. A reivindicação cristã é que todo o significado religioso encontrado em Jesus Cristo pode ser atribuído a Deus, e que Deus estava presente tão plenamente em Jesus como é possível a Deus estar presente na vida humana. A fé cristã, desse modo, desafia cada dúvida sobre a realidade de Deus, conclamando os homens a contemplarem ao Jesus da história». 7. A encarnação foi o meio da manifestação desse modo de vida. Ela revelou a vida divina entre os homens, na Palavra; e provê o meio de elevar a vida humana ao nível da vida divina. 8. Aquilo que é «invisível» e «incompreensível» para a alma se torna conhecido na manifestação de Cristo aos homens. A visibilidade à percepção da vida humana, acerca de sua pessoa, naturalmente, é algo incluído nessa idéia. 9. O Verbo se manifestou, e, juntamente com ele, a vida celestial. Isso nos faz lembrar do trecho de João 1:4, onde se aprende que o Verbo também é a Luz do mundo. Ele trouxe a iluminação necessária para conferir aos homens a vida eterna. Nenhuma treva poderia subjugar tal luz e tal vida. Cristo tinha de triunfar. 10. Este versículo subentende, naturalmente, que o Verbo é o único Mediador entre Deus e os homens, o que derruba por terra a idéia dos gnósticos, que faziam de Cristo apenas um dentre muitos senhores e mediadores.

«...e nós a temos visto, e dela damos testemunho...» Eles «viram» pessoalmente essa «vida», porquanto vieram ao «Doador da vida», a «fonte» da vida eterna. O autor sagrado fortalece suas reivindicações como «testemunha ocular», que fizera no primeiro versículo deste capítulo, e isso pelas razões declaradas ali. Os mestres gnósticos também falavam sobre «vida», sobre «vida divina» e sobre «participação na divindade», mas tinham rejeitado a «fonte» dessa participação, reduzindo a pessoa de Cristo a apenas um dentre muitos senhores ou emanações angelicais («aeons»). Em contraste com isso, os apóstolos eram testemunhas oculares de tudo quanto Cristo é, e tinham conhecimento, em primeira mão, do que ele viera oferecer aos homens.

«...dela damos testemunho...» Mediante a pregação e escritos

3 ὁ ἐώρακαμεν καὶ ἀκηκόαμεν ἀπαγγέλλομεν καὶ ὑμῖν, ἵνα καὶ ὑμεῖς κοινωνίαν ἔχητε μεθ' ἡμῶν.  
καὶ ἡ κοινωνία δὲ ἡ ἡμετέρα μετὰ τοῦ πατρὸς καὶ μετὰ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ Ἰησοῦ Χριστοῦ.

1:3; eu, e que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que vós também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com a Pai, e com seu Filho Jesus Cristo.

As originais «testemunhas oculares» transmitiram sua mensagem à «segunda geração» de crentes, bem como os benefícios derivados da manifestação de Cristo. Essas coisas se tornam perfeitamente reais para essa segunda geração, embora não sejam testemunhas oculares, a exemplo dos apóstolos. Mas isso só se verifica quando a Palavra é acolhida pelos homens, tal como o foi pelos discípulos originais. Ninguém pode negar a divindade e o senhorio essenciais de Jesus Cristo e esperar receber de seus benefícios. Sua «epifania» também é para eles, contanto que a recebam no espírito em que a mesma foi outorgada:

«...para que vós igualmente mantenhas comunhão conosco...» Comunhão e solidariedade com os discípulos originais de Cristo, testemunhas oculares, participando de seu ganho espiritual imenso, naquilo que agora já é possível. Se os leitores da epístola viessem a aceitar o ensinamento gnóstico, tal comunhão seria destruída, e, juntamente com ela, a comunhão da vida. Essa comunhão consiste de mais do que mera

divinamente inspirados. O autor sagrado mostra-se ansioso por tomar lugar ao lado da tradição apostólica, preservada no evangelho de João, a quem conheceu e cujas doutrinas ele agora propagava. Essa mesma doutrina agora se tornava um testemunho contra os ensinamentos falsos dos gnósticos, que entendiam erroneamente tanto a natureza de Cristo, o Verbo, como a salvação (vida eterna) que ele veio trazer aos homens. (Ver as notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18). A presente epístola foi escrita para refutar tais doutrinas, e pode ser melhor compreendida quando o sistema gnóstico é melhor entendido.

«...vós-la anunciastes...» O testemunho era «geral», dado a uma geração inteira, bem como ao mundo inteiro. Mas também se reveste de uma natureza «particular». É como se o autor sagrado tivesse dito: «Nós vós-la temos pregado». E sois os responsáveis por sua aceitação, preservação e defesa. Defendei-a contra os assaltos dos hereges». Notemos aqui os grandes vocábulos: «...temos visto—damos testemunho—mostramos. Temos aqui as idéias de experiência, de testemunho e de anúncio». (Vincent, *in loc.*).

«...vida eterna...» Uma das expressões favoritas de João, amplamente comentada em João 3:15. Nas páginas do N.T., o adjetivo «eterno» é vinculado ao termo «vida» por quarenta e quatro vezes, das quais vinte e três vezes no evangelho e nas epístolas de João. A vida divina e eterna, que o Verbo é e representa, é conferida aos homens. O vocábulo eterno, teológico ou filosoficamente usado, significa mais do que «permanente para sempre». Indica uma «modalidade de vida». Em outras palavras, é algo mais do que «quantitativo». Também é algo «qualitativo». Por esse motivo é que alguns eruditos preferem «vida espiritual» como sua tradução, pois dá a idéia de «modalidade de vida». Essa «modalidade de vida» se encontra em Deus. Trata-se do tipo de vida que é conferido aos homens por intermédio de Jesus Cristo. (Ver João 5:25,26 e 6:57 quanto a notas expositivas sobre a «vida necessária e independente de Deus», a vida que é transmitida aos remidos por intermédio de Jesus Cristo. As notas expositivas sobre o primeiro versículo deste capítulo fornecem informações detalhadas acerca desse conceito).

«...a qual estava com o Pai...» Essas palavras equivalem ao que se lê em João 1:1: «...e o Verbo estava com Deus...» A «vida» pertence a Deus Pai, é compartilhada pelo Filho, o qual tem a autoridade de transmiti-la aos filhos de Deus. O Verbo recebeu vida da parte do Pai e juntamente com o Pai; pois é co-eterno e co-extensivo com Deus Pai. Repousa nele e é ativo nele. Assim sendo, toda e qualquer manifestação dessa vida perante os homens leva-os a acharem a fonte absoluta da vida e o bem-estar espiritual em Deus, «repousando» e tendo sua «atividade» em Deus. Por isso é que Cristo é o Alfa e o Ômega de toda a existência (ver Col. 1:16), tal como o é Deus Pai (ver I Cor. 8:6). A fonte de toda a vida e o «Pai»; e essa vida é transmitida aos homens na qualidade de «filhos». Eles tornam-se duplicatas do Filho de Deus, possuidores de tudo quanto ele tem e participantes de sua própria natureza (ver João 8:42 e Rom. 8:15,16 quanto à *paternidade de Deus*). Ver Efê. 1:3 quanto ao fato que todas as bênçãos espirituais chegam aos homens da parte de Deus Pai, em que eles são reputados «filhos». O primeiro capítulo da epístola aos Efésios é uma demonstração desse fato, e Deus é freqüentemente mencionado ali como «Pai».

«...a nós foi manifestada...» Este versículo termina como começou, embora agora a «manifestação» assuma um caráter pessoal. Foi «a nós» que veio essa manifestação, e não meramente ao mundo em geral, impessoal. A palavra «...nós...» aponta, particularmente, para os «apóstolos», como também, possivelmente, a outras das primeiras testemunhas oculares. E isso fica demonstrado pelo fato que o terceiro versículo deste capítulo indica que a mesma mensagem e a mesma vida foram transmitidas «a vós», isto é, àqueles que não foram testemunhas oculares, mas que, não obstante, participam da mesma vida celestial.

A «manifestação» de Cristo entre os homens, a sua «epifania», trouxe, portanto, um tesouro de inestimável valor.

«Daí obtemos a idéia que Cristo não pode ser pregado a nós sem que o reino celestial nos seja aberto, de tal modo que, sendo despertados da morte, possamos viver a vida de Deus». (Calvino, *in loc.*).

O fato que a «vida» apresentada pelo Verbo estava «com o Pai», mostra-nos a distinção de pessoas que há na Trindade, tal como se vê em João 1:1, onde as palavras «...com Deus...» têm esse subentendido. Mas esse especial «estar com Deus» é uma indicação da participação de Cristo na natureza divina.

identificação com a comunidade cristã. Trata-se de uma «comunhão mística» com a família divina, que se estende ao Pai e ao Filho, conforme este versículo passa a demonstrar. Isso pode ser comparado com a expressão paulina, «nele» ou «em Cristo», que indica a comunhão mística com Jesus, mediante a influência íntima do Espírito Santo. (Ver as notas expositivas em I Cor. 1:4, sob o título *Cristo-misticismo*). Com o termo «misticismo» queremos indicar «contacto genuíno» do ser humano com o ser divino. A fé cristã é, potencialmente, altamente mística, porque pinta o contacto com o divino como algo sempre possível, através do ministério do Espírito Santo. O versículo presente pinta a «comunhão» como um alvo central a ser obtido, mediante a fé cristã. Essa «comunhão» é mística, com Deus Pai e com Deus Filho, envolvendo a vida «iluminação». Nessa «iluminação» é que a vida eterna é transmitida aos homens.

Esse termo indica uma sociedade íntima. Juntos, mutuamente, compartilham das vantagens celestiais, as quais são insondáveis. Essa sociedade de homens santos com a divindade, envolve suas condições «morais», conforme o capítulo passa a mostrar. Sem a santificação,



ninguém verá a Deus em sua alma, e, eventualmente, nos lugares celestiais.

«...a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo...» Os mestres gnósticos tinham um conceito «deista» de Deus. Criam que o elevado Deus (pois haveria muitos deuses inferiores) estava totalmente divorciado de sua criação, sem manter qualquer contacto com a mesma. Viam a matéria como o princípio mesmo do mal, e, naturalmente, Deus não podia aproximar-se da matéria, sob pena de ficar contaminado. Ter contacto com o mundo, pois, foi algo que lhe exigiu emanações; e muito distante dele, através de algum «acon» ou ser angelical, que seria imperfeito e podia manusear com a matéria, teve contacto com sua criação material. Bem ao contrário disso, o N.T. ensina o «telismo». Deus não somente criou todas as coisas, mas também é imanente em sua criação; ele altera o curso da história da humanidade; ele galardoa ou pune. O presente versículo mostra um outro resultado natural do «telismo»—Deus pode ter «comunhão» com os homens. Isso contradiz radicalmente a noção de um «Deus distante». Essa comunhão resulta da transmissão da vida, conforme já pudemos ver nos versículos primeiro e segundo deste capítulo. E ele é mediado através de Cristo (a Palavra da Vida), com exclusividade, e não através de alguma sombria e quase interminável sucessão de emanações angelicais.

**Comunhão.** Consideremos os seguintes pontos sobre essa questão central da religião cristã: 1. Gozamos de comunhão tal como ela ocorre na família divina. 2. Essa comunhão vem pela iluminação dada pelo Espírito. 3. Através da transmissão da vida divina aos homens, tornando-os seres que possam ter comunhão com o Deus Altíssimo. 4. Essa comunhão vem através do ministério da Palavra da Vida, em sua encarnação, expiação, obra medianeira, vida ressurrecta e glorificação, que ele compartilha com outros homens. 5. Esse vocábulo indica «tornar-se sócio», pelo que também o termo «participante» indica alguém que se aproveita de um fundo de benefícios comuns. Com base no N.T., isso também significa participação na mesma forma de vida. Isso é mediado aos homens através da ressurreição, desenvolvida em extensão infinita em sua glorificação comum com Cristo. A comunhão começa neste mundo, mas só terá sua verdadeira fruição nos lugares celestiais. 6. A salvação é «filiação». Muitos filhos estão sendo conduzidos à glória. (Ver Heb. 2:10). Esses filhos são a plenitude do Filho, que é tudo para todos (ver Ef. 1:23). Os filhos de Deus compartilham da imagem e da natureza do Filho (ver Rom. 8:29); chegam a possuir a «plenitude» de Deus, tal como o Filho de Deus a possui (ver Col. 2:9,10 e Ef. 3:19). O Pai, o Filho e os filhos de Deus compartilham todos da mesma vida e natureza, e, naturalmente, desfrutam de comunhão entre si. 7. Nisso, naturalmente, a própria santidade de Deus é compartilhada, pois ninguém poderá ir para os céus por seu próprio mérito, por sua própria bondade. (Ver Rom. 8:31; Mat. 5:48 e Heb. 12:14, acerca de como os

homens compartilham da natureza santa de Deus). O Espírito Santo transmite-nos as virtudes positivas de Deus (ver Gál. 5:22,23). Por conseguinte, ser santo não é apenas viver «sem pecado». É vir a amar como Deus ama; significa participar da bondade e da reidão essenciais de Deus. Porquanto Deus é um ser infinito, o nosso progresso na sua santidade e vida será constante, interminável, e irá aumentando cada vez mais de intensidade. 8. A comunhão subentende o interesse mútuo e o «amor». O amor é que torna real a nossa comunhão. (Ver João 3:11-18 e 4:7-5:2, bem como as notas expositivas ali existentes sobre esse tema).

«...Jesus Cristo...» Um título de Cristo que salienta tanto suas qualidades ou propriedades humanas como as divinas. A comunhão torna-se possível porque o Filho de Deus se tornou homem (na encarnação), identificando-se totalmente conosco, em nossa natureza humana. Mas é levada a uma maior fruição porque agora estamos sendo cada vez mais identificados com ele, vindo a participar de sua natureza celeste, mediante a ressurreição e a glorificação. Portanto, assim como ele participou da nossa natureza no sentido mais literal, assim também haveremos de compartilhar da dele no sentido mais literal possível. (Quanto a notas expositivas sobre o título «Jesus», ver Mat. 1:21; quanto a «Cristo», ver Mat. 1:1,16 e Marc. 1:1).

«Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou» (João 1:18).

A comunhão é transmitida do Pai ao Filho, e deste para os filhos de Deus. É nessa transmissão que somos beneficiados, segundo este versículo deixa claro.

Alguém disse acerca de F.D. Maurice: «Ele viveu como poucos jamais viveram no divino. Ele foi... um esplendor espiritual. O divino o abraçava... Foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que fez dele o poder espiritual que foi. Na presença de Maurice era muito difícil duvidar da existência de uma esfera divina e da vida espiritual». (John Tullock, *Movements of Religious Thought in Britain During the Nineteenth Century*, Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1893, pág. 293).

Na eternidade a vida será vivida em «permanente amor» (ver I João 3:11-18 e 4:7-5:2). Porquanto o amor consiste de «altruísmo», só pode ser vivido comunitariamente. O amor e a comunhão, portanto, andam juntos.

A comunhão é a participação no amor mútuo. (Quanto a uma metáfora que ilustra isso bem, ver a metáfora da «vinha e dos ramos», em João 15:1-6). A figura simbólica do corpo e seus membros, usada por Paulo, também é muito instrutiva nessa conexão (ver Rom. 12:4,5 e o décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios). A prova da comunhão genuína é o amor que vai ao auto-sacrifício, ao serviço mútuo, à oração e ao labor em favor de outros, envolvendo graças e virtudes cristãs similares, exercidas em favor do próximo.

4 καὶ ταῦτα γράφομεν ἡμεῖς<sup>1</sup> ἵνα ἡ χαρὰ ἡμῶν<sup>2</sup>

1 4 [C] ἡμεῖς N A\* B P Ψ 33 it<sup>65</sup> cop<sup>ms</sup> 3 ὁμῶν A\* C K 049 030 0142 81 82 104 191 396 330 436 451 614 629 630 945 1241 1305 1739 1827 1881 2412

1 4 [B] ὁμῶν N B Ψ 049 59 181 326 436 1241 Lacm N<sup>ms</sup> it<sup>ms</sup> vg<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> Ps-Oecumenius<sup>ms</sup> Theophylact<sup>ms</sup> 3 ὁμῶν A C<sup>ms</sup> K P 088 0142 33 81 104 230 451 614 629 630 945 1305 1739 1827 1881 2412 Byz l<sup>ms</sup> 1017

ἡ πεπληρωμένη.

2498 Byz Lectm it<sup>ms</sup> a dom, d, v, g, i vg syr<sup>h</sup> b<sup>ms</sup> c<sup>ms</sup> cop<sup>h</sup> arm eth Augustine Bede Ps-Oecumenius Theophylact

it<sup>ms</sup> a dom, d, v, g, i vg<sup>h</sup> syr<sup>h</sup> b<sup>ms</sup> c<sup>ms</sup> cop<sup>h</sup> arm eth Ps-Oecumenius<sup>ms</sup> Theophylact<sup>ms</sup> 3 ὁμῶν de ὁμῶν syr<sup>h</sup>

4 ὁμῶν πεπληρωμένη Jo 15:11; 16:24

<sup>1</sup> Embora a forma ὁμῶν seja largamente apoiada (A (c) C K L quase todos os minúsculos vg sir (p, h, pal) cop (sa, bo) ara etí), a maioria da comissão preferiu ἡμεῖς devido à qualidade de seu apoio (figura no texto alexandrino e em um manuscrito em Latim Antigo: N A\* B P Ψ 33 it (65) cop (sa, ms)), e porque copistas mais provavelmente teriam alterado γράφομεν ἡμεῖς para o esperado γράφομεν ὁμῶν (cf. ὁμῶν depois de ἀπαγγέλλομεν nos vss. 2 e 3), e não vice-versa.

<sup>2</sup> Ao invés de ὁμῶν (em N B L Ψ 049 88 326 it (65) vg cop (sa) al), o Textus Receptus, seguindo A C (2 vid) K P 33 81 614 1739 maioria dos minúsculos vg (mss) sir (h, pal) cop (bo) ara al, diz ὁμῶν. No tocante às probabilidades de transcrição, copistas que lembravam João 16:24 ἵνα ἡ χαρὰ ὁμῶν ἡ πεπληρωμένη mais provavelmente teriam alterado ὁμῶν para ὁμῶν. No tocante às probabilidades intrínsecas, ὁμῶν parece adaptar-se melhor à generosa solicitude do autor, cuja própria alegria seria incompleta a menos que os seus leitores dele compartilhassem; mas os copistas, insensíveis para com tal nuance, mais provavelmente alterariam ὁμῶν para a segunda pessoa ὁμῶν mais esperada.

1:4: Estas coisas vos escrevemos, para que o nosso gozo seja completo.

«...Estas coisas...» Quais? A vida através do Verbo, o Pai como benfeitor, a comunhão dentro da família divina. Alguns estudiosos, porém, pensam que o escritor sagrado aludia a esta epístola inteira. Isso é possível. A vida eterna e a comunhão mística, naturalmente, conduzem-nos a uma profunda alegria. Inácio escreveu aos Magnésios (7:1) como segue: «Que haja em comum uma só oração, uma só súplica, uma só mentalidade, uma só esperança no amor, naquela alegria sem defeito».

«...alegria seja completa...» Essa «alegria» é da variedade espiritual, e não terrena. Trata-se do senso de felicidade e bem-estar, porquanto a alma anda corretamente diante de Deus. Tal alegria é transmitida espiritualmente, porque é um dos aspectos do «fruto do Espírito» (ver Gál. 5:22). É um produto do desenvolvimento espiritual; e o crescimento espiritual envolve o aprofundamento da comunhão com o ser divino, pelo que deve resultar em alegria. (Ver João 15:11 e 17:13 quanto a notas de sumário sobre a «alegria», ilustradas com poemas).

Walter Pater, em sua obra *Marius the Epicurean*, pág. 196, nos fornece um instrutivo incidente de alegria: um oficial romano, de nome Mário, visitou alguns amigos cristãos, e viu neles a alegria sobre a qual fala o presente texto: «Não era uma expressão de franca hilaridade, mas alguma forma de admirável felicidade—a aberta auto-expansão de uma alma alegre (referindo-se aos cânticos e à conduta geral dos cristãos), em pessoas nas quais operara alguma experiência dominante, de maneira heróica, e a qual ainda lembravam... a hora de uma grande libertação».

«...vos escrevemos...» Mui provavelmente temos aqui o «nós» (oculto)

editorial. Ou talvez tenhamos aqui o plural, refletindo o fato que a tradição joanina, existente na comunidade cristã de Éfeso, é que estava sendo transmitida nesta epístola, e, portanto, muitas pessoas e suas convicções são representadas nesta epístola.

«...completa...», isto é, «alegria cumprida», produzida em uma fruição intensa. «Pois existe uma alegria que não é dada aos ímpios, mas somente àqueles que Te amam, por tua causa, e cuja alegria és Tu mesmo». (Agostinho, *Confissões* x.22).

Alguns estudiosos vêem um sentido epistolar na palavra «alegria», porquanto as missivas gregas começavam com essa palavra, à guisa de saudação. Mas tal interpretação está muito remota do intuito do autor sagrado.

A vida, recebida da parte de Deus Pai e transmitida a outros mediante o Filho de Deus, é a causa dessa alegria cristã. Certamente isso está em consonância com o contexto geral.

Oh! se uma alma de Anuoth  
Se encontrasse comigo, à mão direita de Deus,  
Meu céu seria um duplo céu  
Na terra de Emanuel

[Samuel Rutherford]

«Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos» (Fil. 4:4).

«Mediante uma completa alegria, ele expressa mais claramente a felicidade total e perfeita que obtemos mediante o evangelho; ao mesmo tempo, ele lembra aos fiéis onde deveriam fixar seus afetos. Veraz é aquela declaração que diz: «...porque onde está o teu tesouro, aí estará

também o teu coração' (Mat. 6:21)». (Calvino, *in loc.*).

**Variantes Textuais:** As palavras «vos escrevemos nós» é a forma que aparece nos mss A1(c)CKL, na maioria dos manuscritos minúsculos, na Vg. no Si(p,h,pal), no Cóp(sa,bo), no Ara e no Eti. Semelhante a isso é a forma que diz: «nós escrevemos», com «emais» (pronomes sujeito enfático), em lugar de «umins», o objeto indireto. Essa é a forma que figura nos mss Aleph A(1), BP, Psi, 33, no It(66), no Coisai (alguns manuscritos). O pronome enfático foi alterado para o comum «vos». Mas a melhor confirmação objetiva dos manuscritos também favorece a forma «nós».

«...vossa alegria...» é a forma que aparece nos mss AC(2) (vide), KP, 33, 81, 614, 1739, a maioria dos manuscritos minúsculos, na Vg (manuscritos), no Si(h,pal), no Cóp(bo) e no Ara. Mas «nossa alegria» figura nos mss Aleph, BL, Psi, 049, 88, 328, no It(65), na Vg e no Cóp(sa). Essa é a evidência objetiva mais forte, embora a outra forma pareça mais de acordo com o texto. Querira ele que «sua alegria» fosse plena, através da obediência que ele esperava que sua epístola produzisse entre seus leitores, depois de lhes ter mostrado os privilégios que possuem em Cristo? Ou queria ele que a «própria alegria dele» se completasse, resultando em certas ações? Não há que duvidar que ambas as

possibilidades são fatos; mas não podemos ter certeza sobre o que o texto quer dizer, por causa dessa variante. No grego posterior, os vocábulos «*emon*» e «*umon*» vieram a ser proferidos do mesmo modo, pelo que não se tornou difícil o intercâmbio entre o primeiro e o segundo pronomes do plural, nos manuscritos gregos. O trecho de João 16:24 diz «vossa alegria», com a idéia de «cumprimento», sendo possível que a palavra «vossa» tenha sido inserida neste texto porque algum escriba se lembrava dessa passagem. A maioria dos críticos textuais, entretanto, prefere a forma «nossa». Dessa forma, o autor estaria apresentando sua própria alegria como incompleta, a menos que a vida eterna (o, que produz alegria) produzisse efeitos ativos nos crentes, agora e para sempre.

Notamos que, em III João 4 é a alegria do próprio autor sagrado que está em foco, e isso foi criado quando ele ouviu dizer que seus filhos na fé andavam na verdade. Isso pesa em favor da forma «nossa», no texto presente, por ser uma idéia paralela, talvez do mesmo autor, e, certamente da mesma tradição joanina. Quanto a informações sobre como devem ser escolhidos os textos corretos, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre o tema geral dos manuscritos do N.T.

## II. Condições e Base da Comunhão - Exigências morais do evangelho (1:5-2:17)

### 1. A comunhão se dá no perdão e na santidade (1:5-10)

No prólogo, o autor sagrado introduzira as idéias de comunhão e alegria como algo que resulta da transmissão da vida mediante a Palavra da Vida. Agora ele passa a desenvolver o tema da comunhão, mostrando quais são as suas condições. Em tudo isso ele desenvolve uma polêmica, pois vê claramente que os gnósticos, que eram corruptos e tinham negado o senhorio de Cristo, bem como certos aspectos de sua missão redidora, nunca teriam comunhão autêntica com Deus. Tinham removido os meios dessa comunhão, degradando a Cristo e à sua missão. O Deus da Luz de modo algum aceitaria aquela gente de moral tão corrompida. Deus, que é Luz, e que ilumina aos homens por meio de Cristo, o Filho de Deus, que também é a sua Palavra, de modo nenhum iluminaria aqueles que rejeitam a mediação de Jesus. Na qualidade de Luz, Deus é totalmente santo, exigindo santidade da parte dos homens. Isso é dito metaforicamente como um *andar na luz*, em que o crente se recusa a caminhar nas trevas. Esse «andar na luz» resulta de nossa comunhão uns com os outros, bem como com Deus Pai e Deus Filho. Somos purificados pelo sangue de Cristo para podermos desfrutar de tal comunhão, pois ela nunca poderá ser obtida ou mantida por um pecador não perdoado.

Os gnósticos negavam a validade da expiação de Cristo. Pensavam que ele recebera autoridade quando de seu batismo, quando, supostamente um «*aeon*» ou emanção celestial desceu sobre ele. No entanto, não viam qualquer poder expiatório em sua morte. Para eles, Cristo viera «pela água», mas não «pelo sangue». Mas o autor sagrado mostra que Cristo veio tanto pela água como pelo sangue (ver I João 5:6). Nenhum homem é sem pecado. Os gnósticos se imaginavam impecáveis devido a um truque teológico de sua criação, em que diziam que o espírito humano não é atingido pelos pecados praticados com o corpo, pois este último é a sede do pecado, devendo ser destruído. Mas o espírito humano, que é o ser essencial, participaria da santidade e da divindade, não podendo ser corrompido pelo contacto com o corpo. Os gnósticos davam o exemplo de como o ouro pode ser mergulhado na lama, sem que esta tenha o poder de penetrar no ouro e corromper-lhe a essência. Mas o autor sagrado retruca que o homem é pecador no corpo e no espírito, necessitando de perdão e redenção. A expiação de Cristo é que produz isso. E assim afirmando não ter pecado, os gnósticos se faziam mentirosos. Eventualmente, o mundo e suas concupiscências passarão, e somente aquele que faz a vontade de Deus é que permanecerá para sempre. O autor sagrado salienta a «*parousia*» (ver I João 2:17), que os gnósticos também negavam, conforme nos mostra o terceiro capítulo da segunda epístola de Pedro, já que essa epístola também combate a heresia gnóstica. A vontade de Deus é eminentemente ética. O evangelho tem uma exigência moral. Os gnósticos, porém, preferiam olvidar isso. Foram os progenitores espirituais da moderna «crença fácil».

Deus, na qualidade de Luz, é um conceito contrário ao «*delismo*» dos gnósticos. Deus não está distante dos homens, recolhido em um trono inalcançável. Sua própria natureza o compele a comunicar-se com os homens. Ele ilumina a sua criação na medida em que os seres inteligentes lho permitem fazer.

ὅ καὶ ἔστιν αὐτῇ ἡ ἀγγελία ἣν ἀκηκόαμεν ἀπ' αὐτοῦ καὶ ἀναγγέλλομεν ὑμῖν, ὅτι ὁ θεὸς φῶς ἐστὶν καὶ σκοτία ἐν αὐτῷ οὐκ ἔστιν οὐδεμία.

3 ὁ θεὸς φῶς ἐστὶν I Tm 6:16; Jm 1:17

3 ἀγγελία] εἰσαγγ- P 33 69 pm 5

1:5: Esta é a mensagem que dele ouvimos, e vos anunciamos: que Deus é luz, e nele não há treva nenhuma, mentirosos, e não praticamos a verdade;

Isso pode ser comparado com João 1:4, onde se nota a transição da «vida» para a «luz». Assim também agora o autor sagrado, tendo falado sobre a Palavra e sua mensagem, passa a falar da *iluminação* que Cristo trouxe. Nessa mesma transição, passamos da vida para luz, da vida humana (conforme a temos agora, mortal, participante da matéria) para o homem espiritualizado, que participará da própria forma de vida que Deus possui, através da iluminação. Não chegaremos a habitar no mundo da luz, se não conquistarmos todos os vícios, vivendo diante de Deus em santidade, em que sua própria santidade nos seja insuflada, pela operação do seu Santo Espírito. A santificação, pois, deve ser real, pois não haverá salvação sem santificação, conforme se lê claramente em II Tes. 2:13. «O Senhor é a minha luz e a minha salvação...» (Salmos 27:1). «...nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas...» (Mal. 4:2). Tornamo-nos «filhos da luz» (ver Luc. 16:8 e Efé. 5:8b) e recebemos a «armadura» da luz (ver Rom. 13:12), em quem se acha o «fruto da luz» (ver Efé. 5:9).

«...mensagem...» Aquilo que foi descrito de modo abreviado: a Palavra da Vida, que traz a vida eterna aos homens, e, através disso, a comunhão com Deus Pai, o que resulta em alegria. O autor sagrado apontava para o «evangelho pregado pelos apóstolos».

«...tomeis ouvido e vos anunciamos...» Os apóstolos ouviram a mensagem diretamente, da parte de Cristo. O autor sagrado retorna à sua «autenticação apostólica» da mensagem, tão plenamente expressa nos versículos primeiro a terceiro deste capítulo. Dentro da nova seção que ele agora inicia, acerca do andar santo, ele apela novamente para a autoridade da mensagem apostólica, recebida diretamente da parte de Cristo, por testemunhas oculares. Os gnósticos nunca tinham tido tal contacto com Cristo, pelo que eram falsos intérpretes da vida e do intuito de Jesus de Nazaré. Não admira que os gnósticos tanto fracassassem, diante do imperativo moral do evangelho. A mensagem gnóstica não tinha imperativo moral. De fato, ensinavam que o corpo se pode e se deve abusar, mediante a licenciosidade ou o ascetismo, porquanto o corpo físico estaria mesmo destinado a perecer, juntamente com a matéria. Pensavam eles que o corpo seria totalmente incapaz de ser remido, seria inerentemente mau, algo que,

necessariamente, pereceria. Portanto, abusavam de seus próprios corpos, pensando que assim estavam cooperando com o sistema cósmico, que lendaria por destruir, eventualmente, toda e qualquer matéria.

«...é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma...» Deus é luz, totalmente puro e santo, exigindo a mesma coisa da parte de seus filhos verdadeiros. Esse é o imperativo moral do evangelho. Exige santificação, pois, sem esta, ninguém verá a Deus (ver Heb. 12:14). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «santificação», ver I Tes. 4:3).

Deus é luz. No evangelho de João, Cristo é a Luz. (Ver João 1:7-9 acerca disso). Certamente o autor sagrado conhecia esse paralelo no evangelho de João, onde Cristo, e não Deus Pai, é quem é a luz. Mas, por razões para nós desconhecidas, ele prefere relacionar a figura de Deus Pai com a luz, na presente passagem. A justaposição do Pai e do Filho, nos livros joaninos, o que faz com que um ou outro sejam a Luz, mostra-nos que a divindade do Filho é uma realidade, pois nenhum mero homem ou anjo poderia ser posto em justaposição ao Pai, dessa maneira. Tendo chamado o Filho de Verbo, transmissor e mediador de Deus, naturalmente podemos entender que o autor sagrado nos leva ao estágio seguinte, mostrando que Cristo é a Luz, porquanto ele é o resplendor do Pai perante a criação. Portanto, não há nisso qualquer contradição teológica ou moral—em um trecho ser chamado o Pai de «luz», e, em outro trecho, ser isso atribuído ao Filho.

«Deus é luz, e não luz apenas, mas é o arquétipo de toda outra luz, ou, melhor ainda, mais antigo e superior a qualquer outro arquétipo». (Filo, *sobre os «Sonhos*», I.75).

Irineu repreendeu aos gnósticos devido à incoerência deles, ao ensinarem que o mal se originou da ordem divina, porquanto isso fazia com que Deus permitisse a existência de «uma mácula em seu próprio seio». Não obstante, ensinavam como se «a luz do pai deles é tal que enche todas as coisas que estão dentro dele, e ilumina a todos eles; como pode qualquer vácuo ou sombra existir dentro daquele território contido pelo pleroma e pela luz do Pai?» (*Contra Heresias*, II.4,2,3). O *pleroma* era a soma total de todas as emanções de Deus (os «*aeons*» ou seres angélicos), segundo a concepção gnóstica. Os gnósticos também se mostravam incoerentes ao dizerem que Deus é luz, ao mesmo tempo que ensinavam que os Filhos de Deus podem deixar-se envolver por toda a forma de atos licenciosos. Certamente nisso



não estariam imitando a Deus Pai.

A vida de Deus, aparece no mundo como «luz verdadeira» (ver I João 2:8 e João 1:9), e, por ocasião da encarnação de Cristo, isso se tornou real e operante entre os homens.

Deus é Luz. Sua presença é luminosa, tão brilhante que ninguém pode aproximar-se dele (ver I Tim. 6:16). Nessa luz é que se encontra a imortalidade autêntica; e, sem Cristo e a transmissão da imortalidade por intermédio dele, nenhuma pessoa poderia chegar jamais à verdadeira imortalidade. Uma vez mais as Escrituras vinculam a luz e a vida, na referência a que acabamos de aludir. Cristo nos ilumina a fim de permitir-nos aproximar da luz de Deus, para podermos ser totalmente absorvidos pela mesma, mediante o que nossa natureza será de tal modo espiritualizada que participará de seu tipo de vida. Os gnósticos, porém, que repeliem a santidade básica em suas vidas diárias, santidade essa que consiste de andarmos na luz de Deus (um processo de iluminação presente), dificilmente poderiam vir a participar da vida de Deus, através do poder da luz divina.

*A glória daquele que move a tudo  
Interpenetra o universo, e resplandece  
Em uma parte mais e em outra menos.  
Dentro daquele céu que mais luz recebe  
Estava eu.*

(Dante, *Paraíso*, 1.1-5)

*Na presença daquela luz alguém se torna tal,  
Que retirar-se dali para outra condição  
É impossível que venha a consentir;  
Porque o bem, que é o objeto da vontade,  
Está concentrado ali, e excluído dali  
É retirado do perfeito todo e qualquer defeito.*

(*Paraíso*, xxxiii.100-106)

«...e não há nele treva nenhuma...» Os livros joaninos com frequência têm um conceito expresso em forma positiva, e então negativa. Assim sendo, Deus é Luz, e nele não há treva alguma. (Comparar esse uso com João 1:7,8,20; 3:15,17,20; 4:42,5:24; 8:35; 10:28; I João 1:6,8; 2:4,27 e 5:12).

Quanto a um completo desenvolvimento das metáforas da luz e das trevas, mais do que é oferecido no texto presente, ver Efé. 5:8.

A cruz tem seu peso, sua obrigação moral, suas exigências. Conduz das trevas para a luz do dia eterno. Os gnósticos queriam um evangelho sem o peso da cruz.

**Referências e idéias.** Luz: 1. Os perdidos estão em trevas, sem qualquer luz. (Ver Mat. 4:16). Mas Cristo é a luz. 2. Os crentes são luzes (ver Mat. 5:14). 3. Cristo é luz (ver João 1:4-9). 4. Deus é luz (ver I João 1:5). 5. O pecado destrói a luz da alma (ver Luc. 11:33 e ss.). 6. Os homens

6 Ἐὰν εἴπωμεν ὅτι κοινωνίαν ἔχομεν μετ' αὐτοῦ καὶ ποιοῦμεν τὴν ἀλήθειαν

1:6: Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos, e não participamos a verdade;

#### A Prova Da Filiação

1. Equiparemos a filiação à salvação. Por conseguinte, aquele que é um eleito ou remido, deve agir como filho de Deus. Isso envolve cada aspecto de sua vida diária.

2. A comunhão com Deus resulta na santificação, e a santificação é prova de filiação, pois não existem eleitos que não se estejam santificando, uma vez que já tenham sido remidos (ver II Tes. 2:13 e I Ped. 1:2).

3. Os mestres gnósticos falavam em Deus, mas corrompiam-se com muitas concupiscências daninhas. No dizer de João, o apóstolo, eles não eram verdadeiros cristãos. Com igual razão se chamaria uma porca de ovelha, porquanto pode-se julgar a espécie de ser que alguém é, através da sua maneira de viver.

4. A luz de Deus ilumina o caminho, e o caminho iluminado é o caminho da santificação. Isso forma o ABC, tanto da teologia judaica como da teologia cristã.

«...de algum modo as trevas de sua mente precisam ser rompidas para que ele possa... começar a ver as coisas conforme elas realmente são—Deus conforme ele realmente é, e a si mesmo, conforme realmente é. A revelação salvadora deve ser tal que mostre, de uma vez por todas, ao homem, a verdade, possibilitando-lhe ser sincero com ela.» (H.H. Varmer, *The World and God*, pág. 196).

Os mestres gnósticos faziam várias reivindicações falsas: 1. Diziam eles estar em comunhão com Deus. A isso o autor sagrado responde que tal coisa é impossível sem a mediação de Cristo e sem a vida santa que o cristianismo exige. Ninguém vem ao Pai, exceto pelo Filho (ver João 14:6) 2. diziam eles que eram iluminados pela luz de Deus. A isso o autor sagrado responde que aqueles que são iluminados não podem ser viciados, conforme eram os gnósticos, pois a luz conduz, natural e inevitavelmente, para a santidade. (Ver João 3:19-21). Aquele que pratica a verdade se achega à luz. Aquele que pratica o mal, evita a verdadeira luz, embora possa ter um substituto a que chama de luz, mas que, na realidade, é uma forma qualquer de trevas. 3. Diziam eles que não tinham pecado presente. Mas assim afirmavam porque pensavam que o pecado praticado com o corpo não contaminava o homem real, tal como o ouro mergulhado na lama não perde sua natureza preciosa. O autor sagrado (no oitavo versículo deste capítulo) diz que tal doutrina é própria de quem vivia enganado. A alma também pode corromper-se: o homem essencial pode viver pervertido, inteiramente à parte do corpo, que é presa fácil do princípio do pecado. 4. Diziam eles não

pecaminosos evitam a luz (ver João 3:19,20). 7. A luz está associada à vida, pois a confere (ver João 1:4 e 8:12). 8. A luz é verdade que deve ser crida (ver João 12:35). 9. A luz consiste da vida santa (ver Efé. 5:8). 10. A herança dos santos é na luz eterna (ver Col. 1:12). 11. Os crentes deixaram a luz para entrar na maravilhosa luz divina (ver I Ped. 2:9). 12. O amor aos irmãos é prova de que andamos na luz (ver I João 2:9,10). 13. O Cordeiro é a luz da Jerusalém celestial (ver Apo. 21:23). 14. Deus dá aos crentes a luz eterna (ver Apo. 22:5).

«A luz foi dada para que 'andássemos nela' e desfrutássemos de suas bênçãos... É assim que o evangelho atinge seu fim e cumpre seu propósito em nós... Luz significa calor, saúde, visão; em suma, 'vida'. (Smith, *in loc.*).

*Donde vens? Venho das trevas  
Onde vais? Vou para a luz.  
Tão curvada a fronte levas?  
Que admira! É o peso da cruz!*

*E inda crês! Crio no Eterno:  
O sofrimento é crisol:  
As vezes, em pleno inverno,  
Há dias cheios de sol!  
(Guilherme Braga)*

«Embora o conhecimento completo de Deus seja impossível, ele pode ser realmente 'conhecido' aqui e agora, sob as condições e limitações da vida humana. A sua natureza é 'luz', que se comunica com os homens, feitos à sua imagem, até serem transformados à sua semelhança» (Brooke, *in loc.*). Deus, portanto, não vive afastado de sua criação, conforme os gnósticos imaginavam. Ele é imanente em sua criação.

«Ele é a Luz e a Fonte da luz, tanto da matéria como da ética. No mundo material, as trevas são a ausência da luz; no outro, as trevas, a inverdade, o engano, a falsidade, são a ausência de Deus» (Alford, *in loc.*).

«Temos aqui a essência da teologia cristã, a verdade acerca da deidade, em contraste com todas as concepções imperfeitas daquele que amargura as mentes dos sábios. Para os pagãos, a deidade se compunha de seres iracundos e malévolos, melhor adorados pelo segredo de vícios ultrajantes; para os gregos e romanos, eram as forças da natureza, transformados em mulheres e homens sobrenaturais, poderosos e impuros; para os filósofos, era uma abstração moral ou física; para os gnósticos, era uma idéia remota, forças iguais do bem e do mal, em luta, reconhecíveis apenas através de deputados mais ou menos perfeitos. Tudo isso, João, sumariando o que diziam o A.T. e nosso Senhor, acerca do Pai Todo-poderoso, envolve em uma única declaração da verdade». (Sinclair, *in loc.*).

O pecado, por ser trevas, é visto não apenas como a «privação» do bem, mas também como hostilidade contra Deus, pois se opõe à natureza de Deus como luz. Jesus é quem ilumina os homens.

ἐν τῷ σκότει περιπατῶμεν, ψευδόμεθα καὶ οὐ

6 I Jo 2:4 ἐν... ἀλήθειαν Jo 3:21

ter pecado no passado. O décimo versículo deste capítulo mostra-nos que isso também era uma mentira, fazendo de Deus mentiroso; pois Deus afirma que todos os homens são pecadores. (Ver Sal. 14 e o terceiro capítulo da epístola aos Romanos). Os mestres falsos ensinavam que o homem «essencial» e o espírito, sendo inocente, e que toda a culpa deve recair sobre o veículo da alma, o corpo. No entanto, o N.T. não encara o corpo físico como algo inerentemente mau, mas tão-somente como veículo fácil do pecado (ver o sexto capítulo da epístola aos Romanos). Outrossim o homem é corrupto desde o seu íntimo. Pois a natureza básica, embora seja nosso «eu» inferior, é realmente nossa pessoa. (Ver a discussão sobre o «homem velho», em Rom. 6:6; Efé. 4:22 e Col. 3:9; e ver acerca do «homem natural», em I Cor. 2:14, o qual não aceita as coisas espirituais).

Todas essas falsas reivindicações dos gnósticos faziam parte de seu «andar» nas trevas. Eles eram «filhos das trevas» e eram as próprias trevas. (Ver Efé. 5:8). Por isso mesmo, eram «filhos da desobediência» (ver Efé. 2:2 e 5:6).

«...andarmos nas trevas...» Em outras palavras, o «curso» geral da vida os conduzia aos vícios do paganismo, à participação na rebelião maléfica, fazendo-os enveredar por avenidas de degradação do corpo e do espírito. A expressão, «andar nas trevas» é usada somente nas obras joaninas. (Comparar com João 8:12 e 12:35). (Quanto à metáfora do «andar», que é muito frequente no N.T., dando a entender a santidade na conduta ou a pecaminosidade, ver as notas expositivas em Gál. 5:16,25). Para que não andemos nas trevas, precisamos da iluminação sobrenatural, pois o andar espiritual é inspirado e dirigido pelo Espírito de Deus. É impossível tal alvo para o homem natural. Este precisa de iluminação, de transformação, de inspiração e de ajuda da parte de Deus. A experiência mostra isso para nós, porque frequentemente falhamos em nossas próprias forças; e quando a nossa santidade depende de nossa própria iniciativa, tornamo-nos profanos. Para andarmos santamente precisamos «nascer de novo» (ver I Ped. 1:23); e é o poder residente, do Espírito Santo, em nós infundido, que nos confere a natureza moral de Cristo (ver Gál. 5:22,23).

Irineu descreveu os gnósticos da seguinte maneira: «Eles se declaram perfeitos em si mesmos, porque afirmam que encontraram a sua luz (isto é, o Criador de tudo) e desejam considerar-se 'os perfeitos', por terem buscado e encontrado o Perfeito, enquanto ainda estão na terra». (*Contra as Heresias* II.18.3.6). Evidentemente havia entre eles certos que afirmavam «perfeição impecável», mediante o avanço espiritual, a despeito do uso que fizessem do corpo. Talvez alguns ascetas gnósticos tendessem por ter atitudes como essas. Mas, no presente contexto, parece que alguns deles, embora andassem patentemente no pecado, pretendiam ser perfeitos, talvez porque pensassem que o que se faz por meio do corpo é indiferente.

Talvez seja provável que alguns dos gnósticos recebessem experiências místicas impressionantes, conforme se vê em Col. 2:18. A esmagadora inspiração das experiências místicas deles, o êxtase que isso dava às suas mentes, provavelmente levavam-nos a esquecer os seus defeitos morais, pensando que isso não era importante. Mas aquele que anda verdadeiramente na luz é aquele cujas obras são obviamente efetuadas em Deus (João 3:21), pois «...pelos seus frutos os conhecereis» (Mat. 7:20). Santa Teresa, a mística espanhola (1515 - 1582), declarou a validade de suas experiências místicas, que tinham transformado a sua moralidade. Tomás de Aquino alistou a prova «moral» como um meio de validar as experiências místicas. Isso deve tornar-nos melhor, ou não tem sua origem em Deus. Há muitos tipos de misticismo. Esse misticismo pode ser totalmente humano, sem qualquer fonte «exterior». Até mesmo as drogas podem produzir visões, ou podem elas ser produzidas por condições físicas patológicas ou pelo hipnotismo. Por outro lado, há um misticismo verdadeiro, tal como aquele praticado pelos verdadeiros místicos cristãos, do apóstolo Paulo em diante. Isso transforma moralmente ao crente; é a única coisa que santifica aos homens.

Portanto, é verdadeira aquela declaração que diz: «O pecador que se justifica a si mesmo não conhece a Deus como juiz, e nem precisa de Deus como Salvador». (Reinhold Niebuhr, *The Nature and Destiny of Man*, vol. I; pág. 200).

«...mentimos...» Podemos crer numa mentira, se estivermos auto-enganados (ver o oitavo versículo); pois a desobediência à verdade nos cega para a verdade. O conhecimento vem pelo praticar a verdade (comparar com João 7:17). (Smith, *in loc.*).

«Essa revelação de Deus não é feita para satisfazer à curiosidade especulativa. Isso pesa diretamente sobre a vida prática. Se isso for verdadeiramente apreendido, porá de lado falsos apelos, que os homens

7 ἐὰν δὲ ἐν τῷ φωτὶ περιπατῶμεν ὡς αὐτοῖς ἐστὶν ἐν τῷ φωτὶ, κοινωνίαν ἔχομεν μετ' ἀλλήλων καὶ τὸ αἷμα Ἰησοῦ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ καθαρῶς ἡμᾶς ἀπὸ πάσης ἁμαρτίας.

7 ἐὰν...φωτὶ Ia 2.8 τὸ...ἀμαρτίας He 8.14, Re 1.6; 7.14

1:7; uma, se andarmos na luz, como ele ou luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu filho nos purifica de todo pecado.

«...andarmos na luz...» Acerca disso, consideremos os pontos seguintes: 1. O «curso» geral da vida, na conduta santa, é encorajado. 2. Esse curso consiste de vários «passos»; e os «passos» levam a um «alvo», que é o da «comunhão» agora e eternamente com Deus, o qual é Luz, o que também nos faz entrar em seu reino de luz. 3. O andar na luz é a base da comunhão, pois todo aquele que anda nas «trevas» não pode esperar ter o favor e a comunhão de Deus. 4. O andar na luz é o imperativo moral do evangelho, é a santificação em ação, sem a qual não poderá haver salvação, sob hipótese alguma. (Ver II Tes. 2:13). Os gnósticos negavam a validade da ética cristã e fizeram penetrar na igreja o antigo paganismo. Criaram uma «nova moralidade» que, de fato, nada era senão a antiga imoralidade. Tinham «oficializado» a imoralidade na igreja, sancionando-a com argumentos teológicos falsos. Faziam com que as ações corporais fossem «indiferentes» à espiritualidade, chegando a pensar que com isso faziam um favor ao espírito. «Pois entre estes se encontram os que penetram sordidamente nas casas e conseguem cativar mulheres sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões» (II Tim. 3:6). Os gnósticos sempre encontravam vítimas para seus vícios, e os seus vícios eram sua doutrina moral oficial.

A metáfora do *andar*, indicando o «curso geral da vida», é de uso freqüente pelos filósofos morais e pelos autores sagrados. Nos escritos de Paulo ocorre por quase trinta vezes. (Ver Gál. 5:16,25 quanto a notas gerais sobre esse tema. Ver também Rom. 4:12; 6:4; 8:1,4; 13:13; I Cor. 3:3; 7:17; II Cor. 5:7; 6:16; Efê. 2:10; 4:1,17; 5:2,8,15; Col. 1:10; 4:5; II Tes. 2:12 e 4:1). O trecho de Efê. 5:8 tem a exortação que diz, «andai como filhos da luz», que é idêntica paralela à da presente passagem. Devemos andar de «maneira digna» de nosso chamamento (ver Efê. 4:1), e de modo digno de Deus (ver I Tes. 2:12). Devemos «andar em Cristo» (ver Col. 2:6), isto é, em comunhão mística com ele, «no Espírito» (ver Gál. 5:16,25). O verdadeiro andar espiritual é inspirado pelo Espírito Santo e é possibilitado por ele. É impossível a alguém viver de conformidade com o ideal Cristão, de modo contínuo, sem a inspiração e a capacitação dada pelo Espírito Santo. Devemos ser um povo celestial, pelo que precisamos possuir a imagem moral de Cristo em nós infundida (ver Gál. 5:22,23), pois, do contrário, nunca poderemos «andar» como devemos. Isso significa que devemos empregar todos os meios espirituais que nos têm sido dados, procurando treinar o intelecto, orando e conversando com Deus, meditando, dando ouvidos ao Senhor, buscando sua iluminação, buscando ao Espírito Santo e aos seus dons, a fim de podermos cumprir espiritualmente as missões que nos forem dadas a realizar. Se empregarmos esses meios, então seremos capazes de andar no Espírito. Não nos é prometida qualquer tarefa fácil; pois cada passo dado na direção de Deus será dado em meio à agonia do espírito, porquanto nos temos afastado dele de modo extraordinário.

Então, na hora da necessidade  
De vossa corrida desanimada e hesitante,  
Quais anjos, vós aparecereis?  
Languidez não há em vossa coração,  
Fraqueza não há em vossa palavra,  
Preocupação não há em vossa fisionomia.  
Olhos revivificando-se, e orações  
Seguem vossos passos enquanto seguís.  
Preencheis os hiatos em nossas fileiras,  
Fortaleceis as linhas hesitantes,  
Estabelecei, continuai a vossa marcha,  
Avante, para as fronteiras do desperdício,  
Avante, para a Cidade de Deus.  
(Matthew Arnold)

geralmente apresentam, como desculpa por seu «amor às trevas»; eles supunham haver indiferença entre a conduta moral e a comunhão espiritual. Mas, na verdade, a luz transforma aqueles que a recebem». (Brooke, *in loc.*).

«Andar na luz, como Deus está na luz, não é apenas imitar a Deus; é uma «identidade» no elemento essencial de nosso andar diário como o elemento do ser essencial de Deus». (Alford, *in loc.*).

Perversão gnóstica da idéia do «conhecimento». Eles supunham que «todas as formas» de conhecimento devem ser conhecidas e experimentadas, permitindo que a alma seja capaz de subir até à realidade final. Por isso é que louvavam literalmente a grandes malfetores, como Caim, Coré e Judas Iscariotes, porque teriam avançado muito no conhecimento, embora de natureza negativa. Os homens, pensavam eles, deveriam familiarizar-se com todas as formas de mau, tanto como de bem. Em tudo isso, porém, eles pervertiam o «conhecimento», tornando-o um impulso maldoso, andando nas trevas, mas professando conhecer a Deus, tendo comunhão com ele. Todas essas pessoas são «mentirosas», conforme nosso texto afirma. O conhecimento é a «iluminação» do espírito por parte do Espírito Santo (ver Efê. 1:17,18), e isso conduz à santidade, e não à depravação.

Vivendo não de acordo com a verdade. A verdade deve ser «praticada» e vivida de acordo com ela mesma; mas isso é impossível se habitarmos nas trevas e cultivarmos os vícios naturais. A verdade pode ser dita, mas também deve ser praticada. A verdade nunca é meramente teórica. (Ver João 3:21). A «verdade» se harmoniza com o conceito de Deus como luz, pelo que é uma verdade «moral». O conhecimento da verdade conduz à vida santa, e disso é que consiste a prática da verdade. A «verdade» aqui indicada é a «exigência ética» do evangelho. Os gnósticos tinham retirado a vida santa da experiência espiritual.

7 ἀλλήλων] αὐτοῦ A<sup>9</sup>vid ι νg(2) Cl Tert Hier

Este poema fala da influência dos bons líderes sobre um povo qualquer, o qual, de outro modo, ficaria descoroçoado em uma carreira desanimada. No andar do crente é mister o encorajamento mútuo, e os líderes da igreja precisam tomar a iniciativa nessa carreira cristã.

«...mantemos comunhão...» Temos aqui alusão ao bem-estar espiritual e à inspiração mútua entre os crentes, como membros que são da família de Deus. Consideremos os pontos seguintes: 1. Antes de tudo, essa comunhão é de uns com os outros. 2. Em seguida, é com Deus Pai e com Deus Filho.

Já tivemos ocasião de observar que o andar espiritual deve ser «inspirado» pela comunhão com o Espírito Santo, no nível da alma, pois «andamos no Espírito» e «em Cristo». (Ver I Cor. 1:4 quanto à nossa comunhão mística com Cristo. Paulo emprega a expressão «em Cristo» por cento e sessenta e quatro vezes em suas epístolas. O segredo do sucesso espiritual é o Espírito divino a habitar com o espírito humano, pois o ideal é alto por demais para o que é meramente humano. Deus nos conduz de volta a si mesmo, a fim de insuflar em nós a nossa própria natureza. (Ver I João 3:2). Isso vem através de nossa transformação de um estágio de glória para outro, por atuação do Espírito Santo (ver II Cor. 3:18). O divino é infundido no humano, quando de nossa «comunhão» com Deus, através do seu Espírito. Nossas almas vão sendo «espiritualizadas» pela sua presença conosco. A piedade verdadeira é impossível sem isso, pois, sem esse elemento espiritualizador, tornar-nos-emos meio-crentes de credos casuais, sem qualquer fruição duradoura e constante na santidade e nas realizações espirituais.

(Quanto a notas expositivas completas sobre o sentido da «comunhão», ver o terceiro versículo do presente capítulo). O vocábulo grego aqui empregado é «koinonia», isto é, «associação», «companheirismo», «relação íntima». Sua forma verbal indica «compartilhar», «participar». Participamos das condições e benefícios da família divina, levando-nos isso à participação real na natureza divina e em seus atributos. Assim é que somos «cheios de toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19); e haveremos de compartilhar dessa «plenitude» conforme Cristo mesmo dela participa (ver Col. 2:9,10). A participação na santidade, na vida presente, é recomendada como um dos meios que possibilita todas aquelas outras formas de participação.

«...uns com os outros...» Isso subentende que certos membros das comunidades cristãs da Ásia Menor, como os mestres gnósticos, por exemplo, ou como seus discípulos, devido à sua vida na lascívia, não compartilhavam de comunhão com a família divina. Assim também, em I João 2:19, certos indivíduos são mencionados, os quais, no dizer do escritor sagrado, «...saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos. Esses foram iludidos pelo espírito do anticristo (segundo se vê no décimo oitavo versículo desse mesmo capítulo), tendo negado a verdadeira natureza de Cristo e tendo abandonado o imperativo moral de seu evangelho.

«...o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado...» Jesus veio tanto por água (o que aponta para a autoridade de seu batismo) como por sangue (o que aponta para o poder de seu ato expiatório). (Ver I João 5:6). Os gnósticos aceitavam a autoridade de seu batismo, pois, para eles, teria sido nessa oportunidade que o «aeon» (emanação angelical) teria descido sobre ele, dotando-o do poder necessário para sua missão. No entanto, negavam qualquer forma de expiação cruenta, pensando que a morte de Jesus, longe de ter qualquer valor espiritual, propiciou oportunidade ao citado «aeon» afastar-se de Jesus, deixando-o alquebrado e derrotado. O trecho de II Ped. 2:1 diz que certos «negam ao Senhor, que os comprou», no que certamente há uma alusão à expiação redidora de Cristo. A segunda epístola de Pedro também foi escrita contra a heresia gnóstica; e aquela passagem particular é outra demonstração de que negavam qualquer valor na morte de Cristo. (Quanto a notas expositivas completas sobre a



«expição», em que são apresentadas diversas teorias a respeito, ver Rom. 5:11).

Notemos que, neste ponto, a expiação é pintada como uma purificação. Isso é assim porque o pecado polui e torna impuro; e, tal como a lepra, é uma enfermidade que precisa ser purificada. Os gnósticos supunham que a perversão do corpo sob hipótese alguma poderia poluir ou prejudicar a alma, pois o espírito humano seria como o ouro, o qual pode ser mergulhado na lama, sem que isso lhe altere a natureza. João, entretanto, nega tal ponto de vista. O pecado afeta tanto o espírito como o corpo; a alma de forma alguma é isenta de poluição, pois a poluição do corpo é, automaticamente, a poluição do espírito. As «almas» se desviaram para longe do Senhor; não é apenas uma questão de debilidade física que leva os homens à corrupção. Alguns mestres gnósticos diziam que não eram pecadores: a. com base na opinião de que aquilo que sucede ao corpo é indiferente para a alma, não podendo prejudicá-la espiritualmente e nem corromper sua natureza inerentemente boa, por ser ela uma emanção de Deus; b. porque, mediante experiências místicas, suas almas teriam sido elevadas acima da «questão moral». Na verdade, porém, o misticismo deles era falso, pois, apesar de deixar-lhes a mente em estado de êxtase, não conduzia à santidade de vida. Não tinha qualquer imperativo moral. O autor sagrado, porém, toma uma posição inteiramente diferente. Todos os homens são pecadores «tendo pecado agora» (ver o oitavo versículo) e «tendo pecado no passado» (ver o décimo versículo). Por conseguinte, todos precisam de purificação, e a *expição pelo sangue de Cristo* é o único agente purificador. Isso fala sobre o «perdão» dos pecados debaixo dos termos de uma imagem poética. (Ver as notas expositivas sobre o «perdão dos pecados», em Atos 2:38; Rom. 3:25 e 4:7. Quanto ao perdão de pecados sob o simbolismo do «apagar dos nossos pecados», ver Atos 3:19).

As purificações ensinadas no A.T. prefiguravam a purificação efetuada pelo sangue de Cristo. (Ver os capítulos 13 - 15 do livro de Levítico; quanto ao N.T., ver II Cor. 7:1; Efê. 5:26; Tito 2:14; Heb. 9:14,22; 10:2 e Tia. 4:8). Esse simbolismo reaparece no nono versículo do presente capítulo. (Quanto à «expição pelo sangue», ver Efê. 1:7; Col. 1:14,20 e Rom. 3:25).

A idéia que os pagãos faziam sobre a expiação é que a divindade a que pertencia o altar onde eram sacrificadas as vítimas, animais ou humanas, infundia seu poder sobre esse altar, transmitindo-lhe as suas virtudes. Qualquer coisa que tocasse em tal altar recebia, automaticamente, algo desse poder, como que por transferência mágica. Assim, pois, o «sangue» da vítima era o veículo que transportava esse poder mágico, que poderia transformar uma pessoa, transferindo-lhe algo da natureza da divindade adorada. Nada de *mágico* é antecipado na expiação pelo sangue, segundo os ensinamentos neotestamentários. Antes, o sangue é o símbolo da morte de

Cristo, em seu significado para nós. O Espírito Santo torna a morte de Cristo real e eficaz para nós, mas não magicamente, e, sim, «misticamente». Antes de tudo, a morte de Cristo pelo pecado é o meio de expiação dos nossos pecados; Deus nos vê daí por diante como posicionalmente justos, em Cristo, pessoas cujos pecados foram perdoados. Em segundo lugar, o Espírito Santo, por sua influência íntima, confere-nos a «vitória» sobre o pecado, e, juntamente com isso, a «santificação» de tal maneira que nos tornamos verdadeiramente santos. Somos moralmente «transformados» pela influência do Espírito de Deus; e é assim que «participamos misticamente da morte de Cristo». (Quanto a outros versículos, nesta primeira epístola de João, que ensinam que a «expição» vem pelo sangue de Cristo, ver I João 2:2; 4:9,10 e 5:6,11). Não pode haver comunhão com Deus sem a purificação; e esta conduz à piedade. É de tal modo que nos aproximamos da natureza de Deus, tornando-nos naturalmente capazes de desfrutar de comunhão com ele.

«...tudo pecado...» Tanto em suas manifestações anteriores como em suas manifestações e em seu poder presentes. A obra é completa, não tem defeitos e nem debilidades. Estão em foco o princípio do pecado e todas as suas obras deleitáveis. O crente se vê libertado tanto daquele como destas, através do poder místico da morte de Cristo. O Espírito Santo torna-nos santos porque somos identificados com Cristo em sua morte. O sangue, portanto, justifica e santifica. Ambos esses resultados são benefícios derivados da cruz.

Jesus Cristo não era nenhum fantasma. Sua humanidade era real; de outra maneira, não poderia haver qualquer expiação pelo sangue. Isso era contrário ao docetismo dos gnósticos (ver I João 4:2,3). Cristo Jesus foi um homem, e sua morte expiatória fez parte de sua missão como homem.

Cristo foi a oferta pelo pecado, mas também é aquele que agora nos dá a vitória sobre o pecado. «A primeira dessas coisas salienta a retidão de Cristo que nos foi imputada e nos justificou; a última frisa a retidão inerente de Cristo, a qual nos é gradualmente insuflada, na santificação. E é acerca desse último aspecto que o autor sagrado aqui ensina». (Lange, *in loc.*).

*Variante Textual:* As palavras «comunhão uns com os outros» aparecem nos mss Aleph, Alcor, BCKLP e na maioria dos manuscritos e versões posteriores. As palavras «comunhão com ele (com Deus)» aparecem em A(1) (vid) e nos escritos dos pais da Igreja Clemente, Tertuliano e Didimo. «Cum Deo» é a forma que aparece em harel. A modificação para «com Deus» provavelmente se derivou do fato que se pensou ser isso mais apropriado ao contexto, porquanto buscamos comunhão com Deus, que é Luz. No terceiro versículo deste capítulo temos comunhão com o Pai e com o Filho; e, no sexto versículo temos comunhão com Deus. Porém, a evidência objetiva, neste ponto, favorece irresistivelmente a nossa comunhão uns com os outros, o que resulta da autêntica comunhão com Deus Pai e com Deus Filho.

8 ἐὰν εἰπωμεν ὅτι ἁμαρτίαν οὐκ ἔχομεν, ἑαυτοὺς  
1:8: Se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós.

Os gnósticos negavam a «pecaminosidade essencial», com base em diversas considerações, alistadas abaixo:

1. Diziam eles que a alma humana é pura, por ser emanção de Deus, ao passo que o corpo físico é pecaminoso, por ser participante da matéria, a qual é o princípio mesmo do pecado. Assim, tal como se pode mergulhar ouro puro na lama, sem que o ouro se corrompa ou se modifique em sua natureza, assim também a alma pode imergir na lama do corpo, sem sofrer qualquer contaminação devido a esse contacto. O corpo seria «indiferente» para a alma, podendo ser abusado pelo ascetismo ou pelos excessos de imoralidade. A alma permanece pura em todo isso; e, visto que a alma é o homem essencial, então a alma é sem pecado.

2. Também parece que, através de falsas experiências místicas, que exaltavam a mente, dando-lhes um certo senso de bem-estar espiritual, alguns mestres gnósticos tinham chegado a ignorar qualquer «aspecto moral» na religião. Julgavam-se superiores a tais questões, pois teriam chegado a participar de certa forma de unidade com Deus. João, porém, combate esse argumento, ao mostrar que isso é um misticismo falso que não tem qualquer imperativo moral. Antes, a comunhão com Deus (mística, através do Espírito) depende da purificação do pecado e da santidade. Assim sendo, a moralidade (santidade) é o próprio meio da comunhão mística, sua condição e sua base.

3. É possível que alguns gnósticos pensassem que seu avanço espiritual era tão profundo que ficava eliminado qualquer pecado ou contaminação, tornando-os «perfeitos» e impecáveis. Provavelmente, alguns dos gnósticos ascetas, que ignoravam totalmente ao mundo e suas exigências sobre o corpo e sobre a mente (ver Col. 2:15 e ss.), tinham a noção que seu modo de vida os limpava totalmente de qualquer perversidade.

*Perfeição impecável.* Este versículo, naturalmente, se aplica ao problema da «perfeição impecável» que há na cristandade. Alguns têm pensado ser isso possível na vida presente. Essa teoria envolve diversos problemas, a saber:

1. Este versículo nega até mesmo tal possibilidade, no presente estado de moralidade. Isso não significaria que esse não deve ser o alvo na direção do qual nos esforçamos. Deus nos considera responsáveis por esse esforço, embora, na realidade, isso não possa ser perfeitamente atingido em nossa presente situação terrena.

2. Além disso, não há exemplos vivos de quem tenha atingido a perfeição, no sentido de estarem «continuamente livres de todo o pecado». A observação mostra-nos que invariavelmente sucede que as pessoas que se imaginam livres de qualquer pecado, meramente *reduziram o conceito do pecado*. Em outras palavras, aquilo a que chamáramos de pecado, como ser tomado por súbito acesso de ira, para tais pessoas é apenas uma forma de «autopreservação» ou proteção, e não pecado. Em outras palavras, a fim de se sentirem perfeitos, isentos de pecado, são forçados a rebaixar a estimativa do que é o pecado. Mas, quem realmente ama a Deus e ao

πλανῶμεν καὶ ἡ ἀλήθεια οὐκ ἔστιν ἐν ἡμῖν.

próximo como a si mesmo? Caso assim não seja, terá quebrado ao primeiro e ao segundo maiores mandamentos.

3. Um outro grande defeito dessa teoria é que admite a *queda* novamente no pecado, o que significa que ainda que alguém atinja tal estado de perfeição impecável (do que não há exemplos vivos), poderia perder logo em seguida esse estado. Assim, tal realização, quando muito, é extremamente temporária.

4. O presente versículo indica que a declaração de estarmos «sem pecado» não representa realmente um «fato», mas apenas uma forma de *auto-ilusão*. Um indivíduo só é «impecável» aos seus próprios olhos, podendo convencer alguns poucos outros sobre isso, os quais também gostam de pensar que atingiram esse estado. Aos olhos de Deus, porém, todos estão longe de tal perfeição; e quem julgar-se perfeito será apenas um auto-iludido. Seu ato de perfeição impecável é apenas um artifício.

Porém, depois de dizermos tudo isso, de modo algum negamos ser esse o «alvo» que se busca na vida cristã. E Deus nos considerará responsáveis por essa busca. Ele exige de nós a *vitória* sobre todos os vícios, pois qualquer indivíduo viciado, e, portanto, sem a vitória, não poderá entrar no reino de Deus. (Ver os trechos de Gál. 5:21 e Efê. 5:5 quanto a esse fato espiritual).

«Nossa natureza está envenenada, e a mácula está em nosso próprio sangue. A graça é o remédio, mas a recuperação é um processo demorado. Tem início no momento em que nos submetemos a Cristo, mas por toda a vida terrena tem prosseguimento o tratamento... O perfeccionismo tem duas causas: 1. A cauterização da consciência: «Fazemos de Deus um mentiroso, isto é, fazemos ouvidos moucos ao seu testemunho no íntimo, à sua voz em nossas almas. 2. A ignorância sobre sua Palavra: ela «não está em nós». Tal ilusão seria impossível se nossas mentes estivessem bem firmadas nas Escrituras». (Smith, *in loc.*).

*Impecabilidade ainda não seria perfeição:* Se um homem atingisse a impecabilidade, nem por isso seria perfeito. A perfeição inclui a participação em todos os atributos «positivos» de Deus, como o seu amor, a sua gentileza, a sua bondade, o seu altruísmo absoluto e a sua longanimidade, os seus poderes e as suas graças. É óbvio que, nesse sentido, somente Deus é bom.

Nada disso nos serve de desculpa, entretanto, para evitarmos a luta em busca da impecabilidade e da perfeição (ver Mat. 5:48), pois esse é o próprio alvo da existência, tanto aqui como na eternidade. (Ver Efê. 3:19, onde se lê que toda a plenitude de Deus será nossa).

Por meu homem não me tenho.

Grandes males nunca os fiz.

Todavia, não convenho

No que este ditado diz.

Há companheiro algum

Pior e mais inimigo

Do que o é cada um,

Quando conversa consigo?

(Augusto Gil, Porto, Portugal)

Se «amar aos próprios inimigos» é um dever moral, os homens, naturalmente obedecem a essa injunção, amando a si mesmos, seus próprios piores inimigos.

«...a verdade não está em nós...» Consideremos os pontos seguintes:

1. Essas palavras significam, primariamente, a *verdade moral*, um ponto de vista corrupto sobre a aplicação da verdadeira piedade. Os que assim agem, substituíram a realidade por uma auto-ilusão, por uma fingida santidade.

2. Isso envolve a «verdade moral» do evangelho. Quem assim age rebaixa as demandas morais do evangelho, de modo a parecer tê-las cumprido totalmente. (Ver Ef. 1:13 quanto à «verdade» do evangelho. Ver também II Tes. 2:10 quanto a esse uso da palavra «verdade»).

3. Jesus é a verdade personificada (ver João 14:6), e quando alguém faz reivindicações exageradas de perfeição impecável é que há algum defeito em sua «comunhão» com o Cristo. Pois aquele que tem autêntico companheirismo com Cristo reconhece claramente os seus próprios defeitos.

4. A «verdade» é entesourada no homem pela operação e pela influência do Espírito Santo. (Ver João 14:17; 15:26 e 16:13). Ele é quem faz a verdade habitar em nós; e isso se torna o ar que respiramos, o sangue que nos corre nas veias. A verdade se transforma em atos; produz a santificação e a libertação (ver João 8:32 e 17:17).

5. Apesar de não podermos ser perfeitos ou impecáveis nesta peregrinação terrena, contudo, o evangelho tem suas exigências morais, as quais insistem que devemos buscar a vitória ao ponto de não sermos dominados por qualquer vício. Se continuarmos dominados por algum vício, o evangelho terá falhado em nosso caso. (Nessa conexão, notar I João 3:6-10 quanto ao ensino que o crente não pode ser «praticante do pecado»). Ou ocorreu uma transformação que deu ao crente a vitória, ou sua fé é apenas — um credo qualquer, e não uma realidade espiritual em sua vida.

6. Este versículo provavelmente também indica, de modo geral, que o gnosticismo, como um sistema, devido a esses defeitos, não tinha verdade alguma em seu bojo.

7. A *verdade* (ver o oitavo versículo) e a *Palavra* (ver o décimo versículo) são tanto objetivas como subjetivas. São objetivas porque ouvimos o evangelho, que é uma força externa que exerce influência sobre nós, do lado de fora. Mas esse mesmo evangelho, internamente, vai transformando as

9 εὐὰν ὁμολογῶμεν τὰς ἀμαρτίας ἡμῶν, πιστὸς ἐστὶν καθάρσις ἡμᾶς ἀπὸ πάσης ἀδικίας.

9 καθάρσις - σου (A) 33 al

1:9: Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

«...confessarmos...» No grego é «omologo», palavra derivada de «omos» — «a mesma coisa» e «lego», «dizer», ou seja, «declarar a mesma coisa que outra pessoa», ou seja, «admitir a veracidade de uma acusação». Admitimos a Deus nossa pecaminosidade e nossos pecados particulares, na tentativa de nos libertarmos deles, confessando sua acusação contra nós de que somos pecadores. Mas a confissão, desacompanhada da resolução de livrar-se do pecado (que é a atitude chamada «arrepentimento»), é um gesto inútil. Não podemos continuar voltando a Deus e dizendo: «Senhor, aqui estou novamente, com o mesmo pecado. Perdoa-me». Isso não seria arrependimento, e o indivíduo nessa situação seria um «viciado», não sendo crente sob hipótese alguma. Consideremos ainda os três pontos:

1. Alguns estudiosos pensam que isso alude à «confissão batismal»; e, de fato, pode haver certa alusão a isso. Certamente o oitavo versículo deste capítulo é contra a idéia que há necessidade «somente» daquela confissão original de pecado e de lealdade a Cristo, mediante o que um indivíduo é para sempre libertado do pecado, de sua culpa, do julgamento prometido. Pelo contrário, o arrependimento é uma necessidade diária; e isso é posto em palavras na oração ou confissão mediante a qual buscamos perdão.

2. O versículo se aplica diretamente ao crente que busca a restauração e o perdão, mas não deixa de ter alguma aplicação ao pecador, porquanto também deve chegar-se a Deus, confessando seu pecado e arrependendo-se.

3. Assim sendo, este versículo aborda todas as situações em que a confissão de pecado é apropriada, tanto no caso do pecador, como na resolução batismal de abandonar ao diabo e às suas obras, como também no caso do crente, após o batismo, quando precisa ele de restauração e de purificação.

«A confissão a Deus deve reconhecer e medir cada falta particular. (Ver Sal. 32:5; 51:3; Pro. 28:13; Luc. 15:21)». (Sinclair, *in loc.*)

A necessidade de confissão mostra que não somos impecáveis. Os gnósticos precisavam confessar, embora não reconhecessem sua necessidade.

«A mera confissão, *in abstracto*, de que temos pecado, não envolveria a verdade, não teria valor e se reduziria a uma frase oca, a menos que acompanhada pela percepção e reconhecimento de pecados concretos particulares. É muito mais fácil fazer declarações pias acerca do arrependimento e da grandeza da miséria gerada pelo pecado, do que ver o próprio erro em casos específicos, admitindo-o e arrependendo-se do mesmo, sentindo pesar por isso. João requer essa última possibilidade». (Ehhard no Comentário de Lange).

Os mestres gnósticos, em sua auto-ilusão, não queriam «confessar-se» pecadores. Ignoravam a acusação universal de Deus contra os homens (ver Sal. 4 e o terceiro capítulo da epístola aos Romanos). Desse modo demonstravam que a «verdade» não habitava neles. Pois se neles habitasse a verdade, ter-se-iam «convencido» de pecado individual.

Como podem ser as confissões? 1. Pode ser íntima, perante Deus (ver Sal.

nossas almas. A «verdade» atua sobre o coração, e não é apenas uma mensagem que foi ouvida.

Há outras idéias relacionadas a este versículo. Alguns intérpretes têm imaginado que, neste ponto, o «pecado» indica o «princípio do pecado» ou o «pecado original». Nesse caso, os gnósticos negavam essa doutrina; mas tal idéia nunca obteve grande aceitação. A ausência do artigo definido, no original grego, subentende que está em pauta o pecado em geral, com todas as suas manifestações. Os gnósticos talvez também negassem a idéia do «pecado original», mas não é esse o ensinamento que está em foco aqui. E nem está em pauta apenas a «culpa» e a ira iminente de Deus contra o pecado. O crente verdadeiro foi libertado tanto da culpa como da ira de Deus: mas os gnósticos reivindicavam para si mesmos muito mais do que isso. Outros intérpretes supõem que o «pecado presente» pode ser eliminado, mas que todos precisamos confessar que temos o «pecado original». Em outras palavras, seríamos impecáveis, a despeito da declaração do presente versículo, que não fala acerca do pecado «presente», e, portanto, que não afirma que presentemente sejamos impecáveis. Essa interpretação, como é claro, perde de vista o intuito inteiro do versículo, mediante um artifício teológico, ao invés de oferecer uma verdadeira explicação.

Se tivémos vícios na vida, e dissermos que mantemos comunhão com Deus, estaremos *mentindo* (ver o sexto versículo). Por igual modo, se dissermos que «não temos pecado» algum, estaremos «nos enganando a nós mesmos», isto é, mentindo para nós mesmos.

Este versículo demonstra a necessidade que temos de um Salvador, que faça expiação por nosso pecado. Isso os gnósticos negavam, ou seja, tal tipo de Salvador. A salvação, na opinião dos gnósticos, dependia de muiltissimos mediadores e salvadores, não admitindo que qualquer deles tivesse feito expiação pelo pecado. A inquirição espiritual dos gnósticos viria através da iluminação do «conhecimento», o que, segundo imaginavam, transcendia com sucesso ao problema do pecado.

O «andar na luz», por conseguinte, não subentende a perfeição impecável, embora esse seja o grande alvo, o qual, finalmente, na vida celestial, será alcançado.

«A religião cristã é a religião de pecadores; daqueles que cometeram pecado, e em quem o pecado ainda habita, em alguma medida». (Matthew Henry, *in loc.*)

καὶ δίκαιος ἵνα ἀφῇ ἡμῖν τὰς ἀμαρτίας καὶ

9 δίκαιος...ἀμαρτίας Iy 32.5; Pt 29.13

32:6). 2. Pode ser para com o próximo, com o propósito de reconciliar e corrigir os danos praticados (ver Tia. 5:16). 3. Confissões de amor e fé, ineiramente à parte do problema do pecado, quando o crente confessa a Jesus como seu Senhor e clama a Deus desde a alma, confirmando sua lealdade a ele. (Ver Rom. 10:9). 4. Pode ser confissão na igreja, em público. Algumas igrejas praticam isso, de uma forma ou de outra, como uma espécie de expurgo espiritual. O trecho bíblico usado como base dessa prática é o trecho de Tia. 5:16. 5. Mediante o uso desse mesmo trecho bíblico, mas seguindo uma prática tradicionalmente baseada, algumas igrejas adotam a confissão auricular ao sacerdote, o qual, com base em sua suposta autoridade como intercessor, pode absolver àqueles que lhe confessam os seus pecados. No presente versículo, a primeira dessas possibilidades está em foco e as possibilidades de números «dois», «três» e «quatro» são legítimas e, algumas vezes, necessárias. Mas a quinta possibilidade prescinde de aprovação bíblica.

«...ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados...» «...fiel...» No grego, o adjetivo é «pistos», o que, neste caso, pode revestir-se dos seguintes significados:

1. *Veraz* para com sua natureza e promessas. Essa palavra é aplicada a Deus no tocante ao cumprimento de suas promessas (ver Heb. 10:23 e 11:11), no tocante ao seu cumprimento dos propósitos pelos quais chamou aos homens (ver I Tes. 5:24 e I Cor. 1:9), no tocante aos seus cuidados por aqueles que se entregam à sua direção (ver I Cor. 10:13 e I Ped. 4:19). Assim sendo, ele «permanece» fiel, pois não pode negar a fidelidade de sua própria natureza.

2. Entre as «promessas» de Deus enumera-se aquele que concerne ao perdão dos pecados, com base na expiação de Cristo. Ele fez uma promessa *válida*; e não negará a fidelidade à sua própria natureza, cumprindo sua parte, tal como os homens cumprem a sua parte, que consiste do arrependimento.

3. A *fidelidade* de Deus, portanto, primeiramente é para consigo mesmo, mas também é para com os homens, a quem ele se entregou, sob certas condições. Sua fidelidade é um resultado de seu amor, no que se aplica aos homens. Ele se obriga a si mesmo, sendo fiel às suas próprias decisões.

4. Portanto, se *andarmos na luz* e «confessarmos nossos pecados», estaremos cumprindo as condições humanas para haver o perdão divino. Desse modo, nossos pecados diante de Deus são apagados e purificados, mediante a operação da cruz, ou seja, o sangue vertido por Cristo.

«...justo...» Deus mostra-se justo ao perdoar nossos pecados, pelos motivos seguintes:

1. Isso é feito de acordo com um princípio reto, de conformidade com a natureza santa de Deus, o qual é o pináculo de toda a justiça e seu padrão para os homens.

2. Deus não desobedece a qualquer lei moral quando perdoa. A «maneira» pela qual ele perdoa está de acordo com o direito eterno. Não se parece Deus com algum juiz injusto, que olha para outro lado, permitindo que o indivíduo culpado passe sem castigo, devido a seus crimes. A retidão de Deus é a base mesma da administração de sua graça, não sendo algo



estranho à mesma. Seu modo de perdoar satisfaz à sua justiça. Cristo leva os nossos pecados, e, ao mesmo tempo, confere-nos a sua própria justiça (ver II Cor. 5:21). Antes de tudo ele nos declara aceitos no Amado (ver Efê. 1:6); então infunde em nós a mesma santidade que possui (ver Rom. 3:21), de modo que podemos habitar em sua presença com toda a justiça (ver Heb. 12:14), compartilhando de sua modalidade de vida (ver João 5:25,26 e 6:57) e de sua natureza divina (ver I Ped. 1:4). É impossível alguém escapar da corrupção que há no mundo, chegando a compartilhar de sua natureza, sem a santificação, pois esse é um dos aspectos da salvação (ver II Tes. 2:13).

3. É óbvio, pois, que o perdão dos pecados é apenas o portal da plena santificação, e que a santificação é o portal da Vida eterna. O processo inteiro é efetuado em consonância com a retidão de Deus; não pisa sobre a justiça. Mediante a graça nos é conferida a santidade, e chegamos a possuí-la de veras, porquanto o Espírito Santo vem habitar em nós a fim de transformar-nos. A lei podia dizer somente em que ponto erráramos; não podia modificar com eficácia nosso curso.

«...pecados...» No grego é «*amartia*», derivado desse termo de uma raiz que indica «errar o alvo», «fracassar». Trata-se do fracasso em não atingir um padrão conhecido, mas antes, desviando-se do mesmo. Essa palavra, porém, veio a ter também um significado geral, indicando o princípio e as manifestações de pecado, sem dar qualquer atenção a seu significado original. O trecho de I João 3:4 usa o vocábulo «*anomia*», «desregramento», desvio da verdade conhecida, da retidão moral. O pecado tanto é um «ato» como é uma «condição». É o «estado» dos homens sem regeneração, que se manifesta na forma de numerosos e perversos atos. Pecar é afastar-se daquilo que Deus considera a «conduta ideal», do homem ideal, exemplificado em Jesus Cristo. Isso conduz à «impiedade» («*asebeia*»; II Ped. 2:6), que consiste da oposição a Deus e a seus princípios, em autêntica rebelião da alma. E isso leva à «parabasis», «transgressão» (ver Mat. 6:14 e Tia. 2:11) contra princípios piedosos reconhecidos. Isso leva o indivíduo à «paranomia», a «quebra da lei», o «afastamento» da lei moral (ver Atos 23:3 e II Ped. 2:16). Nossos pecados também são «passos em falso», isto é, «paraptomas», no grego (ver Mat. 6:14 e Efê. 2:1). Propositadamente «calmos para um lado», «desviamos-nos pela tangente», apesar de estarmos instruídos o bastante para não fazê-lo.

Desse modo, o N.T. descreve o «pecado» sob boa variedade de modos, cada um dos quais com o uso de um «quadro salado» sobre o que isso significa. Cristo Jesus é a cura de cada uma dessas manifestações do pecado, pois a sua expiação apaga a dívida; a santificação em Cristo transforma ao pecador, para que seja um ser santo e celestial. E Deus é fiel e justo, conferindo esse imenso benefício aos homens que se submetem a ele, isto é, que exercem fé em Cristo e ao seu mundo eterno (ver Heb. 11:1).

«...purificar...» (Ver o sétimo versículo deste capítulo quanto à linguagem simbólica sobre o «perdão dos pecados», sob a forma de «purificação»).

«...toda injustiça...» No grego é «*adikia*», aquilo que não é justo ou direito. Isso é a forma privativa de «justiça». Deus acabara de ser chamado «justo». Ele purifica os homens de todo o pecado; o que lhes dava uma natureza diferente da sua. E confere-lhes a sua própria santidade (ver Rom. 3:21), e enche a todos eles de suas qualidades morais positivas (ver Gál. 5:22,23). Isso faz parte do que veio a ser a participação em «toda a plenitude de Deus» (ver Col. 2:10). Enquanto um homem tem uma natureza «contrária» a Deus, não pode desfrutar de comunhão com ele. Os «injustos» não podem ter comunhão com o Deus «justo». Deus, entretanto, faz dos injustos «justos», e então a comunhão entre Deus e o homem é restaurada. Naturalmente, isso exige a transmissão, aos homens, da própria natureza e modalidade de vida de Deus (ver João 5:25,26). Isso pode ser comparado a um vaso mergulhado no imenso oceano. Pode ser envolvido por este, mas,

10 *ἐὰν εἰπωμεν ὅτι οὐχ ἡμαρτήκαμεν, ψεύστην ποιοῦμεν αὐτὸν καὶ ὁ λόγος αὐτοῦ οὐκ ἔστιν ἐν ἡμῖν.*

1:10: Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.

«...não temos cometido pecado...» No oitavo versículo deste capítulo, encontramos os gnósticos como que a dizerem: «Não temos qualquer pecado». No presente versículo, vemo-los como que a dizerem: «Não temos cometido qualquer pecado». (Ver as notas expositivas sobre o oitavo versículo, acerca do «como» os gnósticos criam que isso pode ser. Ver ali também a discussão a respeito da «perfeição impecável», que alguns cristãos de nossos dias continuam defendendo erroneamente). Evidentemente criam que viviam livres do «estado» de pecado (o que é subentendido, se não diretamente ensinado no oitavo versículo) e também de suas «manifestações» (ver o presente versículo). No oitavo versículo, tal atitude é chamada de «auto-ilusão». No presente versículo é chamada de blasfêmia, em que Deus é feito mentiroso, o qual ensina, nas Escrituras e na consciência que todos os homens são pecadores.

A negação de que alguém não tem pecado serve para negar a verdade através de um argumento sofista; mas é mais ainda do que isso. Biblicamente falando—e até mesmo racionalmente, conforme ousamos dizer—isso envolve chamar a Deus de mentiroso, o qual testifica da pecaminosidade do homem. «Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!» (Mat. 6:23b). Tanto a razão como a revelação ensinam-nos que todos os homens são pecadores (ver Sal. 14; capítulos primeiro a terceiro da epístola aos Romanos, e, especialmente, Rom. 3:23). Mas os gnósticos, através de «raciocínios teológicos», que eles reputavam luz de inteligências iluminadas, vieram à conclusão perversa de que não tinham pecado pessoal. Portanto, sua «luz» era, para eles, trevas obscurecedoras, que os tinha enganado, levando-os a blasfemarem de Deus e da razão. Tinham muitas visões falsas, e esse misticismo falso os cegava para sua própria corrupção moral. Por muitas razões, os homens de todas as gerações não têm podido ver facilmente a própria necessidade de

naturalmente, não pode conter o oceano quase infinito. Antes, o oceano é que envolve o vaso nele mergulhado. Contudo, poderíamos imaginar que o vaso vai aumentando de dimensões, podendo ir contendo mais e mais do oceano. Não há limites que impeçam a continuação da expansão das dimensões do imaginário vaso; e a eternidade inteira será um meio para ir aumentando esse vaso, a dimensões prodigiosas. O vaso, conforme vai contendo mais e mais do oceano, dentro da nossa ilustração imaginária, também vai sendo transformado, assumindo cada vez mais a natureza do oceano.

Quando o grande Juan de Ávila (1500 - 1569) jazia moribundo, o reitor de sua universidade aproximou-se dele e disse: «Que alegria não deve ser a sua, ao pensar em ir ao encontro do Salvador!» Mas ele retrucou: «Ah! pelo contrário, tremo ante o pensamento de meus pecados». Portanto, um santo pode sentir-se tomado pelo pensamento de sua pecaminosidade. Porém, não há motivo de preocupações! Deus fez a provisão final para as falhas humanas. No entanto, tanto aqui como ali, ele exige de nós a santidade mais autêntica. Não podemos «praticar» o pecado (ver I João 3:6-10) e esperar o encontro com Cristo com qualquer dose de confiança. A provisão do evangelho, na santificação, é de natureza tal que podemos ser verdadeiramente santos, recebendo a vitória sobre o pecado.

Juan de Ávila também declarou: «Ai da alma que presume em pensar que pode aproximar-se de Deus de outro modo que não um pecador implorando misericórdia. Reconheça que és ímpio, e Deus te envolverá no manto de sua bondade». Calvino disse algo que não é muito diferente disso: «A remissão de pecados não pode ser separada do arrependimento, e nem pode a paz de Deus pertencer à consciência onde o temor de Deus não reina».

«O pecado do homem sempre precisa de uma cura dupla: tanto a renovação moral como o perdão, tanto a pureza de vida como o livramento da culpa... A afirmação não-qualificada de que Deus purifica o homem de toda a injustiça é típica do perfeccionismo do autor sagrado (comparar com I João 2:5,14b; 3:6a,9; 4:12b,18 e 5:18). Contudo, a significação do perfeccionismo, conforme é concebido nesta epístola, depende não tanto da afirmação dúbia de que a natureza humana pode tornar-se impecável, isto é, plenamente santificada (uma reivindicação que o autor não deseja fazer; ver I João 1:8,10; 2:2; 5:16,17), mas depende do que o autor procura dizer acerca da graça moral de Deus, ou seja, que a graça divina transforma e aperfeiçoa totalmente, sendo capaz de levar o indivíduo a cumprir o propósito da vida, tornando-se filho de Deus. Neste último sentido, em distinção ao primeiro, esta epístola pode ser chamada de perfeccionista, e seu sentido para nossa era pode ser subentendido. Os cultos e as filosofias de «auto-expressão» e «auto-desenvolvimento», de «auto-aprimoramento» e de «auto-cumprimento» abundam nos campos da educação e da cultura, da psicologia da personalidade, etc. São conceitos essencialmente superficiais, pois compreendem a necessidade humana da auto-realização em termos morais e em termos de comunhão com Deus». (Hoon, *in loc.*).

«Deus é fiel e justo 'dentro do propósito' do perdão. É de sua lei e de sua vontade o perdoar». (De Wette, *in loc.*).

«Observemos aqui que o pecado existe na alma segundo duas formas: a. Na forma de culpa, que requer o perdão; b. na forma de poluição, que requer purificação. Para que a culpa seja perdoada, também deve ser confessada. A fim de obter misericórdia, o indivíduo deve reconhecer-se e sentir que é pecador, rogando fervorosamente a Deus o perdão; e a fim de obter um coração puro, o indivíduo deve reconhecer e sentir sua depravação, confessando-a e deplorando-a diante de Deus, a fim de ser plenamente santificado». (Adam Clarke, *in loc.*).

«...para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus» (Rom. 3:26).

purificação, a sua necessidade de um Salvador.

«A vaidade é a mola de todas as atitudes do homem». (Matias Aires).

*Tanto esforço, perdido em ser perfeito!  
Em ser supremo, tanto esforço vão!  
Sonho efêmero; acordo e, junto ao leito,  
A mesma inércia, a mesma escuridão.  
Vejo, através das sombras, um defeito  
Em cada coisa, e as coisas todas são,  
Para os meus olhos rutilos de elito,  
Prodígios de impureza e imperfeição.  
(Hermes Fontes, Sergipe)*

«...fazemo-lo mentiroso...» Naturalmente, isso importava em blasfêmia. Os que assim fazem negam o que Deus tem revelado aos homens através dos profetas, das Sagradas Escrituras, o que também se faz evidente em nossa razão e intuição, a menos que estejamos pervertidos por uma falsa «luz».

«...a sua palavra não está em nós...» (Comparar com o oitavo versículo, onde se vê que a sua «verdade» não está em nós). «Palavra», neste caso, é termo paralelo à «verdade», no oitavo versículo. Está em foco a «verdade moral», contida na palavra do evangelho, o imperativo moral cristão que os apóstolos pregavam. Não está aqui em foco nem o Antigo e nem o Novo Testamento, embora essa «verdade» ou «palavra» esteja concretizada nas Escrituras. Assim também Cristo, do mesmo modo que é a «verdade» personificada, é a «palavra» personificada. (Ver João 1:1 e as notas expositivas ali existentes, sobre essa complicada doutrina). Cristo traz aos homens a mensagem e a revelação divinas; ele é a «imagem» do Deus invisível. Porém, na qualidade de «imagem» ele é o «primogênito» dentre muitos irmãos, podendo eles tornarem-se possuidores da imagem de Deus, semelhantes ao Filho. No processo de transformação segundo a imagem do Filho, a «verdade» e a «palavra» vivem e produzem em nós o seu resultado. Primeiramente, produzem a santidade; em seguida produzem o próprio tipo de vida de Cristo em nós. A «verdade» e a «palavra» se alojam no

indivíduo pela operação do Espírito Santo, que é o agente transformador de Deus. (Ver João 14:17; 15:26 e 16:13). Enquanto estivermos no estado mortal não somos levados à perfeição impecável, embora nos seja dada a vitória sobre o pecado, para não o «praticarmos» e nem sermos vitimados por quaisquer «vícios». Se isso não ocorrer, não seremos verdadeiros crentes, pois nossa fé não será autêntica e nem operante em nós, mas será apenas um credo com certo número de conceitos, que aceitamos como verídicos. A palavra é «objetiva», isto é, aquela que podemos ouvir, uma força externa; mas também pode ser «subjativa», quando essa mesma força opera sobre a alma, transformando ao ser.

A «verdade» e a «palavra» ensinam-nos a *necessidade* que temos do perdão e da santificação. Então elas nos dão aquilo de que precisamos, através do propósito gracioso de Deus. Aquele que pensa que não precisa disso, é justamente o mais necessitado dessa graça. A palavra é a verdade; a verdade é a substância da palavra, a sua mais essencial descrição, a sua natureza inerente. A palavra tanto «impulsiona» ao homem (ver João 8:31,32) como «habita» nele (ver João 5:38 e 8:37). Mas o crente também pode habitar na palavra (ver João 8:31). Podemos «ouvir a palavra», mas se ela não nos transforma, então não «permanece» em nós. Se porventura a «ouvirmos» e ela disser, «És um pecador», mas truques teológicos e racionais

nos levarem a negar o que a palavra nos diz, é óbvio que esta não terá vindo habitar em nossas almas, não as tendo influenciado muito. Aquele que é revolucionado pela palavra conta com ela permanente em si mesmo; terá ela fixado residência nele.

É interessante observar-se que, no original grego, se usa o perfeito: «temos pecado e continuamos pecando». Mas isso não faz o versículo referir-se aos «pecados antes do batismo». Antes, refere-se à prática do pecado no passado e sua continuação pelo presente. Todo homem tem cometido pecados, e as consequências disso precisam ser eliminadas. Essa é a mensagem do autor sagrado. Este versículo exclui a noção da liberdade de culpa desde a conversão. Todo homem, ao pecar, torna-se culpado, devendo buscar o perdão para seu pecado.

«A negação de nosso pecado não somente nos engana a nós mesmos, mas também reflete desonra sobre Deus. Desafia a veracidade de Deus». (Matthew Henry, *in loc.*)

«Sua palavra não é usada e nem atendida como regra e padrão da verdade; antes, é lançada fora e rejeitada, ou, pelo menos, não tem lugar em nossos corações... nem opera ela eficazmente». (John Gill, *in loc.*)

## Capítulo 2

### II. Condições e Base da Comunhão—Exigências morais do evangelho (1:5-2:17)

#### 2. A comunhão é possibilitada pela expiação e advocacia de Cristo (2:1-6).

O autor sagrado demonstrara que a «perfeição impecável» é, essencialmente, auto-ilusão. Ele reafirmara a mensagem coerente das Escrituras, a qual é confirmada pela razão e pela intuição, de que todos os homens devem imensa dívida, tendo-se afastado imensamente de Deus e sendo eles pecadores praticantes. Também mostrara que Cristo e a sua expiação cuidaram, eficazmente, desse problema, sendo assim restaurada a comunhão com Deus, através de sua mediação. Tudo isso, como é claro, tem um aspecto polêmico. Os gnósticos (ou, pelo menos, alguns deles), se afirmavam «impecáveis» (ver as notas expositivas sobre o oitavo versículo do 1º capítulo, sobre como podiam pensar assim), pelo que também rejeitavam a necessidade de *expiação*, admitindo o poder de Cristo em seu batismo (Cristo teria vindo somente «pela água»), ao mesmo tempo que negavam qualquer poder em sua morte (não teria vindo pelo «sangue»). Esses falsos mestres afirmavam ter elevada e impar comunhão com Deus, mas supunham que podiam ter isso sem a necessidade da verdadeira pureza e santidade de corpo e espírito.

O autor desta epístola afirma que tal opinião não passa de ilusão. Sim, é fácil alguém cair na auto-ilusão, mediante o exagero da importância e profundidade dos nossos *sentimentos religiosos*. Facilmente podemos superestimarmos a nós mesmos, no que diz respeito à qualidade de nossa espiritualidade. O egoísmo pode assumir muitos disfarces, sendo fácil aliviar uma consciência intranquila por truques emocionais e racionalizações. As pessoas religiosas se tornam sofistas. Mas o autor sagrado procura destruir todos esses truques religiosos sentimentais, declarando que a prova da espiritualidade se acha na observância dos mandamentos divinos. O «imperativo moral» do evangelho não pode ser exagerado. Nossa fé exige que « façamos » e que « sejamos », e não somente que « acreditemos ». O princípio da graça divina envolve o poder do Espírito Santo, em nós residente, o qual é capaz de transformar-nos moral e espiritualmente. Ora, isso a lei jamais poderia ter feito, pelo que o autor sagrado diz que, no caminho cristão, a lei moral se encontra nas mãos da Realidade espiritual em nós residente, devendo ser cumprida naqueles que lhe são hospedeiros. A transformação moral do crente não é algo que possa ser acompanhado ou não pela fé, mas é a própria fé em expressão. Não pode haver salvação, sob hipótese alguma, sem a santificação. Isso é deixado bem claro na seção à nossa frente, o que confirma a observação paulina, em 11 Tes. 2:13. A santificação é o próprio meio da salvação, pois, sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus. (Ver Heb. 12:14). O autor sagrado, por conseguinte, ataca a chamada «crença fácil» que há, de modo generalizado, na moderna igreja cristã, bem como havia na filosofia amoral dos mestres gnósticos.

Ao abordar a questão do pecado, o autor sagrado reafirma o valor da morte de Cristo como «expiação» (o que já fora asseverado em I João 1:7,9). Ele sabia que seu valor é *pelo mundo inteiro*, pelo «pecado de todo e qualquer homem», e não apenas em favor de alguns poucos indivíduos selecionados. Os gnósticos, entretanto, acreditavam que somente alguns poucos indivíduos eram passíveis de redenção. No entanto, a missão de Cristo, é tão eficaz que todos os homens são potencialmente redimíveis.

A missão celestial de Cristo faz dele um Advogado em favor dos pecadores. E isso visa assegurar plena salvação para todos quantos nele confiam. Seu trato eficaz com o pecado, porém, não significa que possamos fazer o que bem entendermos. Se não observarmos os mandamentos divinos seremos tão fingidos e imorais quanto os mestres gnósticos. Mas, mediante a observância dos mandamentos divinos, o amor se aperfeiçoa em nós, e, juntamente com isso, todas as demais virtudes cristãs, isto é, os atributos morais positivos de Deus. E isso nos capacita a ver que buscamos bem mais que «a solução para o problema do pecado». Na realidade, inquirimos pela participação positiva nas qualidades morais de Deus, como seu amor, sua bondade, sua justiça, etc. Aquele que habita em Cristo terá duplicada em sua vida a natureza e a conduta de Cristo. Assim é que se deve buscar a *Perfeição*, a qual é nosso grande alvo (ver Mat. 5:48). Desse modo, pois, o autor sagrado nega outro possível «sofisma», com base no exagero de uma doutrina paulina: «Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?» (Rom. 6:1). Naturalmente, essas palavras de Paulo expressam um absurdo teológico, que não é ensinado no evangelho de Cristo. A exigência do evangelho cristão é muito diferente disso: «Continuemos na santidade, que nos levará à perfeição». Não pode haver transformação metafísica segundo a imagem de Cristo, a menos que esteja havendo a transformação moral, o que dá impulso à transformação metafísica.

«O reconhecimento da universalidade do pecado, do que nem mesmo os crentes estão realmente livres, pode levar a um errôneo conceito de seu verdadeiro caráter. Os homens podem fazer um juízo por demais suave de sua hediondez ignorando a responsabilidade daqueles que cedem lugar a seus impulsos. Se é impossível para os homens, e até mesmo para os crentes, escaparem ao pecado, porque condenar com severidade tão inflexível os fracassos dos quais os homens não podem ser tidos como responsáveis? Por que alguém se esforçaria tanto contra o que é inevitável? O autor sagrado apressa-se a advertir a seus leitores contra tais conclusões. Isso é inteiramente antagônico para o ideal; seu objetivo inteiro é procurar estabelecer mais claramente esse ideal, a fim de impedir a comissão de pecado, e não a fim de dar-lhe licença». (Brooke, *in loc.*)

O autor sagrado passa a mostrar que apesar de ser impossível a perfeição impecável entre os homens, enquanto estiverem no estado mortal, contudo, esse é o grande alvo na direção do qual nos devemos esforçar. A vitória sobre o pecado é algo que está à nossa disposição, de tal modo que nenhum crente precisa ser cativo dos vícios. (Ver I João 3:6-10). Todo aquele que habita em Cristo, que goza de autêntico companheirismo com ele, não pode viver na «prática» do pecado.

2 Τεκνία μου, ταῦτα γράφω ὑμῖν ἵνα μὴ ἀμάρτητε. καὶ εἰάν τις ἀμάρτη, παράκλητον ἔχομεν πρὸς τὸν πατέρα, Ἰησοῦν Χριστὸν δίκαιον.

2 1 παράκλητον...δίκαιον Ro 8:34; He 7:26; 8:24

2:1: Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.

...filhinhos... É usado aqui o diminutivo de «teknon», isto é, «teknia», que poderia ser mais literalmente traduzido por «criancinhas». (Ver João



13:33; I João 2:12,28; 3:7,18; 4:4 e 5:21 quanto a outros usos desse termo). Seu intuito é acrescentar certo tom de ternura à mensagem; é sinal de estima, da parte do idoso João, um pai da igreja, para seus filhos espirituais, os quais, portanto, são filhos de Deus. Talvez assinala certa condescendência da parte do autor sagrado, pois ele reputava o crente comum como «pequena criança na fé». Ele ansiava por ajudar a essas crianças espirituais. Elas eram tenras e inexperientes, precisando da mão ajudadora de um pai que pudesse ajudá-las a resistirem e evitarem às tentações lançadas pelo mundo hostil e pelos falsos mestres.

Irineu relata como o idoso apóstolo João, já decrépito de corpo, tinha de ser praticamente carregado para as reuniões. Ali, com frequência, ele se dirigia aos crentes chamando-os de «criancinhas». Há uma história familiar, que talvez seja lendária, que envolve João e um jovem convertido, que se tornara ladrão. João seguiu o jovem até ao seu esconderijo; e o jovem, ao vê-lo, começou a fugir, correndo. Esquecendo-se momentaneamente de sua avançada idade, João pôs-se a correr atrás dele, clamando: «O meu filho, por que foges de mim, teu pai? Tu estás armado, mas eu sou um velho sem defesa! Tem pena de mim! Meu filho, não temas! Ainda há esperança para ti. Quero apresentar todo o caso, pessoalmente, a Cristo. Se for necessário, morrerei por ti, como Cristo morreu por nós. Páral. Acredita! Cristo é quem me mandou aqui». (Essa história é contada, na íntegra, no *Commentary on John*, de Godet, primeiro volume, pág. 58). Ainda que não passe de uma lenda, sem dúvida reflete com exatidão a natureza compassiva do apóstolo João, bem como suas relações paternais para com a igreja. A referência original a essa história se acha na *História Eclesiástica* de Eusébio (iii.23), pelo que se trata de narrativa antiquíssima, que talvez envolva um incidente real por detrás da mesma.

Antes o autor sagrado já usara o «nós» editorial, mas agora volta à primeira pessoa do singular. Desse modo, e por tê-lo chamado de «criancinhas», ele tornou mais pessoal a sua mensagem. As «...cousas...» se referem à mensagem que vem em seguida. Que ninguém se aproveite da graça divina como desculpa para pecar; o problema do pecado é adequadamente solucionado em Cristo: há vitória sobre o pecado; o evangelho exige essa vitória, longe de encorajar ao pecado. Essa mensagem, naturalmente, repousa sobre as conclusões lógicas daquilo que ele já dissera no primeiro capítulo desta epístola. Alguns estudiosos, porém, pensam que esse termo alude ao conteúdo desta epístola inteira, o que é possível. Seja como for, naquilo que antecede imediatamente e naquilo que se segue imediatamente, temos os elementos essenciais da epístola.

«...que não pequeis...» O evangelho e a graça divina ali pregada não nos sugerem «Permanecemos no pecado, para que a graça seja mais abundante» (ver Rom. 6:1). A «universalidade» do pecado não subentende que nossa derrota pelo pecado é inevitável. O alvo é a perfeição, ainda que não possa cumprir-se inteiramente nessa vida mortal. Todavia uma real vitória é possível, pois, de outra maneira, o evangelho nada seria. A graça divina transmitida pelo evangelho, que envolve o poder transformador do Espírito Santo, agirá de modo a que nenhum crente verdadeiro seja vencido por algum vício; nenhum crente será praticante do pecado. No dizer de Brooke (in loc.): «O aoristo sugere atos definidos de pecado, e não o estado habitual de pecado, que é incompatível com a posição dos crentes que estão na verdade, segundo o seu próprio nome subentende. Aqueles que já estão lavados, não precisam limpar senão os pés; comparar com João 13:10».

«...se, todavia, alguém pecar...» Devido ao seu realismo, o autor sagrado reconhece que o pecado continuará sendo um problema no seio das igrejas, porquanto todos os seus membros se envolverão em atos de pecado. Porém, o pecado não nos deveria fazer perder a coragem e lançar-nos no desespero. A expiação e a advocacia de Cristo são suficientes para cuidar desse problema.

«...Advogado...» No grego é usado o termo «*parakletos*», título usado para indicar o Espírito Santo, no evangelho de João, mas que aqui é empregado para apontar para Cristo. (Ver João 14:16 e as notas expositivas ali existentes sobre as «declarações de Jesus sobre o divino paracleto»). Esse vocábulo subentende «alguém convocado para o lado, a fim de ajudar», e, portanto, um «ajudador», um «consolador», um «mediador», um «intercessor». Há o sentido técnico de «advogado»; mas esse é comparativamente raro. (Ver *História Eclesiástica* de Eusébio 5.1.10. Bion de Borlstenes em Diog. L.4.50, quanto a esse uso). A maioria das traduções, entretanto, tem preferido o termo técnico, como aqui. Fica assim assinalado o ofício de Cristo como representante da humanidade na corte celestial, onde o caso do crente é defendido com base em sua identificação com Cristo, e porque aquilo que ele é agora não é o que será mais tarde, uma vez que a operação transformadora do Espírito insufla nele a verdadeira santificação.

Não se pode duvidar que o autor sagrado contemplava aqui a Cristo como quem apela para o poder e a virtude de sua própria expiação em favor do

pecador, pois, através da expiação é que o perdão é oferecido aos homens. (Ver I João 1:7,9). O perdão conduz à comunhão, e a comunhão conduz à perfeição. Tudo isso é uma maneira poética de assegurar-nos que a expiação de Cristo é válida e poderosa, ou seja, totalmente eficaz em nosso favor. Não precisamos contemplar uma cena literal de um tribunal, nos céus, como se o Filho de Deus tivesse a necessidade de «convencer» a um Deus Pai «inquiridor» e «insatisfeito» acerca da «aceitabilidade» dos filhos de Deus que caem em pecados. Antes, Deus Pai nos aceita, embora ainda sejamos pecadores, devido à nossa conexão com seu Filho. A missão de Jesus Cristo, tanto na terra como nos lugares celestiais, tem-se mostrado eficaz em nosso favor, pelo que desfrutamos de aceitação e de comunhão com Deus Pai.

O uso dessa palavra, no evangelho de João, onde informalmente encontramos *Ajudador* (referindo-se ao Espírito Santo, e não a Cristo), ao passo que esse mesmo vocábulo é usado «formalmente» para indicar «Advogado» (referindo-se a Cristo), nesta primeira epístola de João, segundo pensam alguns intérpretes é sinal de que dois escritores diferentes estiveram envolvidos na produção do evangelho e da primeira epístola de João. As muitas e grandes similaridades entre esses dois livros (comentados na secção V da introdução), conforme raciocinam eles, teriam sido feitas «a propósito». Portanto, teriam a natureza de «cópias», não sendo obras genuínas dos autores declarados. (Quanto a notas expositivas sobre a questão da «autoría», ver a secção II da introdução a esta epístola).

«...junto ao Pai...» Assim também o Verbo estava «com Deus». São salientadas aqui tanto a idéia de comunhão como de distinção de pessoas, que compartilham da mesma natureza divina. Além disso, porém, somos informados que essa própria comunhão e proximidade com Deus faz dele um Pai, de tal modo que outros «filhos» podem participar da mesma comunhão de que desfruta o Filho. Por esse motivo é que o Senhor Jesus e o nosso Advogado. Nisso, pois, é patente que Cristo cuidou do problema do pecado de forma completa; sua missão expiatória e advocatícia mostra-se eficaz. Portanto, a «universalidade» do pecado de modo algum pode frustrar sua missão. Isso já está envolvido nessa missão, que proveu seu meio de cumprimento. (No tocante à «paternidade de Deus», ver as notas expositivas sobre João 4:21; 8:42; 17:1; Rom. 8:15,16). A Bíblia deixa claro que as bênçãos espirituais chegam aos homens da parte de Deus como Pai. A própria salvação é sinônimo de «filiação». (Ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, quanto a essa mensagem, especialmente seu terceiro versículo).

Conta-se a história de uma jovem convertida ao cristianismo que, quando lhe foi ensinada a oração do Pai Nosso, recusou-se a ir além das palavras «Pai nosso...» Explicou ela que se é verdade que Deus trata conosco como Pai, isso é tudo de quanto precisamos saber. (Ver o Espírito Santo como Advogado, em Rom. 8:26-27. O Espírito Santo é o *alter ego* de Cristo, aquele que age em seu lugar, neste mundo).

«Jesus Cristo, o justo...» Ele é livre de qualquer pecado comprometedor; Deus é «justo» (ver I João 1:9), e como tal perdoa o pecado, pois verdadeira provisão tem sido feita em seu favor, a qual satisfaz à justiça divina. Portanto, o Advogado também é «justo». Nada há a esconder; nenhum método estranho é empregado. O Juiz não olha para o outro lado, enquanto um astuto advogado faz um caso negativo tornar-se um caso positivo. O apelo e a defesa apresentados pelo Advogado se alicerçam sobre a verdade; e ele haverá de ganhar sua causa porque ela é justa. E ele mesmo foi quem tornou isso possível. (Quanto à «impeçabilidade» de Cristo, aludida neste versículo, ver as notas expositivas em João 8:46 e Heb. 4:15. Nesta última referência apresentamos a nota de sumário a respeito. Em I João 1:9 ver os princípios sobre os quais se pode dizer que esse caso é «justo»).

«Jesus é o homem verdadeiro e ideal». Ele defende a causa dos remidos com conhecimento absoluto, com justiça e com simpatia. O caso é em favor de seus «irmãos», que «são filhos de Deus em formação». Cristo mesmo não tem pecado, pelo que pode entrar na presença divina sem obstáculo algum. Seu alvo é levar os demais filhos de Deus àquele lugar, tornando-os santos como ele mesmo é santo. Desse modo haverão de compartilhar de sua própria natureza. (Ver Heb. 2:10). Ele é o «pioneiro» do caminho, bem como o próprio caminho. Ele levará, com sucesso, os outros filhos à «glória».

Os gnósticos, entretanto, supunham a existência de muitos «advogados», os «aeons» angelicais. O autor sagrado afirma que há apenas um Advogado, tal como se vê também em I Tim. 2:5. Na cristandade moderna, em alguns de seus segmentos, os homens continuam fazendo de anjos e «santos» os seus advogados. Mas isso é inteiramente estranho para a mente do autor sagrado.

«Que melhor advogado poderíamos ter, senão Aquele que foi nomeado nosso juiz?» (Jeremy Taylor, *The Great Exemplar*, I.i.3).

2 καὶ αὐτὸς ἰλασμός ἐστιν περὶ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν, οὐ περὶ τῶν ἡμετέρων δὲ μόνον ἀλλὰ καὶ περὶ ὅλου τοῦ κόσμου. 2 Jo 1:20; Col 1:20; 1 Jo 4:10, 14

2:2: Ele é o propiciador pelas nossas pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.

«...propiciação...» No grego é «ilasmos», aqui e em I João 4:10, com base na forma verbal que significa «apaciar», «conciliar consigo mesmo». A expiação tem muitos aspectos e muitos significados. A nota geral a respeito aparece em Rom. 5:11. Um de seus aspectos é aquele em que Deus aparece como «irado» contra o pecado. Mas isso não indica uma «emoção» forte, conforme se entende humanamente o vocábulo, e, sim, uma espécie de desprazer que fatalmente resultará em juízo. (Ver as notas expositivas sobre a «ira de Deus», em Col. 3:6). Essa expressão fala da necessidade que Deus tem de retribuir ao pecado, pois o «juízo divino» é uma realidade. Por isso é que Deus é retratado como quem está irado contra o mal, pronto a lançar-se contra ele. É essa a ação que atinge em cheio ao pecador. Tal

situação, pois, precisa ser remediada, e o remédio se encontra na expiação. Assim é «apacado» um Deus irado; e a esse aspecto da expiação chamamos de «propiciação». O «apacamento» impede que sobrevenha o terrível juízo que, de outro modo, seria necessário; antes, os homens são reconciliados com Deus. Em Rom. 3:25 é usada a palavra «*ilasterion*» (palavra correlata daquela que aqui é empregada), onde é traduzida por «propiciação»; e nesse ponto são dadas notas expositivas completas. Notemos que, naquele versículo, a propiciação é declarada real «através da fé em seu sangue»; e João já mostrara essa verdade em I João 1:7, onde o sangue é apresentado como «purificador». Aqui, pois, uma vez mais, o sangue é exibido como «apacador». Isso significa que a morte de Cristo (simbolizada por seu sangue) realiza esse efeito por nós. O Espírito Santo identifica-nos misticamente com Cristo, em sua morte; o pecado é pago, mas também

2 μορον] μορων B 2 al co Or

recebemos a retidão de Cristo, mediante o processo da santificação (ver II Cor. 5:21). A influência e o poder transformador do Espírito Santo, operantes sobre a alma, fazem essas coisas tornarem-se reais para nós; e isso é o que significa a participação em sua morte e em sua vida (ver as notas expositivas a respeito, em Rom. 6:3).

A obra de Cristo como Advogado repousa sobre a sua propiciação, sobre a expiação em seu sangue, conforme esta última pode ser considerada em um de seus variados ângulos. Sua expiação cuidou eficazmente do pecado, pelo que o caso apresentado por nosso Advogado é justo e bem-sucedido. Disso resulta a «comunhão» com Deus, o qual estava anteriormente «irado» conosco (no sentido acima esclarecido).

*E amaste tu à raça que não te amava?  
E levaste para os céus uma fisionomia humana?  
Plêtielas com voz humana pelo mar maravilhosos!  
E tu seu parente, agora?  
(Jean Ingelow, Kinaman)*

O objetivo da propiciação é tanto Deus como o homem. Pelo lado divino, o Senhor é «pacificado» ou «apacado» (não está envolvido qualquer sentimento emocional, conforme é explicado acima, mas antes, a alteração em sua necessidade de julgar ao pecado, por ter sido esse eficazmente solucionado na cruz). Pelo lado humano, as atitudes dos homens são modificadas. Deixa o homem de ser um pecador rebelde, sendo reconciliado espiritual e mentalmente com Deus e com a bondade. Isso, naturalmente, é a «conversão», bem como o começo da santificação.

«A salvação começa manejando a culpa de meu pecado, e não o poder do meu pecado sobre a minha vontade, oferecendo-me perdão antes de oferecer-me santidade... Sou aceito 'tal como sou', embora não seja merecedor; e a única coisa que tem poder é a minha aceitação quando ainda não tenho qualquer merecimento... para que eu tenha merecimento. Não sou salvo por ter-me tornado impecável; sou salvo enquanto ainda sou um pecador, porque Cristo é impecável e... levou meu pecado sobre o seu próprio corpo, na cruz. Porém, esse ser salvo enquanto ainda sou um pecador é o começo de deixar eu de ser um pecador». (John Baillie, *Invitation to Pilgrimage*, pág. 67).

Quão completamente os sofrimentos de Cristo realizaram sua grande missão! No dizer de Hoon (*in loc.*): «Um judeu alemão disse: 'O sofrimento é uma linguagem que todos compreendem'. E os sofrimentos de Jesus são a linguagem universal do amor. Há, no coração de todo homem, algo que responde afirmativamente a Jesus. Os orientais e os ocidentais, os aldeões e os eruditos, os negros e os brancos, os netos e os avós, a mulher e o homem, os bem-sucedidos e os fracassados, os ricos e os pobres, os católicos e os protestantes—todos contemplam em Jesus aquilo que fala a eles. Disse uma Índia, ao ouvir seu primeiro sermão sobre Jesus, por parte de um missionário evangélico: 'Eu o tenho conhecido toda a minha vida, mas agora você me disse o seu nome'... A história confirma a reivindicação cristã de que Jesus é o Salvador do mundo. Se essa reivindicação não fosse válida, desde há muito teria sido desmascarada como falsa. A pura bondade e santidade de Jesus são suficientes para salvar e purificar aos homens de cada geração, contanto que confessem e creiam».

As necessidades universais dos homens são todas satisfeitas por Jesus: 1. Há o instinto pelo divino. O homem sabe que não pertence a este mundo, que o seu destino é um mundo superior e melhor. Jesus, na qualidade de Filho, mostra-nos que pode levar outros filhos a terem comunhão com Deus, chegando eles a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4). 2. Há o instinto da oração, que busca comunhão com um Ser mais alto. Jesus mostra-nos como essa inquirição pode ser eficaz. 3. Há o instinto da imortalidade. Todo homem reconhece, instintivamente, que seu estado mortal não pode representar seu verdadeiro potencial.

*Quem perderia,  
Embora cheio de dor, esse ser intelectual,  
Esses pensamentos que flutuam pela eternidade,  
Perecendo, sendo tragado a perdido,  
No espaço vazio da noite iniciada!*

Sim, a alma sabe que triunfará sobre a noite e sobre o nada. Sua porção intelectual e intuitiva vagueia pela eternidade. 4. O instinto da moralidade. Sabemos que devemos «ser» o «praticar». Nenhuma «crença fácil» pode servir para levar a alma à realidade última. O evangelho de Cristo possibilita a santidade, e a santidade torna possível esse vôo para o alto. Cristo é o mediador de todos esses instintos, cumprindo e realizando a todos eles.

«...pelos pecados do mundo inteiro...» Precisamos rejeitar de pronto o absurdo da interpretação «calvinista», que faz isso significar «pelos pecados do mundo dos eleitos». Isso é cair no mesmo erro de que os gnósticos eram culpados. Supunham eles que a maioria dos homens está fora do alcance do propósito redentor de Deus. Eles dividiam os homens em três grupos: 1. Os «hílicos», isto é, os «terrenos». Esse grupo incluía quase todos os homens.

3 Καὶ ἐν ταύτῃ γινώσκομεν ὅτι ἐγνώκαμεν αὐτόν, ἐὰν τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ τηρῶμεν.

2:3: E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos.

(Quanto à idéia de «conhecer a Deus», ver as notas expositivas em Efé. 1:17, 18; Col. 1:10 e II Ped. 1:2). O conhecimento de Deus tem os seguintes aspectos: 1. É intelectual, algo que possa permear e dominar o intelecto. Mas nunca será apenas isso, embora certamente não seja o mero aumento do número de proposições teológicas intelectuais. 2. Também é intuitivo. A porção intuitiva do homem está envolvida, obtendo informações e experiências da parte de Deus. 3. Entretanto, é essencialmente místico, pois consiste da iluminação da alma acerca do «sentido de Deus» para o ser. O conhecimento é experimental, envolvendo o nível da alma. Podemos conhecer a Deus e a Cristo «através da experiência espiritual», até mesmo quando nossas proposições teológicas intelectuais não aumentam em

Esses estariam totalmente imersos na «matéria» (princípio do mal), devendo perecer juntamente com ele. Estariam fora da possibilidade de redenção. 2. Haveria os «psíquicos», homens dotados de natureza espiritual, embora de qualidade inferior. Esses viveriam pela «fé», que seria uma virtude inferior ao «conhecimento». Dentro dessa categoria os gnósticos punham os profetas do A.T. e outros homens «bons». Estariam sujeitos a um tipo inferior de redenção, mas não à absorção na divindade, e que o «ego» se tornaria um superego. 3. Finalmente, haveria um reduzido grupo, os «pneumáticos», que seriam os indivíduos verdadeiramente espirituais, sujeitos à plena redenção, por meio do «conhecimento». E esse conhecimento seria aquele possuído pelos gnósticos, de natureza «mística», «mágica» e «cerimonial», ou seja, o sistema que eles promoviam.

O autor sagrado, entretanto, nega a tudo isso, não somente é errado tal sistema por si mesmo, mas também degrada a qualidade e o potencial da missão redimidora de Cristo. As palavras de I Tim. 2:4 — «...o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade...»—foram escritas contra os gnósticos, que tanto limitavam a missão salvadora de Cristo. Outro tanto se dá no caso de II Ped. 3:9, onde se lê: «...o Senhor...» não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.

Portanto, no presente versículo, nenhuma limitação deve ser imposta. Se impusermos quaisquer limitações a essa clara declaração, tornar-nos-emos culpados do mesmo erro dos gnósticos, que pensavam que apenas uma minoria dos homens pode ser remida. Antes, o autor sagrado assevera que a redenção em Cristo é potencialmente universal. Não há homem que não possa ser perdoado, mediante a expiação no sangue de Cristo. Por conseguinte, não podemos falar em «termos os próprios pecados perdoados» ao mesmo tempo que nos esqueçamos que essa expiação é válida para apagar os pecados de todos os homens de todos os séculos. O evangelho de Cristo, o grande depositário do amor de Deus, é prova disso. Deus «amou o mundo» e não somente o mundo dos eleitos.

O evangelho fala à «nossa condição», mas ao mesmo tempo, alude à condição similar de todos os homens. Cristo chegou a descer à prisão dos espíritos desobedientes, o hades, a fim de pregar ali o arrependimento e a salvação (ver notas expositivas completas, em I Ped. 3:18, sobre a «descida ao hades», ver também I Ped. 4:6). Isso mostra sua preocupação e interesse avassaladores por todos os homens, sem importar quem sejam ou onde se encontrem.

«A propiciação é tão grande quanto o pecado». (Bengel, *in loc.*).

«É fato patente que fazes parte do mundo inteiro; portanto, teu coração não pode enganar a si mesmo, pensando: 'O Senhor morreu por Pedro e por Paulo, mas não por mim'. (Lutero).

«A propiciação operada por Cristo provê salvação para todos (ver Heb. 2:9), contanto que se reconciliem com Deus (ver II Cor. 5:19-21)». (Robertson, *in loc.*).

O desígnio do apóstolo, como é manifesto, era mostrar a universalidade da propiciação, da maneira mais enfática, sem qualquer exceção. Isso torna inadmissível toda e qualquer limitação. (Lange, *in loc.*). Esse mesmo autor continua a fim de rejeitar a noção calvinista de que a eleição limita, ou que existam «réprobos» que estão em foco. Por igual modo, o «mundo», neste caso, não pode significar «mundo dos eleitos». Também não se pode dizer que o mundo se compõe dos «judeus» ou dos «pagãos» somente. A totalidade dos homens incrédulos é que está em pauta. Os exemplos, que podem ser exibidos às dúzias, da palavra «mundo», indicando «império romano» ou os «judeus», ou algum outro número «limitado» de pessoas, são incoerentes com o contexto, pois de modo algum são tencionados aqui. Hoje em dia é costume alguém falar no «mundo inteiro» referindo-se somente a um certo grupo, envolvido em alguma circunstância particular; mas tal uso é totalmente fora de lugar, no caso do presente contexto.

«...em favor de 'toda a humanidade'; e a tentativa de limitar isso é um ultraje violento contra Deus e sua palavra». (Adam Clarke, *in loc.*).

«Esta declaração não deve ser limitada. Seu escopo é que a redenção que há em Cristo foi oferecida em favor de toda a humanidade, desde Adão até ao último homem». (Sinclair, *in loc.*).

«Ao limitardes a influência da morte de Cristo... não somente fazeis naufragar todas as nossas esperanças imortais, apagando a glória do evangelho, mas igualmente lançais um reflexo adverso sobre o caráter de Deus, imputando-lhe a fraqueza de incorrer em despesa tão tremenda (a morte de Cristo), ter uma finalidade suficiente». (W.B. Sprague).

«Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo» (João 12:32). (Ver Efé. 1:10 e as notas expositivas ali existentes, sobre como Cristo faz isso). Não devemos subestimar o poder de sua missão e o seu universal poder de salvação. Isso é ver neles muito menos do que o N.T. enxerga ali. (Este versículo pode ser comparado com I João 5:19, que diz: «...o mundo inteiro jaz no maligno...»). O mundo é a comunidade inteira e vasta dos homens pecaminosos.

número e nem melhoram do ponto de vista racional. 4. O conhecer a Deus está ligado a uma «prova moral». Demonstramos o conhecimento de Deus quando fazemos aquilo que ele ordenou. A alma «entregue aos cuidados divinos», dedicada ao mundo eterno, naturalmente é amoldada segundo a lei moral divina. Tal alma é santificada devido ao seu contacto com Deus, mediante a operação transformadora do Espírito no crente residente. As referências mencionadas provêm informações mais detalhadas sobre o que está implícito no que é «conhecer a Deus», nas páginas do N.T. Seu alvo, e claro, consiste de compartilharmos da própria natureza e dos atributos de Deus (ver Efé. 3:19), de modo a «conhecermos a Deus» na expressão de nossos próprios seres, tal como agora o conhecemos por meio de Cristo, que é a sua expressão palpável. Nós o conhecemos por aquilo que ele faz em nós



e por nosso intermédio, por aquilo que ele faz de nós, tudo o que é apenas a infusão de sua própria natureza em nós.

Temos a «certeza» de que conhecemos a Deus quando «guardamos os seus mandamentos». Essa é a prova moral de que temos conhecimento de Deus. Sua natureza moral vai sendo assim infundida em nós (ver Gál. 5:22,23 e Mat. 5:48), e isso serve de demonstração de que gozamos de contacto genuíno com ele. A imagem de Cristo, o Homem ideal, está sendo formada em nós; e quanto melhor ela for formada, mais agiremos como ele agiria, em verdade. E ao agir santamente, estaremos demonstrando o nosso conhecimento «prático» de Deus. Tornamo-nos familiarizados com ele através do que ele faz em nossos próprios seres. Aos gnósticos faltava essa «prova moral», pois a todo o tempo afirmavam ser «impecáveis» (ver I João 1:8,10), mas viviam vidas lassas e imorais. Isso mostrava que o Espírito Santo não mantinha contacto genuíno com eles, pelo que não tinham qualquer verdadeiro conhecimento de Deus. Deus determinara: «Sede santos, porque eu sou santo» (I Ped. 1:16). «...segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo vosso procedimento» (I Ped. 1:15). Portanto, os crentes são «santos», e sua conduta diária deve estar à altura desse adjetivo. (Ver Rom. 1:7 e as notas expositivas ali existentes acerca desse título, sua história e seu significado).

Aqueles que participam da vida eterna têm uma «natureza moral» identificadora. E a participação na natureza divina, sendo Deus a fonte da vida eterna, nos levará ao pináculo da modalidade de vida. Assim como haveremos de participar de sua «modalidade de vida» (ver as notas expositivas a respeito em João 5:25,26 e 6:57), assim também haveremos de compartilhar de seu «tipo de santidade» (ver Rom. 3:21), pois, de outro modo, nunca poderemos ver a Deus (ver Heb. 12:14). «No tocante a Deus professam conhecê-lo, entretanto o negam por suas obras, por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra» (Tito 1:16).

Os gnósticos tinham esse nome porque davam excessiva importância ao seu tipo de «conhecimento». No entanto, este era espúrio, pois não os tornava santos, mas antes, profanos.

«...mandamentos...» De nada adianta tentar reconciliar aqui o uso que este autor sagrado faz dessa palavra com o uso paulino. O «sentido» desses dois escritores, entretanto, é o mesmo. Os mandamentos, neste caso, não apontam apenas para 1. o evangelho; ou 2. para o «novo mandamento do amor». Antes, está em foco a lei moral do A.T., aprofundada por Cristo, tal como encontramos na epístola de Tiago. As distinções cuidadosas que

1 ο λέγων ὅτι Ἐγνωνκα αὐτόν, καὶ τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ οὐκ ἔστιν

4 I Jo 1.8

2:4: Aquela que diz: Eu a conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentirosa e nele não está a verdade;

«...Eu o conheço...» Isso é o que os mestres gnósticos afirmavam. Supunham eles que seu conhecimento místico, cerimonial e mágico era o caminho de volta para Deus. Mas o «caminho» deles não produzia a santidade, pelo que era um caminho espúrio, com base em um conhecimento falso.

«...não guarda os seus mandamentos...» Para os gnósticos, os mandamentos do Senhor não eram um grande tesouro, que deveria ser protegido e preservado, não eram a norma orientadora na vida. Lançavam-se no mar da vida sem bússola e sem leme. Eram líderes que não levavam a qualquer porto seguro.

Quanto aos «mandamentos do Senhor», Hoon comenta o seguinte, acerca do terceiro versículo deste capítulo (*in loc.*): «...a expressão moral da natureza divina, da qual a vida eterna é a experiência. Os mandamentos são 'dele', isto é, de Deus, e não decreto humano... os mandamentos são transmitidos ao homem pela expressão dinâmica e pelas reivindicações da vontade de Deus, revelada em Cristo. Mais concretamente, os mandamentos são as leis morais de Israel, expostas e envolvidas nos dois grandes mandamentos de Jesus (comparar com Rom. 13:8-10)».

Os mandamentos são vistos como uma disciplina moral, que conduz ao caráter cristão. Um atlético treinador, bem-sucedido em seu trabalho, observou de certa feita acerca de seus atletas: «Eles não entram em treinamento; eles permanecem em treinamento». Os gnósticos, porém, negavam-se tanto a entrar como a permanecer em treinamento.

C.F. Andrews (*What I Owe to Christ*, pág. 14), declarou que a visão de Deus tornou-se radiante para ele na mesma proporção em que se interessou em fazer a vontade de Deus em sua vida diária. Isso é verdade porque Deus se revela para nós através da prática moral; assim o Espírito Santo nos infunde a sua natureza moral, e através disso vamos recebendo, progressivamente, uma visão maior e maior do Senhor. O evangelho de João faz a prova da doutrina ser a sua prática diária: «Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu

ἢ ὅς δ' ἂν τηρῇ αὐτοῦ τὸν λόγον, ἀληθῶς ἐν τούτῳ ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ τετελείωται.ª ἐν τούτῳ γινώσκουμεν ὅτι ἐν αὐτῷ ἔσμεν.ª

ªª maior, a menor: WH B<sup>27</sup> RV ABV RRV NEB TT Hes // a menor, a maior: AV // a maior,

a maior: TR BV Nm Zur Luth Jer

ª τετελείωται I Jo 14.21, 23; I Jo 5.3

2:5: mas qualquer que guarda a sua palavra, nele realmente se tem aperfeiçoado o amor de Deus. E nisto sabemos que estamos nele:

Os versículos terceiro e quarto falam em «guardar os mandamentos» do Senhor. O termo «...palavra...», neste caso, equivale aos «mandamentos», que figuram naqueles versículos. Aquele que entesoura a palavra moral de Deus, a fim de preservar sua integridade em sua vida, mediante a sua prática, contará com o «amor de Deus», que será derramado sobre ele, que é o tema do primeiro e do segundo mandamentos. A obediência conduz o crente à perfeição moral e à comunhão com Deus. A obediência ganha o grande prêmio, o «amor». E o amor é maior que o conhecimento, embora, em certo sentido, seja equivalente ao mesmo, porque quando aprendemos a

Paulo fez nesse particular não eram naturais para outros cristãos primitivos, que continuavam sob a influência dos ensinamentos rabínicos. Portanto, o autor sagrado, neste ponto, não hesita em pensar sobre os «mandamentos» como guia moral e regra de vida. No entanto, tinha o discernimento neotestamentário de que essa «lei» sofrera modificações por parte de Cristo, ministradas por seu Santo Espírito; do contrário, não teria valor.

Paulo demonstrou que a lei nem justifica (ver os capítulos quarto e sexto da epístola aos Romanos e o terceiro capítulo da epístola aos Gálatas) e nem santifica. Mas há a «lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus», que realmente nos santifica, tornando-nos livres da lei «do pecado e da morte» (Rom. 8:2). Essa é a «lei moral de Deus» (inteiramente independente da legislação mosaica escrita), a qual é «misticamente» ministrada, no coração. Esta lei tem o poder de transformar. Essa, pois, é a verdade neotestamentária sobre a questão da lei; e apesar de que o autor sagrado sem dúvida tinha em mente as leis do A.T., também reconhecia a «espiritualidade» da apresentação da lei, por parte dos autores do N.T., embora a sua explanação não seja tão teologicamente exaltada como a de Paulo.

A obediência à lei moral, portanto, serve de prova de nossa participação nos benefícios derivados da propiciação e da advocacia de Cristo. Ele nos regenera e santifica; ele implanta o seu amor em nossos corações. «Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele... Se alguém me ama, guardará a minha palavra...» (João 14:21,23).

«...guardamos...» Essa palavra indica, essencialmente: 1. Fazer e praticar, preservando a preciosidade dos mandamentos divinos, como tesouro que nos foi outorgado. 2. Guardar e zelar, cuidando para que os mandamentos não sejam desobedecidos e arruinados, naquilo que nos envolve. 3. Guardar do dano, porquanto esses mandamentos nos são preciosos.

Mandamento. No grego é «*entole*». Essa palavra é usada para indicar qualquer forma de ordem, mandamento ou preceito. Mas com mais frequência indica os mandamentos da lei (ver IV Macabeus 13:15; 16:24; Mat. 5:19; 19:17; Marc. 10:19; Luc. 18:20). É termo usado para indicar os mandamentos individuais da lei (ver Mat. 22:36,38 e Efé. 6:2). A fé cristã, em sua inteireza, veio a ser chamada de «mandamento», devido às suas «exigências morais» (ver I Tim. 6:14 e II Ped. 2:21).

μη τηρών, ψεύστης ἐστίν, καὶ ἐν τούτῳ ἡ ἀλήθεια

4 στί om KLP al lat CIP<sup>1</sup> ε [ αληθεια] add του Θεου K pc

falo por mim mesmo» (João 7:17).

«...mentiroso...» Comparar isso com I João 1:6, que diz: «Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade». E no oitavo versículo daquele primeiro capítulo lemos que se dissermos que não temos pecado «enganamos», a nós mesmos. Quando dizemos que não temos pecado, fazemos de Deus um «mentiroso». Dessas diversas maneiras, pois, o autor sagrado demonstra a completa desonestidade dos mestres gnósticos. Eles tinham abandonado a verdade de Deus, tendo chegado a crer em seu próprio sistema mentiroso. Mas o sistema deles deixava de lado o «imperativo moral» do evangelho cristão.

«O teste é adequado e pode ser aplicado com segurança; porquanto não existe tal coisa como um conhecimento que não resulte em ações que lhe correspondam. O indivíduo que afirma ter conhecimento de Deus, mas não age de acordo com isso, por ser essa a sua consequência necessária, na tentativa de cumprir a vontade divina, ao assim agir se declara um mentiroso. Não há lugar para o autoludíbrio. A falsidade, até se não é consciente e deliberada, não tem desculpa». (Brooke, *in loc.*).

«...e nele não está a verdade...» A «verdade» do evangelho é aqui vista como a «exigência moral do evangelho». (Ver o oitavo versículo deste capítulo onde figura a mesma expressão e onde aparecem notas expositivas completas). O décimo versículo do primeiro capítulo traz uma declaração sinônima: «Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós». (O leitor deve consultar as notas expositivas ali também). Tal indivíduo está «vazio» da verdade, e o vácuo já foi preenchido com mentiras, tornando-o um mentiroso.

«...os mentirosos se jactam de que têm fé; sem piedade... muitos hipócritas se jactam inutilmente de que têm fé; o apóstolo acusa a todos os tais de falsidade». (Calvino, *in loc.*).

«Uma vida desobediente é a refutação e a vergonha do pretenso conhecimento religioso; mostra a mentira de todas essas jactâncias e pretensões, demonstrando que não há nem religiosidade e nem honestidade em tais pessoas». (Matthew Henry, *in loc.*).

ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ τετελείωται.ª ἐν τούτῳ

«conhecer a Deus» também o amamos e amamos àquilo que ele ama. Seja como for, o autor sagrado mostra, bem definidamente, que esse «amor», que resulta da obediência, é muito maior do que aquilo a que os gnósticos chamavam de «conhecimento», que era o alvo da distorcida inquirição espiritual deles.

«...nele verdadeiramente tem sido aperfeiçoado o amor de Deus...» A idéia aqui é paralela ao trecho de João 14:21, e que diz «Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele». Notemos ali, igualmente (ver João 14:21,23) o intercâmbio entre «mandamentos» e «palavras». A obediência cultiva o amor, e então uma

maior obediência é inspirada pelo amor intensificado. A obediência à lei moral de Deus leva à transformação do íntimo; e essa transformação resulta na infusão das próprias virtudes morais de Deus em nós, principalmente o amor. (Ver as notas expositivas a respeito, em Gál. 5:25,26).

«...aperfeiçoado...» De tal modo que se torne repleto do amor de Deus; em seguida, do amor aos homens, porquanto está tomado pela «palavra» divina. Isso pode ser contrastado com o caso dos «mentirosos», que professam bondade, mas não a praticam. Tais indivíduos vivem «vazios» da verdade, mas cheios de falsidade. Que contraste! mostra-nos que a questão inteira se baseia sobre o que fazemos com as exigências morais do evangelho. No grego, esse verbo é «teleio», «completar», «levar ao fim», «aperfeiçoar». E o amor de Deus que é «levado à sua plenitude» em tal crente. E isso significa que esse crente atinge altíssimo grau de desenvolvimento, o que exerce influência sobre todas as ações de seu ser. O amor modifica tudo aquilo em que toca. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «amor de Deus», ver João 3:16; quanto ao «amor a Deus», que é exercido através do amor ao próximo, ver Mat. 25:35 e ss.; quanto ao «amor de Cristo», que nos constringe a fazer a sua vontade, ver I Cor. 5:14; quanto ao «amor como princípio normativo da família divina» — expressão do amor fraterno — ver João 14:21 e 15:10). Nessas referências é desenvolvido o importantíssimo tema do «amor cristão», em seus diversos aspectos, com o uso de poesias ilustrativas.

«...o amor de Deus...» A maior parte dos intérpretes pensam que isso significa «amor a Deus». Demonstramos amor a Deus quando observamos a seus mandamentos, os imperativos morais do evangelho. Primeiramente amamos a Deus, amando ao próximo (ver Mat. 25:35 e ss.). A maioria dos homens não é capaz de amar a Deus diretamente, porque ainda não possuem a elevação espiritual necessária para contemplar sua pessoa. Mas todos os homens podem amar a Deus amando ao próximo e servindo-o. A medida em que nos vamos tornando mais eficientes nesse aspecto, a alma vai sendo impelida em seu vôo, chegando a poder contemplar diretamente ao próprio Deus, porquanto estará se desenvolvendo e amadurecendo espiritualmente.

O amor de Deus por nós é uma grande verdade (ver as notas expositivas a respeito, em João 3:16), mas não é isso que ensina este versículo, exceto, naturalmente, que todo o amor que possuímos, por Deus ou pelos homens, deve derivar-se do amor de Deus, porquanto ele é a fonte informativa de todo o verdadeiro amor. Se alguém ama, é porque é inspirado pelo Espírito de Deus, pois estará participando do princípio divino.

ὁ ὁ λέγων ἐν αὐτῷ μένειν ὀφείλει καθὼς ἐκεῖνος περιπάτησεν καὶ αὐτὸς [οὕτως] περιπατεῖν.

8 Jo 13:18; 1 Pe 2:21

2:6: aquele que diz estar nele, também deve andar como ele andou.

«...aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou...» Este versículo é constituído por elementos que já foram apresentados, na parte anterior desta epístola. 1. Quanto à questão de «permanecer nele», ver o quinto versículo, na expressão «nele»; a idéia de «comunhão», que aparece no terceiro versículo, é outra maneira de falar dessa permanência. 2. Quanto à questão do «andar», ver I João 1:6,7. Quanto a notas expositivas completas sobre a metáfora do «andar», freqüente na filosofia moral e nos escritos dos autores sagrados, ver Gál. 5:16,25. Nossa vida espiritual é vivida através do Espírito Santo. A nós é conferida a mesma forma de vida espiritual que Deus tem, e isso envolve, irresistivelmente, a sua forma de conduta moral. Quando vivemos o tipo de vida moral de Deus, então estamos «andando» como verdadeiros crentes. 3. Nosso andar deve ser modelado segundo a conduta de Cristo. Ele era santo e justo (ver o primeiro versículo), e saiu por toda a parte a fazer o bem (ver Atos 10:38). (Quanto à idéia de «exemplo», ver I Cor. 11:1, onde aparece a nota de sumário a respeito).

A imitação de Jesus: O autor sagrado dá a entender que seus leitores originais sabiam acerca da vida de Jesus. Ele deixara vividas impressões em sua memória. Cristo deixou o mais sublime exemplo possível para os homens, mostrando como nos devemos devotar à nossa missão divinamente determinada, obedecendo aos mandamentos de Deus. De modo todo especial, Cristo obteve «sucesso».

Lutero (*in loc.*) observava que não nos cumpre imitar o andar de Cristo por sobre o mar, mas a sua maneira ordinária de andar. Assim também devemos buscar a santidade e a bondade, ainda que não possamos praticar coisas maravilhosas, conforme ele fez.

Talvez o autor sagrado tenha em mente o trecho de João 15:5-11; a passagem sobre o permanecer em Cristo, que resulta em uma vida frutífera. Notemos a graduação que aparece aqui no texto: Cumpre-nos conhecer a Deus; estar em Deus e permanecer em Deus. Assim é que vamos «de glória em glória», contemplando o Homem ideal como que em um espelho. E, nessa contemplação, vamos sendo transformados segundo a sua imagem (ver I Cor. 3:18). O andar de Cristo foi uma expressão do amor fraterno, e esse tema haverá agora de ser enfatizado (nos versículos sétimo em diante). Porém, antes disso, o andar segundo a santidade de Cristo se torna necessário.

«A prova de nossa comunhão com Deus é a imitação da vida de seu Filho.

## II. CONDIÇÕES E BASE DA COMUNHÃO: Exigências morais do evangelho. (1:5-2:17)

### 3. Prova e condição de comunhão: a lei do amor (2:7-11).

Chegamos agora a um dos temas centrais dos escritos joaninos. O amor é o guia da família de Deus. Esse tema é amplamente comentado em João 14:21 e 15:10. A obediência aos mandamentos de Deus é uma prova da nossa comunhão com Ele. Mas a obediência também gera o amor, e o amor, por sua vez, aumenta a obediência. O «antigo» mandamento se tornou «novo» através do princípio do amor. Seu poder é esse novo princípio. Por isso é que Paulo disse, com verdade, que o amor incorpora a lei toda. (Ver Rom. 13:10). O amor é

Nosso amor a Deus é demonstrado pela «...continua observação dos mandamentos de Deus, e não por palavras vocíferas e por vida lassa». (Robertson, *in loc.*). (Quanto ao «amor humano por Deus», ver também I João 2:15 e 5:3). Em ambas essas referências está em foco a retidão moral, a observância dos mandamentos do Senhor.

«...estamos nele...» Em outras palavras, «habitamos em Deus» (ver o sexto versículo deste capítulo), mediante a comunhão mística, através do poder eficaz do Espírito Santo. O N.T. é um livro extremamente místico. Supõe que o contacto com o Espírito divino é possível e deve ser buscado. Alguns crentes buscam «iluminação» através da meditação. Outros buscam os «dons espirituais» do Espírito. Ambos esses métodos são meios de tornar vívido e real para nós o contacto que podemos desfrutar com Deus. Nesse contacto somos imersos de modo a habitar na esfera do divino. Assim sendo, «habitamos nele», ou estamos «em Cristo». (Isso pode ser comparado com a constante expressão paulina, «em Cristo», usada por cento e sessenta e quatro vezes em suas epístolas. Ver isso comentado sob o título «misticismo cristão», em I Cor. 1:4). Nesse contacto místico, temos «comunhão» com Deus. Essa comunhão pode ser sutil, tal como pode sê-lo o poder do Espírito Santo em nossas vidas, ou seja, pode ser uma realidade de maneira calma, natural e sem ostentação. Algumas vezes a presença de Deus conosco é mais ousada e evidente. O Espírito Santo é o espírito nessa máquina. Sua presença se faz sentir por todo o mundo, tornando-o um lugar habitável, a despeito de toda a iniquidade que ele contém. A presença do Espírito paira sobre nós, — os que cremos. Ele está continuamente conosco, até mesmo se resistirmos a seus impulsos íntimos.

«...nisto...» Em quê? 1. No amor, que em nós vai sendo aperfeiçoado. 2. Na obediência aos mandamentos do Senhor. 3. Na permanência em Deus, de modo a andarmos conforme Cristo Jesus andou neste mundo. Essas coisas comprovam que temos comunhão mística com Deus, que estamos «em Cristo».

«As palavras em Cristo» subentendem que somos salvos pela sua graça; que estamos cercados pelo seu amor; que somos inspirados pelos seus pensamentos; que somos participantes de sua natureza; que estamos cheios de seu Espírito, servindo de moradia para Deus Pai e para Deus Filho, com acesso garantido ao trono divino e a resposta certa às nossas orações, herdeiros do reino celestial». (Sinclair, *in loc.*).

«...sabemos...» Essa é a segurança íntima que desfrutamos. «Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis». (Mat. 7:20). Assim também, pelos nossos próprios frutos, sabemos se temos comunhão ou não com Deus.

Isso não é declarado diretamente aqui, como se dá no caso do conhecimento (ver o terceiro versículo), mas a reivindicação de «permanecer nele», segundo somos informados, envolve a obrigação moral de «seguir os benditos passos de sua vida santíssima» (Brooke, *in loc.*). (Quanto à metáfora do «andar», para indicar o curso geral da vida, com um alvo em mira, nos escritos de João, ver I João 1:6,7; 2:11; II João 4:6 e III João 3:4, e, no quarto evangelho, João 8:12; 11:8 e ss. e 12:35).

«Vamos ficando parecidos com Cristo, imitando-o, e a nossa semelhança com ele serve de evidência irretorquível, para nós mesmos e para o mundo, de que pertencemos a ele, tal como a semelhança de um filho para com seu progenitor comprova a relação de parentesco entre eles». (Smith, *in loc.*).

«Temos aqui o padrão do caráter cristão. Um homem pode ter sua fama e muito falar sobre a sua experiência, mas não ser crente verdadeiro. Talvez se mostre liberal em suas contribuições; seu nome pode aparecer em letras maiúsculas na lista dos benfeitores de sua nação ou de sua igreja, e, no entanto, pode não ser um verdadeiro crente. Porém, o homem que segue os passos de Jesus, cujo caráter é modelado segundo a sua imagem (cuja vontade é identificada com a dele), que leva uma vida caracterizada pela mansidão, pela paciência, pela autonegação, pelo trabalho árduo, pela benevolência e pela oração, tal como se via na vida de Cristo, esse homem, e esse somente, é um crente». (L. Bacon).

«Um pai, duvidando que um filho seu ainda é susceptível de renovação, duvidando que ainda não se tornara inteiramente mau, procura fazer o jovem ficar sob a influência pessoal de um amigo dotado de caráter nobre e simpático. Tal filho teria ainda a capacidade de deixar-se impressionar por tal caráter, por admirar sua força, por um lado, e sua suavidade, por outro?» (William Alexander, *in loc.*).

Conta-se a história do que sucedeu a certa mulher, na prisão. Uma jovem mulher, especialmente dura e corrupta, fora entregue a certa instituição, cuja matrona e diretora era mulher firme, embora dotada de boa vontade e de sabedoria especial. Conforme era esperado, a princípio a jovem mulher reagiu à sua nova vida com insolência e ódio. Gradualmente, porém, a influência da diretora foi surtindo efeito sobre ela. Uma noite, após as orações, o capelão viu quando a jovem mulher beijava surrepticiamente a sombra da diretora, lançada por um lampião na parede. A natureza enfermista da jovem mulher começava a ser curada, e, como é usual, essa cura tinha lugar através do poder do exemplo. Um pai deve a seu filho três coisas: exemplo, exemplo, exemplo. É isso que devemos aos outros.

\*\*\*

incapaz de praticar o mal contra o próximo. Antes, é o princípio mesmo de altruísmo, mediante o que desejamos para os outros aquilo que queremos para nós mesmos. Assim sendo, o amor se expressa na forma de serviço prestado, mas igualmente observa a santidade, porquanto o «pecado» é destruidor para o próprio indivíduo e para os que com ele têm contacto, sendo, por conseguinte, um desserviço para ambos.

O amor, na seção à nossa frente, é associado à «luz», ao passo que o ódio é



ligado às «trevas». Supomos que isso subentende haver uma «polêmica» nesta passagem, conforme a verdade no caso do tratado inteiro. Os falsos mestres gnósticos eram altivos. Criam em si mesmos, como se fossem os únicos indivíduos que receberiam redenção. Outras pessoas eram zombadas e intituladas de «blicas» (terrenas), isto é, totalmente incapazes de redenção. Ainda a outros homens os gnósticos condescendiam em chamar de «homens bons», como era o caso dos profetas do A.T., às quais pessoas intitulavam de «psíquicas» (espirituais — embora em grau inferior a eles mesmos). Supunham que os «psíquicos» eram passíveis de uma forma secundária de redenção e de vida espiritual. Parece que o autor deste tratado sentia que os falsos mestres gnósticos desprezavam aos crentes. Isso era uma prova (juntamente com outras) de que não pertenciam a Deus. A lei de Deus ordena, acima de tudo, o amor a Deus; em segundo lugar, o amor ao próximo. O evangelho destaca em alto relevo esses mandamentos. Portanto, todo aquele que desdenha de um irmão na fé não pode estar em comunhão com Deus.

A seção à nossa frente, entretanto, visa instruir, e não meramente iniciar uma controvérsia. Todos os membros da igreja cristã fariam bem em relembra-los que Deus, não menos que a lei de Moisés, exige a lei do amor ao próximo. Na realidade, isso não era nenhuma novidade; mas o evangelho tinha elevado muitíssimo esse princípio, levando-o ao ponto que conhecemos agora. O evangelho, devido à atuação do Espírito Santo, que nos transforma e nos leva a amar, faz com que o antigo e vital mandamento do amor se torne

verdadeiramente aplicável.

Os gnósticos se jactavam de seu grande «conhecimento». Mas, no cristianismo bíblico, o «amor» é o grande depósito do conhecimento de Deus a operar em um homem. Dentre todas as virtudes espirituais, o simples exercício inspirado do amor é a maior; e sem isso, nenhum dos dons, nem mesmo os miraculosos, terão qualquer valor. As três grandes virtudes cristãs são — fé, esperança e amor» (ver I Cor. 13:13). E dentre essas, o amor é a maior. Essa é a qualidade inspiradora de todas as demais virtudes, que as reune, formando um perfeito completo, tal como os ligamentos do corpo humano unem os vários membros em um organismo em funcionamento. (Quanto a essa metáfora examinar as notas expositivas em Col. 3:14). «Mas do que qualquer outra coisa, devia reavestir-vos de uma vestimenta espiritual, a do amor, porque isso liga juntamente todas as virtudes como adorno perfeito do ser». Na antiguidade havia uma peça do vestuário posta por cima das demais peças, o cinto, cuja finalidade era a de reunir todos os demais artigos, segurando-os firmemente no seu lugar. Outro tanto se dá no caso do amor. (Ver o versículo acima mencionado quanto aos detalhes de como o «amor gera a perfeição cristã»).

O autor sagrado escreve para aqueles que «conheçam» a Deus Pai e a Cristo. O amor é a prova do «conhecimento cristão». Deus é amor, e aquele que o conhece igualmente o ama. «Aquele que é o maior entre vós será o servo de todos» (Mat. 23:11).

7 Ἀγαπητοί, οὐκ ἐντολὴν καινὴν γράφω ὑμῖν, ἀλλ' ἐντολὴν παλαιάν ἣν εἶχετε ἀπ' ἀρχῆς· ἡ ἐντολὴ ἡ παλαιὰ ἐστίν ὁ λόγος ὃν ἠκούσατε.

7 2 Jo 6-6 ἐντολὴν παλαιάν... ἀρχῆς 1 Jo 2:24; 3:11

7 Ἀγαπητοί] Ἀδελφοί KL al ε | ἠκούσατε] add απ αρχῆς KL pm ε

Ao invés de ἀγαπητοί (fortemente apoiada por N A B C P vg sir (p,h) cōp (sa,bo) ara a) o Textus Receptus, seguindo K L a maioria dos minúsculos, diz ἀδελφοί. Esta última palavra, que o autor de I João quase nunca usa no vocativo (só em 3:13), penetrou no texto bizantino desta passagem devido a seu uso costumeiro como palavra introdutória em títulos de lecionários derivados dos escritos dos apóstolos.

O Textus Receptus, seguindo K L e a maioria dos minúsculos, lê ἀπ' ἀρχῆς depois de ἠκούσατε. A frase é uma intrusão (cf. vs. 24 e 3:11), acrescentada por escribas para balançar εἶχετε ἀπ' ἀρχῆς que aparece na primeira parte do versículo. O texto mais curto é decisivamente apoiado por N A B C P 33 181 218 322 323 431 453 642 643 vs si (p,h) cop (sa,bo) arm eti Agostinho, Teofilacto.

2:7: Amados, não vos escrevo mandamento novo, mas — mandamento antigo, que tendes desde o princípio. Este mandamento antigo é a palavra que ouvistes.

«...Amados...» Esse é um dos termos favoritos do autor sagrado. (Vê-lo também em I João 3:2,21; 4:1,7 e III João 1,2,5,11). Esses são os que participam do amor de Deus, objetos de seu amor, como membros que são de sua família. Os mss KL e os Et dizem «irmãos»; mas «amados» é a forma que aparece em todos os manuscritos importantes e realmente antigos, como Aleph ABCP, a maioria das versões latinas, o Si, o Cóp, o Ara e os escritos da maioria dos pais da igreja. (Quanto a notas expositivas sobre como devem ser escolhidos os textos corretos, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre os antigos manuscritos do N.T.).

«...mandamento novo...» Consideremos os cinco pontos abaixo, que desdobram o sentido dessa expressão: 1. Alguns interpretes pensam que se trata da «doutrina de Cristo em sua inteireza», como se isso fosse o tema central do tratado, a sua grande polêmica, que defendia o verdadeiro Cristo contra as inovações dos gnósticos. 2. Outros estudiosos pensam que essa expressão olha para trás, para os versículos anteriores, onde se fala sobre o «andar na obediência», ou seja, o «imperativo moral» do evangelho seria o novo mandamento. 3. Alguns pensam que a referência é às «antigas» e às «novas» profecias, ou ainda às profecias do A.T. referentes a Cristo, e como essas tiveram cumprimento na «nova dispensação», do que nosso N.T. é prova. 4. Há aqueles eruditos que pensam que o «antigo mandamento» fosse o judaísmo em geral, que é «trevas», ao passo que o «novo mandamento» seria o cristianismo, que é luz. Dentre essas quatro interpretações, somente a segunda pode ser tida como parecer que incorpora o sentido tencionado pelo autor sagrado. 5. O verdadeiro significado é que o «novo mandamento» é a «lei do amor», conforme foi moldada por Cristo. Portanto, este versículo antecipa os versículos nono e décimo deste capítulo, sendo um trecho paralelo a João 13:34,35, onde se lê: «Novo mandamento vos dou; que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros». A lei do amor gera total obediência, sendo essa obediência resultado da disposição em obedecer a Deus; pois a obediência é a força que nos leva a destruir de mais íntima comunhão com Deus. O amor é a pedra final do andar na luz e na obediência. A imitação de Cristo, exortada no sexto versículo, se cumpre supremamente em «amar como ele amou». Cristo Jesus mostrou-se altruísta em suas atitudes e em suas ações; e a sua vida se devotou a praticar o bem aos homens. Nisso se comprovou o seu amor. Agora é a nossa vez de comprovar o nosso.

«...novo...» O mandamento ao amor é antigo, porquanto já fazia parte da legislação mosaica. O primeiro mandamento quanto à importância é amar a Deus; e o segundo, na ordem da importância, é amar ao próximo (ver Mat. 22:36-40). Desses dois mandamentos «depende» toda a base da ação moral. A lei e os profetas, ao convocar-nos à piedade, pode ser sumariada em uma única palavra, «amor». Paulo ensina a mesma coisa em Rom. 13:9,10. O pecado procura fazer o mal ao próximo. O amor nunca pratica o mal. Portanto, o amor é evitar o pecado, paralelamente a ações altruístas. Vê-se, pois, como «amar» pode ser intitulado de «novo mandamento», embora isso sempre fizesse parte da lei, desde os tempos mais remotos:

1. Porque, nas mãos de Cristo, esse mandamento assumiu um sentido mais elevado. Contamos com o seu exemplo, que ilustra a sua prática de «nova maneira».

2. Porque, no evangelho, onde se aprende que «Deus amou ao mundo de tal maneira, que deu o seu Filho», em redenção da humanidade,

encontramos uma «nova espécie de revelação», a revelação do princípio do amor.

3. Porque todas as virtudes são atualmente administradas pelo Espírito Santo, o qual implanta essas virtudes em nossas almas, conformando-as à imagem de Cristo, o qual amava supremamente. O amor, portanto, torna-se no crenite um dos aspectos do «fruto» do Espírito, um produto de sua operação mística interna. Por conseguinte, o amor é uma nova administração, tornando-se um eficaz desenvolvimento espiritual. (Ver Gál. 5:22 e as notas expositivas ali existentes, que ilustram a nova administração do amor).

4. Porque, embora tenhamos conhecido o princípio do amor, agora chegamos a aprendê-lo e a experimentá-lo de uma «nova maneira». Por assim dizer, nós o «redescobrimos».

5. Na experiência cristã, o amor se reveste de uma nova vitalidade, de uma nova realidade, de um novo poder. Transcende à antiga noção de «obrigação», o que caracterizava a lei do A.T. Nas mãos de Cristo, porém, a lei nos ensina a amar até mesmo aos nossos inimigos (conforme Deus fez — ver Rom. 5:6 e ss.). Assim sendo, o evangelho dá uma nova perspectiva ao amor, pois a lei só servia para exigir que amássemos ao próximo.

6. Porque, embora «antiga», a lei do amor se torna «nova» para cada indivíduo, quando começa a experimentá-la.

«...desde o princípio...» Consideremos estes quatro pontos: 1. Desde o começo de nossa experiência espiritual. 2. Desde o começo de nossa conversão a Jesus Cristo. 3. Mas o amor, na qualidade de lei, existia com Deus desde o princípio. 4. O amor começou a ser conhecido na primeira legislação, no A.T.

Este versículo fala, particularmente, da própria experiência dos leitores originais do autor sagrado; e a experiência deles lançará raízes na eternidade. Desde o começo de todas as coisas, o amor tem sido o grande princípio divino. Então na experiência daqueles crentes, por serem seres inteligentes, iluminados pelo evangelho, descobriram que assim realmente são as coisas.

«Nada no mundo vive e prospera senão à sombra do amor. Correi a série orgânica inteira, e encontrá-la-eis por toda a parte e presidindo aos destinos da vida... Subi às regiões etéreas, onde os astros colossais percorrem em órbitas infinitas a rota que a mão do Criador lhes imprimiu — subi nas asas do pensamento, e vereis que os mundos não se precipitam nos abismos incommensuráveis do espaço, produzindo a mais pavorosa das catástrofes, antes giram harmônicos e submissos à lei suprema da ordem, porque os dirige uma força misteriosa e soberana — a atração universal, outra forma de amor». (Ramiz Galvão, Rio Grande do Sul, 1846 - 1938, trecho de um discurso).

«...palavra...», isto é, a mensagem cristã, que expõe o amor de volta aos homens, de maneira mais vigorosa do que nunca antes fora conhecido. Os leitores originais desta epístola começaram a perceber isso do primeiro instante em que ouviram essa mensagem, «desde o princípio» da experiência deles com Cristo. (Quanto ao vocábulo «palavra», usado para indicar o evangelho, ver os trechos de Atos 2:41; 4:4,29,31; 6:7; 11:16; 12:24; 14:3,25; 15:7; 17:11; 19:10; 20:32; Rom. 10:8; 10:17; I Cor. 14:36; Efé. 1:13; Fil. 2:16; Col. 1:5; II Tes. 3:1; II Tim. 2:9; Tito 1:9; Heb. 4:2; I Ped. 1:25 e II Ped. 1:19).

«Recapitulando sobre a interpretação aqui adotada... A «lei» é a ordem para andarmos como Cristo andou, passando, segundo o trecho nos dá a entender, para a lei do amor. Essa «lei» não é «nova», mas «antiga».

porquanto já a possuíam 'desde o princípio' da fé deles; e ela era, de fato, a súpula da 'palavra' que pregavam». (Alford, *in loc.*).

«O santo mandamento para andarmos conforme Cristo andou, está plena e essencialmente contido no mandamento acerca do amor fraternal». (Duesterdieck, *in loc.*).

**Variante Textual:** O segundo «desde o princípio», após as palavras «que 8 πάλιν ἐντολὴν καινὴν γράφω ὑμῖν, ὅ ἐστιν ἀληθὲς ἐν αὐτῷ καὶ ἐν ὑμῖν, ὅτι ἡ σκοτία παράγεται καὶ τὸ φῶς τὸ ἀληθινὸν ἦδη φαίνει.

8 ἐντολὴν...γράφω Jn 13:34 ἡ σκοτία παράγεται Ro 13:12 τὸ φῶς...φαίνει Jn 1:9

8 ὑμῖν 2º] ἡμ- A 6g al b i syhms | σκοτία] σκία A

2:8: Contida é um novo mandamento que vos escrevo, e qual é verdadeiro nele e em vós; porque as trevas vão passando, e já brilha a verdadeira luz.

O novo mandamento, que é o do «amor», é agora vinculado à verdadeira Luz, a qual dissipa as trevas. Odiar equivale a habitar em trevas, fazendo propaganda das mesmas. Mas amar é dissipar as trevas, propagando o evangelho e a verdadeira Luz.

«...novo mandamento...» Isso é amplamente comentado nas notas expositivas sobre o sétimo versículo deste capítulo. (Ver as notas expositivas adicionais, sobre essa questão, em João 13:34).

«...verdadeiro nele...» Essa lei do amor tem sua ampla demonstração na vida de Jesus de Nazaré. Em Cristo se manifestava de forma «veraz», habitando realmente em sua pessoa. Em Cristo essa lei assumiu novas dimensões, bem como uma nova forma de demonstração. No seu Espírito Santo, o «alter ego» de Cristo, essa lei igualmente se torna nova e vital para os crentes. No dizer de Vincent (*in loc.*): «Ele (Jesus Cristo) a deu como um novo mandamento, e passou a ilustrá-la com a sua palavra e com o seu exemplo».

«O mandamento 'amarás a teu próximo' recebeu um novo significado e escopo à luz do ensinamento de Cristo sobre 'quem é o próximo, com o seu próprio exemplo, com o qual mostrou que os publicanos e estranhos ou gentios têm plenos privilégios no cristianismo, em termos iguais aos judeus. Em Cristo e entre os cristãos o antigo mandamento tem obtido 'novo significado e resultado fresco'. (Brooke, *in loc.*).

«...em vós...» A forma «em nós» aparece nos mss A, latinos c e m, e no Si, mas «em vós» é a forma que aparece em Aleph, BCKL, na maioria dos manuscritos posteriores e nos escritos dos pais da igreja, bem como na maioria das versões. Certamente temos aqui a forma correta. O que é verdade sobre o Cabeça, também o é sobre o corpo. Esse amor se manifestou em nova e surpreendente maneira no Cabeça, e também no corpo.

«A repetição, 'nele e em vós', e não 'nele o vós', subentende que o mandamento do amor encontra sua concretização 'separadamente', primeiramente 'em Cristo', e então 'em nós', de tal maneira que agora 'também andamos como ele andou'; contudo, também encontra sua concretização 'conjuntamente', porquanto os dois aspectos estão unidos em uma única sentença, tal como o mandamento de amor foi primeiramente cumprido em Cristo, mas agora também deve ser cumprido em nós, mediante o seu Espírito em nós». (Faucett, *in loc.*).

«O modo como o justo tem andado, embora seja modo antigo, também pode ser considerado novo no amor da retidão». (Talmude, *Sohar.*, pág. 94, nº 51).

«...porque as trevas se vão dissipando...» Não há aqui qualquer alusão ao judaísmo (como «trevas» em contraste com a «luz» resplandecente do

9 ὁ λέγων ἐν τῷ ᾧ φωτὶ εἶναι καὶ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ μισῶν ἐν τῇ σκοτίᾳ ἐστὶν ἕως ἄρτι.

9 I Jo 2:11; 3:10, 15, 4:20

2:9: Aquele que diz estar na luz, e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas.

A prova do amor não é aquilo que se diz, mas aquilo que se pratica. A crítica, o espírito odioso, manifestado em atitudes negativas, como a inveja, a maledicência, etc., quando lançado contra um irmão, mostra que um indivíduo está repleto de ódio, e somente mostra que a reivindicação de amor dos que assim fazem é uma reivindicação vazia e pretenciosa.

A frieza, o espírito contencioso, o espírito de superioridade e de orgulho, caracterizavam aos gnósticos. Assim nos diz Irineu (Contra Heresias II.10.3): «Eles nos dizem que... têm um conhecimento sublime, em razão do que são superiores aos outros. Tais homens 'chamam de luz às trevas'; embora o Sol da retidão se tenha levantado, com cura em suas asas (ver Mal. 4:2), eles continuam na noite».

A presente passagem pode ser comparada com João 12:35,36, onde os perdidos são pintados como quem está amortilhado nas trevas mortíferas. «Pois vivem vendados em um mundo de ilusão, cortados da vida de Deus, devido à ignorância e à insensibilidade». (Efé. 4:17,18 na tradução de J.B. Phillips). O autor sagrado já falara acerca dos falsos mestres, como aqueles que se iludem a si mesmos (ver I João 1:8). Agora se vê seu espírito altivo e seus ares de superioridade, que eram manifestações de ódio contra os irmãos, prova de que não tinham comunhão com Deus, não habitando em sua luz, não tendo recebido qualquer revelação autêntica do Senhor, pois essa revelação é permeada pelo amor.

O autor sagrado gosta muito de antíteses. Ele já contrastara a «luz» com as «trevas»; e agora contrasta o «amor» com o «ódio». O amor pertence à luz; mas o ódio pertence às trevas. O trecho de I João 1:5,7 já nos dera algumas idéias de contraste entre a luz e as trevas.

O ódio é uma força eminentemente destruidora, tanto para quem odeia como para quem é odiado. O amor, quando eliminado da vida diária, só pode produzir dano:

*É aquele que anda uma milha, sem simpatia, anda para seu próprio funeral, vestido em sua mortalha...*  
(Walt Whitman)

ouvistes» (no fim do presente versículo, portanto), evidentemente foi uma glosa escrital cujo intuito era dar um sentido mais fluente à cláusula. A adição aparece exclusivamente em manuscritos posteriores, principalmente da tradição bizantina: KL e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, mas é omitida pela maioria esmagadora dos textos dotados de autoridade, como Aleph, ABCP, 33, 181, 218, 322, 323, 431, 453, 642, 643, na Vg. no Stp(h), no Cóp(sa,bo), no Ara, no Eti e nos escritos de Agostinho e Teófilacto.

evangelho), dando lugar ao cristianismo, como se as trevas se dissipassem ante os raios do sol matutino. Antes, estão em foco idéias e ações ignóbels, como as do paganismo (os leitores eram gentios da Ásia Menor), que agora estão sendo dissipadas pela luz do evangelho, ao brilhar na face de Cristo. Mui provavelmente o versículo assume um aspecto polêmico neste ponto. Os gnósticos, em seu sistema moral, em que a antiga moralidade pagã recebia licença e era até incorporada na suposta moralidade cristã gnóstica, na realidade representavam as «trevas». Supunham-se cheios de luz, conhecimento e maturidade espiritual, mas a sua continuação nos antigos vícios pagãos os identificavam como filhos das trevas. Todavia, existe a luz de Deus, pois o próprio Deus é luz (ver I João 1:5), que dissipa a noite e leva o andar do crente a ser efetuada na luz do céu.

Assim, pois, somente andando na «luz» é que podemos esperar ter comunhão uns com os outros, bem como com Deus Pai e Deus Filho (ver I João 1:7,3). O «andar na luz», na realidade, é uma expressão de «amor», porque aquele que ama não abusa de seu próprio corpo e nem prejudica os outros. O «mundo antigo» foi condenado a passar (ver I Cor. 1:28 e 2:6), e uma nova era de luz foi inaugurada. Isso sucedeu quando Cristo trouxe a mensagem de redenção ao mundo. É possível que o autor sagrado também tenha incorporado aqui essa idéia—o pensamento da «parousia» (que ele menciona diretamente em I João 3:2). A segunda vinda de Cristo produzirá uma nova e brilhante luz neste mundo. Isso pode ser confrontado com Rom. 13:12, onde se lê: «Vai alta a noite e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas, e revistamo-nos das armas da luz». Por semelhante modo, o trecho de I Tes. 5:5-8 foi escrito em expectativa da «parousia» próxima e iminente: «...vós todos sois filhos da luz, e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios. Ora, os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam é de noite que se embriagam. Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e amor, e tomando como capacete, a esperança da salvação».

*Iluminando a luz do conhecimento como o sol do dia...*

*Ele brilhará como o sol sobre a terra...*

*E haverá paz em toda a terra.*

(Test. Levi 18:3,4)

Quanto a notas expositivas completas sobre as metáforas da «luz e das trevas», ver Efé. 5:8.

Em comparação com a luz trazida por Cristo, a luz dos gnósticos era falsa, e a do judaísmo era bruxuleante.

«A verdadeira Luz, o Senhor em sua perfeita revelação da verdade divina, já resplandece; a grande madrugada já brilha para a humanidade. Quando o Senhor retornar, então chegará o pleno dia de Deus. Essa revelação... o crente irá a seu encontro». (Rickli, no Comentário de Lange).

9 σκοτία] σκία 103 876\*

*É aquele que fecha fora o amor, por sua vez  
Será separado do Amor, e ali fora só há  
Vivos nas trevas exteriores.*

(Tennyson)

O veneno do ódio: «A pessoa que não ama não sabe que não é amorosa; imputa a outros as falhas de si mesma. Também não sabe o desastre inevitável a que sua maneira de andar a leva. Em certo sentido, anda nas trevas, porque as trevas a cegou; em outro sentido, ela está cega, porque tem andado nas trevas. Aquele que se recusa a ver, finalmente não pode mais ver. O ódio constante destrói progressivamente a capacidade para o bem. Finalmente (segundo fica implícito no décimo versículo), faz outros tropeçarem. O ódio enerva outros e os faz revidarem; a vindita com freqüência prejudica aos inocentes; a vingança envenena os motivos que se vêem nos outros; a hipocrisia do crente que diz que anda na luz, mas odeia a seu irmão, é um opróbrio para a igreja, repelindo ao inquiridor sincero e edificando aos cínicos... O ódio pode prejudicar os tecidos do corpo e induzir enfermidades. Um médico diz que meia dúzia de palavras amargas fazem a própria pepsina do estômago perder seu efeito. O ódio desequilibra e inflama a mente. Subverte o pensamento, transformando-o em paixão e mina o julgamento inteligente. Um comentarista fez a seguinte paráfrase: 'ele... anda nas trevas; não pode pensar direito' (C.H. Dodd, *in loc.*, comentando sobre esta primeira epístola de João)» (Hoon, *in loc.*).

Assim como o verdadeiro amor consiste do altruísmo agudo, assim também o ódio consiste do egoísmo agudo. Quase todos os problemas humanos podem ser traçados até alguma forma de egoísmo. O amor produz harmonia; o ódio tem na discórdia a sua própria natureza. A ciência médica sabe bem que nossas emoções afetam a saúde. Aquele que odeia estará, naturalmente, sujeito a várias doenças, porquanto seu sistema físico entrará em mal funcionamento. Até mesmo as enfermidades como o câncer podem ter causas psíquicas. A fotografia Kirleana (um tipo de fotografia com raios-x) e que pode fotografar a «aura» (campo de luz ao redor do corpo humano, que pode ser percebido a quatro metros de distância) pode perceber o começo de uma enfermidade qualquer, no campo de força, antes



disso manifestar-se no corpo físico; e as emoções alteram os padrões e as cores dessa aura. O ódio envenena o corpo físico, a mente e a própria alma.

O amor tem sido pintado como atitude que dissipa as trevas e conquista o terreno por elas ocupado. Porém, uma poderosa força de ódio pode oferecer resistência ao amor. Algumas pessoas religiosas se encontram nesse campo de resistência, ao invés de estarem avançando para a luz. A escolha depende de cada um de nós; podemos odiar, podemos amar, e o nosso caráter espiritual será respectivamente destruído ou edificado, dependendo dessa escolha.

Notemos que o amor é a prova de que possuímos a verdade divina, que é luz. Uma vez mais a teoria fica comprovada pela prática. O conhecimento intelectual da verdade espiritual pode cegar até mesmo o indivíduo que o possui, levando-o a pensar que conhece a Cristo. Mas, se tal indivíduo vive repleto de discórdia e ódio, na realidade, estará vivendo em trevas. Tal pessoa terá enganado a si mesma com o seu progresso intelectual. Não goza de um progresso espiritual correspondente a seu conhecimento intelectual. O «andar» de Cristo é algo que resultava em «amor». Isso também deve

10 ὁ ἀγαπῶν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ἐν τῷ φωτὶ μένει, καὶ σκάνδαλον ἐν αὐτῷ οὐκ ἔστιν

10 σκάνδαλον... ἔστιν P<sup>1</sup> 119.106; R<sup>1</sup> 14.13

2:18: Aquele que ama a seu irmão permanece na luz, a não não há tropeço.

As notas de sumário sobre o «amor», neste comentário, aparecem em João 3:16—amor a Deus; em Gál. 5:22, amor como fruto espiritual do Espírito, que resulta do desenvolvimento espiritual; em 11 Cor. 5:14, o amor de Cristo nos constrange; em João 14:21 e 15:10, o amor, norma familiar de Deus. Em todos esses casos aparecem poemas ilustrativos.

No ódio há «abismos» e «obstáculos» que embarçam nossa inquirição espiritual, se é que não a destroem totalmente. Odiar é estar em «trevas», pelo que o seu caminho é obscuro. O amor é «luz», pelo que seu caminho é iluminado, de modo que os obstáculos são eliminados e os abismos são evitados. O ódio cria «escândalos» e «ofensas» (o termo grego aqui traduzido por «tropeço» é «skandalon», que significa «armadilha», «tentação ao pecado», «ofensa»). Aquele que odeia ofende à sua porção superior e impede suas faculdades espirituais; e faz a mesma coisa contra outros.

Meu inimigo me disse: «Ama a teu inimigo». Portanto, obedeci-o e amei a mim mesmo. O homem que odeia é o seu pior inimigo.

...permanece... Há uma «luz» na qual devemos continuar, como se fosse o nosso meio ambiente «natural». A «luz» é o lar do verdadeiro crente. O escravo pode trabalhar na casa, mas não tem certeza de que «permanecerá» ali por qualquer tempo prolongado. Mas o filho sabe que pode permanecer ali devido a seus direitos filiais, por causa das suas relações com seu pai. Assim também o filho do Pai celestial pode habitar na casa da luz eterna. Não servirá de tropeço para outros seres inteligentes. O verdadeiro filho de Deus não se vê reduzido a vislumbres ocasionais da luz. Antes, é iluminado pelo Espírito do amor. (Ver Efê. 1:18 sobre a «iluminação espiritual», que é o verdadeiro «conhecimento de Deus»). Os primitivos cristãos tinham a reputação de se amarem mutuamente. Porém, em determinados períodos da história o amor não tem caracterizado especialmente a igreja cristã. O historiador pagão Amiano (século IV D.C.) escreveu que «a inimizade dos cristãos uns contra os outros ultrapassa a fúria das feras lançadas contra eles». Hoje em dia o «amor aos irmãos» se limita, essencialmente, às fronteiras denominacionais; mas as pessoas em geral e até os crentes de outras denominações podem ser objetos legítimos de seu ódio. Pelo menos é assim que a igreja vive, embora talvez não falem assim os seus membros.

Há motivos para tropeço, como as lutas por posição, a busca pela exaltação própria, as atitudes desdenhosas contra outros, a impureza, o orgulho, o egoísmo, a ira, a inveja, a suspeita, a frieza sem simpatia, a censura—em suma, as «obras da carne» (ver Gál. 5:19-21).

«A luz e as trevas, mediante o que se pode andar em segurança ou tropeçar, estão dentro de nós mesmos; e são admitidas por nós pelos olhos, cuja singeleza invade o corpo inteiro de luz». (Alford, *in loc.*).

«O amor cristão ensina-nos a dar grande valor à alma de nossos irmãos, temendo tudo quanto seja prejudicial à sua inocência e paz». (Matthew

11 ὁ δὲ μισῶν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ἐν τῇ σκοτίᾳ ἔστιν καὶ ἐν τῇ σκοτίᾳ περιπατεῖ, καὶ οὐκ οἶδεν ποῦ ὑπάγει, ὅτι ἡ σκοτία ἐτύφλωσεν τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ.

11 ὁ... περιπατεῖ 1 Jo 2:9 ὁ... ἐπάγει Jo 12:35

2:11: Mas aquele que odeia a seu irmão está nas trevas, e a não não vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos.

...odeia a irmão... Esse pensamento é anotado no versículo nono deste capítulo.

...está nas trevas... (Notas expositivas também no nono versículo).

...anda nas trevas... Esse conceito é comentado em 1 João 1:6. Ali ele é associado à idéia de comunhão e também a como o «andar nas trevas» (isto é, em perversidade moral) prova que não temos comunhão com Deus. Por semelhante modo, odiar a um irmão é andar em trevas, porquanto esse é o pior de todos os males morais. Ao tratar sobre o mal que é o assassínio (ver Mat. 5:21 e ss.), Jesus parece ter equiparado a ira e palavras amargas e degradantes ao assassínio. Aquele que mata «corre o perigo de ser julgado». Mas aquele que diz para seu irmão «Raca» (tolo), corre o mesmo perigo. Matar não é apenas uma questão de praticar o ato; também é uma disposição, um estado da alma ou da mente. (Quanto à metáfora do «andar», de uso frequente nos ensinamentos morais sagrados e seculares, ver Gál. 5:16,25. Em 1 João 1:6 temos notas adicionais sobre isso). Esse andar fala da «conduta» geral na vida, e se constitui de «passos» progressivos, que levam a algum destino. O andar nas trevas, entretanto, é um andar cego, cujos passos são hesitantes, cujo alvo é incerto ou desconhecido.

sucedem conosco.

...até agora está nas trevas... A luz de Cristo resplandece nas trevas, e gradualmente as vai dissipando. Mas é possível que o membro de alguma igreja cristã continue vivendo em trevas porque, em seu egoísmo cego, continua odiando. Muito daquilo que sucede em certos movimentos religiosos hoje em dia, disfarçado de «defesa da fé», não passa do antigo «ódio» em sanção eclesiástica oficial. Pensemos no «correio de ódio» e nos «livros de ódio» que têm sido escritos em nome de Cristo.

«Tal como sucede entre a «luz» e as «trevas», o «amor» e o «ódio» se excluem mutuamente. São as atitudes diametralmente opostas da vida; as ações de um homem pertencem a uma categoria ou outra... toda a negação do amor é ódio, e cada conquista no terreno do ódio é amor». (Huther, *in loc.*).

«Nas trevas, isto é, no estado e natureza de não-regeneração, que é o estado das trevas e da ignorância: está sob o poder das trevas e dentro do reino de Satanás, que é o governante das trevas deste mundo». (John Gill, *in loc.*).

Henry, *in loc.*).

O amor altera e enobrece às coisas:

Deus seja louvado, a pior de suas criaturas  
facta de dois lados no alma, uma para enfrentar o mundo,  
E outra para mostrar a uma mulher, quando a ama.  
(Robert Browning)

Ai! o amor das mulheres! sabe-se  
Que é coisa amável e temível.  
(Lord Byron)

«Os estoicos definem o amor como a tentativa de formar uma amizade inspirada pela beleza». (Cícero, *Turculanae Disputationes*).

«Todos nós nascemos para amar... Esse é o princípio da existência e sua única finalidade». (Benjamim Disraeli, *Sybil*).

O amor concede em um momento  
O que o trabalho não poderia obter em uma era.  
(Goethe, «Torquato Tasso»).

«Se queres ser amado, ama». (Hecato, fragmentos, 550 A.C.).

O amor não é tolo do tempo, embora lábios e bochechas róseas  
Fiquem debaixo da ameaça da foice recurva,  
O amor não se altera com as horas e semanas breves,  
Mas continua de pé até à beira da condenação.  
(Shakespeare, Soneto cxvii)

«O amor é o símbolo da eternidade. Apaga todo o senso de tempo, destruindo toda a memória de um começo e todo o temor de um fim». (Madame de Staël, *Corinne*).

Amor é felicidade trêmula.

O amor apaixonado é uma sede insaciável.

O amor, como a morte, muda tudo.

O químico que pode extrair de seu próprio coração os elementos de compaixão, de respeito, de anelo, de paciência, de lamentação, de surpresa e de perdão, compondo-os em um só, pode criar aquele átomo que se chama Amor. (The Spiritual Sayings of Kahlil Gibran)

«Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos» (João 15:13).

«No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo» (1 João 4:18).

«...aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus» (Ruth 1:16).

«As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios alagá-lo...» (Can. 8:7).

11 ὁ δὲ μισῶν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ἐν τῇ σκοτίᾳ ἔστιν καὶ ἐν τῇ σκοτίᾳ περιπατεῖ, καὶ οὐκ οἶδεν ποῦ ὑπάγει, ὅτι ἡ σκοτία ἐτύφλωσεν τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ.

...para onde vai... Tal indivíduo ignora o verdadeiro alvo de seu «curso de vida», embora pense que pode odiar e aproximar-se de Deus ao mesmo tempo. Mas isso só mostra ser ele um cego e um auto-iludido. Tal como um filho das trevas, e que anda no caminho das trevas, as trevas exteriores são o seu verdadeiro alvo. O autor sagrado salienta aqui a ausência de qualquer realidade espiritual ou propósito na vida, quando o amor é substituído pelo ódio.

...as trevas lhe cegaram os olhos... Talvez tivesse antes podido ver, mas o fato que habita continuamente nas trevas lhe tirou a visão espiritual. Somos informados que os peixes podem viver em águas subterrâneas, sem nunca virem à luz, mas que tais peixes nascem sem olhos, embora na cabeça tragam um sinal onde estariam seus olhos. Outro tanto acontece no terreno espiritual: os ímpios apagaram seu senso espiritual da visão, porque habitam continuamente nas trevas.

«A penalidade de quem vive nas trevas não é meramente que não vê, mas antes, que torna-se cego. A faculdade negligenciada é atrofiada». (Smith, *in loc.*).

«Na Caverna Mammoth, de Kentucky, os peixes, no rio Eco, têm órbitas, mas não olhos». (Robertson, *in loc.*).

«O homem que não ama é negro, pois as trevas estão nele, em seus olhos, e não somente ao redor dele. (Ver João 12:40; comparar com Isa. 6:9 e ss.;

Mat. 13:14 e ss.; Ato 28:26 e ss. e II Cor. 4:4). (Lange, *in loc.*).

«Mas essa doutrina não é compreendida pelo mundo, porque a maior parte dos homens vive ofuscada por todas as formas de máscaras e

disfarces. Assim, a santidade fictícia ofusca os olhos de quase todos os homens, ao mesmo tempo que o amor é negligenciado, ou pelo menos, é lançado para um canto obscuro qualquer». (Calvino, *in loc.*).

### III. Condições e base da comunhão - Exigências morais do evangelho (1:5-2:17)

#### 4. Comunhão com Deus mediante a separação do mundo (2:12-17)

Mesmo sem levar em conta que uma heresia licenciosa era combatida, o autor sagrado sem dúvida estaria ansioso por lembrar a seus leitores originais (que eram gentios) acerca das exigências morais da fé cristã. Mas, visto que os falsos mestres gnósticos tinham feito da imoralidade uma parte de suas práticas religiosas, as advertências tornam-se aqui mais incisivas e urgentes. Os gnósticos supunham que o destino de toda a matéria é ser destruída. Criam eles que a matéria é o próprio princípio do pecado. Dado que o corpo participa da matéria, finalmente chegaria a ser aniquilado. O abuso contra o corpo, mediante o ascetismo ou a degradação moral era, na opinião deles, a maneira de cooperar com o sistema do mundo nesse propósito de destruir o corpo, pelo que tal abuso seria desejável, e não digno de objeção. As epístolas neotestamentárias aos Colossenses, as epístolas pastorais e as epístolas iônicas foram escritas para combater a imoralidade ou o ascetismo «oficiais» que os mestres gnósticos tinham introduzido no cristianismo.

A tese do autor sagrado, na seção que se segue, apresenta os seguintes argumentos: Vossos pecados foram perdoados, ó crianças «jovens, na realidade ou a congregação geral»; e vós, pais (anciãos, líderes, membros mais idosos da congregação geral), tendes «conhecido» a Cristo (e a seu Pai) desde há muito, tendo chegado a vencer o maligno, mediante vossa lealdade a Cristo. E haveríeis agora de reverter tudo isso, deixando-se arrastar pela doutrina dos gnósticos? Deveríeis saber que ninguém pode amar ao mundo e suas atrações, e amar a Deus, ao mesmo tempo. Essas coisas, que há no mundo, e que os gnósticos vos encorajam a buscar, participando da concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos e da soberba da vida, não pertencem a Deus, mas são elementos de um mundo ímpio. Numa coisa, pelo menos, os gnósticos tinham razão: o mundo passará, com todas as suas concupiscências; mas estavam equivocados ao pensar que podemos destruir ao mundo cooperando com o mesmo. Antes, o alvo é fazer a vontade moral de Deus; e somente assim é que o indivíduo permanecerá para sempre. Não vos enganeis quanto a isso. Não podeis sobreviver à destruição da matéria cedendo às suas demandas. Isso também prejudica a alma, e não somente ao corpo. O homem essencial é passível de corrupção, e não apenas o homem externo.

E o autor sagrado continuava a apresentar seus argumentos: Já conheceis a verdade. O que tendes feito, seguindo a ética cristã autêntica, é correto. Não vos deixeis enganar pela versão pagã e popular do «conhecimento» e da «moral», que os falsos mestres impingem à igreja. A nova moralidade é meramente a «antiga imoralidade», com sanção religiosa oficial.

#### 12 Γράφω ὑμῖν, τέκνία, ὅτι ἀφ᾽ ἑωνται ὑμῖν αἱ ἀμαρτίαι διὰ τὸ ὄνομα αὐτοῦ.

12 ἀφ᾽ ἑωνται... αὐτοῦ P<sup>25</sup> 11; 1 Cor 6.11

2:12; Filhinhos, eu vos escrevo, porque os vossos pecados são perdoados por amor do seu nome.

«...Filhinhos...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse tratamento, ver I João 2:1). A tradição diz-nos que era comum ao idoso apóstolo João dirigir-se aos crentes desse modo. Dado que os versículos treze e catorze passam a dirigir-se a «grupos de idade» (idosos, jovens e crianças, novamente), alguns estudiosos têm pensado que o «filhinhos», que aparece neste versículo, indica crianças literais, e não a comunidade cristã inteira. Mas também há estudiosos que acreditam que o autor sagrado divide os mesmos em dois grupos de idade—os jovens e os mais idosos—, ao passo que o «filhinhos» seria um tratamento geral, aplicado a todos os crentes. Esta última opinião parece ser a mais provável. Seja como for, o autor sagrado mostrava que o evangelho é poderoso para conferir vitória moral a todos os níveis de idade, e que todos os níveis de idade precisam dele.

Irineu distingue várias fases da vida, através das quais Cristo Jesus teria passado também, deixando-as santificadas para Deus. Nisso ele se tornou o Mestre perfeito «de todos». «Pois ele veio para salvar a todos, por meio de si mesmo—todos, digo, que através dele nasceram de novo para Deus—infantes, crianças, meninos, jovens e homens idosos». (Contra as Heresias, II, 22.4). É possível que esse comentário reflita algo da presente passagem, adicionando alguma elaboração.

Notemos que o décimo segundo versículo usa o termo «*teknia*» (crianças) tal como se vê no primeiro versículo. Mas o décimo terceiro versículo altera isso para «*apidia*», que pode ser um simples sinônimo. Ou talvez isso foi escolhido a fim de emprestar um termo distintivo ao «grupo dos jovens», ao passo que o «filhinhos», no décimo segundo versículo, seria um designação geral, que indicaria todos os membros da igreja. Não há maneira certa de solucionar esse pequeno quebra-cabeça; e nem é importante a sua solução. É óbvio que, de modo geral (sem importar quantos grupos de idade sejam distinguidos), o autor sagrado tencionava mostrar que um crente, sem importar se é idoso ou jovem, sem importar as tentações que tenha de enfrentar, mediante a lealdade a Cristo e ao mundo inteiro, pode ser vitorioso. A juventude, pois, não é necessariamente um tempo em que semeamos semente má, embora alguns pensem que é inevitável que assim aconteça, no caso de jovens. Mas a verdade é que o evangelho transforma pessoas de qualquer grupo de idade.

«...os vossos pecados são perdoados...» O evangelho tem sido eficaz quanto ao perdão dos pecados; e também se mostra eficaz quanto à santificação. Mas, caso alguém não esteja sendo santificado, por efeito do evangelho, é duvidoso que esse alguém tenha sido justificado e convertido, antes de tudo. Não pode haver salvação verdadeira sem o processo santificador, conforme se aprende em II Tes. 2:13 e Rom. 6:22. Na vida cristã, temos «fruto para santificação»; e o alvo ou finalidade desse processo é a vida eterna. (Ver as notas expositivas, em I João 1:9, acerca do «perdão dos pecados»; e ver a nota de sumário sobre o mesmo tema, em Ato 2:38; Rom. 3:25 e 4:7).

«...por causa do seu nome...» Cristo está em foco. (Ver João 16:2). Por quê? Porque fomos «aceltes no amado» (ver Ef. 1:6); porque fomos comprados pelo sangue expiatório de Cristo (ver I João 2:1); porque Cristo exerce uma advocacia contínua em nosso favor (ver I João 2:1). O «nome» de

12 τέκνία] παῖδια 323 al

Cristo apresenta essas verdades para nós. Seu nome indica a sua pessoa, a sua expiação e a sua missão espiritual em nosso favor. Estamos misticamente associados com Cristo (ver I Cor. 1:4), pelo que sua morte e ressurreição se têm tornado reais para nós, através da operação do Espírito Santo (ver Rom. 6:3). Cristo nos separa do mundo, fazendo-nos morrer para o mundo, e vice-versa; e nos dá uma vida nova e celestial (o batismo espiritual). Deus perdoa os pecados de seus filhos, em face da virtude dos méritos e da missão de Cristo.

Conforme diz Brooke (*in loc.*), sobre essa expressão: «A origem dessa frase provavelmente se encontra na doutrina velotestamentária de que Deus se mostra continuamente benévolo para com Israel. A despeito da rebeldia deles, assim era, por causa de seu nome. Isso pode ser comparado, especialmente, com Eze. 20:8,9: 'Mas rebelaram-se contra mim, e não me quiseram ouvir... O que fiz, porém, foi por amor do meu nome...' Ou com Eze. 36:22: 'Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome...' No entanto, essa expressão adquiriu um significado um tanto diferente, nas mãos do autor sagrado. Também poderíamos comparar isso com certo paralelo rabínico: 'Os sábios dirão: Por amor ao seu nome ele tratou com eles' (Melchita, Exo. 14:15,29b)».

A experiência da salvação pode começar em «conversão súbita»; mas continua e é confirmada por um contínuo desenvolvimento espiritual. A fé religiosa cresce. A fé religiosa pode agir como um remédio para a alma pervertida, obtendo efeito imediato. Mas também serve de nutrição que leva o homem a desenvolver-se sem cessar. A conversão não é a salvação inteira, mas somente o primeiro passo de volta a Deus. Deve ser seguida pela santificação; e esta será seguida pela glorificação. Porquanto a glorificação envolve o sermos «cheios de toda a plenitude de Deus» (ver Ef. 3:19), haverá de ser um processo eterno, porquanto Deus é infinito.

A consciência de pecado e da necessidade de um remédio são o começo da conversão. O autor sagrado apela para a validade da experiência da conversão como meio de inspirar a presente e necessária experiência de santificação.

O autor sagrado iniciara esta epístola falando muito sobre «comunhão». Ele continua a falar sobre esse tema, embora não empregue mais esse vocábulo. A comunhão com o mundo arruína a comunhão com Deus.

«...eu vos escrevo...» No grego é o tempo presente. Isso é preservado no décimo terceiro versículo (escrevendo aos «pais»), e, novamente, aos «jovens». Mas no décimo quarto versículo é usado o «aoristo», quando o autor sagrado retorna aos «filhinhos». Essa mudança de tempo verbal tem deixado os intérpretes perplexos. É possível que o aoristo seja o «aoristo epistolar». Em outras palavras, o autor sagrado escreve do ponto de vista de seus leitores. Quando recebessem e lessem esta epístola, a «escrita» teria lido no passado. E assim o autor, antecipando isso, escreveu usando o passado. Mas os aoristos epistolares são melhor traduzidos no presente, porquanto na realidade refletem uma situação presente. Não é provável que o uso do aoristo dê a entender que o autor tenha escrito para seus leitores antes, ou o «evangelho de João» ou qualquer outra epístola que não chegou até nós. O uso de verbos no presente, e então, subitamente, no aoristo, provavelmente se deveu a um acaso de composição, sem qualquer sentido especial.

#### 13 γράφω ὑμῖν, πατέρες, ὅτι ἐγνώκατε τὸν ἀπ' ἀρχῆς. γράφω ὑμῖν, νεανίσκοι, ὅτι νενικήκατε τὸν πονηρὸν.

<sup>a</sup> 13-14 ὁ number 14, ὁ no number; TR<sup>4</sup> WH Bov Nm BF<sup>2</sup> TT Z<sup>2</sup> Luth Jer <sup>b</sup> ὁ no number ὁ number 14; TR<sup>4</sup> AV RV ASV RSV NRB R<sup>4</sup>

13, 14 τὸν ἀπ' ἀρχῆς Jn 1.1, 2; 1 Jn 1.1

13 τον 1<sup>a</sup>] το K 209 b vg(1) Aug



1:13: *Pai, ou vos escravo, porque conheceis aquele que é desde o princípio. Jovens, ou vos escravo, porque vancastes o Maligno.*

...*Pais...* Seriam os homens «mais idosos» da congregação, e não particularmente os oficiais ou «presbíteros» da igreja, embora, naturalmente, os «anciãos» fossem eleitos dentre os homens de mais idade. Os «pais» da congregação tinham reconhecido Cristo como o Pai, o Antigo de Dias, e lhe tinham dado lealdade. Tinham a responsabilidade de ensinar essa mesma lealdade aos membros mais jovens da igreja cristã. Já tinham conhecido a Cristo de modo mais profundo do que os membros mais jovens. Porventura haveriam agora de abdicar dessa responsabilidade, tentados que eram pelos mentres falsos?

...*conheceis...* Os homens mais idosos eram homens de maior experiência, pelo que seu «conhecimento» sobre as questões espirituais produziria fruto na vida diária. Não era muito provável que os falsos mestres conseguissem tirá-los do reto caminho. O autor sagrado contava com a firmeza da experiência deles, bem como com o profundo conhecimento que tinham, o que bastava para preservá-los do gnosticismo.

Conhecimento espiritual. Consideremos os pontos seguintes: 1. Não é meramente «intelectual», com o aumento do número de proposições teológicas compreendidas, embora isso seja um subproduto do conhecimento espiritual. 2. E algo «experimental», isto é, vem através da experiência espiritual. 3. É de natureza «mística», porquanto o verdadeiro conhecimento espiritual «ilumina». (Ver Efê. 1:17,18 e as notas expositivas ali existentes acerca disso). 4. Envolve o «conhecer a Cristo» (ver Fil. 3:10), o qual é o Homem Ideal, em cuja imagem estamos sendo transformados. 5. Além disso, envolve o «conhecer o próprio eu», porque, na medida em que vamos sendo transformados na imagem de Cristo, chegando a compartilhar de toda a plenitude de Deus (ver Efê. 3:19) e da «natureza divina» (ver II Ped. 1:4), passamos a ver «Deus em nós mesmos». E assim conhecemos a Deus pela observação daquilo que ele faz em nós e por nós. (Ver II Ped. 1:2 quanto a notas expositivas adicionais sobre a significação do termo «conhecimento», nas páginas do N.T.).

...*aquele que existe desde o princípio...* Deus Pai, ou mesmo Deus Filho, podem estar em foco aqui. Supomos que o Filho é o objeto desse conhecimento; mas pouquíssima diferença faz quanto ao ponto de vista que tomamos, porque, conhecer ao Filho é conhecer, ao mesmo tempo, ao Pai. (Ver João 17:3: «E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste»). Por isso mesmo, «Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai» (I João 2:22,23). ...todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus... Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus» (I João 4:2,15).

As palavras «...desde o princípio...» não significam «desde o começo da proclamação da mensagem cristã» (ou «desde o começo da encarnação do Filho de Deus»), e, sim, «desde a eternidade passada». A declaração fala da eternidade de Cristo, ou seja, de sua divindade. «No princípio era o Verbo... e o Verbo era Deus» (João 1:1). Cristo «...era desde o princípio...» (I João 1:1). E nós temos ouvido falar de Jesus Cristo, temo-lo visto com nossos próprios olhos, e sabemos da glória que ele nos trouxe. Cristo é a Palavra da Vida.

14 *ἔγραψα ὑμῖν, παῖδια, ὅτι ἐγνώκατε τὸν πατέρα. ἔγραψα ὑμῖν, πατέρες, ὅτι ἐγνώκατε τὸν ἀπ' ἀρχῆς. ἔγραψα ὑμῖν, νεανίσκοι, ὅτι ἰσχυροὶ ἐστε καὶ ὁ λόγος τοῦ θεοῦ ἐν ὑμῖν μένει καὶ νενικήκατε τὸν πονηρόν.*

14 *εγραφα 10] γραφω Kal lat ε [ τον 20] το B | του Θεου om B sa boP*

2:14: *Eu vos escravi, meninos, porque conheceis o Pai. Eu vos escravi, pais, porque conheceis aquele que é desde o princípio. Eu vos escravi, jovens, porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, o já vancastes o Maligno.*

...*Filhinhos...* Temos aqui o termo grego «*paidia*», e não «*teknia*», como no décimo segundo versículo. Provavelmente isso indica um «grupo de idade» e não todos os crentes, que já tinham sido chamados de «filhinhos». Mas a alteração de um termo grego para outro, nesse caso, é apenas um artifício literário. O vocábulo grego «*teknon*» usualmente indica um filho por geração natural, ao passo que o termo «*pais*» indicava qualquer tipo de filho, por geração natural ou por adoção. No entanto, com frequência os dois vocábulos eram intercambiavelmente usados. Seja como for, não está em pauta qualquer diferença sutil de significado nessa mudança, exceto, talvez, que o autor sagrado aqui se dirige a um grupo de idade, ao invés de dirigir-se à igreja inteira, cujos membros são antes também chamados de «filhinhos», conforme já dissemos.

...*escrevi...* No aoristo, no grego; provavelmente trata-se do «aoristo epistolar». (Ver as notas expositivas a esse respeito, no décimo segundo versículo, especialmente sobre o tempo de «escrevo» e «escrevi»). O autor sagrado não estava aludindo a alguma outra epístola que enviara a seus leitores, como, por exemplo, o evangelho de João ou alguma epístola anterior a esta, que não chegou até nós.

...*porque conheceis o Pai...* No décimo terceiro versículo o autor escreve aos «pais», encorajando-os a darem continuidade à sua fiel expressão cristã, já que tinham «conhecido» aquele que era desde o princípio, a saber, Cristo Jesus, o Filho de Deus. Agora ele escreve aos jovens, porquanto conheciam a Deus Pai. O conhecimento de Deus, sem importar por qual grupo de idade, tem um desejável efeito transformador do caráter humano. (Ver o versículo anterior quanto a notas expositivas sobre o que está envolvido nesse «conhecimento»). Os filhos sabem o que é a autoridade de seus pais; mas agora são relembrados acerca da autoridade do Pai celestial. Desde seus primeiros anos tinham recebido a disciplina da fé cristã. Essa disciplina é a de um Pai amoroso, pessoal e vital. Em certo sentido, todos os homens são filhos de Deus; mas os crentes se tornam autênticos «filhos

15 *Μὴ ἀγαπᾶτε τὸν κόσμον μηδὲ τὰ ἐν τῷ κόσμῳ. ἐάν τις ἀγαπᾷ τὸν κόσμον, οὐκ ἔστιν ἡ ἀγάπη τοῦ πατρὸς ἐν αὐτῷ.*

15 *δαν τις ἀγαπᾷ...ἐν αὐτῷ Ro 8:7; Jm 4:4*

O «Logos preencarnado» deve ser identificado com o homem Jesus de Nazaré. Há certa fusão de identidade. (Ver as notas expositivas em I João 4:2 e ss. a esse respeito). Os gnósticos negavam a humanidade apropriada do Logos. Pensavam que Jesus apenas foi temporariamente controlado por algum «aeon» ou emanção angelical. Na realidade, porém, o Logos exaltado fundiu-se com a humanidade no homem Jesus, tendo-se tornado o Homem ideal, em cuja imagem estamos sendo seguramente transformados. O Logos é muitíssimo mais que um mero «aeon». Cristo é muito mais exaltado do que os gnósticos imaginavam. O trecho de Col. 1:15-19 constitui a resposta do apóstolo Paulo à degradação dos gnósticos quanto à pessoa de Cristo.

...*Jovens...* Os membros mais jovens da congregação estão aqui em foco, a «mocidade». Há vitória na mocidade. Ninguém precisa chegar à idade avançada e esperar que suas paixões se aquietem, a fim de obter a vitória moral. Os jovens são dotados de vigor e força, bem como de grande energia. É tradicional que os jovens empreguem esses poderes naturais na busca pelas paixões e vantagens deste mundo. O autor sagrado, entretanto, diz aqui que certos jovens crentes empregavam essas energias na batalha em prol da verdade, com o resultado que tinham derrotado ao «maligno», isto é, Satanás, o inimigo da alma humana. (Isso pode ser comparado com I João 3:8-10 e com João 8:44). (Quanto a notas expositivas completas sobre «Satanás», o deus da maldade, ver Luc. 10:18 e João 8:44). A história, segundo certo ponto de vista, e a narrativa de como as forças do bem e do mal lutam pela lealdade dos seres inteligentes. A vontade de Deus é que todos os seres inteligentes, dotados de livre-arbítrio, venham a saber, por experiência própria, que o seu caminho é o melhor. Mas é preciso longuíssimo tempo para convencer disso os homens, pelo que também o processo histórico é tão prolongado. O autor sagrado mostra aqui aos jovens crentes que lhes é possível derrotarem a Satanás. Portanto, a vitória continua é possível; e ele os exorta a isso.

...*vencido...* Esses crentes eram «vencedores». Antes, tinham sido pagãos; sabiam o que isso significava; tinham seguido os padrões morais distorcidos do paganismo. No entanto, dentro da fé cristã, se tinham tornado vencedores. (Isso pode ser comparado com João 16:33). O simbolismo da «vitória» é característico da mensagem do livro de Apocalipse e desta primeira epístola de João. (Ver isso também em Apo. 2:7,11,26; 12:11; 21:7; I João 2:14; 4:4 e 5:4,5). A metáfora tencionada é a de uma luta, de uma batalha. Nada menos do que isso pode outorgar-nos a vitória sobre o pecado. O inimigo é real e poderoso. É mister uma amarga luta para subjugá-lo definitivamente.

*Dá o melhor que tens ao Mestre;  
Dá das forças da tua juventude;  
Lança o ardor fresco e intenso da alma  
Na batalha em prol da verdade.  
Jesus nos deixou o seu exemplo,  
Foi ele inflexível, jovem e corajoso.  
Dá o melhor que tens ao Mestre;  
Dá das forças da tua juventude;  
Revestido da completa armadura da salvação,  
Reúne-te à batalha pela verdade.*

(Mrs. Charles Bernard)

espirituais» do Pai, quando chegam a «conhecer» a Deus. Fica suposto que antes de prestarem lealdade a Cristo, os homens não conhecem a Deus. A prova de que alguém conhece a Deus é a ação moral correta, mesclada com a lealdade devida a Cristo, como Senhor.

...*pais... porque conheceis aquele que existe desde o princípio...* Temos aqui a reiteração da primeira porção do décimo terceiro versículo, onde esses conceitos são comentados. Calvino supunha uma repetição desnecessária, neste ponto, ou seja, uma interpolação. Porém, nenhum manuscrito existente evidencia isso. O mais provável é que o próprio autor sagrado repetiu seu pensamento, para efeito de maior ênfase.

...*Jovens... porque sois fortes...* O autor sagrado adorna a idéia que já tinha apresentado no décimo terceiro versículo. A mocidade tem uma força natural. A força espiritual é dada àqueles que habitam e permanecem na «Palavra» (a mensagem cristã, operante por ter sido acolhida). Pelo poder assim obtido, os jovens crentes se tornam espiritualmente fortes; portanto a força espiritual é adicionada à energia física. Aqueles jovens crentes eram fortes em ambas essas categorias. Desse modo, estavam qualificados a unir-se na batalha em prol da verdade, e o resultado disso foi que tinham obtido a vitória sobre o maligno. O autor sagrado agora passa a advertir seus leitores a que não empregassem suas forças naturais na busca pelo mundo e suas concupiscências (ver os versículos quinze a dezessete deste capítulo). Se cedessem ao mundo, ficariam «fracos», pois a liberdade para pecar, na realidade, é a pior forma de servidão, pois escraviza a alma, e não meramente o corpo.

O termo «...palavra...», aqui usado, é o evangelho e suas exigências morais, o qual é pintado como um elemento que «disciplina» e «canaliza» as energias. A inquirição espiritual requer forças, resolução firme e busca anelante. Os jovens são encorajados pela disciplina do evangelho a dirigirem suas forças na direção daquilo que é digno.

Este versículo pode ser comparado com o que se lê, em Col. 3:16, acerca da «palavra de Cristo que nos vem habitar no íntimo», e que ensina e admoesta.

15 *Παῖρος* Θεου A 33 pc: Θ. και Π. 614 pc

2:15: *Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.*

(Isso pode ser comparado com o que se lê em Col. 3:1-3, que diz: «Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque mortestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus»). Todos seguimos aquilo que amamos; desejamos aquilo que nos agrada; uma pessoa pode cultivar os desejos mundanos até que sua alma seja cativada pelo mundo.

#### Identificando-nos Com Cristo

1. O trecho de Col. 3:1 e ss., faz-nos lembrar de nossa identificação com Cristo. Ora, Cristo está nos lugares celestiais. Portanto, busquemos os lugares celestiais! Isso produzirá um reflexo em tudo quanto somos e fazemos. Deixemos para um lado os interesses pelas coisas terrenas. Vivamos para o mundo vindouro.

2. O trecho de Rom. 6:1 e ss., faz-nos lembrar que estamos identificados com Cristo, em sua morte e ressurreição. O Espírito Santo exerce influência sobre nós, levando-nos a rejeitar o pecado e a viver para a retidão. Ele domina o pecado que está em nós. E faz a vida de Cristo manifestar-se em nós. Fazemos parte da nova comunidade e vivemos como estrangeiros e peregrinos nesta terra.

3. O cristianismo, assim sendo, é muito mais que uma nova filosofia. Antes, é uma intervenção divina. Isso tem produzido algum bem em tua vida? Essa pergunta pode ser respondida segundo a medida em que a intervenção divina tiver se tornado real em sua vida. É óbvio que Deus interveio na história da humanidade através de Cristo. Quão óbvio é que ele já interveio em sua vida, através de Cristo?

«...nãomeis o mundo...» Primeiro e grande mandamento—amar a Deus de todo o coração e de todas as forças (ver Mat. 22:37). Trata-se de um alvo elevadíssimo, que pode ser atingido em parte enquanto o homem ainda está em seu estado mortal, mas sempre através da comunhão mística com o divino. Assim é que a alma ascende para contemplar a beleza que é Deus; e, nessa contemplação, o homem ama. Mas aquele que contempla, e em seguida ama ao mundo, automaticamente torna-se incapaz de amar a Deus. Esses são princípios contrários, e ninguém pode amar e servir, ao mesmo tempo, a Deus e ao mundo. Os mestres gnósticos, em sua licenciosidade, tinham chegado a amar ao mundo, embora professassem estar separados do mesmo. Supunham inutilmente que suas almas não seriam afetadas, embora seus corpos fossem mergulhados na lama do mundo, tal como o ouro não pode ser corrompido quando é mergulhado na lama. O autor sagrado mostra que o «amar ao mundo» incapacita o indivíduo para amar verdadeiramente a Deus. Nesse indivíduo não habita o amor de Deus. Ele já entregou seu coração a um rei estranho, tornando-se escravo deste último.

«...mundo...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Não está aqui em foco o mundo físico e seus inúmeros objetos. O autor sagrado não nos convida aqui a não mais apreciarmos a natureza e sua beleza, e nem a abandonarmos as coisas físicas por si mesmas. 2. A referência não é à ordem geral da criação, o «mundo dos universos». 3. Nem refere-se ele à «humanidade», que algumas vezes é chamada também de «mundo». Pois o próprio Deus ama esse «mundo». 4. Antes, seu uso é «ético» e «metafísico». Ele aponta, em parte, para o mundo que se corrompeu com «vícios, blasfêmias e a atitude que se olvida de Deus». Mas também aponta para o «sistema do mundo», incluindo o cósmico (e não meramente o terreno), que é a revolta contra Deus. Esse sistema cósmico está sob o poder do «maligno» (ver o décimo terceiro versículo). Quando alguém ama aos vícios deste mundo, torna-se escravo deste sistema mundano. O décimo sexto versículo enumera os elementos do mundo que são prejudiciais à espiritualidade. As concupiscências carnis, as imoralidades, as perversões de toda a sorte; a concupiscência dos olhos, as muitas tentações que vêm mediante a «vista», mediante a «contemplação» das vantagens terrenas, como as riquezas, a fama, os prazeres, etc.; e o orgulho da vida, que torna o homem egolsta, que o faz dirigir sua vida para si mesmo, em que o «eu» se torna o seu Deus.

O mundo haverá de passar. Os mestres gnósticos ensinavam isso; e o autor sagrado concordava com eles ao menos nisso. Mas o indivíduo só pode «permanecer para sempre» se estiver cumprindo a vontade de Deus. Isso se consegue através da dedicação ao mundo eterno, e não ao mundo presente. (Pode-se comparar esse conceito com a mensagem de II Cor. 4:18). Complete-nos «contemplar» as coisas que são eternas, porquanto as coisas temporais não se adaptam às necessidades da alma eterna.

O autor sagrado queria que soubéssemos que há um profundo abismo entre o bem e o mal, entre o que é espiritual e o que é carnal, entre o que é celestial e o que é terreno. Os gnósticos ignoravam essa diferença para seu próprio detrimento. Toda a alma deve escolher a Deus ou ao mundo; o amor a Deus ou o amor ao mundo; e a prova será dada pela conduta moral. É impossível salientarmos em demasia o imperativo moral do evangelho.

«Os homens não podem viver sem terem escolhido, consciente ou inconscientemente, alguma realidade a que dão sua devoção final. Devem amar e realmente amam a alguma coisa. Recusar-se a fazer uma escolha já é fazer escolha. Podem oferecer sua devoção final a Deus, ao diabo, ao mundo, às riquezas, ao estado, a um partido político, à verdade, à beleza ou a seus próprios desejos inferiores. Mas a vida exige decisão, e a vida cristã exige tomada de posição. Entretanto, uma vez feitas, as decisões precisam ser constantemente realfirmadas. A situação que os mais idosos enfrentam

são as mesmas decisões que enfrentamos: há pessoas que são criadas como crentes, mas seu entusiasmo arrefece, sua religião se torna nominal, as obrigações morais tornam-se opressivas, as distinções agudas entre as práticas cristãs e as práticas pagãs não mais são observadas. Em tal situação, o dualismo fundamental do evangelho deve ser asseverado: 'Não ameis ao mundo... amai... ao Pai' (Hoon, *in loc.*).

#### Que Mugidos Insensatos são Esses?

*Que mugidos e batidos insensatos são esses?*

*Quem trouxe esses touros ruidosos*

*e essas cabras berradoras*

*Até à porta do santuário?*

*A esta porta do santuário de minha vida?*

*Que ruídos estranhos são esses que*

*Desviam a minha mente dos céus?*

*Os prazeres mundanos, sua fama, suas vantagens*

*São apenas touros ruidosos e cabras berradoras;*

*Ruidosos e fedorentos, exigem admissão,*

*Saltitando loquazmente à porta,*

*A presença fragrante de Deus e do bem*

*Não tardarão a dissipar.*

*Quem trouxe esses touros ruidosos e essas cabras berradoras*

*A porta do santuário de minha vida?*

*Longe com elas! Expulsai-as daqui!*

*Desinfetai o lugar onde estavam.*

*Que deixem minha alma em paz, para buscar*

*Ao amor, ao ganho, ao bem eterno.*

*(Russell Champlin,*

*ao meditar sobre I João 2:16,16)*

«...se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele...» Essa declaração é similar à do Senhor Jesus: «Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um, e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas» (Mat. 6:24). A alma não é suficientemente grande para estar dividida em sua dedicação, parte a Deus e parte ao mundo, ao mesmo tempo. Esses princípios são naturalmente antagônicos. A alma que está dividida contra si mesma eventualmente cairá debaixo de seu próprio peso, e em seu caso a inquirição espiritual ficará estagnada ou mesmo será destruída. O «amor do Pai» deve ser interpretado como «amor ao Pai», e não meramente o amor que ele nos confere, dirigindo-nos para as realidades espirituais. O primeiro e grande mandamento da lei está em foco. Esse amor do Pai, porém, fora pervertido na forma de ascetismo, de esclerosamento para com a justiça social e de atitudes doentias para com o sexo. Os homens têm a idéia que a mera privação física é, automaticamente, amar às realidades espirituais. Naturalmente, isso não é verdade, e a própria privação pode ter sido transformada em um outro Deus. O amor do Pai libera o amor ao próximo, pois o amor ao próximo, é, na realidade, uma forma de amor a Deus, segundo se vê em Mat. 25:35 e ss. Portanto, o amor a Deus nos «envolve» no mundo; mas na capacidade de servir aos outros, e não em capacidade egolsta, em que só procurássemos cumprir nossos desejos pessoais. Não se pode louvar à virtude enclausurada. O amor a Deus exige que nos interessemos pelos outros, que sejamos servos de todos. Mas isso não significa que nos devemos deixar arrastar pelos vícios do mundo.

«É impossível amar ao mundo e coexistir isso com o amor a Deus; é impossível a coexistência entre a luz e as trevas.» (Filo).

«Os males, Teodoro, nunca poderão desaparecer; pois sempre restará alguma coisa que se mostra antagônica ao bem. Não tendo lugar entre os deuses, no céu, necessariamente pairam ao redor da natureza terrena e nesta esfera mortal. Por conseguinte, devemos fugir da terra para os céus tão rapidamente quanto possível; e fugir é tornarmo-nos como Deus, até onde isso é possível. E tornarmo-nos como Deus é tornarmo-nos santos, justos e sábios.» (Taeteto, 176, Platão).

«...quando nos ocupamos com o vão amor do mundo, fazemos voltar todos os nossos pensamentos e afetos noutra direção; essa vaidade, antes de tudo, deve ser arrancada de nós, a fim de que o amor de Deus reine em nós. Enquanto nossas mentes não forem purificadas, a doutrina anterior (não amemos ao mundo, mas a Deus) poderá ser repetida por cem vezes, mas sem qualquer efeito: seria como derramar água sobre uma esfera; não se pode recolher ali uma única gota, porque não há lugar côncavo que retenha a água.» (Calvino, *in loc.*).

#### O Verdadeiro Amor

1. O amor vem de Deus, pois Deus é amor (ver I João 4:7, 8). Se o amor de Deus estiver em nós, isso expelirá de nossas vidas o amor pelo mundo, com seus alvos, suas tentações e seus interesses.

2. O amor é cultivo do Espírito (ver Gál. 5:22), sendo também a base de todas as virtudes espirituais. O amor fornece a base para a santidade e a bondade.

3. No processo de nossa transformação segundo a imagem de Cristo, vamos obtendo a sua natureza moral. Quão inútil é este mundo, e quão vazias são as suas vantagens! Aquele em quem Cristo tocou jamais poderá ser o mesmo novamente, pois os céus são agora o seu verdadeiro lar.

4. Portanto, aqui devemos agir como estrangeiros e peregrinos (ver I Ped. 2:11).

16 ὅτι πᾶν τὸ ἐν τῷ κόσμῳ, ἡ ἐπιθυμία τῆς σαρκὸς καὶ ἡ ἐπιθυμία τῶν ὀφθαλμῶν καὶ ἡ ἀλαζονεία τοῦ βίου, οὐκ ἐστὶν ἐκ τοῦ πατρὸς ἀλλὰ ἐκ τοῦ κόσμου ἐστίν.

16 ἐπιθυμία τῆς σαρκὸς Ro 13:14; Epr 2:3; I Pe 2:11 ἡ ἐπιθυμία τῶν ὀφθαλμῶν Pr 27:20 ἡ ἀλαζονεία τοῦ βίου Jas 4:16

2:16: Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, e concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não vem do Pai, mas sim do mundo.

«...mundo...» Acerca de como o termo «mundo» deve ser compreendido nestes versículos, ver as notas expositivas no versículo anterior.



O autor sagrado passa agora a enumerar os elementos «prejudiciais» que há no mundo, aos quais não podemos amar; ou então mostra aquele «tipo de mundo» que não pode ser amado pelos discípulos de Cristo. É um mundo caracterizado pela concupiscência, pelos desejos carniais, pelo orgulho, pela busca egoísta dos próprios interesses.

«...concupiscência...» O termo grego «*epithumia*» é repetido por duas vezes neste versículo. Trata-se do termo ordinário para indicar «desejo» de qualquer espécie. O contexto em que essa palavra é usada define seu tipo. Com frequência era termo usado em sentido intensivo, isto é, «ansiar», «anclar», «desejar ardentemente». E também era usado com um sentido negativo, quando tinha o sentido de «paixão maculadora», de «concupiscência carnal».

Os filósofos estoicos pensavam que os desejos, cumpridos ou não cumpridos, levam a uma teia mais complexa de desejos. Os desejos se multiplicariam, sem a possibilidade de satisfação final. O resultado final seria a futilidade. Por conseguinte, seria mais sábio eliminar totalmente os desejos, ao invés de alimentá-los.

«...da carne...» O autor sagrado salienta agora, diretamente, os «apetites sensuais», os desejos da carne e pela carne. Os gnósticos licenciosos (em contraste com os ascetas) pensavam que poderiam ajudar ao sistema do mundo na destruição do corpo, a prisão da alma, através de abusos contra o mesmo, mediante excessos e perversões sexuais. Pensavam que, assim fazendo, em nada se corromperia sua alma, mas antes, seria preparada para a fuga para longe do corpo, a sede do pecado. Os escritores do N.T. sempre tomaram a posição que o corpo físico não é mau por si mesmo, mas tão-somente vítima fácil do princípio do pecado, que parte do coração, do homem interior. Outrossim, a consagração ao Senhor inclui necessariamente o corpo, pois é nosso veículo de expressão neste nível terreno da existência. Isso se vê claramente em Rom. 12:1,2: «Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus». Além disso, no sexto capítulo da primeira epístola aos Coríntios, Paulo lamenta o uso errôneo do corpo físico, que é «templo» do Espírito Santo. Visto ser seu templo, dificilmente pode ser usado para a prática dos vícios pagãos, permitindo-se que as concupiscências egoístas ali residam. Afirma ali Paulo: «Fugi da impureza! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer, é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo» (I Cor. 6:18). Paulo dá a entender que os pecados praticados contra o corpo, através da sensualidade exagerada e depravada, são piores que os pecados ordinários; exercem um efeito especialmente daninho, corrompendo ao templo de Deus. Os não-regenerados é que se deixam arrastar por tais anelos profanos (ver I Ped. 2:11 e Efê. 2:3). O indivíduo regenerado deve estar acima dessas coisas. (Os trechos de Gál. 5:21 e Efê. 5:5 mostram que nenhum praticante dos vícios poderá herdar o reino divino).

O N.T. adverte-nos contra a mentalidade que pensa que o homem é um mero animal. Apesar de seu corpo ter um funcionamento orgânico animal, contudo, ali reside uma alma eterna. A espiritualidade da alma, sua busca para retornar ao «habitat» que lhe convém à natureza, é algo imensamente entravado pelos abusos contra o corpo. A biologia natural reduz o homem à química e à endocrinologia, e a psicologia naturalista vê o comportamento humano como mero reflexo de um animal a seu meio ambiente. Mas o N.T. insiste que o homem é muito mais do que isso; e, por ser o homem, essencialmente, um espírito, embora aprisionado no corpo, é responsável ao mundo eterno e espiritual. Será considerado responsável por aquilo que tiver feito no corpo e por meio do corpo. Mas os homens, esquecidos das dimensões superiores de seu próprio ser, se têm reduzido a simples animais, passando a agir como eles.

«A publicação dos relatórios Kinsey (*Sexual Behavior in the Human Male*, Philadelphia, W.B. Saunders Co., 1948 e *Sexual Behavior in the Human Female*, Philadelphia, W.B. Saunders Co., 1953) reflete as devastações operadas pelo conceito animalesco do sexo na moral e nos costumes norte-americanos. Parece que os padrões da moralidade sexual, entre os norte-americanos, aproximam-se daqueles que prevaleciam na civilização romana, no período de sua decadência». (Hoon, *in loc.*)

Meditemos, entretanto, no que sucedeu no terreno dos costumes sexuais no mundo inteiro, desde 1953. Aquelles relatórios não fariam corar nem mesmo a uma avó de nossos dias. Consideremos uma sociedade em que até mesmo a propaganda de um automóvel requer apelos de natureza sexual. Consideremos até que ponto temos ficado degradados quando a virgindade de uma jovem menina é zombada como um fenômeno social comparável ao dos que cortam o cabelo bem rente ou a Billy Graham, conforme afirmou a revista «Time», edição de julho de 1973. Aquele que se reduz ao nível animal terminará por colher a retribuição própria de um animal. (Quanto a outras notas expositivas que ilustram o texto presente, ver I Cor. 6:16, acerca do «significado místico do sexo». Nesse mesmo versículo se trata do tema «sexo, união de corpo e espírito», e ali também se estuda sobre «o problema da prostituição». No décimo oitavo versículo daquele mesmo capítulo também há notas expositivas sobre o tema «pecados do sexo—como derrotá-los» e «o pecado contra o corpo»).

Consideremos os antigos gnósticos, que se «intrometiam» pelas casas e cativavam mulherinhas carregadas de diversas concupiscências. Ensinavam que as mulheres cristãs deveriam abusar do próprio corpo, dizendo que isso fazia parte do sistema ético cristão.

«...concupiscência dos olhos...» A concupiscência dos olhos pode ser incluída na concupiscência anterior, como uma de suas subcategorias. A visão, especialmente no caso do homem, é o portão de desejos ilícitos. Mas a concupiscência dos olhos envolve mais que isso, incluindo grande variedade de satisfações. O cativo da alma pelo «aspecto externo» das coisas; a

preocupação exagerada pela própria aparência e posição; o gosto excessivo pela exibição; o anelo pelo que é vulgar; a distorção do senso natural da beleza, mediante o amor ao grotesco. Plínio queixava-se que os romanos «não sendo capazes de tornar belos os seus valores, tornavam-nos gigantescos» (conforme se via nas estátuas, nos edifícios e nos monumentos públicos).

O livro apócrifo *Testamento de Rúben* (capítulo segundo) alista sete espíritos de engano, um dos quais é o «senso da visão do que se origina o desejo». (Isso pode ser comparado com Eze. 20:7,8). Por igual modo, Jesus também advertiu contra a vista como instrumento de tentação (ver Mat. 5:27-29). Alguns intérpretes acreditam que o pecado da «cobiça» é o mais destacado nesta expressão. O olho observa o que lhe é agradável, levando a mente a cobiçar. O resultado é o desejo intenso. O olho jamais se satisfaz (ver Ecl. 1:8), e quanto mais obtemos, mais queremos. (Quanto a notas expositivas sobre a «cobiça», ver Col. 3:5 e Efê. 5:5).

Notemos que os vários «desejos» mencionados sempre desviam o homem de Deus. O mundo eterno e seus valores são ignorados quando tornamos este mundo o objeto de nossos desejos.

«...soberba da vida...» Os homens fazem do próprio «eu» um deus; gastam tudo quanto possuem, dinheiro e energias, para o próprio «eu». Esquecem-se do princípio do amor, do serviço que deveria ser feito em favor do próximo. Buscam apenas a glorificação própria; são pessoas de natureza fanfarrã, paroleira e bazofeira. O poema que ilustra o décimo primeiro versículo, ilustra bem essas atitudes.

O termo grego aqui usado é «*salazoneia*», «pretensão», «arrogância», «jactância». Os homens buscam exaltação nas riquezas e na posição social, como também de numerosos outros meios, talvez em supostas «realizações espirituais», pois o orgulho pode ter muitas manifestações sutis. Maomé dizia: «Que tenho eu com os confortos desta vida? O mundo e eu—que conexão há entre nós? De fato, o mundo não é diferente de uma árvore para mim: quando o viajor descansa sob sua sombra, passa adiante».

Existe aquela paixão egoísta de viver acima dos outros e com conforto e lazer excessivos. Essa paixão conduz a várias formas de ostentação, de impropriedades nas vestimentas e na maneira de viver.

Essa é a «...vida de vanglória—de presunção, de desejo pelo louvor e pela deferência, pelo deleite de ser considerado importante, de exercer autoridade sobre outros, de estar em primeiro plano; todas as vaidades vazias da moda e dos costumes, dos títulos e ofícios; de uniformes e posição, das pequenas imposturas esnobes nas quais coisas os homens caem... Não lhes importa que... perante Deus, nada disso tenha qualquer valor. O perverso e pequeno 'ego' quer que subamos no palco, saracoteando, agitando-nos e fazendo poses». (H.H. Farmer, *The Healing Cross*, págs. 183-184).

Os diversos pecados que aparecem neste versículo são tão latos naquilo que deixam entendido que virtualmente incorporam, potencialmente, todos os pecados, tal como as tentações que Jesus sofreu incluíram todas as gamas possíveis.

«...não procede do Pai, mas procede do mundo...» O décimo quinto versículo mostrara que há grande abismo entre Deus e o mundo, e que ninguém pode amar a ambos ao mesmo tempo. Agora fica claro que esses vários pecados e concupiscências têm uma origem mundana. Deus nunca nos tentará a nos ocuparmos com qualquer deles. Até mesmo os gnósticos professavam querer retornar a Deus. Contudo praticavam pecados debilitantes, que o mundo lhes acenava. Não somos todos gnósticos? (Sim, pelo menos nesse particular). Cristo veio a fim de dar-nos o remédio para tudo isso. Ele veio do Pai; trouxe a mensagem vinda do outro mundo. Isso inclui o «imperativo moral». O homem é um espírito, localizado neste plano terreno, na prisão do corpo físico, porque o merece. Contudo, o seu destino é muitíssimo mais elevado do que isso. Todavia, jamais atingirá tal destino, enquanto estiver amando ao mundo. É mister que busque aquele nível de existência que se faz compatível com a sua natureza «espiritual». A grande dificuldade que temos, ao fazer isso, é a prova de quanto temos decalado.

«...do Pai...» É o Pai celeste que nos trata como seus filhos. Mas estes são filhos pródigos, que se foram para um país distante. Eles lhes enviou sua mensagem de amor, entretanto. Mas, diferentemente do filho pródigo da parábola bíblica (ver o décimo quinto capítulo do evangelho de Lucas) ainda não gastaram todo o seu dinheiro e continuam gastando o que possuem com prostitutas e com uma vida pecaminosa. Mas chegará o tempo, ou neste mundo ou em algum mundo espiritual, quando lhes faltarão todos os recursos pessoais. Então haverá de lembrar-se do Pai, desejando retornar a ele. Não foi o Pai que implantou neles os desejos pelas coisas mundanas; isso eles adquiriram quando se afastaram para longe dele. Mas a alma ainda se lembra da «pátria celestial», do mundo dos céus. A alma continua desejando retornar para ali. Nesse Interim, os homens se espójam neste mundo quais animais irracionais.

«Portanto, aquele que sempre vive ocupado com os desejos e ambições, buscando-os anelantemente, tem opiniões mortais, e, no que concerne ao homem, é um ser mortal, porque só dá valor à sua porção mortal. Mas aquele que se tem voltado para o amor do conhecimento e da verdadeira sabedoria, estando treinado a pensar que essas são a porção imortal e divina do homem, se tiver chegado à verdade, necessariamente, até onde a natureza humana é capaz de chegar à imortalidade, será imortal; e isso porque sempre dá valor ao poder divino, e, possuindo em seu interior a divindade, bem organizada, tem uma vida perfeita e divina». (Platão, *Timeu*, 90).

Comentários gerais de Adam Clarke (*in loc.*) sobre esta passagem: «A concupiscência da carne. São os desejos sensuais e impuros, que buscam satisfação em mulheres, bebidas fortes, petiscos e coisas similares. Concupiscência dos olhos. Desejos desordenados por tudo quanto é excelente, como vestimentas principescas, casas esplêndidas, móveis da

melhor qualidade, equipamento caro, quinquilharias e decorações de toda a sorte. Soberba da vida. Busca pelas honrarias, pelos títulos, pela estirpe, pelos antepassados ilustres, pelas conexões de família, pelos cargos importantes, pelo conhecimento de pessoas de posição, e coisas similares. Nenhuma dessas ligações desordenadas vêm de Deus ou conduzem a ele. Pertencem a este mundo; aqui começam, florescem e terminam. Deixam a

17 καὶ ὁ κόσμος παράγεται καὶ ἡ ἐπιθυμία αὐτοῦ<sup>1</sup>, ὁ δὲ ποιῶν τὸ θέλημα τοῦ θεοῦ μένει εἰς τὸν αἰῶνα.

<sup>1</sup> 17 |B| mīrōū M B C K Ψ 046 036 0143 81 88 104 181 328 330 451 614 629 820 1305 1877 1881 2127 2412 2462 2468 B<sub>1</sub> Lect 11<sup>ms</sup> 11<sup>ms</sup> + d<sup>ms</sup> div<sup>ms</sup> p. 1

vg syr<sup>1</sup> cop<sup>ms</sup> arm Cyprian Lucifer Didymus Augustine Antiochus John-Damascus 3 omī A P 33 436 945 1341 1736 It<sup>h</sup> cop<sup>ms</sup> Origen

17 ὁ κόσμος παράγεται 1 Cor 7:31 ὁ δὲ... αἰῶνα Mt 7:31; W<sup>1</sup> 5:16

A palavra αὐτοῦ, que é fortemente apoiada por bons representantes de ambas as tradições alexandrina e ocidental (N B C 81 614 it (65) vs si (p,h) cop (sa,bo) Cipriano, Lúçifer), é ausente de diversos testemunhos (A P 33 1739 it (h) cop (sa,ms) Orígenes). A omissão foi provavelmente feita de propósito, por escribas que quiseram generalizar o sentido de ἐπιθυμία.

Ao fim do versículo, diversos testemunhos das versões e patrísticos expandiram o texto acrescentando a glosa, «bem como Deus (ou, *aquela*, cóp (sa)) permanece para sempre» (vg (mss) cop (sa)) Cipriano, Lúçifer, Agostinho). Não tem nenhuma autoridade grega para apoiar a expansão (cf. 5:7-8a).

2:17; Ora, o mundo passa, e a sua concupiscência; mas *aquela* que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

«...o mundo passa...» As vantagens que os desejos terrenos visam, sem importar como tiverem sido adquiridas, devem perecer, tal como o mundo, finalmente, também passará. Os gnósticos ensinavam que a matéria haverá de perecer, afinal, juntamente com o mundo. Mas daí não tiravam a lição moral necessária, a saber, que nós, na qualidade de seres espirituais, não devemos tolerar em nós mesmos os vícios mundanos, mas antes, nos devemos separar deles. «...não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas» (II Cor. 4:18). Nossa preocupação, pois, deveria ser a nossa transformação segundo a imagem do eterno Cristo, de um estado de glória para outro, a fim de nos tornarmos semelhantes ao Homem ideal. (Ver I Cor. 3:18 e as notas expositivas ali existentes).

A destruição desta terra física talvez demore longo tempo. Mas uma coisa é certa, até onde estamos envolvidos—o fim de todas as coisas virá dentro em breve. Não poderá continuar sendo, por muito tempo, o «habitat» que ocupamos.

«...vontade de Deus...» Na presente epístola, isso significa, antes de tudo, reconhecer a Jesus como nosso Salvador e Senhor; reconhecendo que o plano divino da salvação deve ter nele o cumprimento, em contradição à mensagem gnóstica, que estipulava muitos mediadores angelicais e salvadores secundários. Além disso, cumpre-nos reconhecer que as boas novas de Deus envolvem um imperativo moral; portanto, há uma «vontade moral de Deus», que denunciará e rejeitará o amor do mundo e seus vícios, descritos nos versículos quinze e dezesseis. O «filho» que reconhece e cumpre a vontade de Deus, tal como o Pai, permanecerá para sempre. Essa promessa não é apenas a de «vida perene», o que se dará com todos os homens; antes, teremos o mesmo «tipo de vida» que Deus Pai possui. Essa vida é «necessária», isto é, não pode deixar de existir; e também é «independente», ou seja, não depende de outra para continuar, tal como Deus é sua própria causa e seu próprio sustentador. A «vida eterna» (ver as notas expositivas a respeito, em João 3:15), é uma «modalidade de vida», e não apenas «vida sem fim».

Deus é o pináculo e a origem de toda a vida; compartilhará com os homens de sua própria natureza e atributos (ver Efé. 3:19; Col. 2:10 e II Ped. 1:4). Assim, pois, os homens terão uma «forma de vida» superior à dos anjos. (Quanto à «vida necessária e independente», ver as notas expositivas em João 5:25,26 e 6:57). A «forma de vida» do homem será aquele tipo de vida que há também no Deus-homem, porquanto estamos destinados a participar da própria natureza e imagem de Cristo (ver Rom. 8:29; II Cor. 3:18 e Efé. 1:23). Possuidores dessa «forma de vida», permaneceremos para sempre, compartilhando do tipo de eternidade que tem o próprio Deus Pai. Encaminhamo-nos para esse alvo elevadíssimo cumprindo, agora, a «vontade de Deus». Isso exige, antes de tudo, que reconheçamos o seu Cristo, seu meio de vida; em seguida, requer que nos deixemos permear pela própria natureza moral de Cristo (ver Gál. 5:22,23). É dessa maneira que chegamos a rejeitar o amor do mundo.

Existe algo no interior do homem que busca o que é eterno. O homem sente-se perturbado pelo pensamento de uma transição sem significado, de uma série de eventos caóticos para outra. Por isso é que Isak Dinesen, «Severn Gothic Tales», à pág. 182, diz: «Quero estudar astronomia... porque não posso mais suportar o pensamento do tempo. Parece-se com uma prisão para mim, e penso que se pudesse livrar-me dele, inteiramente, sentir-me-ia feliz». O homem intui que pertence à eternidade; o homem nasceu para a eternidade, e busca a mesma.

«Deus faz oposição ao mundo, e a—imortalidade da vida eterna faz oposição à condenação que sobrevém àquele que ama ao mundo... Somente na proporção em que o homem se apega a Deus é que pertence à ordem da imortalidade. Tudo quanto não estiver dentro da vontade de Deus simplesmente «passará», isto é, morrerá... a imortalidade pode ser subentendida na experiência de quem cumpre a vontade de Deus em sua vida diária. Nesse sentido, a imortalidade só será dada a quem tiver morrido fisicamente; trata-se de um aspecto da vida eterna, a qual podemos desfrutar desde agora.» (Hoon, *in loc.*).

### III. Os falsos mestres (2:18-27).

#### 1. Têm o espírito do anticristo (2:18-23).

Embora esta epístola, de alguma maneira, refute algumas doutrinas e práticas dos gnósticos (os falsos mestres da Ásia Menor),

mente depravada, afastam-nos da busca pelas realidades divinas e deixam o indivíduo totalmente incapaz para desfrutar das realidades espirituais.

«Somente aquele que nasceu de Deus se volta para Deus; mas aquele que pertence a este mundo se volta para o mundo; as fontes do amor a Deus e do amor ao mundo são irreconciliavelmente distintas.» (Faucett, *in loc.*).

*Nascida na eternidade, e inquirindo pela mesma, impedida pelo que é terreno, prisioneira do corpo, embora aqui não possa ficar.*  
(Russell Champlin)

*Mudança e decadência vejo por toda a parte: Ó Tu, que não mudas, permanece comigo.*

(W. H. Monk)

Na beleza que há nesta terra, encontramos indícios da beleza universal. Podemos ver a face de Deus no pôr-do-sol, e a sua eternidade em uma rosa.

*A rosa, cuja beleza alegra teus olhos, ao vê-la, floresceu em Deus, antes do começo do tempo.*  
(Angelus Silesius, *The Imitation of Christ*)

«Aquele que continua fazendo a vontade de Deus 'permanece para sempre', em meio ao fluxo das coisas transitórias.» (Robertson, *in loc.*).

«A fixidez e a duração eternas pertencem somente àquele ordem de coisas, bem como àqueles homens, que estão em inteiro acordo com a vontade de Deus» (Alford, *in loc.*). O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra que, finalmente, todas as coisas se centralizarão em torno de Cristo, como Senhor, obtendo nele a sua significação; e que somente assim é que as coisas poderão ser eternas. Esse é o mistério da vontade de Deus. (Ver esse conceito, comentado em Efé. 1:10). Eventualmente, Cristo será «tudo para todos» (ver Efé. 1:23), e isso proporcionará fixidez e continuação eternas para tudo.

«Nenhuma pessoa razoável pode colocar suas afeições naquilo que, em sua essência, é perecível, pois o que é perecível é desapontador.» (Sinclair, *in loc.*). Eventualmente, Deus dará novamente em ordem os juízos de valores de toda a sua criação.

*Tudo quanto existe, afinal,  
Dura para sempre, além de toda a memória;  
A terra muda, mas a alma e Deus permanecem firmes:  
Aquilo que entrou em ti  
Aquilo foi, e é, e será.*

«Todos esses objetos de desejo (como aqueles dos versículos quinze e dezesseis), finalmente mostrar-se-ão insatisfatórios, por causa de seu caráter transitório.» (Brooke, *in loc.*).

Emanuel Kant assegurou-nos que o «homem moral» tem em si mesmo a consciência de sua própria eternidade; não precisa de qualquer outra prova. O autor sagrado afirma a mesma coisa. Aquele que faz a «vontade moral de Deus» permanece para sempre.

«Não o que é transitório, mas o que é permanente; não o que é fugidio, mas o que é constante; não a morte, mas a vida, é a conclusão de toda a questão. A vida cristã não é um espasmo inicial, seguido por uma diáspora crônica.» (Alexander, *in loc.*).

«A corrente das coisas temporais sai varrendo tudo. Mas, qual árvore acima da correnteza, surgiu nosso Senhor Jesus Cristo. Ele quis plantar-se, por assim dizer, sobre o rio. Está sendo levado em rodopios pela correnteza? Agarra-te na madeira. O amor do mundo está te levando correnteza abaixo? Agarra-te em Cristo. Por tua causa ele se tornou temporal, para que pudesses tornar-te eterno. Pois ele foi feito temporal a fim de permanecer para sempre. Une teu coração à eternidade de Deus, e será eterno juntamente com ele.» (Agostinho).

**Variantes Textuais:** As palavras «sua concupiscência» aparecem nos mss Aleph, BC, 81, 614, no It(65), na Vg, no Silp(h), no Cóp(sa,bo) e nos escritos de Cipriano e Lúçifer. A palavra «dele» (do mundo) é omitida pelos mss AP, 33, 1739, no It(h), no Cóp(sa,mas) e nos escritos de Orígenes. A omissão do termo «autou» provavelmente foi deliberada, com a intenção de dar ao termo «desejo» um sentido mais generalizado.

No fim do versículo, depois da «eternamente», algumas versões antigas dizem: «tal como Deus permanece para sempre». O Cóp(sa) diz: «tal como aquele permanece». Aquelas versões antigas são a Vg (alguns manuscritos), o Cóp(sa) e os escritos de Cipriano, Lúçifer e Agostinho. Essa adição não é apoiada por qualquer manuscrito grego, o que se dá também no caso da adição mais longa de I João 5:7,8a. Tal adição é uma glosa escrital. (Quanto a esclarecimentos sobre como devem ser escotizados os textos corretos, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário, acerca dos antigos manuscritos do N.T.).



somente por duas vezes o autor sagrado os enfrenta diretamente. A passagem à nossa frente (I João 2:18-27) é uma delas, e o trecho de I João 4:1-6 é outro exemplo disso. A igreja cristã daquela época enfrentava um duplo perigo. Primeiramente, havia elementos «de dentro», os mestres falsos, que ainda tinham algum respeito por Cristo, imaginando ser ele um dos «aeons», que tinha contacto particular com este mundo. Eles esperavam fazer uma mescla de idéias, incorporando certos aspectos do judaísmo e do cristianismo com elementos das religiões misteriosas dos gregos, tendo assim criado o «gnosticismo», conforme atualmente o conhecemos. E acreditavam que a essa mistura se poderia dar o nome de cristianismo; portanto, se tinham identificado com a comunidade cristã, como se realmente pertencessem a ela. A ênfase sobre as «regras de comunhão», no primeiro capítulo desta epístola — a aceitação do Filho, conforme ele é retratado na revelação cristã, bem como as exigências morais do evangelho — sem dúvida alguma foram formuladas contra aqueles elementos «de dentro», os quais, na realidade, não eram autênticos discípulos de Cristo, porquanto tinham degradado sua pessoa e sua obra. O trecho de I João 2:1,2 subentende que não aceitavam como válida a obra expiatória de Cristo; reconheciam nele somente a autoridade que lhe teria sido conferida quando de seu batismo, quando, supostamente um «aeon» ou poder angelical viera possuir o homem Jesus de Nazaré. Para eles, pois, Cristo veio somente «pela água», e não pelo sangue (ver I João 5:6).

Em I João 2:18 e ss., em contraste com o primeiro capítulo, são descritos aqueles elementos perniciosos «de fora». Antes tinham tido comunhão com a igreja; mas, por razões de incompatibilidade de idéias e práticas, se tinham retirado da comunidade cristã. Sem dúvida havia «níveis» de heresia, algumas delas se assemelhando mais ao cristianismo, e outras mais ao gnosticismo, e vice-versa, de tal modo que a situação era bastante fluida. A heresia existia, pois, «fora» e «dentro» da igreja, e esta epístola reflete ambas essas circunstâncias.

Desde os tempos mais primitivos, a igreja cristã ensinou uma doutrina sobre o «anticristo», provavelmente com base nas próprias palavras do Senhor Jesus, em Mat. 24:23-26 e João 5:43. Então, tal como hoje em dia, não havia acordo geral sobre o que está envolvido nessa doutrina. Alguns estudiosos imaginam uma única pessoa como o anticristo; mas há quem pense em vários anticristos; e também há quem pense em um sistema. Tudo isso se verifica até hoje. A passagem à nossa frente associa os falsos mestres ao anticristo, fazendo deles anticristos. Negar que Cristo veio em carne, isto é, que teve qualquer verdadeira humanidade (*docetismo*) era aquilo que, segundo diz o autor sagrado, faz de um homem um «anticristo» (ver I João 4:2,3). O autor sagrado não desenvolve esse tema, pelo que não sabemos se ele tinha em mente uma única pessoa como o anticristo (do qual outros espíritos participariam), ou se ele pensava no anticristo como um sistema de falso cristianismo. Seja como for, ele identifica o gnosticismo com a doutrina do anticristo. Não nos devemos olvidar que ele pensava na vinda de Cristo — a «parousia» como algo possível para seus próprios dias (ver I João 3:1-3; ver também as notas expositivas em I Cor 15:51, acerca dessa expectativa da igreja cristã); e assim, a vinda do anticristo, que deverá ter lugar imediatamente antes da «parousia», também era esperada para aquela geração. Era natural, por conseguinte, que a forma de heresia que prevalecia naquela época fosse tomada como algo que cooperaria com o anticristo, ou com o sistema do anticristo.

Talvez tenhamos razão ao especular que o autor sagrado via o «anticristo» como precedido pelos «anticristos». Esse parece ser o sentido do décimo oitavo versículo, no presente capítulo. Os *anticristos*, que negavam ser Jesus o Cristo, o Verbo encarnado, também negavam ao Pai. Não podiam ser reputados cristãos em sentido algum, embora alguns deles continuassem associados à comunidade cristã. Aquele que reconhece ao Filho (mediante suas palavras e sua vida diária), obtém o favor do Pai. Tendo obtido esse favor, recebe a grandiosa promessa da vida eterna. Mas aquele que nega ao Filho também nega ao Pai, e não possui a promessa da vida eterna. O Filho de Deus, que nos confere a vida eterna, haverá de voltar. Portanto, permaneçamos em Cristo, a fim de recebermos dele confiança e regozijo, não nos envergonhando por ocasião de sua vinda, por termos transigido com o espírito do anticristo.

18 Παιδιά, ἐσχάτη ὥρα ἐστίν, καὶ καθὼς ἤκουσατε ὅτι ἀντίχριστος ἔρχεται, καὶ νῦν ἀντίχριστοι πολλοὶ γεγόνασιν· ὅθεν γινώσκουμεν ὅτι ἐσχάτη ὥρα ἐστίν.

18 καθὼς...· γεγόνασιν Mt 24,5, 24

18 anticristos N<sup>o</sup>B 1739 pe atm Or; R] praem o A p<sup>o</sup> co g

2:18; *Filhos*, esta é a última hora; e, conforme ouvistes que vem o anticristo, já muitos anticristos se têm levantado; por onde conhecemos que é a última hora.

...*Filhos*... (Quanto a notas expositivas sobre essa expressão, freqüente nesta epístola, ver I João 2:1). Neste ponto, além de ser um termo que expressa a afeição do idoso apóstolo João, por membros comparativamente jovens e inexperientes da comunidade cristã, assinala uma nova secção, de modo que se trata de uma espécie de artifício literário, a fim de indicar o começo de um novo pensamento.

...*já é a última hora*... Essa frase ocorre somente aqui, em todo o N. T., mas sem dúvida deve ser considerada equivalente às comuns expressões «último dia» e «últimos dias». No evangelho de João, essa expressão é usada para assinalar algum período «crítico». (Ver João 2:4; 4:21,23; 5:25,28; 7:30; 8:20; 12:23,27; 16:2,4,25,32). E o período mais importante de todos será «imediatamente antes da parousia». A urgência da «segunda vinda», naturalmente, não se faz presente no evangelho de João, embora bem presente nesta primeira epístola de João. Alguns eruditos, com base nisso (ou em alguma razão diferente), postulam autores diferentes, embora ambos representem a mesma tradição joanina. Há também quem creia que a primeira epístola de João apareceu primeiro, quando a expectativa da «parousia» era bem viva na igreja cristã; e então teria aparecido o evangelho de João, quando essa expectativa já começava a arrefecer. Para os judeus, o termo «último(s) dia(s)» indicava o tempo imediatamente antes do advento do Messias. No cristianismo, porém, veio a indicar o período de crise que precederia seu segundo advento, ou «parousia». Tanto na literatura judaica como na cristã, esse «dia» sempre foi pintado como um período de apostasia, de degradação moral, de levantes sociais e políticos. A noite se torna mais escura imediatamente antes da madrugada—essa é a idéia que prevalece aqui. Por isso, o mundo passará por sua tribulação maior imediatamente antes da vinda de Cristo e do estabelecimento de seu reino. (Quanto a referências aos «últimos dias», além daquelas dadas no evangelho de João, ver também Atos 2:17; II Tim. 3:1; Heb. 1:2; Tia. 5:3; II Ped. 3:3. Ver também I Ped. 1:5 quanto à expressão «último tempo»).

Alguns intérpretes pensam que a «hora» indica aqui um tempo de duração maior ou menor que o «dia», ou seja, a «última porção» do último dia. Isso transmitiria a idéia que o autor sagrado cria que seria iminente a vinda de Cristo, pois a maior parte do «último dia», já se teria passado, e somente uma «hora» ainda restava. Isso, entretanto, mui provavelmente é um refinamento exagerado. (Ver o termo «hora» usado para falar sobre a vinda de Cristo, em Mat. 24:36,44,50; 25:13; Marc. 13:32).

...*ouvistes que vem o anticristo*... Já existia a tradição, na igreja cristã primitiva, do «anticristo», a qual, mui provavelmente, estava alicerçada sobre as próprias palavras de Jesus, em Mat. 24:23-26 e João 5:43. Partes do

N. T. também eram conhecidas dos leitores originais desta epístola, as quais falavam sobre o anticristo, como, por exemplo, II Tes. 2:3 e ss., que desenvolve a tradição sobre o anticristo. Não havia acordo geral sobre esse tema, tal como se dá hoje em dia. Alguns viam o anticristo como um único indivíduo, mas outros o viam como vários indivíduos; e também havia quem o encarava como um «sistema» político ou religioso falso. O ponto de vista do autor sagrado, refletido neste versículo, parece ser que haverá um único anticristo, embora anunciado de antemão por diversos «anticristos», que serão seus antecessores espirituais. Provavelmente serão vistos aqui como meio de cultivar a maldade maior que operará no indivíduo supermaligno. É óbvio, seja como for, que o autor sagrado contempla o período dos anticristos, e do subsequente anticristo, como o seu próprio tempo. Ele não fazia a menor idéia acerca do grande período da igreja, entre o primeiro e o segundo adventos de Cristo, que já se arrasta por quase dois mil anos. Cada geração de crentes deve crer «como se» sua época fosse os últimos dias, porquanto isso serve de «esperança purificadora» (ver I João 3:3) para os crentes. E, ali onde sabemos, cada geração é, potencialmente, a última.

O termo «anticristo» poderia significar «em lugar de Cristo» ou «contra Cristo», e é bem provável que ambas essas idéias estejam incluídas. O anticristo procurará substituir a Cristo, estabelecendo-se como se fora o Filho de Deus. Também fará oposição a Cristo, e fará do mal, e não do bem, o seu princípio normativo. Fará de todos os demais homens malignos da história meras criancinhas. É a posição deste comentário que o anticristo surgirá em cena no início da década de 1990. (Ver a discussão geral sobre o «anticristo», em II Tes. 2:3, onde são apresentadas as razões para a crença em seu «breve aparecimento»).

O termo exato, «anticristo», limita-se, no N. T., à primeira e à segunda epístolas de João; mas o conceito é perfeitamente comum. Esse termo é usado no singular ou no plural, em I João 2:18,22; 4:3 e II João 7. Em II Tes. 2:3 ele é chamado «homem do pecado», porque será a maior concretização do princípio do pecado que pode ter lugar em um homem mortal. Também é chamado de «filho da perdição», naquele mesmo versículo. O anticristo fará oposição a toda a piedade e à adoração a Deus, usurpando a adoração da esmagadora maioria dos homens para si mesmo. Ocupará o templo de Jerusalém, pelo que, quase sem dúvida, será um judeu.

A maior descrição sobre o anticristo aparece no décimo terceiro capítulo do livro de Apocalipse, onde é chamado de «besta», isto é, «fera». Será o epítome da blasfêmia, o cúmulo da maldade no mundo, tanto de indivíduos como de sistemas. Vencerá à igreja cristã, que será forçada a existir subterraneamente. Deixará uma esteira de violência e derramamento de sangue sem paralelo na história da humanidade. Contudo, aquele que

assim destruirá aos santos finalmente será destruído. Operará atos espantosos, tanto científicos como demoníacos. O mundo inteiro, com olhos ofuscados, se admirará dele. Sanções econômicas serão aplicadas. Será difícil comprar ou vender sem dar lealdade à «lera», sendo os homens forçados a receber um sinal, a ele pertencente, na testa ou na mão direita. De algum modo, o número «666» tem relação significativa com o anticristo. (Ver Apo. 13:14 e II Tes. 2:3 acerca disso). Assim como Cristo era supremamente tomado pelo Espírito de Deus, assim o anticristo será supremamente dominado por Satanás. O «dragão» outorgará seu poder à *besta* (ver Apo. 13:4). O mundo, que tão rudemente tem rejeitado ao império da retidão, dará pronta lealdade a esse sumário de todas as maldades. (Quanto a menções do anticristo, no A.T., ver Dan. 9:26,27).

«...também agora muitos anticristos...» São salientados aqui os «falsos mestres gnósticos», os quais são reputados como arautos do anticristo. Os gnósticos negavam o verdadeiro Cristo do cristianismo, colocando um mero «aion» angelical em seu lugar. Negavam que ele fosse o «Verbo», conferindo-lhe a posição inferior de um «aion», distante da Luz da presença de Deus. Também negavam qualquer real «encarnação» de um aion, como se o «Verbo» não pudesse encarnar-se. Um «aion» meramente teria possuído e usado o corpo de Jesus de Nazaré durante algum tempo. O homem Jesus não era o «aion». Não haveria identificação de pessoas. Não davam a Jesus qualquer poder, atribuindo todo o poder ao «aion» que nele viera habitar. Pensavam em Jesus como homem derrotado e alquebrado, na cruz, pois o «aion» tê-lo-ia deixado antes de sua morte. Mas nem mesmo para o seu «cristo» os gnósticos davam grande importância, pois criavam uma interminável sucessão de «aions», dentre os quais Cristo teria sido um. Alguns gnósticos pensavam que Cristo era o maior dos «aions» que têm tido qualquer contacto com este mundo; mas a maioria dos gnósticos não atribuía nenhuma elevada posição a ele. Seja como for, quando muito Cristo seria algum «deus», mas somente desta terra, enquanto haveria muitos outros deuses, de outras esferas da criação. (Ver Col. 1:15-19 quanto ao elogio de Paulo a Cristo, o qual foi escrito contra as degradações gnósticas. Ver as notas expositivas completas sobre o *gnosticismo*, em Col. 2:18).

A tradição escatológica, aceita na igreja cristã primitiva, negava qualquer «parousia» sem o aparecimento anterior do homem do pecado (ver II Tes. 2:1-3); mas o autor sagrado vê a sombra do anticristo, em moldes vívidos,

19 ἐξ ἡμῶν ἐξηλθαν, ἀλλ' οὐκ ἦσαν ἐξ ἡμῶν· εἰ γὰρ ἐξ ἡμῶν ἦσαν, μεμενῆκεισαν ἂν μεθ' ἡμῶν· ἀλλ' ἵνα φανερωθῶσιν ὅτι οὐκ εἰσὶν πάντες ἐξ ἡμῶν.

19 ἐξ ἡμῶν... ἡμῶν Ac 20:30 ἵνα φανερωθῶσιν... ἡμῶν I Cor 11:19

2:19: Saíram dentre nós, mas não eram dos nossos; porque, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; mas todos eles saíram para que se manifestasse que não são dos nossos.

Alguns dos mestres gnósticos, muito mais gnósticos e muito menos cristãos, se tinham separado da comunidade cristã, provavelmente porque pressões externas e internas os tenham convencido que não eram «suficientemente parecidos» com os cristãos normais, não podendo manter comunhão com estes últimos. Eles saíram do meio cristão, provavelmente protestando que a igreja se recusava a receber novas e mais intensas luzes. Mas outros elementos, conforme nos parece indicar o primeiro capítulo desta epístola, continuaram entre os cristãos, talvez por serem menos gnósticos e mais cristãos, embora continuassem sendo suficientemente diferentes para causar problemas e receber a censura do autor sagrado.

«...não eram dos nossos...» Na realidade, eram anticristãos, que tinham vindo negar a doutrina de Cristo, a natureza de sua pessoa e de sua missão. Lê-se sobre Stalin que ele estudou para ser padre, antes de tornar-se revolucionário. Perverteu certas idéias cristãs e fez delas a base de sua tese. Por isso, seu cristianismo se tornou «folha tirada do livro do cristianismo — uma folha rasgada e mal lida». (Arnold J. Tonybee, *Civilization on Trial*, pág. 236). Os gnósticos tinham feito a mesma coisa; e alguns deles, como aqueles mencionados aqui, finalmente desistiram do fingimento de serem membros dignos da igreja cristã, preferindo formar a sua própria seita.

Eram anticristos: empregavam o nome «cristão» a fim de se oporem ao que é distintamente cristão. A cristologia é o coração mesmo da teologia cristã. Mas os gnósticos tinham chegado a negar ao Cristo anunciado por seus apóstolos, o Verbo encarnado, possuindo um «cristo» que era apenas um dentre muitos «aions», mediadores e deuses minúsculos. (Ver Col. 2:18 quanto a notas expositivas sobre o «gnosticismo».

*Perdi a infância e com ela a crença,  
Na luta imensa de um sofrer de horror;  
É pouco a pouco vou perdendo a vida,  
Triste, abatida, qual a murcha flor.*

(Faustino Xavier)

Também eram anticristãos quanto à moral. Procuravam dar à moralidade cristã um golpe mortal, com sua imoralidade. Por igual modo, tem havido supostas «organizações cristãs» que supostamente lutam por algum «direito», mas que são, basicamente, anticristãs. Considere-se a Ku Klux Klan. Tais organizações se alimentam do ódio e dos preconceitos e semeiam a violência; mas a todo o tempo professam estar defendendo alguma verdade. Os gnósticos eram «do mundo» (ver I João 4:5), e o fato que, finalmente, abandonaram a igreja cristã, comprovou isso. Por essa razão é que Inácio disse acerca deles: «Esses não são plantio do Pai. Pois, se o fossem, apareceriam como ramos da cruz (e seu fruto seria incorruptível), mediante a qual, devido à sua paixão, ele nos chama, como seus membros». (Inácio, *Trall.* 11:1,2).

«...para que ficasse manifesto...» Isso subentende algum «propósito divino» em operação. Nem sempre o cisma é mau. Nesse caso, estava de acordo com a vontade divina, porquanto era necessário que o câncer fosse

na presença dos «anticristos». Daí ele concluiu que a «parousia» ou segundo advento de Cristo deveria estar próximo; portanto, já deveria ter soado a «última hora».

Significados filosóficos e simbólicos da presente passagem. Inteiramente à parte dos significados proféticos, há significados filosóficos e simbólicos aqui. O Existencialismo tem aguçado nosso senso do caos e da crise do mundo, o que sempre será um estado perigoso, ambíguo e trágico. Em certo sentido, todo indivíduo está sempre «no fim da corda», isto é, no fim de seus recursos, pois sua vida é diariamente ameaçada por desastre, infortúnio e morte. Não fora a âncora da alma, e facilmente poderia cair em desespero. A «vinda» de Cristo à sua vida e coração, é que o salva do desespero. Outrossim, o homem enfrenta sempre o espírito do anticristo. Sua oposição é perene, e sempre pessoal. Oculta-se no ateísmo, no secularismo e no egoísmo. Pretende invalidar o poder de Cristo sobre a vida do indivíduo, usurpando seu lugar na alma. Ameaça transformar-nos em «cristãos de brinquedo», que meramente brincam de espiritualidade.

Todas as interpretações desta passagem que procuram isentá-la do fato que o autor sagrado cria que vivia nos últimos dias, antes da segunda vinda de Cristo — o que significaria que ele estava equivocado — procuram evitar a verdade, não sendo explicações da mesma. Os crentes de todas as eras devem apegar-se a essa verdade, por motivos éticos. É óbvio que somente uma geração poderá ser a última. Contudo, cada geração é, potencialmente, a última; e isso é verdade bastante substancial para nós. Assim sendo, o autor sagrado, embora equivocado quanto ao elemento do tempo, estava certo quanto à atitude a ser tomada, pois essa é que importa, e não sua cronologia real.

Os gnósticos, Judas Iscariotes, imperadores como Nero e Domiciano, os nicolaitas, os nazarenos, os cerintios, pontífices romanistas, reformadores protestantes, e Maomé, etc., além de sistemas políticos e religiosos, têm sido identificados como o «anticristo», o qual será um «indivíduo» de gênio insano e perverso. Ele possuirá toda a sabedoria dos séculos em seus olhos — mas será essa uma sabedoria depravada, empregada para a propagação da malignidade e da destruição. Não devemos reduzir o conceito do anticristo a mera *idéia simbólica*, embora o mal, na qualidade de «princípio» ou do «anticristo», possa dar-nos lições espirituais, através de simbolismos diversos, que nos são valiosas.

lirado da igreja. Quando a heresia se instala abertamente no seio da igreja, a «tolerância» deixa de ser uma virtude. Os gnósticos tinham salido não porque a fé cristã não se concretizara neles (que é a razão por que a maioria das pessoas abandonam a igreja), mas porque tinham uma «fé estranha». Falavam sobre Deus: mas para eles Deus era uma figura irremediavelmente distante, que abandonara o seu universo. (Ver as notas expositivas sobre o «deísmo», em Atos 17:27). O deísmo ensina que pode existir um poder supremo, um Deus ou deuses, mas que o Deus Altíssimo, pelo menos, não pode ter contacto com a sua criação, estabelecendo leis naturais para governar as coisas, governando ele através de uma sucessão de mediadores de alguma espécie. Em contraste com isso, o cristianismo é «telista». O telismo ensina que existe um Ser Supremo, que se faz presente em sua criação: ele recompensa e castiga, alterando o curso da história humana.

«O escravo não permanece na casa para sempre. O filho permanece para sempre». Os gnósticos, que se tinham deixado levar pela escravidão a Satanás, tinham abandonado a casa, porque para eles não era uma casa confortável. Tinham mantido associação externa com a igreja, mas nunca tinham tido união interior com ela.

Este versículo não tem o propósito de mostrar que o «propósito predestinador» de Deus era o poder por detrás disso. O autor sagrado não ensinava que tinham sido predestinados a nunca fazer parte real da igreja, e que, finalmente, deveriam separar-se inteiramente dela. Ambas as coisas dependeram, antes, da vontade humana pervertida. Contudo, o versículo definitivamente mostra que o propósito de Deus é operante, e que, nesse caso, separara os falsos mestres e seus discípulos da comunidade cristã.

O *sair* que aparece neste versículo, conforme é explicado acima, foi o abandono literal da comunidade cristã, em que os gnósticos romperam relações com ela. Alguns intérpretes entendem aqui um «rompimento espiritual» com os falsos mestres e seus discípulos que ainda permaneciam na igreja. Mas isso não é muito provável, dificilmente se adaptando ao fraseado do versículo. Aquele que «perseverar até ao fim, será salvo». (Mat. 24:13). Os cristãos falsos não perseveraram. Este versículo, entretanto, não é uma declaração dogmática sobre a «perseverança» dos santos, ou da «segurança eterna», em favor dos «uma vez salvos, salvos para sempre»; e nem é contrária a isso. (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema, em Rom. 8:39). Erramos quando edificamos dogmas sobre versículos circunstanciais dessa natureza. Nas páginas do N.T., os problemas da predestinação divina e do livre-arbítrio humano, da eterna segurança e da possibilidade de queda já se encontram ali, não são produtos de controvérsias posteriores. As doutrinas da «predestinação» e do «livre-arbítrio» apresentam um *paradoxo*, isto é, um ensinamento que aparentemente se contradiz. Mas isso depende apenas da falta de conhecimento e de sabedoria de nossa parte. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo; mas «como» não sabemos dizê-lo. As notas expositivas em Rom. 8:39 tentam a reconciliação entre a doutrina da segurança eterna e a doutrina da possibilidade de queda, supondo que a queda, apesar de bem real (um crente verdadeiro pode vir a perder a fé) é algo *relativo*, isto é, essa situação pode eventualmente ser revestida, ou nesta vida ou do outro lado da sepultura, em alguma região espiritual, embora não nos lugares celestiais. Mas a segurança é algo *absoluto*, isto é, finalmente, todo aquele que tiver



vindo a conhecer a Cristo será parte de seu rebanho, embora muitos sofrimentos e lições difíceis sejam necessários para sua restauração.

...*não*... Essa palavra, nas traduções, têm sido colocada em diversas conexões, como: «não eram todos de nós», o que subentende que alguns eram nossos, e outros não. Apesar de que isso não se pode aplicar aos anticristãos, poderia ser aplicado a seus seguidores. Nesse caso, o versículo estaria ensinando que «entre aqueles que tinham ficado», havia alguns crentes genuínos que tinham caído devido a falsos ensinamentos. O mais

20 καὶ ὑμεῖς χρίσμα ἔχετε ἀπὸ τοῦ ἁγίου, καὶ οἴδατε πάντες<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> 20 | D1 | πάντες M B P Ψ c<sup>ap</sup> Jerome Hesychius β πάντα A C K 049 086 0142 33 A1 A2 104 181 228 320 426 451 614 829 830 945 1505 1739 1877

20 | 1 Jo 2:27

A maioria da comissão, entendendo a passagem como algo dirigido contra as reivindicações de alguns poucos, de que possuíam conhecimento esotérico, adotou a forma πάντες, que figura em M B P 398 1838 1852 c<sup>óp</sup> (sa) Jerônimo Hesíquio. A forma πάντα, que é largamente apoiada por A C K 33 614 1739 Byz Lect it (h,65) vg sir (h) c<sup>óp</sup> (bo) ara etí *al*, foi reputada como correção introduzida por copistas que sentiram a necessidade de um objeto após οἴδαμεν.

Westcott e Hort pontuam com um travessão após πάντες

2:20: Ora, vós tendes a unção da parte do Santo, e todos tendes conhecimento.

...*vós*... Em contraste com os falsos mestres e seus discípulos, que tinham abandonado a igreja. Notemos o pronome enfático, o que nos permite perceber que o autor sagrado tencionava fazer um vívido contraste com possíveis «tipos» de cristãos.

...*unção*... No grego é «*chrisma*». O autor sagrado indica o «dom do Espírito Santo» (comparar com I João 3:24 e 4:2). «E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu». O «Espírito de Deus», leva-nos a professar o verdadeiro Cristo, negando a doutrina «doética» dos gnósticos, que negavam a possibilidade e a realidade da «encarnação» do Logos ou Verbo, fazendo de Cristo apenas um «aeon» que viera possuir o corpo de Cristo quando de seu batismo, abandonando-o por ocasião de sua morte. Os gnósticos costumavam «ungir» com óleo, o que supostamente, iniciava os seus discípulos em verdades superiores. Há somente uma «unção verdadeira», a quem vem do Espírito. É ele quem governa e cultiva a experiência cristã. (Ver II Cor. 3:18). Vamos de um estágio de «glória» para outro, ao mesmo tempo que vamos sendo transformados segundo a própria natureza e imagem de Cristo; e isso por operação do Espírito Santo. Ele também infunde em nós as qualidades morais da natureza de Cristo (ver Gál. 5:22,23). (Quanto a notas expositivas completas sobre o «dom do Espírito», ver Atos 2:4). Nos primeiros tempos, o batismo era acompanhado pela unção com óleo, símbolo do recebimento do Espírito; e talvez haja aqui alusão a essa prática. (Ver Tertuliano, *de Bapt.*, 7). Mas o verdadeiro significado é místico, e não sacramental. A verdadeira unção é um contacto genuíno com o Espírito, por parte da alma humana. Pode ser simbolizada por certos ritos, mas a sua substância transcende ao que é ritual. Assim sendo, apesar de que o termo «chrisma» pode ser uma referência direta à própria unção com óleo, o «significado espiritual» tencionado é o batismo do Espírito, em que ele vem habitar nos remidos, tal como a água do batismo algumas vezes é referida como aquilo que subentende «a coisa simbolizada», a saber, a nossa identificação mística com Cristo, em sua morte e ressurreição.

Notemos que o termo *Cristo* vem da mesma raiz que o vocábulo aqui usado. De modo especial ele é o grande *ungido* de Deus, ou seja, o «Cristo». A unção era usada para a consagração de reis e sacerdotes, quando eram reconhecidos como tais, quando lhes eram conferidas excelências espirituais. Em Cristo, pois, todos os remidos são «ungidos» pelo Espírito Santo, tornando-se sacerdotes e reis. Desse modo chegam a participar das bênçãos de «Cristo», através do seu *alter ego*, o Espírito Santo. (Quanto a notas expositivas sobre o termo «Cristo», ver Mat. 1:16). A *chrisma* nos identifica com o «Cristo». Os líderes falsos, que eram «anticristos», não

21 οὐκ ἔγραψα ὑμῖν ὅτι οὐκ οἴδατε τὴν ἀλήθειαν, τῆς ἀληθείας οὐκ ἔστιν.

2:21: Não vos escrevi porque não soubesseis a verdade, mas porque a sabeis, a porque nenhuma mentira vem da verdade.

(Ver os versículos doze a catorze deste capítulo, onde o autor sagrado salienta os propósitos por que «escrevera» a vários grupos de idade da comunidade cristã. Agora ele mostra que a epístola que escrevera não se destinava àqueles que não têm conhecimento autêntico, a fim de que pudessem ensinar aos totalmente ignorantes; antes, ele escrevera a fim de confirmar a seus leitores na verdade que já sabiam, a fim de convencê-los de que deveriam rejeitar as «mentiras» dos gnósticos que, de modo algum, se poderiam reconciliar com a verdade apostólica que já possuíam.

...*escrevi*... Temos aqui o aoristo epistolar. Em outras palavras, o autor sagrado escreve no tempo passado, considerando a epístola do ponto de vista de seus leitores. Quando recebessem a epístola, o «escrito» teria passado para o tempo passado, e «escrevi» seria mais apropriado do que «escrevo». No entanto, alguns eruditos pensam que o tempo passado se refere ao que fora escrito antes, nesta mesma epístola, ou àquilo que fora dito imediatamente antes; mas isso é menos provável do que a alusão à epístola inteira, vista como algo que já fora escrito (do ponto de vista do leitor).

«Aqueles que conhecem a verdade estão na posição de perceber de pronto o verdadeiro caráter daquilo que se opõe à mesma... seu conhecimento da verdade os capacita a perceber imediatamente o caráter do que lhe é oposto... Eles possuem os meios, se ao menos quiserem utilizar-se deles. O

provável, porém, é que o sentido deve ser: «nem todos eles eram de nós». Isso seria uma declaração absoluta—os anticristos e seus discípulos não pertencem, de modo algum, à comunidade cristã. Isso significaria que o autor sagrado não reconhecia que alguns dos discípulos dos anticristos tinham sido cristãos genuínos; mas significaria que ele, sem abordar mais profundamente o problema, meramente fala daqueles que tinham abandonado a igreja como pessoas indignas de serem chamadas cristãs.

1881 3127 2418 2492 2493 Byz Lect it (h,65) dom de h,65 vg syr<sup>1</sup> c<sup>op</sup> arm eth Didymus Ps-Idemmenius Theophylact. β που know evergone syr<sup>1</sup> β amai it<sup>h</sup>

20 καὶ 2<sup>o</sup> om B sa bo<sup>1</sup>

possuam qualquer unção verdadeira, porém.

A «*chrisma*», naturalmente, subentende as *charismata*, ou seja, os dons espirituais. Os ungidos também são aqueles «dotados» de habilidades espirituais. (Quanto às «*charismata*», ver as notas introdutórias ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios).

...*vem do Santo*... Podem estar em pauta o Pai, o Filho ou o Espírito Santo. A maioria dos intérpretes prefere o «Filho». Ele é assim chamado em várias outras passagens do N.T. (Ver João 6:69; Atos 3:14; 4:27,30; Apo. 3:7). Neste caso, ele é visto como quem dá o Espírito Santo; ele é a sua fonte originária. (Ver João 14:16 e ss., onde se aprende que Cristo prometeu dar seu Espírito, pelo que ele possui a autoridade de dar esse maravilhoso dom, por delegação de Deus Pai).

Deus é chamado de «o Santo de Israel» (ver Sal. 70:22; 77:41; Isa. 1:4; 5:16; 17:7,8 e vários outros lugares). Por isso, alguns estudiosos preferem pensar aqui em Deus Pai, embora seja menos provável. Contudo, não há qualquer verdadeira diferença, pois aquilo que o Filho faz, fá-lo segundo a vontade do Pai. Isso é uma doutrina padrão do N.T.

...*todos tendes*... Os mss ACKL, e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores dizem: «vós sabeis todas as coisas». Mas os manuscritos mais antigos dizem: «vós todos sabeis», a saber, os mss Aleph, BP, 398, 1838, 1852, o C<sup>óp</sup>(sa) e os escritos de Jerônimo e Hesíquio. Portanto, o termo grego «*pantes*», «*todos*», torna-se o sujeito do verbo, ao passo que «*pantas*», «*todas as coisas*», seria o objeto.

...*conhecimento*... Os gnósticos davam excessiva importância à «gnosis» ou «conhecimento» do que se derivava seu nome. Mas tal conhecimento era espúrio. Os crentes é que possuem o verdadeiro conhecimento, o do verdadeiro Cristo; e esse conhecimento de Deus lhes é misticamente transmitido, na «unção» que recebem. (Ver II Ped. 1:2 quanto a notas expositivas completas sobre o «conhecimento»). Segundo bases neotestamentárias, o conhecimento é a «iluminação» experimental, e não apenas intelectual. (Ver Efé. 1:17,18 acerca disso).

Esse «conhecimento» está franqueado a todos os crentes. «Todos» podem ser assim ungidos; e em certo sentido todos o são, por ocasião da conversão, embora isso possa intensificar-se com a maior experiência espiritual. O «conhecimento» dos gnósticos, segundo pensavam, estaria restrito a alguns poucos seletos indivíduos.

Este versículo subentende que é a «unção» com o Espírito que dá aos crentes a percepção para rejeitarem a heresia e permanecerem fiéis ao verdadeiro Cristo e à sua igreja. Por terem abandonado ao cristianismo, os gnósticos mostraram não possuírem a unção celestial.

ἀλλ' ὅτι οἴδατε αὐτήν, καὶ ὅτι πᾶν ψεῦδος ἐκ

objetivo inteiro da epístola é o de «despertar o dom que neles existia». (Brooke, *in loc.*).

Este versículo mostra grande sabedoria psicológica. Congratula aos leitores originais por motivo do conhecimento que tinham; e, à base desse conhecimento, ele dá a entender que estariam ansiosos por repelir as heresias que surgissem entre eles. Dessa maneira, pois, o autor sagrado mostra sua «confiança» neles, exercendo pressão sobre eles para que justifiquem essa confiança. O autor sagrado queria que soubessem que ele não desconfiava deles.

...*mentira*... Está em foco a heresia gnóstica. Esta degradava a pessoa e a missão de Cristo; negava a possibilidade de encarnação do Logos ou Verbo de Deus; negava a expiação pelo sangue de Cristo; tinha um ponto de vista deísta de Deus; negava o verdadeiro destino humano, ou seja, a participação final na natureza do Verbo de Deus. (Ver as notas expositivas sobre a «natureza do gnosticismo», em Col. 2:18). Satanás é o originador e o pai da mentira. (Ver João 8:44). Jesus acusou os fariseus de serem os descendentes desse «pai», e o autor sagrado aqui dá a entender a mesma coisa acerca dos gnósticos.

...*a verdade*... ou seja, a mensagem cristã dos apóstolos, especialmente no que concerne a Cristo e à sua missão. O próprio Cristo é a personificação da «verdade» (ver João 14:6). (Ver o evangelho como «a verdade», em Efé. 1:13; Gál. 2:5; Col. 1:5; II Tes. 2:10 e II Tim. 2:18. Quanto a verdade, conforme ela se acha em Jesus, ver Efé. 4:21).

22 *Τίς ἐστὶν ὁ ψεύστης εἰ μὴ ὁ ἀρνούμενος ὅτι Ἰησοῦς οὐκ ἔστιν ὁ Χριστός; οὗτός ἐστιν ὁ ἀντίχριστος, ὁ ἀρνούμενος τὸν πατέρα καὶ τὸν υἱόν.*

22 1 Jo 4:3; 2 Jo 7

2:22: Quem é o mentiroso, sendo aquele que nega que Jesus é o Cristo? Esse mesmo é o anticristo, esse que nega o Pai e o Filho.

...que Jesus é Cristo... Consideremos estes pontos: 1. Isso não se refere ao erro judaico de negar que Jesus tenha sido o Messias. 2. Está antes em pauta o erro gnóstico, descrito em I João 4:3, «...todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus...».

Os gnósticos negavam que o Logos ou Verbo de Deus pudesse «encarnar-se». Em lugar de uma verdadeira «encarnação», na pessoa de Jesus, com a fusão da identidade do Logos e do Jesus humano, os gnósticos postulavam que um «aion» (uma emanção angelical de Deus—um entre muitos mediadores, salvadores ou deuses inferiores), o «Espírito Cristo», teria vindo para habitar em Jesus de Nazaré, por ocasião de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião de sua crucificação. Assim, pois, negavam qualquer doutrina da «encarnação». O «Cristo real», na opinião deles, nunca se tornara humano, mas tão-somente desempenhara um papel, manipulando o corpo físico de Jesus. Assim, também, «Jesus» não poderia ser identificado com o «aion». Seriam duas personalidades separadas. O «Cristo humano», por conseguinte, nunca teria existido. Sua «humanidade» era somente aparente (posição do «docetismo»; essa palavra vem do grego «*dokeo*», «parecer»). O verdadeiro Cristo (o «aion»), na opinião dos gnósticos, seria incapaz de sofrer. Por isso mesmo, a cruz nada representou para ele. Portanto, ele veio somente «pela água» (quando de seu batismo), mas não «pelo sangue». E isso os levava a pensar que a morte de Jesus não teria valor nenhum, não servindo de expiação pelos pecados. (Ver as notas expositivas em I João 2:1,2 sobre isso, bem como II Ped. 2:1).

Os gnósticos, através dessas idéias, negavam que o Senhor os «comprara». Para eles, Jesus Cristo não era nenhum «Senhor», porquanto seria apenas uma dentre muitíssimas emanções de Deus, apenas um mediador entre tantos, um só dentre muitos senhores e muitos deuses. Ele não os *comprara* (expiação vista como «redenção», que livra da servidão ao pecado), pois sua «morte» não teria sido expiatória. Os gnósticos negavam a «humanidade autêntica» de Jesus Cristo. O «aion» sob hipótese nenhuma ter-se-ia tornado homem, mas tão-somente manipulava um corpo humano por alguns anos. E nem Jesus fora fundido ao Logos ou Verbo divino, mas mordera alquebrado e derrotado, como instrumento posto de lado.

Em suma, os gnósticos pensavam que «o homem Jesus» não era o «Cristo» (o «aion»). Não houve qualquer identificação entre essas duas entidades. E nem era o «aion» (o Cristo deles) o «Logos». A «cristologia» inteira dos gnósticos era totalmente diferente da dos apóstolos.

«Essas palavras foram dirigidas contra a heresia de Cerinto, um homem de ascendência judaica, educado em Alexandria. Ele negava a concepção miraculosa de Jesus, ensinando que, após o seu batismo, o Cristo descera sobre ele na forma de pomba, passando ele então a anunciar o Pai desconhecido e a operar milagres; mas diziam que, já no fim de seu ministério, o Cristo se afastara de Jesus; e que Jesus sofrera e fora ressuscitado dentre os mortos, ao passo que o Cristo teria permanecido impassível (incapaz de sofrimentos), por ser um ser espiritual». (Vincent, *in loc.*).

Os gnósticos, ao negarem a encarnação, incluíam, logicamente, a negação de uma relação «filial» que o cristianismo propõe existir entre Deus e os homens remidos, devido à identidade do Cristo com eles, a fim de que estes se pudessem identificar com ele, em sua glorificação e filiação com o Pai. A salvação, dentro do sistema cristão, é uma «filiação». (Quanto a essa verdade, ver as notas expositivas em Rom. 8:29 e Heb. 2:10 e ss.). O deus concebido pelos gnósticos era por demais distante dos homens para tê-los como filhos; era por demais transcendental para manter tal relacionamento com os homens; era por demais inabundável para ser um Pai.

23 *πᾶς ὁ ἀρνούμενος τὸν υἱὸν οὐδὲ τὸν πατέρα ἔχει·*

23 Jo 5:23, 13:23, 1 Jo 4:16, 5:1, 2 Jo 9

Por causa de homoeoteleuton (τὸν πατέρα ἔχει... τὸν πατέρα ἔχει), K L maioria dos minúsculos, seguidos pelo Textus Receptus, omitiu acidentalmente a segunda parte do versículo (ὁ ὁμολογῶν... ἔχει). Porém, as palavras pertencem ao texto original, sendo fortemente apoiadas por N A B C P muitos minúsculos vg sir (p,h) cóp (sa,bo) ara eti al.

2:23: Qualquer que nega o Filho, também não tem o Pai; aquele que confessa o Filho, tem também o Pai.

...nega o Filho... (Isso é comentado no versículo anterior). Esse Cristo é Jesus, aquele Jesus é o Cristo—identidade de pessoas. O Logos encarnado e Jesus, o Cristo, é o Filho, capaz de conduzir outros filhos à glória. Essas idéias, juntamente com outras similares, são desenvolvidas nas notas expositivas anteriores.

...esse não tem o Pai... Não meramente que o sistema doutrinário de tal indivíduo não inclui Deus como Pai (o que também é verdade), mas que Deus não será o Pai de quem desonra ao Filho, e ainda por cima entina aos homens tal aberração. Tal indivíduo não reconhece Deus como Pai, pelo que também não permanece nele, e nem desfruta de companheirismo com ele, como um filho tem comunhão com seu pai. Ora, sem essa comunhão, inspirada e cultivada pela atuação do Espírito Santo, ninguém estará sendo transformado segundo a imagem moral e metafísica do Filho de Deus. E, visto que não está recebendo a santidade do Filho, jamais verá a Deus. (Ver Heb. 12:14 e as notas expositivas ali existentes). Note-se, portanto, a importância da doutrina da «paternidade de Deus». Essa doutrina é esclarecida nas notas expositivas sobre os trechos de João 8:42 e Rom. 8:15,16. Note-se, por igual modo, a importância do ensinamento bíblico sobre a «humanidade de Cristo Jesus», através da qual se torna possível a nossa filiação a Deus. (Quanto a essa última doutrina, ver as notas expositivas em Fil. 2:7).

«A ‘grande mentira’ é a negação da verdadeira natureza do Cristo encarnado, conforme o escritor sagrado e seus irmãos na fé tinham vindo a conhecê-lo... O ‘mentiroso’ nega a verdade da encarnação. (Comparar com João 1:2,7; 6:46; 7:18; 15:5; I João 5:6,20 e II João 7,9). (Brooke, *in loc.*).

...anticristo... (Quanto ao sentido dessa designação nesta epístola, ver I João 2:18). Não é que Cerinto esteja em pauta, embora o termo designe, primariamente, um indivíduo. Neste versículo, pelo menos, o termo é usado em sentido lato e indefinido. «Qualquer» um que negue a doutrina da encarnação (e o que nela está implícito, como a humanidade verdadeira de Cristo) tem a atitude do anticristo. No entanto, o autor sagrado provavelmente esperava que o «anticristo» fosse uma figura de tal prodigiosa iniquidade que fosse a concretização de todos os anticristos.

...o que nega o Pai e o Filho... O Filho veio a fim de conduzir outros filhos à glória, a fim de conferir-lhes a filiação divina, dando a eles seu tipo de natureza e seus atributos. Assim também Paulo (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10) afirma que os filhos de Deus participarão de sua «plenitude», do que o Filho também goza. A encarnação possibilitou a glorificação eventual dos «filhos», de tal maneira que, em última análise, compartilharão da natureza divina (ver II Ped. 1:4), tornando-se verdadeiramente filhos, tal como o Filho. A negação da encarnação, entretanto, impossibilita tal relação «filial». Isso é o que sucedia na teologia dos gnósticos. Aqueles que negam a teologia apropriada, referente a Jesus, O Cristo, na qualidade de Filho de Deus, roubam os homens de sua esplêndida esperança de filiação. Ao negarem o «Filho», os homens assim negam que Deus é Pai, ou seja, terminam por negarem ao próprio Deus, no que concerne aos homens. Não negam a Deus como Ser supremo, mas negam-no como Pai dos remidos. Notemos que, em I João 3:2, o autor sagrado vê a «parousia» como algo que produz a participação verdadeira dos filhos de Deus na natureza do Filho.

...a fim de que todos honrem o Filho, do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou» (João 5:23). Os versículos que se seguem, nesse capítulo do evangelho de João, mostram que o Filho recebeu o mesmo «tipo de vida» que Deus Pai possui, e que, através da ressurreição (equivalente à «parousia», quanto à função), comunica essa mesma vida aos demais filhos de Deus. (Ver João 5:25,26 e 6:57 e as notas expositivas ali existentes acerca da «vida necessária e independente» de Deus Pai, da qual ele compartilhará em toda a plenitude com os seus filhos, através do Filho). A salvação, pois, é «mediada» por Cristo Jesus, como Filho, porquanto a salvação é a transmissão da «filiação» aos homens. Os gnósticos compreendiam erroneamente ao evangelho, deixando de fora esse seu elemento essencial. Por conseguinte, negavam ao Filho; e, necessariamente, pois, negavam também ao Pai. A doutrina da «filiação» remove Deus e a salvação que ele propicia do terreno das meras abstrações teológicas.

«Aquele que nega a identidade de Jesus com Cristo, nega, primeiramente, ao Filho, pois o Filho é exatamente ‘Jesus, o Cristo’, e não algum «aion» chamado Cristo, que não se tornara homem, e nem é Jesus que não é Cristo, ou seja, de acordo com João 1:14, que não é o Logos; mas também nega ao Pai, não somente porque Pai e Filho são termos logicamente intercambiáveis, mas também porque o ser do Pai se manifesta exclusivamente no Filho, porquanto todo o verdadeiro conhecimento do Pai está condicionado ao conhecimento do Filho. Assim, o deus daqueles que negam ao Filho não é o verdadeiro Deus, mas uma criação falsa de seus próprios pensamentos». (Huther, citado no Comentário de Lange).

O «anticristo» é o grande mentiroso espiritual. O Cristo é a Verdade. O anticristo está destituido da visão da filiação divina; Cristo é o meio de nossa filiação.

ὁ ὁμολογῶν τὸν υἱὸν καὶ τὸν πατέρα ἔχει.

23 ο ομολ... έχει om KL al c

Estranho é o fenômeno na igreja moderna, a qual, embora confesse a humanidade de Cristo, nega que Jesus fez suas obras como homem que amadureceu espiritualmente, como todos devemos fazê-lo, preferindo atribuir tudo à sua «natureza divina». Assim criou ela uma nova forma de «docetismo». Para todos os efeitos práticos, a humanidade de Jesus nada significaria, pois tudo ele teria feito através de sua natureza divina. Antes, as grandes obras que Jesus realizou foram feitas como homem, através do poder espiritual de um desenvolvimento apropriado. Dotados pelo Espírito Santo, poderíamos fazer as mesmas obras que ele fez. Pois pelas suas operações em nós nos transformaríamos e ficaríamos «espiritualizados», começando a assumir a natureza divina, tal como sucedeu ao homem Jesus. Naturalmente, na qualidade de Filho e como membro da Trindade, ele também foi divino; mas a sua natureza humana foi glorificada e assim ele veio a participar da divindade na qualidade de Deus-homem. Essa estrada está aberta para nós, igualmente, conforme se vê claramente em Col. 2:10 e II Ped. 1:4.

Assim, é verdadeira aquela declaração antiga que diz que ele «participou da nossa natureza, a fim de podermos participar de sua natureza»; e ela não perde nada de sua importância, a despeito de sua antiguidade.

«Faz parte da glória da devoção cristã que, no cume da realização, nós frágeis criaturas, busquemos e encontremos uma face humana na deidade, a dar-nos boas-vindas.



Um Homem como Eu

*Tu amarás e serás amado para sempre: uma mão como sua mão*

*Abrirá as portas da vida para ti!*

*Vê o Cristo da pé!*

(R. Newton Flew, «The Idea of Perfection in Christian Theology», pág. 216).

«O significado sem-par da revelação de Jesus consiste do desvendamento de Deus como Pai. Os homens podem conhecer outros aspectos da natureza de Deus, através de outras revelações, mas todo aquele que nega o Filho não tem o Pai. «Ninguém vem ao Pai senão por mim» (João 14:6). Essa reivindicação distingue, de uma vez por todas, o cristianismo do mero teísmo. O que está em jogo não é a existência de Deus, mas a natureza de Deus... A paternidade de Deus não pode ser demonstrada por argumentos lógicos. Não pode ser inferida das experiências estéticas da beleza, ou deduzida do fato da lei na natureza ou no propósito moral da história. Depende exclusivamente da revelação do Pai no Filho... Conhecer a Deus como Pai não é questão de pensamento abstrato, mas a posseção de uma experiência... O que está finalmente envolvido não é uma controvérsia teológica, mas uma experiência religiosa». (Hoon, *in loc.*)

«...confessa...» Aqui encontramos o uso de credos. As palavras do autor sagrado, embora falem da confissão da alma e da vida, não obstante, indicam que já existiam então «credos» cristãos. Nada há de errado com os credos, contanto que não sejam vistos como infalíveis e completos. A verdade é tão vasta que nenhum credo ou compêndio pode contê-la em sua inteireza. Contudo, não é errôneo concretizar crenças básicas em credos, se preservarmos a atitude certa da mente aberta para novas verdades, não antecipadas em nossos credos. Não rejeitemos abruptamente qualquer doutrina que exalte a Cristo, embora nos pareça uma novidade. É possível para nós crescermos no conhecimento de Cristo. Outras pessoas podem saber algo sobre ele que não sabemos.

(Quanto a outras «fórmulas confessionais», usadas pelo autor desta epístola, ver I João 1:7; 2:1,2; 3:5,8b; 4:2,14; 5:1,5,13,20 e II João 7). Apesar de que o autor sagrado não está apresentando qualquer «ortodoxia infalível», ele assevera certas doutrinas cardeais que precisam ser aceitas se alguém tiver de chamar-se «cristão». Entre elas temos a «cristologia», a identidade e o significado que Jesus, o Cristo, tem para os homens. (Quanto a notas expositivas completas sobre as idéias da «identidade de Cristo», ver o artigo existente na introdução ao comentário, sobre o tema, «Jesus, Identidade, Vida e Ensinamentos»).

Nossa confissão deve ser a nossa vida. De nada nos aproveitará fazer uma confissão na igreja, levantando as mãos em resposta ao apelo do pregador, se a própria vida não é uma confissão de Cristo. É possível alguém ser um cristão intelectual, para, ao mesmo tempo, ser um ateu prático. A verdadeira confissão atinge a alma e se concretiza na vida. Todas as demais confissões são tão vazias como os ritos dos pagãos. Portanto, o autor sagrado convida-nos ao correto reconhecimento do plano de Deus quanto à salvação do homem, por meio de Cristo, o Filho. Ele nos chama para fora

da idolatria de noções falsas sobre Deus e seu Cristo. «É idolatria tão falsa adorar a Deus segundo uma falsa imagem mental, como por meio de uma falsa imagem de Metal». (A.M. Fairbairn, *The Philosophy of the Christian Religion*, págs. 4 e 5). Contudo, nenhuma «imagem mental» de Deus, por correta que esteja, não tem qualquer utilidade, se um homem é idólatra na vida, por fazer do próprio «eu» o seu Deus.

Utilidade dos credos. Studder-Kennedy afirmava que o Credo dos Apóstolos deveria ser proferido em meio ao rufar de tambores e aos floreios das trombetas. Calvino sugeriu que o Credo Niceno fosse musicado e cantado. Nada haveria de errado nisso tudo, contanto que tais credos realmente palpitasse no coração, que a vida se tornasse uma confissão viva dos mesmos; de outro modo, tais credos seriam perfeitamente ociosos.

«Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos» (Marc. 8:38). Fissa confissão certamente envolve a vida inteira, e não meramente os lábios. (Outro tanto se compreende através dos trechos de Mat. 10:32 e Luc. 12:8).

«...confessa o Filho, tem igualmente o Pai...» Deus Pai é conhecido através de Deus Filho. Portanto, a lealdade ao Filho é lealdade ao Pai; isso envolve a «filiação», bem como todos os benefícios espirituais que Deus Pai tem para dar (ver as notas expositivas em Efê. 1:3). Isso reitera o conceito que Cristo é o mediador de Deus (ver I Tim. 2:5); que a Palavra (o Filho) revela o Deus invisível para os homens (ver João 1:18 e Col. 1:15); e que a filiação é salvação (ver Rom. 8:29,30).

Os gnósticos postulavam muitos mediadores (os «aeons» ou emanções angelicais de Deus), pensando que Cristo fosse apenas um deles, e não, necessariamente, o mais elevado de todos eles. O cristianismo expõe um único Mediador (ver as notas expositivas completas sobre esse conceito, em I Tim. 2:5). Portanto, rejeitar a Cristo é perder a bênção espiritual do Pai, a sua salvação.

Variante Textual: As palavras «...Aquele que confessa o Filho também tem o Pai...» são omitidas pelos manuscritos KL e pela maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina. Porque esses manuscritos faziam parte do Textus Receptus, que é essencialmente bizantino, em seu caráter, também o Textus Receptus omite essas palavras. Isso significa que várias traduções antigas, em diversos idiomas, que estavam baseadas no Textus Receptus, omitiam essas palavras. Algumas traduções as restauram em itálico, para indicar que não fazem parte dos manuscritos usados como base de tais traduções. Mas os mss Aleph, ABCP e muitos manuscritos minúsculos, além das versões Vg, Siip,hl, Cópisa,boj, Ara, Etí, as contêm. Foram omitidas, mul provavelmente, por acidente («homoteleuton», terminos similares de palavras ou frases), em que o olho do copista saltou das palavras «*ton patera echeti*» para uma segunda ocorrência de mesma frase, assim ficando omitidas as palavras intermediárias. Essa é uma das poucas ocorrências em que a variante «mais longa» é a correta, apoiada pela maioria dos manuscritos antigos. Mas a variante mais longa, nesse caso, não foi nenhum adorno, atividade essa que normalmente cria a maioria desses casos (por exemplo, em I João 5:7b, 8a). Antes, fazia parte do texto original, que acidentalmente foi omitida em alguns manuscritos.

### III. Os falsos mestres (2:18-27).

#### 2. Os verdadeiros crentes são convidados à fidelidade, negando as doutrinas anticristãs (2:24-27).

O vós enfático aparece novamente, tal como no vigésimo versículo. É como se o autor sagrado tivesse dito: «Eles negam a verdade; vós a confessais. Permanecei em vossa lealdade original a Cristo e à sua doutrina; não substitui o evangelho dos apóstolos pelas inovações dos hereges gnósticos. Se a palavra do evangelho permanecer em vós, o Pai e o Filho estarão convosco; permaneceréis misticamente neles». Isso pode ser comparado com o trecho de João 15:5: «Quem permanece em mim, e eu, nele...» — a mútua permanência. Por conseguinte, se a palavra de Deus em nós habita, então habitamos em Deus. «...o que permanece na doutrina, esse tem assim o Pai, como o Filho» (II João 9). «...eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os amaste como também amaste a mim» (João 17:23).

Portanto, há uma comunhão mística que permeia a família divina inteira, a qual, partindo de Deus Pai para Deus Filho, e daí para os filhos de Deus, retorna a Deus Pai. Esse companheirismo místico nos traz as bênçãos da filiação. Portanto, convém fazermos oposição a qualquer doutrina que tenda por destruir essa comunhão, a saber, qualquer doutrina que desonre ao Filho de Deus e faça dele menor do que ele deve ser, em sua pessoa ou em sua missão. Dado que a vida eterna se acha no Filho, não devemos dar margem a qualquer doutrina astuta e sedutora, que nos diminua a lealdade ao Senhor para darmos lealdade a algum senhor estranho. O Espírito Santo é a nossa unção; e ele nos informará acerca da verdade, de tal modo que não precisemos ser tentados a aceitar alguma mentira. Se dermos ouvidos aos seus ensinamentos no íntimo, continuaremos a permanecer em Deus. Essa «permanência», que domina a presente secção, deve ser entendida como a comunhão mística com Deus, através da influência e do poder residentes do Espírito Santo. Nessa permanência é que desfrutamos de «contacto com o divino». Esse contacto, antes de tudo, é uma comunhão; e, em seguida, é um poder transformador. Faz-nos finalmente ser o que Cristo é; somos Cristo em formação, filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória. Essa «permanência», por conseguinte, é o meio da transmissão de sua «modalidade de vida», intitulada «vida eterna», no vigésimo quinto versículo deste capítulo.

24 ὑμεῖς ὁ ἡκούσατε ἀπ' ἀρχῆς ἐν ὑμῖν μενέτω· ἐὰν ἐν ὑμῖν μείνη ὁ ἀπ' ἀρχῆς ἡκούσατε, καὶ ὑμεῖς ἐν τῷ υἱῷ καὶ ἐν τῷ πατρὶ μενεῖτε.

24 vms 10] add ovv KL al c

2:24: Portanto, o que desde o princípio ouvistes, permanece em vós. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também vós permaneceréis no Filho e no Pai.

«...Permaneça...» De modo a tomar residência permanente; a palavra da verdade, o evangelho que temos ouvido, deverá fixar residência em nossa alma. Somente sob tais circunstâncias poderá florescer como lhe convém. Mas, se formos lançados numa e noutra direção, pelos ventos das doutrinas falsas, a palavra nos será expulsa do coração. O evangelho de Cristo é poderoso para produzir nos homens a salvação (ver Rom. 1:16); mas deve receber oportunidade de fazê-lo; e essa oportunidade lhe será dada através da escolha de nossa vontade.

«...em vós...» Isso subentende uma presença. Assim é que o evangelho não é meramente uma «palavra ouvida», mas o Espírito Santo, que acompanha a mensagem cristã, o torna vivo e poderoso para nós, fazendo dele uma força transformadora.

«...ouvistes desde o princípio...» Desde que alguém ouve o evangelho, a operação divina tem início em sua alma. Provavelmente não há aqui qualquer alusão a alguma mensagem preliminar e profética que tivessem ouvido na sinagoga os leitores originais desta epístola. A maioria dos leitores se compunha de ex-pagãos da Ásia Menor. Somente alguns poucos deles tinham sido judeus. Portanto, a referência aqui é à pregação do evangelho cristão na Ásia Menor, por parte dos apóstolos e seus discípulos imediatos.

«...se em vós permanecer...» O autor sagrado contempla aqui a possibilidade da queda espiritual de seus leitores, embora não pareça esperar tal coisa. (Quanto a implicações dessa possibilidade, no que diz respeito ao problema da «segurança eterna» e da «possibilidade de queda», ver Col. 1:23, onde há a expressão «...se é que permaneceris na fé...»). Seja como for, o «continuar» ou «permanecer» é condicionado à reação humana. Não se trata de algo automático; é a reação favorável da alma a Deus e às

realidades eternas, naquela atitude a que chamamos de «fé» (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 11:1). A alma deve reagir favoravelmente ao mundo eterno, fazendo dele o grande alvo de sua vida. Em caso contrário, a mensagem do evangelho não terá qualquer valor para a alma.

«...também permaneceréis vós no Filho e no Pai...» (Ver as notas de introdução a este versículo onde se desenvolve a idéia da comunhão mútua, existente na família divina. Ver o décimo quinto capítulo do evangelho de João quanto ao conceito da «comunhão vital», sob a figura da vinha e seus ramos). Um ramo precisa permanecer na vinha; de outro modo, logo lhe fenece a vida que possui. Não possui «vida independente». Depende da vinha para dela receber a vida. Assim também o verdadeiro filho «permanece» na casa enquanto cresce. Essa permanência lhe confere todas as educações e vantagens, bem como o sustento de que ele precisa para chegar à maturidade.

Paulo usa a expressão «em Cristo» por cento e sessenta e quatro vezes em suas diversas epístolas. Essa expressão também subentende a comunhão mística de que gozam os crentes em Cristo, mediante o que vão sendo transformados. (Ver I Cor. 1:4 acerca de notas expositivas sobre essa expressão).

«O Filho é a manifestação do Pai; por meio dele, chegamos ao Pai Invisível.» (Smith, *in loc.*). (Ver também os trechos de João 14:9 e Col. 1:15 quanto a esse conceito).

A possessão dessa vida não é deixada para algum futuro distante, embora a vida seja eterna; mas o objeto da esperança cristã, com respeito à sua perfeição, ao mesmo tempo, é algo presente, objeto de experiência presente. (Lange, *in loc.*).

«Tendo insuflado em nós a semente viva da verdade concernente ao Pai e

25 καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ ἐπαγγελία ἣν αὐτὸς ἐπηγγέλματο ἡμῖν<sup>3</sup>, τὴν ζωὴν τὴν αἰώνιον.

25 Jo 3:15, 6:40

• 25 [B] ἡμῖν N A C K P Ψ 049 056 0142 31 31 34 101 181 328 330 476  
414 689 830 945 1505 1729 1877 2412 2492 2495 Hys Lact 1241 1242 1243 1244 1245 1246 1247 1248 1249 1250 1251 1252 1253 1254 1255 1256 1257 1258 1259 1260 1261 1262 1263 1264 1265 1266 1267 1268 1269 1270 1271 1272 1273 1274 1275 1276 1277 1278 1279 1280 1281 1282 1283 1284 1285 1286 1287 1288 1289 1290 1291 1292 1293 1294 1295 1296 1297 1298 1299 1300 1301 1302 1303 1304 1305 1306 1307 1308 1309 1310 1311 1312 1313 1314 1315 1316 1317 1318 1319 1320 1321 1322 1323 1324 1325 1326 1327 1328 1329 1330 1331 1332 1333 1334 1335 1336 1337 1338 1339 1340 1341 1342 1343 1344 1345 1346 1347 1348 1349 1350 1351 1352 1353 1354 1355 1356 1357 1358 1359 1360 1361 1362 1363 1364 1365 1366 1367 1368 1369 1370 1371 1372 1373 1374 1375 1376 1377 1378 1379 1380 1381 1382 1383 1384 1385 1386 1387 1388 1389 1390 1391 1392 1393 1394 1395 1396 1397 1398 1399 1400 1401 1402 1403 1404 1405 1406 1407 1408 1409 1410 1411 1412 1413 1414 1415 1416 1417 1418 1419 1420 1421 1422 1423 1424 1425 1426 1427 1428 1429 1430 1431 1432 1433 1434 1435 1436 1437 1438 1439 1440 1441 1442 1443 1444 1445 1446 1447 1448 1449 1450 1451 1452 1453 1454 1455 1456 1457 1458 1459 1460 1461 1462 1463 1464 1465 1466 1467 1468 1469 1470 1471 1472 1473 1474 1475 1476 1477 1478 1479 1480 1481 1482 1483 1484 1485 1486 1487 1488 1489 1490 1491 1492 1493 1494 1495 1496 1497 1498 1499 1500 1501 1502 1503 1504 1505 1506 1507 1508 1509 1510 1511 1512 1513 1514 1515 1516 1517 1518 1519 1520 1521 1522 1523 1524 1525 1526 1527 1528 1529 1530 1531 1532 1533 1534 1535 1536 1537 1538 1539 1540 1541 1542 1543 1544 1545 1546 1547 1548 1549 1550 1551 1552 1553 1554 1555 1556 1557 1558 1559 1560 1561 1562 1563 1564 1565 1566 1567 1568 1569 1570 1571 1572 1573 1574 1575 1576 1577 1578 1579 1580 1581 1582 1583 1584 1585 1586 1587 1588 1589 1590 1591 1592 1593 1594 1595 1596 1597 1598 1599 1600 1601 1602 1603 1604 1605 1606 1607 1608 1609 1610 1611 1612 1613 1614 1615 1616 1617 1618 1619 1620 1621 1622 1623 1624 1625 1626 1627 1628 1629 1630 1631 1632 1633 1634 1635 1636 1637 1638 1639 1640 1641 1642 1643 1644 1645 1646 1647 1648 1649 1650 1651 1652 1653 1654 1655 1656 1657 1658 1659 1660 1661 1662 1663 1664 1665 1666 1667 1668 1669 1670 1671 1672 1673 1674 1675 1676 1677 1678 1679 1680 1681 1682 1683 1684 1685 1686 1687 1688 1689 1690 1691 1692 1693 1694 1695 1696 1697 1698 1699 1700 1701 1702 1703 1704 1705 1706 1707 1708 1709 1710 1711 1712 1713 1714 1715 1716 1717 1718 1719 1720 1721 1722 1723 1724 1725 1726 1727 1728 1729 1730 1731 1732 1733 1734 1735 1736 1737 1738 1739 1740 1741 1742 1743 1744 1745 1746 1747 1748 1749 1750 1751 1752 1753 1754 1755 1756 1757 1758 1759 1760 1761 1762 1763 1764 1765 1766 1767 1768 1769 1770 1771 1772 1773 1774 1775 1776 1777 1778 1779 1780 1781 1782 1783 1784 1785 1786 1787 1788 1789 1790 1791 1792 1793 1794 1795 1796 1797 1798 1799 1800 1801 1802 1803 1804 1805 1806 1807 1808 1809 1810 1811 1812 1813 1814 1815 1816 1817 1818 1819 1820 1821 1822 1823 1824 1825 1826 1827 1828 1829 1830 1831 1832 1833 1834 1835 1836 1837 1838 1839 1840 1841 1842 1843 1844 1845 1846 1847 1848 1849 1850 1851 1852 1853 1854 1855 1856 1857 1858 1859 1860 1861 1862 1863 1864 1865 1866 1867 1868 1869 1870 1871 1872 1873 1874 1875 1876 1877 1878 1879 1880 1881 1882 1883 1884 1885 1886 1887 1888 1889 1890 1891 1892 1893 1894 1895 1896 1897 1898 1899 1900 1901 1902 1903 1904 1905 1906 1907 1908 1909 1910 1911 1912 1913 1914 1915 1916 1917 1918 1919 1920 1921 1922 1923 1924 1925 1926 1927 1928 1929 1930 1931 1932 1933 1934 1935 1936 1937 1938 1939 1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949 1950 1951 1952 1953 1954 1955 1956 1957 1958 1959 1960 1961 1962 1963 1964 1965 1966 1967 1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025 2026 2027 2028 2029 2030 2031 2032 2033 2034 2035 2036 2037 2038 2039 2040 2041 2042 2043 2044 2045 2046 2047 2048 2049 2050 2051 2052 2053 2054 2055 2056 2057 2058 2059 2060 2061 2062 2063 2064 2065 2066 2067 2068 2069 2070 2071 2072 2073 2074 2075 2076 2077 2078 2079 2080 2081 2082 2083 2084 2085 2086 2087 2088 2089 2090 2091 2092 2093 2094 2095 2096 2097 2098 2099 2100 2101 2102 2103 2104 2105 2106 2107 2108 2109 2110 2111 2112 2113 2114 2115 2116 2117 2118 2119 2120 2121 2122 2123 2124 2125 2126 2127 2128 2129 2130 2131 2132 2133 2134 2135 2136 2137 2138 2139 2140 2141 2142 2143 2144 2145 2146 2147 2148 2149 2150 2151 2152 2153 2154 2155 2156 2157 2158 2159 2160 2161 2162 2163 2164 2165 2166 2167 2168 2169 2170 2171 2172 2173 2174 2175 2176 2177 2178 2179 2180 2181 2182 2183 2184 2185 2186 2187 2188 2189 2190 2191 2192 2193 2194 2195 2196 2197 2198 2199 2200 2201 2202 2203 2204 2205 2206 2207 2208 2209 2210 2211 2212 2213 2214 2215 2216 2217 2218 2219 2220 2221 2222 2223 2224 2225 2226 2227 2228 2229 2230 2231 2232 2233 2234 2235 2236 2237 2238 2239 2240 2241 2242 2243 2244 2245 2246 2247 2248 2249 2250 2251 2252 2253 2254 2255 2256 2257 2258 2259 2260 2261 2262 2263 2264 2265 2266 2267 2268 2269 2270 2271 2272 2273 2274 2275 2276 2277 2278 2279 2280 2281 2282 2283 2284 2285 2286 2287 2288 2289 2290 2291 2292 2293 2294 2295 2296 2297 2298 2299 2300 2301 2302 2303 2304 2305 2306 2307 2308 2309 2310 2311 2312 2313 2314 2315 2316 2317 2318 2319 2320 2321 2322 2323 2324 2325 2326 2327 2328 2329 2330 2331 2332 2333 2334 2335 2336 2337 2338 2339 2340 2341 2342 2343 2344 2345 2346 2347 2348 2349 2350 2351 2352 2353 2354 2355 2356 2357 2358 2359 2360 2361 2362 2363 2364 2365 2366 2367 2368 2369 2370 2371 2372 2373 2374 2375 2376 2377 2378 2379 2380 2381 2382 2383 2384 2385 2386 2387 2388 2389 2390 2391 2392 2393 2394 2395 2396 2397 2398 2399 2400 2401 2402 2403 2404 2405 2406 2407 2408 2409 2410 2411 2412 2413 2414 2415 2416 2417 2418 2419 2420 2421 2422 2423 2424 2425 2426 2427 2428 2429 2430 2431 2432 2433 2434 2435 2436 2437 2438 2439 2440 2441 2442 2443 2444 2445 2446 2447 2448 2449 2450 2451 2452 2453 2454 2455 2456 2457 2458 2459 2460 2461 2462 2463 2464 2465 2466 2467 2468 2469 2470 2471 2472 2473 2474 2475 2476 2477 2478 2479 2480 2481 2482 2483 2484 2485 2486 2487 2488 2489 2490 2491 2492 2493 2494 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000 3001 3002 3003 3004 3005 3006 3007 3008 3009 3010 3011 3012 3013 3014 3015 3016 3017 3018 3019 3020 3021 3022 3023 3024 3025 3026 3027 3028 3029 3030 3031 3032 3033 3034 3035 3036 3037 3038 3039 3040 3041 3042 3043 3044 3045 3046 3047 3048 3049 3050 3051 3052 3053 3054 3055 3056 3057 3058 3059 3060 3061 3062 3063 3064 3065 3066 3067 3068 3069 3070 3071 3072 3073 3074 3075 3076 3077 3078 3079 3080 3081 3082 3083 3084 3085 3086 3087 3088 3089 3090 3091 3092 3093 3094 3095 3096 3097 3098 3099 3100 3101 3102 3103 3104 3105 3106 3107 3108 3109 3110 3111 3112 3113 3114 3115 3116 3117 3118 3119 3120 3121 3122 3123 3124 3125 3126 3127 3128 3129 3130 3131 3132 3133 3134 3135 3136 3137 3138 3139 3140 3141 3142 3143 3144 3145 3146 3147 3148 3149 3150 3151 3152 3153 3154 3155 3156 3157 3158 3159 3160 3161 3162 3163 3164 3165 3166 3167 3168 3169 3170 3171 3172 3173 3174 3175 3176 3177 3178 3179 3180 3181 3182 3183 3184 3185 3186 3187 3188 3189 3190 3191 3192 3193 3194 3195 3196 3197 3198 3199 3200 3201 3202 3203 3204 3205 3206 3207 3208 3209 3210 3211 3212 3213 3214 3215 3216 3217 3218 3219 3220 3221 3222 3223 3224 3225 3226 3227 3228 3229 3230 3231 3232 3233 3234 3235 3236 3237 3238 3239 3240 3241 3242 3243 3244 3245 3246 3247 3248 3249 3250 3251 3252 3253 3254 3255 3256 3257 3258 3259 3260 3261 3262 3263 3264 3265 3266 3267 3268 3269 3270 3271 3272 3273 3274 3275 3276 3277 3278 3279 3280 3281 3282 3283 3284 3285 3286 3287 3288 3289 3290 3291 3292 3293 3294 3295 3296 3297 3298 3299 3300 3301 3302 3303 3304 3305 3306 3307 3308 3309 3310 3311 3312 3313 3314 3315 3316 3317 3318 3319 3320 3321 3322 3323 3324 3325 3326 3327 3328 3329 3330 3331 3332 3333 3334 3335 3336 3337 3338 3339 3340 3341 3342 3343 3344 3345 3346 3347 3348 3349 3350 3351 3352 3353 3354 3355 3356 3357 3358 3359 3360 3361 3362 3363 3364 3365 3366 3367 3368 3369 3370 3371 3372 3373 3374 3375 3376 3377 3378 3379 3380 3381 3382 3383 3384 3385 3386 3387 3388 3389 3390 3391 3392 3393 3394 3395 3396 3397 3398 3399 3400 3401 3402 3403 3404 3405 3406 3407 3408 3409 3410 3411 3412 3413 3414 3415 3416 3417 3418 3419 3420 3421 3422 3423 3424 3425 3426 3427 3428 3429 3430 3431 3432 3433 3434 3435 3436 3437 3438 3439 3440 3441 3442 3443 3444 3445 3446 3447 3448 3449 3450 3451 3452 3453 3454 3455 3456 3457 3458 3459 3460 3461 3462 3463 3464 3465 3466 3467 3468 3469 3470 3471 3472 3473 3474 3475 3476 3477 3478 3479 3480 3481 3482 3483 3484 3485 3486 3487 3488 3489 3490 3491 3492 3493 3494 3495 3496 3497 3498 3499 3500 3501 3502 3503 3504 3505 3506 3507 3508 3509 3510 3511 3512 3513 3514 3515 3



27 e maior, e minor: TR WH Bm Nw BF<sup>4</sup> AV HV ASV RHY TT Luth Jer Bag // e minor, e maior: NFB // e maior, e maior: RV<sup>19</sup> ASV<sup>19</sup> // e maior, e minor: Zur

27 τὸ χρίσμα. ψευδός Jn 14:28; 18:13 οὐ χρίσαν. ὑμᾶς Jr 31:34

27 χρίσμα 1º) χάρισμα B 1611 | μνηί | μνητω P 33 69

al lat | all us | alla B pc | αυτου 2º) αυτο A al bo c | χρισμα 2º) πνευμα N\*: χαρισμα 33 | (ψευδος, R1) · c R<sup>m</sup>

Ao invés de τὸ αὐτοῦ, que é fortemente apoiada por N B C cerca de 20 manuscritos minúsculos vg sir (h) cop (sa) ara etí Atanásio Agostinho al, o Textus Receptus, seguindo A K L maioria dos minúsculos cop (bo) Teofilacto al, diz τὸ αὐτό. Esta última construção (ὁ αὐτός) que parece ser emenda escribal, não ocorre em qualquer outro lugar, nem no quarto evangelho e nem nas três epístolas joaninas.

2:27: E quanto a vós, a união que dele recebestes fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua união vos ensina a respeito de todas as coisas, o é verdadeira, e não é mentira, como vos ensinou ela, mas em nome permaneci.

...união... Trata-se da mesma «*chrisma*» do vigésimo versículo, onde essa palavra e conceito são amplamente esclarecidos. Trata-se do «dom do Espírito», em que ele vem habitar em nós, a fim de instruir-nos e inspirar-nos, o que fornece as «*charismata*», os «dons espirituais». No vigésimo versículo, essa «união» é vista como algo que nos ensina aquilo que devemos saber, como crentes que somos. O que os crentes precisam saber é, especificamente, quem é Cristo, e o que ele tem feito. Os gnósticos degradavam tanto a pessoa como a obra de Cristo, fazendo dele apenas um dentre muitos «*aeons*», um mediador entre muitos, um pequeno deus, por assim dizer. Negavam sua expiação por seu sangue, e negavam que o Logos ou Verbo de Deus tivesse podido encarnar-se. Jesus, como homem que era, não seria o Cristo, mas antes, teria sido possuído, por algum tempo, pelo «Espírito-Cristo», uma emanação angelical ou «*aeon*». A presença do Espírito Santo, porém, que é nosso mestre, sobretudo para ensinar-nos a glorificar a Cristo, dá-nos certeza da verdade concernente a Cristo. Este versículo faz-nos lembrar de João 14:16-26, a promessa da vinda do Espírito Santo. Ele foi enviado por Cristo a fim de «ensinar-nos todas as coisas», segundo se vê no vigésimo sexto versículo daquele mesmo capítulo. Ele é o «*paracleto*», aquele «chamado para o lado de alguém, a fim de ajudá-lo». Também é o «consolador», o «exortador». (Ver as notas expositivas em João 14:16 quanto às diversas «declarações de Jesus sobre o *paracleto*», contidas no evangelho de João).

...não tendes necessidade de que alguém vos ensine... Considere mos, acerca dessas palavras, os pontos abaixo discriminados:

1. É um absurdo tomar essas palavras em sentido absoluto, o que significaria que os crentes não precisam de qualquer mestre humano, por terem um mestre celestial. Isso faria contradição com tudo quanto é dito no N.T., acerca da necessidade de mestres e de ensino cristão. Seria algo contra a própria epístola, que foi escrita a fim de ensinar e de advertir contra os falsos mestres. (Ver Mat. 28:20 quanto à «importância do ensino»). O ensino faz parte da própria Grande Comissão, que encerra as ordens de marcha para a igreja cristã.

2. Essa declaração significa que aqueles crentes não tinham qualquer necessidade de mestres como os gnósticos, que traziam confusão e degradavam a Cristo. Os gnósticos (mestres falsos, que estão sendo atacados nesta epístola) ofereciam uma suposta «compreensão mais profunda» da verdade; mas, na realidade, afastavam-se para longe da mensagem dos apóstolos. Desse tipo de mestre é que os crentes não precisam, pois o grande Mestre que nos habita no íntimo, o Espírito Santo, já nos deu a mensagem da verdade e continuará a aclará-la em nossos espíritos.

Estas palavras de João são *parcialmente* sarcásticas. É como se ele tivesse perguntado: «Que necessidade podeis ter vós de mestres como esses fingidos mestres que há entre vós?»

...sua união vos ensina... Aqueles crentes já tinham dado acolhida à verdade. Não precisavam fazer qualquer pesquisa básica a fim de determinar o que é a verdade. Naturalmente, isso não significa que fica eliminada a necessidade de pesquisa, ou que já possuímos toda a verdade. Longe disso. Nossa verdade é apenas parcial, e nosso entendimento também é parcial. Contudo, possuímos a verdade básica sobre a pessoa e a natureza salvadora de Cristo; e essa verdade é confirmada pelo testemunho íntimo do Espírito Santo. B.H. Streeter confessou que, durante anos, ele investigara o cristianismo com a finalidade de determinar se o mesmo diz a verdade ou não. Ele tinha uma noção de «religião salvadora» mediante estudos afirmativos da mesma. Aproximou-se do cristianismo como se fosse mera questão de estudo. Mas chegou a perceber que deveria aproximar-se do mesmo como a «resposta». Não teve necessidade de «religiões salvadoras»; pelo contrário, sentiu que precisava permitir que a religião o «salvasse». (Ver B.H. Streeter, *Reality*, págs. ix-x). Paulo toca a nota certa quando afirma: «...o Filho de Deus, Cristo Jesus... não foi sim e não; mas sempre nele houve o sim» (II Cor. 1:19).

«Não existe situação perante a qual a religião cristã se esboroe e se confesse incapaz de fazer ou dizer alguma coisa... Qual outra filosofia de vida tem uma palavra tão relevante a dizer acerca de coisas grandes e pequenas, acerca de coisas agradáveis e desagradáveis, acerca das riquezas e da pobreza, acerca da saúde e dos sofrimentos, acerca da vida e da morte?... A visão de Deus e suas relações para com o mundo, que Cristo abriu para nós, envolve guerras e o bem-estar de infantes, terremotos e formigas, nébulas flamejantes nos céus e os micróbios que infestam um ferimento, a mente de um santo, que sobe a alturas inimagináveis e as práticas imundas de um campo de concentração». (Leslie D. Weatherhead, *This is the Victory*, pág. 118).

Digo que o reconhecimento de Deus em Cristo,  
Aceito por tua razão, solve para ti  
Todas as questões da terra e fora dela...

(Robert Browning, «A Death in the Desert»)

«...que dele recebestes...» A palavra «dele» mais provavelmente aponta para Cristo, tal como o versículo vigésimo, ao falar de «o Santo», refere-se ao Filho de Deus. O Filho prometeu a vinda de seu «alter ego», o Espírito Santo, para que o substituisse como instrutor, a fim de conduzir os crentes a toda a verdade. Naturalmente, o que Cristo confere, fá-lo por ordem de Deus Pai. Esse é o ensino padronizado do N.T. A missão inteira de Cristo teve o selo da autoridade de Deus Pai, e Cristo nunca fez coisa alguma que o Pai não quisesse. (Ver João 3:17 e as notas expositivas ali existentes, acerca de como o Pai «enviou o Filho»). «...o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai... Porque o Pai ama ao Filho e lhe mostra tudo o que faz, e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis» (João 5:19,20).

...não é falsa... O autor sagrado chamara os falsos mestres de «anticristos» (ver I João 2:18), de «mentirosos» (ver I João 2:22) e de «enganadores» (ver I João 2:26). A mensagem deles, portanto, era uma mentira, um pseudo-evangelho. Em contraste com isso destaca-se o evangelho dos apóstolos, o qual é ensinado aos crentes, no nível da alma, pelo Espírito Santo. (Isso pode ser comparado com o que diz o vigésimo primeiro versículo, «nenhuma mentira vem da verdade», e, vice-versa, «a verdade não encerra qualquer mentira»; e essa dupla verdade é indicada novamente neste versículo). É impossível que o Espírito Santo misture erro em seu ensino da verdade.

Faz parte do ministério do Espírito educar-nos espiritualmente. Dado o fato que Deus é o alvo de toda a existência, e que a vida é, essencialmente, aprender de Deus, segue-se que toda a educação, desvinculada da fé religiosa, é uma contradição em termos com o que se deve compreender do verdadeiro conhecimento.

...permaneci nele, como também ela vos ensinou... A «união» ensina-nos tudo, e jamais nos engana; ensina-nos a «permanecer» em Cristo. Esse é um termo de significado místico. Permanecemos em Cristo participando do ministério íntimo do Espírito Santo, o seu *alter ego*. Fica assim estabelecida, pois, uma comunhão mística, um contacto real da alma humana com o ser divino. Comparar isso com a muito usada expressão paulina, «em Cristo», a qual ele emprega por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes em suas várias epístolas. (Ver I Cor. 1:4 quanto a notas expositivas a esse respeito). Se realmente continuarmos no companheirismo com o divino, se houver real contacto do divino com o humano, então, naturalmente, haverá a «iluminação» espiritual. (Ver Efé. 1:17,18). Essa iluminação nos assegurará a verdade, segundo ela se acha em Jesus (ver Efé. 4:21). Isso pode ser confrontado com o vigésimo quarto versículo deste capítulo. O evangelho, impulsionado pela instrução do Espírito, «habita» em nós. Por causa disso é que permanecemos no Pai e no Filho. (Isso pode ser comparado às instruções dadas pelo próprio Senhor Jesus, em João 15:4 e ss.).

«O dom do Espírito Santo, que receberam quando foram batizados em nome de Cristo, era um dom permanente (ver João 1:33). Seu ensino é universal, abarcando o terreno inteiro das instruções necessárias; e também é veraz. Não consistia da mentira apresentada pelos anticristos... O ensinamento mais primitivo não fora ultrapassado por alguma mensagem superior e totalmente diversa, conforme os gnósticos queriam dar a entender. Os crentes não precisavam de outra forma de ensino. O ensino que tinham recebido cobria o terreno necessário. Era veraz. Não fora substituído por quaisquer verdades mais profundas». (Brooke, *in loc.*).

«A união desempenhava grande papel na vida física das raças orientais. O clima era seco, abafado e debilitante; os ungentos restauravam o frescor, a elasticidade e a vida aos arcabouços ressequidos e débeis. Assim, tal como o orvalho faz reviver a verdura das colinas, ou como a união restaura o vigor dos músculos e ligamentos, a influência curadora, suavizadora do Espírito divino soprada sobre os filhos de Deus, desdobra o significado daquilo que tiverem ouvido, trazendo tudo de volta à memória deles, guiando-os a toda a verdade. Não precisavam das pretensas descobertas de falsos mestres; tudo quanto queriam era a união de Deus, para fazer reviver neles o que tinham ouvido desde o princípio». (Sinclair, *in loc.*).

...permaneci nele...

Variante Textual: Os mss KL e a maioria dos manuscritos minúsculos, especialmente da tradição bizantina, dizem: «permaneceis nele». Mas os mss Aleph, ABCP e a maioria das versões, trazem o imperativo, conforme se vê nesta tradução portuguesa.

...a mesma união... São as palavras que se vêem nos mss AKL e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores. Mas os mss Aleph, ABCP dizem «sua união». O versículo fala sobre a união que Cristo nos proporciona, que lhe pertence, mas que ele confere a seus remidos. Essa forma é apoiada também pela maioria das versões e nos escritos de Atanásio e Agostinho, pais da igreja.

Este versículo não ensina a infalibilidade da igreja e nem de qualquer de seus membros. Isso é uma interpretação exagerada do que se lê aqui. Meramente indica que Deus não permitirá que sua igreja caia em erros fundamentais, sobretudo sobre a pessoa e a missão de Jesus Cristo. As portas do hades não poderão prevalecer contra ela. E nem desencoraja este versículo o ensinamento e o aprendizado cristãos. Desencoraja darmos

atenção a falsos mestres, e essa é a sua mensagem principal.

«Nenhum homem, por mais santo, sábio ou puro que seja, poderá jamais encontrar-se em um estado tal que não tenha necessidade do ministério do evangelho; aqueles que pensam assim dão a maior prova de que ainda não aprenderam de Cristo ou de seu Espírito. (Adam Clarke, *in loc.*). (Ver a

atitude de Paulo quanto à questão do «aprendizado ou do progresso», em Fil. 3:10 e ss.). Este versículo ensina que a iluminação espiritual tem por seu grande alvo o aprender mais de Cristo. Toda a inspiração e revelação devem ter algo a ver com isso.

#### IV. Os Filhos de Deus—Advertências e promessas (2:28-3:24).

##### 1. Suas relações para com a «parousia» (2:28-3:3).

A epístola inteira é polêmica, pelo que qualquer de suas seções tem o pano de fundo da heresia gnóstica. A segunda epístola de Pedro foi escrita contra a mesma heresia; e naquele livro a negação da «parousia», pelos gnósticos, está principalmente em vista. Tinham perdido a esperança do retorno de Cristo, se é que tinham tido tal esperança. (Ver especialmente o terceiro capítulo daquele documento). Em contraste com isso, o autor desta epístola mantinha ainda a idéia que Cristo poderia voltar durante sua vida terrena. (Ver I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15 quanto a essa expectativa). Embora seja óbvio que somente uma geração poderá encontrar-se com Cristo, quando de seu retorno, estando ela ainda em vida, todas as gerações de crentes, através da história, devem ter essa esperança «para sua própria época», por razões morais; pois essa esperança purifica e nos dá um temperamento próprio do *outro mundo*. (Ver I João 3:3). Os gnósticos, devido às duas práticas licenciosas, obviamente não se tinham purificados dessa esperança.

Através da purificação, podemos ter «confiança» perante Cristo, quando de seu retorno. Há uma lei universal da colheita segundo a sementeira (ver Gál. 6:7,8), e os crentes receberão o que tiverem feito de bom ou de mau (ver II Cor. 5:10), pelo que se torna claro que nem mesmo um crente pode antecipar com confiança a volta de Cristo, se sua vida não é correta. O tema da confiança permeia a seção inteira e se estende até ao parágrafo de I João 3:19-24.

Há aqueles que *nascem de Deus*, em oposição aos anticristos, que pertencem a seu pai, o diabo (ver I João 2:29); e os que nascem de Deus se caracterizam por uma vida santa. Os gnósticos faziam da imoralidade parte de seu sistema ético, procurando fazê-la passar pela ética cristã. O autor sagrado como que dizia, à sua maneira, «...a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14). Essa era uma lição que os gnósticos não tinham aprendido. Supunham eles que o espírito humano não pode ser corrompido pelos excessos carnis, do mesmo modo que o ouro, ao ser mergulhado na lama, não tem sua natureza modificada. Não conseguiam perceber que a própria alma pode ser corrompida, e já está corrompida, pois é um ser decalco. Não é somente o corpo que é o depositário do pecado. Outrossim, o abuso do corpo, mediante os vícios, afeta a alma e a degrada.

Os «filhos de Deus» têm um glorioso destino; compartilharão da própria natureza do Filho de Deus (ver I João 3:2). Mas isso jamais poderá suceder no caso daquele que recusar-se a andar na vereda da santidade. O destino é algo importantíssimo; mas os gnósticos se tinham equivocado quanto à sua natureza essencial, e também como um homem pode dirigir-se a esse destino. A seção seguinte esclarece vários pontos, no que diz respeito a ambos esses elementos.

28 Καὶ νῦν, τέκνιά, μένετε ἐν αὐτῷ, ἵνα ἐὰν φανερωθῇ σχῶμεν παρρησίαν καὶ μὴ αἰσχυρθῶμεν ἀπ' αὐτοῦ ἐν τῇ παρουσίᾳ αὐτοῦ.

28 μένετε... παρρησίαν I Jo 4:17

2:28: E agora, filhinhos, permaneci nele; para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança, e não fiquemos confundidos diante dele na sua vinda.

«...Filhinhos...» (Quanto a esse termo, ver as notas expositivas em I João 2:1). Isso assinala o início de um novo pensamento, como é freqüente; mas temos aqui mais que simples artifício literário. Há um tratamento afetoso também.

«...permaneci nele...» Novamente é salientada a necessidade de permanecermos em Cristo, como aquilo que nos resguarda do erro; mas agora também como um preparo para a «parousia» (segundo advento de Cristo). Se verdadeiramente temos comunhão com Cristo, estaremos preparados para nos encontrarmos com ele, pois nossas vidas serão limpas e bem preparadas. Participantes de sua natureza moral, também participaremos, necessariamente de sua natureza metafísica. Por ocasião da «parousia» receberemos sua natureza; mas ninguém poderá chegar a esse ponto se não aproximar-se por meio da santidade. (Ver os versículos vinte e quatro e vinte e sete acerca de notas expositivas completas sobre o conceito de permanecer em Cristo, segundo esta epístola o apresenta).

«...quando ele se manifestar...» Os melhores manuscritos, Aleph, ABC dizem: «se ele aparecer». Mas o se foi modificado para «quando», nos mss KL e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, como mudança para uma redação mais fluente. Contudo, o «se» não expressa dúvida quanto à certeza de sua manifestação na «parousia», embora o elemento de tempo seja assim conservado como *indeterminado*. Esse acontecimento pode ocorrer em nosso próprio período de vida terrena; pode ocorrer como uma surpresa; pode apanhar-nos despreparados. Embora não saibamos quando isso sucederá, devemos estar preparados para tanto. E a santificação é a medida preparatória de que precisamos. Naturalmente, o autor sagrado também insistia que esperemos esse acontecimento como inevitável, em contraste com a posição dos falsos mestres gnósticos, que não incluíam a idéia da «segunda vinda de Cristo» em sua teologia.

Cristo se «manifestará» (no grego é «*phanerwō*», e não «apocalipto»). Quando ele voltar, veremos a importância vital disso para nossas vidas, porquanto ele voltará como Salvador, para uns, e como Juiz, para outros. Sua «revelação» também significará a nossa revelação, pois então nós mesmos seremos «manifestados» diante de seu tribunal (ver II Cor. 5:10). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «parousia» ou segundo advento de Cristo, ver I Tes. 4:15. Essa nota de sumário inclui a discussão sobre o «elemento de tempo», isto é, pré-tribulação, mid-tribulação ou pós-tribulação. Em I Ped. 4:6 são dadas notas expositivas que mostram que a «parousia», e não a morte física do indivíduo, é que inaugurará o juízo e estabelecerá fronteiras eternas. Portanto, até àquela ocasião, Cristo pode salvar aos homens onde quer que se encontrem, em esferas terrenas ou espirituais).

O autor sagrado via a «parousia» como algo bem próximo. (Ver I João 2:18). Para ele, já se vivia na «última hora», imediatamente antes desse evento. Ele via a lealdade a Cristo, por conseguinte, como uma urgente necessidade. Não nos resta tempo para vivermos para nós mesmos; fazer do próprio «eu» um deus, é algo inteiramente condenável.

«...tenhamos confiança...» Essa é uma das notas chaves da presente seção, até I João 3:19-24. Essa confiança é para com Cristo, o Juiz vindouro (segundo se aprende neste versículo), visando o encontro com

Deus (ver I João 3:21). Essa confiança recebe alegremente a promessa da vida eterna, não temendo ao julgamento. Está baseada essa confiança na santidade e na lealdade para com Cristo. A confiança é o sinal de quem já aprendeu algo significativo sobre Jesus Cristo, tendo incorporado esse conhecimento à sua alma. A confiança inclui a liberdade de espírito, na certeza que Deus fará o que é direito e criará bem-estar, ao invés de miséria. Alcega-se sobre a liberdade conferida pela verdade (ver João 8:32). Liberta de pensamentos escravizadores e hábitos pecaminosos; livre do temor do que o pecado pode trazer, porquanto o pecado já terá sido resolvido e derrotado. Os gnósticos, entretanto, que não tinham tido resolvido em seu caso o problema do pecado, só podiam esperar um julgamento temível. Não podiam ter confiança em Deus enquanto estivessem vivendo em vícios. Essa confiança se estriba sobre a «filiação» a Deus, conforme se vê no vigésimo nono versículo. Os filhos de Deus confiam no Irmão mais velho e no Pai. Sabem que foram e continuam sendo aceitos no Amado (ver Efê. 1:6).

O termo grego aqui usado é «*parresia*», e algumas traduções preferem dizer «ousadia». Algumas vezes essa palavra é aplicada ao «falar sem temor». Denota «franqueza». Subentende «coragem». O vocábulo é usado por trinta e uma vezes nas páginas do N.T. Veja-se, por exemplo, o trecho de Efê. 3:12: «...pela qual temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele...» Chegamos perante o trono da graça «ousadamente» (ver Heb. 10:19). Não convém que abandonemos nossa «...confiança; ela tem grande galardão» (Heb. 10:35). «...para que no dia do juízo mantenhamos confiança...» (I João 4:17). Essa palavra é empregada por quatro vezes na presente epístola, a saber, I João 2:28; 3:21; 4:17 e 5:14.

«...não nos afastemos envergonhados...» Um homem pode ser salvo «como que pelo fogo» (ver I Cor. 3:15); pode ser salvo «com dificuldade» (ver I Ped. 4:18); poderá entrar no reino «abundantemente» ou não (ver II Ped. 1:11). E todos receberão o que tiverem praticado, de bom ou de mal (ver II Cor. 5:10). Tudo isso mostra que alguns serão «envergonhados» por causa de suas vidas; sua pecaminosidade, o uso deficiente que tiverem feito de seus talentos; o modo descuidado com que estiverem cumprindo sua missão; o pequeno uso feito do poder que lhes foi oferecido; o modo como usaram sua vida para atender a seu próprio interesse, e não em favor do próximo. Esses todos retrocederão da presença de Deus, pois o resplendor de sua vinda desvendará seu miserável e deficientíssimo desenvolvimento espiritual. Por outro lado, aquele que permanece em Cristo não terá nenhum motivo para recuar envergonhado diante da presença do Juiz supremo. Podem esperar seu veredicto com toda a confiança, como obreiros que não têm «...de que se envergonhar...» (II Tim. 2:15). A questão de sermos «envergonhados» perante Cristo, provavelmente também fala sobre a tremenda vergonha que os incrédulos terão de passar, os quais estarão totalmente despreparados para se encontrarem com ele; mas a aplicação aos crentes parece estar em primeiro plano.

Isso não significa, naturalmente, que a posição do crente fique estagnada, ou que não possa continuar a saber mais de Cristo e desfazer o mal que tiver praticado. O alvo espiritual é ser «cheio de toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19). Portanto, o progresso espiritual é sem limite, ou seja, interminável. Há uma infinidade com que devemos ser cheios, pelo que deve haver um infinito processo de preenchimento e isso ocupará a eternidade inteira. Os homens têm estabelecido limites e fronteiras nesse processo.



pensando que podemos atingir imediatamente o infinito alvo, assim que ocorrer a morte física ou a «parousia»; mas os limites estabelecidos pelos homens são os limites de sua própria compreensão limitada, e não limites reais.

«...vinda...» No grego temos a palavra «parousia», que literalmente significa «presença», mas que indica a «presença de Cristo», produzida por sua segunda vinda. Esse termo veio a indicar sua segunda vinda, até mesmo nos tempos neotestamentários, e sempre foi usado como termo técnico para indicar tal evento. (Há notas expositivas completas sobre essa palavra e sobre a própria «parousia», em I Tes. 4:15). Não precisamos enfrentar esse acontecimento com culpa ou surpresa. O caminho da santidade nos conduzirá até ali, com toda a confiança. A palavra «parousia» era usada para aludir às visitas oficiais de reis e outras altas personalidades. O seu uso é aqui muito apropriado, portanto, porquanto anuncia a visita do Rei dos reis. Essa palavra é usada por vinte e quatro vezes no N.T. (Ver Mat.

29 εὖν εἰδῆτε ὅτι δίκαιός ἐστιν, γινώσκετε ὅτι καὶ

29 1 Jo 3:10

2:29: Se sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.

Este versículo tem um pensamento similar ao de Mat. 5:48, onde se lê: «Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celestial». Notemos que o «Pai» é que é declarado «perfeito», e, portanto, os «filhos de Deus» devem buscar essa perfeição para si mesmos. Assim também, no presente versículo, aqueles que praticam a «santidade» são «nascidos de Deus». Declara este versículo uma das mais importantes verdades do N.T.—a santidade está vinculada à participação na natureza de Deus. O trecho de II Tes. 2:13 mostra-nos que esse é o caminho que conduz a tal participação, porquanto não pode haver «glorificação» (em que chegaremos a compartilhar da natureza divina) sem a «santificação». O processo de sermos santificados pelo Espírito Santo confere-nos, antes de tudo, a «natureza moral» de Cristo; mas a participação em sua natureza moral nos leva a participar de sua natureza «metafísica», por igual modo. Em outras palavras, chegaremos a possuir o mesmo tipo de natureza e de vida de que o Filho participa (ver João 5:25, 26 e 6:57); e participaremos da plenitude de Deus tal como Cristo dela participa (ver Col. 2:10). A diferença que haverá entre Deus e os verdadeiramente remidos, quanto à natureza, será não em «tipo», mas quanto à «extensão». Seus atributos de poder, de graça, de santidade e de glória são infinitos. Já começamos a participar desses atributos desde agora, mas a eternidade inteira será envolvida na diminuição da «extensão» da diferença entre nós e Deus, entre os filhos de Deus e Deus Pai.

A vida inteira consiste disso, neste mundo ou na eternidade. A verdade até Deus é a santidade; e sem ela ninguém jamais verá a Deus. (Ver Heb. 12:14). (Ver a nota de sumário sobre a «santificação», em I Tes. 4:3). Isso envolve mais do que estarmos «sem pecado». Também significa a participação nos atributos santos e «positivos» de Deus, como a sua «justiça», a sua «bondade», a sua «gentileza», o seu «amor», etc. O Espírito Santo infunde essas qualidades morais em nós (ver as notas expositivas sobre Gl. 5:22, 23), e passamos de um grau de glória para outro, ao contemplarmos a Cristo, o Homem ideal, no espelho da alma (ver II Cor. 3:18 e as notas expositivas ali existentes).

Este versículo, naturalmente, não é meramente instrutivo; também é polêmico. Os gnósticos repeliam a santidade, e seu sistema religioso incluía práticas imorais como algo oficial. Imaginavam que podiam cooperar com o sistema do mundo, o qual visaria destruir toda a matéria; e isso queriam fazer abusando do corpo mediante práticas imorais. Mas estavam equivocados, ao pensar que a matéria é a sede do mal, e que o mal perecerá ante a destruição da matéria. Também estavam equivocados por pensarem que a alma não se pode corromper e nem já está corrompida. Para que o indivíduo «nasça de Deus» é mister que sua alma seja transformada, e não meramente liberta do corpo, que é a prisão da alma. Admite-se que o corpo é uma espécie de cruz, onde a alma está encravada; por isso mesmo, a alma se vê embaraçada. Mas a verdade é que o corpo físico é apenas vítima fácil do princípio do pecado, e não a própria sede do pecado. O sexto capítulo da epístola de Romanos deixa isso bem claro. Eles se jactavam de que «não tinham pecado» (ver I João 1:8, 10); mas não entendiam que os pecados do corpo são pecados verdadeiros, porquanto isso envolve a alma, que se vê corrompida por eles.

O cristianismo requer um novo eu, um novo nascimento, e não meramente a libertação da alma do corpo. (Ver as notas expositivas sobre o «novo nascimento», em João 3:3-5). O novo nascimento é muito mais que a «conversão». Esta é apenas um de seus passos iniciais. O «novo nascimento» inclui o processo inteiro da salvação, incluindo a própria «glorificação». Nesse processo somos, finalmente, «nascidos no reino de Deus», tornando-nos «novo tipo de ser», a saber, pessoas espirituais altamente exaltadas, com um tipo de estatura de vida superior à vida dos anjos. Isso é algo tão elevado que exige o poder de Deus para efetuá-lo. Por ocasião da «parousia» (ver I João 3:2) chegaremos a participar do mesmo «veículo» celestial para nos expressarmos nos mundos eternos, a saber, o corpo ressurto. Isso apressará nosso progresso espiritual, pois seremos libertos dos empecilhos da terra e da matéria. (Quanto a notas expositivas completas sobre «o corpo ressurto», que não será físico e nem formado por partículas atômicas, e, sim, espiritual, ver I Cor. 15:20, 35-40). O novo nascimento tem por seu alvo a participação real na natureza divina. Assim nos tornaremos filhos de Deus, conduzidos à glória (ver Heb. 2:10).

Vê-se, pois, que a salvação envolve muito mais que o «perdão dos pecados» e a «mudança de endereço para os céus». Essas coisas são apenas verdades primárias. A nossa «espiritualização» para participarmos da natureza de Cristo (ver Rom. 8:29 e a nota de sumário ali existente), é que envolve tudo quanto existe na salvação. A salvação, em seu aspecto de

24:3, 27, 37, 39; I Cor. 15:23; 16:17; II Cor. 7:6, 7; Fil. 1:26; I Tes. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; II Tes. 2:1, 8, 10; Tia. 5:7, 8; II Ped. 1:16; 3:4, 12; I João 2:28). Conforme se vê facilmente, o uso desse termo aparece somente aqui nos escritos joaninos.

«Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado» (Rom. 5:5).

*Jesus, teu sangue e retidão  
São minha beleza, minha vestidura gloriosa;  
Em meio a mundos flamejantes, nesse vestido,  
Com alegria levantarei a cabeça.*

*Ousado serei naquele Teu grande dia,  
Pois quem fará alguma acusação contra mim?  
Estou totalmente absolvido por ti,  
Do pecado e do temor, da culpa e da vergonha.*

(John Wesley)

πᾶς ὁ ποιῶν τὴν δικαιοσύνην ἐξ αὐτοῦ γεγέννηται.

29 καὶ ὁμ B(KL) al b 1 vg(7) sy<sup>h</sup> co c

glorificação, fará de nós filhos de Deus no mesmo sentido glorioso em que Jesus é o Filho de Deus.

Agora mesmo deve haver grande diferença entre aqueles que têm crido e não têm crido em Jesus; e isso é o que o autor sagrado está dando a entender neste versículo. Dado que aqueles que têm crido presumivelmente já entraram nos primeiros estágios desse processo de *espiritualização* é que isso é dito aqui.

«Os filhos de Deus possuem a própria natureza divina; e neles tem emergido um novo tipo de humanidade, que o mundo não compreende e nem acolhe... Os filhos de Deus são aqueles que praticam o que é reto (ver I João 2:29). A religião cristã tem seu aspecto místico, mas se comprova pelo fato inflexível de que uma característica importante do verdadeiro crente é, simplesmente, que ele «pratica o que é reto». Disso podemos estar certos! Essas palavras francas e diretas são atrativas. Cortam todos os sofismas com que os homens gostam de enganar a própria consciência. Elas abrem uma vereda clara para o pensamento e a decisão. Uma regra prática e útil para a vida cristã é, simplesmente, praticar o que é reto. Mas o que é «reto» segundo foi revelado e definido em Jesus—assim como ele é reto. Os homens muito freqüentemente se iludem a si mesmos, pensando que a escolha moral entre o certo e o errado é por demais complicada. O desejo de praticar o que é certo talvez esteja presente; mas o «certo», em alguma situação particular, lhes parece difícil de determinar. Jesus é o absoluto. Ele nos ajuda a conhecer o que é «certo» através de regras e mandamentos concretos, como, por exemplo: «Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra...» (Mat. 6:19). Ou através de seu exemplo: «Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também» (João 13:15). Mas a maior ajuda vem da mente de Cristo, diretamente às nossas mentes, devido ao seu companheirismo conosco. «E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século» (Mat. 28:20)». (Hoon, *in loc.*)

Notemos que este versículo dá a entender, se é que não o afirma diretamente, que a retidão de Deus é o padrão de seus filhos. O trecho de Rom. 3:21 é acompanhado por notas expositivas que mostram que somente a retidão divina é adequada para os lugares celestiais. A natureza moral de Deus é infundida em nós, na santificação. A glorificação completará esse processo.

#### A Condição Da Paz

1. «Sede santos, porque eu sou santo», diz o Pai. O filho de Deus que não satisfaz a essa condição, não desfruta de paz.

2. Encontrarmo-nos com Cristo, por ocasião da «parousia» (segunda vinda de Cristo), em estado de santidade, é a condição para nos defrontarmos com ele, dotados de confiança e despidos de vergonha e temor. Quão grande, pois, é a santificação, e quão urgentes são os seus requisitos! Podes comparecer diante do grande Rei? Não conseguirás fazê-lo enquanto não fores participante de sua santidade.

3. O próprio Cristo é a maior exibição da santidade divina, tal como o Pai é a fonte originária da santidade. Os filhos de Deus, quando genuínos, não são avessos à santidade. A impecabilidade é impossível nesta vida terrena (ver I João 1:8), mas a vitória sobre o pecado é algo exigido de nós (ver I João 3:9).

«...nascido dele...» Está em foco Deus Pai, o qual, naturalmente, é o nosso Pai. Contudo, esse novo nascimento é efetuado através de Cristo, que é o grande e único meio de salvação, além de ser seu padrão.

«Um gérmen divino é enviado pela vontade de Deus, —dando-nos a vida. Assim como o corpo e o espírito crescem no ventre materno, assim o novo homem é gradualmente formado na alma, embora não venha a ser aperfeiçoado senão na vida futura». (Sinclair, *in loc.*)

Vários comentadores têm condenado o erro de Pelágio, que supunha que o «fazer o bem» é a condição para alguém tornar-se verdadeiro filho de Deus. Porém, a correta compreensão sobre essa questão ensina-nos que, realmente, devemos praticar o bem, a fim de sermos espiritualmente transformados, a fim de compartilharmos da natureza divina. Contudo, esse «fazer o bem» se origina da alma transformada, como um produto divino, embora exija a aceitação e a cooperação da vontade humana. É impossível alguém separar a fé do «fazer» e do «ser». Esse é o grande discernimento da epístola de Tiago. O fazer o bem não é, meramente, uma «evidência» sobre o nascimento novo no íntimo; é sua própria essência, porquanto a prática do bem está alicerçada sobre o ser bom—essas duas coisas são inseparáveis. Pois como é que alguém poderia ser bom, sem praticar o bem? Aquele que não pratica o bem, não é bom. O ser alguém nascido de Deus torna esse alguém bom, levando-o a praticar o bem.

«Nascidos dele: feitos participantes da natureza divina, sem a qual ninguém poderia ter um coração santo e nem viver uma vida santa». (Adam

Clarke, *in loc.*).

Não há qualquer interrupção de pensamento entre os capítulos segundo e

terceiro desta epístola, pois a seção que ora examinamos teve início em I João 2:28, onde aparecem notas de introdução a esta seção geral.

### Capítulo 3

3 ἴδετε ποταπὴν ἀγάπην δέδωκεν ἡμῖν ὁ πατὴρ ἵνα τέκνα θεοῦ κληθῶμεν· καὶ ἐσμέν<sup>1</sup>. διὰ τοῦτο ὁ κόσμος οὐ γινώσκει ἡμᾶς ὅτι οὐκ ἐγνώ αὐτόν.

<sup>1</sup> 1 [13] καὶ ἡμεῖς ἰσχυρ<sup>1</sup> M A B C P Ψ 32 81 104 424 614 629 630 945 (1241 omitt. ead.) 1606 1720 1881 2412 2495 it<sup>1</sup> e<sup>1</sup> d<sup>1</sup> b<sup>1</sup> c<sup>1</sup> vg sy<sup>1</sup> s<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> b<sup>1</sup> arm eth

Augustine Beza Theophylact *ff* omitt K 049 056 056 0142 88 181 326 330 481 . 1877 2127 2492 Hys Lect Ps-Deuermenion

3 1 ἴδετε ποταπὴν ἀγάπην δέδωκεν ἡμῖν ὁ πατὴρ ἵνα τέκνα θεοῦ κληθῶμεν· καὶ ἐσμέν<sup>1</sup>

3. 1 (nou. sect. incip. § R) | ἡμῖν] υμ- BK\* 69\* al |

Embora se possa argumentar que os termos *καὶ ἐσμέν* são uma glosa explicativa, introduzida por copistas a fim de afirmar a realidade do estado antes descrito, é bem mais provável que sejam genuínos, pois são apoiados por representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (p<sup>1</sup> M A B C 33 81 614 1739 it (h,65) vg al). A ausência das palavras em vários testemunhos posteriores (K L maioria dos minúsculos), seguidos pelo Textus Receptus, se deve ou a descuido escríbal, talvez ocasionado pela similaridade gráfica com o termo anterior (ΚΛΗΘΩΜΕΝΚΑΙΕΣΜΕΝ), ou a poda editorial deliberada de uma desajeitada cláusula parentética.

3:1: *Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fizemos chamados filhos de Deus; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não o conheceu a ele.*

(Quanto a notas expositivas completas sobre o «amor de Deus», ver João 3:16).

«...o Pai...» O amor vem de Deus como Pai; e isso produz «filhos». (Quanto à «paternidade de Deus», ver João 8:42 e Rom. 8:15, 16. Quanto ao fato que as bênçãos espirituais chegam aos homens da parte de Deus como Pai, ver Efé. 1:3).

«...filhos de Deus...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «filiação», ver Rom. 8:14-16, 29. Quanto à idéia bíblica de «filhos que estão sendo conduzidos à glória», ver Heb. 2:10. A salvação é um sinônimo espiritual de «filiação». Uma coisa é a outra, pois todo o bem-estar dado na salvação chega aos homens como parte da natureza de sua filiação a Deus. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «salvação», ver Heb. 2:3).

«...de fato, somos filhos de Deus...» Isso é repetido para efeito de ênfase, a fim de mostrar que a participação na natureza divina começa na vida mortal, embora sua grande fruição espera a ressurreição ou «parousia». Esses serão os que chegaram a essa meta mediante a rota da santidade, em contraste com os falsos mestres gnósticos, que faziam da imoralidade parte de seu código oficial. Assim é que I João 2:29 mostra que aquele que é «nascido de Deus» é aquele que pratica a retidão, por ser justo. A transformação moral aleta a transformação metafísica, mediante o que haveremos de participar literalmente da mesma natureza espiritual que o próprio Cristo. Porém, sem santidade, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). A santificação é necessária para a glorificação, e a glorificação é a fruição da salvação, mediante o que a natureza divina é transmitida aos homens. (Ver as notas expositivas em II Tes. 2:13 acerca disso).

«...por essa razão o mundo não nos conhece...» Neste ponto, o vocábulo «mundo» indica o «sistema humano hostil» que controla esta esfera terrestre. (Ver as notas expositivas sobre o «mundo», em I João 2:15). Os falsos mestres pertencem a «este mundo» (ver I João 4:5). Não têm a Deus por seu Pai, pelo que são de seu pai, o diabo (ver João 8:44). Não é para admirar, pois, que «os de fora» não «conheçam» (não reconheçam e nem se aliem) aos «filhos de Deus». São «estranhos» a Deus Pai. O N.T. ensina que esses estão em aberta hostilidade contra o Pai. Assim, pois, não nos admiremos que também se oponham aos filhos de Deus. Essas idéias, naturalmente, são comuns ao evangelho de João, sendo exemplos das similaridades entre a primeira epístola de João e o evangelho de João. E isso talvez demonstre que o mesmo autor sagrado escreveu ambos esses livros bíblicos. (Quanto a um estudo completo sobre essas similaridades, ver a seção de introdução a esta epístola. Ver também João 16:2,3).

O Senhor Jesus predisse que as autoridades religiosas haveriam de perseguir aos verdadeiros filhos de Deus, expulsando-os das sinagogas e até mesmo matando-os, pensando que assim estariam prestando um serviço a Deus. A razão disso é que não conhecem nem a Deus Pai e nem a Cristo. «Pai justo, o mundo não te conhece; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste» (João 17:25). Por semelhante modo, o trecho de João 15:18 e ss. contém a predição de Jesus de que o mundo adiará a seus discípulos, porquanto primeiramente odiará a ele mesmo. Aqueles que são deste mundo «amam» ao mundo; mas aqueles que não o amam são «odiados». «Não conhecer», portanto, implica em ódio, em desfavor, segundo o vocabulário do autor sagrado. O resultado de «não conhecer» é tornar-se o ignorante um perseguidor, com base no ódio. O vigésimo primeiro versículo daquele mesmo capítulo mostra-nos que a base de tudo isso é que não conheceram ao Pai; e assim, ao odiarem a outros e perseguirem-nos, na realidade odiavam a Deus Pai (ver o vigésimo terceiro versículo, igualmente).

«A grandeza de seu amor... se manifestou nisso, que ele se permitiu ser

2 Ἀγαπητοί, νῦν τέκνα θεοῦ ἐσμεν,<sup>a</sup> καὶ οὐπω ἐφανερώθη<sup>a</sup> τί ἐσόμεθα.<sup>a</sup> οἶδαμεν ὅτι ἐὰν φανερωθῇ ὁμοίω αὐτῷ ἐσόμεθα, ὅτι ὁφόμεθα αὐτόν καθὼς ἐστίν.

<sup>a a a</sup> 2 a minor, a none, a maior: TR WH Bov Nov BP<sup>1</sup> AV RV ABV TT (Zür) :Luth] Jer Seg *ff* a minor, a maior, a none: NEB<sup>1</sup> *ff* a maior, a none, a minor. RSV NEB

2 ὁμοίω αὐτῷ ἐσόμεθα 2 Cor 3:18; Php 3:21

3:2: *Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesta a que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ela se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é, o veremos.*

Este é um dos grandiosos versículos do N.T., o qual acumula em algumas curtas linhas alguns dos mais sublimes conceitos da revelação divina. Todos os conceitos constantes deste versículo já foram comentados algures. Por

chamado Pai deles». (Brooke, *in loc.*).

O N.T. refere-se a isso com profundo respeito, jamais em atitude de orgulho, atribuindo todo esse milagre à graça de Deus. (Ver Efé. 2:8 quanto a notas expositivas detalhadas sobre a «graça»). Deus se manifesta em seu amor.

«Jesus trouxe uma nova revelação, e, porque era nova, precisava de um novo nome para Deus. Mas não procurou tal nome nas cortes de reis, ao querer expressar a majestade e poder de Deus. Preferiu para nós os riscos da intimidade, e não a frieza da distância, tendo-nos conferido o nome «pai». (W.R. Malby, *The Significance of Jesus*, pág. 57).

«...Vede que grande amor...» Desse modo o autor sagrado chama a nossa atenção para o grande milagre. A tarefa do mestre é expor isso aos homens, levando-os a perceberem e compreenderem algo da imensidade dessa realidade—o Poder supremo do universo é igualmente o Sumo Bem e o Amor supremo, pois Deus é amor (ver I João 4:8). Seu «poder», portanto, é empregado visando o nosso benefício, o nosso bem-estar espiritual. Deus não poderia fazer por nós mais do que fez por seu Filho unigênito, pelo que nos tornou filhos, tal como Cristo é Filho. Essa foi a manifestação suprema do amor divino. Por isso é que, em atitude de adoração, podemos cantar: «Meu coração tens prendido ao amor a teu nome, e agora não posso deixar de cantá-lo». (Richard Rolle, citado por Underhill, em *Collected Papers*, pág. 217).

«Amado é o povo de Israel, por serem eles chamados filhos de Deus; maior amor do que esse não há, do que saberem eles que são chamados filhos de Deus, conforme foi dito: Sois os filhos do Senhor, vosso Deus». (Pirke Aboth, iii,22, Talmude).

«...filhos...» No grego é usado o termo «*tekna*», usado normalmente para indicar «filhos naturalmente nascidos». Seja como for, o ensinamento afirma a transmissão da «real natureza divina». (Ver João 1:12 quanto a notas expositivas acerca dessa palavra). Aqueles que recebem a Cristo recebem a autoridade de serem «feitos filhos de Deus».

«Vede, tomai conhecimento, considerai, contemplai pela fé, com admiração e espanto, e observai qual grande labor, qual grande exemplo de inigualável amor, qual admiráveis bênçãos da graça, o Pai nos tem conferido». (John Gill, *in loc.*).

«Quando os missionários dinamarqueses nomearam alguns convertidos da ilha de Malabar para traduzirem um catecismo, em que era mencionado o privilégio dos crentes se tornarem «filhos de Deus», um dos tradutores espantou-se ante tão ousada declaração, meditou a respeito e declarou: «É demais: é preferível traduzi-la por «Ser-lhes-á permitido beijar-lhe os pés». (Doddridge, *in loc.*).

**Variante Textual:** As palavras «e de fato o somos» aparecem nos representantes das tradições textuais mais antigas, isto é, ms P(74) (vidi), Aleph, ABC, 39 81, 614, 1739, no Itlh, 65) e na Vg. Isso mostra que essas palavras, muito provavelmente, fazem parte autêntica do texto, e não uma glosa escríbal. Talvez essa palavra tenha sido acidentalmente esquecida; ou talvez alguns escribas tivessem pensado que elas são supérfluas, porquanto já fora feita a declaração acerca da nossa filiação. Entretanto, essas palavras foram adicionadas pelo próprio autor sagrado, visando o efeito de ênfase. Todavia, são omitidas nos mss KL e na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina; mas isso é apoio fraco para a omissão. (Quanto a informações sobre como os textos corretos devem ser escolhidos, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário, sobre os antigos manuscritos do N.T.).

Parece que Justino Mártir conhecia essas palavras, conforme fica demonstrado pela similaridade de uma declaração sua, que se acha em *Dial. c. Try.* 123 (e também 353B). (Quanto à «antiga confirmação» sobre esta primeira epístola de João, ver a seção I da introdução à mesma).

isso mesmo, primeiramente nos reportaremos a essas notas; e então faremos alguns poucos comentários adicionais. O leitor, para maior benefício, deve consultar essas notas expositivas, pois ali as suas profundas idéias são aclaradas.

«...filhos de Deus...» A «filiação» é comentada em Rom. 8:14-16, 29; Heb. 2:10. Esse é o meio de participarmos da «natureza divina», o que é



comentado em II Ped. 1:4. O fato que isso significará que compartilharemos da «natureza do Filho» é comentado em II Cor. 3:18 e Efê. 1:23; 3:19.

«...se manifestar...» Está aqui em foco a «parousia» ou segundo advento de Cristo, quando então será dado aos remidos o «veículo» do corpo espiritual, para que possam ter a própria natureza de Cristo. (Ver as notas expositivas sobre a «parousia», em I Tes. 4:15).

«...seremos semelhantes a ele...» Semelhantes espiritualmente, na alma e no corpo espiritual. Quando? Por ocasião da «parousia».

#### Natureza Dessa Transformação

1. Essa transformação segundo a imagem de Cristo envolve genuína participação em sua própria forma de vida. Dessa maneira, a alma humana será elevada até muito acima da forma de vida, do poder e inteligência de qualquer forma de vida angelical. (A nota de sumário sobre essa questão aparece em Rom. 8:29).

2. Ser conformado à imagem do Filho significa participar da natureza divina, segundo Cristo a possui (ver II Ped. 1:4). Os filhos de Deus participam dessa natureza em grau finito, mas de maneira sempre crescente, por toda a eternidade. O Filho participa dela de maneira infinita, por fazer parte da Trindade. Porquanto há uma infinitude com que devemos ser encheidos, deve também haver um enchimento infinito. Os filhos de Deus sempre hão de obter mais e mais dos atributos divinos, da mesma maneira que um filho vai se tornando mais e mais parecido com seu pai, em força física e maturidade.

3. A participação na natureza do Filho equivale a obter os seus atributos (a sua plenitude; ver Col. 2:10). E isso concomitantemente com a participação na plenitude do Pai (ver Efê. 3:19).

4. Tal como todas as coisas foram criadas por ele, assim também tudo terá de retornar a ele (ver Col. 1:16). O que é dito acerca do Filho, nesse versículo, é dito acerca do Pai, em I Cor. 8:6. Esse «retorno» ao Pai, através do Filho, equivale a nos tornarmos membros da família divina (ver Heb. 2:10). Por conseguinte, filiação é salvação. A transformação segundo a imagem do Filho constitui a salvação (ver as notas sobre isso, em Heb. 2:3).

5. A «parousia» (segunda vinda de Cristo) determina a ocasião em que a alma remida começará a participar metaliticamente da natureza do Filho. O versículo diante de nós fala dos primórdios dessa participação. A eternidade inteira irá aumentando as dimensões dessa participação, a julgar por II Cor. 3:18, pois iremos passando de um estágio de glória para outro, interminavelmente. E assim participaremos da vida necessária e independente de Deus, isto é, da verdadeira imortalidade (ver as notas sobre esse tema em João 5:25,26).

«...havemos de vê-lo como ele é...» A visão beatífica. Podemos observar, em II Cor. 3:18, como o crente é pintado como quem contempla a si mesmo em um espelho. Porém, ao invés de ver a si mesmo, vê a Cristo, o Homem ideal, aquilo que haverá de ser o homem, dentro do imenso plano divino da redenção. Estando o homem a contemplar continuamente a Cristo, vai sendo transformado de um estágio de glória para outro, até que, finalmente, chegará a participar de sua mesma imagem, da mesma natureza do Homem ideal. Essa «contemplação» é mística, é a comunhão da alma com o ser divino. O Espírito Santo é o autor e aperfeiçoador desse processo. Tal processo é uma espécie de contínua visão beatífica; e tal visão é um poder transformador. Somos Cristo em formação—Deus está duplicando o seu Filho unigênito em seus filhos. Por ocasião da «parousia» (sobre o que fala o presente versículo), haverá a «mais profunda contemplação» de Cristo, aquilo que os teólogos têm convencionado chamar de «visão beatífica» no nível da alma. Essa visão de Cristo, quando da «parousia», dará aos remidos a natureza essencial de Cristo; e a eternidade inteira será passada na obtenção de maior grau dos atributos e perfeições do Filho, embora já participemos, então, de sua natureza. Portanto, a «parousia» representa um imenso salto para a frente. De fato, será tão grande que nem podemos começar a imaginar o que ela significará. Mas sabemos que nos elevará muitíssimo acima da natureza e da estatura dos anjos, porquanto estes jamais foram chamados «filhos», no sentido em que Cristo é o Filho de Deus. Em comparação ao Filho, os anjos são apenas fumaça que se esvai ou um lampejo de luz (ver Heb. 1:7).

Esses conceitos são profundíssimos e representam verdades prodigiosas. É disso que consiste o evangelho. É lamentável que, nas igrejas comuns, o evangelho tenha sido reduzido a nada mais além do perdão dos pecados e da mudança para as dimensões celestiais, algum dia. A salvação consiste em muito mais do que nos sucede; de como o ser humano assume a natureza divina, de como a natureza divina é insuflada no ser humano. As notas expositivas sobre Col. 2:10 desenvolvem esse tema com abundância de detalhes, conferindo outras provas bíblicas a respeito, documentando o conceito com citações extraladas de autores cristãos, antigos e modernos, que concordam que essa «filiação» é a «salvação». (Ver Heb. 2:3 quanto a notas expositivas completas sobre a «salvação»).

Oh! Imensidade a que Chamo de «Eu»

Oh! Imensidade a que chamo de 'eu',  
Minha alma, engrandecida por Deus és tu.  
A pequenez do mundo, a miséria e o pecado  
Por longo tempo ocultaram isso de minha visão.

Essa grande verdade está oculta daqueles que  
Aspiram apenas habitar em algum lugar celeste,  
Quando o destino da alma é ter suas riquezas,  
Ser o que Ela é, pela graça;

Ser o que Ela é, divindade compartilhada,  
Verdade dominante, fato admirável,  
O caminho por Ela preparado.

(Russell Champlin)

As notas expositivas centrais sobre o presente versículo já foram alistadas, juntamente com referências aos lugares onde seus conceitos

foram mais amplamente desenvolvidos. Agora adicionaremos comentários de utilidade para o leitor, a fim de que obtenha melhor compreensão sobre essas profundas idéias bíblicas:

«...amados...» Esse é um tratamento usado nesta epístola aqui e no vigésimo primeiro versículo deste mesmo capítulo, e também em 2:8 e 4:1,7,11 desta epístola. O autor dá a entender, uma vez mais, o «amor de Deus», que possibilita aquilo que foi declarado neste versículo. Por isso é que o primeiro versículo deste capítulo afirma: «Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus». O amor é o grande impulsionador em tudo isso. «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito» (João 3:16).

«...Sabemos...» Esse é o «conhecimento» dado por revelação, mediante a promessa do retorno de Cristo, através da confiança intuitiva, que se dá pela comunhão ou companheirismo com seu Santo Espírito. Vem isso através da «iluminação» espiritual. (Ver Efê. 1:17,18). O autor sagrado dá a isso certa tonalidade polêmica. Os mestres gnósticos negavam a realidade da «parousia», bem como as vantagens espirituais que a doutrina cristã proclamava como pertencentes a essa realidade. «Sabemos que não é como dizem os gnósticos», é o que o autor sagrado deixa implícito aqui. O terceiro capítulo da segunda epístola de Pedro também foi escrita em defesa da «parousia», contra os céticos gnósticos.

«...manifestar...» Trata-se da mesma expressão utilizada em I João 2:28. Ele «tornar-se-á manifeste» quando da «parousia». Podemos ficar envergonhados diante dele; no entanto, se seguirmos a vereda estreita da santidade, participaremos dos benefícios que nos são prometidos na «parousia».

«...somos filhos de Deus... ainda não se manifestou o que havemos de ser...» O autor sagrado sabia que há uma «presente participação» na «filiação», embora em estágios preliminares. Isso se constitui, essencialmente, da participação na transformação moral segundo a imagem de Cristo, o que provoca em nós a transformação metafísica. Primeiramente nos achegamos moralmente a Cristo, mediante a santidade; e em seguida nos aproximamos em pessoa, tendo espiritualizado nosso ser inteiro. Isso vai sendo agora efetuado mediante a contemplação mística de Cristo (ver II Cor. 3:18). Mas terá plena concretização quando da «parousia» e nossa subsequente «glorificação». A eternidade inteira será a oportunidade de sermos glorificados. Mas ela está em seus estágios iniciais desde agora, embora venha a ser um processo eterno. A «parousia» será um prodigioso salto para a frente, o primeiro passo —gigantesco— desse processo. Sabemos que compartilharemos de sua imagem; mas, armados de nossa presente compreensão limitada, não podemos nem começar a calcular a sua grandiosidade. Por conseguinte, o autor sagrado afirma claramente que ainda não é evidente o que haveremos de ser. Atualmente nossa compreensão sobre a glória que nos aguarda é mínima. Intuitivamente a entendemos, de maneira nebulosa, mal conseguindo perceber o que está envolvido em tudo isso; mas, no presente, não temos qualquer senso de realmente sabermos o que tudo isso significará. Dessa maneira, o autor sagrado simplesmente asseverava que seres finitos não podem compreender o infinito. E, ao tratarmos desses conceitos estamos manuseando com o Deus infinito.

Nenhum ser humano jamais viu a Deus (ver João 1:18), a não ser o Filho o qual tem comunhão com o Pai e que o revela. A «parousia» é uma vívida revelação do Pai; absorveremos a natureza divina em nossos próprios seres; então a eternidade toda será a revelação do Pai aos filhos, por meio do Filho. «Porque agora, vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido» (I Cor. 13:12). «Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo» (João 17:24).

«...vê-lo...» Selwyn (em sua *First Epistle of Peter*, pág. 131) nos fornece quatro estágios do «ver», a saber: 1. A esperança, conforme havia no A.T., mas que esperava sua definição no N.T. 2. A visão física dos primeiros seguidores de Jesus, os quais «viram» a sua glória. 3. O ver presente, da «fé» (ver II Cor. 5:7). 4. A visão obtida na visão beatífica, tal como se vê no presente texto.

«...como ele é...» O termo grego «omoios» pode significar «semelhante» quanto à natureza, ou «da mesma natureza». Este último sentido é que deve ser entendido aqui. As notas expositivas em Col. 2:10 demonstram que essa é a maneira como se deve entender a questão. Há uma real transmissão da «natureza essencial» de Cristo para nós.

#### Enquanto a festividade

Enquanto a festividade  
Do Paraíso continuar, assim também o nosso amor  
Irradiará ao nosso redor tal vestidura,  
Seu resplendor é proporcionado ao ardor,  
Ao ardor da visão; e a visão  
Equipara-se àquela graça que é acima de seu valor.  
(Dante, *Paraíso*, xiv.37-42)

«Ele é visível somente para aqueles que compartilham da sua natureza. Só o igual é percebido pelo igual... somente os puros de coração verão a Deus». (Brooke, *in loc.*). «...o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas» (Fil. 3:20).

O argumento é duplo: 1. A visão de Deus subentende similitude ao seu caráter e à sua afeição (comparar com Mat. 5:8). 2. A visão de Deus transfigura (comparar com II Cor. 3:18) até mesmo nesta vida. E como será quando o vírmos «face a face» (ver I Cor. 13:12)? (Smith, *in loc.*).

3 καὶ πᾶς ὁ ἔχων τὴν ἐλπίδα ταύτην ἐπ' αὐτῷ ἀγνίζει ἑαυτὸν καθὼς ἐκεῖνος ἀγνός ἐστιν.

3:3: E toda a que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesma, assim como ele é puro.

O autor sagrado apega-se à idéia que a «parousia» ou segundo advento de Cristo poderia ter lugar durante seu próprio período de Vida (ver I Cor. 15:51). O trecho de I João 2:18 mostra que o autor sagrado pensava viver na «última hora», antes daquele acontecimento. Somente a «santidade» pode preparar um crente para aquele evento (ver I João 2:28), pois, de outra maneira, não poderemos ter «confiança», que nos fará ir ao encontro dele corajosamente. Se não tivermos vivido corretamente, cumprindo nossa missão, ficaremos «envergonhados» quando ele vier para revelar em nós aquilo que seremos. É óbvio, pois, que a espera pela possibilidade da «parousia» para nossos próprios dias de vida é uma esperança purificadora para todos os remidos. A igreja cristã, em todas as suas gerações, deverá caracterizar-se por essa esperança da vinda de Cristo para breve; e isso por motivos «morais». Mas, visto que somente Deus sabe em que tempo isso sucederá, todas as gerações, «potencialmente», podem ver esse acontecimento. Portanto, tal esperança pode ser uma força purificadora para todas as gerações.

«...esperança...» A esperança pode ser «subjettiva», isto é, a «atitude» ou «disposição» de expectação por algo; ou pode ser «objetiva», ou seja, «aquilo que esperamos». Normalmente, nas páginas do N.T., a «esperança objetiva» é a salvação. Neste caso é a «parousia», que nos confere a natureza e a glória de Cristo, que são aspectos importantíssimos da salvação. É impossível alguém separar a esperança objetiva da esperança subjettiva, pois quando «esperamos» por algo, devemos ter «algo» por que esperamos. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «esperança», ver Rom. 8:24,25). Assim também, a «anticipação espiritual» é um instrumento, nas mãos do Espírito, visando transformar-nos «moralmente». E essa transformação moral, que inclui a infusão da própria santidade de Deus em nós (ver I Tes. 4:3 quanto à nota de sumário sobre a «santificação»), nos purifica e prepara para a grande transformação metafísica, que a «parousia» trará. Sem a «purificação» (que é a transformação moral), não poderemos ser metafisicamente transformados. Notemos, pois, a extrema importância da santificação. Ninguém pode enfatizar em demasia a importância da santificação, porquanto a salvação não se cumprirá sem ela, segundo é claramente ensinado em I Tes. 2:13.

Notemos que o tornar-se alguém livre do pecado, levando-o a ter o «fruto da santidade», finalmente conduz à «vida eterna». Deve haver um meio, pois, de outro modo, não haverá fim. (Ver Rom. 7:22). «Segui...» a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. (Heb. 12:14). Não podemos fazer a escolha se nos santificaremos ou não. Trata-se de um imperativo absoluto, para que se participe da vida eterna. Ninguém «nasce de Deus» se não estiver sendo santificado para que seja santo como o Pai é santo (ver I João 2:29). A nós é «dada» a santidade de Cristo na forma de declaração forense, na justificação. Mas, na santificação, aquilo que nos é «dado» é realmente infundido; de outro modo, tudo não passaria de uma representação teatral. (Ver Rom. 3:21 quanto ao fato que os crentes devem compartilhar da santidade de Deus, pois, de outro modo, não terão sido justificados).

Portanto, a grande esperança da «parousia» é mais que um mero «incentivo». Antes, é um poder que nos transforma, sendo usado pelo Espírito Santo para realizar uma operação sobre nossas almas. Portanto, grande inquirição espiritual está envolvida em tudo isso.

Este versículo também tem um sentido polêmico. Os gnósticos tinham a «esperança» de que receberiam alguma forma de salvação. Esperavam ser reabsorvidos pela natureza divina, perdendo a sua identidade pessoal. Mas

#### IV. Os filhos de Deus - Advertências e promessas (2:28- 3:24).

##### 2. Suas relações para com o diabo (3:4-10).

O pecado é a transgressão da lei, sendo inspirado pelo próprio Satanás, o qual é o seu grande autor. Por conseguinte, o indivíduo que peca propositalmente, está aceitando a influência do próprio Maligno. O autor sagrado fala indiretamente, neste ponto, sobre os falsos mestres gnósticos; mas adverte a sério aos crentes de que se seguissem o sistema ético deles — que não somente permitia, mas até encorajava a imoralidade — cairiam sob o controle do próprio diabo. De modo negativo, portanto, há aqui um apelo à santidade, tal como a secção anterior mostrara que a esperança acerca da «parousia» necessariamente nos conduz à pureza.

O chamamento à pureza, que aparece na secção anterior, levou o autor sagrado a definir o pecado. Trata-se da transgressão contra a lei (mosaica). Portanto, trata-se de uma forma de anarquia, de rebelião contra o governo de Deus. A fim de esclarecer o que queria dizer, o autor sagrado classifica os homens em duas categorias gerais: os filhos de Deus (aqueles que buscam a santidade) e os filhos do diabo (aqueles que aceitavam a posição tomada pela mensagem gnóstica, de que não há qualquer imperativo moral e nem a necessidade de seguirmos a santidade). Essa divisão dos homens em duas classes distintas, dia e noite, sem madrugada intermediária, está de acordo com a filosofia moral helenista, corrente naquela época, que dizia que os homens estão divididos em «iluminados» e não iluminados, e que os próprios gnósticos aceitavam. Isso também está de acordo com o A.T., em que o «povo de Deus» é contrastado com os «pagãos», e em que os filhos da nova era são contrastados com os filhos da era antiga.

O N.T. preserva idéias vetotestamentárias quanto a essa esfera. Pois no novo pacto se lê acerca de homens «espirituais» e de homens «naturais» (ver I Cor. 2:14); onde se lê acerca de indivíduos espiritualmente regenerados e de indivíduos não regenerados (ver I Ped. 1:23 e João 3:3-5). Por igual modo, no evangelho de João lê-se que os homens que chegam a conhecer a Deus estão sendo feitos «filhos de Deus» (ver João 1:12 e ss.), o que não eram antes desse conhecimento. Portanto, temos ali, em associação, as idéias de filiação e iluminação, de mistura com as idéias de uma nova época, de um novo nascimento, em que o indivíduo abandona o paganismo e adere ao caminho santo. Isso pode ser confrontado com as palavras de Jesus, em Mat. 7:17,18: «Assim toda árvore produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons». Além disso, Jesus classificou certos homens, e até mesmo líderes religiosos, como filhos de seu pai espiritual, o diabo, em João 8:44.

Cristo manifestou-se da primeira vez a fim de destruir as obras do diabo. Mas muitos homens se têm recusado a cooperar com esse seu propósito, preferindo tomar o lado de Satanás, o qual é o inspirador dos vícios e das degradações. Em contraste com

essa expectativa em nada os santificava. Portanto, algo de errado havia com tal esperança. Não criam na «parousia» e nem estavam no processo da santificação. Seu ceticismo os prejudicava imensamente.

«...se purifica...» No grego é «agnidzo», «purificar-se», «dedicar-se». A raiz dessa palavra é «agos», algo que provoca «respeito religioso». Esse vocábulo veio a ser aplicado aos «sacrifícios» oferecidos aos deuses, ou seja, algo «separado» do uso ordinário para o uso divino. Daí a palavra veio a adquirir o sentido de «separado do mal para o divino». Mas, em usos posteriores, veio a indicar apenas a idéia de «santo», de «puro», sem qualquer alusão à sua idéia de «separação». Contudo, os crentes, ao se separarem, na realidade se «separam» do que é mundano e se «dedicam» ao que é divino.

«...ele...», isto é, Cristo. O Filho compartilha da natureza santa de Deus Pai; e essa natureza é duplicada nos filhos de Deus. (Quanto à «impecabilidade de Jesus», ver as notas expositivas sobre João 8:46 e Heb. 4:15).

«A palavra que indica 'purificação' é aplicada no N.T. com os sentidos seguintes: 1. À sabedoria (ver Tia. 3:47); 2. aos votos (ver Atos 21:24,26 e 24:18); 3. ao andar do crente (ver II Cor. 6:6; I Tim. 5:22; Tia. 4:8 e I Ped. 1:22); 4. À castidade (ver II Cor. 11:2; I Tim. 4:12; 5:2 e Tito 2:5). Nosso Senhor fornece uma lista das coisas que contaminam os homens, em Mat. 15:18. O apóstolo João provavelmente pensava em Mat. 5:9, ao assim vincular a visão futura com a pureza presente». (Sinclair, *in loc.*)

«A esperança cristã é incompatível com a indiferença moral. Ninguém, nem mesmo os «gnósticos» são elevados acima das obrigações morais. A pureza que se tem por alvo é absoluta. O padrão não é nada menos que a vida humana aperfeiçoada do Cristo glorificado... Aqueles que compareciam diante de Deus, nas festividades judaicas, tinham a obrigação de, primeiramente, purificarem-se a si mesmos de toda a imundícia levítica e cerimonial. A esperança do aparecimento perante a presença de Deus e de ver a Cristo tal como ele é, necessariamente inspira seus possuidores com o desejo de eliminarem toda a contaminação que obscurece a visão de Deus, tal como a natureza humana de Cristo foi aperfeiçoada através da disciplina e do sofrimento desta vida terrena, que agora foi exaltada até à presença desvendada do Pai». (Brooke, *in loc.*)

«Nossa glória futura não é objeto de curiosidade, e nem objeto de inquirição. Não purificar-se alguém a si mesmo é equivalente a dizer a Deus: 'Não quero a jóia que me ofereces ante os meus olhos, como a mais preciosa jóia que me prometes dar um dia—ser livre do pecado. Não dou valor a essa jóia.'» (Ebard, *in loc.*)

*Separa tempo para te santificares, fala sempre com o Senhor;  
Permanece sempre nele e alimenta-te de sua palavra.  
Par amigos dos filhos de Deus; ajuda aos fracos;  
Em nada te esqueças de buscar a sua bênção.  
Separa tempo para te santificares, o mundo se apressa;  
Passa muito tempo em segredo, sozinho com Jesus;  
Olhando para Jesus, serás como ele, finalmente;  
Teus amigos, em tua conduta, verão sua semelhança.*  
(W. D. Longstaff)

Esse hino expressa a mesma verdade do presente versículo. A santidade deve ser cultivada. Vem em resultado da aplicação dos «meios espirituais» para sua obtenção, como a busca feita pela alma, o treinamento do intelecto, o contacto com o Espírito divino, mediante a oração e a meditação, a busca e o uso dos dons espirituais.



isso, aqueles que *nascem de Deus* não «praticam» o pecado. Ser cativado por algum vício é afirmar, com a própria vida, que Satanás governa sobre ela. O pecado, em sua malignidade, inspira o ódio; e o ódio inspira o homicídio, tal como se deu com Caim. Mas, quando alguém é filho de Deus, por outro lado, inspira o amor ao próximo; pois aquele que ama cumpre à lei.

4 Πᾶς ὁ ποιῶν τὴν ἁμαρτίαν καὶ τὴν ἀνομίαν ποιεῖ, καὶ ἡ ἁμαρτία ἐστὶν ἡ ἀνομία.

4 ὁ...ἁμαρτίαν Mt 7:23

3:4: Todo aquele que vive habitualmente no pecado também vive na rebelião, pois a pecado é rebelião.

«...que pratica o pecado...» O original grego não tem qualquer palavra que corresponda a «prática». Trata-se de uma interpretação dos tradutores ou revisores. Notemos, entretanto, que a frase está vazada no participio presente, o que resulta em «...aquele que está pecando...» Isso subentende a prática do pecado, pois tal construção fala de ação contínua. Este versículo, pois, não contradiz I João 1:8,10, passagem essa que mostra claramente que ninguém é inocente, ninguém está isento de pecado, no passado ou no presente. Até mesmo os crentes têm pecado, embora não seja viciado pelo mesmo. Os crentes têm uma vida vitoriosa. Um homem pode obter vitória suficientemente significativa, de modo a não ser dominado pelo princípio do pecado, não ficando viciado pelo mesmo.

Os gnósticos, por sua vez, eram viciados em pecados sensuais, e chegavam até a asseverar que assim cooperavam com o sistema do mundo, cujo intuito seria destruir toda a matéria, a qual, para eles, era o princípio mesmo do pecado. Abusando do corpo supunham que estavam ajudando na eventual derrota da matéria, assim libertando a alma, para que pudesse alçar vôo para a realidade última. Não levavam em conta que a degradação do corpo também perverte a alma; não reconheciam a verdade que a alma, e não meramente o corpo físico, é maculado pela maldade, é intoxicada pelos venenos do diabo.

«...pecado...» No grego é «amartia», «errar o alvo», «fracasso» em viver segundo um padrão conhecido. Mas o vocábulo aqui empregado indicava todas as espécies de erro, de perversão e de pecado, sem atender ao sentido de sua raiz original. Qualquer tipo de ação errônea está em foco, qualquer ato contrário à moralidade e ao padrão divinos.

«...o pecado é a transgressão da lei...» O autor sagrado oferece-nos aqui uma definição possível de «pecado», bastante lata, mas não a única possível. O pecado pode ser praticado por «omissão» (ver Tia. 4:17); e os pagãos, que não tinham lei—no sentido de uma legislação divinamente dada—mesmo assim pecavam. (Ver o segundo capítulo da epístola aos Romanos). A «lei...», neste caso, certamente é a «lei mosaica», e não a nova lei do Espírito, revelada no evangelho. Porém, apesar de poderem ser dadas outras definições de pecado, o autor sagrado não estava interessado em qualquer delineamento completo do que pode ser o pecado. Para o seu argumento, bastava que o chamasse de «transgressão da lei». O «desregramento» dos gnósticos era ato condenado peremptoriamente na legislação mosaica, pelo que o conceito de pecado como «transgressão da lei» servia de instrumento adequado para ser usado contra os falsos mestres. É possível que essa definição de pecado tenha sido escolhida porque os mestres gnósticos negavam a autoridade do A.T. O autor sagrado afirma, por conseguinte, a despeito do que os gnósticos asseveravam em contrário, que a lei de Deus, revelada no A.T., os condenava. Os gnósticos desconsideravam o sétimo mandamento, além de outros similares. Julgavam-se acima da lei. No entanto, a lei os condenava. É como se então o autor sagrado advertisse a seus leitores: «Cuidai para que não sejais numerados entre eles. Cerinto deve ser confrontado com Moisés».

«A gravidade do pecado ou de atos pecaminosos é salientada pela identificação dos mesmos com o «desregramento», termo que parece indicar o pecado em toda a sua enormidade e blasfêmia, a julgar pela caracterização do anticristo, em II Tes. 2:7,8, como o «iníquo», e suas atividades como o «mistério da iniquidade». O trecho de Mat. 24:12 também cita o aumento da iniquidade como um dos sinais da tribulação messiânica. Os cismáticos iluminados e jubilosos talvez dessem excessiva importância ao fato que não estavam acima de toda a lei, sem apreciarem que não estavam 'sem lei para com Deus, mas sob a lei de Cristo' (I Cor. 9:21). Irineu aludiu aos hereses, que supunham que 'devido à nobreza de sua natureza, em grau algum podiam contrair poluição, sem importar o que comessem ou fizessem' (Contra Heresias, II. 14:5); e noutra oportunidade fala daqueles para quem o bem e o mal são apenas questões de opinião humana (op. cit., II.32.1)». (Wildier, in loc.).

É claro que os gnósticos distorciam a doutrina da «liberdade cristã», proclamada por Paulo. Ele aludia a questões «indiferentes», como a

5 καὶ οἴδατε ὅτι ἐκεῖνος ἐφανερώθη ἵνα τὰς ἁμαρτίας ἄρῃ, καὶ ἁμαρτία ἐν αὐτῷ οὐκ ἐστίν.

5 (C) ἁμαρτίας A B P 33 436 645 1241 1730 1961 1978 2061 2062 2063 2064 2065 2066 2067 2068 2069 2070 2071 2072 2073 2074 2075 2076 2077 2078 2079 2080 2081 2082 2083 2084 2085 2086 2087 2088 2089 2090 2091 2092 2093 2094 2095 2096 2097 2098 2099 2100 2101 2102 2103 2104 2105 2106 2107 2108 2109 2110 2111 2112 2113 2114 2115 2116 2117 2118 2119 2120 2121 2122 2123 2124 2125 2126 2127 2128 2129 2130 2131 2132 2133 2134 2135 2136 2137 2138 2139 2140 2141 2142 2143 2144 2145 2146 2147 2148 2149 2150 2151 2152 2153 2154 2155 2156 2157 2158 2159 2160 2161 2162 2163 2164 2165 2166 2167 2168 2169 2170 2171 2172 2173 2174 2175 2176 2177 2178 2179 2180 2181 2182 2183 2184 2185 2186 2187 2188 2189 2190 2191 2192 2193 2194 2195 2196 2197 2198 2199 2200 2201 2202 2203 2204 2205 2206 2207 2208 2209 2210 2211 2212 2213 2214 2215 2216 2217 2218 2219 2220 2221 2222 2223 2224 2225 2226 2227 2228 2229 2230 2231 2232 2233 2234 2235 2236 2237 2238 2239 2240 2241 2242 2243 2244 2245 2246 2247 2248 2249 2250 2251 2252 2253 2254 2255 2256 2257 2258 2259 2260 2261 2262 2263 2264 2265 2266 2267 2268 2269 2270 2271 2272 2273 2274 2275 2276 2277 2278 2279 2280 2281 2282 2283 2284 2285 2286 2287 2288 2289 2290 2291 2292 2293 2294 2295 2296 2297 2298 2299 2300 2301 2302 2303 2304 2305 2306 2307 2308 2309 2310 2311 2312 2313 2314 2315 2316 2317 2318 2319 2320 2321 2322 2323 2324 2325 2326 2327 2328 2329 2330 2331 2332 2333 2334 2335 2336 2337 2338 2339 2340 2341 2342 2343 2344 2345 2346 2347 2348 2349 2350 2351 2352 2353 2354 2355 2356 2357 2358 2359 2360 2361 2362 2363 2364 2365 2366 2367 2368 2369 2370 2371 2372 2373 2374 2375 2376 2377 2378 2379 2380 2381 2382 2383 2384 2385 2386 2387 2388 2389 2390 2391 2392 2393 2394 2395 2396 2397 2398 2399 2400 2401 2402 2403 2404 2405 2406 2407 2408 2409 2410 2411 2412 2413 2414 2415 2416 2417 2418 2419 2420 2421 2422 2423 2424 2425 2426 2427 2428 2429 2430 2431 2432 2433 2434 2435 2436 2437 2438 2439 2440 2441 2442 2443 2444 2445 2446 2447 2448 2449 2450 2451 2452 2453 2454 2455 2456 2457 2458 2459 2460 2461 2462 2463 2464 2465 2466 2467 2468 2469 2470 2471 2472 2473 2474 2475 2476 2477 2478 2479 2480 2481 2482 2483 2484 2485 2486 2487 2488 2489 2490 2491 2492 2493 2494 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000

5 τὰς...ἄρῃ Ja 1:29; 1 Pe 2:24; 1 Jo 2:2; 4:10 ἁμαρτία...ἐστίν Ja 3:9; Jo 8:46; 2 Cor 5:21; He 4:15; 7:26; 9:14; 1 Pe 1:19; 2:22; 3:16

A maioria da comissão preferiu a forma ἁμαρτίας, apoiada por A B 33 1739 it (h,65) sir (h) cóp (bo) ara, e considerou a forma com ἡμῶν (N C K I. Ψ maioria dos minúsculos vg sir (p) cóp (sa,fay) al) como resultado de assimilação escríbal a passagens como 2:2 e 4:10.

3:5: E bem sabeis que ele se manifestou para tirar os pecados; e nele não há pecado.

«...Sabeis...» E como se o autor sagrado estivesse dizendo: «Sabeis mais do que os mestres gnósticos ensinam». Os gnósticos negavam que Jesus tivesse vindo «pelo sangue», isto é, que sua missão tivesse qualquer coisa a ver com uma expiação cruenta. Supunham que toda a sua autoridade provinha de seu «batismo», pelo que também ele teria vindo apenas «pela água» (ver I João 5:6). Negavam que o suposto «aeon» que eles imaginavam ser o «Espírito-Cristo» pudesse morrer, ou que realmente tenha morrido. Somente o homem Jesus é que teria morrido, ao passo que seu «aeon» tê-lo-ia abandonado antes da crucificação. A morte de Jesus por

observância (ou não) de dias santificados religiosos, o comer de carnes (ou abstenção das mesmas), a ingestão de bebidas, que não tinham significação especial por si mesmas. Os gnósticos aplicavam a regra de «questões indiferentes» a todas as formas de atos morais; assim, tornavam-se «desregrados», «sem lei». O autor sagrado ataca o antinomianismo dos mestres gnósticos como algo proveniente do diabo, algo inspirado por ele.

#### A Natureza Do Pecado

1. O pecado é cósmico em sua natureza. Nenhum ser humano peca sozinho. O pecado sempre fará parte de uma rebelião cósmica contra Deus e contra a retidão. O oitavo versículo enfaticamente assevera que aquele que «pratica o pecado» é do diabo. Esse ser maligno é intitulado «o deus deste mundo» (ver II Cor. 4:4), e muitos são seus súditos e escravos. Será necessária uma providência cósmica para remover o pecado, e o julgamento tomará conta disso.

2. Mas o pecado também é pessoal. Embora as forças satânicas forneçam a agitação (ver Efê. 6:11 e ss.), o indivíduo é responsável pelas suas ações, e, portanto, ele é convocado a arrepende-se. O homem não pode alterar o quadro cósmico, mas pode ser pessoalmente redimido. (Ver as notas sobre o «arrependimento», em Atos 2:38).

3. Sem importar se cósmico ou pessoal, o fato é que o pecado é, definitivamente, uma questão de rebelião. O pecado tem por escopo destruir uma alma eterna (ver I Ped. 2:11). O pecado é algo muito mais sério do que aquilo que gostamos de pensar a seu respeito.

4. Foi preciso a missão de Cristo para dar solução ao problema do pecado (ver Rom. 5:1; Col. 1:20 e Efê. 1:10).

O progresso espiritual pode ser aquilatado pelo grau de obediência que estivermos prestando a Deus. O progresso espiritual envolve a rejeição das fortalezas do pecado e seus vícios. O progresso aumenta com a santificação. Mas aqueles que praticam os vícios não podem herdar o reino de Deus (ver Gál. 5:21 e Efê. 5:5). O que é «linito» não pode lançar-se contra o que é «inlinito». O indivíduo não pode negar a validade e a natureza obrigatória da lei de Deus. Aqueles que assim fizerem estarão em rebelião aberta contra Deus. É patente que os filhos do Pai não podem andar em rebelião contra ele. Aqueles que se opõem a Deus dificilmente podem tê-lo como Pai.

Há interpretações errôneas e parciais do presente versículo. Alguns estudiosos, não percebendo que a «prática» de pecado está em foco, têm dado sentidos errôneos a este versículo, conforme se vê nos pontos seguintes: 1. Os pecados referidos, segundo alguns, seriam os veniais e não os mortais (conforme a interpretação da Igreja Católica Romana). 2. Lutero, Agostinho e outros pensavam que seriam os pecados dos quais os homens não se têm arrependido, feitos especificamente contra o próximo.

Na realidade, o «pecado» aqui referido envolve todas as formas de transgressão, mas vistos como praticados, e que viviam aos homens. Comenta Lange (in loc.): «Nem 'amartia' (pecado) e nem 'anomia' (desregramento) são qualificados por qualquer coisa que pretenda estreitar isso (a atitude refratária, oposta à lei), o seu significado, e nem pode tal qualificação ser adicionada com base no contexto (como o não amar, etc.).»

Há aqueles que explicam a «lei» como qualquer princípio moral divino, sem qualquer vinculação à legislação mosaica. Mas essa opinião é obviamente errônea. A «lei mosaica», naturalmente, subentende a natureza moral de Deus, em geral, onde quer que isso tenha aplicação; mas a lei do A.T. está em foco aqui, não tenhamos dúvidas sobre isso. E o termo «iniquidade» indica infrações contra a lei «moral», em contraste com a lei «cerimonial», que envolve preceitos indiferentes do ponto de vista moral. Isso, até certo ponto, é uma verdade, mas o autor sagrado (tal como os judeus em geral), não queria estabelecer nenhuma distinção assim sutil.

Finalmente, este versículo não pretende ensinar a «perfeição impecável». Ficarmos totalmente sem pecado é o grande alvo, o objetivo mesmo da transformação moral dos remidos; mas o trecho de I João 1:8,10 deixa perfeitamente claro que esse alvo não será e nem poderá ser atingido enquanto a alma estiver cativa no corpo. Antes, o versículo ensina-nos a vitória sobre o pecado, a possibilidade de um andar verdadeiramente santo; e isso é um grandioso princípio.

ἄρῃ, καὶ ἁμαρτία ἐν αὐτῷ οὐκ ἐστίν.

2496 Bz Lact vg syr cop Athanasius Pa-Oecumenius Theophylact ἁμαρτίας τοῦ σώματος 629

5 τὰς...ἄρῃ Ja 1:29; 1 Pe 2:24; 1 Jo 2:2; 4:10 ἁμαρτία...ἐστίν Ja 3:9; Jo 8:46; 2 Cor 5:21; He 4:15; 7:26; 9:14; 1 Pe 1:19; 2:22; 3:16

consequente, não teria qualquer significação. Tudo quanto o «Espírito-Cristo» teria realizado tê-lo-ia feito em vida, e não na morte. O autor sagrado já mostrara que Jesus era o Cristo (identidade de ser; ver I João 2:22), e que parte da sua missão era a sua morte expiatória (ver I João 2:1,2), uma parte indispensável. Notemos, por semelhante modo, que a segunda epístola de Pedro foi escrita contra a heresia gnóstica, onde se lê que os falsos mestres tinham «negado ao Senhor, que os comprara», o que é uma alusão à expiação como resgate. (Ver I Ped. 2:1. Comparar essa passagem com João 1:29 que tem fraseado similar ao do presente versículo: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo»). Os gnósticos, por

consequente, negavam qualquer verdadeira «encarnação» do Espírito-Cristo, o «aeon», o qual, na opinião deles, nunca poderia ter-se tornado carne. Meramente ter-se-ia apossado, por algum tempo, do corpo físico de Jesus. Bem ao contrário disso, a doutrina cristã diz que a encarnação era perfeitamente real, provendo meio para uma expiação autêntica pelo pecado. (Ver as notas expositivas completas sobre a «expiação», em Rom. 5:11).

«...se manifestou...» No grego é «phaneroo», vocábulo esse usado para indicar o primeiro advento de Cristo, a sua «epifania». (Ver I Tim. 3:16 e I Ped. 1:20). No segundo versículo deste capítulo, essa palavra é usada para falar sobre a segunda vinda de Cristo, a «parousia».

O aparecimento de Cristo, pois, reveste-se de capital valor para os homens, tanto porque ele viveu (sendo o Pioneiro do caminho para Deus; ver Heb. 2:10), como também porque ele morreu (como expiação pelos nossos pecados).

«...nele não existe pecado...» Essa declaração tem quatro significados tencionados, a saber: 1. Os gnósticos supunham que o «aeon» inferior que entrou em contacto com esta esfera terrena, estava tão distanciado do Fogo central (Deus) que teve problemas pessoais, como defeitos e pecados, o que explicaria o caos que há nesta nossa terra. Outro tanto teria sucedido com outros mundos. Mas o autor sagrado nega que Cristo fosse apenas um «aeon». 2. Outrossim, mostra ele que nossa santidade é algo absolutamente necessário, porquanto aquele em quem permanecemos é impecável. Ao permanecermos nele, também devemos obter a vitória sobre o pecado, embora, por enquanto, não possamos compartilhar plenamente de sua impecabilidade. (Quanto a notas expositivas completas sobre a impecabilidade de Cristo, que é um tema comum, nas páginas do N.T., ver João 8:46 e Heb. 4:15). Essas duas referências envolvem o ensinamento inteiro do N.T. sobre esse tema, com várias passagens que o reforçam. (Ver igualmente os trechos de Heb. 7:26 e 9:13). 3. A menção da impecabilidade de Cristo

6 πᾶς ὁ ἐν αὐτῷ μένων οὐχ ἁμαρτάνει· πᾶς ὁ ἁμαρτάνων οὐχ ἑώρακεν αὐτόν οὐδὲ ἔγνωκεν αὐτόν.

6 πᾶς...μένων Ro 6:2, 14; I Jo 3:9

3:6: Todo o que permanece nele não vive pecando; todo o que vive pecando não o viu nem o conheceu.

«...aquele que permanece nele...» Encontramos aqui um termo místico, dando a entender o companheirismo com Deus Pai e com Deus Filho, mediante a mediação do Espírito Santo, que em nós habita. (Isso pode ser comparado com a expressão paulina, «em Cristo», usada por cento e sessenta e quatro vezes em suas diversas epístolas. Isso é comentado em I Cor. 1:4). O primeiro capítulo desta epístola salienta a «comunhão» com o Pai e com o Filho. (Ver especialmente os versículos sexto e sétimo do mesmo). A prova de que temos comunhão com o Senhor é que andamos em sua «luz», estando livres das obras próprias das trevas. A comunhão com Deus está condicionada à santidade; a salvação inteira está presa à mesma condição. (Ver I João 2:24,25).

A Palavra de Deus permanece em nós, e, através dela, permanecemos no Filho e no Pai. O resultado natural é que sua promessa de «vida eterna» se torna uma realidade em nós, começando agora na forma que os homens mortais podem conhecer, enquanto esperam o grande salto para adiante, que ocorrerá quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo (ver I João 3:2), quando já estivermos na eternidade. Ora, se permaneceremos em Cristo, teremos «confiança», não havendo qualquer necessidade de nos sentirmos envergonhados ante a sua vinda (ver I João 2:29). A permanência em Cristo nega o poder do diabo sobre nossas vidas, embora ele seja o «deus» deste mundo. Aquele que não permanece no Senhor «prática» o pecado, pelo que também pertence ao diabo (ver o oitavo versículo deste capítulo). Porém, o ter alguém nascido de Deus elimina sua associação com o diabo, conferindo-lhe a vitória sobre seu reino tenebroso. (Ver I João 3:9,10).

Cristo é impecável. (Ver o quinto versículo deste capítulo). A união com ele, por conseguinte, nos confere a vitória sobre o pecado, desde agora, e, finalmente, nos propiciará a total libertação do pecado. Naturalmente, essa união envolve muito mais do que isso, porque, eventualmente, nos proporcionará também a própria natureza de Cristo, o que é algo muito mais elevado que a mera inocência, ainda que isso seja impossível, antes que, primeiramente, o pecado seja banido. «Onde estiver o pecado, é que a visão de Cristo ainda não foi aperfeiçoada». (Brooke, *in loc.*). Sim, segundo a extensão em que a visão de Cristo é deixada clara e se faz atuante em nossas vidas, nessa mesma proporção segue-se a santificação. O trecho de João 15:4-10 oferece-nos a figura simbólica da vinha e seus ramos, como ilustração da questão da «permanência» em Cristo. Conforme essa vida de Cristo vai sendo insuflada em nós, naturalmente, vamos recebendo a sua santidade. Todavia, a sua vida também nos transforma e espiritualiza, até que chegaremos a compartilhar da mesma natureza de Cristo. (Ver I João 3:2).

«...não vive pecando...» O original grego simplesmente diz «não peca», mas essa frase está vazada no tempo presente, que dá a idéia de uma ação contínua. Portanto fica subentendido o hábito de pecado, e a tradução portuguesa que aqui temos dificilmente poderia ser melhor. Um crente peca, não tenhamos dúvidas; mas não vive dominado pelo princípio do pecado. Isso concorda com a passagem de I João 1:8,10, onde o autor sagrado afirmara que ninguém vive sem pecado (no passado ou no presente).

Há outras interpretações sobre essa expressão, que são menos adequadas do que aquela que aqui expomos, ou que são mesmo abertamente errôneas, a saber:

1. Não estariam em foco pecados mortais (embora pecados veniais pudessem estar em pauta). Essa é a posição da Igreja Católica Romana, principalmente.

2. Outros dizem: «Até onde e quando permanecemos em Cristo», não

mostra-nos que, na encarnação, e por ser impecável, ele podia fazer expiação em favor dos pecadores. Se ele mesmo precisasse de perdão de pecados, impossível ser-lhe-ia ter feito expiação pelos outros. Sua impecabilidade, por conseguinte, o qualificou para sua missão encarnada. 4. Cristo ofereceu-nos o maior «exemplo de resistência contra o pecado».

«...tirar...» Essa palavra dá a entender o «sacrifício» de Cristo, que fez expiação, na qualidade de «cordeiro». Ou o «bode expiatório» pode estar em foco. O Senhor Jesus tirou o pecado de seu povo. Cristo «tira» o pecado pela expiação mediante o seu sangue; mas ele continua a tirá-lo através da «santificação»; e isso está também envolvido no presente versículo. Cristo veio a fim de proporcionar-nos uma vida nova; e essa nova vida requer ambos esses elementos—a expiação e a santificação.

Em termos gerais, este versículo ilustra a «incompatibilidade» da vida no pecado, em que o indivíduo é escravo do pecado, com a vida de um filho de Deus. A participação na vida ressurrecta de Cristo deve mostrar-se eficaz, conferindo aos seguidores de Cristo a sua própria natureza santa, porquanto sua morte visou a expiação por nossos pecados.

«O Filho de Deus se manifestou com a nossa natureza a fim de vindicar e exaltar a lei divina; e isso fez mediante a obediência ao preceito e mediante a sujeição e o sofrimento debaixo da sanção penal, debaixo de sua maldição, a fim de retirar a culpa do pecado, através do sacrifício de si mesmo, assim implantando a nova natureza em nós; e a fim de dissuadir e salvar do pecado, pelo seu próprio exemplo». (Matthew Henry, *in loc.*).

*Variante Textual:* As palavras «nossos pecados» figuram nos mss Aleph, CKL, Psi, a maioria dos manuscritos minúsculos, o Vg, o Sir(p), o Copt(a), lat, h, 66, o Sir(h), o Cóp(h) e o Ara. Não é muito provável que alguma escriba tivesse omitido o vocábulo personalizador «nossos», se porventura essa fosse parte do original. Porém, facilmente se pode imaginar alguns escribas acrescentando-a a fim de personificar o versículo, ou em assimilação a determinadas passagens como I João 2:2 e 4:10.

pode haver pecado cometido; mas, em momentos de «lapso de comunhão» o pecado aparece. Contudo, tal pecado não será habitual, mas normalmente o crente contará com o poder da comunhão de Cristo. Isso naturalmente, é a verdade, mas não é muito provável que o autor sagrado tivesse antecipado um refinamento dessa natureza.

3. Vários comentadores têm dito que João fala aqui sobre um «ideal», tendo-se expresso em termos absolutos, sem indicar as exceções necessárias à regra, a fim de manter a força de seu argumento. Isso é possível. Um autor poderia expressar-se desse modo, deixando a seus leitores a tarefa de entenderem que nem por isso se espera a perfeição absoluta, como se tal fosse reputado possível.

4. O autor sagrado pode ter querido dar a entender (conforme o faz mais claramente no nono versículo), que a «nova natureza» é absolutamente perfeita, não se envolvendo em atos de pecado, ao passo que a antiga natureza carnal é que encerra ainda o problema. Isso é uma verdade, mas não é provável que seja o que está aqui em foco.

5. Similar à posição anterior é aquela que diz que o crente não pratica pecado «voluntário». Quando peca, age de modo «contrário à sua natureza», que adquiriu mediante a regeneração. Naturalmente, isso é uma verdade; contudo, a idéia da «prática de pecado» é a interpretação provavelmente mais correta.

«...aquele que vive pecando não o viu...» Acerca disso, consideremos os seguintes dois pontos:

1. Alguns estudiosos pensam que isso significa «não ter visto» (ou conhecido) ao próprio Jesus, conforme foi privilégio dos apóstolos. Pode haver nisso uma declaração polêmica contra os gnósticos «posteriores», que supunham que seu ensinamento poderia substituir a doutrina dos apóstolos. Eles não teriam visto e nem conhecido ao Senhor, pelo que eram praticantes do pecado. Se o tivessem visto, teriam compreendido plenamente o erro de seu sistema, que permitia e até encorajava a prática da imoralidade. Essa interpretação nos dá um bom sentido, mas não é provável que esteja aqui em foco a visão «física» de Cristo. O fraseado, entretanto, mui provavelmente foi tomado por empréstimo do evangelho de João, que falava da visão literal. (Ver João 3:11, que diz: «Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto, contudo não aceitais o nosso testemunho». Ver também João 15:24: «Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas agora não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como a meu Pai»). É possível que o trecho de João 6:40 também pertença a essa categoria: «De fato a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia».

2. O mais provável é que a «visão espiritual» é que está em foco aqui. Podemos «compreender» a importância de Cristo e de sua missão, aceitando-o como o nosso Salvador e Senhor. Trata-se de uma verdadeira «visão» de Cristo e de sua missão, além de ser a maneira mais apropriada de vê-lo. Por isso é que João 14:7 fala sobre a «visão espiritual» apropriada do Pai e do Filho. Aquele que «viu» ao Filho já «viu» ao Pai, isto é, veio a compreender as exigências espirituais, contidas em Cristo e em sua missão.

A visão salvadora de Cristo liberta do pecado. Aquele que ainda não recebeu a experiência da visão purificadora, continua no pecado. A alma se torna convicta da verdade, da beleza, da perfeição do amor e do poder de Cristo, e disso consiste a visão purificadora e salvadora.

«...nem o conheceu...» A «visão purificadora» nos ilumina, de forma que ficamos sabendo, no nível da alma, quem é Cristo, o que ele tem feito e o que espera de nós. Ele espera a nossa lealdade, tendo-se tornado nosso Senhor. Ao tornar-se ele nosso Senhor, ele nos santifica, pois nenhum homem tem a Jesus como Salvador se também não o tem como seu Senhor e



Santificador. Aqueles que não estão sendo santificados, pois, não podem afirmar que «conhecem a Cristo». Esse «conhecimento» é mediado através da comunhão mística. Trata-se de uma experiência espiritual, e não do mero conhecimento intelectual. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «conhecimento cristão», ver II Ped. 1:2). Os gnósticos afirmavam ser possuidores de grande «gnosis» ou «conhecimento»; e o nome de seu grupo provinha desse vocábulo grego. No entanto, andavam em licenciosidade e em vícios. Isso mostrava que tudo quanto sabiam não provinha de Cristo. Tinham eles uma forma falsa de misticismo. O misticismo autêntico (a permanência em Cristo) é uma força santificadora. Saber e ver são termos que expressam «concretização espiritual»; e a santificação necessariamente faz parte disso. (Ver Rom. 6:22, que diz: «Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação, e por fim a vida eterna»).

«...viii...» No dizer de Alford (*in loc.*): «...uma visão intuitiva e imediata

7 Τεκνία, μηδεὶς πλανᾷτω ὑμᾶς ὁ ποιῶν τὴν δικαιοσύνην δίκαιός ἐστιν, καθὼς ἐκεῖνος δίκαιός ἐστιν

7 δ...δοτεν I Jo 2.20

3:7: Filhos, ninguém vos engane; quem pratica a justiça é justo, assim como ele é justo;

«...Filhinhos...» Uma expressão própria do apóstolo João, conforme o demonstram citações extraladas dos primeiros pais da igreja. O idoso apóstolo João referia-se a seus irmãos na fé como «criancinhas» (conforme seria a tradução mais literal do termo grego aqui usado), pois, em comparação com ele mesmo, eram infantes na fé. O termo expressa afeto, da parte de um pai por seus filhos. (Ver as notas expositivas sobre essa expressão em I João 2:1. Também ocorre em I João 2:1, 12, 13, 18, 28; 3:7, 18; 4:4 e 5:21).

«...vos enganar...» Os falsos mestres gnósticos procuravam convencer aos cristãos que a mensagem de Cristo não tem imperativo moral. A verdade é o contrário exato. No entanto, ninguém pode exagerar o imperativo moral do evangelho, pois sem a santificação é impossível a própria salvação. (Ver II Tes. 2:13; Rom. 6:22 e Heb. 12:14).

Os gnósticos se consideravam dotados de altíssimo conhecimento, estando «acima da lei». Mas a exaltação deles vinha através de um falso misticismo, porque não os conduzia ao Cristo santo. O Santo (ver I João 2:20 e as notas expositivas ali existentes) é o padrão de nossa santidade e de nossas ações. Se ele é o Homem ideal que procuramos que seja duplicado em nós (o que é o grande alvo do evangelho), então suas boas obras e sua santidade também devem fazer parte da natureza espiritual em nós infundida. Mas os gnósticos se tinham enganado a si mesmos, não tendo a Cristo como seu ideal. O pior é que procuravam enganar a outros nesse particular. «Replico que quando alguém conhece a Deus, o coração é invadido de anelo e suas ordens são tidas em maior veneração do que antes». (Al-Hujwiri, um místico islamita). O verdadeiro misticismo aprofunda o desempenho moral. Santa Teresa (1515-1582), ao ser acusada de tor experiências místicas através do poder de Satanás, replicou que isso não podia ser, porque suas visões a tinham transformado moralmente. De fato, a maior prova isolada de um «verdadeiro misticismo» é a *próva moral*. Se isso nos torna melhores e nos santifica, podemos estar bem certos que não provém de Satanás. Satanás simplesmente nunca se ocupa em melhorar as pessoas moralmente.

O texto apresenta-nos Cristo como o Homem ideal. Notemos que, no trecho de II Cor. 3:18, é dito que a contemplação contínua de Cristo, como

8 ὁ ποιῶν τὴν ἁμαρτίαν ἐκ τοῦ διαβόλου ἐστίν, ὅτι ἀπ' ἀρχῆς ὁ διάβολος ἁμαρτάνει. εἰς τοῦτο ἐφανερώθη ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, ἵνα λύσῃ τὰ ἔργα τοῦ διαβόλου.

8 ὁ ποιῶν... ἁμαρτάνει Jo 8.44

3:8: quem comete pecado é do Diabo; porque o Diabo pecou desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo.

O autor sagrado agora chega à sua mais séria consideração no que tange ao pecado. O pecado não é meramente um ato ou uma condição humana. Envolve uma significação «cósmica». Tem por seu originador um tipo de «deus» supremo da maldade, a quem chamamos «diabo» ou «Satanás». Por toda a parte, o N.T. dá a entender a existência de um supremo deus pessoal do mal, tal como por toda a parte subentende a existência de Deus, o Supremo Bem. Há excelentes evidências de que forças espirituais malignas existem e afetam as vidas dos homens para pior. A esses chamamos de «demônios», embora certamente nenhuma única «espécie» de entidade é assim referida. Há notas expositivas completas sobre «Satanás», em Luc. 10:18 e João 8:44. Ver acerca dos «demônios», em Marc. 5:2 e sobre a «posseção demoníaca», em Mat. 8:28. Segundo certo ponto de vista, a história é a crônica de como as forças espirituais do bem procuram ser abraçadas pelas forças espirituais do mal—como Deus luta contra Satanás, buscando a lealdade de seres inteligentes, humanos e angelicais. Não força o Senhor Deus a ninguém a segui-lo; antes, permite que os homens aprendam que seu caminho é o certo, chegando eles a escolhê-lo porque o mesmo conduz ao bem-estar da alma, ao passo que a escolha do erro resulta na destruição e na tristeza. Essa é a razão por que os processos históricos ocupam tão prolongado tempo. Os seres inteligentes só aprendem essa lição mui lentamente. Mas Deus é dotado de paciência extrema. Cristo foi enviado para mostrar aos homens o caminho certo, para ajudá-los a tomarem a decisão certa, em favor do bem. O homem calra para muito longe de Deus, tendo ficado mergulhado no pecado, de tal modo que, sem Jesus Cristo, não pode haver retorno a Deus. O fato que podemos retornar a Deus, entretanto, deve-se inteiramente à graça divina. (Ver as notas expositivas completas acerca da «graça», em Efé. 2:8).

As Sagradas Escrituras apresentam Satanás como um gênio depravado, dotado de tremendo poder perverso. Devido às suas más qualidades, porquanto nele não há qualquer bem, ele tem podido cativar a grande maioria dos homens, e, talvez uma terça parte dos seres angelicais. (Ver

das realidades divinas, tal como a que o Cristo tem do Pai e das coisas celestes (ver João 3:11, 32; 6:46 e 8:38)).

Notemos, no original grego, os perfeitos com os verbos «ver» e «conhecer». Trata-se de uma visão da alma, que já teve lugar mas que continua no presente. «Nenhum daqueles que professa fé, peca; e nenhum daqueles que ama, odeia. Aqueles que se professam cristãos, manifestar-se-ão por aquilo que fazem». (Inácio, *Ad. Epe.*).

«Cristo nunca fica dormente onde reina, mas o Espírito torna eficaz o seu poder. E pode-se dizer corretamente a respeito dele que ele põe o pecado em fuga, em nada diferente, pois, da forma como o sol expulsa quais trevas com seu resplendor. E novamente somos ensinados, neste lugar, quão forte e eficaz é o conhecimento de Cristo, porquanto nos transforma em sua imagem». (Calvino, *in loc.*).

que em um espelho, finalmente nos transforma segundo os moldes da Imagem ideal. Isso é natural, porque é a imagem e a natureza de Cristo, o Deus-homem, que os remidos estão destinados a compartilhar (ver Rom. 8:29 e a nota de sumário sobre o tema, ali existente). A natureza santa de Cristo é insuflada em nós (ver Gál. 5:22, 23); e em seguida a sua natureza metálica também se torna nossa (ver I João 3:2). Então é que seremos bons como ele é bom, santo como ele é santo, praticantes do bem como ele o é.

«O apóstolo rebate qualquer vã pretensão por meio de um princípio incisivo: um caráter reto se expressa mediante a conduta reta. Cristo é o modelo. Ele era o 'filho de Deus'; e se somos 'filhos de Deus', devemos ser parecidos com ele». (Smith, *in loc.*).

O autor sagrado «quebra o encanto do bruxo gnóstico». (Robertson, *in loc.*).

«Em suas relações com outros homens, fará o que é justo; e em suas relações para com os deuses, fará o que é santo; e aquele que faz o que é justo e santo não pode ser outra coisa senão justo e santo». (Platão, *Gorgias*, 507).

O autor sagrado não tolerava qualquer «ideal inferior». O *Ideal supremo* é o Homem ideal, que nos conduz à santidade, com base no que chegamos a adquirir a natureza divina (ver II Ped. 1:4).

Este versículo não ensina o esforço humano como base para a obtenção da santidade. No dizer de Lutero: «As boas obras de piedade não fazem um homem tornar-se piedoso, mas um homem piedoso faz obras boas... O fruto cresce da árvore, e não a árvore do fruto». Naturalmente, os frutos são sementes de novas árvores. Crescemos na santidade através de sua prática; mas, até mesmo nesse caso, esse é o resultado da operação divina no íntimo, embora isso requiera a cooperação e o assentimento da livre-vontade humana. (Ver Fil. 2:12, 13, onde isso fica claro).

Este versículo ensina mais do que «seguirmos o exemplo deixado por Cristo». Isso é algo que precisamos fazer; mas nossa fé ainda é mais profunda do que isso. A santidade e a bondade de Cristo nos são infundidas misticamente, através da presença do Espírito, que em nós habita. «Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito» (Gál. 5:25). Se a santidade houver sido insuflada em nossos corações, a maldade não se apossará de nossos pés, mãos, língua e olhos.

Apo. 12:4).

«Uma das piores fantasias de nossa era é a ilusão de que o mal não tem raízes metafísicas. Os «enganadores» dizem-nos que o mal é apenas uma escrescência da evolução ou um subproduto cultural; que é o resultado de sistemas econômicos errôneos (conforme diz o comunismo), ou a educação insuficiente (conforme diz o gnosticismo em roupas modernas); que é a imaturidade psicológica ou o desequilíbrio biológico; que resulta do fracasso em aplicar o método científico; ou que é simplesmente invenção dos sacerdotes-feiticeiros. A história recente tem desmascarado em parte a superficialidade de todo esse pensamento positivista. Seja como for, a resposta é dada nas palavras da epístola: O pecado é do diabo... desde o princípio». (Hoon, *in loc.*).

«A idéia de falsos irmãos, derivados de Satanás, encontra uma expressão análoga no apelo de Inácio aos Efésios, no sentido que 'nenhuma planta do diabo seja encontrada em vós' (Efésios 10:3). Encontramos uma declaração mais completa dessas idéias, expressas neste versículo, em João 8:44 e seu contexto, onde Jesus assevera acerca de seus adversários: 'Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade'. O anção e sua fonte informativa, neste ponto, preocupavam-se ante a misteriosa profundidade e malignidade do pecado». (Hoon, *in loc.*).

«...vive pecando desde o princípio...», isto é, desde o princípio em que se voltou para o mal. As Escrituras não vêem Satanás como quem sempre foi mau. Essas palavras não indicam, pois, «desde o princípio da criação»; e nem está em foco a queda do homem». Está em pauta o antediluviano pecado original. Satanás fez má escolha. Pensou que poderia derrubar a Deus; seu coração se orgulhou. Todas essas coisas lhe foram possíveis porque é uma criatura de livre-arbítrio. Até então escolhera o bem. As Escrituras apresentam-no como o mais elevado dos poderes angelicais, ser dotado de tremendo poder, beleza e inteligência; mas grande foi a sua queda. A escolha foi feita algum tempo na remota eternidade passada. A partir daquele ponto em diante, expulsou rapidamente todo o bem que seu ser tinha e se tornou a eptome do mal. Vem «praticando o pecado» por um

tempo tremendamente longo. Aqueles a quem ele seduz também «praticam o pecado», tornando-se seus filhos pela força da prática. O décimo segundo capítulo do livro de Apocalipse e o décimo quarto capítulo do livro de Isaías nos fornecem algumas informações sobre a «queda cósmica», o começo do pecado nas dimensões celestiais. A infecção, finalmente, espalhou-se por todos os rincões da criação, incluindo esta terra. Satanás tornou-se pai, tal como Deus é pai. No entanto, ele infunde sua perversa natureza naqueles que praticam o mal, do mesmo modo que Deus infunde sua natureza em seus filhos, que praticam a santidade.

«...para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo...» A situação se tornara desesperadora. Somente o Verbo eterno, o Filho de Deus, manifestado diretamente na carne, a fim de ajudar ao homem diretamente, poderia encontrar solução para o problema. Sua manifestação, sua vida e sua morte expiatória afetam todos os níveis da criação, e não somente a criação terrena. Isso é ensinado em Col. 1:20, sendo ilustrado no primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Cristo produzirá uma restauração universal, de tal modo que tudo encontrará nele a razão e o alvo de sua existência. (Ver Ef. 1:10 quanto a esse fato. Quanto a outros trechos bíblicos que ensinam a significação cósmica da missão de Cristo, ver Luc. 10:18; João 12:31; Atos 10:38 e Col. 2:15). O Filho de Deus

9 Πᾶς ὁ γεγεννημένος ἐκ τοῦ θεοῦ ἁμαρτίαν οὐ ποιεῖ,<sup>a</sup> ὅτι σπέρμα αὐτοῦ ἐν αὐτῷ μένει·<sup>b</sup> καὶ οὐ δύναται ἁμαρτάνειν, ὅτι ἐκ τοῦ θεοῦ γεγέννηται.

<sup>a</sup> 9 ὁ minor, ὁ major: Bov Nae BF<sup>17</sup> AV RV ABV NEB TT Zor Luth Jer Seg<sup>1</sup> // ὁ major, ὁ major: B8V // ὁ minor, ὁ minor: TR WH Seg<sup>1</sup>

9 Πᾶς...votet 1 Jo 5,10

3:9: Aquele que é nascido de Deus não peca habitualmente, porque a semente de Deus permanece nele, e não pode continuar na pecando, porque é nascido de Deus.

Isso concorda com o que se lê em I João 2:29: «Se sabeis que ele é justo, reconheci também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele». O indivíduo nascido de Deus não vive na prática do pecado, antes, pratica a bondade. «Todo aquele que permanece nele não vive pecando...» (I João 3:6). Deus Pai é santo; e outro tanto são os seus filhos, se é que são genuínos, porquanto devem compartilhar de sua natureza santa.

#### A Base Da Santidade

1. A santidade não se estriba no legalismo (ver as notas em Rom. 3:20), nem no sacramentalismo (ver Rom. 2:28,29). Antes, consiste da participação na própria santidade de Deus, através do poder transformador do Espírito (ver Rom. 3:21).

2. É um produto do novo nascimento, conforme aprendemos neste versículo. Mas não surge perfeitamente, logo na primeira tentativa; noutras palavras, nenhum homem se torna impecável nesta vida (ver I João 1:8). Entretanto, o Espírito pode dar-nos a vitória, de modo a poderemos viver acima e libertos dos vícios. Isso ocorre por intermédio do novo nascimento, conforme é indicado pelo versículo que ora consideramos. (Em I Ped. 1:3, oferecemos uma nota de sumário sobre o «novo nascimento». Há uma nota mais detalhada sobre essa doutrina em João 3:3).

3. A natureza humana é tão depravada que somente o novo nascimento pode nos livrar da mesma. Os homens podem imitar essa transformação. Muitas filosofias e religiões oferecem sugestões sobre como essa imitação pode ser produzida. Mas a alma iluminada por Deus reconhece que somente um ato do Espírito Santo pode alterar um ser humano para melhor, real e permanentemente.

4. Por ocasião da «parousia» (segunda vinda de Cristo) haveremos de dar um grande salto para a frente, no terreno da espiritualidade. Então a alma será totalmente libertada da natureza pecaminosa, e começará a participar da própria forma de vida que Cristo possui, com o acompanhamento de sua natureza moral. (Ver as notas sobre isso em I João 3:2). A eternidade inteira nos proporcionará, crescentemente, as virtudes espirituais do Pai, e isso fará parte de nossa glorificação.

«...não vive na prática de pecado...» Essa é uma interpretação dos tradutores. O grego diz «não está fazendo pecado». Mas isso envolve a idéia da «prática» do pecado. Já tivemos oportunidade de verificar, no sexto versículo deste capítulo, o que significa essa expressão. Várias interpretações errôneas são mencionadas naquele versículo. A perfeição impecável é o alvo; mas isso não é referido aqui como algo realmente possível nesta vida. A passagem de I João 1:8,10 mostra que não é possível tal coisa aqui. Mas a vitória sobre o pecado é possível nesta esfera; e de nós é esperado que busquemos isso com diligência, mediante a comunhão com o Pai e com o Filho, através do contacto com o seu Santo Espírito. Esse contacto é feito mediante a vida e o crescimento espirituais, através dos meios da oração, da meditação, da busca pelo poder, pelos dons e pela presença do Espírito Santo. A isso devemos acrescentar o treinamento do intelecto, o estudo cuidadoso e diligente da verdade espiritual, conforme ela se acha nas Sagradas Escrituras.

Alguns intérpretes pensam ver aqui a «nova natureza» como aquilo que pode ser aperfeiçoado, tornando-se totalmente sem pecado, ao passo que, na realidade, a «integração» que é o homem, a combinação da «antiga» e da «nova» naturezas, continuaria a pecar. Porém, não se pode atribuir esse pecado à «nova natureza» que Deus tem criado em nós. Antes, é a antiga natureza que se manifesta, embora já se encontre nos estertores da morte. Isso é uma verdade, sem importar se o versículo ensina diretamente ou não tal verdade. Certamente isso fica implícito.

«...permanece nele...» Por toda esta epístola, o «permanecer em Cristo» é salientado como a solução espiritual para o «problema do pecado», para que atinjamos os meios necessários para que a vida humana seja levada a desfrutar plenamente da vida eterna. (Ver, sobre isso, em particular, as seguintes referências e suas notas expositivas: I João 1:3,6,7; 2:6,24,25,28 e 3:6). Essa expressão é eminentemente mística, indicando o contacto verdadeiro do espírito humano com o ser divino. Nesse contacto, que cria a

quebrou o encanto e o poder de Satanás e seus agentes, abrindo o caminho para que escapassem todos aqueles que nele confiaram. (Quanto ao desenvolvimento do tema do «significado cósmico da missão de Cristo», ver Col. 1:20 e as notas expositivas ali existentes. Acerca do «significado da cruz», em seus efeitos, ver Gál. 3:13, onde fica demonstrado que sua expiação transcende ao que é meramente terreno).

«As obras do diabo são apresentadas como algo que tem certa coerência e constância. Mostram uma espécie de frente sólida. Mas Cristo, mediante a sua vinda, revelou que essas obras são totalmente destituidas de substância. Ele «desfez» os laços aparentes mediante os quais aquelas obras eram mantidas coesas». (Westcott, *in loc.*).

«Não sirvamos àquilo e nem cedamos àquilo que o Filho de Deus veio destruir». (Matthew Henry, *in loc.*).

«...diabo...» No grego é «diabolos», isto é, *caluniador* (termo usado em sentido pessoal, tal como aqui). Mui provavelmente esse título surgiu com base naquelas tradições em que se baseou o livro de Jó, onde Satanás é retratado a «caluniar» os santos, a atacá-los, buscando sua destruição, procurando levar Deus a encará-los com desfavor. Seu título, «Satanás» (derivado de um vocábulo aramaico), significa «adversário».

«comunhão», a alma do homem é transformada de modo a vir participar da natureza divina, tornando-se filho de Deus, tal como Jesus Cristo é o Filho. A comunhão de natureza está envolvida em tudo isso. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em Heb. 2:10 e ss.).

O uso do vocábulo «permanecer», neste ponto, refere-se à «semente» de Deus, que permanece no crente que se santifica. Em I João 2:24 é a palavra do «evangelho» que permanece nos homens, a fim de que permaneçam no Filho e no Pai. Há a semente (no grego, «sperma») divina, que produz uma nova vida, uma vez que ela seja implantada na alma humana. A «metáfora biológica» da inseminação é óbvia em tudo isso. O termo grego aqui usado pode significar tanto «esperma» como «semente». A semente tem o poder de criar nova vida, sob corretas circunstâncias. Alguns vêem essa «semente» como equivalente à «palavra» (tal como se vê em I João 2:24 e I Ped. 1:23 e Tia. 1:18). Mais provavelmente, porém, estão em saliência o próprio Espírito Santo e sua operação, conforme se vê no seu paralelo de João 3:3-5. No Espírito Santo é que se encontra o «divino princípio da vida». A permanência do Espírito Santo no crente infunde o homem com a vida divina.

A «semente» não é a pessoa de Cristo. Contudo, quando se fala da «palavra», de «Cristo» ou do «Espírito», referimo-nos à mesma realidade espiritual, a geração e o nascimento espirituais, embora de pontos de vista diferentes. A «palavra» (evangelho) nos traz a mensagem transformadora; Cristo vai sendo formado em nós; o Espírito faz a obra que produz a concepção e o novo nascimento. A metáfora (sem importar qual escolhamos) é apenas uma maneira gráfica de salientar que verdadeira vida divina pode ser trazida até ao nível humano, de tal modo que a natureza divina é injetada na natureza humana, espiritualizando-a, até que a própria essência de Cristo (o Filho) se torna a natureza inerente dos demais filhos de Deus, irmãos de Cristo.

«...esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus...» O caso exposto pelo autor sagrado é irrefutável. Se realmente Deus insufla sua própria natureza nos homens, então dificilmente poderão continuar a praticar o pecado. Terão de ser forçosamente santos, porquanto uma transformação revolucionária se estará processando neles. Em caso contrário, esta doutrina será apenas um mito, ou então, as pessoas em foco são pseudofilhos de Deus.

«O germen da vida divina tem sido implantado em nossas almas, e cresce em um processo gradual, sujeito a retardamentos ocasionais, embora seja firme, finalmente chegando à sua plena fruição. Os lapsos do crente são como as intempéries, que podem impedir o desenvolvimento da semente. O crescimento de uma semente viva pode ser temporariamente impedido; se não há crescimento, também não há vida». (Smith, *in loc.*).

«Um filho de Deus, nesse conflito, de fato recebe ferimentos diariamente; mas nunca lança fora suas armas e nem estabelece tréguas com o inimigo mortal». (Lutero, *in loc.*).

«O pecado sempre se mostrará eficaz, mas não mais reina». (Faucett, *in loc.*). É acrescenta esse mesmo autor: «A agulha magnética, a natureza da qual é apontar sempre para o pólo, pode ser facilmente torcida para um lado, mas sempre busca novamente sua posição».

Um incidente na vida de Sócrates é narrado em que um homem que se jactava de ser capaz de ler o caráter de um homem estudando-lhe o rosto, foi convidado a tentar suas habilidades em Sócrates, a quem nunca antes encontrara. O homem estudou o rosto de Sócrates e declarou: «Ele é o homem idoso mais glutão, bêbado, brutal e libidinoso que jamais encontrei». Obviamente isso era o contrário do caráter de Sócrates. Os estudantes de Sócrates começaram a ridicularizar o homem que fizera tal «leitura». Mas Sócrates os fez calar, dizendo: «Os princípios de sua ciência talvez sejam bem corretos; pois tais coisas era eu, embora as tenha conquistado com minha filosofia». Se isso pode ser verdade no tocante ao mero treinamento filosófico e intelectual, muito mais se dá no caso do poder espiritual que nos é dado por meio de Cristo.

1. Há aquela luz em sua mente que lhe mostra o mal e a malignidade do pecado.

2. Há aquela tendência em seu coração que o dispõe a abominar e odiar



ao pecado.

3. Há aquele princípio espiritual ou seminal, que o dispõe a romper com a força e a plenitude dos atos pecaminosos.

4. Além disso, há aquela disposição para a humilhação e o arrependimento por causa do pecado, que antes fora cometido... Neste ponto podemos nos lembrar da usual distinção entre a impotência natural

10 ἐν τούτῳ φανερά ἐστιν τὰ τέκνα τοῦ θεοῦ καὶ τὰ τέκνα τοῦ διαβόλου· πᾶς ὁ μὴ ποιῶν δικαιοσύνην οὐκ ἐστὶν ἐκ τοῦ θεοῦ, καὶ ὁ μὴ ἀγαπῶν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ.

10 e minor: WH Bov Nss BF<sup>1</sup> AV RV ASV RSV NRB TT Zür Luth Jer J e maior: TR Seg

10 τὰ τέκνα τοῦ θεοῦ Jn 1.12, 13; 1 Jn 3.1

10 ποιῶν δικαιοσύνην] ὡς δικαίος Ψ lat sybms sa Or Lcf

3:10; Isto são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não é de Deus, nem o que não ama a seu irmão.

Este versículo serve de sumário acerca do conceito inteiro que é apresentado a partir do sexto versículo. Vai até I João 2:20. Consideremos ainda os pontos seguintes:

1. Os filhos de Deus não podem praticar o pecado; os filhos de Deus devem praticar a bondade positiva. Isso sumaria as idéias de I João 2:29 e 3:6,7,9.

2. Os filhos do diabo praticam o pecado, não se envolvendo na bondade positiva. Isso sumaria o trecho de I João 3:4,6,8.

3. Este versículo, pois, age como uma transição para a seção seguinte, que fala sobre a necessidade do amor fraternal. Os homens maus não amam ao próximo, e assim desobedecem ao primeiro e ao segundo maiores mandamentos: o amor a Deus (pois amar ao próximo é amar a Deus) e o amor ao próximo. Fica subentendido, naturalmente, pelo lado positivo, que o indivíduo nascido de Deus mui naturalmente ama aos seus «irmãos», que também são filhos de Deus.

4. Este versículo contém, uma vez mais, à guisa de sumário e reafirmação, o princípio exarado no oitavo versículo: o pecado é cósmico em sua natureza e envolve-nos em uma conspiração e rebeldia interuniversais contra Deus, entregando-nos ao domínio de Satanás, como nosso pai. Porquanto dali nada resulta senão o crescimento maligno, à semelhança de tal progenitor, os filhos do diabo, mui naturalmente serão corruptos e contaminados com toda a forma de maldade.

Inácio escreveu contra os falsos mestres de sua época, observando a estranha falta de amor que demonstravam: «...não se importam em coisa alguma com as viúvas, com os órfãos, com os aflitos, com os angustiados, com os prisioneiros, para que sejam soltos, e nem com os famintos e sedentos». (Inácio, *Smyr.* 6:2). Antes disso, o autor sagrado deixara implícito que os falsos mestres gnósticos eram pessoas destituidas de amor. (Ver I João 2:9,11). O quanto um homem ama serve de boa aquilatação de seu estágio de espiritualidade. Talvez seja plenamente ortodoxo quanto à doutrina, conforme algumas denominações consideram a «ortodoxia»; mas, se é um indivíduo egoísta, voluntarioso, odioso, desprezador do próximo, invejoso, ciumento, opondo-se ao espírito do amor, então sua espiritualidade será bem baixa, se é que ao menos existe.

O primeiro e maior mandamento é o do amor (ver Mat. 22:37), e Deus é

IV. Os Filhos de Deus: Advertências e promessas (2:28- 3:24).

3. Como deve viver entre si: A Lei do Amor (3:11-24)

Como falsos mestres gnósticos haviam sido acusados de falta de amor (ver os trechos de I João 2:9 e 3:10). No entanto, achavam-se em trevas, pelo que não tinham recebido a iluminação da moralidade, através da influência do Espírito Santo (ver I João 2:10). Pelo contrário, eram cegados pelas trevas em que andavam. (Ver I João 2:11). Em contraste com isso, os verdadeiros crentes se amam mutuamente (ver I João 2:10), porquanto andam na «luz». O primeiro capítulo tem definido essa «luz» como companheirismo com Deus, o qual é luz (ver I João 1:3-5). O novo mandamento de Cristo (ver João 13:34; I João 2:7,8 e II João 5) é que nos amemos uns aos outros, embora esse seja um antigo preceito, o primeiro e o segundo mandamentos da lei (ver Mat. 22:36 e ss.). Desde o próprio «começo» de nosso contato com o evangelho, temos sido ensinados quanto a esse mandamento. Aquilo que é tão comum, dentro do sistema cristão, o que também governa a todas as demais virtudes, permanecia algo não observado, não praticado, por parte dos falsos mestres.

«A divisão dos homens em duas classes, segundo sua origem, em Deus ou no diabo (segundo se vê na seção anterior), continua a dominar o pensamento neste ponto; mas o amor e o ódio substituem a retidão e o pecado, como características respectivas. Ao mesmo tempo, a conexão do amor com a vida é ilustrada em Cristo, o qual, devido ao amor, deu sua vida, ao passo que a conexão entre o ódio e a morte é ilustrada por Caim, o qual, devido ao ódio, cometeu o primeiro assassinato. Esse ato é visto como típico da atitude do mundo para com os crentes. Essas considerações são estabelecidas pelo escritor, ao continuar ele sua exortação para que imitemos a Cristo e ao confirmar ele a sua confiança em seus leitores». (Wilder in loc.).

A vereda da moralidade iluminada nos confere «confiança» perante Deus (o que é frisado nos versículos dezenove a vinte e quatro deste capítulo). O autor sagrado já abordava essa questão (ver I João 2:28), e demonstrara como precisamos andar em pureza, a fim de nos encontrarmos com Cristo, em sua «parousia» (segundo advento) com confiança. Também precisamos da confiança diária perante o Pai; e isso só poderá ser obtido mediante a tranqüila consciência, que não nos acuse de erro e prática de pecado. Precisamos «guardar os mandamentos» do Senhor, se quisermos desfrutar dessa confiança. O autor sagrado não se mostra tão avançado em sua teologia como Paulo, pelo que falava acerca da legislação mosaica, embora, sem dúvida alguma, se entendesse ministrada por Cristo. Paulo falava sobre a «lei do Espírito», isto é, a lei escrita no coração, um caminho novo e vivo, que ultrapassa a lei mosaica como poder santificador, e, sobretudo, como poder justificador. Porém, apesar de seus conceitos serem diferentemente expressos joaninos são perfeitamente válidos, pois há uma eterna moralidade expressa nos escritos de Moisés, que é comum nos ensinamentos de Cristo. Se interrogado, o autor sagrado sem dúvida mostraria que ele cria que o Espírito Santo tem de estar presente nessa observância da lei, pois, de outro modo, tal observância não seria possível; portanto, há uma «lei do Espírito», o que também se aprende em Rom. 8:2. Essa lei do Espírito tomou o lugar da observância formal, que caracterizava a lei mosaica. O objetivo da observância dos mandamentos do Senhor é a «permanência» nele, a comunhão mística que resulta na salvação final (ver o vigésimo quarto versículo deste capítulo), o que óbvio o fato que o Espírito Santo deve ser o agente de nossa moralidade, e não nossos próprios impulsos humanos, embora o ser humano deva cooperar com o ser divino em tudo isso.

11 Ὅτι αὕτη ἐστὶν ἡ ἀγγελία ἣν ἠκούσατε ἀπ' ἀρχῆς, ἵνα ἀγαπῶμεν ἀλλήλους·

11 Jn 13.34; 15.12, 17; 2 Jn 5

e a impotência moral. O indivíduo não-regenerado é moralmente incapaz para aquilo que é religiosamente bom. O indivíduo regenerado fica felizmente incapacitado para o pecado... aqueles que persistem em uma vida pecaminosa demonstram, de modo suficiente, que não nasceram de Deus». (Matthew Henry, in loc.).

amor (ver I João 4:8). Os homens que odeiam são homicidas no próprio coração (ver I João 3:15), e, desse modo, são opositores do Espírito de Deus. O amor, porém, é o cumprimento da lei (ver Rom. 13:9,10); contém, em si mesmo, em forma de gérmen, toda a moralidade, toda a bondade e toda a justiça. O amor é a rainha das virtudes, aquela sobre a qual repousa a vitalidade espiritual. (Ver Gál. 5:22,23 e as notas expositivas ali existentes). (Quanto a notas expositivas completas sobre o «amor», ver acerca do «amor de Deus», em João 3:16; sobre o «amor como norma de todas as ações dentro da família divina, em João 14:21 e 15:10; sobre o «amor de Cristo, que nos constrange», em II Cor. 5:14. Essas notas expositivas contêm poemas ilustrativos). O trecho de I João 2:10 também contém várias citações excelentes, que ilustram o amor cristão.

A menção ao amor, neste ponto, não visa indicar que o pecado de não amar está particularmente em foco, como aquilo que não pode ser «praticado» por quem é nascido de Deus. Naturalmente, o pecador quebra essa lei acima de todas as demais, porquanto todas elas dependem dessa lei. Na realidade, o autor sagrado menciona esse pecado particularmente porque:

1. é um meio significativo pelo qual os pecadores gnósticos praticavam suas maldades;

2. e porque ele agora falaria acerca do amor fraternal, o que provê transição para aquele tema.

«...são manifestos...», isto é, são «conhecidos», são tornados, seu verdadeiro caráter e desmascarado. A «prova» é a «conduta moral» dos homens. O Senhor Jesus disse simplesmente: «Por seus frutos os conhecereis». (Mat. 7:20).

O décimo versículo sumaria a questão fazendo uma distinção clara: toda a humanidade se compõe de filhos de Deus ou de filhos do diabo—aqueles que procuram praticar deliberadamente o bem e aqueles que conscientemente preferem o mal. Ao apóstolo não cabia julgar que homem pertencia a esta ou àquela classe; seja como for, o verdadeiro crente nunca poderá ser um rebelde consciente. E aqui, visto que a importância do amor fraternal está tão constantemente perante sua mente, o apóstolo João permite a nota que fizera soar em I João 2:9 soar novamente, participando da melodia de seus pensamentos. O amor fraternal, a porção mais proeminente da retidão cristã, bem poderia ser mencionado dentro do contraste entre o pecado e a santidade, como a mais completa de todas as virtudes. (Sinclair, in loc.).

11 ἀγγελία] παρὰ γ- Ν 1799 al (b r) bo Lcf

3:11: *Porque este é o mensageiro que convites desde o princípio, que nas amamos uns aos outros.*

«...mensagem...» Trata-se do evangelho, a «palavra» de Cristo, em contraste com a falsa mensagem que os gnósticos impingiam à igreja. «Ora, a mensagem que da parte dele temos ouvido e vos anunciamos, é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma» (1 João 1:5). A mensagem cristã tem suas exigências morais, que são absolutas, exigindo a própria santidade divina infundida no crente. Essa mensagem é «...a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação...» (Efê. 1:13). O décimo sexto versículo deste capítulo sumaria a importância dessa mensagem: é o amor de Deus, e como isso levou Cristo a dar sua própria vida por nós (expição e exemplo de amor ao próximo), com o resultado que somos inspirados e capacitados a amar ao próximo. Por isso é que João 3:16 diz que Deus amou; que por isso a salvação é-nos garantida; e que o seu amor nos constrange (ver II Cor. 5:14) a viver de modo caracterizado pela santidade e pelo amor.

«...ouvistes desde o princípio...» Essa expressão é comum na primeira epístola de João, sendo usada em várias conexões, conforme se vê nos pontos seguintes:

1. A palavra da vida foi «desde o princípio», sendo ali ensinada a sua preexistência e eternidade (1 João 1:1).
2. O «novo mandamento» foi conhecido por eles desde o começo de seu contacto com o evangelho de Cristo (ver 1 João 2:7).
3. Cristo, que existe desde o princípio, é «conhecido» dos crentes mediante a iluminação e a experiência espirituais (ver 1 João 2:13).
4. A mensagem que os crentes têm ouvido desde o princípio, e que neles permanece, lhes dará comunhão com o Pai e com o Filho (ver 1 João 2:24).
5. Satanás continua a pecar desde o princípio (ver 1 João 3:9). O uso da expressão, no presente versículo, e que mostra que desde o começo fomos ensinados quanto à lei do amor, é a última vez em que essa expressão é utilizada nesta epístola. Na segunda epístola de João a expressão é utilizada nos versículos quinto e sexto; e no quinto versículo em conexão com a doação do «novo mandamento», ao passo que o sexto versículo reitera a mesma verdade.

Desde há muito que aqueles crentes tinham estado familiarizados com a lei do amor, porquanto seu primeiro contacto com o evangelho os tinha ensinado a observá-la. Isso é salientado porque os falsos mestres, com sua doutrina amoral, tinham começado a prejudicar a comunhão certa com a comunidade cristã. As dissensões haviam começado a fazer-se sentir; as divisões tornavam-se comuns. O ódio ameaçava prevalecer.

Para o autor sagrado, o antigo antagonismo entre a «luz e as trevas», entre a «santidade e a iniquidade», entre «os filhos de Deus e os filhos do diabo», se manifestava também nas atitudes básicas; alguns amavam, mas

12 οὐ καθὼς Κάϊν ἐκ τοῦ πονηροῦ ἦν καὶ ἐσφαξεν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ· καὶ χάριν τίνος ἐσφαξεν αὐτόν; ὅτι τὰ ἔργα αὐτοῦ πονηρὰ ἦν, τὰ δὲ τοῦ ἀδελφοῦ αὐτοῦ δίκαια.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> 12-13 d major: TR Bov Nae B<sup>27</sup> AV<sup>2</sup> RRV TT Zkr Jcr Soc J d paratib: WH AV<sup>2</sup> RV ABV NEB Leth

12 Κάϊν...αὐτοῦ Gs 4,8

3:12: *não sendo como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que o matou? Porque as suas obras eram más a as do seu irmão justas.*

Caim oferece o exemplo contrastante, que deve ser cuidadosamente evitado. Ele odiava em seu coração; invejava a seu irmão; já tinha abandonado a Deus, e, sem temer a Deus (porquanto também não quisera oferecer o sacrifício apropriado), foi-lhe fácil desprezar a seu próprio irmão de sangue.

O declínio de Caim pode ser acompanhado melhor através dos seguintes pontos: 1. Em algum ponto ele se afastou de Deus, em seu próprio coração. 2. Isso resultou em sua recusa de oferecer o sacrifício apropriado; perdera sua espiritualidade e contacto com Deus. 3. Pôs-se a observar seu irmão, que continuava obediente aos mandamentos de Deus; tornou-se invejoso e desprezador. 4. Observou que o seu irmão desfrutava do favor divino e prosperava; sua inveja se intensificou. 5. O pensamento do homicídio foi inspirado, em seu coração, pelo desejo de livrar-se de uma competição que lhe era desfavorável. 6. Seu último passo descendente foi o horrendo crime do assassinio. Mas já tinha cometido esse crime, em seu coração, ao tirar a vida de seu irmão (ver o décimo quinto versículo). (Ver a história de Caim e Abel, no quarto capítulo do livro de Gênesis). 7. Notemos que ele tinha todas as vantagens que também haviam sido oferecidas a seu irmão. Seu crime não resultou de uma «existência de privações». Antes, abutou de seus privilégios, negligenciando os seus deveres e rebelando-se contra Deus. Por isso, mui naturalmente, terminou totalmente dominado pelo mal.

O castigo de Caim consistiu de ser um fugitivo e vagabundo na terra. (Ver Gên. 4:9, 10). Deus tinha algum propósito em conservá-lo em vida, pelo que o protegeu mediante alguma forma de «sinal», que o identificava, a fim de que os homens soubessem que a proteção divina estava sobre ele. Não sabemos dizer que sinal teria sido esse. A igreja Mórmon ensina que Caim foi feito um negro, mas isso é dificilmente aceitável, com base científica. As cores da tez humana se devem a condições climáticas; e os evolucionistas e outros afirmam que a raça negra foi a raça humana original. Caim teve um filho, de nome Enoque, mas esse não foi o piedoso Enoque que «andava com Deus», o qual foi filho de Jerede (ver Gên. 5:18).

«...era do maligno...» De conformidade com a tese do autor sagrado, neste capítulo, de que o pecado não é mera condição humana, mas antes, tem raízes cósmicas e metafísicas, identificando o homem com Satanás, como seu pai espiritual (ver as notas expositivas a respeito, no oitavo versículo deste capítulo; ali é discutida a questão do «diabo», havendo referências e comentários sobre o mal supremo). O «...maligno...», neste caso, é o diabo. Esse termo não deve ser compreendido de forma abstrata, «do mal», e, sim, pessoalmente, do «maligno». Tal como Deus inspira a seus filhos para que pratiquem o bem, assim também Satanás inspira seus filhos a praticarem o mal.

outros odiavam. Até mesmo as virtudes e os vícios são envolvidos nesse «conflito cósmico» entre o bem e o mal. O oitavo versículo do presente capítulo mostra-nos que o pecado não é apenas uma condição humana. Os pecadores refletem esse conflito e participam nessa luta milenar que ruge entre as forças do bem e do mal. Quando amamos ou odiamos, demonstramos que participamos disso e prestamos lealdade a um lado ou a outro do conflito. Deus é amor; aquele que ama verdadeiramente é de Deus; mas Satanás vive tomado pelo ódio, e aquele que odeia mostra ser aliado de Satanás.

«...que nos amamos uns aos outros...» Todos nós sabemos do que consiste o amor, pois todos amamos a nós mesmos. Se um homem não ama a si próprio é que há algo de patológico em sua condição. Não é pessoa normal. Cuidamos de nós mesmos, provemos para as nossas próprias necessidades e possuímos o instinto da preservação e do bem-estar pessoal. Isso é o amor próprio. Amar a outrem, pois, é apenas a transferência desse mesmo sentimento para outra pessoa; é cuidar de outra pessoa; é interessar-se pelo seu bem-estar, é fazer aquilo que promove seu bem-estar. O amor é um dom do Espírito, um dos aspectos de seu fruto. Por isso mesmo, para que alguém ame é mister que cultive o espírito e cresça espiritualmente. O amor, quando é autêntico, resulta da comunhão mística com Deus ao nível da alma. Contudo, o poder do Espírito Santo no mundo é universal, havendo amor em quase todos os homens, em um grau ou outro. Mas todo o amor procede de Deus; aquele que ama compartilha dessa virtude divina em alguma parcela.

Este comentário oferece várias notas expositivas completas sobre o «amor», com poemas ilustrativos. (Ver as seguintes notas expositivas: em João 3:16, sobre o «amor de Deus», a fonte de todo outro amor; em Gál. 5:22, sobre o «amor como um dos aspectos do fruto do Espírito», a base e fonte de todas as demais virtudes; em II Cor. 5:14, sobre o «amor de Cristo como força construtora»; em João 14:21 e 15:10, sobre o amor como norma de ação no seio da família divina; em Mat. 22:36 e ss., sobre o «amor como primeiro e segundo mandamentos da lei». Ver também 1 João 2:10 quanto a certo número de citações excelentes que ilustram o «amor»).

«Aquele que não ama a seu irmão, na realidade não possui amor fraternal, porquanto não é filho de Deus sob hipótese alguma». (Alford, *in loc.*).

«A mensagem original do evangelho, sim, a história inteira da revelação divina sobre si mesmo aos homens, desde os tempos mais remotos, é sumariada no mandamento para que exerçamos amor mútuo. Portanto, aquele que não ama a seu irmão, demonstra assim que não pode ser 'de Deus'». (Brooke, *in loc.*).

«...a totalidade da retidão está inclusa no amor fraternal». (Calvino, *in loc.*).

O bem e o mal transcendem ao que é meramente humano e terreno. Têm suas raízes em condições e poderes cósmicos, e são reflexos dos mesmos. O próprio homem, por causa de sua alma não-material e de sua identificação com os mundos eternos, através de seu ser essencialmente espiritual, naturalmente vive influenciado por forças cósmicas que transcendem ao que é meramente material.

«...assassinou...» Primeiramente em seu coração, em suas intenções; e, em seguida, na realidade. Primeiramente ele teve de matar a influência de Deus em seu coração e em sua vida; e então matou a outro homem em suas intenções, aié que finalmente o fez em forma de um ato físico. (Ver Mat. 5:22 acerca de como Jesus define espiritualmente a lei, mostrando que a ira e o ódio contra o próximo é homicídio). O décimo quinto versículo do presente capítulo diz a mesma coisa. No quinto capítulo do evangelho de Mateus somos informados, finalmente, que devemos amar a nossos próprios inimigos (ver Mat. 5:44).

«...suas obras eram más...» Provavelmente temos aqui uma referência à sua recusa em oferecer a Deus o sacrifício correto, agradando, por conseguinte, ao Senhor (ver Gên. 4:5 e ss.); mas podemos supor, conforme se diz na literatura rabínica, que houve várias evidências de vida pecaminosa na vida de Caim; ele não veio a cometer um assassinato repentinamente. Seu caráter se estragou através de um bom período de tempo. O homicídio foi tão-somente o resultado do que ele já vinha sendo, e não o começo de sua iniquidade. O diabo, no dizer de João 8:44, «...foi homicida desde o princípio...» E assim inspira aos homens para que se assemelhem a ele mesmo. Abel, por outro lado, era justo; seu sacrifício a Deus foi aceito pelo Senhor e a sua vida foi exemplar. Por essa razão é que foi vítima do ódio e do ciúme de Caim.

A inveja o levou ao homicídio. Notemos como, nas listas de vícios de Rom. 1:29 e Gál. 5:21, a «inveja» é acompanhada pelo «homicídio». Talvez essa ordem de apresentação seja proposital. Seja como for, com frequência essa ordem pode ser verificada na experiência humana.

*Arda de raiva contra a intriga,  
Morra de dor e inveja insaciável,  
Destile seu veneno detestável,  
A vil calúnia, pífida inimiga.*

(Soares de Passos, Portugal)

«Caim é apresentado como o protótipo de inveja, do ciúme e do ódio no íntimo, que os malignos sentem contra os bons». (Sinclair, *in loc.*).

«Mas, quem foi Caim? Ele era do diabo. E quem são aqueles que, mediante o orgulho, a concupiscência pelo poder, pela ambição, pelo lucro, etc., se matam em guerras e conflitos políticos?» (Adam Clarke, *in loc.*).



13 [καὶ] μὴ<sup>3</sup> θαυμάζετε, ἀδελφοί, εἰ μισεῖ ὑμᾶς ὁ κόσμος.

13 [D] καὶ μὴ N C<sup>4</sup> P Ψ 629 948 1241 1739 1881 2492 it<sup>a</sup> syr<sup>1</sup> arm  
eth f μφ A B K 049 056 0142 22 81 88 104 181 228 230 438 451 614 630 1505

1877 2137 2412 2495 Byz Lect it<sup>a</sup> syr<sup>1</sup> cop<sup>m</sup> Lucifer  
Didymus Ps-herumenius Theophylact

13 μισεῖ...κόσμος Jn 18.18, 19; 17.14

É difícil decidir se καὶ (que figura em — N C<sup>4</sup> P Ψ 1739 it (r,65) sir (p) ara etf) foi adicionada por copistas, a fim de prover uma conexão mais íntima com o que é dito antes; ou se, por causa do termo anterior (δίκαία), copistas omitiram καὶ acidentalmente (A B K L 33 81 614 Byz Lect it (h) vg sir (h) cop (sa,bo,fay) af). A maioria da comissão preferiu reter o termo no texto, mas pô-lo entre colchetes, a fim de indicar dúvida considerável sobre seu direito de figurar aqui.

3:13: *Mais irmãos, não vos admirais se o mundo vos odeia.*

A igreja cristã sofreu perseguições desde os dias de Nero até Constantino. Então os falsos mestres produziram uma nova forma de ódio e perseguição. Nada disso deveria ser reputado como estranho. Eles odiavam ao Senhor; fatalmente odiarão a seus discípulos. (Ver João 15:18 e ss.). «...o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou» (João 17:14). O princípio da piedade, trazido por Cristo em sua missão, na realidade é uma força «estranha» neste mundo, por enquanto, embora seu amor e o poder do seu Espírito exerçam grande poder neste mundo, contudo, o mundo é governado pelo mal supremo, o «deus deste mundo» (ver II Cor. 4:4). É natural, portanto, que o mundo persiga àquilo que lhes é estranho. Por isso é que os piedosos são perseguidos. (Ver II Tim. 3:12). Aqueles dentre nós que vivem em países pacíficos, onde se permite grande medida de liberdade religiosa, dificilmente podem apreciar os sentimentos da igreja cristã primitiva, que constantemente enfrentava a hostilidade e a morte. As advertências do N.T. acerca da perseguição visavam, pelo menos em parte, impedir que os crentes buscassem retaliação contra os não-cristãos. Por isso é que a primeira epístola de Pedro, escrita a uma igreja que sofria debaixo das perseguições movidas por Nero, aconselha à contínua obediência ao estado (embora o próprio estado perpetrasse as perseguições), a fim de que os crentes vivessem de modo moderado, sem tentarem vingança alguma. Os crentes das igrejas da Ásia Menor, que agora enfrentavam as ações malignas dos falsos mestres gnósticos, também

poderiam sentir-se tentados a retaliar com as mesmas medidas. Os crentes, portanto, são advertidos contra a permissão ao espírito de ódio; pois, se deixassem surgir tal atitude, agiriam de modo semelhante aos filhos do diabo.

O escritor sagrado dirige-se a seus leitores originais como irmãos. Ele lembra-lhes sua associação com a família de Deus. O maligno se opunha a eles; ele teria seus instrumentos de hostilidade; contudo, não nos convém agir como homens ímpios e malignos. Mantenhamos antes a atitude de amor por aqueles que estão dentro ou fora da comunidade cristã.

«A maravilha seria se o mundo nos amasse». (Faucett, *in loc.*). Caim é tipo do mundo hostil; não nos admiremos de seus filhos espirituais, quando nos perseguirem. E não façamos como eles, agindo vingativamente. Essa «admiração» pode levar o crente a um sentimento de desânimo. Não nos desanimemos, porque temos boa companhia. O piedoso Abel é nosso irmão. Deus tomou conta de sua alma, embora não tenha impedido a morte de seu corpo; Deus cuidará de nós; a iniquidade não poderá prevalecer finalmente. «Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus» (I Ped. 4:14). Aqueles que sofrem podem entregar suas almas a Deus, como se fora um tesouro; e ele preservará esse tesouro, para que floresça na vida eterna. (Ver I Ped. 4:19). Deus é o Criador; ele deu vida; também preservará a vida essencial e espiritual; e o valor humano que fora perdido haverá de florescer algures, nos mundos eternos.

14 ἡμεῖς οἶδαμεν ὅτι μεταβηθήκαμεν ἐκ τοῦ θανάτου εἰς τὴν ζωὴν, ὅτι ἀγαπῶμεν τοὺς ἀδελφούς· ὁ μὴ ἀγαπῶν<sup>4</sup> μένει ἐν τῷ θανάτῳ.

14 [H] ἀγαπῶν N A B 22 629 945 1241 1739 1881 2127 2492 it<sup>a</sup> syr<sup>1</sup> arm  
vg cop<sup>m</sup> Lucifer Didymus<sup>4</sup> Augustine ἡ ἀγαπῶν τῶν  
ἀδελφῶν C K Ψ 049 81 88 104 181 228 230 451 Byz Lect Cassiodorus Ps-

14 μεταβηθήκαμεν...ζωὴν Jn 5.24

14 ὁ...θανάτῳ I Jn 2.11

Theumenius Theophylact ἡ ἀγαπῶν τῶν ἀδελφῶν αὐτοῦ P 056 0142 438  
614 630 1505 1877 2412 2495 it<sup>a</sup> syr<sup>1</sup> cop<sup>m</sup> eth

14 ἀδελφούς] add ἡμῶν R pc sy<sup>1</sup> ps

Após ἀγαπῶν certa variedade de testemunhos adiciona τὸν ἀδελφόν (C K L Ψ 81 Byz Lect af) ou τὸν ἀδελφόν αὐτοῦ (P 056 614 sir (p,h) af). Na opinião da maioria da comissão, a forma mais breve é preferível (a) por ser confirmada por testemunho superior (N B 33 1739 it (h,r,65) vg cop (bo,fay) ara) e (b) porque copistas mais provavelmente adicionariam, e não apagariam, um objeto que completa o pensamento do participio.

3:14: *Não sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos as irmãs. Quem não ama permanece na morte.*

As trevas (ver I João 1:6), o pecado (ver I João 2:4), a mentira (ver I João 2:4,21,22), o diabo (ver I João 3:8,12), a inveja, o ódio e o homicídio (ver I João 3:12) e a morte (ver I João 3:14) são companheiros naturais, são expressões da maldade cósmica que permeia a existência humana. A luz (ver I João 3:5,7), a santidade (ver I João 1:6 e 3:3), a verdade (ver I João 2:21), Deus Pai e Deus Filho (ver I João 1:7 e 2:20,33), o amor (ver I João 2:10 e 3:14), e a vida (ver I João 2:25 e 3:14) são companheiros naturais, e existem na esfera terrena por causa da influência do mundo eterno. Assim sendo, por estarmos possuídos de um amor verdadeiro, «sabemos», pela faculdade intuitiva, bem como pela experiência espiritual e pela iluminação divina (ver as notas expositivas a respeito do «nosso conhecimento», em II Ped. 1:2), que passamos do reino das trevas, com seu ódio, para o reino da luz, com seu amor; e também sabemos que isso resulta na vida eterna.

O amor é a base de todas as demais virtudes, é o solo bom no qual elas florescem; é um «fruto», e, portanto, é um «cultivo» do Espírito. Aquele em quem se realiza esse cultivo, é o homem que está sendo transformado segundo a imagem do Filho; aqueles que estão sendo assim transformados chegarão a compartilhar do mesmo «tipo de vida» que ele possui. Eles serão a plenitude de Cristo (ver Efé. 1:23) e virão a compartilhar de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19), ou seja, participantes da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). Disso consiste a participação na forma mais elevada de vida possível, a própria vida de Deus, que é necessária e independente (ver João 5:25,26 e 6:57). O «amor» é a prova que o processo de transformação está se processando no crente, sendo essa a «promessa» de que isso resultará na «espiritualização» do ser inteiro do crente, ao ponto do Filho de Deus vir a ser nele duplicado.

«Assim como o amor deseja a revivificação dos mortos... assim também o ódio deseja tirar a vida dos vivos». (Testamento de Gade, 4:6).

«...aquele que não ama permanece na morte...» Ele se aliou àquela expressão de ser que é destruidora e que caracteriza uma morte em vida.

«Aquele que caminha uma milha sem simpatia, fá-lo para o seu próprio funeral, vestido em sua mortalha...» (Walt Whitman).

Notemos como Jesus, em Mat. 5:21,22, mostra que o homicídio é inerente à ira e ao ódio. O homicídio se dá primeiramente no coração; em seguida no intento, e, finalmente, em um ato, como se deu no caso de Caim. (Ver as notas expositivas acerca de seu «declínio», no décimo segundo versículo deste capítulo, onde se demonstra isso). Os falsos mestres, a despeito de suas reivindicações de «conhecimento», não amavam. Tal conhecimento não os levava a participar na vida divina, em que o amor é cultivado. Portanto, havia algo de radicalmente errado naquilo que sabiam e como o sabiam.

«Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas. Aquele que ama a seu irmão, permanece na luz e nele não há nenhum tropeço». (I João 2:9,10). O amor medra na luz espiritual e morre nas trevas espirituais, do mesmo modo que a luz do sol sustenta a vida terrena, e do mesmo modo como uma terra sem sol seria totalmente estéril. Por conseguinte, quem odeia anda nas «trevas», mas aquele que ama medra na luz de Deus, que nos espiritualiza o ser.

O Messias prometeu inaugurar um novo reino. Estará baseado na paz, na harmonia e no amor. Aqueles que agora amam mostram que já são cidadãos desse reino. Possuímos, portanto, desde agora, uma «escatologia cumprida», embora de modo algum nos devamos olvidar da promessa do reino literal. Agora experimentamos as exigências da «nova era», mas também esperamos sua inauguração literal. (Ver I João 3:2).

A psicologia tem vindicado o discernimento cristão acerca da importância do amor e suas propriedades doadoras de vida. O indivíduo centralizado em si mesmo, que ama somente a si próprio, corta o fluxo da vida para si mesmo. O amor faz o organismo funcionar melhor, elevando a atitude psicológica. Mas o ódio prejudica ao corpo, podendo causar enfermidades. Defeitos físicos podem ser vistos, primeiramente, na porção imaterial do homem. A fotografia Kirleana (um tipo de radiologia que fotografa a aura existente ao redor do corpo humano) mostra defeitos na aura, muito antes dos defeitos correspondentes aparecerem no corpo. Talvez por isso é que algumas pessoas sensíveis às radiações espirituais podem profetizar enfermidades do corpo. Já se encontram tais enfermidades na aura. E como chegou ali? Através de maneiras de pensar negativas, um defeito da mente e do espírito. Mas o autor sagrado assegura-nos que o amor também é benéfico para a alma, ao passo que o ódio lhe é prejudicial. O amor é mais forte que a morte, transcendendo-a e saltando-lhe por cima. O amor é eterno, e aqueles que amam nunca poderão perder os entes amados. O amor será restaurado e aprimorado nos níveis espirituais da existência. Deus é amor (ver I João 4:8), e aqueles que aprendem a amar através das realizações espirituais assumem a própria natureza e os atributos de Deus, levando-os a compartilharem de sua vida eterna.

O trecho de Gál. 5:6 informa-nos que a «fé» opera mediante o amor. Até mesmo o grandioso princípio da fé mostra-se impotente e inútil se não for impulsionado pelo poder do amor. Dentre as três grandes virtudes, a fé, a esperança e o amor, o amor é a virtude suprema. (Ver I Cor. 13:13; ver notas expositivas completas sobre o «amor», nas referências sobre o décimo primeiro versículo, bem como em outras passagens deste comentário, com a ajuda de poemas ilustrativos).

«...sabemos...» De que maneira? 1. Pela «consciência espiritual», pelos poderes intuitivos. 2. Pelo aprendizado intelectual, baseado nas Escrituras e

nas declarações espirituais dos profetas e sábios. 3. Pela iluminação do Espírito Santo (ver Efé. 1:17,18), porquanto então se atinge o nível mais elevado de amor. 4. Através da revelação—Deus, como se nos estivesse dando um dom, nos tem informado acerca da natureza da vida e da morte, bem como de seus aliados, o amor e o ódio. 5. Na experiência cristã, temo-nos satisfeito, compreendendo que esse princípio é correto.

Notemos aqui o uso do «nós» enfático (mas oculto erroneamente na nossa versão portuguesa). Estão em foco «nós», que não foram iludidos pela perversidade e pelo ódio dos gnósticos.

«...já passamos da morte para a vida...» Em outras palavras, fizemos uma «migração». Pertencíamos ao reino das trevas e do ódio; mas, em Cristo Jesus, fizemos a migração para o reino da luz e do amor. (Isso pode ser confrontado com a passagem de Col. 1:13; que encerra a mesma idéia). A conversão nos confere a «mudança de cidadania». O verbo «passar» se encontra aqui no passado perfeito, no original grego. Nós, em um tempo definido, começamos a fazer tal migração; mas seus efeitos prosseguem até ao presente. Temos imigrado do ódio para o amor.

15 πᾶς ὁ μισῶν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ἀνθρωποκτόνος ἐστίν, καὶ οἶδατε ὅτι πᾶς ἀνθρωποκτόνος οὐκ ἔχει ζωὴν αἰώνιον ἐν αὐτῷ μένουσαν.

3:15: Todo o que odeia a seu irmão é homicida; e vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele.

«...aquele que odeia a seu irmão é assassino...» Em ilustração aos conceitos constantes neste versículo, o leitor deveria examinar as notas expositivas sobre o décimo segundo versículo, que abordam o caso de Caim, provendo-nos uma lição objetiva sobre o próprio princípio agora exarado. (Ver ali as notas expositivas sobre o «declínio de Caim»). Como é que Caim veio a tornar-se um assassino? Primeiramente ele abandonou ao Senhor Deus; deixou de temer a Deus, pelo que dificilmente se poderia esperar que viesse a respeitar ao homem. Deixou desenvolver-se em seu coração o ódio e a inveja; o homicídio se aninhou primeiramente em seu coração, em seguida em seu intuito, e foi somente devido a isso que, finalmente, ele veio a tornar-se homicida. As notas expositivas acima referidas desenvolvem esse tema mais amplamente.

Podemos examinar as avaliações espirituais sobre a lei, feitas pelo Senhor Jesus, em Mat. 5:22 (e nas notas expositivas ali existentes), as quais mostram que o homicídio pode ser uma condição do coração, não sendo apenas uma ação isolada.

«...vós sabeis...» Isso é algo axiomático. O assassino possui um espírito de malignidade tal que é impossível que seja possuidor da vida espiritual. Nenhuma vida superior e espiritual pode ser-lhe transmitida. Ele permanece nas trevas, estando vinculado de perto a Satanás, o qual tem sido homicida desde o princípio (ver João 8:44). Mas, que dizer acerca do homem que aninha o ódio em seu coração? É um homicida em intento, no coração; sua alma é homicida sem importar se ele venha ou não a praticar um assassinato em ato. Por conseguinte, é um filho de Satanás; e a vida de Deus não se acha nele.

«...permanente...» A vida eterna não «veio residir» nele. O autor sagrado aprecia muito a idéia da «permanência». (Ver I João 2:14,24 e II João 2). Essa idéia pode ser comparada com o que se lê em João 1:32,33; 5:38 e 6:27). Para o autor sagrado temos aqui um termo «místico». Subtende a transmissão da vida através da presença habitadora do Espírito, através do contacto genuíno da natureza humana com a divina. A vida, naturalmente, em sua forma mais elevada, é transmitida divinamente, devendo ser medida pela experiência mística. Com o termo «místico», este comentário indica um «contacto genuíno» com poderes superiores e sobrenaturais. Essa é a definição básica do misticismo, embora tal palavra tenha vindo a

16 ἐν τούτῳ ἐγνώκαμεν τὴν ἀγάπην, ὅτι ἐκεῖνος ὑπὲρ ἡμῶν τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἔθηκεν· καὶ ἡμεῖς ὀφείλομεν ὑπὲρ τῶν ἀδελφῶν τὰς ψυχὰς θείναι.

16 ἐκεῖνος... ἔθηκεν Jn 12:1, 13:13; Gs 2:20; I Tm 2:6; Tl 2:14 ἡμεῖς... θείναι Phb 2:17; I Tl 2:9

3:16: Muito conhecemos o amor; que Cristo deu a sua vida por nós; e nós devemos dar a vida pelos irmãos.

**Variante Textual:** As palavras «o amor de Deus» figuram em alguns poucos manuscritos minúsculos posteriores, de onde passaram para o Textus Receptus, e, daí, para as primeiras traduções da era moderna. Alguns manuscritos da Vulgata latina também contêm essa adição, sendo possível que tenha começado como anotação escrita em latim, até que finalmente encontrou caminho a alguns poucos manuscritos gregos posteriores. Seja como for, a adição das palavras «de Deus» não se reveste de qualquer autoridade, não se achando elas em qualquer dos manuscritos gregos unciais, e nem por qualquer versão, exceto na Vulgata latina.

Em face das considerações do parágrafo acima, concluímos que a declaração deste versículo é geral: conhecemos o «amor» através do «exemplo de Cristo», ao dar a sua vida. Isso, naturalmente, foi uma manifestação do amor de Deus, porquanto o Senhor Deus «amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito», conforme se aprende em João 3:16. (Nesta referência há notas expositivas sobre o «amor de Deus»). O amor de Deus é a fonte originária de todo qualquer outro amor, da parte dos crentes ou dos incrédulos. Toda a atitude altruísta e todo ato sem egoísmo são inspirados pelo Espírito de Deus no mundo. Sem a sua influência a vida sobre a terra se transformaria em autêntico inferno. Mas o Espírito Santo restringe e ensina, suavizando e modificando toda a vida humana, e não meramente a dos crentes.

Este comentário tem comentado sobre o «amor» em diversos lugares, com o acompanhamento de poemas ilustrativos. (Ver João 14:21 e 15:10 quanto ao «amor como princípio normativo na família divina»; ver II Cor. 5:14 quanto ao «amor restringidor de Cristo»; ver I Cor. 13:13 quanto ao «amor como maior das virtudes espirituais»; ver Gál. 5:22 quanto ao «amor como

«Que cada qual examine o seu próprio coração: se encontrar ali amor aos irmãos, que se sinta seguro de que passou da morte para a vida. Que não se preocupe ante o fato que sua glória está oculta, pois quando o Senhor aparecer, ele também aparecerá em glória. Possui energia vital, mas ainda estamos no inverno; suas raízes têm vigor, mas seus ramos estão ressequidos; no inverno, há vigor, no verão, no entanto, ali as folhas e os frutos; mas tudo isso deverá esperar pelo verão». (Agostinho).

**Variante Textual:** As palavras «...não ama ao irmão...» se acham nos mss KL, Psi. 81, Byz. Lect.; P. 066, 614, no Sillp.h), entretanto, dizem «seu irmão». Mas os mss Aleph, AB, 33, 1738, no It(h, 86), no Cóp(b), say) dizem apenas «não ama», sem qualquer objeto direto. Seria muito mais natural que os escribas adornassem o texto do que o abreviassem. A idéia de não amar ao irmão foi tomada por empréstimo do próprio versículo, que fala em amor ao irmão. É quase certo, pois, tanto com base na evidência objetiva quanto nas probabilidades, baseadas nos tipos de alterações que os escribas soliam fazer nos manuscritos, que a palavra «irmão» deve ser omitida na segunda metade deste versículo. Portanto, a declaração seria bem geral: «...aquele que não ama permanece na morte...»

15 πᾶς ὁ μισῶν... ἐστίν Mt 5:21, 22 πᾶς ἀνθρωποκτόνος... μένουσα Gs 5:20-21.

Re 21:8

significar diversas outras coisas. O Espírito Santo, que em nós habita, espiritualiza e transforma a alma humana, até que venha a participar da própria natureza e imagem de Cristo, o Filho de Deus (ver II Cor. 3:18).

«A fim de estimular-nos ainda um maior amor, ele (o autor sagrado) mostra quão detestável perante Deus é o ódio. Não há quem não tema a um assassino; sim, todos execramos o próprio nome. Mas o apóstolo declara que todos quantos aborrecem a seus irmãos são assassinos. Ele não poderia ter dito coisa alguma mais atroz; e nem há aqui qualquer hiperbole, porquanto desejamos que pereça aquele a quem odiamos. Não importa se um homem não macula suas mãos com uma má ação; pois o próprio desejo de prejudicar, bem como a própria tentativa de fazê-lo, são coisas condenadas perante Deus. Sim, quando nós mesmos não procuramos fazer algum dano, mas o desejamos, só isso nos torna assassinos». (Calvino, in loc.).

A parapsicologia tem mostrado que o ódio é uma força real, porquanto os «pensamentos são coisas», e temos poder sobre outras pessoas, para prejudicá-las. Assim sendo, aquele que odeia faz um dano real a outrem (e a si mesmo), embora seu ódio nunca se transforme em um ato físico. Os pensamentos iracundos são recebidos por outros e as circunstâncias de suas vidas podem ser transformadas para pior, para nada dizermos acerca da perversão dos processos mentais. Outrossim, os processos mentais criam eventos; e, se forem perversos e negativos, fatalmente seguir-se-ão eventos negativos. É quase certo que alguns suicídios resultam quando pessoas percebem, intuitivamente (mesmo que não conscientemente), que são odiadas. Assim é que, algumas vezes, uma pessoa pode matar com o ódio, embora nunca branda nas mãos qualquer arma física. Mas quantas vezes as pessoas têm «morto a reputação» e o «bom nome» de outrem, por palavras carregadas de ódio e inveja! Isso também é uma forma de homicídio.

A queda do pecado é uma queda mortal. A porção mais nobre do homem é coberta e totalmente destruída. O andar nas trevas é um andar mortífero. O amor faz desaparecer as trevas; o amor faz desaparecer a morte.

Uma interpretação errônea. Este texto tem sido usado para mostrar que o pecado do homicídio é imperdoável. Isso, naturalmente, não é verdade. Consideremos o assassinio de Cristo. Ele orou pelo perdão de seus homicidas. Se porventura este texto ensinasse que tal pecado é imperdoável, não teria o Senhor feito tal oração, além do que todos têm cometido esse tipo de homicídio referido no presente versículo.

um dos aspectos do fruto do Espírito Santo; e ver I João 2:10 quanto a certo número de excelentes citações, que ilustram a «natureza do amor»).

«...conhecemos o amor...» Como?

1. Intelectualmente, pela observação do que Cristo fez: «compreendemos seu grande amor» através da aplicação de nossos poderes intelectuais.

2. Conhecemos esse amor experimental e espiritualmente, através da iluminação e seu poder sobre a alma. O autor sagrado, como todo o N.T., dava ao «amor» posição superior ao «conhecimento» ou «gnosis». Os gnósticos jactavam-se de sua forma espúria de «conhecimento». O crente, porém, ufana-se de seu amor espiritual, que é poderoso.

3. A revelação mostra-nos a suprema importância do amor, ajudando-nos a compreender mais profundamente a sua natureza. Deus é amor (ver I João 4:8). O autor sagrado não teria dito «Deus é conhecimento», embora a glória de Deus consista de inteligência. De qualquer modo, o amor encontra uma corda responsiva em todo o mundo, porquanto não existe homem (a menos que seja mentalmente enfermo) que não queira ser amado. Buscamos anelantemente ao amor; queremos ser queridos, necessitados e apreciados. Algumas vezes buscamos desajeitadamente ser amados, de tal modo que não temos certeza sobre quais sejam nossos alvos na vida; porém, todos procuramos ser amados. Se alguém quiser ser amado, que ame. O amor é um poderoso imã que atrai uma expressão semelhante.

«...em que Cristo deu a sua vida por nós...» Trata-se este de um tema comum nas páginas do N.T., sendo, realmente, a mensagem central desse documento sagrado. Tudo depende do amor de Cristo, que nos proviu «expição». O vocábulo «deu» é uma alusão direta à outorga de sua vida sobre a cruz. (Ver as notas expositivas em I João 2:1,2 acerca desse tema. Ver também 5:11 quanto à doutrina da «expição», e onde há notas



expositivas completas sobre as várias teorias a respeito. «Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós... mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem acabamos agora de receber a reconciliação» (Rom. 5:6-8,11). Notemos, por igual modo, a mensagem do grande Pastor, no décimo capítulo do evangelho de João: devido a seu amor pelas ovelhas é que ele deu por elas a sua vida. E isso transparece especialmente nos versículos onze, quinze, dezessete e dezoito. O bom Pastor «dá a sua vida pelas ovelhas», a fim de que elas escapem ao perigo e vivam. «Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos» (João 15:13).

«...e devemos dar nossa vida pelos irmãos...» Essas palavras indicam, sobretudo, a «doação da vida» em ação altruísta, em serviço benéfico, com expressão de amor—cuidando dos outros como cuidamos de nós mesmos. Isso pode incluir, naturalmente, a morte sacrificial pelos outros, tal como no caso do mártir.

*Falas de amor e eu ouço tudo e calo!*  
*O amor da Humanidade é uma mentira.*  
*E é isto que na minha lira*  
*De amores fúteis poucas vezes falo.*  
 (Augusto dos Anjos, Paraíba)

A experiência humana mostra que o poeta estava equivocado. Consideremos o caso recentemente ocorrido (parece ter sido no ano de 1972) com uma família no Alasca, composta de um homem, sua esposa e duas crianças. Saram para dar um passeio e subiam por uma trilha coberta de neve. Repentinamente, foram atacados por um urso pardo, uma das feras mais poderosas e implacáveis que há. O gigantesco animal primeiramente se apoderou do homem e mordeu-lhe uma perna, inutilizando-a. A mãe com uma criancinha atada às costas, apanhou um mero pedaço de pau e correu em cima da fera para defender seu marido. Ela bateu no ombro da fera com o pau e resistiu a seus ataques. De repente, o urso resolveu fugir. Todos estavam salvos. O marido observou mais tarde: «Desafio a qualquer um a dizer que a família está morta, ou que Deus está morto». O amor dera àquela pequena mulher uma coragem tremenda, naquele momento de crise urgente. Resistiu com sucesso ao urso pardo. O amor confere-nos o poder de resistir a todos os males que nos assediam, até à própria morte, porquanto o amor jamais poderá perder aos que lhe pertencem. O amor transcende à própria morte, e, em um nível mais elevado da existência, une aqueles que se têm amado um ao outro. Morte? Não há morte! Mas o amor permanece eternamente.

17 ὁς δ' ἂν ἐχῇ τὸν βίον τοῦ κόσμου καὶ θεωρῇ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ χρειᾶν ἔχοντα καὶ κλείσῃ τὰ σπλάγχνα αὐτοῦ ἀπ' αὐτοῦ, πῶς ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ μένει ἐν αὐτῷ;

17 (μὴν P al lat sa g; R] μὴν KL al bo)

3:17: Quem, pela, tiver bens do mundo, o vende o seu irmão necessidade, lhe fechar e seu coração, como permanece nele o amor de Deus?

Este versículo mui se assemelha ao sentimento expresso no trecho de Tia. 2:15,16: «Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa, e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos, e fartai-vos, sem, contudo, lhes dardes o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Tiago escreveu isso em relação à «prova da fé». E o autor da presente epístola assim diz em conexão com a prova do amor.

A natureza do amor é dar-se, pois é o altruísmo em ação. Quando amamos, desejamos para os outros o que queremos para nós mesmos. Se sentimos frio, adquiriremos algo que nos ajude a aliviar a situação; naturalmente buscamos nosso próprio conforto. Se estivermos famintos, compramos alimentos, e isso até para alguns dias, não somente para efeito de conveniência, mas para termos bom sentimento psicológico, sabendo que pelo menos no dia seguinte não estaremos sofrendo fome. Aquele que ama e tem recursos para tanto, fará a mesma coisa pelo próximo, porque transferirá seu amor à outra pessoa. Até mesmo o amor a Deus é algo muito prático. Notemos, em Mat. 25:35 e ss., que o amor a Deus se expressa pelo cuidado por outros: se estiverem famintos, alimentá-los-emos; se estiverem sedentos, dar-lhes-emos algo para beberem; se estiverem despidos, haveremos de vesti-los; se estiverem desabrigados, haveremos de acolhê-los em casa; se estiverem doentes, cuidaremos deles; se estiverem aprisionados, visitá-los-emos. E aquilo que fazemos ao último dos homens, fazemos para o grande Rei, porquanto são todos seus irmãos. Esse Rei é nosso Senhor, conforme se aprende no versículo quarenta e cinco daquele mesmo capítulo. As almas da grande maioria dos homens não atingiu ainda a ascensão mística necessária para contemplar e amar a Deus diretamente. Mas todos os homens podem amar a Deus indiretamente, amando ao próximo. Dado que a demonstração de amor consiste da simples partilha do que possuímos, com outros, todos os homens podem amar. Consideremos a história do bom samaritano, em Luc. 10:30 e ss. O Senhor Jesus deu-nos uma nova definição do «próximo» que deve ser amado, nessa parábola. O próximo é qualquer ser humano em necessidade. O trecho de II Cor. 9:6 e ss. mostra-nos que a bondade praticada não pode deixar de ser recompensada. Deus sabe quem merece a bênção por haver dado a outros. Ou aqui ou no mundo eterno, o amor será recompensado. «Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo. Quem dar a beber ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão». (Mat. 10:40-42).

O autor sagrado demonstra que o amor não é meramente uma proposição

Shopenhauer, em sua filosofia pessimista, supunha que o amor não existe. O que se chama de amor entre os sexos seria apenas sexo, conforme ele afirmava. Isso, naturalmente, expressa falta de bom senso. Consideremos, por exemplo, o amor de um pai por seu filho, de uma mãe por sua filha, onde não se faz presente qualquer impulso sexual. Não há também o amor de um homem por outro, até mesmo quando não há qualquer relação de parentesco? Existe aquele amor que não tem vinculação alguma com o sexo, mas que é um genuíno interesse por um outro ser humano.

Consideremos o caso do padre Kolbe, que demonstrou extraordinário amor ao ser enviado para o campo de concentração nazista em Auschwitz, no sul da Polônia. Quando um prisioneiro fugiu e dez outros prisioneiros foram condenados por seu «crime», embora não tivesse sido escolhido para morrer, o padre Kolbe se ofereceu voluntariamente para tomar o lugar de Francis Gajowniczek. Então os dez foram deixados para morrer de inanição. O padre Kolbe foi o último a morrer, e ajudou cada um dos outros nove a enfrentarem a morte. A 17 de outubro de 1971 ele foi beatificado pela Igreja Católica Romana. O próprio papa oficiou a ocasião, o que é algo muito raro. Gajowniczek e sua esposa estiveram presentes à cerimônia. Kolbe não foi esquecido, e para alguns nunca o será, porquanto seguiu o exemplo de amor deixado por Cristo.

Todo o amor que há entre os homens é inspirado pelo Espírito de Deus, sem importar quem o exerça. É o Espírito Santo quem faz os homens agirem do modo que nunca agiriam sem a sua influência.

«Assim como Cristo fez, seguindo seu impulso de amor, assim devemos nós fazer, seguindo o nosso, vinculados como estamos a ele não pela mera força de um exemplo externo, mas pelo poder de uma vida íntima». (Alford, *in loc.*).

«E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou» (II Cor. 5:15). (Ver também Rom. 16:4, onde se vê que Priscila e Áquila arriscaram suas vidas em favor de Paulo, provavelmente na cidade de Éfeso).

«O amor de Jesus é universalmente inteligível; fala a homens de todas as nações, classes e raças; e devemos ter fé na capacidade dos homens em corresponderem ao mesmo. Conforme disse uma ignorante mulher africana, após ouvir o primeiro sermão cristão, da parte de um missionário: 'Al! Eu sempre disse a vocês que deveria haver um Deus assim'». (Fosdick, *The Meaning of Prayer*, pág. 3; citado por Hoon, *in loc.*).

O amor, tal como a morte, transforma tudo. Os apóstolos e mártires, bem como todos os verdadeiros cristãos, agiam com base nessa suposição. «Mas o maior dentre vós será vosso servo» (Mat. 23:11).

17 Dt 16:7-8

teológica e uma condição mística da alma, sobre o que podemos falar. É algo prático, que afeta a vida diária. Conta-se a história de William Ellery que todos os dias alimentava duas pobres mulheres, as quais, por alguma perversão psicológica, supunham que outras pessoas queriam envenená-las. Aceitavam alimentos exclusivamente da parte dele. Ele não as chamava de loucas, suprimindo suas necessidades, apesar de serem tão estranhas. Esse era o espírito de Cristo, operante nele.

Os judeus tinham um senso agudo de esmolas, o que passou ao cristianismo primitivo. Dar esmolas aos pobres era considerado a principal virtude, no judaísmo. (Ver as notas expositivas completas sobre isso, em Ato 3:2. Naquele lugar, as notas servem de ilustração do versículo presente).

«...vir a seu irmão...», isto é, «contemplar» em sua necessidade, percebendo que a mesma é genuína. Os olhos de sua alma se abrem, mas ele poderá fechá-los, devido a seu egoísmo. Dirá: «O que o impede de trabalhar? Mas não quererá considerar que nem todos têm a oportunidade de trabalhar e avançar, e que algumas pessoas têm de enfrentar desastres e infortúnios que as impedem, o que não tivemos de enfrentar.

«...fechar-lhe o seu coração...» No grego é «*splogchna*», os órgãos internos, palavra usada para indicar os intestinos, mas também o coração, os pulmões, o fígado, e até mesmo o útero. Os antigos notaram como as emoções afetam os órgãos internos, incluindo os intestinos e o coração. Assim, vieram a pensar que esses órgãos são a sede das emoções, tal como hoje em dia a palavra «coração» indica a porção emocional do homem, e, algumas vezes, até mesmo o homem essencial, a alma. Tal palavra veio a indicar a idéia de «compaixão». Um homem pode esclerosar sua «compaixão», seu «coração», recusando-se a ajudar aos necessitados. Tal homem só odeia. Aquele que ama exerce sua compaixão e dá a fim de aliviar a necessidade. A forma verbal da palavra aqui usada significa «ter piedade», «sentir simpatia». O amor, em suas manifestações práticas, é exatamente isso.

«...o amor de Deus...» Consideremos os seguintes pontos: 1. O amor de Deus, que «pertence» a ele, mas que ele insufla nos homens por seu amor. Esse é o genitivo possessivo. 2. O amor que Deus sente (genitivo subjetivo), e que ele leva outras pessoas a sentirem. 3. O amor a Deus (genitivo objetivo), porque, ao amarmos ao próximo, amamos ao próprio Deus. Vários intérpretes preferem uma ou outra dessas possibilidades. Todos os três aspectos são verdadeiros, em última análise. Este versículo ensina-nos que o amor ao próximo se alicerça sobre o amor de Deus—ele e a fonte de todo o amor, conforme já foi explicado na exposição, mais acima.

«A fé me dá Cristo; o amor que flui dessa fé me dá a meu próximo». (Faucett, *in loc.*).

Lembre-mos da história de Lázaro e do rico; Lázaro jazia no portão da

casa do rico, coberto de feridas e faminto. O rico não lhe dava qualquer atenção. Os cães é que se compadeciam do homem, embora seus semelhantes humanos não o fizessem. Os outros homens não viam um irmão, mas apenas um esmolar. A morte, entretanto, reverteu essa situação.

«...irmão...» Qualquer homem em necessidade, como no caso do «próximo» aludido no décimo capítulo do evangelho de Lucas.

«Nada no mundo vive e prospera, senão à sombra do amor. Correi a série

18 Τεκνία, μὴ ἀγαπῶμεν λόγῳ μὴδὲ τῇ γλῶσση ἀλλὰ ἐν ἔργῳ καὶ ἀληθείᾳ.

18 Jan 2.13-16

3:18: Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obras e por verdade.

O amor, por ser algo prático e demonstrável por meio de atos os mais comuns, não pode ser confinado ao mero idioma, a discursos, poemas e estudos escritos. Uma palavra dita não pode mitigar a fome; uma frase bonita não pode dessedentar; um belo poema não pode aquecer um corpo que sofre frio. Naturalmente, as palavras são instrumentos poderosos, mas somente quando postas em ação.

A fala pode ser uma força potente para o bem ou para o mal. «Falar é fácil». «Palavras, palavras, nada senão palavras». «Ele é apenas um palrador». Essas declarações ilustram uma comum depreciação da importância da fala. Mas, haverá no mundo algo mais potente para o bem ou para o mal do que as palavras? A fala é a faculdade que diferencia o homem dos animais. É o sinal de personalidade. A autoconsciência se manifesta somente por meio da fala. O pensamento é impossível sem palavras, que correspondem a idéias. As ações são precedidas pelo pensamento, conforme dizia Heine: «O pensamento antecede às ações, como o relâmpago antecede ao trovão». No entanto, o pensamento é impulsionado pelas sugestões verbais. Toda a cooperação entre os seres humanos, quanto a seu sucesso, depende da comunicação verbal... a solidariedade cultural de um grupo se baseia em um idioma comum. O caráter também se revela pela fala do indivíduo. «...porque a boca fala do que está cheio o coração» (Luc. 6:45). Portanto, Tiago (no terceiro capítulo) não está de forma alguma equivocado, ao dar tão grande ênfase à língua». (B.S. Easton, comentando sobre Tia. 3:2).

A língua é um pequeno membro: mas que poder tem ela. Pode inflamar uma turba a fazer atos impensados, ou pode inspirar uma nação a ações heróicas. Palavras descontroladas e iradas podem destruir lares, destruir amizades e levar nações à guerra. Uma palavra ousada e corajosa pode inspirar a ações nobres e até sobre-humanas. «Uma palavra proferida em um momento solene pode ser uma força mais poderosa em favor do bem ou do mal do que qualquer ação ousada», dizia Plndaro. Pensemos no tempo da Segunda Guerra Mundial, na Inglaterra, quando Churchill falou em «sangue, suor e lágrimas» para o povo inglês e o capacitou a resistir aos bombardeios alemães. Pensemos no efeito das nobres palavras de Deus. O mundo jamais conseguirá esquecê-las. Pensemos nas tiradas de Hitler. «Tanto a glória como a desgraça vêm do falar». (Ben Siraque, Eclesiástico 5:13). Por isso é que Jesus declarou: «...porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado» (Mat. 12:37). «Muitos têm caído pelo fio da espada, mas não tantos quantos têm caído pela língua» (Ben Siraque, Eclesiástico 28:18).

Podemos apreciar e reconhecer tudo isso; mas uma espécie de uso da língua existe, que não passa de desculpa em lugar da ação, uma mera pretensão, que evita hipocritamente prestar ajuda a outros. É contra essa

19 [Καὶ] ἐν τούτῳ<sup>a</sup> γνωσόμεθα ὅτι ἐκ τῆς ἀληθείας ἐσμέν, καὶ ἔμπροσθεν αὐτοῦ πείσομεν τὴν καρδίαν ἡμῶν<sup>a</sup>

<sup>a</sup> 19 [D] ai ἐν τούτῳ N C K P Ψ 049 81 88 104 181 230 451 845 1241 1738 1877 1681 2127 2492 Bm Lect it<sup>a</sup> xxi<sup>a</sup> cor<sup>m</sup> arm eth Augustine John-Damascius Ps-Documenius Theophylact f ἐν τούτῳ A B 338 436 620

<sup>a</sup> 19-20 e none, e minor: WH Nm BF<sup>2</sup> RV) (ABV=a) RBV NEB TT (8eg) e minor, e dash: Zdr f e maior, e minor: TR Bm AV ASV f e minor, e minor: Luth Jm

19 γνωσόμεθα] γνωσόμεν KL al lat sy | τὴν καρδίαν A\*B 1739 b r sy<sup>p</sup>; R] τας καρδίας N p lat sy<sup>a</sup> c | (ἡμῶν)· c; , R)

Tal como em 3:13, o equilíbrio da evidência externa e das probabilidades internas garante o uso de colchetes no caso de καὶ.

3:19: Não conhecemos que somos da verdade, e diante dele tranquilizaremos o nosso coração;

Aquele em quem opera o princípio do amor, diz: «Isso é o poder do Espírito Santo, que opera em mim, pelo que minha comunhão com Deus deve ser veraz; se minha comunhão é genuína, então permaneço na verdade divina». A expressão prática do amor, pois, nos confere a certeza de que nossa fé é válida, e de que o alvo que ela busca (a vida eterna) pode ser e realmente será obtido. As palavras «...da verdade...» implicam em «origem». É virtualmente equivalente a «nascer de Deus». (Ver o décimo versículo deste capítulo). Por semelhante modo, somos «da luz» (ver João 12:36), isto é, possuímos iluminação espiritual e nela permanecemos; e nessa iluminação conhecemos a Deus Pai e a Deus Filho. Essas duas palavras também são polêmicas. O autor sagrado vinha atacando os hereses gnósticos por toda esta epístola. Tais indivíduos prejudicavam a comunhão dos santos, pois eram frios e desprezavam a outros. A mensagem gnóstica não envolvia exigências morais, tendo eles perdido de vista a significação do amor fraternal. Em contraste com isso, o «verdadeiro evangelho» promove o amor. Portanto, amar é reconhecer a «verdadeira» ou «genuína» operação da Palavra de Deus sobre a alma humana.

O amor estabelece o companheirismo; o companheirismo caracterizado pelo amor dá «certeza» de verdadeiro contacto com Deus, e que o «evangelho» seguido pelo indivíduo é veraz. Portanto, as obras não somente comprovam a genuinidade do amor, mas o amor genuíno é uma espécie de «prova» da fé para nós mesmos, uma medida de segurança de que estamos

orgânica inteira, e encontrá-lo-eis por toda a parte e presidindo aos destinos da vida... Subi às regiões etéreas, onde os astros colossais percorrem em órbitas infinitas a rota que a mão do Criador lhes imprimiu; subi nas asas do pensamento, e vereis que os mundos não se precipitam nos abismos incomensuráveis do espaço, produzindo a mais pavorosa das catástrofes, antes giram harmônicos e submissos à lei suprema da ordem, porque os dirige uma força misteriosa e soberana, a atração universal, outra forma de amor». (Ramiz Galvão, trecho de um discurso).

18 α] am K r al latt c

forma de fala inútil e enganadora que o autor sagrado nos adverte. Por isso é que Tiago advertiu contra o uso de meras palavras, pias e hipócritas, em lugar das obras que acompanham a fé (ver o segundo capítulo da epístola de Tiago).

«...Filhinhos...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse termo, ver I João 2:1).

«...não amemos de palavra...» Não digamos apenas: «Amo ao próximo», relegando tudo à teologia abstrata. Digamos: «Amo ao próximo», e em seguida verifiquemos sua necessidade, a fim de ajudá-lo. «Não amam aqueles que não demonstram o seu amor». (Shakespeare, *Two Gentlemen of Verona*, ato I, cena 2).

«...de fato e de verdade...» Devemos amar de «fato» porque o amor se concretiza na forma de «ação». E devemos amar de «verdade» porque a ação deve corresponder ao amor genuíno que deve haver na alma. Outrossim, deve tudo estar de acordo com a «verdade do evangelho», que impõe exigências morais, a maior das quais é o amor. «Não em meio do espaço vazio, mas em meio a realidades tangíveis». (Smith, *in loc.*). «O amor prático é melhor. Muitos amam a Cristo somente com a ponta da língua». (João Bunyan, *Boas Novas*).

Notemos o que diz o décimo nono versículo: «...conhecemos que somos da verdade...» Portanto, quando é genuíno, o amor será expressão somente de pessoas regeneradas, em quem opera a verdade do evangelho. É-nos dito que quando o idoso apóstolo João não podia mais caminhar para as reuniões dos cristãos, era carregado até ali. Ele estava acostumado a dizer: «Filhinhos, amai-vos uns aos outros...» E a passagem de Rom. 12:9 diz: «O amor seja sem hipocrisia». I Ped. 1:22 declara: «...tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos de coração uns aos outros ardentemente...» «...a quem eu amo...» (I João 1 e III João 1).

A hipocrisia se deleita em sublimes especulações, porque não tem a intenção de pagar qualquer preço». (Alexander, *in loc.*). «Se o amor consistisse apenas de palavras, então o amor cessaria ao cessar a palavra dita. Tal era o amor entre Balaque e Balaão. Mas, se o amor não consiste apenas de palavras, não pode ser dissolvido; esse foi o amor de Abraão. Isaque, Jacó e o resto dos patriarcas antes deles». (Yalcut Rebeni, fol. 145,4, Talmude).

O amor invoca o propósito da eternidade; torna possível a vida no presente.

Que eu amarei sempre,  
Ofereço-te  
Aquele amor que é vida,  
E vida tem imortalidade.  
(Emily Dickinson)

19-20 e none, e minor: WH Nm BF<sup>2</sup> RV) (ABV=a) RBV NEB TT (8eg) e minor, e dash: Zdr f e maior, e minor: TR Bm AV ASV f e minor, e minor: Luth Jm

19 γνωσόμεθα] γνωσόμεν KL al lat sy | τὴν καρδίαν A\*B 1739 b r sy<sup>p</sup>; R] τας καρδίας N p lat sy<sup>a</sup> c | (ἡμῶν)· c; , R)

«na trilha certa». Pelo menos é certo que o diabo nunca se ocupa em fazer os homens amarem uns aos outros. Se os homens chegarem a mostrar atitude altruísta uns para com os outros, podemos dizer: «Deus é quem os inspirou», pois o Senhor é a única fonte originária do verdadeiro amor.

«...perante ele...», isto é, «segundo sua correta avaliação», pois de Deus ninguém pode ocultar coisa alguma, o qual também considera todos os fatores. Nossa confiança é tão forte que até diante de Deus avaliada por seu severo juízo, ela permanece de pé. Isso só pode acontecer, quando a evidência de nosso amor é tão forte que nenhuma dúvida é deixada. Deus é amor; amamos, pelo que somos de Deus. Essa é a seqüência que naturalmente se seguirá.

O termo grego «peitho» pode ter um dentre dois sentidos pertinentes ao presente texto: 1. «Persuadir» (ver Atos 19:26; 17:4 e II Cor. 5:11). 2. «Assegurar» ou «acquietar» (ver Mat. 28:14). Tradutores e intérpretes preferem uma ou outra dessas possibilidades. O coração deseja conhecer a verdade e segui-la; quando amamos, fica o coração «persuadido» de que a verdade foi encontrada. O coração pode sentir-se «perturbado» ante dúvidas e temores, e então pode até duvidar de que encontrou a verdade. Mas quando amamos, nossos corações são «tranquilizados» e «assegurados». O amor, tal como a bondade, transcende ao que é meramente terreno, falando para nós da eternidade. A verdade nos conduz à eternidade. A rota mais curta até Deus é a do amor, pois, no solo do amor é que a espiritualidade pode ser abundantemente cultivada. Sem amor, nenhum cultivo espiritual é possível. Mas tão grande é a certeza conferida pelo amor, que ela



permanece de pé até na presença do Senhor Deus.

Alguns intérpretes pensam que o versículo vigésimo dá continuação ao anterior; e disso emerge uma interpretação diferente, «e asseguramos nossos corações perante ele, sempre que nossos corações nos condenem». Embora o coração nos «condene» e perturbe, levando-nos a duvidar de que estamos na verdade, eis que o amor se apressa a vir em nosso socorro, dizendo: «Tu amas, pertences à verdade». A frase seguinte, que afirma que Deus «conhece» a tudo, sendo maior que nosso próprio juízo, deve ser compreendida de maneira positiva. Talvez sintamos que devemos ser condenados, embora amemos; mas Deus sabe melhor que isso e estamos justificados. A onisciência de Deus confirma o testemunho do amor.

Se fizermos a separação entre os versículos dezenove e vinte, então reconheceremos, no vigésimo versículo, que podemos ser condenados por 20 ὅτι ἐὰν καταγινώσκῃ ἡμῶν ἡ καρδιά, ὅτι μείζων ἐστὶν ὁ θεὸς τῆς καρδίας ἡμῶν καὶ γινώσκει

πάντα.

20 (στ 1<sup>a</sup>) δ π R | στ 2<sup>a</sup>) em A 33 pc lat

3:20: porque se o coração nos condena, maior é Deus do que o nosso coração, e conhece todas as coisas.

A tradução portuguesa que seguimos dá idéia de uma interrupção entre os versículos dezenove e vinte. Isso faz com que pareça que o vigésimo versículo dá a entender que «nossos corações podem condenar-nos com razão», por nos faltar o amor genuíno, e, portanto, a genuína espiritualidade. O testemunho do coração, pois, é confirmado pela onisciência divina. Deus conhece tudo, e reforça aquilo que o coração já dissera em autocondenação. Nossos corações chamam-nos de «hipócritas» porque nos feitos não se coadunam com nossas palavras. Certamente, pois, o juízo de Deus será ainda mais severo, porquanto desvendará maior e mais profunda hipocrisia do que a de que temos consciência.

Entretanto, há grande número de bons intérpretes que preferem entender a primeira parte deste versículo juntamente com o décimo nono versículo—o amor aquietar nossos corações perante Deus, sempre que outros nos condenam. O coração pode começar a duvidar, mas o amor nega a dúvida e salienta as «obras genuínas» operadas pelo amor, e, dessa maneira, tranquiliza as nossas dúvidas. Além disso, Deus é onisciente, confirmando o testemunho do amor. Desse modo, obtemos plena certeza e paz de espírito. Como ilustração dessa interpretação, tomemos o caso de Pedro e seu amor, no vigésimo primeiro capítulo do evangelho de João. Jesus indagava a Pedro acerca da qualidade de seu amor por ele. Em cada pergunta, Pedro afirmava que seu amor era verdadeiro. Reforçou essa afirmação apelando para o próprio conhecimento de Jesus acerca da veracidade da questão: «Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo» (João 21:17). A onisciência de Deus, pois, serve para nós de consolo. A despeito de nossas falhas, se nossa fé e amor são genuínos, ele saberá disso, até mesmo quando cairmos na dúvida.

Conta-se a história de como o cura de Thomas Scott ficou muito agitado porque teria de pregar na sua presença. Thomas Scott o repreendeu, dizendo que se o cura não temia pregar perante Deus, por que temeria pregar perante qualquer homem? Sua resposta foi que Deus nunca se mostra invejoso e nem censurador, conforme sucede aos homens. E Deus «tolera» as fraquezas, o que os homens não toleram.

21 Ἀγαπητοί, ἐὰν ἡ καρδιά [ἡμῶν]\* μὴ καταγινώσκῃ<sup>7</sup>, παρρησίαν ἔχομεν πρὸς τὸν θεόν,

\* 21 καρδία A B Ψ 33 436 945 1241 1739 vg<sup>ms</sup> Origen Augustine John-Damascus [C] καρδία ἡμῶν M C K 049 066 0142 81 84 104 181 326 330 451 614 629 630 1305 1877 1881 (2127 2492 ἡμῶν) 2412 2492 Byz Lect it<sup>ms</sup> arm<sup>ms</sup> eth<sup>ms</sup>

vg syr<sup>h</sup> cop<sup>ms</sup> arm<sup>ms</sup> eth Clement Origen<sup>ms</sup> Cyprian Didymus Henrichus Ps-Athanasius John-Damascus Ps-Deocumenius Theophylact

\* 21 καταγινώσκῃ ἡμῶν (N\* καταγινώσκω; N<sup>a</sup> A<sup>ms</sup> καταγινώσκει) K Ψ 049 066 0142 33 81 104 181 326 330 436 451 614 629 630 943 1739 1877 1881 2127 2412 2492 Byz Lect it<sup>ms</sup> arm<sup>ms</sup> eth<sup>ms</sup> vg syr<sup>h</sup> cop<sup>ms</sup> lat<sup>ms</sup> arm<sup>ms</sup> eth<sup>ms</sup>

Origen<sup>ms</sup> Didymus Ps-Athanasius [John-Damascus] καταγινώσκει; / καταγινώσκῃ ἡμῶν 1241 1305 2492 [C] καταγινώσκῃ B\* καταγινώσκω; B<sup>a</sup> C Origen Augustine

No arranjo abaixo, são sumariadas as onze variantes, sob quatro títulos principais.

1. ἡ καρδιά μὴ καταγινώσκῃ B Orígenes
2. ἡ καρδιά ἡμῶν μὴ καταγινώσκῃ C (1) 8152 2464 Orígenes
3. ἡ καρδιά μὴ καταγινώσκῃ ἡμῶν (A) Ψ (33) 322 456 945 (1241) 1739 João Damasceno
- ἡ καρδιά μὴ καταγινώσκει ἡμῶν A 33
- ἡ καρδιά μὴ καταγινώσκει ἡμῶν 1241
4. ἡ καρδιά ἡμῶν μὴ καταγινώσκῃ ἡμῶν (N\*) K (049) 056 0142 81 104 181 326 330 451 614 623 629 630 (1243) (1505) 1844 1877 1881 (2127) 2412 2492 (2495) Byz Lect it (r) vg sir (ph) ara eti Orígenes Dídimo Ps-Atanásio (João Damasceno).
- ἡ καρδιά ἡμῶν μὴ καταγινώσκῃ ἡμῶν 2127
- ἡ καρδιά ἡμῶν μὴ καταγινώσκῃ ἡμῶν 2495
- ἡ καρδιά ἡμῶν μὴ καταγινώσκῃ ἡμῶν 1505
- ἡ καρδιά ἡμῶν μὴ καταγινώσκω ἡμῶν N\*
- ἡ καρδιά ἡμῶν μὴ καταγινώσκει ἡμῶν 049 1243 João Damasceno.

Por um lado, pode-se argumentar que a forma (1) é a original e que ἡμῶν é uma adição natural suprida por copistas, em acordo com o uso dos versículos anteriores. Por outro lado, a maioria da comissão não quis adotar uma forma que pode resultar de poda alexandrina (B Orígenes), e preferiu seguir aqueles testemunhos que dizem ἡμῶν após καρδιά, onde a posição do pronome pode servir também como objeto do verbo. Todavia, em face da excelência geral do códex Vaticanus, julgou-se melhor deixar o pronome entre colchetes. (A forma καταγινώσκω de N\* naturalmente, é um erro escríbal, e a substituição de ἡμῶν por ἡμῶν em certa variedade de testemunhos, surgiu da circunstância que, no grego posterior, ambos os vocábulos eram pronunciados do mesmo modo.

nossos corações, por «não amarmos»; ou, pelo menos, essa idéia ficará subentendida. Nesse caso somos «justamente condenados» pelo espírito sem amor; e o próprio juízo de Deus confirma e aumenta a condenação. Em seguida, o versículo vigésimo primeiro mostra que o coração que «não condena» serve de bom sinal de que Deus também não nos condena, embora o coração, em seus juízos, seja menos sábio do que Deus.

**Variante Textual:** A palavra introdutória «καὶ» («e») se acha neste versículo nos mss Aleph, CLP, Si, Sai, Etl e Ars. Mas é omitida pelos mss AB, latim d, na Vg, no Si (alguns manuscritos) e no Cóp. A evidência textual favorece um pouco mais a omissão. Além disso, o texto mais breve usualmente é o correto, embora isso não possamos estar absolutamente certos. Por essa razão, os modernos críticos textuais retêm essa palavra no texto, entre colchetes, indicando que o mesmo é duvidoso, sem certeza de que deve ser realmente omitido.

*Pensamentos difíceis de serem postos  
Em um ato estreito,  
Fantasias que furavam a língua e escapavam;  
Tudo quanto eu nunca pude ser,  
Tudo quanto os homens ignoravam em mim,  
Isso eu valia para Deus, cuja roda  
O oleiro amoldou.  
(Rabbi Ben Ezra)*

Deus, pois, conhece o pleno valor de um homem, o que outros homens ignoram, propositadamente ou por estupidez. E a avaliação divina sobre nossa condição espiritual algumas vezes pode ser melhor que a de nossos próprios corações, de nossas emoções íntimas. Podemos tornar-nos pessimistas, o que nos embaraça o juízo apropriado. Seja como for, o amor é que julga corretamente ao caráter do homem. Este último sentido é que parece adaptar-se melhor ao contexto. Devemos nos lembrar que os manuscritos originais não traziam qualquer pontuação, o que, por isso mesmo, às vezes se torna uma questão de interpretação.

É possível uma interpretação intermediária—nossos corações nos condenam com «razão», pois temos muitos defeitos. Contudo, Deus, que conhece todas as coisas, apesar de perceber nossas falhas, olha para além das mesmas e vê que a semente divina ainda permanece em nós, produzindo fruto genuíno. Portanto, ele termina conferindo-nos a sua aprovação, apesar de nossos defeitos, pois sabe que, finalmente nos transformará de modo a possuírmos a própria imagem de Cristo. Deus é por nós; nada, pois, pode ser contra nós. Isso pode ser confrontado com a passagem de Rom. 18:31-34. A presente passagem favorece o encorajamento; não parece ter tido o propósito de lançar o medo em nossos corações. Portanto, qual sublime mensagem nos é dada aqui. Deus é nosso auxílio e eterno refúgio.

*Como o passarinho, escondido, constrói sobre o terreno aguoso,  
Vou construir um ninho sobre a grandeza de Deus:  
Voarei na grandeza de Deus como o passarinho voa  
Na liberdade que enche todo o espaço entre o pântano e as céus;  
Como por muitas raízes o passarinho fixa seu ninho no solo,  
Vou corajosamente fixar as minhas raízes na grandeza de Deus.*

(Sidney Lanier)

1:21: Amados, se a caração não nos condena, temos confiança para com Deus;

...Amados... Esse é um tratamento usado aqui e em I João 3:2,21; 4:1, 7, 11 e II João 2:5, 11. (Isso é comentado no segundo versículo do presente capítulo). Dá a entender que os crentes são membros da família divina, ou seja, beneficiários do amor de Deus Pai, pelo que amam aos seus irmãos na fé.

Este versículo pode ser interpretado de mais de uma maneira, dependendo da interpretação que dermos aos versículos dezoito e vinte. Se ensinarmos que nosso coração pode condenar-nos com razão, até mesmo quando pensamos que estamos cumprindo a lei do amor, e que então Deus reforça esse julgo, porque seu conhecimento é muito mais vasto e profundo que o nosso, ficando assim demonstrado que somos hipócritas, então o presente versículo indica claramente que devemos ter consciência limpa, que nosso coração não pode condenar-nos, pois, de outra maneira, certamente seremos culpados. Somente quando o coração se vê isento de toda a culpa é que poderíamos ter qualquer confiança para com Deus.

Porém, se considerarmos juntamente os versículos dezoito e vinte, sem nenhuma interrupção, e compreendermos que «até mesmo quando nossos corações nos condenam, o amor pode infundir-nos segurança» e que Deus nos apóia nessa certeza, então o presente versículo meramente mostra que nossa confiança perante Deus pode proceder de um coração que nos reassegura da verdade, que nosso coração não nos censura, mas, bem pelo contrário, nos dá certeza do amor (com apoio da avaliação divina a respeito), quando nossos corações nos condenam. A certeza ou consolo, por conseguinte, pode ocorrer: 1. a despeito de nosso coração nos condenar; 2. através da certeza positiva dada pelo coração. Seja como for, temos confiança em Deus enquanto estivermos procurando observar honestamente a lei do amor. Isso mostra a definitiva importância do amor, praticado na vida diária do crente—confere-nos a certeza de termos corretas relações com Deus, a despeito das flutuações das emoções humanas, das dúvidas, dos temores, em alternância com o bem-estar espiritual que sentimos.

...confiança... Essa palavra pode ser comparada ao trecho de I João 2:28, onde também se comenta sobre a «confiança do crente». Naquela passagem, a «santidade» declaradamente leva à confiança diante de Cristo, quando de sua vinda, ou seja, nos confere a confiança presente. Neste ponto, tendo praticado a lei do amor, recebemos o mesmo tipo de confiança. A confiança se baseia na comunhão certa com Deus, e isso se baseia no amor e na santidade. Essa confiança, pois, torna-se a base e a origem da oração (ver o vigésimo segundo versículo). A natureza emocional do homem é proverbialmente instável. Mas nossa confiança se baseia em algo muito mais sólido do que isso—alicerça-se sobre a verdade da fé cristã, sua lei do amor; e também se alicerça sobre a justificação divina, que faz de nós filhos de Deus. Contudo, é bom termos a «absolvição» da consciência. Se recebermos essa aprovação de nossos próprios seres, então gozamos de boa esperança (embora não absolutamente certa; ver I Cor. 4:4,5 e as notas expositivas ali existentes) de que estamos certos diante de Deus. A

mensagem de Paulo, nos versículos aludidos, não transfere qualquer julgo final, acerca do valor e da validade espiritual, ao único verdadeiro Juiz. Quando o Senhor Jesus voltar, deixará isso claro. Talvez haja alguns hipócritas que se iludem a si mesmos, e que não querem reconhecer a própria hipocrisia. O autor sagrado, entretanto, apresenta-nos aqui uma «regra geral» válida—um coração livre de condenação é bom sinal de que a vida que temos é justa diante do Senhor. Seja como for, livra-nos de embaraços, para gozarmos de companheirismo com Deus; e disso nasce a confiança. Temos «isenção de qualquer restrição», ao nos aproximarmos de nosso Pai, como os filhos fazem com seus pais terrenos, quando estes últimos são bons progenitores e tratam de seus filhos com retidão. Isso nos outorga confiança até para enfrentarmos ao «juízo», embora isso não esteja aqui, particularmente, em vista.

**Variantes Textuais:** Este versículo apresenta um número extraordinário de variantes, nos manuscritos, embora seu sentido não seja perturbado com essas diferenças: onze formas diferentes aparecem abaixo, resumidas sob quatro tipos principais de textos:

1. «...o coração não condena...» no ms B e nos escritos de Orígenes.
2. «...nosso coração não condena...» nos mss C11, 1852, 2464, também nas citações de Orígenes.
3. «...o coração não nos condena...» nos mss A, P, 33, 321, 436, 945, 1241, 137, 9 e nos escritos de João Damasceno. Essa mesma forma aparece com um itacismo na palavra grega aqui traduzida por «condena», em que a letra «eta» se transforma em «ei», nos mss A e 33. E a forma «o coração não vos condena» aparece no ms 1241.
4. «...nosso coração não nos condena...» nos mss Aleph1, K, 049, 058 0142, 81, 104, 181, 326, 330, vários outros manuscritos minúsculos, no Byz. Lect., no It(r), na Vg, no Siph), no Ara, no Ecl, nos escritos de Orígenes (algumas das suas citações), nos escritos de Didimo, do pseudo-Atanásio e de João Damasceno (algumas de suas citações). Alguns desses manuscritos contêm leves variações dessa forma, conforme se vê abaixo:  
 «...vosso coração não nos condena...» ms 2127  
 «...vosso coração não vos condena...» ms 2496  
 «...nosso coração não vos condena...» ms 1506  
 «...nosso coração não nos condena...» equivoco escríbal no fim do verbo, fazendo o «eta» transformar-se em um «ômega», em Aleph11.  
 «...nosso coração não nos condena...» l—o «ta» do verbo torna-se «ei», um itacismo, nos mss 049, 1243 e nos escritos de João Damasceno.

Dentre essas formas, a primeira é a mais simples e breve, aquela que mais provavelmente teria sido modificada de vários modos, para criar as variedades que existem. O apoio em favor do primeiro «nosso», entretanto, é tão forte que alguns críticos textuais têm retido a palavra grega «emon» no texto, embora usualmente entre colchetes, para mostrar que tal palavra é duvidosa. A modificação de «nosso» para «vosso», e de «nós» para «vós» foi criada pelo fato que, no grego posterior, a segunda e a terceira pessoas do plural, quanto aos pronomes pessoais, eram pronunciadas do mesmo modo, podendo assim, facilmente, ser trocadas uma pela outra. Alguns manuscritos eram ditados e copiados, e o intercâmbio original poderia ter-se originado dessa circunstância.

22 καὶ ὁ ἐὰν αἰτῶμεν λαμβάνομεν ἀπ' αὐτοῦ, ὅτι τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ τηροῦμεν καὶ τὰ ἀρεστὰ ἐνώπιον αὐτοῦ ποιούμεν.

22 ὁ ἐὰν αἰτῶμεν...αὐτοῦ Mt 2:28; Mk 11:24; Jn 14:13; 15:7; 16:23-24

3:22: o qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos o que é agradável à sua vista.

Notemos a semelhança que há entre este versículo e a passagem de João 15:7: «Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito». Sim, pois a oração eficaz depende da santidade e da nossa comunhão com o Senhor, através de seu Santo Espírito. A verdadeira oração, pois, abraça e envolve o que é místico. Já tivemos ocasião de aprender, nos escritos de Paulo, que a oração autêntica é realizada quando o próprio Espírito Santo faz o pedido. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito em Rom. 8:26,27). A alma crente pode orar, por intermédio do Espírito, até mesmo sem a cooperação da mente consciente, e certamente, portanto, sem quaisquer palavras. A oração pode ser feita «no Espírito», como se fora um dom espiritual. É então que a oração se faz mais poderosa.

Não se pode duvidar que algumas pessoas possuem o dom da oração (ver I Cor. 14:15). Pode-se orar com o entendimento ou com o espírito. Certas orações não podem ser traduzidas em linguagem humana, sendo essa a forma que emerge das profundezas da alma, devido aos desejos santos que são inspirados pelo Espírito. Nada disso é possível a menos que nossa vida seja santa e ande em íntima comunhão com o Espírito. João expressa isso à maneira judaica: «...porque guardamos os seus mandamentos». Mas Paulo (em Rom. 8:2), percebendo que a lei de Moisés não pode ser uma força justificadora, e nem mesmo santificadora, refere-se à «lei do Espírito». Essa lei consiste das qualidades morais da natureza divina, aplicadas no íntimo do crente, pelo poder do Espírito Santo. Apesar desses dois autores sagrados expressarem esse conceito de modo diferente, Paulo nos oferece um registro mais exato, por estar estribado em uma revelação superior. Mas tudo redunda na mesma coisa, ao examinarmos a questão. A santidade no íntimo é a santidade de Deus, se porventura é genuína; e essa santidade vem através da permanência em Cristo, sendo misticamente inspirada, isto é, através do contacto real de nossos espíritos com o ser divino. Sendo essa a questão, a oração que flui da alma santificada mostra-se eficaz. Por essa razão é que Tiago disse algo similar, quando escreveu: «Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo» (Tia. 5:16). (Quanto a uma nota expositiva detalhada sobre a «oração», ver Efé. 6:18).

A oração é um ato de criação: pode modificar as pessoas, e também modificar as circunstâncias. Mas, sob o poder de Deus, também pode modificar as coisas que controlam e afetam a vontade humana. Vale-se do poder divino, pelo que pode fazer qualquer coisa, contanto que se confine dentro dos limites da vontade de Deus. Tiago adverte-nos de que podemos pedir sem receber, por pedirmos erroneamente, a fim de satisfazer a nossos próprios desejos. Toda oração usada egoisticamente, necessariamente

fracassa. O Pai sabe quais são as nossas necessidades; ele também sabe o que nos é prejudicial. Ele não satisfaz aos nossos caprichos, especialmente aqueles que poderiam prejudicar-nos ou estragar-nos, do mesmo modo que um pai terreno não satisfaz a todos os pedidos tolos e infantis de um filho seu, quando sabe bem que isso o prejudicaria.

**Crânice:** A maioria dos crentes mostra-se infantil em suas orações. Conta-se a história de uma menina pequena que, ao dizer suas orações à beira da cama, sempre as atulhava de pedidos egoístas e infantis, tal como se poderia esperar mesmo de uma criança pequena. Uma noite, entretanto, ela surpreendeu seus pais, ao acrescentar no fim de sua oração as palavras, «...e agora, Senhor, o que posso fazer por ti?» Assim sendo, a oração e a vida cristã em geral devem manter em mente a glória de Deus, e sua glória é promovida quando servimos a nossos semelhantes. O apóstolo Paulo forneceu-nos um modelo de oração, no trecho de Efé. 1:15 e ss. Ali ele falava acerca do conhecimento da vontade de Deus, com a iluminação da alma, com a obtenção do poder espiritual. Em suma, ele estava interessado nos aspectos espirituais do ser humano, em seu destino eterno, e não apenas nas circunstâncias da vida presente.

O autor sagrado tem confiança que Deus, «...se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve» (João 5:14). «...estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito» (I João 5:15). «...pedirá, e Deus lhe dará vida...» (I João 5:16). Obtemos nessas passagens a idéia que o homem obtém aquilo que quer, porquanto Deus lhe deu na alma o desejo que deve ter. Se estivermos na devida comunhão com Deus, então nossos desejos serão piedosos, por serem inspirados pelo Espírito Santo, e assim, naturalmente, estarão dentro do âmbito da vontade de Deus Pai. E assim, quando orarmos, nossas orações serão poderosas. O que ocorre é que desejos humanos de baixa qualidade, bem como as ambições, serão substituídos por anelos elevadamente espirituais.

Apesar da oração usualmente mostrar-se ineficaz quanto aos desejos inferiores, é poderosa e bem-sucedida no caso de desejos espirituais. Em outras palavras, precisamos estar no «terreno da oração» se nossas orações tiverem de ser eficazes. A oração deve ser cultivada sobre bases morais e místicas. Nesse solo é que ela haverá de prosperar. «O ponto de apoio de que falou Arquimedes, fora deste mundo, é o quatinho onde um crente verdadeiramente supplica e ora com toda a sinceridade—onde suspende o mundo para fora de suas amarras». (Soren Kierkegaard, em *Prayer*, por Friedrich Heiler, pág. 279). «Mais coisas são efetuadas pela oração do que este mundo pode pensar». (Tennyson).

...porque em verdade vos afirmo que se alguém disser a este monte: «Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso vos digo que tudo quanto em



oração, pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco» (Marc. 11:23,24). «Pedi, e dar-se-vos-á: buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á» (Mat. 7:7).

A oração, por conseguinte, repousa sobre o alicerce formado dos seguintes ingredientes:

1. A comunhão mística, mediante a qual somos santificados, o que leva o crente a receber os desejos e alvos apropriados para suas orações.
2. A santidade ativa, em que a natureza moral de Cristo vai sendo nele formada, por operação do Espírito Santo.
3. A conformação com os mandamentos do Senhor, o que nos leva a estar sintonizados com sua lei moral.
4. A prática da bondade, em que fazemos aquilo que lhe agrada.

É óbvio, portanto, que as condições da oração são difíceis para a carne. Só podem ser satisfeitas mediante a inquirição sincera e diligentemente espiritual. A oração, portanto, é o braço dos piedosos, e não um instrumento para homens carnis. «Faz a vontade dele como se fora a tua; e então ele fará a tua como se fosse a dele». (Ditado judaico).

«Se te converteres ao Todo-poderoso, serás restabelecido: se afastares a injustiça da tua tenda, e deitares ao pó o teu ouro, e o ouro de Ofir entre pedras dos ribeiros, então o Todo-poderoso será o teu ouro e a tua prata recolhida. Deleitar-te-ás, pois, no Todo-poderoso, e levantarás o teu rosto para Deus. Orarás a ele, e ele te ouvirá; e pegará os teus votos. Se projetas

23 καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ ἐντολὴ αὐτοῦ, ἵνα πιστεύσωμεν τῷ ὀνόματι τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ Ἰησοῦ Χριστοῦ καὶ ἀγαπῶμεν ἀλλήλους, καθὼς ἔδωκεν ἐντολὴν ἡμῖν.

28 αὐτῇ... Χριστοῦ Jn 4:29 ἀγαπῶμεν... ἡμῖν Jn 13:34; 14:12, 17

3:23: Ora, o seu mandamento é isto, que criamos no nome do seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, como ele nos ordenou.

A lei, conforme ela foi aperfeiçoada nas mãos de Cristo significa, em primeiro lugar, que devemos reconhecer o novo Legislador—Jesus, o Cristo, suplantou a Moisés. Os mestres gnósticos, no entanto, degradavam a Cristo, julgando não ser ele o Verbo encarnado, mas tão-somente um dentre muitos «eons» ou emanações angelicais de Deus—não seria o único Salvador e Mediador, mas apenas um dentre muitos. O agradar a Deus (como quando observamos seus mandamentos) começa na lealdade apropriada que devemos a Cristo: em seguida resulta na obediência à lei do amor, que tanto tem sido salientada no presente capítulo, e, na realidade, por toda a presente epístola.

...que criamos... O trecho de João 6:29 é paralelo a essas palavras. A confiança em Cristo tanto é uma «obra de Deus» como é um mandamento. Essa informação foi dada aos inquiridores de Jesus, quando lhe perguntaram: «Que faremos para realizar as obras de Deus?» A resposta judaica comum, era: «Observai os mandamentos da lei». O autor sagrado já havia demonstrado que ele concorda com isso (ver o versículo anterior desta passagem). Pois aquele que «guarda os seus mandamentos» também «permanece» nele. Contudo, também havia demonstrado que essa «observância da lei» só pode realizar-se «em Cristo», e não fora dele; e também que isso é inspirado por seu Santo Espírito. Por isso é que no versículo vigésimo quarto se aprende que aquele que guarda os mandamentos do Senhor «habita nele»; e nossa permanência em Cristo nos é testificada pelo Espírito Santo. Portanto, o autor sagrado não tinha em mira mera «fé legalista». Pelo contrário, trata-se de uma fé mística, que resulta na observância da lei moral divina. Paulo não teria expresso essa questão desse modo, mas não discordaria, na realidade, com o ponto de vista da santificação e da comunhão mística com Cristo, que resulta em nossa obediência a ele.

O autor sagrado, portanto, requer a observância da lei moral de Deus; mas a primeira obrigação da lei consiste em prestarmos lealdade ao novo Legislador, reconhecendo que toda a espiritualidade nos é mediada por meio dele. Em seguida, a obrigação moral consiste de cumprirmos o novo mandamento, a lei do amor, que sumaria a lei moral inteira (ver Rom. 13:9,10). Os gnósticos repeliam os ensinamentos do A.T., e, por conseguinte, a lei mosaica. Sua ética era tão distorcida que encorajava a imoralidade. Cristo Jesus, porém, se opõe a tudo isso. Sua primeira exigência é a lealdade para com sua própria pessoa; em seguida vem a necessidade de ser cumprida a lei, mediante o amor.

Notemos o título aqui dado a Jesus, «...Filho...» Ele é o Filho sem-igual. Os gnósticos rejeitavam essa idéia, porém, mas ele é o Filho, cuja finalidade é levar muitos filhos à glória, compartilhando de sua natureza e glorificação. (Ver Heb. 2:10 e ss.; Efé. 1:23 e Col. 2:10). Os gnósticos também rejeitavam esse conceito. Ele é «Jesus». Isso fala de sua humanidade e sua missão salvadora. Os gnósticos rejeitavam, porém, a verdadeira humanidade de Cristo, pensando que um «eon» qualquer tivesse vindo tomar conta do corpo de Jesus de Nazaré, temporariamente, até que o abandonou, por ocasião da crucificação. E nem acreditavam eles ser Cristo o único Salvador. A doutrina cristã, porém, é que Cristo é o Verbo encarnado—houve uma fusão de natureza entre o homem Jesus e o Verbo eterno, tornando-se uma única pessoa. Portanto, Jesus «é» o Cristo; o Espírito-Cristo não viera meramente possuir o corpo físico de Jesus por algum tempo. (Ver as notas expositivas sobre o «Filho de Deus», em Marc. 1:1; e sobre «Jesus» em Mat. 1:21; e sobre «Cristo», em Mat. 1:16).

O autor sagrado, por conseguinte, afirmava que Jesus, o Cristo, soluciona para o crente todos os problemas de lealdade. Os gnósticos, em contraste com isso, davam lealdade a muitos «eons», porquanto adoravam aos anjos. (Ver Col. 2:18 e as notas expositivas ali existentes, sobre essa questão). Para eles, havia muitos salvadores e mediadores. O autor sagrado nega isso peremptoriamente—toda a retidão moral e toda a comunhão com Deus são mediadas pelo Filho de Deus. Ele é Salvador e Cristo, não apenas por algum tempo, em associação ao Cristo, o qual seria apenas um dentre muitos salvadores.

alguma coisa, ela te sairá bem, e a luz brilhará em teus caminhos» (Jô 22:23-28). Tudo isso sucede quando o homem «retorna ao Todo-poderoso», isto é, na revolução moral e na comunhão com o Senhor Deus.

«É uma verdade geral, ensinada nas Escrituras, que os ímpios não são ouvidos por Deus; bem pelo contrário, seus sacrifícios e orações são para ele uma abominação. Portanto, a porta é aqui fechada para os hipócritas, a fim de que, desprezando-o, não se precipitem a chegar à sua presença». (Calvino, *in loc.*).

A **TEOLOGIA DA ORAÇÃO**: Alguns intérpretes vêem as boas obras e a santidade como se fossem «méritos» que obtêm a resposta nas orações. Mas isso é entender erroneamente o modo da graça divina manifestar-se. Ninguém «merece» a resposta às suas orações mediante as boas obras; mas o indivíduo que se lança nos braços de Deus e busca fazer a sua vontade, encontra-se em posição de receber o livre fluxo do favor divino. Nossas boas obras e nossa santidade são produtos da operação do Espírito Santo; portanto, pertencem a ele, e não aos homens mortais. Assim sendo, em última análise, a glória é de Deus, o mérito também lhe pertence. Contudo, um homem deve corresponder à graça divina, pois, de outra maneira, aproximar-se-á de Deus inutilmente.

«Se eu no coração contemplara a verdade, o Senhor não me teria ouvido» (Sal. 66:18). «O que devia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável» (Pro. 28:9).

«...em o nome de seu Filho Jesus Cristo...» Essa declaração é paralela a diversas passagens do evangelho de João. (Ver João 1:12; 3:16,18,36; 6:29 e 20:30,31). Esta última passagem reza: «Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome». A expressão «seu nome», nessa última passagem, representa a pessoa de Cristo. Um «nome» é um título que nos faz lembrar do ser ou caráter essencial de uma pessoa, é a sua «identificação». Assim sendo, é no «nome de Cristo» que precisamos confiar. Ele deve contar com a nossa lealdade, não devendo ela ser dada a alguma sombria sucessão de emanações angelicais, às quais poderíamos atribuir muitos títulos. «O 'nome' de Jesus Cristo, neste ponto, representa tudo quanto ele é, um 'credo comprimido' (Westcott), tal como em I João 1:3». (Robertson, *in loc.*). «A construção (*nome* no dativo) expressa a convicção da verdade de uma declaração... a convicção que Cristo realmente é aquilo que seu nome dá a entender que ele é». (Brooke, *in loc.*).

O nome Jesus expressa seu caráter de «Salvador» e também sua «autêntica humanidade». O nome «Cristo» indica a fusão da humanidade com o Verbo divino e também sua unção para sua missão salvadora. O nome «Filho» mostra a relação ímpar que ele tem com Deus Pai e também a missão que recebeu de levar outros homens ao Pai, na qualidade de filhos. Esse é o «credo comprimido» que Westcott mencionou.

A fé é uma entrega da própria alma a Cristo, a outorga às suas mãos, para receber o processo de transformação segundo sua imagem e natureza, a fim de participar o homem da verdadeira filiação (salvação). (Ver as notas expositivas completas sobre a «fé», em Heb. 11:3). A fé consiste da lealdade às realidades eternas. Envolve muitíssimo mais que a mera concordância com um credo; consiste de ter tal credo a operar no coração, mediante o poder do Espírito Santo. A fé (em seu aspecto inicial) e o arrependimento constituem a «conversão». (Ver as notas expositivas em Atos 20:21 quanto a isso. Ver João 3:3 e as suas notas expositivas, sob o ponto terceiro, intitulado «novo nascimento», acerca da «conversão»).

«...nos amemos uns aos outros...» O «novo mandamento» faz parte do evangelho; o evangelho tem seus imperativos morais, que são sumariados na lei do amor. (Há notas expositivas completas sobre isso, em vários lugares da primeira epístola de João. Ver os seguintes trechos: I João 2:8, o «novo mandamento»; I João 2:10, o «amor como prova da comunhão com Deus». Neste ponto várias excelentes citações sobre o amor são dadas, que ilustram o presente versículo. Ver também I João 3:16-18. Quanto ao «amor como um dos aspectos do fruto do Espírito», ver Gál. 5:22. Quanto ao «amor de Deus, fonte de todo amor», ver João 3:16. Quanto ao «amor como princípio normativo da família divina», ver João 14:21 e 15:10. Todas essas notas são ilustradas com poemas).

Neste ponto, juntamente com o versículo seguinte, este versículo apresenta três novos pontos: 1. A crença—esse é um dos principais conceitos joaninos, ao qual ele retorna uma vez mais em I João 5:13, onde diz que é a razão por que esta epístola foi escrita, tal como João 20:30,31 declara que nos cumpre «crer em Cristo», sendo essa a razão pela qual o quarto evangelho foi escrito. O trecho de I João 5:13 mostra que a «vida eterna» se origina dessa crença, o que também transparece na passagem do vigésimo capítulo do evangelho de João. 2. A ênfase sobre o lado divino em nossa comunhão com Deus (ver o vigésimo quarto versículo). A declaração que «...ele permanece em nós...» não significa apenas que «nós permanecemos nele», o que já foi esclarecido em I João 1:5 ss. e 2:24). 3. O Espírito Santo (ver o vigésimo quarto versículo) é aqui primeiramente mencionado por nome, embora fique subentendido, do princípio ao fim, que qualquer permanência em Cristo deve ser feita no Espírito; e a vida cristã inteira se baseia sobre esse poder no íntimo. Agora é diretamente dito que o Espírito Santo é aquele que torna tal comunhão possível. Ele é o divino no humano.

Acerca do nome e pessoa de Cristo, Fairbairn, em *Philosophy of the Christian Religion* (pág. 16), declara: «A pessoa de Cristo... não denota simplesmente uma figura que uma vez apareceu sob as condições do espaço e do tempo... mas também representa uma ordem inteira de

pensamento, uma maneira de considerar o universo, de conceituar a Deus e ao homem em si mesmos e em suas relações mútuas. (Ver as notas expositivas em João 1:12 sobre «confiar em seu nome». Deve-se observar que ali a graça resulta em «filiação»). Nas páginas do N.T., a «filiação» é um sinônimo da «salvação», porque tudo quanto está envolvido na salvação de alguma maneira está ligado ao que Deus faz por seus filhos, os quais estão sendo conduzidos à glória. (Ver Heb. 2:3 quanto a notas expositivas completas sobre a «salvação»).

«...crejamos no nome...» «O que está envolvido nessa fé? 1. Discernir o

24 καὶ ὁ τηρῶν τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ ἐν αὐτῷ μένει καὶ αὐτὸς ἐν αὐτῷ· καὶ ἐν τούτῳ γινώσκομεν ὅτι μένει ἐν ἡμῖν, ἐκ τοῦ πνεύματος οὗ ἡμῖν ἔδωκεν.

24 ἐν τούτῳ. Ἰδὼκεν Ro 8:9; 1 Jn 4:13

3:24: Quem guarda os seus mandamentos, em Deus permanece e Deus nele. E nós conhecemos que ele permanece em nós: pelo Espírito que nos tem dado.

O autor sagrado retorna agora plenamente às idéias da comunhão e do companheirismo místico com Deus, o que já tem sido um dos temas centrais desta epístola. Em adição a isso, somos informados que essa comunhão envolve não apenas a nossa permanência em Cristo, mas também a sua permanência em nós, por intermédio de seu Santo Espírito. Este versículo pode ser comparado aos trechos de 1 João 1:5-7 e 2:24, 27, 28. Também se pode confrontar isso com a expressão paulina, «em Cristo», usada por cento e sessenta e quatro vezes em suas epístolas, denotando a comunhão mística com ele. (Ver isso comentado em I Cor. 1:4, sob o título de «misticismo cristão»).

«Portanto, que Deus se sinta em casa contigo, e se tu o lar de Deus; permanece em Deus e permite que Deus permaneça em ti. (Bede).

«O fato que os obedientes 'permanecem nele' tem como idéia correlata que Deus permanece neles, e que evidências disso são dadas pelas atividades do Espírito Santo. O trecho de Rom. 5:1-5... salienta a mesma base de certeza». (Wilder, in loc.).

«Permanecemos em Deus, e Deus permanece em nós através do Espírito Santo, (ver João 14:10,17,23; 17:21)». (Robertson, in loc.).

«Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele em nós, em que nos deu do seu Espírito» (1 João 4:13). O Espírito Santo é uma «testemunha» interna; e esse testemunho chega à nossa alma através de impulsos intuitivos. Mas, em algumas ocasiões, por semelhante modo, através de vívidas experiências místicas. A porção racional do homem se torna «confiante» da presença habitadora do Espírito Santo; e a santidade e o poder da vida são provas de sua vitalidade. O Espírito de Cristo testifica acerca de nossa «filiação» e nos «conduz» como filhos. Ele nos faz clamar: «Abba, Pai» (Rom. 8:14-16). Conforme se pode ver, a mensagem cristã essencial tem natureza mística. Aquilo que sabemos com certeza chega ao nosso conhecimento mediante o contacto com o divino e com a comunhão criada por esse contacto. A fé religiosa, portanto, vai muito além de proposições e crenças teológicas tão-somente.

«...Espírito...» (Quanto a notas expositivas completas sobre o «Espírito Santo», ver Rom. 8:1. Quanto ao fato que o Espírito Santo habita em nós como se fôramos «templos», ver Ef. 2:22). «O fantasma na máquina (o corpo humano) é o Espírito Santo». (Quanto ao «dom do Espírito», ver Ato 2:4 e as notas expositivas ali existentes).

que ele é... a visão intelectual de sua pessoa e de seu ofício. 2. Aprovar o que ele é, em nosso juízo e consciência... estando maravilhosamente preparado e adaptado para a obra inteira da salvação eterna. 3. Consentir com ele, aquecer a ele, na qualidade de nosso Redentor, que nos recupera para Deus. 4. Confiar nele, dependendo dele, quanto ao cumprimento pleno e final de seu ofício salvador». (Matthew Henry, in loc.). Isso inclui, naturalmente, a outorga da própria alma a Cristo, em que o indivíduo o tem como seu Senhor.

«...conhecemos que ele permanece em nós...» (Quanto ao «conhecimento cristão», em contraste com o conhecimento ou «gnosis» dos gnósticos, ver as notas expositivas em II Ped. 1:2). Esse conhecimento é «iluminação»; e a iluminação vem através do Espírito. (Quanto a notas sobre o conhecimento como «iluminação», ver Ef. 1:17,18).

Notemos que a comunhão mística com o Senhor depende da «santidade», novamente definida pelo autor como um «guardar os mandamentos». A santificação é necessária ao companheirismo com Deus; faz parte indispensável da salvação; conduz os crentes à glorificação (ver II Tes. 2:13). (Ver as notas expositivas completas a esse respeito, em I Tes. 2:13). Mas a observância dos mandamentos do Senhor também consiste de nossa lealdade a Cristo e de nossa observância da lei do amor, conforme acabamos de verificar, no vigésimo terceiro versículo. Somente dessa maneira é que podemos esperar que o Espírito Santo assuma residência em nós, de forma permanente.

«...nisto...» Essa palavra poderia referir-se à primeira parte do versículo, que diz: «...aquele que guarda os seus mandamentos...»; mas também poderia aludir, supostamente, ao poder e à disposição de fazermos tal, o que seria testemunho do fato que Deus habita em nós; finalmente, poderia referir-se à última porção do versículo, que diz: «...pelo Espírito que nos deu...». É o Espírito Santo quem nos convence do fato que Deus está conosco e tomou residência em nós. A passagem de 1 João 4:13 concorda com a segunda dessas alternativas. Mui provavelmente esse é o significado que deve ser aqui compreendido. O Espírito Santo (no presente versículo) é aquele que nos confere segurança mística, e não a nossa própria observação de que somos capazes de observar seus mandamentos, embora, certamente, isso também indique uma verdade. Notemos que isso também é dito em 1 João 3:18,19. Se realmente amamos, e não apenas amamos de palavra, então «sabermos que somos da verdade», e nossos corações sentir-se-ão consolados por isso. Por conseguinte, a vida santa é caracterizada pelo amor cristão torna-se um testemunho, dado a nós mesmos, de que estamos «na trilha certa», espiritualmente falando.

A menção do Espírito Santo prepara-nos para a etapa seguinte, onde são mencionados os «falsos espíritos». Do mesmo modo que o Espírito de Deus governa a vida e o desenvolvimento espirituais do crente, assim também os espíritos malignos inspiram a religião falsa, em qualquer de seus aspectos, que degrada da pessoa de Jesus Cristo.

#### Capítulo 4

### V. Os falsos espíritos e o Espírito de Deus (4:1-6).

#### 1. Docetismo (4:1-3).

Somente duas seções, em toda esta epístola, atacam os falsos mestres gnósticos de maneira direta, embora a epístola inteira seja uma polêmica indireta. (Ver I João 2:18-27 quanto à outra seção que desfecha um ataque direto. Notas expositivas completas sobre o *gnosticismo* 'a heresia que era atacada' aparecem em Col. 2:18). O autor sagrado chamara esses falsos mestres de «anticristos» (ver I João 2:18). Também foram chamados de «mentirosos» (ver I João 2:22). Negavam eles a Deus Pai e a Deus Filho, porquanto tinham degradado a pessoa e a missão do Filho. Para eles, Cristo não seria o filho unigênito (sem-igual) de Deus. Seria apenas um dentre muitos *aeons* ou emanações angelicais de Deus. Seria apenas um dentre muitíssimos salvadores e mediadores. Outrossim, para eles, ele nunca se «encarnara», mas tão-somente se apossara do corpo do homem Jesus de Nazaré, por ocasião de seu batismo, para abandoná-lo por ocasião de sua crucificação. O «Verbo» não seria «Cristo», de conformidade com o que ensinavam. Cristo seria um «aeon» inferior, e não o «Logos» controlador. A morte de «Jesus» (que nessa ocasião teria sido abandonado pelo «Logos»), não teria valor expiatório. (Ver sobre isso as notas expositivas em I João 2:2).

A seção que ora se inicia descreve o «docetismo» dos gnósticos. Isso significa que a *humanidade* de Cristo era apenas «aparente», e não «real». O grego por detrás dessa palavra é «dokeo», verbo que significa «parecer». O Verbo, conforme imaginavam os gnósticos, nunca poderia ter-se «encarnado», pelo que também não havia identidade de pessoas, de natureza angelical (ou divina) com a natureza humana. Para os gnósticos, nenhuma entidade divina ou angelical poderia encarnar-se. Portanto, Jesus não deveria ser «identificado» com o «aeon» que dele se apossara; e, muito menos ainda, poderia ser identificado com o «Logos», de acordo com a doutrina gnóstica. O Verbo não se teria feito carne; e nem poderia tê-lo feito mesmo um «aeon». Tudo não passou de uma posseção temporária. O Espírito-Cristo não se teria tornado humano em qualquer sentido. Portanto, «Cristo» não era humano, e nem sofreu ou morreu. Jesus, o homem, é que seria humano; ele não era o Cristo. Serviu apenas de instrumento, por algum tempo. A humanidade de Cristo, pois, não seria uma realidade, mas apenas uma «aparência». O «aeon» agia como se fosse um ser humano, porquanto manipulava um corpo humano, um corpo humano que não era seu — não estava de modo algum identificado com o mesmo. A seção à nossa frente procura mostrar, entretanto, que Jesus é o Cristo, que ele é o Verbo encarnado e que nele há a fusão da natureza celestial com a natureza humana. Em suma, é uma refutação do «docetismo» gnóstico.

A maior parte dos livros apócrifos do N.T. tem inclinações gnósticas, e isso lhes dá uma tendência «docética». O evangelho de Pedro (120-140 d.C.) interpreta o grito de Jesus: «Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?» (Sal. 22:1 e Mat. 27:46), como se fosse: «Meu poder, meu poder, etc.», como se isso fosse um grito de Jesus ao ver-se abandonado pelo «aeon», pois, naquele momento de crise, o *aeon* supostamente teria deixado sozinho o homem Jesus. No livro de Ato de João (170-180 d.C.), temos a cena do «aeon» (que se pareceria com Jesus) a aparecer ao apóstolo João, no monte das Oliveiras, no preciso tempo em que o «corpo» (de Jesus) sofria na cruz. Por conseguinte, o «aeon», o verdadeiro Cristo, não teria sofrido, e nem mesmo poderia fazê-lo, porquanto sua condição era angélica ou divina, e não apenas humana. Por outro lado, os livros do N.T. canônico insistem vigorosamente sobre a «realidade» dos sofrimentos de Jesus Cristo (e não meramente do homem Jesus). (Ver II Cor. 1:5, acerca dos



«sofrimentos de Cristo»; ver Fil. 3:10, acerca de nossa «comunhão com os sofrimentos de Cristo»; ver I Ped. 1:3 acerca dos «sofrimentos de Cristo», que fazem parte do testemunho que damos ao mundo. Ver ainda, em I Ped. 4:13, notas expositivas sobre como podemos participar desses sofrimentos). «...Cristo sofreu em vosso lugar...» (I Ped. 2:21). «...tendo Cristo sofrido na carne...» (I Ped. 4:1).

A doutrina que negava a verdadeira estatura, natureza e obra de Cristo foi inspirada, até onde o autor sagrado se vê envolvido, por «espíritos malignos», do mesmo modo que o ensinamento verídico, acerca dele e de sua missão, é inspirado pelo Espírito Santo. Esses espíritos malignos é que inspiravam aos falsos mestres, dando-lhes a força para praticarem o mal. Essa idéia se assemelha àquilo que Paulo considera a «idolatria» inspirada pelos «demônios» -- demônios seriam adorados mediante ídolos e cerimônias falsas, vinculadas à idolatria. (Ver I Cor. 10:20).

Pode-se identificar os espíritos «falsos» e os «verdadeiros» por aquilo que um «profeta» diz acerca de Cristo. Aquele que nega a humanidade de Cristo (ensinando assim o «docetismo») é inspirado por um espírito maligno. Aquele que confessa a sua humanidade (e, portanto, sua obra expiatória, etc.) vem do Espírito de Deus. Aquele que nega a humanidade verdadeira de Cristo é um «anticristo». Não é fácil vencer esses falsos mestres, mas isso é possível, mediante Deus, que está conosco (ver I João 4:4 e 3:24). Aqueles que estão em nós (o Espírito Santo) é maior do que qualquer espírito maligno, que está no mundo. Há um «espírito da verdade» e um «espírito do erro». O que um homem pensa e diz sobre Cristo leva-nos a perceber que espírito há nele.

Nem toda a atividade espiritual, por conseguinte, é boa. Há um falso misticismo como há um misticismo veraz. E também existem milagres da mentira. (Ver as notas expositivas em Mat. 7:22 acerca desse conceito). (Quanto a várias idéias atinentes à identificação de Jesus, ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «Jesus, Identificação, Vida e Ensinamentos»). Aquilo de que se trata na presente seção não é a negação judaica sobre o caráter messiânico de Jesus, e sim, a negação gnóstica de que o Cristo poderia encarnar-se. A validade da «encarnação» está em jogo nessa seção.

4 Ἀγαπητοί, μὴ παντὶ πνεύματι πιστεύετε, ἀλλὰ δοκιμάζετε τὰ πνεύματα εἰ ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστίν, ὅτι πολλοὶ ψευδοπροφῆται ἐξεληλύθασιν εἰς τὸν κόσμον.

4 I δοκιμάζετε τὰ πνεύματα I Tm 3:21

πολλοί...κόσμος Mt 7:13, I Jo 2:18; 2 Jo 7

4:1: Amados, não creiais a todo espírito, mas provai os espíritos vêm do Deus; porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo.

...Amados... Esse é um título comumente aplicado aos crentes, por mais de cinquenta vezes, nas páginas do N.T. Por cinco vezes é usado nesta epístola (ver I João 3:2,21; 4:1,7,11) e por três vezes na terceira epístola de João (ver III João 2,5,11). Subtendendo a participação no amor do Pai, para benefício dos remidos, pois assim é que eles se tornam membros da família divina, bem como da igreja que representa essa família sobre a terra.

...não deis crédito a qualquer espírito... Não pode haver qualquer dúvida que o autor sagrado refere-se aqui aos espíritos malignos (demônios), como poderes que inspiram os homens a crer erroneamente e a praticarem o mal. Isso equivale a uma declaração que o gnosticismo era inspirado pelos demônios; e, sendo inspirado por espíritos malignos, opunha-se ao Espírito de Deus. Isso pode ser comparado à atitude de Paulo referente à idolatria, que não é apenas um tipo de adoração perversa, por homens dotados de baixa percepção espiritual, mas antes, é algo praticado pela inspiração dos demônios. (Ver I Cor. 10:20). A idéia é que a idolatria de algum modo paga tributo e presta serviço a espíritos malignos invisíveis, e que os altares que recebiam os sacrifícios idólatras e os próprios ídolos adorados ou venerados, servem de meios dessa lealdade dada a espíritos malignos.

Alguns judeus criam na realidade dos deuses pagãos, isto é, não acreditavam que o sistema inteiro do paganismo seria mítico e imaginário, mas antes, supunham que poderes espirituais autênticos, mas de natureza maligna, dominavam os pagãos através de suas crenças e práticas religiosas distorcidas. Por isso é que o autor sagrado não diz ser invenção humana a base doutrinária do gnosticismo; pelo menos não atribui o gnosticismo somente a isso. Por detrás de tudo ele via um poder demoníaco. Há um «espírito do anticristo» (ver I João 4:3) e também há o «maligno» (o «diabo»; ver I João 3:10). Além disso, este mundo incrédulo inteiro está debaixo do controle do diabo (ver I João 5:19). Isso pode ser comparado à expressão de Paulo, «o Deus deste século» (II Cor. 4:3). O diabo tem uma maneira de cegar os homens espiritualmente.

Os crentes devem estar «alertas» quanto à natureza verdadeira das religiões falsas, não permitindo que elas obtenham qualquer cabeça-de-ponte na igreja. Esse estado de alerta deve revestir-se de certa qualidade espiritual, e não apenas intelectual. Pode-se entender que a maturidade espiritual dá ao crente essa espécie de discernimento. O trecho de I Cor. 12:10 mostra-nos que existe um dom espiritual do «discernimento de espíritos». Isso é dado aos crentes como um favor direto do Espírito Santo, conferido a certos dentre eles, para ajudar na manutenção da pureza da igreja, protegendo-a dos assédios de demonismo. Isso nos faz lembrar da tremenda necessidade que a igreja evangélica atual tem desse discernimento, porque algumas igrejas locais, evidentemente, tornaram-se centros espíritos, embora involuntariamente; pois, paralelamente à intensificação das «manifestações espirituais» tem havido a intensificação da atividade demoníaca. Isso é demonstrado pelo fato que, algumas vezes, quando há o fenômeno da «glossolalia» ou «falar em línguas», blasfêmias e obscenidades são proferidas. Além disso, algumas pessoas, paralelamente a seus supostos dons espirituais, envolvem-se em problemas psíquicos, sinal patente de que entrou em contacto com espíritos estranhos, e não com o Espírito Santo.

Apesar de assim dizermos, é evidente que não podemos julgar quão espalhada anda a mistificação entre aqueles que buscam e usam ativamente os dons espirituais. Não há que duvidar que a igreja cristã precisa de que lhe sejam restauradas as manifestações espirituais (em algum modo de expressão) pois são um excelente meio de desenvolvimento espiritual (ver Ef. 4:8-16). Mas, em vista do exposto, a busca pelos dons espirituais deve ser feita com o acompanhamento da busca pelo dom do discernimento de espíritos, ao mesmo tempo. Gostaríamos de saber quantos têm pensado sobre isso. E quantos não agem assim?

Robertson (*in loc.*) fala sobre pessoas que caem vítimas fáceis das

«trapaças espirituais». Mas isso demonstra a falta de apreciação pela realidade das manifestações espirituais. Há também muito nessas manifestações que não é trapaça, mas antes, é autêntico. O texto sagrado não fala sobre a necessidade de ficarmos alertas em detetar fraudes e falsas reivindicações de poder espiritual, onde nenhum poder espiritual existe. Antes, reconhece-se aqui plenamente que existem poderes espirituais de natureza negativa; e é contra os assédios feitos por poderes espirituais malignos «reais» que o autor sagrado nos avisa. (Quanto a notas expositivas completas sobre os «demônios», ver Marc. 5:2; quanto à «posseção demoníaca», ver Mat. 8:28; quanto a «Satanás», ver Luc. 10:18 e João 8:44; quanto ao «exorcismo», ver Atos 15:8).

...falsos profetas... Essas palavras mostram-nos que a atividade demoníaca se faz presente em indivíduos que a si mesmos se elevaram à posição de «profetas», dentro e fora da igreja cristã, apresentando a si mesmos como líderes espirituais, muitos deles supostamente «cristãos». Esses proferem «asseverações inspiradas» e entram em estados de êxtase. E algumas pessoas simples acreditam que quando algo místico se verifica na igreja, automaticamente procede do Espírito de Deus. O autor sagrado adverte que isso não é necessariamente a verdade. O trecho de Mat. 7:22 mostra que a igreja primitiva possuía exorcistas e operadores de milagres, como também «profetas», que eram indivíduos essencialmente, não sendo «conhecidos» pelo Senhor, a quem professavam servir.

...provai os espíritos... Consideremos os pontos seguintes a esse respeito: 1. Cumpre-nos atender a essa ordem mediante o dom espiritual do «discernimento de espíritos», a maneira principal de detetar os espíritos; a igreja evangélica deveria orar, pedindo esse dom tão necessário. 2. Também podemos apelar para o raciocínio inteligente, inspirado pela maturidade espiritual. 3. O exame das doutrinas dos homens também é excelente método. A doutrina deles exalta à pessoa de Jesus Cristo ou se assemelha à doutrina dos gnósticos, que somente o degradava? No último caso, dificilmente as «declarações proféticas» de tais indivíduos podem proceder do Espírito de Deus, cuja finalidade é a de exaltar a Cristo. (Ver João 16:14). 4. Pelos seus frutos haveremos de conhecê-los. (Ver Mat. 7:20). Os gnósticos tinham vidas imorais, fazendo da imoralidade parte de seu sistema ético. Não criam que é errôneo o abuso do corpo. Supunham que o espírito humano não pode ser prejudicado pelo pecado, tal como o ouro, mergulhado na lama, não adquire nada da natureza da lama. Chegavam mesmo a imaginar-se impecáveis (porque seu espírito estaria livre do pecado, embora o corpo pudesse corromper-se). Ver I João 8,10 e as notas expositivas ali existentes. (Quanto aos «profetas» do N.T., ver as notas expositivas em Atos 11:27. Quanto ao «dom da profecia», ver as notas de introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios).

Os profetas do N.T. eram homens que falavam por impulso imediato do Espírito de Deus, pela «inspiração». Não eram, essencialmente, homens que «prediziam» o futuro, embora isso também ocasionalmente ocorresse. (Ver Atos 21:10 e ss.). Também eram mestres inspirados. Não dependiam do corpo de mestres reconhecido, exclusivamente. Mas podemos supor que suas profecias concordavam, de modo geral, com os ensinamentos cristãos revelados e escritos, pois, do contrário, suas profecias seriam reputadas falsas.

...muitos falsos profetas... O movimento gnóstico era uma real ameaça à igreja cristã na Ásia Menor, e conseguia convertidos à sua causa dentro do próprio cristianismo. O N.T. conta com oito livros escritos para combater essa heresia, a saber, a epístola aos Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas de João e a epístola de Judas. Há outros livros do N.T. que refletem isso em parte, como a epístola aos Efésios, o evangelho de João e porções do livro de Apocalipse. O fato que tanta literatura foi escrita contra esse sistema falso é prova da seriedade da ameaça gnóstica. Se o gnosticismo tivesse ganho a batalha, o cristianismo ter-se-ia tornado apenas outra religião misteriosa greco-romana. (Ver as notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18). Naturalmente, também houve outros tipos de falsos mestres e hereges, que serviam de praga para a igreja,

principalmente os «judaizantes» e os «legalistas». As epístolas aos Gálatas, aos Coríntios, aos Romanos e o livro de Atos refletem essas outras fontes de perturbação.

A igreja do segundo século evidenciava uma fome generalizada por novas revelações e visões; mas o que era oferecido para satisfazer a esse desejo com demasiada freqüência tomava a forma de declarações irracionais e esquemas esotéricos. O sobrenatural nem sempre é divino. A reprimenda contra os falsos profetas, que faziam declarações enganadoras de segurança, em Jer. 14:14, ilustra a situação no A.T.: «Os profetas profetizam mentiras em meu nome, nunca os enviarei, nem lhes dei ordem, nem lhes falei... o engano do seu íntimo é o que eles vos profetizam». A igreja sentiu ser necessário estabelecer critérios e controles, o que é difícil, porquanto envolvia o perigo de abafar a vitalidade. Em uma de suas primeiras epístolas, Paulo escreve: «Não apagueis o Espírito. Não desprezeis profecias...» (I Tes. 5:19,20).

As passagens de I Cor. 12:1-11 e 14:1-5,24-33 documentam bem a discriminação de espíritos, o que é ali visto como um dom espiritual peculiar. Fica também ali estimulado o seguinte teste: «Por isso vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema Jesus! por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo» (I Cor. 12:3). Em nossa presente passagem, o falso profeta é

2 ἐν τούτῳ γινώσκετε τὸ πνεῦμα τοῦ θεοῦ· πᾶν πνεῦμα ὃ ὁμολογεῖ Ἰησοῦν Χριστὸν ἐν σαρκὶ ἐληλυθότα ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστίν, 2 πᾶν πνεῦμα ὃ οὐκ ὁμολογεῖ Ἰησοῦν Χριστὸν ἐκ τοῦ θεοῦ οὐκ ἐστίν, καὶ τοῦτο ἐστὶν τὸ τοῦ ἀντιχρίστου, ὃ ἀκηκόατε ὅτι ἔρχεται, καὶ νῦν ἐν τῷ κόσμῳ ἐστὶν ἡδῇ.

K al lat sy<sup>p</sup>: «σκομεν Ν<sup>ο</sup> 1611 ρc

4:2: Nesta conhecéis o Espírito de Deus: toda espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é do Deus;

O teste exposto pelo autor sagrado é bastante simples, mas certamente é inadequado para testar todos os casos de falsos profetas. (Ver os comentários sobre «provai os espíritos», no primeiro versículo deste capítulo). Neste ponto o autor sagrado menciona apenas uma questão crítica, o «docetismo».

O gnosticismo era impossível a «encarnação» do «Logos» (uma emanção elevadíssima de Deus), e até mesmo de um «aeon» qualquer (uma das emanções angelicais, entre os quais entileiravam o «Espírito-Cristo»). Para eles a «matéria» era o princípio mesmo do mal, pelo que seria impossível que uma emanção de Deus (um ser espiritual), dotado de qualquer grau de santidade, pudesse encarnar-se realmente. Portanto, não criam que «Jesus» e o «Cristo» fossem a mesma pessoa. Antes, um «aeon» ter-se-ia apossado do corpo de Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião da crucificação. Não teria havido nisso qualquer «encarnação». Portanto, o «Espírito-Cristo» teria de homem apenas a «aparência». Também não teria sofrido, pois certamente não poderia morrer. A morte de Jesus, por essa razão, não teria valor expiatório. Além disso, o Cristo teria vindo somente «pela água» (isto é, foi autenticado em seu batismo), mas não «pelo sangue», não havendo autoridade para sua morte com expiação. Mas ver I João 5:6.

Da noção que o Espírito-Cristo apenas parecia humano, mas não era, é que obtemos a palavra «docetismo», que se deriva do termo grego «dokeo», que significa «parecer». A maioria dos gnósticos não identificava o «aeon» (emanção angelical) chamado «Cristo» como o «Verbo» ou «Logos», pois este seria uma elevadíssima emanção divina, não podendo contaminar-se pela aproximação à matéria. Por isso mesmo, para a maioria deles, Cristo teria sido apenas um dentre muitos poderes angelicais dotados de uma missão terrena. Mas essa missão teria sido efetuada mediante o «uso» do corpo do homem Jesus de Nazaré por alguns anos. Porém, ainda segundo pensavam os gnósticos, haveria muitos salvadores, pequenos deuses e mediadores. Muitos dos gnósticos nem ao menos faziam de Cristo o principal «aeon», embora estivesse encarregado de uma missão especial nesta esfera terrena. Notemos, entretanto, que segundo diz esta epístola, «Jesus Cristo» veio na carne. O autor sagrado identifica Jesus com o Cristo, como uma única e só pessoa, que se uniram mediante uma autêntica encarnação. É a passagem de I João 1:1 mostra-nos que o autor sagrado identificava esse «Cristo» com o «Verbo» ou «Logos». (Ver as notas de introdução ao primeiro versículo deste capítulo, quanto a outros comentários sobre o «docetismo gnóstico», os quais ilustram, com alguma documentação, as idéias aqui apresentadas).

Uma outra forma de «docetismo» era a crença de que até mesmo o corpo de Jesus era um *fantasma*, e não um verdadeiro corpo humano. O «aeon», portanto, meramente ter-se-ia fingido ser humano, — mas sem que nisso estivesse envolvida uma autêntica humanidade, nem mesmo a «posseção» de um corpo humano. Aquela primeira modalidade de «docetismo», que descrevemos acima, é a que parece estar em foco no contexto deste versículo.

Neste ponto fica indicado que certa doutrina identificará o crente genuíno. Este identificará Jesus e o Verbo em uma única pessoa; e o Verbo ter-se-ia encarnado, isto é, teria tomado carne humana. O «Verbo» ou «Logos», naturalmente, é divino. Nunca houve na antiguidade uma doutrina religiosa ou um sistema filosófico em que o «Logos» não fosse divino. Até mesmo dentro do sistema de emanções, ele é a primeira grande emanção de Deus, que controla a todas as demais. No estoicismo original, o «Logos» é a «razão divina», o próprio princípio divino. Jesus, portanto, é palavra que fala de sua humanidade, bem como de sua missão messiânica. Assim sendo, a encarnação do «Logos» subentende a fusão da divindade e da humanidade em Jesus, o Cristo. E essa fusão é o arquétipo ou modelo da futura fusão do divino com o humano, nos «outros filhos», porquanto também haverão de participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4), após

3 καὶ πᾶν πνεῦμα ὃ μὴ ὁμολογεῖ τὸν Ἰησοῦν ἐκ τοῦ θεοῦ οὐκ ἐστίν· καὶ τοῦτο ἐστὶν τὸ τοῦ ἀντιχρίστου, ὃ ἀκηκόατε ὅτι ἔρχεται, καὶ νῦν ἐν τῷ κόσμῳ ἐστὶν ἡδῇ.

reconhecido por sua reação a Jesus. Em Mat. 7:15-20; bem como no livro Ensinso dos Doze Apóstolos 11:8-12, pela conduta injusta e ganância. E, no A.T., pela lisonja e popularidade». (Wilder, *in loc.*).

O falso profeta apóia suas reivindicações por sinais e portentos (ver Mat. 24:24; Atos 13:6 e Apo. 19:20), sendo assim distinguindo do falso mestre. (Ver II Ped. 2:1, onde os dois termos ocorrem juntos). (Vincent, *in loc.*).

...uma monstruosa reversão do que diz João 17:18. Eles saíram da igreja para o mundo, não para ganhá-lo, mas para enganá-lo». (Smith, *in loc.*).

...provai... «Ao invés de recebê-los ou de render-se a eles ou de concordar com eles» (Lange, *in loc.*). Mas não está em foco o «juízo público» ou a ação eclesialística.

Até mesmo a mensagem de um anjo deveria ser testada de encontro à Palavra de Deus; quanto mais os ensinamentos de um homem, por mais santo que seja tal mestre. (Ver Gál. 1:8). (Faucett, *in loc.*).

...têm saído pelo mundo fora... 1. Talvez porque abandonaram a igreja cristã (conforme se vê em I João 2:19). 2. Mais provavelmente, porém, porque fazem do mundo o campo de suas falsas atividades evangelísticas. Alguns deles chegavam até a pretender representar a igreja de Cristo, no cumprimento da «missão» de que teriam sido encarregados.

terem sido transformados segundo a imagem do próprio Cristo. Desse modo, pode-se perceber quão vital é a doutrina da «encarnação do Logos», pois é o fundamento de nossa salvação eterna, e não apenas a base para uma melhor compreensão sobre a natureza de Cristo. Cristo identificou-se plenamente com os homens, a fim de que, na eternidade, mediante um processo eterno, os homens pudessem identificar-se plenamente com Cristo. Esse conceito é comentado amplamente nas notas expositivas sobre Col. 2:10.

O trecho de II Cor. 3:18 pinta o crente a olhar para o *espelho espiritual*, que é Cristo. Quando olha para esse espelho, vê, não a si mesmo, mas antes, ao «Homem ideal». Nesta contemplação do *Homem ideal* (que é Cristo), o crente vai sendo gradualmente transformado em sua imagem, de um estágio de glória para outro. Esse processo é ativo e é mantido pelo Espírito Santo. O grande alvo é que ao olhar para o espelho, veja a Cristo Jesus, e não a si mesmo, pois a natureza e os atributos de Cristo tornar-se-ão reais possesões suas. Porquanto o Filho participa infinitamente da natureza e dos atributos de Deus, ele sempre será impar: mas a eternidade inteira terá por designio ir diminuindo a diferença entre o Filho de Deus e os filhos de Deus. Trata-se de uma inquirição eterna; não haverá qualquer estagnação, e Cristo será sempre o alvo de toda a existência. Ele é o «Alfa»; mas é igualmente o «Ômega».

O presente versículo não combate a judeus incrédulos, os quais negavam que Jesus tivesse sido o Messias. Antes, combate aos gnósticos gentios, que não acreditavam na possibilidade da encarnação, e que, por isso mesmo, negavam tanto a humanidade de Cristo como a fusão das naturezas divina e humana na pessoa de Jesus Cristo.

«Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus» (Atos 8:37). E isso é refletido nos antigos credos cristãos. As palavras: «Creio que Jesus Cristo veio na carne» parece refletir antigas fórmulas credais, provavelmente desenvolvidas especificamente em oposição às crenças dos gnósticos.

«Assim sendo, de cada vez que usamos a expressão 'Jesus Cristo', não somente nos entregamos à total revelação cristã; mas também recapitulamos, em nossos próprios pensamentos, o momentoso conflito doutrinário que tem havido na igreja e que ela tem vencido com êxito, sob pensadores inspirados como João; e isso nos faz lembrar a labuta dos pensadores, o testemunho do apóstolo, o sangue dos mártires, oferecidos para preservar o evangelho para nós». (Hoon, *in loc.*).

E prossegue o mesmo autor: «As palavras 'Jesus Cristo veio' na carne sugerem a dinâmica atividade de Deus que irrompeu na nossa existência física e histórica, proveniente de outra e diferente esfera da existência. A alma do universo, segundo tem sido dito, tem olhado para nós através dos olhos de Jesus. O tempo verbal da palavra 'veio' (no grego é usado o perfeito) transmite a idéia de um advento decisivo, constitutivo, realizado de uma vez para sempre, mediante o que foi introduzida na história uma nova ordem que expõe a salvação e o juízo contra a ordem humana... A relação de Deus para com o homem não é estática, mas dinâmica; Deus sempre age em favor do homem, mas em Cristo é que ele agiu suprema e decisivamente. Ele 'veio'».

«Trata-se de um ato, e não de um pensamento apenas, o que eleva Cristo acima da história. E, sendo um ato, faz mais indubitavelmente parte da história que um mero pensamento». (Niebuhr, *Nature and Destiny of Man*, II.92).

A verdadeira lealdade, naturalmente, não consiste apenas de uma declaração doutrinária. Deve haver lealdade da alma para com a «pessoa» que aparece na declaração, porquanto disso é que consiste a fé. (Ver Heb. 11:1). Trata-se de uma transação com Deus que envolve o reconhecimento, no nível espiritual, de quem é o Cristo, do que ele significa para nós e do que exige de nós. Devemos valorizá-lo em nossas próprias almas, e não apenas em um credo falado ou escrito. Tê-lo perenemente na cruz, mas não na própria alma, é algo inteiramente inútil, do ponto de vista espiritual.



13 {B} μη ὁμολογεῖ N A B K Ψ 049 068 0142 33 81 104 181 326 330 438 481 814 829 830 945 1241 1305 1739<sup>14</sup> 1877 1881 2127 2412 2492 2495 B<sup>15</sup> Luc<sup>16</sup> it<sup>17</sup> syr<sup>18</sup> cop<sup>19</sup> arm Polycarp Tertullian Origen Cyprian Priscillian<sup>20</sup>

\* 3 {B} τὸν Ἰησοῦν A B 945 1241 1739 (1881 omi τὸν) it<sup>17</sup> vg cop<sup>19</sup> (ethi Irenaeus<sup>21</sup> Clement Origen<sup>22</sup> Lucifer Priscillian Didymus<sup>23</sup> Cyril<sup>24</sup> Theophylact<sup>25</sup> Irineu<sup>26</sup> Clement<sup>27</sup> Lucifer Priscillian<sup>28</sup> Augustine<sup>29</sup> Theophylact<sup>30</sup> Polycarp<sup>31</sup> Tertullian<sup>32</sup> Cyprian<sup>33</sup> Augustine<sup>34</sup> Ps-Oecumenius<sup>35</sup> Theophylact<sup>36</sup> Irineu<sup>37</sup> Clement<sup>38</sup> Lucifer Priscillian<sup>39</sup> Augustine<sup>40</sup> Theophylact<sup>41</sup> Polycarp<sup>42</sup> Tertullian<sup>43</sup> Cyprian<sup>44</sup> Augustine<sup>45</sup> Ps-Oecumenius<sup>46</sup> Theophylact<sup>47</sup> Irineu<sup>48</sup> Clement<sup>49</sup> Lucifer Priscillian<sup>50</sup> Augustine<sup>51</sup> Theophylact<sup>52</sup> Polycarp<sup>53</sup> Tertullian<sup>54</sup> Cyprian<sup>55</sup> Augustine<sup>56</sup> Ps-Oecumenius<sup>57</sup> Theophylact<sup>58</sup> Irineu<sup>59</sup> Clement<sup>60</sup> Lucifer Priscillian<sup>61</sup> Augustine<sup>62</sup> Theophylact<sup>63</sup> Polycarp<sup>64</sup> Tertullian<sup>65</sup> Cyprian<sup>66</sup> Augustine<sup>67</sup> Ps-Oecumenius<sup>68</sup> Theophylact<sup>69</sup> Irineu<sup>70</sup> Clement<sup>71</sup> Lucifer Priscillian<sup>72</sup> Augustine<sup>73</sup> Theophylact<sup>74</sup> Polycarp<sup>75</sup> Tertullian<sup>76</sup> Cyprian<sup>77</sup> Augustine<sup>78</sup> Ps-Oecumenius<sup>79</sup> Theophylact<sup>80</sup> Irineu<sup>81</sup> Clement<sup>82</sup> Lucifer Priscillian<sup>83</sup> Augustine<sup>84</sup> Theophylact<sup>85</sup> Polycarp<sup>86</sup> Tertullian<sup>87</sup> Cyprian<sup>88</sup> Augustine<sup>89</sup> Ps-Oecumenius<sup>90</sup> Theophylact<sup>91</sup> Irineu<sup>92</sup> Clement<sup>93</sup> Lucifer Priscillian<sup>94</sup> Augustine<sup>95</sup> Theophylact<sup>96</sup> Polycarp<sup>97</sup> Tertullian<sup>98</sup> Cyprian<sup>99</sup> Augustine<sup>100</sup> Ps-Oecumenius<sup>101</sup> Theophylact<sup>102</sup> Irineu<sup>103</sup> Clement<sup>104</sup> Lucifer Priscillian<sup>105</sup> Augustine<sup>106</sup> Theophylact<sup>107</sup> Polycarp<sup>108</sup> Tertullian<sup>109</sup> Cyprian<sup>110</sup> Augustine<sup>111</sup> Ps-Oecumenius<sup>112</sup> Theophylact<sup>113</sup> Irineu<sup>114</sup> Clement<sup>115</sup> Lucifer Priscillian<sup>116</sup> Augustine<sup>117</sup> Theophylact<sup>118</sup> Polycarp<sup>119</sup> Tertullian<sup>120</sup> Cyprian<sup>121</sup> Augustine<sup>122</sup> Ps-Oecumenius<sup>123</sup> Theophylact<sup>124</sup> Irineu<sup>125</sup> Clement<sup>126</sup> Lucifer Priscillian<sup>127</sup> Augustine<sup>128</sup> Theophylact<sup>129</sup> Polycarp<sup>130</sup> Tertullian<sup>131</sup> Cyprian<sup>132</sup> Augustine<sup>133</sup> Ps-Oecumenius<sup>134</sup> Theophylact<sup>135</sup> Irineu<sup>136</sup> Clement<sup>137</sup> Lucifer Priscillian<sup>138</sup> Augustine<sup>139</sup> Theophylact<sup>140</sup> Polycarp<sup>141</sup> Tertullian<sup>142</sup> Cyprian<sup>143</sup> Augustine<sup>144</sup> Ps-Oecumenius<sup>145</sup> Theophylact<sup>146</sup> Irineu<sup>147</sup> Clement<sup>148</sup> Lucifer Priscillian<sup>149</sup> Augustine<sup>150</sup> Theophylact<sup>151</sup> Polycarp<sup>152</sup> Tertullian<sup>153</sup> Cyprian<sup>154</sup> Augustine<sup>155</sup> Ps-Oecumenius<sup>156</sup> Theophylact<sup>157</sup> Irineu<sup>158</sup> Clement<sup>159</sup> Lucifer Priscillian<sup>160</sup> Augustine<sup>161</sup> Theophylact<sup>162</sup> Polycarp<sup>163</sup> Tertullian<sup>164</sup> Cyprian<sup>165</sup> Augustine<sup>166</sup> Ps-Oecumenius<sup>167</sup> Theophylact<sup>168</sup> Irineu<sup>169</sup> Clement<sup>170</sup> Lucifer Priscillian<sup>171</sup> Augustine<sup>172</sup> Theophylact<sup>173</sup> Polycarp<sup>174</sup> Tertullian<sup>175</sup> Cyprian<sup>176</sup> Augustine<sup>177</sup> Ps-Oecumenius<sup>178</sup> Theophylact<sup>179</sup> Irineu<sup>180</sup> Clement<sup>181</sup> Lucifer Priscillian<sup>182</sup> Augustine<sup>183</sup> Theophylact<sup>184</sup> Polycarp<sup>185</sup> Tertullian<sup>186</sup> Cyprian<sup>187</sup> Augustine<sup>188</sup> Ps-Oecumenius<sup>189</sup> Theophylact<sup>190</sup> Irineu<sup>191</sup> Clement<sup>192</sup> Lucifer Priscillian<sup>193</sup> Augustine<sup>194</sup> Theophylact<sup>195</sup> Polycarp<sup>196</sup> Tertullian<sup>197</sup> Cyprian<sup>198</sup> Augustine<sup>199</sup> Ps-Oecumenius<sup>200</sup> Theophylact<sup>201</sup> Irineu<sup>202</sup> Clement<sup>203</sup> Lucifer Priscillian<sup>204</sup> Augustine<sup>205</sup> Theophylact<sup>206</sup> Polycarp<sup>207</sup> Tertullian<sup>208</sup> Cyprian<sup>209</sup> Augustine<sup>210</sup> Ps-Oecumenius<sup>211</sup> Theophylact<sup>212</sup> Irineu<sup>213</sup> Clement<sup>214</sup> Lucifer Priscillian<sup>215</sup> Augustine<sup>216</sup> Theophylact<sup>217</sup> Polycarp<sup>218</sup> Tertullian<sup>219</sup> Cyprian<sup>220</sup> Augustine<sup>221</sup> Ps-Oecumenius<sup>222</sup> Theophylact<sup>223</sup> Irineu<sup>224</sup> Clement<sup>225</sup> Lucifer Priscillian<sup>226</sup> Augustine<sup>227</sup> Theophylact<sup>228</sup> Polycarp<sup>229</sup> Tertullian<sup>230</sup> Cyprian<sup>231</sup> Augustine<sup>232</sup> Ps-Oecumenius<sup>233</sup> Theophylact<sup>234</sup> Irineu<sup>235</sup> Clement<sup>236</sup> Lucifer Priscillian<sup>237</sup> Augustine<sup>238</sup> Theophylact<sup>239</sup> Polycarp<sup>240</sup> Tertullian<sup>241</sup> Cyprian<sup>242</sup> Augustine<sup>243</sup> Ps-Oecumenius<sup>244</sup> Theophylact<sup>245</sup> Irineu<sup>246</sup> Clement<sup>247</sup> Lucifer Priscillian<sup>248</sup> Augustine<sup>249</sup> Theophylact<sup>250</sup> Polycarp<sup>251</sup> Tertullian<sup>252</sup> Cyprian<sup>253</sup> Augustine<sup>254</sup> Ps-Oecumenius<sup>255</sup> Theophylact<sup>256</sup> Irineu<sup>257</sup> Clement<sup>258</sup> Lucifer Priscillian<sup>259</sup> Augustine<sup>260</sup> Theophylact<sup>261</sup> Polycarp<sup>262</sup> Tertullian<sup>263</sup> Cyprian<sup>264</sup> Augustine<sup>265</sup> Ps-Oecumenius<sup>266</sup> Theophylact<sup>267</sup> Irineu<sup>268</sup> Clement<sup>269</sup> Lucifer Priscillian<sup>270</sup> Augustine<sup>271</sup> Theophylact<sup>272</sup> Polycarp<sup>273</sup> Tertullian<sup>274</sup> Cyprian<sup>275</sup> Augustine<sup>276</sup> Ps-Oecumenius<sup>277</sup> Theophylact<sup>278</sup> Irineu<sup>279</sup> Clement<sup>280</sup> Lucifer Priscillian<sup>281</sup> Augustine<sup>282</sup> Theophylact<sup>283</sup> Polycarp<sup>284</sup> Tertullian<sup>285</sup> Cyprian<sup>286</sup> Augustine<sup>287</sup> Ps-Oecumenius<sup>288</sup> Theophylact<sup>289</sup> Irineu<sup>290</sup> Clement<sup>291</sup> Lucifer Priscillian<sup>292</sup> Augustine<sup>293</sup> Theophylact<sup>294</sup> Polycarp<sup>295</sup> Tertullian<sup>296</sup> Cyprian<sup>297</sup> Augustine<sup>298</sup> Ps-Oecumenius<sup>299</sup> Theophylact<sup>300</sup> Irineu<sup>301</sup> Clement<sup>302</sup> Lucifer Priscillian<sup>303</sup> Augustine<sup>304</sup> Theophylact<sup>305</sup> Polycarp<sup>306</sup> Tertullian<sup>307</sup> Cyprian<sup>308</sup> Augustine<sup>309</sup> Ps-Oecumenius<sup>310</sup> Theophylact<sup>311</sup> Irineu<sup>312</sup> Clement<sup>313</sup> Lucifer Priscillian<sup>314</sup> Augustine<sup>315</sup> Theophylact<sup>316</sup> Polycarp<sup>317</sup> Tertullian<sup>318</sup> Cyprian<sup>319</sup> Augustine<sup>320</sup> Ps-Oecumenius<sup>321</sup> Theophylact<sup>322</sup> Irineu<sup>323</sup> Clement<sup>324</sup> Lucifer Priscillian<sup>325</sup> Augustine<sup>326</sup> Theophylact<sup>327</sup> Polycarp<sup>328</sup> Tertullian<sup>329</sup> Cyprian<sup>330</sup> Augustine<sup>331</sup> Ps-Oecumenius<sup>332</sup> Theophylact<sup>333</sup> Irineu<sup>334</sup> Clement<sup>335</sup> Lucifer Priscillian<sup>336</sup> Augustine<sup>337</sup> Theophylact<sup>338</sup> Polycarp<sup>339</sup> Tertullian<sup>340</sup> Cyprian<sup>341</sup> Augustine<sup>342</sup> Ps-Oecumenius<sup>343</sup> Theophylact<sup>344</sup> Irineu<sup>345</sup> Clement<sup>346</sup> Lucifer Priscillian<sup>347</sup> Augustine<sup>348</sup> Theophylact<sup>349</sup> Polycarp<sup>350</sup> Tertullian<sup>351</sup> Cyprian<sup>352</sup> Augustine<sup>353</sup> Ps-Oecumenius<sup>354</sup> Theophylact<sup>355</sup> Irineu<sup>356</sup> Clement<sup>357</sup> Lucifer Priscillian<sup>358</sup> Augustine<sup>359</sup> Theophylact<sup>360</sup> Polycarp<sup>361</sup> Tertullian<sup>362</sup> Cyprian<sup>363</sup> Augustine<sup>364</sup> Ps-Oecumenius<sup>365</sup> Theophylact<sup>366</sup> Irineu<sup>367</sup> Clement<sup>368</sup> Lucifer Priscillian<sup>369</sup> Augustine<sup>370</sup> Theophylact<sup>371</sup> Polycarp<sup>372</sup> Tertullian<sup>373</sup> Cyprian<sup>374</sup> Augustine<sup>375</sup> Ps-Oecumenius<sup>376</sup> Theophylact<sup>377</sup> Irineu<sup>378</sup> Clement<sup>379</sup> Lucifer Priscillian<sup>380</sup> Augustine<sup>381</sup> Theophylact<sup>382</sup> Polycarp<sup>383</sup> Tertullian<sup>384</sup> Cyprian<sup>385</sup> Augustine<sup>386</sup> Ps-Oecumenius<sup>387</sup> Theophylact<sup>388</sup> Irineu<sup>389</sup> Clement<sup>390</sup> Lucifer Priscillian<sup>391</sup> Augustine<sup>392</sup> Theophylact<sup>393</sup> Polycarp<sup>394</sup> Tertullian<sup>395</sup> Cyprian<sup>396</sup> Augustine<sup>397</sup> Ps-Oecumenius<sup>398</sup> Theophylact<sup>399</sup> Irineu<sup>400</sup> Clement<sup>401</sup> Lucifer Priscillian<sup>402</sup> Augustine<sup>403</sup> Theophylact<sup>404</sup> Polycarp<sup>405</sup> Tertullian<sup>406</sup> Cyprian<sup>407</sup> Augustine<sup>408</sup> Ps-Oecumenius<sup>409</sup> Theophylact<sup>410</sup> Irineu<sup>411</sup> Clement<sup>412</sup> Lucifer Priscillian<sup>413</sup> Augustine<sup>414</sup> Theophylact<sup>415</sup> Polycarp<sup>416</sup> Tertullian<sup>417</sup> Cyprian<sup>418</sup> Augustine<sup>419</sup> Ps-Oecumenius<sup>420</sup> Theophylact<sup>421</sup> Irineu<sup>422</sup> Clement<sup>423</sup> Lucifer Priscillian<sup>424</sup> Augustine<sup>425</sup> Theophylact<sup>426</sup> Polycarp<sup>427</sup> Tertullian<sup>428</sup> Cyprian<sup>429</sup> Augustine<sup>430</sup> Ps-Oecumenius<sup>431</sup> Theophylact<sup>432</sup> Irineu<sup>433</sup> Clement<sup>434</sup> Lucifer Priscillian<sup>435</sup> Augustine<sup>436</sup> Theophylact<sup>437</sup> Polycarp<sup>438</sup> Tertullian<sup>439</sup> Cyprian<sup>440</sup> Augustine<sup>441</sup> Ps-Oecumenius<sup>442</sup> Theophylact<sup>443</sup> Irineu<sup>444</sup> Clement<sup>445</sup> Lucifer Priscillian<sup>446</sup> Augustine<sup>447</sup> Theophylact<sup>448</sup> Polycarp<sup>449</sup> Tertullian<sup>450</sup> Cyprian<sup>451</sup> Augustine<sup>452</sup> Ps-Oecumenius<sup>453</sup> Theophylact<sup>454</sup> Irineu<sup>455</sup> Clement<sup>456</sup> Lucifer Priscillian<sup>457</sup> Augustine<sup>458</sup> Theophylact<sup>459</sup> Polycarp<sup>460</sup> Tertullian<sup>461</sup> Cyprian<sup>462</sup> Augustine<sup>463</sup> Ps-Oecumenius<sup>464</sup> Theophylact<sup>465</sup> Irineu<sup>466</sup> Clement<sup>467</sup> Lucifer Priscillian<sup>468</sup> Augustine<sup>469</sup> Theophylact<sup>470</sup> Polycarp<sup>471</sup> Tertullian<sup>472</sup> Cyprian<sup>473</sup> Augustine<sup>474</sup> Ps-Oecumenius<sup>475</sup> Theophylact<sup>476</sup> Irineu<sup>477</sup> Clement<sup>478</sup> Lucifer Priscillian<sup>479</sup> Augustine<sup>480</sup> Theophylact<sup>481</sup> Polycarp<sup>482</sup> Tertullian<sup>483</sup> Cyprian<sup>484</sup> Augustine<sup>485</sup> Ps-Oecumenius<sup>486</sup> Theophylact<sup>487</sup> Irineu<sup>488</sup> Clement<sup>489</sup> Lucifer Priscillian<sup>490</sup> Augustine<sup>491</sup> Theophylact<sup>492</sup> Polycarp<sup>493</sup> Tertullian<sup>494</sup> Cyprian<sup>495</sup> Augustine<sup>496</sup> Ps-Oecumenius<sup>497</sup> Theophylact<sup>498</sup> Irineu<sup>499</sup> Clement<sup>500</sup> Lucifer Priscillian<sup>501</sup> Augustine<sup>502</sup> Theophylact<sup>503</sup> Polycarp<sup>504</sup> Tertullian<sup>505</sup> Cyprian<sup>506</sup> Augustine<sup>507</sup> Ps-Oecumenius<sup>508</sup> Theophylact<sup>509</sup> Irineu<sup>510</sup> Clement<sup>511</sup> Lucifer Priscillian<sup>512</sup> Augustine<sup>513</sup> Theophylact<sup>514</sup> Polycarp<sup>515</sup> Tertullian<sup>516</sup> Cyprian<sup>517</sup> Augustine<sup>518</sup> Ps-Oecumenius<sup>519</sup> Theophylact<sup>520</sup> Irineu<sup>521</sup> Clement<sup>522</sup> Lucifer Priscillian<sup>523</sup> Augustine<sup>524</sup> Theophylact<sup>525</sup> Polycarp<sup>526</sup> Tertullian<sup>527</sup> Cyprian<sup>528</sup> Augustine<sup>529</sup> Ps-Oecumenius<sup>530</sup> Theophylact<sup>531</sup> Irineu<sup>532</sup> Clement<sup>533</sup> Lucifer Priscillian<sup>534</sup> Augustine<sup>535</sup> Theophylact<sup>536</sup> Polycarp<sup>537</sup> Tertullian<sup>538</sup> Cyprian<sup>539</sup> Augustine<sup>540</sup> Ps-Oecumenius<sup>541</sup> Theophylact<sup>542</sup> Irineu<sup>543</sup> Clement<sup>544</sup> Lucifer Priscillian<sup>545</sup> Augustine<sup>546</sup> Theophylact<sup>547</sup> Polycarp<sup>548</sup> Tertullian<sup>549</sup> Cyprian<sup>550</sup> Augustine<sup>551</sup> Ps-Oecumenius<sup>552</sup> Theophylact<sup>553</sup> Irineu<sup>554</sup> Clement<sup>555</sup> Lucifer Priscillian<sup>556</sup> Augustine<sup>557</sup> Theophylact<sup>558</sup> Polycarp<sup>559</sup> Tertullian<sup>560</sup> Cyprian<sup>561</sup> Augustine<sup>562</sup> Ps-Oecumenius<sup>563</sup> Theophylact<sup>564</sup> Irineu<sup>565</sup> Clement<sup>566</sup> Lucifer Priscillian<sup>567</sup> Augustine<sup>568</sup> Theophylact<sup>569</sup> Polycarp<sup>570</sup> Tertullian<sup>571</sup> Cyprian<sup>572</sup> Augustine<sup>573</sup> Ps-Oecumenius<sup>574</sup> Theophylact<sup>575</sup> Irineu<sup>576</sup> Clement<sup>577</sup> Lucifer Priscillian<sup>578</sup> Augustine<sup>579</sup> Theophylact<sup>580</sup> Polycarp<sup>581</sup> Tertullian<sup>582</sup> Cyprian<sup>583</sup> Augustine<sup>584</sup> Ps-Oecumenius<sup>585</sup> Theophylact<sup>586</sup> Irineu<sup>587</sup> Clement<sup>588</sup> Lucifer Priscillian<sup>589</sup> Augustine<sup>590</sup> Theophylact<sup>591</sup> Polycarp<sup>592</sup> Tertullian<sup>593</sup> Cyprian<sup>594</sup> Augustine<sup>595</sup> Ps-Oecumenius<sup>596</sup> Theophylact<sup>597</sup> Irineu<sup>598</sup> Clement<sup>599</sup> Lucifer Priscillian<sup>600</sup> Augustine<sup>601</sup> Theophylact<sup>602</sup> Polycarp<sup>603</sup> Tertullian<sup>604</sup> Cyprian<sup>605</sup> Augustine<sup>606</sup> Ps-Oecumenius<sup>607</sup> Theophylact<sup>608</sup> Irineu<sup>609</sup> Clement<sup>610</sup> Lucifer Priscillian<sup>611</sup> Augustine<sup>612</sup> Theophylact<sup>613</sup> Polycarp<sup>614</sup> Tertullian<sup>615</sup> Cyprian<sup>616</sup> Augustine<sup>617</sup> Ps-Oecumenius<sup>618</sup> Theophylact<sup>619</sup> Irineu<sup>620</sup> Clement<sup>621</sup> Lucifer Priscillian<sup>622</sup> Augustine<sup>623</sup> Theophylact<sup>624</sup> Polycarp<sup>625</sup> Tertullian<sup>626</sup> Cyprian<sup>627</sup> Augustine<sup>628</sup> Ps-Oecumenius<sup>629</sup> Theophylact<sup>630</sup> Irineu<sup>631</sup> Clement<sup>632</sup> Lucifer Priscillian<sup>633</sup> Augustine<sup>634</sup> Theophylact<sup>635</sup> Polycarp<sup>636</sup> Tertullian<sup>637</sup> Cyprian<sup>638</sup> Augustine<sup>639</sup> Ps-Oecumenius<sup>640</sup> Theophylact<sup>641</sup> Irineu<sup>642</sup> Clement<sup>643</sup> Lucifer Priscillian<sup>644</sup> Augustine<sup>645</sup> Theophylact<sup>646</sup> Polycarp<sup>647</sup> Tertullian<sup>648</sup> Cyprian<sup>649</sup> Augustine<sup>650</sup> Ps-Oecumenius<sup>651</sup> Theophylact<sup>652</sup> Irineu<sup>653</sup> Clement<sup>654</sup> Lucifer Priscillian<sup>655</sup> Augustine<sup>656</sup> Theophylact<sup>657</sup> Polycarp<sup>658</sup> Tertullian<sup>659</sup> Cyprian<sup>660</sup> Augustine<sup>661</sup> Ps-Oecumenius<sup>662</sup> Theophylact<sup>663</sup> Irineu<sup>664</sup> Clement<sup>665</sup> Lucifer Priscillian<sup>666</sup> Augustine<sup>667</sup> Theophylact<sup>668</sup> Polycarp<sup>669</sup> Tertullian<sup>670</sup> Cyprian<sup>671</sup> Augustine<sup>672</sup> Ps-Oecumenius<sup>673</sup> Theophylact<sup>674</sup> Irineu<sup>675</sup> Clement<sup>676</sup> Lucifer Priscillian<sup>677</sup> Augustine<sup>678</sup> Theophylact<sup>679</sup> Polycarp<sup>680</sup> Tertullian<sup>681</sup> Cyprian<sup>682</sup> Augustine<sup>683</sup> Ps-Oecumenius<sup>684</sup> Theophylact<sup>685</sup> Irineu<sup>686</sup> Clement<sup>687</sup> Lucifer Priscillian<sup>688</sup> Augustine<sup>689</sup> Theophylact<sup>690</sup> Polycarp<sup>691</sup> Tertullian<sup>692</sup> Cyprian<sup>693</sup> Augustine<sup>694</sup> Ps-Oecumenius<sup>695</sup> Theophylact<sup>696</sup> Irineu<sup>697</sup> Clement<sup>698</sup> Lucifer Priscillian<sup>699</sup> Augustine<sup>700</sup> Theophylact<sup>701</sup> Polycarp<sup>702</sup> Tertullian<sup>703</sup> Cyprian<sup>704</sup> Augustine<sup>705</sup> Ps-Oecumenius<sup>706</sup> Theophylact<sup>707</sup> Irineu<sup>708</sup> Clement<sup>709</sup> Lucifer Priscillian<sup>710</sup> Augustine<sup>711</sup> Theophylact<sup>712</sup> Polycarp<sup>713</sup> Tertullian<sup>714</sup> Cyprian<sup>715</sup> Augustine<sup>716</sup> Ps-Oecumenius<sup>717</sup> Theophylact<sup>718</sup> Irineu<sup>719</sup> Clement<sup>720</sup> Lucifer Priscillian<sup>721</sup> Augustine<sup>722</sup> Theophylact<sup>723</sup> Polycarp<sup>724</sup> Tertullian<sup>725</sup> Cyprian<sup>726</sup> Augustine<sup>727</sup> Ps-Oecumenius<sup>728</sup> Theophylact<sup>729</sup> Irineu<sup>730</sup> Clement<sup>731</sup> Lucifer Priscillian<sup>732</sup> Augustine<sup>733</sup> Theophylact<sup>734</sup> Polycarp<sup>735</sup> Tertullian<sup>736</sup> Cyprian<sup>737</sup> Augustine<sup>738</sup> Ps-Oecumenius<sup>739</sup> Theophylact<sup>740</sup> Irineu<sup>741</sup> Clement<sup>742</sup> Lucifer Priscillian<sup>743</sup> Augustine<sup>744</sup> Theophylact<sup>745</sup> Polycarp<sup>746</sup> Tertullian<sup>747</sup> Cyprian<sup>748</sup> Augustine<sup>749</sup> Ps-Oecumenius<sup>750</sup> Theophylact<sup>751</sup> Irineu<sup>752</sup> Clement<sup>753</sup> Lucifer Priscillian<sup>754</sup> Augustine<sup>755</sup> Theophylact<sup>756</sup> Polycarp<sup>757</sup> Tertullian<sup>758</sup> Cyprian<sup>759</sup> Augustine<sup>760</sup> Ps-Oecumenius<sup>761</sup> Theophylact<sup>762</sup> Irineu<sup>763</sup> Clement<sup>764</sup> Lucifer Priscillian<sup>765</sup> Augustine<sup>766</sup> Theophylact<sup>767</sup> Polycarp<sup>768</sup> Tertullian<sup>769</sup> Cyprian<sup>770</sup> Augustine<sup>771</sup> Ps-Oecumenius<sup>772</sup> Theophylact<sup>773</sup> Irineu<sup>774</sup> Clement<sup>775</sup> Lucifer Priscillian<sup>776</sup> Augustine<sup>777</sup> Theophylact<sup>778</sup> Polycarp<sup>779</sup> Tertullian<sup>780</sup> Cyprian<sup>781</sup> Augustine<sup>782</sup> Ps-Oecumenius<sup>783</sup> Theophylact<sup>784</sup> Irineu<sup>785</sup> Clement<sup>786</sup> Lucifer Priscillian<sup>787</sup> Augustine<sup>788</sup> Theophylact<sup>789</sup> Polycarp<sup>790</sup> Tertullian<sup>791</sup> Cyprian<sup>792</sup> Augustine<sup>793</sup> Ps-Oecumenius<sup>794</sup> Theophylact<sup>795</sup> Irineu<sup>796</sup> Clement<sup>797</sup> Lucifer Priscillian<sup>798</sup> Augustine<sup>799</sup> Theophylact<sup>800</sup> Polycarp<sup>801</sup> Tertullian<sup>802</sup> Cyprian<sup>803</sup> Augustine<sup>804</sup> Ps-Oecumenius<sup>805</sup> Theophylact<sup>806</sup> Irineu<sup>807</sup> Clement<sup>808</sup> Lucifer Priscillian<sup>809</sup> Augustine<sup>810</sup> Theophylact<sup>811</sup> Polycarp<sup>812</sup> Tertullian<sup>813</sup> Cyprian<sup>814</sup> Augustine<sup>815</sup> Ps-Oecumenius<sup>816</sup> Theophylact<sup>817</sup> Irineu<sup>818</sup> Clement<sup>819</sup> Lucifer Priscillian<sup>820</sup> Augustine<sup>821</sup> Theophylact<sup>822</sup> Polycarp<sup>823</sup> Tertullian<sup>824</sup> Cyprian<sup>825</sup> Augustine<sup>826</sup> Ps-Oecumenius<sup>827</sup> Theophylact<sup>828</sup> Irineu<sup>829</sup> Clement<sup>830</sup> Lucifer Priscillian<sup>831</sup> Augustine<sup>832</sup> Theophylact<sup>833</sup> Polycarp<sup>834</sup> Tertullian<sup>835</sup> Cyprian<sup>836</sup> Augustine<sup>837</sup> Ps-Oecumenius<sup>838</sup> Theophylact<sup>839</sup> Irineu<sup>840</sup> Clement<sup>841</sup> Lucifer Priscillian<sup>842</sup> Augustine<sup>843</sup> Theophylact<sup>844</sup> Polycarp<sup>845</sup> Tertullian<sup>846</sup> Cyprian<sup>847</sup> Augustine<sup>848</sup> Ps-Oecumenius<sup>849</sup> Theophylact<sup>850</sup> Irineu<sup>851</sup> Clement<sup>852</sup> Lucifer Priscillian<sup>853</sup> Augustine<sup>854</sup> Theophylact<sup>855</sup> Polycarp<sup>856</sup> Tertullian<sup>857</sup> Cyprian<sup>858</sup> Augustine<sup>859</sup> Ps-Oecumenius<sup>860</sup> Theophylact<sup>861</sup> Irineu<sup>862</sup> Clement<sup>863</sup> Lucifer Priscillian<sup>864</sup> Augustine<sup>865</sup> Theophylact<sup>866</sup> Polycarp<sup>867</sup> Tertullian<sup>868</sup> Cyprian<sup>869</sup> Augustine<sup>870</sup> Ps-Oecumenius<sup>871</sup> Theophylact<sup>872</sup> Irineu<sup>873</sup> Clement<sup>874</sup> Lucifer Priscillian<sup>875</sup> Augustine<sup>876</sup> Theophylact<sup>877</sup> Polycarp<sup>878</sup> Tertullian<sup>879</sup> Cyprian<sup>880</sup> Augustine<sup>881</sup> Ps-Oecumenius<sup>882</sup> Theophylact<sup>883</sup> Irineu<sup>884</sup> Clement<sup>885</sup> Lucifer Priscillian<sup>886</sup> Augustine<sup>887</sup> Theophylact<sup>888</sup> Polycarp<sup>889</sup> Tertullian<sup>890</sup> Cyprian<sup>891</sup> Augustine<sup>892</sup> Ps-Oecumenius<sup>893</sup> Theophylact<sup>894</sup> Irineu<sup>895</sup> Clement<sup>896</sup> Lucifer Priscillian<sup>897</sup> Augustine<sup>898</sup> Theophylact<sup>899</sup> Polycarp<sup>900</sup> Tertullian<sup>901</sup> Cyprian<sup>902</sup> Augustine<sup>903</sup> Ps-Oecumenius<sup>904</sup> Theophylact<sup>905</sup> Irineu<sup>906</sup> Clement<sup>907</sup> Lucifer Priscillian<sup>908</sup> Augustine<sup>909</sup> Theophylact<sup>910</sup> Polycarp<sup>911</sup> Tertullian<sup>912</sup> Cyprian<sup>913</sup> Augustine<sup>914</sup> Ps-Oecumenius<sup>915</sup> Theophylact<sup>916</sup> Irineu<sup>917</sup> Clement<sup>918</sup> Lucifer Priscillian<sup>919</sup> Augustine<sup>920</sup> Theophylact<sup>921</sup> Polycarp<sup>922</sup> Tertullian<sup>923</sup> Cyprian<sup>924</sup> Augustine<sup>925</sup> Ps-Oecumenius<sup>926</sup> Theophylact<sup>927</sup> Irineu<sup>928</sup> Clement<sup>929</sup> Lucifer Priscillian<sup>930</sup> Augustine<sup>931</sup> Theophylact<sup>932</sup> Polycarp<sup>933</sup> Tertullian<sup>934</sup> Cyprian<sup>935</sup> Augustine<sup>936</sup> Ps-Oecumenius<sup>937</sup> Theophylact<sup>938</sup> Irineu<sup>939</sup> Clement<sup>940</sup> Lucifer Priscillian<sup>941</sup> Augustine<sup>942</sup> Theophylact<sup>943</sup> Polycarp<sup>944</sup> Tertullian<sup>945</sup> Cyprian<sup>946</sup> Augustine<sup>947</sup> Ps-Oecumenius<sup>948</sup> Theophylact<sup>949</sup> Irineu<sup>950</sup> Clement<sup>951</sup> Lucifer Priscillian<sup>952</sup> Augustine<sup>953</sup> Theophylact<sup>954</sup> Polycarp<sup>955</sup> Tertullian<sup>956</sup> Cyprian<sup>957</sup> Augustine<sup>958</sup> Ps-Oecumenius<sup>959</sup> Theophylact<sup>960</sup> Irineu<sup>961</sup> Clement<sup>962</sup> Lucifer Priscillian<sup>963</sup> Augustine<sup>964</sup> Theophylact<sup>965</sup> Polycarp<sup>966</sup> Tertullian<sup>967</sup> Cyprian<sup>968</sup> Augustine<sup>969</sup> Ps-Oecumenius<sup>970</sup> Theophylact<sup>971</sup> Irineu<sup>972</sup> Clement<sup>973</sup> Lucifer Priscillian<sup>974</sup> Augustine<sup>975</sup> Theophylact<sup>976</sup> Polycarp<sup>977</sup> Tertullian<sup>978</sup> Cyprian<sup>979</sup> Augustine<sup>980</sup> Ps-Oecumenius<sup>981</sup> Theophylact<sup>982</sup> Irineu<sup>983</sup> Clement<sup>984</sup> Lucifer Priscillian<sup>985</sup> Augustine<sup>986</sup> Theophylact<sup>987</sup> Polycarp<sup>988</sup> Tertullian<sup>989</sup> Cyprian<sup>990</sup> Augustine<sup>991</sup> Ps-Oecumenius<sup>992</sup> Theophylact<sup>993</sup> Irineu<sup>994</sup> Clement<sup>995</sup> Lucifer Priscillian<sup>996</sup> Augustine<sup>997</sup> Theophylact<sup>998</sup> Polycarp<sup>999</sup> Tertullian<sup>1000</sup> Cyprian<sup>1001</sup> Augustine<sup>1002</sup> Ps-Oecumenius<sup>1003</sup> Theophylact<sup>1004</sup> Irineu<sup>1005</sup> Clement<sup>1006</sup> Lucifer Priscillian<sup>1007</sup> Augustine<sup>1008</sup> Theophylact<sup>1009</sup> Polycarp<sup>10</sup>

sentido que a ajuda do Espírito Santo eventualmente os faria ouvir e compreender. (Ver João 8:47). O mundo é o cosmos em revolta contra Deus, e não meramente a comunidade dos homens sem regeneração. Mas homens não regenerados são apenas representantes das forças cósmicas malignas, nesta plana terrena.

Assim, pois, a oposição *dualista* é novamente apresentada ante os nossos olhos: Deus versus Satanás; a verdade versus a mentira; Cristo versus o anticristo; o Espírito Santo versus os espíritos malignos; o amor versus o ódio; os filhos de Deus versus os filhos de Satanás.

Nesse conflito, os filhos de Deus têm a promessa da *vitória*, pois a luta é de dimensões cósmica, entre o bem e o mal; e, apesar de ser conflito perfeitamente real, a derrota das forças do mal é perfeitamente possível. O princípio divino, que em nós habita, garante a vitória, porquanto o poder de Deus, que em nós está, é maior que qualquer poder externo. O Espírito Santo é quem transmite a natureza divina ao ser humano, e essa transmissão é deveras eficaz.

«Se fossem sinceros consigo mesmos, os leitores nada teriam a temer das atividades do espírito dos anticristos, que operavam no mundo. Em virtude do novo nascimento, que tinham experimentado como crentes, já tinham obtido a vitória sobre os falsos profetas; e os frutos da vitória lhes pertenciam, a menos que deliberadamente se desfizessem dela. Essa vitória não fora ganha pela força deles mesmos. Deus é quem lutara por eles e neles. E Deus é maior que o diabo, que governa o mundo. Os falsos profetas são, essencialmente 'do mundo'. Tudo quanto domina suas vidas e ações vem deste mundo. Seus ensinamentos se derivam da sabedoria mundana e não da revelação que Deus tem dado acerca de seu Filho. A mensagem deles é bem acolhida por aqueles que pertencem ao mundo. Pois o igual se associa ao igual. O escritor e os demais mestres cristãos tinham consciência de que derivavam de Deus sua vida verdadeira. E aqueles que são de Deus, e, portanto, vivem aprendendo a conhecê-lo melhor, na assimilação gradual da revelação de si mesmo, que Deus está fazendo em seu Filho, dão acolhida à mensagem. Esta é rejeitada somente por aqueles que não são de Deus, que não aprendem a conhecê-lo. Assim, do caráter daqueles que acolhem suas respectivas mensagens, aprendemos a reconhecer e a distinguir o espírito da verdade e o espírito da falsidade». (Brooke, *in loc.*).

4 ὑμεῖς ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστε, τέκνία, καὶ νενικήκατε αὐτοὺς, ὅτι μείζων ἐστὶν ὁ ἐν ὑμῖν ἢ ὁ ἐν τῷ κόσμῳ.

4 μείζων...κόσμος Mt. 12:28

4:4: Filhinhos, vós sois de Deus, e já os tendes vencido; porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.

«...Filhinhos...» A tradição histórica vincula esse tratamento termo ao apóstolo João. Ele se tornou o mui idoso apóstolo, amigo do Senhor Jesus Cristo, que cuidava de crentes menos experientes, muito mais jovens do que ele tanto na idade física como na idade espiritual, e os chamava de «criancinhas». Essa expressão também se acha em I João 2:1, 12, 13, 18, 28; 3:7, 18; 4:4 e 5:21. (Ver notas expositivas a respeito, na primeira dessas referências). Tal tratamento também era usado como artifício literário, a fim de assinalar alguma nova seção.

«...vós sois de Deus...» (Essas palavras podem ser comparadas com João 8:23; 17:14, 16; I João 3:19; 2:19 e 5:19). Os crentes «nascem de Deus», mantendo um relacionamento filial para com ele. (Ver I João 3:9, 10). «Salvação» é sinônimo de «filiação». Tudo quanto Deus dá aos homens, ele lhes dá em associação ao seu irmão mais velho (ver Rom. 8:29 e ss. e Efé. 1:3, 4, 23), como outros filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10 e ss.). (Ver as notas expositivas acerca da «paternidade de Deus» em Rom. 8:14-16 e João 7:42). A filiação envolve a participação na natureza divina, de maneira perfeitamente literal (ver II Ped. 1:4 e as notas expositivas ali existentes), quando então chegaremos a compartilhar de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19 e as notas expositivas ali existentes), do mesmo modo que Jesus Cristo dela participa (ver Col. 2:10 e as notas expositivas a respeito). A leitura dessas diversas notas expositivas dará ao leitor uma excelente descrição do que está envolvido no evangelho e na vida eterna por ele prometida. (Ver as notas expositivas sobre a «vida eterna», em João 3:15).

Os crentes são «filhos de Deus» porque receberam a mensagem que se originou dele, ao passo que seus oponentes—os gnósticos—pertencem ao diabo, que é pai deles, pertencendo ao «cosmos» dominado por Satanás (ver I João 2:8, 10 e 4:5).

«...tendes vencido os falsos profetas...» Os gnósticos estão aqui em foco. (Ver Col. 2:18 quanto a notas expositivas completas sobre o sistema do «gnosticismo», que é combatido em oito livros do N.T.: Colossenses, Judas, as três epístolas pastorais e as três epístolas de João, bem como em porções da epístola aos Efésios, do evangelho de João e do livro de Apocalipse). O gnosticismo floresceu durante cerca de cento e cinquenta anos. Resta ainda, em forma fragmentar, espalhado entre diversas religiões, algumas das quais se intitulam «cristãs».

5 αὐτοὶ ἐκ τοῦ κόσμου εἰσὶν· διὰ τοῦτο ἐκ τοῦ κόσμου λαλοῦσιν καὶ ὁ κόσμος αὐτῶν ἀκούει.

5 Jo 15:19

4:5: Eles são do mundo, por isso falam como quem é do mundo, e o mundo os ouve.

Esses são filhos de Satanás (ver I João 3:10) e, portanto, também pertencem ao *cosmos* hostil que ele controla. N.B. A palavra *mundo*, neste caso, aponta para o cosmos em rebelião contra Deus e em liga com as forças malignas. Os homens não-remidos fazem parte da manifestação *terrena* dessa rebelião cósmica.

«...falam da parte do mundo...» A «mensagem» deles é extremamente mundana, alicerçada sobre idéias mundanas e rebeldes, visando agradar somente a um povo rebelde. Em contraste com isso temos o verdadeiro evangelho, que os leitores tinham ouvido «desde o princípio», isto é, desde o seu primeiro contacto com os discípulos dos apóstolos (ver I João 2:24). Esse é o evangelho que fazia aqueles crentes «permanecerem» em Deus Pai e em Deus Filho. E agora haveriam de dar ouvidos à porção mundana? No dizer de Vincent (*in loc.*): «Eles 'falam do mundo', isto é, o caráter das afirmativas deles corresponde à sua origem... falam como que 'pertencentes' ao mundo». Os falsos profetas e o mundo andam em perfeito uníssono. (Robertson, *in loc.*).

«...o mundo os ouve...» Os homens que pertencem ao «cosmos» satanicamente controlado ouvem alegremente a mensagem que concorda com a natureza inerente a eles. «O mundo dá ouvidos àqueles que falam a sua língua». (Smith, *in loc.*). Este versículo ensina-nos que os falsos mestres

Nossa vitória sobre os falsos profetas reside nos seguintes fatos: 1. A própria igreja cristã se tem tornado um lugar impróprio para eles, e eles vinham sendo forçados a sair dela. (Ver I João 2:19). 2. O intuito que tinham de modificar o cristianismo era combatido, não tendo obtido sucesso. 3. Os espíritos que eles representavam eram rejeitados, e o Espírito de Deus continuava controlando sua igreja. 4. Nenhum dano espiritual definitivo foi feito contra os que se apegavam à verdadeira fé, que continuavam a reconhecer Cristo naquilo que ele é, porquanto lhe prestavam lealdade.

«...maior é aquele...» Essas palavras talvez apontem para Deus Pai; mas, nesse caso, certamente apontam para ele através do seu Espírito, o qual ele confere aos remidos. Porém, talvez apenas o Espírito Santo esteja aqui em pauta. Também nos versículos primeiro e segundo deste capítulo figura o Espírito de Deus, em contraste com os espíritos malignos. Observemos que tudo isso é apresentado sob termos «pessoais». É uma «Pessoa» que nos guarda e nos proporciona a vitória, e não a mera lealdade a um sistema doutrinário que receber, ou um compromisso a princípios teológicos abstratos. Mediante a fé recebemos o poder do Espírito, conforme também o autor sagrado nos relembra mais adiante: «...e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.» (I João 5:4).

«Os fiéis são os delegados de Deus, levando avante a comissão do Mestre e dando continuação à sua luta (ver João 20:21); e eles têm compartilhado de sua vitória». (Smith, *in loc.*). Por essa razão é que Jesus disse: «Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso» (João 12:31). Satanás é o príncipe deste mundo (ver João 12:31 e 14:30), o «deus» deste século (ver II Cor. 4:4). Trata-se de um ser extremamente poderoso; mas a sua derrota final é inevitável. Presentemente, o mundo está sob o seu poder (ver I João 5:19), mas ele não conseguirá conservar para sempre esse seu domínio.

Aqueles que são «de Deus» mantêm relacionamento filial com Deus (ver I João 3:9); esses permanecem com o Pai e com o Filho (ver I João 2:24). Sua palavra «permanece» neles (ver I João 2:24). Portanto, ela os instrui e transforma segundo a imagem de Cristo. Eles permanecem em Cristo e lhe observam a Palavra; e o próprio Deus permanece com eles (ver I João 3:24). E o Espírito Santo faz deles templos seus (ver Efé. 2:22).

O autor sagrado reconhece, portanto, a lealdade de seus leitores originais a Cristo; e procura encorajá-los mais ainda nessa lealdade, apesar da oposição que sofriam interna e externamente.

eram «populares», que conseguiam atrair grandes multidões, que tinham idéias que pareciam brilhantes para indivíduos dotados de mentes mundanas. Obtinham um «sucesso» que o pregador comum não tem. Não admira isso, porém, pois seu sucesso se dá entre os mundanos, que se deleitam em ouvir que se pode crer em Cristo mas permanecer na antiga vida e no pecado, ao mesmo tempo.

«Isso subentende ouvir com atenção e prazer». (Sinclair, *in loc.*). «Amando como faz aqueles que lhe pertencem (ver João 15:19), de qual (origem) nosso versículo é tirado. (Ver também João 8:47 e 18:37)». (Alford, *in loc.*).

Se, por um lado, os falsos mestres supostamente deveriam salvar da perversidade, doutrinária e moral, temporal e espiritual, por outro lado continuavam a encorajá-lo a continuar como era; davam a tudo desculpas de cunho «religioso», para que os homens prosseguissem em suas antigas imoralidades.

«Os falsos profetas deixavam a igreja e se atiravam ao mundo, com o qual tinham uma afinidade íntima, proclamando ao mesmo uma sabedoria que dele se originava. Por conseguinte, o mundo os ouvia, isto é, concordava e assentia às suas palavras, ao passo que os crentes eram odiados e perseguidos pelo mundo». (Huther, *in loc.*).

«Vemos aqui quão grande propensão para a vaidade e para a falsidade há nos homens. Portanto, as doutrinas falsas penetram facilmente,



espalhando-se por toda a parte. O apóstolo dá a entender que não há razão por que nos deveríamos sentir perturbados ante isso, porquanto não se trata de qualquer coisa incomum que o mundo, que é totalmente falso, não deixe de dar ouvidos ao que é falso, com prontidão». (Calvino, *in loc.*).

6 ἡμεῖς ἐκ τοῦ θεοῦ ἐσμεν· ὁ γινώσκων τὸν θεὸν ἀκούει ἡμῶν, ὃς οὐκ ἐστὶν ἐκ τοῦ θεοῦ οὐκ ἀκούει ἡμῶν. ἐκ τούτου γινώσκομεν τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας καὶ τὸ πνεῦμα τῆς πλάνης.

«ὁ τὸν θεὸν ἀκούει ἡμῶν» Jo 3:47

4:6: Nós somos de Deus; quem conhece a Deus nos ouve; quem não é de Deus não nos ouve. Assim é que conhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro.

O autor sagrado dá prosseguimento à sua dualista descrição da realidade. Os falsos mestres eram populares; mas nós somos perseguidos. Mas isso não constitui motivo de grande admiração, pois o mundo ama aos que lhe pertencem e odeia a quem lhe é diferente (ver João 15:18 e ss.).

«Tudo se adapta, coisa a coisa; o mau caráter, o pensamento falso, as palavras falsas, a rejeição da verdade, a mente mundana. Os lábios do homem mundano dizem o que ele é. Igual busca o igual. O mundo fala dos que são seus, e dá ouvidos aos que são seus; ele tem seu próprio idioma, vive segundo os seus próprios valores, concede seus próprios galardões. Tragicamente, há certa camaradagem no mal, tal como há no bem; e no erro, tal como há na verdade». (Hoon, *in loc.*).

«...somos de Deus...» No grego temos as palavras «ek tou theou» (da parte de Deus), tal como no quarto versículo. Filiação, origem, comissão e representação estão aqui em foco. (Ver as notas expositivas sobre o quarto versículo).

«...nos ouve...» aquele que «também» é de Deus, naturalmente dará ouvidos a outros filhos de Deus, que lhe trazem uma mensagem que os beneficia espiritualmente. Esses reconhecerão instintivamente que estão em boa e espiritual companhia, podendo tirar proveito espiritual verdadeiro da mensagem que lhes é anunciada. O autor sagrado congratula-se indiretamente com seus leitores originais, por não terem abandonado a mensagem cristã original, pois continuavam aderindo ao evangelho apostólico original, que até ali vinha sendo perpetuado na Ásia Menor. E assegura-lhes que a fidelidade deles ao evangelho era prova de que eram filhos de Deus, pertencentes à fraternidade de Cristo.

«...não nos ouve...» Em contraste com os filhos de Deus, os adversários não nos ouvem e nem escutam com atenção a mensagem cristã: «Essa é uma das razões por que há sermões que são embotados (alguns realmente o são; outros se devem a corações embotados) ou que são inspiradores. (São embotados para pessoas mundanas; e são inspiradores para homens convertidos). Há aqui um toque de misticismo, para sermos exatos; mas o âmago do cristianismo é o misticismo (o contacto espiritual com Deus, em Cristo, mediante o Espírito Santo). João sentia o olhar frio, indiferente e hostil dos mundanos, ao pregar a Jesus». (Robertson, *in loc.*). Devemos pensar aqui em «misticismo» porque a mensagem cristã, quando é pregada, toca ou não os corações, porquanto esses corações estão em comunhão com Deus ou com o mundo, respectivamente. Aqueles que estão em comunhão com Deus ouvem anelantemente sua mensagem; os demais zombam dela ou a ignoram. A condição mística do coração estabelecerá a diferença sobre como daremos atenção ao evangelho, ou o ignoraremos ou seremos hostis ao mesmo.

Há um «espírito» que está por detrás de tudo isso; esse «espírito» é uma disposição nos homens. E esse termo representa ou os espíritos malignos ou o Espírito Santo. A comunicação espiritual, de natureza positiva ou negativa, levará os homens a prepararem-se para dar ouvidos à verdade ou ao erro, dependendo do tipo de «comunhão» que tiverem, do tipo de espírito com que estiverem associados. Os homens são extensões terrenas de

**O Amor de Deus inspira nossa confiança (4:7- 5:12).**

1. É a base do amor mútuo, o vínculo da família divina (4:7-12).

Há somente duas secções desta epístola que são polémicas diretas contra os falsos mestres gnósticos, a saber, I João 2:18-27 e 4:1-6. Contudo, a epístola inteira tem caráter polêmico, pois todas as suas grandes declarações têm por intuito refutar algum erro dos gnósticos, além de instruir aos crentes. Por isso, o autor sagrado volta agora ao tema do amor cristão. Ele desejava instruir-se acerca de sua natureza. Mostraria que Deus é amor, e, portanto, é a fonte de todo o verdadeiro amor. Os gnósticos, em sua crença «deísta», tornavam impossível alguém ver a Deus como «amor». Pois o amor implica em «interesse» por outros, mas um deus deísta é divorciado de sua criação — não recompensa, não pune e nem interfere no curso da história humana. O deísmo ensina que há um Deus que cria (ou emana). Mas também diz que ele não entra em contacto com a sua criação, mantendo-se totalmente transcendental, pelo que não pode recompensar e nem punir; nem toma consciência do que sucede conosco e nem pode interessar-se por nós. Em contraste com isso, o teísmo ensina que Deus existe, o qual criou todas as coisas e mantém contínuo interesse por sua criação — ele pune e recompensa, e interfere no curso da história humana. (Quanto a notas expositivas sobre as diversas idéias acerca da «pessoa de Deus» e suas relações com os homens, ver Atos 17:27).

Ensinar que Deus ama ou que Deus é amor, é uma extensão do teísmo, bem como a negação do deísmo. Por conseguinte, a passagem à nossa frente tanto é polêmica quanto é instrutiva, porquanto fere uma das bases falsas do gnosticismo.

O que fica naturalmente implícito no fato que *Deus é amor*, é que os seus «filhos», aqueles que nascem dele, também devem amar; precisam sair de sua própria casca e se interessarem pelo próximo, tal como o faz Deus Pai. O amor genuíno ao próximo é a prova de que temos nascido de Deus; e por termos nascido de Deus e expressarmos o seu amor, também demonstramos que «conhecemos» a Deus. Esse princípio já fora declarado em I João 3:11-18.

«Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós e devemos dar nossa vida pelos irmãos» (I João 3:16). O amor de Deus foi supremamente exibido na dádiva de seu Filho, para ser a expiação pelos nossos pecados. O amor chega ao sacrifício; deseja para os outros aquilo que deseja para si mesmo, e busca ativamente tais benefícios para eles. «Vede que grande amor tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus...» (I João 3:1). O amor de Deus tem operado em nosso favor um lucro incalculável. O amor ao próximo deveria procurar «conquistar» ao próximo. Amamos aos outros tanto por «imitação» como por «gratidão». Imitamos a Deus Pai. Somos gratos por aquilo que ele tem feito. O amor, naturalmente, transcende a essas fatores; temos nascido de Deus, pelo que a natureza em nós implantada leva-nos a amar. Isso é outra maneira de dizer que o amor é um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo» (ver Gál. 5:22). O Espírito Santo infunde em nós a própria natureza moral de Deus, conforme ela é conhecida e se expressa na pessoa de Cristo. É essa natureza moral se alicerça sobre a atitude de um

condições cósmicas.

«Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente» (I Cor. 2:12). Existe uma sabedoria que é «deste século», isto é, desta era, mas existe uma sabedoria que transcende a esta era (ver I Cor. 2:6). O acolhimento ao evangelho, no nível da alma, por conseguinte, ou a sua rejeição, depende da iluminação divina e da disposição do homem em deixar-se iluminar. Isso traz o divino ao humano, o que é algo celestial e espiritual, devendo ser recebido à maneira espiritual de fazer as coisas.

«...Nisto conhecemos...» Provavelmente essas palavras se referem à idéia imediata do versículo: aqueles que dão ouvidos ao evangelho são divinamente ajudados e assim descobrem a verdade; aqueles que se recusam a ouvir ao evangelho e dar-lhe obediência, são inspirados por uma espiritualidade maligna, a qual permeia o sistema mundano, e assim caem no erro. A observação que fazemos desses acontecimentos e dessas condições ensina-nos o que é a verdade e o que é o erro. O erro se caracteriza pela «resistência» ao evangelho; a verdade é assinalada pela fácil recepção do evangelho. Existem «espíritos enganadores», que guiam os homens para o erro; e existe o «Espírito iluminador», que os guia à verdade. O modo como os homens sentem acerca de Jesus e seu evangelho, mostra o tipo de espírito que os guia. A experiência pessoal e a observação mostra-nos a diferença entre as duas espécies de espírito, bem como a distinção entre a verdade e o erro. Contudo, alguns eruditos fazem isso referir-se à idéia inteira, constante nos versículos segundo a sexto. Aqueles que estão em erro não acolhem a Jesus; mas os que são da verdade lhe dão acolhimento. Por aquilo que os homens fazem acerca de Jesus, sabemos se estão na verdade ou no erro. Isso é uma verdade, naturalmente, sem importar se isso é ensinado diretamente ou não neste versículo. Isso certamente é ensinado no contexto. Mas há estudiosos que pensam que essas palavras aludem ao que se segue — à prática da lei do amor. Mas essa é uma posição muito menos provável.

Aqueles que são inspirados pelo sistema do mundo, proferem profecias contrárias ao evangelho, não anuindo às exigências do evangelho de Cristo. Os que erram de coração não glorificam a Cristo em suas profecias; mas aqueles que conhecem à verdade, tal como faz o Espírito Santo (ver João 16:14), glorificam a Cristo.

Notemos o paralelo desta passagem com o trecho de João 18:37. Pilatos indagou se Jesus era rei. Jesus replicou que é rei, e que por essa razão nasceu. Ele veio a fim de dar testemunho da verdade. «Todo quanto é da verdade dá ouvidos à minha voz».

«...reconhecemos...» Os gnósticos tinham um tipo falso de «conhecimento». No sistema deles imaginava-se que a salvação vem através do conhecimento, e não mediante a fé. O conhecimento gnóstico era mediado mágica, mística e cerimonialmente, e em nada glorificava a Cristo. Por conseguinte, era um conhecimento espúrio. O verdadeiro conhecimento consiste de reconhecermos o Cristo cósmico, entregando-lhe a alma. (Ver II Ped. 1:2 quanto a notas expositivas completas sobre o «conhecimento»). Consiste, principalmente, de iluminação divina (ver Efé. 1:17,18), o que transcende ao que é meramente intelectual.

verdadeiro altruísmo, que chamamos de «amor», desejando para outros o que queremos para nós mesmos.

A «encarnação», realidade que os gnósticos negavam, demonstra o amor de Deus. Mediante o poder da encarnação, também chegamos a compartilhar da natureza de Deus (ver II Ped. 1:4). Ao compartilhar da natureza divina, na qualidade de filhos (modelados segundo o Filho), chegamos a amar como Deus ama. O amor, pois, se alicerça em alguma espiritualização metafísica da personalidade humana, não apenas em alguma salvação humanamente orientada. O amor resulta da participação em uma «modalidade de vida», a saber, a vida de Deus Pai. (Ver João 5:26,28 e 6:57, bem como as notas expositivas a respeito). Quanto maior for a dose de participação nessa vida, tanto mais haveremos de amar. O amor de Deus é infinito, pelo que nossa participação será sempre parcial, embora por toda a eternidade iremos diminuindo a diferença entre nós e Cristo, aprendendo cada vez mais a amar. Todo o amor humano, pois, é reflexo do amor divino, derivado do mesmo como resultado da participação no amor e na natureza de Deus. Até mesmo o amor genuíno que há no mundo, embora exercido por homens sem Cristo, é algo cultivado pela presença do Espírito Santo no mundo. Sem essa presença, a vida humana tornar-se-ia um horror, em meio a uma selva feroz, moralmente depravada. Isso é assim porque Deus tanto é a origem como é o insuflador de todo o amor que existe.

7 Ἀγαπητοί, ἀγαπῶμεν ἀλλήλους, ὅτι ἡ ἀγάπη ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστίν, καὶ πᾶς ὁ ἀγαπῶν ἐκ τοῦ θεοῦ γεγέννηται καὶ γινώσκει τὸν θεόν.

7 αγαπων] add τον θεον Α

4:7: Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.

«...Amados...» Tratamento conferido aos membros da família divina, os quais compartilham do amor de Deus Pai, e que, por isso mesmo, amam-se uns aos outros. Esse vocábulo é de uso frequente nas páginas do N.T., apontando para os «crentes», porquanto é empregado por mais de cinquenta vezes. Nesta epístola aparece em I João 3:2,21; 4:1,7,11. Também figura em III João 2,5,11. Porquanto os crentes são «amados», espera-se deles que amem. O ser amado enche o indivíduo de amor.

«...amemo-nos uns aos outros...» Há completas anotações sobre o «amor fraternal», em vários lugares deste comentário, com poesias ilustrativas e citações de grande valor. Em I João 2:10 várias citações ilustram o tema. João 3:16 comenta sobre o «amor de Deus»; João 14:21 e 15:10 comenta sobre o «amor como norma na família de Deus».

#### O Amor É A Prova Da Espiritualidade

1. Sabemos que o amor é a maior de todas as virtudes cristãs, mais importante que a fé ou a esperança (ver I Cor. 13:12).

2. Sabemos que o amor é o solo mesmo onde brotam e se desenvolvem todas as demais virtudes espirituais (ver Gál. 5:22,23).

3. Porém, o que talvez nos surpreenda é que não terá havido o novo nascimento, sob hipótese alguma, sem que o amor haja sido implantado na alma. A alma egoísta não pode ser uma alma regenerada. O versículo diante de nós declara ousadamente que o amor é produto do próprio novo nascimento. Deus é amor, e o amor vem da parte de Deus. Aquele que nasceu de Deus recebeu o implante da natureza altruísta. Tal indivíduo automaticamente amará a seu próximo, embora isso sempre deva ser fortalecido e incrementado, conforme a alma se vai tornando mais espiritual.

4. Portanto, afirmamos que o amor é a prova mesma da espiritualidade de uma pessoa. Trata-se da maior das virtudes espirituais, o solo onde todas as outras virtudes têm de medrar. Assim sendo, realmente é de estranhar que alguns pensem que o conflito e o ódio seja a prova de sua espiritualidade!

5. Fomos aceitos no «Amado» (ver Efé. 1:6), e assim, no seio da família divina, existe uma comunhão de amor. Essa participação no espírito de amor deve necessariamente caracterizar qualquer verdadeiro filho de Deus. Aquele que odeia pertence ao diabo.

6. Nossa espiritualidade imita Deus, o Pai: Deus é amor. Ele é a origem de todo o pensamento e ação altruísta. Os filhos de Deus serão inspirados tanto por seu exemplo como através do cultivo do amor na alma, uma realização do Espírito.

7. A prática da lei do amor é um dos meios de desenvolvimento espiritual. De cada vez que fazemos o bem para alguma outra pessoa, impelidos por motivos puros, o nível da nossa espiritualidade se eleva. Outros meios de crescimento espiritual são o estudo dos livros sagrados, a oração, a meditação, a santificação e o emprego dos dons espirituais, que nos ajudam a cumprir nossas respectivas missões.

«...o amor procede de Deus...» Deus é a «fonte originária» de todo amor; e todo o amor que se manifesta no mundo, até mesmo entre os ímpios, resulta da presença do Espírito de Deus no mundo. Sem isso, o mundo não seria lugar apropriado nem ao menos para nele vivermos, pois a violência baseada no ódio domina os corações dos homens por toda a parte. No presente versículo, porém, o amor procede de Deus para seus «filhos»; e esses filhos são os «nascidos de Deus».

Os gnósticos, com seu conceito distorcido de Deus (ver as notas de introdução ao sétimo versículo deste capítulo), jamais poderiam admitir que Deus ama, quanto menos que «Deus é amor». Eles se sentiam à vontade para falarem de seu poder e de sua sabedoria, mas não podiam relacioná-lo aos homens como se os amasse. Para eles, Deus era transcendental a tudo, estando totalmente divorciado de sua criação. Manteria contacto com a criação somente mediante longa sucessão de sombrios «aeons» ou mediadores angelicais, que seriam pequenos salvadores. Na verdade, porém, Deus não está «separado» dos homens, conforme os gnósticos ensinavam; e o termo «amor» é prova disso. O amor, além disso, «procede de Deus», o que demonstra a ligação entre Deus e os homens. É verdade que Deus é o

8 ὁ μὴ ἀγαπῶν οὐκ ἔγνω τὸν θεόν, ὅτι ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν.

4:8: Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor.

Temos aqui reprimenda contra os gnósticos, com seu conhecimento desvinculado do amor; mas também temos aqui uma instrução prática, cujo designio é mostrar a vastíssima importância do amor. Sem esse amor, o homem, a despeito de suas pretensas realizações espirituais, na realidade não tem qualquer conhecimento espiritual e genuíno de Deus. O conceito é paralelo ao ensinamento do décimo terceiro capítulo da primeira epístola

grande objeto do desejo místico dos homens. Aristóteles ensinava que o «Impulsionador Inabalável» (o seu deus) controla o mundo, no que «é amado». Isso expressa uma verdade; mas também é verdade que Deus ama. Aristóteles fazia esse Impulsionador Inabalável não ter consciência do mundo. O cristianismo, por outro lado, apresenta Deus como um Pai que ama. (Ver acerca da «paternidade de Deus» nas notas expositivas sobre Rom. 8:14-16 e João 8:42). O «deus» conceituado por Aristóteles era tão transcendental que podia contemplar somente a si mesmo: para ele, Deus era pensamento puro, a pensar apenas sobre si mesmo. Mas o cristianismo apresenta um Deus que ama e se interessa constantemente pelos homens. (Ver I João 2:7-11 acerca do novo mandamento, que é o «amor»). Ali somos ensinados quanto ao amor fraternal, o que se baseia sobre o conhecimento de Deus como «Pai».

«...aquele que ama é nascido de Deus...» Um filho, como é óbvio, possui a natureza e os atributos de seu pai. Por semelhante modo, um filho de Deus deve possuir o amor de Deus. Em I João 2:9 e ss. esse amor é parcialmente demonstrado como uma «iluminação». E essa «iluminação» cria a comunhão com Deus. O ódio, em contraste com isso, pertence às trevas; e os que andam nas trevas são filhos de Satanás. Aquele que ama ao «mundo» e ao pecado não conhece a Deus como Pai. (Ver I João 2:15 e ss.). Mas aquele que é nascido de Deus, de modo a «conhecer» a Deus, naturalmente expressará o amor divino, que flui de sua comunhão com o ser divino. O «amor» se desenvolve quando a «Palavra de Deus» mostra-se operativa em nós, conforme se aprende em I João 2:5. Essa «palavra» é que nos confere companheirismo com o Pai. E a passagem de I João 2:29 mostra que a «pureza» ou «santidade» vem de Deus como nosso Pai, porquanto então temos nascido na família divina. (Ver as notas expositivas sobre o «novo nascimento», em João 3:3-5).

Portanto, não somente a santidade de Deus, mas igualmente o seu atributo de amor nos é transmitido, quando nascemos de novo. O nascer de novo indica vir a participar de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), e isso inclui seu atributo de amor.

«...conhece a Deus...» Como Conhecemos Deus?

1. Nas páginas do A.T., conhecer Deus é algo moral e experimental. Noutras palavras, conhecemos Deus quando conhecemos os seus mandamentos e lhes somos obedientes. O N.T., em seus muitos mandamentos éticos, dá continuidade a essa avaliação.

2. Conhecemos o Pai por meio do Filho (ver João 1:18), tanto naquilo que ele é, como naquilo que ele nos revela.

3. Conhecemos Deus na contemplação daquilo que ele está fazendo em nosso favor, transformando-nos segundo a imagem de seu Filho. Essa é uma lição vívida sobre os requisitos da natureza moral divina.

4. Conhecemos Deus através da revelação e da iluminação (ver Efé. 1:18 e ss.).

5. Quando conhecemos Deus, então experimentamos a salvação (ver João 17:3). Portanto, em certo sentido, conhecer Deus é obter a vida eterna. Nessa vida, e através dela, vamos assumindo a natureza do Filho, e essa é a mais elevada maneira de se conhecer Deus.

«A natureza autêntica do amor não pode ser apreciada a menos que se reconheça que sua origem deve ser buscada muito além da natureza humana. Pode-se comparar isso com a doutrina da «paternidade», sobre o que se insiste em Efé. 3:15... Aquele que ama sabe, pelo próprio amor, que tem experimentado o novo nascimento que procede de Deus, e que é o começo da vida cristã, e que seus efeitos são permanentes e constantes. Também sabe que penetrou naquela vida que consiste da obtenção gradual do conhecimento de Deus. Se esse processo de adquirir conhecimento começa antes e conduz o indivíduo ao novo nascimento, ou se começa somente depois que tiver sido experimentado o novo nascimento, em suas conseqüências, não nos é dito aqui. A questão, provavelmente, não estava presente na mente do autor sagrado.» (Brooke, *in loc.*)

«Reinício do tema principal de I João 2:29, o amor, a súplica da retidão, e a grande prova de que alguém nasceu de Deus.» (Faucett, *in loc.*)

«Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte» (I João 3:14).

ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν I Jo. 4:16

aos Coríntios, em seu contexto geral. Nem mesmo a posse de dons miraculosos tem algum valor, se não amamos; de fato, os dons espirituais e seu uso são condicionados ao amor. Todo o conhecimento e toda a fé, por mais poderosos que sejam em sua operação, nada serão sem o tempero do amor. O amor é o solo onde medram todas as graças espirituais, e onde recebem seu valor inerente. O passar «da morte para a vida» instila em nós o atributo divino do amor, porquanto então estaremos compartilhando da



própria natureza divina. Mas aquele que continua odiando mostra que não participa da divindade, mas continua habitando na «morte». (Ver I João 3:14).

A primeira porção deste versículo é o contrário da última parte do sétimo versículo. Aquele que ama conhece a Deus, porquanto é iluminado pelo seu Espírito, nessa comunhão; mas aquele que não ama não conhece a Deus, porquanto continua embaraçado nas trevas inspiradas por Satanás.

«Mostra ele, por sua falta de amor, que o processo do conhecimento nunca teve início nele». (Brooke, *in loc.*) Já tivemos ocasião de ver que o conhecimento cristão é uma espécie de «conhecimento-amor». Esses dois elementos devem caminhar paralelamente, porquanto o amor é a soma de toda a retidão, e o conhecer a Deus, naturalmente, significa ser justo. Notemos, no original grego, o uso do aoristo, que poderia ser traduzido por «não conheceu». Tal indivíduo ainda não começou a possuir o «conhecimento» de Deus, a despeito de suas profecias e de seus discursos rimbombantes a respeito do «conhecimento» e dos poderes místicos.

«O real conhecimento de Deus tem um efeito prático convincente; sem tal efeito (o do amor), nem será conhecimento, mas uma mera decepção mental». (Sinclair, *in loc.*) «...nunca nem ao menos começou no conhecimento de Deus; essa tradução é exigida pelo aoristo». (Lange, *in loc.*) Se alguém tivesse conhecido a Deus também amaria, pois Deus é amor.

*Deus é amor*: isso é o que ensinam as Escrituras. Essa é uma das grandes afirmativas das Escrituras, que quase todas as crianças de Escola Dominical conhecem. Certamente é uma das mais bem conhecidas declarações da primeira epístola de João. O amor, naturalmente, é um atributo de Deus; mas permeia a todas as coisas, de tal modo que é legítima a declaração que «Deus é amor». Por igual modo se diz que «Deus é luz» (I João 1:5) e «Deus é Espírito» (João 4:24). Com idêntica propriedade poder-se-ia dizer que «Deus é Justiça», «Deus é Bondade» e «Deus é Verdade», ficando assim personificados e elevados os seus atributos infinitos. Platão, ao descrever a realidade última, expressou-se desse modo. Assim sendo, as «idéias» finais (formas espirituais finais, copiadas e imitadas por tudo quanto existe na plana terrestre) seriam a «Bondade», a «Beleza» e a «Justiça». Em última análise, Deus é essas coisas; neste nível terreno vê-se apenas imitações das «idéias divinas», as quais representam a realidade espiritual final. As Escrituras Sagradas, entretanto, preferem dizer que «Deus é Amor», porquanto todas as demais qualidades são atributos baseados sobre o amor divino. Portanto, a «bondade» de Deus se baseia sobre o seu amor; ele expressa bondade porque ama. E a sua justiça, embora se mostre severa em certas ocasiões, se baseia no amor; pois até mesmo os juízos de Deus são medidas pelas quais ele mostra ao homem o erro de seus distorcidos caminhos, levando-o a pagar dívidas necessárias, levando-o a reconhecer a verdade e a justiça. Além disso, o amor de Deus se expressa através da «beleza». O plano de Deus, relativo à redenção humana, reveste-se de beleza esplendorosa. É a beleza do evangelho que atrai a ele mesmo tantas pessoas, e não a sua lógica, as suas ameaças e as suas promessas.

*Deus, como amor*, é contrastado com outras noções religiosas, conforme se vê nos pontos abaixo:

1. Os antigos gregos imaginavam deuses tão imperfeitos como eles mesmos, e em doses sobre-humanas. Seus deuses eram supremamente invejosos, desprezíveis, destruidores, vingativos e odiosos. Estavam envolvidos em todas as formas de «concupiscências», mas em doses sobre-humanas. Quão impuro e destruidor era Zeus, com sua resmungadora esposa Hera, que sempre procurava levá-lo a fazer algo que ele não queria fazer! Quão licencioso era Zeus, embora ninguém pudesse chamá-lo à ordem! Em contraste com esse horrendo quadro de Zeus destaca-se o Deus do N.T. — caracterizado pela pureza, pelo amor, pela bondade, pela justiça.

2. Além disso, Aristóteles fazia de Deus um Impulsionador Inabalável. Para ele a deidade seria pensamento puro, a contemplar-se a si mesmo, porque nada haveria digno de contemplação fora dele. Ele não tinha amor pelo universo, e, na realidade, nem tinha consciência dele, porquanto nem merecia ser conhecido por ele — não amaria ao seu universo, mas moveria todas as coisas, sendo amado. O N.T., entretanto, nega tais conceitos. Antes, ali se ensina que Deus contempla seu universo e é levado a amá-lo; seu amor ativo faz o mundo prosseguir.

3. Os gnósticos pensavam que Deus seria um ser totalmente transcendental. Ele tinha contacto com seus universos somente através de uma longa linhagem de sombrias emanações angelicais ou mediadores, como eram os «aons». Deus seria elevado por demais para ter qualquer contacto direto com este mundo, ou mesmo para ao menos interessar-se pela sua criação. O «deísmo» deles fazia de Deus um ser intocável, inatingível para qualquer ser mortal.

4. Pontos de vista religiosos modernos, que exageram a vontade divina ou seu senso de vingança, às expensas de seu amor, também contradizem o quadro que o N.T. faz dele. Aqueles que crêem em «reprovação ativa» e em amor limitado, Deus amaria não ao mundo, mas exclusivamente aos «eleitos», na realidade não acreditam que Deus seja amor. Aqueles que vêem apenas retribuição e vingança no julgamento divino, ignorando passagens como o primeiro capítulo da epístola aos Efésios e as passagens de I Ped. 3:18-20 e 4:6, ou então pervertendo-as, na realidade não podem dizer que «Deus é amor». Até mesmo o juízo de Deus é uma medida de seu amor, porque o juízo opera através do amor. Primeiramente mostra ao homem o quanto «custa» o erro de seu caminho; em seguida, mostra ao

9 ἐν τούτῳ ἐφανερώθη ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐν ἡμῖν, ὅτι τὸν υἱὸν αὐτοῦ τὸν μονογενῆ ἀπέσταλκεν ὁ θεὸς εἰς τὸν κόσμον ἵνα ζήσωμεν δι' αὐτοῦ.

4:9: Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por meio dele vivamos.

homem o próprio erro; e em seguida modifica a mente do homem acerca de Cristo, de tal modo que até aqueles «debaixo da terra» (ver Fil. 2:10, que fala sobre o «hades» lugar da prisão e do julgo de almas perdidas) eventualmente virá a inclinar-se diante de Jesus (Salvador) e Cristo, que é o Senhor. Deus dá a todos uma espécie de vida espiritual (ver I Ped. 4:6), embora não seja o mesmo tipo de vida dos eleitos. Chegam a ter utilidade e propósito em Cristo, porquanto o mistério da vontade de Deus é que, eventualmente, o Cristo seja «tudo para todos», conforme se aprende em Ef. 1:23. Os demais não chegarão a compartilhar da própria natureza de Deus (ver II Ped. 1:4), conforme sucederá aos eleitos, mas acharão em Cristo o propósito e alvo da existência; e o próprio julgamento será um meio para ensinar-lhes essa lição. Assim, pois, o «juízo» serve de aquilatação do amor de Deus, e não algo contrário ao mesmo. (Quanto a esse conceito do «julgamento», comum na primitiva igreja cristã, ver as notas expositivas em Col. 3:6 e as notas introdutórias ao trecho de I Ped. 3:18, onde os comentários são documentados com citações extraídas dos primeiros pais da igreja, bem como de modernos autores cristãos).

Com base nesses comentários e comparações com religiões antigas, podemos ver algo do que significa a expressão «Deus é amor». Tudo quanto ele é e faz de algum modo está condicionado à sua natureza amorosa. «O amor não é meramente um atributo de Deus, mas é a própria natureza de seu ser; ou antes, essa palavra expressa o mais alto conceito que podemos formar dessa natureza». (Brooke, *in loc.*) Quão verdadeiro, pois, é que o amor de Deus atinge desde a mais elevada estrela até ao mais profundo inferno. Seu amor leva seu interesse pelo homem a estender-se até à beira da condenação, e dentro da própria condenação!

#### Consideremos Estas Lições

1. A presente passagem—vss. 6 e 21—emprega o termo amor em suas formas nominal ou verbal por nada menos de vinte e cinco vezes. Porém, de alguma maneira, todos esses usos ilustram aquele único prodigioso conceito que declara: «Deus é amor».

a. Esse amor inspirou o ato redentor pelo qual Deus deu o seu Filho em prol da humanidade (ver João 3:16).

b. Por meio dessa dádiva, muitos filhos estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10).

c. O vaso (ou alma) é imerso no oceano da divindade. É-lhe impossível conter o oceano. Pelo contrário, o oceano o contém. Não obstante, por toda a eternidade, as dimensões do vaso irão aumentando continuamente, contendo maior e maior porção do oceano.

2. O amor é o solo onde crescem todas as demais virtudes espirituais, o solo no qual surgem e se desenvolvem.

3. O amor é prova de espiritualidade, conforme se comentou no sétimo versículo deste mesmo capítulo.

4. O amor é a comprovação do telmo. Esse fator, vivo que está no mundo, assegura-nos que Deus está presente, que ele galardoa ou pune, que ele dirige os destinos dos homens.

Quando contemplamos Deus como «amor», é como contemplar a natureza do universo, e, particularmente, da redenção humana. Trata-se de uma espécie de «compreensão cósmica». Dá-nos uma nova visão do que sejam a criação e a vida. Trata-se de um usado e sublime conceito, elevando-nos muito acima de sentimentalismos, como aqueles que estão vinculados ao «amor», no pensamento religioso. «Dizer que 'Deus é amor' subentende que toda a sua atividade é ditada pelo amor. Se ele cria, cria em amor; se ele governa, governa em amor; se ele julga, julga em amor». (Dodd, *Johannine Epistles*, pág. 110).

A «shechinah» ou glória de Deus, referida nas páginas do A.T., era chamada «amor» pelos judeus cabalistas (*Shirhashirim Rabba*, fol. 15:1, Lex. Cabal., pars. 43,44). Era excelente discernimento. A «shechinah» era a manifestação esplendorosa da glória divina; e essa manifestação divina era expressão de amor. O amor opera em favor do «bem-estar» alheio; interessa-se pelo bem-estar de outros. Desde que Deus se manifesta em amor, então isso significa que o bem-estar alheio deve estar em foco; e isso é inevitável, pois a própria manifestação de Deus não pode ser frustrada e nem anulada.

Assim como a luz que procede do sol pode facilmente separar-se em muitas cores diferentes, por semelhante modo, o amor santo de Deus, que é a luz e a glória de sua natureza, pode ser separada em grande variedade de atributos e perfeições morais. Porém, embora separadas essas qualidades, todas elas são amor. Sua inteira natureza e essência são amor; sua vontade, suas obras e suas palavras são amor; Deus nada é e nem pode fazer outra coisa senão amar». (Dr. Payson). Por conseguinte, até mesmo quando mostra justiça e juízo, não menos do que quando demonstra misericórdia e graça, Deus está expressando seu amor. (Ver as notas expositivas em João 3:16 acerca do «amor de Deus», ilustradas com poemas, que servem de bom suplemento dos comentários atinentes ao presente versículo).

O amor de Deus é muito maior  
Que língua ou pena poderão contar.  
Sobre acima da mais alta estrela  
E desce ao mais profundo inferno.

(F.M. Lehman)

Pois o amor de Deus é mais lato  
Que a medida da mente humana;  
É o coração do Deus eterno  
E admiravelmente gentil.

(Frederick W. Faber)

O trecho de João 3:16 é, obviamente, a base deste versículo, e as notas expositivas sobre aquela passagem ilustram esta em todos os pontos. Os

comentários dados aqui são apenas suplementares. (Para seu total benefício, o leitor deveria consultar aquela passagem em suas notas expositivas. Comparar também com Rom. 5:8,9, que encerra o mesmo tema).

«...se manifestou...», isto é, tornou-se claro, real e eficaz. Tal como o Filho revela ao Pai em tudo, por ser a imagem do Deus invisível (ver Col. 1:15), assim também o amor de Deus Pai se manifesta supremamente na missão eterna de Deus Filho, cujo alvo era a redenção do homem. O amor de Deus teve a sua «epifania» (palavra correlata ao daquele versículo) no Filho. A vida inteira de Cristo foi uma manifestação do amor de Deus, tal como se dá com sua vida celestial, onde ele ocupa a posição de Mediador e Intercessor; mas o autor sagrado falava especificamente acerca de sua expiação, conforme se vê no décimo versículo. «Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores» (Rom. 5:8). Isso «demonstrou» o amor do Pai por nós. O alvo final do amor de Deus consiste em dar-lhes o prodigioso bem-estar inerente à «vida eterna» (ver as notas expositivas a respeito em João 3:15), pois isso é o que Cristo nos outorgou em sua missão redimidora.

«A encarnação é uma manifestação do amor de Deus por ser uma manifestação da natureza divina; e a natureza divina é amor. É algo 'em nós', em 'nossas almas', por ser uma experiência interna». (Smith, *in loc.*).

«...Nisto...», isto é, o amor de Deus se manifestou naquilo que é descrito imediatamente em seguida; a encarnação que tornou possível a expiação operada por Cristo. Através de sua missão messiânica vem a vida espiritual e o bem-estar finais dos homens. Assim se afirma e ilustra o «interesse» de Deus pelos homens.

«...em haver Deus enviado o seu Filho unigênito...» Temos nisso um tema de aparecimento freqüente no evangelho de João. O fato que o Pai enviou o Filho ao mundo subentende os pontos seguintes: 1. A preexistência do Filho; 2. sua missão messiânica, em prol da redenção humana; 3. sua união com o Pai, em unidade de desejo e alvo; 4. sua autoridade, recebida da parte do Pai; 5. que ele é nosso representante nas regiões celestiais. Na primeira epístola de João há significativos acréscimos a essas declarações joaninas. O Filho torna-se o único mediador da salvação divina. Ele não compartilha desse ofício com quaisquer supostas emanações angelicais de Deus ou «aeons». Outrossim, o Filho de Deus não pertence a qualquer ordem angelical: ele é o Filho «unigênito», palavra essa que significa que ele é o único Filho de sua «espécie».

«...Filho unigênito...» O termo grego «*monogenes*» pode indicar «único gerado» ou simplesmente «único», porquanto o termo é usado na literatura grega para significar *ímpar*, sem qualquer ênfase sobre a idéia de geração. A consulta a qualquer léxico grego mostra isso. A ênfase, pois, recai sobre a «natureza ímpar» de Cristo. Ele é o único Salvador e Mediador. Seus ofícios não podem ser compartilhados por emanações angelicais, porquanto ele será sempre infinitamente superior a elas. Os gnósticos faziam do Cristo apenas um dentre muitos «aeons» ou pequenos deuses, outros tantos salvadores e mediadores. Mas para a maioria deles, ele nem mesmo seria o mais elevado dos «aeons», e, muito menos, o «Logos». O apóstolo João derruba por terra todas essas especulações, colocando Cristo no pináculo do favor divino, fazendo Deus ser o Impulsor/ator Principal. Ele é Ímpar, como Ímpar é a sua dádiva aos homens, pois eles chegam a participar de sua

10 ἐν τούτῳ ἐστὶν ἡ ἀγάπη, οὐχ ὅτι ἡμεῖς ἠγαπήκαμεν τὸν θεόν, ἀλλ' ὅτι αὐτὸς ἠγάπησεν ἡμᾶς καὶ ἀπέστειλεν τὸν υἱὸν αὐτοῦ ἱλασμὸν περὶ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν.

10 Ro 3,9, 10 ἀπέστειλεν... ἡμῶν 1 Jo 2,2

4:10: Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

Na presente seção já pudemos aprender que Deus é a origem de todo o amor, onde quer e em quem quer que seja encontrado, nos piedosos ou nos ímpios. Portanto, segue-se que o «amor» não pode ser definido e nem reconhecido naquilo como amamos a Deus, mas antes, naquilo em que ele nos ama. Se amamos a Deus é somente porque primeiramente ele nos amou, tendo-nos inspirado seu próprio amor, inundando em nós sua própria natureza moral. Assim, pois, o amor humano é meramente o amor divino que se manifesta através de instrumentos carnis.

«...nos amou, e enviou o seu Filho...» (Ver as notas sobre o versículo anterior acerca de como o Pai «enviou» seu Filho, e o que está implícito nisso. Quanto ao «amor de Deus» ver o mesmo versículo; e acerca de «Deus como amor», ver as notas expositivas sobre o oitavo versículo).

«...propiciação...» Toda a existência do Filho de Deus, pré-terrena e pós-terrena, tem sido envolvida, de alguma maneira, na manifestação do amor de Deus ao homem. Na eternidade passada ele estava com o Pai, em seus decretos divinos, por amor ao homem, porquanto temos sido «escolhidos nele» desde antes da fundação do mundo (ver Ef. 1:3,4). Deus «conheceu de antemão» àqueles que seriam formados segundo a imagem e a natureza de Cristo. Isso significa que ele os «conheceu», que os amou, que «fixou neles o seu coração», e não apenas que Deus «previu quem haveria de crer». (Ver as notas expositivas sobre esses conceitos, em Rom. 8:29). Além disso, por ocasião da encarnação, esse amor foi trazido à presença imediata do homem. A vida de Cristo foi demonstração do amor de Deus; o fato que ele tomou nossa natureza comprovou o amor de Deus. Cristo é o nosso exemplo; e, além disso, na qualidade de homem, é o pioneiro no caminho, além de ser o próprio Caminho. (Ver as notas expositivas em Heb. 2:10 quanto a esse conceito). Ele mostrou aos homens como se pode retornar a Deus, através de sua pessoa; porquanto, como homem, ele também aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu. (Ver Heb. 5:8). Na cruz, entretanto, temos uma demonstração especial do amor de Deus, e essa é a instância particular que o autor sagrado salienta nesta passagem. Seu amor resultou na propiciação pelo pecado humano, o que removeu a barreira entre Deus e o homem, a fim de possibilitar o retorno do homem a Deus.

própria natureza; ele compartilha infinitamente da natureza e dos atributos do Pai, pelo que também é distinto e ímpar. Não obstante, os demais filhos compartilham da mesma vida, da mesma natureza e dos mesmos atributos do Filho. O corpo deverá vir a participar da mesma vida do Cabeça, embora tenha posição e função diferente do mesmo.

O Filho de Deus, naturalmente, é declarado «unigênito» de Deus. Esse é um termo que fala sobre «relação» e não sobre «origem». Não houve jamais tempo em que o Verbo não era o Filho, conforme nos mostra o décimo sétimo capítulo do evangelho de João. Tal relação é eterna. O Filho é o «eternamente gerado», isto é, ele é o Filho, e Deus é seu Pai. (Ver as notas expositivas acerca de «Deus como Pai de Cristo», em Ef. 1:3). Para Deus, Cristo é o «unigênito», pois é ímpar, sem igual. Para nós ele é o «primogênito», porquanto sua natureza haverá de ser duplicada em nós.

«...mundo...» Não está agora em foco o «cosmos hostil», do qual os homens incrédulos participam; antes, o mundo é agora aquele composto por todos os *homens*, os habitantes desta esfera terrestre. (Comparar isso com I João 2:2, onde se lê que Cristo é a propiciação pelos pecados do «mundo inteiro»).

«...para vivermos por meio dele...» Está em pauta a vida eterna; e isso igualmente transparece no trecho de João 3:15,16, como objeto da missão de Cristo, e onde aparecem notas expositivas detalhadas a respeito.

«A vida humana é reputada não como verdadeira vida, mas como mera existência, até que 'Cristo seja formado no coração' e que nos tornemos 'participantes da natureza divina'. (Sinclair, *in loc.*). «Por meio dele», isto é, através de Cristo, o qual é a vida (ver João 14:6). Cristo também vive em nós (ver Gál. 2:20). Essa vida começa aqui e agora». (Robertson, *in loc.*). A «semente» de Deus é implantada em um homem; agora ela espera fruição; mas uma real vida divina já começou a ser cultivada nos remidos. O fato é a promessa de uma eventual verdadeira filiação, ao virmos a compartilhar da própria modalidade da vida divina, sua vida independente e necessária, a qual é comentada nos trechos de João 5:25,26 e 6:57.

«Cristo, pois, é uma prova tão ilustre e singular do amor divino para conosco que sempre que o contemplamos, ele confirma plenamente a nós a verdade que Deus é amor». (Calvino, *in loc.*). Deus não poupou a seu Filho amado e Ímpar. Enviou-o em uma missão extremamente difícil e dolorosa. Isso demonstra o quanto Deus nos ama.

«Nenhuma de nossas palavras e nenhum de nossos pensamentos pode fazer justiça a tão gratuito, abundante e admirabilíssimo amor—o amor de um Deus santo para com pecadores, a quem ele nada devia, de quem não podia aproveitar nada e que o não podia prejudicar em coisa alguma, a quem ele poderia ter esmagado com justiça em um momento; os quais foram mui decisivamente comprovados mercedores de sua tremenda vingança... quando ele poderia ter criado mundos incontáveis, repletos de seres muito mais exaltados, se assim tivesse querido fazer... Rebuscamos, pois, o universo inteiro, à caça do AMOR, em sua exibição mais ampliada e gloriosa? Finalmente seremos constrangidos a admitir que isso só pode ser encontrado na Pessoa e na cruz de Cristo. 'Nisto consiste o amor', o esplendor do qual põe tudo o mais em eclipse, desde o princípio do mundo, e que será objeto especial da admiração e da adoração e do louvor por toda a eternidade». (Scott, *in loc.*).

10 αὐτος] ενεργος A Cassian

(Ver as notas expositivas sobre a propiciação, em I João 2:2). Essa propiciação foi em favor do «mundo inteiro», segundo aprendemos ali.

O presente versículo tanto é polêmico como é instrutivo—os gnósticos não davam qualquer valor à «morte» de Jesus. Cristo, o *Espírito-Cristo*, isto é, um «aion» tomou conta do corpo de Jesus quando de seu batismo, mas que afastou-se dele por ocasião de sua crucificação. Assim sendo, Cristo teria vindo «pela água», mas não «pelo sangue». Simplesmente rejeitavam a expiação pelo sangue. Para eles era impossível que o verdadeiro «Cristo», a emanação angelical de Deus, pudesse sofrer e morrer. O Senhor Jesus teria sofrido e morrido, mas somente como mártir em favor de uma boa causa, e não a fim de fazer expiação pelo pecado. (Ver as notas expositivas completas sobre a expiação, em Rom. 5:11. Ver II Ped. 2:1 quanto ao fato que os gnósticos negavam o valor da morte de Cristo: eles «negavam ao Senhor que os comprara»). Os gnósticos negavam até mesmo a possibilidade da «encarnação». Não haveria como um exaltado ser espiritual pudesse encarnar-se em qualquer coisa material como é o corpo humano. Para os gnósticos, a matéria seria o princípio mesmo do mal; portanto, os espíritos puros ou a encarnação, ainda que fosse algo possível, seriam contaminados por tal contacto. Portanto, o «aion», o *Espírito-Cristo*, meramente tomou posse do corpo do homem Jesus por algum tempo, a fim de cumprir uma missão específica. Não viam os gnósticos a fusão de identidade em «Cristo» e em «Jesus». (Quanto à doutrina do «perdão dos pecados», ver Ato 2:38; Rom. 3:25 e 4:7). Essa era a primeira provisão necessária.

Na expiação a barreira entre Deus e o homem—quando este recebe a redenção que há em Cristo—é derrubada e se efetua a reconciliação. (Ver Col. 1:20 sobre esse tema).

*O amor independente.* O amor de Deus é independente, porquanto não tem causa fora do próprio Deus; e flui para todos, os dignos de amor e os indignos de amor. Já o amor do homem é «dependente». Só existe porque é implantado no homem pela influência divina do Espírito no mundo. E pode aumentar eternamente através do contínuo cultivo do Espírito.

«...enviou...» Notemos, no original grego, o aoristo—o fato histórico da encarnação é aqui salientado. Foi esse um «marco» na demonstração do amor divino.



11 Ἀγαπητοί, εἰ οὕτως ὁ θεὸς ἡγάπησεν ἡμᾶς, καὶ ἡμεῖς ὀφείλομεν ἀλλήλους ἀγαπᾶν.

11 MI 1833

4:11: Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros.

«...Amados...» (Ver as notas expositivas sobre esse termo, em seu uso no sétimo versículo deste capítulo).

O tema retorna ao «amor fraternal», mas agora com base no amor de Deus. É isso 1. como sua origem, e 2. como sua inspiração. (Ver I João 2:7 quanto ao «novo mandamento» do amor; e ver Rom. 13:9,10, acerca de como o amor é o sumário de toda a retidão; e ver I João 2:9-11 quanto ao «novo mandamento» cumprido no amor fraternal, que é prova de que «andamos na luz de Deus»). O ódio, pelo contrário, é prova de que o indivíduo é membro do reino das trevas (ver I João 2:11 e 3:8; ver também o sétimo versículo do presente capítulo quanto a outro desenvolvimento do tema do «amor fraternal», onde também aparecem outras referências, onde o tema é desenvolvido algures neste comentário). O amor fraternal é prova e resultado do nosso nascimento celeste, de acordo com o nono versículo deste capítulo. O amor, em sua natureza inerente, é «sobre-humano»; mas pode tornar-se parte do homem, mediante a regeneração espiritual.

«...se Deus de tal maneira nos amou...» Deus amou tanto ao ponto de ter dado seu Filho amado e unigênito a fim de sofrer às mãos de homens ímpios e desviados, para que assim fizesse expiação pelo pecado. E o próprio Filho de Deus amou e se sacrificou a si mesmo. O amor portanto, sempre envolve sacrifício. Quando buscamos o bem-estar de nossos semelhantes, necessariamente nos sacrificamos.

Não há amor perfeito  
Sem tortura e sem cuidado.  
Amor é ter Deus no peito,  
Outra vez crucificado.  
(Augusto Gil, Porto, Portugal)

«...devemos nós também amar uns aos outros...» Porque 1. ele mesmo nos deixou o exemplo supremo; 2. e porque, devido à provisão de seu Espírito, que nos insufla sua natureza moral, somos «habilitados» a amar como Deus ama. Por conseguinte, o amor é uma inspiração e uma motivação, mas também é um resultado natural de sua natureza inerente.

Conta-se a história de um jornalista norte-americano que ao observar

12 θεὸν οὐδεὶς πώποτε τεθέαται· ἐὰν ἀγαπῶμεν ἀλλήλους, ὁ θεὸς ἐν ἡμῖν μένει καὶ ἡ ἀγάπη αὐτοῦ ἐν ἡμῖν τετελειωμένη ἐστίν.

4:12: Ninguém jamais viu a Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é em nós aperfeiçoado.

Sem dúvida alguma a declaração que ninguém jamais viu a Deus tanto é polêmica como instrutiva. Os gnósticos muito se jactavam de suas visões, afirmando até que recebiam certas visões de Deus, a despeito do fato que, normalmente, pensavam ser Deus um ser totalmente transcendental, não-sujeito às investigações humanas e nem ao misticismo dos homens. O autor sagrado, pois, contrabalança tais afirmações por aberta negação de que isso pode ser verdade. Em sua essência, tal como ele é, Deus simplesmente não pode ser visto pelos homens em seu presente estado. A visão beatífica, entretanto, é prometida aos «puros de coração» (ver Mat. 5:8), bem como aos «santos» (ver Heb. 12:14); mas somente as almas dos homens, seres espirituais preparados para esse encontro, podem conhecer Deus face a face. Ver notas completas sobre este conceito em João 1:18.

Deus tem sido visto pelos homens, daquela maneira possível para os homens, isto é, mediante as chamadas *teofanias*; mas nenhum ser humano jamais viu a Deus em sua essência verdadeira. Nesta plana terrena, ele foi visto e conhecido na pessoa de Cristo (ver João 14:9 e I João 1:2). Uma vez mais, porém, essa é uma maneira pela qual Deus pode ser percebido, mas não em sua essência celestial. É simplesmente impossível, metafisicamente falando, que Deus seja conhecido pelo homem mortal, exatamente como ele existe. Por essa razão é que Deus é chamado de «invisível»; e isso se dá com respeito à «visão humana» do tipo físico. Mas até mesmo a «compreensão espiritual» de Deus é impossível fora da revelação de Cristo. «...o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra o poder eterno. Amém» (I Tim. 6:16). O presente versículo ensina-nos que ninguém pode aproximar-se de Deus; e isso envolve mais que meros «visuais» e «espaciais». A pessoa de Deus é tão transcendental para o homem que ele só pode ser conhecido através da pessoa de Cristo. Até mesmo os seres angelicais só podem conhecer a Deus por intermédio do Verbo ou «Logos», porquanto ele é a revelação de Deus para toda a criação, e não somente para os seres humanos. Assim é que, em Col. 1:15, Cristo aparece como a «imagem» do Deus «invisível»; e ali é perfeitamente incidental a invisibilidade física, isto é, ser ele «invisível para a percepção dos sentidos», na declaração bíblica. Deus é desconhecido e não pode ser conhecido pela alma, sendo-o somente pela mediação de Cristo, que é a sua «imagem».

A afirmativa deste versículo, naturalmente, se baseia no trecho de João 1:18, que diz: «Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou». No presente versículo podem ser observadas diversas questões implícitas, aplicáveis à situação local, conforme se vê nos pontos abaixo:

1. O falso misticismo dos gnósticos, que evidentemente afirmavam receber alguma forma de «visão beatífica», é peremptoriamente negado aqui.

2. Deus é totalmente desconhecido, exceto através de seu Filho. Os gnósticos postulavam muitos mediadores, e, para eles, Cristo seria apenas um deles. O autor sagrado, porém, nesta epístola e no contexto geral desta passagem, mostra que só há um Mediador, sem o qual Deus permaneceria desconhecido dos homens. (Ver os versículos treze a quinze deste capítulo).

um hospital da China, disse: «Eu não faria isso nem por um milhão de dólares». O jornalista foi tranqüilamente repreendido em sua atitude pela freira, quando ela replicou: «Nem eu». Ela quis dizer que somente o amor de Cristo, que operava por seu intermédio, podia impulsioná-la a tanto—não vinha de seu «eu» natural. O amor de Cristo inspira os homens aos feitos mais nobres; e nada é mais susceptível de prova do que o amor de Cristo, que continua operante no nosso mundo, a despeito da depravação humana. Contudo, o texto ensina que nosso amor não vem de exemplo humano, por mais nobre que seja. Quando queremos um exemplo de amor, bem como um motivo para o mesmo, precisamos buscá-los no próprio Deus. «A justificação final do caminho do «agape» (amor), nas páginas do N.T., nunca se encontra na história. O motivo para o qual Cristo apelou foi sempre a emulação de Deus ou a gratidão pelo «agape» de Deus». (Niebuhr, *Nature and Destiny of Man*, 11,88).

«Eu não saberia como amar ao Senhor, se ele não me tivesse amado. Porquanto, quem é capaz de distinguir o amor, senão aquele que é amado?» (Brooke, *in loc.*, citando as *Odes de Salomão* iii.3,4, como base de seu pensamento).

«...de tal maneira...» Tal como em João 3:16, assim também aqui o termo grego «houtos» salienta a manifestação do amor de Deus, tanto quanto à sua maneira como quanto à sua extensão (Rom. 8:32). (Robertson, *in loc.*).

«Embora nossa felicidade dependa estritamente de Deus, contudo ele nos tem permitido ser seus mordomos, de alguma maneira, para a felicidade dos que nos cercam». (Sinclair, *in loc.*).

Este versículo é bastante similar ao trecho de I João 3:16. Ali notamos o amor de Deus porque «Cristo» deu sua vida por nós. Por isso mesmo, «devemos dar a nossa vida pelos irmãos». No dizer de Rudolf Bultmann: «Somente aquele que já foi amado pode amar; somente aquele em quem se tem confiado pode confiar; somente aquele que tem sido objeto de devoção pode dar de si mesmo».

«Quando consideramos nossa própria vantagem, ou meramente a devolução de favores, por parte de amigos, estamos praticando o amor próprio, e não o amor ao próximo». (Calvino, *in loc.*).

12 θεὸν...τεθεαται Ju 1:18 ἡ ἀγάπη...ἐστίν I Jo 2:8; 4:17

O *alter ego* de Cristo, o Espírito Santo, mostra-se ativo, revelando a Deus; e o Filho, que é o Salvador, trouxe a revelação de Deus ao nível dos homens. Deus «habita» em um homem, e este em Deus, através do Mediador. (Ver I Tim. 2:5 acerca de Cristo como «único Mediador»). Aquele versículo também foi escrito para combater os gnósticos, que degradavam da pessoa de Cristo, mediante o que ele seria apenas um salvador e mediador entre muitos).

3. A qualidade especial que demonstra que a invisibilidade de Deus se manifesta aos homens é a capacidade que eles têm de amar. Visto que Deus é amor, estando ele a habitar com os homens, infunde-lhes sua própria natureza amorosa. Nisso ele é o Pai e eles são os filhos, porquanto eles recebem de seu amor e de todos os outros benefícios que os filhos recebem de um pai.

4. Enquanto o autor sagrado concorda com o ensinamento dos gnósticos acerca da «transcendência» de Deus, por outro lado mostra que Deus, por causa disso, na realidade não é distante dos homens, pois se manifesta a eles, já que ele se manifesta a eles através de seu Filho. Ao degradar ao Filho de Deus, os gnósticos faziam Deus tornar-se ser totalmente transcendental, excetuando um falso misticismo em que asseveravam conhecê-lo, embora na realidade assim não fosse. O ensinamento cristão é que Deus é transcendental, mas que ao mesmo tempo é imanente em seu Filho, que esteve entre os homens e que agora os convida ao seu reino celestial, para ali compartilharem de sua própria natureza tornando-se herdeiros de sua herança.

5. Os gnósticos supunham que através da «subida no conhecimento» um homem pode ultrapassar a transcendência de Deus, finalmente sendo absorvido na essência divina, deixando de ser um indivíduo. O cristianismo ensina que a plenitude de Deus se torna a possessão dos filhos de Deus, embora retenham estes a sua individualidade (ver Efé. 3:19). E essa «plenitude» torna-se deles porque o Filho de Deus, que possui essa plenitude (ver Col. 2:9), a transmite também a outros (Col. 2:10). Isso vem através da «fé», condicionada ao amor. Os filhos entregam suas almas a Cristo, a fim de que suas almas sejam transformadas. A fé consiste da «outorga da alma» (ver Heb. 11:3) aos cuidados do Filho, aos mundos eternos.

«...se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós...» Quando somos transformados segundo a imagem de Cristo, se infunde em nós a natureza moral de Deus (Mat. 5:48 e Gál. 5:22,23). O amor é o principal atributo moral, que é o sumário de toda a retidão. Portanto, quando amamos, damos evidência que Deus está habitando em nós, através de seu Espírito. Isso significa que são estabelecidos a «comunhão» entre o Pai e os filhos.

O elo de amor combina Pai, Filho e filhos, bem como os filhos uns com os outros. A própria fé opera pelo amor (ver Gál. 5:6), como também o fazem as demais «qualidades morais» e os atributos divinos infundidos nos homens. Porque no próprio Pai todos os atributos são mediados pelo amor, segundo temos visto no oitavo versículo do presente capítulo. O trecho de I João 3:24 nos tem ensinado que aquele que «guardar seus mandamentos» permanece em Cristo e Cristo nele, e isso mediado pelo Espírito. O amor é o cumprimento da lei (ver Rom. 13:8-10). Portanto, amar é guardar os mandamentos; e guardar os mandamentos é permanecer em Deus e ele em

nós.

«...e o seu amor é em nós aperfeiçoado...» A perfeição cristã, sob qualquer consideração, jamais pode ser reduzida à mera «maturidade». Antes, o alvo é a perfeição absoluta. Portanto, amar é ter aperfeiçoada em nós a extensão da presença do Pai. Porquanto Deus é amor infinito, sempre devemos buscar mais e mais perfeição, pois a infinitude da plenitude de Deus exige um preenchimento infinito. A eternidade toda, pois, deverá estar envolvida nesse preenchimento. Na vida presente poderemos atingir certo nível de «maturidade»; mas isso é apenas um passo no longo caminho da perfeição. A própria santidade de Deus haverá de ser dada aos homens (ver Rom. 3:21). Não pode ser uma imitação. Por conseguinte, o amor de Deus deve ser-nos infundido no ser; nenhuma imitação será aceita. Amar ao irmão é amar a Deus, conforme também se aprende em Mat. 25:35 e ss. Mas, através do amor ao próximo, a alma obtém forças para ascender misticamente, a fim de contemplar a pessoa de Deus e amá-lo diretamente. Isso pode suceder ao homem mortal somente em grau ínfimo. Essa subida é essencialmente reservada para a alma na vida celestial.

O texto sagrado contrasta essa subida de amor, mediante a fé no Filho, com o falso misticismo dos gnósticos. «Amai... para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste... sede vos perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste» (Mat. 5:44, 48). A visão de Deus é a razão da existência do homem, tendo

VI. O Amor de Deus inspira a nossa confiança (4:7- 5:12).

2. Inspira a nossa confiança (4:13-18). É a base da confiança.

É desejável termos confiança que Deus está verdadeiramente conosco, e isso em face do inevitável julgamento. É possível até mesmo termos «ousadia» em face desse juízo divino (ver o décimo sétimo versículo). O amor de Deus, que em nós vem habitar, mediado através do Espírito, confere-nos essa confiança e ousadia. O amor perfeito lança fora todo o temor, até mesmo o temor do julgamento. O temor atormenta ao indivíduo, porquanto se alimenta da incerteza. O amor, uma vez aperfeiçoado em nós, nos confere verdadeira espiritualidade; e assim obtemos confiança para com Deus, não precisando temer seus severos julgamentos. O amor condiciona a permanência de Deus em nós, bem como nossa permanência nele. Em outras palavras, essa é condição *sine qua non* do verdadeiro misticismo, em contraste com o falso conhecimento dos gnósticos. Se no momento tivermos comunhão com Deus, não haveremos de temer o tempo em que haveremos de ser julgados, porquanto já passamos da morte para a vida. Essa questão já foi definida. O amor nos dá a certeza presente de que temos comunhão com Deus; desse modo, tranquiliza todos os temores que porventura tenhamos acerca de nosso futuro relacionamento com Deus, sem importar a forma que o mesmo venha a assumir.

13 Ἐν τούτῳ γινώσκουμεν ὅτι ἐν αὐτῷ μένομεν καὶ αὐτὸς ἐν ἡμῖν, ὅτι ἐκ τοῦ πνεύματος αὐτοῦ δέδωκεν ἡμῖν.

13 Ro 4:9; 1 Jo 3:24

4:13: Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele em nós: por ele nos ter dada do seu Espírito.

«...nisto...», isto é, no dom do Espírito Santo. (Ver notas expositivas completas a respeito em Atos 2:4. Comparar com I João 3:24, que é trecho que lhe é quase igual. Ver as notas de sumário sobre o «Espírito Santo», em Rom. 8:1). Esse dom é o resultado do amor de Deus, bem como seu modo de mediação. A permanência no amor de Deus e a comunhão com Deus que daí resulta, é algo impossível, a menos que haja a presença habitadora do Espírito Santo em nós.

«...permanecemos nele, e ele em nós...» Essa «dupla» permanência e comunhão mística é o modo pelo qual o autor sagrado expressa a «plena» comunhão que já fora referida. (Ver I João 2:24; 3:24 e 4:12, que falam do fato que Deus habita em nós; e ver I João 2:5, que afirma que estamos «nele», o que mostra que os dois elementos dessa comunhão também são declarados individualmente. As notas expositivas existentes nesses lugares, ampliam esses conceitos).

«...em que nos deu do seu Espírito...»

1. A presença do Espírito cria e concede segurança acerca das relações de Deus Pai conosco. O Deus transcendental, pois, torna-se o Deus imaneente.

2. O Espírito infunde em nós o amor de Deus, que é o solo fértil onde se desenvolve a comunhão mística.

3. O Espírito Santo é o «alter ego» de Cristo, o qual também nos transmite as realidades de sua natureza e de sua salvação (isso fica implícito nos versículos seguintes).

4. O Espírito Santo faz do crente um templo seu (ver Efé. 2:22 e I Cor. 6:19). O Espírito habita na igreja em geral como seu templo, tal como habita no crente individual.

5. Desse modo chegamos a conhecer a Deus como Pai, porquanto a comunhão é de filhos com seu Pai celeste. Por isso é que clamamos: «Abba! Pai!», ao passo que o próprio Espírito de Deus dá testemunho, junto a nossos espíritos, que somos filhos de Deus (ver Rom. 8:15, 16).

14 καὶ ἡμεῖς τεθεάμεθα καὶ μαρτυροῦμεν ὅτι ὁ πατὴρ ἀπέσταλκεν τὸν υἱὸν σωτῆρα τοῦ κόσμου.

14 Jo...κόσμου Jo 3:17

4:14: E nós temos visto, e testificamos que o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo.

Não podemos separar o amor e o Espírito Santo da pessoa de Cristo. O Filho é a manifestação do amor divino aos homens; e o Espírito Santo é quem ensina aos homens o amor, revelando-lhes o Filho. O Filho torna possível a nossa confiança para com Deus (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo). E é confessando a Jesus como Filho de Deus que temos comunhão mística com Deus Pai (ver o décimo quinto versículo deste capítulo), pois ele é o agente dessa comunhão.

«...temos visto...» Consideremos os pontos seguintes:

1. Temos visto por testemunho ocular, tal como o apóstolo João foi capaz de ver. Suas epístolas e seu evangelho, embora talvez não tivessem sido pessoalmente escritos por ele, preservam para nós seu testemunho e tradição, tal como o evangelho de Marcos, embora não escrito pelo apóstolo Pedro, preserva para nós o testemunho de Simão Pedro. Este versículo

sido o objeto da inquirição de homens grandes e bons, que se têm destacado acima de seus semelhantes quanto ao entendimento espiritual. Essa visão pode ser obtida através da busca da «fé-amor». Essa é a «gnosis» cristã. A visão beatífica deve ser antecedida pela visão de Deus no coração, o que é condicionado ao amor.

«Mediante nosso amor uns pelos outros, construímos o templo, onde Deus pode habitar entre nós.» (Rothe).

«...seu amor...» O amor de Deus pelos homens é concretizado em sua permanência descendente entre eles; mas seu amor também é expresso pelos homens que amam a outros; em si mesmos exibem o amor de Deus ao próximo. Aqui temos o genitivo subjetivo. Mas há estudiosos que preferem pensar no genitivo «objetivo», isto é, nosso amor a Deus; essa é a verdade, mas não é a verdade evidente no contexto. Amamos a Deus amando a outros; ninguém pode desvincular as duas realidades.

«Quão ambiciosos deveríamos ser desse amor fraternal e cristão, dado que Deus reputa seu amor aperfeiçoado desse modo!» (Matthew Henry, *in loc.*).

Naturalmente, essa perfeição não é o amor de Deus considerado de modo absoluto, mas somente na medida em que ele se manifesta entre os homens. (Ver I João 2:5 sobre como o amor de Deus «é em nós aperfeiçoado». Aquele que «guarda» a Palavra de Deus é aperfeiçoado no Senhor.)

6. Tudo isso nos infunde «confiança», a confiança de que participamos de realidades espirituais que garantem a segurança de nossas almas; e um homem insiste mais intensamente sobre isso se sua sensibilidade espiritual houver sido despertada.

7. O fato que a «confiança» se baseia no Espírito Santo, que em nós habita, mostra que isso deve transcender aos sentimentos subjetivos dos indivíduos, o que quer dizer que não deve estar sujeito aos temores e às mudanças de disposição dos homens. Se há uma «realidade» patente na fé cristã, isso será verdade. Outras «provas» da realidade da fé cristã, quando muito, são apenas «periféricas».

8. O argumento que aqui temos é que Deus não nos teria concedido esse dom de valor incalculável (o Espírito Santo), se ele não estivesse em relação íntima conosco e não tivesse o propósito constante de usar de sua graça conosco, conforme dizia Smith (*in loc.*). «E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu» (I João 3:24). Deus é «invisível» para nós; mas, através do seu Espírito, que em nós reside, ele se torna visível e tangível para a alma. As «primícias» do Espírito Santo é o «amor» (ver Gál. 5:22) e a posseção do mesmo é prova de sua presença conosco. Em Jesus, o Espírito Santo habitava «sem medida» (ver João 3:34); mas a vida espiritual tem por finalidade levar-nos cada vez mais perto de tão grande ideal. Consideremos, ainda, os dois pontos seguintes:

9. Apesar de que nada é dito aqui acerca dos dons espirituais, a verdade é que o recebimento das habilidades espirituais, provenientes do Espírito Santo, serve de prova de sua permanência conosco; portanto, isso faz parte da outorga de confiança para com Deus.

10. A permanência do Espírito nos vai transformando segundo a imagem de Cristo; e, quando observamos esse acontecimento, nossas almas reconhecem que Deus está conosco, que temos comunhão com ele. (Ver II Cor. 3:18). Pelos nossos frutos é que conhecemos a nós mesmos! (Ver Mat. 7:20). O grande alvo é que sejamos participantes da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4).

afirma a autoridade de uma testemunha ocular para esta epístola. Isso faz contraste com o evangelho gnóstico, que não se baseava no testemunho ocular, mas antes, era mera invenção humana.

2. O «ver» também envolve a experiência da igreja cristã da Ásia Menor, que preservava o testemunho do apóstolo João. O testemunho dos homens, pois, é adicionado ao testemunho de Deus. Notemos aqui os verbos na primeira pessoa do plural, «nós». «Sabemos» (versículo treze), «temos visto» (versículo catorze), «temos conhecido e crido» (versículo dezesesseis). A comunidade joanina, pois, protesta aqui contra a mensagem dos falsos mestres, confirmando o evangelho dos apóstolos.

3. O Espírito de Deus concorda com esse «testemunho» que afirma que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Salvador (veja o versículo anterior e o trecho de I Cor. 12:3). Deus Pai, por intermédio do Espírito Santo, testifica sobre a mesma realidade: «...este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho» (I João 4:9). Ver também a passagem de I João 4:2: «Nisto



reconhecels o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus». Sim, o Espírito de Deus nos leva a «confessar» que Jesus Cristo veio em carne e este mundo, isto é, é assim que um homem confessa a realidade da encarnação.

«...testemunhamos...» O testemunho humano é acrescentado ao do Espírito Santo e ao do Pai (ver o ponto terceiro, acima). Mas notemos que o testemunho humano só pode ser dado mediante a «iluminação» divina.

O testemunho e a confissão. Isso pode ser melhor estudado através da seguinte divisão do tema:

1. Que Deus Pai enviou Deus Filho. Isso subentende as seguintes realidades: a. A preexistência do Filho; b. sua missão messiânica na redenção do homem; c. sua união com o Pai, antes da encarnação e depois da mesma; d. sua autoridade, recebida da parte do Pai; e. o fato que ele é o representante das regiões celestiais; f. o fato que ele é o único Salvador e Mediador. De uma maneira ou de outra, os gnósticos negavam todas essas proposições. g. No presente contexto, naturalmente, devemos compreender a genuinidade da «encarnação» como algo que também está incluso nesse envio. Ele foi enviado, e assim se encarnou. Os gnósticos negavam que o exaltado «Logos», ou mesmo qualquer «aeon» (emanação angelical) inferior, poderiam ter-se encarnado, porquanto a carne participa da matéria, e a matéria, segundo eles diziam, é o princípio mesmo do pecado. Nenhum ser espiritual, por conseguinte, poderia envolver-se na matéria da maneira que a encarnação requer. Assim sendo, supunham eles que o *Esprito-Cristo* meramente se apossou do corpo físico do homem Jesus, por ocasião de seu batismo, mas que então o abandonou por ocasião de sua morte. A morte de Jesus, por conseguinte, não teria utilidade como «expição». O *Esprito-Cristo* não teria feito qualquer expiação; a expiação pelo sangue era posta de lado pelos gnósticos. (Quanto a referências, no evangelho de João, onde se afirma que o Pai enviou o Filho, tema agora reiterado nesta epístola, tendo sido aludido no nono versículo, ver uma lista em João 3:17).

2. Que Cristo é o Filho, e que o Filho é Jesus. Os gnósticos negavam ambas essas idéias. Cristo, para eles, seria apenas um dentre muitos «acons», mas não o Verbo eterno, e nem, em qualquer sentido, o Filho único de Deus. (Ver as notas expositivas sobre o versículo nono deste capítulo, quanto a essa natureza impar do Filho de Deus). Outrossim, não aceitavam eles que o «Filho» fosse Jesus de Nazaré, ou que o «Cristo» devesse ser identificado com «Jesus». Negavam a fusão da natureza divina com a natureza humana em Jesus, mas pensavam que seriam duas pessoas separadas. Notemos que o próximo versículo identifica o «Filho» com Jesus. Os gnósticos defendiam uma doutrina *docética*, o que significa que, para eles, Cristo teria agido como homem, mas que não era homem e nem se encarnara jamais como tal. Tão-somente se apossara do corpo de Jesus de Nazaré por algum tempo. Havia certa forma de docetismo que julgava que até mesmo Jesus, o suposto homem, fosse irreal, até onde diz respeito a qualquer participação na natureza humana. Criam que ele possuía o corpo físico de Jesus, mas que seria apenas uma forma fantasmagórica em aparência humana, e que o *Esprito-Cristo* ter-se-ia utilizado dessa forma. Os gnósticos combatidos nesta epístola parecem ter aderido à forma de docetismo que preferia falar sobre «posseção», e não tanto à idéia de um «fantasma». (Ver as notas expositivas completas sobre o «docetismo», na introdução a I João 4:1,2,3).

3. Finalmente, o *testemunho* dos crentes autênticos deve incluir o fato que Jesus, o Cristo (uma única pessoa, na qual estão fundidas a natureza divina e a natureza humana), é o único Salvador do homem. Os gnósticos imaginavam que muitos «acons» seriam os salvadores e mediadores dos homens, e não, exclusivamente, o *Esprito-Cristo*, e, certamente, não Jesus na qualidade de Cristo. A passagem de I Tim. 2:3 e ss. mostra-nos o erro desse ponto de vista. Deus é Salvador, desejando ele que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade.

Os gnósticos costumavam dividir os homens em três classes: 1. Os «*hlicos*» ou terrenos, homens que estariam de tal modo imersos na matéria

15 Ἰησοῦς θεοῦ I Jo 3,8

4:15: Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanecerá nele, e ele em Deus.

«...confessar que Jesus é o Filho de Deus...» Está em pauta a confissão que concorda com o evangelho dos apóstolos, que nega o «docetismo» ensinado pelos falsos mestres gnósticos. Jesus, o homem, é igualmente o divino Filho de Deus, o Cristo, o Verbo eterno, o Logos. O autor sagrado insiste sobre a «identificação» de Jesus com o Filho (Cristo). Cristo se «encarnou» genuinamente em forma humana real. Sua forma não era nenhum fantasma, nem simplesmente posseção do homem Jesus de Nazaré, por parte do *Esprito-Cristo*, por algum tempo. Houve real fusão da natureza divina e da natureza humana, quando Cristo se encarnou. A «confissão», neste caso, é a mesma que figura em I João 4:2: «...Jesus Cristo veio em carne...» Essa confissão é feita pela iluminação dada pelo Espírito de Deus; mas os espíritos malignos impulsionam os homens a negarem a realidade da encarnação de Cristo. (Quanto a «Jesus», ver Mat. 1:21; quanto ao «Filho de Deus», ver as notas expositivas em Marc. 1:1).

A expressão *Filho de Deus* não implica, necessariamente, em «divindade», mas esse é o seu uso normal, quando se aplica à pessoa de Cristo. A filiação de Cristo é algo eterno, pois o Logos é o Filho. (Ver João 17:1,5). Sua filiação subentende que haverá outros filhos, gerados por seu ofício redimidor, conforme tem sido claramente demonstrado. A confissão de Jesus como «Filho» implica, pois, em sua capacidade como Salvador. Ele é o «primogênito», que espera pelo nascimento de outros filhos, possibilitando tal coisa.

O anção invoca várias fórmulas correntes de confissão, compreendidas como típicas da igreja cristã desde o princípio, e que envolvem discernimentos sem os quais seria impossível a comunhão com o Pai e de

que seriam incapazes de se livrarem da mesma; por conseguinte, haveriam de perecer com ela. E isso significa, por sua vez, que a maioria dos homens seria totalmente incapaz da «redenção». 2. Os *psíquicos* isto é, homens que são espirituais mas apenas em pequeno grau, como os profetas do A.T., que estariam sujeitos à redenção inferior que vem por meio de «fé». 3. Além disso, haveria os «*pneumáticos*», que seriam os homens verdadeiramente espirituais, os quais, mediante o «conhecimento» seriam passíveis da reabsorção em Deus, ou seja, de uma completa redenção. O N.T. inteiro, entretanto, nega tais idéias. Antes, segundo os termos neotestamentários, todos os homens são passíveis de redenção, e isso através da fé ou «fé-amor», que é a «gnosis» cristã. Deus está conosco (posição do telmo) e é o Salvador, longe estando ele de não se importar com os homens (que é a posição do delmo). (Ver as notas expositivas em Atos 17:27 sobre o «telmo», sobre o «delmo» e sobre outras idéias concernentes à natureza e expressão de Deus). Além disso, Deus salva os homens por intermédio de Cristo, o qual é o nosso «Salvador», o único Mediador entre Deus e os homens, e não um dentre muitos. (Ver I Tim. 2:5). (Ver Jesus como «o Salvador do mundo», em João 4:42. Nesse caso, «mundo» indica a humanidade inteira, e não apenas o «sistema cósmico» hostil (que transcende somente aos homens), conforme às vezes é empregado o termo «mundo» nesta epístola—ver I João 4:5. Sem dúvida vemos aqui reflexo das antigas «fórmulas de confissão cristã». Ver I João 1:1,2; 2:20,23; 3:16a,23; 4:2; 5:1a,10b e 12 quanto a usos similares. Ver ainda Mat. 1:21 e as notas expositivas ali existentes acerca do tema «Jesus como Salvador»). As epístolas pastorais fazem o intercâmbio, entre Deus Pai e Deus Filho, do termo «Salvador». (Ver I Tim. 1:1; 2:3; 4:10; Tito 1:3; 2:10,13 e 3:4, acerca de Deus como Salvador. E ver II Tim. 1:10; Tito 1:4; 2:13 e 3:6 quanto a Jesus como Salvador). Esse intercâmbio parece ter sido feito propositadamente.

*Atividade missionária* inerente na teologia básica. A própria confissão que os crentes são forçados a fazer, e que inclui a idéia da missão salvadora de Cristo, força-os a proclamarem esse Salvador ao mundo que ele veio remir. Os gnósticos, porém, falharam nessa tarefa porque tinham em pouca conta a missão salvadora de Jesus, o Cristo; e nós podemos falhar nessa tarefa por motivo de outras razões. «A preocupação missionária, observemos, não é algo a ser adicionado ao evangelho, e nem é algo que deva ser artificialmente despertado; pelo contrário, faz parte inerente do próprio propósito e ato de Deus—o Pai enviou seu Filho para ser salvador do mundo». (Hoon, *in loc.*).

*Missão salvadora*: Esta se refere ao ofício de Cristo, mediante o qual ele trouxe a salvação aos homens. Essa salvação tem começo no perdão de pecados (ver Atos 2:38; Rom. 3:25 e 4:7), e resulta, primeiramente, na «reconciliação» (ver Col. 1:20). A conversão (ver João 3:3,5) resulta do «novo nascimento» inicial (mesmas referências), que é o começo da infusão da natureza divina no ser humano, o que antecipa a completa infusão mediante a qual o indivíduo nasce como nova criatura, e assim penetra nos lugares celestiais, na qualidade de um ser espiritualizado; a santificação abre caminho para o processo de transformação, sem o qual não poderá haver glorificação (ver II Tes. 2:13). O grande alvo da redenção é a «glorificação» (ver Rom. 8:29,30), que é um processo eterno que nos levará a «toda a plenitude» de Deus (ver Efe. 3:19 e Col. 2:10), bem como o próprio tipo de vida que Deus tem (ver João 5:25,26 e 6:57), ou seja, a «divindade» mesma (ver II Ped. 1:4). Disso é que consiste a «salvação» (ver notas expositivas a respeito em Heb. 2:3). E isso é obra de Cristo, que é o Salvador do mundo. Porquanto a «expição» no seu sangue é parte desse quadro, sem o que todo esse processo seria simplesmente impossível (ver I João 2:2). A missão de Cristo visa restaurar os homens à comunhão com Deus, comunhão essa que eles perderam; a restauração proporcionada por ele lhes confere a sua própria essência, de tal modo que se tornam filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10 e ss.). A missão de Jesus Cristo visa o «mundo inteiro», e não apenas alguns poucos indivíduos seletos, conforme pensavam erroneamente os gnósticos (ver I João 2:2).

16 ὁ θεὸς ἐν αὐτῷ μένει καὶ αὐτὸς ἐν τῷ θεῷ.

uns com os outros». (Wilder, *in loc.*).

«...confessar...», com a boca, naturalmente, mas alicerçada sobre a lealdade da alma a Cristo; pois deve haver a confissão da vida, e não meramente da palavra em apoio a um credo. Tal confissão dá apoio ao evangelho anunciado pelos apóstolos. (Ver acerca de I João 1:9; comparar com I João 1:1,2; 2:20,23; 3:16a,23; 5:1a,10b,12b, onde aparecem fórmulas confessionais como pano de fundo do texto sagrado).

«Essa confissão da deidade de Jesus Cristo subentende rendição e obediência, igualmente, e não apenas culto em forma de palavras (comparar com I Cor. 12:3 e Rom. 10:6-12). Essa confissão é prova (quando genuína) de nossa comunhão com Deus (ver I João 1:3 e ss. e 3:24)». (Robertson, *in loc.*).

Naturalmente, a confissão também envolve a «humanidade» de Cristo, embora isso não apareça em primeiro plano. Os gnósticos conferiam a todos os «acons» certa participação na natureza divina; o que os gnósticos negavam é que eles pudessem encarnar-se, assim assumindo a natureza humana.

A confissão, no dizer de Smith (*in loc.*), é a «...convicção que subentende a comunhão com Deus».

«...Filho...» No sentido de «unigênito», tal como no nono versículo. Mui provavelmente esse é também seu intuito aqui. Jesus é o Filho de Deus, e único em sua posição. Não é apenas um dentre grande multidão de «acons», que igualmente poderiam ser chamados «filhos». O problema não era a negação de Jesus como Messias, o que é erro tipicamente judaico. Mas é a negação que Jesus fosse o Cristo, e que a personalidade divina e a personalidade humana pudessem unir-se, formando uma única pessoa.

Cristo é o Filho único, encarnado em forma humana.

*Valores da confissão cristã:*

1. Origina-se na alma, sendo convicção conferida pela inspiração divina, sendo, por isso mesmo, prova de uma comunhão com o Senhor Deus que já existe.

2. Dá apoio ao evangelho dos apóstolos, combatendo as inovações dos hereses.

3. Serve de prova, perante outros, de uma genuína experiência cristã.

4. Também é uma medida evangelizadora; estabelece Jesus como Salvador, diante de todos os outros homens.

5. A confissão se torna uma manifestação «exterior» ou testemunho de

16 καὶ ἡμεῖς ἐγνώκαμεν καὶ πεπιστεύκαμεν τὴν ἀγάπην ἣν ἔχει ὁ θεὸς ἐν ἡμῖν. Ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν, καὶ ὁ μένων ἐν τῇ ἀγάπῃ ἐν τῷ θεῷ μένει καὶ ὁ θεὸς ἐν αὐτῷ μένει.

16 Ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν I Jo 4:8

4:16: Enés conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem permanece em amor, permanece em Deus, e Deus nele.

No presente versículo, o amor de Deus toma o lugar do próprio Deus, porquanto seu amor é tão profundo que fala adequadamente de sua pessoa inteira, porque tudo quanto ele é e faz se baseia no amor. Por conseguinte, permanecer em Deus é permanecer no amor; e permanecer no amor é permanecer em Deus; e ter Deus em nós permanente é ter em nós permanente o seu amor. O autor sagrado explana por qual razão pode dizer algo assim, lembrando-nos do fato que «Deus é amor».

«...conhecemos e cremos...» As duas coisas são equivalentes, dentro da experiência religiosa cristã. Conhecer é crer, e crer é conhecer. Comparar isso com o trecho de João 6:69, que diz: «...nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus». Agostinho ensinava que o «ambiente da fé» é a esfera de todo o «conhecimento» espiritual. Aquele que se recusa a crer se encontra, naturalmente, em trevas, porquanto a «esfera do ceticismo» é um terreno de trevas espirituais. O «solo» da fé permite que o conhecimento espiritual cresça e amadureça; o «solo» do ceticismo, porém, entrava todo o conhecimento espiritual. Fica subentendido, naturalmente, que a fé é uma espécie de iluminação dada pelo próprio Deus e acerca dele (ver Efê. 2:8, onde se vê que é um «dom de Deus»), e não meramente decisão da vontade humana de aceitar certas proposições teológicas como verazes. A fé é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver as notas expositivas a respeito, em Gál. 5:22); e a fé inicial resulta da operação do Espírito Santo no íntimo, mediante ele leva a alma a reconhecer quem é Jesus Cristo, levando-a a entregar-se confiantemente a ele. (Ver as notas expositivas completas sobre a «fé», em Heb. 11:1, onde também aparecem poesias ilustrativas).

Neste ponto, a fé e o conhecimento são associados ao entendimento espiritual do que Deus tem feito por nós, através do amor. Aquilo que ele tem feito é plenamente dito no contexto—enviou seu Filho para ser a propiciação pelos nossos pecados, para ser o Pioneiro do caminho (ver Heb. 2:10), para mostrar como os homens podem retornar a Deus; enviou-o para ser o próprio Caminho (ver João 14:6). Sem o reconhecimento da estatura e missão autênticas de Cristo, dificilmente poderemos apreciar e conhecer o amor de Deus. O que Deus tem feito em Cristo, em favor dos homens, nos confere a compreensão concreta do que é o amor cristão e do que o mesmo pode fazer.

O «conhecer» e o «crer» resumem para nós a ênfase característica desta epístola sobre a «segurança» e a «confiança» que temos. Essa confiança nos levará a ser ousados até mesmo ante o tribunal do juízo divino (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo). A menos que tivéssemos conhecido o amor de Deus, isso nunca poderia ter-se tornado uma realidade.

«...Deus é amor...» Esse conceito tem sido abundantemente comentado em I João 4:8, onde aparece pela primeira vez. No presente versículo o conceito é reiterado a fim de permitir que o autor faça o intercâmbio entre as palavras «amor» e «Deus», ficando assim demonstrado que permanecer em Deus é permanecer no amor, e, vice-versa, permanecer no amor é permanecer em Deus; e que, assim fazendo, tanto o amor como o próprio Deus permanecerão em nós.

«...aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele...» Tudo quanto Deus faz, fá-lo em amor; todos os seus atributos, na realidade,

17 ἐν τούτῳ τετελείωται ἡ ἀγάπη μεθ' ἡμῶν, ἵνα παρρησιᾶν ἔχωμεν ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῆς κρίσεως, ὅτι καθὼς ἐκεῖνός ἐστιν καὶ ἡμεῖς ἐσμεν ἐν τῷ κόσμῳ τούτῳ.

17 17-18 e number 19, e no number: TR WH Bov Nem<sup>4</sup> BP<sup>4</sup> AV RV ASV RSV NRB<sup>4</sup> TT Zhr Iu<sup>4</sup>h Jer Seg<sup>4</sup> ¶ e no number, e number 19: Nem<sup>4</sup> NRB<sup>4</sup> Seg<sup>4</sup>

17 ἐν τούτῳ...ἀγάπη I Jo 2:5; 4:12

17 κρίσεως] add προς τον αναρωτησαντα 87b 161x 2138 [εστιν] ἡ

ἐν τῷ κόσμῳ αμαρτίας καὶ καθαρός, οὕτως 87b 2138 [εσμεν] εσομεθα K 87b 2138

4:17: Nesta é aperfeiçoado em nós o amor, para que no dia de [esta] verdadeira confiança; porque, qual ele é, somos também nós neste mundo.

Em quatro lugares desta epístola, o amor é associado à perfeição, a saber:

1. Em I João 2:5, onde se vê que aquele que guarda a palavra (mandamentos) de Deus tem em si aperfeiçoado o amor.

2. Se nos amarmos uns aos outros, então Deus permanecerá em nós; e, por causa disso, seu amor será aperfeiçoado em nós (ver I João 4:12).

3. Deus habita em nós, e nós nele, através dessa comunhão mística; e assim o amor é aperfeiçoado em nós, porquanto Deus é amor, e, se gozamos de comunhão com ele, seu amor será naturalmente insuflado em nós, de tal modo que ele virá fixar residência em nós (ver I João 4:16,17).

4. Esse «amor perfeito» exclui o temor, até mesmo o terror do julgamento, quando houvermos de ser minuciosamente examinados, recebendo de volta aquilo que tivermos praticado de bem ou de mal (ver I João 4:18 e também II Cor. 5:10).

O amor é o cumprimento de toda a justiça, ficando assim satisfeitas todas

genuinidade cristã, tal como o Espírito Santo, que em nós vem habitar, serve de testemunho interior da mesma realidade.

«...Deus permanece nele, e ele em Deus...» Isso já fora dito na décimo terceiro versículo, onde também é comentado. A «dupla comunhão»—nós com Deus e Deus conosco—é novamente salientada no décimo sexto versículo. O «Espírito Santo» assegura-nos acerca disso, tornando-o possível; a confissão de coração acerca de Jesus como Filho de Deus confirma e evidencia a comunhão mística; e o nosso amor mútuo ainda é outra prova de sua existência. A santidade pessoal também a confirma, porquanto se origina dela. (Ver I João 2:24,29).

16 πεπιστεύκαμεν] πιστευομεν A 33 vg<sup>4</sup>

são formas que o amor assume. Quando Deus age com bondade, fá-lo pelo amor; quando age em juízo, também fá-lo pelo amor, porquanto o julgamento é mais que mera retribuição. Todos os juízos divinos também são disciplinadores e restauradores em sua natureza, ainda que os perdidos, após a vinda de Cristo, acontecimento esse que haverá de estabelecer fronteiras eternas, não venham a participar, necessariamente da vida eterna, que será conferida aos eleitos. (Ver Col. 3:6 e as notas expositivas ali existentes, acerca do conceito do «julgamento»). Portanto, permanecer em Deus, ou destruir de comunhão com ele, é um meio de chegarmos a habitar em amor, e, portanto, é conhecê-lo e apreciá-lo; e permanecer em amor é um meio de irmos a ter comunhão com Deus, ou seja, conhecê-lo. Prejudicamos nossa visão de Deus quando não o vemos como «amor»; se pensarmos que ele é o monstro dos séculos, que literalmente queima as pessoas no fogo, como se fossem porcos no espeto, estaremos pervertendo o nosso conceito de Deus. Tais conceitos de Deus são repugnantes; são contrários à idéia bíblica de Deus como amor. Sua justiça é uma função de seu amor; todas as dívidas serão pagas; mas, no pagamento dessas dívidas há restauração em parte e de acordo com certas normas, conforme aprovar a Deus. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios exige essa interpretação sobre a «justiça de Deus». Eventualmente, todas as coisas encontrarão em Cristo o alvo e o desejo de sua existência, porque ele será tudo para todos (ver Efê. 1:23). (Quanto à «dupla comunhão»—nós com Deus e Deus conosco—ver as notas expositivas sobre o décimo terceiro versículo. Comparar também com I João 2:24; 3:24 e 4:15). Essa comunhão subentende a «transmissão» da natureza divina à natureza humana, porquanto é na qualidade de «filhos» que temos comunhão com o «Pai». Nessa transmissão há a verdadeira comunhão. Aquele que «nasceu de Deus», pois, ama (ver I João 4:7). (Quanto ao «amor» associado à idéia da comunhão mística, ver também os versículos sétimo e oitavo deste versículo).

«Todo o profundo amor humano está vinculado, de algum modo, ao ser divino, embora tal vinculação seja embaçada, havendo o sentimento tênue da busca após Aquele que não está distante de qualquer de nós». (Findlay, *Fellowship in Life Eternal*, pág. 370).

«Os crentes são a esfera onde opera o amor de Deus». (Westcott, *in loc.*).

«A verdadeira fé é uma fé baseada em conhecimento e experiência; o verdadeiro conhecimento é um conhecimento de fé». (Luecke, *in loc.*).

«Neste ponto, ele (o autor sagrado) chega à questão central em tudo—assim como Deus é o próprio amor, assim também ele não permite que coisa alguma perturbe essa atmosfera de amor puro... que Deus o capacitaria a soprar, se sua própria vontade não o desviasse disso; então seria banhado pela luz de Deus, animado pela sua vida, ligado a ele. Temos aqui uma combinação dos versículos oitavo e décimo quinto». (Sinclair, *in loc.*).

«O oitavo versículo deve ser comparado com isto; ali o amor aparece como a condição necessária para o conhecimento de Deus. Aqui é apresentado como a condição necessária para a comunhão... O amor de Deus pelos homens, segundo se vê, consiste de sua total disposição de «permanecer» conosco». (Brooke, *in loc.*).

as exigências da lei (ver Rom. 13:8-10). Portanto, aquele em quem está aperfeiçoado o amor de Deus, naturalmente se mostra moralmente vitorioso, além de tornar-se veículo da bondade positiva de Deus. Em outras palavras, sua vida será repleta de atos de bondade e altruísmo. Essa pessoa expressará a pessoa de Cristo em suas ações; ela imitará a vida de Cristo, tendo recebido a própria imagem de Cristo e estando a receber cada vez maior porção dessa imagem. Por causa disso é que o temor do juízo é removido, e, em seu lugar, reinará a confiança para com Deus.

A leitura das notas expositivas naqueles lugares acima aludidos, que falam sobre o «aperfeiçoamento do amor», mostrará ao leitor que a doutrina cristã da «perfeição» não pode ser reduzida a qualquer mero conceito de «maturidade espiritual». Esta última é um subproduto do processo de aperfeiçoamento, e não o seu alvo. Bem ao contrário, a própria perfeição da natureza moral de Deus é o tema que está sendo ventilado nessas passagens; e os remidos estão destinados a compartilhar dessa natureza perfeita, conforme se vê em Mat. 5:8.



«...no dia do juízo...» Isso fala sobre o juízo eterno dos crentes, o que é amplamente comentado em II Cor. 5:10. O leitor deve consultar aquelas notas expositivas. O décimo oitavo versículo deste capítulo mostra-nos que aquele dia pode reservar uma terrível experiência para o crente, o que é confirmado em II Cor. 5:11. (Ver as notas expositivas, no décimo oitavo versículo, quanto a detalhes sobre isso. Ver Col. 3:6 quanto a notas gerais sobre o «juízo» e sobre a «ira de Deus».)

«...confiança...» A despeito da terrível expectativa possível, o juízo poderá ser enfrentado com confiança pelo crente, com a ajuda do amor, que transforma a vida do indivíduo e a torna aceitável aos olhos de Deus. Disso resulta o tipo de vida que pode ser examinada e receber a aprovação divina, e não sua censura. Em nosso favor foi feita a provisão em foco, para não precisarmos nos aproximar do julgamento com temor. A nós tem sido dado o Espírito Santo, e, se cultivarmos sua presença e operação, então sua obra de transformação segundo a imagem de Cristo será efetuada; e parte dessa transformação será a formação do próprio amor de Deus em nós, o que nos tornará pessoas «altruístas», ou seja, servos de todos. Ora, se nos tornarmos servos de Deus, seremos aprovados, e não reprovados no tribunal de Cristo. Por conseguinte, grande é a operação do amor. O amor, à semelhança da morte, transforma a tudo. Mas o amor é até mesmo mais forte que a morte, porquanto é imortal, e a sepultura não pode abafá-lo.

A certeza dada pelo evangelho: Notemos o uso freqüente que João faz do vocábulo grego «*parresia*», que tem sido traduzido por «ousadia» e por «confiança». Por trinta e uma vezes essa palavra é usada no N.T., e por treze vezes ela figura no evangelho e nas epístolas de João. Os crentes recebem a garantia da glória e da segurança futuras, contanto que cumpram as provisões do evangelho, pois o evangelho nos coloca nos ombros o imperativo moral da santidade e do amor. A alma humana anela por apegar-se a uma «realidade» na qual possa confiar seguramente. No Homem ideal, o Senhor Jesus Cristo, essa realidade espiritual pode tornar-se nossa. E assim adquirimos a confiança que do mesmo modo que ele vive, viveremos nós; e assim como ele é aprovado por Deus Pai, assim o seremos nós; e assim como ele participa da natureza divina, a expressão da vida eterna, assim também nós participaremos dela. E isso porque, na qualidade de filhos de Deus, estamos identificados com o Filho; e tudo quanto ele é e possui, tornar-se-á nosso. Há certa «comunhão de natureza» (ver Heb. 2:10 e ss.), bem como haverá de ser experimentada uma comum glorificação (ver Rom. 8:29,30). A glorificação será um processo eterno, porquanto nos conferirá «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10).

A «ousadia» e a «confiança» na primeira epístola de João. Sobre isso, consideremos os seguintes pontos: 1. I João 2:28—«a vida de santidade prepara-nos de tal modo, para nos encontrarmos com Cristo, que chegamos a ter «confiança» perante ele, quando de sua vinda, ao ponto de não ficarmos envergonhados quando nossas vidas forem examinadas perante seu tribunal. 2. I João 3:21—«se praticarmos a Palavra de Deus como um fato, e não como meras palavras, e se em nossa vida servimos ao próximo, tal como sucedeu na vida terrena de Cristo, então teremos «confiança» diante de Deus, e não temeremos a avaliação que ele fará de nós. 3. I João 4:17, nem mesmo o julgamento é temível para aqueles cujas vidas tiverem sido transformadas pelo amor divino. 4. I João 5:13 e ss., tendo-nos aliado ao Filho, na vida eterna, exercendo a verdadeira fé espiritual nele, obtemos «confiança», de tal modo que tudo aquilo que lhe pedirmos, receberemos a certeza íntima de que nos será respondido.

O «permanecer no amor», portanto, envolve as seguintes considerações: 1. Isso nos confere confiança, em face do juízo. Isso é algo que poderemos confrontar sem ansiedades, devido à provisão que nos é dada mediante o poder do Espírito Santo. 2. O amor também é remédio para o temor em geral (ver o décimo oitavo versículo deste capítulo), porquanto tem o poder de excluir todo o temor.

18<sup>a</sup> φόβος οὐκ ἔστιν ἐν τῇ ἀγάπῃ, ὅτι ἡ τελεία ἀγάπη ἔξω βάλλει τὸν φόβον, ὅτι ὁ φόβος ἐν τῇ ἀγάπῃ.

4:18: No amor, não há medo, antes o perfeito amor lança fora o medo; porque o medo envolve castigo; e quem tem medo não está aperfeiçoado no amor.

«...No amor não existe medo...» Consideremos os seguintes pontos:

1. Não está aqui em foco o temor de sermos julgados (ver o décimo sétimo versículo e o trecho de II Cor. 5:11).

2. Nem está em foco a ansiedade geral que sentem os homens, por viverem neste mundo de pecado e horror. O amor é pleno de confiança; o amor está vinculado à comunhão com Deus. Deus alcança a vitória sobre tudo, controlando a todas as coisas. Nada pode ocorrer a nós se não estiver de acordo com a sua vontade; e a sua vontade, conforme temos confiança, opera em nosso favor o bem, e não o mal, em última análise.

É o amor que opera o bem em nosso favor (ver João 3:16), pelo que, tendo a «consciência» de ser amados por ele, nada tememos, nem temporal nem eternamente. Confiamos que, de algum modo, porque ele nos ama, «tudo cooperará juntamente para o nosso bem» (Rom. 8:28).

Se o amor de Deus atua por nosso intermédio, de modo a amarmos ao próximo, no estado espiritual de desenvolvimento que faz isso tornar-se uma realidade, teremos nossa confiança reforçada; e assim saberemos que «nenhum mal pode sobrevir a um homem bom». É melhor o homem que ama mais. Como é que o mal pode atingi-lo?

Se eu amar a Deus porque minha alma aprendeu a ascender até ele, por ter sido «espiritualizado», em minha alma o bastante para fazer dele o objeto de minha contemplação amorosa, então será certo que nenhum mal terreno e temporal poderá ofuscar minha mente, levando-me ao temor. Terei confiança naqueles a quem amo, e, se aquele a quem amo pode proteger-me e ajudar-me, então descansarei em tranquilidade mental e espiritual de que «Deus está em seu trono, e tudo vai bem no mundo».

«A angústia da grande confrontação final com o Juiz deixava acovardados os corações daqueles cristãos (ver I João 2:28,29 e 3:19,20). Porquanto o anticristo já estava em operação, a vinda do Senhor era iminente. A confiança, quando de seu aparecimento, nos é assegurada em I João 2:28, contanto que «permanecemos nele». Pois aqueles que são semelhantes ao Juiz não terão receio dele (ver I João 2:29). Assim também aqui—podemos ter confiança quanto ao dia do juízo, porquanto, assim como ele é, assim seremos nós. Somos como ele (embora estejamos no mundo, ao passo que ele não está mais neste mundo), porque também permanecemos em Deus e nos amamos uns aos outros. O pensamento de nossa tranquilidade de coração, quando do julgamento, tem relevância direta quanto àquelas ocasiões em que os crentes modernos percebem que sua consciência é abalada pelos juízos de Deus em nossos próprios dias e em suas próprias circunstâncias particulares. 'Estarão fortes as tuas mãos, nos dias em que eu vier a tratar contigo?' (Ezequiel 22:14)». (Wilder, *in loc.*)

«...segundo ele é, também nós somos neste mundo...» Essas palavras falam do fato que compartilhamos de tudo quanto Cristo é e possui. Consideremos os pontos seguintes:

1. Ele permanece em Deus na qualidade de Filho, tal e qual o fazemos nós; ele recebeu a vida eterna na qualidade de homem, o próprio tipo de vida de Deus, tal como a nós ela foi conferida (ver João 5:25,26 e 6:57).

2. Cristo recebeu glorificação da parte do Pai, e nós participaremos dessa glória (ver Rom. 8:29,30).

3. Cristo obteve a vitória, embora tivesse passado por horrendas provas; em Cristo também obteremos a vitória (ver I João 5:2 e ss.).

4. Todos aqueles que «nasceram de Deus», tornando-se assim semelhantes ao Filho, participantes de sua natureza, são vitoriosos neste mundo, sobre o pecado, sobre o próprio «eu», e também em todos os mundos vindouros. Estamos perfeitamente identificados com ele, não sendo de admirar, portanto, que possamos ter ousadia até mesmo em face do julgamento, e que no presente excluamos todo o temor de nossas vidas.

5. O amor é destemido, o amor é ousado; possuímos o amor do Pai, em nós insuflado, tal como sucede no caso do Filho, porquanto ele é tanto o Pioneiro do caminho como é o próprio Caminho.

«A essência de nosso ser, 'tal como ele é', depende do perfeito amor; e Cristo é amor eterno. '...aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele' (I João 4:16)». (Vincent, *in loc.*). (Ver também I João 3:2, onde se aprende que seremos «como ele é». Cristo em formação, ainda neste mundo. Pessoas como nós certamente não serão tratadas duramente no dia do juízo.

«...Nisto...» Essa palavra pode olhar para diante ou para trás. Se olharmos para trás, então ela significa que o amor é aperfeiçoado mediante nossa comunhão mística com Deus, porquanto permanecemos nele e ele permanece em nós (ver o décimo sexto versículo deste capítulo). E, se olharmos para diante, então aqui o amor é visto como algo aperfeiçoado no fato que até mesmo a ansiedade natural que sentimos, quando pensamos em enfrentar o tribunal divino, pode ser removida pela percepção que o amor nos tem «preparado» para aquele horrendo dia. Ambas as possibilidades concordam com as realidades espirituais; mas é mais provável que este versículo olhe para trás, para a comunhão mística, como aquilo que aperfeiçoa em nós o amor cristão.

«O amor é o visitante celeste que veio ser viajor em nós, e que reivindica nossa observação. O amor terá sido levado a seu término quando estivermos semelhantes a Jesus, como seus representantes visíveis... Jesus acha-se invisível neste mundo, e nosso papel é torná-lo visível. Somos para Cristo o que ele era para o Pai nos dias de sua carne. 'Dei inaspecti aspectabilis imago' (a imagem do Deus invisível, Col. 1:15)». (Smith, *in loc.*)

«Ele não haverá de condenar, naquele dia, os que lhe são semelhantes». (Allford, *in loc.*)

ἀγάπη ἔξω βάλλει τὸν φόβον, ὅτι ὁ φόβος ἐν τῇ ἀγάπῃ.

Do que consiste o «amor» aludido neste versículo, que exclui o temor, o temor do juízo vindouro (como o resto do versículo o demonstrará) e os temores desta vida em geral. É o «princípio do amor»: primeiramente, o amor de Deus por nós; em segundo lugar, nosso amor a Deus; em terceiro lugar, nosso amor ao próximo. O contexto geral traz inerentes todas as três idéias. Conforme se mostrou acima, todas essas três formas de amor lançam fora o medo de nossas vidas: Deus me ama; nenhum dano me pode sobrevir. E eu sei disso. O amor faz de Deus o Grande Beneficor. Ele fará o que é direito. Ele multiplicará a misericórdia e a bondade. Portanto, que pode haver capaz de infundir-me medo? Sou um homem bom, porque seu amor opera em mim e me faz ser benfazejo a outros. Nenhum mal pode sobrevir a um homem verdadeiramente bom. Retrocessos, sim. Sofrimentos, sim. Humilhação, sim. A própria morte, sim. Mas nenhum mal final! Nada de julgamento eterno. Nenhum sofrimento insensato e caótico que desafie a razão, pelo menos a Razão de Deus. E, em última análise, isso é o que importa, pois Deus escreverá o último capítulo. Amo a Deus, pelo que confio plenamente em que ele fará o que é certo, em que ele mostrará misericórdia, em que ele prodigalizará seus atos misericordiosos e benéficos. Portanto, a que temerei, visto que ele controla a tudo, em razão do que «de alguma maneira, em algum lugar, o bem deverá sobrevir a todos». Isso sei e nisso creio. Sobre isso alicerço a confiança que controla a minha vida. Deus está perto; o que, pois, temerei? Seu amor por mim, meu amor a ele, meu amor ao próximo, o «princípio do amor» em geral, produz muitas obras, muitos poderes, muitos resultados. Um desses resultados é o banimento do medo.

O medo é cultivado quando nos mostramos egocêntricos. Minha vida não é espiritual, quando sobrevirá o julgamento? Minha vida é carnal; que

calamidade atingirá a mim e aos meus? O amor cultiva a auto-rendição. Minha vida pertence a Cristo; nenhum mal poderá sobrevir, finalmente, a mim e aos meus. Por que, então, eu deveria sentir medo? «O amor não pode ser misturado ao temor» (Sêneca, *Ep. Mor.* xlvii.18).

«...o perfeito amor lança fora o medo...» O amor é aperfeiçoado mediante a nossa permanência em Deus, e ele em nós. (Ver as notas expositivas no versículo anterior quanto aos conceitos da «perfeição», nesta primeira epístola de João). O amor de Deus nos é insuflado pelo poder do Espírito, ao mesmo tempo que vamos sendo transformados segundo a imagem do Filho de Deus. Se isso estiver ocorrendo conosco, então o temor está sendo excluído; nossas esperanças estarão tendo cumprimento, e temos confiança nelas. Essa confiança se origina em Deus, pelo que também é uma confiança real. Não se trata de algo que foi artificialmente criado. Mas tudo depende de como permitirmos que o Espírito Santo nos transforme. Utilizamos-nos dos meios da oração, da meditação, da busca pelos dons do Espírito, do uso desses dons espirituais, do estudo dos princípios espirituais que se acham exarados nas Escrituras Sagradas. Em tudo isso, pois, vamos adquirindo a própria imagem de Cristo, somos «como ele é» (ver o décimo sétimo versículo), e assim compartilhamos da sua vitória sobre o temor. Aqueles em quem esses princípios se mostram inoperantes, o medo é um constante adversário, especialmente o temor da morte, que escraviza aos homens (ver Heb. 2:15).

«...tormento...» aquele que teme não é aperfeiçoado no amor... O temor se apossa de um homem quando ele fica por demais preocupado acerca de sua vida, ansioso pelo dia de hoje e pelo dia de amanhã, esquecendo-se inteiramente da sua dimensão eterna, de sua alma. Mas o temor também pode dominar a um homem que não se olvida de sua alma, mas que não cultiva a presença e o poder do Espírito, esquecendo-se continuamente de contemplar o Homem ideal no espelho espiritual, através da qual ação seria transformado segundo a sua essência. Quando um homem contempla a si mesmo, e não a Cristo, vivendo somente para si mesmo, sendo assim formada nele apenas uma imagem humana, fica sujeito a todas as formas de temor, pois sua vida depende então das incertezas da existência humana. Em contraste com isso, aquele que contempla a Cristo tem o mundo eterno como objeto de sua atenção, pelo que coisa alguma nesta vida pode conduzi-lo ao temor. Não teme nem mesmo a morte, porquanto sabe que a morte realmente não mata—é apenas transição para uma vida melhor e superior.

Aquele que não está *aperfeiçoado no amor*, entretanto, tem um grave defeito, ou mesmo defeitos, em sua comunhão mística com Deus, se é que goza dessa espécie de comunhão com ele. Tal pessoa tem o Espírito Santo abafado em si mesma, através de uma vida egoísta e impura. Não admira, portanto, que ele esteja sujeito aos mesmos tipos de temores que perseguem aos homens em geral, como as guerras, as enfermidades, os sofrimentos, as perdas financeiras, a falta de reconhecimento por parte dos seus semelhantes, o fracasso em suas atividades terrenas, e, finalmente, a morte.

O texto sagrado diz que a ausência de «desenvolvimento espiritual» é a causa real de nossos temores, porquanto o «desenvolvimento espiritual»

## VI. O amor de Deus inspira a nossa confiança (4:7-5:12).

### 3. É a base dos mandamentos (4:19- 5:5).

O Senhor Jesus disse que a lei inteira é sumariada em dois grandes mandamentos, que exigem amor a Deus e ao próximo (ver Mat. 22:36-40). A lei e os profetas *dependem* desses dois mandamentos. O amor, pois, é o sumário de toda a retidão. A passagem de Rom. 13:8-10 ensina-nos a mesma coisa. Agora o autor sagrado vê claramente essa mesma verdade, que outros escritores sagrados já tinham abordado antes dele. Nosso autor não tem a mesma visão claríssima de Paulo, que removia da teologia cristã a lei como poder justificador ou santificador. Paulo declarava que há uma «lei do Espírito» (ver Rom. 8:2), a qual consiste de uma força mística que opera em nosso íntimo, e que transforma a nossa própria alma, levando-nos a cumprir a vontade de Deus. Essa «lei» tomou o lugar da lei mosaica, que era legislação apenas externa, que exigia obediência apenas formal, como o «cumprimento de um padrão legislativo». O autor sagrado, entretanto, cria do mesmo modo que Paulo, embora tivesse expressado suas crenças de modo diferente. Para ele o crente continua debaixo da lei mosaica se quiser santificar-se e viver piedosamente, embora visse ele a lei mosaica modificada por Cristo. Assim sendo, essa lei seria misticamente aplicada aos homens, sendo misticamente apropriada por eles. Assim sendo, voltamos ao entendimento paulino, embora não com as expressões paulinas.

Porém, sem importar como expressemos esse conceito, uma coisa é certa - o crente não produz sua própria santidade mediante a «observância legal» da legislação mosaica. Antes, a moralidade divina é insuflada nele, pelo poder místico administrado pelo Espírito Santo. O Espírito Santo usa o padrão de moralidade contido na lei escrita, mas inscreve a mesma sobre tábuas do coração, não apresentando isso aos homens como mero padrão a ser cumprido.

À medida em que vamos sendo aperfeiçoados no amor, também vamos adquirindo outros aspectos da natureza moral e santa que a lei exige, porquanto o amor é o solo fértil onde medram todas as demais virtudes cristãs. De fato, sem o amor, o cultivo dessas virtudes cessa, por falta de nutrição.

O amor regula toda a nossa vida em relação ao próximo; ela será altruísta e gentil, generosa e benévola. Amando ao próximo, a um irmão, amamos a Deus, e assim cumpriremos as exigências da lei (ver Mat. 25:35 e ss.). Tudo isso flui do «nascimento espiritual», o que é condicionado pela fé (ver I João 5:1). Portanto, o autor sagrado não recomenda aqui o *legalismo*, ao salientar os mandamentos. Pois somente quando estes são administrados misticamente por Cristo, nas vidas daqueles que chegam a compartilhar da própria natureza divina, mediante o novo nascimento, é que o indivíduo pode obter real vitória sobre o pecado. Contudo, não é menos verdade que o amor é demonstrado como genuíno, quando se guarda os mandamentos do Senhor (ver I João 5:2). Esses mandamentos não são pesados e nem cansativos, porquanto trazem-nos a própria natureza de Deus, mediante o que chegaremos a herdar a vida eterna em toda a sua plenitude. Aqueles que nasceram de Deus, e assim observam os seus mandamentos, por meio da transformação e da inspiração espiritual íntimas, obtêm a vitória sobre este mundo presente, e isso é mediado pela fé em Cristo (ver I João 5:4). Essa fé faz Jesus aparecer como ele realmente é, o Filho de Deus, isto é, Senhor e Salvador.

«...esse renascimento e essa vitória sobre tudo dependem de nossa capacidade de reconhecer o amor de Deus em Cristo. Portanto, a ênfase sobre a veraz confissão de que Jesus é o Cristo (ver I João 5:1), e o 'Filho de Deus' (ver I João 5:5) fica explicada. Isso nos leva à seção seguinte, a do esclarecimento final, dado pelo ancião, acerca da confissão» (Wilder, *in loc.*).

19 ἡμεῖς ἀγαπῶμεν<sup>3</sup>, ὅτι αὐτὸς πρῶτος ἠγάπησεν ἡμᾶς.

aperfeiçoar em nós o amor. Se nos falta esse perfeito amor, não teremos permitido que o Espírito Santo forme em nós a imagem do Homem ideal. Quanto mais semelhantes formos ao Homem ideal, tanto maior será a nossa liberdade de todo o temor. Cristo transcende a tudo; sua vitória sobre o pecado e a miséria foi total; podemos participar de tudo isso.

O temor é a mais «autocentralizada» de todas as emoções. Sua essência é o egoísmo, normalmente. Dizemos: «Que acontecerá comigo, se tais e tais circunstâncias ocorrerem?» Naturalmente, também tememos pelos outros, que nos são próximos e a quem amamos. Perguntamos: «O que sucederá com eles?» O temor consiste de «olhar para longe de Deus», isto é, para nós mesmos ou para os outros. Jamais é uma atitude «espiritual», mas sempre se alicerça firmemente sobre condições e circunstâncias físicas e materiais. O amor, que nos ensina acerca de Deus, faz nossa atenção voltar-se para as realidades espirituais, que não estão sujeitas às vicissitudes da vida terrena. Por conseguinte, o amor nos inspira a confiança nos mundos eternos, e como a eternidade, até mesmo agora, pode controlar nossa vida física e temporal. O amor elimina as «ameaças externas», porquanto nada poderá tocar em nós a menos que Deus assim queira; e ele quer somente aquilo que, em última análise, contribui para nosso bem. O amor exclui a doentia autoconsciência e a substitui pela consciência de Deus. Quando isso acontece, o temor foge do campo, porquanto não mais é bem recebido por nós.

A maioria dos nossos males, incluindo o temor, pode ser ligada à «falta de amor». Que miséria essa condição impõe a este mundo desamparado! O temor consiste de «prisão mental»; mas o amor consiste de «liberdade mental», porquanto olha para fora, para Deus. O temor é uma forma de castigo auto-imposto, porquanto nossas inquirições espirituais muito deixam a desejar.

«A condição do homem é variegada: sem temor e amor; com temor e sem amor; com temor e amor; sem temor e com amor» (Bengel, *in loc.*).

«Esse tipo de 'temor' é o contrário da 'parresia' ou 'ousadia' (ver o décimo sétimo versículo)» (Robertson, *in loc.*).

«...o medo produz tormento...», ou seja, «o temor tem a ver com o tormento», porque está associado à punição. Isso aponta ou 1. para o julgamento, ou 2. para uma forma de autopunição, o «tormento» que o temor nos impõe, por termos repellido a possibilidade de sermos aperfeiçoados no amor. Ambas as coisas são verdadeiras; provavelmente o autor tencionava indicar tanto o sentido presente como o sentido escatológico. O temor antecipa o castigo merecido, e assim torna-se um sentimento miserável, que importa em punição presente. O temor também provoca muitas outras formas de ansiedade, que são um tormento presente ou castigo para as inquirições maculadas pela preguiça ou pela desorientação.

Nada disso contradiz a idéia do «temor de Deus». Esta é coisa diferente, por ser espiritualmente inspirada. (Ver Rom. 3:18 quanto ao «temor de Deus». Ver igualmente as notas expositivas sobre «Temei a Deus!», em I Ped. 2:17).



vg<sup>a</sup> syr<sup>1</sup> cop<sup>10</sup> arm<sup>1</sup> eth<sup>1</sup>, Leo § ἀγαπῶμεν αὐτὸν K Ψ 049 036 0142  
49 104 181 120 451 1873 2127 2492 Byz Leam<sup>1</sup> (arm<sup>1</sup> arm<sup>1</sup> ἀγαπῶμεν Augustine)<sup>10</sup>  
Pw-Aerumenius Theophylact § δεξιῶν ἡμῶν 10<sup>a</sup>

**Ps-Clerumenium Theophylact** § *delegatus in rem* 10<sup>11</sup>

\* 20 [B] oi dicitur ἀγαπᾶν. M B Ψ 820 1803 1739 2495 syr<sup>o</sup> cop<sup>a</sup>  
Cyprian Lucifer Zeno δ πῶς θύεται ἀγαπᾶν; A K 048 049 056 0142 032  
ἀγαπῆσαι. B<sup>1</sup> 8<sup>o</sup> 104 191 320 330 436 431 814 829 945 1241 1877 1981 2127

2412 2492 Huz Lat<sup>m</sup> Rom<sup>a</sup> it<sup>a</sup> + dom<sup>i</sup> v<sup>e</sup> s. e. v<sup>e</sup> syro cop<sup>t</sup> arm eth Cyprian Au-  
gustine John-Damascus P<sup>r</sup>-Oecumenius Theophylact

...não ama... a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê... É fato bem conhecido e universalmente demonstrado todos os dias que amamos aqueles que nos são mais íntimos, que fazem parte de nossa vida.

«A familiaridade cria o amor». Assim sendo, e contrário à razão supomos que Deus, invisível e desconhecido, possa ser amado, se o indivíduo prefere odiar suas criaturas, que lhe vivem próximas. É natural supormos que essa declaração de amor a Deus é falsa, mero artifício. Outrossim, no caso da maioria dos homens, a própria essência do amor a Deus consiste de amar ao próximo (ver Mat. 25:35 e ss.). O autor sagrado não podia aceitar que aqueles que «odeiam» possam gozar de ascensão mística, mediante o que Deus é amado diretamente. De fato, essa ascensão mística de modo algum pode ser obtida a menos que amemos aos nossos semelhantes, porquanto esse amor é a própria condição que possibilita a fruição do amor a Deus. Sem os «meios» de ascensão é impossível que o indivíduo ascenda. A lógica é irretorquível, tanto para nós como quanto para os gnósticos. Notemos que o homem, que se deleita em lutas, dissensões e várias práticas de ódio deve ser marcado; outro tanto deve ser feito no caso dos facciosos, os que semeiam a dissensão entre os irmãos. Esse odeia aos irmãos; não o escutemos, se ele disser que ama a Deus. É um mentiroso. Talvez diga que está defendendo a verdade de Deus; mas, através do que ele pratica, sabemos que ele viola os dois maiores mandamentos, que nos ordenam amar a Deus e ao próximo. Que verdade maior haveria a ser defendida do que a desse amor duplo?

«O tema, que nos faz lembrar do trecho de Mat. 25:40, põe um ponto de interrogação adiante de toda a religiosidade desvinculada de expressões éticas». (Wilder, *in loc.*).

«Os sentimentos podem ser ilusórios. A prova de que o amor é real, no pleno sentido cristão, está na ação franca a que somos levados por ele (comparar com I João 3:17 e ss.). Não existe amor verdadeiro a Deus quando não se manifesta na forma de obediência a seus mandamentos». (Dods, *in loc.*).

«Estes versículos (vigésimo e vigésimo primeiro) oferecem uma prova permanentemente válida da experiência religiosa. A lógica é simples, clara e inescapável; a prova do amor a Deus consiste de *amarmos aos irmãos*, e nada existe de tão fundamental no cristianismo (ver Mat. 22:37-39) o que é novamente invocado nesta epístola (ver I João 4:21). Tipos de relações que falsificam a reivindicação de amor a Deus não passam de ódio franco (ver I João 4:20a), falta de amor aos irmãos em geral, falta de amor a um indivíduo específico, que também é irmão em Cristo (ver I João 5:1,2). A condenação proferida contra o tal é dupla: primeiramente, ele é «mentiroso», isto é, um hipócrita, homem que vive em auto-ilusão, que consciente ou inconscientemente vive na irrealdade, na ilusão; em segundo lugar, «não pode amar a Deus», porquanto o ódio ou a falta de amor ético o desqualifica para a vida com Deus. Torna-se incapaz, não podendo amar a

21 καὶ ταύτην τὴν ἐντολὴν ἔχομεν ἀπ' αὐτοῦ, ἵνα ὁ ἀγαπῶν τὸν θεὸν ἀγαπᾷ καὶ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ.

21 Mt 5:44-45; Mc 12:29-31

4:21; É dada tomada este mandamento, que quem ama a Deus como também o seu irmão.

Esse é o novo mandamento, que é comentado em I João 2:7,8. Trata-se do «redescobrimiento» de Cristo e do cristianismo (ver Mat. 22:36 e ss.). Era um dos principais ensinamentos do apóstolo João. (Ver João 13:34, que diz: «Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros»). Esse é o segundo grande mandamento do decálogo, resultado do primeiro, «Amar a Deus». Os «mandamentos» foram agora burlados pelas mãos de Cristo, mediados pelo Espírito Santo, que os inscreve no coração do crente e os transmite à alma de maneira mística, de tal modo que venham a fazer parte inerente de sua natureza, e não apenas uma lei fria e formal que deve ser obedecida relutantemente, com dificuldade. Toda a nossa prolixis de fé cristã deve estar de conformidade com esse mandamento de amor, porque esse é o sumário da retidão (ver Rom. 13:8-10). Ao invés do argumento gnóstico, «o conhecimento é o caminho da salvação», o autor sagrado apresenta «o caminho do amor ao próximo». De fato, o amor é a estrada mais curta de volta a Deus. Ninguém jamais verá a Deus, se não for santificado (ver Heb. 12:14); e ninguém será santo enquanto o amor não lhe tiver sido supremamente implantado pelo Espírito de Deus, pois o amor é o solo onde medram todas as demais virtudes espirituais. (Ver as notas expositivas em Gál. 5:22 e o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios acerca dessa questão). (Quanto ao «amor» como norma da família de Deus, ver as notas expositivas em João 14:21 e 15:10; quanto ao «amor de Deus», ver João 3:16; quanto ao «amor de Cristo, que nos constrange», ver II Cor. 5:14. Essas notas expositivas são acompanhadas de poesias ilustrativas. Ver ainda I João 2:10 quanto a notas sobre o «amor fraternal». Naquela referência há uma série de citações que descrevem e louvam ao «amor»).

Por conseguinte, o amor é um dever, pois é um mandamento; contudo, não é um dever impossível e difícil, porquanto seu cumprimento é dado como fruição do Espírito Santo no íntimo, pelo que o amor resulta da natureza inerente; e essa natureza é criada pela operação do Espírito Santo.

#### Capítulo 5

5 Πᾶς ὁ πιστεύων ὅτι Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ Χριστὸς ἐκ τοῦ θεοῦ γεγέννηται, καὶ πᾶς ὁ ἀγαπῶν τὸν γεννησάντα ἀγαπᾷ [καὶ]<sup>1</sup> τὸν γεγεννημένον ἐξ αὐτοῦ. 1 Πᾶς... γεγέννηται 1 Jn 4:15 τὰς δὲ ἀγαπᾶν... αὐτοῦ 1 Pe 1:22-23

1 [C] καὶ M A K P 049 050 0142 81 88 104 121 330 426 481 614 820... 426 948 1241 1505 1720 1877 1881 2127 2413 2492 2495 Rys Lect P<sup>ms</sup> (10<sup>th</sup>) vg<sup>cl</sup> sy<sup>rp</sup> b cop<sup>th</sup> arin eth Hilary Cyril-Jerusalem Maximinus M<sup>ss</sup> A Augustinus

Theodoret Bede Ps-Oecumenius Theophylact β om<sup>h</sup> B Ψ 045 32 236 104<sup>th</sup> Am<sup>ss</sup>... vg<sup>cl</sup> cop<sup>th</sup> Hilary Augustine τὸν 2<sup>o</sup>] το R 69

Por um lado, a ausência de καὶ em B Ψ 048 33 62 326 2298 it (r) vg cōp (sa) Espéculo *a*, pode resultar de descuido acidental; por outro lado, a presença de καὶ em M A K P 049 81 614 1739 maioria dos minúsculos sir (p,h) cōp (bo) ara et<sup>h</sup> *a* pode ser uma emenda escrital sugerida pelo καὶ similar da sentença anterior. A fim de representar o equilíbrio das probabilidades, a comissão deixou a palavra entre colchetes.

5:1: Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que é gerou, ama também ao que dele é nascido.

Deus. O «agape» cristão se caracteriza pela unidade; possui natureza tal que não amar, em uma das relações, cancela o amor em todas as demais relações, levando o indivíduo, finalmente, à morte (ver I João 3:14). O realismo franco do pensamento de João, nestes versículos, desmascara todas as formas de falsa religiosidade». (Hoon, *in loc.*).

Os gnósticos asseveravam possuir um «conhecimento superior». Se realmente fossem possuidores de tal conhecimento, e se Deus fosse o objeto do mesmo, naturalmente amariam ao próximo. Em contraste com essa atitude falsa, o conhecimento cristão autêntico é um «amor-gnosis», isto é, conhecimento alicerçado sobre o amor.

«A fim de que o caráter vago da declaração sem objeto, «amamos» (ver o décimo nono versículo), não viesse a encorajar um senso de falsa segurança, o apóstolo João reitera o antigo texto: o amor ao Pai invisível se manifesta no amor aos irmãos, que vivem ao nosso redor, e que são a imagem do Pai». (Smith, *in loc.*).

Não seja teu o apelo parcial de quem tem preconceitos,  
Não caiba a ti a excomunhão feita pelos zelotes;  
Bem poderias evitar o amor-próprio,  
Que termina por odiar ao próximo.  
(Whittier)

Ninguém pode realizar a difícil tarefa de amar ao Deus invisível (o que é conseguido mediante a ascensão mística da alma, mediante a comunhão com o Espírito de Deus), se não realizar a tarefa mais fácil de amar aos irmãos, a quem pode ver e com quem se associa.

«A quem vê». Nosso amor aos irmãos pode ser excitado das seguintes maneiras:

1. Mediante a consideração de suas excelências e qualidades amáveis.

2. Mediante a contemplação de suas misérias e angústias. A primeira forma excita um amor de complacência e deleite; a segunda, um amor de compaixão e dó». (Adam Clarke, *in loc.*).

«Como é que aquele que odeia à imagem visível de Deus pretenderia amar ao Original invisível, o próprio Deus invisível?» (Matthew Henry, *in loc.*).

*Variante Textual:* Os mss AKL e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, juntamente com as versões da Vg, do Síp, do Cóp(bo), do Ara e do EtI, dizem «Como pode ele amar a Deus? Mas os mss Aleph, B, Pai, 1739, o Síp(h), o Cóp(sa) e os escritos dos pais da igreja Cipriano e Lucífer, dizem «ele não pode amar a Deus», que é franca declaração de impossibilidade. Esta última forma, mui provavelmente, representa o texto original, porquanto conta com a evidência objetiva mais importante.

21 απ αὐτοῦ] απο του θεου Ac r vg<sup>cl</sup>

O amor é divino; Deus é amor. Aquele que nasce de Deus, portanto, naturalmente ama.

«Ao perseguidor Saulo, Cristo disse: «Saulo, Saulo, por que me persegues? Tenho subido aos céus, mas continuo na terra. Aqui me assento à direita do Pai; ali ainda tenho fome, tenho sede e sou um estrangeiro». (Agostinho, *in loc.*). Aquele que ama a um irmão, ao próximo, que dá alimento ao faminto e água ao sedento, como também abrigo ao estrangeiro, é aquele que ama a Cristo.

*Pensemos no amor de Deus:* Deus é amor. Portanto, todos os seus demais atributos de alguma maneira estão envolvidos no amor. Sua bondade se origina do amor; sua misericórdia tem como fonte o amor; e até mesmo sua justiça se alicerça sobre o amor, o que também se dá com sua necessidade de julgar. Até mesmo os seus juízos são dedos de seu amor, porquanto o juízo disciplina e restaura, até ao grau determinado pelo beneplácito divino. Por igual modo, o amor é o fundamento de todas as crenças e ações cristãs, porque penetra a tudo, influencia a tudo. O amor enobrece e transforma—um crente autêntico não pode odiar, não sendo crente aquele que ama; se porventura chegar a odiar, logo terá de arrepender-se; e, quando arrepender-se, fará restituição por qualquer dano que tiver provocado com seu ódio. Se um homem agir assim, então a lei santa estará operando nele.

Conta-se a história de Alan Redpath, ex-pastor da famosa Igreja Memorial Moody, em Chicago. Quando ainda era jovem, foi testemunha de uma disputa, feita à mesa, entre seu pai e sua mãe, em que o primeiro terminou proferindo palavras amargas contra a segunda. Imediatamente, porém, o pai se arrependeu, e disse à esposa que lamentava e se envergonhava de si mesmo. O jovem Redpath levantou-se mansamente da mesa e foi para seu quarto. Ali, ajoelhando-se, pediu a Deus que o tornasse como seu pai, em quem se manifestava o amor de Cristo. Talvez fosse muito difícil convencer ao jovem Redpath acerca do amor de seu pai a Deus, se seu pai não tivesse demonstrado amor para com sua esposa.

Não há qualquer interrupção entre o fim do quarto capítulo e o começo do quinto capítulo desta epístola. A seção tem início em I João 4:19, onde



são apresentadas observações introdutórias ao parágrafo.

A polêmica contra os gnósticos nunca se afasta da mente do autor sagrado. Neste ponto ele retorna a fórmulas de credos (comparar com I João 1:1,2; 2:20-23; 3:16a,23; 4:2 e 5:10b, 12b), e, através dessas fórmulas, ele reitera sua doutrina de Cristo, que os gnósticos negavam. O autor tinha o «Verbo» (ou Logos) como quem se encarnara genuinamente em Jesus, tendo havido a fusão das personalidades divina e humana, sem que uma eliminasse a outra. Os gnósticos, por outro lado, não criam que o «Logos», e nem mesmo algum «aon» inferior (alguma emanção angelical de Deus) pudesse encarnar-se. Negavam peremptoriamente a própria possibilidade de «encarnação», com base no fato que o corpo humano seria inerentemente mau, porque participa da matéria, que seria a essência mesma do mal. Portanto, se o Logos se encarnara, teria ficado contaminado, já que sob hipótese alguma poderia «identificar-se» com a carne. Os gnósticos também criam que o *Espírito-Cristo* (não o *Logos*), que seria um dos «aons» inferiores, tomou posse do corpo de Jesus de Nazaré, por ocasião de seu batismo, e o abandonou, por ocasião da crucificação. Por conseguinte, a morte de Jesus não teria sido a mesma coisa que a morte de Cristo, pois este último não poderia sofrer e nem morrer. Naturalmente, daí concluem que a morte de Cristo é sem valor. Cristo teria vindo «pela água», mas não «pelo sangue». Em outras palavras, o batismo de Jesus se revestiria de importância e autoridade, mas sua morte não era expiatória. Quando muito, o homem Jesus teria provido o exemplo de uma morte mártir, mas não a expiação pelo pecado. (Ver Col. 2:18, onde notas expositivas detalhadas são dadas acerca do «gnosticismo»). Em termos gerais, pode-se afirmar que os gnósticos degradavam tanto a Cristo como à sua missão.

Nosso autor, pois, agora insiste mais sobre a nossa confissão de que Jesus é o Cristo (formam uma única personalidade, em que a natureza divina é fundida com a natureza humana), algo que os gnósticos imaginavam ser totalmente impossível, exceto que, na «reabsorção» da alma por Deus, as duas naturezas haverão de finalmente fundir-se—a humana na divina. Contudo, segundo ainda a opinião dos gnósticos, isso teria lugar além do reino da «matéria», e não agora. Todavia, o autor sagrado afirma aqui que aquele que nega o «docetismo» dos gnósticos é «nascido de Deus». (Ver I João 4:2,3 quanto a notas expositivas completas acerca desse problema).

#### Para Além Da Polêmica Cristã

1. Além de seu propósito de entrar em polêmica, o autor sagrado deseja instruir. Ele continua as suas observações iniciadas em I João 4:20,21. A presença do gnosticismo havia gerado muito ódio e controvérsia. «Fique assentado», diz o autor sagrado, «que aquele que odeia não pode ter nascido de Deus». Deus não é a fonte originária do ódio.

2. Aquele que realmente conhece Deus terá as características espirituais do altruísmo, o que é apenas um outro nome dado ao amor.

3. O amor aparece na alma, quando a pessoa é regenerada (ver I João 4:7). Portanto, há certa comunhão de amor no seio da família divina. Pode-se medir a qualidade de nossa própria espiritualidade através do quanto amamos. (Ver a nota de sumário sobre o «amor», a prova da espiritualidade», na referência dada acima).

4. O amor deve ter-se tornado nosso padrão de conduta (ver João 14:21 e 15:10). Façamos pelo próximo aquilo que naturalmente faríamos por nós mesmos.

«...é nascido de Deus...» (Ver I João 2:29). Aquele que nasceu de Deus é um homem santo, em contraste com os licenciosos gnósticos. O evangelho envolve imperativos morais; e o poder de cumprir o mesmo (o que leva o indivíduo a compartilhar da própria santidade de Deus) vem através da participação na natureza divina. A santidade está inseparavelmente vinculada à filiação. O trecho de I João 3:9 afirma a mesma coisa. O trecho de I João 4:7 mostra que o cumprimento do «novo mandamento», a «lei do amor», também é naturalmente efetuado pelos filhos de Deus, mas nunca separadamente do novo nascimento. Todo aquele que ama é nascido de Deus. Portanto, o ter nascido de Deus resulta na lealdade devida a seu Filho, nosso irmão mais velho. Por pertencermos à mesma família divina e por compartilharmos de sua própria natureza somos ensinados a reconhecer quem é Jesus Cristo, e quais são as exigências que nos são impostas por esse reconhecimento. Aqueles que negam a Cristo, em sua pessoa ou em sua missão, tão-somente o degradam, e, naturalmente, não lhe são leais. Aquele que «nega» que Jesus é o Cristo (identidade de Jesus com o *Espírito-Cristo*) não tem ao Pai (ver I João 2:22,23).

«...crê...» Está em foco muito mais que a mera aceitação de algum credo, embora seja necessário que tenhamos «opinões corretas» acerca de Cristo. Antes, está aqui em pauta o discernimento moral e a outorga da alma aos cuidados de Cristo. Assim, pois, a alma percebe quem é Cristo, bem como seu intuito de transformar-nos segundo a sua própria imagem; e então diz: «Quero ser semelhante a Cristo». E assim ela se entrega ao processo de transformação. (Ver Heb. 11:1 quanto a notas expositivas completas sobre a «fé», que são ilustradas com poemas).

Os imperativos cristãos: a santidade (ver I João 2:29); o amor fraternal (ver I João 4:7 e 5:1); a crença correta concernente a Cristo (ver I João 4:2-4 e 5:1); a outorga da própria alma aos cuidados de Cristo (ver I João 5:1, acerca da «fé»). E todos esses fatores são cumpridos mediante o «novo nascimento». Não fazem parte inerente do homem. Ocorrem como infusão

2 ἐν τούτῳ γινώσκουμεν ὅτι ἀγαπῶμεν τὰ τέκνα τοῦ θεοῦ, ὅταν τὸν θεὸν ἀγαπῶμεν καὶ τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ ποιῶμεν.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> 2 |C| ποιῶμεν B Ψ 81 338 438 614 1730 2412 2495 P<sup>2</sup> 11<sup>1</sup> 11<sup>2</sup> 11<sup>3</sup> 11<sup>4</sup> 11<sup>5</sup> 11<sup>6</sup> 11<sup>7</sup> 11<sup>8</sup> 11<sup>9</sup> 11<sup>10</sup> 11<sup>11</sup> 11<sup>12</sup> 11<sup>13</sup> 11<sup>14</sup> 11<sup>15</sup> 11<sup>16</sup> 11<sup>17</sup> 11<sup>18</sup> 11<sup>19</sup> 11<sup>20</sup> 11<sup>21</sup> 11<sup>22</sup> 11<sup>23</sup> 11<sup>24</sup> 11<sup>25</sup> 11<sup>26</sup> 11<sup>27</sup> 11<sup>28</sup> 11<sup>29</sup> 11<sup>30</sup> 11<sup>31</sup> 11<sup>32</sup> 11<sup>33</sup> 11<sup>34</sup> 11<sup>35</sup> 11<sup>36</sup> 11<sup>37</sup> 11<sup>38</sup> 11<sup>39</sup> 11<sup>40</sup> 11<sup>41</sup> 11<sup>42</sup> 11<sup>43</sup> 11<sup>44</sup> 11<sup>45</sup> 11<sup>46</sup> 11<sup>47</sup> 11<sup>48</sup> 11<sup>49</sup> 11<sup>50</sup> 11<sup>51</sup> 11<sup>52</sup> 11<sup>53</sup> 11<sup>54</sup> 11<sup>55</sup> 11<sup>56</sup> 11<sup>57</sup> 11<sup>58</sup> 11<sup>59</sup> 11<sup>60</sup> 11<sup>61</sup> 11<sup>62</sup> 11<sup>63</sup> 11<sup>64</sup> 11<sup>65</sup> 11<sup>66</sup> 11<sup>67</sup> 11<sup>68</sup> 11<sup>69</sup> 11<sup>70</sup> 11<sup>71</sup> 11<sup>72</sup> 11<sup>73</sup> 11<sup>74</sup> 11<sup>75</sup> 11<sup>76</sup> 11<sup>77</sup> 11<sup>78</sup> 11<sup>79</sup> 11<sup>80</sup> 11<sup>81</sup> 11<sup>82</sup> 11<sup>83</sup> 11<sup>84</sup> 11<sup>85</sup> 11<sup>86</sup> 11<sup>87</sup> 11<sup>88</sup> 11<sup>89</sup> 11<sup>90</sup> 11<sup>91</sup> 11<sup>92</sup> 11<sup>93</sup> 11<sup>94</sup> 11<sup>95</sup> 11<sup>96</sup> 11<sup>97</sup> 11<sup>98</sup> 11<sup>99</sup> 11<sup>100</sup> 11<sup>101</sup> 11<sup>102</sup> 11<sup>103</sup> 11<sup>104</sup> 11<sup>105</sup> 11<sup>106</sup> 11<sup>107</sup> 11<sup>108</sup> 11<sup>109</sup> 11<sup>110</sup> 11<sup>111</sup> 11<sup>112</sup> 11<sup>113</sup> 11<sup>114</sup> 11<sup>115</sup> 11<sup>116</sup> 11<sup>117</sup> 11<sup>118</sup> 11<sup>119</sup> 11<sup>120</sup> 11<sup>121</sup> 11<sup>122</sup> 11<sup>123</sup> 11<sup>124</sup> 11<sup>125</sup> 11<sup>126</sup> 11<sup>127</sup> 11<sup>128</sup> 11<sup>129</sup> 11<sup>130</sup> 11<sup>131</sup> 11<sup>132</sup> 11<sup>133</sup> 11<sup>134</sup> 11<sup>135</sup> 11<sup>136</sup> 11<sup>137</sup> 11<sup>138</sup> 11<sup>139</sup> 11<sup>140</sup> 11<sup>141</sup> 11<sup>142</sup> 11<sup>143</sup> 11<sup>144</sup> 11<sup>145</sup> 11<sup>146</sup> 11<sup>147</sup> 11<sup>148</sup> 11<sup>149</sup> 11<sup>150</sup> 11<sup>151</sup> 11<sup>152</sup> 11<sup>153</sup> 11<sup>154</sup> 11<sup>155</sup> 11<sup>156</sup> 11<sup>157</sup> 11<sup>158</sup> 11<sup>159</sup> 11<sup>160</sup> 11<sup>161</sup> 11<sup>162</sup> 11<sup>163</sup> 11<sup>164</sup> 11<sup>165</sup> 11<sup>166</sup> 11<sup>167</sup> 11<sup>168</sup> 11<sup>169</sup> 11<sup>170</sup> 11<sup>171</sup> 11<sup>172</sup> 11<sup>173</sup> 11<sup>174</sup> 11<sup>175</sup> 11<sup>176</sup> 11<sup>177</sup> 11<sup>178</sup> 11<sup>179</sup> 11<sup>180</sup> 11<sup>181</sup> 11<sup>182</sup> 11<sup>183</sup> 11<sup>184</sup> 11<sup>185</sup> 11<sup>186</sup> 11<sup>187</sup> 11<sup>188</sup> 11<sup>189</sup> 11<sup>190</sup> 11<sup>191</sup> 11<sup>192</sup> 11<sup>193</sup> 11<sup>194</sup> 11<sup>195</sup> 11<sup>196</sup> 11<sup>197</sup> 11<sup>198</sup> 11<sup>199</sup> 11<sup>200</sup> 11<sup>201</sup> 11<sup>202</sup> 11<sup>203</sup> 11<sup>204</sup> 11<sup>205</sup> 11<sup>206</sup> 11<sup>207</sup> 11<sup>208</sup> 11<sup>209</sup> 11<sup>210</sup> 11<sup>211</sup> 11<sup>212</sup> 11<sup>213</sup> 11<sup>214</sup> 11<sup>215</sup> 11<sup>216</sup> 11<sup>217</sup> 11<sup>218</sup> 11<sup>219</sup> 11<sup>220</sup> 11<sup>221</sup> 11<sup>222</sup> 11<sup>223</sup> 11<sup>224</sup> 11<sup>225</sup> 11<sup>226</sup> 11<sup>227</sup> 11<sup>228</sup> 11<sup>229</sup> 11<sup>230</sup> 11<sup>231</sup> 11<sup>232</sup> 11<sup>233</sup> 11<sup>234</sup> 11<sup>235</sup> 11<sup>236</sup> 11<sup>237</sup> 11<sup>238</sup> 11<sup>239</sup> 11<sup>240</sup> 11<sup>241</sup> 11<sup>242</sup> 11<sup>243</sup> 11<sup>244</sup> 11<sup>245</sup> 11<sup>246</sup> 11<sup>247</sup> 11<sup>248</sup> 11<sup>249</sup> 11<sup>250</sup> 11<sup>251</sup> 11<sup>252</sup> 11<sup>253</sup> 11<sup>254</sup> 11<sup>255</sup> 11<sup>256</sup> 11<sup>257</sup> 11<sup>258</sup> 11<sup>259</sup> 11<sup>260</sup> 11<sup>261</sup> 11<sup>262</sup> 11<sup>263</sup> 11<sup>264</sup> 11<sup>265</sup> 11<sup>266</sup> 11<sup>267</sup> 11<sup>268</sup> 11<sup>269</sup> 11<sup>270</sup> 11<sup>271</sup> 11<sup>272</sup> 11<sup>273</sup> 11<sup>274</sup> 11<sup>275</sup> 11<sup>276</sup> 11<sup>277</sup> 11<sup>278</sup> 11<sup>279</sup> 11<sup>280</sup> 11<sup>281</sup> 11<sup>282</sup> 11<sup>283</sup> 11<sup>284</sup> 11<sup>285</sup> 11<sup>286</sup> 11<sup>287</sup> 11<sup>288</sup> 11<sup>289</sup> 11<sup>290</sup> 11<sup>291</sup> 11<sup>292</sup> 11<sup>293</sup> 11<sup>294</sup> 11<sup>295</sup> 11<sup>296</sup> 11<sup>297</sup> 11<sup>298</sup> 11<sup>299</sup> 11<sup>300</sup> 11<sup>301</sup> 11<sup>302</sup> 11<sup>303</sup> 11<sup>304</sup> 11<sup>305</sup> 11<sup>306</sup> 11<sup>307</sup> 11<sup>308</sup> 11<sup>309</sup> 11<sup>310</sup> 11<sup>311</sup> 11<sup>312</sup> 11<sup>313</sup> 11<sup>314</sup> 11<sup>315</sup> 11<sup>316</sup> 11<sup>317</sup> 11<sup>318</sup> 11<sup>319</sup> 11<sup>320</sup> 11<sup>321</sup> 11<sup>322</sup> 11<sup>323</sup> 11<sup>324</sup> 11<sup>325</sup> 11<sup>326</sup> 11<sup>327</sup> 11<sup>328</sup> 11<sup>329</sup> 11<sup>330</sup> 11<sup>331</sup> 11<sup>332</sup> 11<sup>333</sup> 11<sup>334</sup> 11<sup>335</sup> 11<sup>336</sup> 11<sup>337</sup> 11<sup>338</sup> 11<sup>339</sup> 11<sup>340</sup> 11<sup>341</sup> 11<sup>342</sup> 11<sup>343</sup> 11<sup>344</sup> 11<sup>345</sup> 11<sup>346</sup> 11<sup>347</sup> 11<sup>348</sup> 11<sup>349</sup> 11<sup>350</sup> 11<sup>351</sup> 11<sup>352</sup> 11<sup>353</sup> 11<sup>354</sup> 11<sup>355</sup> 11<sup>356</sup> 11<sup>357</sup> 11<sup>358</sup> 11<sup>359</sup> 11<sup>360</sup> 11<sup>361</sup> 11<sup>362</sup> 11<sup>363</sup> 11<sup>364</sup> 11<sup>365</sup> 11<sup>366</sup> 11<sup>367</sup> 11<sup>368</sup> 11<sup>369</sup> 11<sup>370</sup> 11<sup>371</sup> 11<sup>372</sup> 11<sup>373</sup> 11<sup>374</sup> 11<sup>375</sup> 11<sup>376</sup> 11<sup>377</sup> 11<sup>378</sup> 11<sup>379</sup> 11<sup>380</sup> 11<sup>381</sup> 11<sup>382</sup> 11<sup>383</sup> 11<sup>384</sup> 11<sup>385</sup> 11<sup>386</sup> 11<sup>387</sup> 11<sup>388</sup> 11<sup>389</sup> 11<sup>390</sup> 11<sup>391</sup> 11<sup>392</sup> 11<sup>393</sup> 11<sup>394</sup> 11<sup>395</sup> 11<sup>396</sup> 11<sup>397</sup> 11<sup>398</sup> 11<sup>399</sup> 11<sup>400</sup> 11<sup>401</sup> 11<sup>402</sup> 11<sup>403</sup> 11<sup>404</sup> 11<sup>405</sup> 11<sup>406</sup> 11<sup>407</sup> 11<sup>408</sup> 11<sup>409</sup> 11<sup>410</sup> 11<sup>411</sup> 11<sup>412</sup> 11<sup>413</sup> 11<sup>414</sup> 11<sup>415</sup> 11<sup>416</sup> 11<sup>417</sup> 11<sup>418</sup> 11<sup>419</sup> 11<sup>420</sup> 11<sup>421</sup> 11<sup>422</sup> 11<sup>423</sup> 11<sup>424</sup> 11<sup>425</sup> 11<sup>426</sup> 11<sup>427</sup> 11<sup>428</sup> 11<sup>429</sup> 11<sup>430</sup> 11<sup>431</sup> 11<sup>432</sup> 11<sup>433</sup> 11<sup>434</sup> 11<sup>435</sup> 11<sup>436</sup> 11<sup>437</sup> 11<sup>438</sup> 11<sup>439</sup> 11<sup>440</sup> 11<sup>441</sup> 11<sup>442</sup> 11<sup>443</sup> 11<sup>444</sup> 11<sup>445</sup> 11<sup>446</sup> 11<sup>447</sup> 11<sup>448</sup> 11<sup>449</sup> 11<sup>450</sup> 11<sup>451</sup> 11<sup>452</sup> 11<sup>453</sup> 11<sup>454</sup> 11<sup>455</sup> 11<sup>456</sup> 11<sup>457</sup> 11<sup>458</sup> 11<sup>459</sup> 11<sup>460</sup> 11<sup>461</sup> 11<sup>462</sup> 11<sup>463</sup> 11<sup>464</sup> 11<sup>465</sup> 11<sup>466</sup> 11<sup>467</sup> 11<sup>468</sup> 11<sup>469</sup> 11<sup>470</sup> 11<sup>471</sup> 11<sup>472</sup> 11<sup>473</sup> 11<sup>474</sup> 11<sup>475</sup> 11<sup>476</sup> 11<sup>477</sup> 11<sup>478</sup> 11<sup>479</sup> 11<sup>480</sup> 11<sup>481</sup> 11<sup>482</sup> 11<sup>483</sup> 11<sup>484</sup> 11<sup>485</sup> 11<sup>486</sup> 11<sup>487</sup> 11<sup>488</sup> 11<sup>489</sup> 11<sup>490</sup> 11<sup>491</sup> 11<sup>492</sup> 11<sup>493</sup> 11<sup>494</sup> 11<sup>495</sup> 11<sup>496</sup> 11<sup>497</sup> 11<sup>498</sup> 11<sup>499</sup> 11<sup>500</sup> 11<sup>501</sup> 11<sup>502</sup> 11<sup>503</sup> 11<sup>504</sup> 11<sup>505</sup> 11<sup>506</sup> 11<sup>507</sup> 11<sup>508</sup> 11<sup>509</sup> 11<sup>510</sup> 11<sup>511</sup> 11<sup>512</sup> 11<sup>513</sup> 11<sup>514</sup> 11<sup>515</sup> 11<sup>516</sup> 11<sup>517</sup> 11<sup>518</sup> 11<sup>519</sup> 11<sup>520</sup> 11<sup>521</sup> 11<sup>522</sup> 11<sup>523</sup> 11<sup>524</sup> 11<sup>525</sup> 11<sup>526</sup> 11<sup>527</sup> 11<sup>528</sup> 11<sup>529</sup> 11<sup>530</sup> 11<sup>531</sup> 11<sup>532</sup> 11<sup>533</sup> 11<sup>534</sup> 11<sup>535</sup> 11<sup>536</sup> 11<sup>537</sup> 11<sup>538</sup> 11<sup>539</sup> 11<sup>540</sup> 11<sup>541</sup> 11<sup>542</sup> 11<sup>543</sup> 11<sup>544</sup> 11<sup>545</sup> 11<sup>546</sup> 11<sup>547</sup> 11<sup>548</sup> 11<sup>549</sup> 11<sup>550</sup> 11<sup>551</sup> 11<sup>552</sup> 11<sup>553</sup> 11<sup>554</sup> 11<sup>555</sup> 11<sup>556</sup> 11<sup>557</sup> 11<sup>558</sup> 11<sup>559</sup> 11<sup>560</sup> 11<sup>561</sup> 11<sup>562</sup> 11<sup>563</sup> 11<sup>564</sup> 11<sup>565</sup> 11<sup>566</sup> 11<sup>567</sup> 11<sup>568</sup> 11<sup>569</sup> 11<sup>570</sup> 11<sup>571</sup> 11<sup>572</sup> 11<sup>573</sup> 11<sup>574</sup> 11<sup>575</sup> 11<sup>576</sup> 11<sup>577</sup> 11<sup>578</sup> 11<sup>579</sup> 11<sup>580</sup> 11<sup>581</sup> 11<sup>582</sup> 11<sup>583</sup> 11<sup>584</sup> 11<sup>585</sup> 11<sup>586</sup> 11<sup>587</sup> 11<sup>588</sup> 11<sup>589</sup> 11<sup>590</sup> 11<sup>591</sup> 11<sup>592</sup> 11<sup>593</sup> 11<sup>594</sup> 11<sup>595</sup> 11<sup>596</sup> 11<sup>597</sup> 11<sup>598</sup> 11<sup>599</sup> 11<sup>600</sup> 11<sup>601</sup> 11<sup>602</sup> 11<sup>603</sup> 11<sup>604</sup> 11<sup>605</sup> 11<sup>606</sup> 11<sup>607</sup> 11<sup>608</sup> 11<sup>609</sup> 11<sup>610</sup> 11<sup>611</sup> 11<sup>612</sup> 11<sup>613</sup> 11<sup>614</sup> 11<sup>615</sup> 11<sup>616</sup> 11<sup>617</sup> 11<sup>618</sup> 11<sup>619</sup> 11<sup>620</sup> 11<sup>621</sup> 11<sup>622</sup> 11<sup>623</sup> 11<sup>624</sup> 11<sup>625</sup> 11<sup>626</sup> 11<sup>627</sup> 11<sup>628</sup> 11<sup>629</sup> 11<sup>630</sup> 11<sup>631</sup> 11<sup>632</sup> 11<sup>633</sup> 11<sup>634</sup> 11<sup>635</sup> 11<sup>636</sup> 11<sup>637</sup> 11<sup>638</sup> 11<sup>639</sup> 11<sup>640</sup> 11<sup>641</sup> 11<sup>642</sup> 11<sup>643</sup> 11<sup>644</sup> 11<sup>645</sup> 11<sup>646</sup> 11<sup>647</sup> 11<sup>648</sup> 11<sup>649</sup> 11<sup>650</sup> 11<sup>651</sup> 11<sup>652</sup> 11<sup>653</sup> 11<sup>654</sup> 11<sup>655</sup> 11<sup>656</sup> 11<sup>657</sup> 11<sup>658</sup> 11<sup>659</sup> 11<sup>660</sup> 11<sup>661</sup> 11<sup>662</sup> 11<sup>663</sup> 11<sup>664</sup> 11<sup>665</sup> 11<sup>666</sup> 11<sup>667</sup> 11<sup>668</sup> 11<sup>669</sup> 11<sup>670</sup> 11<sup>671</sup> 11<sup>672</sup> 11<sup>673</sup> 11<sup>674</sup> 11<sup>675</sup> 11<sup>676</sup> 11<sup>677</sup> 11<sup>678</sup> 11<sup>679</sup> 11<sup>680</sup> 11<sup>681</sup> 11<sup>682</sup> 11<sup>683</sup> 11<sup>684</sup> 11<sup>685</sup> 11<sup>686</sup> 11<sup>687</sup> 11<sup>688</sup> 11<sup>689</sup> 11<sup>690</sup> 11<sup>691</sup> 11<sup>692</sup> 11<sup>693</sup> 11<sup>694</sup> 11<sup>695</sup> 11<sup>696</sup> 11<sup>697</sup> 11<sup>698</sup> 11<sup>699</sup> 11<sup>700</sup> 11<sup>701</sup> 11<sup>702</sup> 11<sup>703</sup> 11<sup>704</sup> 11<sup>705</sup> 11<sup>706</sup> 11<sup>707</sup> 11<sup>708</sup> 11<sup>709</sup> 11<sup>710</sup> 11<sup>711</sup> 11<sup>712</sup> 11<sup>713</sup> 11<sup>714</sup> 11<sup>715</sup> 11<sup>716</sup> 11<sup>717</sup> 11<sup>718</sup> 11<sup>719</sup> 11<sup>720</sup> 11<sup>721</sup> 11<sup>722</sup> 11<sup>723</sup> 11<sup>724</sup> 11<sup>725</sup> 11<sup>726</sup> 11<sup>727</sup> 11<sup>728</sup> 11<sup>729</sup> 11<sup>730</sup> 11<sup>731</sup> 11<sup>732</sup> 11<sup>733</sup> 11<sup>734</sup> 11<sup>735</sup> 11<sup>736</sup> 11<sup>737</sup> 11<sup>738</sup> 11<sup>739</sup> 11<sup>740</sup> 11<sup>741</sup> 11<sup>742</sup> 11<sup>743</sup> 11<sup>744</sup> 11<sup>745</sup> 11<sup>746</sup> 11<sup>747</sup> 11<sup>748</sup> 11<sup>749</sup> 11<sup>750</sup> 11<sup>751</sup> 11<sup>752</sup> 11<sup>753</sup> 11<sup>754</sup> 11<sup>755</sup> 11<sup>756</sup> 11<sup>757</sup> 11<sup>758</sup> 11<sup>759</sup> 11<sup>760</sup> 11<sup>761</sup> 11<sup>762</sup> 11<sup>763</sup> 11<sup>764</sup> 11<sup>765</sup> 11<sup>766</sup> 11<sup>767</sup> 11<sup>768</sup> 11<sup>769</sup> 11<sup>770</sup> 11<sup>771</sup> 11<sup>772</sup> 11<sup>773</sup> 11<sup>774</sup> 11<sup>775</sup> 11<sup>776</sup> 11<sup>777</sup> 11<sup>778</sup> 11<sup>779</sup> 11<sup>780</sup> 11<sup>781</sup> 11<sup>782</sup> 11<sup>783</sup> 11<sup>784</sup> 11<sup>785</sup> 11<sup>786</sup> 11<sup>787</sup> 11<sup>788</sup> 11<sup>789</sup> 11<sup>790</sup> 11<sup>791</sup> 11<sup>792</sup> 11<sup>793</sup> 11<sup>794</sup> 11<sup>795</sup> 11<sup>796</sup> 11<sup>797</sup> 11<sup>798</sup> 11<sup>799</sup> 11<sup>800</sup> 11<sup>801</sup> 11<sup>802</sup> 11<sup>803</sup> 11<sup>804</sup> 11<sup>805</sup> 11<sup>806</sup> 11<sup>807</sup> 11<sup>808</sup> 11<sup>809</sup> 11<sup>810</sup> 11<sup>811</sup> 11<sup>812</sup> 11<sup>813</sup> 11<sup>814</sup> 11<sup>815</sup> 11<sup>816</sup> 11<sup>817</sup> 11<sup>818</sup> 11<sup>819</sup> 11<sup>820</sup> 11<sup>821</sup> 11<sup>822</sup> 11<sup>823</sup> 11<sup>824</sup> 11<sup>825</sup> 11<sup>826</sup> 11<sup>827</sup> 11<sup>828</sup> 11<sup>829</sup> 11<sup>830</sup> 11<sup>831</sup> 11<sup>832</sup> 11<sup>833</sup> 11<sup>834</sup> 11<sup>835</sup> 11<sup>836</sup> 11<sup>837</sup> 11<sup>838</sup> 11<sup>839</sup> 11<sup>840</sup> 11<sup>841</sup> 11<sup>842</sup> 11<sup>843</sup> 11<sup>844</sup> 11<sup>845</sup> 11<sup>846</sup> 11<sup>847</sup> 11<sup>848</sup> 11<sup>849</sup> 11<sup>850</sup> 11<sup>851</sup> 11<sup>852</sup> 11<sup>853</sup> 11<sup>854</sup> 11<sup>855</sup> 11<sup>856</sup> 11<sup>857</sup> 11<sup>858</sup> 11<sup>859</sup> 11<sup>860</sup> 11

3:22,24).

5:2: Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, se amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos.

Racionalmente nos é dada tal «certeza»; mas ela também nos é transmitida intuitiva e misticamente, para que nosso amor seja genuíno. A base é o amor a Deus, expresso na prática de seus mandamentos. Isso aponta para a «santidade» (através da observância de todos os preceitos morais de Deus); mas também aponta para a prática do primeiro e do segundo maiores mandamentos, as leis do amor; pois toda a lei pode ser sumariada no amor. O amor é o sumário da retidão. Este versículo é muito similar ao trecho de João 14:21: «Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama...». Também se deve considerar os trechos de João 14:23: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra...»; João 14:24: «Quem não me ama, não guarda as minhas palavras...»; João 15:10: «Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor...»; João 15:12: «O meu mandamento é este, que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei»; e João 15:17: «Isto vos mando, que vos ameis uns aos outros».

«...amamos a Deus...» O amor (em seu aspecto contemplativo) pode ser distinguido da observância dos mandamentos; mas este versículo parece ensinar que o amor (em seu aspecto prático) é expresso ou é equivalente à observância dos mandamentos, tão aliadas andam essas duas verdades. Assim sucede porque o amor é o sumário da lei (ver Rom. 13:8-10), porquanto aquele que ama não pratica o mal ao próximo. Ao observarmos os mandamentos, servimos tanto a Deus como aos homens; e esse serviço é prestado no espírito do altruísmo. Amamos a Deus servindo aos homens (ver Mat. 25:35 e ss.). O amor, portanto, é aqui visto em seu lado «prático», e não em seu aspecto contemplativo. Contudo, o amor prático (na forma de serviço ao próximo) condicionará de tal modo a alma que esta será capaz de fazer a ascensão mística, a fim de contemplar e amar diretamente a Deus.

«...praticamos...»

**Variação Textual:** Neste ponto é usado o termo grego «poco», ao invés do usual «terco», ou seja, «praticar», em lugar de «observar». Os mss B, P, 33, 81, 814, 1739, o It(r), a Vg, o S(p), h, o C(p), a, b, o, o A, o E, dizem «poco», que é termo grego usado somente também em Apo. 22:14. Nos mss Aleph, KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos, essa palavra é substituída por «terco», em harmonia desta passagem com o terceiro versículo deste capítulo e com os trechos de I João 2:3-5 e 3:22,24.

O amor exige a prática da lei: Neste ponto, a «lei», os «mandamentos», pode significar somente a «lei mosaica», preleção de exigências morais. Mas o autor sagrado entende isso segundo a lei burilada por Cristo, misticamente mediado através do novo nascimento. João não falava em favor do legalismo, que consiste da observância de preceitos, com vistas à aprovação divina, como merecimento humano. Antes, nem podemos começar a «praticar» os mandamentos a menos que tenhamos começado a participar da natureza divina, mediante o novo nascimento. Apesar de estar usando uma terminologia diferente, o autor sagrado expressa a mesma idéia

3 αὕτη γὰρ ἐστὶν ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ, ἵνα τὰς ἐντολαὶ αὐτοῦ τηρῶμεν.<sup>a</sup> καὶ αἱ ἐντολαὶ αὐτοῦ βαρεῖαι οὐκ εἰσὶν,<sup>a</sup>

<sup>a</sup> 3-4 a maior, a minor, a maior: B<sup>1</sup> N<sup>1</sup> B<sup>2</sup> Luth Jer Reg // a minor, a minor, a maior: WH TT // a maior, a maior.

a menor: RSV // a minor, a maior, a menor: AV RV ASV 20e // a maior, a minor, a maior: TR

3 (αἱ, αἱ, ] . & R)

5:3: Porque esta é o amor da Deus, que guardamos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são penosos;

Este versículo deixa explícito o intuito do segundo versículo: «O amor a Deus é a observância de seus mandamentos». Essas duas coisas perfazem uma mesma coisa. Esse é o «amor prático», em contraste ao «amor contemplativo». Mas o amor contemplativo é impossível sem o amor prático. O amor prático opera como veículo do outro, porquanto condiciona a alma através da santidade e do amor (resultante da observância da lei), para que a alma ascenda até Deus, em contemplação mística, para que assim possa amá-lo diretamente. Essa ascensão é impossível sem aquele condicionamento.

«...guardamos...» Aqui temos o termo grego «terco», «guardar», em lugar de «poco», «praticar». Mas os dois verbos indicam a mesma coisa — a observância ou prática dos preceitos morais da lei — especialmente a provisão da lei concernente ao amor, que epitomiza a lei.

«...seus mandamentos não são penosos...» A alma geme sob a carga imposta pela lei. O trecho de Atos 15:10 declara: «Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós?» Poder-se-ia argumentar que Pedro se referia aqui somente às intermináveis exigências «cerimoniais»; mas isso dificilmente concorda com o contexto. Notemos, no sétimo capítulo da epístola aos Romanos, como Paulo luta contra a carga tremenda, representada pela lei mosaica. Como é que o autor sagrado, pois, pode dizer que os mandamentos do Senhor não são «penosos»? Evidentemente ele falava de um profundo ponto de vista espiritual — os mandamentos deixam de ser-nos pesados se levarmos em conta a outorga de uma condição espiritual verdadeira da alma, mediante a experiência mística da presença do Espírito; supondo-se que o Espírito Santo operou bem sua operação santificadora; supondo-se que a imagem moral de Cristo está sendo eficazmente formada em nós. Sim, dadas essas condições, os mandamentos tornam-se a expressão natural do crente, tal como sucedia na vida de Jesus Cristo. Podemos crer que Cristo não achava difícil ser santo e amar. E nem tais atitudes serão pesadas para aqueles que se acham nos estágios avançados da transformação segundo a imagem de Cristo. Uma vez mais, pois, temos um mero conflito de expressões, e não um conflito de idéias básicas. Paulo fazia a lei tornar-se uma carga esmagadora quando era considerada como mero padrão de direito, sem o concurso de qualquer poder externo, que nos permita observá-la; de fato, quando ela é uma

exposta por Paulo, o qual alude à «lei do Espírito» (ver Rom. 8:2), o que nos dá vidas triunfantes como crentes. A lei de Moisés, misticamente mediada até os homens, através do poder residente do Espírito Santo, equivale à «lei do Espírito». Seja como for, a «observância da lei», a fim de obter méritos, não está aqui em pauta. Mas fica demonstrado que o evangelho envolve suas exigências morais, as quais devem cumprir-se mediante uma autêntica santificação. Não pode haver salvação sem santificação, conforme se aprende em Rom. 6:22 e 11 Tes. 2:13. O evangelho dos gnósticos não envolvia o imperativo moral, e chegava até mesmo a encorajar a licenciosidade. Por conseguinte, aquela mensagem era falsa. No presente versículo, o amor a Deus equivale à prática dos mandamentos; e o amor aos irmãos e o aspecto mais destacado da lei moral. Assim igualmente ensinava o Senhor Jesus (ver Mat. 22:36 e ss.).

Paulo não encarava a lei de Moisés como força capaz de justificar ou de santificar; portanto, ele nunca expressaria a verdade inerente a este versículo do modo como o mesmo a expressa. Paulo falava antes da lei íntima, escrita em tábuas de carne do coração, operação do Espírito Santo no íntimo, ou seja, a «lei do Espírito». Essa é a lei que «santifica». E, se não estivermos sendo santificados, então será óbvio que essa lei não se mostra operante em nós, e que também não temos nascido de Deus. Por conseguinte, o autor sagrado não via a lei de Moisés como um poder santificador, exceto quando a mesma é burilada por Cristo e é misticamente mediada; mas essa lei (que se reflete na moralidade divina), que é mediada pelo Espírito Santo, torna-se a «lei do Espírito». Um único conceito espiritual é expresso por Paulo e por João, embora apresentem-no de maneiras diferentes.

«...os filhos...» No grego é «ta tekna», aqueles «nascidos de Deus» por geração natural, conforme essa palavra significa, e não «por adoção», ainda que, algumas vezes, essa seja a idéia, referente à nossa filiação (ver Rom. 8:15). Aqueles que nascem de Deus são irmãos; são objetos de nosso amor, se porventura pertencemos à família divina.

«O amor de Deus e o amor dos irmãos, na realidade, se incluem um ao outro» (Westcott, *in loc.*). «Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor requer de ti? Não é que temas o Senhor teu Deus, antes em todos os seus caminhos, e o ames...?» (Deut. 10:12).

Aquele que ama a Deus, deve amar a seus filhos, igualmente; e, vice-versa, aquele que ama aos filhos de Deus também ama, automaticamente, a Deus. Esses dois princípios são inseparáveis. O trecho de I João 4:5:20 apresenta o amor aos irmãos como uma condição necessária para que haja amor a Deus. Ninguém pode amar a Deus independentemente do amor ao próximo. Não passa de um «mentiroso» aquele que diz o contrário. Trata-se de uma impossibilidade espiritual.

O amor é a «base» dos mandamentos; a lei santa e o amor não podem separar-se. O intuito da lei é levar-nos a servir ao homem e a Deus, servindo a Deus através do homem.

3 αὕτη...τηρῶμεν Ju 14,16, 23, 24; 2 Ju 6 αἱ...ἐντολαὶ 1 Jo 30,11; Mt 11,30

ameaça, e não uma ajudadora, então se trata de uma carga indescritivelmente pesada. Mas a lei do Espírito não era vista por Paulo como algo pesado, porquanto é o próprio poder transformador, capacitando-nos a praticar a santidade e o amor, de modo espontâneo e alegre. Uma vez mais, por conseguinte, o autor sagrado fala sobre o princípio íntimo da santificação, em que a moralidade divina vai sendo em nós insuflada, referindo-se a isso como «mandamentos» ou como «lei», ao passo que Paulo chamava a mesma coisa de «lei do Espírito».

Assim, pois, expressam uma verdade aquelas palavras de Cristo: «...se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus» (Mat. 5:20). Esses impunham «cargas pesadas» aos homens, impossíveis de suportar (ver Mat. 23:4). Mas o «jugo» de Cristo é fácil e o seu «fardo» é leve (ver Mat. 11:30). Isso se deve ao fato que quanto maior é a carga que ele nos impõe, maior é a força que ele nos dá. O que é carga impossível para uma criança espiritual e moral carregar, é extremamente fácil para um super-homem espiritual e moral. O propósito de Deus é tornar-nos super-homens espirituais. Então, todas as cargas, anteriormente pesadas, tornar-se-ão leves. Aquele que é «nascido de Deus» vence o mundo. Os demais acharão ser impossível a observância da lei. A lei burilada por Cristo é a «lei da liberdade» (ver João 1:25), e não uma lei escravizadora, porque livra o homem de seu estado de humilhação, tornando-o um ser espiritualizado.

«Dado que o crente compartilha da natureza divina, é dotado do poder de Deus para obedecer aos mandamentos de Deus. A experiência cristã corrobora essa verdade. Santo verdadeiro é aquele que, por natureza, acha mais difícil desobedecer do que obedecer a Deus; vive de tal modo imerso na natureza divina que o cumprimento dos mandamentos de Deus lhe é algo tão natural como antes lhe era natural desobedecê-los. O cristianismo afirma que a verdade mais profunda acerca da natureza humana é que o homem foi feito para obedecer aos mandamentos de Deus, e que sua paz e felicidade dependem de submeter-se exclusivamente a Deus». (Hoon, *in loc.*).

**Consideremos o jugo.** Quando alguém entrava na escola de algum rabino judeu, isso era chamado de «tomar o jugo» daquele mestre. O tomar o jugo envolvia estar sob sua «disciplina» e «ensino». Nenhum jugo é tomado sem a idéia de «sacrifício» dos antigos caminhos, da vida antiga, dos antigos interesses. Mas isso é algo feito livre e alegremente, porque participamos de uma «nova vida», o que merece que façamos tal sacrifício. Mas, à medida



em que a nova vida se vai desenvolvendo, suas supostas «cargas» se tornam motivo de alegria, pois são a substância da transformação que vai sendo efetuada. Os que pensam que as cargas de Cristo são pesadas são aqueles que, a exemplo da esposa de Ló, continuam olhando para trás, contemplando cobiçosamente a cidade ímpia de Sodoma. O discipulado cristão subentende «disciplina», subentende que *temos abandonado* ao antigo caminho, que nos estamos desenvolvendo em um novo caminho. Os verdadeiros discípulos não pensam ser pesada a carga de Cristo, mas os falsos discípulos ficam esmagados debaixo de seu fardo.

«...*penosos*...» A idéia é de: 1. Algo vexante para o próprio ser. 2. Algo que supostamente limita a liberdade da alma; 3. algo difícil de cumprir; 4. algo opressivo. Mas esses são apenas pontos de vista de crentes infantis, carnisais. 5. Na realidade, o fardo de Cristo não é «pesado» porque a vitória nos é prometida. Podemos vencer, porquanto poder e recursos suficientes nos foram dados. Assim é que o quarto versículo diz-nos por que esses mandamentos não são penosos. Não nos esmagam e derrotam, porquanto não exigem demais de nós. Antes, lançam-nos no caminho da vitória, contanto que permitamos que o Espírito Santo nos ajude a obter essa vitória.

«Aquele antigo provérbio explica o significado das palavras do apóstolo: 'O amor não sente as cargas'. O amor de Deus nos traz forças da parte de Deus; mediante seu amor e sua força, todos os seus mandamentos tornam-se não somente fáceis e leves, mas também agradáveis e deleitosos». (Adam Clarke, *in loc.*).

O amor enobrece e transforma a tudo; pode transformar em leite a uma carga anterior.

4 ὅτι πᾶν τὸ γεγεννημένον ἐκ τοῦ θεοῦ νικᾷ τὸν κόσμον.<sup>a</sup> καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ νίκη ἡ νικήσασα τὸν κόσμον, ἡ πίστις ἡμῶν.<sup>b</sup>

<sup>a</sup> 4 b maior: TR Bov Net BP<sup>1</sup> AV RV ASV REV TT Zêr Luth Jer Seg <sup>1</sup> b menor: WH NEB

5:4; porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo, e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.

(Ver notas expositivas completas sobre o «novo nascimento», em João 3:3-5). Nesta primeira epístola de João, isso envolve as seguintes verdades: 1. A prática da «retidão»; porquanto a retidão de nós requerida é a retidão do próprio Deus Pai, e não mera imitação humana (ver Rom. 3:21), é somente através da transmissão da natureza divina que isso pode cumprir-se na vida do crente (ver I João 2:29). 2. Portanto, nenhum daqueles que nasceu de Deus é «praticante» do pecado; a vitória moral é consequência necessária desse nascimento (ver I João 3:9). 3. O amor e a capacidade de exprimi-lo, vem desse nascimento (ver I João 4:7). 4. A capacidade de possuir fé autêntica em Cristo (a outorga da própria alma a seus cuidados), também se deriva de tal nascimento (ver I João 5:1). 5. A capacidade de vencer a este mundo hostil, e às suas muitas tentações, resistindo o crente a seus cercos, vem do fato que ele nasceu do alto (ver I João 5:4). Naturalmente, a experiência do novo nascimento, neste nível terreno, é apenas o passo inicial daquele verdadeiro novo nascimento, que nos conferirá plenamente a própria natureza de Cristo (ver I João 3:2). O décimo oitavo versículo deste mesmo capítulo reitera a declaração de I João 3:9. Todo aquele que «nasceu de Deus», não é «praticante do pecado». Se porventura não houver vitória, então é que não houve novo nascimento. O evangelho é enfático quanto a esse particular.

«*Nascimento e vitória*. O apóstolo João vincula aqui o nascimento cristão à vitória. Ele diz-nos que o fim natural e destinado na vida sobrenatural é a conquista... A batalha é uma batalha de soldados. A vitória ideal abstrata se concretiza na vida de luta, de cada um, que é uma vida de fé permanente. Os triunfos não são apenas de uma escola ou de um partido. A questão envolve um desafio triunfal que percorre as fileiras inteiras: 'Quem é o perene conquistador do mundo, senão o perene crente que Jesus é o Filho de Deus?'

.....  
O texto promete-nos duas formas de vitória.

1. É prometida a vitória à Igreja universal. 'Todo aquele que é nascido de Deus vence o mundo!' A conquista se encontra na fé e quase se identifica com ela.

2. A segunda vitória prometida é individual, para cada um de nós. Não somente onde catedrais espiraladas elevam bem alto a cruz triunfal; ou em campos de batalha que têm acrescentado reinos à cristandade; mediante a fogueira dos mártires, ou na arena do Coliseu essas palavras se têm mostrado verazes. A vitória desce até nós. Nos hospitais, nas lojas, nos tribunais, nos quartos de enfermagem, elas se cumprem em nosso favor. Vemos sua verdade na paciência, na doçura, na resignação das criancinhas, de homens idosos, de mulheres fracas... Algumas vezes somos tentados a clamar—esse é o exército de Cristo? são esses os seus soldados, que podem ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa?... contudo, 'somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou'. Essa arrogância da vitória... é ao mesmo tempo tão esplêndida e tão santa». (Alexander, *in loc.*).

«...*vence o mundo*...» Neste caso, não está em foco a humanidade, e nem mesmo o mundo físico, e, sim, o sistema cósmico inteiro, em sua hostilidade contra o Senhor, que tem varrido a terra e a maioria de seus habitantes, tragando-os. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em I João 2:15). Satanás é o cabeça desse sistema hostil, que se conserva em rebelião contra Deus (ver I João 3:8,10), sendo ele mesmo o progenitor dos rebeldes. Satanás propaga o ódio e a contenda, ao invés de espalhar o amor e a harmonia.

«...*vence*...» De que maneira?

1. Mediante a vitória sobre as práticas pecaminosas; libertando-nos do poder do pecado.

2. Mediante a participação na «vitória cósmica», o triunfo do direito moral sobre o erro.

«Deus nada nos ordenou por causa do próprio mandamento, mas antes, em tudo visa nosso proveito e maior felicidade. Se porventura fôssemos perfeitos, nem pensaríamos que esses mandamentos são preceitos, porque seriam nossos impulsos naturais. Quanto mais sinceramente servimos a Deus, maior será o aprazimento que derivaremos deles. Somente aqueles cujas inclinações são distorcidas, perversas e corrompidas pelo pecado é que podem pensar que as leis de Deus são enfadonhas». (Sinclair, *in loc.*).

«Os mandamentos de Deus, como exigências impostas aos homens, criados segundo a sua imagem, não podem ser difíceis para o homem; mas, se porventura o são, então a razão é que o homem deixou sua relação original para com Deus». (Hunter, *in loc.*).

«Na proporção exata em que a fé se vai fortalecendo, o peso dos mandamentos de Deus, para a carne rebelde, vai sendo 'vencido'. (Faucett, *in loc.*).

Todo aquele que nasce de Deus «vence» ao mundo (ver o versículo próximo). Assim sendo, os mandamentos são observados como resultado natural da participação na natureza de Deus. O conflito é combatido quando permitimos que o Espírito de Deus nos espiritualize, formando em nós a imagem de Cristo. Dessa maneira, cada passo dado de volta a Deus é dado em meio a agonia, até que seu Espírito vem habitar definitiva e profundamente em nós.

«...quando recebem o amor de Deus, neles derramado, quando a presença de Deus se encontra neles, quando recebem comunhão com Jesus Cristo, e quando há o suprimento da graça e das forças que vêm da parte dele, então seus caminhos se tornam agradáveis, quais veredas pacíficas, quais tabernáculos do Senhor, amáveis e amigáveis» (John Gill, *in loc.*).

3. Mediante o recebimento da santidade positiva, que nos dá a natureza moral de Deus, não consistindo isso da mera «ausência» de pecados graves na vida (ver Gál. 5:22,23).

4. Finalmente, mediante a obtenção da própria santidade de Deus, as perfeições divinas (ver Mat. 5:48), através da total transformação espiritual segundo a imagem e a natureza de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18). A própria eternidade será a fruição da vitória; e seu alvo é a nossa participação na plenitude de Deus (ver Efê. 3:19 e as notas expositivas ali existentes).

«...esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé...» A fé consiste na outorga da própria alma aos cuidados de Cristo. Desse modo, o Espírito Santo vem assumir o controle de nosso ser, fazendo do mundo eterno o alvo de nosso anelo e de nossa inquirição (ver Heb. 11:1 e, na realidade, esse capítulo inteiro, onde se vê que os remidos aspiram por uma cidade e por uma pátria criadas por Deus, uma habitação celeste, em razão do que são estrangeiros e peregrinos neste mundo). O mundo eterno deve tornar-se o alvo e o padrão de toda a existência.

O grande e único objeto da fé é Cristo: Nesta primeira epístola de João temos em loco o «Espírito-Cristo», o Verbo, que realmente se encarnou, fazendo-se homem, na pessoa de Jesus de Nazaré. O autor sagrado combate aqui o «docetismo» dos mestres gnósticos (ver I João 4:2,3 e suas notas expositivas, a esse respeito). Devemos ter uma correta opinião sobre o grande objeto de nossa fé. Não obstante, a opinião correta não é suficiente, pois também devemos entregar-lhe a própria alma. Já que a fé, nas páginas do N.T., jamais é reduzida à mera aceitação de um credo. Pelo contrário, é a aceitação da alma, para que ela passe a orbitar em um mundo inteiramente novo, onde habita o Senhor. Seu intuito é dar-nos a própria natureza do Senhor. Aquele que tem essa forma de fé derrotará a este mundo hostil, externa e internamente.

«Vitória. Uma metonímia para meios de vitória: Assim, 'nossa fé' é usada no sentido tanto de crença como de discernimento, como a dotação paralela da 'vida', que é o meio pelo qual 'temos vencido', ou pelo qual 'vencemos definitivamente' ao mundo. (O verbo 'vencer' está no tempo aoristo). A vitória obtida sobre os cismáticos (ver I João 4:4) faz parte do que está aqui em pauta». (Wilder, *in loc.*).

A vitória: No dizer de Hoon (*in loc.*), envolve os seguintes pensamentos: «...a alegria sobre a infelicidade (ver I João 1:4); a comunhão sobre a solidão (ver I João 2:19; 3:13 e 4:5); a honestidade sobre o orgulho moral e a auto-ilusão (ver I João 1:6-10); a retidão e a santidade sobre o pecado (ver I João 2:1,2,12,13; 3:8-10 e 5:18); a pureza sobre as concupiscências mundanas (ver I João 2:15-17); a verdade sobre o erro (ver I João 2:20-27; 4:1-16 e 5:20); a confiança sobre o temor, a dúvida e o desencorajamento (ver I João 2:20-27; 4:1-16 e 5:20); a confiança sobre o ódio (ver I João 2:10; 3:14-18 e 4:7-21); a vida eterna sobre o tempo e a morte (ver I João 1:2; 2:17,25; 3:14; 4:9,16,17 e 5:11-13,20). O ataque que o mundo desfecha contra o homem assume muitas formas, vindo de dentro e de fora; vindo de inclinações más e paixões primárias do íntimo, o que, se não for dominado pelo poder divino, alinhará o indivíduo com o mal demoníaco, produzindo sua destruição; ou vindo do lado de fora, em formas tais como a hostilidade (ver I João 3:13), a tentação (ver I João 2:15 e 5:21), a perseguição e o martírio (ver I João 3:16). Mas o campo de batalha sobre o qual o crente vence o mundo não é tanto o pensamento teológico, e, sim, a esfera de sua vida diária. O conceito metafísico de João acerca do mundo não deve obscurecer o fato que é no campo de batalha das circunstâncias ordinárias que a fé cristã ganha ou perde, onde a coroa do caráter cristão é obtida ou é perdida».

«...*vence o mundo*...» Notemos aqui, no original grego, o uso do aoristo. Isso nos leva a considerar os pontos seguintes:

1. A vitória nos tem sido garantida em Cristo, porquanto sua vida e morte resolveram de modo eficaz a questão do pecado, bem como o mal cósmico também (ver Col. 2:15 e ss.).

2. Mediante a associação com Cristo, através do novo nascimento, por meio da fé, participamos dessa vitória. (Ver Col. 3:1-3).

3. Quando da conversão, o exercício original da fé, essa vitória nos foi conferida em seus estágios iniciais, e, potencialmente, em sua plenitude final.

4. A fé, que opera pela santificação, dá-nos a fruição da vitória, porquanto isso amplia nossa vitória até à glorificação, que se dará nos lugares celestiais (ver II Tes. 2:13).

«Ao nos tornarmos como Cristo é (ver I João 3:17), tornamo-nos participantes de sua vitória (ver João 16:33). «...maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo» (I João 4:4). (Vincent, *in loc.*)»

ὅτι τίς [δέ] ἐστὶν ὁ νικῶν τὸν κόσμον εἰ μὴ ὁ πιστεύων ὅτι Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ;

Rm 8:37; 1 Jo 4:4

5 ἐστὶν 1<sup>o</sup> AL al vg [5

ἐστὶν δε B p r bo: δε ἐστ. RKP 614 al; R

5:5; Quem é o que vence a mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?

Este versículo sumaria a presente secção:

1. Há certa vitória a ser obtida sobre o mundo e todas as suas várias espécies de hostilidades, derrotas ameaçadoras e tentações. Isso reitera o versículo anterior, onde tais idéias são amplamente comentadas.

2. Mas essa vitória nos é dada mediante a fé (ver o quarto versículo, novamente).

3. Essa fé se reveste de uma qualidade particular, a fé em Cristo, encarnado em Jesus (contrário ao «docetismo», o que reitera as idéias do primeiro versículo deste capítulo).

4. Mas essa fé não consiste da mera aceitação da genuinidade da encarnação, e, sim, de uma autêntica entrega da própria alma a Cristo, como Senhor (ver o versículo anterior). Isso é evidenciado pela vida revolucionada da santidade e do amor (ver os versículos segundo e terceiro), com base na participação na natureza divina (ver os versículos primeiro e quarto deste capítulo).

«...Quem é...» Somente o indivíduo em quem essas estipulações são uma realidade é que obtém a vitória autêntica, pois esse é, verdadeiramente, «nascido de Deus».

Este versículo também faz essa proposição tornar-se pessoal e individual—fala-se aqui sobre a vitória da Igreja, mas também a do crente individual. Este versículo age como transição para a idéia da secção seguinte, isto é, a «natureza da confissão», que reconhece Cristo naquilo que ele é, naquilo que ele tem feito na redenção humana.

«...crê...» A fé, confessional e credal está em foco; mas também é focalizado aqui muito mais do que isso—está em pauta a outorga da própria alma a Jesus como o Senhor (ver Heb. 11:1 e as notas expositivas ali existentes).

«...Jesus...», isto é, o homem Jesus de Nazaré também é o «Filho de Deus», a saber, o Deus Filho encarnado em forma e natureza humana. Precisamos crer na «identificação» da natureza divina e da natureza humana em uma única pessoa. Essa é a confissão que assevera a veracidade das duas naturezas em uma única pessoa, possibilitada através de uma genuína encarnação. Essa questão é amplamente comentada na introdução ao primeiro versículo, nas notas expositivas sobre o próprio primeiro versículo, e também em I João 4:2,3. «Jesus» é nome que também significa «Salvador». Há apenas um Salvador, e não uma série de «aeons» ou mediadores angelicais, os quais seriam todos pequenos deuses e salvadores. O trecho de Col. 1:15-20 ilustra as doze superioridades de Cristo, mostrando que ele é Deus, que ele é humano, que ele é o criador, o revelador de Deus, o sustentador de tudo, o Alfa e o Ômega da existência dos seres inteligentes, humanos ou angelicais. O mundo é «Cristo-cêntrico» para o cristianismo, tal como quase todas as religiões são «Deus-cêntricas». Tudo quanto Deus é e faz em nosso favor é mediado por meio de Cristo. O autor sagrado queria que os seus leitores fizessem essa forma de confissão, mediante suas palavras e sua vida diária—a outorga da própria alma aos cuidados de Cristo.

«...o Filho de Deus...» Essa expressão é aqui usada a fim de indicar a divindade de Cristo, embora nem sempre essa expressão seja usada assim nas Escrituras. Contudo, ordinariamente, quando é aplicada a Cristo, nas

VII. Cristo veio por água e sangue; Testemunho do Espírito (5:6-12).

O autor sagrado apressa-se a voltar à sua polémica e declara agora o valor da morte de Cristo como expiação. Os gnósticos não criam que o Espírito-Cristo pudesse encarnar-se, porquanto consideravam a matéria como o próprio princípio do pecado, e o corpo humano participaria desse princípio. Se algum «aen» ou o Cristo (o qual seria apenas um dentre muitos «aeons») se encarnasse na «matéria», ficaria contaminado. Além disso, parece que não criam na possibilidade metafísica da «encarnação». Pensavam, portanto, que o Espírito Cristo meramente viera apossar-se do corpo do homem Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, tendo-o abandonado quando de sua crucificação. Nunca teria havido uma pessoa que era, ao mesmo tempo, divina e humana.

Essa rejeição à encarnação levava os gnósticos a pensarem que a autoridade de Cristo residia somente em seu batismo. Diziam eles: «Cristo veio pela água». Porém, não acreditavam que um «aen» (como seria Cristo) pudesse morrer. Assim sendo, somente o homem Jesus teria morrido. Sua morte teria sido, quando muito, a morte de um mártir, que morrera por uma causa boa — não poderia ter qualquer valor como expiação, como se o próprio Cristo não pudesse sofrer ou morrer. Isso significa, além disso, que Cristo não viera «pelo sangue», pois sua missão não poderia ter incluído a morte. Portanto, não haveria qualquer valor expiatório na missão de Cristo. A secção à nossa frente ataca essa suposição errônea. O autor sagrado já havia demonstrado que Cristo realmente se encarnara, pelo que fora possível a «morte de Cristo». Agora, o autor sagrado haverá de mostrar que assim, realmente, sucedera, e que a morte de Cristo fora o motivo da expiação, ficando assim incorporada essa questão em sua missão e autoridade. Cristo viera «pelo sangue», e não somente pela água.

A verdadeira confissão, por conseguinte, reconhece sua encarnação; e a sua morte expiatória também está em foco, e não meramente a autoridade do batismo de Jesus Cristo. O gnósticos reconheciam somente a autoridade de seu batismo, quando o «aen» descera supostamente sobre o homem Jesus. Nisso, pois, os gnósticos haviam reduzido consideravelmente a compreensão da missão de Cristo. O Espírito Santo, entretanto, dá testemunho acerca da encarnação e da expiação de Cristo, porquanto o Espírito Santo é da verdade e propaga a verdade. Sobre a terra há três testemunhos: o do Espírito (que é o mediador da missão de Cristo em favor dos homens); a água (o batismo — o seu e o nosso, ao identificar-se conosco); e o sangue, que é a expiação de

«Esta passagem é notável: pois embora Satanás continuamente lance seus temíveis e terríveis assédios, contudo, o Espírito de Deus, declarando que estamos além do alcance do perigo, remove o perigo, e anima-nos a combater com coragem». (Calvino, *in loc.*)»

«O argumento, pois, consiste do seguinte: os mandamentos de Deus não são pesados, pois embora na sua observância sempre haja um conflito, contudo esse conflito resulta em uma vitória universal—a massa inteira dos nascidos de Deus conquista ao mundo. Portanto, nenhum de nós precisa pensar em fracasso, ou desmaiar sob a sua própria dura luta». (Alford, *in loc.*)»

páginas do N.T., ela tem exatamente esse significado. (Ver Marc. 1:1 e as notas expositivas ali existentes, acerca dessa expressão; e comparar com I João 1:3,7,22-24; 3:7,23; 4:9,10,14,15; 5:5,9,10-13,20, onde esse título é usado para designar a pessoa de Cristo).

Essa confissão implica na participação naquilo que o Filho é; nele, nos é dada a própria vida de Deus, a saber, a sua natureza divina (ver II Ped. 1:4). Somente aquele que é o verdadeiro Filho de Deus, participante da natureza e da vida divinas, poderia transmitir-nos essa modalidade de vida. (Ver as notas expositivas em João 5:25,26 e 6:57 quanto a esse mesmo pensamento). O trecho de I João 3:2 mostra-nos que, na «parousia» ou segunda vinda de Cristo, a natureza de Cristo nos será transmitida, quando então o «corpo ressurrecto» nos será conferido, que servirá de veículo espiritual à nossa alma, não sendo de natureza corpórea, atômica. (Ver I Cor. 15:20,35,40 e as notas expositivas ali existentes, sobre a «ressurreição do corpo»).

«Temos aqui um apelo à consciência dos crentes: Se há outros, além dos discípulos de Jesus, que venceram tudo quanto se opõe a Deus, onde estão eles?... Não se trata de Sócrates, com sua falta de senso de pecado e sua tolerância do mal; e nem se trata de Cícero, com sua atormentadora vaidade; e nem se trata dos gnósticos, com suas vidas questionáveis—somente aqueles sobre quem raiou a brilhante Estrela da manhã». (Sinclair, *in loc.*)»

«Fixa teus olhos sobre teu Senhor crucificado, e tudo te parecerá fácil». (Santa Teresa).

A vitória em Cristo é acompanhada de certos sinais, a saber:

1. O crente fica perfeitamente convicto que este mundo é adversário veemente de sua alma, de sua santidade, de sua salvação e de sua bem-aventurança (ver I João 2:16).

2. O crente percebe que deve fazer parte da missão do Salvador, bem como de sua própria salvação, ser remido e tirado deste mundo maligno (ver Gál. 1:4).

3. O crente percebe na vida e na conduta do Senhor Jesus, sobre esta terra, que este mundo precisa ser renunciado e vencido.

4. O crente é ensinado e influenciado pela morte do Senhor Jesus, aprendendo a mortificar-se e a crucificar-se para o mundo (ver Gál. 6:14).

5. O crente é gerado pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para a vívida esperança do bem-aventurado mundo superior (ver I Ped. 1:3).

6. O crente reconhece que o Salvador foi para os céus, e que ele está ali preparando um lugar para seus seguidores sérios (ver João 14:2).

7. O crente reconhece que o seu Salvador voltará, pondo fim a este sistema mundano, julgando a seus habitantes e acolhendo a seus discípulos em sua presença e glória (ver João 14:3).

8. O crente passa a ser possuído por um espírito e disposição que não se satisfaz com este mundo, porquanto olha para além do mesmo, pressionando, esforçando-se na direção do mundo dos céus (ver II Cor. 5:2). Por conseguinte, a religião cristã oferece aos seus seguidores um império universal. E quem em todo o mundo, senão o crente em Jesus Cristo, pode assim vencer ao mundo?» (Matthew Henry, *in loc.*)»



Cristo e a nossa participação na mesma. Esses são três grandes testemunhos quanto à verdade espiritual. Porém, há um testemunho ainda maior que esse, a saber, o do próprio Deus Pai, que testifica acerca do Filho. O verdadeiro crente tem um testemunho em si mesmo, isto é, sua fé e os resultados da mesma, mediada pelo ministério do Espírito Santo. Os gnósticos, ao negarem a verdadeira natureza do Filho de Deus, bem como sua missão cósmica e terrena (incluindo sua expiação), não possuíam o Filho. Aquele que tem verdadeiramente ao Filho, também possui a vida eterna, que vem por intermédio de Cristo.

«Ele, o preexistente Filho de Deus, foi enviado dos céus por Deus, a fim de cumprir a sua vontade. Veio à terra a fim de cumprir a sua missão. Ao cumprir a mesma, dois acontecimentos se fazem proeminentes — seu batismo, pelo qual ele foi consagrado à sua obra messiânica, e a sua paixão, mediante a qual ele completou a sua obra de expiação e propiciação. Sua vinda não veio apenas pela água do batismo de João; também se realizou, mais amplamente, através do sangue que ele verteu na cruz. Aquele que 'veio' é o título que melhor caracteriza a sua obra». (Brooke, *in loc.*).

6 Οὗτός ἐστιν ὁ ἐλθὼν δι' ὕδατος καὶ αἵματος<sup>3</sup>, Ἰησοῦς Χριστός· οὐκ ἐν τῷ ὕδατι μόνον ἀλλ' ἐν τῷ ὕδατι καὶ ἐν τῷ αἵματι· καὶ τὸ πνεῦμά ἐστιν τὸ μαρτυροῦν, ὅτι τὸ πνεῦμά ἐστιν ἡ ἀλήθεια.

<sup>3</sup> 6 [11] αἵματος H K Ψ 1049 1340 1412 181 320 461 629 1739<sup>2</sup> 1881 2127  
Byz Lect it<sup>a</sup> om<sup>a</sup> d<sup>a</sup> e<sup>a</sup> vg syr<sup>a</sup> Tertullian Rebabtlem Cynl<sup>14</sup> Ps-Oecume-  
nius Theophylact ὁ πνεύματος (acc Jn 3.5; 945 1241 1877<sup>2</sup> Ambrose Cyril<sup>14</sup> J

αἵματος καὶ πνεύματος N A 104 438 614 1505 1739<sup>2</sup> 2412 2495 Rom<sup>a</sup>  
syr<sup>a</sup> cop<sup>b</sup> Origen Cyril<sup>14</sup> ὁ πνεύματος καὶ αἵματος P 81 84 830 2492  
arm eth ὁ αἵματος καὶ πνεύματος ἀγίου 326

6 (ὁτός...Χριστός Jn 19:34

6 to Πνεῦμα 2<sup>o</sup>] Χριστός 61 (ex lat) p vg

Parece que a forma original é αἵματος, que é bem apoiada por certa variedade de testemunhos, incluindo representantes dos tipos de texto alexandrino e ocidental (B Ψ 1739<sup>2</sup> it (r) vg sir (p) Tertuliano *ad*). Copistas que lembravam João 3:5 (ἐξ ὕδατος καὶ πνεύματος) introduziram πνεύματος ou (a) como substituição em lugar de αἵματος (43 241 463 945 1241 1831 1877<sup>2</sup> 1891) ou como uma adição (b) antes de αἵματος (P 81 88 441 630 915 2492 ara eti) ou (c) após αἵματος (N A 104 424 (c) 614 1739<sup>2</sup> 2412 sir (h) cōp (sa,bo) Orígenes), ocasionalmente adicionando ἀγίου depois de πνεύματος (39 61 326 1837).

Ao invés de ὅτι τὸ πνεῦμα a Vulgata Latina, seguida por um manuscrito grego, copiado no século XVI (61), diz ὅτι Χριστός («E é o Espírito que dá testemunho que Cristo é a verdade»). Segundo Westcott (Com., *ad loc.*), a substituição pode ter surgido da confusão entre χpc (Χριστός) a SPS (Spiritus). Dentro da tradição latina, há alguma variação, pois alguns testemunhos adicionam *Jesus* ou antes ou depois de *Christus*, ao passo que outros substituem *Christus* por *Jesus*. (1)

1. Ver as evidências, *Vetus Latina; Die Reste der altlateinischen Bibel*; xxvi, *Epistulae Catholicae* (Freiburg, 1966) pág. 381.

5:6: Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só pela água, mas pela água e pelo sangue.

«...veio...» Por ocasião de sua missão terrena, na encarnação. Cristo Jesus foi «enviado» pelo Pai, o que subentende as seguintes verdades:

1. a sua preexistência e missão messiânica, em favor da redenção humana;
2. sua união com o Pai, em unidade de propósitos;
3. seu ofício intermediário, que pertence exclusivamente a ele, não tendo sido compartilhada por qualquer sucessão sombria de «aons» ou poderes angélicos;
4. sua autoridade, recebida da parte do Pai;
5. O fato que ele é o representante das regiões celestiais, com o intuito de levar até ali aos homens, mediante o seu ofício remidor. Esse tema se encontra no evangelho de João por cerca de quarenta vezes. (Ver João 3:17 quanto a notas expositivas completas a esse respeito. Comparar também com I João 4:9,10,14). O Espírito Santo é testemunha dessa missão de Cristo, mas não veio a este mundo no mesmo sentido em que Cristo veio, porquanto o Espírito nunca se encarnou.

«...por meio da água...» Consideremos os pontos seguintes:

1. A alusão aqui feita é ao batismo de João, ao tempo de sua unção pelo Espírito Santo. Sua missão tornou-se autoritativa por essa unção.
2. Os gnósticos pervertiam isso, supondo que o homem Jesus de Nazaré fora «possuído» pelo «aon» que seria o Espírito-Cristo, por ocasião de seu batismo. Mediante essa noção, mantinham a «distinção» de pessoas entre o Espírito-Cristo, e Jesus de Nazaré, desse modo negando inteiramente a verdade bíblica da encarnação.
3. Por extensão, o Espírito Santo nos confere a mesma unção e autoridade, porquanto a nós também foi dado o dom do Espírito (ver as notas expositivas a respeito, em Atos 2:4. Ver também o oitavo versículo do presente capítulo).
4. Não há qualquer alusão ao batismo cristão, como aquilo que é o meio de mediação do Espírito. O batismo em água, entretanto, talvez tenha por intuito simbolizar a regeneração; mas até mesmo isso é duvidoso. Seja como for, o intuito do autor sagrado é salientar as questões «históricas» relativas à missão do Cristo encarnado, e não algum sacramento da cristandade posterior. A idéia do sacramento só pode ser introduzida aqui como uma «alusão», que aqui se faça presente, mas não por implicação direta.
- «...e sangue...» Está em foco a expiação pelo sangue de Cristo. Jesus, o Cristo, morreu, e isso fez expiação pelo pecado. (Ver I João 2:2). Os gnósticos supunham que Cristo, o «aon», não poderia sofrer e nem morrer, e que a morte de Jesus não foi a mesma coisa que a morte de Cristo, não tendo havido qualquer valor expiatório nessa morte. Quando muito, Jesus teria morrido como mártir, em defesa de uma boa causa. Na verdade, entretanto, Cristo viera «pelo sangue». Em outras palavras, o sucesso de sua missão dependia da expiação pelo sangue. (Ver Rom. 5:11 quanto a notas expositivas completas sobre a doutrina da «expiação».)

Naturalmente, a menção do sangue fala sobre os benefícios que os homens recebem devido à expiação pelo sangue de Cristo, e, apenas nos indiretamente, através da Ceia do Senhor, que celebra isso.

A ênfase recai sobre a vinda de Cristo «por» e «com o sangue» (ver João 19:34,35), porque sua morte sobre a cruz e a sua significação eram negados pelos docéticos, pelos seguidores do Batismo e também por outros grupos». (Wilder, *in loc.*). Esses benefícios são transmitidos misticamente, e não através de cerimônias, conforme se aprende em Rom. 6:3 e Col. 3:1,2. Em

outras palavras, o Espírito Santo é quem os torna reais para nós, transformando-nos de acordo com a morte e a vida ressurrecta de Cristo.

A «encarnação» é uma verdade (como acabara de ser afirmado). Inclui tanto o batismo como a expiação, como aspectos de seu propósito. Aquele que confia no Cristo encarnado, o qual foi ungido pelo Espírito Santo, por ocasião de seu batismo, e que fez expiação pelos pecados, mediante sua morte, haverá de vencer o mundo. O autor sagrado diz, indiretamente, que o Cristo-aon postulado pelos gnósticos era um «pseudocristo», e não o verdadeiro Cristo.

«...NÃO SOMENTE COM ÁGUA...» Temos aqui uma enfática reiteração dos princípios postulados, de tal modo que ninguém viesse a equivocar-se acerca do que o autor sagrado queria dizer. Para o autor sagrado, essas verdades são tão fundamentais e importantes que não podem ser enfatizadas em demasia; a vida eterna, no caso dos homens, depende delas.

Pai, se Ele, o Cristo, foi teu revelador,  
Em verdade, o Primogênito do Senhor,  
Então deves ser Sofredor e Curador,  
Transpassado no coração pela tristeza da espada.  
Então deve significar, não somente que tua tristeza  
Feriu-te certa vez, sobre aquela cruz solitária,  
Mas que hoje, esta noite, e pela manhã,  
Ainda assim virá, ó Deus galante, a Ti.  
(G. A. Studdert-Kennedy)

Os gnósticos ensinavam que a salvação vem pelo «conhecimento», de forma mágica, mística e cerimonial. Pelo contrário, no dizer do autor sagrado, há um único Salvador, em quem esse grande benefício é dado aos homens. Cumpre-nos «conhecer» a Cristo. E disso consiste a vida eterna. (João 17:3). «Havia algo no... amor de Deus que a água não poderia expressar. Havia algo na necessidade humana que a água não podia satisfazer adequadamente, mas somente o sangue». (Law, *Tests of Life*, pág. 122).

Há interpretações inferiores e falsas acerca do presente versículo.

1. Alguns imaginam estar aqui em foco o que é puramente sacramental, o que faz a palavra «água» aludir ao batismo cristão, ao passo que o «sangue» seria a Ceia do Senhor. Mas é o que sucede na vida de Cristo que está aqui em foco, e não as ordenanças cristãs do batismo e da Ceia do Senhor.

2. Também não podemos dividir os dois elementos, fazendo com que a «água» aponte para o batismo cristão, como uma cerimônia, ao passo que o «sangue» seria a expiação de Cristo, como acontecimento histórico. Ou então, vice-versa, a «água», indicaria o batismo de Cristo, ao passo que o «sangue» apontaria para a Ceia do Senhor.

3. Nem está em foco a vida «inteira» de Cristo, que envolveu esses dois acontecimentos importantes, o batismo e a morte. Essa interpretação, contudo, não contradiz a verdade; pois a «encarnação» que naturalmente inclui a missão terrena inteira de Cristo, teve esses dois eventos centrais. Poder-se-ia argumentar, porém, que o termo «veio» indica a missão encarnada de Cristo; e, nesse caso, essa vinda é definida pelos dois termos, «água» e «sangue». Se realmente esse é o intuito do autor sagrado, então essa é a interpretação correta do versículo. Seja como for, o contexto geral ensina exatamente isso, porque a encarnação está em foco nos versículos primeiro e quinto.

4. A água e o «sangue» não são aqueles elementos aludidos em João 19:34, o fluxo desses líquidos do lado de Cristo, depois que o soldado o feriu com a lança. E nem se deve pensar que esses elementos devem ser





pelos tradutores de versões antigas.

No tocante às probabilidades *intrínsecas*, a passagem interrompe desajeitadamente o fluxo do pensamento.

Quanto à história de como os termos espúrios vieram a ser incluídos no Textus Receptus, ver qualquer comentário crítico sobre I João, ou Metzger, *The Text of the New Testament*, págs. 101 s.; cf. também Ezra Abbot, «I. João v.7 e Luther's German Bible», em *The Authorship of the Fourth Gospel and Other Critical Essays* (Boston, 1881), págs. 458 - 463.

5:8: Porque três são os que dão testemunho: o Espírito, e a água, e o sangue; e os três concordam.

A exposição neste ponto, aborda dois elementos principais: 1. A variante textual, que omite essa declaração «trinitária»; 2. a doutrina da trindade, isto é, as notas de sumário sobre essa doutrina.

Primeiramente, vejamos a evidência esmagadora em favor da declaração mais simples, a saber:

«...Pois há três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes em um só propósito...» A tradução inglesa de Williams, aqui vertida para o português, diz: «Porque há três que testificam a respeito (a verdade da água e do sangue), a missão de Cristo—ver o sexto versículo), o Espírito, a água e o sangue, e os três concordam». Os versículos sétimo e oitavo, na realidade, são uma mera repetição dos elementos constantes do sexto versículo, salientando que o testemunho é «tríplice», ou seja, fortíssima confirmação da verdadeira encarnação de Cristo, que se manifesta em sua unção e expiação pelo sangue. Esse «testemunho», por conseguinte, é telerido como algo que nos é dado por Deus. Deus dá testemunho acerca de seu Filho, e confirma o testemunho dos «três». A adição «trinitária» não tem qualquer autoridade, conforme concordam todos os críticos textuais.

**Variante Textual:** As palavras «...no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra...» são espúrios, não tendo o direito de figurarem no texto do N.T. Aqueles que as aceitam como genuínas certamente ignoram todos os princípios da crítica textual, exercendo um apego fanático a palavras que provavelmente se originaram de mera anotação escríbal, em alguns manuscritos latinos. Trata-se de uma glosa escríbal, e não de palavras legítimas do próprio N.T. Ninguém teria pensado em *reter* essas palavras em face de tão fraca evidência textual nos manuscritos antigos, se não tivessem uma das mais claras declarações trinitárias de todo o N.T. Mas o zelo pela retenção de tão clara declaração é que tem explicado a ridícula defesa dessas palavras no texto sagrado. Sua inserção equivale ao manuseio enganador da Palavra de Deus, pois a evidência textual em favor de sua omissão é irresistível e incontroversa. Isso não significa, naturalmente, que a doutrina da «trindade» não seja ensinada no N.T. Pois essa verdade certamente é ensinada nas Escrituras, conforme se vê nas notas expositivas sobre os versículos sétimo e oitavo deste capítulo, que tem a nota de sumário sobre a «trindade». Mas até mesmo a honestidade básica, no manuseio do texto do N.T. exige que tiremos a alusão trinitária, neste ponto.

**Vejamos as evidências textuais:**

1. Essas palavras se fazem ausentes em quase todos os manuscritos gregos conhecidos, exceto os manuscritos minúsculos posteriores, onde o «grego» que aparece nesses manuscritos parece ser tradução de um original latino. É muito provável que tais palavras tivessem aparecido como glosa latina à margem, tendo encontrado elas caminho ao texto latino; e então, mediante tradução, tais palavras penetraram em alguns manuscritos gregos sem autoridade. Os quatro manuscritos gregos que contêm essas palavras são: ms 61 um manuscrito do século XVI, que atualmente se acha em Dublin; o ms 88, um manuscrito do século XII, que se encontra em Nápoles, mas em que essas palavras se acham à margem, e não como parte do texto, por u' s milo mais moderna; o ms 629, manuscrito dos séculos XIV ou XV, que se encontra no Vaticano; e o ms 635, um manuscrito do século XL, que traz tais palavras à margem, escritas por u' s milo mais moderna. Antes da invenção da imprensa, tais palavras não apareciam em qualquer manuscrito grego. Quando Erasmo compilou o «Textus Receptus», deixou tais palavras de lado, porquanto não havia qualquer evidência em favor das mesmas no original grego. Erasmo foi criticado por isso, e prometeu que se alguém encontrasse ao menos um manuscrito grego que contivesse tais palavras, ele as incluiria no seu texto grego. Ato contínuo, seus críticos lhe apresentaram um manuscrito grego que continha orientações ao escriba, dizendo que essas palavras deveriam ser incluídas. Então, triunfalmente exigiram de Erasmo que ele cumprisse sua tola promessa. Tais palavras, pois, penetraram no Textus Receptus através de uma «fraude», através de uma «desonestidade». E algumas pessoas, hoje em dia, sem conhecimento do original grego ou dos estudos textuais, continuam propagando essa fraude.

2. Essas palavras não são citadas por qualquer dos pais gregos, os quais, caso as conhecessem, sem dúvida alguma as teriam usado em apoio da doutrina trinitária. Certamente tais palavras teriam sido empregadas na controversa trinitária. (Sabéllo e Ario).

3. Essas palavras se fazem ausentes de todas as versões antigas, como a siríaca, a copta, a armênia, a etíope, a árabe e a eslavônica. Não se encontram, por igual modo, no «latim antigo», e nem nos escritos dos pais latinos, Tertuliano, Cipriano e Agostinho. Não se encontram nos primeiros manuscritos da Vulgata (541 D.C. e posteriormente); e nem no códex Amiatinus (copiado antes de 716 D.C.); e nem mesmo no códex Vercellensis, do século IX D.C., que é uma revisão da Vulgata latina.

4. O mais antigo uso dessas palavras, em forma reconhecível como equivalente àquilo que figura no texto desta epístola, aparece em um tratado do século IV D.C., intitulado «Liber Apologeticus» (no quarto capítulo daquela obra). O citado tratado é atribuído ao herage espanhol Prisciliano (falecido em cerca de 385 D.C.) ou a seu seguidor, o bispo Instância. Nesse tratado, essas palavras são um comentário sobre a passagem de João, que procura orná-la, e que provavelmente se originou da interpretação que os três testemunhos (da água, do sangue e do Espírito) apontam para a *trindade*. No século V D.C. essa glosa explanatória foi citada por diversos dos pais latinos da Igreja, no Norte da África e da Itália, como se fizesse parte integrante do texto desta epístola. Do século VI D.C. em diante, tais palavras passaram a figurar regularmente nas versões latinas, mas não em todas, na realidade. Até mesmo naqueles manuscritos onde essas palavras figuram, fazem-no com considerável variação, o que normalmente se dá no caso das passagens «interpoladas», como é essa.

5. Se essas palavras tivessem sido proposadamente omitidas por algum herage ou dois, que assim quisessem tirar do N.T. uma excelente declaração trinitária, apareceriam cópias, aqui e acolá, tanto no grego como nas versões,

que as omitissem, pois tal omissão seria perpetrada em cópias subseqüentes. Mas não se verifica tal coisa: a tradição inteira dos manuscritos gregos omite essas palavras, como o fazem as tradições de todas as versões, exceto o latim, até ao século IV D.C. É impossível que uma omissão, feita por alguns poucos escribas, tivesse afetado universalmente a transmissão do N.T.

6. Se alguém insistir contra essa esmagadora evidência, dizendo que, apesar de tudo, tais palavras são genuínas, então nada haveria para guiá-lo, que lhe mostrasse o que é o que não é genuíno, pois pouquíssimas passagens (até mesmo aquelas mais obviamente espúrias) são tão pobremente apoiadas nos manuscritos como essas palavras. Se aceitarmos essas palavras como genuínas, então, derrubaremos por terra todos os padrões pelos quais podem ser julgadas as variantes. Pois ninguém poderá apontar para qualquer manuscrito autoritativo que as contenham. Nesse caso, as oito mil variantes, que aparecem em textos gregos como o de Nestle (que apresenta apenas as variantes mais importantes), tornar-se-iam misteriosas e enigmáticas, não tendo mais não qualquer meio para determinar quais dessas oito mil variantes são parte do texto original ou devem ser rejeitadas. Se assim aceitarmos tal variante, estaremos sacrificando todos os meios que nos capacitam a decidir quais porções fazem parte ou não dos textos originais. Não existem dois manuscritos que sejam exatamente iguais. Como se pode escolher o melhor? Como se pode rejeitar textos espúrios? Pois se tivermos de aplicar aquela forma de falsa erudição a todas as demais variantes, que temos de aplicar a esta passagem, a fim de reter tais palavras, então nos teremos feito uma toloa, e o caráter do N.T. original terá de permanecer um mistério para nós.

7. Não há razão pela qual os escribas tenham todos deixado de lado, nos manuscritos gregos e nas versões, essas palavras, se porventura fossem genuínas. Portanto, não podem ter feito parte do original, porquanto foram universalmente omitidas. Como é que somente no século IV D.C. surgiram repentinamente em um tratado, se porventura já fizessem parte do original? Por acaso o herage Prisciliano teria sido o único a preservá-las, ao passo que o resto da igreja e seus escribas estivessem equivocados por as terem omitido? Por que nem mesmo os pais latinos da igreja, antes do tempo de Prisciliano, conheciam essas palavras como parte do texto original? E por que nenhum dos pais gregos da igreja as conheciam?

8. Os eruditos do texto grego concordam que essa «interpolação» entrou desajeitadamente no texto, quebrando o sentido da passagem. E isso também mostra que tal acréscimo não é genuíno, além de mostrar sua natureza de interpolação.

A TRINDADE. O fato que as palavras deste versículo, que encerram uma declaração genuína, não são genuínas, não significa que essa doutrina não seja ensinada no N.T. Neste ponto, damos a nota geral sobre o tema da «trindade». Seguimos o seguinte esboço na discussão: 1. Definição; 2. história; 3. base neotestamentária; e 4. significado e importância.

1. **Definição:** Os crentes comuns, e até mesmo a maioria dos mestres cristãos, se fossem solicitados a definir a trindade, apresentariam uma definição «triteísta», e não uma definição «trinitária». Diriam haver três pessoas divinas, Pai, Filho e Espírito Santo, e que são uma só pessoa. Porém, se fossem pressionados a explicar melhor suas idéias, diriam que essas três pessoas são «distintas». A doutrina trinitária, entretanto, não contempla pessoas distintas. Se assim fosse, tudo se reduziria ao «triteísmo». Em outras palavras, haveria três pessoas, e, por conseguinte, três deuses, pois cada pessoa é vista dotada de existência separada das outras duas. A maioria dos argumentos apresentados em favor do «trinitarianismo», na realidade dão apoio ao «triteísmo». No trinitarianismo, fala-se da «essência de Deus» como algo que está sujeito à distinção em três pessoas, mas sem qualquer divisão que permita a distinção em três pessoas diversas. Não há «três deuses», e nem meramente «três modos de manifestação divina». Antes, todas as pessoas são co-extensivas, co-iguais e co-eternas. Contudo, sem importar que tipo de analogia ou argumento usemos, a fim de demonstrar essa doutrina, em algum ponto não conseguiremos explicar-nos devidamente, pois simplesmente não sabemos como pode haver três, e, ao mesmo tempo, um só, porquanto a mente dos homens terrenos não se presta muito bem para entender a matemática celeste. Por conseguinte, as analogias e explicações invariavelmente se inclinam por apoiar o «triteísmo», e não o «trinitarianismo». Até mesmo as explicações antigas, que falavam de três «hipóteses» de «uma só substância», chegavam perigosamente perto do triteísmo, se é que não eram expressões dessa posição. A palavra *trindade* significa a «união de três partes ou expressões em uma só». Porém, se postularmos três pessoas separadas, teremos caído no triteísmo, mesmo que digamos que essas três pessoas possuem o mesmo tipo de natureza. Muitos homens existem; compartilham do mesmo «tipo de natureza»; mas não perfazem «um» único indivíduo.

Se dissermos que Deus é um só, em seu ser essencial, mas que a essência divina existe em três formas ou modos de ser, cada forma constituindo uma pessoa, embora participem da mesma essência, ainda assim teremos caído no triteísmo, se porventura estivermos concebendo três pessoas distintas, com existências individuais. Agostinho falava da trindade em termos de «relações internas», ou seja, aspectos de um único ser divino. Em Deus não há qualquer divisão, mas tão-somente simplicidade e unidade perfeitas. Aceitando essa forma de definição, que é verdadeiramente trinitária, encontramos dificuldade em harmonizar essas idéias com as descrições dadas pelo N.T. acerca das pessoas e das obras das três pessoas divinas. O que isso significa é que, sem importar qual definição apresentemos sobre a «trindade», nossas mentes permaneçam insatisfeitas, porquanto simplesmente não podemos apreender o conceito «trinitário», já que não temos qualquer experiência sobre algo que seja, ao mesmo tempo, três e um. Portanto, nossas mentes não podem entender o conceito trinitariano, quando é apresentado realmente como tal, e não como forma velada do triteísmo. Não obstante, o N.T. ensina que só há um Deus, e que há três pessoas divinas. Como isso pode ser, não sabemos diz-lo. Tomás de Aquino estava com a razão, ao asseverar que algumas doutrinas cristãs *transcendem* à razão e à percepção dos sentidos—estão sujeitas à apreensão exclusiva de fé. O fato que a mente humana não é capaz de entender uma doutrina não significa que tal doutrina não seja verdadeira. Por conseguinte, afirmamos a verdade da idéias trinitárias, porquanto certas passagens do N.T., quando consideradas em seu conjunto, exigem essa idéia, ainda que as nossas explicações a respeito fiquem muito aquém de satisfazer-nos

plenamente. Também aceitamos a divindade e a humanidade de Cristo, mescladas no homem Jesus de Nazaré, mas não há maneira de explicar tal coisa, acerca de como ele pode ser verdadeiro. Isso envolve uma dimensão do conhecimento e da verdade que as nossas mentes ainda não conseguiram atingir. Por que haveríamos de pensar que não há «mistérios» presentes em qualquer sistema de conhecimento que envolva considerações sobre a realidade última? A verdadeira definição e compreensão sobre a trindade continua sendo um mistério para nós; no entanto, possuímos excelentes indicações, nas páginas do N.T., de que isso representa a verdade sobre a natureza e a pessoa de Deus, e que o N.T. não procura ensinar-nos o «triteísmo».

2. *História.* É verdade, naturalmente, que o termo «trindade» não se acha no N.T., e nem em qualquer documento há qualquer definição clara da «trindade». Rejeitamos enfaticamente a genuinidade do trecho de I João 5:7a, 8b, conforme o mostram as notas expositivas acima, em favor da qual recente há evidências irresistíveis. Contudo, o «conceito» da «trindade» é algo que se faz necessário pelo aspecto «total» da divindade, segundo esta é exposta nas páginas do N.T.

O vocábulo «trindade» evidentemente foi pela primeira vez usado por Tertuliano, na última década do século II D.C., mas não encontrou lugar na teologia formal da igreja até ao século IV D.C. Essa doutrina recebeu ampla expressão, pela primeira vez, em resultado da obra de dois capadócios da igreja (meados do século IV D.C. e mais tarde), a saber, Basílio, Gregório de Níssa e Gregório Nazianzeno. Eles formularam as ideias de distinção hipostática e de unidade substancial; mas algumas de suas explicações são claramente triteístas, e não trinitárias, o que se verifica sempre quando alguém tenta «explicar» o que está em foco. A doutrina da trindade recebeu declaração formal na carta sinodal do concílio realizado em Constantinopla, em 382 D.C. (preservada por Teodoro, *História Eclesiástica*, v.9). Ainda antes, tal como no credo de Nicéia, em 325 D.C., e nos escritos dos pais da igreja (Inácio, Irineu, Tertuliano e Orígenes, podem ser encontradas fórmulas trinitárias. O conceito da trindade, pois, é quase tão antigo como o «cânon» do próprio N.T., tendo surgido na história eclesiástica quase tão prontamente quanto qualquer teologia formal. Tertuliano falava de «uma substância, três pessoas».

Após o século IV D.C., a posição trinitária se tornou o padrão da igreja, ainda que, periodicamente, tivesse sofrido ataques e negações. Os principais desses ataques foram o monoteísmo hebreu, o arianismo, o sabellianismo, o socinianismo e o unitarismo. A heresia góetica, naturalmente, antes disso, já vinha assediando a igreja por cento e cinquenta anos, desde os próprios dias apostólicos; essa heresia não tinha o conceito trinitário. (Ver Col. 2:18 quanto a notas expositivas completas sobre esse sistema).

É verdade, naturalmente, que os primitivos cristãos, sem teologia sofisticada, não formularam qualquer «conceito trinitário». Somente muitas décadas de reflexão desenvolveram esse pensamento. Tal «reflexão», porém, foi frutífera, deixando transparecer certas verdades que a igreja primitiva não possuía e nem descreveu de modo formal. Crentes individuais (sem negado, duvidado ou ignorado essa verdade, a qual não deve tornar-se base de nossa comunhão uns com os outros. É crente o indivíduo que reconhece a Jesus Cristo como Salvador (Col. 2:19). Um homem pode fazer isso sem mostrar-se sofisticado em sua teologia ao ponto de formular um conceito trinitário.

3. *Base neotestamentária:* Há declarações, nas páginas do N.T., relativas a essa doutrina, que, se consideradas isoladamente, podem dar a impressão de ensinarem o triteísmo; mas, quando são consideradas em seu conjunto, subentendem a posição trinitária. O conceito da trindade repousa essencialmente sobre duas premissas: 1. O monoteísmo é uma verdade; 2. a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo também é uma verdade. Portanto, temos um único Deus, mas três pessoas divinas. Contudo, não podemos interpretar isso em termos de triteísmo, porquanto isso seria uma forma de triteísmo que contradiz o monoteísmo das Escrituras. Consideremos os pontos abaixo:

a. *Monoteísmo.* «A ti te foi mostrado para que subesses que o Senhor é Deus; nenhum outro há senão ele» (Deut. 4:35). «Eu sou o Senhor, e não há outro; além de mim não há Deus...» (Isa. 46:5). (Ver igualmente os trechos de Marc. 12:29; I Cor. 8:4; I Tim. 2:5). Deus é eterno (ver Deus. 33:27; Isa. 40:28; Rom. 16:26 e I Tim. 1:17). Deus é um espírito (ver João 4:24; Luc. 24:39); é infinito (ver I Crô. 29:11; Mat. 19:26; Luc. 1:37); é dotado de sabedoria infinita (ver Sal. 147:5; Ato 18:18); é infinito em bondade (ver Gên. 1:31; Sal. 33:6; 136:1); é o criador e o preservador de tudo (ver Exo. 20:11; Gên. 1 e Col. 1:16,17).

b. Contudo, o Filho, referido como *pessoa diferente* do Pai, também é divino: ver Isa. 9:8; Col. 2:9 e Heb. 1:3 (onde são dadas as notas de sumário sobre esse tema). O Filho exerce os mesmos atributos de divindade exercidos pelo Pai (ver Col. 2:9); ele é o Alfa e o Ômega (ver Apo. 1:8,17; 21:6; 22:13); é o criador e o preservador da criação (ver Col. 1:16,17; João 1:1); tem uma só substância com o Pai (ver João 10:30); é eterno (ver João 1:1 e Mtq. 5:2).

c. O Espírito Santo é uma pessoa divina. (Ver João 14:16,26; 15:26; 16:7, 13,14; Rom. 8:26, quanto à sua *personalidade*; comparar com Jul. 16:14 e 16:20 acerca de sua divindade, onde são usados intercambiavelmente as expressões «Espírito do Senhor» e «Senhor». Ver também II Sam. 23:2, onde o «Senhor» fala, embora seja ele o Espírito. O Espírito Santo é o «criador», ver Jô 33:4). Ele é onipresente, um atributo pertencente exclusivamente a Deus (ver Sal. 139:7). O sexto capítulo do livro de Isaías fala sobre o Senhor dos Exércitos; e esse é usado em Ato 28:25, 26 para indicar o Espírito Santo, que fala aos homens; ver também Luc. 1:35; I Cor. 3:16; 6:19; II Tim. 3:16 e II Ped. 1:21, que indicam a personalidade do Espírito e subentendem a sua divindade. O Espírito Santo é «eterno», descrição essa que cabe exclusivamente a Deus (ver

9 *εἰ τὴν μαρτυρίαν τῶν ἀνθρώπων λαμβάνομεν, ἡ μαρτυρία τοῦ θεοῦ μείζων ἐστίν, ὅτι αὐτὴ ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ θεοῦ, ὅτι μεμαρτύρηκεν περὶ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ.*

5:9: Se recebamos o testemunho dos homens, o testemunho da Deus é maior; porque o testemunho da Deus é este, que do seu Filho testifica—

O autor sagrado alude às situações comuns em que os homens acham ser conveniente e justo aceitar o testemunho de outros homens; mas, muito provavelmente, está especificamente em foco a provisão da lei mosaica, mediante o que a afirmação de duas ou três testemunhas era reputada conclusiva (ver Deut. 19:15 e Mat. 18:16). Se os homens podem sentir-se justificados por aceitarem o mero testemunho humano, então deveriam sentir-se totalmente obrigados a aceitar o testemunho que Deus nos deu, acerca da autenticidade do evangelho de Cristo.

«o testemunho de Deus é maior...» O testemunho de Deus pode ser examinado de acordo com os seguintes dois pontos: 1. É constituído pelas «três testemunhas» dos versículos sexto a oitavo deste capítulo, a «água», o «sangue» e o «Espírito Santo», que se mostra ativo, tornando Cristo

Heb. 9:14). Ele é o Espírito da Verdade, e o momento Deus é a verdade absoluta (ver João 15:26 e I João 5:6). Ele é enviado por Deus Pai e por Deus Filho, sendo o *alter ego* do Filho, do que se conclui que deve ser divino (ver João 15:26; Rom. 8:9 e Gál. 4:6).

Só existe um Deus (posição do monoteísmo); mas há três pessoas divinas. Somos levados a entender a posição trinitária de Deus, porque o triteísmo, sua única alternativa, é inaceitável tanto para a teologia judaica como para a Cristã. O triteísmo é uma forma de politeísmo. Se aceitarmos a verdade de três pessoas divinas e a do monoteísmo, ao mesmo tempo, então teremos duas alternativas: 1. O trinitarismo, que preserva algum conceito da personalidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, individualmente considerados. 2. Podemos reduzir a ideia da «personalidade» a um conceito sem significado. Devemos dizer que Deus se «manifesta» de vários modos, «como que em pessoas», mas não, na realidade, em três pessoas distintas. Assim fazendo, derrubamos por terra a «personalidade» de Deus Filho e de Deus Espírito Santo. Preservemos o «monoteísmo», mas com o sacrifício do discernimento acerca da natureza de Deus, que ensina que deve haver alguma distinção genuína entre o Pai e o Filho, e de ambos para com o Espírito Santo.

4. *Significado e importância da doutrina da trindade:* Essa doutrina não é revelada nas Escrituras por uma razão, não por mera curiosidade. Sugerimos os seguintes aspectos importantes dessa doutrina:

a. Confere-nos a compreensão acerca da natureza de Deus, e, por conseguinte, da nossa própria, pois o homem também é uma espécie de trindade, formada de corpo, alma e espírito. Desse modo aprendemos, uma vez mais, que o homem foi criado segundo a imagem de Deus; e esse é o significado da existência toda, porquanto Deus é o alvo da vida, a saber, Deus Pai (ver I Cor. 8:6) e o Filho (ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, sobretudo o vigésimo terceiro versículo, e o trecho de Col. 1:16).

b. Assim como Deus é triúno, mas cada pessoa divina tem sua função e propósito, mas todas concordam em um único propósito, assim também o homem, apesar de ser um ser extremamente complexo, pois combina aspectos espirituais e materiais, tem um grande propósito na existência.

c. O conceito da trindade ensina-nos como Deus opera em sua criação: Deus Pai é o planejador de todas as coisas, incluindo a redenção humana; o Filho é o agente em tudo, criador tanto da antiga como da nova criação; e o Espírito Santo é o enviado de ambos, procurando realizar a missão do Filho durante sua ausência, especialmente a transformação dos homens remidos segundo a imagem e a natureza do Filho, que é a redenção mesma da humanidade. Todas as doutrinas cristãs, pois, têm alguma relação com o conceito da trindade. A redenção humana está a ela vinculada.

d. O conceito da trindade tira da ideia de estagnação o conceito de Deus agora e por toda a eternidade. Deus é dinâmico, pois nele existe plenitude de vida, sendo ele a sua própria fonte originária.

e. Esse conceito nega o «deísmo», que é a doutrina que Deus é tão transcendental que não pode e não tem qualquer coisa a ver com sua criação; bem pelo contrário, o «Filho» subentende que haverá outros filhos de Deus. Ele veio em busca dos homens para concretizar esse ideal; o Espírito Santo, na qualidade de «paracleto» e agente de Cristo, de seu *alter ego*, mostra que Deus sempre está com os homens, com o propósito de conduzi-los ao seio da família divina, para que sejam irmãos do Filho de Deus (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29). Por conseguinte, o conceito da trindade subentende o «teísmo», ou seja, que Deus está conosco e visa o nosso benefício.

f. O conceito da trindade subentende *unidade na diversidade*; e essa é uma lição objetiva concernente ao modo como Deus trata com sua criação. Cristo é o centro de tudo (unidade), mas os homens, uma vez remidos, não perdem a sua individualidade, embora assumam a imagem e natureza de Cristo e venham a compartilhar de toda a plenitude de Deus (ver as notas expositivas a esse respeito, em Efé. 3:19 e Col. 2:10). O dualismo não se acha no coração central do universo, embora agora se manifeste, por causa da presença do pecado.

g. O trinitarismo limita os «rivalis» ao poder de Deus. Chama de «falsos» e todos os demais supostos deuses. Deus, na qualidade de benevolência suprema, portanto, garante o triunfo do bem em todo o universo. Nem mesmo os perdidos haverão de conservar-se em hostilidade contra Deus; e isso envolve alguma forma de restauração, até mesmo para esses, apesar de que não venham a compartilhar da vida dos eleitos (ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios; há notas expositivas acerca desse conceito, em Col. 3:6, sob o título, «a ira de Deus»).

«O ancião, finalmente, faz repousar seu caso sobre a força extraordinária da auto-evidente autenticidade da experiência cristã. É por essa razão que ele declarou que «O Espírito é a verdade», isto é, a realidade, sem importar se vier a ser conhecida pelos ritos da igreja, ou nas profundezas da alma. É nesse ponto que a passagem continua falando para nós, em nossa moderna condição. O tríplice caráter do testemunho é salientado de acordo com o reconhecimento à lei judaica de que a harmonia entre três testemunhas deve ser considerada conclusiva. (Ver Deut. 19:15 e Mat. 18:16). (Wilder, *in loc.*).

As três testemunhas «concordam entre si», isto é, «dizem a mesma coisa». Em outras palavras, todas elas atestam sobre o caráter genuíno da encarnação, da união e da expiação de Cristo (tema do presente contexto).

9 *εἰ τὴν μαρτυρίαν τῶν ἀνθρώπων λαμβάνομεν, ἡ μαρτυρία τοῦ θεοῦ μείζων ἐστίν, ὅτι αὐτὴ ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ θεοῦ, ὅτι μεμαρτύρηκεν περὶ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ.*

9 τῶν...ἀνθρώπων Jo 5:32-34 ἡ...θεοῦ Jo 5:27; 8:18

conhecido. (Ver o sexto versículo deste capítulo e suas notas expositivas, que são completas sobre essas «três testemunhas»). 2. O autor sagrado talvez tenha querido indicar que o próprio Deus, de alguma forma, está envolvido na afirmação do testemunho concernente ao Filho. Nesse caso, ele não nos esclarece como isso pode ser. O trecho de João 5:34 mostra-nos que o testemunho de Cristo ultrapassa até mesmo o de João Batista, embora o testemunho deste último tenha sido genuíno. A passagem de I João 5:36 mostra-nos que as «obras» de Cristo, que lhe foram dadas pelo Pai, testificam a seu respeito. O poder dessas obras testificam acerca de sua genuína missão messiânica. Não há certeza porém, que nosso texto presente tem qualquer vinculação com esses conceitos, embora isso seja possível.

«...é maior...» 1. Porque Deus é tão maior que os homens, e porque a sua Palavra é tão mais firme que a deles. 2. Porque um pai pode, naturalmente, afirmar alguma coisa sobre um filho seu, de forma mais convincente do que





«Se Deus não quisesse que os homens viessem a confiar em Jesus, então levou-os a uma terrível tentação. Portanto, se quisermos manter puro o nosso conceito de Deus, precisamos atribuir essa intenção a ele, ao pôr em ordem o mundo. Geralmente salientamos com proeminência tudo quanto combate a fé, mas deixamos de lado aquilo que fala em seu favor. Deveríamos, antes de tudo, responder satisfatoriamente à pergunta de como pode ser possível que essa fé tenha permeado tão amplamente a humanidade, antes de investigarmos a força de nossas dúvidas; e então ficaríamos certos que o cristianismo é 'non sine numie'». (Roth, *in loc.*).

«Nada foi mais valorizado por Deus do que a sua própria verdade; por conseguinte, nenhum erro pode ser mais atrocemente cometido contra ele do que roubar-lhe essa honra. Então, a fim de induzir-nos a confiar, ele (o autor sagrado) toma em mãos um argumento apresentado pelos adversários—pois se fazer de Deus um mentiroso é uma impiedade horrível e execrável, porque então aquilo que lhe pertence por direito lhe é tirado, quem não temeria não exercer fé no evangelho, em que Deus deseja ser reputado singularmente veraz e fiel? Isso deveria ser cuidadosamente observado». (Calvino, *in loc.*).

Análise do exercício da alma. 1. Ela confia em Deus, rejeitando o ceticismo. 2. Ela confia no Filho de Deus, manifestação e Caminho divino para a vida. 3. Ela dá atenção ao testemunho interno do Espírito.

*Colomba achou um mundo, e não tinha mapa,  
Salvo o da fé, decifrado nas estrelas;  
Confiar na empresa invencível da alma  
Era toda a sua ciência, toda a sua arte.*  
(George Santayana)

«Esses três estágios, conforme a metáfora de Apo. 3:20, são: 1. O ouvir a voz do Salvador; 2. a abertura da porta; e 3. a comunhão». (Smith, *in loc.*).

O testemunho interno do Espírito tem as seguintes características:

1. Convence de pecado e corrupção no íntimo, da necessidade de salvação.

2. Faz os homens se admirarem da sabedoria e do amor de Deus, em sua provisão em Cristo.

11 καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ μαρτυρία, ὅτι ζωὴν αἰώνιον ἔδωκεν ἡμῖν ὁ θεός, καὶ αὕτη ἡ ζωὴ ἐν τῷ υἱῷ αὐτοῦ ἐστίν.

S:11: E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho.

«...testemunho...» Há alusão particular ao «testemunho interno» (ver o versículo anterior). A alma já sabe que é possuidora da vida eterna. Também sabe que, tendo-se encontrado com o Filho, encontrou o Mediador e o Padrão dessa vida. Mas há outras idéias envolvidas, como o fato que o «testemunho» é a própria «encarnação». Isso nos confere a certeza da vida eterna, sendo a maneira pela qual Deus nos afirma tal coisa. Ou o testemunho é o do Pai acerca do Filho, confirmando a validade de sua missão redimidora (ver o versículo anterior). Ou ainda, o testemunho é a força combinada das três testemunhas—a água, o sangue e o Espírito. Todas essas idéias são válidas dentro do contexto. Talvez o autor sagrado tivesse o fito de dar-nos um lato conceito sobre a questão. Tudo quanto Deus tem feito em Cristo e por meio dele é um grande «testemunho» de suas boas intenções acerca do homem.

«...Deus nos deu...» Porque ele é a verdadeira Fonte dessa vida. Ele nos dá seu próprio «tipo» de vida. Há muitas «formas de vida», começando pelas substâncias protéicas unicelulares, que podem duplicar-se. Há formas de vida animal inferiores, e formas mais complexas. O homem também é uma forma extremamente complexa de vida animal, quanto à sua porção física, embora também tenha espírito, ou melhor, embora seja um espírito que temporariamente vive em uma forma animal como veículo para sua existência neste plano terreno. Além disso, há a pura vida espiritual, representada pela ordem dos anjos. Mas a fonte de toda a vida, sua forma mais elevada possível, é Deus.

Ora, o desígnio do evangelho é que os homens venham a participar dessa variedade mais exaltada de vida, pois o Filho de Deus dela participa, dando esse tipo de vida também aos demais filhos de Deus. Essa vida é «independente», ou seja, possui a fonte da própria vida, não estando essa fonte fora dela. Não «depende» de qualquer outra pessoa ou força para continuar a existir; é a sua própria causa. Por igual modo, essa forma de vida é «necessária», ou seja, não pode deixar de existir. Todas as formas de vida, excetuando Deus, poderiam deixar de existir, se porventura não fossem continuamente sustentadas. (Ver João 5:25,26 e 6:57 quanto a esses conceitos, bem como acerca de como a ressurreição serve de intermédio para os homens receberem o próprio tipo de vida de Deus, mas sempre porque o Filho é seu intermediário, tendo sido ele a primeira pessoa de natureza humana que veio a participar dessa vida. Na qualidade de Verbo divino, ele já participava dessa vida. Porém, após a sua encarnação, como homem, veio a possuir essa modalidade de vida, assim tornando-se o Pioneiro do caminho (ver Heb. 2:10), bem como o próprio Caminho (ver João 14:6).

«...vida eterna...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse tema, ver João 3:15). A vida eterna consiste de vir alguém possuir a natureza divina, ao nos reportarmos ao destino do homem em Cristo. (Ver Col. 2:10 quanto a notas expositivas completas a esse respeito). Essa vida não consiste apenas de «existir para sempre». A filosofia e a teologia usam a expressão «modalidade de vida», e, neste caso, isso significa aquela forma que é apropriada para as dimensões espirituais da existência, nas quais o homem vem a compartilhar de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10; ver também as notas expositivas completas sobre a «salvação»—na qual essa vida é administrada—em Heb. 2:3; e ver Rom. 8:29, acerca de como o próprio Cristo é o arquétipo dessa vida, e como os homens podem chegar a

3. Leva os homens a confiarem na revelação dada em Cristo, acerca de como um homem pode chegar à vida eterna, por meio dele.

4. Leva os homens a experimentarem o novo nascimento, através da iluminação e da transformação íntimas, operadas pela fé, na expectativa (ou esperança) da vida eterna.

Crer em Deus é crer na mensagem divina sobre Cristo. Para o autor sagrado, pois, não há outra fé válida.

*Quando o crítico já fez o que pôde de melhor,  
A pérola da grande prece, tasiada pela razão,  
Jaz sobre a mesa de conferência do Professor,  
Pulverizada em poeira e cinzas.*

\*\*\*

*Zombai, zombai, Voltaire, Rousseau,  
Zombai, zombai, mas tudo é em vão;  
Lança a areia contra o vento  
E o vento a lança para trás de novo.  
E cada grão de areia torna-se uma gema  
Refletida nos raios da luz divina:  
Soprados de volta, cegam o olho zombeteiro,  
Mas continuam brilhando na vereda de Israel.  
Os átomos de Demócrito,  
E as partículas de luz de Newton  
São areias na praia do mar Vermelho,  
Onde as tendas de Israel tanto brilham.*  
(William Blake)

Variante Textual: As palavras «não crê em Deus» figuram nos mss Aleph, BKP, Pai, 614, no It(r), no Si(p,h), que servem de prova convincente da sua genuinidade. Essas palavras são substituídas por «não crê no Filho», nos mss A, 1738 e em alguns manuscritos latinos, no Si(hmg). E o ms latino m dia: «não crê em Jesus Cristo». Essas modificações foram produzidas pelo desejo de fazer essa causa concordar com a primeira parte do versículo, que fala sobre confiar no Filho de Deus. Mas o ponto visado pelo autor sagrado é que não confiar em Cristo equivale a não crer em Deus. A primeira mão na cópia do códex Amiatinus omite neste ponto qualquer objeto, mas isso foi apenas um equívoco de algum escriba.

possuir a essência mesma desse arquétipo).

«...esta vida está em seu Filho...» Consideremos os pontos seguintes:

1. Essa vida nos é dada por causa da missão de Cristo, que visou redimir o homem.

2. Cristo é a sua fonte; ele é quem a transmite aos homens.

3. Os homens chegam a dela participar porque a aceitam em Cristo (ver Efé. 1:6).

4. Essa vida é a transmissão, aos demais filhos de Deus, do mesmo tipo de vida e de natureza que possui o Filho, o Irmão mais velho (ver II Cor. 3:18). Vamos subindo de um grau de glória para outro, quando participamos dessa vida.

5. Essa vida se reveste de um potencial sem limites, porquanto seus atributos são infinitos, tal como o próprio Deus é infinito. Por conseguinte, a eternidade inteira será ocupada em dar aos remidos novas experiências em suas dimensões, porquanto não pode haver estagnação na glorificação. Dado que haverá uma infinidade que nos encherá, também deverá haver uma infinidade de enchimento. O grande alvo é possuir «toda a plenitude de Deus», em sua natureza e em seus infinitos atributos; e isso significa que o infinito virá permear o que é finito. Pode-se mergulhar um vaso no oceano; mas esse vaso não pode conter o oceano. Antes, o oceano é que contém o vaso. Contudo, poderíamos pensar em ir expandindo infinitamente o vaso, para que fosse abarcando mais e mais do oceano. Além disso, o oceano vai transformando a natureza do vaso, para que este vá tomando a natureza de oceano. A redenção do homem, na realidade, é algo prodigioso, que ultrapassa a todo o nosso poder de razão, de intuição e de imaginação. É algo que envolve muitíssimo mais que o simples perdão de pecados e a mudança de endereço para os céus, terminada esta vida terrena. Essas coisas são apenas estágios superficiais da salvação, e não a sua própria substância.

«...assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste» (João 17:2,3). Por sete vezes, no décimo sétimo capítulo do evangelho de João, diz-se dos crentes que eles foram dados por Deus a Cristo. Assim como Cristo é a dádiva do amor de Deus aos homens (ver João 3:16), assim também os crentes são a dádiva do amor do Pai ao Filho. (Ver João 17:2,6, duas vezes, 9,11,12,24).

«...deu...» Notemos o aoristo, no original grego. A dádiva é apresentada como completa na mente divina, provavelmente através da missão histórica (a encarnação com sua «água» e seu «sangue»—ver os versículos sexto a oitavo deste capítulo) de Cristo, agora já passada. Essa vida está no Filho de Deus, e com isso concorda o trecho de João 20:31, que diz: «...para que, crendo, tenhais vida em seu nome...». O Bom Pastor veio para que as ovelhas tivessem vida por seu intermédio. (Ver João 10:10).

«...Jesus, que é a Vida (ver João 14:6), veio a fim de dar-nos vida abundante (ver João 10:10)». (Robertson, *in loc.*).

«...a vida é dom de Deus, portanto... segue-se que naturalmente estamos destituídos dela, e que ela não pode ser obtida por méritos; em segundo lugar, ele ensina-nos que essa vida nos é conferida mediante o evangelho, porquanto ali nos são anunciados a bondade e o amor paternal de Deus; finalmente, ele diz que não podemos tornar-nos participantes dessa vida de outro modo, senão confiando em Cristo» (Calvino, *in loc.*).



12 ὁ ἔχων τὸν υἱὸν ἔχει τὴν ζωὴν· ὁ μὴ ἔχων τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ τὴν ζωὴν οὐκ ἔχει.

12 Jo 3:36

3:12; Quem tem a Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.

Isso é equivalente em idéia, embora não quanto à expressão, ao que se lê em João 14:6: «Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim».

«...tem o Filho...», em outras palavras, entregou-lhe a própria alma, possuindo-o como seu Salvador, Advogado e Mediador; porquanto tirou proveito de sua infinita virtude salvadora. Mui provavelmente, isso também significa que tal pessoa goza de comunhão genuína com o Filho, através da presença íntima do Espírito Santo, que vai transformando a alma do crente segundo a imagem e a natureza do Filho de Deus. O crente, portanto, possui essa «presença transformadora permanente», que lhe assegura a participação na própria forma de vida de Deus.

«...tem a vida...», isto é, a vida eterna, conforme é definida no versículo anterior. A «vida eterna», até onde diz respeito aos homens, consiste da participação na natureza e na vida do Filho; portanto, não «ter» ao Filho significa não ter tal participação. Todos os homens que sobrevivem à morte possuem a «vida eterna»; mas o «viver para sempre» não é exatamente a idéia aqui focalizada, porquanto todos os homens perdurarão para sempre. O que está em foco é certa «qualidade de vida». Apesar de que todos os homens, através da administração do juízo divino, eventualmente venham a receber certa forma de restauração, recebendo certo propósito de existência, conforme nos mostra o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, isso não significa que todos os homens venham a possuir o mesmo tipo de vida que possui o Filho de Deus. Se não vierem a confiar em Cristo, dentro do limite de tempo estabelecido por Deus (até à «parousia» ou segundo advento de Cristo—e não apenas por ocasião da morte física de cada um (o que é comentado em I Pedro 4:6), pois então é que será instaurado o juízo e traçadas as fronteiras eternas, então cairão para sempre para fora da possibilidade de virem a possuir a verdadeira «vida eterna», conforme ela se acha em Cristo. Embora ainda tenham propósito e alvo em sua existência, pois tudo encontra seu alvo em Cristo, já que ele é tudo para todos (ver Efé. 1:23), não saberão o que significa vir a ficar cheio de toda a plenitude de Deus.

Esta é a grande tragédia do julgamento. Os homens não mais poderão obter a finalidade, o alvo para o qual foram criados. Por conseguinte, não conseguirão atingir o propósito real da existência, a saber, a participação na natureza divina. Não sendo possuidores do tipo de vida que Deus possui,

*Epílogo: Afirmações e exortações finais (5:13-21).*

O décimo terceiro versículo deste capítulo age como reafirmação enfática do versículo que lhe é anterior, bem como a real conclusão desta epístola, que assevera o propósito central por que ela foi escrita. Isso pode ser confrontado com a declaração de João 20:31, que diz: «Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome».

O «saber» e o «ter certeza», inerentes ao espírito do décimo segundo versículo, sugere, para o autor sagrado, a presente «certeza» e «confiança» que temos em Cristo, e que nos encoraja a orar de tal modo que nossas atuais necessidades sejam satisfeitas, para que nossos problemas sejam solucionados. Portanto, por assim dizer repentinamente, um novo tema é introduzido. O tema da oração, por sua vez, sugere a oração pelos irmãos que erram. Isso nos conduz à questão de formas de pecado, ou seja, à questão da gravidade maior ou menor das ofensas. Existem alguns pecados tão graves que precisam ser punidos com a morte; e se um crente deixar-se envolver pelos mesmos, não somos aqui encorajados a orar por ele, mas antes, que o Senhor determine o julgamento que isso terá. Alguns vinculam esse pecado à *morte espiritual*; e, se realmente assim é, então o autor sagrado assumiu a posição «arminiana», crendo que o pecado contínuo, especialmente sério, pode destruir a semente da vida eterna, que foi implantada no seio do indivíduo. Encontrar tal doutrina aqui, porém, não é algo que nos deva surpreender, pois isso é ensinado de outros modos em trechos de Heb. 6:1-6 e I Cor. 9:27. Contudo, a «segurança» eterna dos remidos também é ensinamento das Escrituras. Talvez se trate de um «paradoxo», de um ensinamento que parece «autocontraditório». O trecho de Col. 1:23, em suas notas expositivas, procura reconciliar essas duas idéias entre si, como também se faz no trecho de Rom. 8:39. Isso é explicado de modo mais abreviado nas notas expositivas sobre o décimo sexto versículo deste capítulo.

O décimo oitavo versículo deste capítulo, porém, leva-nos a terreno mais familiar — aquele que é nascido de Deus não pode viver na prática do pecado, e o Maligno não pode nele tocar. Não é certo se o autor sagrado cria que pode haver o «aborto» de um «filho» de Deus, mediante a continuação no pecado, ficando assim destruído o seu «novo nascimento». Considerado isoladamente, o décimo oitavo versículo parece negar isso claramente; mas o décimo sexto versículo parece afirmá-lo. (Ver as notas expositivas sobre esses versículos, para esclarecimentos). Seja como for, o Filho de Deus veio a fim de formar essa vida eterna nos remidos; e se lhes formos verdadeiramente leais, tal vida se cumprirá em nós, contanto que nos guardemos do erro crasso e presteemos a Deus uma veraz adoração.

O epílogo, que encerra esta epístola, envolve cinco retumbantes declarações de *conhecimento*, nos versículos treze, quinze, dezoito e vinte. Essas afirmações refletem o verdadeiro conhecimento espiritual, em contraste com a variedade espúria dos gnósticos.

13 Ταῦτα ἔγραψα ὑμῖν ἵνα εἰδῆτε ὅτι ζωὴν ἔχετε αἰώνιον, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ.

13 Jo 20:21

13 Jn... Θεοῦ

τοῖς πιστ. π.ς τ. ον. τ. Υ. τ. Θ., ἵνα εἰδ. οτι ζ. αι. ἐχ., καὶ ἵνα πιστεύητε εἰς τὸ ὄνομα

τοῦ Υἱοῦ τοῦ Θεοῦ KLP pm (ς) | τοῖς πιστεύουσιν XB sy | R | οἱ πιστευόντες A al q vg

Após ὑμῖν o Textus Receptus, seguindo K L P maioria dos minúsculos, diz τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ, ἵνα εἰδῆτε ὅτι ζωὴν ἔχετε αἰώνιον, καὶ ἵνα πιστεύητε εἰς τὸ ὄνομα τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ. Embora se possa argumentar que a forma mais breve surgiu a fim de remover a redundância de τοῖς πιστεύουσιν... ἵνα πιστεύητε, é mais provável que a forma dos testemunhos mais antigos (N\* B syr) seja a original, especialmente desde que ἵνα πιστεύητε parece ter surgido como assimilação escríbal à declaração em João 20:31.

3:13; Estes coisas vos escrevo, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna.

O presente versículo envolve três propósitos, a saber:

1. Introduzir o epílogo e fazer soar a nota chave do conhecimento e da certeza, que possuem os crentes autênticos, e que caracteriza a epístola inteira.

permanecerão na morte eterna (pois, em última análise, somente Deus «vive»), sem importar que outro tipo de existência venham a ter, através da misericórdia e da graça divinas.

«...não tem a vida...» Os condenados terão «certa forma de vida», mas não a «vida de Deus». Viverão para sempre, mas não sendo cheios de toda a plenitude de Deus. Mas serão capazes de redundar em glória positiva para Cristo, e certamente se encurvarão perante ele como seu Senhor e Salvador (Jesus) (ver Fil. 2:9-11), encontrando em Cristo todo o propósito para sua existência (ver Efé. 1:23). No entanto, não possuirão o tipo de vida para o qual foram criados. Falharão como indivíduos, já que se fixaram em um tipo de vida extremamente inferior àquilo que lhes fora planejado pelo propósito criativo de Deus. Essa é a grande tragédia do julgamento divino, e não somente o que os perdidos terão de sofrer. O próprio sofrimento é disciplinador e restaurador em sua natureza, ensinando a todos os homens a necessidade que têm de Cristo, levando-os, todos eles, finalmente, a lhe prestarem lealdade, nele encontrando a razão mesma para a existência, pois ele é o Homem ideal, e isso em todos os níveis da existência. (Ver maiores esclarecimentos sobre esse conceito, nas notas expositivas em Col. 3:6, sob o título «a ira de Deus»).

«Que ninguém se engane neste ponto. Ou 'Cristo habita' e há GLÓRIA; ou não há 'Cristo residente' e NEM há glória. O registro de Deus permanecerá de pé». (Adam Clarke, *in loc.*). (Ver João 3:36 e as notas expositivas ali existentes, nessa conexão).

«...tem a vida...» Algumas versões dizem aqui «tem vida», mas a tradução mais correta e literal é a que encontramos nesta versão portuguesa, com o artigo definido, «a vida». Trata-se da modalidade de vida que Deus possui, a verdadeira vida eterna, em contraste com a mera «existência para sempre». Os perdidos não possuem «a vida», a despeito do que agrade a Deus fazer com eles. (Ver João 5:24 e as notas expositivas ali existentes, quanto a isso).

«...tem...» É usado o tempo presente, indicando que essa vida já é possuída pelos remidos em forma de semente—ela foi dada quando do exercício da fé e do arrependimento, isto é, da conversão. Vai sendo agora aperfeiçoada através da santificação; e alcançará plena fruição quando da glorificação (ver as notas expositivas a respeito em Rom. 8:29-30). O tempo presente do verbo, «tem», e a promessa do futuro «terá», porquanto essa vida é tão grande que exige nosso perene crescimento na mesma.

2. Sumariar a mensagem da epístola, fornecendo-nos o propósito central pelo qual foi escrita—levar-nos a reconhecer o verdadeiro Filho de Deus, o Verbo encarnado, o Deus-homem em uma única personalidade, o qual também fez expiação pelos nossos pecados, ficando assim encorajada a nossa devida lealdade a ele.

3. Introduzir a idéia imediatamente seguinte, isto é, que podemos ter a

mais plena confiança em Cristo, no tocante à nossa vida diária, a qual receberá completa fruição mediante a vida de oração eficaz.

«...estas coisas...», isto é, o conteúdo da epístola inteira, e não meramente o que o autor sagrado acabara imediatamente de dizer. Isso pode ser comparado ao sumário e declaração de propósitos em João 20:30,31. Esse «conteúdo» diz respeito a Cristo como o «Filho» de Deus; como o Verbo encarnado; como aquele que veio pela água e pelo sangue, e não apenas pela água (isto é, pela autoridade de seu batismo), mas também pelo sangue (isto é, pela autoridade de sua expiação pelo pecado) (ver I João 5:6-8).

Esta epístola nega o *docetismo* (ver as notas expositivas a respeito, em I João 4:1,2) e o gnosticismo em geral (ver as notas expositivas a respeito em Col. 2:18), com a necessária afirmação consequente da verdadeira natureza de Cristo e de sua missão redimidora. Esta epístola demonstra como devemos exercer fé em Cristo (a lealdade da alma), em contraste com o suposto «*aeon-cristo*» dos gnósticos. Também demonstra que essa lealdade resulta na «vida eterna», que é uma «modalidade de vida», e não meramente existência sem fim (ver as notas expositivas a respeito, em I João 5:11,12).

«...escrevi...» No grego temos o aoristo, porque agora a epístola estava completa, para todos os efeitos práticos, e o autor sagrado alude à sua escrita como algo já feito. Provavelmente não devemos pensar aqui no aoristo epistolar, no qual um autor se referiria a um escrito seu como «já escrito», embora ainda o estivesse «escrevendo», porquanto via a questão do ponto de vista dos leitores, quando recebessem sua carta. Para eles, a escrita será «passada», ao receberem a mesma, pelo que seu autor escrevia no tempo passado.

«...vós que credes...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «fé», ver Heb. 11:1). Crer em Cristo é mais que algo «credal» ou «intelectual». Antes, é a «outorga da própria alma» aos cuidados de Cristo, a lealdade ao Filho de Deus e ao mundo eterno, ou seja, é abandonar este mundo com seu baixíssimo horizonte. (No tocante a notas expositivas sobre o que significa «crer em Cristo», na presente epístola, ver I João 5:1,5).

«...tendes a vida eterna...» (Quanto a notas expositivas completas sobre esse conceito, nesta epístola, ver I João 5:11,12. Quanto à nota geral sobre a «vida eterna», ver João 3:15).

«...sabedes...» Essa é a primeira de cinco afirmativas que envolvem os sentimentos de conhecimento e confiança. (Ver também os versículos quinze, dezoito, dezenove e vinte deste capítulo). Consideremos os cinco pontos seguintes:

1. Estamos convictos de que possuímos a vida eterna, a qual terá uma fruição futura, porquanto agora mesmo a imagem e a natureza de Cristo nos estão sendo inundadas pelo poder do Espírito Santo.

2. Por conseguinte, agora mesmo possuímos a certeza e o conhecimento inabalável de uma presente concretização de espiritualidade, porque a nós são dados os meios da oração. Ele nos dará aquilo que lhe pedirmos; não somente o futuro, mas até o presente, nos é provido (ver o décimo quinto versículo).

14 καὶ αὐτὴ ἐστὶν ἡ παρρησία ἣν ἔχομεν πρὸς αὐτόν, ὅτι ἐάν τι αἰτῶμεθα κατὰ τὸ θέλημα αὐτοῦ ἀκούει ἡμῶν.

14 Mt. 7:7; Jo. 14:13; 15:7, 16; 16:23; 1 Jo. 3:21-22

5:14: *«A autu é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve»;*

Aqui é salientada a confiança na possessão, desde agora, da vida eterna. E esta redundará em futura fruição extraordinária, dando-nos a certeza, desde agora, que Deus se interessa pelo nosso bem-estar, que proverá para nós, conforme formos avançando com ele, em oração. O tom de segurança é similar ao que se percebe no trecho de Rom. 8:32, que diz: «Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?» Este versículo, naturalmente, está alicerçado no evangelho de João. (Ver João 11:22,41; 14:13,14 e 15:7).

«A vida cristã indica a jubilosa confiança e a declaração desinibida, tanto no testemunho (ver Atos 4:13 e I Cor. 3:12), como na aproximação a Deus (ver Heb. 10:19), ou então, conforme salienta esta epístola, no julzo (ver I João 2:28 e 4:17), apresentando petições a Deus (ver I João 3:21,22 e aqui)», (Wilder, *in loc.*). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «oração», ver Efé. 6:18).

«...segundo a sua vontade...» A oração, como sempre, é aqui condicionada à vontade de Deus. Isso não é impedimento para qualquer coisa vital, porquanto a vontade de Deus inclui o nosso benefício, não procurando prejudicar-nos; outrossim, ele se preocupa com as coisas da nossa vida diária (ver Mat. 7:7-11 e 6:33). Um pai terreno não dá uma pedra a seu filho, quando este lhe pede pão, e nem lhe dá uma serpente, quando lhe pede um peixe. Deus, sendo nosso Pai celestial, não nos dará uma «serpente» (algo que pode prejudicar-nos), meramente porque a pedimos, se porventura sabe que aquilo que lhe pedimos nos é prejudicial. A vontade de Deus é benigna e benéfica, além de ser correta (para nossa própria proteção e bem-estar), naquilo que diz respeito às nossas orações. O andar espiritual infunde em nós nossos desejos, nossos alvos e nossas aspirações. Portanto, quando estamos espiritualmente desenvolvidos, aprendemos a pedir aquilo que Deus quer, porquanto isso também é de nossa vontade. Por isso é que Tiago observa que «Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo» (Tia. 5:16). Sim, a oração é um ato criativo; pode modificar as pessoas e afetar as circunstâncias, alterando-as ou criando novas circunstâncias, inteiramente à parte das pessoas envolvidas. Porém, a oração é uma arma inútil nas mãos de indivíduos carnaís e gananciosos, os quais a usariam como se fora uma medida de magia, visando propósitos egoístas (ver Tia. 4:3, que ensina: «...pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres»).

«...nos ouve...» Deus nos ouve de tal modo que atende nossos pedidos,

3. «Sabemos» que o fato de termos nascido de Deus nos dá poder sobre o pecado; não podemos «praticar» o pecado; não podemos ser vencidos pelos vícios pagãos, conforme sucedia aos gnósticos, cujo falso evangelho não tinha o imperativo moral (ver o décimo oitavo versículo).

4. «Sabemos» que temos para com Deus a relação de filhos, e que somos «dele», em contraste com os gnósticos, que eram, na realidade, controlados pelo mundo hostil que se conserva em rebeldia contra Deus (ver o décimo nono versículo).

5. «Sabemos» que o Filho de Deus já veio; que a sua encarnação é real; que Jesus de Nazaré é o Cristo; que em uma única personalidade se combinam a natureza divina e a natureza humana; que através de Cristo recebemos a expiação dos pecados e a vida; e que a nossa compreensão espiritual é válida (ver o vigésimo versículo).

*Variante Textual:* As palavras «e para nós possais crer no nome do Filho de Deus» foram adicionadas nos mss KLP, na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina. Mas são omitidas pelos manuscritos mais antigos, como Aleph(1), B, com o que concorda a tradição siríaca. É possível que a forma mais breve tenha sido produzida na tentativa de eliminar a redundância que há na forma mais longa; mas é mais provável que a forma mais longa representa uma glosa escrital. Também se baseia parcialmente sobre o trecho de João 20:31, ou é uma assimilação daquela passagem. Por conseguinte, precisamos concluir que a forma mais breve representa o texto original.

Notemos como este versículo de sumário é similar à introdução da epístola. O autor sagrado escreveu para que viessemos a conhecer a Palavra da Vida (ver o primeiro versículo da epístola), e assim, por meio dele, possuímos a «vida eterna» (ver o segundo versículo da epístola), com a comunhão resultante (ver o terceiro versículo da epístola). O autor sagrado também escreveu essas coisas a fim de que nossa alegria seja completa (ver o quarto versículo da epístola).

«...que credes em o nome...» O «nome» representa a própria pessoa. Dizemos Jesus, e apontamos para Cristo como «Salvador», por esse título. Dizemos «Cristo», e apontamos para sua missão messiânica; Dizemos «Filho de Deus», e indicamos nossa crença em sua encarnação, em que a divindade veio habitar com a humanidade. Em uma única pessoa. E isso também subentende participação na «filiação», porquanto há a comunidade da natureza divina entre Deus Pai, Deus Filho e os Filhos de Deus. (Ver Heb. 2:10 e ss.).

Mediante a crença em seu nome, situamo-nos dentro da ordem eterna, no dizer de certo autor: «Cada hora da sua (de Jesus) história pertencia à ordem eterna. Cada palavra que ele proferia, cada ação... que ele perfazia, era uma extensão da vida eterna. A natureza divina estava em tudo isso. E em quem quer que ela exista... a possessão dessa natureza que produz pensamentos, motivos, desejos, palavras e ações semelhantes às dele, deve à vida eterna». (Law, «*Tests of Life*», pág. 189).

«Ele deseja que tenham a vida eterna em Cristo (ver João 20:31), e queria que soubessem que a possuem, mas não com uma superficialidade petulante (ver I João 2:3 e ss.)», (Robertson, *in loc.*).

14 [θέλημα] ονομα Α

trazendo à realidade aquilo que queremos. No entanto, Deus «não nos ouve» quando oramos de maneira contrária à sua vontade, o que é outra maneira de dizer «de forma contrária aos nossos próprios melhores interesses», porquanto a vontade de Deus é sempre benéfica a seus filhos. O maior «poder» que há no universo também é o maior «bem», e Deus nada pode fazer que entre em contradição com sua bondade. Até mesmo seus julgos são uma medida de sua bondade e misericórdia, porquanto ensinam aos homens como não podem viver separados de Cristo, o Homem ideal, que, agora e para sempre, é o alvo de toda a existência humana. (Ver as notas expositivas sobre esse assunto, em Col. 1:16 e Efé. 1:23). Até mesmo o julzo é um dedo da mão amorosa do Senhor Deus, efetuando aquilo que seu amor deseja.

«Toda a oração se origina de nosso senso de necessidade: «...vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas...» (Mat. 6:32), e nenhuma necessidade está fora do alcance da oração. Já se disse que tudo quanto há de valor, é digno de ser incluído em nossas orações. A única condição estabelecida é «segundo a sua vontade». (Condições similares são estabelecidas em I João 3:22; João 14:14 e 15:7). A oração cristã é a identificação ativa com a vontade divina, a elevação de nossa vontade aos desejos de Deus, e não a persuasão da vontade divina para que cumpra a nossa vontade. Desse modo, a oração é apenas uma expressão devocional do mesmo princípio pelo que o crente habitualmente vive: e sua oração é eficaz porque representa o tipo de vida que ele vive. Uma nobre declaração judaica, citada por Brooke, vem bem a propósito: «Faz a vontade dele como se fosse a tua, para que ele faça a tua vontade como se fosse a dele». Tais orações, longe de restringirem a vontade de Deus, a libera e aperfeiçoa. Deus está essencialmente disposto não a ignorar, mas a ouvir; não a negar, mas a conferir nossos pedidos; ele nos ouve... Deus dará». (Hoon, *in loc.*).

«...aquilo que pedimos, dele recebemos...» (I João 3:22). A oração é assim condicionada à santidade e à obediência. Está em foco aquele tipo de crente que sabe como orar e sobre o que orar—ele vive em terreno de oração. Mas aquele cuja mente está maculada com o pecado e a degradação, como se poderia esperar que o Espírito Santo ouvisse e atendesse às suas orações? Chegamo-nos a Deus como um Pai; os filhos de Deus devem compartilhar de sua santidade, e, portanto, devem ter a sua simpatia. Deus dará livremente a filhos seus que sejam dignos, porquanto terão os mesmos propósitos na vida que tem o próprio Pai. Estarão sendo feitos participantes da vida e das disposições do Filho de Deus, e desejarão cumprir em si mesmos a vida e as virtudes do Filho. Esses filhos poderão utilizar-se da oração como uma poderosa força. Mas outros filhos acharão



que suas orações são entravadas. O canal estará entupido pela imundícia. «...segundo a sua vontade...» (Ver I Ped. 4:19; Gál. 1:4 e Efé. 1:5,11 quanto a outros usos dessa expressão, em outras conexões).

Os alvos mais elevados da oração podem ser vistos nos trechos de Efé. 1:15 e Col. 1:9-12: A iluminação espiritual, mediante o contacto com o Espírito Santo; o conhecimento de Deus e de seu Filho, o Cristo; o ser cheio de poder espiritual; o andar diário digno do nome de Cristo; o ser frutífero em toda a boa obra; a paciência (longanimidade com alegria), suficiente

15 καὶ ἐὰν οἶδαμεν ὅτι ἀκούει ἡμῶν ὁ ἐν αἰτῶμεθα, οἶδαμεν ὅτι ἔχομεν τὰ αἰτήματα ἃ ᾔτηκαμεν ἀπ' αὐτοῦ.

5:15: e, se sabemos que nos ouviu em tudo o que pedimos, sabemos que já alcançamos as coisas que lhe temos pedido.

«...sabemos...» Está aqui em foco a «confiança» (ver o versículo anterior) e o «conhecimento», que se unem, assegurando-nos o poder da oração. Se Deus «ouve», então automaticamente se mostra «atento», além de «simpatizar» conosco. Portanto, a oração obtém a resposta. As declarações «sabemos» e «sabéis» ocorrem por sete vezes nos versículos treze a vinte e um deste capítulo. Esse é um «conhecimento» firme e bem alicerçado, em contraste com as presunções ocas dos mestres gnósticos. Esse conhecimento é sustento firme para todas as fases de nossa vida, agora e na eternidade.

«...estamos certos...» No grego temos, literalmente, «sabemos», como antes. «Sabemos» que Deus se mantém atento e simpático para conosco; «sabemos» que nossos pedidos particulares são cumpridos. Mas tal conhecimento só é possível quando a condição da «vontade de Deus» é cumprida, conforme é dito no décimo quarto versículo.

«A consciência de que somos ouvidos em tudo quanto pedimos, não tendo sido reiterada a condição necessária, traz consigo a consciência de possessão. Na certeza da antecipação, há certa espécie de possessão daquilo que já foi concedido, embora a posse disso seja indefinidamente adiada». (Brooke, *in loc.*). Este versículo certamente deixa isso subentendido, mas não, necessariamente, uma longa demora. Nada é dito aqui acerca de adiamiento, mas somente acerca da certeza da posse, que certamente é tida como certa, antes mesmo de sua ocorrência.

O autor sagrado queria que atingíssemos tão elevado plano de experiência espiritual que esse «saber» fosse nossa experiência. De outro

16 Ἐάν τις ἴδῃ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ἁμαρτάνοντα ἁμαρτίαν μὴ πρὸς θάνατον, αἰτήσῃ, καὶ δώσει αὐτῷ ζωὴν, τοῖς ἁμαρτάνουσιν μὴ πρὸς θάνατον. ἔστιν ἁμαρτία πρὸς θάνατον· οὐ περὶ ἐκείνης λέγω ἵνα ἐρωτήσῃ.

16 ἴστιν...θάνατον Mt 12:31; He 6:4-6

5:16: Se ninguém vir seu irmão cometer um pecado que não é para morte, pedirá, e Deus lhe dará a vida para aqueles que não pecam para morte. Há pecado para morte, e por isso não diga que ora.

«...pecado não para morte...» Neste versículo, o intuito do autor sagrado é de mostrar a diferença entre pecados «sérios» e «menos sérios»; mas ele não procurava desenvolver o tema aplicando-o a tipos específicos de pecados, isto é, quais são para «morte» e quais não o são. Ele reconhecia universalmente que nem todos os males são iguais. Jesus subentendeu a mesma coisa quando falou em julzos «mais severos» (ver Mat. 23:14). Paulo, ao dizer que os homens podem «piorar», reconheceu a mesma coisa (ver II Tim. 3:13). Apesar de que normalmente o autor sagrado gostava de falar em «termos absolutos», vendo as coisas em termos de branco e preto, como quando diz que aquele que «peca» (vive no pecado) de maneira alguma pode ter «nascido de Deus», contudo, agora reconhece, por assim dizer, que há áreas cinzentas—alguns pecados são mais negros do que outros.

**Pecados mortais e veniais:** Essa doutrina romanista representa uma corrupção deste texto. Indivíduos e organizações religiosas se têm arrogado o direito de estabelecer distinções entre os «pecados» para morte (mortais), e os pecados não para morte (veniais). Os pecados mortais seriam aqueles graves e «deliberados», suficientemente sérios para levar o pecador à morte espiritual, se não forem perdoados. Os pecados veniais seriam aqueles que envolvem faltas leves, cometidos sem deliberação.

«...pedirá, e Deus lhe dará vida...» Qual «vida»? A vida eterna. O autor sagrado dizia que o irmão que peca pode ser restaurado à comunhão, sobretudo quando seu pecado é do tipo que não provoca, realmente, a morte espiritual. Por conseguinte, fazemos bem em orar por sua restauração, porquanto já temos aprendido que as nossas orações, se forem feitas segundo a «vontade de Deus», serão respondidas (ver os versículos catorze e quinze). Certamente essa é a vontade de Deus com relação às nossas petições. Isso subentende, naturalmente, que um dos temas centrais de nossas orações devem ser os desviados e os crentes que estão em pecado. Esta passagem sugere, igualmente, a necessidade de solidariedade na comunidade cristã—precisamos uns dos outros e precisamos orar uns pelos outros. (Ver as notas expositivas sobre a «necessidade de nossas orações mútuas», em Efé. 6:18).

«...há pecado para morte...»

1. A palavra «morte», neste caso, pode ser a «morte física»—Deus remove desta vida aqueles que continuam rebeldes. Nesse caso, pode-se supor que a «salvação» do crente que peca, ainda que gravemente, não é ameaçada. Isso caberia dentro da situação descrita em I Cor. 5:5, onde Paulo instruiu os crentes a orarem pela destruição física de um membro da igreja em Corinto, com o propósito específico de que sua alma escapasse da morte eterna, supostamente porque seu juízo não o desviaria de seu caminho mau, obviando qualquer dano espiritual permanente. Mas essa idéia não cabe dentro de nosso texto. Pois a «vida eterna» certamente está em foco no contexto imediato (ver os versículos onze a treze, e vinte); e isso significa que a «morte eterna» deve estar em foco, como seu oposto.

2. O autor sagrado não salienta qualquer pecado específico em particular, como, por exemplo, a «blasfêmia contra o Espírito Santo» (o

para cumprir nossa missão; e tudo isso saturado com ações de graças pelas bênçãos temporais e eternas recebidas. Esses são os grandes alvos da oração dos crentes. Quão freqüentemente oramos em prol dessas coisas? Elas formam o centro da vontade de Deus para conosco.

«Se conhecêssemos a vontade de Deus, e nos submetêssemos à mesma de todo o coração, ser-nos-ia impossível pedir qualquer coisa para o espírito ou para o corpo que não deveríamos realizar. Como sempre, o apóstolo tem em vista o estado ideal». (Alford, *in loc.*).

οἶδαμεν ὅτι ἔχομεν τὰ αἰτήματα ἃ ᾔτηκαμεν ἀπ' αὐτοῦ.

modo, a oração se tornaria mera tentativa e erro. Shakespeare percebeu essa possibilidade ao dizer:

Nós, ignoramos de nós mesmos,  
Pedimos para nosso próprio dano, que os sábios poderes  
Nos negam para nosso bem; e assim vale a pena  
Não sermos atendidos em nossas orações.  
(Antônio e Cleópatra)

Este versículo não é uma repetição inútil, com base no versículo anterior. Antes, no dizer de Calvino (*in loc.*), é «...uma aplicação da doutrina geral ao benefício especial e particular de cada um, para que os fiéis não duvidem que Deus é propício às orações de cada indivíduo, para que, com mentes tranquilas, possam esperar que o Senhor cumpra aquilo por que oram, e para que, sendo assim libertos de toda a tribulação e ansiedade, deixem nas mãos de Deus os seus cuidados».

«Não é que peçamos 'hoje' a misericórdia que precisamos para 'agora' mas só a recebamos 'amanhã' ou em algum tempo 'futuro'. Deus a dá a quem ora, 'quando' isso é necessário». (Adam Clarke, *in loc.*).

«A bondade de Deus, na qualidade de Luz e Amor, é algo tão plenamente firmado que se nossas petições forem feitas segundo sua vontade, segue-se necessariamente que ele no-las confere». (Sinclair, *in loc.*). (Ver as notas expositivas que apresentam Deus como «Luz», em I João 1:7, e como «Amor», em I João 4:8).

Consideremos «...a confiança de 'Jusafá', na questão de suas orações, de tal modo que nomeou cantores que louvassem ao Senhor de antemão (ver II Crô. 20:21,22)». (Faucett, *in loc.*).

16 Ἐάν τις ἴδῃ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ἁμαρτάνοντα ἁμαρτίαν μὴ πρὸς θάνατον, αἰτήσῃ, καὶ δώσει αὐτῷ ζωὴν, τοῖς ἁμαρτάνουσιν μὴ πρὸς θάνατον. ἔστιν ἁμαρτία πρὸς θάνατον· οὐ περὶ ἐκείνης λέγω ἵνα ἐρωτήσῃ.

16 (αἰτησῇ, καὶ) αἰτ. καὶ R<sup>m</sup>)

«pecado imperdoável», comentado em Mat. 12:31,32). Isso, naturalmente, seria um pecado para morte, isto é, que conduz à morte eterna; mas não há aqui qualquer sugestão de que esteja em foco tal pecado.

3. O autor sagrado pode ter tido em mente o pecado de «apostasia». Dentro desta epístola, isso seria a aceitação de alguma forma do «docetismo». O autor pode ter pensado que alguns crentes poderiam ter sido convencidos a negar a «encarnação» de Cristo, aceitando a noção gnóstica de que o «aeon» ou *Espírito-Cristo* viera possuir o corpo de Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião da crucificação, nunca tendo realmente se encarnado. Juntamente com sua negação da encarnação, os mestres gnósticos negavam o valor da «expição», asseverando que Cristo viera somente «pela água», e não «pelo sangue». Aceitavam a autoridade de sua unção, no batismo, mas não viam qualquer valor na morte de Jesus, que não seria o Cristo, mas apenas o corpo físico que ele usara como veículo para sua manifestação no plano terreno, por algum tempo. O autor sagrado já havia mostrado que quem não aceita a encarnação e o que nisso fica implícito, não pode ser crente verdadeiro e nem possuir a vida eterna. (Ver I João 4:2,3; 5:1,2,4,5,10,13). Tal pessoa é um *mentiroso*, e pretende fazer de Deus outro tanto (ver I João 5:10). E também havia mostrado que aquele que nega ao Cristo anunciado pelos apóstolos é um «anticristo» (ver I João 4:3). Parece que o autor sagrado, no presente versículo, supõe que uma pessoa, uma vez que se torne crente autêntico, pode cair em tal apostasia. E é possível que esse pecado em particular conduza à morte, o que é salientado no texto. Pelo menos, se o autor sagrado tinha em mente algum pecado em particular, esse deve ser o pecado frisado.

4. O mais provável, porém, é que nenhum pecado em particular esteja em foco. Antes, o autor sagrado estaria pensando em pecados deliberados, vícios de imoralidade (seguindo a moralidade distorcida dos gnósticos, que chegavam a oficializar a prática de certos pecados carnis, como se tivessem um propósito útil). Nesse caso, ele estaria pensando em tipos mais sérios de pecado, como o adultério, a idolatria, a blasfêmia, o assassinio, etc. Se porventura um crente chegar a praticar tais pecados, perderá a semente de Deus que lhe tem sido implantada, e assim se encaminha à morte eterna e ao julgamento vinculado à mesma. O grego diz aqui, literalmente, «pecado para morte», e não «o pecado para morte», onde a ausência do artigo dá à expressão um sentido indefinido, ou seja, «pecados em geral, que corrompem e escravizam aos homens», se deixados em seu livre curso.

5. A base deste texto é tipicamente judaica. (Ver Núm. 15:30,31). De conformidade com o que diziam os israelitas, um pecado deliberado e presunçoso não podia ser expiado. Quando rejeitamos a expiação, a provisão de Cristo, e prosseguimos no pecado, apostatando para longe do Senhor, simplesmente não há como ter tal pecado perdoado. Seu fim é a morte eterna. De acordo com o pensamento judaico, somente os pecados de ignorância podiam ser expiados. O sexto capítulo da epístola aos Hebreus também se alicerça sobre essa suposição. Se uma alma «despreza» a Palavra do Senhor, e age deliberadamente contra ela, então terá de ser «extirpada», e a sua iniquidade permanecerá sobre ele. (Ver Núm. 15:31). No presente texto, pois, temos apenas reflexo da atitude judaica. Tal atitude,

naturalmente, é «arminiana», se é que a quisermos classificar. Algumas passagens do N.T. são altamente «calvinistas», ensinando-nos a eleição divina, a segurança do crente, etc. Mas outras, como este versículo, como o sexto capítulo da epístola aos Hebreus, como I Cor. 9:27 e Fil. 3:13,14: são «arminianas». Uma das mais difíceis lições para nós é que os grandes problemas teológicos (como o da segurança eterna do crente versus a possibilidade da queda) já se acham inerentes ao próprio N.T., não sendo (pelo menos alguns deles) desenvolvimentos da teologia posterior. No N.T. não há qualquer tentativa para solucionar esses problemas. E ainda que houvesse tal tentativa, o mais provável é que não entenderíamos as explicações dadas. Por isso é que alguns intérpretes acham que o problema da «segurança versus possibilidade de queda» é um «paradoxo», ou seja, uma verdade que parece autocontraditória, para o que não temos resposta no presente, devido às limitações do intelecto humano, bem como ao nosso limitado entendimento espiritual. Este comentário, apesar de reconhecer diversos «paradoxos» no N.T., como o da «liberdade humana versus determinismo divino», ou como o da «divindade de Cristo versus humanidade de Cristo», contudo, busca encontrar reconciliação. Supomos que um crente verdadeiro pode cair, perdendo a semente de Deus que nele foi formada; mas, na qualidade de Grande e Sumo Pastor, tal pessoa será reconduzida a Cristo. Isso poderia ocorrer neste mundo, antes da morte física, ou após a morte, em alguma dimensão espiritual da existência, embora nunca já nos lugares celestiais. Nesse caso, a queda seria algo *relativo*, podendo ocorrer antes da «*parousia*», antes do segundo advento de Cristo, pois então é que serão traçadas as fronteiras eternas. Mas tal queda pode ser revertida, e, de fato, será revertida antes desse acontecimento, no caso de todos quantos chegaram a confiar em Cristo. Isso significa que a segurança eterna do crente é *absoluta*, isto é, eventual e finalmente, caracterizará aos crentes. (Ver o desenvolvimento dessas idéias, nas notas expositivas sobre Rom. 8:39 e Col. 1:23).

6. O «estado» de pecados não-perdoados, presumivelmente pecados graves e deliberados, leva à «morte eterna», de acordo com o ensinamento do autor sagrado. Ele não imaginaria nenhuma «reversão», segundo é sugerido acima, embora isso possa ser suposto com base em outras passagens neotestamentárias. Seja como for, nenhum pecado em particular estaria em foco, mas tão-somente um «estado» criado pela prática de «pecados deliberados». Desse modo, o autor sagrado relembra às nossas mentes o «imperativo moral» do evangelho (ver I João 3:8-10 e as notas expositivas ali existentes). O evangelho cristão exige a santidade, e isso é conseguido através da transformação moral segundo a imagem de Cristo; os gnósticos ignoravam essa exigência do evangelho, tal e qual fazem certos indivíduos hoje em dia, que advogam o evangelho moderno de «crença

17 πᾶσα ἀδικία ἀμαρτία ἐστίν, καὶ ἐστὶν ἀμαρτία

17 ou] om 33 pc lat sy<sup>h</sup> sa Tert

5:17: Toda injustiça é pecado; e há pecado que não é para morte.

O autor sagrado nos dá aqui *breve definição* de pecado. É a «injustiça». O termo grego aqui usado é «*adikia*», cujo uso é muito lato, dando a entender «impiedade», «injustiça», «erro», etc. Todos os pecados, de qualquer tipo que sejam, podem ser enfileirados dentro dessa palavra. Mas, se fosse pressionado para dar-nos uma definição mais exata de pecado, provavelmente o autor sagrado apelaria para aquilo que já dissera em I João 3:4, a saber: «...o pecado é a transgressão da lei». (Ver as notas expositivas ali existentes, quanto à «definição de pecado»).

«...pecado...» Aquilo que nos separa de Deus; que corrompe a alma; que retira da alma a semente divina, antes que ela tenha a oportunidade de desenvolver-se e chegar a bom estágio de frutificação. O pecado nos aliena de Deus e provoca a desarmonia, tornando os homens rebeldes e escravos. (Ver Rom. 5:12 e as notas expositivas ali existentes acerca da «entrada do pecado no mundo». Ver Col. 1:20 sobre «remédio». Ver Rom. 5:11 quanto à «expição»). O termo grego aqui usado é «*amartia*», que basicamente significa «errar o alvo». No pecado, pois, a alma é impedida de acertar no alvo, isto é, de atingir o propósito para o qual foi criada. Os homens fazem isso diariamente devido seus atos «pecaminosos»; e o resultado final é o erro eterno. Porém, tal vocabulário grego também veio a ser usado de modo muito geral, sem qualquer alusão a suas origens, referindo-se a qualquer injustiça, perversão ou erro moral, incluindo até mesmo os pecados de omissão. (Ver Tia. 4:17).

«...há pecado não para morte...» Essa declaração foi adicionada a fim de acautelar os crentes contra a descontinuação de toda oração intercessória pelos irmãos que erram, supondo eles, erroneamente, que os faltosos

18 Οἶδαμεν ὅτι πᾶς ὁ γεγεννημένος ἐκ τοῦ θεοῦ οὐχ αὐτόν, καὶ ὁ πονηρὸς οὐχ ἀπτεται αὐτοῦ.

18 1C 330 430 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

18 πᾶς...ἀμαρτάνει 1 Jo 3:9 ὁ γεγεννηθείς...αὐτόν Jo 17:16

A comissão compreendeu o «*γεννηθείς*» como alusão a Cristo, pelo que adotou a forma *αὐτόν*, que é apoiada por A<sup>\*</sup> B 330 614 it (r) vg sir (h) cōp (bo) *al*. Copistas que tomaram o «*γεννηθείς*» como alusão ao crente (embora alguns João sempre use o «*γεγεννημένος*», e nunca o «*γεννηθείς*», acerca do crente) naturalmente preferiram o reflexivo, *ἑαυτόν* (N A (c) K P Ψ 81 1739 *al*).

5:18: Sabemos que todo aquele que é nascido do Deus não vive pecando; antes a guarda aquele que nasceu da Deus, e o maligno não lhe toca.

Este versículo envolve diversos propósitos:

1. Mostrar que embora existam pecados que não sejam para a morte e que os crentes possam ver-se envolvidos no mesmo, contudo, conforme já foi dito enfaticamente, nenhum crente pode viver viciado, nenhum crente pode «praticar o pecado», porquanto todo o crente verdadeiro deve ter «vitória»

fácil.

Há interpretações falsas e inferiores:

1. Aquela que afirma que a morte subentende a «exclusão» como resultado, como se o texto estivesse falando de algum ato oficial da igreja local, ratificada nos céus, contra pecadores que ferem a santidade do cristianismo.

2. Aquela que afirma haver alguma base oficial para o dogma humano dos pecados «mortais» e «veniais».

3. Aquela que declara que está em foco a «morte física», sem qualquer vinculação com a alma.

4. Aquela que pensa estar em pauta a «morte civil», que provoque a pena de morte, decretada pelas autoridades civis.

5. Finalmente, aquela que pensa estar em foco pecados praticados «após» o batismo, e não «antes».

«...por esse não digo que rogue...» O autor não proíbe a oração para a restauração do culpado, mas não a encoraja; antes, a desencoraja. Talvez ele tivesse em mente indivíduos apóstatas ou notoriamente corruptos, que antes se tinham chamado cristãos e se tinham mostrado ativo na comunidade cristã, mas que agora a vexavam com suas palavras e ações. Isso explicaria essa relutância por instruir os crentes a orarem pela «restauração» de tais pessoas. Normalmente, nenhuma relutância assim é expressa nas páginas do N.T., e precisamos supor que o autor sagrado tinha em mente casos graves e específicos, produzidos pela má influência dos gnósticos, no tocante a Cristo e sua missão (erros doutrinários) e no tocante à moralidade, devido ao péssimo exemplo dos imorais mestres gnósticos. Contudo, o amor de Deus persiste até ao fim, até à beira da condenação, até dentro da própria condenação (ver I Ped. 3:18,19 e 4:6 e as notas expositivas ali existentes), incluindo até mesmo aos mais rebeldes. Portanto, de fato, deveríamos orar pela restauração de todos os homens, sem importar seus crimes. (Ver Mat. 18:21,22). Pedro indagou até que ponto poderia continuar perdoadando a um irmão faltoso. Ele mesmo sugeria «até sete vezes», o que talvez ele já considerasse como um exagero. Mas o Senhor Jesus respondeu isso negativamente—antes, até «setenta vezes sete», isto é, nenhum limite foi imposto ao perdão. Ora, se Deus espera que os crentes tenham essa espécie de atitude, ele mesmo a tem também. Chamamos isso de «longanimidade», que se manifesta vinculada à «misericórdia»; pois ambas essas atitudes são propriedades divinas, as quais são conferidas aos remidos através da transformação moral operada pelo Espírito, no homem interior. Ver notas sobre este conceito em Gál. 5:22,23.

N.B. A oração aqui não é um pedido que tais pessoas *morram*, ou sejam removidas deste mundo. *Restauração* e o assunto do versículo.

οὐ πρὸς θάνατον.

havia ido longe demais em seu pecado. O curso «normal», pois, é a intercessão pelos crentes desviados, e não a abstenção dessa intercessão. (Ver as notas expositivas sobre o versículo anterior acerca dos pecados «não para morte», e acerca das orações por aqueles que ficarem envolvidos nesses pecados).

«A vontade de Deus é pura, imutável, santa e amorosa, operando pelo bem-estar de cada criatura. É pela vontade de Deus que a vida, a verdade, a retidão e o amor crescem e se multiplicam por toda a parte; e quando desejamos outro tanto, juntamente com Deus, nada pode impedir sua concretização». (Robert Law, *The Tests of Life*, pág. 304).

Este versículo também serve de gentil confirmação. É como se o escritor sagrado tivesse dito: «Vós pecastes, mas não para morte; eles pecaram, mas não para morte. Continuai orando uns pelos outros, por vossa mútua restauração».

Notemos a ausência do artigo definido, neste versículo, quanto ao original grego, tal como se dá no versículo anterior, com a palavra «pecado». O autor sagrado não falava sobre o «pecado para morte», e nem sobre algum pecado em particular, e, sim, do pecado que é deixado a crescer, e que corrompe, escraviza e condena.

«O mundo atual considera o pecado como algo sem gravidade, até mesmo como uma brincadeira, como se fosse uma mera herança animal. O pecado, porém, é uma terrível realidade, embora não haja motivo para desespero. O pecado que não é para morte pode ser vencido em Cristo». (Robertson, *in loc.*).

ἀμαρτάνει, ἀλλ' ὁ γεγεννηθείς ἐκ τοῦ θεοῦ τηρεῖ

98 181 326 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

18 ο γεγεννηθείς εκ η γενηθείς (185a) 2138 latt sy<sup>h</sup>

em sua vida. Isso não fala de perfeição impecável, contudo, mas aponta para a vitória. Ora, nenhum indivíduo viciado, sem vitória moral sobre o pecado, na realidade «nasceu de Deus». É um pseudofilho de Deus, um crente falso.

2. O «novo nascimento», mediante o que um homem torna-se filho de Deus, confere ao crente a própria natureza santa de Deus, a qual deve manifestar diariamente em sua vida; e, se for cultivada, transformando-o



totalmente, haverá de levá-lo à perfeição (ver Mat. 5:48), pois sem a santificação ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). Assim sendo, a santificação é algo absolutamente necessário à salvação—não é uma opção. A correta posição diante de Deus nos é dada em Cristo (sendo esse um dos aspectos da justificação). No entanto, precisamos avançar na santificação, ou não poderá haver salvação, nem vida eterna e nem glorificação. (Ver as notas expositivas sobre esse ensinamento, em II Tes. 2:13 e Rom. 6:22. Ver também I Tes. 4:3 quanto a notas detalhadas sobre a «santificação»).

3. É conferida verdadeira segurança a todos quantos realmente nasceram de novo, em quem também se vai formando a natureza moral de Cristo. Embora os ataques desfechados pelo Maligno sejam furiosos, contudo, o poder de Deus, através da pessoa de Cristo, guarda e preserva do dano último aos crentes, pois esse poder ainda é maior que o de Satanás. (Ver as notas expositivas, em Rom. 8:39, acerca do tema da «terna segurança» dos crentes).

«...aquele que é nascido de Deus não vive em pecado...» Temos aqui reiteração do ensino que já foi amplamente exposto nesta epístola. (Ver I João 2:29, que diz: «...reconheci também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele». Ver também I João 3:9: «Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus». E ainda, I João 3:10: «Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, também aquele que não ama a seu irmão»).

O grego original diz aqui, simplesmente, «pecar», e não «praticar o pecado». Porém, estando no tempo presente do indicativo, poderíamos traduzi-lo assim, porquanto a idéia da «prática» faz parte inerente do próprio verbo. A mesma forma presente é usada e, I João 3:9, e as diversas interpretações que têm sido vinculadas a essa expressão aparecem ali. A questão da «perfeição impecável» faz parte inerente da idéia, porquanto essa é uma das interpretações desta e daquela passagens. (Ver a discussão a respeito do tema, em I João 3:9).

«...aquele que nasceu de Deus o guarda...»

**Variante Textual:** A forma que aparece nos mss Aleph, Aic, KP, Psi, 33, 81 e 1739 dizem «aquele que é nascido de Deus guarda a si mesmo». Porém, os mss A11, B, 330, 814, no Itir, na Vg, no Sithi, no Cóp(hol dizem «aquele que é nascido de Deus o guarda», tal como vemos nesta versão portuguesa. Isso faz o «o» referir-se a Cristo—ele é o unigênito, ou seja, o irmão mais velho dos outros filhos, que se ocupa ativamente em guardá-los. Deus, através de Cristo, por conseguinte, guarda aos crentes. Por conseguinte, poderíamos apresentar a seguinte paráfrase: «Ele, o Cristo, que é o Filho de Deus, gerado por ele, é quem guarda ao crente», a despeito dos assédios do Maligno. (Ver I João 4:9 quanto a Cristo como «gerado» de Deus. Ver I João 1:3,7; 2:22-24; 3:8,23; 4:9,10,14,15; 5:5,9-13,20 quanto a referências acerca de Cristo como «o Filho»).

É apropriado que o Salvador e Senhor de nossas almas, que é o Grande e o Sumo Pastor, seja igualmente o que guarda as nossas almas. O paralelo, no evangelho de João, é João 10:28,29, onde se aprende que os crentes são dados nas mãos de Cristo, e que sua mão está dentro da mão do Pai. Não há força capaz de vencer essa dupla e infinita segurança. O trecho de Rom. 8:33-39 é uma declaração eloquente do mesmo princípio; no trigésimo nono versículo dessa passagem damos a nota de sumário sobre o tema da «segurança eterna do crente».

19 οἶδαμεν ὅτι ἐκ τοῦ θεοῦ ἐσμεν, καὶ ὁ κόσμος ὅλος ἐν τῷ πονηρῷ κεῖται.

Si 19: Sabemos que somos de Deus, e que o mundo inteiro jaz no Maligno.

«...Sabemos...» As afirmações dos apóstolos (sete nos versículos treze a vinte e um) continuam. Possuímos um conhecimento intuitivo que concorda com a razão e a revelação, no sentido que somos «de Deus», o que significa que sentimos segurança em nossa salvação.

«...somos de Deus...» No grego temos «ek tou theou», genitivo de origem, usado também em I João 4:4, cujo principal sentido é «nascidos de Deus», conforme no-lo mostra o contexto imediato. Além disso, nesse mesmo versículo, aqueles que foram chamados de «nascidos de Deus», são logo em seguida intitulados de *filhinhos*. Esses são os que *venceram* aos espíritos falsos, aos anticristos. Em contraste com isso, os falsos mestres e seus discípulos, homens sem regeneração, são «do mundo» (ver I João 4:5). Uma «relação básica» é referida em ambos os casos, como também lealdades cósmicas, isto é, ou a Deus Pai (ver I João 3:10) ou ao maligno, sob o título de «diabo», nessa mesma referência.

«...de Deus» são palavras que denotam, como noutras porções dos escritos joaninos, o estado que é a consequência de alguém ter «nascido de Deus». (Comparar com João 8:47 e I João 4:4-6). (Brooke, *in loc.*). Visto que somos de Deus, somos guardados em segurança por ele, através da agência de seu Filho. Certamente isso fica implícito no uso que se faz desta expressão.

«...mundo inteiro...» O mesmo mundo inteiro que é passível de receber os benefícios da expiação (ver I João 2:2). Esse mundo, rebelde, participante da maldade cósmica, longe de estar sob o «poder» de Cristo, está nas garras do maligno, do destruidor das almas humanas. Essas garras são «poderosas». O mundo inteiro «jaz» no maligno, em seu seio, debaixo de seu poder. Fica assim subentendido o completo controle. Eles «permanecem» no diabo, e não em Cristo (ver I João 3:14,24); estão debaixo de seu poder (ver

«...e o maligno não lhe toca...» Aqui está em foco Satanás (comparar com I João 2:13), o qual é o pai e o perpetrador de toda a maldade, o pai dos pecadores. O uso é pessoal, e não abstrato. (Ver João 17:15). Os crentes inevitavelmente sofrem os ataques do maligno, porquanto não serão tirados do mundo enquanto a sua missão não estiver cumprida. Porém, em meio ao conflito, não distante do mesmo, são preservados pelo poder de Deus. Nenhuma tentação pode realmente derrotá-los, pois Deus não permitirá que sejam tentados acima de suas forças (ver I Cor. 10:13); e, se porventura falharem, não é porque não têm a capacidade de resistir, mas devido ao descuido e à carnalidade, por se terem entregue propositalmente ao poder de Satanás. Os versículos dezoito em diante, neste capítulo, mostram que o mundo inteiro está sob o controle do «maligno». Somente quando um homem se faz propositalmente mundano, aliando-se ao «deus» deste mundo (ver II Cor. 4:4), é que o poder de Cristo se torna nele inoperante, propiciando a Satanás esmagá-lo. O N.T., por toda a parte, supõe a existência de uma força maligna e pessoal, uma pessoa dotada de suprema malignidade e impiedade, tal como Deus é a bondade final. (Quanto a notas expositivas sobre o «diabo» ou «Satanás», ver Luc. 10:18 e João 8:44).

«...não lhe toca...» O crente é como quem «tesouro», guardado em lugar seguro, zelosamente vigiado por Deus. O maligno, a despeito de seu vasto poder, não pode romper a barreira de proteção que guarda esse tesouro. Cristo «segura» firmemente esse tesouro, razão pela qual Satanás não pode apossar-se do mesmo. É impossível que Cristo e Satanás possuam, ao mesmo tempo, tal tesouro. «Tocar» (ou «agarrar»), tem aqui a idéia de «lançar mão», a fim de prejudicar. (Comparar isso com os trechos de Gên. 26:11; Jos. 9:25; Jer. 4:10; Sal. 104:5 e IV Macabeus 10:4).

«...Sabemos...», porque estamos cômicos e convictos do poder divino, que nos guarda. Esta passagem, nos versículos treze a vinte e um, encerra sete declarações acerca da certeza do nosso «conhecimento», e cujo intuito é transmitir-nos uma final nota expositiva de «segurança», em contraste com o «conhecimento» presunçoso dos gnósticos, que servia somente para solapar a fé cristã.

Jesus declarou: «...ai vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim» (João 14:30). E essa mesma condição envolve aqueles que são guardados pelo poder de Deus. «O diabo não pode arrebatá-lo a um remido das mãos de Cristo (ver João 6:38 e ss.)». (Robertson, *in loc.*).

Há interpretações inferiores e secundárias acerca deste versículo, a saber: 1. Alguns pensam que aquele que guarda é o próprio crente; esse poder seria feito através da outorga da vida à santificação e ao poder do Espírito. Há nisso certa verdade, naturalmente, contanto que compreendamos que esse ato de guardar seja secundário, dependente do poder resguardador de Deus e seu Filho. Mas isso exigiria um texto como «guarda a si mesmo», embora «o guarda» certamente seja a forma correta. (Ver a «variante textual», mais acima).

2. Outros pensam que o poder que guarda é o «princípio da geração de Deus», conforme traduzem erroneamente alguns manuscritos da Vulgata latina. É verdade que o «ser nascido de Deus» nos guarda, já que a semente divina frutifica em nós; mas não é isso que é dito aqui. Antes, o Cristo é o poder resguardador, o que certamente guiou o parecer da grande maioria dos intérpretes, na escolha da forma correta do versículo—«ele (Cristo) o (ao crente) guarda».

Luc. 4:6).

«O terror dessas palavras pode assombrar; porém, somente uma linguagem tão franca pode expressar a tragédia essencial da existência humana. A vida é lamentavelmente mal compreendida quando não é vista sob o poder e a posseção do mal, o qual é tão generalizado e poderoso que somente Deus pode cuidar da questão. O quadro do mundo, a fazer passivamente nas garras do mal está de acordo com a realidade. Não é por nada que gerações de crentes têm orado, século após século: O Deus, que és o autor da paz e o amante da concórdia, no conhecimento de quem se encontra a nossa vida eterna, cujo serviço importa em perfeita liberdade, defende a nós, os teus servos humildes, contra todos os assaltos de nossos adversários: a fim de que, confiando seguramente em tua defesa, não temamos o poder de qualquer inimigo, mediante o poder de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém». (Hoon, *in loc.*, citando o *Book of Common Prayer*, coletânea em favor da paz, da Ordem de Orações Matinais).

«Se nossos cabelos não caem ao chão, menos ainda cairemos nós mesmos, sem a providência divina. Nem podemos cair abaixo do alcance dos braços de Deus, por profunda que seja a queda». (Penn, *Fruits of Solitude*).

«O crente é livrado de seu poder; o mundo inteiro jaz impotente, sob esse poder, incluindo os sábios, os grandes e os respeitáveis—todos quantos não se acham em união vital com Cristo». (Faucett, *in loc.*).

«Se Cristo não se tivesse tornado a propiciação pelos pecados do mundo, se ele não fosse o Salvador do mundo inteiro, ninguém no mundo poderia sair dele e confiar em Cristo. Mas, em vista dos fatos, aqueles que confiam em Cristo, saem do mundo e se separam dele. Assim, pois, nossa propiciação, neste mundo, é algo estritamente veraz: o «mundo» é a negação da fé em Cristo, e, como tal, jaz no maligno, o adversário de Cristo». (Allford, *in loc.*).

20 οἶδαμεν δὲ ὅτι ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ ἦκει, καὶ δέδωκεν ἡμῖν διάνοιαν ἵνα γινώσκομεν τὸν ἀληθινόν<sup>20</sup>, καὶ ἐσμέν ἐν τῷ ἀληθινῷ, ἐν τῷ νύῳ αὐτοῦ Ἰησοῦ Χριστῷ, οὗτός ἐστιν ὁ ἀληθινὸς θεὸς καὶ ζωὴ αἰώνιος.

<sup>20</sup> 20 [13] τὸν ἀληθινόν N B K P 409 056 0142 81 330 481 1877 2127 2492 Byz Lat ecg<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> arm Hilary Faustinus Cyril<sup>1</sup> Fulgentius 2 τὸ ἀληθινόν N<sup>1</sup> It<sup>1</sup> cor<sup>1</sup> Vigilant Facundus 2 τὸν ἀληθινόν θεόν

A Ψ 22 181 326 435 614 830 943 1505 1710 1981 2112 2495 2687 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000

20 γινώσκωμεν K pm latt g] -σκομεν NABLP al; R | του το N\* g r sa | εν τω 2<sup>o</sup> om 1799 vg | Ιησου Χριστου om A vg

Após o υἱὸς τοῦ θεοῦ ἦκει vários testemunhos latinos (vg (mss) Juliano de Toledo) adicionam, sem qualquer autoridade grega, a seguinte expansão doutrinária: *et carnem induit nostri causa et passus est et resurrexit a mortuis; adsumpsit nos...* («O Filho de Deus veio») e foi revestido de carne por nossa causa, e sofreu, e ressuscitou dentre os mortos; ele adotou-nos...»).

A forma que melhor explica a origem das demais é τὸν ἀληθινόν, que é apoiada por representantes de vários tipos de texto antigos (B 81 sir (p,h) cop (bo(mss)) ara Espéculo). A fim de aclarar a referência do adjetivo, copistas adicionaram θεόν, ou antes de τὸν ἀληθινόν (629) ou depois (A Ψ 33 614 1739 vg cop (bo(mss)) etí). Vários outros copistas preferiram o neutro τὸ ἀληθινόν: N\* it (r) cop (sa,bo(mss)).

5:20: Sabemos também que já veio o Filho de Deus, e nos deu entendimento para conhecermos aquele que é verdadeiro; e nós estamos naquilo que é verdadeiro, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.

Este versículo encerra, ao mesmo tempo, breve sumário das idéias da epístola inteira e uma polêmica final contra os gnósticos. É um acréscimo ao que diz o décimo terceiro versículo (que contém elementos similares), e sumaria o intuito inteiro da epístola.

«...sabemos...» O tom de «confirmação» e «certeza» continua aqui. Neste ponto encontramos outra das sete instâncias dessa afirmativa, espalhadas nos versículos décimo terceiro a vigésimo primeiro. Somos «espiritualmente» assegurados sobre certas verdades; a intuição as apreende, a razão concorda com essa intuição, e a revelação divina nos dá a certeza final. (Ver as notas expositivas em II Ped. 1:2, acerca do «conhecimento de Deus»; ver Efé. 1:17,18 acerca do conhecimento na forma de «iluminação espiritual», o que se dá mediante a agência do Espírito Santo).

«...o Filho de Deus é vindo...», isto é, está em foco a encarnação do Logos (o Cristo), apresentada como uma realidade. Em sua encarnação, pois, fundiram-se as naturezas divina e humana. O autor fere, uma vez mais, o «docetismo» dos gnósticos. O docetismo assumia duas formas diferentes, a saber: 1. Acerca da pessoa de Jesus Cristo, dizia que ele era um «aeon» (uma emanção angelical de Deus) disfarçado de homem. Sua natureza humana não seria real, mas apenas um fantasma. 2. O homem Jesus de Nazaré era real; mas um *aeon* (o Espírito-Cristo) viera apossar-se de seu corpo, quando do batismo, tendo-o abandonado por ocasião da crucificação. Por conseguinte, não teria havido encarnação real, e nem mesmo isso poderia ter sucedido. Um espírito santo não poderia encarnar-se, porquanto a matéria, no dizer dos gnósticos, é o princípio mesmo do mal, e o corpo humano participa da matéria. Assim sendo, a encarnação seria «impossível». A maioria dos gnósticos tomava a segunda dessas posições, e não a posição do «docetismo» puro, que negava haver qualquer elemento humano na manifestação de Cristo neste mundo. (Quanto a notas expositivas completas sobre a questão, ver I João 4:1-3).

O autor sagrado chamou os hereses docéticos de «mentirosos» e «anacristos», dando a entender que eram inspirados por espíritos de demônios. Ao negar a encarnação, também negavam o valor da morte de Jesus, não vendo nessa morte qualquer valor expiatório. Assim, pois, negavam tanto a pessoa como a missão de Cristo Jesus. (Ver as notas expositivas em I João 2:2, acerca da questão da «expição» e comparar com o trecho de II Ped. 2:1). Os gnósticos, por conseguinte, negavam ao Senhor, que os «comprara» através de sua missão expiatória.

«...entendimento para reconhecer o verdadeiro...» Cristo é quem nos trouxe o verdadeiro «conhecimento», o entendimento espiritual, em contraste com a falsa e presunçosa «gnosis» (conhecimento) dos mestres gnósticos.

«...o verdadeiro...» Essa palavra deve ser entendida em sentido pessoal, ou seja, «aquele que é veraz», isto é, a pessoa de Cristo, conforme era apresentado pelo evangelho dos apóstolos—o Deus homem que fizera expiação e que voltará a fim de receber-nos na glória. O restante deste versículo mostra que Cristo está em pauta, porquanto é nele que «permanecemos», e não em alguma verdade cristã abstrata. O objetivo da encarnação é fornecer-nos compreensão sobre o Cristo, o Salvador e Senhor dos homens, levando-nos a permanecer nele, e, desse modo, obter a vida eterna em sua plenitude.

«...estamos no verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo...» Essa é uma linguagem «mística», aludindo à comunhão que desfrutamos com Deus Pai e com Deus Filho, através da presença íntima do Espírito Santo, o qual vai formando em nós a imagem e a natureza de Cristo. Paulo utiliza a expressão «em Cristo» por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes em suas epístolas, apontando para essa realidade mística. Nós «permanecemos» em Cristo, e ele em nós. E assim a natureza divina se vai formando na natureza humana, até que chegaremos a possuir a plenitude da natureza divina (ver II Ped. 1:4; Efé. 3:19 e Col. 2:10), tornando-nos a plenitude de Cristo, tal como o corpo humano empresta à sua cabeça a plenitude da personalidade (ver Efé. 1:23). O tema da comunhão mística com o ser divino é muitas vezes repetido nesta epístola (ver I João 2:6,10,14,24,27,28; 3:6,14,24).

Há uma permanência contrária, isto é, na morte (ver I João 3:14), em Satanás, o maligno (ver I João 5:19). (Ver I Cor. 6:19 e as notas expositivas ali existentes, acerca da permanência do Espírito Santo em nós; e ver Efé. 2:22 quanto ao fato que essa permanência em nós nos torna «templo» de Deus, lugar onde ele manifesta a sua presença. Ver também II Cor. 3:18 quanto ao fato que essa permanência tem seus propósitos, a saber, a formação da própria natureza de Cristo em nós, mediante a espiritualização da alma).

«...Este é o verdadeiro Deus, e a vida eterna...» Não há dúvidas razoáveis que essas palavras afirmam a divindade de Cristo: ele é o verdadeiro Deus, e nele está a vida eterna. Em redor dessa afirmativa bíblica, naturalmente, tem rugido imensa controvérsia teológica, provocada principalmente por aqueles que não vêem em parte alguma a divindade de Cristo, devido a seus

sistemas doutrinários preconcebidos. Contudo, embora alguns aceitem a divindade de Cristo, pensam que aqui há alusão a Deus Pai, e não a Cristo. Argumentam os tais que isso seria mais natural, já que Deus é a fonte originária de toda a vida, que o Filho é apenas o agente da mesma, e que o Pai está presente no contexto, antes e depois deste versículo. Seja como for, o fato é que o ensino da divindade de Cristo é perfeitamente comum nas páginas do N.T., conforme se vê nas notas expositivas sobre Heb. 1:3.

Nada haveria de chocante, nem mesmo para os hereses gnósticos, chamar-se o Espírito-Cristo, que seria um «aeon» apenas, de «deus». Porque pensavam eles que todos esses supostos «aeons» possuiriam alguma partícula da natureza e dos atributos divinos, como se todos eles, considerados juntamente, fossem os possuidores da «plenitude» dessa natureza e seus atributos. Porém, o N.T. ensina que essa plenitude está encerrada na pessoa de Jesus Cristo, conforme nos mostra claramente o trecho de Col. 2:9. Assim sendo, a expressão joanina, «verdadeiro Deus», dá a entender algo mais que a forma de divindade parcial e imperfeita que os gnósticos imaginavam ser possuída pelo Espírito-Cristo. Antes, o Filho de Deus é o «verdadeiro Deus», inerentemente igual a Deus Pai nessa divindade e seus atributos, ainda que, por ocasião de sua missão terrena, tenha assumido posição de inferioridade em relação a Deus Pai.

Aqueles que se opõem ao ensino da divindade de Cristo, como algo declarado neste ponto, salientam que Deus Pai se acha no contexto, e que seria de estranhar que ele reaparecesse no vigésimo versículo (tendo sido mencionado no décimo nono versículo). Além disso, a «idolatria» é aludida no vigésimo primeiro versículo, como adoração a deuses falsos, o que subentende a adoração ao verdadeiro Deus como algo necessário. Portanto, antes e depois do vigésimo versículo é mencionado Deus Pai. Isso é possível, naturalmente, mas é um raciocínio mais débil do que aquele que meramente aceita que o «verdadeiro» (que acabara de ser mencionado) é também o «verdadeiro Deus». Isso estaria de conformidade com a expressão de Paulo, em Col. 2:9, que também encerra uma nota polêmica contra o gnosticismo. Seja como for, o ensinamento acerca da divindade de Cristo não depende deste único versículo como «texto de prova». Há muitas outras passagens similares, segundo se vê nas notas expositivas em Heb. 1:3.

Se porventura está em foco Deus Pai, neste versículo, então o significado desta passagem, seria: «Este Deus, que se manifestou e revelou no Filho anunciado pelo evangelho dos apóstolos (em contraste com a divindade delsta que os gnósticos anunciaram), é que é o verdadeiro Deus e somente por meio do Filho é que dele nós podemos aproximar». Essa idéia, naturalmente, é verdadeira, dominando a epístola inteira, sendo possível que isso é o que está em foco neste versículo.

Em última análise, a realidade só pode ser experimentada misticamente; e essa experiência mística está diretamente relacionada ao Filho, que é divino. Nessa comunhão com a divindade, com a realidade última, é que chegamos a possuir a vida eterna. «É o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho» (I João 5:11). «Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida» (I João 5:12). (Ver as notas expositivas, nesses dois citados versículos, sobre o conceito da vida, dada aos filhos, através do Filho). O trecho de João 5:24,25 encerra a mesma idéia. (Ver igualmente João 17:3, que declara: «E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste»). O décimo terceiro versículo do presente capítulo, mostra-nos, enfaticamente, que a vida está no Filho de Deus, e que, mediante a confiança nele, mediante a outorga da alma a seus cuidados, vamos sendo paulatinamente transformados em sua imagem (ver Heb. 11:1). Essa foi uma das principais razões por que esta epístola foi escrita—para que pudéssemos compreender isso claramente.

Eis a descrição de Richard Doddridge sobre a realidade de Deus na alma do crente:

Na hora da morte, após o capricho desta vida,  
Quando o coração bater fraco e os olhos se empanarem,  
E a dor deixar exaurido cada membro,  
Aquele que ama ao Senhor nele confiará.

Quando a vontade olvidar o alvo de toda a vida,  
E a mente puder apenas desgraçar sua fama,  
E o homem estiver incerto de seu próprio nome,  
O poder do Senhor encherá esse arcabouço.

Quando se tiver a última visão e se derramar a última lágrima,  
E o caixão mortuário estiver esperando ao lado do leito,  
E a viúva e os filhos se esquecerem do morto,  
O anjo do Senhor levantará sua cabeça.

Pois o mais puro daleite pode fenecer,  
O poder poderá falhar e o orgulho poderá cair por terra,  
O amor dos mais caros amigos pode diminuir,  
Mas a glória do Senhor será tudo em todos.

(Dominus Illuminatio Mea).

(Ver as notas expositivas completas sobre a «vida eterna», em João 3:15).

Variante Textual: As palavras «ton alethon» (o verdadeiro), e que «conhecemos» (ou compr.endamos)—compreendemos que ele é o verdadeiro.



sem qualquer adição, aparecem nos mss B, 81, no Si(p,b), no Cóp(bo) (alguns manuscritos), no Ara Speculum. Alguns escribas, porém, enfeiteraram isso para que diga «o verdadeiro Deus», antes de «o verdadeiro» (ms 629), ou então depois de «o verdadeiro» (mss A, Pal, 33, 614, 1739, na Vg, no Cóp(bo) (alguns manuscritos). Todavia, os mss Aleph(1), o It(r), o Cóp(sai) (alguns manuscritos) trazem o neutro. Portanto, os intérpretes entendem aqui que está em vista, como «o verdadeiro», ou o Filho, ou o Pai ou a verdade abstrata. A

21. Τεκνία, φυλάξατε ἑαυτὰ ἀπὸ τῶν εἰδώλων.<sup>9</sup>

\* 21 | A | εἰδῶλων. M A B Ψ 33 88 328 438 609 630 1505 1739 1881 2402  
3405 3497 3500 3501 3502 3503 3504 3505 3506 3507 3508 3509 3510 3511 3512 3513 3514 3515 3516 3517 3518 3519 3520 3521 3522 3523 3524 3525 3526 3527 3528 3529 3530 3531 3532 3533 3534 3535 3536 3537 3538 3539 3540 3541 3542 3543 3544 3545 3546 3547 3548 3549 3550 3551 3552 3553 3554 3555 3556 3557 3558 3559 3560 3561 3562 3563 3564 3565 3566 3567 3568 3569 3570 3571 3572 3573 3574 3575 3576 3577 3578 3579 3580 3581 3582 3583 3584 3585 3586 3587 3588 3589 3590 3591 3592 3593 3594 3595 3596 3597 3598 3599 3600 3601 3602 3603 3604 3605 3606 3607 3608 3609 3610 3611 3612 3613 3614 3615 3616 3617 3618 3619 3620 3621 3622 3623 3624 3625 3626 3627 3628 3629 3630 3631 3632 3633 3634 3635 3636 3637 3638 3639 3640 3641 3642 3643 3644 3645 3646 3647 3648 3649 3650 3651 3652 3653 3654 3655 3656 3657 3658 3659 3660 3661 3662 3663 3664 3665 3666 3667 3668 3669 3670 3671 3672 3673 3674 3675 3676 3677 3678 3679 3680 3681 3682 3683 3684 3685 3686 3687 3688 3689 3690 3691 3692 3693 3694 3695 3696 3697 3698 3699 3700 3701 3702 3703 3704 3705 3706 3707 3708 3709 3710 3711 3712 3713 3714 3715 3716 3717 3718 3719 3720 3721 3722 3723 3724 3725 3726 3727 3728 3729 3730 3731 3732 3733 3734 3735 3736 3737 3738 3739 3740 3741 3742 3743 3744 3745 3746 3747 3748 3749 3750 3751 3752 3753 3754 3755 3756 3757 3758 3759 3760 3761 3762 3763 3764 3765 3766 3767 3768 3769 3770 3771 3772 3773 3774 3775 3776 3777 3778 3779 3780 3781 3782 3783 3784 3785 3786 3787 3788 3789 3790 3791 3792 3793 3794 3795 3796 3797 3798 3799 3800 3801 3802 3803 3804 3805 3806 3807 3808 3809 3810 3811 3812 3813 3814 3815 3816 3817 3818 3819 3820 3821 3822 3823 3824 3825 3826 3827 3828 3829 3830 3831 3832 3833 3834 3835 3836 3837 3838 3839 3840 3841 3842 3843 3844 3845 3846 3847 3848 3849 3850 3851 3852 3853 3854 3855 3856 3857 3858 3859 3860 3861 3862 3863 3864 3865 3866 3867 3868 3869 3870 3871 3872 3873 3874 3875 3876 3877 3878 3879 3880 3881 3882 3883 3884 3885 3886 3887 3888 3889 3890 3891 3892 3893 3894 3895 3896 3897 3898 3899 3900 3901 3902 3903 3904 3905 3906 3907 3908 3909 3910 3911 3912 3913 3914 3915 3916 3917 3918 3919 3920 3921 3922 3923 3924 3925 3926 3927 3928 3929 3930 3931 3932 3933 3934 3935 3936 3937 3938 3939 3940 3941 3942 3943 3944 3945 3946 3947 3948 3949 3950 3951 3952 3953 3954 3955 3956 3957 3958 3959 3960 3961 3962 3963 3964 3965 3966 3967 3968 3969 3970 3971 3972 3973 3974 3975 3976 3977 3978 3979 3980 3981 3982 3983 3984 3985 3986 3987 3988 3989 3990 3991 3992 3993 3994 3995 3996 3997 3998 3999 4000

Após εἰδώλων, o Textus Receptus, seguindo K L P 81 614 Byz Lect, diz —ἀμήν, uma comum adição litúrgica. O texto anterior, sem ἀμήν, é fortemente apoiado pelos melhores testemunhos alexandrinos e ocidentais (N A B 33 it (r) vg Espéculo al).

5:21: Filhinhos, guardai-vos dos ídolos.

«...Filhinhos...» (Quanto a notas expositivas completas sobre essa expressão, ver I João 2:1. Também ocorre nos trechos de I João 2:1, 12, 13, 18, 28; 3:7, 10, 18; 4:4 e 5:2, 21). Envolve ela a idéia de uma ternura condescendente, típica do idoso apóstolo João, que tinha forte afeto por seus filhos espirituais, os quais, em comparação com ele, eram apenas infantes na fé.

«...guardai-vos dos ídolos...» Essa declaração serve para mostrar, por uma última vez, que o evangelho tem seu imperativo moral, o que era ignorado pelos gnósticos. Por conseguinte, o presente versículo é uma espécie de sumário da doutrina desta epístola. Pois qualquer coisa a que um homem dê atenção, às expensas das realidades espirituais, serve de ídolo para ele. Apesar de que a idolatria literal era algo generalizado na Ásia Menor, região para onde esta primeira epístola de João foi enviada, não é muito provável que o autor sagrado se tivesse referido a isso—antes, falava sobre a idolatria espiritual, do que quase todos os homens são culpados. (Quanto à «idolatria pagã», ver Atos 17:16; quanto a notas expositivas que salientam a «idolatria espiritual», ver os trechos de I Cor. 10:14; Gál. 5:20; Efê. 5:5 e Col. 3:5. A leitura dessas notas ilustrará amplamente o presente versículo. Ver igualmente as notas expositivas sobre Atos 14:18, que também aludem a essa questão).

«Dentro do mundo de João, os ídolos apontavam para o paganismo; no entanto, seu paralelo moderno é o paganismo de nossos dias, ao qual os homens, equivocadamente, prestam fé e lealdade—idéias políticas, cultos populares, o dinheiro, os prazeres, o estado. O crente sempre deve ter cuidado com essas coisas. Em contraste com tão inferiores realidades, em contraste com essas ilusões, eleva-se o Senhor Deus, conforme ele é revelado em Cristo. Somente ele é o real. Somente em Deus a alma humana encontra sua segurança, sua vitória sobre o pecado e sobre o mundo. Somente em Deus é que o espírito humano encontra o seu destino.» (Hoon, *in loc.*).

«A madeira seca não queima tão facilmente, quando carvões acesos são postos debaixo dela, como a idolatria se apossa facilmente das mentes dos homens e as enfeitiçam, assim que a oportunidade lhe é dada. E quem não

adição no versículo (a saber) em seu Filho Jesus Cristo, parece fazer com que a alusão seja ao Filho. Porém, se o Pai está em foco, então o ensinamento é que, «estando nós no Filho», de fato estamos «no verdadeiro Deus», ou seja, temos companheirismo místico com o Filho, e, por consequência, com Deus Pai. Isso seria reiteração do que se lê em I João 1:3: «Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo». Ou do que se lê em I João 3:24: «E aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus nele».

21 I Cor 10:14

percebe que as imagens (de escultura) são fagulhas? Quê! eu disse fagulhas? Antes, deveria eu ter dito, são tochas, suficientes para incendiar o mundo inteiro». (Calvino, *in loc.*).

«Todas as falsas imagens de Deus, que os homens têm fabricado para si mesmos, ao invés de aceitarem a verdadeira revelação que ele tem dado acerca de seu Filho (estão aqui em foco)» (Brooke, *in loc.*, o qual salienta que até mesmo certa «adoração» chamada cristã, como a que tinham os mestres gnósticos, pode ser uma forma de idolatria, se porventura ignora ou perverte o lugar legítimo que Cristo deve ter em toda a adoração à deidade).

Talvez também houvesse a tendência enganadora de comerem coisas oferecidas aos ídolos, ou, quiçá, os leitores do apóstolo de alguma maneira se vissem envolvidos na idolatria, embora seus corações crentes não dessem valor a tais práticas. Talvez estivessem sendo encorajados a isso por seus amigos, para que transigissem com a idolatria literal, tal como grandes porções da cristandade hodierna se comprometem, dando atenção a ídolos e imagens de santos e heróis. Portanto, a idolatria, literal ou figurada, pode ameaçar a igreja cristã, embora esta asseverar adorador exclusivamente a Deus. Que o verdadeiro Deus nos seja suficiente—não aceitemos qualquer substituição feita pelo homem, feita por nós mesmos.

**Variantes Textuais:** O *Amém* litúrgico, é adicionado no fim deste versículo pelos mss KLP, 81, 614, e no Byz. Lect. Porém, os manuscritos mais antigos, a saber, Aleph, AB, 33, no It(r), na Vg Speculum não o trazem. Pouquíssimos livros do N.T. trazem genuinamente o «Amém» litúrgico. Somente as epístolas aos Romanos e aos Gálatas realmente terminam por esse modo.

**Subtítulo.** Os subtítulos não faziam parte original dos livros do N.T., mas antes, foram acrescentados por escribas subsequentes, a fim de darem informações sobre questões como autoria, amanuense e destino dos livros ou epístolas em questão. Parte dessa informação se deriva dos próprios escritos sagrados, mas também há muito que não passa de conjectura e imaginação. Portanto, parte da informação assim provida é veraz, mas outra parte não o é. Nos manuscritos que possuímos, no grego, o ms 13 contém subtítulo, o que também ocorre nos mss latinos, a, b, c, d, g, h, i, m, o, Vg, Cóp. O latim f diz: «de Efeso»; Aleph, AB dizem apenas «Primeira (epístola) de João». Existem ainda subtítulos mais adornados, como o que aparece no ms L, onde se lê: «do santo e louvável João, apóstolo e teólogo, a primeira epístola católica».

## II JOÃO

A introdução às epístolas joaninas aparece no começo dos comentários sobre a primeira epístola de João. Trata-se ali de problemas como autoria, data, proveniência, confirmação antiga, motivos e propósitos, etc. Tais comentários devem ser consultados para que melhor se possa compreender a epístola que temos agora à frente. A única coisa que precisa ser adicionada aqui é o esboço do conteúdo desta segunda epístola de João.

### ESBOÇO DO CONTEÚDO

- I. SAUDAÇÃO (vss. 1-3)
- II. O MANDAMENTO DO AMOR (vss. 4-6)
- III. ADVERTÊNCIA CONTRA O ERRO GNÓSTICO (vss. 7-11)
- IV. CONCLUSÃO (vss. 12-13)

\*\*\*

#### I. Saudação (vers. 1-3)

É interessante observar que a segunda e a terceira epístolas de João possuem saudação e conclusão epistolares formais, o que as assinala como epístolas legítimas, ao passo que a primeira epístola de João não conta nem com uma coisa e nem com a outra, o que significa que ela é mais um tratado do que realmente uma epístola. Assemelha-se muito mais ao evangelho de João, havendo muitos grandes paralelos entre esses dois livros. A primeira epístola de João, pois, tem mais o estilo de um tratado do que de uma epístola. Na segunda e na terceira epístolas de João, o autor sagrado chama a si mesmo de *ancião*, mas sem dar qualquer indicação que esclareça tal posição, pelo que tais epístolas são sinônimas. A primeira epístola de João, porém, nem ao menos alude ao «ancião». Contudo, seus muitos paralelos com o evangelho de João fez com que tanto a primeira, como, por extensão, a segunda e a terceira epístolas de João, fossem consideradas de autoria do apóstolo João. Pelo menos elas se acham dentro da tradição joanina. (Ver discussão completa acerca da «autoria», na introdução à primeira epístola de João. Mas nem todos os eruditos acreditam que todas essas três epístolas foram escritas por um só autor.

Uma coisa, porém, é indubitável — a *razão* central por que essas três epístolas foram escritas é essencialmente a mesma. Os falsos mestres gnósticos estavam conseguindo grandes conquistas na igreja, e tinham de sofrer oposição. Estavam reduzindo o Cristo anunciado pelos apóstolos, o Verbo encarnado, o Deus-homem, a mera emanção angelical de Deus, um *aeon*. Negaram a realidade da encarnação, e viam o «Espírito-Cristo» meramente como um dos sombrios «aeons», o qual, por ocasião do batismo de Jesus de Nazaré, teria vindo possuir-lhe o corpo, usando-o como seu instrumento, até à sua crucificação. Por ocasião da morte, o «aeon» teria abandonado a Jesus, pelo que sua morte, quando muito, teria sido a de um mártir por uma boa causa, mas sem valor como expiação. Os gnósticos, por conseguinte, degradavam tanto a pessoa como a obra de Cristo. Em lugar de Cristo apresentavam um «cristo» falso, dotado de uma missão diferente.

Alguns líderes cristãos tinham sido conquistados para os pensamentos dos gnósticos, e assim um evangelho não-cristão estava sendo impingido à igreja. Diótrefes (ver III João 9), que assumira poderes ditatoriais sobre a igreja da região da Ásia Menor, provavelmente era um dos principais proponentes do gnosticismo da igreja. O que esse homem foi capaz de fazer, o que é descrito em II João 9-11, demonstra a natureza crítica do problema que era enfrentado. O trecho de I João 2:19 mostra, entretanto, que os verdadeiros crentes tinham obtido certa vitória sobre os mestres falsos, porquanto muitos deles tinham rompido comunhão com a igreja cristã. (Ver notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18).

Os versículos sétimo a décimo primeiro deste capítulo mostram que a doutrina dos gnósticos se espalhara por muitos lugares da Ásia Menor, através de pregadores itinerantes, que se aproveitavam da boa vontade e da hospitalidade natural dos cristãos primitivos. Foi mister que o «ancião» advertisse à igreja que os supostos «evangelistas» itinerantes de modo algum eram representantes da tradição apostólica. A igreja cristã foi avisada, pois, a não dar hospitalidade a tais homens, e a segunda epístola de João foi escrita essencialmente como advertência contra esses pregadores itinerantes gnósticos, embora o seu conteúdo não verse exclusivamente sobre esse tema.

Oito dos livros do N.T. foram escritos para combater o gnosticismo: as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas, a epístola aos Colossenses e a epístola de Judas. A epístola aos Efésios, o evangelho de João e certas porções do livro de Apocalipse também foram dirigidos contra essa heresia, que assediou a igreja por cento e cinquenta anos.

A presente epístola, naturalmente, é a mais polêmica de todas, mas polêmicas também são as demais epístolas joaninas. O grande tema do amor é novamente salientado (ver os versículos quarto a sexto); mas, devido à sua extrema brevidade, somente esse tema, além daquele que trata da defesa da verdade cristã contra os assédios da heresia, é abordado nesta epístola.

1 'Ο πρεσβύτερος ἐκλεκτῇ κυρίᾳ καὶ τοῖς τέκνοις αὐτῆς, οὓς ἐγὼ ἀγαπῶ ἐν ἀληθείᾳ, καὶ οὐκ ἐγὼ μόνος ἀλλὰ καὶ πάντες οἱ ἐγνωκότες τὴν ἀλήθειαν,

44 1 ἐκλεκτῇ κυρίᾳ: TR<sup>4</sup> WH Bov Nam B<sup>7</sup> AV RV ASV RSV

Luth? || ἐκλεκτῇ Κυρίᾳ: ASV<sup>7</sup> NEB TT Zor Luth? Jer Bos || 'Εκλεκτῇ κυρίᾳ: TR<sup>4</sup> || 'Εκλεκτῇ Κυρίᾳ: WH<sup>4</sup>

1 ἐγὼ...ἀληθείᾳ 2 Jo 1

1 (ἐκλεκτῇ) E- ζ: Εκλέκτῃ | (κυρία) K-

Embora qualquer deles ou ambos os nomes possam ser tomados como nomes próprios, e, portanto, postos em letras maiúsculas segundo o uso moderno («para a eleita Kyria (ou, Cyria)» ou «para a senhora (ou, a cara) Eleita», ou «para Eleita Kyria (ou Cyria)», a comissão entendeu que as palavras devem ser usadas metaforicamente acerca de uma congregação local.

1: O *ancião* à senhora *eleita*, e a seus filhos, aos quais eu amo em verdade, e não somente eu, mas também todos os que conhecem a verdade,

...*Ó presbítero*... Alguns intérpretes supõem que essas palavras apontam para o evangelho de João; mas há aqueles que pensam que o autor sagrado teria sido algum *ancião* ou supervisor principal da igreja cristã da Ásia Menor, ou um discípulo de João ou alguém não muito distante de João. Seja como for, a maioria dos intérpretes acredita que a tradição joanina, de ordem intelectual e eclesiástica, é representada por esse homem, nas epístolas chamadas «joaninas», embora, na realidade, elas sejam anônimas. Em I Tim. 5:17 há a nota de sumário sobre o «ancião» ou «presbítero». Em I Tim. 3:2 há a nota expositiva sobre o termo «bispo» ou *supervisor*.

As epístolas católicas refletem um desenvolvimento eclesiástico posterior, além daquele que figura nas epístolas paulinas. Naquelas primeiras, o «bispo» já havia assumido «autoridade regional», isto é, não era meramente um dentre muitos «pastores», mas antes, tinha o poder de «nomear» outros pastores e exercer um âmbito mais largo de influência e autoridade (como se

tivesse tomado o lugar dos apóstolos, os quais, antes, tinham tido essa autoridade) que os *anciãos* comuns. Naturalmente, um «bispo» ou «supervisor» era apenas um «ancião»; mas, foi adquirindo autoridade maior que os *anciãos* comuns. Nas epístolas católicas, pois, temos uma espécie de «meio caminho andado» na direção do tipo de governo eclesiástico que se desenvolveu no começo do século II D.C., conforme se percebe pelas epístolas de Clemente, onde, bem definidamente, os «bispos» aparecem mais ou menos no sentido moderno da palavra (governantes sobre regiões inteiras, e não meros *anciãos* em alguma igreja local). Pode-se supor, portanto, que esse «ancião», quer tenha sido o apóstolo João, quer não tenha sido, era homem que exercia autoridade sobre a área geral da Ásia Menor, e não meramente sobre uma ou poucas igrejas locais, daquela região.

Um *ancião*, por conseguinte, também era um «bispo» ou «supervisor». E até o próprio Pedro, sendo apóstolo, é chamado «ancião», em I Ped. 5:1. Assim sendo, apesar de que, nas páginas do N.T., ordinariamente o termo indique simplesmente um «pastor» (até mesmo nas epístolas católicas), não



podendo ser distinguido do título «bispo» ou «supervisor», antes do fim da era apostólica ou pouco depois, o vocábulo «bispo» veio a assumir um significado especial, designando um «ofício» de função mais ampla que um «ancião». No presente texto, embora apareça a palavra «ancião», isto é, «o ancião» das igrejas da Ásia Menor, pode-se supor que ele tinha uma espécie de função que o qualificava a ser chamado «bispo». Nada existe de estranho e de prejudicial nesse desenvolvimento. De fato, os apóstolos funcionavam como «bispos», conforme fica abundantemente demonstrado no livro de Atos.

Também há alusões a um ancião particular, identificado como o «ancião João», nos escritos de Papias e de escritores posteriores. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* III.39.4-7, 14, 14; V.8.9). Isso, embora não se precise supor, necessariamente, que uma só pessoa deva ser compreendida, quando se introduz o «ancião» aludido na segunda e na terceira epístolas de João.

O «ancião», pois, apresentou duas distinções: 1. Era homem que exercia o poder de um «bispo» ou «supervisor», pois sua autoridade não se limitava a uma única congregação. 2. Ele é um representante especial da *tradição apostólica*, talvez por ter sido um discípulo direto do próprio apóstolo João, se não for uma referência ao próprio João. Naturalmente, por si mesmo, esse vocábulo normalmente se refere a um homem «idoso»; mas, nas páginas do N.T., ordinariamente inclui a idéia de «maturidade na fé», de modo a receber a autoridade de um ofício espiritual. O trecho de I Tim. 5:1 pode ser apenas uma alusão aos homens mais idosos da comunidade cristã, sem qualquer indicação de ofício religioso. Porém, o décimo sétimo versículo daquele mesmo capítulo volta a falar dos anciãos que eram oficiais da igreja.

A evidência dada por Papias e Irineu aponta para um uso cristão prevalente da palavra, especialmente na Ásia Menor, denotando aqueles que tinham acompanhado os apóstolos, e talvez tivessem sido levantados ao seu ofício pelos mesmos, e que, seja como for, podiam dar testemunho fidedigno do que os apóstolos haviam ensinado. (Brooke, *in loc.*, o qual prossegue para dizer que Papias fazia distinção cuidadosa entre o «ancião João» e o apóstolo João). Naturalmente, o «ancião» do texto presente não é chamado «João», pelo que nenhuma identificação assim é possível. O escritor do livro de Apocalipse identifica-se como «João» (ver Apo. 1:4), e muitos eruditos têm pensado que a identificação é desse João com o «ancião», e não com o apóstolo João.

...a senhora eleita... É possível tomar uma ou outra dessas palavras, ou mesmo ambas, como se fossem um nome próprio, ou seja, «à eleita Kiria», ou «a senhora Eleita», ou «à Eleita Kiria». Alguma dama bem conhecida por sua piedade, em cuja casa a igreja se reunia, ou que exercia grande influência em certas congregações locais da Ásia Menor, talvez como «diaconisa», pode ser apontada aqui; e assim que alguns intérpretes encaram a questão. A maioria dos estudiosos, entretanto, acreditam que o uso dessas palavras é metafórico, e que a própria igreja local é a «senhora eleita».

A idéia que Eleita era um nome próprio feminino, e, por conseguinte, que esta epístola foi escrita a uma crente piedosa, foi pela primeira vez proposta por Clemente de Alexandria; e no mesmo escrito ele se refere à Babilônia como lugar de destino desta epístola. Porém, é mais provável que isso se originou devido à confusão com a primeira epístola de Pedro. Pelo menos é verdade que o termo grego «kuria» (forma feminina para «kurios», «senhor»), tem sido encontrado como nome próprio. (Ver Plutarco, *Mor.* 271D; Epicteto, *Ench.* 40; *Cass. Dio.* 48,44; *Papiro de Oxyrinchus* 112, 1,3,7, 744). O próprio vocábulo, quando não é nome próprio, significa «senhora», «dama». No português, em tempos modernos, ocasionalmente aparece o nome próprio «Dona», embora geralmente seja apenas um pronome de tratamento. Há alguma evidência, porém, que tanto «kurios» como «kuria» eram nomes usados afetuosamente; e, nesse caso, a mulher aqui referida pode ter sido chamada assim como «prova de ternura e respeito». Essa palavra também era usada como título de cortesia; e, nesse caso, isso significaria que uma mulher, e não uma congregação local, está em foco neste ponto.

Alguns estudiosos têm chegado ao extremo de identificar a mulher em questão. Maria, mãe de Jesus, e Marta têm sido as sugestões mais frequentes. Outros têm argumentado que o trecho de João 19:27 mostra que a mãe de Jesus foi entregue aos cuidados do apóstolo João; a tradição vincula esse apóstolo à Ásia Menor. Portanto, é possível que Maria, finalmente, veio também a residir ali. Naturalmente, tudo isso é apenas conjectura, sendo altamente improvável que Maria pudesse ter vivido até que esta epístola foi escrita. Pois então teria cem anos de idade ou mais. Consideremos os pontos abaixo:

1. Contra a teoria que esta epístola foi escrita para algum indivíduo, tem-se salientado que o conteúdo da mesma mostra que ela foi escrita a uma comunidade, porquanto são abordados problemas comunitários, e não individuais. Porém, isso não é uma objeção fatal, porquanto uma pessoa que fosse importante naquela comunidade, poderia aparecer na saudação, como honraria, ao passo que os problemas tratados poderiam versar sobre a comunidade inteira.

2. Poder-se-ia apontar para o quarto versículo como passagem que mostra que obviamente esta epístola foi escrita para uma comunidade toda, e não apenas para um indivíduo, porquanto os «filhos» da eleita, como é patente, são membros da igreja. Contudo, ela, por ser elemento líder e importante da comunidade, poderia ser considerada como «mãe» da igreja, tal como um apóstolo poderia ser considerado «pai» espiritual de uma comunidade cristã.

3. A forte expressão de amor, que aparece no primeiro versículo, mais apropriado poderia ser aplicado à *amada igreja*. Contudo, se havia alguma crente especialmente piedosa, que muito significava para a congregação, é bem possível que ela fosse chamada por essa maneira afetiva, sobretudo,

se, naquela ocasião, ela já fosse uma mulher idosa, uma verdadeira «matriarca».

4. Alguns estudiosos destacam que o intercâmbio entre o singular (no versículo quinto), referindo-se à «senhora», daí para o plural (nos versículos oitavo e décimo), e novamente para o singular (no décimo terceiro versículo) indica que nenhum indivíduo em particular está em foco. Todavia, isso poderia ser facilmente esclarecido, dizendo-se que naqueles trechos em que é usado o «singular», a mulher está em foco, ao passo que, quando é usado o «plural», então a «igreja» e os «filhos» estão em pauta.

5. Poderíamos pensar que os filhos são aqui «literais» ou «figurados». Alguns procuram basear um argumento em favor da «senhora» como se fosse a própria «igreja», no fato que seus «filhos» (literais) dificilmente poderiam ser o objeto desta epístola. Por conseguinte, ela mesma deve ser a «igreja». Porém, isso não representa um bom argumento. Pois não teríamos dificuldade em supor que uma senhora literal não pudesse chamar a igreja local de seus «filhos», se porventura ocupasse uma posição importante naquela comunidade, sendo, por assim dizer, a mãe da igreja naquela localidade.

Em favor da idéia que está aqui em foco uma mulher literal, contra o uso metafórico da expressão «senhora eleita», há a observação que dirigir-se alguém a uma igreja, tachando-a de «senhora eleita», pelo menos é algo incomum, embora essa não seja uma instância singular. A simples leitura da epístola poderia indicar que uma mulher real é aqui endereçada, e que seus «filhos» são os membros individuais da igreja. Se porventura assim não foi, então a «senhora» precisa ser reputada à igreja como «idéia abstrata», ao passo que seus «filhos» seriam ainda os membros dessa igreja. Naturalmente, isso é possível, embora não seja tão natural como pensar que a «senhora» foi alguma matriarca da comunidade da igreja, ao passo que seus filhos eram os membros da comunidade religiosa. Em I Ped. 5:13, encontramos uma igreja local ser chamada de «co-eleita», sendo esse o único paralelo possível do N.T. ao suposto uso «metafórico» da presente passagem.

Precisamos admitir que a maioria dos comentadores pensa que a «senhora» representa o uso metafórico da «igreja». — A posição tomada por este comentário é que nenhuma mulher literal é aqui endereçada. Seja como for, é impossível resolver tal questão, embora não seja muito importante como entendemos isso, e, sim, qual é a mensagem da epístola.

...filhos... A mesma controvérsia existe sobre esse termo e sobre a identificação da *senhora eleita*. É possível que seus filhos naturais tenham sido endereçados; nesse caso, esta epístola seria uma carta particular, mais ou menos da mesma natureza da epístola a Filemom, e não epístola enviada a uma comunidade cristã inteira daquela área. Entretanto, a maioria dos estudiosos pensa que a palavra «filhos» indique os membros da comunidade cristã local. Tal posição mui provavelmente é correta, embora a outra idéia não seja impossível.

...a quem eu amo na verdade... Para o «ancião», a igreja era algo «amado»; ou então a matriarca Eleita Kiria era assim chamada. Se porventura está em foco uma pessoa literal, então suas obras eram de tal natureza que toda a igreja da Ásia Menor assumira para com ela grande dívida de gratidão, que o ancião agora reconhece. (Ver o «amor fraternal» como guia na família de Deus, nas notas expositivas sobre João 14:21 e 15:10, com poemas ilustrativos. Ver I João 2:10 quanto a diversas citações que ilustram eloquentemente o «amor cristão». Ver João 3:16 acerca do «amor de Deus», que é a fonte originária de todo o verdadeiro amor). No original grego, a palavra «...quem...», neste ponto, é plural, de tal maneira que tanto a senhora como seus filhos são aqui chamados amados. Na tradução em português isso poderia ser traduzido por «aos quais eu amo na verdade...».

...mas também todos os que conhecem a verdade... Aqueles que conhecem a «verdade» são os membros da igreja, em contraste com os hereses gnósticos, os quais pervertem a verdade (ver os versículos sétimo a décimo primeiro deste capítulo). Todos os crentes verdadeiros amavam a essa senhora eleita, Eleita Kiria. Esta porção do versículo favorece um pouco a interpretação literal, no sentido que uma mulher verdadeira era aqui endereçada, porquanto, de outro modo, a igreja é aqui retratada como quem se amava a si mesma. Naturalmente, isso é um uso possível, embora não tão natural quanto a outra idéia. Além disso, isso indicaria que as «outras igrejas» estimavam a comunidade cristã da Ásia Menor, amando-a como comunidade de crentes.

...em verdade... em outras palavras, a «fé cristã», o «evangelho apostólico», em contraste com o sistema falso dos gnósticos, que procuravam impingir à igreja cristã. Os gnósticos amavam o erro, e não a verdade. O termo «verdade» figura por cinco vezes nos versículos primeiro a quarto. Notemos a ocorrência do artigo definido antes de «verdade», em III João 3:4, «a verdade», o que aponta para o evangelho ensinado pelos apóstolos, o qual retinha a verdadeira doutrina de Cristo, o qual é a verdade personificada (ver João 14:6). A solidariedade da comunidade cristã dependia da lealdade comum dos cristãos à «verdade», ao evangelho joanino. Mas os gnósticos destruíam essa solidariedade dando lealdade a uma mensagem espúria e propalando-a, embora ela só degradasse à pessoa e à missão de Cristo. A «verdade» permanece em nós, segundo se vê no segundo versículo, o que significa que ela tem poder sobre nós, estando em nós, transformando-nos segundo a imagem de Cristo, o qual é a Verdade. (Quanto a outras referências à «verdade», indicando o evangelho, ver as notas expositivas sobre «a verdade do evangelho», em Gál. 2:5; 3:1; 5:7; Efé. 1:13; 4:21; Col. 1:5; II Tes. 2:10, 12, 13; I Tim. 2:4; 4:3; II Tim. 2:18 e Tito 1:14).

Há outros elementos que devem ser observados neste primeiro versículo, a saber:

1. Esse crente, revestido de alguma autoridade na Ásia Menor, alude a si

mesmo apenas como o «ancião». Não precisava de títulos honorários: não era «Sua Eminência», nem «Reverendo», e nem mesmo «doutor». Não necessitava de exaltações próprias da carne. Poderia ser alistado no «Quem é Quem da Ásia Menor»: não tinha, porém, qualquer desejo de ser louvado pelos homens.

2. A igreja age como nossa mãe, transmitindo-nos a vida espiritual

2 διὰ τὴν ἀλήθειαν τὴν μένουσαν ἐν ἡμῖν, καὶ μεθ'

2 μενουσαν] εναικουσαν A: ουσαν 33 pc

2: por causa da verdade que permanece em nós, a para sempre estará conosco

É a «verdade», na qualidade de poder residente e permanente, que nos leva a nos amarmos mutuamente. A «verdade» é a «base» desse amor. O Espírito Santo transforma os homens segundo a imagem moral de Cristo; e, ao assim fazer, infunde neles o seu amor (ver Gál. 5:22,23). Ele é o padrão de toda a nossa virtude e moralidade. O amor é o solo bom no qual medram outras virtudes, mas pouco ou nada conheceríamos sobre esse amor não fora a verdade em nós (o evangelho e seu poder), com seu poder transformador, a operar em nossos seres, para que sejamos semelhantes a Deus, o qual é amor (ver I João 4:8). Aquele que é «nascido de Deus», ama (ver I João 4:7); mas não poderíamos ter novo nascimento sem a operação da Verdade sobre nossas almas. O amor é uma qualidade divina, um atributo de Deus; e é tão dominante que com razão é dito que «Deus é amor». Tudo quanto Deus e e faz, de alguma maneira é manifestação de seu amor. Até mesmo o julgamento é um deda da mão amorosa de Deus. Mostra aos homens a seriedade de seus pecados, e de quanto precisam do Salvador e Senhor, o qual pode livrá-los de altitudes e ações espiritualmente prejudiciais. Portanto, a verdade torna-nos mais parecidos com Deus; e no ambiente da verdade o amor torna-se o guia da comunidade espiritual, dos crentes.

«...permanece em nós...» Temos aqui um termo místico—possuímos comunhão com Cristo através de seu Espírito, que em nós habita; e assim a Verdade habita em nós e nos transforma. (Ver as notas expositivas em I João 2:6,10,14,17,27 e 2:24,27,28 quanto à questão da «permanência»). A «Palavra» permanece em nós; o «Pai» e o «Filho» permanecem em nós, e nós neles. Assim, pois, a verdade de Deus—a verdade do evangelho (ver I João

3 ἔσται μεθ' ἡμῶν χάρις ἔλεος εἰρήνη παρὰ θεοῦ πατρὸς, καὶ παρὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ υἱοῦ τοῦ πατρὸς, ἐν ἀληθείᾳ καὶ ἀγάπῃ.

3 IB: Ἰησοῦ Α Β Ψ 048 0232 41 AR 026 03A 029 1505 1739 2025 049 050 051 vg euphr mth ὁ υἱὸς Ἰησοῦ Ν Κ Π 040 05A 0142 33 191 330 457 014 001

3 ημω] υμ- K 69 pm lat syb c

Antes de Ἰησοῦ o Textus Receptus, em conformidade com κυρίου. Já que é mais provável que copistas tenham adicionado, e não apagado tal palavra, a comissão preferiu o texto mais breve, que é apoiado por bons representantes tanto do tipo alexandrino quanto do tipo ocidental de texto (A B 81 1739 vg cop

(sa)).

3: Graça, misericórdia, paz, da parte do Deus Pai e da parte do Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor.

A saudação paulina comum invoca a «graça» e a «paz» sobre os leitores. (Ver Rom. 1:7 e I Cor. 1:3 quanto a notas expositivas sobre isso). Aqueles elementos normalmente também figuram na conclusão das epístolas paulinas. Nas epístolas paulinas, entretanto, tal como se vê no presente versículo, são invocadas a «graça», a «misericórdia» e a «paz». (Ver I Tim. 1:2; II Tim. 1:2 e Tito 1:4 quanto a esse uso, bem como as notas expositivas acerca de cada um desses termos. Ver a introdução ao trecho de Rom. 1:1 quanto a notas expositivas sobre as formas antigas de saudação, nas cartas).

«...da parte de Deus Pai...» Apesar de que essa é uma forma comum de fazer cartas, no cristianismo primitivo, não é um artifício convencional e literário, apenas. Os gnósticos haviam criado um conceito «delsta» de Deus. Para eles, Deus seria um ser totalmente transcendental, de tal modo que, apesar de ser o criador (ou antes, o emanador), estava divorciado de sua criação, porquanto não poderia tocar na matéria, o princípio do mal, para os gnósticos, sem ficar contaminado. Portanto, ele ter-se-ia deixado mediar para com o mundo, controlando-o apenas mediante uma interminável sucessão de «aeons» sombrios, que seriam seres angelicais. Entre esses é que os gnósticos situavam Cristo, o que significa que Cristo seria apenas um dentre muitos mediadores, um pequeno salvador, um pequeno «deus». O autor sagrado rebate peremptoriamente isso. Antes, Deus é Pai, isto é, está interessado em sua criação, recompensando e castigando. Isso representa o «telismo», em contraste com o «delismo». O N.T. contradiz a posição do delismo (pois no N.T. Deus aparece como alguém atingível e interessado em sua criação). (Ver as notas expositivas completas sobre as várias idéias teológicas e filosóficas sobre a «pessoa de Deus» e suas relações para com os homens, em Atos 17:27. Quanto à «paternidade de Deus», ver Rom. 8:14-16 e João 8:42. Vê-se essa idéia proeminente especialmente no primeiro capítulo da epístola aos Efésios). Todas as bênçãos espirituais que podem ser dadas aos crentes são retratadas como provenientes de Deus Pai. (Ver os versículos 2-5,11,14,17,18 desta epístola, onde a «paternidade de Deus» é diretamente mencionada ou fica subentendida em idéias como a de «herança» destinada aos filhos de Deus).

«...Deus...» Na introdução ao comentário há vários artigos que abordam as questões da existência e da natureza de Deus.

«...Jesus Cristo, o Filho do Pai...» O autor sagrado ensina a autêntica filiação de Jesus, o Cristo, em relação a Deus Pai. Os gnósticos nunca apresentaram os supostos «aeons» como filhos de Deus, e nem nunca reconheceram que Jesus, o Cristo, possuísse qualquer filiação especial. Por igual modo, nunca identificaram com Jesus o Espírito-Cristo. Negavam

mediante nossa familiaridade com Cristo; certas mulheres piedosas daquela comunidade cristã tinham sido instrumentos dessa transmissão.

3. O amor dinâmico reconcilia diferenças e unifica a comunidade religiosa, formando um corpo harmonioso.

\*\*\*

ἡμῶν ἔσται εἰς τὸν αἰῶνα.

2:14), quando permanece em nós, nos confere a própria natureza de Cristo (ver II Cor. 3:18), mediante o designio e o poder do Espírito. (Ver I Cor. 1:4 e as notas expositivas ali existentes, acerca da expressão «em Cristo», que também indica nossa comunhão mística com ele). A expressão «em Cristo» é usada por cento e sessenta e quatro vezes nos escritos de Paulo. Todas as virtudes e progressões no cristianismo, chegam-nos pelo caminho místico, através do contacto da natureza divina com a natureza humana. O alvo de tudo é que os remidos venham a participar de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19), de sua própria natureza (ver II Ped. 1:4), e essa vereda é palmilhada pelo amor.

«...conosco estará para sempre...» Apesar de que alguns indivíduos, como os gnósticos, podem abandonar a verdade, abandonando a companhia dos verdadeiros crentes, os crentes verdadeiros estarão com ele para sempre. É essa operação continuará para sempre, sem estagnação, sem intervalo, porquanto há uma infinitude com a qual teremos de ser cheios.

«A comunhão no amor e na verdade, entre os crentes, transcende ao tempo e ao espaço, participando a mesma da eternidade. A vida em Cristo, uma vez compartilhada, envolve desde agora a imortalidade que se consumará plenamente no mundo vindouro». (Hoon, *in loc.*).

«O Ajudador (*paraclete*)... esteja para sempre convosco» (ver João 14:16,17). Talvez haja aqui um reflexo do evangelho de João.

«Está em foco a verdade, conforme ela é revelada por meio de Cristo, que gradualmente vai sendo desdobrada pelo Espírito, que é a verdade». (Brooke, *in loc.*).

Este versículo envolve «uma assertiva confiante, e não mero desejo» (Robertson, *in loc.*).

045 1972 2881 2412 2492 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000 3001 3002 3003 3004 3005 3006 3007 3008 3009 3010 3011 3012 3013 3014 3015 3016 3017 3018 3019 3020 3021 3022 3023 3024 3025 3026 3027 3028 3029 3030 3031 3032 3033 3034 3035 3036 3037 3038 3039 3040 3041 3042 3043 3044 3045 3046 3047 3048 3049 3050 3051 3052 3053 3054 3055 3056 3057 3058 3059 3060 3061 3062 3063 3064 3065 3066 3067 3068 3069 3070 3071 3072 3073 3074 3075 3076 3077 3078 3079 3080 3081 3082 3083 3084 3085 3086 3087 3088 3089 3090 3091 3092 3093 3094 3095 3096 3097 3098 3099 3100 3101 3102 3103 3104 3105 3106 3107 3108 3109 3110 3111 3112 3113 3114 3115 3116 3117 3118 3119 3120 3121 3122 3123 3124 3125 3126 3127 3128 3129 3130 3131 3132 3133 3134 3135 3136 3137 3138 3139 3140 3141 3142 3143 3144 3145 3146 3147 3148 3149 3150 3151 3152 3153 3154 3155 3156 3157 3158 3159 3160 3161 3162 3163 3164 3165 3166 3167 3168 3169 3170 3171 3172 3173 3174 3175 3176 3177 3178 3179 3180 3181 3182 3183 3184 3185 3186 3187 3188 3189 3190 3191 3192 3193 3194 3195 3196 3197 3198 3199 3200 3201 3202 3203 3204 3205 3206 3207 3208 3209 3210 3211 3212 3213 3214 3215 3216 3217 3218 3219 3220 3221 3222 3223 3224 3225 3226 3227 3228 3229 3230 3231 3232 3233 3234 3235 3236 3237 3238 3239 3240 3241 3242 3243 3244 3245 3246 3247 3248 3249 3250 3251 3252 3253 3254 3255 3256 3257 3258 3259 3260 3261 3262 3263 3264 3265 3266 3267 3268 3269 3270 3271 3272 3273 3274 3275 3276 3277 3278 3279 3280 3281 3282 3283 3284 3285 3286 3287 3288 3289 3290 3291 3292 3293 3294 3295 3296 3297 3298 3299 3300 3301 3302 3303 3304 3305 3306 3307 3308 3309 3310 3311 3312 3313 3314 3315 3316 3317 3318 3319 3320 3321 3322 3323 3324 3325 3326 3327 3328 3329 3330 3331 3332 3333 3334 3335 3336 3337 3338 3339 3340 3341 3342 3343 3344 3345 3346 3347 3348 3349 3350 3351 3352 3353 3354 3355 3356 3357 3358 3359 3360 3361 3362 3363 3364 3365 3366 3367 3368 3369 3370 3371 3372 3373 3374 3375 3376 3377 3378 3379 3380 3381 3382 3383 3384 3385 3386 3387 3388 3389 3390 3391 3392 3393 3394 3395 3396 3397 3398 3399 3400 3401 3402 3403 3404 3405 3406 3407 3408 3409 3410 3411 3412 3413 3414 3415 3416 3417 3418 3419 3420 3421 3422 3423 3424 3425 3426 3427 3428 3429 3430 3431 3432 3433 3434 3435 3436 3437 3438 3439 3440 3441 3442 3443 3444 3445 3446 3447 3448 3449 3450 3451 3452 3453 3454 3455 3456 3457 3458 3459 3460 3461 3462 3463 3464 3465 3466 3467 3468 3469 3470 3471 3472 3473 3474 3475 3476 3477 3478 3479 3480 3481 3482 3483 3484 3485 3486 3487 3488 3489 3490 3491 3492 3493 3494 3495 3496 3497 3498 3499 3500 3501 3502 3503 3504 3505 3506 3507 3508 3509 3510 3511 3512 3513 3514 3515 3516 3517 3518 3519 3520 3521 3522 3523 3524 3525 3526 3527 3528 3529 3530 3531 3532 3533 3534 3535 3536 3537 3538 3539 3540 3541 3542 3543 3544 3545 3546 3547 3548 3549 3550 3551 3552 3553 3554 3555 3556 3557 3558 3559 3560 3561 3562 3563 3564 3565 3566 3567 3568 3569 3570 3571 3572 3573 3574 3575 3576 3577 3578 3579 3580 3581 3582 3583 3584 3585 3586 3587 3588 3589 3590 3591 3592 3593 3594 3595 3596 3597 3598 3599 3600 3601 3602 3603 3604 3605 3606 3607 3608 3609 3610 3611 3612 3613 3614 3615 3616 3617 3618 3619 3620 3621 3622 3623 3624 3625 3626 3627 3628 3629 3630 3631 3632 3633 3634 3635 3636 3637 3638 3639 3640 3641 3642 3643 3644 3645 3646 3647 3648 3649 3650 3651 3652 3653 3654 3655 3656 3657 3658 3659 3660 3661 3662 3663 3664 3665 3666 3667 3668 3669 3670 3671 3672 3673 3674 3675 3676 3677 3678 3679 3680 3681 3682 3683 3684 3685 3686 3687 3688 3689 3690 3691 3692 3693 3694 3695 3696 3697 3698 3699 3700 3701 3702 3703 3704 3705 3706 3707 3708 3709 3710 3711 3712 3713 3714 3715 3716 3717 3718 3719 3720 3721 3722 3723 3724 3725 3726 3727 3728 3729 3730 3731 3732 3733 3734 3735 3736 3737 3738 3739 3740 3741 3742 3743 3744 3745 3746 3747 3748 3749 3750 3751 3752 3753 3754 3755 3756 3757 3758 3759 3760 3761 3762 3763 3764 3765 3766 3767 3768 3769 3770 3771 3772 3773 3774 3775 3776 3777 3778 3779 3780 3781 3782 3783 3784 3785 3786 3787 3788 3789 3790 3791 3792 3793 3794 3795 3796 3797 3798 3799 3800 3801 3802 3803 3804 3805 3806 3807 3808 3809 3810 3811 3812 3813 3814 3815 3816 3817 3818 3819 3820 3821 3822 3823 3824 3825 3826 3827 3828 3829 3830 3831 3832 3833 3834 3835 3836 3837 3838 3839 3840 3841 3842 3843 3844 3845 3846 3847 3848 3849 3850 3851 3852 3853 3854 3855 3856 3857 3858 3859 3860 3861 3862 3863 3864 3865 3866 3867 3868 3869 3870 3871 3872 3873 3874 3875 3876 3877 3878 3879 3880 3881 3882 3883 3884 3885 3886 3887 3888 3889 3890 3891 3892 3893 3894 3895 3896 3897 3898 3899 3900 3901 3902 3903 3904 3905 3906 3907 3908 3909 3910 3911 3912 3913 3914 3915 3916 3917 3918 3919 3920 3921 3922 3923 3924 3925 3926 3927 3928 3929 3930 3931 3932 3933 3934 3935 3936 3937 3938 3939 3940 3941 3942 3943 3944 3945 3946 3947 3948 3949 3950 3951 3952 3953 3954 3955 3956 3957 3958 3959 3960 3961 3962 3963 3964 3965 3966 3967 3968 3969 3970 3971 3972 3973 3974 3975 3976 3977 3978 3979 3980 3981 3982 3983 3984 3985 3986 3987 3988 3989 3990 3991 3992 3993 3994 3995 3996 3997 3998 3999 4000 4001 4002 4003 4004 4005 4006 4007 4008 4009 4010 4011 4012 4013 4014 4015 4016 4017 4018 4019 4020 4021 4022 4023 4024 4025 4026 4027 4028 4029 4030 4031 4032 4033 4034 4035 4036 4037 4038 4039 4040 4041 4042 4043 4044 4045 4046 4047 4048 4049 4050 4051 4052 4053 4054 4055 4056 4057 4058 4059 4060 4061 4062 4063 4064 4065 4066 4067 4068 4069 4070 4071 4072 4073 4074 4075 4076 4077 4078 4079 4080 4081 4082 4083 4084 4085 4086 4087 4088 4089 4090 4091 4092 4093 4094 4095 4096 4097 4098 4099 4100 4101 4102 4103 4104 4105 4106 4107 4108 4109 4110 4111 4112 4113 4114 4115 4116 4117 4118 4119 4120 4121 4122 4123 4124 4125 4126 4127 4128 4129 4130 4131 4132 4133 4134 4135 4136 4137 4138 4139 4140 4141 4142 4143 4144 4145 4146 4147 4148 4149 4150 4151 4152 4153 4154 4155 4156 4157 4158 4159 4160 4161 4162 4163 4164 4165 4166 4167 4168 4169 4170 4171 4172 4173 4174 4175 4176 4177 4178 4179 4180 4181 4182 4183 4184 4185 4186 4187 4188 4189 4190 4191 4192 4193 4194 4195 4196 4197 4198 4199 4200 4201 4202 4203 4204 4205 4206 4207 4208 4209 4210 4211 4212 4213 4214 4215 4216 4217 4218 4219 4220 4221 4222 4223 4224 4225 4226 4227 4228 4229 4230 4231 4232 4233 4234 4235 4236 4237 4238 4239 4240 4241 4242 4243 4244 4245 4246 4247 4248 4249 4250 4251 4252 4253 4254 4255 4256 4257 4258 4259 4260 4261 4262 4263 4264 4265 4266 4267 4268 4269 4270 4271 4272 4273 4274 4275 4276 4277 4278 4279 4280 4281 4282 4283 4284 4285 4286 4287 4288 4289 4290 4291 4292 4293 4294 4295



maneira que deu ... (João 3:16). Deus é amor (ver I João 4:8), o que significa que tudo quanto Deus faz em favor dos homens, baseia-se nessa sua natureza benévola.

...serão... Normalmente o imperativo é usado; aqui, entretanto, as bênçãos celestiais são vistas como dádivas afirmativa e inevitavelmente conferidas aos verdadeiros crentes.

*As misericórdias de Deus!  
Que tremendo tema para meu cântico,  
Oh! eu nunca poderia enumerá-los a todos;  
São mais que as estrelas na cúpula dos céus,  
Ou que as areias nas praias batidas pelo mar.  
(T.O. Chisholm)*

... paz... (Quanto a notas expositivas completas sobre a «paz», é mister

## II. Mandamento do Amor (vss. 4-6).

O tema que ocupa tão grande porção da primeira epístola de João, é agora comentado aqui. Quanto àquela primeira epístola, ver o tema do «amor» nas seguintes referências: I João 2:10; 3:10,14; 4:7-12,16-20 e 5:1. Há um novo mandamento de amor (ver I João 2:7,8 e João 13:34). O cristianismo «redescobriu» e *experimentou novamente* a importância daqueles dois maiores mandamentos da lei, o amor a Deus e o amor ao próximo (qualquer pessoa que precise de ajuda), conforme se vê em Mat. 22:36 e ss. O amor é o cumprimento da lei (ver Rom. 13:8 e ss.), o grande sumário de toda a retidão. Também é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22), o que significa que é uma qualidade divina, e não meramente humana.

Esta secção começa com uma expressão de júbilo, algo comum nas epístolas paulinas, como parte de passagens introdutórias. (Comparar com Fil. 1:4). Nos escritos de Paulo, porém, a ação de graças é mais proeminente como parte das introduções de suas epístolas. Contudo, a ação de graças é uma expressão de alegria espiritual. (Ver III João 3,4 quanto a um paralelo direto ao uso da presente epístola). O autor sagrado alegrava-se devido à Kiria e seus filhos (a igreja), porquanto andavam em santidade, porquanto tal maneira de conduzir-se é demonstração de amor. O autor sagrado agora pausa a fim de elogiar aos mesmos por isso.

O amor cristão se expressa na conduta segundo os mandamentos de Cristo (na santidade, portanto). O evangelho cristão envolve um imperativo moral. Os gnósticos, entretanto, ignoravam esse imprescindível elemento do evangelho, fazendo da imoralidade uma porção da ética cristã. (Ver os vss. 7 e ss. e I João 2:15-17,29 e 3:8,10 quanto a esse aspecto do *gnosticismo*). Os gnósticos faziam do «abuso do corpo» uma parte de sua distorcida moralidade. Abusavam do corpo através do ascetismo (ver Col. 2:18) e da licenciosidade (ver II Tim. 3:6). Supunham que, mediante tal abuso, ajudavam o sistema cósmico a destruir a matéria, que seria o princípio do mal. Criam que poderiam abusar do corpo sem prejudicar a alma. Antes, em consonância com os escritos de Paulo, a verdade cristã precisa ser acompanhada pela pureza de vida. (Ver Rom. 12:1,2, onde se vê que é exigida a dedicação do corpo, e não meramente da alma).

4 Ἐχάρην λίαν ὅτι εὐρηκα ἐκ τῶν τέκνων σου περιπατοῦντας ἐν ἀληθείᾳ, καθὼς ἐντολὴν ἐλάβομεν παρὰ τοῦ πατρὸς.

4 Ἐχάρην...ἀληθείᾳ 3 Jo 3

4: Muito me alegro por ter achado alguns de vossos filhos andando na verdade, assim como recebi o mandamento do Pai.

...sobremodo alegre... (Quanto a notas expositivas sobre a «alegria», ver Gál. 5:22, onde ela é apresentada como um dos aspectos do «fruto do Espírito»). Assim sendo, trata-se de um produto do desenvolvimento espiritual, uma qualidade da alma. Encontra harmonia e contentamento com as coisas, até mesmo quando as circunstâncias nos são adversas, porquanto a alma se acha em harmonia com Deus. (Ver João 15:11 e 17:13 quanto ao desenvolvimento do tema da «alegria», devido à nossa associação e comunhão com Cristo. Essas notas são ilustradas com poemas). O autor sagrado tinha «alegria» em Cristo ao saber que os crentes andavam na verdade e no amor. Os filhos de Kiria o deixavam alegre.

Neste versículo, a alegria é vinculada ao andar na verdade (ou seja, à santidade), bem como ao observar o grande e todo compreensivo mandamento do amor (definido como tal no quinto versículo). Isso pode ser comparado ao que diz o evangelho apócrifo aos Hebreus (fragmento 25), que diz: «Nunca vos alegréis, exceto quando amardes a vossos irmãos». Essas palavras são postas nos lábios de Jesus. O amor é a fonte originária de todas as virtudes espirituais, o terreno bom onde essas virtudes medram e se desenvolvem.

...andam na verdade... O andar cristão é no «amor» e na «verdade», os dois elementos que foram salientados no versículo anterior. Nessa conexão, a «verdade» é aquela do evangelho dos apóstolos, que aceita a encarnação, ou seja, a pessoa e a missão de Cristo, conforme isso é apresentado no ensinamento apostólico. E essa verdade sobre a pessoa de Cristo também se manifesta no andar santo, porquanto o evangelho de Cristo tem seu imperativo moral. Sem a santidade ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14), pois a santificação é o meio mesmo da salvação (ver Rom. 6:22 e II Tes. 2:13). A verdade é tanto doutrinação como prática; porém, segundo fica demonstrado no segundo versículo, seu poder habita em nós através do ministério do Espírito Santo, pelo que também é um poder místico. Em outras palavras, transmite-nos a presença divina, e essa presença nos transforma. Confere-nos opiniões corretas acerca da pessoa de Cristo, mas também nos outorga a sua própria santidade.

...andam... A metáfora do «andar» é comum tanto entre os autores sagrados como entre os autores seculares, para indicar o modo geral e o intuito da vida. Um «andar» é uma série de quedas interrompidas, mas também leva a um alvo, pois tem propósito. Atinge-se esse propósito mediante uma série de atos controlados. (Quanto a notas de sumário sobre esse «andar», que se verifica «no Espírito», isto é, é governado por seu poder residente e transformador, ver Gál. 5:16,25). Vivemos «pelo Espírito» e também «andamos pelo Espírito». (Quanto a outros trechos onde é usada essa metáfora do «andar», ver Rom. 4:12; 6:4; 8:1,4; 13:13; I Cor. 3:3,17; II Cor. 5:7; 6:16; Efê. 2:10; 4:1,17; 5:2,8,15; Fil. 3:16-18; Col. 1:10; 2:6; I João 1:6,7; 2:6; III João 4; Jud. 18 e Apo. 21:24). O andar cristão deve seguir os passos dados pelo fiel Abraão, em novidade de vida, em

5 καὶ νῦν ἐρωτῶ σε, κυρία<sup>b</sup>, οὐχ ὡς ἐντολὴν καινὴν γράφων σοι ἀλλὰ ἣν εἶχομεν ἀπ' ἀρχῆς, ἵνα ἀγαπῶμεν ἀλλήλους.

<sup>a</sup> b κυρία: TR WH Bov Nm BP<sup>2</sup> AV RV ASV RSV Luth<sup>1</sup> // Κυρία: ASV<sup>2</sup> TT Zor Luth<sup>2</sup> Jer Sam // omis: NEB

considerar os seguintes temas: «paz com Deus», em Rom. 5:1; «paz através da cruz», em Col. 1:20; e «paz que Cristo dá», em João 14:27 e 16:33).

*Variante Textual:* As palavras «Senhor Jesus Cristo» (o título completo, comentado em Rom. 1:4), aparecem nos mss Aleph, KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina, e também no Si(h), no Cóp(bo) e no Ara. Porém, nos mss AB, 81; 1739, na Vg. no Cóp(ua) a palavra «Senhor» é omitida. Provavelmente, o texto mais breve, como é usual, é o correto, porquanto seria muito mais natural que os escribas procurassem ornar o texto, e não abreviá-lo. Além disso, a adição da palavra «Senhor» provavelmente se originou do conhecimento que o título completo de Cristo é frequente nas páginas do N.T. (Quanto a seu «senhorio» ver Rom. 1:4). Ninguém tem a Jesus como «Salvador», se também não o tem como «Senhor». Confessamos a Jesus como «Senhor».

4 ελαβομεν] ελαβον N 33 pc

honestidade; pela fé, e não por vista somente; no Espírito, o qual nos outorga vida; de maneira digna de Cristo, em nossa vocação como crentes; em sabedoria para com os incrédulos; na luz de Cristo, na verdade, e não após as concupiscências da impiedade.

...de acordo com o mandamento... Notemos aqui a legislação mosaica como um todo; mas sua porção mais importante, que é o «novo mandamento», a lei do amor, deve ser compreendida conforme é explicado no próximo versículo. O cristianismo «redescobriu» e «reaplicou» o maior conceito moral jamais proferido—amar a Deus e amar-nos uns aos outros.

...do Pai... Esse preceito não é de criação humana, e nem é inspirado pela resolução humana, tão somente. Antes, «vem da parte do Pai», tornando-se operante através do Espírito Santo, enviado da parte do Pai (ver Gál. 5:22). Se for algo meramente humano, será ineficaz; todo o «amor humano», quando é genuíno, resulta da influência do Espírito Santo no mundo. Não fora a sua presença moderadora,—a existência humana neste mundo seria como uma selva preñe de ódio e de violência. Mas, a despeito da sua presença, algumas vezes torna-se exatamente isso. (Ver as notas acerca do «novo mandamento», em I João 2:7,8 e 4:21). (Quanto ao «andar na verdade», ver também as notas expositivas em III João 3 e I João 1:7,8).

Alguns estudiosos, pensando que esta epístola foi dirigida à família de Kiria, e não a uma igreja local em geral, pensam que o «ancião» se regozijou acerca de como seus filhos se vinham comportando, pois andavam na verdade e na santidade e no amor.

«Ele se assentou imediatamente e escreveu para Kiria. Quão satisfeita se sentiria ela por saber que seus rapazes, distantes na grande cidade, continuavam fiéis à sua fé anterior» (Smith, *in loc.*).

Porém, também se pode pensar que esses «filhos» estavam em companhia de Kiria, na Ásia Menor; e, nesse caso, a reputação deles teria chegado ao conhecimento do «ancião», o qual, então se regozijou. Esses filhos podem ter visitado o «ancião», em Éfeso, a capital da Ásia Menor. E ele ficara impressionado com a fé forte e com as vidas virtuosas deles. «Quão feliz era aquela senhora, que criara tantos filhos para os céus e para Deus! E quão grande deve ter sido a alegria dela, ao ouvir tão bom relatório daquele que era tão excelente juiz!» (Matthew Henry, *in loc.*). Seja como for, se tivermos de compreender esta epístola dirigida à família pessoal da senhora chamada Kiria, ou aos seus filhos espirituais, na igreja, é óbvio que um bom treinamento doméstico, na fé cristã, reveste-se de valor inestimável. (Quanto ao desenvolvimento desse tema, ver as notas expositivas sobre Col. 3:20,21). Esses «filhos» não tinham sido conquistados pelo falso evangelho dos gnósticos, o qual não tinha imperativo moral.

«Ora, assim como é motivo de alegria e satisfação, para pais piedosos, se seus filhos andam nas veredas da fé, da verdade e da santidade, assim também sucede aos ministros do evangelho, bem como aos anjos dos céus: isso lhes dá prazer íntimo e alegria, o que não somente é expressão por eles—tais filhos e seus pais—mas também redundam em muitas graças a Deus» (John Gill, *in loc.*).

ε οὐκ... ἀρχῆς; I Jo 2,7, 224 8,11 ἀγαπῶμεν ἀλλήλους I Jo 13,24; 15,12, 17; I Jo 2,11

ς (κυρία) Κ-

É possível tomar *κυρία* como nome próprio (ver os comentários sobre o vs. 1).

5: *Εἰ σὺ ἐρα, σάνηρα, ραγ-τε, νῦν como te encravando um novo mandamento, mas aquele mesmo que desde o princípio tivemos: que nos amemos uns aos outros.*

Essa palavra focaliza ou a «igreja» (em qual caso tal vocábulo teria sido usado como metáfora), ou uma senhora chamada «Kiria», uma matriarca daquela congregação cristã. (Ver o primeiro versículo desta epístola, quanto a uma discussão sobre essa questão).

...*mandamento novo...* O «novo mandamento», na realidade, não é «novo», porquanto é bem antigo, instituído «desde o começo». Contudo, nas mãos de Cristo, o mandamento de amor adquiriu um novo poder e um novo sentido, pelo que podemos denominá-lo de «novo». Este versículo é muito parecido com o de I João 2:7, que contém as idéias existentes aqui: 1. O mandamento não é realmente novo; 2. contudo, em Cristo Jesus torna-se novo, pois Cristo é o amor revisado; 3. e esse mandamento tem sido ensinado «desde o começo», o que provavelmente significa desde que o evangelho veio a ser ensinado na Ásia Menor. Os crentes dali tinham consciência desse elemento do mandamento e de sua exigência moral. (Ver também João 13:34 e as notas expositivas ali existentes acerca do «novo mandamento». As notas aqui referidas oferecem a exposição detalhada sobre essas idéias, e o que dizemos aqui é meramente suplementar). O trecho de I João 2:10 tem muitas excelentes citações acerca do «amor», que ilustram o presente texto. (Ver também João 3:16 e as notas ali existentes, acerca do «amor de Deus», como fonte de todo amor; e ver também João 14:21 e 15:10 quanto ao amor como «guia na família de Deus». Essas notas expositivas são ilustradas com poemas).

6 καὶ αὕτη ἐστὶν ἡ ἀγάπη, ἵνα περιπατῶμεν κατὰ τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ· αὕτη ἡ ἐντολὴ ἐστίν, καθὼς ἡκούσατε ἀπ' ἀρχῆς, ἵνα ἐν αὐτῇ περιπατήτε.

6 καθὼς . . . ἵνα ἐν Βρισηῖς; R] ἵνα καθὼς . . . K 33 al lat: ἵνα καθὼς . . . ἵνα ἐν RA 69 1739 al

6: *E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Esta é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes, para que nele andeis.*

...*andemos segundo os seus mandamentos...* Essa é a definição do amor, por parte do autor sagrado. Deve cumprir todas as exigências morais de Deus, especialmente no caso do primeiro e do segundo mandamentos—o amor a Deus e o amor ao próximo. A lei moral mosaica está em foco, mas modificada por Cristo. Paulo ensinava que a lei não justificava e nem santificava. Para tanto, precisamos de uma nova lei, à qual ele deu o nome de «lei do Espírito» (ver Rom. 8:2), a qual grava as exigências morais de Deus sobre as tábuas de carne do coração. Assim, pois, Cristo é o «fim da lei», a sua finalidade, para todos quantos crêem (ver Rom. 10:4). O autor sagrado não fala acerca da lei de Moisés nesses termos. Antes, pensava que a lei ainda se mostrava bem ativa na santificação, mas não como medida «legalista», mediante a qual os homens são «ordenados a obedecer à legislação, a fim de obterem mérito diante do Senhor»; antes, a lei se acha agora nas mãos de Cristo, sendo ministrada através do seu Espírito Santo, transformando-se, portanto, em uma questão espiritual, mediada através de experiências místicas, por meio das quais a natureza divina é infundida na natureza humana, levando os remidos a obedecerem, como capacidade dada a eles, e, portanto, a serem transformados segundo a imagem de Cristo, de modo a virem compartilhar a própria retidão de Deus (ver as notas expositivas a respeito em Rom. 3:21 e Mat. 5:48). Assim, pois, se o autor sagrado expressa esse conceito de maneira diferente daquilo que faz o apóstolo Paulo, na realidade não há nenhuma contradição naquilo que ambos queriam dizer.

Assim, pois, a injunção paulina «andai no Espírito» (ver Gál. 5:16,25), é equivalente à expressão joanina «andemos segundo os seus mandamentos». Não se pode ver esses «mandamentos», exceto que são a lei de Moisés, embora modificada por Jesus Cristo, misticamente obedecida, por meio do Espírito. (Ver I João 5:3 e as notas expositivas ali existentes, sobre a mesma definição do amor, que aqui encontramos: «...porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos»). No evangelho de João, ver igualmente as passagens

III. *Advertência contra o erro gnóstico* (vss. 7-11).

Oito livros do N.T. foram escritos para combater o gnosticismo, uma antiga heresia que assediou a igreja pelo espaço de cento e cinquenta anos. Esses livros são as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e as epístolas aos Colossenses e de Judas. A epístola aos Efésios, o evangelho de João e o livro de Apocalipse também se envolvem parcialmente no combate a esse erro. Na introdução à primeira epístola de João, sob o título «Motivo e Propósitos», é discutido o gnosticismo. Em Col. 2:18 damos a nota geral sobre o *gnosticismo*. O leitor pode extrair dessas notas diversas um conhecimento geral sobre esse sistema. A secção à nossa frente denuncia o gnosticismo. Aqui damos apenas um breve sumário das doutrinas gnósticas:

*Quanto a Cristo* —Os gnósticos acreditavam que ele não seria o Verbo exaltado, mas apenas um dentre muitos «aeons» ou emanações angelicais. Seria um dentre muitos salvadores ou pequenos deuses, mas em sentido algum seria divino como Deus é divino. Antes, seria um *aeon* que participava da essência e dos atributos divinos em parte. O fato que os «aeons» podiam ter contacto com a matéria, o princípio mesmo do mal, mostrava que Cristo não seria um «aeon» muito elevado. Nenhum «aeon», muito menos o Verbo divino (a primeira emanação divina), poderia encarnar-se, porquanto isso o envolveria na corrupção do mal. Portanto, o mundo em que vivemos seria um caos porque seu próprio criador teria problemas. Alguns mestres gnósticos identificavam o «Deus» do A.T. com o criador deste mundo, ao passo que outros o identificavam com «Cristo». Seja como for, esses «aeons» eram vistos como quem estava bem distante de Deus, o fogo central, pelo próprio fato que podiam entrar em contacto com a matéria. Os gnósticos eram «docéticos» (palavra derivada do termo grego «*dokeo*», que significa «parecer»). Acreditavam eles que o «aeon» chamado de «Espírito-Cristo», na realidade, não se encarnava. Isso seria impossível, porque tal coisa serviria somente para corrompê-lo. Antes, seu suposto corpo humano seria um fantasma, e tudo quanto ele fez aqui foi um papel teatral. Ou então, conforme pensava a maioria dos gnósticos, o *Espírito-Cristo* teria vindo a possuir o corpo físico de Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião de sua morte, pelo que a morte de Jesus não teria valor como expiação. Disso concluíam que o «Espírito-Cristo» não teria vindo «pelo sangue» (Ver I João 5:6) e que nenhuma expiação fora

«...nos amemos uns aos outros...» Essa expressão exata se encontra nos trechos de I João 3:11,23; 4:7,11,12; João 13:34,35 e 15:12,17. (Ver as notas expositivas a respeito das referências da primeira epístola de João).

O apelo ao amor se coaduna bem com a polêmica desta epístola. Os gnósticos ameaçavam a igreja com o cisma (ver I João 2:19), mas o amor pôde preservar a sua unidade e harmonia. O amor sumaria toda a instrução cristã (ver o sexto versículo desta epístola e João 15:12), pelo que dá margem à paz e à harmonia na igreja, bem como a seu triunfo acerca dos falsos mestres e suas doutrinas.

«O amor é a disposição mental e moral do crente, envolvendo todas as demais virtudes e graças cristãs. Subtende a fé, porquanto está alicerçado sobre o princípio cristão, e pode ser testado somente pela crença correta. Subtende ainda a pureza, porque está modelado sobre o amor de Deus, tendo deixado de lado o velho homem. Subtende também o altruísmo, porque deseja o bem alheio por causa dos outros e por causa de Deus. Subtende a humildade, porquanto desconfia de si mesmo e confia somente em Deus, pensando mais nos outros que em si mesmo. (Comparar com os trechos de João 13:14; 15:12; o décimo terceiro capítulo da epístola aos Coríntios; Efé. 5:2; I Ped. 4:8; I João 3:11,23 e 4:7,21». (Sinclair, *in loc.*).

«O amor cumpre ambas as tábuas da lei (aquela que diz respeito a Deus, e aquela que diz respeito ao homem) e é a finalidade tanto da lei como do evangelho» (Faucett, *in loc.*).

αὕτη ἡ ἐντολὴ ἐστίν, καθὼς ἡκούσατε ἀπ' ἀρχῆς, ἵνα ἐν αὐτῇ περιπατήτε.

αὕτη...ἐντολὴ αὐτοῦ I Jo 14,13, 23, 24; I Jo 5,3

seguintes: João 15:10, «Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor». João 14:15, «Se me amais, guardareis os meus mandamentos». João 14:23, «Se alguém me ama, guardará a minha palavra». Entretanto, o maior desses mandamentos é aquele que nos ordena a amar. «O meu mandamento é este, que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei» (João 15:12). O amor dá, instantaneamente, aquilo que ao labor toma um século. O amor, à semelhança da morte, transforma tudo. Aquelle que «guarda os mandamentos de Deus» também «permanece em Deus», ou seja, goza de comunhão mística com ele, mediante a qual é transformado, ao mesmo tempo que o Pai vem habitar em nós, por meio do seu Espírito Santo. (Ver I João 3:24).

...*ouvistes desde o princípio...*, isto é, quando os apóstolos pregaram na Ásia Menor; eisso foi reiterado pelos seus discípulos imediatos, alguns dos quais eram conhecidos pelos autores originais desta epístola. O evangelho, desde o princípio, fora claramente pregado, ficando enunciado o seu elemento moral. O evangelho não é mera teoria ou especulação metafísica. Trata-se de algo vital e prático. Seu intuito é transformar vidas pagãs, mediante a aplicação do amor cristão.

...*andeis nesse amor...* O «amor» assim ordenado torna-se o guia da vida; devemos «andar» no amor. A nossa vida, de modo geral, deve ser caracterizada por esse amor. Assim como Deus é amor, e assim como tudo quanto ele faz se origina dessa sua disposição, de suas qualidades morais (ver I João 4:8), assim também, quando um homem é cheio do amor de Deus, sua expressão de vida será condicionada pelo amor, em todos os seus aspectos. (Ver as notas expositivas quanto ao quarto versículo, acerca da metáfora do «andar»).

Dizia certo rabino: «O que é odioso para ti, não faças a teu próximo. Disso consiste a lei; o resto é comentário». Essas palavras são atribuídas ao famoso rabino Hilel, 30 A.C. a 10 D.C. Algo parecido estipulou o Senhor Jesus: «Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles, porque esta é a lei e os profetas» (Mat. 7:12).

«O amor é o cumprimento da lei; e o cumprimento da lei é a comprovação do amor». (Faucett, *in loc.*).



efetuada por ele. (Ver II Ped. 2:1). (Ver I João 4:2,3 e as notas expositivas ali existentes, acerca do ataque contra o «docetismo» dos gnósticos. Ver também Col. 2:9, que ataca o baixoponto de vista dos gnósticos sobre a «natureza» de Cristo. De acordo com a doutrina paulina, Cristo possui toda a «plenitude» de Deus, a sua «pleroma». Os gnósticos, porém, imaginavam que cada «aeon» possuiria apenas partículas dessa plenitude ou *pleroma* (a natureza de Deus e os seus atributos).

**Quanto a Deus** — Os gnósticos tinham um conceito deísta de Deus. Para eles, ele seria totalmente «transcendental», isto é, não entrava em contacto com os homens e nem mesmo poderia fazê-lo, pelo que tivera de arranjar mediadores, que seriam uma sucessão quase interminável de sombrios «aens» (as emanações angelicais). O deísmo ensina que há um ser supremo, mas que não teria qualquer interesse pela sua criação (ou emanção), não interferindo na história humana, porquanto nem puniria e nem recompensaria. O N.T., entretanto, é eminentemente «teísta», posição essa que ensina que Deus é imanente no mundo, através de Cristo, mantendo contacto com este mundo, recompensando, punindo e modificando o curso da história humana. Assim é que o segundo capítulo da primeira epístola de Timóteo pinta Deus como «o Salvador», tão distante está ele de ser total e perenemente transcendental. Outrossim, há apenas um mediador, e não muitos; e esse mediador é Cristo (ver I Tim. 2:5).

**Quanto à salvação** — Os gnósticos dividiam os homens em três classes:

1. Haveria os *hílicos* ou «terrenos», indivíduos tão imersos na matéria, no princípio do mal, que nunca seriam capazes de escapar do mesmo. Esses haveriam de perecer, eventualmente, com a matéria, em meio a uma grande conflagração. Esses, que perfariam a grande maioria dos homens, seriam totalmente incapazes de redenção. A resposta dada a isso, pelo N.T., é que Deus quer que todos sejam salvos e venham ao pleno conhecimento da verdade (ver I Tim. 2:4).
2. Haveria os homens *psíquicos*, que seriam dirigidos pela «alma», os quais podem ser iluminados até certo ponto, através da «fé», os quais então alcançariam um tipo inferior de redenção. Os gnósticos classificavam nesse grupo os profetas do A. T. e outros homens santos dessa classe.
3. Haveria, finalmente, os *pneumáticos*, isto é, os «espirituais», os quais, por meio do «conhecimento» (motivo por que eram chamados «gnósticos», palavra derivada de «gnosis», «conhecimento»), poderiam obter a salvação mais alta, a saber, a reabsorção no Espírito divino, perdendo assim sua identidade pessoal. O N.T. responde a isso afirmando que assim como Cristo, apesar de separado de Deus Pai, possui sua «plenitude» (natureza e atributos), assim também os remidos em Jesus Cristo possuem a mesma «plenitude» (ver Col. 2:10), o que forma um espantoso conceito, porquanto significa que os homens virão a compartilhar da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), ao mesmo tempo que reterão sua identidade pessoal, tal e qual sucedeu no caso do Senhor Jesus Cristo.

**Quanto à ética** — Os gnósticos criam ser bom abusar do corpo mediante o ascetismo ou a licenciosidade, porquanto isso ajudaria o sistema cósmico em seu suposto designio de destruir a matéria, da qual o corpo é representante. A resposta dada pelo N.T. é que a verdadeira fé requer a santidade, pois todos aqueles que nascem de Deus serão santos (ver I João 2:29). O evangelho autêntico tem um imperativo moral, não estando despido da necessidade de santidade no corpo (ver Rom. 12:1,2), conforme os gnósticos ensinavam erroneamente. As várias notas expositivas referidas, especialmente a de Col. 2:18 expandem essas idéias, além de darem as diversas categorias do pensamento gnóstico. A leitura desses comentários ajudará o leitor na compreensão dos problemas abordados nas epístolas joaninas.

7 ὅτι πολλοὶ πλάνοι ἐξῆλθον εἰς τὸν κόσμον, οἱ μὴ ὁμολογοῦντες Ἰησοῦν Χριστὸν ἐρχόμενον ἐν σαρκί· οὗτός ἐστιν ὁ πλάνος καὶ ὁ ἀντίχριστος.

7 πολλοὶ...κόσμον Mt 7:15; 1 Jn 2:18; 4:1 αὐτὸς...ἀντίχριστος 1 Jn 4:3

7 ἐξῆλθον RAB al; R] ἐσῆλθον KLP 33 pm 5

7: Porque já muitos enganadores saíram pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Tal é o enganador e o anticristo.

Todos os elementos doutrinários deste versículo têm sido abordados na declaração introdutória, pelo que as notas expositivas, neste ponto, são breves.

«...muitos enganadores têm saído pelo mundo fora...» A heresia gnóstica é aqui particularmente focalizada, com a doutrina enganadora e deletéria que acabara de ser descrita. Comparar isso com I João 2:18,26 e 4:1, onde o «ludíbrio» dos gnósticos também é referido. A «inspiração» dos gnósticos provinha dos espíritos malignos (ver I João 4:1). Era isso que fazia deles «profetas falsos». Eram carismáticos, convenciam a outros com suas palavras ribombantes, mas não passavam de enganadores.

«...têm saído...» Talvez isso se refira à crise, ao cisma, que houve na comunidade cristã, o que também é mencionado em I João 2:19. Alguns elementos gnósticos se mantinham separados da igreja, como que em competição com ela; mas outros pertenciam à comunidade da igreja. O trecho de I João 2:29 mostra que alguns deles tinham pertencido à igreja cristã, mas se tinham separado simplesmente porque não se adaptavam ao cristianismo e perceberam isso, descontinuando a farsa.

«...não confessam Jesus Cristo vindo em carne...» Essas palavras se referem diretamente ao «docetismo» ou ao «quase-docetismo» dos gnósticos, mediante o que eles negavam 1. a encarnação; 2. a validade dos sofrimentos e da morte de Jesus Cristo como expiação; 3. a identidade das naturezas divina e humana na pessoa de Jesus Cristo. (Ver notas expositivas completas sobre isso na declaração final acerca do presente versículo e em I João 4:2,3).

«...enganador e anticristo...» Isso é dito de cada elemento gnóstico por serem eles enganadores, que pregavam um evangelho falso e propalavam um sistema falso, opondo-se a Cristo e procurando suplantá-lo com sua

8 βλέπετε ἑαυτοὺς, ἵνα μὴ ἀπολέσητε<sup>2</sup> τὴν εἰργασίαν<sup>3</sup> αὐτῶν.

1 B [B] ἀπολέσητε...ἀπολάβητε N<sup>1</sup> M<sup>1</sup> ἀπολήσθε: A H Ψ 048<sup>2</sup> 0232 32 A1 A2 181 1326<sup>2</sup> ἀπόλητε, 326<sup>2</sup> ἀπολήσθε: 436 614 630 1241 1305 1729 1881 2412 2492 2493 E<sup>1</sup> 2494<sup>2</sup> 2495<sup>2</sup> 2496<sup>2</sup> 2497<sup>2</sup> 2498<sup>2</sup> 2499<sup>2</sup> 2500<sup>2</sup> 2501<sup>2</sup> 2502<sup>2</sup> 2503<sup>2</sup> 2504<sup>2</sup> 2505<sup>2</sup> 2506<sup>2</sup> 2507<sup>2</sup> 2508<sup>2</sup> 2509<sup>2</sup> 2510<sup>2</sup> 2511<sup>2</sup> 2512<sup>2</sup> 2513<sup>2</sup> 2514<sup>2</sup> 2515<sup>2</sup> 2516<sup>2</sup> 2517<sup>2</sup> 2518<sup>2</sup> 2519<sup>2</sup> 2520<sup>2</sup> 2521<sup>2</sup> 2522<sup>2</sup> 2523<sup>2</sup> 2524<sup>2</sup> 2525<sup>2</sup> 2526<sup>2</sup> 2527<sup>2</sup> 2528<sup>2</sup> 2529<sup>2</sup> 2530<sup>2</sup> 2531<sup>2</sup> 2532<sup>2</sup> 2533<sup>2</sup> 2534<sup>2</sup> 2535<sup>2</sup> 2536<sup>2</sup> 2537<sup>2</sup> 2538<sup>2</sup> 2539<sup>2</sup> 2540<sup>2</sup> 2541<sup>2</sup> 2542<sup>2</sup> 2543<sup>2</sup> 2544<sup>2</sup> 2545<sup>2</sup> 2546<sup>2</sup> 2547<sup>2</sup> 2548<sup>2</sup> 2549<sup>2</sup> 2550<sup>2</sup> 2551<sup>2</sup> 2552<sup>2</sup> 2553<sup>2</sup> 2554<sup>2</sup> 2555<sup>2</sup> 2556<sup>2</sup> 2557<sup>2</sup> 2558<sup>2</sup> 2559<sup>2</sup> 2560<sup>2</sup> 2561<sup>2</sup> 2562<sup>2</sup> 2563<sup>2</sup> 2564<sup>2</sup> 2565<sup>2</sup> 2566<sup>2</sup> 2567<sup>2</sup> 2568<sup>2</sup> 2569<sup>2</sup> 2570<sup>2</sup> 2571<sup>2</sup> 2572<sup>2</sup> 2573<sup>2</sup> 2574<sup>2</sup> 2575<sup>2</sup> 2576<sup>2</sup> 2577<sup>2</sup> 2578<sup>2</sup> 2579<sup>2</sup> 2580<sup>2</sup> 2581<sup>2</sup> 2582<sup>2</sup> 2583<sup>2</sup> 2584<sup>2</sup> 2585<sup>2</sup> 2586<sup>2</sup> 2587<sup>2</sup> 2588<sup>2</sup> 2589<sup>2</sup> 2590<sup>2</sup> 2591<sup>2</sup> 2592<sup>2</sup> 2593<sup>2</sup> 2594<sup>2</sup> 2595<sup>2</sup> 2596<sup>2</sup> 2597<sup>2</sup> 2598<sup>2</sup> 2599<sup>2</sup> 2600<sup>2</sup> 2601<sup>2</sup> 2602<sup>2</sup> 2603<sup>2</sup> 2604<sup>2</sup> 2605<sup>2</sup> 2606<sup>2</sup> 2607<sup>2</sup> 2608<sup>2</sup> 2609<sup>2</sup> 2610<sup>2</sup> 2611<sup>2</sup> 2612<sup>2</sup> 2613<sup>2</sup> 2614<sup>2</sup> 2615<sup>2</sup> 2616<sup>2</sup> 2617<sup>2</sup> 2618<sup>2</sup> 2619<sup>2</sup> 2620<sup>2</sup> 2621<sup>2</sup> 2622<sup>2</sup> 2623<sup>2</sup> 2624<sup>2</sup> 2625<sup>2</sup> 2626<sup>2</sup> 2627<sup>2</sup> 2628<sup>2</sup> 2629<sup>2</sup> 2630<sup>2</sup> 2631<sup>2</sup> 2632<sup>2</sup> 2633<sup>2</sup> 2634<sup>2</sup> 2635<sup>2</sup> 2636<sup>2</sup> 2637<sup>2</sup> 2638<sup>2</sup> 2639<sup>2</sup> 2640<sup>2</sup> 2641<sup>2</sup> 2642<sup>2</sup> 2643<sup>2</sup> 2644<sup>2</sup> 2645<sup>2</sup> 2646<sup>2</sup> 2647<sup>2</sup> 2648<sup>2</sup> 2649<sup>2</sup> 2650<sup>2</sup> 2651<sup>2</sup> 2652<sup>2</sup> 2653<sup>2</sup> 2654<sup>2</sup> 2655<sup>2</sup> 2656<sup>2</sup> 2657<sup>2</sup> 2658<sup>2</sup> 2659<sup>2</sup> 2660<sup>2</sup> 2661<sup>2</sup> 2662<sup>2</sup> 2663<sup>2</sup> 2664<sup>2</sup> 2665<sup>2</sup> 2666<sup>2</sup> 2667<sup>2</sup> 2668<sup>2</sup> 2669<sup>2</sup> 2670<sup>2</sup> 2671<sup>2</sup> 2672<sup>2</sup> 2673<sup>2</sup> 2674<sup>2</sup> 2675<sup>2</sup> 2676<sup>2</sup> 2677<sup>2</sup> 2678<sup>2</sup> 2679<sup>2</sup> 2680<sup>2</sup> 2681<sup>2</sup> 2682<sup>2</sup> 2683<sup>2</sup> 2684<sup>2</sup> 2685<sup>2</sup> 2686<sup>2</sup> 2687<sup>2</sup> 2688<sup>2</sup> 2689<sup>2</sup> 2690<sup>2</sup> 2691<sup>2</sup> 2692<sup>2</sup> 2693<sup>2</sup> 2694<sup>2</sup> 2695<sup>2</sup> 2696<sup>2</sup> 2697<sup>2</sup> 2698<sup>2</sup> 2699<sup>2</sup> 2700<sup>2</sup> 2701<sup>2</sup> 2702<sup>2</sup> 2703<sup>2</sup> 2704<sup>2</sup> 2705<sup>2</sup> 2706<sup>2</sup> 2707<sup>2</sup> 2708<sup>2</sup> 2709<sup>2</sup> 2710<sup>2</sup> 2711<sup>2</sup> 2712<sup>2</sup> 2713<sup>2</sup> 2714<sup>2</sup> 2715<sup>2</sup> 2716<sup>2</sup> 2717<sup>2</sup> 2718<sup>2</sup> 2719<sup>2</sup> 2720<sup>2</sup> 2721<sup>2</sup> 2722<sup>2</sup> 2723<sup>2</sup> 2724<sup>2</sup> 2725<sup>2</sup> 2726<sup>2</sup> 2727<sup>2</sup> 2728<sup>2</sup> 2729<sup>2</sup> 2730<sup>2</sup> 2731<sup>2</sup> 2732<sup>2</sup> 2733<sup>2</sup> 2734<sup>2</sup> 2735<sup>2</sup> 2736<sup>2</sup> 2737<sup>2</sup> 2738<sup>2</sup> 2739<sup>2</sup> 2740<sup>2</sup> 2741<sup>2</sup> 2742<sup>2</sup> 2743<sup>2</sup> 2744<sup>2</sup> 2745<sup>2</sup> 2746<sup>2</sup> 2747<sup>2</sup> 2748<sup>2</sup> 2749<sup>2</sup> 2750<sup>2</sup> 2751<sup>2</sup> 2752<sup>2</sup> 2753<sup>2</sup> 2754<sup>2</sup> 2755<sup>2</sup> 2756<sup>2</sup> 2757<sup>2</sup> 2758<sup>2</sup> 2759<sup>2</sup> 2760<sup>2</sup> 2761<sup>2</sup> 2762<sup>2</sup> 2763<sup>2</sup> 2764<sup>2</sup> 2765<sup>2</sup> 2766<sup>2</sup> 2767<sup>2</sup> 2768<sup>2</sup> 2769<sup>2</sup> 2770<sup>2</sup> 2771<sup>2</sup> 2772<sup>2</sup> 2773<sup>2</sup> 2774<sup>2</sup> 2775<sup>2</sup> 2776<sup>2</sup> 2777<sup>2</sup> 2778<sup>2</sup> 2779<sup>2</sup> 2780<sup>2</sup> 2781<sup>2</sup> 2782<sup>2</sup> 2783<sup>2</sup> 2784<sup>2</sup> 2785<sup>2</sup> 2786<sup>2</sup> 2787<sup>2</sup> 2788<sup>2</sup> 2789<sup>2</sup> 2790<sup>2</sup> 2791<sup>2</sup> 2792<sup>2</sup> 2793<sup>2</sup> 2794<sup>2</sup> 2795<sup>2</sup> 2796<sup>2</sup> 2797<sup>2</sup> 2798<sup>2</sup> 2799<sup>2</sup> 2800<sup>2</sup> 2801<sup>2</sup> 2802<sup>2</sup> 2803<sup>2</sup> 2804<sup>2</sup> 2805<sup>2</sup> 2806<sup>2</sup> 2807<sup>2</sup> 2808<sup>2</sup> 2809<sup>2</sup> 2810<sup>2</sup> 2811<sup>2</sup> 2812<sup>2</sup> 2813<sup>2</sup> 2814<sup>2</sup> 2815<sup>2</sup> 2816<sup>2</sup> 2817<sup>2</sup> 2818<sup>2</sup> 2819<sup>2</sup> 2820<sup>2</sup> 2821<sup>2</sup> 2822<sup>2</sup> 2823<sup>2</sup> 2824<sup>2</sup> 2825<sup>2</sup> 2826<sup>2</sup> 2827<sup>2</sup> 2828<sup>2</sup> 2829<sup>2</sup> 2830<sup>2</sup> 2831<sup>2</sup> 2832<sup>2</sup> 2833<sup>2</sup> 2834<sup>2</sup> 2835<sup>2</sup> 2836<sup>2</sup> 2837<sup>2</sup> 2838<sup>2</sup> 2839<sup>2</sup> 2840<sup>2</sup> 2841<sup>2</sup> 2842<sup>2</sup> 2843<sup>2</sup> 2844<sup>2</sup> 2845<sup>2</sup> 2846<sup>2</sup> 2847<sup>2</sup> 2848<sup>2</sup> 2849<sup>2</sup> 2850<sup>2</sup> 2851<sup>2</sup> 2852<sup>2</sup> 2853<sup>2</sup> 2854<sup>2</sup> 2855<sup>2</sup> 2856<sup>2</sup> 2857<sup>2</sup> 2858<sup>2</sup> 2859<sup>2</sup> 2860<sup>2</sup> 2861<sup>2</sup> 2862<sup>2</sup> 2863<sup>2</sup> 2864<sup>2</sup> 2865<sup>2</sup> 2866<sup>2</sup> 2867<sup>2</sup> 2868<sup>2</sup> 2869<sup>2</sup> 2870<sup>2</sup> 2871<sup>2</sup> 2872<sup>2</sup> 2873<sup>2</sup> 2874<sup>2</sup> 2875<sup>2</sup> 2876<sup>2</sup> 2877<sup>2</sup> 2878<sup>2</sup> 2879<sup>2</sup> 2880<sup>2</sup> 2881<sup>2</sup> 2882<sup>2</sup> 2883<sup>2</sup> 2884<sup>2</sup> 2885<sup>2</sup> 2886<sup>2</sup> 2887<sup>2</sup> 2888<sup>2</sup> 2889<sup>2</sup> 2890<sup>2</sup> 2891<sup>2</sup> 2892<sup>2</sup> 2893<sup>2</sup> 2894<sup>2</sup> 2895<sup>2</sup> 2896<sup>2</sup> 2897<sup>2</sup> 2898<sup>2</sup> 2899<sup>2</sup> 2900<sup>2</sup> 2901<sup>2</sup> 2902<sup>2</sup> 2903<sup>2</sup> 2904<sup>2</sup> 2905<sup>2</sup> 2906<sup>2</sup> 2907<sup>2</sup> 2908<sup>2</sup> 2909<sup>2</sup> 2910<sup>2</sup> 2911<sup>2</sup> 2912<sup>2</sup> 2913<sup>2</sup> 2914<sup>2</sup> 2915<sup>2</sup> 2916<sup>2</sup> 2917<sup>2</sup> 2918<sup>2</sup> 2919<sup>2</sup> 2920<sup>2</sup> 2921<sup>2</sup> 2922<sup>2</sup> 2923<sup>2</sup> 2924<sup>2</sup> 2925<sup>2</sup> 2926<sup>2</sup> 2927<sup>2</sup> 2928<sup>2</sup> 2929<sup>2</sup> 2930<sup>2</sup> 2931<sup>2</sup> 2932<sup>2</sup> 2933<sup>2</sup> 2934<sup>2</sup> 2935<sup>2</sup> 2936<sup>2</sup> 2937<sup>2</sup> 2938<sup>2</sup> 2939<sup>2</sup> 2940<sup>2</sup> 2941<sup>2</sup> 2942<sup>2</sup> 2943<sup>2</sup> 2944<sup>2</sup> 2945<sup>2</sup> 2946<sup>2</sup> 2947<sup>2</sup> 2948<sup>2</sup> 2949<sup>2</sup> 2950<sup>2</sup> 2951<sup>2</sup> 2952<sup>2</sup> 2953<sup>2</sup> 2954<sup>2</sup> 2955<sup>2</sup> 2956<sup>2</sup> 2957<sup>2</sup> 2958<sup>2</sup> 2959<sup>2</sup> 2960<sup>2</sup> 2961<sup>2</sup> 2962<sup>2</sup> 2963<sup>2</sup> 2964<sup>2</sup> 2965<sup>2</sup> 2966<sup>2</sup> 2967<sup>2</sup> 2968<sup>2</sup> 2969<sup>2</sup> 2970<sup>2</sup> 2971<sup>2</sup> 2972<sup>2</sup> 2973<sup>2</sup> 2974<sup>2</sup> 2975<sup>2</sup> 2976<sup>2</sup> 2977<sup>2</sup> 2978<sup>2</sup> 2979<sup>2</sup> 2980<sup>2</sup> 2981<sup>2</sup> 2982<sup>2</sup> 2983<sup>2</sup> 2984<sup>2</sup> 2985<sup>2</sup> 2986<sup>2</sup> 2987<sup>2</sup> 2988<sup>2</sup> 2989<sup>2</sup> 2990<sup>2</sup> 2991<sup>2</sup> 2992<sup>2</sup> 2993<sup>2</sup> 2994<sup>2</sup> 2995<sup>2</sup> 2996<sup>2</sup> 2997<sup>2</sup> 2998<sup>2</sup> 2999<sup>2</sup> 3000<sup>2</sup> 3001<sup>2</sup> 3002<sup>2</sup> 3003<sup>2</sup> 3004<sup>2</sup> 3005<sup>2</sup> 3006<sup>2</sup> 3007<sup>2</sup> 3008<sup>2</sup> 3009<sup>2</sup> 3010<sup>2</sup> 3011<sup>2</sup> 3012<sup>2</sup> 3013<sup>2</sup> 3014<sup>2</sup> 3015<sup>2</sup> 3016<sup>2</sup> 3017<sup>2</sup> 3018<sup>2</sup> 3019<sup>2</sup> 3020<sup>2</sup> 3021<sup>2</sup> 3022<sup>2</sup> 3023<sup>2</sup> 3024<sup>2</sup> 3025<sup>2</sup> 3026<sup>2</sup> 3027<sup>2</sup> 3028<sup>2</sup> 3029<sup>2</sup> 3030<sup>2</sup> 3031<sup>2</sup> 3032<sup>2</sup> 3033<sup>2</sup> 3034<sup>2</sup> 3035<sup>2</sup> 3036<sup>2</sup> 3037<sup>2</sup> 3038<sup>2</sup> 3039<sup>2</sup> 3040<sup>2</sup> 3041<sup>2</sup> 3042<sup>2</sup> 3043<sup>2</sup> 3044<sup>2</sup> 3045<sup>2</sup> 3046<sup>2</sup> 3047<sup>2</sup> 3048<sup>2</sup> 3049<sup>2</sup> 3050<sup>2</sup> 3051<sup>2</sup> 3052<sup>2</sup> 3053<sup>2</sup> 3054<sup>2</sup> 3055<sup>2</sup> 3056<sup>2</sup> 3057<sup>2</sup> 3058<sup>2</sup> 3059<sup>2</sup> 3060<sup>2</sup> 3061<sup>2</sup> 3062<sup>2</sup> 3063<sup>2</sup> 3064<sup>2</sup> 3065<sup>2</sup> 3066<sup>2</sup> 3067<sup>2</sup> 3068<sup>2</sup> 3069<sup>2</sup> 3070<sup>2</sup> 3071<sup>2</sup> 3072<sup>2</sup> 3073<sup>2</sup> 3074<sup>2</sup> 3075<sup>2</sup> 3076<sup>2</sup> 3077<sup>2</sup> 3078<sup>2</sup> 3079<sup>2</sup> 3080<sup>2</sup> 3081<sup>2</sup> 3082<sup>2</sup> 3083<sup>2</sup> 3084<sup>2</sup> 3085<sup>2</sup> 3086<sup>2</sup> 3087<sup>2</sup> 3088<sup>2</sup> 3089<sup>2</sup> 3090<sup>2</sup> 3091<sup>2</sup> 3092<sup>2</sup> 3093<sup>2</sup> 3094<sup>2</sup> 3095<sup>2</sup> 3096<sup>2</sup> 3097<sup>2</sup> 3098<sup>2</sup> 3099<sup>2</sup> 3100<sup>2</sup> 3101<sup>2</sup> 3102<sup>2</sup> 3103<sup>2</sup> 3104<sup>2</sup> 3105<sup>2</sup> 3106<sup>2</sup> 3107<sup>2</sup> 3108<sup>2</sup> 3109<sup>2</sup> 3110<sup>2</sup> 3111<sup>2</sup> 3112<sup>2</sup> 3113<sup>2</sup> 3114<sup>2</sup> 3115<sup>2</sup> 3116<sup>2</sup> 3117<sup>2</sup> 3118<sup>2</sup> 3119<sup>2</sup> 3120<sup>2</sup> 3121<sup>2</sup> 3122<sup>2</sup> 3123<sup>2</sup> 3124<sup>2</sup> 3125<sup>2</sup> 3126<sup>2</sup> 3127<sup>2</sup> 3128<sup>2</sup> 3129<sup>2</sup> 3130<sup>2</sup> 3131<sup>2</sup> 3132<sup>2</sup> 3133<sup>2</sup> 3134<sup>2</sup> 3135<sup>2</sup> 3136<sup>2</sup> 3137<sup>2</sup> 3138<sup>2</sup> 3139<sup>2</sup> 3140<sup>2</sup> 3141<sup>2</sup> 3142<sup>2</sup> 3143<sup>2</sup> 3144<sup>2</sup> 3145<sup>2</sup> 3146<sup>2</sup> 3147<sup>2</sup> 3148<sup>2</sup> 3149<sup>2</sup> 3150<sup>2</sup> 3151<sup>2</sup> 3152<sup>2</sup> 3153<sup>2</sup> 3154<sup>2</sup> 3155<sup>2</sup> 3156<sup>2</sup> 3157<sup>2</sup> 3158<sup>2</sup> 3159<sup>2</sup> 3160<sup>2</sup> 3161<sup>2</sup> 3162<sup>2</sup> 3163<sup>2</sup> 3164<sup>2</sup> 3165<sup>2</sup> 3166<sup>2</sup> 3167<sup>2</sup> 3168<sup>2</sup> 3169<sup>2</sup> 3170<sup>2</sup> 3171<sup>2</sup> 3172<sup>2</sup> 3173<sup>2</sup> 3174<sup>2</sup> 3175<sup>2</sup> 3176<sup>2</sup> 3177<sup>2</sup> 3178<sup>2</sup> 3179<sup>2</sup> 3180<sup>2</sup> 3181<sup>2</sup> 3182<sup>2</sup> 3183<sup>2</sup> 3184<sup>2</sup> 3185<sup>2</sup> 3186<sup>2</sup> 3187<sup>2</sup> 3188<sup>2</sup> 3189<sup>2</sup> 3190<sup>2</sup> 3191<sup>2</sup> 3192<sup>2</sup> 3193<sup>2</sup> 3194<sup>2</sup> 3195<sup>2</sup> 3196<sup>2</sup> 3197<sup>2</sup> 3198<sup>2</sup> 3199<sup>2</sup> 3200<sup>2</sup> 3201<sup>2</sup> 3202<sup>2</sup> 3203<sup>2</sup> 3204<sup>2</sup> 3205<sup>2</sup> 3206<sup>2</sup> 3207<sup>2</sup> 3208<sup>2</sup> 3209<sup>2</sup> 3210<sup>2</sup> 3211<sup>2</sup> 3212<sup>2</sup> 3213<sup>2</sup> 3214<sup>2</sup> 3215<sup>2</sup> 3216<sup>2</sup> 3217<sup>2</sup> 3218<sup>2</sup> 3219<sup>2</sup> 3220<sup>2</sup> 3221<sup>2</sup> 3222<sup>2</sup> 3223<sup>2</sup> 3224<sup>2</sup> 3225<sup>2</sup> 3226<sup>2</sup> 3227<sup>2</sup> 3228<sup>2</sup> 3229<sup>2</sup> 3230<sup>2</sup> 3231<sup>2</sup> 3232<sup>2</sup> 3233<sup>2</sup> 3234<sup>2</sup> 3235<sup>2</sup> 3236<sup>2</sup> 3237<sup>2</sup> 3238<sup>2</sup> 3239<sup>2</sup> 3240<sup>2</sup> 3241<sup>2</sup> 3242<sup>2</sup> 3243<sup>2</sup> 3244<sup>2</sup> 3245<sup>2</sup> 3246<sup>2</sup> 3247<sup>2</sup> 3248<sup>2</sup> 3249<sup>2</sup> 3250<sup>2</sup> 3251<sup>2</sup> 3252<sup>2</sup> 3253<sup>2</sup> 3254<sup>2</sup> 3255<sup>2</sup> 3256<sup>2</sup> 3257<sup>2</sup> 3258<sup>2</sup> 3259<sup>2</sup> 3260<sup>2</sup> 3261<sup>2</sup> 3262<sup>2</sup> 3263<sup>2</sup> 3264<sup>2</sup> 3265<sup>2</sup> 3266<sup>2</sup> 3267<sup>2</sup> 3268<sup>2</sup> 3269<sup>2</sup> 3270<sup>2</sup> 3271<sup>2</sup> 3272<sup>2</sup> 3273<sup>2</sup> 3274<sup>2</sup> 3275<sup>2</sup> 3276<sup>2</sup> 3277<sup>2</sup> 3278<sup>2</sup> 3279<sup>2</sup> 3280<sup>2</sup> 3281<sup>2</sup> 3282<sup>2</sup> 3283<sup>2</sup> 3284<sup>2</sup> 3285<sup>2</sup> 3286<sup>2</sup> 3287<sup>2</sup> 3288<sup>2</sup> 3289<sup>2</sup> 3290<sup>2</sup> 3291<sup>2</sup> 3292<sup>2</sup> 3293<sup>2</sup> 3294<sup>2</sup> 3295<sup>2</sup> 3296<sup>2</sup> 3297<sup>2</sup> 3298<sup>2</sup> 3299<sup>2</sup> 3300<sup>2</sup> 3301<sup>2</sup> 3302<sup>2</sup> 3303<sup>2</sup> 3304<sup>2</sup> 3305<sup>2</sup> 3306<sup>2</sup> 3307<sup>2</sup> 3308<sup>2</sup> 3309<sup>2</sup> 3310

8: Olhai por vós mesmos, para que não percais o fruto do nosso trabalho, antes recebais plena recompensa.

...acautelai-vos... No original grego temos «blepo», verbo comum para «ver», mas com frequência usado com o sentido de «ter cuidado», «considerar» ou até mesmo «vigiar», sentido último este que parece ser o sugerido no presente contexto. O «ancião» exorta seus leitores a exercerem cautela especial, devido ao fato que os anticristos são poderosos, enganadores e astuciosos. Se porventura o gnosticismo houvesse ganho a batalha ideológica, o cristianismo teria sido reduzido a apenas mais uma das religiões misteriosas do mundo greco-romano.

...para não perderdes aquilo que temos realizado... É como se o escritor sagrado houvesse dito: «Cuidado para não perderdes aquilo que tendes recebido». O que fora realizado? 1. Coletivamente, fora conseguido o bem-estar geral da igreja da Ásia Menor, como uma comunidade religiosa. Portanto, que os crentes daquela região cuidassem para que os mestres gnósticos não viessem a destruir o cristianismo ali, o que seria prejudicial para muitas pessoas, incluindo aqueles crentes. Tal ação deletéria dali poderia propagar-se pelo mundo inteiro. 2. Individualmente, os crentes poderiam perder sua fidelidade pessoal a Cristo, perdendo seus galardões. O versículo é comumente usado em apoio à suposição que o «galardão», uma vez obtido, pode ser perdido pela negligência. Certamente assim acontece, pelo que tal aplicação é legítima. Os dois elementos se suplementam. Se a igreja sofresse prejuízo e sua atuação fosse abafada, isso prejudicaria seus membros individuais.

«Temos trabalhado juntos. Cuidai para que não percais o galardão por vosso labor. Que vossa recompensa seja completa. Não sejais como trabalhadores que desistem ao aproximar-se o fim do dia, arrelecendo em seu empenho ou perdendo tempo, ganhando menos que seu salário do dia» (Smith, *in loc.*).

Se aqueles crentes da Ásia Menor tolerassem os falsos mestres, não levariam a bom termo o seu trabalho. Seriam convencidos a desanimar, ou mesmo a voltar a seus antigos pecados, assim perdendo sua recompensa pessoal pelo que tinham feito, além de contribuírem para exercer efeitos debilitantes contra a igreja local, o que era conseguido pelo falso «ministério» dos gnósticos. Deveriam guardar-se contra a corrupção da simplicidade do evangelho, transformando-o em uma mera «gnosis», proclamando a salvação através do «conhecimento», ao invés de através da «fé», conforme estavam fazendo os falsos mestres. Alguns cristãos corriam o perigo de cair em franca apostasia, pois poderiam substituir o verdadeiro Cristo encarnado por um imaginário «aeon», conforme queriam fazer os mestres gnósticos. Dessa maneira é que haveriam de perder «tudo» quanto já fora realizado, e não apenas uma parte do que fora realizado. Porém, ainda que se tornassem menos cristãos, por se terem tornado mais adeptos das idéias gnósticas, então, apesar de reterem fé verdadeira em Cristo Jesus, serviriam de empecilho para si mesmos, para seu trabalho e para o trabalho da comunidade, e assim destruiriam parte do bem que tinham sido capazes de produzir até então. Por conseguinte, o presente versículo é uma conchamação a que aqueles crentes regressassem a seus dias anteriores, um desafio para que fossem sempre leais ao Cristo, conforme vinham sendo até ali:

*Digo que o reconhecimento de Deus em Cristo,  
Aceito pela razão, resolverá para ti  
Todas as questões na terra e fora dela.*  
(Robert Browning)

(Quanto a notas expositivas completas sobre os «galardões», ver I Cor. 3:14; quanto às «coroas», ver II Tim. 4:8). O «ancião» nos exorta a prestarmos serviço dedicado a Cristo, para que confirmemos nossos alvos mais nobres, para que assim façamos-os chegarem à plena fruição, rejeitando o egoísmo e a atitude interesseira, o que faz do próprio «eu» um outro deus.

Os galardões e as coroas: Não consistem, essencialmente, do que tivermos

9 πᾶς ὁ προάγων καὶ μὴ μένων ἐν τῇ διδασκῇ τοῦ Χριστοῦ θεὸν οὐκ ἔχει· ὁ μένων ἐν τῇ διδασκῇ, οὗτος καὶ τὸν πατέρα καὶ τὸν υἱὸν ἔχει.

9 H] διδασκῇ N A B Ψ 33 81 1739 Iaxi it' vg syr<sup>1</sup> cop<sup>m</sup> arm Didymus<sup>sc</sup> Fulgentius J διδασκῇ αὐτοῦ J<sup>sc</sup>em-di<sup>sc</sup> p<sup>sc</sup> Nyr<sup>sc</sup>ab<sup>sc</sup> 2 2118<sup>sc</sup> Lucifer J διδασκῇ τοῦ Χριστοῦ K P 049<sup>sc</sup> 11 058 0142 88 104 181 320 330 436 481 614 629 630 943 1241

9 ὁ μένων... ἔχει 1 Jn 2:23, 4:15

9 προάγων KAB pc vg<sup>m</sup>; R] παραβαίνων KLP 33 69 pl c p<sup>o</sup> vg<sup>a</sup>, cl sy c | Παρ. κ. τ. Υ.] trsp Y. κ. τ.

Π. A 33 (60) pc vg<sup>m</sup>

Após o segundo διδασκῇ o Textus Receptus, seguindo K L P maioria dos minúsculos cop (bo) etí, adiciona τοῦ Χριστοῦ. Essa forma é obviamente secundária, resultado de assimilação escrital à primeira parte da sentença. Por igual modo διδασκῇ αὐτοῦ, é a forma de certos testemunhos patrísticos e das versões (sir (p.h com<sup>a</sup>) Lúçifer), originada do desejo similar de relacionar as duas cláusulas mais intimamente. A forma mais breve é fortemente apoiada por N A B Ψ 33 81 1739 vg cop (sa) al.

9: Todo aquele que vai além do ensino de Cristo e não permanece nele, não tem a Deus; quem permanece neste ensino, esse tem tanto ao Pai como ao Filho.

O autor sagrado volta agora, uma vez mais, à questão básica da «fé cristã», que os gnósticos vinham negando.

...ultrapassa... Alguns manuscritos gregos dizem aqui «parabaino», «desviar-se de», «afastar-se de». Essa palavra também significa «transgredir». Poderíamos tomar esse verbo em sentido absoluto—aquele que «transgride», e, além disso, «não permanece na doutrina de Cristo». Ou então a própria transgressão pode ser vista como a própria essência da não-permanência. Ou ainda, o não-permanecer pode ser reputado como a

de «receber», porquanto os galardões e as coroas pouquíssimo têm a ver com as «possessões celestiais». Antes, têm a ver com o que sucede conosco, com o grau de nossa transformação segundo a imagem de Cristo, com o resultado que nos tornamos instrumentos da obra divina, na eternidade. Recebemos uma «coroa da vida», isto é, a participação na vida divina, mas de acordo com certo grau, merecido por nossas realizações espirituais. Recebemos a «coroa da justiça», que é participação na santidade divina, também até certo ponto. Essas coisas têm a ver com a nossa futura participação em «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19). Isso é o que está envolvido na questão dos «galardões» e das «coroas». Quanto a «plenitude de Deus» receberemos? (Ver as notas expositivas sobre Col. 2:10). Essa é a questão apresentada no tema dos «galardões». Contudo, a eternidade não será estagnada. Todos os crentes, eventualmente, haverão de possuir toda a plenitude de Deus, porquanto esse é o fim mesmo da salvação. Portanto, embora impedido e aleijado, por assim dizer, eventualmente o crente aprenderá, através da experiência da eternidade, a encontrar Cristo em tudo. E isso não somente como uma crença, mas como uma realidade; pois a existência toda tem seu grande alvo em Cristo, tanto aqui como na eternidade. Cristo haverá de ser «tudo para todos» (ver Efê. 1:23), e a criação inteira foi feita não somente «da parte dele» e «através dele», mas igualmente «para ele» (ver Col. 1:16).

*Oh, se traçamos um círculo prematuro,  
Que não se importe com lucro longínquo,  
Gananciosos de lucro pronto, certamente  
Má será a nossa harganha!*  
(Robert Browning)

...realizado com esforço... Conforme diz Hoon (*in loc.*): «A vida cristã tem sido falsamente retratada como se não incluisse trabalho árduo e evidente (comparar com III João 6b-8). As muitas analogias, parábolas e ilustrações, que Jesus extraiu da esfera do labor humano (ver Mat. 18:23-35; 20:1-16; 21:33-41; 25:14-30 e Luc. 20:9-16) mostram quão vividamente ele concebia o seu ministério como um trabalho (ver também João 4:34; 5:36; 9:3,4; 10:25,37 e 17:4), e como os crentes, por igual modo, devem conceber seu discipulado como um trabalho (ver Mat. 5:16). O amor mais frequentemente consiste de trabalho do que de emoção; e a fé requer trabalho do pensamento e da vontade... Nosso labor geralmente é vão por não voltar-se na direção da consciência dos verdadeiros galardões do crente. Nem sempre a atividade é trabalho. Já se descreveu um fanático como alguém que multiplica os seus esforços, ao mesmo tempo que perde de vista o seu alvo. O alvo consiste de «conquistar o galardão». O lugar dos galardões, na religião cristã, nunca deveria ser subestimado... Jesus» acreditava nos galardões (ver Mat. 5:12,46; 6:1,4,6,18,20 e 10:41-42). Naturalmente, o grande «galardão» é a «vida eterna». Porém, apesar disso estar em foco aqui, outros galardões também são salientados, de acordo com o que se diz nas explicações acima. Os galardões são, essencialmente, «escatológicos», pois estão vinculados à «parousia» ou segundo advento de Cristo (ver I João 3:2), embora o recebimento presente de galardões também possa estar em foco. Vale a pena servir nesta vida terrena ao Senhor Jesus.

Variantes Textuais: As palavras «que 'vós' não destruais as coisas que 'nós' (apóstolos) temos realizado em vós» é a forma correta, segundo pensam alguns críticos. A forma «vós» (percais ou destruí) é apoiada pelos mss Aleph(1), AB, no Si, na Vg, no Cóp, no Sal, no Etí, no Ara e nos escritos de alguns dos pais da igreja. Mas «nós percamos» (destruamos) é a forma que aparece nos mss KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, embora essa forma seja claramente secundária. A evidência textual está mais bem dividida quanto à segunda forma. «Temos realizados», em alusão aos labores apostólicos e de seus sucessores imediatos, é a forma que aparece nos mss BKLP, no Si e no Sa. Mas «tendes realizado» é a forma que aparece nos mss Aleph, A, no Si, na Vg, no Cóp, no Etí, no Ara e nos escritos de alguns pais da igreja. A evidência textual, quanto a isso, está quase dividida pela metade, de tal modo que não se pode ter certeza sobre a forma correta. Os leitores podem ter sido exortados a preservarem os labores apostólicos mediante a defesa do evangelho apostólico, permitindo que o mesmo fosse operante em suas vidas. Ou podem ter sido exortados a preservar sua própria realização (compreendida em conjunção com os labores apostólicos). Ambas as coisas diriam uma verdade, afinal da contas.

1305 1877 3127 2412 2492 2495 Byz Lxx<sup>sc</sup> ita<sup>sc</sup> cop<sup>m</sup> eth Pa-Oecumenus Theophylact

transgressão. Esta última possibilidade, mais provavelmente, é o que está aqui em foco.

Variação Textual: O termo «parabaino», «transgredir», é a forma que aparece nos mss KLP, na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, no Si, na Vg, no Cóp e no Ara. Mas o termo grego «proago», isto é, «guiar», «ir adiante», «preceder», é a forma que aparece nos mss Aleph, AB, no Sa e no Etí. Certamente esta última forma é a correta, porquanto em seu favor temos os testemunhos textuais mais antigos e dignos de confiança.

O vocábulo grego «proago», pois indica «ir além», da doutrina de Cristo; em outras palavras, não permite que os «limites» da doutrina de Cristo governem ambas as idéias e a inquirição espiritual. A doutrina de

Cristo é a nossa regra de fé e prática. Mas os gnósticos ignoravam essa regra naquilo que é fundamental. Pelo contrário, abandonavam a Cristo, anunciado no ensinamento apostólico, além de rejeitarem suas regras éticas. Dessa maneira, criaram um evangelho «estranho», o que é descrito nas notas de introdução ao sétimo versículo desta epístola. Essas notas nos fornecem as posições opostas do gnosticismo, em relação à verdadeira doutrina de Cristo.

«...doutrina de Cristo...», isto é, a fé cristã essencial, cujo centro é a pessoa de Cristo. Nas epístolas joaninas, isso indica a crença em 1. a encarnação; 2. com a subsequente aceitação da genuinidade de sua expiação; 3. juntamente com a aceitação do fato que, na pessoa de Cristo, fundiram-se a natureza divina e a natureza humana; 4. e que a lealdade à sua pessoa também é a lealdade às suas exigências morais. Os gnósticos erravam em todos os pontos. (Ver Col. 2:18 quanto a descrições completas sobre o «gnosticismo». Consultar também o trecho de I João 4:2,3 acerca do «docetismo» dos gnósticos). Para os gnósticos, Cristo era apenas um dentre muitos «aëons» ou emanções angelicais, e não o Verbo eterno encarnado. Seria apenas um dentre muitos mediadores, pequenos salvadores ou pequenos deuses, que seriam possuidores apenas de partículas da «plenitude» de Deus (sua natureza e seus atributos; ver Col. 2:9, onde Paulo declara que o verdadeiro Cristo possui toda a plenitude ou «pleroma» de Deus). (Ver ainda Fil. 2:7 e as notas expositivas ali existentes, acerca da «humanidade de Cristo»; ver Heb. 1:3 acerca da «divindade de Cristo»). A verdadeira doutrina de Cristo inclui ambas essas idéias, porquanto na encarnação houve a fusão dessas duas naturezas. Assim como Cristo se identificou com nossa natureza humana, assim também faz parte do plano de Deus que nos identifiquemos com sua natureza, chegando a compartilhar da mesma «plenitude» de que ele desfruta (ver Efê. 3:19), chegando assim a compartilhar da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), através do poder transformador do Espírito Santo, o qual nos vai transformando segundo a imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18), e assim cheguemos a ser filhos de Deus como Cristo é o Filho de Deus (ver Rom. 8:29). Isso é o evangelho, que resulta da confiança na doutrina de Cristo, com a entrega da própria alma a seus cuidados, naquela atitude que chamamos «fé» (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 11:1).

Alguns estudiosos pensam que a «doutrina» de Cristo, neste ponto, «não é o ensinamento concernente a Cristo, mas o ensinamento do próprio Cristo é de seus apóstolos. (Ver Heb. 2:3). O uso neotestamentário concorda com isso. (Ver João 18:19; Atos 2:12 e Apo. 2:14,15)». (Vincent, *in loc.*). Porém, ainda que assim fosse, isso não estabeleceria qualquer diferença, pois a doutrina ensinada por Cristo e essa mesma doutrina confirmada no ensino apostólico, se baseava sobre a «doutrina concernente a Cristo». Ambas as coisas falam sobre o «evangelho», que proclama Cristo encarnado, em sua missão espiatória.

«...nela não permanece, não tem Deus...» Essas palavras se baseiam sobre I João 2:22-24. (Comparar com I João 2:24, que diz: «Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também permanecereis vós no Filho e no Pai»). A «Palavra» ou «evangelho» permanece em nós; e desse modo recebemos comunhão com Deus Pai e com Deus Filho. O trecho de I João 2:14 declara: «...a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o maligno». O presente versículo diz a mesma verdade, ao contrário. Agora somos retratados como quem «permanece na palavra». Mas isso não de maneira meramente credal, ou seja, o autor não apelava somente para que fôssemos «ortodoxos» em nossas crenças. Antes, exortava-nos a que, mediante as experiências místicas, aplicássemos verdadeiramente a doutrina de Cristo à vida diária, o que evidencia que temos a Cristo como nosso Senhor em tudo. (Ver as notas expositivas sobre o *senhorio de Cristo*, em Rom. 1:4). Ninguém tem a Cristo como Salvador, se também não o tem como Senhor (ver Rom. 10:13). Se entregarmos nossas almas a Cristo como Senhor, o seu Espírito virá encher-nos, e assim teremos comunhão tanto com o Pai como

com o Filho. A fé cristã é, essencialmente, uma «relação mística» entre Deus e o homem, em que o ser divino vai sendo injetado no ser humano, através do poder residente do Espírito Santo, o qual nos transforma segundo a imagem de Cristo e nos proporciona a natureza divina. Isso, pois, permite-nos perceber a grande importância do ministério do Espírito Santo.

O indivíduo que permanece na doutrina de Cristo «...tem Deus...» Em outras palavras, ele 1. desfruta de autêntica comunhão mística com ele; 2. merece sua aprovação; 3. possui seu Espírito transformador; e 4. possui a vida eterna que Deus promete, a participação na própria modalidade da vida que Deus tem, segundo se vê nos trechos de João 5:25,26 e 6:57 e nas notas expositivas ali existentes.

«...tem assim o Pai, como o Filho...» A vida de Deus é medida por meio de Cristo, conforme nos mostra a referência de João 5:25,26. A salvação consiste da «liliação», porquanto consiste da participação na vida que pertence à família divina (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 2:10 e ss.). «Temos» o Filho de Deus quando sua vida é infundida em nós, quando o Espírito vai duplicando em nós a sua imagem, porquanto esse é o grande alvo de toda a existência humana, bem como é a substância daquele estado a que denominamos de «salvação». (Ver as notas expositivas completas sobre a «salvação», em Heb. 2:3. A nota de sumário sobre nossa transformação segundo a imagem de Cristo aparece em Rom. 8:29). Tudo isso vai muito além do mero perdão de pecados e da mudança de endereço para os céus no futuro, segundo o evangelho é usualmente reduzido na moderna igreja evangélica. «Ter» o Filho é tornar-se o que ele é, é compartilhar de sua herança (ver as notas expositivas sobre isso em Rom. 8:17). É também ser o indivíduo um filho adulto na família de Deus, segundo a ordem a que pertence o Filho. É ter Cristo em nós insuflado.

*A progressão certa e a errada.* É errado alguém «avançar» além da doutrina de Cristo, porque isso equivale a regredir. É correto progredir «na» doutrina de Cristo, porquanto esse é o verdadeiro progresso da alma. O autor sagrado, portanto, não limita a busca pela verdade. Meramente diz que essa inquirição deve centralizar-se em Cristo. Ele não consola àqueles que nunca vão além dos princípios elementares da doutrina de Cristo (ver Heb. 6:1), pensando ser os únicos guardiães da verdade divina. Essa doutrina, que exalta a Cristo, não deve ser rejeitada sem profunda investigação, ainda que não se coadune bem como nosso sistema doutrinário adredeamente aceito.

«Jesus Cristo continua à frente de todos nós, chamando-nos a segui-lo». (Robertson, *in loc.*).

«O apóstolo João não condena aqui o progresso teológico, que é uma necessidade da vida e do crescimento na fé... 1. Nunca devemos romper com o passado; a verdade nova é sempre resultante da antiga verdade. Uma teologia que é simplesmente antiga está morta; uma teologia que é simplesmente nova é falsa (conferir com Mat. 13:52). 2. Devemos conservar o «ensinamento do Cristo». Jesus é o Salvador, e nenhuma interpretação do cristianismo é veraz se porventura elimina a redenção e obscurece a glória da cruz». (Smith, *in loc.*).

«Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida» (I João 5:12).

«Não tem Deus... pois a verdade, a vida e Deus são inseparáveis». (Lange, *in loc.*).

*Variante Textual:* As palavras *doutrina de Cristo* figuram nos mss KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina, como também nos mss do Cóp(h) e do Etl. Alguns manuscritos dizem «sua doutrina» (o que se verifica no Siph.h) e nos escritos de Lucifer, pai da igreja). Porém, a forma verdadeira diz somente «doutrina», sem qualquer adição. Assim dizem os mss Aleph, AB, 33.81, 1739, a Vg e o Cóp(sai), o que serve de evidência esmagadora em favor da forma mais curta. Essa doutrina, naturalmente, deve ser compreendida como «a doutrina de Cristo», porquanto é o seu evangelho que está sob discussão, no contexto.

10 εἰ τις ἔρχεται πρὸς ὑμᾶς καὶ ταύτην τὴν διδαχὴν οὐ φέρει, μὴ λαμβάνετε αὐτὸν εἰς οἰκίαν καὶ

10 «...oklar Ro 16:17; Eph 5:11; 2 Tm 3:6

10 εἰ τις ἔρχεται πρὸς ὑμᾶς καὶ ταύτην τὴν διδαχὴν οὐ φέρει, μὴ λαμβάνετε αὐτὸν εἰς οἰκίαν καὶ

10: Se alguém vem ter convosco, e não traz esta ensino, não o recebam em casa, nem tempo e o seu.

O autor sagrado agora exorta aos verdadeiros crentes que eliminem a lepra do gnosticismo, mediante o isolamento. Somos informados que o apóstolo João, ao ir aos banhos públicos, não entrava se soubesse que Cerinto, o líder gnóstico de Éfeso de seu tempo, já se achava ali. Essa atitude «joanina» é agora posta em destaque. Os falsos mestres tinham procurado solapar a igreja cristã, tendo obtido muitos seguidores, com sua doutrina falsa, que degradava a pessoa de Cristo. Assim, pois, o autor sagrado mantinha a atitude de João, ordenando aos crentes que se separassem totalmente deles. Não permitia nem ao menos as saudações comuns, como «Alô!» e «Adeus!». É inútil alguém diminuir a «severidade» de seu mandamento, sem importar se isso é prático ou não. Diversos intérpretes têm procurado suavizar a severidade do texto, como se a saudação e a despedida representassem conversas e associações prolongadas com os falsos mestres. Mas isso dificilmente pode estar em foco aqui.

Além disso, havia o problema dos falsos evangelistas itinerantes e dos profetas viajantes. Era costumeiro oferecer hospitalidade a tais pessoas, porquanto as hospedarias antigas viviam infestadas de prostitutas e assaltantes. O versículo à nossa frente proíbe a «hospitalidade» a qualquer evangelista itinerante que não pregue o Cristo anunciado pelos apóstolos. Nosso autor não queria que os crentes acolhessem evangelistas falsos, que negassem a encarnação e a expiação de Cristo, reduzindo-o a um mero «aëon» ou mediador angelical, um dentre muitos, um salvador entre muitos. Se alguém pregasse um *cristo estranho*, não deveria ser acolhido pela comunidade cristã. Tal mandamento teve por intuito destruir a influência

desses falsos mestres na igreja. Por conseguinte, nem mesmo a hospitalidade costumeira e as cortêsias comuns deveriam ser estendidas aos mestres e evangelistas de tendências gnósticas, por mais que esses se apresentassem como «cristãos».

O *Didache* (Ensinamentos dos Doze Apóstolos), ao abordar a questão dos mestres itinerantes, proíbia aos crentes de lhes darem «ouvidos», se porventura anunciassem alguma doutrina estranha (ver 11:2). Inácio advertia contra a reunião com tais homens, ou mesmo contra a troca de idéias com eles (ver Inácio, Esmirna 4:1 e 7:2). Irineu revela-nos acerca do encontro de Policarpo com o mestre gnóstico herege, Márcion, e diz-nos que este foi repreendido por aquele como o «primogênito de Satanás» (*Contra Heresias* III.3.4). Nessa mesma seção, Irineu observa o «horror» que os apóstolos e seus discípulos tinham até de ter comunicação verbal com os que corrompem a verdade.

Talvez essa severidade não possa ser reconciliada com as ações de Jesus, que mantinha conversa e companhia até com os piores dentre os homens, até mesmo com os falsos líderes religiosos de sua época, os quais lhe fizeram a mais acirrada oposição. Certamente Cristo sempre lhes disse a verdade. Não mantinha contacto com eles meramente para ser um seu camarada. Como sempre, seu contacto com eles visava o benefício dos mesmos. As epístolas pastorais exortam-nos a repelir aos hereges após «primeira e segunda admoestação» (ver Tito 3:10). Com base na mensagem das epístolas de João, quem deve ser tratado assim é aquele que rejeita a doutrina de Cristo, em sua encarnação, em sua expiação, em sua humanidade e em sua divindade (ver os versículos sétimo e nono desta epístola). Se alguém recebe essas doutrinas e as prega, de modo algum pode



ser motivo de nossas zombarias e desprezo, ainda que defenda doutrinas secundárias, com as quais não concordamos. Se alguém tem a Cristo como seu Cabeça e Senhor (ver Col. 2:19), então é um crente genuíno, e não deveria ser sujeito ao tipo de tratamento que é imposto neste texto.

Tudo isso pode ser comparado com o trecho de II Tim. 2:25, onde se lê: «...disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade...» Isso mostra que a separação absoluta entre o crente e os falsos mestres é algo contrário ao espírito do evangelismo. Por conseguinte, devemos usar do bom senso em nossos contactos, com tais pessoas, para que não transformemos o amor de Deus em ódio carnal, para em seguida nos congratularmos por termos odiado aos homens, por causa de Cristo! Portanto, deveríamos julgar cada situação em separado, pesando os seus méritos, e então sigamos o curso de ação ditado tanto pelo dever como pelo amor cristão.

«...boas-vindas...» No grego é «*charein*», que literalmente significa «regozijar-se», usada essa palavra como saudação ou despedida. A «saudação» foi provavelmente está em foco aqui. Não saudemos

11 ὁ λέγων γὰρ αὐτῷ χαίρειν κοινωνεῖ τοῖς ἔργοις αὐτοῦ τοῖς πονηροῖς.

11 αὐτῷ om K I al CI | πονηροῖς add ecce praedixi vobis ut in die Domini non confundamini (m) vg\*

A edição sistina da Vulgata, seguindo diversos manuscritos latinos, que têm leves variações entre eles, acrescenta, *Ecce praedixi vobis, ut in die Domini non confundamini* («Eis, eu tenho pregado a ti, para que no dia do Senhor, não sejais confundido.»).

11: Porque quem a saúda participa da suas más obras.

Essas palavras oferecem uma das razões por que se deveria usar das severas medidas aventadas no versículo anterior. Talvez haja outras razões, mas essa é suficiente. Se um evangelista gnóstico chegasse ao lar de alguém, e esse alguém o saudasse como irmão, e então ele conquistasse algum servo ou familiar de seu hospedeiro para suas doutrinas, o resultado seria prejuízo espiritual, através daquele apressado acolhimento imprudente. Se alguém ao menos saudar tal elemento, este último se sentirá encorajado a iniciar a propalar sua doutrina e falso ensinamento, porquanto nada terá sofrido devido ao fato que degrada à pessoa de Cristo. Desse modo, aquele que o saúda realmente o estará ajudando a realizar seus atos nefandos. Será um co-destroador da igreja.

Esse conselho, contido neste versículo, lembra-nos o próprio apóstolo João, conforme se lê em Irineu (I. ix.3), no tocante a Cerinto. João não queria nenhum encontro com ele; assim, se entrasse em algum banho público e soubesse que Cerinto já se encontrava ali, recusava-se a entrar. Porém, ao seguir esse exemplo, devemos ter a certeza, como João tinha, acerca da natureza do indivíduo que é assim tratado, seguindo tal curso de ação quando já tivermos tentado dissuadi-lo pessoalmente, ou sabemos com certeza que outros crentes já tentaram fazê-lo. Caso contrário, devemos reconhecer que até os «hereses» são criaturas de Deus. Jesus também morreu por eles, e nosso ofício consiste de procurar conquistá-los pelo evangelho. Se lhes fecharmos o coração, perderemos a oportunidade de conquistá-los e apenas os fixaremos mais ainda em sua oposição. Há dois pensamentos que bem nos ensinam a paciência e a humildade, a saber: 1. A paciência do Senhor. Há uma fábula judaica que ensina como Abraão lançou um idoso forasteiro para fora de sua tenda porque ele não pediu bênção para seu alimento e se declarou adorador do fogo. Mas o Senhor disse a Abraão: «Eu o tenho tolerado por essas centenas de anos, embora ele me desonrasse; e não poderias tu tê-lo tolerado por uma noite?» 2. O mistério das realidades de Deus e a cegueira de nosso intelecto. (Nós mesmos temos muito a aprender. Não somos os únicos guardiães do conhecimento de Deus).

«Esse conselho do apóstolo deve ser lido à luz das circunstâncias locais. Havia necessidade de cautela e discriminação no acolhimento aos 'apóstolos e profetas' itinerantes, que iam de igreja em igreja, para que também não

IV. Conclusão (Vs. 12,13).

12 Πολλὰ ἔχων ὑμῖν γράφειν οὐκ ἐβουλήθην διὰ χάρτου καὶ μέλανος, ἀλλὰ ἐλπίζω γενέσθαι πρὸς ὑμᾶς καὶ στόμα πρὸς στόμα λαλῆσαι, ἵνα ἡ χαρὰ ἡμῶν<sup>6</sup> πεπληρωμένη ᾖ.

12 1C | ἡμῶν N K P Ψ 069 056 84 104 161 338 320 431 614 629 830 943 | 1305 1977 2412 2495 Bz Lact (1<sup>us</sup>) 2<sup>us</sup> 3<sup>us</sup> 4<sup>us</sup> 5<sup>us</sup> 6<sup>us</sup> 7<sup>us</sup> 8<sup>us</sup> 9<sup>us</sup> 10<sup>us</sup> 11<sup>us</sup> 12<sup>us</sup> 13<sup>us</sup> 14<sup>us</sup> 15<sup>us</sup> 16<sup>us</sup> 17<sup>us</sup> 18<sup>us</sup> 19<sup>us</sup> 20<sup>us</sup> 21<sup>us</sup> 22<sup>us</sup> 23<sup>us</sup> 24<sup>us</sup> 25<sup>us</sup> 26<sup>us</sup> 27<sup>us</sup> 28<sup>us</sup> 29<sup>us</sup> 30<sup>us</sup> 31<sup>us</sup> 32<sup>us</sup> 33<sup>us</sup> 34<sup>us</sup> 35<sup>us</sup> 36<sup>us</sup> 37<sup>us</sup> 38<sup>us</sup> 39<sup>us</sup> 40<sup>us</sup> 41<sup>us</sup> 42<sup>us</sup> 43<sup>us</sup> 44<sup>us</sup> 45<sup>us</sup> 46<sup>us</sup> 47<sup>us</sup> 48<sup>us</sup> 49<sup>us</sup> 50<sup>us</sup> 51<sup>us</sup> 52<sup>us</sup> 53<sup>us</sup> 54<sup>us</sup> 55<sup>us</sup> 56<sup>us</sup> 57<sup>us</sup> 58<sup>us</sup> 59<sup>us</sup> 60<sup>us</sup> 61<sup>us</sup> 62<sup>us</sup> 63<sup>us</sup> 64<sup>us</sup> 65<sup>us</sup> 66<sup>us</sup> 67<sup>us</sup> 68<sup>us</sup> 69<sup>us</sup> 70<sup>us</sup> 71<sup>us</sup> 72<sup>us</sup> 73<sup>us</sup> 74<sup>us</sup> 75<sup>us</sup> 76<sup>us</sup> 77<sup>us</sup> 78<sup>us</sup> 79<sup>us</sup> 80<sup>us</sup> 81<sup>us</sup> 82<sup>us</sup> 83<sup>us</sup> 84<sup>us</sup> 85<sup>us</sup> 86<sup>us</sup> 87<sup>us</sup> 88<sup>us</sup> 89<sup>us</sup> 90<sup>us</sup> 91<sup>us</sup> 92<sup>us</sup> 93<sup>us</sup> 94<sup>us</sup> 95<sup>us</sup> 96<sup>us</sup> 97<sup>us</sup> 98<sup>us</sup> 99<sup>us</sup> 100<sup>us</sup> 101<sup>us</sup> 102<sup>us</sup> 103<sup>us</sup> 104<sup>us</sup> 105<sup>us</sup> 106<sup>us</sup> 107<sup>us</sup> 108<sup>us</sup> 109<sup>us</sup> 110<sup>us</sup> 111<sup>us</sup> 112<sup>us</sup> 113<sup>us</sup> 114<sup>us</sup> 115<sup>us</sup> 116<sup>us</sup> 117<sup>us</sup> 118<sup>us</sup> 119<sup>us</sup> 120<sup>us</sup> 121<sup>us</sup> 122<sup>us</sup> 123<sup>us</sup> 124<sup>us</sup> 125<sup>us</sup> 126<sup>us</sup> 127<sup>us</sup> 128<sup>us</sup> 129<sup>us</sup> 130<sup>us</sup> 131<sup>us</sup> 132<sup>us</sup> 133<sup>us</sup> 134<sup>us</sup> 135<sup>us</sup> 136<sup>us</sup> 137<sup>us</sup> 138<sup>us</sup> 139<sup>us</sup> 140<sup>us</sup> 141<sup>us</sup> 142<sup>us</sup> 143<sup>us</sup> 144<sup>us</sup> 145<sup>us</sup> 146<sup>us</sup> 147<sup>us</sup> 148<sup>us</sup> 149<sup>us</sup> 150<sup>us</sup> 151<sup>us</sup> 152<sup>us</sup> 153<sup>us</sup> 154<sup>us</sup> 155<sup>us</sup> 156<sup>us</sup> 157<sup>us</sup> 158<sup>us</sup> 159<sup>us</sup> 160<sup>us</sup> 161<sup>us</sup> 162<sup>us</sup> 163<sup>us</sup> 164<sup>us</sup> 165<sup>us</sup> 166<sup>us</sup> 167<sup>us</sup> 168<sup>us</sup> 169<sup>us</sup> 170<sup>us</sup> 171<sup>us</sup> 172<sup>us</sup> 173<sup>us</sup> 174<sup>us</sup> 175<sup>us</sup> 176<sup>us</sup> 177<sup>us</sup> 178<sup>us</sup> 179<sup>us</sup> 180<sup>us</sup> 181<sup>us</sup> 182<sup>us</sup> 183<sup>us</sup> 184<sup>us</sup> 185<sup>us</sup> 186<sup>us</sup> 187<sup>us</sup> 188<sup>us</sup> 189<sup>us</sup> 190<sup>us</sup> 191<sup>us</sup> 192<sup>us</sup> 193<sup>us</sup> 194<sup>us</sup> 195<sup>us</sup> 196<sup>us</sup> 197<sup>us</sup> 198<sup>us</sup> 199<sup>us</sup> 200<sup>us</sup> 201<sup>us</sup> 202<sup>us</sup> 203<sup>us</sup> 204<sup>us</sup> 205<sup>us</sup> 206<sup>us</sup> 207<sup>us</sup> 208<sup>us</sup> 209<sup>us</sup> 210<sup>us</sup> 211<sup>us</sup> 212<sup>us</sup> 213<sup>us</sup> 214<sup>us</sup> 215<sup>us</sup> 216<sup>us</sup> 217<sup>us</sup> 218<sup>us</sup> 219<sup>us</sup> 220<sup>us</sup> 221<sup>us</sup> 222<sup>us</sup> 223<sup>us</sup> 224<sup>us</sup> 225<sup>us</sup> 226<sup>us</sup> 227<sup>us</sup> 228<sup>us</sup> 229<sup>us</sup> 230<sup>us</sup> 231<sup>us</sup> 232<sup>us</sup> 233<sup>us</sup> 234<sup>us</sup> 235<sup>us</sup> 236<sup>us</sup> 237<sup>us</sup> 238<sup>us</sup> 239<sup>us</sup> 240<sup>us</sup> 241<sup>us</sup> 242<sup>us</sup> 243<sup>us</sup> 244<sup>us</sup> 245<sup>us</sup> 246<sup>us</sup> 247<sup>us</sup> 248<sup>us</sup> 249<sup>us</sup> 250<sup>us</sup> 251<sup>us</sup> 252<sup>us</sup> 253<sup>us</sup> 254<sup>us</sup> 255<sup>us</sup> 256<sup>us</sup> 257<sup>us</sup> 258<sup>us</sup> 259<sup>us</sup> 260<sup>us</sup> 261<sup>us</sup> 262<sup>us</sup> 263<sup>us</sup> 264<sup>us</sup> 265<sup>us</sup> 266<sup>us</sup> 267<sup>us</sup> 268<sup>us</sup> 269<sup>us</sup> 270<sup>us</sup> 271<sup>us</sup> 272<sup>us</sup> 273<sup>us</sup> 274<sup>us</sup> 275<sup>us</sup> 276<sup>us</sup> 277<sup>us</sup> 278<sup>us</sup> 279<sup>us</sup> 280<sup>us</sup> 281<sup>us</sup> 282<sup>us</sup> 283<sup>us</sup> 284<sup>us</sup> 285<sup>us</sup> 286<sup>us</sup> 287<sup>us</sup> 288<sup>us</sup> 289<sup>us</sup> 290<sup>us</sup> 291<sup>us</sup> 292<sup>us</sup> 293<sup>us</sup> 294<sup>us</sup> 295<sup>us</sup> 296<sup>us</sup> 297<sup>us</sup> 298<sup>us</sup> 299<sup>us</sup> 300<sup>us</sup> 301<sup>us</sup> 302<sup>us</sup> 303<sup>us</sup> 304<sup>us</sup> 305<sup>us</sup> 306<sup>us</sup> 307<sup>us</sup> 308<sup>us</sup> 309<sup>us</sup> 310<sup>us</sup> 311<sup>us</sup> 312<sup>us</sup> 313<sup>us</sup> 314<sup>us</sup> 315<sup>us</sup> 316<sup>us</sup> 317<sup>us</sup> 318<sup>us</sup> 319<sup>us</sup> 320<sup>us</sup> 321<sup>us</sup> 322<sup>us</sup> 323<sup>us</sup> 324<sup>us</sup> 325<sup>us</sup> 326<sup>us</sup> 327<sup>us</sup> 328<sup>us</sup> 329<sup>us</sup> 330<sup>us</sup> 331<sup>us</sup> 332<sup>us</sup> 333<sup>us</sup> 334<sup>us</sup> 335<sup>us</sup> 336<sup>us</sup> 337<sup>us</sup> 338<sup>us</sup> 339<sup>us</sup> 340<sup>us</sup> 341<sup>us</sup> 342<sup>us</sup> 343<sup>us</sup> 344<sup>us</sup> 345<sup>us</sup> 346<sup>us</sup> 347<sup>us</sup> 348<sup>us</sup> 349<sup>us</sup> 350<sup>us</sup> 351<sup>us</sup> 352<sup>us</sup> 353<sup>us</sup> 354<sup>us</sup> 355<sup>us</sup> 356<sup>us</sup> 357<sup>us</sup> 358<sup>us</sup> 359<sup>us</sup> 360<sup>us</sup> 361<sup>us</sup> 362<sup>us</sup> 363<sup>us</sup> 364<sup>us</sup> 365<sup>us</sup> 366<sup>us</sup> 367<sup>us</sup> 368<sup>us</sup> 369<sup>us</sup> 370<sup>us</sup> 371<sup>us</sup> 372<sup>us</sup> 373<sup>us</sup> 374<sup>us</sup> 375<sup>us</sup> 376<sup>us</sup> 377<sup>us</sup> 378<sup>us</sup> 379<sup>us</sup> 380<sup>us</sup> 381<sup>us</sup> 382<sup>us</sup> 383<sup>us</sup> 384<sup>us</sup> 385<sup>us</sup> 386<sup>us</sup> 387<sup>us</sup> 388<sup>us</sup> 389<sup>us</sup> 390<sup>us</sup> 391<sup>us</sup> 392<sup>us</sup> 393<sup>us</sup> 394<sup>us</sup> 395<sup>us</sup> 396<sup>us</sup> 397<sup>us</sup> 398<sup>us</sup> 399<sup>us</sup> 400<sup>us</sup> 401<sup>us</sup> 402<sup>us</sup> 403<sup>us</sup> 404<sup>us</sup> 405<sup>us</sup> 406<sup>us</sup> 407<sup>us</sup> 408<sup>us</sup> 409<sup>us</sup> 410<sup>us</sup> 411<sup>us</sup> 412<sup>us</sup> 413<sup>us</sup> 414<sup>us</sup> 415<sup>us</sup> 416<sup>us</sup> 417<sup>us</sup> 418<sup>us</sup> 419<sup>us</sup> 420<sup>us</sup> 421<sup>us</sup> 422<sup>us</sup> 423<sup>us</sup> 424<sup>us</sup> 425<sup>us</sup> 426<sup>us</sup> 427<sup>us</sup> 428<sup>us</sup> 429<sup>us</sup> 430<sup>us</sup> 431<sup>us</sup> 432<sup>us</sup> 433<sup>us</sup> 434<sup>us</sup> 435<sup>us</sup> 436<sup>us</sup> 437<sup>us</sup> 438<sup>us</sup> 439<sup>us</sup> 440<sup>us</sup> 441<sup>us</sup> 442<sup>us</sup> 443<sup>us</sup> 444<sup>us</sup> 445<sup>us</sup> 446<sup>us</sup> 447<sup>us</sup> 448<sup>us</sup> 449<sup>us</sup> 450<sup>us</sup> 451<sup>us</sup> 452<sup>us</sup> 453<sup>us</sup> 454<sup>us</sup> 455<sup>us</sup> 456<sup>us</sup> 457<sup>us</sup> 458<sup>us</sup> 459<sup>us</sup> 460<sup>us</sup> 461<sup>us</sup> 462<sup>us</sup> 463<sup>us</sup> 464<sup>us</sup> 465<sup>us</sup> 466<sup>us</sup> 467<sup>us</sup> 468<sup>us</sup> 469<sup>us</sup> 470<sup>us</sup> 471<sup>us</sup> 472<sup>us</sup> 473<sup>us</sup> 474<sup>us</sup> 475<sup>us</sup> 476<sup>us</sup> 477<sup>us</sup> 478<sup>us</sup> 479<sup>us</sup> 480<sup>us</sup> 481<sup>us</sup> 482<sup>us</sup> 483<sup>us</sup> 484<sup>us</sup> 485<sup>us</sup> 486<sup>us</sup> 487<sup>us</sup> 488<sup>us</sup> 489<sup>us</sup> 490<sup>us</sup> 491<sup>us</sup> 492<sup>us</sup> 493<sup>us</sup> 494<sup>us</sup> 495<sup>us</sup> 496<sup>us</sup> 497<sup>us</sup> 498<sup>us</sup> 499<sup>us</sup> 500<sup>us</sup> 501<sup>us</sup> 502<sup>us</sup> 503<sup>us</sup> 504<sup>us</sup> 505<sup>us</sup> 506<sup>us</sup> 507<sup>us</sup> 508<sup>us</sup> 509<sup>us</sup> 510<sup>us</sup> 511<sup>us</sup> 512<sup>us</sup> 513<sup>us</sup> 514<sup>us</sup> 515<sup>us</sup> 516<sup>us</sup> 517<sup>us</sup> 518<sup>us</sup> 519<sup>us</sup> 520<sup>us</sup> 521<sup>us</sup> 522<sup>us</sup> 523<sup>us</sup> 524<sup>us</sup> 525<sup>us</sup> 526<sup>us</sup> 527<sup>us</sup> 528<sup>us</sup> 529<sup>us</sup> 530<sup>us</sup> 531<sup>us</sup> 532<sup>us</sup> 533<sup>us</sup> 534<sup>us</sup> 535<sup>us</sup> 536<sup>us</sup> 537<sup>us</sup> 538<sup>us</sup> 539<sup>us</sup> 540<sup>us</sup> 541<sup>us</sup> 542<sup>us</sup> 543<sup>us</sup> 544<sup>us</sup> 545<sup>us</sup> 546<sup>us</sup> 547<sup>us</sup> 548<sup>us</sup> 549<sup>us</sup> 550<sup>us</sup> 551<sup>us</sup> 552<sup>us</sup> 553<sup>us</sup> 554<sup>us</sup> 555<sup>us</sup> 556<sup>us</sup> 557<sup>us</sup> 558<sup>us</sup> 559<sup>us</sup> 560<sup>us</sup> 561<sup>us</sup> 562<sup>us</sup> 563<sup>us</sup> 564<sup>us</sup> 565<sup>us</sup> 566<sup>us</sup> 567<sup>us</sup> 568<sup>us</sup> 569<sup>us</sup> 570<sup>us</sup> 571<sup>us</sup> 572<sup>us</sup> 573<sup>us</sup> 574<sup>us</sup> 575<sup>us</sup> 576<sup>us</sup> 577<sup>us</sup> 578<sup>us</sup> 579<sup>us</sup> 580<sup>us</sup> 581<sup>us</sup> 582<sup>us</sup> 583<sup>us</sup> 584<sup>us</sup> 585<sup>us</sup> 586<sup>us</sup> 587<sup>us</sup> 588<sup>us</sup> 589<sup>us</sup> 590<sup>us</sup> 591<sup>us</sup> 592<sup>us</sup> 593<sup>us</sup> 594<sup>us</sup> 595<sup>us</sup> 596<sup>us</sup> 597<sup>us</sup> 598<sup>us</sup> 599<sup>us</sup> 600<sup>us</sup> 601<sup>us</sup> 602<sup>us</sup> 603<sup>us</sup> 604<sup>us</sup> 605<sup>us</sup> 606<sup>us</sup> 607<sup>us</sup> 608<sup>us</sup> 609<sup>us</sup> 610<sup>us</sup> 611<sup>us</sup> 612<sup>us</sup> 613<sup>us</sup> 614<sup>us</sup> 615<sup>us</sup> 616<sup>us</sup> 617<sup>us</sup> 618<sup>us</sup> 619<sup>us</sup> 620<sup>us</sup> 621<sup>us</sup> 622<sup>us</sup> 623<sup>us</sup> 624<sup>us</sup> 625<sup>us</sup> 626<sup>us</sup> 627<sup>us</sup> 628<sup>us</sup> 629<sup>us</sup> 630<sup>us</sup> 631<sup>us</sup> 632<sup>us</sup> 633<sup>us</sup> 634<sup>us</sup> 635<sup>us</sup> 636<sup>us</sup> 637<sup>us</sup> 638<sup>us</sup> 639<sup>us</sup> 640<sup>us</sup> 641<sup>us</sup> 642<sup>us</sup> 643<sup>us</sup> 644<sup>us</sup> 645<sup>us</sup> 646<sup>us</sup> 647<sup>us</sup> 648<sup>us</sup> 649<sup>us</sup> 650<sup>us</sup> 651<sup>us</sup> 652<sup>us</sup> 653<sup>us</sup> 654<sup>us</sup> 655<sup>us</sup> 656<sup>us</sup> 657<sup>us</sup> 658<sup>us</sup> 659<sup>us</sup> 660<sup>us</sup> 661<sup>us</sup> 662<sup>us</sup> 663<sup>us</sup> 664<sup>us</sup> 665<sup>us</sup> 666<sup>us</sup> 667<sup>us</sup> 668<sup>us</sup> 669<sup>us</sup> 670<sup>us</sup> 671<sup>us</sup> 672<sup>us</sup> 673<sup>us</sup> 674<sup>us</sup> 675<sup>us</sup> 676<sup>us</sup> 677<sup>us</sup> 678<sup>us</sup> 679<sup>us</sup> 680<sup>us</sup> 681<sup>us</sup> 682<sup>us</sup> 683<sup>us</sup> 684<sup>us</sup> 685<sup>us</sup> 686<sup>us</sup> 687<sup>us</sup> 688<sup>us</sup> 689<sup>us</sup> 690<sup>us</sup> 691<sup>us</sup> 692<sup>us</sup> 693<sup>us</sup> 694<sup>us</sup> 695<sup>us</sup> 696<sup>us</sup> 697<sup>us</sup> 698<sup>us</sup> 699<sup>us</sup> 700<sup>us</sup> 701<sup>us</sup> 702<sup>us</sup> 703<sup>us</sup> 704<sup>us</sup> 705<sup>us</sup> 706<sup>us</sup> 707<sup>us</sup> 708<sup>us</sup> 709<sup>us</sup> 710<sup>us</sup> 711<sup>us</sup> 712<sup>us</sup> 713<sup>us</sup> 714<sup>us</sup> 715<sup>us</sup> 716<sup>us</sup> 717<sup>us</sup> 718<sup>us</sup> 719<sup>us</sup> 720<sup>us</sup> 721<sup>us</sup> 722<sup>us</sup> 723<sup>us</sup> 724<sup>us</sup> 725<sup>us</sup> 726<sup>us</sup> 727<sup>us</sup> 728<sup>us</sup> 729<sup>us</sup> 730<sup>us</sup> 731<sup>us</sup> 732<sup>us</sup> 733<sup>us</sup> 734<sup>us</sup> 735<sup>us</sup> 736<sup>us</sup> 737<sup>us</sup> 738<sup>us</sup> 739<sup>us</sup> 740<sup>us</sup> 741<sup>us</sup> 742<sup>us</sup> 743<sup>us</sup> 744<sup>us</sup> 745<sup>us</sup> 746<sup>us</sup> 747<sup>us</sup> 748<sup>us</sup> 749<sup>us</sup> 750<sup>us</sup> 751<sup>us</sup> 752<sup>us</sup> 753<sup>us</sup> 754<sup>us</sup> 755<sup>us</sup> 756<sup>us</sup> 757<sup>us</sup> 758<sup>us</sup> 759<sup>us</sup> 760<sup>us</sup> 761<sup>us</sup> 762<sup>us</sup> 763<sup>us</sup> 764<sup>us</sup> 765<sup>us</sup> 766<sup>us</sup> 767<sup>us</sup> 768<sup>us</sup> 769<sup>us</sup> 770<sup>us</sup> 771<sup>us</sup> 772<sup>us</sup> 773<sup>us</sup> 774<sup>us</sup> 775<sup>us</sup> 776<sup>us</sup> 777<sup>us</sup> 778<sup>us</sup> 779<sup>us</sup> 780<sup>us</sup> 781<sup>us</sup> 782<sup>us</sup> 783<sup>us</sup> 784<sup>us</sup> 785<sup>us</sup> 786<sup>us</sup> 787<sup>us</sup> 788<sup>us</sup> 789<sup>us</sup> 790<sup>us</sup> 791<sup>us</sup> 792<sup>us</sup> 793<sup>us</sup> 794<sup>us</sup> 795<sup>us</sup> 796<sup>us</sup> 797<sup>us</sup> 798<sup>us</sup> 799<sup>us</sup> 800<sup>us</sup> 801<sup>us</sup> 802<sup>us</sup> 803<sup>us</sup> 804<sup>us</sup> 805<sup>us</sup> 806<sup>us</sup> 807<sup>us</sup> 808<sup>us</sup> 809<sup>us</sup> 810<sup>us</sup> 811<sup>us</sup> 812<sup>us</sup> 813<sup>us</sup> 814<sup>us</sup> 815<sup>us</sup> 816<sup>us</sup> 817<sup>us</sup> 818<sup>us</sup> 819<sup>us</sup> 820<sup>us</sup> 821<sup>us</sup> 822<sup>us</sup> 823<sup>us</sup> 824<sup>us</sup> 825<sup>us</sup> 826<sup>us</sup> 827<sup>us</sup> 828<sup>us</sup> 829<sup>us</sup> 830<sup>us</sup> 831<sup>us</sup> 832<sup>us</sup> 833<sup>us</sup> 834<sup>us</sup> 835<sup>us</sup> 836<sup>us</sup> 837<sup>us</sup> 838<sup>us</sup> 839<sup>us</sup> 840<sup>us</sup> 841<sup>us</sup> 842<sup>us</sup> 843<sup>us</sup> 844<sup>us</sup> 845<sup>us</sup> 846<sup>us</sup> 847<sup>us</sup> 848<sup>us</sup> 849<sup>us</sup> 850<sup>us</sup> 851<sup>us</sup> 852<sup>us</sup> 853<sup>us</sup> 854<sup>us</sup> 855<sup>us</sup> 856<sup>us</sup> 857<sup>us</sup> 858<sup>us</sup> 859<sup>us</sup> 860<sup>us</sup> 861<sup>us</sup> 862<sup>us</sup> 863<sup>us</sup> 864<sup>us</sup> 865<sup>us</sup> 866<sup>us</sup> 867<sup>us</sup> 868<sup>us</sup> 869<sup>us</sup> 870<sup>us</sup> 871<sup>us</sup> 872<sup>us</sup> 873<sup>us</sup> 874<sup>us</sup> 875<sup>us</sup> 876<sup>us</sup> 877<sup>us</sup> 878<sup>us</sup> 879<sup>us</sup> 880<sup>us</sup> 881<sup>us</sup> 882<sup>us</sup> 883<sup>us</sup> 884<sup>us</sup> 885<sup>us</sup> 886<sup>us</sup> 887<sup>us</sup> 888<sup>us</sup> 889<sup>us</sup> 890<sup>us</sup> 891<sup>us</sup> 892<sup>us</sup> 893<sup>us</sup> 894<sup>us</sup> 895<sup>us</sup> 896<sup>us</sup> 897<sup>us</sup> 898<sup>us</sup> 899<sup>us</sup> 900<sup>us</sup> 901<sup>us</sup> 902<sup>us</sup> 903<sup>us</sup> 904<sup>us</sup> 905<sup>us</sup> 906<sup>us</sup> 907<sup>us</sup> 908<sup>us</sup> 909<sup>us</sup> 910<sup>us</sup> 911<sup>us</sup> 912<sup>us</sup> 913<sup>us</sup> 914<sup>us</sup> 915<sup>us</sup> 916<sup>us</sup> 917<sup>us</sup> 918<sup>us</sup> 919<sup>us</sup> 920<sup>us</sup> 921<sup>us</sup> 922<sup>us</sup> 923<sup>us</sup> 924<sup>us</sup> 925<sup>us</sup> 926<sup>us</sup> 927<sup>us</sup> 928<sup>us</sup> 929<sup>us</sup> 930<sup>us</sup> 931<sup>us</sup> 932<sup>us</sup> 933<sup>us</sup> 934<sup>us</sup> 935<sup>us</sup> 936<sup>us</sup> 937<sup>us</sup> 938<sup>us</sup> 939<sup>us</sup> 940<sup>us</sup> 941<sup>us</sup> 942<sup>us</sup> 943<sup>us</sup> 944<sup>us</sup> 945<sup>us</sup> 946<sup>us</sup> 947<sup>us</sup> 948<sup>us</sup> 949<sup>us</sup> 950<sup>us</sup> 951<sup>us</sup> 952<sup>us</sup> 953<sup>us</sup> 954<sup>us</sup> 955<sup>us</sup> 956<sup>us</sup> 957<sup>us</sup> 958<sup>us</sup> 959<sup>us</sup> 960<sup>us</sup> 961<sup>us</sup> 962<sup>us</sup> 963<sup>us</sup> 964<sup>us</sup> 965<sup>us</sup> 966<sup>us</sup> 967<sup>us</sup> 968<sup>us</sup> 969<sup>us</sup> 970

manuscritos do N.T., que sobreviveram nesse tipo de material de escrita. Cerca de três quartas partes do N.T. existente existe assim. Posteriormente, começaram a ser produzidos manuscritos de vellum (couro), o qual suplantou completamente o papiro. Naturalmente, o vellum passou a ser usado somente séculos após ter começado o cristianismo, segundo os papiros do Mar Morto nos têm mostrado. Mas esse material era caríssimo, pelo que não era tão largamente usado como fora o papiro, em séculos anteriores. O artigo sobre os manuscritos do N.T., na introdução ao comentário, presta informações sobre os manuscritos em papiro, provendo uma lista completa dos mesmos, e mostrando quais trechos bíblicos estão contidos neles. Outro tanto sucede no caso dos manuscritos feitos de vellum. Os papiros datam dos fins do século II D.C. até ao século VII D.C., mas a maioria deles procede dos séculos III e IV D.C. Os antigos manuscritos vinham em rolos, e não na forma de livros. O rolo consistia de nada menos de cerca de vinte folhas de papiro coladas.

«...tinta...» Essa palavra é tradução de «melas» «negro». Era palavra usada de modo absoluto, para referir-se a «tinta». Essa tinta era preparada com fuligem feita de substâncias vegetais ou minerais. Também eram usados vitríolo e trapos. As tintas antigas eram de várias cores, e não somente preta. Havia tintas vermelhas e douradas. Mais tarde foram criadas outras cores, como o lilás. Manuscritos neotestamentários posteriores foram escritos com tintas coloridas. Os manuscritos mais ornamentados são verdadeiras obras de arte, tendo mais valor como tal do que por serem representantes do texto original do N.T.

«...conversaremos de viva voz...» O grego diz aqui, literalmente, «boca a boca», expressão semelhante à nossa, «face a face», que também era antiga expressão idiomática no grego. (Podemos vê-la em I Cor. 13:12).

Podemos ter uma impressão errônea de uma pessoa, por aquilo que ela escreve, ou podemos não saber apreciar plenamente seus escritos, enquanto não a conhecemos pessoalmente. Conta-se a história de um certo Dr. Dale, de Birmingham, que não ficara impressionado com o que escrevera o grande evangelista Dwight L. Moody. Porém, quando foi ouvi-lo pessoalmente, mudou de parecer. Daí por diante tinha-o no mais elevado respeito. Disse esse homem acerca de Moody: «Ele nunca conseguiu falar com uma alma perdida sem lhe virem lágrimas aos olhos». Foi a «presença» pessoal de Moody que conquistara aquele homem. Portanto, o autor sagrado sabia que muito daquilo que dissera por escrito, podia ser mal interpretado, pois poderia parecer duro demais. Por conseguinte, ele só poderia dizer o que *deveria*, aos crentes da Ásia Menor, se os visitasse pessoalmente.

### 13 Ἀσπάζεται σε τὰ τέκνα τῆς ἀδελφῆς σου τῆς ἐκλεκτῆς.

13 [B] τῆς ἐκλεκτῆς. p<sup>74</sup> N A B P Ψ 33 81 88 104 1739 1861 2127 2492 vg cop<sup>b</sup> Bebe δ τῆς ἐκλεκτῆς. ἁμήν. K 049 056 0142 161 326 220 481 614 630 945 1505 1877 2412 2495 Byz Lect sy<sup>tr</sup> f τῆς ἐκλεκτῆς.

Após ἐκλεκτῆς o Textus Receptus, seguindo K L 049 056 0142 maioria dos minúsculos sir (ph,h), diz ἁμήν, uma comum adição litúrgica. O texto mais breve, sem ἁμήν, é fortemente apoiado por p<sup>74</sup> N A B P Ψ 33 81 1739 vg cop (sa,bo). Outros testemunhos apresentam boa variedade de formas, a mais generalizada das quais é a adição de ἡ χάρις μεθ' ὑμῶν. ἁμήν em 429 442 (μετὰ σοῦ 463 1758 1831) sir (h com\*) (ara etí (ro) omitem ἁμήν) etí (pp) al.

13. Saudam-te os filhos de tua irmã, a eleita.

Os irmãos fiéis da igreja onde ministrava o «ancião», agora enviavam suas saudações e a expressão de seus desejos àqueles crentes conhecidos por Kiria, que estavam em alguma outra porção da Ásia Menor. As palavras «...tua irmã eleita...» apontariam para a «igreja» local da região onde ministrava o «ancião». Contudo, alguns estudiosos pensam que isso designa uma pessoa particular, talvez a irmã literal de Kiria. Porém, a primeira idéia é mais provável. Alguns eruditos conjecturam que aqueles que enviavam as saudações eram filhos de uma irmã já falecida da senhora Kiria (a senhora referida no primeiro versículo desta epístola), a qual viveria em Éfeso, de onde teria sido enviada esta epístola. Mas há quem pense que «Kiria» simplesmente seja a «eleita» (a igreja da área para onde escrevia o autor sagrado), e não uma pessoa real. Nesse caso, este versículo apenas mostra que os membros da igreja cristã, em uma região, enviavam saudações a membros da comunidade cristã de outra área. Bons intérpretes diferem quanto a essa questão. Seja como for, a questão não se reveste de importância. O que importa é que existe uma fraternidade real no seio da igreja cristã, e que aqueles que vivem e militam em uma região qualquer sentem-se vinculados aos crentes de outra região, devido à sua comum relação para com Deus Pai e Deus Filho.

Bendito seja o laço que une  
Nossos corações no amor cristão;  
A comunhão de mentes aparentadas  
Se assemelha àquela do alto.  
(John Faunt)

«...para que a nossa alegria seja completa...» O propósito daquilo que o autor sagrado escreveu, bem como de sua visita proposta, era a «alegria mútua», o seu bem-estar em Cristo, e a sua mútua felicidade. (Isso pode ser comparado com o trecho de II João 4: «Fiquei sobremaneira alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos da parte do Pai». Também se lê em I João 1:4: «Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa»). De conformidade com a passagem de Gál. 5:22, a «alegria» é uma virtude espiritual, é um dos aspectos do fruto do Espírito. Trata-se de um senso de bem-estar e de felicidade, devido a este bem-estar, porquanto a alma remida está em excelentes relações com Deus. Não depende das circunstâncias físicas, favoráveis ou adversas. As notas de sumário sobre a «alegria» figuram em João 15:11 e 17:13, que são ilustradas com poemas. (Comparar isso com a alegria expressa pelo apóstolo Paulo, em Fil. 1:4,25; 2:2,17,18 e 4:1, pois a alegria é uma das notas-chaves daquela epístola paulina).

«...seja completa...» De que maneira? 1. Mediante sua visita e presença, o que lhes inundaria satisfação. 2. Mediante os benefícios espirituais advindos dessa visita, porque ele lhes daria instruções sobre o exercício dos dons espirituais que haviam entre eles, a fim de ajudá-los em seu bem-estar espiritual, aumentando a alegria que tinham em Cristo. No trecho de Fil. 4:1, os próprios crentes são chamados de «alegria» de Paulo, porquanto redundavam em alegria para ele. O presente versículo pode ser comparado com Rom. 1:12. Paulo também queria que houvesse alegria mútua entre ele e os crentes de Roma.

«Observemos que o «ancião» sabia quando deveria encerrar uma carta! ...Outrossim, o ancião sabia quando não se deve escrever cartas. Muitas questões, especialmente aquelas que envolvem alguma controvérsia, são melhor abordadas «face a face». (Hoon, in loc.).

**Variação Textual:** Neste versículo há o intercâmbio comum entre a primeira e a segunda pessoas do plural, «nós» e «vós», porquanto, no grego posterior, as duas palavras vieram a ser pronunciadas do mesmo modo, embora não escritas da mesma maneira; e isso significa que facilmente uma palavra podia ser trocada pela outra. A forma «nossa alegria» aparece nos mss Aleph, KLP, Psi, 614, Byz Lect, no Si(ph,h) e no Ara. Mas a forma «vossa alegria» figura nos mss AB, 33, 81, 1739, na Vg, no Cópico. Apesar da evidência textual estar dividida pelo meio, isso poderia ter surgido por assimilação com «umim» e «umas» (formas do segundo pronome pessoal), que aparecem no começo da sentença. Por conseguinte, a maioria dos críticos textuais prefere a tradução «nossa». O autor sagrado, pois, se associa generosamente aos crentes da Ásia Menor, dando a entender que isso se caracterizava por alegria comum. Ele não era independente deles, e vice-versa.

ἁμήν. vg<sup>1</sup> f alcte ecclesae. it<sup>1</sup> f τῆς ἐκλεκτῆς τῆς ἐν Ἐφέσῳ. 485 f τῆς ἐκλεκτῆς. ἡ χάρις μεθ' ὑμῶν. ἁμήν. 1829 μετὰ σοῦ. sy<sup>tr</sup> 1111 " arm eth<sup>1</sup> omis ἁμήν. eth<sup>1</sup> Ps-Documentus Theophylact f omis 438

★ ★ ★

**Variantes Textuais:** O Amém litúrgico é adicionado a este versículo nos mss KL, 049, 056, 0142 e na maioria dos manuscritos posteriores minúsculos, principalmente da tradição bizantina, bem como no Si(ph,h). Porém, os mss P(74) (vidi), Aleph, ABP, Psi, 33, 81, 1739, na Vg, no Cop(sa,bo) omitem essa palavra. E isso serve de evidência convincente, porquanto representa o texto mais antigo que temos no tocante a esta epístola.

As palavras «...graça seja convosco, Amém», aparecem nos mss 429 e 442. As palavras «graça seja contigo, Amém», são as que figuram nos mss 463, 1758, 1831 e no Si(h with). Mas isso também representa uma glosa escrital.

**Subtítulo:** Nos livros e epístolas do N.T. os subtítulos não são originais, mas antes, foram notas acrescentadas por escribas posteriores, dando informações sobre questões como autoria, proveniência, amanuense, etc. Parte dessa informação usualmente se deriva dos próprios livros, mas outra parte depende das conjecturas dos escribas, o que significa que está sujeita a erros. O subtítulo mais antigo diz: «A Segunda de João», a qual aparece nos mss Aleph, AB. O ms L diz «A Segunda Epístola de João». A versão árabe diz: «Louvor para sempre a Deus! Amém!» alguns manuscritos siríacos dizem «Termina a Segunda Epístola de João», ao passo que outros manuscritos dizem tão somente «Fim da Segunda Epístola». Os manuscritos posteriores, como é usual, ornamentam esse subtítulo, dizendo, por exemplo, «A Segunda Epístola Católica de São João, Apóstolo e Divino».

## INTRODUÇÃO:

No tocante à introdução geral às epístolas joaninas, ver a introdução à primeira epístola de João. Essa introdução aborda temas como autoria, data, proveniência, destino,

confirmação antiga, motivos, propósitos e temas destas epístolas.

★ ★ ★

Se compreendemos que a *aleita Kiria* era uma matriarca da igreja, e não um título simbólico da própria igreja (ver as notas expositivas sobre II João 1), então, nas páginas do N.T. teremos três epístolas pessoais, isto é, cartas enviadas a indivíduos e não a igrejas locais ou à igreja em geral. Essas epístolas são a segunda e a terceira epístolas de João e a epístola a Filomom. Dentre as três, a terceira epístola de João é a que oferece o melhor exemplo de antiga carta pessoal, em forma e conteúdo. (Comparar com Atos 23:26 quanto à forma das cartas antigas).

As cartas antigas começavam com o costumeiro *cheirein* («regoei-vos»), e que equivale à nossa expressão «Saudações». Em seguida há uma declaração solícita sobre a saúde do endereçado. Nas páginas do N.T., normalmente isso é substituído por uma bênção, como «graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo» (nas epístolas de Paulo), ou «graça, misericórdia e paz» (nas epístolas pastorais e na segunda epístola de João). Judas diz «misericórdia... paz e amor». Eram adaptações cristãs de antigas formas epistolares. Há um papiro cristão (Papyri Greci e Latini, Pubblicazioni della Società Italiana—Florence, 1912), o qual é citado por Allen Wikgren, em «Hellenistic Greek Texts» (University of Chicago Press, pág. 130), que é carta de um jovem para sua mãe, e que exibe uma forma que ilustra a forma comum nos tempos antigos: «Amom para Kalinika, minha senhora e mãe: saudações. Em primeiro lugar, rogo que estejas com saúde («ugiamen»), a mesma palavra usada aqui, em III João no Senhor Deus». (Quanto a outras notas expositivas sobre as formas epistolares da antiguidade, ver as notas que aparecem imediatamente antes de Rom. 1:1).

Nas páginas do N.T., há oito epístolas que foram escritas em oposição à heresia gnóstica. São as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e as epístolas aos Colossenses e de Judas. O evangelho de João, a epístola aos Efésios e algumas porções do livro de Apocalipse também têm um gnosticismo em vista, embora não tão enfaticamente. Em Col. 2:18 damos a nota geral sobre o «gnosticismo». Em I João 4:2,3 se comenta sobre o «docetismo» dos gnósticos, onde também esse erro é especialmente atacado. Essa questão também é abordada nas declarações iniciais dos comentários sobre a segunda epístola de João, com alguns detalhes, como parte dos «motivos» da epístola. O leitor deve consultar essas várias notas expositivas, porque é mais provável que o perturbador *Diótrefes* (ver o nono versículo desta epístola) fosse mais que um ditador, isto é, também fosse representante do gnosticismo, um mestre falso, o qual obtivera poder suficiente na igreja para controlar a igreja local. *Diótrefes* não aceitava a autoridade apostólica de João, e rejeitava qualquer orientação vinda da parte do apóstolo, recusando-se a acolher os evangelistas itinerantes por ele enviados, demonstrando ainda, de outras maneiras, sua hostilidade franca aos representantes normais da igreja cristã.

Supomos que, na qualidade de representante da doutrina gnóstica, ele rejeitasse a Cristo como o Verbo eterno encarnado, e também a divindade e a humanidade verdadeiras de Cristo, em uma só pessoa. Antes, deveria pensar que algum «acon» (não uma emanção tão elevada como o «Logos») tivesse vindo possuir temporariamente ao homem Jesus de Nazaré, por ocasião de seu batismo, tendo-o abandonado quando de sua crucificação. Isso também significaria que ele negava a «expição pelo sangue de Cristo», supondo que Cristo (o «acon») não poderia sofrer e nem morrer. Se ele era um mestre gnóstico comum, então negava até mesmo a possibilidade de «encarnação» com algo metafisicamente impossível, pelo que veria a morte de Jesus como se fosse a morte de um mero homem, e não a morte do Cristo, e como se não tivesse qualquer valor expiatório. Pelo contrário, o «conhecimento» (do tipo místico, mágico e cerimonial) seria o meio da salvação. Também é provável que ele concordasse com o pensamento gnóstico normal que é matéria indiferente aquilo que fazemos por intermédio do corpo. Conforme pensavam os gnósticos,

os homens podem abusar de seus corpos mediante o *ascetismo* (o tipo de gnosticismo combatido em Col. 2:15 e ss.) ou mediante a «imoralidade» (o tipo de gnosticismo combatido nas outras sete epístolas mencionadas acima). Tal abuso, conforme pensavam eles, ajudava o sistema mundial em seu designio de destruir o corpo humano, que fazia parte da matéria, a qual deve ser destruída, porquanto é o princípio mesmo do mal (conforme pensavam os mestres gnósticos). Supostamente, os abusos contra o corpo não prejudicariam à alma, da mesma maneira que o ouro, ainda que mergulhado na lama, não pode ter alterada a sua natureza áurea.

A imoralidade, pois, veio a ser não apenas sancionada, como também passou a fazer parte do sistema doutrinário do gnosticismo, como porção oficial do mesmo. Não admira, pois, que se *Diótrefes* foi um gnóstico, que ele se opusesse amargamente à autoridade da igreja cristã, recusando-se a dar hospitalidade a seus evangelistas itinerantes.

A epístola perante nós reflete o surgimento da autoridade investida em um único homem. As igrejas neotestamentárias, originalmente, eram governadas por diversos «pastores» (também chamados «anciãos» ou «supervisores»), e não por um único oficial. Porém, é evidente que *Diótrefes* queria controlar tudo sozinho. Posteriormente, isso se tornou o estilo comum de governo eclesiástico, conforme os dons ministeriais e espirituais foram desaparecendo, quando um certo «profissionalismo» tomou seu lugar. Não havendo muitos que pudessem exercer dons espirituais no ministério, foi apenas natural que indivíduos dotados de personalidade forte, treinados na oratória ou em outras habilidades, as quais os qualificavam acima dos demais, tivessem usurpado a autoridade que antes estava investida em um grupo de anciãos em cada congregação local. Seja como for, é certo que perto dos fins do primeiro e no começo do segundo séculos, teve início o ofício dos «bispos», como título dado a uma classe especial, e não equivalente aos «pastores». Em outras palavras, certos «anciãos» vieram a exercer autoridade sobre uma «região», ao invés de fazê-lo sobre uma única congregação local. E note-se que isso já tivera começo quando foram escritas as «epístolas pastorais».

Primeiramente surgiram os «bispos», — e apareceu o «ministério de um homem só», porquanto os dons espirituais e ministeriais tinham praticamente cessado, tornando-se mister que um profissionalismo eclesiástico tomasse o lugar do ministério espiritual. Certamente nada há de errado com o conceito de «bispo» ou «supervisor». Os apóstolos sempre exerceram essa forma de autoridade, sendo com frequência vantajosa, para qualquer grupo de igrejas, que se reunam sob alguma autoridade comum, tanto que tal autoridade não se mostre ditatorial. Contudo, o advento do ministério de um homem só, em cada igreja local, foi, é, e sempre será detrimente para o cristianismo, simplesmente porque ninguém pode possuir todos os dons espirituais e ministeriais que precisam ser exercidos na igreja local, para seu ótimo desenvolvimento espiritual. O trecho de Ef. 4:10 e ss. mostra-nos que os dons ministeriais é que possibilitam o crescimento espiritual da igreja. Idealmente, todos os membros deveriam contribuir com a prática de algum dom espiritual, embora nem todos eles, como é óbvio, recebam os vários dons ministeriais: apóstolos, evangelistas, profetas, pastores e mestres.

*Diótrefes*, pois, além de ser exemplo de como um homem pode tornar-se um herege, também mostra como pode tal indivíduo obter o controle da igreja local, para detrimimento desta. Isso sucede quando os dons ministeriais e espirituais não estão em operação, ainda que tal coisa não possa ser firmada como questão fixa. Por outro lado, isso ilustra o de quanto precisamos dos dons espirituais hoje em dia como sempre. Os ditadores na igreja florescem somente quando os dons são reprimidos. Os dons devem ser exercidos, embora não necessariamente segundo o *modus operandi* do 1º século. Sem tal espiritualidade, *pequenos-césares* surgem na igreja.

## ESBOÇO DO CONTEÚDO

### I. SAUDAÇÃO A GAIO (vss. 1,2)

### II. PROBLEMA DOS EVANGELISTAS ITINERANTES (vss. 3-8)

### III. DIÓTREFES, O DITADOR (vss. 9-11)

### IV. DEMÉTRIO, O BOM (vss. 12)

### V. CONCLUSÃO (vss. 13-15)

#### I. Saudação a Gaio (Vss. 1,2).

1 'Ο πρεσβύτερος Γαίῳ τῷ ἀγαπητῷ, ὃν ἐγὼ ἀγαπῶ  
1: O ancião ao amado Gaio, e quem eu amo em verdade.

ἐν ἀληθείᾳ.

1 ἐγὼ...ἀληθείᾳ 2 Jo 1

«O presbítero...» Originalmente, essa era uma palavra que indicava um homem idoso, e que chegara a exercer o ministério pastoral, juntamente com outros pastores, em uma igreja local. Alguns «presbíteros» ou «anciãos», porém, com a passagem das décadas, tornaram-se «bispos». Melhor ainda, foi criado um novo ofício, de autoridade mais ampla, ao qual foi dado um título que já existia, mas que era aplicado como sinônimo aos antigos «pastores». Assim é que, originalmente, «pastores», «anciãos» e «bispos» (supervisores) eram termos intercambiáveis. Mas, com a passagem do tempo, houve uma diversificação, o que parece transparecer até mesmo em alguns escritos do N.T., como as epístolas pastorais. Os apóstolos eram anciãos «supervisores» desde o começo. O termo «ancião» também veio a ser usado para designar os discípulos imediatos dos apóstolos, que exerciam autoridade especial nas igrejas, como representantes legítimos daqueles; e de alguma maneira, pelo menos, tornaram-se seus sucessores. Este é o uso

possível do termo no presente versículo, sem dúvida combinado com o ofício de «bispo» ou «supervisor». Alguns acham que o «ancião» da Ásia Menor, provavelmente um discípulo imediato de João, o Apóstolo, deu prosseguimento à tradição e à autoridade apostólica joanina, na Ásia Menor, e era tanto o representante do apóstolo como era a autoridade sobre a qual estava focalizada a autoridade joanina, após a morte daquele apóstolo. Os gnósticos se opunham amargamente a essa focalização de autoridade. Contudo, o que dizemos aqui acerca de «ancião» e «bispo» é bem breve, porquanto essa questão é mais amplamente ventilada nas notas expositivas sobre II João 1. O leitor deve examinar tais comentários. Ali é mencionada a localização de outras notas expositivas, neste comentário, que abordam com maiores detalhes a questão dos «ofícios eclesiásticos» na igreja primitiva.

«...ao amado Gaio...» O nome Gaio era bem comum no mundo daquela época. Era nome usado para referir-se a várias pessoas no N.T. (Ver Atos 19:29; 20:4; Rom. 16:23; I Cor. 1:14). Há diversos indivíduos de nome



«Gaio», nas páginas do N.T., a saber:

1. Um macedônio envolvido no levante havido em Éfeso (ver Atos 19:29).

2. Um *companheiro de Paulo*, membro do grupo que esperou pelo apóstolo em Trôade (ver Atos 20:4 e ss.), o qual, provavelmente, era delegado oficial de sua igreja (provavelmente em Derbe), a fim de levar as contribuições daquela comunidade para os pobres de Jerusalém. O texto chamado «ocidental» situa Gaio em Tessalônica, como se essa fosse sua cidade natal. Seja como for, ele era um macedônio, isto é, um europeu. Alguns estudiosos identificam-no com o primeiro indivíduo aqui mencionado; mas nada de certo pode ser dito a esse respeito.

3. Havia um *coríntio*, batizado por Paulo (ver I Cor. 1:14) que tinha esse nome. Evidentemente a igreja se reunia em sua casa, e Paulo ficou com ele em sua terceira visita a Corinto (ver Rom. 16:23). Ramsay sugeriu que Gaio era o prenome de Tito Justo (ver Atos 18:7). Orígenes (comentando sobre o décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos) refere-se a uma tradição que fazia desse Gaio o primeiro bispo de Tessalônica.

4. O *ancião da Ásia Menor* escrevera sua «terceira epístola» a um certo Gaio. Alguns identificam-no com o primeiro ou com o terceiro dos Gaiois acima mencionados, mas tudo não passa de conjectura. A tradição, como é usual, procura preencher os hiatos de conhecimento que existem no N.T., e chama esse Gaio de «primeiro bispo de Pérgamo», embora nada de positivo ou de negativo possa ser dito a esse respeito, pois não há como investigar a questão. Supõe-se, com base no contexto, que ele fosse pastor de uma igreja da Ásia Menor, ou um dos vários pastores de alguma igreja local, onde Diótrefes vinha perturbando. Mas essa igreja também poderia achar-se na região onde Diótrefes se fazia ditador. É possível que Gaio exercesse controle espiritual sobre a área geral, pelo que suas relações com Diótrefes eram especialmente críticas, porquanto a igreja onde Diótrefes atuava ficava sob a sua jurisdição.

«...a quem eu amo na verdade...» Em outras palavras, o «ancião» se interessava vivamente por Gaio, tornando-se objeto de sua benevolência especial, como se se tratasse de sua própria pessoa. O amor consiste de transferir para outros aquilo que sentimos por nós mesmos, pois é natural e fácil amarmos a nós mesmos. (Acerca de notas expositivas completas sobre 2 *Ἀγαπήτέ, περὶ πάντων εὐχομαί σε εὐδοῦσθαι καὶ ὑγιαίνειν, καθὼς εὐδοῦταί σου ἡ ψυχὴ.*

2: Amado, desejo que tu vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma.

«...Amado...» Essa é uma das palavras favoritas do autor sagrado (usada por dez vezes nas três epístolas joaninas, embora não no evangelho de João). Com frequência é termo usado nas saudações do N.T. (Ver Rom. 1:7; 16:5,8,9,12; Col. 4:9,14; II Tim. 1:2 e Fil. 1). Ver também os versículos segundo, quinto e décimo primeiro quanto a esse termo usado com respeito a Gaio).

«Aqueles que desejam ser amados pelos homens devem ser amorosos e dignos de amor; isso é feito quando os homens desistem de amar ao mundo, amando exclusivamente a Deus. A verdade e o amor são jóias preciosas dos crentes, as quais devem ser vinculadas entre si, tornando-se mais ornamentais que cadeias de ouro. Nenhuma dessas jóias pode existir sem a outra; a verdade sem o amor está morta, e o amor sem a verdade está cego.» (Starke, *in loc.*).

Um crente é amado em Cristo, por outros crentes, porque o Espírito Santo, que influencia a todos nós, forma o amor de Deus no coração daqueles que confiam em Cristo (ver Gál. 5:22). A expressão «amado», portanto, envolve mais que simples saudação, pois expressa uma realidade que transcende aos meros sentimentos humanos e a escrita formal de missivas. (Ver I João 2:10 quanto a várias excelentes citações, que ilustram o «amor cristão»).

«...faço votos por tua prosperidade e saúde...» Essas palavras seguem a comum fórmula epistolar dos antigos. Após a saudação havia a expressão do desejo de boa saúde em favor do endereçado, o que, nas epístolas neotestamentárias, geralmente era substituído por alguma expressão como «graça e paz» (segundo se vê nas epístolas paulinas), ou por «graça, misericórdia e paz» (nas epístolas pastorais). (Ver as notas introdutórias ao primeiro versículo desta epístola, que fornece detalhes acerca dessa questão. As notas introdutórias sobre o trecho de Rom. 1:1 também abordam a questão das antigas formas epistolares).

«...assim como é próspera a tua alma...» O «ancião» não se contentava apenas em expressar cuidados físicos, como faziam os pagãos. Mantinha em foco a alma, que é muito mais importante que o corpo, bem como a saúde da alma, que é muito mais importante que a higidez do corpo. Assim, pois, ele rejeitava o materialismo pagão. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «alma», em sua natureza e sobrevivência ante a morte biológica, ver II Cor. 5:8, onde é apresentada a nota de sumário sobre o assunto). Vários artigos, existentes na introdução ao comentário, são dados, mostrando como até mesmo a ciência está prestes a demonstrar a existência e a sobrevivência da alma ante a morte física. (Ver a seção geral sobre a «imortalidade», nessa introdução).

«...alma...» No grego é *ψυχή*, palavra usualmente utilizada na filosofia antiga, conforme se vê nos escritos de Platão, para indicar a porção «material» do homem, como sinônimo de *«pneuma»* (espírito), na maior parte do N.T. e nos escritos clássicos. Trata-se do «princípio de individualidade». O uso do vocábulo «alma» subentende, pois, que o verdadeiro ser humano é «espírito». Possui ele um corpo que serve de veículo apropriado de expressão neste plano terreno; mas o homem não é o seu corpo. Antes, é um indivíduo vivo, que realmente pertence à ordem e aos mundos espirituais. Orígenes e outros pais da igreja conjecturavam que a alma humana, quando não estava ainda decalada no pecado (e, na opinião da maioria dos judeus, a alma seria preexistente), pertence ao nível da natureza angelical, não sendo inferior a ela. Mui provavelmente isso

o «amor» como guia da família de Deus, ver João 14:21 e 15:10. Quanto ao «amor de Deus», fonte de todo o verdadeiro amor, ver João 3:16. Quanto a várias citações que ilustram o «amor», ver I João 2:10). O ancião estabeleceu o padrão a ser seguido—ele amava a seu irmão e mostrou a necessidade de nos amarmos «uns aos outros». (Quanto a essa expressão, usada por muitas vezes nas epístolas joaninas, ver I João 3:11,23; 4:7,11 e II João 5. Quanto ao «amor aos irmãos», ver I João 3:14 e 4:21).

«...na verdade...» Essa expressão pode ser compreendida como se fora um advérbio, isto é, «amar verdadeiramente». O mais provável, porém, é que signifique amor na «esfera da verdade cristã», contra o que os gnósticos protestavam, pois aborreciam ao verdadeiro Cristo e a seus seguidores. O evangelho é a mensagem que anuncia essa «verdade» de Cristo, a sua autêntica encarnação, a natureza divina e a natureza humana mescladas em uma única pessoa e o seu sangue expiatório, além de suas exigências morais, itens esses que os mestres gnósticos repeliavam, embora fizessem parte integrante da «verdade» do evangelho cristão. (Quanto à «verdade», vista por esse ângulo, ver I João 1:6,8; 2:4,21,27; 3:19; 4:6; 5:6; II João 1:3,4). Essa palavra aparece por seis vezes na terceira epístola de João (nos versículos primeiro e terceiro, duas vezes; e nos versículos quarto, oitavo e décimo segundo). (Comparar com Col. 1:5, onde se lê sobre a «palavra da verdade do evangelho»; e com Efé. 1:13, sobre a «palavra da verdade»). Jesus Cristo é a Verdade personificada, o coração mesmo da mensagem cristã (ver João 14:6). Aqueles que lhe são leais, pois, permanecem na «verdade» e possuem amor uns pelos outros, quais irmãos, em face do fato que têm o mesmo Pai e o mesmo Irmão mais velho. Há certo amor divino que impera no seio da família divina, com base no acolhimento à verdade, pois é assim que o Espírito Santo vem residir em uma pessoa, transformando-a segundo a imagem de Jesus Cristo; e, nessa obra de transformação é implantada nela o amor de Deus (ver Gál. 5:22 e as notas expositivas ali existentes), como um dos aspectos de seu fruto.

«A fé compartilhada na verdade que há em Cristo, e a experiência compartilhada de sua vida, santifica a amizade pessoal, bem como a comunhão coletiva (comparar com II João 1), além de estabelecer a vida humana em Deus como nenhuma outra coisa pode fazê-lo.» (Hoon, *in loc.*).

expressa a realidade dos fatos. Um homem, apesar de ter espírito, é inferior a qualquer anjo devido à queda no pecado. Porém, devido à redenção em Cristo, a alma humana é elevada muito acima do tipo de vida angelical, porquanto os remidos passam a participar da «natureza divina» (ver II Ped. 1:4), tornando-se possuidores da natureza de Cristo, na qualidade de Deus-homem (ver II Cor. 3:18; Col. 2:10 e Rom. 8:29). É disso que consiste a salvação. (Ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 2:3. Ver também Efé. 1:23). A igreja é a plenitude de Cristo, e Cristo preenche a «tudo em todos». Nada parecido com isso pode ser dito no tocante aos anjos.

O ancião conclama-nos a considerar os interesses da alma. Ele queria que nossa prosperidade fosse no nível da alma.

O ancião, portanto, não quer que fiquemos preocupados somente com o corpo. Os pagãos só se preocupavam com o corpo físico—tinham-se esquecido de suas almas imortais.

«Flávia seria um milagre de piedade, se ela tivesse metade do cuidado pela alma como tem pelo corpo. O aparecimento de um acne no rosto, a picada de um mosquito são suficientes para mantê-la recolhida no quarto por dois ou três dias, e ela pensa que são muito descuidadas as pessoas que não cuidam dessas coisas a tempo.» (Law, *Ser. Call.*, cap. vii).

«Ele cuida em lavar, vestir e perfumar o seu corpo, mas descuida-se de sua alma. Com o primeiro ele gasta muitas horas, com a última não gasta nem ao menos alguns minutos.» (Penn, *Fruits of Solitude*).

«A espiritualização das saudações convencionais, por parte do ancião, o qual fez do bem-estar religioso a medida do bem em outras questões, é repreensão contra nossa preocupação—se não mesmo obsessão—com a saúde física e com a prosperidade material, como se fossem essas as bênçãos máximas da vida, levando-nos a pensar novamente no que queremos dizer quando expressamos a esperança que 'tudo vá bem' e que 'a pessoa seja próspera'. Muitas pessoas são animais saudáveis, mas são almas desesperadamente enfermas.» (Hoon, *in loc.*).

«...acima de tudo...» Essas palavras podem significar, literalmente, «acima de todas as outras considerações». Nesse caso, o desejo pela saúde da alma é incluído. É impossível que esse fosse o desejo do «ancião», se somente a saúde e a prosperidade físicas estivessem em foco. Ou então as palavras gregas «peri panton» podem equivaler a «pro panton», ou seja, «antes de serem abordadas outras questões» o ancião queria «primeiramente» expressar seu desejo de saúde e prosperidade. Todavia, há estudiosos que pensam que essas palavras significam «em todos os aspectos», não se salientando a saúde física acima da saúde espiritual. O escritor sagrado queria que Gaio «prosperasse» «acima de tudo», o que significa que tanto a saúde física como a saúde espiritual estão em pauta. Devemos situar gramaticalmente as palavras «peri panton» juntamente com a idéia contida no verbo «prosperar». Parece ser essa a maneira mais natural de compreendermos a questão.

Nada fica subentendido sobre a saúde física de Gaio, se ela era boa ou má, se ele era delicado ou robusto. Essas palavras exprimem uma forma epistolar convencional, que o autor sagrado espiritualizou mediante a adição do desejo de saúde espiritual, e não somente de saúde física.

Incidentalmente, este versículo é contrário ao «ascetismo» dos mestres gnósticos (a expressão do gnosticismo combatido na epístola aos Colossenses). Contudo, as epístolas joaninas não foram escritas contra essa forma de gnosticismo, e, sim, contra a variedade licenciosa de gnosticismo. Não obstante, o abuso contra o corpo, mediante a imoralidade, é prejudicial à saúde física. Assim, o desejo acerca da saúde física de Gaio,

indiretamente, serve de ordem para que ele não seguisse a licenciosidade dos mestres gnósticos. Não é provável, entretanto, que tal refinamento fizesse parte do desejo do escritor sagrado, quando ele traçou estas linhas. No entanto, há certa verdade na conclusão aqui expressa.

Sabemos, na atualidade, que os problemas «psíquicos» provocam enfermidades físicas. A fotografia Kirliana (semelhante à radiografia) mostra defeitos na «aura» (campo de luz, para nós invisível, que circunda o corpo humano, mas que aparelhos podem perceber à distância de quatro

## II. Problema dos Evangelistas Itinerantes (Vss. 3-8).

Desde o começo mesmo da propagação da fé cristã, evangelistas itinerantes começaram a ser enviados, os quais usualmente viajavam de dois em dois ou em grupos mais numerosos, mas que ocasionalmente o faziam sozinhos. A igreja de Jerusalém começou a evangelizar as áreas circunvizinhas desse modo. As igrejas gentílicas lhe seguiram o exemplo. Porém, apesar dessa prática ser útil, tendo propiciado a rápida propagação do evangelho por outras áreas, também envolvia problemas. Há instruções bíblicas para o sustento desses missionários (ver o décimo capítulo dos evangelhos de Mateus e de Lucas). Mas os falsos mestres e os hereges viam nisso uma maneira fácil de ganhar a vida. Entraram diversos abusos nessa prática, conforme o apóstolo Paulo deixa claro no nono capítulo de sua primeira epístola aos Coríntios. Alguns desses ministros faziam do recebimento de dinheiro, de alguma igreja, uma prova da validade de seu ministério, além de comprovação de sua «autoridade». Houve quem criticasse a Paulo por não aceitar salário das igrejas, lançando dúvidas sobre a sua autoridade apostólica por causa disso. No entanto, Paulo defendia o costume de dar aos ministros seu sustento, mas explicou que o ministro tem o direito de rejeitar salário, por qualquer razão que julgue válida (ver o nono capítulo da primeira epístola aos Coríntios, e as notas expositivas ali existentes, acerca dessa questão).

A seção perante nós recomenda Gaio por ter acolhido e ajudado a evangelistas itinerantes. E mais adiante (ver os vs. 9 e ss.) Diótrefes é severamente criticado porque se opunha a esses evangelistas, recusando-se acolhê-los e ajudá-los em seu ministério. Essa prática, pois, tornara-se o centro de uma amarga controvérsia. A oposição de Diótrefes contra os evangelistas itinerantes provavelmente alicerçava-se sobre o fato que eles não pregavam sua modalidade gnóstica de cristianismo, e ele, naturalmente, não queria que se fizessem presentes, a propagarem o autêntico evangelho apostólico, pois julgava que havia aprimorado a mensagem cristã, com suas adições e subtrações gnósticas.

3 ἐχάρην γὰρ ἵλιαν ἐρχομένων ἀδελφῶν καὶ μαρτυρούντων σου τῇ ἀληθείᾳ, καθὼς σὺ ἐν ἀληθείᾳ περιπατεῖς.

13 [C] γάρ A B C K P Ψ 048 049 056 0142 58 151 326 330 436 451 614 620 630 645 1505 1739 1877 1881 2412 2492 Byz Lect P<sup>1881</sup> it<sup>1</sup> syr<sup>1</sup> b cop<sup>1</sup> arm Ps.

Oecumenius Theophylact § οὖν 1241 § συν Ν 33 81 104 2127 2493 str. dem. d. n. v. g. cop<sup>1</sup> arm eth Cassiodorus

3 ἐν ἀληθείᾳ περιπατεῖς 2 Jo 4

Vários testemunhos, incluindo N 33 81 104 vg cop (sa, bo(mss)) ara etí, omitem γάρ, ou por acidente de cópia, ou mais provavelmente, porque copistas não viram qualquer conexão clara entre a declaração no vs. 3 e a sentença anterior (cf. também II João 4). Pela mesma razão, 1241 substitui οὖν em lugar de γάρ. O termo γάρ é adequadamente apoiado por certa variedade de testemunhos (A B C K P Ψ 614 1739 maioria dos minúsculos sir (ph, h) cop (bo(mss)) a).

3: Porque muito me alegrei quando os irmãos vieram a fortalecerem da tua verdade, como tu andas na verdade.

...sobremodo alegre... Alguns dos evangelistas itinerantes, que tinham sido acolhidos por Gaio, recebendo ajuda financeira, tinham retornado à companhia do «ancião», levando-lhe as notícias sobre o bom tratamento que tinham recebido da parte de Gaio, além de falarem sobre seu excelente caráter cristão. É bem provável que também lhe narrassem fatos concernentes ao espírito odioso e à oposição de Diótrefes. O escritor sagrado, portanto, sentia-se jubiloso pela lealdade de Gaio ao evangelho apostólico, e também porque vivia corretamente a vida cristã, o que incluía a demonstração de amor aos evangelistas itinerantes, provavelmente enviados pelo «ancião», para confirmarem na fé às igrejas da Ásia Menor. Poderíamos supor que esses evangelistas foram enviados de Éfeso, a capital da província, onde residia o «ancião».

...irmãos... Esse é um título comumente aplicado aos crentes, nas páginas do N.T., para subentender a fraternidade na fé, por terem todos os crentes um Pai e um irmão mais velho em comum, além de estarem todos unidos pelo amor comum à família divina.

...pela vinda... e pelo seu testemunho... No grego temos verbos no participio passado, indicando uma ação contínua, que talvez incluía várias dessas «vindas» e «testemunhos». Gaio era homem testado e aprovado, sendo homem que realmente usava de amor fraternal para com os crentes.

Notemos como o «ancião» mantinha contacto com o «campo», e como exercia autoridade sobre o mesmo, embora nem todos lhe aceitassem a autoridade. O «ancião» demonstrava possuir autoridade de um «bispo», conforme esse termo veio a ser usado mais tarde. (Ver as notas expositivas completas sobre o termo «ancião», em seu uso nas páginas do N.T., em II João 1).

...tua verdade... Isso traduz literalmente ao grego. Mas o texto mostra que era o «andar na verdade», por parte de Gaio, que estava em foco. Primeiramente, ele se apegava à veracidade do evangelho apostólico. Ele negava o «docetismo» dos mestres gnósticos; expressava fé na validade da encarnação e na expiação pela morte de Cristo; cria no Cristo encarnado, o qual unia em uma única pessoa a natureza divina e a natureza humana. Outrossim, ele reconhecia que o verdadeiro evangelho envolve exigências morais. O evangelho requer a santificação (com notas expositivas em I Tes. 4:3), a qual é necessária à salvação (o que se vê melhor nas notas expositivas em II Tes. 2:13). Portanto, tanto ele «tinha» a verdade como «andava» na verdade. O tratamento gentil que dava aos evangelistas itinerantes, a ajuda que prestava a eles, no seu trabalho, mediante a hospitalidade e dadas em dinheiro, demonstravam que ele permanecia na verdade, em contraste com Diótrefes, o qual, na qualidade de falso mestre, não tinha essas atitudes gentis.

4 μείζοτεράν τούτων οὐκ ἔχω χαράν<sup>2</sup>, ἵνα ἀκούω τὰ ἐμὰ τέκνα ἐν τῇ ἀληθείᾳ περιπατοῦντα.

14 [B] χαράν N A [C] χαρῆς χαρῆν οὐκ ἔχω K P Ψ 048 049 056 0142 23 81 88 104 181 326 330 436 451 614 620 630 645 1505 1739 1877 1881 2127

2412 2495 Byz Lect P<sup>1881</sup> it<sup>1</sup> syr<sup>1</sup> b cop<sup>1</sup> arm eth § χάριν B 2492 it<sup>1</sup> dem d. n. v. g. cop<sup>1</sup> Hilary

metros), antes de surgirem defeitos correspondentes no corpo. Por conseguinte, uma enfermidade pode estar em formação desde muito antes do seu surgimento no corpo físico, devido a atitudes mentais errôneas. Mas aquele que estiver hígido em sua alma pode preservar sua saúde física, ao passo que aquele que odeia ou que tem algum outro defeito moral, bem pode ser atacado pelo câncer ou por alguma outra enfermidade, que ordinariamente não é tida como originada de atitudes psíquicas erradas.

★ ★ ★

...andas na verdade... Esse «andar» na verdade, — por parte Gaio, significa que: 1. ele se apegava à doutrina correta de Cristo (em contraste com o gnosticismo); 2. ele entregava sua alma aos cuidados do verdadeiro Cristo, naquela atitude que chamamos de «fé» (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 11:1); 3. ele obedecia às exigências «morais» do evangelho, em contraste com a licenciosidade dos mestres gnósticos; 4. ele cooperava com o «ancião» nos esforços de propalar a fé cristã; 5. ele mostrava a atitude de amor fraternal, natural para o verdadeiro crente, acolhendo aos evangelistas itinerantes e ajudando-os mediante a hospitalidade e dadas em dinheiro, franqueando-lhes a oportunidade de pregarem a Palavra. Em todos esses pontos, entretanto, Diótrefes falhava.

...andas... Essa palavra é usada para indicar a conduta geral na vida. Tanto autores seculares como religiosos se utilizavam com frequência dessa metáfora. Nas páginas do N.T. é de uso extremamente frequente. (Ver as notas de sumário a respeito, em Gál. 5:16,25). Somente quando esse andar é «no Espírito», ou seja, é inspirado e dirigido pelo «contacto com o ser divino» (através do Espírito Santo, que em nós vem residir), é que pode ser bem-sucedido. O verdadeiro andar cristão é «misticamente» dirigido, pois, de outro modo, falhará em seu alvo. Esse andar é alto por demais para ser cumprido com êxito pela mera resolução humana. Pois trata-se do «andar da alma», enquanto ela vai sendo transformada segundo a imagem de Cristo Jesus, pelo que a alma crente deve ser fortalecida por Deus. (Ver as notas expositivas em II Cor. 3:18 acerca desse princípio). Vemos a Cristo, o Homem ideal, no espelho espiritual. Quando contemplamos esse espelho não vemos a nós mesmos. Vemos a Cristo. E à medida em que a visão de Cristo prossegue, vamos sendo transformados na própria imagem que contemplamos, de um estágio de glória para o próximo; e isso ocupará a eternidade inteira, não fazendo apenas parte desta cena terrena. Os remidos, por conseguinte, virão a compartilhar de toda a plenitude de Deus (ver Ef. 3:19), da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). Esse é o grande «alvo» de nossa maneira cristã de «andar», o alvo na direção em que avançamos em nosso andar cristão. (Quanto ao «andar», nas epístolas joaninas, ver também I João 1:6, na luz, e não nas trevas; I João 1:7—na luz, como ele está na luz, pois Cristo é o nosso exemplo, porque Deus é luz; I João 2:6—«andamos nele», porquanto «permanecemos nele»). Esse andar, como dizemos algures, resulta da comunhão mística com Cristo. Em II João 6 lê-se que «andamos em seus mandamentos», isto é, cumprindo as exigências morais do evangelho, bem como a lei do amor cristão.

...tu... Notemos o pronome enfático, no original grego. E como se o autor sagrado tivesse dito: «Eles anunciam que, quanto a ti, tu andas na verdade, em contraste com Diótrefes, o mestre falso» (ver o nono versículo).

«Como sempre nos escritos joaninos, o vocábulo «verdade» envolve todas as esferas da vida, moral, intelectual e espiritual». (Brooke, in loc.).

Embora a forma  $\chi\alpha\rho\iota\nu$  (B 5 57 1891 2143 2298 2492 vg cop (bo) Hilar.) possa parecer intrinsecamente superior, expressando, «o favor divino em forma concreta» (Westcott, *Commentary, ad loc.*), a comissão considerou ser isso uma modificação feita na cópia, e preferiu o termo mais joanino,  $\chi\alpha\rho\acute{\alpha}\nu$ , que é fortemente apoiado por  $\aleph$  A C K L P 81 614 1739 sir (ph,h) cop (sa) ara eti.

4: Não tenha maior gozo do que este: e de ouvir que os meus filhos andam na verdade.

O caráter de um indivíduo pode ser aquilatado pelo tipo das coisas que o alegam, que lhe dão o senso de bem-estar e de felicidade. Não são muitos os que têm por felicidade máxima as realizações espirituais; mas, os que assim não fazem, tão-somente demonstram a sua carnalidade. O «ancião» mostrava-se extremamente interessado pelo avanço do evangelho na Ásia Menor. Quando ele recebia notícias favoráveis acerca do progresso do evangelho (aqui chamado de «verdade»), pelas regiões circunvizinhas, sentia-se jubiloso, porque assim sabia que outros homens percebiam a importância de Cristo e o aceitavam em seus corações. Isso pode ser confrontado com a declaração de Paulo sobre os crentes de Filipos: «...meus irmãos, amados e mui saudosos, minha alegria e coroa, sim, amados, permaneço, deste modo, firmes no Senhor» (Fil. 4:1). O trecho de I Tes. 2:19,20 lhe é similar: «Pois, quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós? Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria».

A passagem de Gál. 5:22 mostra-nos que a «alegria» é um dos aspectos do «fruto do Espírito», pelo que se trata de uma espécie de «bem-estar da alma», o que ocorre mediante a nossa transformação segundo a imagem de Cristo, que não pode ser explicada com base nas nossas circunstâncias terrenas. Trata-se de uma alegria borbulhante, por estar a alma de alguém em boas relações com Deus, impelida por boa esperança. (Há notas expositivas completas sobre a «alegria», a qual nos é dada por Cristo como «qualidade de vida», em João 16:11 e 17:13. Esses comentários são ilustrados com poemas).

O «ancião» compartilhava dessa alegria com Gaio e com todos quantos são fiéis ao evangelho apostólico. No dizer de John Ray, citando um provérbio inglês: «A alegria compartilhada é duplicada».

«...filhos...» No grego temos o termo «tekna», «crianças», referindo-se aos crentes associados a Gaio, e, particularmente, ao próprio Gaio. Esse termo pode dar a entender que o próprio Gaio fora conquistado para Cristo pelo «ancião», ou seja, era seu filho espiritual. Talvez alguns membros daquela comunidade cristã estivessem na mesma situação. Isso pode ser comparado com a expressão «filhinhos», o vocábulo que João usa para mostrar ternura e condescendência para com os crentes mais jovens e mais fracos na fé que ele mesmo (ver I João 2:1,12,13,18,28; 3:7,18; 4:4; 5:21). Na segunda epístola de João é usado o termo «crianças» (no grego, «tekna»), tal como aqui, indicando os membros da igreja. (Ver II João 1,4,13). Pode-se supor, com base nisso, que tanto «filhos» como «filhinhos» (no grego, «tekna» e «teknia», respectivamente), têm o mesmo significado. O «ancião» condescendia ante

δ' Ἀγαπητέ, πιστὸν ποιεῖς ὁ ἐὰν ἐργάσῃ εἰς τοὺς ἀδελφοὺς καὶ τοῦτο ξένους,  
 εἰς τοῦτο] εἰς τοὺς KLP pm ε

5: Amado, procedes fielmente em tudo o que fazes para com os irmãos, especialmente para com os estrangeiros.

Neste ponto o «ancião» aborda a razão particular pela qual Gaio lhe dava alegria—Gaio entretinha bem aos evangelistas itinerantes, tendo procurado ajudá-los em sua missão, dando-lhes o necessário para prosseguirem em seus labores, nas áreas circunvizinhas onde ele habitava, na Ásia Menor. Naturalmente, este texto envolve poderoso apelo em favor da obra missionária, bem como em favor do apoio financeiro aos obreiros cristãos, por parte das igrejas locais. O fato que Gaio realizara bem essa responsabilidade era um consolo e uma alegria para o «ancião».

«...Amado...» Trata-se da mesma palavra comentada no segundo versículo.

«...procedes fielmente...» Gaio já havia demonstrado a sua «lealdade» ao «ancião», ao acolher os seus enviados, ajudando-os. Gaio era fiel ao evangelho apostólico representado pelo «ancião». Gaio fizera oposição à nova e falsa mensagem que os gnósticos impingiam a outros. Ele procedera fielmente, isto é, com lealdade.

Várias interpretações são aqui possíveis, de conformidade com o original grego, neste ponto. Poderíamos compreender que o texto fala literalmente, como se o escritor sagrado tivesse dito «ages fielmente» («piston poeis»). Consideremos ainda os pontos seguintes: 1. A palavra grega «piston» pode ser adverbial, «fielmente». 2. Também pode ser nominal, «fazes uma obra fiel». 3. Alguns estudiosos pensam aqui em «dás uma fiel garantia». Isso poderia ser uma alusão a uma «promessa» em dinheiro ou a uma promessa de serviço fiel à verdade do evangelho. 4. Também se poderia pensar na interpretação «tu garantes» aos evangelistas itinerantes, em sua situação financeira, mediante teu trabalho e tua maneira de andar. A maioria dos intérpretes prefere a primeira ou a segunda dessas posições, porquanto as outras duas não são bem confirmadas em outras obras literárias, se é que há algum paralelo nas mesmas. Entretanto, o vocábulo «piston» pode indicar uma promessa de dinheiro, pelo que essas outras duas interpretações são possíveis. Seja como for, o oitavo versículo subentende, se é que não ensina diretamente, que a ajuda prestada por Gaio aos evangelistas itinerantes envolvia doações em dinheiro. Naquela época era costume prover hospitalidade aos evangelistas itinerantes e aos estrangeiros, porquanto as hospedarias da antiguidade viviam infestadas de assaltantes e prostitutas. Além disso, as igrejas ou congregações locais se reuniam nas casas dos irmãos, pelo que os evangelistas que se hospedavam com os pastores, nas casas destes últimos, podiam pregar e ensinar com facilidade. Visto que tais pregadores não dispunham de outro meio de vida, a igreja hospedeira lhes

os crentes mais jovens e mais fracos, exibindo-lhes o seu interesse pessoal. Desejava a «maturidade» e o «crescimento» deles, na direção do que iam avançando, porquanto ainda eram infantes, em relação a ele mesmo.

«...andam na verdade...» (Ver o terceiro versículo quanto a mais amplas explicações sobre essa expressão). Todos os pais sabem a alegria que têm quando os seus filhos se «destacam» em algo. Isso mostra que o treinamento dado foi bom; e por si mesmo é uma alegria, porque, naturalmente, os progenitores de uma criança desejam o que há de melhor para ela. Quando os filhos conseguem alguma boa realização, pais e mães se rejubilam e se sentem felizes, como se tivessem obtido algum triunfo pessoal. Pois os pais amam a seus filhos e se regozijam em suas vitórias, não menos do que em suas próprias vitórias. A criança, por sua vez, que tira boas notas na escola, anseia por dizê-lo a seus pais ao voltar para casa, pois sabe que isso lhe redundará em congratulações, além de «alegrar» a seus pais. Outro tanto acontece no terreno espiritual. Um ministro que labuta para despertar a consciência, o crescimento e a maturidade espirituais nos membros de sua igreja, vê aos mesmos como se fossem seus filhos, e se alegra quando os vê progredindo na inquirição espiritual.

Gaio, devido à sua força espiritual, se tinha constituído uma barreira contra os assaltos do gnosticismo naquela comunidade cristã, conseguindo manter fiéis a Cristo os crentes daquela região. O «ancião», pois, agora reconhece isso e se regozija no fato, congratulando Gaio por sua notável realização espiritual.

O «ancião», em sua função de «bispo» ou «supervisor», realizava seu trabalho com uma «supervisão paternal». Assim é que deveriam agir os ministros do evangelho. Mas o ditador e pequeno-césar, Diótrefes, agia justamente do modo oposto. Difícilmente ele veria seus seguidores como seus «filhos». Não passariam eles de seus «escravos». Os homens que procuram fazer dos crentes meros «escravos», tendem por destruir as igrejas locais.

*Variante Textual:* A palavra «alegria» figura nos mss Aleph, ACKLP, 81, 614, 1739, no Si(ph,h), no Cóp(asm), no Ara e no Etl. Mas os mss B, 5, 57, 1891, 2143, 2298, 2492, na Vg, no Cóp(bo) e nos escritos de Hilarí, lemos «graça». Esta última palavra, entretanto, não se condiz bem com o contexto. Poderíamos pensar que estaria em pauta o «favor divino em forma concreta» (no dizer de Westcott), isto é, que os crentes daquela região serviam de evidência da operação do favor divino, aos olhos do «ancião»; mas isso não parece muito provável. Por conseguinte, a maioria dos críticos textuais assera-se ao termo «alegria» como parte legítima do original grego. Mui provavelmente a palavra «graça» surgiu de um mero erro de transcrição, a saber: «charan» foi substituído por «charin», porquanto ambas são palavras bastante comuns nas páginas do N.T. Além disso, escribas posteriores foram perpetuando o erro.

fazia dádvas em dinheiro, para que pudessem continuar em seu ministério.

Este versículo subentende que os evangelistas podem ser sustentados pelas igrejas, ainda que o mesmo não ensine isso diretamente, porquanto parte do tratamento dado pelos crentes a eles consistia, naturalmente, de dar-lhes aquilo de que tivessem necessidade.

«...os irmãos...» Esses eram objetos da benevolência de Gaio. Está em foco a igreja local inteira, embora sejam focalizados os evangelistas itinerantes em particular, conforme se vê melhor no versículo seguinte.

«...estrangeiros...» Essa palavra aponta para aqueles crentes que viajavam de lugar para lugar, por razões religiosas ou comerciais, e que precisavam de algum lugar de hospedagem. A hospitalidade aos estrangeiros era virtude altamente recomendada na antiguidade. (Ver Heb. 13:2 quanto a notas expositivas completas acerca disso). Notemos que dos «anciãos» e demais líderes cristãos se esperava que providenciassem hospitalidade de bom grado, de tal modo que isso se tornava uma das exigências que se faziam aos mesmos, para que fossem aprovados (ver Tito 1:8 e I Tim. 3:2). Mas até aos crentes comuns se ordena que tenham espírito generoso, que sejam «dados à hospitalidade» (ver Rom. 12:13). (Ver também I Ped. 4:9 acerca de notas expositivas sobre essa questão). *Herm. Sim.* ix. 27 mostra-nos que a atitude de hospitalidade continuou sendo importante nas décadas pós-apostólicas da igreja primitiva. E isso também transparece em Justino Mártir (*Apol.* i.67).

«A fé cristã deve ser expressa de «maneiras práticas». É por essa razão que J.B. Phillips traduz aqui a passagem, por «Pois tenho ouvido dessa vossa fé no Senhor Jesus e da maneira prática como a estais expressando para com os colegas cristãos». Em sua fidelidade à fé e à ética cristãs, Gaio era elo forte na igreja cristã da Ásia Menor, que assim preservava o verdadeiro cristianismo, a despeito do assédio do gnosticismo. Se porventura o gnosticismo houvesse ganho a batalha, o cristianismo ter-se-ia transformado em outra religião misteriosa do mundo greco-romano, e eventualmente teria perecido, tal como sucedeu ao gnosticismo, cento e cinquenta anos mais tarde. Por conseguinte, nossa dívida para com Gaio é imensa, porque ele, juntamente com outros, manteve-se firme em tempos de tribulação e oposição. «Tais homens salvam o dial. Quão bom é ser o homem leal!» (Hoon, *in loc.*).

*Variante Textual:* As palavras «e no tocante aos estrangeiros» («eis tous xenous») figuram nos mss KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina. Porém, o texto correto é «touts», ou seja, «e isoo a estrangeiros». Nesse caso, o versículo diz: «Prestas serviço aos irmãos, particularmente (isto é, quero dizer) estrangeiros». Assim, pais, os «irmãos» e os «estrangeiros» são crentes, pois é como se o autor



sagrado tivemos dito: «Prestas serviço aos irmãos, especialmente quando são estrangeiros». Bons intérpretes e tradutores compreendem a questão por esse prisma. Seja como for, o simples «isto», ao invés de «eis tous», é a forma que

6 οἱ ἐμαρτύρησάν σου τῇ ἀγάπῃ ἐνώπιον ἐκκλησίας, οὓς καλῶς ποιήσεις προπέμψας ἀξίως τοῦ θεοῦ.

«...ἀποτ. Ti 3:12

6: os quais diante da Igreja testificaram do teu amor; aos quais, se os encaminharmos na sua viagem de um modo digno de Deus, bem farão;

«...as quais...» Essas palavras referem-se aos evangelistas itinerantes que voltassem ao «ancião», dando-lhes bom relatório em favor de Gaio, sobretudo no tocante à sua generosidade, impulsionada pelo amor cristão. Ele lhes proporcionava a hospitalidade apropriada, além de lhes fazer dádivas em dinheiro, que os ajudasse a continuar seu trabalho em outros lugares. Em outras palavras, Gaio assumia sua responsabilidade missionária.

«...encaminhando-os em sua jornada...» Certamente essas palavras significam mais do que apenas o encorajamento dado por Gaio. Envolve a doação de dinheiro suficiente para que fizessem viagens missionárias a outros lugares. Essas palavras podem subentender que a mentalidade de Gaio era tão missionária que ele enviava dádivas regulares a tais homens.

Lightfoot, *Hor. Heb.* sobre Mat. 5:41, mostra-nos que era costumeiro entre os judeus que vários deles acompanhassem até certo ponto do caminho a um rabino que estivesse em viagem, ajudando-o em seu trabalho por meio de doações. Esse costume, portanto, foi incorporado na igreja cristã. (Ver Tito 3:13 e as notas expositivas ali existentes sobre esse ponto).

«...por modo digno de Deus...» Essas palavras indicam que o amor de Gaio era inspirado por Deus, que seu discipulado cristão era genuíno e espiritual, agradável aos olhos de Deus, porquanto isso mostrava ser ele um

7 ὑπὲρ γὰρ τοῦ ὀνόματος ἐξῆλθον μηδὲν λαμβάνοντες ἀπὸ τῶν ἐθνικῶν.

7 μηδὲν...λαμβάνω 1 Cor 9:12, 15

7: porque por amor do Nome saíam, sem nada aceitar dos gentios.

«...por causa do nome...» (Quanto a essa expressão, ver as notas expositivas em Atos 5:41 e Rom. 1:5). Esse nome é, claramente, «Cristo». Por amor a Cristo, visando a propagação de seu evangelho, que aqueles evangelistas itinerantes saíram a campo. E Gaio os ajudara, para que não sofressem privação de suas necessidades básicas. Já que eram autênticos representantes do «Nome», então mereciam tudo aquilo que fora feito em seu favor. A comunidade cristã de Éfeso, a capital da província da Ásia Menor, enviara aqueles evangelistas, mas evidentemente não podia arcar com as despesas do sustento de todos eles. Portanto, foi mister que outras congregações locais, do interior da província, e que eram as beneficiárias do ministério daqueles evangelistas, cooperassem com a igreja-mãe nesse particular. Portanto, a prática de um missionário do evangelho receber dádivas provenientes de várias origens, a fim de ter dinheiro suficiente para seu sustento, tem precedente na prática das igrejas cristãs da Ásia Menor, naqueles tempos remotos do cristianismo.

Deus exaltou soberanamente a Cristo, tendo-lhe dado um Nome que está acima de qualquer outro nome. (Ver Fil. 2:9). E nós também o exaltamos quando salmos a pregar o seu evangelho, na qualidade de representantes seus, ajudando àqueles que se dirigem a outros lugares, com a mesma missão.

Essa prática de honrar ao «Nome» pode ser contrastada com a prática de alguns, acerca de quem Inácio (Éfésios 7:1) faz a seguinte denúncia: «Pois há alguns que têm por prática levar o Nome usado de dolo ímpio, fazendo certas outras coisas indignas de Deus». É possível que Inácio estivesse aludindo aos gnósticos, que alistavam Cristo em sua lista de supostos «aeons», não lhe conferindo qualquer posição especial na hierarquia divina de poder, além de introduzirem a imoralidade em seu sistema ético, como se fizesse parte oficial do cristianismo. (Ver notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18).

«...nada recebendo dos gentios...» O significado dessas palavras se torna abundantemente claro quando consideramos a prática dos «pregadores de rua», religiosos ou filosóficos, ou dos mestres itinerantes. A cobiça daqueles mestres helenistas é algo bem documentado na literatura pagã. Já desde os tempos de Sócrates, os sofistas tinham começado a viajar por toda a parte,

8 ἡμεῖς οὖν ὀφείλομεν ὑπολαμβάνειν τοὺς τοιοῦτους, ἵνα συνεργοὶ γινώμεθα τῇ ἀληθείᾳ.

8 ἀληθεῖα] ἐκκλησία X<sup>a</sup>A

8: Portanto os tais devemos aceitar, para que sejamos cooperadores da verdade.

«...devemos acolher esses irmãos...» Contanto que sejam evangelistas autênticos e não pregadores gananciosos, como é óbvio. Se alguém honra ao Nome de Cristo e lhe propaga o evangelho, então é nossa responsabilidade sustentá-lo financeiramente. Os fiéis pregadores da Palavra enfrentam problemas e tribulações em número suficiente, e as dificuldades financeiras, pelo menos, deveriam ser-lhes aliviadas. Nesse ínterim que os evangelistas autênticos façam seu trabalho em um nível elevado. Não devem procurar tirar proveito das emoções das pessoas, mostrando filmes e transparências que exagerem as «más condições» dos campos onde trabalham. Antes, que exaltem ao Nome e ajam de modo «digno de Deus». No dizer de Hoon (*in loc.*): «O apelo às missões sustentadoras, pois, deve ser mantido em alto nível de serviço a Deus e de companheirismo no trabalho, e até na luta, juntamente com Deus, para que se conquiste a maldade e a falsidade, ao mesmo tempo que o motivo verdadeiro de toda a atividade missionária (e pastoral) deve ser o de sair a campo 'por amor a Deus', sem 'nada aceitar da parte dos pagãos'. O serviço prestado em amor sincero e alegre a Deus, conservado puro de transigências com o mundo, de comercialismo, de lisonjas e patrocínios, pois o único serviço digno é aquele prestado a Cristo».

«...cooperadores da verdade...», isto é, aqueles que têm papel ativo na

aparece nos mas ABC e na maioria dos manuscritos realmente antigos, o que serve de evidência convincente acerca de sua genuinidade.

autêntico filho de Deus. Notemos que as dádivas de Gaio eram abundantes, proporcionando aos evangelistas itinerantes a possibilidade de não terem de depender dos incrédulos para suas necessidades físicas (ver o próximo versículo). Não tinham de pedir contribuições dos pagãos a quem anunciavam o evangelho. Podiam fazê-lo de modo totalmente gratuito. De fato, o evangelho deve ser pregado de graça.

«...perante a igreja...» Provavelmente isso aponta para reuniões públicas da congregação local. Nas reuniões, pois, eles davam testemunho sobre a piedade e generosidade de Gaio. (Quanto a notas expositivas completas sobre a doutrina da «igreja», ver Efê. 3:10).

Sendo «agradáveis a Deus» as ações de Gaio, parecem que elas envolviam, conforme diz Sinclair (*in loc.*): «...dinheiro para as viagens, provisões, amor, encorajamento, oração e a humilde e razoável imitação da providência divina por parte de Gaio, proporcional aos meios de que ele dispunha, à ocasião e às necessidades dos beneficiários».

«Em imitação de Deus, o qual é misericordioso, gentil e benfeitor; ou conforme é apropriado da parte de quem Deus chamou pela sua graça, para seu reino e glória; ou como é devido e apropriado a tais servos de Deus, como eram aqueles irmãos». (John Gill, *in loc.*).

«Permitimos que lhes falte o pão que perece, enquanto nos ministram, não com mão parcimoniosa, o pão da vida?» (Adam Clarke, *in loc.*).

oferecendo seu conhecimento em troca de grandes somas em dinheiro; e essa prática, de várias maneiras, era perpetrada por muitos elementos radicais, filosóficos ou religiosos. Em contraste com os tais, os evangelistas itinerantes, que haviam sido enviados em Nome de Cristo, nada cobravam dos pagãos para quem pregavam, não tentando fazer de sua missão um meio de enriquecimento pessoal. Gaio, pois, os ajudara na busca exclusiva da glória de Deus e na disseminação do evangelho, provendo-lhes suas necessidades básicas, pelo menos. O *Didache* 11:6 oferece instruções sobre o cuidado que se deve ter pelos evangelistas itinerantes, ao mesmo tempo que condena a tendência que certos pregadores itinerantes tinham, de se aproveitarem da situação a fim de se enriquecerem. Inácio, *Trall.* 8:2, demonstra grande sensibilidade para com os motivos corretos que se deve ter na pregação cristã. A expressão aqui usada provavelmente inclui também a idéia que eles não recebiam sustento imediato de igrejas recém-formadas (compostas de gentios), a fim de que os novos convertidos não pensassem que os pregadores lhes haviam anunciado o evangelho somente para arrancarem dinheiro de seus ouvintes ou convertidos.

«...saíram...» Da igreja central de Éfeso e não da parte dos pagãos, conforme alguns estudiosos erroneamente vinculam essa palavra, como se tivessem sido expulsos das casas dos pagãos, por causa de sua fé cristã. É verdade que isso sucedeu ocasionalmente, mas de modo algum é o que está em pauta aqui.

O Nome de Cristo. Conforme diz Robertson (*in loc.*): «Esse nome, em sua essência, é a súplica do credo cristão». (Quanto a esse uso ver também os trechos de I Cor. 12:3 e Rom. 10:9). «É semelhante este uso ao uso absoluto de 'o Caminho'. (Ver Atos 9:2; 19:9,23; 24:22). (Robertson, *in loc.*).

O objetivo deles era o mais excelente possível. Eles saíram a campo a fim de apresentarem o Nome. Dotados de tão elevado motivo, não se rebaixavam a fazer do dinheiro um «deus».

«O evangelho deveria ser anunciado de graça para aqueles que pela primeira vez o ouvem; estes não o conhecem, não podendo mesmo nós esperar que lhe dêem valor; as igrejas e os patriotas cristãos deveriam concorrer para sustentar na propagação da santa religião em países pagãos». (Matthew Henry, *in loc.*).

8 ἡμεῖς οὖν ὀφείλομεν ὑπολαμβάνειν τοὺς τοιοῦτους, ἵνα συνεργοὶ γινώμεθα τῇ ἀληθείᾳ.

propagação da verdade da mensagem cristã. Este versículo, portanto, ensina a possibilidade e a propriedade da cooperação de todos os membros das igrejas com as «missões», na forma de «apoio financeiro» aos missionários. Essa é a visão que tem sido constantemente anunciada, embora ouvida apenas por alguns.

Essa expressão tem duas interpretações centrais, a saber: 1. Quem contribui para as missões torna-se cooperador daqueles que pregam, propagando ativamente a Verdade; 2. ou tornam-se cooperadores da própria Verdade, a qual é personificada como se ela fosse um ministro de Deus que salse a fim de converter aos homens. Na verdade, ambas essas idéias estão de acordo com os fatos. Em consonância com a idéia da primeira posição, temos os trechos de II Cor. 8:23 e Col. 4:11. Além disso, se pensarmos que o dativo significa «em verdade» ou «em favor da verdade», então a primeira posição mais provavelmente é a correta. Eles «cooperavam com outros na propagação da verdade». Mas há estudiosos que pensam que o dativo subentende a idéia de «com», ou seja, são cooperadores «com a verdade», ou seja, a contribuição deles é a verdade. Nesse caso, a Verdade mui provavelmente seria personificada. Seja como for, nos é apresentada a mesma verdade geral. Quando aqueles crentes contribuíam para o evangelho, aliavam-se aos evangelistas itinerantes, os quais propagavam a verdade; e quando davam, aliavam-se à Verdade, que era anunciada para

iluminar aos pagãos.

...verdade... Essa palavra aponta para o evangelho, o qual fala de Cristo, o qual é a Verdade personificada (ver João 14:6). O evangelho, nas epístolas joaninas, é a afirmação especial da encarnação, da fusão das naturezas divina e humana em Jesus, o Cristo, da expiação por seu sangue, de seu evangelho, que anuncia a exigência moral da santidade, itens esses que os falsos mestres gnósticos ignoravam ou negavam ativamente. (Nas epístolas joaninas, ver as seguintes referências acerca da «verdade». I João 1:6, a prática da verdade, o andar santo; I João 1:8, a verdade é um poder residente no íntimo, uma comunhão mística da alma humana com Deus; I João 2:4, a verdade não está nos gnósticos anticristãos; I João 2:21, os crentes verdadeiros «conhecem» a verdade, no que fazem contraste com os hereges; I João 2:27. Nossa união nos dá discernimento especial quanto à verdade; I João 3:18, devemos amar «em verdade», isto é, em realidade, e não meramente na forma de declarações, pois o amor praticado é prova de que estamos na verdade; I João 4:6, há um «espírito de verdade» e um «espírito do erro»; a verdade e o erro são inspirados e dirigidos por forças externas a este mundo; I João 5:6. O Espírito Santo é a verdade, a concretização da verdade divina, e também o inspirador da verdade; II João 1, o amor é o ambiente da verdade evangélica, devendo ser expresso de forma genuína; I João 3, a graça de Deus, juntamente com sua misericórdia e paz, são dadas verdadeiramente e na verdade; II João 4, o andar cristão deve ser genuíno, dentro da verdade espiritual, em consonância com as exigências morais do evangelho; III João 1, o amor cristão deve mover-se dentro da verdade, no «domínio da verdade», para que seja genuíno; III João 3, a verdade permanece no crente e é um poder transformador; III João 4, o andar cristão deve ser feito na verdade, confessando-se o verdadeiro Cristo e III. *Diótfres, o Ditador* (Vss. 9-11).

O autor sagrado atinge aqui um dos principais temas desta breve epístola. Esse homem, Diótrefes, se tornara um «pequeno César». Ele se opunha à autoridade da tradição joanina em Efeso, recusando-se a acolher os evangelistas itinerantes enviados de Efeso, desempenhando o papel de um intolável ditador em sua igreja ou igrejas, sobre as quais exercia controle. E podemos supor (embora isso não fique muito claro no texto sagrado) que, de algum modo, ele estava envolvido na propalação dos ensinamentos gnósticos. Esses ensinamentos negavam a encarnação, a fusão das naturezas divina e humana em Cristo, a expiação pelo sangue de Cristo e as exigências morais do evangelho. (Quanto a notas expositivas sobre o «gnosticismo», ver Col. 2:18. Ver também as observações introdutórias ao primeiro versículo desta epístola, que esclarecem o *motivo da mesma*).

Quando uma igreja local perde os dons ministeriais e espirituais, então é fácil para certos homens de personalidade dominante, quer sejam espirituais quer não, assumirem o controle sobre a mesma, passando a exercer o ministério de um homem só, sem que tenham sido ungidos por Deus para tanto. Assim, pois, o «profissionalismo» toma o lugar da vitalidade espiritual. Dali basta mais um passo para o surgimento de «pequenos cáteres», os quais asseveram ter autoridade sobre certa área de igrejas, reinando supremamente sobre elas. O resultado natural disso é a dissensão, com divisões e mais divisões, porquanto as pessoas não podem tolerar tais condições para sempre. O trecho de 1 João 2:19 mostra-nos que tais divisões e cismas estavam tendo lugar; e podemos supor que seu motivo eram questões doutrinárias, devido à má influência de homens como Diótrefes.

9 Ἐγγραψά τι' τῇ ἐκκλησίᾳ· ἀλλ' ὁ φιλοπρωτεύων αὐτῶν Διοτρέφης οὐκ ἐπιδέχεται ἡμᾶς.

19 (1) *Εταιρεία* με Α.Β. *Εταιρεία* 048 1241 1739 (cop = *Εταιρεία*;  
arm / *Εταιρεία* με Α.Β. 33 81 181 438 814 830 946 1506 1841 2412 2482 (1997)  
1997-2000, 2000-2001, 2001-2002, 2002-2003, 2003-2004, 2004-2005, 2005-2006, 2006-2007, 2007-2008, 2008-2009, 2009-2010, 2010-2011, 2011-2012, 2012-2013, 2013-2014, 2014-2015, 2015-2016, 2016-2017, 2017-2018, 2018-2019, 2019-2020, 2020-2021, 2021-2022, 2022-2023, 2023-2024, 2024-2025, 2025-2026, 2026-2027, 2027-2028, 2028-2029, 2029-2030, 2030-2031, 2031-2032, 2032-2033, 2033-2034, 2034-2035, 2035-2036, 2036-2037, 2037-2038, 2038-2039, 2039-2040, 2040-2041, 2041-2042, 2042-2043, 2043-2044, 2044-2045, 2045-2046, 2046-2047, 2047-2048, 2048-2049, 2049-2050, 2050-2051, 2051-2052, 2052-2053, 2053-2054, 2054-2055, 2055-2056, 2056-2057, 2057-2058, 2058-2059, 2059-2060, 2060-2061, 2061-2062, 2062-2063, 2063-2064, 2064-2065, 2065-2066, 2066-2067, 2067-2068, 2068-2069, 2069-2070, 2070-2071, 2071-2072, 2072-2073, 2073-2074, 2074-2075, 2075-2076, 2076-2077, 2077-2078, 2078-2079, 2079-2080, 2080-2081, 2081-2082, 2082-2083, 2083-2084, 2084-2085, 2085-2086, 2086-2087, 2087-2088, 2088-2089, 2089-2090, 2090-2091, 2091-2092, 2092-2093, 2093-2094, 2094-2095, 2095-2096, 2096-2097, 2097-2098, 2098-2099, 2099-2100, 2100-2101, 2101-2102, 2102-2103, 2103-2104, 2104-2105, 2105-2106, 2106-2107, 2107-2108, 2108-2109, 2109-2110, 2110-2111, 2111-2112, 2112-2113, 2113-2114, 2114-2115, 2115-2116, 2116-2117, 2117-2118, 2118-2119, 2119-2120, 2120-2121, 2121-2122, 2122-2123, 2123-2124, 2124-2125, 2125-2126, 2126-2127, 2127-2128, 2128-2129, 2129-2130, 2130-2131, 2131-2132, 2132-2133, 2133-2134, 2134-2135, 2135-2136, 2136-2137, 2137-2138, 2138-2139, 2139-2140, 2140-2141, 2141-2142, 2142-2143, 2143-2144, 2144-2145, 2145-2146, 2146-2147, 2147-2148, 2148-2149, 2149-2150, 2150-2151, 2151-2152, 2152-2153, 2153-2154, 2154-2155, 2155-2156, 2156-2157, 2157-2158, 2158-2159, 2159-2160, 2160-2161, 2161-2162, 2162-2163, 2163-2164, 2164-2165, 2165-2166, 2166-2167, 2167-2168, 2168-2169, 2169-2170, 2170-2171, 2171-2172, 2172-2173, 2173-2174, 2174-2175, 2175-2176, 2176-2177, 2177-2178, 2178-2179, 2179-2180, 2180-2181, 2181-2182, 2182-2183, 2183-2184, 2184-2185, 2185-2186, 2186-2187, 2187-2188, 2188-2189, 2189-2190, 2190-2191, 2191-2192, 2192-2193, 2193-2194, 2194-2195, 2195-2196, 2196-2197, 2197-2198, 2198-2199, 2199-2200, 2200-2201, 2201-2202, 2202-2203, 2203-2204, 2204-2205, 2205-2206, 2206-2207, 2207-2208, 2208-2209, 2209-2210, 2210-2211, 2211-2212, 2212-2213, 2213-2214, 2214-2215, 2215-2216, 2216-2217, 2217-2218, 2218-2219, 2219-2220, 2220-2221, 2221-2222, 2222-2223, 2223-2224, 2224-2225, 2225-2226, 2226-2227, 2227-2228, 2228-2229, 2229-2230, 2230-2231, 2231-2232, 2232-2233, 2233-2234, 2234-2235, 2235-2236, 2236-2237, 2237-2238, 2238-2239, 2239-2240, 2240-2241, 2241-2242, 2242-2243, 2243-2244, 2244-2245, 2245-2246, 2246-2247, 2247-2248, 2248-2249, 2249-2250, 2250-2251, 2251-2252, 2252-2253, 2253-2254, 2254-2255, 2255-2256, 2256-2257, 2257-2258, 2258-2259, 2259-2260, 2260-2261, 2261-2262, 2262-2263, 2263-2264, 2264-2265, 2265-2266, 2266-2267, 2267-2268, 2268-2269, 2269-2270, 2270-2271, 2271-2272, 2272-2273, 2273-2274, 2274-2275, 2275-2276, 2276-2277, 2277-2278, 2278-2279, 2279-2280, 2280-2281, 2281-2282, 2282-2283, 2283-2284, 2284-2285, 2285-2286, 2286-2287, 2287-2288, 2288-2289, 2289-2290, 2290-2291, 2291-2292, 2292-2293, 2293-2294, 2294-2295, 2295-2296, 2296-2297, 2297-2298, 2298-2299, 2299-2300, 2300-2301, 2301-2302, 2302-2303, 2303-2304, 2304-2305, 2305-2306, 2306-2307, 2307-2308, 2308-2309, 2309-2310, 2310-2311, 2311-2312, 2312-2313, 2313-2314, 2314-2315, 2315-2316, 2316-2317, 2317-2318, 2318-2319, 2319-2320, 2320-2321, 2321-2322, 2322-2323, 2323-2324, 2324-2325, 2325-2326, 2326-2327, 2327-2328, 2328-2329, 2329-2330, 2330-2331, 2331-2332, 2332-2333, 2333-2334, 2334-2335, 2335-2336, 2336-2337, 2337-2338, 2338-2339, 2339-2340, 2340-2341, 2341-2342, 2342-2343, 2343-2344, 2344-2345, 2345-2346, 2346-2347, 2347-2348, 2348-2349, 2349-2350, 2350-2351, 2351-2352, 2352-2353, 2353-2354, 2354-2355, 2355-2356, 2356-2357, 2357-2358, 2358-2359, 2359-23

17946 C. K. P. Ψ 049 056 0142 88 104 336\* 330 431 634 1677 2127 2493 *Nya*  
*Lact eth Ps-Ocumenium Theophylact*

A forma que melhor explica a origem das demais parece ser —ἐγραψά τι, que figura em N<sup>a</sup> A (B) 048 1241 1739 (cop (sa,bo)) ara. A fim de impedir o leitor de tirar a conclusão de que se perdera uma carta apostólica, a forma ἐγραψα αὐν («Eu teria escrito...») foi introduzida em N<sup>c</sup> 33 81 181 614 vg *al*. Outros copistas, para evitar a indevida depreciação da autoridade apostólica, omitiram τι (C K L P Ψ maioria dos minúsculos, seguidos pelo Textus Receptus). As formas ἐγραψάς τι (B cop (sa,bo)) e ἐγραψα αὐτῇ (326 c) são óbvios erros de cópia.

9: Escravi alguma coisa à igreja; mas Diótfon, que gosta de ter entre sios a primazia, não nos recebe.

Ele escreveu à igreja ou igrejas locais sobre as quais Diótfrefes assumira indevido controle, o que talvez incluisse todas as congregações locais daquela área em geral. Cada uma das pequenas congregações que se reuniam nas casas devem ter recebido uma cópia dessa carta. Essas cartas, mui provavelmente, incluíam, entre outras coisas, o apelo à igreja para que acolhesse aos evangelistas itinerantes, mostrando-se generosos para com os mesmos. Diótfrefes se recusava germinantemente a ajudar ao programa missionário da igreja central de Efeso. Provavelmente essa carta também continha outras questões, talvez doutrinárias ou envolvendo questões práticas, além de ensinar sobre costumes morais; e esses itens todos eram desprezados pelo pequeno-césar, Diótfrefes.

Gaio é agora informado acerca da atitude de Diótfrefes a fim de que o tivesse como exemplo negativo. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «poder do exemplo», positivo ou negativo, ver I Cor. 11:1, onde é dada a nota geral sobre o assunto). O «ancião», pois, esperava que Gaio haveria de usar sua influência e boa reputação a fim de desviar a igreja das atitudes e ações como as que Diótfrefes vinha perpetrando.

Não conhecemos o conteúdo exato da carta enviada pelo «ancião», mas parece não haver nisso qualquer alusão à primeira e à segunda epístolas de João, pelo que alguma carta desconhecida e perdida está em foco.

**Diótfrefes:** Seu nome significa «nutrido por Deus». Porém, em contradição ao seu nome próprio, ele nutria a si mesmo. Quão triste é quando os homens não vivem segundo suas reputações e as expectativas alheias. Devemos três grandes coisas aos nossos irmãos na fé: exemplo... exemplo... exemplo. Quanto a Diótfrefes, nada sabemos senão aquilo que fica subentendido no presente contexto. Ele era um indivíduo refratário, dotado de excessivas ambições pessoais. Como é que homens de tal natureza podem ganhar ascendência sobre uma congregação cristã local? A verdade é que por muitas vezes assim acontece, conforme a experiência humana demonstra com abundância. Ele repelia toda autoridade fora de si mesmo; apressava-se em excluir aos irmãos; e podemos conjecturar que ele expunha as doutrinas falsas do gnosticismo, negando ao Senhor que o comprara (ver

obedecendo-se à sua lei; III João 8, podemos ser cooperadores com a Verdade, bem como daqueles que disseminam o evangelho, contribuindo com nosso dinheiro para sustento dos pregadores; III João 12, certos homens dão bom testemunho da verdade, sendo confirmados pela mensagem cristã, por serem fiéis a essa mensagem).

... William Carey, ao comparar suas realizações missionárias à exploração de uma mina, disse: 'Eu descerei, se vocês segurarem as cordas'. (Smith, *in loc.*).

«O princípio de cooperação foi uma das primeiras e mais importantes idéias do reino de Cristo. Aqueles que procuram trabalhar sozinhos perdem a força poderosa da simpatia, certamente cometem equívocos e não deixam de despertar oposição, além de correrem o risco de nutrirem em suas almas um insuspeitado espírito voluntarioso, autoconfiante e orgulhoso. Aqueles que não se importam em ajudar o bom trabalho de outros, quando muito, são crentes frios, crentes débeis; fracassam na grande virtude do amor cristão, que é crítica e confirmatória; limitam as operações de Deus, que determinou que operaria por meios humanos». (Sinclair, *in loc.*).

*Variação Textual:* O termo grego «*upolambano*», «*apolar*», aparece nos mss Aleph, ABC(1), na Vg. Mas o termo «*apolambano*», «*recober*», figura nos mss KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina. A primeira forma certamente está de acordo com o original. Contudo, «*upolambano*» também pode significar «*recober*». Ora, se «*recober*» é a idéia básica, então o ensino que temos aqui é que os evangelistas itinerantes deveriam ser acolhidos a hospedados. Provavelmente isso envolveria dadas em dinheiro, para ajudá-los em seu trabalho. Mas se «*apolar*» é a idéia correta, então a idéia da dar dinheiro, para financiar os seus esforços, está mais claramente em foco.

reuve epístola. Esse homem, Diótrefes, se tornara um «pequeno recusando-se a acolher os evangelistas itinerantes enviados de a igreja ou igrejas, sobre as quais exercia controle. E podemos que, de algum modo, ele estava envolvido na propagação dos nação, a fusão das naturezas divina e humana em Cristo, a no. (Quanto a notas expositivas sobre o «gnosticismo», ver Col. cálculo desta epístola, que esclarecem o *motivo* da mesma).

...então é fácil para certos homens de personalidade dominante,isma, passando a exercer o ministério de um homem só, sem que o missionarismo» toma o lugar da vitalidade espiritual. Dali basta asseverarem ter autoridade sobre certa área de igrejas, reinando com divisões e mais divisões, porquanto as pessoas não podem nos que tais divisões e cismas estavam tendo lugar; e podemos influência de homens como Diótfres.

αὐτῶν Διοτρέφης οὐκ ἐπιδέχεται ἡμᾶς.

17946 C. K. P. Ψ 049 056 0142 88 104 336\* 330 431 634 1677 2127 2493 *Nya*  
*Lact eth Ps-Ocumenium Theophylact*

11. Ped. 2:2), juntamente com as verdades bíblicas da encarnação, da fusão das naturezas divina e humana em Jesus Cristo e a expiação por meio do seu sangue. Isso podemos supor porque também é algo que fica subentendido no décimo primeiro versículo desta epístola. Diórefes era um malfeitor, e não «era de Deus». Talvez isso fosse uma declaração forte demais para indicar um crente verdadeiro que tivesse sido conquistado por pensamentos sobre sua própria grandeza. A verdade, porém, é que Diórefes era opositor da verdade, era um dos falsos mestres gnósticos. Esta terceira epístola de João, por conseguinte, foi escrita para combater o erro gnóstico, no que ele se alinha com sete outras epístolas do N.T., a saber, as epístolas pastorais, as outras duas epístolas joaninas e as epístolas aos Colossenses e aos Efésios.

Tendo-se deixado conquistar pelas doutrinas falsas, Diótrefes, naturalmente, opunha-se à tradição joanina que havia em Éfeso e a seus esforços por estabelecer o cristianismo autêntico em áreas limítrofes. A expansão da igreja cristã, a multiplicação das assembleias locais, porém, davam asa ao surgimento de indivíduos ditatoriais e falsos mestres, que se firmavam em alguns lugares. A autoridade das igrejas centrais era um fato, mas não era uma autoridade absoluta. Naquele tempo não havia ainda «bispos» ou «supervisores» de grande autoridade em outras áreas; e nem a igreja tinha qualquer comissão central que exercesse algum controle sobre regiões mais remotas. Pressões externas sobre as igrejas locais eram, algumas vezes, efetuadas; mas com freqüência sem grande sucesso.

O processo de descentralização no trabalho missionário é inevitável, e os crentes nacionais com frequência resistem aos cerceos dos missionários estrangeiros, uma vez que a obra vá bem por si mesma, ou mesmo antes disso. Diótrefes, portanto, representava tal resistência, mas não com base em qualquer princípio justo e que se possa discernir. Ele se preocupava tão-somente com sua própria autoridade. Contudo, não se pode negar que os assédios externos com frequência não têm razões válidas e são prejudiciais para as igrejas de espírito missionário. A oposição de Diótrefes parece ter-se baseado em seu desejo de poder pessoal, além do fato que era expoente do gnosticismo, um «partidário teológico». Ele abandonara a tradição apostólica.

...gosta de exercer a primazia entre eles...» O ter a Cristo como Senhor é a grande característica do crente. Diótrefes, entretanto, tinha a si mesm

como senhor e deus. Isso, naturalmente, é uma forma de idolatria, e da pior espécie. É a atitude exatamente oposta à do amor, porquanto o amor consiste de altruísmo, ao passo que fazer do próprio eu um pequeno «deus» é a essência mesma do egoísmo.

*Ó glória de mandar, ó vã cobiça,  
Desta vaidade a quem chamamos Pama!  
O fraudulento gasto que se atica  
Com uma aura popular, que honra se chama!  
Que castigo tamanho a que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldade nela experimentas!*  
(Luiz Vaz de Camões)

O egoísmo é uma raiz pecaminosa que origina muitos outros pecados. Quanta crueldade, quanta miséria é provocada por pessoas que buscam só seus próprios interesses, mas não o bem-estar alheio! A história da igreja está enegrecida por homens cujo intuito tem sido o de se exaltarem a si mesmos, ao invés de exaltarem a Cristo. Diótrefes afundou tanto que passou a fazer resistência ativa contra o Senhor, dando apoio a elementos prejudiciais ao cristianismo. O «pequeno-césar», Diótrefes, finalmente terminou provocando um cisma na igreja, o que é um dos resultados inevitáveis quando homens assim sobem ao poder.

«...não nos dá acolhida...» Esse «nos» equivale a «...ele não reconhece a 'minha' autoridade...», ou seja, a autoridade da igreja central de Éfeso, e, por consequência, a autoridade do evangelho apostólico e das igrejas locais fundadas de acordo com a tradição apostólica. Provavelmente o autor sagrado queria indicar que a recusa de Diótrefes em acolher aos evangelistas itinerantes era prova do fato que, na realidade, ele não reconhecia a autoridade espiritual do «ancião».

10 διὰ τοῦτο, ἐάν ἐλθῃ, ὑπομνήσω αὐτοῦ τὰ ἔργα ἃ ποιεῖ, λόγοις πονηροῖς φλυαρῶν ἡμᾶς· καὶ μὴ ἄρκούμενος ἐπὶ τοῦτοις οὔτε αὐτὸς ἐπιδέχεται τοὺς ἀδελφούς· καὶ τοὺς βουλομένους κωλύει καὶ ἐκ τῆς ἐκκλησίας ἐκβάλλει.

10 βουλομένων] επιδεχομ- C pc e p vg<sup>cl</sup> sy sa

10. Pelo que, se eu ali for, terei a oportunidade de anotar que ele faz, preferindo contra nós palavras maliciosas; e, não contente com isto, ele não somente deixa de receber os irmãos, mas nos que os querem receber ele proíbe de o fazerem e ainda os exclui da igreja.

Os versículos dez e onze desta epístola alistam os pecados praticados por Diótrefes. Consideremos os pontos abaixo discriminados:

1. *Palavras más.* Diótrefes proferia palavras maliciosas, cortantes, insultuosas e degradantes contra o próprio «ancião», e, naturalmente, conforme se pode supor, contra seus enviados e ministros. Isso constituía uma quebra das normas das igrejas apostólicas, por ser oposição contra seus legítimos líderes espirituais. Assim, pois, Diótrefes era insubordinado e rebelde. Essas palavras maliciosas mui provavelmente eram pessoais, embora também atacassem as doutrinas e práticas do «ancião». (Ver Col. 3:17 e Efê. 4:29, bem como as notas expositivas ali existentes, acerca do «uso apropriado da faculdade da fala»).

«Falar é fácil. Palavras, palavras, nada mais que meras palavras». 'Ele é apenas um paroleiro'. Essas afirmativas ilustram uma comum depreciação da importância de nossas palavras. Porém, haverá alguma coisa no mundo mais potente em favor do bem ou do mal do que as palavras? A fala é a faculdade que distingue o homem dos animais irracionais. É sinal de personalidade. A autoconsciência se manifesta exclusivamente pela faculdade da fala. O pensamento é impossível sem as palavras, que contêm as idéias. As ações são antecedidas pelo pensamento. E conforme diz Heine, 'O pensamento procede as ações, assim como o raio antecede ao trovão'. Mas o pensamento é impulsionado por sugestões verbais. Toda a cooperação entre os seres humanos depende, para seu sucesso, da comunicação verbal. A solidariedade cultural de um grupo se baseia sobre uma linguagem comum. O caráter é revelado pela linguagem que um homem emprega. '...porque a boca fala do que está cheio o coração' (Luc. 6:45). Portanto, Tiago não erra quando dá tanta ênfase à língua. (Easton, comentando sobre Tia. 3:2).

2. *Recusa de acolher aos irmãos.* Ele se recusava a exercer «hospitalidade», uma obrigação e qualidade necessárias em um ancião, conforme, presumivelmente, ele era. (Ver I Tim. 3:2). A questão, porém, envolvia mais do que isso. Os evangelistas itinerantes que ele se recusava a receber eram despedidos porque representavam uma «autoridade» à qual ele não se submetia. Além disso, provavelmente representavam uma doutrina que ele não queria propagar em sua igreja ou igrejas. Disso se entende que Diótrefes era advogado do erro gnóstico (ver as notas de introdução ao primeiro versículo desta epístola sobre isso). Esse «pequeno-césar» se recusava a cooperar com o movimento missionário da igreja apostólica. Ele edificava o seu próprio pequeno império, o qual provavelmente não faria parte da igreja cristã, quando estivesse terminado.

3. *Ele barrava* aqueles que queriam acolher aos pregadores itinerantes. Ele era tão radical em sua oposição aos delegados enviados pela igreja central de Éfeso, que perseguia a qualquer membro de sua igreja que falasse favoravelmente sobre eles, querendo que fossem acolhidos pela congregação. Não sabemos dizer como Diótrefes «barrava» esses advogados da causa das missões cristãs, exceto que excluía a alguns deles, talvez atingindo outros que não estavam diretamente envolvidos nessa questão, mas que, de outras maneiras, o desagradavam.

4. *Ele excluiu* da igreja a certos crentes. Talvez isso fosse feito de maneira informal e também formal. A alguns ele forçava mediante hostilidade e ameaças; a outros ele pressionava, levando os líderes da igreja local a interromperem comunhão com eles. Diótrefes não permitia qualquer

«Essa ambição de Diótrefes não prova que ele fosse bispo sobre os anciãos de uma região, conforme se dava no século II D.C. (conforme Inácio nos mostra). Ele pode ter sido um ancião (bispo) ou diácono, mas claramente desejava governar à igreja inteira. Cerca de quarenta anos passados escrevi um artigo sobre Diótrefes em um jornal denominacional. O editor disse-me que vinte e cinco diáconos embargaram o jornal para mostrar seu ressentimento por estarem sendo ali pessoalmente atacados» (Robertson, in loc.).

Naturalmente, Diótrefes talvez tivesse alguma autoridade naquela região, pelo que seria uma espécie de «bispo», conforme atualmente usamos essa palavra, porque há evidências, nas epístolas pastorais, que até mesmo imediatamente depois da era apostólica, alguns anciãos tinham chegado a estender sua autoridade acima de mais de uma igreja, pelo que, na realidade, eram bispos primitivos, embora não representassem um governo eclesiástico oficial. (Ver as notas expositivas em II João I quanto a uma nota sobre o primitivo governo eclesiástico).

*Variante Textual:* As palavras gregas «εγραψα τι» (tenho escrito algo) aparecem na maior parte dos manuscritos antigos de confiança, como Aleph(1), AB, 048, 1241, 1738, além do apoio das versões Cóp(sa,bo) e Ara. Isso foi modificado para «εγραψα αν» «eu teria escrito» (mas presumivelmente, não escreveu), nos mss Aleph(c), 33, 81, 181, 614 e na Vg, a fim de evitar a idéia que uma epístola foi escrita, quando na realidade não foi assim. Provavelmente, porém, houve muitas epístolas de tal natureza. Policarpo diz-nos que Paulo escreveu diversas epístolas aos Filipenses. O trecho de I Cor. 5:9 evidentemente alude a uma epístola perdida aos Coríntios, que antecedeu àquela epístola que agora se intitula primeira epístola aos Coríntios. Para evitar a indevida depreciação da autoridade da «epístola» escrita, os mss CKLP, Pei e a maioria dos manuscritos minúsculos omitam a palavra «τι» (algo), fazendo com que este versículo diga, «escrevi à igreja», embora «escrevi algo» seja a forma original.

simpatia, entre os membros da sua igreja, pela tradição apostólica e seus simpatizantes. Podemos supor que tais exclusões também se dirigiam contra outras formas de oponentes, e não meramente contra aqueles que estavam envolvidos na disputa acerca dos evangelistas itinerantes. Ele promovia o cisma em sua igreja.

5. *Ele praticava um mal* tão radical (ver o décimo primeiro versículo) que o «ancião» declarou que ele não era «de Deus», o que significa que era «do mundo» (ver I João 4:5) e «do diabo» (ver I João 3:10). Isso parece subentender que Diótrefes era elemento herege, pertencente ao grupo dos gnósticos, dos «mentirosos» (ver I João 2:22), sendo um dos «anticristos» (ver I João 2:18).

«...se eu for ali...» Diótrefes causara tanta perturbação que a situação exigia alguma ação pessoal da parte do «ancião». E isso mostra claramente que alguns anciãos tinham adquirido o poder de «supervisão» sobre várias igrejas locais, mais ou menos como fazem os «bispos» modernos. Desde o princípio os apóstolos possuíam tais poderes e seus discípulos imediatos e mais espirituais retiveram os mesmos, segundo se observa em II João 1:1, que foi escrito pelo «ancião». O «ancião», em contraste com Diótrefes, não ameaçava com exclusão, mas subentendeu alguma forma de ação severa, que, segundo se pode supor, incorpora tal ameaça. Seja como for, ele confiava que poderia manusear adequadamente o problema.

Diótrefes, em seu egoísmo, perdera de vista a visão mais longínqua. Contentava-se em transformar-se em um pequeno «deus», em algumas poucas congregações locais da igreja.

Conforme já dissemos, os versículos décimo e décimo primeiro alistam os pecados de Diótrefes. Apareceram-nos sob luz melhor, se nossos pecados fossem alistados? Nosso exemplo seria melhor que o dele?

*A influência perdida.* «Acharam, porém, que ele gracejava com eles» (Gên. 19:14). Assim, pois, Ló muito deixou a desejar quanto ao modo como agia perante a sua família, e terminou por fazer grande dano aos que o cercavam. Conta-se a história de um pregador que sucedeu achar um cão que se perdera de seu dono. O cão era de cor preta, com certo número de pelos brancos na cauda. O pregador e seus filhos vieram a gostar muitíssimo do animal. Um dia, porém, apareceu um anúncio no jornal, procurando localizar o cachorro perdido. Mencionava que o cão era preto com pelos brancos na cauda. O pregador não respondeu ao anúncio, mas, de alguma maneira, o homem que perdera o cão ouviu que um cão que muito se assemelhava ao seu estava na casa do pregador. Assim sendo, visitou ao pregador e seus filhos. O cão demonstrou todo o sinal de reconhecer seu antigo dono. Mas o pregador salientou que aquele cão não tinha pelos brancos na cauda, pois tivera o cuidado de cortá-los a todos cuidadosamente. O homem se foi embora, sem deixar-se convencer pelos argumentos do pregador. Dessa maneira, o pregador e seus filhos ficaram com o animal, mas o pregador perdeu toda a influência sobre seus filhos, para conduzi-los a Cristo. Ele mostrava-se ortodoxo quanto à doutrina, mas não-ortodoxo quanto à prática. Desgastou a sua influência e prejudicou a seus próprios filhos.

*Os homens leem e admiram o evangelho de Cristo,  
Com seu amor tão infalível e verdadeiro;  
Mas, que dizem e que pensam  
Do evangelho segundo nós?*  
(Anônimo)

«Não se deve orar e falar como se fôssemos crente para então viver como se fôssemos 'leite desnatado'». (Henry G. Bosch).

11 Ἀγαπητέ, μὴ μιμοῦ τὸ κακὸν ἀλλὰ τὸ ἀγαθόν. ὁ ἀγαθοποιῶν ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστίν· ὁ κακοποιῶν



οὐχ ἑώρακεν τὸν θεόν.

11 ὁ ἀγαθοποιῶν... ἔστιν 1 Jo 2,29; 3,8,9 ὁ κακοποιῶν... θεὸν 1 Jo 3,8,40

11: Amado, não imitas a mal, mas o bem. Quem fez o bem é de Deus; mas quem fez o mal não tem visto a Deus.

...Amado... (Ver as notas expositivas sobre essa palavra no segundo versículo).

...não imites a mal... (Ver as notas expositivas, em I Cor. 11:1, acerca da «força do exemplo». Ver o versículo anterior, no último parágrafo, acerca da influência perdida).

...o mal... da variedade que Diótrefes praticava; antes, o mal deve ser repellido. Era mister que Gaio desse acolhida aos evangelistas itinerantes, fomentando seu trabalho e doutrinação, no que estaria ajudando o esforço missionário da igreja apostólica.

...sendo o que é bom... Isso Gaio faria se praticasse o oposto do que Diótrefes vinha fazendo, ensinando outros a agirem por semelhante modo. Não há que duvidar que Gaio vinha sofrendo a pressão de certos elementos que eram partidários de Diótrefes. Vários elementos queriam que Gaio «tomasse partido» contra o «ancião», na disputa que surgia. Mas o «ancião» exorta agora a Gaio a que resistisse à imitação da verdade, não dando ouvidos a seus advogados.

...aquele que pratica o bem procede de Deus... Isso porque o que assim faz pratica o amor aos irmãos, ajudando na propagação do evangelho apostólico. Obedece ao imperativo moral do evangelho e se resguarda da imoralidade. E fará assim por ter «nascido de Deus» (ver I João 4:7), que é, essencialmente, o que o autor sagrado quer dizer com sua expressão «procede de Deus». Notemos, em I João 4:4, exatamente a mesma expressão grega que é aqui usada, «ek tou theou» («da parte de Deus»). Fica subentendido o nascimento na família divina, como também a «origem» de nossa inspiração espiritual e de nossas atividades. Isso deixa entendido, mui naturalmente, que Diótrefes não era «de Deus», mas antes, era «do diabo», conforme se lê também em I João 3:10. Inerente a isso há a idéia que Diótrefes era um dos «falsos mestres», «mentirosos» e «anticristos», que figuram na primeira epístola de João, ou seja, um dos mestres hereges gnósticos, embora isso não seja dito claramente.

Aqueles que «nasceram de Deus» ou que «procedem de Deus», naturalmente, «praticam o bem». A declaração é geral, mas também tem uma aplicação particular ao contexto, o que envolve o acolhimento da autoridade apostólica e a propagação do verdadeiro evangelho. Aquele que «reito» pratica a «retidão» (ver I João 3:7); não pratica o pecado aquele que «permanece» em Cristo (ver I João 3:6), porquanto é alguém «nascido de Deus» (ver o nono versículo desta epístola). Neste ponto, por conseguinte, o «ancião» repete idéias que são comuns na primeira epístola de João. Essas idéias são desenvolvidas nas notas expositivas aludidas.

...aquele que pratica o mal jamais viu a Deus... Isso é dito em I João 2:3 e 3:6, onde a idéia é amplamente comentada. (Ver também I João 4:2,4,6 e 5:19). Diótrefes nunca «vira» ou «conheceu» a Deus, conforme sua vida IV. Demétrio, o Bom (Va. 12).

Demétrio é elogiado devido ao bom tratamento que dava aos evangelistas itinerantes; pelo menos isso é o que parece estar por detrás de seu elogio, imediatamente depois da condenação de Diótrefes, por ter maltratado os evangelistas. Porém, ao mesmo tempo que os pecados de Diótrefes eram descritos (nos versículos nono a décimo primeiro), o *ancião* também meditava sobre a bondade geral de Demétrio, o qual mostrava-se hospitaleiro para com os evangelistas itinerantes. O contraste, portanto, é feito entre Diótrefes, o Ditador, e Demétrio, o Bom.

É possível que Demétrio seja aqui elogiado porque várias notícias falsas tivessem sido postas a circular a seu respeito, por instigação de Diótrefes e seus seguidores. O «ancião», pois, aqui contrabalança a propaganda destrutiva que vinha sendo espalhada contra Demétrio. Parece-nos que Gaio não conhecia Demétrio, ou que tal conhecimento fosse bem superficial, porque o «ancião» teve de falar em seu favor. Talvez Gaio estivesse mal informado a seu respeito. Seria apenas natural que Diótrefes e seus aderentes tivessem querido destruir sua reputação, porque Demétrio se opusera ao gnosticismo, o qual combatia a tradição joanina de Éfeso.

12 Δημητρίῳ μεμαρτύρηται ὑπὸ πάντων καὶ ὑπὸ αὐτῆς τῆς ἀληθείας· καὶ ἡμεῖς δὲ μαρτυροῦμεν, καὶ οἶδας ὅτι ἡ μαρτυρία ἡμῶν ἀληθὴς ἐστίν.

12 ἡ μαρτυρία... ἔστιν 1 Jo 19,38; 21,24

12: De Demétrio, porém, todos, a até a própria verdade, dão testemunho; e nós também damos testemunho; e todos que a nossa testemunho é verdadeira.

...Demétrio... Esse era um nome grego bastante comum. Significa «terra-mãe», e, na mitologia grega, essa era a deusa da agricultura e da fecundidade, além de ser a protetora do matrimônio. Os romanos a identificavam com Ceres. Os gregos e os romanos não hesitavam em dar a seus filhos os nomes de deuses e deusas da mitologia antiga.

Nas páginas do N.T. há duas pessoas chamadas por esse nome, a saber: 1. O ouvides de Éfeso, o qual provocou um levante contra Paulo (ver Atos 19:24,38). 2. O crente assim chamado que aparece nesta epístola, sobre quem nada sabemos senão o que se pode inferir do contexto em geral. Alguns eruditos identificam esses dois homens, como se o Demétrio opositor se tivesse convertido, tornando-se fiel propagador do evangelho cristão. Outros também identificam o Demétrio do texto presente com Demas (forma abreviada do mesmo nome), que aparece em Col. 4:14; File. 24 e II Tim. 4:10, companheiro de Paulo, e que mais tarde o abandonou. Tais identificações, entretanto, são fruto de pura conjectura. Em seu favor só se pode apresentar o fato que todos os três nomes figuram em contextos que abordam a região da Ásia Menor e da cidade de Éfeso. Porém, visto que tal apelativo era muito comum, provavelmente três pessoas diferentes estão em foco.

O Demétrio do presente texto provavelmente era um ancião das comunidades cristãs da Ásia Menor, que se mostrava ativo nas lides evangelísticas daquela região, além de ser dedicado à missão apostólica da

abundantemente demonstrava. O apóstolo João «vira literalmente» a Jesus, o representante de Deus. O seu «testemunho ocular» teve prosseguimento na obra de seus discípulos fiéis. Mas Diótrefes, que pensava que Deus é inatingível para os homens, também negara a encarnação do Filho de Deus, o qual tornou Deus visível e palpável. Cristo é a imagem de Deus, tornando-nos conhecido o Deus invisível, conforme se aprende em Col. 1:15. O resultado para quem nunca «viu» (espiritualmente) a Deus é a prática do mal. O autor agora classifica Diótrefes, juntamente com pregadores malignos, descritos no trecho de II João 10:11. Portanto, certamente ele era mais que um mero ditador, embora esse pecado seja bastante ruim. A finalidade mesma da vida consiste de «ver» a Deus, primeiramente no nível da alma, nesta vida presente, e depois, na eternidade. Isso envolve a «visão beatífica», que finalmente nos será proporcionada, mediante o que um homem é transformado segundo a imagem de Cristo, pela grandiosidade dessa visão.

Diótrefes e Demétrio (ver o décimo segundo versículo) estabeleceram os exemplos opostos de duas linhas de conduta. Mostraram como um homem pode envolver-se no bem cósmico ou na maldade cósmica; pois a tese constante do autor sagrado é que tanto o bem como o mal possuem raízes cósmicas e metafísicas, não sendo coisas meramente humanas. Aquele que pratica o bem está relacionado com Deus; e aquele que pratica o mal, está relacionado com seu pai espiritual, o diabo. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em I João 3:8-10. O trecho de I João 4:1-3 ensina a mesma coisa).

Quando *pratica o mal*, por ter sido vencido pelo mesmo, o homem se torna o seu próprio pior inimigo. Deus declarou, «Amai os vossos inimigos». Eu obedeci, amando a mim mesmo.

Existe uma antiga lenda escocesa que fala de um agricultor que vivia perturbado por um monstro horrível e destruidor. O monstro destruíra suas plantações, matara seu gado, derrubara seu celeiro e, por fim, matou-lhe o filho primogênito. Triste e indignado, o agricultor, vencendo momentaneamente o seu terror, traçou planos para capturar e matar o monstro. Assim, certa noite, pôs-se de emboscada. Devido ao que o monstro fizera contra seu filho, o agricultor foi conservando a coragem. Repentinamente, percebeu as pesadas passadas do monstro, que se aproximava. Tomado de ira, o agricultor lançou-se contra o monstro, o que lhe deu uma vantagem momentânea. Porém, o monstro revidou ao ataque com golpes e maldições. Mas a ira do agricultor não se abateu e nem a sua coragem diminuiu. Finalmente, o agricultor conseguiu derrubar o monstro, ao que puxou da espada para dar-lhe a estocada mortal. Naquele momento, entretanto, a luz da lua incidia sobre a face do monstro. Horrorizado, o agricultor retrocedeu; o rosto do monstro era o seu rosto!

Diótrefes, tal como Judas antes de si, tendo abandonado a Cristo, e tendo feito de si mesmo um «pequeno senhor», tornou-se o seu próprio pior inimigo, com o que tão-somente prejudicou a si mesmo e aos que o cercavam. Diótrefes representava a «Serpente» que invade a igreja.

Igreja naquela área e aderente da doutrina e da tradição joaninas. É possível que devido à sua fidelidade ao «ancião» ele fora criticado, e que Diótrefes e seus discípulos tivessem espalhado maledicências a seu respeito. E o *ancião* temia que Gaio fosse envolvido nessa campanha, razão pelo qual informou-o que Demétrio, em contraste com Diótrefes, fora fiel à verdade, tendo ajudado o «ancião» em seus esforços por evangelizar a Ásia Menor, porquanto era um elemento estável na igreja apostólica.

É bem possível que Demétrio tenha sido o portador desta epístola a Gaio, pelo que aquilo que é dito acerca dele também é dito à guisa de apresentação de Demétrio a Gaio. Sua boa posição na igreja era confirmada por três testemunhos, a saber: 1. Todos—qualquer que tenha sido a maldade dita a seu respeito, a igreja cristã da Ásia Menor em geral podia testificar sobre sua bondade e sobre sua forte posição em favor do verdadeiro evangelho daquela área; isso facilmente contrabalançaria qualquer coisa negativa ou prejudicial que tivesse sido dito a seu respeito. 2. A própria verdade—uma vez mais, a «verdade» é o «evangelho». (Ver as notas expositivas sobre o termo «verdade», conforme é usado nas epístolas joaninas, no oitavo versículo. O evangelho confirma Demétrio porque, em todos os pontos concordava com a mensagem por ele pregada, bem como com seu modo geral de viver. Ele se opunha aos hereges gnósticos na pregação, além de combater sua imoralidade com sua conduta piedosa e pura. Demétrio dava testemunho fiel do evangelho; e o evangelho, por sua parte, testificava acerca de Demétrio. A revelação de Deus em Cristo, em sua vitalidade e realidade, tornou-se um poder transformador para a vida

de Demétrio, conforme deve ser óbvio para todos quantos cuidam em investigá-la. A integridade do evangelho se exibiu na vida de Demétrio, e o autor sagrado acabou de mostrar que exatamente o contrário se dava no caso de Diótfres. 3. Além disso, o próprio «ancião» acrescentava o seu testemunho (o que se vê no «nós» editorial) aos dois itens anteriores—ele conhecia a Demétrio pessoalmente, e podia declarar, sem nenhuma hesitação, que sua vida e pregação estavam de conformidade com a tradição apostólica. Por conseguinte, a epístola enviada da parte do «ancião» e entregue por intermédio de Demétrio, deveria ser tomada a sério nas instruções ali contidas.

Cristo Jesus é a «verdade» personificada; e, no presente versículo, a verdade também aparece personificada, embora essa verdade testemunhadora não seja a pessoa de Cristo, apesar de que alguns poucos intérpretes assim tenham compreendido essa expressão.

O Espírito Santo é chamado de «a verdade», em I João 5:6, pelo que é possível que o segundo testemunho acerca de Demétrio seja o Espírito Santo, e não o evangelho. Mas pouca é a diferença criada por esse ponto de vista, porquanto o testemunho do evangelho a seu respeito seria naturalmente mediado pelo Espírito Santo como a força viva por detrás de tudo quanto o evangelho é e faz. Papias parece haver citado essa porção do versículo (ver Eusébio, *História Eclesiástica* III. 39.3); e, nesse caso, desde tempos bem remotos haveria evidências de que a terceira epístola de João era reputada como valiosa e estava em circulação.

«...sabes que o nosso testemunho é verdadeiro...» O «ancião» procura aqui convencer a Gaio que acolhesse tanto a Demétrio como à epístola da qual ele era o portador; mas, para tanto, fazia pesar toda a sua vida e estatura dentro da igreja, por detrás de suas palavras. Gaio certamente não duvidaria do próprio «ancião», pelo que certamente creria o que era dito **Conclusão** (Ver. 13-15).

Esta conclusão é praticamente idêntica à de II João 12,13, pois as diferenças são minúsculas. Neste ponto encontramos as palavras «...com tinta e pena...», ao invés de «...com papel e tinta...», conforme se vê em II João 12. A «pena», mui naturalmente, é a cana. A conclusão epistolar segue o modelo próprio daquela época. A fórmula de saudação, *paz seja convosco*, derivava-se do uso judaico (comparar com I Ped. 5:14; Luc. 10:5 e João 20:19,21,26; e ver a saudação em II João 3). Visto que se trata de uma missiva pessoal, as saudações são mais íntimas aqui do que em II João 13. A tradução inglesa RSV (verdade agora para o português), diz: «Saúda aos amigos, cada um deles». Mais literalmente, diz a tradução inglesa KJ, como também o faz em João 10:3, «Saúda os amigos por nome». O vocábulo «amigos», no plural, é tipicamente uma expressão joanina (ver João 15:13,15, etc. «Isso sugere aqueles, dentro das igrejas envolvidas, que eram favoráveis à autoridade do ancião». (Wilder, *in loc.*).

13 Πολλὰ εἶχον γράψαι σοι, ἀλλ' οὐ θέλω διὰ μέλανος καὶ καλὰμου σοι γράφειν

13 Πολλὰ...γράφειν 2 Jo 12

13: Tinha eu muitos coisas que te escrever, mas não o quero fazer com tinta e pena.

Os versículos treze e catorze desta epístola são virtualmente idênticos ao trecho de II João 12, e o leitor deve examinar as notas expositivas ali existentes, que ilustram adequadamente estes dois versículos.

«...tinta...» (Ver II João 12, acerca das «tintas» e tipos de «papel» da antiguidade).

«...pena...» Uma cana rachada ao meio, para conter certa quantidade de 14 ἐπιζῶ δε εὐθέως σε ἰδεῖν, καὶ στόμα πρὸς στόμα λαλήσομεν.

14: Espera, porém, ver-te brevemente, e falaremos boca a boca.

Este versículo equivale ao que se lê em II João 12b; até mesmo o grego é virtualmente igual. (Ver as notas expositivas sobre as idéias ali contidas). A adição da palavra «breve» talvez indique que a visita tencionada seria

15 εἰρήνη σοι. ἀσπάζονται σε οἱ φίλοι. ἀσπάζου τοὺς φίλους κατ' ὄνομα.

15 φίλοι] ἀδελφοί A 33 69 al syhms | φίλους] ἀδελφούς 1611 pc syh sa(1) | ὄνομα] add ἁμν L 614 pc

Após ὄνομα vários dos testemunhos posteriores (L 307 321 378 467 614 1836 1837 1838 vg (mss)) adicionam o -ἁμν litúrgico.

15: Paz seja contigo. Os amigos te saúdam. Saúda os amigos nomeadamente.

«...A paz seja contigo...» Um término comum das missivas antigas, o que era, portanto, uma forma literária. Entretanto, nas mãos do «ancião», tal expressão certamente indica mais do que isso. Ele desejava que a paz de Deus, a reconciliação com Deus, por intermédio de Cristo (ver Rom. 5:1 e Col. 1:20) lhes pertencesse, e assim teriam harmonia dentro da comunidade cristã. (Ver as notas expositivas completas sobre a «paz» que Cristo dá, em João 14:27 e 16:33). Essas notas são ilustradas com poemas. A paz é um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo» (ver Gál. 5:22), ou seja, é uma qualidade divinamente cultivada. Fala, essencialmente, da harmonia e do bem-estar espirituais, porquanto um homem foi restaurado a Deus através de Cristo; mas também subentende a harmonia individual e na comunidade religiosa. Esse elemento é comum nas saudações paulinas, encontrado na maioria das bênçãos finais. (Ver Rom. 1:7 e 16:20). Nesta última referência, o Pai é chamado de «Deus da paz».

«...a paz pode ser considerada como a súpula total dos dons graciosos de Deus em Cristo (ver Luc. 2:4 e João 14:27)». (Lange, *in loc.*).

«Paz pode ser interna, da consciência; pode ser a paz fraternal, entre amigos; pode ser a paz suprema, da glória» (Dusterdieck, *in loc.*).

«Lembremo-nos do legado de nosso Senhor (ver João 14:27); e lembremo-nos de sua saudação, após sua ressurreição, 'Paz seja convosco' (ver João 20:19,26)». (Alford, *in loc.*).

«...os amigos te saúdam...» Os irmãos que amam e são amados como amigos. Alguns irmãos não amam a outros. Pode-se definir um «irmão» de acordo com «linhas denominacionais». Porém, a maior parte dos irmãos em Cristo não pertencem às nossas estreitas linhas denominacionais. Os irmãos, que também eram amigos, e que residiam em Éfeso, a capital da província da Ásia Menor, enviavam suas saudações àqueles de idêntica fé e

acerca de Demétrio, dando cuidadosa atenção à epístola. (Ver João 19:35 21:24 quanto a expressões semelhantes a «sabes que o nosso testemunho é verdadeiro», o que, entre outras provas, parece indicar uma autoria comum para o evangelho de João e para a terceira epístola de João. A primeira epístola de João, naturalmente, encerra muitos paralelismos com o evangelho de João. Isso é comentado na introdução à primeira epístola de João.)

«Sempre que a verdade do evangelho realmente é possuída por um homem, seu caráter inevitavelmente se manifesta nas atitudes de fé e de amor, mediante as quais ele habitualmente vive. Essas provas representam a facilidade com que, indiscriminadamente, usamos o prestígio da igreja cristã para endossar candidatos aos ofícios, para elogiar pessoas para empregos, admissão em escolas, etc. O ancião foi chamado de «apóstolo do amor». Mas esse amor era sábio e discriminador. Que outro tanto suceda conosco». (Hoon, *in loc.*).

Essa recomendação em favor de Demétrio, proveniente de quem veio, já perto do final desta epístola, talvez demonstre que a própria epístola, embora fale a respeito de vários outros assuntos, na realidade tinha por intuito ser, essencialmente, uma carta de recomendação a Demétrio e seu grupo. Talvez eles estivessem a pique de formar um novo grupo evangelizador na área onde morava Gaio, pelo que esta epístola pode ter agido como credenciais em favor do grupo. É bem provável que a mensagem desta epístola, particularmente sua reprimenda contra Diótfres, através da mediação de Gaio e Demétrio, tivesse por finalidade chamar a atenção de todas as comunidades cristãs daquela área, no sentido que Diótfres deveria ser censurado. Até então que vinha exercendo a primazia com sucesso, naquela porção da igreja cristã da Ásia Menor. Talvez esta epístola interrompesse esse êxito.

tinta e agir como pena. Um estilete de ponta fina também era usado para escrever sobre cera ou tabletes de argila; mas, dado que o autor sagrado escrevia sobre «papel» (*papiro*), está em foco a pena de cana. Normalmente, ao referir-se à escrita sobre tabletes de diferentes tipos, um escritor antigo usava o termo grego «grapeion» (estilete agudo). Plutarco, em Dem. 29:3, ao referir-se a Demóstenes, diz-nos que quando meditava e escrevia, estava acostumado a morder seu «estilete» (no grego, «*kalamos*»).

14 στόμα...λαλήσομεν Nu 12:8; 2 Jo 12

realizada antes da escrita da segunda epístola de João. Provavelmente a dificuldade que surgira por causa de Diótfres levou o «ancião» a antecipar uma viagem para mais breve do que faria noutras circunstâncias.

esperança, mas que residiam em outras áreas da província. Todos eram irmãos e amigos. A geografia não pode interromper a autêntica comunhão cristã. As barreiras artificiais, criadas por nós mesmos, com nossas divisões e denominações é que nos dividem, embora, no fundo, o povo remido de Deus seja um só.

A palavra «amigos» mui provavelmente é usada em lugar de «irmãos» por causa da natureza desta epístola como uma missiva particular. O termo «amigos» empresta a esta epístola um toque mais íntimo e familiar. Isso pode ser comparado às palavras do Senhor Jesus: «Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer» (João 15:15). Jesus haveria de dar sua vida por seus amigos (ver João 15:13), e agora salienta que eles são chamados «amigos» por causa da maior revelação divina que lhes fora feita, o que os tornava amigos de Deus, tal como Abraão era «amigo de Deus».

«...Saúda aos amigos, nome por nome...» O pastor conhece suas ovelhas «por nome» (ver João 10:3). O «ancião» queria que seus leitores originais soubessem que ele se interessava por cada um deles, devendo ser saudado por nome. A expressão idiomática «kat' onoma» é muito comum nas epístolas escritas em papiro; portanto, uma vez mais encontramos uma forma literária comum tomada por empréstimo, embora enobrecida para uso cristão. Neste versículo não há qualquer indicio do fato que os «amigos» poderiam ser saudados nome por nome porque o «ancião» tinha ali pouquíssimos seguidores, os quais, por isso mesmo, podiam ser facilmente saudados desse modo. (Isso pode ser comparado com Rom. 16:1-24). Paulo encheu uma página inteira com saudações pessoais. O «ancião», entretanto, evita essa tarefa, pedindo a Gaio que o faça em seu lugar.

«João saúda a seus amigos por nome; a todos ele traz em seu coração, bem como a cada um em particular. Essa é a fidelidade do presbitério». (Besser, *in loc.*).

«O bom pastor, portanto, imitava ao Bom Pastor, o qual 'chama suas ovelhas por nome' (João 10:3)». (Wordsworth, *in loc.*).

*Variantes Textuais:* Ao invés da palavra «amigos», os mss A, latinos d e m, 13, o Si (alguns) e Etí dizem «irmãos». Mas isso é apenas uma modificação do incomum para o comum.

O *Amém* litúrgico é acrescentado nos mss L, 307, 321, 378, 467, 614, 1836, 1837, 1838 e em alguns manuscritos da Vulgata. Mas os manuscritos mais antigos o omitam, a saber, Aleph, ABC, e até mesmo alguns manuscritos posteriores, como KP. Normalmente, o «Amém» não passa de uma glosa scribal (conforme se vê nesta terceira epístola de João). Mas as epístolas aos Galatas e aos Romanos fogem a essa regra, pois evidentemente ambas essas epístolas terminam genuinamente com o piedoso «Amém».

*Subtítulo.* Os títulos nunca fizeram parte original dos livros e epístolas do N.T., mas foram acrescentados por escribas subseqüentes, a fim de darem informações sobre questões como destino, proveniência, nomes dos

amanuenses, dos autores, etc. Alguns dos detalhes ali fornecidos são normalmente retirados dos próprios documentos sagrados que assim são descritos; mas, de outras vezes, os escribas adicionavam informes alicarçados nas tradições ou até mesmo em puras conjecturas. Por essa razão, alguns itens que aparecem nos títulos são fiéis aos fatos, mas outros são errôneos.

O mais antigo título desta terceira epístola de João é o simples «Terceira de João». Isso aparece nos mss Aleph, AB. O ms C diz «Terceira Epístola de João». O ms L diz «Terceira Epístola de São João». Manuscritos gregos posteriores e versões trazem títulos mais adornados. Vários manuscritos gregos posteriores dizem «A Terceira Epístola Católica de João, o Evangelista e Divino». E outros manuscritos rezam: «A Terceira de João a Gaio, concernente a Demétrio, sobre quem testificou as coisas mais excelentes». Os manuscritos árabes dizem «Fim das epístolas do puro Apóstolo e Evangelista João». Os manuscritos sírios e etíopes nada dizem no lugar que seria o título, o que certamente reflete o original desta epístola.

★ ★ ★



# JUDAS

## INTRODUÇÃO:

- I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA
- II. AUTORIA
- III. DATA
- IV. PROVENIÊNCIA E DESTINO
- V. RELAÇÃO ENTRE II PEDRO E JUDAS
- VI. MOTIVO E PROPÓSITOS
- VII. CONTEÚDO.
- VIII. BIBLIOGRAFIA

\*\*\*

A preservação da epístola de Judas, epístola tão breve e sobre assuntos que para nós parecem remotos, se deveu ao fato que é defesa do cristianismo contra os assédios do gnosticismo, questão bem vívida na igreja primitiva pelo espaço de cerca de cento e cinquenta anos. Apesar de não termos mais perturbações diretas com o gnosticismo, contudo, problemas similares sempre houve na igreja, pelo que esta epístola sempre será atual. Assim, se a heresia enfrentada é para nós apenas uma nota de rodapé na história eclesiástica, os princípios ímpios que ela representava se renovam a cada geração.

De fato, até mesmo alguns crentes têm tendências para o gnosticismo. Uma das principais idéias dos gnósticos era sua negação da humanidade de Cristo, pois não podiam perceber como seria metafisicamente possível a um ser espiritual (uma emanção angelical, um «aeon» ou mesmo o «Logos») encarnar-se. Eles viam a matéria como o princípio mesmo do pecado; e se um ser espiritual se encarnasse fá-lo-ia somente para contaminar-se. Hoje em dia, apesar da encarnação ser vigorosamente defendida, contudo, quando muitos crentes começam a dizer como Cristo era capaz de realizar aquilo que fez, sempre atribuem tudo à sua «natureza divina»; nada deixam para sua humanidade, senão a sua morte. Não vêem claramente a tremenda significação ética e metafísica da vida de Jesus. Como homem ele se tornou o Pioneiro do caminho que conduz de volta a Deus. Mostrou ele como um homem, cheio e transformado pelo Espírito, pode viver não apenas vitoriosamente sobre o pecado, mas como pode operar maravilhas, milagres e prodígios. Foi o homem Jesus de Nazaré quem fez todas essas coisas, dotado pelo Espírito e por ele transformado; e isso está franqueado a todos os homens, conforme fica claro em João 14:12. (Ver as notas expositivas completas sobre a «importância da humanidade de Jesus», em Fil. 2:7).

Deveria ser lembrado que os homens, dotados pelo Espírito, apesar de serem «instrumentos» de seu poder, são mais do que isso. O próprio poder que têm e usam os «espiritualiza», para que venham a compartilhar da imagem e da natureza de Cristo; e assim chegam a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4). Desse modo, assim como Cristo assumiu humanidade e foi transformado como homem, na qualidade de Pioneiro do caminho, assim tomamos a sua essência, a sua natureza de Filho, o Deus-homem. Esse é o grande designio do evangelho (comentado em Col. 2:10). Quão importante, pois, foi sua autêntica identificação com os homens, em sua humanidade, e quão gloriosa é a nossa identificação com ele, em sua divindade!

Jesus, como homem, ensinou-nos o imperativo moral do evangelho. Os gnósticos faziam da imoralidade parte oficial de seu sistema ético. (Ver as notas sobre isso na seção VI desta introdução). Jesus contradiz tudo isso. Sua humanidade tem tremenda importância ética, e a veracidade de sua experiência é infundida em todos os seus verdadeiros discípulos. Judas ensina-nos claramente essa lição, sendo essa uma das razões porque sua epístola foi preservada, por que ela mereceu lugar no «cânon» do N.T.

### I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA

Judas é um daqueles livros (juntamente com Tiago e II Pedro) menos confirmados pelos antigos pais da igreja. Ou era desconhecido ou foi ignorado por Policarpo e Irineu e Inácio, do começo do século II D.C. Há frases e declarações similares

nos escritos de Policarpo (115 D.C.), conforme se vê em sua epístola aos Filipenses 3:2, que se parecem com o que diz Judas 3 e 20, ao usar a figura simbólica da «edificação na fé». O trecho de Filipenses 1:10, de Policarpo, é similar a Jud. 21; e Filipenses 11:4 é similar a Jud. 20,23. Porém, a maioria dos eruditos acredita que essas instâncias nada provam senão que houve um «fundo de frases» que era comum ao ensinamento cristão primitivo, que encontrou caminho a muitos documentos antigos, sem que isso envolva qualquer «dependência literária». Também há similaridades verbais entre as doxologias de I Clemente 20:12 e 66:2 (95 D.C.) e Jud. 25; e entre *Hermas*, Sim. V, 7.2 (130 D.C.?), na alusão à contaminação do corpo, e Jud. 8. Uma vez mais, porém, nada de muito convincente pode ser dito para mostrar qualquer dependência literária entre essas obras e esta epístola de Judas. Outrossim, nesses primeiros escritos, Judas nunca é mencionado como quem escreveu algo.

A dependência de II Pedro a esta epístola de Judas, todavia, é algo universalmente reconhecido, embora alguns poucos eruditos pensem que Judas é que depende de II Pedro. (Essa questão é discutida na seção V da introdução à segunda epístola de Pedro). Mas, visto que a segunda epístola de Pedro foi aceita depois da de Judas, a única coisa que essa dependência prova é que a epístola de Judas foi escrita primeiro.

A primeira menção indisputada à epístola de Judas, na igreja antiga, aparece no cânon Muratoriano (que reflete a aceitação por parte da igreja romana, em cerca de 190 D.C.). Até mesmo nesse caso, entretanto, a menção a Judas é fraseada de tal modo que mostra que tal livro não era reconhecido como canônico em certas seções da igreja cristã. Esta epístola é omitida no cânon Monseniano, um catálogo africano de livros sacros, feito em cerca de 350 D.C., pelo que até cerca dos meados do século IV, a posição desta epístola não estava garantida no «cânon», em algumas porções da igreja. Todavia, quando do terceiro concílio de Cartago (397 D.C.), Judas foi incluída na lista das Escrituras canônicas.

*Tertuliano* (197 D.C.) aceitava a epístola de Judas; e visto que o trecho de Jud. 14,15 usa o livro de Enoque, ele inferiu disso a posição bíblica daquele livro também. Isso mostra que a questão do cânon ainda era fluida naquele tempo e que a epístola de Judas fora traduzida para o latim, sendo conhecida nessa forma, mui provavelmente, na província romana da África.

*Clemente de Alexandria* (200 D.C.) não somente aceitava esta epístola como canônica, mas também dizia que Judas, o meio-irmão do Senhor Jesus, fora o seu autor. (O Instrutor III.8; comparar com *Miscelâneas* III.2). No seu *Paed.* iii.8.44, Clemente cita Judas 5 e 6 por nome, e na próxima seção (46), cita ele Jud. 11; embora sem identificar o autor. Em seu *Strom.* iii.2.11 ele cita Judas 8-10 por nome (identificando a citação como de Judas).

*Orígenes* (250 D.C.) trata Judas mais ou menos como fez com II Pedro. Ele reconheceu as dúvidas que circundavam o livro, mas não parecia entreter pessoalmente tais dúvidas. Em sua versão latina de Judas, ele dá o título de «apóstolo» a Judas. Cita Jud. 6 em seu «*In Matth.*», vol. xvii,30. Na mesma obra (x.17), ele menciona diretamente a Judas como autor, reconhecendo assim a sua autoridade; em sua versão latina ele cita Jud. 6 (em ad Rom. iii.6). Em sua «*Epíst. ad Alex.*», ele cita o trecho de Jud. 8 e 9.

O *Interpreter's Bible* está utilizado neste comentário pela gentil permissão da Abingdon-Cokesbury Press, Nashville. Desta obra, são citados, em Judas, os autores Albert E. Barnett e Elmer G. Homrighausen.

*Eusébio* (340 D.C.) dá-nos sua própria opinião, pensando que a epístola de Judas era «falsa», com base no fato que poucos pais antigos mencionaram-na ou citaram-na por nome. Diz ele que a aceitação dessa epístola, por parte de Clemente, se deveu ao fato que ele não hesitava em usar o testemunho de escritos disputados, entre os quais ele situava vários livros apócrifos do A.T., como a «Sabedoria de Salomão», a «Sabedoria de Jesus, filho de Siraque», além de alguns livros apócrifos do N.T., como a Epístola aos Hebreus, e as epístolas de Barnabé, Clemente e Judas. (Ver *História Eclesiástica* VI.13.6; VI.14.1). Em alguns lugares, Eusébio chama de «espúria» a esta epístola, ou então de «disputada» (ver *História Eclesiástica* II.23.24-25; III.25.3; VI.13.6; 14.1). Isso mostra que até aos meados do século IV D.C., a canonicidade desta epístola era questão debatida, devida, principalmente, ao fato que poucos dos pais da igreja a aceitavam, entre os quais não havia nenhum dos fins do primeiro e do começo do segundo séculos.

*Atanásio* (367 D.C.) incluía Judas sem nenhuma dúvida, em seu «cânon». A sua lista foi a primeira lista canônica a incluir todos os vinte e sete livros do N.T. que atualmente são aceitos.

*Jerônimo* (392 D.C.) também incluía esta epístola sem qualquer laivo de dúvida, embora admitisse que, em seus próprios dias, alguns a rejeitavam, especificamente por ser ela citada no livro apócrifo de Enoque (*Sobre Homens Famosos*, IV).

Pode-se ver, pois, que somente nos fins do século IV D.C. é que parte da igreja cristã veio a aceitar a epístola de Judas; mas até mesmo no fim desse século alguns ainda duvidavam da autenticidade da mesma, julgando não ter ela o direito de fazer parte do «cânon» das Escrituras. (Quanto a informações sobre a formação do «cânon», ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse tema).

## II. AUTORIA

Apresentamos aqui os argumentos, pró e contra a idéia que Judas, o apóstolo, ou Judas, irmão do Senhor, escreveram este livro.

*Dúvidas e disputas:* Argumentos contrários, típicos de escritos e livros.

A confirmação antiga (ver as notas anteriores) naturalmente tem uma relação direta com a questão da autoria. Poder-se-ia crer, indagam alguns, que se Judas, um apóstolo, ou se Judas, um irmão autêntico do Senhor, tivessem escrito algo, que a igreja dos primeiros séculos teria ignorado ou duvidado de sua autenticidade? O autor parece tentar identificar-se como irmão do Senhor (presumivelmente ligando-se a Tiago, que supomos devemos entender como irmão do Senhor). Mas o testemunho antigo é que as coisas não foram realmente assim, pelo que teríamos à frente uma *pseudepígrafe*, isto é, um livro cujo autor não é aquele declarado na introdução. Isso surpreende os leitores modernos, porque imediatamente pensam em «obra forjada», «fraude» e «desonestidade». Mas isso é ignorar o fato que os antigos aceitavam tais escritos com naturalidade, pois eram frequentemente produzidos em honra a algum mestre, como tributo prestado a algum bem conhecido professor, com propósitos de fomentar seu prestígio e suas doutrinas. Muitos escritores anônimos, que ligavam o nome de algum mestre a seus escritos, provavelmente faziam-no em atitude humilde, e com nobres propósitos. Os antigos simplesmente não viam a questão do modo como a vemos. O advento de Cristo produziu grande atividade literária, pelo que muitos evangelhos, atos, epístolas e apocalipses, que trazem nomes de famosos cristãos primitivos, como apóstolos e outros, não foram realmente escritos pelos tais. (Ver o artigo, na introdução ao comentário, sobre os «livros apócrifos do N.T. e outra literatura cristã primitiva»). Não se deve estranhar, pois, se nosso cânon final do N.T., que precisou de alguns séculos para atingir sua fruição, tenha incluído um ou mais desses escritos «*pseudepígrafes*». Além disso, a investigação no campo da autoria dentro dos estudos neotestamentários, é algo plenamente justificado. Se afirmarmos que um ou mais dos livros do N.T. não foram escritos pelos autores cujos nomes aparecem na introdução dos mesmos, não afirmamos mais do que o fizeram quase todos os pais mais antigos da igreja, cuja fé cristã estava acima de reprimenda, e que estavam em melhor posição para julgar essas coisas que nós, os modernos.

Vários eruditos, não aceitando que Judas, o apóstolo, ou Judas, irmão do Senhor, escreveu o livro, mas não querendo

dar-lhe o título de *pseudepígrafe*, têm procurado vinculá-lo a certo bispo de Jerusalém, conforme se lê em Eusébio; e alguns têm identificado com ele o autor sagrado. Todas essas conjecturas, porém, não têm qualquer possibilidade de prova, e quando muito são tentativas precárias. Outros, esperando preservar o título «Judas», conjecturam que as palavras «irmão de Tiago» são uma interpolação antiga, que visa a identificar o livro com o «círculo apostólico». Nesse caso, algum «Judas» desconhecido escreveu o livro, e isso explicaria por que a igreja primitiva essencialmente o ignorou, até ao século IV D.C. Porém, não há qualquer evidência textual em favor dessa idéia, e ela não se recomenda a nós como válida.

É interessante notar que Hegesipo tinha alguma prova do fato que dois netos de Judas foram levados perante Domiciano, pois as autoridades se tinham alarmado ante o fato que se diziam descendentes de Davi, estando diretamente aparentados com o próprio Cristo. Porém, quando aqueles homens mostraram suas mãos calejadas, e tendo descrito quão pouco possuíam, e tendo falado do «reino» pelo qual esperavam, que «não é deste mundo», foram despedidos entre zombarias (ver Eusébio, *História Eclesiástica* iii.20). Os descendentes de Judas viveram até ao reinado de Trajano (até 117 D.C.) e morreram homens idosos (Eusébio, *História Eclesiástica* iii.32.5). Isso subentende que o Judas original era homem não muito mais jovem que Jesus, mas também subentende que o próprio Judas morreu relativamente cedo (provavelmente antes de 70 D.C.). Sendo esse o caso, não é provável que Judas, irmão do Senhor, tenha escrito o livro à nossa frente, porquanto parece envolver um ataque ao gnosticismo do século II D.C. Outrossim, se tais detalhes como os ditos acima foram preservados acerca de indivíduos remotos, meramente por estarem relacionados com Judas, como se pode imaginar que qualquer escrito genuíno seu pudesse ter sido totalmente ignorado pela igreja primitiva?

Apresentamos agora uma típica defesa da idéia que Judas, irmão do Senhor, foi autor deste livro. O leitor, munido das informações acima, será capaz de ver os pontos fracos e fortes dos argumentos dados abaixo (extraídos do Comentário de Lange):

«1. Quanto ao testemunho antigo, vemos que essa epístola fora recebida no cânon das Escrituras no século IV D.C. Jerônimo reconhece seu caráter genuíno, mas observa que em consequência de citar do livro apócrifo de Enoque, era repelida pela 'maioria'—tal rejeição, pois, não tinha bases objetivas e históricas... Eusébio a classifica entre as *antilegômena*, e adiciona que embora muitos dos antigos não a tenham mencionado, era publicamente usada pela maioria das igrejas. Orígenes alude a ela respeitosamente (*Comentário em Mat.* 13:55,56, par. 17: 'Judas escreveu uma epístola de poucos versículos, embora dotada de palavras vigorosas de graça celestial'), citando-a repetidamente, e só em um lugar duvida de sua genuinidade... É mencionada no antigo fragmento muratoriano (cerca de 170 D.C.). Clemente de Alexandria teceu comentários a seu respeito, atribuindo-a expressamente ao apóstolo Judas; e Orígenes também chama-o de apóstolo em dois lugares... Não aparece na antiga versão siríaca Peshitto... O testemunho dos pais não recua mais do que isso... A razão talvez esteja na brevidade da epístola, em sua afinidade com II Pedro, e, conforme ficaremos convictos, em sua origem não-apostólica... Sumariando o testemunho, descobrimos que prepondera em favor do caráter genuíno da epístola».

«2. Quanto às bases 'internas', os críticos não têm podido firmar objeções válidas. De Wette nota que a autoria de Judas não é afetada pelo uso do livro de Enoque, nem por sua provável familiaridade com a epístola aos Romanos, nem por sua dicção dura, a qual, apesar disso, mostra familiaridade com o idioma grego. Huther rebate com razão a suposição superficial de Schwegler de que os vs. 17 e 18 atribuem a epístola a uma data post-apostólica, dizendo que aqueles versículos de modo algum frisam uma era post-apostólica, pois antes supõem que os leitores da epístola tinham ouvido a pregação dos apóstolos; e que se, conforme ainda supõe Schwegler, a epístola visava a servir aos interesses do judaísmo contra o paulinismo, certamente isso deveria transparecer na epístola; um forjador, outrossim, dificilmente teria atribuído seu escrito a um homem de tão pouca proeminência quanto esse Judas...».

«A epístola transpira um espírito moral estrito, brilhando de zelo contra o erro e o vício, cuidando amorosamente da salvação das almas, mostrando profunda reverência por Deus

e sua Palavra. Assim, pois, em tudo é digna de ter-se originado em um primitivo cristão, que estava tão intimamente relacionado ao Senhor».

«Não devemos permitir que nosso juízo seja afetado pelo uso do livro apócrifo de Enoque, da tradição de Enoque e do *'ascensio Mosis'*, visto que Paulo também dá os nomes dos mágicos egípcios, Janes e Jambres, embora nada seja dito acerca deles nos livros históricos do A.T. (Ver II Tim. 3:8). Antes, admiremos a reserva com que o autor de nossa epístola usa o livro de Enoque, o qual contém tantas coisas fantásticas, a fim de nessa reserva reconhecermos a orientação do Espírito de Deus. Além de depender decididamente da segunda epístola de Pedro, a de Judas contém muitas características originais, comparações notáveis (por exemplo, os vs. 12,13), delineações características em poucas palavras (vs. 19), exortações sábias e bem pensadas (vs. 20-23). Como prova da originalidade do autor sagrado, deve-se mencionar que os 25 versículos desta epístola contêm nada menos que dezoito *'apaks legomena'*, nos vs. 3,4,7,10,11,12,13,15,17,19 e 23».

O comentário de Lange prossegue, dando razões por que Judas, o apóstolo, não é o autor, principalmente porque o próprio livro parece ter o cuidado de não nos dar essa impressão. Argumenta ele que o «Tiago» mencionado deve ter sido indivíduo bem conhecido, já que o autor se identifica com ele (como seu irmão), como se isso fosse significativo para seus leitores. Quem, pois, são esses irmãos? A história de Eusébio (H.E. 3,19,20) é citada para mostrar que Judas (irmão do Senhor) tinha um irmão de nome Tiago. Eusébio também menciona um certo «Tiago» um irmão do Senhor, o qual, juntamente com os apóstolos, era líder da igreja de Jerusalém, trazendo a alcunha de «Justo». Josefo informa-nos de que o sumo sacerdote Anano fez Tiago, irmão 'do chamado Cristo', ser apedrejado (62 D.C.), descrevendo-o como um homem reto. «Os pais chamam-no claramente de bispo de Jerusalém; assim fazem-no Eusébio, Jerônimo, Nicéforo... A igreja antiga, pois, considerava o Judas e o Tiago aqui referidos como irmãos do Senhor segundo a carne. Em que isso concorda com o N.T.? Paulo, em Gál. 1:19 apresenta-nos Tiago, irmão do Senhor, e evidentemente o distingue, por aquela designação, do apóstolo Tiago, o Menor; e descreve-o como um apóstolo em sentido mais lato (cf. II Cor. 8:23; Rom. 16:7; Fil. 2:25 e Atos 14:14). Portanto, não precisamos ficar surpreendidos que alguns dos pais, como Jerônimo, Epifânio e Agostinho, também o tivessem chamado de apóstolo... (ver Mat. 13:55 e Marc. 6:3). Os nomes dos irmãos do Senhor eram Tiago, Joses, Simão e Judas...» (Neste ponto Lange expõe razões para crer que estão em foco «irmãos» autênticos, e não «primos», material esse fora do escopo de nossa investigação).

«Entre os irmãos do Senhor, após se terem tornado crentes, logo Tiago veio a ocupar lugar de destaque. Ele é apresentado como representante da tendência judaico-cristã da igreja-mãe (ver Atos 12:17). Seu íntimo parentesco com o Senhor, sua vida piedosa e seus hábitos austeros logo o elevaram à dignidade apostólica. No concílio dos apóstolos sobre a obrigatoriedade da lei, seu parecer mostrou ser decisivo (ver Atos 15:13). O concílio dos anciãos reunia-se em torno dele (ver Atos 21:18). Entre as colunas da igreja, ele é mencionado em primeiro lugar (Gál. 2:9), ao passo que outros lugares Pedro é o príncipe dos apóstolos. Provavelmente ele é o autor da epístola de Tiago do cânon; pois os princípios ali contidos concordam com o que se sabe de sua vida, noticiado pelos pais; e ele, tal como Judas, descreve-se não como apóstolo, mas apenas como servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo (ver Tia. 1:1). Tem-se objetado que Lucas não distingue claramente o Tiago não-apostólico do apóstolo Tiago, o qual é aludido em Atos 1:13, porém, podemos responder, juntamente com Huther, que a familiaridade que então os cristãos tinham com todas as circunstâncias não exigia que tal distinção fosse feita de modo especial, o que também sucede no caso dos dois Filipes (ver Atos 1:13 e 8:5). A assertiva de Wiesler de que a igreja de Jerusalém não reconheceria como seu cabeça quem não fosse apóstolo, não pode ser consubstanciada por qualquer razão. Nosso Judas foi irmão daquele reverenciado líder de Jerusalém, tendo a mesma relação de família com o Senhor. O fato de não se ter descrito como irmão do Senhor, tal como Tiago faz em sua epístola, pode ter-se motivado na modéstia, ou em seu senso da relação que mantinha com Cristo, espiritualmente falando, o que prevaleceu sobre a relação física, tal como se deu no caso de nosso Senhor mesmo (ver Mat. 12:48-50)».

## Conclusão:

1. Se nossa disposição é concordar com os primeiros pais da igreja (antes dos meados do século III D.C.), então rejeitaríamos Judas (apóstolo ou irmão do Senhor) como autor deste livro. Se nossa inclinação é concordar com a igreja do século IV D.C. e depois, provavelmente aceitaríamos Judas, irmão do Senhor, como autor deste livro.

2. O nome «Judas» era comum, tal como o de «Tiago» (no grego, «Jacó»). O Judas deste livro não afirma ser irmão do Senhor. Vários intérpretes, antigos e modernos, sugerem vários «Judas» como autor desta epístola. Apesar de podermos dizer que «provavelmente» o autor queria identificar-se como «irmão do Senhor», mas a humildade não o deixou asseverar tão alta posição, o único «fato» que podemos afirmar é que o livro à nossa frente é anônimo. Portanto, sem importar o que cremos sobre a identidade de seu autor, se foi «este» ou «aquele» Judas, assim cremos por causa da aceitação de uma ou outra tradição. Não se pode acreditar nisso devido a qualquer declaração constante na própria epístola de Judas.

3. Nenhum dos pais realmente antigos da igreja identificou o livro com Judas, irmão do Senhor, e vários pais posteriores negaram vigorosamente que pudesse ter sido escrito por ele. Isso se deve, em parte, porque há ali citações extraídas de dois livros apócrifos, *Enoque* e a *Assunção de Moisés*; e alguns dos pais da igreja, pensando que esses livros não eram dignos de ser citados, automaticamente pensaram que Judas era indigno de ser considerado livro «canônico», por ter-se utilizado de tal material em suas citações.

4. Este livro se acha entre os mais «debatidos» do N.T., e tem retido essa posição até hoje. Essa «disputa» tange à sua autoria e à sua canonicidade. Minha própria opinião é que Deus teve parte na formação do cânon, e embora isso tenha ocupado vários séculos, certos livros foram preservados para nós. «A mão de Deus sobre o livro de Judas» subentende sua inspiração, de tal modo que qualquer discussão de autoria humana se torna secundária, sobretudo quando nenhuma conclusão certa é exequível, nos tempos antigos ou modernos. Nosso problema, pois, é «como obedecemos» ao que foi escrito neste livro, como participamos de seu zelo na defesa da fé, contra os erros satânicos, representados pelo gnosticismo (a heresia aqui atacada).

5. A questão da autoria do livro dificilmente pode ser usada como prova de ortodoxia ou de fé cristã, considerando-se o seu manuseio pelos pais mais antigos da igreja, cuja fé cristã está acima de reprimenda.

## III. DATA

Se Judas, irmão do Senhor, escreveu a carta, então não pode ser datado em posterior a 70 D.C. Provavelmente Judas não viveu mais que isso. Se esse Judas não a escreveu, então supomos que foi escrita nos começos do século II D.C., como um tratado contra o gnosticismo da época. Visto que é mencionado no cânon muratoriano, da última porção do século II D.C., o livro não pode ter sido escrito muito depois dos meados daquele século. Já que II Pedro incorpora grande parte do mesmo, então sua data deve ter precedido tal escrito. Se II Pedro pertence genuinamente a Pedro, então Judas teve de ser escrita realmente cedo. Em caso contrário, então o começo do século II D.C. é uma boa conjectura acerca da data da epístola de Judas, tão boa quanto qualquer outra conjectura.

## IV. PROVENIÊNCIA E DESTINO

*Proveniência.* Não se pode afirmar, com qualquer certeza, onde essa epístola foi escrita. Porém, se argumentarmos que a segunda epístola de Pedro teve proveniência romana, então seria razoável a suposição que Judas proveio dali também, já que aquele livro de Pedro incorpora muito da epístola de Judas. E se a epístola de Judas foi conhecida primeiramente em Roma e cercanias, então poderia ser copiada ali. Outrossim, a primeira menção dessa epístola aparece no «cânon Muratoriano», e isso reflete um uso romano, perto do final do século II D.C. Já que essa epístola foi pela primeira vez usada e reconhecida nessa área, é razoável supormos que ali foi ela composta. Seu reconhecimento, da parte de Tertuliano e da igreja de língua latina, antes de qualquer confirmação proveniente de outras áreas, parece apontar para a mesma conclusão. Outras sugestões relativas à proveniência têm sido Jerusalém, a Palestina (na suposição que seu autor foi Judas, irmão do Senhor), a Síria, o Egito e a Ásia Menor. (Ver a segunda epístola de Pedro, em sua introdução, no ponto



IV, quanto a outros argumentos que talvez dêem a entender a proveniência romana para ambas essas epístolas—Judas e II Pedro].

**Destino:** A saudação é «...aos chamados, amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo...» Essa é uma saudação muito geral, sem que qualquer indicação seja dada acerca de seus leitores originais. Provavelmente essa epístola tenha sido verdadeiramente «católica» ou «universal», não visando qualquer comunidade em particular, pois se destinava à igreja inteira, em todos os lugares, onde quer que houvesse dificuldades com o ataque gnóstico. A Ásia Menor estava infestada do ensino gnóstico, sendo possível que essa epístola foi enviada originalmente para aquela região, tal como o foram as epístolas joaninas e àquela dirigida aos Colossenses (todas as quais combatem o gnosticismo). A segunda epístola de Pedro também parece ter sido enviada para a Ásia Menor, por razões declaradas na secção IV da introdução daquele livro. Isso poderia servir de pequena indicação que Judas foi epístola que originalmente também foi posta a circular naquela região do mundo, pois, em algum sentido, a segunda epístola de Pedro é companheira desta epístola de Judas.

## V. RELAÇÃO ENTRE II PEDRO E JUDAS

Reconhece-se universalmente que há certa dependência literária entre essas duas epístolas, e a maioria dos eruditos supõe que o trecho de II Ped. 2:1-18 foi copiado de Jud. 3-18, apenas com leves modificações. Esse problema é amplamente discutido, com ilustrações, na secção V da introdução à segunda epístola de Pedro.

## VI. MOTIVO E PROPÓSITOS

**Motivo.** Quase todos os estudiosos, com razão, concordam que Judas foi epístola escrita para combater a heresia gnóstica que floresceu no segundo século da nossa era. A crise de falsos ensinamentos, que cercou a igreja, levou o autor sagrado a lançar um tratado que fora planejado para defender «...a nossa comum salvação...» Em seu lugar, ele pensou ser bom compor um violento ataque contra o gnosticismo. As doutrinas gnósticas específicas, que transparecem (sob ataque), nesta epístola de Judas, são as seguintes:

1. **Imoralidade dos mestres gnósticos** (ver o quarto versículo). Os gnósticos faziam da licenciosidade uma parte oficial de sua ética. Criam eles que a matéria é o princípio mesmo do mal; e assim, por participar da matéria, o corpo físico é o princípio do mal no homem. Também acreditavam que o sistema do mundo visa destruir a matéria, finalmente libertando o espírito para seu voo até à realidade espiritual e final. Supunham que devemos «cooperar» com o mundo nesse intuito, abusando do corpo. Isso faziam mediante ascetismo extremo (tipo de ética gnóstica combatida em Col. 2:15 e ss.) ou mediante a imoralidade extremada (tipo combatido nas epístolas pastorais, nas três epístolas joaninas e neste livro de Judas). Acreditavam os gnósticos que o espírito não se corrompe com aquilo que é feito através do corpo, tal como o ouro não perde sua essência e pureza se mergulhado na lama. Portanto, a imoralidade não somente era aceita, mas era encorajada. Isso contradizia radicalmente ao ponto de vista judaico-cristão da moralidade, pelo que os livros do N.T. que combatem o gnosticismo licencioso (mencionados acima), assediam fortemente as imoralidades gnósticas.

2. **Os gnósticos negavam a expiação pelo sangue de Cristo** (implícito no quarto versículo). Eles «negavam» a Deus e a nosso Senhor, Jesus Cristo. Criam eles que o «Espírito-Cristo» (o «aeon» ou emanção angelical, embora não o grande «Logos») meramente viera possuir o corpo do homem Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, não se tendo «encarnado» realmente. Repeliam a encarnação como algo metafisicamente impossível e moralmente prejudicial. Se um espírito viesse a encarnar-se, ficaria corrompido pela matéria, o princípio do mal. Já que Cristo não se encarnara, e, por conseguinte, não sofrera e nem morrera, como poderia ter feito expiação? Quando o homem Jesus morreu, o «aeon» ter-se-ia afastado dele; e sua morte, portanto, teria sido meramente humana, sem qualquer valor expiatório. (Ver o trecho de II Ped. 2:1, que diz: «...até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição», o que é clara alusão à «expição»). E pode-se supor que em Jud. 4 há a mesma alusão.

3. **Os gnósticos negavam a Deus Pai** (ver o quarto versículo). Tinham um conceito «delsta» de Deus. Em outras palavras, Deus teria criado a tudo, mas seria tão

transcendental que nada mais teria a ver com a sua criação. Teria deixado sua criação entregue às leis naturais, não interferindo e nem recompensando e punindo. O cristianismo autêntico, porém, toma a posição «teísta», isto é, Deus não somente existe e criou a tudo, mas também intervém na história humana, recompensando e punindo. O fato que negavam os gnósticos a Deus, provavelmente também inclui a ideia que tinham vidas ímpias e imorais. Isso negava qualquer pretensão que tivessem de ser inspirados e guiados por Deus.

4. **A imoralidade e perversão dos gnósticos** era algo profundo (ver os versículos quinto a décimo nono). Essa porção da epístola descreve, nos termos mais horrendos, a natureza moral dos falsos mestres, fortalecida tal descrição com alusões ao A.T. e aos livros apócrifos do A.T. Foi a fim de combater tal imoralidade, que se fazia passar por «cristã», que esta epístola foi escrita.

5. **Os gnósticos negavam que a salvação plena fosse oferecida aos homens** (o que talvez fique refletido nos versículos vinte e um a vinte e três). Os gnósticos dividiam os homens em três classes: a. Os «*hílicos*» ou terrenos, que estariam tão mergulhados na matéria que nunca poderiam escapar, pelo que haveriam de perecer na grande conflagração que assinalaria o fim das «*emanações*», quando a criação retornaria ao seu «foco central», Deus. A maioria dos homens pertenceria a essa classe, pelo que seriam eles totalmente incapazes de receber a redenção. b. Os «*psíquicos*». Estes seriam espirituais até certo ponto, como os profetas do A.T., os quais poderiam receber uma forma secundária de salvação, com base na «fé», que seria inferior ao «conhecimento». Todos os homens bons que não fossem «gnósticos» pertenceriam a essa classe. c. Finalmente, haveria os «*pneumáticos*», que seriam os indivíduos realmente espirituais, remidos através do «conhecimento», e, portanto, «gnósticos» (termo que procede do vocábulo grego «*gnosis*», «conhecimento»). Os indivíduos dessa última classe seriam, finalmente, reabsorvidos pelo Espírito divino, com a perda de sua identidade pessoal, em que o «ego» se tornaria em «superego».

Quase todos os gnósticos eram «*docéticos*» ou «*semidocéticos*». Supunham que Jesus, o Cristo, não teria corpo humano, mas tão-somente «pareceria» ser humano (do que se deriva o termo «docetismo», no grego, «*dokeo*», «parecer»). Isso expressa o «docetismo puro», a total negação de qualquer tipo de humanidade associada à pessoa de Cristo. Todavia, a maioria dos gnósticos era «semidocética». Acreditavam na teoria da «possessão». Um «aeon» (emanação angelical—o Espírito-Cristo) teria vindo possuir o homem Jesus de Nazaré quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião de sua morte. Não era humano e nem jamais se «encarnara». Mediante essa forma estranha de «cristologia», pois, os mestres gnósticos negavam o verdadeiro Cristo. (Ver o quarto versículo. Ver as notas completas sobre o «gnosticismo» em Col. 2:18, onde aparece a nota de sumário a respeito).

**Propósitos:** Pelo que é dito nas notas acima, o «propósito» do autor sagrado é claro. Ele escrevia contra a heresia do gnosticismo, esperando quebrar o encantamento exercido pelo mesmo sobre os crentes, trazendo-os de volta ao evangelho apostólico. Ao longo do caminho também queria dar instruções positivas sobre a natureza da verdadeira fé; e isso faz ao mencionar várias crenças cristãs, contrastando-as com a heresia que havia ao redor. Também os encorajou a «lutarem» pela fé cristã que vinha sendo atacada pelos hereges (ver o terceiro versículo), e isso «diligentemente», porquanto grande crise sobreviera à igreja cristã. Se o gnosticismo houvesse ganho nessa batalha, o cristianismo ter-se-ia transformado apenas em um outro culto misterioso. Contudo, durou somente cento e cinquenta anos; e a fé cristã triunfa até aos nossos dias.

Além desse propósito polêmico, o autor sagrado também quis consolar aos verdadeiros crentes (ver os versículos vinte em diante). Há uma fé revelada, na qual devemos confiar, e há orações a serem feitas no Espírito Santo. Também há o amor de Deus, que nos guarda e no qual nos devemos resguardar. E há a «vida eterna», a qual será obtida pelos fiéis, os que permanecerem na esfera da graça divina. E Deus é capaz de conservar-nos, impedindo-nos a queda, não nos deixando perecer, arrastados pelo encantamento de qualquer heresia. E, finalmente, ele nos apresentará diante de si mesmo sem falha e com inextinguível alegria. Por conseguinte, aquele que é o único Deus sábio, o nosso Salvador, seja a glória, a majestade, o domínio e o poder, tanto agora como para sempre. Assim seja.

Em contraste com a bem-aventurança de que desfrutaram os verdadeiros crentes, temos a «condenação» em que incorrem os falsos mestres. O autor sagrado mostra que assim como Deus julgou, no tempo passado, haverá de julgar novamente; e que o juízo divino inevitavelmente recairá sobre os que rejeitarem a Cristo. (Ver os versículos 5-7, 14, 15).

A apostasia sobreviera à igreja com poder repentino e eficaz. Isso poderia ter deixado confusos a alguns, em dúvida acerca da mensagem cristã. O autor sagrado mostra (sendo esse um dos propósitos desta epístola), que tudo isso fora predito (ver os versículos décimo sétimo e décimo oitavo), e que a apostasia era apenas um dos sinais dos «últimos tempos», nos quais a igreja cristã (conforme acreditava o autor sagrado) já vivia.

#### VII. CONTEÚDO

- I. Saudação (vss. 1,2)
- II. Propósito Central da Epístola (vss. 3,4)
- III. A apostasia não é nova: exemplos históricos (vss. 5-7)
- IV. Descrição dos hereges gnósticos (vss. 8-13)

Para que melhor compreenda esta epístola, o leitor deveria consultar primeiramente a introdução que aborda a questão da confirmação antiga, a autoria, a data, a proveniência e o destino, seu motivo e propósitos e suas relações para com a segunda epístola de Pedro.

Judas é uma das chamadas epístolas católicas ou «universais». E, em relação com certos livros do N.T., indica isso que eles foram escritos para a «igreja cristã em geral», e não para alguma pessoa ou congregação local. Para alguns eruditos, esse vocábulo significa «canônico», mas esse não é seu uso normal. Uma completa discussão sobre o termo «católico», quando aplicado aos livros do N.T., aparece nas notas introdutórias à epístola de Tiago, após a introdução formal e antes do começo das notas expositivas sobre o seu primeiro versículo. As «epístolas católicas» são as de Tiago, I e II Pedro, I, II e III João e Judas.

Homrighausen (introdução adicionada imediatamente após Judas 1:1) comenta sobre a *surpreendente* natureza de alguns dos documentos bíblicos. O livro de Ester, por exemplo, não menciona nunca o nome de «Deus», embora esteja repleto de exemplos da providência divina. Grande parte do livro de Eclesiástico foi escrito por um cínico declarado, mas que, devido ao seu cinismo, é forçado a achar a Deus. O livro de Apocalipse é um livro misterioso que desafia mas também atrai aos intérpretes, até aos nossos próprios dias. A epístola de Judas também é surpreendente. Possui um estilo original, enérgico, pitoresco; seu tom é intenso, veemente, denunciador. É judaico-cristão em seu ponto de vista, mas sua estrutura é aramaica, abundante de arranjos triplíces, conforme o descreveu Frederick W. Farrar, em seu livro «The Messages of the Books», pág. 450. A epístola de Judas tem afinidades com a literatura apocalíptica, embora, historicamente, seja um sólido ataque contra a heresia. Seu conteúdo é sui generis, porquanto cita livros apócrifos do A.T. e atribui a queda dos anjos a pecados com mulheres mortais. Porém, sem levar em conta os seus elementos estranhos, trata-se de um necessário alarme, dirigido aos crentes, para que preservassem a fé ensinada pelos apóstolos.

A despeito de certas disputas acerca de sua autoria, e apesar de haver sido admitida tardiamente no «cânon» do N.T., não hesitamos em dizer, juntamente com Orígenes: «Apesar de consistir de alguns poucos versículos, contudo, está repleta de poderosas palavras de graça celestial».

#### 1. Saudação (Vss. 1,2).

O autor sagrado se apresenta aqui a seus leitores. Seu herói é «Tiago», o irmão do Senhor. Escreve ele em honra a Judas, irmão de Tiago. Assim fazendo, queria que soubessem que ele defendia o evangelho apostólico contra os assédios da heresia gnóstica, além de exortar a seus leitores que reconheçam a urgência da defesa à fé cristã. Ele, e outros semelhantes a ele, salvaram a igreja primitiva de tornar-se apenas outra das religiões misteriosas greco-romanas, o que fatalmente teria sucedido, se o gnosticismo houvesse ganho a batalha.

1 Ἰούδας Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος, ἀδελφὸς δὲ Ἰακώβου, τοῖς ἐν θεῷ πατρὶ ἡγαπημένοις<sup>1</sup> καὶ Ἰησοῦ Χριστῷ τετηρημένοις κλητοῖς<sup>2</sup>

<sup>1</sup> I B; ἡγαπημένοις<sup>2</sup> M A B Ψ 61 89 326<sup>14</sup> 330 436 451 929 630 1241 1305 1738 12498 ἡγαπομαι<sup>2</sup> 2465 Jm; ἡγαπομαι<sup>2</sup> 136 392<sup>14</sup> 136<sup>15</sup> 137<sup>15</sup> 138<sup>15</sup> 139<sup>15</sup> 140<sup>15</sup> 141<sup>15</sup> 142<sup>15</sup> 143<sup>15</sup> 144<sup>15</sup> 145<sup>15</sup> 146<sup>15</sup> 147<sup>15</sup> 148<sup>15</sup> 149<sup>15</sup> 150<sup>15</sup> 151<sup>15</sup> 152<sup>15</sup> 153<sup>15</sup> 154<sup>15</sup> 155<sup>15</sup> 156<sup>15</sup> 157<sup>15</sup> 158<sup>15</sup> 159<sup>15</sup> 160<sup>15</sup> 161<sup>15</sup> 162<sup>15</sup> 163<sup>15</sup> 164<sup>15</sup> 165<sup>15</sup> 166<sup>15</sup> 167<sup>15</sup> 168<sup>15</sup> 169<sup>15</sup> 170<sup>15</sup> 171<sup>15</sup> 172<sup>15</sup> 173<sup>15</sup> 174<sup>15</sup> 175<sup>15</sup> 176<sup>15</sup> 177<sup>15</sup> 178<sup>15</sup> 179<sup>15</sup> 180<sup>15</sup> 181<sup>15</sup> 182<sup>15</sup> 183<sup>15</sup> 184<sup>15</sup> 185<sup>15</sup> 186<sup>15</sup> 187<sup>15</sup> 188<sup>15</sup> 189<sup>15</sup> 190<sup>15</sup> 191<sup>15</sup> 192<sup>15</sup> 193<sup>15</sup> 194<sup>15</sup> 195<sup>15</sup> 196<sup>15</sup> 197<sup>15</sup> 198<sup>15</sup> 199<sup>15</sup> 200<sup>15</sup> 201<sup>15</sup> 202<sup>15</sup> 203<sup>15</sup> 204<sup>15</sup> 205<sup>15</sup> 206<sup>15</sup> 207<sup>15</sup> 208<sup>15</sup> 209<sup>15</sup> 210<sup>15</sup> 211<sup>15</sup> 212<sup>15</sup> 213<sup>15</sup> 214<sup>15</sup> 215<sup>15</sup> 216<sup>15</sup> 217<sup>15</sup> 218<sup>15</sup> 219<sup>15</sup> 220<sup>15</sup> 221<sup>15</sup> 222<sup>15</sup> 223<sup>15</sup> 224<sup>15</sup> 225<sup>15</sup> 226<sup>15</sup> 227<sup>15</sup> 228<sup>15</sup> 229<sup>15</sup> 230<sup>15</sup> 231<sup>15</sup> 232<sup>15</sup> 233<sup>15</sup> 234<sup>15</sup> 235<sup>15</sup> 236<sup>15</sup> 237<sup>15</sup> 238<sup>15</sup> 239<sup>15</sup> 240<sup>15</sup> 241<sup>15</sup> 242<sup>15</sup> 243<sup>15</sup> 244<sup>15</sup> 245<sup>15</sup> 246<sup>15</sup> 247<sup>15</sup> 248<sup>15</sup> 249<sup>15</sup> 250<sup>15</sup> 251<sup>15</sup> 252<sup>15</sup> 253<sup>15</sup> 254<sup>15</sup> 255<sup>15</sup> 256<sup>15</sup> 257<sup>15</sup> 258<sup>15</sup> 259<sup>15</sup> 260<sup>15</sup> 261<sup>15</sup> 262<sup>15</sup> 263<sup>15</sup> 264<sup>15</sup> 265<sup>15</sup> 266<sup>15</sup> 267<sup>15</sup> 268<sup>15</sup> 269<sup>15</sup> 270<sup>15</sup> 271<sup>15</sup> 272<sup>15</sup> 273<sup>15</sup> 274<sup>15</sup> 275<sup>15</sup> 276<sup>15</sup> 277<sup>15</sup> 278<sup>15</sup> 279<sup>15</sup> 280<sup>15</sup> 281<sup>15</sup> 282<sup>15</sup> 283<sup>15</sup> 284<sup>15</sup> 285<sup>15</sup> 286<sup>15</sup> 287<sup>15</sup> 288<sup>15</sup> 289<sup>15</sup> 290<sup>15</sup> 291<sup>15</sup> 292<sup>15</sup> 293<sup>15</sup> 294<sup>15</sup> 295<sup>15</sup> 296<sup>15</sup> 297<sup>15</sup> 298<sup>15</sup> 299<sup>15</sup> 300<sup>15</sup> 301<sup>15</sup> 302<sup>15</sup> 303<sup>15</sup> 304<sup>15</sup> 305<sup>15</sup> 306<sup>15</sup> 307<sup>15</sup> 308<sup>15</sup> 309<sup>15</sup> 310<sup>15</sup> 311<sup>15</sup> 312<sup>15</sup> 313<sup>15</sup> 314<sup>15</sup> 315<sup>15</sup> 316<sup>15</sup> 317<sup>15</sup> 318<sup>15</sup> 319<sup>15</sup> 320<sup>15</sup> 321<sup>15</sup> 322<sup>15</sup> 323<sup>15</sup> 324<sup>15</sup> 325<sup>15</sup> 326<sup>15</sup> 327<sup>15</sup> 328<sup>15</sup> 329<sup>15</sup> 330<sup>15</sup> 331<sup>15</sup> 332<sup>15</sup> 333<sup>15</sup> 334<sup>15</sup> 335<sup>15</sup> 336<sup>15</sup> 337<sup>15</sup> 338<sup>15</sup> 339<sup>15</sup> 340<sup>15</sup> 341<sup>15</sup> 342<sup>15</sup> 343<sup>15</sup> 344<sup>15</sup> 345<sup>15</sup> 346<sup>15</sup> 347<sup>15</sup> 348<sup>15</sup> 349<sup>15</sup> 350<sup>15</sup> 351<sup>15</sup> 352<sup>15</sup> 353<sup>15</sup> 354<sup>15</sup> 355<sup>15</sup> 356<sup>15</sup> 357<sup>15</sup> 358<sup>15</sup> 359<sup>15</sup> 360<sup>15</sup> 361<sup>15</sup> 362<sup>15</sup> 363<sup>15</sup> 364<sup>15</sup> 365<sup>15</sup> 366<sup>15</sup> 367<sup>15</sup> 368<sup>15</sup> 369<sup>15</sup> 370<sup>15</sup> 371<sup>15</sup> 372<sup>15</sup> 373<sup>15</sup> 374<sup>15</sup> 375<sup>15</sup> 376<sup>15</sup> 377<sup>15</sup> 378<sup>15</sup> 379<sup>15</sup> 380<sup>15</sup> 381<sup>15</sup> 382<sup>15</sup> 383<sup>15</sup> 384<sup>15</sup> 385<sup>15</sup> 386<sup>15</sup> 387<sup>15</sup> 388<sup>15</sup> 389<sup>15</sup> 390<sup>15</sup> 391<sup>15</sup> 392<sup>15</sup> 393<sup>15</sup> 394<sup>15</sup> 395<sup>15</sup> 396<sup>15</sup> 397<sup>15</sup> 398<sup>15</sup> 399<sup>15</sup> 400<sup>15</sup> 401<sup>15</sup> 402<sup>15</sup> 403<sup>15</sup> 404<sup>15</sup> 405<sup>15</sup> 406<sup>15</sup> 407<sup>15</sup> 408<sup>15</sup> 409<sup>15</sup> 410<sup>15</sup> 411<sup>15</sup> 412<sup>15</sup> 413<sup>15</sup> 414<sup>15</sup> 415<sup>15</sup> 416<sup>15</sup> 417<sup>15</sup> 418<sup>15</sup> 419<sup>15</sup> 420<sup>15</sup> 421<sup>15</sup> 422<sup>15</sup> 423<sup>15</sup> 424<sup>15</sup> 425<sup>15</sup> 426<sup>15</sup> 427<sup>15</sup> 428<sup>15</sup> 429<sup>15</sup> 430<sup>15</sup> 431<sup>15</sup> 432<sup>15</sup> 433<sup>15</sup> 434<sup>15</sup> 435<sup>15</sup> 436<sup>15</sup> 437<sup>15</sup> 438<sup>15</sup> 439<sup>15</sup> 440<sup>15</sup> 441<sup>15</sup> 442<sup>15</sup> 443<sup>15</sup> 444<sup>15</sup> 445<sup>15</sup> 446<sup>15</sup> 447<sup>15</sup> 448<sup>15</sup> 449<sup>15</sup> 450<sup>15</sup> 451<sup>15</sup> 452<sup>15</sup> 453<sup>15</sup> 454<sup>15</sup> 455<sup>15</sup> 456<sup>15</sup> 457<sup>15</sup> 458<sup>15</sup> 459<sup>15</sup> 460<sup>15</sup> 461<sup>15</sup> 462<sup>15</sup> 463<sup>15</sup> 464<sup>15</sup> 465<sup>15</sup> 466<sup>15</sup> 467<sup>15</sup> 468<sup>15</sup> 469<sup>15</sup> 470<sup>15</sup> 471<sup>15</sup> 472<sup>15</sup> 473<sup>15</sup> 474<sup>15</sup> 475<sup>15</sup> 476<sup>15</sup> 477<sup>15</sup> 478<sup>15</sup> 479<sup>15</sup> 480<sup>15</sup> 481<sup>15</sup> 482<sup>15</sup> 483<sup>15</sup> 484<sup>15</sup> 485<sup>15</sup> 486<sup>15</sup> 487<sup>15</sup> 488<sup>15</sup> 489<sup>15</sup> 490<sup>15</sup> 491<sup>15</sup> 492<sup>15</sup> 493<sup>15</sup> 494<sup>15</sup> 495<sup>15</sup> 496<sup>15</sup> 497<sup>15</sup> 498<sup>15</sup> 499<sup>15</sup> 500<sup>15</sup> 501<sup>15</sup> 502<sup>15</sup> 503<sup>15</sup> 504<sup>15</sup> 505<sup>15</sup> 506<sup>15</sup> 507<sup>15</sup> 508<sup>15</sup> 509<sup>15</sup> 510<sup>15</sup> 511<sup>15</sup> 512<sup>15</sup> 513<sup>15</sup> 514<sup>15</sup> 515<sup>15</sup> 516<sup>15</sup> 517<sup>15</sup> 518<sup>15</sup> 519<sup>15</sup> 520<sup>15</sup> 521<sup>15</sup> 522<sup>15</sup> 523<sup>15</sup> 524<sup>15</sup> 525<sup>15</sup> 526<sup>15</sup> 527<sup>15</sup> 528<sup>15</sup> 529<sup>15</sup> 530<sup>15</sup> 531<sup>15</sup> 532<sup>15</sup> 533<sup>15</sup> 534<sup>15</sup> 535<sup>15</sup> 536<sup>15</sup> 537<sup>15</sup> 538<sup>15</sup> 539<sup>15</sup> 540<sup>15</sup> 541<sup>15</sup> 542<sup>15</sup> 543<sup>15</sup> 544<sup>15</sup> 545<sup>15</sup> 546<sup>15</sup> 547<sup>15</sup> 548<sup>15</sup> 549<sup>15</sup> 550<sup>15</sup> 551<sup>15</sup> 552<sup>15</sup> 553<sup>15</sup> 554<sup>15</sup> 555<sup>15</sup> 556<sup>15</sup> 557<sup>15</sup> 558<sup>15</sup> 559<sup>15</sup> 560<sup>15</sup> 561<sup>15</sup> 562<sup>15</sup> 563<sup>15</sup> 564<sup>15</sup> 565<sup>15</sup> 566<sup>15</sup> 567<sup>15</sup> 568<sup>15</sup> 569<sup>15</sup> 570<sup>15</sup> 571<sup>15</sup> 572<sup>15</sup> 573<sup>15</sup> 574<sup>15</sup> 575<sup>15</sup> 576<sup>15</sup> 577<sup>15</sup> 578<sup>15</sup> 579<sup>15</sup> 580<sup>15</sup> 581<sup>15</sup> 582<sup>15</sup> 583<sup>15</sup> 584<sup>15</sup> 585<sup>15</sup> 586<sup>15</sup> 587<sup>15</sup> 588<sup>15</sup> 589<sup>15</sup> 590<sup>15</sup> 591<sup>15</sup> 592<sup>15</sup> 593<sup>15</sup> 594<sup>15</sup> 595<sup>15</sup> 596<sup>15</sup> 597<sup>15</sup> 598<sup>15</sup> 599<sup>15</sup> 600<sup>15</sup> 601<sup>15</sup> 602<sup>15</sup> 603<sup>15</sup> 604<sup>15</sup> 605<sup>15</sup> 606<sup>15</sup> 607<sup>15</sup> 608<sup>15</sup> 609<sup>15</sup> 610<sup>15</sup> 611<sup>15</sup> 612<sup>15</sup> 613<sup>15</sup> 614<sup>15</sup> 615<sup>15</sup> 616<sup>15</sup> 617<sup>15</sup> 618<sup>15</sup> 619<sup>15</sup> 620<sup>15</sup> 621<sup>15</sup> 622<sup>15</sup> 623<sup>15</sup> 624<sup>15</sup> 625<sup>15</sup> 626<sup>15</sup> 627<sup>15</sup> 628<sup>15</sup> 629<sup>15</sup> 630<sup>15</sup> 631<sup>15</sup> 632<sup>15</sup> 633<sup>15</sup> 634<sup>15</sup> 635<sup>15</sup> 636<sup>15</sup> 637<sup>15</sup> 638<sup>15</sup> 639<sup>15</sup> 640<sup>15</sup> 641<sup>15</sup> 642<sup>15</sup> 643<sup>15</sup> 644<sup>15</sup> 645<sup>15</sup> 646<sup>15</sup> 647<sup>15</sup> 648<sup>15</sup> 649<sup>15</sup> 650<sup>15</sup> 651<sup>15</sup> 652<sup>15</sup> 653<sup>15</sup> 654<sup>15</sup> 655<sup>15</sup> 656<sup>15</sup> 657<sup>15</sup> 658<sup>15</sup> 659<sup>15</sup> 660<sup>15</sup> 661<sup>15</sup> 662<sup>15</sup> 663<sup>15</sup> 664<sup>15</sup> 665<sup>15</sup> 666<sup>15</sup> 667<sup>15</sup> 668<sup>15</sup> 669<sup>15</sup> 670<sup>15</sup> 671<sup>15</sup> 672<sup>15</sup> 673<sup>15</sup> 674<sup>15</sup> 675<sup>15</sup> 676<sup>15</sup> 677<sup>15</sup> 678<sup>15</sup> 679<sup>15</sup> 680<sup>15</sup> 681<sup>15</sup> 682<sup>15</sup> 683<sup>15</sup> 684<sup>15</sup> 685<sup>15</sup> 686<sup>15</sup> 687<sup>15</sup> 688<sup>15</sup> 689<sup>15</sup> 690<sup>15</sup> 691<sup>15</sup> 692<sup>15</sup> 693<sup>15</sup> 694<sup>15</sup> 695<sup>15</sup> 696<sup>15</sup> 697<sup>15</sup> 698<sup>15</sup> 699<sup>15</sup> 700<sup>15</sup> 701<sup>15</sup> 702<sup>15</sup> 703<sup>15</sup> 704<sup>15</sup> 705<sup>15</sup> 706<sup>15</sup> 707<sup>15</sup> 708<sup>15</sup> 709<sup>15</sup> 710<sup>15</sup> 711<sup>15</sup> 712<sup>15</sup> 713<sup>15</sup> 714<sup>15</sup> 715<sup>15</sup> 716<sup>15</sup> 717<sup>15</sup> 718<sup>15</sup> 719<sup>15</sup> 720<sup>15</sup> 721<sup>15</sup> 722<sup>15</sup> 723<sup>15</sup> 724<sup>15</sup> 725<sup>15</sup> 726<sup>15</sup> 727<sup>15</sup> 728<sup>15</sup> 729<sup>15</sup> 730<sup>15</sup> 731<sup>15</sup> 732<sup>15</sup> 733<sup>15</sup> 734<sup>15</sup> 735<sup>15</sup> 736<sup>15</sup> 737<sup>15</sup> 738<sup>15</sup> 739<sup>15</sup> 740<sup>15</sup> 741<sup>15</sup> 742<sup>15</sup> 743<sup>15</sup> 744<sup>15</sup> 745<sup>15</sup> 746<sup>15</sup> 747<sup>15</sup> 748<sup>15</sup> 749<sup>15</sup> 750<sup>15</sup> 751<sup>15</sup> 752<sup>15</sup> 753<sup>15</sup> 754<sup>15</sup> 755<sup>15</sup> 756<sup>15</sup> 757<sup>15</sup> 758<sup>15</sup> 759<sup>15</sup> 760<sup>15</sup> 761<sup>15</sup> 762<sup>15</sup> 763<sup>15</sup> 764<sup>15</sup> 765<sup>15</sup> 766<sup>15</sup> 767<sup>15</sup> 768<sup>15</sup> 769<sup>15</sup> 770<sup>15</sup> 771<sup>15</sup> 772<sup>15</sup> 773<sup>15</sup> 774<sup>15</sup> 775<sup>15</sup> 776<sup>15</sup> 777<sup>15</sup> 778<sup>15</sup> 779<sup>15</sup> 780<sup>15</sup> 781<sup>15</sup> 782<sup>15</sup> 783<sup>15</sup> 784<sup>15</sup> 785<sup>15</sup> 786<sup>15</sup> 787<sup>15</sup> 788<sup>15</sup> 789<sup>15</sup> 790<sup>15</sup> 791<sup>15</sup> 792<sup>15</sup> 793<sup>15</sup> 794<sup>15</sup> 795<sup>15</sup> 796<sup>15</sup> 797<sup>15</sup> 798<sup>15</sup> 799<sup>15</sup> 800<sup>15</sup> 801<sup>15</sup> 802<sup>15</sup> 803<sup>15</sup> 804<sup>15</sup> 805<sup>15</sup> 806<sup>15</sup> 807<sup>15</sup> 808<sup>15</sup> 809<sup>15</sup> 810<sup>15</sup> 811<sup>15</sup> 812<sup>15</sup> 813<sup>15</sup> 814<sup>15</sup> 815<sup>15</sup> 816<sup>15</sup> 817<sup>15</sup> 818<sup>15</sup> 819<sup>15</sup> 820<sup>15</sup> 821<sup>15</sup> 822<sup>15</sup> 823<sup>15</sup> 824<sup>15</sup> 825<sup>15</sup> 826<sup>15</sup> 827<sup>15</sup> 828<sup>15</sup> 829<sup>15</sup> 830<sup>15</sup> 831<sup>15</sup> 832<sup>15</sup> 833<sup>15</sup> 834<sup>15</sup> 835<sup>15</sup> 836<sup>15</sup> 837<sup>15</sup> 838<sup>15</sup> 839<sup>15</sup> 840<sup>15</sup> 841<sup>15</sup> 842<sup>15</sup> 843<sup>15</sup> 844<sup>15</sup> 845<sup>15</sup> 846<sup>15</sup> 847<sup>15</sup> 848<sup>15</sup> 849<sup>15</sup> 850<sup>15</sup> 851<sup>15</sup> 852<sup>15</sup> 853<sup>15</sup> 854<sup>15</sup> 855<sup>15</sup> 856<sup>15</sup> 857<sup>15</sup> 858<sup>15</sup> 859<sup>15</sup> 860<sup>15</sup> 861<sup>15</sup> 862<sup>15</sup> 863<sup>15</sup> 864<sup>15</sup> 865<sup>15</sup> 866<sup>15</sup> 867<sup>15</sup> 868<sup>15</sup> 869<sup>15</sup> 870<sup>15</sup> 871<sup>15</sup> 872<sup>15</sup> 873<sup>15</sup> 874<sup>15</sup> 875<sup>15</sup> 876<sup>15</sup> 877<sup>15</sup> 878<sup>15</sup> 879<sup>15</sup> 880<sup>15</sup> 881<sup>15</sup> 882<sup>15</sup> 883<sup>15</sup> 884<sup>15</sup> 885<sup>15</sup> 886<sup>15</sup> 887<sup>15</sup> 888<sup>15</sup> 889<sup>15</sup> 890<sup>15</sup> 891<sup>15</sup> 892<sup>15</sup> 893<sup>15</sup> 894<sup>15</sup> 895<sup>15</sup> 896<sup>15</sup> 897<sup>15</sup> 898<sup>15</sup> 899<sup>15</sup> 900<sup>15</sup> 901<sup>15</sup> 902<sup>15</sup> 903<sup>15</sup> 904<sup>15</sup> 905<sup>15</sup> 906<sup>15</sup> 907<sup>15</sup> 908<sup>15</sup> 909<sup>15</sup> 910<sup>15</sup> 911<sup>15</sup> 912<sup>15</sup> 913<sup>15</sup> 914<sup>15</sup> 915<sup>15</sup> 916<sup>15</sup> 917<sup>15</sup> 918<sup>15</sup> 919<sup>15</sup> 920<sup>15</sup> 921<sup>15</sup> 922<sup>15</sup> 923<sup>15</sup> 924<sup>15</sup> 925<sup>15</sup> 926<sup>15</sup> 927<sup>15</sup> 928<sup>15</sup> 929<sup>15</sup> 930<sup>15</sup> 931<sup>15</sup> 932<sup>15</sup> 933<sup>15</sup> 934<sup>15</sup> 935<sup>15</sup> 936<sup>15</sup> 937<sup>15</sup> 938<sup>15</sup> 939<sup>15</sup> 940<sup>15</sup> 941<sup>15</sup> 942<sup>15</sup> 943<sup>15</sup> 944<sup>15</sup> 945<sup>15</sup> 946<sup>15</sup> 947<sup>15</sup> 948<sup>15</sup> 949<sup>15</sup> 950<sup>15</sup> 951<sup>15</sup> 952<sup>15</sup> 953<sup>15</sup> 954<sup>15</sup> 955<sup>15</sup> 956<sup>15</sup> 957<sup>15</sup> 958<sup>15</sup> 959<sup>15</sup> 960<sup>15</sup> 961<sup>15</sup> 962<sup>15</sup> 963<sup>15</sup> 964<sup>15</sup> 965<sup>15</sup> 966<sup>15</sup> 967<sup>15</sup> 968<sup>15</sup> 969<sup>15</sup> 970<sup>15</sup> 971<sup>15</sup> 972<sup>15</sup> 973<sup>15</sup> 974<sup>15</sup> 975<sup>15</sup> 976<sup>15</sup> 977<sup>15</sup> 978<sup>15</sup> 979<sup>15</sup> 980<sup>15</sup> 981<sup>15</sup> 982<sup>15</sup> 983<sup>15</sup> 984<sup>15</sup> 985<sup>15</sup> 986<sup>15</sup> 987<sup>15</sup> 988<sup>15</sup> 989<sup>15</sup> 990<sup>15</sup> 991<sup>15</sup> 992<sup>15</sup> 993<sup>15</sup> 994<sup>15</sup> 995<sup>15</sup> 996<sup>15</sup> 997<sup>15</sup> 998<sup>15</sup> 999<sup>15</sup> 1000<sup>15</sup>

(Eusebius Theophylact<sup>15</sup> & ἡγιασμένοις K P 04v 050 0142 104 181 328<sup>15</sup> 614 945 1877 1881 3127 2413 Byz Lect<sup>15</sup> Theophylact<sup>15</sup> & electi Hilary

indica dedicação absoluta, total outorga da alma aos seus cuidados. Paulo empregou esse termo, apontando para si mesmo, e, em Rom. 1:1, apresentamos as notas expositivas a respeito. Esse vocábulo subentende um «serviço» totalmente consagrado, pois um escravo, acima de tudo, deveria «trabalhar para seu senhor». O termo grego «doulos» (escravo) é usado por cento e vinte e cinco vezes nas páginas do N.T., em seu uso literal e metafórico. (Quanto a seu uso metafórico e espiritual, além da presente passagem, ver os trechos de Rom. 6:16, 17, 20; II Cor. 4:5; Gál. 1:10; 4:1, 7; Fil. 1:1; 2:7—onde o termo é empregado ao próprio Cristo, apontando para a sua total dedicação à sua missão terrena: Tia. 1:1; I Ped. 2:16; II Ped. 1:1; 2:19; Apo. 1:1; 2:20; 7:3; 10:7; 11:18; 15:3; 19:2, 5 e 22:3, 6). Essa palavra também é usada em sentido negativo, conforme se vê na leitura dessas várias referências bíblicas. É possível alguém ser escravo do pecado, ser cativado pela vontade de Satanás, para detrimento de sua própria alma.

«...irmão de Tiago...» O apóstolo Tiago é o herói do autor sagrado. Ora, Tiago era o irmão do Senhor. (Quanto a todos os «Tiagos» que há no N.T., ver Atos 12:2; quanto a «Tiago, irmão do Senhor», ver Gál. 1:19). Sob o título «autorias», na introdução à epístola de Tiago, há mais informações sobre ele, bem como em Tia. 1:1. É mediante o uso do nome de Tiago que o autor desta epístola identifica sua obra com a tradição e com o evangelho apostólico, mostrando assim o seu propósito de defender o evangelho contra os assédios da heresia gnóstica. Tiago foi o famoso «bispo» ou «supervisor» da igreja de Jerusalém, dotado de grande autoridade espiritual sobre a igreja. Todos quantos representassem o seu nome certamente expunham fielmente o evangelho de Cristo.

O autor sagrado não se chama «irmão do Senhor», provavelmente por humildade, ou então como alguns dizem, porque na realidade não era tal, porquanto tão-somente escrevia em honra a Judas (como o seu discípulo), não presumindo ao menos escrever tais palavras em sua epístola. Ver uma discussão completa sobre *autorias* na introdução ao livro.

«...aos chamados...» (Quanto ao «chamamento» do crente, através do qual ele aparece como um «eleito», ver Efê. 1:4 e Rom. 8:30, bem como as notas expositivas ali existentes). Os evangelhos sinóticos (ver Mat. 20:16 e paralelos) algumas vezes falam da «chamada» de Deus como algo que nem sempre é eficaz, contrastando isso com aqueles que foram meramente chamados, mas não são os eleitos. Porém, no restante do N.T. (como aqui), tal distinção não é feita. Os «chamados» são os mesmos «eleitos», e isso é visto como um convite divino que é eficaz em todos os casos. A «chamada» nos chama para fora do mundo e da lealdade ao pecado cósmico (investido em Satanás), para que nos tornemos parte do reino de Deus, de sua retidão, do processo de transformação segundo o seu Filho, o que é o destino de todos os eleitos de Deus. (Quanto ao tema da nossa «transformação segundo a imagem de Cristo», ver as notas expositivas em Rom. 8:29 e II Cor. 3:18). Por esse intermédio é que os remidos chegam a compartilhar da própria natureza e da divindade de Cristo (ver II Ped. 1:4), bem como da plenitude de Deus, tal como o Filho de Deus é possuidor dessa plenitude (ver Col. 2:10 e Efê. 3:19).

O autor sagrado queria mostrar que o fato que fomos chamados por Deus envolve grande responsabilidade moral, algo que os gnósticos ignoravam e que desconheciam. Assim também Paulo invocou os crentes a que andassem de modo «digno» de sua chamada e posição cristãs (ver Efê. 4:1).

«...amados de Deus Pai...» Os crentes são comumente intitulados «amados» porque, sobre eles, acima de todos os homens, o amor de Deus se tem derramado. Esse amor é a base de todo o bem-estar espiritual. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em João 3:16, onde há poemas ilustrativos). Deus é amor (ver I João 4:8), pelo que tudo quanto ele faz é realizado tendo em mente o benefício de outros, porquanto o amor é altruísta em suas atitudes e ações. E até mesmo o juízo divino é apenas o dedo da mão amorosa de Deus.

Neste comentário há amplas notas expositivas sobre o «amor». Além do que se diz em João 3:16, ver acerca do «amor de Cristo», que nos constrange a viver como cristãos, em II Cor. 5:14; ver o «amor» como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, uma qualidade moral divinamente implantada, o solo bom onde medram todas as demais virtudes cristãs, em Gál. 5:22; e ver uma série de citações, que ilustram bem o princípio do amor, em I João 2:10.

O vocábulo «amados» é constantemente usado nas páginas do N.T. como título aplicado aos crentes, os quais são os amados de Deus (como se vê aqui) e de outros crentes. Há um amor e um interesse mútuos dentro da família de Deus. (Ver os trechos seguintes, onde também essa palavra é empregada: Rom. 1:7; 11:28; 12:19; 16:8, 9, 12; I Cor. 4:14, 17; 10:14; 15:58; II Cor. 7:1; 12:19; Efê. 1:6; 6:21; Fil. 2:12; 4:1; Col. 3:12; 4:7, 9, 14; I Tes. 1:4; II Tes. 2:13; I Tim. 6:2; II Tim. 1:2; File. 1, 2, 16; Heb. 6:9; Tia. 1:16, 19; II Ped. 1:1; I Ped. 2:11; 4:12; I Ped. 1:17; 3:1, 8, 14, 15, 17; I João 3:2, 21; 4:1, 7, 11; III João 2:5, 11; Jud. 3:17, 20 e Apo. 20:9).

«...Deus Pai...» Deus é nosso Pai. (Ver notas expositivas completas a esse respeito, em Efê. 1:3). Todas as bênçãos espirituais chegam aos homens da parte de nosso Pai celeste. Isso geralmente é idéia que figura nas 2 *ἐλεος ὑμῖν καὶ εἰρήνη καὶ ἀγάπη πληθυνθεῖν*.

3: Misericórdia, paz e amor vos sejam multiplicadas.

As cartas antigas, após a saudação geral, traziam a expressão do desejo de boa saúde da parte daqueles que receberiam as mesmas. (Ver III João 2 quanto a essa fórmula). Mas, nas cartas do N.T., isso é substituído por sentimentos religiosos, por «valores espirituais», em lugar do mero desejo de saúde física. As epístolas de Paulo sempre trazem «graça e paz» como desejo expresso em favor de seus leitores originais. Nas epístolas pastorais temos «graça, misericórdia e paz», o que também aparece na segunda epístola de João. Neste ponto, entretanto, temos uma combinação *sui generis*, «misericórdia, paz e amor». Talvez a palavra «misericórdia» seja um

introdução às epístolas paulinas. (Quanto à «paternidade de Deus», ver as notas expositivas em Tia. 8:42 e Rom. 8:14-16, onde são dadas as notas gerais sobre esse tema).

### A Polêmica

1. Os chamados também são «amados». Os gnósticos, contra os quais foi escrito este livro, criam no delírio, o qual pode ser contrastado com o telmo. O delírio ensina que apesar de existir um poder divino ou cósmico, que a tudo criou, esse poder ou pessoa não mantém interesse pessoal por sua criação, não galardando e nem castigando, e nem fazendo intervenções na vida da humanidade. Deus, de acordo com essa definição, está divorciado de sua criação. O telmo, em contraposição a isso, ensina que Deus criou e até agora continua presente em seu universo. Deus recompensa ao bem e pune ao mal, fazendo intervenções na história humana. Para que alguém seja «amado por Deus», como é óbvio, torna-se necessário que exista um Deus concebido aos moldes telistas.

2. O Filho é o mediador desse Deus, o que nega a existência dos muitos «aeons» (ou mediadores angelicais), criados pelos gnósticos (ver as notas a respeito, em I Tim. 2:5). O amor de Deus se expressa no Filho (ver Rom. 5:8).

### O Significado Espiritual: Deus Como Pai

Notemos as palavras «amados em Deus Pai». Isso se dá mediante a comunhão mística com ele, estando ele identificado conosco como Pai, posto estarmos sendo transformados em filhos seus, segundo a imagem de seu Filho, o que nos confere todos os benefícios espirituais, pela mediação do amor. O original grego poderia ser traduzido por «por Deus, o Pai», se tivérmos de entender o dativo como algo que indica agência. Ambos os sentidos são verdadeiros, mas o primeiro deve ser o tencionado. A palavra «em» pode significar «na presença de», em então «contemplado por». Todavia, apesar disso refletir a verdade do caso, a primeira possibilidade parece encerrar a idéia central. (Isso pode ser comparado com I João 2:24, onde se fala sobre a «permanência» no Pai e no Filho, o que também aponta para a comunhão mística). Essa comunhão é um poder transformador, conferindo-nos a imagem de Cristo, a sua semelhança e natureza (ver II Cor. 3:18, onde esse ensinamento é bem claro).

Alguns estudiosos acreditam que a preposição grega «en» (aqui traduzida como «em»), mediante repetidas transcrições ficou deslocada, porquanto originalmente estaria vinculada às palavras «Jesus Cristo». Assim pensava Hort, em sua obra *Selected Readings*, (pág. 106). Nesse caso, deveríamos ler este versículo como segue: «...queridos a Deus, o Pai, e... guardados mediante união 'com' Jesus Cristo». Pelo menos assim traduz Goodspeed. Porém, com ou sem a preposição, colocada antes de Cristo, o dativo desse vocábulo já deixa entendida a mesma coisa.

«...guardados...», isto é, qual tesouro precioso. Somos resguardados de todos os maus desígnios dos poderes malignos; somos preservados para um propósito específico e benéfico, tanto no caso dos resguardados, como no caso daquele que nos guarda. A segurança do crente fica aqui subentendida. (Ver as notas expositivas em Rom. 8:39, que exploram detalhadamente essa questão, e que também entram na questão do «problema da segurança eterna versus possibilidade eterna»). Com a preposição grega «en» ou sem ela (em virtude do dativo), somos guardados devido à nossa comunhão mística com Cristo. Ele é a vinha e nós os ramos. A vida inteira consiste de permanecermos nele (ver João 15:4), e isso nos proporciona toda a segurança necessária. Isso pode ser comparado com a expressão paulina «em Cristo», que ele usa por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes, dando a entender a comunhão mística com o Senhor através da mediação do divino Espírito, em nós residente. (Há notas expositivas completas sobre essa expressão, em I Cor. 1:4).

O fato que somos guardados dá-nos o poder de vencermos às tentações, de derrotarmos as heresias, de vivermos fielmente agora, e também de chegarmos à salvação eterna, em seus últimos estágios, conforme se vê no vigésimo quarto versículo.

«...em Jesus Cristo...» Podemos entender isso como «por», «em favor de» ou «em» Cristo. Provavelmente o sentido certo é a última dessas possibilidades, seguida por nossa versão portuguesa. Trata-se de uma comunhão mística com Cristo, a qual nos mantém seguros. Porém, as outras idéias, como é óbvio, também expressam verdades, pois Cristo é o «Ômega», todas as coisas são «para ele» (ver Col. 1:16). Cristo é, por semelhante modo, o poder espiritual que torna realidade a nossa segurança eterna.

*Variante Textual.* A palavra «amado» aparece nos mss P(72), Aleph, AB, Pri, 81 1739, na Vg, no Si(ph,h), no Cóp(αs,bo), no Ara, no Etl e nos escritos de Orígenes e Lucífer, o que forma uma evidência textual esmagadora em favor de sua genuinidade. Essa forma tem tanta autoridade como César tinha em Roma. Entretanto, os mss KLP e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, dizem «santificados». Esta última forma, mui provavelmente, se deriva de I Cor. 1:2, que teria sido usado como modelo. Provavelmente foi introduzido pela primeira vez a fim de evitar a difícil e incomum combinação apresentada pelo original, «en theo patri agapemenois».

2 2 Ps 1,2

sinônimo genuíno para «graça», conforme tal vocábulo algumas vezes era usado. Porém, o termo «amor» é uma nova e inicial bênção se não mesmo algo novo, que os escritores do N.T. desejavam em favor de seus leitores. (Comparar com Gál. 6:16, onde temos «paz e misericórdia», invocados sobre o «Israel de Deus»).

Podemos estar certos que o intuito do autor sagrado não foi meramente o de apresentar uma fórmula literária comum. Sendo ele um homem espiritual, orou para que tais bênçãos espirituais realmente fossem conferidas a seus leitores. O leitor deste comentário poderia consultar as notas abaixo, sobre as idéias alistadas:



1. *Misericórdia.* (Há notas expositivas completas sobre essa virtude, em Tito 3:5). Naquele texto, a misericórdia aparece paralela à graça. A misericórdia salva; e a graça também salva. E ambas resultam do vastíssimo amor de Deus (ver o terceiro versículo). O amor de Deus o inspira à bondade para com o homem, fazendo de Deus o Salvador (ver o quarto versículo). A misericórdia retém o julgamento e abre caminho para a graça derramar sobre nós bênçãos positivas. (Ver II João 1:3 quanto a notas expositivas sobre a «misericórdia» como saudação epistolar e como bênção). A vida terrena de Jesus de Nazaré foi a concretização suprema da misericórdia divina em favor dos homens. Os vários aspectos do «fruto do Espírito Santo», como a longanimidade, a gentileza, etc., repousam parcialmente sobre a sua misericórdia, pelo que quando um homem exerce misericórdia com coração livre, deve-se isso ao fato que ele está compartilhando da natureza moral de Deus, mediante o poder transformador do Espírito Santo, que nele veio residir.

2. *Paz.* (Quanto a essa virtude, como saudação epistolar e como bênção, ver Rom. 1:7). Nos escritos de Paulo, ela sempre vem «da parte de Deus», porquanto a reconciliação com Deus estabelece a paz entre Deus e o homem, embora por mediação de Cristo. (Ver as notas expositivas em Rom. 5:1 sobre a «paz», que nos vem em resultado da justificação; ver Col. 1:20 quanto à «paz através da cruz»; ver Gál. 5:22 quanto à «paz» como um dos aspectos do cultivo espiritual do Espírito; e ver João 14:27 e 16:33 quanto à «paz que Cristo dá». Essas notas expositivas são acompanhadas por poemas ilustrativos). A «paz» consiste de harmonia íntima e de grande compostura, com base na harmonia da alma remida com Deus, com suas leis, com suas exigências e com seu Cristo. Trata-se de uma qualidade espiritual, que transcende aos ditames das circunstâncias externas.

## II. Propósito Central da Epístola (Vss. 3,4).

O autor sagrado não perde tempo para chegar a declarar o propósito de sua epístola. Ele queria escrever, ansiosamente, um tratado sobre a nossa «comum salvação», instruindo a seus leitores sobre as graças e glórias da fé cristã. Porém, ao observar o grande sucesso que os mestres gnósticos vinham obtendo, infiltrando-se como estavam na igreja e obtendo convertidos às suas doutrinas falsas, que degradam a Cristo, seu dever se lhe tornou claro. Ele voltou toda a sua energia a uma denúncia amarga e cortante contra a heresia gnóstica, especialmente porque os mestres gnósticos encorajavam e praticavam a imoralidade. (Ver as notas expositivas completas sobre o gnosticismo, em Col. 2:18. Quanto à situação local das igrejas para as quais Judas escreveu, ver a secção VI da introdução à presente epístola). O autor sagrado conclamou aos crentes para que seguissem o seu exemplo, tornando-se leais e poderosos na defesa da fé.

3 Ἀγαπητοί, πᾶσαν σπουδὴν ποιούμενος γράφειν ὑμῖν περὶ τῆς κοινῆς ἡμῶν<sup>2</sup> σωτηρίας ἀνάγκην ἔσχον γράψαι ὑμῖν παρακαλῶν ἐπαγωνίζεσθαι τῇ ἀπαξ παραδοθείσῃ τοῖς ἁγίοις πίστει.

<sup>1</sup> 3 [B] ἡμῶν <sup>2</sup> N A B Ψ 81 AR 326 436 614 630 1739 2412 P syr<sup>h</sup> cop<sup>m</sup> arm Lucifer Cyril Bede Theophylact ξ μῶν 104 1305 1481 2493

104<sup>1</sup> 404 410 v g cop<sup>m</sup> Hilary Ephraem ξ 1041<sup>1</sup> 1<sup>1</sup> 049 058 0142 181 330 451 629 945 1877 2127 2492 Byz Lect P<sup>m</sup> = Cambridge P<sup>m</sup> = Occumensis

3 παρακαλῶν ἐπαγωνίζεσθαι 1 Tm 1:18

Entre ἡμῶν e ὑμῶν, a primeira é fortemente apoiada por excelentes testemunhos como <sup>2</sup> N A B Ψ 81 614 1739 sir (ph,b) cop (sa) ar<sup>a</sup>, ao passo que a última figura em apenas alguns poucos manuscritos e na vg cop (bo) Hilário Efraem. A omissão do pronome, em K L P 049 Byz Lect provavelmente reflete o desejo de dar à idéia um caráter universal.

3: Amados, enquanto eu empregava toda a diligência para escrever-vos acerca da salvação que nos é comum, senti a necessidade de vos escrever, exortando-vos a ganhar pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos.

...Amados... O autor sagrado aplica essa expressão indicativa dos crentes por três vezes nesta epístola (ver os versículos terceiro, décimo sétimo e vigésimo). (Há notas expositivas completas sobre o pensamento assim expresso, no primeiro versículo, onde já vimos que os crentes foram chamados «amados» por Deus). Os crentes são amados uns dos outros porque o amor de Deus se tornou um poder eficaz em suas vidas. Mediante a transformação dada pelo Espírito, o que lhes dá a imagem de Cristo «cultivando os seus frutos», os crentes chegam a expressar uns para os outros, em certa medida, aquilo que Deus tem expressado para a humanidade. (Quanto ao «amor» como guia da família divina, ver as notas expositivas em João 14:21 e 15:10, onde há poemas ilustrativos). Esse vocábulo é usado por cerca de sessenta vezes nas epístolas neotestamentárias. Na primeira epístola de João, por exemplo, ver I João 3:2,21; 4:1,7,11; III João 2,5,11; Rom. 1:7; 9:25; 11:28; 12:19; 16:8,12. Comparar também com I Ped. 2:11; 4:12; Tia. 1:4; I Cor. 15:58; Fil. 4:1; Col. 4:7,9.

Deve-se observar os três usos centrais do vocábulo «amado», no N.T.: 1. Fala de Jesus como o objeto especial do amor de Deus, sobretudo na qualidade de Filho a cumprir sua missão messiânica (ver Mat. 3:17; 12:18; 17:5; Marc. 1:11; 9:7; Luc. 3:22). 2. Esse vocábulo expressa o amor de Deus para com todos quantos se reconciliam consigo através de Cristo (ver Rom. 1:7; 11:28; Col. 3:12; I Tes. 1:4). 3. Também é usado esse termo para falar do relacionamento altruísta ideal que os crentes devem ter uns com os outros (ver Rom. 12:19; I Cor. 4:14; File. 1; Heb. 6:9; Tia. 1:16 e II Ped. 3:1).

...empregava toda diligência... Provavelmente essas palavras indicam o fato que o autor sagrado tinha planejado, reunir material e talvez tivesse começado uma obra acerca das glórias da fé cristã, um tratado não-polemico, que tencionaria exortar, encorajar e ensinar aos crentes. Para ele não foi prazer abandonar esse tipo de esforço, a fim de lançar uma severa advertência à igreja, concernente à heresia gnóstica.

...nossa comum salvação... Consideremos aqui os pontos seguintes: 1. O perdão dos pecados; 2. o arrependimento; 3. a fé inicial; 4. a vida de fé; 5. a santificação; e 6. a glorificação. Isso conduz à transformação segundo a imagem moral de Cristo (ver Gál. 5:22,23), o que, por sua vez, nos confere sua imagem metafísica (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29), a fim de que compartilhem de sua própria natureza, de modo a vírmos a ser cheios de toda a plenitude de Deus (ver Efê. 3:19 e Col. 2:10), com o resultado que chegaremos a participar do mesmo tipo de vida que Deus possui (ver João

3. Amor. Essa é a virtude básica de todos os dons divinos, a virtude inspiradora de tudo quanto é nobre. Pois, à semelhança da morte, o amor transforma a tudo. Está aqui em foco o amor de Deus pelos homens, o que, por sua vez, inspira os homens ao amor. Todo o verdadeiro amor vem de Deus, porque até mesmo quando os homens sem regeneração amam, isso se deve à influência do Espírito Santo neste mundo. (Ver I João 2:10 quanto a uma série de citações acerca do amor; ver Gál. 6:22 acerca do «amor» como um dos aspectos do «fruto do Espírito»; ver João 3:16 acerca da nota expositiva geral sobre o «amor de Deus», a fonte de todo o amor. Ver ainda I João 4:8 quanto a «Deus como amor»). Tudo quanto Deus faz de alguma forma qualquer expressa a sua natureza amorosa. A bondade e a gentileza de Deus se derivam do seu amor. E até mesmo o seu juízo é apenas um dedo da mão amorosa, porquanto tudo é decretado a fim de instruir e disciplinar, ou seja, eventualmente, para beneficiar, e não meramente para impor retribuição.

...os sejam multiplicados... Que essas virtudes fossem derramadas com abundância, e não com parcimônia. Essa expressão (mas acompanhada da palavra «graça») também pode ser vista nos trechos de I Ped. 1:2 e II Ped. 1:2. Evidentemente isso era uma fórmula epistolar.

Essa mesma saudação aparece em uma carta enviada aos Sirreanos, escrita a fim de descrever o martírio de Policarpo (escrito datado de cerca de 156 D.C.). Isso pode refletir ou não conhecimento da epístola de Judas. Esta presente epístola provavelmente foi escrita antes disso, seja como for. (Ver as notas expositivas sobre a «data» da escrita desta epístola, na introdução, secção III). O amor e a misericórdia, uma vez mais, aparecem combinados no vigésimo primeiro versículo, com a «vida eterna», com o grande benefício produzido por aquelas duas virtudes.

5:25,26 e 6:57), ou seja, a própria «natureza divina» (ver II Ped. 1:4).

### Qual É A Natureza Da Salvação?

1. A salvação começa quando da conversão (ver as notas em João 3:3), inclui o arrependimento (ver Atos 2:38) e prossegue na santificação (ver as notas em I Tes. 4:3).

2. Pode ser definida mediante o vocábulo «filiação» (ver Heb. 2:10).

3. Do ponto de vista da eternidade, a salvação consiste da glorificação, um processo sem fim, no qual as almas humanas remidas estarão sendo transformadas segundo a imagem do Filho, assumindo os seus atributos, tudo baseado na participação em sua própria natureza (ver as notas sobre esse conceito em II Cor. 3:18).

4. Aqueles que participarem da plenitude do Filho (em sua natureza e atributos; ver as notas em Col. 2:10), necessariamente participarão também da plenitude do Pai (ver Efê. 3:19), tal como dela participa o Filho.

5. Por conseguinte, a salvação é a duplicação do Filho nos filhos de Deus, de maneira bem real e literal.

6. A diferença da natureza que pertence ao Pai e ao Filho e a natureza dos filhos, não poderá ser medida em termos de «qualidade», mas somente em termos de extensão. Em outras palavras, a natureza e a mesma, trata-se da mesma «modalidade de vida». Mas os filhos de Deus participarão da divindade apenas finitamente (ver II Ped. 1:4 e suas notas), ao passo que o Pai e o Filho participam infinitamente dessa forma de vida. Jamais poderá haver estagnação nesse particular. O vaso (a alma) é imerso no oceano da divindade. Não pode conter o oceano, mas pode ir aumentando em suas dimensões, passando a conter maior e maior porção do oceano.

O Senhor, pois, aumentará para sempre os limites de sua habitação nos remidos. O alvo de toda existência é Cristo. E isso será sempre uma verdade.

...obrigado... Por quê? Porque os gnósticos estavam obtendo êxito em sua campanha de adquirir adeptos tirados da igreja, sob uma doutrina insidiosa. Os gnósticos ensinavam que Cristo era apenas um «aeon» (uma emanção angelical), e não o Verbo ou mesmo um elevado poder espiritual, porquanto era apenas um dentre muitos mediadores e pequenos salvadores. Negavam também a encarnação, dizendo ser isso uma impossibilidade moral e metafísica. Negavam a humanidade de Cristo, reduzindo ainda a sua «divindade» ao mero nível de algum pequeno «deus» entre muitos. Negavam a expiação do pecado pelo sangue de Cristo. E faziam da imoralidade uma parte oficial de seu sistema ético. (Ver a secção VI da introdução a este livro quanto ao desenvolvimento dessas idéias, com documentação). Foi esse tipo de sistema religioso que forçou o autor

sagrado a entrar na ofensiva, produzindo a escaldante denúncia que temos à frente.

«...*exortando-vos a batalhades diligentemente...*» No grego temos «*epagonidzomai*», «lutar», «combater». Deriva-se esse termo da raiz «agon-», originalmente um «lugar de reunião», onde havia as competições atléticas. Finalmente, em sua forma verbal, aponta para a «agonia» da luta dos contendores. Judas, pois, exorta-nos a «agonizarmos» em prol da fé cristã, isto é, a nos dedicarmos à sua defesa e propagação, em face da oposição. Isso deveríamos fazer «diligentemente», idéia essa expressa na forma intensificada do verbo grego (com um prefixo preposicional).

«...*pela fé...*» A palavra «fé» é usada essencialmente de três maneiras diferentes nas páginas do N.T., a saber: 1. A fé subjetiva, isto é, a fé que nós mesmos exercemos, nossa outorga pessoal aos cuidados de Cristo. (Isso é comentado em Heb. 11:1, sendo usado mais abundantemente acerca dos conceitos associados à «fé», nas páginas do N.T.). 2. A fé também aparece como uma qualidade subjetiva, na ação diária (o viver «de fé em fé», segundo se lê em Rom. 1:7), que é virtude espiritual. (Ver também o trecho de Gál. 5:22 quanto a essa forma de fé). Trata-se do fortalecimento e do cultivo diário da confiança em Cristo, que nos leva a viver de modo dedicado a ele. Isso é o «viver segundo a dimensão eterna». 3. Também há a «fé objetiva», isto é, «aquilo em que cremos», o credo ou sistema do cristianismo, a «fé cristã». Esse é uso aqui tencionado por Judas. Fora deste livro, porém, tal uso só se encontra nas «epístolas pastorais», e isso com frequência. (Ver as notas expositivas sobre a «fé objetiva» em I Tim. 1:2).

Na primeira epístola de João transparece o fato que os gnósticos negavam as doutrinas fundamentais da encarnação, da fusão das naturezas divina e humana na pessoa de Jesus Cristo, de sua autêntica missão salvadora e de seu senhorio, do fato que Deus é o Salvador (pois os gnósticos eram «deístas»), da expiação pelo sangue (pois o «Cristo», conforme diziam eles, não poderia nem sofrer e nem morrer). Podemos supor que a mesma doutrina era defendida pelos falsos mestres atacados nesta epístola. Essa questão é ventilada na seção V da introdução à mesma. Em essa é a «fé» aqui aludida. Em favor desse credo cristão é que o autor sagrado exortou os seus leitores a agonizarem.

«...*uma vez por todas foi entregue...*» Os mestres gnósticos haviam introduzido um novo evangelho, que na realidade não era «evangelho». O autor sagrado assevera que não pode haver nenhum «novo» evangelho, mais ou menos como Paulo faz em Gál. 1:7-9. Cristo trouxe-nos a revelação final de Deus. Se maiores revelações porventura tiverem de ser dadas, terão de estar centralizadas em Cristo. A declaração diz que Cristo é a revelação final do N.T. Aquilo que degrada de sua divindade, de sua humanidade, de seu senhorio e de seu poder de salvar é que é automaticamente falso. O

4 παρεισέδυσαν γάρ τινες ἄνθρωποι, οἱ πάλαι προγεγραμμένοι εἰς τοῦτο τὸ κρίμα, ἄσεβεῖς, τὴν τοῦ θεοῦ ἡμῶν χάριτα μετατιθέντες εἰς ἀσέλγειαν καὶ τὸν μόνον δεσπότην<sup>a</sup> καὶ κύριον ἡμῶν<sup>a</sup> Ἰησοῦν Χριστὸν ἄρνούνται.

<sup>a</sup> «4 a note, a none: WIL BAV NEE BF<sup>2</sup> RSV<sup>2</sup> Zür Luth Jer Res <sup>2</sup> a none, a minor: RV ASV RSV NEB TT <sup>2</sup>

«4 none, a none: R VULG ABV<sup>2</sup> NEU<sup>2</sup> <sup>2</sup> different text: TR AV Jer<sup>2</sup>

4 παρεισέδυσαν B; R] -δυσαν tell c | Δεσπότην (, R<sup>m</sup>) add Θεόν KLP al c | Κυρ.] πρᾶξ τον 223 255

A fim de evitar a ambigüidade de se «*δεσπότην*» se refere a Cristo (como em II Ped. 1:1) ou a Deus (como noutros pontos do N.T.), o Textus Receptus, seguindo K L P Ψ 69 1739 maioria dos minúsculos sir (ph,h) adiciona *θεόν*. A forma mais breve, sem a interpolação, é decisivamente apoiada por p<sup>72</sup> N A B C 218 255 337 436 462 642 808 927 1737 1845 vg cop (sa,bo) ara etí Efraem Lúçifer Dídimo Cirilo.

4: Porque se introduziram furtivamente certos homens, que já desde há muito estavam destinados para este juízo, homens ímpios, que converteram em dissolução a graça de nosso Deus, e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.

Este versículo apresenta-nos várias características negativas dos mestres gnósticos, a saber: 1. Eles eram falsos mestres, os quais secretamente obtinham admissão à igreja por métodos desonestos e distorcidos, apresentando-se como se fossem autênticos meros cristãos, embora ensinassem uma doutrina totalmente estranha ao evangelho. 2. Eles eram falsos profetas que somente cumpriam as predições bíblicas de que apóstatas haveriam de entrar na igreja, os quais tinham sido «reprovados» por Deus desde o começo.

#### A Reprovação

1. O versículo à nossa frente, parece ensinar a idéia da *reprovação ativa*. Trata-se do conceito oposto ao da eleição. Assim sendo, alguns pensam que Deus elegeu alguns por um ato positivo seu, e, similantemente, que rejeitou a outros. Isso, entretanto, faria Deus tornar-se o autor do mal.

2. Outros intérpretes acreditam na idéia da *reprovação passiva*. Deus não causaria a perdição dos homens, mas deixaria a alguns de lado, permitindo que caíssem na perdição, sem ajudá-los a saírem de sua condição voluntária. Parece-me, todavia, que esse conceito é contrário à idéia do Deus que «amou o mundo de tal maneira». Não parece ser uma atitude passiva. (De que maneira a reprovação pode exprimir uma verdade, ver notas completas sobre o assunto, em Rom. 9:10).

A maioria dos intérpretes, para evitar a severidade do que aqui é dito, fazem dessas palavras uma «reprovação passiva». Os homens se endurecem devido à sua própria perversidade, e então Deus «deixa-os» nesse estado, pelo que o resultado natural é que eles se tornam candidatos apropriados ao juízo condenatório. Porém, até mesmo essa doutrina da «reprovação passiva» é duvidosa. Deus é o Salvador de todos, e quer que todos sejam salvos (ver I Tim. 2:3,4). Esse é o sentido da cruz e do evangelho. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios volta-se distintamente contra qualquer forma de «reprovação», e este comentário não apoia tal pensamento teológico. Contudo, o versículo à nossa frente dá certamente a impressão de refletir a antiga teologia judaica, onde a «reprovação», de alguma maneira qualquer, era uma doutrina aceitável. Se

autor sagrado não fecha a porta da investigação na verdade, mas contende que toda a verdade deve estar centralizada no Cristo anunciado pelos apóstolos. Gerações sucessivas têm o dever de transmitir a outros o que os apóstolos nos legaram. Ninguém, entretanto, é o guardião de toda a verdade divina, e podemos «ir crescendo» na doutrina de Cristo, sendo-nos dado um maior e mais profundo discernimento quanto à sua significação cósmica.

*Abaixo transcrevemos algumas idéias de vários comentadores, acerca do que vínhamos dizendo acima:*

«A linguagem de Judas acerca da fé é altamente dogmática, altamente ortodoxa, altamente zelosa. Seu tom é o de um bispo do século IV... Os homens que usavam tais frases criam apaixonadamente em um credo» (Bigg, *in loc.*).

«A fé: a súplica daquilo em que crêem os crentes». (Vincent, *in loc.*).

«O vocábulo 'fé' não é usado aqui em seu sentido primário de um sentimento ou confiança subjetivos, mas no sentido secundário daquilo em que se crê, a verdade do evangelho, conforme se vê abaixo, no vigésimo versículo e também em Gál. 1:23; 3:23 e Fil. 1:27». (Mayer, *in loc.*).

«...uma vez por todas...» No grego temos o termo «apaks», usado em seu sentido clássico de «uma vez por todas», tal como se vê no quinto versículo desta epístola e em Heb. 6:4. «Isso exclui as novidades dos libertinos». (Mayer, *in loc.*).

«...entregue...» pelos apóstolos, que transmitiram a outros o que tinham recebido diretamente da parte de Jesus Cristo, como também através de revelações subsequentes, dadas pelo Espírito Santo, as quais, finalmente, vieram a fazer parte do nosso N.T., embora não haja aqui qualquer alusão a algum documento escrito.

«Nenhuma outra 'fé' será dada». (Bengel, *in loc.*).

«...santos...» Um título comumente aplicado aos crentes, o que mostra que devem ser santificados, pois, de outra maneira, não serão crentes, porque «sem a santificação ninguém verá a Deus» (ver Heb. 12:14). O trecho de Rom. 1:7 traz as notas expositivas detalhadas sobre essa questão, incluindo sua origem hebraica e o seu emprego nesse idioma original. (Ver também Col. 1:2 quanto a ilustrações dessa palavra).

*Variante Textual.* A palavra «nomas», antes de comum salvação, figura nos mas P(72), Aleph, AR, Psi, 81, 614, 1739, no Si(ph,hl), no Cóp(za) e no Arm. Certamente isso é a forma original, pois conta com uma evidência textual avassaladora. Alguns poucos manuscritos minúsculos posteriores no grego, a Vg e o Cóp(ho), além dos escritos dos pais Hlário e Efraem, dizem «voma comum salvação». Os mas KLP, 049, Byz Lect, entretanto, omitem qualquer pronome, provavelmente com o intuito de tornar essa declaração mais universal em seu caráter.

4 παρεισέδυσαν... ἄνθρωποι Ga 2A τὴν... ἄρνούνται 2 Pe 2.1  
explicarmos que Deus, finalmente, «entrega» tais indivíduos ao sabor da própria perversidade deles (conforme é indicado no primeiro capítulo da epístola aos Romanos), e que eles endurecem a si mesmos, e que o julgamento deles é causado por eles mesmos, então estaremos dizendo a verdade.

#### A Heresia Que Estava Sendo Atacada

1. O autor sagrado, utilizando-se de citações indiretas extraladas de I Enoque, ataca os falsos líderes que se haviam infiltrado na igreja. Mas profecias como as de Enoque 81:8; 106:19 e 108:7, dificilmente poderiam ter sido a «causa» de uma apostasia ocorrida na Ásia Menor, nos dias de Judas. Entretanto, pode ser que essas profecias descrevam os falsos líderes.

2. Quanto a notas completas sobre o «gnosticismo», a heresia aqui atacada, ver Col. 3:18.

Além disso, os falsos mestres gnósticos eram homens ímpios, em sua doutrina e vida diária. Transformavam a graça de Deus em lascívia. Isso é uma direta referência à imoralidade oficialmente aprovada do sistema gnóstico. Os gnósticos criam que a matéria é o princípio mesmo do mal, e que o corpo participa da matéria. Assim sendo, o corpo seria totalmente poluído e incapaz de ser remido. E o desígnio do sistema cósmico seria destruir finalmente a matéria. Os gnósticos também criam que podemos ajudar ao sistema do mundo nesse propósito, abusando de nossos corpos. Esse abuso pode ser perpetrado através do ascetismo extremo (forma de gnosticismo atacado em Col. 2:15 e ss.), ou através da imoralidade exagerada, que enfraquece e degrada ao corpo (tipo de gnosticismo combatido nas epístolas pastorais, nas epístolas joaninas e nesta epístola). Dessa maneira, pois, os gnósticos faziam da imoralidade algo não somente desejável, mas também legal. Assim é que pervertiam à «graça de Deus», ou seja, o «evangelho transmitido mediante a graça», além de aplicarem erroneamente a lei da liberdade. Não há que duvidar, conforme a história o demonstra, que aquelas passagens paulinas que tratam de «coisas indiferentes» (ver o décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos, o oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, etc.), permitindo «liberdade» para que certas coisas sejam feitas ou não, como à observância de dias religiosos e a ingestão de certos tipos de alimentos e bebidas, eram torcidas pelos mestres gnósticos, a fim de que supostamente ensinassem que podemos fazer qualquer coisa que queremos com nossos corpos, pois são «realmente indiferentes» para com a saúde da alma. Os gnósticos se utilizavam da ilustração do mergulhar o ouro na lama. Assim fazendo-se, o

ouro não é corrompido, pois a lama não pode penetrar no mesmo. E, desse modo, os gnósticos imaginavam, loucamente, que a alma mergulhada no pecado não é prejudicada. A mensagem dos mestres gnósticos, por conseguinte, não envolvia «exigências morais». Alguns deles eram místicos, e totalmente pensavam que suas supostas experiências místicas tornavam a moralidade algo desnecessário. Bem pelo contrário, sabemos que o misticismo autêntico purifica-nos a moralidade.

Cumpra-nos observar que os críticos de Paulo pervertiam as suas idéias, atribuindo a ele idéias que os gnósticos é que defendiam. Paulo teve de defender-se dessa distorção de sua doutrina de liberdade. (Ver Rom. 3:5-8; 6:1,2,15-23; I Cor. 6:12-15; 10:23; Gál. 5:13-24). A doutrina cristã diz que a santificação é absolutamente necessária para a salvação (ver as notas expositivas a respeito, em II Tes. 2:13 e Rom. 6:22).

Os gnósticos também negavam que Jesus, o Cristo, fosse o «único Mestre e Senhor». Isso faziam reduzindo-o a um dentre muitos «aeons» ou emanações angelicais, não querendo admitir fosse ele o «Logos». Seria apenas um salvador, um mediador, um deus entre tantos outros que teriam contacto com a terra. Também faziam isso negando a validade da encarnação. Segundo eles, nenhum «aeon» (como o *Espírito-Cristo*) poderia encarnar-se. Isso seria metafisicamente impossível, pois não poderia haver tal mudança de um «tipo» de vida para outro, e nem coabitação de duas naturezas em um único ser. Também diziam que tal «moralidade» não é possível, porquanto a matéria seria o princípio mesmo do mal, e a encarnação envolveria a poluição. Daí os gnósticos concluíam que Cristo não foi um homem; foi ou um *aeon* que fingia ser homem, mas cujo corpo era apenas um fantasma (posição *docética*, proveniente de «*dokeo*», termo grego que significa «parecer»). Ou então diziam eles que o «aeon-cristo» meramente viera possuir o corpo de Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, tendo-o abandonado quando de sua crucificação (expressando uma forma modificada de docetismo, posição mantida pela maioria dos gnósticos). Naturalmente, pois, a «expição» seria ilegítima, porque somente Jesus de Nazaré teria morrido. Cristo não poderia ter sofrido e nem morrido. (Ver II Ped. 2:1 sobre a «negação», por parte dos gnósticos, do «Senhor que os compra», uma alusão direta à expiação pelo sangue de Cristo. Comparar isso com o trecho de I João 2:2, onde é salientada a idéia da «propiciação» contra o erro gnóstico. Ao reduzirem o Cristo a apenas um dentre muitos «aeons», a apenas um dentre muitos mediadores entre Deus e os homens, os gnósticos degradavam o «senhorio» de Cristo. No entanto, ninguém pode ter a Jesus como Salvador se também não o tem como seu Senhor. Ver Rom. 1:4 acerca do «senhorio» de Cristo. Finalmente, negando a encarnação, os gnósticos negavam tanto a autêntica humanidade de Cristo como a fusão das naturezas divina e humana em sua pessoa, ou seja, potencialmente, a capacidade de recebermos a natureza divina (ver II Ped. 1:4), o objeto mesmo da salvação. Por conseguinte, negavam a natureza verdadeira da salvação, conforme ela é ensinada no sistema cristão.

*Abaixo damos outras idéias e interpretações sobre tudo isso, extraídas de outros comentários:*

1. O termo *Soberano* (no original grego, «despotes»), usualmente se refere a Deus (ver Luc. 2:29; Atos 4:24; Apo. 6:10), pelo que, em alguns manuscritos é adicionada a palavra «Deus», neste texto. (Ver a nota textual que há abaixo). A negação de Deus, o «Senhor dos Espíritos», é um pecado

III. A Apostasia não é nova: Exemplos Históricos (Vas. 5-7).

Alguns dos primeiros discípulos poderiam ter pensado ser estranho que a igreja cristã pudesse corromper-se, que Deus pudesse permitir que falsos mestres entrassem e obter adeptos. O autor sagrado mostra-nos, portanto, que a apostasia não era nenhuma novidade, pois desde há muito penetrara até mesmo nas dimensões angelicais, tendo aparecido nas civilizações humanas antigas. Por conseguinte, torna-se óbvio que a correção espiritual e a segurança não é algo automático, nem mesmo dentro da igreja cristã, mas antes, deve ser produto de uma atenção e de uma disciplina sem interrupções. Até mesmo os salvos podem cair devido à incredulidade, retornando ao pecado e à degradação (comparar com Mat. 12:45,46; Luc. 11:24,26; João 5:14; Heb. 6:4-8 e 10:26-31). Talvez não apreciemos essa teologia, mas parece ter sido essa a atitude do autor sagrado. (Quanto à reconciliação entre os versículos que ensinam a «segurança eterna dos crentes» e os versículos que ensinam a possibilidade de queda, ver as notas expositivas sobre Col. 1:23).

Este comentário toma a posição que os grandes problemas teológicos, quais aparentes paradoxos — como a liberdade humana versus o determinismo divino, e as suas subcategorias, como a segurança e a possibilidade de queda — são doutrinas que figuram nas páginas do N.T., não sendo meros produtos de desenvolvimentos teológicos posteriores. Não sabemos como reconciliar entre si esses paradoxos, mas estamos convencidos que cada lado da questão apresenta um aspecto da verdade. Porém, como isso pode ser, não sabemos compreender e muito menos explicar. Não nos devemos admirar que existam verdades tão profundas que não possamos entendê-las com perfeição. Aceitamos a divindade e a humanidade de Cristo, em uma só pessoa; porém, como isso pode ser, não sabemos dizê-lo.

«Todas as ilustrações empregadas mostram como pessoas, antes espiritualmente privilegiadas, podem naufragar na vida. Judas queria advertir aos crentes em geral que a profissão de fé não garante a imunidade do perigo. Os que erram nesse ponto, e que são apenas ilustrações contemporâneas, são sua audiência apenas indiretamente» (Barnett, *in loc.*).

5 Ὑπομνησαι δὲ ὑμᾶς βούλομαι, εἰδότας ἅπαξ πάντα, ὅτι [ὁ] κύριος ἅπαξ<sup>3</sup> λαὸν ἐκ γῆς Αἰγύπτου σώσας τὸ δεύτερον τοὺς μὴ πιστεύσαντας ἀπόλεσεν,

15 ἅπαξ πάντα, ὅτι Ἰησοῦς A B 33 81 100 104 112 117 121 124 127 131 132 135 137 139 141 143 145 147 149 151 153 155 157 159 161 163 165 167 169 171 173 175 177 179 181 183 185 187 189 191 193 195 197 199 201 203 205 207 209 211 213 215 217 219 221 223 225 227 229 231 233 235 237 239 241 243 245 247 249 251 253 255 257 259 261 263 265 267 269 271 273 275 277 279 281 283 285 287 289 291 293 295 297 299 301 303 305 307 309 311 313 315 317 319 321 323 325 327 329 331 333 335 337 339 341 343 345 347 349 351 353 355 357 359 361 363 365 367 369 371 373 375 377 379 381 383 385 387 389 391 393 395 397 399 401 403 405 407 409 411 413 415 417 419 421 423 425 427 429 431 433 435 437 439 441 443 445 447 449 451 453 455 457 459 461 463 465 467 469 471 473 475 477 479 481 483 485 487 489 491 493 495 497 499 501 503 505 507 509 511 513 515 517 519 521 523 525 527 529 531 533 535 537 539 541 543 545 547 549 551 553 555 557 559 561 563 565 567 569 571 573 575 577 579 581 583 585 587 589 591 593 595 597 599 601 603 605 607 609 611 613 615 617 619 621 623 625 627 629 631 633 635 637 639 641 643 645 647 649 651 653 655 657 659 661 663 665 667 669 671 673 675 677 679 681 683 685 687 689 691 693 695 697 699 701 703 705 707 709 711 713 715 717 719 721 723 725 727 729 731 733 735 737 739 741 743 745 747 749 751 753 755 757 759 761 763 765 767 769 771 773 775 777 779 781 783 785 787 789 791 793 795 797 799 801 803 805 807 809 811 813 815 817 819 821 823 825 827 829 831 833 835 837 839 841 843 845 847 849 851 853 855 857 859 861 863 865 867 869 871 873 875 877 879 881 883 885 887 889 891 893 895 897 899 901 903 905 907 909 911 913 915 917 919 921 923 925 927 929 931 933 935 937 939 941 943 945 947 949 951 953 955 957 959 961 963 965 967 969 971 973 975 977 979 981 983 985 987 989 991 993 995 997 999 1001 1003 1005 1007 1009 1011 1013 1015 1017 1019 1021 1023 1025 1027 1029 1031 1033 1035 1037 1039 1041 1043 1045 1047 1049 1051 1053 1055 1057 1059 1061 1063 1065 1067 1069 1071 1073 1075 1077 1079 1081 1083 1085 1087 1089 1091 1093 1095 1097 1099 1101 1103 1105 1107 1109 1111 1113 1115 1117 1119 1121 1123 1125 1127 1129 1131 1133 1135 1137 1139 1141 1143 1145 1147 1149 1151 1153 1155 1157 1159 1161 1163 1165 1167 1169 1171 1173 1175 1177 1179 1181 1183 1185 1187 1189 1191 1193 1195 1197 1199 1201 1203 1205 1207 1209 1211 1213 1215 1217 1219 1221 1223 1225 1227 1229 1231 1233 1235 1237 1239 1241 1243 1245 1247 1249 1251 1253 1255 1257 1259 1261 1263 1265 1267 1269 1271 1273 1275 1277 1279 1281 1283 1285 1287 1289 1291 1293 1295 1297 1299 1301 1303 1305 1307 1309 1311 1313 1315 1317 1319 1321 1323 1325 1327 1329 1331 1333 1335 1337 1339 1341 1343 1345 1347 1349 1351 1353 1355 1357 1359 1361 1363 1365 1367 1369 1371 1373 1375 1377 1379 1381 1383 1385 1387 1389 1391 1393 1395 1397 1399 1401 1403 1405 1407 1409 1411 1413 1415 1417 1419 1421 1423 1425 1427 1429 1431 1433 1435 1437 1439 1441 1443 1445 1447 1449 1451 1453 1455 1457 1459 1461 1463 1465 1467 1469 1471 1473 1475 1477 1479 1481 1483 1485 1487 1489 1491 1493 1495 1497 1499 1501 1503 1505 1507 1509 1511 1513 1515 1517 1519 1521 1523 1525 1527 1529 1531 1533 1535 1537 1539 1541 1543 1545 1547 1549 1551 1553 1555 1557 1559 1561 1563 1565 1567 1569 1571 1573 1575 1577 1579 1581 1583 1585 1587 1589 1591 1593 1595 1597 1599 1601 1603 1605 1607 1609 1611 1613 1615 1617 1619 1621 1623 1625 1627 1629 1631 1633 1635 1637 1639 1641 1643 1645 1647 1649 1651 1653 1655 1657 1659 1661 1663 1665 1667 1669 1671 1673 1675 1677 1679 1681 1683 1685 1687 1689 1691 1693 1695 1697 1699 1701 1703 1705 1707 1709 1711 1713 1715 1717 1719 1721 1723 1725 1727 1729 1731 1733 1735 1737 1739 1741 1743 1745 1747 1749 1751 1753 1755 1757 1759 1761 1763 1765 1767 1769 1771 1773 1775 1777 1779 1781 1783 1785 1787 1789 1791 1793 1795 1797 1799 1801 1803 1805 1807 1809 1811 1813 1815 1817 1819 1821 1823 1825 1827 1829 1831 1833 1835 1837 1839 1841 1843 1845 1847 1849 1851 1853 1855 1857 1859 1861 1863 1865 1867 1869 1871 1873 1875 1877 1879 1881 1883 1885 1887 1889 1891 1893 1895 1897 1899 1901 1903 1905 1907 1909 1911 1913 1915 1917 1919 1921 1923 1925 1927 1929 1931 1933 1935 1937 1939 1941 1943 1945 1947 1949 1951 1953 1955 1957 1959 1961 1963 1965 1967 1969 1971 1973 1975 1977 1979 1981 1983 1985 1987 1989 1991 1993 1995 1997 1999 2001 2003 2005 2007 2009 2011 2013 2015 2017 2019 2021 2023 2025 2027 2029 2031 2033 2035 2037 2039 2041 2043 2045 2047 2049 2051 2053 2055 2057 2059 2061 2063 2065 2067 2069 2071 2073 2075 2077 2079 2081 2083 2085 2087 2089 2091 2093 2095 2097 2099 2101 2103 2105 2107 2109 2111 2113 2115 2117 2119 2121 2123 2125 2127 2129 2131 2133 2135 2137 2139 2141 2143 2145 2147 2149 2151 2153 2155 2157 2159 2161 2163 2165 2167 2169 2171 2173 2175 2177 2179 2181 2183 2185 2187 2189 2191 2193 2195 2197 2199 2201 2203 2205 2207 2209 2211 2213 2215 2217 2219 2221 2223 2225 2227 2229 2231 2233 2235 2237 2239 2241 2243 2245 2247 2249 2251 2253 2255 2257 2259 2261 2263 2265 2267 2269 2271 2273 2275 2277 2279 2281 2283 2285 2287 2289 2291 2293 2295 2297 2299 2301 2303 2305 2307 2309 2311 2313 2315 2317 2319 2321 2323 2325 2327 2329 2331 2333 2335 2337 2339 2341 2343 2345 2347 2349 2351 2353 2355 2357 2359 2361 2363 2365 2367 2369 2371 2373 2375 2377 2379 2381 2383 2385 2387 2389 2391 2393 2395 2397 2399 2401 2403 2405 2407 2409 2411 2413 2415 2417 2419 2421 2423 2425 2427 2429 2431 2433 2435 2437 2439 2441 2443 2445 2447 2449 2451 2453 2455 2457 2459 2461 2463 2465 2467 2469 2471 2473 2475 2477 2479 2481 2483 2485 2487 2489 2491 2493 2495 2497 2499 2501 2503 2505 2507 2509 2511 2513 2515 2517 2519 2521 2523 2525 2527 2529 2531 2533 2535 2537 2539 2541 2543 2545 2547 2549 2551 2553 2555 2557 2559 2561 2563 2565 2567 2569 2571 2573 2575 2577 2579 2581 2583 2585 2587 2589 2591 2593 2595 2597 2599 2601 2603 2605 2607 2609 2611 2613 2615 2617 2619 2621 2623 2625 2627 2629 2631 2633 2635 2637 2639 2641 2643 2645 2647 2649 2651 2653 2655 2657 2659 2661 2663 2665 2667 2669 2671 2673 2675 2677 2679 2681 2683 2685 2687 2689 2691 2693 2695 2697 2699 2701 2703 2705 2707 2709 2711 2713 2715 2717 2719 2721 2723 2725 2727 2729 2731 2733 2735 2737 2739 2741 2743 2745 2747 2749 2751 2753 2755 2757 2759 2761 2763 2765 2767 2769 2771 2773 2775 2777 2779 2781 2783 2785 2787 2789 2791 2793 2795 2797 2799 2801 2803 2805 2807 2809 2811 2813 2815 2817 2819 2821 2823 2825 2827 2829 2831 2833 2835 2837 2839 2841 2843 2845 2847 2849 2851 2853 2855 2857 2859 2861 2863 2865 2867 2869 2871 2873 2875 2877 2879 2881 2883 2885 2887 2889 2891 2893 2895 2897 2899 2901 2903 2905 2907 2909 2911 2913 2915 2917 2919 2921 2923 2925 2927 2929 2931 2933 2935 2937 2939 2941 2943 2945 2947 2949 2951 2953 2955 2957 2959 2961 2963 2965 2967 2969 2971 2973 2975 2977 2979 2981 2983 2985 2987 2989 2991 2993 2995 2997 2999 3001 3003 3005 3007 3009 3011 3013 3015 3017 3019 3021 3023 3025 3027 3029 3031 3033 3035 3037 3039 3041 3043 3045 3047 3049 3051 3053 3055 3057 3059 3061 3063 3065 3067 3069 3071 3073 3075 3077 3079 3081 3083 3085 3087 3089 3091 3093 3095 3097 3099 3101 3103 3105 3107 3109 3111 3113 3115 3117 3119 3121 3123 3125 3127 3129 3131 3133 3135 3137 3139 3141 3143 3145 3147 3149 3151 3153 3155 3157 3159 3161 3163 3165 3167 3169 3171 3173 3175 3177 3179 3181 3183 3185 3187 3189 3191 3193 3195 3197 3199 3201 3203 3205 3207 3209 3211 3213 3215 3217 3219 3221 3223 3225 3227 3229 3231 3233 3235 3237 3239 3241 3243 3245 3247 3249 3251 3253 3255 3257 3259 3261 3263 3265 3267 3269 3271 3273 3275 3277 3279 3281 3283 3285 3287 3289 3291 3293 3295 3297 3299 3301 3303 3305 3307 3309 3311 3313 3315 3317 3319 3321 3323 3325 3327 3329 3331 3333 3335 3337 3339 3341 3343 3345 3347 3349 3351 3353 3355 3357 3359 3361 3363 3365 3367 3369 3371 3373 3375 3377 3379 3381 3383 3385 3387 3389 3391 3393 3395 3397 3399 3401 3403 3405 3407 3409 3411 3413 3415 3417 3419 3421 3423 3425 3427 3429 3431 3433 3435 3437 3439 3441 3443 3445 3447 3449 3451 3453 3455 3457 3459 3461 3463 3465 3467 3469 3471 3473 3475 3477 3479 3481 3483 3485 3487 3489 3491 3493 3495 3497 3499 3501 3503 3505 3507 3509 3511 3513 3515 3517 3519 3521 3523 3525 3527 3529 3531 3533 3535 3537 3539 3541 3543 3545 3547 3549 3551 3553 3555 3557 3559 3561 3563 3565 3567 3569 3571 3573 3575 3577 3579 3581 3583 3585 3587 3589 3591 3593 3595 3597 3599 3601 3603 3605 3607 3609 3611 3613 3615 3617 3619 3621 3623 3625 3627 3629 3631 3633 3635 3637 3639 3641 3643 3645 3647 3649 3651 3653 3655 3657 3659 3661 3663 3665 3667 3669 3671 3673 3675 3677 3679 3681 3683 3685 3687 3689 3691 3693 3695 3697 3699 3701 3703 3705 3707 3709 3711 3713 3715 3717 3719 3721 3723 3725 3727 3729 3731 3733 3735 3737 3739 3741 3743 3745 3747 3749 3751 3753 3755 3757 3759 3761 3763 3765 3767 3769 3771 3773 3775 3777 3779 3781 3783 3785 3787 3789 3791 3793 3795 3797 3799 3801 3803 3805 3807 3809 3811 3813 3815 3817 3819 3821 3823 3825 3827 3829 3831 3833 3835 3837 3839 3841 3843 3845 3847 3849 3851 3853 3855 3857 3859 3861 3863 3865 3867 3869 3871 3873 3875 3877 3879 3881 3883 3885 3887 3889 3891 3893 3895 3897 3899 3901 3903 3905 3907 3909 3911 3913 3915 3917 3919 3921 3923 3925 3927 3929 3931 3933 3935 3937 3939 3941 3943 3945 3947 3949 3951 3953 3955 3957 3959 3961 3963 3965 3967 3969 3971 3973 3975 3977 3979 3981 3983 3985 3987 3989 3991 3993 3995 3997 3999 4001 4003 4005 4007 4009 4011 4013 4015 4017 4019 4021 4023 4025 4027 4029 4031 4033 4035 4037 4039 4041 4043 4045 4047 4049 4051 4053 4055 4057 4059 4061 4063 4065 4067 4069 4071 4073 4075 4077 4079 4081 4083 4085 4087 4089 4091 4093 4095 4097 4099 4101 4103 4105 4107 4109 4111 4113 4115 4117 4119 4121 4123 4125 4127 4129 4131 4133 4135 4137 4139 4141 4143 4145 4147 4149 4151 4153 4155 4157 4159 4161 4163 4165 4167 4169 4171 4173 4175 4177 4179 4181 4183 4185 4187 4189 4191 4193 4195 4197 4199 4201 4203 4205 4207 4209 4211 4213 4215 4217 4219 4221 4223 4225 4227 4229 4231 4233 4235 4237 4239 4241 4243 4245 4247 4249 4251 4253 4255 4257 4259 4261 4263 4265 4267 4269 4271 4273 4275 4277 4279 4281 4283 4285 4287 4289 4291 4293 4295 4297 4299 4301 4303 4305 4307 4309 4311 4313 4315 4317 4319 4321 4323 4325 4327 4329 4331 4333 4335 4337 4339 4341 4343 4345 4347 4349 4351 4353 4355 4357 4359 4361 4363 4365 4367 4369 4371 4373 4375 4377 4379 4381 4383 4385 4387 4389 4



observado que em nenhuma outra porção o autor emprega Ἰησοῦς isoladamente, mas sempre Ἰησοῦς Χριστός. A colocação ímpar θεὸς Χριστός que figura em P (72) (o escriba tencionava escrever θεοῦ χριστός. «o ungido de Deus»?) provavelmente é um equívoco escríbal; de outra maneira, esperar-se-ia que Χριστός fosse representada também em outros testemunhos.

A grande maioria de testemunhos diz ὁ antes de κύριος, mas, em face de sua ausência em K Ψ e da tendência dos escribas de adicionarem o artigo, julgou-se melhor deixar ὁ entre colchetes.

(Princípios da crítica textual parecem exigir a adoção de Ἰησοῦς, que se admite ser a forma melhor confirmada entre os testemunhos gregos e as versões (ver acima). Admirados ante a estranha e ímpar menção de Jesus, em uma declaração sobre a saída do Egito (contudo, cf. a alusão de Paulo a Χριστός em I Cor. 10:4), copistas teriam substituído isso por (ὁ) κύριος ou ὁ θεός. É possível, porém, que (conforme Hort conjecturava) “o texto original tivesse apenas ὁ, e que OTIO foi lida como OTIC ou talvez como OTIC” (Notes on Select Readings, ad loc.).

A origem das variações na posição de ἀπαξ pode ser melhor explicada supondo-se que originalmente estava após εἰδὼτας (tal como em P (72) A B C (2) L 049 33 81 104 181 326 330 436 451 629 945 1877 2127 ad); entretanto, já que o termo não parecia adaptar-se a εἰδὼτας, e porque ο τὸ δεύτερον seguinte parecia exigir uma palavra como πρῶτον, o vocábulo ἀπαξ — foi movido para dentro da cláusula δι- a fim de qualificar σώσας. B.M.M. e A.W.).

1. Quanto a maiores discussões ver Allen Wikgren, «Some Problems in Jude 6», em *Studies in the History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark*, ed. por Boyd L. Daniels e M. Jack Suggs (= *Studies and Documents*, vol. xxix; Salt Lake City, 1967), págs. 147-162.

5: Ora, quero lembrar-vos, se bem que já de uma vez para sempre acobertais toda isto, que, levando a Senhor salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruído depois de que não creram;

(Ver Núm. 14:29,30 quanto à narrativa acerca disso). Neste ponto cabe o comentário de Homrighausen (in loc.): «Judas percebeu que os crentes podem saber tudo sobre sua ‘comunicação’, conhecendo até mesmo algo sobre os inimigos da santa fé, mas na realidade nada compreenderam da mesma de modo vital. Tal como Pedro, ele queria lembrar a seus leitores (ver o quinto versículo), queria abalar o conhecimento deles, pondo-os em ação, acerca dessas questões. A lembrança, neste caso, não era um mero trazer à memória; antes, visava levar à ação dirigida pelo discernimento (ver Heb. 4:7 e ss. e I Cor. 10:5). Não é necessário alguém ser ‘alguém... plenamente informado’, pois os crentes precisam ser perenemente lembrados dessas mesmas coisas. E devem ser lembrados do fato que até mesmo depois que Deus salvou um povo da servidão no Egito, alguns dos libertados podem perder-se, devido à sua incredulidade. O fato que alguém é membro da comunidade salva não garante que não possa esse alguém ser sutilmente tentado a assumir atitude de ceticismo para com Deus, sem que disso tenha consciência. Ou pode acontecer—conforme se tem dado com tantos crentes, daquela época e de eras subsequentes, que alguns se considerem crentes reais simplesmente porque foram membros batizados da igreja cristã. Em virtude de sua vinculação externa, reputam-se seguros de qualquer perigo. Esse falso senso de segurança é perigoso, pois torna o crente laço no locante às suas obrigações morais. (Ver o vigésimo versículo).»

...cientes de tudo uma vez por todas... Os leitores originais já sabiam aquilo de que o autor sagrado estava prestes a falar, a saber, que a privilegiada nação de Israel veio à ruína devido à incredulidade. Seus mestres lhes tinham sido fiéis; conheciam a verdade, mas nem mesmo isso poderia impedi-los da ruína, se persistissem nos caminhos dos apóstatas.

**Variação Textual:** O termo grego «apax» aparece em diversas posições, nessa sentença, em manuscritos vários. Nos mss P(72), ABC(2)L, 049, 33, 81; 104, 181, 326, 330, 436, 451, 629, 945, 1877, 2127 aparece após «eidotas», «cientes». Isso dá o seguinte resultado: «...fostes uma vez plenamente informados...». Porém, nos mss Aleph, 68, Si e Bo o termo foi transferido para a cláusula com «oti», ficando ligado a «sonas», «salvo» ou «libertados». E isso resulta em: «...o Senhor de uma vez por todas salvou o povo das mãos do Egito...». Obviamente, isso é um texto secundário. Quando os crentes recebem a «fé» que «de uma vez por todas foi entregue» a eles, também recebem uma lição enfática sobre como a segurança é preservada—através da disciplina espiritual mais diligente e incansável. Esse é o intuito do autor sagrado.

Os desviados licenciosos estão particularmente em foco aqui, como aqueles que perecem como o povo que fora libertado do Egito; e a clara intenção do autor sagrado, neste ponto, é advertir aos verdadeiros crentes

ὁ ἀγγέλους τε τοὺς μὴ τηρήσαντας τὴν ἐαυτῶν ἀρχὴν ἀλλὰ ἀπολιπόντας τὸ ἴδιον οἰκητήριον εἰς κρίσιν μεγάλης ἡμέρας δεσμοῖς αἰοίοις ὑπὸ ζόφον τετήρηκεν·

6 δεσμοῖς add αὐτοῖς καὶ 33 | ὑπὸ ζόφον praet agnoscitur m Lcf: add αγρων (sic) αγγων CI

6: os anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, ele os tem reservados em prisões eternas na escuridão para o juízo da grande dia,

...anjos... (Quanto a notas expositivas completas sobre os «anjos», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10). O N.T. contém a crença que há muitas ordens angelicais e muitas regiões ocupadas pelos anjos (ver Col. 1:16 e Efê. 1:21). Essa é uma teologia judaica helenista comum, que transparecia até mesmo nas religiões pagãs, embora não haja razão alguma para a rejeitarmos. Os mestres gnósticos também defendiam essa doutrina, identificando os anjos postulados pelos hebreus como as neoplatônicas «emanações de Deus», ou seja, os anjos seriam os mesmos «aeons» (emanações angelicais de Deus), a sua «plenitude» (ver Col. 1:19 e 2:9,10, bem como as notas ali expostas), em que cada um deles teria alguma partícula ou partículas da natureza e dos atributos divinos.

O autor sagrado mostra que algumas ordens angelicais caíram. E talvez tenha querido dar a entender que os gnósticos andavam perto de adorar a anjos malignos, com sua doutrina que fazia de Cristo apenas um dentre muitos aeons. O trecho de Col. 2:18 mostra-nos que os gnósticos adoravam aos anjos. O trecho de Col. 1:15 e ss. foi escrito a fim de mostrar que

que não se aliam aos tais. Tanto os crentes como os que se desviam devem aprender igualmente a lição que o juízo divino recai sobre aqueles que retrocedem, abandonam a fé e se tornam amigos deste mundo ímpio. «Somente a disciplina espiritual rigorosa e contínua suprê a base de segurança». (Barnett, in loc.).

**Autêntico conhecimento espiritual.** Consideremos o que diz o livro apócrifo de Enoque: «Sei de tudo da parte dos lábios do Senhor... Sei tudo e escrevi tudo nos livros» (Enoque xl.1,2). Praticamente a nação inteira de Israel pereceu no deserto, exceto os fiéis Calebe e Josué. Reconhecamos isso! O verdadeiro Josué, que é Jesus, espera que lhe demos a nossa lealdade. Disso depende a nossa segurança. Os mestres gnósticos afirmavam possuir um «conhecimento» superior, através do que julgavam que poderiam ser remidos. Mas essa porção do verdadeiro conhecimento espiritual lhes faltava, para sua própria destruição.

...incredulidade... Essa é a fonte de todos os males e desvios. Os gnósticos não prestavam lealdade ao verdadeiro Cristo, mas substituíam-no por um «aion». Não aceitavam as doutrinas da encarnação, da fusão das naturezas divina e humana em Jesus, e nem da expiação. Se algum crente aceitar tais negações, torna-se um incrédulo. Porém, a fé é a outorga da alma aos cuidados de Cristo (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 11:1). A fé não é mero assentimento intelectual com certo número de determinadas doutrinas. A incredulidade equivale à desobediência, porque, em si mesma, é uma forma agravada de incredulidade, bem como é a origem da desobediência moral. (Ver II Tes. 1:8).

**Variantes Textuais:** As palavras «acobi disso» aparecem nos mss CKL e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores. Mas «de tudo» é a forma que aparece nos mss P(72), Aleph, ABC(2), na Vg, no Si, no Cóp, no Eti, no Ara e nos escritos da maioria dos pais da Igreja. Certamente isso representa a forma correta. O autor sagrado enfatiza o «completo» conhecimento da verdade que tinham seus leitores originais e edifica sobre isso sua advertência, e não apenas sobre o conhecimento de que o antigo e incrédulo povo de Israel foi julgado, após ter sido libertado do Egito.

Os mss AB, 33, 81; 322, 323, 424(Cl, 686, 1241, 1739, 1881, 22, 98, 1344, a Vg, no Cópisa, bo), o Eti e os escritos dos pais da Igreja Orígenes, Cirilo, Jerônimo e Bede dizem «Jesus» (libertou). Os mss 88 e 915 adicionam o artigo a isso. E o ms P(72) diz «Jesus Cristo». «Senhor» é a forma que aparece nos mss Aleph, KL e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, embora essa evidência seja claramente secundária. É possível que a forma abreviada dos mss KC, «Senhor», tenha sido substituída por acidente pela forma similar, «Jesus», dos mss IC, porquanto é bem provável que tivessem sentido alguns escribas que seria muito estranho dizer que «Jesus» salvara a Israel do Egito. Portanto, isso foi substituído por «Deus» (o Pai). Temos de admitir que isso é estranho; mas comparemos com o uso da palavra «Cristo» por parte de Paulo, em I Cor. 10:4, onde ele é chamado a «Rocha» que seguia a Israel. Devotos autores crentes não hesitariam em falar da preeminência de Cristo no antigo povo de Israel; e «Jesus», como seu título, pode ser usado sem criar qualquer problema teológico.

somente Cristo merece essa adoração, porquanto ele é o Alfa e o Omega da criação, a qual veio da parte dele, por meio dele e é para ele. A passagem de Col. 1:20 mostra-nos que até mesmo alguns anjos precisam de redenção, ao passo que o primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que toda a criação, incluindo os anjos, precisa ser reorientada em volta de Cristo, a fim de encontrar nele uma razão para a sua existência.

O autor sagrado talvez tenha querido dar a entender que os «aeons» ou emanações angelicais, que os gnósticos tinham em tão grande estima, eram seres caídos, tal como o homem, sendo seres malignos. Por conseguinte, não lhes devemos prestar qualquer honraria. Outrossim,—o fato que esses elevados poderes serão julgados mostra-nos que elevados poderes espirituais podem «cair», sendo levados a «julgamento». Quanto mais sucederá isso aos mortais que seguirem pela vereda tortuosa dos mesmos. Satanás enganou aos anjos (ver Apo. 12:4), não havendo dúvidas que ele pode enganar a homens pretenciosos e aos discípulos destes.

...não guardaram o seu estado original... Qual estado? O lugar de honra, de bem-estar e de domínio que eles possuíam nos lugares celestiais, nas esferas espirituais da existência. (Ver as notas expositivas em Efê. 1:3 acerca dos «lugares celestiais»). Antes tais anjos contavam com o favor

divino, pois eram espiritualmente puros e tinham um poder imenso. Eram instrumentos da glória de Deus, mas caíram. Os homens também podem cair, e com muito menor esforço.

«...abandonaram o seu próprio domicílio...» Isso sucedeu propositalmente. Fizera uma louca e má decisão; preferiram Satanás a Deus. Os trechos de I João 2:15,16 e 3:8,10 mostram que todo o pecado, até mesmo o pecado humano, é participação, em última análise, na maldade cósmica, inspirada pelo príncipe da maldade, da mesma maneira que o bem, em última análise, é inspirado por Deus.

— Quão grande é a perda do homem quando ele se alia às forças satânicas, quando negligencia a Cristo, o verdadeiro alvo dos anjos da alma.

O que os anjos tinham e o que perderam, é ilustrado na literatura judaica. Além das habitações celestes pertencerem a eles, a tradição judaica lhes atribua governos (por detrás das cenas) sobre várias nações e outras regiões da criação que nos são desconhecidas. Supunham também que sete grandes anjos governavam os sete planetas ou estrelas vagabundas. Na sua ignorância sobre assuntos astronômicos, supunham que essas «estrelas errantes» (sentido da palavra «planeta») tinham saído das órbitas que lhes tinham sido destinadas, pelo que os anjos que controlavam esses mundos foram castigados, tendo sido acusados de romperem com a ordem que lhes fora dada. (Ver *Enoque* xviii.13 e ss. quanto a essa tradição). Os comentários sobre Deut. 32:8 fazem aquele versículo referir-se, ao menos em parte, aos governos dados aos anjos por Deus. O judaísmo posterior misturava tudo isso com a astrologia, porquanto pensavam que as estrelas fossem os «corpos» de seres angelicais ou, pelo menos, os lugares da habitação dos mesmos; e, além disso, supunham que esses «corpos» e os poderes angelicais a eles associados exerciam certa influência sobre as vidas humanas. (Ver Col. 2:8, acerca da astrologia no judaísmo posterior, nas notas expositivas ali existentes). A queda dos anjos, pois, arruinou tudo aquilo de que desfrutavam aqueles anjos poderosos, deixando-os em má situação perante o Senhor Deus.

«...ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas...» Essas descrições são tomadas por empréstimo diretamente do livro apócrifo de *Enoque* (ver 10:4-6,11,12; 54:3-5; 12:4-6 e 15:5-6). Consideremos os pontos seguintes: 1. *Enoque* pinta os anjos como quem estaria amarrado de pés e mãos, lançados nas trevas, debaixo de grande pilha de pedras brutas e desordenadas, conservando-os cativos. No dia do julgamento teriam de sofrer o fogo (ver *Enoque* 10:4-6,11,12). Estariam lançados no abismo, amarrados com «correntes extremamente pesadas» (ver *Enoque* 54:3-5). 2. A ofensa dos anjos que caíram é descrita como o abandono de sua glória original, e o seu crime é considerado como algo irremediável (ver *Enoque* 12:4-6). 3. Deus não dera esposas a eles porque eles eram santos e antes verdadeiramente espirituais. A sua missão consistia de serem «atalaias» e «guardiões» da criação de Deus, incluindo a sua porção terrena. No entanto, começaram a participar de concupiscências tipicamente humanas, e buscaram solteiramente mulheres terrenas, e assim caíram em todas as

7 ὡς Σόδομα καὶ Γόμορρα καὶ αἱ περὶ αὐτὰς πόλεις, τὸν ὁμοίον τρόπον τούτοις ἐκπορνεύσασαι καὶ ἀπελθοῦσαι ὀπίσω σαρκὸς ἐτέρας, πρόκεινται δείγμα<sup>b</sup> πυρὸς αἰώνιου<sup>b</sup> δίκην ὑπέχουσαι.

<sup>a</sup> 7 ὡς, ὁ ὅμοιος; TR WH Bov Nes B17 // ὁ ὅμοιος, ὁ ὅμοιος: AV RV ARV (RBV) (NEB) TT Zür (Loth) 3m Soc // ὁ ὅμοιος, ὁ ὅμοιος: RVm ABVm

7 Qn 19.4-26; 2 Pa 2.6, 10

7: assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se prostituído como aquelas anjos, e lá após outra ignomínia, foram punidas como exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno.

O autor lança mão, aqui, de um outro exemplo «terreno». — As cidades de Sodoma e Gomorra se distinguiram pela extrema perversidade de seus habitantes, especialmente nas questões sexuais. E eles servem aqui de bom exemplo, visto que os mestres gnósticos eram indivíduos amorais. Seus habitantes sofreram juízo juntamente com os habitantes de outras cidades próximas. Josefo diz que foram atingidas quatro cidades daquela área. Por semelhante modo, os gnósticos haverão de sofrer juízo, pois são os filhos espirituais de anjos e de homens cheios de concupiscência. As cidades de Sodoma e Gomorra provavelmente foram sugeridas à mente do autor sagrado porque sua condenação se deveu ao mesmo tipo de pecado que fora cometido por aqueles anjos, a concupiscência. Os que se deixam levar pela concupiscência cairão. Os falsos mestres não serão uma exceção. Afinal, como poderia haver qualquer exceção no universo de Deus? Se porventura houvesse alguma exceção, então o «caos», e não a justiça, é que triunfaria.

«...Sodoma e Gomorra...» Esses nomes eram usados proverbialmente, na literatura judaica, para cidades que merecem seu julgamento, devido à sua especial perversidade. Ver Sabedoria de Salomão 10:7; Gên. 13:10 e ss. e os capítulos dezoito e dezoenove desse livro; Mat. 10:15 e ss.; 11:23,24; Marc. 6:11; Luc. 10:12; 17:29; II Ped. 2:6; Apo. 11:8. As notas sobre Mat. 10:14 fornecem mais detalhes sobre essa questão.

Mas a iniquidade dos nossos próprios dias é tão grande, que alguém escreveu: «A gente, vivendo hoje, não pode deixar de ter saudade daqueles tempos em que a humanidade era mais pura e inocente, como em Sodoma e Gomorra». (Millor Fernandes).

«...cidades circunvizinhas...» Havia cinco cidades. Admá e Zeboim foram julgadas ao mesmo tempo, mas Zoar foi poupada. (Ver Deut. 29:23 e Osé. 11:8). O juízo divino pode ter tomado a forma de uma catástrofe natural, como uma ação vulcânica com explosão de gases. Mas há quem creia que se tratou de uma explosão atômica. Seja como for, foi um juízo de Deus contra uma insuportável iniquidade, sem importar como isso foi administrado. Deus julgará novamente aos homens, de maneira horrenda e prodigiosa, ao fim deste século XX, segundo tudo parece indicar. Ver o artigo existente na introdução ao comentário, sobre *A Tradição Profética e a Nossa Era*.

modalidades de imoralidade (ver *Enoque* 15:4-6 e o sétimo versículo desta epístola).

A queda dos anjos. Na literatura judaica essa queda é variegadamente descrita, como segue: 1. Teriam caído juntamente com Lúcifer, na remota eternidade passada (ver Isa. 14:12 e ss.). 2. Teriam caído por terem desejado mulheres terrenas (ver Gên. 6:1-4 e o trecho já referido do livro apócrifo de *Enoque*). 3. Teriam caído por participarem da tentação e da queda do homem, sobre o que se lê no terceiro capítulo do livro de Gênesis.

Os falsos mestres, que incluíam a imoralidade como parte oficial de suas doutrinas, tinham-se tornado aliados espirituais dos anjos caídos, os quais haviam caído através da concupiscência. Sua mensagem amoral, portanto, levava os homens à queda, e não a redenção.

O autor sagrado ensina que até mesmo os anjos, poderosos e inteligentes como eram, «podiam» cair e «realmente» caíram. Os homens também são passíveis de queda, embora conheçam a verdade. O julgamento deles é horrível. Fugamos da ira de Deus!

*Ali os deuses tidínicos, às sombras tristes  
Condenados pela vontade de Jove, entre nuvens,  
Jazem, escondidos nas regiões más.  
(Hesíodo, Teogonia, v.729).*

«...eternas...» No grego é «aídios», usualmente um sinônimo de «aionios». No trecho de *Enoque* 12:4-6 esses anjos caídos são retratados como quem continuamente roga misericórdia, embora essa nunca lhes seja conferida.

«...juízo do grande dia...» Isso focaliza o grande dia em que Deus houver de julgar às suas criaturas, aquele dia mais importante de todos. Temos aqui uma expressão rabínica que indica o julgamento final. (Ver Col. 3:6 sobre a «ira de Deus»; e ver Apo. 14:11 sobre o julgamento. Ver também II Ped. 2:4; Atos 2:20; Apo. 6:17 e 16:14, que são versículos similares).

As cadeias. Elas representam «empecilhos». As forças satânicas estão amarradas, ou, pelo menos, assim se acham alguns de seus elementos mais maliciosos. Isso os tolhe e preserva, ao mesmo tempo. Finalmente serão levados a juízo. Todavia, há outras forças satânicas que estão soltas, e Satanás não tem permissão de transformar a vida humana em um inferno total, como certamente gostaria de fazer, se isso lhe fosse permitido. O Espírito de Deus o restringe, e, de outro modo, a vida humana nesta terra seria qual a existência em uma selva caótica, violenta e sem misericórdia.

Alguns estudiosos têm pensado que o lugar onde tais anjos estão confinados é o centro da terra ou a atmosfera em redor da terra. Pelo menos tais poderes têm um acesso limitado à terra, embora estejam «amarrados». É provável que a maioria desses anjos mais maliciosos e poderosos não tenham permissão de tocar nos homens em nenhum sentido, pois ninguém poderia oferecer-lhes resistência. A misericórdia de Deus protege até mesmo os homens ímpios. Mas o livro de Apocalipse dá-nos a entender que, nos últimos dias, essas forças espirituais extremamente negativas terão a permissão de atacar os homens; e então é que os homens aprenderão a lição que o caminho de Deus realmente é melhor, e que sua alternativa é horripilante.

7 (δείγμα πυρ. α.) 8, π. α. ε. ζ R<sup>1</sup>: 8. w. α., R<sup>m</sup>)

«...prostituição...» Estão em foco males morais como depravações, homossexualismo, concupiscências e apego exagerado ao sexo. Os anjos que foram aprisionados caíram por causa disso. Os habitantes das cidades das planícies fizeram outro tanto. Os gnósticos, em sua mensagem sem moral, imitavam aos tais, tornando-se seus filhos espirituais. E aquele que se alia aos tais terá de sofrer sua punição. O termo grego aqui usado vem de «porne», «prostituta», mas indica todas as formas de imoralidade, e não meramente a «fornicação», o pecado sexual antes do casamento, conforme dizem erroneamente algumas traduções. O verbo indica agir como uma prostituta, modelar a própria vida nos moldes da prostituição, abandonando todas as restrições morais.

«...como aqueles...», isto é, os habitantes das «cidades circunvizinhas», que imitavam os moradores de Sodoma e Gomorra. Eles sofrerão igual julgamento. Mas todos eles imitavam aos anjos caídos, que é a história que estava na mente do autor sagrado e que provocou a ilustração do sétimo versículo.

«...outra carne...», ou seja, «concupiscências desnaturais», como o homossexualismo, ou como o crime de um ser angelical que queria ter uma mulher mortal como companheira. Essas perversões sexuais aprofundaram a culpa de seus crimes. Eles se «entregaram» a essas coisas. Prostituíram-se ansiosamente.

«...para exemplo...» Qual exemplo? que o mal moral inevitavelmente traz o juízo. Os gnósticos, que imitavam o exemplo dos moradores de Sodoma, compartilhariam da sorte destes últimos; e isso sucederá a todos quanto seguirem a mesma vereda negativa na vida. (Ver as notas expositivas em I Cor. 11:1 sobre o «poder do exemplo»). Devemos três coisas a nossos semelhantes, sobretudo a nossos irmãos na fé: exemplo... exemplo... exemplo. Seremos contados como responsáveis pelo tipo de exemplo que estivermos dando aos outros.

«...do fogo eterno...» Os ímpios são julgados no fogo, o que antecipa as chamas eternas do juízo final. O autor sagrado tomou por empréstimo, do livro de *Enoque*, os símbolos que usou—eles sofrem em chamas subterrâneas, mas isso é apenas uma prelição do fogo eterno que haverá no lago do fogo (ver Apo. 19:20; 20:10 e 21:8; comparar também com Heb. 10:26,27, que diz «...já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectação horrível de juízo e fogo vingador, prestes a consumir os

adversários»). Essas palavras são tão simbólicas como as «trevas» e a «morte», indicando aquele estado onde a «vida», a «luz» e a «glória» de Deus não se fazem presentes, mas onde os homens nunca atingem o alvo para o qual foram criados, sem importar o nível de restauração que venham a experimentar em Cristo, por ser ele o Senhor cósmico.

O ponto de vista deste comentário, sobre a natureza do julzo, reflete-se nas notas expositivas em Col. 3:6 e I Ped. 3:18. A verdadeira tragédia do julzo eterno é que os homens são impedidos de participarem da «filiação», na plenitude de Deus, em sua natureza e atributos (ver Ef. 3:19 e Col. 2:10), ficando assim aquém do propósito para o qual foram criados. Sua tragédia é que não atinge a imensa salvação, a «filiação», que é oferecida aos homens. Seus sofrimentos terão efeitos disciplinadores e restauradores, pois até mesmo o julgamento será um dedo da mão amorosa de Deus. No entanto, uma vez que sejam julgados, quando da vinda do Cristo, jamais poderão abandonar a região do julzo, da morte espiritual (a qual consiste da IV. Descrição dos Hereses Gnósticos (Vss. 8-13).

#### 1. Não tinham objetos santos (vs. 8-10).

No quarto versículo e suas notas expositivas, já vimos várias descrições acerca dos hereses gnósticos, em seus aspectos doutrinário e moral. As seções em seguida descrevem, com horrendos detalhes, a imoralidade e perversidade deles.

8 Ὁμοίως μέντοι καὶ οὗτοι ἐνυπνιαζόμενοι σάρκα μὲν μαίνουσιν, κυριότητα δὲ ἀθετοῦσιν, δόξας δὲ βλασφημοῦσιν.

8 σάρκα...βλασφημοῦσιν 2 Pe 2:10

8: Centado, semelhantemente também estes falsos mestres, pensando, continuam a sua carne, rejeitam toda autoridade e blasfemam das divindades.

«...estes...» são os mesmos «certos», referidos no quarto versículo, que eram falsos mestres astuciosos, desonestos e doutrinariamente corruptos. Não eram ortodoxos nem nas doutrinas e nem na prática.

«...da mesma sorte...» Essas palavras estão ligadas a «...contaminam a carne...», aludindo às mesmas formas de depravação praticadas pelos habitantes de Sodoma e Gomorra. Portanto, assim como os homens depravados da antigüidade, que há pouco foram descritos, e que não tinham qualquer lei moral, assim também os hereses gnósticos não tinham qualquer restrição moral como parte de seu sistema doutrinário.

«...sonhadores alucinados...» Há muitas formas de misticismo. Os tradutores ou revisores (tradução AA) dão aqui uma falsa impressão. O termo grego, «*enupniadzomai*», significa apenas «sonhar» (como em IB) ou «ter visões», não havendo qualquer sugestão de alucinação nessa palavra. Provavelmente está em foco aqui a asseveração gnóstica de que eles tinham visões e profecias, ou então, de modo geral, suas experiências místicas. O autor sagrado não quis dizer que eles não tinham tais experiências. O trecho de Col. 2:18 também admite que eles tinham experiências místicas, na forma de visões. Naquele caso, os escribas e intérpretes também não puderam deixar o versículo conforme aparece no original, alterando-o de forma a dar a impressão que suas reivindicações místicas eram falsas. Mas todos aqueles que têm estudado o misticismo sabe que o mesmo não respeita fronteiras denominacionais, além do que sempre fez parte das culturas humanas, até mesmo sem vinculações religiosas.

Com base no N.T., tais visões, embora aceitas como reais, são chamadas: 1. ou de derivadas de fontes espirituais malignas; ou 2. derivadas de fontes puramente humanas, do espírito humano, que certamente possui certos poderes místicos, sem a intervenção de qualquer espírito externo, angelical ou demoníaco. Na primeira dessas categorias podemos incluir os anjos maus, os demônios e outras forças malignas desconhecidas.

Os estudos no campo da parapsicologia têm mostrado abundantemente qual o alcance do poder da personalidade humana. Está provado que um homem é facilmente capaz de produzir curas, de ter visões, de profetizar, etc., sem que isso transcenda aos limites de seu próprio ser. Tais experiências, porém, podem ter significação religiosa ou não para o produtor das mesmas. Em outras palavras, não é fora de lugar a idéia que até mesmo os «dons espirituais», em alguns casos, sejam apenas o uso de qualidades humanas inerentes. Se Deus quiser que um homem desenvolva tais capacidades, que podem ser usadas em favor do bem e para progresso do evangelho, então, embora estritamente humanas, na realidade são «dons espirituais», sendo legitimamente empregadas para a glória de Deus.

O homem é um ser espiritual, e Orígenes provavelmente tinha razão ao dizer que a alma do homem, o que a humanidade era antes da queda, não era inferior aos seres que chamamos de «espíritos angelicais». Portanto, o homem possui a capacidade inata de fazer qualquer coisa que um anjo pode fazer. Em Cristo, os remidos serão elevados bem acima dos anjos, pois os remidos são filhos de Deus, tal como o Filho o é, pelo que participarão da natureza divina (ver II Ped. 1:4) e de toda a «plenitude de Deus» (ver Ef. 3:19 e Col. 2:10), ao que os anjos têm um acesso bastante limitado.

Provavelmente é correto dizer que alguns dons espirituais são angelicamente mediados, pelo que imitações espúrias podem ter os demônios como mediadores. Então, em casos especialíssimos, o próprio Espírito Santo pode inspirar e empregar o seu poder nos remidos, produzindo dons espirituais de admirável natureza. Essas altíssimas manifestações, em casos especiais, entretanto, podem ser imitadas por influência satânica direta em alguns indivíduos, conforme se dará no caso do anticristo, o qual será possuído pela forma espiritual negativa mais poderosa, a saber, pelo próprio Satanás. Com base nesta discussão, pois, pode-se ver que os falsos mestres, ocasionalmente, são capazes de exercer poderes admiráveis, com base em capacidades humanas inatas, ou devido à influência de poderes angelicais ou de Satanás. Também se sabe hoje em dia que certas drogas são capazes de produzir experiências místicas, algumas vezes de ordem elevada. Tais experiências podem ter a natureza de alucinações, mas é bem possível que provoquem alterações no estado da consciência, abrindo caminho para experiências místicas de nível

não-participação do tipo de vida que Deus tem), das trevas (que consistem da não-participação no reino luminoso de Deus e em sua própria pessoa, que é luz—ver I João 1:5) e do fogo (o estado de existência destituída das plenas bênçãos espirituais de Deus, que nos são dadas por meio de Cristo).

O vale de Hinom (no grego, *geena*), o monturo de Jerusalém, onde havia chamas permanentes que consumiam o lixo da cidade, incluía uma área adjacente ao mar Morto, não muito distante do local das antigas cidades ímpias. Os judeus criam que havia um fogo subterrâneo debaixo desse vale. (Ver «*Hinom*», no vigésimo sétimo capítulo do livro de *Enoque*, e também *Enoque* lxvii.4 e ss., onde se vê um quadro descritivo dos anjos, conservados em um «vale em chamas»). O extremo sul do mar Morto, conforme pensam muitos estudiosos, cobre o local daquelas cidades da planície que sofreram o julgamento divino mencionado neste texto.

★ ★ ★

8 κυριότητα] -τητας N arm sa Or

puramente humano. Seriam, por assim dizer, asserções da alma. Ou então tais drogas deixem os homens em um estado que possibilite a «influência» exercida por entidades espirituais invisíveis. O misticismo provocado pelo uso de drogas é obviamente imoral e anti-espiritual, além de ser perigoso.

#### Misticismo Falso E Misticismo Verdadeiro

1. Dificilmente alguém conseguirá negar de maneira válida a realidade do misticismo. Existem sonhos e visões que predizem corretamente o futuro e descrevem situações desconhecidas, mas reais. Também há muitas alucinações entre supostos místicos, bem como um misticismo prejudicial e espúrio, cuja influência procede dos demônios.

2. Praticamente todas as fés religiosas estão alicerçadas sobre experiências místicas. O profeta recebe uma visão ou revelação. Isso é, subsequentemente, passado para a forma escrita. Com a passagem do tempo, os livros sagrados são canonizados e assim se tornam os documentos oficiais de alguma organização religiosa. A validade de tal organização depende da veracidade das revelações originais. Filosofias e comentários são acrescentados a esses documentos originais, mas o âmago da questão continuará sendo aquelas revelações.

3. Existem certos testes comprobatórios do misticismo autêntico:

a. Nenhuma revelação será imoral em si mesma, e nem encorajará ação imoral.

b. As verdadeiras revelações tendem por inspirar-nos à correta ação moral. Elas são moralmente revolucionárias.

c. Revelações subsequentes devem ser coerentes com as revelações anteriores, embora possam transcendê-las. Deve haver uma correspondência razoável entre elas.

d. Alguns estudiosos supõem que apesar das revelações ou experiências místicas poderem transcender à lógica humana, nem por isso serão irracionais. Todavia, essa é uma regra bastante fraca, se é que ao menos serve de regra. A razão não pode conter a fé, e nem pode conter a experiência religiosa. Sem embargo, pode agir como um guardião.

e. O trecho de Col. 2:8 e ss., mostra-nos que o misticismo autêntico promove a glória de Cristo, o qual é o arquétipo da salvação humana.

O autor sagrado não se deixava impressionar pelas declarações dos gnósticos, que afirmavam ter passado por estados de êxtase—«Tenho visto, tenho visto!» Pois o que tinham visto, embora talvez estranho, espantoso, jubilador, não os transformara moralmente. Qualquer crença ou experiência religiosa que não envolva aplicação moral não é válida. O Espírito Santo nos está transformando espiritualmente (ver Gál. 5:22,23; Mat. 5:48 e II Tes. 2:13), a fim de que possamos compartilhar da imagem metafísica de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18). O misticismo deve fazer parte dessa transformação, e a verdadeira definição de «misticismo», segundo os moldes cristãos, é o contacto genuíno com o Espírito Santo.

«...contaminam a carne...» Tais seres foram «após carne estranha», tal como fizeram os habitantes de Sodoma e Gomorra. Tornaram-se perversos sexuais, efeminando-se; desconheciam qualquer lei ou limite para suas atividades sexuais deturpadas. O misticismo deles não salvava os gnósticos desse tipo de deturpação. (Isso pode ser comparado com o que se lê em II Ped. 2:10, que quase certamente foi copiado daqui). Os falsos mestres «maculam» seus corpos com o pecado—essa é a idéia básica, transmitida por essas palavras. Eles se corrompem a si mesmos. Os mestres gnósticos não criam que os pecados corporais podem prejudicar à alma, tal como o ouro, ao ser mergulhado na lama, não tem sua natureza alterada. Chegavam mesmo a imaginar que ajudavam ao sistema cósmico em seu desígnio de destruir a matéria, ao contaminarem os seus próprios corpos, que participavam da matéria. Supunham mesmo que a alma, ou parte essencial do homem, é impecável (ver I João 1:8,10), a despeito dos abusos praticados com o corpo. Porém, o cristianismo autêntico requer a consagração tanto do corpo como da alma. (Ver Rom. 12:1,2).

«...rejeitam governo...» No grego esta última palavra é «*kuriotes*». Talvez a declaração seja geral—governos humanos. Pensavam que estavam acima das restrições humanas, pessoais ou coletivas (sociais). Também reduziam o estado e o propósito dos poderes «angelicais», não mostrando por eles o respeito devido, tal como, na cidade de Sodoma, os homens tornaram-se culpados de desrespeitar aos anjos (ver Gên. 19:1 e ss.). A doutrina gnóstica pervertia a verdade acerca dos «anjos», pois estes haviam sido



transformados em uma quase interminável sucessão de sombrios «aons», supondo que podiam chamá-los a seu serviço, como se a missão dos mesmos fosse confirmar a autenticidade de sua mensagem falsa. Os «docéticos» (e quase todos os mestres gnósticos eram docéticos, em um grau ou outro) chamavam os «aons inferiores», que teriam criado a matéria e manteriam contacto com a mesma, de espíritos de moralidade duvidosa, pois seriam maculados pelo pecado tal como os homens o são. Também rejeitavam a autoridade e o governo de Cristo, pois repeliavam seu senhorio, reduzindo-o a um dos «aons», apenas.

«...difamam autoridades...» No grego temos o verbo «blasphemeo», «blasfemar», «falar injuriosamente contra», das maneiras sugeridas no parágrafo acima. Alguns mestres gnósticos eram tão ousados que afirmavam que a redenção pode ser recebida somente pela experiência de todas as formas de situação, incluindo a depravação. Diziam que os anjos os «encorajavam» a ter experiências pervertidas, acompanhando-os na execução das mesmas, a fim de que adquirissem o conhecimento necessário para obterem a redenção. Desse modo, todos os pecados se tornavam «meios necessários» para a salvação. Isso era o mais puro paganismo a existir-se sob a bandeira cristã. Mediante tais doutrinas os mestres gnósticos degradavam o conceito inteiro dos anjos, blasfemando, tornando-os pervertidos como eles mesmos eram pervertidos.

9 ὁ δὲ Μιχαὴλ ὁ ἀρχάγγελος, ὅτε τῷ διαβόλῳ διακρινόμενος διελέγετο περὶ τοῦ Μωϋσέως σώματος, οὐκ ἐτόλμησεν κρίσιν ἐπενεγκεῖν βλασφημίας, ἀλλὰ εἶπεν, Ἐπιτιμῆσαι σοι κύριος.

9 Assumption of Moses<sup>100</sup> to Clement, Origen, Didymus δὲ δὲ...ἀρχάγγελος Dn 10.13, 21; 12.1; Re 12.7 οὐκ...βλασφημίας 2 Pe 2.11 Ἐπιτιμῆσαι σοι

κρίσις 2eb 2.3

9 O de[ Ota (= δ τε) B vg Cl st etc] tote H: em vg Cl

9: Mas quando o arcanjo Miguel, discutindo com o Diabo, disputava o resgate do corpo de Moisés, não ousou pronunciar contra ele juízo de maldição, mas disse: O Senhor te repreenda.

«...o arcanjo Miguel...» Essas palavras mostram que certos livros apócrifos do A.T. foram usados nos escritos do novo pacto. Agora entramos diretamente em um pouco da angelologia comum aos livros e às crenças do judaísmo helenista, conforme isso se reflete nos livros apócrifos do A.T. e nos livros místicos ou «pseudepígrafos». A afirmação comum de que o N.T. nunca cita os livros apócrifos do A.T. quando sujeita a investigação, mostra ser falsa. Algumas das chamadas «epístolas católicas», como a de Tiago, a segunda epístola de Pedro e a presente, dependem pesadamente do que está contido naqueles livros, incorporando boas parcelas de seu material. O autor sagrado que compôs esta epístola de Judas tinha à sua frente, continuamente, o livro apócrifo de Enoque. Eusébio, o grande historiador cristão, criticou Clemente de Alexandria por ter-se utilizado de livros «disputados», como o da Sabedoria de Salomão, Enoque, Judas, Epístola de Barnabé e outras composições apócrifas do N.T. Alguns dos primeiros pais da igreja rejeitaram especificamente ao livro de Judas porque o mesmo lança mão de livros apócrifos do A.T.

No entanto, nosso julgamento não precisa ser tão severo. Apesar de admitirmos que a aceitação desta epístola de Judas foi tardia (não obteve larga aceitação e nem posição «canônica» senão perto dos fins do século IV D.C.), contudo, o seu valor intrínseco, a despeito (ou mesmo por causa) de suas fontes informativas, é suficiente para conferir-lhe posição canônica. Há coisas boas nos livros apócrifos e nas «pseudepígrafos» do A.T., e apesar de não podermos aceitar «literalmente» algo de seus ensinamentos, quase sempre o seu ensinamento «simbólico» ou «místico» nos traz benefício. O autor sagrado não hesitou em empregar livros apócrifos do A.T. Isso não nos deveria surpreender. Somente o ramo palestino da comunidade judaica é que rejeitava aos livros apócrifos. Fora da Palestina quase sempre esses livros eram tidos como parte do A.T., em sua forma traduzida, a Septuaginta, traduzida para o grego. E visto que a igreja cristã primitiva lia quase sempre o A.T. na Septuaginta, e que o crescimento da igreja desde quase o começo se verificou também em regiões fora da Palestina, a maioria dos orentes primitivos usava uma Bíblia (e a respeitava, conforme podemos supor) que continha os livros apócrifos do A.T. Somente os crentes judeus estritamente palestinos é que rejeitavam a esses livros. Assim é que, neste ponto, vê-se um autor cristão a empregar porções de livros apócrifos do A.T.

As pseudepígrafas: Há dois livros apócrifos (ambos apocalípticos) escritos como que baseados na vida de Enoque. Nenhum deles veio a ficar na coletânea atualmente conhecida como livros apócrifos do A.T.; mas ambos fazem parte da atividade literária que chamamos de apócrifa ou pseudepígrafe. (Ver as notas expositivas sobre o décimo quarto versículo, quanto à descrição desses dois livros intitulados «Enoque»). O autor da presente epístola faz alusão ao primeiro. Os eruditos bíblicos, ao classificarem os livros de Enoque, normalmente se referem aos mesmos como elementos das pseudepígrafas, e não dos livros apócrifos. Outros famosos livros pseudepígrafos são Jubileus (135 A.C.), Epístola de Aristéas (150 A.C.), Livros de Adão e Eva (provavelmente da era cristã, mas de data incerta), Martírio de Isaias (1-50 D.C.), Testamentos dos Doze Patriarcas (109-107 A.C.), Oráculos Sibílicos (século II A.C.), Assunção de Moisés (7-30 D.C.), Apocalipse Siríaco de Baruque ou II Baruque (data incerta), Apocalipse Grego de Baruque ou III Baruque (data incerta), Quarto Livro de Ezra ou II Esdras (primeiro século de nossa era), Salmos de Salomão (data incerta, mas antes de 70 D.C.). Algumas listas de livros pseudepígrafos também incluem o livro de IV Macabeus, a História de Aquicar, Pírrico Abtho ou Santos dos Pais. Tudo isso representava uma atividade religiosa e piedosa não sendo estranho que alguns autores do N.T. tenham encontrado valor suficiente, em alguns deles, para fazerem referências aos mesmos, tomando por empréstimo idéias e lições extraídas desses livros.

Miguel: O livro de Enoque dá os nomes de sete arcanjos, a saber, Uriel, Rafael, Raquel, Miguel, Saracel, Gabriel e Remiel. Segundo é dito ali, a cada um deles Deus entregou uma província sobre a qual reina (ver Enoque

As autoridades aqui referidas são, especificamente, as de natureza «espiritual», como os anjos ou a pessoa de Cristo, embora, uma vez mais, essa idéia possa ser suficientemente ampla para incluir a blasfêmia contra autoridades terrenas, as quais estão investidas de autoridade da parte de Deus (ver o décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos). Porém, o termo grego «doksaí» aponta principalmente para elevados seres espirituais, particularmente os «anjos». (Ver Filo, *Spec. Leg.*, 145; Ex. 15:11, na Septuaginta e Testamento de Judá 25:2, quanto ao uso desse vocábulo, que aponta para poderes angelicais). É possível que uma parte do que está envolvido nisso seja a forma sensual pela qual alguns elementos gnósticos se comportavam nas festas religiosas, sobretudo no «agape», a antiga celebração da Ceia do Senhor (ver o décimo segundo versículo, onde a questão é salientada). Os primitivos cristãos acreditavam que os anjos observam a adoração dos crentes. Neste caso, os mestres gnósticos, ao se embebedarem e ao se mostrarem loucos sensuais nessas ocasiões, somente desonravam aos anjos, que se faziam presentes, embora invisíveis. (Ver I Cor. 11:10 e Mat. 18:20, trechos que podem ser interpretados como passagens bíblicas que confirmam a doutrina da «presença dos anjos» nas reuniões dos crentes. Quanto a outras notas expositivas, que adicionam pormenores ao que é dito aqui, e que também comentam sobre as «kuríotes» ou «autoridades» e sobre as «doksaí» ou «glórias», ver II Ped. 2:10).

20:1-8). A província de Miguel seria autoridade «sobre a melhor porção da humanidade e sobre o caos». Os escritos judaicos fazem dele o protetor de Israel como nação. As referências bíblicas a ele aparecem em Dan. 10:13, 21; Jud. 9 e Apo. 12:7. Seu nome significa «Aquele que é como Deus». No livro de Daniel, Miguel é visto como guardião dos israelitas. E aqui, na epístola de Judas, ele é visto a contender com o diabo. Evidentemente é inferior a ele em poder, pois trata cautelosamente com ele, precisando da autoridade do próprio Deus a fim de obter a sua vitória. Talvez o trecho de Atos 7:38 se refira a Miguel como o anjo envolvido na doação da lei. No livro de Apocalipse, ele é visto como o general que conduz os exércitos angelicais contra as forças de Satanás. É óbvio, pois, que suas atividades são as mais variegadas, envolvendo uma vastíssima área. Isso nos fornece algum discernimento quanto ao pensamento piedoso e suas revelações no tocante ao ministério dos anjos.

Cremos que espíritos humanos glorificados, já participantes da natureza divina, pelo que foram elevados acima da posição dos mais elevados anjos, exerceram governos diversos, realizando missões ainda mais notáveis que as dos anjos. Esse pensamento nos confere alguma compreensão sobre o que estará envolvido na eternidade. Todo homem é ímpar, e também terá uma missão sem-par, tanto neste plano terreno como nos lugares celestiais.

«...arcanjo...» Expressão usada somente aqui e em I Tes. 4:6, em todo o N.T., embora muito comum na literatura judaica. (Ver Dan. 10:13, 20 e 12:1). Designa algum altíssimo poder angelical, dotado de autoridade sobre larga área, celestial ou terrena. Os «principados» (ver Col. 1:16) provavelmente são tipos de arcanjos. As explicações judaicas dadas sobre esse tema indicam que tais anjos têm, sob suas ordens, vastos números de seres espirituais. São quais «reis celestiais», com multíssimos súditos; mas eles mesmos estão, naturalmente, sujeitos a Deus, o Grande Rei.

«...contendia com o diabo...» (Há notas expositivas sobre «Satanás», em Luc. 10:18 e João 8:44). Por toda a parte o N.T. subentende a existência do príncipe do mal, a epítome de toda a maldade, uma pessoa real, tal como dá a entender a existência do Príncipe do bem, Deus, o qual é uma pessoa real. Orígenes informa-nos que a história da contenda sobre o corpo de Moisés derivou-se do livro apócrifo ou pseudepígrafe, chamado *Assunção de Moisés* (ou «Ascensão de Moisés»). (Ver o seu *Primeiros Principios*, III.2.1, onde ele menciona especificamente que a história de Judas se baseou nesse livro). Esse ponto de vista tem sido confirmado por traduções de fragmentos gregos existentes sobre essa obra. (Ver *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the O.T. in English*, Oxford: Clarendon Press, 1913, vol. II). Um sumário dessa história que envolve Moisés, é o seguinte: 1. O diabo não queria permitir que Miguel sepultasse a Moisés, alegando que o corpo de Moisés pertencia à ordem material e que ele fora homicida, pelo que não merecia um sepultamento decente. 2. Miguel responde a essa primeira acusação, alegando que o Senhor é o criador e governador do mundo material, pelo que Satanás nada tinha a dizer acerca do que ocorresse com o corpo de Moisés. Ignora a segunda acusação. 3. Afinal de contas, Miguel, pelo poder da razão ou pela ajuda direta de Deus, consegue sepultar o corpo de Moisés nas montanhas, e conduz consigo o seu espírito para os céus. (Ver *The Assumption of Moses*: Londres, Adam and Charles Black, 1897, págs. 105-110).

A lição central que Judas quer extrair dessa história, sua razão para seu uso, é que até mesmo tão grande e santo poder como Miguel, um arcanjo, mostrou respeito pelos seres sobrenaturais, até os malignos, como é Satanás. Ele exerceu restrição e não «blasfemou» contra Satanás. Em contraste, os falsos mestres gnósticos não hesitavam em blasfemar e degradar os poderes angelicais bons ou maus. Não há qualquer indicio que eles negassem a existência de tais. Certamente não eram «céticos» como os saduceus que negaram a existência da alma e dos espíritos. Simplesmente tinham pontos de vista inferiores sobre os anjos, e em sua doutrina realmente blasfemavam deles, tal como blasfemavam do próprio Cristo, reduzindo-o à posição de apenas um dos «aons», um pequeno deus, salvador ou mediador.

«...O Senhor te repreenda...» Miguel deixou nas mãos de Deus o «repreender» a Satanás. Somente Deus pode fazer isso. Assim os gnósticos

supunham um poder tão alto que fazia o que somente Deus pode fazer.

A lição geral deste versículo é que devemos ter respeito por elevadas autoridades e poderes espirituais. Devemos respeitar o invisível. Isso repreende tanto o ceticismo como a doutrina falsa.

Clemente, *Alex. Str.* vi. par. 132, sec. 807, (segundo Filo) declara que Calebe e Josué foram testemunhas da ascensão de Moisés, quando seu corpo foi sepultado entre as penhas da montanha. Provavelmente isso é apenas um adorno adicionado àquele livro apócrifo do A.T., descrito acima, embora esse detalhe possa ter sido acrescentado pelos comentaristas judeus, ou por algum antigo escritor que não conhecemos.

Bengel vê uma comum lição moral nessa narrativa: «A modéstia é uma virtude angelical». O Talmude ensina uma moral similar à do presente

10 οὗτοι δὲ ὅσα μὲν οὐκ οἶδασιν βλασφημοῦσιν, ὅσα δὲ φυσικῶς ὡς τὰ ἄλογα ζῶα ἐπίστανται, ἐν

τούτοις φθείρονται.

10 2 Pe 2:12

10: Estes, porém, blasfemam de tudo o que não entendem; e, naquilo que compreendem de modo natural, como os seres irracionais, mesmo nisto se corrompem.

Os gnósticos, conforme o autor sagrado nos informa, abusavam tanto da esfera das coisas que não compreendiam (como a questão inteira dos poderes celestiais), como também da esfera das coisas que compreendiam (aquilo acerca das coisas terrenas e de seus próprios corpos). Este versículo é um tipo de sumário das idéias dos versículos oitavo e nono. Blasfemavam dos poderes invisíveis; e abusavam de seus corpos. Eram corruptos tanto no corpo como no espírito.

A todo o tempo aqueles hereges afirmavam possuir um conhecimento «superior», pois eram «gnósticos» (derivada essa palavra de «gnosis», «conhecimento»). Judas assevera acidamente que só tinham algum conhecimento «o que poderiam saber por instinto, como animais irracionais», e com tal conhecimento «eles eram destruídos». Os sentidos eram sua única orientação. Isso explica como se esqueciam das realidades que devem ser «espiritualmente discernidas» (ver I Cor. 2:14). Assim como os dirigentes deste mundo habitualmente se têm perdido devido à sua ignorância acerca da oculta sabedoria de Deus, assim também os hereges são destruídos pelos seus sonhos espúrios (comparar com I Cor. 2:6-16, onde Paulo mostra plenamente o contraste implícito no décimo versículo desta epístola, entre os «espirituais» e aqueles que «receberam o Espírito da parte de Deus»). (Barnett, *in loc.*)

«Eram eles culpados... de blasfemarem ou de zombarem do que não entendiam». Contudo, obedeciam aos seus instintos. Neste ponto o entendimento é contrastado com os instintos naturais. Zombavam do que é honroso; e condenavam ao verdadeiro cristianismo, que não compreendiam. Bem poderiam dar ouvidos à advertência do arcanjo, que se recusava até mesmo a blasfemar do diabo, devido à sua insolência. Quem, pois eram aquelas pessoas superiores que pensavam tão superficialmente acerca dos anjos que fazem o que Deus manda? Afirmando possuir discernimento superior sobre coisas celestiais, faziam tudo por «instinto». E isso mostraria ser a razão de sua perdição. Tal como Caim, cuidavam apenas de si mesmos e realmente não se interessavam pelos outros; à semelhança de Balaão, estavam interessados somente em usar outros para obterem lucro; tal como Coré, tinham por intuito somente usurpar a autoridade santa que pertence a outros e a Deus». (Homrighausen, *in loc.*)

Blasfemavam do espírito e abusavam da carne. Asseveravam ser os mais espirituais dentre os homens, mas suas obras e palavras revelavam a IV. Descrição dos Hereges Gnósticos (Vss. 8-13).

## 2. São denunciados (vs. 11-13).

Já tendo descrito os pecados doutrinários e morais dos gnósticos (ver o quarto versículo), e também seu caráter maligno e perverso, o autor agora os denuncia de forma cortante. Ele salienta mais particularmente suas maldades morais, comparando-os com Caim, Balaão e Coré, aqueles antigos e infames apóstatas depravados. Aqueles personagens tipificavam, na literatura judaica, uma larga gama de corrupções e perversões. Os gnósticos dividiam os homens em três classes:

1. Os totalmente terrenos ou «hílicos», que estariam tão envolvidos na matéria que nunca poderiam deslindar-se da mesma, tendo de perecer, finalmente, juntamente com ela, quando a grande conflagração que era esperada consumisse toda a matéria, o próprio princípio do mal.

2. Os «psíquicos» ou semi-espirituais (guiados pela alma), os quais, mediante a «fé», atingiriam uma redenção inferior.

3. Os «pneumáticos», ou homens verdadeiramente espirituais, os quais, mediante o «conhecimento», haverão de atingir a mais completa redenção, a saber, a reabsorção em Deus, no Espírito divino, com a perda da identidade pessoal, em que o «ego» seria absorvido pelo «superego». Irineu esclarece que os gnósticos usavam «Caim» como ilustração para os «hílicos», «Abel» como ilustração para os «psíquicos» e «Sete» como ilustração para os «espirituais». (Contra Heresias I.7.5). É deveras interessante, por conseguinte, que o autor sagrado se tenha utilizado de Caim para ilustrar os gnósticos. É como se ele tivesse dito: «Esses, na realidade, é que são os 'hílicos', acerca de quem eles falam, professando-se «ser os 'pneumáticos'».

11 οὐαὶ αὐτοῖς, ὅτι τῇ ὁδῷ τοῦ Κάιν ἐπορεύθησαν, καὶ τῇ πλάνῃ τοῦ Βαλαὰμ μισθοῦ ἐξεχύθησαν, καὶ τῇ ἀντιλογίᾳ τοῦ Κόρε ἀπώλοντο.

11 τῇ ὁδῷ τοῦ Κάιν Gn 4:3-8; 1 Jn 3:12 τῇ πλάνῃ...μισθοῦ Nu 22:7; 31:16; Re 2:14 τῇ

ἀντιλογίᾳ...ἀπώλοντο Nu 18:19-28

11: Ai deles! porque foram pelo caminho de Caim, e por amor do lucro se retiraram ao erro de Balaão, e porocorem na rebelião de Coré.

«...Ai deles!...» Essa expressão é uma impreciação. O autor sagrado invoca o castigo divino. (Comparar com I Cor. 9:16). Isso mostra quão profundos eram seus sentimentos acerca da heresia que vinha prejudicando à igreja e ao evangelho dos apóstolos. (Isso pode ser comparado com a denúncia do Senhor Jesus contra os líderes religiosos de seus dias, em Mat. 23:13 e ss.: «Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!... Ai de vós, guias cegos!... Insensatos e cegos!... Cegos!... Guias cegos!... Fariseu cego!... por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade... Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno?»

versículo: «Não é legal a um homem proferir reprimendas ignominiosas, até mesmo contra espíritos iníquos». (Sohar, par. 92, nota 6, segundo é aludido por Adam Clarke, *in loc.*). O Targum de Jônatas sobre Deut. 34:6 declara que Miguel foi feito guardião do sepulcro de Moisés. Talvez a idéia tenha sido que o corpo de Moisés poderia ter sido recuperado, ou até mesmo alguns de seus ossos, que Israel transformaria em objeto de adoração. Portanto, o arcanjo foi ali postado, para impedir a idolatria.

Alguns intérpretes pensam ter havido a «preservação» do corpo de Moisés, de tal modo que, em forma ressurrecta, ele pudesse aparecer quando da transfiguração de Cristo; mas essa é uma interpretação fantasiosa. Pois foi o espírito glorificado de Moisés, e não uma forma corpórea, que fez tal aparição.

falsidade de suas reivindicações. Este versículo pode ser comparado com II Ped. 2:12, que nele se alicerça: «Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos».

«...instinto natural...» Todo o animal irracional tem consciência de seu corpo e de seus possíveis prazeres. Esses animais, que agem por instinto, não têm qualquer lei moral, e se dão licença exagerada, buscando prazeres sensuais, sem nenhuma restrição da consciência. Do mesmo modo agiam os mestres gnósticos. (Isso pode ser comparado com II Tim. 3:6). Tornavam oficiais as suas imoralidades, e tentavam seduzir as mulheres crentes.

Notemos que o fato que os gnósticos falavam sobre «coisas invisíveis» confirma a interpretação acerca do oitavo versículo, que as «doksai» (glórias) são seres angelicais; e, nesse caso, provavelmente são os «poderes» ou «autoridades» (aludidos naquele versículo), os quais são invisíveis para nós, mas nem por isso menos reais.

«...se corrompem...» Esse termo, que no grego é «*phtheiro*», também pode significar «destruir»; e a destruição do juízo, provocada pela corrupção moral, provavelmente é a que está em foco. Essa é a interpretação de II Ped. 2:12, com base no presente versículo: «...na sua destruição também hão de ser destruídos». Quanta ironia, pois, que aqueles que afirmavam possuir um conhecimento superior se corrompessem exatamente naquilo que melhor conheciam—o corpo—de modo a se encaminharem para a perdição do julgamento, ao invés de avançarem na posição da redenção, o suposto alvo de seu «conhecimento», já que, para eles, a redenção seria obtida pelo «conhecimento», e não pela «fé». Para os gnósticos, a fé era algo bom, embora inferior, sendo exercido por homens de menor espiritualidade, que não poderiam aspirar à redenção superior, dada exclusivamente aos «gnósticos», que tinham «gnosis» ou «conhecimento».

«É difícil, se não mesmo impossível, encontrar qualquer inimigo obstinado da religião cristã que, no curso que seguem, não vivam em contradição franca ou secreta aos princípios mesmos da religião natural. O apóstolo compara os tais a animais irracionais, embora com frequência tais indivíduos se considerem, se não os mais sábios, mas pelo menos os mais espertos elementos da humanidade». (Matthew Henry, *in loc.*)

«Aquilo que não conheciam e não podiam mesmo conhecer, era por eles vilipendiado através da mais grosseira irreverência; e aquilo de que sabiam, não podendo mesmo deixar de saber, abusavam, mediante a mais grosseira licenciosidade». (Plummer, *in loc.*)

«...caminho de Caim...» Os mestres gnósticos usavam o nome de Caim para ilustrarem os «hílicos», isto é, aqueles que estão imersos na matéria (a qual matéria seria o princípio mesmo do mal), os quais formariam a maioria dos homens, e que, devido à sua total identificação com o que é terreno, jamais poderiam esperar ser remidos. O trecho de I Tim. 2:1-6 foi escrito, pelo menos em parte, a fim de refutar a essa crença. Todos os homens podem ser remidos, e Cristo é o nosso redentor. O autor sagrado chama agora aos gnósticos, os supostos homens «pneumáticos» ou «espirituais», de filhos espirituais de Caim. Portanto, eles é que seriam os verdadeiros «hílicos» ou terrenos. (Ver a declaração introdutória ao presente versículo, quando à divisão dos homens em três grupos, feita pelos gnósticos).

*Caim simboliza a traição, a concupiscência, a avareza e a auto-indulgência, conforme se vê pelo que diz dele a literatura judaica, como em Sabedoria de Salomão 10:3; Jubileus 4:1-5; Apocalipse de Moisés 3:2; Testamento dos Doze Patriarcas, Benjamim, 7:3-5; Filo em Sobre os Querubins, XX, Sacrifício de Abel e Caim X,xiv; e Posteridade e Exílio de Caim xv.*

As descrições de Irineu sobre os gnósticos nos dão algum entendimento sobre quão grande era a depravação deles. Disse ele: «Eles também afirmam, como Carpócrates, que os homens não podem ser salvos enquanto não passam por toda a forma de experiência. Segundo afirmam, um anjo os acompanha em todas as suas ações pecaminosas e abomináveis, impulsionando-os a se aventurarem em audácia e incorrerem em poluições. Qualquer que seja a natureza de sua ação, afirmam que o praticam em nome do anjo... E afirmam ser isso um 'conhecimento perfeito', não se furtando nem mesmo em praticar aquelas ações cujo simples nomear é ilegítimo». (Contra as Heresias 1.7.5). Há algo similar a isso em Eusébio. *História Eclesiástica* III.29. E Clemente de Alexandria, falando sobre essa mesma gente, diz: «...usam palavras impias continuamente... e assim nem entram no reino dos céus e nem permitem que aqueles que têm iludido cheguem à verdade». Os que assim fazem, ao invés de se mostrarem leais para com a autêntica tradição cristã, como fazem seus membros legítimos, «arrombam suas paredes» como fazem os ladrões comuns, os quais em épocas passadas eram chamados «escavadores de lama», porque entravam nas casas escavando as paredes. (Ver Misc. VII.17). Tanto Irineu como Clemente chamaram tais homens de «cainitas». (Ver I João 3:12 acerca do exemplo negativo de Caim, e onde os gnósticos também são assim descritos. Naquele ponto há notas expositivas que desenvolvem melhor essa ilustração).

O Targum judaico, em Gên. 4:7, apresenta Caim como o primeiro cético e sofista. Não tinha ele respeito pelo mundo eterno, e nem sabia exercer controle sobre si mesmo. Era um assassino, pelo que perdeu o respeito pela humanidade, por igual modo. Devido à raiva e ao orgulho, «caiu da sabedoria», conforme diz Sabedoria da Salomão x.3, passagem que talvez estivesse na mente do autor sagrado, ao escrever o sétimo versículo desta epístola.

Os antigos intérpretes afirmam que Caim, por ter sido assassino de seu próprio irmão, tipificava os falsos mestres, que assassinavam as almas dos homens.

Na heresia dos gnósticos ofitas, os quais tinham os heróis do A.T. como vilões, ao passo que seus vilões seriam os verdadeiros heróis espirituais, Caim e Coré eram objetos de reverência especial. Para eles, a serpente simbolizava a sabedoria e a bondade verdadeira, e Caim e seus sucessores seriam os autênticos campeões. (Ver as notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18).

«...erro de Balaão...» Este versículo quase certamente dá a entender que Balaão é símbolo da cobiça. A fim de ganhar um prêmio em dinheiro, da parte de Balaque, ele perverteu aos jovens do povo de Israel, agindo contra a própria consciência. (Ver Núm. 22-24; 31:16; Nee. 13:2; Josefo, *Antiq.* IV.6:5-9). No judaísmo posterior, Balaão se tornou símbolo dos falsos mestres, os quais desmencinham ou pervertem à juventude. Por isso é que se lê em *Pirke Aboth* (5:21,22): «Todo aquele que a muitos torna virtuosos, o pecado não vem por seu intermédio; e todo aquele que leva muitos a pecarem, não lhe dão oportunidade de arrepender-se. Todo aquele que tem três coisas é um dos discípulos de Abraão, nosso pai. E todo aquele que tem três outras coisas é um dos discípulos de Balaão, o ímpio. Se alguém tem olho bom, alma humilde e espírito manso, então é discípulo de Abraão, nosso pai. Mas se alguém tem um olho mau, uma alma jactanciosa e um espírito altivo, é dos discípulos de Balaão, o ímpio... Qual é a diferença entre os discípulos de Abraão... e os discípulos de Balaão? Os discípulos de Balaão herdam a geena e descem ao abismo da destruição... Mas os discípulos de Abraão... herdarão o mundo por vir».

Nosso texto, portanto, ensina-nos que o erro de Balaão consiste da

12 οὗτοι εἰσιν οἱ ἐν ταῖς ἀγάπαις ὑμῶν σπιλάδες· συνευχαλύνονται ἀφόβως,· εαυτοὺς ποιμαίνοντες, νεφέλαι ἀνυδροὶ ὑπὸ ἀνέμων παραφερόμεναι, δένδρα φθινοπωρινὰ ἄκαρπα δις ἀποθανόντα ἐκριζωθέντα,

(Jes) // e minor, e nome, e nome: Neg // e nome, e minor, e minor TT 12 οὗτοι...συνευχαλύνονται 2 Pe 2:18 εαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 ὑπὸ ἀνέμων παραφερόμεναι Eph 4:14

12 οἱ στ Ν\*Κ αἱ vg s | αγαπαις] (2 Pet. 2. 13) απαταις A pc: ευχαίς b 424<sup>c</sup> | υμων] αυτων

A vg | (σπιλάδες) , R) | (αφόβως) , αφοβ. R)

Ao invés de *ἀγάπαις*, que é fortemente confirmada por N B K L maioria dos minúsculos vg cop (sa,bo) sir (h,hgr) ara etí Efraem Lúçifer Agostinho Paládio *al*, vários testemunhos, influenciados pelo texto prevalente de II Ped. 2:13, dizem *ἀπάταις* (82 378 460) e dois deles dizem *εὐχαίς* (6 224 (c)).

12: Estes são os escultes em vossos ágapes, quando se banquetem convosco, pentes que se apuncentam a si mesmos com tomar; são nuvens sem água, levadas pelas ventos; são árvores sem folhas nem fruto, duas vezes mortas, desarraigadas;

Algumas traduções dizem aqui *máculas* ou *manchas*, como tradução do termo grego «*spilades*»; mas a tradução «*rochas*» é melhor. Contudo, ambas as traduções são possíveis para essa palavra grega. Ver Homero, *Odisseia* iii.298, quanto à palavra aqui usada, ali com o sentido de «*rochas*». Não eram meras máculas corruptórias nas «*festas de amor*» (o «*agape*», a Ceia do Senhor), mas eram ameaças ocultas de destruição, que podem «*afundar*» a espiritualidade de qualquer homem, levando uma congregação cristã inteira ao naufrágio. O trecho de II Ped. 2:13 menciona os levantes feitos pelos gnósticos, por ocasião das «*festas de amor*». Traziam alcoolismo e imoralidade para essas ocasiões.

Vários intérpretes preferem a tradução «*máculas*», «*manchas*», neste ponto, porquanto as festas de amor eram «*corrompidas*», pelas práticas

disposição e sofreguidão em corromper espiritual e moralmente aos homens, visando vantagens financeiras. (Ver II Ped. 2:15 acerca do «*caminho de Balaão*»; e ver Apo. 2:14 acerca da «*doutrina de Balaão*»). O «*caminho de Balaão*» é próprio de um pastor alagado ou mercenário. Ele procura ganhar dinheiro com seus dons e habilidades; seu coração não se firma em sua profissão religiosa, pois esta última, em sua concepção, é apenas uma maneira de ganhar a vida. Tendo tal forma de atitude, cai no «*erro de Balaão*», inclinando-se por corromper a outros, devido à sua ganância. E a «*doutrina de Balaão*» consiste da idéia que o povo em pacto com Deus pode contaminar-se e separar-se do Senhor, abandonando seu caráter de peregrinos no mundo. Tal doutrina macula a igreja e o mundo. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «*cobiça*», ver Col. 3:5). A cobiça é uma idolatria espiritual. Balaão fazia do dinheiro o seu deus, e o resultado é que ele arruinou a missão que, de outra maneira, poderia ter tido, no exercício de seus dons espirituais.

O trecho de I Tim. 6:5 mostra que essa atitude de cobiça, em que um indivíduo usa seu ministério a fim de ganhar dinheiro, ao invés de usá-lo para servir a outros, é uma atitude característica dos mestres gnósticos. Esses supõem que a piedade é um «*lucro*», ou que a piedade é um meio de ganhar dinheiro.

«...se precipitaram...» Literalmente, «*foram derramados*», embora com a significação de «*correram ansiosamente após*», «*abandonar-se a*». Os gnósticos não se envergonhavam de sua ganância pelo dinheiro e nem de seu tipo perverso de conhecimento. Desde o tempo dos sofistas os homens vinham vendendo conhecimentos e tirando grande lucro de seus discípulos. Os gnósticos trouxeram essa prática à igreja. Ao assim fazerem, tornaram-se os filhos espirituais de Balaão, porquanto eram não somente cobiçosos, mas corrompiam a mensagem que anunciavam.

«...pereceram na revolta de Coré...» (Ver a narrativa em Núm. 16:3 e ss.). Coré foi o líder da revolta contra Moisés, reunindo um grupo de mal-contentes. Mostraram-se orgulhosos e arrogantes, presumindo arrancar o poder das mãos de Moisés. Coré, pelo menos durante algum tempo, conseguiu grande número de adeptos, e não fora a verdadeira chamada e autoridade de Moisés, e teria ele destruído a estrutura inteira de poder e de lei que Deus estabelecera. Lemos que o resultado final ocorreu quando a terra se abriu e engoliu a companhia inteira de rebeldes. A terra, debaixo de suas tendas, «...abriu sua boca e os engoliu... e todos os homens que seguiam a Coré... e assim desceram vivos ao inferno... e pereceram da comunidade» (Núm. 16:1-34). (Josefo, *Antiq.* IV.2:1-4.2).

Os gnósticos estavam efetuando uma revolta similar contra a igreja cristã apostólica, enganando a uma massa de mal-contentes e algumas poucas pessoas inocentes, que eram enganadas e encantadas por sua doutrina. A segunda epístola de João menciona um certo Diótrefes, que foi um dos líderes dessa revolta (ver II João 9, 10). Os gnósticos se revoltaram contra a doutrina apostólica, criando um novo «*evangelho*»; revoltaram-se contra a moralidade apostólica e contra a tradição apostólica inteira na igreja. Se porventura tivessem ganho a batalha, o cristianismo ter-se-ia tornado apenas outra religião misteriosa greco-romana.

Coré representa o cisma, a usurpação da autoridade legítima e a revolta, heresias essas que causam divisões eclesásticas, contendas que dividem os irmãos na fé. Todos quanto se ocupam dessas coisas são os filhos espirituais de Coré. Consideremos o caso de Diótrefes (III João 9 e ss.), de Alexandre, o laticeiro (ver II Tim. 4:14), de Himeneu (ver I Tim. 1:20) e de Janes e Jambres (II Tim. 3:8).

O julgamento divino paira sobre todos os tais, incluindo a condenação do hades: «A condenação daqueles que se levantam contra a verdadeira fé e excitam outros contra a Igreja de Deus, consiste de serem engolidos pela terra, permanecendo no abismo embaixo, juntamente com Coré, Datã e Abirão». (Irineu, IV.43).

Notemos os tripletes, no oitavo versículo e no presente: ali os gnósticos aparecem como pecadores, de três maneiras diferentes; e neste ponto os gnósticos aparecem como quem segue três maus exemplos.

pecaminosas, como uma «*mancha*» estraga a pureza de algo. Seja como for, a lição é clara. Eles não respeitavam nem mesmo a solenidade da celebração da Ceia do Senhor. (Ver as notas expositivas em II Ped. 2:13 quanto a detalhes sobre essa questão).

«...banqueteando-se juntos sem qualquer recato...» Com base em I Cor. 11:22, sabemos que a Ceia do Senhor (originalmente um banquete seguido pela cerimônia com o pão e o vinho e o lava-pés), tornou-se desculpa para alguns se embebedarem e beberem em excesso. Os gnósticos levavam isso mais além, evidentemente ocupando-se em atos imorais, devido à toxidez alcoólica. É claro que alguns de seus banquetes, supostamente efetuados em nome de Cristo, terminavam em orgias sexuais. Glotonaria e partidarismos caracterizavam as suas ações. A «*feita de amor*», no caso de alguns dos membros pobres da igreja, provavelmente era a melhor refeição da semana, e talvez até mesmo a única verdadeira refeição. No entanto, muitos negligenciavam aos pobres, levando-os a continuarem famintos, ao



passo que eles mesmos comiam gulosamente. Em tudo isso lhes faltava totalmente a consciência e o temor. Nada havia de amor fraternal ou de espírito comunitário neles. O fato que podiam corromper assim à Ceia do Senhor, «sem temerem», mostra a ascendência que tinham ganho sobre certas congregações locais, além de ser uma reprimenda contra tais igrejas, por permitirem a continuação de tal situação.

«...pastores que a si mesmos se apascentam...» O termo «pastores» não se acha no original grego, embora possa ser derivado do verbo. Tais indivíduos pastoreavam-se a si mesmos, ao mesmo tempo que permitiam que os pobres continuassem a passar fome. Quando um pastor é autêntico cuida dos interesses das ovelhas, sobretudo de sua alimentação espiritual. Mas os falsos pastores cuidam somente de si próprios, tanto quanto ao alimento literal, por ocasião da Ceia do Senhor, como no tocante a outras questões. Eram indivíduos egoístas, que buscavam somente aos seus próprios interesses. Nada sabiam acerca do amor fraternal. Isso pode ser contrastado com a atitude do «Bom Pastor» e com a atitude de seus subpastores, conforme se vê refletido em João 10:11; Eze. 34:8; Mat. 26:31; I Cor. 9:7; Heb. 13:20; I Ped. 2:25.

«...nuvens sem água...» Das nuvens é que vem o sustento para a vida vegetal e animal, pois delas é que nos chega o suprimento de água potável, através da chuva. Os falsos mestres, entretanto, «prometem» dar vida, mediante seus ensinamentos, mas terminam sem derramar nenhuma gota de água. A figura de linguagem aqui usada pelo autor sagrado é extraída dos capítulos dois a cinco do livro de Enoque, onde se faz o contraste entre os fenômenos constantes da natureza e a instabilidade dos homens, que se mostram imprevisíveis. Os homens não são «constantes» nos mandamentos do Senhor. Porém, apesar da figura de linguagem ter sido tomada por empréstimo do livro de Enoque (com uma aplicação diferente), o significado é o de Pro. 15:14, que diz: «Como nuvens e ventos que não trazem chuva, assim o homem que se gaba de dádivas que não fez». (Isso pode ser confrontado com II Ped. 2:17, onde se lê sobre «fontes sem água», o que certamente é uma adaptação da idéia que encontramos aqui).

«...impelidas pelos ventos...» As nuvens se reúnem formando uma massa; prometem a mui necessária chuva. Mas eis que vem um vendaval e as dispersa rapidamente, e nenhuma chuva cai. Assim também sucedia com os gnósticos, em suas pretensões, os quais prometiam vida eterna e bem-estar a seus seguidores, embora suas promessas fossem vazias, secas e estéreis. Praticavam apenas o engodo; sua conduta era traiçoeira. «Os mestres esperamos a chuva benéfica da doutrina e do exemplo: mas esses homens eram como nuvens que não dão chuva e somente escondem o sol». (Bigg, *in loc.*).

«...árvores em plena estação dos frutos...» Eram aqueles mestres quais árvores que poderiam ter fruto, mas que se secava antes de provir dali qualquer bem. Eram «árvores infrutíferas no fim do outono», cuja estação produtiva viera e se fora sem qualquer resultado positivo. Por ocasião da estação da «colheita», no outono, quando os homens saem para apanhar frutos, estavam tais árvores inteiramente despidas de seu fruto, pelo que eram árvores completamente sem valor. Tal como na metáfora anterior, é salientada a idéia da «expectação desapontada». O grego original diz aqui *phthinoportnos*, vocábulo derivado de *phthino*, «desperdiçar», e de *oportno*, «outono». Eram «árvores outonais» que deveriam estar carregadas de frutas, mas que, na realidade, estavam despidas delas. Eram «infrutíferas», por natureza.

Algumas árvores produzem fruto no outono, sendo esse o tempo de ficarem elas carregadas. Outras árvores dão fruto em período anterior, pelo que, no outono, elas estão despidas de fruto e parecem mortas. Não há certeza sobre qual figura de linguagem o autor sagrado queria que compreendêssemos. Seja como for, no outono, essas árvores estavam sem fruto, sem importar se alguém esperava ou não encontrar fruto nelas naquela estação do ano.

«...desprovidas...» No grego temos apenas «akarpa», «infrutíferas». Os homens pensavam em encontrar naqueles mestres fruto espiritual em abundância; no entanto, tinham de afastar-se desapontados. Nada obtinham naqueles mestres falsos, porquanto estes nada mostravam da

magnificência de Cristo, o qual é nossa vida; pelo contrário, degradavam de Cristo, substituindo-o por muitos «acons», muitos pequenos deuses, salvadores e mediadores. Assim sendo, nada mostravam do exemplo de Cristo, nem o tinham como o seu grande alvo (ver Heb. 2:10; Efe. 1:23; Rom. 8:29; II Cor. 3:18; Col. 1:6 acerca de Cristo como o «Alfa e o Ômega» da criação).

«...duplamente mortos...» Essa expressão tem provocado várias interpretações da parte dos estudiosos, a saber:

1. Eles são infrutíferos e parecem mortos, como uma árvore no fim do outono ou do inverno. É como se o sinal da morte tivesse aparecido neles. Na realidade, porém, estavam «realmente» mortos, e não só na aparência. E assim a «segunda morte» já transparecia neles. Esta interpretação tem a vantagem de preservar o estrito simbolismo da *árvore frutífera*, que é estéril; mas a maior parte dos intérpretes se sente justificada por não limitar-se à sugestão da metáfora da «árvore».

2. Talvez esteja subentendido que, antes de professarem a Cristo, estavam «mortos», em transgressões e pecados (a primeira morte). Desde que o professaram, visto não se terem verdadeiramente convertido, e estando agora na apostasia, estavam novamente «mortos», o que seria uma confirmação da primeira morte. Essa interpretação salienta que estão realmente mortos agora, tendo abandonado o único meio de vida.

3. O autor sagrado talvez queira dizer que antes estavam espiritualmente mortos, antes de sua conversão, tendo recebido vida verdadeira, em Cristo, por ocasião de sua conversão; subseqüentemente, porém, na apostasia, eles tinham abandonado essa vida, morrendo novamente.

4. É certo, pelo menos, que o autor sagrado está descrevendo o fim natural dos apóstatas. (Ver Heb. 6:4-6; 10:26,27; Apo. 20:14,15 e 21:8 quanto a idéias paralelas, embora com o uso de outros termos). Quando abandonam a Cristo, «morrem», embora, de certa feita, tenham realmente vivido. Essa «primeira morte» é seguida pela «segunda morte», a do julgamento eterno (ver Apo. 20:14). A segunda morte é o resultado da primeira, a qual é causada pela rejeição a Cristo. Aqueles que rejeitam a vida de Cristo, estando mortos, entram no ambiente da morte espiritual. (Ver Col. 3:6 quanto ao significado da morte e do juízo espiritual). Essa morte consiste essencialmente de ser o indivíduo barrado do verdadeiro destino do homem, o qual é a participação no próprio «tipo de vida» de Deus, ou seja, a participação em sua natureza e atributos. Esse é o verdadeiro alvo do homem; e, se chegar a falhar nisso, então tornar-se-á espiritualmente morto, sem importar o que Deus, em sua misericórdia, faça por ele. (Ver II Ped. 1:4; Col. 2:10; II Cor. 3:18 quanto a esses conceitos).

5. Alguns pensam que essas palavras são adverbiais, como se dissessem que eles estão *completamente* mortos. «duplamente mortos», realmente mortos nos seus pecados, porque têm abandonado a Cristo, a origem de toda a vida real.

«...desarraigadas...» Tais árvores estavam mortas; ocupavam o espaço inutilmente. Tinham de ser arrancadas. Isso pode ser comparado com a metáfora usada por Jesus, acerca da vinha e dos ramos. Aqueles ramos que perdem o contacto vital com a vinha, que dá a seiva de vida, logo se ressecam e morrem. Então são cortados e lançados no fogo (ver João 15:1-6). Permanecer na vinha dá vida; isso indica a comunhão mística com Cristo, mediante o Espírito Santo, o qual nos infunde a vida divina. Cristo é a raiz que confere vida à árvore. Mas o tronco deve ter conexão vital com o ramo.

*Variante Textual.* As palavras «festas de amor» figuram nos mss Aleph, ABKL, na maioria dos manuscritos minúsculos, na Vg, no Cóp(s,a,b), no Si(h, hgr), no Ara, no Et(e) nos escritos de Efraem, Lúçifer, Agostinho e Paládio. Ao invés disso, o termo «apatais» (semelhante à forma das mesmas manuscritas, «agapais»), nos mss 82, 378, 460, que não têm qualquer autoridade. Essa segunda forma significa «em seu engodo» (eles se banqueteariam juntos em seu engodo, em seus desejos enganadores, em seus prazeres). Tal forma acompanha a forma mais proeminente de II Ped. 2:13, onde aparece o mesmo intercâmbio das duas palavras, sendo provável que vários escribas quisessem imitar aquela passagem. E os mss 8 e 224(c) traz ainda outra modificação, a saber, «*euochias*», ou seja, «festas», «banquetes». Mas isso também não representa qualquer autoridade.

13 κύματα ἄγρια θαλάσσης ἐπαφρίζοντα τὰς ἐαυτῶν αἰσχύνas, ἀστέρες πλανῆται οἱ ὁ ζόφος τοῦ σκότους εἰς αἰῶνα τετήρηται. 13 κύματα...αἰσχύνas 14 37:20 οἱ...τητήρηται 2 Pe 2:17 13 ἐπαφρίζοντα ἀστέρες 33 al

13: ondas furiosas do mar, espumando as suas próprias torpezas; estrelas errantes, por si quais tem sido reservado para sempre a negrura das trevas.

«...ondas bravias do mar...» As ondas bravias são traiçoeiras, destruindo e espalhando sujidades, mas também representam a instabilidade. (Isso pode ser comparado com Tia. 1:6: «...pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento»). Os falsos mestres não têm fé firme, que possa ser aprovada por Deus, mas vivem em constante agitação, tornando-se destruidores.

«Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz.» (Isa. 57:20,21).

«...espumam as suas próprias sujidades...» A turbulência e agitação dos falsos mestres resulta do fato que propalam atos e palavras impuros, a imundícia da carne, atos desonrosos, tal como a força das ondas sobre uma praia faz espumar toda a espécie de imundície.

As duas ilustrações anteriores, os escolhos e as nuvens, referem-se à profissão falsa dos libertinos e o engodo que provocam; e a terceira ilustração, a das árvores mortas, salienta a condição miserável deles; a quarta e a quinta fornecem-nos excelente descrição de sua impiedade e falta de vergonha, bem como seu destino eventual. A frase «*agria kumata*» (ondas bravias) encontra-se em Sabedoria xiv. 1. A palavra rara, «*epaphridzo*» (espumar) é usada acerca do mar, em Mosco v.5. Refere-se à vegetação

marinha e outros restos trazidos pelas ondas e lançados nas praias, com o que se compara a produção abundante da impiedade (ver Sal. 17:4), ao mesmo tempo que tais indivíduos transformam a graça de Deus em uma capa para sua licenciosidade (ver o quarto versículo). (Mayer, *in loc.*).

«...estrelas errantes...» O autor sagrado se refere a uma crença dos antigos, segundo a qual os «planetas» (palavra essa que significa «vagabundos») seriam estrelas que errariam pelo firmamento, pois, contrariamente às demais estrelas, estariam em movimento, mudando constantemente de posição. Não tinham consciência que os planetas não têm luz própria, estando em órbita ao redor do sol, o que explica seu percurso pelo firmamento. Os antigos, por misturarem a angelologia e a astrologia com sua incipiente e errônea astronomia, supunham que as estrelas fossem os corpos físicos de grandes seres espirituais, ou, então, os lugares onde habitavam esses seres. As «estrelas errantes» (planetas) seriam esses seres espirituais, ou mesmo seus lugares de habitação, que se teriam tornado culpado de agir contrariamente à ordenança de Deus, passando a errar pelo firmamento. O trecho de Enoque 18:12-16, que reflete essa crença, fala sobre o julgamento dessas estrelas (seres angelicais), devido a esse tipo de curso errante. «E para além do abismo vi um lugar que não tinha firmamento nos céus acima, e nem terra firmemente fixada abaixo... era um lugar desértico horrível. Vi ali sete estrelas, como grandes montanhas em fogo, e quando interrogué a respeito, o anjo me disse: «Este lugar é o fim dos céus e da terra: tornou-se uma prisão para as estrelas... E

as estrelas que tocam por sobre o logo são aquelas que transgridem os mandamentos do Senhor no começo de seu surgimento, porque não surgem no tempo determinado».

Judas faz aqui alguma modificação, pois, em lugar do logo, ele fala sobre a comum expressão judaica *trevas inferiores*, uma alusão ao *hades*, as regiões obscuras debaixo da terra, que servem de prisão para as almas perdidas, angelicais ou humanas. Algumas pessoas se surpreendem ao ver essa astronomia errônea, misturada com conceitos astrológicos e angelológicos, nas Escrituras Sagradas, desculpando-as e dizendo que o próprio autor sagrado não cria em tais tolices, mas tão-somente as usou como base da expressão de suas idéias ou como linguagem simbólica. Mui provavelmente, porém, o autor sagrado realmente cria em tais idéias, tendo-as empregado para finalidades espirituais. Seja como for, a questão não é importante. Ele ensina verdades espirituais, sem importar os defeitos de sua ciência e de sua metafísica. Não obstante, foi devido ao uso desse material que antigos pais da igreja, melhor informados cientificamente e metafisicamente, não permitiram que esta epístola de Judas ocupasse lugar no «cânon» das Escrituras. No entanto, não nos devemos preocupar exageradamente acerca dos «veículos» de expressão, pois um homem naturalmente reflete as crenças de sua época. O que importa é a verdade espiritual assim transmitida. Neste caso, a verdade é que os falsos mestres que se afastam das linhas estabelecidas por Deus, e fazem do próprio «eu» seu deus e guia, não podem escapar a um severo julgamento.

O trecho de Isa. 14:12 encerra uma alusão ao pecado dos planetas. Tal passagem compara Salanás, o filho da manhã, com a estrela da manhã. Vênus, porquanto o diabo caiu devido ao orgulho, e, tal como um planeta, afastou-se da órbita divina.

«...negridão das trevas...» As estrelas errantes, por terem desafiado a ordem estabelecida por Deus, por terem rejeitado sua autoridade, ao invés de terminarem em fogo (conforme diz a passagem de Enoque, acima citada).

#### V. A Profecia Inspirada Descrevera aos Falsos Mestres e seu Julgamento (Vss. 14-16)

Os leitores originais de Judas são ensinados que a apostasia não é nenhuma novidade (ver os versículos quinto a sétimo). Portanto, não deveria surpreender a ninguém, se surgem agora apóstatas (ver o oitavo versículo). De fato, cumpre-nos esperar pelo surgimento dos mesmos, porque isso foi predito acerca de nossos tempos. O livro apócrifo de Enoque (que o autor sagrado, ao que parece, considerava inspirado) prediz acerca do aparecimento dos apóstatas, falando ainda sobre as condições e sobre o juízo necessário dos mesmos.

Notemos que o autor sagrado não hesita em usar os escritos pseudo-epígrafes do A.T., crendo, obviamente, que pelo menos o livro de Enoque era inspirado. E ele já usara uma parte do antigo livro apócrifo *assunção de Moisés* (ver o nono versículo), pelo que deveria ter simpatia por vários dos livros pseudepígrafes. (Ver as notas expositivas sobre o nono versículo desta epístola, acerca dessa questão, onde há uma lista dos mais bem conhecidos dentre esses livros). Não nos devemos olvidar que somente os judeus da Palestina rejeitavam os livros apócrifos e outras obras místicas e escritos apocalípticos. A comunidade judaica da dispersão sempre incluiu os livros «apócrifos» em seu A.T., o que se vê na versão da Septuaginta, até mesmo nas versões impressas modernas, a qual inclui catorze livros apócrifos. Os crentes que viviam fora da Palestina, porquanto adotavam o A.T. grego, naturalmente possuíam e usaram tais livros; e as epístolas católicas — Tiago, II Pedro e Judas — não hesitam em incorporar algumas das idéias dos mesmos, aludindo a eles ou citando indiretamente alguns de seus dizeres. E a mesma coisa fizeram com alguns livros «pseudepígrafes».

Na passagem à nossa frente, Judas extrai seu material dos trechos de *Enoque* 1:9; 5:4; 27:2; 60:8 e 93:2. Algo similar se acha em Jubileus 7:38,39, que era outro livro da mesma classe. Por causa da incorporação de tal material nesta epístola de Judas, alguns dos primeiros pais da igreja a rejeitavam como canônica. Eusébio criticou de Alexandria devido ao uso de livros «disputados», como alguns dos livros apócrifos do A.T., Sabedoria de Salomão, etc., além de obras apócrifas do N.T., como as epístolas de Barnabé e de Judas. Isso nos mostra, pois, o que Eusébio pensava sobre a questão. (Ver sobre isso sua «História Eclesiástica» II, 23.24,24). Entretanto, sempre houve certa tendência de ver com bons olhos o livro de Enoque, conforme se vê nos escritos de Jerônimo, por ter sido usado nesta epístola de Judas. Jerônimo aceitava tanto Enoque como esta epístola como livros inspirados. Todavia, essa atitude não era geral, pelo que foi somente já perto do fim do século IV d.C. que esta epístola veio a fazer parte do «canôn», e mesmo isso se tornou motivo de disputa, em certos segmentos da igreja cristã. (ver a seção I da introdução, sobre a «Confirmação Antiga» desta epístola de Judas, que traça a história de seu uso e de sua canonicidade, na igreja cristã primitiva).

14 Προεφήτευσεν δὲ καὶ τοῦτοις ἑβδομος ἀπὸ Ἀδὰμ Ἐνώχ λέγων, Ἰδοὺ ἦλθεν κύριος ἐν ἀγίαις μυριάσιν αὐτοῦ, 14 ἑβδομοί... Ἐνώχ ἦν 60.8 ἦλθεν... αὐτοῦ Dt 33.2; Zch 14.5; Mt 25.31 14-15 ἦλθεν... ἀγγελίαις Eo 1.8

14 Επροφ. B\*(N); R| Πρροφ. reli q

14; Para estes também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor com os seus milhares de santos,

«...profetizou Enoque...» Há dois livros antigos de nome *Enoque*, embora ambos sejam apocalípticos e post-velotestamentários em seu caráter. Ambos narram as viagens de Enoque, por orientação divina, pela terra inteira e pelos sete céus, mediante o que lhes foram dadas revelações divinas sobre os mistérios dos céus e da terra, a fim de que ele, por sua vez, os revelasse à humanidade. O livro mais antigo e mais volumoso, usualmente intitulado I Enoque foi de autoria conjunta, tendo sido escrito na Palestina, provavelmente em aramaico, entre o terceiro e o primeiro séculos A.C., tendo sido preservado em sua totalidade somente em sua tradução etíope, embora alguns fragmentos da tradução grega também existam até hoje. II Enoque provavelmente foi escrito no Egito, em grego, durante a primeira metade do século I D.C. Tem sobrevivido somente na sua tradução eslavônica. O autor sagrado desta epístola valeu-se do primeiro desses dois livros.

Enoque, o personagem histórico, foi o sétimo dos patriarcas antediluvianos, conforme se vê no quinto capítulo do livro de Gênesis. O registro bíblico mostra-nos que ele viveu por trezentos e sessenta e cinco anos, tendo sido homem especialmente piedoso, porquanto «andava com Deus», até que finalmente foi «arrebatado», sem ter experimentado a morte física. Foi apenas natural, portanto, que alguns livros místicos tivessem sido escritos acerca das contemplações de tal personagem.

«...eis que veio o Senhor entre suas santas miríades...» Os anjos são

e que é seguida de maneira geral), são confinadas ao obscuro mundo exterior, abaixo da superfície da terra, o «sheol» ou *hades*. Provavelmente a alteração feita, naquilo que diz o livro de Enoque, não foi arbitrária, mas tornou-se a base do trecho de Isa. 14:9-15, acerca de Lúcifer, a «estrela da manhã», o qual, devido à sua altivez, desceu ao «sheol», ao «recesso do abismo».

Os mestres são apresentados como «luzes» no mundo (ver Fil. 2:14,15; Mat. 5:14-16; 6:23; Luc. 16:8 e João 5:35). Aqueles que se recusam a operar assim, espalhando trevas, ao invés de luz, merecem o juízo das trevas exteriores, porquanto isso se adapta a seu caráter. Judas advertia que a apostasia haverá de incluir, finalmente, um julgamento amargo. As «estrelas» erravam; os apóstatas são vagabundos espirituais, que não guiam outros a nenhuma pátria certa, a nenhuma vitória espiritual, a nenhum triunfo moral, e nem à salvação final. Pelo contrário, são «estrelas caldas», as quais, tendo-se destacado da ordem determinada por Deus, finalmente deixam sua luz e a luz de seu universo e chegam a ser lançados na prisão das trevas. O simbolismo é muito vívido e instrutivo, embora com base em algumas idéias astronômicas simples e errôneas.

As interpretações que pensam que essas «estrelas» seriam «cometas» ou «estrelas cadentes» (meteoritos) se originaram da ignorância dos antigos, os quais denominavam os planetas de «estrelas errantes», e esse é o sentido inerente ao vocábulo «planeta». O termo grego «planao» significa «errar», «vaguar». Bengel, entretanto, leva muito longe o simbolismo do termo «planeta», supondo que o autor sagrado sabia que os planetas não têm luz própria, pelo que não são, realmente, corpos luminosos, mas antes, tomam por empréstimo a luz que refletem. E isso seria excelente aplicação aos falsos mestres, os quais não possuem luz própria. Todavia, tal explicação é um refinamento exagerado do texto, porquanto dificilmente teria estado na mente do autor sagrado.

retratados como instrumentos dos juízos divinos, acompanhamentos de ocorrências apocalípticas. O N.T. tem incorporado essa idéia também em outros lugares. (Ver Mat. 13:29,31; 24:31 e 25:31, bem como seus paralelos, nos demais evangelhos sinóticos). Os anjos farão a «colheita» na terra, recolhendo o trigo e queimando a palha. O trigo representa os verdadeiros discípulos, e a palha representa os ímpios. O trecho de II Tes. 1:7,8 também apresenta os anjos como poderes que Deus usará para julgar este mundo quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo. (Ver Dan. 7:10 quanto a palavras similares à do presente versículo. Quanto a notas expositivas gerais sobre os «anjos», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10).

«...miríades...» Literalmente, teríamos aqui «dez milhares»; mas há muitas dezenas de milhares de anjos. Essa palavra, entretanto, veio a designar a idéia de grande número, sem qualquer referência a algum número específico; e com esse significado é que tal palavra passou para outros idiomas. O grande número dos anjos visa aqui impressionar com a severidade e o poder da vinda de Cristo para julgar. O seu poder será irresistível. (Ver Apo. 19:11 quanto à sua vinda como «Juiz». Ver I Tes. 4:15 quanto à nota geral sobre a «parousia»).

«...sétimo depois de Adão...» O número «sete» tem significações místicas, significando perfeição e término de ciclos. Portanto, Enoque era «estimadíssimo» (a piedade foi aperfeiçoada nele), tendo sido também profeta de acontecimentos apocalípticos e escatológicos, sobre o fim de um ciclo terreno e sobre o começo do estado eterno. O «sétimo mundo» é o reino de Deus, e Enoque foi o profeta especial a esse respeito. Nos escritos

rabinicos encontramos as seguintes palavras: «O número sete é o número mais sagrado de todos: Enoque foi o sétimo depois de Adão e andou com Deus; Moisés foi o sétimo depois de Abraão; Finéias foi o sétimo depois de Jacó, nosso progenitor, tal como Enoque foi o sétimo depois de Adão. E eles correspondem ao sétimo dia, que é o sábado, o dia de descanso. Cada sétima era é a mais importante». (Palavras citadas por Wetstein, pág. 737).

O próprio Enoque viveu tantos anos quantos são os dias do ano solar, a saber, trezentos e sessenta e cinco; e então foi arrebatado, pelo que até mesmo os seus anos de vida nesta terra falam do término perfeito de um

15 ποιῆσαι κρίσιν κατὰ πάντων καὶ ἐλέγξει πᾶσαν ψυχὴν ——— περὶ πάντων τῶν ἔργων ἀσεβείας αὐτῶν ὧν ἡσέβησαν καὶ περὶ πάντων τῶν σκληρῶν ὧν ἐλάλησαν κατ' αὐτοῦ ἁμαρτωλοὶ ἀσεβεῖς.

15 παντας τ. ασεβεις (Rom. 2. 9; 13. 1) πασαν ψυχην KΨ 285a 57b 1a

σκληρων] add λογων K 1611 1739 al p vg(4) sy sa

15: para executar [juízo sobre todos e] convencer a todos as ímpias de todos as obras da impiedade, que impiamente cometeram, e de todos as duras palavras que ímpios pecadores contra ele proferiram.

«ímpius...» No grego é «asebes», «ímpio», forma privativa de «sebo», «adorar», «honrar». Os «ímpios», por conseguinte, são aqueles que não honram a Deus em suas vidas, mas antes, são profanos, imíios e aleus em sua conduta, se não mesmo em suas teorias. Notemos como o autor sagrado usa, neste versículo, alguma variação desse vocábulo por quatro vezes, em formas adjetivada, nominal e verbal. Trata-se de um solene refrão do cântico de condenação, um tema reiterado cujo propósito é revelar a verdadeira natureza das apóstatas e de todos os ímpios, que erram para longe de Deus e se incorporam na revolta encabeçada por Satanás.

«...para exercer juízo...» Não admira, por conseguinte, que o julgamento necessariamente recairá contra os tais, porque todos os seres humanos são moralmente responsáveis diante de Deus. Ele lhes conferiu a vida e a potencialidade para receberem a vida eterna. No entanto, tais indivíduos têm repellido zombeteiramente todas as suas dádivas, preferindo praticar a maldade, falar com insolência, e atacar ao próprio Deus.

«...obras ímpias...» Indivíduos ímpios e profanos mui naturalmente se expressam através de feitos da mais abjeta imoralidade. Tal como as estrelas errantes, por não desfrutarem da orientação divina, e visto que fizeram do próprio «eu» o seu «deus», representam, neste mundo, o espírito da serpente.

«...impiamente praticaram...» Eles agem em perfeita consonância com sua ímpia natureza. Alguns talvez se digam ser anjos de luz, mas seus atos e suas palavras os traem, finalmente. «Os quais viveram praticando a impiedade, de vil maneira, publicamente e em desafio contra os céus, com consciência cauterizada». (John Gill, *in loc.*).

«...palavras insolentes...» No grego temos «skleros», «duro», «cruel», «áspero», «sem dó». Essas palavras foram tomadas por empréstimo de Enoque xxvii. 2. Tais indivíduos não cumprem a lei do Senhor, mas zombam e amaldiçoam, proferindo palavras caluniadoras, com bocas impuras, voltando-se contra a grandeza de Deus e de tudo quanto é bom. Pervertem, pois, a faculdade da fala, transformando-a em uma maldição, e não em uma bênção. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «uso apropriado da língua», que podem ser usadas como ilustração deste

16 Οὗτοί εἰσιν γογγυσταί,<sup>a</sup> μεμφίμοιροι,<sup>d</sup> κατὰ τὰς ἐπιθυμίας ἑαυτῶν πορευόμενοι, καὶ τὸ στόμα αὐτῶν λαλεῖ ὑπέρογκα, θαυμάζοντες πρόσωπα ὠφελείας χάριν.

<sup>a</sup> 16 d minor, d minor: TR WH AV RV ASV RSV (NEB) (TT) (Luthi) Jee <sup>d</sup> d none, d minor: Bvz Nss BP<sup>2</sup> <sup>d</sup> d minor, d none: Zur Hng

16 (γογγυσταί), e R)

16: Estes são murmuradores, queixosos, andando segundo as suas concupiscências; e a sua boca diz coisas muito arrogantes, adúltero possens por causa do interesse.

«...murmuradores...» No grego, essa palavra é «goggustes», palavra usada em forma nominal somente aqui, em todo o N.T., dotada de um sentido original que indica o «arrulho» dos pombos. Veio a indicar a «murmuração» dos homens, ou seja, suas «queixas» e «muchochos». Também indica «sussurro», palavras secretas e insidiosas. (Ver a forma verbal da palavra usada em Mat. 20:11). Os trabalhadores, que imaginaram merecer maior salário que o de seus companheiros, murmuraram contra o senhor da casa. (Ver também Luc. 5:30; João 6:41-43; 7:32). Alguns indivíduos murmuraram contra Jesus, devido às suas reivindicações. A passagem de I Cor. 10:10 usa essa palavra para indicar as murmurações e queixas do povo de Israel, no deserto. Tal uso subentende, tal como neste ponto, insubordinação, rejeição de autoridade e um espírito malicioso e descontente. A conspiração secreta e as queixas secretas foram armas usadas pelos mestres gnósticos. O povo de Israel também murmurou contra Deus (ver Exo. 15:24; 17:3; Núm. 14:29), e aqueles falsos mestres eram seus filhos espirituais. Sentiam-se descontentes com o evangelho pregado pelos apóstolos; procuravam subvertê-lo. Os falsos irmãos, pois, murmuravam contra a autoridade apostólica na igreja, degradando os representantes legítimos dos apóstolos, que perpetuavam a tradição apostólica no cristianismo primitivo. Temos aqui uma descrição do abuso da linguagem, o que é comentado nas notas expositivas sobre o versículo anterior.

«...descontentes...» Os falsos mestres eram indivíduos magoados, infelizes ante a natureza da igreja, em sua doutrina e autoridade. E então se lançavam a tentativa de modificarem tudo isso; e assim fazendo introduziam um falso «evangelho», prodigiosamente destruidor. No dizer de Bigg (*in loc.*): «...eram recalcitrantes e queixavam-se contra a autoridade». (Isso pode ser comparado com o que diz o oitavo versículo deste capítulo). Desprezavam às autoridades celestiais, pelo que não admira que se opusessem também às autoridades terrenas. Estando fora de sintonia com Deus, em seus corações, estavam fora de sintonia com todo o seu

círculo. «O sétimo depois de Adão, Enoque, agradou a Deus e foi arrebatado, tal como haverá um sétimo dia de descanso, em que todos serão arrebatados, os quais, durante o sexto dia da história do mundo foram novamente criados pela Palavra encarnada». (Agostinho, em resposta a Fausto, o Maniqueu, xii. xiv).

Enoque é o personagem simbólico dos crentes arrebatados, pois ele foi retirado desta cena ímpia, tendo assim escapado da morte, entrando na glória, nos lugares celestiais. (As notas expositivas sobre I Tes. 4:15 discutem a questão inteira da «parousia»).

elemento do presente versículo, ver Col. 3:17 e Ef. 4:29).

«Falar é fácil». Palavras, palavras, nada mais que meras palavras. «Ele é apenas um paroleiro». Essas afirmativas ilustram uma comum depreciação da importância de nossas palavras. Porém, haverá alguma coisa no mundo mais potente em favor do bem ou do mal do que as palavras? A fala é a faculdade que distingue o homem dos animais irracionais. É o veículo da personalidade. A autoconsciência se manifesta exclusivamente pela faculdade da fala. O pensamento é impossível sem as palavras, que contêm as idéias. As ações são antecipadas pelo pensamento. E conforme diz Heine, «O pensamento procede as ações, assim como o raio precede ao trovão». Mas o pensamento é impulsionado por sugestões verbais. Toda a cooperação entre os seres humanos depende, para seu sucesso, da comunicação verbal. A solidariedade cultural de um grupo se baseia sobre uma linguagem comum. O caráter é revelado pela linguagem que um homem emprega. «...porque a boca fala do que está cheio o coração» (Luc. 6:45). Portanto, Tiago não erra quando dá tanta ênfase à língua. (Easton, comentando sobre o trecho de Tia. 3:2).

«...proferiram contra ele...» Deus é o objeto real de sua linguagem dura e depravada. As conversações de um homem, o uso que faz da faculdade da fala, tudo tem implicações e consequências eternas. Por essa razão é que o Senhor Jesus ensinou que os homens darão contas até mesmo de suas palavras (ver Mat. 12:36). Portanto, quão sério é o uso da fala!

Os ímpios, com suas palavras impensadas, com sua constante prática da maldade, com seu abuso contra os outros, talvez não assediem diretamente a Deus; entretanto, ao degradarem e ao caluniarem a outros, que são criaturas de Deus, atacam a Deus. É conforme disse Lange (*in loc.*): «Embora não creiam que todas as suas malignas palavras alvejaram o Senhor». Não há que duvidar que o autor sagrado aludiu parcialmente à doutrina dos gnósticos, que degradava de Cristo e de Deus, mas que eles impingiam a outros como se fosse a «verdade». Reduziam Cristo Jesus a apenas um dos seus imaginários «aëons» ou pequenos deuses, a apenas um salvador e mediador entre muitos. Os mestres gnósticos, pois, tinham um conceito «delista» de Deus, de acordo com o qual ele seria tão transcendental que só teria contacto com este mundo através da «emanação» que dele provinha, os «aëons». Blasfemavam de Deus com sua pregação e ensino, porquanto nada havia de hígido ou capaz de transmitir a vida eterna em suas palavras.

ἐπιθυμίας ἑαυτῶν πορευόμενοι, καὶ τὸ στόμα

meio ambiente. Eram como bombas de dinamite prontas a explodir, como moscas no unguento, como vermes no pão. A tudo consideravam errado, impondo a outros o que realmente era condenável por sua malignidade e falsidade.

«...andando segundo as suas paixões...» No grego temos «poreuo», que significa «viajar», «andar», «seguir o próprio caminho». A metáfora do «andar» é aqui usada. Nas páginas do N.T. usualmente é usado, nesses casos, o verbo «peripateo», que significa, mais especificamente, «andar». A metáfora do «andar» é de uso freqüente nos escritos seculares e sagrados. Isso aponta para o caráter geral da vida de alguém, tal como cada passo que damos, ao andar, é um elemento na jornada que tivermos de fazer. Ora, no ato de andar há um alvo, um propósito, um destino a ser atingido. (Quanto a notas expositivas completas sobre a metáfora do «andar», ver Gál. 5:16 e 25). Esse «andar» pode ser de conformidade com a carne e seus maus desejos; ou então pode ser de acordo com o Espírito Santo, isto é, em comunhão com o ser divino. O autor sagrado não nutria qualquer dúvida que os falsos mestres andavam de acordo com suas vis paixões e desejos perversos, e não de conformidade com o Espírito de Deus. Suas obras comprovavam essa certeza.

«Eles (os falsos mestres) eram murmuradores e descontentes porque estavam centralizados em si mesmos. Por essa mesma razão eram inteiramente impulsionados pelas suas paixões animais (comparar com os versículos quarto, oitavo, décimo e décimo oitavo). Faltava-lhes qualquer traço de humildade ou de espiritualidade». (Barnett, *in loc.*). As descrições existentes nesta epístola evidentemente foram tomadas por empréstimo do livro *Assunção de Moisés*. (Ver as notas expositivas sobre esse livro no nono versículo). Foram usados os trechos de Assunção de Moisés 5:5; 7:4,7,9).

«...paixões...» Esse termo traduz o vocábulo grego «epithumia», que pode significar qualquer tipo de «desejo» ou «anelo», de natureza negativa ou positiva. Com freqüência é usado para indicar as paixões corporais e as tendências para as perversões sexuais, sendo muito provável que esse seja o seu uso, no presente versículo, considerando-se o que sabemos acerca das imoralidades praticadas pelos mestres gnósticos. (Ver o sétimo versículo,



onde os falsos mestres são comparados aos habitantes de Sodoma e Gomorra. Por conseguinte, esses mestres falsos seguiam após «carne estranha», isto é, desejos sexuais depravados).

Menandro mostrou o tremendo poder dos desejos sexuais, quando o indivíduo não tem o domínio próprio conferido pelo Espírito Santo, ao dizer: «Uma jovem sem valor fez de mim um escravo, a mim, a quem nunca inimigo algum subjugou». A tirania do sexo é coisa horrível.

Epicteto forneceu algumas instruções acerca de como dominar os vícios. Ele aconselhava uma vitória gradual, em que o indivíduo se tornasse hoje menos iracundo do que ontem, percebendo a futilidade de um vício através do raciocínio. Disse ele: «Hoje, quando vi uma bela mulher, eu não disse para mim: Oxalá ela fosse minha!... pois aquele que assim declara também dirá 'Bem-aventurado o adúltero!' E nem imagino a cena seguinte: a mulher diante de mim, despiendo-se e reclinando-se a meu lado. Antes, alago minha própria cabeça e digo, 'Muito bem, Epicteto, refutaste uma linda falácia...' E ainda que a própria mulher, pobre coisa, estivesse desejosa, me fizesse acenos e até mesmo tocasse em mim e se acercasse, ainda assim eu manter-me-ia indiferente e seria vencedor... Isso é algo de que alguém pode realmente orgulhar-se... Como, pois, é que isso pode ser conseguido? Resolve agradar sempre ao teu verdadeiro eu, resolve ser nobre diante de Deus; que o teu grande desejo seja tornar-te puro na presença de teu próprio eu e de Deus». (Epicteto, *Manual* 28).

«...sua boca vive propagando grandes arrogâncias...» O autor retorna, uma vez mais (já pela terceira vez), aos pecados da língua. (Ver o décimo quinto versículo e acerca dos «murmúrios», na primeira porção deste versículo). Conforme diz a versão inglesa RSV, aqui vertida para o português: «...jactanciosos de boca cheia...» Literalmente, o original grego significa «superinchados». Aqueles indivíduos viviam inchados ante a idéia de sua própria importância, e suas palavras refletiam seu estado desnatural, fazendo reivindicações exageradas acerca de si mesmos e de suas doutrinas heréticas. A insolência se fazia presente em tudo quanto afirmavam; julgavam-se melhores que as outras pessoas, como também mais sábios e espirituais que seus semelhantes. Eram eles os «gnósticos», aqueles que «sabiam». Eram eles os «pneumáticos», os verdadeiramente «espirituais», ao passo que os outros homens seriam os «hílicos» ou «terrenos», incapazes da salvação, condenados à destruição certa. Chegavam mesmo a jactar-se contra os apóstolos de Cristo e seus seguidores, e os desprezavam como se fossem inúteis. Ver um texto com uma descrição similar, em Assunção de Moisés vii.21, de onde o autor sagrado provavelmente tomou por empréstimo essas palavras.

A passagem de II Ped. 2:18 incorpora essa porção da descrição de Judas: «...porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnis, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro...».

«...por motivos interesseiros...» Os falsos mestres faziam discursos VI. Os apóstolos do Novo Testamento advertiram sobre eles (Vss. 17-19).

O autor sagrado já havia mostrado a seus leitores originais que não deveriam surpreender-se ante o fato que os falsos mestres tinham conseguido cabeças de ponte na igreja. A apostasia é um fenômeno antiquíssimo: ocorre tanto no seio da igreja como no mundo em geral (ver os versículos cinco e sete), como até mesmo nos céus (ver o sexto versículo). Isso foi profetizado por santos antigos, como Enoque (ver o décimo quarto versículo), o que fora predito bem recentemente pelos próprios apóstolos de Cristo, os quais advertiram que os homens ímpios não deixariam de corromper a doutrina e a tradição cristãs. Nos últimos tempos, isto é, imediatamente antes da segunda vinda do Senhor, os apóstatas mostrar-se-ão prevalentes, os quais corromperão tanto a sua vida como a sua doutrina. Serão homens sensuais, despidos da influência do Espírito Santo.

Portanto, o autor sagrado fez um urgente apelo a seus leitores originais para que «contendessem pela fé» (ver o terceiro versículo e comparar com o vigésimo versículo). Ao assim fazer, ele não os exortava a fazer qualquer coisa que os próprios apóstolos não tinham previsto como algo que necessariamente ocorreria.

17 Ὑμεῖς δέ, ἀγαπητοί, μνήσθητε τῶν ῥημάτων τῶν προειρημένων ὑπὸ τῶν ἀποστόλων τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ.

17: Mas vós, amados, lembrai-vos das palavras que foram ditas pelos apóstolos do nosso Senhor Jesus Cristo;

«...Vós...» Devemos observar o pronome enfático, no grego. É como se o autor sagrado tivesse escrito: «Vós, meus leitores, é que precisais desta informação; precisais resistir firmes; vós é que precisais lembrar-vos da pureza da tradição apostólica, defendendo-a; e vós é que deveis censurar os falsos mestres, não mais lhes permitindo ter tal poder e liberdade na igreja (ver o décimo segundo versículo). Enquanto se banqueteiam convosco, poluindo o 'agape' do Senhor, mostrai-vos por demais transigentes, permitindo-lhes qualquer coisa que queiram fazer. Cessai agora, e lembrai-vos do que os apóstolos vos ensinaram, e dedikai-vos à defesa da doutrina cristã».

«...amados...» (Ver o primeiro versículo). Os crentes para quem esta epístola foi dirigida eram «amados» de Deus e por seus líderes cristãos. No terceiro versículo, por igual modo, são assim chamados, o que se repete no vigésimo versículo. (Essa idéia é amplamente comentada no primeiro versículo, havendo comentários adicionais no terceiro versículo). Esse título é comumente aplicado a Cristo, da parte de Deus Pai; e também é aplicado aos homens, amados por Deus ou por outros homens. É usado por cerca de sessenta vezes nas epístolas do N.T., em uma ou outra categoria desses usos.

«...palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos...» Estão em foco as advertências verbais e pessoais dos apóstolos, acerca dos falsos mestres e da apostasia, o que veio a tomar forma escrita em algumas passagens do N.T., como em Atos 29:28 e ss., nas epístolas pastorais e nas epístolas de João. As palavras dos apóstolos encerram a «fé» que de uma vez por todas foi dada aos santos; mas aquelas palavras também contêm advertências que avisam especificamente sobre o tempo em que seria rejeitada a sã doutrina, sendo

bombásticos a fim de impressionar às pessoas, para que pudessem extrair delas dinheiro e outras coisas valiosas. A «cobiça» dos gnósticos já fora mencionada no décimo primeiro versículo. Eram «gananciosos» como o fora Balaão, não hesitando em vender o evangelho de Cristo a fim de ganhar a vida, corrompendo outros e até mesmo encorajando a prática de coisas depravadas. O trecho de I Tim. 6:5 mostra que os falsos mestres supunham que a «piedade» significava obter lucro. Usavam seu ensinamento religioso e sua vida a fim de «lisonjear» a outros, a fim de receberem algo em troca, porquanto eram movidos por sentimentalismos religiosos que os levavam a orgulhar-se de si mesmos, o que lhes dava um bom conceito sobre si mesmos. Os falsos mestres não procuravam melhorar a vida moral dos outros, e nem transformá-los conforme a imagem moral de Cristo. Antes, esforçavam-se para que outros se sentissem bem como seus pecados, «oficializando» os seus pecados. Ensinavam que os outros agiam bem quando se entregavam às concupiscências e perversões, porque, conforme afirmavam, é mister que o homem tenha toda a espécie de «experiência», até mesmo perversas, a fim de aprender. Ora, o «aprendizado» seria «conhecimento», e esse conhecimento seria o meio de redenção. Até mesmo supunham que os anjos vinham ajudá-los e encorajá-los nas perversões que praticavam, poluindo-se a fim de obterem «experiências», e, por meio disso, o cobiçado «conhecimento».

Uma das mais fortes tentações por que passam todos os pregadores ou mestres é o de agradarem aos homens, tanto para que sejam «aceitos» por eles como a fim de que sejam «pagos» por eles, para que as dádivas recebidas sejam generosas. O povo geralmente retém suas ofertas em dinheiro nas igrejas onde o pregador é «impopular». E os pregadores «populares» geralmente são bem assalariados, o que tem enriquecido a alguns. Quando um homem se torna cobiçoso, o dinheiro é o seu «deus», ditando-lhe ordens. E dessa maneira chega a negar o «senhorio de Cristo». (Ver uma nota geral sobre a «cobiça», em Col. 3:5, que será útil como ilustração do presente versículo. Comparar também com II Ped. 3:3,14 quanto à «cobiça dos líderes gnósticos»).

Os falsos mestres eram líderes que não conduziam a parte alguma; tinham revertido os sinais indicativos do caminho. Eram destruidores, e não edificadores. «...lisonjeadores e parasitas» (Plummer, *in loc.*). «Tenho conhecido diversos ministros dessa natureza, e a todos eles recomendo que leiam o décimo sexto versículo da epístola de Judas». (Adam Clarke, *in loc.*).

«Apesar de proferirem grandes palavras bombásticas, na realidade são homens maldosos, que cortejam aqueles que possuem riquezas (materiais)». (Faucett, *in loc.*).

Este versículo talvez indique que os falsos mestres buscavam tornar-se benquistos de outros modos, sobretudo por pessoas influentes, em busca de vantagens pessoais e lucro financeiro; mas a vantagem financeira parece estar aqui em foco, acima de tudo.

17 I Pa 13

sujeitos os ensinamentos cristãos a modificações para pior, feitas por indivíduos ímpios, inspirados por Satanás.

«Os zombadores são eficazmente refutados e condenados, quando se mostra que não estão de acordo com o ensinamento apostólico. As predições dos apóstolos apresentam as transmissões proféticas da verdade salvadora de Deus à igreja, constituindo a 'santíssima fé' de seus membros (ver o vigésimo versículo). O vocábulo grego 'rema' (aqui traduzido por 'palavras... proferidas') tem o sentido que também aparece em Rom. 10:8; Efé. 6:17; I Ped. 1:25 (comparar com a palavra 'logoi', em Apo. 17:7). Essa santíssima fé é uma coletânea de ensinamentos autorizados, cuja origem divina é exposta nas Escrituras e nas predições dos apóstolos. Para Judas o autor sagrado, essas predições tinham quase que a autoridade do conteúdo das Escrituras inspiradas». (Barnett, *in loc.*).

Alicerçados sobre atitudes assim é que os «apóstolos» falavam, com autoridade e inspiração, preparando o solo para o desenvolvimento do «cânon» do N.T. Já que as palavras dos apóstolos eram tão altamente respeitadas, foi apenas natural que, uma vez que foram reduzidas à forma de documentos escritos, fossem reputadas dotadas de igual autoridade espiritual que o A.T. (Quanto à formação do «cânon do N.T.» ver o artigo existente sobre esse tema na introdução ao comentário).

«...apóstolos...» (Quanto a uma lista dos «apóstolos», com breve descrição do que se sabe sobre cada um, ver Luc. 6:12. Quanto ao «apostolado», ver Mat. 10:1. Quanto ao uso mais lato do termo, incluindo líderes cristãos dotados de poderes e de autoridade especiais, além do círculo restrito dos «doze», ver Atos 14:4). Esta epístola de Judas é uma defesa da fé e da tradição apostólicas, mostrando que a igreja cristã estava firmemente baseada sobre seus ensinamentos originais.

Este versículo pode ser comparado ao trecho de II Ped. 3:1-3. É feito ali o

mesmo apelo em favor da «memória», para que fosse despertada a mente pura dos leitores originais, para que tivessem consciência do que ensinavam os apóstolos, do que eram os «mandamentos» relativos à santidade e à crença correta acerca de Cristo; e também para que, além dessas coisas, soubessem que, nos últimos dias, apareceriam «zombadores» que andariam segundo suas próprias concupiscências.

Notemos que ao falar sobre os «apóstolos», mas sem incluir-se no número dos mesmos, o autor sagrado não se declara ocupante do ofício apostólico, dando a entender que algum tempo já se passara desde que as predições aludidas foram feitas. Ele agora conclamava seus leitores para que se «lembrassem» dessas predições. (Ver a secção II da introdução a esta epístola, sob o título «autoria»). O autor sagrado evidentemente escreveu em nome de Judas, como uma honra a ele prestada, além de servir isso de meio de defesa da mensagem apostólica. Existem bons intérpretes, entretanto, que não percebem aqui nem defesa e nem negação do apostolado de Judas, como também não vêem qualquer distinção entre o próprio autor e Judas.

18 ὅτι ἔλεγον ὑμῖν ὅτι Ἐπ' ἐσχάτου [τοῦ] χρόνου ἔσονται ἐμπαίκται κατὰ τὰς ἑαυτῶν ἐπιθυμίας πορευόμενοι τῶν ἀσεβειῶν.

18 εσονται] eluso- A 33 al lat 22, 23 ελυσαι... φοβου] εκ πυρος

18: os quais vos dizem: Nos últimos tempos haverá escarnecedores, andando segundo as suas ímpias concupiscências.

...No último tempo... Essa expressão equivale a «último dia» e «últimos dias». O trecho de I Ped. 1:20 diz «últimos tempos». O paralelo na segunda epístola de Pedro diz «últimos dias». (Ver II Ped. 3:3). A expressão (ou expressões) é tomada por empréstimo da literatura escatológica judaica, que se referia ao tempo «imediatamente antes» do esperado advento do Messias, por algum tempo similar ou igual a «últimos dias». Os judeus dividiam o tempo em duas grandes divisões: os dias ou tempos antes do Messias, e os dias ou tempos depois do Messias. A porção final da primeira divisão era chamada «últimos dias», porquanto eram os últimos dias do primeiro grande ciclo. E os autores cristãos aproveitaram esse uso, embora aplicando-o ao «segundo advento» de Cristo ou «parousia» (o que é comentado nas notas expositivas sobre I Tes. 4:15). Por conseguinte, os «últimos dias» ou «último tempo» são expressões que se referem ao período imediatamente antes da segunda vinda de Cristo.

Os crentes do primeiro século de nossa era, e muitos do segundo, criam que a volta de Cristo a este mundo verificaria-se em seus próprios dias (o que é comentado em I Cor. 15:51). Para eles, por conseguinte, os «últimos dias» eram seus próprios dias. Acreditavam que viviam naqueles dias que antecederiam de imediato a vinda de Cristo de volta ao mundo. Mais tarde, no seio da igreja, quando se percebeu que a «era da graça» seria prolongada, o termo «últimos dias» passou a indicar uma época mais remota, e não necessariamente o próprio período de vida dos crentes antigos, e, sim, o período de tempo, ainda futuro, que antecederia imediatamente a «parousia» ou segunda volta de Cristo. Não é provável que o N.T. tenha empregado tal expressão nesse segundo sentido, entretanto, simplesmente porque os que o escreveram aguardavam a vinda de Cristo para sua própria época, pelo que, para eles, os seus próprios dias eram os «últimos dias». Creemos, entretanto, que nossa época é o «último tempo», e há um artigo, na introdução ao comentário, dedicado às questões e coisas que — esperamos — ver cumpridas.

Há um sentido em que os «últimos dias» se referem à inteira «era da igreja», com base no N.T.; mas somente porque seus autores não faziam conceito de uma era da igreja que perduraria por tão longo tempo. Pensando que o ministério da igreja neste mundo seria breve, o termo «últimos dias» veio a indicar, para aqueles crentes primitivos, o período inteiro do ministério primitivo.

...haverá escarnecedores... No presente contexto não são focalizados ateus, os agnósticos, aqueles que ridicularizam de tudo quanto é religioso e espiritual. Antes, o autor sagrado atacava aos gnósticos «deístas», aqueles que degradavam de Cristo e não viam necessidade de vincular a moralidade com a fé, a espiritualidade com a ética (ver os versículos quarto e décimo primeiro), os quais também zombavam da idéia do retorno e do juízo de Cristo (ver os versículos vinte e um e vinte e quatro, bem como o terceiro capítulo da segunda epístola de Pedro). O autor sagrado não

19 Οδοί εἰσιν οἱ ἀποδιορίζοντες, ψυχικοί, πνεῦμα

19: Estes são os que causam divisões; são sensuais, e não têm o Espírito.

...promovem divisões... (Ver o trecho de I João 2:19, que mostra que os mestres gnósticos provocavam cismas na igreja). Alguns gnósticos eram mais cristãos e menos gnósticos, mas havia aqueles que o eram ao contrário. Alguns deles continuavam no seio da igreja e provocavam problemas, conseguindo adeptos para suas idéias. Seja como for, causavam divisões, dissensões e desacordos entre os irmãos, solapando a fraternidade entre os crentes. Praticavam o egoísmo, ao invés de praticarem o amor cristão, odiavam, ao invés de usarem do espírito altruísta e reconciliador. Separavam-se da igreja, porque não queriam suportar o jugo da disciplina cristã. Na qualidade de indivíduos sensuais, dificilmente podiam suportar o jugo espiritual; odiando, dificilmente se submetiam ao amor e harmonia mútuos.

Variante Textual: As palavras «separam-se a si mesmos» aparecem no ms C, nos manuscritos minúsculos posteriores e na Vg latina. Mas os textos mais importantes, como P172, Alph, AB e até mesmo manuscritos unciais posteriores, como KLP, trazem o verbo em sentido absoluto, «separam-se», isto é, «causam divisões», idéia que aparece em nossa versão portuguesa.

...sensuais... O autor sagrado, nesta breve epístola, repetidamente frisa e ilustra a sensualidade dos mestres gnósticos. Entre eles, a imoralidade não era meramente permitida, mas também era a ética desejável e a prática

como, por semelhante modo, não vêem qualquer identificação entre os dois.

...nosso Senhor Jesus Cristo... (Quanto ao título completo de Cristo e seu «senhorio», ver Rom. 1:4). O uso desse título é muito significativo neste ponto. Em primeiro lugar, Jesus, o homem, também é o Cristo, havendo perfeita identificação de naturezas — a divina e a humana. Em segundo lugar, nessa combinação ou fusão de naturezas, a natureza divina foi inundada na humana; e isso subentende a realidade da encarnação, negando a teoria gnóstica da «posseção», a saber, que o Espírito-Cristo (um «aeon») teria tomado posse do corpo do homem Jesus de Nazaré, por algum tempo, embora em sentido algum se tenha encarnado. (Esse problema é discutido em I João 4:2,3). Além do fato que essa pessoa é «divina», também é «o Senhor». Mas os mestres gnósticos, ao dividirem a função medianeira entre muitos supostos «aeons», não somente destruíam, em seu próprio conceito, o senhorio de Cristo. Ele é o «nosso» Senhor, e isso em realidade, porquanto somos verdadeiros crentes, ao passo que os gnósticos não o conheciam como Salvador e Senhor.

18 Ἐπ' ἐσχάτου... ἀσεβειῶν I Pe 8.3

18 Ἐπ' ἐσχάτου... ἀσεβειῶν I Pe 8.3

απαρτρετα, διακρ. δε ελεγε εν φ. ιγ'η σα Cl Hier

atacava aqui aos materialistas, porquanto os gnósticos criam na existência de espíritos (os «aeons»), entidades espirituais superiores à alma humana. Mas seu sistema ridicularizava o cristianismo verdadeiro naquilo que este ensina. (Ver II Ped. 3:3 quanto a um paralelo desta passagem, sem dúvida copiado do texto presente, embora com algumas modificações. A secção V da introdução demonstra a dependência literária da segunda epístola de Pedro à presente epístola. Quanto a outros trechos bíblicos que falam sobre os «zombadores religiosos», ver Atos 2:13 e II Crô. 36:16, onde é sumariada a atitude dos judeus apóstatas acerca de seus próprios profetas).

...andando segundo as suas ímpias paixões... Temos aqui repetição de uma cláusula do décimo sexto versículo, com a exceção que a palavra «paixões», que ali figura, aqui é expandida para «ímpias paixões». Trata-se da mesma palavra usada por quatro vezes no décimo quinto versículo, em forma adjetival, nominal e verbal. Notemos a metáfora do «andar», explicado nas notas expositivas sobre o décimo sexto versículo. (Ver as notas gerais sobre a idéia desse tipo de «andar amoral», que caracterizava os gnósticos). A fé religiosa deles não entravava sua imoralidade, pelo que incorporava um falso evangelho. O evangelho nada será na vida de alguém, se não incluir o poder santificador. A santificação é necessária à salvação, porque ninguém pode chegar à «glorificação» sem aquela (ver II Tes. 2:13). A salvação conforme temos dito por várias vezes neste comentário, é como uma corrente de ouro. O elo que desce à terra, baixa até ao nível de maior degradação humana. O elo da santificação, porém, precisa ser agarrado pelo pecador salvo e posto em prática, sob pena de ficar invalidado o primeiro elo. E o terceiro elo atinge os lugares celestiais, o que é a glorificação. Não podemos subir pela corrente áurea da salvação deixando de lado o elo da santificação, mas só podemos fazê-lo por meio dele.

«Pensamos que temos de atingir certo grau de bondade antes de chegarmos a Deus. Porém, ele não diz: 'No fim do caminho me encontrareis'. Antes, diz: 'Eu sou o caminho; sou a estrada sob os teus pés, um caminho tão baixo quanto precise ser'. Se estivermos em um buraco, o Caminho começa nesse buraco. No momento em que voltamos a face na mesma direção da dele, estaremos andando com Deus». (Dorothy Berkeley Philipps, *The Choice is Always ours*, pág. 44).

Raabe é usada como lição objetiva espiritual no N.T. (ver Heb. 11:31 e Tia. 2:25), especificamente por causa do que ela fora antes, em contraste com o que a graça de Deus foi capaz de torná-la. Disse aprendemos que Deus tem poder de vencer o passado, transformando ex-pecadores em santos. Quando foi indagado: «De Nazaré pode sair alguma coisa boa?» (João 1:46), a resposta foi «Jesus». Por semelhante modo se pode perguntar: «Pode ser extralido algum bem de uma vida naufragada?» Raabe é a resposta a isso. A lição é que a graça de Deus chega onde estivermos. Não precisamos atingir certo nível de aceitabilidade perante Deus, para podermos receber sua graça. Por essa razão é que Raabe pode tornar-se uma heróina da fé. O fato que isso foi possível mostra-nos que todos estão sujeitos à justificação e à subsequente santificação, o que nos conduz à total transformação segundo a imagem moral do próprio Cristo.

μη ἔχοντες.

oficial. Abusavam do próprio corpo na suposição de que estavam ajudando o intuito do sistema do mundo, que seria o de destruir a matéria (pois, segundo o sistema deles, a matéria era a sede mesma do mal), da qual o corpo humano participa. Chegavam a imaginar, em sua loucura, que os anjos vinham encorajá-los na prática de todas as formas de depravação, a fim de «obterem experiência», e, por esse intermédio, «conhecimento», e, dessa maneira, a «salvação». Segundo eles, a salvação seria obtida mediante o conhecimento, razão pela qual se chamavam «gnósticos» (aqueles que «conhecem»; no grego, «conhecimento» é «gnosis»). Este versículo pode ser comparado aos versículos quatro, sete, oito, dez, doze, quinze, dezesseis e dezoito, todos os quais salientam, de um modo ou de outro, a profundidade da depravação moral dos falsos mestres gnósticos. (Ver Col. 2:18 quanto a uma nota expositiva completa sobre o «gnosticismo»).

O termo grego aqui traduzido por «sensuais», é «psuchikos», que pode ser transliterado por «psíquicos»; mas esse vocábulo, além de também ter o sentido possível de «pertencente à alma», também é usado em contraste com a idéia de «pneumatikos», ou seja, «espiritual». Nesses casos, significa «não-espiritual», ou seja, sensual, aquilo que tem vinculações com o «corpo físico», com aquilo que pertence estritamente ao mundo «natural», em contraste com o mundo espiritual e eterno. Os próprios gnósticos usavam o termo *hílico* (no grego essa palavra significa *material*) para se referirem aos

homens imersos na matéria. A esses eles reputavam inteiramente incapazes de redenção, pois quando a matéria for destruída (o que seria o propósito mesmo do «cosmos»), seriam eles destruídos, tão forte era sua vinculação à matéria. Utilizando-se de um termo diferente, o autor sagrado chama os gnósticos de «hílicos». Aquilo que os gnósticos afirmavam desprezar, isso é o que eram, na realidade. Em sentido algum eram «pneumáticos», conforme se professavam ser. Os gnósticos usavam o termo *psíquico* para se referirem a indivíduos de espiritualidade inferior (como, por exemplo, segundo pensavam os profetas do A.T.), os quais obteriam uma redenção inferior, «através da fé», embora não pudessem atingir a redenção superior, que vem através do «conhecimento». O autor sagrado, contudo, não emprega dessa maneira o termo grego *psuchikos*. Ele não admitiu nunca que os gnósticos fossem espirituais em qualquer sentido, mas antes, eram totalmente «terrenos».

«...que não têm o Espírito...» Assim sendo, não eram «pneumáticos», conforme se afirmavam, pois não tinham em si mesmos o poder que transforma o indivíduo segundo a imagem moral de Cristo, o que o torna pessoa verdadeiramente espiritual. Os gnósticos dividiam os homens em três classes, a saber: 1. Os hílicos, que seriam homens terrenos, incapazes da redenção, o que envolvia a vasta maioria dos homens. 2. Os psíquicos, homens de baixa taxa de espiritualidade, sujeitos a uma forma inferior de redenção, mediante a fé. 3. Os pneumáticos, que seriam os verdadeiramente espirituais, sujeitos à redenção superior, que consistiria da absorção pelo divino, os quais conseguiriam tal façanha mediante o conhecimento. Os gnósticos imaginavam ser esses homens «pneumáticos». O autor sagrado, entretanto, chama-os de «hílicos» (embora empregue um termo diferente), negando peremptoriamente que fossem pneumáticos ou espirituais, pois não tinham o Espírito.

A ação do Espírito nos remidos consiste de transformá-los e espiritualizá-los, de forma que primeiramente venham a participar da natureza moral de Cristo (ver Gál. 5:22,23). Mediante essa operação é que chegam a ter sua natureza metafísica (ver II Cor. 3:18), e, portanto, a «divindade» (ver II Ped. 1:4) e «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19 e Col. 2:10). Sem a presença do Espírito Santo, torna-se impossível esse VII. Os crentes verdadeiros triunfarão a despeito deles (Vss. 20-23).

Os gnósticos eram uma ameaça séria à igreja, mas o autor sagrado confiava que a grande obra espiritual iniciada nos crentes autênticos teria plena e apropriada fruição. Contudo, isso não sucede automaticamente, antes, requer diligência e disciplina, o que leva à edificação espiritual na fé, de maneira ativa, em nada deficiente no Espírito Santo (segundo sucedia aos mestres gnósticos). É mister que o crente se dedique à oração no Espírito, mantendo comunhão íntima com Cristo, recebendo suas palavras graciosas, que fomentam a inquirição espiritual. Deus ama aos crentes verdadeiros, estando pronto a fazer todo o possível em favor deles; os próprios crentes, entretanto, estão na obrigação de lançarem mão dos meios de desenvolvimento espiritual, para que se mantenham no centro do amor de Deus, expressando livremente esse amor, aprovando a outros homens verdadeiramente espirituais.

Há uma grande misericórdia que devemos obter, da parte de Cristo, quando ele voltar para julgar aos homens; mas essa misericórdia deve ser diligentemente «buscada». Devemos nos preparar para a mesma mediante o andar santo, porquanto, sem a santidade, ninguém jamais verá a Deus. (Ver Heb. 12:14). O triunfo dos crentes é possível quando se interessam vivamente por outros, dentro e fora da igreja, procurando compartilhar zelosamente da própria salvação com outros. Portanto, a compaixão é aqui recomendada, a participação no próprio amor de Deus, o que aponta para a vida vivida em favor de outros. Além disso, devemos «temer» pelo que sucederá a outros, quando do julgamento; e, em vista disso, cumpre-nos envidar todo esforço possível para salvar aos perdidos. Ora, agiremos assim se «abominarmos» qualquer contaminação da «carne». Isso significa que seremos zelosos a outros a abandonarem seus vícios e a virem ao Salvador?

20 ὑμεῖς δέ, ἀγαπητοί, ἐποικοδομοῦντες ἑαυτοὺς τῇ ἀγιωτάτῃ ὑμῶν πίστει, ἐν πνεύματι ἁγίῳ  
προσευχόμενοι, 20 ἐποικοδομοῦντες... πίστει Col 2:7; I Tm 5:11

20: Mas, vós, amados, edificando-vos sobre a vossa santíssima fé, orando ao Espírito Santo,

«...Vós...» é palavra que se refere aos crentes autênticos, em contraste com os falsos mestres gnósticos, que tinham perdido suas próprias almas, estando despidos do Espírito Santo (ver o versículo anterior), que eram totalmente terrenos e que habitualmente andavam nas concupiscências carnis deste mundo.

«...amados...» (Ver explicações completas sobre o que fica implícito neste termo, nas notas expositivas sobre os versículos primeiro e terceiro. Tal vocábulo também é usado nos versículos terceiro, décimo sétimo e vigésimo). O amor de Deus é agora pintado como algo capaz de guardar os crentes da queda, apresentando-nos inculpáveis diante de Cristo, quando de sua vinda para julgar, contanto que os crentes se mantenham dentro desse amor e da santíssima fé que o acompanha. O amor, tal como a morte, transforma tudo. O amor, entretanto, pode ser repellido e maltratado. Os falsos mestres gnósticos vinham dando um exemplo negativo disso. Os crentes legítimos são aqui exortados a demonstrar o que pode fazer em favor da alma a permanência no amor de Deus.

«...edificando-vos na vossa fé santíssima...» A metáfora da «edificação» é comum nas páginas do N.T. Assim como a edificação de uma estrutura qualquer exige diligência e progresso diário, bem como um trabalho efetuado por mãos habilidosas e que sabem o que fazem, assim se dá também com a edificação da vida espiritual, com a realização da inquirição espiritual. Requer habilidade e aplicação, bem como zelo, para que seja totalmente cumprida. Essa edificação espiritual haverá de produzir um «templo» do Espírito Santo, uma habitação para o próprio Deus. Isso implica a infusão da natureza divina na natureza humana. (Ver II Ped. 1:4; ver também Efê. 2:22 quanto a edificação do templo de Deus. Quanto a outras passagens bíblicas que usam a analogia da edificação, para indicar o desenvolvimento espiritual, ver Mat. 7:24-27; I Cor. 3:10-17; Efê. 2:20-22; Col. 1:23; 2:7; Heb. 3:1-6 e I Ped. 2:4-10).

«O verbo grego aqui traduzido por «edificai-vos» contempla o término de uma estrutura erguida sobre um alicerce já lançado. Esse alicerce, na concepção de Judas, é «vossa fé santíssima». Somente sobre esse alicerce é

processo de espiritualização, que se dá mediante a revolução moral. Ele é o agente de tudo quanto Deus faz pelo homem, em Cristo. Ele é o *alter ego* de Cristo, o «Ajudador» que cumpre a sua vontade, que infunde a natureza divina na natureza humana. (Ver as notas de sumário sobre o «Espírito Santo», em Rom. 8:1; e ver as notas que o apresentam como o «divino paraclete», em João 14:16).

«Os falsos mestres viviam tão absortos em sua inferior e sensual natureza que não mais possuíam, em qualquer sentido real da palavra, aquele elemento da composição do homem, aquele elemento espiritual, capaz de ter comunhão com o Espírito divino». (Plumptre, *in loc.*). O citado autor interpreta aqui a palavra grega «*pneuma*» não como alusão ao Espírito Santo, e, sim, como referência ao espírito humano, que potencialmente pode ter comunhão com Deus. O original grego nunca usa esse vocábulo com inicial maiúscula, pelo que a palavra «*pneuma*» está sujeita a interpretação: pode ser o espírito humano, pode ser uma disposição espiritual e pode ser o Espírito de Deus. A maioria dos estudiosos, porém, opina que aqui está em foco o «Espírito Santo», o que deve ser opinião correta. Não obstante, o indivíduo que perde o poder do Espírito Santo na alma é o homem que perdeu contacto com sua personalidade superior e com sua potencialidade espiritual.

Certamente não há aqui qualquer idéia que o indivíduo carnal, natural, não tinha «espírito» ou natureza superior, em contraste com a natureza carnal, como se não tivesse alma. Mas o versículo ensina que esses têm ignorado e prejudicado sua porção espiritual, não permitindo que a mesma tenha comunhão com Deus. De certo modo, pois, perderam suas almas, porquanto têm negligenciado sua importância e significado. Por essa razão é que muitos escarnecedores, ateus e agnósticos de nossos próprios dias consideram-se apenas animais, não se dedicando jamais à inquirição espiritual. Negam a existência de suas próprias almas. Os homens podem chegar a esse extremo de ignorância espiritual. Os mestres gnósticos, contudo, não negavam a «existência» de suas próprias almas, embora tivessem abandonado qualquer inquirição espiritual verdadeira, visto que degradavam de Cristo.

que pode ser seguramente soerguido o edifício do caráter cristão e da comunhão cristã. Como seu alicerce, os zombadores contavam apenas com seus sonhos (ver o oitavo versículo), com seus instintos, como se fossem animais irracionais (ver o décimo versículo) e suas ímpias paixões (ver o décimo oitavo versículo). (Barnett, *in loc.*)

Notemos, no original grego, o particípio presente ativo, que é aqui traduzido por «edificando-vos». Isso aponta para um contínuo desenvolvimento espiritual. Essa construção não pode ser levantada de forma intermitente e ao acaso. Antes, requer atenção e melhoria diárias. Se assim não fizermos, aqueles que estiverem examinando a obra deixarão de fazê-lo e dirão: «Esse homem é um tolo. Não dispõe de meios para completar a estrutura de sua vida. Que trabalho malfeito o dele!»

A edificação na fé é realizada por intermédio dos meios espirituais de construção, a saber:

1. O treinamento do intelecto quanto às realidades espirituais, o estudo de Escrituras e das verdades espirituais, o estudo dos livros sobre as Escrituras, o ouvir sermões e o ensino cristão.
2. O uso da oração autenticamente espiritual, feita no Espírito (ver as notas expositivas a esse respeito, mais abaixo).
3. O uso da «meditação», que consiste do «ouvir a Deus», em que o crente busca a «iluminação» espiritual. Contudo, na igreja ocidental a meditação é uma arte perdida, embora, na Igreja Ortodoxa Grega muitos continuem a empregá-la na busca pela iluminação no Espírito. (Ver as notas expositivas, em Efê. 1:17,18, acerca de nossa «necessidade de iluminação espiritual»).
4. A busca pelo Espírito e seus dons, bem como o emprego desses mesmos dons.
5. A participação na atividade da igreja, seu ministério de ensino e sua comunhão.

«...fé...» Essa palavra é essencialmente usada de três maneiras, nas páginas do N.T., a saber:

1. Há a fé «subjetiva», a saber, a confiança que o crente individual tem em Cristo, entregando-lhe a própria alma (isso é comentado em Heb. 11:1).
2. Há a fé «objetiva», a saber, aquilo em que se crê, o «credo», o «sistema



cristão de doutrinas», o «cristianismo» (o que é comentado em 1 Tim. 1:2). Esse uso se limita às chamadas «epístolas pastorais» e à presente epístola de Judas. No terceiro versículo deste livro temos um claro uso da «fé objetiva». É possível que o mesmo se dê no caso do presente versículo, embora também esteja focalizada aqui a «fé subjetiva» também. Quando nos edificamos na fé pessoal, fortalecemos as mãos da igreja, em seu credo e em seu sistema doutrinário, contra os ataques desfechados pelos falsos mestres.

3. Também há a fé como «virtude». Nesse caso, trata-se da fé subjetiva, vivida diariamente, porquanto os crentes autênticos vivem «de fé em fé» (ver Rom. 1:17). (Ver também Gál. 5:22 quanto à «fé como virtude», caso em que ela aparece como o «cultivo» do Espírito, um atributo e uma propriedade espirituais).

«...santíssima...» Consideremos aqui os três pontos seguintes:

1. Trata-se de uma fé de natureza totalmente santa; não se assemelha à falsa fé dos mestres gnósticos, que lhe permitia a depravação moral e até mesmo a recomendava.

2. Também requer a santificação na vida diária.

3. Outrossim, essa qualidade santa é o agente da fé, porquanto vale-se do poder do Espírito. A fé é um princípio ativo porque o Espírito Santo dela participa, como seu inspirador e cultivador. Sendo essa a verdade dos fatos, a santidade é o resultado natural, pois sua natureza é santa. A fé santíssima santifica ao crente individual.

«...orando no Espírito Santo...» (Pode-se comparar essa declaração com o trecho de 1 Cor. 14:14, 15, que ensina que a oração pode ser feita «no Espírito», no exercício de algum dom espiritual, como extensão, por assim dizer, do dom de línguas). Cremos que essa forma de dom (o orar no Espírito) também pode ser possuído e usado «*in*», que seja expresso mediante línguas ou «glossolalia». Em outras palavras, algumas pessoas são tão bem-dotadas pelo Espírito que se tornam gigantes na oração, tal como outros são gigantes na fé, na pregação, na profecia e nas curas. Quantos dentre nós tem buscado o «dom da oração»? Quão grandes coisas são realizadas por aqueles que a possuem! Alguns desses são verdadeiros gigantes da fé.

Apesar de existir o dom da oração no Espírito, nosso texto não se refere somente a isso. Todos os crentes devem orar no Espírito, porquanto toda a oração autêntica consiste disso, até mesmo no caso daqueles que não possuem e nem exercem o «dom da oração». A diferença é apenas a de «grau» da influência, do poder e do desígnio do Espírito Santo quanto àquela pessoa particular, e não uma diferença de «qualidade». (Ver as notas expositivas em Rom. 8:26, 27, que ensina que o Espírito tanto ora por nós como ora conosco). O fato que o Espírito Santo ora por nós e conosco significa que não há limite quanto ao poder da oração, pois o poder por detrás da mesma é superabundante em energia. A oração verdadeira envolve o poder do Espírito de Deus, pelo que também pode realizar qualquer coisa. Mas a passagem de Tia. 5:16 estabelece duas condições sobre essa forma de oração; 1. Tal oração deve ser feita por um homem

justo, porquanto de outro modo falhará; pois é a vida santa, por detrás da oração do crente, que opera a obra divina. Deus não se utiliza de vasos sujos a fim de expressar-se. 2. Tal oração deve ser feita com espírito diligente e fervoroso; as orações preguiçosas, desanimadas, não se elevam muito alto. E isso significa que o crente deve exercer disciplina em sua vida de oração.

A passagem de Tia. 4:2-4 estabelece ainda outras condições acerca da oração eficaz:

1. Não pode ser usada a oração como um instrumento egoísta para a obtenção de alvos carnisais.

2. Por conseguinte, deve ser feita em consonância com a vontade de Deus, visando questões espirituais, como o conhecimento, o poder e a iluminação espirituais (conforme se lê em Efé. 1:17 e ss.). A oração é algo nobre e eminentemente espiritual. Deve ser empregada, portanto, de modo nobre e espiritual. (Quanto a uma nota de sumário sobre a «oração», com poema ilustrativo, ver Efé. 6:18. Essa nota ilustra amplamente o presente versículo, sendo suficiente como base de diversas lições ou sermões sobre esse tema).

O Espírito de Deus é quem inspira a fé e a oração. A menção do nome do Espírito Santo imediatamente desperta em nossas mentes as idéias de «iluminação e inspiração». Por conseguinte, o Espírito Santo posta-se por detrás tanto da fé como da oração; ele inspira a ambas, para que o crente possa realizar feitos poderosos de altruísmo e espiritualidade. A oração no Espírito é a participação na orientação do Espírito, mediante a iluminação e a utilização de seu poder, para que os alvos colimados sejam atingidos. Os escarnecedores e falsos mestres ocasionalmente exibiam uma inspiração muito humana e até mesmo demoníaca, razão pela qual faziam aquilo que praticavam. Por essa razão é que negavam o senhorio de Cristo e viviam na perversão moral. Os crentes verdadeiros são convocados e inspirados pelo Espírito de Deus.

O autor sagrado apresenta diante de nós, mui claramente, dois meios de vida, que apontam para dois destinos. Que Deus nos proporcione a iluminação e a sabedoria necessárias para que escolhamos corretamente o caminho e palmilhemos retamente pelo mesmo.

«O Espírito Santo ensina como orar e sobre o que orar. Ninguém pode orar corretamente exceto se o fizer «no Espírito», isto é, dentro dos elementos de sua influência. Crisóstomo menciona, entre os dons do Espírito, no começo do N.T., o elemento da «oração», confiando a alguns, os quais oravam em nome dos demais e ensinavam outros a orarem. Suas orações, assim concebidas e com frequência usadas, eram preservadas entre os crentes, dando origem a fórmulas de oração. Tal é a origem da liturgia». (Faucci, *in loc.*).

A trindade do desenvolvimento espiritual consiste dos três seguintes elementos: a. A edificação; b. a oração; c. a espera (ver o vigésimo primeiro versículo) pelo retorno de Cristo, em que o crente molda sua vida diária de acordo com isso. A edificação confere a Deus uma habitação; a oração é feita no Espírito; e o aguardo é pelo Filho de Deus.

21 εαυτοὺς ἐν ἀγάπῃ θεοῦ τηρήσατε,\* προσδεχόμενοι τὸ ἔλεος τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς ζωὴν αἰώνιον.

\* 21 a minor: TR Bov Nae BF<sup>1</sup> AV RV ABV RSV NEB TT (Zür) (Laith) Jer P<sup>67</sup> 4 nome: WH

21: conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.

«...guardai-vos no amor de Deus...» Esse «guardar» vem através de meios espirituais, a saber: 1. O andar no Espírito Santo; 2. o cultivo de seu fruto e de suas graças; 3. a transformação na imagem de Cristo por intermédio dele; 4. o uso da oração (ver o versículo anterior); 5. o evitar as poluições pagãs, as concupiscências da carne, pois combatem contra a alma (ver os versículos dezoito e vinte e também 1 Ped. 2:11). Deus ama aos crentes que assim agem, continuando a derramar sobre eles os benefícios espirituais tencionados, levando-os, finalmente, à vida eterna, conforme nos ensina o versículo presente. O amor de Deus provê salvação e os meios de santificação; mas esse favor pode ser rejeitado pela vontade perversa do homem. O autor tem em mente, neste ponto, os mestres gnósticos, que tinham repellido esses meios de santificação, o que significa que eram objetos de ira divina.

O termo grego «*phulasso*» sugere a idéia de guardar algo contra ataque ou abuso. A igreja cristã estava debaixo do ataque de falsos mestres, sofrendo o aviltamento da moralidade ensinada pelo evangelho de Cristo. Portanto, os seus membros individuais estavam debaixo de ataque, e sua fé era ameaçada. No entanto, poderiam «guardar-se» no amor de Deus, lutando pela fé e vivendo santamente. Contudo, o vocábulo grego aqui usado e traduzido por «guardar» é «tereo», o que salienta a preservação ou salvaguarda de algo, como se fosse um «tesouro». É como se o autor sagrado tivesse escrito: «Preservai o que Deus tem feito por vós, como guardardes zelosamente a um tesouro, pois a vossa salvação, na realidade, é um tesouro de valor imenso. Pois o que ganhareis se conquistásseis o mundo inteiro, somente para, finalmente, perderdes vossas próprias almas (ver Marc. 8:36).» Notemos que, no primeiro versículo desta epístola, o mesmo termo grego é usado. Somos «guardados em Jesus Cristo», para que sejamos seu tesouro, mediante a comunhão mística com ele. Ora, estando nós em Cristo, somos objetos do amor de Deus. (Ver Efé. 1:16).

Em nós mesmos nada somos; não podemos obter por nossas próprias forças aquilo que o amor de Deus nos promete. Mas ele faz de nós alguma coisa.

*Sentimos que nada somos, tudo tudo és Tu e em Ti;  
Sentimos que somos algo, pois esse algo vem de Ti;  
Sabemos que nada somos, mas Tu nos ajudarás a sê-lo.  
Santificado seja o teu nome, aleluia!*

(Alfred Lord Tennyson, *The Human Cry*).

(Quanto a notas expositivas completas sobre o «amor de Deus», ver João

3:16. Quanto ao amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito», ver Gál. 5:22. Quanto ao «amor de Cristo», que nos constrange, ver 11 Cor. 5:14. Quanto ao «amor como princípio normativo da família de Deus», ver João 14:21 e 15:10. Quanto a uma série de citações que ilustram bem o «amor», ver as notas expositivas sobre 1 João 2:10).

«...esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo...» Enquanto os demais homens estremeçam ante um julgamento terrível, nós aguardamos a vida eterna, a grande «misericórdia» que Cristo mostrará para conosco, quando de sua «*parousia*» ou segundo advento. (Ver as notas expositivas em 1 João 3:2 sobre essa atitude de «expectação»; e ver 1 Tes. 4:15 quanto à «*parousia*» ou segundo advento de Cristo. Ver também as notas expositivas sobre a «misericórdia», em Tito 3:5). As Escrituras com frequência usam os termos «misericórdia» e «graça» como sinônimos intercambiáveis, pois a misericórdia nem sempre significa «retenção do juízo», ao passo que a «graça» é a outorga de bênçãos positivas. No texto presente, ambos esses elementos são sugeridos, o que nos confere o conceito de «misericórdia-graça». (Ver Efé. 2:8 quanto a notas expositivas completas sobre a «graça»). A «misericórdia» demonstrada será a dádiva da «vida eterna» em seus aspectos finais. A «graça» é o dom da salvação. O «dom da graça» consiste daquilo que Cristo faz por nós, na «*liliação*». (Ver Heb. 2:10 e ss., bem como as notas expositivas ali existentes, sobre a «família divina» e sobre a natureza de comunhão existente na mesma). Notemos que, na saudação inicial de Judas, a palavra «misericórdia» toma o lugar de «graça», conforme se dava comumente nas introduções paulinas.

«...nosso Senhor Jesus Cristo...» O título completo, conforme se vê aqui, é comentado em Rom. 1:4, onde também é salientada a idéia do «senhorio de Cristo». (No tocante ao que fica implícito nesse título, nesta epístola de Judas, ver as notas expositivas sobre o seu décimo sétimo versículo). O único que nos pode proporcionar a vida eterna é o «Senhor», o qual é Jesus, o Cristo (em quem se fundiram as naturezas divina e humana), o qual se encarnou verdadeiramente e fez expiação pelo pecado. Os mestres gnósticos, entretanto, tinham rejeitado a esse Cristo, e, por conseguinte, tinham perdido a vida eterna, que ele confere aos seus remidos.

«...vida eterna...» Está aqui em foco a grande «misericórdia-graça» que o Senhor Jesus nos dá. (Ver notas expositivas completas sobre esse tema, em João 3:15. Ver também Heb. 2:3 sobre a «salvação»). A vida eterna consiste de muito mais do que de existência sem-fim, em algum lugar celestial. Consiste de compartilharmos do próprio «tipo de vida» que Deus possui, a vida divina (ver João 5:25, 26 e 6:57), a natureza divina (ver 11 Ped. 1:4), toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19). Finalmente, quando tivermos toda a plenitude de Deus, seremos filhos tais como Jesus Cristo é o Filho de Deus

(ver Col. 2:10). Esse é um conceito elevadíssimo, que ultrapassa em muito aquilo que normalmente se prega na igreja—até mesmo em seu segmento evangélico, onde a vida eterna se resume ao perdão dos pecados e à futura mudança de endereço para os céus, com grande alegria. Essas coisas são verdadeiras, mas representam apenas o começo da vida eterna. A leitura das notas expositivas sobre os trechos dados mostrará ao leitor a vastidão da «vida eterna». Essa é uma expressão sinônima à «filiação». E está em foco a própria filiação que Cristo possui, sua natureza, imagem e herança (ver Rom. 8:29,30).

Este texto, como é evidente, se alicerça sobre o trecho do livro apócrifo de Enoque xvii.3,4, onde se lê: «Nos últimos dias... os justos... que tiverem encontrado misericórdia, bendirão ao Senhor da glória, o Rei eterno». Para Judas, o escritor sagrado, o Senhor e Rei eterno é Cristo, sendo ele aquele que nos propicia a vida eterna, em seus estágios finais, quando voltar a este

22 καὶ οὓς μὲν ἐλεᾷτε διακρινομένους<sup>4</sup>,

22 (C): ἐλεᾷτε διακρινομένους (see footnote 6 and 8) N B C<sup>3</sup> Ψ 84  
syri<sup>1</sup> & λέγχετε διακρινομένους A C<sup>2</sup> 21 181 λέγχετε 338 436 1241 1739  
1881 1884 1885 1886 1887 1888 1889 1890 1891 1892 1893 1894 1895 1896 1897 1898 1899  
Theophylact<sup>1000</sup> & λέγχετε διακρινόμενοι 629 1492 λέγχετε & ἐλεᾷτε

Vs. 22-23

O texto dos vss. 22 e 23 foi transmitido sob diversas formas. Alguns dos testemunhos aludem a três classes de pessoas, ao passo que outros se referem a apenas duas classes; e há outras variações além dessas.

I. Os testemunhos abaixo distinguem entre três classes de pessoas, e diferem acerca do verbo da primeira cláusula:

- a. N diz καὶ οὓς μὲν ἐλεᾷτε διακρινομένους, οὓς δὲ σώζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεᾷτε ἐν φόβῳ.
- b. A diz καὶ οὓς μὲν ἐλέγχετε διακρινομένους, οὓς δὲ σώζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεεῖτε ἐν φόβῳ.

II. Os testemunhos abaixo distinguem entre duas classes de pessoas, mas envolvem também outras variações:

- c. B diz καὶ οὓς μὲν ἐλεᾷτε διακρινομένους σώζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεᾷτε ἐν φόβῳ.
- d. C<sup>2</sup> diz καὶ οὓς μὲν ἐλέγχετε διακρινομένους, οὓς δὲ σώζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες ἐν φόβῳ.
- e. K L P diz καὶ οὓς μὲν ἐλεεῖτε διακρινόμενοι, οὓς δὲ ἐν φόβῳ σώζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες.

III. Mais condensada ainda é a forma de  $\rho^{72}$ : οὓς μὲν ἐκ πυρὸς ἀρπάσατε, διακρινομένους δὲ ἐλεεῖτε ἐν φόβῳ. Algo similar a essa forma também figura em sir (ph) e Clemente (lat).

Em face da predileção do autor sagrado pelo arranjo de seu material em grupos (tal como nos vss. 2, 4, 8, nos exemplos de juízo, nos vss. 5-7, e no exemplo de pecado, no vs. 11), a maioria da comissão se dispôs a preferir como original o arranjo tríplice da passagem, e considerar as outras formas como aberrações que surgiram parcialmente da desatenção de escribas, e parcialmente da indecisão concernente ao sentido de διακρίνεσθαι no vs. 22 (no vs. 9, significa «contender» com alguém; aqui, entretanto, deve significar «duvidar»), e em parte da preocupação por prover uma cláusula principal após três (ou duas) cláusulas relativas. (Ver também os comentários que se seguem).

Ao invés do verbo «ter misericórdia de» (quer soletrado ἐλεᾷτε como em N B C<sup>3</sup> Ψ 88 ou ἐλεεῖτε, como em K L P 049 056 0142 Byz Lect), vários testemunhos dizem ἐλέγχετε, que significa «convencer» ou «refutar» (A C<sup>2</sup> 33 81 1739 vg cop (bo) ara Efraem Cassiodoro). Embora a última forma seja largamente conhecida na igreja antiga (cf. as versões e os escritos patrísticos que lhe dão apoio), a maioria da comissão preferiu seguir o testemunho do texto alexandrino (N B) e considerou ἐλέγχετε como modificação escribal, introduzida a fim de fazer a distinção entre a declaração daquela outra onde há a cláusula οὓς δὲ ἐλεᾷτε no vs. 23, assim produzindo uma sequência que progride da severidade («reprovar») para a clemência («mostrar misericórdia»).

Ao invés de διακρινομένους ( $\rho^{72}$  N A B C 33 81 1739 al), o Textus Receptus, seguindo a maioria dos testemunhos posteriores (K P maioria dos minúsculos) diz διακρινόμενοι. Essa última forma é obviamente um desenvolvimento secundário, introduzido por copistas, a fim de conformar o particípio ao caso nominativo, em consonância com os dois particípios que se seguem, no vs. 23 (ἀρπάζοντες e μισοῦντες).

22: E mudei-vos de alguns que estão na dúvida,

**Variantes Textuais.** As palavras «tende misericórdia de» aparecem nos mss Aleph, BC(2), Pal, 88 (com certa forma de grafia, «eleate»), bem como nos mss KLP, 049, 066, 0142 e Byz Lect (com outra forma de grafia, «eleete»). Ambas essas formas representam o imperativo. No entanto, a forma «legchete», com o sentido de «refutar», «convencer», é o vocábulo grego que figura nos mss AC(1), 33, 81, 1739, na Vg, no Códex Bezae, no Ara e nos escritos de Efraem e Cassiodoro, pais da igreja. Provavelmente a forma «tende misericórdia» (ou «compadecei-vos», conforme diz nossa versão portuguesa), representa o original. Isso teria sido alterado para «convencei», por parte de escribas posteriores, porquanto no vigésimo terceiro versículo há outro uso da idéia de «misericórdia», e tais escribas queriam evitar essa repetição.

Aqueles que recebem a misericórdia da parte de Deus, devem exibir misericórdia, buscando salvar os pecadores do julgamento certo. Isso pode ser confrontado com a atitude demonstrada por Jesus Cristo: «Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor» (Mat. 9:36). Os mestres gnósticos imaginavam tolaemente que nem todos os homens são passíveis de redenção, pelo que também não eram dignos de sua atenção. Despendiam todas as suas energias sobre alguns poucos indivíduos «seletos», que teriam «conhecimento». Bem ao contrário dessa posição, porém, Deus é misericórdia; e a sua misericórdia vem aos homens por intermédio de Cristo. Deus quer que todos sejam salvos (ver I Tim. 2:4). A misericórdia é um dos aspectos do fruto do Espírito. Haveremos de exercê-la quando estivermos espiritualmente desenvolvidos, compartilhando do amor divino, tendo este sido infundido em nós, pelo Espírito de Deus. (Ver Gál. 5:22 e as notas expositivas ali existentes).

mundo, após os «últimos dias». A misericórdia é geralmente atribuída a Deus Pai (ver I Ped. 1:3 bem como as introduções às epístolas de primeiro e segundo Timóteo, segunda epístola de João e esta epístola de Judas); mas, neste caso, a misericórdia é atribuída a Cristo Jesus. O autor sagrado não sentiu qualquer dificuldade em intercambiar o Pai e o Filho em tais expressões, pois, para ele, o Filho é tão divino quanto o Pai.

Da harmonia, da harmonia celestial,  
Onde começou este arcabouço universal;  
Da harmonia para a harmonia,  
Através de toda a gama das notas ele percorreu,  
Em que o diapasão se fechou inteiro no homem.  
(John Dryden)

Notemos a menção das três pessoas divinas, nos versículos vigésimo e vigésimo primeiro. (Quanto a notas expositivas sobre a «Trindade», ver I João 5:7).

διακρινόμενοι K P 049 056 0142 104 338 451 820 945 1877 2127 2412 2493  
Byz Lect Pa-Documentum<sup>1000</sup> Theophylact<sup>1000</sup> & ἐλεᾷτε διακρινόμενοι 1505 1507  
omit verb and transitive διακρινόμενοι (see footnote 6)  $\rho^{72}$  H<sup>1</sup> syri<sup>1</sup> cop<sup>1</sup>  
Clement<sup>1000</sup> Origen<sup>1000</sup> Jerome

**Variantes Textuais:** Os mss KL e a maioria dos manuscritos minúsculos, seguidos pelo Textus Receptus, dizem «διακρινόμενοι» (no nominativo). Assim sendo, poderíamos traduzir por «fazendo uma diferença». Isso poderia significar: «...exercendo misericórdia, poderíeis fazer diferença no estado espiritual de outros», o que conduz ao recebimento da vida eterna por parte deles. Ou então poderíamos traduzir aqui por «...deveríeis fazer uma diferença...» ou «...deveríeis usar de discernimento...» ao tratar com outros, não tratando com todos do mesmo modo, repelindo a alguns, ou mesmo «manuseando cada caso de modo diferente», isto é, exercendo misericórdia no caso de alguns e exercendo temor quanto a outros, etc. No entanto, a forma correta é o particípio no acusativo, o que se poderia traduzir por: «...tendo misericórdia daqueles que estão em dúvida...» ou mesmo, «...tendo misericórdia das almas duvidosas» (conforme diz a tradução NEI, ou então, «...tendo misericórdia daqueles que hesitam devido a dúvidas» (conforme diz a tradução WM). E como se o escritor sagrado tivesse recomendado: «Ajudei aqueles que os gnósticos têm deixado confusos, levando-os a duvidarem do evangelho exarado pelos apóstolos».

Alguns estudiosos, seguindo alguns outros textos (ver a nota textual anterior), preferem pensar na tradução «convencei aos que duvidam», ou então «reprovai aqueles que são contenciosos». Mas a outra idéia mais provavelmente é a que está aqui em foco.

Os versículos vigésimo segundo e vigésimo terceiro apresentam um espantoso novelo de textos diferentes, nos manuscritos que se conhecem da epístola de Judas, de tal maneira que se torna quase impossível qualquer decisão certa acerca do que dizia o original. De modo geral, o testemunho dos manuscritos se divide em duas categorias: 1. Estariam em foco três classes de pessoas; 2. estariam em foco duas classes de pessoas.

1. Três classes de pessoas em foco. a. O ms Aleph diz: «...e daqueles que duvidam, tende misericórdia; salvai a alguns, tendo-os arrebatado do fogo; e de outros tende misericórdia, no (espírito) de temor». b. O ms A diz: «...e daqueles que duvidam (ou que disputam), convencei; salvai a alguns, arrebatando-os do fogo; e de outros tende misericórdia, no (espírito) de

tempor =

2. *Dois classes* de pessoas em foco: a. O ms H diz: «...tende misericórdia daqueles que duvidam, arrebatando-os do fogo; e alguns (tende misericórdia, ao espírito) de tamo», b. O ms C(1) diz: «...convençei aos que duvidam (disputadores); e a alguns salvei, arrebatando-os do fogo, no (espírito) de tamo», c. O ms KLP diz: «...tende misericórdia de alguns, estabelecendo distinção; e salvei a alguns, arrebatando-os do fogo, no (espírito) de tamo».

A maioria dos críticos textuais de nossos dias prefere um triplice arranjo qualquer, com base no fato que os *tripletes* fazem parte dos artifícios literários do autor sagrado. (Ver os versículos segundo, quarto, quinto a sétimo e oitavo, exemplos de julgamento — e ver o décimo primeiro versículo — exemplo de pecado, onde aparecem três tipos simbólicos). A vigésima quinta edição do texto grego de Nestle prefere o arranjo em duas classes; mas a vigésima sexta edição apresenta três classes, que representa diferença de opinião daqueles que

23 οὓς δὲ πιβόζετε ἐκ πυρός ἀρπάζοντες\*, οὓς δὲ ἐλεάτε ἐν φόβῳ<sup>θ</sup>, μισοῦντες καὶ τὸν ἀπὸ τῆς σαρκὸς ἐπιλωμένον χιτῶνα.

[illegible]

23 14' αὐτὸς δὲ ἐλάττω ἐν φόβῳ τῶν φαεινῶν ; ἀντ' αὐτοῦ Ἡ Α Β Ψ 33  
 ΑΙ ΙΑΙ 52b 174b λαλῶν πρὸς τοὺς ἀδελφούς ἐν φόβῳ τοῦ κυρίου ἐκείνου  
 διαλογισμοῦντος δὲ ἐλάττω ἐν φόβῳ τῶν φαεινῶν ἵνα ἔσται κορυφαῖος Κλεμεντῆς  
 (κρίνου) ἵστημενος ἐν φόβῳ τοῦ κυρίου ἐν φόβῳ 43b 162b ἀντ'

23 ἡς κυρὸς ἀσπάζονται Am 4.11; Zc 6.33

Além da altamente condensada forma de texto em P (72) (ver o comentário sobre os vss. 22-23), outros testemunhos (sir (ph) cop<sup>1</sup> Clement<sup>101</sup> al) omitem οὗς δὲ σῴζετε e substituem ἀρπάζοντες por ἀρπάζετε, assim provendo uma cláusula principal apropriada após as cláusulas relativas. Contudo, outros testemunhos transpõem a frase ἐν φόβῳ da terceira cláusula relativa para uma posição ou após ἀρπάζοντες (C 630 sir (h) al) ou antes de σῴζετε (K L P 056 Byz Lect). Entretanto, a frase pertence claramente à terceira cláusula, em que supre a razão para a adição da frase explicativa μισούντες . . . χιτώνα. A forma ímpar de B καὶ οὗς μὲν ἐλεᾶτε διακρινομένους σῴζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὗς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ («e aqueles, de quem tiverdes misericórdia quando contenderem (ou duvidarem), salvai-os e arrancai-os do fogo, mas de alguns tende misericórdia em temor»), dificilmente pode estar correta, pois, conforme Hort admite, envolve «a incongruidade de que o primeiro οὗς deve ser tomado como um relativo, e o primeiro ἐλεᾶτε como um indicativo». (1) É provável que o escriba do ms B acidentalmente omitiu οὗς δὲ antes de σῴζετε, no qual caso seu arquétipo teria concordado com o texto preservado em N<sup>1</sup> A Ψ 33 81 1739 vg cop (bo) ara Efraem.

1. "Notes on Select Readings", pág. 107. Na opinião de Hort: "Algum erro primitivo evidentemente afeta a passagem".

Em acordo com as decisões feitas sobre as séries anteriores de variantes, nos vss. 22 e 23, a forma οὗς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ, que é fortemente apoiada por boa variedade de antigos tipos de texto (N A B Ψ 33 81 1739 vg cop (bo) ara Efracm), parece ser superior a quaisquer outras formas.

23: e salvai-os, arrebatando-os do fogo; e de vós tendes misericórdia com temor, chamando até a língua encheada pela carne.

«...salvai-os, arrebatando-os do fogo...» O simbolismo evidentemente é tomado por empréstimo de Zac. 3:2-4, onde Josué, o sumo sacerdote, é assemelhado a um «tição tirado do fogo». O simbolismo indica um perigo iminente. Alguém é lançado no fogo, mas, em uma ação rápida, que o arrebate dali, ele tem sua vida salva. Se a ação não for rápida e habilidosa, morrerá, transformado em uma tocha. Desse modo, o autor sagrado nos dá um quadro verbal sobre o julgamento eterno, que está prestes a consumir aos incrédulos. Já passou por eles (ver João 3:17 e ss.); mas podem ser salvos mediante uma ação pronta e eficaz, sendo assim conduzidos a Cristo. Porém, ainda que salvos, eis que estavam a pique de ser consumidos no fogo, do qual foram arrebatados.

O «fogo», conforme pensam alguns intérpretes, significaria as concupiscências sexuais, que são uma chama que podem provocar grande dano. Isso se adaptaria bem à totalidade desta epístola, que reprende vigorosamente tais paixões. Porém, tal significação é extremamente improvável. Também não devemos pensar que está aqui focalizado o «juízo presente». Há também quem compreenda isso como o «inferno de concupiscências e pecados», que a depravação impõe aos homens. Quase certamente, entretanto, o juízo futuro e eterno é que está em foco; e fica subentendido que o mesmo já «apanhou» as suas vítimas, tão depravada é a condição das mesmas, e tão merecedoras são elas de sofrerem por aquilo que são e têm praticado. Quanto a isso podemos examinar o trecho de Amós 4:11, que diz: «Subverti alguns dentre vós, como Deus subverteu a Sodoma e Gomorra, e vós fostes como um tijolo arrebatado da fogueira; contudo não vos convertestes a mim, diz o Senhor».

A providência misericordiosa de Deus arrebatara o povo de Israel do fogo da violência, infligido pelos adversários do povo israelita. Assim como Deus teve dó de Israel, salvando-o daquele teste de fogo, assim também devemos ter compaixão dos incrédulos, sem poupar esforço que possa salvá-los do julgamento que já se apressa sobre eles, embora ainda não os tenha destruído.

«Arrebatado é palavra que denota... um arrebatamento apressado, quase violento, indicando que já se encontravam em extremo perigo de perdição».  
(Lange, *in loc.*).

Alguns manuscritos antigos falam em três classes de pessoas e tipos de ação, nos versículos vinte e dois e vinte e três; mas outros manuscritos dão apenas duas classes. Essa questão é esclarecida nas notas textuais sobre o vigésimo segundo versículo. Apesar de haver três ordens distintas, que envolvem três classes; ou de haver apenas duas ordens, o certo é que todas as pessoas aludidas são incrédulas, ao passo que haveria outras que devemos esquecer e repelir. Lutero ensinava que nas duas cláusulas do vigésimo terceiro versículo devemos distinguir entre aqueles que podemos

agora são os responsáveis por esse texto. Não obstante, toda a questão se reveste de dúvidas. Seja como for, o ensinamento geral do texto não é grandemente alterado em face do arranjo que preferimos. Seja como for, quase certo que o «ter misericórdia», no vigésimo segundo versículo, é superior à forma «conveniência». E «aqueles que duvidam» (participio objetivo) é forma superior a «estabelecer diferença» (participio subjetivo). O «estabelecer diferença» poderia significar «julgar entre aqueles que merecem vossa misericórdia, e os que não a merecem, para que os trateis de maneira diversa». Ou então «para que os manuseies de maneira diferente, através da devida discriminação de suas necessidades». Ou mesmo «estabelecendo diferença quanto ao estado deles, para melhor aplicação de vossa misericórdia». Porém, em face da forma absoluta como o texto se acha, é muito difícil interpretá-lo.

3. Finalmente, há os intérpretes que compreendem aqui o «inferno de concupiscências e pecado» que a depravação impõe aos homens.

0142 σωζετε· and 44 120 451 629 945 1877 2127 2492 *Byz*; *Lect* in τοῦ πρὸς  
 1908 2113 2411 2441 In-*Textus*manus Theophylact ὁ σωζετε in πρὸς ἀρπα-  
 ζοντες B ὁ in πρὸς ἀρπάξετε 2<sup>a</sup> ἀρπάσσετε it' *avrt*! *cyp* Clement<sup>1</sup>  
 1419141 *Jerome*

θεοῖς 1241 ἡ αὐτὴ δὲ ἰληγγχετε ἐν φόβῳ; \*\* 104 945 12412 ἰληγγχετε Pa-  
 thocumenius<sup>1000</sup> Theophylact<sup>1000</sup> ἡ αὐτὴ αὐτὴ δὲ ἰληγγχε οὐδὲ καταποσε ἐν  
 φόβῳ; <sup>see footnote 6:</sup> C K P d19 056 0142 330 451 630 1503 1872 2127 2492  
 2603 Bc Lact nyr<sup>2</sup> P-Osmerum<sup>1000</sup> Theophylact<sup>1000</sup>

Journal of Management Education 33(3) 328-340

o comentário sobre os vss. 22-23), outros testemunhos (sir (ph) ἀρπάζοντες por ἀρπάζετε, assim provendo uma cláusula de testemunhos transpõem a frase ἐν φόβῳ da terceira cláusula para o início ou antes de σώζετε (K L P 056 Byz Lect). Entretanto, a frase para a adição da frase explicativa μισούντες . . . χιτώνα. A frase ἔχετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεάτε ἐν φόβῳ («e se duvidarem»), salvai-os e arrancai-os do fogo, mas de alguns pois, conforme Hort admite, envolve «a incongruidade de que o ἔχετε como um indicativo». (1) É provável que o escriba do ms B, cujo tipo teria concordado com o texto preservado em outros, evidentemente afeta a passagem».

ariantes, nos vss. 22 e 23, a forma οὓς δε ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ. O texto N A B Ψ 33 81 1739 vg cop (bo) ara Efracm), parece ser «salvar -arrebatando-os do fogo» e aqueles em favor de quem nada se pode

prazer, para que sejam salvos, embora esses devam excitar a compaixão dos outros. Disse Lutero (*in loc.*): «Que vossa vida seja moldada de tal modo que tenhais compaixão daqueles que são miseráveis, cegos e surdos; não tenhais alegria ou prazer acerca deles, mas deixai-os irem-se, resguardando-vos de qualquer contacto com os mesmos. Porém, no tocante a outros, que podeis arrebatá-los, salvai-os pelo temor, tratando como bondosa e gentilmente, conforme Deus tem tratado convosco». Essa interpretação de Lutero, porém, não concorda com o espírito do texto e com o original grego, e nem com o que se subentende pelo termo «misericórdia». Pois como poderíamos repelir aqueles que são os objetos de nossa misericórdia? O vigésimo primeiro versículo acabara de mostrar que somos salvos da misericórdia divina; e que isso nos confere a «vida eterna». Não é provável, por conseguinte, que uma vez que a misericórdia nos é recomendada, que isso signifique outra coisa senão que procuremos conduzir outros a Cristo, para que compartilhem da misericórdia que nós mesmos temos obtido.

«O verbo expressa simpatia que transcende a meras palavras, traduzindo-se em feitos (comparar com Tiago 2:14-17). Descreve a extensão alva e remidora de Deus, que dá oportunidade e ajuda aos homens, embora sejam indignos (ver Rom. 9:15, 16; 11:30-32; I Cor. 7:25; II Cor. 4:1; I Tim. 1:13, 16 e I Ped. 2:10). Nos crentes, isso subentende ternura para com o pecador, bem como a tentativa alva de socorrer aos necessitados, manifestando, nas relações humanas, a misericórdia de Cristo pela qual os crentes esperam (ver o vigésimo primeiro versículo). Entretanto, a 'misericórdia' leva em conta as distinções morais. Não enfrenta o mal como se este não tivesse más conseqüências. Os crentes têm 'misericórdia com temor, abominando até mesmo as vestes maculadas pela carne'». (Barnett, *in loc.*).

«...em temor...» Com temor do que o pecado pode fazer, em seus efeitos daninhos, que é a...o contágio do pecado, enquanto os estamos salvando». (Vincent, *in loc.*). Presumivelmente também devemos temer o julgamento que sobrevirá ao pecado, pois nesse temor nós «os arrebatamos do fogo», que simboliza o julgamento. Assim sendo, o vocábulo «temor» pode referir-se tanto ao que foi dito antes como àquilo que aparece depois.

...*detestando até a roupa contaminada pela carne...*» Essas palavras nos levam de volta ao simbolismo de Zac. 3:2-4. O sumo sacerdote Josué é visto vestido em trajes imundos, como se fora um tição preparado para ser queimado. O Senhor, entretanto, dentro da visão de Zacarias, ordenou que fossem tiradas do sumo sacerdote as suas roupas imundas; e isso é interpretado pelo próprio autor sagrado como a retirada de sua «iniquidades». Uma vez aliviado de sua imundícia, então o sumo sacerdote foi coroado de honra, tendo recebido roupas novas, limpas e belas.

O Simbolismo dessa linguagem sugere-nos as seguintes idéias:

1. A natureza pecaminosa é como um traje imundo, que nos cobre de



poluição da cabeça aos pés.

2. Se persistirmos em ficar com tais vestes, provocaremos a ira de Deus contra nós mesmos (ver as notas expositivas, em Col. 3:6, acerca da «ira de Deus»).

3. Essa roupa pode ser tirada de nós, sendo substituída pela nova natureza reta, as novas e limpas vestes.

4. Mas isso só pode ser feito com auxílio vindo de «fora», devido ao poder divino, e não por nossos próprios esforços. A salvação é de graça; Deus é quem confere aos homens o arrependimento e a fé, embora eles devam reagir favoravelmente, pois a vontade humana contrária pode anular a influência divina.

5. O recebimento das novas vestes, isto é, a nova natureza, modelada segundo a natureza e a imagem de Cristo, nos confere a honraria dada por Deus, do mesmo modo que, anteriormente, nossas roupas imundas provocavam seu desprazer e ira.

6. Aos crentes é ordenado, através do ministério evangelístico e da motivação do amor, que ajudem outros a trocarem suas vestes. Esse ministério é motivado pela abominação à carne e a todos os seus inevitáveis maus resultados.

A linguagem simbólica do despir e vestir roupas, é empregada em Col. 3:8,10. O «velho homem» é uma veste que consiste de todos os vícios mais desprezíveis; o «velho homem» deve ser despido, porquanto é prejudicial à alma, além de provocar a ira de Deus (ver Col. 3:6). Em seu lugar, devemos nos vestir do «novo homem», o qual é renovado pelo conhecimento que é conforme a imagem daquele que o criou. E isso nos mostra que o novo homem é modelado segundo o *Homem Ideal*, que é Cristo Jesus. Pois, na realidade, em nós está sendo formada a natureza do Filho de Deus. Isso alude à conversão inicial; porém, visto que tais palavras foram dirigidas a indivíduos crentes, também deve estar em foco o processo de santificação. (Ver as notas expositivas em I Tes. 4:3 sobre a «santificação»; e ver II Tes. 2:13 quanto ao fato que não pode haver salvação sem a santificação. Ver também Efé. 4:22-24 acerca da metáfora do «vestir»). Despimo-nos do «velho homem», da vida antiga, com todas as suas corrupções e concupiscências enganadoras, e vestimo-nos do novo homem, o qual é «criado segundo Deus, em retidão e verdadeira santidade». Notemos que o «novo homem», tal como as «novas vestes», nos é dado mediante auxílio vindo de fora. Trata-se de um ato de Deus, pois a salvação vem de Deus.

#### VIII. Bênção (Vss. 24,25).

Judas nos brinda com uma das mais magnificentes bênçãos existentes no N.T. Em cada ponto opõe-se ela à heresia combatida nesta epístola, mas também nos dá uma elevada verdade. Nestas poucas linhas estão incorporadas muitas das mais importantes doutrinas da fé cristã. A última palavra é uma atribuição de louvor a Deus Pai e a seu Filho, Jesus Cristo. E isso é apropriado em qualquer epístola ou livro de natureza espiritual, porquanto a vida inteira deve ser vivida tendo Deus como o nosso Ômega (ver I Cor. 8:6), mas onde o Filho é, igualmente, reputado como nosso Ômega (ver Col. 1:16).

«Nada começa retamente, nada procede retamente e nada termina retamente à parte de Deus. Sem sua poderosa salvação toda a nossa esperança a trabalho e oração é inútil. 'Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam' (Sal. 127:1)».

24 *Τῷ δὲ δυναμένῳ φυλάξαι ὑμᾶς ἀπ' αἰστούς καὶ στήσαι κατενώπιον τῆς δόξης αὐτοῦ ἀμώμους ἐν ἀγαλλιάσει,*

24-25 *f minor, f none: TR Bov Nes BF<sup>7</sup> AV RV ASV BSV NHE TT Zú Lith Jer Be<sup>5</sup> f none, f none: WH f none, f minor*

24 *Τῷ...ἀμώμους* Ph<sup>1</sup> 1:10; I Th 5:23

24: Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos ante a sua glória imaculados e jubilosos.

Esta epístola vinha advertindo contra nossa simpatia com as doutrinas e com o estilo de vida dos hereses gnósticos. O versículo quinto subentende que até mesmo pessoas convertidas—povo de Deus—podem apostatar. (Ver Rom. 8:39 quanto à questão inteira da «possibilidade de queda» versus «segurança dos salvos»). Este comentário toma a posição que ambas essas idéias são verdades, mas que a «possibilidade de queda» é algo «relativo», ao passo que a «segurança dos salvos» é algo «absoluto». Em outras palavras, a queda ou desvio podem caracterizar ao «crente», embora venha este a ser trazido de volta, pela graça divina, nesta existência terrena ou na outra. (Ver Col. 1:23 quanto a notas expositivas sobre esse conceito). Apesar de reconhecer o perigo real do desvio, o autor sagrado *confia* que os crentes autênticos *resistirão* com sucesso à heresia, não se deixando arrastar por seus atrativos. O primeiro versículo enfatiza isso desde o começo. Os crentes autênticos são «guardados» em Jesus, porquanto isso é feito pelo poder de Deus, o mais elevado de todos os poderes. Fica subentendido, naturalmente, que o crente deve ceder ante esse poder; não deve negá-lo em seu andar diário e em suas atitudes, porquanto, do contrário, estará sujeito a influências estranhas destruidoras. Isso fica subentendido no presente versículo, bem como nesta epístola inteira.

Deus é uma pessoa e ele está conosco a fim de ajudar-nos. Os mestres gnósticos negavam isso, porém, porque tinham um conceito «delsta» de Deus, imaginando-o tão transcendental que não teria qualquer contacto com os homens, não se interessando por interferir na história humana, a fim de galardoar ou punir aos homens. Deus é a realidade final, o poder último; mas também é o nosso Pai, como também o amor e a benevolência personificados. Ele é «poderoso» para guardar-nos. Seu poder é suficiente para as mais difíceis tarefas; não há problema que Deus não saiba resolver. O próprio Senhor Jesus foi a medida do interesse de Deus por nós. Mostrou-nos que Deus é capaz de transformar a alma, conduzindo o homem até si mesmo e à mais elevada glória. E ele fará pelos seus filhos aquilo que fez por seu Filho. Deus é poderoso mas não se arrisca a qualquer lapso em questões de moral, de interesse ou de capacidade. Não lhe faltam nem recursos e nem sabedoria; tudo está à sua disposição, estando sujeito a ele. Ele é «capaz», em todos os sentidos possíveis a esse vocábulo. Por conseguinte, convém-nos lançar nossas almas aos seus cuidados. Ele nos

(Ver as notas expositivas em Efé. 2:8 acerca da «graça» de Deus).

«É extremamente interessante a observação que a nota final sobre a heresia, nesta epístola de Judas, um livro que desfecha tremendo ataque contra os falsos mestres, é um apelo evangelístico que insta conosco para que busquemos a salvação de todos, mediante a «misericórdia», «através do temor» e «através do ódio» ao mal. Conforme comentou Homrighausen (*in loc.*): «A palavra final não é a condenação dos desviados, e, sim, a redenção, mediante argumentos convincentes, através da misericórdia identificadora, através do combate vigoroso, através do desmascaramento vivo do erro, para que penetre a luz clara, penetrante e orientadora da verdade, a respeito do único Deus e de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador».

As vestes maculadas pela carne. É perfeitamente possível que o autor sagrado estivesse pensando nas vestes infectadas pela lepra, tipo simbólico do pecado. Todo e qualquer contacto com a lepra ou com leprosos deveria ser evitado. A praga da lepra era detestada e temida. Os leprosos morais devem ser lamentados, e todo esforço deve ser enviado pelos remidos para conquistá-los para Cristo, ao mesmo tempo que sua natureza corrupta deve ser desprezada. O ódio ao mal é um poderoso motivo para que procuremos salvar aos perdidos de suas próprias naturezas tão corruptas. Sobre eles está a lepra do pecado; levemos a eles a cura, embora sem transigir com a praga dessa lepra.

Este texto tem sido erroneamente aplicado por alguns estudiosos, como se estivesse em foco a idéia de «evitar» os leprosos morais, mediante a sua exclusão, se porventura esses vierem a instalar-se na igreja. Porém, isso está longe de ser o intuito misericordioso desta passagem.

Nos tempos antigos, os crentes, quando estavam prestes a ser batizados, recebiam uma «veste branca» para vestirem durante a cerimônia de imersão. Isso servia de símbolo da vida de pureza que se esperava que tivessem daí por diante. Os crentes, portanto, devem evitar contacto com as vestes leprosas dos leprosos morais, embora não com os próprios leprosos, a quem devem procurar salvar. «Não permitas que o amor salvador ao pecador diminua o ódio contra o pecado». (Stier, *in loc.* Ver também Isa. 52:11).

Esta passagem ensina-nos que cumpre-nos deixar de viver para nós mesmos; que cumpre-nos ter compaixão do próximo; que cumpre-nos dedicarmos a própria vida para a propagação do evangelho salvador de Cristo.

24 καὶ ἀδ' ἀσπίλους καὶ ὡς ἁγία αἰς

resguardará como seu tesouro pessoal, conforme, realmente, lhe somos.

Esta porção da doxologia pode ser comparada aos trechos de Rom. 16:25 e Efé. 3:20. Deus é capaz de firmar-nos e de fazer muitíssimo mais do que tudo quanto lhe pedimos ou pensamos. E é o seu próprio poder que realmente opera em nós, o poder que ressuscitou a Cristo e que o exaltou acima de todo outro nome dos céus ou da terra. (Ver Efé. 1:19 e ss.).

«O louvor de Deus mistura-se com a confortável certeza que Deus pode guardar aos crentes e que o fará, até chegarem a seu trono... O vigésimo primeiro versículo sugere a dúvida: 'Ohterlamos sucesso, procurando resguardar-nos a nós mesmos no amor de Deus?' Essa dúvida Judas soluciona referindo-se ao poder de Deus». (Lange, *in loc.*)

...de tropeços... No grego temos a forma primitiva de «ptaio», isto é, «aptaistos», que significa «tropear», «bater com o pé e cair». Era termo usado acerca dos cavalos que tropeçam em obstáculos e caem. Essa palavra é usada somente aqui em todo o N.T. (Ver também tal uso em III Macabeus 6:39, na Septuaginta, embora ali seja usada a forma verbal, mui comum na Septuaginta). Isso sucede no tropeço religioso. O que os homens facilmente fazem por si mesmos, pode ser evitado se confiarmos no poder de Deus mediante a fé em Cristo, isto é, entregando-lhe a alma. (Ver as notas expositivas a esse respeito em Heb. 11:1).

...guardar... Aqui temos o verbo grego «phulasso», e não «tereo» (ver os versículos primeiro e vigésimo primeiro quanto a este último). O termo aqui usado indica «salvaguarda» de ameaças e ataques. O outro vocábulo grego indica «guardar» ou «preservar», como se se tratasse de algo precioso, como um tesouro. Deus nos guarda em segurança dos assaltos do mal; e também nos guarda como se fôssemos seu tesouro pessoal. Contamos com sua «proteção», de tal modo que, finalmente, sejamos sua herança, seu tesouro. Sua proteção resguarda-nos de quedas fatais, como a de aceitarmos alguma heresia arruinadora. Este é o significado específico do versículo embora seja provável que o autor sagrado não quisesse restringir a isso o uso desse verbo, neste ponto.

...apresentar com exultação... O caminho está repleto de precipícios e armadilhas. Pode ser perigoso, prejudicial e até mesmo fatal, espiritualmente falando. Porém, o poder resguardador de Deus nos permite atravessar a tudo incólumes, chegando, finalmente, e exultantes, à sua presença, ao estado de glória. Nele encontramos a «âncora» segura da alma, a orientação para a vida diária, a certeza de que «chegaremos em segurança

à pátria celeste».

Busquemos no Senhor a nossa segurança, o nosso propósito e a nossa âncora na vida.

**Uma Aranha Silenciosa e Paciente**

*Uma aranha silenciosa e paciente,  
Observei, onde estava isolada, em uma pequena elevação,  
Resolvida a explorar as cercanias vazias.  
Foi lançando após si, filamentos, filamentos, filamentos,  
Sem desenrolá-los, tecendo-os incessantemente.  
E tu, ó minha alma, onde estás,  
Cercada, isolada, em oceanos incalculáveis de espaço,  
A clamar incessantemente, a aventurar-se, a projetar-se,  
buscando esferas que liguem tudo,  
Até que se forme a ponte de que precisas,  
até que seges a âncora dúctil,  
Até que a tua tece se agarre em algo, ó minha alma.*  
(Walt Whitman)

...exultação... Essa palavra deve ser entendida vinculada ao termo «glória». Um homem crente, tal como um filho, recebe a natureza e a herança do Filho de Deus, a sua glória eterna, compartilhada porque a sua própria natureza divina também é compartilhada (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:17). O termo grego aqui empregado é «agalliasia», isto é, «exultação alegre», «grande alegria», «alegria triunfal». O triunfo da alegria é sobre o pecado, a carne e o orgulho da vida, além de ser sobre Satanás, naturalmente. No dizer de Mayer (*in loc.*): «...denota uma alegria exultante e orgulhosa». Tal palavra grega também é empregada em I Ped. 1:6.

*Jesus, seas tu nossa única Alegria,  
Tal como serás o nosso prêmio;  
Jesus, seas tu agora a nossa glória.  
E também por toda a eternidade.*  
(Bernard de Clairvaux)

...imaculados diante da sua glória... A glória da presença de Deus (ver as notas expositivas sobre a «chegada nos lugares celestiais», em Efé. 1:3) e a presença da glória de Deus conosco (recebimento de sua natureza e de seus atributos; ver as notas expositivas a respeito em II Ped. 1:4; Col. 2:10 e Efé. 3:19) não são conseguidos senão através da santidade. Ninguém jamais verá a Deus sem o processo de santificação (ver Heb. 12:14; ver também II Tes. 2:13 quanto à «necessidade de santificação para a salvação»). Isso contradiz o evangelho amoral e falso dos mestres gnósticos, os quais

25 μόνῳ θεῷ σωτηρίῃ ἡμῶν διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν δόξα μεγαλωσύνη κράτος καὶ ἐξουσία πρὸ παντὸς τοῦ αἰῶνος καὶ νῦν καὶ εἰς πάντας τοὺς αἰῶνας ᾠμῆν.

25 ὁ 28 e none, e none: WH Bov Net B<sup>1</sup> // e minor, e none: RSV Zhr Leth Jer Bes // e none, e minor: RV ASV NEB // e minor, e minor: TT // different text: TR AV

28 μόνῳ...δόξα Ro 16.27

25 μόνῳ] add (Rom. 16. 27) σοφῶ KLP al c | διὰ Ἰ. Χρ. τ. Κ. ημ. et pro π. τ. α.] em KP al i c | εἰς παντ. τ. α.]

em παντ. X pc bo<sup>1</sup>: add τῶν αἰῶνων L (33) pc c p i vg<sup>cl</sup> sy<sup>h</sup>ms sa

Após μόνῳ o Textus Receptus, seguindo K L P maioria dos minúsculos, adiciona σοφῶ. O termo é uma óbvia interpolação derivada de Rom. 16:27; a forma mais breve é decisivamente apoiada por N A B C 6 33 181 322 323 378 424 (c) 436 441 627 630 2298 vg sir (h) cop (bo) ara Efraem.

Vários dos manuscritos unciais posteriores, bem como a maioria dos minúsculos (seguidos pelo Textus Receptus), omitem πρὸ παντὸς τοῦ αἰῶνος, talvez porque a expressão não parecia apropriada em uma doxologia. Essas palavras são fortemente apoiadas por N A B C L 5 378 436 467 623 808 1827 1837 1845 1852 vg sir (h) cop (sa,bo) ara (cti) Efraem.

25: ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, e agora, e para todo o sempre. Amém.

As palavras «...ao único Deus...» ensinam o monoteísmo. (Ver as notas expositivas em Atos 17:27, onde as idéias acerca de Deus e sua natureza são passadas em revista). Dado que a total divindade do Filho de Deus, Jesus Cristo, é ensinada no N.T. (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 1:3), segue-se que devemos pensar no conceito da «trindade» como algo que descreve a divindade. (Ver I João 5:7 quanto a isso). Não há que duvidar que o uso dessa expressão, neste ponto, é polémico. Os mestres gnósticos imaginavam a existência de muitíssimos pequenos deuses. O «demiurgo» seria um «eon» muito afastado de Deus, que teria criado o mundo, sendo esse o «deus» deste mundo; mas haveria deuses em outras esferas, os quais governariam outros mundos. O próprio Cristo era reduzido por eles a um pequeno deus, a um «eon» (uma mera emanção angelical), que exerceria poder somente sobre esta esfera terrestre. Na realidade, entretanto, há somente uma divindade, um único Deus, embora ele se manifeste em três Pessoas.

**Variante Textual:** A palavra «único» figura nos mss KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores (seguidos pelo Textus Receptus), mas com a adição da palavra «sábio». Isso resulta em «único Deus sábio», o que deixa subentendido que poderia haver outros deuses. Tal expressão foi tomada por empréstimo da passagem de Rom. 16:27. Porém, em favor da forma mais curta temos a evidência textual conclusiva dos mss Aleph, ABC, 6, 33, 181, 322, 323, 378, 424(c), 436, 441, 627, 630, 2298, na Vg, no Slh, no Cóp(bo), no Ara e nos escritos de Efraem, pai da igreja.

«...nosso Salvador...» Deus é o nosso Salvador. Essa é uma declaração polémica contra a noção gnóstica que Deus seria totalmente transcendental, não podendo entrar em contacto com este mundo, porquanto a matéria seria o princípio mesmo do pecado, e tal contacto serviria somente para contaminar a Deus, o Deus Altíssimo. Portanto, na opinião dos gnósticos, Deus trataria com sua «criação» (a qual, para eles, era apenas uma «emanação») através de uma sucessão quase interminável de sombrios «eons». Antes, Deus é nosso Salvador. Em outras palavras, Deus entra em contacto com sua criação, a fim de abençoá-la. Outrossim, só há um Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo.

Por oito vezes, nas páginas do N.T., encontramos o termo «Salvador»,

encorajavam a imoralidade, e não a santidade. (Ver as notas expositivas sobre isso no quarto versículo desta epístola, comparando com os versículos 7,8,10,12,13,15-17 e 19, os quais salientam a depravada condição moral dos gnósticos). Todo o indivíduo que for dominado por algum vício jamais verá a Deus (ver Gál. 5:21; Efé. 5:5,6 e Col. 3:6). Os verdadeiros apóstolos purificam ao crente e o deixam «imaculado», retirando dele as vestes do pecado, contaminadas pela lepra. (Ver o vigésimo terceiro versículo). As «máculas» do pecado são lavadas da alma dos verdadeiros crentes, e ninguém poderá elevar-se até Deus com uma alma manchada. A conversão deve resultar na santificação; e esta é que nos conduz à «glorificação» (ver Rom. 8:29,30 e as notas expositivas ali existentes).

...glória... Consideremos aqui os pontos seguintes: 1. Essa palavra é usada para falar sobre a presença de Deus, a região de luz e pureza, os céus mais elevados. 2. Também é usada para aludir ao ilimitado poder de Deus e à sua majestade. 3. Também é usada para apontar para os atributos divinos, sobretudo a santidade. 4. Por extensão, é usada para falar de como o homem próprio pode vir a compartilhar da glória de Deus, mediante a participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4) e a participação na glória conferida ao Filho (ver Rom. 8:29,30). A participação nessa «glória» é um processo eterno, porquanto haveremos de ser cheios de toda a plenitude de Deus. Essa é a nossa glória, tal como sua plenitude (sua natureza e seus atributos divinos) é a sua própria glória. (Ver notas expositivas completas sobre esses conceitos em Efé. 3:19).

A nossa glorificação consistirá de muito mais do que «estarmos presentes» no mais elevado céu, embora isso, por si mesmo, já seja algo imensamente elevado. Antes, consistirá ela de sermos transformados segundo a gloriosa imagem de Cristo, a fim de que sejamos filhos tal como ele é o Filho de Deus. Isso é que nos conferirá exultação incomparável. Essa será a «visão beatífica» que todos receberemos, a qual haverá de espiritualizar-nos inteiramente a alma, a fim de que a divindade seja por nós compartilhada.

Com essas palavras, pois, o autor sagrado encorajou aos seus leitores originais para que se firmassem em seus próprios dias, porque grande haveria de ser o seu galardão.

**Variante Textual:** As palavras «...vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória...» figuram em quase todos os manuscritos. Entretanto, o ms P(72) diz: «...estabelecer-vos sem mácula, inculpáveis, castos, na presença de sua glória...» Isso representa uma expansão feita no texto original.

25 μόνῳ θεῷ σωτηρίῃ ἡμῶν διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν δόξα μεγαλωσύνη κράτος καὶ ἐξουσία πρὸ παντὸς τοῦ αἰῶνος καὶ νῦν καὶ εἰς πάντας τοὺς αἰῶνας ᾠμῆν.

25 ὁ 28 e none, e none: WH Bov Net B<sup>1</sup> // e minor, e none: RSV Zhr Leth Jer Bes // e none, e minor: RV ASV NEB // e minor, e minor: TT // different text: TR AV

28 μόνῳ...δόξα Ro 16.27

25 μόνῳ] add (Rom. 16. 27) σοφῶ KLP al c | διὰ Ἰ. Χρ. τ. Κ. ημ. et pro π. τ. α.] em KP al i c | εἰς παντ. τ. α.]

em παντ. X pc bo<sup>1</sup>: add τῶν αἰῶνων L (33) pc c p i vg<sup>cl</sup> sy<sup>h</sup>ms sa

aplicado a Deus Pai. (Ver Luc. 1:47; I Tim. 1:1; 2:3; 4:10; Tito 1:3; 2:10; 3:4 e aqui). As epístolas pastorais também usam esse termo, embora apliquem-no ao Filho. Por conseguinte, tanto o Pai como o Filho são Salvadores. Esse intercâmbio evidentemente tem por finalidade exaltar o ofício do Filho, porque, para os gnósticos, ele era apenas um dentre muitos pequenos Salvadores. Por quinze vezes, nas páginas do N.T., Jesus é assim chamado. A salvação é dom de Deus; mas a doação da mesma é feita por intermédio do Filho. Assim sendo, a salvação pode ser atribuída, sem nenhuma hesitação, tanto a Deus Pai como a Deus Filho.

...glória... Consideremos aqui os seguintes pontos: 1. Há aqui atribuição de glória à majestade e à graça divina, por parte de todos os seres inteligentes. 2. Essa glória será aumentada quando os filhos de Deus forem conduzidos à glória (ver Heb. 2:10 e ss.). 3. O cumprimento de seu glorioso designio também está em pauta, o que redundará em glória à pessoa de Deus. Todas as doxologias bíblicas envolvem esse conceito. (Ver Rom. 16:27; Efé. 3:21; Fil. 4:20; II Tim. 4:8 e I Ped. 5:11).

...majestade... No grego temos o vocábulo «megalosune», que significa «grandiosidade». «Que sua grandeza seja reconhecida, exaltada e proclamada por todos os seres». Tal palavra aparece comumente nas doxologias bíblicas e outras. (Ver Testamento de Levi 3:9; Enoque 14:16; I Clemente 20:12). Tal palavra é usada para indicar o próprio Deus, em Heb. 1:3.

...império... Consideremos os pontos seguintes:

1. Isso indica o governo de Deus, por toda a parte.  
2. E isso sobre uma criação unificada e harmoniosa (ver Efé. 1:10).  
3. Tendo Cristo como centro e Cabeça. Por essa razão é que Deus é chamado de «Alfa» (criador) e de «Omega» (alvo da criação), em I Cor. 8:5. Ambas essas coisas podem ser ditas também acerca do Filho (ver Col. 1:16). (Ver também Apo. 1:6; 4:9,11; 5:12,13; I Ped. 4:11 e 5:11, onde se combinam os termos «glória» e «império»).

...soberania... Isso permeará sua glória, sua majestade e seu império. A soberania de Deus envolve «autoridade». Deus é o tribunal superior de apelo. Essa palavra é usada para indicar a autoridade e o poder de Deus, em Luc. 12:5 e Atos 1:7, mas nas doxologias do N.T. é termo usado exclusivamente aqui.

«...antes de todas as eras...» Está aqui em foco toda a eternidade passada, antes que começasse aquilo que chamamos de «tempo», isto é, cronologias históricas, conforme os homens pensam a respeito. O passado sem data da eternidade está em pauta, a imensidade anterior à vinda à existência de qualquer forma humana (em alma ou corpo).

**Variante Textual:** Essa expressão aparece nos manuscritos mais antigos e autorizados, a saber, Aleph, ABCL, 5, 378, 436, 623, 808, 1827, 1854, na Vg. no Sijb, no Cóp(ma, bol, no Ara, no EtI e nos escritos de Efraem, pai da Igreja. Tais palavras, entretanto, são omitidas nos mss KP e em muitos manuscritos minúsculos posteriores, e, portanto, no Textus Receptus, que se baseou em manuscritos minúsculos posteriores. Esse é um dos poucos casos em que um texto «mais breve» não é o correto, conforme fica demonstrado pela esmagadora evidência objetiva. Essas palavras poderiam ter sido acidentalmente omitidas originalmente; ou então, devido ao fato que tal expressão não é comum em outras doxologias neotestamentárias, foi ela propositalmente omitida desde tempos bem remotos na história do texto sagrado.

«...e agora...», isto é, quanto ao nosso estado mortal. Deus deve ser o ente supremo para nós, porque ele é o alvo mesmo de toda a existência. O presente é apenas uma faísca de tempo, mas precisa refletir a condição eterna. Feliz é o indivíduo que vive para a eternidade, durante esta peregrinação presente!

«...e por todas as séculos...» Literalmente traduzida, esta expressão diria, «...por todas as eras...» A eternidade é vista como uma interminável sucessão de eras. Os homens transferem para a eternidade aquilo sobre o que sabem um pouco. Sabemos o que são «eras», e supomos que a eternidade será uma interminável sucessão de eras, provavelmente cada uma das quais com seu propósito especial, do mesmo modo que as «eras» que temos conhecido têm algum propósito distinto. Porém, dentro da interminável e ininterrupta sucessão de eras, a mesma glória, majestade, soberania e autoridade serão características de Deus. (Quanto a diversas fórmulas que expressam a idéia de «eternidade», nas páginas do N. T., ver as notas expositivas sobre Efê. 3:21. Nessas mesmas notas expositivas há uma discussão sobre o uso das doxologias, nos escritos sagrados).

Essa expressão, na forma em que se encontra, não tem paralelo no N. T., embora a forma «pelos séculos» seja comum. (Ver esta última forma em

Luc. 1:33; Rom. 1:25; 5:5; 11:36; 16:27; II Cor. 11:31). A expressão mais elaborada, «pelos séculos dos séculos» se encontra nos trechos de Gál. 1:5; Fil. 4:20; I Tim. 1:17; II Tim. 4:18; Heb. 13:21; I Ped. 4:11; 5:11; Apo. 1:6 e vários outros lugares.

«...Amém». O uso desse termo, neste ponto, é genuíno, conforme se verifica em todos os manuscritos. Usualmente, o «amém» final é um acréscimo escribal, sem genuinidade no término dos livros e epístolas do N. T. Aqui, entretanto, em que esta epístola termina com uma doxologia, o «amém» foi mui naturalmente empregado, já que fechava mui comumente as doxologias antigas. O autor sagrado concorda, em sua alma, com a atribuição de toda a glória, majestade, soberania e autoridade a Deus.

*Senhor de todo ser, trono distante,  
Tua glória inflama sol e estrelas,  
Centro e alma de toda a esfera,  
Mas, de cada porção, quão próximo.  
(Oliver Wendell Holmes)*

*Canto ao grande poder de Deus,  
Que fez os montes se elevarem;  
Que espalha ao redor os mares fluentes,  
Que edificou os altos firmamentos.  
Canto à Sabedoria que determinou  
Ao sol que governasse ao dia;  
À lua que brilhasse cheia à sua ordem,  
E a quem todas as estrelas obedecem.  
(Joseph Parker)*

**Subtítulo:** Os subtítulos não faziam parte original dos livros e epístolas do N. T. Antes, foram adicionados por escribas subseqüentes, fornecendo pequenas informações sobre questões como proveniência e destino dos livros, autores, amanuenses, etc. O mais antigo subtítulo desta epístola, nos manuscritos gregos, diz apenas «Judas», aparecendo nos mss Alenh e B. O ms A diz: «Epístola de Judas». O ms C diz: «(a) epístola católica de Judas». O ms L diz «Epístola do santo apóstolo Judas». Os manuscritos gregos posteriores adornam ainda mais o subtítulo. As versões árabe e a Vulgata latina não trazem subtítulo. O ms latino h diz apenas «fim». O siríaco diz: «A epístola de Judas, o apóstolo, cuja intercessão esteja para sempre conosco. Amém. Fim».

\*\*\*



# APOCALIPSE

## INTRODUÇÃO

- I. QUE É UM APOCALIPSE? LITERATURA APOCALÍPTICA; BIBLIOGRAFIA
- II. CONFIRMAÇÃO ANTIGA
- III. AUTORIA
- IV. DEPENDÊNCIA LITERÁRIA
- V. DATA
- VI. PROVENIÊNCIA E DESTINO
- VII. MOTIVO E PROPÓSITOS
- VIII. O GREGO DO APOCALIPSE
- IX. O TEXTO GREGO
- X. VISÃO GERAL DO CONTEÚDO: ANÁLISE; CONCEITOS DE ARRANJO
- XI. ESBOÇO DO CONTEÚDO
- XII. CONCEITOS E MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO
- XIII. BIBLIOGRAFIA

\*\*\*

### I. QUE É UM APOCALIPSE? LITERATURA APOCALÍPTICA; BIBLIOGRAFIA.

Toda a literatura apocalíptica é escatológica. Em outras palavras, aborda a questão dos «tempos do fim», o término do mundo segundo o conhecemos, o começo de um novo ciclo, ou, em alguns casos, o estado eterno. Nem toda a literatura escatológica, porém, é apocalíptica. Pode-se falar, por exemplo, sobre a «alma» e seu destino, e isso nos levaria a tratar de certo aspecto do ensinamento escatológico normal, mas, ao mesmo tempo, nada de distintamente apocalíptico estará sendo envolvido nesse ensino. Os escritos que têm chegado até nós, que são chamados «apocalípticos», possuem características distintivas, o que é salientado na discussão que se segue. De modo bem geral, pode-se afirmar que essa forma literária trata da escatologia, pois visa dizer-nos as condições que haverá nos últimos tempos, nos tempos futuros remotos, mas sua apresentação fala daqueles acontecimentos futuros que terão lugar durante dias angustiosos, em que uma antiga era passará em meio a tempestades e agonias, iniciando-se uma era inteiramente nova, através das mais severas dores de parto. Mas isso não é uma característica normal e necessária dos escritos escatológicos.

No que concerne à atividade literária judaico-cristã, pode-se identificar o período dos escritos apocalípticos entre 165 A.C. e 120 D.C. Essa literatura antecipa o fim de um ciclo histórico, a saber, o ciclo judaico, o que se daria em meio a dores severas, antes do nascimento da era cristã. Os «apocalipses» cristãos refletem o desapontamento dos discípulos de Cristo por não ter-se materializado o Reino de Deus em sua própria época. E esse desapontamento foi apenas natural, e se pensou que os acontecimentos que sempre foram tomados como necessários na inauguração do reino deveriam ser transferidos para outra época, o tempo da «volta» de Jesus Cristo, não mais sendo atribuídos ao seu «primeiro advento». Isso preencheu um vácuo psicológico, pois manteve os homens na «esperança» no estabelecimento do reino. No entanto, não há razão para crermos, meramente porque esse tipo de literatura cumpre uma necessidade psicológica, que as profecias contidas em nossos apocalipses bíblicos (os livros de Daniel e de Apocalipse) não sejam válidas.

Os apocalipses judaicos foram escritos na época de Antioco Epifânio e posteriormente, acompanhando as perseguições que houve naquele período histórico. Essa literatura apocalíptica teve a finalidade de dar aos homens a «esperança quanto ao futuro», estando eles a passar por um presente difícil. Essa esperança contemplava particularmente o livramento através do vindouro Messias, bem como através do estabelecimento de seu reino. Pode-se ver facilmente que, tal como no caso dos apocalipses cristãos, a literatura apocalíptica judaica conservava a necessidade psicológica de «saltar por cima» de um presente difícil, a fim de levar os homens a terem esperança e fé firme de que se cumpriria uma nova era de vitória e realizações espirituais, embora isso não dispensasse grande agonia. Também é verdade que apesar da atividade da

literatura apocalíptica nunca ter-se tornado uma questão central no judaísmo, e apesar que a maioria dos rabinos judeus a ignoravam essencialmente, contudo, esses escritos serviram ao seu propósito; e embora nunca tivessem ganho posição canônica, não há razão para supormos que não há ali certo discernimento quanto ao futuro, misticamente intuitivo, apesar de não ser diretamente inspirado pelo Espírito do Senhor.

Em contraste com isso, o espírito apocalíptico dominava a igreja primitiva. O fato que o reino de Deus não se materializou então deu, aos primeiros discípulos de Cristo, a ardente esperança que a «breve» e mesmo «imminente» segunda volta de Cristo (a «parousia» dos escritos neotestamentários) haveria de desfazer o erro de sua «rejeição», cumprindo todas as expectativas da humanidade acerca de uma era melhor. Mas essa era melhor não haverá de iniciar-se senão através da morte agonizante e terrível da antiga era, e a literatura apocalíptica é, essencialmente, a descrição dessa morte febricitante, com descrições adicionais do glorioso nascimento da nova era, que se seguirá.

A literatura apocalíptica, pois, tem um «propósito presente». Os fiéis necessitam de força espiritual para passar pelas aflições, desapontamentos e pressões desta era ímpia em que vivemos. Serão mais capazes disso se puderem antever a vitória, a qual, finalmente, reverterá os terrores do momento presente. Os escritos apocalípticos prometem que os adversários de Deus não escaparão ao juízo por causa daquilo que fizeram, por seus feitos ímpios que praticaram. Além disso, promete que aquilo contra o que os perversos se têm oposto, o governo de Deus sobre a terra, eventualmente se cumprirá, a despeito deles. Outrossim, promete que até mesmo muitos daqueles que se têm oposto a isso, através dos juízos haverão de reconhecer a mão de Deus na história, acolhendo a seu Cristo como Senhor deles.

Há algumas características distintivas da literatura apocalíptica. O termo grego «apokalupto» significa «desvendar», «revelar». O «apokalupsis», pois, é uma «revelação» ou «desvendamento»; é uma «visão profética». Consideremos os pontos seguintes a esse respeito:

1. Os livros apocalípticos são sempre reveladores. Há ali atividade mística, revelações, sonhos, visões, viagens celestiais em espírito, tudo o que transcende à era presente, pelos poderes da alma humana, com ou sem a ajuda divina. Cremos que até mesmo os apocalipses não-canônicos envolvem algumas experiências místicas válidas, ou seja, algum discernimento válido quanto às questões espirituais, incluindo revelações sobre as condições futuras. Os dois livros apocalípticos da Bíblia, Daniel e Apocalipse, certamente contêm o esboço dos acontecimentos futuros, a maioria dos quais tem sido confirmada pela atividade profética dos místicos atuais. Em outras palavras, as profecias de nossos dias concordam com as previsões bíblicas, de modo a narrar acontecimentos paralelos. Ver isso no artigo existente na introdução ao comentário, intitulado *A Tradição Profética e a Nossa Era*, que apresenta uma discussão geral sobre

essa questão.

2. *São imitativos e pseudopreditivos.* Apesar de haver discernimento espiritual quase certamente «válido», porquanto os poderes de pré-conhecimento dos homens funcionam quase sempre, com resultados que podem ser medidos, esses livros apocalípticos tendem por ser imitativos. O livro de Daniel servia de arquétipo original. Nesses escritos há «invenções» que não refletem qualquer atividade mística genuína, pois as «profecias de condenação», com subidas aos céus e descidas ao inferno, se tornaram artifícios literários, que visavam ensinar verdades espirituais, apresentando advertências e encorajamentos necessários. Portanto, apesar de que algumas previsões válidas estarem contidas nos apocalipses não-canônicos, mais freqüentemente do que não, as profecias são pseudopreditivas; e essas previsões tornam-se «meios» de ensino, ao invés de serem tentativas sérias de predizer o futuro.

3. *Empregam verdades místicas e simbólicas*, ao invés de verdades físicas e literais. A fé religiosa pode ser ensinada com habilidade sem base nos acontecimentos históricos reais, ou passados ou em antecipação ao futuro. O meio de transmitir a verdade, dentro do misticismo, é o símbolo. Um símbolo pode ser válido, sem importar que por detrás dele tenha ou não algum acontecimento físico e literal. As parábolas de Jesus (pelo menos algumas delas) não tinham o intuito de relacionarem-se com qualquer acontecimento real; antes, eram «boas narrativas» sobre as verdades eternas, que eram assim vividamente ilustradas. Assim sendo, um profeta podia falar sobre a descida ao inferno por parte de Enoque, e assim ensinar uma verdade acerca do estado das almas perdidas, sem isso significar que Enoque tenha, realmente, feito tal viagem. Até mesmo nos apocalipses canônicos, as «visões» com freqüência não apresentam obietos «reais» ou «físicos». Tomemos, por exemplo, o caso da imagem com os dez dedos formados de ferro e barro. Isso simboliza os reinos e federações do mundo, embora não seja uma verdade literal. Algumas obras apocalípticas chegam a extremos bizarras ao pintarem condições e expectativas espirituais. Alguns dos intérpretes mais inclinados pela interpretação literal do Apocalipse de João procuram tornar literais esses simbolismos. Assim, os «gafanhotos» e «escorpiões», que são animais simbólicos do nono capítulo do livro de Apocalipse, seriam insetos literais que atacam os homens como praga. Porém, não são esses mais literais do que os «cavaleiros» do sexto capítulo do mesmo livro. Todas essas coisas simbolizam os terríveis julgamentos e as condições imediatamente antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo. A tentativa de emprestar um caráter literal a esses símbolos redundará em fracasso, além de impedir o entendimento da própria natureza mística dessas visões. Até mesmo os sonhos ordinários nos falam por meio de «símbolos». Por exemplo, uma «criança» simboliza o trabalho realizado por algum obreiro do evangelho, pois esse trabalho, em certo sentido, é sua «criança». A água é símbolo da «fonte da vida»; sonhar sobre a «morte» indica o «fim» de algum aspecto da vida de uma pessoa, ou alguma mudança drástica, muito mais do que o falecimento — literal da mesma. Naturalmente, visões e sonhos algumas vezes falam de acontecimentos literais, mas é um erro interpretar os mesmos literalmente, «todas as vezes que se puder». Essa atitude mais provavelmente nos desviará da verdade, ao invés de aproximar-nos da mesma, pois é algo basicamente contraditório à própria natureza do misticismo.

4. *Os livros apocalípticos com freqüência são pseudônimos.* Isso significa que «em honra» a alguma antiga personalidade famosa, um livro foi escrito por outrem, aproveitando-se do prestígio do nome daquela personalidade, a fim de perpetuar sua tradição. Assim é que o livro de Enoque, escrito no segundo século A.C., não foi escrito por Enoque mas em memória sua. Nesse caso, não poderia haver qualquer tentativa séria, da parte do seu autor, de fazer passar seu livro como se realmente tivesse sido escrito por Enoque. É que os antigos não viam nada de errado nesta prática, sem importar o propósito com que isso fosse feito. Entre os livros apócrifos do Antigo e do Novo Testamento, bem como entre seus livros pseudépígrafos, há mais de cem livros que certamente não foram escritos pelos indivíduos aos quais são atribuídos. Sem importar o que nós, como modernos, possamos pensar da prática, isso em nada altera a atitude dos antigos acerca da mesma. Em nosso N.T., por exemplo, é possível que o livro de Judas seja uma pseudépigrafe. (Quanto a notas sobre isso,

ver a introdução àquela epístola, sob o título «Autoria»). No entanto, os dois livros apocalípticos bíblicos — Daniel e Apocalipse — não pertencem a essa natureza. Não obstante, o «João» do livro de Apocalipse não é o mesmo apóstolo João, e, sim, o «ancião», ou talvez um bem conhecido «vidente» crente que habitava na Ásia Menor. (Ver uma discussão a esse respeito, na secção III da presente introdução, intitulada «Autoria»).

5. *Os livros apocalípticos são altamente dualistas.* Em primeiro lugar, retratam a criação como algo envolvido em «uma luta de morte» entre duas forças — uma boa e outra má. Outrossim, essas forças são «cósmicas», e não meramente humanas. A humanidade ver-se-á envolvida no conflito entre Deus e Satanás, entre os anjos e os demônios, entre a razão absoluta e o erro absoluto. Os homens poderão ser vitoriosos ou derrotados, dependendo do lado que tomarem. O pecado, por conseguinte, nunca será questão apenas humana. Trata-se da lealdade ao erro absoluto, da aprovação conferida a Satanás e às suas obras más.

A oposição das duas grandes forças cósmicas naturalmente envolve a oposição entre duas eras distintas. Assim é que a «era presente» é dominada por Satanás, ao passo que a «era vindoura» será governada por Deus, mediante o seu Messias. A era presente envolve pecado e degradação, com a consequente perda das almas; e a era vindoura envolve o domínio da justiça e do bem-estar espiritual.

Essas forças opostas naturalmente geraram o conceito dos «dois mundos». Há um presente mundo, que é terreno e pervertido. Trata-se de algo físico e temporal, sem quaisquer valores absolutos. Mas também há o «mundo de amanhã», que até mesmo agora existe nas esferas invisíveis da realidade última. Este é um mundo de domínio espiritual, de santidade, de paz e de bem-estar espiritual. O «outro mundo», finalmente, virá a exercer controle sobre este mundo terreno, e esse é um dos aspectos do conflito entre o bem e o mal que atualmente começa a concretizar-se.

Existem, pois, duas «forças cósmicas» que se combatem, duas «eras» contrastantes que se digladiam, dois «mundos» contrastantes que se combatem. Os homens, necessariamente, «tomam partido», tornando-se associados e prestando lealdade a um lado ou outro desses contrastes. As obras apocalípticas, portanto, apresentam aos homens o desafio de escolherem a Deus e ao seu caminho, ao seu mundo, à sua era, rejeitando, ao mesmo tempo, o que Satanás tem a oferecer-lhes.

6. *Os livros apocalípticos são deterministas.* Isso significa que a vitória eventual do mundo vindouro sobre o mundo presente — o triunfo do bem sobre o mal — é algo que foi determinado pela mão de Deus. O triunfo de Deus é inevitável, embora pareça demorar-se por tempo excessivamente longo. Os livros apocalípticos, por conseguinte, expõem uma espécie de filosofia da história. Dizem-nos eles a natureza geral do que sucede e do que deverá acontecer. Apesar de que há caos, devido ao pecado, somos assegurados que o processo histórico está do lado do bem e de Deus, e que nada pode alterar isso, pois a vontade de Deus é todo-poderosa. O seu propósito talvez precise de longo tempo para materializar-se, mas tudo está determinado. Há um horário divino predeterminado; e o fim do domínio de Satanás ocorrerá súbita e dramaticamente. A própria história é a crônica da luta entre Deus e Satanás, e como os seres inteligentes serão envolvidos até ao fim da mesma. Mas a história, apesar de envolver muitos elementos de sofrimento e caos, finalmente está determinada para que sirva às finalidades divinas.

7. *Os livros apocalípticos, ao mesmo tempo, são altamente pessimistas e otimistas.* Expõem um quadro horrendamente negativo do que haverá de suceder a este mundo, o que envolverá a intensa depravação dos homens. Ao mesmo tempo, porém, uma vez que este mundo seja apropriadamente julgado, deverá vir à existência um novo mundo de resplendente beleza e de incrível progresso. Do lado «pessimista», os livros apocalípticos são «cataclísmicos». Os eventos que porão fim ao presente mundo mau serão radicais, como se fora o deparar de um tumor canceroso. Os acontecimentos que darão início à nova era também serão cataclísmicos. As mudanças se produzem mediante acontecimentos bons ou maus, mas sempre repentinos, e não mediante algum processo gradual. As grandes alterações na história resultam de intervenções divinas.

8. *Os livros apocalípticos são intensamente éticos.* Isso

significa que esses livros convocam os homens a abandonar o pecado, o qual necessariamente produzirá acontecimentos cataclísmicos. Apesar de tudo estar adremente determinado, nada podendo derrotar facilmente ao pecado, Satanás e seu sistema, contudo, serão preservados, entre esses terríveis acontecimentos, os homens que mantiverem confiança em Deus e em seu Messias. Em caso contrário, haverão de participar imediatamente da glória de Deus mediante o martírio; ou então haverão de ser gentilmente conduzidos à sua presença, uma vez que tiverem sofrido como os homens terão de sofrer durante aquelas horas fatais. As advertências ali dadas, pois, visam «converter» os homens da maldade e da perversidade; não são meras predições de uma condenação inevitável.

9. *Os livros apocalípticos da Bíblia*—Daniel e o Apocalipse, bem como seus paralelos apócrifos, que foram produzidos pelas comunidades judaica e cristã, são messiânicos em sua natureza. Descrevem as mais prodigiosas tragédias, embora também narrem para nós o fato que haverá um Messias, um Salvador, o qual corrigirá todos os erros.

A *Literatura Apocalíptica*. No próprio A.T. temos o livro de Daniel. A esse, ainda no A.T., podemos adicionar porções de livros proféticos, como os capítulos vigésimo quarto a vigésimo sétimo de Isaías. No tempo dos Macabeus, talvez tão cedo como 200 A.C., teve início a literatura apocalíptica. Primeiramente apareceu o primeiro livro de Enoque (em etíope), uma obra composta, que foi escrito durante os últimos dois séculos A.C. Várias porções do mesmo são usadas em nossos livros neotestamentários, como no de Judas. A introdução a essa epístola demonstra isso. O livro de Jubileus data do século II A.C. A *Ascensão de Moisés* (livro também usado na epístola de Judas) data dos fins do século I A.C. Os livros de IV Esdras e II Esdras e o Apocalipse de Baruque, datam dos fins do século I D.C. O segundo livro de Enoque (em eslavônico) é de data incerta, embora provavelmente pertença ao princípio da era cristã. Os Testamentos dos Doze Patriarcas (século II A.C.) contêm predições acerca de cada tribo de Israel. Vários fragmentos de apocalipses têm sido encontrados na literatura de Qumran, embora ainda não tenham sido publicados. Do lado do N.T., quanto aos livros não-canônicos, temos o Apocalipse de Pedro, do começo do século II D.C., que descreve a dor dos ímpios e a recompensa dos justos. A *Ascensão de Isaias*, uma obra composta (do século II ao século IV D.C.), é um livro parcialmente judaico e parcialmente cristão. O Pastor de Hermas é uma obra semi-apócrifa que data dos meados do século II D.C. No próprio N.T., temos os «pequenos apocalipses» dos capítulos vinte e quatro e treze dos evangelhos de Mateus e Marcos, respectivamente, ambos derivados da mesma fonte, com base em declarações proféticas do próprio Senhor Jesus. O quinto capítulo da primeira epístola aos Tessalonicenses e o segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses são escritos apocalípticos de Paulo. Mas o Apocalipse de João é o livro apocalíptico por excelência, tanto do ponto de vista literário como do ponto de vista das previsões proféticas.

#### Bibliografia sobre a literatura apocalíptica:

Alguns dos livros apocalípticos ainda não foram traduzidos para o inglês e outros modernos idiomas, ao passo que outros são conhecidos apenas na forma de fragmentos, em qualquer idioma. Outros têm chegado até nós apenas em forma traduzida, e não nos idiomas em que foram originalmente escritos. As obras seguintes nos informam sobre o que se sabe acerca desses livros:

Charles, R.H. (ed.). *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, Oxford: Clarendon Press, 1913, 2 volumes.

James, Montague, R., *The Apocryphal New Testament*, Oxford: Clarendon Press, 1924.

Rutland, Moses, *Outline of the Neo-Hebraic Apocalyptic Literature*, Cincinnati: Jennings and Pye, 1901.

Charles, R.H., *The Ascension of Isaiah*, London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1917.

Hennecke, Edgar, *New Testament Apocrypha*, (trans. R. McL. Wilson), Philadelphia, The Westminster Press, 1963.

Roberts, Alexander and Donaldson, James (eds.), *The Ante-Nicene Fathers*, Nova Iorque: The Christian Literature Company, 1890, 9 volumes.

## II. CONFIRMAÇÃO ANTIGA

O livro de Apocalipse de João foi escrito a fim de ser lido nas igrejas (ver Apo. 1:3). E podemos supor que, desde os tempos cristãos mais remotos, em algumas porções da igreja, especialmente na Ásia Menor, para quem esse livro foi dirigido, era ele tido como dotado de autoridade idêntica aos dos livros proféticos do A.T. No entanto, foi somente perto dos fins do século II D.C., que esse livro obteve alguma proeminência em qualquer segmento maior da igreja cristã. A

mais antiga menção específica ao livro de Apocalipse (que também o atribui ao apóstolo João) foi feita por Justino Mártir, que viveu em Éfeso, em cerca de 135 D.C. (antes de ter-se mudado para Roma). Escrevendo pelos meados do século II D.C., disse ele: «Além disso, um homem entre nós, de nome João, um dos apóstolos de Cristo, profetizou, em uma revelação que lhe foi feita, que aqueles que tiverem confiado em nosso Cristo passarão mil anos em Jerusalém, e que após a ressurreição universal e eterna, terá lugar o julgamento». (*Didlogo com Trifo*, 81).

Não temos meios para precisar de que modo Justino determinou a «canonicidade» do livro de Apocalipse; mas o certo é que, havendo ele atribuído essa obra ao apóstolo João, ele não tinha qualquer dúvida quanto à sua «autoridade». A aceitação da «autoridade» de um livro é apenas um passo distante de sua canonização formal.

Antes da época de Justino Mártir, porém, não há qualquer citação clara e indisputável do livro de Apocalipse. Isso não se encontra nem nos escritos de Clemente de Roma (fins do século I D.C.), nem de Inácio (começo do século II D.C.), nem de Hermas (meados do século II D.C.), e nem no livro e na epístola de Barnabé (cerca de 130 D.C.). Andreas, no prólogo de seu comentário, informa-nos que Papias de Hierópolis, na Frigia (cerca de 150 D.C.), conhecia e usava o livro de Apocalipse, considerando-o divinamente inspirado. Entretanto, ele não disse qualquer coisa acerca de seu autor ter sido um «apóstolo», o que certamente teria feito, se o tivesse sabido. O próprio Eusébio, entretanto, nunca declara definitivamente que Papias sabia da existência do Apocalipse. (Ver *História Eclesiástica* iii.39). Uma declaração em sua *História Eclesiástica* (iii.39.12), que ele atribui a Papias, parece ser um reflexo do livro de Apocalipse, entretanto. (Essa declaração parece refletir o vigésimo capítulo do livro de Apocalipse, o milênio e a ressurreição dentre os mortos).

Melito, bispo de Sardes (160 - 190 D.C.), escreveu um livro sobre «o diabo e a revelação de João» (o que é mencionado por Eusébio, em sua *História Eclesiástica* iv.26.2). Jerônimo compreendia que isso se referia a dois livros separados, escritos por Melito; mas, seja como for, é certo que ele conhecia e usava o Apocalipse de João. Também é significativo que Melito viveu em Sardes, uma das cidades às quais o livro de Apocalipse foi originalmente enviado (ver Apo. 3:1 e ss.); e era apenas natural, pois, que ele tivesse aceito esse livro antes do mesmo ter sido aceito em outras partes da cristandade antiga.

Irineu, Eusébio, em *História Eclesiástica* iv.18.8, mostra que Irineu (nos fins do século II D.C., em Lyons, na Gália) sustentava a autoria apostólica de todos os presentes escritos joaninos do N.T. Em seu livro, *Contra as Heresias*, Irineu refere-se ao livro de Apocalipse, em iv.14.2; 17.6,18; 21.3; v.28.3;34.2; iv. 20:11; v.26.1.

Teófilo, bispo de Antioquia (Síria ocidental), na última metade do século II D.C., cita o Apocalipse em suas disputas contra Hermógenes (ver Eusébio, *História Eclesiástica* iv.24), pelo que evidentemente ele aceitava a sua autoridade como Escritura Sagrada.

Alexandria. Clemente (200 D.C.) citou o livro de Apocalipse como Escritura Sagrada (ver Paed. ii.119), atribuindo-o ao apóstolo João (*Quis dives*, 42; *Strom.* vi.106,107). Orígenes fez a mesma coisa (em *Joann. tom. v. 3*; *Lommatzsch*, i.165; Eusébio, *História Eclesiástica* vi.25.9).

Roma. O Cânon Muratoriano, que reflete o uso romano de cerca de 200 D.C. alistou o livro de Apocalipse como autoritário, tendo-o atribuído ao apóstolo João. O Apocalipse de Pedro também é favoravelmente mencionado; mas outras fontes informativas romanas mostram que essa não era a opinião de todos os segmentos da igreja cristã.

Cartago. Essa comunidade cristã, filha da igreja romana, também aceitava o livro de Apocalipse, pelos fins do segundo século de nossa era. Tertuliano, em seus vários escritos, cita trechos de dezoito entre vinte e dois capítulos. Ele o atribuiu ao apóstolo João («De Ressur.», 38, Pud. 12). Os quiliastas e milenaristas — do segundo século de nossa era, como os montanistas, uma seita cristã que se originou na Frigia (cerca de 156 D.C.), aceitavam anelantemente o livro, porquanto oferecia vários textos de prova para suas idéias. Eventualmente, essa seita contou com Tertuliano como um de seus aderentes.

Houve disputas sobre o Apocalipse, como também alguns o



rejeitaram. Apesar de que pelos fins do século II D.C. o livro de Apocalipse gozava de larga aceitação, tanto quanto a de qualquer outro livro do N.T., houve aqueles que o rejeitaram. Márcion, um herege gnóstico (ver as notas expositivas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18), mais ou menos pelos meados do segundo século da era cristã, aceitava como seu «cânon» neotestamentário dez epístolas paulinas e uma forma mutilada do evangelho de Lucas. Rejeitava ele ao livro de Apocalipse por causa de seu caráter judaico, porquanto viera a considerar o judaísmo como oponente do cristianismo. Negava ele que qualquer apóstolo de Cristo tivesse escrito tal livro. (Ver Tertuliano, *Adv. Marc.*, iv.5; iii.14).

O grupo herege chamado de *dealogoi* (dos fins do século II e de começos do século III D.C.), porquanto não aceitava a doutrina joanina do «Logos», como é óbvio, rejeitava também todos os chamados escritos joaninos, incluindo o livro de Apocalipse. Asseveravam que seu verdadeiro autor teria sido Cerinto, um herege gnóstico que viveu nos fins do primeiro século, e que atribuiu seu livro a «João» para obter prestígio para o mesmo (ver Epifânio, *Haer.* li.3; li.33). Afirmava esse grupo que o Apocalipse tem por demais simbolismos, errando quanto a questões literais, como a de haver sido escrita uma das sete cartas para Tiátira, onde não havia qualquer comunidade cristã.

Entretanto, a rejeição do livro de Apocalipse não se limitava a grupos hereges. Havia certos grupos que se opunham ao mesmo, e aos quiliastas (especialmente os montanistas), os quais vieram a duvidar da autenticidade do Apocalipse, chegando mesmo a rejeitá-lo, evidentemente como resultado do fato que algumas das suas doutrinas favoreciam aos hereges. Assim é que Caio de Roma (cerca de 210 D.C.), ao escrever contra os montanistas, terminou por rejeitar também ao livro. Hipólito (215 D.C.) replicou contra o ataque de Caio ao livro de Apocalipse; e essa obra se revestiu de tal vigor que poucos, no ocidente, daí por diante, continuaram a duvidar da autoridade desse livro. Portanto, as traduções em Latim Antigo e da Vulgata latina, sempre contiveram o Apocalipse, sem qualquer indicação de dúvida acerca de sua autenticidade. Vitorino (martirizado em 304 A.C.) escreveu um comentário em latim sobre o livro de Apocalipse, que posteriormente foi refeito por Jerônimo.

Contudo, em certos lugares fora do ocidente, continuou havendo dúvidas sobre o livro de Apocalipse. Dionísio, bispo de Alexandria (247 - 265 D.C.), renovou dúvidas sobre sua autenticidade, oferecendo fortes motivos para sua crença que não foi o mesmo escrito pelo apóstolo João, e certamente não pelo mesmo autor que escreveu o evangelho de João. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* vii.24). Muitas das linhas de raciocínio, nos escritos de Dionísio, têm sido bem acolhidas por eruditos modernos, especialmente devido à qualidade vastamente diferente do grego, entre o quarto evangelho e o livro de Apocalipse. Dionísio informa-nos, igualmente, que em seus dias, muitos duvidavam do citado livro ou mesmo o rejeitavam. Ele mesmo, acreditando que o mesmo fora escrito por um certo João de Efeso (um dos anciãos da igreja) e não pelo apóstolo João, duvidava de sua autenticidade e autoridade, porquanto o mesmo não seria «apostólico».

Eusébio (326 D.C.), o grande historiador eclesiástico, parece ter concordado com a avaliação geral de Dionísio (iii.29:6), mas deixou que cada congregação local manuseasse a questão a seu talante.

Cirilo de Jerusalém (315 - 386 D.C.) excluía o Apocalipse de seu «cânon», tendo inclusive proibido seu uso no culto público ou particular. (Ver *Catch.* iv. 36).

O sínodo de Laodicéia (cerca de 360 D.C.) não incluiu o Apocalipse em seu «cânon» das Escrituras.

As *Constituições Apostólicas* (fins do século quarto da era cristã), no cânon 85, não contém o livro de Apocalipse.

Gregório de Nazianzeno (falecido em 389 D.C.) também não o incluiu.

Anfíloquio de Icônio (falecido em 394 D.C.) declarou que «a maioria» das autoridades rejeitavam ao livro de Apocalipse como canônico.

A escola de Antioquia (407 D.C.) também o omitiu. Crisóstomo (407 D.C.), que representava essa escola em Constantinopla, também o rejeitava, tal como o fez Teodoro (386 - 457 D.C.).

As igrejas Armênia e Síria Oriental não aceitavam o Apocalipse como canônico, e nem podia o mesmo ser

encontrado em qualquer manuscrito do N.T. naqueles idiomas, por muitos séculos. Alguns manuscritos passaram a incluí-lo no ano de 508 D.C. Mas foram necessários séculos para que a igreja siríaca ficasse convencida acerca da autoridade do livro de Apocalipse. Não veio a participar da Bíblia armênia senão já no século XII D.C.

No século XIII, a canonicidade do Apocalipse era universalmente aceita, exceto na igreja nestoriana. Até mesmo nos tempos da Reforma Protestante alguns duvidavam de sua autenticidade. Calvino, muito prolífico como escritor e comentador das Escrituras, nada disse acerca do Apocalipse. (Quanto a um artigo sobre o «cânon» do N.T., ver a introdução geral ao comentário).

### III. AUTORIA.

Duas posições extremas são tomadas quanto à questão da autoria dos livros Joaninos (que consistem do evangelho de João, de três epístolas de João e do Apocalipse), a saber: 1. Teria havido um único autor desses cinco livros, o qual foi o apóstolo João. 2. Cada um desses cinco livros teria tido um autor diferente, pelo que nenhuma conexão real com o apóstolo João pode ser demonstrada entre eles.

A resposta mais simplista a ambas essas posições extremas consiste da afirmativa que o evangelho e as epístolas de João foram escritas por um autor (João ou um discípulo imediato seu), ao passo que o Apocalipse teria sido de autoria de um outro João, o ancião ou vidente da Ásia Menor, embora também pertencente à escola joanina. Essa declaração simplista está sujeita a todas as formas de objeção e disputa; mas é tão boa como qualquer outra idéia que já tenha sido apresentada. Pelo menos é certo que o evangelho de João e o livro de Apocalipse não podem ter sido escritos pelo mesmo autor. O grego do evangelho de João é simples, quase infantil, embora gramaticalmente correto. Mas o grego do livro de Apocalipse é bárbaro, com muitos desacordos quanto ao gênero, além de erros verbais. Foi escrito por algum judeu que tinha o grego como sua segunda língua, o qual não se interessava especialmente pelos casos gregos, pela concordância em gênero, etc. Pensava ele em hebraico, e algumas de suas declarações só podem ser compreendidas quando é reconstituído um «hebraico tentativo» (ou aramaico). (Ver a seção VII desta introdução, intitulada «O Grego do Apocalipse», quanto a detalhes sobre essa questão). Contudo, a despeito de todos os abusos feitos contra o idioma grego, ele se sentia «à vontade» em seu manuseio. Sem dúvida falava o grego e o usava em seus contactos diários. Em alguns lugares consegue momentos de eloquência, e, a despeito da sua má gramática, ocasionalmente produz algumas das melhores porções literárias que o grego conhece. De fato, produziu ele o maior dos «apocalipses», e isso não foi realização pequena para quem usou um «segundo idioma». Podemos supor que, se ele tivesse escrito sua obra em aramaico, o resultado literário teria sido ainda maior.

Justino Mártir atribui o livro de Apocalipse ao apóstolo João (ver «Confirmação Antiga», imediatamente acima). Esse ponto de vista veio a ser largamente aceito na igreja, conforme a seção anterior o demonstra; em alguns lugares, entretanto, essa posição era ardorosamente combatida, e até mesmo rejeitada. O próprio livro não afirma ser de autoria de João, o «apóstolo»; e poderíamos supor corretamente que se ele o tivesse realmente escrito, ter-se-ia identificado como tal. Outrossim, se João, o apóstolo, o escreveu, não há razão para supormos que não tivesse recebido reconhecimento antigo e universal, conforme sucedeu no caso das epístolas de Paulo. O fato que somente nos meados do século II D.C. é que seu autor foi identificado como o apóstolo João, e que mesmo assim muitos continuavam a rejeitar sua autoridade, sob qualquer consideração, especialmente como livro de autoria joanina, mostra-nos que é quase impossível que o próprio apóstolo João tivesse sido o seu autor.

Se nos voltarmos para a questão da evidência interna, pode-se observar que o autor não faz nenhuma tentativa para identificar-se com os doze apóstolos originais. Apesar de que ele se chama «João» em quatro versículos (ver Apo. 1:1,4:9 e 22:8), nunca deixa entendido que ele era o «João» do círculo original dos apóstolos. Em parte alguma ele afirma ter sido testemunha ocular da vida terrena de Jesus. Seu conhecimento de Jesus veio por revelação, e não através da história. Em Apo. 21:14, ao mencionar que a muralha da cidade tinha doze alicerces, inscritos com os nomes dos doze apóstolos originais, não parece identificar-se com qualquer deles. Em Apo. 18:20

ele fala sobre os «doze» de modo bastante objetivo, mas novamente sem dar a entender que fosse um deles.

*Historicamente*, bem se poderia pôr em dúvida que o apóstolo João tenha vivido até ao fim do século I, D.C. ou começo do segundo século, para que pudesse ter sido o autor do livro de Apocalipse. Há uma tradição, preservada por meio de Papias, que situa a morte de João próxima ao tempo da morte de seu irmão, Tiago, isto é, antes do ano 70 D.C. A passagem de Marc. 10:39 presumivelmente prediz isso; e notemos que Jesus se referiu a esses dois irmãos. Contudo, há outras tradições que associam o apóstolo João com a Ásia Menor, referindo-se a ele como homem «idoso». E é possível que se aceitarmos estas últimas tradições que João tenha vivido até um tempo em que poderia ter escrito o livro de Apocalipse. Irineu foi quem nos expôs essa tradição. Mas, visto que as tradições não concordam entre si, nesse ponto, nada de certo pode ser extraído delas acerca da autoria do livro de Apocalipse. George Hamartolus, bem como um manuscrito seu (do século IX D.C.) repete essa tradição preservada por Papias, no sentido que João morreu às mãos dos judeus (decapitado), mais ou menos à época de seu irmão. Portanto, sem importar para que lado nos voltamos, historicamente falando, não podemos ter certeza de que o apóstolo João realmente teve tantas décadas de serviço em Éfeso ou não, o que significa que não sabemos se ele viveu o tempo suficiente para escrever o livro de Apocalipse, o qual, mui provavelmente, reflete as perseguições instauradas contra a igreja cristã nos tempos de Domiciano (falecido em 96 D.C.), ou posteriormente.

A maioria dos eruditos acredita, com base em citações antigas, que um certo «João» foi quem o escreveu. Um indivíduo que Papias chamou de «João, o ancião», que viveu em Éfeso, nos começos do século II D.C., é identificado por alguns como seu autor. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* iii.39:4, quanto à identificação dos «dois Joãos», por parte de Papias). Esse autor João supostamente também teria sido discípulo do Senhor, e o seu túmulo estaria ao lado do de João, o apóstolo, na Ásia Menor. Dionísio fez a mesma sugestão, isto é, que «João, o ancião», escreveu o livro de Apocalipse (ver Eusébio, *História Eclesiástica* vii.25.16). Jerônimo também falou sobre o sepulcro desse outro João, em «Éfeso» (ver *De viris*, illus. 9). Vários escritores antigos pensam que esse «ancião» também foi o autor das epístolas joaninas; mas, apesar de que João, o ancião, pode tê-las escrito, ele não poderia ter escrito também o livro de Apocalipse, porquanto aquelas estão linguisticamente vinculadas ao evangelho de João, e não ao livro de Apocalipse. Vendo nisso a verdade, alguns intérpretes também atribuem o evangelho e as epístolas joaninas a «João, o ancião», ao passo que atribuem o Apocalipse ao «outro João», o qual também não teria sido um apóstolo de Cristo. Eusébio, ao citar Papias e Dionísio, aparentemente pensa que estes últimos estão certos: João, o ancião, é quem escreveu o livro de Apocalipse.

*João, o vidente*. Há ainda uma terceira possibilidade, que talvez seja mais viável que aquelas acima mencionadas, a saber, que um terceiro João está em foco, o qual foi um «profeta» (vidente), que não foi nem o «ancião» e nem o «apóstolo». No próprio livro de Apocalipse, esse João não se chama de «ancião», conforme se vê na segunda e na terceira epístolas de João; mas não se denomina «apóstolo», o que é declarado no evangelho de João, em seu epílogo (ver o seu vigésimo primeiro capítulo). Mas mui definitivamente toma a posição e o direito de um profeta, conforme se vê claramente no primeiro capítulo do livro de Apocalipse. (Ver também Apo. 22:9, onde se vê que os profetas do N.T., em sentido especial, são «servos do Senhor», o que é repetido em Apo. 1:1; 10:7; 11:18 e 22:6). O autor recebeu ordem de «profetizar» (ver Apo. 1:3). E o livro presente é um livro de profecia (ver Apo. 1:3; 10:11 e 22:7,10,18). Mui provavelmente o autor foi um judeu da Palestina, homem dotado de grande estatura espiritual e gênio, dotado de pensamentos e de discernimento profundos. O aramaico era seu idioma natural, e o grego era apenas um idioma adquirido. (Compare-se isso com reivindicações similares e declarações de um outro profeta, *Hermas*, e o *Didache*, escrito em cerca de 100 D.C., que mostram que os profetas cristãos eram altamente estimados). O fato que João, o vidente, conhecia e se utilizou de obras apócrifas e pseudépígrafas do A.T. (ver a seção IV desta introdução, intitulada «Dependência Literária») indica, na opinião de alguns eruditos, que ele deve ter sido um João que vivia fora da Palestina, pois tais livros eram favorecidos principalmente

entre os judeus da dispersão. Nesse caso, ele deve ter vivido relativamente isolado, na comunidade judaica, pois, de outra maneira, o seu grego teria sido melhor. Porque nenhum judeu alexandrino teria abusado tanto do idioma grego como o fez o autor sagrado, se porventura tivesse qualquer educação.

*A escola joanina*. Apesar da gramática do livro de Apocalipse mostrar que o autor sagrado não pode ser identificado com o autor do evangelho de João, há certas similaridades, em pensamento e conceito, que podem ser corretamente tidas como sinais de identificação do autor com a escola joanina de Éfeso. Consideremos os pontos seguintes: 1. Há a comparação de frases similares: João 16:2 com Apo. 2:2; 13:8 com 20:6; 3:8,21 com 22:15 e 7:37 com 22:17. 2. Há a mesma significação teológica conferida a termos teológicos como «vida», «morte», «glória», «fome» e «sede». 3. Algumas palavras e frases são mais frequentemente usadas pelos dois autores do que em qualquer outro livro do N.T. Por exemplo, «*poiein semeion*», quatro vezes no Apocalipse e catorze vezes no evangelho de João, mas apenas quatro vezes em todo o resto do N.T.; «*terein t. entolas*», duas vezes no Apocalipse, sete vezes no evangelho de João, e cinco vezes na primeira epístola de João; «*deiknumai*», oito vezes no Apocalipse e sete vezes no evangelho de João; «*ebraisti*», duas vezes no Apocalipse e cinco vezes no evangelho de João; «*marturia*», nove vezes no Apocalipse, catorze vezes no evangelho de João e seis vezes na primeira epístola de João, além de uma vez na segunda epístola de João; «*piazein*», uma vez no Apocalipse e oito vezes na primeira epístola de João; «*semainein*», uma vez no Apocalipse e três vezes no evangelho de João; «*philein*», duas vezes no Apocalipse e treze vezes no evangelho de João; «*aphazein*», oito vezes no Apocalipse e duas vezes na primeira epístola de João. 4. Há idéias similares. Exemplos disso são que não haverá templo no Jerusalém celestial (ver Apo. 21:22); e o templo deixará de existir como centro de adoração (ver João 4:21). Figura a doutrina do Cordeiro de Deus em João 1:29,36; Apo. 5:6,8,12,13; 6:1,16; 7:9,10,14,17; 12:11; 13:8; 14:1,4,10; 15:3; 17:14; 19:7,9; 21:9,14,22,23,27; 22:1,3. 5. O número «sete» permeia o livro de Apocalipse. Apesar de não ser isso especificamente declarado no evangelho de João, há sete «sinais» neste último, começando e terminando o mesmo com uma «semana» sagrada. Outrossim, o seu testemunho acerca de Cristo se desdobra em sete aspectos.

A conclusão que disso tudo se pode extrair é que esses cinco livros—o evangelho, as três epístolas e o Apocalipse—foram produzidos pela mesma escola, a escola joanina, de Éfeso. Consideremos ainda os três pontos abaixo: 1. O evangelho de João deve ter sido escrito por um discípulo imediato de João, que perpetuou sua tradição, incluindo suas narrativas e seu testemunho. O evangelho de João é corretamente chamado «de João», no mesmo sentido em que o evangelho de Marcos poderia ser chamado de «evangelho de Pedro», porquanto tal evangelho preservou para nós a tradição apostólica que chegou até nós, com base nas memórias de Pedro. (Ver a introdução ao evangelho de João, quanto a essa questão). 2. As epístolas joaninas poderiam ter sido escritas por esse mesmo autor. A primeira epístola de João certamente o foi. Seja como for, outro elemento da escola joanina esteve envolvido, se não foi o mesmo indivíduo. (Ver a introdução à primeira epístola de João, onde se fala sobre a «autoria» dessas epístolas joaninas). 3. O Apocalipse foi escrito por João, o «vidente», e não pelo «ancião» ou pelo «apóstolo», embora tivesse sido ele, por igual modo, um membro da escola joanina.

#### IV. DEPENDÊNCIA LITERÁRIA

1. *O Antigo Testamento*. O autor do livro de Apocalipse nunca cita diretamente o A.T., mas, em um total de quatrocentos e quatro versículos, duzentos e setenta e oito encerram alguma forma de referência ao A.T. Muito mais que todos os demais livros do N.T., pois, o Apocalipse depende do A.T. Foi observando isso que Márcion o rejeitou como autoritativo, já que cria ele que o judaísmo é opositor do cristianismo, e não seu progenitor. O autor não parece ter usado a Septuaginta, mas parece ter feito suas próprias traduções e paráfrases. Parte disso, porém, provavelmente foi influenciado pela leitura comum e popular da Septuaginta. Alguns eruditos supõem que ele tenha usado um manuscrito grego ou manuscritos hebraicos do A.T. diferentes do texto padrão da Septuaginta, conforme o mesmo chegou até nós; mas isso é menos provável do que o que diz a outra posição. Uma lista quase completa de alusões e citações parciais, extraídas do A.T., existentes no livro de Apocalipse,

aparecem no International Critical Commentary, na sua introdução ao livro de Apocalipse, seções lxxviii a lxxxvi. (Ver também as notas marginais do texto grego). O fato que o autor sagrado estava tão estribado no A.T. é uma das razões por que o livro de Apocalipse é tão fortemente «judaico» em seu caráter; mas isso não nos deve impedir de perceber a igreja nos capítulos quinto a décimo nono, conforme afirmam, erroneamente, alguns intérpretes. Pelo contrário, o «servo» do Senhor é ali um crente, e não um judeu de raça apenas, conforme normalmente se pensa, o qual haverá de passar pela grande tribulação.

2. *As Pseudepígrafas.* Uma vez mais, o autor sagrado não cita diretamente as obras pseudepígrafas. Mas é evidente que ele incorpora certas idéias e frases das mesmas, especialmente aquelas extraídas dos livros de Testamento de Levi, I Enoque e Assunção de Moisés. No comentário versículo por versículo que faremos, ficará demonstrado que algumas vezes é impossível compreender o que o autor quer dizer, a menos que haja alguma alusão a idéias encontradas nas obras pseudepígrafas. Como exemplo disso temos os «querubins» (ver Apo. 4:6), uma «grande espada» (ver Apo. 6:3), os «mártires como um sacrifício a Deus» (ver Apo. 6:9), o «altar no céu» (ver Apo. 6:9), o «mundo vindouro», o qual surgirá quando completar-se o número dos mártires (ver Apo. 6:11), as «vestes brancas», que simbolizam os corpos espirituais (ver Apo. 6:11, etc.), tudo o que são idéias tomadas por empréstimo daqueles livros antigos. (Ver alguns empréstimos tirados diretamente dos livros pseudepígrafas judaicos, em Apo. 2:7 (Testamento de Levi 12:11), 2:17 (Testamento de Levi 18:14), 4:1 (I Enoque 14:15), 4:6 (II Enoque 3:3 e Testamento de Levi 2:7), 6:11 (I Enoque 47:3,4), 6:12 (Assunção de Moisés 10:5), 7:1 (um conceito geral do primeiro livro de Enoque), 8:8 (I Enoque 18:13), 9:1 (I Enoque 86:1), 9:20 (I Enoque 99:7), 14:10 (I Enoque 48:9), 14:14 (I Enoque 46:1), 17:14 (I Enoque 9:4), 19:15 (Salmos de Salomão 17:26,27), 20:8 (I Enoque 56:5-8; IV Esdras 13:5,8,9,28-35; Ber. 7b, Targum de Jer. sobre Núm. 11:26), 20:13 (I Enoque 51:1), 22:2 (I Enoque 62:3,5).

3. *Outros livros da N.T.* O livro de Apocalipse foi escrito em uma época histórica em que vários livros neotestamentários já deveriam ter sido escritos. Abaixo apresentamos uma lista de sugestões: Apo. 1:1 (Mat. 24:6 e Luc. 21:9); 1:3 (Luc. 11:28); 1:4 (Col. 1:2); 1:5 (Col. 1:18); 1:5 (Gál. 2:20); 1:6 (I Ped. 2:9); 1:7 (Mat. 24:30); 1:16 (Mat. 17:2); 1:18 (II Cor. 6:9); 2:7 (Mat. 11:15; 13:9,43; Luc. 8:8; 14:35); 2:10 (Tia. 1:12); 2:20 (Atos 15:28); 2:24 (Atos 15:28); 2:24 (I Cor. 2:10); 3:3 (Mat. 24:42); 16:15 (Mat. 24:43); 3:8 (I Cor. 16:9); 3:14 (Col. 1:18); 3:17 (Col. 1:27); 3:21 (Col. 3:1); 5:5 (Luc. 7:13 e 8:52); 6:4 (Mat. 10:34); 6:2-17; 7:1 (Mat. 24:6,7); 6:10 (Mat. 24:29); 6:15,16 (Luc. 23:30); 6:17 (Luc. 21:36); 7:3 (Efé. 4:30); 7:17 (I Ped. 2:25); 9:20 (Luc. 18:11); 11:3 (Luc. 4:25); 11:15 (Mat. 4:8); 12:9 (Luc. 10:18); 13:8 (I Ped. 1:19,20); 13:11 (Mat. 7:15); 14:4 (Luc. 9:57); 14:7 (Atos 4:24 e 14:15); 14:13 (I Tes. 4:16); 17:14 (I Tim. 6:15); 16:14 (Mat. 20:16 e 22:14); 18:4 (II Cor. 6:17 e Efé. 5:11); 18:24 (Luc. 11:50); 19:7 (Mat. 5:12); 19:9 (Luc. 14:16); 21:4,5 (II Cor. 5:17); 21:10 (Mat. 4:8); 22:21 (encerramento de epístolas paulinas e do livro aos Hebreus, ver também Efé. 6:24 e Col. 4:18).

#### 4. Outras fontes: astrológicas, numerológicas e cabalísticas

O judaísmo helenista continha muitos elementos da astrologia, da numerologia e de várias formas de misticismo, em parte tomados por empréstimo de vizinhos pagãos, mas adicionados e modificados pelos místicos judeus. O intrincado simbolismo dos números, no livro de Apocalipse, não pode deixar de refletir algo dessa atividade; e como explicações do que significam esses números, podemos apelar para as tradições místicas judaicas que contêm escritos dos rabinos cabalistas. A angelologia do livro de Apocalipse também envolve certas adaptações de idéias astrológicas da época. Os anjos que aparecem como governantes de nações, em esferas celestiais e terrenas, ou que governam os ventos, as estrelas e as manifestações celestes, eram conceitos comuns, que foram tirados da astrologia e adaptados. Não se tem certeza sobre o que o autor do livro de Apocalipse quer dizer com o uso que faz de anjos, etc., como se o uso fosse o mesmo que havia nos sistemas astrológicos; mas ao menos parte desse uso tem paralelos verbais com aqueles sistemas. Seja como for, o autor sagrado se valeu de certas expressões e usos que eram usuais na linguagem da astrologia da época. (Quanto à «influência astrológica que havia no judaísmo posterior», ver as notas

expositivas em Col. 2:8, onde há provas disso. Como exemplos desse uso neste livro, ver Apo. 1:20; 2:1, 4:4,6, 5:11, 7:1, 8:2; 12:1, 14:18; 15:1; 16:1; 16:5; 18:1 e 20:11).

Como um pregador moderno pode ilustrar um sermão com uma referência «astronômica», assim João o vidente usava, às vezes, a astronomia do tempo dele (que pelas definições modernas é astrologia). Não é importante saber, se João aceitava certas dessas idéias como verdadeiras ou não. Elas serviam como um bom veículo de comunicação.

#### V. DATA

É certo, com base no próprio livro, que o Apocalipse foi escrito durante um período de tremenda perseguição contra a igreja, por parte do império romano. No entanto, tem sido motivo de disputas qual o imperador romano que governava quando o livro foi escrito. Abaixo apresentamos as principais idéias a respeito:

A data anterior. Alguns estudiosos têm situado a escrita deste livro já nos dias de Nero (54 - 68 D.C.). Porém, certas referências neste próprio livro—Apo. 13:3,12,14 e 17:8,10, que os primeiros cristãos consideraram como predições de um «Nero redivivus» ou «Nero Ressurrecto», o qual voltaria ao poder, na qualidade de anticristo, mostram que tal imperador já estava morto, quando o Apocalipse foi escrito. Tal doutrina dificilmente teria sido criada antes do falecimento de Nero, e isso exige uma data posterior ao ano 70 D.C., para a escrita deste livro.

Presumivelmente, o trecho de Apo. 17:10 nos fornece um meio de datarmos a escrita deste livro com exatidão. Quando o escritor sagrado escrevia sua obra, cinco imperadores romanos já haviam morrido, o sexto estava reinando, e se esperava um sétimo; e então surgiria um «oitavo», que seria o último imperador. O problema nisso envolvido, entretanto, é que não sabemos como se devem contar os cinco imperadores; também houve consideravelmente mais de sete ou oito imperadores, antes do império romano terminar, quanto a dúvidas sobre quando se deve começar a contá-los, deveríamos começar a contagem com Júlio César? Nesse caso poderíamos nomear Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Oto, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano. Nesse caso, Cláudio seria o quinto, e Nero seria o imperador dos dias em que o livro foi escrito. A maioria dos intérpretes crê que os três antecessores imediatos de Vespasiano deveriam ser omitidos, porque seu governo foi breve e sem grandes acontecimentos. Nesse caso, o quinto continuaria sendo Cláudio, o sexto seria Nero, e, assim sendo, o livro deve ter sido escrito antes de 70 D.C. Outros estudiosos, porém, começam contando com Augusto, como se fora o verdadeiro primeiro imperador romano, ficando omitidos os três mencionados acima, no qual caso chegaríamos a Vespasiano, como o sexto imperador, que então estaria governando. Nesse caso, Vespasiano aparece como o poder maligno que então reinava. Foi ele quem iniciou o cerco contra Jerusalém. E Tito, seu filho, foi aquele que terminou o cerco, sendo ele o sétimo governante do império. E Nero resurrecto seria o «oitavo» monarca, o anticristo, presumivelmente o último dos governantes de Roma; pois a destruição do império romano, tal como a «parousia» ou segundo advento de Cristo era esperada para breve, até mesmo enquanto os crentes primitivos ainda viviam.

Pode-se ver, pois, que dependendo do modo como manuseamos a lista, Nero, Galba ou Vespasiano podem ser o sexto governante, durante o qual tempo o Apocalipse parece ter sido escrito. Os trechos de Apo. 6:9 e 11:1,2 podem indicar que o templo de Jerusalém continuava de pé quando o livro foi escrito, o que significa que este livro deve ter sido composto antes do ano 70 D.C. Epifânio (ver *Haer.* li. 12) atribui a esse livro uma data ainda anterior, isto é, ao tempo de Cláudio.

A data posterior. A maioria dos eruditos, a despeito das razões acima expostas, baseando-se no que diz o próprio Apocalipse, apontam para Domiciano como o governante durante o qual tempo foi escrito este livro. Nesse caso, o trecho de Apo. 17:11 seria um oráculo judaico originalmente, incorporado no Apocalipse, embora ignorando qualquer contagem exata, por assim dizer, arbitrária, o que faria de Domiciano o sexto imperador, o qual então governava. Nesse caso, «Nero resurrecto» presumivelmente seguiria o sétimo governante (cujo nome foi dado), o qual seria o anticristo. Ou ainda o Nero resurrecto seria o sétimo, e o próprio Domiciano, que veio mais tarde, seria reputado uma reencarnação do Nero resurrecto, o qual, apesar de «ser dos sete», seria o «oitavo».



Porém, visto que Nero e Domiciano formavam uma única personalidade, uma contagem estrita resultaria em apenas sete imperadores. Pelo menos é certo que alguns dos súditos de Domiciano o chamavam de «outro Nero». (Ver Juvenal, *Sátiras* iv.37.38; Marcial, *Epigramas* 1.33).

Por mais confuso que seja esse quadro, se Domiciano foi o imperador reinante quando este livro foi escrito, então sua data deve ser situada algum tempo antes de 96 D.C.

Ainda há uma outra proposta que apresenta Domiciano como o sexto governante, ou seja, aquele em foco quando este livro foi composto. É possível que o autor sagrado tivesse em mente somente aqueles governantes mortos, quando o senado romano os declarara deuses, objetos próprios à adoração. Nesse caso, os governantes em foco seriam César, Augusto, Cláudio, Vespasiano e Tito. Domiciano, pois, seria o sexto imperador, ao passo que o anticristo nerônico seria o sétimo.

*Uma data ainda mais posterior.* Também se tem sugerido o reinado de Trajano (98 - 117 D.C.) como o tempo em que foi escrito este livro. Sabemos que Trajano ordenou severa perseguição contra os crentes, pois isso fica claro nos escritos de Plínio, o Moço, governador da Bitínia em cerca de 111 - 113 D.C. Nesse caso, seria impossível apelarmos para a passagem de Apo. 17:10, porque sob hipótese nenhuma Trajano seria o sexto governante. Além disso, neste tempo o cristianismo se tornara uma religião «ilegal», não havendo qualquer evidência de que essa condição existia quando o Apocalipse foi composto. Os «imperadores» eram «deuses» que deviam ser adorados; mas não parece que então já havia qualquer decreto formal contra a fé cristã.

*Irineu e Eusébio afirmam categoricamente* que o Apocalipse foi escrito no tempo de Domiciano. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* iii.18.3 e Irineu, *Adv. Haer.* v.30.3). Esse testemunho foi aceito sem hesitação por Clemente de Alexandria, Orígenes e Jerônimo. Os trechos de Apo. 6:9 e 11:1.2 poderiam subentender que o templo e a cidade de Jerusalém continuavam de pé quando este livro foi escrito; apesar de que poderia ter havido alusões naturais ao templo e à cidade conforme eles existiam antes, sem apontar para o estado em que então existiam.

A data do Apocalipse, na história da interpretação. Os intérpretes têm favorecido três períodos, a saber: 1. O reinado de Nero. Assim pensavam Baur, Reuss, Hilgenfeld, Lightfoot, Selwyn, B.W. Henderson. A data nerônica, entretanto, dificilmente pode ser sustentada de pé, à luz do trecho de Apo. 17:10,11, segundo se aclara acima a questão. 2. Dependendo de como manusearmos a lista dos imperadores romanos, é possível a data correspondente ao imperador Vespasiano. Nada absolutamente fatal pode ser dito contra isso, exceto que não há provas históricas de que Vespasiano perseguiu aos cristãos. Não tomava a sério suas próprias reivindicações de «divindade», e nem jamais compeliu alguém a adorá-lo, e nem perseguiu aos que se negassem a fazê-lo. Tertuliano declara especificamente que os cristãos não foram perseguidos durante o reinado de Vespasiano, como também não houve grande perseguição sob Tito, seu filho. Contudo, eles começaram e terminaram o cerco de Jerusalém, sendo possível que as crueldades então perpetradas tivessem inspirado um livro como o de Apocalipse, embora isso não seja muito provável. Os «cristãos» perseguidos é que precisavam do encorajamento dado por uma «revelação». 3. Domiciano foi chamado de *Nero calvo* e de «segundo Nero», por Marcial. A história mostra a ferocidade de sua perseguição contra os cristãos. Considerando-se todos os fatores, quase todos os intérpretes, antigos e modernos, têm chegado à conclusão que o Apocalipse foi escrito durante esse tempo, ou seja, pouco antes do término do primeiro século de nossa era. As cartas às sete igrejas do Apocalipse também confirmam uma data posterior. A cidade de Esmirna não contava com nenhuma comunidade cristã ao tempo de Nero. Isso é confirmado na epístola de Policarpo aos *Filipenses* xi. O culto ao imperador (obrigatório para todos os cidadãos romanos) não parece ter sido posto em vigor até aos dias de Domiciano; e o livro de Apocalipse quase certamente reflete tal circunstância. Mas nos seus dias tal culto passou a ser considerado prova de lealdade ao imperador; e por causa disso, seguiram-se perseguições intensas contra os cristãos, totalmente desconhecidas nos dias de Vespasiano.

## VI. PROVENIÊNCIA E DESTINO

Proveniência. O trecho de Apo. 1:9 identifica o lugar «de onde» a epístola foi enviada, o lugar de sua posição — a ilha de Patmos. Tal informe deve ser aceito como real, a menos que se

suponha que tais toques sejam meros artifícios literários. Nada há contra a idéia que João, o vidente, um dos principais líderes da igreja cristã de Éfeso, homem bem conhecido entre todas as igrejas da Ásia Menor, tenha sido banido para Patmos devido à sua fé cristã, e que ali ele escreveu esta obra. Sua reclusão e sofrimentos, entretanto, talvez tivessem provocado suas visões. Patmos é uma ilha que fica a cinquenta e seis quilômetros ao largo da costa sudoeste da Ásia Menor (moderna Turquia), 30° 20' leste. Essa ilha tem cerca de treze quilômetros, e em alguns lugares chega a ter seis quilômetros e meio de largura. Compõe-se de colinas vulcânicas escarpadas. Atualmente pertence à Grécia.

*Destino.* O destino também é claramente afirmado em Apo. 1:4, bem como em seus capítulos segundo e terceiro, a saber, as «sete igrejas» da Ásia Menor. Provavelmente uma cópia do livro foi enviada para cada uma delas, e não apenas as cópias individuais das pequenas cartas. As igrejas foi ordenado que lessem a composição inteira (ver Apo. 1:3). Na Ásia Menor havia maior número de igrejas do que apenas aquelas sete, e podemos supor que não demoraram a receber cópias da mesma. Alguns estudiosos têm pensado que essas sete igrejas representam sete períodos distintos da história da igreja; mas isso é repellido por outros. Seja como for, representam as principais condições que podem ser encontradas na igreja universal, em qualquer período de história. É interessante a observação que o Apocalipse foi aceito como autoritário, isto é, «canônico», inicialmente na Ásia Menor. (Ver a seção II da presente introdução).

## VII. MOTIVO E PROPÓSITOS

*Motivo.* Deve ser óbvio, por aquilo que foi dito nas seções I e V desta introdução, que o «motivo» que provocou a escrita deste livro foi uma grande perseguição tão severa que os cristãos primitivos só poderiam pensar que viviam nos dias imediatamente anteriores à «parousia» ou segundo advento de Cristo. A maioria dos estudiosos crê que essa foi a perseguição movida por Domiciano, o «segundo Nero», que houve pouco antes do fim do primeiro século de nossa era. A literatura apocalíptica tem a característica de tentar «saltar por cima» das crises presentes a fim de dirigir a mente dos fiéis para um futuro triunfo sobre os inimigos, com o estabelecimento da retidão. A última declaração do Apocalipse promete o retorno de Cristo para «breve». Em meio à morte e à destruição, os discípulos de Cristo esperavam o breve cumprimento das promessas referentes à «parousia». Dentre o reinado de Domiciano esperavam o aparecimento do anticristo para breve. O anticristo será a concretização do mal absoluto, pois ele será o servo perfeito de Satanás (ver o décimo terceiro capítulo deste livro). E os cristãos primitivos criam que uma vez que se estabelecesse seu império mundial, logo Cristo voltaria, a fim de destruir o seu ímpio império. Este livro, portanto, foi escrito a fim de encorajar aos cristãos, pois o fim parecia bem próximo, ou seja, o «começo» do fim, o que eles podiam observar pessoalmente com facilidade. Este livro, pois, infunde «esperança» aos crentes que sofriam, lembrando-os sobre o «mundo eterno» que eventualmente seria estabelecido, ao passo que os reinos humanos, caracterizados pela cobiça e pelo poder, seriam reduzidos a nada.

Domiciano decretou o «culto ao imperador» de um modo que seus predecessores nunca tinham feito. Ele fez disso uma prova de lealdade ao império. Os cristãos, naturalmente, se recusavam a adorar ao imperador como se fosse um «deus», e as consequências disso foram desastrosas para os crentes. Desenvolveu-se até mesmo o culto à família dos Flávios, na qual se encarnaria a natureza divina da família de Domiciano. Mediante sua suposta divindade, além de sua «ascendência divina», procurou estabelecer um governo absoluto sobre os corpos e as almas dos homens. Promoveu ele a sua «divindade» através de holocaustos públicos. Os espectadores que viaassem seus gladiadores eram executados, sob a alegação que tinham mostrado falta de respeito, para com sua natureza divina. Os próprios cortesãos de Domiciano tinham de chamá-lo «Senhor e Deus». Ao seu próprio leito ele, ridiculamente, chamava de «leito de um deus»; as festividades por ele instituídas eram denominadas «banquetes sagrados», e até o peixe servido nesses banquetes era considerado «sagrado». (Ver o artigo de Donald MacFayden, *The Occasion of the Domitianic Persecution*, American Journal of Theology, xxiv, 1920, pág. 46 - 66, quanto a detalhes a esse respeito).

A história confirma a violência de Domiciano ao pôr em vigor todos os aspectos do «culto ao imperador». Não somente

perseguiu aos cristãos, mas também mandou matar e banir a políticos, filósofos e até mesmo membros de sua família que parecessem oferecer-lhe resistência. Mandou executar seu primo, o cônsul Clemente, porque este parecia haver adotado o modo de vida judaico, o que, segundo pensava Domiciano, fizera dele um «ateu». Os livros de I Clemente, escritos de Roma, e Hebreus, escrito a cristãos romanos, evidenciam claramente as tremendas perseguições dessa época da história.

**Propósitos.** O propósito imediato da composição deste livro foi o de contrabalançar o temor e o desespero que, naturalmente, tomou conta da igreja cristã, o que talvez conduziu alguns à apostasia. Pois este livro mostra que o Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro governante, o qual, finalmente, haverá de esmagar os poderes malignos, ao estabelecer o seu reino. Naquele tempo pensava-se que esse reino seria estabelecido dentro em breve (ver Apo. 22:20); assim sendo, havia boas razões para os crentes se encorajarem a sofrer pelo bem, como espírito triunfal até. O autor sagrado assegura a seus leitores que sem importar quão negra fosse a noite, o Dia estava próximo, o qual também os vingaria das perseguições que experimentavam, porquanto o «direito» seria universalmente estabelecido, ao qual pregavam e no qual criam.

Os demais propósitos deste livro, paralelos ao principal propósito, descrito no parágrafo acima, são os seguintes:

1. Autoridade absoluta de Cristo, como o Alfa e o Ômega de toda a existência humana (ver Apo. 1:8 e 22:13). Portanto, há somente um verdadeiro objeto de nossa adoração, que não é nenhum imperador romano.

2. O autor sagrado tencionava ensinar muitas lições morais à igreja, corrigindo vários lapsos e erros, além de encorajar às igrejas da Ásia Menor, e, através disso, a igreja cristã inteira (ver os capítulos dois e três deste livro). Nem mesmo os tempos de crise e perseguição podem desviar nossos olhos da absoluta necessidade de um andar santo, da lealdade pessoal a Cristo, o qual é nosso Senhor.

3. Tencionava ele, por semelhante modo, descrever os horrendos acontecimentos que terão lugar nesta terra que refletirão, especialmente, as condições dos «últimos dias», ainda que, sem dúvida alguma, isso tivesse alguma aplicação à igreja primitiva, bem como à igreja cristã de todos os séculos. Não podemos deixar de sentir que as predições deste livro aludem, essencialmente, aos verdadeiros «últimos dias», isto é, ao tempo que precederá imediatamente à segunda vinda de Cristo, que falam sobre a «grande tribulação». Portanto, o Apocalipse é um paralelo claro do vigésimo quarto capítulo do evangelho de Mateus e do décimo terceiro capítulo do evangelho de Marcos. O autor sagrado cria que vivia «imediatamente antes» do retorno de Cristo (ver Apo. 22:20), e sua mente foi focalizada sobre aqueles dias, a fim de que pudesse descrevê-los com exatidão. Mas ele cria que tudo sucederia durante seus dias ainda na carne. Nisso, porém, estava equivocado, embora isso em nada afete a validade de suas predições. Ele pensava que estava encorajando especificamente aos cristãos de seus dias; e isso certamente ele fez. No entanto, também encorajava àqueles que viverão nos verdadeiros «últimos dias», prefigurados pelo reinado de Domiciano. Os capítulos sexto a décimo nono nos fornecem as predições acerca do «tempo do fim».

4. Ao expor a doutrina do segundo advento de Cristo (ver o décimo nono capítulo deste livro), o autor sagrado mostrou, à vitória inteira, como é inevitável a vitória final de Deus e do seu Cristo. Pensava ele que veria pessoalmente a essa vitória, ainda em seu corpo mortal. Não sucedeu assim; mas isso não significa que sua doutrina não fosse veraz. Nós mesmos cremos, com base em predições contemporâneas, da parte dos místicos, que todos os eventos descritos no livro do Apocalipse ocorrerão até ao ano de 2037, e que nossa época é, realmente, o «fim dos tempos». (Ver o artigo existente na introdução a este comentário que fala sobre esse tema profético, onde essa tese é demonstrada).

5. O autor sagrado fornece-nos uma breve entrevisão sobre o estado eterno (ver os capítulos vigésimo a vigésimo segundo deste livro). Essa visão é breve, e certamente não é definitiva. Possuímos informações surpreendentemente escassas sobre a «eternidade». Deus tem tempo suficiente para ensinar essas questões a seu povo. Aquilo que sabemos, entretanto, reveste-se de grande significação. Deus e o bem, finalmente, triunfarão. O julgamento é real; a vida eterna é magnífica em suas bênçãos.

## VIII. O GREGO DO APOCALIPSE

Aqueles que já leram o livro de Apocalipse em seu original grego conhecem, em primeira mão, seu caráter ímpar, suas peculiaridades, e sua natureza freqüentemente bárbara. Sem dúvida, acima de todos os livros do N.T., demonstra desrespeito às regras da gramática grega. A despeito disso, trata-se de uma composição extremamente eloqüente, o maior de todos os «apocalipses». Consideremos os pontos seguintes:

1. *Gramática do Apocalipse.* Dionísio de Alexandria (265 D.C.), para quem o grego era língua nativa, chamado de «grande bispo de Alexandria» (por Eusébio), e de «mestre da igreja universal» (por Atanásio), o eminente pupilo de Orígenes, observou a má natureza do grego do Apocalipse, além de seus muitos barbarismos e hebraísmos. «Nenhum outro autor do Novo Testamento desrespeita tão freqüentemente os cânones de estilo, gramática e sintaxe. Contudo, em sua maior parte, esse desrespeito tem causado pouca ou nenhuma perda de clareza e inteligibilidade. Tudo isso sugere que o escritor era um cristão judeu, o qual não recebera educação segundo os moldes gregos; entretanto, disso não se deve concluir necessariamente que ele fosse nativo da Palestina, conforme alguns têm sugerido, porquanto os judeus estavam largamente disseminados pelo império (romano), havendo muitos deles na Ásia Menor» (Martin Rist, *Introduction to Revelation*, pág. 358). Isso sugere, entretanto, que o autor sagrado tinha o grego como uma segunda língua, como um idioma adquirido, e não como sua língua nativa. Isso não prova, mas sugere a *Palestina* como se lugar de origem, pois se o autor sagrado tivesse sido um judeu da dispersão certamente teria crescido sabendo o grego (tendo-o aprendido nas escolas e na rua). Nesse caso, ele saberia dominar mais perfeitamente o grego, tal como sucedeu no caso de Paulo, que sabia realmente falar dois ou três idiomas.

O leitor curioso, que souber algum grego, pode perceber alguns dos erros gramaticais do autor sagrado nas seguintes referências (embora essa lista não seja exaustiva): Apo. 1:4,5,10,15; 2:20; 3:12; 4:1,7,8; 5:6,11-13; 7:4; 9:5,13,14; 11:4,15; 12:5; 13:14; 14:3; 15:12; 17:16; 19:14,20; 20:2; 21:9. Todos esses exemplos envolvem casos de discordância em caso, gênero e número, no tocante a seus antecedentes, além de discordâncias entre os sujeitos e verbos. A maioria desses casos pode ser explicada pelo fato que o autor sagrado pensava em aramaico mas escrevia em grego; suas concordâncias não eram aquelas comuns ao idioma grego. A coisa mais completa que se tem escrito sobre o problema do grego usado no livro de Apocalipse, pode ser encontrada na introdução ao Apocalipse, no *International Critical Commentary*, de autoria de R.H. Charles. Na sua seção xiii ele apresenta uma «gramática» do grego deste livro, além de uma lista de inúmeros erros e usos duvidosos, a maioria dos quais se devem ao fato que ele pensava em aramaico e escrevia em um idioma que não lhe era nativo. Na seção x dessa citada gramática, ele mostra que, algumas vezes, o grego só pode ser compreendido se for reconstituído o aramaico por detrás do mesmo.

2. *Hebraísmos do Apocalipse.* A introdução citada acima, de autoria de R.H. Charles, fornece dez páginas repletas de hebraísmos. Essas páginas demonstram conclusivamente o quão firmada estava a mente do autor sagrado no idioma e no pensamento aramaicos. O «tipo de grego» assim produzido não é um grego «bíblico», conforme se vê no caso da tradução da Septuaginta (versão grega do original hebraico do A.T.), e, sim, um grego *sui generis*. Dentre os quatrocentos e quatro versículos que há no livro de Apocalipse, o autor sagrado faz alusão ao A.T. em duzentos e setenta e oito deles; mas seu grego não foi tomado por empréstimo da Septuaginta.

3. *Caráter ímpar do Apocalipse.* O Apocalipse, conforme já dissemos, não é um exemplar do «grego bíblico». O autor sagrado parece ter feito suas próprias traduções, quando aludia a trechos do A.T. As similaridades com a versão da Septuaginta se deve, provavelmente, a «empréstimos» ocasionalmente feitos pelo autor. Pensando em aramaico, mas escrevendo em grego, juntamente com seus muitos «solecismos» (Charles apresenta mais de vinte referências que contêm «solecismos»), ele produziu um grego «sem-par», que não pode ser comparado ao grego da daquele período, mesmo quando sujeito a influências hebraizantes. Ele produziu expressões tipicamente aramaicas com palavras gregas, conforme alguém naturalmente seria levado a fazer, ao lançar mão de um idioma estrangeiro. E, é evidente que ele não mandou que a sua obra

fosse «revisada» por alguém cujo idioma nativo fosse o grego, embora muitíssimas correções gramaticais possam ser encontradas em manuscritos posteriores do N.T., que a aprimoram. Ao apresentar seu estudo sobre as expressões aramaicas, existentes no livro de Apocalipse, Charles alista nove casos em que ele crê que deu ao texto sagrado um melhor sentido, reconstituindo os «pensamentos aramaicos» do autor sagrado, que escreveu em grego artificial (parte «h» da seção x de sua introdução ao Apocalipse).

«Ele (o autor sagrado) nunca dominou idiomáticamente o grego—nem mesmo o grego de seu próprio período. Para ele, um grande número de partículas gregas era desconhecido, e as multiformes sombras de sentido que elas expressam, nas suas diversas combinações, nunca foi entendido, ou então essas partículas foram compreendidas de forma mui parcial. Por outro lado, ele é mais exato no uso de expressões idiomáticas do grego do que o autor do quarto evangelho. Não obstante, suas muitas expressões incomuns e jamais ouvidas, o livro (de Apocalipse) não tem rival em sua própria forma literária, ao mesmo tempo que, na literatura de todos os tempos, conquistou um lugar ao sol». (R.H. Charles, pág. cxliv, *Introduction to Revelation*, The International Critical Commentary).

«Juntamente com Marcos, no nível do 'koiné' não-literário, devemos colocar o último livro do N.T. Já desde os meados do século III, Dionísio de Alexandria (conforme diz Eusébio em sua História Eclesiástica VII.25,26) dizia que o grego do livro de Apocalipse é bárbaro e não-gramatical. Desde os tempos desse pai da igreja, que estava familiarizado com os padrões de um 'bom' grego, todo erudito que tem trabalhado com o texto grego do Apocalipse tem-se admirado com suas freqüentes violações das regras de concordância da gramática e da sintaxe do grego... Outra peculiaridade lingüística é a ocasional desconexão pelos gêneros (ver o texto grego de Apo. 1:10; 4:1,8; 11:4; 19:20, etc.). Visto que noutras passagens o autor se mostra correto na observação dos gêneros, alguns desses exemplos podem ser justificados como questões de indiferença ou descuido, ao passo que outros são devidos ao fato que ele pensava em um idioma semita, ao mesmo tempo que escrevia em grego.

A despeito da presença de tão ousada desconexão pelas regras ordinárias da sintaxe grega, ao livro de Apocalipse não falta poder literário. Certas passagens solenes e sonoras, que são dotadas de um ritmo quase poético (ver Apo. 4:11 - 5:10; 7:15-17; 11:17,18; 15:3,4; 18:2-8,19-24, etc.), têm um perceptível tom miltônico, que se assemelha à voz de um órgão, o que transparece até mesmo na sua tradução inglesa». (Bruce M. Metzger, *The Language of the New Testament*, artigo introdutório ao Novo Testamento, no *Interpreter's Bible*).

## IX. O TEXTO GREGO

A confirmação, por parte de manuscritos antigos, ao texto do livro de Apocalipse, é mais fraca que a relativa a qualquer outro livro do N.T. No entanto, essa confirmação ao Apocalipse original é mais forte que aquela relativa a qualquer obra extrabíblica da antigüidade. Sabe-se bem que o N.T. é o mais bem confirmado documento dos tempos antigos. Há mais de cinco mil manuscritos gregos, mais de dez mil traduções latinas, e numerosas outras traduções e extensas citações feitas pelos primeiros pais da igreja, através das quais quase o N.T. inteiro pode ser reconstituído, e que não pertencem a data posterior ao século III D.C. Outrossim, os manuscritos que existem pertencem a uma data bem mais próxima dos originais do que se dá no caso de qualquer outro documento antigo.

Portanto, apesar de que há muitas variantes e alguns problemas textuais difíceis, a restauração do texto original do livro de Apocalipse tem sido realizada com alto grau de exatidão. Entre os cinco principais manuscritos unciais há mais de mil seiscientos e cinquenta variantes; e as variantes dos manuscritos cursivos posteriores, naturalmente, são muito mais numerosas do que isso. Contudo, na maioria dos casos, os textos originais podem ser restaurados com alto grau de confiança. Quando Erasmo compilou o *Textus Receptus*, de onde surgiu o primeiro texto impresso do N.T. grego, e de onde se tem derivado a maioria das primeiras traduções do N.T. para diversos idiomas, ele tinha à sua disposição apenas um manuscrito grego, chamado códex 1, um minúsculo (ou cursivo) do século XII ou XIII. Esse manuscrito é ao mesmo tempo inexato e defeituoso. Não havia testemunho em favor

do trecho de Apo. 22:16-21, e Erasmo foi forçado a suprir esse trecho do latim, que transcreveu para o grego. Edições posteriores do texto grego, como as de Tischendorf, Weiss, Westcott e Hort e o Texto de Nestle, além do N.T. grego das Sociedades Bíblicas Unidas, mostram-se muito mais exatas, baseadas como estão em testemunhos mais antigos.

Os principais testemunhos sobre o texto grego do livro de Apocalipse, de que dispomos em nossos dias, e que servem de fontes para os modernos textos gregos, como os de Nestle e o das Sociedades Bíblicas Unidas, são os seguintes:

P(18), um manuscrito escrito em papiro, datado dos séculos III ou IV D.C., e que contém o trecho de Apo. 1:4-7.

P(47), um manuscrito escrito em papiro, datado do século III D.C., que encerra a passagem de 9:10 - 17:2.

Aleph, um manuscrito escrito em pergaminho, pertencente ao século IV D.C., intitulado «Sinaitico», que é um dos testemunhos centrais de todo o N.T. Esse manuscrito pode ter sido um dentre cinquenta cópias do N.T. que Eusébio produziu, por ordem de Constantino e contém o livro completo do Apocalipse. Infelizmente, o códex Vaticanus (B) não contém o texto sagrado depois da passagem de Heb. 9:14, pelo que não pode dar testemunho sobre o texto do livro de Apocalipse. (Quanto a informações gerais sobre esses manuscritos, bem como ao estudo geral e à teoria da crítica textual, ver o artigo sobre esse tema, na introdução ao comentário).

Códex A. Esse manuscrito é uncial, escrito em pergaminho, e data do século V. D.C. É chamado «Alexandrino». Ali o Apocalipse aparece completo. A maioria dos críticos textuais acredita que é o texto mais puro dentre todos os manuscritos do Apocalipse. Porém, Aleph, os papiros, e C, estão em consonância essencial, formando um bloco de manuscritos que confirmam o mesmo texto geral, o mesmo tipo de texto.

Códex C. É chamado «Ephraemi», um manuscrito em pergaminho, pertencente ao século V, defeituoso em muitos lugares; mas foi restaurado em certos trechos, nos quais concorda essencialmente com os papiros, Aleph e A.

0207 é um manuscrito uncial escrito em pergaminho, pertencente ao século IV D.C., que também concorda com os testemunhos acima, pertencente ao mesmo tipo, embora não contenha o livro inteiro do Apocalipse.

Os manuscritos unciais 046 (datado dos séculos VIII ou IX D.C.) e P (datado do século X D.C.), além de grande número de manuscritos minúsculos, derivados de após o século IX D.C., representam o texto bizantino ou eclesiástico do livro de Apocalipse, que veio à existência mediante a mescla de vários textos, adições escritas e correções (algumas vezes feitas no mau grego do original). Esse texto mesclado, entretanto, como é óbvio, é inferior ao dos demais papiros e manuscritos unciais. Mas foi esse texto, em sua forma posterior, representada pelo códex 1, que foi usado para a compilação do *Textus Receptus* de Erasmo.

Variantes Textuais comentadas neste comentário. Abaixo damos os lugares onde figuram as variantes textuais mais importantes do livro de Apocalipse, na exposição do livro, versículo por versículo: Apo. 1:5,6,8,11,15; 2:2,10,13,16,20, 22-23; 3:2,5,7; 5:1,4,6,9,10,13,14; 6:1-5,7,8,11,12,17; 7:12,17; 8:1,6-8,13; 9:7,10,12,13,19-21; 10:4,5-7,10; 11:2,3,12,15,17-19; 12:10,18; 13:1,6,7,15,17,18; 14:3,5,6,8,13,18-20; 15:2,4,6; 16:1,4,16,18; 18:2,3,7,8,11,13,14,17,20,22; 19:5-7,11,12,13, 17; 20:2,6,9,12; 21:3-6,10; 22:5,11,14,19,21.

## X. VISÃO GERAL DO CONTEÚDO: ANÁLISE; CON—CEITOS DE ARRANJO

### Análise.

1. O livro de Apocalipse começa com uma declaração de sua autoridade divina (o único livro do N.T. que contém tal assertiva), copulada a uma promessa de bênção para aqueles que ouvirem a leitura pública do livro (nas igrejas locais) e para aqueles que o lerem. Essa declaração é, ao mesmo tempo, uma explicação do tema do livro, isto é, Jesus Cristo, o Alfa e o Ômega da existência de todos os seres inteligentes. (Ver Apo. 1:1-3).

2. Isso é seguido pela saudação geral às sete igrejas da Ásia Menor, que seriam as primeiras a receber o livro. O próprio Cristo é visto a saudar a igreja, juntamente com João, além de ser retratado como o Alfa e o Ômega, o verdadeiro objeto de adoração, em contraste com os imperadores romanos, como Domiciano, que requeriam tal adoração dos súditos romanos. Essa saudação promete a *parousia* ou segunda vinda de



Cristo, dando a entender a conversão do povo de Israel. (Ver Apo. 1:4-8; comparar com Rom. 11:26 e ss.).

3. A seção seguinte localiza o lugar onde foi recebida a visão—Patmos, a cinquenta e seis quilômetros ao largo da costa da Ásia Menor (moderna Turquia), além de descrever o aparecimento e a glória de Cristo, conforme ele se mostrou a João e conforme o Apocalipse teve início. (Ver Apo. 1:18-29).

4. Sete cartas são dirigidas às sete igrejas, que originalmente receberam o livro, cada uma das quais cartas descreve as condições da igreja particularmente endereçada, com instruções, advertências e promessas. Essas cartas talvez profetizem sete períodos da história eclesiástica, mas certamente refletem as condições reais da igreja cristã, quando o livro foi escrito. (Ver Apo. 2:1 - 3:22).

5. A substância geral do livro de Apocalipse, que é a cena nos céus (ver seu quarto capítulo), onde se vê a glória celestial de Cristo, e em cuja mão aparece o rolo selado com sete selos, dá a substância geral das revelações a serem desdobradas nas narrativas subsequentes. Somente o exaltado Senhor e Cordeiro, que é Cristo, é digno de quebrar os selos e publicar a sua mensagem (ver o quinto capítulo do livro). Cinco selos, que revelam horrendos juízos, são abertos (ver o sexto capítulo do livro).

6. O capítulo sete é um parêntese que explica que todo o grupo dos mártires será selado (talvez o *novo Israel* ou o «antigo Israel fiel ao Senhor»), que literalmente envolve cento e quarenta e quatro mil pessoas, ou um número representado por essa quantidade. Esses mártires são vistos em adoração e serviço celestiais. Serviram bem em sua missão terrena, e agora estão exaltados. O selo de Deus garante tanto seu martírio bem-sucedido como sua salvação e sua subsequente glória divina. Eles «pertencem» a Deus por causa dessas coisas, e foram «selados» por causa das mesmas. O nono versículo mostra que o período de tribulação também será um período de grande número de salvação, porquanto muitíssimas pessoas encontrarão a Cristo em meio às tribulações.

7. O oitavo capítulo volta a falar sobre o partir dos selos do rolo. Do sétimo selo emerge o julgamento das sete trombetas. No oitavo capítulo são soadas quatro dessas trombetas, e terríveis julgamentos caem sobre a terra. Acerca do «tempo» em que tais julgamentos terão lugar (juntamente com tudo o que é descrito nessa análise), ver as várias formas de interpretação, na seção XII da presente introdução. O oitavo capítulo encerra o julgamento das quatro primeiras trombetas.

8. O nono capítulo encerra os julgamentos da quinta e da sexta trombetas, por causa dos quais é destruído um terço da população da terra.

9. O autor interrompe sua descrição dos horrores o bastante para descrever o julgamento iminente, pior do que tudo quanto até então vinha sendo descrito, mediante o símbolo do «livrinho» ou «rolo», que é um escrito profético de total condenação para os ímpios. Era «doce» em sua boca, quando o «comia», porque os poderes malignos haveriam de ser transformados, o que será benéfico para toda a criação. Mas era «amargo» em seu estômago, porque falava de terrores que serão sofridos pelos homens (ver o décimo capítulo).

10. O décimo primeiro capítulo também é parentético. Descreve as duas testemunhas que atuarão durante a tribulação. Talvez simbolizem alguma coisa, ou podem ser pessoas literais, como «Enoque e Elias», *Elias e Moisés*, etc. As duas testemunhas darão seu testemunho durante mil duzentos e sessenta dias, serão mortas e ressuscitarão. Esse incidente visa demonstrar que aqueles a quem Satanás mata, por terem sido fiéis a Cristo, deverão viver em triunfo. E isso é verdade se nos referirmos às perseguições do tempo de Nero e Domiciano ou aos horrores da vindoura tribulação, ao fim da era presente, imediatamente antes da segunda vinda de Cristo.

11. O trecho de Apo. 11:15-19 encerra o soar da sétima trombeta, do que resultarão os juízos finais das taças de ira, com suas sete condenações ou «ais».

12. Os capítulos doze e treze descrevem sete personagens de grande importância para os futuros acontecimentos, descritos no Apocalipse. Esses personagens são: Israel (a mulher); Satanás, o destruidor; Cristo (o filho de Israel); o arcanjo Miguel e sua luta nos céus, em favor do bem, o que provocará a queda de Satanás e seus poderes angelicais; a descendência de Israel, o remanescente judaico, que, figuradamente, talvez também inclua o *novo Israel*; e a «besta que saiu do mar» e a

«besta que saiu da terra», ou seja, o anticristo e seu falso profeta, já no décimo terceiro capítulo. É interessante que profecias místicas confirmam que esse dois personagens já estão vivos. De acordo com essas mesmas previsões, veremos o início de sua manifestação por volta do ano de 1993. (Ver as notas expositivas sobre o «anticristo», em II Tes. 2:3).

13. O capítulo catorze encerra um outro parêntese. Contrasta os adoradores da besta; o anticristo, com os discípulos fiéis de Cristo, o Cordeiro. Ao invés de adorarem ao imperador (Domiciano) e, profeticamente, ao anticristo, eles adoram ao Filho de Deus. Esses, embora tenham morte terrível, serão abençoados com a vida eterna, em contraste com os adoradores do anticristo, que aguardam a segunda morte. Antes disso, terão de sofrer os terrores do Armagedom.

14. O décimo quinto capítulo introduz os juízos das sete taças, com uma cena celeste que preparará o caminho para tais julgamentos. Nos céus são vistos aqueles que triunfarão sobre a besta, sobre sua marca, seu número e seu aterrorizante reinado, porquanto entraram no descanso, na presença de seu Senhor.

15. O décimo sexto capítulo descreve os juízos das sete taças, bem como uma nova série indizivelmente severa de julgamentos, que sobrevirão ao mundo, em prodigiosa demonstração da ira de Deus.

16. Das sete taças emergiram as sete «condenações». A primeira, que é a da Babilônia (Roma), mas que profetiza a esfera de governo do anticristo, ocupa os capítulos dezessete e dezoito.

17. Antes do reinício das «condenações», o décimo nono capítulo descreve as quatro «aleluias» dos santos glorificados. E isso é seguido por uma visão do hino do casamento do Cordeiro e sua noiva (a igreja). Poderíamos arranjar o trecho de Apo. 17:1 - 19:10 em «sete visões», todas as quais envolvem «Roma», a saber: 1. a prostituta; 2. interpretação da prostituta e da fera (ou besta); 3. proclamação angelical sobre a queda de Roma; 4. exultação dos santos e lamento dos povos em face da queda de Roma; 5. lamentação final sobre a cidade; 6. as «aleluias» dos santos; 7. hino matrimonial.

18. Seguem-se sete visões sobre o fim do governo e da era de Satanás, a saber: 1. A «parousia» ou segundo advento de Cristo, a fim de julgar: o Cristo conquistador (ver Apo. 19:11-16). 2. Visão da vitória de Cristo sobre o anticristo (ver Apo. 19:17-21). 3. Visão da prisão de Satanás por mil anos (ver Apo. 20:1-3). 4. Visão do reino milenar de Cristo (ver Apo. 20:4-6). 5. Visão de Gogue e Magogue derrotados e lançados no lago de fogo, juntamente com Satanás, o que assinalará o fim de sua era e governo (ver Apo. 20:7-10). 6. Desaparecimento dos céus e da terra; o grande julgamento (ver Apo. 20:11-15). 7. Visão da nova criação e da era eterna de Deus (ver Apo. 21:1-8). Nessas visões temos a continuação das «condenações». A primeira é a destruição de Babilônia (capítulos dezessete e dezoito); a segunda é a condenação da besta; a terceira é a de seu falso profeta; a quarta é a dos reis ou apoiadores do anticristo; a quinta é a de Gogue e Magogue; a sexta é a do próprio Satanás; a sétima é a dos incrédulos, aliados de Satanás e do anticristo.

19. Finalmente, chegamos à criação de novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial, a capital da glória eterna (capítulos vinte e um e vinte e dois).

20. *Epílogo*. (Ver Apo. 22:6-21). Temos aqui a última mensagem do N.T. Cristo voltará em breve. Ele é o Alfa e o Ômega. Chamada ao arrependimento; advertência contra os abusos contra esta profecia.

#### Conceitos de arranjo.

1. Há o conceito *telescópico*, com certa sucessão de acontecimentos:

Essa idéia encara o Apocalipse como uma crônica ordenada dos acontecimentos, com alguns poucos parênteses. Assim, ao passarmos de um capítulo para outro, supostamente avançamos para novos acontecimentos e assim passamos por uma série de acontecimentos.

#### Telescópio da Era da Igreja

A era da igreja é:

«...as cousas... que são...» (Que retrata a época do autor sagrado). Contudo, trata-se de profecias simbólicas de coisas que «serão». Essas «coisas que são» foram precedidas pelas «coisas que eram», isto é, aquilo que João «vira», a visão inicial (ver Apo. 1:1-20). Após as cartas para a era da igreja

aparecem as «...coisas... que hão de acontecer depois destas...», ou seja, aquilo que deverá transpirar imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Portanto, temos em Apo. 1:20 um esboço bem simples do livro: coisas que foram, coisas que são e coisas que hão de acontecer. No primeiro capítulo

#### TELESCÓPIO DA ERA DA IGREJA

Éfeso, era apostólica	Emirna, era de perseguições até 318	Pérgamo, era de favor imperial 318-500	Tiatira, era da era negra 500-1600	Sardes, tempo da Reforma 1600-1700	Filadélfia, era das missões modernas 1700-1900 —	Laodidéia, era da igreja apóstata 1900 —
-----------------------	-------------------------------------	--	------------------------------------	------------------------------------	--	--

As «coisas que hão de acontecer». Esses são os «últimos dias», imediatamente antes da vinda de Cristo. Os grandes juízos do período de tribulação (ou então, conforme algumas — estão incluídos vários períodos históricos).

Sete selos (6:1-8:8)	Sete trombetas (8:8-11:19)	Sete taças (15:1-16:21)	Sete condenações (caps. 17-20)
----------------------	----------------------------	-------------------------	--------------------------------

#### 2. Conceito das profecias paralelas: os «duplos»

Ao interpretar o livro de Apocalipse, alguns não crêem que esteja em foco uma contínua «sucessão» de eventos (de mistura com alguns poucos parênteses). Utilizando-se do texto de Gên. 41:14 ss como chave, pensam que há apresentações paralelas dos mesmos julgamentos, e não julgamentos sucessivos. É verdade que naquele capítulo do livro de Gênesis as sete «vacas gordas» são idênticas às sete «espigas cheias» e que as sete «vacas magras» são idênticas às sete «espigas mirradas». As vacas gordas e as espigas cheias profetizavam sobre sete anos de abundância; e as sete vacas magras e as espigas mirradas profetizavam sobre sete anos de escassez.

Aplicando-se essa chave ao livro de Apocalipse, teríamos o seguinte arranjo: Os sete selos e as sete trombetas seriam espiritualmente paralelos; e os sete anjos e sete taças seriam espiritualmente paralelos. Os selos e trombetas seriam uma «visão celeste» dos mesmos acontecimentos focalizados na terra pelos anjos e taças. Nesse caso, somente sete elementos distintos seriam encontrados no livro de Apocalipse, no tocante aos juízos, e não uma série de quatro conjuntos distintos de julgamentos. Alguns encaram esses sete elementos distintos como sete épocas da história do mundo (interpretação histórica), ao passo que outros vêem sete acontecimentos ou estágios distintos acerca dos «últimos dias», o período da tribulação. Seja como for, encontramos apenas uma série de sete elementos, e não quatro séries. Mas essa série é descrita de vários modos, sob diferentes pontos de vista, seguindo a orientação do quadragésimo primeiro capít. do livro de Gênesis, que faz a mesma coisa, com diversos simbolismos. Já que as sete trombetas constituem o sétimo selo, então treze acontecimentos gerais são descritos no livro de Apocalipse, a saber: seis selos e sete trombetas (que enfeixariam, estas últimas, o último selo). O «sétimo acontecimento» consistiria de «sete acontecimentos». Isso poderia ser uma verdade se aplicássemos os mesmos a períodos históricos antes da segunda vinda de Cristo, ou a elementos da tribulação. Assim também o povo de Israel rodeou a cidade de Jericó por treze vezes. Nos primeiros seis dias eles a rodearam apenas uma vez cada dia; mas, no sétimo dia, rodearam-na por sete vezes. Seis mais sete é igual a treze. Isso derrubou as muralhas de Jericó, com a consequente derrota de seus habitantes. Os treze acontecimentos retratados no livro de Apocalipse, pois, porão fim ao governo de Satanás, estabelecendo o reino de Deus, como também o reinado universal de Cristo.

#### OS PARALELOS:

I. Os selos e anjos (os selos indicam o ponto de vista celeste; os anjos indicam o ponto de vista terreno dos mesmos acontecimentos).

1. Apo. 6:2	14:6,7
2. 6:3-5	14:8
3. 6:5-6	14:9-11
4. 6:7-8	14:12-13
5. 6:9-11	14:17-20
6. 6:12-7:17	14:17-20
7. 8:1-6	15:1-16:1

II. As trombetas e as taças (as trombetas indicam o ponto de vista celeste; as taças indicam o ponto de vista terreno dos mesmos acontecimentos).

temos o passado; nos capítulos segundo e terceiro temos o presente; nos capítulos quarto a vigésimo segundo temos o futuro, os últimos dias. (Ver Apo. 1:19 quanto a esse tipo de esboço).

1. Apo. 8:7	16:2
2. 8:8-9	16:3
3. 8:10-11	16:4-7
4. 8:12-13	16:8-9
5. 9:1-12	16:10-11
6. 9:13-21	16:12-14
7. 10:7; —	15:17-21
(11:15-19)	

Assim sendo, teríamos o seguinte: Os selos e os anjos descrevem os mesmos acontecimentos, embora de pontos de vista diferentes; o sétimo selo se constitui das sete trombetas; as sete trombetas e os sete selos descrevem os mesmos acontecimentos de acordo com diferentes pontos de vista.

3. A teoria sincronológica. Essa teoria também apresenta apenas sete elementos ou acontecimentos gerais, que seriam eras ou épocas. As várias séries de «setes», como os selos, as trombetas, as taças, os anjos, seriam totalmente paralelas. Cada série de «sete» descreveria os mesmos acontecimentos, eras ou sucessões de eventos, mas de acordo com diferentes pontos de vista. Cada série de «sete» cobriria o mesmo período de tempo, estendendo-se até ao fim de todas as coisas.

4. Falta de qualquer arranjo de acontecimentos ou de distinção de eras. Se o livro de Apocalipse tiver de ser interpretado apenas simbólica ou misticamente, então não faz sentido falar de «eras» de «acontecimentos sucessivos» ou de qualquer arranjo de tempo.

#### XI. ESBOÇO DO CONTEÚDO:

- I. Introdução (1:1-3)
- II. Saudação (1:4-8)
- III. Origem do Apocalipse (1:9-20; coisas que foram)
- IV. Cartas às Sete Igrejas (caps. 2-3; coisas que são)
  1. Éfeso (2:1-7)
  2. Emirna (2:8-11)
  3. Pérgamo (2:12-17)
  4. Tiatira (2:18-29)
  5. Sardes (3:1-6)
  6. Filadélfia (3:7-13)
  7. Laodidéia (3:14-22)
- V. Visão introdutória dos selos (4:1-22:21; coisas que hão de acontecer)
  1. Visão do trono de Deus (4:1-11)
  2. Visão do livro e do Cordeiro (6:1-14)
- VI. Visão dos Sete Selos (6:1-8:6)
  1. Primeiro: o cavalo branco (6:1,2)
  2. Segundo: o cavalo vermelho (6:3,4)
  3. Terceiro: o cavalo preto (6:5,6)
  4. Quarto: o cavalo amarelo (6:7,8)
  5. Quinto: lamento dos mártires (6:9-11)
  6. Sexto: tremendos juízos (6:12-17)
  7. Parênteses (7:1-17)
    - a. salegem dos mártires (7:1-8)
    - b. os mártires glorificados (7:9-17)
  8. Sétimo: surgimento das sete trombetas (8:1-6)
- VII. Julgamentos das Sete Trombetas (8:7-11:19)
  1. Primeira: saraiva e fogo (8:7)
  2. Segunda: montanha em fogo (8:8,9)
  3. Terceira: a estrela de fogo (8:10,11)
  4. Quarta: enegrecem sol, lua e estrelas (8:12)
  5. Parênteses: advertência da água (8:13)
  6. Quinta: terríveis gafanhotos (9:1-12)
  7. Sexta: os cavaleiros (9:13-21)
  8. Parênteses (10:1-11:14)
    - a. o rolo doce-amargo (10:1-11)
    - b. as duas testemunhas (11:1-14)
  9. Sétima: Cristo em breve reinará (11:15-19)
- VIII. Visões dos Sete Personagens (12:1-13:18)
  1. A mulher (12:1,2)
  2. Satanás (12:3,4)
  3. A criança (12:5,6)
  4. Miguel, o arcanjo (12:7-16)
  5. A descendência da mulher (12:17)
  6. A besta saída do mar (13:1-10)
  7. A besta saída da terra (13:11-18)
- IX. Sete visões dos adoradores do Cordeiro e da Besta (14:1-20)
  1. O mártire do cordeiro (14:1-5)
  2. Ordem angelical de adoração (14:6,7)
  3. Condenação de Babilônia, centro da anti-adoração (14:8)

4. Condenação dos adoradores da besta (14:9-12)
5. Bem-aventurança dos mártires (14:13)
6. Armagedom, a colheita (14:14-16)
7. A vinha no lagar de Deus (14:17-20)

#### X. Julgamentos das Sete Taças (15:1-16:21)

1. Preparativos celestiais (cap. 15)
2. Primeira taça: praga das feridas (16:1,2)
3. Segunda taça: mar transformado em sangue (16:3)
4. Terceira taça: rios e fontes transformados em sangue (16:4-7)
5. Quarta taça: calor escaldante (16:8,9)
6. Quinta taça: trevas (16:10,11)
7. Sexta taça: preparação para o Armagedom (16:12-16)
8. Sétima taça: juízo proferido contra Babilônia (16:17-21)

#### XI. Sete Visões da Queda de Babilônia (17:1-19:10)

1. Babilônia, a prostituta (17:1-6a)
2. Natureza da prostituta e da besta (17:6b-18)
3. Condenação proferida (18:1-3)
4. Grande lamento pela queda de Babilônia (18:4-20)
5. Lamento final sobre a cidade (18:21-24)
6. Hino de louvor a Deus, por ter sido destruída Babilônia (19:1-5)
7. Anúncio do casamento do Cordeiro (19:6-10)

#### XII. Sete Visões da Queda de Satanás e Fim de seu Reinado (19:11-21:8)

1. Cristo vencerá: a *parousia* marca o juízo de Satanás (19:11-16)
2. Cristo virá e esmagará ao anticristo (19:17-21)
3. Satanás é amarrado por mil anos (20:1-3)
4. O milênio (20:4-6)
5. Revolta de Gogus e Magogus (20:7-10)
6. Desaparecimento dos céus e da terra — juízo final (20:11-15)
7. A nova criação e a era eterna (21:1-8)

#### XIII. Jerusalém Celestial, Capital da Nova Criação (21:9-22:5)

1. Seu aparecimento (21:9-14)
2. Suas medidas (21:15-17)
3. Sua composição (21:18-21)
4. Sua glória (21:22-27)
5. O novo jardim do Eden (22:1-5)

#### XIV. Epílogo: Cristo voltará em breve. Preparai-vos (22:6-21)

## XII. CONCEITOS E MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO

O livro de Apocalipse tem sido estudado segundo muitos conceitos e métodos de interpretação diferentes. Abaixo mostramos os principais dentre esses:

1. *O ponto de vista preterista.* Esse ponto de vista dá a entender que todas as ocorrências aludidas no livro de Apocalipse tiveram lugar no império romano, no primeiro século de nossa era, embora talvez haja acontecimentos referentes ao segundo século. Os eruditos liberais normalmente tomam esse ponto de vista em geral, porquanto supõem que o livro não pode ser uma profecia genuína, mas tão-somente um escrito simbólico e uma avaliação mística dos acontecimentos daquela porção do mundo para onde o livro foi originalmente enviado. Alguns estudiosos católicos-romanos também favorecem esse ponto de vista, talvez porque impossibilita a interpretação protestante, que faz do papa o anticristo, além de negar a idéia que a Igreja Católica Romana seja representada por Babilônia. Esse ponto de vista, apesar de preservar sem dúvida alguma verdade, pois certamente o livro reflete alguns acontecimentos «contemporâneos», no entanto não leva em conta que se trata de uma «profecia», e que esta contempla o tempo futuro da segunda vinda de Cristo, sem importar se isso ocorreria imediatamente ou não, e sem importar nossa idéia sobre o seu cumprimento dentro do tempo.

2. *O Ponto de vista histórico.* Os intérpretes que assumem essa posição procuram encaixar todos os acontecimentos previstos no Apocalipse em várias épocas da história humana. A série de «sete» (selos, trombetas, taças e anjos) supostamente representaria sucessivos estágios da história da humanidade, até à volta de Cristo, o que dará fim ao presente ciclo geral. Naturalmente, os que assim pensam não têm podido concordar entre si sobre quais visões representam estes ou aqueles acontecimentos históricos, e muitas identificações fantásticas, de homens e eventos, no tocante às predições, têm aparecido na literatura que defende esse ponto de vista. O ponto de vista puramente histórico do livro de Apocalipse deixa-o uma obra essencialmente fechada e misteriosa.

3. *O ponto de vista futurista.* Há os «futuristas extremos», que pensam que o livro inteiro é preditivo, incluindo os capítulos dois e três (as cartas às sete igrejas), que representariam sucessivos estágios da história eclesiástica, até à vinda de Cristo. Mas há os «futuristas moderados», que admitem que os capítulos dois e três referem-se ao passado (ou ao presente); mas que a começar no quarto capítulo temos o futuro, o que deverá ocorrer imediatamente antes do segundo advento de Cristo. Isso faz este livro ser, essencialmente, uma profecia, levando em conta, a sério, as declarações de Apo. 1:19 e 4:1. A principal objeção contra esse ponto de vista é que

remove do livro qualquer contexto histórico. Mas isso é respondido pela observação que apesar de refletir o tempo e os acontecimentos contemporâneos, em um sentido secundário, a verdade é que, em sentido «primário», o livro reflete os «últimos dias». Portanto, este livro tanto é orientado historicamente como é escatologicamente importante; mas a ênfase recai sobre este último fator. Os futuristas que falam desse modo tornam-se um tanto «eccléticos» em seus pontos de vista, mas sua ênfase recai sobre o futuro, e não sobre o passado. Os liberais, a quem falta a fé na possibilidade de um livro como o de Apocalipse ser uma profecia genuína, ou que duvidam que tal profecia possa abarcar tão grande expansão de tempo, fazem objeção ao ponto de vista futurista.

O presente comentário assume, essencialmente, o ponto de vista futurista, ao asseverar que este livro, tal como alguns livros do V.T. é essencialmente uma profecia, e, de fato, o único livro totalmente profético do N.T. Certamente o N.T. deve contar com um livro assim, que vise dirigir, orientar e consolar aos crentes (e ao povo de Israel), quando se encontrarem em meio aos horrendos acontecimentos descritos neste livro. Esse é o livro neotestamentário que veio à existência com esse propósito, a fim de informar-nos, com detalhes, como Cristo tomará as rédeas do governo deste mundo, como as forças do mal serão derrotadas, e como o estado eterno substituirá, por fim, os ciclos terrestres. O escritor deste comentário, outrossim, crê que profetas e místicos contemporâneos têm pronunciado e estão proferindo predições que são paralelas às do livro de Apocalipse. Ao compararmos essas predições, vemos que a maior parte do livro de Apocalipse pode ser focalizada no futuro, nos «últimos dias», o tempo imediatamente antes do longamente previsto segundo advento de Cristo. O livro de Apocalipse, pois, tornar-se-á progressivamente melhor compreendido quando mais próximo estiverem os eventos preditos. Os acontecimentos de maior vulto (como também os secundários) lançam suas sombras antes mesmo de chegarem em cena. Ora, as sombras daqueles horrendos acontecimentos, preditos no livro de Apocalipse, já estão entre nós; e este comentário defende a «especulação» que certamente, antes de 2035, terão lugar os acontecimentos preditos no Apocalipse. O leitor deveria consultar o artigo, existente na introdução ao comentário, intitulado «a Tradição Profética e a Nossa Era». Se porventura o leitor considerar extravagantes esses pontos de vista, então que o futuro imediato os confirme ou condene. Que o leitor leia para considerar e não para condenar.

4. *A interpretação simbólica ou mística.* Alguns eruditos crêem que o livro de Apocalipse não é essencialmente profético e nem histórico, mas é uma vívida coletânea de símbolos místicos, que visam ensinar lições espirituais e morais. Isso significa que não esperemos qualquer cronologia de acontecimentos passados ou futuros nesse livro. Tais acontecimentos seriam puramente espirituais, podendo «acontecer» em qualquer período histórico. Naturalmente, muito há no livro de Apocalipse que pode ser visto como «misticamente instrutivo»; mas isso não pode explicar sua mensagem geral. Ele assevera ser uma profecia, e certamente assim sucede.

5. *O Ponto de vista eclético.* Alguns intérpretes «misturam» todas as idéias expostas acima, de modo que nenhuma domine — as demais. Não há dúvida que devemos preservar «alguns elementos» de cada um desses pontos de vista sobre o livro de Apocalipse, em um grau ou outro. Os eventos que já sucederam, e que eram contemporâneos aos dias do autor sagrado, estão em vista, embora talvez não estejam primariamente em foco (dentro do intuito do Espírito Santo, à parte do intuito do próprio autor sagrado). Porções do Apocalipse podem subentender ou descrever partes da sucessão de eventos da história humana (como é o caso das cartas às igrejas, nos capítulos segundo e terceiro), e muitos outros acontecimentos históricos refletem, pelo menos em parte, as descrições feitas. O livro ensina-nos lições morais e místicas, aplicáveis a qualquer época. Contudo, certamente erraremos se não contemplarmos o livro de Apocalipse como obra «essencialmente» profética, e da primeira ordem. Dentre todas as gerações, a nossa e mais uma ou duas, são as que precisam mais desesperadamente da mensagem deste livro. A igreja cristã deve compreender que nos aproximamos do mais aterrorizante tempo de purificação. A igreja presente é incapaz de «voar» ou «subir». Os eventos preditos neste livro prepararão a igreja para ir ao encontro de Cristo de Deus.

## XIII. BIBLIOGRAFIA



A exposição do livro de Apocalipse, no presente comentário, alicerça-se essencialmente sobre quinze comentários em série. Citamo-los com frequência. Além daquelas obras usadas por todo o comentário, no restante do N.T., como fontes informativas (identificadas na introdução, na secção que dá o significado das abreviações), podem ser citadas as exposições de William R. Newell (Moody Press), Joseph A. Seiss (*The Letters to the Seven Churches*, Baker Book House), e M. R. DeHaan (Zondervan).

Além dessas obras, recomendamos para estudo especial as seguintes obras: Enslin, Morton Scott. *The Literature of the Christian Movement*, N.Y.:

Harper and Bros., 1966.

Swete, Henry Barclay. *The Apocalypse of St. John*, Londres: Macmillan and Co., 1909.

Titus, Eric Lane. *Essentials of New Testament Study*, N.Y.: The Ronald Press, 1968.

Quanto a uma bibliografia da literatura apocalíptica relacionada ao Antigo e ao Novo Testamento, ver a secção I da introdução, em seu parágrafo final.

O *Interpreter's Bible* está utilizado neste comentário pelo gentil permissão da Abingdon-Cokesbury Press, Nashville. Desta obra, são citados, no Apocalipse, os autores Martin Rist e Lynn Harold Hough.

#### Capítulo 1

Para que obtenha plena compreensão sobre os problemas do livro de Apocalipse, o leitor não deveria negligenciar a leitura da introdução ao livro, a qual aborda questões como a natureza dos «apocalipses», confirmação antiga do Apocalipse de João, autoria, dependência literária, data, proveniência, destino, motivo e propósitos, o grego do Apocalipse, o texto grego (manuscritos antigos do Apocalipse), visão geral do conteúdo, esboço do conteúdo, conceitos e métodos de interpretação, e, finalmente, na introdução, apresentamos uma bibliografia selecionada.

Este livro é uma *revelação*, e não algo selado e impossível de ser compreendido. Naturalmente, é verdade que a profecia envolve, em seu âmago, uma função didática, cujo intuito é o de ajudar os crentes em tempos de crise. Não se trata de mera previsão do futuro, para satisfazer à curiosidade humana. Isso significa que a profecia veio à existência particularmente com o propósito de instruir e encorajar àqueles que viverem nos tempos em que essas predições estiverem sendo cumpridas. Portanto, na medida em que os acontecimentos se avizinham, o sentido dessas profecias tornar-se-á mais e mais claro. Os acontecimentos, grandes e menores, lançam adiante de si as suas sombras. Pelas sombras podemos fazer boa idéia da natureza de um acontecimento. Porém, à medida em que esses acontecimentos se aproximarem, as sombras tornar-se-ão mais claras e mais fáceis de serem interpretadas.

De todos os livros do N.T., o Apocalipse é o menos lido e compreendido. E isso é apenas natural, por tratar-se de um livro de instruções para os autênticos «últimos dias». Segue-se, pois, que somente naqueles dias é que essa profecia será realmente entendida. Ao dizermos isso, porém, não negamos que o autor sagrado escreveu a fim de enfrentar circunstâncias difíceis de seus próprios dias. Mui provavelmente, seus leitores originais puderam entender com proveito o livro de Apocalipse, para seu próprio encorajamento, enquanto sofriam perseguições sob Domiciano ou qualquer outro imperador. Contudo, as circunstâncias históricas daquela época apenas prediziam uma perseguição muito mais intensa que os crentes haveriam de arrostar no futuro. E tal como o Apocalipse «original» foi escrito com a finalidade de ajudar aos cristãos (e não, essencialmente, ao povo de Israel), para que atravessassem tempos difíceis, assim também o Apocalipse profético tem o propósito de ajudar a igreja que terá de passar pela grande tribulação. Meus estudos pessoais das Escrituras me dão a certeza que pelo menos a «maior parte» da igreja terá de passar pela horrenda Grande Tribulação, que produzirá sofrimentos prodigiosos para os seguidores de Cristo. Se porventura alguém tiver de escapar por um arrebatamento miraculoso, mediante a transformação da natureza mortal em imortal, isso envolverá apenas um grupo seleto de crentes, que não precisarão da «santificação» que a Grande Tribulação proverá.

Achamos provável que a tribulação durará cerca de 40 anos. Neste caso, o período tradicional de *sete anos* pode constituir uma parte do tempo mais prolongado e estes anos provavelmente terão algum significado especial para a nação de Israel. A igreja, talvez, escapará *deste período*, enquanto, certamente, não escapará do que se chama apropriadamente, a «tribulação». O número sete pode ser simbólico para a própria tribulação, significando, «o ciclo completo de tribulação». Neste caso, nenhum limite específico de anos é implicado pelo número. 40 é o número bíblico, místico de *provação*.

A Grande Tribulação será o *fogo refinador* que levará a igreja cristã em geral a um estado geral de purificação, que se faz extremamente necessário, sem o que a Noiva não poderá ir ao encontro do Noivo. Portanto, aceitamos que a igreja cristã faz parte integrante do quadro retratado nos capítulos quarto a décimo nono do Apocalipse, embora alguns pensem que ali se acha apenas o povo de Israel. Na medida em que esses eventos se aproximarem (e cremos que tudo ocorrerá em nossa própria época), maior e maior luz nos será dada acerca da «questão do arrebatamento», juntamente com todas as questões relativas à igreja do fim—de nosso próprio tempo! Um artigo sobre esse tema, intitulado «*A Tradição Profética e a Nossa Era*» na introdução ao comentário, através do uso de predições de místicos contemporâneos, procura mostrar que o livro de Apocalipse é veraz, descrevendo acontecimentos que terão lugar antes de 2035. Não há como equivocar-se quanto ao «paralelismo» entre as predições do Apocalipse e as previsões dos místicos atuais, sobre aquilo que ambos dizem que ocorrerá em nossa própria época. Este comentário defende a posição que diz que o anticristo já está vivo, e que manifestará o começo de seu poder pelo princípio da década de 1990. Este comentário sobre o Apocalipse, pois, é um estudo, não visando apenas satisfazer a curiosidade humana. E ainda que nos equivoquemos, ao pensar que nossa época é o tempo ali predito, nada perderemos por soar um aviso que, finalmente, não se aplica a nós. No entanto, se tal advertência aplicar-se a nós e o processo histórico comprovar isso, então a posição tomada por este comentário se justificará. Cada crente tem a responsabilidade de buscar a verdade e ensiná-la, segundo a luz que já possui. Se o Espírito Santo revelar-nos a verdade, então estaremos na obrigação de ensiná-la. Em caso contrário, perderemos o conhecimento da verdade e não nos será conferida nova verdade, e nem novas interpretações das antigas verdades, que tornem estas mais compreensíveis.

O livro de Apocalipse é o único livro da Bíblia que envolve uma promessa específica de bênção para aqueles que o lerem ou ouvirem (nos cultos públicos). Lemos ali: «Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo» (Apo. 1:3). Temos entre as mãos uma *revelação*, o que significa que a mesma deve ser lida; ela nos abençoa, pelo que também devemos lê-la, estudá-la. Fala de acontecimentos que breve terão lugar, pelo que cumpre-nos lê-la.

O inspirador e tema central deste livro é o Senhor Jesus Cristo. Vemo-lo como o Conquistador de todos os males, aquele que nos confere todo o bem. Ele exige a nossa lealdade. É mister que ele seja o nosso Senhor, pois, do contrário é impossível que seja nosso Salvador. Este livro de Apocalipse acrescenta o seu testemunho ao restante do N.T., na tentativa de ensinar as mais profundas de todas as lições espirituais: Cristo é o Alfa e o Ômega, a fonte e o alvo de toda a existência. Os homens não poderão descansar, e nem poderão atingir a plena fruição dos seus próprios seres, enquanto não reconhecerem esse fato.

#### Cristo no Apocalipse:

1. Ele é a testemunha fiel (ver Apo. 1:5).
2. Ele é o primogênito dos mortos: os outros segui-lo-ão (ver Apo. 1:5 e 2:10,11).
3. Ele é quem ama nossas almas e fez expiação (ver Apo. 1:5).
4. Ele é o glorificado e ressurrecto Filho de Deus, que tem as chaves dos céus e do inferno (ver Apo. 1:18).
5. Ele é o governante da igreja (ver Apo. 1:12 e ss.).
6. Ele é o instrutor da igreja (ver Apo. 2 e 3).
7. Ele é o Senhor dos céus (ver Apo. 4).
8. Ele é quem revela as coisas futuras (ver Apo. 5).
9. Ele é o juiz da terra e o purificador de sua igreja (Apo. 6-19).



Lincoln Apocalypse, manuscrito ilustrado do século XIV. A pregação de João. — Cortesia, Bodleian Library



FILADÉLFIA



LUGAR DE ÉFESO



TIATIRA



LAODICEIA



PORTO DE PATMOS



10. Ele breve virá para julgar e governar (ver Apo. 19:11 e ss.).
11. Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores (ver Apo. 19:16).
12. Ele é o juiz de Satanás e dos ímpios (ver Apo. 20).
13. Ele é o Noivo, o Senhor celeste (ver Apo. 21-22).
14. Ele é o Cordeiro (ver Apo. 5:6,8,12,13; 6:1; 7:9; 12:11; 13:8; 14:1; 15:3; 17:14; 19:7,9; 21:14,22,23; 22:1,3).
15. Ele é o Alfa e o Ômega, tudo para todos, fonte da vida e alvo de toda a existência (ver Apo. 1:11; 21:6 e 22:13).

**Título.** O mais antigo título é o que aparece nos mss Aleph e C, «Apocalipse de João». O título do ms A pereceu, mas o subtítulo indica que o mesmo também tinha o mesmo título. Os mss latinos a, d, e g também trazem esse título. Supomos que assim dizia, igualmente, o original. Manuscritos subsequentes, porém, adornaram de tal modo o título que chegaram a aparecer mais de sessenta formas diferentes. Os manuscritos latinos f e j, além de alguns manuscritos gregos cursivos, dizem «O Apocalipse de João, o Divino». Os manuscritos latinos b, c e n, além dos manuscritos gregos minúsculos 1, 25, 47, 50 e 90, dizem «O Apocalipse de São João, o Divino». Do códex 1, esse título passou para o Textus Receptus, e, dali, para as primeiras traduções que se fizeram para os idiomas modernos. O ms 26 diz «Apocalipse de Jesus Cristo, dado a João, o Divino». Alguns críticos textuais especulam que o título original era «Apocalipse de Jesus Cristo», em consonância com a introdução ao livro. O título mais adornado é o do ms 1775, copiado em 1847, e que agora se acha em monte Ato: «O Apocalipse do todo glorioso Evangelista, amigo de peito de Jesus, virgem, amado de Cristo. João, o teólogo, filho de Salomé e Zebedeu, mas adotado filho de Maria, a Mãe de Deus», o Filho do Trovão. O que podem fazer os dogmas com um simples título!

Notemos que, nos manuscritos mais antigos, não há qualquer indicação acerca da identidade do «João» que escreveu este livro. As possibilidades são o apóstolo João, o anção João e o vidente João. E o terceiro desses é o que tem maiores probabilidades de ter sido seu autor. (Ver a seção III da introdução, onde há ampla discussão da autoria do livro).

#### 1. Introdução (1:1-3).

O livro de Apocalipse é introduzido mediante um prefácio formal, que não difere grandemente da introdução de outros «apocalipses», ou de livros similares do A.T. O prefácio afirma o seguinte:

1. A autoridade do livro. Deus revelou essas profundíssimas profecias através do próprio Cristo, o qual, mediante a mediação angelical, tornou-as conhecidas de João, o vidente, para que as transmitisse às igrejas.

2. Portanto, a mensagem deve ser ouvida, como «Palavra de Deus» que é.

3. Essa Palavra de Deus é um testemunho acerca de Jesus Cristo, uma revelação de sua pessoa, bem como de sua breve volta, a parousia.

4. Aqueles que lerem ou ouvirem a leitura dessa profecia, nos cultos públicos, recebem a promessa de uma bênção especial, parcialmente porque serão avisados de acontecimentos que em breve haverão de suceder, e em parte porque o livro transmite uma mensagem especial concernente à pessoa de Cristo, mensagem essa que precisa ser atendida. Talvez também esteja subentendida a transmissão de uma «graça mística».

Notemos a similaridade de atitude do trecho de Amós 3:7, onde se lê: «Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas».

Notemos, por igual modo, os «agentes» da revelação: Cristo, anjo, vidente. Correspondendo a isso existem fatos que se relacionam à «palavra» a ser transmitida: vem «de Deus»; foi «confirmada por Jesus Cristo»; e foi «vista e transmitida por João».

O título desse livro, nos mais antigos manuscritos (N C) é apenas Ἀποκάλυψις Ἰωάννου (-άνου N). Nos manuscritos posteriores, esse breve título é modificado em grande variedade de expansões (sessenta formas diversas do título são citadas por Hoskier). (1) (nº 1775, copiado em 1847 D.C., tem):

ἀποκάλυψις τοῦ πανευδόξου εὐαγγελιστοῦ, ἐπιστηθίου φίλου, παρθένου, ἡγαπημένου τῷ Χριστῷ, Ἰωάννου τοῦ θεολόγου, υἱοῦ Σαλώμης καὶ Ζεβεδαίου, θετοῦ δὲ υἱοῦ τῆς θεοτόκου Μαρίας, καὶ υἱοῦ βροντῆς

(«A Revelação do todo glorioso evangelista, amigo do peito (de Jesus), virgem, amado de Cristo, o teólogo João, filho de Salomé e Zebedeu, mas adorado filho de Maria, Mãe de Deus, e Filho do Trovão»).

1. H.C. Hoskier Concerning the Text of the Apocalypse; Collations of all Existing Greek Documents..., II (Londres, 1929), págs. 26-27.

1 Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ, ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ θεός,\* δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ\* ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν ταῖς, καὶ ἐσήμανεν ἀποστείλας διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ,

\* 1. a maior, a nome: TR Beza Nss B17 AV RV = ASV = (NEB) TT Zdr Luth; // a nome, a menor: WH RV ASV // a nome, a nome: RSV Jer Beza

1 Ἀποκάλυψις...τάχας Du 2:28, 29, 46; Re 1:10, 22:6

Inscriptio: An. Iw. του θεολογου 046 2329 al c; R

1 { δεῖξαι τ. δ. αυτ. c R<sup>m</sup> } δεῖξ. τ. δ. αυτ., R<sup>1</sup>

1:1: Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e, enviando-a pelo seu anjo, me notificou a seu servo João;

«...Revelação...» No grego temos a palavra «apokalypsis», «revelação», «desvendamento». Seu sentido escatológico e o que mais se destaca—um desvendamento de segredos que dizem respeito aos últimos dias. Fica compreendido que essa revelação foi dada por meio de visões e experiências místicas, sendo, por si mesma, uma grande «visão», que tenciona desvendar os «segredos divinos».

A seção I da introdução a este livro discute a «literatura apocalíptica», ilustrando as várias características distintas do apocalipse, em contraste com outra literatura «escatológica». Todos os apocalipses são escatológicos, embora nem toda a literatura escatológica seja apocalíptica. A discussão aqui aludida deixa clara a diferença entre esses dois termos.

O vocábulo *apocalipse* não é usado como título de qualquer outra obra escrita que conheçamos, entre aqueles que pertencem à herança judaica, anterior ao livro de João. Paulo usa o termo em I Cor. 14:26, no sentido de «revelações» de menor amplitude. Tal palavra também figura no título de II Baroque, «O Livro do Apocalipse de Baroque, filho de Nérias», que foi publicado no primeiro ou segundo século D.C. Passagens que também usam essa palavra são Rom. 16:25; II Cor. 12:1 e Gál. 1:12, no sentido de «revelação», mas, nos trechos de I Ped. 1:7,13; 4:13 e Luc. 2:32, além de outras passagens neotestamentárias, o termo aparece com o significado de

«manifestação» ou «aparecimento».

Seus usos, nas páginas do N.T., são sumariados por Vincent (*in loc.*), da seguinte maneira: «1. Desvendamento de algo oculto, que dá luz e conhecimento aos que o contemplam. (Luc. 2:32; Rom. 16:25; Gál. 1:12 e 2:2). Vários desses casos são revelações estritamente particulares, dando orientação à vida. 2. Também pode indicar o «discernimento cristão» quanto às verdades espirituais, compreendidas pela iluminação divina, dada pelo Espírito Santo. (Efé. 1:17. Ver também I Cor. 14:6,26, através dos dons espirituais; e II Cor. 12:1,7, através de visões e revelações que visam ensinar lições espirituais). 3. Essa palavra também é empregada para aludir ao segundo advento de Cristo (I Ped. 1:7,13; II Tes. 1:7; I Cor. 1:7, que revelarão a glória do Senhor; I Ped. 4:13, seus justos julzos; Rom. 2:5, quando seus filhos se revelarão em plena majestade; Rom. 8:19).

O próprio vocábulo é combinação de «apo» (da parte de) e «kalupto» (encobrir); portanto, o «desvendamento» de alguma coisa. Acerca de Balaão foi dito, «o Senhor 'abriu' ou 'desvendou' seus olhos» (apekalypsen), ver Núm. 22:31, na Septuaginta. No grego clássico essa palavra era usada concernente ao «descobrimento» de qualquer objeto, como a cabeça (ver Herod. i.119), ou a «revelação» (o tornar conhecido) de algo (ver Platão—«revela-me o poder da retórica», *Gorgias*, 460).

«...de Jesus Cristo...» Podemos compreender essas palavras em vários sentidos: 1. A revelação foi dada por Jesus Cristo; 2. a revelação é da pessoa de Jesus Cristo; 3. a revelação, pois, envolve sua volta para breve, que é a

pedra principal dos acontecimentos preditos neste livro. Cristo, portanto, é o tema desta revelação, bem como o seu doador, mas a maior parte dos intérpretes crê que sua «doação» da revelação é que está principalmente em foco. Trata-se de uma revelação que «pertence a Cristo», «vem da parte dele» e foi «dada por ele». 4. A isso pode-se adicionar a idéia que Cristo é a «fonte» ou «origem» das revelações de Deus aos homens; certamente isso está implícito, ainda que isso não esteja especificamente declarado nesta introdução; assim, pois, Cristo é a *imagem* de Deus (ver Col. 1:15), e nele se revela tudo quanto se pode saber acerca de Deus, bem como aquelas outras coisas que são importantes para nosso bem-estar espiritual. 5. Especificamente, essa revelação é de coisas (principalmente julgamentos) que em breve sucederão, embora também envolva a sua «parousia» ou segundo advento, que trará vida aos fiéis, mas destruição aos incrédulos. (Ver Col. 3:6 quanto ao ponto de vista deste comentário acerca da «ira de Deus»).

«...Jesus...» (Quanto a notas expositivas acerca desse nome próprio, ver Mat. 1:21). O caráter de Salvador fica implícito nesse nome, como também a «humanidade» de Cristo. (Ver as notas expositivas completas sobre a «humanidade» de Jesus Cristo, em Fil. 2:7).

«...Cristo...» (Notas expositivas completas são dadas sobre esse título, em Mat. 1:16 e Marc. 1:1). Fala sobre o «Ungido de Deus», o Messias, a quem foi dada uma missão divina da parte de Deus Pai, e o qual, na qualidade de Filho, cumpriu sua missão, propiciando a salvação dos homens. (Quanto a notas expositivas completas sobre o título, «Senhor Jesus Cristo», ver Rom. 1:4).

«...que Deus lhe deu...» Deus Pai é a verdadeira origem de toda a iluminação; Cristo é o Mediador. Os tempos e épocas estão nas mãos de Deus Pai (ver Ato 1:7; Marc. 13:32). O filho nada faz se o Pai também não o fizer. Sua missão é autorizada por ele; sua revelação é dada para ele. (Quanto a notas expositivas sobre a «Trindade», ver I João 5:7).

*Telsmo.* Notemos que o fato que Deus faz revelações é uma confirmação da posição telsta. Essa palavra indica não somente que Deus existe, mas também que ele está «com os homens». Deus faz intervenção na história humana; ele recompensa e pune. Os homens lhe são diretamente responsáveis. O *delismo*, entretanto, ensina que apesar de existir um Deus, está ele divorciado de sua criação, tendo deixado as leis naturais a tomarem conta da mesma. Deus não faria intervenção nos negócios humanos, não recompensaria e nem castigando; não se interessaria pelos homens. (Quanto a notas teológicas e filosóficas sobre as várias idéias referentes à pessoa de Deus e suas relações com os homens, ver Ato 17:27).

«...para mostrar...» Os homens devem compreender que esta revelação foi dada por meio de Cristo, e que ele é real; nele e por intermédio dele é que são solucionados todos os nossos problemas de vida e lealdade.

*Digo que o reconhecimento da Deus, em Cristo,  
Aceito por sua razão, solucionada para ti  
Todas as questões da terra e fora dela,  
Fazendo-te progredir na sabedoria.*

(Robert Browning, *A Death in the Desert*,  
onde o autor atribui tais  
palavras a João, o idoso apóstolo)

A pessoa central do universo, o Homem ideal, desde a sua encarnação, e em sua glorificação, traz até nós aquilo que precisamos saber a fim de prepararmos-nos para os temíveis acontecimentos do futuro e da vida eterna. (Ver Col. 1:15-21 acerca das «doze superioridades» de Cristo).

«...servos...» Não há motivo algum para o eufemismo, «servos». O grego é «doulos», «escravo». Esse título é usado acerca dos crentes, subentendendo sua absoluta dedicação a Deus e a Cristo. Um escravo era propriedade de outrem; ele não tinha direitos pessoais; sua vida era mera extensão da vida de seu senhor. (Ver as notas expositivas completas sobre o conceito implícito no uso desse vocábulo, em Rom. 1:1; ver também Col. 1:7). Os «escravos», neste ponto, são, especificamente, os «ministros» ou «autoridades» da igreja, os quais serão considerados responsáveis pela transmissão a outros das revelações recebidas. O vidente João alista-se entre esses. Por extensão, todos os crentes estão incluídos nesse termo, porquanto para eles, igualmente, é que o Apocalipse foi escrito.

*Torna-me ativo, ó Senhor,  
E então serei livre;  
Força-me a entregar a espada,  
E serei conquistador.*

(George Matheson)

«...breve...» Os cristãos primitivos criam na «parousia» ou segundo advento de Cristo, como algo que sucederia em seu próprio período de vida

terrena. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15). A totalidade do livro de Apocalipse foi escrita com certo senso de urgência. O poder das visões sobre a mente do vidente foi profundo, de tal modo que ele sentiu que o «dia» não poderia demorar-se. (Ver Apo. 22:20, que lê: «Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus»). Alguns intérpretes pensam que está em foco o modo como Deus calcula o tempo, para quem a longa era da igreja seria um tempo muito breve; assim, segundo a mentalidade divina, a vinda de Cristo (e os acontecimentos que deverão precedê-la) é para «breve». Naturalmente, isso expressa uma verdade, mas não se pode ocultar o fato que o próprio vidente esperava esse acontecimento «para breve», até mesmo em seu próprio período de vida na carne. O trecho de Apo. 17:10, que menciona os sete (ou oito) governantes que trariam os últimos tempos, bem como o fato que cinco deles já eram tidos como quem já «calra» (morre), pelo tempo em que este livro de Apocalipse foi escrito, mostra que o tempo que restava aos cristãos era comparativamente curto, e não meramente curto segundo Deus mede as coisas. O vidente, ou qualquer outro dos primitivos seguidores de Cristo, simplesmente não esperavam que houvesse nossa prolongada «era da igreja». Até onde estavam envolvidos, os verdadeiros «últimos tempos» já estavam presentes.

*Diversas interpretações* têm sido criadas para tirar das costas do vidente a acusação de ter-se enganado; mas todas elas são falsas e desnecessárias. Consideremos as seguintes respostas a essas interpretações: 1. A maneira como Deus computa o tempo não está centralmente em foco, neste ponto. 2. Nem significa que esses acontecimentos, uma vez iniciados, serão levados rapidamente à sua conclusão. 3. Nem há qualquer distinção, neste ponto, entre a «cronologia espiritual» e a «cronologia histórica». 4. E nem devemos pensar no sentido de uma vinda «repentina». Antes, o fato simplesmente é que o vidente esperava ver tudo quanto falou acontecer em seu próprio período de vida na carne; de fato, quase imediatamente. Ele pensava que o império romano daquela época e as perseguições movidas por Domício eram os primórdios dos eventos preditos, como se ele mesmo já tivesse visto a concretização de uma parte dos mesmos. Falou como se estivesse já em meio a eles. Sua mente sentia-se dominada pela grandiosidade de tais acontecimentos. Por isso também é que falou com tanta urgência.

«...anjo...» O vidente fala aqui acerca de um «anjo» literal, de um ser sobrenatural, que foi comissionado para ser o mediador do livro de Apocalipse. Isso pode ser comparado com o anjo mediano das visões de Daniel e Zacarias (ver Dan. 8:15,16; 9:21; 10:10 e Zac. 1:19). Havia certa tradição que dizia que a lei mosaica foi dada por mediação de anjos; e isso é refletido no trecho de Ato 7:53.

Subestimamos o ministério dos anjos. É possível que vários dons espirituais sejam mediados por eles. O poder das vidas de alguns homens piedosos subentende que eles eram acompanhados pelos poderes angelicais. (Ver Heb. 1:14 e as notas expositivas ali existentes, acerca do ministério dos anjos; ver também Luc. 4:10 e Ato 1:10 quanto a notas expositivas completas sobre os «anjos»). Alguns estudiosos opinam que o próprio Cristo é o anjo aqui referido; mas isso não é provável.

«...notificou ao seu servo João...» João é favorecido acima dos demais «escravos» de Cristo, a fim de que fosse o transmissor especial dessas tremendas previsões. Mas acerca de quem seria esse «João», nenhuma identificação é feita. Somente já depois dos meados do século II D.C. é que o livro foi identificado com o apóstolo João; e a maioria dos primeiros dos pais da igreja não aceitavam essa tese. Há também aqueles que conjecturam que um «João» posterior, que seria João, o *ancião*, o qual foi mencionado por Papias, e é distinguido do apóstolo João. Ainda há outros, como é o caso do presente comentário, que supõem que está em foco um terceiro «João», o qual seria um profeta ou vidente. (Há notas expositivas completas sobre a questão da «autoridade», na seção III da introdução). Pelo menos é evidente que o João do quarto evangelho não é o mesmo João do Apocalipse, porque o grego dos dois é vastamente diferente entre si. O grego do quarto evangelho é extremamente simples, até mesmo infantil, mas é correto; mas o grego do livro de Apocalipse é com freqüência bárbaro, certamente um grego «adquirido» pelo autor sagrado, pois não podia ser seu idioma nativo.

O vidente João se apresenta para revelar mistérios aos mansos. No dizer de Tomás a Kempis: «Os mistérios são revelados aos mansos. Os puros de coração verão a Deus. Um coração puro penetra nos céus e no inferno».

Aqueles tempos, preenches dos mais estupendos eventos, desde agora começam a desdobrar-se. «Esse vívido panorama deve ser lido à luz daquela gloriosa esperança, o pronto retorno do Senhor, bem como à luz das chamadas abrasadoras da perseguição romana». (Robertson, *in loc.*)

2 ὁς ἐμαρτύρησεν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὅσα εἶδεν.

2 τὸν...Χριστοῦ Ra 1.9; 0.0

1:2: e qual testifica da palavra da Deus, e da testemunha da Jesus Cristo, de tudo quanto viu.

«...o qual atestou...» O autor sagrado, o vidente João, agora confirma a verdade da palavra da profecia que ele estava prestes a transmitir à igreja cristã. Sua origem é Deus, que é o grande autenticador; seu mediador é o Cristo, a segurança do homem, seus instrumentos são anjos, os servos remidos. João o servo de Cristo, é o instrumento humano particular da profecia que estamos começando a estudar; e agora ele nos assegura que sua palavra é veraz, que suas visões são reais, e que sua mensagem é urgente. Notemos como ele reitera essa confirmação, em Apo. 22:8: «Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas...».

Notemos o aoristo. Provavelmente trata-se do «aoristo epistolar», através do que um autor falava de algo que «estava prestes a escrever», como se já o

tivesse escrito, porque via a questão do ponto de vista de seus leitores. Quando os leitores originais deste livro o recebessem, então sua escrita estaria no «passado»; e essa é a razão porque ele escreveu no passado, como antecipação.

«...palavra de Deus...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Não estão em pauta as «Escrituras», do Antigo ou do Novo Testamentos. Esse uso é raríssimo no N.T., e até mesmo para indicar o A.T., se é que tal uso existe. 2. Também não se deve pensar no «evangelho», conforme usualmente significa o termo «palavra», nas páginas do N.T. (Ver Col. 1:5,25 acerca de notas expositivas a esse respeito. Consultar também Ato 2:41; 4:4,31; 7:2,4). Trata-se de uma palavra de «reconciliação» (ver II Cor. 5:19), de «vida» (ver Fil. 2:16) e de «verdade» (ver Ef. 1:13 e Tia. 1:18). 3. Também não está em foco o «Logos», a Palavra pessoal, que é o Cristo. 4. Antes, essa expressão aponta para a «palavra desta profecia», o livro à nossa frente, que

2 του Θεου] om 2036 pc

teve sua origem em Deus, o que foi mediado por Cristo e então confirmado por João, na afirmação de sua válida experiência mística. Por isso, se lê em Apo. 22:6,7: «Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer. Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro».

«...testemunho de Jesus Cristo...» No grego, os genitivos com frequência se prestam para diversas interpretações. Portanto, neste ponto, esse testemunho poderia significar: 1. A revelação «acerca» de Jesus Cristo, que deu ao autor o seu «testemunho», por ser ele o grande Salvador e Juiz, o Alfa e o Ômega de tudo. 2. Antes, devemos entender que está em foco o «testemunho» dado pelo próprio Cristo, o qual ele recebera da parte do Pai, tendo-o transmitido através do seu «anjo», o que se vê no primeiro versículo do livro. 3. Cristo, pois, é o grande Testemunho acerca do que passa a ser escrito; e, como é óbvio, ele é o tema central deste livro, embora isso não seja especificamente declarado aqui.

«O próprio livro é o registro da evidência de João; ele testifica acerca de Cristo, e Cristo testifica acerca do futuro do plano divino... A afirmativa de Deus, aquela expressão de seu propósito—Jesus agora desdobra e confirma». (Moffatt, *in loc.*).

«A revelação inteira de Deus, agora é confirmada por Cristo, em toda a

3 μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα, ὁ γὰρ καιρὸς ἐγγύς.

3 τηροῦντες...γεγραμμένα Re 22:7 ὁ γὰρ...ἐγγύς Re 22:10

3 τους λογους] των λογον R046 1854 pc [προφητειας] add ταυτης 361X pc vg sy co

1:3: Bem-aventurado aquele que lê o bem-aventurado os que ouvem as palavras desta profecia a guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.

«...bem-aventurados...» No grego temos o termo «makarios», plenamente comentado em Mat. 5:3. Fala, basicamente, da felicidade física e da boa sorte. Mas o N.T. eleva essa palavra, a fim de que signifique «bem-estar espiritual», bem como as boas fortunas e a felicidade que, naturalmente, acompanha esse bem-estar. Originalmente, essa palavra era usada para falar sobre a «bem-aventurança» dos deuses, em contraste com o homem mortal, o qual, por sua própria natureza, deve passar pelas misérias e incertezas da existência. O evangelho confere aos homens as boas-novas e diz como os homens podem chegar a compartilhar da «divindade» (ver II Ped. 1:4), chegando a possuir toda a plenitude de Deus (ver Efê. 3:19) e seu próprio tipo de vida (ver João 5:25, 26 e 6:57), por serem transformados segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18), passando assim a possuir sua natureza e seus atributos.

É através desse processo transformador, pois, que os remidos chegam a receber a «felicidade divina», com base na posse da própria vida e natureza de Deus. O que os antigos gregos ousavam atribuir exclusivamente à condição dos deuses, chamando-os de «makarios», o N.T. mostra que pode ser dito com segurança acerca dos que encontram a redenção que há em Cristo.

(Quanto a notas expositivas completas sobre o conceito sugerido nas notas e no poema acima, ver Col. 2:10). Chegaremos a participar de «toda a plenitude de Deus», tal como Cristo dela participa. Sua natureza e seus atributos estão envolvidos nisso. Trata-se de um elevadíssimo conceito, de nossa mais sublime revelação. Isso é que fará os homens tornarem-se verdadeiramente «bem-aventurados». Disso consiste o evangelho cristão.

O uso deste vocábulo, neste versículo, naturalmente fala daquele bem-estar espiritual que será dado aos leitores que não negligenciarem este livro, mas antes, familiarizarem-se com o seu Cristo, que é o Alfa e o Ômega da criação, sofrendo perseguições por amor a ele, enquanto esperam sua volta dos céus, dando ouvidos às predições que estavam prestes a ser feitas. Neste livro há sete bem-aventuranças:

1. O bem-estar espiritual dos leitores que derem ouvidos e obedecerem às predições e suas exigências (ver Apo. 1:3). Felizes são aqueles que ouvem e observam o que aqui é dito.

2. Bem-aventurados são os mortos que morrerem no Senhor. Esses agora descansam: suas boas obras os seguem e lhes servem de bênçãos; e viverão para sempre (ver Apo. 14:13).

3. Bem-aventurados são aqueles que, mediante pureza na vida, conservam suas vestes sem mácula, e que esperam pelo retorno imediato do seu Senhor. As suas expectativas se cumprirão e sua fidelidade será recompensada. (Ver Apo. 16:15).

4. Bem-aventurados são aqueles convocados à ceia das bodas do Cordeiro. (Ver Apo. 19:9).

5. Bem-aventurados e santos são aqueles que tiverem parte na primeira ressurreição, sobre os quais a segunda morte não exerce poder. (Ver Apo. 20:6).

6. Bem-aventurados são aqueles que observarem e obedecerem às declarações deste livro. (Ver Apo. 22:7).

7. Bem-aventurados são aqueles que observam os mandamentos de Deus; esses terão acesso à «árvore da vida», isto é, participarão na «vida eterna». A vida eterna consiste da mesma modalidade de vida que Cristo possui, com base no seu mesmo tipo de natureza, que é a natureza divina. (Ver Apo. 22:14; ver também João 5:25, 26 e 6:57 quanto a notas expositivas sobre a «vida independente e necessária» de Deus, que ele compartilhou, primeiramente com o seu Filho, e então, por intermédio dele, compartilhará com todos os seus filhos).

«...lêem...» Essa palavra indica «ler em voz alta», nos cultos públicos. Poucas pessoas sabiam ler no primeiro século de nossa era, e pouquíssimos livros havia para serem lidos. Cada uma das sete igrejas (ver Apo. 1:20) deve

sua plenitude». (Charles, *in loc.*).

«...quanto a tudo o que viu...» Essa cláusula define tanto os limites da expressão «palavra de Deus» como do «testemunho» dado por Cristo. Essa palavra é o presente livro. Cristo confirma este livro, pois contém o mesmo as coisas que o vidente João recebeu por revelação.

Notemos que o judaísmo não era adequado; suas revelações são reputadas incompletas, sem o «testemunho de Jesus», que fala sobre aquelas coisas «adicionais» que nos asseguram serem elas «verazes».

**Inspiração.** Vários dos apóstolos reivindicaram possuir inspiração quanto às «idéias» que registraram, e afirmaram ter recebido «visões» que lhes transmitiam as informações espirituais válidas. Mas somente João, o vidente, reivindica inspiração para um livro inteiro, sendo isso, exatamente, o que ele faz nos versículos primeiro e segundo. Não admira, pois, que ele declare uma bênção para aqueles que lerem e ouvirem a leitura desta profecia. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «inspiração», ver II Tim. 3:16).

«...testemunho...» No original grego é «marturia», cuja raiz significa, primariamente, «testemunho», embora posteriormente tenha vindo a significar «tornar-se mártir». O autor sagrado, entretanto, não parece indicar qualquer coisa dessa natureza. Jesus foi o «grande Mártir», mas o que interessa ao autor sagrado é a «confirmação» deste livro.

ter recebido uma cópia deste livro, pois o autor tencionava que o mesmo fosse lido nelas, entre outras «Escrituras». Desde o começo, o autor sagrado dá a entender que seu livro tornar-se-ia parte da liturgia da igreja. Isso mostra quão poderosas devem ter sido as visões por ele recebidas, a ponto de conferir-lhe tão grande confiança, já que, por essa altura dos acontecimentos, não se formara ainda o «cânon» do N.T.

Quando este livro foi escrito, é possível que somente os livros do A.T. fossem lidos nos cultos cristãos, como parte da liturgia. Foi ousadíssima a sugestão, feita pelo vidente João, que este livro deveria ser lido juntamente com os «escritos sagrados». É paradoxal que um livro que asseverava possuir tão grande autoridade, mais do que qualquer outro livro do N.T., foi negligenciado por mais tempo pela igreja universal, exceto na Ásia Menor, para onde foi enviado pela primeira vez. Esse fato, entretanto, não deve diminuir em nosso conceito a sua autoridade espiritual.

O autor sagrado não escreveu uma *profecia selada* (conforme se vê em Dan. 12:9). Antes, queria que a mesma fosse bem conhecida; e pensava que poderia ser entendida por homens honestos, que buscam a verdade.

«...ouvem...» Nos cultos das igrejas, naturalmente, quando então este livro deveria ser lido como parte da leitura das Sagradas Escrituras. Extremamente poucas seriam as pessoas que tinham alguma cópia particular do Apocalipse. O autor sagrado, portanto, profere uma bênção para toda a igreja, se esta usasse esta profecia.

Esta porção do versículo certamente indica que este livro foi escrito após o ano 70 D.C., pois nem mesmo escritos reconhecidamente «apostólicos» eram usados como literatura eclesiástica senão depois da destruição de Jerusalém. Antes dessa época somente o A.T. era usado com esse propósito. (Ver a questão da «data» da escrita deste livro, discutida na seção V da introdução ao livro).

«...palavras da profecia...» Não está em foco uma «profecia» em geral, como se dava no caso dos livros proféticos do A.T., e sim, este livro profético, o «Apocalipse». Este livro, portanto, foi escrito a fim de «predizer» os acontecimentos, e não apenas a fim de descrever as condições daquela época futura. (Ver a seção XII da introdução acerca dos «Conceitos e Métodos de Interpretação», quanto a uma discussão sobre como devemos encarar o conteúdo deste livro. Este volume é uma «profecia», e não mero livro de textos sobre simbolismos religiosos, que visassem instruções morais.

«...guardam as coisas nela escritas...» Consideremos aqui os pontos seguintes: 1. Isso envolve o reconhecimento de Cristo como o Alfa e o Ômega, o alvo mesmo da existência, bem como a fonte originária da própria vida; por conseguinte, estava envolvida também a resistência ao culto do imperador, que então era imposto aos súditos do império romano. 2. Esse «reconhecimento», naturalmente, deve-se aplicar a todas as épocas e sob todas as circunstâncias. 3. Também está em foco as instruções «morais» do livro, conforme se vê nos seus capítulos segundo e terceiro. 4. Deve-se pensar também sobre o «retorno» de Cristo para breve, em que os crentes precisam orientar sua vida em consonância com essa esperança. 5. Também devem deixar-se eles «consolar» com essa esperança, a fim de serem capazes de sofrer perseguições, que devem ser infligidas contra a igreja. 6. Também está incluída a resistência à tentação à apostasia, devido às pressões e à malignidade de indivíduos maliciosos. 7. Os crentes também devem tomar nota do que sucede ao mundo, pois devem preparar-se para os horrendos acontecimentos futuros, mediante a lealdade verdadeira ao Cristo que, finalmente, brandirá a autoridade universal e levará o mundo às condições do milênio, desde há tanto tempo profetizadas.

O «guardar» deve ser feito em meio a cuidados extremados, não envolvendo tanto a vigilância que visa a «preservação». Essa é a idéia do termo grego «tereo», usado neste texto, conforme diz Vincent (*in loc.*). Não obstante, os léxicos gregos mostram que a idéia de «vigiar» ou a idéia de «guardar» são significados legítimos deste vocábulo. A idéia central é a de «cumprir» aquilo que nos é dado como tarefa, é a de «obedecer», de «observar», tudo o que é significado legítimo de «tereo».



«...o tempo está próximo...» O termo grego «*eggus*» define as palavras gregas «em tachei», traduzidas por «em breve», no primeiro versículo. O significado só poder ser que o autor sagrado esperava que os acontecimentos descritos em sua «profecia» sucedessem «imediatamente», conforme ele calculava a passagem do tempo, ou seja, mui provavelmente, em seu próprio período de vida. Não há aqui qualquer alusão a «como Deus conta o tempo». Essa interpretação, apesar de legítima em alguns contextos do N.T., decididamente está fora de lugar neste ponto. O poder das visões tidas pelo vidente João assobrerbar seu cérebro, e ele estava convicto de que sua época eram os «últimos dias».

«...tempo...» No grego temos «*kaïros*», palavra que aponta para um tempo fixo ou definido, como uma «estação festiva», assinalada e bem conhecida. Também pode estar em loco um tempo favorável. Essa palavra é usada em sentido escatológico a fim de indicar um «tempo de crise»; e algumas vezes, especificamente, aponta para os «últimos dias», com sua tremenda crise, como aqui. Certamente esse é seu uso, no presente contexto. Portanto, para o autor sagrado, os «últimos dias» era a sua própria época, e ele esperava ver em sua própria vida carnal os tremendos acontecimentos preditos. Assim também, hoje em dia, esperamos tal ocorrência. Há um artigo na introdução ao comentário intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era». É evidente que o propósito do Espírito Santo é

que cada geração da igreja se considere, potencialmente, nos «últimos dias». (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em I Tes. 4:15 e I Cor. 15:51).

«O primeiro uso do termo grego traduzido aqui «está próximo», deveria servir-nos de instrução. Comparar isso com Mat. 24:32,33, onde se usa também a palavra «próximo». Tais palavras são reiteradas em Apo. 22:10. Em João 11:54,55 temos «perto», quando se refere a um lugar ou «próximo», quando se refere a tempo; e notemos, nesse último versículo, que os judeus estavam se preparando para aquele acontecimento! A despeito de todos os argumentos daqueles que dizem, «Meu Senhor demora-se!», a única atitude de obediência compatível é a de «obediência», pois não sabemos dizer o dia e nem a hora! (Newell, *in loc.*).

Alford observou sobre o estranho fato que a Igreja Anglicana omitiu inteiramente de seus textos a serem lidos na igreja, o livro de Apocalipse, considerando que o presente versículo serve de «reprimenda» àquela organização religiosa (e a outras), por não dar atenção a este livro. Diz ele: «Nenhuma única palavra das preciosas mensagens do Espírito às igrejas é jamais ouvida nos cultos públicos de uma igreja que nunca se cansa de apelar para suas liturgias bíblicas. Certamente urge que tal omissão seja descontinuada».

\*\*\*

## II. Saudação (1:4-8).

Tendo prefaciado seu livro com uma espécie de introdução formal, apropriada para um tratado ou composição profética, o vidente João agora dirige pessoalmente aqueles que seriam os primeiros a receber este livro. Há aqui saudações pessoais, mui parecidas com as das epístolas paulinas (que talvez tenham exercido influência). Mas também há aqui o propósito específico de descrever o verdadeiro «tema» do livro — Cristo — o qual é o Alfa e o Omega. Essa «saudação», por conseguinte, serve de uma espécie de elogio ao grande Personagem que domina o tema das profecias, o qual é visto como o poder espiritual por detrás da tradição profética, bem como o Senhor para quem apontam todas as profecias.

4 Ἰωάννης ταῖς ἐπτά ἐκκλησίαις ταῖς ἐν τῇ Ἀσίᾳ· χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ τοῦ ὄντος καὶ τοῦ ᾔοντος καὶ τοῦ ἐρχομένου, καὶ ἀπὸ τῶν ἐπτά πνευμάτων τῶν ἐνώπιον τοῦ θρόνου αὐτοῦ,

4 ó ōn Es 3:14; Re 1:8; 4:8; 11:17, 18,3

ó ōn...ἐρχόμενος Is 41:4; Re 1:8; 4:8

τῶν ἐπτά πνευμάτων Re 3:1; 4:8; 5:6

4 apo 1<sup>o</sup>] add Θεου 046 82 1611 al t Prim: add του 429 pc 5

1:4; João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da das sete espíritos que estão diante do seu trono;

«...João...» Devemos pensar aqui no vidente João, e não no anção do mesmo nome (a quem Papias distinguia do apóstolo do mesmo nome), embora também pertencesse à escola joanina. (Ver as notas expositivas acerca disso, no primeiro versículo, bem como a secção III da introdução, intitulada «Autoria»).

«...às sete igrejas...» Este livro foi originalmente enviado às sete comunidades cristãs locais da Ásia Menor (moderna Turquia). Mui provavelmente, uma cópia foi enviada a cada comunidade local, ou então a única cópia enviada deveria ser enviada à comunidade seguinte, depois de lida. Naturalmente, havia muito mais do que somente sete comunidades cristãs na Ásia Menor. Além dessas sete (enumeradas no décimo primeiro versículo deste capítulo), sabemos que, naquela mesma região, igrejas locais tinham sido fundadas nas localidades de Colossos (ver Col. 1:2 e 2:1), Hierápolis (ver Col. 4:13), Tróade (ver Atos 20:5 e ss.), Magnésia (ver Inácio Ad Magn. i.1). Trales (ver Inácio, Ad trall. i). Abaixo falamos sobre as sete igrejas e o significado das mesmas.

1. Sendo elas em número de «sete», representam a igreja cristã universal, bem como a igreja cristã estabelecida na Ásia Menor.

2. O número «sete», por ser um número místico, foi usado propositalmente pelo vidente João. Assim é que, neste livro, também temos sete selos, sete julgamentos por trombetas, sete personagens, sete visões dos adoradores do Cordeiro e da besta, sete julzos de taças, sete visões sobre a queda de Babilônia, sete visões de como Satanás será derrubado e como seu reino será destruído. A tradição profética nos apresenta uma «completa» e instrutiva mensagem divina, no tocante às questões com que ela trata. Parte dessa tradição visa a mensagem divina enviada à igreja universal, misticamente representada pelas sete igrejas da Ásia Menor.

3. É possível que as sete igrejas representem, profeticamente, sete estágios da história da igreja cristã, até ao tempo da segunda vinda de Cristo.

4. Essas sete igrejas representam as condições espirituais das igrejas cristãs, em qualquer época histórica.

5. Havia sete igrejas literais daquela época que precisavam instruções as quais estão contidas neste livro. Portanto, o Apocalipse, pelo menos em parte, também é um livro histórico. Supomos que muitas das suas profecias, a começar pelo capítulo quatro deste livro, também representam condições existentes nos fins do primeiro século de nossa era, bem como dos primórdios do segundo século, embora haverão de ter mais plena aplicação nos verdadeiros «últimos dias», dos quais aquela época era apenas preditiva.

6. Se determinarmos a localização dessas sete cidades, em um mapa, na ordem em que as igrejas são citadas no décimo primeiro versículo, descobriremos que o desenho assim formado formará um «círculo», o que é, igualmente, um sinal de perfeição. É possível que o autor sagrado as tenha escolhido com o propósito de formar um círculo geográfico. Dessa maneira, simbolicamente, mas de outra maneira, ele escreveu para a igreja universal.

Embora, com base nisso, se veja que as cartas às sete igrejas e o livro de Apocalipse em geral, transcendam às condições da época em que a composição foi feita, não há razão para supor-se que as «sete cartas» são «artificiais», isto é, apenas artifícios literários para transmitir uma mensagem, mas sem qualquer intuito de dar instrução a sete igrejas literais. Tal artifício «literário» certamente seria «legítimo», especialmente em um livro místico e simbólico como este. Contudo, o Apocalipse foi escrito a fim

de transmitir instruções reais, e para igrejas verdadeiras. (Quanto a notas expositivas completas sobre o conceito e o destino da «igreja», no N.T., ver Efé. 3:10. Quanto às cidades representadas pelas sete igrejas do Apocalipse, ver o décimo primeiro versículo do presente capítulo, onde há referências às notas expositivas sobre cada uma delas).

«...Ásia...» Temos aqui alusão não ao continente asiático, mas à Ásia Menor, que faz parte da moderna Turquia. (Quanto a notas expositivas detalhadas acerca da província romana da «Ásia», ver Atos 2:9 e 19:10). «Ásia» era termo às vezes empregado para referir-se às áreas costeiras, mas, normalmente, nas páginas do N.T., indicava a Ásia Proconsular.

«...graça e paz...» Essa é a saudação que aparece em todas as epístolas paulinas, uma adaptação cristã de uma antiga forma literária que desejava a «paz» aos endereçados. (Ver as notas de introdução ao trecho de Rom. 1:1 quanto às antigas formas epistolares; e ver Rom. 1:7 e I Cor. 1:3 quanto a notas expositivas sobre «graça e paz» como desejos espirituais das cartas cristãs. A nota detalhada sobre a «graça» aparece em Efé. 2:8, e a idéia da «paz» é amplamente comentada em Rom. 5:1 e João 14:27 e 16:33, onde aparecem poemas ilustrativos).

«...da parte daquele que é, era e que há de vir...» Isso se afasta radicalmente das saudações paulinas. Naquelas a graça e a paz são atribuídas a «Deus Pai e ao Senhor Jesus Cristo». Mas aqui são atribuídas a Deus Pai, o Alfa e o Omega de toda a criação, eterno, pois ele sempre foi vivo, porquanto «é» e «será», e também são atribuídas ao Filho, nosso Senhor. Os leitores originais viviam em uma época em que os súditos romanos deveriam adorar ao imperador; em caso contrário, eram acusados de traição. Em contraste com as exigências e tolices dos homens, que transformam homens em «deuses», são exaltados Deus Pai e Deus Filho, os quais são dignos de toda a nossa lealdade.

«...que é, era...» O Targum (comentário) sobre Deut. 32:39, diz: «Eu sou aquele que é, que era e que será; e não há outro Deus além de mim» (Targ. Jer. I sobre Deut. 32:39). Pouca dúvida pode haver que João, o vidente, tenha tomado por empréstimo essa designação do «Deus eterno», desse ou de outro antigo escrito judaico, que buscam explicar as Escrituras. Há algo quase idêntico acerca de Zeus (escrito por Pausânias, *Descrições da Grécia*, I.12.5): «Zeus era, Zeus é e Zeus será». Plutarco diz-nos que o santuário de Minerva (identificada com Isis), em Sair, tinha a seguinte inscrição: «Eu sou aquele que tem sido, é e será». (Sobre Isis e Osiris, 9). Algo similar foi dito acerca de Ormazd, o deus, a região e a religião onde era adorado. Supostamente «eram, são e serão». Não podemos deixar de notar a similaridade de pensamento com o trecho de Heb. 13:8 (também escrito acerca de Cristo), onde se lê: «Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre».

Cristo sempre foi (sua eternidade passada é assim confirmada—ver as notas expositivas sobre esse conceito, em Heb. 7:3). Ele é o objeto vivo e sempre presente da fé religiosa; o Senhor presente de todas as coisas. (Ver as notas expositivas sobre o «senhorio de Cristo» em Rom. 1:4; e quanto ao fato que ele é agora a «imagem» de Deus, isto é, tudo aquilo que atualmente se pode saber sobre Deus, ver as notas expositivas em Col. 1:15). Desse modo, naturalmente, o autor sagrado afirma indiretamente a verdade da «ressurreição», a qual é mais especificamente declarada no quinto versículo deste capítulo. Na qualidade de Senhor do presente, ele é o Conquistador da morte, ou seja, é o doador da vida, da vida eterna, que é sua própria modalidade de vida, que ele obteve por meio de sua ressurreição. (Ver João 5:25,26 e 6:57).

Cristo, tanto quanto Deus Pai, é aquele «que é». Esse conceito foi tomado por empréstimo do trecho de Êxo. 3:14, onde é aplicado ao Deus do A.T. Nisso, naturalmente, é ensinada de forma indireta a divindade de Cristo. Fica subentendido, pois, em consonância com a exaltação geral atribuída a Cristo neste livro, que aquilo que é dito acerca do Pai, também se aplica a Cristo, por aplicação e implicação, ainda que não por declaração direta. Ambos são o Alfa e o Ômega. (Comparar com Apo. 1:8—acerca do Pai; e com Apo. 1:11—acerca do Filho). (Ver também Heb. 1:3, onde há notas expositivas completas sobre esse tema e sobre a «divindade de Jesus Cristo»). A série inteira ensina a mesma coisa—Cristo é o eterno «passado», «presente» e «futuro». Isso só poderia mesmo ser atribuído a uma pessoa «divina».

«...que era...» Nenhum «acúmulo» de tempo passado é assim designado; deve-se compreender aqui o «passado absoluto», isto é, todo o tempo passado possível, a «eternidade passada» de Cristo. Isso também o identifica como divindade, porque isso poderia ser dito exclusivamente acerca de Deus. Os grandes versículos cristológicos, como os de João 1:1-3, identificam o Filho com o Pai, de tal modo que aquilo que é dito sobre um é dito também sobre o outro. Assim também aqui, a graça e a paz vêm da parte de Deus Pai e de Deus Filho, pois, como membros da Trindade que são, ambos «eram» «são» e «serão», embora o Pai seja particularmente salientado aqui. Isso com o segundo versículo daquele mesmo capítulo: «Ele estava no princípio com Deus». (Ver também o oitavo versículo, onde é reiterada essa descrição de Deus).

«...que há de vir...» Essas palavras aludem à «eternidade futura», bem como à «imutabilidade» de Deus. Provavelmente há aqui uma alusão à segunda vinda de Cristo, quando sua glória futura será vivamente retratada diante dos homens, porque então o Filho transmitirá plenamente o Pai aos homens.

Os sentidos diversos desse título, a saber:

1. Aquele que «era», «é» e «será» é uma espécie de paráfrase do «indizível» nome divino. Ele é aquele ser que envolve o tempo todo, toda a criação dentro do tempo.

2. Sua imutabilidade é salientada.

3. Sua divindade autêntica destaca-se sobre tudo.

4. Seu caráter «diferente» é afirmado, pois somente ele pode ser assim descrito.

5. A «tríplice» designação pode dar a entender o Deus «tríuno», embora Deus Pai é quem esteja aqui especificamente em foco. Essa referência é possível, tendo sido defendida por alguns bons intérpretes.

6. O «senhorio» de Deus é inerente em tudo isso, pois somente o Deus imutável e intemporal pode ser o verdadeiro Senhor dos homens.

7. Portanto, ele é o Alfa e o Ômega, a fonte e o alvo da criação, o tudo para todos (ver Efê. 1:23 e os versículos oito e onze do presente capítulo). O próprio livro de Apocalipse serve de prova da estatura divina do Filho. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios ilustra como, finalmente, ele será o centro e o cabeça de toda a criação. A vida inteira encontrará nele o seu cumprimento, ainda que nem todos receberão a vida dos eleitos; pois, de alguma maneira, em alguma medida, ele restaurará «tudo» a si mesmo, tal como ele é o criador de «tudo». (Ver Col. 1:16, acerca desse conceito). Biblicamente falando, portanto, aquilo que é dito sobre Deus Pai, neste ponto, aplica-se a Deus Filho, em outros lugares.

«...da parte dos sete Espíritos...» Muitas idéias e interpretações circundam esse tema. Há um sumário possível, como se segue:

1. Muitos intérpretes vêem aqui uma combinação de angelologia com idéias astrais. Essas coisas são semelhantes, mas não são idênticas às «sete estrelas» de Apo. 1:16 e 3:1. Os antigos criam que elevados poderes espirituais («aeons» ou poderes angelicais) habitavam nos planetas e estrelas, ou então que seus corpos eram exatamente esses corpos celestes. Não tinham conceito de um universo puramente material, conforme atualmente se ensina nas escolas. Poucos antigos tinham qualquer idéia das tremendas dimensões dos corpos celestes. Por isso, era-lhes fácil supor, por exemplo, que Vênus fosse um ser celestial vagabundo, uma entidade consciente, ou que esse objeto luminoso fosse o corpo de algum ser espiritual. E outros antigos, que viam os planetas como algo pertencente à ordem desta terra, supunham que seres celestiais «habitavam» em tais esferas, e, portanto, que exerciam poderes diversos sobre os homens. Além disso, supunham eles que a vida humana seria «fria» e influenciada por tais seres.

É possível que esses sete espíritos representem sete exaltados poderes cósmicos, que estariam sujeitos ao controle e às ordens de Cristo. Teriam sido referidos em linguagem «astrológica», ainda que o próprio autor sagrado não tivesse idéias astrológicas. (Ver Col. 2:8 e as notas expositivas ali existentes, sobre o «elemento astrológico» que havia no judaísmo posterior).

2. Alguns intérpretes pensam que esses «sete espíritos» são os mesmos sete arcanjos das especulações judaicas, referidos em Eze. 9:2; Tobias 12:15; I Enoque 20:1-8; III Enoque 17:1-3 e Testamento de Levi 8:2. Alguns autores crêem que esses arcanjos foram identificados e talvez tenham tido origem na comparação com os sete Amesha-Spentas da antiga religião persa. Outros percebem certa identificação entre esses arcanjos e os sete planetas da teologia astral babilônica, a saber, o sol, a lua e cinco dos planetas, que podem ser vistos a olho nu. De acordo com as idéias populares

da época, esses corpos exerceriam controle e influência sobre as vidas dos homens. No contexto do escrito de João, o vidente, encontraríamos o ensinamento que diz que todos os «poderes celestes», sem importar sua espécie e poder, estão sob a autoridade de Cristo (ver Apo. 3:1), pelo que seriam seus agentes de controle e autoridade sobre este mundo. É possível que João desejasse transmitir essa mensagem, sem dar a entender qual é a sua crença sobre a «realidade» desses espíritos, ou qual seria seu relacionamento com a astrologia contemporânea. Antes, dizia ele, simbólica e misticamente, que, em Cristo, está investida toda a autoridade. Pode-se notar, em II Enoque 30:14, que os anjos são referidos como se fossem estrelas, ao mesmo tempo que, em I Enoque 41:5,7, às estrelas é atribuída uma existência «consciente».

3. Também há os estudiosos que vêem aqui tão-somente uma alusão aos «sete Espíritos de Deus», ou seja, uma espécie de alusão mística ao Espírito Santo, quicô do ponto de vista das «perfeições» de seu poder e de suas operações, representadas pelo número sete. O trecho de Isa. 11:2 é aludido, onde, presumivelmente, o Espírito Santo, em sua atuação em sete aspectos, por assim dizer é, «sete espíritos em um». Ou seja, ele é: 1. O Espírito do Senhor; 2. da sabedoria; 3. do entendimento; 4. do conselho; 5. do poder; 6. do conhecimento; e 7. do temor ao Senhor. O máximo que se pode dizer em apoio a essa interpretação é a observação que se está em foco o Espírito Santo, então o Deus tríuno é visto a saudar as igrejas—o Pai (aquele que era, é e será), o Filho (Jesus Cristo, ver o quinto versículo), e o Espírito Santo (em suas sete diferentes manifestações de poder). Entretanto, Charles (in loc.), um dos maiores expositores de todos os tempos do livro de Apocalipse, objeta a essa interpretação ao dizer que a mesma ignora o «meio ambiente» daquela época. Trata-se de uma interpretação suspeita, pois procura aliviar o autor sagrado de fazer alusão às idéias comuns à época, «cristianizando» seus pensamentos, em acordo com o meio ambiente da cristandade moderna, quanto a seu pensamento cosmológico. Em outras palavras, torna o autor sagrado igual a nós, que vivemos na era moderna, não tendo nós as idéias antigas do cosmo e seus poderes. Nada há de estranho nas antigas idéias cosmológicas serem transferidas para documentos antigos, como se dá nos caso do Apocalipse.

Na tradição judaica há certa conexão entre o grande candelero de ouro, de sete hastes, com os sete planetas (ver Josefo, *antiq.* iii.6.7; *Guerras dos Judeus* v.5.5). Nesta última referência também encontramos alusão aos «doze pães» da apresentação, que simbolizariam os doze sinais do Zodíaco. Evidentemente foi com base em idéias assim que certos pensadores judaicos do período helenista escreveram, alicerçados em conceitos do cosmo próprios da cultura greco-romana.

4. Há um outro ponto de vista que diz que os «sete espíritos» são uma ordem *sui generis* de seres celestiais, que não podem ser identificados com os arcanjos. Isso poderia ter algum apoio na observação que havia outros seres similares, como é o caso dos vinte e quatro anciãos e os quatro animais «cheios de olhos» (ver Apo. 4:4,6). Esta idéia é melhor, segundo penso, do que a suposição que o Espírito de Deus é aqui aludido.

5. Ou poderíamos entender os *sete espíritos* como meras alusões místicas e simbólicas ao próprio Cristo, sem que se pense em quaisquer seres literais. Esses espíritos são os sete olhos do Cordeiro, ou seja, as sete «formas básicas da revelação do Logos ou Cristo celeste no mundo, portanto, ideais de Cristo, lâmpadas de Deus, olhos de Cristo» (Lange, *in loc.*), o qual assim rejeita a interpretação do «Espírito em sete aspectos». (Ver Apo. 4:5 e 5:6). O Cordeiro «tem» sete chifres, sete olhos, e esses são os sete espíritos de Deus. Poder-se-ia argumentar, porém, que embora referidos desse modo, por serem totalmente sujeitos à autoridade de Cristo, cumprindo missões sob suas ordens, são eles seres reais. Poder-se-ia também indagar com razão se fosse apresentado meramente como os chifres ou os olhos do Cordeiro, ou como as meras «lâmpadas» diante do «trono» (ver Apo. 4:5).

O leitor pode ver que não há qualquer acordo entre os intérpretes acerca da «identidade» desses sete espíritos. Podem ser seres reais ou meros símbolos; e o autor sagrado pode ter aludido aos mesmos como se fossem seres reais, utilizando-se da linguagem astrológica de sua época, embora quisesse apontar somente para a auto-revelação de Cristo, na qual ele é visto como quem controla tudo no cosmo. O que eles «significam» é perfeitamente claro, embora não se possa dizer o mesmo quanto à sua identidade. A segunda dessas cinco interpretações é a mais provável, ao passo que a quinta explica o que isso «significa», embora não o que seja. A quarta interpretação soluciona bem o problema, mas talvez «corte» o nó, sem desatá-lo. Com isso quero dizer que ficaria eliminada qualquer necessidade de referência astrológica, ficando também evitada a fraqueza inerente à interpretação das «sete formas» de manifestação do Espírito de Deus. No entanto, não leva em conta possíveis alusões a antigos conceitos e à literatura antiga.

«...diante do seu trono...» Encontram-se nos mais elevados céus, o que dá a entender sua autoridade e glória. Considerando-se que mais adiante são apresentados como «reveladores», devemos supor que trazem revelações vindas do trono de Deus, especificamente acerca da majestade e senhorio de Cristo, que os controla. São «lâmpadas» (ver Apo. 4:5) perante o trono, pelo que falam da iluminação divina e da iluminação da presença divina. São os chifres e olhos do Cordeiro (ver Apo. 5:6), sendo «enviados por toda a terra», presumivelmente a fim de testificarem sobre o Cordeiro, em sua glória e missão, bem como sobre o julgamento vindouro. (Quanto a outras referências a «seres diante do trono», ver Apo. 5:5,6,10, e 7:9).

ὁ καὶ ἀπὸ Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ μάρτυς ὁ πιστός, ὁ πρωτότοκος τῶν νεκρῶν καὶ ὁ ἄρχων τῶν βασιλείων τῆς γῆς. Τῶ ἀγαπῶντι ἡμᾶς καὶ λύσαντι ἡμᾶς ἐκ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν ἐν τῷ αἵματι αὐτοῦ—

<sup>1</sup> B: λύσαντι ἡμᾶς ἐκ τῶν A C 1 2020 2081 2127 2198 2211 2212 2213 2214 2215 2216 2217 2218 2219 2220 2221 2222 2223 2224 2225 2226 2227 2228 2229 2230 2231 2232 2233 2234 2235 2236 2237 2238 2239 2240 2241 2242 2243 2244 2245 2246 2247 2248 2249 2250 2251 2252 2253 2254 2255 2256 2257 2258 2259 2260 2261 2262 2263 2264 2265 2266 2267 2268 2269 2270 2271 2272 2273 2274 2275 2276 2277 2278 2279 2280 2281 2282 2283 2284 2285 2286 2287 2288 2289 2290 2291 2292 2293 2294 2295 2296 2297 2298 2299 2300 2301 2302 2303 2304 2305 2306 2307 2308 2309 2310 2311 2312 2313 2314 2315 2316 2317 2318 2319 2320 2321 2322 2323 2324 2325 2326 2327 2328 2329 2330 2331 2332 2333 2334 2335 2336 2337 2338 2339 2340 2341 2342 2343 2344 2345 2346 2347 2348 2349 2350 2351 2352 2353 2354 2355 2356 2357 2358 2359 2360 2361 2362 2363 2364 2365 2366 2367 2368 2369 2370 2371 2372 2373 2374 2375 2376 2377 2378 2379 2380 2381 2382 2383 2384 2385 2386 2387 2388 2389 2390 2391 2392 2393 2394 2395 2396 2397 2398 2399 2400 2401 2402 2403 2404 2405 2406 2407 2408 2409 2410 2411 2412 2413 2414 2415 2416 2417 2418 2419 2420 2421 2422 2423 2424 2425 2426 2427 2428 2429 2430 2431 2432 2433 2434 2435 2436 2437 2438 2439 2440 2441 2442 2443 2444 2445 2446 2447 2448 2449 2450 2451 2452 2453 2454 2455 2456 2457 2458 2459 2460 2461 2462 2463 2464 2465 2466 2467 2468 2469 2470 2471 2472 2473 2474 2475 2476 2477 2478 2479 2480 2481 2482 2483 2484 2485 2486 2487 2488 2489 2490 2491 2492 2493 2494 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000 3001 3002 3003 3004 3005 3006 3007 3008 3009 3010 3011 3012 3013 3014 3015 3016 3017 3018 3019 3020 3021 3022 3023 3024 3025 3026 3027 3028 3029 3030 3031 3032 3033 3034 3035 3036 3037 3038 3039 3040 3041 3042 3043 3044 3045 3046 3047 3048 3049 3050 3051 3052 3053 3054 3055 3056 3057 3058 3059 3060 3061 3062 3063 3064 3065 3066 3067 3068 3069 3070 3071 3072 3073 3074 3075 3076 3077 3078 3079 3080 3081 3082 3083 3084 3085 3086 3087 3088 3089 3090 3091 3092 3093 3094 3095 3096 3097 3098 3099 3100 3101 3102 3103 3104 3105 3106 3107 3108 3109 3110 3111 3112 3113 3114 3115 3116 3117 3118 3119 3120 3121 3122 3123 3124 3125 3126 3127 3128 3129 3130 3131 3132 3133 3134 3135 3136 3137 3138 3139 3140 3141 3142 3143 3144 3145 3146 3147 3148 3149 3150 3151 3152 3153 3154 3155 3156 3157 3158 3159 3160 3161 3162 3163 3164 3165 3166 3167 3168 3169 3170 3171 3172 3173 3174 3175 3176 3177 3178 3179 3180 3181 3182 3183 3184 3185 3186 3187 3188 3189 3190 3191 3192 3193 3194 3195 3196 3197 3198 3199 3200 3201 3202 3203 3204 3205 3206 3207 3208 3209 3210 3211 3212 3213 3214 3215 3216 3217 3218 3219 3220 3221 3222 3223 3224 3225 3226 3227 3228 3229 3230 3231 3232 3233 3234 3235 3236 3237 3238 3239 3240 3241 3242 3243 3244 3245 3246 3247 3248 3249 3250 3251 3252 3253 3254 3255 3256 3257 3258 3259 3260 3261 3262 3263 3264 3265 3266 3267 3268 3269 3270 3271 3272 3273 3274 3275 3276 3277 3278 3279 3280 3281 3282 3283 3284 3285 3286 3287 3288 3289 3290 3291 3292 3293 3294 3295 3296 3297 3298 3299 3300 3301 3302 3303 3304 3305 3306 3307 3308 3309 3310 3311 3312 3313 3314 3315 3316 3317 3318 3319 3320 3321 3322 3323 3324 3325 3326 3327 3328 3329 3330 3331 3332 3333 3334 3335 3336 3337 3338 3339 3340 3341 3342 3343 3344 3345 3346 3347 3348 3349 3350 3351 3352 3353 3354 3355 3356 3357 3358 3359 3360 3361 3362 3363 3364 3365 3366 3367 3368 3369 3370 3371 3372 3373 3374 3375 3376 3377 3378 3379 3380 3381 3382 3383 3384 3385 3386 3387 3388 3389 3390 3391 3392 3393 3394 3395 3396 3397 3398 3399 3400 3401 3402 3403 3404 3405 3406 3407 3408 3409 3410 3411 3412 3413 3414 3415 3416 3417 3418 3419 3420 3421 3422 3423 3424 3425 3426 3427 3428 3429 3430 3431 3432 3433 3434 3435 3436 3437 3438 3439 3440 3441 3442 3443 3444 3445 3446 3447 3448 3449 3450 3451 3452 3453 3454 3455 3456 3457 3458 3459 3460 3461 3462 3463 3464 3465 3466 3467 3468 3469 3470 3471 3472 3473 3474 3475 3476 3477 3478 3479 3480 3481 3482 3483 3484 3485 3486 3487 3488 3489 3490 3491 3492 3493 3494 3495 3496 3497 3498 3499 3500 3501 3502 3503 3504 3505 3506 3507 3508 3509 3510 3511 3512 3513 3514 3515 3516 3517 3518 3519 3520 3521 3522 3523 3524 3525 3526 3527 3528 3529 3530 3531 3532 3533 3534 3535 3536 3537 3538 3539 3540 3541 3542 3543 3544 3545 3546 3547 3548 3549 3550 3551 3552 3553 3554 3555 3556 3557 3558 3559 3560 3561 3562 3563 3564 3565 3566 3567 3568 3569 3570 3571 3572 3573 3574 3575 3576 3577 3578 3579 3580 3581 3582 3583 3584 3585 3586 3587 3588 3589 3590 3591 3592 3593 3594 3595 3596 3597 3598 3599 3600 3601 3602 3603 3604 3605 3606 3607 3608 3609 3610 3611 3612 3613 3614 3615 3616 3617 3618 3619 3620 3621 3622 3623 3624 3625 3626 3627 3628 3629 3630 3631 3632 3633 3634 3635 3636 3637 3638 3639 3640 3641 3642 3643 3644 3645 3646 3647 3648 3649 3650 3651 3652 3653 3654 3655 3656 3657 3658 3659 3660 3661 3662 3663 3664 3665 3666 3667 3668 3669 3670 3671 3672 3673 3674 3675 3676 3677 3678 3679 3680 3681 3682 3683 3684 3685 3686 3687 3688 3689 3690 3691 3692 3693 3694 3695 3696 3697 3698 3699 3700 3701 3702 3703 3704 3705 3706 3707 3708 3709 3710 3711 3712 3713 3714 3715 3716 3717 3718 3719 3720 3721 3722 3723 3724 3725 3726 3727 3728 3729 3730 3731 3732 3733 3734 3735 3736 3737 3738 3739 3740 3741 3742 3743 3744 3745 3746 3747 3748 3749 3750 3751 3752 3753 3754 3755 3756 3757 3758 3759 3760 3761 3762 3763 3764 3765 3766 3767 3768 3769 3770 3771 3772 3773 3774 3775 3776 3777 3778 3779 3780 3781 3782 3783 3784 3785 3786 3787 3788 3789 3790 3791 3792 3793 3794 3795 3796 3797 3798 3799 3800 3801 3802 3803 3804 3805 3806 3807 3808 3809 3810 3811 3812 3813 3814 3815 3816 3817 3818 3819 3820 3821 3822 3823 3824 3825 3826 3827 3828 3829 3830 3831 3832 3833 3834 3835 3836 3837 3838 3839 3840 3841 3842 3843 3844 3845 3846 3847 3848 3849 3850 3851 3852 3853 3854 3855 3856 3857 3858 3859 3860 3861 3862 386

11 5-6 à daab, à daab; WH // à minor, à daab: NRB // à minor, à daab: TR Bov Nae BF<sup>1</sup> RV ABV TT Reg // à nove, à minor: (AV) RBV Zár Luth (Jer)

5 à μαρτυς à πιστός Re 3:14; 10:11 δ πρωτότοκος τῶν νεαρῶν Ps 89:27; Col 1:18 δ ἀρχων... γῆς Ps 89:27, Re 19:18 λίσσαντι... ἡμῶν Ps 130:3, Is 40:2

5 αγαπῶντι] -πησαντι P 1 203b al ca 5 | ημῶν] om A 1 205g al Prim

Ao invés de λίσσαντι Textus Receptus, seguindo os manuscritos unciais posteriores (P 046), a maioria dos minúsculos, e diversas versões antigas (it (gig) vg cop (bo) eti), diz λούσαντι. A forma λούσαντι é preferível porque conta com apoio superior nos manuscritos (p<sup>14</sup> & A C 1611 it (h) sir (ph,h) ara al); porque está de acordo com o simbolismo do A.T. (e.g., Isa. 40:2, na LXX); e porque se adapta melhor à idéia expressa no vs. 6a. A forma λούσαντι, que em algum tempo pode ter sido pronunciada como λίσσαντι, parece ter surgido «devido à falha de não se ter entendido o uso hebraico de λέν a fim de denotar um preço... e a uma natural aplicação errônea de 7:14». (Hort, «Notes on Select Readings», *ad loc.*).

Com o verbo λούειν a preposição ἀπό naturalmente é mais apropriada do que ἐκ: as primeiras versões não podem discriminar entre as duas preposições.

1:15 a da parte da Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o Príncipe das reis da terra. Aquele que nos ama, e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados.

Notemos, neste versículo, o uso do «apo» com o nominativo. Supomos que o autor sagrado propositadamente tenha preservado o nominativo, tendo rejeitado uma inflexão, a fim de preservar a dignidade dos títulos de Cristo. O autor sagrado cometeu muitos erros semelhantes no grego, a maioria deles, talvez por descuido ou por acidente. (Ver a seção VIII da introdução quanto ao grego do livro de Apocalipse).

O pai (ver o quarto versículo) representa a verdadeira divindade; o Filho representa as bênçãos da divindade conferidas aos homens; e o presente versículo deixa isso claro, de várias maneiras, conforme se vê nos pontos abaixo:

1. *Ele é Jesus, isto é, o Salvador.* (Ver Mat. 1:21 quanto a notas expositivas sobre esse tema). Ele nos salva do pecado, em seus efeitos maus e negativos; ele nos salva da destruição, isto é, da não obtenção da salvação, que consiste da «filiação a Deus». Todos os homens podem, potencialmente, tornar-se filhos de Deus. Aos remidos Cristo dá sua própria natureza e imagem, bem como sua própria modalidade de vida (ver João 5:25,26 e 6:57), que é o próprio tipo de vida de Deus. Dessa forma, pois, ele nos leva a participar da «divindade» (ver II Ped. 1:4), para que recebamos «toda a plenitude de Deus», com sua natureza e atributos. Naturalmente, Deus possui em si mesmo essa vida e esses atributos divinos, de maneira «infinita». Ora, visto que há uma infinitude com a qual teremos de ser cheios, há também a infinitude de preenchimento. Esses conceitos são amplamente comentados em Col. 2:10; Rom. 8:29; II Ped. 1:4 e II Cor. 3:18. É evidente, por conseguinte, que a salvação envolve muitíssimo mais do que o perdão dos pecados e a mudança de endereço para os céus, terminada a atual vida terrena. (Ver as notas expositivas completas sobre a «salvação», em Heb. 2:3).

2. *Ele é Cristo.* Em outras palavras, ele combina a natureza divina e a humana em sua pessoa. Assim, tal como veio participar da natureza humana, assim também faz-nos participar da natureza divina. Ele é o «Messias», o ungido que haverá de produzir tal operação em nós, o Logos «encarnado» que trouxe a nós a redenção. (Ver os trechos de Mat. 1:16 e Marc. 1:1 onde é explicado o uso do termo «Cristo»). O título «Cristo» veio a subentender, para os crentes, a «doutrina da encarnação», em que se combinam as naturezas divina e humana. (Isso é comentado em I João 4:3).

3. *Ele é a testemunha fiel.* (Ver Apo. 3:14 e 2:13 acerca disso). No segundo versículo vemos que ele já fora declarado «testemunha» da verdade da «palavra de Deus», que é exatamente o que indica este livro de Apocalipse, em suas profecias e instruções.

Cristo é o «fiel». a. Ele é genuíno e veraz em seu caráter. b. Ele é fiel e digno de confiança na concretização de sua missão. c. Esse adjetivo pode significar «crente» e «confiança», e talvez isso é o que está subentendido no caso de Jesus Cristo, em sua missão, que lhe foi confiada por Deus Pai, tendo-se tornado o Pioneiro do caminho (ver Heb. 2:10). Assim ele mostrou como os outros homens devem confiar em Deus, cumprindo suas respectivas missões espirituais. d. Ele «transmite» fielmente a sua mensagem, falando a verdade, revelando a verdade, sem jamais desviar-se de seu propósito. Essa é a principal idéia em foco.

«...testemunha...» Consideremos também os pontos seguintes, quanto a essa atribuição de Cristo: a. Ele mesmo é a substância da «mensagem» de Deus. b. Ele revela «as coisas que deverão acontecer»; e isso faz fielmente, pelo que é «testemunha do conteúdo deste livro». Essa é a idéia inerente ao segundo versículo, que talvez seja o pensamento central também neste versículo. c. De modo geral, ele é a testemunha de Deus, que cumpre fielmente a verdade de Deus, que ele veio transmitir aos homens. d. Cristo é testemunha em sua vida e em seu ministério terrenos. e. Não nos devemos olvidar a idéia de Cristo ser um «mártir». Mas esse uso do termo grego parece ter pertencido a um período posterior.

«Uma testemunha fiel (é Cristo) porque ele deu testemunho fiel acerca de tudo quanto deveria ser testificado por ele no mundo. Testemunha fiel porque tudo quanto ouviu do Pai, tornou-o fielmente conhecido de seus discípulos. Testemunha fiel porque ele ensinava o caminho de Deus em verdade, não mostrando respeito humano. Testemunha fiel porque ele anunciou condenação contra os réprobos e salvação para os eleitos. Testemunha fiel porque confirmou, por meio de milagres, a verdade que ensinava com suas palavras. Testemunha fiel porque não negou, nem mesmo diante da morte, o testemunho do Pai a seu respeito. Testemunha fiel porque ele dará testemunho, no dia do julgamento, a respeito das obras boas e más». (Richard of St. Victor).

A ênfase do presente versículo recai sobre o «presente» testemunho de Cristo, através das páginas deste livro, e não sobre o testemunho dado durante sua vida terrena. Por isso é que se lê em Apo. 22:16: «Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a brilhante estrela da manhã».

*Cristo é o verdadeiro mestre:* Suas palavras são infalíveis e persuasivas. Suas profecias certamente se cumprirão.

4. «...primogênito dos mortos...» O mesmo título é conferido a Cristo, em Col. 1:18, onde a questão é amplamente comentada. A alusão aqui é à sua ressurreição. Disso é que emana uma nova modalidade de vida, que consiste da participação na vida divina. Na qualidade de homem, Cristo foi ressuscitado pelo Espírito Santo, tendo sido o primeiro (ser humano) a compartilhar da forma de vida divina. Ora, o fato que ele é o «primogênito» significa que haverá outros. O trecho de I Cor. 15:20 refere-se a isso em termos de ser ele as «primícias dos que dormem». Cristo é a promessa de uma imensa colheita, sendo ele as primícias da mesma. Isso aponta para poder absoluto e para vitória completa sobre a morte; mas também aponta para a participação na vida divina.

Como aplicação local, visto que o livro de Apocalipse foi escrito à igreja cristã, quando esta sofria perseguição, numa época em que houve muitos mártires, esse título dado a Cristo equivale ao que se lê em Apo. 2:10, onde se lê: «Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida».

Uma possível metáfora. É possível que a morte seja vista aqui como um «ventre feminino». Dali é que surge uma nova forma de vida. O que parecia ser horrendamente final, tornou-se o novo nascimento, uma nova vida. Na ressurreição, assim sendo, Cristo foi declarado Filho de Deus (ver Rom. 1:4). Seus privilégios, dentro do favor divino, ele compartilha plenamente com outros filhos, que compartilham de sua vida ressurrecta.

«Sua ressurreição (de Cristo) é a garantia que a morte não pode separar os fiéis de sua companhia. O pensamento aqui contido, bem como na triada seguinte (comparar com Mat. 4:8 e ss.), foi extraído do trecho de Sal. 89:28». (James Moffatt, *in loc.*).

5. «...soberano dos reis da terra...» Cristo é o «Senhor». (Ver as notas expositivas sobre o «senhorio de Cristo», em Rom. 1:4). Neste ponto seu senhorio é aplicado aos reinos e reis da terra. Trata-se de um toque natural, levando-se em conta que os leitores originais do Apocalipse estavam sofrendo perseguição, devido à sua recusa por participarem do «culto ao imperador», que se tornara obrigatório para todos os súditos romanos. Esses imperadores eram «falsos senhores», porque o verdadeiro Senhor está acima de todos, e eventualmente demonstrará isso, quando de seu segundo advento. Mediante sua ressurreição ele passou a uma glória e a um poder muito maiores que o daqueles monarcas. (Ver Fil. 2:9-11). Cristo é o Senhor cósmico absoluto, perante quem, eventualmente, todos terão de dobrar os joelhos, nos céus e na terra, bem como debaixo da terra, encontrando nele a razão para a própria existência. (Ver Efé. 1:10 e as notas expositivas ali existentes, quanto a esse conceito). A comparação com os reis, que há neste versículo, talvez tenha sido sugerida pelos trechos de Sal. 29:27 e Isa. 52:15. (Ver também I Tim. 6:15 e comparar com os trechos de Apo. 6:15; 17:4 e 19:16). O Apocalipse promete a eventual submissão de todas nações e seus governantes a Cristo.

*Farei dele o primogênito.*

*O maior dos reis da terra.*

6. «...nos ama, e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados...» O autor refere-se à missão salvadora de Cristo, ao amor que o inspirou à mesma, e à expiação que há em seu sangue. (Quanto a notas expositivas sobre o «amor de Cristo», ver II Cor. 5:14; quanto ao «amor de Deus», que é o alicerce daquele, ver João 3:16; quanto a nosso «amor uns aos outros», ver João 14:21 e 15:10). Todas essas referências contêm poesias ilustrativas. (Ver I João 2:10 quanto a uma série de excelentes citações e poemas que ilustram o tema do amor). O amor consiste do «altruísmo», em contraste com o «egoísmo». Exibe nossa preocupação e interesse pelo próximo, da mesma maneira que nos preocupamos e interessamos por nós mesmos. Transfere ao próximo o que desejamos para nós mesmos. Amar a nós mesmos é algo fácil e natural. Amar ao próximo é pensar nos outros, agir em favor deles, tal como faríamos por nós mesmos. O amor, tal como a morte, transforma tudo.

«...pelo seu sangue...» (Notas completas sobre a «expição pelo sangue de Cristo» aparecem em Rom. 3:25. Ver também Col. 1:14). Podemos encarar essa questão de três maneiras diversas:

1. *Literalmente.* Os povos antigos pensavam que o sangue da vítima ficava automática ou magicamente «carregado» com o poder e a virtude do deus sobre cujo altar era sacrificada. Quando esse sangue «tocava» em algo,



transmitia o poder e a virtude de tal deus, como que através de meios mágicos. Seja como for, o sangue literal precisava fazer o «toque». Naturalmente, rejeitamos essa interpretação literal e mágica sobre a expiação pelo sangue.

2. *Simbolicamente.* O sangue é o «símbolo» da morte de Cristo e dos seus efeitos. Essa posição expressa uma verdade, mas é incompleta, pois precisa incluir a interpretação seguinte.

3. *Misticamente.* O sangue de Cristo, por falar de sua «morte», revela-nos que, mediante o contacto «místico» com o Espírito Santo, o valor e os efeitos da morte de Cristo tornam-se nossos. Cristo venceu o pecado; e o Espírito Santo, transmitindo a nós a morte de Cristo, conquista o pecado em nós. Cristo fez expiação perante Deus Pai, retirando o motivo de sua ira justa; e agora, ao sermos identificados com Cristo em sua morte, o pecado é expiado para nós. Portanto, recebemos perdão e purificação. A participação na morte de Cristo, pelo poder do Espírito Santo, é uma força transformadora. O Espírito de Deus literalmente «espiritualiza» os nossos seres, amoldando-os de acordo com Cristo, no tocante às suas relações com o pecado. Assim recebemos perdão, purificação e poder santificador. É o Espírito Santo, portanto, que transforma nossas almas, tornando isso plenamente operante em nós. Por conseguinte, a expiação pelo sangue de Cristo não é mera base para o decreto divino do perdão. É um poder operante. Assim sendo, o sangue de Cristo «desliga-nos» do pecado. E também santifica e purifica nossa vida de todo o pecado, já que nos dá a vitória sobre atos pecaminosos, tornando-nos pessoas santas. É óbvio que o Espírito Santo também nos identifica com a vida de Cristo, e dessa maneira nossos espíritos são espiritualizados, de tal modo que chegamos a compartilhar de sua própria imagem, de sua própria natureza. (Ver as notas expositivas em II Cor. 3:18 acerca dessa questão).

4. *Historicamente.* Na morte de Cristo, nós morremos e na ressurreição, nós participamos na vida dele (a mensagem de Rom. cap. 6). Por causa da expiação histórica de Cristo, somos aceitos no Amado (Ef. 1:6), e isto através da declaração forense de Deus. Mas o Espírito opera em nós tudo que é incluído na declaração forense, segundo as descrições dadas sob o ponto três.

«...libertou...» Algumas traduções dizem aqui «purificou», mas esta tradução portuguesa está com a razão, pois aquelas seguem variantes inferiores. Éramos «escravos» do pecado, mas agora nos temos tornado escravos da justiça. (Ver Rom. 6:18. Ver também o primeiro versículo deste livro).

*Variante Textual:* A palavra «libertou» figura nos mss P18, Aleph, AC, 1611, no It(h), no Siph, h) e no Ara. Isso concorda com o simbolismo de Isa. 40:2, de acordo com a Septuaginta, adaptando-se melhor com a idéia expressa no presente capítulo, que fala sobre a liberdade e o poder de reinar, uma vez que temos sido libertos da servidão ao pecado. Mas a palavra «lavou» aparece nos mss P, 046 e na maioria dos mss minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina. Quanto à data, essa variante é muito posterior, aparecendo em manuscritos inferiores do presente livro. (Quanto a explicações

sobre como os textos corretos devem ser escolhidos, quando há variantes nos manuscritos antigos, ver o artigo existente na introdução ao comentário sobre os manuscritos do N.T.).

«...dos nossos pecados...» No grego temos o termo «*amartia*», cujo sentido original é «errar o alvo», mas que veio a indicar todas as modalidades de pecado, de vícios e faltas. O pecado consiste do afastamento para longe do caminho da retidão, divinamente reconhecido ou humanamente instituído. Esse «afastamento» leva-nos a «errar o alvo» do verdadeiro destino humano, que é a conformação com a imagem de Cristo, compartilhando nós de sua natureza (ver II Cor. 3:18), o que significa que chegaremos a participar de sua divindade. A salvação «começa» no perdão dos pecados (o que é comentado em Atos 2:38; Rom. 3:25 e 4:6). (Quanto ao «perdão», na qualidade de um «apagar do pecado», ver Atos 3:19). Mas a plena salvação e algo que envolve muitíssimo mais que o perdão dos pecados, porquanto inclui a «espiritualização» de nosso próprio ser, de modo a possuímos a mesma forma de vida que Deus possui. (Esse conceito é comentado nas notas expositivas sobre João 5:25, 26 e 6:57).

*A participação no mal cósmico.* O pecado, nas páginas do N.T., é pintado como a participação na maldade cósmica, não se tratando de algo meramente humano. Envolve a lealdade ao reino das trevas e ao seu maligno dominador, Satanás. Trata-se de uma revolta ou rebelião, da parte de seres inteligentes, contra Deus. Portanto, trata-se de uma questão séria. (Ver I João 3:8 e as notas expositivas ali existentes, sobre esse conceito). O pecado, por conseguinte, é um poder que primeiramente engana e em seguida destrói os homens no tocante ao elevadíssimo destino que lhes cabe por direito, em Cristo. A cruz foi a intervenção divina na questão do pecado; mas também foi sua derrota definitiva, contanto que os homens aceitem sua vitória. Conquista os poderes cósmicos do mal (ver Col. 2:15) e estabelece a reconciliação universal, e não meramente humana (ver essa questão comentada em Col. 1:20). (Quanto a muitíssimos efeitos, terrenos e celestiais, da «cruz», ver as notas expositivas em Gál. 3:13. Quanto ao conceito da «lavagem do pecado», ver Sal. 51:2; Isa. 1:16, 18; Eze. 36:25; Atos 22:16; Ef. 5:26; Tito 3:5. Quanto à «soltura da prisão do pecado», comparar o presente versículo com os trechos de Mat. 20:28; I Tim. 2:6; I Ped. 1:18; Heb. 9:12; Gál. 3:13; 4:5; Apo. 5:9 e 14:3, 4).

*Situação local.* O autor sagrado menciona a vitória dada pela cruz de Cristo a fim de animar aqueles crentes que eram perseguidos. No dizer de James Moffatt (*in loc.*): «O profeta sente que a única esperança para os que são leais a Deus, neste período de testes, é termos a consciência de que devemos tudo ao amor remidor de Jesus. A fidelidade depende da fé, e a fé é fomentada não quando nos agarramos em nós mesmos, e, sim, em seu próprio objeto. Seguem-se misteriosas explanações da história, mas é a devoção apaixonada a Jesus, e não qualquer habilidade na exploração das profecias, que mostra a origem do heroísmo moral que aparece nas igrejas. Jesus se sacrificou por nós. 'A ele seja a glória'. Dessa confiança e admiração íntimas, que saltam ante a pessoa de Jesus e de sua graça, flui a lealdade dos crentes».

6 καὶ ἐποίησεν ἡμᾶς βασιλείαν, ἱερεῖς τῷ θεῷ καὶ πατρὶ αὐτοῦ —<sup>a</sup> αὐτῷ ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας [τῶν αἰώνων]<sup>2</sup>. ἀμήν.

<sup>1</sup> G [C] αἰῶνας τῶν αἰώνων M C 046 1 04 1008 1611 1828 1854 1859 2020 2042 2053 2065 2073 2081 2139 2432 it<sup>26</sup> vg<sup>27</sup> sy<sup>28</sup> arm<sup>29</sup> eth

Andrew<sup>30</sup> Arcthan<sup>31</sup> αἰῶνας p<sup>1</sup> A 1<sup>o</sup> cop<sup>32</sup> Andrew<sup>33</sup> & omi<sup>34</sup> eis tous αἰῶνας 2344

<sup>2</sup> ἐποίησεν...θεῷ Et 19,6. Is 61,6. 1 Pe 2,3, 9. Ra 5,10, 20,6

6 «ποίησεν» ποιησάντι 046 69 pc | ημᾶς NP 046 I pm g

vg<sup>35</sup>, cl<sup>36</sup> ζ; R] ημιν p<sup>1</sup>A 325 al: ημων C 2329 b vg<sup>37</sup> | βασιλείαν p<sup>1</sup>NAG al; R] -λειον 046 42 69 al: βασιλεῖς καὶ P 1 2059<sup>38</sup> al ζ | ἱερεῖς] ἱερατευμα 42 69 al

Os termos τῶν αἰώνων estão ausentes em P (18) A P certa de trinta manuscritos minúsculos cop (bo) André (a), mas estão em N C 046 1 1006 1611 1854 2053 it (gig, h, 61) vg sir (ph, h) ara et André (bav, c, p) Aretas. É difícil decidir se o texto mais breve surgiu acidentalmente, por descuido escríbal, ou se as palavras foram adicionadas por copistas em consonância com a fórmula litúrgica costumeira. Já que a forma mais completa ocorre por onze outras vezes neste livro (Apo. 1:18; 4:9, 10; 5:13; 7:12; 10:6; 11:15; 15:7; 19:3; 20:10 e 22:5), a comissão relutou em retirar as palavras τῶν αἰώνων do texto neste ponto. Ao mesmo tempo, porém, já que copistas tendiam por expandir tais fórmulas doxológicas, pareceu melhor deixar as palavras entre colchetes, assim indicando a dúvida acerca do direito delas de ficarem no texto.

1,61 e nos fez reino, sacerdotes para Deus, seu Pai, a ele seja glória e domínio pelos séculos dos séculos. Amém.

«...nos constituiu reino...» O autor sagrado evidentemente toma por empréstimo idéias do trecho de Êxo. 19:6, onde Deus prometeu a Moisés que, após a miraculosa libertação de Israel, da escravidão egípcia, Israel estava destinada a tornar-se um «reino de sacerdotes, uma nação santa», o que significa que se tornaria aquele povo uma «teocracia». A promessa ao «novo Israel», por conseguinte, é que este tornar-se-á, por semelhante modo, uma teocracia, mas não pertencente a este mundo, e, sim, celestial. Cada remido haverá de ser um rei; cada remido haverá de ser um sacerdote. Essa promessa sem dúvida alguma está vinculada ao conceito do «milênio», que aparece em Apo. 20:6 (comparar com Apo. 5:10 e I Ped. 2:9); mas não há razão para limitarmos esse conceito a isso. O grego aqui empregado pelo autor sagrado leva-nos a entender que ele diz, «constituiu-nos um reino, sacerdotes», porquanto usa ele o nominativo, e não o genitivo, que teria sido usado se ele tivesse querido dizer «reino de sacerdotes». Vários intérpretes supõem que o autor queria que compreendêssemos isso, mas que seu grego (conforme sucedeu com frequência), saiu de seu controle, e ele terminou por traduzir equivocadamente a passagem que usava, extraída do A.T. E essa idéia é possível, considerando-se o grego deficiente deste livro. (Ver a seção VIII da introdução a este livro, acerca do tipo de grego que nele foi empregado). Porém, a despeito do mau grego empregado, uma profunda verdade nos é transmitida. O «novo Israel» tornar-se-á um reino de reis; e,

nesse reino, cada homem será um sacerdote.

Notemos, no sétimo capítulo do livro aos Hebreus, como Melquisedeque aparece como «rei-sacerdote». Assim também se aprende em I Ped. 2:9, a nosso próprio respeito.

*Variante Textual:* A palavra reino figura nos mss P18, Aleph, AC. O vocábulo «rei» é usado nos mss P, J e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores da tradição bizantina. É evidente que a forma «reino» é a forma superior, a qual foi modificada por escribas posteriores com o intuito de fazê-la concordar, em gênero, caso e número com a palavra seguinte, «sacerdotes». Foi uma tentativa para melhorar o grego deste livro, o que frequentemente é uma das razões por detrás das modificações textuais dos manuscritos posteriores do livro de Apocalipse. Escribas subsequentes «endireitaram» o livro tanto quanto puderam, no tocante à gramática e aos usos do grego.

«...sacerdotes...» Considerado coletivamente, o «novo Israel» é um «reino». Considerados individualmente, seus membros são todos «sacerdotes». No antigo povo de Israel havia um «sacerdote» para cada família, que era o chefe da casa. Em seguida apareceu o sacerdócio como ordem separada, pertencente a uma única tribo. Nunca, porém, todos os homens foram sacerdotes. Em Cristo Jesus, entretanto, todos os crentes se tornam sacerdotes, porquanto lhes foi obtido, através do evangelho, um acesso superior até Deus, o que também lhes é aberto mediante a missão salvadora de Cristo. (O presente versículo pode ser comparado à passagem de I Ped. 2:5). Coletivamente, o «novo Israel» (a Igreja) é uma «casa espiritual».

Individualmente falando, os seus membros são «pedras vivas». E todos formam um «sacerdócio régio», um sacerdócio em que cada indivíduo é um rei, dotado de autoridade majestática, conforme se aprende no trecho de I Ped. 2:9. Consideremos abaixo a questão do «sacerdócio de todos os crentes», nos pontos discriminados:

1. Antes da instauração da lei mosaica, o chefe de família era seu sacerdote (ver Gên. 8:20; 26:25 e 31:54).

2. Com o advento da lei, a tribo de Levi (Aarão e seus filhos e descendentes) assumiu funções sacerdotais. A promessa feita a Moisés, de que todos os membros individuais da nação de Israel se tornariam «sacerdotes» (ver Êxo. 19:6), evidentemente não pode ser cumprida, devido à desobediência e carnalidade deles. A limitação do sacerdócio à tribo de Levi teve por intuito enfrentar essa situação negativa, preservando, posto que de forma inferior, o conceito e função do sacerdócio no seio do povo de Israel.

3. Dentro da dispensação neotestamentária cumpre-se o ideal, não mediante obras e méritos humanos, e, sim, pela livre graça divina, que torna cada remido um sacerdote (ver I Ped. 2:9 e Apo. 1:6). No tocante ao «sacerdócio dos crentes», devemos considerar os pontos seguintes:

a. Esse sacerdócio se verifica por direito de primogenitura; quando nos tornamos «filhos de Deus», naturalmente temos acesso a Deus Pai. b. Esse sacerdócio indica um acesso superior a Deus (ver Heb. 9:7). O verdadeiro acesso não pode ser mais obtido por um único homem, o sumo sacerdote; e isso, no tocante à expiação, apenas uma vez por ano. O crente individual tem acesso ao Santo dos Santos (ver Heb. 10:19-22). Ali aprende-se que o verdadeiro Sumo Sacerdote aguarda nossas buscas e petições de toda a sorte, e não meramente aquelas que dizem respeito ao pecado (ver Heb. 9:24 e 10:19-22). c. O crente, na qualidade de sacerdote, oferece um sacrifício superior: (i) seu próprio corpo vivo, meio terreno de seu serviço (ver Rom. 12:1; Fil. 2:17; II Tim. 4:6; I João 3:16 e Tia. 1:27). (ii) O louvor de sua vida e de seus lábios (ver Heb. 13:15 e Êxo. 25:22). (iii) Suas riquezas financeiras devem ser usadas para benefício do próximo (ver Heb. 13:16; Rom. 12:13; Gál. 6:6; III João 5:8; Heb. 13:2; Gál. 6:10 e Tito 3:14). d. Na qualidade de sacerdote, o crente, tal como Cristo e o Espírito Santo, é um intercessor em favor de outros (ver I Tim. 2:1e Col. 4:12). e. O sacerdócio leva-nos à comunhão com Deus, o qual é nosso Pai, segundo se aprende em Apo. 1:6. Portanto, o sacerdócio é um meio de comunhão, e, nessa capacidade, é meio transformador de nossa natureza, segundo a imagem de nosso Irmão mais velho (ver II Cor. 3:18). f. O alvo, pois, é que tenhamos perfeito acesso a Deus, e isso terá de ser conseguido somente através da participação na própria natureza do Pai (ver II Ped. 1:4), isto é, a «divindade», em que receberemos «toda a plenitude de Deus», em sua natureza e em seus atributos (ver Col. 2:10 e Efê. 3:19), tal como Cristo participa dessa natureza. É disso que consiste a «perfeição», o que define, para nós, «como» seremos aperfeiçoados (ver Mat. 5:48).

«...Deus...» (Quanto a várias idéias filosóficas e teológicas acerca da pessoa e da natureza de Deus, ver a nota de sumário em Ato 17:27. Quanto a diversos artigos sobre a pessoa de Deus, com o intuito de provar sua existência, ver o artigo existente na introdução ao comentário, que versa sobre esse tema). O N.T. é «telsta». Em outras palavras, o N.T. retrata um Deus que não somente existe e criou, mas que também se faz «presente» com sua criação, recompensando ou punindo, fazendo intervenção na história humana, estando interessado pelas vidas dos homens. A cruz é prova disso. Contraste-se isso com o «deísmo», aquele outro conceito que diz que talvez Deus exista, mas que abandonou sua criação, deixando-a entregue ao governo das leis naturais.

«...Pai...» A revelação de Deus como Pai é uma das revelações gregas que

7 Ἰδοὺ ἔρχεται μετὰ τῶν νεφελῶν, καὶ ὄψεται αὐτὸν πᾶς ὀφθαλμὸς καὶ οἱ τινες αὐτὸν ἑξεκέντησαν, καὶ κόψονται ἐπ' αὐτὸν πᾶσαι αἱ φυλαὶ τῆς γῆς, ναὶ, ἀμήν.

ὄψεται...ἐξεκέντησαν Zeb 12.10, Jn 18.24, 37 κόψονται...ἡ γῆς Zeb 12.10, 12, 14; Mt 24.30

1:7; Ele que vem com as nuvens, e todos o verão, até mesmo aqueles que a transpassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém.

«...vem com as nuvens...» A «parousia» ou segundo advento de Cristo está aqui em foco, o que era esperado, pelos cristãos primitivos, durante seu próprio período de vida terreno (ver I Tes. 4:15 e I Cor. 15:51, bem como as notas expositivas ali existentes, acerca dessa expectativa. Ver também I Tes. 4:15 e suas notas expositivas, acerca da questão do «arrebatamento»; e ver Apo. 19:11 sobre a «segunda vinda de Cristo». Ver ainda as notas expositivas em I Tes. 4:17, acerca das «nuvens»). Alguns estudiosos pensam que está em foco «nuvens» literais; mas outros pensam que se trata de algo figurado. Ainda há aqueles que pensam que essas nuvens seriam os inúmeros «exércitos celestiais» (os crentes arrebatados algum tempo antes, e que descerão a este mundo juntamente com Cristo). Essas «nuvens», porém, provavelmente fazem parte de uma visão mística.

O fraseado evidentemente foi extralado do trecho de Dan. 7:13: «Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem, e dirigiu-se ao Ancião de dias, e o fizeram chegar até ele». Acerca dessas «nuvens», comenta Lange (in loc.): «Por assim dizer, as nuvens são um símbolo material da presença divina, do mistério divino, parcialmente velado e parcialmente revelado». (Ver os trechos de Mat. 24:30; 26:64; Marc. 14:62 e Ato 1:9.11 acerca das «nuvens», associadas ao retorno de Cristo). Alguns eruditos, observando essa última passagem, no livro de Ato, acreditam que o retorno de Cristo será envolto em nuvens literais, porquanto também ele subiu entre nuvens literais. Mas isso é entender mal a natureza da ascensão de Cristo, a qual, embora real, foi dada aos discípulos mediante uma visão mística. (Ver as notas expositivas sobre a «ascensão de Cristo», em Ato 1:6). Deus se manifesta na nuvem brilhante, chamada pelos judeus de «shekinah»,

chegaram até nós mediante a herança judaico-cristã. É questão altamente salientada no primeiro capítulo da epístola aos Efésios. As bênçãos destinadas aos homens repousam todas sobre esse fato. (Ver as notas expositivas sobre a «paternidade de Deus», em João 8:42 e Rom. 8:14.15). Recebemos todas as bênçãos espirituais na qualidade de «filhos de Deus», e nosso destino é de compartilharmos literalmente da natureza do Filho de Deus, e, através disso, de toda a plenitude de Deus, isto é, da divindade e seus atributos, conforme se lê nas ousadas afirmativas de Efê. 3:19 e Col. 2:10 (onde há notas expositivas completas sobre o conceito), e em II Ped. 1:4 (onde isso é diretamente declarado). A leitura dessas notas expositivas adicionarão uma «nova dimensão» à compreensão do «evangelho». (Ver as notas expositivas completas sobre a «salvação», em Heb. 2:3).

«...a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém...» Notemos como essa doxologia se assemelha àquela dirigida à pessoa de Cristo, em Apo. 5:13, e isso ilustra, conforme sucede por todo este livro, a autêntica divindade do Filho de Deus. Esta doxologia pode ter sido endereçada a Deus Pai ou a Deus Filho; há excelentes intérpretes que pensam de uma ou de outra maneira. Ambas as possibilidades são verdadeiras, segundo é ilustrado nas Escrituras. O que puder ser dito acerca de Deus Pai também poderá ser dito acerca de Deus Filho. É o reino, a glória e o domínio de ambos que nos levam expressar louvor e dar lealdade a Deus. (Comparar essa idéia com o que se lê em Dan. 7:13,14, onde há uma declaração no sentido de que ao Filho do homem serão dados domínio e glória eternos). A doxologia ensina-nos que só existe, na realidade, um único Ser supremo, e que todo outro poder repousa sobre ele. Os crentes da Ásia Menor (e, de fato, do império romano inteiro), viviam sob a ameaça de perderem a vida, por não adorarem ao imperador. Isso sucedeu ao tempo em que este livro de Apocalipse foi escrito, provavelmente durante o reinado de Domiciano. O vidente João relembra aos crentes que, finalmente, as absurdas reivindicações de Roma seriam derrubadas por terra. É bom, pois, dar louvor ao Governante supremo, a quem pertence toda a glória, isto é, o «louvor» de nossos lábios e de nossas vidas. (Ver I Ped. 4:11 quanto a uma doxologia quase igual à do versículo presente, embora ali o alvo seja Cristo). O trecho de Jud. 25 diz: «...ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém». (Quanto a uma nota sobre a natureza e uso das «doxologias», ver Efê. 3:21).

*Variante Textual:* As palavras «pelos séculos dos séculos» figuram nos mss Aleph, C, 046, 1, 1006, 1811, 1864, 2063, no It(gig,h,61), na Vg, no Slph,h), no Ara, no Ed, em Andrew(bav,c,p) e nos escritos de Aretas. Uma expressão mais curta, mas que também expressa a idéia de «eternidade», aparece nos mss P(18), AP, formando a evidência objetiva mais forte. Contudo, nos trechos de Apo. 1:18; 4:8,10; 6:13; 7:12; 10:8; 11:16; 15:7; 19:3; 20:10 e 22:5, é usada a expressão mais extensa. É possível que, por acidente, alguns escribas tenham deixado de lado o resto da expressão, «dos séculos», mas não pode haver certeza sobre isso. (Quanto às muitas «fórmulas» que expressam a idéia de «eternidade», nas páginas do N.T., ver as notas expositivas em Efê. 3:21).

«...Amém...» No original temos um imperativo, «assim seja», ou uma declaração «é assim», solenizando aquilo que foi dito anteriormente. Os rabinos judeus costumavam dizer: «Grande é aquele que profere o amém». O próprio Cristo Jesus, neste livro de Apocalipse, é chamado de «Amém», porquanto ele é a autenticação e a segurança pessoais da verdade de Deus entre os homens. (O trecho de João 1:51 contém a nota de sumário sobre essa expressão, «Amem»). A passagem de I Crô. 29:11 assevera: «Tua, Senhor, é a grandeza, o poder, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos».

7 Ἰδοὺ...νεφελῶν Du 7.13, Mt 24.30; Mk 13.26; Lk 21.27; I Th 4.17

bem como através de nuvens visionárias no deserto do Sinai. Acreditamos, pois, que essas nuvens façam parte da manifestação da glória divina, algo que está vinculado a «como Deus aparece» em sua glória, nada tendo a ver com nuvens formadas por vapor de água.

«...todo olho o verá...» Essas palavras devem ser aceitas literalmente. O mundo inteiro verá o «sinal» de Cristo, que provavelmente será uma imensa e brilhante cruz no firmamento. E então cada homem reconhecerá que houve uma intervenção divina na história da humanidade, quando a inspiração que seu «sinal» der ao povo de Israel, renovar a sua coragem, em face de inimigos numerabilíssimos, que estarão prestes a aniquilá-los. Esse «sinal» converterá todo o povo de Israel, e este tornar-se-á uma nação cristã. Esperamos que isso ocorra antes do fim do atual século XX, entre 1995 e 2000. Cristo tornar-se-á conhecido dos israelitas, e uma nova era terrena começará um tanto mais tarde, provavelmente acerca de 2035. Para os crentes, entretanto, a vinda de Cristo será literal. Para os incrédulos, poderá ser uma vinda literal ou uma vinda espiritual. A história definirá melhor as coisas para nós no futuro.

«...até quantos o transpassaram...» Essas palavras apontam diretamente para o povo de Israel, que «crucificou» a Jesus Cristo, e que, portanto, o «transpassou». Predições contemporâneas indicam que Jesus será visto fisicamente na Palestina, quando forças comunistas tiverem conquistado a região, ameaçando aniquilar o povo judeu. Deus fará intervenção, tal como fez no mar Vermelho. O sinal da cruz aparecerá no firmamento, e o Senhor Jesus será literalmente contemplado pelo povo. Isso será reconhecido como uma intervenção divina, por parte do povo de Israel, o qual, oficialmente, se declarará «cristão». Em meio às muitas agonias que envolverão guerras atômicas e a destruição de muitas cidades, em várias regiões do globo, a Palestina será libertada, e o povo de Israel, por esse meio, será preparado

para tornar-se o cabeça das nações, conforme é profetizado no A.T. As grandes nações da terra serão devastadas de tal modo que o palco será armado para essa ocorrência.

A libertação de Israel e sua conversão dar-se-ão por intervenção divina; mas também haverá a agência da confederação de dez nações, encabeçada pelo anticristo, em Roma, cujos exércitos envolverão e destruirão as forças comunistas. Mas não antes de uma vasta e mundial destruição, efetuada por armamento atômico. O leitor deveria consultar o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado *A Tradição Profética e a Nossa Era*, quanto a detalhes sobre essas questões. Que a história julgue a veracidade do que é dito aqui. Que o leitor consulte, mas não condene antes do tempo!

A passagem de Zac. 12:10 é a base da predição que todos verão aquele ao qual traspassaram; «...olharão para mim, a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito, e chorarão por ele, como se chora amargamente pelo primogênito». Nessa passagem Yahweh é quem fala. Mas certamente temos aqui uma profecia «messiânica». O vidente João não hesitou em aplicá-la a Cristo, em sua segunda vinda. «Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória» (Mat. 24:30). Notemos que o próximo versículo desse capítulo citado alude à «colheita»; os eleitos serão recolhidos aos céus; e os ímpios serão punidos.

**Lembremo-nos de Constantino:** Há uma lenda que diz que ele viu uma cruz estampada no firmamento, sobre a qual estava escrito: «Com este sinal vencerás». Assim sucederá no caso do povo de Israel; eles vencerão debaixo desse sinal. A cruz vista por Constantino transformou o império romano inteiro. O sinal, que surgirá nos fins do atual século XX, converterá todo o povo de Israel. E, em face do retorno de Cristo, que será assim anunciado, o mundo inteiro prostrar-se-á aos pés de Cristo.

*Alguns têm olhos, mas não verão;*

*Outros querem ver, mas não têm olhos.*

(Francis Thompson)

Quando Cristo voltar, entretanto, todos o verão; e então compreenderão a grande verdade que Jesus de Nazaré é nosso Senhor e nosso Deus. «Olhos cônscios do Cristo conquistador serão dados a amigos e inimigos, igualmente. Não haverá como escapar da visão de sua vitória; mas os homens contemplarão a cena como amigos arrebatados ou como

adversários. Nesse ínterim, os olhos da fé podem ver aquilo que, finalmente, até os incrédulos aprenderão». (Hough, *in loc.*).

«Será um tempo em que uma nação nascerá em um dia. Israel, tal como Tomé, terá de ver antes de crer; mas verá! E assim, o lamento do remanescente de Israel será a tristeza penitente devido a seu Messias, a quem, em sua cegueira, traspassaram. Mas a fonte 'pelo pecado e pela imundícia', será aberta naquele tempo para eles (ver Zac. 13:1), e eles clamarão: 'Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação exultaremos e nos alegraremos' (Isa. 25:9). Mas, e que dizer sobre as tribos da terra? Seu lamento será motivado por sua tremenda perda, por seu desespero e terror. Então os homens se meterão nas cavernas das rochas e nos buracos da terra, ante o terror do Senhor e a glória da sua majestade! (Isa. 2:19), porquanto o dia do Senhor virá como 'ladrão', 'repentinamente, como um laço' (ver I Tes. 5:2,3 e Luc. 21:34, 35)». (Newell, *in loc.*).

«Nenhuma nação até agora aceitou a Cristo como seu Senhor e Salvador, como não o tinham feito então» (Robertson, *in loc.*). Mas esse acontecimento predito, e que cada vez se aproxima mais, modificará tudo isso.

«...Certamente. Amém...» A primeira dessas palavras é tradução do termo grego «naí», que comumente significa «sim». E a segunda é a transliteração do vocábulo hebraico «amen», que quer dizer «assim seja» ou «é assim». Portanto, temos nisso uma dupla afirmação, tal como se vê em II Cor. 1:20. No trecho de Apo. 22:20, a conclusão do livro que ora comentamos, essa dupla afirmativa é reiterada, a fim de não permitir dúvidas sobre o breve retorno de Cristo. É possível que através do emprego de uma palavra grega e de outra hebraica, o vidente João quisesse tornar universal essa declaração, aplicando-a a judeus e a gentios igualmente. É provável que, para a igreja cristã primitiva, essa combinação de palavras se tenha tornado um meio solene de confirmar a veracidade de uma declaração qualquer, pelo menos quando usada a mesma pelos crentes. (Isso pode ser comparado ao uso da expressão «Aba, Pai», em Rom. 8:15).

O sinal de Cristo figura na antiga literatura cristã. O *Didache* xvi.6 diz que o «primeiro» dentre três sinais precederá o segundo advento, a visão de Cristo sobre a cruz, com braços abertos. *Barnabé* vii.9 diz que ele estará envolto em um traje de cor escarlate.

8 Ἐγὼ εἰμι τὸ Ἄλφα καὶ τὸ Ὠ, λέγει κύριος, ὁ θεός, ὁ ὢν καὶ ὁ ἦν καὶ ὁ ἐρχόμενος, ὁ παντοκράτωρ.

18 [B]: Ὡ Ν\* A C P 048 94 1006 1011 1050 2020 2042 2053 2138 It<sup>1</sup> azerb<sup>1</sup> arpo eth Ambrase Diadochus Primasius Arethas 3 Ὡ ἀρχὴ καὶ τέλος (see 21:6) M\* 1 1828 1834 2063 2073 2081\* (2344 τὸ τέλος) 2432 (see 21:6, 22:1)

ea beth: vg (Origen<sup>18</sup> Andrew<sup>18</sup>) 3 Ὡ ἡ ἀρχὴ καὶ τὸ τέλος (see 21:6) 2081\* Andrew<sup>18</sup> top<sup>18</sup>

18 B e none, e minor: Bov Nee BP<sup>18</sup> RV ABV RBV NEB TT Zhr Luth Jea Rec 8 e minor, e none: RV<sup>18</sup> 8 e minor, e minor: WH 8 different text: TR AV

8 Ἐγὼ... Ὡ Na 21:6; 22:13, ὁ ὢν Ex 3:14; Re 1:4; 4:8; 11:17; 16:6 ὁ ὢν... ἐρχόμενος Is 41:4; Re 1:4; 4:8 λέγει... παντοκράτωρ Am 3:13 Lxx; 4:13 Lxx; Ro 4:8; 11:17; 15:2; 16:7, 14; 19:6, 16; 21:22 [ (Κυριος), Rm]

Após Ὡ o Textus Receptus, seguindo N\* 1 (2344) it (gig.61) vg al, adiciona ἀρχὴ καὶ τέλος, e vinte outros minúsculos adicionam ἡ ἀρχὴ καὶ τὸ τέλος. Se o texto mais longo fosse o original, não haveria bom motivo para explicar o texto mais breve, ao passo que a presença da expressão mais longa, em 21:6, obviamente impeliu copistas a expandirem o texto aqui.

1:8: Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, e que era, e que há de vir, e Todo-Poderoso.

«...Eu sou o Alfa e o Ômega...» Quem fala, neste ponto, é Deus Pai. Mas outro tanto é dito acerca de Cristo, em Apo. 22:13. A passagem de Apo. 21:6, uma vez mais, atribui tal declaração a Deus Pai. E, em alguns manuscritos, é ela novamente atribuída a Cristo, no trecho de Apo. 1:11. Porém, nos melhores manuscritos, são ali omitidas essas palavras, as quais, nesse caso, mui provavelmente seriam uma glosa escrital, procurando obter efeito dramático.

«...Alfa...» Essa é a primeira letra do alfabeto grego. Quando é aplicada a Deus, aponta para ele como criador, como origem de todas as coisas. O artigo definido aparece no original grego, o que resulta na tradução «o Alfa», tal e qual se vê em nossa versão portuguesa, subentendendo que só existe uma Fonte originária da vida e do bem-estar espirituais, Deus.

«...Ômega...» Última letra do alfabeto grego. Deus é o «alvo» de toda a criação, conforme se vê explanado em I Cor. 8:6. «...para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos...» Nesta última declaração também se vê o Alfa e o Ômega, pois tudo foi feito para sua glória. O trecho de Col. 1:15 e ss. ensina que Cristo é o Alfa e o Ômega, pois todas as coisas foram criadas «nele, por ele e para ele». A criação, tendo a ele como cabeça e Senhor, fomenta a sua glória, ao mesmo tempo que usufruamos, juntamente com Cristo, das bênçãos espirituais que chegam até nós da parte do Pai.

Na Midrash lê-se que o «selo de Deus» consiste de três letras do alfabeto hebraico, «alef, men e tave», a primeira letra, a letra do meio e a última letra desse alfabeto. Portanto, Deus é tudo para todos, o que também é dito acerca de Jesus Cristo, em Efé. 1:23. A passagem de Isa. 44:6 afirma: «Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há deus». Fica salientada aqui a idéia da majestade e da penetrante grandiosidade de Deus, mas não sem ficar salientado o ponto que essa grandeza visa o benefício dos remidos. Pois Deus fez a criação devido à sua benignidade; e a finalidade de sua criação é a benignidade. Isso, porém, será mediado por meio de Cristo, o qual, por ser o centro da criação e seu eventual Senhor, dará propósito à existência de todas as coisas; e esse propósito se centraliza em Cristo, e de modo algum se desvincula dele. Ver notas completas sobre

este conceito em Efé. 1:10.

**Variante Textual:** A palavra «Ômega», os mss Aleph(1), 1, 2344, o It(gig.61) e a Vg adicionam as palavras «o) começo e o) fim». Vários manuscritos minúsculos trazem o artigo antes de ambas essas palavras. Mas os mss P(18), ACP omitem essas palavras. Não fazem parte, realmente, do texto original; antes, foram tomadas por empréstimo de Apo. 21:6, onde são autênticas. Seja como for, são explicações do que significa a expressão «o Alfa e o Ômega».

«...o Senhor Deus...»

**Variante Textual:** Os mss 30, 34 e vários outros manuscritos minúsculos posteriores dizem apenas «Senhor»; mas os mss P(18), Aleph, ACP e a maioria das versões dizem «o Senhor, o Deus», ou então «o Senhor Deus». A esse título augustos foram acrescentadas ainda as palavras «todo-poderoso». Esse título, aplicado a Deus, é favorito nos escritos do autor sagrado. (Ver Apo. 4:8; 11:17; 15:3; 19:6 e 21:22).

«...todo-poderoso...» (Ver as notas expositivas acima, sobre esse título dado a Deus). Deus é a fonte e o alvo de toda a existência, indicando que ele mantém autoridade absoluta sobre todos. O autor sagrado nos apresenta aqui um título extenso a fim de impressionar as nossas mentes com o fato que Deus, que é onisciente e o soberano de todos, eventualmente haverá de triunfar, a despeito dos poderes aparentemente irresistíveis dos homens, como, por exemplo, de Domiciano, ou como o poder do anticristo, nos últimos dias.

«...que é, que era e que há de vir...» Essas palavras já haviam sido ditas sobre Deus, no quarto versículo deste capítulo, onde são amplamente comentadas.

*Glória a Deus! Eis aberto o livro imenso,  
O Livro do infinito,  
Onde em mil letras de fulgor intenso  
Seu nome adora escrito.*

(Soares de Passos, Portugal, 1826 - 1860)

«O homem de Patmos tinha de asseverar a realidade da providência eterna se sua mensagem tivesse de ter peso e poder autênticos. Por isso é que se declara que ele representa aquele que é o Alfa e o Ômega, o começo e o fim. Ele é a origem e a conclusão de tudo, e agora envia a mensagem às igrejas. E exatamente esse senso de finalidade que deve participar da mensagem cristã hoje em dia. Se não proceder da própria vida de Deus, não será eficaz nas vidas dos homens». (Hough, *in loc.*).



A eternidade e a natureza todo-poderosa de Deus garantem a autenticidade da mensagem profética que se segue. O autor sagrado procura desviar nossas mentes das reivindicações de todos os meros seres criados. Sua mensagem, insiste ele, se deriva da fonte mais elevada possível. Sua mensagem conclama os homens a Deus, que é a fonte, o sustentáculo e o alvo de toda a existência.

O Todo-poderoso figura nas páginas do A.T. Veja-se, por exemplo, o trecho de Gên. 17:1, que diz: «Quando atingiu Abraão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o Senhor e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-poderoso; anda na minha presença, e sê perfeito». Deus, que é todo-poderoso, e, portanto, é o soberano absoluto dos homens, requer deles a santidade. Portanto, o uso paulino do termo «todo-poderoso», para indicar Deus (o único autor sagrado a usar tal expressão, fora do livro de Apocalipse), aparece no contexto da «chamada à separação» de todo o mal. Se nos separarmos do mal, então o «Todo-poderoso» nos servirá de «Pai». No original hebraico temos a expressão «*El Shaddai*». A palavra hebraica «*El*», isolada, significa «o forte». A raiz do vocábulo hebraico «*shaddai*», ou seja, «*shad*», indica o «seio» feminino. O que fica implícito, pois, é que Deus, sendo o Todo-poderoso, em consequência de seu poder ilimitado, é o sustentador e doador de toda a necessidade, incluindo a própria vida. Deus não é todo-poderoso para nada. Ele é todo-poderoso a fim de dar, de sustentar, de salvar e de transformar. Isso ele faz por intermédio de Cristo. Naturalmente, a onipotência de Deus não se aplica somente às suas «dádavas» e «benevolências», mas e inseparável delas, porquanto Deus amou ao mundo de tal maneira que «deu». E deu infinitamente, em consonância com seu poder infinito. Esse título aparece por nada menos de quarenta e oito vezes na Bíblia hebraica, para indicar Deus. Além da passagem de Gên. 17:1, ver, por exemplo, Jô 21:20; 37:23; Sal. 68:14; Isa. 13:6 e Joel 1:16.

O *Todo-poderoso* no livro do Apocalipse. Devemos considerar os pontos III. *Origem do Apocalipse* (1:9-20—coisas que eram).

A secção à nossa frente tem o propósito principal de dizer-nos como foi, e sob quais circunstâncias é que o vidente João, tendo recebido suas visões, veio a escrevê-las. Por isso, ele descreve as «coisas que eram», um item do grande esboço em três pontos, em que se divide este livro: Apo. 1:19 «coisas que foram», «coisas que são» e «coisas que serão».

Ao mostrar que suas visões provinham da fonte divina, o vidente autentica tanto sua comissão divina como a inspiração deste livro profético de Apocalipse. As «visões» foram cuidadosamente registradas, em uma composição literária bem planejada; mas não há razão para supormos que não fossem reais, isto é, que as visões fossem necessárias como mero artifício literário. A maioria de suas predições ainda não se cumpriu simplesmente porque ainda não chegou a época de seu cumprimento, isto é, os «últimos tempos». Esperamos que essas visões se tornem reais em nossa própria época, antes do ano 2035. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado, *A Tradição Profética e a Nossa Era*. Ver também a secção XII da introdução ao livro presente, sobre o tema «Conceitos e Métodos de Interpretação»). Este comentário assume, essencialmente, o ponto de vista «futurista», isto é, aquela posição que assevera que este livro é uma profecia válida, que diz respeito aos «últimos dias», que ocorrerão imediatamente antes do segundo advento de Cristo.

O vidente João se identifica como «vosso irmão», no nono versículo deste capítulo. E também identifica o local onde recebeu estas visões, a saber, na ilha de Patmos. Além disso, no décimo versículo, ele reivindica a inspiração recebida «no Espírito». Chega até mesmo a dar-nos o dia da semana em que suas visões tiveram início, isto é, no *dia do Senhor*, que parece ser o domingo, no décimo versículo. João também registra uma visão sobre o Cristo exaltado, e como essa visão lhe foi especificamente dada, visando o benefício das «sete igrejas» da Ásia Menor, as quais, aparentemente, são as representantes da igreja universal, nos versículos onze e doze deste capítulo primeiro. O vidente também descreve a grandiosidade de Jesus Cristo, nos versículos treze a dezesseis; e descreve sua própria reação, ante a visão de Cristo, no décimo sétimo versículo. O Cristo exaltado o fortalece e lhe recomenda que não tema, para que começasse a escrever (ver os versículos dezoito e dezenove). O vigésimo versículo encerra esta secção, mencionando o «mistério das sete estrelas». Esta secção age como uma espécie de «carta de apresentação», que serve de introdução às sete cartas às sete igrejas, e também ao livro inteiro, mostrando-nos a autoridade que reside nessas cartas e no restante do livro, porquanto procedem desse Cristo espantoso e temível, o qual, juntamente com Deus Pai, é também o Alfa e o Omega.

9 Ἐγὼ Ἰωάννης, ὁ ἀδελφὸς ὑμῶν καὶ συγκοινωνὸς ἐν τῇ θλίψει καὶ βασιλείᾳ καὶ ὑπομονῇ ἐν Ἰησοῦ, ἔγενόμην ἐν τῇ νήσῳ τῇ καλουμένῃ Πάτμῳ διὰ τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ.

9 *υπομονη εν Ιησ.* N°CP 1611 *pc vg*; R] *υπ. εν Χριστω* A: *υπ. εν Χρ. Ιησου* (I. Χρ. N° 17) 046 82 *al vg*; <sup>cl</sup>: *υπ. Ι. Χριστου*

I 2329 *al* c: *εν υπ. Ιησου* 1854 *t* Dionys *apud* Eus

1:9: Eu, João, irmão vosso e companheiro convosco na aflição, no reino e na perseverança em Jesus, estive na ilha chamada Patmos por causa da palavra de Deus e da testemunha de Jesus.

...João... Pensamos haver aqui menção a João, o vidente, e não ao apóstolo João ou ao ancião João. (Ver a secção III da introdução a este livro, intitulada *Autoria*). Não pensamos que este livro seja um «pseudônimo». Esse João era um dos «profetas» do N.T., um dos seus grandes profetas.

...irmão... Encontramos aqui o comum título cristão. O autor sagrado evita exaltar a si mesmo, a despeito de suas grandes experiências místicas e da autoridade que Deus lhe dera na Ásia Menor. Ele se reputava apenas um outro dos «filhos de Deus», que têm a Cristo como Irmão mais velho e Deus como Pai. Para ele, isso era motivo suficiente de exaltação. O título «irmão» sugere «comunhão e respeito em comum», a exaltação ao seio da «família divina», cujos membros estão sendo transformados segundo a imagem do Irmão mais velho, os quais, por essa mesma razão, chegarão a participar de sua natureza, da vida divina e da plenitude de Deus. (Ver as notas expositivas sobre esses temas, em João 5:25,26; 6:57 e Efé. 3:19). Esse título é usado por mais de duzentas vezes nas páginas do N.T., e o presente documento sagrado reconhece exclusivamente esse título, pois qualquer outro tenderia por exaltar um crente sobre outros.

...companheiro na tribulação... Conjectura-se que o imperador romano vinha perseguindo à igreja cristã, quando este livro foi escrito. Esse imperador teria sido Domício. Na introdução ao livro, em sua secção VII, há uma discussão sobre o «Motivo» do livro, que aborda o aspecto histórico

abaixo alistados:

1. Em Apo. 1:8 Deus aparece como a origem de toda a vida, como também o seu alvo, aquele que «confirma» a profecia prestes a ser dada, o qual também a faria cumprir-se.

2. Em Apo. 4:8 figura o Todo-poderoso em sua santidade e exaltação celestial.

3. Em Apo. 11:17 o Todo-poderoso figura em seus juízos, que inaugurarão o seu reinado interminável.

4. Em Apo. 15:3 vê-se o Todo-poderoso em suas obras, que beneficiarão os seus servos. Na qualidade de «Todo-poderoso» é que Deus é o «Rei dos santos».

5. Em Apo. 16:7 o Todo-poderoso figura em seus julgamentos, que imporão a justiça neste mundo terreno.

6. Em Apo. 16:14 o Todo-poderoso é visto em batalha, produzindo a vitória sobre o mal, naquele grande dia do Armagedom, que será uma sua manifestação especial.

7. Em Apo. 19:15 vê-se o Todo-poderoso em sua ira, na qual se manifestará a segunda vinda de Cristo.

8. Em Apo. 21:22 o Todo-poderoso figura em sua exaltação, no mundo eterno, de modo a reinar soberanamente, em companhia do Cordeiro. Nessa categoria é que ele será o templo da cidade celeste.

O sentido básico da expressão «Todo-poderoso», neste livro de Apocalipse, é que ele «governa a tudo», e que a sua vontade, finalmente, se imporá sobre o mal, em todas as suas expressões, sendo também um meio de bênçãos infinitas para aqueles que se submeterem à sua vontade. Para que ele possa agir de modo todo-poderoso, conforme é sugerido aqui, deve ser ele incientemente «onipotente». Não há limite para o seu poder, e seu uso de poder é limitado apenas por si mesmo.

de sua escrita. Foi escrito a fim de encorajar aos crentes, que sofriam perseguição, porquanto se recusavam a adorar ao imperador como um «deus»; e isso era considerado uma traição ao estado.

Juntamente com certas tradições, supomos que João foi exilado para a ilha de Patmos porque ele se colocara ao lado de Cristo, recusando-se a deixar-se envolver em qualquer adoração idólatra e diabólica, como era o caso do culto ao imperador. A igreja cristã vinha sofrendo muitas indignidades, aprisionamentos, confisco de propriedade, provações, torturas e martírios. O autor sagrado, pois, emprega aqui o termo grego «*thlipsis*» para descrever tal situação. Basicamente, tal palavra significa «pressão». Sua forma verbal indica «pressionar», «apertar». Os crentes vinham sendo «premidos» pela tremenda perseguição exercida pelo governo imperial romano. E muitos dentre eles já haviam sucumbido, tendo perdido a vida física. Na primitiva literatura cristã, o termo grego «*thlipsis*» é usado como espécie de eufemismo para indicar martírio.

O Senhor Jesus predisse que outros haveriam de compartilhar de seus sofrimentos (ver João 15:18 e ss.). E isso já havia sido confirmado na escrita das chamadas «epístolas pastorais» (ver II Tim. 3:12). Paulo, por isso mesmo, falara em compartilhar dos «sofrimentos de Cristo» (ver Col. 1:24). A grande tribulação, que ocorrerá no fim de nossa própria época, perto do fim do atual século XX, haverá de purificar a igreja. Será um dedo da mão amorosa de Deus, que purificará a igreja de Laodicéia. As perseguições, quase sempre, têm pelo menos um aspecto disciplinador.

Plínio, o Moço, governador de Bitúnia, em sua carta ao imperador Trajano (escrita entre 111 e 113 D.C.) descreve as provações dos cristãos. As

imagens de deuses, incluindo as do imperador, eram postas até mesmo nos tribunais. Os suspeitos de serem cristãos eram ordenados a prestar adoração a esses supostos deuses. No caso de se recusarem, e se porventura viessem a «confessar» que realmente eram discípulos de Cristo, eram imediatamente conduzidos à execução, ou a outros tipos de punição. Alguns «cristãos» hesitavam ante tal pressão, «amaldiciando a Cristo». Plínio também diz-nos que a ilha de Patmos era usada como lugar de banimento. (Ver Plínio, *História Natural* IV.12.23. Ver também suas epístolas a Trajano X.96, onde há uma descrição sobre o modo como eram tratados os cristãos). As perseguições que houve no tempo em que foi escrito este livro de Apocalipse, naturalmente, ocorreram antes do tempo de Trajano, mas eram de natureza similar.

Domiciano, imperador romano, foi chamado de «segundo Nero». Mostrou-se homem severo e altivo; e é óbvio que tomava a sério suas próprias reivindicações de divindade. Banii e assassinou a alguns de seus próprios parentes, os quais não lhe prestavam pronta obediência. Sua sobrinha, Domitila, foi banida para o Ponto, e o marido desta foi executado, evidentemente porque sentia alguma atração pelo cristianismo e quicá por ter-se tornado crente no Senhor Jesus. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* III.18.5).

«...no reino...» O conceito do «reino», nas páginas do N.T., é extremamente complexo, podendo significar coisas diversas para diferentes autores. Algumas vezes tem mais de um significado para um único autor. A nota de sumário, sobre essa questão, aparece em Mat. 3:2. Pode significar um reino político, quando o povo de Israel, através do Messias, viesse a obter a hegemonia; ou pode indicar a vida e a conduta cristã em geral (ver Rom. 14:17). Também pode envolver a espiritualidade no íntimo, o reino de Deus na alma individual (ver Luc. 17:21). Ou pode apontar para a versão cristã do reino político, ou, ainda, o reino milenar em que a igreja será estabelecida como governante das nações, após o retorno de Cristo. Sem dúvida e neste último sentido que o vidente João usou esse termo. (Ver Apo. 20:6).

João considerava-se «companheiro», com outros crentes, na promoção do reino de Deus, e que os cristãos primitivos esperavam que se manifestaria muito em breve, porquanto a «parousia» ou segundo advento de Cristo, segundo pensavam, ocorreria em breve. O autor sagrado menciona o reino iminente a fim de encorajar aos crentes, que eram perseguidos; pois sem dúvida isso aliviaria a tensão que sofriam, conduzindo as suas mentes ao estado de glória e de bem-estar espirituais, quando percebessem que seus adversários seriam, finalmente, vencidos, e que a vitória do cristianismo seria finalmente obtida.

Alguns intérpretes acreditam que o «reino», neste caso, é considerado como algo já «presente». E isso apontaria para a administração do evangelho e do bem-estar espiritual que o mesmo produz. Esse reino de Deus entre os que aceitam ao Filho de Deus como seu Salvador, é uma realidade. Mas, apesar disso ser uma verdade, sendo uma maneira possível de usar o termo «reino», o autor sagrado certamente usa o termo em sentido «escatológico». Lê-se em Rom. 8:17: «...se como ele sofrermos, para que também com ele sejamos glorificados». O trecho de II Tim. 2:12 reza: «...se perseverarmos, também com ele reinaremos...» O sofrimento é visto, portanto, como um prelúdio necessário à nossa elevação à posição de reis, e não como acompanhamento a alguma forma presente de reinado.

«...Patmos...» O vidente João fora banido para a ilha de Patmos, por ordem do imperador Domiciano; e ali, em sua solidão, recebeu as visões que constituem este livro. Patmos era uma das ilhas Esporadas, um grupo de ilhas do mar Egeu, ao sul de Mileto, cerca de quarenta e cinco quilômetros a sudoeste de Samos. Atualmente essa ilha se chama Patmo e Palmosa. Fica cerca de oitenta quilômetros de Efeso. A ilha é vulcânica, com acerca de dezesseis quilômetros de comprimento e dez quilômetros de largura, em sua porção mais larga. É uma ilha estéril e rochosa, com colinas que atingem, no máximo, trezentos metros de altura. Conta com uma bala chamada La Scala, que se aprofunda pela ilha na direção do oeste, e que quase divide a ilha em duas partes iguais, para o norte e para o sul. Na porção do sul há um mosteiro chamado de «São João», e também uma gruta intitulada «gruta de Apocalipse», onde, supostamente, foram recebidas as visões constantes deste livro de Apocalipse, embora isso seja mera conjectura.

«A esterilidade severa e dura de seus promontórios interrompidos se prestavam bem ao fato histórico de que às suas praias eram relegados cristãos condenados, como que a uma prisão. A visão do seu pico mais elevado, ou, de fato, de qualquer elevação maior da ilha, desdobra uma cena incomum, como bem se presta ao Apocalipse, o desvendamento do futuro aos olhos do vidente solitário. Acima, sempre houve o espaço céu do firmamento grego; algumas vezes brilhante com suas nuvens brancas (ver Apo. 14:14), algumas vezes com «relâmpagos e trovões, obscurecido por 'grande saraiva', ou alegrado por um 'arco-íris como uma esmeralda' (ver Apo. 4:3; 7:7; 11:19; e 16:21). Sobre os cumes elevados de Icária, Samos e Naxos elevam-se os montes da Ásia Menor; entre os quais jazeria, ao norte, o círculo das sete igrejas que foram endereçadas. Ao redor dele estavam os montes e as ilhas do arquipélago (ver Apo. 6:14, 16:20). Quando olhava ao seu redor, abaixo ou acima, 'o mar' sempre ocupava lugar proeminente... as vozes do céu eram como o som de ondas batendo na praia, como 'o ruído de muitas águas' (ver Apo. 14:2 e 19:6); a grande pedra foi 'lançada ao mar' (ver Apo. 18:21); o mar haveria de 'entregar os mortos que nele havia' (ver Apo. 20:13).» (Arthur P. Stanley, *Sermons in the East*).

10 ἐγενόμην ἐν πνεύματι ἐν τῇ κυριακῇ ἡμέρᾳ, καὶ ἤκουσα ὀπίσω μου φωνὴν μεγάλην ὡς σάλπιγγος

1:10: Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor e ouvi por detrás de mim uma grande voz, como do trombeta,

«...Achei-me no espírito...» Trata-se de uma direta afirmativa de

«...perseverança...» No grego temos o termo «*upomone*», que pode significar apenas «*paciência*», embora raramente tenha esse sentido no N.T. Antes, a «*resistência*» em tempos difíceis é que é aqui salientada— a resistência sob testes e pressões. João foi perseguido; mas resistiu. Algumas vezes a palavra é empregada para indicar a «*resistência paciente sob perseguição, sem espírito de retaliação*». Trata-se da «*fortaleza cristã*». Está em foco a mesma fortaleza que Cristo mostrou sob o sofrimento (ver Pol. 8:2). Em comunhão com Cristo, pois, recebemos o poder de resistir (ver II Tes. 3:5), até que ele volte. Essa «*resistência*» é a lealdade a Cristo sob circunstâncias difíceis, quando seria fácil sermos desleais, abandonando-o inteiramente.

«...por causa da palavra de Deus...» No segundo versículo deste capítulo temos a expressão «*palavra de Deus*» combinada com «o testemunho de Jesus Cristo». Ali aparecem várias interpretações sobre essas expressões. Naquele versículo, a «*palavra de Deus*», evidentemente, é uma alusão ao livro de Apocalipse, isto é, a «*palavra profética*» dada por Deus. E o «*testemunho de Jesus Cristo*», provavelmente, indica sua confirmação pessoal a essa mensagem profética. Mas aqui está em foco um sentido mais amplo. A «*palavra de Deus*» talvez seja uma alusão ao evangelho, à fé cristã, «*por causa da qual*» João fora banido para a ilha de Patmos. Nesse caso, «o testemunho de Jesus Cristo» poderia ser uma alusão à «*mensagem sobre Cristo*». Dessa maneira, pois, Deus falou através de seu Filho; e, visto que João, o vidente, propagara essa mensagem, fora banido, ao passo que muitos de seus companheiros tinham perecido. É certo, seja como for, que a presença de João na ilha de Patmos não foi «a fim de dar testemunho sobre Cristo», como se ele tivesse ido ali a fim de pregar a fé; antes, fora banido para ali. Sua pregação do evangelho e sua lealdade a Cristo foram a «*causa*» de seu banimento, bem como da «*tribulação*» que ele sofrera antes daquele tempo. João se tornara autêntico peregrino e estrangeiro na terra, porque seu lar era o reino celestial. Uma tradição antiga testifica sobre o fato que João foi banido para a ilha de Patmos. (Ver Tertuliano, *De Praescript.* 36; Clemente, Alex. *Quis dives*, 42; Orígenes, sobre Mat. 16:6; Plínio, *História Natural* iv. 12:23, passagens essas que a ilha de Patmos era lugar comum de exílio). Não é provável que João tenha ido ali «a fim de receber a revelação», voluntariamente. Porém, uma vez ali, visto tratar-se de um meio ambiente favorável para tanto, foi-lhe transmitida a revelação. Alguns eruditos conjecturam que ele fora condenado a «*trabalhos forçados*» nas minas e pedreiras de Patmos, o que, sem dúvida, se dava no caso dos prisioneiros para ali enviados; no entanto, acerca disso não contamos com evidências sólidas.

«...em Jesus...» Essas palavras estão vinculadas a todos os três itens, a saber: à «*tribulação*», à «*expectação pelo reino*» e à «*resistência*» sob circunstâncias difíceis. Todas essas coisas são realidades através da comunhão mística com Cristo e através da lealdade a ele. (Ver I Cor. 1:4 quanto a notas expositivas acerca do «*misticismo cristão*»). Por mais de cento e sessenta e quatro vezes o apóstolo dos gentios usa a expressão «em Cristo», a fim de descrever a natureza da vida cristã.

**Variantes Textuais:** Há variantes quanto aos títulos de Cristo neste versículo. As palavras «*paciência de Jesus Cristo*» aparecem nos mss Aleph (terceira mão), I e nos manuscritos minúsculos posteriores, como também no latim n; mas «*paciência de Cristo Jesus*» é a forma que aparece nos mss 046, no Si (alguns manuscritos), no Aza e nos escritos de vários dos pais da igreja. O Etí diz: «*paciência do Senhor Jesus*». Os mss A e 26 dizem simplesmente «*paciência de Cristo*». A forma correta, entretanto, é «*paciência de Jesus*», conforme se vê nos mss Aleph, I CP, 38, no Cop e nos escritos de Orígenes. Apesar disso não representar provas esmagadoras, são provas «*sólidas*», tendo a seu favor o fato que essa forma é a que mais provavelmente explica as alterações dali resultantes. O simples e humilde «*Jesus*», muito naturalmente, teria sido modificado para «*Cristo*», ou para «*Jesus Cristo*», ou por «*Senhor Jesus*», por parte de escribas pios.

As palavras «*testemunho de Jesus Cristo*» é a forma que aparece nos mss Aleph(3), 046, no Si (alguns manuscritos), no Cop e nos escritas de alguns poucos dos pais da igreja. O simples «*testemunho de Jesus*» figura nos mss Aleph(1), ACP, na Vg, no Cop e nos escritos de alguns dos pais da igreja. Isso indica uma forte evidência objetiva em seu favor; e, uma vez mais, o simples «*Jesus*», muito naturalmente, deve ter sido modificado para «*Jesus Cristo*», por parte de escribas subseqüentes, ao mesmo tempo que é altamente improvável que «*Jesus Cristo*» houvesse sido modificado para o simples «*Jesus*».

Irineu (*adv. Haeres.* 1.5, c.30) fala sobre o exílio de João para a ilha de Patmos. Tertuliano (*De Praescript. Haeres.* c. 36) refere-se à lenda que João foi lançado em um tacho com óleo a ferver. Mas, não tendo sofrido dano, foi banido. Irineu diz que isso ocorreu especificamente no tempo de Domiciano, quase no final do seu reinado, ou seja, em cerca de 95 ou 96 D.C.

Ao vidente João, no exílio, foram dadas gloriosas visões, que o convenceram do eventual triunfo de Cristo, o Senhor universal. Ele não estava interessado em vantagens ou lucros imediatos, mas arriscou sua vida por amor ao mundo eterno.

Oh, se traçassemos um círculo prematuro,

Oh, se traçassemos um círculo prematuro,

Se — dar ouvidos a lucros errôneos,

Cobiçosos de vantagens imediatas, certamente

Má seria a nossa barganha!

(Robert Browning).

e Eze. 3:12. As visões lhe foram dadas quando ele estava desperto, e não dormindo. No livro Assunção de Isaias 6:10-12 encontramos uma descrição de como o Espírito Santo desce e influencia aos homens: «E, quando ele falava no Espírito Santo, ouvindo-o todos, fez silêncio e sua mente consciente lhe foi tirada, e ele não via mais os homens que estavam de pé à sua frente, embora seus olhos, na realidade, continuassem abertos. Outrossim, seus lábios se calaram e a mente de seu corpo lhe foi retirada. Mas a sua respiração continuava, pois estava tendo uma visão».

Os grandes místicos asseveram que, quando recebem alguma visão, se ela é de suficiente importância, por diversos dias, antes, e depois de sua ocorrência, sofrem a influência da mesma. Essa influência consiste de um sentimento de paz, ou de busca espiritual agitada, de mistura com sentimentos de êxtase e urgência. As experiências místicas autênticas sempre são morais. Em outras palavras, santificam aos místicos; e essa é a melhor prova da existência de um misticismo válido.

*O que em mim é escuro,  
Ilumina; o que é baixo, eleva e sustenta;  
Para que acima dessa grande argumentação  
Eu assevere a Providência eterna  
E justifique os caminhos de Deus aos homens.  
(John Milton, «Paradiso Perdido»)*

As provas comprobatórias do misticismo autêntico são as seguintes: 1. As visões e comunicações místicas devem ser de conformidade com os documentos sagrados, as Escrituras. 2. Servem de agentes purificadores. 3. Podem transcender, mas não contraem razões pias. 4. Exaltam à pessoa de Cristo. 5. Alguns estudiosos adicionam a isso que elas concordam com a autoridade da igreja.

**Tipos de misticismo.** O misticismo não respeita fronteiras denominacionais, nem barreiras de credos e dogmas. Tem sido experiência de todas as culturas e em todas as épocas. Consideremos os pontos abaixo:

1. As visões místicas podem ter natureza puramente *psíquica*, isto é, podem ser projeções mentais do próprio ser, sem qualquer contacto com outros seres de natureza espiritual. Aqueles que recebem essas experiências pensarão, entretanto, que elas são experiências «objetivas», tal como quando sonhamos, e tal experiência parece perfeitamente objetiva. As experiências místicas podem ser prenhes de significado, até mesmo totalmente «psíquicas», porquanto o homem possui espírito, embora entravado pelo corpo físico, podendo revelar coisas significativas para a sua própria mente consciente, tal como tem sido demonstrado que os sonhos, com frequência, têm tal significação. A mais comum «experiência psíquica» é a dos «sonhos de pré-conhecimento», isto é, sonhos que apanham algo do futuro. Os sonhos humanos comuns e normalmente incluem predições do futuro.

2. As experiências místicas podem ter a natureza de *alucinações*, provocadas por transtornos químicos ou tendências neuróticas. Essas experiências, que com frequência incluem visões de monstros, demônios e seres espirituais malignos, são pouco mais do que pesadelos tidos à luz do dia.

3. As experiências místicas podem ser medidas por *espíritos angelicais* ou *demônios*.

4. As experiências místicas podem ser provocadas por *drogas*; quando isso sucede, podem ter natureza religiosa ou não-religiosa, com grande ou com nenhuma significação. É possível provocar certas formas de experiência mística, de forma válida, mediante drogas, embora isso não seja desejável e nem «moral». Não é preciso um grande senso espiritual para saber que a provocação de experiências místicas, mediante drogas, mesmo que sejam válidas (o que usualmente não ocorre), é *prejudicial e imoral*.

5. As experiências místicas, finalmente, podem provir de um nível altíssimo, isto é, da parte do *Espírito Santo*. Os grandes profetas e videntes tinham experiências desse nível. Mui provavelmente, na igreja cristã, dons espirituais genuínos são mediados por seres angelicais, o que quicá se dê na maior parte dos casos. Ocasionalmente, alguns gigantes espirituais podem ser diretamente influenciados pelo Espírito Santo. Em outros casos, os dons podem ser desenvolvimentos das qualidades espirituais do próprio indivíduo, não transcendendo a seu próprio ser. Porém, já que o homem é um espírito, podem ocorrer fenômenos de elevada ordem, contanto que a pessoa envolvida esteja altamente desenvolvida no espírito. O propósito de todas essas experiências é transformar os crentes segundo a imagem de Cristo, infundindo neles o Homem ideal.

**A mediação do misticismo.** Os impulsos místicos chegam aos homens quando estão despertos através de transe, em que eles têm «visões»; ou então através de sugestões intuitivas; mediante impulsos espontâneos de conhecimento interior, ou em palavras proferidas sobre as quais o indivíduo tem pouco ou nenhum controle, de tal modo que aquilo que diz transcende a seus poderes de raciocínio, ficando até ele mesmo surpreendido. Ainda há experiências dessas através de sentimentos extáticos, em que o indivíduo profere palavras em língua desconhecida, angelical ou humana.

Alguns sonhos se revestem de conteúdo místico, podendo ser revelações, predições ou instruções espirituais. Os transe, quando são superficiais, podem permitir que o indivíduo tenha plena consciência de seu meio ambiente. Porém, se forem profundos, podem deixar a pessoa inteiramente fora de si, de modo que tenha consciência apenas de sua existência espiritual. Ocasionalmente, as experiências místicas envolvem o abandono do corpo por parte do espírito. (Ver II Cor. 12:2 e ss.). As experiências místicas chegam até nós mediante o poder do toque curador, capaz de comover a mente e levar o coração ao louvor. Podem ser *potentes* ou *sutis*; mas, quando são reais, são dons de Deus ao homem, em seu humilde estado terreno, conferindo-lhe um toque celestial, mostrando-lhe o *real*.

**Definição básica do misticismo.** O misticismo é o contacto, real ou imaginário, com algum ser ou entidade *superior*, maior que o próprio

indivíduo, podendo envolver seres ou coisas. No cristianismo, esse contacto pode dar-se com o próprio «eu» mais elevado, a alma, com algum ser angelical ou demoníaco, com Cristo, com o Espírito Santo ou com Deus Pai. No oriente, o misticismo tende por ser «subjetivo», isto é, contacto com o próprio ser mais elevado. No ocidente, tende mais por ser «objetivo», ou seja, contacto com seres mais elevados que os seres humanos.

**A fé cristã é de natureza mística.** Consideremos como a nossa fé repousa sobre as experiências místicas dos profetas, dos videntes e dos homens santos. As Escrituras resultaram de experiências místicas. Os dons espirituais, misticamente mediados (porquanto vêm através do poder do Espírito Santo, direta ou indiretamente ministrado), conferem crescimento à igreja espiritual, sendo meios de desenvolvimento espiritual, conforme se aprende em I Cor. 12 - 14 e Efê. 4:12 e ss. As igrejas modernas sem contar com o toque místico, mostram-se moribundas, espiritualmente inativas, frias, infrutíferas. O intelecto é uma força *potente*, mas não suficientemente. Por conseguinte, nunca será suficiente alguém recomendar: «Lede as vossas Bíblias e orai», como se isso pudesse resolver todos os problemas espirituais, conferindo um autêntico progresso espiritual. Pelo contrário, precisamos do contacto direto com Deus, através de seu Santo Espírito. Necessitamos de discernimento espiritual de modo a não sermos influenciados por «espíritos estranhos», que se deleitam por imitar as experiências cristãs, a fim de atraírem após si aos discípulos, tal e qual fazem os falsos mestres humanos. Precisamos assediá-los os portões do céu, com oração e discernimento, buscando as experiências místicas, através dos *agentes de Deus*. Dessa maneira seremos transformados segundo a imagem de Cristo, o maior de todos os místicos; e tudo isso está envolvido em nossa salvação. (Ver Col. 2:18 quanto aos «tipos de visões», com notas adicionais sobre o «misticismo»).

«...no Espírito...» Há várias declarações nos diversos comentários, acerca dessas palavras. Exemplos: «A conexão com os objetos ao redor, através dos sentidos, é suspensa, e tem lugar a conexão com o mundo invisível». (Ehrard). «Uma liberação divina para longe dos caminhos ordinários dos homens». (Platão, «Phaedrus», 265).

**Conhecendo o infinito.** Abaixo oferecemos diversas citações nesse sentido:

«Tu perguntas: 'Como podemos conhecer o infinito?' Respondo: não por meio da razão. O ofício da razão consiste de distinguir e definir. O infinito, por conseguinte, não pode ser enfileirado entre seus objetos. Pode-se apreender o infinito exclusivamente por uma faculdade superior à razão, isto é, quando entramos em um estado em que não somos mais o nosso próprio 'eu' finito, em que a essência divina nos é transmitida. Trata-se do êxtase. É somente vez por outra que podemos desfrutar de tal elevação (que nos é tornada possível pela misericórdia divina), acima dos limites do corpo e do mundo... Tudo que tende por purificar e elevar a mente nos ajuda nessa realização, facilitando a aproximação e a repetição desses bem-aventurados intervalos. Portanto, há diferentes estradas mediante as quais esse fim pode ser atingido. O amor à beleza, que exalta ao poeta; a devoção a Deus e a escalada da ciência, que é a ambição do filósofo; e o amor e as orações feitas por almas devotas e ardentes tendem em favor da pureza moral, na direção da perfeição. Essas são as principais estradas que conduzem aos altos níveis acima do que é material e particular, onde nos encontramos na presença imediata do Infinito, que brilha como que desde as maiores profundezas da alma». (Carta de Plotino; cerca de 260 D.C.).

«No grego temos 'vim a ser', 'tornei-me' no Espírito, em estado de êxtase. O mundo externo foi fechado, e a vida interna e superior do espírito tomou plena posseção, pelo Espírito de Deus, de tal modo que o contacto imediato com o mundo invisível foi estabelecido». (Faussel, *in loc.*).

«Certamente não se deve entender aqui apenas por 'estive', mas por 'tornei-me' no Espírito, ou seja, em estado de êxtase espiritual, em estado de transe, ficando assim passível de receber a visão ou revelação que se seguiu». (Alford, *in loc.*).

**Estágios de contemplação:** Ricardo de São Vítor (falecido em 1173 D.C.) descreveu seis estágios de contemplação: dois residem na imaginação; dois residem na província da razão; e dois na província da inteligência. Os mais elevados céus se abrem somente para os olhos da inteligência contemplativa. No estado mais alto é atingido o êxtase. É então que a alma e o espírito são divididos pela espada do Espírito de Deus. Nesse estado, o corpo dorme ou perde os sentidos, o mundo visível se apaga; o espírito se une a seu Senhor, tornando-se um como ele; todas as limitações humanas se dissolvem.

*Nós do corpo mais sublime  
Temos emanado aos céus o que é pura luz;  
Luz intelectual repleta de amor,  
Amor do bem verdadeiro repleto de êxtase,  
O êxtase que transcende todas as doçuras.*

*Percebi-me  
A ser levantado acima de meu próprio poder,  
E com nova visão me reencendi,  
Tal que luz nenhuma é tão pura  
Que meus olhos contra ela foram fortificadas*

*Minha vista, tornando-se purificada  
Entrava cada vez mais no raio  
Da Alta Luz que por si é verdadeira.  
Destes tempos em diante o que vi era ainda maior  
Que nosso discurso, que a tal visão cede,  
E cede a memória a tal excesso.*

(John Milton, *Paradiso*,  
xxx.38-60, xxxiii.46-51)

**Alvo do misticismo.** Esse alvo é a visão beatífica, a visão envolvente de Deus, mediante a qual a alma é espiritualizada de modo a compartilhar da vida divina (ver João 5:25,26 e 6:57), ficando cheia de toda a plenitude de



Deus (ver Efê. 3:19), participante da natureza e da imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18; Col. 2:10 e Rom. 8:29). Não há ponto final na espiritualização que se seguirá a isso; e a eternidade inteira estará ocupada nisso, porque já que existe uma infinidade que nos terá de encher—pois Deus é infinito—assim *deverá* haver uma infinidade de enchimento.

A palavra de Tomás de Aquino. Foi ele um poderoso escritor. Mas relativamente cedo na vida (porquanto faleceu com quarenta e nove anos de idade) deixou de escrever. Seus alunos ficaram perturbados ante isso, e lhe indagaram da razão de tal coisa. E ele respondeu: «Minhas experiências místicas e espirituais tornaram-se tão grandes que meus escritos nada parecem senão palha».

O misticismo consiste do contacto com o mundo espiritual, por mediação do espírito humano, enquanto este ainda se acha preso no corpo. A eternidade, portanto, será uma grande e prolongadíssima experiência mística.

«...no dia do Senhor...» Isso deve ser distinguido da expressão «dia do Senhor», que sempre é dito de modo diferente no original grego. Temos aqui a palavra «*kuriukos*», um sentido adjetivado, isto é, «pertencente ao Senhor». Originalmente, essa palavra era usada com o sentido de «imperial», algo que pertencia ao imperador romano. Havia também a expressão «hemera sebaste», «dia de Augusto», que era o primeiro dia de cada mês, o «dia do imperador», quando eram feitos pagamentos em dinheiro. (Comparar isso com I Cor. 16:1 e ss.). Os crentes primitivos tomaram essa expressão por empréstimo e aplicaram-na ao domingo, o primeiro dia da semana. Esse é o uso que se encontra em *Didache* 14 e *Indício Mago* 9, que foram escritos não muito depois da composição deste livro de Apocalipse. Inácio, explicando por que os primitivos cristãos adoravam nesse dia, o dia do Senhor, o domingo, diz: «...nossa vida se originou através dele e de sua morte». (*Indício Mago* 9:1). Nos escritos de Melito de Sardes há um tratado concernente à adoração no domingo, que leva o título de «*peri kuriakes*» (acerca do dia do Senhor), a mesma palavra usada no presente versículo. Os escritos mencionados aqui todos emanaram da Ásia Menor, sendo possível que tal expressão se tenha originado nas igrejas dali. Obviamente o termo veio a ser geralmente empregado antes dos fins do segundo século, pois Dionísio de Corinto (ver Eusébio, *História Eclesiástica*, iv.23.11) refere-se ao «dia santo do Senhor», o dia do «recolhimento» dos crentes. Há outras alusões, nos escritos dos pais da igreja, acerca disso, em Clemente de Alexandria (ver *Strom.* vii.12) e de Tertuliano (ver *De Cor.* iii). (Quanto a notas expositivas sobre o «domingo» como o dia apropriado de adoração cristã, ver Rom. 14:5). O «sabatismo» moderno também é discutido nessas notas expositivas. (Ver, igualmente, o

trecho de Atos 20:7, onde se lê: «No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato...»).

O vidente João costumava reunir-se com os crentes naquele dia e anelava pelo companheirismo com eles. Ao invés disso, o próprio Senhor lhe apareceu. Isso sucedeu em um «domingo», o dia do Senhor. O vidente não quis dizer que foi transportado para «o dia da vinda do Senhor», para o «dia do julgamento do Senhor».

«...ouvi...» A visão incluiu fenômenos audíveis. Algumas visões são apenas visuais.

«...voz, como de trombeta...» (Comparar isso com Eze. 3:12. Plutarco, *Licurgo* 54C lhe é um paralelo. Ver ainda Apo. 4:1). A «trombeta» fala de «ruído» e «poder», anunciando acontecimentos prodigiosos que sucederão. A «trombeta» era usada para alertar os exércitos romanos, colocando-os em estado de prontidão militar. Arrebata o indivíduo em sua condição, introduzindo-o propositalmente em suas novas circunstâncias e exigências. Mui provavelmente a «voz» é a de «Cristo», embora alguns estudiosos pensem que se trata de alguma teofania ou de algum «anjo» enviado por Cristo. Seja como for, ela anuncia a mensagem divina, trazendo o infinito ao finito.

«Essa voz é como uma 'trombeta', instrumento freqüentemente mencionado em conexão com as expectativas apocalípticas dos fins da era má e do glorioso advento de Cristo com poder. Paulo, nossa fonte cristã mais antiga, assegurou aos tessalonicenses: 'porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro' (I Tes. 4:16. Comparar com Mat. 24:31). Para dizermos a verdade, a trombeta deste versículo do Apocalipse não é a mesma do fim desta era e do segundo advento de Cristo, embora prefigure essa jubileosa consumação, e que será já perto do fim do livro (ver Apo. 19:11-16)». (Hough, *in loc.*). (Ver Exo. 19:13; 16,19 quanto às «trombetas», que acompanham as manifestações e ordens divinas. Elas falam de autoridade, alarma e alegria. (Ver também Núm. 10:1-10; Lev. 25:9; Zac. 9:14 e I Cor. 15:52).

Foi a «entrada inesperada e avassaladora da voz divina». (Vincent, *in loc.*).

«por detrás de mim...» Tudo começou de maneira «súbita», «inesperada». Foi algo muito mais do que humano; não pode ser humanamente predita ou controlada. O «invisível», isto é, «por detrás de nós», tornou-se repentinamente visível e real para a alma do vidente.

11 λεγούσης, "Ο βλέπεις γράψον εἰς βιβλίον καὶ πέμψον ταῖς ἐπτὰ ἐκκλησίαις, εἰς Ἐφέσον καὶ εἰς Σμύρναν καὶ εἰς Πέργαμον καὶ εἰς Θυάτιρα καὶ εἰς Σάρδεις καὶ εἰς Φιλαδέλφειαν καὶ εἰς Λαοδίκειαν.

11 λεγουσῆς] add (8) Εγώ εἰμι το Α και το Ω, ο πρωτος και ο εσχατος, και (P) 1 2059a pm c

1:11: que dizia: O que vê, escreva-o num livro, e envia-o às sete igrejas: a Éfeso, a Smirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia e a Laodiceia.

«...escreve...» A ordem de escrever repete-se por doze vezes neste livro, a saber, Apo. 1:11, 19; 2:1,8,12,18; 13:1,7,14; 14:13; 19:9 e 21:5.

«...em livro...» O próprio livro de Apocalipse.

«...manda às sete igrejas...» (Quanto a notas expositivas sobre vários simbolismos possíveis dessas «sete igrejas», ver o quarto versículo do presente capítulo).

\*\*\*

«...Éfeso...» (Ver as notas em Apo. 2:1).

«...Esmirna...» (Ver as notas expositivas em Apo. 2:8).

«...Pérgamo...» (Ver as notas expositivas em Apo. 2:12).

«...Tiatira...» (Ver as notas expositivas em Apo. 2:18).

«...Sardes...» (Ver as notas expositivas em Apo. 3:1).

«...Filadélfia...» (Ver as notas expositivas em Apo. 3:7).

«...Laodiceia...» (Ver as notas expositivas em Apo. 3:14).

**Variante Textual:** O prefácio a este versículo, *eu sou o Alfa e o Omega*, o princípio e o fim, aparece nas ms P e posteriores. Mas é omitido pelas ms Aleph, AC, 046, e por várias versões e pais da igreja. Isso serve de evidência esmagadora contra sua autenticidade. Além disso, se essas palavras fossem genuínas, não haveria razão por que qualquer escriba subsequente as tivesse omitido. Deus Pai é chamado de «o Alfa e o Omega» em Apo. 1:8. Cristo é assim chamado em Apo. 22:13, pelo que o título pertence a ambos. Alguns escribas, a fim de darem um efeito mais dramático ao texto, adicionaram esse augusto título aqui.

«...livro...» Consideremos o poder exercido por um livro. Quanta influência teria tido o «Apocalipse», se porventura não tivesse sido registrado, mas apenas transmitido oralmente de uns para outros? Um livro pode treinar o intelecto e preservar e apresentar profundas verdades. Continua sendo o mais poderoso meio de comunicação que existe, em favor do bem ou do mal. O homem que lê bons livros é um homem melhor; e o

que lê livros ruins é pior. (Isso pode ser comparado com Hab. 2:2, que diz: «Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo». Os trechos de Isa. 8:1; 30:8 e Jer. 36:2 têm declarações similares). Em alguns «apocalipses», embora tivessem sido escritos para transmitir algo, foram «selados» até um tempo particular da história. (Ver II Esdras 12:37,38; Dan. 8:26; 12:4; I Enoque 82:1 e Assunção de Moisés 10:11). Mas o Apocalipse de João é uma *profecia franqueada*, excetuando as vozes dos «sete trovões», que foram selados (ver Apo. 10:4). A João foi ordenado que «não escrevesse» aquelas visões.

Entre as sete cidades alistadas encontram-se Tiatira, Filadélfia, cidades de pequenas dimensões e importância, ao passo que outras cidades maiores daquela área, como Colossos, Hierápolis, Trôade e Trales foram omitidas na lista. Não é provável que essa lista tenha sido feita arbitrariamente. Antes, as sete cidades incluídas formavam um círculo, começando com Éfeso e prosseguindo na ordem dada, até fechar o círculo em Éfeso novamente. Eram sete distritos postais, à margem da grande estrada circular que unificava a área mais populosa e rica da província. É provável que, tendo sido entregue a esses centros, as cópias do Apocalipse tenham podido ser facilmente distribuídas para outras cidades da província, onde também houvesse sido estabelecida a igreja cristã. As notas sobre o quarto versículo deste capítulo sugerem outras razões pelas quais o autor sagrado teria escolhido essas sete localidades em particular, e quais significados simbólicos elas possuem. Pensamos que uma cópia inteira deste livro foi enviada a cada uma dessas comunidades cristãs. E eram comunidades cristãs reais, que representavam a igreja cristã inteira, neste livro de Apocalipse. É um absurdo pensar que temos aqui «assembléias judaicas», deixadas no mundo após o arrebatamento da igreja, conforme imaginam certos hiperdispensacionalistas. (Quanto a notas expositivas completas sobre a doutrina e o conceito da «igreja», ver Efê. 3:10).

O círculo. As cidades foram numeradas partindo de Éfeso, na direção do norte, para Esmirna (sessenta e quatro quilômetros); daí para Pérgamo (oitenta quilômetros ao norte de Esmirna); então atravessando sessenta e quatro quilômetros para sudeste, até Tiatira; descendo, então, oitenta quilômetros para Sardes; daí para Filadélfia (a quarenta e oito quilômetros a sudeste de Sardes); então para Laodiceia (a sessenta e quatro quilômetros a sudeste de Filadélfia)... Excluindo Pérgamo e Laodiceia, as igrejas ficam dentro da Lídia (embora o escritor sagrado tenha empregado o termo imperial para indicar a província mais ampla), que, naquela época, era um sinônimo para a civilização voluptuosa.

12 Καὶ ἐπέστρεψα βλέπειν τὴν φωνὴν ἣτις ἐλάλει μετ' ἐμοῦ· καὶ ἐπιστρέψας εἶδον ἐπὶ λυχνίας χρυσαῖς,

1:12: I voltei-me para ver quem falava comigo. I, na voltar-me, vi sete candeeiros de ouro,

O espantado vidente voltou-se para ver o que lhe tinha aparecido tão repentinamente. E viu, em primeiro lugar, os «candeeiros».

«...candeeiros de ouro...» Se examinarmos o vigésimo versículo deste capítulo, veremos que há três símbolos da realidade espiritual. As «sete estrelas» são os «sete anjos», ao mesmo tempo que estão associadas aos «sete candeeiros». Os sete espíritos são seres angelicais, além de serem estrelas que iluminam e conferem poder. Permanecem juntamente com as sete igrejas, representadas pelos «sete candeeiros», pois são os protetores das assembleias locais. São mediadores da luz de Deus às igrejas, porquanto procedem do trono, da própria presença divina.

Dentro do judaísmo helenista, foi adotada a idéia persa de que cada nação conta com um anjo guardião. Essa idéia transparece em Dan. 10:13,20,21. Essa doutrina ensina que os «destinos» desses guardiões angelicais e das nações que dirigem, estão intimamente associados. Supunha-se que uma nação não podia ser derrotada ou punida, enquanto seu anjo guardião não fosse derrotado, ou enquanto não permitisse tal derrota. O livro Ascensão de Isaias 3:15 (obra contemporânea do livro de Apocalipse) encerra a doutrina que a igreja cristã conta com um grande anjo guardião, o qual descerá dos céus nos últimos dias, quando as coisas piorarem, a fim de protegê-la. Não pode haver dúvidas razoáveis, pois, que os «anjos» do Apocalipse são guardiões sobrenaturais da igreja, e que cada comunidade local é vista como dotada de um protetor assim. (Ver Apo. 2:1,8,12,18; 3:1,7,14 quanto a esses anjos individuais). Alguns intérpretes pensam que esses «anjos» sejam «pastores» das assembleias locais; mas isso só poder ser feito com a aplicação da idéia, e não através de uma interpretação primária. A interpretação primária é que esses são anjos guardiões das igrejas locais, tal como há anjos guardiões de nações e de indivíduos. Contudo, podemos supor que os «pastores» humanos dessas congregações locais sejam instrumentos especiais de ação, dentro das mesmas. (Isso pode ser comparado a passagens como Tobias 5:21 e Atos 12:15, onde também aparece o conceito de anjos guardiões para cada crente individual).

Os poderes angelicais que estão associados à igreja e exercem autoridade sobre ela, a fim de guiá-la e ajudá-la, são representados mediante vários símbolos, referindo-se a diferentes aspectos de sua natureza e ação. A respeito disso, consideremos os pontos abaixo:

1. Esses anjos são os sete espíritos de Deus (ver o quarto versículo—se é verdade que os mesmos seres estão em vista, conforme pensam alguns intérpretes). Estão próximos de Deus e dele recebem poder e iluminação, que transmitem aos homens. Possuem missões especiais, dadas pela autoridade divina. A igreja cristã não se move sozinha; grandes poderes espirituais a assistem.

2. Esses anjos estão associados aos candeeiros. Isso fala de seu poder de iluminar a igreja, porquanto eles mesmos são grandes seres iluminadores. Talvez façam isso através de instruções místicas, mediante a mediação dos dons espirituais, que são meios de desenvolvimento espiritual. Senhor, ilumina em mim o que for obscuro! Concede-me o «conhecimento» de Cristo (ver Efé. 1:17,18), para que eu seja transformado segundo a sua imagem (ver II Cor. 3:18). Ajuda-me a ver claramente o Homem ideal, a fim de que, contemplando-o com todas as forças de meu ser e de minha vida, eu possa assumir sua natureza; e assim, olhando para o espelho espiritual, a fim de

contemplar a mim mesmo, eu veja a imagem do perfeito Homem ideal em mim. Esses candeeiros fornecem o «óleo do Espírito», transmitindo-nos a iluminação que vem da parte do Senhor.

Não nos devemos esquecer do «candeiro de sete hastes» que há no A.T., o qual é referido em Exo. 25:31 e Heb. 9:2. Tratava-se de uma única entidade, mas composta de sete hastes. Assim também a igreja cristã é uma só, embora composta da pluralidade dentro da unidade. O número «sete» fala de suas perfeições em Cristo.

3. Esses anjos são sete estrelas, aqueles poderes que exercem controle sobre o destino humano. São corpos luminosos que guiam os remidos à plenitude que há em Cristo. Sendo «iluminados», tornamo-nos «luzes», tal como Cristo é a «luz». (Isso é comentado nas notas expositivas sobre João 1:9).

Os sete candeeiros. Podemos ver nesses candeeiros os seguintes sentidos simbólicos:

1. São os «portadores» da luz (ver Mat. 5:14,16) e representam a totalidade da igreja de Deus (ver Apo. 1:20).

2. Os próprios candeeiros são iluminados (ver Efé. 1:17,18). O Espírito Santo é quem os ilumina, pois ele é o azeite das lâmpadas. Sendo iluminados, esses candeeiros se tornam luzes (ver Mat. 5:14).

3. Eles dão luz a outros, luz essa que é a «palavra da vida» (ver Fil. 2:15,16 e Apo. 2:5). Cumpre-lhes fornecer luz a um mundo tenebroso, pois, do contrário, serão removidos.

4. São feitos de ouro, indicando preciosidade. Pertencem a Deus. São os guardiões de sua bondade e poder. No oriente antigo ao «ouro» se vinculava certo senso de «caráter sagrado», e até mesmo de «divindade». E assim os remidos, por fazerem parte da igreja de Cristo, tornam-se recipientes da «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10), da «divindade» (ver II Ped. 1:4). É disso que consiste o evangelho. Transforma os homens em «ouro». O ouro também é usado metaforicamente para falar do autêntico caráter cristão (ver Apo. 3:18). O ouro é um metal que fala de grande valor, duração, incorruptibilidade e força (ver Isa. 13:12; Lam. 4:2; II Tim. 2:20 e Jó 36:19).

5. Os candeeiros são sete em número, o que fala de sua participação nas perfeições divinas, além de representarem a igreja universal. São a pluralidade na unidade. São uma entidade com uma manifestação plural, tal como o antigo candeiro de Israel tinha sete hastes. Alguns intérpretes supõem que sete candeeiros separados estão em foco nesta visão. Se assim realmente sucede, então a unidade continua pressuposta, porquanto só existe uma única igreja.

6. Embora componham uma unidade, cada candeiro também se destaca; cada igreja individual, a expressão local da igreja universal, é reputada responsável pela sua própria pureza e uso da luz de Deus, a fim de iluminar a comunidade onde se encontra. «Cada igreja local tem agora seu próprio candeiro, a ser retido ou removido de seu lugar, segundo suas próprias obras». (Alford, *in loc.*).

7. O candeiro original foi posto no Lugar Santo, no tabernáculo. A igreja se encontra sobre terreno santo, pois o Espírito Santo está conosco, estando destinado aos céus.

13 καὶ ἐν μέσῳ τῶν λυχνιῶν ὁμοιον υἱὸν ἀνθρώπου, ἐνδεδυμένον ποδήρη καὶ περιεζωσμένον πρὸς τοῖς μαστοῖς ζώνην χρυσᾶν.

13 ὁμοιον υἱὸν ἀνθρώπου Dn 7.13 ἐνδεδυμένον... χρυσᾶν Efé 9.2, 11 Lxx; Dn 10.5

13 ὁμοιον] ομοιασμα A vg(1) sy<sup>h</sup> co It | υιον N 046 x af | και (Ytw) ACP 1611 2059a pm cs; R

1:13; e no meio dos candeeiros um semelhante a filho do homem, vestido de uma roupa tal, e cingido à cintura de peito com um cinto de ouro;

«...no meio dos candeeiros...» Essas palavras subentendem os pontos seguintes: 1. A presença de Cristo com sua igreja; 2. sua proteção permanente e sua orientação. Ora, isso subentende o «telmo», em contraposição ao «delmo». O telmo dá a entender que Deus não somente criou, mas também se faz presente com sua criação; ele intervem na história humana; ele recompensa e castiga. Com bases neotestamentárias, isso normalmente é feito por meio de Cristo, no tocante a seus contactos com os homens. Já o delmo ensina que talvez exista uma pessoa ou princípio divino, que originou a tudo; mas que ele deixou a criação sobre as «leis naturais», não tendo qualquer contacto pessoal com sua criação. Não faria intervenção, nem recompensaria ou castigaria. (Ver Atos 17:27 quanto a várias idéias teológicas e filosóficas sobre Deus, em sua natureza e trato com os homens). «O Senhor é o meu pastor; nada me faltará» (Sal. 23:1).

Variante Textual: Os mss Aleph, 046, a Vg e alguns dos pais da igreja dizem «entre candeeiros». Mas os mss ACP, o SI, o Cop, o Eti, o Ara e nos escritos de vários pais da igreja, é omitida a palavra «entre». A omissão, muito provavelmente, é correta. O texto mais breve é, normalmente, o correto. Essa palavra foi suprida por empréstimo do décimo segundo versículo.

«...filho de homem...» Está em foco a pessoa de Cristo, segundo o simbolismo do A.T., o que se vê, por exemplo, em Dan. 7:13, onde se lê sobre o «Filho do homem» (um símbolo messiânico). «Essa designação do Cristo celestial é extralda direta ou indiretamente de uma descrição de Dan. 7:13: «...eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem...» (Rist, *in loc.*).

Essa expressão é usada no primeiro livro de Enoque, uma compilação pré-cristã de materiais apocalípticos, apontando para o Messias. O trecho de I Enoque 46:1 apresenta o Cristo como uma figura transcendental, associada a história da humanidade. (Ver também I Enoque 46:2-8). Esse citado livro, como é óbvio, provavelmente baseia suas descrições sobre Daniel; e podemos supor que a doutrina do «Filho do homem», que fala sobre o Messias, era comum no judaísmo helênico. O N.T. utiliza o título «Filho do homem» com frequência, apontando para Jesus, o Cristo. O

próprio Senhor Jesus aplicou tal título a si mesmo. Salienta sua grande associação aos homens, embora também destaque sua natureza transcendental como o Messias—fala de sua humanidade, mas também alude à sua missão celestial. Esse título é amplamente comentado nos trechos de Mat. 8:20 e João 1:51. Esse título também refere-se à sua imensa exaltação, conforme nos mostra o presente versículo. Esse aspecto pode ser comparado com o trecho de Mat. 26:64. O «Filho do homem» será visto «assentado à mão direita da majestade, vindo com as nuvens do céu». Em João 5:27 vemos que ao Filho do homem foi dada a autoridade de «executar julgamento», porque ele é o Filho do homem, ou seja, devido à sua íntima associação com os homens. (Ver Apo. 14:14). É o «Filho do homem» que usa a «coroa de ouro» (nele se encerram toda a divindade e toda a majestade). É ele quem brande a «foice», a qual simboliza juízo, o que se dará nos últimos dias, através de «julgamentos apocalípticos», incluindo a tremenda batalha de Armagedom.

«As igrejas são inseparáveis de seu cabeça e centro, Jesus, o qual se movimenta entre os fogareiros de seu templo com a dignidade e a autoridade de um sumo sacerdote.» (Moffatt, *in loc.*).

«...semelhante...» Temos aqui a linguagem própria das visões; o vidente contemplou o «Filho de Deus». Porém, apesar de ser «semelhante a um homem», e apesar de possuir a natureza humana, agora glorificada, era mais que mero «homem», já que esse termo é empregado para indicar a natureza humana comum. Muito provavelmente a idéia central no uso da palavra «semelhante» é declarar apenas que aquele que o vidente contemplou «se assemelhava» ao Filho do homem das revelações apocalípticas, pelo que se pode presumir que se trata do mesmo «filho do homem» referido no livro de Daniel. Ele se assemelhava a essa augusta figura; e sem dúvida era o mesmo, conforme o pensamento do autor sagrado.

«...vestes talares...» Suas vestes eram longas e flutuantes, estendendo-se até os pés. (Comparar isso com o que diz Dan. 10:5,6). Suas vestes eram reais. O Cristo é o Senhor e o Deus dos homens. Isso nos faz pensar nas vestes do sumo sacerdote. Cristo é o nosso Sumo Sacerdote. Portanto, ele é o Sacerdote Régio, conforme a ordem de Melquisedeque, o qual era tanto rei

como sacerdote. (Ver o sétimo capítulo da epístola aos Hebreus. Ver também Exo. 28:4 e Lev. 16:4). No dizer de Vincent (*in loc.*): «As vestes longas são as vestes da dignidade e da honra. Podem ser régias, sacerdotais, ou ambas. Comparar com Isa. 6:1». (Ver também Josefo, *Antiq.* iii.7.4 sobre as vestes longas dos sumos sacerdotes judeus). Os homens de autoridade e grande posição, embora não fossem reis ou sacerdotes, também usavam vestes talares (ver I Sam. 18:4; 24:5,12 e Eze. 26:16). As vestes longas eram um dos sinais de dignidade pessoal, no oriente.

«...cingido à altura do peito com uma cinta de ouro...» Josefo (*Antiq.* 7:2) diz-nos que apesar do cinto usualmente ser usado na altura da cintura, os sacerdotes levitas usavam-no na altura do peito, conforme se vê neste versículo. O «cinto» é um antigo símbolo vetotestamentário para indicar poder, dignidade, retidão e veracidade. (Ver Isa. 22:21; Jer. 12:18; Isa. 11:5). No trecho de Efé. 6:14, o cinto do crente é a «verdade», o qual é visto a reunir todo o grupo de virtudes e graças espirituais, formando um todo perfeito. O cinto, quando é aplicado a Cristo, alude à sua dignidade como Rei e Sacerdote. O cinto dos sumos sacerdotes não era feito de ouro sólido, mas era bordado de ouro. (Ver Exo. 28:8; 29:5). A passagem de Dan. 10:5,6 mostra um anjo celestial vestido e com um cinto de ouro. O livro de Apocalipse de Sofonias, em seu nono capítulo (uma obra apocalíptica no idioma copta, evidentemente de origem judaica), pinta um grande anjo que trazia um cinto de ouro à altura do peito.

«A justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade o cinto dos seus rins» (Isa. 11:5). Já que o cinto é de «ouro», a divindade de Cristo fica

subentendida. Preciosidade, pureza e natureza sacra também ficam entendidos nesse simbolismo. Comparar com os candelários de «ouro» do décimo segundo versículo. O Cristo é de ouro: a igreja também é de ouro. O corpo compartilha da mesma natureza e destino da sua Cabeça.

O cinto também fala sobre serviço. O Senhor Jesus cingiu-se a fim de lavar os pés de seus discípulos (ver João 13:4,5). Na qualidade de Cristo celestial, ele continua a servir aos homens. Ele é o Homem ideal, levando os homens a compartilharem de sua própria vida e natureza, completas com seus poderosos atributos (ver Col. 2:10 e II Cor. 3:18).

Cingido apareceu Cristo à altura do peito, e não na cintura. Por que? Alguns estudiosos têm sugerido que o cinto usado à altura da cintura era feito em preparação para o serviço; mas à altura do peito era algo ornamental, indicando repouso. Não é muito provável, porém, que isso esteja em foco aqui. Antes, muito provavelmente o tipo de cinto sumo sacerdotal é o que é aqui focalizado. Cristo está preparado para servir, e não para descansar; e isso como Sumo sacerdote e Rei dos remidos.

«...vesti-lo-ei da tua túnica, cingi-lo-ei com a tua faixa, e lhe entregarei nas mãos o teu poder, e ele será como pai para os moradores de Jerusalém e para a casa de Judá. Porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará e ninguém abrirá» (Isa. 22:21,22).

O cinto do sumo sacerdote era somente trançado com ouro, mas o de Cristo é inteiramente de ouro; o antítipo ultrapassa ao tipo simbólico- (Fausset, *in loc.*).

11 ἡ δὲ κεφαλὴ αὐτοῦ καὶ αἱ τρίχες λευκαὶ ὡς ἔριον<sup>d</sup> λευκόν,<sup>d</sup> ὡς χιών, καὶ οἱ ὀφθαλμοὶ αὐτοῦ ὡς φλόξ πυρός,

<sup>d d</sup> 14 <sup>d</sup> nome, <sup>d</sup> minor: TR WH RV ASV (R8V) Zür Luth Jer Seg <sup>f</sup> <sup>d</sup> minor, <sup>d</sup> nome: AV <sup>f</sup> <sup>d</sup> nome, <sup>d</sup> nome: Boy Nen BF<sup>1</sup>

NEB TT

14 ἡ...χιών Dn 7:9

14-15 οἱ ὀφθαλμοὶ...χαλκολιβάνω Dn 10:6; Rn 2:18; 19:12

14 (λευκόν), R)

1:14; e a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo;

(Essas palavras podem ser comparadas ao trecho de Dan. 7:9, onde Deus, o «ancião de dias», aparece vestido em trajes «brancos como a neve», ao passo que seus cabelos são como «a pura lã». O trecho de I Enoque 46:1 também fala na «cabeça branca como lã». O que foi dito acerca de Deus Pai, nas páginas do A.T., e nos escritos apocalípticos, o vidente João não hesita em aplicar ao Cristo celestial. E isso é indicação segura de sua divindade. (Ver Heb. 1:3 acerca de notas expositivas sobre o tema da «divindade de Cristo»).

Em Jesus, o Cristo, fundem-se a natureza divina e a natureza humana, de tal maneira que, na redenção, os homens, que se tornam seus irmãos, na qualidade de filhos de Deus, como ele é o Filho de Deus, chegarão a receber a mesma fusão de naturezas (ver Efé. 3:19; Col. 2:10 e II Ped. 1:4). E é exatamente disso que consiste o evangelho. Assim como Cristo veio participar perfeitamente da nossa natureza, assim também haveremos de compartilhar de sua natureza divina e celestial. O Pai e o Filho possuem essa «natureza», essa «modalidade de vida», em proporções infinitas. Os homens remidos desde agora possuem-nas em doses extremamente limitadas, mas a eternidade inteira será dedicada a levá-los a possuírem-nas em grandiosidade perenemente maior e maior. A perfeição divina é o alvo eterno e contínuo dos remidos, pelo que nos céus não haverá estagnação. Já que haverá a infinitude com que seremos encheidos, deverá haver um enchimento infinito. Todavia, a «participação» na divindade é real, e não meramente uma declaração figurada, que simbolize algo grande mas indefinido.

*Simbolismo da cor branca.* Essa cor mostra a dignidade da idade avançada, que requer veneração; o aspecto da sabedoria através de

prolongada experiência e o poder de instruir por causa dessa sabedoria (ver Pro. 20:27 e ss.). Talvez também fique representada a imortalidade e a eternidade, a despeito de avançadíssima idade, o que é perfeitamente apropriado para o «ancião de dias». O significado simbólico normal da cor branca, isto é, a «pureza», não parece fazer parte do simbolismo do presente versículo.

No livro Apocalipse de Abraão, em seu décimo primeiro capítulo, lê-se que o anjo Jacl, que teria guiado Abraão através dos vários céus, tinha o corpo como o de uma «safira», ao passo que sua fisionomia era como o «crisólido», e os cabelos da cabeça eram como a neve, enquanto o turbante de sua cabeça era como o arco-íris, ao passo que suas vestes eram de cor púrpura; e havia um cetro de ouro em sua mão direita.

«...olhos, como chama de fogo...» Em Apo. 2:18 e 19:12 essa descrição de Cristo é repetida. O trecho de Dan. 10:6 provavelmente é que a sugeriu. Ali se lê: «...os seus olhos como tochas de fogo...» O livro de II Enoque 1:5 fala em «Seus olhos eram como lâmpadas acesas». Essa expressão também é comum nos escritos latinos e gregos a fim de descrever o terrível e penetrante aspecto dos olhos dos deuses e dos heróis. Sim, os olhos de Cristo são «perscrutadores», «penetrantes», dotados de um aspecto «temível». É que seu juízo está próximo, e ninguém pode escapar ao seu exame perscrutador. Cristo é um fogo consumidor, pronto a fazer expurgo, pronto a precipitar a queda de Satanás. O fogo em seus olhos é a «ira divina». A humanidade inteira, incluindo a igreja de Cristo, precisa de purificação. Assim é que Homero, ao descrever a ira de Agamenon, disse: «Seus olhos eram como fogo rebrilhante» (*Ilíada* i.104). E ao descrever a ira de Atene, quando ela apareceu ante Aquiles, disse: «Os olhos dela lhe pareceram temíveis». (*Ilíada* i.200).

15 καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὅμοιοι χαλκολιβάνω ὡς ἐν καμίνω πεπυρωμένης<sup>d</sup>, καὶ ἡ φωνὴ αὐτοῦ ὡς φωνὴ ὑδάτων πολλῶν,

<sup>d</sup> 15 [10] πεπυρωμένη A C Primásio <sup>f</sup> πεπυρωμένη N 2053 2432 (per se de deus aut. 141) e vg syriac b copm. <sup>g</sup> eth Irenaeus <sup>h</sup> Cyprian Victorinus <sup>i</sup> Pettau Maternus <sup>j</sup> Arsenius Primasius <sup>k</sup> Pseudo-Ambrósio Haymo <sup>l</sup> πεπυρωμένοι

P 046 : 04 1006 1811 1824 1854 1859 2020 2042 2065 2073 2091 2134 2344 Tyconius Andrew Arctius

15 ὡς, φωνή...πολλῶν Eze 1:24; 43:2; Rn 14:2; 19:6

15 εν καμινω] ac -νου 2329 b Cypr Prim |

Embora *πεπυρωμένης* não tenha concordância sintática dentro da sentença, foi preferida pela comissão não só por ser bastante bem confirmada (A C Primásio), mas principalmente porque explica melhor a origem das outras formas. A fim de remover a dificuldade gramatical, alguns copistas leram *πυρωμένην* (N 2053 *al.*), o que qualifica *καμίνω*, e outros mss. têm *πεπυρωμένοι* (P 046 quase todos os minúsculos), o que qualifica *οἱ πόδες*.

1:15; e os seus pés, semelhantes a lã brancos que fora refinada numa fornalha; e a sua voz como a voz de muitas águas.

Continua havendo aqui dependência ao trecho de Dan. 10:6, onde se lê: «...os seus pés brilhavam como bronze polido...» (Ver também Eze. 1:4,27 e 8:2). Os braços e as pernas, do anjo visto por Daniel, se assemelhavam ao «bronze polido». No Apocalipse de Sofonias o anjo com o cinto de ouro também tinha «pés como bronze que brilha no fogo».

«...bronze polido...» No grego temos a palavra «*chalkolibanon*». O significado e a derivação desse vocábulo são incertos, pelo que têm surgido diversas conjecturas, a saber: 1. Seria um bronze de mui «excelente» qualidade; 2. seria um amálgama, cuja natureza exata nos é desconhecida, embora essa palavra não seja conhecida fora do livro de Apocalipse, exceto na literatura que aborda diretamente este livro de Apocalipse, pelo que é

quase impossível saber o que ela significa; 3. seria «bronze polido»; 4. seria o «electro», amálgama de ouro e prata; 5. seria o bronze do Líbano; 6. seria a palavra que combina o termo grego «*chalkos*» (bronze) e o termo hebraico «*laban*» (embranquecer), talvez referindo-se ao bronze que se assemelha quando é refinado no fogo, isto é, «branco de quente». Algo como isso parece ser requerido pelas palavras seguintes, «como que refinado numa fornalha». Vocábulos de natureza técnica assim poderiam ser suficientemente correntes entre a população de Efezo, onde havia tantas ourivesarias e fundições de metal, algumas delas possuídas, sem dúvida alguma, por judeus. E isso poderia sugerir um termo «híbrido», conforme é sugerido na sexta posição, acima.

«...refinado numa fornalha...» O bronze pareceria rubro de quente. Isso é o principal elemento que o autor sagrado deseja transmitir-nos.

*Simbolismo do bronze.* Quando esse metal é usado nas Escrituras, em



certas passagens, simboliza o juízo prestes a sobrevir. Tal metal aparece nos pés do Juiz, pois ele estava prestes a surgir em cena, em seu terrível aspecto de Juiz. «Seus pés como bronze detritado indicam a ira e o julgamento contra o pecado, devido à santidade de Deus, mediante a qual rota—o Calvário—nosso Senhor venceu. Ele se posta aqui entre as igrejas que há na face da terra. Ele é gracioso, mas precisa julgar de acordo com a glória pela qual morreu para assegurar a Deus». (Newell, *in loc.*).

«...a voz como voz de muitas águas...» A voz do anjo, em Dan. 10:6, se assemelhava à de «uma multidão». Tal como aqui, a voz de Deus, em Eze. 43:2, é como a de «muitas águas». O autor sagrado continua atribuindo a Cristo aquilo que o A.T. diz acerca de Deus Pai. Ele é o divino trazido ao nível humano, a fim de transformar à natureza humana. Sua mensagem é espantosa, prometendo coisas prodigiosas. Sua voz traz uma estupefata mensagem aos homens, que envolve julgamento e glória. O comentário de Rist (*in loc.*) a respeito disso, é: «A pessoa humana encontra-se com a pessoa divina. Essa pessoa divina é revestida da humanidade, mas também revestida de poder. Dentro da vida humana a sua voz, tal como muitas águas, profere a palavra de Deus. Tudo depende do significado divino que penetra na própria estrutura da vida humana. Todas as outras coisas caem dentro de sua devida perspectiva, se se puder encontrar o divino dentro do humano. Então a fala humana envolve toda a autoridade e poder de Deus. Em favor disso é que Atanásio, o grande bispo de Alexandria, contenda no século IV D.C. Sabia ele que se os homens não se encontrassem com Deus, ao se encontrarem com Cristo, então o personagem que entrara em contacto com eles não tinha a amplitude suficiente para fazer por eles tudo quanto é mister. Tudo isso faz parte da estrutura do livro de Apocalipse».

16 καὶ ἔχων ἐν τῇ δεξιᾷ χειρὶ αὐτοῦ ἀστέρας ἑπτὰ, καὶ ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ ῥομφαία δίτομος ὅξεια ἐκπορευομένη, καὶ ἡ ὄψις αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος φαίνει ἐν τῇ δυνάμει αὐτοῦ.

16 ἄστέρας ἑπτὰ Re 1:20; 2:1 ὅξεια ἐκπορευομένη Ia 48:2, Re 2:12, 18; 19:18

1:16: Tinha ele na sua destra sete estrelas; e da sua boca saía uma aguda espada de dois gumes; e a sua rosto era como o sol, quando resplandecia na sua força.

«...na mão direita sete estrelas...» Visto que essas estrelas surgem em sua «mão direita», isso significa que lhe estão inteiramente sujeitas, para serem usadas em seu trabalho. Essa expressão pode significar «para terem segurança», tal como em João 10:28. E note-se que estão em sua mão e não em seus dedos, como se fossem anéis de adorno. É o que se aplica às «estrelas», naturalmente, se aplica às «igrejas» que aquelas protegem.

«...sete estrelas...» No vigésimo versículo estas representam os «anjos» das sete igrejas, ou seja, seus guardiães angelicais. Muitos intérpretes pensam que equivalem aos «sete espíritos de Deus» (ou que estão intimamente ligadas a eles), o que é mencionado e comentado no quarto versículo. Mui provavelmente isso é correto, ainda que não haja acordo geral sobre a identidade dos sete espíritos. Seja como for, as sete estrelas devem ser simbolicamente identificadas com os «sete planetas», pelo que o autor sagrado nos apresenta um outro simbolismo astrológico, sem importar se ele levava a sério ou não a astrologia de sua época. Os versículos quarto e décimo segundo nos apresenta as notas expositivas sobre essa questão.

Há estudiosos que creem que a alusão aqui é às principais estrelas que fazem parte da constelação da Ursa (assim pensavam Bousset e Dieterich). O judaísmo helênico muito apreciava os mitos astrológicos, e é natural encontrar usos simbólicos do mesmo nos escritos místicos antigos, como é o caso do Apocalipse, que aludem a alguns desses conceitos. O trecho de Col. 2:8 discute a influência da astrologia antiga dentro do judaísmo helenista.

«Os crentes gentios dessa igreja (Colossos) vinham venerando os «espíritos elementares» (*stoicheia*) do universo, uma passagem que bem poderia ser traduzida por «os espíritos astrais do universo», personificando-os como anjos (ver Col. 2:8-23). Paulo corrigiu tal erro, pois informou-lhes que Cristo, o primogênito de toda a criação, criara todas as coisas «nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, domínios, principados ou autoridades» (Col. 1:16). Portanto, ele (Cristo) controla esses espíritos astrais do universo. Em I Enoque 82:7,8 o arcanjo Uriel aparece no controle dos corpos celestiais; e em III Enoque 17:4-7, quatro anjos subordinados exercem controle sobre o sol, a lua, as constelações e os planetas; porém, em ambas essas obras, os anjos são meramente ministros de Deus». (Rist, *in loc.*) (Ver Col. 2:8 quanto a notas expositivas sobre os «espíritos elementares» ou «stoicheia»).

A verdade aqui ensinada.

1. Há grandes poderes espirituais que exercem controle sobre as nações, sobre os indivíduos e sobre a igreja—talvez até sobre as igrejas locais—de tal modo que, sob hipótese alguma, estamos sozinhos. Contamos com a assistência de elevados poderes, e nossos melhores homens são aliados dos mesmos. Isso não transforma os anjos em «mediadores», no sentido em que sejam mediadores da salvação. Jesus Cristo é o único mediador dessa categoria (ver I Tim. 2:15). Mas isso significa que nossa atuação é ajudada pelo ministério dos anjos, recebendo nós a sua proteção. Cristo é o Senhor tanto deles como nosso; eles o servem, porquanto se acham em sua «mão direita».

2. As sete estrelas são os sete «anjos» da igreja. Alguns estudiosos têm-nos identificado com os «pastores» (líderes humanos) das igrejas; mas certamente isso labora em erro. São seres angelicais. Contudo, mantêm íntima associação com os líderes das igrejas, pois orientam às comunidades cristãs. Mui provavelmente, servem de mediadores dos dons espirituais, pelo menos em alguns casos. Desse modo, estão intimamente relacionados com o crescimento e a expressão da igreja, usando homens como instrumentos. Eles glorificam a Cristo, e assim levam os homens a serem transformados segundo a sua imagem, mediante os vários aspectos do ministério deles.

3. Outros intérpretes acreditam que as sete estrelas representam a

Em Apo. 14:2 repete-se o simbolismo da figura da voz como «muitas águas», ao que é adicionado «um grande trovão», embora o sujeito não seja Cristo. Em Apo. 19:6 a voz é a de uma «multidão» (o que é tirado por empréstimo diretamente de Dan. 10:6), e também de «muitas águas» e de «muitos trovões». Mas, nesse caso, trata-se da voz das multidões celestiais que louvam a pessoa de Deus.

Mui provavelmente há aqui uma alusão ao mar. O vidente João, em seu exílio, sabia bem como era esse ruído. O poder das ondas, que se abatem contra as rochas da ilha de Patmos, faziam-no lembrar-se da voz de Deus. O «poder» e a «irresistibilidade» dessa voz é salientada por essa metáfora.

«A imagem simbólica adotada pelo evangelista, para descrever a voz de Cristo, forte e majestática entre os ruídos da terra, que são confusos, salienta aquela mesma voz cuja palavra acalmou ao mar, e que aqui se assemelha às ondas do mar, que o apóstolo João ouvira serem repreendidas por ele». (Carpenter, *in loc.*).

**Variante Textual:** A forma «*pepuromenes*» (no genitivo), que significa «refinado», «quelimado», não concorda sintaticamente com o resto da sentença, o que é uma falta comum do autor grego. (Ver a seção VIII quanto ao «Grão do Apocalipse»). Isso é apoiado pelos mss AC e nos escritos de Primásio. Os escribas, a fim de removerem essa dificuldade gramatical, modificaram essa palavra grega para «*pepuromeno*» (conforme se vê nos mss Aleph, 2059 e várias antigas versões), a fim de fazê-la concordar com «kamino», «fornalha». Mas nos mss P e 048 isso é transformado para «*pepuromeno*», para que concorde com «oi podes» (os pés). Isso é, igualmente, o que sucede na maioria dos manuscritos minúsculos.

própria igreja ou são símbolos místicos da igreja, os «mensageiros» de Deus no presente mundo mal, não sendo seres reais. Mas essa interpretação com toda a razão não tem sido bem aceita entre os comentadores.

4. Essas estrelas não representam os «delegados» enviados às igrejas locais, com as cópias do livro de Apocalipse.

5. Também não representam os desenvolvimentos «eclesiásticos» da igreja, como símbolos dos «bispos» de diversas regiões, etc.

6. Finalmente, não são os instrutores ou «missionários itinerantes», que visitam às igrejas.

«...e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes...» Essas palavras podem ser comparadas aos trechos de Apo. 2:12,16 e 19:15,21, onde o simbolismo se repete de várias formas. Compará-las também com Isa. 11:4, onde se lê: «...ferirá a terra com a vara de sua boca...»; com Isa. 49:2: «...fiz a minha boca como uma espada aguda...» (Ver também Heb. 4:12; II Tes. 2:9 e IV Esdras 13:4). O livro Sabedoria de Salomão 18:15,16 e os escritos rabínicos encerram esse simbolismo sob formas variegadas. Consideremos ainda, sobre essa questão, os pontos abaixo:

1. *Seu significado básico.* Está em foco o poder de Cristo como Juiz, como aviso sobre isso, pois seu segundo advento trará o juízo da espada que procede de sua boca. Assim é que, no livro de Isaías, o Messias fere a terra com a vara de sua boca; e em II Tes. 2:8, o Senhor Jesus aparece a destruir o anticristo «com o sopro de sua boca». Em II Esdras 13:9-13, o homem que procede do mar (o Messias) destrói os seus adversários com a lava ardente de sua boca, com o hálito inflamado de seus lábios, com a tempestade de fagulhas que procede de sua boca. Em I Enoque 62:2, o Eleito (o Messias) abaterá todos os pecadores com a «palavra de sua boca». Sim, Cristo brande completa autoridade judicial.

2. *Significados ampliados.* A «espada» é, especificamente, a «palavra de Deus» (ver Heb. 4:12), ou a «espada do Espírito» (ver Efê. 6:17), nas mãos de Jesus Cristo.

3. *A espada tem dois fios.* Isso significa que ele brande poder especial para cumprir o julgamento—trata-se de temível arma. Como aplicação, embora não como interpretação direta, podemos dizer que um dos fios desnuda as hipocrisias ocultas, os próprios intuitos da alma. Não haverá como escapar ao juízo de Cristo, porquanto será perfeitamente exato.

Embora os moínhos de Deus moam lentamente,

Moem excessivamente fino.

(Longfellow)

(Ver Gál. 6:7,8 quanto à lei universal da «colheita segundo a sementeira». Ver II Cor. 5:10 quanto ao «juízo dos crentes», que diz respeito ao bem e ao mal que tiverem praticado).

«...o seu rosto brilhava como o sol na sua força...» O rosto dos justos resplandecia como o sol (ver Mat. 13:43), o que também sucede no caso dos anjos (ver Apo. 10:1; ver também II Enoque 1:5 e 19:1). Quanto mais não brilhara o rosto do Filho de Deus? Sua glória é ofuscante. Essa foi a glória que agora o vidente contemplava, ele é o resplendor da glória de Deus Pai (ver Heb. 1:3), o que certamente ensina sua divindade autêntica. Em seu rosto ele estampa a glória de Deus, o halo da santidade e o brilho da justiça. Moisés, que refletiu parte dessa glória—pois era servo de Deus—recebeu em seu rosto o resplendor do seu Senhor (ver Êxo. 34:29).

*Significados.* O fato que o rosto de Cristo apareceu esplendoroso, indica as coisas seguintes: 1. Seu poder desconhece limites. 2. Ele é a luz de Deus (ver Heb. 1:3 e Col. 1:15). 3. Sua glória e majestade não têm igual. 4. Ele ilumina os homens, pois é a Luz de Deus (ver João 1:9). 5. Ele é o Sol da Justiça. 6. Ele é o resplendor da justiça divina. 7. Ele é, por isso mesmo, divino (ver Heb. 1:3). 8. Sua transfiguração tornou-o um ser esplendoroso e brilhante por algum tempo. A sua glorificação tornou permanente essa transfiguração. Ele agora também está transformando aos homens, para

que os remidos venham a compartilhar de sua natureza e glória (ver II Cor. 3:18). Esse é o mais elevado de todos os conceitos religiosos.

*Cinge a espada do teu flanco, herói, cinge a tua glória e a tua majestade! E nessa majestade cavalga prósperamente, pela causa da verdade e da justiça; e a tua destra te ensinará proezas. As tuas setas são agudas, penetram o coração dos inimigos do Rei: os povos caem submissos a ti* (Sal. 45:3).

O resplendor do rosto de Cristo. Levemos em conta um ser remido,

17 Καὶ ὅτε εἶδον αὐτόν, ἔπεσα πρὸς τοὺς πόδας αὐτοῦ ὡς νεκρός· καὶ ἔθηκεν τὴν δεξιὰν αὐτοῦ ἐπ' ἐμὲ λέγων, Μὴ φοβοῦ· ἐγὼ εἰμι ὁ πρῶτος καὶ ὁ ἔσχατος,

17 ἰδὼ...ἔσχατος Is 44:6; 48:12; Rm 2:8; 23:13

1:17: Quando o vi, cai a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último.

«...Quando o vi, cai a seus pés...» A glória do Cristo, vista pela alma, reduz o indivíduo a nada, dentro de si mesmo; ao mesmo tempo, porém, leva essa pessoa aos pés de Cristo, onde pode ser obtida grandeza autêntica, pois ele é o Homem ideal, que está sendo duplicado nos remidos (ver II Cor. 3:18). É aos pés de Cristo, onde o «eu» e a carnalidade cessam, que a glória verdadeira começa. É aos pés de Cristo que nos é dito para «não temermos». Até então, muito teremos a temer, porquanto nos defrontamos com um mundo hostil, que faz parte da malícia cósmica.

«Então disse eu: Ai de mim! Estou perdido porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!» (Isa. 6:5).

«...como morto...» Isso porque o grande medo deixa paralisados os músculos, ao mesmo tempo que a mente se embota. Esse é um toque genuíno, que demonstra a validade da experiência mística do vidente João. As experiências místicas genuínas começam com uma avassaladora sensação de temor, que nos esvazia e purifica o próprio «eu»; mas, quando isso sucede, a alma é levada ao êxtase. Então segue-se, mui naturalmente, o fortalecimento conferido pelo Ser celeste. Primeiramente o tememos, a fim de que, então, possamos adorá-lo. (Isso pode ser comparado com Dan. 10:8-11). Daniel teve uma «grande visão», e nele não restaram forças. O seu rosto «mudou de cor e se desligou». A força da visão lançou-o em transe profundo; o toque divino o elevou, e temendo, ele se pôs de pé a tremer; mas foi-lhe garantido que era «amado» por Deus. Então seguiram-se as revelações sobre o futuro.

Assim também, quando Enoque viu o glorioso anjo dos céus, caiu de rosto em terra, perante o Senhor; mas o toque do arcanjo Miguel o levantou; (ver I Enoque 71:1-3. Ver também Exo. 33:20; Jô 42:6; Isa. 6:5; Eze. 1:28; Dan. 8:17 e ss., quanto aos efeitos produzidos pelas visões divinas).

«...pôs sobre mim a sua mão direita...» A mesma mão que segurava as «sete estrelas» (no décimo sexto versículo), agora consolou e levantou ao vidente. «...eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século» (Mat. 28:20).

«...Não temas...» (Essas palavras podem ser comparadas a Dan. 10:10,12,19; Isa. 44:2; Mat. 14:27; 27:7 e Luc. 1:13,30). Essa ordem é dada a fim de consolar (ver Mat. 14:27; João 6:20; Atos 27:24). E também serviu para lembrar a João, o vidente, que seu Senhor o conhecia e se interessava profundamente por ele. Nenhum de nós é «desconhecido» para o Senhor, nem pode escapar ao seu interesse e cuidado. Certa feita ele disse: «Tende bom ânimo! sou eu. Não temais!» (Mat. 14:27). Cristo é o mesmo e não muda; ele fala a todos quantos o temem.

«E assim ele (o vidente) aprendeu que a visão do sublime visa inspirar, e não assustar; serve para confirmar, e não para esmagar. Houve um pregador que levou uma aldeia inteira ter novos pensamentos sobre Deus e Cristo. Alguns de seus habitantes nunca se esquecerão da noite em que ele pregava sobre a tremenda glória do Filho de Deus. 'Pensamos que nunca nos sentiríamos à vontade com ele', declarou. 'Mas é esse exatamente aquele que, quando já estamos quase sem vida, espantados diante dele, inclina-se por sobre nós e diz: 'Não temas''. (Hough, *in loc.*).

«...Eu sou o primeiro e o último...» Isso equivale às palavras «Eu sou o Alfa e o Ômega», que são aplicadas a Deus Pai, no oitavo versículo, mas também ao Filho de Deus, em Apo. 21:6. (Quanto a essa expressão exata, ver também Apo. 2:8 e 22:13). Cristo é a fonte de toda a vida e bem-estar. E, por igual modo, o «alvo» de toda a existência, em quem, finalmente, se

iluminado por Cristo (ver Efê. 1:17,18). Nesse remido poderemos ver a glória de Cristo, no seu rosto. A iluminação se reflete em um rosto rebrilhante.

*Aquele rosto, longe de desvanecer, antes aumenta, longe de decompor-se, sempre se recompõe, tornando-se meu universo, que sente e conhece.*  
(Robert Browning)

achará todo o bem-estar. O trecho de Col. 1:16 ensina-nos a mesma verdade—a criação foi feita «em Cristo» (ele é seu arquétipo), «por Cristo» (ele é o seu agente), e «para Cristo» (ele é o seu alvo). O primeiro capítulo da epístola aos Efésios ensina-nos essa verdade, sob a roupagem do «mistério da vontade de Deus».

Todas as coisas (que no grego, literalmente, é «o todo»), nos céus, na terra e debaixo da terra (o mundo inferior) eventualmente haverão de encontrar-se com Cristo em tudo. Tudo haverá de ser restaurado a ele, em um grau que esteja de acordo com o seu agrado; nada pode escapar de seu poder restaurador. Finalmente, tudo lhe prestará feliz lealdade. Isso não destruirá o caráter impar dos eleitos, porquanto eles virão a compartilhar da própria vida e natureza de Deus, bem como dos seus atributos e de sua glória. Entretanto, finalmente todos virão a conhecer e experimentar a Cristo, como «tudo para todos» (ver Efê. 1:23). (Ver as notas expositivas em I Ped. 3:18 e 4:6 acerca desse conceito. Consultar também o trecho de Col. 3:6 quanto à «ira de Deus», que aborda a discussão sobre aquilo que, finalmente, haverá de acontecer aos incrédulos).

Notemos que aquilo que é dito acerca de Deus Pai (o Alfa e o Ômega), o alvo de toda a existência (ver Apo. 1:8 e I Cor. 8:6), é dito aqui acerca de Cristo Jesus, como também em Apo. 21:6 e Col. 1:16. Isso é prova de sua dignidade, porque nenhuma pessoa não-divina poderia receber elogios tão prodigiosos como esses. Ele é o Filho de Deus, não sendo diferente de Deus Pai, quanto à glória e ao poder.

De acordo com a linguagem aristotélica, Cristo é: 1. A causa *material*. Nele reside o «potencial» de cada ser, de cada destino. Ele é o «estofa» do qual se eleva todo o bem-estar. 2. Ele é a causa *formal*, isto é, ele é o «arquétipo» do que se derivam todas as coisas, mediante quem as coisas têm um «plano» que pode ser desenvolvido, mediante o qual os remidos podem chegar a compartilhar de sua natureza e bem-estar. 3. Ele é a causa *eficiente*, isto é, a «causa impulsionadora», a «energia eficaz» que produz a operação de glória. 4. Ele é, igualmente, a causa *final*, isto é, o Ser em quem todas as coisas encontram sua *realização*. O trecho de Col. 1:16 diz tudo isso em termos menos elaborados.

«Estou começando a perceber que posso e devo crer em Deus, mas estou simplesmente assustado. Tenho ficado acostumado a uma vida sem Deus, até certo ponto. Se eu admitir a mim mesmo que ele é real, então sei que terei de fazer algo sobre isso, e sinto que toda a minha vida será transformada. E procuro evitar essas alterações possíveis, mas por mim desconhecidas». (Um jovem, que escrevia para Herbert Gray).

A *lição da vida*. A vida inteira tem por fito ensinar a lição que o ser de Cristo é «o primeiro e o último». Ele é a fonte originária de tudo; e ele é o alvo de tudo. Todos os seres, eventualmente, serão levados a essa concretização, mental e na realidade da vida.

«Eu sou o primeiro e o último. Primeiro por criação, último por retribuição. Primeiro, porque antes de mim nenhum Deus se formara; antes, porque após mim não haverá outro. Primeiro, porque todas as coisas procedem de mim; último, porque todas as coisas são para mim; de mim procede o começo, até mim chega o fim. Primeiro, porque sou a causa da origem; último, porque sou o Juiz e o fim». (Ricardo de São Vitor).

No A. T. há palavras proferidas por Deus, semelhantes a estas proferidas por Cristo: «...ditas para consolar a seu povo e remover seus temores» (John Gill, *in loc.*). (Ver Isa. 41:4; 44:6 e 48:12). Assim também as palavras de Cristo consolam à sua igreja que sofre, repleta de mártires; porque visto que ele «deu vida» (por ser o primeiro), com a mesma certeza vencerá a morte e o sofrimento, dando vida eterna (por ser ele o último).

18 καὶ ὁ ζῶν,\* καὶ ἐγενόμην νεκρὸς καὶ ἰδοὺ ζῶν εἰμι εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων,\* καὶ ἔχω τὰς κλεῖς τοῦ θανάτου καὶ τοῦ ᾗδου.

\* 18 a maior, a minor: Bm Nm BP RV ASV RSV NRS JB // a maior, a maior: Sot // a dash,

a dash: WH // a maior, a minor: TT (201) (Luth: // different text: TR AV

1:18: a e que vive; fui morto, mas eis aqui estou vivo pelos séculos dos séculos; o tenho as chaves da morte e da vida.

«...aquele que vive...» Este versículo alude à ressurreição de Cristo. Mas esta primeira afirmativa parece referir-se a Cristo como o *princípio mesmo* da vida, desde toda a eternidade passada, e não meramente desde sua ressurreição. Já que nele habita o princípio da vida, e ele é a fonte da mesma, mui naturalmente a morte não pode retê-lo, e a sua vida floresceu na ressurreição e na ascensão. (Ver as notas expositivas sobre a «vida necessária e independente de Deus», em João 5:25,26 e 6:57). Cristo é o «vivo». Isso faz parte do fato que ele é o «último». Embora tenha ele experimentado a «morte», o que, na opinião de alguns homens, é algo final e põe ponto final a toda a existência, na realidade ele está vivo. Na qualidade de quem está «vivo», ele é também o doador da vida. Por isso é que aqui ele garante, aos seus discípulos que sofriam, que finalmente também viveriam com ele, a despeito do dano que os homens fizessem contra eles. Mas esse dano é relativo, isto é, meramente associado a esta presente existência

18 καὶ ὁ Ζῶν] om g vg(2) | αἰώνων,] add αμην, 046 1006 2060 2329 pm sy s

terrena, sendo tão transitório como a presente experiência terrena.

O *argumento da vida*. Cristo venceu à morte. O fato que ele vive é poderosíssimo argumento em favor do fato que ele é o Salvador e o Senhor. Para nós, distantes tantos séculos de sua ressurreição, as dúvidas podem ser poderosas. Mas cremos no testemunho que falou sobre o seu triunfo, pois de certa feita mais de quinhentos irmãos, de uma vez só, viram-no ressuscitado. (Ver I Cor. 15:6). O vidente João, mediante visões místicas, confirmou para si mesmo a realidade da ressurreição de Cristo, pois ele é um Ser permanente. Portanto, na direção de Cristo é que se movimenta toda a existência humana, porquanto ele é o arquétipo da vida eterna. (Ver João 3:15 quanto a notas expositivas completas sobre esse assunto).

«Este versículo estabelece a tríplice idéia que João fazia de Cristo—a sempre presente vida que ele tinha independente do mundo; sua humilhação, que chegou ao extremo da morte física; e sua ressurreição dentre os mortos, que não somente é permanente em si mesma, mas que exerce autoridade universal sobre a vida e a morte». (Charles, *in loc.*).

«...estive morto...» Consideremos os pontos seguintes a esse respeito: 1. Porque Cristo é o princípio mesmo da vida, então a morte, embora real, não poderia caracterizá-lo permanentemente. Portanto, até mesmo o corpo físico que fora seu veículo de expressão neste mundo, não poderia permanecer morto. 2. Em sua morte, entretanto, cumpriram-se certos propósitos: a. Ele fez expiação pelo pecado, conforme se vê no quinto versículo deste capítulo; b. Ele demonstrou que a morte não é algo final, e que a alma humana não pode ser prejudicada por ela, pelo que não precisamos temer perseguições e os danos que os homens nos impõem, ainda que o perpetrador desses danos seja o «segundo Nero», o imperador Domiciano, que lustigava a igreja cristã quando este livro foi escrito. O fato que Cristo «morreu» mas não permaneceu morto, serve de consolo para nós; pois, em sua vitória, também triunfaremos. c. Sua morte também comprova a realidade de sua encarnação. A natureza divina e a natureza humana fundiram-se em Cristo, e não foi apenas o homem Jesus de Nazaré que morreu, em distinção ao «Espírito-Cristo», conforme ensinavam os mestres gnósticos, mui erroneamente.

«...estou vivo pelos séculos dos séculos...» Sua vida inerente, por ser o Cristo o próprio princípio da vida (por ser ele o «primeiro»), foi confirmada mediante a sua ressurreição e glorificação «subseqüente». A vida foi renovada, tornando-se uma nova modalidade de vida, pois, na qualidade de homem, tornou-se o «Deus-homem» glorificado.

#### A Natureza Da Vida Eterna

1. Consiste ela de vida sem fim, mas não apenas disso. É também uma «modalidade de vida». No que concerne à vida eterna que os eleitos ganham, consiste da participação na própria forma de vida que Deus tem, a sua vida necessária e independente. (Ver notas completas sobre esse conceito em João 5:25,26).

2. Da mesma forma que Deus é a fonte da vida, também é o seu alvo (ver I Cor. 8:6). Esse alvo é atingido por intermédio da filiação (ver as notas a respeito, em Heb. 2:10), na pessoa do Filho (através da participação em sua imagem, natureza e atributos; ver Col. 2:10 e Rom. 8:29).

3. A participação na natureza e nos atributos do Filho (sua plenitude) leva os filhos a participarem igualmente da natureza e dos atributos do Pai (ver Efê. 3:19).

4. Isso envolve a real participação na natureza divina, embora em grau finito. (Ver II Ped. 1:4, quanto a notas sobre esse conceito).

5. Há muitas modalidades de vida, a começar pelos animais unicelulares, que já podem reproduzir-se. Há animais inferiores e animais superiores; há o homem, que é tanto um animal quanto um ser dotado de natureza espiritual. Há os seres espirituais, exclusivamente espirituais em sua natureza. Deus é a origem e o pináculo de toda a espécie de vida. Ora, haveremos de herdar exatamente sua modalidade de vida, quando nossa redenção estiver completa. (Ver as notas completas sobre a «vida eterna», em João 3:15).

«...séculos dos séculos...» Essa é uma fórmula comum para expressar a idéia da «eternidade», neste livro de Apocalipse. Nas Escrituras, a eternidade é retratada como uma interminável sucessão de eras. (Ver Efê. 3:21 quanto às diversas fórmulas usadas no N.T., como expressões da «eternidade»). A expressão «séculos dos séculos», que aponta para a eternidade, figura por doze vezes neste livro. A lista de tais ocorrências aparece nas notas expositivas sobre o sexto versículo deste capítulo.

As palavras, «vivo para sempre», são aplicadas a Deus Pai em Apo. 4:9,10; 10:6; Dan. 12:7; Ben Siraque 5:1 e I Enoque 5:1. Portanto, o autor sagrado, neste ponto, conforme com frequência faz no livro de Apocalipse, não hesita em aplicar a Cristo aquilo que algures é dito sobre Deus Pai.

«...tenho as chaves da morte e do inferno...» «...chave...» Essa palavra indica o controle sobre algo, a fim de «abri-lo» ou «fechá-lo». É assim indicado o poder sobre a morte e o inferno. Tal expressão é típica da linguagem rabínica, podendo ser comparada aos termos de Mat. 16:19. A «chave» é o sinal de autoridade, do poder de uso, de instrumento de controle.

«...morte...» Estão em foco os aspecto físico e espiritual da morte. Nas mãos de Cristo se acham as grandes «finalidades» da criação. Ele venceu à morte física através de sua ressurreição; e isso indica o começo da conquista da morte espiritual, por semelhante modo. Cristo tem autoridade para infringir a morte espiritual, bem como o poder de livrar dela. A morte transforma a tudo; mas Cristo veio alterar o conceito inteiro da morte; ela resulta, finalmente, em vida, devido ao seu poder remidor. A morte física separa a alma do corpo; a morte física separa o espírito humano de Deus. Mas Cristo transformou a morte em portal da vida eterna.

A chave do *hades*. Essa expressão pode significar (conforme era freqüente na linguagem dos rabinos judeus) o poder de produzir a ressurreição, sem qualquer alusão aos «espíritos vivos», confinados ao *hades*. Dentro do contexto cristão, entretanto, forçosamente inclui a idéia que Cristo é poderoso para livrar as almas da prisão do *hades*, bem como é poderoso para conferir aos remidos corpos ressurrectos. Naturalmente, a chave pode «fechar», tanto quanto abrir. É isso fala do fato que Cristo tem autoridade para encerrar almas no *hades*, como castigo por sua maldade e impenitência.

«...inferno...» Seria mais exata aqui a tradução «*hades*», o mundo interno dos espíritos. Não há nenhum conceito simples de «*hades*», nem na literatura judaica, anterior aos tempos neotestamentários, nem no próprio N.T. A idéia hebraica original do «*após-vida*», é que não havia «*após-vida*». Portanto, até mesmo nos primeiros cinco livros do A.T., apesar de ali ser ensinada a existência da vida espiritual, não ensinam a possibilidade de «*vida espiritual para os homens*». Os comentários dos mestres judeus, acerca desses livros, bem como seu uso no N.T., parecem subentender tal coisa; mas esses livros, considerados em si mesmos, não ensinam a possibilidade do «*após-vida*» para os homens. O estágio seguinte, no pensamento judaico, no tocante a isso, é similar aos conceitos gregos com

seu «*hades*» (a região «invisível» dos espíritos). Então os judeus vieram a crer (tal como o crêem os gregos) que o *hades* era um lugar literal, localizado no centro da terra. Para esse lugar desceriam todos os espíritos humanos, bons e maus, sem qualquer distinção; e ali não teriam qualquer existência real, com memória e consciência; antes, arrastar-se-iam em uma vida sem formas, como se fossem energias desgastadas, e não seres reais.

Gradualmente, entretanto, veio a aceitar-se que os «espíritos» possuem existência real, de alguma modalidade. E assim o «*hades*» se tornou lugar de punição ou de recompensa. Essa idéia que o *hades* é lugar de recompensa ou de punição, surgiu primeiramente na religião persa, de onde parece que penetrou no judaísmo. Já que o «*hades*» prometia recompensa ou castigo, foi apenas natural que daí se pensasse estar o mesmo dividido em «duas regiões distintas». E assim essa idéia veio a fazer parte da doutrina do «*hades*». Todos esses «estágios» de desenvolvimento dessa idéia podem ser traçados na literatura judaica, e mais de um estágio desses é refletido nas páginas do N.T. Como exemplo disso, considere-se o décimo sexto capítulo do evangelho de Lucas, onde se percebe a divisão do *hades* em porção pertencente aos bons e porção pertencente aos incrédulos. A idéia no Apocalipse, é que todos os espíritos descem ao *hades*, com exceção dos «mártires», que passam diretamente para os «céus», um lugar glorioso e totalmente distinto do «*hades*». Seja como for, para o vidente João, o «*hades*» era um lugar intermediário, e não permanente. Isso perdurará até que o estado eterno divida os homens em suas habitações devidas. As almas dos crentes martirizados aguardam, nos céus, pela primeira ressurreição (ver Apo. 20:4-6), ao passo que os demais mortos permanecerão no *hades*, aguardando a segunda ressurreição, ou ressurreição geral (ver Apo. 20:12,13).

No livro de Apocalipse, tal como no pensamento grego, o «*hades*» parece ser distinguido do *mundo inferior*, do qual um anjo tem a chave (ver Apo. 9:1 e ss.). Parece que o «*mundo inferior*» pertence a espíritos horrendamente malignos, piores que os ímpios mortos. Essa distinção, entretanto, parece não ser geralmente observada nas páginas do N.T.

O *hades* do N.T. é equivalente ao «*sheol*» do A.T., ainda que, conforme já foi destacado, o «*sheol*» não representa um único conceito, mas muitos, formando uma série que mostra estágios cada vez mais desenvolvidos. Por conseguinte, o «*sheol*» pode significar apenas «estado de morte», e não «estado onde habitam os mortos». Contudo, por toda a parte, a Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, feita antes da era cristã) traduz «*sheol*» por «*hades*». Ora, o termo grego «*hades*» envolve um desenvolvimento similar como conceito.

A descida de Cristo ao *hades*. Os trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6 descrevem a descida misericordiosa de Cristo ao *hades*, a fim de que ele ali anunciasse, às almas perdidas, o evangelho. A maior parte da igreja cristã tem reconhecido a descida de Cristo ali como uma *melhoria*, ou até mesmo para «oferecer a salvação» aos perdidos daquela região. Porém, alguns grupos evangélicos dos tempos modernos, têm chegado a rejeitar essa doutrina com base «*a priori*» do que Cristo poderia ter feito ou não (segundo a opinião deles), já que isso entraria em choque com suas rígidas idéias sobre o que deverá ser o julgamento. A despeito dessas objeções, não há que duvidar que esses versículos ensinam uma missão misericordiosa de Cristo entre as almas perdidas. (Há notas expositivas completas sobre essa doutrina, em I Ped. 3:18). É possível (mas não provável) que João, o vidente, se tenha referido a esse conceito ao falar das «chaves» brandidas por Cristo, as quais, como é óbvio, podem abrir ou fechar aquele lugar temível; mas lugar que pode ser aberto no caso de todos quantos aceitarem sua misericórdia. As fronteiras eternas não serão traçadas senão quando da «*parousia*» ou segundo advento de Cristo. Tais fronteiras não são determinadas quando da morte física de qualquer indivíduo. O julgamento final não ocorrerá senão após o «*milênio*», conforme fica claro no vigésimo capítulo do livro que ora comentamos. (Ver I Ped. 4:6 quanto ao estabelecimento dos limites eternos, por ocasião da «*parousia*», que é conceito neotestamentário comum).

As *chaves*, que representam o poder sobre a morte e o *hades*, de acordo com o Targum de Jeremias, sobre Gên. 30:22, pertencem exclusivamente a Deus. Elias teria solicitado essas chaves (ver *Sanhedrin*, Fol. 113), mas foi informado que (três chaves não são entregues a um mensageiro: a do nascimento, a da chuva e da ressurreição dos mortos) (e, portanto, do «*hades*»). A *Midrash Tehillin*, sobre o Salmo 93, mostra-nos que o Messias possuiria as «chaves da morte e do *hades*», porquanto possuiria o poder que ressuscitaria aos mortos. Há um provérbio rabínico que expande isso até certo ponto: «Há quatro chaves aninhadas na mão de Deus, que ele não outorga nem a anjo e nem a seralim—uma chave da chuva, a chave do alimento a chave dos túmulos e a chave de uma mulher estéril».

Cristo, por ser o portador das chaves, consolou a João, o vidente, juntamente com seus companheiros perseguidos. Toda a autoridade «final» reside com Jesus Cristo. Ele usará as chaves (sua autoridade) para nosso benefício, e nunca para dano nosso. O dano que porventura possamos sofrer da parte dos homens, quando muito, é temporário. Deus triunfará, finalmente.

«Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão!» (I Cor. 15:54,55).

A morte e as trevas arrumam-se as malas para partirem,  
Pois agora nada mais falta ao homem;  
Todos os teus triunfos agora terminaram,  
E aquilo que Adão maculou, foi corrigido;  
As sepulturas agora são leitões para os cansados,  
E a morte é um cochilo para mais nos alegrarmos.  
(Henry Vaughan, «An Easter Hymn»)

Este versículo mui provavelmente indica que a morte e o *hades* não exercem qualquer poder sobre Jesus, porquanto ele ressuscitou em poder e glória, não tendo sido retido por uma ou por outro, embora,



temporariamente, tenha experimentado ambas as situações. Ele possui as chaves; ele as usou a seu próprio favor, e também as usará em nosso favor. Ele obteve a vitória, mas não apenas para si mesmo. A sua missão é a de redenção humana; por isso é que ele conquistou potencialmente a vitória, em favor de todos os homens.

19 γράψον οὖν ἃ εἶδες καὶ ἃ εἰσὶν καὶ ἃ μέλλει γενέσθαι μετὰ ταῦτα.<sup>1</sup>

// 19-20 / major, / minor: WH Bov Nes Bp<sup>2</sup> R8V NKB TT Iath Jor Seg // / minor, / major: TR AV RV ABV Zùr

19 ἃ μέλλει... ταῦτα la 4b.6 lxx; Dn 2.28, 29, 48; Ec 1.1; 22.6

1:19: Escreva, pois, as coisas que tens visto, o que são, e as que depois destas hão de suceder.

O autor sagrado oferece-nos aqui um esboço bem amplo do seu livro, dividido em três pontos: 1. As coisas já vistas, a visão de Cristo, no primeiro capítulo, que atua como introdução ao livro inteiro. 2. As coisas que são, o estado das igrejas da Ásia Menor, nos capítulos segundo e terceiro. 3. As coisas que virão, o futuro do mundo, os últimos dias, as condições que haverá de anteceder imediatamente ao segundo advento de Cristo, que introduzirá o reino milenar e o estado eterno—nos capítulos quarto até ao fim.

«...escreve...» Essa ordem figura por nada menos de doze vezes neste livro. Nas notas expositivas sobre o décimo primeiro versículo damos todas as referências.

«...depois destas...» Alguns estudiosos têm interpretado essas palavras como se elas quisessem dizer «após as coisas próprias da igreja». Esses julgam que a igreja cristã está ausente a partir do capítulo quarto. Mas tal interpretação empresta a essas palavras um sentido desnecessário e errado. O autor sagrado simplesmente apresenta aqui as divisões temporais que são abordadas neste livro; e a última dessas divisões sucederá «depois» dos acontecimentos que caracterizavam a igreja cristã de sua própria época, sem qualquer indício que as coisas que «ainda sucederiam» não incluiriam

20 τὸ μυστήριον τῶν ἑπτὰ ἀστέρων οὓς εἶδες ἐπὶ τῆς δεξιᾶς μου, καὶ τὰς ἑπτὰ λυχνίας τὰς χρυσαῖς.<sup>1</sup> οἱ ἑπτὰ ἀστέρες ἄγγελοι τῶν ἑπτὰ ἐκκλησιῶν εἰσιν, καὶ αἱ λυχνίαι αἱ ἑπτὰ ἑπτὰ ἐκκλησίαι εἰσιν.

20 ἑπτὰ ἀστέρες Ra 1.16; 2.1; 3.1

1:20: É o mistério das sete estrelas, que visto na minha destra, e das sete candeeiros de ouro; as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.

«...mistério...» (Notas expositivas completas, sobre os «mistérios» do N.T., e sobre o significado desse termo, aparecem em Efé. 3:3 e Mat. 13:13). Nas religiões pagãs, um mistério era algo «oculto», que só podia ser desvendado a alguns poucos iniciados nos seus ritos secretos. Nas páginas do N.T., porém, trata-se de um «segredo aberto», de caráter divino. Em outras palavras, trata-se de alguma verdade profunda, antes oculta, mas agora aberta, franqueada, a ser conhecida por todos quantos queiram cumprir as exigências do evangelho. Já que é revelada assim alguma verdade divina, naturalmente restam-lhe elementos difíceis de entender, ainda que sua mensagem geral se torne «conhecida». No Apocalipse, encontramos os seguintes grandes mistérios: 1. O mistério das «sete estrelas», que figura no presente versículo; e 2. o mistério da «Babilônia» (ver Apo. 17:5,7). Ao vidente João foi dado entendimento sobre o significado das sete estrelas—são os anjos protetores e instrutores que ajudam à igreja. São representantes de Cristo e seus auxiliares, para que a igreja cristã seja ajudada e guiada através de sua história, sobretudo nos últimos dias, quando maior for a necessidade da proteção e da orientação divinas. A igreja tem uma missão e um destino celestiais, e certos aspectos disso são agora revelados. Quão perto de Cristo se acham as igrejas! A igreja não é deixada desamparada; poderes sobrenaturais acompanham-na e assistem-na. Isso é cumprimento, pelo menos em parte, de sua promessa, a qual assevera: «De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei» (Heb. 13:5). «E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século» (Mat. 28:20).

Um «mistério» sempre revela algo mediante inspiração, através de meios místicos, que não poderiam ser conhecidos através dos métodos empíricos normais, e nem mesmo pela razão ou pela intuição. Trata-se de um «conhecimento» dado como dom de Deus. Na introdução ao comentário há um artigo sobre como sabemos essas coisas, o que forma um breve estudo de «epistemologia», o que obviamente é importante para aqueles que querem «conhecer» a verdade.

«...sete estrelas...» Já tivemos ocasião de comentar sobre as mesmas no

Porém, se os homens se rebelarem, então as chaves abrirão para eles a morte e o hades, tendo eles de sofrer as consequências terríveis de sua rebelião. Mas Cristo é poderoso para salvar. Geralmente até os crentes subestimam o seu caráter de Salvador cósmico.

outras questões eclesiásticas.

«...as que são...» Essas palavras podem significar 1. ou as «coisas que existem» ou 2. as «coisas que são simbolizadas». Provavelmente a primeira posição é a correta, porquanto o autor sagrado fornecia uma divisão ou esboço cronológico de suas profecias. No presente versículo, João fala da «seqüência de acontecimentos» de sua profecia, e não de sua significação ou necessidade. Isso pode ser comparado a Dan. 2:29,30 e ao que se lê em Barnabé 1: «O Senhor tem desvendado a nós pelos profetas, coisas passadas e presentes, dando-nos também a prelição das primícias do futuro». E Barnabé v declara: «Devemos, pois, ser intensamente gratos ao Senhor por ter-nos desvendado o passado, tornando-nos sábios no presente; sim, e até mesmo acerca do futuro não somos despidos de entendimentos». Moffatt (*in loc.*) afirma: «O estímulo e a disciplina morais foram os objetos dessas visões».

O Apocalipse foi «escrito» a fim de que sua mensagem fosse preservada para nossa instrução e advertência, especialmente no caso daqueles que viverem ao tempo do cumprimento de suas predições, nos «últimos dias». Cremos que nós mesmos e nossos filhos viveremos nesses dias. (Na introdução a este comentário ver o artigo intitulado, *A Tradição Profética e a Nossa Era*).

20 τὸ μυστήριον τῶν ἑπτὰ ἀστέρων οὓς εἶδες ἐπὶ τῆς δεξιᾶς μου, καὶ τὰς ἑπτὰ λυχνίας τὰς χρυσαῖς.<sup>1</sup> οἱ ἑπτὰ ἀστέρες ἄγγελοι τῶν ἑπτὰ ἐκκλησιῶν εἰσιν, καὶ αἱ λυχνίαι αἱ ἑπτὰ ἑπτὰ ἐκκλησίαι εἰσιν.

décimo sexto versículo, onde são dadas amplas explicações e as diversas teorias a respeito. Neste ponto aprendemos que as sete estrelas são «seres angelicais», o que não poderíamos ter conjecturado, se contássemos somente com o versículo décimo sexto.

«...na minha mão direita...» Essa questão já foi comentada no versículo dezesseis.

«...sete candeeiros de ouro...» Já houve menção aos mesmos no versículo doze, onde também damos amplas notas expositivas. O que aprendemos aqui é o seu sentido definido, a saber, representam «igrejas locais», o que não nos é dito em sua primeira referência. Alguns estudiosos identificam os candeeiros com as estrelas, formando um único grande símbolo; mas isso não condiz bem com este versículo. Todavia, como é claro, estão intimamente associadas entre si as duas coisas, porque os «anjos» são os guardiães e instrutores das «igrejas», que inspiram aos seus ministros.

«...sete igrejas...» Já vimos o significado das mesmas, no quarto versículo. Foram igrejas locais reais da Ásia Menor, onde imperavam as condições mencionadas. Há nisso uma verdade histórica. Também representam as condições espirituais existentes em todas as eras no seio da igreja (pelo que representam instruções sobre a verdade moral para a igreja de todos os tempos). As condições assim representadas dizem respeito a vidas individuais (pelo que essas instruções são pessoais, e não meramente eclesiásticas). Finalmente, representam, profeticamente, a era da igreja, isto é, cada igreja fala de um aspecto ou período particular da história eclesiástica, até à vinda de Cristo.

O primeiro capítulo deste livro, a começar pelo seu quarto versículo, é uma espécie de «carta de apresentação» em favor do livro inteiro, introduzindo o autor sagrado e sua mensagem à igreja, além de aludir, em termos breves, àquilo que está contido neste livro (ver o versículo anterior). Essa carta, visto que não é isolada, mas apenas introduz alguma outra coisa, não tem conclusão, o que é reservado para o fim do livro, onde se lê: «A graça do Senhor Jesus seja com todos», o que é uma variação das conclusões epistolares de Paulo. Portanto, o livro inteiro de Apocalipse, apesar de ser um livro profético, é moldado na forma de uma carta, endereçada às «sete igrejas» da Ásia Menor, e, através dessas igrejas, à Igreja universal.

## Capítulo 2

### IV. Cartas às sete igrejas (Coisas que são; Apo. 2-3).

I. *Importância dessas sete cartas.* Os dois capítulos cujo comentário ora iniciamos «coisas que são» (ver Apo. 1:19) que consistem de cartas enviadas por Cristo às sete igrejas da Ásia menor, ocupam cerca de um oitavo do volume do livro inteiro, fornecendo-nos muitas, excelentes e profundas instruções. Devido à importância que essas cartas têm, dentro deste livro, e devido ao espaço que ocupam, não deveriam ser examinados superficialmente, por mera curiosidade acerca do futuro. Aquilo que formos agora, aquilo que dizemos no presente, com as instruções do Espírito Santo, determina o que seremos no futuro. Alguém já disse acertadamente: «Sempre haverá, no coração humano, a tendência de ocupar-se com a dispensação em que não nos encontramos»: Naturalmente, cremos que o restante do Apocalipse (capítulos quarto a décimo nono), descreve acontecimentos sobre a nossa própria época, pelo que o livro inteiro se reveste de especial importância para nós.

II. *Importância dos seus ensinamentos morais.* O evangelho tem seus imperativos morais. Não pode haver mesmo salvação sem a transformação moral, conforme é claramente ensinado em II Tes. 2:13. (Ver I Tes. 4:3 quanto a notas expositivas sobre a «santificação»). Nada menos de oito livros do N.T. foram escritos contra a falsa «mensagem» dos gnósticos, que não continha imperativo moral, a saber: Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e a epístola de Judas. Bastaria isso para mostrar-nos a importância da «santidade». De fato, sem a santificação ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). Por

isso é que os capítulos à nossa frente, que mostram as exigências morais do discipulado cristão, são valiosos e devem ser motivo de nosso estudo sério.

«Em seus últimos dias de vida, Bengel recomendava muito aos que privavam com ele que meditasse cuidadosamente sobre essas mensagens às igrejas. Dizia ele: 'Dificilmente haverá algo tão apropriado para afetar-nos e purificar-nos'». (Hengstenberg).

III. *Caráter geral dessas sete cartas.* No dizer de Joseph A. Seis, em sua introdução às Sete Epístolas: «Essas cartas se constituem exclusivamente das próprias palavras de Cristo. Mas, diferentemente das parábolas, foram ditadas dos céus, depois que ele foi ressuscitado e glorificado. Talvez sejam os únicos registros não condensados de seus discursos que chegaram até nós. São apresentados de modo tão impressionante e são particularmente dirigidos às igrejas, de modo que fica entendido que há nessas cartas algo de solenidade e importância incomuns. Chegam até nós com a admoestação, sete vezes reiterada, de que devemos ouvi-las e guardá-las no coração. Já que temos ouvidos para ouvir, nos é recomendado que ouçamos o que o Espírito diz às igrejas. Portanto, é de estranhar que não haja outra porção das Santas Escrituras, de igual proeminência, que a igreja dê menos atenção. As parábolas de Cristo são continuamente lembradas diante de nós: as discussões sobre as mesmas são intermináveis. Mas raramente o povo de Deus é convidado a considerar essas cartas de Jesus».

IV. *Elementos comuns nas sete cartas.* Cada uma dessas missivas contém os seguintes elementos:

1. A ordem de escrever, ao anjo de cada assembleia local.
2. Algum título sublimado do Senhor Jesus Cristo, dotado de significado particular, com elementos instrutivos, importante para a igreja local para a qual foi escrita a carta em questão.
3. Um recado direto ao «anjo» da igreja, com as palavras, «conheço tuas obras», o que lhe assegura que Cristo vigia e se preocupa com conhecimento completo acerca das condições de cada comunidade local.
4. Promessas aos vencedores; advertências aos seus membros indiferentes, ou que caem em algum erro específico, do qual se recusam a recuperar-se.
5. O solene refrão: Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça. Isso tenciona fixar a atenção sobre o que é dito, para que se dê plena obediência à instrução assim transmitida.
6. É o «Espírito» quem profere as palavras de cada carta; pelo que não se trata de meras mensagens humanas.
7. Cada uma delas envolve uma mensagem profética, que se adapta a um período especial da história da igreja.

V. *Interpretação acerca do significado do intuito das sete cartas às sete igrejas.* Consideremos sobre isso os pontos abaixo:

1. Essas cartas foram enviadas a igrejas locais reais da Ásia Menor, que havia naquela época, e nas quais imperavam as condições ali descritas. Essas cartas, pois, são «historicamente» orientadas, pois as «coisas que são» foram escritas do ponto de vista do autor sagrado.
2. Essas cartas representam condições que se verificam em qualquer época da história da igreja, pelo que elas são «universalmente» orientadas.
3. Essas cartas expõem os erros, os triunfos e as condições morais que caracterizam a igreja em qualquer de suas épocas, em suas assembleias locais. São instruções «desligadas da passagem do tempo». Tais instruções são tanto «eclesiásticas» (aplicáveis à «igreja local», em suas necessidades e condições) como «pessoais» (no que se aplica às necessidades dos crentes individuais).
4. Essas cartas são proféticas quanto a sete estágios da história da igreja, que talvez se devam arrumar como segue:
  - a. Éfeso, a igreja apostólica (século I d.C.).
  - b. Esmirna, a igreja perseguida (séculos II e III d.C.).
  - c. Pérgamo, a igreja sob favor imperial (312 a 500 d.C.).
  - d. Tiartira, a igreja da Idade das Trevas (500 d.C. ao século XVI)
  - e. Sardes, a igreja da Reforma e da renascença (séculos XVI a XVIII)
  - f. Filadélfia, a igreja das missões modernas (séculos IX até primórdios do século XX).
  - g. Laodicéia, a igreja do tempo do fim (meados do século XX até à vinda de Cristo — sendo essa a igreja morna).

VI. *Natureza da igreja.* (Quanto a notas expositivas completas a esse respeito, o que envolve «a chamada, o caráter e o destino da igreja», ver as notas expositivas sobre Efé. 3:10).

VII. *Por que razão são salientadas 7 igrejas locais em particular?* Na Ásia Menor, havia cidades e igrejas mais importantes, nos dias do vidente João, do que algumas das que são aqui alistadas. Por que o autor sagrado selecionou essas sete, excluindo as outras? É possível que não tenha havido qualquer razão específica, ou pode ser que elas tivessem necessidades especiais, que exigiam atenção, mais do que as igrejas locais de outras áreas. Ou então foram escolhidas porque, dentro da ordem em que foram mencionadas, começando e retornando a Éfeso, como que, no mapa, fica formado um círculo geográfico, pelo que elas representariam a igreja inteira. Seriam elas o «círculo perfeito» da igreja, por assim dizer. Naturalmente, além desses raciocínios, supomos que o Espírito Santo orientou nessa escolha, porque as condições ali existentes eram particularmente instrutivas para todas as épocas, ao passo que outra espécie de condições não seria tão «universal» e impressionante. O próprio número «sete» sugere «perfeição». Trata-se de uma perfeita e completa mensagem de Cristo às suas igrejas.

1. A carta a Éfeso — a igreja apostólica (2:1-7).

2. *Τῷ ἀγγέλῳ τῆς ἐν Ἐφέσῳ ἐκκλησίας γράψον· Τάδε λέγει ὁ κρατῶν τοὺς ἑπτὰ ἀστέρας ἐν τῇ δεξιᾷ αὐτοῦ, ὁ περιπατῶν ἐν μέσῳ τῶν ἑπτὰ λυχνιῶν τῶν χρυσῶν·*

1 ἑπτὰ ἀστέρας Re 1:16, 20, 3:1

2. 1 τῆς τοῦ AG 1854 19<sup>th</sup> art. 1<sup>st</sup>; R: τῷ τῆς 2019 | ἐν Ἐφέσῳ] Ἐφεσίων I 2028 al:

-σινης 296 ε

2:1: Ao anjo da igreja em Éfeso escreve:

Isso diz aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio das sete lâmpadas de ouro:

A cidade de Éfeso representa, historicamente, uma das mais vigorosas comunidades cristãs do N.T. Em sua função profética, pois, representa a igreja da era apostólica, dotada de sucesso e poder especiais, embora tivesse caído em vários erros, antes do fim de seu período histórico, o principal dos quais foi o resfriamento de seu amor a Cristo, com o declínio subsequente no serviço e no poder espiritual. As epístolas de Paulo mostram-nos que ela estava longe de ser perfeita; e o livro de Atos mostra-nos que ela estava longe de ser unida, conforme se evidencia nas epístolas aos Gálatas e I e II Coríntios. Contudo, quanto a esses aspectos, a igreja se manteve superior ao que ela mesma foi em épocas posteriores.

Quando o vidente João escreveu a essa igreja, fê-lo sob as perseguições

movidas por Domiciano, embora alguns pensem que a seção deste livro que encerra as sete cartas, tenha sido escrita antes do resto, tendo sido incorporada ao restante. Porém, a carta à igreja de Esmirna quase certamente reflete as perseguições do tempo de Domiciano, o qual foi chamado de «segundo Nero»; e pode-se supor que todas as demais cartas foram escritas ao mesmo tempo. (Ver, na introdução ao comentário, na seção intitulada «Motivos e Propósitos» do Apocalipse, o que se diz a esse respeito).

«...ao anjo...» Já encontramos a menção a esses seres em Apo. 1:16 e 20, onde são chamados de «sete estrelas». O trecho de Apo. 1:16 nos fornece explicações detalhadas que são sumariadas aqui, nos pontos abaixo discriminados:

1. Há aqui certa alusão astrológica (ver 1:16).
2. São grandes poderes espirituais associados às igrejas, visando a sua

proteção e orientação. São instrumentos nas mãos de Cristo, seres angelicais literais, que ministram à igreja, controlando seus ministros, e, pelo menos em alguns casos, servindo de mediadores dos dons espirituais. Por extensão dessa idéia, podemos supor que todas as comunidades locais dos crentes contam com seus próprios anjos guardiães, tal e qual sucede no casos das nações e dos crentes individuais.

3. Alguns pensam que estariam em foco os «pastores» humanos das igrejas, e não seres sobrenaturais. Apesar disso ser uma interpretação comum, não é provável. Os «pastores», entretanto, provavelmente seriam tidos como instrumentos especiais desses seres angelicais, seus representantes, nas assembleias locais.

4. Também há quem pense que seriam delegados especiais, enviados às sete comunidades cristãs, levando-lhes cópias do livro de Apocalipse. Mas isso é altamente improvável. Antes, devem ser membros «fixos» das igrejas locais ou seres permanentemente vinculados a elas, e não visitantes ocasionais de qualquer espécie.

5. Não são «bispos» de regiões diversas, que representariam o desenvolvimento «eclesiástico» da igreja.

6. Não são «missionários itinerantes» ou «instrutores», que exerceriam autoridade especial sobre as comunidades cristãs, atendendo às suas necessidades espirituais.

7. E nem são essas estrelas meros «símbolos místicos» das igrejas, como se seu intuito fosse apresentar seres vivos de qualquer modalidade. (Ver as notas expositivas, em Apo. 1:16, onde essas idéias são mais amplamente desenvolvidas). A posição ou posições mais prováveis são a primeira e a segunda, ou mesmo a combinação dessas duas posições.

O ensinamento que aqui temos, pois, é profundo—a igreja cristã não fica sozinha. Conta com a ajuda de grandes protetores espirituais, guardiães e instrutores angelicais. Isso faz parte da promessa de Cristo, em seu cumprimento: «De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei» (Heb. 13:5); e: «E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século» (Mat. 28:20). Isso, entretanto, não os transforma em mediadores da «salvação», pois somente Cristo Jesus pode ser tal mediador (ver 1 Tim. 2:5). Contudo, são mediadores de sua presença e de seu poder, enviados para ministrar às assembleias locais, bem como aos crentes individuais (ver Heb. 1:14). Cada um desses anjos tem seus «representantes» nas igrejas locais, a saber, pastores, mestres, etc.

«...igreja...» (Quanto a notas gerais sobre a «igreja», ver Ef. 3:10. No tocante aos significados vinculados às «sete igrejas», ver as notas expositivas sobre Apo. 1:4 e a introdução ao presente capítulo, parte V, intitulado «Interpretações sobre o sentido e o intuito das sete cartas às sete igrejas».)

«...Éfeso...» (Quanto a notas expositivas sobre essa localidade, sobretudo do ponto de vista arqueológico, ver Ato 19:1 e 40). Essa cidade fora erguida próximo do mar, no vale do rio Caister, sob as sombras das montanhas Corossos. Nos dias de Paulo, era a maior cidade da província romana da Ásia. Plínio a chamava de «a luz da Ásia». Fica na costa ocidental do que atualmente se chama Turquia Asiática. No tempo dos apóstolos havia uma magnífica estrada de vinte e um metros de largura, ladeada por colunas, que atravessava a cidade até ao porto. Esse porto era importante centro de exportação e importação, no fim da rota de caravanas vindas da Ásia, sendo uma escala natural para quem viajasse do continente asiático até à capital do império, Roma.

O povoado original parece ser datado do século XII A.C., tendo sido iniciado por colonos jônios. No ano de 560 A.C., Éfeso foi conquistada pelo rei Croeso. No ano de 557 A.C. foi conquistada pelos persas. Em 133 A.C. tornou-se parte do império de Atalo II, que então doou a Roma. Pérgamo continuou sendo a cabeça titular da província romana assim formada; mas Éfeso, na realidade, era a principal cidade daquela região. Evidentemente tinha uma população de cerca de um terço de milhão de habitantes, na época apostólica.

Éfeso era um centro religioso, tanto quanto comercial e político. O templo de Diana, erigido antes de 356 A.C., mas restaurado naquele ano, após ter sido destruído por um incêndio, figurava como uma das maravilhas do mundo antigo, até que, finalmente, foi destruído pelos godos, em 260 D.C. Esse templo continha a «imagem» de Diana, a qual, mui provavelmente, era apenas um meteorito que foi esculpido para formar tal imagem. Isso explica sua suposta origem «celestial». Sabemos que nos templos antigos havia «meteoritos», sempre que possível, pois eram considerados sagrados, por terem «caído do céu». O templo de Diana, descoberto por J. T. Wood, no ano de 1870, era quatro vezes mais espaçoso que o Partenon de Atenas, adornado por obras de grandes mestres, como Fidias, Praxíteles e Apelo.

Nos tempos neotestamentários, havia numerosa colônia de judeus em Éfeso, e esses usufruíam de posição privilegiada, durante o começo do império. (Ver Josefo, *Antiq.* xiv.10,12,25). A fé cristã chegou a Éfeso em cerca de 52 D.C. (ver Ato. em seus capítulos dezoito e dezenove, quanto a descrições sobre isso). Paulo esteve ali, durante sua segunda viagem missionária; e então permaneceu mais tarde ali, por cerca de três anos, a mais longa permanência de Paulo em um lugar só, durante todas as suas viagens missionárias. O cristianismo fez de Éfeso um de seus centros mais poderosos. Porém, em oposição à fé cristã, floresciam ali os cultos mágicos; e, antes dos fins do primeiro século de nossa era, foi imposto ali o «culto ao imperador», com as conseqüentes perseguições contra aqueles que se recusavam a adorar ao imperador romano.

Por ocasião de sua partida de Éfeso, o apóstolo dos gentios deixou ali a Timóteo, embora não saibamos por quanto tempo este último ali permaneceu. É comum identificar Timóteo com o «anjo» mencionado em Apo. 2:1; mas isso é altamente improvável. O «anjo» referido neste livro é bem real, guardião e instrutor da igreja de Éfeso, ainda que seja perfeitamente possível que Timóteo fosse o seu principal instrumento

naquela localidade.

Iríneu e Eusébio chamavam Éfeso de lar do idoso apóstolo João; e embora existam tradições em conflito a seu respeito, é, bem provável que o próprio apóstolo João e suas tradições tivessem estado associados ao lugar, de tal modo que o quarto evangelho, as epístolas de João e o livro de Apocalipse tivessem provindo daquela área em geral. Inácio, uma geração depois da era apostólica, escreveu à igreja dali em termos candentes (ver Inácio, Efésios 11). E o lugar tornou-se a sede de longa sucessão de bispos orientais. O terceiro concílio geral teve lugar em Éfeso, no ano de 431 D.C., com o propósito específico de condenar as heresias de Nestório. A igreja de Santa Maria, onde a conferência foi efetuada, conta com ruínas que podem ser vistas até hoje. Pouco depois disso, a cidade começou a declinar, sobretudo por causa da praga de malária. Suas excelentes esculturas foram levadas para outros lugares, principalmente para Constantinopla. E no século XIV, o que restava, foi levado dali pelos turcos, que também dispensaram os seus habitantes que ainda restavam.

A região anteriormente ocupada por Éfeso, nos nossos dias, é desabitada. O mar, atualmente, fica a mais de onze quilômetros de distância do local original, devido ao acúmulo de detritos e de lama, em seu porto, no decorrer dos séculos. A ilha de Patmos, onde foi desvendado ao vidente João este livro de Apocalipse, fica cerca de cento e vinte quilômetros de distância.

«...estas cousas...», isto é, a carta que se segue.

«...diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas...» Essa declaração já fora feita a respeito de Cristo, em Apo. 1:16. As «sete estrelas» são os «sete anjos». Oferecemos notas expositivas completas, quanto a isso, em Apo. 1:16. As notas expositivas, imediatamente antes das do presente versículo, esclarecem as várias idéias concernentes aos «anjos», os quais são as «estrelas» (de acordo com Apo. 1:20). O simbolismo em que Cristo «segura-as» com sua mão direita, é esclarecido em Apo. 1:16. Por conseguinte, Cristo: 1. protege às igrejas; 2. guia-as e controla-as; 3. usa-as em seu serviço; e 4. conforme isso é aplicado, todas essas coisas podem ser ditas às igrejas servidas por esses anjos. Portanto, tanto os anjos (ou «estrelas») como as próprias igrejas locais estão inteiramente sujeitos a Cristo, servindo de instrumentos do poder e da glória do Senhor. (Ver João 10:28 quanto a notas expositivas sobre esse simbolismo, o qual aponta para a idéia de «segurança», o que, sem dúvida, também faz parte do quadro aqui tencionado). As «estrelas» estão na «mão» de Cristo, —não em seus «dedos», pois não são meros elementos decorativos, apesar de também serem tais, não tenhamos dúvidas.

*O título de Cristo:* Cada uma dessas sete comunidades locais recebeu um título ou descrição especial da parte de Cristo, que lhe foi particularmente aplicado. Visto que a carta à comunidade cristã de Éfeso figura em primeiro lugar, o título aqui empregado é mais amplo, porque assim são apresentadas as cartas às sete igrejas. Portanto, a «característica geral» de Jesus Cristo, no que concerne às igrejas locais, o que também figura em Apo. 1:16, e reiterado neste ponto. Mas Éfeso contava com poderosa igreja cristã, pelo que, de modo todo especial, era protegida por Cristo, para que o evangelho tivesse um início realmente triunfal naquela região.

«...anda no meio das sete candeieiros de ouro...» (Quanto a notas expositivas completas sobre o «candeieiro de ouro», ver Apo. 1:12. Ali é esclarecido o sentido simbólico do mesmo). Notemos que, em Apo. 1:20, os sete candeieiros são as «sete igrejas». Portanto, uma vez mais, a descrição de Cristo, no tocante a Éfeso, também se aplica às cartas enviadas a todas as sete igrejas, —o que equivale dizer que essa primeira carta serve de introdução para todas as demais.

O fato que Cristo «andava» entre os candeieiros simboliza as seguintes verdades:

1. A presença de Cristo e de seu poder, na igreja, o que tanto se verificou na era apostólica.
2. A sua cuidadosa vigilância sobre essa época e todas as épocas da igreja, «conhecendo» suas fortalezas e fraquezas.
3. Esse andar é judicial. Cristo não está satisfeito com a condição da igreja e terá de baixar juízo, se não houver arrependimento.
4. Sem a «presença» de Cristo, a igreja é apenas uma pilha de pedras, freqüentada por não-espirituais. Mas com sua presença, a igreja se torna um templo vivo para habitação do próprio Deus (ver Ef. 2:22; ver também 1 Ped. 2:5, acerca das «pedras vivas» que compõem a «casa espiritual», o «novo templo»).
5. Temos aqui o «telmo», ao invés do «deísmo». Este último ensina que há um Deus, um Criador, uma força superior, mas crê que ele deixou as leis naturais encarregadas do governo de sua criação, não tendo qualquer contacto pessoal com a mesma; pelo que também não faz intervenção na história humana, para julgar ou galardão. O telmo, em contraste com isso, ensina que Deus está conosco, particularmente na pessoa de Cristo; que Deus faz interferência na história da humanidade; que recompensa e pune. Cristo é o exemplo supremo da presença de Deus entre os homens, pelo que é a maior prova do telmo, embora existam outras provas. (Ver também as notas expositivas em Ato 16:27, quanto a várias idéias teológicas e filosóficas acerca de Deus e sua natureza; ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Crença Religiosa e o Problema da Verificação»).
6. E o «Senhor» quem assim guarda à sua igreja e a observa. (Ver Rom. 1:4 quanto a notas expositivas sobre o «senhorio de Cristo»).
7. Aqueles que aceitam a Cristo como Senhor, são transformados segundo a sua imagem e natureza (ver II Cor. 3:18).

*Outras idéias sobre este versículo:*

1. As «estrelas», sem importar o seu simbolismo, não são aludidas apenas para ocupar espaço; não são meramente decorativas; têm a função de dar luz, ou seja, orientação, visando o avanço espiritual da igreja.



2. Os candeleros podem servir de mero ornamento. Mas os verdadeiros e melhores candeleros são os que são iluminados e realmente iluminam. Nada são sem o azeite que alimenta o pavio que dá a luz; e o azeite é símbolo do Espírito Santo.

3. O fato que Cristo «anda» entre os candeleros (as igrejas) é cumprimento de sua promessa de que estaria conosco até ao «fim do século» (ver Mat. 28:20), e de que estaria conosco, «onde dois ou três se reunirem em seu nome» (ver Mat. 18:40).

4. O poder da igreja, a sua excelência e o seu caráter geral não são determinados pelas belas edificações, pela riqueza e pela posição social; somente a sua função de candelero a torna digna como igreja local.

5. A vigilância e a presença de Cristo não são «localizadas». Ele anda por entre todas as suas igrejas, e não meramente entre alguma de suas modernas denominações. Isso refuta o sectarismo e exalta o ideal da unidade em Cristo, por parte de todos os crentes regenerados, por toda a parte.

6. Cristo anda entre os candeleros a fim de assegurar que todos estão em boas condições e dão boa iluminação. Aquele que conhece a Cristo como Senhor deve refletir a glória dele, e, na contemplação dessa glória, deve ir sendo transformado segundo sua imagem e natureza (ver II Cor. 3:18).

7. Aquele que é iluminado pela Luz divina também deve tornar-se luz de Deus, compartilhando da mesma forma de vida que tem o próprio Deus Pai (ver João 1:9; 5:25,26 e 8:57).

**Nome de Cristo:** Em cada uma das sete cartas do Apocalipse, Cristo dá a si mesmo um nome e uma descrição específicos, aplicável à circunstância particular e à posição espiritual da igreja sob discussão. No caso da igreja

em Éfeso, Cristo aparece como aquele que «sustém» na mão os ministros angelicais que ajudam à igreja. É patente que, por meio deles, sustém à própria igreja. Isso alude ao poder de Cristo entre as igrejas, apontando para a sua capacidade de ajudar. Consideremos ainda os pontos abaixo:

1. Essa circunstância frisa o «senhorio» de Cristo. Pois ninguém tem a Cristo como Salvador, se também não o tem como Senhor.

2. E isso, por sua vez, fala de «segurança» da igreja. Cristo não permitirá que a igreja, finalmente, pereça. Ver Rom. 8:39 quanto a notas expositivas completas sobre a questão da «segurança».

3. Cristo «anda entre as igrejas», o que nos assegura a sua presença e comunhão, algo que é típico da igreja apostólica, que exibia a presença e o poder de Cristo acima do que sucedeu à igreja de séculos posteriores.

4. Isso dá a entender a «atividade divina» na igreja, o que a assiste em sua propagação, mas também em sua operação interna de santificação pessoal.

5. Os candeleros exigem constante atenção, a fim de funcionarem corretamente, a fim de darem a luz apropriada, e Cristo dá essa atenção às igrejas. Se não fora assim, a luz da igreja desde há muito ter-se-ia apagado. A igreja apostólica, todavia, foi poderosíssima luz em favor da verdade.

6. Cristo é tudo para todos (ver Efê. 1:23). Esse é o imenso alvo do «mistério da vontade de Deus» (ver Efê. 1:10). Cristo demonstrou, na igreja apostólica, como isso pode funcionar.

«...igreja...» (Quanto a notas expositivas completas sobre essa palavra, ver Efê. 3:10).

2 *Oída τὰ ἔργα σου καὶ τὸν κόπον¹ καὶ τὴν ὑπομονήν σου, καὶ ὅτι οὐ δύνη βαστάσαι κακοὺς, καὶ ἐπείρασας τοὺς λέγοντας ἑαυτοὺς ἀποστόλους καὶ οὐκ εἰσὶν, καὶ εὗρες αὐτοὺς ψευδεῖς.*

¹ 2 (C) κόπον A C P 94 1654 2031 2073 (1877) (1877) (1877) vg syr<sup>p</sup> Tyconius Jerome Augustine Hieronymus Primasius Andrew<sup>387</sup> β κόπον

σοι M 046 1 1006 1611 1628 1936 2020 2043 2065 2061 2138 2344 2432 syr<sup>p</sup> cop<sup>8</sup> atm eth Andreu<sup>387</sup> Arethas β κόπον σου cop<sup>1000</sup>

2 *Oída τὰ ἔργα σου* Ra 3.1, 8, 18 *ἐπείρασας... ἀποστόλους* 1 Jo 4.1

2 *καὶ οὐκ εἰσὶν* A bo

Após *κόπον*, que é fortemente apoiada por A C P 2053 it (gig.61) vg sir (h) al, o Textus Receptus, seguindo N 046 maioria dos minúsculos sir (ph) cop (sa,bo) ara etí, adiciona *sou*. O pronome foi inserido por copistas a fim de coordenar *κόπον* com *ἔργα* e *ὑπομονήν*, ambas as quais palavras são qualificadas por *sou*.

2:2: Conheça na tua obra, e a teu trabalho, e a tua perseverança; sei que não podes superar os maus, e que puseste à prova os que se dizem apóstolos e não o são, e os achaste mentirosos;

«Não existe riqueza real senão o labor do homem. Se os montes fossem de ouro e os vales de prata, o mundo não seria mais rico nem um grão de trigo a mais; nenhum conforto isso adicionaria à raça humana». (Percy B. Shelley, *Queen Mab*).

«As ações de um homem são apenas um quadro pictórico de seu credo» (Ralph Waldo Emerson).

«Os atos falam mais alto que as palavras». (Um provérbio popular).

«Os céus nunca ajudam ao homem que não trabalha». (Sófocles, fragmento).

«Uma hora de vida, carregada de ações gloriosas e preenche de nobres riscos, vale mais que anos inteiros daquelas tolas observâncias do decoro comum». (Sir Walter Scott, *Count Robert of Paris*).

«A ação nem sempre produz felicidade; mas não há felicidade sem ação». (Benjamim Disraeli).

«Um homem sem ambição é como uma mulher sem beleza». (Frank Harris).

O «labor» aqui mencionado, no caso da igreja de Éfeso, alude particularmente aos labores daqueles crentes no evangelho, o qual tomou conta de todos os centros de civilização então conhecidos. (Ver Col. 1:6 quanto a esse fato). Essa intensíssima expressão espiritual fazia parte das «obras gerais» ou caráter cristão daqueles crentes. (Ver Rom. 16:12; I Cor. 16:10 e Gál. 4:11 quanto aos labores apostólicos e ministeriais, referidos neste versículo com o termo «labor»). Os crentes efésios eram intensos quanto à sua fé espiritual, o que ficava claramente demonstrado pela magnitude de sua dedicação, produtiva de imensos labores em favor da causa de Cristo.

«...perseverança...» Isso é mencionado de novo no versículo seguinte. Significa bem mais do que o que se entende pela palavra «paciência», isto é, o «suportar tudo estoicamente». Pelo contrário, significa «constância» sob circunstâncias adversas. Com freqüência, nas páginas do N.T., indica fidelidade sob a perseguição. O termo grego é «*upomone*», «resistência», «permanência», «constância». (Ver II Ped. 1:6; Tia. 5:7 e II Tim. 2:25,26 quanto a outras referências neotestamentárias, onde essa palavra é explanada e ilustrada). No dizer de Ellicott (*in loc.*): «Não assinala meramente a resistência, mas também a fraca paciência com que o crente luta contra os vários empecilhos, perseguições e tentações, que lhe sobrevêm em seu conflito contra o mundo interno e externo». Isso esse autor dizia, comentando sobre o trecho de I Tes. 1:3. Sabemos que a igreja da era apostólica foi tremendamente perseguida. O livro de Atos deixa isso bem claro. Mas aquela igreja tinha «resistência», em meio mesmo às aflições que lhe foram impostas, pelas autoridades civis e religiosas. As dificuldades daqueles crentes não os levaram a perder a coragem ou a negar a própria fé. Eles *labutavam* e *suportavam* firmemente as circunstâncias, sem «se deixarem esmorecer», conforme se sabe no versículo seguinte. Eles participavam dos sofrimentos do evangelho, «como bons soldados de Cristo Jesus», conforme se aprende em II Tim. 2:3.

«...não podes suportar homens maus...» Aqueles crentes podiam «suportar» condições e testes difíceis, mas se recusavam a mostrar «tolerância» em favor de homens que tentavam mudar a natureza «moral» da igreja, tirando do evangelho o seu «imperativo moral». Esses «homens maus», mui provavelmente, são os «nicolaitas», mencionados no sexto versículo deste capítulo, e onde o tema é desenvolvido. Não há que duvidar que havia boa variedade de «falsos apóstolos» e de «falsos mestres», que serviam de praga para a igreja apostólica; mas é razoável supormos que

«...Conheço as tuas obras...» Consideremos aqui os pontos seguintes:

1. É salientada assim a onisciência de Cristo. Essa declaração é reiterada no caso de todas as sete igrejas.

2. O interesse de Cristo por sua igreja é focalizado, porque ele «conhece» as suas condições, a fim de louvar ou de repreender à mesma, tudo o que visa produzir modificações espirituais favoráveis.

3. As «obras» que Jesus «conhece» representam as «condições espirituais em geral» da igreja, e não apenas aquilo que chamamos de «serviço ativo». Portanto, a palavra «obra» neste caso, indica o «caráter geral», a natureza da pessoa que age, mas também aquilo que ela faz. Equivale à expressão vetotestamentária «temor do Senhor», expressão usada a fim de exprimir as condições «espirituais em geral» daquele que professava tentar agradar a Deus, reconhecendo o seu senhorio. O termo geral, «obra» é desdobrado, neste mesmo versículo, para que tenha os seguintes significados:

- Labor (serviço ativo, prestado sob pressão).
- Paciência (resistência nesse labor, e sob as perseguições).
- Ódio e oposição ao mal e aos atos malignos, de homens que pervertem o evangelho e promovem a impiedade em nome de Cristo.
- Cristo, que é o Senhor, vê através de todos os disfarces e pretensões, apresentando autêntica avaliação da condição de cada indivíduo, bem como a condição geral de cada assembléia local.

Ele não vê o que «esperamos ser», nem o que «temos feito», nem o que «pensamos que podemos fazer», e, sim, as nossas condições reais, o nosso caráter e um conforto. É uma ameaça aos hipócritas e pretenciosos; é uma ameaça para aqueles que brincam com a fé religiosa. Mas é um conforto aos fiéis, que são perseguidos e desprezados por outros, dentro ou fora da igreja. Isso nos promete uma recompensa justa, bem como a contínua ajuda para a concretização dos ideais espirituais do cristianismo.

«Nossas tristezas, que talvez não possamos relatar, nossas tribulações, que ninguém mais conhece, nossas dificuldades, nossas tribulações, os ais e as dores que jazem ocultas em nossas almas, nossas fraquezas e nossas lutas íntimas, nossos temores e dúvidas ocultos, nossa honestidade quanto a coisas que outros censuram e criticam, nossos verdadeiros motivos e esforços, que os outros não entendem, tudo é conhecido por nosso amoroso Salvador, o qual pode ser tocado com o senso de nossa debilidade, ordenando-nos que tenhamos bom ânimo, porque a sua graça nos será suficiente». (Seiss, *in loc.*).

«O verniz de uma fé formal talvez impressionasse ao mundo, mas não pôde escapar a seu escrutínio (ver Atos 1:24). Ele também conhece, e aceita amorosamente, os atos não-exibidos e nem requisitados de verdadeiro amor (ver Mat. 10:42 e 26:13), e aparecia, em meio a todas as suas falhas, a lealdade genuína a ele (ver João 2:17)». (Carpenter, *in loc.*)

«...o teu labor...» No grego temos o vocábulo «*kopos*», que indica «labor até à exaustão», «labuta». A forma verbal, «*kopiaio*», significa «exaurir-se», «trabalhar arduamente», «lutar». Essa palavra descreve os prodigiosos labores da igreja apostólica. Notemos que o trabalho árduo é aqui recomendado. Até mesmo os ímpios vêem algo de «nobre» no labor árduo, o que, necessariamente, inclui abnegação, em favor de alguma causa esperançosa e altruísta.

estamos tratando, especialmente, de alguma forma de gnosticismo incipiente. Oito livros do N.T.—Colossense, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e Judas—foram escritos contra as diversas formas da primitiva heresia gnóstica; porque essa foi a heresia que assediou a igreja por cerca de cento e cinquenta anos, no começo de sua história. (Há uma nota, em Col. 2:18, que dá amplos particulares sobre o que se sabe acerca dessa gente). De modo bem geral, pode-se dizer que eles procuravam combinar a filosofia grega, a mitologia e as religiões orientais misteriosas com o cristianismo, além de terem tomado por empréstimo elementos do judaísmo. Alguns deles eram extremamente libertinos (como aqueles contra quem o sexto versículo foi escrito); mas outros eram ascetas extremados. Criam eles que a matéria é o princípio mesmo do mal, pelo que o corpo seria totalmente incapaz de redenção, pois o mesmo participa da matéria. Não fariam diferença, pois, aquilo que os homens fizessem com seus corpos. De fato, poderiam estes até ajudar ao desígnio da mente cósmica, que seria o de destruir, finalmente, a matéria, abusando dos seus próprios corpos. Isso podia ser feito mediante a licenciosidade ou mediante o ascetismo. A maioria desses hereges preferia a licenciosidade, e chegavam até a imaginar, mui loucamente, que os anjos se postavam, invisíveis, a seu lado, influenciando-os a participar de toda a forma de deboche, porque precisavam de ter «experiências», e porque assim degradavam ao princípio do pecado, associado a seus próprios seres. Pensavam eles que tudo isso podia ser praticado, sem que a alma em nada fosse prejudicada, pois seria esse o princípio espiritual no homem, livre do pecado, já que não participa da «matéria». O que tudo isso significa é que a imoralidade de muitas modalidades, mas especialmente aquela praticada com o corpo, se tornou a «doutrina oficial» de algumas igrejas, onde os mestres gnósticos mantinham domínio. Por conseguinte, o evangelho deles desconhecia o «imperativo moral»; o evangelho deles não os tornava espiritualmente melhores.

No tocante a outras doutrinas, os gnósticos repeliem a fusão da natureza divina com a humana em Jesus, crendo que o *«Espírito-Cristo»* (uma emanção angelical) tenha vindo possuir o corpo de Jesus em seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião de sua crucificação. As duas pessoas, Jesus e o *«Espírito-Cristo»*, pois, não eram a mesma «entidade». Portanto, a «morte» não foi a do Cristo, e sim apenas a do homem Jesus, não tendo, por isso mesmo, qualquer valor «expiatório». Cristo não poderia mesmo ter-se encarnado, diziam os gnósticos, pois, se o fizesse, teria ficado contaminado com a matéria, o princípio mesmo do mal. Aparentemente, os gnósticos eram os homens «maus» que a igreja em Éfeso não permitiu que tivessem acesso a posições de mando e influência.

Notemos que são virtudes cristãs não só o «amor a Deus» e a «perseverança na prática do bem», mas também o «ódio ao mal» e a recusa de permitir a contaminação dos membros de uma comunidade cristã. Os anciãos de Éfeso não estendiam «cortesia ministerial» a falsos mestres conhecidos. Conta-se a história do apóstolo João, em Éfeso, que se recusava a entrar nos banhos públicos quando Cerinto (um mestre gnóstico) estava presente. Alguém poderia indagar se essa seria uma atitude correta. Sem dúvida estamos na obrigação de procurar conquistar homens como os gnósticos, amando a eles como Deus ama a todos os homens (ver João 3:16); mas os crentes de Éfeso estavam com a razão, pelo menos quando não permitiam que tais homens ocupassem posições de autoridade na igreja. E nem os encorajavam em seus caminhos ímpios através de uma «falsa aceitação».

«...puseste à prova...» Essa «prova» era parcialmente «doutrinária», conforme se vê em I João 4:1 e ss. Eles «testavam aos espíritos». Aqueles indivíduos que rejeitavam a doutrina da «encarnação» e o valor subsequente da «expição», com facilidade eram tidos por mentirosos e falsos apóstolos. Além disso, era aplicado o teste prático. O evangelho anunciado por alguém transformava moralmente a tal pessoa? Em caso negativo, então tal evangelho era falso. O evangelho de alguém incluía o imperativo moral? Em outras palavras, requeria a santidade, já que sem a santificação ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14)? Em caso contrário, então tal evangelho era falso. Pode-se observar, em II Tes. 2:13, que a «santificação» é elemento absolutamente necessário para a salvação. (Ver também Rom. 6:22 e as notas expositivas ali existentes). Jamais poderemos chegar à vida eterna, exceto pelo caminho da santificação. Os mestres gnósticos pensavam que o «conhecimento» é o caminho para a salvação, degradando à fé, ao mesmo tempo que eliminavam totalmente a necessidade de santidade no corpo. Este versículo pode ser comparado com II João 10, que proíbe o acolhimento a hereges conhecidos e persistentes na própria casa. Os mestres gnósticos também são focalizados nessa passagem. A «rejeição» aos mesmos, por parte dos crentes autênticos, visava ensinar aos falsos que eles não eram parte legítima da comunidade cristã, já que suas ações e suas doutrinas eram basicamente contrárias às dessa comunidade, tendendo por solapá-las. O presente versículo talvez subentenda alguma forma de «teste eclesástico», com a subsequente exclusão. Pelo menos, quando os falsos mestres manifestadamente falhavam em mostrar-se cristãos e ajudadores genuínos da igreja, os crentes de Éfeso exerciam pressão sobre os mesmos, para que se retirassem da comunidade dos santos.

«...e os achaste mentirosos...» Essas palavras podem ser comparadas com I João 2:22. O «mentiroso» é aquele que nega a identidade das naturezas divina e humana em Jesus, aquele que «nega ao Filho» e à sua «expição». O «mentiroso» é aquele que «odeia» a seu irmão, que não tem parte real na comunidade cristã, e é adversário da mesma (ver I João 4:20). É também aquele que não aceita o testemunho de Deus Pai concernente ao Filho (isto é, sobre a realidade da encarnação do Filho, em Jesus de Nazaré, com

identidade de pessoas), o qual, subseqüentemente, cumpriu a sua missão expiatória (ver I João 5:10).

«...apóstolos...» A presunção daquela gente era grande, porquanto queriam compartilhar da autoridade dos próprios apóstolos; mas tratava-se de uma reivindicação falsa, pois falavam de modo errôneo e maligno acerca do verdadeiro Jesus Cristo, e suas vidas eram um opróbrio para o seu evangelho. (Quanto aos «doze apóstolos», com breve descrição sobre cada um, ver Luc. 6:12. Quanto ao «ofício do apostolado», ver Mat. 10:1. Quanto ao uso mais amplo do termo «apóstolo», ver as notas expositivas em Atos 14:4).

*Qual seria a identidade desses mentirosos?*

1. Seriam os judaizantes? Essa idéia não é muito provável. Pois os judaizantes pelo menos eram «morais», procurando seguir estritamente a lei de Moisés, embora não estivessem certos em sua teologia.

2. Alguns supõem que fossem discípulos de Pedro ou de Paulo que tinham assumido grande autoridade para si mesmos; mas isso está completamente fora de consonância com o caráter geral daqueles homens, conforme é sugerido no texto sagrado.

3. Antes, eram os «nicolaítas», referidos no sexto versículo deste mesmo capítulo, membros prováveis de alguma seita antiga, semelhante à dos gnósticos, e corruptos em sua doutrina e vida diária. Paulo já havia advertido acerca de homens desse naipe. Isso pode ser visto em Atos 20:20,30, onde se lê: «Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas perversas, para arrastar os discípulos atrás deles».

Notemos que a defesa da verdade, por parte dos crentes efésios, bem como a sua recusa por permitir que aqueles falsos mestres corrompessem à igreja, é classificada como suas «obras» (como seu caráter cristão geral), juntamente com o seu «labor» e «constância».

*Outras idéias sobre este segundo versículo:*

1. Na igreja primitiva, antes de haver um governo e uma doutrina fixos, havia muitos pregadores itinerantes, que iam de lugar para lugar, pedindo sustento da parte da igreja. Alguns faziam comércio de sua fé, seguindo o exemplo dado pelos filósofos sofistas, que vendiam seus conhecimentos a troco de ouro (ver I Tim. 6:6); e muitos deles de modo algum eram crentes, embora tivessem sido atraídos, de alguma maneira, para a igreja cristã e seu evangelho.

2. Um dom especial do Espírito Santo veio a ser conferido, para ajudar os crentes na luta contra tais homens, o dom do «discernimento de espíritos», conforme se aprende em I Cor. 12:10.

3. Inácio, um dos pais da igreja, escreveu acerca desses homens, no tocante à comunidade cristã de Éfeso, dizendo-lhes: «Fiquei sabendo que certas pessoas estiveram entre vós com uma doutrina ímpia, mas que não lhes permitistes que se messem a sua semente entre vós». (ad Eph. ix). Por semelhante, Inácio recomendou a Onésimo que louvasse muito aqueles crentes efésios, por terem dado um bom exemplo de discipulado, e porque nenhuma heresia tinha permissão de lançar raízes em suas igrejas.

4. Os falsos mestres geralmente não são apenas «enganadores», mas normalmente também estão «enganados» eles mesmos. Não admira, pois, que se mostrem «sinceros» em sua doutrina. Mas a sinceridade não é, necessariamente, sinônimo de fidelidade para com a verdade.

5. Os falsos mestres, como se dava no caso dos gnósticos, algumas vezes eram místicos, tendo poder de realizar milagres e prodígios. Ver a advertência do Senhor Jesus, em Mat. 7:16 e ss., sobretudo o vigésimo segundo versículo. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 sobre as diversas formas de «misticismo»). O certo é que as verdadeiras experiências místicas transformam moralmente ao homem, porque esse é um dentre vários meios que nos aproximam de Deus, e não podemos chegar até Deus sem a santificação (ver Heb. 12:14).

6. O «olho que a tudo vê». Conta-se a história de uma menininha que gostava de furtar pedaços de torta de maçã, dirigindo-se à água-furtada da casa a fim de comê-la secretamente. Naquela água-furtada, porém, havia um quadro que apresentava um grande olho. Um dia, quando a menina estava ali escondida, a delícia secretamente com seu pedaço furtado de torta de maçã, um raio de luz por acaso incidiu sobre o olho, o qual, naturalmente, ficou iluminado. A criança ficou assustada momentaneamente; mas depois ela cortou a figura do olho. Contudo, o buraco deixado continuou a servir ao mesmo propósito, quando o sol ali batia. E assim o «olho» não permitia que a menina desfrutasse de seu fruto proibido. O poder divino nos observa, e nada pode ser feito secretamente. Criado, o Senhor, «conhece as nossas obras».

7. O louvor desonesto. No dizer de Seiss (in loc): «O louvor desonesto é iniquidade. É aviltante para aquele que o presta e maléfico para aquele que o recebe. Mas o reconhecimento cálido, veraz e liberal acerca do que é correto e bom, serve de bendita inspiração, tanto a quem louva como a quem recebe o louvor. Tal louvor une as duas pessoas. Refresca e estimula o esforço. Gera a confiança mútua e multiplica as forças». Infelizmente, os crentes efésios não podiam louvar, honestamente, aos falsos mestres que havia entre eles.

*Variante Textual:* As palavras «vossa labor» figuram nos mss Aleph, 046 e na maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina, além de várias versões, como o Sirp, o Cop(sa,bo), o Ara e o Eti. Mas os mss ACP, 2053 e as versões latinas dizem apenas «labor», embora seguindo as palavras «vossa paciência». Todavia, a primeira vez em que aparece o vocábulo «vossa», provavelmente foi uma adição para coordenar «labor» e «constância», não fazendo parte do original. Notemos, por igual modo, que a palavra anterior, «obras», traz o pronome, e isso também deve ter servido de motivo aos escribas para adicionarem «vossa» a «labor», para que a sentença fosse mais suave. (Quanto a informações sobre os antigos manuscritos do N.T., e como devem ser escolhidos os trechos corretos, quando aparecem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse tema).

3 καὶ ὑπομονὴν ἔχεις, καὶ ἐβάστασας διὰ τὸ ὄνομά μου, καὶ οὐ κεκοπίακες.

3 «bastaas» εβαστας I 2059 pc

2:3: e tens perseverança e por amor de meu nome sofreste, e não desisteste.

«...tens perseverança...» Isso já foi dito sobre aqueles crentes, no versículo anterior, onde é usado o mesmo vocábulo grego. Crê-se que o livro

de Apocalipse foi escrito durante a perseguição de Domiciano, o qual foi chamado de «segundo Nero». Muitos cristãos vinham sendo encarcerados, havendo torturas e mortes, por se recusarem eles a adorar ao imperador, o qual se proclamava uma divindade. As circunstâncias sob as quais foram escritas este livro são amplamente discutidas na seção VII da introdução, intitulada «Motivo e Propósitos»; e a leitura da mesma dará ao estudioso uma idéia melhor da natureza nobre da «constância» da igreja daqueles tempos. A igreja apostólica já sofrera sob as ordens de Nero. O nome desse imperador veio a traduzir «degradação», «crueldade» e «perversão». Ele costumava torturar e queimar aos cristãos até à morte, em seus jardins, somente para entretenimento de seus convivas. Tudo isso a igreja cristã suportou pacientemente e com constância, confiando em Cristo quanto à vitória «final», ainda que esta só se verificasse nas dimensões espirituais da alma. Mas, em última análise, ali é que haverá a verdadeira vida, não sendo coisa de somenos que a vitória seja conquistada somente então. O culto do imperador impunha sua adoração insana aos homens de todos os recantos do império romano. Alguns dos imperadores romanos chegaram mesmo a imaginar-se divinos e, por conseguinte, merecedores de adoração. E os súditos romanos que se recusassem a adorar ao imperador, eram considerados traidores, tendo de sofrer as conseqüências de seu ato.

«Todos os homens louvam à paciência, embora poucos se disponham a praticá-la». (Thomas à Kempis, *Imitação de Cristo*).

«É na vossa perseverança que ganhareis as vossas almas». (Luc. 21:19).

«Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos faticueis, desmaiando em vossas almas». (Heb. 12:3).

«...suportastes provas por causa do meu nome...» O mesmo vocábulo grego é usado para indicar os «testes» e as «tribulações» suportados, tal como no segundo versículo, e não para indicar que devemos «suportar» a homens malignos. No grego não há objeto para «suportar provas», pois o termo grego «*bastazo*» significa «carregar», «suportar», «tolerar», ficando entendido qualquer coisa levada ou suportada. Estão em foco «todas as formas de tribulação», pois o autor sagrado não se referiu, especificamente, ao tipo de fardo que aqueles crentes suportavam, por amor ao nome de Cristo. A perseguição, entretanto, provavelmente é a questão especificamente salientada.

«...por causa do meu nome...» Tudo suportavam porque se apegavam a Cristo como seu Senhor e Salvador, sendo ele o único Rei que tinha o direito de ser adorado. Identificavam-se como «cristãos», leais ao único Rei, Jesus. Por essa razão é que sofriam perseguições. Não observavam às exigências do culto ao imperador.

«...não te deixaste esmorecer...» Não se «cansavam». Notemos que encontramos aqui a forma verbal de «kopos», a palavra usada, no segundo versículo, para indicar «labor». Aqui indica um «labor até à exaustão».

**Variante Textual:** O Textus Receptus, seguindo alguns manuscritos posteriores, mas que contradizem os antigos manuscritos unciais sobre este versículo, apresenta a versão expandida do terceiro versículo deste capítulo, dizendo: «...e tens suportado, e tens paciência, e por causa do meu nome tens laborado e não te tens esmorecido». A idéia de «laborar» é apresentada paralelamente a «por causa do meu nome», e um novo verbo é então acrescentado no fim, «não te tens esmorecido», o que, no grego, é «*kamno*», «labutar até à exaustão», «adecer», «desmaiar de tanto trabalho». O texto correto, entretanto, vincula a idéia de «suportar» com a idéia de «nome», por cuja causa aqueles crentes tanto sofriam; e então acrescenta a idéia de «labutar

ὁ ἀλλὰ ἔχω κατὰ σοῦ ὅτι τὴν ἀγάπην σου τὴν πρώτην ἀφῆκες.

2:4: Tenha, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor.

Nunca teríamos imaginado que uma comunidade cristã que acabara de ser descrita como leal nas perseguições sofridas e nos labores, prodigiosa em suas obras, opositora da malignidade, também poderia aparecer como quem «abandonara» o seu primeiro amor a Cristo. Por conseguinte, temos de supor uma das seguintes possibilidades:

1. A perda do amor, por parte deles, ainda não começara a modificar a conduta deles, mas sem dúvida começaria a fazê-lo em breve, e isso de maneira necessária.

2. Continuariam a ter grande amor por Cristo, embora não tão grande como antes, e nem tão espontâneo.

3. Finalmente, grandes coisas, do ponto de vista cristão, poderiam ser motivadas por outras coisas que não o amor, embora certamente essa não seja a condição ideal. O décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios, mostra-nos que todas as ações cristãs, bem como o exercício de todos os dons espirituais, devem ser inspirados pelo amor, deste recebendo o impulso. Em caso contrário, o valor de todas essas manifestações deve ser posto em dúvida.

«...contra ti...» Assim como é espantoso que o Senhor Jesus Cristo encontre em nós algo que elogie, assim também é um pensamento solene que ele pode ver em nós muito de condenável. Notemos que a condenação se «segue» ao elogio. Isso faz parte de uma «avaliação honesta». Certamente que precisamos de ambos esses elementos. Se criticarmos aos outros, mas também os elogiarmos pelo que de bom há neles, as nossas críticas se mostrarão carregadas de um poder que transforma os homens para o melhor. Porém, se tão-somente criticarmos aos nossos semelhantes, ignorando qualquer coisa de bom que há neles, poderemos apenas feri-los, piorando o estado deles e adicionando opróbrio a quaisquer vícios que porventura tenham. Por outro lado, se não fizermos outra coisa senão elogiá-los, então eles ficarão estragados e mimados, tendo uma idéia falsa sobre aquilo que realmente são, nada vendo que deva ser modificado, ao passo que, na vida de qualquer indivíduo, sempre haverá coisas que precisem de modificação e aprimoramento.

«...abandonaste...» No grego é «*aphekas*», o aoristo de «*aphemi*», que

até à exaustão», no fim do versículo. A dificuldade que alguns escribas procuravam evitar é aquela mesma dificuldade que aparece em certas traduções possíveis: «Conheço o teu labor... e tu não tens laborado...» Mas essa tradução limita o significado da segunda palavra, que quer dizer «não te tens esmorecido», a despeito de teu trabalho árduo.

Parece que a declaração de «não-esmorecimento» qualifica tanto as perseguições como o fato que vinham perseverando em seus prodigiosos labores. Assim sendo, aqueles crentes mostraram-se possuidores de uma espiritualidade altamente desenvolvida, que podia sofrer dificuldades por longo tempo.

Há certa correspondência entre o segundo e o terceiro versículos deste capítulo. Por duas vezes aqueles crentes são elogiados por sua «constância», sob circunstâncias difíceis. Além disso, eles não «suportavam» a homens maus e coisas malignas, ao mesmo tempo que «suportavam» coisas que os identificavam com o nome de Cristo. No segundo versículo vê-se que eles «labutavam», e no terceiro versículo aprende-se que «laboravam até à exaustão». No segundo versículo é usada a forma nominal, e no terceiro versículo, a forma verbal. O terceiro versículo deste capítulo, pois, é essencial reiteração do segundo versículo; porém, reitera mais o uso de termos do que os sentidos exatos.

#### Outras idéias sobre este terceiro versículo:

1. Vendo mais que a aparência externa. No poema de William Langland, intitulado *The Vision of Piers Plowman*, há a descrição de uma mulher que se apresentava esplendorosa em suas vestes e seus diamantes. No entanto, somos informados ali que ela atacava a lealdade, mentia e enganava e tinha uma língua ferina. Quão fácil é olharmos para as vestes de uma pessoa, e deixar de ver o seu verdadeiro caráter. A avaliação feita por Cristo acerca da igreja de Éfeso era exata, reconhecendo o que ali havia de bom e de ruim, e ele elogiou o que era bom e repreendeu o que era ruim. Também precisamos olhar mais do que a mera aparência externa, tanto em nós mesmos como em nossos semelhantes.

2. Olhemos mais do que as aparências externas das circunstâncias presentes e consideremos o mundo eterno, a fim de sermos constantes, fiéis à retidão e à verdade. Os crentes efésios assim faziam, quando se dispunham a labutar e sofrer por amor ao nome de Cristo.

3. Elogiemos aos outros, quando pudermos fazê-lo com honestidade, porque isso os encorajará, pelo interesse de nossa amizade e atenção. Outrossim, quaisquer defeitos que porventura tenham, poderão ser mais facilmente repreendidos, e, por conseguinte, corrigidos, se o que há de bom neles também for reconhecido. Os elogios e o nosso interesse pelo próximo gera sentimentos de confiança; e, através dessas coisas, a força lhes é multiplicada. O elogio apropriado e honesto vence os sentimentos de inferioridade e de inveja. Ninguém terá inveja de nós, se costumarmos elogiar com sinceridade a outros. As coisas parecidas se atraem entre si. Se falarmos bem de outras pessoas, elas falarão bem de nós. Mas, se as criticarmos e as ferirmos com nossas palavras e ações, então elas farão a mesma coisa conosco.

4. As perseguições que sofremos poderão ser as ações podadoras do amor.

5. Aqueles crentes não esmoreciam porque não estavam exaustos em seu «espírito». O preparo espiritual do crente é o fator que o torna vencedor em suas muitas e severas trevas; mas a falta de preparação atrai o desastre. Contemplemos quantos têm caído à beira do caminho! Se a imagem de Cristo está sendo formada em nós, se estamos assumindo sua vida e natureza, tanto moral como metafísica (idéias essas comentadas em Rom. 8:29; II Cor. 3:18 e II Ped. 1:4), então poderemos suportar às dificuldades.

«Cansados na lealdade, mas não cansados dela. A igreja efésia podia suportar qualquer coisa, exceto a presença de impostores entre seus membros». (Moffatt, *in loc.*).

significa «partir», «ir-se embora», «relaxar», «dispensar». Essa mesma palavra era usada para indicar o «repúdio» ou divórcio. Os crentes efésios se tinham divorciado do seu primeiro e nobre amor emocional. Contudo, o amor verdadeiro é mais do que emoção. Antes, é um dos aspectos do «fruto do Espírito» (ver Gál. 5:22); ou seja, é um produto do desenvolvimento espiritual, sendo esse o solo onde medram todas as demais virtudes espirituais. Os labores dos efésios ainda não se tinham diluído; não se tinham ainda divorciado de seus labores prodigiosos, e nem de sua lealdade a Jesus Cristo, embora sob a perseguição. No entanto, em seus corações, já se tinham divorciado daquela devoção a Cristo que é a real base de todo o trabalho e lealdade cristãos, e que é um autêntico poder espiritual. O quinto versículo deste capítulo contém a ameaça que o «candecio» que representava aquela comunidade cristã poderia ser removida, se não se arrependessem. Isso mostra que não poderiam prosseguir por muito tempo, antes que sua falta de devoção a Cristo resultasse na perda da razão mesma de continuarem sendo uma igreja, razão essa que é a de ser uma igreja iluminada para iluminar a este mundo tenebroso. Por esse motivo, todas as suas grandes obras de lealdade seriam reduzidas a nada. A cidade de Éfeso, que já foi capital do cristianismo no mundo gentílico, finalmente perdeu essa distinção. A história mostra-nos que o cristianismo se afastou de Éfeso, do oriente para o ocidente. Hoje em dia, pouquíssimos crentes podem ser encontrados ali.

**A advertência contra o divórcio espiritual:** É possível a um crente ter sido cheio do Espírito Santo, mas no entanto, gradualmente, ir cedendo aos apelos da carne, do orgulho pessoal e dos desejos mundanos. Nesse caso, o crente se divorcia daquilo que anteriormente lhe era precioso, não menos do que se dá no caso do homem que perde paulatinamente o amor pela mulher que, antes, era sua «noiva querida», e mais algum tempo percebe que deseja separar toda a vinculação que tem com ela, usualmente com a finalidade de buscar outra mulher. Acabarà por encontrar alguém ou alguma coisa com que satisfaça ao seu desejo, porém, isso sucederá tão-somente porque ele se divorciou, no coração, daquela a quem antes amava realmente.

«...amor...» Existem variedades e níveis diversos de amor, conforme se vê nos seguintes pontos:

1. Há o amor de Deus (com notas expositivas em João 3:16), o qual é a



fonte de todo outro amor, até mesmo aquele manifestado pelos incrédulos. O Espírito de Deus, atuando no mundo, impede-o de transformar-se em floresta completa, porquanto propaga ao redor o seu amor, e muitas pessoas fazem o que fazem por motivos puramente altruístas.

2. Há o amor de Cristo pelo homem, o qual é uma extensão do amor de Deus; e, em sua essência, é a mesma coisa. (Ver II Cor. 5:14 e as notas expositivas ali existentes sobre esse amor, que nos constringe a atitudes que expressam o cristianismo).

3. Há o amor do indivíduo por si mesmo, num afeto inteiramente egolsta, pois só se preocupa consigo mesmo.

4. Há o amor de um homem por outro ser humano. Quando alguém ama outrem, deseja para o próximo o que deseja para si mesmo, ou transfere o cuidado por si mesmo para outra pessoa, desejando o seu bem-estar, tal como deseja o seu próprio bem-estar. Pode-se imaginar quase qualquer homem a amar um filho ou filha predileto. Por causa de seus cuidados por seu filho, ele fará sacrifícios e procurará protegê-lo. Pensará em como suprir às suas necessidades, e desejará a felicidade de seu filho. Em outras palavras, fará em prol de outra pessoa (sem importar quão mau seja, quanto a outras questões) aquilo que faria por si mesmo. O amor-próprio é fácil; não é muito difícil a transferência desse amor pelo menos a uma outra pessoa. Mas aqueles que amam verdadeiramente são os que descobriram como transferir o amor-próprio para um grande número de pessoas. Aqueles que assim fazem são a isso impelidos pelo Espírito de Deus, sem importar se são ou não discípulos de Cristo, no sentido tradicional.

5. Há o amor dirigido a Cristo, o Filho de Deus, ou então a Deus Pai, o que se verifica quando amamos aos nossos semelhantes. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito em Mat. 25:35 e ss.).

6. Há o amor do homem a Cristo, ou a Deus Pai, diretamente expresso. Essa modalidade de amor requer um senso altamente desenvolvido, e normalmente se expressa por meios místicos, mediante a ascensão da alma, que passa a contemplar a Deus. Certamente essa foi a forma de amor que o escritor sagrado tinha em mente, neste versículo, embora o contexto contemple muitos resultados «diários» e «práticos» da mesma, como o evangelismo dos perdidos, a vida santa, a lealdade a Cristo e as ações de caridade em favor do próximo.

*Cristo como uma figura distante.* Para aqueles crentes efésios, Cristo fora reduzido a uma figura distante, a despeito de continuarem a fazer prodígios espirituais e apesar de seu poder no Espírito. Quantas pessoas hoje em dia, quando pregam, somente atacam várias formas de males, como o mundanismo, o modernismo, o comunismo, embora suas mensagens reflitam pouquíssimo do amor conquistador de Cristo. Tornaram-se polemistas profissionais, mas pouco ou nada sabem do amor construtivo. Perderam a visão do Cristo, em meio à batalha.

Há um caminho melhor do que esse. É o caminho do amor. O amor à semelhança da morte, transforma a tudo quanto toca. Os homens são atraídos pelo amor. As coisas semelhantes se atraem mutuamente. Os homens amam quando são amados. E odeiam quando são odiados.

*Pois limites de pedra não podem conter an amor,  
E o que o amor pode fazer, isso ousa tentar.  
(«Romeu e Julieta», Shakespeare).*

«As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo...» (Can. 8:7).

«O amor é um símbolo da eternidade. Elimina todo o senso de tempo, destruindo toda a memória de um começo e todo o temor do fim.» (Corinne, Madame de Staël).

*O amor concede em um momento  
O que o labor dificilmente obtém em um século.  
(«Torquato Tasso», Goethe)*

«Os estoicos definem o amor como a tentativa de estabelecer uma amizade inspirada pela beleza.» (Cícero).

(Quanto a notas expositivas completas sobre o «amor», o leitor deveria consultar as seguintes referências: João 3:16, o «amor de Deus»; Gál. 5:22, o amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito»; João 14:21 e 15:10, o «amor aos irmãos»; I João 2:10, o «amor constrangedor de Cristo, que nos leva a fazer sua vontade», tema também explorado em II Cor. 5:14. Essas

notas expositivas contêm idéias e poemas ilustrativos não incluídos na presente exposição).

*O amor é um dos aspectos do fruto do Espírito Santo.*

Aprendemos a amar aos outros, a cuidar deles como cuidamos de nós mesmos, na medida em que nos vamos desenvolvendo espiritualmente. Esse desenvolvimento espiritual consiste da nossa transformação segundo a imagem de Cristo, o qual possui amor absoluto, bem como todas as demais virtudes espirituais com perfeição. Quando Cristo vai sendo formado em nós, mediante a comunhão mística com o Espírito Santo, também vamos assumindo a sua própria natureza, moral e metafísica, como também a própria divindade (ver II Ped. 1:4). Esse é o nosso mais elevado conceito, o qual jamais é divorciado da idéia do amor. Nesse desenvolvimento espiritual, mui naturalmente aprendemos a amar ao nosso irmão mais velho, tal como amamos a outros irmãos; e o Espírito Santo o torna real para nós, como uma pessoa. Esses princípios estão acima das realizações humanas, sem a ajuda do Espírito de Deus. (Ver Gál. 5:22, em suas notas expositivas, onde essas idéias são desenvolvidas de modo geral). Pode-se supor, portanto, que os crentes de Éfeso, embora fossem obreiros cristãos extraordinários, tinham procurado menor e menor comunhão com o Espírito. Suas mentes e suas almas se haviam desviado para coisas menos importantes. A formação de Cristo neles se estagnara, e talvez até tenha revertido, até certo ponto.

A devoção daqueles crentes se debilitara no período de teste por que passavam. É verdade que a lealdade deles não diminuía; suas doutrinas não se tinham modificado; suas obras continuavam grandes como antes; mas sua devoção a Cristo empaldecera. A edificação parecia tão boa quanto antes, mas fora atacada por térmitas espirituais, que a tinham esburacado.

#### Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. Consideremos o caso de Maggie. O emprego dela era enfadonho, em uma fábrica. Finalmente ela se casou e começou a trabalhar em sua própria casa, numa ocupação talvez não menos árdua e enfadonha. Após longo tempo, aconteceu-lhe de encontrar-se com uma amiga, na rua. E esta lhe perguntou: «Maggie, você continua trabalhando?» «Não», replicou Maggie. «eu me casei». Ela continuava trabalhando, mas o amor fizera seu trabalho parecer reduzido a nada. O trabalho árduo torna-se uma mera circunstância, quando o amor nos serve de força motivadora.

2. O «divórcio», produzido pelo amor que enfraquece, finalmente leva uma comunidade cristã à condição morna e sem interesse espiritual que caracterizava a Igreja de Laodicéia. Isso termina em total apostasia. Quão importante, pois, é a devoção a Cristo, inspirada pelo ministério do Espírito Santo em nossas vidas.

3. «A religião cristã pode tomar o lugar da devoção pessoal ao Noivo.» (Newell, *in loc.*).

4. «O aspecto externo da árvore continuava belo e bem proporcionado como sempre, mas mofo e decadência se tinham instaurado no âmago.» (Seiss, *in loc.*).

5. «Primeiro amor... comparar com Jer. 2:2. A devoção entusiasta inicial da Igreja por seu Senhor, sob a figura simbólica do amor conjugal.» (Vincent, *in loc.*).

6. «A referência óbvia é à perda daquele amor resplendente e todo-absorvente por Jesus, como nosso Salvador pessoal, o qual, no princípio, impeliu-os a um serviço consagrado (comparar com Ef. 4:16-19 e 4:16,18). Essa idéia é confirmada pelo versículo seguinte, onde a decadência do amor é seguida pela decadência nas obras de justiça. (Ver também Jer. 2:2 e ss.). (Comentário de Lange, nota editorial).

7. «Temos aqui o clamor lamentável do Noivo, a relembrar os primeiros dias do amor de sua Noiva, a gentileza da sua juventude, o amor de seus esposários... É impossível não ver nisso alguma alusão à linguagem do apóstolo Paulo (que daria ser familiar para os crentes de Éfeso), em Ef. 5:23-33, onde o amor humano é apresentado como tipo simbólico do amor divino.» (Carpenter, *in loc.*).

8. «Os calorosos sentimentos deles tinham dado lugar a uma ortodoxia sem vida.» (Pausanet, *in loc.*).

9. «...o amor se esfriará de quase todos.» (Mat. 24:12).

10. «Consideração clemente pela pureza moral e doutrinária, lealdade íntima sob os testes, longe da manutenção necessária do espírito de amor, podem coexistir com o espírito de censura, suspensa e contenda. Daí se origina a negligência ao amor fraternal, o que era uma das faltas cardinais do gnosticismo contemporâneo (ver I João 2:9 e I Tim. 1:5 e ss.).» (Moffatt, *in loc.*).

ὁ μνημόνευε αὖν πόθεν πέπτωκας, καὶ μετανόησον καὶ τὰ πρῶτα ἔργα ποιήσῃ· εἰ δὲ μὴ, ἔρχομαί σοι καὶ κινήσω τὴν λυχνίαν σου ἐκ τοῦ τόπου αὐτῆς, ἐὰν μὴ μετανόησῃς.

ὁ μετανόησον Rte 3.16, 22; 3.3, 18

5 σοι RACP 2344 pc g vg<sup>cl</sup>; R] add {3. 11} ταχὺ 046 82 1006 pl vg<sup>a</sup>: ταχὺ 1 pc g

2:5; Lembra-te, pois, donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; e se não, brevemente virá e ti, e removerá do seu lugar e teu caminhar, se não te arrependeres.

#### O lembrete divino e piedoso:

«...Lembra-te...» Exortação à memória piedosa acerca dos dias anteriores, quando a devoção intensa a Cristo era a força motivadora de uma vida piedosa e de um imenso serviço. Notemos a progressão: «relembrar-se», «arrepende-se» e «praticar», os elos dourados da restauração e do progresso da igreja.

«A verdadeira piedade põe em ação todas as nossas faculdades. Um dos poderes humanos consiste de olharmos para trás, revivendo os acontecimentos e o curso da vida, através da memória. E essa capacidade é a primeira coisa que precisa ser posta em ação, para curar a decadência da vida e do fervor religiosos. As pessoas precisam pensar em seu passado, comparando aquilo que são agora com o que foram. A memória deve relembrar o passado, para que seja posto lado a lado com o presente.

Quando os apóstolos desejaram levar os crentes judeus à firmeza e

constância continua na fé, ordenavam-lhes que se lembrassem «...dos dias anteriores em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos. Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens...» (Heb. 10:32). O Salvador fez a mesma coisa, com alusão aos membros da igreja efésia; e outro tanto deve dar-se no caso de todos nós.» (Seiss, *in loc.*).

Lembre-mos de nosso plano mais elevado de realização espiritual. Que tal é a comparação entre aquela condição e a condição de nossa atual vida espiritual? Como primeiro passo de recuperação, procuremos reter a altura antes obtida, e então subamos dali para uma realização espiritual totalmente nova.

«A percepção de que tem havido declínio, a admissão de que tem havido um lapso, é o primeiro passo de volta ao estado original.» (João Bunyan, *Graça Abundante*).

*Relembra-te de onde te originaste:*

*Não foste formado para viver como os animais,  
Mas para seguir à virtude e ao alto conhecimento.  
(Ulisses no Inferno, xxvii)*

«Sempre haverá aguilhões na memória sobre um passado melhor e mais nobre, a espicaçar-nos quando nos temos adaptado a coisas piores e inferiores, a impulsionar-nos a retomar aquilo que perdemos». (Arcebispo Trench).

«...de onde calstes...» Consideremos estes pontos:

1. Aqueles crentes tinham caído de sua primeira ardente devoção a Cristo.

2. Tinham caído de maiores elevações espirituais.

3. Tinham caído do serviço motivado pelo princípio do amor.

4. Tinham caído apesar de sua ortodoxia.

5. Tinham caído a despeito de continuarem a defender a verdade.

6. Tinham caído apesar de seus labores prodigiosos.

7. Tinham caído apesar de sua lealdade debaixo da perseguição. Percebe-se, através de tais fatos, quão grandes coisas o Senhor espera de nós, e quão profunda pode ser a nossa espiritualidade, embora, ainda assim, possamos ser descritos como quem *caiu*.

«...arrepende-te...» O termo grego «*metanoeo*» significa «mudança de mente», presumivelmente com a correspondente mudança de conduta diária.

#### A Natureza Do Arrependimento

1. Apesar de que esse vocábulo nada mais significa em si mesmo, que uma «mudança-de-mente», nas páginas do N.T., ele adquire muito mais o sentido de «mudança-de-alma», o que se evidencia por meio de atitudes e ações novas.

2. O arrependimento faz parte da «conversão», e está vinculado ao problema do pecado. (Ver Ato 20:21, onde a conversão é aludida como algo composto de «arrependimento e fé». Ver as notas sobre a «conversão», em João 3:3). Quando nos convertemos, nos arrependemos. O arrependimento reconhece a natureza prejudicial do pecado, e se rebela contra o mesmo. O Espírito Santo faz essa rebelião tornar-se bem-sucedida. A alma passa a odiar o pecado, embora não possa livrar-se inteiramente do mesmo, senão por ocasião da «parousia» (segunda vinda de Cristo; ver I João 1:8 e suas notas expositivas). O arrependimento, entretanto, nos conduz a uma santificação de natureza tal que é conseguida a vitória sobre o pecado de maneira que a alma é libertada da servidão a seus vícios. (Ver I João 3:9 acerca desse conceito).

3. O arrependimento é um ato divino: é concedido pelo próprio Deus (ver Ato 11:18); torna-se realidade por operação do Espírito (ver Zac. 12:10), e veio a lume através da missão de Cristo (ver Mat. 9:13).

4. Também é uma reação humana, porquanto os homens são convocados a se arrependerem (ver Ato 17:30).

5. Quando genuíno, o arrependimento terá frutos patentes (ver Mat. 3:8). É necessariamente acompanhado pela fé (ver Ato 20:21).

6. A negligência quanto ao arrependimento resulta no juízo condenatório (ver Apo. 2:5,16).

7. O arrependimento não leva à vida eterna, pois a conversão resulta na santificação, e a santificação resulta na glorificação e na salvação final (ver II Tes. 2:13).

É o amor divino que nos conlamba ao arrependimento, porque grandes são os benefícios do arrependimento, chegando mesmo a deixar a mente humana ofuscada, já que a totalidade da salvação vem por meio dessa atitude, porquanto é do arrependimento que se inicia a salvação. O arrependimento dos perdidos tem prosseguimento no arrependimento dos remidos. A fruição espiritual é o alvo, em ambos os casos; e a fruição espiritual é o desdobramento de nossa grande salvação. (Ver as notas expositivas sobre a «salvação», em Heb. 2:3).

«O arrependimento não consiste de mera tristeza (embora a tristeza segundo Deus engendre o arrependimento; ver II Cor. 7:10); mas o arrependimento consiste da mudança de alma. Trata-se do «juízo» que temos passado, na presença de Deus, debaixo de sua graça, contra nós mesmos, e contra tudo quanto temos praticado e sido». (Newell, *in loc.*).

Confessemos o mal; tenhamos consciência de sua destrutibilidade; busquemos a mudança positiva no íntimo, a transformação na direção da imagem santa de Jesus Cristo.

«...volta à prática das primeiras obras...» Literalmente traduzido, o verbo grego seria «faz», e isso no aoristo, o que dá idéia de uma atitude definitiva, a fim de que tais obras sejam constantemente praticadas. As «primeiras obras» não são novas e diferentes modalidades de ação; antes, são as mesmas obras, mas motivadas pelo amor original, de tal maneira que até pareçam novas obras. Mui provavelmente, o vidente João tinha em mente todas as formas diferentes de obras cristãs, como a do evangelismo, a do ensino e a do exercício dos dons espirituais no seio da igreja, que visam a sua edificação; e certamente também estão em foco os atos de bondade, de amor, as práticas altruístas que beneficiam ao próximo. Aqueles irmãos de Éfeso continuavam a praticar todas essas coisas, mas se tinham tornado «diferentes» por serem impelidos por «motivos diferentes». Nada de «ritualista» está aqui em foco. Nenhum «novo» batismo está em pauta, e

nem alguma nova confirmação. Antes, é recomendada uma nova devoção, equiparada à devoção original; então, tudo em geral, deverá ser motivado por esse amor rejuvenescido.

Aqui, Senhor, entrego-me a Ti,

E isso é tudo quanto posso fazer.

Essa atitude de arrependimento e boas obras pode ser confrontada com a atitude recomendada no Talmude (ver Sanhedrin 32): «Os dois consoladores do homem são o arrependimento e as boas obras».

«...se não...» A opção nos pertence. A graça divina pode ser acolhida ou repelida. Não podemos subestimar o caos que a vontade perversa poderá efetuar nas nossas vidas, tal como não podemos subestimar tal atitude da parte dos incrédulos, quanto ao evangelho. Podemos desviar-nos, esfriar na fé, tornar-nos indiferentes, inúteis, ser rejeitados, naufragar e tornar-nos incrédulos e apóstatas. A experiência humana comprova tal possibilidade.

«...venho a ti...» Consideremos os dois pontos seguintes:

1. A visitação de Cristo, na igreja de Éfeso (ou em qualquer outra comunidade cristã), para efeito de juízo, está aqui em foco, embora cada caso de visitação seja diferente dos demais casos. Porém, qualquer julgamento severo tende por «remover o testemunho» da pessoa ou da igreja envolvida.

2. Fica subentendida aqui a «parousia» (o que é amplamente comentado em I Tes. 4:15). Quando Cristo voltar, encontrar-se-á alguns crentes e igrejas locais despreparados, o que significa que, necessariamente, haverá certo juízo contra os tais. (Ver II Cor. 5:10 quanto a notas expositivas acerca do «juízo» dos crentes verdadeiros). Cada qual receberá segundo tiver praticado de «bem» ou de «mal».

«...e removerei do seu lugar o teu candeeiro...» É um fato histórico que o testemunho cristão, antes tão poderoso em Éfeso, desapareceu. O «candeeiro» é a «igreja» e o «testemunho da igreja». A igreja cristã foi removida de Éfeso, e, juntamente com ela, o seu testemunho cristão. Éfeso foi a capital da igreja no mundo gentílico, um poderoso centro de propagação para larga área de atividades. Essa capital foi mudada para o ocidente, e o oriente praticamente se acomodou novamente em suas trevas originais. O escritor de certo comentário, ao descrever uma época cerca de setenta e cinco anos passados, diz-nos que visitou Éfeso, e que ali achou somente três crentes, os quais eram muito ignorantes.

«Seu candeeiro foi removido do seu lugar por séculos; a esqualida vila islâmica mais próxima do antigo sítio da cidade não conta com um único crente, em sua insignificante população; seu templo é uma massa de ruínas disformes; seu porto é uma poça tomada pelos juncos; a galinholha real abunda em meio a seus charcos estagnados e pestilentos; e a malária e o olvido reinam supremos sobre aquele lugar, onde uma antiga civilização resplandeceu, em meio a cenas das mais grosseiras superstições e dos pecados mais degradantes». (Farrar, *Life and Work of Paul*, ii.43,44).

Éfeso foi a sede de uma longa linha de bispos orientais. O terceiro concílio geral teve lugar ali, em 431 D.C., a fim de condenar a cristologia de Nestor. Esse concílio se reuniu na igreja de Stª Maria, cujas ruínas até hoje podem ser vistas. Imediatamente em seguida, a cidade entrou em um período de declínio, parcialmente devido a surtos descontrolados de malária. Suas excelentes esculturas foram removidas para outros lugares, principalmente para Constantinopla. No século XIV, os turcos retiraram dali os seus habitantes restantes. Agora a região é escassamente populada, e essa é inteiramente da fé islâmica. No local exato da antiga cidade de Éfeso, restam apenas uma estação de trens e algumas poucas cabanas esparsas.

Todavia, a igreja original de Éfeso, deu ouvidos à advertência de Cristo, conforme se fica sabendo através da epístola de *Inácio aos Efésios*, na qual ele os tacha de «dignos de serem bem-aventurados». Em xi.2 dessa epístola, ele expressou o desejo que ele mesmo se achasse «na companhia dos crentes de Éfeso, os quais, outrossim, tinham a mesma atitude mental dos apóstolos, no poder de Cristo». Essa atitude, entretanto, não se manteve, pelo que tiveram lugar as condições acima descritas.

«Infelizmente, o candeeiro foi removido! O inigualável privilégio de exibir o Cristo, perante este mundo moribundo, perdeu-se para sempre. Diante de mim tenho uma fotografia da atual cidade de Éfeso—um arco arruinado, uma habitação islâmica, em um castelo inatingível, em meio a colinas desoladas. Nenhum candeeiro em favor de Cristo, onde Cristo trabalhara por três anos, dia e noite, com lágrimas!»

«...caso não se arrependas...» Já que somos chamados ao arrependimento, fica entendido que somos capazes de fazê-lo. Deus não impede homem algum de arrepender-se. O intuito inteiro da mensagem do evangelho é contrário a esse conceito. Assim sendo, se alguém busca lugar de arrependimento, sincera e honestamente, haverá de arrepender-se. É conforme disse Moffatt (*in loc.*): «Fica subentendido que o homem possui o poder de voltar-se e de retornar». O poder da cruz é tão grande que capacita a todos ao arrependimento. (Ver João 12:32). Existe uma «graça geral», administrada através da missão redimidora de Cristo; há uma «graça específica», que a segue; e ambos esses elementos são poderosos.

6 ἄλλα τοῦτο ἔχεις, ὅτι μισεῖς τὰ ἔργα τῶν Νικολαϊτῶν, ἃ καὶ γὰρ μισῶ.

6 μισεῖς...μισῶ Pz 139.21

316: Tens, porém, isto, que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais eu também aborreço.

Agora somos levados de volta ao segundo versículo, que fala sobre a «resistência» contra os falsos apóstolos, homens «maus» e «mentirosos», conforme são ali chamados. O segundo versículo apresenta os «líderes» da seita desviada; e este versículo aponta para os «discípulos» deles, ou para a seita em geral. Seja como for, o mais provável é que as pessoas, referidas nos versículos segundo e sexto, sejam as mesmas.

«...nicolaítas...» Não há certeza absoluta quanto à identidade dessa seita,

embora abaixo apresentemos as idéias centrais a respeito:

1. O próprio vocábulo, no grego, significa «dominadores do povo». Na opinião de alguns, o povo seriam os «leigos». E daí tiram a suposição que está em foco a manifestação inicial das «ordens sacerdotais» ou «clero». Nesse caso, seria aqui combatida a formação de um clero profissional; e, no décimo quinto versículo deste mesmo capítulo, estão em foco vários desvios da doutrina, em associação a essa circunstância. Mas essa interpretação dificilmente se adapta à situação histórica em que as heresias sérias surgiram. Essa «seita» era de natureza libertina, que procurava solapar o

imperativo moral do evangelho. Difícilmente poderíamos dizer que esteja em foco o clero, em seus primeiros passos.

2. Alguns estudiosos associam essa seita a Nicolau, prosélito de Antioquia, um dos sete discípulos originais de Jerusalém (ver Atos 6:5). Isso supõe que assim como os doze tiveram um apóstata dentre seu número, que outro tanto sucedeu aos sete. Em favor dessa interpretação há passagens em Irineu i.26 e ii.11.1 e em Hipólito (*Philos.* vii.36). Mas este último dependeu de Irineu. Outros eruditos pensam que o Nicolau original foi meramente indiscreto, pois, possuindo uma bela esposa, e sentindo que outros lhe tinham inveja por essa razão, chamou os apóstolos e outros líderes e ofereceu-a a qualquer deles que a quisesse. No entanto, a maioria dos estudiosos o tem como um apóstata franco. Apesar de ser possível que Nicolau tenha estado associado à Ásia Menor, e com Éfeso em particular, também é possível que o próprio Irineu estava «esclarecendo» este versículo mediante uma conjectura, não havendo, portanto, qualquer confirmação histórica para tal idéia. O apóstolo Nicolau, conforme diz a própria narrativa, tornou-se líder de uma seita gnóstica antinomia. Parece terem participado de festas idólatras, incorporando imoralidade e sensualidade em suas práticas, no que seguiam à comum tradição gnóstica.

3. Em época posterior, houve uma seita gnóstica conhecida por «os nicolaítas», a qual é mencionada por Tertuliano (ver *Praesc. Haer.* 33; *Adv. Marc.* i.29 e *De Pudicitia*, 19), que também era de índole gnóstica. Clemente de Alexandria ii.20.118; iii.4.25 e as Constituições Apostólicas vi.8, juntamente com Vitorisino, fizeram a tentativa de mostrar que essas duas seitas não tinham nenhuma vinculação entre isso, e essa posição quase certamente é a correta, ainda que alguns intérpretes tenham imaginado a identificação das duas. O livro de Apocalipse foi escrito muito antes desse tempo, para referir-se à segunda dessas seitas do mesmo nome.

4. Ou então poderíamos pensar que o Nicolau em foco foi um personagem histórico, que residia em Éfeso ou naquela área em geral, embora não deva ser identificado com o homem do mesmo nome, que era de Jerusalém. Nesse caso, quase certamente, ele foi líder de uma forma de seita gnóstica, de tendências libertinas, embora ele mesmo não seja conhecido na atualidade, fora do presente contexto.

5. Finalmente, há aqueles que supõem que não devemos imaginar que «Nicolau» fosse o nome de alguma pessoa real e viva, mas que tudo não passa de um título — «dominador do povo» ou «destruidor do povo» — escolhido para representar a heresia que havia em Éfeso e que ameaçava à igreja cristã dali. Até mesmo nesse caso, é quase certo que alguma forma de gnosticismo esteja sob consideração.

Muitos intérpretes identificam os nicolaítas com os seguidores de Balaão, aludidos no décimo quarto versículo deste capítulo, ou supõem que ambos os grupos eram apenas representantes locais de uma mesma heresia gnóstica. Provavelmente essa posição é a correta. E algo que é quase fora de dúvida é que a heresia da Ásia Menor, quando foi escrito o livro de Apocalipse, e que era uma praga para as igrejas locais, era uma forma de gnosticismo, sem importar o que devemos pensar acerca dos títulos específicos dados a seus ramos. O segundo versículo explica alguns aspectos do gnosticismo, e o trecho de Col. 2:18 tem a nota de sumário sobre essa heresia. Nada menos de oito livros do N.T. foram escritos para combater ao gnosticismo, a saber: Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e Judas. Os gnósticos criam que a matéria é o princípio mesmo do mal, e que o «sistema deste mundo» visa destruir finalmente à matéria. Poderíamos ajudar nesse processo, mediante o abuso contra o corpo, efetuado através do ascetismo (o tipo de gnosticismo combatido na epístola aos Colossenses), ou através da licenciosidade extrema (o tipo combatido nos outros sete livros mencionados, e que também é a variedade aqui focalizada). Os gnósticos removeram do evangelho o «imperativo moral», não vendo no mesmo nenhuma função «santificadora». Em sua suposta elevada «sabedoria» (mediada pelas artes mágicas, pelo cerimonialismo e por um falso misticismo), imaginavam-se «isentos» das exigências morais. Não há que duvidar que muitos deles usavam passagens

de escritos paulinos, como o décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos ou o oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, para ensinarem que tudo era questão «indiferente», e não meramente a observância externa de dias santificados, carnes, bebidas, etc., conforme Paulo ensinara. Portanto, tinham tendências «antinomianas» extremas. Em outras palavras, não havia lei moral no evangelho deles. Os gnósticos levaram a tal extremo as suas perversões que chegaram a declarar que os anjos vinham assisti-los e influenciá-los a que participassem de todas as formas de deboche, a fim de ganharem «experiência», mediante a qual obteriam «conhecimento». O termo grego «gnosis» significa «conhecimento»; e desse termo é que o nome deles se derivava.

O evangelho autêntico, naturalmente, se caracteriza por exigências morais mui rígidas. De fato, sem a santificação «...ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14). E a «santificação» é uma necessidade imprescindível para a salvação (ver II Tes. 2:13). O gnosticismo contava com muitos erros doutrinários, além de erros morais. Nas notas expositivas, em Col. 2:18, há um sumário acerca desse falso sistema religioso. Se porventura o gnosticismo houvesse ganho a batalha, o cristianismo ter-se-ia tornado apenas em uma outra religião misteriosa, greco-romana oriental.

«...odeias as obras dos nicolaítas...» Essas «obras» eram suas ações perversas e imorais. (Ver Apo. 2:14,20). Provavelmente, também devemos compreender aqui o fato que procuravam «solapar» a unidade da igreja, sendo essa uma das obras abominadas. A verdade é que essa heresia continuou solapando à igreja por cento e cinquenta anos. Eles semearam a contenda e a confusão na igreja. (Quanto a evidências acerca disso, na era apostólica, ver I João 2:18 ss.).

Notemos a atitude correta para com o pecado. Os verdadeiros crentes «odeiam» a imoralidade, conforme aqueles crentes odiavam os ataques da citada seita. Portanto, no versículo segundo deste capítulo, lemos que os efésios não podiam «suportar homens maus». Quando somos fiéis a alguém, precisamos reprimir seus pecados e erros; mas isso deve ser feito com o intuito de conquistar tal pessoa, e não de afastá-la, pelo que não se pode usar de espírito orgulhoso e altivo, conforme, com freqüência, se verifica.

«Vós, que amais o Senhor, detestai o mal...» (Sal. 97:10).

«Por meio dos teus preceitos consigo entendimento; por isso detesto todo caminho de falsidade.» (Sal. 119:104).

«Seis coisas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina... o que semeia contendas entre irmãos.» (Pro. 6:16-19).

Outras idéias sobre este sexto versículo:

1. Dizem alguns que os nicolaítas eram idênticos aos seguidores de Balaão, porque Nicolau seria a tradução de Balaão, para o grego. Vários eruditos têm mantido esse ponto de vista, mas a maioria dos estudiosos modernos rejeita o mesmo. Contudo, não pode haver dúvidas razoáveis que tanto os seguidores de Balaão como os nicolaítas eram ramos representativos do gnosticismo. Não há motivo para duvidarmos da historicidade de tais seitas. Não são mencionadas neste capítulo meramente como símbolos com propósitos didáticos. A história mostra-nos a realidade histórica de variadas seitas gnósticas.

2. «É possível que um mesmo ramo antinominiano se tenha dividido em três formas: a. uma forma doutrinária (os nicolaítas); b. uma forma mundanizada (os seguidores de Balaão); e c. uma forma espiritualista (os seguidores de Jezabel)». (Comentário de Lange). Embora talvez não tenhamos motivo para fazer tal divisão, é provável que os vários problemas enfrentados pelas igrejas da Ásia Menor tenham tido uma raiz comum.

3. A identificação de Nicolau, aludido em Atos 6:6, com a seita aqui mencionada, pode ter sido meramente uma conjectura, da parte de alguns dos primeiros pais da igreja. Por outro lado, poder-se-ia argumentar, logicamente, que não era do interesse da tradição posterior destruir a reputação de qualquer crente neotestamentário revestido de autoridade na igreja. É possível que o próprio Nicolau não fosse culpado de sensualidade, mas apenas indiscreto, porque seu oferecimento de sua própria esposa, a qualquer que quisesse possuí-la, pode ter sido interpretado como uma tentativa de estabelecer uma «comunidade de esposas». (Ver Clemente de Alexandria, *Strom.* 1.3, Pág. 436 a Eusébio, *História Eclesiástica* 1.3, cap. 28; quanto à narrativa do ato indiscreto de Nicolau). Algumas seitas gnósticas, na realidade, tinham esposas em comum.

ὁ ἔχων οὖς ἀκουσάτω τί τὸ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις.<sup>a</sup> τῷ νικῶντι δώσω αὐτῷ φαγεῖν ἐκ τοῦ ξύλου τῆς ζωῆς, ὁ ἔστιν ἐν τῷ παραδείσῳ τοῦ θεοῦ.

<sup>a</sup> P a major: WH Bov New B17 RV ASV RSV TT & a minor: TR AV Zür Jer Sem & a exclamation: NEB Luth

7 τοῦ ξύλου τῆς ζωῆς Ga 2.9. 3.22. 21 Re

22.2, 14 τῷ παραδείσῳ τοῦ θεοῦ Qb 24 Lxx Eab 24.13 Lxx; 31.6, 9 Lxx

7 εν τῷ Παραδείσῳ (παρ- R)] εν μεσῳ του -σου (P) I 2036

pm (g) & | Θεου] add μου 046 1671 2023 al latt sy<sup>h</sup> eo

2:7: Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas. Ao que vencer, dar-lhe-á o comer da árvore da vida, que está no jardim de Deus.

«...Quem tem ouvidos, ouça...» Essa fórmula introduz as «promessas» feitas às igrejas, nesta e nas próximas duas cartas do Apocalipse. Nas outras quatro cartas, porém, a fórmula segue-se às promessas feitas. Sem importar a ordem, trata-se de uma solene chamada, para que se aplique o que se acaba de ouvir. Já que Cristo Jesus é apresentado como quem fala, não admira que a forma de expressão seja similar a declarações genuínas de Jesus, nos evangelhos. (Ver Marc. 4:9,23; 7:16; Mat. 11:15; 13:9,43; Luc. 8:8 e 14:35). A expressão, no dizer de Vincent (*in loc.*): «...é usada sempre acerca de verdades radicais, grandes princípios básicos e grandes promessas». As sete cartas deveriam ser «lidas» nas igrejas (ver Apo. 1:3). Poucas pessoas poderiam lê-las, pessoalmente. Mas todos poderiam «ouvir» a leitura dessas instruções. Portanto, já que eram capazes de ouvir, porque seu aparelho auditivo estava em funcionamento, então deveriam ter a sabedoria de dar ouvidos e de pôr em prática o que lhes era dito, o que evitaria que fossem condenados.

O ouvido que ouve. «Um dos mais solenes estudos da Bíblia inteira é aquele concernente ao 'ouvido que ouve'. No fim dos quarenta anos que

passou no deserto, Moisés diz a Israel que embora tivessem visto tantos prodígios, Jeová não lhes dera, como nação, olhos para verem e ouvidos para ouvirem! (Ver Deut. 29:4). Equando já se achavam na terra de Canaã, também não deram ouvidos aos mensageiros de Deus, os profetas; e a Isaías foi ordenado que ordenasse judicialmente a que tornasse «...insensível o coração deste povo...», endurecendo-lhe os ouvidos e fechando-lhe os olhos, a fim de que não vissem com os olhos, ouvissem com os ouvidos, se convertessem e fossem curados» (Isaías 6:10). E Jeremias clama: «Ouvir agora isto, ó povo insensato e sem entendimento, que tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis». E continuou ele ainda a dizer que o coração daquela gente engordara devido à prosperidade, que seus ouvidos se embotaram para ouvir (literalmente, ouviam pesadamente, ou seja, de forma lenta e imperfeita), e seus olhos se tinham fechado (no hebraico, «ficaram lambusados»). Essa citação de Isaías não dá lugar à interpretação fatalista sobre esta passagem, mas põe toda a culpa sobre o endurecimento de coração e o despreparo dos ouvintes, motivo por que a pregação da Palavra, neste mundo, serve apenas para maior obscurecimento e condenação dos tais». (Alford, *in loc.*). Jeová dissera a Ezequiel (12:2): «Filho do homem, tu habitas no meio da casa rebelde, que tem olhos para ver, e não vê, tem ouvidos para ouvir, e não ouves...» O ouvir sem a devida



reação positiva produz a ilusão fatal—a capacidade dos homens se esquecerem do que diz Tia. 1:22, 24. «Não me quiseram ouvir» é a constante queixa de Deus, através dos profetas.

Nosso Senhor chegou até a dizer para seus discípulos, no barco (ver Marc. 8:17, 18): «...ainda não considerastes, nem compreendestes? tendes o coração endurecido? tendo olhos, não vedes? e, tendo ouvidos, não ouvis? Não vos lembrais...» Sim, a verdade divina nos entra pelos ouvidos; e aquele ato da vontade, que dá acolhida à Palavra, se chama «dar ouvidos», o que, algumas vezes, envolve a «inclinação» do ouvido (para longe de tudo o mais).

Ora, por nada menos de sete vezes nos evangelhos, e por oito vezes neste livro de Apocalipse—sete vezes para essas igrejas! reboea aquela chamada vital, aberta e particular, para quem quisesse ter ouvidos abertos: «Quem tem ouvidos, que ouça!»

Não sabeis que a maioria dos leitores e ouvintes do livro de Apocalipse não «ouvirá» realmente, no sentido tencionado pelo Senhor—um deixar cair no ouvido, pessoal, separando palavra por palavra?

«Seis observou como segue: 'Pescadores e cobradores de impostos, ao darem ouvidos a Jesus, terminaram sentados em tronos apostólicos, ministrando quais sacerdotes e ministros da dispensação, ampla como o mundo e duradoura como o tempo'» (Newell, *in loc.*).

«...O Espírito diz...» (Quanto a notas expositivas completas sobre o Espírito Santo, ver Rom. 8:1. Quanto ao Espírito Santo como o «divino paraclete», ver João 14:16. Quanto ao Espírito como «testemunha» que influencia o mundo inteiro, e não apenas a igreja, ver João 16:6 e ss.). No livro de Apocalipse, tal como no N. T., inteiro, o Espírito Santo é o «alter ego de Cristo», o seu porta-voz, o poder divino que dá prosseguimento a sua obra, dentro e fora da igreja. O «Espírito Santo» não é a mesma coisa que os «sete espíritos». (Ver as notas expositivas acerca dos «sete espíritos», em Apo. 1:4).

«...às igrejas...» Quais? As sete igrejas da Ásia Menor, para onde foi originalmente enviado o livro de Apocalipse, em que cada delas recebeu uma «carta», constante nos capítulos dois e três deste livro. Naturalmente, elas representam a «igreja universal». (Ver as notas expositivas sobre Apo. 1:4, acerca dos vários pontos de vista acerca das verdades e das significações representadas por essas igrejas. (Comparar com Apo. 1:20).

«...ao vencedor...» Consideremos os pontos seguintes, a esse respeito:

1. O vencedor seria o que permanecesse fiel a Cristo, opondo-se aos hereses gnósticos.

2. Seria aquele que desse ouvidos à admoestação de retornar ao «primeiro amor» e à prática das «primeiras obras».

3. Seria aquele que repelisse a mensagem sem moral dos nicolaitas (gnósticos), mantendo a pureza de fé e de prática.

4. Seria aquele que permanecesse constante, sob as perseguições.

5. Seria aquele que, conforme se vê em todas essas cartas, fizesse o que lhe é dito que faça, opondo-se ao que lhe fosse ordenado opor-se.

*Todo Crente Genuíno É Um Vencedor*

1. Com base em Efé. 6:11 e ss., aprendemos que não existe crente verdadeiro que também não seja um soldado. Ora, o soldado está envolvido em uma guerra, não sendo mero espectador dos lances. Conta com a armadura de Deus e a usa. Domina e vence o mal.

2. Coisa alguma foi prometida àqueles que não se mostraram vencedores nessa luta. Cada uma das sete epístolas do Apocalipse promete algo ao «vencedor». Nenhuma promessa é oferecida a qualquer outra qualidade de pessoa.

3. Cristo é o vencedor-mor. Ele é o nosso exemplo. Ver Apo. 3:21; 5:5 e 17:14 quanto a esse título, que lhe é aplicado. Ver acerca da metáfora baseada na vida militar, em Efé. 6:10-20.

«...dar-lhe-ei...» Temos aqui, no original grego, o tempo futuro do verbo «didiomi», o que se repete em Apo. 2:10, 17, 23, 26, 28; 3:8, 21; 6:4; 11:3 e 21:6, onde há várias promessas feitas por Cristo. A Cristo foi dado todo o «poder» ou «autoridade» (ver Mat. 28:18). Cristo pode dar esse galardão agora, mas certamente o fará quando de sua segunda vinda (ver I Tes. 4:15), ou quando do juízo final (ver II Cor. 5:10).

«...se alimente da árvore da vida...» A promessa. João, o vidente, leva-nos de volta ao jardim do Éden, e assegura-nos que aquilo que foi «espiritualmente perdido» através do pecado, pode ser recuperado em Cristo, e, de fato, será recuperado por todos os «vencedores». A questão do «comer» é simbólica, apontando para a obtenção da vida eterna e da nutrição espiritual, com satisfação de toda e cada necessidade. Comparemos com o comer do Pão da vida, em João 6:48. Aquele que se alimenta desse Pão, assume a própria forma de vida e a própria natureza do Filho, porquanto seus efeitos alimentares são transformadores. Espiritualiza ao ser inteiro, de tal modo que este vem a participar de toda a plenitude de Deus, de sua modalidade de vida (ver João 5:25, 26 e 6:57), de sua natureza e atributos (ver Efé. 3:19). Isso, naturalmente, envolve muito mais que a restauração do que se perdera no «Éden». Obteremos certa forma de «imortalidade», aquele tipo de vida que possui o próprio Deus Pai. Naturalmente, não há neste ponto qualquer alusão a alguma árvore literal. Essa «árvore» simboliza a transmissão da vida eterna aos homens. (Ver João 3:15 quanto a esse conceito). Nos capítulos vigésimo primeiro e vigésimo segundo deste capítulo, é descrito o «novo paraíso». Portanto, neste ponto, nos é assegurado que, nesse novo Paraíso, na qualidade de cidadãos do mundo eterno e celestial, teremos uma imensa vida espiritual, a própria vida «independente» e «necessária», a vida que tem em si mesma a origem da vida, que não pode deixar de existir. (O trecho de João 5:25 explica esses conceitos, em suas notas expositivas).

Portanto, se Adão tornou-se um ser mortal, embora, antes do pecado fosse um imortal de baixa categoria, em Cristo, tornamo-nos imortais da

mais elevada categoria, participantes da própria vida de Deus Pai; assim sendo, seremos mais altos do que os próprios anjos, tal como o Filho de Deus é muito mais elevado do que eles, os quais são referidos apenas como lumaça ou chamas, em comparação com Cristo. (Ver Heb. 1:7).

É deveras lamentável que, na igreja evangélica de hoje em dia, a «salvação» é reduzida apenas ao perdão de pecados e à futura mudança de endereço para os céus. Na verdade, a salvação consiste daquilo que acontece conosco, a espiritualização dos nossos próprios seres, mediante a qual assumimos, mui literalmente, a própria espécie da natureza de Cristo, ou seja, compartilharemos de seus atributos e de sua glória. Isso é o que está envolvido no fato que nos alimentaremos da árvore da vida, nos mundos eternos. (Pode-se ver o simbolismo místico da «árvore», em Pro. 3:18; 13:12; 11:30 e 15:4).

«O comer da árvore da vida expressa a participação na vida eterna. O simbolismo da árvore da vida aparece em todas as mitologias, desde a Índia até à Escandinávia. Os rabinos judeus e islamitas chamavam o vinho de 'árvore da provação'. O Zend Avasta tem a sua própria árvore da vida, chamada de 'Destruidora da Morte'. Ela medraria próximo às águas da vida, e o beber de sua seiva conferiria a imortalidade. A árvore da vida dos hindus é retratada como árvore que medra de dentro de um grande mar, em meio à expansão das águas. Teria três galhos, cada um coroado por um sol, denotando os três poderes da criação, da preservação e da renovação, após a destruição. Em uma outra apresentação, Buda aparece a meditar, assentado debaixo de uma árvore com três galhos, cada um dos quais, por sua vez, tem três ramos. Um dos cilindros babilônicos, descobertos por Layard, representa três sacerdotisas a juntarem o fruto do que parece ser uma palmeira, com três ramos de cada lado. Ator, a Vênus dos egípcios, aparece meio oculta nos ramos do pessegueiro sagrado, entregando o seu fruto às almas que partem. Bem como a dar-lhes a bebida do céu, mediante um vaso, de onde as correntes da vida descem sobre o espírito, uma figura ao pé da árvore, como se fora um falcão, com uma cabeça humana e com mãos estendidas. Na mitologia norueguesa, há uma figura proeminente, Idrasil, a árvore-cinza da existência; suas raízes estão no reino de Hela, ou Morte, seu tronco atinge os céus, e sua copa se espalha pelo universo inteiro. A seus pés, no reino de Morie, estão assentadas três *Norns* ou Sortes, o Passado, o Presente e o Futuro, a regarem suas raízes com água retirada do poço sagrado. Comparar com Apo. 12:2, 14, 19. Virgílio, dirigindo-se a Dante, ao terminar a descida no monte do Purgatório, diz:

*Aquela doce maçã, embora com tantos ramos,*

*E que os mortais perseguem com zelo,*

*Hoje satisfará aos teus desejos.*

(Purgatório, xxvii. 115-117) (Vincent, *in loc.*).

«A narrativa do livro de Gênesis fala de uma árvore, cujo fruto foi proibido. A mensagem aos crentes de Éfeso fala de uma 'árvore da vida', que os crentes vitoriosos receberão permissão de comer. Após a provação vem a satisfação. Existem certas coisas que só podem ser dadas aos homens, em segurança, depois de haverem sido disciplinados, mediante firmeza, sob as pressões da vida, quando chegam à força autêntica. O crente deseja satisfazer às condições para comer da árvore da vida. Essa árvore sugere uma disciplina nobre, e não a concupiscência desregrada. Francis Thompson, em uma poema intitulado 'Her Portrait', fala sobre:

*Um triste músico...*

*A tocar a ouvidos alheios, que não davam valor*

*À música não-compreendida do firmamento.*

«É um pensamento que nos faz meditar sobre aquele que mostra que o ouvido precisa ser treinado para a música celestial, da mesma maneira que o paladar deve ser treinado para o alimento celestial». (Hough, *in loc.*).

«A vitória pessoal sobre o mal é o condição sem a qual ninguém comerá da árvore da vida». (Charles, *in loc.*). Trata-se da mesma verdade, declarada sob outros termos, em Heb. 12:14: «Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor». A santificação é absolutamente necessária à salvação, conforme se aprende em II Tes. 2:13 e Rom. 6:22.

Aqueles que evitassem as libertinagens dos nicolaitas, eventualmente ficariam plenamente satisfeitos com a abundância da árvore da vida. (Isso pode ser comparado ao trecho de Apo. 22:2, 14, quanto a outras notas expositivas sobre a «árvore da vida»). Foi o madeiro da árvore da cruz que possibilitou a realidade da árvore da vida (ver Col. 1:20). Mas essa vitória deve ser aplicada, mediante a lealdade a Cristo, na batalha contra o mal e na aquisição de sua própria santidade, através do poder do Espírito Santo. O pecado humano terminou a possibilidade de chegarmos naturalmente à árvore da vida (ver Gên. 3:24). Mas Cristo, em sua missão terrena, reverteu essa derrota. Todavia, a sua vitória só será compartilhada pelos vencedores, no sentido que participarão de sua própria vida e natureza. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra que todos, de alguma maneira, em uma grande restauração geral, tendo a Cristo como Senhor e Cabeça, haverão de receber benefícios do que ele realizou. (Ver as notas expositivas, em Efé. 1:10, acerca desse conceito).

*O paraíso de Deus.* Tal como sucede a muitos conceitos que foram elaborados através dos séculos, o do paraíso não tem um único sentido simples, e, sim, diversos significados, dependendo do autor, a saber:

1. O próprio vocábulo vem do persa, e tem o sentido de «jardim», terreno ou celestial, ou seja, um «lugar de deleite», de «descanso», de «refrigério». Na Septuaginta grega, o termo foi aplicado ao Jardim do Éden. (Ver Gên. 2 e ss.; Filo; Josefo, *Antiq.* 1:37; *Oráculos Sibilinos* 1:24; 26, 30).

2. Foi apenas natural que o termo viesse a ser aplicado aos conceitos do após-vida, quando as almas justas encontrarem um lugar de descanso dotado de magnificente beleza, riquezas, e vida eterna. Por isso, os rabinos faziam dele um equivalente ao «sein de Abraão»; ou seja, a porção boa do hades. Esse uso se reflete em Luc. 16:22, e talvez também em Luc. 23:43.

Outro tanto figura em En. 32,3; Testamento de Levi 18:10; Sib. or. fgm. 3,48, e muitas passagens das pseudepígrafas do A.T.

3. Os judeus supunham que existem sete céus, e, presumivelmente, tudo, com exceção da própria habitação de Deus, poderia ser chamado de «paraiso». Seja como for, o «paraiso» indicava um estado «intermediário», e não a habitação mesma da divindade. Portanto, em II Cor. 12:2,4, é quase certo que Paulo identifica o «terceiro» céu (dentre muitos nêveis celestes), com o «paraiso».

4. Mas, sendo muito flexível essa palavra, não é de estranhar que seja usada para indicar a presença de Deus, os céus mais elevados, muito provavelmente o que está em foco no presente versículo. (Ver as descrições sobre a «Nova Jerusalém», a capital dos novos céus e da nova terra, nos capítulos vinte e um e vinte e dois do presente livro, podendo-se observar que a «árvore da vida» estará localizada ali. Portanto, a «Nova Jerusalém» é identificada com o «paraiso», pelo vidente João.

Os únicos empregos desse vocábulo, nas páginas do N.T., são aqueles sobre os quais já fizemos alusão, na discussão acima, Luc. 23:43; II Cor. 12:4 e Apo. 2:7. E, em todos esses três casos, os usos são diferentes.

Para o vidente João, o paraiso é o Éden celestial, onde os remidos

#### IV. As Cartas às Sete Igrejas (Coisas que são — 2-3.).

##### 2. A Esmirna (2:8-11).

A história da fundação da igreja em Esmirna nos é desconhecida; mas, no segundo século, a igreja de Esmirna atingira certa posição de importância. Foi alvo de amargas perseguições, já que Esmirna se tornara o centro mesmo do culto ao imperador. O culto ao imperador era uma adoração obrigatória aos imperadores romanos, como se estes fossem divindades. Naturalmente, os crentes se recusavam a tal, e, em consequência, foram amargamente perseguidos, e muitos deles sofreram o martírio. Esmirna tornou-se o símbolo mesmo da igreja dos mártires. Por conseguinte, supõe-se que a carta que ora iniciamos deve ser entendida como predição sobre o período das horrendas perseguições que tiveram lugar entre o ano 100 d.C. e o tempo da conversão de Constantino, já no começo do século IV d.C.

8 Καὶ τῷ ἀγγέλῳ τῆς ἐν Σμύρνῃ ἐκκλησίας γράψων· νεκρὸς καὶ ἐζησεν·

« O primeiro... [εχ]ατος [a 44:6; 49:12; Ro 1:17; 22:13]

8 της] τοι Α φε αρμ<sup>PI</sup>; R | εν Σμ. εκκλ.] εκκλ.

Σμυρναϊων Ι (2036) ε

2:8: Ao anjo da igreja em Esmirna escrevo:

leste diz e primeiro e o último, que foi morto e reviveu:

«...anjo...» Os «anjos» das igrejas eram seres angelicais e sobrenaturais, guardiões da igreja, e não os «pastores» humanos das igrejas, conforme se tem interpretado popularmente. Isso abre nossos olhos a uma nova apreciação acerca do «ministério dos anjos», porque, assim como se lê que indivíduos e nações são assistidos por poderes sobrenaturais, que os guiam e fortalecem, assim também se lê que as assembléias locais (bem como a igreja em geral), contam com tais assistentes angelicais. (Quanto a notas expositivas completas sobre esses «anjos», ver as «sete estrelas», em Apo. 1:16 (que são os «anjos»); ver Apo. 1:20 (onde os anjos e as estrelas são identificados); e Apo. 2:1, onde o primeiro «anjo» recebe palavras dirigidas por Cristo, o qual é Senhor dos anjos e de nós.

Policarpo (cujo nome significa «muito fruto»), o discípulo pessoal do apóstolo João, homem muito consagrado, foi o «principal pastor» da igreja de Esmirna, bem como o principal instrumento do poder de Cristo (parcialmente mediado pelo anjo guardião da igreja). A narrativa de seu martírio é narrada por Eusébio, em sua *História Eclesiástica* iv.15 e em *Mart. Polyc.*, caps. 12 e 13, págs. 1037 e 1042. Foi levado à arena, lugar dos jogos olímpicos, um dos maiores teatros abertos da Ásia Menor, parte da qual construção permanece de pé até hoje. Foi-lhe ordenado que se retratasse e que abandonasse a Cristo, dando sua lealdade ao imperador romano, como se fora um deus. Foi-lhe ordenado que dissesse: «Fora com os ateus», isto é, com os cristãos. Isso ele fez, mas fazendo um gesto largo com a mão, indicando a população hostil das arquibancadas, composta de pagãos. Foi-lhe ordenado que jurasse pelo «gênio» de César, confessando assim a divindade do imperador. Isso ele se recusou a fazer. Foi ameaçado de ser morto pelas feras, mas não demonstrou qualquer temor. Foi resolvido que o queimariam na fogueira. O procônsul se opôs a tais providências, mas sem resultado. Alegrementemente, muitos trouxeram madeira para fazer a fogueira. Quando lhe foi dito que se retratasse, ele zombou do fogo que tinham feito, e lembrou seus algozes do fogo muito mais terrível das chamas do juízo eterno, que os ímpios terão de sofrer. Então disseram: «Esse é o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, aquele que derruba por terra os nossos deuses e que tem ensinado a muitos a não sacrificarem e nem adorarem». Ante as ameaças deles, que instavam para que amaldiçoasse a Cristo, respondeu: «Por oitenta e seis anos tenho sido servo de Cristo, e ele nunca me fez mal algum. Como posso blasfemar de meu rei, que me salvou?» Ato contínuo, foi preparada para ele a fogueira; mas, segundo se diz, o fogo fez um arco ao seu redor, ficando ele intocado, no meio das chamas. Alguém que estava próximo, entretanto, matou-o, com um golpe de sua adaga.

Policarpo, que nasceu em 69 D.C., morreu em 159 D.C. Para nós ele representa a igreja dos mártires, a constância cristã sob as mais severas perseguições, o que é o tema mesmo da carta à nossa frente. Policarpo foi martirizado em meio a uma coragem invencível, e foi recompensado com a coroa da vida, por aquele que também tivera morte horrível, mas que triunfara em sua ressurreição, Jesus, o Senhor. O único escrito que resta de Policarpo é sua epístola aos Filipenses. Também há uma carta de Inácio a Policarpo, que foi uma das sete cartas que Inácio escreveu, estando a caminho de Roma e do martírio.

«...da igreja...» (Ver as notas expositivas completas sobre a «igreja», em Efé. 3:10). Não sabemos dizer os primórdios da igreja em Esmirna, embora se tenha conjecturado que resultou dos labores de Paulo na Ásia Menor

participarão da vida eterna, o que chamamos de «céus» ou «lugares celestiais», embora, em outros trechos, mais adiante, ele identifique esse paraiso com a Nova Jerusalém, a qual será um lugar específico dos lugares celestiais. Ali é que se encontrará o paraiso «de Deus», o que dá a entender que ali os homens serão conduzidos à presença de Deus, ou seja, à sua própria habitação, com suas bênçãos prodigiosas, o que não poderá ser atingido, a não ser mediante a vitória que obtemos por meio de Cristo.

Outras idéias sobre este sétimo versículo:

1. Nem todos os intérpretes pensam que o «paraiso», referido neste versículo, é a mesma coisa que os «céus». Alguns o têm visto como habitações intermediárias, conforme se desprende de Slav. En. viii.1 e II Cor. 12:4. Por conseguinte, Irineu, em v.6.1, ensinava (ver também v.36,1-2) a mesma coisa que nestes dois casos citados. Os céus serão lugares de recompensa para o fruto «produzido a cam»; o paraiso seria a recompensa para o fruto «produzido a semente»; e a cidade celestial, para o fruto «produzido a trinta».

2. Ninguém conseguirá atingir o paraiso, sem a santificação. Essa é o «imperativo moral» do evangelho.

3. «Essa bênção da imortalidade é o dom de Cristo — ou 'darei' idios elei. É algo provado mediante o conhecimento de Deus e de seu Filho (ver João 17:3); é algo desfrutado na presença deles (ver Apo. 22:3,4)». (Carpenter, *in loc.*)

(atual porção ocidental da Turquia), direta ou indiretamente. Segundo a obra *Vita Polycarpi*, 2, Paulo teria visitado Esmirna a caminho de Éfeso. O trecho de Atos 19:10 mostra que, em resultado do ministério paulino na Ásia Menor, muitas cidades foram evangelizadas naquela área, sem que disso haja qualquer menção específica no livro de Atos. Esmirna, provavelmente, se contava entre elas. Alguns discípulos de Paulo, talvez convertidos em Éfeso, possivelmente tenham sido os primeiros crentes evangelistas a levar o evangelho a Esmirna.

*Symbolismo das sete igrejas.* (Quanto a notas expositivas completas sobre isso, ver Apo. 1:4 e 2:1). Muitos intérpretes têm argumentado pelo menos acerca de três significados, a saber: 1. Seriam igrejas históricas, com as condições ali descritas. 2. Profeticamente, representariam sete estágios da história eclesial. 3. Representariam condições que podem e realmente existem em qualquer era da história da igreja, até certo ponto. Por conseguinte, representam a igreja universal, e essas sete mensagens se aplicam à igreja toda, de uma ou de outra maneira.

*Esmirna.* No local ocupado por Esmirna, desde tempos remotos, havia uma cidade. Os gregos a colonizaram em tempos recuados, tendo exercido a hegemonia sobre a região por longo tempo. Foi destruída uma antiga cidade, ali existente, no princípio do século VI A.C. Foi fundada uma nova igreja por Lisímaco (301 - 281 A.C.). Desse tempo em diante, tornou-se uma das mais prósperas cidades da Ásia Menor. Esmirna foi aliada fiel de Roma, desde os tempos quando os romanos começaram a intervir nos negócios do Oriente Próximo, e muito antes de ter-se estabelecido como um império mundial. Em 195 A.C. (de acordo com Tácito, *Anais* iv.56), foi ali erigido um templo, em honra à deusa de Roma. Sua grandiosidade comercial se devia ao fato que jazia no fim de uma das grandes estradas que atravessavam a Lídia para o leste, partindo da Frígia, servindo também de escaudouro marítimo para a inteira área comercial do vale do rio Hermo. Competia com Éfeso e Pérgamo pelo título de «Primeira (cidade) da Ásia». Em 26 D.C., foi-lhe permitido erigir um templo dedicado a Tibério, Lúvia e o senado romano. Por causa desse privilégio, pode reivindicar o direito ao Neocorato Imperial. E um segundo Neocorato lhe foi dado por Adriano, e ainda um terceiro, por Severo. Sua aliança apertada com Roma, tornou-a um forte centro de culto ao imperador, a adoração obrigatória ao imperador romano. Isso deixou os cristãos dali em circunstâncias desesperadoras, e a perseguição e a morte foram resultados apenas naturais para eles.

Esmirna foi a terra da fábula de Dionísio, um deus que supostamente fora assassinado, mas que ressuscitara. Era o local da celebração dos jogos olímpicos, e contava com um dos maiores anfiteatros de toda a Ásia, ruínas do qual existem até hoje. Atualmente, a cidade que ocupa o local antigo se chama Izmir, e é a maior cidade da Turquia Asiática.

O nome dessa cidade significa *mirra*, substância extralda de uma planta, por esmagamento. Era usada essa substância no fabrico de perfumes, mas também para embalsamamentos. Esses fatos ilustram as condições que existiam na comunidade cristã dali, quando o livro de Apocalipse foi escrito. Os crentes dali foram literalmente esmagados, tornando-se um perfume de suave cheiro a Deus; mas, embora esmagados até à morte, foram preservados em espírito, de modo a poderem viver de novo.

*O nome de Cristo.* Cada uma das sete cartas do Apocalipse contém um nome e uma descrição de Cristo, singularmente apropriada para a igreja que estava sendo endereçada. Aqui se vê que os mártires que morrem, viverão eternamente.

«...diz o primeiro e o último...» Já tivemos oportunidade de encontrar esse título de Cristo em Apo. 1:16, onde o mesmo é amplamente

comentado. Consideremos, ainda, os pontos seguintes:

1. Cristo é o «primeiro» quanto ao tempo e à importância.
2. Ele é a «fonte» originária de toda e qualquer vida, seu princípio mesmo.
3. O fato que Cristo é o «primeiro», equivale à declaração que ele é o «Alfa». E o fato de ser o «último» equivale a ser ele o «Ômega». (Quanto aos significados de «Alfa e Ômega», no tocante a Deus Pai e a Deus Filho, ver Apo. 1:8).
4. Cristo é o «arquétipo» de toda a criação, o «plano mestre» cuja estatura e glória aumentam e são promovidas na criação que dele se originou. Ele é também a «primeira causa», de onde tudo o mais procede; ele é a «idéia» da criação, que é imitada na criação. No que diz respeito à sua existência terrena, ele «vivia», e isso desde o princípio; e também morreu, mas então tornou-se o «último», porquanto reviveu, mediante a ressurreição.

Na qualidade de «último», pode-se dizer o seguinte sobre Cristo:

1. Ele é a razão mesma da existência.
  2. Ele é o princípio da vida após a morte.
  3. Ele é o alvo de toda a existência, o Ômega. Embora tivesse morrido, tornou a viver, de modo a não ser meramente o «primeiro», mas igualmente o «último». Outro tanto, por consequente, sucederá aos mártires cristãos.
- Em torno de Cristo, a criação inteira, eventualmente, será centralizada, já que ele é seu Senhor e Cabeça. Ele será tudo para todos (ver Efê. 1:23; ver Efê. 1:10 e as notas expositivas ali existentes, acerca do fato que todas as coisas têm a Cristo como Cabeça, e que, de alguma maneira, tudo lhe será restaurado, porquanto, finalmente, haverá em Cristo a união e a restauração de tudo, e isso em proporções absolutamente universais, embora nenhum grande número de seres venha a participar da redenção dos eleitos e da vida que receberão. O propósito remidor de Cristo e os seus poderes são tão extraordinários que isso forçosamente sucederá. No trecho de I Cor. 8:6, lê-se que Deus Pai é a fonte e o alvo de toda a criação; e a passagem de Col. 1:16 diz a mesma coisa no tocante a Deus Filho. «Nele» é que tudo foi criado: ele é o arquétipo, o modelo e a primeira causa. Por igual modo, «por ele» é que também tudo foi criado: tudo veio a existir por sua energia. E é «para ele» que tudo existe, por ser ele o alvo mesmo da criação; todas as coisas encontram em Cristo a razão de sua existência. Em termos aristotélicos, Cristo é a «causa material», a força potencial de tudo, aquilo em que tudo acha o seu desenvolvimento desejado. E Cristo também é a «causa formal», ou seja, o plano que se seguiria, porque o homem remido deverá compartilhar da própria natureza de Cristo, e todas as demais coisas encontrarão em Cristo o tudo. Cristo é, por igual modo, a «causa eficiente», porque a sua energia foi o poder que

realizou esse plano. Finalmente, Cristo é a «causa final» de tudo, porque, em Cristo é que todas as coisas encontrarão seu cumprimento.

«...esteve morto e tornou a viver...» Essas palavras repetem o que diz o décimo oitavo versículo do primeiro capítulo, mas formam uma declaração muito apropriada, para consolo da igreja dos mártires. Cristo prometeu que, na qualidade de quem vive, ele seria as «primícias» de uma grandiosa ressurreição. Aqueles que ressuscitarem segundo a sua imagem, participarão de sua natureza, de seus atributos e de sua glória. (Ver as notas expositivas, em Rom. 8:29,30; II Ped. 1:4 e Col. 2:10, acerca do desenvolvimento desses conceitos. Ver Apo. 1:18 quanto a comentários completos sobre as expressões do presente versículo. Quanto ao «modo da ressurreição de Cristo», ver Luc. 24:6. Quanto ao «fato e significado da ressurreição», ver I Cor. 15:20, onde também é discutida a questão do «corpo ressurrecto». Ver ainda as promessas constantes no décimo versículo deste capítulo, que coincidem com o presente título de Cristo).

Esmirna era a sede do mito do deus Dionísio, o qual teria sido morto mas ressuscitou. A igreja de Esmirna recebeu, da parte de Cristo, uma promessa válida sobre a vida ressurta; e essa tem sido sempre a esperança da igreja cristã. Isso expressa uma verdade porque a alma desencorporada, apesar de ser um ser imenso e vivo, não se sente completo sem seu veículo celestial, o corpo ressurrecto. Esse veículo, que não será material e nem composto de partículas atômicas, porque seria impossível que qualquer coisa material sobrevivesse nas esferas celestes, proverá à alma os meios de expressar-se nos mundos espirituais e eternos.

Outras idéias sobre este oitavo versículo:

1. A mensagem do Cristo ressurrecto foi dirigida à igreja dos mártires, a fim de consolá-los em suas tribulações, e a fim de dar-lhes sólida esperança relativa ao futuro. A terra não tem tristeza que os céus não possam curar.
2. Assim como Cristo igualmente sofreu uma morte agonizante, mas triunfou, a despeito de tudo, assim também acontecerá no caso de todos quantos confiam nele. Cristo é a ressurreição e a vida (ver João 11:25).
3. O problema do mal, dos sofrimentos humanos, causados pela perversidade vontade humana, ou pelas perturbações da natureza, como as enfermidades e a morte, terão uma resposta plenamente adequada. Haverá uma fruição futura na vida, que anulará todas as agonias terrestres. Assim sucedeu na experiência do Cristo; e assim ocorrerá conosco (ver II Cor. 5:17,18. Ver também o artigo, existente na introdução ao comentário, intitulado «A Fé Religiosa e o Problema de Verificação»).
4. Assim como Cristo se identificou conosco, em nossa natureza humana humilhada e em nossos sofrimentos, assim também seremos plenamente identificados com ele, em sua natureza celestial, em sua vida e em sua glória. Ele é o nosso irmão mais velho. O nosso destino é o de compartilharmos de sua natureza e de tudo quanto ele possui.

9 Οἱ δὲ σου τὴν θλίψιν καὶ τὴν πτωχείαν, ἀλλὰ πλούσιος εἶ, καὶ τὴν βλασφημίαν ἐκ τῶν λεγόντων Ἰουδαίους εἶναι αὐτοὺς, καὶ οὐκ εἰσὶν ἀλλὰ συναγωγὴ τοῦ Σατανᾶ.

9 τὴν πτωχείαν...εἶ, Jas 2:5

9 τῶν...Σατανᾶ 2 Cor 11:14, 16; Ra 3:9

9 σου] add (2. 2) τα ἔργα καὶ R 046 1 82 20591 pl 5

2:9: Conhece a tua tribulação e a tua pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que dizem ser judeus, e não o são, porém, são sinagoga de Satanás.

**Variante Textual:** As palavras, *Conhece as tuas obras*, em consonância com as outras cartas, se encontram aqui, nos mss Aleph, 046 e muitos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, como também no Si. Entretanto, são omitidas nos mss ACP, 19,47, na Vg, no Cop., no Et e nos escritos de vários dos pais da igreja. A omissão, sem dúvida alguma, é a forma correta. A edição teve por intuito fazer esta carta adaptar-se ao estilo das demais cartas do Apocalipse.

«...Conhece a tua tribulação...» No grego é usado o termo «*thlipsis*», «pressão», «opressão», derivado de «*thlibo*», «pressionar», «pressionar junto». Mas esta palavra era usada metaforicamente para indicar «opressão», «aflição»; e, nas páginas do N.T., normalmente tem o sentido de «perseguição», aquelas formas de «pressão» e de *opressão* que nos atingem, devido à má-vontade e ao ódio de nossos semelhantes. No presente contexto, as perseguições movidas pelas autoridades romanas estão particularmente em foco, as quais vinham sendo comandadas pelo imperador Domiciano, que foi chamado de «segundo Nero». Profeticamente, muitos intérpretes pensam que isso envolve a era inteira das perseguições romanas, desde os tempos apostólicos até ao quarto século de nossa era, quando a conversão de Constantino pôs fim à «era das perseguições». Portanto, quase trezentos anos de sofrimentos estariam assim representados, (Ver Apo. 1:4 quanto a várias maneiras pelas quais os estudiosos compreendem as «sete igrejas», em sua significação histórica, simbólica e profética). A menção da «sinagoga de Satanás», mais abaixo, indica, talvez, que muitos judeus ajudavam nessa perseguição contra os cristãos, embora, oficialmente, o império romano é que exercesse a pressão, já que os cristãos repeliem o «culto ao imperador», a adoração obrigatória ao imperador romano, como se fosse ele um deus. Lemos que, por ocasião do concílio de Nicéia (325 D.C.), dificilmente houve algum delegado que não trouxesse alguma marca de sofrimento físico em seu corpo, infligido pelo ódio dos homens, e dificilmente alguma família cristã não tinha algum mártir entre seus membros.

Os crentes do passado buscavam o martírio. As matanças religiosas se tornaram tão comuns que, na história da igreja cristã, naqueles primeiros séculos, havia homens que se reuniam em busca do martírio. Alguns eram corajosos, e encontravam o que desejavam. Outros, no momento crítico, perdiam a coragem. Um desses, de nome Germânico, um homem nobre e rico, mas também cristão devoto, embora ainda fosse jovem, recusou-se a negar a Cristo, quando o procônsul tentou levá-lo a isso, devido à sua juventude. Ele combateu as feras de maneira singular, atraindo para si o abraçando-se a elas, com violência, assim apressando a sua liberação para a vida eterna. Morreu pouco tempo depois do martírio de Policarpo, o que é descrito no oitavo versículo. Mas um outro, de nome Quinto, que liderou um grupo à arena, em busca de martírio, quando viu o leão, acovardou-se,

retratou-se, jurou o juramento a César, como se fosse este um deus, e queimou incenso ao gênio de César (seu suposto guardião divino). Incidentes como esses forçaram a igreja antiga a pronunciar-se contrária ao martírio «voluntário» ou «procurado». Aos crentes foi exortado que permitissem que as coisas tomassem o seu curso natural.

«...pobreza...» Aqueles crentes eram pobres, mas não porque não trabalhassem—sendo essa a causa mais comum da pobreza—mas devido às perseguições que sofriam. Suas propriedades foram confiscadas ou destruídas, e eles sofriam encarceramento. Foram reduzidos a nada, pela ira do imperador. A simples sobrevivência física tornou-se um problema, pela falta de alimentos. Conta-se a história de um certo Nicodemos, cuja família possuía uma décima parte da indústria de estanho em Roma. Mas, tendo a família abraçado o cristianismo, depois da ressurreição de Cristo, foi reduzida a uma pobreza extrema, e as filhas da família podiam ser vistas a revirar os monturos, atrás de detritos, para com isso matar a fome. Por consequente, aprende-se, por exemplos como esses, que a piedade não é garantia da riqueza física. Pois assim como a «prosperidade» é sinal da piedade, nas páginas do A.T., assim também a «adversidade» é o sinal da piedade, nas páginas do N.T.

«...aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável» (Heb. 10:34).

É inegável que a igreja primitiva se compunha, principalmente, de pessoas pobres. Mas a alusão, neste ponto, «é à pobreza forçada e «crítica», produzida pela perseguição, não se tratando da pobreza normal e crônica das classes inferiores, de onde provinham quase todos os convertidos cristãos.

«...tu és rico...» Em quê? Nas riquezas espirituais. Isso pode ser comparado ao caso da igreja de Laodiceia, que era «rica» quanto às riquezas materiais, porém, inteiramente «paupérrima» quanto às riquezas da alma. Portanto, é veraz aquela declaração que diz: «Aos olhos de Deus, existem homens ricos que são pobres e homens pobres que são ricos». Uma tentação constante para o crente consiste de obter «sucesso» e «bem-estar» pelas cifras bancárias, pelas propriedades e outras possessões materiais. Certamente esse é o padrão do mundo, universalmente reconhecido, porquanto o homem médio deste mundo tem sua consciência imersa no materialismo. Em confronto com isso, os crentes possuem uma «consciência celeste»; todavia, a maioria dos cristãos não mostra possuir tal qualidade, conforme a experiência o demonstra, porquanto se deixaram influenciar pelos padrões ordinários do mundo.

Existem riquezas que nos são conferidas pelo «ouro testado no fogo». O fogo representa agonia; mas as riquezas assim adquiridas são permanentes, em contraste com as formas terrenas.





assim o quiser. Os crentes apelam para o «padrão mais elevado» do plano divino, mais elevado que qualquer homem mortal pode divisar, e percebem que os sofrimentos redundarão, finalmente, em glória. (Ver Rom. 8:18, onde se lê: «Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós». E em II Cor. 4:17 se lê: «Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação»). A resposta do crente, ante o problema do mal é que aquilo que acontece neste plano terreno não é final, não havendo tristeza que os céus não possam curar. Outrossim, a tristeza e o sofrimento possuem elementos disciplinadores de que talvez precisemos, para nosso desenvolvimento espiritual, a fim de que a bênção espiritual possa advir do sofrimento. (Ver Atos 14:22 quanto a notas expositivas completas sobre esse conceito).

*A incredulidade cega sempre erra,  
Examina sua obra em vão —  
Deus é o seu próprio intérprete,  
E deixará tudo bem claro.*  
(William Cowper)

«...o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós...» O N.T. defende a real existência de um diabo pessoal, a epítome mesma da maldade, tal como expõe a real existência do Deus pessoal, a súpula do bem. (Ver Luc. 10:18 e João 8:44 quanto a notas expositivas completas sobre o «diabo»). Satanás mostra-se ativo nesta esfera terrena, contando com muitíssimos agentes para confundir aos homens e prejudicá-los. As perseguições movidas pelos romanos, com a ajuda dos judeus, foram encaradas pelo vidente João como uma obra de Satanás. E isso teria funestos resultados e um horrendo sucesso. Um dos aspectos dessa perseguição é que haveria encarceramentos. Em concordância com a situação local, conforme sabemos que as coisas ocorreram na Ásia Menor, quando o livro de Apocalipse foi escrito, as detenções ocorreram, principalmente sob a alegação de «traição», posto que os cristãos se recusavam a participar do «culto ao imperador», em que o imperador romano era adorado como se fora um deus e em que as pessoas tinham de prestar lealdade ao seu suposto «gênio», seu guia divino e protetor do estado romano. A promoção de uma religião «ilegítima», conforme era considerado o cristianismo, era promover uma forma de traição, de acordo com a mentalidade da época.

«...prisão...» (Ver as notas expositivas em Atos 16:24, acerca da natureza dos cárceres antigos).

«...outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, ate de algemas e prisões... (homens dos quais o mundo não era digno)...» (Heb. 11:36,38a).

«...para serdes postos à prova...» Testados por meio de espancamentos, insultos, privações de alimento, nas celas escuras, frias e imundas das prisões, estavam sendo aqueles crentes. Ali é que eles tiveram de verificar se poderiam manter-se fiéis a Cristo. Nos casos positivos, o testemunho deles era forte, e o seu galardão não podia ser calculado pelos instrumentos terrenos, criados pela mente humana.

«Não olhes para os feitos dos ímpios, mas para aqueles que têm guardado os teus pactos, em meio à aflição» (IV Esdras 8:21).

Eles sofreram «...açoites, aprisionamentos, grandes aflições, crucificação, ataques de animais ferozes, tudo por causa do Nome» (Herm. Vis. iii.1,2).

«...tereis tribulação de dez dias...» Temos aqui, no grego, tal como na tradução portuguesa, o mesmo vocábulo, «*thlipsis*», que é usado no nono versículo. (As notas expositivas ali devem ser consultadas).

Quanto aos dez dias, há diversas interpretações, conforme se vê nos pontos abaixo:

1. Dez é o número do sistema mundial, pelo que essa tribulação seria um violento assalto contra o maligno sistema político de Roma contra a igreja cristã.

2. Provavelmente indica um «período curto». A carta de Inácio a Esmirna, afirma: «Eles desprezaram as torturas deste mundo, comprando, ao custo de 'uma hora', o livramento da punição eterna». O breve período, portanto, levou-os a escaparem do julgamento eterno, para que tivessem entrada abundante na vida. (Ver Dan. 1:12;14; Gên. 24:55 e Núm. 11:19 quanto a esse uso).

3. A referência também é «histórica». A igreja sofreu sob dez perseguições distintas, desde o reinado de Nero até ao de Diocleciano. As perseguições movidas por este último foram as mais severas de todas, e perduraram exatadamente dez anos. Durante esse tempo, a matança de cristãos foi tremenda. Em uma só catacumba de Roma foram encontrados os remanescentes ósseos de cento e setenta e quatro mil cristãos, calculadamente. Os cristãos sofreram sob os imperadores Nero, Domiciano, Trajano, Marco Aurélio, Severo, Máximo Décio, Valeriano, Aurélio e Diocleciano.

«...sê fiel até à morte...» Isso indica o «martírio», e não o «aguentar tudo até ao fim», como se fosse algo paralelo a «quem perseverar até ao fim, esse será salvo», embora também haja certa verdade nisso. Esmirna foi, acima de todas as outras, a «igreja dos mártires». Ela representa a igreja do período de martírios. Essa «morte», tão temível em seu aspecto, é imediatamente aclarada como o portal para a vida eterna. Consideremos ainda os seguintes pontos: 1. Pode estar em foco a idéia de graus de fidelidade: os crentes devem ser tão fiéis que se disponham até mesmo a morrer por Cristo. 2. Provavelmente também há aqui certa idéia temporal: sê fiel até que a morte te livre das circunstâncias adversas.

*Se uma estrela fosse fechada em um túmulo,  
Suas chamas cativas teriam de queimar ali;  
Mas, quando fosse solta pela mão que a prendera,  
Ela brilharia por todas as esferas.*

*O Pai da vida eterna, a todas  
As glórias criadas abaixo de Ti!  
Recolhe Teu Espírito deste mundo de servidão  
Para a verdadeira Liberdade.*  
(Henry Vaughan)

O nome dessa cidade, Esmirna, significa «mirra», uma fragrância usada no fabrico de perfumes e em embalsamamentos. A mirra foi uma das substâncias usadas quando do sepultamento de nosso Senhor (ver João 19:39). A morte dos mártires de Esmirna, pois, é uma fragrância que tomou conta da casa inteira de Deus. Ali estavam aqueles que tinham dado provas de que não consideravam suas vidas caras a si mesmos, mas antes, estavam dispostos a fazer o sacrifício terreno final em prol da causa de Cristo, neste mundo ímpio.

«...coroa da vida...» Quanto a isso, importa que consideremos os pontos abaixo:

1. A metáfora usada. Talvez esteja por detrás dessa metáfora a idéia das competições gregas. O fundista vencedor recebia a coroa de louros. Mas também pode estar aqui em vista a idéia da coroa usada em uma coroação real. Aqueles crentes reinariam com Cristo. Usariam essa coroa porque o Rei haveria de recompensá-los com sua própria forma de vida, levando-os a participarem de sua glória. Pois seriam, no dizer de Apo. 1:6, reis e sacerdotes, ou seja, «reis sacerdotais», tal como sucedia a seu irmão mais velho. Os reis eram coroados, mas a mesma coisa sucedia aos sacerdotes (ver Zac. 6:11,14). (Quanto à «coroa real», ver Apo. 14:14 e Sal. 21:3). Poderíamos contrastar a durabilidade dessa coroa com as coroas de «louros» ou de «flores», dadas aos vencedores das antigas competições olímpicas. (Ver as notas expositivas, em Tia. 1:12; onde a expressão «coroa da vida», também é dada). A expressão que temos aqui não ocorre em qualquer outra porção do N.T., além dessas duas referências.

2. A «coroa» é uma representação poética da «recompensa» ou «galardão». Os galardões não consistirão, essencialmente, daquilo que recebemos. Pois temos de rejeitar todos os conceitos materialistas desses galardões. Pelo contrário, consistem naquilo em que formos transformados, para podermos servir ao Deus eterno, nos mundos eternos. Consistem do grau em que participaremos da vida e da natureza de Cristo, com os atributos e poderes que acompanharão as mesmas. (Ver II Cor. 5:10 acerca do «julgamento do crente», que inclui a idéia de recompensa; ver também as notas expositivas sobre os «galardões», em I Cor. 3:14).

3. Aqui é usado o genitivo de posição, no grego, o que poderia ser melhor traduzido como «a coroa que é vida». A vida eterna está em foco, o que também figura em Apo. 2:7, sob o símbolo da «árvore da vida». Porém, há graus diversos em que poderemos vir a participar da vida eterna, que é a participação na própria forma de vida de Deus Pai, até onde concerne ao crente. O Pai possui a vida «necessária» — não pode deixar de existir. Os crentes participarão dessa «forma» de vida. O Pai também possui a vida «independente» — que tem origem e sustento em si mesma, não dependendo de outra pa- a continuar existindo. O verdadeiro filho de Deus, à semelhança do Filho, chegará a ter a fonte da vida em si mesmo. (Ver as notas expositivas em João 5:25,26 e 6:57, acerca desses elevadíssimos conceitos). O crente virá a participar na vida da família divina (ver Heb. 2:10 e ss.). Obterá a «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), o que aponta para sua natureza e seus atributos, mas também até certo ponto, nunca participará da mesma em sentido «absoluto», como se dá com Deus. O crente participará, literalmente, da natureza de Cristo, por ser filho de Deus, à semelhança do Filho (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18). Assim como Cristo está repleto da deidade, assim também deverá suceder aos remidos (ver Col. 2:9,10). Essas coisas são itens daquele estado a que chamamos de «glorificação» (ver as notas expositivas a respeito, em Rom. 8:29,30). Já que haverá uma infinidade, com que teremos de ser cheios, também haverá um infinito processo de preenchimento. Portanto, a «glorificação» será um processo eterno, e Deus sempre será o alvo da existência, tal como se dá neste lado terreno da existência; e tudo mediado pelo Filho de Deus, Jesus Cristo. (Ver as notas expositivas sobre a «vida eterna», em João 3:15). Notemos aqui o uso do artigo, trata-se da coroa de «a» vida, ou seja, da própria modalidade da vida de Deus, a vida celestial, na direção da qual nos esforçamos.

4. Em Tia. 1:12 lemos que essa coroa será dada aos que «suportarem a provação». Isso subentende que o «galardão», que é a vida eterna, no início do estado eterno, não será igualmente participado por todos os crentes. Alguns se assemelham mais a Cristo do que outros, mais altamente abençoados, seres dotados de maior poder e glória, participantes, mais elevados dessa «forma de vida» que o próprio Deus possui. Alguns dos primeiros pais da igreja conjecturavam que, dependendo do grau de glória, os crentes possuirão diferentes tipos de corpos ressurreitos, como veículos da alma. Alguns crentes serão mais profundamente espiritualizados do que outros, capazes de habitar em esferas espirituais superiores, embora os lugares celestiais, em sua totalidade (o que é comentado em Efé. 1:3), pertençam à casa de Deus, e, coletivamente falando, sejam os seus «céus». Essa conjectura mui provavelmente é correta, pelo que a «coroa da vida» será adaptada a cada crente, e diferirá quanto à «extensão» da glória, dependendo do merecimento de cada crente. Não obstante, não se pode imaginar lugares celestiais «estagnados». Portanto, já que o alvo é a participação em «toda a plenitude de Deus», precisamos fazer progresso em nossa glorificação, não podendo imaginar qualquer ponto final no progresso, já que um alvo infinito é o alvo de toda a progressão ali feita, tal como aqui. Isso significa que não haverá limitação imposta, quanto à glória futura, devido às falhas presentes, ainda que as falhas presentes afetem, de modo definido, a glória futura que receberemos, ao entrar no estado eterno.

Outras idéias sobre o décimo versículo:

Os sacerdotes superintendentes da falsa religião de Esmirna recebiam uma coroa, após se retirarem, completado um ano de ofício. Isso servia de símbolo

de suas «realizações» religiosas e de seu serviço leal. Por semelhante modo, o verdadeiro crente possui uma recompensa inigualável, devido à sua «vida» de serviço e lealdade ao Senhor.

2. A coroa da vida será o ponto final de todo o temor. O sofrimento faz parte essencial do cristianismo, por tratar-se este da presença de Cristo em um mundo hostil. (Ver João 15:18 e ss.). O ódio fatalmente perseguirá às testemunhas fiéis. O mundo odiará ao crente, se este for semelhante a Cristo. O temor assalta aos de coração desanimado. Trata-se de uma emoção debilitadora. Franklin Roosevelt observou que o temor geralmente é pior do que aquilo que se teme. O temor é uma nuvem negra, que debilita as nossas almas. Mas Jesus disse aos crentes de Esmirna: «Não temas... dar-te-ei a coroa da vida» (Apo. 2:9).

3. A graça conferida ao crente equivale ao sofrimento exigido. Henry C. Sheldon, em sua «History of the Christian Church», salienta essa verdade, no tocante ao que sucedeu em Esmirna: «Alguns foram lançados às feras, e outros foram mortos na fogueira. Mas, de acordo com as memórias da igreja, a graça dada aos mártires foi igual a seus sofrimentos. Nenhum deles deixou escapar um suspiro ou um gemido». (Vol. I, pág. 148). (Ver I Cor. 10:13, onde se expressa sentimento similar).

4. Cristo primeiramente recebeu a «coroa de espinhos», antes de ser-lhe dada a coroa da vida. Outro tanto acontece no caso dos mártires, e, até certo ponto, no caso de todos os crentes.

5. Esmirna possuía um dos grandes anfiteatros da Ásia Menor, onde eram efetuados os jogos olímpicos. Nenhum vencedor recebeu ali uma coroa que se possa comparar com aquela que Cristo Jesus nos oferece. (Quanto a notas expositivas completas sobre o conceito das «coroas», que fala da nossa glorificação celestial, ver II Tim. 4:8).

11 ὁ ἔχων οὐς ἀκουσάτω τί τὸ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις.<sup>b</sup> ὁ νικῶν οὐ μὴ ἀδικηθῇ ἐκ τοῦ θανάτου τοῦ δευτέρου.

<sup>b</sup> 11 ἡ major: WH Bov. Nes. B<sup>19</sup> R<sup>19</sup> A<sup>8</sup>V R<sup>8</sup>V TT // ἡ minor: TR AV Zir Jer // ἡ exclamation: NEB Luth Rec

11 τοῦ θανάτου τοῦ δευτέρου Ra 20:14; 21:8

3:11: Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. O que vencer, de modo algum sofrerá a morte da segunda morte.

«...Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas...» (Quanto a notas expositivas completas sobre essa expressão, que se encontra em todas as sete cartas do Apocalipse, ver Apo. 2:7). Os mártires, os que padecem, necessitam de advertência e consolo, bem como das promessas de Deus. Que todos esses dêem cuidadosa atenção à instrução aqui recebida, porque a mesma vem da parte do Filho de Deus, por meio do seu «alter ego», o Espírito Santo.

«...às igrejas...» (Ver as várias significações e interpretações acerca das «sete igrejas» do Apocalipse, em Apo. 1:4. Quanto à nota geral sobre a «igreja», ver Efé. 3:10).

«...O vencedor...» Em cada uma das sete cartas há um «vencedor». Em cada época, haverá vencedores, a despeito dos problemas e das crises diferentes que tiverem de enfrentar. (Ver Apo. 2:7 e suas notas expositivas, sobre os «vencedores»). O vencedor, neste ponto, aparece como alguém invulnerável para a segunda morte, o que não é nenhuma promessa pequena. Tremendas bênçãos espirituais, em todas as sete cartas deste livro, são prometidas aos vencedores; e são oferecidas exclusivamente a esses. Que dizer sobre os restantes? A resposta é clara. Essas bênçãos espirituais não poderão ser conferidas àqueles que não se atiram à batalha, a fim de vencerem. O arrependimento nada será, se não resultar em conversão genuína. A conversão nada será, se não resultar em santificação (ver II Tes. 2:13). E, na vida cristã, a lealdade a Cristo precisa ser mantida a todo custo, porque, de outra maneira, não poderemos ser transformados segundo a imagem de Cristo, assim chegando ao estágio superior da glorificação. Somente os «vencedores» por conseguinte, é que são os verdadeiros crentes. Os demais são apenas os espectadores da igreja. Supostamente se «converteram», mas apenas supostamente.

«...de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte...» Somente no livro de Apocalipse (no N.T.) se acha a expressão «segunda morte». Supomos que o vidente João aluda à «ira de Deus», ao «juízo do deus incrédulos». (Ver notas expositivas completas sobre essa ira, em Col. 3:6; e sobre o «juízo», ver I Ped. 3:18 e Apo. 14:11). Poderíamos comparar o que se lê aqui com o que é declarado em Apo. 20:14,15, onde há uma descrição mais ampla sobre o que estará envolvido na «segunda morte». Trata-se do juízo final, após o reino milenar de Cristo. (Ver também Apo. 21:8). Virá depois de «segunda ressurreição», e consistirá do lançamento no «lago do fogo». Naturalmente, tudo isso é símbolo do fracasso em chegar à vida verdadeira, que há em Cristo. O indivíduo cujo destino é ser filho de Deus, tal como o é o Filho, e vir a participar da imagem e natureza do Filho, bem como da «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), o que envolverá seus atributos, baseados em sua natureza, e isso dado aos homens mediante o Filho do homem, mas que vem a ficar aquém desse destino, segundo a concepção bíblica está morto, sem importar o que mais Deus tenha para ele. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra que Deus muito fará em prol de todos os seres, porquanto tudo será eventualmente restaurado à unidade em Cristo, encontrando nele o seu tudo. Isso não quer dizer, entretanto, que todos participarão da vida dos eleitos, e nem que habitarão todos nos lugares celestiais. Todos os homens, cujo destino é habitar nos lugares celestiais, glorificados em Cristo, de acordo com a definição bíblica estão «mortos», se não chegarem a esse alvo. Terão perdido aquela exaltadíssima «forma de vida» que lhes foi oferecida, já que a rejeitaram.

#### IV. Cartas às Sete Igrejas (Coisas que São — Apo. 2-3)

##### 3. A Pérgamo (2:12-17).

Chegando agora à igreja de Pérgamo, deixamos de lado o caráter santo de Esmirna e encontramos a igreja sob o favor imperial (310 d.C. em diante), o começo da penetração do paganismo nas fileiras da igreja. Essa igreja aprendeu a adaptar-se ao mundo, desfrutando de seus confortos e participando de seus vícios. Pois o que ganhou em conforto e popularidade, perdeu em espiritualidade. E geralmente assim é que as coisas sucedem. (Ver as notas expositivas, em Apo. 1:4, quanto às três formas

**Nota Textual:** A forma «não temas» (no grego, «me phobou») é gramaticalmente correta, figurando nos mas AC, 046, e em vários testemunhos menos importantes. A forma original, porém, mais provavelmente é a forma estranha, «meden phobou», isto é, «nada temas», a qual seria correta, não fora o fato que então se segue o neutro plural, «-a», «-as quasi coisas» (de «os»). Os manuscritos que trazem essa forma não-gramatical são Aleph, P, 1006, 1611; 1854, 2053, 2344, o It(gig,61), a Vg, o Siiph,h) e o Coisai. A outra forma foi uma correção gramaticalmente feita, que ocorre com frequência no Apocalipse, cujo grego é deficiente. (Quanto a uma discussão sobre a qualidade do grego em que foi escrito o livro de Apocalipse, ver a seção VIII da introdução ao mesmo). Surgiram problemas porque o autor sagrado pensava em aramaico e escrevia em grego. Para ele, o grego era uma língua adquirida, um segundo idioma, e ele não providenciou para que seu livro fosse revisado, após tê-lo escrito no grego.

A forma «terás» (tribulação) é a que aparece nos mas Aleph, 046, 1006, 1611, no It(61), na Vg, no Si(ph,h), e no Cop(bo) (alguns manuscritos), a qual, muito provavelmente, é a forma correta, a julgar pela variedade de manuscritos que lhe dão apoio. A forma «achete» (presente do subjuntivo) «tenhas», por conseguinte, é secundária, embora apareça nos: mas AP e em vários manuscritos minúsculos. Essa forma também está fora de consonância com as firmes declarações do presente versículo. Aqui não transparece a mera possibilidade de sofrerem tribulação aqueles crentes. O imperativo (no grego, «achete»), que aparece nos mas C, 2053 e Coisai, também é uma forma secundária, não concordando com o significado do contexto. Cristo não ordenava que aqueles crentes sofressem tribulação, mas tão-somente revelava-lhes o que era inevitável.

A expressão «segunda morte», embora se ache somente no livro de Apocalipse, em todo o N.T., é de origem rabinica. «Que Rúben viva nesta era e não morra a segunda morte, com a qual os ímpios morrem no mundo próximo». (Targum sobre Deut. 33:6). Assim também reza o Targum sobre Jer. 61:39,57: «Que morram a segunda morte e não vivam no mundo vindouro». Muito curiosamente, o Targum sobre Isa. 22:14, diz o seguinte: «Esse pecado não te será perdoado, até que morras a segunda morte», dando a entender a possibilidade de perdão do pecado, mediante a segunda morte. Em Enoque xcix.11 e cviii.3, diz-se que os espíritos dos ímpios são «mortos no Sheol», e não há que duvidar que essas palavras expressam o mesmo conceito da «segunda morte». Por conseguinte, será a «segunda» por seguir-se à «primeira» morte, que é a morte do corpo. Por assim dizer, é a morte da alma, embora não esteja em pauta a idéia de aniquilamento, conforme alguns têm imaginado erroneamente. Pelo contrário, a segunda morte consistirá da «ruína» do destino original da alma. A despeito do que a alma vier a obter, mediante a misericórdia e a graça de Deus, e devido à lealdade post-mortem a Cristo (o que se mostra ser possível, em I Ped. 3:18-20 e 4:6), se a alma houver ultrapassado os limites da graça para aceitar a salvação (limite esse que será a segunda vinda de Cristo, e não a morte física do indivíduo, o que é comentado nas notas expositivas sobre I Ped. 4:6), não poderá chegar a possuir a «verdadeira vida», para a qual foi tencionada. De acordo com os termos bíblicos, pois, tal alma estará «morta».

##### Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. O julgamento divino, uma realidade soleníssima, um dos temas mais prementes do N.T., é um estímulo misionário.

2. Vivendo como um mártir. Conheci um homem que cobiçava a coroa do mártir. Muito ele falava sobre essa questão, até que, um dia, um crente de mais idade lhe perguntou: «Por que você não vive a vida do mártir?». Isso lhe conferiu um repentino discernimento. Que poderia haver de nobre, na coroa de um mártir, a menos que ele tivesse sido um crente que mostrara a dedicação de um mártir, durante sua vida toda? Todos nós podemos procurar viver a vida inteiramente dedicada. Isso não é menos nobre que a morte sacrificial.

3. Não precisamos da graça para morrer, enquanto não chegar o tempo da morte. Mas precisamos da graça divina, agora, para viver imitando a vida de Cristo, de tal modo que sua natureza e imagem sejam infundidas em nós. Somos Cristo; Cristo em formação, filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória. (Ver Heb. 2:10). Lembremo-nos da vida dela; foi uma vida magnífica, que antecedeu a sua morte. Sua vida deve ser vivida por nós, hoje em dia. Para o mundo, nós somos o Cristo que os homens conhecem.

4. «O sangue dos mártires é a semente da igreja».

5. As perseguições produziram uma igreja fortalecida. O sofrimento tem os seus propósitos específicos. Nenhum grau de perfeição pode ser atingido sem o mesmo, da mesma maneira que o ouro não pode ser refinado sem o cadinho. O aço mais excelente é o que vai no forno de mais elevada temperatura.

6. Que o leitor considere o motivo básico de sua vida. Pode ela comparar-se com aqueles crentes fiéis de Esmirna? O que é mais importante do que Cristo, em sua vida? Deve ser lida a parábola de Mat. 25:24-27.

7. O cristianismo nunca desapareceu inteiramente de Esmirna, pelo que os turcos passaram a chamá-la de *Infiel Esmirna*. Esmirna foi a única igreja, dentre as sete igrejas do Apocalipse, que não recebeu qualquer repreensão. A perseguição consumiria toda a sua escória. Até mesmo a fiel igreja de Filadélfia foi dito que ela tinha «pouca força», o que, quase certamente, é uma gentil repreensão: não eram tudo quanto poderiam ter sido. A primeira morte (a morte física), não prejudica realmente ao crente. A morte não mata. A segunda morte (a morte espiritual) não exercerá qualquer domínio sobre ele.



centrais pelas quais podemos compreender as cartas às sete igrejas. Supõe-se que Pérgamo representa o tempo que começou com a conversão de Constantino ao cristianismo. Constantino foi um cristão genuíno. Converteu-se mediante uma visão, na qual via a cruz com as palavras sob a mesma: «Com este signo, vencerás». Presidiu ao concílio de Nicéia, e levou o império romano a tornar-se nominalmente «cristão», pelo menos, pondo fim à perseguição contra os cristãos. Ordenou a Eusébio que preparasse cinquenta cópias das Escrituras, das quais o atual manuscrito do Vaticano mui provavelmente é um exemplar, como talvez também o Sinaiticus. É interessante observar que há predições contemporâneas que nos dizem que o «sinal do Filho do homem» será uma cruz no firmamento, pairando sobre os campos de batalha da Terceira Guerra Mundial, depois de 1995 e antes de 2000. E Israel, através de palavras sob essa cruz, receberá ordens de conquistar. Quando isso suceder, e quando o próprio Jesus for corporalmente visto na Palestina, o inimigo, em maioria esmagadora, será derrotado, e Israel tornar-se-á uma nação cristã, convertida a Cristo através de seu sinal, assim como se converteram Constantino e o império romano.

Constantino livrou a cidade de Roma das forças de Maxêncio, na batalha da ponte Milviana. A seu caminho para Roma (ano de 311 d.C.), ele viu o sinal: «In hoc signo vinces». Em 313 d.C., juntamente com Licínio, ele expediu o célebre «Edito de Tolerância». O poder romano foi consolidado sob seu governo, ao derrotar a Licínio, em 324 d.C. Então decretou um edito universal e todo inclusivo de tolerância, que pôs fim à perseguição dos romanos contra os cristãos. Participou Constantino do concílio de Nicéia, em 325 d.C. Porém, embora certamente fosse ele um cristão, teve os seus defeitos. Parece haver aderido, até certo ponto, ao culto a Apolo, tendo ordenado a execução de seu filho, Crispo, e então de sua própria esposa (326 d.C.), sob a acusação de traição. Nos seus últimos anos de vida ocupou-se de questões eclesiásticas, mas sempre esteve envolvido em alguma forma de guerra. Ficou adiando seu batismo até adoecer mortalmente, evidentemente por pensar que o batismo em água é que lava os seus pecados passados. Sua própria vida e suas ações refletiram uma espécie de cristianismo pagанизado; e isso reflete a natureza mesma da igreja sob favor imperial, o que transparece na carta que ora passamos a comentar, a carta à igreja de Pérgamo.

*Profeticamente falando*, a carta à igreja de Pérgamo fala da «paganização» da igreja. Historicamente, isso também sucedeu em muitas igrejas da área da Ásia Menor (o que começou a suceder até mesmo nos fins do primeiro século da era cristã). O gnosticismo, uma antiga heresia, essencialmente um misticismo oriental, que misturava em si mesmo elementos do judaísmo, do cristianismo e da filosofia e mitologia gregas, assediou a igreja por cento e cinquenta anos. Até mesmo nos dias dos apóstolos, uma forma primitiva do gnosticismo fizera seu aparecimento; e, em alguns lugares da igreja, o gnosticismo até chegou a obter o controle, passando a apresentar-se como se fora a autêntica fé cristã. Nada menos de oito livros do N.T. foram escritos para combater essa heresia: Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas, e Judas. Na Epístola aos Efésios, no evangelho de João e no livro de Apocalipse, encontramos lugares onde essa heresia é aludida e combatida, embora nunca seja chamada por seu nome, o que também sucede nos oito livros acima mencionados. (Ver Col. 2:18 quanto à nota detalhada sobre esse sistema religioso do «gnosticismo»). É quase certo que certos aspectos da falsa religião, mencionados na carta à nossa frente, são reflexos da heresia gnóstica. Esse foi o tipo de «paganismo» que, historicamente, tanto prejudicou à igreja cristã, embora, quando veio a ser cumprido o aspecto «profético» dessa carta (no tempo de Constantino e depois), o gnosticismo já tivesse desaparecido como um sistema. Todavia, sempre tem havido elementos do gnosticismo que sobrevivem em qualquer era da igreja, e em quase cada denominação evangélica. Através do gnosticismo, a «imoralidade», sobretudo da modalidade sensual, tornou-se a ética oficial da cristandade. (Ver Apo. 2:20,21,24).

12 Καὶ τῷ ἀγγέλῳ τῆς ἐν Περγᾶμῳ ἐκκλησίας γράψον· Τὰδε λέγει ὁ ἔχων τὴν ρομφαίαν τὴν δίτομον τὴν ὀφείαν·

12 τὴν ρομφαίαν...ὀφείαν Is 49:2; He 4:12; Ra 1:16; 2:16; 19:5

12 τῆς τοῦ 2050 sy arm<sup>pt</sup>

2:12: Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve:  
Isto diz aquele que tem a espada aguda de dois gumes:

«...Ao anjo...» Os «anjos» das sete igrejas não são os seus pastores humanos. Antes, são os seus «guias» ou «guardiões angelicais». Esses anjos são as «sete estrelas», conforme se aprende em Apo. 1:20. (Quanto a notas expositivas completas a respeito das «sete estrelas», ver Apo. 1:16; ver Apo. 1:20 quanto ao «mistério das sete estrelas»; e, nesse mesmo versículo, ver como as estrelas e os anjos são identificados. Há notas adicionais em Apo. 2:1, onde, pela primeira vez, um dos tais anjos é endereçado, nas sete cartas, que ocupam os capítulos dois e três deste livro).

«...igreja...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «igreja», ver Ef. 3:10. Quanto aos significados e simbolismos das «sete igrejas» do Apocalipse, ver Apo. 1:4).

«...Pérgamo...» (Ver as notas expositivas sobre essa localidade, no fim deste versículo).

«...escreve...» A ordem de escrever ocorre por treze vezes neste livro (ver Apo. 1:11,19; 2:1,8,12,18; 3:1,7,14; 10:4; 14:3; 19:9 e 21:5), uma vez em cada uma das sete cartas. O intuito do Senhor era que a revelação fosse preservada; e até hoje a forma escrita é a melhor maneira de preservar uma comunicação. (Ver as notas adicionais sobre essa ordem, em Apo. 1:11 e 2:1).

«Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo» (Hab. 2:2).

O que temos aqui pode ser comparado com os trechos de Isa. 8:1; 30:8 e Jer. 36:2. As visões do Apocalipse foram escritas a fim de serem publicadas. Sua mensagem merecia publicidade. Em alguns apocalíplices espúrios, o livro escrito é subseqüentemente selado, como se suas predições tivessem de ser conhecidas somente em tempos posteriores. Outro tanto se vê em II Esdras 12:37,38; Dan. 8:26; 12:4; I Enoque 82:1 e Assunção de Moisés 19:11. Somente no caso dos «sete trovões» — no que concerne ao livro de Apocalipse — é que seu significado deveria ser selado. (Ver Apo. 10:4).

«...Estas cousas...», isto é, o conteúdo da carta que se segue, com suas advertências e promessas.

«...diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes...» Cada uma das sete cartas conta com um nome ou descrição distintiva de Cristo (o qual enviava a carta por meio do vidente João), o que se adapta ao caráter da igreja. Por si mesmo, isso é um encorajamento ou advertência à igreja em loco. (Ver Apo. 2:1 quanto a notas expositivas sobre esse aspecto das sete cartas). Em Apo. 1:16 já pudemos notar a aliada espada de dois gumes, que saía da boca de Cristo. Isso tem sido grotescamente representado na arte cristã, mas, a despeito do fato que não se presta muito bem para ilustrações artísticas, trata-se de um poderoso símbolo místico. É óbvio que seu significado primário é um juízo severo, ameaçador e em potencial. Tal juízo cairá sobre os perseguidores da igreja, os quais, historicamente, eram os

romanos que impunham aos cristãos o «culto ao imperador» (em que o imperador era adorado como se fosse uma divindade), sob pena de encarceramento ou morte. Porém, levando-se em conta o caráter da igreja de Pérgamo, sua carnalidade e tolerância para com as piores formas de mal, até mesmo no seio da igreja, poderíamos supor que essa descrição de Cristo é uma ameaça do fato que «o julgamento deve começar pela casa de Deus». O décimo sexto versículo deste capítulo dá apoio a essa interpretação, pois, a menos que aqueles crentes se «arrependessem», Cristo se voltaria contra eles com a espada de sua boca (mediante a qual expressão, o simbolismo é vinculado a Apo. 1:16). (Há notas expositivas completas sobre o simbolismo, nessa referência).

«A aguda espada é... não um instrumento de julgamentos penais externos (suponhamos as perseguições movidas pelo estado, por exemplo), e, sim, órgão dos julgamentos do Espírito (ver Ef. 6:17 e João 16:8). (Lange, *in loc.*)»

A paganização da igreja de Pérgamo (historicamente, nos fins do primeiro século, e no segundo e terceiro séculos, especialmente mediante o gnosticismo libertino, e, profeticamente, na época de Constantino, quando a igreja ficou sob o favor imperial) exigiu que a mesma recebesse um severo julgamento. Isso salienta o «imperativo moral» do evangelho. A santificação é necessária à «salvação» (ver II Tes. 2:13), e não meramente para a «comunhão com o Senhor». É falso o evangelho que não envolve exigências morais, ou que as subestima.

«Nessa igreja de Pérgamo, muita coisa havia que precisava de cirurgia moral. Era mister alguma amputação e execução morais, para que tudo fosse corrigido — a separação de coisas que não se harmonizavam entre si, bem como a destruição de males que se tinham instaurado e estavam atuando de forma desfavorável... A exibição do cutelo prefigurava a separação e a dissecação morais, no que não se poderia poupar qualquer erro, devendo morrer tudo quanto fosse estranho e prejudicial à igreja... Uma das razões por que tantas pessoas evitam e odeiam à verdade de Deus é que ela os fere, despertando os acóites da consciência e destruindo totalmente as suas esperanças. E essa forma de ferimento agora descera sobre aquela igreja». (Seiss, *in loc.*)

*Pérgamo*: Tal palavra estava relacionada a «purgos», isto é, «torre» ou «castelo», ou seja, «fortificada». Pérgamo era a «cidadela» de Tróia. E, de fato, nos escritos clássicos, tal palavra era usada para indicar a «cidadela» ou «fortaleza» de qualquer cidade. Sua suposta significação de «casada» não é apoiada nos dicionários. É verdade que aquela igreja entrou em matrimônio com o mundo, quando ficou sob o favor imperial, mas tal significado não é ilustrado no nome da cidade.

Pérgamo era uma cidade da província romana da Ásia, nos dias neotestamentários, na parte ocidental do que agora é a Turquia Asiática. Fora a antiga capital de Atalo, a cidade-estado doada ao império romano, em 133 A.C. Geograficamente, ocupava importante posição, próxima do extremo marítimo do largo vale do rio Caico. Também tinha boa

importância comercial e política, além de sua importância religiosa. Existia ali uma antiga forma de adoração ao diabo. Também era a sede de um antigo culto de mágicas babilônicas, e tornou-se importantíssimo centro da propagação do «culto ao imperador», que era apenas outra forma de religião falsa, usada pelas forças satânicas. Tornou-se a sede de quatro dos maiores cultos pagãos, a saber, de Zeus, de Atena, de Dionísio e de Asclépio. Também se estabeleceu ali o culto dos Magos, de origem babilônica. O sacerdote desse culto era de *Pontifex Maximus* ou então de «Principal Construtor da Ponte», e sua suposta tarefa era preencher o vácuo entre o homem e os poderes superiores, os quais se tornavam objetos de adoração. Os habitantes de Pérgamo eram chamados de «principais guardiões do templo» da Ásia.

Quando o «culto ao imperador» cresceu em importância, dentro do império romano, Pérgamo se tornou um de seus centros principais, embora outros falsos cultos ali nunca tivessem fenecido completamente. A alusão que temos neste capítulo ao «trono de Satanás», mui provavelmente, diz respeito a esse culto (ver o décimo terceiro versículo). Satanás impulsionava homens a adorarem um mero homem; esse era o seu «ardil», naquelas tempos.

Política e economicamente a cidade florescia, tendo sido chamada por Plínio de «a mais ilustre de todas as cidades da Ásia». Todas as principais estradas da Ásia ocidental convergiam para ali. Fabricava ungüentos, vasos e pergaminho (que assumiu seu nome dessa cidade). Esse tipo de «papel»

(feito de peles de animais) chegou a ser chamado «charta pergamena», por ser fabricado em Pérgamo, de onde era distribuído. Não foi a cidade que derivou seu nome desse tipo de papel; deu-se exatamente o contrário.

Em 29 A.C. foi dedicado um templo a Augusto em Roma, por parte do sínodo provincial (ver Tácito, *Anais* iv.37), e isso «oficializou» o culto ao imperador em Pérgamo, a qual, naquele tempo, era a principal cidade da província da «Ásia». Um segundo templo foi ali edificado, em honra a Trajano, e ainda um terceiro, em honra a Severo. Desse modo, a adoração religiosa pagã ali se centralizou e consolidou. Por detrás da cidade havia uma colina em forma cônica, com cerca de trezentos metros de altura, a qual, desde tempos antigos, vivia recoberta de templos e altares pagãos, o que fazia significativo contraste com o «monte de Deus», referido em Isa. 14:13 e Eze. 28:14,16. Este último foi chamado também de «trono de Deus» (ver I Enoque 25:3). O culto ao imperador criou ali um «trono de Satanás», talvez havendo nisso alusão à colina acima descrita. O grande e idólatra culto ao imperador incorporava em si mesmo todo o paganismo que tornou Pérgamo famosa, embora não houvesse eliminado totalmente todas as outras formas. E a igreja cristã, que se recusava a participar desse «culto», automaticamente foi tachada de «traidora», tendo de sofrer as consequências de sua recusa.

Hoje em dia não resta mais glória à antiquíssima cidade. Uma pequena aldeia, de nome Bergama, ocupa o seu lugar, na planície abaixo do local da antiga Pérgamo.

13 Οἱ δὲ καὶ κατοικοῦντες ἐν τῷ θρόνῳ τοῦ Σατανᾶ, καὶ κρατεῖς τὸ ὄνομά μου, καὶ οὐκ ἠνῆψαν τὴν πίστιν μου καὶ ἐν ταῖς ἡμέραις Ἀντιπᾶς ὁ μάρτυς μου ὁ πιστός μου, ὃς ἀπεκτάνθη παρ' ὑμῶν, ὃπου ὁ Σατανᾶς κατοικεῖ.

\* 13 [C] πιστῶν μου καὶ A C 1854 2053 2344 it<sup>1</sup> c<sup>1</sup> d<sup>1</sup> h<sup>1</sup> g<sup>1</sup> vg sy<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> Be<sup>1</sup> Haymo / πιστῶν μου N P 046 1 (94 om<sup>1</sup> μου) 1006 1611 1828

\* 13 [C] ἡμέραις A C 2053 2065 2344 it<sup>1</sup> c<sup>1</sup> d<sup>1</sup> h<sup>1</sup> g<sup>1</sup> vg sy<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> Be<sup>1</sup> Tyconius Prismaus Haymo / ἡμέραις αἷς 046 84 (1006<sup>1</sup> ἡμέραις αἷς) 1006<sup>1</sup>

\*\* 13 c nome, c nome: TR Bov Nm BP<sup>1</sup> AV // c minor, c minor: WH // c minor, c nome: NEB Zor Luth Jer Ses // c nome, c minor: RV ABV RBV (TT)

13 Oida] add (2. 2) τα ἔργα σου καὶ 046 1 82 2059a pl<sup>1</sup> | καὶ ἐν AC 2329 al vg ς; R] om καὶ NP 046 1 82 2059a 2329 pm it | ας] om 314 al

<sup>4</sup> A omissão de καὶ (N P 046 maioria dos minúsculos) parece ser modificação introduzida por copistas, que não perceberam a força ascendente aqui («até mesmo»). O termo é adequadamente apoiado por A C 1854 2053 2344 it (61) vg sir (ph) cop (sa,bo).

<sup>5</sup> Embora seja possível que, devido a homocoteleuton, αἷς foi acidentalmente omitida na cópia (contudo, até mesmo quando αἷς é incluída, a cláusula ὅς — que se segue, envolve um anacoluto), a forma que melhor explica a origem das demais parece ser ἡμέραις, confirmada em A C 2053 2065 2344 it (61) vg sir (ph) cop (sa,bo) al. Não observando o termo seguinte, Ἀντιπᾶς que deve ser um nome próprio indeclinável, após uma relação de genitivo, (1) juntamente com ἡμέραις, copistas procuraram ajustar a sintaxe forçada introduzindo ou αἷς (046 1006 (c) sir (h) etí al) ou ἐν αἷς (N<sup>o</sup> (N<sup>o</sup> ταῖς) P 1611 1854 it (gig) ara al).

Já que o contexto parece exigir o genitivo, Ἀντιπᾶ, vários exegetas modernos (incluindo Swete, Charles, Zahn) adotam a conjectura de Lachmann de que, após ditografia acidental do artigo definido (ΑΝΤΙΠΑΘΟΜΑΡΤΥC), o primeiro «omicron» foi tomado como se fora um «sigma». A comissão, porém, reputou a conjectura mais engenhosa do que convincente.

1. Noutros lugares, porém Ἀντιπᾶ — é termo usado como genitivo de Ἀντιπᾶς — (ver Bauer-Arndt-Gingrich).

2:13: Sai onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; mas reténs o meu nome, e não negaste a mim fé, mesmo nos dias de Antipas, meu fiel testemunha, a qual foi morto entre vós, onde Satanás habita.

«...Conheço o lugar em que habitas...» Essas palavras foram ditas porque o lugar mesmo em que habitavam era notável lugar de maldade e de provação, o que poderia impulsionar aqueles crentes à apostasia ou, ao menos, à transigência com o paganismo. (Ver as notas anteriores, no fim do décimo segundo versículo, sobre a cidade de «Pérgamo», que demonstram isso). O «lugar» onde habitavam muito teve a ver com o caráter da igreja, pelo que isso é especificamente mencionado aqui como um dos elementos importantes da carta. É algo quase equivalente a «conheço as tuas obras», que é frase comum à maioria dessas sete cartas. O saber sobre o «lugar» onde eles habitavam era equivalente a saber qual o «caráter» que disso resultava neles. Notemos aqui a influência do meio ambiente. É mais fácil a um crente ser santo em certos locais geográficos do que em outros. É mais fácil a um crente ser santo, se tiver certas associações humanas, e não outras. Sêneca queixava-se que algumas vilas romanas, especialmente lugares de retiro, exigiam uma moralidade mais relaxada do que outros lugares. Contudo, a exigência do evangelho é que, sem importar associações e localizações geográficas, os discípulos precisem de fidelidade.

**Variante Textual:** As palavras «Conheço as tuas obras, e onde habitas...» figuram nos mas 046 e em alguns dos siríacos, bem como nos escritos de alguns poucos pais da igreja. Mas os mas ACP, Alph, na Vg, no Cop, no Eti e nos escritos de vários pais, são omitidas as palavras «as tuas obras e», o que certamente representa o original. As palavras «tuas obras» foram acrescentadas por escribas subseqüentes para fazer a carta concordar mais de perto com as outras, quanto a forma, onde a expressão padronizada é «conheço as tuas obras».

«...o trono de Satanás...», isto é, o lugar onde Satanás exerce autoridade, como se fora rei. A palavra «trono» (no grego, «thronos»), é usada no N.T. com o sentido de «trono real» (ver Luc. 1:32,52), ou com o sentido de «tribunal judicial» (ver Mat. 19:28 e Luc. 22:30). Também há alusão aos «tronos» de elevados poderes angelicais, ou aos próprios governantes humanos (ver Col. 1:16).

As possíveis referências desse «trono», são as seguintes:

1. Pode ser a colina que havia por detrás da cidade, com trezentos metros de altura, na qual havia muitos templos e altares. Essa «colina», poderia ser o monte ou trono de Satanás, em contraste com o «monte» de Deus (ver Isa. 14:13 e Eze. 28:14,16), o qual, em I Enoque 25:3, é chamado de «trono».

2. Outros estudiosos pensam que a alusão é ao gigantesco altar dedicado a Zeus Soter, erigido sobre uma imensa base, a duzentos e quarenta metros acima do nível da cidade.

3. Também poderia haver alusão a um dentre vários templos, construídos com o propósito de oficializar o «culto ao imperador», em Pérgamo.

4. Também há aqueles que a alusão, neste ponto, é à própria cidade de Pérgamo, por ser o «trono de Satanás», não estando em vista qualquer emblema pagão. Pérgamo era um dos grandes centros do culto ao imperador, pelo que também era um lugar especial da manifestação das falsas religiões de Satanás.

5. Alguns eruditos pensam que a adoração a Esculápio, cujo símbolo era a serpente, está aqui em foco.

6. Ou então, a própria cidade, como acme da idolatria, era esse «trono», por si mesma.

É impossível determinar exatamente a alusão do vidente João, neste particular. Sem dúvida, porém, foi entendido por seus leitores originais. Contudo, não sendo capazes de afirmar a alusão com certeza, sabemos que a mensagem é bem clara. O paganismo fanático que havia em Pérgamo era controlado por Satanás, a ponto da cidade ter-se tornado centro da propagação de religiões iníquas, que eram adversárias da igreja e a prejudicavam. O culto ao imperador era a manifestação central dessa religião ímpia.

«Sem importar o que seja entendido por esse trono de Satanás, a linguagem atribui a Pérgamo a proeminência má de ser o centro do antagonismo a Cristo e seu evangelho. Havia uma atmosfera doentia na qual podiam medrar plantas da graça, resultando no desenvolvimento de uma igreja pura de Cristo. Aquela pequena congregação, pois, era como uma barca lançada em mar tempestuoso, como uma rosa isolada, a florir em meio às areias do deserto, como uma inflorescência entre as neves do

Alpes, como um ramo de flores a abrir-se sobre o seio de uma avalanche, onde a existência se fazia extremamente precária. Mas Jesus não tinha deixado de observar esse fato, considerando todas as dificuldades e perigos da situação». (Seiss, *in loc.*).

Em seu aspecto profético, supomos que o *gnosticismo* tenha tomado o lugar do «culto ao imperador», como manifestação do satanismo que ameaçava à igreja. (Ver a introdução à carta, quanto aos vários modos como a mesma pode ser entendida, histórica e profeticamente. Ver as notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18).

«...e que conservas o meu nome...» A despeito do poder das forças pagãs, apesar das perseguições do governo romano, um remanescente da igreja se apegou à fé em Cristo. O décimo quarto versículo, entretanto, mostra-nos que não se apegaram a essa fé sem qualquer transigência, pois apesar de Cristo continuar sendo-lhes o Senhor, toleravam um evangelho sem qualquer imperativo moral. Permitiam que continuasse a licenciosidade, até mesmo entre os líderes da igreja.

«...nome...» Esse termo fala sobre o que «Cristo» significa, religiosa e superficialmente. Ele é o Cabeça, o Senhor, o Salvador, a única autoridade absoluta da igreja. Continuavam confessando o «nome de Cristo». Não o haviam substituído pelo nome do imperador romano, e se recusavam a tomar parte no «culto ao imperador», o que não era coisa de somenos, considerando-se os sofrimentos que isso lhes acarretava. No contexto do aspecto «profético» da carta, essa igreja se recusava a aceitar o Cristo falso, postulado pelo gnosticismo, o qual não era o Verbo encarnado, mas apenas uma dentre muitas emanções angelicais, mediadores e pequeninos deuses. Antes, estavam firmados no Cristo da encarnação, o Verbo encarnado, o divino e o humano fundidos em uma só Pessoa, o qual é o rei e o criador de todos os poderes angelicais. (Ver Col. 1:16, onde o tema é desenvolvido).

«...conservas...», isto é, «apegas-te», como que em feroz lealdade, continuando a propagar a verdadeira posição acerca da pessoa de Cristo e da fé espiritual que disso se segue. O termo grego, «krateo» pode significar, tão-somente, «preservar»; mas, neste ponto devemos preferir a idéia de «apegar-se», isto é, de apegar-se àquilo que Cristo era e significava para aqueles crentes, em face de uma hostilidade avassaladora. Eram leais, embora lhes faltasse a discriminação moral. Permitiam que os vícios dominassem os seus membros; não promoviam o «imperativo moral» do evangelho, com a mesma intensidade com que defendiam ao próprio Cristo.

«...não negaste a minha fé...» A idéia de «fé» pode ser usada das seguintes maneiras: 1. Subjetivamente, isto é, a confiança pessoal ou outorga da própria alma a Cristo (o que é comentado em Heb. 11:1). 2. Pode indicar a «virtude» da confiança diária em Cristo (o que é um dos aspectos do «fruto do Espírito», ver Gál. 5:22). 3. Objetivamente, isto é, «aquilo em que se crê», o «credo» o «sistema religioso». Este último uso se limita, essencialmente, às epístolas pastorais (com notas em I Tim. 1:2). Entretanto, esse é o uso mais provável neste ponto. A lealdade daqueles crentes a Cristo levou-os a defenderem a «fé cristã», diante mesmo do culto ao imperador. Essa é a aplicação histórica dessas palavras. Aqueles crentes se apegavam à fé em Cristo, longe de cederem às demandas da adoração a Domício. Profeticamente, essa declaração significa que eles defendiam a «fé cristã», resistindo aos assédios dos mestres gnósticos. Contudo, não o faziam sem alguma transigência, sobretudo no tocante às exigências morais da fé cristã. Historicamente, a lealdade deles era conservada, a despeito das mais amargas perseguições. Profeticamente, essa lealdade era conservada, a despeito das tentações à acomodação, quanto às crenças espirituais básicas.

«...ainda nos dias de Antipas...» Até mesmo sob os tempos de maior provação, em meio às ameaças, sofrimentos, privações e a própria morte, aqueles crentes se conservavam fiéis ao Senhor; e seus sofrimentos provinham do fato que eram considerados traidores do estado, recusando-se a participar de seu culto, que buscava honrar aos supostos protetores divinos, os guardiões do imperador.

«...Antipas...» Nada se sabe de certo acerca desse personagem, exceto aquilo que poderia ser depreendido do texto presente. Supomos que ele era líder ou pastor da igreja de Pérgamo, tendo sido escolhido para o martírio, talvez como advertência aos demais membros da «traícoeira seita cristã». Simélio Metafrastes contava uma história lendária acerca de um certo Antipas, bispo de Pérgamo, o qual, nos tempos do imperador Domício, foi fechado dentro de um boi de bronze, aquecido ao rubro. Seu corpo foi, literalmente, cozido. Diz-se que ele terminou seus últimos momentos em louvor e oração. Talvez essa lenda esteja baseada em fatos autênticos. Tertuliano, em *Adv. Gnost.* scorp. 12, menciona esse Antipas, mas parece não ter tido conhecimento independente dele, à parte do texto do N.T. Eusébio, em sua *História Eclesiástica* iv.15,48, menciona a existência de mártires em Pérgamo, mas em uma época posterior, a saber, Carpo, Papilo e Agatônico.

Alguns estudiosos vêem certo significado «simbólico», no nome desse homem. É perfeitamente possível entendê-lo como *contra todos* (no grego, «anti pas»). Tratava-se da forma contralida de «antipater», que poderia ser

reduzido à forma «antipapa», embora isso seja uma fantasia, como fantasia é a explicação anterior.

O Livro apócrifo, *Atos de Antipas* (que não mais existe) foi mencionado por Andreas e Aretas. Era comum que qualquer nome neotestamentário fosse usado pelos autores dos séculos II e III D.C., como base de narrativas maravilhosas, embora estas fossem inteiramente inventadas, ainda que aqui ou acolá houvesse pitadas de tradições genuínas.

«...minha testemunha...» O vocábulo grego «martus» originalmente significava apenas «testemunho». Mais tarde, visto que tantas «testemunhas» cristãs se tornaram «mártires», a palavra veio a tomar esse sentido. Apesar de tal uso ser normalmente encontrado nos séculos II D.C. em diante, alguns estudiosos crêem que, pela época em que foi escrito o livro de Apocalipse, pelo menos em alguns lugares essa palavra já tivesse esse sentido. Portanto, poderia estar aqui em foco a idéia de um «mártir»; mas a maioria das traduções modernas apega-se à idéia de «testemunho». Seja como for, essa «testemunha» de Cristo também foi um «mártir», conforme o restante do versículo deixa claro. Não é coisa de somenos alguém ser uma «testemunha» de Cristo, que realmente exerça tal função. O «testemunho» de Antipas era contrário ao «culto ao imperador» e em favor de Cristo, como Senhor e Salvador. Foi morto por causa desse testemunho. (Ver *Mart. Poly.*, 19 e ss.; Eusébio, *História Eclesiástica* iv.26; Dionys., *Corinth.* ib. ii.25, quanto ao uso do termo grego «martus», com o sentido de «mártir», e não só «testemunha»). Naturalmente, esse vocábulo continuou também a significar «testemunha», em outros contextos.

Pode-se notar o trecho de Apo. 17:6, que fala sobre o «sangue dos mártires» (isto é, das «testemunhas de Cristo»). Esse uso particular também exige a tradução «mártires». Em Apo. 1:5 Jesus aparece como a «fiel testemunha», ainda que alguns eruditos sejam da opinião que ali se deve entender «mártir fiel», porquanto alguns antigos consideravam-no o «primeiro dos mártires».

«...meu fiel...» Algumas traduções tratam essa palavra como se fora um título separado. Antipas seria uma «testemunha» (ou «mártir»), mas também seria «o fiel». Mas outros pensam que esta palavra modifica aquela, ou seja, «testemunha fiel», o que é dito também sobre o próprio Jesus, em Apo. 1:5. A fiel testemunha da Grande Testemunha, com todos os seus companheiros, haveriam de selar o seu testemunho com o seu próprio sangue (ver Apo. 13:15). Isso reflete o terror das perseguições sob Domício, que estavam em processo quando este livro foi escrito. (Ver a introdução à seção VII, intitulada «Motivos», quanto a notas expositivas sobre essa circunstância). Antipas foi «fiel» por ter-se mantido «leal a Cristo», em tempos adversos, porquanto não negociou sua fé e não quis mostrar submissão ao imperador, como se fosse este um deus.

«...foi morto entre vós, onde Satanás habita...» Antipas foi vítima de certa forma de satanismo, o qual prevalecia em Pérgamo. A razão verdadeira, pela qual homens matam a outros, por motivo de diferenças religiosas, é a influência e a inspiração satânicas.

\*\*\*

#### Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:

1. Notemos que a ortodoxia é aqui louvada. Aqueles crentes se apegavam à fé ortodoxa em Cristo, a qual honra a Cristo, a despeito de horrendas hostilidades. Não temos dificuldades em manter a ortodoxia, em meio à paz e à prosperidade. Notemos, entretanto, que o décimo quarto versículo mostra que a ortodoxia não basta. Há certas doutrinas essenciais para a fé cristã, como a realidade da encarnação, a fusão das naturezas divina e humana em Cristo, o caráter de Cristo como Salvador e Senhor. (Ver I João 4:3). Mas jamais a mera crença em um credo é suficiente. Pois o cristianismo consiste da outorga da própria alma aos cuidados de Cristo. (Ver o trecho da Heb. 11:1, quanto à definição da «fé»). E a outorga da alma a Cristo inclui a «outorga moral». Os mestres gnósticos prometiam um evangelho sem imperativo moral. A igreja de Pérgamo, infelizmente, transigiu com esse falso evangelho, e, por essa razão, foi condenada.

2. Satanás pode encarnar-se em um homem, em uma comunidade ou em uma assembléia cristã local, tal como Cristo pode vir fazer morada em crentes individuais e em igrejas locais.

3. A outorga da própria alma a Cristo pode exigir um sacrifício definitivo, o da perda mesma de vida física, mas Cristo é o Senhor da alma, e não meramente do corpo.

4. O «nome» de Cristo. Cristo é o Verbo, a revelação divina. Encarnou-se como «Jesus», a fusão das naturezas divina e humana, tendo-se tornado nosso Salvador, por esse motivo. Também é o «Senhor, Justiça Nossa», aquela que insufla em nós a exigência moral. Ele é o «Emanuel», ou seja, o «Deus conosco», porquanto tudo aquilo que Deus faz por nós, vem por meio de Cristo. Ora, isso ensina a posição do «telismo», em contraste com o «deísmo». O deísmo ensina a existência de um poder ou ser supremo, mas supõe que deixou o mundo ser governado por leis naturais, pelo que não estaria «presente», intervindo, recompensando ou castigando. O deísmo é o ensino de um deus que se divorciou de sua criação. O telismo, por sua vez, ensina a existência de um Deus pessoal, que se faz presente em sua criação e se interessa pela mesma. Deus, segundo esse conceito, faz intervenção na história humana, recompensando e punindo. (Ver Atos 17:27 quanto a várias idéias teológicas e filosóficas, acerca da natureza de Deus e de seu relacionamento com este mundo).

11 ἀλλ' ἔχω κατὰ σοῦ ὀλίγα, ὅτι ἔχεις ἐκεῖ κρατοῦντας τὴν διδαχὴν Βαλαάμ, ὃς ἐδίδασκεν τῷ Βαλακ βαλεῖν σκάνδαλον ἐνώπιον τῶν υἱῶν Ἰσραὴλ, φαγεῖν εἰδωλόθυτα καὶ πορνεῦσαι·

14 τῇ...πορνεῦσαι Nu 31:16; 28:1-2; Jd 11

2:14: Entretanto, algumas coisas tenho contra ti, porque tens ali os que seguem a doutrina de Balaão, a qual ensina a Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, induzindo-os a comerem das coisas sacrificadas a ídolos e a se prostituírem.

«...doutrina de Balaão...» Historicamente, tanto os nicolaítas como os seguidores de Balaão, provavelmente representavam formas licenciosas do gnosticismo, porquanto o gnosticismo foi a heresia que, a começar no tempo mesmo dos apóstolos, e durante cento e cinquenta anos, assaltou à

igreja cristã. Oito livros do N.T. foram escritos contra formas diversas dessa heresia, a saber, Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e Judas. A epístola aos Efésios, o evangelho de João e o livro de Apocalipse, em alguns trechos esparsos, também refletem oposição a essa heresia. Há notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18). Doutrinariamente, os gnósticos negavam a verdade da «encarnação», a fusão das naturezas divina e humana em Cristo, bem como qualquer idéia de expiação na morte de Jesus. Faziam de Cristo apenas uma emanção



angelical, um pequeno deus entre muitos. De acordo com essa doutrina, Jesus não podia ser identificado com o «Espírito-Cristo». Tão-somente este último teria possuído ao homem Jesus, desde o momento de seu batismo, visando um propósito, uma missão, tendo-o abandonado por ocasião de sua crucificação. Portanto, quando muito, Jesus teria sido apenas um mártir, pois o Cristo não poderia provar a morte, já que não poderia ter-se encarnado sem macular-se com a matéria. Pois, para os gnósticos, a matéria era a essência mesma do pecado. Criam eles que o «sistema mundial» tencionava destruir toda a matéria, e que podemos cooperar com esse sistema abusando do corpo (que é algo material), através do ascetismo (a forma combatida na epístola aos Colossenses) ou através da licenciosidade (o tipo combatido nos demais sete livros que combatem o gnosticismo, no N.T.).

**Balaão:** Sua narrativa pode ser encontrada em Núm. 22-24. Segundo as tradições judaicas, Balaão se tornou símbolo de todos quantos ensinavam ou encorajavam o povo de Israel a envolver-se na idolatria, o que, naturalmente, incluía os vícios pagãos que acompanhavam esse sistema, como sejam, os excessos da gula, do alcoolismo e da prostituição. (Ver Filo, *Moses* I, 53-55; Josefo, *Antiq.* iv. 6.6 e *Sanedrim* 106a). Balaão não foi um inimigo declarado de Deus. Professava adorar a Deus, mas traiu ao povo antigo de Deus, levando-os a aceitarem idéias e maneiras pagãs, tendo assim tentado destruir o caráter deles como um povo «separado». Os seguidores de Balaão dos tempos cristãos não possuem «integridade de alma». Podem ser indivíduos «religiosos», mas se caracterizam por defeitos vastos e sérios em sua vida espiritual, e terminam por exercer uma influência negativa sobre a maioria das pessoas, ao invés de contribuírem para a piedade.

Por não poder «amaldiçoar» ao povo de Israel, Balaão tentou corrompê-lo, e isso levando seus varões a ter relações sexuais com mulheres moabitãs, assim manchando a separação deles. Assim sendo, produziu a união entre a igreja e o paganismo, exatamente o que sucedia em Pérgamo. O culto do imperador tentava os crentes a transigirem com a idolatria; mas o gnosticismo parece ter sido a principal força que buscava corromper a moral da igreja cristã. Os crentes de Pérgamo deixaram de ser «peregrinos» à face da terra. Acomodaram-se ao paganismo, até mesmo dentro dos limites da igreja. A imoralidade em seus líderes (e, por conseguinte, nos seus discípulos) era aceita como «normal» na ética cristã. Portanto, o evangelho perdeu ali o seu «imperativo moral».

No tocante a «Balaão», nas páginas do N.T., examinam as seguintes notas expositivas: 1. Sobre o «caminho de Balaão», ver II Ped. 2:15. 2. Sobre o «erro de Balaão», ver Jud. 11. 3. Sobre a «doutrina de Balaão», ver o presente versículo. A atitude moral de Balaão na vida se tornou a doutrina oficial, a «ética cristã», em Pérgamo. A imoralidade tornou-se algo desejável, como se tivesse «finalidades boas» no seio da igreja cristã. Em outras palavras, a «mentalidade pagã», no tocante às questões sexuais e outras, tornou-se a mentalidade prática e a doutrina da igreja dali. Os gnósticos julgavam ser aconselhável contaminar o corpo, a fim de degradá-lo, o que ajudaria no sistema mundial, em sua tentativa de destruir a matéria. Tolamente imaginavam que anjos se punham a seu lado, sussurrando em seus ouvidos, procurando conduzi-los a todas as formas de deboche.

«...a armar ciladas diante dos filhos de Israel...» Balaão, literalmente, procurou levar os israelitas a adotarem idéias pagãs, a tomarem esposas pagãs, a se envolverem na idolatria e seus vícios. Espiritualmente falando, eles estavam «caindo». O termo grego aqui usado é «skandalon», «armadilha», ou qualquer coisa que leva alguém a «tropeçar» ou «cair». O ardil de Satanás consistiu do atrativo de mulheres pagãs, dos deleites pervertidos da adoração pagã. Satanás tem suas «tentações», que agem como «armadilhas». Transformam-se então em «vícios», que são extremamente difíceis de extirpar. A mulher licenciosa tem manoplas de ferro. Suas vítimas não conseguem escapar com facilidade. O homem licencioso tem um vício de aço, que oprime o seu cérebro. Não pode ser libertado facilmente, a despeito de todas as boas influências. Esses são «ardis» das influências satânicas. Essas coisas podem cativar até mesmo aos líderes da igreja, tal como sucedeu em Pérgamo e continua a acontecer até hoje. O poder do evangelho, dessa maneira, é anulado.

«...para comerem coisas sacrificadas aos ídolos...» Esse era um dos maiores problemas da igreja neotestamentária. (Quanto a um exame completo sobre a questão, ver as notas expositivas sobre o oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios). O comer de coisas sacrificadas aos ídolos é algo que pode ocorrer em mais de uma maneira. As carnes assim oferecidas podem ser vendidas nos mercados, após terem servido a seus propósitos, nos templos pagãos. O crente pode adquirir dessa carne, sem sabê-lo, ou mesmo sabendo do fato. Para Paulo, essa possibilidade era uma «questão indiferente», enquanto algum irmão mais escrupuloso não fizesse objeção, ofendendo-se porque alguém «comia» dessa carne. Todavia, outros crentes entravam em templos pagãos, convidados por seus vizinhos para alguma festividade, em honra ao deus ou deuses, patronos do templo em questão. Esses raciocinariam como segue: «Um ídolo nada é, pelo que tudo isso não passa de uma fraude; e a carne aqui oferecida à venda é tão boa como qualquer outra». Se um crente assim agisse, sua ação se tornava muito mais questionável. Além disso, Paulo lembrou aos crentes que a adoração pagã na realidade, tem demônios por detrás da mesma. De fato, o ídolo nada é, mas é possível que, através do ídolo, algum poder espiritual negativo real esteja sendo adorado, como um «demônio». (Ver I Cor. 10:20 quanto a essa crença). Era comum a idolatria ser vista no judaísmo como símbolo externo e físico da adoração aos demônios, em que estes recebiam homenagem dos

homens. Se esse é o caso, então nenhum crente tem o direito de entrar em um templo pagão, pois, na realidade, o «ídolo nada é», mas é um meio de entrar em contacto com os poderes malignos. Portanto, honrar a um ídolo, em qualquer sentido, também é honrar ao «poder espiritual por detrás do ídolo». (Ver a progressão da censura neotestamentária ao «comer carnes oferecidas a ídolos». No oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, a questão é «indiferente». Mas I Cor. 10:25 nos fornece boa razão para condenarmos alguns aspectos dessa prática. O trecho de Rom. 14:19,22-25 é mais estrito. E Ato 15:20 é uma proibição total, o que se reitera no presente versículo). A princípio, Paulo mostrou-se tão liberal quanto era possível ser. Mas a experiência mostrou não ser viável, nesse caso, a liberalidade. Portanto, gradualmente Paulo foi «fortalecendo» suas proibições e censuras. Finalmente, a igreja proibiu toda essa prática, provavelmente em todos os seus aspectos. Aquele que entrasse em um templo pagão, a fim de participar de uma festividade, também seria tentado a praticar algo da «prostituição sagrada», dando dinheiro às mulheres que, supostamente, serviam à divindade honrada, dinheiro esse que, subsequentemente, entrava para os cofres do templo pagão. Somos informados que em Corinto, na época do apóstolo dos gentios, havia nada menos de mil «prostitutas sagradas», envolvidas nesse nojento negócio.

«...e praticarem a prostituição...» Tradicionalmente, a idolatria sempre esteve vinculada à prostituição. Havia «prostitutas sagradas», conforme foi descrito acima. Alguns deuses e deusas eram adorados, desavergonhadamente, em meio a orgias sexuais desenfreadas. Em I Cor. 6:9 podemos notar a lista dos vícios, em que se lê sobre os «fornicários» e «ídolâtras», nessa ordem. Várias listas de vícios do N.T. apresentam esses dois pecados, embora não necessariamente juntos. (Ver Apo. 22:15). (Ver também I Cor. 5:13 quanto ao uso de «listas de vícios», no N.T., como um esquema didático, nas notas expositivas ali existentes).

**A festividade deleitosa.** Várias referências, nos escritos clássicos, mostram que as festas idólatras, nos templos pagãos, faziam parte importante da vida social dos antigos gregos e romanos. *Tuclídides* (ii.38) mostra que tais festas (que envolviam sacrifícios), faziam parte dos entretenimentos populares. Suetônio (*Cláudio*, 33) relata como Cláudio, o imperador romano, estando certo dia no fórum, ao sentir o aroma delicioso de uma festa, que estava em preparativos no templo de Marte, deixou o tribunal e tomou lugar à mesa, ao lado dos sacerdotes, a fim de regalar-se. É claro que os crentes, muitos dos quais tinham sido criados entre tais eventos sociais, que envolviam festividades e sacrifícios, com facilidade continuariam tais práticas, embora não mais sentissem que estavam homenageando a qualquer divindade pagã. Isso fazia parte da estrutura social da época, bem como da vida social. Aqueles que punham ponto final a todas as suas relações com os templos, não se separavam apenas religiosamente, mas até mesmo socialmente.

Em tempos de perseguição, a questão ainda se tornava mais aguda. Provar os vinhos das libações oferecidas aos deuses pagãos, ou comer das carnes a eles oferecidas, eram considerados atos de homenagem a tais divindades, em cujos templos essas festividades tinham lugar. Ao mesmo tempo, tal ação indicaria que o indivíduo renunciava ao cristianismo.

#### Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. «Satanás, ao fracassar na sua tentativa de derrubar à igreja mediante a perseguição, nos dias de Esmirna, agora procurava enganar a igreja de Pérgamo, arrastando-a à idolatria e à fornicação». (Newell, *in loc.*)
2. O «caminho de Balaão» refere-se à pregação e à predição feitas em troca de dinheiro ou vantagem, como se o evangelho fosse um «meio de vida». Isso também invade a igreja da época, mas a «doutrina de Balaão» se refere antes à «lassidão e perda da posição de separação». (DeHaan, *in loc.*)
3. «As descrições históricas do lugar (Pérgamo) e das pessoas, apresentam-se-nos como epicuristas em sua filosofia, ninho de todas as sortes de sensualidade dourada e de vícios convencionalizados». Mostravam-se eles especialmente intolerantes para com o ensino e o testemunho cristãos, dentre todas as cidades pagãs daquela época». (Seiss, *in loc.*)

*Na loja do diabo todas as coisas se vendem,  
Cada grama de escória custa um quilo de ouro;  
Por uma capa e sinetes pagamos com a vida,  
Adquirimos bolhas com a tarefa inteira da alma.*  
(James Russell Lowell)

4. «Os seguidores de Balaão, os nicolaítas e os gnósticos, provavelmente eram todos da mesma categoria de pessoas». (Adam Clarke, *in loc.*)
5. Os estudantes de Balaão, de acordo com *Pirke Aboth* (v.19, o Talmud), tinham as seguintes características: a. olho mau (malícia); b. espírito orgulhoso (egoísmo); c. alma sensual (imoralidades).
6. As mulheres moabitãs levaram os homens israelitas, primariamente, a relações sexuais ilícitas, e em seguida a homenagearem aos deuses pagãos, isto é, à idolatria.
7. «O pequeno bolo de fermento pode levar a massa inteira, e aqueles que tinham sido corajosos até à morte, quando foram perseguidos, tinham-se mostrado menos imunes às influências sedutoras». (Carpenter, *in loc.*)
8. Em Éfeso não eram tolerados os homens maus; em Pérgamo, os homens maus tinham até assumido posições de liderança na igreja. Contraste Apo. 2:2 com Apo. 2:14,15.
9. O fiel Antipas recebeu da parte de Jesus um título que pertence ao próprio Senhor. (Ver Apo. 1:6 e 3:14). Essa circunstância pode ser comparada a que afirma o presente versículo. Alguns indivíduos preferem os deleites das associações pagãs à aprovação da parte do Senhor.
10. «Observemos. As imundícias do espírito e da carne, com freqüência andam juntas. As doutrinas corruptas e a adoração corrompida com freqüência conduzem à corrupção das maneiras. Cada doutrina faz o seu próprio ninho». (Matthew Henry, *in loc.*)

15 οὕτως ἔχεις καὶ σὺ κρατοῦντας τὴν διδαχὴν [τῶν] Νικολαϊτῶν ὁμοίως.

15 ὁμοίως. RAC 046 8a al latt 87; R] : δ (ἔν 2028 pc) μωυ 1 al ε: om. o μωυ P 2059a al: em co

2:15: Assim tem também alguns que de igual modo seguem a doutrina dos nicolaitas.

(Quanto a notas expositivas sobre a «seita dos nicolaitas», ver Apo. 2:6). Os crentes efésios abominavam às «ações» dos nicolaitas, não permitindo que a lassidão moral penetrasse na igreja, não aprovando os líderes cujas vidas morais fossem corruptas, de acordo com os padrões pagãos. Em contraste com isso, a igreja em Pérgamo não somente aceitava em sua comunhão tais elementos, mas até permitiam que se tornassem líderes influentes. Os nicolaitas (que provavelmente eram uma seita gnóstica), faziam da «imoralidade» parte integrante da ética cristã, argumentando que o corpo é uma questão indiferente, podendo os homens abusar do mesmo, a fim de que pudessem ajudar ao sistema mundial na sua tentativa de destruir a matéria, como se isso em nada prejudicasse à alma. O fato que a imoralidade era permitida e até mesmo encorajada na igreja, era a «doutrina» dos nicolaitas, o que, talvez até mesmo em Éfeso, se refletia na forma de «ações», embora isso não fosse reputado ensinamento oficial. A situação é a mesma refletida em II Tim. 3:6, onde se vê certos líderes da igreja, talvez durante o ato das «visitas», a seduzirem mulheres «tolas» e lassas da igreja, para praticarem atos imorais. As mulheres se permitia, e até se encorajavam, viverem «carregadas de pecados» e «conduzidas por diversas paixões». Certos elementos gnósticos, que tinham obtido posições de liderança na igreja, faziam isso tornar-se possível e mesmo desejável, ansiando tirar proveito dessas mulheres inclinadas aos vícios. Na verdade, eram pagãos que fingiam ser crentes. O seu evangelho era «destituído de moral», o que o tornava falso, já que o verdadeiro evangelho envolve forte exigência moral. Isso é tão claro, no N.T., que ali se ensina que não pode haver salvação sem santificação (ver II Tes. 2:13 e Rom. 6:22). Cumpre-nos ser salvos «para fora do pecado», e não «dentro do pecado». É impossível alguém ser salvo «no pecado». A igreja cristã continua afetada pela mentalidade gnóstica, naquilo que se chama de *crença fácil*. O evangelho precisa transformar-nos moralmente, ou não terá tido efeito. Mas muitos têm sido transformados por ele, o que prova que possui poder transformador. O fato que o evangelho não tem podido transformar a certos, que professam tê-lo aceito, serve somente de prova das teimosas forças do paganismo, no seio da igreja.

No sexto versículo deste capítulo, os seguidores de Balaão e os nicolaitas parecem ter sido classificados numa única categoria. Isso pode ter surgido de uma etimologia popular, derivada do hebraico (por detrás do grego, porquanto o autor sagrado pensava naquele idioma, e não neste último). O primeiro desses vocábulos talvez envolvesse a idéia de «consumidor do povo», e o outro, «destruidor do povo», ainda que o grego não indique tal coisa. Seja como for, é quase certo que estamos aqui tratando do

16 μετανόησον οὖν· εἰ δὲ μή, ἔρχομαι σοι ταχύ, καὶ πολεμήσω μετ' αὐτῶν ἐν τῇ ρομφαίᾳ τοῦ στόματός μου. 16 ἔρχομαι σοι ταχύ R 8:11; 23:7, 12, 20 τῇ... μου L 49:2, R 1:12; 2:16; 19:5

O Textus Receptus, seguindo & P 1 2053 vg sir (h) al, omite οὖν. A maioria da comissão preferiu a forma com οὖν, apoiada que é por A C 046 1006 1611 1854 sir (ph) cop (sa,bo), e explicou sua ausência em outros testemunhos como algo devido ou a descuido de cópia (após -σον) ou porque se entendeu μετανόησον como o ὁμοίως antecedente.

2:16: Arrepende-te, pelo; ou se não virar a ti em brava, a contra eles batalharei com a espada da minha boca.

«...arrepende-te...» A chamada ao arrependimento figura em cinco dentre as sete cartas do Apocalipse. (Ver Apo. 2:5, 16, 21 e 3:3, 19). (Ver as notas expositivas completas sobre o «arrependimento», em Ato 2:38, e notas adicionais em Apo. 2:5). O arrependimento não consiste de mera mudança intelectual, de nova resolução, do esforço humano no sentido do aprimoramento moral. Apesar do próprio termo grego significar apenas «mudança de mente», o uso do conceito, nas páginas do N.T., indica a «mudança de alma», isto é, a conversão, mediante o poder transformador do Espírito Santo. O arrependimento, juntamente com a fé, faz parte da «conversão», segundo se vê em Ato 20:21. A conversão (comentada em João 3:3) é a operação do Espírito Santo sobre a alma, que a modifica, que a leva a abandonar o pecado, dando início à sua transformação moral e metafísica, segundo a imagem de Cristo. Isso quer dizer que o Filho de Deus vai sendo literalmente duplicado nos filhos de Deus, tanto no que tange às qualidades morais, como no que respeita à «espécie de vida» e «natureza essencial». (Ver Rom. 8:29). Isso começa quando se «escapa da corrupção que há no mundo», mediante o arrependimento. Então é que podemos ir sendo gradualmente «cheios de toda a plenitude de Deus», assumindo sua forma de vida (ver João 5:25, 26 e 6:57) e os seus atributos. A perfeição é o grande alvo. Porém, visto que somente Deus é absoluta e infinitamente perfeito, assim também a nossa busca de perfeição será eterna. Há uma infinitude com que seremos cheios; pelo que também haverá um enchimento infinito. Por conseguinte, o Pai difere dos filhos não quanto à «espécie» de vida, mas tão-somente quanto à «extensão» da participação, em sua potencialidade. Sem dúvida há grande diferença entre Einstein e um idiota; mas ambos, em tudo, participam do que pode ser a «natureza humana».

Notemos, uma vez mais, o «imperativo moral» do evangelho. Não poderá haver salvação, sob hipótese nenhuma, sem a transformação moral que tem início no arrependimento (ver II Tes. 2:13). Ninguém pode salientar com exagero essa grande verdade. O evangelho deve transformar-nos moralmente, pois, do contrário, terá sido inadequadamente aplicado. Precisamos «ser» aquilo que professamos ser. A «confissão» cristã deve ser efetuada com a vida inteira, e não um mero ato de reconhecimento, por parte da igreja local, de que aceitamos a Cristo como Salvador. Tal ato e reconhecimento serão destituídos de qualquer valor, se, subseqüentemente, o Espírito Santo não for duplicando em nós o Cristo, o que é o alvo mesmo do evangelho (ver II Cor. 3:18).

gnosticismo, embora duas seitas diferentes possam estar em foco.

\*\*\*

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. Não é denunciado aqui o mero mundanismo. A imoralidade pagã conseguira invadir fortemente a igreja. Tentava transformar a igreja em um completo templo pagão, com suas prostitutas e seus exploradores do sexo.

2. Uma igreja pode ser «ortodoxa» quanto às suas doutrinas, e, no entanto, ter a natureza imoral da Pérgamo. As posesas dessa natureza são «heresias morais», embora não sejam heresias doutrinárias.

3. «Adultério, fornicação e toda a sorte de licenciosidade carnal, para eles, não era pecado, pois afirmavam que a morte do corpo libertaria a alma de toda a condenação. Não apenas pluralidade de esposas, mas também comunidade de esposas, fazia parte do sistema deles. O comer das coisas oferecidas aos ídolos e a participação nas festividades e orgias pagãs, não eram práticas errôneas a seus olhos. Também não hesitavam em introduzir ritos pagãos na adoração cristã». (Seles, in loc.).

4. «Por isso, retira-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso» (II Cor. 6:17, 18).

5. A interpretação que diz que os nicolaitas representam o «claro» (idéia derivada de um sentido possível do termo, e não da história eclesiástica), certamente está em erro. Apesar da base que temos para dizer que eles eram uma seita «gnóstica» não ser esmagadora, pelo menos é convincente, e com a mesma concordância a maioria dos eruditos. Devemos pensar que os nicolaitas são os seguidores de Balaão, no N.T. Essa é a conexão que se acha nos versículos sexto, décimo quarto e décimo quinto deste capítulo. Balaão procurou corromper moralmente ao povo de Israel. Os seus modernos paralelos, os nicolaitas, faziam a mesma coisa com a igreja do N.T. A fanática «Jazabel», do vigésimo versículo, é apenas outra manifestação da mesma heresia gnóstica. (Ver Col. 2:18 quanto a notas expositivas completas sobre o gnosticismo).

6. A interpretação que pensa que os nicolaitas eram os mais liberais «cristãos paulinos», os quais não faziam da lei a regra de sua vida, é absurda. Naturalmente, é verdade que os gnósticos tiravam vantagem do ensino paulino sobre as questões «indiferentes» (conforme se vê no décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos, e no oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios), como se tudo fosse questão indiferente, não limitando esse ensinamento a carnes, bebidas e festas religiosas.

7. O sincretismo radical, a mescla do paganismo com o cristianismo, se fosse livremente permitido, teria significado o fim do cristianismo. Existem muitos crentes professos que são «não-cristãos», devido a essa forma de lassidão.

Variante Textual: Alguns manuscritos (P 1 e alguns poucos manuscritos minúsculos) adicionam, ao fim deste versículo, as palavras «que eu odeio» (sob variadas formas). Os mss Aleph, AC, 046, a Vg, o Si, entretanto, omitem essas palavras, que são um empréstimo óbvio do sexto versículo, onde são autênticas.

«...se não, venha a ti, sem demora...» É possível que esteja aqui em foco a «parousia» ou segundo advento de Cristo, porquanto isso imporá juízo contra crentes e incrédulos, igualmente. Porém, o mais provável é que haja aqui alusão a uma intervenção histórica de Jesus, nos negócios daquela igreja, e não a sua intervenção escatológica, que envolverá a todos os homens. (Quanto a notas expositivas acerca da «parousia», ver I Tes. 4:15).

Em Pirke Aboth 5:22 (Talmude), vemos que os seguidores de Balaão estariam destinados a herdar a *geena*. Os seguidores de Balaão e os nicolaitas, ambos da igreja cristã, foram advertidos que, se não se arrependessem, seriam julgados por Cristo. Isso pode vir de modo pessoal e histórico, ou poderá ocorrer quando do julgamento eterno. É bem provável que o vidente João tenha incluído ambas essas idéias, em sua advertência. (Ver as notas expositivas sobre a «ira de Deus», em Col. 3:6; ver sobre o «julgamento», em Apo. 14:11).

«...contra eles...» Mui provavelmente essas palavras apontam para a própria seita dos gnósticos, dentro das fileiras cristãs, mas distintas destas, pois formavam um elemento espúrio. E a igreja inteira de Pérgamo teria de arrepender-se, já que se mostrara tolerante para com um tão grande mal, deixando-se macular pelo mesmo. Porém, aqueles que tinham introduzido tal maldade na igreja eram justamente aqueles que teriam de enfrentar o julgamento da terrível e coriscante espada do Senhor Jesus.

«...pelejarei com a espada da minha boca...» Já pudemos ler acerca dessa espada em dois lugares. (Ver Apo. 1:16 e 2:12). Notemos que essa espada faz parte da «descrição» do Senhor, no tocante à igreja em Pérgamo. Portanto, sobretudo acima daqueles crentes pairava um terrível julgamento. Apesar dos perversos mestres gnósticos serem os mais diretamente ameaçados, o certo é que a igreja inteira sofreria, uma vez que a espada do Senhor começasse a extrair o câncer.

O julgamento. Esse juízo pode assumir a forma de uma enfermidade física, de uma praga ou de ocorrências naturais destrutivas (comparar com I Cor. 5:4, 5 e 11:30). Ou o estado romano poderia ser usado para «purificar» a igreja local; ou indivíduos culpados haveriam de encontrar desastres pessoais; ou haveria um juízo direto, infligido pelo Espírito de Deus, talvez na forma de enfermidade, morte, infortúnio, etc. O juízo eterno está em foco, embora isso não esteja na mira do autor sagrado. Podemos lembrar que Balaão morreu à espada (ver Núm. 31:8). Mui apropriadamente, neste ponto, os seguidores neotestamentários de Balaão são ameaçados com a espada do Senhor.

Dessa maneira, a igreja é advertida a não mostrar-se frouxa quanto às questões morais, não tolerando aqueles que promovem imoralidades na

igreja, franca ou secretamente. «A lassidão fraca é uma falsa gentileza, segundo subentende o profeta; meramente expõe os ofensores a uma disciplina muito mais temível. A espada... é usada para punir os desertores, bem como para conquistar a vitória para os fiéis». (Moffatt, *in loc.*).

Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

1. Notemos que, em Apo. 19:16, essa «espada» é o juízo divino, quando da *parousia* ou segundo advento de Cristo, a intervenção de Deus na história humana. Deus também faz intervenção nas vidas dos indivíduos que fazem parte das igrejas locais.

2. É algo muito sério e horrendo «lutar» contra Deus, enfrentando a espada do Senhor. A passagem de Gál. 6:7,8 mostra-nos que há uma lei universal de colheita segundo a sementeira; e ninguém poderá escapar ao juízo pelas suas más ações, do mesmo modo que as boas ações não podem deixar de ser galardoadas. É vão imaginar que o crente não terá de *defrontar-se consigo mesmo*, quando do julgamento. II Cor. 5:10 é trecho que mostra que o crente receberá o que tiver praticado por meio do «corpo», de bom ou de mau. Muitas pregações têm olvidado essa claríssima declaração, não havendo lugar para ela na «teologia sistemática» de muitos crentes.

17 ὁ ἔχων οὖς ἀκουσάτω τί τὸ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις.<sup>4</sup> τῷ νικῶντι δώσω αὐτῷ τοῦ μάννα τοῦ κεκρυμμένου, καὶ δώσω αὐτῷ ψῆφον λευκὴν καὶ ἐπὶ τὴν ψῆφον ὄνομα καινὸν γεγραμμένον ὃ οὐδεὶς οἶδεν εἰ μὴ ὁ λαμβάνων.

<sup>4</sup> 17 d major: WH Rev Nst BP<sup>1</sup> RV ASV RSV TT // d minor: TR AV Zür Jer // d exclamation: NEB Luth Reg

17 τοῦ μάννα τοῦ κεκρυμμένου P<sup>1</sup> 75.24 ὄνομα καινόν Is 62.2; 65.15; R<sup>1</sup> 3.12

17 αυτω 1<sup>o</sup> add φαιειν P I 2059a pm g t y<sup>1</sup>

ς | του μαννα AC pm; R] το μ. 046 2329: εκ του μ. R 2026 pc co: απο του μ. I 2036 al c: απο του ξυλου P

2:17: Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. As que vencer a esta hora, e a esta hora uma pedra branca, a sua pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe.

«...Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas...» Essa expressão é amplamente comentada em Apo. 2:7. Ocorre em todas as sete cartas do Apocalipse. Além de ser uma solene ordem, para que se dê ouvidos ao que se dizia, para que os homens ajam segundo lhes é ordenado, assegura-nos que é o Espírito de Deus quem transmite a mensagem. Por conseguinte, não há alternativa. Trata-se de um «imperativo»; e recuar do mesmo leva o indivíduo a sofrer as consequências de seu ato. Podemos dar ouvidos ou não às ordens dos homens, dependendo de quanto controle ou autoridade exercem sobre nós. Mas as ordens de Deus não estão sujeitas à «obediência opcional».

«...Ao vencedor...» (Ver as notas expositivas a esse respeito em Apo. 2:7, com comentários adicionais em Apo. 2:11). Trata-se de um elemento comum em todas as cartas do Apocalipse. (Ver Apo. 2:26 e 3:5, 12, 21). Dá a entender aquele que tem a capacidade espiritual de «praticar» o que lhe foi ordenado. No grego, era um termo militar. Somos retratados como quem está empenhado em um «conflito espiritual armado». (Ver Efê. 6:11 e ss. quanto a um desenvolvimento neotestamentário mais completo sobre essa metáfora).

«...dar-lhe-ei do maná escondido...» Lembremo-nos que os israelitas se alimentaram de maná, após terem sido libertados do Egito. Para o crente, ser libertado dos vícios gnósticos e participar da vida que há em Cristo, também significa o sustento da alma, pelo ato direto de Deus. Em II Baruque 29:8 temos a promessa de que, nos dias do Messias, descerá novamente o maná dos céus, para servir de alimento dos justos. Isso pode ser comparado ao conceito neotestamentário em que Jesus é apresentado como o «pão da vida», o que é amplamente comentado em João 6:48. Esse «pão não serve apenas para sustento e alimento, mas também faz-nos participar do mesmo tipo de vida que tem aquele que o confere.

«...escondido...» Os gnósticos ofereciam «vantagens abertas», mediante suas práticas imorais, seus prazeres e a satisfação da parte carnal do homem. Cristo oferece-nos aquilo que está oculto para a maioria dos homens, que só pode ser mediado misticamente; em outras palavras, a sua própria natureza, mediante a alimentação espiritual. O fato que o maná é «escondido» pode ser uma alusão ao vaso de maná que era conservado dentro da arca, no santuário. (Ver Êxo. 16:32-34, e comparar com Heb. 9:4). Apesar do maná guardado na arca não servir de alimento, e, sim, de «memorial» da provisão divina, contudo, o fato que estava «escondido» segundo se lê aqui, talvez se derive daquela circunstância vetotestamentária. Consideremos ainda os pontos seguintes:

1. Cristo é o pão (ver João 6:48).
2. Cristo nos oferece sustento espiritual, mas também a transubstanciação mística. Em outras palavras, ele compartilha conosco de sua própria natureza.
3. Sua provisão não será evidente, exceto para aqueles que a desejarem profundamente e a buscarem.
4. «O vimos a Cristo como ele é, e, através dessa visão beatífica, sermos feitos como ele é, equivale ao comer do maná escondido, o qual, por assim dizer, será tirado para fora do santuário, o santo dos santos da presença imediata de Deus, onde ficou retirado por tão longo tempo, a fim de todos dele poderem participar; a glória de Cristo, atualmente velada e oculta, então será revelada a seu povo». (Trench, *in loc.*).
5. Essa é a verdadeira «vida eterna», participação na própria modalidade da vida de Deus, através do Filho (ver João 5:25, 26 e 6:57).
6. É a eterna provisão de Deus que satisfaz às necessidades humanas todas, cumprindo o ideal do destino humano, porquanto fomos criados para participar da imagem e da natureza de Deus.
7. Essa provisão eterna é contrastada com a superficial satisfação de «comer coisas oferecidas a ídolos» (ver o décimo quarto versículo), e com o atirar-se aos prazeres carniais. Trata-se da negação ao que é mundano, sensual e diabólico, coisas indignas da atenção humana.

3. Consideremos o terror do «ribombar eterno dos trovões provenientes do trono». (Renan).

4. «...ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o perverso» (Isa. 11:4).

5. Este versículo ensina-nos a detestar, e não a tolerar o mal. Isso é bom para nós, e também para aqueles que nos conhecem. Não é demonstração de gentileza permitir que um câncer continue a crescer assustadoramente em nós ou em outros que precisam de ajuda na sua vida moral.

**Variante Textual:** As palavras *arrepende-te, pois*, fazem parte das mss AC, 046 1006 1811 1854, do Siph<sup>1</sup>, do Copta, boj. Mas o simples *arrepende-te* é a forma que se vê nos mss Aleph, P I 2063, na Vg e no Siph<sup>1</sup>. Não há maneira de determinar a forma correta. A palavra traduzida por «pois» (no grego, *oun*), poderia ter sido omitida por acidente, pois o «som» do fim da palavra anterior, «arrepende-te», no grego, «metanoeson», poderia ter levado os olhos dos escribas a saltar por cima das seguintes letras similares. Mas é igualmente possível que a palavra «pois» tenha sido adicionada somente para melhorar o estilo.

**Dependência do autor sagrado ao A.T.** Notemos como o vidente João extrai os seus símbolos do A.T.: Balaão (ver Apo. 2:14); Jezabel (ver Apo. 2:20); Miguel (ver Apo. 12:7); Abaddon (ver Apo. 9:11); Jerusalém, Monte Sião, Babilônia, Eufrates, Sodoma e Egito (ver Apo. 21:2; 14:1; 16:19; 9:14 e 11:8); Gogue e Magogue (ver Apo. 20:8); os céus como tabernáculo de Deus (ver Apo. 11:1, 19; 6:9; 8:3; 11:19 e 4:6); o filho de Moisés (ver Apo. 15:3); as pragas do Egito (ver o oitavo capítulo do livro de Apocalipse), e muitas outras coisas. Naturalmente, ele tinha muitas outras fontes informativas para consultar. (Quanto a um completo estudo sobre a «dependência literária» do autor sagrado, ver a seção IV da introdução a este livro).

**Em Col. 3:3 vê-se que os crentes estão «escondidos».**

Os escritos rabínicos falavam da «restauração» do vaso de maná, por parte do Messias. Estará «escondido» e «desconhecido», enquanto não for restaurado. Naturalmente, devemos compreender isso de modo espiritual, embora alguns tomem as coisas literalmente. Mas não temos qualquer necessidade daquele vaso ou seu maná, desde que Cristo veio e trouxe a realidade espiritual, da qual aquilo era apenas o símbolo. (Ver Apocalipse de Baruque xxix.8 e xxi:2 quanto ao conceito da «restauração» do vaso de maná. Ver João 6:31 quanto a notas expositivas acerca do que se sabe e se tem especulado quanto ao «maná» original).

**Variante Textual:** As palavras «...dar-lhe-ei a comer...» fazem parte do texto dos mss P, 1 e de alguns poucos manuscritos latinos. Trata-se de um natural adorno escrital. Os manuscritos unciais omitem a palavra «comer», a saber, Aleph, AC, 046 e a maioria dos manuscritos latinos, o Cop, o Eti e os escritos de vários dos pais da igreja.

**Caráter impar de cada indivíduo, agora e para sempre:**

«...pedrinha branca...» Já que há alguma forma de obscura referência, nestas palavras, os intérpretes não concordam com o seu sentido. Abaixo expomos as idéias principais:

1. Alguns pensam haver alusão ao diamante dentro do peitoral do sumo sacerdote, no qual estava gravado o nome intransmissível de *Yahweh*. Até hoje, os judeus piedosos não proferem esse nome, mas substituem-no por outro. Daí é que surgiu «Jeová», como corrupção do nome inefável, mediante a combinação das consoantes de «Yahweh» com as vogais de «Adonai». Muitos judeus piedosos também não pronunciam «Elohim», mas o corrompem para algo diferente, como «Elokim», para não se tornarem culpados de usar o nome de Deus injusta, profana e desnecessariamente. O diamante evidentemente era usado como ajuda para entrar em transe, em qual estado eram dadas revelações e profecias. Isso se faria mediante a concentração da atenção sobre a pedra, talvez para provocar um estado de auto-hipnose ou outro estado de transe. A concentração, naturalmente, seria sobre o nome «Yahweh», por ser esse o nome gravado na pedra. Alguns intérpretes supõem que em tudo isso está envolvido o Urim e o Tumim. (Ver Êxo. 28:30 e Lev. 8:8). Supõe-se que eram «gemas», talvez diamantes.

Se o diamante de predições está em foco, então sem dúvida o nome aqui aludido seria o de Cristo, o qual é nosso Senhor e Deus, mediante quem a vontade de Deus nos é revelada. Nesse caso, isso significaria que todo o «vencedor» receberá uma revelação especial de Cristo, que o transforma e o torna uma pessoa sem-igual, para realização da vontade de Deus. Uma vez que Cristo se fizer conhecido dele, de maneira especial, tornar-se-á tal crente um instrumento impar para glória do Senhor Jesus.

2. Outros intérpretes pensam que a alusão é a alguma espécie de filactéria, uma forma de caixinha, usada pelos judeus piedosos, segura à testa, onde havia escritos orações e votos, ou partes da lei mosaica. Nesse caso, a caixinha continha ou um novo nome do crente, assinalando sua natureza impar, ou então continha um novo nome de Cristo, em que haveria uma nova revelação dada a cada crente, tornando-o um indivíduo sem-par. (Ver Mat. 23:5, em suas notas expositivas, sobre as «filactérias»). Essa interpretação, naturalmente, é muito duvidosa, pois as filactérias de modo algum eram pedras.

3. Outros pensam estar aqui em foco o amuleto da boa sorte (com uma aplicação cristã). Os crentes, todos eles mártires em potencial, precisam da proteção de Cristo. Portanto, ter-lhes-ia sido dado um amuleto, com seu



nome de proteção gravado, assegurando-lhe a bênção e a imortalidade no mundo vindouro. Isso é possível; mas não há como confirmar sua veracidade, além de qualquer dúvida.

4. Nos tempos antigos, os juízes, ao lançarem seus votos, davam um pedregulho preto a quem era julgado, se o reputavam culpado; ou davam-lhe um pedregulho branco, se o reputavam inocente. (Ver Ovídio, *Metam.* lib. xv., vs. 41, acerca desse costume). Se essa é a referência, então ao crente é prometido um completo perdão, que lhe dará o direito de entrar nas glórias celestes. Porém, é difícil perceber por que haveria aquela pedra de ter um novo «nome» gravado, se tudo quanto está envolvido no simbolismo é a declaração de culpa ou de inocência.

5. O simbolismo pode envolver os jogos públicos, em que os vencedores recebiam uma pedra branca, com seus nomes gravados na mesma, como símbolo da glória da vitória obtida. Isso concorda com a idéia do galardão dado ao «vencedor». A pedrinha branca, pois, simbolizaria a obtenção da vitória, a vida eterna em sua glória ou «prêmio» da corrida (ver Fil. 3:10 e ss.). (Quanto a certa alusão a isso, na literatura clássica, ver Píndaro, *Olymp.* vii.159). Os romanos chamavam essas pedras «tesserae». Algumas dessas pedras eram dadas a pessoas especialmente notáveis, as quais, daí por diante, tinham o direito ao sustento público vitaliciamente. As «tesserae» eram de vários tipos. Por exemplo, algumas delas eram sinais de amizade ou compromissos de favor. Algumas dessas pedrinhas tinham tal valor que eram preservadas e passadas de pai para filho; em alguns casos, agiam quase como «cartões de crédito». Não eram feitas apenas de rocha, mas de muitos materiais, como madeira, osso ou marfim. Tais objetos traziam os nomes das pessoas a quem eram dadas; e, se porventura isso é o que está em foco aqui, então o «novo nome» não é o de Cristo, e, sim, o nome do próprio «vencedor». Nesse caso, seu caráter «ímpar» é ilustrado pelo fato que tem um nome que fala de seu ser «glorificado» e de suas capacidades especiais de dar glória a seu Senhor.

6. *A pedra de amizade*: Dois amigos poderiam, como sinal de amizade, partir uma pedra pelo meio, e cada um ficava com a metade. Ao se encontrarem, a pedra era refeita, e a amizade continuaria. Apesar de ser essa uma idéia interessante, podendo ser usada para falar sobre a nossa «amizade» com Cristo, e sobre como o nosso encontro com ele aprofundará tal amizade, não há como confirmar que essa é a alusão, neste ponto, do mesmo modo como não temos meio de asseverar com confiança qual o exato símbolo que o vidente João tinha em mente.

«...branca...» Talvez não por ser de cor «branca», mas por «rebrilhar», como se fosse um diamante coruscante. O branco pode simbolizar a pureza, a bondade, etc.; mas, tal como no caso da natureza da própria pedra, não podemos afirmar com certeza coisa alguma sobre sua cor «branca», como se isso tivesse alguma significação especial.

«...novo nome...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Seria o nome de Deus, o nome inefável, que seria transmitido à pessoa, conferindo-lhe bênçãos divinas eternas, a vida eterna e tudo quanto nela está envolvido. 2. Mas outros preferem imaginar o nome de Cristo, com o sentido de uma revelação especial de sua pessoa para cada vencedor, o que equivale a uma visão transformadora que tem o efeito de fazer de cada qual um ser sem paralelo, podendo ser usado de maneira ímpar como instrumento da graça de Deus, por toda a eternidade. (Ver Apo. 3:12). 3. Ou esse nome seria do

#### IV. Cartas às Sete Igrejas (Coisas que são — Apo. 2-3)

##### 4. A Tiatira (2:18-29).

Historicamente, houve uma igreja em Tiatira, com as condições aqui descritas. Em qualquer época, em alguma situação local, existem tais condições, pelo que essa carta também tem uma mensagem «universal», de importância perene. Portanto, ela envolve «símbolos» e lições espirituais que são aplicáveis a qualquer época. Profeticamente, pensa-se que Tiatira representa a Idade das Trevas, de 500 a 1500 d.C., durante a qual triunfaram as posições de Balaão e dos nicolaitas. (Ver Apo. 2:6,14,15 quanto a notas expositivas sobre essas seitas e sua maléfica influência sobre a igreja. Ver Apo. 1:4 quanto ao «significado» e simbolismo das «sete igrejas» do Apocalipse. O vidente João escolheu um «círculo» de cidades, para as quais escreveu. Começando por Éfeso, e seguindo os locais mencionados, até voltar a Éfeso, consegue-se um círculo geográfico, embora mal traçado. Portanto, naquelas igrejas está refletida a igreja cristã de todos os séculos, pelo que tais cartas jamais poderão perder a sua aplicação.

A carta à igreja de Tiatira é, ao mesmo tempo, a mais longa e a que mais fortemente reflete uma condição de total corrupção. Há um único versículo que «elogia» o que havia de bom ali; mas há cinco versículos que descrevem seus males e trazem advertências necessariamente severas. (Ver Apo. 2:20-23,27). A carta mostra-nos que a igreja pode decair a um nível baixíssimo, e, apesar disso, ser chamada uma igreja. Mostra o triunfo do paganismo na igreja, especialmente no tocante aos seus padrões morais, no tocante aos costumes sexuais, que vieram a ser tolerados no cristianismo, e que dominaram até mesmo os líderes da igreja.

18 Καὶ τῷ ἀγγέλῳ τῆς ἐν Θυατίροις ἐκκλησίας γράψον· Τάδε λέγει ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, ὁ ἔχων τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ ὡς φλόγα πυρός, καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὅμοιοι χαλκολιβάνῳ·

18 τοῦ...χαλκολιβάνῳ Do 10:6; Rē 1:14-18; 19:12

em A 2059 pc g vg sy<sup>ph</sup> Prim | φλογα | φλοξ N 2060 pc Prim

2:18: Ao anjo da igreja em Tiatira escreve:

leste diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chamas de fogo, e os pés semelhantes a latão reluzente:

«...Ao anjo...» Essas palavras não aludem ao bispo ou principal pastor daquela área da igreja. Antes, está em foco seu guardião ou guia angelical, que era um poder espiritual por detrás da liderança da igreja. A doutrina dos anjos, dentro do judaísmo helenista, falava sobre anjos guias e guardiões de indivíduos, de famílias, de comunidades e de nações. Os «sete anjos» são identificados às «sete estrelas» em Apo. 1:20. O trecho de Apo. 1:16 menciona, pela primeira vez, as «sete estrelas». O exame daqueles dois versículos, juntamente com o trecho de Apo. 2:1 (onde Cristo, o Senhor, se

«recebedor» da pedrinha, aludindo a seu novo e ímpar caráter, para uso e glória de Deus por toda a eternidade. As várias alusões possíveis da «pedrinha branca», conforme acabamos de ver, poderiam indicar qualquer dessas três idéias. Vários intérpretes têm decidido de um modo ou de outro, mas sem que se possa ter qualquer certeza. A maioria dos estudiosos prefere pensar no próprio nome de Cristo, dando a entender que Cristo se revelará a cada crente de modo especial, tornando-o sem-igual. Seja como for, a grandeza do crente individual é um princípio ensinado por todo o N.T. (Comparar com Marc. 8:35-37).

«...o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe...» «Queres saber que tipo de novo nome obterás? Torna-te vencedor! Antes disso, indagarás em vão, mas, imediatamente depois poderás lê-lo inscrito sobre a pedrinha branca». (Bengel, *in loc.*).

«A glória secreta da vida individual. Quando o cristianismo é interpretado como uma experiência coletiva, é fácil esquecer a sua significação, como uma experiência individual. Quando pensamos na vitória cristã, nas relações sociais, podemos olvidar sua profunda e poderosa vitória na vida individual. A passagem clássica do N.T., acerca do indivíduo, é a promessa da «pedrinha branca, com um novo nome escrito, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe». Cada crente vitorioso haverá de entrar em um segredo eterno com Deus. Há uma cidadela central, em cada personalidade, da qual somente Deus partilha. Deus limpa completamente a vida de um homem. Por isso, a pedra que ele lhe dá é uma pedrinha branca. O «novo nome» representa a personalidade individual, obtida exclusivamente mediante a graça de Cristo. Ele é um novo homem; mas não é novo homem apenas como qualquer outro homem novo. Eternamente, será algo individual e diferente, eternamente valorizado por Deus. Naturalmente, não se pode ilustrar um segredo guardado. Mas um escrito como aquele grande livro «Devoções Particulares de Lancelot Andrewes», sugere o que aqui se entende. Andrewes foi um grande personagem tribunício; teve notável amizade com eruditos. Mas sua vida mais profunda era vivida sozinha com Deus» (Hough, *in loc.*).

Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:

1. O maná tem sido variegadamente interpretado, como se fora a Ceia do Senhor, refrigérios espirituais, a justificação, etc. Mas o próprio Cristo certamente é o maná escondido, conforme a interpretação acima indica claramente.

2. Esta é o versículo neotestamentário central sobre o caráter ímpar de cada indivíduo. Notamos que esse caráter espiritual depende de Cristo e o glorifica, tornando o crente vencedor espiritualmente ímpar, pois recebe o novo nome.

3. Imortalidade consiste de muito mais do que a sobrevivência da alma em face da morte biológica. Antes, trata-se de uma forma de vida completamente diferente, que será vivida por seres extremamente exaltados, a saber, os filhos de Deus, que virão a compartilhar de sua natureza divina (II Ped. 1:4; II Cor. 3:18). Consiste isso de ser «cheio de toda a plenitude de Deus». Cada crente, em sua própria experiência, possuirá algo de único, nesse enchimento. (Ver Efē. 3:19 e as notas expositivas sobre a imortalidade, em II Cor. 2:8).

4. «Caros amigos, ainda não é evidente o que seremos. A luz é por demais rebrilhante e ofuscante para a contemplarmos e penetrarmos em suas maravilhas transcendentes. Porém, é privilégio de todos serem filhos de Deus, certos de que, quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele, porquanto vê-lo-mos tal como Ele é». (Seiss, *in loc.*).

18 τῆς τῷ A 2305 sy<sup>ab</sup> vñ arm<sup>pr</sup> Prim et εκκλησίας] om A | αὐτου 10]

dirige ao «primeiro» anjo), dará ao leitor amplos esclarecimentos sobre o que está envolvido na questão dos «anjos».

«...igreja...» A nota expositiva geral sobre a «igreja» aparece em Efē. 3:10. Os significados das «sete igrejas do Apocalipse» (das quais a de Tiatira é a quarta), aparecem nas notas expositivas sobre Apo. 1:4.

«...escreve...» A mensagem, as visões, não foram seladas. Antes, foram escritas, visando sua preservação e propagação. Por várias vezes, neste livro, João o vidente, recebeu a ordem, «escreve». (Ver notas expositivas completas sobre isso, em Apo. 2:12). Houve a tendência, em «apocalipses» anteriores, de seus autores aludirem a muitos aspectos de sua mensagem como «selados», até alguma data futura, em que tudo ficaria claro. No Apocalipse de João isso sucede somente no caso dos «trovões». (Ver Apo.

10:3,4).

**Tiatira:** Era uma cidade da província romana da Ásia, área agora ocupada pela parte ocidental da moderna Turquia. Foi fundada como guarnição fronteiriça por Seleuco I da Síria (século IV A.C.). Posteriormente, tornou-se uma guarnição da fronteira oriental do reinado de Pérgamo. Juntamente com aquele reino, passou para as mãos dos romanos, em 133 A.C. Era junção importante no sistema rodoviário dos romanos, estando situada na estrada vinda de Pérgamo, a capital da província, a Laodiceia, e, daí, para as províncias orientais. Comercialmente era próspera (indústria de tintas, fabrico de roupas, cerâmica e objetos de bronze), mas, politicamente, nunca conseguiu grande importância, sendo a menos importante das sete cidades para onde o livro de Apocalipse foi originalmente enviado.

Tal como na maioria das cidades daquela região, nos tempos neotestamentários, Tiatira tinha muitos templos dedicados a vários deuses. Havia o templo de Apolo, o de Tirimianos, o de Artemis e um santuário a Sambate, uma sibila (ou oráculo oriental). A igreja cristã não medrou ali por longo tempo. Logo tornou-se um dos centros do montanismo (ver Epifânio, *Haer.* II,33), uma seita carismática e apocalíptica cristã. Essa seita era ardorosamente antimundana, pelo que muitos foram atraídos por ela, incluindo o famoso Tertuliano, o grande teólogo africano. Contudo, a corrente principal da igreja repeliu a essa seita, sobretudo devido aos seus excessos. Pelos fins do segundo século de nossa era, não mais havia ali qualquer igreja cristã.

A primeira convertida europeia de Paulo, Lídia, era de Tiatira, sendo bem possível que ela fosse uma agente da indústria fabril de Tiatira. Em Filipos ela vendia suas «mercadorias de púrpura», suas lãs tingidas. Mas foi à beira do rio que ela se encontrou com Cristo, e a missão europeia estava a caminho, ao passo que o oriente foi gradualmente rejeitando a fé cristã, o que tem sucedido desde então.

Na carta presente, podemos distinguir várias características de Tiatira. A descrição de Cristo, «olhos de fogo», talvez reflita a adoração a Apolo, o deus-sol; os seus pés, como «bronze polido», podem ser alusão à indústria de bronze da cidade. A linguagem «militar», como a «execução» dos filhos de Jezabel (vigésimo terceiro versículo), e o governo do poder de Cristo sobre as nações, mediante a conquista universal (ver os versículos vinte e seis e vinte e sete), pode ser uma alusão à história militar de Tiatira, como guarnição de fronteira. Jezabel, embora tenha sido, sem dúvida, uma personagem histórica, uma mulher que causava dificuldades na igreja, «representa» a tendência natural da igreja em terras pagãs, primeiramente «tolerando» e então «misturando» elementos pagãos dentro da fé cristã. Historicamente falando, certamente o «gnosticismo» é aqui referido, o qual anunciava um falso evangelho, destituído de imperativo moral. Profeticamente, é retratada a igreja da Idade das Trevas, que de muitas maneiras se tornou inteiramente paganizada. E outros símbolos são explanados, à medida em que vão sendo encontrados, em cada versículo.

Atualmente, uma ampla aldeia, de nome Akhisar, está situada no mesmo local da antiga cidade.

«...estas coisas...» A mensagem geral da carta que passa a ser ditada.

«...diz o Filho de Deus...» O humilde Jesus também é o Filho de Deus. Esse título foi escolhido com base em sua dignidade, prometendo o uso do poder de julgar. (Ver notas expositivas completas sobre esse título, em Marc. 1:1). Por si mesmo, esse título não subentende divindade necessária, mas, como é normal nas páginas do N.T., visa ter essa significação. (Ver as notas expositivas, em Heb. 1:3, sobre a «divindade de Cristo»).

Em cada carta, o título e a caracterização de Cristo visam ter uma aplicação direta à igreja sob consideração. Tiatira era uma igreja corrupta, madura para o juízo divino, pois vivia debaixo do desprazer de Deus. Assim também Cristo é caracterizado como um Juiz que tem autoridade, e que em breve aplicará suas sanções. Essa idéia é mais amplamente desenvolvida na metáfora militar dos versículos vinte e três, vinte e seis e vinte e sete. Cristo é, por semelhante modo, o feroz conquistador, o qual livrará os justos e desintegrará completamente os malleitores.

Cristo, na qualidade de Filho de Deus, pode ser um reflexo do culto local a Apolo, o deus-sol (filho de Zeus), que era a divindade protetora de Tiatira. O sol fala de poder; mas o verdadeiro poder está enfeixado nas mãos do Filho de Deus. O «culto ao imperador» florescia em Tiatira, tal como nas cidades circunvizinhas. Os homens eram compelidos a confessar ao imperador romano como se fosse uma divindade, adorando-o. O «culto a Apolo» era efetuado de mistura com essa nova forma religiosa, pelo que se pensava que Apolo se encarnava em cada um dos sucessivos imperadores reinantes. Mas, conforme deixa implícito o vidente João, existe um único Filho de Deus, encarnado em Jesus, a quem chamamos de «o Cristo». Ele é quem brande a autoridade que alguns homens atribuíam a Apolo; e exigia com razão a lealdade dos homens, ao passo que a lealdade requerida pelos imperadores romanos era uma perversa criação humana.

Alguns eruditos pensam que essa alusão é extralda das páginas do A.T., e não da situação local de Tiatira. Nesse caso, passagens como o segundo Salmo estariam em foco, onde o Filho de Deus aparece como o governante e conquistador das nações, embora sob a oposição de uma multidão ímpia. (Ver Apo. 2:27, que é similar a certos aspectos do segundo Salmo, e que, nesse Salmo, o Cristo é o Filho de Deus, merecedor da lealdade humana).

«...olhos como chama de fogo...» Consideremos os seguintes pontos: 1. Tais palavras indicariam um discernimento penetrante quanto ao verdadeiro caráter de cada crente, bem como quanto ao real estado de cada igreja local. Ele «sonda» os pensamentos e intuídos do coração, a motivação dos atos, e desenterra todos os vícios ocultos. 2. Mas, nessa expressão, também se faz inerente a ameaça de um julgamento escaldante. Apolo, o filho de Zeus, era considerado o «deus-sol». Seu poder era considerado sem limite. Pelo contrário, o poder ilimitado pertence exclusivamente ao Filho

de Deus, ao qual chamamos de Cristo. (Este versículo pode ser confrontado com o trecho de Dan. 10:6). Nas Escrituras, o fogo com frequência serve de símbolo da ira divina, subseqüente ao julgamento. Cristo tem «discernimento» para saber como e quanto deve julgar. Isso pode ser comparado a Homero, de Agamenom, o qual, em seu furor, tinha «olhos... como fogo brilhante» (*Ilíada*, I,104). Outro tanto é dito acerca de Atena, quando ela apareceu a Aquiles, e quando «os olhos dela lhe pareceram temíveis». (*Ilíada*, I,200).

«...porque o amor é forte como a morte,  
e duro como a sepultura o ciúme;  
as suas brasas são brasas de fogo,  
são veementes labaredas.

(Can. 8:6)

Portanto, o Filho de Deus, em santo ciúme e amor infinito, adverte à igreja acerca de sua premente necessidade de arrependimento. Notemos que o Filho de Deus assume essa atitude para com sua igreja, o que demonstra claramente o «imperativo moral» do evangelho. O evangelho deve transformar moralmente ao indivíduo, pois, em caso contrário, não terá havido aplicação autêntica do mesmo.

O símbolo dos «olhos como chama de fogo» já fora empregado para descrever a pessoa de Cristo, em Apo. 1:14, onde aparecem notas adicionais de valor.

«...pés semelhantes ao bronze polido...» Essa expressão já fora usada em Apo. 1:15, onde aparecem notas expositivas completas a respeito. Talvez haja aqui alusão à indústria de bronze, em Tiatira. Eles sabiam qual a aparência do bronze «vermelho ao rubro», quando ainda se encontrava nas chamas refinadoras. Também sabiam qual a aparência do bronze brilhantemente «polido». O vocábulo grego aqui empregado é de origem obscura, pelo que não se sabe exatamente o tipo de bronze em foco, ou em que estado estaria o bronze, dentro da visão. As notas expositivas, em Apo. 1:15, exploram as diversas possibilidades. Porém, a despeito da obscuridade da alusão, a mensagem transmitida é perfeitamente clara. Cristo é retratado como quem é impulsionado (pois o bronze se achava em seus pés) pelo espírito de indignação e julgamento, ao contemplar a igreja de Tiatira, com o cristianismo paganizado representado pela mesma, com sua lassidão moral, de mistura com palavras de profissão de confiança em Cristo.

O imperativo moral do evangelho. É impossível alguém destacar em demasia o imperativo moral contido no evangelho. A santificação é totalmente necessária para a salvação, e é falso o evangelho que promete perdão sem a necessidade de autêntica purificação, arrependimento e revolução moral, em que chegamos a participar da imagem moral do próprio Cristo e de sua natureza moral. (Ver I Tes. 2:13 e Rom. 6:22). Somente através do «fruto da santidade» é que a «vida eterna» é conseguida. «Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá a Deus» (Heb. 12:14). Na Alemanha, em 1535, surgiu uma seita que afirmava que a lei moral não é obrigatória aos crentes, que estão sob a lei da graça. Mas isso é terrível falta de compreensão acerca do evangelho e sua graça. A graça, longe de isentar-nos do «imperativo moral», confere-nos os próprios «meios» para que esse imperativo se cumpra em nós; e a isso chamamos de «santificação», o que ocorre por meio do poder do Espírito Santo. (Ver as notas expositivas completas sobre a «santificação», em I Tes. 4:3). Existe uma «lei do Espírito» (ver Rom. 8:2), que nos «liberta» da lei do pecado e da morte. Mas ela não nos livra «da culpa» quando, na realidade, continuamos culpados. Pelo contrário, liberta-nos do pecado, longe de perdoar-nos enquanto ainda estamos no mesmo. O poder que nos liberta, é o poder do Espírito Santo, que nos vai transformando moralmente segundo a imagem de Cristo, pela aplicação de seu real poder divino. Mediante isso ele também nos transforma segundo a própria imagem metafísica de Cristo, de modo a irmos participar do mesmo tipo de vida, atributos e natureza que ele tem. (Ver os comentários a esse respeito, em I Cor. 3:18 e Rom. 8:29). Nada disso poderia ser realizado sem a «santificação», o meio mesmo de tal transformação.

Nada menos de oito livros do N.T. foram escritos contra o falso evangelho, destituído de imperativo moral, a saber, Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e Judas. A epístola aos Efésios, o evangelho de João e o livro de Apocalipse também atacam essa heresia (ver as notas expositivas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18), embora não tenham sido escritos especificamente contra tal heresia. O gnosticismo, em seu aspecto de decadência moral, continua perfeitamente vivo entre nós, no evangelho da «crença fácil». Cristo não é Salvador de quem também não é Senhor. (Ver Rom. 1:4).

Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:

1. Cuidem-se todos os pretensos homens espirituais; saibam todos os usurpadores que existe um discernimento espiritual que julga corretamente a tudo. Os olhos do Filho de Deus estão fixos sobre a sua igreja.

2. O julgamento recai sobre os crentes, até mesmo sobre os verdadeiros (ver as notas sobre I Cor. 6:10). Os crentes receberão o que tiverem praticado, de bom ou de mau.

3. Os pagãos poderão «irar-se» (ver o segundo Salmo), infiltrando-se na igreja, levando-a a perder quase inteiramente o seu caráter cristão. Mas o Filho de Deus remediará a situação, primeiramente nos indivíduos, e em seguida, em massa.

4. Os homens terão de ceder forçosamente às chamas do fogo de Cristo, por tratar-se de uma força irresistível.

5. Os pés são instrumentos de movimento e de pisar. O bronze fala sobre a autoridade e a administração da justiça. Tal juízo será completo e incansável. O mal será finalmente emagado. Que a igreja se separe daquilo que é condenado e degradante. Os hipócritas elegantes não prevalecerão no juízo.

6. A igreja local que se acomoda ao mundo, ao invés de separar-se do mesmo

(ver Rom. 12:1,2), não demora a ser cativada pelo mesmo. Não podemos subestimar o poder do exemplo e das associações.

19 *Οἰδᾶ σου τὰ ἔργα καὶ τὴν ἀγάπην καὶ τὴν πίστιν καὶ τὴν διακονίαν καὶ τὴν ὑπομονὴν σου, καὶ τὰ ἔργα σου τὰ ἔσχατα πλείονα τῶν πρώτων.*

2:19: *Conheça as tuas obras, o teu amor, o teu fé, o teu serviço, e a tua perseverança, e sei que as tuas últimas obras são mais numerosas que as primeiras.*

...*Conheça as tuas obras...* Isso expressa as «condições espirituais em geral» daquela igreja, e não meramente aquilo «que faziam», ao que denominamos «serviços». (Ver as notas expositivas sobre essa expressão, em Apo. 2:2). É expressão que aparece verbalmente em quase todas as sete cartas, e em todas elas a intenção é a mesma.

...*o teu amor...* Há diversas formas de amor, a saber:

1. Há o amor de Deus, isto é, o amor que Deus tem pelos homens. Essa é a fonte de todo amor, o que é comentado em João 3:16, com poemas ilustrativos.

2. Há o amor de Cristo pelos homens, cuja natureza é igual à do amor de Deus, e que é comentado em II Cor. 5:14. Trata-se de uma força que nos «constrange», que também nos leva a amar e a servir ao próximo, em honra ao Senhor. Esse foi o amor que motivou a «expição» e a missão terrena em geral, de Cristo.

3. Há o amor do homem a Deus e seu Cristo. Essa modalidade pode ser expressa diretamente, mediante a subida mística da alma, ou indiretamente (o que se verifica com maior frequência), através do amor ao próximo, conforme se vê em Mat. 25:35 e ss.

4. Há o amor-próprio (ver Mat. 22:39 e Efê. 5:29). Trata-se de uma condição patológica quando um indivíduo não ama a si mesmo, o que se vê por tudo quanto ele faz, visando seu próprio conforto, saúde e bem-estar em geral, o que envolve praticamente tudo.

5. Também há o amor de um ser humano por outro, ou pela humanidade. É a transferência dos «cuidados» que temos por nós mesmos para nossos semelhantes. Queremos para outros o que queremos para nós mesmos. Quase todos os homens sabem o que é amar pelo menos a uma pessoa, um filho, uma filha, a esposa, um amigo chegado, etc. Muito fará por essa pessoa, ainda que não tudo quanto faria por si mesmo. Não é incomum um homem morrer por outro, a quem verdadeiramente estima. Esse é o amor *altruista*. Mui provavelmente, o versículo que ora comentamos fala desse amor ao próximo. Todo e qualquer amor, exercido pelo crente ou pelo incrédulo, tem sua origem em Deus, porquanto ninguém está totalmente destituído da imagem de Deus. A igreja de Tiatira, por conseguinte, possuía um espírito «altruista», demonstrado em seus muitos atos de misericórdia e bondade, o que não é coisa de somenos, a despeito de todos os seus vícios.

Há notas expositivas gerais sobre o «amor», neste comentário. O amor é um tema comumente reiterado no N.T., pelo que também comentamos acerca do mesmo em outros lugares. Consultemos as seguintes notas: Sobre o amor de Deus (ver João 3:16); sobre o constrangedor amor de Cristo (ver II Cor. 5:14); sobre o amor como um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22). O amor resulta da transformação de nossa natureza moral, mediante o Espírito Santo. Trata-se da natureza de Cristo que vai sendo formada em nós. Portanto, transcende ao que é meramente humano. É o divino no humano, o infinito no finito. Um homem mostra seu melhor lado ao realizar ações motivadas por amor genuíno, porque é então que mais se assemelha ao Pai celeste e ao Filho de Deus. (Ver João 14:21 e 15:10, quanto ao «amor» como motivo de todas as ações, no seio da família divina. Ver o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios, quanto ao maior elogio ao amor que já foi escrito. Essas várias notas «gerais» são ilustradas com poemas).

Lembremo-nos de Bernardo de Clairveaux (1091), o fundador da ordem dos cistercienses.

*Mas, e quanto àqueles que acham?  
Ah! o seguinte,  
Nenhuma língua ou pena pode mostrar,  
O amor de Jesus, o que ele é.  
Ninguém o sabe, senão os seus amados.*

*Profeticamente*, a carta à igreja de Tiatira representa o período de Bernardo de Clairveaux. Diferentemente de outros daquela época, ele foi uma grande força moral em favor do bem. Nele se pode ver o melhor aspecto da igreja de Tiatira.

O amor, à semelhança da morte, transforma a tudo.

«Todos nascemos para amar... É o princípio mesmo da existência e o seu único fim». (Benjamim Disraeli).

«Não é amante aquele que não ama para sempre». (Eurípides).

*O amor obtém em um momento,  
O que o labor não consegue em uma era.*  
(Goethe)

«Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos» (João 15:13).

Nas notas expositivas sobre I João 2:10, apresentamos várias declarações interessantes e úteis sobre o tema do «amor».

É realmente significativa a observação que aquilo que ia murchando na igreja de Éfeso (ver Apo. 2:4), era forte em Tiatira, a despeito de sua excessiva tolerância para com os vícios pagãos e sua participação nos mesmos.

A própria fé opera através do amor. (Ver Gál. 5:6).

...*a tua fé...* Acerca dessas palavras, consideremos os pontos abaixo:

7. Neste mundo de iniquidade e lamentos, devemos três coisas para aqueles que de nós esperam a instrução: *exemplo... exemplo... exemplo!*

1. Nas páginas do N.T., a fé pode ser «objetiva», isto é, aquilo em que acreditamos, o credo ou o cristianismo, como um sistema religioso. Esse uso do termo se restringe quase inteiramente às epístolas pastorais, sendo comentado nas notas expositivas sobre I Tim. 1:2.

2. A fé também figura como uma virtude espiritual, em que o crente diariamente entrega sua alma aos cuidados de Cristo, nele confiando, dele recebendo orientação para a vida diária. (Ver as notas expositivas sobre Gál. 5:22, quanto a essa modalidade de fé, que é um dos aspectos do «fruto do Espírito Santo»). Essa modalidade de fé precisa ser cultivada.

3. Usualmente, no N.T., e certamente no presente texto, a fé aparece como algo «subjetivo», isto é, a outorga da própria alma aos cuidados de Cristo, o que é uma transação ao nível da alma, entre Deus e o homem. (Ver Heb. 11:1 quanto a notas expositivas completas sobre essa forma de «fé»). A fé como «virtude» — o que é comentado acima — é a fé «subjetiva» em ação diária.

Na Bíblia, a fé nunca aparece como mera «crença» em certo número ou espécie de doutrinas, mas, sobretudo no N.T., sempre envolve a dedicação pessoal do indivíduo a Cristo. A fé procede «do Espírito», como seu dom e cultivo, embora requeira que o homem submeta ao Senhor a sua vontade, que o homem assinta com Deus. Portanto, a fé pode ser abafada pela perversão, pelo pecado ou pela desobediência.

A fé é sempre ativa, e «opera pelo amor» (ver Gál. 5:6).

«Fé não é crença. A crença é passiva. A fé é ativa. Trata-se de uma visão que, inevitavelmente, transforma-se em ação». (Edith Hamilton, *Witness to the Truth*).

Essa «atividade» alicerça-se sobre a inspiração de uma Pessoa, e consiste, especificamente, da aceitação do seu senhorio, em nossas vidas.

*Não o quê, mas em quem eu creio,  
Isso, nas horas negras da necessidade,  
Envolve um conceito como nenhum credo mortal,  
Ao homem moral, pode dar —  
Não no quê, mas em QUEM!*

(John Oxenham)

Essa fé nos é dada mediante a «comunhão» com o Espírito Santo. Trata-se de um desenvolvimento espiritual.

«A fé é como o amor; não pode ser forçada». (Arthur Schopenhauer).

«...visto que andamos por fé, e não pelo que vemos» (II Cor. 5:7).

«A fé é uma faculdade superior à razão» (Philip James Bailey). É a «razão divina» insuflada nos homens. É a «sabedoria» divina que nos capacita a reconhecer que os verdadeiros valores da vida devem ser aplicados à vida, uma vez descobertos quais são.

«Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível» (Mat. 17:20).

«É possível que aqui a fé indique a «fidelidade», ministrando às necessidades do próximo (ver Atos 11:29 e I Cor. 16:15)». (Robertson, *in loc.*).

...*o teu serviço...* No grego é «*diakonia*», que aponta para todas as modalidades de serviço, dentro e fora da igreja local, e não apenas o trabalho de um «diácono», cujo título é derivado do vocábulo grego aqui utilizado. Está em pauta o trabalho geral da igreja, como o serviço prestado aos pobres, o altruísmo, a expressão do amor cristão, etc. O amor era a «condição interna», ao passo que o serviço por eles prestado era a manifestação «externa». «Prestação de serviço aos enfermos e pobres, bem como a todos quantos precisam de ajuda: prova natural de «agape» e de «pistis»». (Alford, *in loc.*).

«...o serviço piedoso e benévolo às viúvas, aos órfãos e aos pobres em geral». (Adam Clarke, *in loc.*).

...*perseverança...* No grego temos o vocábulo «*upomane*», que pode significar apenas «paciência», mas que, normalmente, indica «resistência constante», sobretudo sob a perseguição ou em tempos difíceis. Eles perseveravam em seu amor, em sua fé e em seu serviço ao próximo; e essa «constância» era especialmente elogiável, porquanto assim faziam, a despeito das perseguições que sofriam. A fé e o amor autênticos inspiram a «constância», pois todas as virtudes cristãs estão alicerçadas sobre o poder que nos é dado pelo Espírito Santo, quando ele nos transmite a própria natureza de Cristo. Quando nos tornamos semelhantes a Cristo, participantes de sua natureza moral e metafísica, então recebemos suas qualidades, como a fé, o amor, o altruísmo e a constância; e, —todas essas qualidades continuam sendo praticadas, mesmo quando temos de enfrentar o peso da hostilidade do mundo e da carne.

*Radiantes de ardor divino!  
Pareceis raios de esperança!  
Não há langor em vossos corações,  
A fraqueza não é vossa palavra.*

*Preencheis o vazio em vossas fileiras,  
Fortaleceis a linha que balança,  
Firmai-vos, continuai vossa marcha,  
Adiante, até aos limites do desperdício,  
Avante, para a Cidade de Deus.*

(Matthew Arnold)

...*e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras...* O



desenvolvimento das graças cristãs, as ações altruístas, as obras que expandem a igreja, tudo deve ser incluso nessa declaração geral. O versículo elogia ao trabalho árduo e ao progresso contínuo, mostrando-se contrário à satisfação com o estado presente e à complacência, ante as realizações passadas.

«Não basta que o crente mantenha a sua posição—é mister que avance. Assim sendo, grande é o louvor que há nessas palavras, 'tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras'. Em horas de tensão, os homens pendem bem definitivamente por retroceder, ou por avançar, com igual energia. As tensões e pressões tinham levado os crentes de Tiatira a não retrocederem, mas a avançarem. É experiência enriquecedora encontrar um homem, após alguns anos de ausência, descobrindo que ele está mais firmado ainda na vida, que sua compreensão é mais profunda, que suas ações são mais excelentes». (Hough, *in loc.*).

Aos crentes de Éfeso foi ordenado que praticassem as primeiras obras. É que vinham declinando no amor, o que só prejudicava o serviço deles, pelo menos no que tange à sua qualidade (ver Apo. 2:5). A despeito de suas falhas clamorosas, o contrário se deu no caso da igreja de Tiatira.

A lição do louvor justo: Pode-se observar que essa igreja, em breve, haverá de receber a mais severa censura, mas que, antes disso, foi louvada pelo bem que praticava, por suas ações mais abundantes que aquelas igrejas caracterizadas por menores falhas. As feridas causadas pela crítica podem

ser benéficas nas mãos do cirurgião espiritual, se forem misturadas com o louvor, o que se transforma no unguento da cura. As feridas infligidas, sem que se reconheça o bem que tem sido realizado, certamente serão prejudiciais, e não terão efeito curador. Essa é uma verdade que até a moderna psicologia tem salientado, mas que desde há muito tinha lugar entre as verdades de caráter espiritual.

#### Outras idéias sobre o décimo nono versículo:

1. «Fica entendido que sempre devemos crescer na graça, nos labores e no amor, bem como na paciência da fé. Nunca terminaremos de fazê-lo, enquanto estivermos neste mundo. Se nosos atos foram elogiáveis no passado, devemos procurar agir de modo ainda mais elogiável, conforme nossas forças aumentarem e as circunstâncias o exigirem. Caros amigos, não se pode estacar na vida cristã. Se temos fé, ela operará e crescerá mediante o exercício. Bem-aventurado aquele discípulo cujas últimas obras de amor, serviço, fé e paciência são mais e melhores do que as primeiras». (Seais, *in loc.*).

2. A ausência de progressão quase sempre é acompanhada pela regressão.

3. Deus nunca fica estagnado, e nem podem estagnar suas obras. Por toda a eternidade, iremos aumentando em nosso conhecimento e experiência de Deus, por intermédio de Cristo. Cumpra-nos ser cheios de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19). E já que será mister a infinitude para encher-nos, infinito será o processo de enchimento. A eternidade toda estará envolvida nisso, pois iremos participando da forma mais e mais perfeita, da natureza e dos atributos do Filho (ver II Cor. 3:18).

20 ἀλλὰ ἔχω κατὰ σου ὅτι ἀφεῖς τὴν γυναικα<sup>a</sup> 'Ιεζάβελ, ἡ λέγουσα ἐαυτὴν προφῆτιν, καὶ διδάσκει καὶ πλανᾷ τοὺς ἐμούς δούλους πορνεῦσαι καὶ φαγεῖν εἰδωλόθυτα.

<sup>a</sup> 20 [C] γυναῖκα N C P 1 1611 2020 2052 2061 2344 [lat] = sem. [sy] = lat. [gr] = vg cop. [arm] = eth Tertullian Ambrosiaster Tyronius Epiphanius Andrew<sup>10</sup>

Haymo ἡ γυναῖκα σου (A add τῇ; 046 94 1006 1828 1854 1950 2042 2085 2073 2128 2422 sy<sup>th</sup> = Cyprian Primasius Andrew<sup>10</sup> = Aethha

20 'Ιεζάβελ...εἰδωλόθυτα I Kpi 1631; 3 Km 822 πορνεῦσαι...εἰδωλόθυτα Nu 28.1-2; Re 2.14

20 σου AP 046 (I) 1611 (2059) 8329

pm vg<sup>w</sup> sy<sup>h</sup>; R] add πολυ N 2060 al g sy<sup>h</sup>: add πολλα 2036 pc I Cypri Tye: add ολυγα 2049 pc vg<sup>a</sup>. c<sup>1</sup> c<sup>2</sup> |

Com base no que foi reputado testemunho preponderante, a maioria da comissão preferiu a forma *γυναικα* sem *σου* (N C P 1 1611 2053 2344 Latim Antigo vg cop (sa,bo) ara etí Tertuliano *al*). A forma com *σου* («tua esposa, Jezabel»), que requer ἄγγελος no vs. 12, deve ser tomada como se fosse o bispo ou líder da igreja de Pérgamo, sendo apoiada por (A 046 1006 1854 sir (ph,h) Cipriano *al*, e parece resultar da confusão escríbal que resultou da presença de várias instâncias de *σου* nos vss. 19 e 20.

2:20: Mas tenho contra ti que toleras a mulher Jezabel, que se diz profetisa; ela ensina e seduz os meus servos a se prostituírem e a comorem dos colozos sacrificados a ídolos;

«...Tenho... contra ti...» É algo muito solene alguém ser julgado pelo grande Juiz e ser achado culpado, sobretudo quando a culpa é um opróbrio para a igreja e é detrimente para nossa própria porção mais nobre, prejudicando nossos próprios melhores interesses espirituais. É a loucura do pecado e do egoísmo, a fraqueza causada pela inquirição espiritual imprópria ou deficiente, que produz condições assim. (Ver as notas expositivas em II Cor. 5:10, quanto ao «juízo do crente». Ver Atos 17:31 e I Cor. 4:4 quanto a Cristo como «Juiz»).

«...o tolerares que essa mulher, Jezabel...» (Quanto à história de Jezabel, esposa do rei Acabe, de Israel, ver I Reis 16 e ss.). Ela foi uma rainha idólatra e imoral, que lutou contra o profeta escolhido por Deus, assim desafiando e negando à autoridade espiritual legítima, na comunidade religiosa. Jezabel era filha de Elbaal, rei de Sidom (ver I Reis 16:31), que fora sacerdote de Astarie, tendo obtido o trono ao assassinar seu antecessor, Feles. Acabe não hesitou em casar-se com aquela princesa pagã, tendo sido aquela a primeira vez em que um rei da porção norte de Israel entrou em tal aliança. Esse matrimônio assinalou o começo do declínio moral da nação nortista de Israel. O certo é que Jezabel nunca entendeu e nem respeitou a «religião» do povo sobre o qual obteve ascendência, mediante esse trágico casamento. Uma apostasia mortal e completa teve início em seu reinado, e ela se fez a força principal por detrás da mesma.

«Ela foi mulher em quem, junto com os hábitos licenciosos e desabridos de uma rainha oriental, uniam-se as mais ferozes e duras qualidades, inerentes à antiga raça semita. Seu marido, a quem não faltavam sentimentos generosos e gentis, era um caráter fraco e malévolo, que logo se transformou em instrumento nas mãos dela... A louca licenciosidade da vida dela e o fascínio mágico de suas artes e do seu caráter, tornaram-se proverbiais na nação. Ao redor dela e da parte dela, em diferentes graus de proximidade, evoluiu o tremendo drama da pior crise daquela porção da história israelita». (Stanley, *Jewish Church*).

Jezabel chegou ao extremo de procurar eliminar completamente os profetas de Yahweh, e teria obtido sucesso, se muitos deles não se tivessem ocultado (ver I Reis 18:13). Estabeleceu a adoração a Baal, o deus-sol. Além de Baal, as divindades fenícias também receberam seus altares. Astarie (Astarote), equivalente a Vênus, na Fenícia, tornou-se divindade proeminente, sendo provável que a própria Jezabel fosse sacerdotisa desse culto imoral. Quatrocentos sacerdotes ou profetas se vincularam a essa seita, recebendo apoio da parte da rainha. Um gigantesco santuário foi edificado em Samaria, para adoração a Baal, suficientemente amplo para conter todos os adoradores desse culto, no reino do norte. Contava com quatrocentos e cinquenta sacerdotes. Acabe rebaixou-se ao ponto de oferecer sacrifícios a uma divindade falsa, nos santuários que assim foram erigidos.

Jezabel, a prostituta religiosa e ardorosa promotora da idolatria, tornou-se um símbolo apto para o surgimento do gnosticismo na igreja cristã, porque era um culto estrangeiro, essencialmente uma religião misteriosa oriental, mas que procurava apresentar-se como se fora a verdadeira fé cristã, mediante a mistura com o cristianismo, o que sucedeu em diversas localidades. Normalmente, o gnosticismo-promovia a

imoralidade, supondo que assim ajudava na eventual destruição da matéria, através do abuso contra o corpo. Para os mestres gnósticos, o corpo não era algo «indiferente» apenas, para ser usado como o indivíduo bem entendesse, mas também era algo que tinha de ser ativamente corrompido, especialmente mediante vícios sexuais. (Há notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18, havendo ainda notas adicionais nos versículos seis, catorze e quinze do presente capítulo). Supõe-se que os nicolaítas e os seguidores de Balaão eram grupos que faziam parte do movimento gnóstico geral. Essa heresia, corrupta em suas crenças e em suas práticas, assediou a igreja cristã por nada menos de cento e cinquenta anos.

#### Sentidos simbólicos de Jezabel.

1. Não há que duvidar que alguma seita gnóstica e licenciosa é representada por esse título.

2. É possível que Jezabel tenha sido uma mulher real, líder de um partido amoral, dentro da igreja de Tiatira, e líder da própria igreja. Não é provável que esse tenha sido o seu nome real. Não obstante, ela era uma «Jezabel».

3. Também é provável que o «culto ao imperador» seja visto aqui como algo que desempenhava papel em tudo isso. É razoável a suposição que a Jezabel de Tiatira não hesitava em opinar favoravelmente acerca da adoração ao imperador, chegando mesmo a encorajar os crentes a participarem desse tipo especial de idolatria, juntamente com outras formas que eram uma praga no mundo antigo.

4. Notemos que Jezabel era uma *profetisa*. Ela *imitava* os dons espirituais, provavelmente mediante as artes mágicas e o demonismo. Desse modo, ela representa a imitação satânica dos dons espirituais.

5. O nome dela é símbolo da corrupção moral e espiritual da igreja, sobretudo quando o pecado obtém império tal que é «tolerado» ou até é «oficialmente aprovado» pela igreja local.

6. Profeticamente falando, Jezabel simboliza o paganismo radical que invadiu a cristandade da Idade das Trevas, quando (conforme o sabe todo aquele que lê a história do mundo) a igreja foi vencida pelas práticas licenciosas, incorporando muitas formas de paganismo.

7. O nome de Jezabel, pois, representa o adultério físico e espiritual, e um adultério tolerado e até mesmo encorajado nos limites interiores do que se chama de igreja cristã. Os perigos e as corrupções por ela simbolizados são «internos», afetando o coração mesmo da igreja, e não ameaças externas.

8. Na situação local de Tiatira, quando foi escrito o livro de Apocalipse, é provável que as «guilddas comerciais», que requeriam a «refeição comum», naturalmente de caráter pagão, estivessem pressionando a igreja a «aceitar» a falsa moralidade pagã. A Jezabel de Tiatira, provavelmente, era a principal figura da igreja que promovia a «transigência mediante o comércio».

9. Várias tentativas têm sido feitas para identificar o caráter histórico real, referido no presente texto. Ela não pode ter sido uma síbala caldaica em Tiatira, porquanto essa Jezabel se achava no seio da igreja, e não fora dela. Alguns supõem que ela tenha sido a esposa do principal pastor da igreja, ou do bispo daquela região. Nada pode ser dito, com qualquer confiança, a respeito disso.

10. Alguns intérpretes pensam que ela simboliza a «Roma apóstata», a igreja de Roma. Mas, na verdade, ela era um elemento corruptor que operava dentro da igreja, mas não era a própria igreja. Lembremo-nos que a igreja de Tiatira foi elogiada quanto a certos particulares; não era totalmente má, e nem totalmente apóstata.

Pode-se observar que o culto imoral representado por Jezabel (o gnosticismo religioso) era «odiado» em Éfeso (ver Apo. 2:6), tolerado em Pérgamo (ver Apo. 2:15,16); mas era ativamente promovido como posição oficial, em Tiatira (ver Apo. 2:20-24). A lição espiritual que há nisso é óbvia. Todo o mal que não nos aborrece, a princípio pode ser «tolerado», depois «aceito», e, finalmente, «promovido oficialmente».

«...profetisa...» (Quanto a «profetisas» no N.T., ver Atos 21:9). Os dons espirituais não se limitavam a homens, na igreja primitiva. (Ver Atos 11:27 e a introdução ao décimo primeiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios, quanto ao «dom da profecia»). Jezabel representava a imitação satânica dos dons proféticos. Provavelmente ela era psicicamente dotada, e talvez fosse inspirada pelos demônios. Isso ter-lhe-ia dado a autoridade de que ela precisava para promover o seu culto licencioso.

«...a si mesma...» Ela era profetisa «auto-nomeada», mas as forças malignas que a usavam lhe davam uma aparência de autoridade. As suas «credenciais», seja como for, eram estranhas à igreja. Era usurpadora que usava o seu poder para destruir à igreja.

«...ensine, mas ainda seduzo os meus servos a praticarem a prostituição...» A doutrina de Jezabel era extremamente liberal. Particularmente, ela não via defeito no adultério. Seduziu a vários homens da igreja, e, com mão de ferro, prendia a homens com a sua imoralidade. Mas o versículo também indica que essa «fornicação» (palavra que indica a prática de todas as formas de perversão e excessos sexuais) também fazia parte da adoração pagã das divindades que ela promovia, tal como no caso da Jezabel original. Na qualidade de representante do gnosticismo, ela ensinava que é bom que um homem abuse de seu corpo mediante os excessos espirituais, já que isso ajuda no sistema do mundo, em sua tentativa de destruir a matéria. Os gnósticos chegavam ao extremo de dizer que os anjos se punham perto deles (embora em forma invisível), encorajando-os a participar de todas as formas de imoralidade, a fim de que obtivessem «experiência». Era mediante tal «experiência» que obtinham o «conhecimento», o qual, para eles, era o meio mesmo da salvação. Tolamente imaginavam que pode-se abusar do corpo, sem prejudicar ao espírito. Não consideravam a verdade que um homem é corrupto tanto no corpo como no espírito. O pecado é algo que cativa e corrompe a personalidade inteira, e não meramente a porção física do ser.

*Jezabel se assemelhava ao «Bode Judas».*

Na Butchers' Dressed Meat Company, de Nova Iorque, durante muitos anos houve um bode que adquiriu o nome de Judas, por causa de suas ações. Esse bode costumava servir de «guia» das ovelhas que eram desembarcadas na beira do rio, levando-as ao matadouro. Fazia de oito a dez viagens por dia. Calcula-se que durante a sua carreira, conduziu à morte cerca de quatro e meio milhões de ovelhas. Sabe-se que as ovelhas, em contraste com os porcos ou com o gado vacum, não precisam ser tangidas. Portanto, não era problema para aquele bode de cor «branca» (o que lhe dava o aspecto de um carneiro) enganar às ovelhas, podendo assim cumprir seus propósitos de destruição.

Os profetas falsos não são apenas aqueles que sustentam doutrinas falsas. Podem ser pregadores do evangelho, cujas próprias vidas pessoais, devido à sua imoralidade, desviam às pessoas. Existem «ateus práticos», que são totalmente ortodoxos em sua doutrina e em sua pregação.

O evangelho destituído de imperativo moral. Oito livros do N.T. foram escritos para combater ao gnosticismo, o qual anunciava uma mensagem destituída de requisitos morais. Esses livros são Colossenses, as três epístolas pastorais, as três epístolas joaninas e Judas. A epístola aos Efésios, o evangelho de João e este livro de Apocalipse também fazem oposição a essa heresia, embora não tenham sido escritos primariamente para combater tal heresia. A santificação é o meio mesmo da salvação (ver II Tes. 2:13 e Rom. 6:22, nas suas respectivas notas expositivas). Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14).

«...a comerem coisas sacrificadas aos ídolos...» Já vimos a menção ao

mesmo fato, no décimo quarto versículo deste capítulo (juntamente com as imoralidades dos mestres gnósticos). O leitor deveria consultar aquelas notas expositivas.

A menção dessa parte da influência de Jezabel mostra-nos, além de qualquer dúvida, que as «imoralidades» por ela promovidas não eram meramente «privadas», a fim de satisfazer às suas paixões individuais. Mas também encorajava um culto pagão que envolvia tanto a imoralidade como a idolatria, em conexão com o «culto ao imperador», mas separado deste último. Os excessos sexuais tornaram-se parte da «adoração» daquela igreja. A Jezabel do A.T. ensinava e praticava tanto a imoralidade quanto a idolatria. (Ver II Reis 9:22,30; Jer. 4:30 e Naum 3:4).

*Outras idéias sobre o vigésimo versículo:*

1. A Idade das Trevas produziu uma igreja cristã muito parecida com a que é aqui descrita. Em alguns casos, exibiu feroz lealdade a Cristo, e certamente se caracterizou por muitas obras de amor, especialmente através das ordens religiosas, nas quais, usualmente, se requeria grandes sacrifícios pessoais, em serviço do próximo. Portanto, alguns crentes realmente notáveis foram assim produzidos. Ao mesmo tempo, porém, o paganismo tomou conta da igreja, e o adultério literal e espiritual foi apenas um subproduto disso. Infelizmente, emergiu uma forma de «romanismo» que contém elementos misturados de cristianismo, de judaísmo e de paganismo. Foi necessária a Reforma para começar a purificar à cristandade; mas essa purificação está longe de ser completa. A igreja de nossos dias, em muitos lugares, ainda não é grandemente diferente daquela da Idade das Trevas. Em qualquer lugar onde uma igreja ou um indivíduo permite que a ética do mundo corrompa a vida e destrua o autêntico discipulado cristão, o paganismo continua imperando, sem importar a teologia defendida.

2. Podemos condenar a outros, pensando sobre os liberais, os romanistas e os hereges, quando lemos este texto. Mas o Senhor Jesus pode estar pensando em mim ou no leitor, ou na minha igreja. Quão tolerantes nos mostramos para com os vícios sexuais na igreja? Que tipos de idolatria temos nós?

3. Lembremo-nos do surgimento e da instituição das imagens na igreja. Certamente o fenômeno se deveu às pressões do paganismo. Nunca a igreja teve necessidade real de tais práticas. Até mesmo bons cristãos, como Tomás de Aquino, Boaventura, o franciscano, etc., têm feito declarações duvidosas acerca da veneração às imagens, tendendo a encorajar à mesma, como se, através desse método pecaminoso, realmente estivéssemos adorando a Cristo. Boaventura declarou: «Já que toda a veneração prestada à imagem de Cristo é prestada ao próprio Cristo, então à imagem de Cristo também podemos orar». E que dizer sobre as imagens dos supostos «santos»? Merecem também adoração ou veneração?

4. Homens sem escrúpulos, abراسados por motivo de seus votos de celibato, e, portanto, sem terem como satisfazer honestamente seus desejos carniais, têm obtido posições de autoridade na cristandade; alguns deles têm seduzido mulheres até mesmo no confessional, ou dentro do templo da igreja. Apesar de que a Igreja Católica Romana não aprova oficialmente tais atos, o fato é que, mediante a promoção da teologia errônea do «celibato obrigatório» para o clero, ao invés de permitir que assim façam os que podem e queiram fazê-lo, indiretamente tem sido a grande promotora da expressão de excessos sexuais por parte daqueles que, sem a pressão do celibato, poderiam viver como cristãos exemplares, se porventura fossem regenerados por obra do Espírito de Deus.

*Variante Textual:* As palavras «umas poucas coisas» aparecem nos mss 2029 na Vg(1,cl) e em alguns outros manuscritos posteriores. O ms Aleph diz apenas «muitos». O ms 2036, o latim 2 e os escritos de Cipriano e Tíquico dizem «muitas coisas». Porém, os melhores manuscritos, isto é, ACP e 046, nada acrescentam a «tanto». Isso resultou em um texto esquisito, que escribas subsequentes emendaram da melhor maneira possível, conforme é ilustrado acima. Mas, na tradução para as línguas modernas, é mistar acrescentar alguma coisa. A tradução NE diz «tanto isto contra ti», o que se parece muito com a nossa versão portuguesa, fazendo o que segue ser o objeto do verbo. Essa é uma maneira tão boa quanto qualquer outra de manusear o problema.

As palavras «Jezabel, tua esposa», são parte do texto dos mss A, 046, 1006, 1854, no Si(ph,hi) e nos escritos de Cipriano. Isso faria com que a «Jezabel» em foco fosse a esposa do principal pastor da igreja, ou mesmo do bispo daquela área. A «dureza» desse texto poderia ter levado alguns escribas a modificá-lo, talvez, para o simples «a mulher, Jezabel», conforme se vê nos mss Aleph, CP, 1, 1611, 2063, 2344 no latim antigo, na Vg, no Copta, bol, no Arm, no Eti e nos escritos de Tertuliano. Por outro lado, a forma «tua esposa», poderia ter sido uma adição a fim de dramatizar mais ainda o texto. Ou então a presença da palavra grega «sou» («tua»), em vários lugares dos versículos dezanove e vinte deste capítulo, poderia ter provocado seu aparecimento aqui, devido ao descuido de algum escriba.

21 καὶ ἔδωκε αὐτῇ χρόνον ἵνα μετανοήσῃ, καὶ οὐ θέλει μετανοῆσαι ἐκ τῆς πορνείας αὐτῆς.

21:21 e do-lhe tempo para que se arrependesse, e ela não quer arrependar-se da sua prostituição.

«...para que se arrependesse...» A chamada ao arrependimento é comum em todas as sete cartas do Apocalipse. Comparar com Apo. 2:5,16 (quanto a notas já escritas sobre esse tema; e ver também Atos 2:38). Essa expressão ocorre, por igual modo, em Apo. 3:3,19. O arrependimento é uma conversão da alma, a modificação real na natureza básica, e não meramente uma resolução humana de conduta melhorada. Exige o poder transformador do Espírito Santo, o qual vai formando em nós a própria natureza moral de Cristo. Por ter «origem divina», é verdadeiramente eficaz. Mas a vontade humana também deve cooperar com a influência divina, porque, de outra maneira, seus efeitos podem ser anulados. Todos os homens, por conseguinte, podem arrepender-se, sendo diretamente responsáveis pela sua própria transformação moral.

«...dei-lhe tempo...» Os julgamentos de Deus raramente sobrevêm imediatamente, a fim de corrigir um lapso ou crime. Isso se deve ao amor de Deus, que permite tempo para o arrependimento. «As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim...» (Lam. 3:22). Certamente a mente divina tem consciência das dificuldades que os homens enfrentam, e que nem todos os problemas podem ser solucionados imediatamente. Mas a mente divina sabe, por igual

modo, que existe de fato o «meio» de solucionar nossos problemas, e que é a perversão do homem que o tem levado a rejeitar esse «meio». O «adiamento» do julgamento não é sinal de adiamento indefinido.

*Oh, se traçarmos um círculo prematuro,  
Sem dar atenção a lucro justo,  
Cobiçosos de proveito imediato, certamente  
Má terá sido a nossa barganha!*

(Robert Browning)

Temos, neste versículo, o ABC das doutrinas do evangelho; mas isso não pode ser aprendido com facilidade pelo homem em seu presente estado espiritual. O culto ensinado por Jezabel (o gnosticismo), estava certo da superioridade de suas doutrinas. Para todos os efeitos práticos, diziam seus seguidores: «A fé é para os tolos. É através do conhecimento que ganhamos a salvação». No grego, a palavra «gnosis», «conhecimento», é que deu origem ao nome dessa seita, «gnosticismo». Insistiam os mestres gnósticos que apenas alguns poucos homens, os «pneumáticos» ou espirituais, podiam receber a redenção; e então classificavam-se insensatamente como tais. Buscavam salvação por meio do conhecimento, e este era supostamente adquirido por intermédio de seus ritos, mágicas e «experiências» duvidosas. O falso «evangelho» deles, no entanto, não tinha o poder de libertar alguém dos seus vícios; e, de fato, nem ao menos professavam tal coisa. Por

consequente, em sua obstinação, que provavelmente incluía o orgulho espiritual em um sistema falso. Jezabel repelia a chamada ao arrependimento, e, juntamente com isso, a sua subida para a glória celestial.

«...não quer arrepender-se...» Ela «resolveu» na sua vontade que não se arrependeria. O grego subentende o exercício deliberado da vontade «contra» o arrependimento, e não a seu favor. A resposta dela era «seca e final, conforme se vê em Mat. 23:37» (Robertson, *in loc.*). O seu coração estava esclerosado porque vinha pecando há muito tempo, e por basear-se em um credo perverso e perigoso.

**A advertência.** Essa foi feita pelo vidente João, em seu livro de Apocalipse, como também, quiçá, por mestres cristãos fiéis de Tiatira, que não haviam sido iludidos pela «crença fácil» do evangelho espúrio. «A final de contas, a principal atração das religiões falsas é a liberdade que dá às paixões que o coração aprecia. O arrependimento é o caminho de escape, traçado por Deus, mas que o coração humano aborrece». (Newell, *in loc.*).

«A imoralidade era flagrante; mais flagrante ainda era a obstinada persistência que nisso havia, a despeito das admoestações e da longanidade (comparar com Eclesiástico 8:11; Bar. Ap. 21:21 e II Ped. 3:9). Essa alusão ao abuso contra a paciência de Deus e contra uma advertência já feita, é deixada um tanto indefinida. Provavelmente era bastante familiar para os primeiros leitores deste livro» (Moffatt, *in loc.*).

«...imoralidade...» Essa é a melhor maneira de traduzir o vocábulo grego «porneia», porquanto indicava todas as formas de excesso sexual, concupiscências e perversões, e não apenas o sexo ilícito antes do casamento. O vigésimo segundo versículo é mais específico, onde o «adultério» aparece como uma das formas de imoralidade. (Ver o vigésimo versículo deste capítulo, quanto a notas expositivas acerca do que se deve compreender sobre essa referência à «imoralidade»). Tratava-se tanto de práticas imorais pessoais, como parte do culto da seita gnóstica. Era algo tanto espiritual quanto físico. Outrossim, era uma desordem que se firmara de longa data, e que não queria ceder ante as admoestações feitas pelos crentes verdadeiros. O «desejo» perverso prende os homens em algum vício, como se fora uma braceadeira de aço.

**Outras idtias sobre o vigésimo primeiro versículo:**

1. As mulheres na igreja cristã. É óbvio que, através da história eclesiástica, as mulheres têm desempenhado papel importante no trabalho da igreja. De fato, algumas vezes elas transportam a carga quase sozinhas. O cristianismo elevou a posição da mulher, revertendo a maior parte das restrições judaicas acerca de sua participação na comunidade religiosa. (Ver notas expositivas completas, em João 4:27,29, sobre a atitude dos judeus para com a mulher, a qual nos choca e abre os olhos). Idealmente, a mulher é igual ao homem (ver

Gál. 3:28), mas esse ideal nunca foi plenamente concretizado, dentro ou fora da igreja. (Ver as notas expositivas, nos lugares mencionados, onde esse tema é desenvolvido).

Provavelmente, Jezabel era mulher de grande intelecto e encanto pessoal, e talvez dotada de grande força de caráter. No entanto, usava seus talentos para a maldade e a perversão. Seu nome significa «casta»; mas seu caráter era o oposto disso. Lembremo-nos, porém, que ela representa certa «forma» de cristão—aquele cujo evangelho não tem imperativo moral, ou seja, um evangelho falso.

As mulheres sentem muito menor pressão a se entregarem às paixões físicas. Portanto, tornam-se muito mais culpadas, quando caem presas das concupiscências. Isso, naturalmente, não desculpa os homens que as levam pelos caminhos do excesso e da prostituição. Uma mulher correta geralmente tem melhores sentimentos que um homem, e certamente entende melhor as exigências da ternura cristã, o que um homem geralmente oculta ou subjuga inteiramente. Portanto, é deveras lamentável quando ela transmuta a sua ternura em mero comércio do próprio corpo.

Quando uma bela mulher se entrega à loucura,  
E descobre muito tarde que o homem a traição,  
Que encanto existe que lhe tire a tristeza?  
E que arte pode haver que lhe enxugue as lágrimas?  
A única arte com que cobre a sua culpa,  
É ocultar sua vergonha de todos os olhos,  
E, para levar ao arrependimento o seu amante,  
É deitar-se em seu seio—e morrer.

(Oliver Goldsmith)

2. A igreja cristã deve fazer frente firme contra a prostituição e contra as paixões sexuais. (Ver notas expositivas completas, em I Cor. 6:16, sobre o «problema da prostituição»).

3. O castigo. Foi prometida «tribulação» (ver o vigésimo segundo versículo) e a «morte» dos filhos de Jezabel (ver o vigésimo terceiro versículo), o que talvez indique a crença que as enfermidades, as pragas, a morte, etc., resultam da maldade moral, conforme diziam quase todos os antigos. Inscrições encontradas na Ásia Menor abundam de exemplos dessa crença.

4. As guildas comerciais, e não apenas a seita religiosa dos gnósticos, encorajavam as orgias sexuais. Era «bom para os negócios». A maior parte dessas guildas se baseavam, pelo menos em parte, na religião pagã, sendo com uma divindade como patrono e guia. Se um crente se recusasse a atender esses apelos das guildas, para entregar-se às práticas libertinas, poderia perder seu negócio ou ocupação.

**Variante Textual:** As palavras «de sua fornicação, e ela não se arrepende», figuram nos mss Aleph(1), no Códex 1 e no Ara. Mas os mss Aleph(2), ACP, 046 e a maioria das versões dizem «e ela não quer arrepender-se de sua fornicação», o que, mui provavelmente, representa o texto original. Certamente é a forma mais vigorosa.

22 ἰδοὺ βάλλω αὐτὴν εἰς κλίνην<sup>1</sup>, καὶ τοὺς μοιχεύοντας μετ' αὐτῆς εἰς θλίψιν μεγάλην, ἕαν μὴ μετανοήσωσιν ἐκ τῶν ἔργων αὐτῆς.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> 22 [A] ἀλλήν N C P 046 1 04 1006 1011 1824 1854 1856 2020 2042 2053 2139 2071 2081 2134 2144 2472 (H) ἑτέραν Bezae Cantabrigiae vg syri<sup>h</sup> b cop<sup>m</sup> eth<sup>2</sup> f

<sup>2</sup> 22 [H] ἔργων αὐτῆς N C P 016 94 1006 1011 1828 1856 2020 2042 2052 2139 (H) ἕαν μὴ γὰρ αὐτὴ ἐμνήσθη Tertullian Cyprian Primasius Andrew<sup>2</sup> Haymo Arcturus ἔργων αὐτῶν A 1 1854 2065 2073 2081 2344 (H) ἑτέραν Bezae Cantabrigiae

<sup>4</sup> 22-23 = minor, e minor: WH Bezae Nov BF<sup>2</sup> // e minor, e maior: TR RSV NRB Luth<sup>2</sup> // e maior, e minor: AV RV ABV TT Zur Jer Reg

<sup>1</sup> Ao invés de κλίνην, que é decisivamente apoiada por N C P 046 1 1006 1611 1854 2053 2344 it (gig,61) vg sir (ph,h) cop (bo) al, vários testemunhos, desejando aumentar o tratamento punitivo de Jezabel, introduziram várias glosas. Assim, A diz φυλακὴν, —provavelmente derivada do vs. 10; 2071 e ara dizem κλίβανον («uma fornalha»); 1597 e cop (sa) dizem ἀσθένειαν; e vários manuscritos (latinos), conhecidos de Primásio dizem *luctum* («tristeza», «aflição»).

<sup>2</sup> Ao invés de αὐτῆς (fortemente apoiada por N C P 1006 1611 2053 it (gig) vg sir (h) cop (sa,bo) Tertuliano al), o Textus Receptus, seguindo A 1 1854 2081 2344 it (61) sir (ph) ara etí Cipriano al, diz αὐτῶν. A última forma parece ser secundária, tendo sido introduzida ou inadvertidamente (repetição mecânica do término anterior) ou deliberadamente (de tal modo que o arrependimento fosse de suas próprias obras, e não de obras alheias). Várias formas ímpares refletem excentricidades escabais.

2:22: Ela que a lança num leito de doras, e numa grande tribulação as que cometem adultério com ela, se não se arrependem das obras dela;

«...a prostro de cama...» Jezabel fizera de sua cama um lugar de concupiscência e vício. Mas Deus prepararia um leito para ela: um leito de angústia e de retribuição do que ela fizera. O prazer, pois, seria transmutado em dor. «Transformaria (o Senhor) a cama dela, de prostituição, em cama de angústia: assim dizem quase todos os comentadores». (Alford, *in loc.*). «O Senhor com frequência trata assim com líderes ímpios; ele mostrou-se ainda mais abrupto e condigno no caso da esposa de Acabe (ver II Reis 9:30-37)». (Newell, *in loc.*).

Esse leito de angústia envolveria pragas, enfermidades, tragédias, e até mesmo a direta intervenção divina, em alguns casos. Isso refletia uma crença popular naqueles tempos, a qual é partilhada pelos escritores do N.T. (Ver I Cor. 11:30). Deus pode julgar por meio das circunstâncias naturais, dos meios e das condições. Também pode fazer intervenção direta, se isso for necessário.

«...os que com ela adulteram...» A mulher literal de Tiatira, Jezabel, cometia adultério físico e encorajava outros a fazê-lo, tanto particularmente quanto em conexão com o culto do gnosticismo e de outras religiões pagãs. Mas isso era tão-só uma figura simbólica da «natureza geral» da igreja de Tiatira, e, profeticamente, da igreja da Idade das Trevas. Simbolicamente, todas as pessoas e igrejas locais que permitem a instauração da moralidade pagã em suas vidas, são exemplificadas em Jezabel de Tiatira. Tais indivíduos e igrejas cometem adultério espiritual. Assim, por exemplo, a nação de Israel, devido à sua rebelião e idolatria, foi acusada de cometer

adultério espiritual. (Ver Jer. 3:8; 5:8 e Eze. 16:32).

«...grande tribulação...», ou seja, grande tempo de teste e sofrimento, a «cama» da retribuição, em substituição ao seu «leito de prazeres ilícitos». Charles (*in loc.*) supõe que temos aqui um caso de poesia hebraica, que usava de paralelismos, passada para o grego, numa forma que oculta literariamente isso de nós. Assim, refaz ele tal poesia, como segue.

Eis que a lança em uma cama de sofrimentos,  
E aqueles que adulteram com ela em grande tribulação.

A «...cama...» e a «...tribulação...» são dois vocábulos que expressam a mesma idéia. Charles, além disso, supõe que «prostrar de cama» equivale a «infligir uma enfermidade» (ver Exo. 21:18), e que aquela primeira expressão é o hebraico específico por detrás do grego. O autor sagrado pensava em hebraico (ou aramaico) e escrevia em grego, e, ocasionalmente, podemos compreender melhor o autor quando restauramos, por detrás do grego, o suposto original hebraico. (Ver a seção VIII da introdução, quanto à natureza do grego do livro de Apocalipse). É quase certo que, para o autor sagrado, o grego era um idioma «adquirido», e não a sua língua nativa.

Por conseguinte, o leito que antes dava a Jezabel um prazer pecaminoso, é agora retratado como um «leito de enfermos», onde ela teria de sofrer agonias, devido à sua enfermidade de alma, deixada sem o poder curador do arrependimento.

**A predição envolvida neste versículo.** Já que os versículos vinte e seis a vinte e oito quase certamente envolvem uma promessa «milenar», é natural pensar que a «grande tribulação» que aparece neste versículo, como a



Grande Tribulação que haverá antes da segunda vinda de Cristo. Os capítulos sexto a décimo nono deste livro descrevem os horrendos acontecimentos que em breve terão lugar no mundo (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era», quanto às predições que circundam essas questões). Creemos que essa Grande Tribulação ocorrerá antes do final do nosso século XX. (Ver as notas expositivas, em Mat. 24:21 e Apo. 7:14, sobre a «Grande Tribulação». Quanto à «questão do arrebatamento», se será antes ou depois da Grande Tribulação, ver I Tes. 4:15, em suas respectivas notas expositivas).

O contexto imediato. Supõe-se que, historicamente falando, essa predição se cumpriu no tempo da original igreja local de Tiatira. Além disso, serve de símbolo acerca dos julgos de Deus em qualquer época, produzidos pelo pecado não-perdoado.

A tribulação conduz à morte. O «leito de enfermidade» será um «leito de morte» para o impenitente. Quanto aos mártires, fiéis ao testemunho de Cristo, santos em suas vidas, a vida eterna lhes é garantida, ainda que «morram», por motivo da sua posição em Cristo (ver Apo. 2:10). Os crentes martirizados podem sofrer tribulação que os conduza à morte, mas receberão a vida na glória. Não ocorre o mesmo tanto com Jezabel e seus filhos espirituais. Esses são prostrados de cama, mas somente para sofrer maior julgamento.

A «ira» de Deus é aqui subentendida, embora não seja esse o «julgamento» específico sob consideração. (Ver as notas expositivas, em Col. 3:6, acerca da «ira de Deus»).

«...os que com ela adulteram...» Quem seriam esses? Seriam aqueles que literalmente se deitassem com ela, seus companheiros de iniquidade. Mas também seriam os associados de Jezabel no culto gnóstico, que prostituam ao evangelho e cometiam adultério espiritual. Eram aqueles que cediam às influências malignas do paganismo; aqueles que se ocupassem do «culto ao imperador»; aqueles que permitiam que a igreja local fosse cativada pelo paganismo e transigisse com o mesmo. Esses todos eram companheiros de cama de Jezabel.

«...caso não se arrependam...» A decisão é deixada à pessoa que recebe a advertência. Os julgos de Deus são justos, podemos estar certos. E eles sobrevêm ao se tornarem necessários, porquanto são adiados somente por motivo de sua misericórdia. Mas, finalmente, sobrevêm, e são completos. (Ver as notas expositivas sobre o vigésimo primeiro versículo deste capítulo, acerca do ensino de como a misericórdia divina adia o seu juízo).

«...das obras que ela incita...» (Ver as notas expositivas sobre o vigésimo versículo deste capítulo, acerca de explicações sobre as «obras de Jezabel»; sobre os seus amantes e os seus filhos ver o vigésimo terceiro versículo). Essas obras haviam transformado a igreja de Tiatira em uma casa de prostituição.

Outras idéias sobre este vigésimo segundo versículo:

1. A igreja inteira da Tiatira era perigosamente ameaçada pelos nicolaítas, pelos seguidores de Balaão, pela heresia de Jezabel e pela imoralidade (o gnosticismo, e outras formas de paganismo, eram aceitos pela igreja dali como aceitáveis e até desejáveis). Jezabel tinha seus amantes e seus filhos. Esses ameaçavam dominar a igreja inteira. E os filhos espirituais de Jezabel continuavam extremamente numerosos na igreja atual.

2. As religiões populares da Frigia davam às suas divindades os títulos de «salvador» e «curador». Mas a mescla formada pelo paganismo e o cristianismo

roubou deste último todo o seu poder de curar e salvar.

3. A meretriz Jezabel, em certo sentido, profeticamente falando, tipifica a meretriz babilônica do décimo sétimo capítulo deste livro. A Grande Tribulação haverá de atingi-la em cheio, e ela será odiada e desnudada pela besta à seus dez reis (ver Apo. 17:16).

4. A ênfase escatológica das sete cartas do Apocalipse é inegável. Apesar dessas sete igrejas representarem épocas sucessivas da dispensação da igreja cristã, as últimas quatro igrejas, de alguma maneira, pintam a igreja do tempo do fim. Assim é que a igreja de Tiatira é ameaçada com a «Grande Tribulação»; Sardes é ameaçada com a vinda de Cristo como um ladrão; a Filadélfia é prometida a proteção na Grande Tribulação; e Laodiceia se vê destinada a sofrer as agonias dos últimos dias, imediatamente ao segundo advento de Cristo. A igreja cristã, nos últimos dias, combinará em si mesma o que houver de melhor e de pior de toda a era da igreja; e muitas promessas e ameaças escatológicas se aplicam a essas facetas, conforme se vê na descrição das quatro cartas que acabamos de mencionar.

5. A grande ilusão. «Caros amigos, é algo temível alguém atrair-se às suas próprias concupiscências e prazeres, iludindo-se com a profusão e com as esperanças cristãs, ao mesmo tempo que consente em aliar-se ao mundo ímpio e deixar-se contaminar com suas impurezas e pecados. Sai dentre elas e separai-vos, diz o Senhor» (Seias, *in loc.*).

6. Aqueles que foram capturados pelos vícios não podem herdar o reino de Deus. O evangelho deve ser isento de todo vício; ou, em caso contrário, até onde isso nos dê respeito, ele não terá utilidade. (Ver Gál. 5:21 e Ef. 5:5 quanto a esse fato).

7. É um grande infortúnio quando os líderes da igreja se deixam envolver pela transigência com o paganismo, em qualquer de seus aspectos, mas, especialmente no caso dos pecados carniais.

O falso pastor, uma vez que se corregeu para fora do caminho estreito, não admira que leve suas ovelhas inescultas a também se desviarem.

Quero ser autêntico, pois há aqueles que em mim confiam;  
Quero ser puro, pois há aqueles que se importam com isso.  
Quero ser forte, pois há muito para sofrer;  
Quero ser corajoso, pois há muito a ousar.

(Howard Arnold Walter)

«Vi um homem prepotente a expandir-se qual cedro do Líbano. Passou, e eis que desaparecera; procurei-o e já não foi encontrado. Observa o homem íntegro, e atenta no que é reto; porquanto o homem de paz terá posteridade» (Sal. 37:35-37).

Variantes Textuais: A palavra *cama* é decisivamente apoiada pelos mss Aleph, CP, 046, 1; 1006, 1611, 1854, 2063, 2344, no It(gig,61), na Vg, no Si(ph,h) e no Cop(bo). Escritas subsequentes, querendo fazer esse símbolo tornar-se mais compreensível, ou desejando aumentar o efeito dramático do versículo, modificaram esse palavra para «priso» (ver Apo. 2:10), conforme diz o Códex A. Ou então a modificaram para «forno» (no grego, «*klinon*»), vocábulo similar a «*klinen*», «cama», que aparece neste texto, conforme se vê no aramaico. O ms 1697 e o Cop(m) dizem «enfermidade» (fraseada, *doença*). Alguns manuscritos latinos, conhecidos por Primário, dizem «lectum», isto é, «trasteira», «aflicção». Essas variantes representam interpretações do vocábulo grego original.

As palavras *suas ações* figuram nos mss Aleph, CP, 1006, 1611, 2063, no It(gig), no Cop(sa,bo), no Si(h) e nos escritos de Tertuliano. Mas «ações deleis» é a forma que se acha nos mss A, 1, 1854, 2081, 2344, no It(61), no Si(ph), no Ara, no Et e nos escritos de Cipriano. Essa última forma foi provavelmente surgida quando os escribas desejaram fazer as «obras» serem atribuídas a todos os envolvidos, e não somente a Jezabel. Mas o versículo pinta as obras de Jezabel, das quais outros participaram. O culto era fomentado por ela. E eles se associaram na perversão dela.

23 καὶ τὰ τέκνα αὐτῆς ἀποκτενῶ ἐν θανάτῳ· καὶ γινώσκονται πᾶσαι αἱ ἐκκλησίαι ὅτι ἐγὼ εἰμι ὁ ἐραυνῶν νεφροῦς καὶ καρδίας, καὶ δώσω ὑμῖν ἐκάστῳ κατὰ τὰ ἔργα ὑμῶν<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> 23 {B} ἡμῶν N<sup>o</sup> A C P 1 94 1110 1611 1828 1854 1859 2042 2053 2065 2073 2101 2138 2344 {I} it(m,dn,ds,ss) vg(v) sy(ph,h) ath Primasius Andrew

Hayhu Arthas f. 44v 2432 f. 60v 1626 2058 arm f. 40v 046 2020 {I} vg<sup>1</sup> rup<sup>1</sup> Cyprian Ambrosiaster f. 60v N<sup>o</sup>

23 δ...καρδίας Ph 2:9; Pr 24:12; Jr 11:20; 17:10 δώσω...ὑμῶν Ph 23:12; Pr 24:12; Jr 17:10; Ro 2:6; 2 Tm 4:14; Ra 16:6; 30:11, 13

A forma ὑμῶν, que é apoiada por testemunho superior (N<sup>o</sup> A C P 1006 1611 1854 2053 2344 it (gig) vg sir (ph,h) af), foi omitida como desnecessária por N<sup>o</sup>; foi alterada para αὐτῶν (1626 2058 ara) (ou por razões de estilo) para αὐτοῦ (046 2020 it (61) cop (sa,bo) af); e foi equivocada como ἡμῶν (2432).

2:23; o final da morte a seus filhos, a todos na igreja subindo que os seus espíritos que sequestrados ou riu e as corações; e darai a cada um de vós segundo as suas obras.

«...Matarei os seus filhos...» A Jezabel, a seus amantes e a seus filhos ilegítimos são prometidos os mais severos julgamentos. No tocante aos mártires, a morte lhes é vantajosa, pois assim escapam da segunda morte (ver Apo. 2:10). Porém, a «morte» aqui referida não envolve qualquer elemento benéfico. Fala, primeiramente, de algum juízo que sobreviria aos elementos falsos da igreja, na «situação atual», em que eles se acham. Mas quase certamente há também uma alusão à «segunda morte», que não prejudicaria aos mártires, conforme lhes foi prometido. (Ver Apo. 2:11 e 20:14, quanto a notas expositivas sobre a «segunda morte»). A segunda morte equivale ao juízo eterno, o que é comentado em Apo. 14:11; ou à ira de Deus, a qual é comentada em Col. 3:6.

Os filhos de Acabe tiveram morte violenta (ver II Reis 10:7), tal como sucedeu à sua esposa, Jezabel. A peste é o acóite de Deus (ver Eze. 33:27). Mas isso serve apenas de figura simbólica da morte espiritual. A grande tragédia do castigo espiritual não é tanto o sofrimento que os condenados têm de experimentar; mas é o fato que aqueles que sofrem esse juízo não atingem o elevadíssimo destino reservado aos homens, por meio de Cristo, a saber, a participação na própria modalidade da vida do Filho de Deus (ver João 5:25,26 e 6:57). O julgamento consiste, essencialmente, desse «fracasso», ou, pelo menos, é o seu principal elemento. Deus exibirá a sua misericórdia, e o próprio julgamento não será meramente retributivo, mas há certa medida de restauração vinculada ao mesmo, até onde os homens

possam tornar-se, potencialmente, motivo de glória positiva para Deus, vivendo para nobres propósitos. Sabe-se isso com base no primeiro capítulo da epístola aos Efésios.

Entretanto, essa restauração não significa que todos venham a tornar-se «leitos de Deus, ou que venham a participar da natureza e da imagem de Cristo, que é o exaltado destino dos crentes ou remidos, exclusivamente. Naturalmente, todos os homens tornar-se-ão crentes, no sentido que, finalmente, darão lealdade a Cristo como Senhor (ver Fil. 2:9-11). E a todos eles Deus dará um propósito para a sua existência. Não obstante, terão perdido para sempre o grande propósito de sua existência, em Cristo, porque não serão filhos de Deus conduzidos à glória (ver Heb. 2:10). Esse conceito do juízo, que predominava nos primeiros cinco séculos da história da igreja, e que continua a prevalecer fortemente em certos segmentos da igreja, é comentado nas notas expositivas sobre Col. 3:6. (Ver também I Ped. 3:18-20 e 4:6). A autenticação da tradição cristã no tocante a esse conceito, é apresentada nas referidas notas.

Os filhos de Jezabel:

1. Os filhos de Jezabel são os produtos de seu adultério espiritual, os aderentes que ela obteve com suas falsas doutrinas, destituídas do imperativo moral, até mesmo com o encorajamento da licenciosidade. Neste ponto, provavelmente não há qualquer alusão direta aos filhos literais da ímpia mulher Jezabel, de Tiatira, que teriam nascido adulterinamente. Precisamos interpretar este versículo simbólico e espiritualmente.

2. Nenhuma nítida distinção pode ser traçada entre os amantes de Jezabel e os seus filhos. São apenas duas metáforas que falam sobre o culto gnóstico

e seus aderentes e convertidos. Alguns estudiosos pensam que os filhos são mais destacados, e que os amantes seriam os menos ousados elementos de sua progênie espiritual. Tal distinção, porém, é artificial.

3. Espiritualmente falando, todas as formas de iniquidade espiritual, envolvidas na paganização do cristianismo, estão em foco, e não apenas o gnosticismo antigo. A progênie espiritual dessa paganização haverá de enfrentar, finalmente, o julgamento divino, o qual limpará a igreja nos lugares celestiais, libertando-a de toda e qualquer poluição.

«...as igrejas conhecerão...» O vidente João certamente se refere aqui à igreja «universal», todas as igrejas, e não meramente às sete igrejas da Ásia Menor. O juízo divino operará de tal modo que a igreja universal descobrirá a lição e aprenderá bem—o evangelho que encoraja a imoralidade e a paganização é espúrio, e seus aderentes não podem escapar do olho perseguidor do Senhor, o qual sabe muito bem a quem convém ferir.

«...aquele que sonda mente e corações...» O texto denota uma sondagem cuidadosa, seguida da idéia de seguir os passos, com a ação resultante, por causa daquilo que foi descoberto. Mui provavelmente, envolve a memória do que diz Jer. 11:20, onde Deus é visto como aquele que testa (determina a natureza verdadeira) o «coração» e a «mente» do seu povo. Os juízos que se seguirão, pois, serão justos e completos, em nada falhos, porquanto repousam sobre total discernimento e informação. Neste versículo, conforme com frequência sucede no livro de Apocalipse, o poder e as operações de Deus são atribuídas a Cristo, o que é prova incontestável de sua divindade. (Ver Heb. 1:3 quanto à nota de sumário sobre esse tema).

«O julgamento seria tão notório quanto o escândalo fora evidente». (Moffatt, *in loc.*). Para que assim seja, é mister que sejam considerados todos os pontos, que sejam conhecidos todos os atos, para que tudo seja executado com precisão, de acordo com as «obras» realizadas, segundo o versículo passa a dizer-nos.

«...mente...» Essa é uma interpretação dos tradutores ou revisores. O original grego diz aqui «nephros», «rim». Os hebreus pensavam que os rins são a sede das emoções e dos afetos (ver Jer. 12:2), ao passo que o coração seria a sede dos pensamentos. Os tradutores da Septuaginta, entretanto, traduzem o termo hebraico que significa «rins» por «mente». A lição, entretanto, é claríssima: Jesus Cristo, que a tudo conhece, sondará e revelará a própria alma de cada indivíduo, em seus pensamentos íntimos, em seus propósitos e motivos, e não apenas o que cada qual tiver meramente praticado.

«...corações...» Algumas vezes esse termo indica os «pensamentos», e outras vezes as «emoções». Mas, em quase todas as suas ocorrências, nas páginas do N. T., está em foco a alma, o homem real e interior, em contraste

com a pessoa física e os seus atos, que podem ser vistos por outros homens.

«...darei a cada um, segundo as vossas obras...» Em consonância com o que acabara de ser dito, isso significa não meramente as «obras» realizadas, mas também o intuito e a natureza espiritual do indivíduo, os seus motivos e os seus desejos secretos. Um homem será julgado tanto pelo que tiver feito, como por aquilo que é, e não haverá exceção quanto a isso. Até mesmo os crentes serão julgados dessa maneira, conforme se aprende em II Cor. 5:10, onde apresentamos a nota de sumário acerca do «julgamento do crente». (Ver Rom. 2:6 quanto a uma nota detalhada sobre o «julgamento segundo as obras». Consultar também Apo. 20:13, onde a mesma coisa é asseverada, no caso do grande julgamento. O trecho de Gál. 6:7,8 assegura-nos que há uma lei universal da colheita segundo a semeadura, a qual, sob hipótese alguma, será contradita pelos homens, porquanto foi divinamente instituída, e por Deus é controlada e será cumprida. A leitura das notas expositivas quanto às referências dadas dão uma boa idéia sobre o que está envolvido em tudo isso).

Outras idéias sobre o vigésimo terceiro versículo:

1. Existe uma aparência superficial, que pode mascarar o caráter verdadeiro de um homem. Porém, nenhuma máscara pode ser conservada no lugar quando o olho de Cristo, que a tudo percebe, determina a natureza do julgamento que sobrevirá a uma pessoa. Nossa retidão precisa exceder a dos escribas e fariseus.

2. Johannes Kepler foi inspirado pelo pensamento que sua descoberta acerca das leis dos movimentos dos planetas era apenas «o pensar os pensamentos de Deus, depois dele». Há algo de solene no reverso desse pensamento. Deus pensa nossos pensamentos depois de nós, e nos julga de conformidade com os mesmos.

3. Lembremo-nos das tremendas catástrofes que mataram os filhos de Acabe, eram setenta deles, envolvendo também Jezabel e a comunidade inteira dos adoradores de Baal (ver o décimo oitavo capítulo do primeiro livro de Reis e o décimo capítulo do segundo livro de Reis). Seus descendentes espirituais não poderão escapar de idêntica sorte espiritual.

4. «A suposta profetia encabeçava o caminho da frouxidão moral, sob a pretensão de possuir um conhecimento mais profundo. Ela tinha seus associados e seus discípulos; o mal e as péssimas consequências continuaram crescendo; os discípulos mostraram-se piores do que seus mestres, e mais do que tribulação, mas a morte é a penalidade deles». (Carpenter, *in loc.*).

*Variante Textual:* As palavras «tuas obras» é a forma que se vê nos mss Alephic, ACP, 1006, 1611, 1854, 2053, 2344, no Itzigig, na Vg, no Siph. h). Provavelmente isso representa o texto original, contando com a evidência objetiva mais forte. O ms Aleph11 omite a palavra «tuas», talvez por ter ela parecido supérflua para algum escriba. Os mss 1623, 2058 e o Ara alteram isso para «obras deles», ao passo que os mss 046, 2020, o It(61), o Cop(sa,bo) alteram isso para «obras deles». O ms 2432, erroneamente, diz «nossas obras».

24 ὁμῖν δὲ λέγω τοῖς λοιποῖς τοῖς ἐν Θυατίροις, ὅσοι οὐκ ἔχουσιν τὴν διδαχὴν ταύτην, οὔτινες οὐκ ἔγνωσαν τὰ βάθεα τοῦ Σατανᾶ, ὡς λέγουσιν, οὐ βάλλω ἐφ' ὑμᾶς ἄλλο βᾶρος·

24 τους λ.] και [odd τοις 2329] λοιπ. 1894 vg.<sup>cl</sup> c

2:24: Digo-vos, porém, a vós os demais que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conhecem as chamadas profundezas de Satanás, que outra carga vos nãoerei;

«...a vós outros...», isto é, os membros daquela igreja, sem importar seu número, que não se deixaram arrastar pela imoralidade dos gnósticos e nem pela paganização geral da igreja, mas que, de algum modo, resistiram às pressões pagãs, opondo-se aos ímpios desígnios do culto de Jezabel. Em outras palavras, tal como nos dias de Jezabel, além de Elias, Deus preservara sete mil homens, que lhe permaneceram fiéis, assim também, na igreja de Tiatira, ele preservara um remanescente fiel. Portanto, as denúncias constantes desta carta não visam a igreja toda, nem a igreja local de Tiatira e nem a igreja da Idade das Trevas, profeticamente salientada nesta carta.

«...Tiatira...» (Ver as notas expositivas sobre essa localidade, em Apo. 2:18). Na introdução das notas sobre a presente carta, os vários símbolos e significações desta carta a Tiatira são explicados.

«...tantos quantos não têm essa doutrina...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Temos aqui uma referência direta e histórica ao gnosticismo, o que é comentado em Col. 2:18. Essa foi uma heresia que assediou à igreja cristã por cento e cinquenta anos. 2. Está em foco, especificamente, o aspecto «licencioso» dessa doutrina, a qual, longe de opor-se à imoralidade na igreja, recomendava e aprovava os pecados corporais, chegando mesmo a oficializá-los como parte da sua suposta ética cristã, conforme as coisas eram vistas pelos olhos gnósticos. (Ver as notas expositivas sobre isso nos versículos vinte e vinte e um deste capítulo). 3. Provavelmente essa doutrina deve ser vista de mistura ate mesmo com o «culto ao imperador», o qual, sem dúvida, era aprovado pelos líderes gnósticos, como se estivessem dando a César o que é de César. Os excessos sexuais e a idolatria acompanhavam a prática desse culto, no qual o imperador era adorado. 4. Profeticamente falando, essa «doutrina» indica a paganização da igreja, na Idade das Trevas. 5. Espiritual e simbolicamente falando, estão em vista quaisquer corrupções da doutrina e da ética cristãs, especialmente aquilo que corrompe moralmente a fé cristã, o evangelho da «crença fácil», que não tem nenhum imperativo moral.

«...não têm...», ou seja, não aderiam a essa doutrina e estavam «livres» da mesma, em contraste com os filhos e amantes de Jezabel, que são seus advogados.

«...como eles dizem...» Os mestres gnósticos atribuíam à sua doutrina o caráter de profundidade, de grande discernimento espiritual, carne, ao invés de leite. No entanto, não percebiam que a profundidade deles era satânica. Alguns intérpretes, entretanto, acreditam que os gnósticos chegavam ao extremo de afirmar que o indivíduo «precisa conhecer» as

24 βαθεα] add του Θεου αλλα 2329 | βαλλω] βαλω R 046 1 2329 al

lat c

profundezas de Satanás, a fim de obter o «conhecimento» necessário sobre a natureza do mal. Isso não é impossível, de forma alguma, quando consideramos que, na realidade, eles diziam que os anjos vinham postar-se a seu lado, encorajando-os a praticarem todas as formas de imoralidade, a fim de ganharem «experiência», o que melhoraria o seu «conhecimento», pelo qual, finalmente, é dada a «salvação». Tolamente imaginavam que a maior compreensão assim adquirida obteriam imunidade contra o poder do mal. Antes, ficavam atolados na perversão; e a alma deles, e não meramente o corpo, era assim corrompida. A história tem mostrado que algumas seitas gnósticas tinham natureza propositalmente «satânica». Por assim dizer, aliavam-se a Satanás, visando derrotá-lo. Alguns deles, entretanto, deixavam cair por terra todo o fingimento, e adoravam abertamente a Satanás.

«...coisas profundas de Satanás...» A expressão fica sem maiores esclarecimentos, pelo que é possível boa variedade de interpretações, conforme se vê nos cinco pontos abaixo:

1. Tal declaração pode ser irônica. Aquilo que os gnósticos chamavam de «profundezas espirituais» de Deus, o vidente João ridicularizava, dizendo que, na realidade eram «coisas profundas de Satanás». As imoralidades dos gnósticos não podiam ser consideradas parte integrante da ética cristã, inspiradas pelo Espírito Santo; mas eram antes manifestações do reino das trevas.

2. Pelo menos há aqui uma alusão definida à jactância dos mestres gnósticos acerca das profundezas espirituais, acerca do conhecimento secreto, do que os «tolos que seguem a fé» não teriam conhecimento, e no que eles, os «gnósticos», ou «conhecedores», tinham sido iniciados.

3. Talvez essa declaração não tenha intuídos irônicos. Os gnósticos investigavam as profundezas de Satanás, a fim de entender a verdadeira natureza do mal, que eles julgavam laborar em favor deles, livrando-os, afinal, do mal, porque, de acordo com as doutrinas deles, o livramento viria através do «conhecimento». O homem precisaria «saber» para ser livrado daquilo que lhe tolhe a alma. Portanto, sofregamente praticavam todas as formas de imoralidade, especialmente os excessos sexuais, supondo que isso lhes daria a experiência exigida para que tivessem «conhecimento».

4. Alguns intérpretes vêem aqui nada menos que reais adoradores de Satanás, com uma veneração proposital ao arcanjo do mal. Os gnósticos muitas vezes adoravam à serpente; e gnósticos de tempos posteriores, como os camitas, os carpocracianos e os naassenos, «jactavam-se de seu conhecimento de Satanás (a serpente). Alguns desses cultos gnósticos chegaram mesmo a reverter os ensinamentos das Escrituras, chamando a Satanás «deus», ao passo que o Deus da Bíblia seria maligno. Moisés seria mau, e Faraó seria bom; Jezabel e Acabe seriam bons, mas Elias seria mau,

Nesses cultos, a «adoração ao diabo» combinavam-se com o «estudo sobre diabo».

Várias referências, nos escritos dos pais da igreja, como Hipp., *adv. haer.*, v.6; Iren. *adv. haer.*, ii.22.1, mencionam especificamente a jactância do conhecimento dos gnósticos sobre «coisas profundas». Em contraste com eles, Paulo afirmava conhecer as profundezas de Deus (ver I Cor. 2:10; ver também Rom. 11:33 e Efê. 3:18).

5. Não nos devemos olvidar da interpretação «simbólica» e «espiritual» do presente versículo. Qualquer doutrina que afasta o homem de Cristo, qualquer prática moral ou estado espiritual que nos leva a dar preferência a qualquer coisa, acima de Cristo, na realidade é um meio usado por Satanás para afastar-nos do Senhor e conduzir-nos à destruição. Existem muitas formas modernas de «gnosticismo». A mais disfarçada dessas formas é a *crença fácil* na igreja, a qual faz a salvação depender apenas da crença em um credo, não exigindo a outorga da própria alma à Pessoa aludida no credo, Jesus Cristo. (Ver Heb. 11:1, em suas notas expositivas, acerca da fé na qualidade de «outorga da alma aos cuidados de Cristo»).

«...Outra carga não jogarei sobre vós...» O vigésimo quinto versículo explica o que é essa «carga». Em face de tão horrenda oposição e decadência geral, o Senhor da igreja não exige muito e nem espera muito, até que o processo histórico modifique as circunstâncias da igreja, mediante o que poderia emergir uma igreja mais forte. Talvez haja aqui uma citação ao que se disse no concílio de Jerusalém (ver Atos 15:28,29) quando foram baixadas ordens simples. Os crentes gentios deveriam resguardar-se da idolatria e da imoralidade. Portanto, essa referência é histórica, e não apenas uma introdução ao versículo seguinte.

Outras idéias sobre o vigésimo quarto versículo:

1. A idéia que podemos atirar-nos na imoralidade, sem pecar ou prejudicar nossas almas, conforme os mestres gnósticos garantiam, é uma ilusão de Satanás.

2. O gnosticismo penetra na igreja moderna sob formas sutis. A moralidade é condenada no púlpito, mas muitos crentes se deixam envolver na mesma, de

25 πλὴν ὃ ἔχετε κρατήσατε ἀκρι[s] οὐδ' ἂν ἦξω.

2:25: mas o que tendes, retendo-o até que eu venha.

«...conservai...» Consideremos os dois pontos seguintes: 1. Era mister continuar observando as regras simples, baixadas pelo concílio de Jerusalém, acerca da conduta das igrejas gentílicas—que se abstivessem da idolatria e das imoralidades pagãs, como aquela representada pelo culto de Jezabel ou por qualquer outra forma de paganismo. (Ver Atos 15:28,29). 2. Era necessário continuarem praticando o amor cristão, a fé, o serviço e a resistência paciente, virtudes essas possuídas pelos crentes de Tiatira (ver o décimo nono versículo deste capítulo). Que não perdessem aquilo que já possuíam; que não retrocedessem. Pelo menos deveriam permanecer espiritualmente onde se achavam, até que alguma intervenção divina melhorasse a condição geral da igreja.

«Quão fácil é permitir que a verdade e a devoção definham, no meio ambiente de Jezabel!» (Newell, *in loc.*).

Notemos aqui o imperativo aoristo. No dizer de Alford (*in loc.*): «O aoristo é mais vívido e imperativo do que o tempo presente; afirma não tanto um hábito contínuo, mas o apego renovado e determinado de todo o momento intermediário do espaço prescrito».

«...até que eu venha...» Consideremos, sobre essas palavras, os seguintes três pontos:

1. A «parousia» ou segundo advento de Cristo está particularmente em vista aqui, o que se torna necessário, com base em diversas considerações: a. Sem qualquer qualificação, a menção dessa «vinda» deve significar a segunda vinda de Cristo, considerando-se que a igreja primitiva pensava que a mesma poderia ocorrer a qualquer instante. (Ver I Cor. 15:51, em suas notas expositivas, acerca desse conceito). b. Nos versículos vinte e seis, vinte e sete e vinte e oito deste capítulo, há notas sobre o «milênio; pelo que», a vinda de Cristo, que ocorrerá antes desse evento, para iniciar o milênio, deve estar em foco. c. As últimas quatro cartas do Apocalipse (dentre um total de sete), todas possuem características da igreja cristã dos «últimos tempos»; portanto, todas elas, de alguma maneira, lançam olhos para o fim de nossa era, ou seja, para a segunda vinda de Cristo. A igreja do fim incorporará, em si mesma, características de todas essas igrejas, a despeito do fato que cada qual representa um período diferente da história da igreja, em seus aspectos proféticos; e esses períodos antecedem ao tempo da igreja do fim, exceto nos casos das igrejas de Filadélfia e de Laodicéia.

2. Em segundo lugar, podemos dizer que essa «vinda» de Cristo indica a

26 καὶ ὁ νικῶν καὶ ὁ τηρῶν ἀχρι τέλους τὰ ἔργα μου, δώσω αὐτῷ ἐξουσίαν ἐπὶ τῶν ἐθνῶν,

26-27: dōσω...σωτηρίᾳ Pt 2.6, 9; Pt 3.12-24; Ra 12.5

2:26: Ao que vencer, a ao que guardar as minhas obras até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações.

«...Ao vencedor...» Esse é um elemento comum de cada uma das cartas do Apocalipse. (Ver Apo. 2:7 quanto a explicações a respeito). Em cada caso, o «vencedor» é aquele que dá atenção às advertências e instruções da carta sob consideração, e cumpre aquilo que dele é exigido. Portanto, aqui, o «vencedor» é aquele que desafia o culto encabeçado por Jezabel, que evita a imoralidade e contra ela combate; que ama, trabalha e suporta provações.

Notemos que a vida cristã requer o triunfo. A conversão deve estar solidamente alicerçada sobre o arrependimento e a fé reais; e isso deve ser seguido pela santificação, pois, do contrário, não terá havido salvação (ver II Tes. 2:13). O chamamento à glória é, primeiramente, a chamada à santificação e ao desenvolvimento espiritual. Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). O Espírito forma a imagem, a

uma maneira ou de outra, sem grande peso na consciência. Por conseguinte, prevalece a «mentalidade gnóstica», embora não seja a mesma declarada como doutrina oficial.

3. Os gnósticos oftas (termo este derivado de «*ophis*», palavra grega que significa «serpente»), e os gnósticos naameno (nome derivado do termo hebraico, «*naash*», «serpente»), pelo menos eram mais francos. Adoravam abertamente ao princípio do mal, tendo Satanás por detrás do mesmo. Portanto, pode-se ver por que suas vidas eram tão corrompidas. E quantos cristãos adoram secretamente, hoje em dia, à serpente, por serem ateus em sua vida diária, embora não em suas doutrinas!

4. A «carga» da responsabilidade daqueles crentes, consistia de observarem, pelo menos, os principais mandamentos éticos: evitar a idolatria, devotando a alma inteira a Cristo; e evitar os pecados mais grosseiros, como os pecados do sexo, a fim de não terem prejudicada a própria alma e pudessem receber o favor divino. Daquele nível o Espírito de Deus pode levar os crentes a níveis mais altos e maiores realizações. Quão trágico é que nem ao menos esses princípios fundamentais sejam observados por tantos membros da igreja moderna, por terem a mentalidade da igreja de Tiatira!

6. O cristianismo tem seu «fardo», embora Cristo seja capaz de torná-lo leve. (Ver Mat. 11:28-30). O seu «jugo» é leve, porquanto torna-se a plumagem de um pássaro que nos faz ascender espiritualmente. Porém, não será leve e nem nos fará subir espiritualmente, enquanto não o usarmos com seu devido propósito.

8. É possível que aquilo que alguém pensa ser uma igreja de Deus, na realidade não passa de uma «sinagoga de Satanás» (ver Apo. 2:9). Um evangelho sem moral cria tal espécie de sinagoga.

7. Os gnósticos pervertiam ao misticismo, o qual pode e deve ser o meio central de desenvolvimentos espirituais. Em suas vidas, esqueciam-se do imperativo moral do evangelho. Qualquer misticismo que ignora a parte moral é falso. O misticismo autêntico sempre apressora moralmente ao crente. A verdadeira experiência mística nos tornará crentes melhores. Nenhum misticismo isenta-nos da obrigação moral. O caso é justamente o contrário. O verdadeiro misticismo torna-nos mais sensíveis para com os princípios morais. Os «místicos» dos gnósticos, mediante o que pretendiam afundar-se nas «profundezas» da verdade espiritual, na verdade eram ilusões satânicas.

25 ὃ ἔχετε κρατήσατε Ra 2.11

renovação espiritual trazida pela Reforma da igreja (ano de 1500 em diante), na igreja de Sardes, a qual é descrita nas notas sobre a igreja seguinte.

3. Como aplicação, podemos afirmar que essa vinda envolverá julzo, e poderá ocorrer em qualquer período da história eclesialística, sobre qualquer igreja local que tenha o caráter da igreja de Tiatira.

Apesar de podermos admitir essas outras idéias, a verdade ensinada parece ser que a comunidade religiosa cristã que afundou ao nível da igreja de Tiatira, na realidade não consegue mais auto-reformar-se, só podendo ser purificada pela volta de Cristo. «Veremos que, de Tiatira em diante, o retorno de nosso Senhor, e não a recuperação da igreja ao seu primitivo estado, e muito menos a conversão do mundo, é o único objeto de nossa esperança». (Newell, *in loc.*). (Ver notas expositivas completas sobre a «parousia», em I Tes. 4:15).

\*\*\*

Outras idéias sobre o vigésimo quinto versículo:

1. Consideremos a infinita preciosidade de nossas possessões em Cristo, os privilégios da igreja e as bênçãos da graça. Acima de tudo, mostremos-nos diligentes no apego a essas coisas, sem transigirmos com o mundo pagão.

2. «Algumas vezes nos olvidamos o quanto devemos à Bíblia e àqueles institutos e ensinamentos cristãos, que têm feito tão diferente a nossa sorte da situação dos pagãos. É maravilhoso quando o evangelho não cessa de soar em nossos ouvidos; contar com ministros que o ensinam; contar com as influências cristãs ao nosso redor, condicionando os nossos lares, temperando as nossas leis e influenciando os hábitos e o caráter da comunidade onde vivemos... Desfazer-se do evangelho é desfazer-se de tudo». (Seiss, *in loc.*).

3. Devemos manter o conflito até a obtenção da vitória. No momento estamos em luta contra um mundo hostil. O Novo Dia nos trará vitória e glória.

Quando Jesus vier galardão a seus servos,  
Sem importar se ao meio-dia, se à noite,  
Fidels a ele, nos encontrará ele vigiando,  
Com nossas lâmpadas preparadas e brilhantes!  
(Fanny J. Crosby)

4. Mantenhamos a obra de Cristo em progresso, até ao fim; muitos são os incentivos; muitas são as recompensas. Se a igreja de Tiatira foi capaz de fazer isso, em meio à corrupção e à oposição que ela encontrava, certamente que qualquer igreja local pode fazê-lo. Essa igreja chegou até a «aumentar» suas obras, de tal maneira que fez mais e melhor no fim do que no começo (ver o décimo nono versículo deste capítulo).

δῶσω αὐτῷ ἐξουσίαν ἐπὶ τῶν ἐθνῶν,

natureza moral, a «modalidade» real da vida que Cristo possui, insuflando tudo em nós (ver II Cor. 3:18). Esse é o homem que «vencerá». A fé deve manifestar-se no ser do crente, porque, de outra forma, nem será fé real.

«...ao que guardar até o fim as minhas obras...» Essa declaração define o «vencedor». É aquele que resiste firmemente até o fim; aquele que professa ter vida espiritual, mas também progride na mesma. O vencedor é aquele que se opõe à invasão do paganismo na igreja; é aquele que ama, trabalha e permanece firme. (Ver o décimo nono versículo acerca das «obras» da igreja de Tiatira, nas quais agora são ordenados a perseverar, se quisermos ser vencedores). Observemos que essas obras eram as obras de Cristo, porquanto o crente as cumpre em seu nome, mediante o impulso dado por ele. As «obras de Cristo» fazem contraste com as «obras de Jezabel», aludidas no vigésimo segundo versículo.

«...até o fim...», isto é, até à volta do Senhor, até à «parousia» (conforme



se vê no vigésimo quinto versículo).

«...eu lhe darei autoridade sobre as nações...» Essa é uma promessa relativa ao milênio, estando associada a Apo. 20:4,6. (A nota de sumário sobre o «milênio» aparece em Apo. 20:6). Eles não adoravam à besta, e nem quiseram receber sua marca. Esses reinarão com Cristo. «Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos». O «reino» que foi rejeitado pelos judeus, ainda será realizado e será inaugurado quando da segunda vinda de Cristo. A promessa é que crentes fiéis terão posições de poder naquele reino: os mansos herdarão a terra.

Notemos que aqueles que repelirem o corrupto mundo de Jezabel, herdarão o novo mundo. Os místicos contemporâneos estão predizendo o milênio na primeira porção do século XXI, certamente antes do ano 2040. Sem fazermos um dogma de tais predições, cremos que provavelmente estão com a razão. Contudo, o mundo ainda haverá de atravessar duas horrendas guerras, que envolverão armamentos atômicos. (Ver o artigo, existente na introdução ao comentário, sobre *A Tradição Profética e a Nossa Época*.)

O texto mostra, incidentalmente, que não somente os santos da tribulação, aqueles que enfrentarem e vencerem ao anticristo, haverão de reinar com Cristo, durante o milênio, porquanto, profeticamente falando, a igreja de Tiatira não representa o período da Grande Tribulação. Nosso entendimento sobre o que tudo isso significa, naturalmente é muito limitado; mas a promessa, de modo geral, é perfeitamente clara. Os crentes que tiverem sido fiéis, de algum modo, exercerão autoridade na terra, durante o período do milênio. Isso não significa que todos o farão. Mas «alguns» receberão esse privilégio, cujo destino é ter tal serviço e que tiverem

merecido tal coisa, mediante sua fidelidade e sua oposição às forças do anticristo.

«Os seguidores do Messias compartilharão de sua vitória sobre os seus adversários (ver Apo. 1:6; 12:5 e 19:15)». (Robertson, *in loc.*).

*Outras idéias sobre o vigésimo sexto versículo:*

1. O triunfo está reservado para os fiéis a Cristo, os quais vêem claramente que nada, nem indivíduo, nem seita e nem religião, pode tomar o lugar do Senhor Jesus como objeto de nossa devoção e lealdade.

*Digo eu que o reconhecimento de Deus em Cristo, Aceito pela razão, soluciona, para ti, Todas as perguntas na terra ou fora dela.*  
(Robert Browning).

2. Com demasiada frequência, na história da igreja, esta última tem procurado enfeixar nas mãos o poder temporal. Mas isso só tem redundado em corrupção da igreja, devido ao poder e ao orgulho. No presente versículo aprende-se que a igreja haverá de governar, mas que isso sucederá somente no Novo Mundo.

3. As obras de Cristo: «Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus» (Apo. 14:12).

4. A promessa aqui feita não é que a igreja possuirá «autoridade» sobre o mundo pagão, e nem mesmo um poder espiritual generalizado; muito menos ainda está em pauta o poder político, antes da segunda vinda de Cristo. Mas tudo isso tornar-se-á uma realidade, depois da volta de Cristo, quando o mundo inteiro passar por tremenda revolução espiritual, de modo a entrar em uma plana de existência espiritual muito superior à presente.

5. «Por ocasião da vinda de Cristo, os santos possuirão o reino 'debaixo de todo o céu' (ver Dan. 7:27). Por conseguinte, sobre esta terra (comparar com Luc. 19:17)». (Fausset, *in loc.*).

27 καὶ ποιμανεῖ αὐτοὺς ἐν ῥάβδῳ σιδηρᾷ, ὡς τὰ σκεύη τὰ κεραμικὰ συντρίβεται,

111 27-28 f minor, f minor, f minor: (WH) Bov Nov BP2 f f minor, f minor, f major: TR AV RV ASV RSV TT Luth Beza f f major, f minor, f major: RVms ASVms f f none, f evolution, f major: Jen f f minor, f dash, f dash: (NEB) Zür

\*\* 27-28 e number 28, e no number: TR WH Bov Nov BP2 TT Luth Beza f f no number, e number 28: TR AV RV ASV RSV NRB Sagm

27 (σῖδηρον, οὐς . . . κεραμ. συντρ.) σιδηρὰ ὡς . . . κεραμ., συντρ. Rm)

2:27: e com vara de ferro os regerá, quebrando-os de modo como são quebrados os vasos de oleiro, assim como se recolhi autoridade de meu Pai;

O autor sagrado usa o trecho de Sal. 2:8,9, de modo um tanto livre, um salmo que apresenta o «...conceito de um rei-guerreiro, reputado como o ungido de Yahweh, ou Messias, o qual conquistará os inimigos de seu povo». Esse salmo foi aplicado por João ao Cristo vencedor, o qual, em Apo. 12:5, e, especialmente em Apo. 19:15, governará às nações conquistadas com «vara de ferro». Mas, segundo essa promessa, o Cristo entregará esse poder aos mártires e a seus vitoriosos companheiros na morte. Ao harmonizarmos esses pontos de vista, devemos observar que quando Cristo vier em poder, a fim de ferir às nações e governá-las com vara de ferro, será assistido por seu exército de mártires, vestidos de linho branco e montados em cavalos brancos (ver Apo. 19:14; comparar com Apo. 17:14). (Rist, *in loc.*).

Naturalmente, o texto não limita esse governo aos «mártires», embora, em outros textos, estejam eles especialmente em mira, por terem sido mortos pelo anticristo, cuja vitória será total e completamente revertida. O fato que os mártires retornem para governar a terra, onde foram tratados com tanto opróbrio, é a reversão dos crimes do anticristo.

«...regerá...» Essa palavra, no grego, vem de uma raiz que subentende «como um pastor», isto é, «poimaino», «arrebánhar», «pastorear». O governo de Cristo será severo, será protetor e benéfico, sendo exatamente isso que poderíamos esperar do Cristo eterno, como Governante. Esse uso muito nos sugere todas as relações de Deus com os homens. Nem mesmo os juízos de Deus são apenas «retributivos»; mas são igualmente «corretivos» e «disciplinadores», procurando levar a certa forma de «restauração», e não à destruição. (Ver I Ped. 4:6 acerca desse conceito).

«...cetro...» Temos aqui alusão ao «cajado» dos pastores ou ao «cetro» dos reis. Ambos os usos podem ser encontrados no grego, e ambos os usos têm aplicação no presente versículo. O Grande Rei é um Rei-Pastor.

«...reduzirá a pedaços...» A segunda vinda de Cristo representará a maior intervenção divina na história da humanidade. O mal será tratado com extrema severidade; haverá destruição generalizada (mediante armas atômicas e juízos divinos) o que levará os homens a perderem a esperança na própria sobrevivência da humanidade. Dentre os destroços, entretanto, surgirá um mundo purificado, com um novo e mais elevado senso de espiritualidade. As nações que vierem a participar do milênio aceitarão jubilosamente o jugo de Cristo, porque reconhecerão que isso é para o seu próprio bem. A rebeldia será algo do passado. O Espírito de Cristo reinará de modo absoluto. Seu poder total é aqui vinculado à completa desintegração de um vaso de barro, devido às vigorosas pancadas dadas com um cetro de ferro, em que os cajados são esmigalhados sob os seus pés. Essas são expressões figuradas, indicando quão completamente ele brandirá autoridade, e quão completamente ele a usará.

Não há aqui qualquer referência sobre a «conversão» dos povos pagãos, antes da volta de Cristo. O milênio será um estado «intermediário»,

28 ὡς καὶ γὰρ εἴληφα παρὰ τοῦ πατρὸς μου, καὶ δώσω αὐτῶ τὸν ἀστέρα τὸν πρωϊνόν.

28 τὸν ἀστέρα τὸν πρωϊνόν Ra 22,18

2:28: também lhe dei a estrela da manhã.

«...assim como também eu recebi de meu Pai...» Essas palavras deveriam fazer parte do fim do vigésimo sétimo versículo, porquanto ali elas se ajustam muito melhor. (Ver as notas expositivas sobre essa declaração, ali).

«...dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã...» Existem muitíssimas e até

preparatório do estado eterno. Durante o seu governo no milênio, tal como em todas as suas demais atividades, celestiais ou terrenas, Cristo será sempre o Salvador e o Restaurador. Assim sendo, o seu governo, embora severo, visarà à verdadeira conversão dos povos. Contudo, a «vinda de Cristo» é que concretizará esse propósito, e não o trabalho da igreja, mediante o evangelismo.

Também não se deve pensar que haja aqui alusão ao surgimento do protestantismo, a fim de corrigir os erros de Roma. O texto ultrapassa em muito a todas as considerações dessa ordem. Estamos tratando aqui de uma intervenção divina na história da humanidade, e não de um processo histórico normal, religioso ou político.

«...assim como também eu recebi de meu Pai...» Essas palavras poderiam ser ligadas ao final do vigésimo sétimo versículo ou ao começo do vigésimo oitavo; porém, mais provavelmente, isso alude à tomada de autoridade do Filho de Deus, a fim de governar, e não tanto à promessa referente à Estrela da Manhã. Notemos que essas palavras são um reflexo de Sal. 2:7; e esse Salmo acabara de ser aludido, em conexão com a autoridade do Filho sobre as nações, autoridade essa que Deus Pai deu a Cristo. A idéia inteira desse segundo Salmo é que o Pai fará o Filho triunfar sobre este mundo hostil, passando este a ser governado pelo Senhor. Assim, apesar do fato que nos manuscritos originais não há sinais de pontuação, e apesar de que essas palavras podem estar ligadas à idéia do vigésimo oitavo versículo, mais provavelmente tal declaração pertence ao vigésimo sétimo versículo, em consonância com a idéia constante do Salmo que está sendo citado aqui. Notemos como o trecho de I Cor. 15:24-28 expande o próprio conceito que temos aqui. Cristo, o Filho de Deus, reinará, até que Deus Pai punha todos os seus inimigos sob os seus pés. Sua autoridade procede do Pai. Outro tanto se verifica em Mat. 28:18, onde Jesus, o Filho, aparece revestido de grande autoridade, a qual lhe fora «dada» pelo Pai. Cristo Jesus brande toda a autoridade, nos céus e na terra, na qualidade de Filho de Deus; mas isso se deve ao fato que Deus Pai, no exercício de sua vontade onipotente, confere tal autoridade ao seu Filho.

*Outras idéias sobre o vigésimo sétimo versículo:*

1. As nações receberão liberdade autêntica, quando o Filho de Deus estiver a governar sobre elas. Confessamos a Cristo como Senhor, e então ficamos livres das forças destrutivas, podendo avançar espiritualmente até à perfeição, chegando mesmo a participar da plenitude de Deus (ver Efê. 3:18). Torna-se cativo teu, Senhor, e então serei verdadeiramente livre.

2. Lembremo-nos que «Melhor... é o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade» (Pro. 16:32), embora os homens desprezem essa verdade (ver Luc. 22:28,30). (Newell, *in loc.*).

3. O vaso de barro, despedaçado, fica irreparavelmente arruinado. Isso pode ser comparado com Isa. 30:14 e Jer. 19:11. Mas, quando um homem deixa de lutar em si mesmo, torna-se a nova argila que forma um vaso novo e melhor.

4. «Cristo haverá de governá-los com um cetro de ferro, tornando-os capazes de serem governados com um cetro de ouro: severidade, em primeiro lugar; em seguida, a graça». (Trench, *in loc.*).

mesmo contraditórias interpretações, sobre o significado da «estrela da manhã». Nos pontos abaixo procuramos apresentar o sumário desses variados pontos de vista:

1. Alguns estudiosos pensam que essa estrela é Lúcifer (ver Isa. 14:12) a exaltada estrela do mal. Nesse caso, a promessa é a vitória sobre Satanás,

vitória outorgada aos crentes, por se terem deixado cativar por Cristo, sujeitando-se aos seus discípulos. Assim sendo, o versículo deveria ser ligado ao trecho de Luc. 10:18, onde Satanás é visto a cair dos céus como se fora um relâmpago.

2. Outros estudiosos vinculam essas palavras com Dan. 12:3, onde se diz que os próprios justos brilharão como estrelas, para todo o sempre. Nesse caso, a promessa envolve o cumprimento do que está implícito na profecia de Daniel. O sentido é que os crentes entrarão na glória celeste e serão glorificados com o esplendor do mundo eterno de Deus. (Ver os trechos de Mat. 13:43 e Pro. 4:18, que contêm pensamentos similares).

3. A estrela era um antigo símbolo de senhorio. (Ver Núm. 24:17 e Mat. 2:2). É possível, por conseguinte, que a estrela «dada» a Cristo seja equivalente à promessa contida em Apo. 20:4-6, onde se lê que aqueles que venceram ao anticristo, mediante a ressurreição, receberão poderes reais. Isso já fora dito acerca de todos os fiéis, no vigésimo sexto versículo do presente capítulo, razão pela qual a «estrela» talvez seja símbolo dessa promessa.

4. Mediante a modificação da segunda dessas interpretações, alguns eruditos vêem aqui o uso de termos astrológicos, como se houvesse uma aplicação da astrologia da época do vidente João. As passagens de I Enoque 104:2 e II Baroque 51:10 incluem tais referências. Ver também II Esdras 7:97. Havia então a crença na imortalidade sideral, que evidentemente envolvia alguma forma de glorificação que transformaria os seres humanos em seres angelicais superiores, dotados de autoridade sobre lugares elevados, nos céus, conforme se dá em certo sentido com as estrelas. Lembremo-nos que muitos antigos, devido às limitações de seus conhecimentos astronômicos, pensavam que as estrelas eram seres celestiais conscientes, ou, pelo menos, seriam os corpos desses seres ou os lugares onde habitavam.

5. Notemos, porém, em Apo. 22:16, que o próprio Cristo é identificado como a «brilhante estrela da manhã». Não pode haver dúvida razoável, pois, que ele também é aquela figura central. Para os povos antigos, a estrela da tarde simbolizava a morte, mas a estrela da manhã simbolizava vida e imortalidade. Por conseguinte, apesar de serem usados termos diferentes, o ensinamento é essencialmente idêntico à «árvore da vida» (ver Apo. 2:7), à «coroa da vida» (ver Apo. 2:10) e ao *maná escondido* (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo). A estrela da manhã também era símbolo da glória celeste, pelo que essa vida vem através de Cristo como o Senhor celestial, o qual é a nossa vida. A igreja de Pérgamo ele prometeu um «novo nome», a saber, o seu e também o deles, como também uma lmpar «expressão de vida», por toda a eternidade. Aos crentes de Filadélfia, ele prometeu o seu «novo nome», uma nova revelação de si mesmo, a qual redundará na fruição da vida eterna. A resplendente revelação de Cristo, para seu povo, é algo que transmite vida.

«Algumas vezes recebo o senso da excelente plenitude de Cristo, mediante

a qual ele se tem ressaltado, diante de mim, acima dos principais dez mil. De certa feita, quando me internei em um bosque, tive uma visão extraordinária da glória do Filho de Deus. A pessoa de Cristo pareceu-me inefavelmente excelente, dotada de uma excelência suficientemente grande para servir todo pensamento ou concepção—que me conservou, a maior parte do tempo, entre dilúvios de lágrimas e choro em voz alta» (Jonathan Edwards).

Mas o testemunho acima, do grande homem de Deus, serve apenas de prelibação da «visão beatífica», que a Estrela da Manhã representa. Essa visão é transformadora, e nos dará a mesma vida que ele mesmo possui (ver João 5:25, 26 e 6:57), mediante a completa iluminação de nossos seres, de tal modo que viremos a compartilhar da plenitude de Deus (ver Efê. 3:19).

O *Sol da Justiça* vem até nós em toda a sua glória majestática; e assim assumimos sua imagem e natureza. Assim como ele é a luz, assim o seremos nós, na qualidade de filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10).

6. A estrela, apesar de falar sobre glória e poder, não é meramente símbolo de um domínio mundial, que é a mensagem do vigésimo sexto versículo. Entretanto, envolverá poderes reais para aqueles que receberem essa Estrela. Porém, a mensagem ainda é mais profunda do que isso.

7. Também há os intérpretes que pensam que a Estrela representa o Espírito Santo, embora os tais não possam provar que o Espírito de Deus pode ser assim simbolizado, ao passo que a passagem do Apo. 22:16 mostra-nos que Cristo é assim representado.

1. A Estrela aqui referida é o próprio Cristo, a exercer sua grandiosa obra redimidora, a vida mediante a iluminação, a participação em sua própria glória: Cristo é quem nos trará a glória celeste.

2. Essa Estrela nos trará a excelência da glória de Cristo, a luz da sua presença, a concretização de todas as promessas do evangelho. Isso pode ser comparado com II Ped. 1:19, onde há notas expositivas que adicionam subsídios ao presente versículo.

3. «Quando tiveres vencido em meio ao conflito, eu serei teu». (Charles, *in loc.*).

4. A Estrela da Manhã será o arauto do dia eterno glorioso, tal como a natural estrela matutina anuncia o romper do dia. Vênus (o planeta que é a estrela matutina) é o corpo celeste mais brilhante, depois do sol e da lua.

5. Essa promessa não terá cumprimento antes da vinda de Cristo. Por conseguinte, não é qualquer regra temporária da igreja, nem espiritualmente (como se verificou na era melhorada da igreja de Filadélfia), e nem politicamente, como se fora alguma autoridade que a igreja recebesse, obtendo as rédeas do governo mundial.

*Estrela maravilhosa, estrela da noite,  
Estrela resplendente da real beleza,  
A guiar para o ocidente, e continuando,  
Guia-nos até à tua perfeita Luz.*

(Phillips Brooks)

29 ὁ ἔχων οὖς ἀκουσάτω τί τὸ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις.

2:29: Quem tem ouvidos, ouça a que o Espírito diz às igrejas.

Essa é uma expressão que figura em todas as sete cartas do Apocalipse, chamando a atenção dos leitores para a solene necessidade de darem atenção às palavras enviadas pelo Senhor, a fim de seus conceitos e conselhos serem postos em prática. (Ver as notas expositivas completas sobre isso, em Apo. 2:7, com idéias adicionais em Apo. 2:11). Possuímos o discernimento «espiritual» e a sensibilidade necessários para «dar ouvidos» ao que foi dito? Esses são os «ouvidos» de que precisamos. Se os temos,

então que os usemos.

«Jezebel e seus filhos prosseguirão tal como são, mas o 'resto', o remanescente, ouvirá». (Newell, *in loc.*). «Que todo o crente dê a mais estrita atenção a essas predições feitas por Cristo, e que sejam elas uma influência poderosa sobre o seu coração e sobre a sua vida». (Adam Clarke, *in loc.*).

#### Capítulo 3

#### IV. Cartas às Sete Igrejas (Coisas que são — Caps. 2 e 3)

##### 5. A Sardes (3:1-6).

As sete igrejas, para as quais foi enviado o livro de Apocalipse, são igrejas literais daquela época (aspecto histórico), mas também são símbolos proféticos da história eclesiástica (aspecto profético), e exemplificam características de condições espirituais que existirão em toda e qualquer época eclesiástica (aspecto simbólico e espiritual). Profeticamente falando, supõe-se que Sardes representa a época da Reforma Protestante, um «novo começo». Mas, se fizermos uma avaliação realista, isso é um exagero, se dermos a essa reforma o aspecto de uma renovação espiritual. (Quanto a notas expositivas completas sobre o significado das «sete igrejas do Apocalipse», ver Apo. 1:4). Na época representada pela igreja de Sardes, apesar de haver a reputação externa de renovação, transparece a decadência interna da carnalidade.

Nos séculos XV e XVI, o mundo foi despertado pela renascença, levando os homens a pensarem por si mesmos, rejeitando o poder maciço de instituições, a fim de se guiarem pela sua individualidade. A invenção da imprensa, em cerca de 1450, deu ao mundo, em primeiro lugar, a Bíblia em latim, e, mais tarde, o N.T. grego. Erasmo de Roterdã preparou o primeiro N.T. grego impresso, no início do século XVI, sendo assim provida uma base para a tradução do N.T. para vários idiomas modernos. O novo interesse na Bíblia e na santidade pessoal, levantou homens como Lutero, Erasmo e Zwinglio, Li Fevre e Calvino. A influência de Lutero se propagou por toda a Alemanha e pelos países escandinavos. A influência de Calvino tornou-se, com o tempo, sentida ainda mais largamente, e igrejas reformadas surgiram na França, na Itália, na Alemanha, na Holanda, na Inglaterra e na Escócia. Cerca de duas mil, cento e cinquenta igrejas reformadas foram organizadas, recebendo de Calvino seus pregadores. Porém, quando a poeira sentou, e a *contra-reforma* fez sentir os seus efeitos, as vantagens espirituais obtidas eram mais ilusórias do que reais. É que os reformadores traziam consigo os seus antigos preconceitos, ódios e intolerâncias, e, com grande frequência, governavam com pesada mão ditatorial, não mais leve que a de Roma. O resultado disso é que as igrejas reformadas não demoraram a dividir-se em muitas denominações; e assim, a renovação prometida à igreja, desintegrou-se, reduzindo-se a quase nada, ao mesmo tempo que a cristandade ficou dividida em muitos campos armados. A renovação, por ter falhado na sua tentativa de purificar a igreja, resultou em uma ortodoxia morta. Assim sendo, a Reforma Protestante ficou famosa entre os homens como dotada de vida nova; mas o olhar penetrante de Cristo viu, nessa suposta vida nova, o antigo amortecimento espiritual. Profeticamente, portanto, a carta à nossa frente fala sobre aquele período histórico.

Historicamente falando, estamos tratando com uma igreja do primeiro século da era cristã, cuja reputação em muito ultrapassava sua verdadeira espiritualidade, o que, certamente, é a condição que impera em qualquer época da igreja. Se porventura fossem conhecidas as vidas pessoais dos membros das igrejas atuais, que reputação teriam até mesmo as nossas

melhores igrejas locais? Por conseguinte, a mensagem da carta de Sardes se reveste de perene aplicação. Observando que a mensagem da presente carta do Apocalipse tem uma aplicação universal, deveríamos dar ouvidos atentos à mensagem da mesma, se realmente estamos interessados na melhoria das condições espirituais da igreja de Cristo.

3 Καὶ τῷ ἀγγέλῳ τῆς ἐν Σάρδεσιν ἐκκλησίας γράψον· Τάδε λέγει ὁ ἔχων τὰ ἑπτὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ καὶ τοὺς ἑπτὰ ἀστέρας· Οἶδά σου τὰ ἔργα, ὅτι ὄνομα ἔχεις ὅτι ζῆς, καὶ νεκρὸς εἶ.

1 τὰ...θεοῦ Re 1:4; 4:5; 5:6 τοὺς ἑπτὰ ἀστέρας Re 1:16, 20; 2:1 Οἶδα...ἔργα Re 2:2; 3:8, 15

3. 1 τῆς τῷ 046 uy arm<sup>1</sup> Τυς Prim et εκκλησίας om sy<sup>1</sup>bl<sup>1</sup>

3:1: Ao anjo da igreja em Sardes escreve:

Isto diz aquele que tem as sete espíritos de Deus, e as sete estrelas: Conheço as tuas obras; tens nome de que vives, e estás morto.

...Ao anjo... Mais uma menção aos «anjos guardiães» das igrejas locais. Eram seres espirituais, e não os pastores humanos das igrejas, embora talvez também vissem falar sobre a autoridade espiritual dos ministros humanos, por meio dos ministros angelicais. (Há notas expositivas completas, dadas bem acima, que explicam o conceito envolvido nesses «anjos». Ver Apo. 1:16 quanto aos «anjos», chamados de «sete estrelas». Ver Apo. 1:20 quanto às «sete estrelas», identificadas como os «sete anjos». O trecho de Apo. 2:1 envolve notas sobre os «anjos», endereçados nas próprias sete igrejas). Tudo isso nos faz lembrar do ministério dos «anjos» (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 1:14), o qual tem um sentido muito mais importante do que poderíamos supor. Provavelmente muitos dons espirituais são angelicamente mediados.

...igreja... Notas expositivas completas sobre a «igreja», aparecem em Efé. 3:10.

...Sardes... Essa era uma cidade da província romana da Ásia, na parte ocidental do que é agora a Turquia Asiática. Era essa a capital do antigo reino da Lídia, um dos maiores poderes encontrados pelos gregos, nas suas primeiras atividades colonizadoras. Sob Creso, a cidade tornou-se muito próspera, como capital do seu império. Parte de sua riqueza se devia ao ouro abundante do Rio Pactolo, que atravessava a cidade. Originalmente, Sardes fora fortaleza poderosa, mas Ciro, rei da Pérsia, derrotou Sardes e outras cidades das redondezas, no ano de 549 A.C. No ano de 214 A.C., passou essa cidade para as mãos de Antíoco, o Grande.

Nos tempos dos romanos, essa cidade nunca recuperou sua antiga glória, embora fosse comercialmente importante, estando situada na rota comercial do vale do rio Hermo. No ano de 17 D.C., foi danificada por um terremoto; mas Tibério ajudou, generosamente, em sua recuperação. Esse ato de Tibério interessou a cidade na instauração do «culto ao imperador», em que o imperador era adorado como se fosse uma divindade. Sardes entrou em competição, com Esmirna, pelo privilégio de representar as cidades asiáticas como principal centro desse culto, sendo ali mandado erigir um templo dedicado a Tibério. Tal honra, entretanto, foi conferida a Esmirna.

Plínio informa-nos que a arte de tingir a lã foi inventada ali. Seja como for, uma grande indústria de lanifícios se desenvolveu naquele lugar. Vários metais também eram extraídos ali, aumentando as riquezas de Sardes. Mas a cidade original é agora apenas um montão de ruínas, as quais remontam ao período do N.T., ou mesmo antes. Atualmente, uma pequena aldeia, de nome «Sarte», existe próximo do local da cidade original.

...escreve... Essa é uma das freqüentes ordens, dadas neste livro, para que o vidente João «escrevesse»; pois o Apocalipse não é um livro «selado», conforme vários dos apocalipses antigos. (Ver as notas expositivas sobre esse pensamento, em Apo. 2:1 e 8. Ver Apo. 1:11, 19; 2:1, 8, 18; 3:1, 7, 14; 14:13; 19:9 e 21:5, quanto a ocorrências desse mandamento). Somente por uma vez soa a ordem para João «não» escrever, em Apo. 10:4, pois as vozes dos «trovões» deveriam ser seladas.

...estas coisas... isto é, a mensagem geral da carta que se segue.

...diz aquele que tem os sete espíritos de Deus... O nome ou caracterização de Cristo, em cada carta do Apocalipse, tem uma aplicação especial para cada igreja endereçada. (Quando a notas expositivas sobre esse fato, ver Apo. 2:1). Na carta à igreja de Efeso, evidenciava-se a «proximidade» e «presença poderosa» de Cristo, o que assinalava a era apostólica. A igreja dos mártires foi consolada com as palavras de Cristo, aquele «...que esteve morto e tornou a viver...» A igreja corrupta, em Pérgamo, foi ameaçada de julgamento por Cristo, tendo ele a «...espada afiada de dois gumes...» A igreja imoral de Tiatira teria de enfrentar a Cristo, o «Filho de Deus», cujos olhos são uma chama de fogo, e cujos pés eram «...semelhantes ao bronze polido...» A igreja de Sardes, que representa uma «renovação», enfrenta o Cristo, o qual tem «...os sete espíritos de Deus, e as sete estrelas...» Esses termos são vistos anteriormente, em Apo. 1:4. Pois os «sete espíritos» são apresentados como quem está relacionado à igreja universal. Supõe-se, pois, que a renovação, representada em Sardes, visa lembrar-nos as condições originais e básicas, uma das quais é o relacionamento das igrejas com os seres celestes, que montam guarda sobre as mesmas e as guiam em seu desenvolvimento. Assim também, as «sete estrelas» fazem-nos lembrar de um novo começo, pois, quando começam as cartas às sete igrejas (ver Apo. 2:1), são elas retratadas na «mão direita» de Cristo, o qual anda por entre suas igrejas. Agora, pois, no novo começo, temos um quadro similar.

O novo começo. Historicamente falando, poderia estar em foco o reavivamento encabeçado por Melito. Profeticamente, a Reforma Protestante provavelmente está em foco. Seja como for, a despeito da «grande reputação» que ambas essas igrejas obtiveram, o Cristo que a tudo conhece, não ficou impressionado diante da natureza da suposta renovação. Ali havia vida somente de nome; a morte espiritual continuava reinando, excetuando a minoria constituída pelos fiéis. (Ver as notas de introdução ao

presente capítulo, onde há detalhes sobre a Reforma Protestante, e onde essa idéia é ilustrada).

Os sete espíritos de Deus. Há muitas interpretações sobre os mesmos, com explicações nas notas expositivas em Apo. 1:4, que o leitor deveria consultar para completas informações. O Cristo de Deus possui esses sete espíritos como seus ministros. No trecho de Apo. 5:6, o Cordeiro é retratado como possuidor de «sete olhos», que são identificados como os «sete espíritos». Por conseguinte, agem como a sua «visão», como o seu «discernimento» e como a sua «inteligência». Esses são ministros seus, e o poder deles, em favor do bem, nas igrejas, é grande. A igreja de Sardes, entretanto, com sua suposta vida, amortecia o ministério dos espíritos, já que ela não acolhia bem ao verdadeiro poder da renovação espiritual.

...as sete estrelas... O trecho de Apo. 1:20 identifica as «estrelas» com os «anjos das igrejas». (Ver Apo. 1:16 quanto à nota de sumário sobre as «sete estrelas»). Cristo é apresentado a «segurá-las em sua mão direita». Cristo as controla: são instrumentos de poder em sua mão. O poder nos é disponível. As igrejas fracas e moribundas não têm desculpas para suas deploráveis condições, porquanto o poderosíssimo Cristo está ao lado, sendo capaz de conferir um genuíno reavivamento.

...Conheço as tuas obras... Isso equivale a dizer: «Conheço tua condição espiritual em geral». E o que se segue, pois, é apenas descrição delas, boas ou más. Essa expressão se acha em todas as sete cartas, diretamente expressa ou sob forma inerente no conteúdo da mensagem. (Ver Apo. 2:2 quanto a notas expositivas quanto a esse particular).

...tens nome de que vives, e estás morto... Melito, o bispo de Sardes, do século II D.C., é mencionado por três vezes na «História Eclesiástica» de Eusébio. Melito escreveu uma apologia, dirigida ao imperador romano, em defesa da fé cristã. Melito foi um crente intenso, dotado de grande poder. Naquela ocasião houve o reavivamento da igreja de Sardes; embora suponhamos que isso não foi uma renovação autêntica. Pelo menos, sabemos que na «reforma» representada pela igreja de Sardes, profeticamente falando, não houve o tipo de renovação que muitos imaginaram; antes, foi apenas colocado um disfarce sobre a morte antiga. A igreja de Sardes, historicamente falando, ou mesmo profeticamente, foi louvada por muitas pessoas. Mas seu julgamento foi superficial. Notaram elas uma prosperidade e um «crescimento» externos, mas não puderam ver o material necessário que ali reinava.

Ali, por ocasião em que essas mensagens às sete igrejas foram escritas, achava-se uma igreja cuja reputação ultrapassava seus merecimentos. Ela é violentamente chamada à realidade, mediante um equívoco de sua verdadeira situação moral e espiritual. O processo de declínio fora tão sutil que, na realidade, nem fora observado. Um leitor moderno tende por encontrar, nessas palavras severas, algo que atinge fortemente sua mente e consciência (Rist, in loc.).

A vida oculta. Sardes representa a condição de quase qualquer igreja local, por má ou por boa que seja a sua reputação. Se as vidas particulares dos membros de qualquer igreja fossem conhecidas, sua «reputação» sofreria imensamente. Sempre parecemos melhores do que realmente somos. Essa é a grande lição que nos ensina o caso da igreja de Sardes, representada em qualquer século. Ali aprendemos que a vida foi posta à nossa disposição, e que a situação vigente pode ser curada.

Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:

1. «A Reforma não realizou aquilo que poderia ter concretizado. Apesar de ser um protesto e uma reação contra a rígida hierarquia eclesiástica de Tiatira, cambou para o outro extremo, e libertando-se das restrições de um vigário absoluto e potendo da Igreja, dividiu-se devido ao abuso de sua própria liberdade em numerosas seitas e denominações. Essa é uma questão histórica. A Igreja se vangloriava de sua ortodoxia, mas nada fazia a respeito. Denunciava todos quantos dela discordassem, e o resultado era a confissão, ao invés da solidariedade, de tal modo que em breve houve denominações, seitas e grupos sem número. Esse espírito de carnalidade resultou em uma ortodoxia morta, e a Igreja da Reforma tornou-se uma imensa organização, mas com pouca evidência de vida espiritual». (DeHaan, in loc. 1).

2. «Em contraposição à noite e à ignorância romanista, ela (Sardes) tinha iluminação e atividade externa: as grandes 'igrejas estatais' ou 'denominações', com credos e histórias, templos suntuosos e catedrais, universidades e seminários, 'juntas', convenções de publicação e propaganda, executores de atividades organizadas, incluindo missões pátrias e no estrangeiro, e este mesmo homem 'chaves' para 'influir sobre a legislação', nos tribunais! Mas tu e eu não usaremos comparar a Igreja com outro modelo senão aquele dado pelo Espírito Santo, no dia de Pentecoste e na época de Paulo. Em confronto com esta última, tem um 'nome', mas está 'morta'» (Newell, in loc. 1).

3. «Havia a reputação e a forma externa de piedade, mas sem o seu devido poder. Havia plenitude de aristocracia e um honroso governo externo; mas havia também muita estagnação no íntimo, contaminação mundana e decadência espiritual». (Seals, in loc. 1).

4. Ilustremos a situação com a cidade de Adria, que era um porto famoso na era cristã. Essa cidade deu nome ao mar Adriático. Atualmente essa cidade fica a vinte e seis quilômetros afastada do mar. O entulho, decido dos montes e dos vales ao seu redor, encheram o porto, e, finalmente, empurraram para longe as águas do mar. O mar, doador de vida, agora está longe, devido a várias formas de corrupção, que se consolidaram. Isso pode ocorrer a uma vida individual ou à vida de uma comunidade religiosa, como uma igreja local.



6. «A auto-satisfação, que surge ao ser adquirida certa reputação, é o caminho mesmo para a auto-ilusão». (Carpenter, *in loc.*).

8. «Essa igreja [de Sardes] representa o estado da igreja, desde os dias da Reforma, até que surja um estado mais glorioso para a igreja, ou até que o reinado espiritual de Cristo se instaure, no período da Filadélfia; agora estamos sob a igreja-estado de Sardes» (John Gill, *in loc.*). Essa citação é significativa quando se toma consciência que o dr. Gill viveu antes do período das missões modernas (a igreja de Filadélfia), e na porção final da era de Sardes, e

2 γίνου γρηγορῶν, καὶ στήρισον τὰ λοιπὰ τὰ ἐμελλόν ἀποθανεῖν, οὐ γὰρ εὐρηκά σου τὰ ἔργα<sup>1</sup>  
πεπληρωμένα ἐνώπιον τοῦ θεοῦ μου.

1 2 |C| τὰ ἔργα R P 048 94 1006 1811 1828 1834 1859 2020 2042 2052  
2085 2073 2128 2432 Andrew Arethas f ἔργα A C 1<sup>ma</sup> arm f τὰ ἔργα or  
ἔργα [Γ] = deu div, e hof u, s vg sy<sup>h</sup>, b cop<sup>m</sup>, bo f omi 2344

2 στηρισον] τηρησον 345 1611 al sy<sup>h</sup> | μου] em I 2059 al Prim 5

Já que a expressão *σου τὰ ἔργα* concorda com o uso do autor do Apo. (2:2, 19; 3:1, 8, 15), a ausência de *τά* em *AC al*, parece resultar de omissão accidental na cópia. A forma de 2344 é um óbvio equívoco escríbal.

3:2: *Sê vigilante, e confirma o restante, que estava para morrer; porque não tenho achado as tuas obras perfeitas diante de meu Deus.*

«...Sê vigilante...» A igreja estava morta. O vidente João ordena que uma 'vigília' fosse instituída, que sua condição fosse reconhecida, que algumas pessoas fossem despertadas, evitando o amortecimento geral, a fim de que aos menos estas sobrevivessem. Quando vivemos no pecado, e deixamos de reconhecer o estado lamentável, e deixamos de fazer qualquer coisa a respeito, em consequência disso, então é chegado o tempo de estabelecermos uma 'vigília' para nós mesmos.

«O pensamento que alguém pode estar morto, sem sabê-lo, é suficientemente terrível. Isso é que a igreja de Sardes ainda tinha de aprender. John Donne mandou pintar um quadro de si mesmo, em meio a véus evocantes, e colocou-o em um esquite. Olhava diariamente para o mesmo, para lembrar-se da final sentença de morte. Mas aquele austero realista nem pensou no fato que o espantoso quadro poderia representar a possibilidade de um homem estar morto, enquanto ainda vive». (Hough, *in loc.*). John Donne era um poeta espiritual de grande valor, e alguns de seus poemas são citados neste comentário. Era homem um pouco estranho, conforme é ilustrado acima. Porém, aquele que escrevia versos como um anjo, podia dar-se ao luxo de ser um pouco estranho.

«Torna-te desperto, e põe-te a vigiar» (Vincent, *in loc.*). Essa é uma tradução literal do que diz o grego. A igreja morrerá, e ninguém ao menos notará. Essa era prova da suprema insensibilidade daqueles crentes, para com a verdadeira espiritualidade. Isso pode ser comparado com a palavra «vigiares», no terceiro versículo deste capítulo.

Eles tinham forma de piedade, mas sem poder real da mesma, o que fatalmente sucederia, se tal condição fosse genuína. (Ver II Tim. 3:5).

«...consolida o resto que estava para morrer...» Aquele igreja não estava inteiramente destituída de bem, de vida e de esperança. O que era bom, precisava ser fomentado. «Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará» (Efê. 5:14). O sono deles era um sono mortal, a menos que se despertassem. Tinham ficado estonteados e inertes. Precisavam apagar novamente as lâmpadas de sua profissão cristã. Tinham alguns sinais de vida, algumas obras de justiça, alguma demonstração de amor—mas tudo não passava de manifestações imperfeitas. Seria mister a maior diligência para salvar o remanescente.

O bem que ainda restava:

1. Havia o bem individual, o crescimento espiritual, a bondade pessoal—tudo isso tinha de ser renovado; e todo o progresso realizado teria de ser garantido pelo impulso para a frente.

2. Mas a edificação geral da igreja também estava em foco, a sua expressão no mundo.

3. Aquilo que «resta» não era nenhuma referência às «pessoas» não envolvidas no amortecimento geral da igreja de Sardes, mas o bem que ainda havia nos indivíduos dali e na própria igreja local. O remanescente não é o que está particularmente em vista aqui, mas antes, o «resto» de espiritualidade e boas obras, a despeito da cessação de vida autêntica na igreja.

«...não... integra as tuas obras...» Eles tinham alguma coisa, mas isso era imperfeito, defeituoso e misturado com o erro, além de ser enfraquecido pela inércia de espírito. As verdadeiras obras de Cristo são «puras», «ricas» e

reconheceu o fato. De sua própria denominação batista saiu o primeiro imunele em favor das modernas missões evangélicas, o que pôs fim ao período de Sardes. Isso não sucedeu muito depois da morte de John Gill, na vida de Adoniram Judson (1788-1850). Ele traduziu a Bíblia para o birmânês e compilou um dicionário daquele idioma. Seu corpo foi sepultado no oceano.

7. «Temos aqui o paradoxo da morte que recebe o nome de vida» (Swete, *in loc.*). Sim, mas, apesar de ser um paradoxo, é bastante comum.

«maduras», mas isso não podia ser dito acerca do que fazia a igreja de Sardes. Eles se tinham comprometido devido às suas ambições, à sua carnalidade e ao seu egoísmo. É verdade que produziam algum bom fruto, mas sempre de mistura com espinhos. Não eram crentes *sazonados*, e nada faziam que pudesse receber a aprovação franca do Juiz.

«...na presença do meu Deus...», ou seja, de acordo com a avaliação divina, conforme o ponto de vista de Deus. Isso faz óbvio contraste com o «nome» ou fama de grandeza, que tinham diante dos homens. Tinham obras, mas não redundavam elas em vida, devoção e fé viva autênticas, conforme Deus requer. Portanto, se suas obras agradavam aos homens, não agradavam a Deus.

«Aquele comunidade tinha fama de suas obras, perante o mundo cristão, mas não perante Deus; pois a fidelidade de uns poucos (ver o quarto versículo) não podia contrabalançar a Igreja como um todo. Era uma igreja moribunda». (Charles *in loc.*).

Paulo preocupava-se exclusivamente com a avaliação do único Juiz, e não com a avaliação dos homens. (Ver I Cor. 4:1 e ss.). Finalmente, nada importará além disso, ainda que, no momento, boa parte daquilo que fazemos visa agradar aos homens, ou seja, visa obter alguma vantagem para nós mesmos.

Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. Já que este versículo se aplica à Reforma Protestante e suas obras imperfeitas, o historiador J. A. Froude observa que o protestantismo, por assim dizer, não faz convertidos na Europa desde o século XVI. Em apenas duas gerações, a igreja reformada atingiu seu clímax, e então começou a declinar. O que o protestantismo antes abominou, devido à corrupção eclesiástica, finalmente incorporou em seu seio, de maneiras sutis ou abertas.

2. Até mesmo em seu zênite, o protestantismo nada levou à perfeição, nem nas doutrinas e nem nas obras. Recebeu nova visão da justificação pela fé, mas deixou a igreja sob a lei, no caso da santificação. Pior do que isso, nunca teve visão muito elevada do que é o evangelho, pois tem ensinado apenas a doutrina do perdão dos pecados e da transferência para os céus, após a morte. Não tem podido ver tudo quanto está envolvido na doutrina da nossa transformação segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29), para que compartilhem de sua modalidade de vida (ver João 5:25, 26 e 6:57), de sua natureza (ver II Cor. 3:18), e, por conseguinte, da «plenitude da Deus» (ver Col. 2:10 e Efê. 3:19). Tudo isso nos torna participantes da própria «natureza divina» (ver II Ped. 1:4). Mas o protestantismo não teve sucesso na restauração dos dons espirituais. Vários grupos protestantes falharam, não removendo o paganismo do seio da igreja, a veneração aos ídolos, o respeito excessivo pelos santos mortos, pelos anjos e por diversas instituições humanas. Não obstante, o protestantismo ouviu e recebeu algo. Houve alguma coisa que foi feita e que merece ser preservada e cultivada.

3. «Se alguém se desvia do mau caminho, mas não pratica aquilo que é bom, não aperfeiçoa as suas obras e nem é considerado bem-aventurado». (Rabino, David Kimchi, no Talmude, sobre Sal. 1:2).

4. Este versículo pode ser comparado ao trecho de Heb. 5:11-14; 6:1-6. Há temíveis consequências para os que se recusam a cumprir a ordem, «fortalece o que resta», dando prosseguimento no progresso espiritual.

5. «O mundo vinha sendo tolerado em Tiátira, a primeira das quatro últimas igrejas; em Sardes, a segunda delas, vinha sendo mais do que tolerada. Sardes substituiu o que é interno pelo que é externo. Mostrava-se orgulhosa de suas ordenanças externas, dando-lhe mais atenção do que a vida e o andar no Espírito... O mundo conseguiu firmar um fortim, em Sardes». (Milligan, *in loc.*).

3 μνημόνευε οὖν πῶς εἶληφας καὶ ἤκουσας, καὶ τήρει, καὶ μετανόησον. ἐὰν οὖν μὴ γρηγορήσῃς, ἤξω ὡς κλέπτῃς, καὶ οὐ μὴ γνῶς ποῖαν ὥραν ἤξω ἐπὶ σέ.

3 μετανόησον Rn 2:5, 16, 22; 3:19 ἤξω ὡς κλέπτῃς... ἐπὶ σέ Mt 24:43-44; Lk 12:39-40; 1 Th 5:2, 4; 2 Pe 3:10; Rn 16:13

3 γρηγορήσῃς] μετανόησῃς R\* Prim | ἤξω 1<sup>o</sup>] add em a R 046 82 1006 2028 al vg<sup>a</sup>, c 5

3:3: *Lembra-te, portanto, de que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e obriga-te. Pois se não vigiares, virai como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virá.*

«...Lembra-te, pois...» Aqueles crentes foram convocados à memória piedosa acerca de seus privilégios passados, de seus triunfos, edificando sobre os mesmos um futuro mais brilhante do que poderiam esperar, a julgarem pela sua atual situação de hipocrisia. Isso pode ser confrontado com o trecho de Apo. 2:5, onde a igreja em Éfeso também é chamada a «lembrar-se». (O conceito é desenvolvido nas notas expositivas sobre essa referência).

«...de como tens recebido e ouvido...» Por muitos séculos cansativos, a igreja passou em trevas. Pouquíssimas pessoas possuíam cópias das

Escrituras, e menor número ainda podia lê-las, mesmo que as possuíssem. O evangelho se vinha perdendo, em meio à paganização da igreja, a despeito da influência, vez por outra, de alguma maior luz moral na igreja. Foi quando da Reforma que a voz de Deus retornou à igreja, quando as Escrituras foram devolvidas aos indivíduos. É para vergonha eterna da cristandade que essa devolução foi combatida pelos próprios líderes eclesiásticos. A idade das Trevas representou um período de «silêncio» dentro da igreja. A Reforma foi a interrupção desse silêncio. Até mesmo muitos católicos-romanos, hoje em dia, olham com melhores olhos para Martinho Lutero. Lemos acerca das reuniões efetuadas por Lutero. Acerca das muitas vezes em que ele falava por várias horas de uma assentada. As pessoas juntavam-se para ouvi-lo com alegria; e ouviam e se arrependiam.

O evangelho nasceu entre eles. Mas essa igreja, que tanto prometia, atingiu seu ponto culminante em duas gerações, e deu início a seu declínio. Antes «ouviram» e «acolheram» alegremente a «renovação» da fé e da santidade pessoal. Mas, começando essa fase da igreja a declinar, tudo isso foi esquecido.

G. Campbell Morgan relata que em Manchester, na Inglaterra, estava sendo exibido o belo quadro, pintado por Hunt, de Cristo a bater na porta. Um menino de doze anos perguntou, excitado, a seu pai, por qual razão, de dentro, as pessoas não o atendiam. O pai do garoto replicou: «Não querem». O menino não ficou satisfeito com a resposta. Após muito pensar, disse: «Não, mas é porque estão vivendo no quatinho dos fundos, e não podem ouvir».

A igreja que «ouvira», começou a viver no quatinho dos fundos, nas trevas espirituais, e o resultado disso é que, eventualmente, não mais podiam ouvir a voz que lhes fora restaurada.

«...tens recebido...» No grego é usado o tempo perfeito, indicando um depósito de verdade, que permanece e do qual se pode tirar vantagem. No entanto, o verbo «ouvido» está no aoristo, no original grego, indicando o «ato de ouvir», o que se deu quando tiveram a oportunidade de conhecer novamente o evangelho. O ato de ouvir teve lugar, e agora jazia no passado. Mas o depósito veraz do evangelho permanecia. Qualquer um pode continuar ouvindo sua mensagem, se assim quiser fazê-lo.

«Uma vez mais, a memória é a alavanca do arrependimento». (Moffatt, *in loc.*, referindo-se a Apo. 2:5).

*O que em mim for escuro,  
Ilumina; o que for vil, soergue e sustenta;  
Para que no cimo deste grande argumento  
Eu possa asseverar a Providência eterna  
E justificar os caminhos de Deus entre os homens.*  
(João Milton, «Paraiso Perdido»)

«...guarda-o...», isto é, «cumpra a obrigação», depois de teres «ouvido» e «recebido» a mensagem. Cumpra a tua missão. Observa as minhas palavras. Põe em prática o evangelho. Vive aquela vida que somente agora parece ter. Guarda o tesouro do evangelho, praticando os seus preceitos. «Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós». (II Tim. 1:14. Ver também II Tim. 2:2).

*Devo guardar um depósito,  
Um Deus a glorificar,  
Uma alma imortal a salvar,  
Tornando-a digna do céu.  
Servir à era presente,  
Cumprir a minha chamada;  
Quero usar toda a minha força,  
Para fazer a vontade do Mestre.  
Arma-me com zelo e cuidado,  
Para viver sob tuas vistas,  
E ao teu servo, Senhor, prepara,  
Para prestar-te contas fided.*  
(Charles Wesley)

«...arrepende-te...» A chamada ao arrependimento é comum a todas as cartas do Apocalipse, excetuando as igrejas de Esmirna e Filadélfia. (Ver as notas expositivas completas sobre esse conceito, em Apo. 2:5 e Atos 2:38). O arrependimento é uma atuação do Espírito sobre a alma, e não uma modificação superficial da atitude mental ou da intenção. Juntamente com a fé, forma a «conversão» (ver Atos 20:21). Requer a cooperação da vontade humana, mas transcende à possibilidade do que é meramente humano, implantando o infinito dentro do finito. Confere-nos a própria natureza de Cristo, e vamos recebendo sua imagem, de modo progressivo. A perfeição absoluta é o grande alvo desse processo. O arrependimento é o primeiro passo no recebimento de toda a plenitude de Deus (ver Efê. 3:19), no recebimento da participação na própria natureza divina (ver II Ped. 1:4); e assim viresmos a participar da própria forma de vida de Deus Pai (ver João 5:25,26 e 6:57).

«...se não vigiares...» Temos aqui a advertência acerca da vigilância. Trata-se da vigilância acerca da segunda vinda de Cristo, a esperança purificadora, conforme nos mostra o resto deste versículo. O trecho inteiro, incluindo aquele sobre a segunda vinda de Cristo, quando ele virá como ladrão, a fim de julgar os que dormem (no desinteresse do mundanismo), é um eco do que dizem os evangelhos. (Ver Mat. 24:42,43; Luc. 12:39,40 e Marc. 13:33-35). Isso pode ser confrontado com a exposição paulina sobre a «parousia», em I Tes. 5:4-8. Ali também é empregada a figura simbólica de um «ladrão» e do «sono», o que é o contrário da vigilância. Essas palavras

4 ἀλλὰ ἔχεις ὀλίγα ὀνόματα ἐν Σάρδεσιν ἃ οὐκ ἐμόλυναν τὰ ἱμάτια αὐτῶν, καὶ περιπατήσουσιν μετ' ἐμοῦ ἐν λευκοῖς, ὅτι ἄξιοί εἰσιν. 4 ὅτι ἐμόλυναν... αὐτῶν Jd 23 4 α] α I 20591 al vg Text Tyc

3:4; Mas também tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram as suas vestes e comigo andarão vestidas de branco, porquanto são dignas.

«...contudo...» A despeito de um quadro negro, acerca de uma igreja morta, que aos olhos dos homens parecia viva, ainda havia alguns elementos de boa qualidade. Nenhuma era eclesialística, e nenhuma igreja local, dentro da cristandade, é tão má que não conta com bem nenhum e com algum crente verdadeiro ali. Essas sete cartas do Apocalipse demonstram isso. Isso, porém, é um fato que as denominações em conflito gostam de esquecer, a fim de acharem todo o bem em si mesmas, e todo o mal somente em outros grupos.

«...umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras...» Temos aqui uma metáfora que envolve «vestes». (Comparar com Efê. 4:22,24,31; Gál. 3:27 e Col. 3:8,9,10,14). A metáfora pode subentender

falam sobre as «condições espirituais». Há certa insensibilidade para com a mensagem do evangelho, em suas promessas e advertências. Essas pessoas insensíveis são as que «dormem» nessa «noite» presente, ignorando os avisos sobre o madrugada do Dia eterno, que já se aproxima. Mas outros estão bem despertados, aguardando ansiosamente pelo raiar do dia, que Cristo fará resplender. Notemos que este versículo reitera a advertência do versículo anterior, sobre a necessidade de vigilância, de estado de alerta espiritual, de sensibilidade espiritual.

«...virei como ladrão...» Isso também é dito acerca do modo como Cristo retornará, em Mat. 24:43 e passagens paralelas (conforme vimos acima), e também em I Tes. 5:2,4; II Ped. 3:10 e Apo. 16:15. Essa expressão tem as seguintes significações: 1. De maneira inesperada; 2. com funestos resultados para os que não estiverem preparados, com a «perda» de algo precioso, espiritualmente falando, a saber, a vida eterna; c. com a instauração de um julgamento inesperado, algo extremamente desagradável, tal como a visita de um assaltante não é bem acolhida e produz dano; 4. e assim como é citado em outras passagens bíblicas, não há aqui qualquer tentativa para distinguir o arrebatamento da segunda vinda de Cristo para julgar. Nas Escrituras, fala-se exclusivamente de uma só segunda vinda, a qual, entretanto, tem diferentes aplicações—para aqueles que a aguardam, e para aqueles que a ignoram. (Ver as notas expositivas em I Tes. 4:15, quanto a um estudo completo sobre o «arrebatamento da igreja»).

«...não conhecerás, de modo algum, em que hora virei contra ti...» Essas palavras continuam reverberando passagens dos evangelhos, acima mencionadas. (Ver, por exemplo, o trecho de Mat. 24:44, onde se lê: «Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá»). (Quanto a um excelente poema, que ilustra quão inesperado será o juízo, ver Apo. 2:23).

#### Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Devemos observar que as últimas quatro cartas do Apocalipse (Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia) encerram, todas, alusões escatológicas, ao milênio, à «parousia», etc. Com base nisso, julgamos que todas essas cartas falam, de algum modo, acerca da igreja dos «últimos tempos», embora cada uma delas também fale acerca de algum período particular da história eclesialística, antes da segunda vinda do Senhor. (Ver Apo. 2:26,27; 3:3,10,11,21).

A igreja dos «últimos tempos» terá as condições refletidas em Tiatira: haverá a mescla do paganismo com o cristianismo, e a imoralidade será imensa. Também haverá a «amortecimento» que caracterizava Sardes, com nome de que estava «viva». Terá a «pouca força» de Filadélfia, em conjunto com sua fidelidade. E exibirá a temperatura morna de Laodiceia. Haverá de defrontar-se com Cristo como Senhor e como Juiz.

2. Apesar da vinda do Senhor, neste versículo, incluir alguma «punição judicial», não é essa a principal referência «profética». A alusão central à «parousia» ou segunda volta de Cristo é clara por demais para ser perdida de vista. Entretanto, em seu aspecto histórico, a «vinda» foi judicial, e não escatológica. Alguns estudiosos vêem nisso o juízo das pragas, enfermidades, etc. Mas isso pode ser verdade apenas parcial, certamente não a mensagem principal da epístola.

3. «Calçado com sapatos de lã, segundo um antigo provérbio, furtivamente, como um ladrão, o Juiz estará às portas. Contudo, não podiam afirmar que estavam nas trevas (ver I Tes. 5:4)». (Carpenter, *in loc.*).

4. Os dorminhocos espirituais não perceberão os sinais que advertam sobre o juízo que se avizinha. O julgamento haverá de apanhá-los de surpresa, como faz um ladrão às suas vítimas.

5. A palavra «ladrão», que no grego é «kleptes», indica alguém que normalmente não rouba com violência, o qual obtém sucesso com suas maneiras e habilidades astuciosas, em contraste com outro vocábulo, «lastes», «assaltante», aquele que se apone do albelo por meio da violência. A primeira dessas duas palavras é muito apropriada para nosso texto, porquanto salienta a forma «invisível» e «inesperada» com que um ladrão opera, sempre à noite, em contraste com a violência ousada do assaltante, o qual furta tanto de noite como de dia, e sob quaisquer circunstâncias.

6. «E que garantias temos nós, queridos amigos, que qualquer momento não seja nosso último instante? Quem pode dizer quanto tempo lhe resta de vida, ou quão brevemente soarà a trombeta do juízo, em que os mortos serão ressuscitados, e todos os santos de Deus que estiverem preparados serão transformados e arrebatados, ao prazer de um alho?» (Seais, *in loc.*). Mais adiante, adiciona esse mesmo autor: «Não brincamos, pois, com aquela importantíssima possibilidade, mas ocupamo-nos à admoestração de nosso Senhor, de nos despertarmos para o dever, fortalecendo aquilo que resta, reparando aquilo que está em falta, e corrigindo-nos, a fim de que ele não venha sobre nós, como um ladrão furtivo, de maneira inesperada, porque tudo nos seria desastroso na falta disso».

7. «O provérbio grego 'os pés das divindades vingativas são calçados de lã', expressa a aproximação silenciosa e a proximidade dos julgamentos divinos, quando, supostamente, estariam ainda distantes». (Fausset, *in loc.*).

conversão verdadeira, quando o indivíduo se reveste do «novo homem», da «nova natureza», como se fosse uma roupa para a alma. Ou pode estar em foco a aplicação da «reforma moral» ao ser, em que é despida a «roupa velha e suja», isto é, as características viciosas. No presente versículo, as «vestes» indicam o caráter essencial dos crentes em questão. A «contaminação» provavelmente é moral, em que se permitem formas de paganismo (incluindo vícios sexuais) a sujarem o caráter cristão. A referência histórica, mui provavelmente, é à imoralidade do sistema gnóstico, a qual está em vista em todas essas sete cartas, simplesmente por ser a heresia que assediava à igreja cristã, quando o livro de Apocalipse foi escrito. Além disso, as guildas comerciais e o «culto ao imperador» encorajavam as práticas imorais, já que tais práticas estavam vinculadas aos ritos de fertilidade dos deuses pagãos. (Ver Apo. 2:6,15,16,20; Col. 2:18, em suas respectivas notas expositivas, acerca do «gnosticismo»).

...*andarão de branco*... Essa é uma antiga referência, não criada pelo vidente João. Tal promessa é reiterada no quinto versículo, onde a questão é comentada.

...*são dignos*... Tais pessoas compartilham da pureza de vida exibida pelo Senhor, de sua coragem em face da oposição, pelo que «confessam ao Senhor com suas vidas». Não o confessavam apenas verbalmente; pois nenhuma confissão vale qualquer coisa, se é meramente verbal. E que essas pessoas vinham sendo transformadas conforme a imagem de Cristo, pelo Espírito Santo, razão pela qual compartilhavam de seu «valor» aos olhos de Deus. O termo grego *aksios*, continua sendo usada na igreja Ortodoxa Grega até hoje, como palavra de elogio a seus líderes. Nas procissões, os sacerdotes venerados são saudados com as palavras, «Ele é digno; ele é digno». Qualquer dignidade humana verdadeira consiste da participação na dignidade de Cristo. Mas essa não é dada apenas de forma forense. Realmente, sua dignidade nos é infundida, na medida em que vamos sendo transformados e assumimos sua própria natureza. A referência inclui os «mártires», embora geralmente seja entendida como algo mais vasto do que isso. Todas as promessas às sete igrejas do Apocalipse, consideradas em seu contexto histórico, devem ser vistas, pelo menos em parte, como feitas aos mártires, porque, naqueles dias, a idéia de «fidelidade» inevitavelmente indicava a morte. Porém, até mesmo a morte, se for sofrida por motivo de fidelidade a Cristo, resulta no andar espiritual em companhia do Senhor, em que o crente é vestido de branco, isto é, vestido de pureza espiritual e de nova vida, porquanto a alma será revestida de seu corpo ressurrecto.

«Não contaminaram as suas vestiduras». Quão freqüentemente conhecemos igrejas, por toda parte, cujos membros exibem grande bondade, bondade da qual eles mesmos são inteiramente inconscientes, conferindo felicidade e firmeza moral a todos quantos os conhecem. Sidney Lanier escreveu sobre «aquela bela Dinah Morris, da qual nos lembramos em Adam Bede, solene, frágil, mas forte... a qual consagraria a literatura inglesa, se não tivesse cedido outro dom ao homem». (*The English Novel*, Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1883, pág. 159). Em raros e belos livros, encontramos esses grandes cristãos. Melhor ainda, podemos encontrá-los a se movimentarem simples e calmamente através da vida de igrejas aparentemente muito ordinárias». (Hough, *in loc.*).

Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. «O que era louvável neles é que, em meio à letargia autocomplacente e semelhante à morte que imperava ao redor, eles se tinham conservado intensos na busca pela santidade, não se esquecendo daquele que podia purificar e reavivar. Comparar com Apo. 7:14». (Carpenter, *in loc.*).

2. As vestes sujas são «... um emblema de máculas morais, incluindo, mas não idêntico à 'fornicação' (ver Apo. 14:4 e comparar com Sir. xxiii.1,2). A linguagem reflete a linguagem das inscrições votivas da Ásia Menor, onde

roupas manchadas desqualificavam a pessoa que quis adorar a divindade. Já a pureza moral qualifica o indivíduo para a comunhão espiritual... a bem-aventurança apocalíptica diz, 'bem-aventurados são os puros na vida, porque serão unidos a Deus' (ver Apo. 14:14 e 19:8)». (Moffatt, *in loc.*).

3. *Andar de branco*. O branco é a cor da retidão e da inocência. Os sacerdotes acusados mas justificados diante do Sinédrio, eram vestidos com um manto branco, sinal de sua inocência. (Ver Jud. 23, que diz: «... detestando até a roupa contaminada pela carne»). Esse «andar» é escatológico, isto é, em companhia de Cristo, na glória celestial. Enoque «andava» com Deus, ou seja, tinha comunhão com ele, por viver em sua companhia. O companheirismo, na glória celestial, é assim ressaltado. Haverá um celeste «caminho da vida». O «andar» expressa a idéia de «ação habitual», de maneira de vida. (Ver Gál. 5:16,25 quanto a notas expositivas sobre essa metáfora do «andar»). Quanto aos justos, o «caminho da vida», nos lugares celestiais, incluirá e se centrizará na comunhão com o próprio Cristo.

4. O branco é a cor dos deuses e daqueles que se associam com eles:

*Eis, sacerdotes de vida santa e casta, que fazem parte da vida;*

*Eis, postos amados pelos deuses, homens que falam coisas dignas do coração do Febo;*

*E aqueles que aprimoram a vida na terra, pela recém-descoberta habilidade;*

*E aqueles cujos atos valorosos deixaram uma lenda aos homens, para se chamarem por eles;*

*E todos eles trazem as testas cercadas por faixas cor de neve.* (Virgílio, *Eneida*)

5. «...será assim vestido...» Essas palavras denotam uma «solene investitura, indicando, literalmente, 'lançar ou pôr ao redor'». (Vincent, *in loc.*). Portanto, trata-se de um ato divino, mediante o qual a santidade é dada aos homens, mediante Cristo, apontando para o tipo de vida espiritual nos lugares celestiais, onde a santidade será uma das principais características dos seres humanos glorificados.

6. «A graça é a glória em botão». (Fausset, *in loc.*).

7. «Algumas poucas pessoas. Os pregadores fiéis os conhecem, em cada congregação. Essas pessoas dão ouvidos. São separadas do mundo. Oram, vão aos cultos de oração, trabalham para seu Senhor e amam à Palavra» (Newell, *in loc.*). «As estrelas não desapareceram todas, somente porque o céu estava nublado. Em meio às neves tempestivas e aos rios gelados dos Alpes e dos Apeninos, podem ser encontradas, aqui e ali, algumas flores solitárias. Busca-se em vão um deserto tão estéril onde não haja nenhum manancial, nenhum oásis, nenhuma árvore, arvoredor, ou inflorescência. Quando Acabe destruiu os profetas do Senhor, a Elias pensou que somente ele sobrevivera, fiel entre os infelizes, o olho de Deus ainda podia observar sete mil que não tinham dobrado os joelhos diante de Baal». (Seiss, *in loc.*).

8. Na adoração antiga, aquele que vinha ao templo honrar a uma divindade, não podia entrar com vestes sujas. Isso era considerado um desrespeito. Por semelhante modo, ninguém pode aproximar-se dos lugares celestiais com uma vida moral maculada. Sem a santificação é impossível alguém ver a Deus. (Ver as notas expositivas em Heb. 12:14, acerca desse conceito).

ὁ ὡς οὕτως<sup>3</sup> περιβαλεῖται ἐν ἱματίοις λευκοῖς, καὶ οὐ μὴ ἐξαλείψω τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἐκ τῆς βίβλου τῆς ζωῆς, καὶ ὁμολογήσω τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἐνώπιον τοῦ πατρὸς μου καὶ ἐνώπιον τῶν ἀγγέλων αὐτοῦ.

3. ὡς οὕτως N<sup>o</sup> A οὕτως C 94 1006 1830 2055 2138 2344 2432 it<sup>o</sup>...  
 δι' ἡμετέρας vg sy<sup>o</sup> cop<sup>o</sup> be arm<sup>o</sup> eth Primusius / οὕτως N<sup>o</sup> P 046 1 1011  
 1428 1856 2020 2042 2053 2073 2081 Andrew Aethias

ὁ ἐν ἱματίοις λευκοῖς Re 3:18, 4:4, 6:11; 7:9, 13; 19:14 ὡς ζωῆς Kx 32,32, 33; Ps 60:28, Re 17:8; 20:15 τῆς βίβλου τῆς ζωῆς Kx 32,32, 33; Ps 60:28; Dn 12:1; Pbp 4:3; Re 3:5; 17:8, 20:12, 15, 21:27 ὁμολογήσω...ἀγγέλων αὐτοῦ Mt 10:32, Lk 12:8

Ao invés de οὕτως o Textus Receptus, seguindo N<sup>o</sup> P 046 maioria dos minúsculos, diz οὗτος. A maioria da comissão preferiu οὕτως, parcialmente devido à evidência superior dos manuscritos (N<sup>o</sup> (A) C 1006 2344 it (gig.61) vg sir (ph,h) cop (sa,bo) ara etí al), e parcialmente porque οὕτως, parecendo ser supérflua, foi corrigida por copistas para οὗτος.

3:5 O que vencer será assim vestido de vestes brancas, e o nome de nenhuma recusar o seu nome do livro da vida; antes confessará o seu nome diante do meu Pai o diante dos seus anjos.

«...O vencedor...» Esse termo pode ser achado em todas as cartas do Apocalipse, descrevendo aquele que dá ouvidos às advertências feitas, cumprindo os deveres determinados, de conformidade com as exigências de cada carta. Portanto, aqui, aquele que triunfará será aquele que «lembrar-se» do depósito sagrado que lhe tiver sido dado, aquele que «conserva» sua confiança no evangelho, aquele que se «arrepende» e «vigia», esperando a volta de Cristo, estando preparado para a mesma. Esse é o indivíduo que tem vestes puras, que evita os males morais. (Ver Apo. 2:7, quanto a uma mais completa explicação sobre esse termo, juntamente com a metáfora baseada na vida atlética, que fica implícita).

«...vestido de vestiduras brancas...» No quarto versículo são mencionadas as «vestes brancas», como possessão daqueles que «andarão» em companhia do Senhor, na glória celeste. (Ver as notas expositivas naquele versículo, quanto a esse conceito). Abaixo enumeramos o que está envolvido no simbolismo das vestes brancas:

1. Pureza de vida e de caráter, transferida para as dimensões celestiais.
2. Imortalidade obtida através da santidade.

3. Recebimento do corpo imortal, veículo da alma, em substituição ao corpo mortal de nossa experiência terrena. Isso é sugerido em I Enoque 62:15,16; onde essas vestes são chamadas de vestiduras de glória e vida, dadas por Deus, para manifestação nos lugares celestiais. Tais vestiduras jamais poderão envelhecer, por serem imortais. Outrossim, a pureza e glória dos tais jamais poderá desaparecer. Isso pode ser comparado com a esperança que Paulo tinha de ser «revestido» da imortalidade, o que sem dúvida inclui a idéia do «corpo ressurrecto», o que será dado mediante a transformação operada quando do arrebatamento da igreja. (Ver II Cor. 5:4 e I Cor. 15:53,54. Quanto à nota geral sobre a «imortalidade», ver II Cor. 5:8). A imortalidade, nas páginas do N. T., nunca envolve mera

sobrevivência da alma diante da morte biológica do corpo. Antes, inclui a promessa da ressurreição, na qual o crente receberá um veículo espiritual para a alma, o corpo celestial. Esse corpo não é material e nem formado de partículas atômicas, porquanto carne e sangue não terão herança nos lugares celestiais. (Ver I Cor. 15:50). A matéria seria consumida em tal meio ambiente. (Ver I Cor. 15:20,35 quanto a notas expositivas acerca da «natureza do corpo ressurrecto»).

No livro *Acensão de Isaías* (9:9), os santos, no « sétimo » céu, serão despidos de suas vestes de carne, sendo-lhe conferidas vestes (corpos) apropriadas, para que se manifestem naquela porção elevada dos lugares celestiais, assemelhando-se aos anjos, em sua glória. (Isso pode ser comparado com II Baruch 51:5). É provável que o vidente João tivesse em mente algo como isso. Portanto, essas vestes serão o novo veículo para uso da alma. Alguns dos primeiros pais da igreja especularam no sentido que o veículo da alma será progressivamente glorificado, à medida em que o crente atingir a um maior nível de glória. Provavelmente essa é uma especulação correta. (Ver notas expositivas sobre os «lugares celestiais», céus múltiplos, postulados por Paulo, em Efé. 1:3). Sem dúvida os galardões estão envolvidos na questão do tipo de veículo celestial (e, portanto, na questão dos lugares celestiais) no qual habitaremos. Entretanto, não pode haver estagnação na glória e na realização da glória, porquanto o grande alvo é compartilharmos de «toda a plenitude de Deus», e, finalmente, da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4; Efé. 3:19 e Col. 2:10). Já que há uma infinidade com que teremos de ser cheios, também haverá um preenchimento infinito. E isso não admite ponto final no progresso espiritual. Essa idéia pode ser comparada com o que se lê em Apo. 6:11, que fala sobre as «vestes brancas», e que envolve o mesmo ensino que há neste versículo. Tal tipo de vestuário pertence aos anjos (ver I Enoque 71:1), mas os santos glorificados também serão transformados dessa maneira, e, eventualmente, ultrapassarão aos próprios anjos quanto à glória, já que são filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória, algo



que nunca foi dito com referência aos anjos (ver Heb. 2:10); e nem os anjos serão jamais participantes da natureza divina, o que sucederá aos remidos glorificados, quando terminar neles a grande obra glorificadora.

*Os corpos ressurrectos são de luz e de glória.* «Ele me transportou ao paraíso, e despi-me das trevas e vesti-me de luz... E a minha alma adquiriu um corpo isento de tristeza, ou aflição ou dores... E fui vestido com a cobertura do teu Espírito, e removeste de mim minhas vestes de pele». (Odes de Salomão 11:10; 21:2 e 25:8).

No livro *Ascensão de Isaias* (9:9), os santos, no «sétimo» céu, serão despidos de suas vestes de carne, sendo-lhes conferidas vestes (corpos) de glória. E essas serão as vestes de vida, da parte do Senhor dos Espíritos. E novamente, em I Enoque 108:12: «Eu eu trarei, em luz rebrilhante, àqueles que tiverem amado ao meu santo nome». E uma vez mais, em II Enoque 22:8: «E o Senhor disse a Miguel: Vai, e tira Enoque de suas vestes terrenas... e o põe nas vestes de minha glória». No trecho de Sal. 104:2, lê-se que Deus se veste a si mesmo de luz, como se fosse sua veste. As vestes dos anjos são brancas (ver Marc. 9:3 e Luc. 9:29). Os próprios corpos dos anjos são brancos, compostos como de luz (ver II Enoque 1:5).

*...de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida...* Os crentes de Sardes tinham um «grande nome», como de quem «vivia», isto é, como quem possuía elevada vida espiritual. Mas tal fama era mentirosa, era um ludíbrio. Mas os poucos crentes, que dariam ouvidos às exigências expressas nesta carta a Sardes, leriam os seus «nomes» escritos no livro da vida.

*A metáfora.* (Pode-se comparar essa metáfora com os trechos de Exo. 32:32 e ss. e Sal. 69:28, onde se lê acerca do «livro de Deus» e do «livro dos vivos»). Na antiga nação de Israel, tal como em outras culturas, havia um registro dos cidadãos, da cidade, da província ou do país. No caso de Israel, ter o próprio nome em um daqueles registros, era prova de cidadania, com os seus respectivos privilégios. Ter o próprio nome «apagado» equivale a perder a cidadania e seus privilégios. Era um pequeno passo, desde esse antigo costume, até à imaginação que Deus conserva um livro onde são registrados todos os nomes dos verdadeiros cidadãos dos céus. Ali os nomes podem ser escritos ou apagados, tal como em situações terrenas. Consequentemente, as bênçãos da «cidadania», nos lugares celestiais, dependem do que for feito com o nome de alguém. O vidente João mostra-nos que para que o nome de alguém seja registrado ali, ficando assim assegurada a sua «salvação» e «glorificação», depende do que os homens façam com as advertências de Cristo e com ele mesmo. O livro de Jubileu exibe o típico ponto de vista «arminiano», ao declarar que os indivíduos que se voltam para o pecado e para a iniquidade, podem ter seus nomes apagados do Livro da Vida, mesmo depois de terem sido ali registrados (ver Jubileu 30:22). Se um cidadão terreno de uma cidade-estado ou de um país, for culpado de algum grande crime, como a traição, seu nome será removido do registro, sendo anulada a sua cidadania. Outro tanto se dá na pátria celestial, conforme nos sugere o vidente João.

*Outros livros celestiais.* Além do grande Livro da Vida, a tradição da literatura do A. T. desenvolveu livros similares, como o da memória de ações boas e más—de ações boas, como se vê em Sal. 66:8; Mal. 3:16; Nee. 13:14 e Jubileu 30:22; e de ações más, como se vê em Isa. 65:6; I Enoque 81:4; 89:61-64, 68, 70, 71; II Baruque 24:1; e de ações boas e más, como se vê em Dan. 7:10; II Enoque 52:15; 53:2; Apo. 20:12 e Ascensão de Isaias 9:22. Naturalmente, não há necessidade de imaginarmos a existência real de qualquer livro ou livros literais. São apenas meios poéticos de expressar a lei da «colheita segundo a sementeira», conforme se vê em Gál. 6:7,8. Cada homem é considerado responsável por aquilo que faz. Aquilo que ele faz resulta daquilo que é: e aquilo que alguém é resulta no julgamento ou glória que vier a receber. Isso se aplica tanto ao crente como ao incrédulo, conforme se aprende claramente em II Cor. 5:10.

Há referências nos escritos pagãos às idéias contidas neste versículo. Dentro da astrologia babilônica, poderíamos considerar o próprio zodíaco como o livro ou tabletes sobre os quais eram escritos a vontade divina e o destino humano. As constelações são comentários sobre a vida e sobre os poderes de dirigi-la. Os cinco planetas visíveis seriam intérpretes da vontade divina. Um tipo de determinismo, naturalmente, está mesclado com tudo isso. Algumas vezes o determinismo é vinculado ao conceito do «Livro da Vida», em alguns escritos judaicos, como Jubileu 30:20-22; mas esse não era o único conceito judaico, pois o livre-arbítrio também desempenhava uma importante parte da literatura deles.

Referências bíblicas ao *Livro da Vida* se acham em Exo. 32:32; Sal. 69:28; Dan. 12:1; Fil. 4:3. E também se pode comparar isso com trechos como Luc. 10:20 e Heb. 12:23.

Questão da segurança. A possibilidade do nome de alguém ser apagado do Livro da Vida, após ter sido ali registrado, naturalmente, é um conceito arminiano. Para que negar que a teologia judaica era arminiana? (Quanto a um estudo completo acerca da «questão da segurança eterna», ver as notas expositivas sobre Rom. 8:39). O presente comentário toma a posição que a «queda» é algo relativo à existência humana, antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo. Em outras palavras, o desvio pode caracterizar a experiência até mesmo de crentes autênticos, até que Cristo trace limites eternos, quando de sua segunda vinda. (Ver Ped. 4:6 quanto ao fato que tais limites são determinados por ocasião da segunda vinda de Cristo, e não por ocasião da morte do indivíduo). No entanto, a «segurança eterna» é algo

6 ὁ ἔχων οὖς ἀκούσάτω τί τὸ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις.

Essa expressão é comum em todas as sete cartas do Apocalipse, havendo comentários acerca dela em Apo. 2:7. Os «ouvidos» de um homem são a sua sensibilidade espiritual, e o seu «ouvir» é o uso dos meios espirituais que

absoluto, ou seja, finalmente haverá de caracterizar ao verdadeiro crente, sem importar quais sejam as suas experiências «intermediárias». Isso significa que o crente pode cair; mas em algum ponto, em algum tempo, antes ou depois do sepulcro, será conduzido a alguma dimensão espiritual (não os «lugares celestiais»).

«...confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos...» Temos aqui uma alusão óbvia ao trecho de Mat. 10:32 (com paralelo em Luc. 12:8). Pelo tempo em que foi escrito o livro de Apocalipse, vários dos livros do N. T. já estavam em circulação, pelo que o vidente João tomou deles alguns elementos por empréstimo, e não meramente da tradição que formava o pano de fundo. (Quanto à «dependência literária» do livro, ver a seção IV da introdução ao Apocalipse).

#### Nossa Confissão Deve Ser A Nossa Vida

1. Em nossos dias, em que tanto se enfatiza a confissão oral e pública, precisamos estar alertas para o fato de que tal confissão, isoladamente, de nada serve. A confissão dada pela vida transformada é que demonstra a conversão genuína.

2. Um famoso estadista norte-americano, quando jazia moribundo em seu leito, há alguns anos passados, a quem fora dirigida a pergunta, «Quer que alguém ore por ti?», retrucou: «Não. A minha vida é a minha oração». Da mesma maneira que uma oração, no final da vida, não pode substituir a santidade e a bondade no decorrer da vida sem essas qualidades, assim também, nenhuma confissão pública pode substituir a real operação do Espírito Santo sobre a alma.

3. Os nomes dos verdadeiros crentes estão registrados em um livro, nos lugares celestiais; mas esse registro é efetuado por Deus, o qual avalia a genuinidade da fé e da santificação de cada um, isto é, de conformidade com o fato (ou a ausência) da regeneração. Nenhum «mero reconhecimento público de fé em Cristo», pode substituir esse fato celestial.

4. Quanto a notas completas sobre a «fé», que consiste na outorga da alma aos cuidados de Cristo, e não em mera crença em certos itens de um credo qualquer, ver Heb. 11:1. Ver as notas sobre o «arrependimento», em Ato 2:38; e sobre a «regeneração», em João 3:3.

5. Amiudadas vezes, em nossos dias, essa confissão pública tem sido transformada em outra forma de «mérito», em substituição a atos legalistas e a sacramentos. Não existe mágica alguma em uma confissão verbal. A transformação da alma é que é realização do Espírito; e sem isso, não terá havido regeneração.

#### Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. O nome registrado no Livro da Vida, será confessado por Cristo.

Encontrando, seguindo, guardando, lutando,

Abençoará Ele certamente?

Santos, apóstolos, profetas, mártires,

Respondem: «Sim!».

(John M. Neale,

«Art thou weary, art thou troubled?»)

2. A «confissão» verdadeira é o achar, o seguir, o guardar e o lutar por toda a vida do crente, e não consiste de meras palavras proferidas. Tal autêntica confissão presume uma operação divina na alma humana; e o Espírito Santo é quem produz tal maravilha. (Ver II Cor. 3:18).

3. «Ter o próprio nome retido...» na lista dos cidadãos celestiais, por esse tempo, era uma metáfora corrente para indicar a comunhão eterna com Deus e com o seu povo. E, mediante uma inferência natural, extraída de Apo. 13:8, indicava a idéia de «predestinação», crença que formava neles, como sempre, uma vívida inspiração debaixo da aflição e do conflito. (Quanto ao apagar de nomes do registro civil, após a condenação do dono desses nomes, comparar com *Dio Chrys.* xxxi.336c; *Xenofonte, Hell.* ii.3,51 e *Arist. Pac.* 1180, (Moffatt, in loc.).

4. A adoração judaica contemporânea (refletida em *Ezeq.* xii., revisão palestina, mostrava que os judeus proferiam uma maldição contra os hereses, estando incluídos os nazarenos (cristãos). Essa maldição incluía o desejo que Deus os condenasse, removendo seus nomes do Livro da Vida.

5. Nos registros antigos, os nomes dos mortos eram removidos. Assim, na comunidade cristã de Sardes, aqueles que estavam mortos, embora tivessem nome de que viviam, não tinham seus nomes no Livro da Vida.

6. Tanto o livre-arbítrio como o determinismo, a predestinação e a liberdade humana, são idéias que aparecem nas Escrituras. O presente versículo não parece ter uma natureza determinista, embora alguns estudiosos vejam isso aqui. O judaísmo antigo também combinava o livre-arbítrio e o determinismo. Ninguém jamais apresentou uma explicação realmente boa sobre como ambas essas elementos podem existir em uma única teologia. (Ver Rom. 9:15,18 acerca da «predestinação»; e ver I Tim. 2:4 acerca do «livre-arbítrio»). Ambos os conceitos são verazes, embora não saibamos como harmonizá-los. Deus usa o livre-arbítrio do homem sem destruí-lo, ainda que também não saibamos explicá-lo. Mas as notas expositivas aludidas abordam esse problema.

7. Apesar de ser justo os crentes confessarem publicamente sua confiança em Cristo, a verdadeira confissão cristã é aquela que se faz com a vida diária, no nível da alma. Aquele que verdadeiramente confessa a Cristo, será verdadeiramente reconhecido nos céus; e a sua glória não terá fim.

*Variante Textual:* Os mss Aleph(c), P. 046 e quase todos os manuscritos minúsculos, dizem «outos» (este), ou seja: «Aquele que vencer, esse será vestido do branco». Mas a palavra grega «outos» (com ômega, que também tinha som de «ou»), ou seja, «assim», é a forma que aparece nos mss Aleph(1)h AC, 1006, 2344, no It(gig,61), no S(p(h),h), no Cop(s),bol, no Ara e no Et(. Nessas caso, a tradução seria: «Aquele que assim vencer...» ou então: «Aquele que vencer, assim...» (esta última forma, parece ter sido o opção seguida pela nossa versão portuguesa). Mui provavelmente esta forma grega representa o texto original, pois pode ter sido considerada supérflua para alguns escribas, que mudaram o vocábulo grego para «este» (o mesmo).

3:6: Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas.

produzem mudança em seu íntimo, conforme se vê exigido nas advertências e promessas anteriores.

«A exigência de atenção universal põe fim a essa mensagem; cada palavra

de Deus merece atenção da parte dos homens; aquilo que pode parecer mais particularmente dirigido a um grupo de homens, envolve algo que serve de instrução para todos» (Matthew Henry, *in loc.*).

«Questões do interesse mais profundo e mais elevado para todo indivíduo, e, especialmente para cada crente, são aqui trazidas à nossa atenção contemplativa, e só prejudicamos a nós mesmos, tornando-nos anões,

quando não as aceitamos devotamente no coração...».

«Eis», diz o Salvador, «que vos dou poder para pisar sobre serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo; e nada, sob hipótese alguma, vos poderá causar dano. Não obstante, não vos regozijeis disso, que os espíritos se vos sujeitam; antes, que os vossos nomes estão escritos nos céus» (Luc. 10:19,20). (Seiss, *in loc.*).

#### IV. As Cartas das Sete Igrejas (coisas que são — Apo. 2 e 3)

##### 6. A Filadélfia (3:7-13).

Dentre as sete igrejas, endereçadas nos capítulos segundo e terceiro do Apocalipse, somente as de Esmirna e Filadélfia não receberam críticas, apesar de que a questão da pouca força, na carta dirigida a essa última, parece ser uma repreensão suave, contanto que compreendamos isso como força espiritual, e não como a «nulidade» deles diante do mundo. Porém, a despeito dessa repreensão gentil, o caráter da igreja de Filadélfia está muito acima do da maioria das igrejas descritas nestes capítulos. Porém, o que é dito aqui mui provavelmente se aplica somente a um remanescente, dentro da igreja de Filadélfia, e não àquela igreja inteira. Por semelhante modo, é provável que o nono versículo é uma repreensão contra o grosso da «igreja professante» de Filadélfia. Nesse caso, aquela igreja, considerada como um todo, foi uma das piores, e não uma das melhores dentre as sete igrejas. Se, profeticamente, a igreja de Filadélfia representa a igreja cristã dos nossos dias, essa interpretação certamente é correta. Historicamente, houve uma igreja local dessa natureza na Ásia Menor, a qual, devido à sua fidelidade, teve a permissão de escapar à uma horrenda perseguição que sem dúvida levantou-se no mundo habitado daquela época, por motivo do «culto ao imperador», em que os homens eram forçados a adorar ao imperador de Roma. Profeticamente, pensamos que esse escape representa a «proteção» em meio à perseguição geral que haverá quando da Grande Tribulação, tal como a original igreja local de Filadélfia foi protegida «dentro» de uma perseguição, e não tirada para fora da mesma. Ora, tudo isso se reveste de grande importância para nós, pois cremos que a igreja de Filadélfia representa a igreja das missões modernas, a começar dos fins do século XVIII, e que se estende até aos nossos dias.

Essa igreja, profeticamente falando, terá de enfrentar a Grande Tribulação, descrita neste livro de Apocalipse, a começar pelo sexto capítulo. A igreja de Filadélfia, pois, representa a igreja fiel daquele tempo futuro, ao passo que a igreja de Laodicéia representa a igreja apóstata do mesmo período. Creemos que a maioria de nós, e certamente os nossos filhos, verão essa Grande Tribulação, a qual será promovida pela violência louca do anticristo, o qual, segundo cremos, já está vivo. Na introdução ao comentário, há um artigo, intitulado, *A Tradição profética e a Nossa Era*, onde são apresentadas razões para as crenças aqui expressas. Ao redor do anticristo se desenvolverá um culto tão monstruoso que o comunismo internacional, em contraste, parecerá santo. Haverá a pior perseguição religiosa de todos os tempos, de tal modo que a maior parte da igreja, se não mesmo toda, terá de viver subterraneamente. Não há que duvidar (em face da mensagem do livro de Apocalipse, do sexto capítulo em diante), que haverá um número imenso de mártires. Alguns de nós talvez estejam entre eles. No entanto, Deus tem o propósito de «preservar» em vida um remanescente, para efeito de testemunho, em meio a todo aquele horror; e essa é uma das promessas recebidas pela igreja de Filadélfia (ver o décimo versículo deste capítulo). Sabemos que alguns estudiosos modernos crêem que essa igreja será «arrebata» dentro a tribulação, parecendo que têm alguma razão quanto a isso. O autor deste comentário teve essa crença por longo tempo, mas, finalmente, abandonou-a. A questão inteira do «arrebatemento» é discutida nas notas expositivas sobre I Tes. 4:15. Parece indiscutível que a igreja precisa dessa tribulação para que se purifique, antes de encontrar-se com o Noivo. Lembremo-nos do banho que tomavam as noivas antigas, antes do casamento. Somente depois é que estava preparada para a cerimônia do casamento, pois estava purificada. A igreja, a Noiva de Cristo, não poderá ir ao encontro do Noivo, sem isso. (Ver Efê. 5:27, em suas notas expositivas, acerca de esclarecimentos a esse respeito).

Achamos provável que a tribulação durará — 40 anos. Neste caso, o período tradicional de sete anos pode constituir uma parte do tempo mais prolongado, e estes anos provavelmente terão algum significado especial para a nação de Israel. A igreja, talvez, escapará deste período, enquanto, certamente, não escapará do que se chama, apropriadamente, a «tribulação». O número sete, todavia, pode ser simbólico para a própria tribulação, significando, «o ciclo completo de tribulação». Neste caso, nenhum limite específico de anos é implicado pelo número.

Seiss (*in loc.*), na sua introdução a esta carta do Apocalipse insiste que o «bom elogio» dado à igreja de Filadélfia, visava apenas o remanescente dentro daquela igreja, e não a igreja inteira. Diz ele: «Os poucos crentes fracos, que aqui são tão ternamente elogiados pelo Salvador, certamente são apenas uma fração fraca e deprimida do corpo geral de crentes professos de Filadélfia». Certamente isso está em consonância com a situação que atualmente achamos na igreja. Se a igreja de Filadélfia representa a nossa época, então somos forçados a concordar com a avaliação de Seiss, porque a igreja inteira, conforme a conhecemos hoje em dia, dificilmente poderia merecer a recomendação que há nesta carta do Apocalipse.

Alguns talvez queiram tirar vantagem dessa circunstância, a fim de pregarem um *arrebatemento parcial*, isto é, somente esse remanescente fiel é que seria arrebatado, ao passo que o resto da igreja (e certamente também a igreja de Laodicéia) terá de enfrentar a tribulação. Pelo menos, essa idéia é muito mais provável que a de um arrebatemento geral, porquanto reconhece a necessidade de «prontidão», por parte dos crentes arrebatados, ao passo que a igreja geral, conforme a conhecemos na atualidade, dificilmente está preparada para tanto. Nossas idéias sobre a questão talvez sejam defeituosas, e temos de permitir que as circunstâncias e as revelações que serão dadas nos dias que circundarão imediatamente tais acontecimentos, definam os detalhes para nós. Seja como for, a grande lição da necessidade de «preparo», para a segunda vinda de Cristo, é proeminente nesta carta. Precisamos estar preparados para ir ao encontro do Noivo, sem importar quando ele volte; precisamos estar preparados para enfrentar a Grande Tribulação, se estivermos destinados para atravessar tal acontecimento.

Seiss (*in loc.*), ao desenvolver sua teoria de que os elogiados aqui são apenas um remanescente fiel, e não a igreja toda de Filadélfia, diz que o nono versículo, que menciona a «sinagoga de Satanás», é o resto da igreja, composto dos falsos cristãos, dentro do qual grupo o remanescente pequeno e fraco sobreviverá. Os «judeus», pois, seriam o suposto «Israel espiritual», a igreja professante. Porém, a sua situação espiritual piorara tanto que não podiam ser chamados de igreja, e, menos ainda, de igreja de Deus. Por assim dizer, eram os «judeus apóstatas», ou melhor, a *igreja apóstata*. Supomos que os mestres gnósticos fossem os «apóstatas» originais, aqui frisados; e eles foram os progenitores espirituais dos atuais cristãos professos, destituídos de moral firme, por serem falsos nas doutrinas e ateus em suas práticas. A «sinagoga de Satanás» equivale mais ou menos à igreja de Laodicéia, profeticamente falando. Assim como os antigos mestres gnósticos não tinham imperativo moral em seu evangelho (ver Apo. 2:6,15,16,20 e Col. 2:18, acerca dos «gnósticos», em suas respectivas notas expositivas), assim também existem dois grupos, dentro da moderna igreja professante, que podem ser reputados os gnósticos modernos. Esses dois grupos são aqueles que abandonaram a fé cristã, ao negarem as suas doutrinas fundamentais, e aqueles que têm a doutrina da «crença fácil», um evangelho falso, que não requer transformação moral. Os gnósticos originais possuíam ambas essas características. Disso pode-se tirar a conclusão que a igreja de Filadélfia, considerada como um todo, foi a pior das igrejas do Apocalipse que temos considerado até este ponto, e não uma das melhores dentre elas. Somente o remanescente fiel mereceria os elogios que existem no teor desta carta. A condenação que há no nono versículo deste capítulo, na realidade, seria uma repreensão contra o grosso da igreja de Filadélfia.

7 Καὶ τῷ ἀγγέλῳ τῆς ἐν Φιλαδελφείᾳ ἐκκλησίας γράψον· Τὰδε λέγει ὁ ἅγιος, ὁ ἀληθινός, ὁ ἔχων τὴν κλεῖν Δαυὶδ, ὁ ἀνοίγων καὶ οὐδεὶς κλείσει, καὶ κλείων καὶ οὐδεὶς ἀνοίγει·

Embora N B P e quase todos os manuscritos minúsculos digam τοῦ Δαυὶδ (ou Δαυείδ), a maioria da comissão preferiu seguir o testemunho do A C 1 1611 1678 1778 1854 2020 2053, que diz Δαυίδ (ou Δαυείδ) sem o artigo, porque no Apocalipse os nomes próprios geralmente são anartros, até em casos oblíquos. (1) A fim de aumentar a clareza do simbolismo, vários testemunhos substituem Δαυίδ por (a) ἄδου (104<sup>a</sup> 218 336 459 620 2050 2051 2057 2067<sup>a</sup>), ou (b) τοῦ θανάτου καὶ τοῦ ἄδου (111 1893), ou (c) τοῦ παραδείσου (ara (ms)).

1. Conforme Josef Schmid, *Studien zur Geschichte des griechischen Apokalypse-Textes*; II, Teil, *Die alten Stämme* (Munique, 1965), pág. 87.

3:7: Ao anjo da igreja ou Filadélfia escreve:

isto diz a que é santa, a que é verdadeira, a que tem a chave de Davi; a que abre, a ninguém fecha; e fecha, a ninguém abre:

«...anjo...», ou seja, o guardião angelical da igreja, o qual está detrás e fortalece aos ministros humanos, e não os próprios ministros. (Quanto a notas expositivas sobre os «anjos» das igrejas e seu ministério, juntamente com observações interpretativas gerais acerca de seu lugar, nas sete epístolas do Apocalipse, ver Apo. 2:1).

«...igreja...» (Quanto a notas expositivas completas sobre a «igreja», ver Efé. 3:10. Quanto às «sete igrejas» da Ásia Menor, a quem foi inicialmente enviado o livro de Apocalipse, com seu significado e simbolismos, ver Apo. 1:4). Essas igrejas representam as «igrejas históricas», onde imperavam as condições descritas. Profeticamente, porém, representam períodos da história da igreja. Simbólica e espiritualmente representam condições que podem existir em qualquer período da história eclesiástica, nos indivíduos e na comunidade religiosa cristã.

«...Filadélfia...» (Ver as notas expositivas sobre essa localidade e a sua significação, no fim do presente versículo).

«...escreve...» O Apocalipse não era uma revelação que devesse ser selada; antes, deveria ser registrada, para ser reservada para benefício espiritual de muitos. Essa ordem de «escrever» figura com frequência neste livro, sendo comentada em Apo. 3:1, com notas adicionais em Apo. 2:1.

«...estas cousas...», isto é, o conteúdo da carta que passa a ser escrita, com suas instruções, admoestações e promessas de Cristo, o qual é o Senhor da igreja.

«...diz o santo...» Os nomes de Cristo, ou seja, as descrições a seu respeito, expressam, em cada uma das sete cartas, algo da natureza da igreja que está sendo endereçada. Assim é que a igreja apostólica, a igreja dotada de poder, tem Cristo retratado a segurar as «sete estrelas» (que são os «sete anjos»; ver Apo. 1:20) em sua mão direita, símbolo de poder e segurança. Cristo é visto a «andar» entre as igrejas, porquanto sua presença era especialmente sentida, inspirando devoção e ação poderosa. A igreja dos mártires, Esmirna, por sua vez, ouviu a voz de Cristo aquele que morreu, mas que está vivo, e que oferece a coroa da vida. A corrupta igreja de Pérgamo teria de enfrentar aquele que tem a «aguda espada de dois gumes», símbolo de julgamento. Tiatura, uma fase ainda mais corrompida da igreja, teria de enfrentar o Filho de Deus, cujos olhos são como chama de fogo e cujos pés são como o bronze polido, porquanto tal igreja merece um juízo ainda mais severo.

Por igual modo, agora, o remanescente santo ouve a voz do Cristo, o qual é santo e o manancial mesmo da santidade daqueles crentes; e ele também é o fiel, e a origem da fidelidade deles. Cristo é santo e veraz, em oposição à massa da igreja, que se transformara em uma igreja falsa, a sinagoga mesma de Satanás. Ele tem a «chave de Davi», porquanto abrirá a essa igreja uma grande porta de serviço (ver o décimo versículo), e está prestes a exercer seus direitos monárquicos, quando retornar a este mundo. E assim, através dessas coisas, o reino de Deus receberá seus habitantes e obterá poder sobre a terra.

«...o Santo...» Neste particular, precisamos considerar quatro pontos, a saber:

1. Esse é um título que pertence a Deus, mas que o vidente João não hesitou em aplicar ao «Filho». (Vê-se a mesma coisa em Atos 2:27; 13:35 e Heb. 7:26). Essa é uma prática comum no Apocalipse, a saber, a transferência de títulos e descrições divinos ao Filho, Jesus Cristo, embora, normalmente, pertençam a Deus Pai; e isso, incidentalmente, demonstra a divindade essencial do Filho. (Ver Heb. 1:3 quanto a notas expositivas completas sobre a «divindade de Cristo»).

2. Em suas circunstâncias originais, provavelmente esse título também era uma afirmação da missão messiânica de Jesus, porquanto os judeus tinham fomentado uma rebelião contra Jesus, o Cristo, na qual ele foi considerado maligno, homem extremamente mau, usurpador de uma autoridade que não lhe pertencia.

3. Outrossim, segundo o ponto de vista moral, fica sugerido que o Filho Santo é a origem de toda a nossa santidade. (Ver Gál. 5:22, 23, quanto a notas expositivas sobre como os vários aspectos do «fruto do Espírito Santo» são infundidos nos crentes, e como esses frutos são, especificamente, as qualidades morais de Cristo, conferidas a outros filhos, da parte do Filho).

4. A pecaminosidade de Jesus é aqui dada a entender. (Ver os comentários a esse respeito, em João 8:46 e Heb. 4:15). Na qualidade de Verbo eterno, tal como se dá com o próprio Deus Pai, Cristo possui santidade absoluta em si mesmo.

«...o verdadeiro...» Em quais sentidos?

1. Veraz naquilo que assevera; sua mensagem é verídica, precisando ser notada e obedecida.

2. Mas Cristo é, semelhantemente, a própria Verdade, segundo se vê em João 14:6. Ele é a verdade personificada, conforme aquela passagem ilustra.

3. Portanto, ele é «fiel», sem mácula, totalmente digno de confiança, idéias essas que a palavra também envolve.

4. Ele é a origem do «verdadeiro evangelho», em contraste com a mensagem da sinagoga de Satanás (ver o décimo versículo deste capítulo), que expunha a falsa doutrina gnóstica. E, profeticamente, a doutrina gnóstica representa o evangelho e as práticas da igreja profética do fim dos tempos.

Cristo permanece santo e veraz, a despeito do declínio da igreja, apesar de haver esta aceito as heresias dos nicolaítas e dos seguidores de Balaão e de haver tolerado a maligna Jezabel. Os nomes ou descrições aplicados a Cristo nos servem de desafio, para que não sejamos como foram aqueles indivíduos, para que não sejamos como a «sinagoga de Satanás», conforme se vê no nono versículo deste capítulo.

Cristo é veraz: ele manterá de pé as suas promessas. Ele preservará o remanescente fiel, em meio às grandes tribulações por quais este tiver de passar.

«...tem a chave de Davi...» Aqui também precisamos considerar quatro particularidades, a saber:

1. A alusão é ao trecho de Isa. 22:22, uma predição sobre a subida de Eliaquim ao ofício de governador do palácio. A «chave de Davi» era símbolo do poder e da autoridade de seu ofício monárquico. Há certa autoridade, própria do palácio real, que é dada a Cristo, por ele brandir a chave de Davi.

2. Alguns intérpretes também vêem o uso das chaves reais para finalidade de ser aberto o tesouro real, pois Eliaquim era o mordomo principal da casa real. Aquele que possui a chave de Davi, pois, tem na ponta dos dedos as riquezas do reino. O Rei benévolo dará essa riqueza aos fiéis.

3. O vidente João sem dúvida nos faz uma promessa escatológica: a. O Cristo, que tem as chaves, dará ao mundo os benefícios do seu evangelho, e tornará os homens seus súditos; b. aqueles que lhe estiverem sujeitos receberão acesso ao reino de Deus, bem como aos mundos eternos.

4. O poder de Cristo, para abrir o reino de Deus aos homens, seria administrado, pelo menos em parte, através da porta aberta de serviço (ver o décimo versículo), que ele dará à sua igreja missionária, porquanto através dos esforços desta última é que muitos homens serão trazidos ao reino do Filho anado (ver Col. 1:13).

«Davi é tipo simbólico de Cristo, o governante supremo do reino dos céus. (Ver Jer. 30:9; Eze. 34:23 e 37:24). A casa de Davi é a designação típica do reino de Jesus Cristo (ver Sal. 122:5). O fato que Cristo brande as chaves, símbolo de autoridade, mostra que esse é um direito que lhe cabe, por ser Senhor do reino e da Igreja de Deus. (Ver Mat. 16:19). Ele admite e exclui conforme quer». (Vincent, *in loc.*).

«Cristo tem o poder de admitir e de excluir, segundo a sua vontade própria (ver Mat. 25:10 e ss.; Efé. 1:22; Apo. 3:21; 19:11-16)». (Robertson, *in loc.*).

«...que abre e ninguém fechará, e que fecha e ninguém abre...» Essas palavras dão a entender o senhorio absoluto de Cristo. (Isso pode ser confrontado com a passagem de Mat. 28:18, onde se lê: «Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra...» O prazer de Cristo é o de abrir a porta para todas as nações, para que ouçam o evangelho, e o Apocalipse mostra que isso se realizará. Cristo tem o poder de trazer a muitos para o reino de Deus; e isso ele fará. Os rebeldes, entretanto, perderão esse destino, que foi planejado para os homens, sem importar o tipo de restauração que venham a receber, conforme nos mostra o primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Não obstante, há um elevadíssimo destino para o homem remido — a participação em toda a plenitude de Deus e na natureza divina (ver Efé. 3:19; Col. 2:10 e II Ped. 1:4). Nem todos os homens, todavia, atingirão essa bênção; e isso por terem sido excluídos pelo uso das chaves, por causa de sua rebelião e infidelidade. (Este versículo pode ser comparado ao trecho de Apo. 1:8, onde Cristo é visto como quem possui as chaves da Morte e do Hades; e também ao trecho de Mat. 16:19, onde a Pedro foram entregues as chaves do reino dos céus).

As chaves de Davi visam um fim benéfico. O senhorio de Cristo, o Salvador, nunca se transforma, voluntariamente, em motivo da «exclusão» de homens, e para detrimento destes. Arrependendo-se, eles serão lançados nos braços abertos de Cristo, para serem acolhidos.

Nada, senão o arrependimento, poderá absolver;  
E embora os pecados sejam horríveis, tão abertos são seus braços,  
Com uma bondade infinita, que eles recebem  
A todos quantos para eles se voltam.  
(Dante)

Filadélfia. Esse apelativo significa «amor fraternal», estando aqui o sétimo e último uso desse termo, no N.T. (Ver também Rom. 12:10; I Tes. 4:9; Heb. 13:1; I Ped. 1:22 e II Ped. 1:7 — este último, por duas vezes). No fim da era presente, quando a tribulação ameaçar o mundo, Deus se dirigirá à humanidade em amor, o que beneficiará a comunidade daqueles



que derem lugar ao amor de Cristo em seus corações, assim amando-se uns aos outros. Haverá um refúgio que nos abrigará de toda a contenda; haverá calmaria para as águas agitadas; haverá um oásis no grande deserto espiritual do fim. Isso se encontrará na comunidade da Igreja do Amor Fraternal, cujo Senhor será o Cristo.

Filadélfia era uma cidade da província romana da Ásia, na porção ocidental do que agora é a Turquia Asiática. Ficava localizada a cento e vinte quilômetros a sudeste de Sardes. Nos tempos do N.T., era a segunda mais importante cidade da Lídia. Originalmente, a cidade foi fundada por Eumenes, rei de Pérgamo, no século II A.C., tendo recebido nome de seu irmão, Atalo, cuja lealdade lhe ganhara o título de «Filadelfo». Filadélfia jazia perto do limiar de um trecho fértil da região do planalto, o que lhe dava grande parte de sua prosperidade. No ano de 17 D.C. a cidade foi destruída por um terremoto; mas uma doação imperial ajudou em sua restauração. Então adquiriu o nome de Neokaisaria, e, posteriormente, sob o imperador Vespasiano, recebeu o nome imperial, Flávia.

Conforme se dava com a maioria das cidades daquela área, Filadélfia estava imersa na idolatria, e, mais tarde, mergulhou no «culto ao imperador». Era famosa pelo número e grandiosidade de seus templos e de suas festividades religiosas.

Como é bem conhecido hoje em dia, a área geral onde estavam localizadas as sete igrejas do Apocalipse, e que recebeu originalmente esse livro, não é mais uma área cristã. Porém, dentre todas as sete igrejas, a de Filadélfia foi onde o cristianismo sobreviveu por mais tempo.

A localidade é agora ocupada por uma aldeia turca, *Allah Shehr*, nome que significa «Cidade de Deus». No dizer de Vincent (*in loc.*): «A situação é

pitoresca, pois a aldeia ocupa quatro ou cinco colinas, estando bem suprida de árvores, e o clima é saudável. Acredita-se que uma das mesquitas ali existentes era o lugar das reuniões da igreja endereçada no Apocalipse. Uma coluna solitária, de grande antiguidade, com frequência tem sido notada, lembrando as pessoas sobre as palavras de Apo. 3:12: 'Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus...'.»

*Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:*

1. O remanescente é endereçado e elogiado nesta carta. O remanescente se compõe daqueles que tiveram repellido o falso evangelho da «crença falsa» e da negação da pessoa de Cristo como divino e como grande fonte da santidade.

2. Somente Cristo pode excluir alguém de seu reino. Os «hereses», como têm sido considerados, que têm sido excluídos da igreja, com frequência têm sido seus melhores membros.

3. «Sem importar o grau dessa autoridade (das chaves) que tiver sido conferido aos ministros, o poder supremo pertence exclusivamente a Cristo. Assim é que Pedro, com razão, abriu a porta do evangelho para os gentios (ver Atos 10: 11 e 14:27). Mas, erroneamente, procurou fecha-la novamente (ver Gál. 2:11-18)». (Fausset, *in loc.*)

*Variante Textual:* As palavras «chave de Davi» foram substituídas por «chave do hades», nos mss 104(1), 218, 336, 459, 620, 2050, 2061, 2057 e 2067(1); e por «chave da morte e do hades», nos mss 111 e 1893; e por «chave do paraiso», no Ara (ms). O trecho de Apo. 1:18 influenciou algumas dessas modificações, tendo havido a tentativa, por parte de alguns escribas, de aumentar o efeito dramático do texto. Os mss Aleph, BP e quase todos os manuscritos minúsculos, porém, retêm a forma «chave de Davi», embora o nome próprio seja soletrado de vários modos. Certamente essa é a forma original.

8 *Οὐδ' ἂν σου τὰ ἔργα* —<sup>a</sup> *ἰδοὺ δέδωκα ἐνώπιόν σου θύραν ἡνεωγμένην, ἣν οὐδεὶς δύναται κλεῖσαι αὐτήν* —<sup>a</sup> *ὅτι μικρὰν ἔχεις δύναμιν, καὶ ἐτήρησάς μου τὸν λόγον, καὶ οὐκ ἠρνήσω τὸ ὄνομά μου.*

<sup>a</sup> B e daab, a daab: WH // a parnas, a parnas RV ARV // a major, a major: TR Bov Nem BF<sup>2</sup> AV TT // a major, e minor: RSV Zür Luth Jer Sag // a minor, a major: NEB 8 *Οὐδ' ἂν σου τὰ ἔργα* Re 2:32; 3:1, 15 *ἰδοὺ... ἡνεωγμένη* 1 Cor 10:8 8 *Οὐδ' ἂν σου τὰ ἔργα* em Prim Beatus

3:8: Conheço as tuas obras (isto que tenho posta diante de ti uma porta aberta, que ninguém pode fechar), que tens pouca força, entretanto guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome.

«...Conheço as tuas obras...» Essa é uma declaração comum a todas as sete cartas do Apocalipse, ou como declaração direta ou como inferência. Equivale à declaração: «Conheço as tuas condições espirituais em geral». (Ver as notas expositivas completas sobre essa expressão, em Apo. 2:2). As caracterizações gerais que se seguem são elementos das condições gerais conhecidas.

«...tenho posto diante de ti uma porta aberta...» (Quanto a notas expositivas sobre a idéia da «porta aberta» de serviço, que é o que mais provavelmente está em foco aqui, ver Atos 14:27 e Col. 4:3). A porta aberta do presente texto, profeticamente falando, refere-se à era missionária da igreja, que começou nos fins do século XVIII e que chega até aos nossos próprios dias. John Gill, escreveu pouco antes do começo dessa era, considerava a sua própria época como era da igreja de Sardes. Predisse ele que a era da igreja de Filadélfia seria uma espécie de reino espiritual de Cristo, com a renovação do amor e do evangelismo. Por isso, conjecturou ele: «Essa porta aberta talvez ofereça uma oportunidade incomum para a pregação do evangelho; uma grande liberdade mental de seus pregadores e grande atenção por parte dos ouvintes, cujos corações serão abertos para observar, receber e abraçar ao evangelho; além de grande colheita de almas para Cristo e suas igrejas. Haverá pregação abundante e freqüente da Palavra, com grande sucesso—o que não poderá ser tolhido por qualquer criatura». É significativo que foi da própria denominação de Gill, a denominação dos «Batistas Primitivos», da Inglaterra, que saiu Adoniram Judson (1788 - 1850), que se tornou o pai das missões modernas. Ele traduziu a Bíblia para o birmanês e preparou um dicionário daquele idioma, atividades que se têm tornado comuns através de toda a nossa era missionária. Muitos dos primeiros missionários sofreram oposição na igreja, sendo-lhes dito que estavam lançando suas pérolas aos porcos, porque pregavam aos pagãos. Isso mostra a que posição inferior caíra o evangelismo, na igreja da Idade Média, e na igreja da Reforma, ou igreja de Sardes. É verdade que os lugares «civilizados» receberam muitos pregadores. O próprio Calvino supriu dois mil e quinhentos pregadores para as igrejas reformadas. No entanto, não havia qualquer evangelismo dos pagãos, das terras «não-cristãs».

*Outras idéias sobre a porta aberta:*

1. Estaria em foco o próprio Cristo, a entrada para os lugares celestiais.

2. Outros pensam no «caminho» para os céus e para o reino, ao qual os discípulos falsos não têm acesso (ver o nono versículo), o que apontaria para a Nova Jerusalém.

3. Há quem pense na entrada para a alegria do Senhor, mediante a fidelidade.

4. Seria a capacidade de conhecer e interpretar corretamente as Escrituras.

5. Pelo contrário, conforme é comentado acima, temos aqui a «porta paulina» de serviço, uma grande oportunidade de serviço missionário. A história tem comprovado que essa é a interpretação correta. (Ver I Cor. 16:9; II Cor. 2:12; Col. 4:3 e Atos 14:27, quanto a passagens paralelas).

Lembre-mos dos Judsons, dos Wesleys, dos Whitfields, dos Spurgeons, dos Careys, dos Livingstones da presente era. Mas, à medida em que nos aproximamos da era da igreja de Laodicéia, iremos entrando em um declínio, não tanto de trabalho efetuado, mas de eficácia e da piedade verdadeira, que deveria ser o resultado do evangelismo, se Cristo é nosso Senhor, tanto quanto nosso Salvador.

Ó Sião, apressa-te, cumprindo tua elevada missão,  
Anunciando ao mundo inteiro que Deus é Luz;  
Que aquele que criou todas as nações não quer  
Que nenhuma alma pereça, perdida nas sombras da noite.  
(Mary A. Thomson)

*A necessidade do momento.*

1. Precisamos perceber a significação profética desta carta do Apocalipse, e qual é a nossa participação do plano piloto do evangelismo do mundo, o que certamente é um grande privilégio.

2. Precisamos ter mentes alertas, reconhecendo que o tempo urge, pois em breve a porta se fechará, que a vida de cada um de nós é breve, não havendo tempo para servirmos a nós mesmos.

3. Também precisamos perceber que essa é uma porta aberta pelo Senhor, e que todos temos uma missão—divinamente conferida—de cumprir parte desse designio. Esse é um grande privilégio, como também um notável encorajamento.

«...a qual ninguém pode fechar...» A porta foi divinamente aberta, e só o Senhor poderá fechá-la. Isso também é um encorajamento. Ilustra o «senhorio» de Cristo, tal como o faz o conceito inteiro das chaves (ver o versículo anterior). Já fomos informados que é Cristo quem abre e fecha, ou seja, ele usa as suas chaves de acordo com sua própria vontade. (Ver isso comentado nas notas expositivas sobre o sétimo versículo). O movimento das missões modernas, a princípio, era resistido dentro da própria igreja, e então pelo mundo todo. Nada, entretanto, foi capaz de fechar tal porta. Em breve uma grande multidão tirou vantagem do fato, e inúmeras sociedades missionárias foram formadas, tendo sido enviados missionários a todas as porções da terra.

Consideremos o zelo de certa igreja local da Alemanha. A princípio, tinha apenas sessenta membros. Seu zelo missionário fê-la aumentar, até contar com dez mil homens e mulheres no serviço de Cristo, na própria Alemanha, além de terem sido enviados mais de trezentos missionários a países estrangeiros.

«...que tens pouca força...» Em quê? Nas «dimensões», na «influência social e política», no «dinheiro», e talvez até mesmo no «poder espiritual». Essa igreja tem operado praticamente sem os dons espirituais e miraculosos; mas, mediante seu esforço, tem podido fazer grandes coisas. No entanto, provavelmente temos aqui uma reprimenda gentil, porquanto o poder espiritual está ao alcance de todos quantos o buscam.

Aqueles crentes possuem alguma força, mas essa era diminuta. Não obstante, venceram a todos os obstáculos—aqueles levantados por membros da igreja que não tinham visão espiritual, aqueles levantados pelo mundo hostil, aqueles causados pelas fraquezas das pessoas, aqueles devidos às limitações dos recursos financeiros, aqueles da falta de influência na sociedade. Mas, apesar de sua pouca força, puderam valer-se do poder de Deus, mediante completa fidelidade e tenacidade. Por isso, tornaram-se fortes no Senhor. (Comparar com II Cor. 12:10).

Lembre-mos do «pequeno» rebanho. Esse é o que herdará o reino. (Ver Luc. 12:32).

«O poder espiritual que tinham era fraco, em comparação com o Pentecoste. O Senhor, entretanto, em nada os condenou. Amavam a Cristo. Jesus... disse: 'Se alguém me ama, guardará a minha palavra' (João 14:23)... Aqui, em Filadélfia, ao invés do eclesialicismo e do indiferentismo, encontramos uma 'viva reação ante a Palavra conhecida' do bendito Senhor». (Newell, *in loc.*)

«...entretanto, guardaste a minha palavra...» 1. Essas palavras apontam, primariamente, para a observância dos mandamentos de Cristo, o que leva

o crente a uma vida de santidade, em contraposição à licenciosidade dos gnósticos (ver o versículo seguinte). 2. Mas essa declaração também quer dizer que aqueles crentes deveriam observar a Palavra de Deus, evangelizando e propagando a mensagem cristã. De fato, eles obedeciam ao mandamento de evangelizar (ver Mat. 28:19,20). Entraram pela porta aberta, a fim de cumprirem a vontade de Cristo, propagando o seu evangelho. Preservaram a própria fé cristã, em face mesmo da apostasia. Isso também haverá de caracterizar a igreja profética filadelfiana, em face da oposição das modernas sinagogas de Satanás. Isso pode ser comparado ao décimo versículo deste capítulo, que fala em «guardar a palavra da paciência», o que certamente descreve o evangelho, que precisa ser propagado. (Ver as notas expositivas ali existentes, onde melhor se esclarece esse conceito).

«...não negaste o meu nome...» Isso nos faz retroceder, uma vez mais, à idéia exposta em Apo. 2:2,3, a da oposição feita pelos hereges gnósticos, os quais, em sua doutrina e vida, negavam ao nome de Cristo. Não devemos pensar que os «judeus», aludidos no versículo seguinte, sejam judeus por nacionalidade. Antes, estão em foco «falsos judeus», os gnósticos. (Ver as notas expositivas em Col. 2:18 e Apo. 2:6,15,16,20, acerca da seita dos «gnósticos»).

Aqueles que vediam às pressões e adoravam ao imperador (este livro de Apocalipse foi escrito durante a perseguição movida pelo imperador Domiciano), negavam ao nome de Cristo. E aqueles que se recusavam a assim abandonar à fé cristã, sofriam por esse motivo. Alguns dos membros

¶ Ἰδοὺ δίδωμι ἐκ τῆς συναγωγῆς τοῦ Σατανᾶ, τῶν λεγόντων ἑαυτοὺς Ἰουδαίους εἶναι, καὶ οὐκ εἰσὶν ἄλλα ψευδονται. Ἰδοὺ ποιήσω αὐτοὺς ἵνα ἤξουσιν καὶ προσκυνήσουσιν ἐνώπιον τῶν ποδῶν σου, καὶ γνώσιν ὅτι ἐγὼ ἡγάπησά σε.

¶ τῆς συναγωγῆς τοῦ Σατανᾶ 2 Cor 11:14, 15, Rf 2:8

¶ Ἰδοὺ ποιήσω αὐτοὺς ἵνα ἤξουσιν καὶ προσκυνήσουσιν ἐνώπιον τῶν ποδῶν σου, καὶ γνώσιν ὅτι ἐγὼ ἡγάπησά σε

¶ τῆς συναγωγῆς τοῦ Σατανᾶ 2 Cor 11:14, 15, Rf 2:8 ἡξουσιν... σου Is 45:14; 49:23 80:14 ἐγὼ ἡγάπησά σε Is 43:4

¶ γνώσιν] γνώση R 69 Ia Tyc<sup>PI</sup>

3:9: Eis que farei nos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não o são, mas mentem, — eis que farei que venham, e adorem prostrados aos teus pés, e saibam que eu te amo.

«...são da sinagoga de Satanás...»

1. Essas palavras poderiam apontar para judeus por nacionalidade. Nesse caso, o vidente Joãoalaria da oposição movida por eles, o que, paralelamente às perseguições oficiais, causava grandes sofrimentos para a igreja. O livro de Atos fornece-nos muitos exemplos de como os judeus se uniram aos pagãos, na perseguição contra a igreja.

2. Mais provavelmente, porém, não há aqui menção a judeus por nacionalidade, e, sim, ao «falso Israel espiritual», aos gnósticos, que assediavam à igreja e procuravam tomá-la. Portanto, em Apo. 2:6,15,16,20 vemos como os perturbadores gnósticos vinham degradando a igreja, querendo transformá-la em um templo pagão; e por essa razão foram chamados de «sinagoga de Satanás». Já encontramos essa expressão em Apo. 2:9, onde há notas expositivas completas a respeito.

O vocabulário do N.T. faz a igreja cristã ser o verdadeiro Israel, sem importar a nacionalidade de seus membros. (Ver Gál. 3:7). E Paulo escreveu: «...porque nem todos os de Israel são de fato israelitas» (Rom. 9:6). O ser um verdadeiro israelita, um príncipe de Deus, não é algo baseado em questões raciais, pois depende da realidade espiritual, em que o indivíduo compartilha da devoção de Abraão a Deus, de sua santidade e de seu destino. As observâncias externas, os ritos e as tradições não fazem de nós «judeus», conforme Paulo ensina em Rom. 2:28,29. É a qualidade íntima da espiritualidade que nos torna filhos de Abraão. Trata-se de uma questão do «espírito», e não da «letra»; não vem «dos homens», e sim, «de Deus». Em Cristo, pois, são eliminadas as distinções e as vantagens raciais (ver Gál. 3:28). Todos são «um», e essa «unidade» forma o «Novo Israel», o povo celeste, que pertence ao «reino».

«...sinagoga...» A igreja perversa não é aplicável o título honorável de «igreja». Era uma falsa igreja, e, por conseguinte, uma «sinagoga»; pois tomara o partido de Satanás, em sua oposição à igreja de Cristo. Por conseguinte, esse termo, «sinagoga», tem aqui um sentido pejorativo, o que é mais intensificado mediante sua identificação com Satanás. Era algo satânico (sem importar se a alusão é aos gnósticos ou aos judeus de raça) porque: 1. opunha-se à igreja de Cristo e a perseguiu; 2. corrompia a natureza moral da igreja, permitindo que os padrões pagãos, sobretudo quanto às questões sexuais, se tornassem a ética oficial da igreja.

«...Satanás...» Por toda a parte o N.T. confirma a existência de um poder tremendo, o do arcanjo do mal, Satanás, não menos que confirma a realidade e a glória de Deus, o príncipe de todo o bem. (Quanto a notas expositivas completas sobre «Satanás», ver Luc. 10:18 e João 8:44). A história toda, humana ou não, de acordo com certo ponto de vista, é a descrição da luta entre o bem (Deus) e o mal (Satanás). Todos os homens precisam escolher a quem servirão. Dentro do processo histórico, Deus convence os homens de que precisam escolher o bem por ser bom, por lhes ser vantajosamente bom. Mas os homens precisam de longo tempo para aprender essa lição, pelo que também o processo histórico é longo e repetitivo.

«...a si mesmos se declaram judeus...» Essas palavras talvez salientem o fato que apontavam orgulhosamente para a sua literal ascendência judaica, conforme os judeus estavam acostumados a fazer, pensando que isso, automaticamente, lhes conferia as promessas e a salvação prometida a Abraão. Mas também poderia falar sobre a jactância ativa dos mestres gnósticos, os quais se reputavam «o Israel espiritual», embora tal jactância fosse inútil e falsa.

«...mas mentem...» No caso dos «judeus literais», os quais faziam tais

da igreja de Filadélfia se dispuseram a soltar por Cristo.

Pode-se negar o nome de Cristo através de más doutrinas, da rejeição à sua divindade, à sua humanidade verdadeira ou à sua missão divina. Ou isso pode ser efetuado através de uma vida imoral, que equivale ao ateísmo prático. Podemos ser gnósticos em espírito, sem defender qualquer de seus ideais, pois podemos ter uma forma de vida espiritual que nos identifica como filhos espirituais dos gnósticos. O contexto histórico sobre essas questões se modifica, mas não as próprias realidades espirituais.

Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. Sucesso. Que cada um de nós cumpra a sua missão. Tiramos proveito da porta aberta à nossa frente: «Obteve sucesso quem viveu bem, viu com frequência e amou muito; quem obteve o respeito de homens inteligentes e o amor das crianças; quem preencheu o seu lugar e realizou a sua tarefa, quem se trata de uma papoula melhorada, de um poema perfeito ou de uma alma salva; e quem nunca faltou a apreciação pelas belezas da terra, e nem deixou de expressá-las; quem olhou para o melhor que há nos outros, dando o melhor de si; cuja vida foi uma inspiração e cuja memória é uma bênção». (Robert Louis Stevenson).

2. No lar médio, nos Estados Unidos da América, a televisão fica ligada cerca de seis horas por dia. Como podemos cumprir nossa missão, se nos preocupamos apenas com brincadeiras, com vãs diversões e com coisas que dissipam nossas mentes e nossas inteligências?

3. Embora os crentes de Filadélfia tivessem pouca força, mediante pura fidelidade e tenacidade, confiando em um Senhor poderoso, foram capazes de realizar grandes coisas. Aquele que tem as chaves do reino estava ao lado deles.

afirmações, a «mentira» consista do fato que, apesar de serem judeus na carne, não o eram espiritualmente falando, o que os levava a tomar o partido do paganismo, em sua perseguição contra a igreja cristã. No caso dos mestres gnósticos, porém, não tinham esses o direito de se considerarem o Israel físico e nem o Israel espiritual.

«...farei vir e prostrar-se aos teus pés...» O termo grego «proskuneo» pode ser traduzido como «adorar»; mas esse é um termo forte demais. Também pode ser traduzido por «homenagear», ficando entendida a idéia de reconhecer o próprio erro. A melhor tradução, entretanto, é a de «prostrar-se», «inclinarse», conforme temos em nossa versão portuguesa. Aquele gente seria: 1. Humilhada, reduzida a nada, depois de ter-se mostrado tão ativa; 2. os maus resultados de sua hostilidade seriam revertidos; 3. a falsidade de suas pretensões seria desmascarada; 4. a verdade do evangelho, revelada através da igreja, seria demonstrada; 5. o bem triunfaria sobre o mal; 6. o mal não deixaria de ser convencido como tal, mas colheria a sua própria sementeira (ver Gál. 6:7,8); 7. o fato que se prostrariam ante os crentes seria apenas subproduto do fato que todos se prostrarão diante de Cristo, o que fatalmente sucederá em escala universal (ver Fil. 2:9 e ss.). Podemos supor que o vidente João antecipou o «cumprimento histórico» dessa promessa, que teria lugar na vitória da igreja de seus próprios dias. Talvez fique subentendido o triunfo da igreja, na conversão do imperador Constantino, o que também indicou a conversão nominal do império romano ao cristianismo. Porém, o principal significado, aqui frisado, é o sentido escatológico, quando o bem triunfará definitiva e finalmente sobre o mal.

«...e conhecer que eu te amo...» Os inimigos da igreja, se os judeus literais estão em foco, viriam e admitiriam a realidade do Cristo cósmico, e que a igreja de Cristo, e não eles, é que possuía a verdade. Nesse caso, a igreja cristã é que gozaria do amor do Filho, o qual é, ao mesmo tempo, o amor de Deus Pai. Imaginavam tolamente que eram os únicos guardiões desse amor, e que os cristãos eram odiados por Deus. Mas haveriam de descobrir o fatal equívoco de sua própria atitude. Por outro lado, se é o gnosticismo que está em foco, então isso significa que haveriam de reconhecer que estavam errados, em sua prédis de um Cristo que era apenas um «neon» dentre muitos, uma das emanções angelicais de Deus, um «pequeno deus», e não o Filho de Deus, o verdadeiro Cristo, o Criador e Redentor de todos, o qual amava aqueles que eles odiavam com tanta intensidade.

Outras idéias sobre o nono versículo:

1. «A homenagem que os judeus esperavam receber de outros, no período messiânico, haveria agora de dar aos crentes, o que seria um sinal do amor de Cristo ao seu povo. Essa promessa não se cumpriu nos episódios finais do Apocalipse» (Rist, in loc.). O que esse autor quer dizer com essa sua última declaração é que não há nenhuma visão distintiva, no fim do livro de Apocalipse, que descreva o que é aqui antecipado.

2. «Essa linguagem (virão e se prostrarão) se alinha sobre Isa. 60:14, onde os gentios são descritos a se submeterem aos judeus...» nosso texto traduzido mais de perto o texto massorético de Isa. 60:14 do que a Septuaginta... A homenagem que os judeus esperavam da parte dos gentios, haveriam de prestar aos cristãos. Haveriam de desempenhar o papel de pagãos; reconhecendo que os cristãos é que são o verdadeiro Israel». (Charles, in loc.).

3. Isso pode ser comparado ao trecho de Jubileus 1:28: «...e todos eles serão chamados filhos do Deus vivo, e todo anjo e espírito saberá, sim, saberá que esses são meus filhos, e que eu os amo». Torna-se óbvio, portanto, que aquilo que os judeus esperavam para si mesmos, de conformidade com suas tradições escritas, na realidade seria conferido aos cristãos.

4. Consideramos a conversão de Israel. Perto dos fins do nosso século XX, uma vez que tenham sido livrados de um inimigo muito numericamente superior, e tendo aparecido no firmamento o sinal da cruz, como também o próprio Jesus, a andar visivelmente entre eles, Israel tornar-se-á uma nação

cristã, por declaração oficial. Reconhecerão que foram livrados mediante uma intervenção divina, tal como se deu no mar Vermelho. Então admitirão, e com júbilo, que a fé cristã estava com a razão, que o Cristo era o seu Messias. Finalmente, haveriam de recebê-lo com alegria. Isso será cumprimento do preceito constante no presente versículo, e isso da maneira mais positiva possível. Chagarão a tomar essa posição mediante os juízos e o desamparo, embora se trate de um julgamento que também é restaurador, conforme se dá com todos os juízos divinos. Pois todos os julgamentos de Deus têm esse aspecto, embora não se resumam nisso. O julgamento de Deus, pois, é um ato da mão amorosa do Senhor.

5. «Eles (os crentes) se acham do lado vencedor; e o fato que se conservam firmes, em meio ao ridículo e à detração, haverá de fazer deles príncipes do Senhor dos Exércitos. Não mediante a força e a eloquência deles, nem por seus merecimentos e por seu valor, mas devido às chaves e os poderes do reino à que serão levados a honrar e a se apegarem à palavra de sua paciência». (Seiss, *in loc.*)

6. Provavelmente é preferível considerarmos que a sinagoga de Satanás, historicamente falando, seja a heresia gnóstica, que se apresentava como se fora cristã: na realidade, porém, era um falso Israel espiritual. Portanto, em consonância com as observações introdutórias a esta carta à igreja de Filadélfia, consideramos essa «sinagoga» o grosso da chamada igreja cristã daquela localidade. Profeticamente falando, isso pinta a apostasia dos últimos dias, quando os homens, que se afirmam cristãos, negarão abertamente o nome de Cristo, a sua divindade e a sua missão divina e remidora. Note-se que isso já está sucedendo nas igrejas evangélicas da atualidade. Um ministro cristão disse-me que em certa igreja metodista, onde trabalhara como pastor

auxiliar, seu pastor, em um domingo da Páscoa, conseguiu pregar um sermão sem ter mencionado o nome de Cristo uma vez sequer. Essa é a apostasia, e ela já se entronizou no seio da igreja cristã. Contudo, todos quantos vivem como ateus, que são apanhados nas malhas da licenciosidade gnóstica, sem importar as suas crenças doutrinárias, são apóstatas.

7. Devemos vincular a «sinagoga» de Satanás com aqueles que «negavam» o nome de Cristo, referidos no versículo seis. Não obstante, pode haver nisso uma dupla referência, a saber, tanto aos judeus literais, que se opunham à fé cristã — aliando-se ao paganismo e pondo-se sob a ira de Deus, como ao gnosticismo, que afirmava falsamente ser o Israel espiritual.

8. Tudo isso permite-nos lançar os olhos para a grande exaltação da igreja cristã. Ela julgará até mesmo aos anjos (ver I Cor. 6:2). Mas a real exaltação consiste da participação na natureza de Cristo, e, por conseguinte, em sua divindade (ver as notas expositivas em II Ped. 1:4; Col. 2:10; Ef. 8:19 e Rom. 8:29).

9. As palavras «eu te amei», apontam para dois fatos: a. Esse amor veio através da morte e da missão remidora de Cristo; b. no presente caso, entretanto, de modo mais particular, isso se verifica mediante o triunfo descrito, um dos elementos da glorificação dos remidos.

10. Até mesmo os «fracos» poderão triunfar, final e grandiosamente. Quanto mais aqueles que tiverem recebido o fortalecimento pentecostal, em Cristo.

«A vida me pareceria intolerável se eu perdesse a fé no Deus que Jesus descreve nos três primeiros evangelhos; ou no Criador de um ilimitado universo de ordem e beleza». (Henry James).

10 οὐ ἐτήρησας τὸν λόγον τῆς ὑπομονῆς μου, καὶ γὰρ σε τηρήσω ἐκ τῆς ὥρας τοῦ πειρασμοῦ τῆς μελλούσης ἐρχεσθαι ἐπὶ τῆς οἰκουμένης ὅλης πειράσαι τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς.

10 Lk 21:18; 2 Tm 2:12; He 10:36

3:10: Porquanto guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para pôr à prova os que habitam sobre a terra.

Esse é o versículo mais bem conhecido de toda esta carta do Apocalipse, bem como de todo o livro, porquanto, para certas pessoas, fala da questão do arrebatamento da igreja e do dilúvio da Grande Tribulação. (A questão do «arrebatamento da igreja», em todos os seus aspectos, é discutida nas notas expositivas sobre I Tes. 4:15).

*Possíveis conceitos atinantes ao arrebatamento da igreja e ao segundo advento de Cristo:*

1. Alguns pensam que não devemos pensar aqui em acontecimentos literais e históricos, pois as Escrituras usariam essas expressões como símbolos místicos, falando sobre estados espirituais, sobretudo no tocante aos passos que avançam para o desenvolvimento espiritual, individual ou coletivamente considerados. Com isso, querem dizer que a vinda de Cristo será bem «real», mas não um «evento físico», podendo ocorrer, no caso dos indivíduos, das mais diferentes maneiras. No tocante à segunda vinda de Cristo, como um «acontecimento mundial», isso será um ciclo novo e melhor da história do mundo, devido à presença espiritual de Cristo, e não por causa da instalação de qualquer reino físico ou da presença visual de Cristo. Se essa é a verdade acerca da «parousia» (segunda vinda de Cristo), então é tolo falar-se sobre um arrebatamento pré-tribulacional, mid-tribulacional ou pós-tribulacional, como se tal ocorrência visasse «remover» do mundo aos crentes verdadeiros que continuassem vivos. Faria bom sentido, porém, falar-se em um milênio literal, embora não contasse este com qualquer presença «visual» de Cristo.

2. *Pré-milenismo.* Normalmente, essa posição, conforme é interpretada pela maioria das denominações evangélicas que a retêm, significa alguma espécie de «arrebatamento» da igreja, com o subsequente reinado de Cristo à face da terra (após juízos que purificarão a igreja). Esse reino envolverá a presença literal e visível do próprio Cristo. Os pré-milenistas, porém, não concordam acerca do «elemento tempo» do arrebatamento, pois alguns situam-no antes, ou no meio ou depois da esperada «Grande Tribulação», que antecederá imediatamente ao milênio. A doutrina do arrebatamento «pré-tribulacional» começou no movimento dos irvingitas, em cerca de 1830. Até então ninguém fizera qualquer distinção entre o «arrebatamento-parousia» e a «parousia-segundo advento de Cristo. Tal ponto de vista foi popularizado através dos Irmãos de Plymouth, nos Estados Unidos da América, de onde, rapidamente, se propagou para outras denominações evangélicas.

Os pré-milenistas rejeitam a idéia de um vasto sucesso do evangelho, o que, conforme dizem seus opositores, proverá as condições ideais para o estabelecimento do milênio. Antes, crêem que o mundo entrará, gradualmente, na ruína e na degradação totais, tornando-se necessária uma «intervenção divina», produzindo as condições preditas para o milênio. Alguns pré-milenistas acreditam que o «arrebatamento» da igreja envolverá uma literal transformação espiritual dos crentes, segundo a imagem de Cristo, o que será um acontecimento definido e coletivo; mas que o próprio milênio não envolverá a presença física e visível de Cristo, porque será antes um reinado espiritual de Cristo, um novo céu terreno, onde o Espírito muito se evidenciará, transformando o mundo inteiro. Essa presença espiritual de Cristo haverá de elevar o nível de vida da humanidade inteira, e os homens tornar-se-ão uma espécie de ser superior e diferente, embora continuem eles habitando sobre a terra. Os «crentes arrebatados», por outro lado, penetrarão nas dimensões celestes, tornando-se seres superiores aos anjos, pois virão a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4) e da imagem e natureza de Cristo, em sentido perfeitamente literal. A diferença entre o Filho e os filhos será a «extensão» da participação na natureza divina, e não o «tipo» de natureza. A eternidade inteira verá a tremenda expansão da «glorificação», a qual será um processo eterno, e não um único evento dentro do tempo. O alvo final é sermos «cheios de toda a plenitude de Deus». Ora, essa plenitude é obviamente infinita, pelo que haverá um enchimento eterno e infinito. Deus jamais fica estagnado, e nem mesmo pode fazê-lo; e nem poderá isso suceder aos remidos. O presente comentário assume o ponto de vista aqui exposto, quanto ao «arrebatamento» e ao «milênio». Portanto, ocupa a posição «pré-milenar», acima descrita. (No tocante ao «elemento tempo» do arrebatamento, a questão é amplamente discutida em I Tes. 4:16).

A posição deste comentário é que a igreja atravessará pelo menos a maior parte da Grande Tribulação, e que isso visará a sua purificação.

A parousia será uma série de acontecimentos, com diferentes aplicações aos homens, dependendo tudo de como tiverem tratado a Cristo. Algumas vezes no

N.T. (como em II Ped.) o termo *parousia* é bem geral. Neste livro, até a destruição da própria terra (e céu) faz parte do conceito. (ver II Ped. 3:4, 10, 12). A parousia começará com o Armagedom (Apo. 16:16, 18) e estender-se-á até o fim do milênio, e será constituída de diversos acontecimentos.

Provavelmente a tribulação durará 40 anos, o número simbólico de provação, não meramente os sete anos tradicionais. Estes sete anos possivelmente constituirão uma parte do tempo mais prolongado, e terão algum significado especial para a nação de Israel. A igreja, talvez, escapará deste período, enquanto, (quase) certamente, não escapará do que se chama, apropriadamente a «tribulação». O número sete pode ser simbólico para a própria tribulação, significando, «o ciclo completo de tribulação». Neste caso, nenhum limite específico de anos é implicado pelo número.

*O arrebatamento parcial.* Esse ponto de vista diz que um «remanescente» fiel escapará da Grande Tribulação, por já estar ele santificado, ao passo que a massa da igreja professa ficará neste mundo, para sofrer os horrores da Grande Tribulação. Cristo virá para aqueles que «o guardam», e não para a igreja descuidada e indiferente. (Ver Heb. 9:28). Em favor dessa idéia, seus mentores ressaltam que a imoral igreja de Tiatira será «lançada... em grande tribulação» (Apo. 2:22), ao passo que a fiel igreja de Filadélfia será livrada da mesma (ver Apo. 3:10). Se considerarmos que os «descuidados», nesse caso, nem crentes são, mas apenas «cristãos professos», então a teoria do «arrebatamento parcial» não difere grandemente do ordinário conceito do arrebatamento pré-tribulacional. Todavia, e maioria dos expositores desse ponto de vista afirmam que crentes «verdadeiros», ainda que «negligentes», serão deixados para sofrer sob a Grande Tribulação, ao passo que os crentes «santos» e «fiéis» serão arrebatados antes dela. Naturalmente, essa idéia é «mais provável» do que a idéia que a igreja inteira, os verdadeiros e os descuidados, juntamente, haverá de escapar da Grande Tribulação. Pois é possível que um pequeno remanescente de crentes sinceros e santos escape à tremenda tribulação, por não necessitarem mais de seus efeitos santificadores, ao passo que outros, embora crentes genuínos, mas descuidados e frios em suas vidas espirituais, terão necessidade de tão horrores juízos para prepará-los para o encontro com Cristo. Seja como for, parece perfeitamente certo que a igreja que atualmente conhecemos não poderá ser arrebatada no estado em que se acha. Tal igreja não pode voar para maiores alturas espirituais.

3. *Pós-milenismo.* — Esse ponto de vista assegura que a igreja cristã tornar-se-á tão poderosa neste mundo que o converterá, inteira ou quase inteiramente. E o resultado disso é que Cristo então «poderá retornar»; e, com seu retorno, o milênio chegará ao seu ponto final, e não ao seu começo, porquanto a igreja cristã é que instaurará o milênio. Esse milênio, portanto, será um tipo de «reino da igreja», e não um reino literal ou visível de Cristo. Quando da vinda de Cristo, que, como já dissemos, ocorrerá «depois» do milênio, será estabelecido o estado eterno, mas não antes de um conflito final entre o bem e o mal, no fim do milênio. Duas guerras mundiais, e certas promessas de violências vindouras ainda mais prodigiosas, juntamente com a multiplicação impressionante das forças do mal, neste mundo, têm servido para matar a posição do pós-milenismo, o qual agora sobrevive apenas na literatura cristã.

4. *A milenismo.* Essa é a posição daqueles que dizem que não haverá milênio, pois as Escrituras parecem ensinar que tal período de grande avanço deve ser interpretado de modo «místico» ou «simbólico», e não historicamente, como se realmente houvesse um período de mil anos especiais. A maioria dos a-milenistas crê que o fim da era presente será assinalado por crescente iniquidade; o anticristo surgirá, (segundo alguns) mas o seu reinado será terminado pela «parousia» de Cristo. Então será estabelecido o estado eterno, sem o período intermediário de um milênio. A maioria daqueles que aceitam esse conceito pensa que o milênio será a «paz» dada pela presente experiência cristã, o que lhe confere uma interpretação «espiritual», e não literal. Os mil anos do vigésimo capítulo do Apocalipse seriam «simbólicos», e não literais. Os números representariam «estados» ou «idéias», e não uma expansão de tempo histórico.

O que foi dito acima visa apenas ser uma introdução às idéias que circundam o «problema do arrebatamento». Há uma nota detalhada sobre o «arrebatamento», em I Tes. 4:16. Em Apo. 20:4 há uma nota detalhada sobre o «milênio». (Ver Apo. 19:11 e suas respectivas notas expositivas sobre a «segunda vinda de Cristo», no tocante aos incrédulos).

*Exposição geral sobre o décimo versículo deste capítulo. Retornando agora ao próprio versículo, passaremos a comentar sobre as declarações do mesmo:*

Acerca dessa declaração, devemos levar em conta os pontos abaixo:



1. Fatos a respeito da tribulação: Ver notas completas sobre esse tópico, em Apo. 7:14. Acreditamos que se prolongará por quarenta anos, que é o número bíblico e místico das provações e testes.

a. O tradicional período de sete anos será parte integrante desse período maior, mantendo um relacionamento especial com a nação de Israel, além de trazer um período extremamente crítico de sofrimentos para o mundo inteiro.

b. As palavras que (talvez) indiquem que a igreja será livrada da tribulação—...também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro...—podem quicá indicar que a igreja escapará daquele período crítico de sete anos, mediante o arrebatamento (ver notas completas sobre o «arrebatamento», em I Tes. 4:15). Todavia, ainda que isso suceda, a igreja terá de enfrentar o anticristo e terá de atravessar uma boa porção daquele período que, com razão, se pode denominar de «a tribulação». (Ver II Tes. 2:3, em suas notas expositivas, sobre esse conceito).

c. O povo de Israel terá de atravessar grande tribulação. A Terceira Guerra Mundial resultará do fato de que a Rússia e seus aliados ocuparão a Palestina e suas cercanias, incluindo terras árabes e judias. Quando o anticristo resolver que as tropas soviéticas terão de ser expulsas dali, isso redundará em uma guerra atômica. A existência mesma da nação israelense será ameaçada. Mas uma intervenção divina haverá de livrar o povo de Israel, e Israel tornar-se-á uma nação cristã. O sinal do Filho do homem surgirá no firmamento, anunciando a sua intervenção divina. Esse sinal, provavelmente, consistirá de uma cruz luminosa no firmamento.

2. De conformidade com alguns pré-milenistas, a igreja escapará de tudo isso. Esses se alicerçam sobre o presente versículo, como texto de prova de sua idéia. Lembremo-nos, porém, que a original igreja de Filadélfia não foi arrebatada da tribulação que sobreveio ao império romano (principalmente grandes perseguições e agitações sociais), mas antes, foi «preservada» em meio à tribulação. Apesar de admitirmos que o versículo poderia indicar a libertação «para fora» da tribulação, pelo menos no caso do remanescente fiel, cremos que o mais provável é que esteja aqui em foco a «preservação» em meio à tribulação. O anticristo não será capaz de prejudicar aqueles que forem assim protegidos, apesar de seu desejo e das suas tentativas nesse sentido.

Achamos possível que a igreja escapará de um período específico de sete anos, período que *faz parte* da tribulação. Mas acreditamos que a própria tribulação durará — 40 anos, e a igreja passará este período maior, e enfrentará, sem dúvida, o anticristo.

3. Aqueles que interpretam o Apocalipse «historicamente», mas não «futuristicamente», supõem que essa tribulação já é algo do passado, pelo que nada se diz aqui acerca do arrebatamento da igreja, acerca de alguma tribulação futura, etc.

4. A «tribulação», aqui aludida, entretanto, foi um acontecimento ou uma série de acontecimentos que atingiram a original igreja de Filadélfia, talvez em vinculação às perseguições por causa do «culto ao imperador». Mas isso serviu apenas de quadro preditivo sobre a Grande Tribulação, que terá por centro as perseguições movidas pelo anticristo, além de outros desastres que abalarão o mundo.

5. A literatura judaica sempre apresentou o advento do Messias como algo que será necessariamente introduzido por eventos cataclísmicos, com o declínio da fé cristã e com a agonia mais horrenda da humanidade. A tradição cristã sempre disse a mesma coisa, mas com respeito ao «segundo advento» de Cristo. As predições acerca da tribulação são antigas, não tendo sido criadas pelo cristianismo. (Ver Dan. 12:1, como também Mat. 24:15,21).

6. O *Sanedrim*, 98b (Talmude) mostra que aqueles que estiverem absorvidos nas boas obras e nos estudos sagrados, não sofrerão em tempos difíceis. Essa é a idéia que parece destacar-se neste texto. Originalmente, isso indicava a «segurança» em meio aos horrores das perseguições romanas. Profeticamente, porém, indica a segurança durante os terrores produzidos pelo anticristo, quando o mundo enlouquecer completamente.

7. Os intérpretes históricos referem esse terror às perseguições ordenadas por Trajano, que ultrapassaram as de Domiciano (o imperador reinante, quando o Apocalipse foi escrito). Talvez esse seja o «cumprimento histórico» dessa predição. Essa idéia está aberta a dúvidas, tal como sucede a qualquer interpretação «histórica», porquanto não parece haver boas evidências de que os crentes de Filadélfia foram tratados melhor do que os crentes de outras cidades da Ásia Menor.

8. ...*há de vir...* O autor sagrado esperava tais ocorrências para durante seu próprio período de vida terrena, para bem «breve». Os cristãos

11 ἔρχομαι ταχύ· κράτει ὁ ἔχεις, ἵνα μηδεὶς λάβῃ τὸν στέφανόν σου.

3:11: Venho sem demora; guarda a que tens, para que ninguém tome a tua coroa.

«... Venho sem demora...» Os cristãos primitivos consideravam o segundo advento de Cristo como algo que poderia ocorrer em seus próprios dias, e assim esperavam que sucedesse. (Isso é comentado nas notas expositivas sobre I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15). Compreendemos que essa expectativa era algo divinamente tencionado para cada geração, porquanto se reveste de poder purificador, e não somente de poder de consolo. (Ver I João 3:3, quanto a esse conceito). A «segunda vinda» de Cristo também é mencionada em Apo. 2:16 e 22:7,12,20, sendo essa uma das notas-chaves deste livro. O sentido da palavra grega «tachy», não é «subitamente», e, sim, «para breve», «sem demora».

«Isso se refere ao segundo advento e pressupõe a continuação da comunidade (de Filadélfia) até aquele evento, tal como se vê em Apo. 2:25 e 3:3. Mas a pressuposição principal dos últimos capítulos, que apresentam a visão final do autor sagrado, é que, na perseguição final, todos os fiéis

primitivos não tinham idéia de alguma prolongada era eclesástica, supondo que a segunda vinda de Cristo viria ainda durante seu próprio período de vida na carne. (Ver I Cor. 15:51 quanto a evidências a esse respeito).

«...a palavra da minha perseverança...» Não há acordo geral sobre o significado dessa expressão. Abaixo oferecemos as principais idéias acerca da questão:

1. Alguns pensam que está em foco a «palavra» que *encorajava* «perseverança» debaixo da tribulação; em outras palavras, seria uma palavra de «consolo», que vinha sendo ouvida e crida pelos crentes. Nesse caso, «a perseverança paciente» seria uma boa tradução. Cristo encorajaria os crentes à «perseverança», a despeito das ameaças dos romanos. E, confiando nele, cumpriam o seu desejo. Não apostataram e nem adoraram ao imperador. Em contextos proféticos, isso será a «perseverança» diante do anticristo e seus ardis, bem como diante de condições adversas espantosas.

2. Outros pensam na «palavra» que «determina» ou *confere* a perseverança, o que são subcategorias ou modificações da primeira interpretação, acima. Outra variedade assim é «...a paciente perseverança» com que, em meio às tribulações presentes, Cristo deve ser servido». (Moffatt, *in loc.*).

3. Outros intérpretes, com variações, pensam que essa «palavra» alude ao *evangelho*: a. Seria aquela palavra que *causa* a perseguição, exigindo a presença da perseverança, se porventura for «observada», e não negada ou poluída. b. Ou essa palavra seria a *mensagem geral* de Deus, a fé cristã que precisa ser observada, guardada e propagada, o que exige dos crentes a perseverança. c. Outros acham que o evangelho é a palavra que *exibe* a «paciência» para com o homem, chamando-o insistentemente ao arrependimento. Sua «observância», pois, seria sua proclamação fiel. De acordo com essa interpretação, que salienta a «fidelidade no evangelismo», seria prometida a preservação que resguardaria os crentes do poder da Grande Tribulação. d. Ou então teríamos de pensar aqui no evangelho, o qual *ensina* a «espera paciente» por Cristo, exigindo constância, antes daquele acontecimento. A crença na vinda de Cristo para breve, e a ação de acordo com essa crença, seria a «palavra da perseverança» que aqueles crentes guardavam.

4. É possível que essas diversas interpretações se suplementem, ao invés de serem distintivas entre si. Portanto, o que talvez esteja em foco é que a igreja de Filadélfia, crendo no retorno de Cristo para breve, dispunha-se a sofrer pelo evangelho, ao mesmo tempo que se mostrava ativa na propagação do mesmo. Por causa disso, pois, foi-lhe prometida proteção do poder da tribulação. Parece que esse é o sentido aqui tencionado. A promessa se baseia em uma ação «recíproca»; a fidelidade será galardoada com proteção, e a pregação será galardoada com as bênçãos prometidas, pela própria pregação.

#### Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. A profecia nunca foi dada para satisfazer-nos a curiosidade, mas antes, a fim de instruir aqueles que viverão nos tempos preditos. Para eles servirá de orientação, e nela eles verão os propósitos de Deus em fruição, sendo assim encorajados à perseverança. Portanto, não podemos ser dogmáticos acerca do que será o arrebatamento, quando o mesmo sucederá, etc. Mas iremos recebendo novas luzes, à medida em que esse acontecimento avizinhar-se. Não obstante, temos dito aqui o que nos parece mais provável, como solução para a «questão do arrebatamento».

2. Creemos que nossos tempos são os últimos tempos, e que os acontecimentos preditos se cumprirão antes do fim do nosso século XX. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado *A Tradição Profética e a Nossa Era*, onde oferecemos razões para essa crença).

3. A exatidão de suas profecias é prova de inspiração da Bíblia. Os místicos contemporâneos, de maneira geral, confirmam as predições bíblicas e localizam esses acontecimentos horríveis e momentosos para nosso próprio período de vida terrena.

4. O ensinamento que diz que o homem irá melhorando e evoluindo gradualmente, produzindo paz e prosperidade permanentes, é uma ilusão. Será mister a intervenção divina para tanto, e isso será antecedido pelos mais horríveis acontecimentos que o mundo já viu.

5. Nossos filhos (se não nós) verão e experimentarão os terrores do anticristo. Terão de ser crentes melhores do que temos sido. Mas muitos de nós conseguiremos acompanhá-los nesse espantoso e assustador experiência.

6. Precisamos aprender a dizer, juntamente com Cristo, «a cruz, a cruz» ou seja, devemos aprender a entrar nos sofrimentos de Cristo (ver Col. 1:24). Nossa devoção é que a cruz desapareça e a glória transpareça, tal como sucedeu no caso dele.

7. As palavras «...que há de vir sobre o mundo inteiro...» se revestem de significação especial para nós, porquanto a *nossa geração* é que verá o cumprimento de todas essas coisas. O Senhor está às portas. Vede Cristo, já de pé!

11 ἔρχομαι ταχύ Ro 2:16; 22:7, 12, 20

sofrerão martírio. Comparar com Apo. 13:15 e 18:4,20». (Charles, *in loc.*).

«A partir da carta a Tiataira em diante, os olhos dos santos se voltam para o retorno do Senhor como a única esperança, como realmente sempre tem sido! À assembleia fiel em Filadélfia, essas palavras servirão de grande ânimo. Alguém já declarou: «Nessas palavras, *venho sem demora*, que em diferentes sentidos e em variegadas referências formam o âmago mesmo do livro inteiro, devemos ver um encorajamento claro, consolo para a igreja de Filadélfia, em face da proximidade da vinda do Senhor, a fim de recompensá-la». (Newell, *in loc.*, citando um autor não identificado).

«...*Conserva o que tens...*», ou seja, o que houvesse de bom entre eles, o que fora elogiado. Essa ordem é um tanto menos adornada que a do terceiro versículo, embora lhe seja equivalente: «Lembra-te, pois, de como tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te...» Talvez inclua a idéia da própria salvação deles, conforme alguns intérpretes opinam, e não meramente o progresso espiritual deles e as graças cristãs.

«Essa é uma mensagem de encorajamento aos fiéis, mas (também) é uma palavra de advertência aos hesitantes, aos quais é dito que se tornem constantes, a fim de que, mediante a fraqueza e a apostasia, não venham a perder sua «coroa», e, juntamente, com ela, a expectativa da vida eterna». (Risti, *in loc.*).

«...para que ninguém tome a sua coroa...» (Quanto a notas expositivas completas sobre as «coroas» ou «galardões», ver II Tim. 4:8). É erro gigantesco interpretar essas «coroas» de modo materialista, como se dessem a entender alguma espécie de «posseção», que devamos herdar, como terrenos, mansões e várias outras formas de riquezas materiais. As «coroas» falam, figuradamente, do «avanço espiritual» obtido, a medida em que chegaremos a participar de «toda a plenitude de Deus» (ver Ef. 3:19). A coroa da justiça, por exemplo, sem dúvida alude a como alguns crentes, acima de outros, participam da elevada justiça e santidade de Deus, das suas qualidades morais. Já que essas virtudes são infinitas, não haverá limite em que poderemos participar delas, e a eternidade inteira verá o crescimento dessa «participação», com base em nosso recebimento da própria «natureza divina» (ver II Ped. 1:4). Cristo está sendo duplicado em nós, recebendo nós a sua natureza moral, e sua própria forma de ser e essência. As coroas, portanto, apontam para como participaremos de tudo isso, em graus e níveis variados. A «coroa da vida» é a participação na «vida eterna», mas em proporções abundantíssimas, além daquilo que será conferido aos que não receberem tal coroa. Em certo sentido, naturalmente, todos os crentes autênticos receberão a «coroa da vida»; mas alguns deles serão mais profundamente espiritualizados do que outros, tornando-se seres mais elevados que os restantes, mais de acordo com o nosso grande modelo, Cristo. E isso, para eles, servirá de «coroa», porquanto assinalará sua dignidade e participação no prêmio, conquistadas mediante uma carreira apropriada.

**Não haverá estagnação.** Todos os crentes estão destinados a finalmente participarem de toda a plenitude de Deus. Esse é o destino do homem, em Cristo. Não obteremos a mesma meramente por causa do ato da morte biológica. A árvore fica onde caiu. Em outras palavras, o grau de desenvolvimento que tivermos obtido, até ao dia da morte física, será o grau que assinalará nossas pessoas, ao entrarmos nos mundos celestiais. Dali por diante, entretanto, poderemos progredir ilimitadamente. A perfeição absoluta de Deus é nosso grande alvo, e nunca haverá fim da inquirição pela perfeição. Já que haverá uma infinitude com que seremos cheios, também deverá haver um preenchimento infinito. (Ver as notas expositivas, em Col. 2:10, acerca de explicações desse conceito, com documentação extraída da herança da literatura cristã, que ensina a mesma verdade).

**Simbolismo judaico** por detrás dessa declaração. O rabino Simon, em *Tract. Shabb. bab. 88a* (Talmude), afirma que quando ocorreu o que diz

12 ὁ νικῶν ποιήσω αὐτὸν στῆλον ἐν τῷ ναῷ τοῦ θεοῦ μου, καὶ ἔξω οὐ μὴ ἐξέλθῃ ἔτι, καὶ γράψω ἐπ' αὐτὸν τὸ ὄνομα τοῦ θεοῦ μου καὶ τὸ ὄνομα τῆς πόλεως τοῦ θεοῦ μου, τῆς καινῆς Ἱερουσαλὴμ, ἡ καταβαίνουσα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ μου, καὶ τὸ ὄνομά μου τὸ καινόν.

12 γράψω...μου Ro 14:1; 23:4 τὸ ὄνομα τῆς πόλεως Hie 48:33 τῆς καινῆς...μου Re 21:2 τὸ ὄνομα...καινόν Ia 62:2; 65:13

12 μου 1º] om 385 pc

3:12: A quem vencer, ou o furei calarei no templo da meu Deus, dando jamais sair; e escreverei sobre ele o nome da meu Deus, e o nome da cidade da meu Deus, e novo Jerusalém, que desce do céu, da parte da meu Deus, e também o meu novo nome.

«...Ao vencedor...» Este é um elemento comum a todas as sete cartas do Apocalipse. Indica «aquele que dá atenção às promessas e avisos e age apropriadamente». (Ver as notas expositivas a respeito em Apo. 2:7). Aquele que rejeita os assédios da sinagoga de Satanás (ver o nono versículo), que tira proveito da «porta aberta» de serviço (ver o oitavo versículo), assim «conservando» pura a Palavra e propagando-a (ver o décimo versículo), esse é o «vencedor». Aquele que tem a «chave de Davi», é capaz de fazer o vencedor ser uma «coluna» na casa de Deus.

«Variegada e grande é a glória das promessas aos vitoriosos, nessas sete cartas de nosso Senhor. Um estudo completo e exaustivo das mesmas encheria um volume. Elas exibem diante de nós uma porção realmente boa para os vencedores e fiéis a Jesus Cristo, diante do que as coisas pobres, sombrias e vazias, que alguns apresentam como se fosse o «céu», reduzem-se à insipidez e ao desprezo. Elas nos apresentam algo em que a alma pode aferrar-se, algo substancial e tangível em que pensar, algo apropriado para nossa natureza e para nossas aspirações, algo que podemos abraçar com coragem e virilidade, suportando a cruz que talvez nos seja imposta nesta vida» (Seiss, *in loc.*).

«...fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus...» Há aqui, mui provavelmente, alusão ao fato que na área onde estava localizada a cidade de Filadélfia havia terremotos frequentes, com o resultado que muitas construções, incluindo templos, eram abalados, rachavam-se e, algumas vezes, tombavam. *Estrabão* escreveu nessa conexão: «E Filadélfia não deixou de sofrer em suas muralhas, mas diariamente são abaladas de algum modo, e há brechas nas mesmas. Mas os habitantes continuam a ocupar o local, a despeito de seus sofrimentos e de terem de edificar novas casas» (xii, pág. 868). No ano de 17 D.C., a cidade foi destruída por um terremoto, mas uma doação imperial ajudou em sua recuperação. O vidente João dizia, por conseguinte, que, em contraste com os templos dos deuses pagãos, cujas colunas eram abaladas e destruídas por terremotos, os vencedores perseverantes tornar-se-ão colunas no templo do Deus vivo, a comunidade formada de pedras vivas, que compõem o templo de Deus, isto é, o lugar onde ele manifesta a sua presença. (Ver Ef. 2:22 e I Ped. 2:5 e ss., quanto ao simbolismo da igreja cristã como um «templo»).

**Deus e o Cordeiro, na qualidade de templo.** O livro de Apo. 21:22 afirma

Exo. 24:7, os israelitas foram coroados cada um com duas coroas, por seiscentos mil anjos. A primeira dessas coroas foi dada quando disseram: «Faremos». E a outra quando disseram «Seremos obedientes». Porém, por ocasião do acontecimento retratado em Exo. 33:6, essas coroas lhes foram arrebatadas das cabeças, por um milhão e duzentos mil demônios. Finalmente, porém, Deus lhes restaurou as coroas, conforme se vê no trecho de Isa. 35:10. De conformidade com as doutrinas judaicas, não há que duvidar que a perda das coroas significava a perda da salvação pessoal, que fora ganha mediante a justificação diante de Deus; e é perfeitamente possível que o vidente João compartilhasse desse ponto de vista. Observamos que, em Fil. 3:10-14, o «prêmio» a ser conquistado na carreira é a própria «vida eterna». Certamente que a «coroa da vida», em Apo. 2:10, é a própria «vida eterna». É bem provável, por conseguinte, que João tinha feito aqui uma advertência contra a «apostasia», ou seja, contra a perda da salvação, e não meramente contra a perda de galardões, ou mesmo da perfeita glória celestial. (Isso pode ser comparado com o que se lê em II João vs. 8: «Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão»).

A metáfora aqui tencionada poderia ser a de uma «carreira», incluindo a «coroa de louros» ou de «flores» conquistada pelos vencedores. Ou então a coroa poderia ser a da realeza, que alguém recebe por ser rei, o que assinala a participação em seu reino e governo, por delegação. Os vencedores herdarão juntamente com Cristo (ver Apo. 2:26 e 20:5).

A diligência é requerida para que se conquiste a coroa. Essa diligência pode ser exibida pelos mártires em potencial, em tempos difíceis.

**Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:**

1. «Prazados amigos, isso não é mera poesia; é a verdade. Não é mero quadro pictórico; é a realidade substancial. Na regeneração, aqueles que tiverem seguido a Cristo com fidelidade se assentarão em tronos; e quando o Sumo Pastor manifestar-se, receberão a coroa da glória, que não murcha». (Seiss, *in loc.*).

2. As coroas recebidas serão lançadas aos pés de Cristo (ver Apo. 4:10). Isso significa que tudo quanto temos e somos será utilizado para sua glória, será humildemente dedicado a ele, e não lançado fora como algo que não mais nos pertence. Será tudo nosso, mas será usado para ele.

3. «Desfruta do carisma que te é peculiar». (Lange, *in loc.*).

4. Consideremos o imenso privilégio de sermos envolvidos no «drama divino» da vida! e de contarmos com a revelação cristã para orientar-nos!

**Variação Textual:** A palavra «eis», que dá início a este versículo, em algumas traduções, se baseia no ms 36, no Ecl e nas citações de Bede. Porém, os mss Aleph, CP e 046, bem como outras versões, omitem essa palavra, o que serve de evidência esmagadora em favor da omissão. Foi acrescentada por escribas subseqüentes, a fim de obter um efeito dramático.

que o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro são o templo da Nova Jerusalém. Se o vidente João tencionava dar a entender tal, então, ser alguém uma coluna nesse templo divino implica em comunhão mística íntima com Deus, como quem faz parte real da personalidade divina. Já que os filhos de Deus compartilham da vida e da natureza do Filho, eles chegam a participar da «natureza divina»; também terão toda a plenitude de Deus, ou seja, sua natureza e atributos (ver Ef. 3:19 e Col. 2:10), possuindo sua mesma «modalidade de vida». Diferem do Pai não quanto ao «tipo de vida», mas somente quanto à extensão da participação na vida divina. A eternidade inteira será a oportunidade de ir aumentando cada vez mais a «extensão» dessa participação. Já que há uma infinitude com que teremos de ser cheios, também haverá um enchimento infinito. O trecho de Heb. 2:10 e ss. mostra que haverá uma «comunidade» de natureza dentro da família divina.

**Significados da coluna aqui referida:**

1. **Estabilidade** (de natureza espiritual), em contraste com os templos da cidade de Filadélfia, que viviam abalados por terremotos.

2. **Glória na estabilidade**, pois a «permanência» da alma conduz à transformação divina dos homens segundo a imagem de Cristo. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em II Cor. 3:18).

3. **Comunhão mística com Deus**, mediante o que a transformação do crente é produzida. Essa é uma operação do Espírito Santo. Essa comunhão visa tanto ao presente como à eternidade, e continuará aumentando sempre.

4. **Infusão da natureza divina** na natureza humana, formando um processo eterno, pois Deus é o templo, e nós somos as colunas desse templo.

5. O conceito da «coluna» fala da mesma verdade que o faz a idéia da «âncora da alma». Em meio a um mundo atribulado, com temores íntimos e terrores externos, a alma se sente segura em seu Deus, tanto que lute, disposta a pagar o preço para ser vencedora.

6. «Encontro, união, adoração, unidade, comunhão a mais profunda, esconderijo nos mistérios, luz, manifestações imperturbáveis e aprazimentos de Deus e de nosso Salvador, são as idéias principais. A esse templo santo o vitorioso cristão chega como um adorador, a fim de abeberar-se dessa luz inefável, compartilhando da plenitude dessa bem-aventurança indescrevível... Não apenas como adorador, mas como habitante perpétuo, o vitorioso cristão entrará no templo celestial, porquanto «daí jamais sairá» (Seiss, *in loc.*).

7. Aqui nos é ensinada a «segurança» do crente (amplamente comentado o tema em Rom. 8:39), mas também está envolvido muito mais do que isso, conforme nos mostram as notas expositivas acima. Essa segurança se verifica agora e para sempre, referindo-se à «beleza» dos santos, que farão parte do magnífico templo divino. Esses serão adornados com a natureza e os atributos do próprio Deus, pois Deus é o pináculo de toda a beleza.

8. As «colunas» da igreja são seus membros mais fortes e sustentadores. Esses dão seu apoio ao trabalho da igreja, servindo de elementos fundamentais na mesma; e assim continuará sendo, por toda a eternidade, pois o trabalho de Deus é eterno. Todos os crentes podem ser vencedores; e até no próprio estado eterno não haverá qualquer estagnação no progresso.

9. Os muitos templos e festividades religiosas de Filadélfia conquistaram para ela o nome de «Athenas em miniatura». Mas o vidente João viu um templo magnífico, dotado de colunas, e muitíssimo mais atrativo para a alma remida que toda a glória pagã de Filadélfia.

10. As colunas falam sobre a *força espiritual* mediante a qual a alma será eternamente segura e abençoada. A coluna, embora talvez seja um elemento ornamental «reveste-se de beleza», é colocada na estrutura de um edifício a fim de ocupar certa função; e, para tanto, precisa ser forte.

«...dai jamais sairá...» As colunas referidas estarão «dentro» do templo, e não nos limites externos, conforme geralmente se via na estrutura dos templos pagãos. Serão fixadas dentro do templo celeste, e sua posição será permanente. Dentro desse templo haverá segurança perfeita, satisfação e realização espiritual. Por conseguinte, todo aquele que entrar nessa forma de comunhão mística com Deus não terá jamais razão ou desejo de afastar-se da mesma. Isso pode ser comparado com a mesma forma de idéia, ilustrada no discurso sobre o Bom Pastor, no décimo capítulo do evangelho de João. A ovelha que entra no rebanho conta com a proteção e os cuidados eternos do Bom Pastor, o que envolve a satisfação de cada necessidade espiritual.

«A fixidez de caráter será finalmente obtida. Já que Deus é o templo, e os fiéis tornar-se-ão colunas desse templo, ficarão unidos a ele, depois do que nunca poderão ser dele separados. (Comparar com João 17:21a). O trecho de Isa. 22:25, que fala sobre a remoção da «estaca» que fora fincada em lugar firme (isto é, Eliachim), talvez tenha estado na mente do autor sagrado, tal como, em Apo. 3:7, ele citou Isa. 22:22: A estaca poderá ser removida, mas não a coluna». (Charles, *in loc.*).

«...gravarei também sobre ele o nome do meu Deus...» As colunas dos templos antigos traziam gravações com os nomes das divindades ali adoradas, juntamente com os nomes de sacerdotes, heróis e outros personagens importantes para aquele culto. A arqueologia tem descoberto muitas dessas colunas gravadas. Os sacerdotes provinciais do «culto ao imperador», quando seu ano de ofício já começava a terminar, erigiam sua própria estátua dentro dos limites do templo, inscrevendo sobre a mesma o seu próprio nome, o nome de seu progenitor, seu lugar de nascimento e o ano durante o qual oficiou. É possível que a «gravação» aqui mencionada, por conseguinte, seja uma alusão a essa prática, e que a idéia tenha sido transferida para a prática de gravar nomes sobre colunas. Lemos também que muitas pessoas gravavam seus nomes sobre as paredes dos templos, pensando que assim estariam em constante contacto místico com o deus daquele templo. As colunas com frequência eram esculpidas em forma humana, e isso pode ter sugerido ao vidente João a idéia que os vencedores tornar-se-iam colunas no templo de Deus, no templo que é o próprio Deus.

Alguns estudiosos crêem que a alusão que temos aqui não é à gravação sobre colunas ou muralhas, e, sim, sobre o próprio indivíduo vencedor; e, nesse caso, a alusão talvez seja ao trecho de Exo. 28:36,38 e à chapa de ouro, gravada com o nome de Yahweh, que era então usada pelo sumo sacerdote, sobre a testa. A lição espiritual é clara, ainda que o simbolismo particular não seja muito claro.

«...o nome do meu Deus...» As colunas traziam o nome da divindade cuja adoração era perpetuada no templo. O sumo sacerdote trazia o nome de Yahweh gravado em uma chapa de ouro, colocada sobre sua testa. Os adoradores antigos acreditavam que era mister saber o nome do deus que estava sendo adorado, pois, de outro modo, nenhum favor seria conferido ao adorador.

*Significados do nome de Deus, gravado sobre o crente vencedor, transformado, em coluna no templo de Deus, são enumerados abaixo:*

1. *Identificação:* certos crentes serão identificados como pertencentes ao Deus Altíssimo.

2. *Possessão ou relacionamento:* pertencem a Deus; fazem parte do templo divino. Aqueles que trazem seu nome escrito sobre suas testas «pertencem» a ele.

3. *Cidadania na Nova Jerusalém,* porquanto fazem parte do seu templo.

4. *Comunhão e transformação:* um crente é um filho de Deus e habita na presença de Deus, agora e em intensidade cada vez maior. Por esse intermédio ele é transformado segundo a imagem do Filho, o qual, acima de todos os seres, traz o nome de Deus.

5. Yahweh, o nome «impronunciável», escrito sobre o Urim (o diamante existente no peitoral do sumo sacerdote), será o nome escrito sobre o crente. Ele estará sempre sujeito a receber maiores revelações de Deus, e será transformado mediante essas comunicações. Isso pode ser comparado ao conceito do «novo nome», em Apo. 2:17.

6. O «sacerdote» era assim identificado. O fato de ter o nome de Deus indicava que tal homem era seu sacerdote, sendo «santidade ao Senhor», conforme estava escrito nas filactérias usadas pelos sacerdotes e pessoas piedosas. «Segue... a santificação, sem a qual ninguém verá a Deus» (Heb. 12:14).

7. O que aqui se lê pode ser confrontado com os trechos de Apo. 14:1; 17:5; 22:4 e Exo. 28:36,38. Os pagãos imaginavam que esses elementos

gravados possuíam algum poder «mágico». Para o vidente João havia um poder «místico» em tudo isso, visando o benefício eterno daquele que recebe o «nome de Deus».

«...o nome da cidade do meu Deus, a Nova Jerusalém...» O vencedor é assim identificado como um «cidadão» daquela cidade, pelo que terá acesso aos «céus» e a tudo que está ali envolvido. Não seria mais um mero cidadão da Filadélfia, mas receberia a cidadania muito superior da cidade celeste. Dotado dessa nova cidadania, possuirá uma nova natureza e também novas possesões. Entrará na categoria dos homens transformados, daqueles que participam da mesma natureza do Filho (ver Rom. 8:29 e as notas expositivas ali existentes). Abraão aguardava essa cidade celeste; tornou-se um peregrino na terra, a fim de tornar-se cidadão da Nova Jerusalém. Neste mundo ele não tinha cidade permanente, mas buscava a cidade vindoura, tal como nós o fazemos (ver Heb. 11:10 e 13:14; ver Fil. 3:20, em suas notas expositivas, acerca da «cidadania celeste» do crente). «Seu lar, seu galardão, sua dignidade sublime e sua alegria eterna se encontram todos ali, onde ele os possuirá plenamente. Assim também, tão preciosa, será a porção daquele que guarda a palavra da paciência de Cristo e sai-se vencedor do conflito terreno contra o erro e o pecado» (Seiss, *in loc.*).

*O nome misterioso.* A literatura rabínica fala de algum nome misterioso que a Jerusalém celeste terá de receber, algo que fala de modo eloquente sobre sua natureza e significação para os remidos. Aquilo que essa literatura dizia acerca de Abraão, isto é, que esse nome lhe foi revelado de antemão, o vidente João dá a todos os verdadeiros crentes. Esse nome lhes é agora revelado em parte, mas na eternidade isso se dará de modo pleno, e todos os remidos compreenderão exatamente o que significa a Jerusalém celestial. (Isso pode ser comparado aos trechos de Gál. 4:26; Fil. 3:20; Heb. 11:10; 12:22; 13:14 e Apo. 21:2). A Nova Jerusalém, na última dessas referências, indica o «estado eterno», porquanto descenderá dos céus, somente após o milênio, o julgamento final, etc. Portanto, temos nisso um símbolo da cidadania eterna em sua forma eterna. Esse é um símbolo da vida nos lugares celestiais, porquanto a Nova Jerusalém é retratada como a capital dos novos céus e da nova terra.

«...e o meu novo nome...» Temos aqui menção ao «nome de Cristo», uma nova e elevadíssima revelação de Cristo, o Filho, para os filhos de Deus. Esse nome «identifica» os filhos com o Filho, e o resultado é que todos compartilharão do que ele é, porque o seu «nome» alude à sua pessoa e aos seus atributos. Quanto a isso, consideremos os pontos abaixo:

1. Esse nome subentende a comunicação da natureza do Filho (ver as notas expositivas em II Cor. 3:18).

2. Fica entendido tudo que o «nome de Deus» faz (ver as notas expositivas acima), na qualidade de Pai, em favor dos crentes; e para eles também significa o que isso quer dizer no caso do Filho de Deus, pois o alvo é o mesmo, no caso tanto do Filho como dos filhos de Deus.

3. Mas também significa que tudo quanto o Pai significa e faz, em favor dos seus filhos, deve ser mediado pelo Filho, porque esse também é o padrão da doutrina neotestamentária. (Ver João 14:6 sobre esse conceito, como também os trechos de João 12:32 e I Tim. 2:5).

4. Pode-se examinar o trecho de Apo. 2:17 acerca do «novo nome», que alguns estudiosos julgam ser o nome de Cristo. As notas expositivas dessa referência suplementam as idéias apresentadas no presente versículo.

5. Tudo quanto o Filho tem e é será conferido aos filhos, porquanto um e outros compartilham da mesma glorificação. (Ver Rom. 8:29,30 sobre isso). Ele lhes outorgará a «sua plenitude», a qual, ao mesmo tempo, é a «plenitude de Deus». (Ver Col. 2:10 e Efé. 3:19, em suas notas expositivas, sobre esclarecimentos completos acerca dessa idéia).

6. Os filhos de Deus são assim metafisicamente identificados com Cristo. Somos Cristo em formação, e ele é o alvo de toda a existência (ver Efé. 1:23 e as suas notas expositivas). Ele será «tudo para todos», mas, especialmente, para os filhos eleitos.

7. A revelação do Filho aos filhos de Deus, mediante o que se vê que «pertencem» a ele, tendo seus destinos vinculados ao dele, será progressivamente maior, na eternidade. Isso não pode ser algo feito «de uma vez por todas» — seu cumprimento será gradual e crescente.

*Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:*

1. Uma antiga superstição afirmava que uma pessoa pode proteger-se do mal ocultando seu próprio nome. Se vissem a tornar-se conhecido dos demônios e outras forças malignas, estas teriam algo para usar contra ele. Os nomes de Deus, da Nova Jerusalém e de Cristo serão «conhecidos» exclusivamente dos «vencedores». Para esses, — tal devedoramento produzirá benefícios prodigiosos. As forças e os seres malignos não tomarão parte nisso. Os nomes divinos «protegem» e «abençoam».

2. Da conformidade com uma antiga crença, vir a saber o nome oculto de uma divindade significava vir a participar de seu poder. Os mágicos procuravam obter dos deuses o conhecimento de seus nomes ocultos e sagrados. O vidente João parece aludir aqui a essa crença. Para ele, isso se revestia de um significado real, embora rejeitasse as multissimas deuses falsos. Deus revela seu nome secreto e oculto para nós, tal como faz Cristo, o Filho, o qual também é divino. Disso se deriva um benefício imenso, conforme pudemos observar acima.

3. Este versículo ensina-nos que devemos prestar lealdade absoluta exclusivamente a Cristo, porquanto é somente nele que obtemos todo o benefício espiritual.

4. É o «novo nome de Cristo» que buscamos. Isso indica uma revelação «nova» e tremendamente elevada da sua pessoa, a qual transformará nossos seres, para que sejamos semelhantes a ele. O «segundo advento» (ver I João 3:21) será o começo da revelação desse nome transformador, e não a sua inteira substância.

5. O «novo nome» de Cristo não é algum nome específico, como Logos, Verbo de Deus, etc., e, sim, «tudo quanto ele significa para nós», por causa daquilo que ele é, o que é dito em seu nome e o que nos identifica com ele. O sentido disso é tão imenso que para nós, pelo momento, é algo essencialmente oculto. A própria eternidade será necessária para revelá-lo plenamente.



13 ὁ ἔχων οὖς ἀκουσάτω τί τὸ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις.

3:13: Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Essa declaração final faz parte da conclusão de todas as sete cartas do Apocalipse. (Há notas expositivas a respeito em Apo. 2:7, com idéias adicionais em cada uma das outras referências onde a expressão se encontra). Todo crente tem certa «sensibilidade» espiritual, que lhe foi dada por Deus. Esses são os «ouvidos espirituais». Aquele que afirma possuir qualquer «receptividade» espiritual, deve exercer tal capacidade, dando ouvidos às promessas e advertências dessas cartas, passando a agir de

acordo com as mesmas. Notemos que é o «...Espírito...» quem nos conchama a ouvir. A mensagem é divina; as promessas são divinas; as advertências são divinas. Portanto, o imperativo é divino. «O Espírito continua falando a todos os ouvidos abertos e a todos os corações bem-dispostos, em todas essas admiráveis e solenes mensagens. Estaremos ouvindo, realmente?» (Newell, *in loc.*).

#### IV. As Cartas às Sete Igrejas (Coisas que são — Apo. 2 e 3)

##### 7. A Laodicéia (3:14-22).

A última carta é a mais lamentável, porque a igreja, imediatamente antes do segundo advento de Cristo, estará na fase mais corrompida. Cristo se achará do lado de fora dessa igreja, e não do lado de dentro. Simbolicamente, devemos entender que a igreja que merece somente ser vomitada da boca de Cristo pode ser qualquer igreja, qualquer denominação, qualquer indivíduo que encontrou satisfação em uma coisa que não o Senhor. Por igual modo, a congregação local ou pessoa que apóstata de Cristo, está nessa situação. As pessoas podem seguir o ateísmo ou a heresia nas crenças ou na prática diária. Existem muitos crentes professos que são *ateus práticos*, porquanto «agem como se Deus não existisse». Em seu credo, afirmam que «Deus existe». Mas em suas vidas asseveram que «Deus não existe». Esses são os filhos espirituais da igreja de Laodicéia. Historicamente, cremos que a igreja em Laodicéia, no fim do século II d.C., provavelmente poupada de qualquer grande perseguição, após ter atingido boa situação financeira, tornou-se uma igreja com o caráter descrito nestes versículos. Profeticamente falando, essa igreja pode representar:

1. qualquer igreja que, na doutrina ou na prática, não tem a Cristo como Senhor;
2. mais especificamente ainda, a igreja, como um todo, antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo, que será apóstata.

Cremos que o remanescente fiel de Filadélfia existirá lado a lado com a igreja de Laodicéia. A «sinagoga de Satanás», aludida na carta à igreja de Filadélfia (ver Apo. 3:9), pode ser o equivalente à igreja de Laodicéia. Em seu aspecto profético, a igreja laodicense representa mais do que a indiferença ou a frieza espirituais. Representa a apostasia. Nos dias anteriores à volta de Cristo as condições serão péssimas, a tal ponto que, mediante a pessoa do anticristo, a chamada cristandade adorará ao próprio Satanás, o poder espiritual por detrás do anticristo. A verdadeira igreja, porém, composta de crentes de todas as denominações, terá de viver subterraneamente, porquanto haverá a pior perseguição religiosa de todos os tempos. Nós, e certamente os nossos filhos, veremos o cumprimento desses tremendos acontecimentos. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A tradição profética e a Nossa Era», que descreve as condições daquela época futura, mas não muito distante). Espera-se o cumprimento dessas predições para antes do fim do nosso século XX.

A partir da carta à igreja de Tiatira, há elementos nas sete cartas do Apocalipse que falam sobre a natureza da igreja dos últimos dias; mas esta carta à igreja de Laodicéia contém a plena descrição dessa igreja. Profeticamente falando, essa é a principal revelação de que dispomos acerca da natureza da igreja dos tempos do fim. A carta à igreja de Filadélfia descreve a natureza do remanescente daquela igreja, que não se esquecerá do seu Senhor, e que recebeu promessas prodigiosas de bem-estar eterno.

«Soren Kierkegaard, que com tanta freqüência se mostrou violentamente egoísta, amargo e psicopático, algumas vezes escreveu com singular penetração. Quando ele discutia sobre o fracasso da igreja em tornar real o cristianismo, estava levantando uma questão que os crentes de todos os séculos têm tido de enfrentar. A igreja de Laodicéia perdera o poder de fazer distinções morais e espirituais. Até mesmo quando usava grandes vocábulos, perdera o sentido dos mesmos. E já que ninguém pode gloriar-se com entusiasmo por uma verdade de cuja existência já nem temos mais consciência, os eclesiásticos dessa cidade se achavam na trágica posição de quem tem uma bandeira, mas não um país sobre o qual fazer drapejá-la. Eram, literalmente, cidadãos sem pátria, pois tinham perdido aquela terra do espírito, em que se acha a pátria da alma. O que precisavam era recuperar o lar da alma». (Hough, *in loc.*).

Cada igreja local de todos os séculos exibe algo de todas as sete igrejas do Apocalipse. Mas a igreja do fim dos tempos, com exceção do remanescente fiel, será dominada pela horrenda condição que havia na igreja de Laodicéia. Não terá coisa alguma do calor espiritual de Éfeso, do destemor de Esmirna, da lealdade ao nome de Cristo e à sua fé de Pérgamo, da fé e das boas obras crescentes de Tiatira, do remanescente imaculado de Sardes e da observância da Palavra e dos labores de Filadélfia.

«Chegamos agora ao triste e terrível final do testemunho da igreja. O fato de ter sido abandonado o primeiro amor, em Éfeso, resulta agora no abandono do Senhor». (Newell, *in loc.*).

Podemos estar certos que a igreja de Laodicéia, ao invés de incorporar em si mesma qualquer bem que havia nas demais igrejas, está investida somente de todos os seus males. Não tem amor, pois abandonou seu primeiro amor (maldade em Éfeso). Habita onde está o trono de Satanás, tendo sido apanhada na imoralidade de Balaão (como sucedia em Pérgamo). Tolerava e entronizava Jezabel, por ser abertamente maligna e entregue ao paganismo (como se via em Tiatira). Poderá ter nome de ser uma igreja viva, mas na realidade está morta (como em Sardes). Não compartilha das características do remanescente fiel de Filadélfia, mas antes, na realidade, é a «sinagoga de Satanás», que perseguia aos fiéis crentes filadelfianos. Mostra-se distintamente miserável, pobre, cega e nua. Esqueceu-se da fonte de águas vivas. Haverá algum vencedor nessa igreja?

14 Καὶ τῷ ἀγγέλῳ τῆς ἐν Λαοδικεῖᾳ ἐκκλησίας γράψον· Τάδε λέγει ὁ Ἀμὴν, ὁ μάρτυς ὁ πιστὸς καὶ ἀληθινός, ἡ ἀρχὴ τῆς κτίσεως τοῦ θεοῦ.

14 της 14ης του 14ου απ' απ' εν Λαοδ. εκκλησιας) εκκλ. Λαοδικεων 1 5

3:14: Ao anjo da igreja em Laodicéia escreve:

Isto diz o Amém, o testemunha fiel e verdadeiro, o princípio da criação de Deus:

...anjo... Não aponta isso para o pastor humano da igreja, e, sim, ao seu guardião angelical. (Ver as notas expositivas sobre os «anjos» das igrejas, em Apo. 1:20 e 2:1). As «sete estrelas» são os «sete anjos», conforme somos informados em Apo. 1:20. (O trecho de Atos 1:16 contém as notas expositivas sobre as próprias «estrelas»). O tema dos «anjos» deveria melhorar nossa estimativa sobre o que está envolvido no ministério angelical. Bem provavelmente muitas das manifestações de dons espirituais são angelicamente mediadas. (Ver Heb. 1:14 sobre o ministério dos anjos).

...igreja... (Quanto a notas expositivas completas sobre a «igreja», ver Efé. 3:10).

...Laodicéia... Essa era uma cidade da província romana da Ásia Menor, na parte ocidental da moderna Turquia Asiática. No século III A.C., foi fundada uma cidade no local, por Selêucida Antíoco II, quando

14 ὁ μάρτυς ὁ πιστὸς καὶ ἀληθινός

14:15; 18:11

14:15; 18:11

então recebeu nome baseado no nome próprio de sua esposa, «Laodice». Nos tempos romanos, sua posição geográfica favorecia seu desenvolvimento e prosperidade. Jazia na importante intersecção de estradas principais da Ásia Menor, que de Laodicéia ia para o ocidente, até aos portos de Miletos e Éfeso, cerca de cento e sessenta quilômetros de distância. Para o oriente, essa mesma estrada conduzia ao planalto central, e, dali, até à Síria. Uma outra estrada, que atravessava Laodicéia, corria para o norte, para a capital principal, Pérgamo, e também para o sul, até às costas de Atália. Essas estradas encorajavam o comércio em Laodicéia, que se tornou um centro bancário e comercial. Várias indústrias surgiram ali, como a da lã, a de tabletes medicinais e a de fabrico de roupas. Após os tempos neotestamentários, aumentou mais ainda a prosperidade material de Laodicéia. Até mesmo durante os dias da república, e nos dias dos primeiros imperadores, já era uma das mais importantes e florescentes cidades da Ásia Menor. Laodicéia, na qualidade de cidade-mãe, veio a incorporar uma área onde havia nada menos de vinte e cinco aldeias, de tal

modo que era uma autêntica «metrópole», conforme é chamada em inscrições daquele lugar, que sobreviveram até nós.

A cidade estava sujeita a constantes terremotos, o que, eventualmente, forçou o seu abandono. Atualmente é um lugar desértico, mas muitas ruínas testificam sobre sua antiga grandeza. A arqueologia tem conseguido recuperar uma pista de corridas, três teatros (um dos quais tem cento e trinta e seis metros de diâmetro), além de numerosos outros itens.

O trecho de Col. 4:15, 16 mostra-nos que, nos tempos de Paulo, Laodiceia já contava com uma comunidade cristã. Poderia ter sido iniciada mediante o trabalho de evangelistas enviados de Éfeso, a capital cristã daquela região, talvez um trabalho patrocinado pela igreja de Colossos. Alguns estudiosos têm pensado que a epístola chamada *aos Efésios*, na realidade foi a carta mencionada naqueles versículos da epístola aos Colossenses; mas essa teoria não tem muita coisa que a recomende. (Quanto a esse problema, ver a introdução à epístola aos Efésios, sob o título «Destino», nas notas expositivas em Efê. 1:1).

Já que *Laodice* era um comum nome feminino, nos tempos do N.T., seis cidades receberam tal nome, no período helenista. Por essa razão, a Laodiceia de nosso texto era chamada de Laodiceia do Lico, isto é, do rio Lico, conforme assevera *Estrabão* (578). Ficava localizada na margem sul desse rio, a dez quilômetros ao sul de Hierápolis e a dezesseis quilômetros a oeste de Colossos.

Existe uma epístola apócrifa de Paulo aos laodicenses, que aparece neste comentário, no fim da exposição sobre a epístola aos Colossenses.

«...*escreve*...» A ordem de «escrever», freqüente neste livro de Apocalipse (que no grego significa «revelação»), faz deste livro exatamente isso (ver Apo. 1:11, 18; 2:1, 8, 12; 3:1, 7, 12, 14; 14, 13; 10:9 e 21:5). Seu intuito não era ser um «livro selado», conforme foram vários outros apocalipses. Somente no caso do julgamento dos *tróvres* é que ao autor sagrado foi ordenado «Não escrevas», porquanto aqueles julgados foram selados para uma revelação a ser dada no fim dos tempos. (Ver Apo. 10: acerca disso).

«...*estas coisas*...», isto é, a carta de Laodiceia, que se segue:

«...*diz o Amém*...» Em cada uma das sete cartas do Apocalipse, Cristo recebe um título e descrições diferentes; e, em cada caso, esses elementos se aplicam especialmente à igreja que está sendo endereçada. Assim, no caso da igreja em Éfeso, Cristo é visto a andar entre as igrejas, pois sua presença e poder foram especialmente fortes na era apostólica. No caso da igreja dos mártires, Esmirna, Cristo se caracteriza como aquele que morreu, mas está vivo para sempre. No caso da corrupta igreja de Pérgamo, Cristo mostra-se como aquele que tem a espada aguda de dois gumes, com a qual promete julgamento. No caso da igreja de Filadélfia, aquele com uma «porta aberta de serviço», Cristo é visto a brandir as «chaves de Davi», que ele pode usar com toda a autoridade, para qualquer propósito que queira, especialmente para a admissão no reino de Deus. Assim também no caso presente, da igreja apóstata de Laodiceia, Cristo continua sendo o «Amém». Ele continua a ser a sua própria confirmação, a prova de seu próprio ministério e de sua pessoa, embora os membros da igreja laodicense o tivessem abandonado. Cristo continua sendo uma «testemunha fiel e verdadeira», apesar de terem rejeitado o seu testemunho e de se terem mostrado infiéis à sua causa. Cristo continua sendo o «princípio», a «causa primária», tanto da criação física quanto da criação espiritual, a despeito do fato que os crentes de Laodiceia não reivindicassem à vida eterna, por intermédio dele, não o considerando mais como o Alfa e o Ômega.

«...*Amém*...» É possível que isso seja um eco do trecho de Isa. 65:16, onde Deus é chamado de «...Deus, que dirá amém...». O autor sagrado não hesita, em lugar nenhum do Apocalipse, de dar a Cristo toda a honra atribuída, nas páginas do A.T., a Deus Pai. Isso é prova insofismável de sua divindade. (Ver Heb. 1:3 quanto à nota de sumário sobre esse tema da «divindade de Jesus»). Em todo o N.T., a única ocorrência da palavra *Amém*, como nome próprio, se verifica aqui. (Ver João 1:51, quanto ao seu uso como confirmação ou imperativo). Essa palavra pode ser uma afirmação: «É assim». Ou pode ser um imperativo: «Assim seja». Desenvolveu-se na prática litúrgica judaica, e era vocábulo usado nos cultos de adoração como afirmação de fé na validade ou veracidade da mensagem que era lida ou proferida. Em face do que se diz neste parágrafo, consideremos os pontos seguintes:

Ao usar o termo «Amém», Cristo afirmou:

1. A validade da mensagem cristã, a qual é a Palavra de Deus para os homens. Ele mesmo é o tema central dessa mensagem.
2. Cristo é a afirmação da boa vontade de Deus para com os homens.
3. Cristo é o meio divino que confere aos homens as bênçãos motivadas por essa boa vontade; é o mediador entre Deus e o homem, e quem justifica o homem perante Deus.
4. Cristo é o «Amém» na qualidade de verdade de Deus, como aquele que transmite essa verdade aos homens.
5. O «Amém» é a garantia dada por Deus aos homens de que ele se importa com eles; o «Amém» é a expressão divina de amor.
6. O «Amém» confirma a validade do pacto de Deus, sendo o seu promulgador.
7. O «Amém» de Deus faz contraste com a corrupção contra a verdade, por parte de indivíduos como os laodicenses, que tinham esquecido a Palavra de Deus, passando a ter como seus deuses o dinheiro e o próprio «eu». O testemunho de Cristo é sempre veraz e afirmativo, sem importar os desvios dos homens. (Quanto a outras notas expositivas sobre o «Amém», que ajudam a iluminar o presente versículo, ver I Cor. 14:16).

«...a *testemunha fiel e verdadeira*...» (Ver as notas expositivas, em Apo. 1:5, onde Cristo aparece como «testemunha fiel»). A sua mensagem é veraz; o seu serviço é completo, sem quaisquer falhas. Ele não retém coisa alguma, e tudo quanto ele afirma é tanto veraz por si mesmo como concorda com as

exigências divinas sobre aquilo que deveria ser dito aos homens. Isso pode ser contrastado com a infidelidade dos homens, com a sua falsidade, conforme se via na igreja de Laodiceia. Jesus, o Cristo, não retém coisa alguma proveitosa, nem poupa palavra de advertência ou consolo, agindo sempre exatamente conforme é exigido pelo momento. Em Cristo é que encontramos tudo de que precisamos, pois aquilo que Deus diz aos homens, di-lo por meio de Cristo.

*Afirmo que o reconhecimento de Deus, em Cristo, Aceito pela tua razão, resolverá para ti Todas as dúvidas na terra e fora dela.*

(Robert Browning)

O termo grego aqui traduzido por *testemunha*, também pode significar «mártir», embora seu significado original fosse, realmente, «testemunha». O presente texto não parece indicar a idéia de «mártir». «Testemunha», porém, é palavra que se coaduna com as exigências do contexto. É mister que uma testemunha seja inerentemente veraz e fiel, cumprindo sua missão segundo essas qualidades pessoais. Uma testemunha de nada vale, se não disser a verdade. A igreja de Laodiceia projetou no mundo a imagem da falsidade. Em contraste com ela, figurava a pessoa de Cristo, o verdadeiro. A igreja da apostasia, no fim dos tempos, será uma igreja falsa, que negará ao verdadeiro Cristo. Aceitará o anticristo e dará crédito à mentira. O anticristo será uma «testemunha falsa». Na introdução ao comentário, no artigo intitulado *A Tradição Profética e a Nossa Era*, é descrito o anticristo, o qual, segundo cremos, surgirá no palco mundial antes do fim do nosso século XX. Quando a sua falsidade e malignidade forem desmascaradas, então os homens se lembrarão de novo da Testemunha fiel e verdadeira, Cristo.

Uma *testemunha precisa ter as seguintes qualidades*: 1. Ser inerentemente veraz, genuína e sincera. 2. Estar segura de sua mensagem: se possível, deve ser testemunha ocular daquilo sobre o que testifica. 3. Deve ser competente para entregar a sua mensagem, convencendo aos ouvintes da realidade daquilo que diz. 4. Estar disposto a entregar sua mensagem, mostrando-se zeloso no cumprimento da sua missão.

«...o *princípio da criação de Deus*...» Essas palavras podem ser confrontadas com a passagem de Col. 1:18. Naquele versículo, Cristo é chamado de «princípio», como a sua nona superioridade, acima de todos os outros seres, dentre uma lista de doze superioridades. Acerca disso, consideremos ainda os pontos abaixo:

1. Nessa expressão não há qualquer idéia que Cristo foi o «primeiro» dos seres criados. Isso é contrário a toda a cristologia do N.T. Aquele que é o Criador não pode, sob hipótese nenhuma, fazer parte da criação. Cristo é o Criador (ver Col. 1:16), distinto da sua criação. Cristo é «eterno» (ver João 1:1 e Heb. 7:3), pelo que não teve «começo» dentro do tempo.
2. A palavra grega aqui usada, «*arche*» («princípio»), pode ter a idéia de «originador», ou seja, o «iniciador» da criação divina. Esse é o uso que se acha no evangelho de Nicodemos xviii.12, onde Satanás é chamado de «começo do pecado», o que, sem dúvida, significa o «originador do pecado», ou «iniciador do pecado».
3. Cristo é o «iniciador» tanto da criação física como da criação espiritual, da antiga e da nova ordens. Ele é a fonte originária de toda a vida, física e espiritual, e, portanto, é o seu «princípio».
4. Cristo é igualmente a *causa primária*, da qual todas as demais causas dependem. A filosofia grega utiliza o termo «*arche*» com esse sentido. Em *Jos. C. Apo.* 2, 190, Deus é chamado de «*arche*» ou «primeira causa». A «causa primária» é a «fonte» de toda a criação, de todos os seres, de toda a existência.

5. Espiritualmente falando, Cristo, na qualidade de *Pioneiro do Caminho* (além de ser o próprio «Caminho»), foi o primeiro a mostrar como a «vida espiritual» é transmitida aos homens. Isso significa que ele foi o primeiro homem a possuir tal forma de vida, da qual, então, compartilha com seus remidos. (Ver João 5:25, 26 e 6:57, em suas notas expositivas, acerca desse conceito). Isso também envolve um sentido escatológico: na nova criação, Cristo produzirá a nova criação, porquanto ele é o primeiro exemplar daquilo que Deus tenciona fazer com os homens.

6. Alguns intérpretes fazem conexão do que aqui é dito com o trecho de Apo. 1:5 (trecho paralelo a Col. 1:18: «...primogênito dentre os mortos...»); e, nesse caso, Cristo é encarado como o primeiro ser da nova criação, que vem à luz mediante a ressurreição.

7. Dentre esses vários significados possíveis, o de número dois é o mais provável. Entretanto, isso não exclui várias das outras idéias. Cristo é o originador absoluto da criação, do que se conclui que ele também é o originador da «criação espiritual».

A lição ensinada aqui é que Cristo é o *Alfa* de toda a criação, sua fonte de vida, bondade e bem-estar. Os membros da igreja de Laodiceia ignoravam tudo isso, colocando no lugar dele, como fonte de satisfação, ao dinheiro e ao próprio «eu». O trecho de Col. 1:16 ensina que Cristo é o Alfa e o Ômega da criação, a sua causa «primária» e também *final*. Isso, de acordo com a linguagem aristotélica, quer dizer a «fonte» e o «alvo» da criação.

Dentro do contexto da epístola aos Colossenses, Cristo aparece como o «*arche*», em contraste com os «*archai*», ou seja, em contraste com os mediadores e poderes angelicais. Somente ele pode servir de mediador entre Deus e nós, ainda que outros «poderes» sejam seus servos, recebendo dele uma autoridade delegada.

*Outras idéias sobre este décimo quarto versículo:*

1. Este versículo indica a familiaridade do vidente João com a epístola aos Colossenses. (Ver, na introdução ao Apocalipse, a seção IV, intitulada «Dependência Literária», acerca de como ele conhecia vários dos livros do N.T.).

2. Quando os homens perdem de vista a Cristo, como Fonte de tudo, abandonam o manancial de todas as bênçãos espirituais. Alguns dia todos os homens terão de reconhecer naquilo que ele é, conforme se sabe no primeiro capítulo da epístola aos Efésios e em Fl. 2:8 e ss.; e isso servirá de imenso benefício para todos.

3. A autoridade suprema de Cristo é evidente neste versículo. (Pode-se comparar isso com Apo. 1:18; 2:8; 3:21 e 6:13). Notemos que ele usa essa autoridade em favor do bem, e não em favor do mal, para curar, e não para destruir.

4. O título «Amém» mostra Cristo como a «Verdade» da Deus. Cristo é a Verdade personificada. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito em João 14:8).

5. Deus não se deixou ficar sem uma «Testemunha». Na qualidade de testemunha de Deus, Cristo implica no «telemo» essencial. Em outras palavras, Deus não somente criou mas também se faz «presente» em sua criação, mantendo «interesse» pela mesma, julgando e recompensando, intervindo e guiando. Isso nega o «deísmo», a doutrina oposta, que diz que Deus ou algum outro Poder criou, mas abandonou sua criação, deixando-a

entregue às «leis naturais». (Ver as notas expositivas, em Ato 16:27, quanto a vários conceitos teológicos e filosóficos acerca da pessoa e das ações de Deus).

6. Todas as coisas, eventualmente, haverão de «centralizar-se» em torno de Cristo, de tal maneira que ele venha a ser «tudo para todos», conforme se aprende no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, sobretudo em seus versículos dez e vinte e três. Portanto, ele é o «Ômega» da criação. O presente versículo revela-nos que Cristo é o «Alfa» da criação. (Isso pode ser comparado com Apo. 1:8, que declara: «Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus...») Ver também Apo. 22:13).

7. «O Primeiro Progenitor, Produtor e Causa Eficiente da toda criatura; o Autor da antiga criação, que fez tudo do nada, no começo do tempo; e também da nova criação, o Pai eterno de tudo quanto é feito nova criatura; o Pai do mundo vindouro, ou da nova era...» (John Gill, *in loc.*).

8. As palavras de um hino egípcio dizem: «Ele é o primeiro, e existia quando nada ainda existia; qualquer coisa que existe, ele o fez antes ele existir. Ele é o Pai dos Começos... Deus é a verdade, ele vive pela Verdade, ele vive na verdade, ele é o rei da verdade».

15 Οἶδά σου τὰ ἔργα, ὅτι οὔτε ψυχρὸς εἶ οὔτε ζεστός. ὄφελον ψυχρὸς ἢ ζεστός.

15 Oída ... ἔργα Re 2:3; 3:1, 8

3:13; Conheço as tuas obras, que nem de frio nem quente; assim foram frios os que...

«...Conheço as tuas obras...» Em outras palavras: «Conheço tuas condições espirituais em geral». (Ver as notas expositivas completas sobre essa expressão, comum em todas as sete cartas do Apocalipse, ou com as mesmas palavras, ou em espírito, em Apo. 2:2).

«...nem é frio nem quente...» Somos informados que Laodicéia não tinha suprimento de água próprio, mas que tinha de ser servida por um aqueduto. Nesse processo, a água chegava morna. Os laodicenses se assemelhavam à sua água. O simbolismo fala sobre a indiferença «religiosa», sobre a superficialidade, sobre a falta de resolução.

#### Os significados da Mornidão Espiritual:

1. Historicamente, supomos que uma das coisas nisso envolvida era a recusa da igreja de abandonar abertamente o culto ao imperador, em que os imperadores romanos eram adorados como deuses. Adoravam ao imperador, ao mesmo tempo que diziam tratar-se apenas de uma formalidade, não o fazendo de coração. Dessa maneira, pois, evitavam a perseguição e participavam amplamente das riquezas da cidade. Paralelamente a tudo isso, procuravam manter uma «igreja cristã». Não eram quentes e nem frios, mas uma espécie de igreja cristã-pagã.

2. Profeticamente, cremos que a mesma coisa ocorrerá de novo. O anticristo exigirá a lealdade dos homens, e até mesmo a adoração da parte deles. Alguns elementos anuirão às suas exigências, e apesar disso se chamarão cristãos. Uma forma grandemente pervertida de cristianismo emergirá dessa situação; e o próprio Satanás, indiretamente, tornar-se-á o deus da «igreja», onde será adorado. O vidente João queria que não houvesse transigências ante o «culto ao imperador», e nem concessões ao mesmo. Aqueles que tentam uma posição «equidistante», através das pressões e perseguições que passarem, são detestáveis, causadores de náusea, semelhantes à água morna. Tal atitude deve ser totalmente rejeitada, e os que assim agem serão vomitados, por assim dizer, tão forte será a reação da verdadeira piedade e a lealdade cristã, em tal situação.

3. Essa idêia também se aplica a qualquer crente individual ou igreja que realmente não se tenha decidido a ser *antipagã* em seus costumes. São apenas e tão-somente «meio-crentes», nunca conseguindo qualquer avanço espiritual firme e permanente. Tais cristãos não são «frios» à mensagem cristã, isto é, não a rejeitam total e obviamente. Mas também não são «quentes», pois não agem decisivamente, de acordo com a mensagem cristã. Facilmente são impelidos por um sermão ou lição. Mas nunca aplicam, realmente, a mensagem a si mesmos.

4. A «mornidão» deles se deve ao fato que sua fonte de satisfação e razão de vida está fora de Cristo, embora não se disponham a rejeitar a Cristo aberta e decisivamente. De acordo com o sistema deles, Cristo não solucionou todos os problemas de lealdade. A questão sobre a quem ou a que devem consagrar suas vidas e energias, é deixada em aberto.

5. No caso de alguns, a mornidão não significa que não sejam culpados de pecados abertos e grandes, como o caso dos nicolaitas, dos seguidores de Baal, etc., mas também não são conhecidos por uma ação positiva e dedicada, em favor da causa de Cristo. A principal característica deles é a «complacência» com as coisas, conforme elas são. Não vêem qualquer razão em São para se apressarem e cumprirem uma elevada missão. Estão no mundo e gozam do mesmo. Para esses, a igreja é apenas uma extensão do mundo, e não algo do qual se devam separar.

6. Uma outra característica da mornidão é o não-reconhecimento de um estado espiritual deficiente, a satisfação com aquilo que poderia ser chamado de «espiritualidade falsa». Juntamente com a mornidão vai a cegueira e a insensibilidade espirituais.

7. «Até mesmo o repúdio franco da religião pelo menos é mais promissor, do ponto de vista ético (ver Arist. Nic. Eth. vii.2-10), do que lealdade morna, do que a complacência a qualquer falha. Quem está de fora (por ser incrédulo) pode ser convencido e conquistado; há esperança para ele, pois não está sob ilusão acerca de sua real relação para com a fé. Porém, que se pode fazer com pessoas que são cristãos nominais, incapazes de reconhecer que precisam de arrependimento, e que Jesus, na realidade, está fora das vidas deles (ver o vigésimo versículo)». (Moffatt, *in loc.*).

8. O espírito deste versículo é similar ao do vigésimo terceiro capítulo do

evangelho de Mateus, onde Jesus denunciou os líderes religiosos de sua época, tachando-os de «hipócritas», porquanto se preocupavam somente com questões externas e diminuíam infrações da lei, ao mesmo tempo que viviam atolados em grandes males e na insensibilidade espiritual.

9. O entusiasmo espiritual (estado de quem está «quente») não é o único elemento necessário à fé religiosa; pode até mesmo ser perigoso, se não existir paralelamente à fé e à dedicação. Mas, aliado a estes, é ideal e poderoso em suas operações e resultados.

10. Precisamos ser «sensíveis» para com os nossos «defeitos» e para o que fica «irrealizado» em nossas vidas, não dando atenção somente àquilo que já possuímos, aos progressos já feitos. A mornidão espiritual impede isso.

«...Quem dera fosses frio, ou quente!...» O termo grego «*ophelon*» é usado no indicativo passado, no grego posterior, a fim de apresentar um desejo impraticável; mas, quando usado no futuro do indicativo (ver Gál. 5:12; por exemplo), para expressar um desejo praticável. Mas aqui, tal como em II Cor. 9:1; temos «*ophelon*» usado no passado do indicativo, expressando uma possibilidade, embora, no presente, ainda não se tivesse realizado. (Charles, *in loc.*). O grego helenista não observava a exatidão minuciosa do grego clássico, e nem se mostrava consistente em seus usos.

Para o bem e o mal, em igual inclinação,  
Sou tanto um demônio como sou um homem.

(Erskine)

Adam Clarke (*in loc.*) supõe que eram eles «bons demais para irem para o inferno e maus demais para irem para o céu. Era similar ao caso de Efraim e Judá, em Osé. 6:4: 'Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? porque o vosso amor é como a nuvem da manhã, e como o orvalho da madrugada, que cedo passa'. Tinham boas disposições, que eram cativadas por más inclinações; e tinham más disposições que, por sua vez, cediam a boas inclinações. E a justiça divina e a misericórdia pareciam perplexas em saber o que fazer com eles ou contra eles. Esse era o estado da igreja de Laodicéia, e nosso Senhor expressa aqui, nesse desejo aparente, a mesma coisa que foi expresso por Epicteto, *Ench.*, cap. 36: 'Tu deves ser um tipo de homem, ou homem bom ou homem mau'».

#### Outras idêias sobre o décimo quinto versículo:

1. Não se deixavam conduzir totalmente pelas doutrinas falsas, mas também não se dedicavam totalmente à verdade. Não eram tão maus quanto alguns de seus compatriotas pagãos, mas também não estavam verdadeiramente interessados em ser crentes autênticos.

2. Não eram realmente «frios e mortos», mas também não eram «quentes e vivos». Não correspondiam entusiasmaticamente a Cristo, mas achavam satisfação e complacência no próprio «eu» (ver o décimo sétimo versículo).

3. Estavam no mundo e pertenciam a ele; mas, ao mesmo tempo, procuravam ensinar a «religião» e o respeito ao nome de Cristo.

4. Professavam estar na carreira cristã, a fim de obterem o prêmio, mas cuidavam para correr sem nunca suar.

5. Tinham considerado o custo da combater na guerra cristã, mas, assustados, mantinham-se no ócio, esperando negociar com o mundo, procurando estabelecer com ele a concórdia.

6. Tinham um pietismo senil, que jamais poderia passar como zelo pela verdade e como piedade.

7. Tinham uma suposta piedade, sem o poder que a presença de Deus, em nossa vida, certamente produz.

8. Na expressão religiosa deles não havia auto-sacrifício, não havia cruz.

9. Frio. Total insensibilidade para com Cristo e sua verdade; esse é o estado daqueles que ainda não foram «atingidos» pelo evangelho ou que o rejeitam totalmente. «Quente». Zelo autêntico em favor de Cristo, em que se dá caloroso acolhimento à sua verdade; essa é a atitude que põe em prática o que se sabe ser a verdade, a lealdade a Cristo sob circunstâncias difíceis, o trabalho feito com zelo e devoção.

10. Estão envolvidos o orgulho espiritual e a indiferença. Aqueles crentes diziam: «Não temos necessidade de coisa nenhuma». E que não podiam perceber a verdade com clareza, mas apenas as beiradas externas das restrições que eles impunham a si mesmos.

11. «A igreja em Laodicéia não tinha fervor de espírito no serviço do Senhor; e nem se mostrava zelosa em favor das verdades do evangelho; em favor de suas ordenanças, em favor da casa de Deus e sua disciplina. Nem se opunha ela calorosamente ao pecado e a todo erro e caminho falso». (John Gill, *in loc.*).

12. Alguns estudiosos pensam que Arquipo é o «anjo» ou ministro desta igreja. Fora dito a ele: «Atenta para o ministério que recebiste do Senhor, para o cumprires» (Col. 4:17). Naturalmente, dificilmente esse pode ser a questão em foco. Arquipo era de Colôsoas, e não de Laodicéia, e dificilmente continuaria vivo, quando foi escrito o livro de Apocalipse. Contudo, o seu caso prové uma excelente lição objetiva, como ilustração deste versículo; e a referência em



Colossenses desenvolve a idêia.

13. Aquelas membros da Igreja de Laodiceia estavam debaixo da influência do cristianismo, mas não sob o seu poder.

14. Eles tinham boas atitudes, mas sem a piedade.

15. Talvez fossem rígidos e minuciosos acerca da sã doutrina, mas descuidados e desatentos na vida espiritual. Sua preocupação era «com o que criam», mas não tinham o menor interesse acerca de «quem» depositavam sua confiança. Tal crença não os levava a entregar a própria alma aos cuidados de

Cristo, embora disso é que consista verdadeiramente a fé cristã (o que é comentado nas notas expositivas sobre o trecho de Heb. 11:1).

16. Mui provavelmente, Laodiceia era uma igreja de crença fácil, cujo evangelho era destituído do imperativo moral. (Ver as notas expositivas, em II Tes. 2:13 quanto à «absoluta necessidade de santificação», o que é mais mesmo da salvação! Não poderá haver glorificação futura, sem a santificação presente; e a glorificação é o grande alvo na direção do qual prossegue a salvação).

16 οὕτως, ὅτι χλιαρὸς εἶ καὶ οὔτε ζεστός οὔτε ψυχρός, μέλλω σε ἐμέσαι ἐκ τοῦ στόματός μου.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> 16-17 c maior, e minor: WH Bov Nm BF<sup>1</sup> AV RV ASV TT Zkr Seg // c minor, e maior: TR // c maior, e maior: RSV NRB Luth // c maior,

e exclamations: Jot

16 μέλλω σε ἐμέσαι] ελεγχω σε 2329: μ. σε. εμ. και. ελ. σε 2020 pc: παύσε N<sup>o</sup> et ex t. στ. μου]

τ. στ. σου K<sup>a</sup>

3:16: Assim, porque és morno, e não és quente nem frio, vomitar-te-ai da minha boca.

O resultado da condição descrita no décimo quinto versículo, a de «mornidão», é que a igreja de Laodiceia agia como um emético. Tal simbolismo visa trazer às nossas mentes as idêias de «novo», «torpeza» e «desgosto». Essas são as atitudes que Cristo assume, em face do «tipo de cristianismo» que era exibido em Laodiceia. A água morna é usada com sucesso, por algumas pessoas, como um emético; e o fato que água morna não causa vômito em todos, e nem é necessariamente repelente para outros, não destrói a intenção do autor sagrado. «Total rejeição», conforme o vidente João nos mostra, é o resultado final da lealdade morna a Cristo. O cristianismo não pode ser vivido sem a cruz. Um cristianismo sem moral, sem cruz, indiferente, terá de fracassar fatalmente, sendo condenado por sua inerente «nulidade». É conforme diz Hough (*in loc.*): «Teria Cristo morrido sobre a cruz e sofrido tão grande paixão, a fim de produzir discípulos assim mornos?... a pergunta responde a si mesmo, nas palavras: «...estou a ponto de vomitar-te da minha boca».

«...vomitar...» No grego é «emeo», «cuspir» ou «vomitar». Desse termo é que se deriva o vocábulo moderno «emético», um agente que causa vômito. É possível que o simples ato de «cuspir» esteja aqui em foco, com o esvaziamento do conteúdo do estômago. A mesma lição é ensinada, de um modo ou de outro. A pessoa ou a igreja morna é repelente, espiritualmente falando; e tal condição eventualmente provoca uma ação decisiva da parte de Cristo, o Senhor, para punição de tal pessoa ou igreja.

A linguagem é muito vívida, embora sem ornatos. Os laodicensês não somente foram denunciados, mas foram denunciados com a máxima

17 ὅτι λέγεις ὅτι Πλούσιός εἰμι καὶ πεπλούτηκα καὶ οὐδὲν χρεῖαν ἔχω, καὶ οὐκ οἶδας ὅτι σὺ εἶ ὁ ταλαίπωρος καὶ ἡλεεινὸς καὶ πτωχὸς καὶ τυφλὸς καὶ γυμνός,<sup>5</sup>

17 λέγεις...πεπλούτηκα Ho 12.8

3:17: Porquanto dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um coitado, e miserável, e pobre, e cego, e nu;

A igreja de Laodiceia avaliava a si mesma segundo os padrões de riqueza material, pois estava imersa na mentalidade do mundo. Essa igreja tanto estava no mundo como fazia parte do mesmo. Por essa razão é que era totalmente ignorante da sua verdadeira situação espiritual.

Laodiceia era cidade que ficava no cruzamento de rotas comerciais da Ásia Menor. Tinha várias indústrias ricas e era centro bancário. Cícero trocou ali suas apólices do tesouro por dinheiro (ver *Ad Fam.* iii.5; *Ad Att.*, v.15). Nos anos de 60 - 61 D.C., quando a cidade foi pesadamente danificada por um terremoto, não precisou apelar para um fundo federal, a fim de ajudar em sua reconstrução, tão vastas eram as suas riquezas. (Ver Tácito, *Anais* xiv.27). Os cristãos dali tiveram o cuidado de não provocar a ira das autoridades civis, cooperando com o «culto ao imperador», que exigia que o imperador romano fosse adorado como uma divindade. Isso significa que aqueles cristãos sabiam o que é transigir, tendo podido escapar completamente às perseguições, ao martírio e ao confisco das propriedades, ao passo que, em outros lugares da Ásia Menor, essas perseguições fossem comuns, e geralmente devastadoras para as comunidades cristãs. Obtiveram o que queriam: riquezas materiais. Mas perderam aquilo ao que não davam atenção: espiritualidade real. Tolamente imaginavam que «a piedade é fonte de lucro», como se a prosperidade fosse sinal da aprovação divina às suas vidas.

«...nem sabes...» (Isso pode ser contrastado com o fato que Cristo conhecia perfeitamente bem a condição deles, no décimo quarto versículo). Lembremo-nos que as sete cartas do Apocalipse representam condições que devem existir em qualquer era da igreja. A consciência e o discernimento espirituais são qualidades raras em qualquer época. A tendência sempre será a de «sobrestimarmos» a nós mesmos. Antes de tudo, julgamos as coisas segundo falsos padrões; e, em segundo lugar, conforme as nossas «intenções», e não segundo as realidades espirituais. Mediante a combinação desses dois fatores, terminamos sabendo como nos enganamos a nós mesmos, realmente. Portanto, não é de admirar que encontremos aqui a exposição de um grande princípio espiritual—com demasiada frequência não nos damos contas de nosso estado espiritual empobrecido; com demasiada frequência nos elogiamos de realizações espirituais, ao passo que, de conformidade com todo o juízo verdadeiro, essas realizações são deficientes.

«...estou rico...» Materialmente; mas também «espiritualmente», conforme eles entendiam. Porém, a pobreza espiritual daquela igreja já tão aguda que só podiam ser classificados como «miseráveis». Sem dúvida alguma comparavam-se aos que «nada possuem», à palha e aos párias da sociedade; e intimamente agradeciam aos deuses que não eram como «aqueles» outros, a escória da sociedade. A denúncia contra eles, pois, foi tremendamente amarga. Eles é que eram os que «nada têm», a «escória» e os

abominação. Tal denúncia não tem paralelo nas outras cartas (do Apocalipse). Não está em pauta um julgamento especial e imediato, e, sim, o juízo final. (Charles, *in loc.*).

Outras idêias sobre o décimo sexto versículo:

1. Cumpre-nos observar «...o desgosto divino ante a religião morna. Cristo, diz o profeta, enoja os mornos...» A exclusão da vida divina é um dos lados da penalidade, e o desmascaramento humilhante perante os homens é o outro (ver o décimo oitavo versículo). (Moffett, *in loc.*).

2. «Rejeitar com desgosto extremo». (Robertson, *in loc.*).

3. «Os médicos usam a água morna para provocar o vômito. Bebidas frias e quentes eram comuns nas festas, mas nunca mornas. Havia fontes frias e quentes perto de Laodiceia». (Fausset, *in loc.*).

4. «O cristão professo morno é aquele que serve a Deus e a Mamom; que capenga entre duas opiniões, que não sabe qual religião é melhor, importando pouco com qualquer delas, embora continue cumprindo seus deveres religiosos, posto que na indiferença... (ele) não se preocupa com a vida e o poder da piedade, e se apegando somente às suas formas externas... (isso) era muito repelente para Cristo, o que explica a ameaça: «...eu te cuspirei da minha boca...» (John Gill, *in loc.*).

5. «Esse símbolo indica a temível maldição, a saber, a total rejeição, por parte de Cristo, como algo que provoca nojo». (Lange, *in loc.*).

6. «Corriam o perigo de trair ao seu Senhor, à semelhança de Judas, com um beijo». (Carpenter, *in loc.*).

7. «Observemos qual grande diferença havia entre o que eles pensavam de si mesmos e o que Cristo pensava sobre eles». (Matthew Henry, *in loc.*).

8. «Caros amigos, essas são verdades soleníssimas, e não devemos pô-las de lado, como se não nos dissessem respeito. Talvez nunca houve tempo como os nossos dias, em que os homens se entregam à religião com meia-lealdade e satisfeitos consigo mesmos». (Seiss, *in loc.*).

«miseráveis» da sociedade, porque estavam espiritualmente paupérrimos, e nem ao menos percebiam o fato.

«...não preciso de coisa alguma...» De nada que lhes parecesse importante, já que sua mentalidade era carnal. No entanto, espiritualmente falando, faltava-lhes tudo quanto é desejável. «De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento» (I Tim. 6:6).

«...infeliz...» Aqueles membros da igreja de Laodiceia supunham que a felicidade é determinada pelo saldo credor na conta bancária, ou pelo acúmulo de prazeres carnaís que alguém pode dar-se ao luxo de ter. Eles realmente mundanos, cuja «religião» era apenas um frontispício. A fé deles não requeria a transformação espiritual; não tinham qualquer imperativo moral. Era uma crença fácil, para uma época fácil. Espiritualmente, porém, eram «infelizes», pois não podiam reivindicar as «bênçãos» trazidas pela piedade. Em contraste com isso, os cristãos primitivos consideravam-se «felizes», até mesmo sob as perseguições causadas por sua lealdade a Cristo. Mas os laodicensês sentiam-se felizes por terem transigido com Roma, mostrando-se assim fiéis ao paganismo imperial.

Notemos aqui o uso do artigo definido, no grego, «...o infeliz...», em contraste com os «pobres miseráveis» da sociedade que lamentavam, por não serem estes ricos como aqueles. A raiz do termo grego aqui usado indica «suportar provação», ou seja, estar debaixo de pressões econômicas, ou outras pressões materialistas, físicas. Aqueles laodicensês, entretanto, não sofriam tais pressões e provações, e supunham que não eram os «perseguidos pela provação», ou seja, não eram os «infelizes». Porém, a péssima espiritualidade deles fazia deles os autênticos «pobrezões» da sociedade.

«...miserável...» Não precisavam mendigar o pão; seus filhos viviam bem vestidos; contavam com bons cuidados médicos; havia abundância de dinheiro para as diversões, viagens e outros tipos de interesse pessoal. Não faziam parte da classe aldeia, que sofria privações. Na realidade, porém, eram contados entre os «miseráveis», porquanto suas almas morriam à míngua. Tinham «do» dos párias da sociedade; a avaliação divina, entretanto, condôa-se deles, pois mereciam dó.

Notemos o enfático «...tu...», que acompanha toda essa sentença. Reputavam como miseráveis, pobres, cegos e nus aos «outros». Na realidade, porém, eles é que mereciam pena.

A mornidão espiritual fizera bem o seu trabalho pernicioso; dentre todas as igrejas do Apocalipse, a despeito dos vícios e problemas que tinham, a de Laodiceia é considerada a pior.

«...pobre...» As notas introdutórias ao décimo quarto versículo, bem como aquelas que apresentam o atual versículo, mostram as grandes riquezas materiais da cidade de Laodiceia, uma autêntica metrópole. Os ricos desprezavam aos poucos esmoleres da cidade, que não compartilhavam dessas riquezas. Mas o olho discernidor de Cristo, o Senhor, via claramente onde estava a verdadeira pobreza. Estava com

aqueles que dilapidavam suas oportunidades espirituais, transgindo com um mundo hostil. Esse estado de pobreza acompanha aqueles que se dão excessivo valor pessoal; aqueles que são espiritualmente cegos; aqueles que são autocomplacentes.

«...cego...» Nos países orientais são comuns as enfermidades oculares, e a cegueira ali tem elevada incidência. Temos pena dos cegos, pois essa condição é tremendo empecilho para o aprazimento de uma vida normal. Laodicéia contava com uma famosa escola de medicina, sendo produtora de muitos medicamentos. Contava com os meios de combate à cegueira física. No entanto, faltavam-lhe os meios e até mesmo o interesse para combater a cegueira espiritual. O número das pessoas fisicamente cegas vinha sendo controlado; mas o número de indivíduos espiritualmente cegos ia crescendo cada vez mais, não havendo remédio para essa condição, pois também nenhum remédio era procurado. Tinham olhos para contemplar suas riquezas materiais, buscar seus prazeres e levar a efeito uma vida diária caracterizada pela indiferença e pela carnalidade. Tinham olhos para ver as riquezas compostas de suas igrejas e templos magníficos, seus ornamentos, seus móveis ricos. Mas não tinham olhos para perceber a esterilidade do templo de Deus, que era as suas próprias almas.

*Sendos cegos, eles eram  
Líderes para nenhuma terra segura, guias de norte perdido,  
...reverteram os marcos;*

*Nascidos estéreis, crescimento fraco, ralos em frangalhos,  
A floresceram sem fruto, cuja folhagem sufoca,  
Sua seiva é preguiçosa, rejeitam ao sol.*  
(C. Day Lewis)

«...nu...» Laodicéia era famosa por sua indústria de lanifícios e sua produção de excelentes peças de vestuário. Os crentes laodicenses se vestiam com elegância; espiritualmente falando, entretanto, andavam nus, e a vergonha da carnalidade deles era óbvia para qualquer avaliação discernidora.

*Outras ideias sobre o décimo sétimo versículo:*

1. Deve-se contrastar o «tu dizes» com o «conheço» (este último proferido por

18 συμβουλευώ σοι ἀγοράσαι παρ' ἐμοῦ χρυσίον πεπυρωμένον ἐκ πυρός ἵνα πλουτήσης, καὶ ἱμάτια λευκὰ ἵνα περιβάλῃ καὶ μὴ φανερωθῇ ἡ αἰσχύνῃ τῆς γυμνότητός σου, καὶ κολλ[ο]ύριον ἐγχρίσαι τοὺς ὀφθαλμούς σου ἵνα βλέπῃς.

18 ἑγχεῖσαι (ἑγχεῖσαι 104) KAC pc<sup>1</sup> R] ἑγχεῖσαι P I 2059(s) pt c<sup>1</sup> ινα εγχεῖσαι 046 82 1006 al

3:18; aconselho-te que de mim compres ouro refinado no fogo, para que te enriqueças; e vestes brancas, para que te cubras, e não seja manifesta a vergonha da tua nudez; e colírio, a fim de ungires os teus olhos, para que vejas.

«...Aconselho-te...» Apesar de imaginarem que sabiam tudo, e que a sua avaliação sobre si mesmos se alicerçava sobre os fatos. No entanto, precisavam do conselho do discernimento divino. Nunca conseguiremos dispensar essa necessidade.

Por sua ignorância, os laodicenses se tinham reduzido a total penúria espiritual. Precisavam da intervenção divina, que consistiu do próprio convite ao arrependimento e à restauração que Cristo lhes fez. O arrependimento autêntico sempre será uma intervenção divina na vida, pois não se trata de mera resolução de ser melhor ou de agir melhor. Para que seja real, exige a «ajuda divina», o poder transformador do Espírito, que modifica a alma, e não apenas a mente. Mas ninguém obtém a «ajuda divina» sem ceder à mesma, quando sua influência ajeita próxima.

«Aconselho-te...!» com certa ironia. Embora ele pudesse ordenar, contudo ele preferiu aconselhar àqueles que, segundo sua própria estimativa, estavam supridos de tudo. (Vincent, *in loc.*)

«...compres ouro refinado pelo fogo...» (Essas palavras podem ser confrontadas com o trecho de Isa. 55:1, que diz: «Ahi todos vós os que tendes sede, vinde às águas; e vós os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite». Ver também Mat. 13:44,46 onde se aprende que o reino dos céus é como um grande tesouro ou uma pérola de inestimável valor). O reino de Deus vale qualquer sacrifício. Cristo, o Senhor, acabara de classificar aos crentes de Laodicéia de «esmoleres espirituais». Não tinham coisa alguma com que comprar qualquer coisa. No entanto, Cristo os convida aqui a comprarem riquezas verdadeiras, mediante o arrependimento e o interesse pelas realidades espirituais. Esse é um oferecimento da graça, e a graça é gratuita, embora exija a receptividade humana, a cessão da vontade. (Ver as notas expositivas sobre a «graça», em Efé. 2:8).

*Ouro, refinado a fogo:* Consideremos acerca disso os seguintes pontos:

1. Isso aponta para o ouro puro, em contraste com as riquezas poluídas que possuíam.

2. Também é feito o contraste entre as riquezas espirituais e as meras riquezas materiais.

3. Esse ouro é divinamente conferido, não podendo ser adquirido pelos esforços e méritos humanos.

4. Talvez haja aqui um indício do fogo refinador da perseguição, que poderia torná-los espiritualmente ricos. Aquela igreja evitava as perseguições mediante a cooperação com o «culto ao imperador»; e desse modo tinham podido obter riquezas materiais, já que não sofriam perseguições. Mas a escolha fora a pior possível. Antes tivessem tido a mesma decisão, tomada pela igreja de Esmirna, de fazer oposição a esse culto falso, sofrendo por causa disso, porque assim teriam recebido riquezas espirituais verdadeiras, ainda que isso significasse que teriam tido de passar pelo fogo refinador da perseguição.

«...de mim...» Essas palavras, no original grego, são enfáticas. Pois

Cristo). Aquilo que dizemos usualmente é diferente daquilo que Cristo sabe acerca da nossa condição espiritual.

2. Não se pode duvidar que os laodicenses, que se tinham enganado a si mesmos, falavam em termos candentes sobre suas riquezas espirituais. O tanto negado certamente indica isso. Não exibiam apenas seu orgulho, a respeito de suas riquezas materiais. Sua suposta riqueza espiritual, entretanto, tinha relação direta com a posseção de muito dinheiro. Não esperavam as duas coisas, em sua mente, e imaginavam, mui totalmente, que uma coisa dependia ou estava diretamente relacionada à outra. A igreja dali «...transportava a soberba das riquezas para a sua vida espiritual» (Swete, *in loc.*).

3. «Aquela igreja local se achava em uma cidade rica, e também era rica em seu orgulho e presunção; mas era pobre na graça e ignorante da sua pobreza espiritual» (Robertson, *in loc.*).

4. «Orgulhando-se não meramente no fato das suas riquezas, mas (conforme fica implícito) também nos meios pelos quais essas riquezas tinham sido obtidas, a saber, mediante a habilidade pessoal, o mérito pessoal, e, finalmente, orgulhando-se na sua confiança independente, assim adquirida um profuso certificado de mérito, auto-assinado» (Moffatt, *in loc.*).

5. Notemos a sabedoria de Filo: «Ninguém é enriquecido pelas coisas seculares, embora seja proprietário de todas as minas do mundo; os destituídos de inteligência é que são os paupérrimos» (Fragm., pág. 669, Mang.).

6. «...as próprias riquezas deles levaram-nos a uma espécie de religião quieta e sem agressibilidade... Eram hipócritas, mas não sabiam que eram hipócritas. Julgavam-se bons; e esse autolulíbrio era o perigo que corriam. Pois, usando as palavras de Prof. Mozley, 'Por qual motivo um homem haveria de arrepender-se de sua bondade?'» (Carpenter, *in loc.*).

7. «As riquezas dificilmente fazem qualquer bem às igrejas de Cristo. Não o fizeram nos tempos de Constantino; e parece que até mesmo agora, no término do reinado espiritual da igreja (o período filadelfiano) elas terão más consequências, porquanto inauguram o estado da igreja de Laodicéia» (John Gill, *in loc.*), com uma nota que é ao mesmo tempo perceptiva e profética, pois escreveu estando a igreja ainda no período representado pela igreja de Sardes).

8. O que havia de pior, em toda essa situação, é que estavam auto-enganados. «Eles!» se julgavam ricos. Mas «ele» afirma que eram pobres. «Eles» trisnavam todo o progresso nas coisas que os tornavam íslas. Mas «ele» diz que estavam em uma condição de miséria, mesmo sem ter tido consciência. «Eles» estavam satisfeitos e persuadidos de que nada necessitavam. Mas «ele» diz que eram pobres, cegos e nus» (Seiss, *in loc.*).

18 ἱμάτια λευκὰ Re 3:6; 4:4; 6:11; 7:9,13; 18:14 ἱμάτια...γυμνότητός σου Re 18:16

Cristo é o grande manancial das riquezas autênticas, por ser ele o Alfa e o Omega da existência humana. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em Apo. 1:8).

«...vestiduras brancas para te vestires...» Laodicéia era um grande centro da indústria de vestuário, na antigüidade. Os crentes dali se vestiam com elegância, mas, espiritualmente falando, andavam nus. Precisavam de «vestiduras brancas», o que aponta para a autêntica santidade de vida, para a elegância da natureza espiritual. Mas essas vestiduras brancas também falam sobre a vestimenta da alma, composta pela imortalidade, conforme já pudemos ver em Apo. 3:4,5. Se isso faz parte integrante da interpretação dessas palavras, então equivale à «árvore da vida», que figura na carta à igreja de Éfeso (ver Apo. 2:7), e também à «coroa da vida», da carta à igreja de Esmirna (ver Apo. 2:10). (Ver as notas expositivas completas sobre a «vida eterna», em João 3:15). Cristo promete a «imortalidade» final para todos os vencedores da carreira cristã.

O N.T. jamais se contenta com a mera sobrevivência da alma, ante a morte biológica. Antes, ali a imortalidade consiste da «vestimenta» da alma, e não da mera perda do veículo físico, o corpo humano. O «corpo espiritual» (que não será físico, formado por partículas atômicas) dará à alma remida um meio apropriado de manifestação nos mundos celestiais. Além disso, nossa própria natureza será transformada segundo a essência mesma da natureza do Filho (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18).

«...a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez...» Essa nudez seria percebida quando sua verdadeira condição fosse «desvendada» (sendo tirada a roupa da pretensão e do autolulíbrio), e eles aparecessem vergonhosamente nus, espiritualmente falando. As «vestiduras brancas», que são a provisão de santidade e a elegância de natureza espiritual, haveriam de encobrir realmente essa nudez, eliminando-a totalmente. O futuro revestimento da alma, que consistirá do corpo ressurrecto (ver as notas expositivas a esse respeito, em I Cor. 15:20,35), haverá de conferir-lhe glória e elegância próprias dos lugares celestiais, iguais às do próprio Cristo, o Filho de Deus. O emprego da palavra «...vergonha...»; neste passo visa a lembrar aqueles crentes sobre sua verdadeira condição espiritual. Estavam inchados de orgulho, e, no entanto, encontravam-se em uma condição «vergonhosa».

*Senhores, se o que pensais  
Deixasse vestígios claros,  
Os divórcios eram mais  
E os casamentos bem raros.  
Senhores, houvesse espelhos,  
Para ver o que pensamos,  
E beijáveis de joelhos  
Toda a lama que pisamos.*  
(Augusto Gil, Porto, Portugal)

*Desnudamento e exposição.* Esse era um método freqüentemente usado para envergonhar publicamente a alguém, nos dias antigos; e tal costume tem persistido até hoje, em alguns países. (Ver II Sam. 10:4; Isa. 20:4; 47:23 e Eze. 16:37. Comparar também com Mat. 22:11-13 e Col. 3:10-14). Em sonhos, podemos-nos ver «despidos», ou parcialmente despidos. Por

meio desse «símbolo», a mente subconsciente nos dá a entender alguma situação embaraçosa, presente ou futura. A exposição espiritual, apesar de embaraçosa, alerta-nos para a necessidade de nos revestirmos espiritualmente, de nos vestirmos do «novo homem», conforme se vê na passagem acima, da epístola aos Colossenses. Mas a vestimenta espiritual da imortalidade removerá para sempre a vergonha provocada pela queda, e que deixou o homem espiritualmente nu.

«...colírio para ungir os teus olhos...» Laodicéia contava com uma famosa escola de medicina, onde eram produzidos diversos medicamentos, incluindo aqueles para problemas oculares, que são tão comuns no oriente, até hoje. O termo grego aqui traduzido por «...colírio...» é «*kollurio*», um rolo de pão grosseiro. A conexão original dessa palavra com um medicamento para tratamento dos olhos, talvez fosse uma espécie de emplastro, feito de massa de pão, para tratamento de infecções. Ou então a idéia geral de «rolo» pode ter-se desenvolvido do original «rolo de pão»; e então, qualquer material, em forma de rolo, podia ser referido como o material que era usado para o tratamento de infecções. Seja como for, no tocante à situação de Laodicéia, vemos que havia um famoso pó frígido, empregado pela escola de medicina de Laodicéia, para tratamento dos olhos. O Talmude de Jerusalém (*Shabb. 1.3; vii.10; viii.11b*) parece referir-se a isso. Celso (vi.7) fala acerca de muitas espécies de colírio ou medicamentos para os olhos, utilizados em seus próprios dias.

*Símbolo espiritual do colírio:* Isso se vê nos três pontos abaixo:

1. Isso retrata a ação iluminadora do Espírito Santo, o que dá ao indivíduo visão e discernimento espirituais. Trata-se de um dom e operação do Espírito.

2. Isso permite que os olhos espirituais se tornem luz da alma, mediante o que chegamos a ser iluminados e participamos da própria natureza luminosa de Cristo. (Ver João 1:9 e Efê. 1:18 quanto a esses temas).

3. É equivocado terrível alguém preocupar-se somente com o que é físico, mas não ter interesse pelo que é espiritual. Laodicéia tinha uma escola de medicina para tratamento de enfermidades físicas; contava com um famoso pó que aliviava infecções oculares e impedia a cegueira—mas não tinha qualquer provisão para os olhos da alma.

*Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:*

1. É possível alguém ser famoso por alguma coisa, ao mesmo tempo que merece ser infame por algo bem diferente. Muitas pessoas famosas são infames aos olhos de Deus.

2. Cristo tem o remédio para todas as mazelas da alma. Ele é o grande Médico, e os substitutos humanos de nada servem.

19 ἐγὼ ὁσους ἐὰν φιλῶ ἐλέγχω καὶ παιδεύω· ζήλευε οὖν καὶ μετανόησον.

19 ἐγὼ...παιδεύω Pr 3:12; 1 Cor 11:32; He 12:6, μετανόησον He 2:3, 16, 22; 3:3

3:19: Eu repreendo a castigo a todos quantos amo; e, ao pois zeloso, e arrepende-te.

Deus «...repreende a quem ama...» (Pro. 3:12). E outro tanto faz o Filho de Deus. Deus ama o mundo inteiro (ver João 3:16). Cristo morreu até mesmo em favor de seus inimigos, mostrando o amor de Deus por eles (ver Rom. 5:8). Os próprios «filhos» de Deus terão de esperar castigo, o que comprova que são filhos de Deus genuínos (ver Heb. 12:7,8). «O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina» (Pro. 13:24). Consideremos ainda os pontos abaixo:

1. *Historicamente*, supõe-se que muitos, se não mesmo a maioria dos membros da comunidade cristã de Laodicéia, eram crentes genuínos, embora de qualidade deficiente. Portanto, na qualidade de «filhos» foram repreendidos e disciplinados. Entre eles havia hipócritas e indivíduos autoludibriados, que não poderiam ser classificados como «filhos de Deus», mas que, a despeito disso, seriam objetos da disciplina divina, mas para que pudessem ser conduzidos aos pés de Cristo.

2. *Profeticamente*, supõe-se que a maioria dos filhos espirituais de Laodicéia não se qualificariam como filhos autênticos, porque farão parte da grande apostasia, sendo representantes de um cristianismo espúrio. No entanto, o amor de Deus também atinge a esses. A Grande Tribulação haverá de purificar a muitos desses, trazendo-os aos pés de Cristo. Finalmente haverão de desesperar de si mesmos e do que é meramente humano, e suas riquezas se transformarão em cinzas. E então haverão de procurar as riquezas verdadeiras da alma.

3. *Simbolicamente*, entendemos que as admoestações constantes nesta carta à igreja de Laodicéia se apliquem a crentes verdadeiros, mas deficientes, como também àqueles que brandem a bandeira cristã, mas não são autênticos filhos de Deus.

Sem importar a maneira como encarmos essa carta a Laodicéia, o fato é que o amor e a disciplina continuam tendo aplicação. A lição é clara: o amor exige juízo. Já que Deus é amor, podemos dizer, em verdade, que o juízo divino é apenas um dedo da mão de amor, não sendo meramente retributivo. Ver notas sobre 1 Ped. 4:6. Antes, sempre envolve os elementos de disciplina, tendo em foco a restauração. (Quanto a notas expositivas que desenvolvem esse ponto de vista sobre o «juízo», ver Col. 3:6 e a introdução sobre 1 Ped. 3:18).

«...disciplina...» Está em foco o «treinamento das crianças», as repreensões e punições de que as crianças precisam. O termo grego aqui usado, «*paideuo*», naturalmente, tem um significado mais lato, o de «criar»; mas também significa «educar», «corrigir», «dar orientação» e «disciplinar». Trata-se de vocábulo que com frequência era usado em contextos «domésticos», como também no relacionamento entre «mestres» e «discipulos». As instruções divinas são treinamento e disciplina para as crianças e os discipulos. Notemos, uma vez mais, que o julgamento tem por escopo não a destruição, mas a correção; não o prejuízo, mas a cura; não reprová-los, mas restaurá-los.

3. Isso pode ser comparado com as *Confissões* de Agostinho (vii.7,8), onde se lê: «Por causa de meu próprio inchaço fiquei separado de Ti; sim, meu rosto inchado de orgulho fechou meus olhos... Mas foi agradável diante de ti reformar as minhas deformações; e mediante agulhões me despertaste, para que eu me desassossegasse até que te manifestasse à minha visão interior. Assim, mediante a mão secreta de teu medicamento, meu inchaço desapareceu, e a visão perturbada e diminuída da minha mente, mediante as unções ardentes de tristezas saudáveis, daquele dia em diante foi curada».

4. Quando o Senhor retornar, encontrará alguns convivas que não estão vestidos das vestes apropriadas. Esses não escaparão ao seu julgamento, conforme se aprende em Mat. 22:11 e ss.

5. O presente versículo pode ser comparado ao trecho de I João 2:20,27, que é um seu importante paralelo espiritual.

6. O amor do Salvador «aconselha» aos que são espiritualmente pobres:

O mercador, no mercado dos céus, quanto a mercadorias celestes, O amor é a única espécie de moeda aceitável.

7. A unção aplicada aos olhos enfermos provavelmente os faz arder. Mas um homem pode suportar a dor, produzida por um medicamento, se esse é eficaz. Não é fácil alguém admitir em si mesmo a cegueira espiritual; mas, para aqueles que a admitem, e então buscam o remédio certo, a cura lhes é posta à disposição.

8. «Caros amigos, pertence-nos uma grande e cara oportunidade. Não pensemos que não temos oportunidade de abraçá-la. Não imaginemos que somos ricos e carregados de bens, como se de nada tivéssemos necessidade... A todo o tempo somos cobertos de cegueira, mazelas e insensatez, que somente a graça de Deus pode curar. Temos tanta necessidade hoje em dia, como sempre sucedeu em nossas vidas. O nosso Salvador sabe disso, e a sua miserável autodecepção para nós é pensarmos de outra maneira. De acordo com isso, ele aproxima-se de nós coberto de bens, para que as possamos comprar de suas mãos, sem nunca nos considerarmos ricos e felizes, senão quando, por muitas e muitas vezes, mantemos tal comércio com ele... Portanto, sejamos agradecidos por nossa oportunidade, e a abraçemos ansiosamente, enquanto ela é posta à nossa disposição». (Seias, in loc.).

9. Valemo-nos de seu oferecimento pelo uso dos meios espirituais de crescimento e iluminação—o estudo de sua Palavra e outros livros espirituais, para o treinamento do intelecto; a oração e a meditação; a busca pelo Espírito e seus dons espirituais; a utilidade para com outros, mediante o exercício de nossas manifestações espirituais e feitos de gentileza e amor. (Ver Efê. 1:18 quanto à necessidade que temos de «iluminação espiritual»). Devemos orar decididamente para recebermos a natureza que se faz necessária para a nossa vida espiritual, como crentes que somos.

10. «Os conselhos de Cristo são mandamentos, convites e promessas. Essas advertências não foram feitas ao espírito de indignação, e, sim, de misericórdia... Realmente, devemos nos separar de algo, mas sem qualquer valor, a saber, o pecado e a auto-suficiência» (Matthew Henry, in loc.).

«...se, pois, zeloso...» Aqueles crentes eram «mornos». Mas agora são conclamados a se tornarem «fervorosos», «ferventes» (conforme o termo grego indica), ou «quentes», isto é, «vitalmente interessados» acerca das vidas espirituais, de modo a serem conduzidos a um autêntico arrependimento. Os elementos desse «interesse vital» são dados no versículo anterior—interesse suficiente para alguém atravessar o fogo refinador; suficiente para vestir-se das vestiduras de justiça, na santificação; suficiente busca e aceitação da iluminação do Espírito Santo, de forma a ser curada a cegueira espiritual.

«...arrepende-te...» Esse é um elemento de quase todas as cartas do Apocalipse, excetuando no caso das igrejas de Esmirna e Filadélfia. (Ver as notas expositivas a respeito, em Apo. 2:5). Apesar desse termo poder significar apenas «mudança de mente», nas páginas do N.T. seu significado é muito mais elevado do que isso. Significa «mudança de alma», uma nova direção dada ao próprio ser, uma revolução moral, operada mediante o poder transformador do Espírito Santo. O arrependimento e a fé compõem a «conversão», conforme se aprende em Atos 20:21. (Quanto a notas expositivas sobre a «conversão», ver João 3:3, no terceiro ponto, sob «novo nascimento». E quanto ao «arrependimento», ver Atos 2:38).

*Outras idéias sobre o décimo nono versículo deste capítulo:*

1. Admirabilíssimo amor do Salvador! Amava até aos mortos! Amava até mesmo uma congregação local cujo coração estava afastado dele! (Newell, in loc.).

2. O Salvador teve de repreender e castigar. Na qualidade de Sumo Pastor, ele requer que os subpastores façam a mesma coisa, embora também no mesmo espírito de amor.

3. A severidade da repreensão é igualada à magnitude do amor, o que faz do juízo apenas um dedo da mão amorosa de Deus.

4. «O amor nunca é cruel, mas pode ser severo» (Charles, in loc.).

5. O castigo, do ponto de vista profético, se cumprirá na Grande Tribulação. Muitos dessa igreja serão conduzidos aos pés de Cristo, uma vez que perceberam o que é, realmente, o mundo ímpio. A tribulação purificará a igreja universal. Nada menos do que isso poderia levar essa igreja a pôr-se de joelhos, em arrependimento. «...uma chama de arrependimento que devorará a indiferença e a incoerência» (Moffatt, in loc.).

6. «...o indiferentismo... perverte o amor, reduzindo-o à lassidão, considera a punição como se fora severidade, e separa totalmente as duas coisas» (Lange, in loc.).

7. Castigo: «Serias tu uma exceção? Se fores poupado do chicote, seria poupado para não pertenceres ao número dos filhos». (Agostinho).

8. «...castigar...» é ensinar e educar por meio da vara, corrigindo com severidade, punindo para cura do erro, corrigindo pelo açoite, como no caso de um pai que trata com seu filho... O diabo pode prometer a prosperidade mundana para os seus filhos, mas Jesus diz que sempre teremos de entrar no reino dos céus, mediante muita tribulação. Onde o seu favor amoroso nos testa, parte da administração desse amor consista de usar de disciplina corretiva... mui preciosa, por igual modo, é essa disciplina do sofrimento. Muitos erros profundos e ruins são assim curados ou prevenidos. Miriã foi ensinada a



abandonar sua murmuração rebelde e sua tendência a fomentar dificuldades, ao ser ferida com a lepra. Jonas recebeu de volta o seu bom senso, cumprindo seus deveres proféticos, mediante a dificuldade que encontrou no mar, em meio ao temporal do desprazer divino... Zacarias foi curado de sua incredulidade ao ser ferido com a mudez. Paulo foi impedido de exaltar-se desmesadamente por um espinho vexatório e humilhante na carne» (Seiss, *in loc.*).

9. *Zelo*: O zelo é «...como as asas de uma ave, como as rodas de uma carruagem, como as velas de um barco, como o fogo de que a máquina depende para produzir vapor e poder; pois é mediante o calor e a energia da alma que um homem se lança naquilo que resolveu realizar. Debaixo da lei, nenhum sacrifício podia ser oferecido sem fogo, como também não pode ser feito qualquer serviço». (Seiss, *in loc.*).

10. O zelo pode ser «ignorante» ou «hipócrita», «turbulento» ou «amargo», «mal orientado» e até mesmo «prejudicial». Mas isso é infinitamente melhor do que no caso do crente individual ou da igreja local que não tem «zelo», como se dava no caso dos laodicenses. Com razão foram conclamados ao «zelo». O zelo pela casa de Deus e seu trabalho deveria consumir-nos.

O arrependimento é um retorno à fé. É a negação da loucura da rebeldia contra Deus.

20 ἰδοὺ ἔσθηκα ἐπὶ τὴν θύραν καὶ κρούω· ἂν τις ἀκούσῃ τῆς φωνῆς μου καὶ ἀνοίξῃ τὴν θύραν, [καὶ] εἰσελεύσομαι πρὸς αὐτὸν καὶ δειπνήσω μετ' αὐτοῦ καὶ αὐτὸς μετ' ἐμοῦ. 20 εἰσελεύσομαι πρὸς αὐτόν Ju 14.23

20 θύραν 2º] add και R 046 1006 2389 al 1ºº Prim

3:20: *Eu que estou à porta, e luto; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele comerei, e ele comigo.*

No fim da era da Igreja, Cristo estará do lado de fora da mesma. Isso reflete a grande apostasia, quando a Igreja será modificada tão radicalmente que não mais merecerá o título de igreja cristã, segundo qualquer estimativa sóbria das coisas. Em qualquer época, em qualquer vida individual, em qualquer igreja local, isso pode suceder. Portanto, no fim desta época, Cristo estará batendo pelo lado de fora da igreja, através da tribulação daqueles dias, e, finalmente, em sua «parousia» ou segundo advento. Essa é a interpretação escatológica do versículo, interpretação essa que, apesar de legítima, não é a única possível.

«...*Eis...*» Essa palavra assinala o que há de admirável na situação: Cristo, o Senhor da Igreja, está do lado de fora da mesma. O mesmo Senhor, em paciência e amor, pede admissão e promete comunhão vital com aqueles que lhe derem ouvidos. «Filho meu, dá-me o teu coração».

«O contraste entre a severa reprimenda e a mão estendida e amorosa da amizade, é realmente impressionante. E chega a um climax no quadro do Senhor de tudo, de pé do lado de fora da vida humana, solicitando admissão. O pecador orgulhoso e teimoso continua podendo ser hospedeiro de Deus. Aquele que é o próprio Juiz aguarda, como um humilde suplicante, do lado de fora da porta humana. Essa combinação de severidade e ternura é uma das características centrais do evangelho. Nenhuma das duas atitudes é completa sem a outra; precisam ser vistas conjuntamente. Herbert H. Farmer, em seu atrativo livro, *The Healing Cross* ('A Cruz que Cura'), procura focalizar juntos esses dois aspectos do método pelo qual Deus trata com os homens, ao aproximar-se deles em Cristo. Aquele que é severo também é aquele que é graciosamente bondoso. A bondade é o lado terno de um ângulo severo. A figura do Juiz, a bater como se fosse um suplicante, à porta de um homem obstinado, é uma das mais memoráveis de todo o N.T. (Hough, *in loc.*).

«...*à porta...*» Esse é um símbolo de entrada e admissão. É preciso que seja dada permissão àquele que busca entrar. No tocante ao que é espiritual, essa porta aberta indica o exercício da vontade humana, permitindo que o Espírito Santo nos conceda a presença transformadora de Cristo. Mas a porta pode permanecer fechada. Nesse caso, torna-se símbolo de rebeldia e perversão da vontade, rejeitando o impulso divino dentro e fora, o que nega o poder transformador de Cristo na vida, mediante o arrependimento, a fé, a conversão ou a santificação. O impulso divino não pode ser anulado; mas trechos como o primeiro capítulo da epístola aos Efésios ou como o segundo capítulo da epístola aos Filipenses, mostram que, eventualmente, as pressões divinas serão tão fortes que o propósito de Deus em Cristo fatalmente se cumprirá, e isso em âmbito universal. Isso não significa que todos participaremos da vida dos eleitos, mas significa que Deus fará uma operação vasta e universal por meio de Cristo, o que tornará a todos sujeitos voluntários à sua pessoa, capazes de trazer-lhe glória eterna, mediante uma vida digna de ser vivida. Eventualmente ele será «tudo para todos» (ver Ef. 1:23 e as notas expositivas ali existentes).

A porta é a da vida do indivíduo, da igreja ou da comunidade religiosa. A famosa pintura de Holman Hunt, em que Cristo aparece diante da porta, a bater, não mostra a maçaneta do lado de fora. É que só pode ser aberta pelo lado de dentro. Um homem de certa feita levou seu filho pequeno, para ver essa pintura. O menino ficou ali pensando, por alguns momentos, e então perguntou: «Por que não abrem a porta?» O pai respondeu que não podiam ouvi-lo batendo. O menino considerou a resposta por mais uns momentos, mas não ficou satisfeito com a mesma. «Não», disse o garoto, «mas é que estão muito ocupados no quartinho dos fundos, fazendo outras coisas, e nem sabem que Jesus está batendo na porta». Nessa resposta há grande discernimento. Os crentes de Laodicéia viviam atarefados com seu comércio, com seus banquetes, com suas riquezas materiais. Orgulhavam-se de sua própria espiritualidade, não percebendo sua condição espiritual empobrecida. Nem sabiam que Cristo estava do lado de fora da porta, a bater, de modo que não podiam atendê-lo e dar-lhe admissão.

«...*e bato...*» O «bater» de Cristo, na vida, se verifica de muitas maneiras, no testemunho tranquilo do coração, no sermão, na lição de Escola Dominical, na leitura da Palavra, mediante alguma tragédia, enfermidade, abalo, mediante a razão, mediante a vitória, mediante a perda, mediante a felicidade ou a tristeza, mediante a dor ou a alegria. O «bater» de Jesus diz-nos que a vida é algo magnífico, eterno, envolvendo a própria alma, e

#### O Mar da Fé

Também já estavei chelo, ao redor das praias da terra jazia como as dobras de um rebrilhante cinto. Mas agora somente ouço Seu rugido melancólico, longo, retirado, Retrocedendo, para o hálito Dos ventos noturnos, descendo pelas beiradas vastas E pelos recantos desnudos do mundo.

Ah, amor, sejamos verazes

Uns com os outros! pois o mundo, que parece Jazer diante de nós, como uma terra de sonhos, Tão variegado, tão belo, tão novo, Na realidade não tem alegria, nem amor e nem luz, E nos achamos aqui como em uma planície escura, Varrida de alarmas confusos de luta e fuga, Onde exércitos ignorantes se chocam à noite.

(Matthew Arnold)

★★★

não somente o corpo, o qual é apenas um veículo da alma; que os verdadeiros valores são espirituais; que os valores físicos, as vantagens da terra, como a fama, seus confortos, etc., são apenas brinquedos para as crianças espirituais. Seu «bater» também nos diz que Cristo é o alvo de toda a existência, e que os esforços humanos devem visar a esse alvo; que a transformação segundo a sua imagem, para compartilharmos de sua própria natureza, da plenitude de Deus (ver Ef. 3:19 e Col. 2:10) e da própria «natureza divina» (ver II Ped. 1:4), é o direito de primogenitura do homem, porquanto o Cabeça federal do homem, o Filho de Deus, que é o Caminho e o Pioneiro do caminho, é o destino do homem. Aquilo que Cristo é, nisso nos podemos tornar, pois há certa comunidade de natureza na família divina (ver Heb. 2:10). O «bater» de Cristo diz-nos que a mesma glorificação que ele tem é também a nossa, e isso mui literalmente (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29,30). Isso nos revela que há uma infinitude com que teremos de ser cheios, o que significa que haverá um enchimento infinito. Também revela-nos que ele deseja aumentar os limites de sua habitação, que não pode haver limite para a altura em que subir o telhado e nem para as dimensões em que as paredes se expandam. (Quanto a uma descrição completa sobre esses conceitos, completados com vários poemas ilustrativos, ver as notas expositivas em Col. 2:10).

Esse «bater» diz-nos que nos devemos esvaziar a nós mesmos do próprio «eu», se quisermos desfrutar de comunhão com Cristo, visando à nossa restauração e infinita transformação.

«Aquele que é rico veio à habitação dos pobres, desvendando o seu amor e procurando receber outro tanto; também não se retirava ele de quem o repelia, e nem se sentia desgostoso com a insolência; antes, buscando-o, ficou assentado à sua porta, e, para mostrar-lhe seu amor, fez tudo, entristeceu-se, suportou tudo e morreu». (Nicolaus Cabasilas, místico grego do século XIV).

«...*ouvir a minha voz...*» O porta-voz dos céus, a linguagem do amor, o murmúrio convincente, o apelo eloquente, a voz da consciência, o reflexo da divindade, a convicção da alma, triunfante sobre a incredulidade, o impulso do divino do ser humano, o infinito no finito, que diz: «Este é o Caminho. Segue-me». A voz de consolo, que tranqüiliza às tempestades íntimas da agonia e da dúvida carnisais. A fagulha da intuição ou da razão, que assegura: «Este mundo nada é. Deus é grande».

Essa é a voz do Bom Pastor, que conduzirá as ovelhas às pastagens de sua comunhão transformadora. (Ver o décimo capítulo do evangelho de João).

Cristo tanto bate à porta como fala. «Com grande freqüência, a voz interpreta e torna inteligível o propósito do bater». (Trench, *in loc.*). Ele nos diz: «Filho meu, dá-me teu coração».

#### A Voz Divina

A voz de Jesus, Cabeça e Alvo do homem, buscando, tranqüilizando, A voz da Deus, severa, convidando, insistindo, A voz do Espírito, pleiteando suavemente, persistindo, A voz no íntimo, insistente, convencidora, convincente.

Todas essas são uma só Voz, que exige que se faça uma escolha.

Essa voz, que conheço há muito, ora dentro, ora fora, Algumas vezes a ela cedo, ou então rejeito em dúvida cega; Mas nunca sou abandonado e nem ignorado por esse testemunho inexorável, Nunca deixado no meu estado de fraqueza tão deplorável. (Russell Champlin, ao meditar sobre Apo. 3:20)

«...*abrir a porta...*» Em outras palavras, se alguém ceder à insistência da voz e do «bater» de Cristo à porta, permitindo que o poder transformador de Cristo opere sobre a alma, o que conduz ao arrependimento e à santificação, e, finalmente, à glória, na medida em que o crente for sendo transformado segundo a imagem do Filho de Deus. Esse é o exercício da vontade humana, recebendo os benefícios que se derivam de Cristo na vida.

«...*entrarei em sua casa...*», ou seja, na vida do indivíduo, em sua alma, tendo em vista transformar o crente segundo a imagem de quem falava, mediante a comunhão espiritual. Por semelhante modo, Cristo quer «entrar na igreja», porquanto essa é a sua casa, usurpada por homens mornos, sem zelo espiritual. Cristo entra na casa, a fim de assentar-se à mesa do banquete, porquanto esse é um dos símbolos de amizade e companheirismo.

«...*cearei com ele e ele comigo...*» No Oriente, a participação em uma

refeição comum era prova de confiança e afeto. Os leitores originais do livro teriam entendido bem o simbolismo dessa linguagem. A igreja, morna e apóstata, é restaurada à confiança e ao afeto, passando a comungar com o Cristo—bênçãos essas que perdera, por causa de suas lealdades anticristãs. Essa alusão, como o restante deste versículo, aplica-se a toda e qualquer época e indivíduo, embora haja aqui uma definida referência escatológica. O banquete efetuado no reino é símbolo de comunhão e bem-estar eternos em Deus. Isso pode ser comparado ao trecho de I Enoque 62:14, onde se lê: «E o Senhor dos espíritos habitará sobre eles, e com o Filho do homem comerão, e se deitarão e se levantarão para sempre e sempre». Outro tanto se verifica em Ber. 17a: «No mundo vindouro não haverá comer e nem beber... mas os justos... encontram seu deleite na glória da Shekina». Esta última citação faz o conceito do banquete (esclarecido como algo que não é literal) significar o deleite na glória da presença de Deus. O reino é o grande banquete celeste, a festa de casamento. (Ver Marc. 14:45 e seus paralelos quanto a esse uso nos evangelhos, e também em Apo. 19:7). O trecho de Luc. 12:36 e ss. contém um aviso referente à «prontidão», o qual usa a figura de um senhor, que chega em casa, vindo de uma festa de casamento, e bate à porta, para entrar em casa, esperando que seus servos lhe abram a porta imediatamente.

*Todos podem da Ti participar:*

*Nada pode ser tão ruim*

*Que com essa tintura (por tua causa)*

*Não faça brilhar e limpa.*

*Um servo, com essa cláusula,*

*Torna divina a escória:*

*Quem varre um quarto, quanto às tuas leis,*

*Torna isso e suas ações todas excelentes.*

*Essa é a famosa pedra*

*Que a tudo torna em ouro:*

*Pois aquilo que Deus toca e possui,*

*Não pode ser considerado menos que isso.*

(George Herbert, *The Ellixir*)

O toque da comunhão divina, em Cristo, é o *elixir* que transforma a escória em ouro. Recebemos esse *elixir* na mesa do banquete de Deus.

*Eis que a Noiva vem, no meio da noite,  
Bendito aquele cujo cinto está apertado, cuja lâmpada brilha;  
Mas ad do servo preguiçoso, surpreendido pelo Senhor,  
Com a lâmpada por apagar, apagada, e com sono nos olhos.*

*Outras idéias sobre o vigésimo versículo:*

1. A referência escatológica é óbvia em todo este versículo. Cristo está à porta, e sua vinda se dará em breve. (Ver Marc. 13:29 — certos sinais

antecedem à sua vinda, indicando que sua volta está próxima, às portas).

2. O apelo de Cristo, exibido no vigésimo versículo, faz contraste com as suas severas advertências de juízo. O julgamento divino é uma medida de amor, é o dedo da mão amorosa de Deus. Vem da parte daquela que é manso e humilde de coração; daquela que possui bondade ilimitada, apesar de seu poder ilimitado. Trata-se do apelo feito pelo amor anelante, pela preocupação mais profunda.

*«...e debaixo dela me assento;*

*e o seu fruto é doce ao meu paladar.*

*Leva-me à sala do banquete,*

*e o seu estandarte sobre mim é o amor.*

(Cantares de Salomão 2:3,4).

3. Mediante a moderação, a paciência e o entranhamento dos apetites carniais, algum dia o homem será participante do banquete divino. Assim também diz Epicteto, *Enchir.* xv.1 «...mas se não tocarem em nenhum dos pratos postos à tua frente, e realmente os abominarem, não amente beberem juntamente com os deuses, mas também será um governante junto com eles». Os crentes da igreja de Laodiceia, se chegassem a rejeitar as riquezas terrenas corruptoras, bem como às razões que os prendiam a tais riquezas, poderiam sentar-se no banquete, juntamente com Deus, em seu reino.

4. «O fato de Cristo estar em pé, diante dessa porta, expressa três coisas: a. Cristo não se acha no coração dos crentes mortos; b. Cristo reconhece o direito que a pessoa morna tem de deixá-lo do lado de fora; c. Cristo faz um assalto positivo contra a prisão que faz parte inerente do abuso da liberdade». (Lange, *in loc.*)

5. «Ordinariamente, o convidado cesa com quem o admite em casa; mas aqui o Convidado divino torna-se também o hospedeiro, pois ele é o Pão da vida, aquele que oferece a festa de casamento. Aqui, uma vez mais, ele alude a Cantares 2:3 e 4:16, onde a Noiva o convida a «comer frutos agradáveis», tal como a princípio ele é que preparara um banquete para ela». (Fausset, *in loc.*)

6. Este versículo ensina claramente a realidade do livre-arbítrio humano. O Convidado celeste pode ser rejeitado, sendo-lhe negada a admissão. (Ver as notas expositivas em I Tes. 2:4 quanto a um sumário sobre esse tema).

7. Há declarações do Senhor Jesus que ilustram a verdade da reciprocidade. Este versículo pode ser confrontado com trechos como João 6:56; 10:38; 14:20; 15:4,5 e 17:21,26.

8. *A Porta do arrependimento.* No Talmude *Shir Hashrim Rabba*, fol. 25.1, encontramos as seguintes palavras: «Deus disse aos israelitas: Meus filhos, abri para mim a única porta do arrependimento, tanto quanto o fundo de uma agulha, e abrirei para vós portas mediante as quais reaes e gado de chifre poderão passar». Em *Sohar Levit.*, fol. 8, col. 32, temos: «Se um homem ocultar o seu pecado, não o abrindo diante do Rei santo, embora peca misericórdia, a porta do arrependimento não lhe será aberta. Mas, se abri-la diante do Deus santo e bendito, Deus o poupará, e a misericórdia prevalecerá sobre a ira; e quando ele lamentar-se, embora todas as portas lhe estivessem fechadas, contudo ser-lhe-ão abertas, e a sua oração será ouvida».

Cristo também é um Rei-Sacerdote (ver Heb. 7:1-3). Nós, por compartilharmos de seu destino, também teremos essa característica.

«...com meu Pai no seu trono...» O autor sagrado tem o cuidado de mostrar que todo o poder e toda a autoridade régia repousa, em última análise, em Deus Pai, em quem também se originam. Sim, lembremo-nos que está em foco Deus Pai. Portanto, encontramos aqui o ensino que a autoridade real de Cristo é por ele possuída como Filho, e que a nossa será possuída na qualidade de filhos de Deus. (Ver as notas expositivas, em João 8:42, quanto à «paternidade» de Deus). O primeiro capítulo da epístola aos Efésios, mais que qualquer outro capítulo isolado do N.T., demonstra que as bênçãos eternas que são dadas aos homens, procedem da parte de Deus como Pai. Todas as bênçãos celestiais que poderiam ser enumeradas foram dadas pelo Pai ao Filho, e, por intermédio deste, aos filhos. Essa é a relação que tudo permeia, e que sustentamos com Deus.

*Aplicações locais e futuras:* Os laodicenses históricos participaram do culto imperial. Desta maneira, perderam o direito de reinar com Cristo. Aquele que for sábio e forte o bastante espiritualmente, fará oposição ao culto do anticristo. Este reinará com Cristo.

Os laodicenses antigos davam seu poder ao trono do imperador, mas não podiam dele compartilhar. Os laodicenses futuros darão seu poder ao trono do anticristo, mas não compartilharão do seu trono. Para os que sobrepujarem, um lugar ao lado de Deus em seu trono é prometido. Eis a escolha! a escolha é sempre nossa. Compartilhar do trono de Deus: Esta é a glória eterna. Nenhuma imaginação ou descrição humana pode tocá-lo.

«A promessa de que participaremos do trono é o clima de uma série ascendente de gloriosas promessas, que fazem subir o pensamento desde o jardim do Éden (ver Apo. 2:7), através do deserto (ver Apo. 2:17), do templo (ver Apo. 3:12) e daí até o trono. A promessa se reveste de notável semelhança com a linguagem do apóstolo Paulo aos crentes de Éfeso (ver Efé. 2:6). Essa promessa coroadora foi feita à mais repelente das igrejas do Apocalipse. Mas é apropriado que o desânimo, que com freqüência se verifica após o súbito colapso das imaginações auto-satisfeitas, pudesse ser agraciado com tão brilhante possibilidade. Apesar da religiosidade deles ter sido exibida como uma coisa oca, transparece uma esperança que bem pode espantar o desespero. O lugar mais elevado está ao alcance do mais baixo; a mais débil fagulha da graça pode ser transformada na mais poderosa chama do amor divino». (Carpenter, *in loc.*)

*Outras idéias sobre o vigésimo primeiro versículo:*

1. «A assembléia que, bem há pouco, fora por Cristo ameaçada de ser cuspidá de sua boca, agora recebe a promessa de um assento juntamente com ele, em seu trono». (Fausset, *in loc.*)

2. «Na qualidade de Vitorioso é que ele chama a si e a mim. É também quando um santo compartilha da vitória de Cristo, mediante a fé, que pode tornar-se um vitorioso! É conforme Cristo advertiu no cântico: 'No mundo passeis por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo' (João 3:18). Ele

21 ὁ νικῶν δώσω αὐτῷ καθίσαι μετ' ἐμοῦ ἐν τῷ θρόνῳ μου, ὡς καὶ γὰρ ἐνίκησα καὶ ἐκάθισα μετὰ τοῦ πατρὸς μου ἐν τῷ θρόνῳ αὐτοῦ.

31:21: *Az que vencer, eu lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono.*

A promessa feita à igreja de Tiatira (ver Apo. 2:26) é essencialmente idêntica, embora sem a elaboração que o trono do Pai será compartilhado pelo Filho e pelos filhos de Deus. (Ver também Apo. 20:4). Os «mártires» reinarão com Cristo, durante o milênio. Mas essa promessa é tão ampla que significa que todos os crentes fiéis participarão dela em alguma medida, e que também «reinarão na eternidade», pois receberão posições de autoridade muito superiores às dos mais elevados arcanjos, dentro da economia eterna de Deus. Os remidos serão exaltados e transformados em seres muito mais elevados que os arcanjos. O nosso destino é muito mais elevado que o dos anjos, e não apenas igual ao deles, pois tudo quanto Cristo é e tem nos será dado. Essa questão de «reinar-mos com ele» é um dos aspectos de nossa glória futura, quer no milênio, quer no estado eterno. O «reino» também será sobre todo o mal, sendo instaurado o bem-estar espiritual, porquanto será o reinado da alma, em harmonia com Deus, livre de toda a hostilidade, e não meramente uma posseção literal e uso de poder. Trata-se de poder no ser, na expressão, sobre tudo quanto é mau e prejudicial.

«...vencedor...» Essa é uma palavra comum em todas as cartas do Apocalipse. Aquele que vencer é aquele que der ouvidos às advertências e promessas dessas cartas, exercendo o poder de sua percepção espiritual (ouvidos que ouvem), agindo de acordo com o que ali é dito. Portanto, na presente carta a Laodiceia, o «vencedor» é aquele que mostrar-se zeloso, arrepender-se e abandonar sua mornidão espiritual, que admitir o Cristo transformador em sua vida, abrindo-lhe a «porta» (ver o versículo anterior).

«...dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono...» O livro de I Enoque conta com certo número de referências similares a esta. O Eleito, o Messias, assentar-se-á em seu trono de glória (ver I Enoque 45:3; 51:3 e 55:4). Isso também pode ser comparado aos trechos de Col. 3:1; Heb. 1:8 e Fil. 2:9-11 (Cristo está agora entronizado). E nas passagens de Mat. 19:28; 25:31 e Luc. 22:29 vê-se que Cristo será entronizado por ocasião de sua «parousia» ou segunda vinda. Os crentes reinarão juntamente com Cristo (ver Apo. 2:10,26; 3:21 e 20:4). A «coroa» que os crentes esperam é uma «coroa real», e não meramente a do vencedor de uma competição esportiva. No livro *Ascensão de Isaias*, os santos aparecem recompensados com coroas e tronos. Em I Enoque 108:12, vemos os santos entronizados. Assim é que os doze apóstolos se assentarão em doze tronos, a fim de julgar às doze tribos de Israel. Conforme podemos ver, o conceito é perfeitamente comum. Deve ser aceito literalmente, pelo menos em parte, porquanto os crentes obterão posições reais de autoridade e governo. Mas, acima de tudo, a questão é essencialmente mística. Reinarão em seu próprio ser, tão grande será o seu poder e a sua glória. Tornar-se-ão seres dotados de poder que desafia a imaginação, muito superiores aos anjos; por assim dizer, serão todos reis. Serão reis-sacerdotes. (Ver Apo. 1:6 e as notas expositivas ali existentes).

também triunfou sobre Satanás e todas as suas hostes, no Calvário, tendo-nos oferecido o benefício daí derivado (ver Col. 2:14,15; Heb. 3:14,15). "...e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (I João 5:4) (Newell, *in loc.*).

3. Essas cartas do Apocalipse exibem muitas ameaças: mas agora tudo culmina na grandiosa promessa da glória futura e do poder espiritual. E para lá que o Espírito Santo deseja guiar a Igreja; e é para ali que ela irá, eventualmente. O senhorio de Deus nos garante isso. Se os crentes de Laodicéia podem obter tal vitória, certamente todos poderão obtê-la.

4. Os laodicenses, em sua abundância material, exerciam poder. Mas isso nada significa, realmente, e os poderes celestiais zombam de tal coisa.

5. Os tronos, nos países orientais, eram largos bastantes para neles se assentarem mais de uma pessoa. O trono aqui mencionado, entretanto, apesar de ser um só, será ocupado pelo Pai, pelo Filho e pelos filhos de Deus, uma promessa de significação prodigiosa.

6. «Essa é a pior das sete Igrejas; no entanto, as mais notáveis promessas são

22 ὁ ἔχων οὖς ἀκουσάτω τί τὸ πνεῦμα λέγει ταῖς ἐκκλησίαις.

Essa declaração figura em todas as sete cartas do Apocalipse. (Há notas expositivas a respeito, em Apo. 2:7). Os «ouvidos» são a sensibilidade espiritual que dá acolhida às instruções divinas e aplica as mesmas à vida diária.

«...igrejas...» Notemos aqui o plural. Todas as advertências, instruções e promessas, dadas a todas as igrejas, nas sete cartas, também se aplicam às igrejas locais de qualquer século. No dizer de Rist (*in loc.*): «Assim a coletânea inteira torna-se verdadeiramente universal em seu caráter, e bem poderia ser considerada como uma encíclica dirigida à igreja toda... Nessas cartas, o autor revela claramente o seu propósito, ao escrever este livro: sua intenção óbvia era encorajar e fortalecer aos crentes que tiveram de enfrentar a possibilidade de perseguição e morte, por causa de sua fé religiosa; fortalecê-los por promessas de recompensas, que ultrapassam a imaginação humana, paralelamente a advertências de punição, contra os débeis e apóstatas, de tal modo que mui voluntariamente se tornassem mártires, ao invés de cederem, no que quer que fosse, às exigências das autoridades romanas, que queriam que exibissem sua lealdade ao império, adorando a seus governantes. Todas as promessas, na conclusão de cada carta, visam os vencedores, isto é, os mártires em potencial. Acerca disso, não toleremos qualquer dúvida. Outrossim, a maioria—se não mesmo todos—das promessas, feitas no corpo de cada uma das cartas, visa esse mesmo grupo de crentes. Por essas e outras razões, o livro de Apocalipse com boa razão tem sido chamado de 'manual de treinamento de mártires'. Que essas cartas devem ser tratadas como uma porção integral do livro inteiro é algo demonstrado pelo fato que a maioria das promessas ali contidas, mais tarde, particularmente nos últimos capítulos do livro, são aludidas como promessas cumpridas».

Essas declarações:

#### Capítulo 4

V. Visão de Apresentação dos Selos (coisas que serão — 4:1- 22:21).

1. A visão do trono de Deus (cap. 4).

Não há acordo geral quanto ao arranjo das profecias do Apocalipse, a começar pelos «selos» do sexto capítulo. Alguns estudiosos pensam que os selos envolvem a inteireza das profecias, e que as «trombetas», «taças», etc., seriam apenas detalhes do que é dito nos selos. Outros pensam que as trombetas e as taças são visões paralelas (uma terrena e outra celestial) dos mesmos acontecimentos, o que se repetiria no caso dos selos e dos anjos. Ainda há aqueles que encaram o livro de Apocalipse como um desdobramento gradual de juízos sucessivos, de tal modo que os selos, as trombetas, as taças, etc., representariam ou sucessivos estágios da história humana, ou sucessivos julgamentos do período da Grande Tribulação. Também há aqueles que não percebem qualquer significação «histórica» ou «profética» no Apocalipse, crendo que se trata de um livro de símbolos místicos, que devem ser interpretados simbólica, moral e espiritualmente, sem nenhuma preocupação em vinculá-los a acontecimentos históricos. Na introdução ao livro, em sua seção X, apresentamos uma análise do conteúdo, com «conceitos» de arranjo. Na seção XII desenvolvemos um estudo sobre «Conceitos e Métodos de Interpretação».

Mas, sem importar o que pensemos acerca do arranjo e do significado das predições, que começam no sexto capítulo, quando foi aberto o livro selado, o certo é que os capítulos quarto e quinto apresentam visões introdutórias. No quarto capítulo somos levados diante do trono de Deus, de onde procederão todas as demais predições. Deus ali é visto como o Senhor, digno de receber honraria, glória e todo poder, incluindo o poder sobre a terra, que foi usurpado pelas forças malignas. Todas as coisas foram criadas por ele, para seu prazer, e os juízos descritos neste livro de Apocalipse restaurarão a ele o poder terreno, por meio de Cristo. Este quarto capítulo, pois, essencialmente é a visão de Deus Pai. Já o quinto capítulo focaliza o Cristo, juntamente com o livro que contém as profecias que estavam prestes a ser reveladas. Antes que possamos começar a entender a significação dessas predições, precisamos perceber que a intervenção divina e os poderes divinos, é que possibilitarão tal coisa. É isso que os capítulos quarto e quinto do Apocalipse procuram revelar para nós.

No presente, por assim dizer, Deus e Cristo estão muito distantes da terra. Pelo menos, não fazem intervenção direta em seus negócios, mas permitem que os homens cometam os seus erros, a fim de que possam aprender que o homem não foi criado a fim de viver sem Deus, e quando tenta fazer tal, torna-se ateu em sua conduta, sem importar qual seja o seu credo. Disso pode resultar somente o desastre, com a eventual necessidade de reconhecer o senhorio de Deus, e de que toda a autoridade foi deixada em suas mãos. Porém, apesar de aparentemente indiferente para com a sorte presente do homem, o Senhor não se divorciou de sua criação. Tem a situação sob seu controle; o desastre e o caos do mundo são instrumentos, usados por Deus, para trazer os homens de volta a si mesmo, por fim. Enquanto Deus estiver nas sombras, as forças malignas, seres estranhos à terra, mas dotados de poder sobre ela, continuarão cativando e controlando os homens, embora nunca sem o consentimento deles. Os homens precisam aprender a lição difícil que a lealdade a tais seres, o que é feito mediante ocultivo da iniquidade na vida diária, transforma-se em horrenda servidão. Mas, uma vez que aprendam essa lição, com alegria passarão a ser leais a Deus. Será mister longo tempo para conseguir isso, pelo que também o processo histórico, que visa ensinar aos homens a lealdade da alma, é grandemente prolongado. Finalmente, porém, os homens verão que o caminho de Deus é melhor, e que a única alternativa é a servidão abjeta ao mal.

Deus não é inconsciente para com a sorte da humanidade, e sem dúvida isso se dá sobretudo no caso dos crentes que são perseguidos e martirizados, nas selvas da existência humana, que se instaura quando a maldade governa. E nem Deus é incapaz de fazer intervenção. O livro de Apocalipse contém a revelação que, eventualmente, Deus fará intervenção. Os capítulos quarto e quinto desse livro foram escritos a fim de assegurar-nos que essa intervenção não demorará a ocorrer, e que nenhum poder, nem

feitas a ela, mostrando que os piores podem arrepender-se e, finalmente, podem tornar-se vitoriosos, atingindo aos mais elevados estados da glória». (Adam Clarke, *in loc.*).

7. «Ficamos perplexos ante a magnificência da proposta» (Seiss, *in loc.*).

8. O texto subentende a «ocupação» que teremos na eternidade: muito haverá para ser feito, muito para ser tentado e realizado; e isso só poderá ser feito por seres de estatura imensa, a saber, aqueles que compartilharão do próprio tipo de natureza e vida de Cristo.

9. Cristo é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, e a sua glória deve operar em mim e manifestar-se por meu intermédio.

Implanta tal coração em mim,

Para que a fé, a esperança e o amor ali floresçam,

Até que, por minha cruz, eu use a COROA!

3:22: Quem tem ouvidos, ouça e que o Espírito diz às igrejas.

1. Visam a todos os membros de igreja.

2. Mas só podem ser postas em prática pelos que possuem discernimento espiritual, por aqueles que buscam o mesmo, de tal modo que ponham em prática o que é ali recomendado.

3. Procedem elas do «Espírito», porquanto foi ele quem as proferiu; por conseguinte, só podem ser discernidas espiritualmente, por serem imperativos divinos.

4. O significado dessas declarações transcendem ao que é terreno e presente: fornecem-nos um vislumbre da glória futura, quando já estivermos em nossos corpos imortais; e oferecem-nos a participação nas mais tremendas realidades espirituais.

5. Essas mensagens foram dirigidas à «comunidade religiosa», coletivamente; porém, também se aplicam a cada indivíduo.

6. Essas mensagens são de natureza profética; mas cada período da história eclesial, ali retratado, repete-se de certo modo em cada século da era cristã.

7. Essas cartas fazem parte do N.T., o maior documento que já foi escrito, mediante a operação, pelo homem e para o homem. Como tais, merecem a nossa atenção.

«Caros amigos, que se passa conosco? Até que ponto essas sagradas cartas de nosso Senhor nos têm servido de doutrina, repreensão, correção e instrução na justiça? Já nos temos demorado demais em anuir a essas solenes comunicações de Jesus às suas igrejas. Temos dado a eles um ouvido reverente e um coração atento? Multifísimas verdades preciosas, como pérolas descidas dos céus, nos têm encontrado no caminho. Temo-nos valido delas, conforme chegam a nós, apropriando-nos delas, para o enriquecimento de nossas almas?» (Seiss, *in loc.*).



mesmo o de Satanás, o arcanjo do mal, pode impedi-la.

O vidente João, que até há pouco estivera ocupado com uma visão da terra — sobre a longa história da igreja, em suas lutas e vitórias, em seu desespero e triunfo, em suas advertências e promessas — agora volta sua atenção para os próprios céus. Para trás fica a atmosfera turbulenta que nos circunda, e entramos em uma esfera de paz e segurança perfeitas. Aqui não há alarmas e nem sustos provocados por adversários. Temos penetrado no infinito, e o infinito nos concede esperança acerca da renovação e salvação do que é finito, com sua absorção nas mais elevadas esferas da existência.

*Santo, santo, santo é o Senhor Todo-Poderoso,  
Que era, que é e que há de vir.*

A eternidade de Deus e seu senhorio asseguram-nos que, a despeito de todas as evidências em contrário, «Deus continua entronizado, e, por fim, tudo irá bem à face da terra».

A Igreja figurando no Apocalipse, depois do trecho de Apo. 4:1? Alguns intérpretes modernos crêem que a passagem de Apo. 3:10 assinala o fim da verdadeira igreja sobre a terra, porquanto ela será «arrebataada» e transferida para os céus, deixando na terra a igreja apóstata. De acordo com esse ponto de vista, as palavras de Apo. 4:1, «*Sobe para aqui...*», indicam o «arrebataamento», da verdadeira igreja. E que então, nos capítulos quarto a décimo nono, quando achamos a palavra «santos», ou qualquer indicação de estarem em foco «crentes» sobre a terra, automaticamente estão em foco ou «israelitas», ou, talvez, não-judeus, na igreja professa que se converterá após o arrebataamento; e que talvez isso venha a suceder justamente «por causa do arrebataamento», pois todos saberão o que terá sucedido, e esse conhecimento impelirá muitos a se reconciliarem com Deus. Naturalmente, a maior parte da igreja moderna se opõe a esse ponto de vista, e com razão, segundo cremos. Pois não havia tal idéia na igreja antes dos irvingitas, em 1830, os quais passaram a fazer a distinção entre o «arrebataamento» (a «parousia», no que tange aos crentes) e a «segunda vinda para julgar» (a «parousia», no que tange aos incrédulos). O tema inteiro do arrebataamento e da segunda vinda de Cristo é tratado nas notas expositivas sobre I Tes. 4:15. (Ver também Apo. 3:10). A posição do presente comentário é que o apóstolo Paulo, nos capítulos quarto e quinto de sua primeira epístola aos Tessalonicenses, não faz nenhuma «distinção de tempo», dentro da «parousia», no que se aplica aos crentes e aos incrédulos, ainda que, como é óbvio, a «parousia» estabeleça diferenças sobre o que sucederá a uns e a outros. A criação dessa distinção temporal, pois, é artificial, nunca tendo sido ensinada por Paulo.

Além disso, não perceber a «igreja» nos capítulos quarto a décimo nono do Apocalipse, é ignorar totalmente o «fundo histórico» sob o qual o livro de Apocalipse foi escrito. Este livro foi escrito a fim de guiar e consolar a igreja que «sofia perseguições», a saber, a de Roma, e, particularmente, no tempo de Domiciano, e, por antecipação, no tempo dos sucessores desse imperador. Esse livro não foi escrito a fim de consolar a Israel, e nem para instruir algum remanescente recém-convertido da igreja, a qual igreja, de forma geral, tivesse apostatado. Portanto, o vidente João escreveu «para a igreja», e essa igreja se faz bem presente nos tumultos dos capítulos quarto a décimo nono. O livro de Apocalipse tem sido descrito como um «manual dos mártires», para encorajá-los a se manterem firmes, e para servir de guia para eles. E isso envolve «mártires cristãos», e não mártires do judaísmo, embora o aspecto profético do livro também inclua mártires cristãos vindos do judaísmo, porquanto a tribulação será o tempo da *tribulação de Jacó*. Em seu aspecto profético, entretanto, vemos os mártires cristãos nesses capítulos, o quais, à semelhança de seus pais espirituais, dos tempos romanos, terão de enfrentar o pior de todos os terrores, o anticristo, em um mundo completamente enlouquecido.

Repetimos, pois, que negar que a igreja cristã está presente nos capítulos quarto a décimo nono do Apocalipse, é ignorar o propósito inteiro pelo qual foi escrito este livro — consolar os mártires cristãos em potencial. Pois o livro foi escrito para uma igreja «opressa pela perseguição». Nos últimos dias, o livro se aplicará novamente, e de maneira direta, a crentes perseguidos. Alguns desses crentes serão protegidos do caos que haverá (conforme se vê na promessa de Apo. 3:10), tal como foram protegidos alguns crentes primitivos, das perseguições movidas pelos romanos. Porém, a igreja em geral será purificada por essa Grande Tribulação, e a pior e mais horrenda de todas as perseguições religiosas, em todos os tempos, será desfechada pelas forças satânicas, que circundarão o anticristo. Essa perseguição será contra «todos os cristãos», e não será sofrida por algum grupo seletivo da cristandade, ainda que muitos apóstatas se reunirão ao culto que se desenvolverá em redor do anticristo. Naqueles dias, as barreiras antigas e artificiais, que agora separam os cristãos em denominações, desaparecerão; e tornar-se-á evidente quem tem, realmente, a Cristo, como seu Senhor. Nossas denominações não estabelecerão tal distinção. Serão reconhecidas as almas que realmente se encontraram com Cristo, e não aquelas cujo intelecto aceitou um credo.

*Não o que, mas em Quem eu creio,  
Isso, nas horas negras da necessidade,  
Envolve um consolo como nenhum credo mortal,  
Ao homem mortal, pode dar —  
Não no quê, mas em Quem!  
(John Oxenham).*

4 Μετὰ ταῦτα εἶδον, καὶ ἰδοὺ θύρα ἡνεωγμένη ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἡ φωνὴ ἡ πρώτη ἣν ἤκουσα ὡς σάλπιγγος λαλοῦσης μετ' ἐμοῦ λέγων, Ἀνάβα ὧδε, καὶ δείξω σοι, ἃ δεῖ γενέσθαι μετὰ ταῦτα.<sup>a</sup>

<sup>a</sup> 1-2 a nota, a maior: TK Bv Nw BF<sup>1</sup> AV BV ASV RSV NEB TT Zdr Luth Jer Bag //, a maior, a nota: WH RV=a ASV=a

4 1 Ἀνάβα ὧδε Es 19:30, 34 δειξέτω... γενέσθαι Dn 2:28, 29, 45; Rn 1:1, 19

1 λαλοῦσης] -σαν K g I Prim [(γενέσθαι μ. ταῦτα.) γινέσθαι. μ. ταῦτα I vg<sup>pe</sup> Ambr Hier; R<sup>m</sup>)

4:1. Depois destas coisas, eis, e eis que estava uma porta aberta no céu, e a primeira voz que ouvi, voz como de trombeta, falando comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.

«...Depois destas coisas...» Essa frase, reiterada no fim deste versículo, é meramente um artifício literário para que nos localizemos no livro. Após ter recebido as cartas às sete igrejas, por meio de ditado, e que ocupam os capítulos segundo e terceiro deste livro, então o vidente João recebeu essas visões celestiais, pois sua atenção foi desviada da terra para os céus. Não devemos aceitar essas palavras de modo «místico» ou «profético», como se elas quisessem dizer: «após o fim da era da igreja». Antes, o que se segue — capítulos sexto em diante, que formam o âmago do Apocalipse — é o que terá de ocorrer no estágio final da era da igreja, mas ainda dentro dessa era. Notemos que, em Apo. 7:9, as mesmas palavras são usadas meramente para introduzir uma nova visão. É apenas isso que se verifica aqui, a introdução de uma nova visão; e não a introdução de uma nova fase histórica, como se a igreja não mais estivesse em foco.

Abaixo apresentamos os argumentos, baseados neste versículo e no trecho subsequente, que favorecem a idéia do «arrebataamento da igreja antes da Grande Tribulação», bem como a refutação desses argumentos:

1. Alguns dizem que as palavras *Depois destas coisas* equivalem a

«Depois da era da igreja». Entretanto, a expressão grega, «*meta tauta*», ou sua forma singular, «*meta touto*», é apenas a maneira do autor sagrado introduzir novas seções ou novas visões, sem qualquer significado profético ou místico especial. Isso é facilmente confirmado mediante a simples leitura dos versículos em que tais palavras ocorrem. (Ver Apo. 7:1, no singular; 7:9, no plural; 15:5; 18:1 e 19:1). Por isso é que Vincent (*in loc.*), diz corretamente: «Literalmente, 'após essas coisas'. Não se indica aqui qualquer interrupção no estado de êxtase do autor sagrado, mas apenas uma sucessão de visões separadas».

2. *Uma porta foi aberta*: Segundo dizem alguns, juntamente com a «entrada» de João nessa porta mística, que lhe revelou o trono, foi-se com ele «a igreja inteira». Essa interpretação exige de nós que aceitemos muita coisa, sem a menor evidência. Tudo depende de uma mera teoria adrede aceita, que não nos é revelada no próprio texto. Essa teoria não é estipulada no texto sagrado, mas é forçada sobre o mesmo.

3. *A primeira voz*: agora fala ao vidente João. Essa voz, «anteriormente», falou-lhe «na terra», mas agora se dirige a ele «nos céus». Supostamente, pois, a «igreja» também está nos céus e ouve ali a voz de Cristo, e não sobre a terra. Porém, isso não passa de uma invenção engenhosa, baseada sobre uma teoria aceita «a priori», porquanto, de outra maneira, nunca se teria pensado nela.

4. A voz fala «como uma trombeta». Supostamente há nisso uma alusão ao trecho de I Tes. 4:16, à «trombeta de convocação», que antecederá ao arrebatamento da igreja. Essa conexão, porém, é *absurda*, porquanto por diversas vezes pode-se observar que o autor usa essa mesma expressão no Apocalipse, para indicar apenas que a voz era forte e autoritária. Não podemos interpretar isso escatologicamente. (Ver as notas expositivas sobre isso, em Apo. 1:10; e acerca dos anjos com as «trombetas», em Apo. 8:13 e 9:14).

5. As palavras «*sobe para aqui...*», supostamente, seriam uma «chamada para subir aos céus», dirigida à igreja. Mas é mais uma *provação* de fé, do que uma demonstração de fé, crer que o vidente João, que agora entrava nos céus mediante uma mera visão mística, representaria a igreja inteira, levada coletivamente para os céus. Não há qualquer indicação, no contexto, que é assim que se deve compreender a questão.

6. «*Mostrar-te-ei o que deve acontecer*». Neste ponto somos convidados a acreditar que somente porque o vidente João via questões «proféticas», que são expostas «depois das coisas relativas à igreja», e que figuram nos capítulos dois e três deste livro, que a igreja estará necessariamente «ausente», quando essas coisas futuras tiverem lugar. Muito pelo contrário, a igreja, através do vidente João, recebe visões sobre essas coisas, a fim de preparar-se para elas, suportando a perseguição romana e permanecendo fiel a Cristo. O Apocalipse foi escrito para uma *igreja sob perseguição*. Não foi escrito para quem não é a igreja, tendo a verdadeira igreja escapado da perseguição. O vidente João, pois, mostra que a igreja terá de atravessar tempos difíceis, preenchidos de perseguições e catástrofes. Por essa razão é que João escreveu este livro—a fim de advertir à igreja sobre tudo isso, chamando os crentes à constância e à esperança, em meio a dias incrivelmente adversos a eles.

7. Supõem alguns não haver qualquer menção à igreja, após Apo. 4:1. Mas a única razão que não é usada a *palavra* igreja, é que esta é chamada de *santos* ou de qualquer outro apelativo. Mas sem dúvida estão bem em foco os *mártires cristãos*, os quais terão de sofrer devido ao poder do anticristo, porquanto ao oferecer-lhes resistência, serão mortos. Por exemplo, pode-se verificar o «quinto selo», em Apo. 6:9 e ss., onde João escreve para guiar e consolar aos «mártires em potencial», sob Domiciano e seus sucessores. Não estaria em foco a igreja? Ver também Apo. 7:9 e ss., onde se vê que os mártires provêm de *todas as nações*, tribos, povos e línguas. Como poderia haver tão grande e difuso número de mártires, se não fossem eles membros da igreja cristã? Ora, isso ocorrerá antes da conversão da nação de Israel, pelo que mui dificilmente seriam «convertidos» do judaísmo. O vidente João já vira a perseguição de Nero, a fera. Sabia quantos cristãos haviam perecido à espada. E agora via o levantamento de Domiciano, chamado de «segundo Nero». Esperava um grande banho de sangue, e com toda a razão. Cria que surgiriam ainda outras perseguições, que seriam igualmente destruidoras, ou até mesmo mais, conforme se vê em Apo. 17:10 e ss. Portanto, à semelhança de Simão Pedro (ver a primeira epístola de Pedro), ele escreveu um livro que tem por escopo advertir, guiar e consolar aos mártires em potencial. Profeticamente falando, o livro de Apocalipse tem a mesma função—insuflar aos mártires dos últimos dias, que certamente serão «mártires» da igreja cristã.

Negar-se a ver a Igreja, após o terceiro capítulo deste livro, simplesmente porque ali não figura mais o vocábulo «igreja», não tem razão de ser. Os santos e os mártires cristãos se acham ali. Eles são a Igreja, e essa é a sociedade particular para a qual o livro de Apocalipse foi escrito. Ignorar isso é negar o propósito mesmo do livro de Apocalipse, o Manual dos Mártires. Esses são mártires devido à sua fé em Jesus, o Cristo; esses são a sua Igreja.

Acreditamos que a tribulação durará cerca de 40 anos, o número simbólico de provação, não meramente os sete anos tradicionais. Os sete anos podem constituir um período de sofrimento especial de Israel, dentre o tempo muito mais longo da tribulação geral. É possível que a igreja escapará a este curto tempo, mas antes sofrerá agonias às mãos do anticristo. Sobre isto não temos dúvida nenhuma. As notas apresentadas em I Tes. 4:15 entram detalhadamente no problema do «tempo» do arrebatamento da igreja.

«...e eis...» Essa palavra chama a nossa atenção para algo importante e excitante. (Ver o trecho de Apo. 3:20, em suas notas expositivas, quanto a esse uso do termo). João, o místico, esforça-se ao máximo para descrever bem a sua visão.

«...porta aberta...» O véu que oculta o mundo celeste foi temporariamente removido, como se fosse uma porta que se abre. O vidente João se refreia de fazer as descrições usualmente prolongadas e detalhadas do «mundo superior», tão comuns aos apocalipses, fornecendo apenas os pontos essenciais. Mais tarde, porém, haverá de falar sobre o «universo em três camadas»: o *hades* dentro da terra, que é o abismo; o *lago de fogo*, debaixo do *hades*; e os *céus*, no alto. João não alude ao complexo céu, em sete camadas, que era idéia comum entre os antigos, e nem se refere ao número indefinido de esferas celestes, inerente à descrição paulina acerca dos «lugares celestiais» (comentados nas notas expositivas de Efê. 1:3). E bem provável que, na realidade, o vidente João aceitasse a idéia de céus múltiplos, porquanto as suas fontes, como I e II Enoque, III Baruch, a Ascensão de Isaias e o Talmude (como o tratado em *Chagigah* 12b), todos contemplam a existência de «céus», e não apenas do céu, como palavra correta para descrever os mundos superiores, os habitantes celestes. Mas João conservou comparativamente simples as suas descrições. (Ver a introdução a este livro, na sua seção V, acerca da «Dependência Literária do Apocalipse»). Outrossim, agora ele vê os mais «altos céus», a localização do trono de Deus, pelo que não tinham motivos para injetar aqui o conceito de «céus». A teologia judaica normal afirmava que existem sete céus, e que o trono de Deus se acha no mais elevado deles. Alguns antigos, entretanto,

faziam de Deus um ser mais transcendental, não o localizando em qualquer esfera celestial em particular; antes, postulavam Deus acima de qualquer descrição local.

A pluralidade dos céus: (Ver Deut. 10:14; I Reis 8:27; Sal. 148:4; II Cor. 12:2,3; Efê. 1:3,20; Heb. 4:14 e 7:26). Em Apo. 12:12, João, aparentemente influenciado pelo trecho de Isa. 44:23, usa o plural. Os antigos pensavam que o céu era uma abóbada sólida, pelo que usavam a palavra «firmamento». Essa abóbada teria portas e janelas, permitindo passagem e comunicação. (Ver Eze. 1:1; Testamento de Levi 5:1; II Baruch 22:1; Marc. 1:10; Atos 7:56; 10:11 e Sal. 78:23). Não sabemos dizer se o vidente aceitava essa crença de maneira literal. Seja como for, ele não hesita em empregar sua terminologia, sem entrar em detalhes e sem dar explicações. Cada indivíduo é produto de sua época, pelo menos em parte, pelo que isso não nos deveria surpreender; e não é importante saber se o autor imaginava mesmo ou não a existência de uma porta «literal». A veracidade de sua visão não parece depender de seus símbolos secundários e de seus detalhes.

«...primeira voz que ouvi, como de trombeta...» Essa é a voz de Cristo, tal como em Apo. 1:10; que convoca João para receber uma nova e exaltada revelação. Em Apo. 1:10, João, «em Espírito», ou seja, em um «êxtase místico», recebeu sua primeira visão. (Ver as notas expositivas ali, quanto às variedades de visões e outras experiências místicas). A trombeta fala de uma poderosa convocação, uma notável intervenção nos pensamentos normais de João. Entre os israelitas, o toque de trombeta convocava à guerra, às festividades religiosas, às celebrações, à observância de feriados religiosos. O termo grego aqui empregado indicava, com mais frequência, a idéia de «trombeta de guerra»; mas isso não tem qualquer aplicação imediata ao versículo que ora consideramos.

«...sobe para aqui...» A teologia daquela época, ensinou que tudo quanto sucede na terra já foi conhecido nos céus, como que tendo sido escrito nas estrelas. Portanto, João sobe até ali a fim de obter uma *idéia prévia* do que sucederá à face da terra. Não sabemos até que ponto o vidente João aceitava essa crença. Mas a mesma não é importante, a final de contas, pois a teologia normal, bem à parte de idéias e interpretações antigas, admite que, «na mente de Deus», cujo lugar de habitação são os céus, tudo que sucederá aqui, já foi determinado ali; pois Deus vive fora do tempo e é onisciente, sem presente, passado ou futuro, conforme pensamos nós no tempo. Mui apropriadamente, pois, João penetrou nos céus para descobrir o que sucederia sobre a terra. Sua entrada foi na forma de êxtase místico, e não em forma corporal; isso seria impossível, pois qualquer forma física seria consumida na atmosfera rara de um lugar espiritual qualquer.

Nos livros pseudepígrafos e apócrifos do A.T., visões dos céus, semelhantes àquelas aqui apresentadas, retratam Enoque, Abraão, Isaias e outros personagens do A.T., como aqueles que subiram aos céus ou aos lugares celestiais, com o propósito distinto de receberem uma antevisão dos eventos que teriam lugar sobre a terra. Por essa razão, neste ponto, o vidente João faz sua visita celeste antes de escrever as suas predições. Os místicos dizem que o futuro assim previsto lhes é revelado como que em um arcabouço isento do elemento tempo. Pode parecer presente, ou mesmo passado, para eles. É significativo, pois, que o vidente João, apesar de ter visto eventos ainda futuros, escreveu no presente, no passado ou no futuro, com indiferença quase completa. Essa é uma das marcas da realidade e genuinidade de suas experiências místicas.

#### Outras idéias sobre o primeiro versículo:

1. *Diferentes pontos de vista.* O ponto de vista de um verme, o ponto de vista de uma ave, o ponto de vista do homem e o ponto de vista de Deus. É óbvio que cada um desses tem uma perspectiva diferente daquilo que vê, e que as criaturas têm uma perspectiva limitada. A perspectiva do vidente João ultrapassou à de um humilde verme, à de um pássaro que voa em grande altura, e até mesmo a perspectiva de um homem espiritualmente iluminado. Nas visões místicas, o crente é capaz de participar da visão divina das coisas. João, o vidente, entrou pela porta dos céus, a entrada para a eternidade. Cristo oferece essa experiência a todos quantos nele confiam.

2. *Visões dos céus.* Os leitores ordinários não têm consciência da multiplicidade de idéias, existente no N.T., com as muitas dependências literárias que há ali. Portanto, é surpreendente que os antigos creiam na pluralidade dos céus, e não em um único céu. Certamente esse também era o ponto de vista de Paulo, conforme se vê nas notas expositivas sobre Efê. 1:3. No Talmude, *Chagigah*, 12b, há a menção a *sete céus*. No terceiro é onde os moínhos moem o maná para os justos. No quarto temos a «Jerusalém celestial» (comparar com Apo. 21:10), o templo (ver Apo. 15:5 e ss.) e o altar (ver Apo. 8:3 e ss.), onde o grande príncipe, Miguel, oferece uma oferta. No quinto céu é onde se acham os anjos ministradores. No sexto, os seres superiores. E somente no sétimo é que haveria a presença imediata de Deus, embora sua presença, naturalmente, de alguma maneira permeasse todos os níveis celestiais, pois todos são sua casa, tal como o templo terreno (a casa de Deus) tinha diversos compartimentos de glória variada.

Naturalmente, não supomos que todas ou mesmo uma maioria dessas especulações concordasse com a verdade dos fatos, embora muitas evidências místicas salientem os «céus» como lugar de muitas esferas; e certamente esse era o ponto de vista do apóstolo Paulo.

3. A descrição do livro de *Enoque* é mais elaborada, e, até certo ponto, mais notável que a deste capítulo (ver Enoque XIV.9 e ss.). Ele viu o grande palácio de Deus, com suas muralhas circundadas de fogo, não podendo aproximar-se mais, devido ao seu resplendor. Portanto, observou-o à distância, através da porta, e viu um «elevado trono...» e de debaixo do grande trono saía fogo flamejante, de modo que eu não podia fixar os olhos ali. E a grande Glória estava ali sentada, e suas vestes rebrilhavam mais que o sol, e eram mais brancas que a neve». Finalmente, foi convocado por Deus para aproximar-se da cena de glória, mas não foi capaz de entrar ali. O Apocalipse de Baruch 1x.11 é similar à visão do texto presente, e o Testamento de Levi (v) diz: «...e o anjo abriu para mim os portões dos céus, e vi o Santo, o Altíssimo, sentado em seu trono».

4. «...e te mostrarei...» Essa é a nota chave do Apocalipse. Esse livro é justamente isso, uma *revelação*, em contraste com a maioria dos apocalipses, que eram mensagens «veladas». Somente em Apo. 10:4 é que aparece uma visão

selada. [No tocante à questão de ter sido «mostrado» algo ao vidente João, ver também Apo. 1:1; 17:1; 21:9,10 e 22:1,6,8. Quanto às «coisas que serão», ver também Apo. 1:1 e 22:6]. A vontade de Deus terá de ser cumprida, mas, de alguma maneira, ele usa o livre-arbítrio do homem, sem destruí-lo. De que modo, não sabemos dizê-lo.

5. A maioria dos intérpretes concorda que a visão de João foi mística e simbólica, não tendo ele visto, realmente, os céus, e nem a Deus, a quem ninguém pode ver (ver João 1:18). Ou então, ele viu apenas o que pode ver, em sua mortalidade, e de um modo que ele pudesse suportar, não tendo visto literalmente a essas coisas. Viato literalmente tais cenas teriam sido impossíveis. No entanto, isso não tira o valor daquilo que vemos. As visões, dadas por Deus, podem ser mensagens espirituais que assumam a forma de visões, mas estas «subjetivas», e não objetivas. As visões subjetivas, pois, transmitem a verdade não menos que as objetivas, as quais, naturalmente, existem. A alguns é «dado» terem visões. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 quanto a tipos de misticismo e de visões).

6. Os símbolos são algo material e visual. Os objetos materiais, como aqueles existentes no tabernáculo, eram símbolos de realidades espirituais. Os símbolos também podem ser transmitidos mediante as experiências místicas. Quase sempre as visões contêm «símbolos», e não comunicações diretas e não-simbólicas. E algumas vezes as coisas vistas «significam» outras coisas. A água corrente indica a «vida»; uma «criança» fala da missão ou trabalho de alguém, e não de algum ser humano literal. Quanto a esse respeito, as visões são como os sonhos, que quase sempre são simbólicos, sendo a maneira como a mente subconsciente se comunica conosco.

2 εὐθέως ἐγενόμην ἐν πνεύματι· καὶ ἰδοὺ θρόνος ἔκειτο ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἐπὶ τὸν θρόνον καθήμενος, 2 θρόνος... καθήμενος 1 Km 22:18; 2 Chr 18:16; Ps 47:8; Lc 6:1; Eze 1:26-27; Slr 1:8; Rm 6:9; 5:1, 7, 13; 6:10 7:10, 16; 19:4, 21,5

4:2: imediatamente fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono;

«...eu me achei no espírito...» Temos aqui reiteração da declaração do Apo. 1:10, onde damos uma nota sobre o «misticismo», descrevendo as várias espécies de visões e impulsos por detrás das mesmas. Mediante a subida mística, o vidente João recebeu as visões que formam o arcabouço deste livro de Apocalipse. O «caminho místico» continua sendo o caminho de Deus. Esse caminho nos foi provido pela presença do Espírito Santo e dos dons espirituais que ele nos confere. Através desses dons espirituais, a igreja cresce e recebe bem-estar, conforme temos visto em Efé. 4:10 e ss.

Se dissermos: «Lê tua Bíblia e ora», estaremos equivocados, se pensarmos que basta isso para satisfazer a busca do coração humano por Deus, ou para dar-nos a espiritualidade de que precisamos. Além desses «meios», precisamos da presença e do poder do Espírito. Precisamos buscar unidade com ele e com o Filho, a quem ele exalta.

«...no espírito...» Os tradutores ou revisores erraram, por não grafar aqui «no Espírito», com o «E» maiúsculo. Está em pauta o Espírito Santo, que é o inspirador das profecias do N.T. Ele é quem conduz a alma a Deus, no arrependimento e na fé originais (conversão) na santificação ou no crescimento espiritual. Mas outros estudiosos pensam que «no espírito» são palavras que aludem ao espírito do próprio João, separado do corpo, projetado da esfera terrestre aos lugares celestiais. Em outras palavras, «em seu espírito», separado do corpo, ele pode entrar nos céus e receber suas visões. (Comparar com II Cor. 12:2 e ss.).

Há os céus acima, e noite após noite  
Contemplo através de seu telhado enfeitado;  
Nem sol e nem lua, por mais brilhante que seja,  
Consegue fazer-me estacar; à prova de esplendor,  
Mantenho-me afastado das estrelas em penca,  
Pois tenciono chegar até Deus,  
Porque é para Deus que tanto me apresso,  
Pois no seio de Deus, meu próprio lar,  
Tendo passado aquelas multidões em glória,  
Depositarei meu espírito, finalmente.

(Robert Browning, *Johannes Agricola in Meditation*).

«...no céu...» (Ver as notas expositivas sobre o primeiro versículo deste capítulo, sobre o conceito judaico-cristão dos céus, que, normalmente aparecem no plural, e também sob a forma de «lugares celestiais». Ver Efé. 1:3 sobre os «lugares celestiais», em suas respectivas notas expositivas).

«...um trono...» Temos aqui um tradicional «símbolo» judaico-cristão, pois a «presença» e o «poder» de Deus é o trono, cena de algo «conhecido», no tocante à vida e à autoridade, ou seja, o «trono do rei», o «soberano» de todos. Não devemos pensar que os céus sejam um trono literal, onde Deus presida às atividades no universo. Ficamos reduzidos à necessidade de «simbolizar» o senhorio de Deus mediante coisas que nos são familiares; e é natural pintar o «Todo-poderoso» como quem está sobre um trono. Em Apo. 3:21 temos a tremenda promessa de que esse «poder» e «senhorio» será compartilhado com o Filho, mas também com os «filhos». Neste livro, esse símbolo de Deus em um trono figura em cada capítulo, exceto no décimo quinto, onde Deus é visto em seu «templo», e também exceto nos capítulos dois, nove e dez, cujo conteúdo não se presta à apresentação desse símbolo. O Apocalipse, pois, é fortíssimo acerca da doutrina do senhorio de Deus, e como isso se relaciona aos homens. A influência imediata sobre o vidente João, nessa apresentação de Deus, provavelmente foram as narrativas sobre teofanias (ver Eze. 1:26-28; capítulo terceiro e Isa. 6:1-5). Os itens do simbolismo apresentado no terceiro versículo (conservados em um mínimo, em comparação com certos apocalipses), parecem repousar diretamente sobre Eze. 1:26-28 e 10:1. (Ver também I Enoque 18:8; 24:3; 25:3; 90:20; III Macabeus 6:8; I Reis 22:19; Sal. 47:8; Dan. 7:9; Testamento de Levi 5:1; Assunção de Moisés 4:2; II Enoque 22:2 quanto a cenas similares acerca dos céus e de um trono, segundo se vê na literatura judaica. Quanto ao N.T., ver menção ao «trono» em Mat. 5:34; 19:28; 23:22; 25:31; Atos 2:30; 7:49; 12:21; Heb. 1:8; 4:16; 8:1 e 12:2). No Apocalipse, o trono é

7. O livro de Apocalipse é um livro de símbolos. É um erro supor que podemos interpretar um livro «místico» e «simbólico» da maneira literal. E a prosaica mente ocidental que procura impor o seu literalismo sobre um livro místico. A mente oriental acha isso estranho. Aqueles que estudam o misticismo sabem que seus objetos e métodos de comunicação são simbólicos, e não literais. Assim é que um «monte» significa algo; um inseto, com um ferrão na cauda, não é alguma praga literal de insetos; uma «estrela» fala de um ser angelical, e não de um corpo celeste; uma fera não é um animal, mas uma personalidade humana de caráter bestial; «candeleros» são igrejas e seu testemunho, etc. No caso do presente texto, os «céus» vistos apontam para o símbolo místico imediato dos céus reais; e Deus foi visto por igual modo, ficando assim satisfeita a exigência constante nos textos de João 1:18 e I Tim. 6:16. Ninguém jamais viu a Deus, e nem poderá vê-lo.

Ao assim dizermos, porém, não queremos dizer com isso que os céus não sejam um lugar real. Certamente os céus são lugares de existência real; mas a visão dos mais elevados céus, é impossível de ser dada a um homem mortal, embora ele possa receber visões místicas simbólicas a respeito. É possível que alguns níveis inferiores de glória tenham sido «vistos» de maneira literal, pelos homens, conforme a visão de Paulo, no décimo segundo capítulo da segunda epístola aos Coríntios. Ali o apóstolo assevera ter «visto» o terceiro céu, que nenhum judeu pensava ser o lugar mesmo da presença de Deus, embora se trate de um lugar realmente elevado. A idéia moderna de um «céu de atmosfera» (primeiro céu, de um «céu das estrelas» (segundo céu), e da «habitação de Deus» (terceiro céu), não combina com as idéias antigas, e dificilmente é o que Paulo tinha em mente.

aludido, algumas vezes, como pertencente ao Pai; mas outras vezes como pertencente ao Filho. (Ver Apo. 1:4; 3:21; 4:2-6,9,10; 5:1,6,7,11,13; 6:16; 7:9-11,15,17; 8:3; 12:5; 14:3,5; 16:17; 19:4,5; 20:11; 21:5 e 22:1,3).

**Simbolismo do trono:**

1. Exaltação e majestade.
2. Poder sobre todo o universo, intervenção na história humana, planejamento do destino humano.
3. Região do espírito puro e da vida espiritual em sua forma mais elevada.
4. Fonte de revelação da intenção de Deus para com os homens.
5. Boa esperança de bênçãos benéficas ao homem, pois o Deus entronizado é a fonte de todo o bem-estar humano.
6. Acessibilidade à divindade. João viu o trono, e dali recebeu suas mensagens.
7. Em termos gerais, o «telmo», em contraste com o «delmo». O telmo ensina que Deus não só criou tudo, mas também governa seu universo, entra em contacto com o mesmo e intervém na história humana, recompensando e punindo. O «delmo», em contraste com isso, crê que Deus ou o Poder supremo (pessoal e impessoal) governa somente mediante as chamadas «leis naturais», sem fazer intervenção pessoal, sem punir ou galardoar. (Ver Atos 17:27 quanto a várias idéias teológicas e filosóficas sobre a natureza de Deus e seu relacionamento com os homens).
8. Deus como objeto de «adoração» é idéia inerente ao símbolo do «trono». «Não nos devemos esquecer que essa linguagem é de glorioso simbolismo, não falando sobre objetos reais, nos céus. Deus é espírito». (Robertson, *in loc.*).

«...alguém sentado...» Quem? Deus Pai, que é o Criador, segundo se vê no décimo primeiro versículo deste capítulo. (Comparar também o oitavo versículo com Apo. 1:4). Deus é aquele que «era», que «é» e que «há de vir». Devemos notar Apo. 5:13, que é trecho conclusivo em favor da idéia que aqui está em foco Deus Pai. Ali a bênção visa àquele que está «assentado no trono» e ao Cordeiro. Notemos também que, no caso do Pai (no presente versículo), procura-se evitar pronunciar o nome divino, «Yahweh», por causa do temor em proferir o nome sagrado de Deus. O título «Jeová», que veio a ser aplicado a Deus, na realidade é corrupção do nome divino, combinação de «Adonai» e «Yahweh», a qual permitia que os judeus piedosos proferissem o nome de Deus, sem se tornarem culpados de dizerem seu nome secreto. Até hoje os judeus piedosos não dizem «Yahweh» ou «Elohim», mas corrompem esses nomes, como, por exemplo, «Elokim». Assim também o vidente João fala aqui sobre «Yahweh», mas não profere seu nome. Para alguns leitores modernos, isso deixa a questão aberta à dúvida: «Quem está assentado no trono?» Porém, para os judeus, acostumados a evitar o nome divino proferido, não haveria dúvida nenhuma — «Yahweh» está em pauta. Os intérpretes que pensam estar aqui em foco a «Santa Trindade», ignoram o paralelo de Apo. 5:13, que faz a distinção entre «aquele que se assenta no trono» (referência indefinida, tal como no presente versículo) e o Cordeiro, o Filho, que compartilha do trono com o Pai. Mas o próprio fato que às vezes o trono é do Pai, e de outras é do Filho, mostra que o Filho é considerado divino. (Ver as notas expositivas em Heb. 1:3 quanto à «divindade de Cristo»). Abaixo apresentamos outras idéias acerca daquele que «se assenta no trono»:

**Outras idéias acerca daquele que se assenta no trono:**

1. Está em foco a glória *Shakinah*, a manifestação «visível» de Deus.
2. Mas, contrariamente ao que alguns supõem, isso não significa que a falta de definição do nome subentende que a «alma não tem simbolismo e nem linguagem, e nem há palavra pela qual Deus seja chamado». O vidente João não tem a intenção de tornar a inquirição espiritual da alma uma coisa indefinida, sem objetivos e sem roteiro certos.
3. Entretanto, essa indefinição poderia ter o intuito de dar-nos a idéia de «exaltado mistério», no tocante a Deus, o alvo de toda a existência humana; porque, em nosso presente estado, permanecem os grandes mistérios da fé. Cristo é o Caminho para quem quer aprender os mistérios divinos, e esses são tão grandiosos que a eternidade inteira terá por propósito propiciar-nos



oportunidade de aprendê-los.

4. Alguns poucos intérpretes, equivocados, vêem o «Filho» neste trono. Mas isso não pode ser, pelas razões aduzidas nas notas expositivas acima.

*Outras idéias sobre o segundo versículo:*

1. O «trono» aparece em quase cada capítulo do Apocalipse. O poder e a presença de Deus estão sempre conosco, para dar-nos uma mensagem e para

3 καὶ ὁ καθήμενος ὅμοιος ὀράσει λίθω ἰάσπιδι καὶ ὀράσει σμαραγδίνῃ.

3 Eze 1.26-28

4:3: e aquele que estava assentado era, na aparência, semelhante a uma pedra de jaspe e sárdio; e havia ao redor do trono um arco-íris semelhante, na aparência, à esmeralda.

...esse que se acha assentado... (Quanto a explicações completas sobre essa expressão, ver o segundo versículo). O Pai está em foco. Ele está «sentado», porquanto assumiu a posição de autoridade, como um rei, o qual se «assenta em seu trono», enquanto seus ministros o circundam. Mas não se deve forçar nenhum dos símbolos e descrições. Grande parte dos mesmos pode ser simples descrição verbal para pintar um quadro celeste, cujos «itens» não são significativos. Naturalmente, vários intérpretes vêem sentidos em cada item, o que se vê nos comentários abaixo.

...semelhante no aspecto a pedra de jaspe e de sárdio... Convém que examinemos os pontos seguintes, a respeito dessa afirmação:

1. Alguns estudiosos, que pensam que no trono está sentado Cristo, o Filho, vêem as pedras preciosas, o jaspe, o sárdio e a esmeralda, como algo que fala acerca de Cristo, buscando o significado desses símbolos nas páginas do A.T. Em Êxo. 28:15-21 vê-se que o peitoral do sumo sacerdote tinha doze pedras preciosas, arrumadas em quatro fileiras. Entre elas estavam o jaspe e o sárdio. Sobre o sárdio, a pedra de cor vermelha como sangue, estava gravado o nome de Rúben, o primogênito de Israel. Na última pedra, o jaspe, uma pedra clara e transparente, estava gravado o nome de Benjamim, a última das tribos. Supõe-se que o simbolismo indique o seguinte: A pedra vermelha como sangue, o sárdio, fala da expiação de Cristo. Cristo é o «primogênito» de toda a criatura, tal como Rúben, cujo nome estava gravado na pedra de sárdio, foi o primogênito de Israel. A pedra «clara», nesse caso, falaria sobre vitória, isto é, sobre a «segunda vinda» de Cristo, tal como a primeira pedra, por falar de sua expiação, refere-se à sua «primeira vinda». No quarto capítulo do livro de Apocalipse, a ordem de apresentação das pedras é revertida, supostamente porque a «expiação» agora era passada, ao passo que a «segunda vinda», representada no jaspe, era esperada para breve. Nos tempos do A.T., todos esperavam a «cruz», pelo que primeiro aparecia o «sárdio», e só depois aparecia o «jaspe», que prediz a «segunda vinda». Tudo isso é uma interpretação muito engenhosa, mas não sabemos dizer se a mesma é válida ou não. Seja como for, presta-se para lições espirituais.

2. Outros intérpretes, que não buscam um sentido específico para as pedras individuais, falam simplesmente da glória de Deus, simbolizada no brilho das pedras preciosas. O jaspe usualmente é de tons verdes ou vermelhos. Mas o troço de Apo. 21:11 diz que o mesmo é «claro como cristal». Alguns conjecturam estar em foco o diamante, ou alguma espécie rara de pedra. Não há como identificar essa pedra com certeza absoluta. A explicação óbvia é que o termo grego aqui usado, traduzido por «jaspe», não se referia somente ao «jaspe» das línguas modernas. Alguma pedra preciosa opaca está em pauta. Não é impossível que o diamante esteja em foco. A cor «branca» pode falar da santidade de Deus como uma qualidade inerente.

O «sárdio» obteve seu nome da cidade de Sardes, de onde a pedra era originalmente exportada. Sua cor «vermelhada», se aplicada a Cristo, tem um significado óbvio; mas o que disso pode ser aplicado ao Pai, é difícil de dizer. Alguns estudiosos sugerem que o «jaspe» simboliza a «santidade», ao passo que o «sárdio» simbolizaria a «retidão»; mas isso não passa de conjectura. Supomos que essas cores não se revestem de significação especial. E ainda que tenham alguma significação, visto que o vidente João de nada nos informa a respeito, pouco ou nada se pode dizer a esse respeito. Há eruditos que pensam que o «vermelho» aponta para a «ira de Deus», havendo ainda outras conjecturas; mas todas elas são duvidosas.

O «jaspe» no livro de Apocalipse. Além desta menção, lê-se que de jaspe eram os alicerces da Nova Jerusalém (ver Apo. 21:19). Também havia jaspe na superestrutura da muralha da Cidade Celeste (ver Apo. 21:18). (Ver as notas expositivas em Apo. 21:11, quanto ao brilho cristalino do jaspe).

O sárdio. Plínio diz-nos que essa pedra derivava seu nome de Sardes, onde era descoberta, e de onde era exportada. Supostamente corresponde à nossa pedra cornalina. É a pedra que forma a sexta camada dos alicerces da Jerusalém Celeste, em Apo. 21:20. Trata-se de uma forma de quartzo de cor vermelha ou marrom-escuro.

...arco-íris semelhante no aspecto à esmeralda... O simbolismo de «arco-íris» já é mais fácil de discutir, por tratar-se de um simbolismo bíblico e rabínico. Isso se vê nos pontos abaixo:

1. Os rabinos desencorajavam qualquer estudo sobre o arco-íris, pois para eles, normalmente, representava a «glória de Deus», algo para o que os homens olham inutilmente. (Ver Chagiga, 16a).

2. Mas, nas páginas do A.T., também aponta para a «promessa» de bênçãos celestiais, especialmente após o sofrimento de um juízo severo, como na história do dilúvio e seu arco-íris (ver Gên. 9:13-16).

3. Com base em II Ped. 3:7, podemos supor que a «promessa» de bênção, após algum juízo severo, pode ser a predição de outro juízo. Nesse caso, poderia estar em foco a Grande Tribulação. Mas isso parece exagerado, dentro do presente contexto.

4. Mostrando-se mais específicos sobre as «bênçãos celestiais», prometidas no «arco-íris», alguns pensam estar aqui em foco o

tornar a vida cheia de significado.

2. O trono de Deus, estabelecido no coração humano, é a rota para o desenvolvimento espiritual e para o bem-estar. Mas a maioria das pessoas entronizou ao seu próprio «eu».

3. O vidente João foi ao «trono» e achou seu Deus, mediante o êxtase místico. Quando a Igreja perde toda a sua expressão mística também perde o seu fervor espiritual.

σαρδίῳ, καὶ ἰρις κυκλόθεν τοῦ θρόνου ὅμοιος

3 [ἰρις] ἁραις N°A 2399 pc arm<sup>pt</sup> eth

«arrebatamento da igreja» (com notas expositivas em I Tes. 4:15) ou a «segunda vinda de Cristo» ou «parousia». A cor «verde» da esmeralda poderia indicar, pois, a «nova vida» que será trazida mediante esse acontecimento.

5. O «arco-íris» foi, originalmente, o «sinal» de um pacto, isto é, uma promessa de Deus ao homem, de que a terra não seria novamente destruída pela água. Assim sendo, o «arco-íris» do Apocalipse (em seu quarto capítulo) poderia ser sinal do novo pacto de Deus com o homem, por meio de Cristo, que a sua «parousia» dará maior cumprimento. O «temporal» da tribulação terá de anteceder esse acontecimento, pois o arco-íris veio após a grande tempestade do dilúvio. Primeiramente veio a expiação (sárdio), depois a promessa (jaspe) e, finalmente, o cumprimento da promessa (esmeralda).

6. No peitoral do sumo sacerdote, a esmeralda era a pedra de Judá, a tribo de onde viria o «Rei». Esse nome significa «louvor». Portanto, na vinda do Rei, o cumpridor da promessa, teremos razão para louvar ao Senhor. Essa é a «bendita esperança».

7. Sua cor «verde» fala de vida. No contexto da «promessa», isso aponta para a «vida eterna». (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema, em João 3:15). Deus compartilha conosco de sua própria forma de vida (ver João 5:25,26 e 6:57), a sua natureza divina torna-se a nossa natureza (ver II Ped. 1:4), conforme vamos participando da imagem e natureza do Filho (ver II Cor. 3:18), ou seja, da «plenitude de Deus» (ver Col. 2:10 e Efê. 3:19). Isso é que consiste, verdadeiramente, a «vida eterna», porquanto esta nunca significa apenas «vida sem fim». Antes, trata-se de uma «modalidade de vida». O arco-íris simboliza esse imenso dom, contido na promessa divina. Notemos que o arco-íris circunda o trono; é o próprio significado dos «céus» para nós. Os céus consistirão muito mais daquilo em que nos «tornaremos», do que daquilo que possuiremos ou do lugar onde viveremos.

A esmeralda. Dentre todos os escritores antigos que conhecemos, Heródoto foi o primeiro a mencionar essa pedra. Ele visitou um templo dedicado a Hércules, em Tiro, adornado de esmeraldas. Dentre todos os escritores antigos que conhecemos, Heródoto foi o primeiro a mencionar essa pedra. Ele visitou um templo dedicado a Hércules, em Tiro, adornado de esmeraldas. Havia ali duas colunas, uma de ouro puro e a outra de esmeraldas, que «brilhavam com grande fulgor à noite» (ii.44). Todavia, alguns estudiosos asseveram que a verdadeira esmeralda era desconhecida dos antigos, supondo que aquela coluna de Tiro fosse feita de «vidro». Em Apo. 21:19 a «esmeralda» forma o «quarto» alicerce da Cidade Celeste.

*Outras idéias sobre o terceiro versículo:*

1. Uma vez mais se vê que dos céus é que nos vêm toda a nossa «expectação», «esperança» e «benção» na vida. Os céus são objeto da nossa esperança (ver Heb. 11:1 e ss.), e aquilo que atrai a nossa «fé» em Cristo, como o Rei dos céus.

2. A cor «verde», segundo explicam alguns intérpretes, é a cor da «promessa».

3. Para certos estudiosos, o «arco-íris» significa a severidade, temperada com o amor, segundo fica implícito na história do dilúvio.

4. Já que por debaixo do trono temos um «mar de vidro», o arco-íris haveria de refletir-se no mesmo, formando um círculo completo. A promessa do arco-íris, assim sendo, seria «completa» e perfeita, permeando toda a vida humana. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que, em certo sentido, tudo será restaurado a Cristo, quando Ele figurar como o centro de tudo, sendo «tudo para todos» (ver Efê. 1:23). Deus produzirá isso sem infringir na vida e na posição dos eleitos. (Ver as notas expositivas quanto à explicação desse conceito, em Col. 3:6).

5. O «arco-íris» representa uma esperança que a tragédia não pode destruir. E o trono, nos céus, acima do firmamento humano, tem também um arco-íris. Ali reinam expectativas gloriosas. Todas as cores são exigidas para expressar os múltiplos aspectos de satisfação, representados pelo reino de Deus. Fica indicada a fruição de tudo quanto é bom, belo e veraz. Esse escape para a eternidade retifica os falsos juízos havidos dentro do tempo» (Hough, in loc.). Isso dá solução ao «problema do mal», a saber, como um Deus bom e todo-poderoso pode permitir o caos e a tragédia que reinam neste mundo. No fim, o bem haverá de triunfar. (Ver Rom. 3:8 quanto a notas expositivas completas sobre esse problema).

6. Os tronos humanos usualmente não têm qualquer arco-íris. Portanto, os homens não podem nutrir esperança em outros homens, como se deles viesse a ajuda, mesmo que esses homens sejam muito poderosos e influentes. Existe o mundo de esperança isento de morte, ou seja, de vida eterna.

7. O juízo divino é temperado pela misericórdia e pela promessa. O arco-íris prova isso. O julgamento é apenas um dedo da mão amorosa de Deus, pois Deus é amor, e nada faz contrário à sua própria natureza.

8. A idéia de um arco-íris a circundar os homens dedicados é antiga, talvez com base na observação que certos seres humanos apresentam uma «aura». Hoje em dia há meios técnicos para fotografar-se essa «aura», que é um campo de força ou energia que circunda a todas as coisas vivas. Homens especialmente poderosos possuem auras poderosas, e essas, ocasionalmente, são vistas por pessoas mais sensíveis a energias normalmente invisíveis. Assim, pois, Deus possui a «aura final» do arco-íris, que promete o bem a todos, bem como o triunfo final do bem sobre o mal. Essa «aura» se assemelha à nuvem de glória que circundaria os deuses e heróis. (Comparar com Sal. 104:2, que diz: «...coberto de luz como de um manto». Ver também Dan. 7:9; I Enoque 14:18; Tia. 1:17 e I Tim. 6:16, que trazem idéias e descrições semelhantes).

4 καὶ κυκλόθεν τοῦ θρόνου θρόνους εἴκοσι τέσσαρες, καὶ ἐπὶ τοὺς θρόνους εἴκοσι τέσσαρες  
πρεσβυτέρους καθημένους περιβεβλημένους ἐν ἱματίοις λευκοῖς, καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτῶν  
στεφάνους χρυσοῦς.

4 ἐπὶ τοὺς...καθημένους Is 24:23 ἱματίοι λευκοῖς Rm 8:5, 10; 6:11; 7:9, 13; 19:14

4,4: Hávia também na rede do trono vinte e quatro tronos; e sobre os tronos vi  
assentados vinte e quatro anciãos, vestidos de branco, que tinham nas suas cabeças  
coroas de ouro.

«...vinte e quatro tronos...» São subtronos, reservados a seres elevadamente espirituais, formando as cercanias imediatas do trono central. Em nenhum desses tronos se deve esperar encontrar descrições literais sobre os «céus». São meras expressões simbólicas da hierarquia de poder e majestade, nas estruturas do mundo eterno. O termo grego aqui traduzido por «tronos» indica apenas «cadeira». Platão se utilizou desse vocábulo para indicar a «cátedra de um professor», pois os antigos mestres ensinavam sentados. Nos escritos de Homero, essa palavra é usada para indicar uma poltrona com espaldar elevado e banquetas para os pés. Ésquilo usa essa palavra para indicar o «assento oracular» de Apolo. Mas essa palavra também era usada com frequência para indicar o «trono» de um rei. Portanto, é apropriado traduzi-la aqui por «tronos», e não por «assentos», já que o mesmo termo é usado para indicar o «trono de Deus». (Ver essa palavra, na Septuaginta, em II Reis 3:10, em relação ao «trono de Davi»). Trata-se também da mesma palavra usada para apontar para o trono de Cristo, que ocupa o trono majestático de Davi, em Mat. 19:28a e 25:31. Também é vocábulo empregado para referir-se aos tronos dos poderes malignos, conforme se percebe em Apo. 13:2, além de apontar para vários seres sobrenaturais (ver *Testamento de Levi* 3:8; ver também as notas expositivas sobre o segundo versículo deste capítulo, acerca dos «simbolismos do trono de Deus»).

«...vinte e quatro anciãos...» Nos escritos judaicos não há qualquer paralelo a essa idéia, que com tanta frequência sugere as figuras e conceitos do vidente João. Por isso mesmo seu significado não é certo, havendo inúmeras interpretações. A idéia dos «anciãos» que entoam louvores a Deus é contida em Isa. 24:23 (segundo a Septuaginta), uma seção chamada de «pequeno apocalipse», onde se lê: «Pois o Senhor reinará em Sião e em Jerusalém, e será glorificado perante os anciãos». Embora tenhamos ali uma «cena terrestre», os judeus criam que a Jerusalém terrena tivesse seu paralelo nos céus, e que o templo terrestre fosse apenas uma cópia do celestial. Assim, se há anciãos que entoam louvores a Deus, na capital terrestre, haverá aqueles que fazem idêntica coisa nos céus.

*Interpretações sobre os vinte e quatro anciãos:*

1. Seriam os doze apóstolos literais da nova era e os doze patriarcas da antiga dispensação. Os que assim dizem apontam para Apo. 21:12-14 em apoio à sua idéia: os nomes das doze tribos são inscritos nas doze portas da Nova Jerusalém, ao passo que os nomes dos doze apóstolos se encontram em seus doze alicerces. Apesar de ser possível que o número vinte e quatro tenha surgido aqui devido a tal associação, é extremamente improvável que estejam em foco vinte e quatro espíritos humanos.

2. Cumpre-nos lembrar que, na adoração e no culto do templo de Jerusalém, havia vinte e quatro «turnos» de levitas, que se ocupavam alternadamente de seus deveres (ver I Crô. 24:3-18). Apesar de que os judeus pensavam que o templo terreno é apenas uma cópia do celestial, poder-se-ia supor que esses vinte e quatro turnos de sacerdotes humanos fossem duplicados, no templo celestial, por vinte e quatro turnos de seres angelicais que serviriam a Deus. Nesse caso, o vidente João estaria falando acerca de vinte e quatro «espíritos angelicais», ou talvez, simbolicamente, de vinte e quatro grupos de espíritos angelicais ministrantes. Seja como for, esses vinte e quatro espíritos ou grupos de espíritos, são dotados de imenso poder, porquanto acham-se bem próximos do trono de Deus, ocupando tronos eles mesmos. Isso serviria para simbolizar vastíssimo poder, com o que se ocupam de missões elevadíssimas em sua importância. Talvez sejam os próprios mais elevados arcanjos. Ou então, sustentando o mesmo ponto de vista (que são espíritos angelicais) poderíamos supor que sua tarefa está estritamente confinada à presença de Deus, o que equivale a dizer que são seus auxiliares pessoais.

3. Combinando os dois pontos de vista acima, é possível a suposição que há vinte e quatro espíritos literais que têm elevadas funções celestiais, que «representam» os doze patriarcas de Israel e os doze apóstolos do cristianismo, e que, de alguma maneira, sejam seus anjos guardiães, como aqueles que lhes dão apoio e ajuda, em suas tarefas determinadas. Isso se assemelharia aos «sete espíritos», que são também os «sete anjos» (ver Apo. 1:4,16,20,2:1), que são os guardiães e inspiradores dos «pastores» das igrejas terrenas.

4. Referência astrológica. Já tivemos ocasião de ver, noutros trechos, que o vidente João faz uso da terminologia astrológica de sua época. Quanto ele

aceitava dessa *astronomia* antiga, que fazia das «estrelas» e dos «planetas» seres vivos ou lugares onde viviam seres angelicais, não sabemos dizer; mas dificilmente se pode duvidar que ele usava a *linguagem da astrologia*. (Ver a introdução ao livro, seção IV, intitulada «Dependência Literária», quanto a notas expositivas a esse respeito). Pelo menos é verdade que o judaísmo helenista muito apelava para a astrologia antiga, a qual era, na realidade, a astronomia daquele tempo. (Ver Col. 2:8 quanto a demonstrações sobre isso). Uma das idéias sobre as «estrelas», conforme os antigos, é que para além, do círculo do zodíaco havia vinte e quatro estrelas, doze no norte e doze no sul, às quais eram atribuídas tarefas diversas. Aquelas visíveis à humanidade eram ajudadoras do «mundo», e as invisíveis ao olho humano seriam juízes do universo e dos mortos. (*Diodorus Siculus* II.31.4). Essas «estrelas», na qualidade de seres conscientes, dentro de contextos judaicos, eram reputadas *arcânjos*, dotados de elevados poderes delegados por Deus. Essa é uma interpretação possível, sendo essencialmente equivalente à segunda interpretação, exceto que o «número» vinte e quatro se torna uma alusão astrológica emprestada do judaísmo helenista, ao invés de ser uma alusão sugerida pelas Escrituras. Seja como for, fala-se aqui de poderes angelicais. As «quatro criaturas vivas» (ver Apo. 4:6 e ss.) e os «sete espíritos» (ver Apo. 4:5) estavam mais próximos do trono do que os vinte e quatro anciãos, e esses anciãos pareciam receber ordens da parte das criaturas vivas, porquanto o ato específico de adoração, por parte dos vinte e quatro anciãos, não tem início enquanto não recebem o sinal da parte das criaturas vivas (ver Apo. 4:9).

5. Assim sendo, é possível que, reunindo os vinte e quatro anciãos, os sete espíritos e as quatro criaturas vivas, o autor sagrado estivesse meramente afirmando a existência de muitas ordens de seres angelicais, as quais, embora diversas, seriam todas poderosas, servindo ao mesmo Deus a quem servimos. O restante (detalhes como números específicos, etc.) seriam detalhes somente para tornar concreta a descrição.

«...vestidos de branco...» Essa cor simboliza: 1. Santidade; 2. esplendor celestial; 3. ou (como adição possível) a sua «natureza espiritual», porquanto as «vestes brancas» também têm esse significado. (Ver Apo. 3:4,5 acerca dos espíritos humanos vestidos de branco, isto é, as vestes da alma, o corpo ressurrecto).

«...coroas de ouro...» Esse detalhe fala da exaltação real deles, bem como de seu elevadíssimo valor. O termo grego «*stephanos*», aqui utilizado, normalmente indicava a coroa da vitória, a coroa de louros ou de flores. O vocábulo grego «*diadema*», por conseguinte, indica a coroa real; e esse é o termo utilizado para indicar esse tipo de coroa, em Apo. 12:3; 13:1 e 19:12. Mas o grego posterior, como aquele utilizado neste livro de Apocalipse, não observava essa distinção. Por conseguinte, a palavra «*stephanos*», aqui usada, indica a coroa real, porquanto essa é a única idéia que se coaduna com o contexto. Aqueles que se assentam em «tronos» também terão de ter «coroas». Ambas as coisas simbolizam essencialmente a mesma coisa: governo, poder e elevada majestade.

*Outras idéias sobre o quarto versículo:*

1. As vestiduras brancas e as coroas talvez tenham por intuito lembrar-nos a recompensa que os mártires deverão de receber. Isso estaria em consonância com os trechos de Apo. 2:26,27 e 3:4,5,21. Aos fiéis, tanto grande governo, como elevado poder e a participação na própria vida de Deus (vestes brancas) são prometidos. Os elevados anjos que já conhecem e possuem algo desses maravilhas, lembram aos «vencedores» que o chegar à presença de Deus indica a participação nessas coisas.

2. Os benefícios que se derivam de Cristo haverão de ser universais. A nação de Israel participará desses benefícios (representada pelos seus doze patriarcas). E a Igreja participará também dos mesmos (representada pelos doze apóstolos). O número de seres angelicais, vinte e quatro, talvez subentenda isso.

3. «Os escritos judaicos apresentam as almas humanas como quem foi criado em primeiro lugar; e antes de entrarem em seus corpos, cada uma delas seria levada por um anjo ao paraíso, onde vai os justos assentados na glória, com coroas na cabeça». (Adam Clarke, *in loc.*, citando Rabino Tanchum, fol. 39:4). Portanto aqui, através da exaltação dos anjos, e por meio deles, chegamos a ver algo de nossa própria glorificação.

4. O trecho de Apo. 6:8,9 pinta os vinte e quatro anciãos a entoarem o cântico da redenção daqueles que representam as muitas tribos e povos da terra. Os «remidos» serão feitos «reis e sacerdotes» (ou um reino de sacerdotes, conforme dizem algumas versões). Isso não faria os vinte e quatro anciãos serem seres humanos, mas apenas aqueles que entoam o grande valor da redenção humana, talvez porque são identificados com os homens de alguma maneira especial, cumprindo as suas respectivas missões. Talvez «representem» os remidos de Israel e da Igreja, apesar de não serem idênticos a eles.

5 καὶ ἐκ τοῦ θρόνου ἐκπορεύονται ἄστραπαὶ καὶ φωναὶ καὶ βρονταί· καὶ ἐπὶ τὰ λαμπάδες πυρὸς  
καιόμεναι ἐνώπιον τοῦ θρόνου, ἃ εἰσιν τὰ ἐπὶ τὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ,

5 ἀστ...βρονταί Ex 18:16; Nm 1:1d Lxx; Eze 1:13; Rm 8:5; 11:19; 16:18

ἐπὶ τὰ λαμπάδες πυρὸς Eze 1:13; Zch 4:2 ἐπὶ τὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ

Rm 14; 8:8

5 ta] om 046 82 1006 2028 al

4,5: E do trono saem relâmpagos, a vozes, a trovões; e diante do trono ardiam sete  
lámpadas de fogo, as quais são os sete espíritos do Deus;

«...τρονο...» Ver as explicações sobre o simbolismo desta palavra nas notas sobre o versículo anterior.

«...relâmpagos...» Os relâmpagos, as vozes e os trovões são descrições e símbolos apocalípticos comuns. (Ver Exo. 19:16; Eze. 1:13; Apocalipse de Abraão 17; I Enoque 14:11,17). De modo geral, isso nos fala do tremendo

poder de Deus. Esses mesmos ominosos sinais, juntamente com um terremoto, acompanham o partir dos sete selos do livro da condenação (ver Apo. 8:5), o soar da sétima trombeta (ver Apo. 11:19) e o esvaziamento da sétima taça (ver Apo. 16:18). No presente texto, pois, supomos que a admirável majestade de Deus nos é revelada a fim de fazer-nos saber que logo haverão de começar os horrendos juízos que são descritos neste livro. Lembremo-nos que as visões dos capítulos quatro e quinto, sobre o trono de

Deus e do Cordeiro e sobre o livro, são preparações para a revelação sobre o livro de sete selos, que constitui a parte maior do material do Apocalipse. Deus pode parecer distante, mas o trono pode ser visto por homens em visões místicas; e o que isso representa pode, dentro em breve, produzir uma intervenção divina na terra. Creemos que pelos fins do atual século XX e incluindo parte do século XXI, veremos sucedendo todas essas coisas. (Ver o artigo na introdução ao comentário sobre esse tema, intitulado, «A tradição Profética e a Nossa Era», que fornece as profecias sobre o futuro, e que explica por que se pensa que essas coisas são para o nosso próprio tempo). Os relâmpagos, pois, representam o fogo celestial, a força da mão de Deus, o qual pode fazer intervenção nesta esfera terrena.

«...vozes...» Esse sinal fala sobre o juízo divino, sobre os decretos da vontade de Deus, advertindo-nos sobre a sua intervenção. Temos aqui a voz do próprio Deus ou de poderosos seres espirituais, delegados pelo Senhor para essa tarefa. Isso pode ser confrontado com a «voz» de Cristo, em Apo. 3:20, que chama os homens ao arrependimento.

«...trovões...» O relâmpago é que causa o trovão, e as vozes falavam como trovões. Poder e ameaça estão em foco, uma severa tempestade, tal como sucede aos temporais terrenos. A ira da tribulação está prestes a atingir os homens. Há uma indignação divina que deve intervir em um mundo que se tornou totalmente louco em sua iniquidade.

«O temporal faz parte da poesia hebréia, como símbolo familiar do poder divino; isso pode ser comparado, por exemplo, com I Sam. 2:10; Sal. 18:9 e ss. e Jó 37:4 e ss.» (Swete, *in loc.*).

Os escritos rabínicos, quando desejavam expor um quadro de juízo, pintam uma cena tempestuosa, com gritos e rugidos de chuva e vendaval. O vidente João nos apresenta algo similar. O «trovão» poderia ser o «rugido de louvor» a Deus; porém, é mais provável que fala acerca do juízo vindouro, conforme se vê em Apo. 16:18. Enoque 59:1 nos apresenta um duplo significado sobre o trovão: «...ministra visando bem-estar e bênção, ou então serve de maldição perante o Senhor dos espíritos».

Provavelmente é correto ver, no presente texto, os mesmos dois aspectos desses símbolos. A voz de Deus fala de paz, mas também ameaça julgamento. Seu relâmpago revela a verdade, mas também produz o desastre. O trecho de Sal. 29, tem um elogio da «voz do Senhor», em que a glória de Deus troveja. Sua leitura nos fornece idéia sobre o significado do presente texto. Nesse Salmo, essa «voz» tanto é uma bênção como é o irromper da ira de Deus contra os ímpios. (Ver Exo. 19:16 e ss., acerca da cena no monte Sinai, quanto a um simbolismo semelhante). As intervenções divinas, quando da doação da lei ou quando do julgamento dos últimos dias, são majestáticas e terríveis.

«...sete tochas...» O termo grego «lâmpadas» obviamente é a origem de nosso vocábulo moderno «lâmpada», mas esse termo usualmente significava «tochas», na forma de pedaços de madeira ardente, ou na forma ocasional de lâmpadas alimentadas a azeite. No presente contexto, «tocha ardente» («línguas de fogo», que saltavam da sua fonte original, como uma acha de lenha) é o sentido preferível. Essas «tochas» são os «sete espíritos».

«...sete espíritos de Deus...» Não temos aqui o Espírito Santo, visto do «ângulo de suas sete formas de expressão, e, sim, outros seres celestiais, anjos elevadíssimos. Já foram mencionados em Apo. 1:4 (onde é dada a nota geral sobre eles), em Apo. 1:12,16, como é possível (onde são chamados de «sete estrelas»), de conformidade com alguns intérpretes, e em

Apo. 1:20 (onde são identificados aos «sete anjos» da igreja). Em Apo. 2:1,8,12,18 e 3:1,7,14, um dos anjos, em cada caso, é endereçado como guardião da igreja local. Isso fala do ministério angelical nas igrejas. Esses espíritos angelicais inspiram os «pastores» e líderes da igreja, mas não são idênticos a eles. Ver Heb. 1:14 quanto ao «ministério angelical». Provavelmente a maior parte das manifestações carismáticas é mediada pelos anjos. A maioria dos intérpretes, entretanto, pensa que os «espíritos» são distintos das «estrelas» e dos «anjos», e talvez estejam com a razão.

Não é provável que o Espírito Santo pudesse ser representado por algo tão comparativamente insignificante como as sete tochas perante o trono de Deus, mas pode-se ver, com facilidade, como seres angelicais poderiam ser assim representados. Portanto, em Apo. 5:6, os «sete espíritos» são os «sete olhos» do Cordeiro. Uma vez mais, não podemos pensar que o Espírito Santo pudesse ser assim simbolizado; antes, deve estar em pauta alguma classe especial de seres angelicais, ao serviço de Cristo. As notas expositivas, em Apo. 1:4, explicam as diversas interpretações possíveis sobre os «sete espíritos».

*Outras notas sobre o quinto versículo:*

1. Deus é majestático e poderoso no tocante aos homens. Mas não é tão transcendental que nada sabe e nem se importa com eles. Até mesmo suas intervenções de juízo são manifestações de seu amor. O julgamento é apenas o dedo da mão amorosa de Deus.

2. As tochas servem de iluminação, além de caracterizarem a ameaça do julgamento de Deus, mediante meios ardentes, isto é, através de manifestações severas e causticantes. «Plenitude, intensidade, energia ficam implícitas no símbolo, que reflete a associação tradicional (nas mentes primitivas) entre as chamas de fogo e a divindade, especialmente no tocante à pureza divina da santidade, do que as chamas eram consideradas como uma expressão externa». (Moffatt, *in loc.*).

3. Lembremo-nos que o batismo do Espírito Santo, no dia de Pentecoste, veio na forma de fogo (para abençoar); por igual modo, chegam ao mundo os juízos de Deus. O duplo simbolismo tem continuação: Deus dá graça ou julgamento, segundo a reação dos homens à sua mensagem divina. O fogo tanto consome quanto purifica.

4. O pacto com Abraão foi ratificado a fogo. Passou entre as bandas da novilha e da cabra. Assim, nesse simbolismo, somos levados a pensar novamente no pacto divino, o que também é simbolizado no «arco-íris», no terceiro versículo deste capítulo. (Ver Gên. 16:17 e ss.). Assim também isso teve lugar no Sinai, que foi lugar do estabelecimento de outro pacto.

6. A operação do Espírito Santo pode ser simbolizada pela operação dos sete espíritos, embora as duas coisas não sejam idênticas.

*Vem, Espírito Santo, inspirar as nossas almas,  
E nos ilumina com o fogo celestial;  
Tu és o Espírito da união,  
Que confere teus dons em sete aspectos.*

6. «Sete tochas», ou talvez «sete lâmpadas», talvez aluda às sete lâmpadas do tabernáculo. Simbolizam o Espírito Santo e seus dons. A iluminação que provém do trono de Deus nos ilumina.

7. A «igreja perseguida» verá que seus inimigos foram castigados. Certamente essa é uma mensagem que nos traz essa passagem em geral. Do trono provirão juízos da tribulação que punirão este mundo ímpio. Dentro do arcabouço histórico, o vidente João viu que Roma não escaparia do julgamento merecido, porquanto aquele império assolara a Igreja. A visão do trono lhe deu a certeza disso. Lembremo-nos de que o livro de Apocalipse foi escrito a uma igreja que vivia debaixo de perseguição. Os poderes que perpetraram essa perseguição não poderiam mesmo escapar à ira divina.

ὁ καὶ ἐνώπιον τοῦ θρόνου ὡς θάλασσα ὑαλίνῃ ὁμοία κρυστάλλῳ. ὁ θρόνος τέσσαρα ζῶα γέμοντα ὀφθαλμῶν ἔμπροσθεν καὶ ὀπίσθεν·

Καὶ ἐν μέσῳ τοῦ θρόνου καὶ κύκλῳ τοῦ

ὁ ὁμοία κρυστάλλῳ Εἰς 1:12

6-7 ἄν. ...πετομένην Εἰς 1:5-10; 10:14

6 ως] em 1:509 al ea Prim c

4:16; também havia diante do trono coisa que em mar de vidro, semelhante ao cristal; e ao redor do trono, um anjo de cada lado, quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás;

Na cosmologia judaica, o firmamento seria uma abóbada elevada, um teto arredondado, uma substância sólida, o que explica seu nome, *firmamento*. Acima desse «firmamento» abobadado, que separaria os céus da terra, haveria um mar. Essa idéia pode ter sugerido a presente descrição, embora não se trate da mesma coisa. Seja como for, os céus de Deus estão associados a um mar, embora celestial e simbólico, e não algum mar literal. Pelo tempo em que o vidente João escreveu seu livro, não é provável que continuasse sobrevivendo tal conceito cosmológico, embora expressões usadas nesse conceito tivessem permanecido, tendo sido empregadas por ele.

O mar é aqui descrito como «de vidro». Essa referência se deriva da antiga crença que o cristal era apenas água pura congelada, por um longo processo, tornando-se em algo mais duro que o gelo. Por isso também se cria que o cristal só pode formar-se em lugares frios. O vidente João fala de uma cena em que apareceu algo semelhante a um mar; mas não aludia a qualquer coisa literal, pois esse «mar» é simbólico, e não real.

*Simbolismo do mar:*

1. O mar é de água, e a água é símbolo de «vida». Essa água estaria solidificada ou cristalizada, o que daria a entender que a vida é permanente. Além disso, era clara, isto é, pura, acima de todas as formas terrenas de água, isto é, de vida.

2. O «mar» representa as nações, isto é, homens de todas as nações, «remidos», que subseqüentemente acharam seu lar nos céus. A isso pode ser acrescentada a idéia de todos os «seres celestiais que habitam nos céus». Esses «circundam» o trono de Deus, pois foram elevados àquele lugar. Os homens estão sendo «espiritualizados» a fim de serem capazes de habitar ali, e isso seria simbolizado pelo «cristal» que muitos consideravam ser água profundamente congelada. Mas alguns estudiosos meramente dizem que a

igreja glorificada está aqui em pauta. O «mar» terrestre representa as nações mortais. (Ver Apo. 13:1). Assim, o mar celestial seria as «nações celestiais». Esse mar é calmo e puro, em contraste com as águas agitadas e imundas dos mares terrenos.

3. Fazendo objeção a um sentido tão exageradamente simbólico, poderíamos supor que o mar é meramente uma parte do panorama celestial, sem qualquer significação especial. As crenças antigas, entretanto, afirmavam que as «águas» acima do firmamento eram «masculinas», e que as águas abaixo eram «femininas». A mistura dessas duas modalidades de água teria produzido os deuses. Assim sendo, apesar de que o autor sagrado sem dúvida rejeitaria essa espécie de absurda significação em relação ao «mar», é perfeitamente possível que simbolizasse algo semelhante para ele: não era apenas uma paisagem.

4. Outras interpretações certamente errôneas fazem com que esse «mar» represente o «batismo», ou então as «Escrituras Sagradas». Ou então seria o «pavimento» literal dos céus, liso e brilhante. Outras interpretações igualmente prosaicas falam desse mar simplesmente como a «atmosfera celestial».

5. Outros eruditos pensam que esse «mar» é apenas um outro símbolo dos «julgamentos» de Deus, juntamente com os relâmpagos, os trovões e as vozes referidos no quinto versículo deste capítulo; mas é muito difícil entender como isso pode ser.

6. Ou então o «governo de Deus» pode estar em vista no qual caso o mar de vidro indicaria que esse governo é puro, calmo e majestático.

7. No *Testamento de Levi* 2, o mar celeste está localizado no segundo céu, tal como em Apo. 2:7, ou então pendurado entre o primeiro e o segundo céus; mas aqui, está no mais elevado céu (presumivelmente o sétimo), pois ali é visto o trono de Deus. No parafuso egípcio, há um «grande lago nos campos da paz», e para ali é que irão as almas dos justos, que se reuniriam aos deuses. Os escritos rabínicos comparam o soalho rebrilhante do templo com o cristal; e visto que os céus seriam uma espécie de templo glorificado, naqueles escritos, esse soalho rebrilhante teria seu paralelo no mar celestial.



Nesse sentido, o mar poderia ser apenas parte do cenário do templo celeste, sem qualquer valor simbólico definido.

**Pano de fundo do simbolismo.** Charles (*in loc.*) traça o pano de fundo do simbolismo aqui empregado. Deriva-se dos escritos judaicos, especificamente o Testamento de Levi. Em 3:3 desse livro vemos um mar celeste, muito maior que o mar terrestre. Em 2:3 desse livro vê-se que esse mar, apesar de encontrar-se no primeiro céu, está entre o primeiro e o segundo céus, e esse «pendurar» significa, provavelmente, «na direção do firmamento», que separava as «águas em cima» e as «águas embaixo» conforme se vê em Gên. 1:7. Em *Jubileus* 2:2 (outro escrito judaico do período helenista) somos distintamente informados da mesma coisa, a saber, que o firmamento, concebido como um teto elevado e sólido, que separava a terra dos céus, contém água em ambos os seus lados. Por debaixo do mesmo haveria a atmosfera de nuvens da terra; por cima, haveria o mar celeste. Esse mito é aludido em *Epiphani. Haer.* lxxv.4. pelo que era idêntica bem conhecida nos tempos antigos, e em mais do que uma cultura. Em I *Enoque* 54:8 lê-se que as águas superiores (o mar celeste) seriam «masculinas», ao passo que as águas terrestres (a atmosfera com suas nuvens) seriam «femininas». Os mitos assírios supunham que quando essas duas águas se reuniram, os «deuses» foram produzidos. A passagem que acabamos de mencionar, em I *Enoque*, sugere a mesma coisa, pela designação desses mares como feminino e masculino. Os trechos de II *Enoque* 28:2 e 29:3 parecem reverberar essa idéia: «Das ondas é que criei as rochas... e da rocha cortei fora um grande fogo, e do fogo criei as ordens das dez tropas incorpóreas de anjos». Salmos 104:3 talvez também seja eco dessas antigas crenças cosmológicas: «... pões nas águas o vigamento da tua morada, tomas as nuvens por teu carro, e voas nas asas do vento», onde se vê que o mar tem algo a ver com a habitação de Deus. É quase certo que o simbolismo do mar celestial se derivou desses antigos documentos e dessas antigas crenças. (Ver, na introdução ao Apocalipse, em seu ponto IV, intitulado *Dependência Literária*, onde se demonstra o fato que o vidente João empregou vários dos livros de escritores judaicos, pertencentes ao período helenista, que atualmente se intitulam «pseudepígrafos», incluindo os diversos Testamentos dos Patriarcas, além de I e II *Enoque*).

**Significado do simbolismo:** É muito mais fácil traçarmos o simbolismo histórico do que atribuir-lhe qualquer significado indiscutível. Não cremos que o vidente João cresse em grande parte do que esse simbolismo sugere, embora não tivesse hesitado em empregar os símbolos. Supomos que a segunda interpretação, dada acima, mostra mais provavelmente o que ele visava dizer. A primeira dessas interpretações não é contrária a isso, e talvez faça parte do seu sentido.

**O vidro.** Pelo menos há três mil e oitocentos anos atrás, o vidro já era produzido no Egito. Tinham até garrafas de vidro. O ato de soprar vidro é pintado nos túmulos egípcios, e ruínas de fornalhas de vidro têm sido encontradas nos lagos Natron. O vidro egípcio era famoso em grande parte do mundo antigo, sendo intensamente utilizado em Roma e outros famosos centros de civilização. Uma vidraça de vidro foi descoberta em Pompeia. É possível, portanto, que a referência neste versículo, ao «vidro», indique vidro literal. Mais provavelmente, entretanto, estaria em foco o «cristal», que se assemelha ao vidro. É curioso observar que os astronautas exploradores da lua encontraram vidro que foi naturalmente produzido, devido a certas condições ali existentes, sem qualquer fabrico inteligente.

«...quatro seres vivos cheios de olhos, por diante e por detrás...» O simbolismo dos quatro seres vivos parece combinar o simbolismo que há nos livros de Ezequiel e Isaias. Os «querubins» de Ezequiel eram «quatro» em número, o que se verifica também aqui, no tocante aos «seres vivos». Mas a descrição recua às descrições babilônicas, onde aparecem gênios ou guardas com «quatro asas», na forma de um boi, de um leão, de um homem e de uma água, tal como se vê no sétimo versículo deste capítulo. Nos escritos judaicos, a função desses «seres» era o de sustentar a plataforma sobre a qual estava o trono de Deus, transformando-a numa espécie de carruagem celestial. No trecho de Isa. 6:1-7, os «serafins» aparecem como seres celestes, de forma humana, mas com seis asas cada. Esses figuram perto do trono, como guardiães, a entoarem incessantemente: «Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos». Tanto os «querubins» de Ezequiel como os «serafins» de Isaias tornaram-se figuras importantes nos escritos judaicos posteriores, e com frequência eram vistos juntos, aliados aos «ofanins», uma personificação dos «olhos» nas rodas da visão celeste de Ezequiel. Esses nunca dormiriam, mas guardam constantemente o trono de Deus, e seus muitos olhos fazem essa vigilância ser completa e absoluta. (Ver I *Enoque* 71:7 e 14:23). Em II *Enoque* 21:1, os querubins e serafins diziam ambos «Santo, santo, santos», o *ter sanctus*. Abraão, no «sétimo céu»,

conforme é pintado no Apocalipse de Abraão 18, teria visto os «ofanins», aqueles que «tudo vêem», os seres dotados de muitos olhos (comparar com Eze. 1:18 e 10:12). Quatro eram os rostos de cada um deles, de leão, de homem, de boi e de água, e cada qual estava equipado com seis asas. Essa obra judaica, que data mais ou menos da mesma época do Apocalipse canônico, mistura os querubins e serafins quanto à sua aparência e função.

Tendo acompanhado a origem desses símbolos, vemos claramente onde o vidente João obteve tais símbolos. Supomos que ele atribui a esses seres (provavelmente concebidos como seres literalmente celestiais) as mesmas funções que têm nos outros livros mencionados: seriam guardiães, sustentadores do trono de Deus, poderes celestiais e seres que prestam um louvor celeste. O número «quatro» mui provavelmente envolve, de alguma maneira, os poderes dos céus, os poderes da terra, as quatro extremidades da terra e os quatro ventos. Cada um deles tinha apenas uma cabeça, ao passo que, nos antigos escritos judaicos, tinham quatro. O que se pensa acerca dessas cabeças (leão, boi, homem e água) é explicado nas notas sobre o próximo versículo. Além disso, incorporam em si mesmos a natureza dos *ofanins*, dotados de muitos olhos, indicando a «vigilância» perante o trono, visando a proteção do mesmo, bem como uma sabedoria geral, que a «tudo» vê, dotados por Deus de propósitos especiais. O vidente João nada apresenta de original em tudo isso, mas misturou figuras simbólicas antigas, sem dúvida bem conhecidas em seus dias, apesar de parecerem estranhas em nossa época, sobretudo para os que não dão atenção aos antigos escritos judaicos, como os livros apócrifos, pseudepígrafos e certas passagens apocalípticas do próprio A.T.

**Sumário da identificação e significados dos seres vivos:**

1. Seriam as quatro extremidades da terra ou os quatro ventos. Portanto, representariam poderes terrenos, agências divinas que controlam a terra. A «natureza animada» louva a Deus e cumpre as suas ordens. Os seres vivos simbolizam isso, embora não sejam idênticos a essas forças naturais.

2. Seriam os quatro signos do zodíaco, os poderes celestiais que têm poder sobre os céus e sobre a terra.

3. Seriam seres celestes literais, que realizam tarefas que lhes foram determinadas do alto.

4. Outros pensam que não seriam seres literais, mas meros «símbolos» do modo como Deus controla a tudo e dá glória a tudo. Os anjos balem suas muitas asas, e o movimento de ar e energia, assim produzido, embora não seja perceptível aos ouvidos terrenos ordinários, é a «música das esferas» das regiões espirituais. O décimo nono versículo tem uma referência a esse fato.

5. Outras interpretações incluem os pontos seguintes: a. os quatro evangelhos; b. as quatro igrejas patriarcais; c. os quatro grandes apóstolos, que simbolizariam os ministros do evangelho; d. os mestres da igreja; e. as principais faculdades da alma humana, que conduzem o homem a Deus. Todas essas interpretações, apesar de terem algum valor, talvez relacionadas à idéia do texto sagrado, não são interpretações primárias.

6. Os «olhos» das rodas da visão de Ezequiel (ver Eze. 1:18 e 10:12) são aqui transferidos aos próprios seres celestiais, conferindo-lhes a propriedade da visão completa, que tudo sabem, possuidores de perfeita vigilância.

7. O autor sagrado fala através de símbolos místicos. Não sabemos dizer o quanto de tudo isso ele supunha aplicar-se aos seres celestiais propriamente ditos, ou se a inteira descrição meramente indica os vários poderes e as várias glórias de Deus, ou como seus atributos pessoais ou como qualidades delegadas a seus servos celestiais.

**Outras idéias sobre o sexto versículo:**

1. Há uma vigilância incessante diante do trono de Deus; e isso visa o bem dos homens. Seu propósito é revelar a glória de Deus aos homens, Deus se acha entronizado em seu trono, e tudo vai bem neste mundo, em última análise.

2. A visão que aqui temos pode representar a quádrupla providência divina, as formas fundamentais da orientação a do governo de Deus. Talvez isso possa ser explicado da seguinte maneira: O boi representa o princípio e o espírito de sacrifício, de expiação. O leão representa o espírito de coragem vitoriosa e de ação positiva. O homem representa a simpatia pelo ser humano, o benefício de todas as operações divinas em favor dos homens. E a água representa o espírito de esforço em busca de certo ideal, implantado no homem, a estrela orientadora da vida humana, pois a água está equipada com asas poderosas.

3. Uma «inteligência» perfeita e completa fica subentendida nessa visão dos seres vivos. A glória de Deus consiste de inteligência.

4. O céu é o trono de Deus, e a terra é o encabelo de seus pés (ver Isa. 66:11). A visão constante no presente versículo muito diz acerca dessas mesmas coisas complexas. Seu trono repousa sobre a «abóbada», sobre o «firmamento». E os seres vivos levam todo o conjunto como se fora uma carruagem. Deus está em toda a parte, e controla a tudo.

7 καὶ τὸ ζῶον τὸ πρῶτον ὁμοιον λέοντι, καὶ τὸ δεύτερον ζῶον ὁμοιον μόσχῳ, καὶ τὸ τρίτον ζῶον ἔχων τὸ πρόσωπον ὡς ἀνθρώπου¹, καὶ τὸ τέταρτον ζῶον ὁμοιον ἀετῷ πετομένῳ.

¹ 7 [C] τὸ πρόσωπον ὡς ἀνθρώπου A 1344 omitt τὸ ἡμετέριον διὰ τοῦ  
vg sy<sup>1</sup> sy<sup>2</sup> cop<sup>1</sup> It<sup>1</sup> Ambrose Apringius Primarius Heatus &  
τὸ πρόσωπον ὡς ἀνθρώπου P 1 1611<sup>1</sup> omitt τὸ; 1854 2020 2053 2073 2081  
sy<sup>2</sup> Andrew<sup>1</sup> & πρόσωπον ἀνθρώπου 048 94 1006 1611<sup>1</sup> 1928 1859 2042

2015 2452 τὸ πρόσωπον 2138 cop<sup>1</sup> arm Irenaeus Andrew<sup>2</sup> Arethas &  
ὡς ἀνθρώπου 18<sup>1</sup> & τὸ πρόσωπον ὡς ὁμοίον ἀνθρώπου M & πρόσωπον  
ὡς πρόσωπον υἱὸς ἀνθρώπου : cop<sup>1</sup> omitt *for* πρόσωπον; eth

7 εχων A 046 2059 2329 al; R] εχων NP 182 2028 pm ε |

Ao invés do nominativo, *ἄνθρωπος*, que figura em P 1 1611<sup>1</sup> 1854 2053 sir (h) *al.* o genitivo, *ἀνθρώπου* parece ser preferível devido à preponderância do apoio externo (A 046 maioria dos minúsculos it (gig.61) vg sir (ph) cop (sa) Irineu (lat) *al.* e devido às probabilidades de transcrição. Assimilação ao contexto é fator que explica a forma ímpar de κ (ὡς ὁμοίον ἀνθρώπου). A omissão de τὸ (046 94 1006 1611 (c) *al.*) representa uma correção bem pensada, introduzida por copistas.

4:7: o 1º primeiro ser era semelhante a um leão; o segundo ser, semelhante a um touro; tinha o terceiro ser o rosto como de homem; e o quarto ser era semelhante a uma águia voando.

(Este versículo pode ser confrontado ao trecho de Eze. 1:10, onde a ordem de apresentação dos seres vivos é—homem, leão, boi e águia).

«...leão...» O leão é animal poderoso e decidido. É considerado o «rei» dos animais. Está investido de grande força física, e não hesita em utilizar-se da mesma. Isso também caracteriza o poder de Deus, nos céus e na terra. Essa é uma das maneiras pela qual se manifesta o poder divino; e essa é também uma das maneiras como servimos ao Senhor.

«...novilho...» O boi era um animal próprio a ser oferecido em sacrifício. Talvez isso signifique que o poder de Deus se manifesta mediante sacrifício ou expiação. O boi também é um animal paciente. Assim também o poder de Deus é administrado em meio a paciência. O boi era o animal usado nos trabalhos pesados das lides agrícolas. Por igual modo, é o poder de Deus que nos confere a vida eterna.

«...homem...» O homem é objeto da providência divina, e sua sabedoria total visa conduzir o homem a Cristo, fazendo do homem um filho, tal como Cristo é o Filho de Deus. Essa filiação envolve a participação na natureza essencial de Cristo, e, por conseguinte, da divindade, segundo se aprende em II Ped. 1:4. (Ver também os trechos de Col. 2:10 e Efê. 3:19). Cristo é o «Homem Ideal», e toda a benevolência divina em favor da redenção do homem opera através de Cristo, buscando fazer dos homens remidos aquilo que o Filho de Deus é e possui. (Ver Rom. 8:29,30 e II Cor. 3:18 como versículo cujas notas expositivas desenvolvem essa idéia). Participamos da glorificação e da herança de Cristo, com base em nossa participação em sua própria natureza. Disso é que consiste o evangelho cristão.

*Da harmonia, da harmonia celestial,  
É que começou este arcabouço universal.  
De harmonia em harmonia,  
Passando por todas as notas musicais,  
O diapasão fecha-se em torno de homem.  
(John Dryden).*

«...águia...» Agostinho comparava o «jugo» de Cristo às penas das asas de um pássaro. Se aceitarmos esse jugo, seremos elevados espiritualmente por ele, longe de servir-nos o mesmo de cargo e empecilho. Assim também, o símbolo místico da águia aparentemente significa que a revelação de Deus, em nosso caso, terá o poder de elevar-nos, como se fora uma águia no vôo, sendo a águia uma das aves de vôo mais poderoso e majestático. Outrossim, essa «águia» tem seis asas, e não meramente duas. Deus se manifesta a nós como se fora uma águia. Servimos a ele como uma águia. Cada figura simbólica alude à ajuda divina que nos é prestada, bem como à nossa ajuda, prestada a outros, mediante o nosso desenvolvimento espiritual. Deus passa a ser o infinito no finito, e quando o infinito vem habitar no finito, uma imensa transformação ocorre neste último. Convém que venhamos a ser cheios de toda a plenitude de Deus (ver Efê. 3:19). E

posto que há uma infinitude com que teremos de ser cheios, também haverá de ocorrer um enchimento de duração e escopo infinitos.

O espírito da águia representa o vôo para os mistérios das mais elevadas verdades divinas; fica assim retratado o poder necessário para buscarmos aquele elevado ideal do destino humano em Cristo.

*Outras idéias sobre o sétimo versículo:*

1. O homem, em seu estado natural, sob hipótese alguma possui as duas asas da águia, que o ajudem em sua inquirição espiritual. Mas, quando é ajudado pelo Senhor, adquire as seis asas da providência divina.

2. Quatro é o número do mundo; quatro ventos, quatro estações, quatro extremidades da terra. Deus possui senhorio absoluto sobre o mundo, porquanto governa os poderes celestiais que controlam este mundo. Mas o seu senhorio é usado visando propósitos benévolos, porquanto até mesmo o julgamento divino é o dedo da mão amorosa de Deus.

3. A própria natureza serve a Deus e é seu instrumento de serviço, porque faz parte da grande criação. «O poder da natureza não é uma força cega; antes, é utilizada no serviço da providência divina, e em tudo ela traz impressa a marca da razão». (Dr. Currey, *Sepaker's Commentary*, acerca de Eze. 1:18).

4. Os símbolos do presente versículo dizem-nos algo sobre o estado e o poder de Deus:

*Seu estado  
É real; milhares apressam-se ante suas ordens,  
E se dispõem sobre terras e oceanos, sem descanso;  
E também servem a quem somente fica à espera.*

5. Os quatro arcanjos. A literatura rabínica pinta o trono de Deus circundado por anjos da mais elevada ordem: Miguel está à mão direita de Deus; Uriel à sua esquerda; Gabriel perante ele; e Rafael por detrás. Esses seriam os quatro «seres vivos» que servem a Deus e a outros, por delegação divina. Não estão em foco no presente versículo, mas fornecem-nos uma lição paralela que é semelhante à lição deste versículo.

6. Observemos, no trecho de Apo. 6:8, que esses «quatro seres vivos», juntamente com os vinte e quatro anciãos, entoam o hino da redenção, que pertence aos homens. Mas esse hino também pertence àqueles criaturas celestiais, porque, de alguma maneira, ou mesmo de muitas, estão elas associadas aos homens, embora não necessitem do tipo de redenção que foi conferida aos eleitos.

7. Os quatro seres vivos são símbolos dos quatro evangelhos. Essas criaturas vieram a ser vinculadas aos quatro evangelhos. Antigas gravuras, em manuscritos do N.T., mostram Marcos sentado sobre um leão; Lucas, sobre um boi; Mateus, sobre um homem; e João sobre uma águia. Os símbolos, contudo, variam. Irineu atribui o leão a João, e a águia a Marcos. Agostinho pensava que o leão é o símbolo de Deus, ao passo que o símbolo de Marcos seria o homem. Supomos que os antigos comentaristas e artistas cristãos pensavam que os quatro evangelhos fornecem aos homens a revelação e o benefício que aqueles antigos símbolos místicos sugerem, conforme mostramos nas notas expositivas acima.

8 καὶ τὰ τέσσαρα ζῶα, ἐν καθ' ἑν αὐτῶν ἔχων ἀνὰ πτέρυγας ἑξ, κυκλόθεν καὶ ἔσωθεν γέμουσιν ὀφθαλμῶν· καὶ ἀνάπαισιν οὐκ ἔχουσιν ἡμέρας καὶ νυκτὸς λέγοντες, Ἅγιος ἅγιος ἅγιος κύριος ὁ θεὸς ὁ παντοκράτωρ, ὁ ἦν καὶ ὁ ὢν καὶ ὁ ἐρχόμενος.

1º B b nome, b nome TR Bov Not B<sup>1876</sup> AV (RBV) (NEB) // b maior, d maior: WH // b maior, b nome: (Zür) Jer // b nome, d maior: RV ASV TT Luth Seg

8 τὰ τέσσαρα...πτερύγας ἑξ Is 6:2 κυκλόθεν...ὀφθαλμῶν Eze 1:18; 10:12 Ἅγιος...κύριος Is 6:3 κύριος...παντοκράτωρ Am 3:13 LXX.

4:13 LXX. Re 1:8; 11:17; 15:3; 16:7, 16; 19:6, 13; 21:22 ὁ ἦν...ἐρχόμενος Is 61:4; Re 1:4, 9 ὁ ὢν Ex 3:14; Re 1:4, 8; 16:5

8 ἔχων A I 2059i al; R] ἔχον X c; ἔχον 046 8a 2028 al; ἔχοντα P 1611 pc 8 ἔσωθεν] φασὶν ἔσωθεν καὶ 046 69 pc |

ἅγιος 1er AP I 104 al] bis 181: sexties 2020 pc; septies 1678; octies R\* 385 2021: novies 046 8a 2073 pm

4:8: Os quatro seres vivos também, cada um, seis asas, e ao redor e por dentro estavam cheios de olhos; e não têm descanso nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, e que é, e que há de vir.

«...quatro seres vivos...» A descrição sobre os seres vivos tem continuação. Ver os versículos sexto e sétimo quanto ao significado desses seres.

«...seis asas...» O número das asas evidentemente é baseado na descrição do trecho de Isa. 6:2; que fala sobre os serafins. Seu vôo, na missão determinada por Deus, é um vôo poderoso e rápido. Essas asas também representam o governo de Deus em movimento, a fim de ser obtido o mais alto ideal possível. Fica assim simbolizado o vôo até aos mais elevados mistérios de Deus, bem como o desenvolvimento decisivo de grande desenvolvimento espiritual, para que os homens se ocupem da mesma forma de serviço dos seres vivos. O vidente João combinou as descrições acerca dos serafins e dos querubins, em Ezequiel e Isaias. Os seres vivos combinam as qualidades de ambas aquelas formas de criaturas.

Provavelmente, os anjos de seis asas devem ser considerados como os mais elevados e poderosos entre eles. Normalmente, seriam pintados apenas com duas asas.

«...cheios de olhos...» Isso já nos foi dito no versículo anterior, onde a questão é comentada. Agora o autor sagrado adiciona como esses olhos estavam situados, «...ao redor e por dentro...», que talvez indique ao redor e por dentro de cada asa, e então por baixo do próprio corpo. Parece haver nisso certa modificação em relação à descrição de Ezequiel acerca das rodas, em Eze. 1:15 e ss., que tinham rodas em todo o seu perímetro. Os olhos agora são transferidos para os próprios seres vivos, ao invés de estarem associados às rodas que os acompanhavam. Inteligência, conhecimento total, estado de alerta e vigilância são as qualidades simbolizadas. Os judeus utilizavam-se do termo «ofanins» para indicar as rodas cheias de olhos. Os quatro seres vivos combinam o que fora dito sobre os querubins (no livro de Isaias), sobre os serafins (no livro de Ezequiel) e sobre os ofanins (nesse último livro também).

«Os olhos representam o governo onisciente da providência divina, imane na vida do mundo, consciente por todos os lados. A absoluta visão circundante corresponde uma absoluta visão interior, que expressa a concentração contemplativa e a unidade da onisciência divina. De acordo com Hengstenberg, os olhos expressam o permeamento do mundo inteiro pelo espírito». (Lange, *in loc.*).

«...não têm descanso nem de dia nem de noite...» Não pode haver ocasião em que a providência divina não esteja em operação; não há intervalo em seu governo; não há pontos cegos em sua visão; não há diminuição no louvor que lhe é atribuído; não há parada na música das esferas. Em Enoque 41:7 o sol e a lua, em suas órbitas, «agradecem e louvam e não descansam; pois, para eles, sua ação de graças é descanso». «A ação generalizada de louvor, nos céus, é confirmada por passagens como I Enoque 31:12 e ss.; 40:3 e ss.; 61:9 e ss.; 69:26; 71:11; Testamento Levi 3:8; II Enoque 17:1; 18:9; 19:6; 20:4; Ascensão de Isaias 7:15, 10, 20, 27, 29, 30, 36; 8:3, 16-18; 9:28, 29, 40-42; 10:1-3, 19; 11:26, 27; Chag. 12(b) e Apocalipse de Sofonias». (Charles, *in loc.*).

A tarefa dos querubins e serafins, nas páginas do A.T. e nos escritos rabínicos, é dar louvor, embora essa não seja a sua única missão, sem dúvida. Isso indica para nós que o louvor começa entre os seres mais elevados, pelo que é apropriado para todos; mostra-nos que a própria natureza serve de louvor a Deus, pois é parte de sua criação. Nem os anjos e nem a natureza observam um sábado ou descanso. A ação de graças é o descanso deles. (Quanto a notas expositivas completas sobre o tema das «ações de graças», ver I Tes. 5:18). «Graças a Deus pelo seu dom inefável» (II Cor. 9:15).

«...proclamando, Santo, Santo, Santo é o Senhor...» (Ver Isa. 6:3, que é a fonte informativa desse «triságio», ou seja, o «três vezes santo», em que Deus é exaltado como Senhor e Todo-poderoso. A literatura judaica com frequência repete essa fórmula. (Ver II Enoque 21:1). Em nosso presente texto, o louvor não incorpora toda a criação, conforme se vê na passagem original. Isaias declara: «...toda a terra está cheia da sua glória». O presente texto concentra-se exclusivamente sobre a cena celeste. O cristianismo adotou o triságio nas Constituições Apostólicas, onde se lê: «Santo, santo,

santo Senhor Deus dos Exércitos! O céu e a terra estão cheios da tua glória, pois és bendito eternamente. Amém».

O triságio também foi musicado na igreja antiga, na forma «Santo Deus, santo Todo-poderoso, santo Imortal, tem misericórdia de nós». Na liturgia alexandrina (chamada de *São Marcos*) o triságio foi incorporado em um cântico responsivo. (Sacerdote: «A Ti atribuímos glória e damos graças, e o hino do triságio, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e para sempre e pelos séculos dos séculos». Povo: «Amém! Santo Deus, santo, Todo-poderoso, santo Imortal, tem misericórdia de nós»). Na liturgia usada por Crisóstomo, o coro entoava o triságio por cinco vezes, e, nesse interim, o sacerdote diz secretamente a oração do triságio «Deus, que és santo e descansas nos santos, que és saudado em hinos com a voz do triságio pelos serafins, e glorificado pelos querubins, e adorado por todos os poderes celestes! Tu, que do nada chamaste à existência todas as coisas; que fizeste o homem segundo Tua imagem e semelhança, que o adornaste com todas as Tuas graças, que lhe conferiste buscar sabedoria e entendimento, e não passas pelo pecador, mas lhe dás arrependimento para a salvação; que propiciaste que nós, Teus humildes e indignos servos, ficáramos de pé, neste tempo, perante a glória de Teu santo altar, e que Te deveríamos atribuir a adoração e o louvor que te é devido; recebe, Senhor, da boca de pecadores, o hino do triságio, e visita-nos com a Tua bondade. Perdoa-nos cada ofensa, voluntária e involuntária. Santifica nossas almas e nossos corpos e concede-nos que Te sirvamos em santidade todos os dias da nossa vida; pela intercessão da Santa Mãe de Deus, e de todos os santos que Te têm agradado desde o começo do mundo». E então, em voz alta: «Pois Santo és Tu, um único Deus és Tu». O testemunho da história mostra que essa liturgia pertence, pelo menos, ao começo do século V D.C., e as tradições apócrifas lhe conferem uma origem celestial. Em tempos posteriores, entretanto, sofreu várias modificações. E hinos modernos também se têm alicerçado sobre o triságio:

*Santo! Santo! Santo!  
Deus onipotente!  
Cedo de manhã  
Cantaremos teu louvor.  
Santo! Santo! Santo!  
Deus Jeová trinitário!  
És um só Deus,  
Excelso Criador.*

A santidade de Deus: Não se trata de algo destituído de inteligência e preferência, mas antes, é garantido pela escolha divina, de tal modo que nele não há maldade, nem tendência para o mal, e nem cegueira ou ignorância do mal. Na santificação, os crentes deverão duplicar a santidade divina, vindo a participar, finalmente, da própria natureza moral de Deus (ver Mat. 5:48 e Gál. 5:22). Essa santidade de Deus não é apenas passiva (ausência de pecado ou qualquer defeito), mas também é ativa, caracterizando-se por bondade positiva, por ações de santidade inerente. (Ver as notas expositivas, em Rom. 1:7 e Col. 1:2 quanto ao fato que os crentes são «santos», devendo compartilhar da santidade de Deus). É mediante a santidade que tem lugar a transformação moral do ser humano, para que venha a partilhar da própria natureza moral de Deus, manifestada em Cristo; e daí é que se deriva a transformação metafísica, que leva o remido a participar da própria essência ou natureza divina, conforme ela se acha em Cristo (ver II Ped. 1:4). Essa é a importância da «santificação». (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema em I Tes. 4:3; e quanto à santificação como algo «absolutamente necessário à salvação», ver II Tes. 2:13).

A santidade, em seu sentido mais sublime, é aplicada a Deus. Ela denota os pontos seguintes:

1. O fato que Deus está separado da criação, até mesmo daquela porção da mesma que não está maculada com a maldade inerente, como os seres angelicais que não caíram no pecado. Isso é assim porque a santidade consiste também da bondade positiva, e não meramente da ausência do mal.

2. Yahweh, pois, é transcendental, fazendo contraste com os falsos deuses (ver Exo. 15:11) e com a criação inteira (ver Isa. 40:25).

3. Deus é a essência absoluta da santidade, da bondade e da retidão, sendo ele o alvo de toda a inquirição por santidade, pureza e bem-estar, baseados na retidão.

4. A santidade de Deus é perfeita e inspiradora. (Ver Sal. 99:3).

5. A santidade de Deus fala acerca de sua «excelência moral», bem como do fato que ele está livre de todas as limitações acerca da excelência moral (ver Hab. 1:13).

6. A santidade incorpora em si mesmo todas as excelências morais de

Deus, como a sua bondade, o seu amor, a sua longanimidade, sendo a luz solar que abarca todas as cores do espectro, mesclando-se com uma força de poderosa luz.

7. A santidade de Deus é incomparável (ver Exo. 15:11 e I Sam. 2:2).

8. A santidade de Deus é exibida em seu caráter (ver Sal. 22:3 e João 17:11), em seu nome (ver Isa. 57:15), em suas palavras (ver Sal. 60:6), em suas obras (ver Sal. 145:17), e em seu reino (ver Sal. 47:8 e Mat. 13:41). Há pureza, justiça e bondade perfeitas em todas essas coisas, tendendo à retidão e ao bem-estar de todos, pois Deus é a fonte de tudo isso.

9. A santidade de Deus deve ser magnificada (ver Isa. 6:3 e Apo. 4:8).

10. A santidade de Deus deve ser imitada (ver Lev. 11:44; I Ped. 1:15,16).

11. A santidade de Deus será duplicada nos remidos (ver I Tes. 4:3; Mat. 5:48 e Gál. 5:22,23).

12. A santidade de Deus requer um serviço santo (ver Jos. 24:19 e Sal. 93:5).

«...o Senhor...» Deus é o Soberano supremo de toda a criação. Esse é um título com frequência aplicado a Deus, no Antigo e no Novo Testamentos. Ocorre cerca de seis mil e seiscentas vezes na Bíblia. Neste livro, pode-se vê-lo em Apo. 1:8; 4:8,11; 6:10; 11:8,15,17; 14:3,4; 16:5,7; 17:14; 18:8; 19:1,6,16; 21:22; 22:5,6,20,21. Algumas vezes esse título é atribuído a Deus Pai, e outras vezes a Cristo; mas sempre a idéia de senhorio faz parte inerente do mesmo, com a idéia que os homens devem lealdade absoluta ao Pai e ao Filho. (Ver Rom. 1:4 quanto a notas expositivas sobre o «senhorio» de Cristo). O senhorio de Deus é exercido por meio de Cristo, no que se aplica aos homens. (Quanto a esse título, «Senhor», ver as notas expositivas em Apo. 1:8).

«...Deus...» O ser supremo é soberano. (Quanto a provas acerca da «existência de Deus», ver as notas expositivas em Rom. 1:20; quanto à «Trindade», ver I João 5:7. Também há vários artigos sobre a natureza e a existência de Deus, na introdução ao comentário. E aparecem várias idéias sobre a natureza de Deus e suas relações com os homens, nas notas expositivas sobre Ato 17:27).

«...Todo-poderoso...» Essa é uma comum descrição de Deus, que figura por cerca de cinquenta vezes nas páginas do A.T. Neste livro de Apocalipse figura por oito vezes (ver Apo. 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7,14; 19:15 e 21:22). A nota sobre o presente título aparece em Apo. 1:8).

A combinação, «Senhor Deus Todo-poderoso», provavelmente teve por intuito, ao menos em parte, quebrar a força do título assumido pelo imperador Domiciano, o qual perseguia a igreja cristã quando o livro de Apocalipse foi escrito. Esse imperador se tinha deificado, chamando-se de «Nosso Senhor e Deus». O autor sagrado indica que o Deus Todo-poderoso, que é o Senhor, e que lhe dera a visão sobre o trono celeste, em breve haveria de exibir seu poder em favor dos perseguidos cristãos. Não existe Deus além do Senhor Deus Todo-poderoso, pelo que a adoração ao imperador tinha de ser repelida pelos cristãos a qualquer custo. Para nós, esse título indica a mesma coisa, pois devemos pôr de lado coisas vãs, incluindo a nós mesmos, se essas coisas se nos têm tornado «deuses».

«...aquele que era, que é e que há de vir...» Essa descrição de Deus já aparecera neste livro em Apo. 1:4, onde a questão é amplamente explanada. Ali Deus é também o Todo-poderoso, o Alfa e o Ômega. E essa expressão é novamente empregada em Apo. 11:17.

1. Aqueles que louvavam a Deus, nos céus, não observavam descanso ou sábado. O sábado tinha de ceder a uma atividade incessante. A própria natureza está envolvida nisso. (Quanto à idéia que a própria natureza louva a Deus, ver Sal. 19:2 e ss.; 103:22 e 148).

2. «Portanto, temos o trono de Deus cercado por sua Igreja e por seu mundo animado; a primeira é representada pelos vinte e quatro anciãos, e o último pelos quatro seres viventes». (Alford, *in loc.*).

3. «A semelhança com a visão de Isaías (ver Isa. 6:1-4) pode lembrar-nos de que a voz da criação de Deus, em todas as épocas tem proclamado a sua santidade eterna... as seis asas são tomadas como uma expressão de reverência—pois com duas delas cobriam o rosto (ver Isa. 6:2); como expressão de humildade—pois com duas delas cobriam os pés; e como expressão de obediência—pois com duas delas voavam» (Carpenter, *in loc.*).

4. «...não descansam...» Quão tremendamente diferente será o motivo da atividade incessante dos adoradores da besta, que não terão descanso nem de dia e nem de noite» (Fausset, *in loc.*, aludindo a Apo. 14:11).

5. Os «quatro seres viventes» representam a criação inteira. No dizer de Adam Clarke (*in loc.*): «O rabino Abin, em *Shemeth Rabba*, seção 23, fol. 122,4, afirma: «Existem quatro que possuem o principado sobre este mundo: entre as criaturas intelectuais, o homem; entre os pássaros, a águia; entre o gado, o boi; e entre as feras, o leão. Cada um desses possui um reino e certa magnificência, e todos são colocados 'debaixo do trono da glória' (ver Eze. 1:10), a fim de mostrar que nenhuma criatura deverá exaltar-se neste mundo, e que o reino de Deus está acima de tudo'. Essas criaturas podem ser reputadas representantes da criação inteira».

9 καὶ ὅταν δώσουσιν τὰ ζῶα δόξαν καὶ τιμὴν καὶ εὐχαριστίαν τῷ καθήμενῳ ἐπὶ τοῦ θρόνου τῷ ζῶντι  
εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων,

7.10, 18; 18.4; 21.3 τῷ ζῶντι...αἰώνων Dn 4.34; 8.26; 12.7

8 τῷ καθήμενῳ...θρόνου 1 Km 22.19; 2 Chr 18.18; Ps 47.8; Is 6.1; Eze 1.26-27; Eze 1.8; Ro 4.2; 6.1, 7.13; 6.16;

4:9; E, sempre que os seres viventes deram glória e honra e ações de graças ao que ~~está~~ ~~assentado~~ sobre o trono, em uma vida pelos séculos dos séculos,

O cântico entoado pelos seres viventes é o triságio, no qual são atribuídas a glória, a honra e as ações de graças a Deus, devido à sua «santidade». E essa santidade de maneira alguma pode ser isolada de sua bondade, devido ao que louvamos devidamente ao Senhor, por todo o bem-estar, real e potencial que nele reside.

«Aquele que se assenta no trono é o Criador perenemente vivo. A vida inteira ergue-se diante de Deus em poderoso cântico. De joelhos os governantes respondem em alegria humilde, embora triunfal. Temos aqui

uma alegria mais profunda do que o orgulho, uma alegria na qual fenecer a altivez. Na vida de Deus, regozija-se tudo quanto é vivo. Todas as criaturas cantam ao Criador. Na vontade de Deus, encontram não somente sua paz, mas também sua alegria. Os tronos são tronos de obediência, devido ao que a própria vida torna-se um cântico de louvor... A música que o homem da ilha de Patmos ouviu nos céus se caracterizava por aquela perfeição e totalidade que tem como paralelo desejável, quando muito, neste mundo cá de baixo. Mas o homem da ilha de Patmos sabia bem aquilo que também podemos saber—que a música celeste pode ser entoada de tal modo nos corações humanos que o mundo todo seja modificado. Porque quando o pensamento de Deus se apossa de nós, transforma todas as nossas canções».



(Hough, *in loc.*).

«...glória...» Palavras de louvor e ações que exaltam a bondade e a glória de Deus; e isso demonstra e reconhece a elevadíssima posição do Senhor, bem como a sua majestade de posição e poder.

«...honra...» Mediante palavras e atos que honram ao ser de Deus, mostrando a lealdade aos seus desígnios e planos, justificando e honrando aos mesmos perante os seres inteligentes.

«...ações de graça...» O reconhecimento da bondade de Deus para com todos, as ações de graça pelo bem-estar que tem origem em Deus, porquanto todo o dom perfeito e bom vem do alto, do Pai das luzes (ver Tia. 1:17). Em meio às tribulações, às tristezas, às tragédias e ao caos da vida, essa percepção nem sempre se faz presente conosco. Lembremo-nos, entretanto, que o vidente João não se esqueceu de relatar o que diziam os seres celestiais, os quais habitam em uma esfera onde a percepção do bem-estar espiritual não é abafada. As visões místicas elevaram o vidente acima da percepção terrestre. E essa é a «avaliação» que, finalmente, haverá de prevalecer na criação inteira, porquanto, eventualmente, Deus nos dará uma solução perfeita para o problema do mal, e assim terá fim o presente caos. (Ver as notas expositivas em Rom. 3:8, acerca do «problema do mal»).

«...sentado no trono...» Temos aqui expressão figurada do «senhorio» de Deus, tomada por empréstimo das cortes reais terrestres, de onde partem as ordens que governam os reinos deste mundo. (Esse simbolismo é explicado nas notas expositivas sobre o segundo versículo deste capítulo).

«...vive pelos séculos dos séculos...» O Deus perenemente vivo é a fonte originária de todo o bem-estar, o que significa que esse próprio bem-estar deve ser eterno. O vidente João escreveu a uma igreja que sofria perseguições atroz, que era forçada a adorar ao imperador romano, um mero homem, como se ele fosse uma divindade, e cuja única alternativa era a perseguição mais cruel. O verdadeiro objeto de adoração é o Soberano eterno, o Rei dos céus. João conforta à perseguida igreja cristã, afirmando, indiretamente, que o «culto ao imperador» eventualmente seria aniquilado, mesmo que fosse só pela passagem do tempo. Mas a nossa fé, que apreende valores que circundam o próprio trono de Deus, nunca poderá sofrer dano

ou declínio com a passagem do tempo inflexível.

«...pelos séculos dos séculos...» Temos aqui tradução literal para a expressão grega que significa «eternidade». Essa mesma expressão ocorre no décimo versículo deste capítulo, como também em Deut. 32:40; Dan. 12:7; Siraque 18:17 e I Enoque 5:1. A expressão transfere aquilo que sabemos neste mundo acerca do meio ambiente do tempo, para aquilo que se verificaria nos mundos celestiais. Sabemos algo acerca das eras sucessivas que, juntas, perduram por longo tempo. Assim também, a eternidade é retratada como uma espécie de interminável sucessão de eras, de grupos de eras. E supomos que assim como os ciclos terrenos têm certos propósitos e alvos distintos, assim também sucederá aos ciclos da eternidade. Os ciclos terrenos, cada qual com seu alvo distintivo, juntamente têm por escopo um grande alvo, a saber, a unidade em Cristo, conforme se aprende em Efê. 1:10. Supomos que isso também caracterizará aos ciclos intermináveis dos mundos celestiais. Os gregos tinham diversas maneiras para expressar a idéia de eternidade, e em Efê. 3:21 há uma nota expositiva que explica essas expressões.

*Doxologias.* Nas páginas do N.T. as doxologias têm usos diversos, incluindo a finalidade didática. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Efê. 3:21).

*Outras idéias sobre o nono versículo:*

1. «Em face dos terrores dos últimos tempos, o Espírito que conferiu esta profecia não temia que o trono de Deus viesse a ser abalado. Assim como Deus vive por todos os aeons de aeons, isto é, até aos grandes aeons que compõem os aeons menores (análogos ao céu dos céus), a vive de modo absoluto, assim também ele sobrevive a todos os inimigos, os quais são presas da primeira e da segunda mortes» (Lange, *in loc.*).

2. Há notas expositivas completas sobre as «ações de graça», em I Tm. 6:18.

3. O verdadeiro Soberano não somente se assenta sobre o trono, conforme fazem os soberanos terrenos, mas seu reinado também não pode ter fim, pelo que, finalmente, sujeitará a si mesmo todos os seres inteligentes, conforme também se vê em Fil. 2:8-11. O mundo estará «desconjugado», pelo menos em parte, enquanto isso não suceder.

10 πρὸς οὐνται ὁ εἰκοσι τέσσαρες πρεσβύτεροι ἐνώπιον τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου καὶ προσκυνήσουσιν τῷ ζῶντι εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων, καὶ βαλοῦσιν τοὺς στεφάνους αὐτῶν ἐνώπιον τοῦ θρόνου λέγοντες,

10 τοῦ καθημένου ... θρόνου I Km 22:19; 2 Chr 18:16; Ps 47:8; Is 6:1; Eze 1:26-27; Slr 1:2; Re 4:2; 5:1, 7,

13; 8:16; 7:10, 18; 10:4; 21:5

4:10; os vinte e quatro anciãos prestavam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam ao que vive pelos séculos dos séculos; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo:

«...vinte e quatro anciãos...» Há notas expositivas completas sobre eles, no quarto versículo deste capítulo.

«...prostrar-se-ão...» É mister que examinemos os pontos abaixo, para melhor entendimento desse ato:

1. Tal ato mostra que os vinte e quatro anciãos reconheciam a total superioridade do Senhor, bem como o direito que ele tem de ser adorado e de receber toda a nossa lealdade.

2. Também mostra que se submetiam completamente a Deus, além de exibir o valor que eles mesmos tinham, no tocante ao serviço que prestavam ao Senhor.

3. Mostra o reconhecimento que tinham de quão justa e necessária é a sujeição ao Senhor soberano, em seu trono.

4. Em contraste com a própria posição de autoridade deles é que agora adoravam ao Senhor. Conforme se vê no quarto versículo deste capítulo, eles mesmos estavam sentados em tronos. Mas isso se devia somente ao poder delegado por Deus. Em seus tronos, exibiam coroas de ouro. Mas aqui eles descem de seus tronos e adoram aquele que é realmente o Soberano. E assim deixam entendido que a autoridade deles não é absoluta, e, sim, delegada. Pois todos os tronos, em última análise, pertencem exclusivamente a Deus. Os tronos menores existem com a finalidade mesma de fomentar e estender o poder do trono superior de Deus.

5. Aqueles que se assentam sobre tronos inferiores (que exercem qualquer autoridade sobre este mundo ou sobre as dimensões celestiais), assentam-se nos mesmos pela vontade de Deus, conforme sua vontade lhes ditar. Os tronos inferiores, por conseguinte, são apenas meios de serviço, e não meios de auto-exaltação.

«...aquele que se encontra sentado no trono...» Ver o segundo versículo deste capítulo quanto ao simbolismo do trono divino. A homenagem é prestada «diante» desse trono, pois os próprios poderosíssimos vinte e quatro anciãos se prostram perante o mesmo. Esse é o único trono perante o qual se pode prestar homenagem autêntica e verdadeira. O vidente João lembra a seus leitores, indiretamente, que é errado e prejudicial alguém prostrar-se perante qualquer outro trono, como se dava no caso do «culto ao imperador»; pois o imperador romano, sendo mero homem, era adorado como se fora uma divindade.

«...adorarão...» 1. Adorarão a Deus mediante o uso de todas as suas capacidades e poderes, exaltando ao Senhor e fazendo o seu serviço, o que sempre produz bem-estar entre os seres criados. 2. Adorarão a Deus mediante o louvor de seu cântico. 3. O termo grego aqui usado é «proskuneo», que tem as seguintes idéias: a. prestar reverência; b. tratar com respeito; c. prostrar-se diante de alguém em adoração. A raiz desse vocábulo envolve a idéia de «prostrar-se», de «cair por terra», como ato de adoração. Portanto, ficam salientadas extrema humildade e sujeição.

Glória, honra e ações de graça são conferidas ao ser eterno e interminável. Agora, «adoração» lhe é prestada. O imperador romano, que vinha sendo adorado como se fosse uma divindade, algum dia haveria de morrer, e então o povo reconheceria que ele não merecia tal adoração. O

verdadeiro objeto de nossa adoração, que é o Criador (o Alfa) e o Alvo (o Omega) da criação, é o único que pode requerer dos homens esse ato de sujeição absoluta. Nessa sujeição, pois, obtemos tudo quanto é valioso na vida humana, através da transformação segundo a imagem de Cristo.

«...depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando...» Neste ponto achamos excelente símbolo do «uso total das próprias potencialidades para a glória de Deus». A nota detalhada sobre as «coroas» aparece em II Tim. 4:8. Apesar do fato que as «coroas» e os «galardões» são símbolos complexos, que não podem ser explicados com uma única interpretação, o ponto central, é que seu significado é o «desenvolvimento espiritual» do crente, a extensão obtida por este da imagem e dos atributos de Cristo. Portanto, se um homem tem a «coroa da justiça», isso significa que ele atingiu a elevado grau de santidade ou justiça, em sua aquisição da natureza e dos atributos de Cristo. Cristo é o alvo, e as «coroas» indicam o quanto desse alvo cada crente terá obtido. Por isso mesmo, a coroa da vida indica a «vida eterna», concretizada mediante a transformação segundo a imagem e a natureza de Cristo, a participação em sua própria «modalidade de vida», sabendo-se que Cristo participa do mesmo tipo de vida que Deus Pai possui (ver João 5:25, 26 e 6:57). No que tange aos seres celestes aqui focalizados, as «coroas» indicam, pois, o poder que possuem, por causa da exaltação de seus seres, que lhes foi conferida por Deus. Não poderiam mesmo ter, de si mesmos, qualquer exaltação ou senhorio. Deus é quem os tornou grandes, através dos meios espirituais por ele providos.

Os vinte e quatro anciãos representam os crentes. Isso torna-se evidente em Apo. 5:8 e ss., onde vemos que eles «entoam o hino da redenção», a saber, da redenção humana. Portanto, ao lançarem suas coroas diante do trono de Deus, isso quer dizer não somente que prestaram total lealdade a Deus, mas que o serviram com o que é possível em seus seres, que adoraram a Deus com a totalidade de sua capacidade. Traduzindo isso em termos simples, isso significa que tudo quanto um homem é, tudo em que ele se tiver transformado, devido ao seu progresso espiritual, por estar adquirindo a imagem de Cristo, será lançado aos pés do Senhor, a fim de que o seu ser, em sua inteireza, seja usado para serviço e glória de Deus, o que, sem dúvida alguma produzirá grandes benefícios a outros seres. O progresso na espiritualidade é algo contínuo, sem qualquer possibilidade de fim ou estagnação. O progresso espiritual consiste de ser o indivíduo remido cheio de toda a plenitude de Deus. (Ver Efê. 3:19). Já que há uma infinitude com a qual teremos de ser cheios, também haverá um processo infinito de enriquecimento. Esse enriquecimento crescente com a natureza e os atributos de Deus, ao mesmo tempo que nos exaltará imensamente na qualidade de filhos de Deus, também irá exaltando crescentemente a Deus, a fonte originária de todo o nosso bem-estar espiritual. Deus é o Alfa, o Criador; e Deus é o Omega, o alvo da criação, conforme se aprende no versículo seguinte; e o lançamento das coroas aos pés do Senhor significa que sempre haremos de reconhecer que ele é o Omega da criação. E também indica que embora teremos de ir progredindo infinitamente, sempre haremos de depender de Deus, apesar do fato que haremos de participar de sua modalidade de vida, que é necessária e independente, apesar do fato que em nós mesmos possuiremos a fonte da vida, devido à imensa graça do Senhor.

Tudo aquilo em que tivermos sido transformados, juntamente com tudo aquilo que tivermos vindo a possuir, deverá ser colocado à disposição do

Senhor, para uso em seu serviço eterno. Isso é o que está envolvido no ato de depositar as coroas perante o trono de Deus. Tal ato implica em sujeição e dependência, sem importar a imensidade da exaltação e da glorificação com Cristo a que tivermos chegado.

As coroas depositadas pelos vinte e quatro seres vivos, diante do trono, são de ouro. (Ver as notas expositivas, no quarto versículo deste capítulo, a esse respeito). Aquilo a que tivermos chegado, as habilidades e a exaltação de natureza que tivermos de receber, revestem-se de valor prodigioso. Feliz é o homem que tem algo de valor para lançar diante do trono de Deus. Felizes serão, eventualmente, todos os seres humanos, porquanto todos chegarão a um lugar onde poderão glorificar positivamente a Deus, conforme fica demonstrado no primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Porém, mais felizes ainda serão aqueles eleitos que compartilharem da própria natureza de Cristo e de seus próprios atributos, podendo servir a Deus na qualidade de filhos, amoldados segundo o modelo do Filho de Deus, Jesus Cristo. As coroas, nas cabeças dos vinte e quatro anciãos, servem de sinal de sua dignidade, de seu valor inerente e de sua autoridade real. Por conseguinte, quando os vinte e quatro anciãos tiverem de entregar ao Senhor as suas coroas, isso significará que tudo quanto são, incluindo sua autoridade elevadíssima, que para eles será «de ouro», por causa do seu grande valor espiritual, será conferido a Deus, visando a glória do Senhor, bem como o cumprimento de seus propósitos e a prestação de serviço.

*Outras idéias sobre o décimo versículo:*

1. Deposição das coroas ante o trono de Deus. Será um ato de submissão, de homenagem, de homenagem, de serviço voluntário. Cícero relata-nos a história de Tigranes, rei dos armênios, o qual, trazido ao acampamento de Pompeu, como cativo, prostrou-se ante este e depositou sua coroa diante dele. Segundo nos é dito, Pompeu tê-lo ia erguido e recolocado em sua cabeça a coroa. (*Oración, Pro Sertio*, xvii). Tácito relata-nos como alguns homenageavam à estátua de Nero, depositando coroas a seus pés, como parte do sacrifício ritual em sua honra. (*Anais*, xv, 29). O vidente João sabia dessas coisas. E, conforme ele nos informa indiretamente, existe somente um que merece que depositemos a suas

pés as nossas coroas—o Soberano do universo inteiro.

2. «...depositado...» Um ato. Os vinte e quatro anciãos não prestaram homenagem apenas por meio de palavras.

3. Em *Slav. En.* xiv. 2, temos acerca de como o sol, ao passar diante do Senhor Deus, no quarto céu, deixa sua coroa diante de Deus. Assim também sucederá a todos os remidos. Quando chegarem aos céus, embora tivessem sido dotados de muitas coroas, não poderão chegar à presença do Senhor sem deixarem diante dele as suas coroas, nem dedicarem a ele tudo quanto são e possuem, a fim de servirem a Deus eternamente.

4. «Uma expressão de reverência entusiasta, de prostração, de auto-humilhação, reconhecendo o fato que somente a ele (a Deus) pertence toda a honra». (Lange, *in loc.*). «Isso também expressa o fato que, assim como os 'governantes' estão sujeitos a Deus, assim também a autoridade (dos vinte e quatro anciãos) se deriva de Deus, a dele depende continuamente» (*Editor do Comentário de Lange*).

5. «Dessa forma eles (os vinte e quatro anciãos) reconheceram que toda a sua dignidade real vem da parte de Deus, o qual é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores». (Robertson, *in loc.*). Sem importar se os homens ou os anjos possuem essa autoridade delegada, o certo é que o mesmo Senhor é quem receberá, afinal de contas, todos os benefícios envolvidos em seu propósito eterno.

6. Alguns estudiosos pensam que as «coroas», neste caso, são as coroas outorgadas aos vitoriosos nas corridas; mas isso dificilmente se poderá aplicar aos «seres celestiais» que são os vinte e quatro anciãos. Esses possuem tronos «reais», na vizinhança imediata do mais elevado trono. Todavia, tal idéia poderá ser empregada à guisa de ilustração. Tudo quanto tivermos obtido, em nossa inquirição espiritual, «vencendo na corrida», será usado para glória do Senhor, a isso por toda a eternidade. Essas coroas não nos serão tiradas; antes, haveremos de utilizá-las nos delas no serviço prestado a Deus. Por essa razão é que haveremos de depositá-las a seus pés.

7. Conta-se a história de certa mulher que fez objeção à pregação a respeito das «coroas», pois ela pensava que isso encorajava os crentes a se exaltarem a si mesmos. Mas um pregador explicou-lhe que todas as coroas aqui ganhadas, eventualmente redundarão na glória de Deus. Ouvindo isso, ela exclamou: «Se esse é o caso, então que eu busque ganhar as coroas!»

11 Ἄξιός ἐστι, ὁ κύριος καὶ ὁ θεὸς ἡμῶν, λαβεῖν τὴν δόξαν καὶ τὴν τιμὴν καὶ τὴν δύναμιν, ὅτι σὺ ἐκτίσας τὰ πάντα, καὶ διὰ τὸ θελήματί σου ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν.

11 ἡμῶν] add ο ἁγίος 046 8a 100b al sy<sup>h</sup> | ἦσαν] praesent ουκ 046 2020 pc: cypriotto 2329: αἰων P I al c

4:11: Digno é, Senhor nosso e Deus nosso, de receber a glória e a honra e o poder, porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade existiram e foram criadas.

«...digno...» O Senhor é digno por ser ele o único Ser verdadeiramente supremo; e, em contraste com aqueles que usurpavam o nome de «Deus», por serem meros seres humanos, conforme se dava no caso do «culto ao imperador», ele é o único verdadeiro «Senhor». O A.T. utiliza-se dessa palavra para aludir a Deus, por quase setecentas vezes. Somente neste livro de Apocalipse o vocábulo é usado nada menos de vinte e duas vezes, algumas vezes referindo-se a Deus Pai, e de outras vezes referindo-se a Deus Filho. As palavras «Senhor» e «Deus» figuram juntas em Apo. 4:8 (onde devem ser consultadas as notas expositivas), e também em 11:17; 15:3; 16:7; 18:8; 19:1,6; 21:22 e 22:5,6. O Pai é Deus; o Pai é Senhor; e Cristo também é Senhor (ver as notas expositivas em Rom. 1:4, a esse respeito). A lealdade dos homens a Deus, a sua associação necessária com ele, só se verifica quando eles fazem dele o Senhor de suas vidas; e não pode haver fé verdadeira sem tal lealdade. Podemos ser superficiais meio-crentes em nossas crenças, e todo o indivíduo que pensa ter a Cristo como seu Salvador, mas não lhe confere a posição de Senhor, prestando-lhe sua lealdade, é apenas um superficial meio-crente, que tão-somente crê em algum credo casual.

O Senhor é digno, por possuir poder absoluto, o qual emprega em favor do bem, visando ao benefício de toda a sua criação, e não a perda e a destruição das suas criaturas, conforme se dava no deus imaginário dos gregos, Zeus, o qual não hesitava em empregar arbitrariamente seu grande poder para finalidades freqüentemente questionáveis ou mesmo totalmente errôneas. Deus é digno porque, através do Filho, o Senhor aplica o seu poder remidor; e também é digno porque ele eliminará, finalmente, o problema do mal, da tragédia, do pecado e do caos.

«...receber...» O original grego pode significar «tomar» ou «receber», e ambas essas idéias emprestam ao texto um bom significado. Deus «recebe» essa honra porque o homem a dá; e Deus a «toma» porque, na qualidade de soberano que é, não depende meramente da obediência dos homens e de outros seres inteligentes. Não obstante, os atos de «tomar» e «receber» serão, a final de contas, uma única coisa, já que todos os homens, eventualmente, prestarão lealdade a Deus por intermédio de Jesus Cristo, quando os ciclos cósmicos conduzirem-nos à compreensão acerca do supremo «valor» de Cristo em tudo isso. Isso será o cumprimento do «mistério da vontade de Deus», quando todas as coisas encontrarem em Cristo a significação de sua própria existência, tornando-o o ponto central de tudo, quando ele tornar-se «tudo para todos», conforme se aprende em Efé. 1:23.

*Tal como os rios buscam o mar, que não podem encher,  
Mas eles mesmos são cheios no seu abraço,  
Absorvidos, postos a descansar, cada rio e cada riacho:  
Concede-nos também tal graça.*

(Christina G. Rossetti)

«...glória...» Deus toma e recebe «glória». Isso é comentado no décimo versículo deste capítulo.

«...honra...» Deus toma e recebe «honra». Isso também é comentado no décimo versículo deste capítulo.

«...poder...» Ao invés das «ações de graças», que figuram no décimo versículo, agora temos «poder». Quiçá tenhamos nisso uma referência escatológica. A igreja estava sofrendo então a mais severa das perseguições. Mas isso não poderia perdurar para sempre. Finalmente, quando da

«parousia» (segunda vinda de Cristo), o poder de todo o mundo, e também de todo o universo, seria enfeixado na mão de Deus Pai, através da obra administradora do Filho. (Isso pode ser confrontado com o que se lê em Apo. 2:26,27 e 3:21). Nessas passagens vê-se que os «vencedores» haverão de participar do poder do trono do Senhor.

«No excesso de gratidão, o próprio 'eu' é esquecido. As ações de graças dadas por eles são um tributo ao poder criativo que os trouxe à existência». (Vincent, *in loc.*).

Esse «poder» tem um efeito governador constante, embora tenha períodos específicos de manifestações superiores, no que tange ao homem, segundo se dará quando da «parousia» ou segunda vinda de Cristo. Trata-se de um poder que controla, julga e constrange, embora jamais sejam olvidadas a bondade e a misericórdia. O próprio julgamento divino é apenas um dedo da mão amorosa de Deus. Esse poder «sustenta» o universo inteiro e sua vida, e isso por meio de Cristo, conforme se aprende em Col. 1:17. Deus é «digno» de exercer esse poder, porquanto jamais abusa do mesmo, conforme os gregos imaginavam que faziam suas divindades, ou conforme faziam os imperadores romanos, os quais, por si mesmos, eram indignos de usar o poder que recebiam, já que se utilizavam dele para fazer o mal.

«...porque todas as coisas tu criaste...» Deus é o Alfa da criação, conforme já tivemos ocasião de ver em Apo. 1:8. Agora aprendemos que seu impulso criador se baseia na bondade, na nobreza de intuítos, mostrando-se beneficente para todos os seres criados. Ele é o «poder-alfa» da criação; mas, ao mesmo tempo, é a «origem-alfa» do bem-estar. Esse é o conceito que justifica os louvores que vemos na presente passagem. Notemos, uma vez mais, que todo o discernimento do vidente João, a esse respeito, lhe foi dado mediante uma visão mística. Se contemplarmos exclusivamente esta terra, veremos muito caos e muita tragédia. Mas este mundo é apenas a «fornalha» da criação, onde a fumaça produzida pela fornalha, os raios que correm em meio às trevas, as aranhas que aparecem penduradas em suas teias, distorcem a idéia que temos sobre a natureza do «restante do palácio». O vidente João, pois, subiu aos espaços e belos salões dos céus, chegando mesmo à magnificente sala do trono de Deus. Nessa ascensão da alma, ele perdeu completamente de vista o «porão da fornalha», o andar mais inferior, que é a nossa terra, com suas tristezas e dores. Mentalmente, para que possamos obter uma avaliação do que consiste realmente a vida, precisamos subir bem acima do porão da fornalha, contemplando a glória dos andares superiores do palácio da criação e da existência.

Consideremos a seguinte visão, que ilustra o ponto que aqui desejamos destacar:

«Eu passara a noite em uma grande cidade, na companhia de dois amigos, lendo e discutindo poesia e filosofia. Separamo-nos à meia-noite. Tive de fazer uma longa viagem, em um trole, até onde eu estava hospedado. Minha mente, profundamente influenciada pelas idéias, imagens e emoções, devido à leitura e à conversa, encontrava-se em estado de calma e paz. Eu me encontrava em um estado tranquilo, em aprazimento quase passivo; não estava exatamente meditando, mas permitia que as idéias, as imagens e as emoções fluíssem por si mesmas, por assim dizer, através de minha mente. Subitamente, sem qualquer tipo de advertência, encontrei-me envolvido em uma nuvem avermelhada. Por um instante, pensei que se tratasse de um incêndio, de uma imensa conflagração em algum lugar próximo, naquela grande cidade—mas no instante seguinte percebi que o fogo estava dentro de mim. Imediatamente em seguida fui

envolvido por um senso de exultação, de imensa alegria, acompanhado ou imediatamente seguido por uma iluminação intelectual impossível de ser descrita. Entre outras coisas, não vim meramente a crer, mas vi que o universo não se compõe de matéria morta, mas, pelo contrário, de uma presença viva—tornei-me consciente, em mim mesmo, da vida eterna. Não era a convicção de que eu teria a vida eterna, e, sim, a consciência de que desde então eu já possuíra a vida eterna. Vi que todos os homens são imortais—que a ordem cósmica é tal que tudo quanto ocorre contribui juntamente para o bem de cada um e de todos—que o princípio fundamental do mundo, e de todos os mundos, é aquilo que denominamos de amor, e que a felicidade de cada um e de todos, em última análise, é algo absolutamente certo. A visão perdurou por alguns segundos, e desapareceu; mas a memória da mesma e o senso de realidade que ela me conferiu e ensinou, tem perdurado o quarto de século que já se passou desde então. Eu sabia que aquilo que a visão me mostrara era verdadeiro. Cheguei a um ponto de vista de onde percebi que tudo era veraz. Esse ponto de vista, essa convicção, ou então, conforme posso dizer, essa consciência, nunca se perdeu, mesmo durante os meus períodos de mais profunda depressão». (Dr. R. M. Bucke). Ver as notas sobre Elé. 1:10.

Nos céus não há qualquer dúvida sobre a vitória final do bem sobre o mal. Por essa razão, Deus é louvado; porquanto «criou» a tudo com esse bom intuito. Ele criou tudo para si mesmo; mas, ao assim fazer, também visou o bem-estar de suas criaturas, pois estas são objetos de sua bondade. No caso dos remidos, são seus filhos, para serem transformados segundo a imagem do Filho. Portanto, são objeto do mesmo amor que Deus confere ao Filho: «...e os amaste como também amaste a mim», declarou Jesus, em João 17:23.

«...por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas...» Deus é o Alfa, conforme se vê mais acima, nas notas expositivas; mas também é o Ômega da criação. Isso é o que significa essa expressão. Todas as coisas criadas têm uma «razão» para sua existência, um «alvo» a ser obtido—e Deus é essa razão e esse alvo. (Ver I Cor. 8:6 quanto a essa doutrina). Esse alvo envolve a necessidade de agradar a Deus; e isso não pode ser feito pelos homens, se não forem transformados segundo a imagem de Cristo. Conforme os homens se vão tornando mais parecidos com Cristo, mais vão podendo agradar a Deus. O alvo de toda a existência humana é que outros filhos venham a tornar-se semelhantes ao Filho, participantes da sua própria imagem, de sua própria natureza, possuidores de seus próprios atributos. (Ver as notas expositivas sobre isso em II Cor. 3:18).

«...foram...» O ms P(1) e alguns poucos outros, dizem aqui «são». Mas a forma correta é mesmo «foram». Assim dizem os mss Aleph, A, a Vg, o Si, o Cop e outros, o que serve de evidência convincente. (Quanto a informações sobre como os textos corretos devem ser escolhidos, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse tema). Evidentemente, «foram», neste caso, equivale a «existiram». Todas as coisas vieram à existência a fim de encontrar em Deus o seu Ômega. Para essa finalidade precípua é que «foram criadas», segundo se aprende no próximo versículo. Toda a «existência», pois, presente ou passada, bem como o ato criador por detrás dessa existência, levam os seres inteligentes até Deus, como o seu Ômega, visando seu benefício e glória, o que redundará também no benefício e bem-estar deles. Mas alguns eruditos explicam essa palavra, «foram», como se ela fosse equivalente a «na mente de Deus», porquanto Deus é o motivo óbvio do ato criador.

Convém que aqui contemplemos o modelo eterno, o alvo eterno da criação, já que nela devemos ver a glória e a bondade de Deus, conferida aos homens. Assim declarou Platão (em *Timaeus* 28,29): «Aquilo que foi

criado, por necessidade foi criado por uma causa. Mas como podemos descobrir o pai e criador de todo este universo? E depois de o termos descoberto, falar de sua natureza a todos os homens é impossível. Contudo, mais uma pergunta tem de ser feita acerca dele: qual padrão tinha em mente o artífice, quando fez o mundo?—o padrão do que é imutável, ou padrão daquilo que foi criado? Se o mundo é realmente razoável e o artífice é bom, então, conforme fica claro, ele deve ter contemplado aquilo que é eterno. Mas, se é verdade aquilo que não pode ser dito sem blasfêmia, então ele contemplou o padrão do que foi criado. Todos percebem que ele deve ter contemplado o que é terreno, porque o mundo é a mais razoável das criações, e ele é a melhor das causas». Platão, ao assim dizer, quis dar a entender que quando Deus criou, deve ter contemplado o que é eterno e bom, pois é óbvio que aquilo que é temporal e meramente mundano dificilmente pode ter sido o objetivo de Deus, na criação. O «eterno» deve apontar para o benefício do homem, porquanto o Criador é um ser supremamente bom. O Alfa, o ato criador, por conseguinte, também deve ter incluído o Ômega, o propósito bom com que tudo foi criado; e esse bem se concretiza em Deus, que é o Ômega.

Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. É encorajador notarmos que o vidente João percebeu claramente que a própria criação, tendo sido criada por Deus, deve ter uma finalidade boa, um triunfo final do bem, porquanto Deus é o Ômega, e não somente o Alfa. A mensagem aqui ensinada é a mesma mensagem do primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Deus não se agrada da desolação e da agonia eternas. Até mesmo o juízo divino, pois, deve ser o dedo disciplinador da mão amorosa de Deus. (Ver Col. 3:6, em suas notas expositivas, acerca desse conceito do «juízo divino»).

2. O propósito imediato da criação deve ser governado pelo seu alvo final; o Deus supremo também deve ser a Bondade suprema.

3. Doulogias e ensinamentos similares, que louvam a Deus devido ao seu ato criador, podem ser encontrados em I Enoque 81:3; II Baruc 14:18; Ezequias 8:1,44; IV Ezequias 8:55,59; 7:11; Acanasão de Moisés 1:12; II Baruc 14:18; 18:7 e 21:24. Se a criação, finalmente, vier a ser má para a maioria dos seres criados, se o julgamento divino é algo meramente retributivo, como é que tal louvor poderia ser válido?

4. Este versículo repreende, talvez sem tencionar, o dualismo que havia no gnosticismo, mediante o qual os mundos físicos teriam sido criados por deuses inferiores, cheios de problemas e defeitos; razão pela qual teriam criado mundos cheios de defeitos e sofrimentos. Mas qualquer ato criador é atribuído exclusivamente a Deus, e isso por intermédio de Cristo (ver Col. 1:16). Somos forçados a buscar o motivo do problema do mal em outras coisas, e não pensar que nosso mundo foi criado por alguma divindade inferior e defeituosa. (Ver Rom. 3:8 quanto à nota de sumário sobre esse problema). O triunfo de Satanás é apenas temporário, pois propósitos necessários estão sendo cumpridos como resultantes do «caso».

5. Este versículo repreende a doutrina hipercalvinista da reprobção, tanto em sua variedade «passiva»—isto é, Deus se olvida do homem e o deixa em estado de miséria—como em sua variedade «ativa»—isto é, Deus condenaria ativamente alguns homens à punição eterna. Nem uma e nem outra dessas coisas poderia ser ato do Deus e Criador supremo, o qual também é o grande alvo de sua criação. (Este versículo pode ser comparado com o trecho de Efé. 1:5,8,11,12 que encerra uma mensagem similar).

A vontade de Deus domina sobre os atos criador e redentor; mas essa vontade não é arbitrária. De fato, a vontade de Deus é preta de boas propósitos. Essa é a única atitude que poderíamos atribuir a Deus. Erram muito aqueles que fazem de Deus o grande monstro de todos os séculos. O julgamento é perfeitamente real, pois cada indivíduo terá de enfrentar a si mesmo, obtendo exatamente aquilo que deu. Mas o juízo divino também é disciplinador e restaurador. Certamente isso é ensinado em I Ped. 3:18-20 e 4:6. Os homens serão julgados. Por que? Para que venham a viver como Deus vive, isto é, no espírito.

## Capítulo 5

V. *Visões Introdutórias aos Selos* (coisas que sucederão em breve)- Apo. 4:1- 22:21.

2. A Visão do Livro e do Cordeiro - Apo. 5.

Este é um livro de revelações feitas por Jesus e acerca de Jesus. O âmago dessa revelação, no que concerne «ao futuro revelado», é o que aparece no sexto capítulo do livro, a saber, os selos. A partir do momento em que o rolo selado começa a ser aberto, vão surgindo as predições. E os capítulos quarto e quinto deste livro são preparatórios para esse desvendamento. O capítulo quarto nos fornece uma visão acerca do trono de Deus, o Alfa e o Ômega de toda a esperança e bem-estar humanos. Esse trono também ameaça aos rebeldes, porquanto ali nos é revelada a verdade que o mal será julgado, e que o bem, finalmente, prevalecerá. O quinto capítulo, por sua vez, revela o «livro selado», cujos selos começam a ser abertos no sexto capítulo. O presente quinto capítulo também mostra que o Cristo, o Filho de Deus, é o único que tem o poder e a autoridade para abrir os selos, porquanto todo o governo de Deus é levado a efeito por meio do Filho. Por conseguinte, aquilo que é bom, benéfico e que tende ao bem-estar, como igualmente aquilo que servirá para castigar, a fim de fazer os rebeldes tornarem-se leais a Deus, deverá ser mediado por intermédio do Filho. Em poucas palavras, esse é o propósito do quinto capítulo do Apocalipse, a saber, a «revelação» desse fato. E isso concorda com o ensinamento inteiro do N.T., porquanto se trata de uma revelação que mostra que qualquer contacto que Deus porventura tenha com o homem, qualquer coisa que Deus faça em favor do homem, e de qualquer modo como Deus julgue ao homem, tudo é feito por intermédio do Filho.

Newell (*in loc.*) alista sete fatos centrais ou ensinamentos, encerrados neste quinto capítulo, a saber:

1. O livro com sete selos: totalmente escrito, pronto para ser aberto, totalmente fechado, o que indica caráter final e privado.
2. Toda a criação expressa sua incapacidade ao menos de contemplar esse livro de sete selos.
3. A profundíssima tristeza de João, ante o aparente adiamento da vinda do reino de Deus.
4. É «declarado» que o Leão da tribo de Judá «venceu», estando preparado para abrir o livro.
5. O Cordeiro que foi morto é exibido no meio do trono, com os sete chifres que representam poder perfeito, e com sete olhos, que são «os sete espíritos de Deus», enviados por toda a terra e dotados de total discernimento.
6. Adiantamento formal do Cordeiro, em que ele toma o livro da mão de Deus. Esse ato equivale ao recebimento de autoridade para governar, por parte do Mediador — o ponto nevrálgico das profecias do A.T. (e de nossos corações), em face do que a criação inteira entra em celebração jubilosa! (Ver os vs. 7-14).
7. A adoração passa a fundamentar-se não somente sobre o fato da criação, mas também sobre a realidade da redenção. 'Digno



és tu... pois foste morto' (Vss. 9-12).

Portanto, os capítulos quarto e quinto do livro de Apocalipse revelam como Jesus Cristo, o Filho de Deus, foi investido de poder divino, de modo a ser tudo para todos (ver Efé. 1:23), a fim de que, eventualmente, viesse a ser o Cabeça de tudo e centro da criação inteira (ver Efé. 1:10).

Aquela antiga afirmação,

*Certo para sempre no patíbulo,*

*Errado para sempre no trono,*

conforme fica provado, é totalmente falsa em última análise, embora, no presente estágio da existência, coisa alguma possa ser tão veraz. Cristo, o Filho, é o instrumento de Deus que modificará tudo isso. Ele é o «Cordeiro que foi morto»; mas, em seu próprio sacrifício — tendo adicionado seus poderes remidores a seus poderes criadores — ele finalmente obterá o triunfo, assumindo essa posição central. Isso haverá de reorientar todos os seres e toda a existência, e dessa maneira Deus se tornará o Omega.

«Venha o teu reino», clama o coração dos discípulos de Jesus. Os capítulos quarto e quinto deste livro revelam como isso ocorrerá, e de que modo tudo terá lugar. O reino se comporá de membros provenientes de todas as nações, e as antigas divisões e distinções serão eliminadas. Na proporção em que os homens se tornam leais ao Filho, assim também vão assumindo sua imagem e natureza; e assim o reino se vai formando no íntimo, porquanto não se trata de mero arcabouço externo de governo. Tudo isso representa uma intervenção divina direta; todavia, enquanto isso não tiver lugar, os homens seguirão cegamente ao mal, excetuando aqueles pouquíssimos sábios cujas vidas foram tocadas e transformadas pela missão de Cristo na terra.

A visão do quarto capítulo é retida neste quinto capítulo. Continuamos diante do trono de Deus. Mas agora podemos ver como o Filho é o foco da atenção, pelo que também deve ele ocupar o lugar central em nossas vidas. Para nós ele soluciona todos os problemas de lealdade. Tudo quanto Deus tem para revelar aos homens, qualquer bem que tenha em reserva para os homens, ele desvenda no seu Filho. Os destinos de todas as vidas foram entregues às mãos do Filho. E ele se mostra digno disso mediante a vitória que obteve em sua missão terrena, o que incluiu a sua expiação, por ser ele o *Cordeiro que foi morto*. Cristo associou-se aos homens, e essa associação visa o bem eterno deles. Não existe tarefa capaz de ultrapassar seu poder e capacidade de manusear perfeitamente o encargo. Os seres celestiais que se prostraram diante de Deus Pai, conforme se vê no quarto capítulo, prestam idêntica homenagem e adoração a Deus Filho, neste capítulo quinto; e isso, incidentalmente, serve de prova da divindade de Jesus Cristo. Pois jamais se adoraria a uma mera criatura diante de Deus, sem importar quão exaltado tivesse sido o ser criado. A criação inteira, arrebatada no espírito de adoração dos seres celestiais, em grande e universal explosão de ação de graças, adorará ao Cordeiro. Por semelhante modo, no quarto capítulo deste livro, Deus é o Criador e o centro de adoração de todos os seres, o que equivale a dizer que ele é o Alfa e o Omega. E, no presente quinto capítulo, Deus, na pessoa do Filho, é visto como o Redentor, digno da mesma adoração.

O conteúdo do rolo de sete selos é essencialmente *ruim*, pelo menos, de um ponto de vista míope, porquanto muitos julgamentos horrendos estão ali contidos. Mas o juízo divino jamais consiste meramente de retribuição. Também consiste de disciplina e restauração. É impossível que Deus restaure os homens sem juízo antecedente, porquanto escorregaram para um nível espiritual extremamente baixo, de tal maneira que somente a agonia de alma do julgamento pode devolver-lhes o bom senso. Através da agonia da Grande Tribulação é que muitos encontrarão a Deus; e através da agonia do julgamento além-sepulcro é que todos os homens, que de alguma maneira agradam a Deus, serão restaurados, conforme nos é ensinado em 1 Ped. 3:18-20 e 4:6. Provavelmente isso não indica a participação na vida e na glória dos eleitos, mas aponta para a reversão de todo o mal e seus terríveis efeitos. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios ensina claramente essa doutrina. Não poderia isso ocorrer sem a interferência do juízo divino. O trecho de Fil. 2:9-11 mostra-nos que, eventualmente, todos os homens serão levados a prestar lealdade a Cristo, porquanto ele é o grande alvo de toda a existência humana. (Ver Efé. 1:23).

**5** Καὶ εἶδον ἐπὶ τὴν δεξιὰν τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου βιβλίον γεγραμμένον ἔσωθεν<sup>a</sup> καὶ ὀπισθεν<sup>1</sup>,<sup>a</sup> κατεσφραγισμένον σφραγίσιν ἑπτὰ.

1 [15] ἔσωθεν καὶ ὀπισθεν A 1 1828<sup>m</sup> 2081 sy<sup>h</sup> Origen<sup>s</sup> Cyprian Cassiodorus<sup>s</sup> 3 ἔσωθεν καὶ ἔξωθεν P 046 1006 1611 1828<sup>m</sup> 1834 1859 2020 2042 2053 2065 2141 2432 [16] κατεσφραγισμένον vg<sup>cl</sup> sy<sup>h</sup> cop<sup>m</sup> arm<sup>eth</sup> Hippolytus Origen<sup>s</sup> Victorinus-Pettau Aphraates Hilary Clementinus Primasius

Andrew<sup>m</sup> 2 Ps-Ambrose Heslus Aretha ad ἔξωθεν καὶ ἔσωθεν 24 3 ἔμπροσθεν καὶ ὀπισθεν M cop<sup>m</sup> Origen<sup>s</sup> 3 ἔσωθεν καὶ ἔξωθεν καὶ ὀπισθεν Andrew<sup>m</sup> 3 ἔσωθεν καὶ ἔξωθεν καὶ ἔμπροσθεν καὶ ὀπισθεν 2073

<sup>a</sup> 1 a none, a minor. TR WH Bov Net BJ<sup>2</sup> AV RV ABV RSV NEB TT Zür Luth Jee Ssa 1<sup>a</sup> a minor, a none

5 1 τοῦ καθημένου... θρόνου 1 Km 22:19; 2 Chr 18:18; Ps 47:8; Is 61; Eze 1:26-27; Sir 1:6; Re 4:2, 9, 5:7, 13; 6:16; 7:10, 15; 19:4; 21:5 βιβλίον... ὀπισθεν.

Is 20:11; Eze 9:9-10

Embora a forma *ἔσωθεν καὶ ἔξωθεν* seja fortemente apoiada, especialmente por testemunhos patrísticos e das versões (P 046 1006 1611 1854 2053 2344 it (gig,61) vr sir (ph) cop (bo) ara etí Hipólito Orígenes (1/4) Vitorino-Pettau Afrates Hilário Ecumêno Primásio *al*), a forma que melhor explica a origem das demais é *ἔσωθεν καὶ ὀπισθεν* (A 1 69 1828 (mg) 2057 2059 2081 2329 sir (h) Orígenes (1/4) Cipriano Cassiodoro). Depois que a igreja começou a usar códices para seus livros sagrados, a terminologia apropriada para os rolos antigos pareceu estranha, pelo que os copistas substituíam *ὀπισθεν* por *ἔξωθεν*. A forma *ἔμπροσθεν καὶ ὀπισθεν* de *κ* cop (sa) Orígenes 2/4 aparentemente se conformou ao texto de Eze. 2:10 segundo a LXX (τὰ ἔμπροσθεν καὶ τὰ ὀπίσω); seja como for, porém, parece isso confirmar o caráter primitivo da forma *ἔσωθεν καὶ ὀπισθεν*. Várias formas singulares refletem idiosincrasias escribais.

5:1. Vi um dentro de que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, bem selado com sete selos.

...Vi... João continuava em êxtase, em visão mística. E viu coisas adicionais, nas cercanias do trono de Deus, além daquilo que vira e descrevera no quarto capítulo deste livro. Ele estava «no Espírito», ou seja, era inspirado pelo Espírito Santo; ou então estava «no espírito», ou seja, seu próprio espírito se achava em estado de êxtase, de tal modo que pode ter as visões sobre as quais fala neste ponto. Ambas as coisas são verazes, naturalmente. (Ver Apo. 1:10 e 4:2 quanto a essa expressão: «no Espírito», ou «no espírito»).

...mão direita... A mão poderosa, que agora se torna a mão de Deus, a qual também apresenta aos homens importantíssimas revelações por meio de Cristo, o Filho.

...daquele que estava sentado no trono... Esse é o mesmo simbolismo que há no quarto capítulo, e que aqui tem continuação. (Ver Apo. 4:2, em suas notas expositivas, no tocante ao simbolismo do «trono», onde Deus é referido como quem estava «sentado» no trono). Tal simbolismo é extralido das cortes reais terrenas, onde um rei se assenta em seu trono

administrativo, baixando ordens a seus subordinados. (Ver igualmente a passagem de Apo. 4:9, quanto ao simbolismo de Deus assentado em seu trono). Não devemos imaginar algum trono literal. Tudo isso é mero símbolo; e o trono é símbolo de senhorio, de poder, de governo, além de simbolizar a exaltação daquele que está assentado no trono. Outrossim, o trono também é símbolo e centro de adoração. (As notas expositivas acima referidas fornecem explicações completas sobre esse símbolo).

...livro escrito... Está em foco um «rolo» escrito. E esse «rolo» é o Livro da Revelação de Jesus Cristo, a proteção que passamos agora a considerar. Esse livro é o livro do destino humano, naquilo que diz respeito aos últimos dias, durante a Grande Tribulação. Descreve a condenação dos rebeldes, mas também a renovação que imediatamente se seguirá. A renovação é retratada como algo impossível sem a condenação prévia, sem a agonia anterior. O homem não chegará à restauração em Deus sem primeiro passar pela agonia que queimará toda a escória, levando-o a prestar lealdade a Cristo, finalmente, embora isso possa tomar muitíssimo tempo.

...escrito por dentro e por fora... Esse item, e provavelmente todo o simbolismo, constante neste primeiro versículo do quinto capítulo, é

extralado da passagem de Eze. 2:9, 10. É possível que esse detalhe—o livro escrito por dentro e por fora—indica que a revelação é «completa», «plena». A escassez de material de escrita, na antiguidade, levava os homens a escreverem de ambos os lados das folhas de papiro ou pergaminho, e os rolos escritos de ambos os lados eram chamados «*opistographi*», no grego. Normalmente, os rolos eram feitos de material escrito somente de um dos lados. Porém, no caso de comunicações mais extensas, em que muito material de escrita se fazia necessário, também era utilizada a «face de trás», a qual, no grego, era chamada de «*opisthen*», o que explica o nome que era dado a esses rolos, «*opistographi*». Mas não sabemos dizer se o autor sagrado tencionava qualquer outra coisa com a descrição do fato que essa «revelação» exigiu muito material para sua composição, isto é, uma comunicação «completa» ou «plena». Existem outras explanações, mas nada podemos dizer de afirmativo sobre elas. Essas explanações são as seguintes:

1. Haveria um uso para propósitos diferentes, o que justificaria uma revelação escrita de ambos os lados do material de escrita—dando a entender multiplicidade de propósitos.

2. Interpretações tanto literais quanto místicas deveriam ser aplicadas ao conteúdo do rolo, para que se desvende a verdade que há no mesmo.

3. Estariam em pauta tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, os quais seriam focalizados nesta porção do livro de Apocalipse.

4. Essas verdades do Apocalipse seriam tanto «abertas» quanto «fechadas». Todas essas interpretações até certo ponto são fantasiosas, embora se possa extrair delas algumas lições espirituais, pelo menos.

«...todo selado com sete selos...» Em I Cor. 9:2 há uma nota expositiva acerca dos vários usos dos «selos», pelo que essa informação não é aqui reiterada. A maior parte dos apocalipses apresentam «predições seladas», mas o Apocalipse de João, o evidente, é uma predição «aberta»; e o presente capítulo mostra-nos que ela foi aberta pelo próprio Cristo. Em outras palavras, essas revelações foram feitas a fim de serem dadas a público. Somente em Apo. 10:4 há uma revelação que ficaria selada até o tempo do fim.

Esse rolo nos é pintado como um rolo selado ao longo de suas beiradas, com sete selos, dando a entender que estava tão fechado que somente um grande poder seria capaz de abri-lo. Ou então, segundo a opinião de alguns eruditos, o próprio rolo se compunha de sete porções, cada um com seu próprio selo. Seja como for, é evidente que cada selo representa um acontecimento novo e sucessivo, usualmente algum juízo divino prodigioso. É possível que o autor sagrado estivesse querendo descrever uma abertura que teria aberto todos os selos no mesmo instante, exibindo o interior aberto do rolo. Mas, perante o conteúdo do rolo, o leitor iria vendo cada porção sucessiva, cada qual com um novo acontecimento previsto. A figura simbólica da «abertura» não é desenvolvida nas descrições que se seguem, nem neste capítulo e nem em qualquer outra parte do Apocalipse; ao leitor compete imaginar o ato.

«...sete selos...» Temos apenas um outro «sete», que indica «perfeição», «natureza completa». Nesses julgamentos, Deus cumprirá perfeitamente o seu propósito restaurador e renovador, mediante agonia. Nas notas introdutórias ao livro, o conteúdo revelará muitos outros conjuntos de «sete», e cada qual subentende a perfeição das funções governamentais divinas, postas em execução de alguma maneira diferente uma das outras.

O livro com sete selos tem paralelos similares em vários livros apócrifos e pseudepígrafos do A.T. Em Enoque lê-se acerca dos tablets do destino, que predizem «sete semanas» de acontecimentos futuros, semanas de lamentos e de temíveis destruições (ver Enoque 93). Em Esdras temos um «livro» que não menciona qualquer conjunto de «sete». Ali um anjo entrega ao profeta esse livro; ao abri-lo, o profeta vem a compreender que haverá uma sucessão de terríveis ais. (Ver Apocalipse Sirlaco de I Enoque). No Apocalipse de Pseudo-João I, o escritor recebe a revelação acerca de um imenso livro do destino mundial, selado com sete selos. Esse livro é retratado como rolo tão imenso como uma montanha, e tão longo que ninguém pode começar a calcular seu comprimento. Ali há uma série de sete horrendos «ais».

«...selos...» Muitos milhares de tais selos têm sido descobertos pelas pesquisas arqueológicas, pertencendo eles a muitas formas e tipos. Alguns deles são como carimbos, que deixam impressa uma imagem em rolos ou livros; outros são cilindros, anéis e outros objetos, todos com o mesmo propósito de deixar uma marca ou impressão. Outros ainda são materiais usados para fechar coisas, como cera, metais liqüefeitos, etc. O leitor deve examinar as notas expositivas em I Cor. 9:2, acerca dos detalhes que envolvem tais selos.

#### Utilizações diversas dos selos.

1. Os selos eram usados como marca de autoridade ou autenticidade, apostos nos editos de reis ou oficiais do governo, ou como marcas de identificação sobre objetos de valor.

2. Também serviam de testemunho acerca de qualquer documento, como se fosse uma espécie de autenticação. Os documentos de posse e outros eram selados, conforme se via nos testamentos e nos pactos escritos.

3. Os selos «garantiam» ou «fechavam» os documentos a fim de preservar o seu conteúdo secreto. Somente pessoas autorizadas podiam abrir um selo desses para ser lida a mensagem do documento fechado. É essencialmente este último o simbolismo tencionado pelo autor sagrado, embora as outras idéias sejam instrutivas e também possam ser aplicadas.

«A administração divina é uma questão da máxima significação para o crente. Sua segurança fundamental é a sua fé no reinado de Deus. Essa fé será confirmada, se a ele puder ser dado algum discernimento quanto à administração divina: obterá segurança íntima, sem importar qual experiência desesperadora esteja então experimentando. Portanto, a

contemplação do livro da administração divina, seguro pelas mãos corretas, as do Governante máximo de todas as coisas, é algo que se reveste de capital importância. Tratava-se de um livro «selado com sete selos». Era um livro tão secreto quanto os conselhos íntimos de Deus; no entanto, revestia-se de tremenda importância para os homens. Como os homens têm ansiado por conhecer esse segredo! Edward Fitzgerald, no Rubaiyat de Omar Khayyam, expressa esse anelo:

*Oxalá ao menos o Deserto da Fonte cedesse  
Um vislumbre—mesmo que nebuloso, mas, de fato, revelasse,  
Para onde o viajor que desmaia pudesse caminhar,  
Como medra a erva pisada dos campos!  
Ah! Amor! pudesse tu e eu com Ele conspirar,  
Para apreender esse triate Esquema de tudo.*

(ISA. xvii e xcix)

«Mas o segredo esquivava-se da mente mais penetrante» (Hough, in loc.). Por essa razão é que a «revelação» precisou ser feita por Cristo.

Outras idéias sobre o primeiro versículo:

1. Alguns estudiosos pensam que o «livro» que aqui temos é um «códex», ou seja, dotado do «formato» de um livro moderno. Nesse caso, as sucessivas seções do livro teriam sido «seladas», e a abertura de cada selo iria abrindo uma nova série de acontecimentos. A maioria dos intérpretes, entretanto, rejeita essa idéia.

2. Os «selos», apesar de envolverem vários sentidos metafísicos, no presente texto, falam especificamente de alguma mensagem secreta, impossível de ser decifrada e conhecida, enquanto não for devidamente aberta e revelada. A revelação consiste do conhecimento que ultrapassa os sentidos, a razão ou mesmo a intuição. Antes, é um «dom de Deus». O simbolismo do selo, que fala de conselhos e juízos divinos ocultos, é de uso comum na literatura judaica. (Ver Apo. 10:4 e 22:10; e também Isa. 29:11; Dan. 8:26 e 12:4,9).

3. Os arquetipos divinos: Na teologia dos tempos helenísticos, provavelmente devido à influência da filosofia platônica, cria-se que tudo quanto existe ou sucede à face da terra, tem alguma espécie de paralelo celeste. No Testamento dos Doze Patriarcas e nos Jubileus temos as «tabelas celestes», o que também aparece em I Enoque; e essas tablets revelam acontecimentos terrestres. Em Sal. 139:16; Eze. 26:9,40 e 28:30, descobrimos a idéia que os céus contêm arquetipos divinos de certas coisas que existem à face da terra; e Dan. 10:21 fala sobre o «livro de Deus», onde estão predeterminados os acontecimentos neste mundo. O trecho de Heb. 8:5 transporta esse conceito ao N.T., e ali a questão é mais perfeitamente comentada. Tudo isso envolve o «determinismo divino», o qual sem dúvida alguma é ensinado nas páginas do N.T., embora o ensino do «livre-arbítrio» humano também seja ali igualmente autenticado. (Ver Rom. 9:14-18; em suas notas expositivas, sobre o «determinismo divino»; e ver I Tim. 2:4 sobre o «livre-arbítrio» humano). Todavia, todo o «determinismo» se alicerça sobre a vontade do Deus supremamente bom, pelo que isso não pode contemplar eventos destrutivos, a menos que a própria destruição seja meio para obtenção de alguma disciplina e renovação. Deus não destrói somente pelo prazer de destruir. Portanto, dentre toda a destruição que se vê no livro de Apocalipse, transparece a renovação que haverá no «milênio», e, finalmente, no «estado eterno».

4. «Se por um lado um anjo leu toda a determinação divina para Daniel (ver Dan. 10:21), o intérprete cristão sentiu, por outro lado, que somente Jesus é o verdadeiro intérprete e a verdadeira autoridade, e que o propósito divino só pode ser revelado ou concretizado através de seu perfeito equipamento espiritual (ver Apo. 3:1 e 5:6; comparar com Apo. 1:5; 2:27; 3:21; 17:14, etc.).» (Moffatt, in loc.).

5. «Segundo as leis romanas, um testamento tinha sete selos e era confirmado por sete testemunhas» (Charles, in loc.). «Mas esse selo fechado da condenação não exige outra testemunha além da própria vontade de Deus». (Robertson, in loc.).

6. O que é representado pelo «rolo selado»? Os intérpretes têm exposto pelo menos sete significados, a saber: a. A reunião do Antigo e do Novo Testamentos (conforme pensavam muitos intérpretes antigos). b. O próprio Cristo (na opinião de alguns poucos intérpretes). c. O repúdio do povo de Israel por parte de Deus. d. «Sententiam a Iudice et patribus ejus conscriptis in hostes ecclesiae conceptam», isto é, «O pensamento dos judeus e dos pais, conjuntamente escrito, no jardim do pensamento eclesástico». e. Este capítulo é paralelo ao sexto capítulo, que descreve os «sete selos» dos juízos constantes no livro de Apocalipse. Por conseguinte, o «livro selado» é o aspecto profético dos julgamentos divinos, contidos neste livro. f. Com leves variações, o Apocalipse de modo geral, g. *Divinae providentiae concilium praefinitum, quod apud se statui et decrevit facere vel permittere*, isto é, «Os conselhos da providência divina, determinados de antemão, que estabelecem e decidem o que será feito ou permitido». Dentre essas sete posições, a que ocupa o lugar de «certamente é a que expressa a idéia central, embora as outras opiniões ajudem a situar o pensamento do autor sagrado.

7. O império pagão de Roma haveria de experimentar uma série de julgamentos. Muito provavelmente, isso é o que o vidente João tinha em mente. Profeticamente, entretanto, Roma torna-se símbolo de toda a humanidade ímpia, que se mantém em atitude de rebeldia contra Deus. Portanto, os «selos» falam dos horrendos acontecimentos que haverá quando da Grande Tribulação, e que sucederão antes da segunda vinda de Cristo. Cremos que veremos pessoalmente esses acontecimentos. (Ver o artigo, existente na introdução ao comentário, intitulado, *A Tradição Profética e a Nossa Era*).

*Variante Textual:* As palavras «por dentro e por fora» (descrevendo como fora feita a escrita, no rolo), é a forma que aparece nos mss P, 046, 1006, 1864, 2063, 2344, no It (ig, 81), na Vg, no Silph, no Cop(bol), no Ara, no Etl, nos escritos de Hipólito, Orígenes (algumas referências), Vitorino-Pettau, Afratas, Hilário, Eumênio, Primásio. Porém, «por dentro e do lado de trás» é a forma melhor confirmada, que conta com o apoio dos mss A, 1, 69, 1828(mgl), 2067, 2069, 2081, 2329, no Silph, no Si (algumas referências), nos escritos de Cipriano e de Casiodoro. Os mss Aleph, no Cop(s), e nos escritos de Orígenes (algumas referências), temos a forma «na frente e atrás», evidentemente sob a influência do texto de Eze. 2:10. A forma original refletia a ação de escrever sobre o material de um rolo na face anterior e na face posterior. As demais formas são variantes. A primeira dá a idéia que o rolo seria um «códex», e não um rolo (por fora e por dentro do livro escrito, por assim dizer); e a segunda (de Aleph, etc.), por influência de uma passagem similar, no segundo capítulo do livro de Ezequiel.

2 καὶ εἶδον ἄγγελον ἰσχυρὸν κηρύσσοντα ἐν φωνῇ μεγάλῃ, Τίς ἄξιος ἀνοίξει τὸ βιβλίον καὶ λῦσαι τὰς σφραγίδας αὐτοῦ;

5:2: *Vi também em cujo forte, clamando em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de romper os seus selos?*

«...anjo forte...» Um poder superinteligente e sobre-humano, procurou por alguém «digno» de ser o intérprete dos mistérios divinos, sobretudo no tocante aos destinos dos seres humanos. «Quem tivesse o direito de falar e de agir em favor de Deus» teria o dever de pesquisar esses mistérios. O mundo está repleto de seitas e de líderes religiosos e políticos, os quais têm a pretensão de que são capazes de fazer tal coisa. Nosso presente texto descobre exclusivamente uma Pessoa que pode fazê-lo; e aqueles que falam em favor dele, cumprindo suas tarefas por delegação dada por ele, devem ser seus ministros autênticos.

«...forte...» Os anjos estão divididos em muitas fileiras e poderes (ver as notas expositivas a esse respeito, em Col. 1:16 e Efé. 1:21). A busca pelo «porta-voz» de Deus exigiu um dos anjos mais poderosos e inteligentes da criação. Isso pode ser comparado aos trechos de Apo. 10:1 e 18:21, onde, novamente, se vê que um anjo «forte» se apresentou para certas tarefas.

«...proclamava em grande voz...» O citado anjo mostrou-se poderoso em sua missão, cumprindo tudo quanto dele era requerido, o que é retratado pelo símbolo de sua «grande voz», capaz de penetrar nos céus, na terra e no hades (ver o terceiro versículo deste capítulo). A «criação inteira» se vê afetada pela sua missão, e nenhuma possibilidade é deixada sem investigação, por parte desse poderoso anjo. A expressão «em grande voz» também é utilizada em Apo. 14:7,9,15; e, em cada um desses casos, diz respeito a algum anjo que salta para realizar alguma missão divina.

«...quem é digno de abrir o livro...» A idéia de «dignidade», que aparece aqui, provavelmente envolve, antes de tudo, o conceito de «dignidade moral». Todavia, também deverá envolver outros aspectos. O porta-voz de Deus deve ser um ente muito exaltado, associado ao Pai, qualificado para ser o Mediador entre Deus e os homens. Somente o Filho de Deus é um ser que possui tão elevada exaltação; somente o Filho possui a associação necessária com o Pai; somente o Filho, na qualidade de Cordeiro que foi morto, pode ser o transmissor da mensagem de Deus aos homens. Na qualidade de Filho de Deus, ele é capaz de fazer os homens tornarem-se também filhos de Deus, participantes de sua própria imagem e natureza. É

natural, pois, que somente o Filho de Deus tenha sido achado «digno» de realizar a tarefa. Todas as suas qualificações, consideradas em seu conjunto, constituem o seu «poder» de abrir o livro selado. Paulo, falando sobre sua missão evangelizadora, que para alguns o tornava «sabor de morte», mas, para outros, «sabor de vida», levou-o a refletir como segue: «Quem é idôneo para essas coisas?» Nenhum ser humano é digno disso, exceto por delegação do Senhor todo-suficiente, Cristo Jesus.

«...desatar os selos...» (Ver as notas expositivas sobre o primeiro versículo deste capítulo, quanto à significação desses «selos»). O ato de quebrar os selos significa «revelar» a mensagem de juízo, garantindo o seu cumprimento. Essa mensagem é aquela essencialmente contida nos capítulos sexto a nono deste livro do Apocalipse; porém, visto que esses julgamentos visam produzir renovação e restauração, os capítulos vigésimo a vigésimo segundo deste livro incluem aquilo que será revelado com a abertura dos selos e do rolo.

#### Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. «Não foi simplesmente na qualidade de Filho de Deus, mas também na posição de Salvador e Rei vitorioso de seu povo, que Cristo abriu o livro: sua dignidade foi estabelecida no conflito contra a tentação (ver João 14:30 e Heb. 2:9 e 4:15)» (Carpenter, *in loc.*).

2. Os anelos de todos os homens e anjos não podem resolver o problema da comunicação entre Deus e os homens. O mundo inteiro dos espíritos não pode dar-lhe solução, e nem pode fazê-lo o engenho humano. O único que está qualificado para isso é o Filho de Deus, pelo que ele é o único verdadeiro Mediador, o único que serve de elo de ligação entre a divindade e a humanidade. (Ver as notas expositivas acerca dessa questão, em I Tim. 2:6). A passagem que temos à frente ensina tanto a necessidade absoluta de um Mediador—se o homem tiver de receber o benefício das bênçãos divinas—como o fato que essa necessidade foi satisfeita de maneira absoluta.

3. A proclamação em alta voz, do anjo, tanto serve de desafio como de apelo. Somente o Filho foi capaz de enfrentar com êxito esse desafio, por estar à altura das exigências do mesmo.

4. «Quem clamou foi um 'anjo forte', o qual parece ter-se apresentado não somente como quem clamava, mas também como um campeão, que lançou um desafio a todos, a todas as criaturas, testando a profundidade da sabedoria das mesmas, na abertura dos conselhos de Deus» (Matthew Henry, *in loc.*).

3 καὶ οὐδεὶς ἐδύνατο ἐν τῷ οὐρανῷ οὐδὲ ἐπὶ τῆς γῆς οὐδὲ ὑποκάτω τῆς γῆς ἀνοίξαι τὸ βιβλίον οὔτε βλέπειν αὐτό. <sup>a b</sup> 3-4 b maior, b maior: TR Bov Nes BF<sup>2</sup> AV NKB TT Zür Luth Jer Bes // b maior, b menor: WH RV ASV // b menor, b maior: RSV

5:3: *É ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele.*

«...céu...» Os habitantes das regiões celestes, segundo o pensamento judaico e dos cristãos primitivos, habitavam em «muitas esferas», os «lugares celestiais», conforme se vê em Efé. 1:3, onde o conceito é comentado. O vidente João usa o termo no singular, exceto em Apo. 12:12, e é óbvio que o faz somente por tratar-se de uma citação, onde o plural é empregado. Não há razão para duvidarmos que os «céus», o templo de Deus, tal como o templo terreno, têm muitos compartimentos, muitas esferas ou regiões. Esses compartimentos são ocupados por vasto número de criaturas de muitas ordens e espécies, dotados de poderes e de graus de inteligência variados. Embora essas regiões sejam vastas e abriguem muitos tipos exaltados de seres criados, não surgiu qualquer deles capaz de cumprir a tarefa de ser o porta-voz de Deus perante os homens.

«...sobre a terra...» A terra também é um lugar onde habitam muitos seres dotados de poderes e graus de inteligência variados, embora em proporções mais modestas que os habitantes dos lugares celestiais. No entanto, há muitos pretendentes que afirmam falar em lugar de Deus, os quais, por sua vez, se opõem a outros pretendentes, que também se arrogam a esse direito exclusivo. Porém, quando aquele anjo buscou encontrar um porta-voz realmente «genuíno», ficou desapontado, e todas as pretensões mostraram ser falsas.

«...debaixo da terra...» Está em foco o *hades*, pois os antigos pensavam que o lugar dos espíritos que daqui partiriam ficaria localizado no centro da terra. Alguns povos religiosos da atualidade continuam alferados a essa idéia altamente improvável. Não se originou entre os judeus, porque teve origem na mitologia grega. O mundo em três andares foi concebido originalmente na religião de Babilônia; mas essa idéia tornou-se quase universal, podendo ser encontrada na maioria dos antigos escritos gregos, de onde passou para a literatura e para a religião romanas. Não há nenhuma idéia simples acerca do «hades». A idéia mais antiga parece ser aquela que diz que «restos» de personalidades humanas, figuras sombrias, não verdadeiras personalidades, foram habitar no «hades». Não eram consideradas como «almas sobreviventes» de homens e, sim, seres ou entidades elementares, destituídas de inteligência ou memória, não passando de sombras em fuga. Gradualmente, porém, essas «entidades» iriam adquirindo inteligência, e, juntamente com o próprio *hades*, tornar-se-iam a habitação onde espíritos bons e maus seriam colocados em seus devidos departamentos ou regiões.

Nos primeiros tempos, porém, concebia-se que todos esses indivíduos estariam encerrados no *hades*, sem localização fixa para bons e maus, porquanto viveriam misturados uns com os outros. Posteriormente, entretanto, surgiram refinamentos dessa idéia; e o *hades*, tal como os céus, vieram a ser divididos em muitas «esferas», não sendo mais concebidos como uma única esfera. E esta última idéia certamente se assemelha mais à realidade da existência após a morte física, no caso dos perdidos. Concebemos a respeito dos perdidos várias «esferas» de existência espiritual, tal como o fazemos no caso dos remidos, embora ali as esferas tenham tipos e propósitos diferentes do que se dá nos lugares celestiais. O próprio Cristo desceu ao *hades* (ver I Ped. 3:18-20 e 4:6), a fim de pregar ali o evangelho; e ao assim fazer certamente aprimorou a expressão inteira do *hades*, de tal

modo que o mesmo possa redundar em glória positiva para Deus, e os que ali vivem tenham um propósito útil para sua existência. (Quanto a notas expositivas sobre essa questão, ver a discussão de introdução ao trecho de I Ped. 3:18. Quanto a outras notas sobre a história do desenvolvimento de idéias referentes ao «hades», ver Mat. 16:18; Luc. 16:23 e II Ped. 2:4). Nesta última passagem, o «Tártaro», mui provavelmente, é apenas um sinônimo de «hades», ainda que, em algumas passagens do grego clássico, o «Tártaro» fosse reputado uma região inferior ao próprio *hades*, onde a existência é muito mais miserável.

Na presente passagem, o «hades» é mencionado, antes de tudo, a fim de «completar o quadro», porquanto «todas as regiões» da existência precisavam ouvir o desafio lançado pelo anjo. Existem ali poderosos seres malignos, anjos caídos; e é óbvio que não puderam aceitar o desafio, mesmo que quisessem fazê-lo. Além disso, existem ali homens perdidos, que poderiam ocupar-se dessa tarefa. Mas é bem possível que o vidente João concebesse estarem no *hades* todas as espécies de homens, remidos e não-remidos, já sem seus respectivos corpos, conforme afirmava a idéia judaica mais comum. O certo é que ninguém foi ali encontrado capaz de cumprir a tarefa de ser o porta-voz de Deus.

«...nem mesmo olhar para ele...» Para o quê? para «o livro». Longe de poderem abrir o livro, soltando seus selos, e tornando-se algum deles o porta-voz do Senhor Deus, o poder por detrás do cumprimento do que estivesse dito ali, todos os seres criados, sem importar seu poder e dignidade, nem ao menos podiam contemplar o rolo. Esse foi um simbolismo, empregado pelo vidente João, a fim de indicar a «total incapacidade» de qualquer ser, exceto Jesus Cristo, o Filho de Deus, vir a ser o porta-voz de Deus.

#### Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Não fora a pessoa de Cristo, e far-se-ia grande silêncio em todos os compartimentos dos céus, pelo menos no que diz respeito aos homens. Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida (ver João 14:16), como também é a Porta (ver João 10:7) e o Mediador exclusivo (ver I Tim. 2:6). De muitas maneiras o N.T. anuncia o seu ofício, bem como o seu caráter ímpar. Na realidade, essa é a mensagem central do N.T., pois este consiste de uma colossânea de documentos que demonstram exatamente essa verdade—o que Deus diz para os homens, qual bem ele realiza em favor deles, e tudo por intermédio de Cristo.

2. Quando o Senhor Jesus revelou-se a Saulo, este foi incapaz de encarar a glória celestial que o cercava a passos daquele. Assim também aqui, há uma glória celestial, no rolo selado, que ninguém pode encarar, exceto o próprio Cristo.

3. No trecho de Exo. 20:4 pode-se ver reflexos da idéia de um cosmos em «três andares»; e isso pode ser confrontado com Sal. 148:8 e Apo. 20:11. (Ver também Fil. 2:10). Não devemos supor que isso diz tudo quanto pode ser dito acerca do tema das divindades cósmicas da criação. Trata-se apenas de uma maneira conveniente de falar acerca do tema. Não há que duvidar que a experiência e a revelação futuras revelarão para nós um padrão muitíssimo mais complexo do que esse.

4. Nem mágicos, nem adivinhos e nem mesmo profetas de Deus puderam realizar a tarefa a que foram desafiados. Porque foi uma tarefa ímpar para uma pessoa ímpar. Passagens como esta afirmam, mesmo que não ensinem diretamente, a divindade de Jesus Cristo. (Ver Heb. 1:3 quanto à nota de sumário sobre o tema). Nem o próprio Satanás, o chefe dos espíritos malignos, foi capaz de servir de porta-voz de Deus perante os homens, acerca das realidades espirituais; e nem mesmo o puderam os mais elevados arcanjos, como Miguel ou Gabriel. Somente o Filho de Deus ousou realizar tal tarefa.



4 καὶ ἔκλαιον πολὺ ὅτι οὐδεὶς ἄξιος εὗρέθη ἀνοίξει τὸ βιβλίον οὔτε βλέπειν αὐτό.<sup>6</sup>

14 [C] ἐγὼ 048 94 1006 1611<sup>m</sup> 1859 2020 2043 2064 2073 2432 it<sup>m</sup> a<sup>m</sup>... | M P 1 1811<sup>m</sup> 2063 2081 2244 it<sup>m</sup> syr<sup>m</sup> a<sup>m</sup> cop<sup>m</sup>... eth Origen Hilary  
vg cor<sup>m</sup> arm Tyconius Priscillian Andrew<sup>m</sup> Arethas / omī Jerome Andrew<sup>m</sup>

4 ανοίξαι add και αναγνωναι 2 2039a1 c5

A maioria da comissão julgou mais provável que ἐγὼ foi adicionada por copistas, a fim de identificar o sujeito da forma ἔκλαιον, de outro modo ambígua, ao invés de tê-la omitido deliberada ou acidentalmente. (Ao códex Alexandrino falta o versículo inteiro, pois o olho do escriba saltou de βλέπειν αὐτό do vs. 3, para as mesmas palavras, no fim do vs. 4).

5:4: E se chorava muito, porque não fora achado ninguém digno de abrir o livro com a chave para ele.

A criação inteira foi incapaz de aceitar a tarefa, porquanto nenhum «ser criado», de qualquer tipo ou de qualquer esfera, possui a dignidade moral e o poder inerente, e nem o caráter apropriado e designado para essa missão. Ninguém pode cumprir o que a tarefa exige, e ninguém pode ao menos contemplar tal possibilidade. E isso provocou profundíssima «tristeza» no vidente João, porquanto ele percebia que se a condição perdurasse assim, a revelação divina jamais poderia ser conferida aos homens, o que significa que toda a humanidade se perderia em uma imensa expansão de mistério e espanto. Momentaneamente, ficou oculto de seu entendimento o conhecimento da vastidão do poder de Cristo e da imensidade de seu ser. Por alguns instantes ele só compreendeu a temível condição dos seres, deixados sem a comunicação e a ajuda de Deus, por nada poderem saber acerca de Cristo. O «choro» do vidente corresponde à agonia da alma sem Cristo. O termo grego aqui traduzido por «chorava» indica um «choro em voz audível». (Comparar isso com Luc. 6:21). Devido à sua profunda tristeza, foi incapaz de restringir seu lamento e seu choro. Suas emoções não puderam ser contidas e nem ocultadas. João foi incapaz de sofrer em silêncio. Notemos, além disso, a forma do verbo, no «imperfeito». Sem qualquer pejo, o vidente João «continuava chorando».

Outras idêntias sobre o quarto versículo:

1. «O vidente começou a chorar sem qualquer restrição, porquanto nenhum ser da criação foi encontrado digno de abrir aquele livro. Mas outros estudiosos pensam que seu choro se deveu ao temor de que a revelação que ele esperava receber não pudesse ser efetuada, porquanto isso dependia do livro ser aberto ou não». (Charles, in loc.).

2. «Não foi uma falha de fé; foi a explosão de um coração intenso, para o qual o conhecimento de Deus e o destino de seus semelhantes humanos eram muito

5 καὶ εἷς ἐκ τῶν πρεσβυτέρων λέγει μοι, Μὴ κλαίει· ἰδοὺ ἐνίκησεν ὁ λέων ὁ ἐκ τῆς φυλῆς Ἰούδα, ἡ ρίζα Δαυὶδ, ἀνοίξει τὸ βιβλίον καὶ τὰς ἑπτὰ σφραγίδας αὐτοῦ.

5 & λέων... Ἰούδα On 49:9-10 ἡ ρίζα Δαυὶδ Ia 11:1, 10; Ra 22:16

5:5: E disse-me um dentre os anciãos: não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e romper os seus sete selos.

«...um dos anciãos...» Em outras palavras, um dos «vinte e quatro anciãos», aludidos em Apo. 4:4 e 11, onde há notas expositivas acerca deles.

«...disse...» A voz de Deus, ouvida por intermédio de um dos anciãos, encorajou ao vidente. O problema que provocou tão profunda tristeza não era insolúvel.

«...não chores...»

O ancião da visão diz-nos qual é o manancial da esperança da bondade e do bem-estar: Cristo, o Salvador, o Cabeça de todos os homens.

«...Leão da tribo de Judá...» O Messias teria de vir da linhagem de Davi, conforme diz com frequência o N.T. (Ver Mat. 1:1, 20; 9:27; 12:23; 15:22; 20:30; 21:9, 15; 22:43, 45 (e paralelos); Rom. 1:3 e II Tim. 2:8). Neste livro do Apocalipse, além do presente versículo, ver também Apo. 22:16 (uma menção direta) e Apo. 3:7, onde a questão fica subentendida. O fato que Cristo descendia da tribo de Judá não é questão constantemente frisada no N.T., embora faça parte importante do argumento de Heb. 7:14. As tradições judaicas afiançam-nos que o Messias seria o Filho de Davi. Cristo, pois, com razão é chamado de Rei; e na qualidade de «Leão» da tribo que produzia a linhagem real, ele é poderosíssimo, podendo realizar qualquer tarefa que lhe fosse determinada, incluindo a de ser o Cabeça de todos os homens, como também a presente tarefa de agora abrir os selos do livro.

Talvez haja outros significados tencionados, além desse significado geral. Uma interpretação messiânica do trecho de Gên. 49:9 pode estar por detrás do uso que o autor sagrado faz desse título de Cristo: «...Judá é leãozinho...» Na qualidade de «Leão», pois, Cristo é visto como alguém que obteve a vitória sobre a «águia» romana, que exatamente então perseguia à igreja e ameaçava destruí-la. Cristo Jesus, por conseguinte, na qualidade de Leão, é capaz de satisfazer às mais urgentes necessidades de sua Igreja. O trecho de IV Esdras 12:31, 32 encerra uma repreensão do Messias diretamente lançada contra o império romano. Ali o Messias é retratado sob a figura de um leão, que domina uma águia. Também é ali especificamente mencionado que o Messias seria um descendente de Davi. Cristo, portanto, é possuidor de um poder vastíssimo. Os anciãos em redor do trono lembraram-se disso, quando João, o vidente, em sua tristeza, ficou reduzido a lágrimas. Lembraram a este último que Cristo pode obter a vitória, porquanto é o Rei dos reis. A tribo de Judá tinha por emblema um leão. Outro tanto sucede no caso da igreja cristã. A força do leão, pois, é que, simbolicamente, capacitou Cristo a abrir os selos do livro de sete selos. E Cristo também haverá de instaurar aqueles julgamentos que castigarão ao império romano e ao mundo ímpio.

«...Raiz de Davi...» (Ver as notas expositivas anteriores acerca de como o Messias tinha de vir mediante a linhagem de Davi. Comparar com Mat. 2:23. Ver Isa. 11:1, 10). Cristo é a «raiz» de Jessé, é o «ramo» que cresce de

queridos. Aqueles que têm ansiado ver o fim da opressão, da fraude e da tristeza que campeiam sobre a terra, e que têm desejado conhecer algo sobre as leis que governam a existência presente, bem como o seu resultado futuro final, compreenderão essas lágrimas». (Carpenter, in loc.).

3. Grande será, igualmente, o clamor, entre lágrimas, daquelas que experimentarem os julgamentos preditos no livro de sete selos. Nossa única esperança é que essas lágrimas não sejam derramadas em vão.

4. «Fora prometido a ele (ao vidente João) que lhe seriam demonstrados acontecimentos futuros (ver Apo. 4:1); e agora parecia que essa promessa seria frustrada pela ausência de alguém digno de abrir o livro... e suas lágrimas explodiram na intensidade do desejo desapontado, que tanto anelava pelo cumprimento daquela promessa». (Alford, in loc.).

5. Aqueles que mais conhecem a Deus são justamente os que mais ainda procuram conhecê-lo, porquanto uma sede espiritual, de imensas proporções, foi neles criada. E poderão sentir-se desapontados se a demora vem dominar os acontecimentos. Há muitas espécies de desapontamentos, que em nós produzem lágrimas. No entanto, o texto sagrado mostra que a resposta a João finalmente veio, embora à maneira do Senhor Deus. Essa é uma lição geral de grande valor, que muito nos ajuda em nosso viver diário. A verdadeira inquirição espiritual não pode ser simples e suave. Só aprendemos por meio do sofrimento. (Ver Atos 14:22 quanto a nota geral sobre «os sofrimentos e as provações», e quais os resultados benéficos que disso se derivam).

Variante Textual: Alguns poucos manuscritos unciais e a maioria dos manuscritos minúsculos, dizem «eu» chorava muito. Porém, os ms. Aleph. P. 1, 36, o Cop e os escritos de Orígenes e Epifânio omitem a palavra «eu». O códex A (devido a descuido dos escribas) não tem o versículo inteiro, pelo que não pode prestar testemunho em favor ou contra a omissão dessa palavra. É possível que o «eu» enfático tenha sido acrescentado ao texto sagrado a fim de identificar inequivocadamente quem é que tanto chorava. Não é provável que o pronome «eu» tivesse sido propositalmente omitido, se fizesse parte do texto original.

5 τας ἑπτα] φρασμ λυσαι N 2067 pc vg<sup>3</sup> cl arm

suas raízes. Essa é uma linguagem simbólica, que indica a «descendência» desde Davi, e, sem dúvida alguma, também cumpre o ideal davídico de um monarca. O Testamento de Judá 24:5 mostra-nos que, no primeiro século de nossa era, essa passagem de Isaias era interpretada como promessa messiânica. Em Salmos de Salomão 17:39, a expressão, «Ele ferirá a terra com a vara de sua boca» (Isa. 11:4), é aplicada ao Messias, pelo que este trecho era interpretado messianicamente antes dos tempos cristãos. O «ramo» que cresce da raiz de Jessé (pai de Davi) se transformou em um «cetro» real, com o qual ele governa e fere às nações, por ser um símbolo de poder e controle reais. Portanto, transparece aqui não só «descendência», mas também «descendência real». E o descendente, por pertencer à linhagem escolhida por Deus, representante dessa linhagem como Cristo é, tem o poder e a autoridade da mesma. Por isso é que Cristo pode tomar o livro e abrir seus sete selos, cumprindo todas as expectativas do povo acerca do Governador messiânico.

«...venceu...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Cristo venceu através de seu ofício real. 2. Através de sua descendência real. 3. Através de seu poder inerente, na qualidade de Leão. 4. Através de sua missão terrena, que foi completada, incluindo a expiação, conforme nos informa o versículo seguinte. 5. Essa vitória de Cristo é universal e todo-inclusiva; todos os benefícios que os homens podem receber de Deus têm sido obtidos pela vitória que há em Cristo (ver Col. 2:14 e ss.; Efé. 1:19 e ss.; 4:12 e ss. e Mat. 28:18, onde a mesma coisa é dita de modo diferente e com o uso de vários símbolos). Posto ser Cristo o vitorioso, pode ele abrir ao livro de sete selos. A revelação tinha de ser feita, e os eventos ali preditos precisavam ser cumpridos, e assim Cristo virá a ser Rei sobre todos. A agonia que haverá fará sua realeza tornar-se real para todos.

Digo, que o reconhecimento de Deus em Cristo,

Aceito pela razão, resolve para ti

Todas as questões na terra e fora dela...

(Robert Browning)

Outras idêntias sobre o quinto versículo:

1. A encarnação de Cristo é a realização do ideal davídico, o cumprimento das aspirações humanas, a operação divina através da natureza humana, visando o bem da humanidade.

2. Davi foi um rei guerreiro e sempre vitorioso. Em seu poder maior, o Rei Jesus soluciona para os homens o problema verdadeiramente profundo, o problema do pecado e da idealidade, da inquirição espiritual pela perfeição, do intuito da Deus acerca dos homens.

3. O verbo «venceu», no original grego, está no aoristo. Ao assumir o poder real, Cristo «venceu» de uma vez por todas; e a mesma coisa pode ser dita acerca de sua expiação terrena, um evento histórico. Esse verbo não salienta apenas a missão histórica de Cristo, na encarnação e na expiação. Quer aqui (na terra) ou ali (nos céus) ele é visto como aquele que obteve a vitória definitiva em favor dos homens, que tem como resultado ser ele capaz e digno

de abrir os selos.

4. «O enigma da história de Cristo jaz na mão de Cristo, para ser solucionado e controlado. A escatologia judaica (ver En. 48:3 e 49:1) já havia proclamado o poder revelador do Messias, que é 'poderoso em todos os segredos da justiça... e que revela todos os tesouros do que está oculto'. João assevera que Jesus é o Messias legítimo, cujo poder de desvendar o propósito remidor de Deus repousa sobre a sua inauguração vitoriosa com esse propósito. A vitória de Cristo, referida em Apo. 5:5 e ss., segue-se dramaticamente à alusão que há em Apo.

3:21; mas pressionamos em demasia a sequência quando pensamos que essa cena representa sua chegada aos céus, 'imediatamente após a obtenção de sua vitória' (Briggs) (Moffatt, *in loc.*).

5. O ato de «abrir o livro» explica e executa o designio divino acerca dos homens, sem importar qual seja esse destino. No presente contexto, isso trata os juízos que sobrevirão ao mundo, obtendo aquilo para o que serão desfechados, conforme a descrição dos capítulos seis a vinte e dois do Apocalipse.

6 Καὶ εἶδον ἐν μέσῳ τοῦ θρόνου καὶ τῶν τεσσάρων ζώων καὶ ἐν μέσῳ τῶν πρεσβυτέρων ἄρνιον ἑστηκός ὡς ἐσφαγμένον, ἔχων κέρατα ἑπτὰ καὶ ὀφθαλμούς ἑπτὰ, οἱ εἰσιν τὰ [ἑπτὰ]<sup>3</sup> πνεύματα τοῦ θεοῦ ἀπεσταλμένοι εἰς πᾶσαν τὴν γῆν.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> 6 (1): τὰ ἑπτὰ p<sup>24</sup> N 046 84 1838 1854 1859 2020 2043 2053 2068 2073 2128  
2432 (2344) omitt τὰ; it<sup>4</sup> dem d... g... h...l v...l sy<sup>26</sup> h...l cop<sup>28</sup> b...l arm Hippolytus d  
ta A P<sup>214</sup> 1 1006 1611 2081 it<sup>22</sup> v...l eth Irenaeus<sup>23</sup> Apringius Andrew<sup>25</sup>

<sup>4</sup> c major: WH Bov Nem BP<sup>2</sup> AV RV ASV NEB TT Zdr Luth Jer Seg // c minor: TR RBV

6 ἄρνιον... ἐσφαγμένον. In 63.7; Jn 1.29, 36; Rn 5.12;

13.8 ὀφθαλμοὺς ἑπτὰ Zeb 4.10 τὰ ἑπτὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ Re 1.4; 4.5

A evidência em prol da presença de ἑπτὰ antes de πνεύματα (p<sup>24</sup> N 046 1854 2053 2344 2432 it (gig) sir (ph,h) cop (sa,bo) ara Hipólito a) é bem equilibrada contra a evidência em favor de sua ausência (A P (vid) 1 1006 1611 it (61) vg etí Irlneu (ara) a). Do ponto de vista da transcrição, por confusão com as duas instâncias prévias de ἑπτὰ na linha anterior, o termo pode ter sido acidentalmente omitido. Por outro lado, copistas podem ter inserido o numeral, em imitação a 1:4; 3:1 e 4:5. A fim de representar as ambigüidades das considerações externas e internas, a comissão resolveu imprimir o vocábulo, mas entre colchetes, indicando a dúvida se o mesmo tem o direito de participar do texto.

5:6: Mistu vi, entre o trono e as quatro seres viventes, no meio dos anciãos, um Cordeiro em pé, como havendo sido morto, a fim de abrir sete chifres a sete olhos, que são os sete espíritos de Deus, enviados por toda a terra.

«...no meio do trono e dos quatro seres viventes...» (Quanto ao simbolismo do «trono», ver as notas expositivas em Apo. 4:1). No trono acha-se Deus Pai; na vizinhança imediata do trono estão os quatro seres viventes, e logo depois os vinte e quatro anciãos, conforme se vê no quarto capítulo deste livro. O Cordeiro é visto de pé entre eles. Aqui, porém, parece que os anciãos acompanham ao Cordeiro, deixando seu primitivo lugar, que era mais distante do trono que o lugar onde estavam os quatro seres viventes; os anciãos, pois, são vistos entre os quatro seres viventes e o trono, ou seja, mais próximos do trono do que normalmente ficavam os seres viventes. Seja como for, o Cordeiro é quem está mais próximo do trono; e se aproximará totalmente do trono, a fim de receber o livro selado e abri-lo.

«...seres viventes...» (Ver as notas expositivas completas sobre esses seres, em Apo. 4:6,7).

«...anciãos...» Os mesmos vinte e quatro anciãos, comentados nas notas expositivas de Apo. 4:4.

«...Cordeiro...» O Leão (aludido no versículo anterior) é agora retratado como um Cordeiro. Ambos esses animais pintam algo acerca do caráter e da missão do Cristo. Na qualidade de Leão, ele é o corajoso Rei, que defende seu povo e assume o poder universal. Na qualidade de Cordeiro, ele faz expiação e assume seu ofício de Sumo Sacerdote. (Ver João 1:29, onde Cristo aparece como Cordeiro. Ver Heb. 2:17; 4:14; 5:10 e 9:24, onde Cristo aparece como Sumo Sacerdote). No Testamento de José 19:8, um leão, presumivelmente de Judá, assiste ao Messias, o qual é retratado como um cordeiro. É possível que o vidente João tivesse esse simbolismo em mente, e que agora tivesse mesclado os dois símbolos em uma única pessoa. Na citada passagem do Testamento de José, o «cordeiro» é «vencedor»; mas, visto que aqui ele é «morto», sabemos que parte de sua vitória veio através da «expiação» do Cordeiro, e não meramente através de seu ofício monárquico. O vidente João, portanto, não apresenta um símbolo contrário ao do evangelho de João ou ao da tipologia judaica, mas tão-somente suplementa o simbolismo, referindo-se aos efeitos conquistadores do sacrifício do Cordeiro. Nas páginas do A.T., conforme devemos estar lembrados, o cordeiro pascal conferiu aos israelitas a vitória sobre o Egito, não sendo apenas aquilo que forneceu a expiação. Paulo alude a Cristo como a páscoa cristã, que se sacrificou por nós (ver I Cor. 5:7).

Somente o vidente João, em todo o N.T., ao referir-se a Cristo como Cordeiro, usa o termo grego «arnion». Em todas as demais passagens do N.T., é empregado o vocábulo grego «amnos». (Ver João 1:29,36; I Ped. 1:19 e Aios 8:32 quanto a essa última palavra). No Apocalipse também se pode ver o Cristo na qualidade de Cordeiro em Apo. 5:8,12,13; 6:1,16; 7:9,10,14,17; 12:11; 13:8,11; 14:1,4,10; 15:3; 17:14; 19:7,9; 21:14,22,23 e 22:1,3. O termo «arnion» é a forma diminutiva de «amnos», mas, nos tempos neotestamentários, essa palavra não tinha necessariamente esse sentido. Não há qualquer diferença de significado entre «amnos» e «arnion».

«...como tinha sido morto...» O Cordeiro fizera expiação, e assim obteve a vitória para os homens. Sua missão terrena conferiu-lhe a sua exaltação celestial, conforme se aprende em Heb. 1:9 e Rom. 1:3,4. (Ver Rom. 5:11 quanto a notas expositivas completas sobre a «expiação»). A passagem de Col. 1:20 mostra que a paz com Deus e a reconciliação universal dependem desse ato de sacrifício de Cristo. Não é bastante, pois, que Cristo seja o Leão; também era mister que ele fosse o Cordeiro.

«...tinha sete chifres...» Cristo é muito mais que o «Cordeiro a ser sacrificado». Diferentemente dos cordeiros comuns, ele aparece com sete chifres. Nas páginas do A.T., o «chifre» com frequência serve de símbolo de poder. Assim é que a fera terrível de Dan. 7:7,20 exibe sete chifres; o carneiro, que figura em Dan. 8:3, tinha dois grandes chifres; e o bode, em Dan. 8:5, trazia um único grande chifre, que posteriormente foi substituído por quatro chifres menores, dentre os quais surgiu ainda um outro

«pequeno chifre». Em I Enoque 90:9 são descritos cordeiros dotados de sete chifres, e o Messias, no trigésimo sétimo versículo daquela mesma passagem, é retratado como um touro branco, dotado de grandes chifres. (Ver também I Sam. 2:10; I Reis 22:11; Sal. 112:9 e Luc. 1:69, quanto aos «chifres», como símbolo de poder e autoridade). Satanás, em Apo. 12:3, é retratado como quem é dotado de chifres. O anticristo, em Apo. 13:1, aparece com «dez chifres», provavelmente indicativos de sua federação de dez nações, que o ajudarão em seus desígnios. A mulher escarlata, em Apo. 17:3, aparece montada em uma fera dotada de sete cabeças e dez chifres, que são idênticos aos «chifres» controlados pelo anticristo. Em um animal qualquer, os chifres servem de arma de defesa e de ataque, e essa figura simbólica se baseou sobre esse fato zoológico.

Cristo, pois, é mais do que humilde e manso, mais do que um sacrifício; ele é também poderoso, embora seja um Cordeiro, porquanto conseguiu cumprir os propósitos de Deus em favor dos homens mediante seu grandioso poder. Somente se estivesse investido de êxito, em sua missão terrena, é que ele podia surgir em cena como o Verbo e o Senhor celestial, cumprindo o restante de sua missão eterna no tocante aos homens. Particularmente neste contexto, vemos o seu poder escatológico. Ele abrirá o livro dos juízos divinos contra os blasfemos e rebeldes. Ele purificará a terra. Ele trará ao mundo a justiça, mediante o julgamento.

«...sete...» Os chifres são «sete» em número, para dar a entender que o poder de Cristo é completo, perfeito. Portanto, ele se mostra totalmente eficaz naquilo que empreende. Seu poder também lhe foi «divinamente» conferido; é possível como que pelo ser «divino», conforme o número sete certamente indica.

«...sete olhos que são os sete espíritos de Deus...» (Quanto a notas expositivas completas sobre os «sete espíritos de Deus», ver Apo. 1:4. Ver também Apo. 3:1 e 4:5 quanto a outras referências ao mesmo fato). Já que antes aparecem «sete tochas» diante do trono de Deus (ver Apo. 4:5), e que agora lemos acerca dos «sete olhos» do Cordeiro, é duvidoso que esteja em pauta o «Espírito de Deus», porquanto isso parece reduzi-lo até certo ponto. Antes, temos aqui seres angelicais de elevada ordem, que atuam como poderes nas mãos de Cristo, realizando aquilo que ele quiser. Ou, se assim não for, terão de ser apenas características da pessoa de Cristo. Esses «olhos-espíritos» iluminam os homens e os anjos; possuem «discernimento», já que são os «olhos» de Cristo. Agem como extensões de sua «sabedoria», que a tudo «vê» e a tudo «sabe». Também são símbolos da «onisciência» do Filho de Deus. Esse significado certamente está envolvido no simbolismo dos «sete olhos». Trata-se da «visão perfeita», do «discernimento» total e divino. O trecho de Zac. 4:10 pinta Yahweh como quem tem sete olhos, e mui provavelmente essa foi a origem da figura simbólica que aqui temos. No livro de Zacarias, os olhos de Yahweh «percorrem toda a terra». Outro tanto sucede no caso dos olhos do Cordeiro. Ele sabe a quem convém poupar; e o seu julgamento será severo e feroz, embora também sirva para curar, já que a perfeita sabedoria assim fará. Seus olhos são «enviados» por toda a terra. A Cristo não falta conhecimento sobre as condições terrenas, e ele sabe como cuidar desses problemas. Esse simbolismo faz-nos lembrar dos muitos olhos dos quatro seres viventes (ver Apo. 4:8) como também do «pequeno chifre» de Dan. 7:8, que tinha olhos como de homem. Nesses casos, são focalizadas as qualidades de sabedoria e de total discernimento, tanto acerca do bem como acerca do mal. No caso do Cordeiro, o total discernimento trará à tona o julgamento divino, porquanto o Cordeiro é quem abrirá o livro de julgamento, o livro de sete selos. No entanto, nenhum julgamento divino poderá ser feito sem um propósito em mira, sem visar resultados benéficos finais, porquanto o julgamento divino é apenas o dedo da mão amorosa do Senhor.

Outras idéias sobre o sexto versículo:

1. Tal como em Apo. 1:4, alguns pensam que os «sete espíritos» (agora chamados de «sete olhos» de Cristo) são o Espírito Santo. Nesse caso, o Espírito de Deus deve ser encarado como o instrumento da onisciência e do poder discernidor de Cristo. Naturalmente, o Espírito tanto é do Pai como é do

Cristo. E mesmo denominado «Espírito de Cristo», em Rom. 8:9.

2. O Cordeiro é eterno, perennemente vivo; mas traz as «marcas de sacrifício», os «ferimentos de morte», que nos fazem lembrar de seu ofício expiatório, de sua função sumo sacerdotal.

3. O símbolo do «Cordeiro» nos parece muito caro, porquanto expressa a preciosidade do Cordeiro sacrificial para nós, como também a sua inocência, a sua paciência sob o sofrimento, etc. Foram as cicatrizes do sacrifício, em suas mãos, pés e lado, que quebrantaram ao incrédulo Tomás, extraindo dele aquela confissão imortal: «Meu Senhor e meu Deus!» Devemos ter a mesma compreensão que Tomás teve, acerca do Cordeiro divino. Cristo requer a nossa lealdade. Ele é o líder do rebanho.

4. A existência dos «sete chifres» fala sobre a onipotência; os «sete olhos» aludem à onisciência e à onipresença, porquanto esses olhos não somente vêem, mas também percorrem a terra inteira. Por conseguinte, tais atributos são atribuídos ao Cristo exaltado. Esse fato ensina, ainda que indiretamente, a divindade de Jesus Cristo. (Ver as notas expositivas, em Heb. 1:3, acerca da «divindade de Jesus Cristo».)

5. Cristo Jesus possui o Espírito «sem medida», sem qualquer forma de

limitação, porquanto o número de sua posseção do Espírito é «sete».

6. «O Cordeiro é a figura central da cena à nossa frente» (Milligan, *in loc.*). Por conseguinte, ele deve ser o eixo da nossa vida toda.

7. Já que Cristo ocupa a posição central, o universo inteiro se volta para ele e gira ao seu redor. Essa é a mensagem do primeiro capítulo da epístola aos Efésios. (Ver especialmente Efê. 1:10, em suas notas expositivas, acerca do «mistério da vontade de Deus».)

**Variação Textual:** As palavras «sete espíritos» são o texto dos mss P(24), Aleph, 046, 1864, 2053, 2344, 2432, no It(gig), no Si(gh), no Cop(ia,bo), no Ara e nos escritos de Hipólito. Porém, os mss A, P(vid), 1, 1006, 1811 no It(81), na Vg, no Et e os escritos de Irineu(a) omitem essas palavras. Tais palavras podem ter sido acidentalmente omitidas, porquanto há duas ocorrências das mesmas nesta versículo, e alguns escribas, portanto, podem tê-las simplesmente esquecido, numa terceira repetição. Por outro lado, essas palavras podem ter sido acrescentadas aqui com base em Apo. 1:4; 3:1 e 4:6, onde o termo «sete» já aparece em associação aos «espíritos». Não há forma inductiva de determinar qual é a forma correta do texto. Mas a evidência objetiva favorece um pouco a inclusão do termo «sete».

7 καὶ ἦλθεν καὶ εἰληφεν ἐκ τῆς δεξιᾶς τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου.

7 τοῦ καθημένου...θρόνου | Kai 22.19; 2 Chr 18.18; Ps 47.8; Is 6.1; Esa 1.26-27; Sir 1.8; Re 4.2, 9, 5.9, 13; 6.16; 7.10, 15; 10.4; 21.6

7 εἰληφεν] add το βιβλίον (046) 104 1006 (2031) pc g (p्राप्त वगै॑) sy co s

5:7; E veio e tomou a livro da destra de que estava sentado sobre o trono.

«...Veio...» O poderoso Cordeiro entra em ação; ele não teme aproximar-se do trono de Deus Pai. Mas nenhum outro ser poderia fazer tal coisa.

«...tomou...» O livro, que nenhum outro ser podia ao menos contemplar, é agora tomado nas mãos do Cordeiro. Isso o distingue da criação inteira. Cristo é o Criador, e sob hipótese nenhuma pode ser identificado com a sua criação, como se fizesse parte dela, conforme supõem aqueles que não lhe conferem a posição de Criador. (Ver as notas expositivas em Col. 1:16, acerca de como Cristo está muito acima de todos os seres criados.)

«...o livro...», isto é, o rolo de sete selos, cuja explanação aparece nas notas expositivas sobre Apo. 5:1, e que é um objeto que ocupa posição central neste sexto capítulo do Apocalipse. Naquela referência aparecem seus muitos sentidos e interpretações possíveis. Certamente está em pauta a mensagem profética do juízo, no Apocalipse, que ocupa, especificamente, os capítulos sexto a décimo nono, o «desdobramento dos sete selos». Porém, fica implícito ainda muito mais do que isso, já que vemos como Deus tratará com os homens no fim dos tempos, e como, através dessa maneira de tratar, o Senhor cumprirá os seus propósitos relativos à humanidade.

«...mão direita...» Tal como no primeiro versículo deste capítulo, o livro é pintado na mão «direita» de Deus Pai, a mão mais forte, o lugar simbólico da autoridade e do poder. (Ver as notas sobre esse simbolismo, no primeiro versículo.)

«...daquele que estava sentado no trono...» (Quanto ao fato que o Pai aparece sentado no trono, ver as notas expositivas tanto no primeiro versículo deste capítulo como em Apo. 4:1,3,9). Esse simbolismo deriva-se da «sala do trono de um monarca». Um rei se assenta em seu trono e consulta com os seus ministros, baixando ordens que determinam o governo de seu reino. Por conseguinte, destacam-se aqui a autoridade e o poder de Deus. Contudo, em todo esse simbolismo há outros elementos que se revestem de interesse, conforme se menciona nas notas expositivas sobre Apo. 4:2; acerca do «trono e seus simbolismos».

8 καὶ ὅτε ἔλαβεν τὸ βιβλίον, τὰ τέσσαρα ζῶα καὶ τοῦ ἀρνίου, ἔχοντες ἑκάστος κιθάραν καὶ φιάλας προσευχαῖ τῶν ἁγίων.

1:8; Logo que tomou o livro, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.

«...tomou...» essa palavra é comentada nas notas sobre o versículo anterior.

«...quatro seres vivos...» Comentários em Apo. 4:6,7.

«...vinte e quatro anciãos...» Comentários em Apo. 4:4.

«Prostraram-se diante do Cordeiro...» Prestam eles a mesma adoração ao Cordeiro que tinham prestado a Deus Pai (ver Apo. 4:10). Isso demonstra claramente a divindade de Cristo (o que é comentado em Heb. 1:3), e não meramente sua elevadíssima dignidade. Isso também serve de sinal da imensa gratidão que precisa ser atribuída a Cristo, por causa de sua missão redentora, conforme se vê no cântico que entoam, nos versículos nono e décimo. (Isso pode ser confrontado com o trecho de Apo. 19:4, onde a mesma adoração, uma vez mais, é tributada a Deus Pai).

«É próprio de Deus mostrar-se cheio de misericórdia conosco, tal como mostrou uma esposa a Adão. Primeiramente ele trouxe a Adão todos os animais, a fim de que ele pudesse perceber que não havia para ele uma companheira idônea». (Goodwin, *in loc.*)

«João põe ênfase dramática exclusivamente sobre Jesus». (Moffatt, *in loc.*)

Notemos, no décimo terceiro versículo deste capítulo, o fato que o Cordeiro compartilha do trono com Deus Pai, pelo que é digno da mesma adoração prestada a este último.

«...Cordeiro...» Comentários em Apo. 5:6.

«...tendo cada um deles uma harpa...» O termo grego «kithara» não indicava um instrumento semelhante à nossa «harpa», mas antes, mais se assemelhava a um violão ou guitarra. De fato, pode-se notar que a palavra «guitarra» está etimologicamente vinculada ao vocábulo grego «kithara».

**Outras idéias sobre o sétimo versículo:**

1. Não é chamado por «nome» a pessoa de Deus Pai, devido ao respeito pelo inabordável nome de «Yahweh». Tão-somente é dito, «aquela que estava sentado no trono». E assim que se faz alusão a Deus, por todos os capítulos quarto e quinto do Apocalipse. Um judeu piedoso jamais proferia o nome divino, o que tem prosseguimento até o dia de hoje. Assim é que «Elohim» é pronunciado «Elokim», e «Yahweh» é combinado com «Adonai», formando o nome «Javá», que é apenas uma invenção extrabíblica.

2. É na qualidade de Cordeiro crucificado que Cristo ascende ao trono. O Senhor da Vida serviu pessoalmente de sacrifício, capaz de conferir vida aos homens. Por esse motivo ele é «digno» de tomar o livro de sete selos, podendo aproximar-se do trono de Deus. Por intermédio de Cristo, pois, também nós podemos aproximar do trono divino, em oração; e, eventualmente, haveremos de fazê-lo, na glória celeste. (Ver Heb. 6:19,20 quanto a esse ensinamento).

3. Na famosa pintura de Salvador Dali, «O Cristo de São João da Cruz», que se exhibe na galeria de arte de Glasgow, na Escócia, a cruz é pintada como se estivesse sendo levantada da terra, como se tivesse dado início à sua ascensão aos céus. E assim é, realmente. A cruz foi que levou Jesus Cristo até ao trono de Deus. E agora ele compartilha dessa vitória conosco. (Ver Col. 1:20, que demonstra o fato).

4. O sétimo versículo deste capítulo fornece-nos «um símbolo realista da idéia transmitida em João 3:35 e 12:49» (Moffatt, *in loc.*).

5. Cristo «tomou» o livro. Sim, «Cristo recebeu a revelação dos segredos relativos ao futuro, como uma posseção permanente» (Swete, *in loc.*, comentando sobre o uso desse verbo no tempo perfeito). Mas outros comentaristas pensam apenas que o perfeito é usado como um aoristo, o que era comum no grego helenista. Esse ato «expressa a calma decisão e a certeza» de Cristo, havendo no verbo certo peso «ético», conforme diz Lange (*in loc.*).

6. Isso pode ser comparado com a idéia expressa em João 1:18. Conforme comenta Adam Clarke (*in loc.*): «Somente com Jesus se acham os conselhos e mistérios de Deus».

7. Cristo tomou o livro «não por violência, e nem por fraude, mas prevaleceu para poder fazê-lo, conforme nos diz o quinto versículo, mediante seus méritos e sua dignidade; ele o fez mediante sua autoridade, e também por determinação do Pai» (Matthew Henry, *in loc.*). «Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra» (Mat. 28:18)

οἱ εἴκοσι τέσσαρες πρεσβύτεροι ἔπεσαν ἐνώπιον χρυσᾶς γεμούσας θυμιαμάτων, αἱ εἰσιν αἱ

8 φιάλας...ἀγίων Ps 141.3; Re 8.2, 4

Originalmente, tinha formato triangular, com sete cordas. Mais tarde, o número de cordas foi aumentado para onze. Josefo menciona modelos dotados de dez cordas, as quais eram tangidas com um «plectrum» ou pequena peça de marfim. O cântico dos cento e quarenta e quatro mil será acompanhado por essas «guitarras» (ver Apo. 14:2 e ss.), tal como no caso do cântico de Moisés, entoado por aqueles que obtiveram a vitória sobre o anticristo (ver Apo. 15:2 e ss.). A própria guitarra talvez não tenha qualquer simbolismo especial, exceto que é o «instrumento» dos louvores celestiais; pelo que também supomos que as palavras e as vidas dos seres celestiais, que servem de glória para Deus, estão aqui simbolizadas ou, pelo menos, salientadas. Esse louvor prestado com a vida e com as palavras soa como se fosse uma música celestial, cheia de harmonia, graça e agradabilidade. Antigamente, o louvor a Deus era acompanhado com harpas, conforme se vê em Sal. 33:2. O louvor é similar à música, porquanto se trata de uma entidade intrínseca, com sua harmonia inerente, que é agradável até aos ouvidos de Deus.

«...taças de ouro cheias de incenso...» A «phiale» dos gregos era um vaso largo e chato, bem diferente de uma garrafa. Era usada para ferver líquidos e também servia como uma espécie de urna, usada para o derramamento de libações ou para nela servir-se líquidos. Tal palavra também era usada para indicar «taças rasas». Talvez a palavra *tigela* expresse melhor o formato do objeto mencionado. Esse é o uso do termo na Septuaginta, conforme se vê em Núm. 7:13, 19, 25, 31, 43; 1 Reis 7:50 e Zac. 9:15. Mui provavelmente, a alusão é às diversas «taças» empregadas no serviço do templo de Jerusalém, sobretudo o incensário de ouro, usado para receber o incenso puro, queimado com brasas tiradas do altar de bronze, e que era oferecido sobre o altar de ouro, diante do véu, no santuário. A «adoração no templo» é vista aqui como algo que tem um «paralelo» nos mais elevados céus. E as «taças» simbolizam o meio pelo qual nossas orações chegam a Deus e ao Cordeiro, e isso angelicamente mediado. Não sabemos dizer se isso deve ser reputado



mero «símbolo», que meramente fala do fato que a oração dos santos ascende a Deus e é eficaz, ou apenas que há a mediação dos anjos nas nossas orações, tal como nos dons espirituais e no ministério cristão em geral. (Ver Heb. 1:14).

Os grupos protestantes, em sua ansiedade de fazerem de Cristo o único Mediador (ver I Tim. 2:5), têm relutado em admitir tal possibilidade de mediação angelical, mas nada disso contradiz a posição de Cristo como nosso Mediador, já que os anjos são seus servos. Tudo quanto fazem, fazem-no por delegação sua, e pode ser corretamente atribuído a Cristo. Parece que temos subestimado o ministério dos anjos.

«...incenso...» Tradicionalmente, esse é o símbolo da oração. (Ver Lev. 16:12,13; Sal. 141:2 e Luc. 1:9). O vidente João transferiu para o templo celestial aquilo que era praticado no templo terreno. Edersheim, ao descrever o oferecimento de incenso no templo, fornece-nos a seguinte descrição: «Quando o presidente baixava a ordem de que 'chegara a hora do incenso', a multidão inteira, do lado de fora, saía do átrio mais interno e se prostrava diante do Senhor, de palmas voltadas para cima, em oração silenciosa. Era aquele o momento mais solene, quando, por todos os vastos edifícios do templo, descia profundo silêncio sobre a multidão que adorava, ao passo que, dentro do próprio santuário, o sacerdote punha o incenso sobre o altar de ouro, e as nuvens odoríferas ascendiam diante do Senhor, o que serve de imagem simbólica das coisas celestiais, no Apocalipse (ver Apo. 8:1,3). As orações feitas pelos sacerdotes e pelo povo, nessa porção do culto, foram registradas pela tradição, como segue: 'É verdade que Tu és Yahweh, nosso Deus, o Deus de nossos pais; és nosso Rei e o Rei de nossos pais; és nosso Salvador e a Rocha da nossa salvação; és nosso Ajudador e Libertador. Teu nome vem de toda a eternidade, e não há Deus além de Ti. Aqueles que foram libertados entoam para Ti um novo cântico, como Rei, dizendo: 'Reinarás Yahweh, que salva a Israel'. (Isso pode ser comparado ao cântico de Moisés, em Apo. 15:3, e ao «novo cântico» que aparece no nono versículo deste mesmo capítulo).

«...dos santos...» Os crentes devem ser caracterizados pela «santidade», razão pela qual recebem aqui esse título. (Há notas expositivas completas acerca desse conceito e título, em Rom. 1:7, com ilustrações e idéias adicionais em Col. 1:2). Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14); e também não pode haver salvação sem a santificação (ver II Tes. 2:13). (Ver as notas expositivas completas sobre a «santificação», em I Tes. 4:3).

Quem são os «santos»? Consideremos os pontos seguintes: 1. Podem ser todos os remidos, todos os crentes de todos os séculos, porquanto participam todos da redenção, acerca da qual agora entoam (ver os versículos nono e décimo deste capítulo). 2. Particularmente, podem estar aqui em foco os «santos» martirizados pelo anticristo, prefigurados por aqueles que, nos tempos neotestamentários, eram martirizados pelo império romano, nos próprios dias do vidente João. Nesse caso, temos aqui alusão aos crentes mortos que já se achavam nos céus. A redenção é o galardão recebido em honra a seu martírio. Em I Enoque 47:1 há um paralelo parcial dessa idéia. As orações dos santos e o sangue dos mesmos ascenderá a Deus nos «últimos dias», implorando-lhe que comece o julgamento contra seus adversários, indivíduos rebeldes e violentos. Em Apo. 6:9 e 8:3 temos alguns quadros verbais acerca dos «santos», que já estavam nos céus, implorando a Deus a vingança contra os seus cruéis perseguidores. Podemos supor, por conseguinte, que as «orações» feitas por eles instavam, especificamente, que Deus iniciasse seus juízos contra esses homens rebeldes e violentos, os quais vinham assediando à igreja, espalhando a miséria e a destruição. A resposta divina a esse clamor dos

santos serão os julgamentos dos «selos», que o livro de sete selos, uma vez descerrado, passará a descrever, conforme se vê do sexto capítulo em diante do Apocalipse.

#### Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. A suposição que a «mediação dos anjos», na oração, que se reflete neste versículo, dá apoio à idéia de que se deve «orar aos anjos» (e, portanto, aos santos), é exagerar o sentido tencionado, e não uma interpretação do texto sagrado. Pois é melhor conceber que os anjos mediam as orações dos crentes, sem que estas dirijam suas orações àqueles.

2. O ofício de mediador das orações a Deus, segundo Orígenes (ver «De Prin.» i.8.1), é atribuído a Miguel. Mas no Apocalipse de Paulo 7.10, isso é atribuído aos «anjos guardiões». Em III Baroque 11, Miguel desce até ao quinto céu a fim de recolher as orações de toda a humanidade, para então conduzi-las ao trono, a porção mais elevada dos céus. O Apocalipse de Paulo 7.10 retrata as portas dos céus a se abrirem em tempos determinados, a fim de receberem essas orações. No Testamento de Levi iii.5,8, Miguel também é retratado a fazer propiciação ao Senhor pelos pecados dos homens. Nesse mesmo documento, os «arcanjos», no quinto céu, recebem as orações da parte de anjos inferiores, levando-as à presença de Deus. O vidente João parece confirmar essa espécie de sistema, pois os vinte e quatro anciãos poderiam ser vistos aqui como arcanjos, a realizar a mesma função atribuída aos poderosos arcanjos dos escritos judaicos do período helenista. Assim é que no Testamento de Levi iii.6-7, os arcanjos aparecem investidos de funções sacerdotais, tal como havia «ministros» no templo de Jerusalém, aos quais se dava o nome de «sacerdotes» e que também intercediam em favor dos homens. Portanto, os vinte e quatro anciãos são vistos aqui como sacerdotes do templo celestial, embora essa não fosse, necessariamente, a única função deles. Os sacerdotes terrenos faziam às vezes de mediadores, mas ninguém orava diretamente a eles. Assim, pois, nem os sacerdotes celestiais deveriam ser o alvo das nossas orações, mesmo que atuem como mediadoras das orações dos santos.

3. Não deveria servir de motivo de desinteresse e desgosto o fato que os anjos atuem como mediadores. Nem se deveria pensar ser isso estranho. Não obstante, todos os mediadores receberam seu ofício simplesmente por causa do ofício medianteiro de Cristo, que em alguns aspectos pode ser a delegação a outros seres. Nenhum desses seres poderia ser mediador à parte de Cristo.

4. O presente versículo tem sido usado em apoio à idéia de que a igreja que já se acha nos céus ora pela igreja que ainda está na terra; e é possível que isso seja uma verdade, embora não apoiada por este versículo, porquanto os vinte e quatro anciãos não são seres humanos. Entretanto, o fato que representam seres humanos e entoam o hino da redenção (ver os versículos nove e dez deste capítulo) pode favorecer indiretamente essa oração celestial, embora também humana.

5. Não é somente a igreja que se interessa pela revelação atinente aos últimos dias, acerca de como Deus será vitorioso em meio à agonia, propiciando-lhe a oportunidade de abençoar ricamente. O versículo é nossa frente mostra-nos que essa é igualmente a preocupação dos mais elevados poderes dos céus. A criação inteira geme, anelando pela revelação dos filhos de Deus (ver Rom. 8:19).

6. As taças que contêm as orações dos santos são de «ouro». Portanto, essas orações se revestem de grande valor e poder. Certamente cumprirão o seu propósito. (Ver Efé. 6:18 quanto a notas expositivas completas sobre a oração).

7. O mundo celestial se interessa pelo estado do homem, pela redenção humana. Isso expressa a posição do «telamo», em contraste com a posição do «delamo». O primeiro ensina que Deus está profundamente interessado pelos homens, fazendo intervenção na história humana, recompensando ou castigando aos homens. O delamo, em contraste com isso, pinta Deus como um poder supremo, mas divorciado inteiramente da sua criação, tendo deixado que as leis naturais governem a criação; por conseguinte, não faria Deus qualquer intervenção na história humana; e nem castigaria ou galardoadaria. (Ver Atos 17:27, em suas notas expositivas, acerca dos diversos pontos de vista teológicos e filosóficos de Deus, e da natureza de sua maneira de tratar com os homens).

9 καὶ ᾄδουσιν ᾠδὴν καινὴν λέγοντες, Ἄξιός ἐστι λαβεῖν τὸ βιβλίον καὶ ἀνοίξει τὰς σφραγίδας αὐτοῦ, ὅτι ἐσφάγης καὶ ἡγόρασας τῷ θεῷ ἐν τῷ αἵματι σου ἐκ πάσης φυλῆς καὶ γλώσσης καὶ λαοῦ καὶ ἔθνους,

9 ᾄδουσιν καὶ αὐτοὶ Ps 32.2; 40.3; 98.1; 98.1; 149.9; 149.1; Is 42.10; Ra 14.2

9 IC: τῷ θεῷ A eth ἡ ἡμῶν 1 2065\* it\* Cyprian Fulgentius ἡ τῷ θεῷ ἡμῶν M 046 1006 1611 1830 2030 2042 2053 2063\* 2081 2128 2433 coplat Andrew's Aruthas ἡ ἡμῶν τῷ θεῷ 04 1828 2073 2344 114 v. s. dom. div. ita. lat. vg. syrr. 1 coplat

arm Hippolytus Cyprian Augustine Primateus Andrew's ἡ ἡμῶν τῷ θεῷ ἡμῶν coplat

Embora a evidência em prol de τῷ θεῷ seja leve (A etí), essa forma é a que melhor explica a origem das demais. Desejando prover ἡγόρασας com um objeto mais exatamente determinado do que o que se acha nas palavras ἐκ πάσης φυλῆς κ.τ.λ., alguns escribas introduziram ἡμῶν ou antes de τῷ θεῷ (94 2344 al), ou após τῷ θεῷ (N 046 1006 1611 2053 al), ao passo que outros substituíram τῷ θεῷ por ἡμῶν (1 2065\* Cipriano al). Aqueles que fizeram as emendas, porém, esqueceram-se de quão imprópria é ἡμῶν com αὐτοῦ no versículo seguinte (onde, de fato, o Textus Receptus diz ἡμῶν, mas com uma autoridade bastante inadequada). Ver também o comentário seguinte.

5:9; E cantavam um cântico novo, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação;

«...novo cântico...» No presente capítulo encontramos três doxologias. A primeira delas começa aqui, e ocorre na cena imediata do trono, sendo proferida pelos elevados poderes angelicais. A segunda (ver os versículos onze e doze) é um eco da primeira, com adições, da parte da inumerável hoste de anjos. E a terceira é expressa pela «criação inteira», partindo dos céus, da terra e até mesmo do hades (ver o décimo terceiro versículo), reverberando as outras duas doxologias e atribuída tanto a Deus Pai como a Deus Filho. O grande «amém» celestial dos mais elevados anjos, santifica essas três doxologias e confirma a sua veracidade (ver o décimo quarto versículo).

Em vários dos Salmos é entoado um «novo cântico» de louvor a Deus, devido às suas misericórdias e ao seu poder de salvar. (Ver Sal. 33:3; 40:3 e 96:1). Em Isa. 42:10, o tema do «novo cântico» é o louvor a Yahweh, que logo sairá a fim de destruir os adversários idólatras de seu povo, o que

significa que também são seus inimigos. Provavelmente, a idéia do «novo cântico» foi sugerida ao vidente João com base nessas referências do A.T. O que é dito, em honra a Yahweh, agora é dito em honra a Jesus, o Cordeiro, o que mostra, uma vez mais, que o autor sagrado não hesita em atribuir ao Filho a honra e a estatuta que o A.T. atribui a Yahweh. Isso, por sua vez, prova sem a menor sombra de dúvida que Jesus é Deus.

Deve-se observar que esses cânticos envolvem temas antigos, mas são formados de novo e entoados com renovado vigor, em face da «presente» vitória, que ou então já fora obtida, ou estaria prestes a ocorrer.

Os «novos cânticos» do Apocalipse podem ser vistos em Apo. 5:9 e 14:3. Também há outras «coisas novas» neste livro, como o «novo nome» (ver Apo. 2:17), a «nova Jerusalém» (ver Apo. 3:12 e 21:2), o «novo nome de Cristo» (ver Apo. 3:12) e os «novos céus e a nova terra» (ver Apo. 21:1), além do fato que todas as coisas serão feitas «novas» (ver Apo. 21:5). A salvação que obtemos em Cristo primeiramente renova a nossa esperança, e, finalmente, renova a própria realidade da vida que atualmente conhecemos. Existe o «antigo cântico» da criação, que comemora o início de todas as coisas (ver

Apo. 4:8,11). Esse antigo cântico é entoado em honra a Deus Pai. Mas há também o «novo cântico», que comemora a «nova criação», a criação espiritual da redenção que há em Cristo (ver o presente versículo, ver também notas sobre salvação, Heb. 2:3).

«...digno és de tomar o livro e de abri-lo os selos...» Nos versículos dois a quatro deste capítulo vimos como aquele elevado anjo pesquisou a criação inteira, nos céus, na terra e no hades, a fim de descobrir qualquer ser «digno» que pudesse abrir os selos do livro de sete selos. Mas nenhuma criatura foi achada capaz de tanto, não podendo ninguém ao menos contemplar o rolo do livro. Mas a busca encontrou seu alvo no Cordeiro, o Leão da tribo de Judá, que foi achado digno de abrir os selos.

• Cristo, o Cordeiro e o Leão da tribo de Judá, é digno, por causa das verdades seguintes:

1. Por causa de seu valor inerente.
2. Por causa de seu ofício divino.
3. Por causa do fato de ser ele o Filho de Deus, estando, por isso mesmo, vinculados aos filhos de Deus.

4. Mas também por causa do fato que ele foi «vitorioso» em sua missão terrena, tendo oferecido «expição» eficaz em favor dos homens. Portanto, ele é capaz de servir de Mediador entre Deus e o homem. Tudo isso nos é ensinado através do fato que Cristo foi «vitorioso» (ver o quinto versículo), através do fato que ele é o «Cordeiro que foi morto» (ver o sexto versículo), e através do fato, que aqui encontramos, que ele foi morto e remiu homens «pelo seu sangue», através do qual a salvação é efetuada. A exaltação de Cristo, nos céus, depende da realização bem-sucedida de sua missão terrena, segundo se aprende com grande clareza em Fil. 2:6-11 e Heb. 1:9.

5. Além disso, Cristo é «digno» por causa daquilo que Ele é em si mesmo, e por causa do que realizou. Os seus «feitos» asseguram aos homens uma redenção perfeita, a participação em sua própria natureza e em seus atributos, na qualidade de filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10).

6. Naturalmente, pois, Cristo é «digno» de ocupar-se dessa tarefa de abrir o livro, revelando os horrendos julgamentos que são descritos nos capítulos sexto a décimo nono do Apocalipse, a fim de que a restauração, retratada nos capítulos vigésimo a vigésimo segundo mesmo também pode tornar-se uma realidade.

7. O fato que Cristo é digno, pois, produz resultados benéficos para a humanidade inteira. Essa é a razão por que o Novo Cântico é entoado em honra a Cristo. Ele é o amor de Deus personificado. Nós, os remidos, louvamos a Cristo por essa razão.

«...foste morto e com o teu sangue compraste...» (Ver Rom. 5:11 quanto a notas expositivas completas acerca da «expição». E acerca do fato que expiação é uma «compra de volta», uma «redenção», ver as notas expositivas em Mat. 20:28; I Ped. 1:18 e Heb. 9:12. Quanto à nota de sumário sobre a verdade bíblica da «expição pelo sangue», ver Rom. 3:25. Há notas adicionais sobre esse tema, em Col. 1:14,20 e Ef. 1:7).

Expição pelo sangue. Para melhor compreendermos esse tema bíblico, convém que consideremos os quatro pontos seguintes:

1. O ponto de vista literal. Os povos antigos criam que o altar onde o sangue da vítima sacrificada era derramado, ficava carregado com as virtudes da divindade à qual pertencia o altar. Portanto, qualquer pessoa que tocasse no altar ficava supostamente salutada dos poderes daquela divindade, além de ficar purificado dos seus pecados. Era um ponto de vista «mágico» da expiação pelo sangue, certamente algo que não tem lugar nenhum no cristianismo bíblico.

2. O ponto de vista simbólico. O sangue seria o «símbolo» do que Cristo realizou, em sua morte. Assim sendo, o termo «morte» poderia ocupar a posição da palavra «sangue», sem que isso em nada modifique o ensinamento bíblico. Seríamos remidos pelo «sangue de Cristo», da mesma maneira que seríamos remidos pela «morte» de Cristo.

3. O ponto de vista místico. A «morte ou o «sangue» de Cristo referem-se a como o Espírito Santo torna real para nós aquilo que Cristo realizou por nós em sua morte na cruz. Portanto, somos transformados de tal modo que obtemos a vitória sobre o pecado e sobre o mundo, o que nos tem corrompido, tornando-nos incapazes de ter comunhão com Deus. O que o Espírito Santo faz, lá-lo mediante o contacto místico. O Espírito de Deus transforma realmente os nossos seres segundo a imagem de Cristo, conferindo-nos o poder que ele tem sobre a morte e o pecado, de modo a começarmos a viver em novidade de Vida. O Espírito Santo nos transforma, literalmente, na essência mesma de nossos seres, para que participemos da natureza mesma de Cristo; e assim ele nos infunde a natureza de Cristo, o Filho de Deus, transmutando-nos em filhos de Deus. Esse ponto de vista «místico» acerca do que é realizado na morte e na ressurreição de Cristo é amplamente comentado em Rom. 6:3, sob o título de «batismo espiritual».

4. O ponto de vista forense e histórico. Quando os homens têm fé em Cristo e na expiação dele, como um acontecimento histórico, Deus os aceita (por decreto divino), no Amado (Ef. 1:6). Nisto existe o perdão de pecado.

10 καὶ ἐποίησας αὐτοὺς τῷ θεῷ ἡμῶν βασιλείαν καὶ ἱερεῖς, καὶ βασιλεύσουσιν ἐπὶ τῆς γῆς.

\*10 [C] βασιλεύσουσιν M P 1 94 1828 1854 2042 2053 2072 2081\* 2344  
[A] B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z  
[A] B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z  
[A] B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Mas a realização começa, não termina nisto. Pela operação do Espírito Santo, o que Cristo tem feito pelos homens é aplicado diariamente, segundo a explicação dada sob o ponto 3. A expiação começa com o decreto mas continua com a operação do Espírito em santificação.

«...para Deus...» Deus é o Alfa e o Ômega de toda a existência, segundo se vê em Apo. 1:8. Ele é o Criador (Alfa), mas também o Alvo (Ômega) de toda a vida. (Ver I Cor. 8:6, em suas notas expositivas, sobre este conceito). Outro tanto é dito acerca de Jesus Cristo, em Col. 1:16, pois a criação foi feita «nele», «por ele», e «para ele». A expiação no sangue de Cristo é que tornou tudo isso possível. Trata-se do começo da nova criação, que é entoada no novo cântico.

«...de toda tribo, língua, povo e nação...» Essas mesmas designações figuram em Apo. 7:9; 13:7 e 14:6. A expiação pelo sangue de Cristo foi ato tão poderoso que exerce efeitos verdadeiramente universais. Nenhum povo, nenhuma raça, nenhuma nação, nenhum recanto da terra pode escapar à sua influência. Acreditamos que a própria Grande Tribulação, pela qual passará a igreja, servirá de poderoso agente para atrair homens a Cristo. Israel, como um todo, oficialmente como uma nação, no fim de tudo, se converterá a Cristo. E isso ocorrerá, segundo cremos, imediatamente antes do fim do nosso século XX. (Ver o artigo existente na introdução ao Comentário, intitulado «Os Últimos Tempos, Nossos Tempos»). Naturalmente, no presente versículo, a igreja universal, de todas as épocas, está em pauta; mas, particularmente, cremos que a igreja dos últimos dias, a igreja que será perseguida como nunca, é aqui focalizada, tal como se vê também em Apo. 6:9 e ss. (Ver I Tes. 5:14 e Apo. 4:1, com introdução naquele capítulo, acerca da «questão do arrebatamento da igreja»).

Outras idéias sobre o nono versículo:

1. O poder de Cristo garante a alegria de povos que nem ao menos já nasceram fisicamente; ele é o Salvador cósmico e universal.

Soai, sinos em torres ainda não levantadas,  
O júbilo de povos que ainda não nasceram!  
Soai, trombetas sopradas de longe.

(Whittier)

2. O verbo «redimir», que no grego é «agorazo», era usado para indicar o ato de «comprar de volta», libertando por meio de compra, como sucede com um escravo que foi comprado para ser posto em liberdade. (Ver I Cor. 6:20; 7:23; Gál. 3:13; 4:5 e II Ped. 2:1 quanto a outros usos desse termo). O pecado escraviza aos homens, e eles precisam dessa forma de livramento. E a morte de Cristo é o preço pago para que haja essa libertação.

3. Este versículo reflete a estatura cósmica de Cristo. Cristo foi mais do que mera figura nacional ou internacional; ele é mais do que algum Messias terreno. (Ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios quanto ao fato que Cristo é o próprio «centro de toda a criação», o seu cabeça e o seu alvo. O décimo versículo desse capítulo fala da restauração universal em torno de Cristo, que é o «mistério da vontade de Deus». Aquele versículo mostra-nos do que consiste a vida.

4. «Cada cidadão... desse novo reino haverá de receber um novo nome...» (Ver Apo. 2:17 e 3:12) e em louvor a esse reino, os anciãos entoam um novo cântico... e, por igual modo, os anjos (ver Apo. 14:3), como igualmente a bendita companhia dos mártires, perante o trono (ver Apo. 15:21) (Charles, in loc.).

5. «...tribo, língua, povo e nação...» «Quatro é o número que sinaliza a extensão mundial: os quatro pontos do mundo. Tanto a palavra «tribo» como «povo» (esta última, no grego, «laos»), são usualmente restringidas a Israel. Já «língua» e «nação» geralmente são aplicadas aos gentios (comparar com Apo. 7:9; 11:9 e 13:7), o que aponta para a igreja eleita, recolhida dentre judeus e gentios». (Fausset, in loc.).

6. Os «vinte e quatro anciãos» embora representantes dos remidos humanos, e apesar de estarem misticamente associados com eles, ainda que cantem o cântico dos remidos, não devem ser confundidos com eles. São seres angelicais (Ver as notas expositivas em Apo. 4:4 quanto a informações acerca deles, bem como ao significado do número delas, «vinte e quatro»).

7. As palavras «Tu és digno» eram uma antiga aclamação, empregada para os grandes generais vencedores, dignitários ou imperadores recentemente elevados ao trono. Na Igreja Ortodoxa Grega da atualidade, o «akies» continua sendo usado para saudar aos governantes das igrejas, em cortejos ou ocasiões especiais. Mas ninguém é «digno» no mesmo sentido de Cristo, o Redentor de toda a humanidade.

Variante Textual: As palavras, «para Deus», sem qualquer adição antes ou depois, como modificação ou substituição, é a forma que aparece somente no ms A e no EtL. Provavelmente essa é a forma correta. Mas o termo «nos» (pronome plural oblíquo) foi acrescentado antes dessas palavras nos mss 94, 2344 e em alguns poucos outros manuscritos; ou depois dessas palavras, nos mss Aleph, 046, 1006, 1811 e 2053. Os mss 1, 2085(1) e os escritos de Cipriano substituem isso por «nós». A adição de «nos» ocorreu para emprestar um sentido mais claro ao texto; alguns pensam que a inserção das palavras «homens remidos», antes de «para Deus», é essencial para que se compreenda claramente o versículo, ainda que o vocábulo grego que seria traduzido por «homem» não aparece em qualquer manuscrito. O original diz tão-somente por teu sangue remiste para Deus». Foi apenas natural que os escribas tivessem acrescentado o «objeto direto» que ficava subentendido.

10 ἐποίησας...ἱερεῖς Ex 19:6; Is 61:6; 1 Pe 2:5, 9; Rm 1:6; 20:6

βασιλεύσουσιν...γῆς Rm 20:6; 22:5

10 αὐτοὺς NA 046 I 82 2059i pl vg<sup>ms</sup>;

R] ἡμας 79a it vg<sup>cl</sup> 1a Prim | βασιλεύσουσιν NP I 82 2036 2059 al g vg<sup>ms</sup> - σουσιν A 046 2060 2329 al; R: -ευσμεν vg<sup>cl</sup> 1a atp<sup>ms</sup> Prim g

Dentre as três variantes, é óbvio que βασιλεύσομεν (2432 al) é desenvolvimento secundário, tendo surgido da introdução de

ἡμᾶς no versículo anterior (ver os comentários sobre o vs. 9). É mais difícil escolher entre βασιλεύουσιν, apoiada por N P 1 94 1854 2053 2344 it (gig) vg sir (ph) cop (sa,bo) ara al, e βασιλεύουσιν, apoiada por A 046 1006 1611 it (61) sir (h) al, e βασιλεύουσιν — apoiada por A 046 1006 1611 it (61) sir (h) al. A maioria da comissão, notando que, em 20:6, o códex Alexandrino equivocadamente diz βασιλεύουσιν em lugar do tempo futuro, preferiu βασιλεύουσιν aqui, como termo mais apropriado para o significado do contexto.

5:10; e para o mesmo Deus os fiéis reis, e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.

**Variante Textual:** As palavras «reis e sacerdotes» aparecem na tradição «koiné» em geral, incluindo os mss 1, P, 046 e vários manuscritos minúsculos. Porém, os melhores e mais antigos manuscritos dizem «reino e sacerdotes», conforme se vê nos mss Aleph, A, na Vg, no Cop e nos escritos de Cipriano, Primo e Fulgêncio. (Isso pode ser comparado com o trecho de Apo. 1:6, onde aparece a mesma variante, onde há mais ou menos as mesmas evidências que aqui encontramos, em favor das duas possibilidades. A alusão é à passagem de Exo. 19:8). Deus é apresentado como quem prometeu a Moisés, após o livramento do povo israelita dos egípcios, que os israelitas se tornariam um «reino de sacerdotes» e uma «nação santa». Talvez o vidente João tenha usado, no grego, a expressão «um reino e sacerdotes», com o intuito de fazê-la ser entendida como «um reino de sacerdotes». Seja como for, os sacerdotes tinham um caráter «real», tal como sucede no caso do próprio Cristo, seguindo-se o simbolismo de Melquisedeque, conforme é esclarecido em Heb. 7:1 e ss. Melquisedeque foi «rei de Salém», mas também era «sacerdote do Deus Altíssimo», a quem Abraão honrou com seus dízimos.

Essa promessa tem um aspecto milenar, mas também se estende à existência nos lugares celestiais, no estado eterno, porquanto ali serão dadas posições de autoridade e de governo, aos discípulos fiéis de Cristo. (Isso pode ser confrontado com os trechos de Apo. 1:6; 2:26,27 e 3:21, onde esse conceito também já fora encontrado). A última grande promessa, feita às «sete igrejas», é que viriam a participar do trono divino, juntamente com o Pai e com o Filho. Os tronos orientais eram largos, suficientes para acomodar mais de uma pessoa. Atualmente «reimamos em vida», por intermédio de Jesus Cristo (ver Rom. 5:17); mas isso nos conduz à posição futura em que «reinaremos para a vida eterna» (ver Rom. 5:21), mediante a retidão que é conferida por meio de Jesus Cristo. (Ver o trecho de Apo. 20:6 quanto ao aspecto milenar dessa promessa).

«...nosso Deus os constituiu...» Semente o poder de Deus poderia elevar os homens a tão elevada posição; esse poder é suficiente para isso, e mostra-se eficaz nesse sentido, determinando, afinal, que os remidos atinjam essa posição.

«...reinarão sobre a terra...» Temos aqui a promessa milenar, que visa especialmente aos mártires, embora não exclusivamente eles. (Ver as notas

acima acerca dessa verdade).

**Variante Textual:** As palavras «eles reinarão» figuram nos mss Aleph, P, 1, 94, 1854, 2053, 2344, no It (gig), na Vg, no Sirph), no Cop (aa, bol), e no Ara. Mas «eles reinam» é a forma que aparece nos mss A, 046, 1006, 1611, no It (61) e no Sir (h). O presente pode ter sido grafado erroneamente em lugar do futuro. Seja como for, o futuro é preferido pelos críticos textuais neste ponto. A forma «eu reinarei», que aparece no ms 2432 e em alguns poucos outros, e que aponta somente para a pessoa de Cristo, é secundária.

**Outras idéias sobre o décimo versículo:**

1. Foi predito nas Escrituras que, um dia, Israel será a cabeça das nações. Isso sucederá durante o milênio. Mas o presente versículo mostra-nos que a posição do Israel espiritual, a igreja, será ainda muito mais elevada. O reinado da igreja será político e literal, mas também «reinará na vida eterna», desfrutando do triunfo de encontrar-se no próprio bem-estar de Deus, o que significa que cada um de seus membros será elevado a uma estatura prodigiosa, como pessoas.

2. Este versículo refere-se a um povo inteiro, a uma nova espécie de seres, dotados de um poder régio.

3. «Encontramos aqui três particularidades: a. Aqueles que foram comprados a fim de pertencer a Deus, são transformados em um reino, o reino de Deus. b. Mas também serão feitos sacerdotes. c. Além disso, serão investidos de poder real.

4. No tocante ao sacerdócio dos crentes, ver 1 Ped. 2:9. Notamos que nessa passagem, por igual modo, os sacerdotes são, ao mesmo tempo, reis.

5. «Os santos reinam espiritualmente desde agora; mas certamente não conforme reinarão quando o príncipe deste mundo estiver atado (ver as notas expositivas em Apo. 20:2-8). Longe de reinarem à face da terra agora, são reputados, entretanto, «...líxio do mundo, escuria de todos...» (1 Cor. 4:8-13). Em Apo. 11:16,18 são assinalados a localidade e o tempo do reino». (Fausset, *in loc.*)

6. «Não os Césares, mas os crentes perseguidos, é que são os verdadeiros reis da terra. Mas esse senhorio não é referido aqui: isso agora é apenas potencial, não se cumprindo senão em Apo. 20:4» (Charles, *in loc.*).

7. Aqueles que desobedecem à lei da retidão, que deverá caracterizar o reino de Cristo, são «intrusos, tiranos transitórios, a exercer apenas um poder fantasma. Não são reis; podem governar, mas não reinam». (Carpenter, *in loc.*).

11 Καὶ εἶδον, καὶ ἤκουσα φωνὴν ἀγγέλων πολλῶν κύκλῳ τοῦ θρόνου καὶ τῶν ζώων καὶ τῶν πρεσβυτέρων, καὶ ἦν ὁ ἀριθμὸς αὐτῶν μυριάδες μυριάδων καὶ χιλιάδες χιλιάδων,

11 ἦν...χιλιάδων De 7:10; Ee 14:22; Hs 12:22

5:11; é ali, e ouvi a voz de muitas vozes ao redor do trono e dos seres viventes e dos anciãos; e o número deles era milhares de milhares e milhares de milhares,

«...uma voz...» As vozes unidas de todos os seres que vivem corretamente na presença de Deus, envolvidos no representativo coro angelical.

«...anjos...» (Quanto a notas expositivas completas sobre os «anjos», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10).

«...trono...» (Quanto a notas acerca do simbolismo do «trono», ver Apo. 4:2).

«...seres viventes...» Comentários em Apo. 4:6,7.

«...anciãos...» Comentários em Apo. 4:4.

«...milhões de milhões...» O grego diz, literalmente, «dez milhares de dez milhares», ou então «miríades de miríades». O termo grego aqui usado, «miríades», originalmente significava «dez mil»; mas, em combinações como a que aqui temos, o seu sentido é «número ilimitado». Isso pode ser comparado aos trechos de Luc. 12:1; Atos 21:20; Heb. 12:22 e Jd. 14. No caso do presente versículo, «incontáveis milhares» seria uma boa tradução. Tal uso do vocábulo expressa um número imenso, não-definido. Também pode ser visto em Eur. Phoe. 837; Sal. 3:7; Philo Arg. 35; 113; Oráculos Sibilinos 4,139.

«...milhares de milhares...» O grego diz literalmente isso, mas, uma vez mais, o intuito é indicar um número incalculável, de tal modo que a segunda expressão é apenas um eco da primeira, «com outras palavras». Provavelmente o autor sagrado deriva seu número do trecho de Dan. 7:10. (Isso pode ser comparado a I Enoque 40:1). A angelologia daquela época afirmava que os anjos são tão numerosos que o seu número é incalculável para a habilidade humana. Não há razão para cremos que essa crença esteja em erro.

O cântico em antífona. O vidente João pinta a grande massa de inúmeros

11 φωνὴν] praem. us N 82 2006 2028 al 17

anjos a «ecoarem» o cântico da redenção, entoado pelos vinte e quatro anciãos, de tal modo que a criação inteira reverbera com esse cântico. As palavras utilizadas para descrever uma cena como essa sem dúvida ficam muito aquém do impacto emocional que a visão impôs ao vidente.

**Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:**

1. João viu uma vastíssima hoste; ouviu o hino de louvor deles; sentiu-se perdido ante a imensidade de tudo, restando-lhe apenas algumas exclamações débeis. Contudo, instintivamente, podemos sentir o que isso significa. A criação inteira, os céus, a terra e até mesmo o hades (ver o décimo terceiro versículo deste capítulo) reverberava com esse cântico de louvor, devido à prodigiosa redenção operada por Cristo. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que o cântico terá escopo absolutamente universal, embora venha a variar o grau e o tipo de restauração que terá lugar na criação.

2. Em Yalkut Simeoni, par. 2; fol. 40:3 (Talmude), o autor sagrado fala acerca dos anjos ministrantes, que atingiram um total de novecentos e seis mil milhões, apenas uma outra tentativa para numerar o inumerável.

Intense como de números sem número, doce

Como de vozes benditas, cheias de alegria.

(Milton, Paraíso Perdido, iii.346,347).

3. O número dos anjos talvez implique no número dos santos triunfantes, já que os anjos «representam» os santos, no hino da redenção.

Dez mil vezes dez mil,

Em vestes brilhantes e coruscantes,

Os exércitos dos santos remidos

Tomam conta dos declives de luz;

Está consumado, tudo está consumado,

Na luta contra a morte e o pecado;

Escancareem-se os portões de ouro,

E que os vitoriosos entrem.

(Alford)

12 λέγοντες φωνῇ μεγάλῃ, Ἐξίός ἐστιν τὸ ἄρνιον τὸ ἐσφαγμένον λαβεῖν τὴν δύναμιν καὶ πλοῦτον καὶ σοφίαν καὶ ἰσχύον καὶ τιμὴν καὶ δόξαν καὶ εὐλογίαν.

12 τὸ ἄρνιον τὸ ἐσφαγμένον Ia 53:7; Ja 1:29, 36; Ra 5:6; 13:3 Ἐξίσ...εὐλογίαν I Chr 29:11,

5:12; que com grande voz dizem: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e força, e honra, e glória, e louvor.

«...proclamando em grande voz...» Uma única voz uníssona da inumerável multidão, a reverberar o «novo cântico» dos vinte e quatro anciãos (ver os versículos nono e décimo), sendo aqui adicionadas novas harmonias. Quem já ouviu o «Messias», de Handel, entoado por um grande coro, especialmente aquela parte que clama: «Maravilhoso, Conselheiro Poderoso Deus, Pai da eternidade, Príncipe da Paz», pode compreender um

pouco o que este versículo procura exprimir. A «voz» uníssona dos anjos é intensa e forte, porquanto tem de declarar enfaticamente profundas verdades, contra as quais não há resistência.

«...digno é o Cordeiro...» Já vimos e comentamos esse conceito nos versículos quinto e nono. (Ver as notas expositivas sobre o «Cordeiro», que o vidente João usou como símbolo de Cristo, no sexto versículo deste capítulo). A «dignidade» dele inspira a longa lista de palavras elogiosas, as quais combinam mas ultrapassam aquilo que já fora dito em Apo. 4:9,11.



Notemos que, em Apo. 4:11, Deus também é chamado «digno». Assim, pois, tanto a «dignidade» como o «louvor» específico, conferidos a Deus Pai, no quarto capítulo, são agora atribuídos a Deus Filho, com vários adornos. Somente uma pessoa divina poderia receber essa modalidade de adoração, o que, uma vez mais, ensina indiretamente a divindade de Jesus Cristo. (Ver as notas expositivas acerca de explicações dessa doutrina bíblica, em Heb. 1:3).

...*que foi morto...* O Cordeiro é louvado por ter feito expiação. Essa idéia já foi encontrada e comentada nos versículos sexto e nono deste capítulo. O Cordeiro é louvado por muitos outros motivos além desse, mas esse aspecto é indispensável em seu ofício e missão.

...*receber...* O louvor é prestado por outros, por ser Cristo digno de receber e possuir as coisas agora enumeradas.

...*poder...* Notemos que, em Apo. 4:11, o Pai também é declarado «digno» de receber outro tanto. Ver aquele versículo. Está aqui em foco o «poder» celestial, mas realizado nos céus e na terra, o senhorio onipotente do Filho, sem importar onde e como esse poder se manifeste.

...*riqueza...* Essa é uma adição às palavras elogiosas ditas acerca do Pai, nos versículos nove e onze do quarto capítulo. Em sua herança, Cristo possui a tudo; todas as riquezas dos céus lhe pertencem; e ele é possuidor das mesmas a fim de compartilhar delas com os homens, segundo se vê em Rom. 8:17,30. Cristo é o dono de todas as riquezas materiais e espirituais, bem como da plenitude de cada dom e de cada excelência divina, em sua própria pessoa, tudo o que faz parte de sua herança. Este é o único lugar, em todo o N.T., onde uma doxologia contém esse elemento. (Quanto àquelas passagens, fora de doxologias, que mencionam tais riquezas, ver Tia. 1:17 e Atos 17:25. Ver as notas expositivas em Efé. 1:18 quanto às «riquezas da glória», da herança de Cristo nos santos). As «riquezas» aparecem associadas aos reis. Por conseguinte, as «riquezas supremas» estão vinculadas ao Rei dos reis.

...*sabedoria...* Isso também é uma adição às palavras elogiosas dirigidas ao Pai, em Apo. 4:9,11. Cristo é a Sabedoria personificada de Deus, segundo se vê em I Cor. 1:30. Ele é todo-sábio em si mesmo, pelo que sabe como efetuar a redenção humana e como assumir o governo universal. E essa sabedoria haverá de ser também transmitida aos filhos de Deus, conforme se aprende em Efé. 1:17. O Espírito Santo é quem serve de mediador da sabedoria de Cristo, transmitindo-nos a mesma através da comunhão mística. Isso não é algo que se possa aprender pela razão ou pela experiência meramente humanas.

...*força...* Essa qualidade já fora atribuída ao Pai, talvez sob a palavra «poder», em Apo. 4:11; e também já fora atribuída ao Filho, na lista anterior. Ou então o termo grego «*ischus*» indica «poder inerente», ao passo que o vocábulo grego «*dunamis*» significa «poder externo», o qual se manifesta em sua capacidade de governar o seu reino universal.

...*honra...* Isso já fora atribuído a Deus Pai em Apo. 4:11. E agora

também é atribuído ao Filho.

...*glória...* Uma palavra comumente usada nas doxologias, atribuída a Deus Pai em Apo. 4:11, e agora atribuída ao Filho.

...*louvor...* Uma palavra elogiosa em acréscimo àquilo que fora dito acerca do Pai, em Apo. 4:9,11. O grego diz «eulogia», que significa «louvor» ou «palavras excelentes», palavras de exaltação. Também significa «ato de abençoar», ou a própria «bênção». Cristo pode ser louvado através de nossas palavras ou de nossas vidas, mas nunca somente com as palavras, sem o apoio da vida piedosa que bendiz o seu nome.

Notemos aqui o conjunto de «sete» virtudes. Isso não pode ter sucedido por acidente. O vidente João nos fornece sete palavras elogiosas que descrevem a elevadíssima estatura do Filho; em cada uma dessas palavras diz-nos por que ele é «digno» de abrir o livro de sete selos. Todas as palavras elogiosas da doxologia que há em Apo. 4:9,11, atribuídas ao Pai, são aqui incluídas, excetuando as «ações de graça» (que aparecem no nono versículo daquele capítulo), embora a doxologia inteira presta «ações de graça» ao Cordeiro, devido à sua missão redidora. O louvor é completo e perfeito, o que fica subentendido no número «sete».

#### Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:

1. Observemos que são apresentadas «três» séries de doxologias, sempre em um círculo cada vez maior, começando pelo trono, onde o louvor se origina. O anjão e os seres viventes dão início ao «novo cântico» (ver o nono versículo); as vastíssimas hostes angelicais prosseguem daí, fazendo adições (ver os versículos onze e doze); e então a criação inteira reverbera o louvor, incluindo o próprio submundo, o *hades* (ver o décimo terceiro versículo). A confirmação ao «cântico da redenção» parte da área do trono, onde tudo começou (ver o décimo quarto versículo), pois dali se ouve o «Amém».

2. Quanto a notas expositivas completas sobre os usos das «doxologias», na Bíblia, ver Efé. 3:21.

3. Os juízos dos sete selos são paralelos ao louvor de sete aspectos. Não há nisso qualquer contradição. Os próprios juízos produzem o louvor, pois o julgamento divino é apenas um dado da mão amorosa de Deus.

4. Em Apo. 7:12 temos outro conjunto de sete louvores, atribuídos a Deus Pai, ligeiramente diferentes daqueles que há neste versículo, pois a «riqueza» é substituída pelas «ações de graça», além do que há uma ordem de palavras diferente. No caso do presente versículo, quatro dessas designações tratam do poder e da sabedoria do Cordeiro, e outras três tratam do reconhecimento da dignidade do Cordeiro, por parte de todos os seres inteligentes.

5. Notemos que um único artigo definido encabeça toda essa lista—pelo que um grande e longo elogio é constituído de sete aspectos, como se fora as cores do arco-íris que circunda o trono de Deus.

6. O Filho de Deus mostra-se perfeito em seus atributos divinos e em sua missão divina. Essa perfeição completa é louvada pelos sete elogios.

7. Cristo, por conseguinte, aparece como centro e ponto de fôlego de toda a criação, conforme nos é ensinado no primeiro capítulo de epístola aos Efésios, porquanto ele recebe o louvor perfeito de todos os seres inteligentes.

13 καὶ πᾶν κτίσμα ὃ ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ὑποκάτω τῆς γῆς καὶ ἐπὶ τῆς θαλάσσης, καὶ τὰ ἐν αὐτοῖς πάντα, ἤκουσα λέγοντας, Τῷ καθημένῳ ἐπὶ τοῦ θρόνου καὶ τῷ ἀρνίῳ ἡ εὐλογία καὶ ἡ τιμὴ καὶ ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

\* 13 [C] καὶ ἅπαν τὰ κτίσματα ὅσα ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ὑποκάτω τῆς γῆς καὶ ἐπὶ τῆς θαλάσσης, καὶ τὰ ἐν αὐτοῖς πάντα, ἤκουσα λέγοντας, Τῷ καθημένῳ ἐπὶ τοῦ θρόνου καὶ τῷ ἀρνίῳ ἡ εὐλογία καὶ ἡ τιμὴ καὶ ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

αὐτῶν ὅσα ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ὑποκάτω τῆς γῆς καὶ ἐπὶ τῆς θαλάσσης, καὶ τὰ ἐν αὐτοῖς πάντα, ἤκουσα λέγοντας, Τῷ καθημένῳ ἐπὶ τοῦ θρόνου καὶ τῷ ἀρνίῳ ἡ εὐλογία καὶ ἡ τιμὴ καὶ ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

13 Τῷ καθημένῳ...θρόνου 1 Km 22:19; 2 Chr 18:18; Ps 47:3; Is 4:1; Eze 1:28-27; Slu 1:8; Ro 4:2,8; 5:1,7; 4:10; 7:10,16; 19:4; 21:3

A fim de prover um verbo para a cláusula relativa (com ou sem um pronome relativo adicional), após *θαλάσσης* alguns testemunhos dizem *ἐστίν, καὶ* (A 1006 1611 (c) 1854 2344 *al*), outros dizem *ἃ ἐστίν, καὶ* (P 046 1 2073 2081 *al*, seguidos pelo Textus Receptus), e ainda outros dizem *ὅσα ἐστίν, καὶ* (1828 2053 *al*). O texto que parece ter dado origem a essas modificações é meramente *καὶ*, apoiado por N 1611\* 2020 2065 2432 *al*.

5:13: Ouve também a toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e no mar, e a todas as coisas que nelas há, dizem: Às que estão assentadas sobre o trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e a dominação pelos séculos dos séculos;

...*ouve...* O vidente João passa agora a ouvir a «terceira» doxologia. Nos versículos nove e dez deste capítulo, encontramos o «novo cântico», que é a doxologia prestada pelos seres celestiais, pelos vinte e quatro anjos, e pelos quatro seres viventes. Nos versículos onze e doze, isso é reverberado com adições, por parte da inumerável companhia de anjos. E agora, a criação inteira (incluindo o que acabamos de descrever acima) reflete e expande ainda mais essa doxologia.

...*Três* é um número divino, pelo que essa múltipla doxologia é de inspiração divina. Essa terceira doxologia exalta ao Pai e ao Filho, ou seja, ...àquele que está sentado no trono... e ...ao Cordeiro...; ao passo que as doxologias de Apo. 4:9,11 visam ao Pai, e as dos dois primeiros capítulos deste livro, ao Filho. Uma vez, a divindade do Filho é demonstrada, porquanto nenhum ser criado poderia participar desses elogios, assentado no mesmo trono de Deus Pai. (Ver as notas expositivas em Heb. 1:3 acerca da «divindade de Cristo»).

...*toda criatura...* Estão em foco todos os seres inteligentes, angelicais, ou humanos; e mui provavelmente estão inclusos até mesmo os anjos caídos. Isso envolve todas as criaturas, porquanto nada há fora do alcance do louvor de Cristo e da restauração que nele há potencialmente, ainda que essa restauração, apressamo-nos a dizer, não se aplique da mesma maneira a todos os seres. Isso equivale a dizer que a vida eterna dos eleitos será muitíssimo superior à vida útil que será conferida a todos os outros seres, devido à entranhável bondade de Deus. O vocábulo grego aqui utilizado, «*ktisma*», significa «coisa criada». Nenhuma coisa criada pode estar fora do âmbito do louvor conferido a Deus, ou fora de seus benefícios e de sua

feitura. Trata-se de uma profunda e preciosa verdade, acerca da qual sabemos pouquíssimo no presente, mas sobre a qual muito aprenderemos, quando começarem a desdobrar-se os desígnios divinos quanto à eternidade.

...*que há no céu...* Essas palavras visam incluir tudo quanto antes fora descrito acerca dos seres celestiais, os quais proferiram a primeira e a segunda doxologias, a saber, os vinte e quatro anjos, os quatro seres viventes, a inumerável multidão de anjos e todos os homens remidos, juntamente com qualquer outra forma de seres inteligentes, que porventura não tenham sido mencionados diretamente.

...*sobre a terra...* Todos os homens, todas as divisões, tribos, nações, línguas e povos, conforme a enumeração que há no nono versículo. Há quatro vocábulos gregos aqui empregados. E o número quatro representa a população terrena inteira. (Ver as notas expositivas ali, sobre essa figura simbólica).

...*debaixo da terra...* Nisso é aludido o *hades*, e não os «minérios», a parte inanimada da criação. Isso pode ser confrontado ao terceiro versículo deste capítulo, onde se acha a mesma «tríplice» divisão da criação, e onde aparecem outras notas expositivas a respeito. Temos nisso a comum divisão judaica, uma criação em três andares, a saber, «os céus», «a terra» e «debaixo da terra». O autor sagrado não quis excluir aos «perdidos» e nem aos «anjos caídos». O louvor ao Senhor Deus será de âmbito universal, porquanto o Cordeiro é digno de tal louvor, à semelhança do Pai, por ser ele a fonte de toda a vida e bem-estar. Os trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6 provam, conclusivamente, que os «perdidos», no *hades*, terão excelentes «motivos» para louvarem ao Senhor. É posição deste comentário que os perdidos, conforme sempre se verificou, atualmente se acham no «mundo intermediário», e que estão passíveis de redenção pelo menos de tipo secundário; pois Cristo estabeleceu precedente para tanto. Quando de sua segunda vinda, e não quando da morte física de cada vida humana, é que

serão traçados os limites eternos. Até então, o Logos eterno continua sendo o Salvador de todos, em potencial. A maioria dos pais antigos da igreja acreditaram que a descida de Cristo ao Hades tinha o efeito de oferecer uma plena salvação aos habitantes daquele lugar ou melhorar o estado dos perdidos. Qualquer melhoramento (ou restauração) se baseia na missão de Cristo e na fé (nele) que os habitantes do Hades exercem.

O cântico da redenção, pois, é um hino universal. O presente versículo, um dos mais importantes da Bíblia inteira, sobre o tema do que está implícito no julgamento e na possível reversão da perversidade humana, mesmo depois da morte física do indivíduo, justifica a especulação de Herbert H. Farmer, em seu livro intitulado *Things not Seen*:

«Caifás foi transformado? Anás ter-se-ia tornado um cristão? Não nesta vida (terrena), talvez. Mas, por que limitar a fruição dos propósitos de Deus... a esta vida?... Em algum lugar, em algum tempo, quisamos confiar que Deus obterá vitória junto a Caifás—quão depois de muitas dores, tanto para Deus quanto para Caifás». (Pág. 34).

«...Não há como contestar o direito que Cristo tem de ser universalmente aceito» (Hough, *in loc.*). Os trechos do primeiro capítulo da epístola aos Efésios e Fil. 2:9-11 mostram-nos que assim sucederá, eventualmente; mas essa «restauração» final não significa, necessariamente, que todos participarão da vida dos eleitos. Temos nisso um pensamento elevadíssimo, a saber, a participação mesma na divindade (ver II Ped. 1:4). Mas, ficando alguém para além desse alvo, uma vez pagas as duas dívidas, não estaria ele sujeito à restauração que dará razão e propósito à existência, centralizadas em Cristo e visando a sua glória? O trecho de I Ped. 4:6 também nos ensina tal coisa, conforme com isso concordam quase todos os grandes comentadores da herança literária cristã. Lutero asseverava a possibilidade de salvação para depois da morte física, embora somente em Cristo, sob a mesma condição de volta para o Senhor. (Isso é comentado em João 14:6. Cristo é o único Meio; mas ele é o caminho até mesmo na qualidade de Logos eterno).

«...sobre o mar...» O autor sagrado interrompe sua normal tríplice divisão da criação, injetando aqui uma quarta divisão, embora essa parte também pertença à tríplice divisão, já que o mar faz parte da terra. Talvez ele tenha feito isso a fim de atingir o número «quatro», que fala da terra em sua inteireza. O louvor se origina de todos os quadrantes, incluindo as quatro extremidades da terra. A adição do «mar» também subentende as «criaturas» do mar, seres sub-humanos, mas seres, não obstante. A criação toda, por conseguinte, envolvendo todas as ordens de seres, e até mesmo a criação inanimada, haverá de expressar essa mesma doxologia. Não há que duvidar que esse foi o intuito do autor sagrado, para esgotar a lista das possibilidades. Isso é igual em espírito ao trecho de Rom. 8:20-22. Toda a criação, de qualquer natureza, geme, anelando pela vitória do bem sobre o mal, anelando pela vitória dos filhos de Deus. «Mesmo que a trilha da serpente tenha ficado marcada em toda a criação, eventualmente será apagada». (Robertson, *in loc.*).

«...louvor...» O louvor é prestado tanto a Deus Pai como ao Cordeiro, o Filho de Deus, tal como no décimo segundo versículo foi louvado o Filho, onde se vê a última das sete palavras elogiosas.

«...honra...» Conforme já fora atribuída ao Pai, em Apo. 4:9,11, ou ao Filho, em Apo. 5:12; onde se vê um louvor em sete aspectos.

«...glória...» Isso já fora atribuído a Deus Pai em Apo. 4:9,11, como também ao Filho de Deus, em Apo. 5:12, fazendo parte, igualmente, de uma das sete palavras elogiosas.

«...domínio...» No grego é «kratos», que é paralelo ao «poder» atribuído a Deus Pai, em Apo. 4:11. (No grego este último termo é «dunamis»). Isso também fora atribuído ao Filho de Deus no décimo segundo versículo. Visto que ambos possuem o poder de governar («dunamis») e o poder inerente («ischus»), o seu «domínio» é universal. O vidente João usa certa variedade de vocábulos para indicar a idéia de «poder», porquanto não há tipo de exercício de poder que Deus Pai e Deus Filho não exerçam.

«...pelos séculos dos séculos...» Essa é uma dentre diversas fórmulas

gregas para indicar a idéia de «eternidade». Com frequência é utilizada neste livro de Apocalipse. (Ver as notas expositivas em Efê. 3:21 acerca das «fórmulas que expressam a idéia de eternidade», nas páginas do N.T. Ver Apo. 4:9 quanto a notas sobre a fórmula que também figura no presente versículo).

Notemos, neste versículo, as quatro palavras elogiosas, talvez com o intuito de se equipararem as quatro áreas da criação de ontem procedem—dos céus, da terra, de debaixo da terra e do mar.

Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:

1. O N.T. ousa fazer uma revelação que jamais apareça no A.T., conforme comenta Charles (*in loc.*): «O fato que os habitantes do Hades se reunirão nessa doxologia, mostra o vastíssimo progresso da teologia, desde o tempos veterotestamentários, quando se concebia que o louvor a Deus é impossível no Sheol: ver Sal. 6:6; 30:9; 88:10-12; Isa. 38:16». Temos sobejos motivos para louvar ao Senhor, devido a essa revelação adicional. Infelizmente, essa é um aspecto da revelação bíblica que vem sendo ignorado pela moderna igreja evangélica. Portanto, isso serve somente para reduzir o poder, as propósitos e as realizações da missão salvadora de Jesus Cristo.

2. «O sacrifício se encontra sobre o trono do universo; ao morrer em favor dos homens, Jesus conquistou a confiança e o coração do mundo. Dessa modo, o louvor prestado a Deus, o criador (ver Apo. 4) e o louvor prestado a Jesus, o redentor (ver Apo. 5) mesclam-se em um único cântico final, cujas palavras de encorajamento indicam que o prestígio deste último não se confinou à fase passageira da história». (Moffatt, *in loc.*).

3. «Embora todas as ofertas venham a cessar no futuro, a oferta de louvor é a única variedade de oferta que não cessará; embora venham a cessar todas as orações, as ações de graças nunca cessarão». (Rabbit Pinchas e Rabino Jochanan, comentando no Talmude sobre Salmos 100:2).

4. Notamos o caráter litúrgico dos capítulos quarto e quinto deste livro de Apocalipse. Apesar de não haverem sido incorporadas essas declarações nos hinos e leituras bíblicas da igreja, essas capítulos se prentam a tanto, porquanto encerram as formas de idéias e expressões que finalmente vieram a fazer parte de hinos e leituras bíblicas.

5. Há certa expressão hebraica por detrás dessas múltiplas doxologias. Isso é explanado por Carpenter (*in loc.*), como segue: «A mentalidade hebraica se deleitava em apresentar cada ave e cada folha de grama em um louvor conjunto a Deus 'Montes e todas as colinas, árvores frutíferas e todos os cedros, feras e todo o gado, répteis e todas as aves que voam', bem como os reis da terra e seus povos, são proclamados a bendizir ao nome do Senhor. Os poetas cristãos nos têm dito que a 'Terra, com suas milhares de vozes, louva a Deus'».

*Natureza, dá atenção! Junta-se cada alma viva,  
Debaixo do templo, num espaço do firmamento,  
Todos juntos em adoração; e entoam ardentemente  
Um cântico geral! A Ele, vós ondas vocais,  
Sopro suave, cujo Espírito respira em vosso frescor.*

*E tu, majestoso oceano,  
Um mundo secreto de maravilhas em ti mesmo,  
Faz soar teu estupendo louvor, cuja voz é grande,  
Ou ordena que o teu rugido,  
Suave role o vosso incenso, ervas, frutos e flores,  
Em nuvens que exalam até Aquele a quem o sol exalta,  
Cujos hálito vos dá perfume, e cujo pincel vos pinta.*  
(Thompson)

6. «A quadrupla atribuição indica uma universalidade mundial». (Fausset, *in loc.*).

7. «Que sublime conceito temos à nossa frente! O universo inteiro, desde as suas regiões mais remotas, até às coisas ao nosso redor, e por debaixo de nossos pés, mostra-se unido em coração e em voz. Nada é dito acerca do mal. Nem mesmo se pensa sobre o mesmo. Está nas mãos de Deus, o qual cumprirá os seus propósitos sobre nós em seu tempo e à sua boa maneira. Precisamos apenas dar ouvidos à harmonia universal, e ver que tudo se locomove de modo a corresponder a esse louvor». (Milligan, *in loc.*).

*Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,  
Como era no princípio, seja agora e para sempre,  
Pela eternidade sem-fim. Amém e amém.*

(H. W. Graetorex)

*Tudo vem de tua parte, ó Senhor,  
E do que é Teu é que te temos dado. (de Beethoven)*

14 καὶ τὰ τέσσαρα ζῶα ἔλεγον, Ἀμήν· καὶ οἱ πρεσβύτεροι ἔπεσαν καὶ προσεκύνησαν.

14 προσεκύνησαν] ada [αντι εις τους αιωνας των αιωνων 2045\* vg\*, c1 Prim 6

5:14; e as quatro seres viventes dizem: Amém. E os anjos prostraram-se e adoraram.

A primeira das três doxologias começou diante do trono (ver o nono versículo deste capítulo), entoada pelos anciãos e pelos seres viventes. A segunda aumentou o escopo da doxologia, em um círculo crescente, incluindo os céus, através da agência das inumeráveis hostes angelicais. A terceira ampliou ainda mais seu escopo, envolvendo os lugares celestiais, a terra e até mesmo o Hades, da qual participaram todos os seres criados e até mesmo a natureza inanimada. Em seguida o cântico retornou às circunvizinhanças do trono, no «amém» final, proferido pelos quatro seres viventes. O círculo de louvor, portanto, ficou completo, transformando-se em um louvor universal, numa adoração conferida a Deus Pai e a Deus Filho. O significado desse louvor é sumariado no ato de sujeição e adoção absolutas, prestado pelos vinte e quatro anciãos, que se prostraram perante o trono do Pai e do Filho. Todo o louvor dos lábios representa a sujeição do ser inteiro e o serviço prestado, e a sua «inteireza» é ilustrada na postura prostrada dos vinte e quatro anciãos, representantes dos homens.

«...amém...» Uma interjeição: «Assim seja» ou então uma declaração: «É assim». (Ver as notas expositivas sobre essa expressão, em João 1:51).

«...prostraram-se...» Isso é dito acerca do ato dos seres viventes e do ancião, no oitavo versículo deste capítulo. (Ver ali notas adicionais a esse respeito. Isso pode ser confrontado com idêntica expressão, em Apo. 4:10).

«...adoraram...» (Ver Apo. 4:10 sobre isso, em suas notas expositivas).

Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. «Plínio disse que os cristãos entoavam um hino a Cristo como se este fosse Deus. Mas aqui Cristo é adorado pelo universo (ver Fil. 2:10 e ss.).» (Robertson, *in loc.*).

2. A tremenda potência musical do louvor transforma-se em profundo e solene silêncio, no ato de adoração dos vinte e quatro anciãos.

*O Senhor está em seu santo templo,  
O Senhor está em seu santo templo,  
Que toda a terra silêncio  
Que toda a terra silêncio  
Perante Ele.*

3. «É apropriado que querubins, a mais elevada ordem angelical, encerrassem a doxologia de toda a criação com um solene amém de confirmação, tal como nouve no começo (ver Apo. 4:8), quando proferiram a primeira doxologia. Tanto os querubins como os anciãos aliam-se nesse 'amém', em Apo. 19:4». (Charles, *in loc.*).

4. «A passagem inteira sugere fortemente a atitude devocional da igreja da Ásia Menor para com Cristo, no tempo de Domício. Isso confirma o relatório de Plínio (que os cristãos entoavam um hino a Cristo, como se fora Deus)». (Swete, *in loc.*).

5. Neste livro de Apocalipse, o termo «Amém» envolve quatro usos: a. O «amém» inicial, em que as palavras de quem fala são tomadas como palavras daquele que profere o «amém» (ver Apo. 5:14; 7:12; 19:4 e 22:20; nas páginas do A.T. há instâncias desse uso em I Reis 1:36; Jer. 28:6 e 11:5). b. O «amém» isolado, em que qualquer sentença suplementar fora eliminada. Talvez isso é o que se tem em Apo. 5:14. (Ver tal uso, igualmente, em Deut. 27:16,26 e Nea.

5:13). c. O «amém» final, proferido pelo próprio orador (ver Apo. 1:6,7; isso também se acha no A.T., somente nas quatro divisões dos Salmos, nos subtitulos, em Sal. 41:14; 72:18; 78:82 e 106:48). d. O «Amém» personificado, isto é, Cristo, que talvez seja o frassado de Isa. 65:16, «o Deus do Amém», ou «o Deus da verdade», conforme alguns traduzem aquela passagem de Isaías.

6. Os orientais adoram à divindade prostrados. «Primeiramente, a pessoa que adorava caía de joelhos; e então, encurvando-se, tocava no solo com a testa. Este último é que era o ato de prostração». (Adam Clarke, *in loc.*).

7. O louvor termina em silêncio, enquanto vai desmaiando a visão do profeta.

*Perdi-me*

*A mim mesmo Nela, em luz inesfável.*

*Vem, silêncio expressivo, em teu louvor de adoração.*

(Thompson)

## Capítulo II

VI. A Visão dos Sete Selos (Apo. 6:1 - 8:6).

1. Primeiro Selo: O Cavalinho Branco (6:1,2).

Adam Clarke (*in loc.*) expressa sua frustração, por não poder compreender o restante do livro de Apocalipse, com a seguinte afirmativa: «Segue-se agora a porção menos inteligível desse misterioso livro, sobre o qual tanto se tem escrito, mas tudo em vão. É natural que os homens desejem ser sábios; quanto mais difícil for um tema, mais deve ser ele estudado; e a esperança de descobrir algo que aproveite ao mundo e à igreja tem impellido os homens mais eminentes e eruditos a empregarem seus talentos e a consumirem o seu tempo nessas insondáveis predições. Mas, qual tem sido a utilidade de todo esse labor erudito e bem intencionado para a humanidade? Poderia a hipótese explicar a profecia, ou a conjectura encontrar uma base sobre a qual a fé pode alicerçar-se? E que avanço temos feito até aqui, nos esforços por explicar os mistérios desse livro?»

Calvino também reconheceu o problema, preferindo nada escrever sobre o Apocalipse. Na igreja primitiva, em algumas localidades, o Apocalipse não obteve posição canônica por muitos séculos, provavelmente devido à imensa dificuldade para entendê-lo. (Ver a seção II da introdução ao livro, sobre esse particular).

Entretanto, isso não nos deveria desencorajar, porquanto é patente que qualquer predição pode ser extremamente obscura, quando o tempo de seu cumprimento ainda está distante, embora possa tornar-se surpreendentemente clara quando chega a época de sua realização. A convicção deste escritor é que todas as profecias que temos à nossa frente, nos capítulos sexto a décimo nono, serão cumpridas dentro dos próximos cinquenta anos ou menos. A maior parte dessas predições certamente relatam o período da grande tribulação por que passará a terra, nos últimos dias. Os místicos contemporâneos já começam a prever coisas perfeitamente paralelas às predições do Apocalipse. Isto é, essencialmente, uma «profecia» acerca dos «últimos dias», e não um manual de história eclesiástica escrita de antemão. Portanto, rejeitamos aquela interpretação que busca encontrar esses eventos preditos espalhados na história eclesiástica. Pelo contrário, haverá de concentrar-se em um único período, de breve duração, o qual precederá de imediato a «parousia» ou segunda vinda de Cristo. Como guia para os pensamentos do leitor, oferecemos um artigo, na introdução ao comentário, sobre o tema, *A tradição Profética e a Nossa Era*, onde aparecem, da forma não complicada e destituída de símbolos, as profecias relativas aos últimos dias, que incluem os dias preditos no Apocalipse. Portanto, acreditamos que uma imensa luz de entendimento tem sido focalizada sobre as profecias que passamos agora a considerar. Desnecessário é dizer que o Apocalipse continua envolvido nas brumas do mistério em muitos pontos, não havendo acordo entre os comentários sobre nenhum desses pontos; não obstante, o «quadro em geral» é perfeitamente claro.

Seria útil se o leitor, neste ponto, consultasse a introdução ao livro, em sua seção XII, intitulada «Conceitos e Métodos de Interpretação», bem como em sua seção X, «Ponto de Vista Geral do Conteúdo e Análise, com conceitos de arranjos», que envolvem as predições aqui contidas. Essas seções mostram como o livro tem sido manuseado por vários intérpretes, dotados de diferentes mentalidades e pontos de vista.

Os Sete Selos. Desse selo é que o restante do livro se vai desdobrando. Alguns estudiosos pensam que a questão deve ser encarada de um ponto de vista «telescópico»: os sete selos representariam sete julgamentos, um depois do outro. Do último julgamento é que se derivariam as sete trombetas, que também representariam outros juízos sucessivos. Destes últimos é que se derivariam os «sais», outros julgamentos sucessivos. Finalmente, desses «sais» se derivariam as «taças». Isso, pois, significaria que os capítulos sexto a décimo nono nos fornecem uma longa série de juízos divinos, que se seguiriam em ordem cronológica, como as diversas seções de um telescópio que se vão entendendo. Há também os eruditos que pensam que os selos contêm todos os juízos, e que as demais séries de «setes», como as trombetas, as taças, etc., seriam meras repetições de detalhes desvendados, pertencentes e inerentes aos selos.

Alguns eruditos pensam que os «selos» são paralelos aos «anjos», o que significa que os capítulos sexto a nono seriam paralelos aos capítulos catorze a dezesseis, em que uma série nos daria o ponto de vista terreno, e a outra daria o ponto de vista celestial. Além disso, as trombetas (que seriam um desdobramento do sétimo selo) seriam paralelas às taças, de tal modo que os capítulos oitavo a décimo seriam paralelos aos capítulos dezesseis. Contudo, diferentes idéias sobre esses mesmos juízos são apresentadas pelos estudiosos. Se esses «paralelos» realmente existem, não podemos afirmar com plena confiança. O que se pode dizer com relativa confiança é que há muitos juízos descritos nos capítulos que se seguem, que terão lugar imediatamente antes da volta de Cristo, não estando eles dispersos ao longo da história da humanidade, como se ousoe todas elas já pertencessem agora ao passado. A seção X da introdução procura expor diante do leitor os tipos de teorias que são mencionados acima. A exposição apresentará os juízos divinos do ponto de vista telescópico. Em certo sentido, naturalmente, até mesmo de acordo com o

*Variantes Textuais:* As palavras «vinte e quatro anjos» figuram nos mss 2026, e na Vg(c), mas as palavras «vinte e quatro» são omitidas aqui nos demais manuscritos, incluindo os antigos manuscritos unciais, como Aleph, A, 046, P e a maioria das versões. Trata-se de uma glosa baseada no oitavo versículo deste mesmo capítulo.

Após a palavra *adoraram*, para que o versículo termine de maneira mais dramática, alguns poucos manuscritos posteriores minúsculos adicionam as palavras «aquele que vive para todo o sempre». Isso também não figura nos manuscritos verdadeiramente antigos e nas versões do texto do Apocalipse, porquanto se trata de uma glosa baseada no trecho de Apo. 4:9.

ponto de vista «telescópico», os «selos» incorporam em si mesmos o Apocalipse inteiro, já que o sétimo selo contém as sete trombetas, e a sétima trombeta contém as sete taças. Dessa modo, para todos os efeitos práticos, termina a descrição dos juízos divinos, anteriores à segunda vinda de Cristo, porquanto os capítulos dezesseis e dezoito são descrições detalhadas do julgamento que sobrevirá à Babilônia (mencionada pela primeira vez em Apo. 16:19).

Em favor do método futurista de interpretação, que o autor deste comentário defende, deve-se salientar que o vigésimo quarto capítulo do evangelho de Mateus (o pequeno apocalipse, como é chamado), com seus paralelos (Marcos 13 e Lucas 21), apresentam essencialmente o mesmo quadro que se vê nos capítulos sexto a décimo nono do Apocalipse, embora não de forma simbólica e ornada. Certamente o Senhor mencionava que suas predições fossem compreendidas como revelações dos acontecimentos que antecederão imediatamente ao seu segundo advento, e não acontecimentos que estão espalhados por toda a era da igreja.

Consideremos, acerca disso, os seguintes quadros comparativos:

Mat. 24:6,7,9,29 (Marc. 13:7-9,24,28 e Luc. 21:9-12,25,28)

Apo. 6:2-17 e 7:1—em comparação com as passagens acima.

1. Guerras

2. Conflitos internacionais

3. Terremotos

4. Fomes

5. Perseguição contra os justos

6. Sinais nos céus, eclipses do sol e da lua, deslocamento das estrelas, abalo dos poderes celestiais.

Se fizermos a comparação sugerida acima, veremos que tem lugar o mesmo padrão geral de juízo. Charles, em sua introdução ao décimo sexto capítulo do Apocalipse (pág. 157 do *International Critical Commentary*), supõe que o vidente João dependeu dos evangelhos sinóticos quanto ao esboço de seu livro, neste ponto, embora tivesse vasado tudo em linguagem mística e simbólica. Também cremos que os «sete selos» do Apocalipse são essencialmente paralelos aos «sete dias» do evangelho de Lucas. Naturalmente, o material não é totalmente paralelo, porquanto há adições aqui e ali; mas o «quadro geral» é o mesmo, e isso é o que nos interessa. Nenhuma predição bíblica foi dada para satisfazer nossa curiosidade sobre «o que sucederá». Antes, foi dada para consolar e instruir aqueles que terão de atravessar os eventos preditos. Assim, pelo que foi escrito nos livros sacros, eles compreenderão que Deus não os abandonou, mas continua a guiá-los, de tal modo que nada precisariam temer, por mais horrendos que viessem a ser os acontecimentos ao seu redor.

Uma pergunta se faz necessária aqui: a igreja passará por esses tão severos julgamentos? Isso já foi debatido na introdução ao quarto capítulo deste livro, onde são aduzidas razões suficientes para justificar a resposta positiva. «Sim!» (A questão inteira do «arrebatamento» é discutida nas notas expositivas em I Tes. 4:15, com razões «pró» e «contra» essa idéia). Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito para as «sete igrejas», isto é, para a «igreja universal». Foi escrito especificamente a fim de «consolar» uma igreja «debaixo de perseguição», e esta tão intensa que ameaçava até a existência daquela entidade. Não foi escrito a fim de assegurar aos cristãos da época de Domiciano que eles escapariam à sua ira ou dos turbulentos acontecimentos da época. Portanto, a «igreja» perseguida pelo anticristo, o qual promoverá a mais feroz de todas as perseguições religiosas de todos os séculos, não escapará aos terríveis acontecimentos futuros preditos; antes, terá de atravessar aquele período. Não somente uma parte da igreja «será protegida» em meio às perseguições, mas não tirada do meio delas. Isso haverá de purificar à igreja, preparando a «noiva» para sair ao encontro do Noivo celeste. Será o «banho da noiva» (comentado em Ef. 5:26,27), sem o qual uma noiva antiga não saia ao encontro do noivo. «No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venço o mundo» (João 16:33). Não existem palavras mais significativas para a nossa presente geração, em todo o N.T., do que essas; nossos filhos crescerão vendo o cumprimento cabal das mesmas.

Acreditamos que a tribulação val durar cerca de 40 anos, (o número místico de provação), não somente os sete anos tradicionais. O número sete pode significar um tempo (dentro dos 40 anos) que tem aplicação especial para a nação de Israel. Pode ser que a igreja escapará deste período, mas certamente, antes disto, vai enfrentar o anticristo. Ou o número sete pode ser simbólico para «o ciclo completo» de angústia.

Penetramos agora no oceano que tem deixado confusos inúmeros intérpretes. Se o leitor consultar a seção XII da introdução, verá as «classificações» das interpretações que têm surgido em torno dessa predição do Apocalipse. Apesar de expor alguns exemplos desses variadas interpretações, o presente comentário procura ir varando caminho em meio à confusão reinante; sempre consideramos o que é dito neste livro como predições sobre reais juízos futuros, contra esta terra e sua população rebelde. Além disso, cremos que tudo ocorrerá em um período relativamente curto, embora futuro, que esperamos se cumpra antes do ano 2026, ou seja, dentro dos próximos cinquenta anos, quando muito.

\*\*\*

6 Καὶ εἶδον ὅτε ἤνοιξεν τὸ ἀρνίον μίαν ἐκ τῶν ἐπὶ τὰ σφραγίδων, καὶ ἤκουσα ἑνὸς ἐκ τῶν τεσσάρων ζῶων λέγοντος ὡς φωνῇ βροντῆς, Ἔρχου<sup>1</sup>.

6. 1 ste] om 046 82 2026 al vg arm<sup>1</sup>]

<sup>1</sup> 1 [C] ἔρχου (see footnote 2) A C P 1 94 1008 1611 1834 2030 2053 2065 2073 2081 2432 vg<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> Victorinus-Pettau Primateus Andrew<sup>1</sup> Arcthes / ἔρχου καὶ ἴδω M 046 1828 1836 2042 2128 2344 11<sup>th</sup> cent. cl v. lat. 1

vg<sup>1</sup> arm<sup>1</sup> eth Primateus Andrew<sup>1</sup> / ἔρχου καὶ βλάτω 206 2049 / 871 ἔρχομαι; arm / et ueni it<sup>1</sup>



Αὐτὸς ἔρχου, que é bem apoiado por A C P 1 1006 1611 1854 2053 vg cop (sa,bo) *al*, vários testemunhos adicionam (como se o verbo «Vem!» (1) fosse dirigido ao vidente) καὶ ἴδε (N 046 cerca de 120 manuscritos minúsculos it (gig) sir (ph,h) eti *al*), ou καὶ βλέπει (296 2049 e Textus Receptus). As formas ímpares, ὅτι ἔρχομαι (ara) e *et veni* (it (61)) se devem à liberdade de tradução.

1. Também é possível traduzir (conforme a preferência de Zahn) por «Vai»

★ ★ ★

6:1: E vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi um dos quatro seres vivos dizer assim: vem como de trovão: Vem!

Todos os elementos do presente versículo são repetições do que se lê nos capítulos quarto e quinto deste livro. Ver os pontos seguintes:

1. «...Vi...» A visão mística do vidente João, em êxtase de alma, aparece em Apo. 4:1,2 e 5:1. (Ver também Apo. 1:10 quanto ao fato que ele «se achou no Espírito» (ou então em seu próprio «espírito», elevado e separado do corpo, transportado aos lugares celestiais, a fim de contemplar a visão celeste. As notas expositivas ali existentes discutem acerca do «misticismo»).

2. «...o Cordeiro...» é título de Cristo, pela primeira vez visto em Apo. 5:6, de uso muito freqüente neste livro. (Ver as notas expositivas nessa referência, quanto a completas informações a respeito).

3. «...abriu...» O trecho de Apo. 5:1-4 demonstra a total incapacidade de qualquer outro ser, nos céus, na terra ou no hades, de ao menos contemplar o livro, quanto mais de abri-lo, pois ninguém era suficientemente «digno». Somente o Cordeiro, o Leão da Tribo de Judá, é «digno» disso. (Ver Apo. 5:5,9, em suas notas expositivas, acerca desse tema). A dignidade de Cristo se deve ao seu valor inerente, na qualidade de Logos divino, mas também porque, na qualidade de Cordeiro, ele «foi morto», e assim fez expiação por todos os homens, conferindo-lhes acesso aos céus. Somente Cristo, pois, pode abrir o livro das predições que revelam o futuro dos homens.

4. (Quanto ao livro de sete selos, que agora começa a ser aberto, ver as notas expositivas em Apo. 5:1. Quanto ao simbolismo e à natureza dos «selos», ver a mesma passagem).

5. «...ouvi...» A visão de João também tinha aspectos audíveis, e não apenas visuais, o que se vê em Apo. 5:11 também—ele «via» e «ouvia».

6. O que o profeta ouve é como o ruído de um poderoso trovão. (Ver Apo. 1:10; 5:2 e 14:2 acerca disso). As predições são dadas em meio a trovões e relâmpagos, conforme se vê em Apo. 4:5; 8:5; 11:19 e 19:6. A voz é intensa, penetrante, e enche o universo inteiro. A mensagem é clara e dita em voz alta, em todo o seu horror e terror.

7. Os quatro seres vivos, elevados poderes angelicais que são, os seres mais próximos do trono de Deus, também estão dotados de missões que afetam os destinos dos homens. (Isso é comentado em Apo. 4:6,7).

8. «...dizendo... Vem...» As predições deste livro, ao contrário da maioria dos apocalípsees antigos, não são «seladas». Portanto, podem ser reveladas e podem ser compreendidas. Este livro é uma autêntica «revelação», conforme também significa o seu nome. A única predição «selada» deste livro aparece em Apo. 10:4.

Outras idéias sobre o primeiro versículo:

1. Cenas similares à que aqui é apresentada podem ser vistas no Apocalipse do Pseudo João 18-19, no Apocalipse de Abraão 30; na Assunção de Moisés 10:4-6; em II Esdras 4:52 e 5:13; em II Baruque 26-29. Mas o paralelo essencial

sobre o que realmente ocorrerá (as verdadeiras predições) são encontradas no vigésimo quarto capítulo do evangelho de Mateus (e seus paralelos, Marc. 13 e Luc. 21), conforme tem sido salientado nas notas introdutórias a este capítulo.

2. Os cavaleiros têm paralelos no A.T., em Zac. 1:7-17 e 6:1-8.

3. O convite, *Vem*, provavelmente foi dirigido ao primeiro cavaleiro (o qual não foi especificamente identificado) e não a João ou a Cristo (o cavaleiro, segundo pensam alguns) ou ao anticristo (que seria o cavaleiro, segundo outros opinam).

4. *Vem* é um convite reiterado no caso de cada cavaleiro, cada um dos quais traz uma mensagem específica a este mundo. No dizer de Alford: «Foi uma chamada dirigida não a si mesmo (o vidente), mas ao Senhor Jesus; e já que essa chamada acompanha o aparecimento de cada um dos cavaleiros, penso que esse quádruplo chamamento representa o gemido e o trabalho de parto da criação, visando a manifestação dos filhos de Deus, em cada caso expresso por meio de uma oração que pede a segunda vinda de Cristo, e também expresso por meio das coisas reveladas, quando os selos são abertos, mostrando a quádrupla preparação para a volta de Cristo à face da terra. Enquanto, quando da abertura do quinto selo, expressa-se o anelo dos santos maravilhados acerca da mesma grandiosa consumação; e então, no sexto selo, chega realmente a consumação».

5. «O primeiro ser vivo era semelhante a um leão (ver Apo. 4:7); sua voz corresponde à onusada leonina com que, em sucessivos reavivamentos, os fiéis têm «testificado» em favor de Cristo, e sobre quem testificarão especialmente antes de sua segunda vinda. Temos aqui um quadro da forma intensa como eles oram em prol da vinda de Cristo». (Pausanet, *in loc.*)

6. «Os quatro querubins, em chamadas sucessivas, convocam os quatro cavaleiros. Essa é a interpretação mais natural... Mas outros pensam que essas palavras foram dirigidas ao vidente; porém, em outros trechos (ver Apo. 17:1 e 21:9), onde o vidente é convocado, é usada a palavra «aqui». (Charles, *in loc.*)

7. «O termo «vem» incorpora o anelo das criaturas remidas no sentido que o Senhor, completado a sua missão, assuma seu grande poder e reino. A criação liberta da servidão espera não tanto a sua perfeita felicidade, ou seu livramento de várias tribulações que ainda a circundam, e nem mesmo espera tanto pela manifestação de seu Senhor, em sua abundante misericórdia, mas espera muito mais pelo momento em que Cristo aparecerá em tremenda majestade, Rei dos reis e Senhor dos senhores, quando ele banirá para sempre, da face da terra, ao pecado que a deixa maculada, quando então ele estabelecerá de uma à outra extremidade dos céus o seu glorioso reino de justiça, de paz e de alegria no Espírito Santo». (Milligan, *in loc.*)

Variante Textual: A palavra «vem», sem qualquer adição, figura nos mss ACP, 1, 1006, 1611, 1854, 2053, na Vg, no Copita, bo). Mas a forma «Vem, vem», figura nos mss Alaph, 046 e em cerca de cento e vinte manuscritos minúsculos, como também no It(gig), no Sir(ph,h) e no Eti (com «ide») e também nos mss 296, 2049 e o Textus Receptus (com «blepe»). A forma mais breve sem dúvida alguma é a correta. Essa chamada é dirigida a Cristo, ao passo que a adição «vê» dá a impressão de que a chamada é ao profeta João. (Quanto a informações sobre como devem ser escolhidos os textos corretos, quando há variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre os antigos manuscritos do A.T.).

2 καὶ εἶδον<sup>2</sup>, καὶ ἰδοὺ ἵππος λευκός, καὶ ὁ καθήμενος ἐπ' αὐτὸν ἔχων τόξον, καὶ ἐδόθη αὐτῷ στέφανος, καὶ ἐξῆλθεν νικῶν καὶ ἵνα νικήσῃ.

<sup>1</sup> 2 [C] καὶ εἶδον (see footnote 1); N (A C Ubo); P 1 94 1006 1611 2053 2063 2072 2081 2244 2432 (it<sup>2</sup> et inde) it<sup>2</sup> et inde<sup>2</sup> vg sy<sup>2</sup> cop<sup>2</sup> arm Andrew<sup>2</sup> (Andrew<sup>2</sup> Ubo) εἶδον cop<sup>2</sup> εἶ καὶ ἴδουσα καὶ εἶδον sy<sup>2</sup> omī 046

As palavras καὶ εἶδον estão ausentes em 046 cerca de 100 minúsculos (a maioria dos quais adiciona καὶ ἴδε no vs. 1; ver comentário anterior) *al*. A comissão preferiu incluir as palavras: (a) por causa de testemunho preponderante, incluindo N (A C ἴδον) P 1 1006 1611 2053 2344 it (gig) vg sir (h) cop (bo) ara *al*; e (b) porque a omissão pode ser ou acidental (καὶ εἶδον καὶ ἴδου), ou deliberada, por parte dos copistas dos manuscritos que dizem καὶ ἴδε no fim do vs. 1 (os quais, naturalmente, teriam reputado καὶ εἶδον como palavras supérfluas). As formas ímpares, εἶδον (cop (sa)) e καὶ ἴδουσα καὶ εἶδον (sir (ph)) se devem à liberdade na tradução.

6:2: Olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele tinha um arco; e foi-lhe dado uma coroa, e não venceu, e para vencer.

«...vi... e eis...» uma expressão que também aparece neste livro em Apo. 6:5,8; 14:1,14 e 19:11.

«...cavalo branco...» O simbolismo dos quatro cavaleiros foi extralado de Zac. 1:7-17 e 6:1-8. Na primeira dessas passagens há a descrição de quatro cavalos de diferentes cores. Eles e seus cavaleiros percorrem a terra por ordem de Deus. São cavalos sobrenaturais, símbolos de verdades místicas. Nessa passagem do A.T. evidentemente prefiguram a «restauração» dos judeus a Jerusalém, após os setenta anos de exílio. Na segunda dessas passagens, vemos quatro carruagens, puxadas, respectivamente, por cavalos vermelhos, pretos, brancos e baixos. O propósito desses cavalos é o de patrulhar a terra, por determinação de Deus, executando seus juízos contra as nações pagãs e rebeldes. Podem estar associados às carruagens e aos quatro ventos da teologia astral babilônica. O vidente João emprega esses mesmos símbolos, mais ou menos com a mesma intenção, embora não hesite em adicionar seus próprios significados, que ultrapassam aquilo que está implícito nos livros e nas idéias antigas.

O cavalo era comumente usado nas atividades guerreiras. Portanto, neste ponto, os cavalos representam guerra, violência, tragédia, julgamento divino, com e sem causas naturais, tudo o que envolve desastre para homens pecaminosos.

2 ἵππος λευκός Zab 1:8; 6:2, 6; Ra 19:11

1828 1854 1856 2030 2042 2136 it<sup>2</sup> et inde<sup>2</sup> Victorinus-Pettau Tyconius Prima-sius Andrew<sup>2</sup> Ps-Ambrose Beatus Haymo Anethas

O significado do cavalo branco pode ser melhor entendido através dos pontos abaixo:

1. Há certa interpretação histórica que supõe que se trata de algum «invasor conquistador», que tivesse assediado o império romano, como os partas, muito hábeis no uso de arco e flecha e do cavalo, e que constantemente ameaçavam a paz do império. Nesse caso, o vidente estaria predizendo uma invasão que ajudaria a quebrar o poder da Roma perseguidora. Porém, rejeitamos a essa e a qualquer outra interpretação «histórica», embora o próprio João pudesse ter algo de histórico em mente, que recebera uma forma de cumprimento preliminar. Mas essa é uma predição a longo prazo, relativa aos últimos dias.

2. Simbolicamente, alguns intérpretes pensam que o cavalo branco significa a «vitória» obtida em Cristo, em qualquer século, ante a perseguição ou qualquer provação. A última palavra, pois, não seria dada pela Roma perseguidora ou pelas exigências do culto ao imperador—por nenhuma força maligna. A última palavra cabe a Cristo, que executa a vontade de Deus, em favor do bem. Ele sai conquistando e para conquistar, isto é, para obter a vitória final e absoluta. E a vitória dele é a nossa, contanto que exerçamos fé (ver I João 5:4).

3. Há aqueles que pensam que isso simboliza a «guerra», de modo geral, com a idéia que a história humana será repleta de tortura da guerra, devido aos atos perversos dos homens.

4. Várias interpretações «históricas» (como a invasão da Síria por

Vologenus, em 61 - 63 D.C.) têm sido aventadas, que falam de eventos guerreiros específicos, além da ameaça imposta pelo império parta. Mas todas essas interpretações são dúbias e devem ser rejeitadas.

5. Alguns intérpretes vêem aqui o *curso vitorioso* do evangelho. Aqueles que pensam que os selos são paralelos aos anjos, pensam que Apo. 6:2 é trecho paralelo ao trecho de Apo. 14:6, onde se vê o anjo que traz o «evangelho eterno». E isso se harmoniza com a interpretação sugerida neste parágrafo. Também fazem o paralelismo com o capítulo treze do evangelho de Marcos e com o capítulo vinte e quatro do evangelho de Mateus, que falam sobre a pregação do evangelho por todo o mundo, antes dos *ais* que haverão de anteceder à segunda vinda de Cristo. Embora um grande número de intérpretes tome esse ponto de vista, nada existe de convincente a seu favor.

6. Várias outras interpretações existem, como aquela que fala sobre os conflitos sangrentos na Palestina, durante o reinado de Calígula, ou sobre a fome que houve na Síria, sob Blaudius, ou sobre as agitações que houve no império romano durante o reinado de Galba.

7. Vários intérpretes *futuristas*, que pensam que essa predição fala sobre algo que sucederá imediatamente antes da vinda de Cristo, pensam que o cavaleiro do cavalo branco é o «anticristo». Ser-lhe-ia dado o poder de fazer guerra, de conquistar o mundo inteiro. Essa é uma verdade, mas não é provável que isso é o que esteja em foco aqui. De Haan (in loc.), entretanto, defende essa idéia, ao dizer: «O sexto capítulo fala sobre o falso cristão, o anticristo, que procura imitar o verdadeiro Cristo, e, portanto, vem sobre um cavalo branco. Ele virá prometendo paz... um período de falsa paz, estabelecendo um milênio simulado. E quando o anticristo, sobre o cavalo branco, houver convencido ao mundo que chegou a era de ouro da paz, então desfechará sua fúria contra as nações que de nada suspeitam, mergulhando o mundo na guerra. Isso é revelado no segundo selo».

8. Mas parece que esse cavalo e seu cavaleiro estão vinculados aos exércitos santos que há nos céus, pelo que o próprio Cristo está em foco. O «cavalo branco» era usado por conquistadores e heróis romanos em seus cortejos triunfais, em reconhecimento público de seu poder e êxito na guerra. O vidente João lembra a seus leitores que não haverá triunfo genuíno fora do de Cristo. O Cristo, neste ponto, ainda não terá voltado à terra, mas ameaça a sua volta apenas, volta essa que obterá vitória completa. Os seres vivos lhe dizem: «Vem!» porque a criação inteira anela por sua vitória e pelo fim do caos provocado pelo pecado.

«...com um arco...» O arco é um símbolo de guerra à longa distância. A vitória de Cristo será universal. Notemos, igualmente, que o «arco» serve aqui para identificar o simbolismo como o que é usado em Hab. 3:9, onde Deus sai para vencer, em prol da salvação de seu povo. (Isso também pode ser comparado com Isa. 41:2; Zac. 9:13 e, especificamente, com Sal. 45:4,5: «As tuas setas são agudas, penetram o coração dos inimigos do Rei...»). Esse cântico é messiânico, referindo-se à segunda vinda de Cristo, o que, no presente texto, é exposto na forma de símbolo, o que será antecedido pelos «ais» que serão descritos nos demais selos que serão abertos.

«...coroa...» Em reconhecimento de seu direito absoluto de reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores, ele traz essa coroa. Agora Cristo dará início aos acontecimentos que apressarão o seu retorno à terra como Rei. (Ver as notas expositivas em Apo. 19:16, acerca desse ofício de Cristo. Pode-se notar, em Apo. 19:12, onde é retratada a segunda vinda de Cristo,

que ele traz em sua «cabeça» «muitos diademas». Faz parte do «mistério da vontade de Deus» que Cristo seja o soberano de toda a criação. (Ver Efê. 1:10. Ver também Zac. 6:11, que é trecho paralelo). Sobre a cabeça de Josué, representante de Cristo, foram postas coroas de prata e de ouro.

«...saiu vencendo e para vencer...», isto é, para obter uma vitória absoluta, perfeita e final. Isso só poderia ser dito acerca de Cristo, em sua segunda vinda, quando todas as nações lhe forem sujeitadas, e, subsequentemente, a criação inteira, conforme se vê em I Cor. 15:25 e no primeiro capítulo da epístola aos Efésios. (Ver também Fil. 2:9 e ss.). A passagem de Apo. 19:16 afirma a realização de tal propósito, e Dan. 2:34 a prediz. Essa vitória não será obtida através da instrumentalidade da igreja, através de sua história, e, sim, através de uma direta intervenção divina, a segunda vinda de Cristo, que agora é prefigurada como algo que já se aproxima célere. A Grande Tribulação servirá de meio de preparação para aquela intervenção divina.

*Outras idéias sobre o segundo versículo:*

1. O cavalo branco ameaça desfechar os «ais» que precederão a segunda vinda de Cristo. Uma vez que tenham início essas «ais», o cavalo branco estará bem próximo de entrar nesta esfera terrestre, para a qual trará os exércitos dos céus, segundo se vê no décimo nono capítulo deste livro.

2. «A semelhança com o cavaleiro que figura em Apo. 19:11 e ss. é grande, e seu intuito é realmente esse. A diferença, contudo, é considerável. Ali, o cavaleiro é apresentado como quem já estava presente em seu triunfo, seguido pelos exércitos dos céus; mas aqui, ele opera, estando corporalmente ausente, e o cavaleiro não é o próprio Cristo, mas somente um símbolo da sua poder vitorioso, concretização de seu reino vencedor, no tocante àquela aspecto de seu avanço em que o poder terreno é derrotado, e em que os reinos deste mundo se tornam o reino de nosso Senhor e seu Cristo». (Alford, in loc.). Essa é uma interpretação comum desde os mais antigos tempos; mas é um erro pensar que isso é um evento histórico. Antes, o próprio Cristo trará os «ais»; e essas «ais» ameaçam a sua volta, que será antecidida por tremendos sofrimentos à face da terra. É uma ameaça de destruição, e não do avanço da bondade, através da igreja.

3. A cor «branca» simboliza a «vitória» (e não a «pureza», pelo menos neste caso), porquanto os cavaleiros romanos usados nos cortejos triunfais eram dadas cor. Há também uma certa majestade no cavalo branco, talvez um indicio de realze. «Homero pinta os cavalos de Raso como mais brancos que a neve, e mais velozes que o vento». (Vincent, in loc.). O cavalo do Rei é branco (ver Apo. 19:11), pelo que somos lembrados da Majestade Real, ao contemplarmos esse cavalo de pura cor branca.

4. No grego, o termo aqui traduzido por coroa é «stephanos», que nos tempos antigos era os «louros» dos vitoriosos, no passo que o «diadema» era a coroa dos reis, embora essa distinção não fosse observada no grego helenista. No período do grego helenista, o «diadema» palavra grega aqui empregada, podia indicar qualquer faixa na cabeça, e não uma coroa de metal. A consulta de qualquer léxico clássico mostrará que o «stephanos» também podia ser uma «coroa» de metal, nos tempos pré-cristãos, embora, normalmente, indicasse a «coroa de louros».

*Variante Textual:* As palavras «e vi» são omitidas nos mss 046 e em cerca de cem outros minúsculos. Porém, os mss Aleph, ACP, 1, 1006, 1611, 2083, 2344, no It(gig), na Vg, no Si(h), no Cop(bo) e no Ara, apóiam essas palavras, formando evidência convincente. Essas palavras poderiam ter sido omitidas por acidente, ou então deliberadamente, por causa do «e vi» que aparece no primeiro versículo (que aparece em muitos dos manuscritos que aqui omitam essas palavras), o que poderia dar a impressão que essas palavras são supérfluas aqui. O Si(ph) diz «e ouvi e vi», forma essa sugerida em Apo. 6:11: devido a uma tradução expandida, mas que certamente não representa o texto original neste ponto.

## VI. A Visão dos Sete Selos (6:1- 8:6)

### 2. Segundo selo: o cavalo vermelho (6:3,4).

3 Καὶ ὅτε ἤνοιξεν τὴν σφραγίδα τὴν δευτέραν, ἤκουσα τοῦ δευτέρου ζώου λέγοντος, Ἔρχου<sup>3</sup>.

3 [C] ἔρχου A C P 046 1 94 1006 1611 1854 1856 2036 2042 2053 2063 2081 2128 2432 vg<sup>ms</sup> sy<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> arm Andrew<sup>ms</sup> ἢ ἔρχομαι arm ἢ ἔρχου

καὶ ἴδε N 1828 2073 2344 it<sup>ms</sup> dem div, ar, lat<sup>ms</sup> vg<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> eth<sup>ms</sup> Victorinus-Petavi Tyconius Primateus Andrew<sup>ms</sup> ἢ ἔρχου καὶ βλέπε 296 2049 Arethas

Tal como no vs. 1, após ἔρχου, que é neste ponto bem apoiada por A C P 046 1006 1611 1854 2053 vg sir (ph, h) cop (sa, bo) al, vários testemunhos (incluindo N 1828 2073 2344 it (gig, 61) cop (bo, ms) al) adicionam καὶ ἴδε, enquanto alguns poucos outros (296 2049, seguidos pelo Textus Receptus) adicionam καὶ βλέπε. (Ver também os comentários sobre ἔρχου no vs. 1).

6:3: Quando ele abriu o segundo selo, ouvi a segunda ser vivente dizer: Vem!

«...abriu...» Comentários no primeiro versículo deste capítulo.

«...selo...» Comentários no primeiro versículo. (Quanto ao «livro de sete selos», ver Apo. 5:1).

«...ouvi...» Comentários a respeito no primeiro versículo.

«...segundo ser vivente...» (Ver as notas expositivas a seu respeito em Apo. 4:6,7).

«...Vem...» Convite dirigido ou ao vidente João, ou, mais certamente ainda, ao segundo cavaleiro.

*Variante Textual:* O simples «Vem» é a forma que aparece nos mss ACP, 046, 1006, 1611, 1854, 2063, na Vg, no Si(ph, h) e no Cop(sa, bo). Porém, os mss

4 καὶ ἐξῆλθεν ἄλλος ἵππος πυρρός, καὶ τῷ καθημένῳ ἐπ' αὐτὸν ἐδόθη αὐτῷ λαβεῖν τὴν εἰρήνην ἐκ τῆς γῆς<sup>4</sup> καὶ ἵνα ἀλλήλους σφάζουσιν, καὶ ἐδόθη αὐτῷ μάχαιρα μεγάλη.

4 [C] καὶ τῇ γῇ M\* C P 046 1 1006 1611 1854 1856 2020 2043 2063 2073 2128 2432 it<sup>ms</sup> dem div, ar, lat<sup>ms</sup> vg<sup>ms</sup> sy<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> arm Primateus

Andrew<sup>ms</sup> Arethas ἢ ἀπὸ τῆς γῆς 1 1828 2083 sy<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> ἢ ἀπὸ τῆς γῆς 2344 ἢ τῆς γῆς A 2081 Andrew<sup>ms</sup> ἢ omitt N

4 ἵππος πυρρός Zab 1.3; 6.3

4 καὶ 1<sup>o</sup>] add αἰδον καὶ ἰδου N pc | πυρρος] πυρος AP 046 I 2059 2329 pm

A forma melhor confirmada parece ser ἐκ τῆς γῆς, apoiada por N\* C P 046 1006 1611 1854 2432 it (gig, 61) vg ara al. Considerações de estilo motivaram a substituição de ἐκ por ἐπὶ (2344) ou por ἀπὸ (1 1828 2053 e o Textus Receptus). A omissão da preposição (A 2081 al), provavelmente se deve a acidente de cópia.

4:4; *I sou outro cavalo, um cavalo vermelho; e ao que estava montado nele foi dado que tirasse a paz da terra, de modo que os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.*

«...cavalo, vermelho...» Marte, o planeta vermelho, era o deus da «guerra» na concepção dos antigos. O «vermelho» é a cor do sangue, dando a entender derramamento de sangue. E a «grande espada» subentende a mesma coisa. Porém, tal como no caso de todos os selos, não há acordo geral sobre exatamente o que está em foco, e nem sobre quando isso ocorrerá. Abaixo enumeramos as principais idéias apresentadas pelos intérpretes:

1. Alguns pensam que o próprio Cristo é o cavaleiro deste segundo cavalo, e que por vários meios, incluindo a guerra, fará sobrevirem juízos contra a terra. Mas outros acham que o cavaleiro é o exército romano, ou então Vespasiano, rei dos partas, ou algum outro personagem histórico qualquer.

2. Há também aqueles que pensam que os cavaleiros dos quatro cavalos não apontam para quaisquer indivíduos em particular, para qualquer guerra; antes, esses cavalos e seus cavaleiros seriam apenas conflitos civis e internacionais, que ocorreriam através da era da igreja, enquanto Cristo não voltar e estabelecer paz duradoura, por ser ele o Príncipe da paz. Há também estudiosos que pensam ser isso idêntico às «muitas guerras», aos muitos conflitos constantes, retratados em passagens como Mat. 24:7; Marc. 13:8 e Luc. 21:10. Este comentário rejeita a interpretação histórica sobre essas predições; por conseguinte, qualquer localização «passada», nas páginas da história, fica igualmente repelida, excetuando, naturalmente, aquele conflito do tempo em que foi escrito o próprio livro de Apocalipse, que foi um cumprimento preliminar e simbólico das guerras e conflitos que terão lugar imediatamente antes do segundo advento de Cristo.

3. Aqueles que pensam que os selos são paralelos aos anjos, pensam que o equivalente ao segundo selo seja a passagem de Apo. 14:8, que se refere à queda de Babilônia. Babilônia seria a representação dos «rejeitadores de Cristo», em todos os seus tipos; assim sendo, estaria em foco a cidade de «Jerusalém», de acordo com alguns outros estudiosos. Nesse caso, a destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C., seria o segundo selo.

4. Sem importar o que mais seja dito, é bem provável que as guerras aqui mencionadas haverão de anteceder imediatamente a segunda vinda de Cristo. Assim é que em Jubileus 23:19; 1 Enoque 66:7; Esdras 5:9; 6:24; 13:31; 11 Baruque 48:32 e 70:3,6, temos predições acerca de tempos extremamente turbulentos, imediatamente antes da vinda do Messias, como levantes civis, guerras locais e internacionais, etc. Esse poderia ser o intuito do segundo selo.

5. Há quem creia que o segundo selo descreve as condições caóticas em geral, as agitações civis e uma anarquia em vasta escala entre todas as nações, imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Uma vez que a influência do Espírito Santo seja removida da face da terra, os homens exibirão a sua verdadeira natureza, como feras que são, sem Deus e sem consciência. (Ver as notas expositivas no segundo capítulo de 11 Tessalonicenses a esse respeito). A vida humana na terra tornar-se-á caótica, como se todos vivessem em uma selva pervertida, de paixões e violências atrozes.

6. Outros eruditos mostram-se mais específicos, determinando guerras particulares como cumprimento do segundo selo. Nesse caso, teríamos a guerra mundial que os místicos contemporâneos predizem para 1999 (havendo uma outra para o ano 2020—o verdadeiro Armagedom), como cumprimento do segundo selo. Os místicos da atualidade predizem duas guerras mundiais, com armas atômicas, antes do ano 2020. O artigo existente na introdução ao comentário, intitulado *A Tradição Profética e a Nossa Era*, apresenta detalhes sobre essas predições que concordam com o que diz o livro de Apocalipse. Os acontecimentos importantes lançam sombras à sua frente, antes de sua ocorrência; portanto, os seres humanos, que são espíritos também, podem reconhecer tais acontecimentos de antemão, mesmo que não possuam qualquer dom profético, segundo o entendemos, biblicamente falando.

7. Aqueles que interpretam o livro historicamente, vêem vários eventos que já tiveram lugar, como a perseguição contra os cristãos, ou os exércitos romanos (munidos de espada), em contraste com os partas (com o arco, do

primeiro versículo), como se fossem o cumprimento deste selo. Ou então, de modo geral, vêem aqui o conflito «entre o bem e o mal», isto é os poderes civis contra o progresso do evangelho, apelando as autoridades civis até mesmo para a perseguição contra os pregadores da mensagem cristã. Essas são interpretações bizarras. Há também aqueles que pensam que a «espada» é a do próprio Deus, com a qual ele castigaria povos hostis. Mas a quinta e a sexta dessas sete interpretações são as mais prováveis.

«...grande espada...» Qual o significado da mesma? 1. Alguns pensam que seria a guerra em geral; 2. outros pensam na confusão geral; 3. e há também quem estipule guerras e incidentes históricos particulares, conforme se vê nos pontos acima, sobre as interpretações acerca do segundo selo. Conforme dizemos no parágrafo acima, alguns pensam que essa é a «espada de Yahweh», seu meio de castigar às nações adversárias de Israel, segundo se vê em Isa. 27:1; 34:5; 46:10; 47:6 e Eze. 21:3 e ss. Não se pode duvidar que as guerras aqui aludidas são instrumentos da ira divina. Em algumas referências do A.T., como também nas obras pseudepígráficas, Israel é quem brande a espada, conforme se vê em 1 Enoque 90:19; 91:12, seção 34, contra os seus inimigos. Mas o presente versículo não pode fazer alusão a isso. Em 1 Enoque 88:2, Gabriel leva os inimigos de Deus a se destruírem uns aos outros com a espada; e essa idéia deve ser incluída como parte do significado do segundo selo, porquanto é exatamente isso que sucederá. A espada não faz referência alguma a Roma, exceto de maneira preliminar. E nem é ela contrastada com o «arco», que figura no primeiro versículo, como se este fosse dos partas e a espada fosse de Roma.

#### Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. Os homens não-regenerados só aprendem através de erros e de violências tremendos. Essa condição de guerra e imensa destruição será utilizada por Deus para restaurar e renovar a terra para o milênio. Assim é que será elevada a qualidade total da natureza humana. Uma nova espécie de homens, mais espiritualizados, haverá de surgir daí. Mas isso só ocorrerá se primeiramente houver tremenda agonia.

2. É solene o pensamento que muitos de nós verão esses acontecimentos. E certamente nossos filhos participarão deles. O Apocalipse fala diretamente conosco.

3. Os homens «matar-se-ão uns aos outros», com armas atômicas e outras armas de incrível poder. As guerras sempre transformaram os homens em bucha para canhão, mas nunca se viu qualquer coisa que se possa comparar com a vastíssima destruição que atingirá a terra antes do fim do século XX e no começo do século XXI.

4. Consideramos as prodigiosas perversões dos homens, que produzirão condições como essas. Os homens têm rejeitado a mensagem de Deus por meio de Cristo, o Príncipe da paz. Terão de pagar um preço tremendamente alto por causa disso. Mas, finalmente, aprenderão que o bem deve ser praticado somente por ser bom; e o bem se concentra e define em Cristo.

5. A falsa paz que será instaurada pelo anticristo redundará em completo fracasso, devido ao pior horror que os homens poderão ver em todos os tempos, a Grande Tribulação. E isso mostrará o que o anticristo realmente é.

6. Quando os homens despertarem para o «ludíbrio» do anticristo, será tarde demais para alterar o rumo dos acontecimentos. A perversidade dos homens fará com que atuem como se estivessem totalmente enlouquecidos.

7. O bronze sem piedade dos escritos épicos de Homero ensinará aos homens, sem nenhuma misericórdia, algumas lições duríssimas. A história mostra que quinhentos e oitenta mil judeus morreram, quando os romanos destruíram Jerusalém e às áreas circunvizinhas, no ano de 70 D.C. Foi uma destruição atroz, considerando-se a população do mundo naquela época e os instrumentos que os homens tinham para eliminar o próximo. Centenas de milhões serão mortos à espada, em um tempo relativamente curto, quando o segundo selo for rompido por Cristo.

#### O Comandante Sanguinário

*Não é mau. Que toquem.*

*Que os canhões troem e os aviões bombardeiem,*

*Proferindo suas prodigiosas blasfêmias.*

*Não é mau, é chegado o tempo.*

*A maior violência ainda é o comandante dos valores deste mundo.*

.....

*Quem se lembraria do rosto de Helena,*

*Se lhe faltasse o terrível halo da lanças?*

.....

*Não choreis, deixai-os tocar,*

*A velha violência não é antiga demais para gerar novos valores.*

(Robinson Jeffers)

\*\*\*

#### VI. A Visão dos Sete Selos (6:1- 8:6).

##### 3. Terceiro Selo: o cavalo negro (6:5,6).

δ Καὶ ὅτε ἤνοιξεν τὴν σφραγίδα τὴν τρίτην, ἤκουσα τοῦ τρίτου ζώου λέγοντος, Ἔρχου<sup>δ</sup>. καὶ εἶδον<sup>δ</sup>, καὶ ἰδοὺ ἵππος μέλας, καὶ ὁ καθήμενος ἐπ' αὐτὸν ἔχων ζυγὸν ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ.

<sup>δ</sup> B {C} ἔρχου {see footnote 8} A C P 1 94 1006 1611 1834 2020 2053 2065 2073 2081 2432 12<sup>54</sup> vg<sup>27</sup> syr<sup>6</sup> cop<sup>4</sup> eth Andrew<sup>20</sup> f ἔρχου καὶ ἰδοὺ

<sup>δ</sup> S {C} καὶ εἶδον {see footnote 8} M {A ἰδοὺ} C P 1 94 1006 1611 2065 2066 2073 2081 2432 vg<sup>27</sup> syr<sup>6</sup> cop<sup>4</sup> arm Andrew<sup>20</sup> {Andrew<sup>20</sup> ἰδοὺ} f καὶ εἶδον {omitted} καὶ ἰδοὺ. eth Cammiodorus f omis 046 1828 1854 1859

1046 1828 1858 2042 2138 2344 12<sup>54</sup> vg<sup>27</sup> dem div. lat. vg<sup>27</sup> syr<sup>6</sup> Primasius Andrew<sup>20</sup> Arethas f ἔρχου καὶ εἶδον 208 2049 f 8<sup>21</sup> ἔρχομαι arm

2020 2042 2138 2344 12<sup>54</sup> vg<sup>27</sup> dem div. lat. vg<sup>27</sup> syr<sup>6</sup> cop<sup>4</sup> eth Victorious-Pettau Primasius Andrew<sup>20</sup> Pa-Ambrase Beatus Arethas

δ ἵππος μέλας Zeb 6:2, 8

6:5 ἔρχου {C}

καὶ εἶδον {C}

Ver os comentários sobre o vs. 1.

Ver os comentários sobre o vs. 2.

6:5; Quando abriu a terceira sela, ouvi o terceiro ser vivente dizer: Vem! E olhei, e eis um cavalo preto; e o que estava montado nele tinha uma balança na mão.

«...abriu...» Ver os comentários a respeito no primeiro versículo deste capítulo.

«...sela...» (Ver comentários no primeiro versículo; e sobre o «livro de sete selos», ver Apo. 5:1).

«...ouvi...» Ver os comentários no primeiro versículo.

«...terceiro ser vivente...» Ver os comentários em Apo. 4:6,7 sobre os «seres viventes».



«...Vem...» Esse terceiro convite foi dirigido ao terceiro cavaleiro, e não ao vidente João. Mas a forma, «Vem e vê, que aparece em alguns manuscritos, dá a impressão de que o convite foi dirigido ao vidente, embora se trate de um texto inferior. (Ver as notas expositivas a esse respeito, e onde ocorre a mesma variante, nos versículos primeiro e terceiro deste capítulo. Essa variante ocorre novamente no sétimo versículo deste capítulo).

**Variação Textual:** As palavras «vi e contemplei» aparecem nos mss Alaph, AC (com «idon», ao invés de «eidon»), P, 1, 1006, 1611, 2063; 2344, no It (grg), no Vg, no Si(h), no Cop(h) e no Ara. O ms 046 e cerca de cem outros manuscritos minúsculos, entretanto, omitem as palavras «ou vi». Essa omissão pode ter ocorrido por acidente, por causa da semelhança entre «eidon» e «kai idou», fazendo os olhos do escriba saltar por cima das primeiras palavras, porquanto, nos manuscritos antigos, não havia espaço entre as palavras grafadas. Assim, os olhos de um escribaariam escrito «kaleidontkaidou», e facilmente poderia ter saltado de um «kai» para outro «kai», omitindo as primeiras duas palavras. Ou então a alteração pode ter sido feita deliberadamente, por parte de alguns escribas, os quais, tendo visto «kai idou» no terceiro versículo, julgassem que sua repetição é supérflua neste versículo.

«...cavalo preto...» Como se dá no caso de todos esses quatro cavalos, muitíssimas têm sido as interpretações dadas a esses símbolos. Abaixo mostramos apenas as principais idéias:

1. Se os «selos» são paralelos aos «anjos», então o trecho de Apo. 6:5,6 é paralelo a 14:9-11 do mesmo livro. Neste caso, a «besta e sua imagem» estariam em foco. E, se aplicarmos isso historicamente, e não profeticamente, poderíamos supor estar em pauta a «matança da igreja», quando o cristianismo deixou de ser perseguido, tornando-se a «igreja oficial», sendo morta a sua espiritualidade. Quando Constantino se fez cristão, oficializou o cristianismo como religião do império, e, no ano de 380 D.C., Teodoro fez um edito que declarava cristãos todos os habitantes do mundo então conhecido. Isso arruinou a espiritualidade da igreja, por assim dizer, matando-a espiritualmente. Embora essa interpretação possa ser louvada por sua elástica imaginação, não é nada provável que isso é o que o autor sagrado tencionava dar a entender, como se esse fosse o cumprimento do rompimento do terceiro selo. É muito difícil perceber como Constantino poderia prefigurar a «besta» ou anticristo.

2. Os preços para o trigo e a cevada, mencionados no versículo seguinte (como parte do terceiro selo), são extremamente elevados. (Ver as notas sobre aquele versículo, mais abaixo). Isso fala de «escassez», ou seja, de «fome», de falta de alimentos, o que sempre ocorre na esteira das guerras. A falta de cereais será tão intensa que terão de ser medidos na mínima quantidade. Ao mesmo tempo, os ricos (possuidores de azeite e vinho) parecerão florescer a despeito de tudo, pelo menos alguns deles. Mas essa expressão bíblica nos deixa perplexos, não havendo acordo geral entre os estudiosos, acerca de seu significado. Alguns ricos conseguiram escapar, mas certamente a maioria deles sofrerá juntamente com toda a humanidade, quando as guerras tomarem conta da face inteira da terra. De modo geral, portanto, poderíamos pensar que o terceiro selo indica as fomes que se seguem às guerras, o que se repetirá nos últimos dias.

3. Preferimos pensar que a verdadeira interpretação não envolve todas as fases de escassez que se seguem às guerras em geral, mas antes, somente as condições que haverá depois de ter sido rompido o segundo selo. Portanto, o segundo selo está relacionado a este terceiro, bem como às interpretações quinta e sexta sobre o quarto versículo. Muitos conflitos violentos, o caos entre as populações e guerras gigantescas destruirão o suprimento de alimentos da humanidade, e vastas fomes terão lugar. Isso terá lugar em nosso próprio tempo, e certamente no período de vida dos nossos filhos, conforme se nota nas interpretações sobre o segundo selo, logo acima.

4. As interpretações históricas, que pensam que o «terceiro selo» já teve cumprimento no decorrer da história, nos tempos do império romano, pensam que isso se refere aos dias de Domício, que baixou um decreto contra o luxo e ordenou que metade dos vinhedos da Ásia Menor e de outras províncias fosse desarraigada (92 D.C.). Isso visava favorecer os vinhateiros

ὅτι καὶ ἤκουσα ὡς φωνὴν ἐν μέσῳ τῶν τεσσάρων  
τρεῖς χοῖνικες κριθῶν δηναρίου καὶ τὸ ἔλαιον

ὅτι: é ouvi como que uma voz no meio dos quatro seres viventes, que dizia: Um quentil de trigo por um denário, e três quentils de cevada por um denário; e não denifique o azeite e o vinho.

«...uma voz no meio dos quatro seres viventes...» Essa voz nos fornece a interpretação do terceiro selo—um aviso de que haverá escassez, evidentemente paradoxal, devido à abundância e ao luxo em que viverão os ricos. Os intérpretes desgastam inutilmente seu tempo procurando identificar essa «voz». Ela tão-somente faz parte da visão, um item audível da mesma. Seu propósito é interpretar para nós o significado do terceiro selo. Outros dizem que se trata da voz do profeta Agabo, o qual predisse a fome que houve no tempo de Cláudio (ver Atos 11:28). E ainda outros afirmam que se trata da voz do próprio Cristo, mas essas são apenas conjecturas acerca de um aspecto incidental da visão.

«...no meio dos quatro seres viventes...» A voz soa do meio desses seres por estar ela identificada com a mensagem que eles trazem, cooperando com eles em sua tarefa.

«...uma medida de trigo...» A medida usada é o «choiniks» dos gregos, cerca de 450 gramas, que se julgava constituir o consumo diário de um homem. Heródoto (vii.187) dá a entender isso, e Thucy. iv.36, ao mencionar «duas» dessas medidas, dadas aos espartanos, em Estacéria, deu a entender que era um bom suprimento, pois cada soldado estaria recebendo o dobro do que se julgava necessário. Isso pode ser comparado à informação similar sobre essa «medida», em Diog. Laert. Pythag. 8:18.

«...um denário...» Essa única medida de trigo custaria a um homem o seu salário de um dia inteiro de trabalho, pois reputava-se que o denário, pequena moeda de prata, seria o salário de um dia de labor. (Ver Mat.

italianos e reduzir o luxo fora da Itália. Porém, não se lê acerca de nenhum período de fome severa no tempo desse imperador, e nem mesmo naquele período geral da história, que pudesse justificar essa interpretação do «terceiro selo». O sexto versículo, porém, talvez aluda ao decreto de Domício, talvez uma elevação antecipada do preço de alimentos e uma possível fome; mas isso não se concretizou. É melhor pensar que o cumprimento da profecia ainda jaz no futuro.

5. Muitas predições judaicas, ao falarem sobre os «últimos dias», mencionam a fome. (Ver *Sotah* 49b e comparar isso com Mat. 24:7). Alguns pensam que esta última referência alude às muitas fomes, que sempre se seguem às guerras, através da história do mundo, até à volta de Cristo, e não aos últimos dias propriamente ditos. Na verdade, porém, o terceiro selo, como todos os demais, refere-se especificamente aos tempos do fim, estando de acordo com as predições apocalípticas judaicas acerca do fim.

6. Alguns eruditos falam da fome que houve no tempo de Cláudio, predita por Agabo (ver Atos 11:28). Mas esse acontecimento dificilmente poderia equivaler ao prodigioso acontecimento que se espera do terceiro selo.

7. Ainda outros pensam que esse selo fala de «tribulação e agonia» em geral, e não a uma «fome»; mas essa interpretação não concorda com o simbolismo dos versículos quinto e sexto deste capítulo, que ora comentamos.

«...com uma balança na mão...» Em períodos de escassez, os comestíveis precisam ser pesados com parcimônia. Em tempos de abundância, são distribuídos em tão grandes quantidades que não podem ser pesados com balanças de mão. A figura espectral da fome levava na mão uma balança vazia. Em Eze. 4:16 lê-se sobre o pão vendido a peso, um sinal de tempos difíceis. É isso que o vidente João tinha em mente. O trecho de Gên. 41:49 mostra-nos que quando as coisas abundam, nenhuma medição cuidadosa se faz necessária. Lev. 26:26 é trecho que mostra a condição oposta. Duas mulheres levam o pão para ser assado em um único forno, tão escasso é o pão, o qual é distribuído a peso. Comerão, mas não ficarão satisfeitas.

#### Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. O homem colhe aquilo que tiver semeado. As guerras, que nos nossos tempos destroem objetivos civis, e não somente militares, também lançam o caos na produção agrícola, desequilibrando o suprimento normal de alimentos. Crianças inocentes sofrem por causa disso tudo. Não há limites para as perversões da mente humana, afastada que está de Deus e em hostilidade contra Cristo. Essa hostilidade será punida, quando Deus permitir que os homens se destruam a si mesmos.

2. Preto, a cor da lamentação e da fome. (Ver Jer. 4:28; 7:21; Mal. 3:14, onde a palavra 'lamento' é literalmente, 'preto', conforme nos diz Vincent, *in loc.*)

3. Balança. No grego é «Zugon», literalmente, «jugo», embora a referência seja à cruzada da balança de pratos. Alguns intérpretes têm defendido totalmente a idéia que aqui temos uma menção literal ao «jugo». Mas a necessidade de haver uma balança para pesar os alimentos é uma verdadeira servidão para os habitantes da terra. O trecho de Diog. Laert. 8:18 exibe essa palavra com o sentido de «balança», o que também se vê na inscrição grega 1222.4 (do século II A.C.). Ver *Inscr. gr. Rucuell D'Inscriptions grecques*, editor Ch. Michel, 1900; 1912.

4. Devemos observar que cada um dos «seres viventes» tem uma forma distintiva: leão, boi, homem e águia, respectivamente. Alguns eruditos procuram descobrir significados nessas formas, no que se aplica aos selos, porquanto, em sucessão, cada um deles abre um selo. Porém, não se deve apressar em demais o simbolismo, pois, ao examinarmos cada símbolo, é difícil perceber qual a conexão entre sua forma e o sentido de cada selo. Por exemplo, que associação pode haver entre um «boi» e a guerra, ou entre um «rosto de homem» e a fome? Seria mais apropriado comparar a guerra ao «leão», e, no entanto, é a primeira criatura e não a segunda, que abre o primeiro selo.

ζῶων λέγουσαν, Χοῖνιξ αἴτου δηναρίου, καὶ

18:28; 20:2,9,10,13; 22:19 quanto a ilustrações sobre isso). Há uma citação de Cícero, *Verr.* 3:81, que ilustra quão crítica era a situação quando um homem tinha de trabalhar o dia inteiro para adquirir duas medidas de trigo. Em comparação com essa citação, descobrimos que o nosso texto apresenta um trigo dezesseis vezes mais caro que o preço dos tempos de Cícero. Se um homem só pode comprar trigo suficiente para si mesmo, com um dia inteiro de trabalho, que sucederá à sua esposa e aos seus filhos? Como é óbvio, essa família haverá de perecer de fome; e essa é a advertência constante no «terceiro selo». Mas aqueles que interpretam historicamente esta passagem não podem encontrar nenhum período de situação tão crítica, nem mesmo no ano de 62 D.C., mencionado por Tácito (*Anais* 15:5) e Joselo (*Antiq.* 20:9,2). Nos tempos de Domício houve imensa falta de cereais, embora houvesse abundância de vinho, o que o levou a baixar um decreto (descrito em *Suet. Dom.* 7, mencionado por Eusébio, *Chron.*), em 92 D.C., que proibia o plantio de novas vinhas na Itália e que ordenava que se arrancasse cerca de metade dos vinhedos existentes em outras províncias.

Tal providência foi tomada a fim de «proteger» aos vinhateiros italianos, mas foi amargamente combatida nas províncias, e isso com sucesso. É possível que essa falta de cereais, nos tempos de Domício, tenha sido considerada pelo vidente João como «predição» de uma fome mais severa que se seguiria, como base histórica do «terceiro selo». Contudo, o verdadeiro significado desse selo dificilmente pode ser achado nos dias de Domício. (Ver ampla explicação sobre o significado do «terceiro selo» nas notas expositivas sobre o versículo anterior).

«...três medidas de cevada por um denário...» A cevada é o mais barato dos cereais, podendo ser adquirido em maiores quantidades que o trigo,

pela mesma importância. Mas mesmo adquirindo a cevada, mais barata, uma família não será capaz de sobreviver; e isso produzirá condições sociais caóticas; e não há que duvidar que muitos homens abandonarão seus familiares, para que morram de fome, cuidando somente de si mesmos. Lê-se que os habitantes de Jerusalém, depois de sofrerem cerco por muito tempo, antes da destruição da cidade, em 70 D.C., quando seu suprimento de alimentos foi cortado, reverteram à mais cruel forma de desumanidade. Os pais chegaram a comer seus próprios filhos. Os soldados romanos se revoltavam intimamente ao depararem com corpinhos de crianças, ainda não inteiramente consumidos, mas guardados para esse propósito. O «terceiro selo» haverá de despertar nos homens os piores aspectos de seu caráter. Verão o que realmente são, sem Deus.

«O caos que homens malignos e seus feitos maus provocarão, tornar-se-á parte do castigo divino. Essas coisas julgarão aos homens que desprezarem a vontade do Senhor. O princípio fundamental em tudo isso é que a vontade de Deus reflete tão profundamente sua própria e perfeita natureza, bem como o que é exigido da parte do homem, que os juízos divinos nunca são arbitrários. Os cavaleiros são os dominadores da natureza, cuja própria atuação opera contra a maldade e em favor do bem.» (Hough, *in loc.*).

«... não danifiques o azeite e o vinho...» Nas notas expositivas acima, alude-se ao edito de Domiciano que, bem provavelmente, foi o acontecimento histórico que inspirou esse versículo. Em meio à escassez dos cereais, os vinhateiros prosperavam. O decreto daquele imperador, para favorecer aos vinhateiros italianos e prejudicar aos das províncias, parece ter sido um golpe contra certos luxos, quando o labor teve de ser desviado para a produção de alimentos mais necessários. «Azeite e vinho» são luxos quando aos homens falta o pão. Simbolicamente falando, essa circunstância tem sido reputada como uma indicação que no princípio da Grande Tribulação, a despeito das dificuldades por que passará a humanidade em geral, os ricos continuarão vivendo bem, devido às suas riquezas acumuladas. O vinho pode indicar a indulgência e a dissipação, tanto quanto o luxo. Porém, a despeito da falta de pão, nem assim os homens aprenderão a livrar-se dos pecados da sensualidade e da carnalidade. Em meio a todos esses horrores, alguns dançarão frenéticos e se entregarão a todas as formas de depravação, conforme sempre têm feito. A história passada nada lhes terá ensinado; e o caos por que estiverem passando não será melhor mestre para eles.

É interessante notar que a escatologia judaica predizia, no tocante aos últimos dias, antes do advento do Messias, grande escassez de alimentos, acompanhada pelo excesso de luxos. Sotah, 49b nos dá essa informação, com a ocorrência paralela de agitações sociais, de tal modo que «os inimigos do homem serão os de sua própria casa». Evidentemente o Senhor Jesus citou essa tradição em Mat. 10:35 e ss. Nos escritos do rabino Neemias (que viveu nos tempos do imperador Adriano), também há uma citação dessa tradição, havendo outras fontes que indicam a existência possível de um antigo apocalipse que trazia tais predições. O trecho de Sanedrim, cap. 7a prediz uma fome geral, acompanhada por grande abundância de vinho, a despeito do que, devido ao tremendo caos que haverá nessa época, o vinho será extremamente dispendioso, podendo ser adquirido somente pelos ricos.

## VI. As Visões dos Sete Selos (6:1- 8:6).

### 4. O quarto selo: o cavalo amarelo (6:7,8).

7 Καὶ ὅτε ἤνοιξεν τὴν σφραγίδα τὴν τετάρτην, ἤκουσα φωνὴν τοῦ τετάρτου ζώου λέγοντος, Ἔρχου?.

<sup>7</sup> 7 [C] ἔρχου (see footnote 5) A C P 1 94 1006 1611 1854 2020 2042 2082 2085 2081 2423 vg<sup>ms</sup> syr<sup>h</sup> cop<sup>ms</sup> Andrew<sup>ms</sup> / ἔρχου καὶ ἴδε M 848

1828 1836 2073 2138 2344 (it<sup>ms</sup> d<sup>ms</sup> v<sup>ms</sup> w<sup>ms</sup> lat<sup>ms</sup> / vg<sup>l</sup> syr<sup>h</sup> Primasius Andrew<sup>ms</sup> Beza<sup>ms</sup> Aréthas / ἔρχου καὶ βλέπε 206 2040 eth / βλὲ ἔρχομαι arm

### 6:7 ἔρχου [C]

Ver os comentários sobre o vs. 1.

4:7: Quando abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizer: Vem!

Este versículo é praticamente igual ao terceiro versículo deste capítulo, excetuando que o verbo «abrir» tem agora o seu sujeito expresso, tal como se dá no primeiro versículo. O «Cordeiro» é quem abriu esse selo. E assim como fora dito acerca da abertura do «segundo selo», agora é dito acerca do «quarto»; e essas palavras são reiteradas no caso do «terceiro selo», no quinto versículo deste capítulo. (O leitor deveria consultar as notas expositivas sobre o terceiro versículo, acerca de todos os elementos deste versículo, incluindo a Variante Textual: alguns manuscritos dizem apenas

«Vem», ao passo que outros dizem «Vem e vê». Essa variante é repetida em cada um dos versículos similares, o terceiro, o quinto e o presente. Ver também as notas abaixo, sobre o oitavo versículo, onde há amplas explicações acerca do «quarto selo». O quarto selo foi convocado pelo «Águia», o quarto ser vivente; mas não se deve ver qualquer significado especial nisso, tal como não há nenhum sentido especial no fato que o «boi» convocou o selo que ameaça a «guerra» no terceiro versículo, ou no fato que o «homem» convocou a «fome», introduzida pelo terceiro selo. Ver Apo. 4:6,7 quanto a notas expositivas completas sobre os quatro «seres viventes»).

8 καὶ εἶδον<sup>a</sup>, καὶ ἰδοὺ ἵππος χλωρός, καὶ ὁ καθήμενος ἐπάνω [αὐτοῦ]<sup>b</sup> ὄνομα αὐτῷ [ὁ] Θάνατος, καὶ ὁ ᾄδης ἠκολούθει μετ' αὐτοῦ· καὶ ἐδόθη αὐτοῖς ἐξουσία ἐπὶ τὸ τέταρτον τῆς γῆς, ἀποκτείνειν ἐν ῥομφαίᾳ καὶ ἐν λιμῇ καὶ ἐν θανάτῳ καὶ ὑπὸ τῶν θηρίων τῆς γῆς.

<sup>8</sup> 8 [C] καὶ εἶδον (see footnote 7) (M A C 1609) P 1 94 1006 1611 (2082 omitt καὶ) 2088 2072 2081 2423 it<sup>ms</sup> vg<sup>ms</sup> syr<sup>h</sup> cop<sup>ms</sup> arm Andrew<sup>ms</sup> (Andrew<sup>ms</sup> 1609) / καὶ ἰδὼν (for καὶ εἶδον καὶ ἰδὼν) eth / omitt 046

1828 1854 1836 2020 2042 2138 2344 (it<sup>ms</sup> d<sup>ms</sup> v<sup>ms</sup> w<sup>ms</sup> lat<sup>ms</sup> / vg<sup>l</sup> syr<sup>h</sup> Victorinus<sup>ms</sup> Petiau Primasius Andrew<sup>ms</sup> Pl-Ambrose Beza<sup>ms</sup> Aréthas

<sup>8</sup> 8 [C] ἰδὼν αὐτοῦ M A 046 94 1006 1828 1858 2020 2042 2073 2128 2244 2423 syr<sup>h</sup> cop<sup>ms</sup> arm Victorinus<sup>ms</sup> Petiau Primasius Andrew<sup>ms</sup> /

Haymo Aréthas / ἰδὼν C P 1 1611 2052 2065 2081 (it<sup>ms</sup> d<sup>ms</sup> v<sup>ms</sup> w<sup>ms</sup> lat<sup>ms</sup> / vg<sup>l</sup> Victorinus<sup>ms</sup> Andrew<sup>ms</sup> Anabert / ἐν αὐτῷ 1854 (it<sup>ms</sup> d<sup>ms</sup> v<sup>ms</sup> w<sup>ms</sup> lat<sup>ms</sup> / vg<sup>l</sup> Victorinus<sup>ms</sup> Andrew<sup>ms</sup> Anabert

8 τὸ... θηρίων τῆς γῆς Jr 14:12; 18:3; Em 8:12, 17; 14:31; 33:27

### 6:8 καὶ εἶδον [C]

<sup>a</sup> Ver os comentários sobre o vs. 2.

<sup>b</sup> A forma ἐπ' αὐτόν (1854 *al*) é óbvia assimilação à expressão similar dos vss. 2, 4 e 5. É bem mais difícil decidir se ἐπάνω, que figura em C P 1 1611 2053 (e mais de vinte outros manuscritos minúsculos) vg *al*, é a forma original, tendo sido adicionada por copistas posteriores a palavra αὐτοῦ ou se ἐπάνω αὐτοῦ que aparece em N A 046 maioria dos minúsculos *al*, é a forma

## Outras idéias sobre o sexto versículo:

1. A referência quase certa ao decreto de Domiciano, acerca dos vinhados, é boa indicação que o Apocalipse foi escrito na época desse imperador. (Ver as informações sobre a data da escrita deste livro, na seção V da introdução ao mesmo).

2. A cevada era considerada alimento dos pobres, e sempre foi bem mais barata que o trigo. Quando a fome atingir a terra, nos tempos do anticristo, será difícil viver até mesmo com base em cereais assim, que antes eram desprezados pelos cidadãos mais abastados.

3. De pouco ou nada vale ter muita vinha, mas a preços elevadíssimos, que impossibilitam o indivíduo a alimentar sua família com alimentos inferiores. Os «luxos» dos homens, em tempos difíceis, zombam deles quando se esquecem de Deus em sua insensatez. O homem ter-se-á esquecido de Deus, e assim quase chegará a auto-aniquilar-se. Será preciso uma intervenção divina, como houve no mar Vermelho, para livrar o homem de si mesmo, no tempo da Grande Tribulação, acerca do que falam os selos do livro de sete selos.

4. A ordem para não danificar o azeite e o vinho talvez vise ser sarcástica. É como se uma voz dissesse: «Não tendes pão, mas vos é permitido ter os luxos e deboches, se quereis pagar pelos mesmos, se é que podeis fazê-lo». Alguns intérpretes, notando que o azeite e a vinha figuram entre os «alimentos» diários da Ásia Menor, supõem que essa ordem «protege» algo de valor, de tal modo que a humanidade será permitida sobreviver, a despeito das maiores privações. Nesse caso, temos certa «medida de misericórdia» que tempere os julgamentos de Deus, conforme se vê em Mat. 24:22. Os homens terão de subsistir sob condições bem «subnormais», mas lhes será permitido continuar a sobreviver, a fim de aprenderem certas lições necessárias. Embora talvez isso não seja a interpretação correta deste versículo, está em consonância com os julgamentos que serão infligidos por Deus. Esses juízos nunca são meramente retributivos. Tendem por disciplinar e restaurar (Ver as notas expositivas em Col. 3:6; acerca da «ira de Deus», onde isso é demonstrado).

5. A voz do terceiro selo introduz um «melancólico grito, uma melancólica dispensação». (Lange, *in loc.*).

6. A «fome» aqui referida é perfeitamente literal, aparecendo por uma última vez sem simbolizar os «irmãos falsos» os «hereges», etc., que tendem por destruir a vitalidade da igreja.

7. Os homens, que levaram a fome espiritual abater-se sobre suas próprias almas, rejeitando a mensagem relativa a Cristo, o que os torna sub-humanos, terão de pagar caro por isso — seus corpos padecerão fome, embora nestas eles façam pesados investimentos de atenção e cuidados. A privação do corpo levará os homens a considerarem o sentido de Deus e da alma.

Por que te definhas no íntimo e sofres escassez,  
Pintando tão alegre e custosamente tuas paredes externas!  
Por que tão alto custo, com tão breve empréstimo,  
Gastas em tua mansão que já se esvai?  
Os vermes, herdeiros dessa escassez,  
Devorar-te-ão? Será esse o fim do teu corpo?  
(Shakespeare)

8. Alguns intérpretes vêem no azeite e no vinho uma provisão para os verdadeiros discípulos de Cristo, em meio à fome geral que haverá no mundo. Esses estudiosos lembram-nos o decreto de Domiciano, de arrancar as vinhas da Ásia Menor, que não foi levado a efeito, em face do que a provisão de vinho não foi diminuída. É verdade, seja como for, que da conformidade com Apo. 3:10, aqueles a quem a providência divina se agrada em proteger, em meio à tribulação, gozarão dessa proteção.

\*\*\*

O 2<sup>a</sup> em NC 1006 1611 2021 *al* / ἠκολούθει ακολουθεῖ *al* Or 5

original, tendo sido omitida *αὐτοῦ* mais tarde, ou por acidente, ou deliberadamente. A maioria da comissão, impressionada pelo peso da evidência em apoio à presença do termo, considerou sua ausência, nos outros testemunhos, como acidente de transcrição.

4:8: E eis, e eis um cavalo amarelo, e o que estava montado nele chamou-se Morte; e o Hades seguiu com ele; e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra, para matar com a espada, a com a fome, a com a peste, e com as feras da terra.

«...um cavalo amarelo...» O adjetivo «*chthinos*» é termo grego variegadamente traduzido. Homero aplicou essa palavra ao «mel», e Sófocles à «areia». Tucídides utilizou-se da mesma para indicar pessoas atacadas de certa praga (ii.49); e Homero também a usou para indicar a «palidez» do rosto de uma pessoa atemorizada. Parece que Homero queria indicar a «ausência de cor», e não a presença de qualquer cor particular. No N.T., a cor tencionada é usualmente o «verde». (Ver Marc. 6:39; Apo. 8:7 e 9:14). A tradução de Goodspeed diz aqui «cor de cinzas». Talvez a tradução de Moffatt, «lívido», seja a melhor, porquanto trata-se de uma palavra que era utilizada para indicar a «cor exangue» dos cadáveres; e esse cavalo representa a morte. Hipócrates, *Prognost.* 2, pág. 79.18, também usa esse vocábulo para indicar isso, a carne descolorida de pessoas gravemente enfermas.

#### Significado do cavalo amarelo:

1. O próprio autor sagrado nos dá a definição desse cavalo: a morte e o Hades. Mas os intérpretes têm entendido isso de várias maneiras, como a «morte espiritual» (significado simbólico), ou como algum período específico da história antiga, quando a «morte» ameaçou grandes contingentes humanos. Vários intérpretes atribuem a esse simbolismo alguma condição histórica específica, já no passado, como no caso dos selos anteriores.

Qualquer que seja a interpretação desse cavalo, porém, podemos notar que o próprio versículo, ao mencionar a matança específica com a espada (guerra) e com a fome, provavelmente visa incluir o que já fora dito sob os selos segundo e terceiro. Disso se conclui que os quatro primeiros selos, pelo menos, estão intimamente ligados entre si, provavelmente desdobrando desastres que sobrevieram em um dado período da história. Se antes já aplicamos os primeiros selos a algum período histórico específico, teremos de continuar a fazê-lo no caso deste selo. Essa circunstância, apesar de não ser totalmente «fatal» para o método «histórico» de apresentação, ou, pelo menos, para quase todas as interpretações propostas desse modo, chega a ameaçá-las. Em outras palavras, não se pode atribuir o segundo e o terceiro selos a um período histórico, e o quarto selo a outro período histórico, posterior ao primeiro, porquanto isso interromperia a unidade dos selos, que o autor sagrado parece ter claramente tencionado. Poder-se-ia indagar, portanto, em que período da história tiveram lugar esses acontecimentos, «como uma unidade», e com os devastadores resultados aqui descritos. É difícil situar tal coisa na história. Pois em que tempo uma quarta parte da população mundial pereceu de um golpe? Isso nos força a pensar numa interpretação «simbólica» ou *futurista*; e dentre essas duas possibilidades, preferimos a «futurista».

2. Interpretando que os selos desvendam ocorrências ainda futuras, cremos que este selo inclui a «guerra», o «caos» e a «fome» do segundo e do terceiro selos. (Ver as notas expositivas quanto aos versículos terceiro e quinto, acerca de amplas explicações sobre isso). Além disso, «grandes pragas» provavelmente fazem parte do quadro da «morte» aqui aludida, pois as pragas eram comumente apelidadas de «morte» por parte dos antigos. Essas pragas se propagavam especialmente após as matanças das guerras. Isso pode ser comparado com a expressão moderna, *morte negra*, a peste bubônica, que atingiu pesadamente a Europa e a Ásia no século XIV. Essa praga era assim chamada devido às manchas negras que deixava na pele. Assim, pois, este selo fala do fato que as horrendas batalhas do período da Grande Tribulação serão seguidas por pragas incrivelmente generalizadas. O suprimento alimentar dos seres humanos será destruído e poluído. A natureza será destruída de tal modo que os animais ferozes invadirão as áreas habitadas pelos homens, e muitos serão as suas vítimas. Tudo isso se espera venha a ocorrer durante a Grande Tribulação; e, somando-se juntamente os selos de número dois, três e quatro, uma quarta parte da população da terra será destruída, numa cifra que provavelmente atingirá um bilhão de pessoas. O nome «Grande Tribulação» terá uma nova significação naqueles dias, que quase sem dúvida teremos de atravessar, e que certamente serão vividos pelos nossos filhos e netos.

3. Há certas interpretações miscelâneas que precisam ser rejeitadas: a. A destruição de Jerusalém (ano de 70 D.C.); b. os sofrimentos dos cristãos sob a Roma pagã, sobretudo durante o reinado de Domiciano, embora esses sofrimentos também tenham atingido a outros; c. as heresias que trazem a morte espiritual, a morte da igreja, por assim dizer; d. os sarracenos e outros povos específicos, que no decorrer da história causaram grandes sofrimentos a seus semelhantes.

4. Aqueles que pensam que os selos são paralelos aos anjos, assim vinculando Apo. 6:7,8 com Apo. 14:12,13, incorrem em erro. Pois se isso for aceito de modo estrito, os «mortos» teriam de ser somente crentes, porquanto o trecho de Apo. 14:13, diz: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor». Isso forma um mui duvidoso paralelo do trecho que temos aqui. Seja como for, dizer que o quarto selo representa a «Idade das Trevas», é seguir as explicações desse grupo de intérpretes, que dificilmente expõem idéias isentas de objeções difíceis de contornar. Nesse caso, a «morte» aqui referida seria a *peste bubônica* que teve lugar já perto do fim da Idade das Trevas, e que deixou uma esteira de destruição na Europa e na Ásia. Temos de admitir que a destruição de vidas, naquela oportunidade, foi verdadeiramente grande. Mas, atingiu uma quarta parte da população da terra? Certamente que não, se incluirmos regiões

geográficas fora da Ásia e da Europa, as quais também precisam ser incluídas para que o quadro assumia proporções mundiais.

«...Morte...» O selo que aqui temos personifica a «morte». Isso pode ser confrontado com a idéia judaica do «anjo da morte», ou com Plutão, o deus grego do submundo e da morte. Alguns eruditos vêem aqui a pessoa de Satanás, já que o cavalo é, ao mesmo tempo, a «morte» e o «Hades». Outros concebem aqui a idéia da «praga», na morte, por ser esse um simbolismo comum na antiguidade. O símbolo, porém, provavelmente tem por intuito ser mais extenso do que isso. Trata-se da morte mediante a praga, além da morte corporal literal; mas também é a morte devido a todas as causas, como guerras, fomes, etc., já que o selo incorpora as idéias do segundo e do terceiro selos. A morte não é «simbólica», ou seja, a «morte da igreja», mediante o assédio de doutrinas falsas.

«Formas simples da morte (a guerra e a fome) foram reveladas nos primeiros selos; agora o próprio grande rei dos terrores aparece, e em sua mão estão reunidas todas as formas de morte—guerra, fome e pestilência». (Carpenter, *in loc.*).

No tocante à personificação da «Morte», ver Apo. 5:14 (a morte como rei) e I Cor. 15:25 (a morte como inimigo). (Comparar com Isa.28:15). Na teologia fenícia antiga, Sanconiaton, filho de Saturno, era chamado «Morte», de forma personificada, o que os gregos imaginavam com Plutão.

«...Hades...» O «reino da morte» é agora personificado. Originalmente, «Hades» era o deus do mundo inferior, sendo essa a origem do termo. «Hades» e «Plutão» são apelativos paralelos para o mesmo conceito mitológico, entre os gregos e os romanos. (Notas expositivas completas sobre «Hades» aparecem em Apo. 5:13, sob a expressão «debaixo da terra», como também em Apo. 1:18; Mat. 16:18 e Luc. 16:23. As passagens de I Ped. 3:18-20 e 4:6 mostram que Cristo desceu àquele lugar de espíritos desencarnados, e estabeleceu certa diferença no tipo de existência que eles levam ali; e esse conceito é igualmente explicado nas notas de introdução a Apo. 3:18).

Há somente um cavaleiro, chamado por dois nomes. O autor sagrado não quis dizer que fossem dois cavaleiros. Há apenas um, chamado Morte e também Hades, visto que a morte é companheira inseparável do Hades. (Ver Apo. 1:16 e 20:13 e ss.). O Hades «segue os passos» da morte, e para onde esta vai, vai aquele. Os intérpretes têm criado muita confusão desnecessária neste ponto, pressionando em demasia ao simbolismo, procurando solucionar o problema se o cavalo amarelo tem um ou dois cavaleiros. Os símbolos usados pelo autor sagrado são bem claros, sem necessidade de refinação exagerada.

«...matar à espada, pela fome...» Um quádruplo poder destrutivo é mencionado, embora não se trata de uma lista exaustiva dos meios que causarão imensa devastação no mundo nos últimos dias. Isso pode ser comparado aos quatro destruidores de Eze. 14:21. «a espada, a fome, as feras e a pestilência». Se considerarmos que a «morte» significa «pestilência», então essas duas listas serão idênticas.

#### Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. Notamos que os juízos divinos tornar-se-ão mais severos neste selo; uma mais ampla autoridade é dada ao quarto cavalo do que ao segundo e ao terceiro. Essa intensificação da agonia culminará no Armagedom, uma destruição indescrevível, que será necessária, antes dos homens poderem sofrer as influências do Espírito de Deus, para que tenha começo um novo e melhor ciclo da existência humana. (Ver Apo. 14:14, em suas notas introdutórias, sobre o «Armagedom». Ver também Apo. 16:16).

2. Alguns eruditos pensam que os selos são totalmente «contemporâneos», como se todos falassem de diversas condições que sucederiam ao mesmo tempo, na história humana, até à «parousia» ou segundo advento de Cristo. Mas as condições representadas mais provavelmente irão aumentando de «intensidade», nos últimos dias, à medida em que aquele advento se aproximar. É melhor encerrar esses selos como sucessivos, a todos ainda futuros.

3. A personificação da Morte é um terrível conceito. A morte flética continuará sendo algo muito desagradável, mesmo que estejamos convencidos que a alma não é prejudicada por ela. Todavia, a morte traz consigo o submundo, o Hades. Portanto, morrer não é apenas ver separadas as energias que são corpo e alma; a morte não é mera dissolução. Mesmo que exista um «mundo intermediário», onde a esperança é avivada, conforme os trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6 certamente nos indicam, o indivíduo que partir perdido para aquele mundo, achar-se-á preso nas garras do mal, não menos do que aqui, e certamente mais ainda. Essa é uma horrenda perspectiva. E preciso que aprendamos que estamos em «luta até à morte», e isso envolve a alma, e não somente o corpo. Além disso, não se recebe jamais a vida eterna, a participação na própria natureza de Cristo, a sua própria asseclência, e, por conseguinte, a divindade (I I Ped. 1:4); e isso é o que significa, essencialmente, a «segunda morte». Aquele que se vê cativo nisso não usufruirá da razão mesma pela qual foi criado, e essa é a real tragédia da perdição, sem importar o que mais esteja envolvido nesse estado, sem importar que esperança venha a ser injetada, conforme se vê em passagens como o primeiro capítulo da epístola aos Efésios.

4. «Os ímpios mergulharão no abismo que eles mesmos cavaram: no laço que esconderam prendeu-se-lhes o pé» (Sal. 9:15).

5. Os selos dos cavaleiros são «quatro». «O número quatro subentende universalidade ou término» (Woodhouse), e isso parece uma verdade, pelo menos quando nos referimos a coisas relativas a esta «terra». Existem as «quatro extremidades», os «quatro ventos» e as «quatro estações» da terra.

6. O povo clamará: «Prosperidade e abundância! mas a fome se aproxima. As pessoas se jactam de haver conquistado as enfermidades mediante a ciência médica, mas a pestilência se avizinha. Os caçadores queixam-se de que os animais ferozes estão desaparecendo e não mais podem caçar caça grossa, mas as feras (pouco a pouco) ir-se-ão multiplicando novamente... para matar milhares e milhares! Devemos nos lembrar que um quarto da população da terra morrerá somente a esses quatro juízos». (Newell, *in loc.*).



## VI. A Visão dos Sete Selos (6:1- 8:6).

## 5. Quinto selo: o lamento dos mártires (6:9-11).

A cena se modifica dramaticamente, mas não tanto quanto poderia supor. Os prodigiosos juízos dos selos, do segundo ao quarto, serão intensificados por julgamentos ainda mais severos, pois os mártires são retratados a clamar por vingança contra os ímpios, que se mostraram carniceiros com a igreja; e esse clamor, que é uma oração, será certamente respondido. Portanto, quase qualquer secção dos capítulos sexto a décimo nono do Apocalipse está vinculada diretamente ao conceito de «julgamento». O trecho de Apo. 2:11 prometera que os «mártires» não provarão o «hades», mas ir-se-ão diretamente para os céus. Neste ponto, pois, podemos contemplar os mártires nos céus, e não no mundo intermediário do hades. Supomos que todos os crentes vão para os céus, sem qualquer parada no mundo intermediário, mas não é indiscutível que o vidente João estenda esse privilégio a outros grupos, fora dos mártires. Mas, se ele inclui somente os mártires, com base em outros trechos bíblicos podemos perceber que isso se aplica também a todos os crentes. (Ver as notas expositivas a respeito em Fil. 1:23).

Quem são esses mártires? Vários intérpretes querem fazer-nos crer que os judeus, talvez juntamente com alguns crentes gentios, que serão levados a crer devido ao súbito desaparecimento da igreja, a qual será «arrebata», antes dos horrendos acontecimentos descritos em Apo. 6:1-8, estariam em foco aqui. Lembremo-nos, entretanto, que isso sucederá «antes» da conversão de Israel. Como poderia haver tantos judeus-cristãos, convertidos em meio à tribulação, antes da conversão nacional de Israel? Negar que esses são «mártires cristãos», é ignorar o «propósito» mesmo com que foi escrito este livro. O apocalipse foi escrito a fim de fortalecer a igreja, quando esta estava sofrendo perseguição, quando muitos de seus membros estavam sendo mortos, durante o reinado de Domiciano, que era chamado de «segundo Nero». O vidente João, pois, consola a «igreja», mostrando que os entes amados que os crentes têm perdido não estão realmente perdidos, pois o amor nunca pode perder os que lhe pertencem. E não se encontram inativos os crentes mortos. Sua presença nos céus é uma «exigência» que a terra seja julgada por causa de seus crimes contra a igreja e contra toda a humanidade. Portanto, não ver a «igreja» nos capítulos sexto a décimo nono deste livro é perder de vista o «intuito» mesmo de sua escrita. Cremos que apesar do livro ter essa função histórica, também terá uma função futura, porquanto, *profeticamente*, ele nos mostra quão grande companhia de mártires cristãos haverá no tempo da Grande Tribulação.

O anticristo promoverá a pior perseguição religiosa de todos os tempos. Dotado de toda a sabedoria dos séculos em seus olhos, ele se utilizará dessa sabedoria para o mal. Cremos que o anticristo já esteja vivo à face da Terra. (Ver as notas expositivas acerca dele, em II Tes. 2:3). E também cremos que ele já sabe algumas coisas acerca da missão satânica que terá de cumprir. Em comparação com todos os outros homens malignos da história, ele será um gigante de traição e poder destruidor. Todos os demais homens malignos da história serão quais crianças em confronto com ele. Seu poder destrutivo estará por detrás dessa grande companhia de mártires, na cena à nossa frente.

*Sinto um vento sutil, em meu horror se libera.*

*Fujo do perigo da morte, dos queixais da Besta!*

Aqui, uma vez mais, o sabor da morte está entre meus dentes.  
O labor, e o vômito e o estômago enjoado.

.....  
*Devo orar, pois é a hora do soberano deste mundo*  
(Paulo Claudel).

Quanto a notas expositivas sobre a questão do «arrebata» da igreja, ver I Tes. 4:16 e Apo. 4:1.

«O quinto selo. Os versículos nove a onze abordam o martírio de cristãos. Nas secções correspondentes de Marc. 13:9-13; Mat. 24:9,10 e Luc. 21:12-18, são preditos perseguições e martírios. Em nosso texto, essas coisas aparecem como já ocorridas. Portanto, a perspectiva inteira se altera. Ao invés de reproduzir a descrição estereotipada de perseguições vindouras, com a sanção do próprio Cristo, o autor sagrado se refere, em linguagem inequívoca, à grande perseguição já passada; sim, e com seus próprios olhos - pois ele está nos céus -, contempla as almas dos mártires já oferecidos sobre o altar celeste, diante de Deus; e também os ouve a suplicar juízo contra o mundo pagão, revestidos de seus corpos celestes - um privilégio espiritual limitado exclusivamente aos justos martirizados; pois o restante dos justos não poderiam receber seus corpos celestiais até à ressurreição final». (Charles, *in loc.*).

O vidente João contempla os mártires mortos por Roma, embora esses sejam apenas típicos daqueles que serão mortos pelo filho maior de Roma, o anticristo. Houve um cumprimento histórico, é verdade, mas também haverá um cumprimento profético, que ainda jaz no futuro. Em ambos os casos, está envolvida a igreja de Cristo. Portanto, erramos quando supomos que os mártires de todas as eras específicas estão em foco, ou que os mártires cristãos não estão em foco aqui. Durante o tempo dos selos segundo o quarto, haverá tremenda perseguição religiosa, e é então que se formará a grande companhia de mártires, contemplados nessa visão.

Simbolismos da cena. Notemos que um templo celestial é aqui retratado. Há um «altar» e há os «sacrifícios». Os judeus supunham que o templo de Jerusalém fosse moldado segundo o antítipo celestial, e que todos os objetos da terra, no tocante ao seu culto, eram apenas cópias de modelos celestiais. (Ver Heb. 9:23 quanto a esse conceito). Naturalmente, isso é paralelo à idéia platônica de «idéias» ou «formas», que supostamente haveria por detrás de todos os objetos da terra, de acordo com as quais as coisas terrenas teriam sido criadas. É possível que o judaísmo helenista tenha tomado esse conceito por empréstimo diretamente de Platão, embora possa ter havido um desenvolvimento paralelo, porquanto seria perfeitamente natural que os judeus pensassem que seu culto tinha seu protótipo em algum culto celestial. Os trechos de Exo. 25:9,40 e Núm. 8:4, refletem tal desenvolvimento.

9 Καὶ ὅτε ἤνοιξεν τὴν πέμπτην σφραγίδα, εἶδον ὑποκάτω τοῦ θυσιαστηρίου τὰς ψυχὰς τῶν ἐσφαγμένων διὰ τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ διὰ τὴν μαρτυρίαν ἣν εἶχον.

9 μαρτυρίαν] add του αρτου 046 82 205 3028 el sy<sup>3</sup>

6:9; Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra da Deus e por causa do testemunho que deram.

«...ele abriu...» O «Cordeiro» abre o selo, o que é comentado na passagem de Apo. 6:1.

«...selo...» (Ver Apo. 5:1 quanto ao rolo com sete selos. Ali também apresentamos comentários sobre o uso dos «selos», na antiguidade).

«...vi...» Mediante visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10, acerca de tipos de «misticismo»).

«...altar...» O vidente João, concordando com o judaísmo contemporâneo, dá aqui a impressão que os céus possuem seus paralelos no templo terreno. Notemos aqui que o altar do mundo é acompanhado pelo artigo definido, o que mostra tratar-se de algo bem definido, o que dá a entender

que ele se referia a algo que seus leitores haveriam de compreender bem, por ser bem conhecido, que não precisava de explicação. O altar, nas crenças então correntes, seria o altar das ofertas queimadas, mas também o altar único, entretanto, incorporaria as características dos dois altares citados do templo terreno. É impossível traçar o começo dessa crença. Sem dúvida foi um desenvolvimento gradual, relacionada à idéia que os céus têm um templo e um ritual, do que foi copiado o templo e o culto terrenos dos israelitas. Os trechos de Exo. 26:9,40 e Núm. 8:4 favorecem tal crença; e Heb. 8:5 são reflexos de tais idéias nas páginas do N.T.

Alguns intérpretes pensam que o trecho de Isa. 6:1 e ss. retrata o «templo celeste». Assim sendo, se for corretamente entendida, aquele trecho seria outra confirmação da idéia aqui mencionada. Essa crença parece ter sido firmemente estabelecida por volta de 200 A.C., pelo menos. Não há que

duvidar que muitos rabinos aceitavam essa crença como algo que refletia uma realidade literal. Erramos quando supomos isso. Contudo, aqui há verdades simbólicas e místicas. Os céus são os lugares santos onde a adoração a Deus é suprema, onde Deus é totalmente aborável, onde o bem-estar espiritual é supremamente promovido, mas certamente não pelo aparato físico conhecido no templo terreno, e nem por qualquer coisa similar deste mundo. Os ítems do templo terreno, porém, podem ser usados simbolicamente para lembrar-nos de importantes verdades espirituais. Admitimos que bem pouco sabemos acerca dessas coisas, mas imaginar um altar literal, bem como alguma forma de elevada «adoração no templo», não grandemente diferente da adoração terrena, é um absurdo.

**O simbolismo do altar:** Trata-se do lugar onde nos podemos aproximar de Deus, mediante sacrifício e oração; lugar onde Deus vem ao encontro das necessidades humanas, conforme as exigências por ele estabelecidas. O altar fala da «comunicação» entre Deus e os homens; esse é o lugar onde um homem pode encontrar-se com o poder divino. O altar é igualmente o lugar onde o homem pode trazer seus dons a Deus, onde pode prestar serviço e lealdade.

**Tipos de altares:** Os altares, na antiguidade, podiam ser uma formação rochosa natural, um montículo de terra ou uma pilha de pedras não-talhadas, tudo circundado por uma trincheira, para o sangue do sacrifício derramar-se ali. Esses altares simples cederam lugar a altares mais elaborados. Assim, pois, o templo de Salomão contava com altares de bronze. No livro de Apocalipse, pode-se ver menção a esse altar em Apo. 8:3,5; 9:13; 11:1; 14:18 e 16:7, além da presente passagem. (Ver Heb. 13:10, em suas notas expositivas, acerca do «altar cristão»).

A própria vida pode ser utilizada por nós, como se fora o altar mediante o qual nos podemos aproximar de Deus.

«...debaixo do altar as almas...». São aquelas que sofreram o martírio, durante os séculos segundo a quarto. Apesar de que o autor sagrado pode ter incluído os mártires de todas as eras, o seu propósito primário é o de mostrar que aqueles que o império romano havia martirizado, não estavam na inatividade. Suas orações e apelos atraíram os juízos divinos contra os perseguidores da igreja. Isso significa, profeticamente, que durante a Grande Tribulação, os tempos serão terríveis e a igreja se encontrará na tribulação a fim de ser perseguida. Essas almas são de mártires cristãos, e não de Israel, porquanto, por essa altura dos acontecimentos, a nação de Israel não se terá ainda convertido. Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito a fim de fortalecer à igreja «perseguida», e não a fim de que ela «escapasse» à perseguição. Isso se deu no caso da perseguição «histórica» movida por Domiciano, o «segundo Nero», que estava assediando à igreja quando este livro foi escrito. E assim sucederá profeticamente, quando a besta romana perseguir à igreja, durante a Grande Tribulação.

**Por qual razão essas almas estão debaixo do altar?** 1. Alguns estudiosos supõem que assim como o sangue escorria para a valeta que havia ao pé do altar, e assim como «a vida está no sangue», assim também aqueles mártires, cujo sangue foi derramado, tomarão a posição correspondente ao sangue dos sacrifícios. Os trechos de II Tim. 4:6 e Fil. 2:17 vêem os mártires como sacrifícios oferecidos a Deus. (Ver também Inácio, *Ad Rom.* II,2, quanto a essa idéia). Portanto, o martírio à face da terra, como se a vida fosse oferecida a Deus em sacrifício celestial, tem esse significado. Deus fica satisfeito com essa elevada dedicação, e a alma humana obtém um acesso especial a Deus, não conferido a outras. 2. Em *Aboth R. N.* xxvi é refletida a crença que as almas dos justos estão sob o altar, para proteção e preservação divinas; e essa idéia parece estar incluída no presente versículo. (Ver também *Shabb.* 152b, «as almas dos justos são preservadas sob o altar da glória»). Outras citações rabínicas indicam a mesma coisa. Portanto, aquilo que é dito acerca de todos os santos, é aqui particularmente aplicado aos mártires. Simbólica e espiritualmente, aquilo que Paulo requeria de todos os crentes, que sejam «sacrifícios vivos», atinge seu cumprimento «ideal» nos mártires. (Ver Rom. 12:1,2).

**Aceitação especial dos mártires:** A crença judaica ordinária não conferia aos santos a entrada imediata nos céus. Antes, tinham de permanecer na porção boa do hades, no mundo intermediário, até que entrasse o número total dos eleitos. E então o grupo inteiro, em um bloco, ascenderia aos lugares celestiais. (Ver II Baroque 23:4,5, Yebamoth 62a, II Esdras 4:35-37 e 2:41 e I Enoque 47:4, quanto a esse tipo de ensinamento). O sétimo capítulo do Apocalipse, com os seus «cento e quarenta e quatro mil», pode ser uma alusão ao número dos mártires, mas o vidente João lhes atribui acesso já obtido aos céus, o que o judaísmo antigo não concebia.

Os privilégios dos mártires podem ser sumariados como segue:

1. Ocorrendo a sua morte, têm acesso imediato ao trono, sendo, por assim dizer, «sacrificados», o que significa que serão capazes de render um elevado serviço a Deus, mediante uma total dedicação, o que não é

imediatamente disponível no caso de outros santos.

2. Não precisam ascender através dos vários níveis até aos lugares celestiais (sete níveis, segundo a teologia judaica), a fim de chegarem ao trono; chegam ali de imediato.

3. Em contraste com a grande multidão dos santos, eles escapam ao «mundo intermediário», a boa seção do hades.

4. Recebem a vestimenta do novo corpo, antes da ressurreição, as «vestes brancas».

«...por causa da palavra de Deus...», em outras palavras, porque pregavam a mensagem cristã, o evangelho de Cristo. No N.T., a expressão «palavra de Deus» normalmente aponta para o evangelho. A lealdade dos mártires ao evangelho é que provocará a morte deles. O autor sagrado se refere à perseguição da igreja sob Roma (historicamente); profeticamente, porém, isso significa que a igreja, durante a Grande Tribulação, propagará e defenderá o evangelho de Deus, mas terá de pagar com sua vida por essa lealdade ao Senhor. Isso terá lugar em volta do terrível culto ao anticristo, tão forte e maligno que o comunismo parecerá benigno, em comparação. (Ver o fato que a «palavra de Deus» significa o «evangelho», em Atos 4:31; 6:2,7; 8:14; 10:36; 12:23; 13:5; Rom. 9:6; I Cor. 14:37; Efé. 6:17; Col. 1:25 e II Tim. 2:9). Há muitas outras referências tais ao evangelho, que não são alistadas aqui. Algumas vezes, o título «palavra» indica o evangelho. (Ver Atos 11:19; 14:25; I Tes. 1:6). Além disso, há a expressão «palavra do Senhor», com muitas referências (ver Atos 13:5; 15:25,36; 19:10); há a expressão «palavra da verdade» (ver II Cor. 6:7; Efé. 1:13 e Col. 1:5); e há a expressão «palavra da vida» (Fil. 2:16).

«...por causa do testemunho que sustentavam...»: Aqueles crentes fizeram oposição ao «culto ao imperador», que exigia que os crentes adorassem ao imperador romano como se fosse uma divindade. O anticristo exigirá adoração similar. Mas aqueles crentes estarão dando testemunho positivo sobre a necessidade de contarmos com Cristo como nosso Salvador e Senhor. Em conflito com a religião diabólica, cairão vítimas da desumanidade de forças satânicas, exercidas por intermédio dos homens. Cristo lhes dará uma palavra a ser anunciada, uma comissão a ser cumprida, um tesouro a ser preservado e exibido diante dos olhos de homens. E eles se mostrarão fiéis a essa confiança da parte do Senhor. Um mundo enfurecido haverá de destruí-los, até onde isso é possível, a saber, com a destruição do corpo físico.

#### Outras idéias sobre o nono versículo:

1. O mártir é o ideal do sacrifício final em dedicação ativa e total, em lealdade a Cristo. A recompensa que lhe cabe nos é possível através de uma vida de martírio, mesmo que não morramos como mártires. Morrer a morte de mártir é pouco mais que nada, se a vida anterior não tiver sido uma vida de martírio.

2. O texto demonstra a declaração de Jesus, registrada em João 18:18: «Se o mundo vos odeia, saibei que, primeiro do que a vós outros, odiou a mim...» Isso se tornará supremamente verdadeiro durante a Grande Tribulação, em que se desenvolverá a adoração ao anticristo a um nível terrível; porquanto todos quantos não se submeterem a tal coisa serão oprimidos, e muitos crentes serão mortos. Muitos dentre nós verão isso suceder, e certamente nossos filhos não perderão tais cenas.

3. O lamento dos mártires, bem como a resposta divina aos mesmos, garante que eles não morrerão inutilmente. Um homem pode tentar ganhar o mundo, mas na realidade nunca poderá fazê-lo. A porção retida por ele só será sua por tempo extremamente breve. A alma, em contraste com isso, pode ganhar e reter para sempre a herança celestial. Os mártires nos mostram o caminho dessa honrosa e eterna obtenção: através da total dedicação da vida e da alma a Cristo. A isso é que chamamos de fé. (Ver Heb. 11:1, em suas notas expositivas, quanto a essa definição da fé). A fé consiste de promissões todas os ovos que temos na cesta, a cesta do outro mundo. A fé consiste da lealdade ao «outro mundo» e ao seu Rei, Jesus Cristo.

4. Historicamente falando, os mártires do período de Nero podem estar aqui em pauta. O vidente João, ao escrever sobre os tempos de Domiciano, o «segundo Nero», poderia estar olhando de volta ao que sucedera na igreja, sob o domínio daquela cruel imperadora. E antecipa algo similar, tanto para os seus próprios dias como para os últimos dias.

5. Aqueles estudiosos que pensam que os séculos são paralelos aos «anjos», vinculam o presente versículo ao trecho de Apo. 14:14,18. Mas aquele trecho alude ao Armagedom, e dificilmente pode aplicar-se ao martírio dos crentes durante a Grande Tribulação. Essa será a «amarga e sangrenta colheita» para o mundo, e não o martírio dos santos.

6. Interpretações históricas do quinto selo. Esta representaria a perseguição movida por Nero, ou a movida por Domiciano, ou aquelas sofridas pelos mártires ao longo da história da igreja, ou então representaria a «renovação da igreja», a começar com Lutero e até os nossos próprios tempos.

7. As almas remidas estão destinadas à glória divina; a alma humana pertence aos lugares celestiais, porquanto o homem é um espírito, o qual, apesar de decaído, pode ser restaurado. Os mártires demonstram para nós que a restauração ao mais elevado céu é possível.

10 καὶ ἔκραζαν φωνῇ μεγάλῃ λέγοντες, Ἔως πότε, ὁ δεσπότης ὁ ἅγιος καὶ ἀληθινός, οὐ κρίνεις καὶ ἐκδικεῖς τὸ αἷμα ἡμῶν ἐκ τῶν κατοικούντων ἐπὶ τῆς γῆς;

6:10: E clamaram com grande voz dizendo: Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

«...Clamaram em grande voz...», porquanto eram muitíssimos, mas também porque sua mensagem é de notável importância. Essa expressão, e outras similares, são comuns no Apocalipse. (Ver Apo. 1:10,15 e 5:12).

«...até quando, ó Soberano Senhor...»: O clamor por vingança, da parte dos mártires, contra seus opressores e os que perseguem seus irmãos, ainda vivos, é comum na literatura judaica helenista. Em I Enoque 47:1,2, as orações dos perseguidos, incluindo os mártires, imploram justiça e vingança da parte de Deus contra os seus perseguidores. Nesse caso, no presente versículo, os romanos são objetos da vingança esperada. (Ver I Enoque 97:5; 99:3; 104:3; II Baroque 21:19-25 quanto a passagens semelhantes).

10 ἐκδικεῖς... γῆς De 32:43; 2 Km 9:7; Ps 79:10; Rm 19:2

Assim é que Policarpo advertiu ao procônsul que o examinava, que existe «um fogo que espera os ímpios no julgamento vindouro, com punição eterna» (*Martírio* 11:2). Podemos confrontar essa freqüente atitude de mártires potenciais e reais com o espírito amoroso de Cristo e de Estêvão, em Luc. 23:34 e Atos 7:60. Apesar dessas atitudes serem certamente diferentes entre si, o clamor dos mártires representa uma realidade literal. Os homens haverão sempre de colher aquilo que tiverem semeado, conforme se aprende em Gál. 6:7,8. O julgamento sempre consistirá de «nos encontrarmos conosco mesmos», e ninguém pode escapar daquilo que tiver praticado. Cada qual é responsável direto por suas ações, e será julgado de acordo com as mesmas. Isso também se dará até mesmo no caso do crente, embora a igreja cristã com freqüência ignore esse fato. (Ver II Cor. 5:10, em suas notas expositivas, acerca do «julgamento dos crentes»).

«...até quando...» Isso é respondido no décimo primeiro versículo: «...até que se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos, que iam ser mortos como igualmente eles foram...» Consideremos os pontos seguintes:

1. Há em tudo isso uma providência controladora. Deus tem o seu plano, o qual se cumprirá dentro do prazo. (Ver Dan. 12:6,7; II Baruque 23:4,5 e Yebamoth 62a quanto a isso). As duas últimas referências são muito similares ao texto presente, porquanto um número definido de eleitos terá de juntar-se aos santos, antes de ocorrer o julgamento divino contra os ímpios.

2. Por conseguinte, há um número definido de mártires a ser completado antes do juízo, antes da vingança ter lugar. (Ver I Enoque 47:4 e II Esdras 2:41 quanto a declarações paralelas). Há um número definido de santos e mártires a ser completado antes do processo histórico atrair a vingança divina contra os ímpios opressores dos crentes.

3. A retribuição divina, que faz parte dos propósitos eternos de Deus, elimina a vingança pessoal. Provavelmente esse é o ensinamento que o vidente João deseja transmitir-nos. (Isso pode ser confrontado aos trechos de Rom. 12:17,19; I Ped. 2:21-23 e 3:9).

«...Soberano Senhor...» O grego diz aqui «despotes», de onde nos vem a palavra moderna «déspota». Significa «senhor», sendo aplicado a Deus ou aos homens, em muitos contextos. Podemos ter aqui a idéia de «proprietário de escravos», dotado de autoridade absoluta sobre esses escravos. Deus é Senhor por ser o proprietário absoluto. Ele é também o poder supremo da criação. Na qualidade de Deus supremo, com razão ele exige a nossa lealdade, porquanto seu poder e senhorio nunca são arbitrariamente exercidos. Bem pelo contrário, seu senhorio, investido de todo o poder, tem uma natureza restauradora (ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios), embora, algumas vezes, a restauração possa vir mediante a agonia do julgamento. (Ver as notas expositivas sobre Deus, na qualidade de «déspota da criação», em Jud. 4).

«...santo...» (Quanto a notas expositivas sobre a «santidade de Deus», ver Apo. 4:8). O termo grego «agios» tem raízes em «agos», algo que produz «respeito» religioso. Daí essa palavra veio a indicar o sacrifício separado para uma divindade, recebendo as idéias de separação do mal e de dedicação ao bem. Finalmente, essa palavra veio a indicar «pureza», «impecabilidade» e «justiça», em termos bem gerais. Deus não tem qualquer defeito moral, e o seu poder é empregado para efetuar a justiça. (Ver o fato que os crentes são «santos» — mesma palavra que a que é aqui empregada — em Rom. 1:7).

«...verdadeiro...» Na qualidade de santo, Deus não tem defeito moral, pelo que nele não há nenhum desvio para fora da verdade. Isso exigirá, conforme fica implícito no versículo, a vingança eventual contra o mal, porquanto toda a dívida terá de ser paga. Ninguém pode escapar às consequências de suas ações. Em Apo. 3:7, Cristo é chamado também de «verdadeiro». Em Apo. 15:3, Deus é chamado de «justo e verdadeiro». E em Apo. 16:7 seus juízos são chamados «verdadeiros e retos». Tudo isso fica implícito no presente versículo. A mesma coisa ocorre em Apo. 19:2. Em Apo. 19:11, Cristo é «fiel e verdadeiro». Além disso, as declarações de Deus são «verdadeiras» (ver Apo. 19:9) e «verdadeiras e fiéis» (ver Apo. 21:5 e 22:6). Isso ilustra o uso que o autor sagrado faz do termo.

«...não julgas nem vingas o nosso sangue...» A santidade de Deus exige o julgamento do pecado, e certamente o julgamento de homens que matam perversamente aos santos e homens bons. A verdade divina exige vingança contra aqueles que praticam esse pior de todos os pecados, o assassinato de um ser humano, agravado pelo fato que os assassinados eram pessoas boas e úteis à face da terra, ao passo que os homicidas não passam de feras humanas. Os mártires estão bem certos disso, mas lhes falta maior paciência. Mas a razão da demora na resposta divina é explicada acima. Aos santos é proibido tirarem qualquer vingança pessoal. A vingança tem de vir da parte de Deus (ver Rom. 12:19). Os santos reconhecem isso, mas mostram-se impacientes acerca da questão. Porém, diferentemente do que alguém poderia dizer, não se mostram pessimistas, diante do aparente triunfo do mal.

*Nada prometo: amigos se separarão;  
Tudo terá fim, pois tudo teve começo;  
É a verdade e a singeleza de coração  
São tão mortais quanto o é o homem.*  
(A.E. Housman)

11 καὶ ἐδόθη αὐτοῖς ἐκάστω στολὴ λευκή, καὶ ἔρρεθη αὐτοῖς ἵνα ἀναπαύσονται ἐν χρόνῳ μικρῷ, ἕως πληρωθῶσιν<sup>10</sup> καὶ οἱ σὺνδουλοὶ αὐτῶν καὶ οἱ ἀδελφοὶ αὐτῶν οἱ μέλλοντες ἀποκτενεσθαι ὡς καὶ αὐτοί.

<sup>10</sup> 11 |C| πληρωθῶσιν A C 2344 it<sup>1</sup> a<sup>1</sup> dom div<sup>1</sup> gra<sup>1</sup> lat<sup>1</sup> vg sy<sup>1</sup> p<sup>1</sup> h<sup>1</sup> arm  
Pe-Ambrose | πληρώσωσιν N P 846 1 94 1006 1828 1834 1836 2020 2042

11 στολή λευκή Ro 3,5, 18; 4,4; 7,9, 13; 10,14

Com base na força de A C 2344 it (gig.61) vg sir (ph,h) ara (embora parte da evidência das versões se deva apenas à tradução), a comissão deu leve preferência à forma πληρωθῶσιν (quanto ao sentido intransitivo raro do verbo, ver Bauer-Arndt-Gingrich, s.v. § 6). A forma πληρώσωσιν (N P 046 1006 1834 a) pode ter surgido de um erro de vista ou de audição, na cópia. As duas formas que têm o modo indicativo (πληρώσονται em 296 2049 Arctas, e πληρώσουσιν em 1611 2053 (com) 2065 a) parecem ser secundárias, em relação às duas formas que envolvem o modo subjuntivo.

4:11: E foram dados a cada um deles compridos vestes brancas e foi-lhes dito que repossem ainda por um pouco de tempo até que se completasse a soma de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos, como também eles a foram.

«...vestidura branca...» Isso envolve muito mais que a «vestimenta da retidão». Está em pauta o recebimento do «corpo espiritual», antes da ressurreição. Alguns estudiosos pensam que isso indica o «corpo

Mas Deus pode prometer e realmente promete. Não obstante, para cumprimento dessas promessas há um tempo «determinado». Os homens precisam exercer paciência, aguardando o tempo apropriado para que se cumpram os propósitos divinos. Mas temos fé para crer que suas operações são perfeitas, devendo trazer benefício a todos, eventualmente, até certo ponto, agradando a Deus de uma maneira coerente com a bondade e a esperança. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios ensina-nos isso claramente. A vingança de Deus está envolvida nisso porque aplica a pressão divina necessária ao processo histórico, a fim de cumprir o grande desígnio do amor. O julgamento é apenas um dedo da mão amorosa de Deus. Trata-se de algo bem real, mas nunca meramente retributivo. Também é algo disciplinador e restaurador, ainda que isso não leve todos os homens, e nem mesmo a maioria deles, à posição dos eleitos, os quais haverão de compartilhar da natureza divina (ver II Ped. 1:4 e Col. 2:10. Ver também Col. 3:6, e suas respectivas notas expositivas, sobre a «ira de Deus», quanto a um sumário de idéias acerca da natureza do julgamento).

A vingança esperada. Supomos que a vingança esperada é descrita nos capítulos sexto a décimo nono deste livro, a saber, aquela tribulação que destruirá aos perseguidores e ensinará ao mundo rebelde algumas lições urgentemente necessárias. Naturalmente, o juízo final também está em foco, o qual retribuirá a cada indivíduo aquilo que ele merece, algo que raramente sucede a um homem enquanto ele ainda está no corpo.

«...habitam sobre a terra?...» Historicamente falando, estão em foco os imperadores romanos, que instigaram as perseguições, juntamente com aqueles que os ajudaram. Profeticamente falando, porém, está em pauta o anticristo, bem como as vastas multidões que promoverão os planos dele, ao mesmo tempo que a igreja será forçada a abrigar-se subterraneamente; mas também está em pauta, mui provavelmente, toda a humanidade rebelde, a qual será forçada a cair de joelhos durante os terríveis acontecimentos que a tribulação provocará.

De acordo com Enoque 99:3 e 104:3, a oração pedindo vingança é um dever, pelo que isso é visto como uma permanente atitude mental dos santos que vivem neste mundo hostil. A vingança, entretanto, não será algo pessoal, mas antes, será totalmente entregue nas mãos de Deus. Deve ser temperada com amor, conforme o são todas as coisas, embora seja um reflexo da mente que reconhece a necessidade de julgamento contra o pecado. (Ver Apo. 18:20 e 19:2 quanto ao cumprimento da vingança esperada). Todos os julgamentos que sobrevirão durante a Grande Tribulação (ver os capítulos sexto a décimo nono deste livro) farão parte desse quadro.

#### Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. Este versículo ensina-nos que apesar de poderem ocorrer coisas cápticas à face da terra, a justiça continua operando; Deus está no céu, e, eventualmente, tudo voltará à normalidade, na terra.

2. A própria natureza de Deus, que é santa e verdadeira, garante o triunfo final do bem sobre o mal. Ele é o Senhor universal e soberano, sendo «capaz» de garantir o cumprimento de seus desígnios. Nisso o «poder» divino opera em favor da «bondade», através do «julgamento».

3. «(Ver Gên. 4:10). A terra exibiu o sangue (de Abel) e se recusou a cobrir o morto. Os erros esquecidos ou ignorados de gerações virão à tona, clamando por vingança. Trata-se de uma descrição poética, mas não se trata de ficção. O sangue justo derramado cairá sobre a terra, em retribuição: as leis de Deus tiram a vingança embora as vítimas não estejam mais vivas para contemplar a retribuição contra os ímpios». (Carpenter, *in loc.*).

4. «A observação de Bengel: 'A preocupação deles é a honra da santidade e da veracidade de seu Senhor', devemos adicionar que, por essa mesma razão, também se preocupam com a justiça e com a própria justificação deles». (Lange, *in loc.*).

5. Este versículo ensina-nos a «sobrevivência da alma» diante da morte física. (Ver II Cor. 5:8 quanto à nota de sumário sobre a «imortalidade». Na introdução a este comentário há vários artigos sobre a «imortalidade», do ponto de vista da teologia, da filosofia e da experiência popular).

6. Este versículo ensina-nos que as almas humanas vão para os lugares celestiais, algo que é negado por alguns. Também aprendemos aqui que os mais elevados céus são acessíveis a alma humana. O «evangelho» de Paulo expõe essas verdades. O crente não meramente «vai para os céus». Não é disso que consiste sua real glorificação, por maior que seja essa bênção. Antes, o crente virá a compartilhar de toda a plenitude de Deus (ver Ef. 3:19).

7. Este versículo ensina, finalmente, qual é o «caminho» pelo qual chegaremos à glorificação, a saber, mediante a total dedicação e a total lealdade a Cristo. O viver a vida mártir leva o crente a receber o galardão dos mártires.

2052<sup>101</sup> 2061 2128 Andrew | πληρώσωσιν 1611 2053<sup>1011</sup> 2065 2073 2422 |  
πληρώσονται 296 2049 Arctas

intermediário», e não o corpo final, recebido mediante a ressurreição. Esse conceito já foi encontrado, simbolizado nas «vestiduras brancas», em Apo. 3:5. (Quanto a notas expositivas completas acerca disso, ver aquela referência). Isso envolve as várias alusões que há na literatura judaica helenista, onde essa idéia é expressa. (Quanto ao «corpo ressurrecto», ver I Cor. 15:20,35,40). Esse corpo não será material, feito de partículas



atômicas (ver I Cor. 15:50). Antes, será um veículo espiritual, apropriado para a existência nos lugares celestiais. As notas expositivas em II Cor. 5:8 tentam fazer uma descrição sobre a natureza espiritual do homem. A imortalidade, no N.T., nunca é apenas a mera «sobrevivência da alma» ante a morte biológica, embora isso seja uma profunda verdade. Antes, trata-se de uma «modalidade» de vida, a saber, a participação na própria forma de vida que Deus tem, conforme se vê em João 5:25,26 e 6:57. Isso incluirá um veículo apropriado para a alma, que será de natureza «espiritual».

«...*lhe disseram que repousassem...*» Os demais bem-aventurados, aqueles cuja missão terrena foi bem realizada. Esses entrarão na atividade dos lugares celestiais, a qual será um descanso para a alma. São encorajados a se separarem das memórias da terra, permitindo que Deus cuide da situação, no tempo por ele determinado. Neste ponto vemos como os céus poderão «curar» todos os erros e todas as injustiças sofridas na terra. Os mártires são encorajados a descansar nessa cura celestial. De quanto precisa dessa cura a humanidade cansada. «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham» (Apo. 14:13).

«...*ainda por pouco tempo...*» Nas notas expositivas sobre o décimo versículo esse conceito também é comentado, sob as palavras «até quando?». Naquelas notas expositivas também se observa o pano de fundo dessa idéia, na literatura judaica helenista. Enoque 102:5 ordena aos mártires que «esperem pelo dia do julgamento dos pecadores». As almas dos justos serão guardadas em «profunda calma», ao passo que os ímpios sofrerão tormentos (ver IV Esdras 7:93,95).

*Pois Ele pesou a era na balança,  
E com medidas mediu os tempos,  
E com números numerou as estações:  
Ele nem moverá e nem agitará as coisas,  
Até que se cumpra a medida determinada.  
(IV Esdras 4:36 e ss.).*

Deus governa a todas as coisas. A vingança lhe pertence, pertencendo à fruição do processo histórico que ele guia. Isso inclui o término do número exato de mártires que ele determinou, segundo se vê em I Enoque 47:1-3. O trecho de I Enoque 47:4, diz:

*E os corações dos santos ficaram chejos de alegria,  
Porque o número dos retos fora oferecido.  
E as orações dos justos foram ouvidas,  
E o sangue dos justos fora requerido  
Perante o Senhor dos Espíritos.*

Lê algo similar, em II Esdras 4:35: «Estas tuas perguntas não foram feitas pelas almas dos justos, em suas câmaras? Por quanto tempo haveremos de permanecer aqui? Quando surgirá o fruto sobre a eira de nossa recompensa? E a esses o arcanjo Jeremiel replicou e disse: E quando se cumprirá o número daqueles semelhantes a vós?»

O trecho de II Baruque 30:2 diz a mesma coisa acerca de todos os santos: «E sucederá, naquele tempo, que os tesouros serão abertos, onde está preservado o número das almas dos justos».

Nas páginas do N.T., esse conceito chegou até nós na forma da doutrina da «eleição» (com notas expositivas em Efé. 1:4). A eleição faz parte da predestinação (com notas expositivas em Rom. 9:14-16). Não há como negar que o N.T. ensina uma predestinação positiva. Mas igualmente é ali ensinado o «livre-arbítrio» (com notas expositivas em I Tim. 2:4). Ambas essas doutrinas expressam uma verdade, mas como ambas as coisas podem ser verazes, não sabemos dizê-lo. Deus se utiliza do livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como isso pode ser. As notas expositivas aludidas abordam esse problema mais profundamente. Ninguém chega à verdade negligenciando porções da mesma, a fim de preservar somente aquelas partes que se coadunam com o seu sistema doutrinário. Portanto, aceitamos tanto o determinismo divino como o livre-arbítrio humano, sem fazer qualquer tentativa de reconciliar essas coisas, pois, por enquanto, não possuímos indicações claras acerca de como isso pode ser feito.

## VI. Visão dos Sete Selos (6:1- 8:6).

### 6. Sexta visão: temíveis julgamentos (6:12-17).

O solo sexto representa os juízos na forma de fenômenos cósmicos, talvez não com a exclusão de desastres provocados pelo homem, mas certamente ultrapassando qualquer horror inventado pelos homens. Esse selo faz-nos lembrar do fato que o antigo ciclo não terminará sem que a natureza inteira se revolte contra a iniquidade acumulada dos homens. Esse selo também nos faz lembrar que o homem não é o capitão do seu próprio navio, e que Deus fará intervenção direta na história humana. Sem essa intervenção, a instauração de um novo ciclo seria impossível.

12 Καὶ εἶδον ὅτε ἤνοιξεν τὴν σφραγίδα τὴν ἑκτην, καὶ σεισμός<sup>11</sup> μέγας ἐγένετο, καὶ ὁ ἥλιος ἐγένετο μέγας ὡς σάκκος τρίχινος, καὶ ἡ σελήνη ὅλη ἐγένετο ὡς αἷμα,

<sup>11</sup> 12 [B] καὶ σεισμός N C P 1046 1 91 1006 1611 1828 1854 1856 2020 2042 2053 2065 2073 2081 3138 2344 2432 1006 div. al. vg<sup>28</sup> sy<sup>28</sup> eth P<sup>1</sup>riouanous

Andrew<sup>11</sup> Arethas β καὶ τοῦ σεισμοῦ A it<sup>28</sup> lat vg<sup>1</sup> Primarius β σεισμοῦ it<sup>28</sup> cop<sup>28</sup> arm Tyconius β οὗ καὶ σεισμός μέγας ἐγένετο cop<sup>28</sup>

12 δ...αἷμα JI 231; Ac 220 12-13 δ...σεισμὴν Ia 13.10; Eae 32.7, 8; JI 2.10; 3.15; Mt 24.29; Mk 13.24-26; Lk 21.26; Ro 8.12

[ ὅλη] om P x 2059i 2329 p m sa Prim c

A presença de ἰδού antes de σεισμός (A 296 1066 vg (mss) Primásio e o Textus Receptus), embora típica do estilo apocalíptico, não tem apoio adequado externo que lhe garanta a originalidade. Vários testemunhos (743 1849 2019 2051 2055 2064 2070 2256 cop (sa,bo) Ticônio) omitem καὶ como termo supérfluo. A ausência de καὶ . . . ἐγένετο (cop (sa,ms)) é uma óbvia omissão acidental, devida a homoeoteleuton. Assim, a forma restante καὶ σεισμός, sendo bem apoiada por N C P 046 1 1006 1611 1854 2053 2344 it (gig,61) vg sir (ph,h) ara etí Primásio α', deve ser considerada como texto original.

O judaísmo helenista supunha que o fim do mundo se seguiria imediatamente após o término do número dos mártires. O vidente João transfere esse pensamento para o «fim do mundo», conforme se ensina no cristianismo, o fim do antigo ciclo e o começo do novo ciclo, a era milenar, instituída pela «parousia» ou segunda vinda de Cristo. Durante a Grande Tribulação é que Deus se vingará dos opressores da igreja. Mas essa vingança só se completará, realmente, quando do juízo que será instaurado com o segundo advento de Cristo. A «parousia» não virá enquanto não se completar o número dos mártires. A igreja terá de sofrer aquilo que lhe cabe, mas, ao mesmo tempo, isso lhe dará a purificação necessária (o «banho da noiva», por assim dizer, conforme se vê nas notas expositivas sobre Efé. 5:26,27). Então Cristo voltará. Entretanto, pensar que tudo isso alude à nação de Israel é ignorar o fato que o vidente João escreveu especificamente para a «igreja perseguida», a fim de consolá-la e infundir-lhe esperança.

### Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. Deus continua entronizado: o bem haverá de triunfar, finalmente. Essa é a essência mesma da esperança teísta. O telmo ensina que Deus criou a tudo e continua interessado por sua criação. Deus faz intervenção na história humana; ele galardoa e castiga. O telmo, em contraste com isso, apesar de admitir que pode ter havido um criador, supõe que o mesmo se divorciou de sua criação, deixando a mesma entregue às leis naturais. Por conseguinte, de acordo com o telmo, Deus não faria intervenção na história humana, e nem recompensaria ou puniria os homens. Mas o texto que temos à frente ensina claramente a posição do «telmo». (Ver as notas expositivas em Atos 17:27 acerca das várias idéias filosóficas e teológicas atinentes à natureza de Deus e ao seu relacionamento com o mundo).

2. O aspecto histórico desta passagem é colorido pela atitude de vingança, a saber, a vingança dos romanos, contra Nero, o qual foi uma fera que matou a muitos, tanto cristãos como outros. Suetônio, «Nero» xlviii., e Dio Cassius lxxli,28 relatam uma lenda na qual Nero, ao fugir para seu último esconderijo, durante uma grande tempestade elétrica, foi atacado e avassalado pelas almas de suas vítimas, que emergiram da terra. Esse era o sentimento que prevalecia nos tempos do vidente João, quando este livro foi escrito. Esse sentimento se reflete nestes versículos. Trata-se, porém, de mais que um mero sentimento. Contém uma grande verdade. A maldade não pode deixar de ser punida. Os ímpios sofrerão algo muito pior do que ataques de almas indignadas.

3. Quanto a outros versículos do N.T. que têm certo sabor de «determinismo», no que tange ao processo histórico e suas concretizações espirituais, ver Luc. 21:24; Atos 1:7 e 7:23,30.

4. «A cada discípulo é dado um trabalho, para servir e sofrer, e isso até terem prestado o seu testemunho e terem terminado a sua carreira (comparar com II Tim. 4:7,8 e Atos 14:26). Até lá os que tiverem falecido terão de esperar pela perfeita consumação e bem-aventurança, tanto de corpo como de alma» (Carpenter, *in loc.*).

5. As «vestiduras brancas» sugerem a participação na própria retidão divina, porquanto, sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). O crente terá de participar da natureza moral de Deus, por meio de Cristo, o qual implantará em nós a sua própria natureza; e assim nos fará filhos de Deus, conduzidos à mesma glória do Filho (ver Heb. 2:10 e ss.). Mas o ensinamento central, neste ponto, é que a alma será revestida de seu corpo espiritual, conforme se disse no começo dos comentários sobre o presente versículo.

6. Vestes brancas eram dadas aos militares e políticos vitoriosos, pelos romanos. Os judeus também vestiam de branco aos sacerdotes aprovados. Os mártires receberam a vitória divina nos céus, embora, nesta terra, tivessem sido esmagados fisicamente por homens perversos. Os mártires receberam a aprovação de Deus, embora antes tivessem sido prodigiosamente repelidos e desaprovados na terra. Deus sabe como devolver ao equilíbrio os pratos da balança, revertendo os erros cometidos e sofridos à face da terra.

7. As interpretações que pensam que os «conservos» são os mártires gentios, e que os «irmãos» são os judeus, são exageros de refinamento quanto às declarações deste versículo. Nenhuma distinção semelhante é feita. As mesmas pessoas recebem os dois adjetivos.

Variante Textual: As palavras «se cumpra» (com «plerôthosin», subjuntivo aoristo passivo) é a forma que aparece nos mss AC, 2344, no It(gig,61), na Vg, no Ara e no Si(ph,h). Mas os mss Aleph, P, 046, 1006 e 1854 dizem «plerôthosin», que é o subjuntivo aoristo ativo. Essa variante evidentemente se originou de um erro de visão ou de audição (nos manuscritos ditados). Os mss 1611, 2063(comm) e 2065, além de alguns poucos outros, trazem o indicativo. Mas essa última forma é evidentemente secundária.

6:12: *é vi quando abriu o sexto selo, e houve um grande terremoto; e a lua tornou-se negra como saco de cílio, e a lua toda tornou-se como sangue;*

«...VI...» em visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 quanto a esse tipo de «misticismo»).

«...o Cordeiro...» (Ver as notas expositivas em Apo. 5:6 quanto a Cristo como «o Cordeiro»; e comparar com João 1:29).

«...abriu o sexto selo...» (Ver Apo. 5:1, em suas notas expositivas, acerca do «livro de sete selos»; e ver Apo. 6:1 acerca de «como o Cordeiro abriu os selos»).

«...grande terremoto...» Os terremotos sempre foram tidos como julgamentos divinos, não havendo mesmo razão para supormos que a providência divina não possa utilizar-se de terrores naturais, devolvendo aos homens o bom senso ou tirando vingança exata contra o pecado. Os terremotos, na literatura judaica, sempre estiveram associados aos juízos escatológicos, como o que aqui se vê. (Ver Amós 8:8; 9:5; Eze. 38:19; Joel 2:10; Assunção de Moisés 101:4; IV Esdras 5:8; 9:3; II Baroque 78:8). Os trechos de Apo. 8:5; 11:13 e 16:18 mencionam outros terremotos, de intensidade ainda maior.

**Significado do sexto selo.** Pode-se perceber de imediato que esse selo descreve, de modo definido, uma série de juízos, e não qualquer acontecimento em particular. Consideremos os pontos abaixo:

1. As interpretações históricas tentam atribuir à história passada esses acontecimentos preditos, como o terremoto de Laodiceia, em 61 D.C., ou como o que houve em Pompéia, em 63 D.C. Ainda outros pensam na destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C., na invasão do império romano pelos godos, pelos hunos ou pelos vândalos. Mas é óbvio que nenhuma dessas ocorrências, e nem qualquer outra de que tenhamos conhecimento, se adapta ao presente contexto. Pois haverá conturbações mundiais de proporções gigantescas, como nenhum evento histórico pode descrever.

2. As interpretações simbólicas vêm aqui levantes sociais ou perturbações no estado-igreja, e não desastres da natureza; mas tais idéias estão evidentemente equivocadas.

3. A maioria dos intérpretes, até mesmo aqueles que defendem a interpretação histórica, normalmente procuram encontrar cumprimento das profecias deste livro ao longo da história, mas admitem que os verdadeiros últimos dias estão em pauta aqui. Em outras palavras, esse selo descreve condições que haverão de anteceder à «parousia» ou segunda vinda. Mas alguns pensam que aqui há somente símbolos, como o «terremoto», o «escurecimento do sol», etc., e que nenhum acontecimento «destruidor» deve ser esperado. Nesse caso, o «terremoto» poderia ser alguma «modificação radical» na história da humanidade. E o «escurecimento do sol» poderia ser o «eclipse» dos governos pagãos; e o fato que a lua tornar-se-á «em sangue» poderia indicar a ruína dos falsos sistemas religiosos.

4. Bem ao contrário disso, estão em foco destruições e perturbações de natureza física, um terremoto literal de alguma espécie e perturbações no cosmos, fora do globo terrestre. Parte disso poderia dever-se a causas «atmosféricas», devido ao que o sol e a lua poderiam assumir outra aparência, a despeito do que a modificação real seria na atmosfera terrestre propriamente dita. Mas o décimo terceiro versículo deste capítulo fala definitivamente sobre meteoritos, cometas, etc., em uma perturbação cósmica de vastas dimensões, como nunca se viu nada igual. Antes do segundo advento de Cristo, a terra passará por vastas transformações nas linhas costeiras, devido a terremotos e maremotos, o que talvez envolva até mesmo a súbita mudança dos pólos. Os homens, por sua vez, aumentarão ainda mais a complicação da natureza, com suas armas e explosões atômicas, que destruirão a regiões inteiras, poluindo a atmosfera.

Pensamos que o «terremoto» aqui referido será literal. Os místicos contemporâneos dizem-nos que haverá terremotos gigantescos em um futuro não muito distante. Grande parte da Califórnia será invadida pelo mar; a maior parte do Japão afundará nas ondas, e outras ilhas desaparecerão. Em cerca de 1980, segundo dizem alguns desses místicos, um grande terremoto atingirá Jerusalém e a área circunvizinha, o que ajudará as nações árabes a darem prosseguimento, com maior sucesso, em sua luta contra Israel, sendo seu território profundamente invadido. Um cometa atingirá um dos nossos oceanos por volta de 1985, causando tremendos terremotos e maremotos que eliminarão a milhões de pessoas. Mas cremos que o terremoto predito no presente texto sucederá bem dentro do período da Grande Tribulação, já perto do fim do nosso século, ultrapassando a qualquer coisa que a natureza já viu semelhante. Outrossim, as explosões atômicas, provocadas pelos homens, provocarão abalos sísmicos e perturbações atmosféricas.

«...o sol se tornou negro...» Provavelmente isso será produzido por alguma forma de modificação atmosférica, devido a acontecimentos sobre a terra, incluindo combates com armas atômicas. Perto do fim de nosso século, o sol se enegrecerá por três dias, quando a Rússia atingir com armas atômicas a várias cidades dos Estados Unidos da América, sobretudo nas costas do Atlântico e do Pacífico, além de algumas cidades européias. A retaliação da parte do anticristo, com sua confederação de dez nações, destruirá a muitas cidades da União Soviética. A fumaça e a poeira produzidas por essas sucessivas explosões enegrecerão o sol por três dias, e

todos temerão pela própria sobrevivência da humanidade. O anticristo esmagará às forças comunistas na Palestina, e Israel será libertado. Mas, vendo a Jesus corporalmente na Palestina, além de seu sinal (uma gigantesca cruz no firmamento), e tendo obtido a vitória, após sua quase total extinção, a nação de Israel tornar-se-á oficialmente cristã. Se o sexto selo alude a certos aspectos dessas ocorrências preditas pelos místicos, não sabemos dizê-lo; mas, seja como for, descreve acontecimentos próximos do tempo da «parousia» ou segundo advento de Cristo.

«...saco de cílio...» Um pano grosseiro, no grego, «saccos», de onde nos vem o vocábulo moderno «saco». Na realidade, era feito de pêlos de cabra, e normalmente era de cor negra, conforme o presente versículo indica. Era um tecido usado como sinal de luto (ver Gên. 37:34 e Joel 1:8), como sinal de penitência pelos pecados cometidos (ver I Reis 21:27 e Mat. 21), ou como sinal de orações especiais, que imploram a ajuda necessária. Os pastores da Palestina usavam diariamente esse tipo de tecido por ser quente e durável; e os profetas o usavam para indicar ao povo a necessidade de arrependimento. Sua cor é usada aqui a fim de descrever a negritão do sol, e talvez para indicar o «lamentável» estado em que ficará o globo terrestre.

«...a lua toda como sangue...» Provavelmente devido aos mesmos acontecimentos acima descritos, que quase apagarão a luz do sol.

Essas cenas dantescas podem ser comparadas à predição que se lê em Mat. 24:29, acerca do escurecimento do sol e da luz, «imediatamente depois da tribulação». Parece tratar-se da mesma coisa que os místicos contemporâneos têm dito acerca da Terceira Guerra Mundial, conforme é descrito acima. Talvez o sexto selo, que cobre certa área coberta pelo juízo das trombetas (capítulos oitavo em diante deste livro), refira-se a isso, especificamente. Passagens paralelas são encontradas no chamado «pequeno Apocalipse» do Senhor Jesus, que se acha no vigésimo quarto capítulo de Mateus, no décimo terceiro evangelho de Marcos e no vigésimo primeiro capítulo do evangelho de Lucas. (Ver Mat. 24:29,30). O autor sagrado evidentemente dependeu de certas informações prestadas pelos evangelhos sinópticos, quanto ao material aqui apresentado, além do que ele veio a saber mediante visões místicas.

**Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:**

1. Aqueles que pensam que os selos são paralelos aos anjos, vinculam a este trecho a passagem de Apo. 14:17-20. Aqueles versículos incluem a visão do Armagedom, pelo que parecem ser paralelos a este, pelo menos de forma geral. Os místicos contemporâneos dão a idéia que o Armagedom será uma exibição de força entre o anticristo e sua federação de dez reinos, por um lado, e a China, por outro lado, em cerca de 2026 D.C. Nessa oportunidade, a guerra se prolongará por dezessete anos, durante os quais a China conquistará a Ásia inteira, grande parte da Europa e a União Soviética. Naqueles dias, os Estados Unidos da América e a União Soviética terão deixado de ser grandes potências mundiais, por terem sido tremendamente debilitadas quando da Terceira Guerra Mundial, nos fins do século XX. O Armagedom preparará o caminho para o milênio, pois o homem chegará ao fim de seus recursos; e um novo ciclo, garantido pela parousia ou segundo advento de Cristo, terá a longamente aguardada era de paz e prosperidade, por que tanto o mundo anela.

2. As palavras de Jesus, em Mat. 24:34, mostram-nos que os acontecimentos preditos sob o sexto e o sétimo selos, sucederão durante breve período de tempo. E uma vez que esses acontecimentos tenham início, uma geração haverá de ver seu começo e seu fim. Muitos dentre nós serão testemunhas dessas ocorrências. Nossos filhos certamente estarão vivendo essas ocorrências. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «Os Últimos Tempos, Nossos Tempos», onde procuramos fornecer um esboço das predições acerca daquelas horrendas dias futuras).

3. O conhecimento que temos sobre a natureza e a ordem exata dessas acontecimentos preditos, terá de esperar até que tais dias se aproximem, para ser aprimorado. Nenhuma profecia bíblica foi revelada para satisfazer à curiosidade vã dos homens. Sua principal função é a instrução daqueles que viverão naqueles dias e que passarão por esses acontecimentos. Os acontecimentos lançam sombras que se projetam muito à sua frente; e conforme tais eventos se aproximam, melhor definidas se vão tornando essas sombras.

4. Eventos cósmicos, de natureza aparentemente natural, são sinais de notáveis ocorrências. Cristo nasceu sob uma rara conjunção dos planetas. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Mat. 2:2). Os místicos contemporâneos que dizem que o anticristo nasceu a 6 de fevereiro de 1962, também teve seu dia de nascimento assinalado por uma rara conjunção. Não há motivo para duvidarmos que os céus de Deus, de alguma forma, nos digam o que se deve esperar à face da terra. Os céus e a terra se unem para condenar os homens iníquos, os quais se tornarão tão intensamente perversos que chegarão a quase destruir a terra nos próximos cinquenta anos.

5. O presente versículo pode ser comparado aos trechos de Joel 2:10,31; Eze. 32:7 e sa.; Isa. 13:10 e Assunção de Moisés 10:5.

**Variação Textual:** Antes da menção ao terremoto, alguns manuscritos dizem «eis» (no grego, «idou»). Essas são as ms A, 296, 2086, a Vg(mss), os escritos de Primário e o Textus Receptus. O termo «kai» («e») é omitido nos ms 743, 1849, 2019, 2051, 2064, 3356, no Cop(ina,bo), e nos escritos de Tiedio, evidentemente como supérfluo. As palavras «kai seismos» («e terremoto») aparecem nos ms Aleph, CP, 046, 1008, 1811; 1854, 2053, 2344, no It(g,fi,61), na Vg, no Silph(h), no Ars, no Et e nos escritos de Primário; e não há que duvidar que esse é o texto original. E os mais antigos e fidedignos manuscritos, exceto A, que evidentemente acrescentou a palavra «eis», em imitação ao estilo apocalíptico normal. (Quanto à informação sobre os antigos manuscritos do N.T., e como os textos corretos devem ser escolhidos, quando surgem variantes, ver o artigo na introdução ao comentário que versa sobre esse questão).

13 καὶ οἱ ἀστέρες τοῦ οὐρανοῦ ἔπεσαν εἰς τὴν γῆν, ὡς σικὴ βάλλει τοὺς ὀλύνθους αὐτῆς ὑπὸ ἀνέμου μεγάλου σειομένης, 13-14 οἱ... ἄλλισσόμενον Is 34:4

6:13: *e as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira, sacudida por um vento forte, deixa cair os seus figos verdes.*

«...as estrelas do céu caíram pela terra...» (Ver as notas expositivas sobre as diversas interpretações acerca do «sexto selo»). Rejeitamos às

interpretações históricas, que buscam encontrar acontecimentos históricos que se ajustem aos supostos «símbolos» que temos aqui. Portanto, não cremos que as estrelas cadentes sejam poderes humanos ou indivíduos. Antes, representam perturbações literais no firmamento, nos últimos dias, como cometas e meteoritos que cairão em grande número, alguns dos quais

atingirão a face do planeta terra. A base do presente versículo parece ser a passagem de Isa. 34:4. Os corpos celestes, proverbialmente, são conhecidos por sua fidelidade às suas órbitas e à sua ordem. (Ver referências sobre isso em Enoque 2:1; 41:5; 53:2; 69:16 e ss.; T. Naph. 3:2; Salmos de Salomão 18:11-14; IV Esdras 6:45). Porém, quando esses corpos celestes abandonam sua ordem normal, é que o fim do mundo estaria próximo. Os povos antigos não distinguiram entre um meteorito e uma estrela, desconhecendo as dimensões de um e do outro, a imensa massa de uma estrela e o tamanho diminuto de um meteorito. Por isso é que até hoje chamamos os meteoritos de «estrelas cadentes». (Ver Assunção de Moisés 19:4-6, onde se usa o mesmo simbolismo). Pode-se dizer que os livros apocalípticos em geral pintam essas perturbações. Jesus predisse a queda de estrelas e o abalo dos poderes dos céus. Alguns eruditos creem que a terra será projetada para fora de sua órbita, ou por causas naturais, devido à mudança súbita dos pólos, ou devido às explosões atômicas. É possível que isso é o que está em pauta, no trecho de Isa. 24:18-20, onde se lê: «...tremem os fundamentos da terra... A terra cambaleia como um bêbado, e balanceia como rede de dormir...».

«...figos verdes...» Existem os «figos temporêos», ou «figos do inverno», os quais aparecem por debaixo das folhas e não amadurecem no tempo certo. Ficam pendurados na figueira durante o inverno, ou caem no chão no

14 καὶ ὁ οὐρανὸς ἀπεχωρίσθη ὡς βιβλίον ἐλίσσόμενον, καὶ πᾶν ὄρος καὶ νῆσος ἐκ τῶν τόπων αὐτῶν ἐκινήθησαν. 14 παρ' ἐκινήθησαν Ro 18:20, 20:11 14 «ελίσσμενον»-vos R 82 205 1854 al

6:14; E o céu recolheu-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.

*Diante deles treme a terra  
e os céus se abalam;  
o sol e a luz se escurecem,  
e as estrelas retiram o seu resplendor.*  
(Joel 12:10)

Os acontecimentos do fim serão universais e prodigiosos. A terra sofrerá gigantescos terremotos ao mesmo tempo, em vários lugares, e grandes transformações ocorrerão no firmamento. Ilhas afundarão, novas serras e montanhas se formarão, ao passo que os montes antigos se esborçoarão. Acontecimentos de âmbito tão universal poderiam ter lugar se a terra, repentinamente mudasse de pólos, o que sabemos que já ocorreu por diversas vezes nos milênios passados. Os versículos doze a catorze deste capítulo seguem quase a mesma seqüência de eventos que se vê em Assunção de Moisés 10:4-6; e essas perturbações cósmicas, celestiais e terrestres, são descrições comuns dos apocalipses. Contudo, cremos que esses acontecimentos terão lugar pouco antes da segunda vinda de Cristo, como aarautos de seu advento. (Pode-se fazer o confronto entre este versículo e o trecho de Apo. 16:20, onde as perturbações dos montes e nas ilhas ocorrem com descrições quase com as mesmas palavras). Tudo isso sucederá sob a sétima taça. Isso nos faz pensar que as profecias se justapõem quanto a certos particulares, ou então que haverá várias séries de acontecimentos com ocorrências similares. (Ver também Mat. 24:35 e Naum 1:5 quanto a declarações similares).

«...recolheu-se como um pergaminho quando se enrola...» Essa porção da predição foi tomada por empréstimo do trecho de Isa. 34:4, onde também aparece o símbolo da «folha calda», e dos «figos caldos», para descrever o que sucederá no firmamento. Um rolo como que está aberto, ocupando imenso espaço, tal como as estrelas estão dispersas por área imensa. Porém, quando esse rolo enrolar-se, deixará de ocupar tão grande espaço, reduzindo-se a uma pequena área. Isso simboliza a «remoção dos corpos celestes» para longe de seu lugar, deixando um espaço totalmente vazio no firmamento. Somente quando da criação dos novos céus e da nova terra é que isso poderá suceder literal e completamente; mas sinais que haverá no firmamento, antes da batalha do Armagedom, e até mesmo antes, darão essa forma de impressão, segundo a descrição deste versículo, se é que não haverá um cumprimento literal do que aqui é dito.

Um certo sr. Doughty, mencionado por Moffatt (*in loc.*), descreveu o

15 καὶ οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς καὶ οἱ μεγιστᾶνες καὶ οἱ χιλιάρχοι καὶ οἱ πλούσιοι καὶ οἱ ἰσχυροὶ καὶ πᾶς δούλος καὶ ἐλεύθερος ἔκρυσαν ἑαυτοὺς εἰς τὰ σπήλαια καὶ εἰς τὰς πέτρας τῶν ὀρέων·

15 βασιλεῖς... ὀρεων Ia 2:10, 19, 21; Jr 4:29

6:15; E os reis da terra, e os grandes, e os chefes militares, e os ricos, e os poderosos e toda escravo, e toda livre, se acenderam uns cavernas e nas rochas das montanhas;

Por ocasião do rompimento do terceiro selo (versículos cinco e seis deste capítulo), vimos que os ricos, a despeito das tribulações e destruições generalizadas, devido aos seus recursos superiores, terão sido muito menos afetados do que os demais homens. Mas o presente versículo, que continua a descrever o sexto selo, mostra-nos que, quando o mesmo for rompido, não haverá distinção de classes, vantagens econômicas ou outras que valham a quem quer que seja, pois nenhuma única pessoa será isenta dos horrores que terão lugar. Portanto, vemos aqui os reis a se ocultarem nas cavernas juntamente com os escravos, os ricos juntamente com os abjetamente paupérrimos, os antes poderosos militares juntamente com a criança que treme e com a mulher fraca.

Os homens sempre se mostraram muito habilidosos em descobrir meios para escapar de qualquer necessidade de dar atenção a Deus, quanto mais de lhe conferirem lealdade e de darem atenção ao mundo eterno. Essa «independência» dos homens em relação a Deus fatalmente chegará ao fim. A Grande Tribulação, que é um exemplo da ira divina, fará a humanidade

tempo errado, soprados pelo vento, ainda verdes. Os corpos celestes, normalmente ordeiros, assumirão o caráter de figos fora de tempo, e «cairão», embora deversem permanecer em sua posição cósmica apropriada. Essa idéia é extralada de Isa. 34:4, e não de Mat. 24:32 e seus paralelos. Os ventos derrubavam os figos temporêos. Não lhes era permitido amadurecerem para se sazonarem devidamente. Assim também os ventos dos juízos divinos causarão perturbações cósmicas, como compreenderemos somente quando essas ocorrências tiverem lugar. Sabemos que haverá acontecimentos aterrozzantes.

*Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:*

1. Lembremo-nos do grande peixe e de Jonas. Uma criatura irracional revoltou-se, por assim dizer, contra um homem rebelde, transformando-se no instrumento de sua punição. Assim também, nos últimos dias, a própria natureza se revoltará contra os homens. A maldade dos homens será tão grande que andarão a pique de se destruírem mutuamente. A própria natureza se convulsionará para castigá-los, e o Senhor terá de fazer intervenção direta a fim de salvar os homens de si mesmos.

2. Toda a vida não arraigada em autêntica lealdade a Cristo, estará sujeita ao vento do julgamento, que a fará cair. Nenhuma vida poderá permanecer de pé, finalmente, a não ser que esteja de acordo com a vontade de Deus relativa ao homem, conforme essa vontade se manifestou na pessoa de Jesus Cristo.

choque produzido por um meteorito, na Arábia, com as seguintes palavras: «Um rugido como de trovão ressoou de modo maravilhoso pelas montanhas desertas acima de nós; parecia que o mundo estava prestes a partir-se pelo meio. A maioria dos 'mejlis' foi da opinião que uma 'estrela' tinha caldo». Imagine-se, por conseguinte, qual não será a impressão quando muitos meteoritos caírem ao mesmo tempo, se o firmamento ficar repleto deles, e se alguns deles atingirem a terra em vários lugares ao mesmo tempo. As coisas descritas neste versículo, portanto, não parecem ter sido grandemente exageradas.

*Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:*

1. Este versículo, tal como os anteriores, são interpretados simbolicamente ou historicamente por alguns estudiosos. No entanto, nenhum acontecimento histórico por eles frizado pode ao menos começar a cumprir as exigências do terror e da destruição em massa que este versículo prediz. A idéia que os «céus», as «estrelas», etc., podem indicar uma adoração pagã e idólatra, que chegará a súbito fim, é extremamente duvidosa. Nem os montes podem significar, logicamente, impérios, a adoração existente nos mesmos, a sua manutenção, etc. Também é duvidoso que as «ilhas» possam indicar os templos pagãos, com seus recintos fechados, etc., ilhas essas que, nos últimos dias, serão «decepadas» do povo comum (o que explicaria o fato que aparecem como «ilhas»). Explicações assim são engenhosas, mas não convencem a ninguém. Outrossim, se essas coisas são meros símbolos, jamais poderemos saber o que elas representam, sem a ajuda do autor original.

2. Alguns estudiosos pensam que o «rolo» ou «pergaminho» é o império romano, que se propagara por grande área de terras. Sua «queda», pois, seria representada por seu «enrolamento». Lembremo-nos, porém, que as fontes dos versículos, que são trechos do A.T., são anteriores ao aparecimento do império romano; por conseguinte, não é muito provável que o vidente João, ao utilizar-se delas, tenha querido dar a essas símbolos um sentido tão diferente daquele que tinha originalmente.

3. Outros intérpretes aceitam essas descrições de forma rigidamente literal, e assim aplicam-nas aos eventos que removerão totalmente os velhos céus e a velha terra, antes da nova criação; porém, essas descrições aparecem muito no começo do Apocalipse, não nos permitindo aceitar com seriedade essa idéia. Pelo contrário, essas descrições falam sobre eventos que hão de ter lugar durante o período da Grande Tribulação. (Quanto à nota de sumário acerca da «Grande Tribulação», ver Apo. 7:14).

4. Conforme é usual, certo número de intérpretes pensa haver aqui um retrato simbólico da destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C. Na realidade, entretanto, está em foco o verdadeiro «tempo do fim». (Ver Mat. 24:29 quanto a palavras semelhantes, que localizam os eventos mais radicais do período da Grande Tribulação, imediatamente antes do segundo advento de Cristo. Segundo as aparências, esse advento será «depois» da Grande Tribulação; mas, na realidade, será a ocorrência final desse período atribuído).

inteira prostrar-se de joelhos. Os homens terão de sofrer esses horrores a fim de voltarem sua atenção para as realidades espirituais da existência. Os homens têm vivido, geração após geração, por demais ocupados com as coisas meramente temporais. Eventualmente, porém, terão de aprender que isso é um grave erro; pois o homem é, essencialmente, um ser espiritual, de tal modo que a sua própria presença nesta terra é uma degradação para sua natureza inerente. O homem merece esse tratamento final por ter-se recusado em cultivar o espírito, por não querer avançar na direção do grande ideal, que é o próprio Deus, o qual lhe oferece uma participação infinita em sua própria natureza, em seus atributos, e em tudo quanto é Deus, conforme se aprende em II Ped. 1:4. Deus é o «Alfa» e o «Ômega» da criação (ver Apo. 1:8), ou seja, o Criador e o Alvo da criação. Os homens, por fim, hão de aprender isso, mas não sem antes terem atravessado a ira severa da mão de Deus, que os arranquem do materialismo e do mundanismo, forçando-o a prostrar-se de joelhos.

*Somente Deus é independente:* As Sagradas Escrituras ensinam-nos que todos os seres criados dependem da Causa Primária para que sua existência tenha prosseguimento, e não apenas para que tivesse início a sua existência. Somente Deus não tem existência causada, mas é independente, dependendo apenas de si mesmo no tocante à sua existência e bem-estar. A



existência e o bem-estar do homem deve provir da parte de Deus. (Isso é ensinado em I Cor. 8:6; João 5:25,26 e 6:57, bem como em suas respectivas notas expositivas). O homem pode obter a «independência», mas somente através de elevadíssimo desenvolvimento espiritual, quando vier a participar da natureza divina e de toda a plenitude de Deus (ver Efê. 3:19 e Col. 2:10). O indivíduo atualmente «independente» de Deus é uma fraude, que só existe na imaginação. Tal indivíduo estará vivendo uma mentira. Eventualmente será decepcionado, para que alguma parte da verdade divina possa ser implantada em seu ser.

O homem, na qualidade de ser caldo e obstinado, só aprende mediante a punição. Por conseguinte, conforme se vê aqui, Deus aplicará a sua ira, para que os homens aprendam onde a obstinação deles os está conduzindo. Portanto, a ira divina é algo mais do que mera retribuição. Também é uma medida disciplinadora e restauradora, conforme se vê nos termos de Efê. 1:10. (Ver Col. 3:6 em suas notas expositivas, acerca da «ira de Deus», onde há uma nota de sumário a respeito).

A enumeração daste versículo, apesar de não ser totalmente completa, tenciona incluir todas as classes e tipos de homens, porquanto tem por finalidade mostrar que a ira de Deus haverá de reduzir ao mesmo nível a todos os homens, sendo eles forçados a confessar sua nulidade sem Deus. (Ver Apo. 13:16 e 19:18 quanto a enumerações semelhantes). O homem tem de aprender que todos os seus próprios recursos, como as riquezas, o poder, o prestígio, a fama, etc., são potencialmente nada; e eventualmente serão reduzidos a nada, porquanto o homem nada representa, a menos que encontre tudo quanto e possui em Deus, o qual é a fonte e o alvo de toda a sua existência.

Observemos que as classes aqui enumeradas são «sete», indicando um número «completo». Todos os homens, sem Deus, têm de ser numerados como nada. Não é provável que a enumeração tenha chegado a essa cifra por mero acidente, não tendo ultrapassado disso. A lista inclui todas as classes sociais, do imperador ao escravo, com as gradações intermediárias. Isso pode ser comparado a enumerações similares, em Jubileus 23:19 e II Baruque 70:3,4,6.

«...reis...» Como os imperadores, os chefes das nações.

«...os grandes...» Aqueles investidos de autoridade militar, de fama, de posição e vantagens sociais, ou de grandes riquezas materiais. Esse adjetivo é de significação geral, não podendo nós atribuir-lhe qualquer qualidade específica. No trecho de Mat. 6:21 essa palavra aponta para altos oficiais militares ou para políticos distintos. Algumas traduções dizem aqui «príncipes». Alguns estudiosos supõem que devemos pensar aqui nos governadores das províncias romanas, ou «procônsules», que governavam sujeitos ao imperador de Roma, embora também brandisse certo poder pessoal.

«...os comandantes...» No grego é «*chiliarchoi*», que originalmente eram comandantes de mil soldados; mas também era termo usado de modo geral para indicar os oficiais militares, ou o tribuno militar, comandante de uma corte, ou seja, um grupo de seiscentos homens. Seria o equivalente às modernas patentes de *major* ou *coronel*, embora a palavra pudesse indicar o que chamamos de «general», ou seja, qualquer militar de elevada patente. (Ver Marc. 6:21 quanto a seu uso, indicando oficiais militares de alta patente).

«...ricos...» Aqueles que possuem muitas terras, gado, escravos ou recursos terrenos de qualquer espécie, os quais, normalmente, emprestam a um homem poder e posição social.

«...poderosos...» No grego há o termo «*ischurois*», os que possuem alguma

forma de «força». Tal palavra era usada para indicar «seres sobrenaturais», mas aqui ela indica pessoas de posição e poder na sociedade, militar, econômica e politicamente falando. A palavra é por demais geral para lhe atribuímos qualquer significado particular, e o autor sagrado se vale de seu sentido geral a fim de tornar completa a lista. Os «fortes» zombam dos fracos; mas a ira de Deus retirará dos fortes a sua força, dando-lhes razão para temer.

«...escravos...» No grego é «*doulos*», quem não tem poder, nem influência, nem riquezas e nem mesmo vida própria, pois eram propriedades alheias. Essa palavra representa a classe mais inferior, os homens mais insignificantes de todos. Todavia, um homem, viciado em seus pensamentos e em sua vida, desligado de Deus, está tão sujeito à ira de Deus como os orgulhosos monarcas.

«...tudo livre...» No grego esse adjetivo é «*eleutheros*», vocábulo que indica quem tem o poder de governar a sua própria vida, de buscar as suas próprias finalidades, mas que durante a Grande Tribulação descobrirá sua urgente necessidade de buscar a Deus.

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. Todos os homens, ao abandonarem a vida normal, ao perderem toda a esperança, procuram lugares e refúgios desnaturais, nem que seja apenas para morrer. A vida perde toda a sua significação, uma vez que se reduza a nada aquilo que é o motivo da existência de um homem. O texto ensina-nos a suprema necessidade que o homem tem da Deus.

2. Este versículo ensina o «terror» ilimitado que a ira de Deus, exibida durante a Grande Tribulação, desfechará contra os homens. É algo temível viver sem Deus.

3. O enrolamento dos céus revelará ante os homens o «trono de Deus», pelo menos quanto à «compreensão» sobre o mesmo, embora não por vista. Os homens reconhecerão as exigências da Deus relativas às suas vidas. Contudo, a ira de Deus é apenas um dedo da mão amorosa de Deus, porquanto os homens precisam saber dessas coisas e agir de conformidade com elas.

4. Esta passagem deve ser confrontada com o trecho de Isa. 2:10,18, de onde foi tomado por empréstimo o simbolismo deste versículo.

Os olhos altivos dos homens serão abatidos,  
e a sua altivez será humilhada;  
só o Senhor será exaltado naquele dia.  
(Isa. 2:11)

5. «O pânico dos reis, etc.», é extraído da descrição do julgamento que há em Enoque 62-63, onde, perante o trono do Maná, «os poderosos e os reis», em terror desesperado, «buscarão arrependê-se em vão...» No Apocalipse de Baruque 25 o fim anunciado também é seguido pelo estupor de coração e pelo desespero, entre os habitantes da terra, caindo agonia semelhante sobre os reis, etc. (ver Sabedoria 6:1-9) como também sobre os governantes da terra (ver Enoque 37-71, de modo geral). (Moffatt, *in loc.*)

6. A *lex talionis*, ou seja, a «lei da retaliação» será imposta aos homens. Cada qual obterá aquilo que tiver dado de si, cada qual colherá aquilo que houver colhido (ver Gál. 6:7,8). Até mesmo os crentes haverão de ser assim julgados (ver II Cor. 5:10). Onde, pois, comparecerão o ímpio e o pecador?

7. «Nem realce, nem posição, nem a força das armas, nem a opulência, nem o talento, nem a força, intelectual ou física, terão qualquer valor naquela crise; e nem o que é insignificante escapará naquele dia, quando Deus trouxer à luz as coisas ocultas. Os testes divinos são espirituais, tal como as armas da guerra divina não são carnis. Os homens que se tiverem estribado sobre as riquezas, sobre a posição ou sobre a força, tar-se-ão preparado contra certa forma de provação, mas haverão de achar-se inteiramente desarmados para o dia do teste espiritual. A semelhança de Macbeth, serão incapazes de lutar contra a forma inesperada que os caçará. Preferirão encontrar-se com um inimigo corpóreo, 'que os lanceasse cusados ao deserto, com uma espada'». (Carpenter, *in loc.*)

16 καὶ λέγουσιν τοῖς ὄρεσιν καὶ ταῖς πέτραις, Πέσετε ἐφ' ἡμᾶς καὶ κρύψατε ἡμᾶς ἀπὸ προσώπου τοῦ κατηγμένου ἐπὶ τοῦ θρόνου καὶ ἀπὸ τῆς ὀργῆς τοῦ ἀρνίου,

16 λαγοῦσιν... ἡμᾶς Ho 10:8; Is 23:30; Ra 9:6 τοῦ κατηγμένου... θρόνου I Km 22:19; 2 Chr 18:18; Ps 47:8; Is 6:1; Eze 1:26-27; Sir 1:8; Ro 4:2, 9, 5:1, 7, 13, 9:10, 13; 18:4,

21:3

6:16; o diabo aos montes e aos rochedos: Cal sobre nós, e escondi-nos da face daquele que está assentado sobre o trono, o da Ira do Cordeiro;

«...e disseram...» Os seus grandes discursos, as suas jactâncias, o uso que fizeram da linguagem, visando vantagens pessoais, tudo é reduzido a nada. Terão um único alvo, um único pedido, que sejam «livres para morrer». No entanto, não entenderão que a morte liberta tão-somente da dor física, porquanto conduz o indivíduo à dor espiritual do julgamento divino. Até mesmo o último pedido deles, o seu desejo final, será falso e errado.

Essas palavras foram extraídas do trecho de Osê. 10:8. Ali a «destruição» do pecado de Israel é focalizada. Agora, o pecado universal terá levado os homens a não desejarem outra coisa além da morte. Os homens apelam para isso quando desconhecem a Deus. A ira de Deus ensina aos homens lições amargas mas necessárias. A passagem de Luc. 23:30 encerra mais ou menos as mesmas palavras. Jesus, a caminho da crucificação, predisse horrendos sofrimentos para a rebelde nação de Israel. A destruição da cidade de Jerusalém, no ano 70 D.C., foi uma prefiguração do que sucederá durante a Grande Tribulação. O trecho de Luc. 23:31 mostra que os israelitas perseguiram e então crucificaram ao seu próprio Messias, a despeito de todas as suas vantagens nacionais. Portanto, o julzo contra Israel será tanto mais amargo. A mensagem do evangelho vem sendo olvidada, combatida, ignorada e escarnecida por aqueles que só buscam as vantagens deste mundo. Mas, eventualmente, tudo isso será levado ao seu fim.

«...daquele que se assenta no trono...» Deus Pai, Elohim, etc., não é mencionado por nome, mas apenas indiretamente. Os judeus piedosos recusavam-se a proferir o nome de Deus devido aos seus sentimentos de respeito e de temor. Por isso é que substituíam os apelativos aplicados para Deus, no A.T., por outros, semelhantes—Yahweh tornou-se «Jeová», e

Elohim tornou-se «Eloquim». Pois julgavam que assim corrompendo o som dos nomes divinos ficariam sem culpa por havê-los proferido. Até hoje os judeus piedosos fazem a mesma coisa. (Quanto a notas expositivas sobre «Aquele que se assenta no trono», ver Apo. 4:1,9 e 5:1, onde a mesma expressão evasiva é usada, tal como no presente versículo).

«...trono...» (Quanto a notas expositivas completas acerca do «trono de Deus», bem como acerca de seus significados simbólicos e espirituais, ver Apo. 4:2).

«...ira...» Nas páginas da Bíblia, com frequência esse termo aparece vinculado ao nome de Deus, o que se vê até mesmo neste livro. (Ver Apo. 11:18; 14:10,19; 15:7; 16:1 e 19:15). Em Apo. 6:10, quando os mártires clamam por vingança, apelam para Deus, e não para o «Cordeiro». Observemos, porém, que neste ponto a «ira» também é a ira do Cordeiro, o que não é comum nas Escrituras. Todavia, deve-se observar que o trecho de Mat. 25:41 não apresenta Cristo, o Messias dos homens, a proferir os «ais-de-Deus» contra os homens. O autor sagrado retrata a Deus Pai sentado em seu trono, no quarto capítulo deste livro; e Deus Filho se acha nesse mesmo trono, no quinto capítulo. Na antiguidade, nos países do Oriente, os tronos eram espaçosos, admitindo mais de uma pessoa para neles se assentarem. Por conseguinte, neste ponto a ira de Deus parte do trono, e isso tanto da parte do Pai como da parte do Filho. O autor sagrado sempre equipara a Deus Pai e a Jesus Cristo, no mesmo nível de igualdade, o que é prova inequívoca de que os cristãos primitivos criam na divindade de Jesus Cristo. (Ver Apo. 1:17,18 e 22:12). Cristo é o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, qualidades essas igualmente atribuídas a Deus Pai. (Ver Apo. 1:8). Cristo tem nas mãos as chaves do hades e da morte. O ataque do anticristo será desfechado contra a igreja de Cristo. Portanto, juntamente com o Pai, Cristo Jesus é o executor da ira divina. O ofício de Juiz, atribuído ao Messias, era comum na teologia judaica da época helenista, conforme se

aprende em I Enoque 69:27. Essa idéia foi transferida para as páginas do N.T. (Ver o trecho de Atos 17:31 quanto à nota de sumário sobre esse assunto. E quanto à nota de sumário acerca da ira de Deus, ver Col. 3:6).

Os homens buscam a morte, e não Deus. No dizer de Swete (in loc.): «O que os pecadores mais temem não é a morte, e, sim, a Presença revelada de Deus». Isso mostra a que nível baixíssimo os homens caíram. É quão intensa precisará ser a ira de Deus para trazê-los de volta.

...Cordeiro...» (Ver as notas expositivas completas sobre Cristo como «o Cordeiro», em Apo. 5:6). O Cordeiro, em sua ira, assume o poder e as características do Leão, sendo esse também um de seus títulos (ver Apo. 5:5; e quanto ao sentido normal de seu título de «Cordeiro», como aquele que fez expiação em favor dos homens, ver João 1:29). O vidente João emprega esse termo de maneira muito mais ampla, e com maior frequência, do que se vê no evangelho de João, conforme é indicado nas notas expositivas sobre Apo. 5:6.

Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

17 ὅτι ἦλθεν ἡ ἡμέρα ἡ μεγάλη τῆς ὀργῆς αὐτῶν<sup>12</sup>, καὶ τίς δύναται σταθῆναι·

17 J1 2.11; N<sub>2</sub> 1.6; M<sub>21</sub> 3.2

<sup>17</sup> [C] abtôr N C 04 1811 1828 1854 2020 2063 2344 (par. 200 d.v.d. e. h. l. 1  
vg. art. 2 de Promissionibus Documentis Fulgentius Haymo / abtôr

A P 040 1 1006 1830 2042 2085 2073 2041 2138 2432 copy to arm eth Primasius  
Andrew Arethan

Embora a forma *αἰτρου* seja apoiada por A P 046 quase todos os minúsculos cop (sa,bo) ara etí *αι*, parece ser a forma mais fácil, tendo sido introduzida para evitar a ambigüidade de *αἰτρῶν* (que é fortemente apoiada por N C 1611 1854 2053 2344 it (gig,61) vg sir (ph,h) *αι*), levando a referência a *της οργης του αἰτριου* adiante, com base no versículo anterior.

4:17: porque é vindo o grande dia da ira dele; a quem poderá subsistir?

...grande dia... Trata-se de um termo rabínico. O julgamento é com frequência chamado de «grande dia», nos escritos rabínicos. Isso pode ser comparado com o trecho de Joel 2:11, que parece ser a base deste versículo; e também se pode comparar com Naum 1:6, que lhe é similar. A expressão «grande dia», e outras que lhe são equivalentes, são frequentes no livro de Enoque e na literatura judaica posterior. (Ver I Enoque 45:2; Joel 2:11,31 e Sof. 1:14 quanto a essa expressão). A passagem de Jud. 6 encerra a mesma expressão, «o julgamento do grande dia». Esse dia será grande devido à grande questão em jogo, porquanto será um dia totalmente extraordinário. Não se deve pensar em um «único dia» de vinte e quatro horas, entretanto. Antes, será um «período» quando Deus julgará aos homens, embora normalmente indique o julgamento no mundo eterno, o julgamento das almas, e não julgos temporais.

...da ira deles...» Essas palavras podem ter duas interpretações centrais: 1. Pode estar em foco algum juízo temporal, contra os homens na terra. 2. Ou então está em foco o juízo final, o qual com frequência é indicado pelo termo «ira». Bons intérpretes têm compreendido as coisas assim. Aqueles que pensam estar aqui em foco um juízo temporal, falam sobre a destruição de Jerusalém ou sobre a queda do império romano. Mais precisamente, porém, está em pauta a porção mais intensa do período da Grande Tribulação, que ainda jaz no futuro. Mas se o juízo final e espiritual está em pauta, então o presente contexto subentende que os muitos e horrendos juízos sobre a face da terra são meramente preparatórios para o julgamento das almas, que desencadearia realmente a ira de Deus. Seja como for, o termo «ira», quando é aplicado a Deus, não indica alguma «emoção» violenta; antes, é um termo técnico para «julgamento».

Os homens buscam o aniquilamento físico por causa da intensidade e do terror da Grande Tribulação. Ou então os homens buscam o total aniquilamento do próprio ser, porquanto os juízos da tribulação são suficientes para levá-los à percepção desse fato—logo terão de enfrentar o juízo divino, o julgamento das almas. E então preferirão ser aniquilados, para não ter tal encontro com Deus. Desejarão tal aniquilamento para se ocultarem da presença de Deus. Mui provavelmente ambas as idéias estão corretas, e talvez ambas as coisas estejam implícitas neste versículo.

...a quem é que pode sustentar-se?... Essas palavras equivalem a «quem pode permanecer de pé diante dessa ira?», de modo a resistir com sucesso à mesma, evitando que seus terrores sobrevenham à alma. A pergunta apresenta uma resposta negativa subentendida: «Ninguém!». O rei não poderá escapar, mesmo que antes tenha sido poderoso; e o escravo também não poderá escapar, somente porque antes fora obscuro. Em Apo. 7:9 e ss., vê-se uma inumerável hoste que poderá «permanecer de pé» na presença de Deus. Contudo, o indivíduo que não se tiver preparado, mediante a lealdade a Cristo, não poderá fazer a mesma coisa, pois a presença de Deus tornar-se-á para o tal um terror indescritível. (Ver Naum 1:6 e Mal. 3:2 quanto a declarações similares). Todo aquele que não se tiver preparado em Cristo não poderá resistir, pois Ele é como a «fornalha de um refinador... purificará... expurgará...». Naquela passagem, isso será feito a fim de que, eventualmente, sejam oferecidos ao Senhor como uma oferta justa. Aprendemos aqui uma vez mais, portanto, que a ira divina não será

1. «O Cordeiro é o Leão... no terrível caráter de sua ira». (Robertson, *in loc.*).

2. A ira de Deus se volta contra o pecado, incluindo o pecado de perseguir à igreja. O Apocalipse original foi escrito para consolar à igreja sob a perseguição romana. Roma, pois, tinha de sofrer a ira de Deus. Em seu aspecto profético, compreendemos que o anticristão tomará o lugar do império romano, perseguindo à igreja sem misericórdia. Ele encabecará a pior de todas as perseguições religiosas de todos os tempos. O culto que se desenvolverá em torno de sua pessoa será tão maligno e horrível que o comunismo se parecerá um movimento santo, em comparação. Não admira que a ira de Deus terá de sobrevir aos homens que o ajudarem a lhe prestarem lealdade.

3. Alguns estudiosos pensam que este versículo está intimamente ligado ao décimo sétimo versículo, que eles compreendem ser a ira do juízo final, e não a da Grande Tribulação. Nesse caso, o terror do homem é somente a causa daquilo que estiver acontecendo sobre a face da terra, mas por ele saberão que o que estiver sucedendo é sinal da ira de Deus, a qual sobrevirá contra as almas humanas, liberadas de seus corpos. Nesse caso, também, o que se pensa que os homens desejariam é o «total aniquilamento» do ser, e não meramente do corpo. Preferir-se-ia extinto a enfrentamento a Deus.

καὶ τίς δύναται σταθῆναι; 17 J1 2.11; Na 1.8

A P 048 1 1006 1830 2042 2065 2073 2081 2138 2432 copies to arm eth Prisonniers  
Andrew Arethas

minúsculos cop (sa,bo) ara etí *al*, parece ser a forma mais fácil, que é fortemente apoiada por N C 1611 1854 2053 2344 it *ἀπρίου* adiante, com base no versículo anterior.

meramente retributiva. Também será disciplinadora e restauradora, em grau que será agradável a Deus, até mesmo no caso dos «perdidos». (Ver Ef. 1:10 e suas respectivas notas expositivas, quanto a esse conceito. Os trechos de 1 Ped. 3:18-20 e 4:6 ilustram o mesmo princípio). Deus jamais julga meramente para destruir. Deus é amor, pelo que até mesmo a sua ira, de alguma maneira, será expressão desse amor, da mesma maneira que a sua bondade expressa esse amor. A despeito disso, cada indivíduo pagará por seus pecados, tendo de enfrentar a si mesmo, no dia do julgamento; a justiça divina será plenamente satisfeita. E por isso a humanidade incrédula ficará aterrorizada, conforme vemos neste versículo.

**Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:**

1. «Sveta observa que a única resposta possível a esse clamor (quem pode resistir?) é a ordem de Jesus, dada em Luc. 21:36: 'Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder, e estar em pé na presença do Filho do homem', e onde é empregada a mesma forma gramatical para 'resistir', segundo temos aqui». (Robertson, *in loc.*).

2. «Neste versículo temos chegado ao tempo descrito em Mat. 24:30 – em que a própria volta do Filho do homem é deixada um pouco em segundo plano, a fim de chegar a primeiro plano de agora por diante. Cristo é visto como quem está vindo; porém, antes da vingança ser plenamente realizada, os eleitos de Deus, que estiverem vivos na terra, serão recolhidos – segundo se lê em Mat. 24:31 – dos quatro ventos dos céus, dentre os habitantes da terra. A salvação que há no texto do sétimo capítulo é a medida preliminar necessária para esse recolhimento». (Alford, *in loc.*).

3. O trecho de Mal. 3:2, sobre o qual se funda o nosso versículo, fala sobre a volta do Senhor. Isso favoreceria a interpretação que diz que a «ira» aludida neste versículo está associada ao juízo final, e não tanto aos eventos finais do período de Grande Tribulação.

4. “Quem pode resistir?” Essa é a pergunta das perguntas. A resposta de Cristo é: “Sem mim nada podeis fazer.” Cingidos estejam os vossos corpos a essas as vossas candeias. Sede vós semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor... E paralelamente a isso encontramos a advertência de Paulo: “Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis.” Notamos, por semelhante modo, o desejo do apóstolo João de que os crentes não se envergonhem quando da volta de Cristo, “para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança” (1 João 2:28 e 4:17). Sim, “quem pode resistir?” Essa indagação é respondida no próximo capítulo. Resistirão todos aqueles que tiverem sido selados com o selo do Deus vivo. (Carpenter, *in loc.*).

6. Os juízos de Deus tanto destroem quanto renovam:

Olhei: a nuvem de poeira rolou para um lado,  
O destruidor também parecia ser o construtor;  
De entre a velharia arruinada,  
Vi o que era novo.

*Era apenas a ruína dos maus.  
A destruição do errado e da maldade;  
E qualquer bem que houvesse no tempo antigo  
Continuou sobrevivendo. (Ellicott)*

Variação Textual: As palavras «sua ira» (referindo-se a Deus Pai) figuram nos mss AP, 046 e na maioria dos manuscritos minúsculos, como também no Coptica, bo), no Ará e no Etí. Mas a forma «ira delas» (referindo-se ao Pai e ao Cordeiro, tal como no décimo sexto versículo), é a que se acha nos mss AC, 1611, 1654, 2053, 2344, no It(ig. 61), na Vg, no Siph. b). Essa é a forma mais «difícil», como também é aquela que incorpora as idéias do décimo sexto versículo, pelo que provavelmente representa o original. Mas algumas escritas modificaram o «deles» para «sua», porquanto, normalmente, nas Escrituras, a «ira» é a ira de Deus Pai.

## Capitulum 7

7. *Parentesis*: (7:1-17).

a. A selagem dos mártires (7:1-8).

Consideremos os fatos abaixo enumerados, conforme os encontramos nas Escrituras, em favor da idéia que a igreja terá de atravessar a Grande Tribulação:

1. O livro de Apocalipse foi escrito para confortar à igreja sob *perseguição*. Historicamente, isso se aplicava aos próprios dias do autor sagrado, à perseguição movida por Domiciano e pelos imperadores que se seguiram, cujos atos foram antecipados. Profeticamente, porém, isso se aplica à igreja que viverá na terra nos tempos do anticristo, o qual promoverá a mais cruel de todas as perseguições religiosas que o mundo já terá visto ou poderá ver. Ver a igreja ausente durante esse tempo é negar o propósito

mesmo com que este livro foi escrito.

2. Os mártires do trecho de Apo. 6:9-11 têm de ser *mártires cristãos*, já que será somente perto do fim do período da Grande Tribulação que Israel será salva como uma nação. O vidente João não escreveu este livro a fim de consolar os mártires de Israel; escreveu para uma igreja perseguida, que já contava com muitos mártires sob Nero. Domiciano foi apelidado «segundo Nero», e o Apocalipse foi escrito durante o tempo de Domiciano, pouco antes do fim do primeiro século de nossa era. Por conseguinte, foi para «mártires cristãos» que João escreveu. Eles é que aqui pedem vingança a Deus, contra a ímpia Roma. Estão em foco mártires cristãos, que terão sofrido sob os selos segundo a quarto, e que farão o mesmo clamor contra o anticristo; e esse é o aspecto «profético» do trecho de Apo. 6:9-11.

3. Porém, antes do golpe final da Grande Tribulação, ou melhor, antes de desencadear-se a «ira» de Deus, no julgamento inaugurado pela vinda de Cristo (ver Apo. 4:17), os mártires serão *selados*, e, portanto, aceitos na presença de Deus, de tal modo que a ira divina não poderá atingi-los prejudicialmente. O capítulo que temos à nossa frente descreve isso. Esse capítulo garante-nos que o mártir e todas as temíveis provações da Grande Tribulação não poderão prejudicar àquele que está firme em Cristo. Seu propósito é indestrutível, a despeito da ira do homem. Os mártires em potencial serão selados, e, portanto, protegidos de todo o dano, até que chegue o momento, dentro da vontade de Deus, de oferecerem o seu sacrifício. Se fosse da vontade de Deus, alguns crentes ou mesmo todos eles, seriam capazes de desafiar ao anticristo, até ao fim mesmo da Grande Tribulação. Mas a verdade é que os crentes, em vastos números, sofrerão o martírio (ver Apo. 6:9-11 e 7:9). Observemos quão avantajado é o número deles. É impossível que pudesse continuar havendo na terra tão «inumerável» companhia de crentes, se a igreja tivesse de ser arrebatada antes da Grande Tribulação. A «selagem» protegerá os corpos deles enquanto Deus assim quiser fazê-lo; mas, principalmente, a idéia dessa selagem é que estarão protegidos da ira de Deus, que se seguirá imediatamente à Grande Tribulação, bem como estarão protegidos da ira de Deus que será desfechada durante a Grande Tribulação, a qual meramente será predição daquela ira maior que se seguirá. Seja como for, esse grupo representa o *Israel espiritual*, protegido em meio aos horrores da Grande Tribulação, e não retirados do meio dela.

4. Tudo isso pode ser confrontado com o trecho de Mat. 24:29-31. Será somente «após a tribulação» que os anjos serão enviados para recolher os eleitos, de uma à outra extremidade dos céus, de uma à outra extremidade da terra. Esses estarão «selados» até que tenha lugar esse recolhimento; e isso só terá lugar «após a tribulação daqueles dias». É impossível ver aqui a nação de Israel, já convertida, como se fosse ela, exclusivamente, quem está focalizada no quadro, embora seja verdade que a conversão de Israel antecederá à batalha de Armagedom por um bom tempo. Contudo, o trecho de Apo. 7:9 e ss. certamente descreve a igreja cristã. Nesta passagem, o «Israel espiritual», embora inclua judeus convertidos, certamente é a igreja cristã. Do ponto de vista do vidente João, somente o Israel espiritual pode estar em foco; porém, do ponto de vista profético, a nação de Israel, futuramente convertida a Cristo, provavelmente também está em foco. O vidente João, ao exaltar os mártires cristãos, chama-os de «Israel espiritual». Porém, embora ele não pudesse saber disso em seus dias, uma vez que a nação de Israel se converta, sem dúvida haverá a selagem dos mártires em potencial entre eles, de tal modo que possam escapar ao poder do anticristo. A exposição abaixo aborda o problema que indaga se o Israel espiritual ou a nação de Israel é que está aqui em foco, ou se ambos são focalizados neste ponto. A maioria dos intérpretes da herança da literatura cristã tem opinado que está em pauta o Israel espiritual, de princípio a fim.

Certo número de intérpretes supõe que o trecho de Apo. 7:1-8 fala da nação literal de Israel, ao passo que os versículos nono em seguida, desse mesmo capítulo, falam dos cristãos gentílicos, ou seja, da igreja. Outros acreditam que o mesmo grupo — a igreja — está em pauta, embora apresentada sob diferentes condições e perspectivas. Outros eliminam totalmente a possibilidade da igreja estar presente, preferindo pensar apenas na nação literal de Israel, que então terá se convertido a Cristo, uma vez que a igreja já foi arrebatada, supostamente devido ao testemunho de Israel. Esse último ponto de vista é de origem relativamente recente, dentro da história dos estudos escatológicos, não sendo aprovado pela herança geral da literatura cristã dos séculos. Tal posição moderna idealiza o arrebatamento da igreja antes da tribulação, o que é ponto de vista extremamente duvidoso, embora se tenha tornado popular em certas esferas do protestantismo evangélico de nossa época. Também supõe, essa posição, que a nação de Israel, uma vez que a igreja tenha sido arrebatada, passara a prestar testemunho ao mundo, quase desde o início da tribulação predita. Mas isso é altamente improvável, ou melhor, impossível, porque Israel, como nação, só se converterá nos estágios finais da Grande Tribulação, e não nos seus primeiros desenvolvimentos.

Conforme se dá com outras porções do Apocalipse, há um grande número de interpretações acerca deste sétimo capítulo. Apesar de não sermos capazes de dar resposta a muitas das questões que então se apresentam, porque somente o cumprimento dos acontecimentos preditos fornecerá a resposta exata para tudo, cremos que podemos fornecer um *quadro geral* do que é aqui tencionado.

O sétimo capítulo é considerado um parêntesis por muitos eruditos, como se fosse uma pausa entre o sexto e o sétimo selos. Mas outros estudiosos vêem aqui certos aspectos do sexto selo, ainda sob consideração. O trecho de Apo. 6:17 promete a ira divina contra os rebeldes. Este sétimo capítulo mostra que essa ira não poderá descarregar-se contra os *selados*, os quais estão justificados em Cristo. Este capítulo, pois, representa uma interrupção no ritmo e no estilo do sexto capítulo. Mas é ponto relativamente destituido de importância se o mesmo faz parte ou não da descrição do sexto selo.

O principal problema que envolve o capítulo à nossa frente é a identificação dos cento e quarenta e quatro mil. Isso é discutido de modo breve mais acima, e mais amplamente nas notas expositivas sobre o quarto versículo deste capítulo, onde são expostas as principais opiniões dos intérpretes. O que quer que digamos sobre os cento e quarenta e quatro mil, este capítulo certamente retrata a igreja de Cristo durante a Grande Tribulação, sofrendo sob a ferocidade do anticristo, o qual promoverá a pior perseguição religiosa de todos os séculos.

7 Μετὰ τοῦτο εἶδον τέσσαρας ἀγγέλους ἐστῶτας ἐπὶ τὰς τέσσαρας γωνίας τῆς γῆς, κρατοῦντας τοὺς τέσσαρας ἀνέμους τῆς γῆς, ἵνα μὴ πνέῃ ἀνεμος ἐπὶ τῆς γῆς μήτε ἐπὶ τῆς θαλάσσης μήτε ἐπὶ πᾶν δένδρον.

1 τὰς τέσσαρας ἀνέμους Jr 49:26, Eze 37:9; Dn 7:2, Zec 6:5; Mt 24:31

7:1: Depois disto vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre a mar, nem sobre árvore alguma.

«...Depois disto...» Essas palavras são um artifício literário do autor sagrado, a fim de identificar uma mudança de assunto ou do desenvolvimento do mesmo assunto. (A questão é comentada nas notas expositivas sobre Apo. 4:1). Algumas vezes a expressão aparece em forma plural, «depois destas coisas», e às vezes em forma singular, como aqui. Os manuscritos minúsculos 1, 27, 30, 33, 47 e os latinos *g* e *n* apresentam aqui o plural, no grego, «*ταυτα*»; mas sem dúvida isso é secundário. A forma singular aparece aqui nos mss Aleph, *acp*, 046 e na maioria das versões.

«...vi...» Em visão mística. (Ver as notas expositivas a esse respeito em Apo. 1:10, sob as palavras «no Espírito», onde há comentários sobre os vários tipos de «misticismo»).

Esperaríamos uma descrição sobre o «sétimo» selo, mas a narrativa faz

uma pausa a fim de dizer-nos como os verdadeiros crentes, durante a Grande Tribulação, serão ou protegidos, ou então, como, a despeito do seu martírio, não serão atingidos pela ira de Deus. Esses são os que podem «resistir» no dia da ira do Senhor, sem sofrerem qualquer dano. Pouco ou nada importa se considerarmos este sétimo capítulo como a continuação da descrição sobre o sexto selo, ou se o considerarmos como um parêntesis, uma interrupção na narrativa dos selos.

«...em pé...» Trata-se de uma visão. Pois nenhum anjo é grande bastante para dar a impressão que está apoiado sobre o globo terrestre. Quando há tal simbolismo na Bíblia, como podemos presumir em dizer que a interpretação «simbólica» ou «mística» prejudica nosso entendimento sobre o Apocalipse? Bem pelo contrário, se sempre tentarmos interpretar este livro literalmente, nossa compreensão deste livro será fatalmente distorcida, porquanto o Apocalipse certamente é um documento de natureza «mística», devendo ser interpretado como tal. Somente a prosaica mente ocidental é que procura interpretar um livro místico de forma literal «sempre que



possível», conforme dizem alguns eruditos. A consulta das «fontes informativas» do Apocalipse, especialmente das fontes informativas dos vários apocalipses do período helenista, nos convencerá que devemos ter extremo cuidado com a interpretação literalista. Como exemplo, disso, em Apo. 8:8, há um «monte» que atinge incendiado o mar, o qual poderíamos identificar de imediato como um cometa que atingirá o oceano, ou seja, um objeto físico literal. Ao assim dizermos, teremos simbolizado toda a questão, porquanto um meteorito não é um monte. E assim teremos preservado um objeto literalmente físico, como se estivesse aqui em foco. Então, ao consultar outra literatura apocalíptica, como se vê em I Enoque 18:13, onde há uma cena similar, poderíamos pensar estar confirmada essa interpretação literal. Mas, prosseguindo até I Enoque 21:3 e 108:3-6, descobriremos que esse *monte* é, na realidade, um anjo caído, isto é, um dos sete que cairão no mar, por terem sido expulsos por Deus dos lugares celestes, devido à sua desobediência. A terra estremecerá ante a vinda desses anjos. Talvez, então, nesse caso, o «oceano» represente as nações. Em outras palavras, o ensino pode ser que anjos caídos, ou poderosos seres demoníacos, estão sendo enviados para vexar os homens, e isso como castigo devido àquilo que os homens merecem. Quão diferente é essa interpretação daquela outra que vê aqui um meteorito a mergulhar em algum de nossos oceanos! Outrossim, a tentativa de interpretarmos o Apocalipse de maneira literal, «sempre que possível», com facilidade nos desviará para longe da verdade.

«...quatro anjos...» Consideremos os pontos abaixo, a esse respeito:

1. O termo «anjo» pode implicar em seres angelicais literais, dotados de alguma missão especial a ser realizada na terra. O terceiro versículo deste capítulo mostra que eles têm missões de julzo a efetuar. Esses anjos tiveram de ser entravados por um outro anjo, «...que subia do nascente do sol...» (no segundo versículo). Supomos, pois, que aquilo que têm de fazer deve ser incorporado dentro do sétimo selo, talvez os julgzos das «trombetas», porquanto aquilo que são impedidos de fazer (no terceiro versículo) é mais ou menos paralelo àquilo que é realmente feito (em Apo. 8:7); e, de modo geral, no restante das trombetas, porquanto trarão «dano contra a terra». É possível que esses quatro anjos pertençam ao número dos sete anjos que farão soar as trombetas, mas não se pode afirmar isso com confiança absoluta. São em número de «quatro» porque exercem controle sobre as «quatro extremidades» da terra e sobre os «quatro ventos». Em cada caso, todavia, o número «quatro» fala de algo completo. A terra «inicia», pois, está debaixo do controle desses anjos, até ao ponto que Deus lhes determinar.

2. Outros eruditos crêem que o termo «anjo», neste caso, simboliza as operações de Deus, de sua providência, nada tendo a ver com seres celestes literais.

3. É possível que o autor sagrado aluda aqui aos «quatro anjos da natureza», as forças naturais que controlam o meio ambiente terrestre, sob direção divina.

4. Alguns eruditos supõem que esses anjos são maus, forças espirituais malignas que invadirão a terra nos últimos dias; mas certamente essa interpretação erra totalmente o alvo, ainda que aquela invasão também seja predita na Bíblia.

5. As interpretações históricas vêem aqui quatro impérios mundiais; mas estão equivocadas, sem dúvida alguma.

Pouca dúvida pode haver que a alusão é ao trecho de Zac. 6:5, «...os quatro ventos do céu...» Isso pode ser comparado aos quatro seres viventes de Apo. 4:6,7, e aos quatro cavaleiros.

«...quatro cantos da terra...» Os antigos pensavam que a terra fosse quadrada, e, portanto, dotada de quatro cantos. Os filósofos gregos jônicos (600 A.C.) modificaram isso, pensando ser a terra um disco; mas a maioria dos antigos, desde os tempos babilônicos, aceitava a idéia de uma terra com «quatro cantos». O vidente João contempla a terra do alto de seu ponto visionário, vendo a terra como um plano retangular, havendo um imenso anjo de pé sobre cada um de seus cantos. É indagação inútil se o vidente João cria ou não em uma terra quadrada. Sem dúvida ele assim cria, mas isso em nada prejudica a mensagem de sua visão, ainda que inclua o que agora é uma idéia cosmológica obsoleta. É tão inútil isso como tentar «modernizar» o autor sagrado, e supor que, enquanto ele escrevia, usando idéias antigas, ele mesmo sabia melhor do que elas. A questão inteira, sobre o que o vidente João pensava sobre o formato da terra, não tem peso algum para a fé, pelo que é inútil a discussão sobre a mesma, positiva ou negativamente.

A expressão *quatro cantos*, inteiramente à parte do fato se expressa ou não o formato da terra, diz-nos que esses anjos controlam a terra inteira, de todo o ponto de vista, de todos os ângulos, até ao ponto onde Deus lhes dá permissão. Portanto, podem provocar vastos julgzos, se assim lhes for dado fazer. E quando soarem as trombetas, assim realmente farão; por enquanto, porém, são impedidos de agir, até que sejam selados os mártires em perspectiva.

«...para que nenhum vento soprasse sobre a terra...» Os anjos que se acham nos quatro cantos da terra, conservam presos os quatro ventos. Não lhes é permitido soprar e nem destruir. Também se vê nas cosmologias babilônicas e outras da antiguidade, a idéia que seres angelicais ou espirituais, controlam os quatro ventos, mantendo-os sob controle desde o seu posto, nos quatro cantos da terra. Assim sendo, o vidente João uma vez mais se utiliza de uma expressão da cosmologia antiga, a qual agora nos é estranha, mas que não o era para os leitores originais do Apocalipse. Em Dan. 7:2,3, vemos os quatro ventos do céu irrompendo sobre o mar, provocando destruições imensas. É óbvio que esses ventos não são literais, e, sim, alguma força cósmica e espiritual, que tem o poder de produzir

acontecimentos horrendos sobre a face da terra, mediante forças humanas e sobre-humanas.

Assim, pois, se insistirmos em uma interpretação «literal», fazendo com que esses ventos sejam quatro ventos literais, estaremos nos afastando da verdade. No Apocalipse Sirlaco de Pedro, há uma advertência da parte de Deus, no sentido que quando ele soltar os quatro ventos, haverá saraiva antes do vendaval, um fogo consumidor diante do vento sul, enquanto montanhas e rochas serão partidas pelo meio pelo vento ocidental. Mas nada é dito ali sobre o quarto vento. No Apocalipse do Pseudojoão 15, a promessa de Deus é que os quatro ventos deixarão o mar limpo de todo o pecado. Por igual modo, nas *Perguntas de Bartolomeu* 4:31-34, aos quatro anjos será dado o poder de restringir aos quatro ventos, para não liberarem sua força destruidora sobre a terra. De modo bem geral, pois, o versículo ensina-nos que Deus controla a terra inteira; que os seus julgzos são administrados como e quando ele quiser, e através dos instrumentos e eventos que melhor lhe agradarem. Outrossim, ele restringe seus julgamentos a fim de proteger os seus servos. Além desse significado geral, é perfeitamente possível que nada mais seja aqui ensinado, e que os objetos da visão, como os anjos, os quatro cantos e os quatro ventos, sejam apenas imagens necessárias para dar-nos um quadro interessante, mas que não têm qualquer significado literal ou metafísico. O número «quatro», entretanto, retém seu simbolismo de algo «completo». A terra inteira, com todos os seus acontecimentos, são controlados pela providência divina.

*Outras idéias sobre o primeiro versículo do sétimo capítulo:*

1. Notemos que os ventos não poderão soprar sobre a «terra», o «mar» ou as «árvores», em que o número «três» entra em ação. Esse é o número divino. Assim, por conseguinte, Deus se relaciona à terra, e esta, finalmente, estará totalmente vinculada ao Senhor. De maneira geral, a terra (a parte seca), o mar (as águas) e as árvores (a vegetação) representam as várias condições existentes em nosso globo terrestre literal, que podem sofrer dano dos ventos (ou julgamentos) de Deus.

2. Este versículo, tal como grande parte do Apocalipse, diz-nos claramente que Deus pode intervir e realmente fará intervenção na história humana. Os homens se destruiriam totalmente se Deus assim não fizesse. Mas uma intervenção divina devolverá aos homens o bom senso. O *novo ciclo*, o milênio, seguir-se-á aos terríveis julgzos da Grande Tribulação. Alguns desses sofrimentos serão produzidos pelos homens, mas outros procederão de levantes naturais da natureza, e outros virão de uma direta intervenção divina. Isso expressa a posição do «teísmo», a idéia que o Criador continua presente conosco, pois faz intervenção e castiga ou galardoa os homens. Em contraste com isso, o «deísmo» afirma que o criador se divorciou do seu próprio universo, deixando que as leis naturais o governassem em seu lugar, pelo que também não faria intervenção direta e nem estaria interessado em galardoar ou punir aos homens (Ver Atos 17:27 quanto a várias idéias filosóficas e teológicas acerca da «natureza de Deus e seu relacionamento com os homens»).

3. Deus protegerá certo número de mártires em potencial, e fim de que sejam testemunhas por toda a terra e desafiam com sucesso ao anticristo. Lembremo-nos do caso de Jó. Deus o protegeu, até onde lhe pareceu melhor. Nenhum dos esquemas de Satanás conseguiu prejudicá-lo de modo contrário à vontade divina. O nono versículo deste capítulo mostra-nos que haverá um imenso número de mártires, embora isso venha a suceder por permissão de Deus. Os mártires receberão privilégios espirituais especiais, conforme se vê em Apo. 6:9-11; e a ira de Deus não os atingirá. Portanto, na realidade, serão tanto protegidos como altamente privilegiados. Todas as obras de Deus são boas, e eventualmente haveremos de perceber isso. Nesse interim, as provações demonstrarão que muito podemos sofrer com elas.

4. «O desentendimento chega a proporções fantásticas quando alguém se propõe a interpretar literalmente a símbolos alegóricos, e quando, por outro lado, a explicação regular dessas figuras alegóricas é denominada de interpretação alegórica. Com igual justiça, poder-se-ia dizer que o «semeador» do décimo terceiro capítulo de Mateus, é um semeador literal, e que devemos interpretar espiritualmente a sua pessoa, como uma exposição alegórica. Por mais abortivas que sejam quase todas as interpretações de tais figuras alegóricas, assim sucede porque não dão suficiente importância para a chave que lhes é oferecida pelo estilo de expressão poética e profético-simbólico (Lange, *in loc.*). Esse autor, ao assim falar, quer dizer que devemos interpretar simbólica ou alegoricamente livros como o Apocalipse, os quais nos transmitem sua mensagem nesse estilo. O fato que muitas interpretações falsas são apresentadas por esse método não é contrário ao fato que a verdadeira interpretação deve, sem dúvida alguma, provir desse método. Deixar de compreender isso é ignorar a tradição inteira da literatura apocalíptica, a qual, até onde as expressões dizem respeito, forma a base deste livro.

5. Há interpretações alegóricas que provavelmente estão equivocadas, no tocante a este versículo: a. O mar seriam as nações, e a terra seria Israel; b. o mar seria a Europa e a terra seria a Ásia, ao passo que as árvores seriam a África; c. as árvores seriam os poderes elevados e a grama seria as autoridades secundárias. Essas interpretações estão equivocadas porque podem chegar a mensagem correta sem entrarmos em particularidades ridículas.

6. Também não devemos tentar ver aqui a luta entre o paganismo, a heresia ou Roma, por um lado, e os ministros do evangelho e a Igreja, por outro lado. Antes, temos aqui um quadro sobre a ira de Deus, que espera atingir a terra inteira, visando especialmente os que se mostram rebeldes contra Deus.

7. O vento sacode e derruba por terra os figos temporais, fora da estação certa, produzindo assim uma contradição da natureza (ver Apo. 6:13). Assim também os julgzos de Deus, os ventos, têm o poder de produzir muitas formas de catástrofes contra os homens que rejeitam o seu devido destino em Cristo.

8. «Quem pode resistir?» (Apo. 7:17). Aqueles que estão solidamente fixados no solo do evangelho de Cristo são aqueles que serão selados, e, portanto, resistirão aos ventos do julzo divino. Diz o trecho de Jer. 49:38,37: «Trarei sobre Elão os quatro ventos dos quatro ângulos do céu, e os espelharei na direção de todos estes ventos... farei vir sobre os elamitas o mal, o bramar da minha ira, diz o Senhor...» (Isso também pode ser comparado ao trecho de Dan. 7:2: «Eu estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o Grande Mar»). «Mas essas tempestades não surgirão, para sacudir uma única folha, enquanto não estiver completa a selagem dos servos de Deus» (Carpenter, *in loc.*).

2 καὶ εἶδον ἄλλον ἄγγελον ἀναβαίνοντα ἀπὸ ἀνατολῆς ἡλίου, ἔχοντα σφραγίδα θεοῦ ζῶντος, καὶ ἔκραξεν

φωνῇ μεγάλῃ τοῖς τέσσαρσιν ἀγγέλοις οἷς ἐδόθη αὐτοῖς ἀδικῆσαι τὴν γῆν καὶ τὴν θάλασσαν,

7:2: É o outro anjo subir do lado do sol nascente, tendo o selo de Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado que danificassem a terra e o mar,

«...outro anjo que subia do nascente do sol...» Há uma cena similar a esta, em II Baruc 6:4-8:1. Ali há quatro anjos que estão prestes a incendiar a cidade de Jerusalém, com o propósito de impedir que caia na idolatria, devido à influência dos babilônios. Um quinto anjo veio impedi-los em suas intenções, até que objetos sagrados fossem retirados do templo. Então a cidade foi incendiada. Por igual modo, aqui, o quinto anjo impede que quatro outros lancem terrores sobre a terra. É de presumir-se que os juízos das trombetas sejam esses terrores, os quais, tal como no segundo livro de Baruc, finalmente tiveram permissão de ocorrer, mas não sem que primeiro alguns propósitos divinos fossem realizados.

Identificação do quinto anjo, o refrecedor. 1. Alguns estudiosos pensam que o próprio Cristo está aqui em foco. 2. Mas outros pensam em algum ser angelical literal, guiado por ordem de Cristo. 3. Outros supõem que esse anjo é totalmente simbólico, representando a providência de Deus, que dispõe de muitos meios e métodos de operação.

«...nascente do sol...» O grego é aqui literalmente traduzido, embora seja mais provável que esteja em foco apenas o «oriental». Não sabemos dizer por que razão essa direção específica foi indicada. Talvez a idéia seja que assim como o sol nasce e inaugura um novo dia, renovando as esperanças, assim também, em meio aos mais aterrorizantes juízos, haja alguma esperança na providência de Deus, que faça o sol brilhar sobre os favorecidos do Senhor.

«...grande voz...» Uma expressão favorita do vidente João, expressando uma «mensagem autoritária», que chama a atenção e realiza tudo quanto tencionava fazer. Isso pode ser comparado aos trechos de Apo. 5:2,12; 6:10; 7:10; 8:13; 10:3; 12:10; 14:7,8,15,18 e 19:17.

«...tendo o selo de Deus vivo...» Esse anjo tem a tarefa de «selar» aos cento e quarenta e quatro mil, a fim de protegê-los dos horrores desfechados pelo anticristo, os quais são aplicados no terceiro versículo. Não nos é revelado que tipo de «selo» será esse. (Ver uma discussão sobre os «selos» em Apo. 5:1 e I Cor. 9:2). O trecho de Isa. 44:5 menciona a «inscrição» do nome de Yahweh sobre as mãos dos fiéis, para identificá-los como pertencentes a ele. (Ver um paralelo disso em Apo. 14:1. E talvez este versículo também seja um paralelo). Esse é um dos tipos de selos. II Esdras 6:5 mostra-nos como os fiéis foram selados antes da criação, a fim de assegurar sua bem-aventurança durante os tempos messiânicos. A passagem de Eze. 9:1-8 encerra cena similar a esta, quando seis anjos são retratados como preparados para destruir os habitantes de Jerusalém, quando então um sétimo anjo fá-los estacar por um momento, a fim de «assinalar as testas» dos justos, a fim de não serem prejudicados. E em Salmos de Salomão 15:8, os justos recebem uma marca sobre a testa, a fim de serem preservados das pragas, da fome, da espada e da pestilência, julgamentos que serão lançados contra os ímpios. No Talmude (*Shabbath* 55a) os justos são marcados a tinta, ao passo que os ímpios trazem a marca de sangue, impressa sobre eles. O trecho de II Esdras 2:38 é o mais próximo paralelo que existe da presente passagem, onde aparecem «confessores» ou «testemunhas», assinalados de tal modo que permanecem até ao final de grandes provações, sem sofrerem dano.

Esse selo, essa marca na terra, é o equivalente contrário da marca da besta, no que diz respeito aos justos, ao passo que a marca do anticristo identifica os seguidores de uma religião e de um sistema político iníquos.

3 λέγων, Μὴ ἀδικήσητε τὴν γῆν μήτε τὴν θάλασσαν μήτε τὰ δένδρα ἄχρι σφραγίσωμεν τοὺς δούλους τοῦ θεοῦ ἡμῶν ἐπὶ τῶν μετώπων αὐτῶν.

3 μῆτε 1º] και Α ρε ε ν γ α, ❶

7:3: dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem os árvores, até que selarmos no seu fronte os servos de nosso Deus.

Este versículo reitera, essencialmente, o que dizem o primeiro e o segundo versículos deste capítulo.

«...Não danifiqueis...» (Ver as notas expositivas sobre essas áreas distintas no primeiro versículo deste capítulo). É provável que o autor sagrado tencionasse fazer uma descrição completa dos elementos terrestres, as áreas de terras, as áreas marítimas e as áreas de vegetação, e não de áreas geográficas específicas como a Europa, a Ásia e a África, conforme alguns têm proposto. Os juízos que sobrevirão (quando do soar das trombetas) afetarão a terra inteira, bem como todas as áreas ocupadas pelo homem e pelos demais seres da terra. Os «quatro ventos» trarão os desastres necessários.

«...até selarmos...» Essa questão é amplamente discutida nas notas expositivas sobre o versículo anterior.

«...suas fronte...» Isso também é discutido no segundo versículo. O «nome de Deus», a «cruz» ou outro sinal qualquer, como o «número do Messias», etc., será escrito na testa dos referidos santos e em sua «mão direita», se este versículo é paralelo aos trechos de Apo. 13:16 e 14:9.

«...servos...» Tradução mais exata seria «escravos». Não há motivo para esse termo ser aqui suavizado. Os discípulos de Deus são escravos, por estarem totalmente sujeitos à sua vontade, não tendo vida própria, exceto aquilo que os ajuda a cumprirem o alvo de sua existência. (Ver o desenvolvimento desse conceito dos crentes serem «escravos de Cristo», nas notas expositivas sobre Rom. 1:1).

Nos tempos antigos, os escravos eram «marcados a fogo», isto é, recebiam o «selo» de seus respectivos senhores. Os escravos que eram guardiões dos templos pagãos, ou mesmo os não-escravos que se devotavam especialmente

(Ver Apo. 13:16 e 14:9 acerca disso).

«...Deus vivo...» Temos aqui um título freqüente de Deus, no A.T. e nos escritos judaicos helenistas, salientando o fato que Deus é a única deidade verdadeira, em contraste com os «ídeos mortos» ou «imaginários», que não têm vida, e portanto, não têm poder. O Deus vivo confere vida aos homens, a saber, a sua própria modalidade de vida (ver as notas expositivas em João 5:25,26 e 6:57), de tal modo que os remidos virão a participar da imagem e natureza do Filho (ver Rom. 8:29).

Sobre o Deus vivo, no N.T., ver João 6:69; Atos 14:15; Rom. 9:26; II Cor. 3:3; 6:16; I Tes. 1:9; 4:10; 6:17; Heb. 3:12; 9:14; 10:31; 12:22.

Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. Alguns eruditos pensam que esse «selo» representa o batismo em água. Apesar de ser verdade que o batismo é, por assim dizer, um selo, porquanto nos identifica com a morte e a ressurreição de Cristo, transmitindo-nos os benefícios de ambas—pelo que seria símbolo de tal transmissão, é impossível ver como o batismo poderia estar em pauta aqui. Notamos que esse selagem separa os «mártires em potencial», e não todos os crentes. Portanto, não pode estar em pauta o batismo na água, porquanto o batismo não visa somente esse grupo especial.

2. Vários intérpretes vêem nesse «selo» a certeza específica de que os mártires serão imortais, não podendo ser prejudicados espiritualmente pelos terrores do anticristo, isentos de qualquer dano provindo da ira de Deus (ver Apo. 8:17). Isso significaria que não serão necessariamente preservados do martírio. Por algum tempo serão testemunhas, desafiando ao anticristo. Se forem mortos, isso não lhes trará nenhuma consequência adversa à alma. Mas outros estudiosos pensam estar em foco a preservação física dos mártires, como algo, pelo menos, incluído. Esses resistiriam aos sucessivos esforços dos malignos poderes do anticristo, até que a segunda vinda de Cristo houver de liberá-los de sua tarefa.

3. A bênção preservadora virá do oriente. Será dada por meio do Sol da Justiça, que traz cura em suas asas, segundo se lê em Mal. 4:2.

4. Outros intérpretes vêem nesse símbolo o sinal da «cruz», aposta na testa dos mártires. O sinal real e sagrado, no livro de Ezequiel, é a cruz ou letra «T», símbolo da vida. No Testamento de Salomão, um espírito maligno declara que enfrenta a destruição vinda da parte do Messias, e que pode ser derrotado por qualquer um que traga o número do Messias inscrito em sua testa.

5. As palavras «do nascente do sol», isto é, o oriente, na opinião de alguns, indicaria a Palestina, que fica a oriente da ilha de Patmos. Assim poderia estar em foco o próprio «Cristo», que como homem nasceu na Palestina, sendo ele o anjo que instruiu os outros quatro anjos a agirem antes da hora. Mas essa interpretação parece um tanto fantasiosa.

6. Em meio às trevas e dos juízos iminentes, a Luz brilha no oriente. Isso simbolizaria a esperança eterna. O trecho de II Tim. 2:91 menciona duas inscrições possíveis do selo, ou, pelo menos, o que elas significam: «O Senhor conhece os que lhe pertencem»; e: «Aparta-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor». Esse é o firme fundamento de Deus. Os antigos atribuíam poderes mágicos às marcas secretas, selos e inscrições. Mas não há qualquer arte mágica no selo de Deus, mas tão somente esse selo pode realizar a tarefa que lhe é determinada, por causa do poder divino que está por detrás do mesmo.

7. Alguns intérpretes forçam o presente texto, comparando-o com outros escritos que mencionam selos, conferindo ao versículo a idéia da predestinação dos eleitos. Trata-se de uma doutrina bíblica, embora ela nunca se verifique às expensas do livre-arbítrio humano. Ambas essas idéias fazem parte das Escrituras. (Ver as notas expositivas sobre a «selecção», em Efé. 1:4; e sobre o «livre-arbítrio», em I Tim. 2:4). O presente texto não parece estar relacionado ao tema da eleição.

3 σφραγίσωμεν... αὐτῶν Εφε 9:4; Ρε 9:4

a algum deus ou culto, com freqüência eram marcados com o nome dessa divindade, ou com algum símbolo místico de seu culto. Ptolomeu IV Filopater ordenou que os judeus alexandrinos fossem marcados com uma folha de hera, o sinal de Dionísio, conforme se vê em III Macabeus 2:29. Filo, em *De Monarch*, repreende os judeus que se permitiram marcar dessa maneira, sem importar quanto lhes custou resistir a tal marca. É a prática como essas que o vidente João alude; e os leitores originais do livro teriam compreendido perfeitamente o que está envolvido. Existirão algumas pessoas, como os mártires em potencial e as «testemunhas» do período da Grande Tribulação que obterão dedicação absoluta à causa de Cristo, nada havendo que possa separá-los do amor de Deus, que cumprirá neles todos os propósitos divinos relativos àquela época em particular.

*Significados desse selo.* Isso pode ser melhor percebido através dos pontos seguintes: 1. Proteção, do dano físico ou do dano espiritual, incluindo a ira de Deus (ver Apo. 6:17). 2. Segurança, em meio ao período da Grande Tribulação, mas também na vida eterna. 3. Proteção contra os poderes demoníacos, que ajudarão ao anticristo em suas tentativas de sujeitar todos os homens a si mesmo, apagando da terra a memória do Deus vivo. O que tiver de suceder, durante o julgamento das trombetas, deixará isso claro. Ver também o caráter satânico do poder do anticristo, no décimo terceiro capítulo deste livro. 4. A passagem de Apo. 13:15 pode indicar que essa proteção será espiritual, e não física; e alguns intérpretes defendem exatamente esse ponto de vista. Todos esses «mártires em potencial» serão, de fato, martirizados. Alguns conseguirão sobreviver por mais tempo do que outros; mas todos sucumbirão (ou, pelo menos, praticamente todos). Não obstante, estarão todos seguros em Cristo. Isso é o que o «selo» lhes garante. 5. Essa selagem preservará os mártires da apostasia espiritual, o que sempre é uma grave ameaça, em tempos de profunda tensão e pressão religiosa.

Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Os homens podem olvidar-se de Deus, ou abandonar a confiança nele, em meio às tempestades de perseguição. Uma das lições espirituais deste versículo é que isso não é necessário, pois quando a fé é profunda, isso nos assegura a fidelidade ao Senhor, mesmo em meio às piores tempestades. A essência da fé verdadeira é que ela é tão firme que pode manter sua firmeza quando todas as nossas circunstâncias externas contribuem para destruí-la. A fé consiste na outorga da própria alma aos cuidados de Cristo, em que todo valor e preciosidade estão concentrados no outro mundo. (Essa concepção é comentada em Heb. 11:1, onde também aparece a nota de sumário sobre a fé.). A fé é um dos aspectos do fruto do Espírito, Gál. 5:22, ou seja, um produto do desenvolvimento espiritual. O indivíduo cujo desenvolvimento espiritual é superficial, sucumbirá em tempos difíceis, porque a sua fé também será, necessariamente, superficial.

2. Não será fácil alguém ousar crer, quando o anticristo passar a promover a pior de todas as perseguições religiosas da história, algo que não terá sido igualado nem mesmo nos tempos de Nero e de Domiciano. Nós e nossos filhos viveremos naqueles dias, o que é pensamento extremamente solene!

3. O solo aposto na testa dos eleitos de Deus pode ser comparado aos trechos de Êxo. 28:36-38 e Eze. 9:4.

4 καὶ ἤκουσα τὸν ἀριθμὸν τῶν ἐσφραγισμένων, ἑκατὸν τεσσαράκοντα τέσσαρες χιλιάδες, ἑσφραγισμένοι ἐκ πάσης φυλῆς υἱῶν Ἰσραὴλ.

"4 e milhar, a nome: WH RV ABV TT Luth // a nome, a milhar: RSV // a nome, a nome: TR. Rev Nes BF<sup>2</sup> AV NEB<sup>2</sup> Zür Jer<sup>2</sup> Sea<sup>2</sup>

4 ἑκατὸν...χιλιάδες Rn 14.1.3

7:4: E ouvi o número das que foram assinaladas com o selo, cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel:

Chegamos agora à difícilíssima questão da identificação dos cento e quarenta e quatro mil. Há três posições extremadas, que mencionaremos em primeiro lugar, que são as de menor probabilidade de estarem com a razão:

1. A mais ridícula de todas as interpretações, que tem surgido em várias eras da história eclesiástica, é aquela que faz alguma «seita», «grupo» ou «denominação» de Cristãos ser aquela companhia. Dessa forma os homens se têm glorificado estupidamente a si mesmos.

2. É também extremada a posição daqueles que pensam que os cento e quarenta e quatro mil representam exclusivamente a nação de Israel. Isso ignora totalmente a base histórica deste livro, pois, sem dúvida alguma, o vidente João visualizava os «mártires em potencial» como membros da igreja cristã, como o «Israel espiritual».

3. Por igual modo, é extremada a posição dos que pensam estar aqui em pauta somente a igreja, o Israel espiritual. Há muitas predições bíblicas que indicam a futura restauração de Israel, como nação, em que ela se converterá totalmente a Cristo (ver Rom. 11:26). Os místicos contemporâneos predizem a conversão da nação de Israel nos fins do nosso século XX, quando o sinal da cruz aparecer no firmamento (que seria o sinal do Filho do homem), o que dará início à intervenção divina que livrará a nação israelita de adversários esmagadoramente superiores em número, que a estarão ameaçando de total extinção. É razoável supormos que após esse acontecimento, Israel se torne testemunha da verdade cristã, subsequente à Terceira Guerra Mundial mas antes da batalha do Armagedom, a qual fará parte ainda de uma outra guerra (subsequente àquela que levará Israel à conversão). Supõe-se que primeiramente haverá a Terceira Guerra Mundial e depois, Armagedom (4ª Guerra mundial), na primeira quarta parte do século XXI. Então se seguirá o milênio. Em algum ponto desses acontecimentos uma boa parte da nação de Israel será selada e virá a pertencer ao número dos cento e quarenta e quatro mil, sendo eles testemunhas de Cristo acerca daquele período de agonia.

4. Conjecturamos, pois, que o número «144.000» é simbólico, e não literal, envolvendo alguns elementos da igreja gentilícia e outros da convertida nação de Israel, que serão instrumentos especiais da graça de Deus durante o período de Grande Tribulação, como testemunhas, embora não venham a ser necessariamente preservados do martírio, conforme parece indicar o trecho de Apo. 13:15, e onde se tem a impressão que nenhum deles escapará ao martírio.

5. O nono versículo deste capítulo pode aludir a um grupo de mártires à parte dos cento e quarenta e quatro mil. Ou então poderia estar ali em foco o mesmo grupo de pessoas, embora sob uma descrição diferente. Todavia, o fato que se trata de uma multidão «incontável», mostra que estão em pauta mais do que os cento e quarenta e quatro mil, embora certamente estejam inclusos naquele número. Os mártires serão mais do que o número específico de cento e quarenta e quatro mil, sendo que esse número determinado tem algum propósito especial divino para a época da Grande Tribulação. Ou então os cento e quarenta e quatro mil são um número que «simboliza» a companhia inteira dos mártires. (Ver o ponto «oitavo», mais abaixo).

6. Rejeitamos aquela interpretação que faz dos cento e quarenta e quatro mil algum «grupo seletivo» de crentes, extraídos dentre todas as eras da história da igreja. Pois pertencem aos últimos dias tão-somente.

7. Historicamente falando, o vidente João deve ter tido em mente a igreja cristã. Isso poderia ser entendido de dois modos diversos: 1. Seriam judeus cristãos, que haveriam de sofrer martírio durante o tempo dos imperadores romanos. 2. Ou seria o «Israel espiritual», sem qualquer tentativa de dividir a igreja em judeus e gentios. A última dessas posições é a mais provável e correta. Portanto, supomos que se o vidente João fosse interrogado acerca

6 ἐκ φυλῆς Ἰουδα δώδεκα χιλιάδες ἐσφραγισμένοι, ἐκ φυλῆς Ῥουβὴν δώδεκα χιλιάδες, ἐκ φυλῆς Γαδ δώδεκα χιλιάδες,

5 Γαδ] Δαν 48 1854 pc

7:6: da tribo de Judá havia doze mil assinalados; da tribo de Rubem, doze mil; da tribo de Gade, doze mil;

4. Nem um único cristão pereceu na destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C. Por conseguinte, nisso temos uma lição no sentido que Deus pode preservar aos homens em meio às mais conturbadas situações.

5. No A.T., os «servos» de Deus são seus sacracons. Os justos são, automaticamente, «escravos de Deus», porquanto toda vida e existência tem origem e alvo na pessoa de Deus. O simbolismo inteiro do décimo quarto capítulo deste livro é extraído do A.T., tal como se dá com grande parte do Apocalipse. E isso é mesclado, aqui e ali, com pontos extraídos da literatura judaica helanista. (Quanto a uma completa descrição sobre as «fontes literárias» do livro de Apocalipse, ver a secção IV da introdução geral ao livro).

6. A «selagem» é garantida pelo poder espiritual, pelo poder do Espírito de Deus. Ele nos prová proteção e salva do poder do hades e da morte. Entendemos que Deus habita conosco mediante o seu Espírito Santo. Portanto, todas as suas promessas, que foram feitas por estarmos associados como filhos de Deus com o Filho, deverão cumprir-se devidamente.

7. Quanto a notas expositivas acerca da «segurança do crente», algo implícito nessa «selagem», ver Rom. 8:39, que é a nota de sumário sobre o tema.

4 ἐσφραγισμένοι] -των 046 82 104 2036 al

do que ele quis dizer, responderia tratar-se do «Israel espiritual». Todavia, devemos encarar o texto também de acordo com seu aspecto profético. Desse modo, devemos incluir a nação literal de Israel, em conjunção com a igreja cristã, como testemunha em favor de Cristo, naqueles horrendos tempos do fim que logo nos alcançarão.

8. O vidente João pode ter tido em mente o número de mártires que será preenchido antes do segundo advento de Cristo. (Ver Apo. 6:11 sobre esse conceito). Os cento e quarenta e quatro mil, pois, representariam um número místico, dotado de algum sentido simbólico, ao referir-se sobre a companhia dos mártires do fim, embora, em seu número real, em muito excedessem aos cento e quarenta quatro mil. Parece que tal cifra indica a multiplicação dos «doze» por «doze», e então por «mil», dando a idéia de «número completo». Acerca do número «doze» Lange, em sua introdução, na página 15, declara: «Doze (3 X 4), número do mundo espiritual; portanto, número do «alicerce», da «medição» e da «consumação» do reino de Deus. Número da plenitude das manifestações carismáticas, bem como número da restauração terminada. Número real e celestial de algo terminado». Esse raciocínio se adapta bem ao conceito do número «necessário» de mártires, conforme se vê em Apo. 6:11.

Há ainda outros pontos de vista sobre o simbolismo desse número, a saber:

1. De acordo com alguns, esse número se derivaria do conceito de «setenta», que simbolizaria a totalidade de Israel (ver Gên. 46:27); ou se derivaria da igreja, representada em seus líderes (ver o décimo capítulo do evangelho de Lucas; e comparar com as setenta nações do décimo capítulo do livro de Gênesis). A «forma mais completa» poderia ser «setenta e dois», mas a forma mais completa desse simbolismo seria representada por 72 X 1000 X 2 = 144.000.

2. O total de «doze mil», proveniente de cada tribo, simbolizaria igual participação nas graças e na proteção divinas por parte de cada tribo.

3. O doze resulta da multiplicação de três por quatro, ou seja, a idéia divina multiplicada pela idéia da extensão mundial (porquanto quatro é o número simbólico da terra, segundo se vê nas notas expositivas acerca do primeiro versículo deste capítulo). Doze multiplicado por doze, portanto, implicaria em fixidez e número completo. O número mil subentende um mundo perfeitamente permeado pelo ser divino, conforme se verá no «milênio» (ver o vigésimo capítulo deste livro). Pois mil também representa este mundo («dez», ver Apo. 13:1), já que é o número «dez» elevado à sua «terceira» potência (pela força divina).

4. Alguns estudiosos abandonam toda a idéia de um simbolismo particular, e aludem aos cento e quarenta e quatro mil apenas como um «grande número representativo»; e o nono versículo deste capítulo talvez represente exatamente isso.

5. O número «doze» representaria testemunho e autoridade: doze patriarcas, doze apóstolos. Portanto, a multiplicação de doze por doze representaria o testemunho especial daqueles futuros e privilegiados mártires.

6. Há também os intérpretes que supõem que o número «doze» representa a igreja inteira, por meio dos seus principais representantes, os apóstolos. Esses cento e quarenta e quatro mil serão as mesmas pessoas que aquelas que figuram no décimo quarto capítulo do Apocalipse? Creemos que sim, por motivos ali expostos (ver as notas expositivas sobre Apo. 14:1), embora não possamos afirmá-lo de maneira dogmática.

Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. Quanto ao «Israel espiritual», ver as notas expositivas em Tia. 1:1; 1 Ped. 1:1; Rom. 9:6 e Gál. 6:16.

2. O vidente João já tinha mostrado que ele considerava a igreja como o «Israel espiritual». (Ver Apo. 2:9; 3:9, 12 e 21:9 e ss.).

3. O Senhor conhece aqueles que lhe pertencem. Todos eles estão numerados, e serão selados. A eles serão dadas mimosas especiais, bem como o poder espiritual para cumprirem as mesmas.



Comentários gerais sobre a natureza e as peculiaridades dessa lista das tribos da nação de Israel:

É possível que a ordem de menção das tribos não se revista de qualquer significação especial, com a possível única exceção do fato que a tribo de Judá é citada em primeiro lugar, provavelmente devido ao fato que dessa tribo é que proveio o Senhor Jesus, quanto à carne. (Ver Apo. 5:5 e Heb. 7:14). O A.T. encerra vinte listas diferentes das tribos, e nenhuma ordem específica é ali seguida. (Quanto às várias listas de tribos, no A.T., ver Gên. 35:22 e ss.; 46:8 e ss.; 49; Exo. 1:1 e ss.; Núm. 1:2; 13:4 e ss.; 26:34; Deut. 27:11 e ss.; 33:6 e ss.; Jos. 13-22; Jul. 5; I Crô. 2-8; 12:24 e ss.; 27:16 e ss. e Eze. 48). Charles (*in loc.*) supõe que a desordem da lista que aqui temos se deveu a uma «deslocação» de versículos. Ele propõe que os versículos sétimo e oitavo deste capítulo encabeçassem a lista, e que então deveriam ser postos os versículos cinco e seis. Se assim realmente fosse, então viriam primeiramente os filhos da primeira esposa de Jacó, Lia — Judá, Rúben, Simeão, Levi, Issacar e Zebulom; e então viriam os filhos de Raquel, a segunda esposa — José e Benjamim. Em seguida viriam os filhos da criada de Lia — Gade e Aser. E, finalmente, ao invés dos filhos da criada de Raquel — Naftali e Dã, teríamos aqui, por razões conhecidas somente pelo autor sagrado, Naftali e Manassés. Nesse caso, a ordem de apresentação é a seguinte: a. filhos de Lia; b. filhos de Raquel; c. filhos da criada de Lia; d. filhos da criada de Raquel. Isso, naturalmente, restauraria a ordem de apresentação das tribos, bem como o propósito aparente dessa lista. Todavia, tal remanejamento do trecho não encontra eco nem mesmo nos manuscritos mais antigos que se têm descoberto, não passando de uma conjectura, pois supõe algum erro primitivo no arranjo da lista. Certos estudiosos vêem alguma finalidade nesse arranjo sem sentido, a saber, que não existe favor especial e nem ordem na graça que Deus conferirá aos mártires e testemunhas. A graça divina seria conferida a todos, indistintamente, sem respeitar qualquer condição ou ordem.

2. A tribo de Dã foi excluída dessa lista. Irineu, escrevendo perto do fim do segundo século de nossa era, informa-nos sobre uma antiga tradição que supunha que o anticristo provirá dessa tribo (ver *Contra Heresias*, V.30.2). O *Testamento de Daniel* 5.6 (uma obra judaica pseudépigrafa) parece ensinar a mesma coisa. E já que esta última obra fora escrita antes do Apocalipse, é possível que o vidente João tivesse consciência dessa tradição. Além disso, Dã esteve associado com o maior de todos os pecados, o da idolatria, um dos sinais característicos do anticristo (ver Jul. 18:30; *Gênesis Rabba* 43:2; Targum de Jeremias 1, sobre Exo. 17:8). E essa poderia ser uma outra das razões por que a tribo de Dã não é aqui mencionada, como progenitora de um grupo selecionado de mártires.

3. Efraim é excluído da lista e substituído por José. Supomos que o motivo disso é que a lista visa incluir os filhos de Raquel, talvez como esposa favorita de Jacó. Além disso, em uma lista assim, o nome de José é mais ilustre que o de Efraim. Outros estudiosos afirmam que Efraim deixara de existir como tribo separada, antes da produção do livro de Apocalipse.

4. A eliminação do nome de Dã é compreensível, segundo o que é dito sob

o segundo ponto acima; mas é difícil perceber-se por que Manassés foi o escolhido para substituí-lo. Manassés foi o filho mais velho de José, nascido no Egito, cuja mãe foi Asenate, filha de Potifera. Talvez por ter sido o primogênito de José, seu nome, acima de qualquer outro, parece ter sido o mais apropriado para substituir a Dã. Alguns eruditos supõem que originalmente Dã se achava no texto sagrado, mas que, por inadvertência, foi substituído pelo nome similar «Man» (forma abreviada de Manassés); mas isso é altamente improvável, não tendo apoio nos manuscritos existentes do livro de Apocalipse.

5. Seja como for, o número «doze» é retido aqui, e isso é um número representativo, indicando número «completo» e «representação» de um grupo, através de seus progenitores ou líderes. (Ver as notas expositivas, no quarto versículo deste capítulo, sobre a identificação dos «cento e quarenta e quatro mil»).

6. Nessa substituição de uma tribo por outra, alguns eruditos vêem a ilustração do fato espiritual que, devido à apostasia e ao pecado, alguém antes favorecido pode vir a ser rejeitado e substituído. Assim é que o «Israel espiritual» substituiu ao Israel literal na dispensação da igreja. Portanto, aquele que pensa estar de pé cuida para que não caia. E que ninguém diga: «Tenho a Abraão por pai». Deus é capaz de suscitar filhos a Abraão destas pedras. Não é judeu quem o é externamente, na carne, mas aquele que o é internamente, no espírito (ver Rom. 2:28,29).

7. Notemos que cada tribo é aqui representada por doze mil testemunhas e mártires escolhidos. Não há favoritismo. A graça de Deus faz provisão igual para todos.

*Notas sobre as tribos individuais:*

**Judá:** Essa tribo é mencionada em primeiro lugar porque Cristo, o Messias, era dessa tribo. Judá foi o quarto filho de Jacó, por Lia (ver Gên. 29:35, bem como o primeiro ponto, acima). Seu nome significa «louvre de Deus»; e é através do seu Filho maior que esse louvor se torna possível entre todas as nações. (Ver Gên. 29:35). O louvor é apropriado para todos os verdadeiros discípulos de Cristo, especialmente para o grupo selecionado de mártires, que são representados por esse nome.

**Rúben:** Foi o primogênito de Jacó, por Lia. Mas, por causa de seu pecado, perdeu direito à primogenitura. Seu nome significa: «Eis o filho!» (ver Gên. 29:32). Nisso se pode perceber certa lição espiritual, porque é ao Filho que nos convém contemplar. A instabilidade de Rúben encontrou cura no Filho maior de Israel, Jesus Cristo. Deus não repele aos instáveis, mas antes, oferece-lhes o remédio da transformação segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29), mediante o poder espiritual (ver II Cor. 3:18 e Gál. 5:22,23).

**Gade:** Seu nome significa «tropa» (ver Gên. 30:11). Espiritualmente, talvez denote o número incomensurável dos santos, especialmente, no presente contexto, no caso do grupo de mártires selecionados. Esses são aqueles que Deus reservou para si mesmo, com finalidades precípuas, visando o bem-estar de toda a humanidade. Foi ele o sétimo filho de Jacó, através da criada de Lia, Zilpa.

6 ἐκ φυλῆς Ἀσήρ δώδεκα χιλιάδες, ἐκ φυλῆς Νεφθαλίμ δώδεκα χιλιάδες, ἐκ φυλῆς Μανασσὴ δώδεκα χιλιάδες, 6 Μανασσῇ Δαυ β

7:6: da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil;

**Aser:** Seu nome significa «bendito» (ver Gên. 30:13). Espiritualmente significa as bênçãos do Messias sobre todos os discípulos, mas, sobretudo, sobre os mártires e testemunhas do período de Grande Tribulação. Foi o oitavo filho de Jacó, por meio de Zilpa, criada de Lia.

**Naftali:** Seu nome significa «lutas» (ver Gên. 30:8). Espiritualmente, pode designar o conflito dos santos, mediante o que serão capazes de ser mais do que vencedores, e isso é especialmente veraz no que diz respeito às tremendas perseguições religiosas promovidas pelo anticristo. Naftali foi o quinto filho de Jacó, nascido de Bilha, criada de Raquel.

7 ἐκ φυλῆς Συμεὼν δώδεκα χιλιάδες, ἐκ φυλῆς Λευὶ δώδεκα χιλιάδες, ἐκ φυλῆς Ἰσασαὴρ δώδεκα χιλιάδες, 7

7:7: da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil;

**Simeão:** Foi ele o segundo filho de Jacó, por meio de Lia (ver Gên. 29:33). Seu nome significa «audição». Espiritualmente, isso pode significar que devemos «ouvir» a fim de obedecer, e também que as ovelhas de Cristo ouvirão a sua voz e o seguirão, até mesmo sob as mais difíceis circunstâncias, como sucederá durante a Grande Tribulação, em que o anticristo martirizará a multissimos seguidores de Cristo.

**Levi:** Foi ele o terceiro filho de Jacó, por meio de Lia (ver Gên. 29:34). Seu nome significa «reunido», e, espiritualmente falando, isso pode indicar

8 ἐκ φυλῆς Ζαβουλὼν δώδεκα χιλιάδες, ἐκ φυλῆς Ἰωσήφ δώδεκα χιλιάδες, ἐκ φυλῆς Βενιαμὴν δώδεκα χιλιάδες ἐσφραγισμένοι.

7:8: da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil encapados.

**Zebulom:** Foi o sexto filho de Jacó, por meio de Lia. Seu nome significa «habitação» (ver Gên. 30:20). Lia tinha a esperança que em face dela ter dado seis filhos a Jacó, que assim ela obteria o seu favor, e que ele continuaria a habitar com ela, favorecendo-a acima de Raquel. Cristo habita conosco e nos favorece, por meio do Espírito Santo, ao ponto de fazer de nós a própria habitação ou templo de Deus (ver Efê. 2:21,22). Essa

como o amor de Cristo nos confere união no bem-estar, de tal modo que nada é capaz de separar-nos do amor de Deus em Cristo. Isso será algo necessário quando o anticristo perpetrar suas violências implias e lançar o caos no seio da igreja, durante o período da tribulação. Nada pode separar-nos da graça de Deus, que opera por meio do amor (ver Rom. 8:32 e ss.). A tribo de Levi era a tribo sacerdotal. Deus fez de nós reino e sacerdócio (ver Apo. 1:6).

**Issacar:** Foi o quinto filho de Jacó, por meio de Lia (ver Gên. 30:17,18). Seu nome significa «salário» ou «recompensa». Talvez indique, espiritualmente falando, os benefícios e galardões que Deus confere aos seus servos, especialmente para os que se mostram fiéis em tempos difíceis.

habitação nos transforma na própria imagem de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18), de tal modo que compartilhemos de sua própria natureza e também da plenitude de Deus (ver Efê. 3:19) vindo a participar da própria divindade (ver II Ped. 1:4). E é desse modo que Deus vem habitar supremamente conosco, de modo a favorecer-nos. O Senhor se postará ao lado dos mártires, no período da Grande Tribulação, de tal modo que nenhum dano real e duradouro lhes poderá sobrevir.

**José:** José foi o décimo primeiro filho de Jacó, por meio de Raquel, sendo o primeiro filho desta (ver Gên. 30:24 e 35:24). José foi o filho favorito e

mais favorecido de Israel. Foi mimado por Jacó e Raquel; mas, quando foi vendido à servidão, por seus próprios irmãos mais velhos, conseguiu vencer em meio à adversidade, e Deus se postou a seu lado, fazendo redundar em bem o que pareceria ser para mal. Isso ele fará novamente no caso dos mártires do período da Grande Tribulação. O nome José significa «adição» (ver Gên. 30:24). Seu nascimento retirou o opróbrio de Raquel, por não ter desistido de sua confiança de que Deus ainda lhe «adicionaria» outro filho, confirmando essa bênção. Portanto, as bênçãos de Deus são adicionadas e multiplicadas em nosso favor, a despeito de todo o opróbrio e de todas as adversidades.

**Benjamin.** Foi o filho mais novo de Jacó, nascido de Raquel, que faleceu

7. *Parêntesis* (7:1-17)

b. Os mártires glorificados (7:9-17).

A selagem dos mártires agora já se completou. Então deparamos com a visão admirável de uma inumerável companhia de mártires, vindos de todas as nações, os quais já se acham nos céus. Isso presume as verdades expostas nos pontos abaixo:

1. A igreja ficará na terra durante o período da Grande Tribulação, porque essas são pessoas provenientes de todas as nações, antes da conversão de Israel, sendo altamente improvável que qualquer tipo de evangelismo entre os israelitas pudesse produzir tal resultado, embora, mais tarde, após a conversão de Israel, grande venha a ser o seu alcance missionário.

2. O período da Grande Tribulação será período de muita graça salvadora, sendo recolhidas multíssimas almas. O sofrimento purificará a igreja, e esta, uma vez purificada, provavelmente ao ponto em que os dons espirituais lhes serão restaurados em poder e abundância segundo os dias primitivos, será uma força poderosíssima na terra.

3. Os mártires em potencial serão martirizados, pelo menos muitos deles. E isso significa que a selagem os protegerá da ira de Deus, mas não do martírio. Se os cento e quarenta e quatro mil do sétimo capítulo são iguais àqueles do décimo quarto capítulo, não sabemos dizer com certeza. Mas observemos que em Apo. 14:3 esses mártires estão nos «céus», diante do «trono» do Senhor, e não testificando à face da terra. Portanto, já terão sido martirizados, embora continuem selados, porquanto estarão resguardados no amor de Deus, preservados para os seus propósitos eternos. Não obstante, o testemunho deles, antes do seu martírio, será tão poderoso que atrairá para o redil de Cristo vastíssima companhia de homens; e mesmo sob o tipo mais feroz de perseguição religiosa, o número dos membros da igreja de Cristo aumentará, ao invés de diminuir. O sangue dos mártires continuará a ser a semente da igreja.

4. O número dos mártires que aqui se vêem, apesar de grande, ainda não está completo. (Ver Apo. 6:11 quanto ao conceito que certo número deve ser atingido antes de Deus pôr fim dos terrores provocados pela perseguição movida pelo anticristo).

5. A visão foi dada a fim de encorajar aos que sofrem, porquanto a morte não pode matar realmente, não indicando qualquer separação entre o crente, por um lado, e Deus e o bem por outro. Esses mártires atravessarão vitoriosamente a Grande Tribulação. Portanto, não temamos a quem pode matar o corpo, mas, depois disso, nada mais podem fazer (ver Mat. 10:28). Lembremo-nos que o Apocalipse é, na verdade, uma espécie de *manual dos mártires*. Foi escrito a fim de encorajar aos mártires em potencial, durante as perseguições romanas. Domiciano, o «segundo Nero», naqueles dias vivia matando a muitos. O vidente João esperava que muitos outros seriam ainda martirizados. Portanto, ele escreveu a fim de encorajar aos tais. Os mártires serão «selados» por Deus, pelo que não poderão sofrer qualquer dano da parte da «ira de Deus» (Ver Apo. 6:17), e a ira de Roma não poderia mesmo prejudicar-lhes as almas. Profeticamente, projetamos esse tempo para a «Grande Tribulação», quando o anticristo, o pior de todos os filhos de Roma, perpetrará a mais terrível perseguição religiosa de todos os tempos. Assim como o vidente João escreveu «historicamente» para a igreja que sofria, assim também a sua mensagem, «profeticamente falando», visa a mesma igreja, embora de uma era diferente.

6. Assim como os versículos primeiro a oitavo deste capítulo parecem falar aos mártires em potencial, «na terra», assim também os versículos nono em seguida mostram que esses mártires já se acham «nos céus», depois de seu martírio. Essa parte da visão concorda plenamente com o décimo quarto capítulo do Apocalipse, onde, uma vez mais, aparentemente, recebemos informações sobre os cento e quarenta e quatro mil.

7. Chegar triunfante nos céus é a cura para todos os sofrimentos passados na terra. A terra não tem tristeza que os céus não possam curar. Paulo ensina essa lição de modo eloquente, em Rom. 8:18 e ss.

9 Μετὰ ταῦτα εἶδον, καὶ ἰδοὺ ὄχλος πολὺς, ὃν ἀριθμῆσαι αὐτὸν οὐδεὶς ἐδύνατο, ἐκ παντὸς ἔθνους καὶ φυλῶν καὶ λαῶν καὶ γλωσσῶν, ἐστῶτες ἐνώπιον τοῦ θρόνου καὶ ἐνώπιον τοῦ ἀρνίου, περιβεβλημένους στολὰς λευκάς, καὶ φοίνικες ἐν ταῖς χερσὶν αὐτῶν·

9 περιβεβλημένους στολὰς λευκάς Rn 3,5, 18; 4,4; 6,11; 7,13; 19,14

9 εστωτες] -τας 046 Bz 1677 2036 2329 al | φοινικες] -κας K<sup>o</sup> 046 Bz 2036 pm

7:9; Depois destas coisas vi, e eis aqui grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e em presença do Cordeiro, trajando compridas vestes brancas, e com palmas nas mãos;

**Identificação dessa multidão de mártires:**

1. Se aceitarmos que essa inumerável multidão é igual aos cento e quarenta e quatro mil, em que essa cifra seria apenas um símbolo do número completo dos mártires, então quase todas as interpretações apresentadas no quarto versículo deste capítulo, sobre os cento e quarenta e quatro mil, se aplicam aqui também. a. Não se trata de um grupo seleto de mártires, provenientes da era inteira da igreja. Esses são os que vieram da «Grande Tribulação», e não das perturbações diversas que têm produzido mártires ao longo dos séculos. b. Não são os crentes de todas as épocas, e nem mesmo todos os crentes de qualquer época em particular. São um grupo de mártires, conforme o contexto deixa claro. c. Não representam qualquer grupo «seleto» de crentes, qualquer «seita» de qualquer época particular da história eclesiástica. d. Não são um grupo «seleto» de crentes, escolhidos dentre todas as eras da igreja.

2. Se essa grande multidão é igual aos cento e quarenta e quatro mil (número esse que representaria o número total de mártires) talvez tenhamos aqui a visão sobre todos os mártires cristãos de todos os séculos; mas isso é contradito pelo fato de vieram da «Grande Tribulação», que parece limitá-los a algum tempo específico. (Ver o décimo quarto versículo deste capítulo).

3. Há quem pense que aqui temos os «mártires gentios», salvos durante o período da Grande Tribulação, um grupo distinto dos mártires judeus, isto

ao dá-lo à luz. Após o desaparecimento de José, Benjamim obteve o favor especial de Jacó. Seu nome significa «filho da mão direita» (ver Gên. 35:18). Isso simboliza a importância que Jacó atribuiu ao seu nascimento, pois assim ele obteve um filho especial. Mas Raquel, quando já falecia, deu-lhe o nome de *Benoni*, que significa «filho de tristeza». O Senhor Jesus foi pintado segundo o significado de ambos esses nomes, porquanto ele é o Homem de Tristeza, mas também é o Filho especial de Deus, o Filho de seu Poder. Em Cristo, através de ambos esses aspectos, os mártires e testemunhas da Grande Tribulação aprenderão lições espirituais necessárias. Passarão por grandes tristezas, à semelhança de Cristo, mas triunfarão em Cristo, não obstante todos os sofrimentos.

é, dos cento e quarenta e quatro mil. Essa é uma interpretação possível, ainda que não muito provável.

4. Essa multidão também poderia representar os «convertidos gentios», ganhos para Cristo devido ao testemunho dos israelitas convertidos durante a Grande Tribulação. Mas isso não é possível porque o contexto mostra que são mártires, e não o conjunto geral dos convertidos.

5. Historicamente falando, o vidente João pensa nessa multidão como *Cristãos* que teriam sofrido ou ainda sofreriam sob as perseguições romanas. Não é possível que segundo esse ângulo fossem distintos dos «mártires judeus», que seriam o «Israel espiritual». Portanto, somos levados a várias possibilidades quanto à identidade dessa multidão, de acordo com o ponto de vista histórico do vidente João, a saber: a. Haverá cento e quarenta e quatro mil mártires cristãos judeus (uma parte da igreja), além de uma vastíssima companhia de mártires cristãos gentios, vítimas da mesma perseguição romana. b. Melhor ainda, os cento e quarenta e quatro mil não seriam judeus literais, e, sim, o *Israel espiritual*, embora de algum modo distintos da inumerável multidão de «mártires gentios». Isso significaria que todos fazem parte da igreja, mas que os cento e quarenta e quatro mil formam algum grupo seleto, na concepção de João. c. Ou então, conforme dizem quase todos os intérpretes, os cento e quarenta e quatro mil são um número representativo; e a inumerável multidão são as mesmas pessoas, mas sem o simbolismo do número «doze» multiplicado por si mesmo, multiplicado por «mil».

6. Profeticamente, pois, teríamos as seguintes possibilidades: a. Os cento e quarenta e quatro mil são a mesma multidão inumerável, considerada sob o simbolismo do número «doze», multiplicado por si mesmo, multiplicado

por «mil». Estariam em foco, portanto, todas as nações, formando o «Israel espiritual», ao mesmo tempo, dependendo de como quisermos contemplá-los. b. Melhor ainda, conforme diz a posição assumida por este comentário—no que tange ao aspecto profético desta passagem—a igreja está envolvida nisso, mas *também* está envolvido o «Israel literal», que, nos últimos dias, se converterá e virá a fazer parte da igreja. Contudo, a conversão de muitos judeus (durante a Grande Tribulação) ou de toda a nação de Israel (se perto do fim da Grande Tribulação) fará deles um corpo distinto dentro da igreja. Daí porque os cento e quarenta e quatro mil seriam distintos dos mártires gentios. Seja como for, os «mártires» estão em foco, e não a companhia inteira da igreja. c. Ou então, nenhuma distinção racial verdadeira está em foco, pois certamente não havia tal distinção para o vidente João, do seu ponto de vista histórico. Os cento e quarenta e quatro mil são um grupo especial de mártires, o «Israel espiritual» em nível mais elevado, os líderes da igreja, os mais santos, instrumentos especiais de Deus durante a Grande Tribulação. Racialmente falando, serão tanto judeus quanto gentios. Em contraste com eles há aquela multidão inumerável de outros mártires, que igualmente fazem parte da igreja, mas que não são seus elementos mais destacados.

7. Seja como for, o Israel literal, como grupo «dentro da igreja», terá de estar envolvido em tudo isso, conforme outras predições bíblicas deixam bem claro. Aquilo a que devemos fazer objeção constante é à completa remoção da «igreja» de dentro do quadro profético do Apocalipse. O vidente João escreveu para os «mártires em potencial de dentro da igreja cristã», e não para os mártires judeus em potencial. Historicamente falando, a igreja deve estar nesse quadro, pois o Apocalipse é, especificamente, um «manual para os mártires». Aqueles estudiosos que vêem apenas a nação de Israel nos capítulos sexto a décimo nono deste livro, ignoram a razão mesma pela qual foi escrito o livro de Apocalipse—consolar à igreja cristã perseguida, que estava destinada a contar com um rol de muitíssimos mártires.

O que afirmamos, por conseguinte, é que tanto o Israel literal quanto a igreja cristã estão em foco provável nesta predição. Mas finalmente, os dois grupos farão parte de uma única igreja cristã. E este capítulo fala da companhia dos mártires apenas e não da igreja em geral, embora as duas coisas sejam praticamente equivalentes, tão grande será a matança que o anticristo promoverá. Haverá um «incalculável» grupo de mártires, que saíram da Grande Tribulação, e esses serão «mártires cristãos».

#### Exposição geral do versículo:

«...vi...» em visão mística. A cena retorna aos lugares celestiais, tal como nos capítulos quarto e quinto deste livro. O sexto capítulo também contempla os mártires nos céus. (Ver Apo. 6:9 e ss. Ver Apo. 1:10 e as notas expositivas ali existentes, sobre os «tipos de misticismo»).

«...eis grande multidão...» (Quanto à identificação dessa «multidão», ver as notas anteriores. Ver também o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «Os Últimos Tempos, Nossos Tempos», onde se procura esclarecer os eventos que ocorrerão, e dos quais surgirão a grande perseguição contra a igreja e a multidão dos mártires). Creemos que essas perseguições purificarão à igreja, vindo ela a ser dotada de muitos e poderosos dons espirituais, tal como nos seus primeiros dias históricos. Por causa disso, a igreja exercerá vastíssima influência no mundo, e muitas multidões serão conquistadas para Cristo, embora tão imenso número de crentes venha a ser martirizado pelo anticristo. E um grupo iluminado e convertido, proveniente da nação literal de Israel, representante da igreja cristã, tornar-se-á poderosíssima força evangelizadora no mundo.

«...de todas as nações, tribos, povos e línguas...» Essa idéia é expressa mediante a linguagem com que, geralmente, dividimos as raças humanas. O vidente João queria fornecer-nos um quadro de «universalidade». A perseguição será verdadeiramente universal. Onde quer que esteja a igreja, será perseguida; e onde quer que exista a igreja, haverá ali mártires. A perseguição religiosa efetuada pelo anticristo será tão horrível que todas as perseguições anteriormente havidas serão reputadas brincadeira de crianças. (Ver a mesma enumeração, em ordem diferente, em Apo. 5:9, onde está em foco o grupo inteiro dos «remidos». Naquele ponto, apresentamos notas expositivas mais detalhadas a respeito).

«...em pé diante do trono...» (Ver as notas expositivas em Apo. 4:2 quanto ao «trono» e seus simbolismos. Ver também Apo. 5:6 quanto ao «Cordeiro»). Esses mártires se encontram nos céus. Já terminou o sofrimento deles. Em Apo. 6:9 eles são retratados «sob o altar» de Deus, também nos céus, a clamarem por vingança. Neste ponto eles louvam ao Senhor; mas ali clamam por vingança. Supomos que a identificação dos mártires ali, bem como o que se vê neste capítulo, excetuando os cento e quarenta e quatro mil, representa um grupo seleto entre eles.

«...vestidos de vestiduras brancas...» Isso já pudemos encontrar em Apo. 3:4 e 6:11. Uma comparação disso com escritos judaicos helenistas, demonstrará que está em foco mais do que a mera «participação na retidão

de Cristo». Essas «vestiduras brancas» também representam os corpos «ressurreitos» e «espirituais» que serão conferidos às almas dos mártires, como veículos apropriados de sua manifestação nos lugares celestiais. Esse conceito é amplamente comentado nos lugares mencionados. (Ver também I Cor. 15:20,35,40 quanto ao «corpo ressurreto»). É provável que o vidente João tenha visto a entrega desses corpos aos mártires, antes da sua ressurreição, por serem um grupo privilegiado acima de outros discípulos. A passagem de Apo. 6:9 nos fornece uma lista de vários privilégios especiais dos mártires, segundo foram antecipados pelo vidente João. Há uma antiga idéia judaica (apoiada por certos filósofos da Idade Média) que ensinava que as almas desencorporadas receberiam um corpo «ad interim» (durante o intervalo), enquanto estivessem aguardando a ressurreição. Porém, não parece que isso está em pauta aqui. Esse corpo intermediário é espiritual, conferindo às almas dos remidos a verdadeira vida eterna, já que a «imortalidade», nas páginas do N.T., nunca consiste meramente da sobrevivência da alma diante da morte física. (Ver as notas expositivas sobre a «imortalidade», em II Cor. 5:8, onde os comentários a respeito são completos. Ver também vários artigos existentes na introdução ao comentário sobre o assunto geral da «imortalidade»).

«...com palmas nas mãos...» Os ramos de palmeiras simbolizam vitória e ação de graças. (Ver I Macabeus 13:51; II Macabeus 10:7; João 12:13; Levitic. Rabba 30:2). Portanto, vemos os mártires neste ponto, a entoarem louvor e vitória. A passagem de II Esdras 2:42-48 envolve uma cena quase igual ao do presente trecho, podendo ter sido a fonte literária desta passagem. Ali os mártires aparecem com coroas e palmas. Ali também vemos anjos, seres celestiais, etc. A origem dos símbolos das «palmas» provavelmente vem da Festa dos Tabernáculos. (Ver isso em notas expositivas, no trecho de João 7:2). Em Herm. Sim. 8:2-4 também encontramos o simbolismo das vestiduras brancas e das palmas, em uma cena de vitória e louvor. Filo, *Allegor.* 1:2, pág. 74, refere-se à «palma» como símbolo de vitória. Os vencedores costumavam levar ramos de palmeiras nas mãos; e isso caracterizava aos cortejos triunfais dos romanos, em comemoração a vitórias obtidas e em honra aos vitoriosos. (Ver A. Gell. *Noctes Attic.* 1.3, cap. 6, Soeton. in Caio, Cap. 32). Há uma moeda, cunhada por Tito Vespasiano, quando da conquista de Jerusalém, onde há a impressão de uma palmeira.

#### Outras idéias sobre o nono versículo:

1. A festa dos Tabernáculos era ocasião em que se brandiam ramos de palmeiras como símbolo de sucesso e de alegria, devido ao recolhimento da colheita. (Ver Lev. 23:40 e João 7:2). Aquela era a colheita terrestre das provisões necessárias para o corpo. E os mártires do presente texto são a colheita celestial dos remidos.

2. Observemos que os mártires estão nos céus, o lar da alma. O que é dito aqui acerca dos mártires é dito sobre todo o grupo dos remidos, em Apo. 5:9,10.

3. «A multidão inumerável de vitoriosos provém 'de todas as nações' e de todos os idiomas. A salvação de Deus reúne de todas as terras e povos aqueles que tiverem combatido o bom combate. Assim como o profeta do A.T., que pensava que estava sozinho, encontrou milhares que também não tinham se ajoelhado diante de Baal, assim também o crente descobre que multidões incontáveis compartilham da sua resistência e de sua vitória. Durante muitos séculos os crentes têm sonhado com essa grande consumação. Bernardo de Cluny, no século XII, cantou sobre 'o doce e bendito país'. No século XIX, Henry Alford escreveu:

Os exércitos dos santos remidos  
Populam as escadarias da luz.  
(Dez mil vezes dez mil).

O Cristianismo tem suas mais profundas fontes de alegria nessa grandiosa expiação» (Hough, *in loc.*).

4. Esta visão, naquilo que ela deixa implícito, faz-nos passar além do julgamento e nos introduz na eternidade, embora primeiramente mostre-nos o que sucederá nos céus, no tocante aos mártires, durante o período da Grande Tribulação. Aquilo que aqui vemos, entretanto, já é algo eterno. Os remidos sempre adorarão ao Senhor; sempre estarão em triunfo; sempre haverão de louvá-lo; sempre desfrutarão da bênção do bem-estar que Deus lhes conferirá.

Desde os limites extensos da terra,  
Desde as costas mais distantes do mar,  
Entoando ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.  
Aleluia!

5. «As tribulações do deserto chegaram ao fim; a colheita da Igreja para ser ela recolhida ao seu lar terá chegado, e Deus armará sua tenda (ver o décimo quinto versículo) entre os seus servos» (Carpenter, *in loc.*).

6. A palma era sinal de júbilo festivo, como também de vitória. Em Liv. 10:47 Verg. Aen. 6:109 a palma aparece como sinal exatamente disso. A vitória nos jogos esportivos era comemorada com ramos de palmeiras, em cortejo festivo.

7. Charles (*in loc.*) ao supor que os cento e quarenta e quatro mil são idênticos à multidão incontável, dá a entender que o autor sagrado adaptou duas fontes informativas diversas em sua descrição acerca dos mártires. Uma dessas fontes incluiria o número deles, e a outra não; mas ambas descreveriam o mesmo grupo.

10 καὶ κρᾶζουσιν φωνῇ μεγάλῃ λέγοντες, Ἡ σωτηρία τῷ θεῷ ἡμῶν τῷ καθημένῳ ἐπὶ τῷ θρόνῳ καὶ τῷ ἄρνιῳ.

10 τῷ καθημένῳ...θρόνῳ 1 Km 22:19; 2 Chr 18:18; Ps 47:8; Lc 6:1; Hsn 1:26-27; Slr 1:8; Re 4:2,9; 5:1,7,13; 8:10; 7:10; 19:4; 21:8

7:10; e clamavam com grande voz: Salvação ao nosso Deus, que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro.

«...clamavam em grande voz...» A voz alta visa chamar a nossa atenção, deixando clara a grandiosidade daquilo que é anunciado. Trata-se de uma expressão bastante usada pelo vidente João. (Ver Apo. 5:2,12; 6:10; 7:2,10; 8:13; 10:3; 12:10; 14:7,9,15,18 e 19:17).

«...ao nosso Deus, que se assenta no trono...» Até este ponto Deus Pai só é referido indiretamente como quem está «assentado no trono», por relutância de usar o nome divino. Por isso é que antes se lia apenas sobre «aquele que se assenta no trono» (ver Apo. 5:1,7,13 e 6:16; quanto a notas

expositivas sobre o «trono» e seus simbolismos, ver Apo. 4:2). Trata-se do trono de Deus Pai, referido no quarto capítulo; e também do trono do Cordeiro, aludido no quinto capítulo. E é igualmente o trono de Deus e do Cordeiro, conforme é chamado em Apo. 6:16 e 22:3. Por igual modo, é o trono de Deus Pai, de Deus Filho e dos filhos de Deus, conforme se aprende em Apo. 3:21. Os tronos dos países orientais eram espaçosos e podiam acomodar mais de uma pessoa.

«...ao Cordeiro...» (Ver as notas expositivas, em Apo. 5:6, sobre Cristo como o «Cordeiro», no Apocalipse). Nem todas as referências ao Cordeiro implicam em expiação de sua parte, porquanto esse título também passou a ser usado para indicar o ofício real de Cristo. O Cordeiro é exaltado e



torna-se objeto de adoração. (Ver Apo. 5:5,8,12,13; 6:1,16; 7:9,10,14,17; 12:11; 13:8,11; 14:1,4,10; 15:3; 17:14; 19:7,9; 21:14,22,23 e 22:1,3).

...pertence a salvação... - Somente a Deus pertence a salvação, pelo que o Pai e o Cordeiro são o seu manancial e os seus doadores. Os mártires experimentaram isso, pelo que conhecem bem essa realidade. A nota de sumário sobre a "salvação" figura em Heb. 2:3.

Na plena redenção, a alma transformada participará da mesma forma de natureza que Cristo tem. A diferença é quanto à «extensão», e não quanto ao «tipo», tão-somente. E a eternidade inteira, como dissemos acima, será empregada para ir diminuindo essa «extensão», embora tal processo nunca venha a chegar ao fim, já que a «perfeição» pertence exclusivamente a Deus, no seu sentido mais absoluto. Portanto, Deus será o alvo eterno da perfeição, já que somente ele é perfeito. Mas a perfeição continuará sendo eternamente o nosso alvo, nunca totalmente atingido. No entanto, nos lugares celestiais isso adquirirá proporções tão imensas que agora nos faltam o poder de raciocínio e as palavras para expressar tal idéia, sem falarmos na nossa presente falta de revelações a respeito. É isso que está envolvido na «salvação», a plenitude de Deus que haveremos de possuir. A eternidade é aquela expansão interminável de tempo que estará envolvida em tudo isso. Isso inclui o conceito da existência de seres tremendamente poderosos, atarefados em missões poderosíssimas, sob a direção do Filho de Deus.

Outras idéias sobre o dactmo versículo:

1. O texto ilustra aquilo que Paulo escreveu: «Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus» (Romanos 8:18,19).

2. «A música da eternidade envia sua alegria triunfante de volta à nossa vida»

11 καὶ πάντες οἱ ἄγγελοι εἰσῆλθόντες κύκλῳ τοῦ θρόνου καὶ τῶν πρεσβυτέρων καὶ τῶν τεσσαρῶν ζώων, καὶ ἔπεσαν ἐνώπιον τοῦ θρόνου ἐπὶ τὰ πρόσωπα αὐτῶν καὶ προσεκύνησαν τῷ θεῷ,

19 περιβεβλημένοι...λαυκός R<sup>a</sup> 3.6, 16, 4.4; 6.11; 7.9; 10.14

7:11: E todos os anjos estavam em pé ao redor do trono e das anciãs e das quatro seres viventes, e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus.

Todos os elementos constantes deste versículo já foram encontrados em outras cenas descritas no Apocalipse, pintando a visão celestial, os seres imortais e o louvor que atribulam a Deus. Consideremos os pontos abaixo:

1. **Os anjos.** Há diversos seres celestes, como um todo, porquanto todos pertencem à natureza angelical; mas a referência específica que temos aqui, muito provavelmente é aos «muitos anjos», aos dez mil vezes dez mil e às miríades de miríades que se encontram em Apo. 5:11. (Ali há notas expositivas completas a respeito. Ver também a nota geral sobre os «anjos», em Luc. 4:10 e Atos 1:10). Os capítulos quatro e cinco do Apocalipse revelam várias ordens de seres angelicais, cada qual postado ao redor do trono, em distâncias cada vez maiores. Imediatamente perto do trono há os quatro seres vivos; então aparecem os vinte e quatro anciãos; finalmente, figuram os anjos em grande multidão. Supomos que essa ordem também representa diferentes níveis de poder, de inteligência e de tipos variegados de utilidades. Cumpre-nos observar que, neste versículo, a enumeração começa por aqueles que estavam mais afastados do trono, aproximando-se cada vez mais do trono, exatamente o contrário dos capítulos quarto e quinto.

2. Os *anciões*. São os mesmos vinte e quatro anciãos, referidos e comentados em Apo. 4:4.

3. Os quatro seres vivos. (Há comentários a respeito, em Apo. 4:6.7).

4. Prostraram-se diante do trono. Isso é símbolo de sujeição absoluta e de adoração final a Deus. (Ver Apo. 4:10 e 5:14, quanto a notas expositivas completas a esse respeito).

12 λέγοντες, Ἀμήν· ἡ εὐλογία καὶ ἡ δόξα καὶ ἡ σοφία καὶ ἡ εὐχαριστία καὶ ἡ τιμὴ καὶ ἡ δύναμις καὶ ἡ ἰσχὺς τῷ θεῷ ἡμῶν εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων. ἀμήν.<sup>1</sup>

<sup>†</sup> 12 |C| 0000 N A P 046 1 98 1008 1611 - 1928 small TOWN 00000000 1854  
1859 2020 2042 2051 2065 2073 2081 2119 2144 2413 1900-00000000 0000 0000 0000

Embora a ausência de ἀμήν no fim do vs. 12, em vários testemunhos (C dez minúsculos *al*) possa sugerir que o vocábulo seja uma adição litúrgica em outros testemunhos, a comissão ficou impressionada pelo testemunho preponderante em apoio à sua presença (N A P 046 1006 1611 1854 2053 2344 it (gig,61) vg sir (ph,h) cop (sa,bo) ara eti *al*).

7:12: dizendo: Amém. Louvor, e glória, a subdadorin, e ações de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém.

Este versículo repete os elementos das doxologias constantes em Apo. 4:9,11 e 5:12,13, pelo que, para maior benefício do leitor, as notas expositivas existentes nessas citadas passagens devem ser consultadas.

O *Amém* encabeça e termina a lista, adicionando dignidade à mesma. (Ver João 1:51 e Apo. 5:14, em suas respectivas notas expositivas, acerca dessa palavra). Ela pode ser uma exclamação: «Assim seja!», ou pode ser uma declaração: «É assim». Realiza a veracidade de qualquer declaração feita, e com freqüência é empregada nas doxologias, nas páginas das Escrituras. O próprio Cristo é o «Amém» personificado, o qual confirma a veracidade de Deus diante dos homens. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Apo. 3:14).

«...louvor...» Isso é comentado em Apo. 5:12, onde é atribuído ao Cordeiro, ao passo que aqui é atribuído a Deus Pai. O autor sagrado não hesita em atribuir o mesmo louvor ao Pai e a Jesus Cristo: e isso subentende

dentro do tempo. A justificação da gloriosa música cristã neste mundo será sempre a justificação pela fé—fé na justiça amorosa do reino de Deus, a fé na realização da cruz, a fé no cumprimento final da eternidade» (Hough, *in loc.*).

3. É essa imensa esperança, anunciada pelo cristianismo, que possibilitará os remidos a suportarem os horrores da Grande Tribulação. Os remidos têm fixado seus corações sobre o mundo eterno. E a isso que denominamos «fé». (Esse conceito é comentado nas notas expositivas sobre Heb. 11:1).

4. Este texto, tal como muitas outras passagens do N. T., e, de fato, o «intuito» inteiro do N. T., mostram-nos que a «salvação» é mediada exclusivamente por meio de Cristo, porquanto ele é o Filho de Deus, que confere a sua natureza e a própria glorificação aos filhos de Deus. (Ver João 14:6).

6. Observemos aqui o artigo definido, a *salvação*. Só existe uma *salvação*, oferecida aos remidos. Essa é a *salvação* que nos vem por intermédio do Filho. Por essa razão é que aquela inumerável multidão clamou em honra ao Cristo triunfante, ao entrar em Jerusalém: «Hosana!» palavra essa que significa: «Salva-nos agora!» (Ver Sal. 118:14, 15, 22, 26). Nessa passagem de Salmos, conforme comenta Faussat (*in loc.*), «... ocorre a mesma conexão entre a *salvação*, a festa dos Tabernáculos, a retidão e o grito da nação judaica inteira, quando da vinda de Cristo: 'Bendito aquele que vem em nome do Senhor'».

6. Temos aqui uma outra das doxologias apocalípticas. (Ver também Apo. 4:8-11; 6:9-14, onde várias outras doxologias são apresentadas. E quanto ao emprego de «doxologias», no N.T., ver as notas expositivas em Efé. 3:21).

7. «Em outros trechos (ver Apo. 5:13; 12:10; 19:1, etc.) há muitos temas que exprimem louvor; mas aqui um único tema é explorado — vitória, libertação, salvação — por parte daqueles que tinham acabado de emergir vitoriosos do conflito; pois embora, em certo sentido, mediante o martírio, realizaram a sua própria salvação, de modo que aparecem aqui vitoriosos diante do trono, em um outro sentido, mais profundo, reconhecem e proclamam que a vitória, a libertação e a salvação não são de sua própria feitura e, sim, de Deus e do Cordeiro» (Charles, *in loc.*).

*Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:*

1. «Os milhares de milhares e as miríades de miríades de anjos, que circundam ao trono, reagem com um hino de louvor ao Cordeiro, de caráter perfeitamente litúrgico, onde é dito que ele é inteiramente 'digno'. O número de anjos é declarado por João, e isso provavelmente tem por base o trecho de Dan. 7:10 [comparar com E Enoque 40:1]. De conformidade com a angelologia da época, os anjos eram tão numerosos que desafiavam todo o cálculo humano» (Rist, comentando sobre Apo. 5:11,12).

2. Esse é o louvor prestado a Deus, proferido pelos maiores dentre todos os seres criados, em reconhecimento da grandiosidade de Deus.

3. É possível que *esta* versículo, ao apresentar por ordem os seres angelicais, queira inferir que no próprio centro se acham os mártires. O vidente João começa com os anjos, os mais afastados do trono; então chega aos anjos e depois aos seres viventes. Então, mais perto ainda do trono, estão os mártires. É verdade, seja como for, que as Escrituras ensinam que os remidos serão exaltados muito acima da natureza e da criação dos anjos. Compartilharão da própria modalidade de vida que Deus tem (ver João 5:25,26 e 6:57). Serão filhos de Deus, tal como o Cristo é o Filho de Deus (ver Heb. 2:10). E possuirão toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19). Essas descrições nunca são atribuídas aos anjos. Isso nos mostra a elevadíssima glória a que serão elevados os remidos, por estarem relacionados com Cristo, o Filho de Deus.

4. = A celebração do fato da redenção convoca a todos em redor do trono. Em primeiro lugar ratificam o cântico de louvor levantado pela multidão dos espíritos humanos benditos, com a sua profunda adoração e o seu 'Amém'. Em seguida também expressam o seu ponto de vista angelical, em contemplação da redenção. (Lange, *in loc.*)

5. «Assim como há alegria na presença de Deus entre aqueles santos espíritos, quando um pecador se arrepende, não admira que se interessem tanto no recolhimento de tão inumeráveis multidões, que foram inteiramente salvas de seus pecados». (Adam Clarke, *in loc.*).

egypth & capto. to arm eth Andrew. Theodore Studia Haymo Arctius s  
omif C Fulgentius Primarius Andrew

a deidade deste último, ainda que talvez não o intuito de ensinar dogmaticamente tal verdade. (Ver o trecho de Heb. 1:3, onde há a nota de sumário sobre a «divindade de Cristo»).

...glória... Atribuída a Deus Pai em Apo. 4:11 e ao Filho em Apo. 5:13.

...*sabedoria*... Isso também faz parte da doxologia atribuída ao Cordeiro, em Apo. 5:12. Cristo é a «Sabedoria» personificada de Deus, conforme se aprende em I Cor. 1:30.

...ações de graça... • Isso é atribuído a Deus Pai, em Apo. 4:9.

...honra... Referida a Deus Pai, em Apo. 4:9,11, como também ao Filho, em Apo. 5:12,13.

\*...poder... Implícito na doxologia atribuída ao Pai, em Apo. 4:8; e diretamente atribuída ao Pai em Apo. 4:11, e ao Filho, em Apo. 5:12.

«...força...» Atribulda ao Filho, em Apo. 5:12.

Observemos que essa doxologia envolve sete «itens», algo que dificilmente teria sucedido por acaso. Esse é o número completo. As operações divinas, relativas à redenção do homem, merecem louvor, adoração e serviço.

completos.

«...pelos séculos dos séculos...» Há notas expositivas acerca dessa expressão, que exploram totalmente o assunto, em Apo. 4:9 e 5:14. (Ver as fórmulas sobre a idéia de «eternidade», em Efê. 3:21).

*Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:*

1. «Aprendemos a doxologia prestada por aqueles seres, de acordo com o ponto de vista cristológico, de tal modo que três antíteses harmônicas formam um grupo de seis, as quais, com um poderoso final, tornam-se um septenário». (Lange, *in loc.*).

2. «A «sabedoria» divina fica exibida através dos meios traçados para a redenção efetuada pelo poder divino (ver o décimo segundo versículo), livrando os homens (ver Apo. 7:14) em apertos onde nenhuma prudência humana poderia prevalecer. Ver Clem. Rom. ix e Salmos de Salomão 17:26». (Moffatt, *in loc.*).

3. «Observemos o artigo feminino separado, com cada um dos sete atributos conferidos a Deus, conforme se vê em Apo. 4:11 e 5:12,13». (Robertson, *in loc.*). O uso do artigo, dessa maneira, enfatiza bem cada item, formando por assim dizer uma doxologia completa de cada um desses itens.

4. O primeiro «Amém» «aprova» aquilo que os mártires haviam dito, no décimo versículo — a «salvação» vem, exclusivamente, da Deus e do Cordeiro. E também afirma, de antemão, o que está para ser adicionado a esse louvor inicial.

5. «Percebemos qual é a obra dos céus, e devemos dar-lhe início agora

mesmo, para que nossos corações sejam sintonizados à mesma, para sermos grandes ali, e para anelarmos por aquele mundo onde nossos louvores, bem como a nossa felicidade, serão aperfeiçoados». (Matthew Henry, *in loc.*).

6. «Ao fim da Guerra da Sucessão, quando homens e mulheres em muitos lares — onde havia cadeiras vazias — lançavam seus olhos ansiosamente para o interior desconhecido, Elizabeth Stuart Phelps Ward escreveu «Para Além dos Portões», na tentativa de responder aos clamores do coração humano. Mas é melhor, suspeitamos, não procurar preencher os detalhes do quadro. A melhor palavra que já foi proferida, mui provavelmente é a de Paulo, «...o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor» (Fil. 1:23). Além disso, há os maravilhosos quadros do livro de Apocalipse» (Hough, *in loc.*).

7. O Apocalipse ensina enfaticamente que os céus curarão as tristezas terrenas, porquanto aqueles que ali louvarão e serão glorificados, serão aqueles que vieram da Grande Tribulação. Pois se Deus pode dar-lhes tão completo triunfo, nada existe que ele não possa fazer.

*Variante Textual:* O segundo «Amém», que põe ponto final à doxologia, é omitido nos mss C e em dez outros, minúsculos, que possuímos deste livro. Isso poderia sugerir que essa palavra pode ter sido acrescentada liturgicamente à outra doxologia. Mas os antiquísimos mss Aleph e A, além de P, 046, 1006, 1611, 1854, 2053, 2344, no It(gg,81), na Vg. no Si(ph,hl), no Cop(sa,bo), no Ara e no Ecl, também temos essa palavra nessa posição. O mais provável é que tenha sido apagada, em alguns manuscritos, por ter sido reputada supérflua. Já que o versículo já tinha um «Amém».

13 Καὶ ἀπεκρίθη εἰς ἐκ τῶν πρεσβυτέρων λέγων μοι, τίνες εἰσὶν καὶ πόθεν ἦλθον;

Οὗτοι οἱ περιβεβλημένοι τὰς στολὰς τὰς λευκὰς

13 περιβεβλημένοι...λευκὰς Re 3,3, 18: 4,4; 6,11; 7,9; 19,14

7:13: É um dos anciãos no perguntou: Estes que trajam as compridas vestes brancas, quem são eles e de onde vieram?

O Apocalipse foi escrito para ser uma espécie de «manual dos mártires». Foi escrito para consolar à igreja cristã perseguida, nos tempos de Nero e de Domiciano, quando houve tantos mártires, e também, como antecipação, nos dias de outros imperadores futuros. O que sucederia àqueles que estavam sendo martirizados de forma tão brutal, violenta e desavergonhadamente? Esse foi o clamor que partia do coração da igreja, naqueles dias. Por isso é que um dos anciãos faz aqui essa pergunta, que a igreja inteira queria ouvir: Quem são aqueles que agora estavam glorificados? De onde vieram eles? A igreja aguardou ansiosamente a resposta. Amigos e entes queridos, irmãos na fé, todos querem ouvir que aqueles, agora tão bem tratados nos céus, são os mesmos que foram tão terrível e violentamente tratados à face da terra. Todos desejam ouvir que os mártires obtiveram o triunfo. Querem ouvir que tudo ia bem com as almas dos mártires. O ancião que aqui aparece, e que bem conhecia a condição verdadeira dessas almas, não desaponta a expectativa geral. A resposta dele equivale à seguinte declaração: «Estes seres, felizes e elevadamente glorificados, revestidos de imortalidade, são os que foram martirizados». A resposta dos céus faz calarem-se as agonias humanas; infunde esperança nova, que por nada pode ser abalada. Outro tanto sucederá no futuro, quando o aspecto profético deste livro estiver cumprido, quando houver uma vasta companhia de mártires, nos tempos do anticristo, o qual será maligno de tal maneira que todos os outros ímpios perseguidores da história serão reduzidos à mera posição de crianças.

«...estes...», ou seja, os «mártires», descritos nos versículos primeiro a décimo primeiro deste capítulo. (Quanto às diversas teorias acerca da sua identificação, ver os versículos quarto a nono deste capítulo).

«...vestiduras brancas...» Já encontramos menção dessas vestes em Apo. 3:4,5 (onde as notas expositivas mostram qual é o simbolismo tencionado); 3:18; 4:4; 6:11 e 7:9. A cor branca aponta para a «retidão», para a participação literal na própria santidade de Cristo, já que compartilharão de sua própria natureza moral. Todavia, isso representa principalmente o «corpo ressurrecto», o veículo espiritual da alma, a «vestidura» da alma. (Ver as notas expositivas citadas onde se demonstra isso, em seu passado histórico na literatura judaica). O corpo ressurrecto não será material e nem formado de partículas atômicas (ver I Cor. 15:50), mas antes, será um

campo de força, composto de energia espiritual. (Ver I Cor. 15:20,35,40 acerca do que se sabe e do que se tem conjecturado sobre esse «corpo»). Os mártires receberão esse corpo por antecipação, antes mesmo da ressurreição, porquanto merecerão tal prêmio. (Ver as notas expositivas, em Apo. 6:9, acerca dos «galardões especiais» dos mártires, conforme os vemos no livro de Apocalipse).

«...quem são e donde vieram?...» Não devem ser enumerados entre os vastíssimos exércitos angelicais; antes, são «recém-chegados» à cena celestial. Isso justifica as perguntas acerca da natureza e da origem deles. Estão de pé no círculo mais interior em volta do trono de Deus, mais próximos do Senhor do que os quatro seres vivos. Por meio de qual autoridade e poder atingiram tão grande exaltação? O que faz deles seres tão especiais?

*Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:*

1. O vidente João tem o cuidado de assegurar que seus leitores identificariam corretamente o grupo de homens glorificados. Os diversos apocalipses que foram escritos, tal como se vê aqui, com freqüência introduzem um diálogo, com propósitos de prestar maiores esclarecimentos. (Ver II Edras 2:42-48). O diálogo aqui nos informa: «Eles são os vossos mártires». (Isso pode ser comparado aos diálogos existentes em Jer. 1:11; Zac. 4:2,5 e IV Edras 2:44).

2. «As perguntas são aquelas ordinariamente feitas, quando buscamos informações a respeito de estranhos. Isso pode ser comparado com o «tis pothen eis andron», de Homero, ou com o «Qui genus?» de Virgílio. Ambas as indagações são respondidas no décimo quarto versículo» (Allford, *in loc.*).

3. «A pergunta dá destaque às «vestiduras brancas». Ele reconhece as multidões de homens e mulheres que são provenientes de cada nação e tribo da humanidade pecaminosa, e as vê vestidas nas vestiduras da santidade. Quem são essas multidões incontáveis de santos?» (Carpenter, *in loc.*).

4. «...talvez, à semelhança de Dante (ver Paraíso 4:10-12), João, embora tenha ficado em silêncio, mostrava o desejo de saber, estampado em seu rosto» (Moffatt, *in loc.*). Portanto, o ancião indaga dele a identidade daquela multidão. Ambos sabiam a verdade, mas o diálogo produz a resposta desejada pelos leitores, os quais poderiam ficar em dúvida sobre a questão.

5. «Tantos homens da raça pecaminosa, homens incontáveis, vestidos nas vestes da inocência. Sim, incontáveis homens santos! Como será isso possível?» (Lange, *in loc.*). Lembremo-nos, entretanto, que é particularmente a «exaltada imortalidade» deles que está aqui em foco, e não meramente a sua santidade. As duas coisas, porém, andam paralelas, porquanto a transformação moral segundo a imagem de Cristo também nos confere a sua natureza metafísica.

14 καὶ εἶρηκα αὐτῷ, Κύριέ μου, σὺ οἶδας. καὶ εἰπέν μοι, Οὗτοι εἰσὶν οἱ ἐρχόμενοι ἐκ τῆς θλίψεως τῆς μεγάλης, καὶ ἔπλυναν τὰς στολὰς αὐτῶν καὶ ἐλεύκαναν αὐτὰς ἐν τῷ αἵματι τοῦ ἀρνίου.

14 τῆς θλίψεως τῆς μεγάλης Da 12:1; Mt 24:21; Mk 13:19

14 μου] om A x pc g vg(2) sa bo(1) arm<sup>1</sup> Prim ε | ἐπλυναν] ἐπλάτυναν (x) 82 1854 2329 al

7:14: Respondi-lhe: Meu Senhor, tu sabes. Disse-me ali: Estes são os que vêm da grande tribulação e lavaram as suas vestes e as branquearam na sangue do Cordeiro.

«...tu o sabes...» O ancião, associado aos homens, na redenção destes últimos, tinha perfeita consciência da resposta correta. (Ver acerca do «ministério dos anjos», as notas expositivas em Heb. 1:14 e Apo. 5:8).

«...são estes os que vêm da grande tribulação...» Aqui apresentamos as notas expositivas sobre:

A Grande Tribulação. É óbvio que neste ponto, a referência à «tribulação» é escatológica, e não histórica, visando falar acerca dos grandes dias de tribulação pelos quais, pouco antes do segundo advento de Cristo, passará o mundo inteiro. (Quanto a outras alusões escatológicas à «tribulação» e à «grande tribulação», ver os trechos de Marc. 13:19 e Mat. 24:21, que são um reflexo da passagem de Dan. 12:1. Isso também pode ser confrontado com II Tes. 1:6 e ss.).

Esperamos que esse período comece antes do fim do século XX, prolongando-se ainda por parte do século XXI. Alguns estudiosos limitam-no a sete anos; mas certamente se prolongará por mais do que isso. Serão dias de grandes agitações, caos, sofrimento, opressão econômica e perseguição religiosa. Parte disso será provocado por guerras entre os

homens. Haverá ocorrências sem precedente na natureza, que talvez incluam até mesmo a mudança dos pólos terrestres; o mar bramirá descontrolado, deixando os homens inteiramente perplexos. As pragas, a enfermidade, a morte levarão a maior parte da população da terra. Todas essas coisas visarão dizer aos homens que o caminho pecaminoso deles atingiu seu ponto crítico; e, tal como nos dias do dilúvio, essa condição não poderá continuar sem os mais horrendos castigos. Já tivemos ocasião de estudar parte dessas tribulações nos selos de número três a seis. Supõe-se que a parte final da tribulação, que envolverá os juízos das trombetas, das taças e das sete «condenações» (capítulos oitavo a décimo nono do Apocalipse), será mais crítica e envolverá poder destruidor mais potente. É a essa última porção que denominamos «grande tribulação», em contraste com a «tribulação» geral que haverá naquele período.

A tribulação, diferentemente de todos os períodos anteriores de agitação, envolverá o mundo inteiro, civilizado e não-civilizado (ver Apo. 3:10). Haverá sofrimentos para toda a humanidade, mas, especificamente, para a nação de Israel, razão por que é chamada de «tribulação-de Jacó» (ver Jer. 30:7).

Este comentário defende a idéia que a igreja cristã passará por toda a

tribulação, em todas (ou quase todas) as suas fases. (Ver as razões para isso nas notas de introdução aos capítulos quarto e sétimo do Apocalipse. Ver os argumentos acerca da identificação dos «mártires» de 6:9 e ss. e 7:4-9 com a igreja cristã, nessas referências. Quanto à «questão do arrebatamento», em todos os seus aspectos, ver I Tes. 4:15). É possível, todavia, que a igreja escapará (pelo arrebatamento) de um período de sete anos que tem aplicação especial à nação de Israel, enquanto passará a *própria tribulação* que durará quase 40 anos. Neste caso, os sete anos farão parte de um tempo muito mais prolongado de agonia na terra. As guerras iniciadas pelos homens terão como ponto central a cidade de Jerusalém e a Terra Santa. Os místicos contemporâneos falam de duas grandes guerras, a primeira já perto do fim do nosso século XX, em que a União Soviética se chocará contra a federação de dez nações, encabeçada pelo anticristo. Muitas cidades ao redor do mundo sofrerão destruição por parte de armas atômicas. Mas o anticristo derrotará, finalmente, às forças comunistas, fazendo da Palestina outra Stalingrado em reverso. Em seguida erguer-se-á a China, porquanto ela ficou essencialmente inatingida, provocando a Quarta Guerra Mundial. Os chineses conquistarão a Ásia inteira, e grande parte da União Soviética e da Europa.

Antes de tudo isso, no fim da Terceira Guerra Mundial (entre a União Soviética e a confederação do anticristo), Israel será livrada por meio de uma intervenção divina. Primeiramente, os israelitas verão o sinal da cruz, uma cruz luminosa no firmamento. Então verão ao próprio Jesus Cristo, corporalmente, na Palestina. Os israelitas voltar-se-ão para o seu Messias, Jesus Cristo, tornando-se uma nação oficialmente cristã. Depois disso, tornar-se-ão eles uma poderosíssima força missionária no mundo. Contudo, as tribulações do mundo não terminarão em face da conversão de Israel. Pois, conforme já dissemos acima, a China se levantará como poderosíssima potência militar. Após terem as forças chinesas conquistado grande parte das terras habitáveis, durante cerca de dezessete anos, conforme têm dito alguns místicos contemporâneos, resolverão elas invadir a Palestina. Muitos milhões de chineses serão mortos nessa arrancada, porquanto o anticristo defenderá tenazmente aquela região. Aqueles que chegarem à Palestina serão aniquilados. Finalmente, a humanidade terá aprendido rigorosa lição, acerca do que o ódio e a luta armada podem fazer. A intervenção divina, que será o segundo advento de Cristo, trará um novo ciclo neste mundo, tendo início um período de progresso e de bem-estar sem precedentes. A isso chamamos de milênio. A batalha de Armagedom, conforme se supõe envolverá as nações e a China; e essa batalha antecederá de imediato ao novo ciclo, que será iniciado pela «parousia», ou seja, pelo *segundo advento* do Senhor Jesus.

#### Elementos da tribulação:

1. São os elementos referidos acima, como o caos geral, a destruição sem-par por meio de guerras, pragas e a loucura da própria natureza.

2. *O reinado do anticristo*. Ele promoverá um culto religioso que fará o comunismo parecer santo, em comparação. (Ver Apo. 13:1 e ss. quanto a essa descrição. Ver II Tes. 2:3 quanto às notas expositivas acerca do «anticristo»). Os místicos contemporâneos afirmam que o anticristo já está vivo, tendo nascido a 5 de fevereiro de 1962. Há razões convincentes para aceitarmos esse conhecimento «visionário». Haveremos de vê-lo manifestar-se em cerca de 1990, embora só chegue ao seu grande poder em cerca de 1993.

3. A princípio ele fará seu centro em Jerusalém, embora o seu campo de operações seja o mundo inteiro. (Ver Dan. 9:27). Também terá um centro de atividades em Roma. Será dominado por um elevado poder maligno, pelo próprio Satanás; e embora dotado de grande sabedoria, essa seria uma sabedoria diabólica. Todos os homens ímpios, em comparação com ele, serão meros infantes. O anticristo promoverá um culto religioso que será totalmente perverso. Mas os povos do mundo, especialmente os jovens, serão rápida e facilmente arrebanhados por esse culto, seguindo-o com um senso de realização pessoal. E o «João Batista» ou «precursor» do anticristo será—conforme dizem alguns místicos contemporâneos—um político do estado de Nova Iorque (E.U.A.), que promoverá a sua causa através dos meios de comunicação mundiais, se pudermos confiar nas predições dos místicos contemporâneos.

4. Todos os homens poderão escolher se aceitarão ou não o domínio do anticristo. Mas aqueles que não se encurvarem a ele, sofrerão. Multidões serão martirizados. (Ver Apo. 7:9). Haverá um número incalculável de mártires.

5. A tribulação, com sua perseguição religiosa e sua destruição generalizada, haverá de purificar à igreja, naquilo que será seu «banho nupcial» (ver as notas expositivas sobre isso em Ef. 5:26,27). A atual igreja cristã, com suas corrupções, imoralidades e mundanismo, não pode alçar vôo para as alturas celestes.

6. Os homens, durante o período da tribulação, atingirão o clímax da apostasia. Através do anticristo, chegarão a adorar ao próprio Satanás. (Ver Apo. 12:12 e 13:4,5). Também haverá uma atividade sem precedentes dos poderes demoníacos, conforme se vê em Apo. 9:1,11 e 16:13 e ss.

7. A despeito de tanta agonia, a tribulação também será uma oportunidade sem precedente de renovação e de conversão religiosa. Israel será envolvido nesses acontecimentos, mas sempre em cooperação com a igreja cristã, da qual fará parte integral, após a sua conversão como nação. O trecho de Apo. 7:9 deixa isso entendido.

8. *Duração da tribulação*. Durará, talvez, 40 anos. Trechos como Dan. 9:24-27 e Apo. 11:1 parecem indicar um período de *sete anos* de natureza extremamente crítica, envolvendo relações entre o anticristo e a Palestina, mas não que a tribulação inteira perdurará somente sete anos. A Palestina será ocupada por forças russas. Talvez isso faça parte do que significa que a cidade santa «será pisada» por quarenta e dois meses (que talvez simbolizem três anos e meio). Detalhes como esses tornar-se-ão claros como o cristal

quando os próprios acontecimentos estiverem sucedendo; mas para nós, que ainda estamos distantes deles algumas décadas, só podem ser parcialmente compreendidos. Entretanto, somos da opinião que sem importar o que signifique esse período de sete anos, tudo será *parte* do período da tribulação que será um tempo crítico para a nação de Israel, embora esses anos não esgotem a própria tribulação. O número «sete» pode ser um número místico, e não um número que indique sete anos exatos. Somente os próprios eventos poderão mostrar-nos, exatamente, o que tudo isso significa. (Ver as notas expositivas em Apo. 11:2, quanto a detalhes a esse respeito).

9. A batalha de Armagedom, seguida pela «parousia» ou segundo advento de Cristo, porá fim a esse horrendo período. (Ver Apo. 14:14 e ss.; 16:16 e 19:11).

10. *O número Quarenta*: O número bíblico-simbólico-místico para *provação* é constantemente 40. *Exemplos*: A chuva do dilúvio caiu 40 dias; Israel foi provado 40 anos no deserto; Moisés estava no monte 40 dias e noites quando recebeu a lei; a pregação de Jonas durou 40 dias; Jesus foi tentado 40 dias. Seria muito estranho se a maior provação de todas não durasse o tempo tradicional e espiritual, isto é, 40, e neste caso, tal número de anos.

«...são estes os que vêm da grande tribulação...» Aqui está a resposta àquela indagação. A grande multidão é a companhia inumerável de mártires do período da tribulação. (Ver o nono versículo quanto às diversas idéias sobre a exata identificação desses). O vidente João, ao escrever para a igreja perseguida, vê em meio a tudo uma grande esperança. Os mártires não morrerão em vão; a morte, na realidade, não mata. A morte só introduzirá os mártires na imortalidade autêntica. (Ver II Cor. 5:8 acerca desse tema). João queria consolar à igreja sofredora de seus dias. Portanto, é impossível que esses mártires não façam parte da igreja. Profeticamente falando, pelo menos, farão parte dela.

«...lavaram suas vestiduras...» Estão livres de pecado contaminador, tendo sido lavados e purificados pelo sangue de Cristo. A imortalidade vem através da purificação de todo pecado. A transformação moral terá de preceder e acompanhar à transformação metafísica, mediante a qual participamos da própria imagem e natureza de Cristo. Essas «vestiduras» indicam a perfeita imortalidade deles; e a cor «branca» mostra que estavam livres de defeitos morais.

«...as alvejaram no sangue do Cordeiro...» Para eles, a «morte» de Cristo os limpou de sua culpa, e o resultado obtido foi a «imortalidade», as vestiduras brancas, que também falam da sua perfeição moral, idêntica à natureza moral de Cristo. Está em foco muito mais que o mero perdão de pecados. Antes, a participação «positiva» na própria natureza moral de Deus também está em foco. (Ver Mat. 5:48 acerca disso). Um homem pode ser «livre de pecado», mas pouco saber sobre as excelências de Deus, como a bondade, a misericórdia, o amor e a gentileza. Essas são qualidades «positivas» da natureza moral de Deus. Os remidos também terão de participar dessas qualidades, não sendo apenas «impecáveis», pois a ausência de pecado é apenas o começo do processo. (Ver o trecho de Gál. 5:22,23 quanto à operação do Espírito Santo, o qual infunde em nós os vários aspectos do «fruto do Espírito», através do que chegamos a compartilhar da própria natureza moral de Cristo, e, por esse meio de sua natureza metafísica; ver também Rom. 8:29 e II Cor. 3:18. Quanto à doutrina da expiação pelo sangue de Cristo, ver Rom. 3:25 e 5:11; em suas notas expositivas. Isso pode ser confrontado com o que já aprendemos em Apo. 1:5; 5:9 e também em 12:11, a esse respeito). O «sangue» simboliza aqui, em primeiro lugar, o agente purificador; em seguida, o agente alvejante. Portanto, a lavagem no sangue de Cristo confere-nos o perdão dos pecados, mas também nos possibilita plena imortalidade, a participação na própria modalidade de vida que Deus tem, e santidade, conforme se vê em João 5:25,26 e 6:57 (ver as notas expositivas ali existentes), já que isso é simbolizado nas «vestiduras brancas», o que pode ser demonstrado facilmente em Apo. 3:4,5.

É óbvio que o vidente João descreve, sob a idéia do poder do sangue, aquilo que Paulo atribui à «morte» e à «ressurreição» de Cristo, que vem sobre os crentes na forma de um «batismo espiritual». (Isso é comentado em Rom. 6:3). Há a purificação, o final do problema do pecado, mas também há a transmissão da vida imortal de Cristo, conferindo-nos no futuro, uma glorificação extremamente elevada.

#### Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. Homens novos, transformados em Cristo, é que comporão o novo mundo, que para alguns é apenas uma utopia. Mero meio ambiente modificado não produzirá isso. Homens pecaminosos não serviriam para corromper inevitavelmente o novo ambiente. Mas isso não poderá ocorrer nos céus, pelo que somente homens santos poderão viver ali.

2. O feito de Cristo, no Calvário, é poderoso para transformar aos homens. Mas aquele feito não nos fará bem algum, enquanto não se tornar real para nós, mediante a operação íntima e poderosa do Espírito Santo. Não basta dizer «Eu creio», fazendo uma confissão pública. É mister que haja uma real conversão, e isso vem através do contato com o próprio Espírito Santo, o qual infunde em nós a natureza de Cristo.

3. Ninguém pode ser um verdadeiro mártir, sem ter por detrás de si a força da redenção e uma genuína experiência religiosa. Isso vem mediante anos de desenvolvimento espiritual, com base em escolhas sábias de opções entre o bem e o mal.

4. O sangue de Cristo tem o poder de purificar. (Comparar com Rom. 3:26; 5:9; Col. 1:20; Ef. 1:7; I Ped. 1:2; Heb. 9:14; I João 1:7; Apo. 1:5; 5:9 e 22:14). «Só há poder purificador no próprio sangue de Cristo, e nunca no sangue dos próprios mártires. (I João 1:7)» (Robertson, *in loc.*). Em tudo isso, portanto, está envolvida a graça divina. (Ver Ef. 2:8 quanto à nota de sumário sobre a «graça» de Deus).

5. Os versículos catorze a dezessete deste capítulo têm sido chamados de «hino martirológico», por alguns intérpretes. Cada estrofe consiste de uma



longa linha e de duas curtas, que se seguem, conforme se vê abaixo:

Ve. 14 São estes os que vêm da grande tribulação (linha longa)  
lavaram suas vestiduras  
e as alvejaram no sangue do Cordeiro.

Vs. 15 razão por que se acham diante do trono de Deus  
e o servem de dia e de noite no seu santuário  
e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles  
seu tabernáculo.

Vs. 16 Jamais terão fome, nunca mais terão sede,  
não cairá sobre eles o sol,  
nem ardor algum.

Outros arranjos têm sido propostos.

15 διὰ τοῦτο εἰσιν ἐνώπιον τοῦ θρόνου τοῦ θεοῦ, καὶ λατρεύουσιν αὐτῷ ἡμέρας καὶ νυκτὸς ἐν τῷ ναῷ αὐτοῦ, καὶ ὁ καθήμενος ἐπὶ τοῦ θρόνου σκηνώσει ἐπ' αὐτούς.

15 ὁ...θρόνου 1 Km 22:19; 2 Chr 18:18; Ps 47:8; Lc 6:1; Eze 1:26-27; Rlr 1:8 Re 4:3,9; 5:1,7,13; 8:10; 7:10; 19:4; 21:5

7:15: Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu santuário, e aquele que está assentado sobre o trono estenderá o seu tabernáculo sobre eles.

«...trono...» Há comentários a respeito em Apo. 4:2.

«...servem de dia e de noite...» Essa expressão, que indica algo contínuo e eterno, é usada em diversas conexões neste livro. (O presente versículo pode ser comparado com Apo. 4:8, onde notamos o louvor incessante dos anjos). Em Apo. 12:10, essa expressão é usada acerca da contínua acusação de Satanás contra os santos, e isso «diante de Deus». E em Apo. 14:11 fala do julgamento contínuo e eterno contra aqueles que aceitarem o sinal da besta e adorarem à sua imagem. Em Apo. 20:10 essa expressão fala sobre o julgamento eterno do «diabo», da «besta» e do «falso profeta». Finalmente, em Apo. 14:11 e 20:10 faz-se presente o reforço adicional da implicação «eterna» dessa declaração, a saber, «pelos séculos dos séculos».

A divisão do tempo em «dia e noite» existe somente para os habitantes da terra, conforme se vê implicitamente em Apo. 22:5; mas o que se conhece é aplicado ao desconhecido. Apesar de que então não haverá dia e noite, segundo os conhecemos, essa expressão é nossa maneira de falar de algo contínuo, que não admite descanso ou intervalo. Por igual modo, a eternidade é referida como «pelos séculos dos séculos». Sabemos o que significa a palavra «séculos» (melhor tradução seria «pelas eras das eras», que expressaria mais literalmente o grego). Por conseguinte, postulamos uma sucessão interminável de eras, como aquilo que caracterizará a eternidade.

«...no seu santuário...», isto é, no «Santo dos Santos dos céus», lugar onde se manifesta a presença de Deus. Os judeus supunham que nos céus há um templo, com seu altar, com seu Lugar Santo, etc. E pensavam que o templo terreno fosse mera duplicação, em escala menor, do templo celeste. É provável que alguns escritores rabínicos pensassem ser isso uma linguagem «simbólica», embora outros tomassem a expressão literalmente. Assim, as visões dos capítulos quatro e cinco deste livro, que mostram os «céus», descreveriam vários itens do templo. Em Apo. 4:2 temos um «trono» situado no Santo dos Santos. Em Apo. 6:9 temos um único «altar» nos céus, em substituição aos dois altares do templo terrestre. (Quanto ao conceito da natureza «imitativa» do templo terreno, ver Heb. 8:5 e 9:23). O trecho de Heb. 9:24 pinta a entrada de Cristo no ponto mais alto dos céus, como quem entra no real «Santo dos Santos», o santuário mais interno, na «presença» mesma de Deus.

No presente versículo, a palavra grega «naos» é usada, dando a entender o «templo» inteiro, mas também, especificamente, o «Santo dos Santos». O termo grego «ieron» também significa templo, e normalmente subentende a edificação inteira, e não apenas o santuário mais interno. No versículo que ora comentamos, supomos que está em foco o Santo dos Santos, já que a cena descreve a presença de Deus.

«...que se assenta no trono...» Uma expressão comum neste livro, onde, por razões piás, é evitada a menção do nome divino. (Ver as notas expositivas sobre isso, em Apo. 4:2. Ver também Apo. 4:9; 5:1,7,13; 6:16 21:5). Em Apo. 7:10 e 19:4 é dito, especificamente, que «Deus» está sentado em seu trono. Em Apo. 3:21 lê-se que esse trono é de Deus e do Cordeiro, trono esse que poderá ser compartilhado por outros filhos de Deus. No quinto capítulo deste livro lê-se, especificamente, que esse é o trono do Cordeiro, o que também aparece em Apo. 7:17. E em Apo. 22:3, que é a última visão do trono, vemos ali a Deus e ao Cordeiro.

16 οὐ πεινάσουσιν ἐτι οὐδὲ διψήσουσιν ἐτι, οὐδὲ μὴ πέσῃ ἐπ' αὐτούς ὁ ἥλιος, οὐδὲ πᾶν καύμα,

16 Lc 10:10

7:16: Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem cairá sobre eles o sol, nem calor algum;

Durante a Grande Tribulação (ver o décimo quarto versículo), os crentes terão sofrido tudo isso, descrito nos versículos dezesseis e dezessete. O anticristo não permitirá que os homens comprem ou vendam sem a sua marca. Os alimentos já andarão escassos, em um mundo caótico. Os que se opuserem ao anticristo passarão fome real. A história está repleta de narrativas de homens que, em tempos de tensão e opressão, ousaram opor-se a tiranos. Narrativas escritas sobre o movimento de resistência dos *maquis*, na França, durante a Segunda Guerra Mundial, descrevem o risco de vida por que passaram homens e mulheres todos os dias, por terem defendido um elevado ideal. Nos tempos do anticristo será promovida a mais feroz de todas as perseguições religiosas, e os fiéis ao Cristo autêntico sofrerão diariamente por causa de sua lealdade. Os pais encontrarão tremenda dificuldade para encontrar alimentos para seus filhos. Será difícil

6. A força ativa que aplica a expiação no sangue de Cristo é a «fé». (Ver Rom. 3:25 quanto a comentários sobre esse conceito). A fé é a outorga da própria alma aos cuidados de Cristo, e não a mera aceitação de certo número ou tipos de características doutrinárias. (Ver Heb. 11:1 quanto à nota de sumário sobre a «fé»).

7. Nosso interesse agora deveria ser «viver a vida de martírio», porquanto os mártires sempre se distinguiram por sua santidade e serviço, antes da morte física tão-lhes liberado para a vida eterna. Os mártires são exemplos para nós, não apenas sobre como se deve morrer, mas também como se deve viver. Sócrates dizia que quando a vida é corretamente vivida, consiste de morrer diariamente. Com isso ele queria dizer que devemos ir dando valor cada vez maior à alma, atendendo cada vez menos às exigências do corpo, livrando a alma do corpo, o que, em última análise, é justamente a «morte».

«...estenderá sobre eles o seu tabernáculo...» O termo grego traz aqui o vocábulo «skeneo», que significa «habitar entre», «fixar residência com». O grego é aqui bem literalmente traduzido, «...estenderá sobre...», como se a tenda divina houvesse sido armada por cima dos remidos, como que para «abrigá-los com a sua presença». Ele espalhará o seu «tabernáculo» ou «tenda» sobre os remidos. A tenda da congregação, originalmente armada no deserto, era apenas uma «tenda», de natureza portátil, sendo essa a circunstância da qual se deriva este simbolismo. Em Apo. 21:3 temos uma expressão verbal no grego, que não pode ser traduzida como tal em português, onde se lê: «Eis o tabernáculo de Deus com os homens». A idéia é que Deus armará sua tenda sobre os crentes, a fim de abrigá-los, de dar-lhes uma habitação. Alguns intérpretes pensam que a expressão deste versículo indica que «a Shekinah de Deus» desceu sobre os remidos. Essa «Shekinah» é uma expressão hebraica que indica a manifestação gloriosa de Deus. Na terra essa manifestação se apresentava em termos a que os homens podiam resistir, mas nos céus se apresentará com toda a sua plenitude e resplendor. Dessa maneira, os próprios remidos tornar-se-ão um templo celestial, porquanto Deus virá habitar entre eles e com eles, segundo se aprende em Efé. 2:21,22. (Isso pode ser comparado com Lev. 26:11; Isa. 4:5,6 e Eze. 37:27).

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. A relação entre os filhos de Deus e Deus Pai, no templo celestial, subentende que eles são sacerdotes. (Isso é comentado em Apo. 1:6 e 5:10). Ali os crentes servirão como sacerdotes. Não estarão ociosos. Os filhos de Deus transformados receberão grandes e eternas missões a cumprir. Não haverá qualquer templo literal na Nova Jerusalém (ver Apo. 21:22). Deus e o Cordeiro serão esse templo, em quem os remidos habitarão eternamente, e em quem estarão sendo perenemente transformados e espiritualizados, de modo a compartilharem da vida necessária e independente do próprio Deus. «Todos os remidos serão sacerdotes no templo celestial» (Robertson, *in loc.*).

2. Nos lugares celestiais teremos uma habitação espiritual, na qual nossos seres serão transformados, o que nos levará a deixar para trás nossos caminhos e manifestações inferiores.

3. A passagem de Apo. 2:17 subentende que cada ser humano é impar. E aqui aprendemos que o homem foi criado para servir ao Senhor para sempre. O «descanso» celeste será uma atividade incessante e exaltada, mas sem cansaço. Cada remido haverá de servir a Deus de modo sem-par, pois Deus é o «Alfa e o Ômega» de cada um deles, e cada indivíduo é uma criação impar, com uma missão toda própria.

4. «Características rituais e pastorais do A.T. preenchem o conceito dessa bem-aventurança final, com sua posição privilegiada (diante do trono). Notemos a singular ternura do oxímoro, 'aqueles que se assenta no trono lo majestoso e todo-poderoso Deus) os cobrirá', e isso com uma presença afagante, íntima e cuidadosa; seguida por 'poimanei' (décimo sétimo versículo, 'alimentar como um pastor') (em contraste com Apo. 2:27), em seu sentido literal de pastoreio terno, de parte de Jesus. Um conceito antigo e familiar do Messias era aquele que o concebiam como um pastor. Este versículo é uma adaptação parcial do trecho de Enoque 45:4-6. Diferentemente de Jó 1:14, reflete o cumprimento cristão da antecipação judaica (comparar com Apo. 13:6; 21:3; Zac. 2:10 e ss. e Sir. 24:8 e ss.) no sentido que a «shekinah» retornaria na era de bem-aventurança final» (Moffett, *in loc.*).

5. Aquilo que é descrito neste versículo sucederá por causa daquilo que Cristo tem feito em prol dos demais filhos de Deus, em sua morte e ressurreição, conforme se vê em Apo. 7:14. É por esse motivo que eles possuem a bênção celestial, segundo é indicado nas palavras «razão por que», que aparecem no começo do versículo.

16 ἐτι 1º om R pc vg sy co | ἐτι 2º om P 052 1 1006 2059a al g sy<sup>h</sup>

encontrar abrigo adequado. A natureza tornar-se-á caótica, e a destruição e a miséria tornar-se-ão generalizadas. Porém, a «glória que se seguirá» fará com que todas as privações experimentadas sejam imediatamente esquecidas. Eventualmente, Deus triunfará sobre o mal. E, se por um lado, os fiéis a Cristo, durante o período da tribulação, venham a encontrar tanta dificuldade para encontrar as condições físicas que lhe capacitem a mera sobrevivência, as glórias dos céus serão abundantes, perfazendo um infinito contraste.

O trecho de Isa. 49:10 evidentemente é a fonte dos versículos dezesseis e dezessete deste capítulo: «Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhe enxugará dos olhos toda lágrima». Talvez também haja uma alusão ao Salmo 23, o salmo do Bom Pastor. A referência ao fato que Deus enxugará dos olhos dos crentes toda a lágrima, se deriva de Isa. 25:8. Por

consequente, o autor sagrado une várias passagens do A.T. que falam de alívio após o sofrimento, à luz do dia eterno.

Os mártires terão sofrido as privações dos meios básicos para a manutenção da vida física. Finalmente, o anticristo privará os crentes da própria vida física. Os que porventura escaparem, agonizarão em tristeza. Talvez cheguem a perguntar a si mesmos se Deus continua realmente em seu trono. Mas a sua esperança em Cristo será amplamente justificada. E essa esperança agora é a nossa força.

*A esperança borbotava eterna no peito humano;  
O homem nunca é, mas sempre deve ser abençoado;  
A alma, intranquila e afastada do seu lar,  
Descansa e se dilata acerca da vida vindoura.*

(Alexander Pope)

Essas linhas eloquentes chegam a exprimir, mui desajeitadamente, a esperança cristã. O vidente João mostra-se muito mais direto e positivo. Ele não despreza o sofrimento e nem nos diminui. Passaremos para a glória em meio à agonia. Isso será supremamente verdadeiro no tocante aos mártires do período da Grande Tribulação. «No Apocalipse, esperanças meio-analisadas e escassamente compreendidas, têm uma maneira de brilhar com claríssima realidade». (Hough, *in loc.*).

«...fome...» Cremos que será fome literal, conforme se deixa entendido nas notas expositivas acima. Será mais que um desejo espiritual não satisfeito. Naturalmente, os justos serão satisfeitos em todos os seus desejos espirituais ainda não satisfeitos, o que poderia ser também simbolizado pela fome e pela sede.

«...sede...» Sede literal de líquidos. Contudo, a fome espiritual alude a desejos legítimos não satisfeitos, conforme se vê em João 4:14. O Cordeiro conduz às fontes de água viva (ver Isa. 49:10). Aquele que bebe dessa água nunca sofrerá os tormentos da sede espiritual. O próprio Deus é a fonte da vida. (Ver Sal. 35:10; I Enoque 48:1. Ver os ensinamentos de Jesus, em Mat. 5:6. «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos». Ver também João 6:22 e ss., onde Jesus aparece como o Pão da Vida. Ver a nota de sumário a respeito, em João 6:48. O trecho de João 4:14 mostra-nos que Jesus oferece aos homens a «água da vida»).

A fome e a sede físicas se transformam em verdadeira dor. Mas poucos

17 ὅτι τὸ ἀρνίον τὸ ἀνὰ μέσον τοῦ θρόνου ποιμαίνει αὐτούς, καὶ ὀδηγήσει αὐτοὺς ἐπὶ ζωῆς πηγῆς ὕδατων· καὶ ἔξαλείψει ὁ θεὸς πᾶν δάκρυον ἐκ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν. 17 [ωψς] [ωσος] I 2028 3239 al c

17 ποιμαίνει αὐτοὺς Pz 23.1; Eze 34.33; Jn 10.11, 14 ὀδηγήσει... ὕδατων Pz 23.2; Is 49.10; Jz 2.13 ἔξαλείψει... αὐτῶν Is 25.8; Rn 3.14

7:17; porque o Cordeiro que está no meio, diante da trono, os acompanhará e os conduzirá às fontes da água da vida; e Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima.

O Cordeiro (com notas expositivas em Apo. 5:6) é o Leão (ver Apo. 5:5); mas é igualmente o Pastor, conforme nos mostra o presente versículo. (Comparar o décimo capítulo do evangelho de João com o Salmo 23, onde aparece o conceito «pastor»). Mui provavelmente, o vidente João alude ao «Salmo pastoril», conferindo-lhe uma natural interpretação messiânica. O Senhor guiará os mártires até à beira de águas tranquilas, tornando-se eles uma fonte eterna de vida e energia espiritual. O Cordeiro também haverá de «alimentá-los». (Ver João 6:48 quanto a uma nota detalhada acerca de Jesus como o «Pão da Vida»). Isso fala da nossa participação «mística» na própria natureza de Cristo, o que transformará nosso ser a ponto de participarmos da própria modalidade de natureza e vida que Cristo possui. Aquilo que nos for conferido, haverá de «espiritualizar-nos». A água e os alimentos sólidos constituem a necessidade total de alimentação do corpo físico. Cristo é tanto o Pão quanto a Água da vida, sendo tudo do que precisa a alma. (Ver João 4:14 quanto a Cristo como «Água da vida»). A água da vida borbotava no interior do indivíduo, conferindo-lhe plena «vida eterna», a própria modalidade de vida, quando todo o processo remidor tiver chegado a seu último estágio. (Ver João 5:25, 26 e 6:57).

As águas celestiais não terão o gosto salgado das lágrimas, porquanto nos conduzirão a uma vida livre das labutas e das tristezas que acompanham o martírio. Portanto, o autor sagrado cita indiretamente a passagem de Isa. 25:8: «...e assim enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos...», a qual ele usa novamente ao descrever a cena eterna que envolverá todos os crentes, em Apo. 21:4, onde a idéia geral é mais eloquentemente desenvolvida.

*Mas ele não dá ouvidos, ao ter sede pela fonte  
Que não tem gosto de lágrimas, cujas águas cantam  
Mais docemente que as trombetas de todo o Israel.*

(Thomas S. Jones Jr.)

Davi, ao anelar por águas da fonte de Belém, ao receber um pouco dessa água, da mão de seus oficiais, que lhes custaram grande risco de vida, recusou-se a beber, mas ofereceu a água ao Senhor como uma oferta pacífica, tão preciosa tornara-se ela. Mas, no estado eterno, não haverá hesitação para beber da água da vida, não haverá limite para a alegria espiritual.

A metáfora mista deste versículo, que combina diversos elementos da pessoa de Cristo, e o que ele significa para os seus discípulos de todos os séculos, tenciona transmitir a idéia que, em Cristo temos a jóia de muitas facetas, esplendorosa, a beleza da alma, o brilho coruscante do estado celestial. Em Cristo, outrossim, Deus aparece como o terno guardião, como aquele que satisfaz à alma, que a «metáfora do pastor» tenciona transmitir.

*Tu em paz, em sono silencioso,  
Em algum mundo calmo, desconhecido, remoto,  
Achaste o poderoso cuidado paterno,  
Sem cuja permissão guardiã e terna  
Nenhum pássaro cai ao chão.*

(Coleridge)

são aqueles que passam por tais dores espirituais, exigindo pronta satisfação.

«...não cairá sobre eles o sol...» A natureza entrará em caos. Isso provocará intensos sofrimentos. Mas as perseguições movidas pelo anticristo, qual fogo que corrói, queimarão os mártires. Se os homens perturbarem o escudo protetor da atmosfera, a humanidade inteira sofrerá de temperaturas altíssimas. O anticristo conseguirá equiparar suas perseguições com essas perturbações da natureza, atingindo pesadamente os homens. Mas, quando vier o triunfo de Deus, os mártires serão libertados de tudo isso.

Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

1. É possível que os dois mais fortes apetites do ser humano sejam a fome e a sede. A Grande Tribulação trará essas profundas dificuldades, não podendo ser satisfeitos esses apetites básicos à continuação da vida. Muito maior, entretanto, será o «deserto» das almas dos homens, que precisam desesperadamente do remédio de Deus, que se acha em Cristo.

2. «Os mortos egípcios anelavam por uma brisa refrescante no mundo vindouro. «Que eu seja colocado à beira da água com o rosto voltado para o norte, para que a brisa me acaricie, e que o meu coração seja refrescado de suas tristezas». (Ver Maspero, *Dawn of Civilization*, pág. 113)» (Moffatt, *in loc.*).

3. «O sol, no Oriente, em sua feroz e dominadora intensidade, serviu de um apropriado emblema para aquelas tribulações que secam as fontes da força. O sol que se elevava com calor escaldante, devorará a beleza das flores (ver Tia. 1:11); a plantinha sem raízes que medra em terreno rochoso, se resseca quando o sol se levanta escaldante (ver Mat. 13:6,8)... A cidade (Jerusalém celestial), entretanto, não terá necessidade de sol, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua luz (ver Apo. 21:3). Nem sol, nem calor, nem vento escaldante, como o siroco, se espalhará com uma influência ressecadora» (Carpenter, *in loc.*).

4. A grande lição que este versículo nos ensina é que Deus é quem pode satisfazer cada uma de nossas necessidades, triunfando sobre cada e todo erro. Ele é o manancial e o alvo de toda a vida e o bem-estar, o Alfa e o Ômega (ver Apo. 1:8 e I Cor. 6:8).

5. Não poderá haver fome ou sede na presença da fonte de todo o suprimento.

6. Nada poderá prejudicar os remidos: «Nem o sol da perseguição (ver Mat. 13:6,22) nem o calor das tentações satânicas ou seus dardos inflamados; nem de qualquer provação inflamada ou aflição terrível; nem o desprazer divino ou qualquer senso de temor e apreensão; nem o labor e o cansaço provocados pela carga e pelo calor do dia, de tudo estarão livres, então» (John Gill, *in loc.*).

O poeta escreveu esse poema que fala sobre uma criança morta. A tristeza da ocorrência, a aparente perda de vida, o inocente tão jovem, tão tenro e tão inofensivo, que causaram profunda tristeza e muitas lágrimas, tudo redundaria em esperança, devido à intervenção do Cristo eterno, o qual, ao mesmo tempo, é o Pastor da alma. Portanto, nenhuma vida pode perder-se ou ser lançada como refugo, e o amor nunca poderá perder os que lhe pertencem. Nisso confiamos, e continuaremos a confiar até que sua fruição esteja à vista. De quão exíguas utilidades é o ateísmo quando estão em foco as grandes questões da vida e da morte diante de nós. Deus nos livra de viver em «confiante desespero», conforme era a atitude do ateu Bertrand Russell, de acordo com sua própria confissão. Antes, elevando-se gigantesco acima dos destroços do período da Grande Tribulação, surge a pessoa de Cristo, que é o Pastor, o Pão da Vida e a Água da Vida, a fonte mesma de toda a simpatia divina pelo homem, conduzindo este ao bem-estar eterno.

Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:

1. «Palavras como estas (ver os versículos quinze e dezessete) devem soar como música divina aos ouvidos dos crentes perseguidos. Deus haverá de consolá-los como u'a mãe consola a seus filhinhos» (Baljon, *in loc.*).

2. Esta passagem pode ser comparada com o trecho de Enoque 42 e 48, onde há idéias similares. Ali há uma fonte que contém sabedoria, disponível para todos quantos sintam sede. Também há a fonte da retidão, descrita como «inexaurível». Na divisão do Sheol que é reservada aos justos, aparece uma «brilhante fonte da água da vida» (Enoque 22:9). Na antiguidade havia a crença, sustentada pelos seguidores de Pitágoras e outros, de que os mortos sofrem sede no mundo inferior, idéia essa que encontra eco em Luc. 16:24. De acordo com a antiga escatologia egípcia, os mortos se ajoelhavam diante de Osíris, o qual derramaria diante daqueles a água da vida. Assim também, no «mundo ideal», Deus, por intermédio de Cristo, cuidará para que nenhum dos justos sofra sede, nem fome e nem qualquer tristeza. Os céus são apresentados como um imenso pasto luxuriante para as ovelhas, da mesma forma que os antigos gregos e babilônios pintavam os céus como um bellissimo jardim. Todas essas descrições são apenas tentativas de dizer algo significativo sobre o «bem-estar» do após-vida dos remidos. Viam elas consolar à igreja, que nos tempos em que este livro foi escrito, sofria sob pesada perseguição.

3. Aquele que fez o seu povo beber do rio, ao longo do caminho (ver Sal. 110:7) que dava aos que vinham a ele a água que é a única capaz de satisfazer-lhes a sede (ver João 4:13, 14 e 7:37-39) haverá então de conduzi-los às fontes de água viva, levando-os a beber do rio de seus prazeres (ver Sal. 36:8). Mui significativamente, as fontes dessa água viva se acham no próprio trono de Deus (ver Apo. 22:1). Ezequiel viu o rio que brotava do interior do templo (ver Eze. 48:1); mas na cidade onde não haverá templo, seremos levados à presença mesma do trono de Deus, onde encontraremos o manancial de todas as alegrias verdadeiras». (Carpenter, *in loc.*).

4. «Águas vivas». São assim chamadas porque a, perdurarão para sempre; b. transmitirão a vida divina (ver João 5:25, 26); c. são satisfatórias para a alma, conferindo-lhes as bênçãos próprias da vida eterna. No dizer de John Gill (*in loc.*): «O amor de Deus é de eternidade em eternidade; e é simbolizado por meio de 'fontes' a fim de denotar a sua abundância borbulhante, tal como será percebido e desfrutado pelos santos; pois essas águas não subirão somente até os pés, ou até os joelhos, mas serão um rio largo e profundo no qual se poderá nadar, e que não pode ser atravessado; até ali é que Cristo conduzirá o seu povo, sendo esse um dos empreendimentos de seu ofício de Pastor». (John Gill, *in loc.*).

5. «Quando todas as avenidas do conforto terreno se fecharem, seremos forçados a buscar a tudo em Deus; e tudo quanto nele for buscado nele será encontrado» (Adam Clarke, in loc.).

*Variante Textual:* As palavras «fontes vivas» figuram nos mss 1, 2028, 2329 e em alguns poucos outros manuscritos posteriores. Porém, os mss Aleph, AP,

046 dizem «águas vivas» («águas da vida»). Esse é o texto correto, o que se prova com a qualidade superior dos manuscritos mais antigos que o exibem. (Quanto a informações sobre os antigos manuscritos do N.T., com normas que explicam como se deve escolher os textos corretos, quando há variantes, ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse assunto).

#### Capítulo 8

### VI. Visão dos Sete Selos (6:1-8:6).

#### 8. Sétimo selo: Aparecimento das sete trombetas (8:1-6).

Nas notas de introdução ao sexto capítulo deste livro, há comentários gerais sobre os «selos». O leitor deveria consultar essas notas, porquanto agora estamos apenas fazendo o resumo dos selos, embora, do sétimo selo em diante, um novo panorama se abra diante de nós, porquanto o sétimo selo consiste do juízo das sete trombetas. No presente comentário supomos que uma nova série de juízos sucessivos é revelada. E cremos que esses julgamentos também farão parte da «Grande Tribulação» dos últimos dias, o que é comentado em Apo. 7:14. Alguns intérpretes supõem que as *trombetas* são paralelas às *taças*, pelo que haveria o seguinte quadro comparativo:

Apo. 8:7

Apo. 8:7	Apo. 16:2
8:8,9	16:3
8:10,11	16:4-7
8:12,13	16:8,9
9:1-12	16:10,11
9:13-21	16:12-14
10:7	16:17-21
(11:15-19)	

(Quanto a informações sobre o raciocínio por detrás desse arranjo dos acontecimentos preditos no Apocalipse, ver a seção introdutória X, intitulada «Conceitos de Arranjo»).

Parece melhor, entretanto, pensar que os eventos aqui descritos são continuamente sucessivos. Quando esses acontecimentos estiverem ocorrendo, contudo, é que realmente haveremos de compreendê-los. Até então não poderemos entender plenamente os mistérios deste livro.

O oitavo capítulo segue-se imediatamente ao «parêntesis» que descreve o estado e o destino dos mártires, algo que exigia urgente definição nos tempos do vidente João, quando o imperador Domiciano perseguia a igreja e fazia muitos mártires entre os cristãos, provocando caos e destruição. Essa explicação necessária interrompera a descrição sobre os sete selos. Este oitavo capítulo, pois, nos apresenta o sétimo selo, que consiste do julgamento das sete trombetas. O sétimo selo não nos levará imediatamente ao fim do caos, e nem à derrota de Satanás, com a conseqüente vitória de Deus e o estabelecimento do reino ou estado eterno, conforme se lê no Apocalipse do Pseudo-João 19-23. Antes, esse sétimo selo apresenta-nos uma série nova de catástrofes, produzidas por juízos divinos.

A *tribulação* e a *grande tribulação*. Talvez seja correto dizer que a palavra «tribulação» apresenta o período inteiro das agonias finais da terra. Mas pode representar, igualmente, a primeira porção daquelas tremendas agitações finais, a porção menos severa, embora já por si agonizante. Supomos que essa «tribulação» inclui os primeiros seis selos, e também as seis primeiras trombetas. Continuando a expor esse raciocínio, a «grande tribulação» seria a sétima trombeta, que traria os juízos das sete taças (Apo. 15-19).

Alguns estudiosos dividem a tribulação em dois períodos iguais, cada qual de três anos e meio, com base nas informações dadas por Dan. 9:27 e Apo. 11:2,3. Mas é quase certo que a tribulação, a tremenda agonia da terra, bem como a carreira do anticristo envolverá um tempo muito mais longo do que esse, embora esse período contenha uma expansão de sete anos que seriam singularmente importantes para os judeus, especialmente em seu relacionamento com o anticristo. (Quanto a notas expositivas sobre esse elemento do «tempo», examinar os versículos aludidos e a passagem de Apo. 11:2,3). Sem importar, porém, qual o período exato coberto pelo período de tribulação, cremos que nós e nossos filhos veremos, diante de nossos olhos, todos esses eventos preditos. Se esses acontecimentos são para os *nossos tempos*, quão importante para nós é o livro de Apocalipse. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário sobre o tema, *A Tradição Profética e A Nossa Era*, onde procuramos alertar nossos leitores para o fato da «vinda próxima» desses acontecimentos temíveis).

«O sétimo selo. Quando foi aberto o selo sétimo, cessaram os louvores e as ações de graças nos céus (ver Apo. 8:1), a fim de que as orações de todos os santos que sofriam na terra pudessem ser ouvidas diante do trono de Deus (ver Apo. 8:3:5). Em Apo. 7:1-3 lê-se que os juízos contra a terra cessaram momentaneamente, até que os fiéis fossem selados, protegendo-os das pragas demoníacas que sobreviriam; aqui temos uma garantia nova e fresca de que a causa dos fiéis é também a causa de Deus e dos exércitos celestiais». (Charles, in loc.).

As trombetas representam uma intensificação dos juízos divinos, em comparação com os juízos dos selos, incluindo a invasão da terra por parte de seres satânicos dotados de poder sobrenatural, os quais levarão a humanidade quase à auto-extinção. (Ver as notas expositivas sobre o segundo, o terceiro, o quinto e o sexto selos, acerca disso, em Apo. 8:8,10; 9:1 e ss. 9:13 e ss.).

8 *Καὶ ὅταν ἤνοιξεν τὴν σφραγίδα τὴν ἑβδόμην, ἐγένετο σιγὴ ἐν τῷ οὐρανῷ ὡς ἡμίωρον.*

8. 1 *ὅταν* AC 1006 1611 pc; R] *ὅτε* NP 046 1 82 2059a 2329 pl c

Embora N P e quase todos os minúsculos, seguidos pelo Textus Receptus, digam *ὅτε*, a comissão preferiu *ὅταν*, que é apoiada por AC 1006 1611 1841. A forma *ὅτε* parece ser assimilação às seis instâncias de *ὅτε ἤνοιξεν* no cap. 6. (Quanto a outro exemplo de *ὅταν* com o indicativo, no Apocalipse, ver 4:9).

8:1. Quando abriu o sétimo selo, fez-se silêncio no céu, como por meia hora.

«...Cordeiro...» Há comentários sobre Cristo, na qualidade de «Cordeiro», em Apo. 5:6.

«...abriu...» (Quanto ao «livro de sete selos», ver as notas expositivas em Apo. 5:1). Essas notas também fornecem uma descrição geral dos «selos» e seus diversos usos. (Quanto ao ato da «abertura» dos selos, ver as notas em Apo. 6:1). Somente o «Leão» da tribo de Judá, a «Raiz» de Jessé, que também é o «Cordeiro», mostrou ser «digno» de abrir os selos desse livro. (Isso é comentado em Apo. 5:5).

«...sétimo selo...» O sétimo selo consiste do juízo das sete trombetas. (Ver as notas de introdução a este oitavo capítulo).

«...houve silêncio no céu...» O vidente João grafou aqui o termo «céu», no singular, tal como o faz em todas as menções a esse lugar, excetuando Apo. 12:12, que é citação de um trecho do A.T. O ponto de vista antigo e normal era de que os «céus» são muitos. Normalmente se pensava em sete estágios

de glória e espiritualidade progressivos. (Ver Eté. 1:3 quanto aos «lugares celestiais», onde esse conceito é comentado).

*Qual a significação desse período de silêncio de meia hora?*

1. O vidente João não nos diz o que esse silêncio significa. Portanto, precisamos usar da imaginação para descobrir. Certos escritos judaicos nos dão alguma indicação. Hagigah 12b diz que os anjos ministrantes se calaram para Deus ouvir os louvores prestados por Israel, que ascendiam desde a terra. Talvez esse silêncio igualmente tenha esse propósito, ou foi feito para Deus ouvir as orações dos santos em meio à agonia deles, para que suas orações fossem eficazes. Porém, não vemos nisso um sentido razoável.

2. O trecho de II Esdras 7:30 fala de um período de silêncio de sete dias, durante o qual ninguém estará vivo, pois Deus eliminará a antiga ordem e dará início a uma nova ordem de coisas. Isso será feito mediante uma nova criação. Os «sete dias» seriam dias de criação, tal como se pensa que a



criação original exigiu sete dias. Esta passagem, porém, não é um paralelo real disso, em seu conteúdo ou em seu intuito.

3. Alguns vêem nisso uma indicação do modo «deliberado», *comedido*, «cuidadoso» e «planejado», com que Deus faz tudo, aparentemente com lentidão. Os céus não vivem tumultuados e nem apressados. Não há ali a pressa que provoca confusão. Portanto, se faz silêncio, antes de continuarem os juízos de Deus, dando margem a uma cautelosa consideração.

4. Certamente esse silêncio é «agourento» e *ameaçador*. A terra, por essa altura dos acontecimentos, terá passado por tremenda agonia, mas os homens não se terão arrependido. Os céus fazem uma pausa momentânea a fim de considerarem os terrores que deverão sobrevir, para que os homens se voltem para Deus. Isso mostra até que nível baixíssimo os homens têm caído, porquanto são necessárias medidas tão drásticas para restaurá-los a Deus.

5. Esse silêncio também será *dramático* e cheio de «suspense». João queria que sua obra escrita refletisse esses estados emocionais, pois descrevia predições tremendas e temíveis.

6. «Tu» também faria silêncio e ficaria sem fôlego se conhecesse quão temíveis são a santidade de Deus e os seus juízos contra o pecado. Nenhum pecador, ao ler estas palavras ou ao ler a Bíblia, esperaria outro minuto, e certamente não esperaria por meia hora, a fim de clamar a Deus, rogando misericórdia e perdão, se compreendesse o pleno significado da condenação dos perdidos, conforme essas hostes celestes devem ter reconhecido tais coisas, ao observarem, de respiração suspensa, o partir do último selo do período da tribulação». (M.R. DeHaan, *in loc.*)

7. Esse silêncio assinalou uma pausa temporária na sequência de revelações, pois essas revelações são terríveis de serem vistas e ouvidas. É possível que essa pausa fale da contínua misericórdia de Deus, em que ele espera pelo retorno dos filhos pródigos e reluta em julgar aos homens.

*Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:*

1. A visão sobre a «felicidade final», que encontramos no sétimo capítulo concorda muito melhor com nossos sentimentos do que a revelação sobre a necessidade de julgamento. Porém, alguns indivíduos só podem aprender as lições da vida em meio à agonia, já que o homem é um ser que se afastou para

muito longe de Deus. Será mister uma profunda operação para trazê-lo de volta ao Senhor. Contudo, o julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus. Nunca é meramente retributivo, mas sempre envolve os elementos da restauração e da disciplina.

2. Necessidade de um silêncio *afagador*. Os homens precisam de momentos de calma consideração e meditação, de sondagem da própria alma. A pressa e a buia deste mundo não nos deveria privar a alma da buca silenciosa por Deus. O poeta Stephen Spender, falando sobre aqueles que são «verdadeiramente grandes», disse que eles

*Nunca permitiram, gradualmente, que o tráfico abafasse,  
Com ruidos e com tempo nublado, o florescimento do espírito.*

3. Alusão envolvida neste versículo. É evidente que há alusão aqui, à meditação silenciosa do povo, enquanto o sacerdote entra no Santo Lugar a fim de queimar o incenso. Aquele era um momento solene, pois o povo não sabia se o sacerdote seria aceito, se poderia retornar com vida, porquanto chegava à presença mesma de Deus. (Ver Lev. 16:17 e Luc. 1:10).

4. Rejeitamos as interpretações históricas deste versículo, como se o «silêncio» fosse o «descanso e a paz» da igreja, durante o tempo do imperador Constantino, após a era de tremendas perseguições contra o cristianismo. Também não pode estar em foco o «silenciamento» dos opositores da igreja, os hereges. Tais idéias são totalmente estranhas ao texto sagrado.

5. Cristo dará paz aos seus santos:

*O terra, tão plena de ruidos espantosos!  
Ó homens, com tons de lamento nas vozes!  
Ó ouro escavado, montão dos lamentadores!  
Ó conflito, ó maldição, que sobre isso calaram!  
Deus impôs o silêncio entre todos vós,  
E beneficia suas amadas ovelhas.*

*Cristo confere paz à terra:  
Concede-nos tal meia-hora de silêncio imposto,  
Em compensação por nossos anos de tempestade:  
Tal como os céus cessaram em seus cânticos,  
Que assim a terra cesse em seus gemidos.*

*Variante Textual:* Os manuscritos minúsculos dizem aqui «*ote*», isto é, «-agora» ou «quando». Mas os man. AC, 1006, 1811 e 1841 dizem «*otan*», forma esta preferida pelos críticos textuais, embora, neste ponto, seja sinônimo da outra palavra. O uso do vocábulo «*ote*», em alguns manuscritos, provavelmente se deu como assimilação das seis instâncias, no sexto capítulo deste livro, das palavras «*ote enoikhsen*».

2 καὶ εἶδον τοὺς ἑπτὰ ἀγγέλους οἱ ἐνώπιον τοῦ θεοῦ ἑστῆκασιν, καὶ ἑδόθησαν αὐτοῖς ἑπτὰ σάλπιγγες.

8:2: E vi os sete anjos que estavam em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas.

«...vi...» Em visão mística, o que é comentado em Apo. 1:10.

«...sete anjos...» Continuam aqui as séries de «sete»: o número da perfeição. Estes sete anjos particulares não tinham sido mencionados antes, a menos que os identifiquemos com os «sete espíritos», diante do trono, em Apo. 1:4 e 4:5 (conforme alguns estudiosos pensam ser provável). (Ver as notas expositivas ali existentes, sobre os «elevados seres angelicais»). Sem importar qual seja a identificação desses sete anjos, devem ser reputados espíritos ministrantes—juntamente com todos os seres angelicais mencionados no Apocalipse—que têm por missão cumprir a vontade e os mandamentos de Deus. São «arcânjos», conforme se vê em I Enoque 20:7, provavelmente devendo ser identificados com aqueles que são especificamente aludidos na literatura judaica, como Ouriel, Rafael, Raguel, Miguel, Saniel, Gabriel e Remiel. (Ver I Enoque seção 21:22; Pirke Rabino Eliezar iv, e Hakalot iv; Testamento de Levi. 8:2, no tocante aos seus nomes). É provável que aqueles anjos referidos em Eze. 9:2 sejam os mesmos que aqui são aludidos. Esses são os anjos que vivem «na presença de Deus», pois temos aqui que se achavam diante de Deus e do seu trono, dotados de pleno poder divino para realizar tarefas difíceis. (Ver Isa. 63:9 a esse respeito). No trecho de Luc. 1:19, lê-se que Gabriel declarou: «Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus...».

«...em pé diante de Deus...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Esses anjos são servos ministrantes de Deus, próximos do trono porque isso mostra que seu poder e serviço eram divinamente delegados. 2. Também serviam ao trono de Deus. 3. Eram servos de Deus, instrumentos especiais de seu governo. (Isso pode ser comparado aos trechos de I Reis 17:1; 18:1,5; II Reis 3:14; 5:16; Jer. 15:19. Comparar também com Apo. 7:9, onde a expressão é usada acerca dos mártires que entraram na glória).

«...trombetas...» (Ver as notas expositivas completas sobre as «trombetas», em Apo. 1:10, onde se explica o seu simbolismo). A trombeta chama à ação, alerta aos homens acerca da guerra, anuncia a chegada de algum alto visitante, chama para a adoração e anuncia festividades. Nos livros proféticos é usado com um sentido escatológico, conforme se vê neste versículo, para chamar a atenção dos homens para algum acontecimento, juízo ou intervenção divina nos negócios dos homens. (Ver Isa. 27:13; Joel 12:1; Sof. 1:16; Zac. 9:14 e Salmos de Salomão 11:1, quanto a usos escatológicos da «trombeta»). Outro tanto se vê em I Cor. 15:52; I Tes. 4:16; Mat. 24:31 e Apo. 4:1,4. Em várias passagens escatológicas, na literatura judaica, a trombeta anuncia o advento do Messias. No Apocalipse de Abraão 31, após uma série de dez lamentos, uma trombeta anuncia a vinda

3 Καὶ ἄλλος ἄγγελος ἦλθεν καὶ ἑστάθη ἐπὶ τοῦ θυσιαστηρίου ἔχων λιβανωτὸν χρυσοῦν, καὶ ἑδόθη αὐτῷ θυμιάματα πολλὰ ἵνα δώσει ταῖς προσευχαῖς τῶν ἁγίων πάντων ἐπὶ τὸ θυσιαστήριον τὸ χρυσοῦν τὸ ἐνώπιον τοῦ θρόνου.

8:3 θυμιάματα...ἀρώτων Ps 141:2; Re 3:9; 8:4 τὸ θυσιαστήριον τὸ χρυσοῦν Ex 30:1-3; Re 9:13

8:3: Veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muita incenso, para que o oferecesse com as orações de todos os santos sobre o altar do ouro que está diante do trono.

Antes das trombetas soarem, realmente, o vidente João descreve uma cena similar àquele que antecedeu a abertura dos sete selos do rolo. (Ver Apo. 5:8). As «taças de ouro», cheias de incenso, que são as «orações dos

do «Eleitos», o qual trará a justiça. Nos *Oráculos Sibilinos* 4:174, a espada e a trombeta simbolizam a conflagração final que destruirá ao mundo. No Apocalipse do Pseudojoão 28, o arcanjo Raguel faz soar a trombeta que trará os anjos do frio, da neve e do gelo para destruírem aos ímpios. Aqui, na presente passagem, a trombeta convoca pragas e horrendos acontecimentos, para julgar os homens que ainda não se arreenderam, mesmo depois da abertura dos primeiros seis selos. Essa é a vingança de Deus, resposta das orações dos mártires contra seus perseguidores (ver Apo. 6:10 e ss., o sexto selo). O número dessas trombetas, «sete», indica que Deus trará algum julgamento, perfeito e inteiramente apropriado para realizar seu propósito.

*Outras idéias sobre o segundo versículo:*

1. «Mediante as sete trombetas os reinos deste mundo serão transtornados a fim de abrir caminho para o reinado universal de Cristo. Serão um instrumento marcial... Os quatro primeiros estão vinculados aos últimos três, os únicos acompanhados pelo «*ai*», «*ai*», «*ai*» (versículos sétimo a décimo terceiro)» (Fauser, *in loc.*).

2. Já que as trombetas têm por finalidade derrubar o reinado do mal, mediante o que o reino de Deus será estabelecido, pelo menos indiretamente elas tencionam chamar os homens para o descanso de Deus, tal como, nas páginas do A.T., o toque de trombeta anunciava o sábado e as festividades sabáticas.

3. Não pensamos que essas trombetas sejam paralelas aos selos, isto é, a repetição das trombetas, mas de um ângulo diferente. Alguns estudiosos pensam que as trombetas são equivalentes aos «anjos», como é explicado na introdução a este capítulo. Antes, essa série de «sete» representa acontecimentos sucessivos, que em dia futuro sucederão. (Ver a introdução ao Apocalipse, em sua seção XII, quanto aos diversos «conceitos e métodos de interpretação» que têm sido aplicados a este livro).

4. «Os milagres têm sido chamados de «sinetas de alarme» do universo; não menos do que isso são os acontecimentos estranhos e chocantes da história do mundo, soprados por anjos de Deus ao redor do mundo, para lembrar-nos da guerra em que cada cidadela do mal deverá inevitavelmente cair. É principalmente, pois, como um alarme de guerra que esses anjos-trombetas vêm a soar... Podemos ouvir, em cada toque da trombeta simbólica uma promessa e uma instalação da vitória», pela qual anela o gemido e o trabalho de parto da criação, quando então haverá o banimento dos destruidores da terra, bem como a manifestação dos filhos de Deus» (Carpenter, *in loc.*).

5. A trombeta era soada nos dias de alegria, festividade e sacrifício (ver Núm. 10:1-6), em tempos de guerra (ver Núm. 10:9 e Eze. 33:1-7), a fim de convocar o povo para ouvir os mandamentos divinos (ver Exo. 19:19), em meio à guerra (ver Jos 6:4,6), nos dias de festividade solene (ver Sal. 81:3), como também no momento dos sacrifícios diários (ver Maimonides *Hilch. Tamid.*, cap. 6, seção 6). Nas mãos dos profetas, as trombetas simbolizam pronunciamentos escatológicos (ver Isa. 27:13; Joel 2:1; Sof. 1:16; I Cor. 15:52 e I Tes. 4:16).

santos», dizem-nos que a abertura do rolo será efetuada em resposta às petições dos santos, especialmente em seu pedido por vingança contra seus perseguidores romanos.

«...outro anjo...» Esse anjo não é identificado. Ele é outro ministro, outro elevado poder, dotado de importante missão a ser cumprida. (Ver Heb. 1:14 acerca do ministério dos anjos, no tocante aos homens). Naturalmente, os

anjos também se ocupam de missões desvinculadas dos homens. (Ver as notas expositivas completas sobre os «anjos», em Luc. 4:10 e Atos 1:10). Alguns intérpretes supõem que o anjo que aqui temos é Miguel, um dos sete, o anjo da paz. O trecho de I Enoque 89:76 retrata Miguel a orar em favor de Israel; e isso se coaduna com o quadro que encontramos aqui, embora aqui as orações da igreja é que ascendam até Deus, por intermédio do anjo. O Testamento de Daniel 6:2 menciona um anjo que serviria de correio entre Deus e os homens. I Enoque 68:3,4 também menciona a função medianeira dos anjos, já que essa é a teologia judaica comum do período helenista. A tradição rabínica retrata os anjos a oferecerem sacrifícios no templo celeste, em favor dos homens. (Ver Testamento de Levi 3:5). Alguns eruditos supõem que esse anjo pode ser identificado com um dos «quatro seres viventes», já que ele não é um dos sete, como o era Miguel; ou então que pode ser identificado como um dos vinte e quatro anciãos, já que se ocupa de funções «sacerdotais» (ver Apo. 5:8,9). Não há maneira de identificá-lo com certeza, e nem isso se reveste de capital importância.

«...junto ao altar...» O judaísmo helenista supunha que existe nos céus um «templo», com seu altar, etc., tal como se vê na terra, e de acordo com o qual o templo terrestre teria sido moldado ou copiado. É possível que o Apocalipse pinte apenas um altar, pelo que supomos que o altar celeste fará as funções dos dois altares que havia na terra, nos tempos do A.T., o altar do sacrifício e o altar do incenso. Todavia, alguns intérpretes pensam que há um símbolo sobre o altar de sacrifícios, o altar de «cobre», ao passo que no fim do versículo estaria o altar do incenso, de «ouro». Assim também o altar de «cobre» parece ser aludido em Apo. 6:9, ao passo que o altar de «ouro» aparecerá em Apo. 9:13. O sacerdote oficiante, no templo de Jerusalém, tomava fogo do altar de cobre, fora do tabernáculo, e com ele queimava o incenso sobre o altar de ouro, perto do Santo dos Santos, mas não dentro deste último recinto. É possível que o vidente João, mesmo sem ter deixado bem claro isso, com suas palavras, tenha querido dar a entender exatamente isso. Todavia, Charles (*in loc.*) apega-se à idéia de existência de um único altar nos céus, que faria as funções dos dois altares sobre a terra. (Ver as notas expositivas completas sobre o «altar», em Apo. 6:9).

«...incenso...» Esse é um símbolo da «oração», o que é comentado em Apo. 5:8. (Ali também se pode ver notas sobre as «taças de incenso», que simbolizam as orações dos santos).

«...orações de todos os santos...» (Ver a mediação angelical nas orações, em comentários, no trecho de Apo. 5:8. Ver acerca dos crentes como «santos», em Rom. 1:7). Somos aqui ensinados sobre a necessidade de santidade, na vida dos crentes, nesse título a eles aplicado. (Ver também Col. 1:2 quanto a um desenvolvimento desse tema).

#### Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Em defesa da teoria de «um único altar», poderíamos consultar o Testamento de Levi 3:6. Por isso, nos primitivos escritos cristãos e nos escritos gnósticos, aparece um só altar. (Ver *Hermas Mand.* 10:3,2; *Sim.* 8:2,6; *Irineu* 4:18,6; *Apocalipse* de Paulo 44). A mesma coisa é vista no judaísmo posterior, conforme se lê em *Aboth R.N.A.* 26 (12), pertencente ao segundo século de nossa era, e em *R. Eleazar* em *Shabbat* 152b. (Ver também *Zebach.* 62a e *Menachoth* 11a; Testamento de Levi 3:6). O simbolismo mais elaborado do A.T. é deixado de lado, porquanto um único altar basta, pois é universal em sua função. Outrossim, esse altar aparece próximo do trono de Deus, na presença

mesma do Senhor, por assim dizer, ao passo que ambos os altares terrenos estavam fora do próprio Lugar Santo. Por conseguinte, apesar de que, no Apocalipse, o altar às vezes parece ser o altar dos sacrifícios (o altar de «cobre»), mas de outras vezes parece ser o altar do incenso (o altar de «ouro»), pode estar em pauta o mesmo altar, com ambas essas funções. A oferta dos mártires, evidentemente posta sobre o altar, como um sacrifício agradável a Deus (ver Apo. 6:9,11), mostra-nos a relação do conceito de «sacrifício» com esse altar.

2. O ritual do oferecimento de incenso é análogo ao do grande dia da Expição, porquanto a mesma pessoa que trazia os carbões também oferecia o incenso. Entretanto, o quadro não é totalmente paralelo, já que de acordo com o ritual do A.T. o sacerdote oferecia o incenso diante da arca, e não sobre o altar de incenso. (Ver *Lev.* 16:12 e *Núm.* 18:46).

3. A intercessão dos anjos, em favor dos homens, embora sofra forte objeção por parte dos grupos protestantes, porque parece ser a tolerância à doutrina católico-romana da existência de muitos «mediadores», na realidade é uma antiga doutrina judaica. (Ver Testamento de Levi 3:6. Esse tema é comentado em Apo. 8:8).

4. Observemos que, neste texto, as «orações» oferecidas diante do trono, sobre o altar celeste, são as orações «de todos os santos», e não apenas dos mártires, conforme se vê em Apo. 6:9 e ss. O texto assegura-nos o poder da oração. Todas as nossas orações ascendem a Deus, e os propósitos que devam ser realizados por intermédio delas, eventualmente se cumprirão. A providência divina garante isso. (No tocante a notas expositivas completas sobre a «oração», ver *Efé.* 6:18. Quanto ao fato que a oração é uma «oferenda», ver *Atos* 10:4).

5. O altar de ouro estava diante do trono. (Isso é igual ao trecho de Apo. 9:13, exceto que ali «Deus» toma o lugar do «trono»). Ver Apo. 4:2 quanto a notas expositivas acerca do «trono» em seus simbolismos). Essa expressão se deriva diretamente da literatura judaica helenista e do A.T. (Ver *Lev.* 4:18;16:12; *I Reis* 9:26; *Núm.* 4:11, que mostram que esse altar era de «ouro»). O ouro representa elevada dignidade, valor e a presença divina. (Ver *Êxo.* 30:1-6 e 39:38 acerca do altar de ouro). O altar «único» dos céus, naturalmente, seria de ouro.

6. Quanto a provas de que a crença judaica sobre a existência de um templo celestial, que serviu de modelo para o templo terrestre, se reflete aqui, ver *Heb.* 9:23,24. Naturalmente, não devemos conceber qualquer tipo de templo literal ou físico nos céus. Aqueles eram símbolos espirituais sobre o que Deus é e sobre o tipo de relacionamento entre o Senhor e os homens.

7. Os juízos divinos estavam próximos a ser postos em execução, em resposta às orações dos mártires (ver Apo. 5:10). Os santos, na face da terra, oraram pedindo proteção. Nenhum dano, em última análise, pode ser sofrido por homens bons.

8. Para eliminarmos toda a possibilidade de um ofício medianeiro de anjos, alguns estudiosos pensam que o anjo aqui aludido é o próprio Cristo, o qual faria intercessão por nós (ver *Heb.* 9:24). Porém, apesar do ofício medianeiro de Cristo ser uma rebrilhante verdade bíblica, ele não se encaixa neste ponto, por ser contrário ao pano de fundo literário do versículo.

9. No culto diário, os sacerdotes levitas usavam incensários de prata; mas no dia da Expição, usavam incensários de ouro. (Ver *Yoma*, cap. 4, seção 4). Excelência e dignidade estão aqui em pauta.

10. Não devemos forçar a descrição do vidente João, para tornar-se um perfeito paralelo do templo, com o seu culto, nos tempos do A.T. Os dois quadros não são totalmente paralelos, mas o simbolismo deste capítulo é claramente tomado por empréstimo, de maneira geral, da forma de culto do A.T.

4 καὶ ἀνέβη ὁ καπνὸς τῶν θυμιαμάτων ταῖς προσευχαῖς τῶν ἁγίων ἐκ χειρὸς τοῦ ἀγγέλου ἐνώπιον τοῦ θεοῦ.

4 τῶν θυμιαμάτων...ἀγίων Ps 141:2; Re 5:8; 8:3

6:4: E da mão do anjo sobiu fumaça dos santos e a fumaça do incenso com as orações dos santos.

O incenso e as orações se misturaram, e o fumo dos mesmos subiram até Deus, ou seja, o propósito com que foram enviados, se cumpriu. Supomos que essas orações pediam, primariamente, que Deus julgasse aos perseguidores romanos e vingasse seus santos perseguidos. Contudo, disso também se pode tirar uma lição geral. No dizer de Newell (*in loc.*): «As orações de todos os santos sempre estão na memória do Senhor: uma verdade extremamente solene e bendita! Nenhuma sequer das orações dos santos é esquecida, mas efetuarão seu propósito no tempo próprio, trazendo até nós o reino, isto é, a volta de nosso Senhor!... Nas Escrituras, o incenso sempre exhibe o poder da expiação de Cristo, que 'atua sobre Deus'... representa a pessoa e a obra de nosso Senhor, no Calvário, acrescentando-se a isso as orações de todos os santos, tornando essas orações imediatamente eficazes diante de Deus... As orações de todos os santos, no poder da expiação de Cristo, é que, na realidade, atrairão o julgamento divino. Será a resposta dada, finalmente, ao pedido: 'Venha o Teu reino', que têm feito os santos de todos os séculos. Nenhuma resposta diferente disso poderia ser dada, já que a terra rejeitou ao Rei legítimo».

Certa quantidade de incenso é misturada com as orações dos santos, que ascendiam aos céus. E aquilo que sobe da terra na forma de oração, retorna como fogo calido dos céus. A oração marca o ritmo para as poderosas ações que são sugeridas pelos vulcões, tufões e terremotos; mas primeiramente as orações e o incenso se mesclam em gloriosa e magnificente adoração. É notável que em meio a toda a vertiginosa movimentação do livro de Apocalipse, sempre sobre tempo para situar cada experiência particular dentro de uma rica e nobre perspectiva. A hora de adoração tem seus próprios direitos em meio a todos os eventos celestes. Nem os próprios julgamentos divinos são desfechados à parte dos santos. Incluem as orações dos santos. E o odor do incenso, tal como a fragrância do vaso de alabastro, partido em honra a Jesus, enche os céus com o suave perfume da adoração. De fato, a adoração tem os seus direitos próprios, não podendo ser olvidada nos céus ou na terra. E os momentos áureos da adoração têm algo a ver com a expressão do caráter cristão. Grandes empreendimentos têm tido um bom começo, quando sua origem se associa

à adoração. O primeiro livro publicado na América do Norte foi o 'Bay Psalm Book', publicado em 1640. Foi composto para ser usado na adoração pública. Os colonos norte-americanos cantavam, entusiasmados:

Os céus declaram

A majestade de Deus;

O Senhor reina, vestido de majestade.

Levantai vozes jubilosas a Yahweh,

Vós, de toda a terra.

(Sal. 93:100).

Assim, «...em um meio ambiente de adoração, nasceu um novo estado». (Hough, *in loc.*).

«As orações tornaram-se aceitáveis por terem sido oferecidas com incenso, sobre o altar. Todo o acesso aos céus se dá mediante a avenida do sacrifício. Quer se trate das orações dos fiéis ou dos próprios mártires, ambas, igualmente, devem ser apresentadas ou oferecidas sobre o altar celeste, a fim de que ali possam ser purificadas da última mácula de egoísmo, tornando-se aceitáveis a Deus. Quanto à primeira dessas idéias, ver *Hermas, Mand.* 10.3.2». (Charles, *in loc.*).

«A fumaça ascendente diz respeito às orações, designada a acompanhá-las e a torná-las mais aceitáveis» (Winer, *in loc.*). Portanto, aquilo que Cristo tem feito por nós, em sua morte e ressurreição, a saber, o nosso «batismo espiritual», no qual fomos imersos nele, bem como a nossa comunhão mística com ele, tornam eficazes as nossas orações. (Ver *Rom.* 6:3 quanto a essa questão de nossa identificação com Cristo, em tudo quanto ele é e possui).

#### Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. «...o anjo, ao cumprir ofícios sacerdotais, é apenas um conserve dos santos (comparar com Apo. 19:10), pois eles mesmos são sacerdotes (ver Apo. 1:6; 6:10 e 7:15)» (Alford, *in loc.*, aludindo às observações de outro comentarista).

2. «Essas orações dos santos, agora feitas aceitáveis, e não mais prematuras, estão prontas a ser respondidas. Fracas e imperfeitas como são, contudo, são armas invencíveis nas mãos dos soldados cristãos, mostrando-se mais poderosas do que quaisquer armas carnis. Assim como Jericó caiu sem que Israel desse um golpe, assim também agora o Israel de Deus mostrar-se-á onipotente mediante oração fiel e verdadeira. O roteiro do poder da igreja se acha nas palavras de Cristo: «Se permanecdes em mim e as minhas palavras

permanecerem em vós, pedireis o que quizerdes, e vos será feito. (João 15:7)» (Carpenter, *in loc.*).

3. «Quanto ao fato que o incenso foi posto, conforme era costume, sobre brasa de carvão, o que fazia o fumo subir como uma nuvem, ver Lev. 16:13 e Eze. 8:11, de tal modo que a casa inteira, ou templo, era tomada pela mesma. (Ver Miao, Yoma, cap. 6, secção 1)... a mão do anjo, que alude ao incenso que o sacerdote levava em sua mão e punha sobre as brasas, e mostra como, pelo

fumo do incenso, ou pela virtude da mediação de Cristo, são cobertas as imperfeições das orações dos santos, e também como, mediante aquela mediação, são perfumadas e tornadas aceitáveis a Deus». (John Gill, *in loc.*). (Quanto ao «aumo sacerdotio de Cristo», ver Heb. 2:7; 4:14-16 e 9:24, em suas respectivas notas expositivas. E quanto ao «sacerdotio de Cristo», que substitui a qualquer outro, ver Heb. 7:27,28).

ὁ καὶ εἵληφεν ὁ ἄγγελος τὸν λιβανωτόν, καὶ ἐγένισεν αὐτὸν ἐκ τοῦ πυρὸς τοῦ θυσιαστηρίου καὶ ἔβαλεν εἰς τὴν γῆν· καὶ ἐγένοντο βρονταὶ καὶ φωναὶ καὶ ἀστραπαὶ καὶ σεισμός.

ὁ τὸν...θυσιαστήριον Lv 16:12 ἐγένοντο...σεισμός Ex 19:18-19; 1.1d lxx; Re 4:5; 11:19; 16:18

8:3: Depois o anjo tomou o incensário, enchou-o do fogo do altar e lançou sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.

A alusão literária aqui parece ser às teofanias de Apo. 4:5, originalmente baseadas em Exo. 19:16. O grande tumulto, resultante das ações dos anjos, garante aos santos que suas orações foram ouvidas, e que Deus está prestes a fazer intervenção na história da humanidade. O poder que começa nos céus, termina à face da terra. A oração foi o meio de fazer descer o fogo celestial. (Quanto aos elementos individuais aqui mencionados—trovões, vozes, relâmpagos e terremoto—ver Apo. 4:5. A menção ao «terremoto» é um elemento aqui adicionado). Na cena de Apo. 4:5 somente os céus são envolvidos. Mas agora, o poder celeste desce à terra e faz a terra estremecer e balançar. Isso mostra, bem definitivamente, que a descrição não envolve somente acontecimentos celestes, como se fosse uma introdução literária ao soprar das sete trombetas, mas como se nada de específico dissesse sobre elas; pelo contrário esses acontecimentos celestes indicam o que terá lugar sobre a terra, quando do «juízo das trombetas». A mesma expressão ocorre novamente em Apo. 11:19, ao término da sétima trombeta, com modificações, e em Apo. 16:18, em associação ao juízo das «sete taças», onde aparecem os mesmos elementos aqui apresentados. (Ver a voz de trovão do anjo, em Apo. 6:1).

Este versículo mostra-nos que as orações dos santos e dos mártires foram ouvidas, e que logo serão atendidas, pois o que começara nos céus, no lamento dos mártires e nas orações dos santos, agora tem efeitos correspondentes sobre a terra. (Ver Apo. 6:9 e 8:3,4).

Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. Os céus se interessam pela terra. O poder de Deus faz intervenção neste mundo. Isso reflete a posição do «delam», em contraste com o «delamo». Deus existe e criou a tudo. E não abandonou à sua criação; antes, faz intervenção na história humana, recompensando ou punindo os homens. Já o delamo divorcia Deus de sua criação, supondo que ele deixou que as «leis naturais» viessem governar à mesma. (Ver as notas expositivas, em Atos 17:27, quanto aos diversos conceitos teológicos e filosóficos de Deus, e de seu relacionamento com os homens).

2. Esta passagem reflete a expectativa dos crentes primitivos de que o «reino» estava próximo quanto ao tempo, sendo inaugurado pela volta de Cristo, que prestes se realizaria. Não se duvida que o vidente João esperava para «seus tempos» a intervenção divina a que aqui se reporta. Seu erro quanto ao tempo não afeta a validade de suas profecias.

3. O judaísmo helenista opinava que as orações podem ser fortalecidas e

tornadas mais eficazes pela mediação dos anjos. (Ver Slav. En. 7:5; En. 9:2-11, 15:2, 40:6, 47:2, 99:3,16 e 104:1). Essa crença persistiu entre os círculos pios do cristianismo judaico. Portanto, esta passagem e a de Apo. 5:8 refletem isso. De nada adianta tentar ignorar esses versículos, extraindo deles os anjos dotados do poder mediânico que lhes foi atribuído. A questão inteira tem dado margem a amargos debates na igreja. Os protestantes que desejam atribuir somente a Cristo o ofício mediânico, não permitem que os anjos sejam seus agentes nessa mediação. Outros estudiosos vêem em toda esta passagem apenas um «artifício literário», que não anularia qualquer doutrina real e séria. No entanto, o trecho de Heb. 1:14 afirma a realidade do ministério dos anjos; e aqui poderíamos ter um certo aspecto desse ministério, o qual em nada diminui ao ofício mediânico de Cristo, que é «impar» em sua expiação, mas que, em outras questões, pode ser delegado a anjos. Platão, em *Sympos.* 202 afirma que os *daemons* (divindades inferiores) apresentam as orações dos homens aos deuses superiores. Vê-se, pois, que esse conceito de mediação era comum a outras culturas, e não somente à cultura judaica. Seja como for, trata-se de uma idéia razoável, nada fazendo para prejudicar nossa imagem de Cristo. Porquanto quaisquer mediadores angelicais que existem, recebem esse ofício por delegação direta de Cristo.

4. Há algumas provas em favor da idéia que certos dons espirituais são angelicamente mediados.

5. «Quão maravilhoso é o poder das orações!» (Fausset, *in loc.*).

6. Uma vez mais rejeitamos as interpretações históricas, que buscam localizar essas várias coisas em acontecimentos da história. Nesse caso, as «vozes» indicariam, por assim dizer, algum período da história, caracterizado por confusão entre os homens, etc.; o «terremoto» simbolizaria as perturbações sociais, as revoluções, as reformas, etc.; e o «fogo» apontaria para os dons do Espírito, usados pela igreja, etc.

7. No mesmo texto, apesar de dar apoio à idéia da ministração e da mediação angelical, por delegação de Cristo, de forma alguma encoraja a doutrina das orações feitas aos anjos e aos santos, conforme, erroneamente, o texto tem sido empregado por alguns intérpretes.

8. «Podemos lembrar a ação similar de Moisés diante de Deus, quando ele tomou cinzas do forno e as espalhou na direção do firmamento; e quando desceu à terra, simbolizou a praga que estava prestes a cair sobre a terra (ver Exo. 9:8-10). As cinzas que serviram de sinais dos julgamentos vindouros. Tal como na visão paralela de Eze. 10:2, quando o homem vestido de linho recebeu ordem para ir entre as rodas, sob o querubim, para encher sua mão com brasas tiradas dentre os querubins, espalhando-as sobre a cidade condenada, assim também aqui, as cinzas caem, mostrando que os juízos divinos estão às portas» (Carpenter, *in loc.*). As pragas que se seguem, conforme a descrição do Apocalipse, realmente são paralelas, até certo ponto, às pragas que sobrevieram ao Egito.

6 Καὶ οἱ ἑπτὰ ἄγγελοι οἱ ἔχοντες τὰς ἑπτὰ σάλπιγγας ἠτοίμασαν αὐτοὺς ἵνα σαλπίσωσιν.

Apesar do que parece ser o uso helenista (ver o comentário final sobre Fil. 3:21), a minoria da comissão preferiu fortemente o uso da aspiração áspera sobre αὐτούς.

8:6: Então os sete anjos que tinham os sete trombetas prepararam-se para tocar.

«Verificamos, pois, que o sétimo selo tem sete facetas, porquanto produz os ais das sete trombetas. Mediante esse engenhoso artifício, o autor agrado relaciona as duas primeiras séries de calamidades uma com a outra». (Rist, *in loc.*).

«...prepararum-se para tocar...» Tomando posição, levando as trombetas à boca. Isso preanunciava os desastres que sobreviriam a este mundo. (Quanto ao simbolismo das «trombetas», ver as notas expositivas sobre o segundo versículo deste capítulo). Os anjos representam o poder de Deus no universo. Nada pode impedir os anjos de tocar suas trombetas, pois o Deus Todo-poderoso está com eles e opera por intermédio deles.

«Dentro do esquema das visões das trombetas, tal como no caso das visões dos selos, as primeiras quatro são diferenciadas das três últimas; a quinta e a sexta, em ambos os casos, estão separadas por um considerável interlúdio da sétima visão final. É notável que nem mesmo a trombeta final, de Apo. 11:5 e ss., corresponde ao alto somido de trombeta que, segundo as tradições judaica e cristã, haveria de despertar os mortos para a ressurreição ou para convocar aos santos (ver Mat. 24:31), no fim do mundo. O Apocalipse desconhece qualquer coisa similar a isso, e nem similar à tradição (preservada pelo rabino Akiba) que dizia que a ressurreição seria acompanhada por sete toques de trombeta da parte de Deus. As primeiras quatro trombetas põem em movimento a ruína que cairá sobre os objetos naturais; em Sap. 5:17-23 (16:17-24) o mundo da natureza é diretamente usado por Deus para punir aos homens. As três últimas trombetas dizem respeito à vida humana, isto é, aos ímpios habitantes da terra. A idéia geral é aquela da tradição judaica que prefaciava a segunda grande redenção com

desastres análogos aos que procederão às primeiras trombetas. (Comparar, por exemplo, com Sohar, Exo. 4.v; também com *Jalkut sim.* i.56b, Targum Jon sobre Zac. 10:11, etc.). Esses desastres fazem-nos lembrar as pragas que calam contra o Egito (comparar com Josefo, *Antiq.* ii.14,1; também com Amós 4:4 e ss. e Isa. 9:7 e ss.). As quatro primeiras trombetas visitam a terra, o mar, as águas e o firmamento. A saraiva era uma arma tradicional do arsenal divino, usada como chicote». (Moffatt, *in loc.*).

Tal como se dá com tudo o mais, no Apocalipse, julgamos que essas coisas sucederão no «futuro», pelo que são paralelas ao «pequeno Apocalipse» do vigésimo quarto capítulo do evangelho de Mateus, onde são descritos os «últimos dias», imediatamente antes da «parousia» (segunda vinda de Cristo). Não é de estranhar que um dos livros do N.T. envolvesse, essencialmente, predições proféticas. Por isso, apesar de que, neste comentário, vamos mencionando várias interpretações históricas, atinentes às trombetas tocadas, que buscam localizar seu cumprimento na história passada do mundo, não aprovamos tais interpretações. Não cremos que cada detalhe seja, necessariamente, literal. Antes, simbolizam os juízos de Deus, o exercício de seu poder divino. A lição das lágrimas terá de ser ensinada antes que os homens aprendam a arrender-se:

*E o homem, sem amigos, a cambalear no caminho,  
Terá de aprender a chorar, antes de aprender a orar.*

«O clamor (dos santos e mártires) é ouvido, pois o anjo retira fogo do altar, sobre o qual os santos vinham sendo sacrificados como oferenda a Deus, e o lança sobre a terra, a fim de que consuma o pecado que o acendera. A 'lex talionis' começa a operar, uma vez mais; não meramente castigo, mas retribuição». (William Milligan, *in loc.*).

VII. Julgamentos das Sete Trombetas (8:7- 11:19).

Quanto a uma introdução a esta seção, ver as notas que dão início aos comentários sobre o primeiro versículo deste capítulo, e também as notas sobre o seu sexto versículo).

1. Primeira trombeta: saraiva e fogo (8:7).

7 Καὶ ὁ πρῶτος ἐσάλπισεν· καὶ ἐγένετο χάλαζα καὶ πῦρ μεμιγμένα ἐν αἵματι, καὶ ἐβλήθη εἰς τὴν γῆν·



καὶ τὸ τρίτον τῆς γῆς κατεκρή, καὶ τὸ τρίτον τῶν δένδρων κατεκρή, καὶ πᾶς χόρτος χλωρὸς κατεκρή.

7 χάλῃς καὶ οὖν Ex 9:23-25; Kz 38:22; Wad 10:12

8:7: O primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve seca a fogo misturada com sangue, que foram lançadas na terra, a terça parte das árvores, e toda a erva verde.

**Julgamento da primeira trombeta. Interpretações:**

1. Os eruditos que pensam que as trombetas são paralelas aos juízos das taças, fazem o trecho de Apo. 8:2 ser paralelo ao de Apo. 16:2. É verdade que o julgamento das taças, em Apo. 16:2, cai sobre «a terra», mas fala de ferimentos graves sobre os homens que têm a marca da besta. É difícil ver como isso poderia ser paralelo, em qualquer forma exata—com a única exceção possível do elemento tempo—com a saraiva e o fogo, misturados com sangue, que figuram no presente versículo. (Quanto a vários paralelismos que fazem os selos serem equivalentes aos anjos, e as trombetas às taças, ver a introdução ao Apocalipse, secção X, intitulada «Conceitos de Arranjo»).

2. **Interpretação simbólica:** Alguns estudiosos pensam que essas trombetas simbolizam «tendências de tipos de acontecimentos», e não eventos históricos isolados. Essas «ocorrências» podem significar ataques contra a igreja, por parte de incrédulos e hereges, ou então desastres históricos de certos tipos. De modo geral, seriam os resultados destrutivos do pecado. Mediante essa interpretação aprendemos o que sucede aos pecadores que se recusam a arrepender-se, e quão grande caos o pecado traz ao mundo e à igreja, mas nada diz sobre a «localização histórica».

3. **Interpretação histórica:** Tem havido muitas tentativas para situar o versículo à nossa frente em algum contexto histórico passado. Eis alguns exemplos: a. A perseguição dos judeus, na Judéia, com a destruição de Jerusalém. b. O açoitamento do paganismo no mundo, especialmente por ser elemento destrutivo da igreja. Muitas ocorrências individuais poderiam ser salientadas para ilustrar o ponto. c. As heresias que invadiram e ameaçaram destruir à igreja, e, novamente, várias circunstâncias históricas têm sido frisadas. d. Invasões do império romano por parte dos góticos, hunos e outros povos hostis, que ameaçaram destruir certa porcentagem daquele império. Muitos desses eventos históricos, de índole destrutiva, são salientados pelos intérpretes da escola «histórica». É óbvio que tal interpretação faz do Apocalipse um livro fechado, pois é impossível afirmar quais eventos estariam realmente em foco. Outrossim, a temível natureza dos juízos faz impossível localizar os acontecimentos supostos na história passada. São tão prodigiosos que não se coadunam com qualquer circunstância da história passada, pois são universais e vastos, pelo que temos de reservá-los para o futuro.

4. **O ponto de vista preterista.** É a suposição dos que pensam que, em vista do Apocalipse ter sido escrito a uma igreja perseguida, o vidente João antecipou alguns terríveis acontecimentos que deveriam julgar ao império romano, tal como as pragas sobrevieram ao antigo Egito, similares àquelas que lemos neste livro. Como exemplo disso, veja-se que o sétimo versículo deste capítulo se assemelha ao trecho de Exo. 9:13-26. Sem dúvida, João tomava esses acontecimentos como «literais», tal como literais foram aquelas ocorrências do A.T.

5. Ao invés disso tudo, porém, pensamos que esses acontecimentos são «literais», mas também são futuros, devendo ter lugar durante o período da «tribulação», conforme se vê nas notas expositivas em Apo. 7:14. A chuva sangrenta, entretanto, não precisa ser de sangue quimicamente correto, mas algo que tem a aparência de sangue. «Chuva vermelha como sangue é um fenômeno bem conhecido da ciência. Swete chama nossa atenção para uma ocorrência parecida na Itália e no sul da Europa, em 1901, resultante, conforme se diz, que o ar estava repleto de partículas de areia fina vinda do deserto de Saara». As erupções vulcânicas poderiam explicar parte desse fenômeno. Em *Or. Sibyll.* v.377 há uma alusão a certos fenômenos assim. (Charles, *in loc.*) O sexto céu é pintado, por alguns intérpretes rabinos, como um depósito de saraiva, tempestades, vapores venenosos, fechados dentro de portões de fogo. (Ver *Chag.* 12:b quanto a essa informação). É possível que o vidente João se tenha referido a alguma tradição que tal, pois o juízo do presente versículo vem «do céu», mesmo que ele não tenha especificado que veio do «sexto céu». A referência principal, entretanto, é ao trecho de Exo. 9:14, sendo paralelo indubitável daquela passagem, tencionando dizer-nos que os julgamentos aqui descritos são literais, como tempestades, incêndios, acontecimentos naturais prodigiosos, que se revestirão de tremendo poder destrutivo.

O juízo que ora consideramos diz respeito à terra toda. É óbvio que jamais uma terça parte da terra, das ervas e das árvores foi consumida, em toda a história. Se a interpretação tiver de ser a «histórica», segue-se que João exagerou sua descrição. Seja como for, os juízos descritos serão sinais e preparativos para a «parousia», ou seja, devem estar no futuro.

«...saraiva...» Uma força tremenda destrutiva. Cremos que a natureza enlouquecerá e que tempestades de natureza prodigiosa varrerão o globo inteiro, deixando os homens totalmente perplexos e atônitos, pois elas desafiarão explicações meteorológicas. Perturbações na inteira atmosfera cósmica de nosso sistema solar poderiam ser as responsáveis por tão grandes

## VII. Os Juízos das Sete Trombetas (8:7- 11:19)

Ao interpretar o livro de Apocalipse, procuramos observar quando o autor sagrado tencionava dizer algo «literal», conforme se vê no versículo anterior, e quando ele dá a entender algo «simbólico». O juízo da «segunda trombeta» pode ser entendido de uma maneira ou de outra. Há precedentes, na literatura do A.T. e do período helenista, para que pensemos que a «montanha», neste caso, seja simbólica. Todavia, poderia estar em foco um meteorito ou um cometa, que pareceria uma imensa montanha a atingir a terra. Os místicos contemporâneos predizem que, em cerca de 1985, um cometa atingirá ao nosso globo; e isso poderia suceder por mais de uma vez, durante o período da «tribulação». Uma coisa é certa: é um erro interpretar «literalmente, sempre que possível», conforme dizem alguns, quando se consulta um livro eminentemente místico como é o Apocalipse. É preciso que obtenhamos ajuda, na literatura judaica do período helenista, na interpretação desses símbolos, porquanto é naquela literatura

7 πρῶτος] add ἀγγελὸς 052 1 2050 2399 pm 2 vg co arm<sup>91</sup> 5

tempestades. (Ver Apo. 11:19 e 16:21 acerca de outras grandes tempestades de saraiva. Esta última passagem prediz a queda de pedras de cerca de cinquenta quilogramas cada).

«...fogo de mistura com sangue...» (Ver as notas expositivas acima a respeito do elemento «sangue». Quanto à combinação de fogo e sangue, ver Joel 2:30). O trecho de Ato 2:19 mostra-nos que a igreja primitiva se utilizou dessa predição do livro de Joel. O «fogo», segundo nos parece, consistirá de tempestades elétricas de natureza muito mais vasta do que tudo quanto temos conhecido até agora. A passagem de Exo. 9:24 evidentemente indica isso, em sua alusão a tempestades similares àquelas aqui descritas. Ou então esse «fogo» pode ser de origem celeste, como as caudas de cometas, a queda de meteoritos ou vastíssimas erupções vulcânicas.

«...terça parte...» Essa frase é repetida por três vezes neste versículo. O «três» é um número divino, dando a entender que o que sucederá é um juízo divino. Mas, ao mencionar isso, este versículo também nos mostra quão «vasto» será esse juízo divino.

«...da terra...» Esse item é omitido em alguns manuscritos minúsculos posteriores, e, portanto, também não figura no Textus Receptus, compilado à base daqueles manuscritos. Assim é porque sua presença deve ter parecido supérflua, ou, mais provavelmente, por causa de simples descuido. A terra mergulhará em um batismo de fogo, e vastíssimas áreas serão transformadas em cinzas.

«...das árvores, e também erva verde...» A folhagem que cobre a terra, a fonte da própria vida, sofrerá tremendos desfalecimentos, resultando disso fome e conturbações. Lembremo-nos que é a folhagem que produz a maior parte do oxigênio que é consumido na terra. Em *Babba Mevia*, folha 29b, há declaração similar: «Então o mundo foi ferido, e uma terça parte das oliveiras, uma terça parte do trigo e uma terça parte da cevada... houve grande guerra naquele dia; pois para onde olhasse o rabino Eliezer, havia fogo. Quanto ao mesmo uso de expressões fracionárias, ver Zac. 13:8,9. Notemos que, em Apo. 9:4, os gafanhotos serão proibidos de destruir a grama. Isso sucederá por misericórdia divina, pois o suprimento de alimentos já se terá tornado realmente escasso. Condições de fome extrema prevalecerão.

### Outras idéias sobre o sétimo versículo:

1. «Os homens de coração mau não poderão escapar de uma ruína terrível sobre o seu mundo. Os homens maus não poderão depender de um bom meio ambiente, pois um Deus justo é quem controla o meio ambiente. A condenação será suficientemente pesada para despertar o terror deles, embora não seja suficientemente conclusiva para destruir sua maligna esperança. Algo lhes será arrebatado; mas muito ainda será deixado. Haverá ainda oportunidade, em meio à condenação; mas onde a condenação chegar a ferir, a terra tornar-se-á inhospita para o homem». (Hough, *in loc.*)

Prosegue o mesmo autor: «Temos um senso do tipo de destruição, envolvido nessa visão, quando pensamos na erupção do Vesubio, que destruiu a cidade de Pompéia, descrita no livro de Bulwer-Lytton, 'Os Últimos Dias de Pompéia'. A visão estende esse tipo de condenação a grandes seções da terra».

2. «As primeiras quatro trombetas muito se assemelham às pragas do Egito, mas esta dá a entender um temporal semitropical (segundo diz Swete), havendo sangue como na primeira praga (ver Exo. 7:17 e ss. e Sal. 106:36)... 'queimada' é palavra aqui três vezes repetida, para efeito dramático». (Robertson, *in loc.*)

3. As interpretações simbólicas, que rejeitamos, fazem a «terra» ser o «império romano»; as «árvores» seriam os «Santos»; e a «erva verde» seria o povo comum, os incrédulos. Tais interpretações fogem totalmente do intuito do autor sagrado.

4. Esta passagem, que faz nossa mente recuar ao cativeiro de Israel no «Egito», lembra-nos claramente que existe algo como a «intervenção divina». Isso será necessário a fim de produzir os eventos que anunciaremos a «parousia» ou segundo advento de Cristo. A crença teísta, em contraste com o deísmo, supõe que Deus, ocasionalmente, faz intervenção direta na história humana, julgando ou galardando, postulando que há uma inteligência divina por detrás de tais coisas, e não apenas leis mecânicas. (Ver Ato 17:27 quanto a conceitos filosóficos e teológicos acerca da «natureza de Deus» e seu relacionamento com os homens).

5. Josué ordenou que o povo gritasse e as trombetas tocassem, ao redor da cidade de Jericó, e Deus fez intervenção na vida humana, produzindo uma vitória que estava fora do alcance da capacidade dos homens. Os juízos divinos precederão à restauração. Contudo, o julgamento divino é apenas um dedo da mão amorosa de Deus.

6. As palavras «toda a erva verde» podem ter sido um equívoco do autor sagrado. Mas talvez ele tenha querido dizer, com essas palavras, que uma terça parte do mundo teve toda a erva verde consumida. Essa deve ser o sentido do autor sagrado, pois, de outro modo, então ele estaria contradizendo obviamente o trecho de Apo. 9:4, onde se lê acerca de bastante erva verde, que os gafanhotos foi proibido consumir.

7. A *Midrash* sobre Sal. 2:9 diz-nos que uma terça parte de todas as desgraças do mundo ocorrerão nos dias do Messias. Grande porcentagem das agonias de todos os séculos se concentrarão nos «últimos dias», de tal modo que haja purificação do pecado, a fim de que os homens aprendam o que o pecado faz contra eles, e assim, finalmente, venham ao arrependimento.

que achamos símbolos similares ao deste livro. Por exemplo, a «grande montanha» mostra ser um anjo, conforme se vê no primeiro livro de Enoque e nas notas expositivas abaixo.

8 Καὶ ὁ δεύτερος ἄγγελος ἐσάλπισεν· καὶ ὡς ὅρος μέγα πυρὶ καίόμενον ἐβλήθη εἰς τὴν θάλασσαν· καὶ ἐγένετο τὸ τρίτον τῆς θαλάσσης αἷμα, 8 ἐγένετο... αἷμα Ez 7.20, 21

18 [C] πυρὶ N A P 052 104 1006 1811 1824 1884 2020 2053 2065 2073  
2081 2344 2412 it<sup>a</sup> des<sup>a</sup> des<sup>a</sup> des<sup>a</sup> des<sup>a</sup> vg syrh cop<sup>m</sup> sy<sup>h</sup> arm<sup>1</sup> l<sup>a</sup>h<sup>a</sup> Primateus  
Andrew Beatus: J<sup>a</sup> om<sup>1</sup> 046 1854 2042 2138 sy<sup>h</sup> Tyconius Arethas

O termo *πυρὶ* está ausente em 046, cerca de 125 minúsculos *sy<sup>h</sup>* *al*. A maioria da comissão preferiu incluir o termo com base em sua presença em tão diversificados manuscritos como N A P 052 1006 1854 2053 2344 it (gig, (H), 61) vg *sy<sup>h</sup>* *cop* (sa, bo) *al*. A palavra pode ter sido omitida porque parecia redundante juntamente com *καίόμενον*.

8.8: O segundo anjo tocou a sua trombeta, e foi lançado no mar como um grande monte ardeando em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar.

...O segundo anjo... Esse toca a segunda trombeta. Consideremos os pontos abaixo, a respeito dele:

1. Quanto a este segundo anjo também há o grande número usual de interpretações simbólicas, históricas e preteristas, segundo se vê acerca da primeira trombeta e de todas as demais. (Ver os pontos dois, três e quatro quanto a essas idéias, as quais são interpretações que dificilmente têm qualquer significado autêntico).

2. Aqueles que pensam que as trombetas são paralelas ao juízo das taças, fazem o trecho de Apo. 8:8 ser equivalente a Apo. 16:3. Ali o anjo derrama o conteúdo de sua taça no mar, e este se torna como o sangue de um cadáver, levando à morte «toda a criatura» que ali vivia. Parece que aqui temos um paralelo. Pelo menos, o juízo é essencialmente o mesmo, estando sujeito às mesmas formas de interpretação. Contudo, é provavelmente melhor dizer-se que o segundo anjo trará a mesma forma de juízo que o fará a segunda taça, embora não nas mesmas proporções. Pois notemos, aqui, que somente uma terça parte do mar se transformará em sangue, e que somente uma terça parte da vida marinha perecerá. É difícil como uma terça parte, neste caso, pode ser a mesma coisa que o aniquilamento total que se vê no caso da segunda taça.

3. A escolha de interpretação, neste particular, é entre a interpretação «simbólica» — que faz a montanha ser um poder angelical — e a idéia que algo literal sucederá ao oceano, levando-o a tomar a aparência de «sangue», mediante alguma transformação química ou devido a alguma adição de substância estranha, que elimine a vida marinha. Em favor da interpretação simbólica temos o trecho de I Enoque 18:13, onde sete estrelas, semelhantes a montanhas em fogo, caem no mar, mas que, mais adiante, são identificadas como «sete anjos» (18:13). Ali são apresentados como anjos caldos, que assim são punidos por sua desobediência a Deus (ver I Enoque 21:3 e ss. e 108:3-6). Se é a isso que o vidente João se referia, então o significado dessas palavras é que, nos últimos dias, espíritos malignos terríveis serão soltos sobre a terra, seres mais poderosos que os demônios normais. Que esse poderia ser o sentido desta passagem é fortalecido pela observação que, em Apo. 16:13, onde se vê a invasão de «espíritos imundos», semelhantes a rãs, esses procederão da boca do dragão Satanás e da boca da «besta» e do «falso profeta». Evidentemente têm a capacidade de habitar em seres humanos, enganando aos «reis» da terra com seus milagres satânicos. Nesse caso, o «mar» aponta para as «nações», tal como em Apo. 13:1. Nos *Oráculos Sibilinos* 3:672-684 lê-se que cairão sobre a terra «espadas inflamadas», atingindo também o mar. E o resultado disso é que as terras e o mar estremecerão, e as rochas «fluirão sangue». Trata-se de um simbolismo paralelo. Naquela mesma obra literária, lê-se sobre a queda de uma «grande estrela» no mar, o qual é destruído juntamente com Babilônia (Roma) e a Itália, como castigo por motivo de sua opressão contra os judeus. (Ver *Oráculos Sibilinos* 5:158-161; comparar com 512-531). Com base nos símbolos da literatura judaica, pensamos ser melhor compreender esta «segunda trombeta» como uma invasão da terra por parte de «poderes satânicos», os quais produzirão guerras e outras formas de destruição. É possível, entretanto, que o vidente João, embora tivesse tomado por empréstimo esses símbolos, na realidade tivesse em mente as pragas historiadas em Êxo. 7:14-35, que sobrevieram ao Egito. Nesse caso, ele poderia ter-se referido a um objeto inflamado, como um cometa ou um meteorito, o qual, de alguma maneira, haverá de envenenar

as águas do mar. Pesando-se as duas possibilidades, a interpretação «simbólica» parece a mais provável. Isso é assim porque poderíamos indagar como esse meteorito poderia destruir, em um ato só, um terço de todos os navios do mar. Mas podemos entender como poderia envenenar uma terça parte do mar, destruindo sua vida marinha. Mas como poderia um golpe só e direto destruir uma terça parte dos navios (ver o nono versículo)? Portanto, parece haver aqui menção a uma desordem da natureza, que poderia envenenar às águas do mar e matar os peixes, mas também produzir destruição generalizada dos homens e suas embarcações, como se dá em uma guerra. Aqueles que falam sobre um «cometa» ou «meteorito», que atingiria o mar, destruindo uma terça parte dos seus navios, fazem estranho silêncio a esse respeito.

Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. Este versículo, qualquer que seja o seu significado, mostra os tipos de acontecimentos que dificilmente poderão ser situados dentro da «história». Haverá acontecimentos prodigiosos e espantosos durante a tribulação. (Ver a nota de sumário sobre esse tema, em Apo. 7:14).

2. Vários intérpretes aludem à atividade vulcânica, mas isso ignora os paralelos literários. Nenhuma erupção vulcânica, por maior que seja, poderá envenenar uma terça parte do mar e destruir uma terça parte de seus navios.

3. O número «três» (posto que em forma fracionária) continua aqui. Trata-se do número divino. Deus fará intervenção na história humana. Outrossim, a destruição será imensa, embora deixe a maior parte do mar intocada. O juízo divino terá por intuito disciplinar aos homens e trazer mais perto a restauração, porquanto será efetuado com amor.

4. Rejeitamos aquelas interpretações simbólicas que pensam que esta cena representa a heresia «ariana», ou então a invasão do cristianismo por parte do islamismo oriental.

5. A alusão à destruição de navios certamente é uma alusão, da parte do vidente João, à supremacia naval do império romano. Ele esperava que Roma fosse gravemente ferida pelos juízos divinos durante o seu próprio período de vida, porquanto não antecipava a grande expansão de tempo que se passaria entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. Portanto, ele concebia o «fim do tempo» como coincidente com sua própria vida na terra. Essa era a expectativa geral da igreja do primeiro e do segundo séculos de nossa era.

6. Os «navios», neste caso, não são as «igrejas» cristãs, que seriam destruídas pelo dilúvio das heresias.

7. A interpretação «literal» do Apocalipse nos permite ignorar os símbolos místicos da literatura judaica do período helanista, sobre a qual se alicerça este livro. Essa interpretação «facilita» o estudo do livro, mas não nos conduz à verdadeira revelação contida no mesmo.

8. A «montanha» cairá no mar. Isso simboliza, na opinião de alguns eruditos, a queda literal de Roma. Mas outros vêem nisso o símbolo da queda da atividade dos homens. Essas interpretações destacam alguma verdade, tendo alguma aplicação ao nosso texto, mas não representam o sentido central do versículo. Autoridades humanas podem ser grandes e inabaláveis como montanhas, mas os juízos divinos hão de reduzi-las a nada, com grande rapidez. Isso pode ser confrontado com Jer. 51:26, que alude à Babilônia como uma grande «montanha destruidora», que será «queimada» pelo juízo divino.

9. Notemos que os juízos infligidos pela primeira e pela segunda trombetas são, especificamente, aqueles que não foram permitidos enquanto os mártires não fossem selados (ver Apo. 7:3).

Variante Textual: As palavras «com fogo» têm o apoio de um diversificado grupo de manuscritos, incluindo os melhores que há sobre o Apocalipse, como Alaph, AP, 052, 1006, 1854, 2053, 2344, no It(gig(h) 61), na Vg, no Sih(h), no Cop(sa, bo). Mas o ms 046, a cerca de cento e vinte e cinco manuscritos minúsculos omitem essas palavras, provavelmente por parecerem redundantes, pois o versículo já contém a palavra «ardendo». Essas palavras também não aparecem em nossa versão portuguesa.

9 καὶ ἀπέθανεν τὸ τρίτον τῶν κτισμάτων τῶν ἐν τῇ θαλάσῃ, τὰ ἔχοντα ψυχάς, καὶ τὸ τρίτον τῶν πλοίων διεφθάρσαν. 9 τριτον 1<sup>a</sup> add μέρος K 1611 pc latt arm | των εν τη θαλ. KAP 1006 2060 2349 al c; R] om 1 2059 pc: om των 046

052 8a 1611 pm | ψυχας ψυχην K 205 pc sy<sup>h</sup> Tyc

8.9: O marrou a terça parte das criaturas viventes que havia no mar, e foi destruída a terça parte dos navios.

Este versículo dá continuação à descrição do juízo da segunda trombeta. (Ver o oitavo versículo quanto a amplas explicações sobre o significado dessa trombeta).

...terça parte... O «número divino» é novamente empregado. O que tiver de suceder, representará a intervenção divina. Ele enviará poderes satânicos que julguem aos homens, para mostrar com o que se assemelha a lealdade ao mal. Deus permitirá o envenenamento do suprimento de água dos homens, permitirá que as mentes dos homens sejam corrompidas, chegando eles a negar a própria existência de Deus e a encontrar no homem a sua suficiência. Darão preferência ao anticristo, crendo em seus prodígios da mentira. Os poderes diabólicos estarão em franca atividade nos últimos dias.

...criação que tinha vida... Os peixes literais estão em foco; ou então há aqui um símbolo da «vida», tal como o mar simbolizaria as «nações». A vida será destruída em vasta escala, mediante guerras inspiradas por Satanás,

mediante a violência indescritível de homens contra homens, tudo inspirado pela lealdade ao anticristo e ao seu falso profeta. (Ver as notas expositivas sobre o anticristo, em II Tes. 2:3).

...embarcações... Com base nesse item, supomos que o juízo da segunda trombeta deve ser reputado como algo simbólico, e não literal. É difícil perceber como um cometa ou meteorito, caindo diretamente sobre o mar, com algumas ondas assim provocadas, poderiam destruir uma terça parte de todos os navios do mar. Pelo contrário, a «montanha incendiada» e um anjo caldo, que será representante da invasão da terra por parte de poderes satânicos, mediante os quais os homens serão inspirados a se matarem uns aos outros, provocando o caos em geral.

Outras idéias sobre o nono versículo:

1. «Os peixes e as embarcações» falam da dependência do homem ao mar, quanto a boa parcela do seu bem-estar. A segunda trombeta afetará ambas as coisas, literalmente, ou, mais provavelmente ainda, de modo simbólico. Aquilo que é a «vida», entre os homens e as nações, será grandemente prejudicado pela loucura que se seguirá à invasão de poderes satânicos neste mundo, os quais serão muito mais malignos que os demônios normais. (Ver as notas expositivas

sobre os «demônios», em Marc. 5:2).

2. O trecho de Sof. 1:3 apresenta a destruição dos «peixes» como parte do drama escatológico. Os «peixes» são a «vida» do mar. Portanto, é bem provável que os homens sejam aqui representados; mas também podem ser representadas todas as formas de vida terrestre, tal como o «mar» simboliza as «nações» (ver Apo. 13:1). A segunda trombeta haverá de perturbar imensamente a vida das nações. E isso será satanicamente inspirado.

3. Quando alguém se recusa a prestar lealdade a Cristo, dá sua aprovação aos poderes malignos que tradicionalmente se opõem a Deus. Não é preciso muito tempo para que tais indivíduos passem a dar lealdade a forças cósmicas do mal. O trecho de 1 João 3:8-10 vincula a retidão ou a prática do pecado, respectivamente, a Deus ou a Satanás, como «progenitores» (porquanto tal vínculo é como se fosse uma relação de nascimento). Isso faz a prática do pecado tornar-se algo tamlvel. Os pecadores são envolvidos no «drama cósmico» da luta entre o bem e o mal, mediante a sua forma de lealdade, neste mundo. Na realidade, cada habitante humano de nosso planeta se vê envolvido

neste drama, gosta disso ou não.

4. O vidente João, ao mencionar o «mar» e as «embarcações», sem dúvida estava pensando nos juízos divinos diretamente desfechos contra o império romano, uma nação marítima. Mas a visão mais ampla dessa predição atinge os últimos dias, abarcando condições que existirão imediatamente antes da «parousia» ou segunda vinda de Cristo.

5. O Targum (ou interpretação) de Eze. 29:4,5 faz os «peixes» representarem os príncipes e governadores. Portanto, os «homens» podem estar em foco aqui, conforme é sugerido acima, devido à mentalidade judaica e seu sistema de símbolos literários. As «embarcações», assim sendo, poderiam representar cidades, aldeias, etc. O texto poderia também ser interpretado «literalmente», dando a entender a corrupção das águas do mar, a morte da vida marinha, etc., e tudo inspirado por forças satânicas, que influenciariam os homens e tornariam em um inferno a existência à face da terra. O que foi dito acerca do antigo mundo pagão tornar-se-á dez vezes mais veraz quanto ao paganismo futuro, quando o anticristo obtiver autoridade sobre o mundo.

## VII. Julgamentos das Sete Trombetas (8:7- 11:19)

### 3. Terceira trombeta: a estrela inflamada (8:10,11).

(Quanto à introdução sobre os «juízos das trombetas», ver as notas expositivas existentes no começo do presente capítulo e em seu sexto versículo).

10 Καὶ ὁ τρίτος ἄγγελος ἐσάλπισεν καὶ ἔπεσεν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἀστὴρ μέγας καιόμενος ὡς λαμπάς, καὶ ἔπεσεν ἐπὶ τὸ τρίτον τῶν ποταμῶν καὶ ἐπὶ τὰς πηγὰς τῶν ὑδάτων.

8:10: O terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas.

O significado da terceira trombeta poderá ser melhor entendido nos pontos abaixo enumerados:

1. Seguimos aqui, bem de perto, os nossos comentários sobre os dois versículos anteriores, acerca da «grande montanha», onde vimos que, mui provavelmente, a mesma indica «anjos caídos». Nossos paralelos literários indicam isso, pois a «montanha» é definida como um anjo caído no primeiro livro de Enoque, um livro que o vidente João certamente conhecia, conforme temos freqüentemente observado na exposição do Apocalipse.

2. Assim sendo, rejeitamos aqui aquelas formas de interpretação que também já linhamos rejeitado nas notas sobre o oitavo versículo. Não se deve buscar nenhum cumprimento «histórico», como um «grande herege», uma «estrela» brilhante mas maligna, invasora do império romano, ou alguma «invasão pagã» contra o cristianismo, etc. Essa «estrela» não é nenhum personagem histórico como Ário, Pelágio ou Maomé, e nem algum líder militar ou imperador, como Constantino, ou como os reis dos godos, dos vândalos, ou como Átila, rei dos hunos.

3. Aqueles que pensam que o juízo das trombetas é paralelo às «taças», vinculam entre si as passagens de Apo. 8:10 e 16:4-7. É verdade que naquele versículo os rios e fontes de águas estão novamente em foco, e os juízos são realmente idênticos. Entretanto, não vimos isso ocorrer no caso da primeira e da segunda trombetas, pelo que continuamos supondo que apesar de serem ocorrências paralelas, as «taças» são cronologicamente subsequentes às trombetas. De algum modo, as «taças» intensificarão os mesmos tipos de juízos que houve quando das trombetas, provocando destruição ainda maior.

4. Seguindo as indicações do oitavo versículo, devemos supor que a «grande estrela», que aqui encontramos, é outro «anjo caído», tal como se deu no caso da «montanha ardente». Isso está em consonância com o simbolismo da literatura apocalíptica judaica dos tempos helenistas. Esse anjo caído é chamado *Absinto*. O absinto é uma madeira de sabor amargo, mas não venenosa. João deixa de lado esse pequeno particular, e faz o «absinto» ser extremamente venenoso. Esse poder maligno haverá de corromper aos homens, levando-os a se exterminarem mutuamente. Também haverá de envenenar as «águas», o que é um constante símbolo místico da «vida». Alguns estudiosos, uma vez mais, insistirão acerca de um «cometa» ou «meteorito» literal, que haverá de envenenar, literalmente, o suprimento de água do mundo: mas essa interpretação, conforme já vimos nas notas expositivas sobre o oitavo versículo, é menos provável que a interpretação simbólica. Não podemos ignorar a literatura mística paralela, dos apocalipses judaicos, como o livro de Enoque, de onde o vidente João tomou por empréstimo certos símbolos. Não existe paralelo para o nome desse ser caído, «Absinto», mas as «estrelas» são mui comumente representativas de «anjos», nos apocalipses judaicos. (Notar o que diz o trecho de Apo. 1:20: «...as sete estrelas são os anjos das sete igrejas...» Ver também Apo. 9:1. Ali a «estrela» é, bem definidamente, uma personalidade

angelical).

«Os homens que procuram viver sem Deus descobrirão que a própria fonte da vida terrena está contaminada. Pois ao se voltarem para a iniquidade terão mexido com algo muito mais profundo e poderoso do que tinham desconfiado. Não sabiam que estavam atacando o próprio suprimento de que depende a sua existência.» (Hough, *in loc.*) Deus é o Alfa e o Omega da própria existência humana (ver Apo. 1:8). Quando os homens rejeitam a Deus, põem em perigo a sua própria existência à face da terra. (Isso pode ser confrontado com as idéias dos trechos de Jer. 9:15 e 23:15). O profeta advertiu que Deus dará ao seu povo absinto e fei a beber, como juízo, porquanto se tinham voltado para a idolatria, a qual não é fonte de vida e bem-estar. É perfeitamente possível que essas passagens do livro de Jeremias tenham sido as inspiradoras do terceiro selo, pois é óbvio que está em pauta algo «simbólico». A água simboliza a «vida»; o absinto, nesse caso, simbolizaria a corrupção de vida que traz a morte e o amargor.

Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. Cristo é a água da vida. Esse simbolismo pode ser visto em trechos como João 4:14 e 7:37-39.

2. O absinto é o arbusto de gosto mais amargo que se conhece. Diversos tipos de absinto são encontrados no Oriente, na Síria e na Palestina. A referência, neste ponto, provavelmente é à «Artemisia herba-alba», ou à «Artemisia judaica»<sup>1</sup>. Todas as espécies têm um gosto amargo e forte, o que propiciou ser essa planta usada metaforicamente para indicar o amargor, a derrota, a tristeza, a calamidade etc., por causa do pecado. (Ver Pro. 5:4; Lam. 3:15,19; Amós 5:17; 6:12). No trecho de Deut. 29:18 esse símbolo é usado para indicar os «perigos da idolatria», o que também se vê em Jer. 9:15 e 23:15.

3. Quando um povo vê cortado o seu suprimento de água potável, fica desesperado, impotente e morto. A mesma coisa se verifica quando é cortado o suprimento da água da vida espiritual. As forças satânicas farão exatamente isso contra os homens, durante o período da «Grande Tribulação». (Ver Apo. 7:14 quanto a notas expositivas acerca desse período de caos e sofrimento, a agonia que haverá de anteceder à morte do antigo ciclo da existência humana e o nascimento de um novo ciclo, iniciado pela «parousia» ou segundo advento de Cristo).

4. Os homens, por intermédio do pecado, apressam a escavação do poço sem água (ver Zac. 9:11).

5. O juízo da terceira trombeta, tal como no caso da primeira e da segunda trombetas, está relacionado, pelo menos em idéia, às pragas do Egito. (Ver Exo. 7:21-24). É possível, pois, que esta predição seja suficientemente lata para incluir a corrupção literal do suprimento de água potável no mundo, o que provocará morte generalizada. Mas isso será pequeno em comparação com a corrupção da fonte espiritual da vida, por parte de poderes satânicos, o que está primariamente em foco nos versículos oitavo a décimo primeiro deste capítulo.

6. Em consonância com a idéia do nono versículo, devemos entender que apenas uma «terça parte» das águas se entregaram. Continuará havendo a proteção de Deus, o qual não permitirá que os juízos sejam avassaladores, mas antes, sejam potencialmente instrutivos, procurando produzir nos homens o arrependimento.

7. A estrela não representa alguma personagem política ou eclesiástica; mas será uma personagem diabólica. Mas não será então que Deus entregará o mundo ao poder de Satanás, o qual convencerá os homens da real malignidade e insanidade do pecado, porquanto Deus separará os que homens se arrependam, embora sob as restrições impostas pelos juízos divinos.

11 καὶ τὸ ὄνομα τοῦ ἀστέρος λέγεται ὁ Ἄψινθος. καὶ ἐγένετο τὸ τρίτον τῶν ὑδάτων εἰς ἄψινθον, καὶ πολλοὶ τῶν ἀνθρώπων ἀπέθανον ἐκ τῶν ὑδάτων, ὅτι ἐπικράνθησαν.

11 O] em R 1 2329 al e | Ἀψινθος] -θιον R\* it co Tyc: -θιος 2051 pc vg | αψινθον] -θιον R 052 1611 2060 2329 al lat Tyc

8:11: O nome da estrela era Absinto, e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se entregaram amargas.

(Quanto à interpretação geral acerca da «terceira trombeta», ver as notas expositivas acerca do décimo versículo deste capítulo).

«...absinto...» Trata-se do arbusto de gosto mais amargo que há, símbolo da aflição e dos males que o pecado traz à vida dos homens. (Ver o segundo ponto sobre o versículo dez, em «outras idéias», onde essa palavra é comentada). Assim se chama aquele ser angelical caído, pois afligirá satanicamente aos homens.

«...terça parte...» Como sempre sucede quando ocorre essa expressão, isso é um reflexo do número divino, porquanto tudo acontecerá por permissão de Deus. Além disso, esse número mostra quão vasta será a

destruição, mas também, mostra o fato que será uma destruição parcial, pois o arrependimento continuará sendo encorajado.

«...águas...» No décimo versículo, isso é interpretado como a «vida», como a fonte originária da vida. (Ver as notas expositivas ali existentes). Ou, talvez, isso inclua «águas» literais. Mas a corrupção espiritual da vida, mediante o poder de Satanás, é o que está principalmente em foco aqui.

«...homens morreram...» Os homens se matarão mutuamente, as pragas os matarão, e as águas amargas provocarão a morte de muitos. Morrerão espiritualmente, por se corromperem as fontes da vida, mas morrerão literalmente, devido ao estrago causado no suprimento de água potável do mundo. «O salário do pecado é a morte» (Rom. 6:23). Essa é a lição suprema, ensinada por este versículo. Essa lição será vivida durante o período da «Grande Tribulação».



«...amargas...» Aquilo que deveria ser doce e benéfico (o conhecimento de Deus, por meio de Cristo, a fonte de todo o bem-estar—ver 1 Cor. 8:6 e Apo. 1:8) será de tal maneira corrompido que os homens sentirão amargor em suas próprias almas, em suas vidas e em suas crenças. Essa «amargura», segundo a definição do contexto, é «venenosa».

Outras idêntias sobre o décimo primeiro versículo:

1. Quanto às alusões às «estrelas» e seu significado simbólico, ver Dan. 12:3 e Jud. 13; sobre as «fontes», ver Pro. 13:14; 14:27; 18:4; 25:26; sobre os «rios», ver 11 Reis 5:12; Isa. 8:6; Eza. 47:1 e João 7:38.

2. O livro de IV Eedras 5:9 antecipa a corrupção das águas, que se tornariam

## VII. Julgamentos das Sete Trombetas (8:7- 11:19).

(Quanto a notas de introdução sobre o «juízo das trombetas», ver Apo. 8:1,6).

12 Καὶ ὁ τέταρτος ἄγγελος ἐσάλπισεν· καὶ ἐπλήγη τὸ τρίτον τοῦ ἡλίου καὶ τὸ τρίτον τῆς σελήνης καὶ τὸ τρίτον τῶν ἀστέρων,<sup>a</sup> ἵνα σκοτισθῇ τὸ τρίτον αὐτῶν<sup>a</sup> καὶ ἡ ἡμέρα μὴ φάνη τὸ τρίτον αὐτῆς, καὶ ἡ νύξ ὁμοίως.

<sup>a</sup> 12 e maior, e nome WH Bev Nes BF<sup>1</sup> (AV) (RV) (ABV) NEB Zor Luth (Jer) / e maior, e maior:

RSV / e maior, e menor: TR TT Seg

12 ἐπλήγη...ὁμοίως 1a 13:10; Rse 32:7, 8; J1 2:10; 2:10; Mt 24:29; Mk 13:24-25; Lk 21:25; Ra 6:12-13

8:12; O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi feita a terça parte da luz, a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas; para que a terça parte delas se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a da noite.

Esse juízo será uma variação do juízo do sexto selo (ver Apo. 6:12,13), quando o sol entrou em eclipse total, a lua transformou-se em sangue e as estrelas caíram do céu. Agora, durante uma terça parte de cada dia, as «luzes celestes» não dão luz, mas parecerão normais durante o resto do tempo. Se isso tiver de ser a interpretação «literal», então supomos certo tipo de condições atmosféricas, que atualmente não podemos conceber, que causarão esse «escurecimento» parcial e periódico. Os intérpretes simbólicos vêem condições cabólicas entre os «governantes terrestres» (simbolizados pelos corpos celestiais) ou a mesma coisa entre os «seres angelicais», com um caos paralelo à face da terra. Não podemos eliminar sem mais aquela, essa interpretação, quando observamos que a «estrela» é símbolo freqüente dos poderes angelicais. (Ver Apo. 1:20; 8:8,10 e 9:1). Se essa última é a interpretação correta, então supomos que o quarto selo continua a idéia geral contida no segundo e no terceiro, que revelam que, nos últimos dias, tremendas forças satânicas serão soltas à face da terra.

Não há qualquer paralelo literário realmente direto ao juízo desta quarta trombeta, embora o trecho de Exo. 10:21-23 expresse algo similar. Normalmente, algum paralelo dos símbolos e das predições do autor sagrado pode ser encontrado nos apocalipses judaicos do período helenista. Em Amós 8:9 temos o sol a desaparecer ao meio-dia, de tal modo que «metade» do dia, ao invés de um terço do dia, é privado de sua luz, e isso pode ter inspirado o vidente João quanto ao «tipo» de juízo divino, embora ele tenha preferido ficar com seu esquema de «um terço». A limitação, seja como for, não é para intensificar o brilho, mas serve para mostrar o tempo durante o qual a luz do firmamento será visível. Alguns estudiosos conjecturam que o texto sagrado, em sua forma original, indica que uma terça parte de todos os luzeiros celestes se apagará, deixando a brilhar dois terços, e não que uma terça parte do tempo estará sem o brilho dos corpos celestes. Isso concordaria melhor com o tipo de simbolismo mantido do princípio ao fim, como, por exemplo, uma terça parte da erva foi queimada. Mas essa opinião é mera conjectura, já que os manuscritos existentes não dão apoio a essa idéia. É possível que o autor sagrado, por pensar em aramaico, mas escrever em grego, simplesmente não tenha podido expressar corretamente a idéia. A versão boárca contém essa idéia, mas não é provável que preserve o texto original. O mais certo é que os tradutores simplesmente preservaram a idéia geral do contexto, não se desviando mesmo neste ponto, a despeito do fato que o grego se desvia.

O texto de Mat. 24:29, que é o «pequeno Apocalipse», fala em distúrbios nos céus, no sol e na lua, que não brilharão, ao passo que as estrelas cairão. Vê-se, portanto, que essas ocorrências tremendas são comuns nas predições apocalípticas; mas a «distorção» que aqui lhe dá o vidente João não tem paralelo direto. Sem dúvida ele continuava pensando em certo paralelo em linhas gerais, com as pragas do Egito, na «intervenção divina» que houve então (ver Exo. 10:21-23) que certamente exerceu influência nestas predições, embora não tenha sido sua base direta.

Outras idêntias sobre o décimo segundo versículo:

1. Nas Encrituras, os corpos celestes têm certa relação com os homens. No oitavo salmo, a visão desses prodígios deixa os homens humilhados, levando-os a perceber a sua própria insignificância. No livro de

## VII. Julgamentos das Sete Trombetas (8:7- 11:19)

### 5. Parêntesis: a advertência da águia (8:13)

Os «três ais» (trombetas quinta, sexta e sétima) são tão horrendos em seu desfecho que o vidente João precisou fazer uma pausa, antes de anunciá-los. Isso pode ser comparado ao drama do quinto capítulo deste livro, onde há grandes sofrimentos antes que o Leão de Judá, que é também o Cordeiro, apareça como quem é capaz de abrir os selos do rolo. Além disso, antes das trombetas começarem, houve uma «meia hora» de silêncio solene e ameaçador (ver Apo. 8:1). Pensamos que essas coisas são mais do que meros artifícios literários. Refletem os sentimentos de quem teve permissão de contemplar e sofrer algo do que o mundo terá de passar, a fim de ser purificado.

13 Καὶ εἶδον, καὶ ἤκουσα ἑνὸς ἀετοῦ πετομένου ἐν μεσουρανήματι λέγοντος φωνῇ μεγάλῃ, Οὐαὶ οὐαὶ τοῖς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς ἐκ τῶν λοιπῶν φωνῶν τῆς σάλπιγγος τῶν τριῶν ἀγγέλων τῶν μελλόντων σαλπίζειν.

13 αετου RA 046 ρμ g b τg τγ Tyc R] (14. 6). αγγελου P I 2059i αλ ε: αγγ. ως αετου 42 Prim | μεγάλη]

add τρις 204 2037 al

Ao invés de ἀετοῦ (que é decisivamente apoiada por N A 046 maioria dos minúsculos it (gig,h) vg sir (ph,h) cop (sa,bo)

amargas. (Ver Jer. 9:18 e 23:18). Yahweh tencionaria punir o seu povo por motivo da idolatria desta, dando-lhe águas amargas, misturadas com fel (um veneno) e absinto. Essa passagem, tal como o nosso presente texto, fala de modo simbólico, e não literal.

3. «Os rios e as fontes estavam associados, na mente étnica (comparar com Naa. 2:13), com os espíritos sobrenaturais e com propriedades curativas; portanto, esse severo profeta do monoteísmo vê nessas coisas a vinda da condenação imposta por Deus» (Moffatt, in loc.).

4. (Ver Exo. 15:23 quanto às «águas amargas»). Nessa passagem as águas se tornaram potáveis lançando-se certa árvore no seu manancial. Essa árvore é a cruz de Cristo (ver Gál. 3:13). Há um remédio para as águas amargas.

Apocalipse, os luzeiros celestes são envolvidos nesses juízos divinos contra os homens. Seja como for, um ensinamento se destaca com clareza: o universo inteiro está debaixo do controle do governo divino. Todas as coisas, homens, animais, espíritos celestes e infernais e objetos inanimados, coisas pequenas e coisas grandes, tudo tem existência e continuação devido à providência e à graça de Deus. O poeta Matthew Arnold sentiu algo da majestade das estrelas, e nisso percebeu que o seu destino era compartilhar dessa majestade:

Ah, uma vez mais, clamei eu, vós estrelas, vós águas,  
Oh, ao meu coração o vosso encantador poder renova;  
Contudo, contudo, permiti-me, enquanto vos contemplo,  
Sinto a minha alma tornar-se vasta como vós!

2 Em Apo. 8:13, o vidente João remove do quadro todas as estrelas. Ele olvida ou ignora isso, a fim de que aqui haja um juízo que envolverá as estrelas. Em um livro de símbolos místicos, como é o Apocalipse, tais detalhes não são importantes. Supomos que naquela citada passagem ele fala em hipérbole, e que mui provavelmente ele falava de uma «chuva» de meteoritos. Ao ver tal coisa, deve ter-lhe «parecido» que «todas as estrelas» caíram dos céus.

3. Os eruditos que pensam que os juízos das trombetas são narrativas paralelas dos juízos das «taças», fazem Apo. 8:12 ser equivalente a Apo. 16:18. E verdade, pelo menos, que acontecimentos «similares» têm lugar; mas supomos, mais adiante, que isso não pode ser, porquanto o paralelismo entre as trombetas e as taças envolve muitas dificuldades, algumas vezes acerca de detalhes muito significativos. O juízo das «taças», em Apo. 16:8 faz o sol «queimar» aos homens. Isso também indica alguma espécie de modificação nas condições atmosféricas. Sabemos atualmente que nossa atmosfera age como um escudo, protegendo-nos do calor do sol, o qual seria fantásticamente elevado, conforme sucede na lua, sem essa proteção. Provavelmente, os homens, devido ao uso que fizeram de armas atômicas, perturbarão as condições atmosféricas de tal modo que tanto enegrecimentos como uma maior penetração de atmosfera, através dos raios de sol, serão possíveis. Além disso, devido a direta intervenção divina, tais coisas poderão ter lugar, sem nenhuma ajuda por parte da perversidade dos homens, embora estejam sendo castigados justamente por causa dessa perversidade.

4. O juízo da quarta trombeta tem sido interpretado historicamente de diversos modos, semelhantemente ao que sucede no caso da segunda e da terceira trombetas, onde se pode ver a idéia geral dessa forma de interpretação.

5. O homem confia demais na «fixidez» da natureza. O período da tribulação deixará os homens assustados e atônitos, porquanto essa fixidez cederá lugar a eventos os mais inesperados, alguns dos quais envolverão os luzeiros do firmamento.

Deus é o nosso refúgio e fortaleza,  
socorro bem presente nas tribulações.  
Portanto, não temeremos ainda que a terra se transtorne,  
e os montes se abalem no seio dos mares;  
e os montes se abalem no seio dos mares;  
ainda que as águas tumultuem e espumajem,  
e na sua fúria os montes se estremeçam. (Sal<sup>2</sup>)  
(Salmo 46:1-3)

6. Antes da criação original, o «caos na luz», antecedeu à formação do homem e seu globo terrestre. Portanto, aqui também, o caos na luz precederá à nova criação, da qual a «parousia» ou segundo advento de Cristo será o arauto.

Uma vida mais franca o mundo extrairá  
Da decadência das coisas.

7. O vidente João, ao escrever à perseguida igreja cristã, ao expressar a sua indignação e consternação contra Roma, talvez tenha pensado que essa visão indicava o «eclipse» do poder romano, em seus dignitários, oficiais e instituições (simbolizados pelo sol, pela lua e pelas estrelas); mas a sua mensagem transcendendo à sua própria época, em sua aplicação primária, porquanto aponta para as condições reinantes nos «últimos dias».

eti), o Textus Receptus, seguindo P 1 680 2059 2060 2081 2186 2286 2302 ara AL, diz ἀγγέλου. A substituição pode ter sido acidental (um escriba leu erroneamente αἰτοῦ como se fora ἀγγελου) mas é mais provável que a modificação tenha sido deliberada, já que a função atribuída à águia parece mais apropriada a um anjo (cf. 14:6). Outrossim, «se o apocalíptico tivesse escrito ἀγγέλου, ἄλλου provavelmente teria tomado o lugar de ἀνός; cf. 7:2 e 8:3». (H.B. Swete, *The Apocalypse of St. John, ad loc.*). As duas formas são mescladas em 42 al, na forma ἀγγέλου ὡς αἰτοῦ.

8:13: E eis, e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia com grande voz: *Al, al, al, al* dos que habitam sobre a terra! por causa das outras toques de trombeta das três anjos que ainda vão tocar.

«...vi...», em visão mística, segundo se descreve nas notas expositivas sobre Apo. 1:10.

«...ouvi...» As visões místicas com frequência são «audíveis», e não somente «visuais». (Ver Apo. 1:10; 4:1; 5:2, etc. quanto a isso).

«...águia...»

**Variante Textual:** Os mss Aleph, A, 046, ITigig, h, a Vg. o Si(ph, h), o Copla, bol e o Etí apoiam a palavra «águia», o que serve de prova esmagadora de sua genuinidade. Mas os mss P, 1 680 2059 2060 2081 2186 2286 2302 e o Ara dizem aqui «anjo». Pode ter havido uma substituição acidental, por causa da similaridade dos vocábulos gregos envolvidos. O mais provável, porém, é que isso tenha sido feito a propósito. Alguns escribas «prosaicos» não podiam perceber como uma «águia» poderia realizar uma função que só a um «anjo» cabe. Seja como for, a «águia» provavelmente simboliza o «anjo». Em Apo. 14:6,7, um «anjo» profere aviso similar, e até este ponto, na narrativa do Apocalipse, os «anjos» têm sido arautos constantes de todos os juízos divinos.

O aparecimento de «Águias», nos escritos apocalípticos, não foi algo criado pelo vidente João. Em II Esdras 11:7-9 também há tal menção, embora ali esteja em foco o império romano, cujo emblema era a águia. (Ver também II Baruco 77:17-26, onde uma águia entrega uma carta de advertência às nove tribos e meia). Alguns estudiosos têm conjecturado que, neste passo, a águia é o «ser vivente» de Apo. 4:7, cuja cabeça era de águia.

O anjo, neste caso, é um «pássaro de condenação». Os antigos inclinavam-se por ver sinais agoureiros nas ações dos pássaros, pelo que a águia, uma das maiores aves, seria símbolo apropriado para indicar um anjo ligeiro, ousado e ameaçador, que atravessasse os céus, anunciando terrível condenação. A «águia» que passava pelo meio dos céus, indica o poder de Deus, fora do alcance do homem, incansável e inexorável como é o poder divino. É possível que o vidente João tenha visto a «águia» como símbolo apropriado para o juízo, pois o império romano usava a águia como seu símbolo. Portanto, a águia celeste profere juízo contra a águia terrena. João percebeu que a última palavra seria dita não pela águia romana, mas pela águia divina. O que era verdade em seus dias, o é também em nossos dias. O verdadeiro Cristo triunfará, finalmente, sobre o anticristo.

«...voando pelo meio do céu...» A águia será visível para todos, mas fora do alcance de todos, ameaçadora em seu voo. (Ver a águia como símbolo de «vingança», em Deut. 28:49; Osé. 8:1 e Hab. 1:8).

«...em grande voz...» Declaração constantemente usada pelo vidente João

para salientar a grandeza da mensagem de poder que é anunciada e que se cumprirá. (Ver Apo. 1:10,15; 5:2,12; 6:10; 7:2,10; 10:3; 11:12; 12:10; 14:2,7,15; 16:1,17; 18:2; 19:1,6,17; 21:3 quanto a declarações iguais ou similares a esta).

«...ai, ai, ai...» São os três juízos restantes, a saber, a quinta, a sexta e a sétima trombetas. (Ver Apo. 9:1-12, 13-21; 10:7 e 11:15-19 quanto a essas trombetas).

«...dos que moram na terra...» Os homens, ainda sem arrependimento, após tão monstruosas calamidades, inspiradas agora pelos poderes satânicos (terceira e quarta trombetas) terão de sofrer tragédias indescritíveis antes de reconhecerem que o caminho de Deus é melhor, buscando do Senhor a espiritualização de seus próprios seres. As trombetas são agora chamadas de «ais», o que visa indicar que sua natureza é temível, mais do que no caso das trombetas anteriores, em todas as quais houve certa dose de misericórdia divina. A misericórdia divina estará se esgotando, no caso de homens tão rebeldes.

«Esses ais, que são de caráter demoníaco, não poderão afetar aqueles que tiverem recebido o selo de Deus em suas fronteiras (ver notas em Apo. 7:3); (Charles, in loc.).

**Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:**

1. A descida do próprio Satanás à terra talvez esteja envolvida no terceiro «ai». (Ver Apo. 12:12). Isso estaria em consonância com o primeiro e o segundo «ai». O décimo terceiro capítulo deste livro é um desdobramento desse fato. O mundo será entregue ao poder do anticristo, em quem residirá o próprio Satanás.

2. Os «ais» são três em seu número. O «três» é o número divino. Os juízos da quinta, sexta e sétima trombetas serão a continuação da maneira de Deus tratar com os homens, do que os homens muito necessitarão, pois estarão quase absolutamente alienados dele, sendo ele a fonte de todo o bem-estar. (Ver Apo. 1:8 e I Cor. 8:6, em suas respectivas notas expositivas, sobre esse conceito). O «duplo» ai (conforme se vê em Apo. 18:10,16,19) serve apenas de ênfase.

3. A águia voará pelo «meridiano», isto é, pelo ponto mais alto do firmamento, o ponto onde se acha o sol ao meio-dia. Sua mensagem, portanto, será clara, pois será vista por todos, grandemente iluminada pelo sol do meio-dia. Seu clamor será universalmente ouvido.

4. Não há aqui qualquer idéia de que a «águia», símbolo do império romano, tiraria vingança da nação de Israel, como se deu quando da destruição de Jerusalém. Também rejeitamos as diversas interpretações «históricas» que procuram identificar a «águia» com acontecimentos do passado.

5. A águia é uma ave de rapina e de pilhagem. Certamente isso caracterizará as condições caóticas do período da tribulação, quando os homens ameaçarem aniquilar-se totalmente uns aos outros.

## Capítulo 9

### VII. Julgamentos das Sete Trombetas (8:7- 11:19)

#### 6. Quinta trombeta: os terríveis gafanhotos (9:1-12).

O primeiro versículo deste capítulo não apresenta qualquer novo tema, pelo que não há necessidade de uma introdução ao parágrafo. (Quanto a notas introdutórias sobre os «juízos das trombetas», ver o parágrafo que introduz o oitavo capítulo deste livro).

9 Καὶ ὁ πέμπτος ἄγγελος ἐσάλπισεν· καὶ εἶδον ἀστέρα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ πεπτωκότα εἰς τὴν γῆν, καὶ ἐδόθη αὐτῷ ἡ κλεῖς τοῦ φρέατος τῆς ἀβύσσου.

9:1 O quinto anjo tocou a sua trombeta, e a vi uma estrela que do céu caiu sobre a terra; e foi-lhe dada a chave do poço da abismo.

«...anjo tocou...» O mesmo simbolismo dos anjos, a tocarem as trombetas, em introdução a cada novo juízo divino, tem continuação aqui. (Isso é comentado em Apo. 8:2,6,7. Ver Apo. 1:10 e 4:1, além das passagens mencionadas, quanto a notas expositivas sobre o simbolismo das «trombetas»).

«...vi...» Em visão mística, o que é comentado em Apo. 1:10.

«...estrela...» Com base nos paralelos da literatura apocalíptica judaica, aprendemos que uma «estrela» sempre é símbolo de um ser «angelical», santo ou decalido, dependendo do contexto. Assim, a «montanha incendiada» de Apo. 8:8 e a «estrela» de Apo. 8:10 não são fenômenos naturais, como cometas, meteoritos, etc., e sim, invasões demoníacas da terra, por parte de seres malignos, provavelmente pertencentes à classe dos anjos caídos. Não é claro se no presente versículo o ser angelical que abre o abismo é um anjo caído; mas fica perfeitamente claro que o resultado dessa ação é que seres de profunda iniquidade, de natureza espiritual, serão soltos à face da terra. O vidente João quer que saibamos que, nos últimos dias, haverá uma invasão da terra por parte de seres excessivamente malignos e demoníacos, que levarão os homens a se odiarem, maltratarem e matarem uns aos outros, de tal modo que por pouco a humanidade não será completamente aniquilada. Esses seres serão tão maliciosos e inerentemente malignos que, até então, não terão permissão de vir à terra. Esses intensificarão as agonias à face da terra, de tal maneira que, através dessa intensa agonia, a terra será purificada, em preparação para uma nova era.

A quinta trombeta, que é o primeiro «ai», em sua descrição, ocupa onze versículos, porquanto há uma completa descrição da invasão por parte das hostes infernais, e daquilo que elas são. O espaço extraordinariamente grande, dado a essa visão, se deve à tremenda modificação para pior que isso trará para toda a humanidade.

«...a chave...» Será necessária essa chave porque aquele horrendo lugar

9:1 ἡ...ἀβύσσου Ra 20:1

está «fechado» para os de fora, ao mesmo tempo que o acesso de seus moradores ao «exterior» até então estará barrado. A «chave» serve de símbolo da autoridade para iniciar eventos e para exercer controle. Assim é que, em Apo. 1:18, o próprio Jesus é retratado como quem brande as «chaves» do hades e da morte. (Ver a discussão sobre o simbolismo da «chave», em Apo. 1:18). Em Apo. 3:7, Cristo é pintado como quem tem «a chave de Davi», onde também é especificamente dito que ele a usa para «abrir» e para «fechar», atos espiritualmente simbólicos da oportunidade e da bênção conferidas, ou da privação das mesmas, mediante o ministério do evangelho. As explicações dadas ali auxiliam as notas expositivas aqui dadas sobre o simbolismo da «chave»).

«...poço do abismo...» O grego seria mais literalmente traduzido ainda como «fenda do abismo». O termo grego «*phrear*» pode significar ou «poço» ou «fenda» que desce até ao subsolo. A própria ambigüidade do vocábulo grego tem provocado a ambigüidade de sua tradução e interpretação. Alguns têm preferido pensar que o próprio «hades» está em foco; mas outros pensam que se trata de «fenda» que conduz ao hades, mas não o próprio hades. E ainda outros imaginam que se trata de uma fenda que leva a algum poço, ou ao próprio poço, inteiramente distinto do hades, por ser o lugar da habitação desses seres eminentemente malignos. Não há modo indiscutível para determinar qual a interpretação correta, mas a discussão abaixo deixa implícito que a «fenda» e o «hades» representam uma e a mesma coisa, ou então diferentes locais de uma única grande área de julgamento.

Outrossim, não há nenhuma interpretação isolada e absolutamente certa sobre o próprio hades. Originalmente, era reputado o hades como o lugar que abrigava aos «espíritos» dos mortos; mas ali viveriam não realmente como almas sobreviventes, e, sim, como sombras sem bom senso, a vagarearem ao redor. Mais tarde, a idéia de «autêntica sobrevivência» veio a fazer parte da doutrina. Finalmente, surgiu a idéia da «separação» entre os «bons» e os «maus», havendo «galardões» para os primeiros e «punições» para os segundos. Por conseguinte, a cada vez em que o «hades» é

mentonado, não podemos ter a certeza (a menos que o próprio contexto entre em detalhes) acerca do «estágio» do desenvolvimento da doutrina do «hades» que ali se reflete. (Ver as notas expositivas em Luc. 16:23 e Apo. 1:18, quanto a maiores detalhes sobre essa doutrina). O trecho de II Ped. 2:4 emprega o vocábulo «Tártaro». Originalmente, era uma região ainda mais inferior e desgraçada que o hades. O hades era considerado como algo que estava no coração da terra. Nesse caso, o Tártaro estaria bem no centro do globo, sendo reputado um lugar de dores e castigos especiais. Gradualmente, entretanto, o conceito de «Tártaro» se foi mesclando com o conceito de «hades», a tal ponto que tanto uma como outra palavra puderam ser usadas para indicar o mesmo lugar. (Ver II Ped. 2:4 quanto a uma discussão sobre a palavra *Tártaro* e sua significação).

No Apocalipse, essa «fenda do abismo» também é mencionada em Apo. 11:7; 17:8 (lugar de onde subirá a «besta»); e 20:1,2 (onde se lê que ali serão lançados a besta e o próprio Satanás). Ali ficarão até ao fim do milênio, após o que serão lançados no lago do fogo, o lugar do castigo final (ver Apo. 14:11, onde, sem que seja empregado esse nome, evidentemente também há alusão a essa «fenda», mostrando que os seguidores do anticristo haverão de compartilhar de sua sorte). Comparando-se entre si todas essas referências, chegamos à conclusão que o vidente João estava aqui descrevendo a «porção má» do hades, e não algum lugar distinto do mesmo. Cumpre-nos observar que «a morte e o hades» serão lançados no «lago do fogo», juntamente com os perdidos; e supomos que o «diabo», a «besta» e seu «falso profeta» (mencionados no trecho de Apo. 20:10) participarão dessa sorte. Portanto, do «hades» serão transferidos para o definitivo «lago do fogo». Já que o vigésimo capítulo do Apocalipse não estabelece distinção entre o «hades» e a «fenda» (no grego, *-phrear-*), fazendo com que os perdidos, o anticristo, Satanás, etc., estejam associados ao «hades», ao passo que, neste versículo e em Apo. 11:7 e 17:8, estão vinculados à «fenda do abismo», somos forçados a concluir que o «hades» e essa «fenda» são uma e a mesma coisa, a menos que o autor sagrado simplesmente estava falando a respeito de «vários compartimentos do hades», ou então de diversas localidades do mesmo lugar em geral, existente no âmago da terra.

O Apocalipse não faz o contraste entre a *geena* e o *hades*; mas é possível que, neste livro, o «lago do fogo» seja a mesma coisa que a «geena» é nos evangelhos.

O «abismo» ou «fenda», nas páginas do A.T. Consideremos os pontos seguintes:

1. Talvez haja ali alusão a algum abismo subterrâneo que fecha um grande oceano «não da superfície», conforme fica implícito em Sal. 33:7. A Oração de Manassés, em seu terceiro capítulo, indica que os antigos imaginavam a existência de uma «fenda» que conduziria a esse mar subterrâneo, desde a superfície. Esse conceito não tem qualquer relação com o presente texto.

2. O abismo era considerado como lugar apropriado para os inimigos de Yahweh (ver Amós 9:3; Jô 41:24 LXX). Supunha-se que esse abismo seria uma imensa fenda na terra, e não um mar subterrâneo. (Ver Isa. 24:21,22 e 51:9). Esse abismo seria equivalente ao «hades», mas, até este ponto, não fora nunca considerado como um lugar onde há fogo. Essa idéia penetrou posteriormente, não antes de 100 A.C.

O *abismo*, na literatura judaica apocalíptica. O primeiro livro de Enoque expõe certo ensinamento a esse respeito. (Ver I Enoque 17:7,8 e 18:12-16). Ali é considerado como lugar de punição de anjos caídos. Supomos que seria um compartimento do «hades», de alguma maneira. Não haveria ali água, nem pássaros, mas seria um lugar caótico, horrendo e invadido pelo fogo. Em alguns trechos o «abismo» era situado na terra; mas, em outros escritos, como em Enoque 22:2; 28:12; 15 e 31:3, o abismo é situado nos confins da terra e dos céus, conforme os conhecimentos. Seria um lugar de confinamento «temporário». Em I Enoque 21:7-10; 10:6,13; 18:11; 54:6; 56:4; 90:24,25; 118:11 aparece um lugar de punição permanente, um autêntico «inferno», um lugar além dos céus e da terra. Nos escritos apocalípticos judaicos há diversos nomes para esse lugar: «o abismo de fogo» (I Enoque 10:3); o «abismo» (I Enoque 21:7). Nesta última passagem esse lugar é situado na terra, entrando-se no mesmo através de uma

«fenda», conforme se vê aqui, no Apocalipse. Em I Enoque 18:11 esse lugar é chamado de «grande abismo»; e em I Enoque 54:6 é chamado de «fornalha ardente».

O mesmo conceito de julgamento contra Satanás, os anjos e os homens perdidos é pintado como um «deserto de fogo», mas o trecho de I Enoque 108:3 o situa para além dos limites da terra. O «lago de fogo» do Apocalipse, muito provavelmente, é esse lugar.

Conforme se pode ver, há muitos conceitos e muitos nomes para esses conceitos, pelo que também nunca poderemos ter certeza do que está em pauta. Em primeiro lugar, é declarado que Satanás e os seus anjos estão destinados a residir eternamente em tais lugares. Mais adiante se vê que os homens terão parte em tudo isso. Nos evangelhos, poderíamos supor que a «geena» é lugar de castigo exclusivamente dos homens; mas talvez essa impressão seja dada porque os autores dos evangelhos não tinham nenhum motivo para mencionar a punição dos anjos naqueles lugares, em que o apelativo «geena» lhes pareceu termo apropriado para referir-se àquele lugar de «punição». (Ver as notas expositivas sobre a «geena» em Mat. 5:22,30; 10:28; 18:9; 23:15,33 e Tia. 3:6).

#### Outras idéias sobre o primeiro versículo do nono capítulo do Apocalipse:

1. O simbolismo da «fenda» que conduz a um abismo de fogo, provavelmente foi sugerido, a princípio, pelos vulcões ativos. Os vulcões contam com fendas que descem ao subolo da terra, e por onde saem fogo e fumaça, sendo lugares de caos e temor. Portanto, os homens e os anjos iníquos poderiam estar destinados a lugares como esses.

2. Notamos que o Apocalipse retrata Deus como quem controla tais lugares, incluindo o abismo de fogo. Nem os maiores poderes malignos podem funcionar sem a sua permissão, e o Senhor é quem limita o meio e o lugar da função deles. Deus continua em seu trono, ainda que, por enquanto, ele não tenha assumido controle absoluto. Permite que o processo histórico convença aos homens que precisam escolher o caminho de Deus, e não o caminho do mal, porquanto isso é melhor para eles, e não «abstrata e friamente certo». É correto dizer que somente aqueles que se entregaram propositadamente ao mal podem ser atacados pelas formas mais temíveis e sinistras do mal. Os demais homens serão protegidos das formas mais perversas de maldade cósmica.

3. «Tais abismos (como o descrito neste texto), para os superstitiosos pareceriam entradas até ao hades e saídas para o ar infernal, na forma de vapores malféticos. Na Frigia, as fontes termais, que soltam vapor e fumo, são características do vale do rio Lico... e o cônico vulcânico, no porto de Tera, segundo se cria, seria uma dessas entradas para o inferno. O fogo que era vomitado daquela fornalha subterrânea era reputado como sinal certo de catástrofe final (ver IV Edras 8:8)» (Moffatt, *in loc.*).

4. Este texto pode ser comparado com Isa. 14:12, que diz: «como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!» E também com Luc. 10:18: «Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago». O «sentido pessoal» da «estrela» fica óbvio no presente texto também; mas é quase certo que Satanás não está em foco aqui, embora o seu reino é que agora passa a exercer maior controle sobre a terra, através de alguns de seus mais perversos agentes.

5. Não podemos dizer com certeza se esse «anjo» é bom ou mal, embora pareça que o simbolismo dá a entender um *anjo caído*. Seja como for, não estamos tratando com qualquer personagem militar, como um chefe terreno ou líder de um exército invasor, localizado na «história passada», conforme supõem várias «interpretações históricas».

6. Há interpretações extremamente literais, que pensam que a «fenda» aqui aludida é real, supondo que o inferno se encontra no centro da terra, tendo acesso à superfície dessa maneira. Mas tal interpretação é vã, dando margem a muitos mitos antigos, que assim pensavam. Pensamos que esses são «símbolos» do mundo dos anjos caídos, que não associam o «lugar real» do julgamento contra os mesmos com o «centro da terra».

7. «O Inferno», de Dante, com seus círculos cada vez menores, que se aprofundavam até à fenda central, expressa algo similar ao nosso presente texto. «O abismo é a fonte mais interna do mal, de onde sobem os piores perigos» (Carpenter, *in loc.*).

8. A «estrela» aqui referida não é Maomé, e nem algum «bispo» da Igreja cristã, ou qualquer outra personagem «terrena». A descrição ultrapassa completamente a todas as considerações semelhantes. Abordamos aqui o mundo «demoníaco» da pior e mais vil espécie.

9. Quanto à interpretação por itans, sobre a quinta trombeta, ver as notas expositivas sobre o terceiro versículo deste capítulo.

2 καὶ ἤνοιξεν τὸ φρέαρ τῆς ἀβύσσου, καὶ ἀνέβη καπνὸς ἐκ τοῦ φρέατος ὡς καπνὸς καμίνου μεγάλης, καὶ ἐσκοτώθη ὁ ἥλιος καὶ ὁ αἴθρ ἐκ τοῦ καπνοῦ τοῦ φρέατος.

2 καπνὸς...μεγάλης Gn 10:18; Ez 10:18

9. 2 καὶ ἤνοιξεν... ἀβύσσου) em R 046 82 203 1611 2033 al vg<sup>tr</sup> 18(2) bo | μεγάλης) kaiomēnēs 046 82 104 3m: μεγ. kaiom.

1778 pc g vg<sup>tr</sup> 2, 3 εκ τ. καπνου του φρε. και) em R<sup>o</sup> pc Prim

9:2: 1 abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha; e com a fumaça do poço escureceram-se o sol e o ar.

O poço emite uma fumaça extremamente espessa, que obscurece o firmamento inteiro. Dentre aquela fumaça densa emergem os horrendos gafanhotos. O simbolismo sugere uma «vasta invasão» que obscurecerá a razão dos homens, a fim de que se ponham a praticar todas as piores maldades na terra. O vidente João aludia, indiretamente, ao trecho de Êxo. 19:18, paralelamente a Êxo. 10:4-15, nos elementos de seu simbolismo. Esses poderes malignos serão postos em liberdade por Deus, a fim de punirem aos homens rebeldes. Isso soltará uma nuvem de temíveis demônios à face do globo, tão numerosos quanto a praga de gafanhotos que vexou o Egito antigo. (Isso pode ser comparado com Joel 2:10, onde o sol e a lua são obscurecidos em razão de tremenda praga de gafanhotos!).

#### Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. Alguns intérpretes pensam que estarão prestando a Deus um *deserviço* se interpretarem esta passagem «simbolicamente», e insistem que aqui há menção a «fogo e fumaça» literais, vindo de um «hades real», existente no âmago da terra. Mas isso não leva em conta os «símbolos» dos apocalípticos judaicos, utilizados pelo vidente João. Difícilmente ele cria seus

próprios símbolos, mas antes, toma-os por empréstimo dos livros de Enoque, da Ascensão de Abraão, etc. A leitura daqueles livros é suficiente para convencer-nos de que «símbolos místicos» são aqui utilizados, e que o autor do Apocalipse faz alusão àqueles livros, não encerrando as suas visões da maneira «literal», «prosaica» e «ocidental» a que estamos acostumados. Não se pode divorciar o Apocalipse de João do meio ambiente literário dos livros que, à sua semelhança, o precederam com esses símbolos, com os quais João estava afeito, conforme fica demonstrado com seus frequentes «empréstimos». Portanto, pensar que tudo quanto há neste livro deve ser entendido «literalmente» é afastar-se da verdade, reduzindo um livro eminentemente «místico» a mera descrição de eventos do tipo mais literal e físico. Isso é um suicídio para os intérpretes do Apocalipse. Não é estranho que aqueles comentadores que insistem sobre a «interpretação literal» deste livro são exatamente os que exibem total ignorância acerca do pano de fundo literário do Apocalipse. Temos sido erroneamente informados de que o N.T. não cita os livros apócrifos e pseudepígrafos do A.T. Bem pelo contrário, a verdade é que nas chamadas «epístolas católicas» no Apocalipse há muita coisa extraída daqueles livros. Basta a leitura dos mesmos para convencer-nos disso. O leitor, familiarizado com os livros apócrifos do A.T. poderá reconhecer, de imediato, muitas idéias, frases e maneiras de dizer, como também referências e narrativas, que foram obtidas daqueles livros, tendo sido duplicados em nosso N.T.

2. A atmosfera melancólica e traiçoeira do hades invadirá a terra como se fora



uma imensa nuvem de fumaça, proveniente das regiões infernais. Isso se refere ao súbito aparecimento daquele avassalador poder demoníaco.

3. Rejeitamos as interpretações que buscam encontrar incidentes na história do mundo, que por acaso se encaixem neste texto. Alguns supõem estar em foco uma ou outra «heresia», como se a «fumaça» representasse a invasão de hereges na igreja. Lutero é chamado de grande obscurantista, por alguns.

3 καὶ ἐκ τοῦ καπνοῦ ἐξήλθον ἀκρίδες εἰς τὴν γῆν, καὶ ἐδόθη αὐτοῖς ἐξουσία ὡς ἔχουσιν ἐξουσίαν οἱ

σκορπίοι τῆς γῆς.

3 ἐξήλθον... γῆν Ex 10:12, 15; Wad 18.9

3 αὐτοῖς X 046 8a 23a9 pc; R] αὐταῖς AP 0207 I 1611

2059a pl ε; stem vs. 4

9:3: De fumaça saíram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dada poder, como o que têm os escorpiões da terra.

*Interpretação da «quinta trombeta», que toca o primeiro «ai»:*

Nos versículos acima, já alistamos alguns dos pontos dessa interpretação. Poderíamos sumariá-los nos seguintes pontos:

1. Alguns dizem tratar-se de várias heresias ou de vários hereges, identificáveis na história eclesiástica.

2. Outros pensam tratar-se de algum papa ou bispo, ou mesmo de algum concílio eclesiástico que contribuiu para «obscurecer as doutrinas cristãs» ou «distorcer as Escrituras».

3. A maior parte dos intérpretes históricos identifica Maomé e seu movimento religioso, o islamismo, acompanhado de aventuras militares e de destruição, como se fora o anjo horrendo com seus gafanhotos.

4. Vários outros acontecimentos militares da história são aventados aqui, como as invasões dos godos e vândalos, que atacaram o império romano. Porém, se o significado do livro de Apocalipse tem de ser encontrado na «história», ficamos quase enlouquecidos diante da teia de «possibilidades» que pode ser vinculada a cada um dos «juízos» descritos.

5. Alguns estudiosos futuristas (que crêem que o cumprimento do Apocalipse se dará no futuro, e isso nos «últimos dias»), mas que também defendem uma interpretação «literal», vêem aqui um fogo e uma fumaça literais, que emanará de um «hades» literalmente situado no centro do nosso planeta. Portanto, os «gafanhotos» também seriam insetos verdadeiros. Mas há aqueles futuristas que pensam que esses gafanhotos são instrumentos de guerra, chegando a ver nos ferrões de suas caudas os modernos aviões a jato, com suas modernas armas de destruição.

6. Dificilmente poderíamos pensar aqui em insetos «literais», pelo que não devemos imaginar aqui uma gigantesca praga de gafanhotos, como a que houve no tempo do cativeiro de Israel, registrada em Êxo. 10:14,15. Naturalmente, o autor sagrado aludia àquele evento, tal como, por toda a P.T., a fim de apresentar suas descrições. Antes, o que temos aqui é alguma forma de invasão demoníaca contra a terra, de seres excessivamente terríveis e perversos, de tal modo que só nos fins dos tempos lhes será permitido o acesso à terra. O fato que são seres demoníacos, e não horrendos insetos, é demonstrado por sua descrição geral, o que não pode falar de qualquer ser vivo terreno, como também pelo fato que Satanás aparece como o líder deles (ver o décimo primeiro versículo), ou então algum elevado poder angelical caído é o seu líder, delegado por Satanás. São «seres sobrenaturais», portanto, e não qualquer tipo de ser terreno. Invadirão a terra formando nuvens, tão grande é seu número e poder, como se fossem uma praga de gafanhotos. Encherão os corações dos homens de ódio, ira e violência. Os homens passarão a praticamente se aniquilarem uns aos outros, em sua loucura inspirada pelo diabo. Somente os indivíduos que resolveram dar crédito à mentira, e proposadamente se rebelaram contra a verdade do evangelho, é que poderão ser tão totalmente possuídos por aqueles seres demoníacos. Nos últimos dias, Satanás, por meio do anticristo, será assim adorado; e então é que os homens terão de sofrer esse tipo de maldade avassaladora, da parte de forças cósmicas da maldade, das quais, agora, os homens são protegidos.

Os juízos das trombetas anteriores já haviam descrito esse tipo de invasão, e aqui temos uma intensificação do mesmo acontecimento. (Ver Apo. 8:8,10). As «estrelas» que ali figuram são anjos caídos. Haverá uma «intervenção» satânica no mundo. A mensagem principal das trombetas, pois, é exatamente essa intervenção satânica. As trombetas descrevem a aproximação de forças cósmicas do mal, que invadirão a terra nos dias finais antes da volta de Cristo.

7. Alguns eruditos identificam esses seres horrendos com os anjos caídos do sexto capítulo do livro de Gênesis, os quais antes tinham corrompido a terra mediante relações sexuais com as mulheres terrenas, das quais nasceram os «gigantes» da terra, dos «filhos de Deus». De fato, essa é uma tradição judaica, e não apenas uma criação de uma minoria de modernos intérpretes cristãos. Tais intérpretes, portanto, vinculam isso com o trecho de Jud. 6, onde se aprende que tais seres foram acorrentados no mundo exterior, sendo incapazes de invadir a terra ou continuar a prejudicar aos homens. O presente texto, pois, dá a entender que esses próprios seres serão uma vez mais soltos na terra, pelo menos durante um breve período. Mas

Maomé é aqui identificado por outros. Os decretos e concílios dos papas são salientados por outros como cumprimentos desta visão. Cristo, nesse caso, seria o «sol», o qual é obacurecido. Ou então seria obacurecido o entendimento espiritual da igreja, acerca da verdade divina. As «Escrituras», segundo essas interpretações, seria o «ar» assim poluído. Mas todas essas idéias são meros produtos da imaginação mais desenfreada.

acerca de tudo isso não podemos ter certeza. Mas o «quadro geral» é perfeitamente claro. A Satanás será dado um período de manifestação especial à face da terra, nos últimos dias, com horrendos resultados para os homens. Mas os próprios homens provocarão isso, ao prestarem lealdade ao anticristo, o falso «cristo» de Satanás. Se porventura os homens não viessem a fazer tal coisa, embora iníquos, não sofreriam a «intervenção satânica» que tanto sofrimento lhes dará.

8. Aqueles que pensam que as trombetas e as taças são equivalentes entre si, ou, pelo menos, dois ângulos diversos sobre a mesma coisa, fazem este versículo ser paralelo de Apo. 16:10, onde se vê um anjo a derramar a sua taça sobre o «trono da besta». Supostamente, esse «trono da besta», seria o «hades». Isso faz com que esse juízo se volte especialmente contra o anticristo. Mas isso não fica implícito na quinta trombeta, cujo alcance será universal.

*Outras idéias sobre o terceiro versículo:*

1. O autor sagrado escolheu um excelente símbolo para representar a invasão demoníaca. Os gafanhotos, em verdadeiras nuvens, tomam conta da terra e se mostram ferocemente destrutivos. Os homens serão espiritualmente assediados pelo ataque de Satanás, com seus inúmeros seres malignos. Porém, por meio de tudo isso os homens recebem uma lição necessária. «É a isso que o pecado conduz», perceberão eles. Os homens que tiverem aprendido essa lição, eventualmente entrarão na nova era de retidão, a qual alegremente escolherão.

2. O mal é revelado em toda a sua tenebrosa natureza; o mal é aqui desmascarado: sua dura realidade e caráter destrutivo serão reconhecidos pelos homens. Aprenderão o que existe naquilo com que tanto brincaram; saberão o que é aquilo a que deram lealdade. (Comparar com I João 3:8 e ss.). Ali, o autor sagrado dá a entender que a lealdade ao pecado é a lealdade a Satanás, o pai do pecado. Não podemos ser «pecadores particulares». O pecado nos envolve em «relações cósmicas». Aquele que é justo, porém, tem Deus como seu Pai. Mas aquele que pratica o pecado é um legítimo filho de Satanás. Isso aumenta muito a dimensão de nosso conceito de pecado e sua operação, o que ordinariamente ignoramos. O juízo da quinta trombeta enfatiza essa verdade.

3. Vários autores têm procurado descrever como seria um homem, se realmente fosse possuído por Satanás. Assim sucede no Lago, de Shakespeare, ou no Conde Guido Franceschini, de Browning, e outras obras de ficção, cujos personagens são tão monstruosamente perversos que se existissem seriam, realmente, «homens diabólicos». Nosso texto sugere que nosso mundo ficará repleto de homens dotados desse caráter maligno. Então a vida humana tornar-se-á apenas uma floresta de violência e ódio, uma morte em vida, um autêntico inferno. Não fora a influência positiva do Espírito Santo no mundo, isso já teria acontecido desde há muito; muito pior será a situação, entretanto, quando ocorrer a «intervenção satânica».

4. Eles têm o «poder» de ferrar como «escorpiões», mediante o que o poder satânico será injetado nos homens, envenenando-os e inflamando-os com tudo quanto é ruim. A loucura satânica se propagará pela terra inteira. Os homens, tal como o próprio Satanás, tornar-se-ão criaturas asquerosas de ódio e malícia, em resultado da ação daqueles gafanhotos sobrenaturais.

5. O «escorpião» é um inseto cujo ferrão está na ponta da cauda, que ele movimentava com grande rapidez. (Ver Êxo. 2:6; Luc. 10:19 e 11:12). Parece-se com a lagosta em miniatura, vive em lugares úmidos, debaixo de pedras ou em fendas nas rochas ou em adegas. É encontrado subitamente. Normalmente, exceto no caso de crianças pequenas, a sua ferocidade não é fatal, embora seja extremamente dolorosa. Estamos informados, entretanto, que no Norte da África existem escorpiões de grandes dimensões, que chegam a matar até mesmo adultos. No deserto do Sinai, no tempo do Êxodo, havia muitos escorpiões (ver Deut. 8:15). Na Palestina, há muitas variedades desses perigosos insetos. Geralmente se movimentam à noite, surpreendendo assim as suas vítimas. O A.T. usa o símbolo do escorpião para referir-se aos juízos divinos. (Ver I Reis 12:11). Jesus nos declarou que um pai bondoso não haverá de dar um escorpião a seu filho, se este lhe pedir um ovo. Mas o Pai celestial permitirá que os homens que não querem arrepender-se sejam feridos pelos «escorpiões» de Satanás, por não terem adorado ao Senhor como Pai, e, sim, terem adorado ao diabo, o qual será a fonte originária das misérias deles.

6. «Os gafanhotos não formarão a nuvem, mas sairão dela. Os gafanhotos foram a oitava das pragas do Egito. Mas esses gafanhotos são diferentes dos gafanhotos ordinários da terra: pela longa ferrão nas caudas, como se fossem escorpiões. Com os ferrões é que feriam, e não com a boca, como fazem os gafanhotos; pois, na realidade, foram proibidos de tocar nas árvores ou em qualquer erva verde» (Charles, in loc.). O que se poderia esperar de gafanhotos, esses insetos sobrenaturais não farão, pois não serão insetos literais. Possuirão um poder de destruição que ultrapassava em muito a capacidade de qualquer inseto. «Esses gafanhotos são 'infernais', e não pertencentes à natureza». (Alford, in loc.).

7. «O poder como de escorpiões parece salientar uma energia maliciosa, tal como o gafanhoto dá a entender uma multidão devastadora» (Carpenter, in loc.).

4 καὶ ἔρρεθη αὐτοῖς ἵνα μὴ ἀδικήσουσιν τὸν χόρτον τῆς γῆς οὐδὲ πᾶν χλωρὸν οὐδὲ πᾶν δένδρον, εἰ μὴ τοὺς ἀνθρώπους οἵτινες οὐκ ἔχουσι τὴν σφραγίδα τοῦ θεοῦ ἐπὶ τῶν μετώπων.

4 τῇ... μετώπων Eze 9:4; Ba 7:3

4 αὐτοῖς vide vs. 3 | ἀνθρώπους | add μουτοῖς 2053 pc vg arm ε | τοῦ Θεοῦ | om I 2059a pm

9:4: Foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a qualquer árvore alguma, nem a qualquer homem, mas somente aos homens que não têm a marca do Deus.

De insetos literais se esperaria que prejudicassem à «verdura», especialmente no caso de uma praga de gafanhotos. Mas estes não são gafanhotos comuns. São seres sobrenaturais, simbolizados pelo gafanhoto. O objetivo deles é o ser humano. Os gafanhotos do livro de Êxo. 10:15, bem

como os de Joel 2:3, surgiram em nuvens, cobrindo a face da terra, destruindo toda a vegetação. O vidente João alude a essa forma de praga, mas faz dela um símbolo do dano avassalador que os poderes satânicos provocarão entre os homens.

«...nem a qualquer coisa verde...» O autor alude de volta ao trecho de Apo. 7:1 e ss. Ali os quatro anjos são proibidos de danificar as verduras, até

que certos indivíduos «estiverem» «selados» para Deus. Aquele capítulo passa então a descrever os cento e quarenta e quatro mil. (Ver Apo. 7:4, em suas notas expositivas, quanto à identificação dos mesmos). Mas agora os poderes do juízo estão soltos, embora ainda sem danificar aos selados. Todavia, visto que os juízos das trombetas são, essencialmente, a entrega dos homens aos poderes satânicos (e não a algum dano físico fatal), devemos supor que, até onde vai esta passagem, o «dano» que não pode atingir os «selados» não é físico, e, sim, espiritual. Os selados haverão de resistir com sucesso ao poder demoníaco, ficando isentos do «tormento» que esses poderes malignos impõem aos homens iníquos. De fato, os «selados» são os mártires em potencial, e assim serão mortos, finalmente, uma vez que termine o tempo determinado de seu testemunho. O dano físico lhes sobrevirá, mas suas almas estarão livres, pois Satanás não pode tocar nelas.

«...o selo de Deus...» Essas palavras aludem à informação que recebemos no trecho de Apo. 7:2; onde há notas expositivas completas sobre seu significado.

«A selagem dos fiéis protege-os—não do mal físico—e, sim, do mundo demoníaco que então se manifestará plenamente. A manifestação do anticristo e seus seguidores demoníacos será a manifestação paralela de Cristo e sua igreja. Deus assinalará os fiéis com seu próprio selo, para mostrar que lhe pertencem. Dessa forma é que serão revelados os verdadeiros filhos de Deus. O caráter precisa, finalmente, atingir à manifestação e sua finalidade... No tocante a Apo. 7:1-3, isso servirá não somente de pausa, para haver a selagem dos fiéis (em Apo. 7:4-8), mas também formará uma espécie de prelúdio para Apo. 9:1-12, embora a conexão seja muito tênue». (Charles, *in loc.*)

#### Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. A imunidade dos santos. Este versículo pinta uma profunda verdade espiritual. Aqueles que pertencem a Deus estão «imunes» a qualquer dano real, que lhes afeta a alma. Poderão sofrer dano físico, juntamente com todos os problemas e agonias comuns à humanidade. Mas, em aspectos realmente importantes, estão imunizados contra o dano. Não temamos, portanto, àquele que pode matar o corpo, mas, feito isso, nada mais pode fazer. Antes, temamos àquele que controla o destino das almas.

2. O ferrão dos escorpiões só pode prejudicar àqueles que, em si mesmos, têm algo que convida à ferocidade. As formas de «autodestruição», por meio do

ὁ καὶ ἐδόθη αὐτοῖς ἵνα μὴ ἀποκτείνωσιν αὐτοὺς, ἀλλ' ἵνα βασανισθῶσιν μῆνας πέντε· καὶ ὁ βασανισμὸς αὐτῶν ὡς βασανισμὸς σκορπίου, ὅταν παῖσιν ἄνθρωπον.

5 avtois NA 1.611 2039i al; R] avtois P 046 0207 8a 1006 2036.2329 pm ε [πεντε] 26 Prim

9:5: Foi-lhes permitida, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem. É o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem.

«...dado...», isto é, por permissão de Deus. Nem as mais malignas forças diabólicas têm a liberdade de fazer o que queiram, mesmo no caso dos ímpios. Suas ações são limitadas àquilo que concorda com a vontade divina. Neste caso, a vontade divina é que os juízos viessem a produzir nos homens o «arrependimento». Todos os juízos divinos tendem por ser disciplinadores e restauradores, e não meramente retributivos. Algumas vezes nos olvidamos desse aspecto do julgamento divino. (Ver as notas expositivas sobre a «ira de Deus», em Col. 3:6, que salienta esse aspecto dos juízos divinos).

«...não... matassem, e, sim... atormentassem...» Em outras palavras, que os homens ficassem vivos, mas atormentados, para que assim reconhecessem a malignidade do pecado. Mas os homens precisam de muito tempo para aprender essa difícil lição. Habitualmente, os homens prestam lealdade a forças negativas e malignas, cuja única inclinação é a de destruir aos homens. Os homens ímpios «cooperam» com essas forças destruidoras. Mas, finalmente, os homens perceberão a maldade daquilo a que deram sua lealdade. Em seu desespero, alguns invocarão a Deus; e Deus os ouvirá e salvará, mediante a provisão preparada em Cristo. A história consiste, essencialmente, da passagem do tempo, mediante o que os homens aprendem que o bem deve ser praticado por amor ao bem, por ser inerentemente higiênico, ao passo que o mal tende à destruição. Os homens aprendem a prestar lealdade a Deus através do processo histórico. Por essa razão é que os processos da história são tão prolongados. O homem só aprende com imensa lentidão. Graças devemos dar a Deus, por sua paciência.

«...cinco meses...» Muitas conjecturas circundam o significado desse período de tempo. Consideremos os pontos abaixo:

1. De modo geral, podemos considerar isso um prazo de arrependimento. (Ver o vigésimo versículo deste capítulo). As pragas terão o propósito de devolver aos homens o bom senso espiritual. Por isso é que lhes será dado um «prazo», durante o qual suas vidas são preservadas, mas em meio a misérias e sofrimentos que tendem por lançá-los de joelhos.

2. Por que o «prazo» será, especificamente, «cinco meses», é muito mais difícil de determinar. Talvez não haja nenhuma razão especial para essa designação de tempo. Alguns pensam que isso indica um breve período, que seria simbolizado pelos cinco meses. Outros creem que serão cinco meses literais de prazo, durante o período da Grande Tribulação. Isso significaria que aqueles seres satânicos receberão poder de atormentar aos homens exatamente por cinco meses, e não mais; e isso com a finalidade de mostrar-lhes aonde leva o pecado, porquanto tem «raízes cósmicas», não sendo atos isolados, conforme se aprende em I João 3:8 e ss. Os homens terão de aprender a seriedade do pecado antes que dessa lição derivem algum benefício, buscando libertar-se do pecado. Esses seres demoníacos, pois, lhes ministrarão essa lição, mas apenas por cinco meses exatos, o que talvez seja o tempo mais prolongado em que os homens poderão suportar tal ataque, antes de ficarem totalmente insanos. Devemos observar que, após

pecado e da iniquidade, convidam os juízos da Deus, o dano que vem através da malignidade dos poderes cósmicos malignos.

«Cada maldade aninhada no coração humano prepara o caminho para alguma ferocidade venenosa. Portanto, o que os gafanhotos trarão, na realidade, será a maldade da autodestruição, liberada com um poder torturante. O selo de Deus, nas frentes dos eleitos, é um símbolo externo de sua retidão no íntimo. Os gafanhotos ferreadores virão vagando por toda a parte, mas não terão poder algum contra aqueles que estiverem fortalecidos pela retidão no íntimo. Quando Jesus estava diante de Pilatos, o governador romano teve o senso estranho de que o prisioneiro estava fora de seu alcance. Foi tomado por um senso de vazio e de futilidade íntima, enquanto falava com Jesus acerca de sua autoridade como governador. É que a alma de Jesus estava fora do alcance da autoridade imperial. Em todos os séculos, aqueles que realmente foram tomados pela atitude de Jesus têm recebido o senso de uma vida íntima que está fora do alcance dos ataques malignos. Por muitas e muitas vezes as linhas de Richard Lovelace têm mostrado estar com a razão:

*Paredes de pedra não perfazem uma prisão,*

*E nem barras de ferro uma gaiola.* (Hough, *in loc.*)

3. Jesus prometeu a seus discípulos especiais que nada poderia fazer-lhes mal (ver Luc. 10:19). Essa promessa seguiu-se imediatamente à visão de Satanás que caiu do céu como «um relâmpago». Contudo, Cristo anunciou: «Então serão atribuladas, e vos matarão. Serão odiados de todas as nações, por causa do meu nome» (Mat. 24:9). Jesus quis dizer, pois, tal como se vê neste versículo, que nenhum «dano», em última análise, poderá sobrevir a seus verdadeiros discípulos; o homem real, que é o ser espiritual, estará imune dos ataques de indivíduos maliciosos. A morte será experimentada pelos crentes, mas não o seu «ferrão». O sepulcro tornar-se-á moradia de nossos corpos, mas nem por isso a vitória deixará de ser nossa.

4. «Assim como Israel, no Egito, escapou das pragas que puniam aos seus vizinhos egípcios, assim também o novo Israel será isentado dos ataques dos gafanhotos que emergirão do abismo». (Swete, *in loc.*)

6. Alguns eruditos pensam que a «erva», neste caso, são os «crentes», e que as «árvores» são os «ministros», ou crentes exaltados. Mas essa forma de interpretação é um exagero sem fundamento no «simbolismo» utilizado pelo autor sagrado. Antes, a erva e as árvores são aqui literais, usadas para fazer contraste com os homens. Em outras palavras, o dano não será descarregado contra a «vegetação da terra», e, sim, contra os homens, da parte dos poderes satânicos. Portanto, não estamos tratando aqui com gafanhotos literais, os quais só atacam a verdura, e, sim, com seres satânicos, que danificam os homens.

essa praga, surgirão outras que realmente matam. É que nem mesmo tão extrema medida conseguirá devolver aos homens o bom senso espiritual.

3. Alguns intérpretes não vêem qualquer significação especial nos «cinco meses», mas pensam que se trata de um mero «detalhe» para preencher a descrição, alicerçada sobre o fato que é mais ou menos durante um período de cinco meses por ano que os gafanhotos são um problema, em certos países. Pelo menos havia uma idéia popular, no sentido que os gafanhotos normalmente estão ativos por cinco meses, começando em maio.

4. Algumas interpretações históricas pensam que esse número simboliza um período muito mais longo, pois cada dia seria igual a um mês ou a algum outro período de tempo. Em seguida procuram encaixar o resultado em algum evento histórico, usualmente de caráter militar, como o ataque dos sarracenos, sob Maomé, ou como os ataques posteriores, que assaltaram o Egito, a Palestina, a Síria, Constantinopla e outros lugares. Nesse caso, os «gafanhotos» seriam os próprios «sarracenos». Essa é uma interpretação comum entre os intérpretes históricos. Mas cremos que tudo não passa de especulação, com pouco valor interpretativo.

5. Ainda outros pensam que os cinco meses representam um tempo «incompleto». Em outras palavras, tal juízo seria incompleto porque, de outra maneira, os homens seriam totalmente avassalados por ele. É óbvio que não podemos determinar com exatidão o que o autor sagrado quis dizer com esses «cinco meses», mas alguma das sugestões dadas nesta nota pode fazer parte da verdade do caso.

«...tormento de escorpião...» Os médicos dizem que esse tormento pode ser muito intenso. Já temos observado que, pelo menos no caso de adultos, a ferocidade do escorpião não é fatal. Mas a ferocidade é extremamente dolorosa, motivo por que os homens temem o escorpião como temem a serpente. Tudo isso simboliza o «ferrão de Satanás», que inculca o seu veneno nas almas dos homens, através de seres diabólicos de ordem sobrenatural.

#### Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. Os escorpiões eram um símbolo natural de oponentes perigosos e temíveis (comparar com Eze. 2:8 e Luc. 10:9), cujo ataque sempre é doloroso e pode ser mortal. «A ferocidade não é perigosa... mas a parte ferida palpita de dor e insensibilidade até ao terceiro dia; mas não há grande inchaço» (Doughty, *Ar. Des.* i. 328). Mas os efeitos nem sempre são tão suaves (ver Arist., *h. N.* ix. 29). (Moffatt, *in loc.*)

2. «O gafanhoto literal nasce na primavera e morre no fim do verão (cerca de cinco meses)». (Robertson, *in loc.*) Durante esse tempo, ele se mostra ativo, e qualquer destruição por ele produzida, tem lugar durante esses meses. Essa idéia, provavelmente, está por detrás dos «cinco meses» durante os quais durará o ataque daqueles gafanhotos sobrenaturais. (Ver a discussão acima, sobre a questão do período de tempo do juízo da quinta trombeta). Alguns estudiosos pensam que cada dia desses cinco meses equivale a um ano. Em outras palavras, seriam «anos proféticos», em que cada dia seria igual a um ano. Além disso, afirmam que está envolvido o tempo entre 612 e 782 D.C., desde o início da missão de Maomé até o estabelecimento do centro do islamismo em Bagdá. Mas essa interpretação é inteiramente fantasiosa.

3. A «insensateza» das interpretações históricas fica demonstrada quando os seus defensores dizem que o «ferrão do escorpião» representa os arqueiros que usavam flechas envenenadas. Em seguida, apontam para uma outra «invasão» que incluiu tais táticas, como cumprimento da passagem que temos à nossa

frente.

4. As «águas» do dilúvio «prevaleceram» sobre a terra durante cento e cinquenta dias, ou seja, cinco meses, antes de começarem a ceder. É possível,

6 καὶ ἐν ταῖς ἡμέραις ἐκείναις ζητήσουσιν οἱ ἄνθρωποι τὸν θάνατον καὶ οὐ μὴ εὕρῃσουσιν αὐτόν, καὶ ἐπιθυμήσουσιν ἀποθανεῖν καὶ φεύγει ὁ θάνατος ἀπ' αὐτῶν.

¶ Job 3.21; Jr 9.3; Hc 10.3; Lk 23.30; Rm 8.16

9.4: Nenhum dos dias os homens buscarão a morte, e de modo algum a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

Um dos deuses gregos teria falado sobre a «bem-aventurança» da capacidade de morrer, com seu poder de escapar da tribulação e da aflição, por meio da morte. Essa imaginária divindade estava sujeita ao sofrimento, mas não podia «escapar» mediante a morte. O sofrimento dos homens chegará a uma intensidade tal, durante a Grande Tribulação, que a humanidade em geral concordará que mais vale a pena morrer, o que será uma avaliação perversa da morte. Normalmente, os homens pensam que vale a pena viver a qualquer custo, tão preciosa lhes parece a vida. Nossos muitos hospitais, medicamentos e ênfases sobre a saúde e o bem-estar físicos, servem de prova abundante disso. O período da tribulação modificará tudo isso. Não sabemos dizer por que Deus não permitirá que os homens morram durante aqueles cinco meses, durante o juízo da quinta trombeta; mas o texto deixa claro que isso é o que sucederá exatamente.

Os suicidas, naturalmente, sabem exatamente o que este versículo quer dizer, embora não lhes seja negado libertar seus espíritos de aflições presentes. A filosofia do «existencialismo» tem frisado diante dos homens, talvez como nenhum outro movimento, qual «temível» é a existência humana. Alguns existencialistas têm mesmo chegado a pensar que o único «problema filosófico» realmente crítico, consiste de cometer suicídio ou não. O filósofo existencialista e teólogo, Søren Kierkegaard, escreveu algo curiosamente semelhante ao versículo à nossa frente: «...o tormento do desespero é exatamente esse, não ser capaz de morrer... Quando a morte é o maior perigo, o homem espera viver; mas quando alguém vem a conhecer um perigo ainda mais temível, espera morrer. E assim, quando o perigo é tão grande que a morte se torna a única esperança, o desespero consiste do desconsolo de não se ser capaz de morrer» (Kierkegaard, *The Sickness unto Death*, Princeton University Press, 1946, pág. 25).

A própria vida humana pode assumir essa natureza, e isso de forma constante, a menos que tenha a fé de crer que até mesmo o sofrimento tem seu designio, e que há «algo além» da vida física. Cristo veio livrar os homens dessa «condição humana», porquanto ele trouxe a esperança e a boa palavra da parte do «mundo além». Outrossim, Cristo mostrou-nos como viver agora de maneira digna e significativa. Esse desespero, que «busca uma morte ilusória», não poderá aprisionar os homens para sempre, pois o arrependimento é, uma vez mais, apresentado como a cura possível para o mesmo, no vigésimo versículo deste capítulo.

Esquilo declarou: «Não é com justiça que os mortais odeiam à morte, porque se trata da maior libertação de suas muitas angústias». Com isso

mas não provável, que o vidente João tenha tomado por empréstimo a idéia dos «cinco meses» do juízo do quinto selo.

concordava Heródoto, ao relatar o relatório de Artabano a Xerxes: «Não há nenhum homem, entre esta multidão ou neutro lugar, que seja tão feliz que nunca tenha sentido o desejo—e não digo apenas uma vez, mas muitíssimas vezes—de estar morto, e não vivo. As calamidades nos sobrevêm, as enfermidades nos assediam e desesperam, fazendo com que a vida, embora tão curta, pareça tão longa. Assim também a morte, mediante a miséria de nossa vida, é o mais doce refúgio de nossa raça». (vii.46).

Outras idéias sobre o sexto versículo:

1. Este versículo tem sido citado com frequência para caracterizar o «tipo de horrenda condição» que a Grande Tribulação imporá ao mundo, nos «últimos dias». Cremos que esses «últimos dias» serão vividos por nós e pelos nossos filhos. (Ver as notas expositivas completas sobre a «tribulação», em Apo. 7:14).

2. O trecho de Jó 3:21 é similar a este versículo, e talvez foi a base do mesmo: «Que esperam a morte, e ela não vem; cavam em procura dela mais do que tamoios ocultos». (Ver também Jer. 8:31. Passagens nos escritos clássicos, similares a esta, além daquelas que damos no parágrafo acima, antes de «outras idéias», podem ser encontradas em Ovídio, *Ibis* 123; Sêneca, *Trag.* 964 («A morte foge dos miseráveis»); *Cor. Gallus, Eleg.* i; *Soh. Electr.* 1014. Comparar também com Ecl. 4:2,3; II Baruc 10:6; *Soph. Aed. Col.* 1220; *Theognis*, 425. As muitas referências antigas ao mesmo tipo de sentimento que há no sexto versículo deste capítulo, mostram que o desespero pode levar os homens a desejarem a morte; mas, em alguns casos, até mesmo esse horrível desejo não lhes é satisfeito. O pecado leva o homem a esse extremo; esse é o resultado da queda no pecado. No entanto, os homens se alegram por proseguirem em sua condição, pois estão espiritualmente insanos.

3. A morte foge. Isso subentende algo «habitual», durante todos aqueles cinco meses mencionados.

4. Notemos como as «interpretações históricas» se tornam irracionais, neste ponto. Se a mensagem geral da quinta trombeta é a invasão dos sarracenos, que atacaram palmas cristãs, em sua tentativa de destruir a fé cristã, então devemos supor, com base no sexto versículo, que os cristãos se sentiam tão afligidos que desejavam a morte, o que é algo manifestamente absurdo.

6. Já que a longa vida é inútil e cansativa, Quando não mais pudermos viver confortavelmente, Ser-nos-á permitido morrer?

Oh, quão difícil é a condição da nossa vida! Pois a morte não está sujeita à vontade do homem.

Morrer é doce para os miseráveis; Mas a morte desejada foge.

Contudo, quando ela não é querida, Aproxima-se com os passos mais rápidos.

(Maximianus, *Eleg.* i, ver 111, comumente atribuído a Cornélio Gallus)

7 Καὶ τὰ ὁμοιώματα τῶν ἀκρίδων ὅμοιοι ἵπποις ἡτοιμασμένοις εἰς πόλεμον, καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτῶν ὡς στέφανοι ὅμοιοι χρυσῷ<sup>1</sup>, καὶ τὰ πρόσωπα αὐτῶν ὡς πρόσωπα ἀνθρώπων,

<sup>1</sup> 7 [C] ὅμοιοι χρυσῷ M A P 1 1006 1611 1828 (1854 χρυσῷ) 2052 2065 2073 2091 2344 2422 [1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 2680, 2681, 2682, 2683, 2684, 2685, 2686, 2687, 2688, 2689, 2690, 2691, 2692, 2693, 2694, 2695, 2696, 2697, 2698, 2699, 2700, 2701, 2702, 2703, 2704, 2705, 2706, 2707, 2708, 2709, 2710, 2711, 2712, 2713, 2714, 2715, 2716, 2717, 2718, 2719, 2720, 2721, 2722, 2723, 2724, 2725, 2726, 2727, 2728, 2729, 2730, 2731, 2732, 2733, 2734, 2735, 2736, 2737, 2738, 2739, 2740, 2741, 2742, 2743, 2744, 2745, 2746, 2747, 2748, 2749, 2750, 2751, 2752, 2753, 2754, 2755, 2756, 2757, 2758, 2759, 2760, 2761, 2762, 2763, 2764, 2765, 2766, 2767, 2768, 2769, 2770, 2771, 2772, 2773, 2774, 2775, 2776, 2777, 2778, 2779, 2780, 2781, 2782, 2783, 2784, 2785, 2786, 2787, 2788, 2789, 2790, 2791, 2792, 2793, 2794, 2795, 2796, 2797, 2798, 2799, 2800, 2801, 2802, 2803, 2804, 2805, 2806, 2807, 2808, 2809, 2810, 2811, 2812, 2813, 2814, 2815, 2816, 2817, 2818, 2819, 2820, 2821, 2822, 2823, 2824, 2825, 2826, 2827, 2828, 2829, 2830, 2831, 2832, 2833, 2834, 2835, 2836, 2837, 2838, 2839, 2840, 2841, 2842, 2843, 2844, 2845, 2846, 2847, 2848, 2849, 2850, 2851, 2852, 2853, 2854, 2855, 2856, 2857, 2858, 2859, 2860, 2861, 2862, 2863, 2864, 2865, 2866, 2867, 2868, 2869, 2870, 2871, 2872, 2873, 2874, 2875, 2876, 2877, 2878, 2879, 2880, 2881, 2882, 2883, 2884, 2885, 2886, 2887, 2888, 2889, 2890, 2891, 2892, 2893, 2894, 2895, 2896, 2897, 2898, 2899, 2900, 2901, 2902, 2903, 2904, 2905, 2906, 2907, 2908, 2909, 2910, 2911, 2912, 2913, 2914, 2915, 2916, 2917, 2918, 2919, 2920, 2921, 2922, 2923, 2924, 2925, 2926, 2927, 2928, 2929, 2930, 2931, 2932, 2933, 2934, 2935, 2936, 2937, 2938, 2939, 2940, 2941, 2942, 2943, 2944, 2945, 2946, 2947, 2948, 2949, 2950, 2951, 2952, 2953, 2954, 2955, 2956, 2957, 2958, 2959, 2960, 2961, 2962, 2963, 2964, 2965, 2966, 2967, 2968, 2969, 2970, 2971, 2972, 2973, 2974, 2975, 2976, 2977, 2978, 2979, 2980, 2981, 2982, 2983, 2984, 2985, 2986, 2987, 2988, 2989, 2990, 2991, 2992, 2993, 2994, 2995, 2996, 2997, 2998, 2999, 3000]

7 τὰ... πόλεμον B 2.4, 6

| ὅμοιοι χρυσῷ| χρυσῷ 046 0207 89 94 pm

A rara forma plural, χρυσοῖ (que figura em 046 0207 cerca de 125 manuscritos minúsculos cop (sa) al), parece ser menos fortemente apoiada do que ὅμοιοι χρυσῷ (M A P 1006 1611 (1854) 2053 2344 it (gig,h(vid)) ara etí al), outrossim, essa última forma concorda com o estilo do Apocalipse. A forma de 2351, χρυσοῖ ὅμοιοι χρυσῷ, é uma mescla curiosa.

9.7: A aparência dos gafanhotos era semelhante à de cavalos arrebitados para a guerra; e sobre as suas cabeças havia como que uma coroa semelhante ao ouro; e as suas costas eram como rastos de homens.

Observemos que a descrição do juízo da quinta trombeta se divide em «três» categorias naturais: 1. Descrição geral (vss. 1-6). 2. Descrição específica dos gafanhotos (vss 7-10). 3. Descrição do rei dos gafanhotos (vs. 11). Além disso, a descrição detalhada dos gafanhotos envolve «sete» itens. Portanto, o número «três» (número divino) e o número «sete» (número completo) entram em cena novamente, conforme se dá com frequência no Apocalipse. Difícilmente isso teria sucedido por acidente. Esses são «juízos divinos», e haverão de realizar aquilo que lhes foi determinado.

A base da presente passagem, mui provavelmente, é formada pelos capítulos primeiro e segundo do livro de Joel. No primeiro capítulo de seu livro, o profeta retrata «gafanhotos literais»; mas, no segundo capítulo, parecem tornar-se uma horda monstruosa, que se assemelha a uma cavalaria sobrenatural, preparada para a batalha. Esses serão os arautos do terrível «Dia do Senhor»; e o vidente João vê uma apta descrição nisso, a qual é ainda mais elaboradamente desenvolvida aqui, o que ele passa a fazer. Em sua descrição, esses monstros demoníacos tornam-se «cavalos alados», formando um ataque de cavalaria, dotados de rostos humanos, cabelos como de mulheres, equipados de dentes de leão, protegidos por couraças de ferro e caudas como a do escorpião, dotadas de ferrão; além do que trazem coroas, porquanto serão reis por cinco meses, já que saíram para vencer.

Descrição dos gafanhotos, com conjecturas acerca do significado tencionado sobre os mesmos:

1. São semelhantes a cavalos, dotados de coroas de ouro. O cavalo é um animal vigoroso, usado na guerra, por ser ligeiro e capaz de produzir grande destruição. Esses gafanhotos demoníacos saíram a campo como um exército conquistador de forças satânicas. Serão «reis» durante cinco meses, o que

fica demonstrado pelas suas coroas. Ver o primeiro e o segundo capítulos do livro de Joel, quanto a «gafanhotos parecidos com cavalos». Os poetas árabes também comparam as cabeças dos gafanhotos com cabeças de cavalos; seus corpos são assemelhados a serpentes; seu peito é assemelhado ao do leão; e suas antenas são comparadas aos cabelos longos das mulheres. Além disso, sua carapaça é comparada com as armaduras postas sobre os cavalos de batalha. A aparência desses gafanhotos do Apocalipse poderia ter sido «sugerida» pela descrição original, do livro de Joel.

2. Esses gafanhotos tinham rostos de homem. Alguns estudiosos aceitam isso literalmente, como se dá no caso dos intérpretes históricos. «São homens», dizem eles, «como os sarracenos». Mas isso corta o nó, ao invés de desatá-lo. Não podemos ter a certeza do que está aqui em foco, se porventura se trata de algo especial. De algum modo se «assemelham» a homens, embora sejam criaturas satânicas. É possível que nisso tenhamos um símbolo que indica a «inteligência» satânica empregada por esses seres, pois o homem, acima de todas as criaturas terrenas, é «inteligente». Uma ordem de seres, dotada de inteligência sobrenatural e maligna, haverá de servir de dolorosa praga contra os homens.

Outras idéias sobre o sétimo versículo:

1. Esses gafanhotos estavam «preparados para a guerra», porquanto aquele juízo será severo e incansável. Os gafanhotos formarão uma vastíssima horda; nada conseguirá fazê-los estacar; as lições espirituais que os homens se recusarão a aprender pacificamente, mediante a instrução, terão de aprender duramente. Isso ilustra o fato que a perversidade e decada natureza humana não aprende com facilidade acerca do caminho de Deus.

2. Os gafanhotos traziam algo parecido com «coroas», em contraste com a expressão empregada em Apo. 4:4; 6:2; 12:1 e 14:14. Alguns intérpretes observam que as cabeças dos gafanhotos terminam em forma de coroa, como as toam coroa de ouro.

Variante Textual: Alguns manuscritos dizem ouro, no plural (no nominativo). Assim dizem os mas 046. 0207 e cerca de cento e vinte e cinco



outros manuscritos minúsculos posteriores. O dativo singular, porém, figura nos mss Aleph, AP, 1006, 1811, 2053, 2344, no It (ig, h (vid), ol), na Vg. no Siph, h, no Cop(bo(vid)), no Ara e no Eti, o que é evidência convincente em favor da forma singular. O nominativo plural pode ter sido influenciado pela

terminação «-ol» da palavra anterior, no texto grego, ou então pelo nominativo plural da palavra «coroas», que poderia ter exercido alguma espécie de influência.

8 καὶ εἶχον τρίχας ὡς τρίχας γυναικῶν, καὶ οἱ ὀδόντες αὐτῶν ὡς λεόντων ἦσαν,

8 ol...leónton Jl 1.8

9:8: Tinham cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como os de leões.

«...cabelos de mulheres...» A esse respeito, consideremos os pontos seguintes: 1. Porque as antenas dos gafanhotos sugerem isso, conforme pensam alguns intérpretes, como diz um provérbio árabe, *Beschrieb vom Arab.* 3:172, citado por Niebuhr. 2. Ou então, conforme poderíamos esperar, os sarracenos usavam os cabelos compridos, segundo dizem os intérpretes históricos, os quais vêem os «árabes» em todas essas cenas, com seu poder destruidor do islamismo. 3. Ou porque, os «cabelos longos» em homens caracterizam raças «não-civilizadas» ou «meio-civilizadas», o que seria representado pela ferocidade dos gafanhotos; pois essas raças seriam dadas à violência e à matança. 4. Alguns estudiosos entendem que isso se refere aos pêlos das pernas, e não aos cabelos da cabeça, vendo nisso um quadro dantesco de monstros com pernas cabeludas. Nesse caso, seria dada uma dramática descrição a fim de aumentar o horror tencionado por aqueles seres sobrenaturais.

«...dentes de leões...» Esse simbolismo, pelo menos em seus traços gerais, é claro. Aqueles seres sobrenaturais serão destruidores, temíveis, inclinados

9 καὶ εἶχον θώρακας ὡς θώρακας σιδηροῦς, καὶ ἡ φωνὴ τῶν πτερύγων αὐτῶν ὡς φωνὴ ἁρμάτων ἵππων πολλῶν τρεχόντων εἰς πόλεμον.

9:9: Tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros de muitas cavaleiros que correm ao combate.

Temos aqui a quinta e a sexta descrições dos gafanhotos. As suas «couraças» e o «ruído temível de suas asas». O décimo versículo fornece-nos a sétima descrição, a qual «completa» a descrição geral com o místico número «sete», tão comum no Apocalipse.

As descrições do vidente João continuam, sugerindo elementos vários da aparência dos gafanhotos. As «couraças de ferro» poderiam ser comparadas com a aparência da área do tórax dos gafanhotos. As descrições gerais, em Joel 2:4 e ss., provavelmente são as fontes da maior parte das descrições que temos aqui.

«...o barulho que as suas asas faziam...» O quadro gráfico do avanço de enxames de gafanhotos demoníacos e a total incapacidade de resistir a eles, é dado aqui, como o «som de carros, de muitos cavalos que avançam para a guerra». Ambas as metáforas, o tinido e o clangor das rodas dos carros e o sacolejar dos cavalos, se encontram em Joel 2:4 e ss. (Robertson, *in loc.*).

«É difícil expressar o efeito em nós produzido pela visão da atmosfera

10 καὶ ἔχουσιν οὐρὰς ὁμοίας σκορπίου καὶ κέντρα, καὶ ἐν ταῖς οὐραῖς αὐτῶν ἡ ἐξουσία αὐτῶν ἀδικησαί τοὺς ἀνθρώπους μῆνας πέντε.

9:10: Tinham caudas com ferrões, semelhantes às caudas dos escorpiões; e sua cauda estava o seu poder para fazer dano aos homens por cinco meses.

Encontramos aqui a sétima característica dos gafanhotos: tinham caudas semelhantes às dos escorpiões. Neste versículo, o autor sagrado retorna às idéias gerais dos versículos três e cinco deste capítulo. Eram criaturas parecidas com «escorpiões», dotadas do poder de infligir grande dor aos homens, embora não matassem. E foi-lhes dado atormentar aos homens por «cinco meses», o período normal das atividades dos gafanhotos naturais, pois coincide com seu «ciclo de vida». Ampla discussão sobre essas características aparece nos versículos mencionados. Os «significados» que têm sido atribuídos a esses símbolos também são discutidos ali. Neste ponto, a comparação com as características dos gafanhotos naturais termina, porque sob hipótese alguma os gafanhotos comuns são parecidos com escorpiões. Na verdade, o que temos aqui é a descrição de «seres demoníacos», e não gafanhotos naturais e nem quaisquer outros insetos terríveis que o futuro possa produzir. É curioso, entretanto, que há uma espécie de gafanhotos, do nome científico «Acridium Lineola», comumente vendidos nos mercados de Bagdá, como alimento, que têm ferrões nas caudas. Não é provável, porém, que o vidente João estivesse aludindo a essa espécie de gafanhotos.

«...cinco meses...» Isso é discutido nas notas expositivas sobre o quinto versículo deste capítulo. Muitos significados têm sido atribuídos a essa

11 ἔχουσιν ἐπ' αὐτῶν βασιλέα τὸν ἄγγελον τῆς ἀβύσσου· ὄνομα αὐτῷ Ἑβραϊστὶ Ἀβαδδὼν καὶ ἐν τῇ Ἑλληνικῇ ὄνομα ἔχει Ἀπολλύων.

94 lat: ei ov. autw R (b) | Αβαδδων Βαττων 947; Μακεδων bo

9:11: Tinham sobre si como rei a anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abaddon e em grego Apollyon.

Abaddon (ou Apollyon) é identificado, tal como sucede com muitíssimos outros elementos do Apocalipse, de muitas formas variegadas. Abaixo damos as principais idéias sobre Abaddon ou Apollyon:

1. Em I Enoque 19:1 e 20:2 (um dos livros de onde o vidente João com frequência tomou por empréstimo os seus símbolos) um arcanjo, Uriel, é identificado como o elevado poder que exerce controle sobre o abismo. Mas Uriel é um poder santo e bom, e o presente texto quase certamente indica que algum elevado poder maligno controla os gafanhotos demoníacos. Outrossim, não há clara indicação de que o «rei dos gafanhotos» é

a despedaçar, ferindo e aleijando suas vítimas, como fazem os leões quando saltam sobre a presa. Esse item foi tomado por empréstimo de Joel 1:6. Naquela passagem, como aqui também, sem dúvida é focalizada a força para atacar. No livro de Joel, uma nação estrangeira e inimiga foi retratada. Nos últimos dias, seres demoníacos tornar-se-ão os inimigos especiais dos homens.

Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. A descrição, que inclui diversos itens, não nos encoraja necessariamente a descobrir um significado especial em cada item; mas as conjecturas pelo menos estão parcialmente corretas, sugerindo lições morais acerca de nossas relações para com o destrutivo poder do pecado.

2. Rejeitamos as interpretações históricas, em que os herages aparecem «despedaçando» a igreja cristã com suas falsas doutrinas, ou em que figuram os sarracenos aterrorizando os países e as igrejas cristãs.

3. Os gafanhotos são vorazes. Vorazes também são as forças do mal. Por essa razão é que somos aconselhados a tomar «toda a armadura de Deus», a fim de nos protegemos e poderemos combater eficazmente contra um mundo espiritual hostil. (Ver Ef. 6:11 e ss.).

4. Carpenter (*in loc.*) observa sobre o simbolismo dos gafanhotos destacando «sua terrível capacidade de destruir, sua voracidade incessante e profunda».

11 ὡς φωνὴ ἁρμάτων Jl 2.5

9 ἵππων om 325 2031 pc

inteira tomada, por todos os lados, até grande altura, por uma inumerável quantidade desses insetos, cujo vôo é lento e uniforme, e cujo ruído se assemelha ao de chuva pesada». (Olivier, descrevendo uma praga de gafanhotos que ele testemunhou). Muito mais impressionante, por conseguinte, será esse fenômeno sobrenatural, que fará descer o poder satânico até à área da vida humana.

Outras idéias sobre o nono versículo:

1. Alguns estudiosos continuam a errar aqui à interpretação histórica, afirmando que este versículo descreve a armadura dos sarracenos, em que o «ferro» subentenderia a dureza de seus corações, as suas consciências esclerosadas, etc. Podemos rejeitar em segurança essas imaginações, porque não têm qualquer valor para a interpretação deste texto.

2. A ilustração e o simbolismo foram bem escolhidos. As pragas de gafanhotos mostram aos homens sua impotência para enfrentar as demónias da natureza. Altissiodorensis, comentando sobre Joel 2:5, menciona uma praga de gafanhotos na qual o ruído de suas asas podia ser ouvido acerca de dez quilômetros. Tal experiência alarma aos que se acham no trajeto dos gafanhotos. Nos últimos dias, a invasão das forças satânicas alarmará aos homens; mas elas é que as terão convidado, com suas vidas impias.

questão, a qual nos fornece o período de duração da praga.

Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. A comparação com os gafanhotos comuns termina neste ponto. Nenhum gafanhoto se parece com um escorpião. Mas a todo tempo devemos entender que aqui se fala sobre seres dotados de poderes «demoníacos». Esses seres têm a capacidade de atormentar. Haverão de atormentar aqueles que os convidaram. Os homens não mostraram temor ao mal, mas deleitaram-se com o mesmo, fazendo dele o seu companheiro. Agora descebrin-lo a verdadeira natureza dessa companhia. O sexto versículo mostra até que ponto de agonia isso levará aos homens.

2. «São gafanhotos, mas têm a malícia de escorpiões; avançam como soldados montados para a batalha; usam coroas; têm a semelhança de homens, em seu rosto; há algo de feminino em sua aparência, e em sua voracidade são quais leões. As exigências do simbolismo ultrapassem em muito as características dos gafanhotos comuns; o escritor sagrado mostra-nos uma praga em que a devastação, a malícia, a autoridade monárquica, a inteligência, a sedução, a ferocidade e a força se unem debaixo de um espírito orientador, a fim de atormentar aos homens» (Carpenter, *in loc.*).

Variante Textual: Vários manuscritos minúsculos, incluindo aqueles com base nos quais foi compilado o Textus Receptus, dizem neste versículo: «...eles 'tinham' caudas como de escorpiões, e havia ferrões em suas caudas». Porém, os mss Aleph, AP, 046 e a maioria das verdadeiras, dizem, «...eles 'têm' caudas como de escorpiões, e em suas caudas estava o poder de causar dano...» Sem dúvida alguma esta última é a forma correta do texto, o qual foi modificado mediante uma espécie de paráfrase frouxa.

necessariamente também o «rei do abismo», embora isso possa ser naturalmente subentendido. Pode ser estranho supor dois grandes poderes existentes no abismo, um bom e outro mau.

2. É possível que o «anjo-estrela» do primeiro versículo esteja aqui em pauta, porquanto ele é quem tem o poder de abrir o abismo. Mas aquele «anjo» também tem sido variegadamente identificado. (Ver as notas expositivas ali existentes). Alguns estudiosos também pensam tratar-se de Uriel, um dos arcanjos referidos na literatura apocalíptica dos judeus; mas a maioria dos intérpretes vê um poder maligno em tudo isso. Pois seria uma «estrela caída».

3. As interpretações «simbólicas» não vêem aqui qualquer «ser» em particular, mas apenas a manifestação do «princípio do mal», de várias

11 ονομα αυτω AP 046 0207 1 82 2039i 2329 pl g c; R] φ ov. 947

formas. Assim pensa Vincent (*in loc.*): «A perdição é aqui personificada». Outros supõem aqui que a morte é que é personificada. O Talmude apresenta a personificação de «Abadom», pelo que não teríamos aqui uma criação do autor sagrado do Apocalipse.

4. Tradicionalmente, Satanás é reputado o «rei do mundo inferior», a personificação do mal e daquilo que ele produz—neste caso, a «destruição». Portanto, vários intérpretes supõem que Satanás está em foco neste passo bíblico.

5. Há precedentes, entretanto, para supormos que o «rei do hades» e Satanás são personalidades distintas, conforme se vê na «cena da descida», no evangelho de Nicodemos. Se o vidente João alude aqui a esse tipo de tradição, então o «rei» (o «Destruidor»), neste caso, será um elevado poder maligno, um arcanjo das trevas, por assim dizer, mas não o próprio Satanás. Não obstante, poderíamos supor que esse poder maligno está sujeito à autoridade do diabo. Alguns estudiosos, que assim pensam, misturam essas idéias com aquilo que é descrito no terceiro ponto, o que significaria que apesar de tal simbolismo estar por detrás da descrição feita pelo autor sagrado, nenhum «ser» em particular é destacado, mas tão-somente «condições espirituais», supostamente representadas por aqueles seres. Assim sendo, o hades teria um rei, e Satanás seria o seu diretor. E isso significaria que o «pecado» nos envolve em «relações cósmicas», tendo de sofrer o juízo mais horrendo, o da perdição.

6. Alguns identificam «Abadom» com a «besta» ou «filho de perdição», isto é, com o «anticristo». Mas tal interpretação afasta-se muito da realidade dos fatos. Estamos tratando com algum ser maligno, de natureza angelical ou cósmica, e não com algum ser humano, por mais depravado que seja.

7. As interpretações históricas procuram encontrar na história algum personagem que se condene com essa descrição. A maioria dos defensores dessa posição pensa que Maomé é o «Destruidor», ou então que o «Destruidor» seja o islamismo personificado. Alguns poucos desses intérpretes identificam o «Destruidor» com um dos elementos gnósticos mais famosos, como Cerinto, Márcion, etc. Todas essas interpretações, entretanto, não se encaixam dentro do propósito do autor sagrado, porquanto é quase certo que ele descrevia condições relativas aos «últimos dias», como igualmente descrevia «poderes satânicos», e não figuras humanas. Igualmente inaceitáveis—e pelas mesmas razões—são as interpretações que vêem aqui um dos «imperadores romanos». O vidente João, à moda judaica, estava expondo algo do «submundo», o mundo espiritual da maldade, e não algo acerca do mundo dos homens. As suas descrições estão em consonância com as descrições da literatura judaica do período helenista, que falam sobre o «abismo», um submundo, e não o nosso mundo.

Dentre essas interpretações, a de número cinco é a mais provável, embora a terceira e a quarta sejam possíveis também.

*Abadom* é um termo hebraico que significa «destruição» ou «ruína», conforme se vê em Jó 31:12. Algumas vezes é usado como equivalente da «morte» (ver Jó 28:22), da «sepultura» (ver Sal. 88:11) ou do «Seol» (ver Jó 26:6; Pro. 15:11 e 27:20), a habitação temporária dos mortos. Também é termo usado para indicar a «geena», a região definitiva dos condenados, conforme se vê em *Erubin* 19a e *Shabbath* 89a. Em *Emek Hammelech* I. 15.3, *Abadom* é a parte mais inferior da geena. Poderíamos supor corretamente, portanto, que o «Destruidor» é o rei da «parte má» do hades, o lugar de detenção dos homens injustos e rebeldes, até ao julgamento do trono branco, após o que serão lançados na geena.

«...*Apollion*...» O vidente João também diz o equivalente grego de

«Abadom», para benefício de seus leitores gentios da Ásia Menor, que talvez não fossem bem versados na literatura judaica helenista e sua terminologia. Esse termo grego e cognato de *Apollumi*, verbo que significa «destruir», pelo que sua tradução, em português, bem poderia ser «Destruidor». Mas alguns estudiosos pensam que há aqui menção ao «culto de Apolo», que tinha por símbolos o rato e o lagarto. Mas essa suposta «alusão», feita pelo vidente João, não é provável, ainda que os imperadores romanos que se «deificaram», algumas vezes pensavam que tinham alguma relação especial com Apolo, como se este fosse seu progenitor espiritual. Também não há nenhuma referência ao personagem persa *Ahriman*, o qual, ao ser lançado à terra, cavou para si mesmo um buraco e saltou dentro dele, para proteger-se (*Bundehesh* 3.26). É verdade que essa «divindade», após saltar no buraco, fez-se senhor de todos os espíritos malignos, das feras, dos escorpiões e das serpentes, e o nosso texto expõe alguns desses elementos; mas não é nada provável que o vidente João tenha feito tal forma de alusão, inteiramente desconhecida para os seus leitores. Pelo contrário, ele mantém uma referência judaica. Ele se refere ao «hades», o qual é governado por um elevado arcanjo do mal, subordinado a Satanás. Essa referência judaica, naturalmente, em parte também é «grega», já que o judaísmo helenista misturava noções dos gregos com suas descrições sobre o «mundo inferior». A idéia judaica do mundo inferior nunca foi formulada inteiramente isenta da influência da cultura grega, principalmente através de Alexandria, que se tornou um cadinho das culturas grega e judaica, bem como um centro da erudição judaica.

*Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:*

1. É uma das características da literatura joanina dar equivalentes gregos aos termos hebraicos (ou aramaicos). (Comparar com João 1:38,42; 4:25; 9:7 e 11:18).

2. A passagem de Pro. 30:27 declara que os gafanhotos não têm rei que os lidere. Mas aqui há menção a «gafanhotos sobrenaturais», a «poderes demoníacos», e não a gafanhotos literais.

3. Tanto Calígula quanto Nero imitaram a divindade de Apolo, entre outras loucuras dessa espécie, segundo Antíoco Epifânio já fizera». (Moffatt, *in loc.*). Essa foi a circunstância que levou alguns intérpretes a pensarem que os imperadores romanos são aqui focalizados, ou, pelo menos, um deles em particular; mas essa «alusão» é altamente improvável, já que o vidente João se refere ao «hades» como a localização dessa «Destruição», e não à terra. Naturalmente, o nome Apolo deriva-se do verbo grego «*apollumi*», e isso deu origem a tal conjectura.

4. O Deus da Destruição inspirará os seres demoníacos do quinto selo. Isso garantirá que o mundo será acionado tremendamente pelos poderes malignos. Os homens serão testemunhas oculares do que o mal pode fazer, quando fora de controle. Os homens ter-se-ão desvinculado do controle que o Espírito Santo exerce sobre o mundo, mediante sua lealdade ao anticristo, o qual será o homem de Satanás neste mundo. E colherão amarguríssima caifa, devido aos seus feitos e às suas atitudes.

5. John Kelman apresenta uma interpretação de *O Peregrino*, de João Bunyan, que contém um importante capítulo sobre «A Batalha contra Apollion». Esse capítulo retrata a tremenda luta que «Cristão» teve contra esse chefe dos demônios. A vitória só foi obtida mediante a mais horrenda agonia. «Por detrás de todos os símbolos sempre importa manter em mente a realidade crua da batalha entre o bem e o mal, no coração humano». (Hough, *in loc.*). Quando o homem cede ao mal, em seu coração, ou faz com o mal uma trégua secreta, corre o perigo de ser invadido pelos poderes demoníacos. Quando isso sucede, pode vir a ser totalmente escravizado pelo mal. O quinto selo demonstra o que sucede quando isso ocorre na sociedade, entre as nações, no mundo em geral. O quinto selo garante que o mal ficará tão intencionalmente mau que o próprio Satanás conseguirá controlar os homens, por toda a parte, excetuando aquele pequeno e fiel remanescente de crentes, nos últimos dias.

12 Ἡ οὐαὶ ἡ μίᾱ ἀπῆλθεν· ἰδοὺ ἔρχεται ἔτι δύο οὐαὶ μετὰ ταῦτα.\*

12-12 e 12-13 e 12-14 e 12-15 e 12-16 e 12-17 e 12-18 e 12-19 e 12-20 e 12-21 e 12-22 e 12-23 e 12-24 e 12-25 e 12-26 e 12-27 e 12-28 e 12-29 e 12-30 e 12-31 e 12-32 e 12-33 e 12-34 e 12-35 e 12-36 e 12-37 e 12-38 e 12-39 e 12-40 e 12-41 e 12-42 e 12-43 e 12-44 e 12-45 e 12-46 e 12-47 e 12-48 e 12-49 e 12-50 e 12-51 e 12-52 e 12-53 e 12-54 e 12-55 e 12-56 e 12-57 e 12-58 e 12-59 e 12-60 e 12-61 e 12-62 e 12-63 e 12-64 e 12-65 e 12-66 e 12-67 e 12-68 e 12-69 e 12-70 e 12-71 e 12-72 e 12-73 e 12-74 e 12-75 e 12-76 e 12-77 e 12-78 e 12-79 e 12-80 e 12-81 e 12-82 e 12-83 e 12-84 e 12-85 e 12-86 e 12-87 e 12-88 e 12-89 e 12-90 e 12-91 e 12-92 e 12-93 e 12-94 e 12-95 e 12-96 e 12-97 e 12-98 e 12-99 e 12-100 e 12-101 e 12-102 e 12-103 e 12-104 e 12-105 e 12-106 e 12-107 e 12-108 e 12-109 e 12-110 e 12-111 e 12-112 e 12-113 e 12-114 e 12-115 e 12-116 e 12-117 e 12-118 e 12-119 e 12-120 e 12-121 e 12-122 e 12-123 e 12-124 e 12-125 e 12-126 e 12-127 e 12-128 e 12-129 e 12-130 e 12-131 e 12-132 e 12-133 e 12-134 e 12-135 e 12-136 e 12-137 e 12-138 e 12-139 e 12-140 e 12-141 e 12-142 e 12-143 e 12-144 e 12-145 e 12-146 e 12-147 e 12-148 e 12-149 e 12-150 e 12-151 e 12-152 e 12-153 e 12-154 e 12-155 e 12-156 e 12-157 e 12-158 e 12-159 e 12-160 e 12-161 e 12-162 e 12-163 e 12-164 e 12-165 e 12-166 e 12-167 e 12-168 e 12-169 e 12-170 e 12-171 e 12-172 e 12-173 e 12-174 e 12-175 e 12-176 e 12-177 e 12-178 e 12-179 e 12-180 e 12-181 e 12-182 e 12-183 e 12-184 e 12-185 e 12-186 e 12-187 e 12-188 e 12-189 e 12-190 e 12-191 e 12-192 e 12-193 e 12-194 e 12-195 e 12-196 e 12-197 e 12-198 e 12-199 e 12-200 e 12-201 e 12-202 e 12-203 e 12-204 e 12-205 e 12-206 e 12-207 e 12-208 e 12-209 e 12-210 e 12-211 e 12-212 e 12-213 e 12-214 e 12-215 e 12-216 e 12-217 e 12-218 e 12-219 e 12-220 e 12-221 e 12-222 e 12-223 e 12-224 e 12-225 e 12-226 e 12-227 e 12-228 e 12-229 e 12-230 e 12-231 e 12-232 e 12-233 e 12-234 e 12-235 e 12-236 e 12-237 e 12-238 e 12-239 e 12-240 e 12-241 e 12-242 e 12-243 e 12-244 e 12-245 e 12-246 e 12-247 e 12-248 e 12-249 e 12-250 e 12-251 e 12-252 e 12-253 e 12-254 e 12-255 e 12-256 e 12-257 e 12-258 e 12-259 e 12-260 e 12-261 e 12-262 e 12-263 e 12-264 e 12-265 e 12-266 e 12-267 e 12-268 e 12-269 e 12-270 e 12-271 e 12-272 e 12-273 e 12-274 e 12-275 e 12-276 e 12-277 e 12-278 e 12-279 e 12-280 e 12-281 e 12-282 e 12-283 e 12-284 e 12-285 e 12-286 e 12-287 e 12-288 e 12-289 e 12-290 e 12-291 e 12-292 e 12-293 e 12-294 e 12-295 e 12-296 e 12-297 e 12-298 e 12-299 e 12-300 e 12-301 e 12-302 e 12-303 e 12-304 e 12-305 e 12-306 e 12-307 e 12-308 e 12-309 e 12-310 e 12-311 e 12-312 e 12-313 e 12-314 e 12-315 e 12-316 e 12-317 e 12-318 e 12-319 e 12-320 e 12-321 e 12-322 e 12-323 e 12-324 e 12-325 e 12-326 e 12-327 e 12-328 e 12-329 e 12-330 e 12-331 e 12-332 e 12-333 e 12-334 e 12-335 e 12-336 e 12-337 e 12-338 e 12-339 e 12-340 e 12-341 e 12-342 e 12-343 e 12-344 e 12-345 e 12-346 e 12-347 e 12-348 e 12-349 e 12-350 e 12-351 e 12-352 e 12-353 e 12-354 e 12-355 e 12-356 e 12-357 e 12-358 e 12-359 e 12-360 e 12-361 e 12-362 e 12-363 e 12-364 e 12-365 e 12-366 e 12-367 e 12-368 e 12-369 e 12-370 e 12-371 e 12-372 e 12-373 e 12-374 e 12-375 e 12-376 e 12-377 e 12-378 e 12-379 e 12-380 e 12-381 e 12-382 e 12-383 e 12-384 e 12-385 e 12-386 e 12-387 e 12-388 e 12-389 e 12-390 e 12-391 e 12-392 e 12-393 e 12-394 e 12-395 e 12-396 e 12-397 e 12-398 e 12-399 e 12-400 e 12-401 e 12-402 e 12-403 e 12-404 e 12-405 e 12-406 e 12-407 e 12-408 e 12-409 e 12-410 e 12-411 e 12-412 e 12-413 e 12-414 e 12-415 e 12-416 e 12-417 e 12-418 e 12-419 e 12-420 e 12-421 e 12-422 e 12-423 e 12-424 e 12-425 e 12-426 e 12-427 e 12-428 e 12-429 e 12-430 e 12-431 e 12-432 e 12-433 e 12-434 e 12-435 e 12-436 e 12-437 e 12-438 e 12-439 e 12-440 e 12-441 e 12-442 e 12-443 e 12-444 e 12-445 e 12-446 e 12-447 e 12-448 e 12-449 e 12-450 e 12-451 e 12-452 e 12-453 e 12-454 e 12-455 e 12-456 e 12-457 e 12-458 e 12-459 e 12-460 e 12-461 e 12-462 e 12-463 e 12-464 e 12-465 e 12-466 e 12-467 e 12-468 e 12-469 e 12-470 e 12-471 e 12-472 e 12-473 e 12-474 e 12-475 e 12-476 e 12-477 e 12-478 e 12-479 e 12-480 e 12-481 e 12-482 e 12-483 e 12-484 e 12-485 e 12-486 e 12-487 e 12-488 e 12-489 e 12-490 e 12-491 e 12-492 e 12-493 e 12-494 e 12-495 e 12-496 e 12-497 e 12-498 e 12-499 e 12-500 e 12-501 e 12-502 e 12-503 e 12-504 e 12-505 e 12-506 e 12-507 e 12-508 e 12-509 e 12-510 e 12-511 e 12-512 e 12-513 e 12-514 e 12-515 e 12-516 e 12-517 e 12-518 e 12-519 e 12-520 e 12-521 e 12-522 e 12-523 e 12-524 e 12-525 e 12-526 e 12-527 e 12-528 e 12-529 e 12-530 e 12-531 e 12-532 e 12-533 e 12-534 e 12-535 e 12-536 e 12-537 e 12-538 e 12-539 e 12-540 e 12-541 e 12-542 e 12-543 e 12-544 e 12-545 e 12-546 e 12-547 e 12-548 e 12-549 e 12-550 e 12-551 e 12-552 e 12-553 e 12-554 e 12-555 e 12-556 e 12-557 e 12-558 e 12-559 e 12-560 e 12-561 e 12-562 e 12-563 e 12-564 e 12-565 e 12-566 e 12-567 e 12-568 e 12-569 e 12-570 e 12-571 e 12-572 e 12-573 e 12-574 e 12-575 e 12-576 e 12-577 e 12-578 e 12-579 e 12-580 e 12-581 e 12-582 e 12-583 e 12-584 e 12-585 e 12-586 e 12-587 e 12-588 e 12-589 e 12-590 e 12-591 e 12-592 e 12-593 e 12-594 e 12-595 e 12-596 e 12-597 e 12-598 e 12-599 e 12-600 e 12-601 e 12-602 e 12-603 e 12-604 e 12-605 e 12-606 e 12-607 e 12-608 e 12-609 e 12-610 e 12-611 e 12-612 e 12-613 e 12-614 e 12-615 e 12-616 e 12-617 e 12-618 e 12-619 e 12-620 e 12-621 e 12-622 e 12-623 e 12-624 e 12-625 e 12-626 e 12-627 e 12-628 e 12-629 e 12-630 e 12-631 e 12-632 e 12-633 e 12-634 e 12-635 e 12-636 e 12-637 e 12-638 e 12-639 e 12-640 e 12-641 e 12-642 e 12-643 e 12-644 e 12-645 e 12-646 e 12-647 e 12-648 e 12-649 e 12-650 e 12-651 e 12-652 e 12-653 e 12-654 e 12-655 e 12-656 e 12-657 e 12-658 e 12-659 e 12-660 e 12-661 e 12-662 e 12-663 e 12-664 e 12-665 e 12-666 e 12-667 e 12-668 e 12-669 e 12-670 e 12-671 e 12-672 e 12-673 e 12-674 e 12-675 e 12-676 e 12-677 e 12-678 e 12-679 e 12-680 e 12-681 e 12-682 e 12-683 e 12-684 e 12-685 e 12-686 e 12-687 e 12-688 e 12-689 e 12-690 e 12-691 e 12-692 e 12-693 e 12-694 e 12-695 e 12-696 e 12-697 e 12-698 e 12-699 e 12-700 e 12-701 e 12-702 e 12-703 e 12-704 e 12-705 e 12-706 e 12-707 e 12-708 e 12-709 e 12-710 e 12-711 e 12-712 e 12-713 e 12-714 e 12-715 e 12-716 e 12-717 e 12-718 e 12-719 e 12-720 e 12-721 e 12-722 e 12-723 e 12-724 e 12-725 e 12-726 e 12-727 e 12-728 e 12-729 e 12-730 e 12-731 e 12-732 e 12-733 e 12-734 e 12-735 e 12-736 e 12-737 e 12-738 e 12-739 e 12-740 e 12-741 e 12-742 e 12-743 e 12-744 e 12-745 e 12-746 e 12-747 e 12-748 e 12-749 e 12-750 e 12-751 e 12-752 e 12-753 e 12-754 e 12-755 e 12-756 e 12-757 e 12-758 e 12-759 e 12-760 e 12-761 e 12-762 e 12-763 e 12-764 e 12-765 e 12-766 e 12-767 e 12-768 e 12-769 e 12-770 e 12-771 e 12-772 e 12-773 e 12-774 e 12-775 e 12-776 e 12-777 e 12-778 e 12-779 e 12-780 e 12-781 e 12-782 e 12-783 e 12-784 e 12-785 e 12-786 e 12-787 e 12-788 e 12-789 e 12-790 e 12-791 e 12-792 e 12-793 e 12-794 e 12-795 e 12-796 e 12-797 e 12-798 e 12-799 e 12-800 e 12-801 e 12-802 e 12-803 e 12-804 e 12-805 e 12-806 e 12-807 e 12-808 e 12-809 e 12-810 e 12-811 e 12-812 e 12-813 e 12-814 e 12-815 e 12-816 e 12-817 e 12-818 e 12-819 e 12-820 e 12-821 e 12-822 e 12-823 e 12-824 e 12-825 e 12-826 e 12-827 e 12-828 e 12-829 e 12-830 e 12-831 e 12-832 e 12-833 e 12-834 e 12-835 e 12-836 e 12-837 e 12-838 e 12-839 e 12-840 e 12-841 e 12-842 e 12-843 e 12-844 e 12-845 e 12-846 e 12-847 e 12-848 e 12-849 e 12-850 e 12-851 e 12-852 e 12-853 e 12-854 e 12-855 e 12-856 e 12-857 e 12-858 e 12-859 e 12-860 e 12-861 e 12-862 e 12-863 e 12-864 e 12-865 e 12-866 e 12-867 e 12-868 e 12-869 e 12-870 e 12-871 e 12-872 e 12-873 e 12-874 e 12-875 e 12-876 e 12-877 e 12-878 e 12-879 e 12-880 e 12-881 e 12-882 e 12-883 e 12-884 e 12-885 e 12-886 e 12-887 e 12-888 e 12-889 e 12-890 e 12-891 e 12-892 e 12-893 e 12-894 e 12-895 e 12-896 e 12-897 e 12-898 e 12-899 e 12-900 e 12-901 e 12-902 e 12-903 e 12-904 e 12-905 e 12-906 e 12-907 e 12-908 e 12-909 e 12-910 e 12-911 e 12-912 e 12-913 e 12-914 e 12-915 e 12-916 e 12-917 e 12-918 e 12-919 e 12-920 e 12-921 e 12-922 e 12-923 e 12-924 e 12-925 e 12-926 e 12-927 e 12-928 e 12-929 e 12-930 e 12-931 e 12-932 e 12-933 e 12-934 e 12-935 e 12-936 e 12-937 e 12-938 e 12-939 e 12-940 e 12-941 e 12-942 e 12-943 e 12-944 e 12-945 e 12-946 e 12-947 e 12-948 e 12-949 e 12-950 e 12-951 e 12-952 e 12-953 e 12-954 e 12-955 e 12-956 e 12-957 e 12-958 e 12-959 e 12-960 e 12-961 e 12-962 e 12-963 e 12-964 e 12-965 e 12-966 e 12-967 e 12-968 e 12-969 e 12-970 e 12-971 e 12-972 e 12-973 e 12-974 e 12-975 e 12-976 e 12-977 e 12-978 e 12-979 e 12-980 e 12-981 e 12-982 e 12-983 e 12-984 e 12-985 e 12-986 e 12-987 e 12-988 e 12-989 e 12-990 e 12-991 e 12-992 e 12-993 e 12-994 e 12-995 e 12-996 e 12-997 e 12-998 e 12-999 e 12-1000 e 12-1001 e 12-1002 e 12-1003 e 12-1004 e 12-1005 e 12-1006 e 12-1007 e 12-1008 e 12-1009 e 12-1010 e 12-1011 e 12-1012 e 12-1013 e 12-1014 e 12-1015 e 12-1016 e 12-1017 e 12-1018 e 12-1019 e 12-1020 e 12-1021 e 12-1022 e 12-1023 e 12-1024 e 12-1025 e 12-1026 e 12-1027 e 12-1028 e 12-1029 e 12-1030 e 12-1031 e 12-1032 e 12-1033 e 12-1034 e 12-1035 e 12-1036 e 12-1037 e 12-1038 e 12-1039 e 12-1040 e 12-1041 e 12-1042 e 12-1043 e 12-1044 e 12-1045 e 12-1046 e 12-1047 e 12-1048 e 12-1049 e 12-1050 e 12-1051 e 12-1052 e 12-1053 e 12-1054 e 12-1055 e 12-1056 e 12-1057 e 12-1058 e 12-1059 e 12-1060 e 12-1061 e 12-1062 e 12-1063 e 12-1064 e 12-1065 e 12-1066 e 12-1067 e 12-1068 e 12-1069 e 12-1070 e 12-1071 e 12-1072 e 12-1073 e 12-1074 e 12-1075 e 12-1076 e 12-1077 e 12-1078 e 12-1079 e 12-1080 e 12-1081 e 12-1082 e 12-1083 e 12-1084 e 12-1085 e 12-1086 e 12-1087 e 12-1088 e 12-1089 e 12-1090 e 12-1091 e 12-1092 e 12-1093 e 12-1094 e 12-1095 e 12-1096 e 12-1097 e 12-1098 e 12-1099 e 12-1100 e 12-1101 e 12-1102 e 12-1103 e 12-1104 e 12-1105 e 12-1106 e 12-1107 e 12-1108 e 12-1109 e 12-1110 e 12-1111 e 12-1112 e 12-1113 e 12-1114 e 12-1115 e 12-1116 e 12-1117 e 12-1118 e 12-1119 e 12-1120 e 12-1121 e 12-1122 e 12-1123 e 12-1124 e 12-1125 e 12-1126 e 12-1127 e 12-1128 e 12-1129 e 12-1130 e 12-1131 e 12-1132 e 12-1133 e 12-1134 e 12-1135 e 12-1136 e 12-1137 e 12-1138 e 12-1139 e 12-1140 e 12-1141 e 12-1142 e 12-1143 e 12-1144 e 12-1145 e 12-1146 e 12-1147 e 12-1148 e 12-1149 e 12-1150 e 12-1151 e 12-1152 e 12-1153 e 12-1154 e 12-1155 e 12-1156 e 12-1157 e 12-1158 e 12-1159 e 12-1160 e 12-1161 e 12-1162 e 12-1163 e 12-1164 e 12-1165 e 12-1166 e 12-1167 e 12-1168 e 12-1169 e 12-1170 e 12-1171 e 12-1172 e 12-1173 e 12-1174 e 12-1175 e 12-1176 e 12-1177 e 12-1178 e 12-1179 e 12-1180 e 12-1181 e 12-1182 e 12-1183 e 12-1184 e 12-1185 e 12-1186 e 12-1187 e 12-1188 e 12-1189 e 12-1190 e 12-11

introdução a alguma nova seção. (Ver as notas expositivas, em Apo. 4:1, acerca dessa expressão). O ms 046 coloca um «kai» (=e) antes de «meta taute». Os mss P(47), Alaph, 61; 456, 469, 664, 2058, 2344, o S(1ph), o Cop(ia,bo), e o Ars omitem a palavra «kai», que dá início ao décimo terceiro versículo. O texto

que aqui sugerimos ser o correto, concorda com a maneira como o autor sagrado usualmente introduziu em cena os anjos previamente mencionados (ver Apo. 8:1,8,10,12 e 9:1).

## VII. Julgamentos das Sete Trombetas (8:7- 11:19).

### 7. A sexta trombeta: os cavaleiros (9:13-21).

(Quanto à introdução geral acerca dos «juízos das trombetas», ver as notas de introdução ao trecho de Apo. 8:1, bem como as notas expositivas sobre esse mesmo versículo).

Conforme já foi mencionado, os juízos das trombetas tratam, especifica e essencialmente da liberação de «poderes satânicos» à face da terra. Portanto, a sexta trombeta dá prosseguimento e intensifica ainda mais a situação que já tínhamos encontrado na quinta trombeta. (Ver Apo. 8:8 e 10 —segunda e terceira trombetas— que também tratam desse assunto em geral.). As demais trombetas talvez também estejam envolvidas nisso, embora nada de específico seja mencionado que «comprove» isso. Em outras palavras, não somos especificamente informados que algum «anjo caído» (simbolizado de vários modos) seja responsável por essas coisas. O trecho de Apo. 7:4-8 desde há muito nos preparou para essa mensagem, mostrando como certas pessoas terão de ser seladas, o que as protegerá das astúcias de Satanás, até que chegue o momento de serem martirizadas. Os homens, inspirados por Satanás, não somente sofrerão pessoalmente devido à sua própria maldade, mas também se mostrarão atarefados na tentativa insana de destruir todo o bem e todas as pessoas boas. O remanescente fiel, tal como sucedeu à nação de Israel, no Egito, escapará totalmente de algumas das «pragas» e «juízos» que sobrevirão aos incrédulos. Certamente estarão isentas da influência demoníaca, mesmo que não das más ações dos homens, inspirados como serão pelos demônios. Finalmente, todavia, os «selados» estão destinados ao martírio. Esse é o destino deles. Haverá durante a Grande Tribulação, promovida pelo anticristo, uma perseguição religiosa muito mais vasta e terrível do que as que o mundo já viu. Isso preparará a igreja para a vinda de Cristo; será, por assim dizer, o «banho da noiva», banho de purificação, que será mister para que a igreja receba condignamente ao Noivo celeste. (Ver Efê. 5:26,27. Ver também as notas expositivas em I Tes. 4:15, quanto à questão do «arrebatamento da igreja»).

Notemos que a passagem de Apo. 9:13 retorna ao «altar», a cena onde foram introduzidos os selos (capítulos quarto e quinto, que introduzem o sexto capítulo). Essa passagem também é similar a Apo. 8:1,2, que introduz os juízos das «trombetas», porquanto ali também primeiramente se vê uma «cena celestial», e somente então os juízos subsequentes. A selagem de Apo. 7:13 continua em vigor. Os selados serão isentos desses juízos, ainda que, eventualmente, o mal venha a prevalecer na terra, sendo aqueles crentes martirizados por sua fé. Os fiéis, pois, sofrerão devido à «ira dos homens»; mas serão protegidos da «ira de Deus», conforme sucedeu ao antigo povo de Israel.

13 Καὶ ὁ ἔκτος ἄγγελος ἐσάλπισεν· καὶ ἤκουσα φωνὴν μίαν ἐκ [τεσσάρων] κεράτων<sup>a</sup> τοῦ θυσιαστηρίου τοῦ χρυσοῦ τοῦ ἐνώπιον τοῦ θεοῦ,

<sup>a</sup> 13 ἐκ τῶν κεράτων p<sup>47</sup> M<sup>a</sup> 0317 94 1811 2053 2344 it<sup>a</sup> «di» ss lat<sup>a</sup> vg<sup>la</sup> syr<sup>o</sup> cop<sup>b</sup> eth Oecumenius Bede Ps-Ambrose Haymo ἡ ἐκ τοῦ «κερατος» cop<sup>am</sup> ἡ ἐκ τῶν τεσσάρων κεράτων P<sup>046</sup> 11006 1828 1854 1859

13 τοῦ θυσιαστηρίου τοῦ χρυσοῦ Ex 30:1-3; Re 8:3

2329 al.; . Meta (add 8e 0207) ταυτα p<sup>47</sup> N co: Kai meta ταυτα 046 69 pc

2026 2042 2065 2072 2091 2138 2432 it<sup>ab</sup> vg<sup>l</sup> syr<sup>h</sup> Cyprian Primasius Andrew Arcthan ἡ ομι μίαν ἐκ τῶν κεράτων M<sup>a</sup> ἡ ἐκ τῶν τεσσάρων ὧων ἡ ἐκ τῶν ἐνώπιον τοῦ θυσιαστηρίου τοῦ θεοῦ i for ἡ ἐκ τοῦ θεοῦ: ut

13 (kai 82) μετα ταυτα. Kai AP I pm 6; R]. Meta ταυτα και 94 1006 1854

O peso da evidência externa em favor da presença e em favor da ausência de *τεσσάρων* está quase bem equilibrado. Entre as considerações internas, por um lado é possível que o termo tenha sido adicionado a fim de fazer uma antítese com *φωνὴν μίαν* e um paralelismo com *τοὺς τέσ. ἄγγέλ.* do vs. 14; por outro lado, é possível que o termo foi acidentalmente omitido na transcrição, por causa de certa similaridade com o *κεράτων* seguinte. Em face de tais considerações, a maioria da comissão julgou melhor incluir o vocábulo no texto, mas deixá-lo entre colchetes. Entre as formas singulares, a omissão de *μίαν ἐκ τῶν κεράτων* em N<sup>a</sup> é digna de atenção.

9:13; O sexto anjo tocou a sua trombeta; e ouvi uma voz que vinha d'um quatro pontos do altar de ouro que estava diante de Deus,

(Ver as notas expositivas sobre o próximo versículo, acerca do significado da «sexta trombeta»).

...sexta anjo... (Quanto aos «anjos» dos juízos das trombetas, ver as notas expositivas sobre Apo. 8:2).

...tocou a trombeta... (Quanto a essa expressão, ver as notas expositivas acerca de Apo. 8:7. Quanto ao simbolismo da «trombeta», ver Apo. 1:10 e 8:2. Esse símbolo é igualmente empregado em Apo. 1:10; 4:1; 8:2,6,13 e 9:14).

...ouvi... As visões de João eram visuais e audíveis. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 acerca das «visões místicas»).

...voz... Esse também é um dos símbolos favoritos do autor sagrado. Uma «voz» lhe traz as mensagens. (Ver Apo. 1:10,12,15; 3:20; 4:1; 5:2,11,12; 6:6,7,10; 7:2,10; 8:13; 9:13; 10:3,4,7,8; 12:10; 14:2,7,9,13,15; 16:1,17; 18:2,4,22,23; 19:1,5,6,17 e 21:3).

...quatro ângulos do altar de ouro... Os judeus supunham que o «templo de Jerusalém» (ou, originalmente, a tenda armada no deserto) era apenas uma «cópia» de um templo celeste. Portanto, criam que as seções e itens do templo terreno tinham seus paralelos nos céus. Assim, temos também aqui o «altar». Os intérpretes não concordam entre si se havia dois altares ou não, associados ao templo celeste, conforme se dava com o templo terrestre (havia o altar do holocausto e o altar do incenso; o primeiro fora do Lugar Santo, e o segundo não muito distante do véu diante do Santo dos Santos). Mui provavelmente havia apenas um, feito de «ouro» (tal como de «ouro» era o altar do incenso), mas que incorporava em si mesmo as funções dos dois altares terrenos. Outrossim, esse altar único agora se encontra diante da presença imediata de Deus, ao passo que no antigo Santo dos Santos não havia nenhum altar, embora o incenso queimado e tirado do altar fosse ali introduzido. Já pudemos observar, no Apocalipse, se havia «um altar» ou «dois altares», e o leitor deve consultar as notas seguintes, quanto aos conceitos envolvidos: Em Apo. 6:9 (onde aparecem quase todas as notas expositivas); 8:3,5; 11:1; 14:18 e 16:7. Quanto ao conceito que o tabernáculo terrestre foi copiado de um «modelo celestial», ver Heb. 9:23,24. Não cremos que os céus, na realidade, contenham um templo. Antes, o templo terrestre, com seus vários itens,

simbolizava as verdades espirituais concretizadas nos lugares celestiais.

No presente texto, a menção ao «altar» subentende aquilo que estava prestes a suceder, devido aos seguintes motivos: 1. Por causa da «oração dos santos», que clamavam por vingança contra seus perseguidores (ver Apo. 6:10). 2. Porque devemos entender que da própria presença de Deus é que procederão os juízos divinos. O Senhor defenderá o seu povo e julgará a este mundo. Isso reflete a posição do «teísmo», a qual afirma que Deus não somente criou a tudo, mas também faz intervenção na história humana, recompensando ou punindo aos homens. A terra é responsável diante de Deus. Em contraste com isso, o ensino «delista» procura fazer-nos crer que apesar de haver um ser ou poder supremo, divorciou-se este de sua criação, deixando as leis naturais governarem em seu lugar. Assim sendo, de acordo com o «delismo» não haveria intervenção divina, e nem galardões ou castigos. (Ver Atos 17:27 quanto a essas idéias e outras, atinentes à natureza de Deus e seu relacionamento com os homens).

...quatro ângulos... Os altares do templo e do tabernáculo tinham «protuberâncias parecidas com chifres», nos quatro ângulos. O sangue dos sacrifícios era ali passado, conforme se vê em Êxo. 29:12 e Lev. 4:7,18. Quando alguém se agarrava a esses chifres—aquí traduzidos por «ângulos»—dava a entender que fugia, já que aquele era um local de refúgio. Normalmente, o «chifre» simbolizava poder. Notemos, por exemplo, a voz que emanava dos quatro ângulos ou «chifres» do altar. A força de Deus se acha ali; ali também há refúgio para o povo de Deus; e o sacrifício de Cristo, que restaura o homem a Deus, também se concentra ali. Por conseguinte, a voz que aqui temos é uma voz de triunfo, que anuncia os propósitos de Deus aos homens e lhes confere uma fruição apropriada, de várias maneiras. A mensagem, que a tudo inclui, é que Deus faz o que é mister para derrotar o mal e trazer à luz o seu plano de bem-estar para os homens, mas também que haverá juízos purificadores que antecederão essa restauração.

...na presença de Deus... Tudo é retratado como se estivesse ocorrendo no interior do «Santo dos Santos», embora no templo e no tabernáculo terrenos não houvesse qualquer altar no Santo dos Santos. O vidente João não se esforça por aderir de perto ao simbolismo do A.T., mas utiliza-se dos itens do templo da forma que melhor lhe parece. O fato que os juízos procederão do altar (isto é, da presença mesma de Deus) indica que os «selados» escaparão desses juízos (tal como o povo de Israel escapou da ira



de Deus, no Egito). Isso prosseguirá até que cheguem os momentos em que cada um daqueles «selados» tenha de ser martirizado. Então sofrerão devido à ira dos homens, embora isso não lhes cause nenhum dano permanente, ao passo que os ímpios sofrerão a ira de Deus.

#### Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:

1. No caso do quinto selo, o altar (ver Apo. 6:9 e ss.) se parece mais com o «altar de cobre», onde eram oferecidos os holocaustos. Esse altar de cobre ficava defronte da entrada do tabernáculo. O trecho de Apo. 8:3 apresenta-nos o altar de «incenso», onde as orações eram oferecidas. (Ver o trigésimo capítulo do livro de Êxodo, quanto a esse altar). Mui provavelmente, o altar do Apocalipse é apenas um, mas perfazendo as funções dos dois altares terrenos. Os «ângulos» ou «chifres» mostram que tudo quanto ali for feito, deve ser feito mediante o «poder divino». Assim, pois, a intercessão de Cristo é poderosa em nome favor. O seu sacrifício tem efeitos eternos sobre nós. E os juízos divinos que procedem do altar também serão eficazes contra os ímpios.

2. Simbolismo do número «quatro». Isso pode indicar uma extensão «mundial». Portanto, a autoridade de Deus parte dali para todos os quadrantes

14 λέγοντα τῷ ἑκτῷ ἀγγέλῳ, ὁ ἔχων τὴν σάλπιγγα, ἔπι τῷ ποταμῷ τῷ μεγάλῳ Εὐφράτῃ.

1006 2329 al | ἑκτῷ om A 0207 pc | τέσσαρας] om p<sup>47</sup>

9:14: a qual diziu ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos que se acham presos junto do grande rio Eufrates.

...dizendo... Em outras palavras, a voz que emanava do altar instruiu ao sexto anjo para realizar esse dever. Essa seria a voz de Deus, dando instruções. Mas isso também poderia indicar que a «vontade divina» exerce controle sobre aqueles muitos e temíveis acontecimentos dos «últimos dias».

...os quatro anjos... Aquilo que esses anjos são e fazem é que constitui o juízo da sexta trombeta. Ao serem soltos, espalhar-se-á um exército de duzentos milhões (200.000.000) de cavaleiros, de ordem sobrenatural, que respiram chamas, e que matarão a terça parte dos habitantes da terra.

**Significação da sexta trombeta:** Conforme é usual, muitas idéias têm surgido a respeito dessa trombeta, a saber:

1. Os estudiosos que pensam que os juízos das trombetas são paralelos aos das taças, ligam esta passagem com Apo. 16:12 onde o rio Eufrates é «secado», a fim de preparar o caminho para a invasão feita por um vastíssimo exército, que evidentemente atacará a Palestina. Essa é a invasão que provocará a batalha de «Armagedom». A presente passagem, entretanto, fala de algo «anterior» a isso, um período de sofrimentos, produzidos por influências demoníacas, que antecederão aqueles juízos situados no fim mesmo da Grande Tribulação (conforme é o caso da Apo. 16:12).

2. Os intérpretes históricos salientam costumeiros «incidentes históricos» que procuram encaixar dentro das palavras desta passagem. O acontecimento favorito desses intérpretes (tal como no caso da trombeta anterior), continua sendo a invasão dos sarracenos, mas, neste caso, também dos turcos, que estabeleceram o império otomano. No tocante aos otomanos, o comentário de Lange, em notas de rodapé, fala das armas eficazes que eles criaram, incluindo o canhão que podia projetar bolas de bronze com cerca de trezentos quilogramas, e que eles pretenderam usar contra as muralhas de Constantinopla. Esse canhão podia atirar tal projétil à distância de mil e seiscentos metros. Com armas assim poderosas é que os otomanos fizeram suas rápidas conquistas. A queda de Constantinopla assinalou sua maior vitória, que expandiu mais decisivamente o seu domínio territorial. O resultado foi um pesado golpe ao «cristianismo político». E o caos que daí resultou seria, supostamente, descrito nos versículos à nossa frente. Porém, apesar de todas as descrições cruéis do poder turco, é difícil ver como pode ter perecido uma terça parte da humanidade nessas conquistas. Outras interpretações históricas incluem os exércitos partas que combateram aos romanos; os exércitos romanos, que sitiaram e tomaram a cidade de Jerusalém; as vitórias obtidas pelos tártaros, etc.

3. Os intérpretes puramente simbólicos ou místicos rejeitam qualquer atribuição histórica do sexto selo, supondo que estão em foco as forças satânicas em qualquer época, todas as vezes que elas obtiveram grande poder. Outros vêem aqui o aparecimento de grandes movimentos heréticos, embora não tentem identificá-los com qualquer século em particular.

4. O surgimento do islamismo é uma das interpretações históricas favoritas, suficientemente comum para merecer uma menção separada neste comentário. Os cavalos sobrenaturais, as hordas satânicas, supostamente teriam inspirado os seguidores de Maomé. Esses seres satânicos explicariam o poder das forças islamitas.

5. Os futuristas preferem situar esses eventos nos últimos dias, embora não concordem entre si quanto aos detalhes e ao caráter exato dos mesmos. Alguns deles pensam que os cavaleiros serão exércitos literais, que assolarão a terra durante o período da «Grande Tribulação». Mas outros pensam estar em foco seres demoníacos que, influenciando os homens, transformarão nosso planeta em uma floresta selvagem e violenta, mediante a guerra, o caos e as enfermidades. Por esses motivos, um terço da população do mundo perecerá. Ainda há aqueles que pensam que os «cavaleiros infernais» são seres que literalmente aparecerão montados como um exército, embora não sejam «humanos», mas que literalmente matarão uma terça parte da população mundial, mediante o fogo. Há também aqueles que pensam que essa mortandade será provocada pela influência dos demônios, que se utilizarão de homens para esse fim. Essa última interpretação parece ser a mais razoável, ainda que, ao enlouquecer o homem e ao tornar-se insana a própria natureza, qualquer coisa possa suceder. Seja como for, a interpretação «futurista», em alguma de suas formas, certamente é a

da terra. Alguns estudiosos, entretanto, pensam que o altar simboliza, em seus quatro ângulos, os quatro evangelhos, ou até mesmo o evangelho que se propaga por todo o mundo. Porém, essas interpretações não passam de conjecturas fantasiosas.

3. As diversas referências ao templo (dos céus) dificilmente podem comprovar que o templo terreno continuava de pé quando foi escrito o Apocalipse, o que indicaria uma data mais antiga para o mesmo. (Ver a seção V da introdução geral ao livro, onde se discute «quando» foi escrito este livro).

**Variação Textual:** As palavras «quatro chifres» aparecem nos ms 046(1). P e em vários manuscritos minúsculos. Mas o termo «quatro» é omitido nos ms Alaph(1). A, 28 e 79. O ms Alaph(1) omite a referência inteira, provavelmente por acidente. As evidências a favor ou contra a inclusão da palavra «quatro» estão bem divididas, pelo que nenhuma decisão absolutamente certa, a esse respeito, é possível para nós. Pode ter havido uma interpolação, com base no simples fato que o altar tinha quatro ângulos, e também com base na menção dos quatro anjos do rio Eufrates. Porém, a omissão desse vocábulo pode ter ocorrido de modo inteiramente accidental. (Quanto a uma outra variante textual que envolve o começo deste versículo, ver a porção final das notas expositivas sobre o décimo segundo versículo).

Λύσον τοὺς τέσσαρας ἀγγέλους τοὺς δεδεμένους

14 λέγοντα Ν<sup>α</sup>A; R] λεγουσιν p<sup>47</sup>P 0207 1 pt c; λεγοντος 046 8a

preferível. Mas a forma como isso sucederá só será revelado quando essas predições estiverem se cumprindo. Acreditamos que as coisas aqui preditas terão lugar durante a «Grande Tribulação», nos «últimos dias», imediatamente antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo. (Ver as notas expositivas em Apo. 7:14, quanto a explicações sobre a «tribulação»).

...quatro anjos... Uma vez mais os intérpretes estão divididos quanto ao significado desses anjos. Alguns supõem ser eles «anjos santos», dotados de vasto poder; mas outros imaginam tratar-se de «arcanjos do mal». Este último ponto de vista está mais de acordo com a tendência geral dos juízos das trombetas, que falam de uma invasão, que ocorrerá nos últimos dias, por parte de forças satânicas que levarão os homens próximo do auto-aniquilamento.

Seja como for, não são os mesmos quatro anjos de Apo. 7:1-3; pois são os anjos que estão nas quatro extremidades da terra. Aqui, porém, estão todos associados ao rei Eufrates. Talvez haja neste texto alusão a I Enoque 56:5: «E naqueles dias os anjos retornarão e se atirarão sobre os partas e os medos, no Oriente. Agitarão aos reis, pelo que um espírito de desassossego descerá sobre eles... E subirão e pisarão aos pés a terra de seus eleitos». O que temos aqui é uma espécie de recomposição da profecia de Ezequiel sobre Gogue, pois os partas e os medos, naquele tempo, eram os representantes das hostes de Gogue, e o objetivo deles, tal como no livro de Ezequiel, era a Palestina. Assim também, em nosso texto, o Eufrates continua sendo o «centro tempestuoso» da história humana, e a Palestina, que tinha sua fronteira norte assinalada por esse rio, sempre teria de ver-se envolvida. Em nosso texto, entretanto, o Eufrates é mencionado como o lugar onde surgirão as hostes, não contra Israel (conforme historicamente, com freqüência é o caso), mas contra todos os ímpios do mundo. Assim é que nos Apocalipses judaicos, temos os «anjos do castigo». (Ver I Enoque 40:7; 53:3; 56:1; 62:22; 63:1; Testamento de Levi 3:3; II Enoque 10:3). O fraseado mesmo de nosso texto pode ser visto em I Enoque 66:1, que alude à punição do mundo mediante o dilúvio, pois teriam sido os «anjos» que então estavam preparados a vir e soltar todos os poderes das águas que estão debaixo da terra. O vidente João, sem dúvida, usou tais fontes em seu simbolismo, mas vemos que ele modificou muito o seu intuito. Os «anjos de destruição», em conformidade com a natureza geral dos «juízos das trombetas», não são mais pertencentes a Deus e nem são seres santos, mas antes, seres profundamente corruptos e malignos, mantidos cativos na área do rio Eufrates, que apenas por breve tempo receberiam permissão de assediar aos homens, libertando duzentos milhões de infernais cavaleiros, sob o seu controle. Exatamente como esses «demoníacos cavaleiros» atacarão aos homens, não sabemos dizê-lo, mas suponhamos que fá-lo-ão mediante a influência que os leva à autodestruição.

«...quatro...» Supomos que este número tem algum sentido místico, provavelmente associado ao fato que esses anjos terão uma aplicação «universal» na terra; espalharão seus males a todas as «quatro extremidades» do globo. O que sucede aqui terá tremenda magnitude. Nenhum país ou raça humana escapará ao açoitio desses infernais cavaleiros. A vida humana tornar-se-á uma floresta de ódio e violência. O caos reinará, e grande será o sofrimento que daí resultará. Originalmente, isso pode ter sido escrito para predizer a destruição do império romano, os «ímpios» dos dias do vidente João. Isso é o que talvez devamos compreender dessa visão. Mas é certo que a principal interpretação deve vincular-se aos «últimos dias». Esse é o seu verdadeiro aspecto «profético».

Assim sendo, tanto os galanhotos como os cavaleiros que há neste versículo são «demoníacos». Isso concorda com o intuito geral dos juízos das trombetas. Os homens ter-se-ão entregue ao poder de Satanás; e terão de aprender, mediante agonia de espírito, o que isso significará para eles. Somente então reconhecerão que precisam voltar-se para Deus, se quiserem qualquer bem-estar.

...Eufrates... Era conhecido como o «grande rio», por ser o maior que se conhecia na área da Palestina. Tinha origem nos montes da Armênia, atravessava a cadeia do Tauros, corria para o sul e o sudoeste, até unir-se ao rio Tigre, na baixa Babilônia. Seu comprimento total era de cerca de 2.600 a 2.900 quilômetros. A partir de sua boca, podia ser navegado por pequenas embarcações por cerca de 1.900 quilômetros. Formava as fronteiras de Israel ao norte (ver Gên. 15:18; Deut. 1:7 e Jos. 1:4). Em face disso, o Eufrates servia de defesa natural contra os exércitos vindos do norte, especialmente da Assíria. Em Apo. 16:12 (juízo da sexta taça), supomos que esse rio será literalmente secado, permitindo que os exércitos chineses

invasores invadam Israel, dando assim lugar à batalha de Armagedom, embora o seu «secamento» também simbolize «todas as preparações e condições necessárias», o que permitirá e encorajará essa invasão final. Os exércitos do anticristo, com suas armas atômicas, cuidarão dessa invasão, e, em meio a tudo isso, todos os poderes terrenos se esborçarão; e então Cristo voltará e passará a governar este mundo.

O rio Eufrates sofre um transbordamento anual, que começa em março e prossegue até maio. Esse transbordamento simboliza os juízos infligidos por Deus contra Israel, por meio de poderes estrangeiros. O Eufrates simbolizava, para os profetas hebreus, tudo quanto é desastroso que pode atingir aos homens mediante juízos divinos, sendo provável que esse é o motivo provável por que há menção desse rio aqui. Assim como antigamente os inimigos de Israel vinham do norte, cruzavam o rio Eufrates e destruíam aquela nação, assim também agora, duzentos milhões de cavaleiros infernais surgirão ali para se espalharem por toda a terra, em um juízo jamais igualado em sua magnitude e violência. Alguns supõem que a área do rio Eufrates tem sido dominada, todos esses milênios, por seres malignos, que ali têm sido confinados e fechados, para que se manifestem somente nos últimos dias.

*Outras idéias sobre o décimo quarto capítulo:*

1. Há um Eufrates espiritual para os rebeldes. O pecado deles não pode deixar de ser castigado. Um grande movimento de poderes satânicos fará soar o

apito contra o pecado desenfreado.

2. Nada poderá ser «solto contra os homens», senão aquilo que eles mesmos consideram. Como sempre, o igual atrai o igual. Os homens que, sem consciência, devido à sua rebeldia e depravação, se tiveram entregue ao pecado, atrairão as forças satânicas contra si mesmos. Terão agido de «modos infernais», e os cavaleiros infernais tornar-se-ão companhias necessárias dos homens. Através dessa relação, ao se entregarem os homens à adoração ao anticristo, e, através deste, a Satanás, seguir-se-ão grandes castigos, os quais libertarão a humanidade dessa laldade, visando sua posterior restauração.

3. Os homens ter-se-ão aliado aos poderes do inferno; — devem ver o que significa para eles essa laldade. O trecho de 1 João 3:8 e ss. mostra-nos que a prática do pecado nunca é apenas um ato humano. Faz os homens prestarem laldade a Satanás, o pai dos pecadores; envolve os homens no conflito cósmico do mal contra o bem, e vice-versa.

4. O rio Eufrates era uma fronteira natural, mas servia de certa medida de proteção para Israel, contra seus adversários do norte. Fazia a mesma coisa acerca de Roma, contra os partas. Simboliza, pois, a «proteção» que escuda o bem contra o mal. Mas agora poderes malignos surgem justamente dali. A proteção foi destruída e um exército temível avança, a fim de destruir. Aquilo que antes simbolizava proteção, veio a transformar-se em um horrível inimigo destruidor. Isso sucedeu historicamente no caso da nação de Israel. Continua sendo verdadeiro hoje em dia, espiritualmente falando. Há uma «fronteira» de proteção que Deus oferece aos homens; um dia, porém, essa proteção será removida, e os homens ficarão sujeitos e abertos aos assédios de Satanás. Isso trará horríveis consequências para os homens.

13 καὶ ἐλύθησαν οἱ τέσσαρες ἄγγελοι οἱ ἡτοιμασμένοι εἰς τὴν ὥραν καὶ ἡμέραν καὶ μῆνα καὶ ἑνιαυτόν, ἵνα ἀποκτείνωσιν τὸ τρίτον τῶν ἀνθρώπων.

15 οἱ τέσσαρες... ἀνθρώπων Re 9:1-12

9:15: É foram soltos os quatro anjos que haviam sido preparados para aquela hora e dia e mês e ano, e fim de martírios e terça parte dos homens.

...soltos... Qualquer restrição que havia quanto a essas hordas, será retirada; obras malignas e prejudiciais se precipitarão. Mas isso cumprirá a vontade de Deus, não por seus resultados diretos, e, sim, porque dará aos homens uma amarguíssima colheita daquilo que tanto insistiram por possuir. Jamais teriam podido fazer qualquer dano contra os homens, se estes se tivessem valido da proteção divina. Porém, os homens haverão de desvencilhar-se dessa proteção, como se dela não precisassem, porquanto pensarão que o mal lhes é amigável e benéfico. Então terão de aprender que toda a sua maneira de pensar estava horrivelmente equivocada, e que o resultado disso obtido será unicamente a destruição. A companhia na qual se regozijaram haverá de despedaçá-los.

...quatro anjos... (Ver as notas expositivas que os identificam, no décimo quarto versículo).

...preparados... De que modo? Pela vontade de Deus, que permitirá que esses anjos firam àqueles que insistem em ser maus. Deus se utilizará de calamidades para produzir nos homens o arrependimento. (Rom. 8:20 e ss. é trecho que contém algo similar). Esta passagem admite a existência de caos mais puro no mundo. Nem todas as coisas seguem a ordem e a razão. Há coisas que ocorrem ao acaso, devido a influências malignas irresistíveis. Mas até mesmo essa circunstância serve de instrumento nas mãos de Deus, visando despertar os homens para os «resultados» do pecado. Vendo claramente os sofrimentos causados pelo pecado, vendo o caos assim produzido, e vendo a impotência dos atingidos pela desgraça, os homens terão motivos para se voltarem para Cristo. Assim, o fato que a criação ficou «sujeita à inutilidade» não significa que Deus a abandonou, e, sim, que os homens muito têm de aprender com base no fato que todos os seus esforços são vão; e quando essa lição houver sido aprendida, então haverá restauração de tudo, mediante o poder de Deus. O trecho de Rom. 11:32 diz algo semelhante a isso. Deus «encerrou a todos na incredulidade», isto é, permitiu que o curso da existência levasse os homens à prisão da rebeldia e do ceticismo. Mas esse «juízo» contra eles terá um bom propósito—para que ele use de misericórdia com todos. Portanto, o juízo divino é também «retributivo». Pois os homens terão de sofrer o mal que praticarem, porquanto existe uma lei eterna da «colheita segundo a sementeira», conforme se aprende em Gál. 6:7,8. No entanto, o juízo divino nunca é meramente retributivo. Também tem finalidades disciplinadoras e restauradoras. Assim sendo, os horrendos juízos do Apocalipse tencionam levar os homens ao arrependimento, o que também se lê no vigésimo versículo deste capítulo.

...para a hora, o dia, o mês e o ano... Esta expressão tem sido interpretada de diversos modos, a saber:

1. Alguns eruditos pensam que essa «expressão temporal» indica apenas «extensão». Nesse caso, o juízo da sexta trombeta perduraria exatamente por uma hora, um dia, um mês e um ano. Alguns intérpretes «futuristas» também entendem dessa maneira essas palavras.

2. Alguns intérpretes históricos também dão crédito à teoria da «extensão de tempo», como se esses elementos tivessem certa qualidade «profética». Portanto, um dia seria um ano, um mês seriam trinta anos, uma hora seriam quinze dias, e um ano seriam trezentos e sessenta e cinco dias e mais um «quarto», ou seja, noventa e um dias, porquanto o ano solar, na realidade, consiste de trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto. Isso daria o grande total de trezentos e noventa e seis anos, cento e seis dias. Esses intérpretes, em seguida, tentam encontrar essa extensão de tempo na história, e pensam encontrá-lo entre 1057 a 1453 D.C., ou seja, o tempo quando começou o império turco, até ao ano em que Constantinopla foi tomada pela turcos, o que pôs fim ao império romano do oriente. Presumem eles, pois, que o juízo da sexta trombeta ocupou esse período de tempo, em que os turcos consolidaram o seu império. A terça parte da humanidade, pois, representaria os povos do império romano do oriente, quando este, como um «império», «morreu», embora nem todos os seus habitantes tenham realmente morrido. Toda essa maneira de pensar é extremamente

engenhosa, mas não convence a nenhum leitor sério do Apocalipse.

3. Outros, que interpretam este livro simbolicamente, não insistem sobre qualquer elemento «tempo», mas aludem somente à *precisão* com que se cumprirá a vontade divina, o que fica demonstrado pela declaração exata que envolve até mesmo um dia e uma hora.

4. Vários intérpretes vêem *precisão*, e não «extensão» de tempo. Nesse caso, aqueles quatro anjos foram preparados para o «tempo exato» de sua manifestação, envolvendo até mesmo a hora da mesma. Portanto, em certa hora, de um certo dia, de um certo mês, de um certo ano, esses anjos se manifestarão. Mui provavelmente, essa é a interpretação correta. A própria gramática grega indica isso, porquanto o artigo definido não—acompanha cada elemento temporal referido. Um único artigo acompanha a todos eles, o que indica que «um único momento, dentro do tempo, é aqui indicado, embora dentro do dia, do mês e do ano especificados. A idéia de extensão de tempo mais provavelmente ter-se-ia expressado por meio de um artigo definido antes de cada item, sendo usado o acusativo.

...para que matassem a terça parte dos homens... Não há aqui alusão ao «império romano do oriente», que teria sido aniquilado em um terço de seus habitantes pelas invasões dos turcos, e, sim, a um terço da humanidade inteira, e isso no futuro, nos «últimos dias». Em vários outros juízos divinos, «uma terça» parte de alguma coisa é destruída. (Comparar com Apo. 8:7-12). Poderíamos pensar que isso significa uma destas coisas: 1. Um mui severo juízo, porquanto terá extensão universal. 2. Mas um juízo temperado com a misericórdia, pois duas terças partes da humanidade não serão atingidas. 3. Portanto, esse juízo será um convite ao arrependimento para os que restarem. Tomamos essa predição como algo referente ao futuro, conforme é explanado no décimo quarto versículo, entendendo que, durante a Grande Tribulação, alguma espécie de calamidade, ou combinação de calamidades, provocada e inspirada por hostes demoníacas, haverá de matar uma terça parte literal da humanidade. Esperamos para os nossos próprios dias esses horrendos acontecimentos. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era: Os Últimos Tempos são os Nossos Tempos»). Isso expõe as razões para a interpretação «futurista» do Apocalipse, como também por quais motivos aguardamos esses acontecimentos para nossos próprios dias. Quais dentre nós verão essas coisas. Certamente serão vistas pelos nossos filhos).

*Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:*

1. O quarto selo (ver Apo. 6:8) eliminará uma quarta parte da humanidade. E agora perecerão uma terça parte disso. O pecado não conhece limites em sua destruição, uma vez que os homens se entregam ao mesmo, sem reservas, porquanto isso destrói a proteção que os abrigava dos poderes satânicos.

2. O Apocalipse Siríaco de Esdra (um documento cristão apócrifo) diz algo muito similar ao que se lê neste versículo: «E foi ouvida uma voz: Que sejam soltos aqueles quatro reis, amarrados no grande rio Eufrates, os quais devem destruir a terça parte dos homens. E foram soltos, e houve imenso rugido». Supomos haver alguma base comum para aquele livro e este livro de Apocalipse, se não mesmo um empréstimo direto àquele livro, por parte do autor do nosso Apocalipse. Os símbolos usados pelo vidente João podem ser vistos nos apocalípsees judaicos. É óbvio que ele se utilizou dos mesmos, mas isso não é motivo para duvidar da validade de suas predições. Os apocalípsees judaicos e cristãos (pois houve outros apocalípsees cristãos além do nosso), compartilharam todos de certa quantidade de material em comum.

3. A maneira peculiar como o autor sagrado assinala o «tempo» do começo do juízo da sexta trombeta tem paralelos em Núm. 1:1; Zac. 1:7; Ageu 1:16; II Enoque 33:2 e 65:7.

4. Os crentes em Cristo estarão isentos dos efeitos do juízo da sexta trombeta. Gozarão dessa isenção por não se terem entregue aos poderes demoníacos, pelo que serão «protegidos» contra aquilo que os demônios inspirarão e farão.

5. Até mesmo os mais severos juízos têm seus períodos e efeitos previamente determinados. Deus continua entronizado, pelo que, em última análise, tudo continua bem no mundo.

6. Alguns intérpretes entendem aqui que haverá uma «matança espiritual». Os poderes demoníacos haverão de dominar totalmente, espiritualmente falando, uma terça parte da humanidade. Naturalmente, isso ocorrerá,

podendo estar em foco neste ponto, mas a destruição física e literal das vidas humanas é mais provável neste ponto.

7. O elemento «tempo», deste versículo, «...faz-nos lembrar que haverá um período, período desconhecido, mas, não obstante, certo, quando os poderes latentes da retribuição despertarão e tirarão vingança, quando então as restrições que por tão longo tempo contiveram os mercedos açóites serão retiradas. Os homens e as nações nem pensam sobre isso. Clamam eles por paz, quando não há paz, porquanto, com seus pecados terão minado o terreno sob os seus

pés, habitando naquele local de segurança falsa que João Bunyan poderia chamar de cidade das Boas Intenções, mas que estava edificada sobre a areia. Quando os anjos do juízo forem soltos, e as influências restringidoras da opinião pública se romperem, a tempestade será solta, e então a casa da religião formal cairá por terra, e o tempo de provas deixará sem abrigo os seus moradores. Felizem serão aqueles que estiverem preparados para a hora do retorno do Senhor» (Carpenter, *in loc.*).

16 καὶ ὁ ἀριθμὸς τῶν στρατευμάτων τοῦ ἱππικοῦ διςμυριάδες μυριάδων ἤκουσα τὸν ἀριθμὸν αὐτῶν.

9:16: O número dos exércitos dos cavaleiros era de duas miríades de miríades; pois ouvi e número deles.

O vidente João, totalmente atônito ante o número imenso dos cavaleiros infernais, faz uma pausa para falar diretamente a esse respeito. Literalmente, o grego diz: *dois dez mil de dez mil*, isto é, duzentos milhões. No décimo quarto versículo, onde temos discutido o significado do juízo da sexta trombeta, temos procurado identificar esses cavaleiros. Pensamos que serão seres demoníacos, e não humanos; e, portanto, rejeitamos a todas as interpretações históricas, que pensam ver aqui esse «exército» na história, como se estivesse em foco uma ou outra guerra.

«...eu ouvi o seu número...» Em seu total espanto, ele contempla aquilo que «ouvi».

«Terror após terror se amontoa na descrição da morte de um terço da humanidade. Da maneira mais inequívoca, o homem de Palmos dizia aos pressionados cristãos a quem escrevia: 'Deveis temer à justiça de Deus, que controla o universo, e não Roma, cuja força é fraqueza, em comparação com a fortaleza de Deus'. De certo modo, a passagem inteira é um estudo sobre a direção em que se deve inclinar o temor certo... Os fatos finais de vida são fatos morais, que dizem respeito ao governo de Deus. Não são fatos políticos, que tenham a ver com qualquer governo dilatado entre os homens. Os tiranos de nossa época tornam-se insignificantes quando vistos em contraste com o pano de fundo da justiça de Deus. Muito se tem escrito sobre o poder militar dos Estados Unidos da América, em nossos tempos. A

pergunta inescapável é a seguinte: 'Esse poder será exercido ao lado da justiça de Deus?' A visão da destruição liberada pela justiça de Deus deixa minúsculos a quaisquer propósitos humanos entre os indivíduos ou as nações». (Hough, *in loc.*).

Não devemos imaginar aqui cavaleiros infernais visíveis, que agirão como se fora um exército. Antes, esses seres demoníacos haverão de influenciar os homens, transformando-os em agentes do próprio Satanás. Essa é a circunstância que criará o caos, a guerra e a violência sem limites. A existência humana, nesta terra, tornar-se-á um autêntico inferno.

Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

1. O vasto número do «exército» aqui referido torna impossíveis as interpretações históricas. Nem mesmo o total combinado de todos os exércitos turcos, através dos séculos, atingiu duzentos milhões de soldados. E isso não é motivo para aceitarmos esse número de modo alegórico. Provavelmente representa o número real de seres demoníacos que será lançado e enlouquecerá aos homens durante o período da Grande Tribulação. Os exércitos humanos futuros, naturalmente, poderão atingir esse total. A invasão chinesa da Palestina, do que resultará a batalha final do Armagedom, a que se espera que venha a suceder durante a primeira quarta parte do século XXI, facilmente poderá atingir esse total. Mas a batalha do Armagedom não está em pauta aqui.

2. Este versículo ensina-nos que o juízo divino será finalmente tão extenso que anulará a todos os homens. Não obstante, a finalidade desse juízo é que os homens venham ao arrependimento, conforme se vê no vigésimo versículo deste mesmo capítulo.

17 καὶ οὕτως εἶδον τοὺς ἵππους ἐν τῇ ὁράσει· καὶ τοὺς καθημένους ἐπ' αὐτῶν, ἔχοντας θώρακας πυρίνους καὶ ὑακινθίνους καὶ θειώδεις· καὶ αἱ κεφαλαὶ τῶν ἵππων ὡς κεφαλαὶ λεόντων, καὶ ἐκ τῶν στομάτων αὐτῶν ἐκπορεύεται πῦρ καὶ καπνὸς καὶ θεῖον.

9:17: E assim vi os cavalos nesta visão: os que sobre eles estavam montados tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre.

9:17: E assim vi os cavalos nesta visão: os que sobre eles estavam montados tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre.

A descrição que aqui temos muito se assemelha com a dos gafanhotos, nos versículos nono e décimo deste capítulo, mas menos elaborada que ali. «Tal como um compositor, que apresenta variações do mesmo motivo, em sua sinfonia, assim João se deleita em expor variações do mesmo tempo, conforme se comprova neste capítulo. Um exemplo adicional disso pode ser visto em Apo. 16:12-16, quando outra invasão demoníaca atravessará o rio Eufrates». (Rist, *in loc.*).

A descrição dos gafanhotos, nos versículos sétimo a décimo deste capítulo, consiste de sete elementos. Mas esta descrição conta com apenas quatro elementos. Ambos esses totais são números significativos para o vidente João. O primeiro indica um poder «completo», que apesar de ser demoníaco será divinamente controlado, a fim de «atormentar» aos homens. O segundo é o «número terrestre», o que subentende que a matança efetuada pelos poderes demoníacos cumprirá o propósito de Deus sobre a terra inteira, em um julgamento que, apesar de ser retributivo, também visará finalidades disciplinadoras e terá o «arrependimento» como o seu grande alvo.

«...cavalos...» Esses cavalos terão seus respectivos cavaleiros; são os «cavaleiros infernais», aludidos no décimo quarto versículo, onde também discutimos acerca do «significado» do juízo da sexta trombeta. (Ver também o décimo sexto versículo acerca deles). Os gafanhotos também foram pintados como dotados da característica de um exército invasor de cavalaria. (Ver o nono versículo deste capítulo quanto a esse simbolismo). Isso foi tomado por empréstimo dos capítulos um e dois do livro de Joel. Nesses dias de limitado poder militar, a imagem mais aterradorante de um «exército invasor hostil» era o da «cavalaria». O «cavalo», visto que antigamente não havia os modernos tanques e outros instrumentos de guerra modernos, representava um objeto de «terror», quando cavalgado por um homem violento, cuja finalidade fosse destruir vidas humanas. A profecia de Habacuque pinta os cavalos do exército invasor dos caldeus como «mais ligeiros» que os leopardos, e mais «ferozes» que os lobos que atacam à noite... e também como águias que se apressam em seu «vôo», de tal modo que logo «devoram» as suas vítimas. (Ver Hab. 1:5-10). Assim, pois, o cavalo torna-se símbolo de sofrimento e terror, de uma força adversária irresistível.

«...couraças cor de fogo...» Essa é a primeira das quatro descrições sobre os cavaleiros infernais, combinados em um só quadro descritivo com os seus cavalos. É possível que tanto os cavaleiros como seus cavalos sejam aqui retratados armados com essas couraças. O autor sagrado não se mostra bem definido aqui, e nem é a questão muito importante. Mas é possível que somente os cavaleiros tenham as couraças. As couraças parecem de fogo, isto é, são «vermelhos como fogo». O fogo é um destruidor e um purificador. É uma força irresistível. É um objeto de terror quando fora de controle. O autor sagrado queria provocar essas idéias mediante o seu simbolismo. A cor de fogo das couraças é paralela ao modo como os cavalos matam, a saber, mediante o fogo que emana de suas bocas (ver o décimo oitavo

versículo deste capítulo).

«...jacinto...» As couraças continuam sendo aqui descritas. Elas eram de um vermelho de fogo, mas também eram, por assim dizer, da cor do «jacinto». É possível que o termo grego aqui empregado indicasse a cor da pedra preciosa desse nome, que alguns estudiosos identificam com a safira. Como cor, poderia ser vermelho, vermelho-escuro, azul-escuro ou púrpura, conforme seu uso variegado nos sugere. Alguns intérpretes supõem que esse corpo deveria corresponder à «fumaça» expirada por aqueles cavalos infernais, tal como o «vermelho de fogo» corresponderia ao fogo por eles cuspidos. Nesse caso seria alguma cor escura, como o azul-escuro ou a púrpura. Na qualidade de seres demoníacos, provenientes do inferno, trarão consigo um pouquinho do inferno. Por essa razão, há «fogo», «fumaça» e «enxofre» em cada um desses itens, conforme nos é sugerido pela formação e pelas cores das couraças.

As descrições que aqui temos não visam indicar que as couraças fossem feitas de fogo, ou compostas de jacinto, embora contivessem cores dessas coisas. Mas também tinham a cor do «enxofre», isto é, uma tonalidade do amarelo.

«...e de enxofre...», ou seja, um pigmento amarelado, aspecto esse das couraças que corresponde ao «enxofre» que saía das bocas dos cavalos infernais. O enxofre caracteriza as hostes demoníacas, conforme se vê em Apo. 14:10; 19:20 e 21:8, porquanto a «parte má» do hades, segundo se lê em alguns escritos antigos, seria um lugar que conteria enxofre em grande quantidade, idéia essa que ressurge até mesmo na opinião popular, em suas lendas e mitos sobre as regiões infernais, até mesmo no interior de nosso Brasil.

«...como cabeças de leões...» O simbolismo combina os cavalos e seus cavaleiros, havendo três declarações significativas nessa combinação. As couraças (segundo se vê na descrição acima) pertencem aos cavaleiros; agora são descritas as cabeças dos cavalos; e o terceiro elemento, o fogo e o enxofre que emanava das bocas, também saía dos cavalos.

Os gafanhotos também se assemelhavam um pouco ao leão, mas, no caso deles, eram os «dentes» que se pareciam com os dos leões. O «intuito» do simbolismo, entretanto, provavelmente é o mesmo. O leão é um caçador sem misericórdia, incansável em sua perseguição à presa, e brutal na maneira de apanhá-la.

«...de suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre...» Essa é a terceira descrição, a qual nos informa como os cavalos matam. Provenientes dos seres do inferno, matarão com o fogo do inferno. Naturalmente, pensamos que isso é linguagem figurada, mas os resultados devem ser aceitos literalmente. Os espíritos demoníacos da primeira ordem, que aqui vemos, influenciarão os homens para que se matem uns aos outros. A raça humana enlouquecerá violentamente.

«...fogo...» Corresponde à «cor de fogo» das couraças dos cavaleiros.

«...fumaça...» Corresponde à cor «azul-escuro» também das couraças dos cavaleiros.

«...enxofre...» Corresponde à cor «amarelada» que também haverá nas couraças dos cavaleiros.

Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:



1. Os hebreus, em sua grande maioria, eram um povo pastoril, pelo que pouca necessidade tinham de cavalos. Mas usavam o boi para puxar o arado, etc. Para eles, por conseguinte, o cavalo era um animal de «guerra», possuído por seus vizinhos hostis. O cavalo é rápido e forte, e produz morte sem misericórdia. (Ver Jó 39:19-26; Sal. 33:17; 147:10; Jer. 8:16; 47:3 quanto a descrições do A.T. acerca do «cavalo», com os simbolismos sugeridos).

*Então, se ouve o som de exércitos, ao longe,  
Não pode ficar quieto, mas aguçou os ouvidos,  
Treme em cada membro, e, bufando, faz sair  
O fogo concentrado de suas narinas abertas.  
(Virgílio, *Georgicas* iii.83-86).*

«Terrível é o fogo ao respirar das suas ventas» (Jó 39:20).

2. Nas páginas da Bíblia, o cavalo aparece como um animal de guerra, exceto em Is. 28:28. Os cavalos ali descritos ainda são mais terríveis, porquanto possuem a natureza do leão. Outrossim, há cavaleiros de horrenda malignidade

que os montam. Todas essas coisas fazem-nos lembrar do que o pecado faz contra nós, e como o pecado deve ser conquistado em Cristo.

3. Os intérpretes históricos fazem este versículo perder todo o bom senso, ao contemplarem nele as ações e a aparência dos soldados antigos, sobretudo do império otomano, os turcos, como se esse fosse o cumprimento dos símbolos aqui utilizados. Assim é que as «tochas ardentes» que eles levavam seriam o fogo que sai das bocas dos cavalos, o espírito assassino dos soldados seriam as «cabeças de leões», e o fanatismo deles seria o fogo que sai das bocas dos cavalos, ao passo que a irritabilidade dos turcos seria provocada pelo simbolismo dos «cavaleiros infernais». Ainda outros pensam que os «canhões» e a «artilharia pesada» dos otomanos seria o «fogo» referido neste versículo. Mas o fogo que aqui temos é o fogo do hades, e não chammas terrenas. Outros pensam que a «fumaça» aqui referida seriam as doutrinas falsas do islamismo, que prejudicaram à igreja cristã, ao passo que a fumaça que sai das bocas dos cavalos seria a fumaça das armas do fogo usadas pelos cavaleiros otomanos, apesar da visão ver que tal fumaça saia pelas bocas dos cavalos.

18 ἀπὸ τῶν τριῶν πληγῶν τούτων ἀπεκτάνθησαν τὸ τρίτον τῶν ἀνθρώπων, ἐκ τοῦ πυρὸς καὶ τοῦ καπνοῦ καὶ τοῦ θείου τοῦ ἐκπορευομένου ἐκ τῶν στομάτων αὐτῶν. 18 toutoun] om p<sup>41</sup>

9:18: Por estas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pela fumaça e pela enxofre, que saem das suas bocas.

Este versículo é uma repetição, em forma composta, dos elementos que já vimos mencionados. Esses três elementos, o fogo, a fumaça e o enxofre aparecem todos no versículo anterior. O fato que os homens serão mortos mediante esses elementos e antecipado no décimo quinto versículo, como também a porcentagem dos que serão mortos, a saber, um terço da humanidade. (Ver ali as notas expositivas a respeito). Os métodos de matança são agora chamados de «praga». Constituem uma praga do hades, da mesma forma que os «gafanhotos» foram uma praga.

**Significado espiritual da fração.** Uma terça parte dos homens será morta por essa «praga» infernal. Essa fração simboliza a misericórdia de Deus, porquanto duas terças partes não serão feridas por esse horrendo juízo divino. Ao mesmo tempo, entretanto, representa um grande terror para os sobreviventes, chamando-os ao arrependimento, conforme o vigésimo versículo deixa claro. A descrição inteira faz-nos lembrar que Deus está entronizado, que ele continua reinando sobre a terra, a despeito do caos. Esse mesmo caos que prejudicará a tão grande número de pessoas, visa chamar os homens de volta a Deus, porque não haveria tal confusão, sob hipótese nenhuma, se o homem não se mostrasse rebelde contra o Senhor, dando lealdade à maldade cósmica. (Ver I João 3:8 e ss.). Em certo sentido, a história é apenas uma narrativa de como Deus governa, a despeito da rebelião de homens ímpios. Trata-se de uma prolongada lição objetiva, dada aos homens, acerca de como é melhor servir a Deus, e não a Satanás. Todavia, os homens precisam de prolongado tempo para aprender essa lição. Finalmente, entretanto, haverá de aprendê-la (conforme se vê no primeiro capítulo da epístola aos Efésios,) deixando-se convencer que os caminhos de Deus são melhores, pois são os únicos realmente verdadeiros, permanentes e benéficos para os homens.

«Quando a destruição atingir essa fração, sempre haverá atrás aqueles

19 ἡ γὰρ ἐξουσία τῶν ἵππων ἐν τῷ στόματι αὐτῶν ἐστίν καὶ ἐν ταῖς οὐραῖς αὐτῶν· αἱ γὰρ οὐραὶ αὐτῶν ὅμοιαι ὄφεσιν, ἔχουσαι κεφαλὰς, καὶ ἐν αὐταῖς ἀδικοῦσιν.

9:19: Porque o poder dos cavalos estava nas suas bocas e nas suas caudas. Permanentemente as suas caudas eram semelhantes a serpentes, e tinham cabeças, e com elas causavam dano.

Encontramos aqui a quarta e última característica desta descrição: as caudas parecidas com serpentes, que os cavalos exibiam. Essa característica parece ter sido um pensamento posterior do autor sagrado (notemos que não se diz que essas caudas matavam, e, sim, que «causavam dano» ou feriam). Alguns intérpretes suspeitam que tenha havido aqui uma «interpolação», embora não haja evidências textuais em favor dessa idéia. Seja como for, esses cavalos infernais tornam-se agora ainda mais semelhantes aos gafanhotos demoníacos, porquanto produzem dano com suas caudas serpentes (ver o décimo versículo deste capítulo). A serpente e o escorpião são símbolos de maldade e dano, de perigo oculto e ameaçador; e essa é a idéia que o autor sagrado deseja transmitir-nos.

A atribuição de caudas como serpentes, àqueles cavalos que sopravam fogo, é um toque extremamente gráfico, tornando aqueles cavalos tremendamente grotescos, e tanto mais por serem eles símbolos de poderes demoníacos malignos. Os homens serão atacados por um poder contra o qual não têm experiência e nem meios de defesa. Os homens aprenderão que a «maldade cósmica» é tremendamente prejudicial, quando lhe somos leais, mediante o abandono ao pecado. (Ver I João 3:8 e ss.).

A aparência grotesca dos cavalos simbólicos aqui apresentados pelo vidente João não tem paralelo em qualquer dos apocalipses judaicos, dos quais, normalmente, ele derivou os símbolos que empregou. Há um altar de Zeus, em Pérgamo, sobre o qual aparecem gravados gigantes cujas pernas eram serpentes. Parece que tal símbolo pertence à mesma categoria das figuras que aqui aparecem, embora não se trate de um paralelo direto.

As caudas dos cavalos se estendem, e, em sua extremidade, tinham cabeças. E estas serviam de instrumentos de tormento, ou talvez, de matança, o que fariam mordendo as pessoas. Satanás é a antiga Serpente. É apropriado, pois, que essas personalidades demoníacas tenham em si mesmas algo semelhante à serpente.

Nem mesmo tão grotesco simbolismo tem feito os intérpretes históricos pensarem duas vezes, e eles têm procurado encontrar paralelos históricos para isso. Assim é que as caudas simbolizariam para alguns estudiosos,

que se quisessem, poderão pensar, estudar e compreender. (Hough, *in loc.*).

«...praga...» No grego é «*plege*», «golpe», palavra cognata de «*plesso*», que quer dizer «golpear», «expulsar», e, metaforicamente, «confundir», «deixar atônito». O juízo da sexta trombeta será um golpe estonteante, dado pelo próprio hades, o que constituirá uma «praga» que deixará os homens atônitos.

**Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:**

1. Os antigos pensavam que podiam inscrever as letras «ai», «ai» sobre as pétalas do jacinto, a flor que, de acordo com a mitologia clássica, surgiu do sangue de Jacinto, um belo jovem espartano que, por acidente, foi morto durante um jogo de disco. O poema transcrito acima repousa sobre essa tradição. Assim, pois, o «jacinto» (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo) representa o «segundo ai» para toda a humanidade.

2. Haverá grandes e vastas «pragas modernas», conforme o presente versículo nos sugere, da mesma maneira que na antiguidade houve as «pragas» do Egito, provocadas pela rebelião dos homens (ver Exo. 11:1 e ss.). No Apocalipse, as pragas também são mencionadas nos trechos da Apo. 9:20; 11:6; 15:1,6,8; 16:9; 18:4,8 e 22:18.

3. O «fogo», a «fumaça» e o «enxofre» formarão a trindade demoníaca de ais que ferirá a humanidade. O autor sagrado talvez tenha apenas querido dar a entender que o Deus, que é trinitário, permitirá que três pragas infernais venham ferir aos homens.

**Variante Textual.** A palavra «pragas» figura nos mss P(47), Aleph, ACP e 046, o que serve de evidência convincente em favor de sua retenção, de um ponto de vista objetivo. Alguns poucos manuscritos, especialmente minúsculos posteriores, incluindo aqueles sobre os quais se baseou o Textus Receptus, omitem essa palavra. Tal omissão, provavelmente, foi accidental. Por outro lado, poder-se-ia argumentar que a «adição» poderia ter sido uma glosa escritural natural, por antiga que tenha sido. Usualmente, o texto mais «breve» é o correto, porquanto seria muito mais natural que os escribas adorassem ao texto do que o abreviassem. Contudo, a evidência objetiva em favor dessa palavra é tão forte que nos sentimos compelidos a retê-la no texto sagrado.

como Elliott, a autoridade dos «paxás turcos», porquanto tais oficiais brandiam caudas de cavalo como sinal de sua autoridade. Mas essas caudas nada tinham a ver com serpentes, e a idéia inteira é manifestadamente absurda. Grotius fez essas «caudas» simbolizarem os «soldados desmontados» das hordas otomanas. Para outros eruditos, as caudas, com o seu veneno, representariam a «heresia» que invadira a igreja cristã, ou, mais particularmente ainda, a heresia islamita, promovida pelos turcos.

**Outras idéias sobre o décimo nono versículo:**

1. «Os adversários virão velozes como cavaleiros, fortes como leões, venenosos como as serpentes, e sopraram elementos que cegam e queimam com poder mortal. Temos aqui, portanto, forças poderosas, maliciosas e incansáveis, enviadas contra a humanidade, por causa de seus pecados e de seu mundanismo. (Ver os versículos vigésimo e vigésimo primeiro deste capítulo). O principal ensinamento que encontramos aqui é aquela verdade infalível de que o espírito de mundanismo atrai seu próprio castigo, onde quer que o mesmo exista, e que a retribuição contra o mesmo assume uma forma que serve para revelar quão latente poder destruidor oculta-se por debaixo de cada pecado, e quantos adversários espirituais existem que intensificam as paixões humanas e que aumentam a miséria dos seres humanos». (Carpenter, *in loc.*).

2. A mitologia clássica fala em «caudas com cabeças», o que pode ter sugerido o simbolismo aqui encontrado. A «amphisbaena» (uma lendária serpente com uma cabeça em cada extremidade) sugere isso, porquanto as caudas dos cavalos terminavam cada qual com uma cabeça. O altar de Zeus, em Pérgamo, trazia esculpidos gigantes em guerra contra os deuses; e as pernas daqueles gigantes terminavam com cabeças de serpentes, com queixais abertos.

3. Muitos estudiosos, fantasiando demais, chegaram a escrever sobre os turcos: «Com seus canhões ferem os corpos dos homens; e com suas doutrinas falsas, isto é, com suas caudas, eles envenenam as almas dos homens». Mas essas são fantasias próprias da interpretação histórica, que em todos esses símbolos do Apocalipse vê os turcos da Idade Média.

**Variante Textual:** As palavras «pois a força deles» aparecem em alguns poucos manuscritos posteriores sem grande importância. Mas a forma «pois a força dos cavalos» é a que aparece nos mss P(47), Aleph, CP, 046 e a maioria das versões, e certamente essa é a forma correta. Quanto a informações sobre os manuscritos antigos, e como os textos corretos devem ser escolhidos, quando surgem variantes, ver o artigo existente na introdução geral ao comentário, que versa sobre esse tema.

20 Καὶ οἱ λοιποὶ τῶν ἀνθρώπων, οἱ οὐκ ἀπεκτάνθησαν ἐν ταῖς πληγαῖς ταύταις, οὐδὲ μετενόησαν ἐκ τῶν ἔργων τῶν χειρῶν αὐτῶν, ἵνα μὴ προσκυνήσουσιν τὰ δαιμόνια καὶ τὰ εἰδωλα τὰ χρυσᾶ καὶ τὰ ἀργυρᾶ καὶ τὰ χαλκᾶ καὶ τὰ λίθινα καὶ τὰ ξύλινα, ἃ οὔτε βλέπειν δύνανται οὔτε ἀκούειν οὔτε περιπατεῖν,

20 [C] αὐτὸς p<sup>45</sup> M 046 2020 2053<sup>10</sup> cop<sup>10</sup>... ὁ δὲ A P 1 101 203<sup>10</sup>... 2055 2081 2432 Prismaius: Andrew<sup>10</sup>... ὁ δὲ οὐ οὔτε ἴτε... *des. des. des. des.*

vg Cyrtian Prismaius ὁ δὲ C 94 1006 1628 1834 1850 2042 2073 2138 2444 arm Andrew<sup>10</sup> B Beatus Athanas ὁ δὲ 2330 syr<sup>10</sup> B Tyconius

20 προσκυνήσουσιν... εἰδωλα Dt 32:17; 1 Cor 10:18-20

τὰ εἰδωλα... περιπατεῖν. Ps 115:4-7; 135:16-17; Dn 5:23 20-21 οὐδὲ... κλημάτων αὐτῶν Rg

16,9, 11, 21

A dificuldade de construir *οὐδὲ* ou *οὔτε*, na ausência de uma cláusula correlativa, levou escribas, em C muitos minúsculos *ara al*, a substituírem-na por *οὐ* (ou *καὶ οὐ* 2329 *al*). Entre *οὐδὲ* e *οὔτε*, a comissão preferiu a primeira, já que os copistas mais provavelmente teriam alterado para *οὔτε* por assimilação ao correlativo *οὔτε*... *οὔτε* que aparece mais adiante no versículo.

9:28: Os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependem das obras das suas mãos, para deixarem de adorar aos demônios, a aos ídolos de ouro, de prata, de bronze, de pedra e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir nem andar.

...Os outros homens..., a saber, os dois terços que sobreviverão ao juízo da sexta trombeta. Esses não se deixarão «reformatar» ao mínimo, apesar de serem testemunhas ao que sucedeu ao outro terço da humanidade. Nada mudou, em seu credo ou em sua vida diária. Há um ponto onde um homem pode chegar, em sua rebeldia e depravação, do qual é extremamente difícil voltar. Tal indivíduo deseja certos «vícios», e logo sua própria alma se vê viciada. A misericórdia de Deus envia juízos, conforme temos visto no «significado espiritual da fração» aniquilada, discutido nas notas expositivas sobre o décimo oitavo versículo. Mas os homens, mergulhados nos vícios que conduzem à lealdade ao próprio Satanás (ver I João 3:8 e ss.), não percebem isso; e mesmo que o percebam, rejeitam tal percepção, seja como for. O próprio processo histórico visa ensinar aos homens que os caminhos de Deus são realmente melhores, por serem inerentemente benéficos aos homens, ao passo que o contrário, os caminhos de Satanás, são extremamente prejudiciais. Mas o homem só aprende com extrema lentidão, pelo que os processos históricos se prolongam demoradamente.

...flagelos... No original temos a palavra «plege», que é igualmente traduzida assim no versículo anterior. (Ver as notas expositivas sobre essa palavra, no décimo oitavo versículo deste capítulo, onde é explicado e ilustrado o seu uso, no que tange ao juízo da sexta trombeta).

...não se arrependem... O termo grego «metanoeo» indica «mudança de mente». Mas, nas páginas do N.T., o arrependimento envolve verdadeira «mudança de alma», por ser essa, na realidade, o primeiro passo da «conversão», mediante a qual uma pessoa começa a ser transformada segundo a imagem e a natureza de Cristo. O «arrependimento» e a «fé» compõem a conversão, conforme se aprende em Atos 20:21: (Ver as notas expositivas sobre a «conversão», em João 3:3, sob o terceiro ponto das explicações sobre o «novo nascimento». Ver Atos 2:38 acerca do «arrependimento»). Trata-se de uma operação do Espírito Santo, que nos confere a vitória sobre o pecado, quando ele começa a transformar-nos segundo a imagem e a natureza metafísica e moral de Cristo. Mas isso não pode ocorrer sem a cooperação do livre-arbítrio humano. Portanto, o «arrependimento» tem um lado divino e outro humano. É, realmente, o encontro do divino com o humano, o que transforma moralmente aos homens, o que, por sua vez, leva-os à transformação metafísica, segundo a própria natureza de Cristo (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29). O verdadeiro arrependimento é o primeiro passo na participação na própria natureza moral de Deus, e não mera imitação da mesma, e, sim, a participação em sua bondade e santidade, incluindo suas virtudes morais positivas, e não apenas a abstenção de pecado. Precisamos ser tão justos, amorosos, bondosos e longânimos como Deus é (ver Gál. 5:22). Pelo menos esse é o nosso alvo infinito, na direção do qual sempre nos haveremos de esforçar, o que ultrapassa em muito à mera ausência de pecado. Por conseguinte, o arrependimento visa esse alvo, sendo o primeiro passo na direção do mesmo; e também é uma operação divina, realizada pelo Espírito Santo. Trata-se de uma «mudança da alma», o começo da «espiritualização» da alma, para que, finalmente, venha a compartilhar da própria natureza de Cristo. Portanto, o arrependimento é muitíssimo mais do que a mera resolução humana de praticar o bem. A resolução humana deve estar presente, não tenhamos dúvida, entretanto, pois, do contrário, o poder do Espírito Santo, que busca transformar ao indivíduo no íntimo, pode ser anulado.

A lição que aprendemos no presente versículo é que os juízos divinos não são meramente retributivos em sua natureza; também são disciplinadores e restauradores, tanto que os homens permitam que esses juízos tenham essas funções. Cremos que a mesma coisa se verifica no caso da «ira de Deus», no estado eterno. Até mesmo neste último caso haverá restauração, embora os condenados sob hipótese alguma venham a atingir a forma de vida dos eleitos. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios (ver as notas expositivas em Efé. 1:10 e 23) certamente subentende a necessidade dessa forma de interpretação. (Ver as notas expositivas em Col. 3:6 acerca da «ira de Deus»).

...obras das suas mãos... Em outras palavras, «seus atos», que tipificam as suas vidas diárias, as coisas que «desejam» e «praticam». Isso pode ser confrontado com as «obras da carne», em Gál. 5:19, que é um conceito paralelo, embora vazado em linguagem diferente. Várias daquelas «obras» são também as obras das «mãos», aqui mencionadas, na lista de vícios que se segue. Uma das «obras das mãos» especificadas é a «idolatria», o que

envolve, literalmente, o fabrico de ídolos de várias formas e de muitos materiais diversos, conforme as palavras seguintes salientam. Todos os demais «vícios» (alistados no vigésimo primeiro versículo) são apenas resultados da «idolatria», refletindo isso uma comum idéia judaica. Conforme pensavam os judeus piedosos, o homem que é idólatra é capaz de qualquer outro pecado, porque Deus não é o seu deus, e não há restrições permanentes e reais que o controlem. (O fraseado do presente versículo pode ser comparado aos trechos de Deut. 4:28; Sal. 134:15 e Atos 7:4).

...não...deixando de adorar os demônios... A mentalidade judaica sempre associava a adoração e o poder dos demônios à idolatria. Comumente se pensava que apesar do próprio ídolo nada ser, contudo, por detrás do mesmo se ocultavam forças satânicas malignas e negras, que controlavam aos idólatras. Essa idéia aparece claramente em I Cor. 10:20, e o conceito de «adoração dos demônios, através da idolatria» é comentado ali. (Ver também Deut. 32:17; Miq. 5:12; Sal. 106:37; I Enoque 19:1; Jubileus 11:3; Sibyll. 5:80 e ss., que refletem essa atitude judaica). Tertuliano (*de Idol.* iv) dá a entender que essa atitude é veraz, e assim o conceito foi introduzido no pensamento cristão, à parte da influência de Paulo. Não há razão para duvidar-se que isso pode realmente ocorrer, embora grande parte da idolatria não passe de tolices, sem qualquer poder espiritual autêntico, nem bom e nem mau. Certos escritos judaicos (ver Sal. 115:7 e muitas declarações do Talmude) refletem a «insensatez» da idolatria, tal como o faz o presente versículo.

...ídolos... (Quanto a notas expositivas completas sobre a «idolatria», ver Atos 14:18; 17:16; Gál. 5:20, onde aparece como uma das «obras da carne»; ver Col. 3:5 e Efé. 5:5, onde a «cobiça» é considerada uma idolatria. Esse pensamento também está contido em I Cor. 5:10,11. As notas em Efésios, em Colossenses e em I Coríntios comentam sobre como os «cristãos» podem envolver-se na idolatria, ainda que não adorem aos ídolos da mesma maneira que fazem os pagãos).

Listas de vícios. O N.T. emprega com freqüência as «listas de vícios», para efeitos didáticos. Essa era uma prática favorita dos filósofos morais gregos e latinos, embora nunca ela se tivesse desenvolvido plenamente no judaísmo. O cristianismo, entretanto, tomou por empréstimo esse método de ensino, mais ou menos equivalente ao ensinamento dos dez mandamentos às crianças judias. (Ver I Cor. 5:13 sobre essa prática, em suas notas expositivas).

No alto das «listas de vícios» destaca-se a idolatria, pois dali se derivavam todos os demais vícios. Quando não damos lealdade apropriada a Deus, ao princípio divino que vem habitar no humano, logo incorregemos para muitas e variegadas formas de vícios e pecados. Nada mais existe capaz de refrear-nos disso.

...de ouro, de prata... (e de outros materiais). A enumeração dos diversos materiais com que eram fabricados os ídolos parece ter o propósito de indicar que «muitas» e «variadas» eram as «obras das mãos» dos pagãos, e todas dedicadas ao mal, ao próprio «eu», ao pecado, mas nunca a Deus.

...que nem podem ver, nem ouvir, nem andar... O ataque judaico contra a idolatria, que também se tornou comum nas fileiras cristãs, pode ser melhor entendido atendendo-se aos pontos seguintes: 1. Ficava subentendido que, através dos ídolos eram adorados seres satânicos. 2. Quando muito, a idolatria «nada é», pelo que também é inútil, algo muito inferior para ser posto em lugar da adoração a Deus, já que nada pode produzir senão ilusão e desilusão. Esse segundo elemento é agora combinado com o primeiro (o que já fora enfatizado neste versículo). Há muitas referências literárias judaicas a esse segundo aspecto da idolatria. O trecho de Dan. 5:23 é bastante similar ao presente versículo, podendo ter formado o pano de fundo literário do mesmo. (Ver também I Enoque 99:6,7; Sal. 115:4; Isa. 46:7 e Jer. 10:5).

...os homens preferem adorar a essas invenções impotentes e sem vida, e não ao Deus vivo. É inacreditável, mas é verdadeiro. Algumas vezes, o profeta (Jeremias) fica totalmente admirado quando se vê diante da cegueira humana àquilo que é claramente revelado diante dos olhos deles. Além disso, ele se vê reduzido à total humilhação ao encontrar traços dessa mesma cegueira em sua própria alma. O reino das coisas substituiu ao reino de Deus». (Hough, *in loc.*).

O culto ao imperador. O livro de Apocalipse foi escrito a uma igreja que muito sofria, perseguida pelo imperador romano, Domiciano, que exigia que seus súditos o adorassem como um deus. A idolatria daqueles dias andava de mistura com tal loucura. O autor sagrado, «pois, devia ter em mente esse culto, ao escrever. Contudo, a sua mensagem é universal e profética. Nos últimos dias, os homens sofrerão terrivelmente por adorarem ao anticristo, e seu culto científico contrário a Deus. Haverá a mais vasta e mais horrenda de todas as perseguições religiosas, contra aqueles que se

recusarem a unir-se a esse culto ao anticristo. O trecho de Apo. 21:8 promete a «segunda morte» aos que persistirem na idolatria, com seus vícios acompanhantes.

#### Outras idéias sobre o vigésimo versículo:

1. Embora este versículo exponha o convencional ridículo judaico-cristão contra a idolatria, a verdade aqui apresentada nem por isso é menos real. Podemos ridicularizar a idolatria e, ao mesmo tempo, tornar-nos culpados da mesma em nossas vidas. Quase todos os cristãos praticam alguma forma distorcida de idolatria, porquanto Deus, de alguma maneira, é substituído por alguma «coisa», «pessoa» ou «ambição», etc.

2. Tudo quanto toma o lugar de Deus torna-se uma «imagem inútil». Uma vez que tenhamos expulso Deus de nossas vidas, ficamos sujeitos a todas as formas de vícios e corrupções. Isso irá aumentando de intensidade até aos «últimos dias», e ao surgir em cena o anticristo (a quem cremos já estar vivo no mundo), será revivida a «idolatria» da pior modalidade. Por meio do anticristo, o próprio Satanás será adorado, desavergonhadamente e com orgulho nas corações. Os homens seguirão ao anticristo com um senso de dever cumprido, especialmente no caso da juventude. É que ele será o maior enganador dos homens em toda a história; em comparação com ele, todos os déspotas e facinorosos da história serão meras crianças. (Ver as notas expositivas sobre o anticristo em II Tes. 2:3).

21 καὶ οὐ μετενόησαν ἐκ τῶν φόνων αὐτῶν οὔτε ἐκ τῶν φαρμάκων αὐτῶν οὔτε ἐκ τῆς πορνείας αὐτῶν

21 [C] φαρμάκων p<sup>67</sup> M C 1006 1611 1854 1959 2043 2138 syr<sup>h</sup> Andrew<sup>1</sup> Arthas<sup>1</sup> φαρμακίων A P 046 1926 2073 2344 φαρμακίον

[πορνείας] πορνείας N<sup>9</sup>A pc

21 2020 2053 2065 2081 2412 syr<sup>h</sup> cop<sup>ms</sup> arm Andrew<sup>1</sup> Arthas<sup>1</sup> φαρμακίων φαρμακίον φαρμακίον

A comissão preferiu *φαρμάκων*, que não ocorre em nenhum outro trecho do N.T., em parte com base no apoio externo (p<sup>67</sup> M C 1006 1611 1854 *af*) e em parte, porque copistas mais provavelmente tê-la-iam alterado para o termo mais específico, *φαρμακ(ε)ῶν* (A P 046 2053 2344 *af*), que ocorre em 18:23 e Gál. 5:20, e não vice-versa.

9:21: Também não se arrependem dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos.

A «lista de vícios» tem continuação aqui. Todos esses vícios se originam na idolatria, conforme é sugerido no versículo anterior. (Ver as notas expositivas ali existentes, sobre esse tema).

«...se arrependem...» (Quanto a notas expositivas sobre o «arrepentimento», o alvo a que esses juízos divinos querem levar os homens, ver o vigésimo versículo deste capítulo).

«...assassínios...» O indivíduo que tiver substituído Deus por meras «coisas» ou por sua «ambição», não se sentirá tolhido de «assassinar» a quem quer que seja. Muitos daqueles que não matam literalmente, são assassinos em espírito.

Em outras listas de vícios do N.T., o «assassínio» também é listado. (Ver Gál. 5:21, onde esse pecado é chamado de «obra da carne»). Em Rom. 1:29 é listado esse pecado entre as características dos antigos povos pagãos, cujos atos pecaminosos atiram contra eles o julgamento de Deus, porquanto aqueles que praticam essas coisas são «dignos de morte»; e não somente esses, mas também aqueles que nelas têm prazer e as praticam. É um pensamento solene aquele que estipula que «Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino...» (I João 3:15). O trecho de Apo. 21:8 promete a segunda morte aos assassinos.

Cremos que nos «últimos dias», aos quais nós, e mais certamente ainda, nossos filhos, verão, tornar-se-á extremamente frequente e comum o «homicídio», porquanto os homens serão cegados por forças satânicas, entregando-se ao ódio e à violência. Os homens viverão como que em uma floresta selvagem e sem qualquer moral. Haverá o retorno ao mais cru paganismo, e pior ainda.

«...feitiçarias...» A raiz grega, neste ponto, é *pharmakon*, «droga», da qual palavra, naturalmente, se deriva o termo moderno «farmácia». Os antigos mágicos e feitiçeiros, tal como os modernos, usavam «drogas», elementos químicos, em seus encantamentos e ritos, ou na busca do poder dos deuses, ou na tentativa de solucionar problemas, ou a fim de prejudicar ao próximo. Era natural, pois, que o conceito de «feitiçarias» viesse a ser designado mediante uma modificação do vocábulo grego que significa «droga». Com frequência, o termo significa «veneno», e não meramente «droga», pois este último poderia ter um sentido benéfico.

A citação abaixo, extraída de Platão (*Leis* xi.933), ilustra a conexão entre as «drogas» ou «poções» com a feitiçaria: «Há dois tipos de venenos, usados entre os homens, que não podem ser claramente distinguidos. Há um tipo de veneno que prejudica os corpos pelo uso de outros corpos, segundo uma lei natural... mas há um outro tipo que prejudica por meio de feitiçarias e encantamentos e mágicas, segundo são chamados, induzindo uma classe de homens a prejudicar a outrem, até onde podem, persuadindo a outros que eles, acima de todas as demais pessoas, são passíveis de serem prejudicados pelos poderes dos mágicos. Ora, é fácil conhecer a natureza de todas essas coisas; e se alguém realmente as conhece, com facilidade poderá persuadir a outros acerca de sua crença. E quando os homens se sentem perturbados ante a vista de imagens de cera, fixados em portas ou em encruzilhadas, ou nos sepulcros dos pais, não há como tentar persuadi-los desprezar todas essas coisas, porque não têm qualquer conhecimento certo sobre elas. Mas devemos ter uma lei em duas porções, acerca dos envenenamentos, sem importar quais dos dois métodos seja empregado; e precisamos aconselhar e exortar e instar com os homens a que não recorram a tais práticas, mediante as quais assustam as multidões, tirando-lhes o discernimento, como se fossem crianças, compelindo o legislador e o juiz a curarem os temores despertados pelos feitiçeiros, dizendo-lhes, em primeiro lugar, que aqueles que tentam envenenar a outros não sabem o que estão fazendo, ou no tocante ao corpo (a menos que tenha conhecimentos de medicina) ou no tocante aos encantamentos, a menos que seja um profeta ou adivinho».

Platão demonstra que cria em «feitiçarias», chegando mesmo a admitir um uso legítimo de tais coisas, como quando são usadas por pessoas certas,

como no caso de um «profeta». Não se pode negar a realidade das artes da feitiçaria, mesmo que possamos demonstrar que às vezes tudo não passa de insensatez, pois vale-se dos temores alheios, tratando-se de questão meramente psicológica. Em nossos próprios dias a feitiçaria e as coisas que exploram o ocultismo estão passando por um tremendo renascimento, e sem dúvida isso é uma medida preliminar para algo ainda maior, que terá lugar nos verdadeiros «últimos dias», antes da segunda vinda de Cristo. (Ver o quarto ponto, sob «outras idéias acerca do vigésimo versículo», onde há instruções e cautelas acerca desse assunto).

Em Gál. 5:20, as feitiçarias são alistadas entre as «obras da carne»; naquele ponto há notas expositivas mais completas do que aqui, a esse respeito. Em Apo. 18:23 ocorre de novo o termo usado neste texto. O substantivo correspondente se acha em Apo. 21:8 (onde aos feitiçeiros é prometida a «segunda morte»), e em Apo. 22:15 (acerca daqueles que estão do lado de «fora» dos portões da cidade celeste). Em nossos próprios dias, os líderes eclesiásticos queixam-se do ressurgimento das «posseções demoníacas», porquanto as pessoas vivem experimentando diferentes tipos de feitiçaria. Isso reflete um fato verdadeiro. (Ver as notas expositivas sobre os «demônios», em Marc. 5:2; e sobre a «posseção demoníaca», em Mat. 8:28). O nome de Jesus continua livrando os homens dessas invasões demoníacas. (Ver as notas expositivas sobre o «exorcismo», em Atos 15:8).

Newell (*in loc.*, escrevendo em cerca de 1935) predisse o aumento do uso das «drogas» nos últimos dias. Já vimos isso ocorrer em massa, em nossos próprios dias (décadas de 1960 e 1970). Provavelmente isso irá aumentando cada vez mais, e as vidas dos homens tornar-se-ão cada vez mais difíceis, por causa de sua rebeldia, com o resultado que procurarão refúgio nas drogas. Isso é uma «aplicação» do que pode ser dito acerca da «pharmakia» ou «feitiçaria», embora não seja interpretação direta.

«Que os sonhadores de sonhos, que não têm a Palavra de Deus, reflitam sobre isso. Creio de todo coração que estes últimos dias serão a era de mais bebados e intoxicados que o mundo já viu! O homem não-regenerado se refugia das condições intoleráveis no suicídio e no olvido das drogas. Precisamos somente pensar no uso dos estimulantes alcohólicos, do ópio, do tabaco, na loucura de cosméticos e medicamentos para aumentar a potência sexual, e no apelo à farmacopeia, em conexão com a sensualidade, dos agentes mágicos e tratamentos que alegadamente proviriam do mundo dos espíritos para benefício do povo, das milhares de imposições na forma de medicamentos e agentes medicinais, que encorajam a humanidade à transgressão desabrida, na esperança de reparar facilmente os danos impostos pelas penalidades da natureza, da crescente prevalência do crime induzido por essas coisas, liberando e estimulando a atividade das paixões mais vis, que estão correndo o senso moral da sociedade, tudo o que é o começo daquela degeneração moral a que o vidente aqui alude, como uma das características do período quando soar a sexta trombeta». (Newell, *in loc.*, com uma citação de Seiss).

«...prostituição...» A palavra grega aqui usada, «porneia», seria melhor traduzida como «imoralidade», porquanto é usada de modo geral para indicar todas as formas de «pecado sexual». A idolatria da antiguidade encorajava a imoralidade. Só em Corinto, nos dias de Paulo, havia mais de mil «prostitutas culturais», cuja renda era usada para sustentar os templos pagãos. Foi necessário que aquele apóstolo advertisse aos crentes, recém-convertidos do paganismo, que tais «imoralidades» não podiam mais fazer parte do seu ciclo de vida. (Ver I Tes. 4:3 sobre isso, onde aparece a nota geral sobre a «santificação»). Os gregos e romanos antigos, apesar de se oporem ao «adultério» (pelo menos em seus códigos de ética, mesmo que talvez não na prática), nada viam de errado nas experiências sexuais antes do matrimônio; mas em nosso mundo moderno (tanto uma como outra coisa são aprovadas tanto na prática como na teoria. A «nova moralidade» é meramente a «antiga imoralidade», em vestes diferentes, e com uma



filosofia mais sofisticada. Os «últimos dias», preditos dentro do contexto da «sexta trombeta», provavelmente verão o total esboramento de moralidade sexual, ao ponto de qualquer castidade vir a ser desprezada e perseguida.

«Basta-nos passar os olhos pelas gravuras dos jornais, das capas de revistas, pela propaganda de teatros e cinemas, para ver a onda de concupiscência que atualmente varre a terra. O Espírito de Deus parece estar-se retirando, permitindo que o coração pecaminoso do homem se atole em sua imundícia. Gradualmente nos vamos acostumando a ler e ouvir essas coisas, até quase nem mais percebermos até que distância, em poucos anos, nos temos aproximado da imoralidade de Sodoma. Os homens não se arrependem desse seu querido pecado. Lembremo-nos que embora a Jezebel tivesse sido dado tempo para arrepender-se, em Apo. 2:20,21, foi de sua «fornicação» que ela «não quis» arrepender-se. (Newell, *in loc.*).

A imoralidade sexual é uma das «obras da carne» (isso deve ser visto nas notas expositivas em Gál. 5:19). Quatro termos, naquela lista, falam sobre a concupiscência sexual: «adulterio», «fornicação» (imoralidades em geral, o mesmo vocábulo usado no presente texto), «imundícias» e «lascívia». A maior parte das listas de vícios devota mais itens às concupiscências sexuais do que a qualquer outra forma de vícios. (Ver Efê. 5:3 e ss. e I Cor. 5:9 quanto a uma demonstração a esse respeito).

«...furtos...» Alguns buscam ganhar dinheiro por quaisquer meios, e nem todo o «furto» é do tipo praticado nas ruas pelos chamados «criminosos». Nos Estados Unidos da América, a ofensa criminal mais comum é a «fraude», mediante o que os homens obtêm dinheiro desonestamente. O amor ao dinheiro é uma das raízes de todos os males (ver I Tim. 6:10). A «cobiça» é a raiz do «furto». (Ver as notas expositivas sobre esse pecado da «cobiça», em Col. 3:5). Esse texto vincula especificamente esse pecado com a «idolatria», pelo que concorda com o presente versículo, de que a idolatria é a base da maioria dos demais vícios, se não mesmo de todos eles. O homem que houver desagradado a Deus em sua vida, não evitará o «lucro desonesto» de alguma forma, embora que não esteja «enganando» em sua

declaração do imposto de renda e nem esteja apelando para outros «possíveis» meios escusos de obter dinheiro secreta ou ilegalmente, que lhe pareçam «seguros».

#### Outras idéias sobre o vigésimo primeiro versículo:

1. Passados lamentos inevitavelmente esperam a sociedade que tolere tais obras; mas o pior agouro da condenação vindoura se vê quando a sociedade perde a capacidade de arrepender-se, por haver perdido o poder de abominar ao mal. Tal incapacidade é invariavelmente significativa no avanço da decadência moral. É o clímax do crescimento do pecado, que o salmista observou, quando os homens perdem a sagrada abominação ao mal (ver Sal. 36:4). Para os tais, o arrependimento se vai tornando impossível. (Carpenter, *in loc.*).

2. Moffatt (*in loc.*) crê que a «feitiçaria», que figura neste texto, indicava específica e principalmente o uso dos encantamentos e drogas que incitam à concupiscência, que era um vício asiático prevalente (ver Gregório Nazianzeno, *Orat.*, iv.31).

3. «Imoralidade de toda a descrição era a sequência natural da adoração demoníaca e da idolatria». (Charles, *in loc.*). Creemos que essa situação se irá caracterizando cada vez mais, quando os homens vierem a adorar ao anticristo, e, por intermédio dele, ao próprio Satanás, o mais horrendo tipo de idolatria possível. Um horrendo culto se desenvolverá em volta do anticristo, e os pecados aludidos no presente versículo tornar-se-ão inteiramente descontrolados na sociedade.

4. Alguns intérpretes protestantes, pertencentes ao grupo que interpreta o Apocalipse «historicamente», pensam que aqui há menção à igreja romanista, com os seus abusos. Mas isso é limitar esta predição a uma única avenida de abuso possível, quando aqui está em foco a idolatria universal, envolvida na adoração ao anticristo.

**Variante Textual:** A maneira de grafar a palavra «feitiçarias», no grego, é «pharmakon», figura nos mss P(47), Aleph, C, 1006, 1811, 1864 e alguns poucos outros manuscritos. Mas os mss AP, 046, 2053, 2344 dizem «pharmakelion», que ocorre em Apo. 18:23 e Gál. 5:20, em outras formas gramaticais. A forma singular do presente versículo, provavelmente é a correta, que teria sido modificada para uma maneira mais familiar de escrever a palavra.

#### Capítulo 18

### VII. Juízos das Sete Trombetas (8:7- 11:19)

#### 8. Parêntesis (10:1 - 11:14). a. O Rolo Doce-Amargo (10:1-11)

O último parágrafo do capítulo nono relata o juízo da sexta trombeta. Antes de ser apresentada a sétima trombeta, da qual emergirão os juízos das sete taças, o autor sagrado faz uma pausa para relatar a visão do rolo de gosto doce-amargo e a narrativa acerca das duas testemunhas. Somente após o «parêntesis» é que é apresentado o juízo da sétima trombeta, a começar em Apo. 11:15.

A abertura do sétimo selo também foi adiada por duas cenas, apresentadas em um parêntesis -- a selagem dos mártires em potencial e a glorificação dos mesmos. Isso sucedera no sétimo capítulo deste livro. É evidente, pois, que o autor sagrado planejou cuidadosamente o seu livro, a fim de obter forma literária e poder de apresentação.

O material à nossa frente, o capítulo décimo, como sempre, tem suas dependências literárias. Trata-se de uma espécie de segunda redação de várias cenas notáveis dos capítulos primeiro a terceiro do livro de Ezequiel. A seção IV da introdução ao Apocalipse deve ser consultada quanto ao tópico *Dependência Literária*. E já que aqueles três primeiros capítulos do livro de Ezequiel servem de «pano de fundo» para este décimo capítulo do Apocalipse, será útil, primeiramente, apresentarmos um sumário do conteúdo daquela passagem do A.T. Cristo (*in loc.*), fornece-nos esse sumário:

«Ezequiel relata que ele viu os céus se abrirem, e uma grande nuvem empurrada por um vento forte que vinha do norte, a lampear com luzes e a rebrilhar de um fogo que havia no seu interior. Ao aproximar-se, a nuvem mostrou conter o trono de Yahweh. O próprio Yahweh se assemelhava a um homem, mas muitíssimo mais glorioso. De sua cintura para cima ele parecia como um âmbar em fogo, e de sua cintura para baixo se parecia com o fogo, com um resplendor ao seu redor que parecia um arco-íris. Após essa admirável teofania, Deus comissionou Ezequiel a que profetizasse contra os filhos rebeldes de Israel, ordenando-lhe que comesse um pequeno rolo que lhe dera. O rolo, escrito de ambos os lados, continha lamentações, suspiros e ais. Ezequiel fez o que lhe foi ordenado, e percebeu que o rolo era doce como o mel em sua boca. (Ver Eze. 2:8- 3:3). Ao comer o rolo, apossou-se das profecias ali existentes, de tal modo que o seu livro, na realidade, é uma reprodução do livro celestial. Era doce como mel em sua boca, porquanto achou que suas profecias de condenação contra os ímpios eram mais aceitáveis. A dependência anterior de João a essa seção do livro de Ezequiel já foi observada antes».

Essa explicação *identifica* para nós o que é o «pequeno livro» do Apocalipse. É, na realidade, o «restante» do próprio Apocalipse, que o vidente João assimilara inteiramente em seu sistema, ao «comer» o livro celeste ou «revelação», em razão do que foi capaz de escrever prontamente o restante do livro com suas muitas e horrendas predições de condenação. O décimo primeiro versículo diz isso diretamente. Essa cena dramática prepara-nos mentalmente para as tremendas visões que se seguem, algo parecido com a «meia hora» de silêncio do começo do oitavo capítulo, que nos preparou para os juízos das sete trombetas, criando uma atmosfera de suspense e susto. O quadro inteito do «pequeno livro», além disso, é paralelo (embora sejam utilizados simbolismos diferentes) ao quinto capítulo do Apocalipse, ou seja, ao *rolo de sete selos*, o qual é, na realidade, o «livro da revelação» ou Apocalipse, que estava prestes a ser desvendado. Portanto, a «última porção» do mesmo livro é esse «pequeno livro». Alguns intérpretes pensam que o «pequeno livro» é exatamente idêntico ao «rolo selado», embora aludido mediante símbolos diferentes. É mais provável, contudo, que o livro que temos aqui seja chamado de «pequeno» por ser uma «parte» apenas do «rolo de sete selos», e não igual ou equivalente a este.

Este décimo capítulo serve para introduzir a mensagem do «terceiro ai», que é o juízo da sétima trombeta, isto é, a mensagem que diz que não haverá mais demora antes do cumprimento do mistério de Deus, o propósito inteiro de Deus, que tem atravessado todos os milênios. Cristo então passará a reinar, e os ciclos terrenos, conforme os conhecimentos agora, darão lugar a uma nova e gloriosa era. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios nos fornece alguns detalhes sobre essa questão, indicando qual será a natureza dessa nova era. Todas as coisas serão reunidas juntamente em Cristo; haverá uma restauração geral, e Cristo tornar-se-á tudo para todos.

10 Καὶ εἶδον ἄλλον ἄγγελον ἰσχυρὸν καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, περιβεβλημένον νεφέλῃν, καὶ ἡ ἵρις ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ, καὶ τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος, καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὡς στύλος πυρός, 10. 1 ἄλλος] sm P 046 1 82 2036 2053 pm | η] sm P 1 2059a pm ε

10:1. E vi outro anjo forte que descia da céu, vestido de uma nuvem; por cima da sua cabeça estava o arco-íris, e seu rosto era como o sol, e as suas pés como coluna de fogo,

A começar por Apo. 4:1, o autor sagrado passou a escrever como se estivesse nos céus, contemplando os acontecimentos como se estivesse ali. Agora ele se acha de volta à terra, porquanto viu o anjo que «descia» do céu.

Isso é paralelo ao trecho de Eze. 1:4, onde o profeta via a «aproximação da nuvem», a qual, finalmente, transformou-se no trono de Yahweh. A nota introdutória a este capítulo, que procura explicar a origem dos simbolismos aqui usados pelo vidente João, como também procura identificar o «livro», salienta que os capítulos primeiro a terceiro do livro de Ezequiel formam o «pano de fundo» literário. João modifica e arranja novamente o material, mas é óbvio de onde ele «pediu por empréstimo» as suas descrições. A aparência do anjo se assemelha à aparência de Yahweh, em Eze. 1:27,28, mas também se parece com a aparência do próprio Cristo, no primeiro capítulo do Apocalipse (Ver Apo. 1:13-16), embora com algumas modificações, porquanto aquela passagem é mais elaborada do que esta. Notemos, por igual modo, o arco-íris do Apo. 4:3, associado ao trono. Agora vemos que o «anjo» é quem está com o arco-íris. Os trechos de Dan. 10:5,6 e Apocalipse de Abraão, em seu décimo primeiro capítulo, encerram cenas semelhantes.

#### Identificação do anjo:

1. Observando que os paralelos literários têm tais descrições acerca ou de Yahweh ou do Filho do Homem, muitos intérpretes creem que somente Cristo pode estar aqui em foco. Essa conjectura é fortalecida pela observação que o capítulo primeiro definitivamente fala acerca de Cristo, pois as descrições ali existentes são similares às que temos aqui. Por igual modo, o quinto capítulo, que dá a cena sobre o «rolo de sete selos», fala sobre Cristo e sobre como ele traz o livro até diante de João e começa a abrir seus selos. Portanto, seria natural a suposição que o «pequeno rolo» (o restante do livro de Apocalipse) também deve ter sido apresentado ao vidente João por parte de Cristo.

2. Alguns estudiosos, porém, *relutam* em chamar Cristo de *anjo*, pois, até este ponto, todos os «anjos» aludidos por João são apenas anjos, ou santos ou decaídos. A própria palavra grega significa «mensageiro», não sendo impossível, pois, que tal vocábulo tenha sido aplicado a Cristo em seu sentido primário, sem identificação de Cristo com qualquer ser criado nos céus. Notemos igualmente, no terceiro versículo, que esse anjo «ruge» como um «leão», ao trazer à frente o julgo dos sete trovões. E o trecho de II Esdras 11:37 tem o «Messias» a rugir como um leão, atemorizando a todos, porque aquele rugido anuncia um julgo divino contra o pecado. Contudo, em favor da idéia que aqui teríamos um mero «arcanjo», é salientado que a passagem de Dan. 12:7 e ss. tem uma descrição similar à que temos à frente, onde muitos intérpretes pensam estar em foco o arcanjo Gabriel. Outrossim, o uso geral dos apocalipses judaicos no tocante aos anjos, favoreceriam aqui algum «arcanjo», e somente aqui Cristo seria chamado de «anjo», pois não há quaisquer outras ocorrências assim. A voz que se faz ouvir no quarto e no oitavo versículos do presente capítulo, mui provavelmente é a voz de Cristo, mas isso não faria o «anjo» idêntico a ele. Finalmente, notemos que em Apo. 5:2; um «forte anjo» está envolvido na introdução do rolo de sete selos a João. Empregando o mesmo vocábulo grego aqui utilizado, também temos um «forte anjo» que está envolvido na questão do «pequeno livro». Aqui o «anjo» é chamado de «outro», com uma referência a um anjo similar, em Apo. 5:2, o qual também é «forte» como é o presente anjo. Não é provável que Cristo fosse chamado de «outro anjo», o que o colocaria em pé de igualdade com algum «outro» anjo que previamente tivesse sido descrito. Notemos, por semelhante modo, a «voz» que há nos versículos quarto e oitavo deste capítulo, que provavelmente é a voz de Cristo, e isso também o distingue do «anjo».

Apesar de que há bons argumentos de ambos os lados, em favor de Cristo ou de algum *arcanjo*, a verdade é que o uso geral dos apocalipses acerca do termo «anjo», incluindo os próprios apocalipses judaicos e o Apocalipse de João, assegura-nos que algum «arcanjo» é o «forte anjo» do décimo capítulo. Em seu próprio direito, por causa da elevada posição que ocupa e a glória de seu ser, ele merece as descrições que aqui lhe são atribuídas.

«...outro anjo...» Tal como se lê em Apo. 5:2. Grande em inteligência e poder, como representante de Deus, poderoso em suas obras. Mas os próprios arcanjos serão menos inteligentes, poderosos e úteis que os homens remidos, quando o propósito remidor de Deus estiver terminado, conforme se aprende claramente no primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Cristo é «tudo para todos» (preenche a tudo em todos); mas os remidos são a sua «plenitude». Por conseguinte, serão usados como delegados de Deus a fim de fazê-lo tudo para todos, pois são a sua «plenitude», usada para preencher com a sua graça a criação inteira. Os remidos, mesmo agora, tentam fazer Cristo ser tudo para todos; e farão a mesma coisa para toda a eternidade, porquanto, na qualidade de «plenitude» de Cristo, eles trarão essa realidade a outros seres. (Ver as notas expositivas em Efê. 1:23, acerca desse conceito).

Gabriel bem poderia estar em pauta aqui, já que seu nome significa «homem de Deus», ou então, «Deus mostrou-se forte», ou seja, alguém que é poderoso em seu próprio ser. É um pensamento que nos deixa atônitos aquele que mostra que a redenção elevará os remidos acima do próprio

2 καὶ ἔχων ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ βιβλαρίδιον ἡνεωγμένον. καὶ ἔθηκεν τὸν πόδα αὐτοῦ τὸν δεξιὸν ἐπὶ τῆς θαλάσσης, τὸν δὲ εὐώνυμον ἐπὶ τῆς γῆς,

10:3; e tinha na mão um *livrinho aberto*. Pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra;

«...na mão...» Tal como diz em Apo. 5:1,7. A mão era a «esquerda», conforme o quinto versículo pode mostrar. O livro primeiramente aparece na mão de Deus Pai, e então na mão do Filho. Agora passa para a mão do elevado arcanjo, para ser mais desdobrado ainda diante do vidente João.

«...livrinho aberto...» O livrinho estava aberto porque seus sete selos já haviam sido rompidos. O Apocalipse é um «livro aberto», uma autêntica «revelação», conforme significa o seu nome, e não um livro fechado, como eram muitos apocalipses judaicos. (Quanto a notas expositivas completas

Gabriel, acerca de quem as Escrituras dizem tais coisas. Em I Enoque, Gabriel, Miguel, Rafael e Peniel (ou Uriel) desempenham importantes papéis angelicais. Gabriel é o anjo do castigo (entre outras coisas), pelo que seu aparecimento aqui, como quem introduz o «pequeno rolo» (dos julgos) é perfeitamente apropriado. No N.T., o trecho de Luc. 1:11-22,26-28 também alude a esse arcanjo.

«...envolto em nuvem...» Sem dúvida esse é um detalhe tomado por empréstimo de Eze. 1:4, embora com adaptações. Ezequiel viu uma «grande nuvem», aproximando-se dele, a qual se transformou no trono de Deus. Esse símbolo fala da majestade oculta, de um respeito inspirador em seu caráter e poder, ainda não revelado, mas ameaçado. Ver os paralelos do A.T., em Sal. 104:3 (ele faz as «nuvens» serem a sua carruagem); Dan. 7:13 (o Filho do homem virá com as nuvens dos céus). Poderá haver alguma indicação, em uma ou outra dessas passagens, acerca de «auxiliares angelicais», que acompanham o «grande e elevado poder» que forma a «nuvem». Não parece suceder assim no caso do presente versículo, entretanto. E nem a própria «nuvem» é literal. Antes, trata-se de uma «glória misteriosa e auxiliar», uma «nuvem metafísica», por assim dizer. Isso pode ser comparado com Apo. 1:7, onde se vê que Cristo «virá com as nuvens». Em Apo. 14:14-16 a «nuvem» é associada também à pessoa de Cristo, mas não se dá a mesma coisa neste versículo.

«...arco-íris por cima de sua cabeça...» A luz que rebrilhava de seu ser formava um «arco-íris», talvez por causa da presença da nuvem que envolvia ao anjo. Já tivemos ocasião de comentar sobre o símbolo do «arco-íris» em Apo. 4:3. Supomos que isso continua a simbolizar a «esperança», tal como o arco-íris, quando do término do dilúvio, indicou o fim do castigo universal por meio da água. Em meio aos horrores da Grande Tribulação que haverá (ver as notas expositivas em Apo. 7:14 sobre esse horrível período de sofrimentos mundiais), a esperança rebrilhará através de tudo, porquanto o julgamento divino nunca é meramente retributivo. Os julgos divinos também são restauradores e disciplinadores. (Ver as notas expositivas em Col. 3:6 acerca desse ponto de vista sobre o «julgo divino»). Deus estabelece um «pacto de misericórdia» com os seres humanos. O arco-íris representa esse pacto, sendo o seu próprio símbolo. Deus julgará aos homens, mas, nesse julgamento, resplandecerá a misericórdia, e o próprio julgamento divino conduzirá à administração da misericórdia, conferida por intermédio de Jesus Cristo, o qual é o Cabeça de toda a raça remida, e, eventualmente, será tudo para todos, conforme se aprende, por exemplo, em Efê. 1:23 (onde o leitor deve consultar as notas expositivas sobre essa importantíssima verdade).

«...rosto como o sol...» Assim também, em Apo. 1:16, é dito que a «fisionomia» de Cristo era brilhante «como o sol na sua força». Poder, majestade e glória são assim simbolizados. O sol também é o doador da vida, mediante sua luz e calor. Cristo é a «luz do mundo»; e também há outros seres que, por delegação de sua parte, são «luzes». E isso não somente como «refletores» da luz, mas porque compartilham de parte da natureza de Cristo. (Ver as notas expositivas em João 1:7-9 acerca de Cristo como a «Luz»). Essa «luz» é «perscrutadora» e «reveladora», como também é «iluminadora» e «doadora da vida». A função do julgo está envolvida em todos esses elementos, e isso é o que o anjo viera anunciar.

«...pernas como colunas de fogo...» O fogo purga e castiga; o expurgo restaura e refina. O autor sagrado tem em mente os trechos de Eze. 1:7; Dan. 10:6 e 12:7. Em Apo. 1:15, Cristo é descrito como quem tem «pés como bronze polido», como que refinado numa fornalha, e quase exatamente o mesmo sentido está contido aqui. O julgo divino está obviamente em vista.

#### Outras idéias sobre o primeiro versículo:

1. Esta cena introduz o julgo da sétima trombeta, e não meramente a cena do «pequeno livro». Nela há elementos tanto de julgo como de restauração. A restauração provém do julgo em muitos casos, porque os homens não aprendem de outro modo.

2. Algumas traduções dizem aqui «pés como colunas de fogo». O termo grego «podes» («pous», no singular) normalmente significa «pés», embora haja algumas instâncias em que pode significar «pernas». Em Aristoph. *Dit. Syll.* 996.9 e s.; *Poxy.* 620.17 e *Hv.* 3.13.14 significa «pernas» de um divã. Embora não existam muitos exemplos, supomos que o grego helenista se utilizava dessa palavra da maneira geral, incluindo a idéia de «pernas». Portanto, não precisamos pensar que o autor sagrado fez um equívoco aqui, porquanto o grego não era a sua língua nativa. Ele fez, realmente, alguns erros, conforme vimos na introdução ao Apocalipse, seção VIII, até mesmo diversos erros de natureza gramatical, mas não parece ter sido esse o caso neste ponto.

3. «A coluna de fogo, que aparecia à noite, conduzia Israel pelo deserto. Era símbolo da presença de Deus». (Fausset, *in loc.*). Por conseguinte, aquilo que fala do julgo também subentende a presença de Deus, visando o bem da humanidade.

4. Aqueles que defendem a interpretação histórica confundem o significado deste versículo, vendo neste «anjo» alguma figura histórica, como Lutero ou algum outro grande líder religioso.

2 καὶ ἔθηκεν τὸν πόδα αὐτοῦ τὸν δεξιὸν ἐπὶ τῆς θαλάσσης, τὸν δὲ εὐώνυμον ἐπὶ τῆς γῆς,

acerca da identificação do «pequeno rolo», ver as notas de introdução a este capítulo). Pensamos que ele representa o «restante» do Apocalipse, os julgos seguintes que ainda seriam descritos, e não um livro inteiro por si mesmo. Era um «livrinho», e isso fala em favor da idéia que faz parte do Apocalipse, e não a inteireza do mesmo.

«...o pé direito sobre o mar...» Ele é senhor do mar e da terra; é capaz de pôr-se de pé sobre uma vasta área; os julgos que ele traz serão despejados sobre toda a humanidade. Nada haverá de localizado ou de provincial nesses julgos. O imenso domínio desse anjo aumenta a descrição de sua «majestade» e «poder», que acabara de ser feita. A figura simbólica da

posição desse anjo, de pé sobre a terra e o mar muito provavelmente foi pedida por empréstimo da passagem de Dan. 12:5, onde o profeta Daniel viu a dois anjos, um de um lado do rio e outro do outro lado, dando a idéia de «universalidade». O simbolismo do vidente João é mais vívido e expressivo ainda.

Os céus são aqui vistos a fazer negócio com a terra. Isso reflete a posição do «telismo». Deus não somente criou a tudo, mas também governa, intervém, castiga e galardoa. Os pensadores destas imaginam que apesar de haver algum criador ou poder supremo, esse se divorciou inteiramente de seu mundo, não governando ao mesmo senão através das leis naturais, que teria deixado em seu lugar; mas não faria intervenção, não recompensando e nem punindo. (Ver Atos 17:27 quanto a essas idéias, com outros conceitos filosóficos e teológicos acerca da natureza e das obras de Deus).

As tragédias são inevitáveis. O homem provoca a muitas dessas tragédias, até mesmo quando elas não ocorrem de maneira natural. Deus está entronizado, e, finalmente, tudo haverá de correr bem no mundo.

Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. Isso pode ser comparado com Eze. 2:9, que contém o «pano de fundo» do simbolismo. Yahweh tem ali o rolo em sua mão (tal como em Apo. 5:1). Ali o rolo também é uma predição de condenação.

2. Roma se espalhava por terras e mares, sendo universal em seu poder, ao tempo do vidente João. Esse poder era usado para o mal; naqueles dias a Igreja

3 και ἐκραξεν φωνῇ μεγάλῃ ὥσπερ λέων μυκάται. ἐαυτῶν φωνάς. 3 al] em K\* x 1611 1876 2039 al | επτα] em p<sup>41</sup> 1876 pc

10:13; e clamou com grande voz, assim como rugiu o leão, e quando clamou, os sete trovões fizeram soar as suas vozes.

...grande voz... Uma expressão freqüente no Apocalipse, indicando uma proclamação em voz forte, clara, poderosa e compreensível, que necessariamente chama a nossa atenção e exige algo de nós. (Isso pode ser comparado com Apo. 1:10,15 (voz como de muitas águas); 5:2 (voz forte, como aqui); 6:10; 7:2,10; 8:13 e várias outras passagens. O termo «voz», associado a visões diversas, aparece por quarenta vezes no Apocalipse. É que as revelações dadas foram tanto audíveis quanto visuais; e algumas vezes eram apenas audíveis, conforme se vê nos versículos quarto e oitavo deste capítulo, onde a «voz» de Cristo é ouvida, sem que haja qualquer visão.

...como rugiu um leão... O autor sagrado descreve suas «grandes vozes» de várias maneiras: «grande», conforme se vê aqui; como de «muitas águas», em Apo. 1:15; como uma «trombeta», em Apo. 4:1; como «muitas águas» novamente, em Apo. 14:2; como um «grande trovão», no mesmo versículo, novamente como «muitas águas», em Apo. 19:6; e como de um «poderoso trovão», nesse mesmo versículo. A «voz de um leão», neste versículo, bem pode ser uma alusão a Cristo como o Leão da tribo de Judá (Apo. 5:4), pois a mensagem vem da parte dele; mas é mais provável que tanto a «intensidade» como um «tom ameaçador» estejam em vista. O rugido do leão introduz algum severo juízo, tal como o leão natural lança terror nos corações dos animais de presa e dos homens, como o seu rugido. Em II Esdras 11:37 é o Messias quem rugiu como um leão; e a mesma coisa é dita acerca da voz de Deus, em Amós 3:8. A voz desse leão atemoriza os povos, pois preannuncia algum juízo divino.

...desferiram os sete trovões... Ou a voz do leão lança em ação os trovões, ou então os trovões são o «eco» da voz do leão. Seja como for, o forte rugido do anjo pôde em movimentação os juízos dos sete trovões. (Ver o quarto versículo deste capítulo a esse respeito).

O simbolismo dos sete trovões provavelmente depende literariamente do

4 και ὅτε ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί, ἔμελλον γράφειν<sup>1</sup>· και ἤκουσα φωνὴν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λέγουσαν, Σφράγισον ἃ ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί, καὶ μὴ αὐτὰ γράψῃς.

<sup>1</sup> 4 [C] ὅτε ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί, ἔμελλον γράφειν I<sup>1</sup> 1828 2065 2073 2081 2138 2432 [1 omitt al] A C 048 94 1006 1611 1839 2020 2042 2053<sup>1</sup> ἔμελλον<sup>1</sup> it<sup>1</sup> vg<sup>1</sup> av<sup>1</sup> ar<sup>1</sup> am<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> Andreu<sup>1</sup> Arcthes<sup>1</sup> f<sup>1</sup> 80a ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί, ἔμελλον γράφειν M 101<sup>1</sup> cor<sup>1</sup> Tyronius Priscarius Andreu<sup>1</sup> Beatus f<sup>1</sup> 80a cor<sup>1</sup> 80a ἐλάλησαν αἱ βρονταί καὶ ἔμελλον αὐτὰ γράφειν p<sup>1</sup> 100p<sup>1</sup> καὶ ἤκουσα αὐτὰ καὶ ἐπτὰ βρονταί f<sup>1</sup> 80a ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί καὶ ἔμελλον γράφειν αὐτὰ 1834 (2344<sup>1</sup> omitt αὐτὰ) f<sup>1</sup>

4 Σφράγισον...γράφῃς Do 828, 12.4.9

Ao invés de ὅτε (que figura em A C P 046 1006 1611 1611 1854 2053 2344 vg sir (ph,h) ara), vários testemunhos, incluindo p<sup>41</sup> N vários minúsculos cop (sa,bo) al, substituem-na por ὅσα. A maioria da comissão, impressionada pela evidência externa, preferiu ὅτε, reputando ὅσα como uma modificação exegetica, similar a outras modificações interpretativas do texto, encontradas em testemunhos esporádicos.

10:14: Quando os sete trovões acabaram de soar ou já in escrever, mas ouvi uma voz do céu, que dizia: Selai a que os sete trovões falaram, e não o escrevais.

...eu ia escrever... Isso indica que o sentido da voz dos sete trovões foi claro para o vidente João. Não revelou o sentido dos mesmos não porque não soubesse o que diziam, mas porque não lhes foi permitido escrever a mensagem. Não somos informados «por que» ele não podia revelar essa mensagem. A despeito do fato que este próprio versículo mostre ser impossível a interpretação—pois os trovões tiveram «selada» a sua voz—vários intérpretes presumem ser capazes de interpretar o seu significado, supondo que a mensagem foi «selada» somente para João e sua época, mas que, «subseqüentemente», temos o direito de interpretá-la. Abaixo temos as idéias apresentadas a respeito:

1. Alguns supõem que tudo não passou de um artifício literário, e não

estava sofrendo tremenda perseguição sob o imperador Domício. (Ver a introdução acerca da «Data», na secção V). Mas esta visão mostra-nos que o domínio universal pertence, realmente, a Deus. Essa idéia foi dita para servir de consolo aos perseguidos crentes. Além disso, esse domínio é pintado como aquilo que trará juízo contra os homens rebeldes. João queria que sublevassemos que a lei da colheita segundo a sementeira continua em operação. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Gál. 6:7,8).

3. «Essa colossal figura, tal como um gênio árabe, abarcava a terra e o mar. Sua mensagem é para o mundo todo». (Moffatt, in loc.).

4. A besta com os dois chifres se levantará da terra (ver Apo. 13:11); e a besta com sete cabeças se levantará do mar (ver Apo. 13:1). Deus exerce domínio sobre ambos esses lugares; todo e qualquer outro poder é delegado e parcial, apenas.

5. O «livrinho» não é a Bíblia inteira, e nem o N.T. somente. E nem mesmo é apenas «parte» do que restava ser revelado do Apocalipse. Mas é o «restante» inteiro do Apocalipse, uma «parte» do «rolo de sete selos», que simboliza as profecias do Apocalipse todo.

6. Rejeitamos as interpretações alegóricas, que vêem aqui, nos termos «terra» e «mar», diferentes porções da terra ou diferentes áreas geográficas. Essa distinção, contudo, provavelmente é válida em Apo. 13:11.

7. Alguns intérpretes da escola histórica pensam que esse «anjo» é Lutero, ao passo que o «livrinho» é a «Bíblia novamente aberta», ao tempo da Reforma protestante, algo que é claramente contrário ao texto sagrado.

και ὅτε ἐκραξεν, ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί τὰς

trecho de Sal. 29:3-9. Ali é descrita a voz de Deus, em sete aspectos, semelhante a trovão, a qual fala de vários «eventos estremeecedores». «A voz do Senhor parte os cedros... divide as chamas de fogo... faz estremecer o deserto...» etc.

A voz.

1. Ela avisa acerca da vindoura ira de Deus, conforme se vê em Sabedoria 19:13.

2. Ela faz suceder um certo conjunto de «juízos inexplicáveis», que somente o futuro poderá definir para nós. Essa voz nos alarma, levando-nos a procurar conhecer a condição de rebelião em que se encontra este mundo dos homens.

Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Os trovões não são meros ruídos; são alarmas inteligíveis. O vidente João sabia o que eles disseram, mas não lhe foi permitido transmitir-nos essa mensagem. No período da tribulação (com notas expositivas em Apo. 7:14), os homens descobrirão o que esses trovões disseram.

2. O ceticismo, finalmente, falhard, pois pensa que os céus estão vazios e silêncios. Mas o vidente João ouvia a «voz» que dali nos adverte e instrui. Há um significado final no universo, a despeito do caos presente. Mas os homens, por fim, deverão de aprender isso.

3. A voz de Deus se fez ouvir como se fora um trovão: alguns compreenderão o seu sentido, e outros não, tal e qual temos em João 12:28,29.

4. O trovão, no mundo antigo, era tido como uma «voz divina» de advertência. O vidente João não pensava que assim fosse, no caso dos trovões terrenais. Contudo, o seu «simbolismo» fez vibrar uma corda responsiva na sociedade para a qual ele escrevia.

5. Observamos que os «trovões» assinalaram a abertura do sétimo selo (ver Apo. 8:1,5). Portanto, enquanto esses trovões são sete juízos separados, embora indefinidos (os quais sobrevirão durante a Grande Tribulação), também «introduzem» o juízo da sétima trombeta. Novamente, quando do juízo da «sétima taça», haverá trovões (ver Apo. 16:17,18). O juízo da sétima trombeta também será acompanhado por trovões (ver Apo. 11:19).

οἱ ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί τὰς φωνάς αὐτῶν Ἰω-Αμβρόσιο f<sup>1</sup> 80a ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί τὰς φωνάς αὐτῶν, ἔμελλον γράφειν 284 428<sup>1</sup> it<sup>1</sup> av<sup>1</sup> ar<sup>1</sup> am<sup>1</sup> eth<sup>1</sup> Andreu<sup>1</sup> Arcthes<sup>1</sup> f<sup>1</sup> 80a ἐλάλησαν αἱ ἐπτὰ βρονταί, ἔμελλον γράφειν τὰ εἰρημένα τοῖς ἐπτὰ σφράγισι 2053<sup>1</sup> f<sup>1</sup> 80a ἐλάλησαν, ἔμελλον γράφειν (=γράφῃς) 702 it<sup>1</sup>

[επτα βρονται 1<sup>o</sup>] em επτα p<sup>41</sup>C: add τας φωνας αυτων (2042 pc) vg<sup>1</sup> 11 c [1] oca p<sup>41</sup>K 94

uma predição séria, pelo que os trovões «não teriam sentido». Esses supõem tal coisa por haver precedente, nos apocalipses judaicos, para profecias e juízos «selados». Pode ser, pois, que o vidente João, sabendo dessa «característica» dos apocalipses, desejasse incluir pelo menos uma visão «selada». Talvez tenha feito isso para obter um efeito dramático. (Ver Hermas Vis. i.3; IV Esdras vi.17; Dan. 12:9 e Apocalipse de Baruque 20:3).

2. Os intérpretes históricos continuam atarefados neste ponto, a despeito do fato que a voz dos trovões foi «selada». A noção mais comum entre eles é que os sete trovões falam sobre as sete cruzadas cristãs, que teriam por finalidade libertar a Terra Santa do domínio pagão.

3. Outros estudiosos vêem nesses trovões os «sete Espíritos de Deus», cada um dos quais traria uma forma de juízo contra a terra.

4. Também há aqueles que pensam que os sete trovões são idênticos às





série de ciclos». Essa idéia procede daquilo que sabemos a respeito do «tempo», porquanto consiste de ciclos. Portanto, supomos que a eternidade também consistirá de ciclos, incluindo seus propósitos distintivos, com a única diferença que esses ciclos nunca terminarão. (Ver as notas expositivas em Efê. 3:21 quanto a diversas «fórmulas que expressam a idéia de eternidade», no idioma grego, conforme as encontramos nas páginas do N.T.).

«...o mesmo que criou o céu, a terra...» O autor sagrado agora menciona o fato que Deus é o Criador, enumerando várias particularidades, conferindo um caráter absolutamente universal à sua declaração. Toda a existência, dos seres e das coisas, deve a sua origem e sustentação a Deus, que é o seu Criador. Isso indica claramente que ele é o Senhor de tudo. É próprio, pois, que Deus seja o poder por detrás do juramento que temos aqui, fazendo esse juramento tornar-se veraz e certo. Notemos, na cena do trono, no quarto capítulo deste livro, que imediatamente depois da palavra de louvor, que enfatiza a «eternidade» de Deus, temos (tal como aqui) a palavra que enfatiza o fato que Deus criou a tudo: «Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas» (Apo. 4:11).

As alusões à atividade criadora de Deus, em contextos variados, e com muitos propósitos diversos, são frequentes nos escritos do judaísmo helenista; mas também são bastante comuns nas páginas do A.T. (Ver Gên. 1:1 e ss.; Êxo. 20:11; Isa. 37:16; 42:5; Jer. 32:17; 51:15; Sal. 33:3; 102:25; 115:15; 124:8; 134:3; 145:6; Sabedoria 9:1; 11:17; II Enoque 24:2 e 48:5).

«...Já não haverá demora...» Essa breve declaração tem atraído diversas interpretações, a saber:

1. Seria a cessação absoluta do tempo, conforme os homens o conhecem, de modo que tenha início o «estado eterno». Mas esta idéia dificilmente pode estar em pauta aqui, porquanto muito ainda terá de suceder, até mesmo durante o período da tribulação, havendo até mesmo o milênio, antes do estabelecimento do estado eterno.

2. Alguns estudiosos pensam que isso se refere ao «tempo» em que os mártires serão vingados, segundo a oração que fizeram, em Apo. 6:10 e ss. Nesse caso, a expressão significaria: «O tempo da vingança está próximo». Apesar dessa idéia estar necessariamente inclusa, não é a questão primária aqui em vista.

3. Outros pensam que isso se refere ao «breve início» do reinado do anticristo, o que provocará a aproximação do fim. (Ver as notas expositivas em II Tes. 2:3, acerca do «anticristo»).

4. Ou então, «pouco tempo resta que soe o julgamento da sétima trombeta, o que provocará as últimas pragas antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo.

5. Há também aqueles que pensam ser isso uma alusão ao «dia do julgamento final». Deus, nesse caso, estará se preparando para chamar os homens à prestação de contas.

6. Ou ainda, «pouco tempo» resta agora, antes do conteúdo do «livrinho» começar a cumprir-se, isto é, o próprio restante do que o Apocalipse tem a dizer.

7. É melhor pensar no sentido direto que essa expressão tem em Dan. 12:7, com modificações. Ali, historicamente, o profeta prediz que o governo da Síria duraria «um tempo, tempos e a metade de um tempo», isto é, três anos e meio. Essas palavras são consideradas como uma predição sobre o domínio do anticristo, em sua porção final, a chamada «Grande Tribulação», e que se consumaria em «pouco tempo». O vidente João não faz qualquer alusão específica ao tempo, ainda que, em Dan. 11:2, ele se valha desse elemento específico do tempo. Sem usar qualquer designação

específica de tempo, cremos que a alusão é à porção final da tribulação, a saber, a Grande Tribulação, o que porá fim ao «tempo», conforme os homens o computam, dando lugar à «parousia» ou segundo advento de Cristo, que iniciará um novo ciclo. Já que esse período é «relativamente curto» em sua duração, não haveria qualquer «demora». Portanto, o vidente João assevera que não haverá mais demora. Historicamente, poderíamos pensar que o poder de Roma logo terminaria; mas, profeticamente falando, isso pode ser o significado da expressão. Pouca demora haverá agora até que o «tempo» que conhecemos chegue ao seu fim, quando completar-se o «mistério» da vontade de Deus (ver o sétimo versículo deste capítulo).

#### Outras idéias sobre o sexto versículo:

1. A despeito do tempo que ainda tivermos para viver neste mundo, nosso tempo será sempre curto, e para nós haverá pouca demora antes de sermos chamados a prestar contas pelo que temos feito. Ensina-nos, Senhor, a contar os nossos dias, para aplicarmos nossos corações à sã sabedoria.

2. cremos que a interpretação exposta acima é a correta, a despeito do fato que o vidente João ainda não nos apresentou o anticristo. Sabemos que pelo tempo em que sobreviver a «grande tribulação», ele já estará em operação há algum tempo, consolidando o seu poder e ameaçando a terra inteira. O fato que isso ainda não foi revelado no Apocalipse não é contrário ao fato que, por esse tempo, já chegamos ao menos à metade do tempo da sua carreira, nos eventos que já tiveram lugar, embora ele ainda não tenha sido situado dentro do esquema das revelações deste livro. Os místicos contemporâneos afirmam que o anticristo já está vivo entre nós. Haverá de manifestar-se no início da década de 1990, ainda segundo dizem eles. (Ver o artigo na introdução geral ao comentário, intitulado A Tradição Profética e a Nossa Era, que argumenta em favor dessa posição).

3. Se já estamos nos últimos tempos, quão solene é para nós a declaração que aqui temos: «Já não haverá demora».

4. «Contrariamente ao que popularmente se acredita, o sentido não é que o tempo deixará de existir, e, sim, que não haverá mais demora antes do cumprimento dos propósitos divinos atinentes à Igreja e à terra.» (Vincent, *in loc.*). cremos que a igreja passará por todo o período da grande tribulação, pelo que essa afirmativa — «Já não haverá demora» — é uma promessa feita à igreja, e não meramente à nação de Israel. Em seus próprios dias, João afirmou à igreja que o domínio romano não se prolongaria por muito tempo, pois esse é o motivo mesmo por que o Apocalipse foi escrito: confortar a igreja sob perseguição. Essa promessa também consolará à igreja futura, quando estiver sob a perseguição movida pelo anticristo. O livro de Apocalipse é um documento «cristão», dirigido à igreja dos dias de João e à igreja dos últimos dias. De outro modo, seria uma excrecência no N.T. (Ver I Tes. 4:15 quanto à «questão do arrebatamento», e comparar isso com as notas expositivas em Apo. 4:1, que abordam o mesmo problema).

5. Os trechos de Slav. En. 33:2 e 65:7 têm passagens paralelas a este versículo, pelo menos verbalmente, que talvez tenham influenciado o autor sagrado.

6. A teologia de crise. O N.T. foi escrito sob a expectativa de uma «breve volta» de Cristo. Por conseguinte, em muitos trechos, a «crise» se destaca ali. Essa crise significa o fim do antigo ciclo terreno e o começo de um novo ciclo. Nossa responsabilidade é de estarmos preparados para essa drástica transformação. O juramento do anjo assegurava-nos que não haverá mais «demora». Historicamente falando, cremos que temos chegado a uma crise genuína. Não viveremos apenas em antecipação da mesma.

7. «Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empanhai-vos por ser achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis, e tende por salvação a longanidade de nosso Senhor...» (II Ped. 3:14,15a).

**Variante Textual:** As palavras «e o mar e as coisas que nele existem» são omitidas nos mss Aleph(1), A. 1811; 2344, no It(gig), no Sib(p), no Cop(m), provavelmente por acidente, com base em um homoeoarcton ou um homoeoteleuton. Mas os mss P(47), CP, 1006, 1854, 2063, no It(61), no Sib(b), no Cop(salm na)) favorecem a originalidade dessas palavras, como também o faz o hábito do autor sagrado de expressar seu discurso em frases formais e completas.

7 ἀλλ' ἐν ταῖς ἡμέραις τῆς φωνῆς τοῦ ἐβδόμου ἀγγέλου, ὅταν μέλλῃ σαλπίζειν,<sup>a</sup> καὶ ἐτελεσθῇ τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ, ὡς εὐηγγέλισεν τοὺς ἐτατοὺς δούλους τοὺς προφῆτας<sup>b</sup>.

<sup>a</sup> 7 [C] τοῖς ταυτοῦ δούλοις τοῖς προφήταις A C P 1611 1834 2020 2053 2063 2073 2081 2432 f τοὺς δούλους αὐτοῦ τοῖς προφήταις 046 1004 1828 1850 2042 2128 1978 f τοῖς ταυτοῦ δούλοις τοῖς προφήταις 1 194 acti δούλοις αὐτοῦ] ite a yst f itatou hie servanti, the prophete ite a am.

7 εὐηγγέλισεν...προφῆτας Dn 9,8, 10; Am 3,7; Zeb 1,8

O Textus Receptus, seguindo alguns poucos manuscritos minúsculos insignificantes (I 743 2051 2055 2064 2067 *af*), altera o caso acusativo para o dativo que é bem mais comum, seguindo εὐαγγελίσειν. A forma καὶ ἀπὸς δούλους (<sup>a</sup> 2321 2329 2344 *cop* (sa)) é inadequadamente apoiada e aparentemente foi inserida por falta de atenção por copistas menos familiarizados que o autor com a frase do A.T. «Seus Servos, os profetas» (Jer. 7:25; 25:4; Amós 3:7); cf. também 11:18. O inesperado ἐτατοῦ, que é fortemente apoiado por P (47) & A C P 1611 1854 2053 *af*, é preferível ao menos vigoroso e mais

10:7; mas que nos dias da voz da sétima trombeta, quando este estiver para tocar a trombeta, se cumprirá o mistério de Deus, como anunciou os seus servos, os profetas.

«...do sétimo anjo...» Isso indica o «julzo da sétima trombeta», que vem após o presente parêntese, em Apo. 11:15-19. A mensagem daquele julzo (na realidade, uma série de julzos, pois daquela trombeta emergirão os «julzos das sete taças») é que o Cristo de Deus logo voltará para reinar: «O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos». Os julzos divinos que ainda serão descarregados então sobre os homens haverão de preparar o mundo para isso.

«...trombeta...» (Ver a introdução ao trecho de Apo. 8:1, acerca dos «julzos das sete trombetas», cujas notas incluem referências quanto à significação do simbolismo da «trombeta»).

O mistério de Deus: Isso perfaz o âmago deste versículo, pelo que

também, saber o que isso significa faz-nos entender a mensagem que nos cumpre acolher.

Primeiramente, devemos definir o vocábulo «mistério». Nas páginas do N.T., um «mistério» não é algo irremediavelmente «misterioso», impossível de ser compreendido, exceto, talvez, por alguns poucos «iniciados» de alguma religião mística. Pelo contrário, é algum «segredo de Deus», algum plano de ação traçado pelo Senhor, o qual antes estivera «oculto», mas que agora nos foi «revelado». Portanto, equivale a um «segredo desvendado», e não mais fechado. Não obstante, um segredo dessa natureza ultrapassa ao nosso tirocínio racional ou empírico, exigindo a «revelação» divina para sua compreensão. Por conseguinte, trata-se de um «elevado ensinamento» que, naturalmente, encerra elementos que, mesmo assim, não são compreendidos por nós. (Ver Efê. 3:9 e as notas expositivas ali existentes acerca da definição neotestamentária de um *mistério*, onde há também notas expositivas adicionais sobre o tema).

<sup>b</sup> καὶ τοὺς προφῆτας <sup>a</sup> M 2344 *cop* <sup>a</sup> (eth) f which hie oien announ, the prophete, announced (Beatus)

O N.T. expõe uma boa variedade de «mistérios». Esses têm sido todos alistados e comentados em outros lugares. (Ver Mat. 13:11-13 e Rom. 11:25 quanto a essas notas expositivas). Contudo, consideremos os pontos enumerados abaixo:

1. O «mistério» que há no presente texto é considerado, por alguns, como a «expulsão de Satanás dos céus para a terra» (ver Apo. 12:8,9). Certamente essa cena faz parte do mistério, mas tal posição limita em demasia a essa idéia.

2. Alguns estudiosos pensam que algo do passado está em foco, supondo que devemos pensar aqui no «nascimento de Cristo». Mas essa interpretação é errônea porque o Apocalipse fala de predições para o futuro, e não de fatos históricos passados.

3. O mistério da redenção é a idéia que alguns pensam estar aqui em foco. Essa é uma idéia incluída; mais está envolvido do que isso, porém.

4. Os intérpretes históricos pensam estar em foco a «destruição» de Jerusalém, ou então o «fim dos poderes papais» e coisas semelhantes; mas tudo isso fica muito aquém do que está em foco. Na realidade, tais idéias estão completamente equivocadas.

5. Outros estudiosos limitam isso à «ressurreição dos mortos»; mas essa interpretação é por demais estreita, embora faça parte legítima do verdadeiro significado da questão.

6. Todos os intérpretes que fazem o «mistério» referir-se a acontecimentos «limitados» erram em algum ponto. Assim, a idéia que isso alude à vinda do milênio, por exemplo, não pode ser tudo quanto está aqui em pauta. Nem se pode pensar aqui na «parousia» ou no evangelho, como a única coisa em foco.

7. Antes, devemos pensar que a questão é bem geral, conforme dizem quase todas as interpretações, usando diferentes frases. Algumas poucas citações ilustram esse ponto: «...o mistério escatológico da história do mundo» (Lange, *in loc.*). Assim sendo, esse mistério incluiria «toda a história do mundo», quanto aos seus propósitos e desígnios. «Aqui, aparentemente, está em pauta o propósito inteiro de Deus na história humana» (Robertson, *in loc.*). «...indica todos aqueles conselhos e relações de Deus que ele deixou conhecidos por meio dos profetas do A.T., concernente ao seu modo de governar os homens sobre a terra, sempre visando o estabelecimento do reino nas mãos de Cristo» (Newell, *in loc.*). «O mistério ou segredo de Deus significa, portanto, a totalidade de seu plano e de seu conselho concernente a esta terra, no seu presente estado de disciplina e imperfeição; tudo quanto Deus quer fazer sobre a terra e em relação a ela, incluindo aquilo que lemos acerca do tempo do fim» (ver Dan. 12:4-9), o término da presente dispensação e a introdução daqueles novos céus e daquela nova terra onde habita a justiça». (Dr. Vaughan, citado no comentário de Ellicott).

É evidente, pois, que vários outros mistérios neotestamentários estão incluídos. Há o poder do arrebatamento e da ressurreição (ver I Cor. 15:51 e ss.); há o mistério da igreja (ver Efê. 3:3); há o mistério da restauração universal (ver Efê. 1:9,10); há o mistério da redenção em Cristo, mediante a sua presença em nós (ver Col. 1:26, onde se vê que esse mistério está contido no evangelho). A «fruição» de todos esses mistérios é contemplada como o grandioso «mistério de Deus». Uma compreensão mais completa do que está envolvido em tudo isso pode ser obtido se o leitor consultar as notas expositivas que explanam sobre os demais mistérios, que ajudam ao crente a perceber o desígnio mais geral de Deus.

O «juízo da sétima trombeta» (incluindo as «taças» que emergem dali)

8 Καὶ ἡ φωνὴ ἣν ἤκουσα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, πάλιν λαλοῦσαν μετ' ἐμοῦ καὶ λέγουσαν, Ὑπαγε λάβε τὸ βιβλίον τὸ ἡνεωγμένον ἐν τῇ χειρὶ τοῦ ἀγγέλου τοῦ ἐστῶτος ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐπὶ τῆς γῆς.

10:8. A voz que ou do céu tinha ouvido tornou a falar comigo, e disse: Vai, e toma o livro que está aberto na mão do anjo que se acha em pé sobre o mar e sobre a terra.

«...A voz...» Pensamos que essa é a voz de Cristo, ouvida mas não acompanhada de visão visível, conforme se vê no quarto versículo. Cristo é quem dirige a cena. Algumas visões são auditivas, outras são visuais, e outras são ambas. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 quanto a «tipos de visões»).

«...do céu...» Cristo fala do «céu», onde se acha o seu trono, de acordo com o quinto capítulo. O trono de Cristo é o mesmo trono do Pai (aludido no quarto capítulo). Esse trono também será compartilhado pelos remidos (ver Apo. 3:21). O trono oriental era largo e permitia que mais de uma pessoa se assentasse ali. Cristo fala do céu; sua mensagem é celestial, revestida da autoridade de Deus Pai. Portanto, deve ser ouvida. Ele é a mensagem de Deus aos homens (ver João 1:1).

«...vai... toma o livro... aberto...» Trata-se do «livrinho», o «restante» do livro de Apocalipse, cujo desenrolamento produzirá a fruição do «mistério de Deus». (Ver o segundo versículo deste capítulo e as notas introdutórias a este capítulo, onde é identificado esse pequeno rolo).

«...anjo...» Um arcanjo elevado, que talvez fosse Gabriel. (Ver as notas expositivas sobre o primeiro versículo deste capítulo quanto à identificação desse «anjo», o qual não é o próprio Cristo). Notemos que a voz dirige João para que faça o que deve fazer. Essa é a voz de Cristo, pelo que ele é distinguido do anjo, o qual é seu mensageiro e servo, apesar da glória de seu ser elevado (ver o primeiro versículo).

«...na mão...» Com base no quinto versículo, supomos tratar-se da mão «esquerda».

«...em pé sobre o mar e sobre a terra...» Isso nos é dito no segundo

ajudará a produzir tudo isso. Portanto, o «conteúdo» do «livrinho», com suas promessas e ameaças, está envolvido na concretização do mistério de Deus.

«...os profetas...» Tanto do Antigo como do Novo Testamento, a «tradição profética inteira», incluindo o próprio vidente João, provavelmente está em foco, e não somente os profetas do A.T. A tradição profética falava sobre variados aspectos desse grande mistério. Finalmente, a tradição profética inteira será justificada, e a mensagem ali dada mostrará ser correta. Essa era a confiança de João.

Outras idéias sobre o sétimo versículo:

1. Quando Cristo vier para receber as rédeas do governo, então se manifestará o mistério de Deus. «...a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar» (Isa. 11:9).

2. A nós é prometido que tudo isso não pode demorar muito. O vidente João e os crentes de sua época esperavam, erradamente, a «fruição» de todas essas coisas em seus próprios dias. Cremos que podemos esperar isso corretamente para nossos dias. Que a história o decida.

3. Nas religiões misteriosas da época do vidente João, um «mistério» era sempre algo escondido, que só podia ser conhecido por alguns poucos «iniciados», através de meios mágicos e místicos. Os «mistérios» ou «segredos», conforme o indica a literatura grega, não era para o «público». Em contraste com isso, os mistérios do N.T. visam ser «revelados», e não continuar «ocultos». Isso se dá porque a humanidade inteira está vitalmente envolvida em todos esses mistérios, e Deus quer que o seu «conhecimento» se propague, e não que seja circunscrito.

4. As palavras «...segundo ele anunciou...» poderiam ser traduzidas, mais literalmente, por «...segundo ele evangelizou...» A declaração de Deus aos homens, através dos profetas, é um «anúncio alegre» de «boas-novas». Todas as obras de Deus tendem para o bem, pois ele nada faz por pura retribuição. Outrossim, seu desígnio inteiro para o homem é benéfico, conforme sabemos por meio do «mistério de sua vontade», em Efê. 1:10. (Ver as notas expositivas ali existentes onde esse questão é esclarecida).

5. Os profetas são os «escravos» do Senhor. Não há razão alguma que justifique aqui o eufemismo «servos». (Quanto ao fato que os crentes são «escravos» de Deus, mediante o que se tornam verdadeiros homens livres, ver Rom. 1:1 e suas notas expositivas).

6. «O grande cumprimento haverá de reunir em si o significado da profecia. Os profetas eram homens que expunham a vontade de Deus e interpretavam os propósitos de Deus para o seu próprio povo. Assim, o mistério divino era conhecido e se tornava a revelação divina» (Hough, *in loc.*).

7. A história pode ser reputada como o drama sagrado da alma. A história de acordo com certo ponto de vista, é aquilo que Deus está fazendo na criação e através da criação das almas ou espíritos, que são seres imortais. A presente passagem assegura-nos de que, por fim, haverá o cumprimento de todos os propósitos de Deus quanto a esses seres. Mas isso não se realizará sem juízo e sem agonia, e estes são os dedos da mão amorosa de Deus, dedos severos, mas necessários. Não se pode lançar um atributo de Deus contra outro, porquanto sempre operam em perfeita harmonia. A verdade é amor, quando ela se faz necessária para corrigir e amoldar qualquer coisa, tornando-a aceitável para Deus. Quando Deus «anunciou», «anunciou boas-novas», conforme mostra o grego deste versículo.

Variante Textual: As palavras «...seus servos, os profetas...» aparecem como «servos e profetas», em P(47), Alaph, 2321, 2328, 2344 Cop(sal). Mas isso contraria a frase do A.T., «seus servos, os profetas», de onde é tomada por empréstimo a expressão deste versículo. (Comparar com Jer. 7:25; 26:4 e Amós 3:7). A forma «os seus» aparece nos mss P(47), Alaph, ACP, 1811, 1854, 2053, embora o menos vigoroso «dela» apareça no ms 046 e em quase todos os manuscritos minúsculos. Entretanto, essa é uma forma inferior, conforme as evidências textuais o demonstram.

versículo deste capítulo, uma indicação que aquele que faz esse anúncio exerce poder sobre a terra inteira, sendo uma declaração «universal», com significado final para toda a humanidade.

Este versículo faz-nos retornar diretamente à cena de Eze. 2:8-3:3, que é a base literária do presente décimo capítulo do Apocalipse. As predições de Ezequiel (pois o «livro» foi o que, finalmente, ele registrou, tal como o «livrinho» é o «restante» do próprio livro de Apocalipse) contém muitos itens lamentáveis de condenação, tragédias e ameaças, pelo que era muito amargo; mas, visto que a vontade de Deus seria realizada por meio dessas coisas, com a finalidade de pesar sobre as obras más dos homens, esse livro também era doce. O amargo pode tornar-se doce, ao cumprir a vontade de Deus, a qual, em última análise, sempre será benéfica para os homens. Assim sendo, o livrinho recebido pelo vidente João também era doce-amargo, e pelas mesmas razões. Na narrativa de Ezequiel, porém, é dito somente que o livro era doce, mas que a mensagem ali contida era amarga. Daí a emenda feita por João, na presente passagem.

Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. O livro estava «aberto», ou seja, via-se ser revelado; o «mistério de Deus» é um «segredo aberto», desvendado.

2. A «voz» é deixada aqui sem predicado, o que não é gramatical. Temos verificado, na discussão sobre o «grego do Apocalipse» (seção VIII), que o autor sagrado evidentemente não usava o grego como seu idioma nativo. Seu «grego adquirido» tinha muitas falhas, e ele não mandava que seu livro fosse «revisado». Contudo, apesar de sua gramática, foi capaz de transmitir uma poderosíssima mensagem.

3. João foi comissionado pelo céu para fazer o que faz aqui. Feliz é o homem que vive e trabalha dentro do contexto da vontade e da orientação divinas!

9 καὶ ἀπῆλθα πρὸς τὸν ἄγγελον λέγων αὐτῷ δοῦναί μοι τὸ βιβλαρίδιον. καὶ λέγει μοι, Λάβε καὶ κατάφαγε αὐτό, καὶ πικρανεῖ σου τὴν κοιλίαν, ἀλλ' ἐν τῷ στόματί σου ἔσται γλυκὺ ὡς μέλι.

9-10. Lábe...coilila mon Eze 3:2; 3:1-3

9 dounei], Lor P 1 2059e 2329 pm



10:9: *Eu fui tor com o anjo e lhe pedi que me desse o livrinho. Disse-me ele: Toma-o, e come-o; eis fard amargo e teu ventre, uma em teu boca será doce como mel.*

Continua a ser seguido de perto o trecho de Eze. 2:8 - 3:3, com modificações. No livro de Ezequiel, enquanto a mensagem do livro (posteriormente assumiu a sua forma escrita, sendo o próprio livro de Ezequiel) era extremamente amarga, para o próprio profeta era apenas doce, porquanto ele sabia que os juízos ali descritos seriam o fim do governo do mal, bem como o estabelecimento da justiça. O vidente João, entretanto, percebendo o que sucederá aos homens, não pôde deixar de retratar o rolo que começou como algo ao mesmo tempo amargo e doce. É verdade que no livrinho está decretada a queda do mal, mas os homens sofrerão horrores para que isso suceda. Mas também significará o bem dos homens, no cumprimento do «mistério de Deus». Portanto, não será apenas doce, ainda que, em última análise, será doce, e isso de forma primária e permanente, concordando com o conceito expresso no livro de Ezequiel.

Esdras (II Esdras 7:17-25, 102 e ss.) mostra-se um tanto diferente, tanto de Ezequiel como de João. Quando é anunciada uma condenação esmagadora para a humanidade, ele intercede em vão diante de Deus em favor dos homens, pois é vencido pela tristeza. Ezequiel parece que apenas se regozijou, pois, para ele, o livro pareceu somente doce. Já o vidente João combina os dois elementos, embora não se entristeça, conforme se vê Esdras a fazer.

Um interessante paralelo parcial a isso também se encontra em um apocalipse cristão, o Pastor de Hermas. A Dama celestial (a igreja celeste) lê para ele o que ele deve escrever. Ele se alegra com a parte final, porque aborda a questão do destino dos justos, mas fica muito perturbado com a primeira parte, por ser uma porção dura, severa e difícil, abordando juízos contra os ímpios e apóstatas. (Ver *Hermas*, Vis. I.3-4). Todos os livros aqui mencionados estão envolvidos no «drama escatológico» que, por sua própria natureza, é ao mesmo tempo doce e amargo. No entanto, trata-se de algo «muito amargo» que, por fim, torna-se «muito doce». Os homens aprendem somente mediante experiências duras, e quase nunca o fazem por qualquer outro método.

O livrinho era doce à boca. Talvez isso indique, em primeiro lugar, o paladar. Mas o fato que ficava «amargo» no estômago, quando refletimos um pouco mais, nos dá a entender que a «digestão» do conteúdo do livrinho é difícil. Talvez nos regozijássemos prontamente ante a queda da maldade;

10 καὶ ἔλαβον τὸ βιβλαρίδιον ἐκ τῆς χειρὸς τοῦ ἀγγέλου καὶ κατέφαγον αὐτό, καὶ ἦν ἐν τῷ στόματί μου ὡς μέλι γλυκύ· καὶ ὅτε ἔφαγον αὐτό, ἐπικράνθη ἡ κοιλία μου.

10 επικρανθη] γρηγορη Ν 1854 2329 g Tyc et mou 2<sup>a</sup>] add πικρίας Ν<sup>c</sup> 1854 2329 g arm<sup>pe</sup> Tyc

Em face da variação entre βιβλαρίδιον no vs. 2 e 9, e βιβλίον no vs. 8, não é fácil decidir, no vs. 10, entre βιβλαρίδιον (A C P al) e βιβλίον (N 046 1854 al). Uma terceira forma, βιβλιόδιον, tem apenas o apoio de manuscritos minúsculos, incluindo 1006 1611 2053. Com base, principalmente no peso da evidência externa, a comissão preferiu βιβλαρίδιον, para o que P (47) também parece apontar, com βιβλιόδιον.

10:10: *Tomei o livrinho da mão do anjo, e o comi; e na minha boca era doce como mel; mas depois que o comi, o meu ventre ficou amargo.*

Todos os elementos deste versículo foram antecipados nas notas expositivas sobre o nono versículo. Aqui só adicionamos alguns poucos comentários.

A cena é apresentada de forma mais elaborada nos capítulos dois e três do livro de Ezequiel. Ali o profeta come o rolo, o qual «enche seus intestinos». Há uma total assimilação, de tal modo que o profeta fica «cheio de seu assunto», para melhor instruir e advertir ao povo.

«Aquele que quiser levar as palavras de Deus a outrem, deve primeiramente ficar impressionado com as mesmas e repleto delas. Deve não somente ouvir, ler, assinalar e aprender, mas também (de conformidade com o simbolismo bíblico) deve digerir-las internamente. (Carpenter, *in loc.*).

E continua o mesmo autor: «O amor de Cristo pode constranger aos homens, mas o próprio ardor das afeições deles tendo por levá-los à tribulação, transformando-os em párias, difamados, perseguidos e mortos. O zelo inflamado de emancipar a humanidade das escravidões, das loucuras e dos pecados ruinosos pode conferir à alma uma alegria santa; mas há

11 καὶ λέγουσίν μοι, Δεῖ σε πάλιν προφητεῦσαι ἐπὶ λαοῖς καὶ ἔθνεσιν καὶ γλώσσαις καὶ βασιλεῦσιν πολλοῖς.

11 Δεῖ... πολλοῖς Jr 1:10; 23:30. Dn 3:4; 7:14

10:11: *Então me disseram: Importa que profetizes outra vez a muitas nações, e nações, e línguas, e reis.*

O vidente João antecipou larga e importante circulação para a sua profecia. Essa certeza lhe foi dada por revelação divina. Por esse motivo ele ansiava que o seu livro fosse lido nas igrejas (ver Apo. 1:3), e também por que ele advertiu que ninguém deveria ousar modificar qualquer coisa, tirando ou adicionando ao que fora escrito (ver Apo. 22:19,20).

«...povos, nações, línguas e reis...» Essa enumeração, com leves variações, que buscamos uma «universalidade» aplicável a todos os homens, acha-se por sete vezes no Apocalipse, em diversas conexões. (Ver Apo. 5:9; 7:9; 11:9; 13:7; 14:6 e 17:15, além do presente texto). Neste versículo, «reis» aparece em lugar da palavra usual, «tribos». Provavelmente isso é uma antecipação de Apo. 17:10,12, «ais» proferidos contra a mundana aliança de nações, estabelecida pelo anticristo. Assim sendo, Cristo, ao voltar, será governante de todos os reis e príncipes, pois é o «Rei de reis e Senhor de senhores» (ver Apo. 19:16).

«...É necessário que ainda profetizes...» O quê? Ele ainda precisava

mas, nessa contemplação, que envolverá indizíveis agonias para os homens, teríamos uma sensação de «amargo» no estômago.

#### Outras idéias sobre o nono versículo:

1. «As palavras de Deus, para aquele que as ama, sempre são doces, conforme declara Davi: «...são mais doces do que o mel e o destilar dos favos...» E Jeremias afirma: «Achadas as tuas palavras, logo as comi». Mas, enquanto, para Jeremias, as palavras de Deus tornaram-se uma «alegria para o coração», para João, ao digerir o livrinho, este tornou-se «amargo». (Newell, *in loc.*, aludindo ao trecho de Jer. 16:16).

2. Até mesmo o elevadíssimo arcanjo faz aquilo que João quer, ajudando-o em seu designio, quando o vidente foi enviado e comissionado por Cristo. Por conseguinte, os anjos têm um ministério em favor dos homens. (Ver as notas expositivas acerca disso em Heb. 1:14). Provavelmente muitos dos «dons espirituais» são mediados pelos anjos.

3. «Comer, em muitos idiomas orientais, expressa o ato de receber. (Ver Jer. 15:16; Eze. 3:1; Jó 23:12 e Sal. 19:10). O recebimento da verdade divina é um exercício mental e espiritual, sustentando e desenvolvendo a natureza superior, tal como o alimento físico nutre ao corpo». (Editor do Comentário de Lange).

4. Comparar esta passagem com Sal. 19:10 e ss. e 119:103, acerca da natureza doce das palavras e mandamentos de Deus. «Cada revelação dos propósitos divinos, embora seja um mero fragmento, um «bibliaridion», é «doce-amarga», exibindo tanto a misericórdia como o julgamento». (Swete, *in loc.*).

5. Embora o «amargo» do livro não seja diretamente mencionado nos capítulos dois e três do livro de Ezequiel, que é a base literária do presente capítulo, a mensagem, que expressa lamentos, foi sugerida ao vidente João. Ver também Eze. 3:14: «Então o Espírito me levantou... eu fui amargurado na excitação do meu espírito...».

6. O «recebimento» da revelação é algo «doce». Sua mensagem esperanças e boa também é doce; o juízo divino contra o mal, que levará o mal a cessar, é doce. Mas o «modus operandi» necessariamente inclui diversos elementos «amargos». Por esse motivo é que o livrinho é doce-amargo.

7. Mediante o ato de comer, o profeta adquiriu, mediante revelação, o discernimento quanto ao futuro e seu intento. Deus espera que assimilamos as realidades espirituais, incluindo sua palavra, para que tenhamos «discernimento» e possamos crescer. Esse pensamento pode ser comparado ao conceito da «árvore da vida». Em Apo. 22:2. Por conseguinte, o «comer» é uma espécie de «experiência» que conduz ao desenvolvimento espiritual, a implementação de meios espirituais que visam esse propósito. Jesus, como devemos estar lembrados, é o verdadeiro Pão da Vida. (Ver as notas expositivas em João 6:48; quanto a esse conceito, onde apresentamos uma nota de sumário).

momentos em que os pregadores são quase tentados a retroceder, pensando que se atiraram a uma tarefa inútil, quando descobrem quão lento é o seu progresso, e quais novas e inesperadas dificuldades surgem. Esse foi o amargo sentido por Moisés: «Ó Senhor, por que afligiste este povo? por que me enviaste? Pois desde que me apresentei a Faraó, para falar-lhe em teu nome, ele tem maltratado este povo; e tu de nenhuma sorte livraste o teu povo» (Exo. 5:22,23). As almas mais entusiastas, que amam aos seus semelhantes, e sentem quão doce e elevado é o seu chamamento, talvez sejam as que mais sentem essa amargura. O próprio amor delas faz com que todo o fracasso seja muito amargo de suportar; contudo, é através desse martírio do fracasso que são obtidas as mais nobres vitórias.

**Variante Textual:** A palavra «bibaridion» (pequeno rolo de papiro ou pequeno livro) aparece nos mss ACP e alguns poucos outros. Assim se vê nos versículos dois e nove deste capítulo. Mas a forma «biblion» (rolo, livro) figura nos mss Aleph, 046, 1854, tanto aqui como no citativo versículo. O ms P(47) diz «biblidion»; parece concordar com a primeira forma, embora sob escrita diferente. Também há a forma «biblidarion», dos mss 1006; 1611 e 2053, que parece ser apenas uma variação da primeira forma. Portanto, essa é a forma que conta com o melhor apoio. A forma de volta a «livro» provavelmente se deveu a descuido de escribas.

revelar o conteúdo do «pequeno rolo», o restante do Apocalipse, onde há tantas coisas espantosas ou belas, mas todas mensagens urgentes.

«...disseram...» Quem? Cristo e o seu servo, o anjo. Ou então temos aqui o plural da declaração indefinida, como em Apo. 13:16 e 16:15, um comum modo hebraico de expressão. Assim também, hoje em dia, às vezes se diz: «eles afirmam», ou «os intérpretes declaram», descrevendo algo indefinido, ou seja, sem uma citação específica, e sem designação de pessoa ou pessoas.

#### Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. O Apocalipse encerra uma mensagem para o mundo inteiro. Aceitamos o Apocalipse como uma predição válida e de espécie mais importante. Esse livro prediz a consumação dos séculos, e empresta propósito à história. Este livro ensina que os homens devem contemplar suas vidas à luz da vontade de Deus e de seus propósitos revelados.

2. As palavras «me disseram» talvez seja uma maneira reverente de descrever o impulso divino, sem falar diretamente sobre os reveladores.

3. A antiga comissão é renovada. João havia cumprido fielmente o seu dever, até esse ponto. Mas ainda havia a ser feito: o conteúdo do «pequeno rolo» tinha de ser claramente exposto perante todos os homens. João não repousava sobre

as suas realizações passadas, mas estirou-se ao resto de sua missão com toda a confiança. E isso, certamente, é uma lição para todos nós. Não basta «começar bem»; e nem sempre um bom começo é a «metade» da tarefa, segundo se diz popularmente. Aquela que «termina bem» é que ganha na corrida.

4. A profecia bíblica não foi dada para satisfazer à nossa curiosidade. Antes, visa essencialmente a instrução do povo que estará vivo quando essas predições

tiverem cumprimento. Aqueles que lêem e entendem este livro percebem que Deus dirigirá o destino humano, e esses são inspirados a confiar no Senhor.

5. Quanto aos «profetas» do N.T., ver Atos 11:27. Quanto ao «dom da profecia», ver as notas de introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios.

#### Capítulo 11

#### VII. 8. *Parêntesis: 11:14*

##### b. As duas testemunhas (11:1-14)

Agora chegamos à segunda porção do «parêntesis» entre os julzos da sexta e da sétima trombeta. A passagem que ora iniciamos é que tem sido usada, juntamente com a profecia da septuagésima semana, do livro de Daniel (ver Dan.<sup>o</sup> 9:24 e ss., sobretudo Dan. 12:11,12), e do qual o vidente João dependeu, para determinar a «duração» do período da tribulação, a saber, sete anos. É quase certo, entretanto, que o poder do anticristo e a tribulação perdurará consideravelmente por mais tempo do que isso, ainda que, dentro desse espaço de tempo mais amplo, evidentemente haverá um período de sete anos de extrema importância para Israel, cuja natureza total ainda terá de ser definida pelos próprios acontecimentos. Já que o número «sete» é usado em relação à tribulação, isso poderia ser algo «simbólico» e «místico», conforme com tanta frequência sucede no Apocalipse da «obra perfeita da tribulação», nas operações de Deus e seu relacionamento com os homens, sem que isso dê a entender sete anos «literais». Seja como for, interpretamos «futuristicamente» essa passagem, pois cremos que os eventos descritos serão os «últimos dias», e, mais especificamente ainda, estarão dentro do período da tribulação, durante o reinado atroz do anticristo. Esperamos essas ocorrências para os nossos próprios dias. Haveremos de vê-los; e, mais certamente ainda, serão vistos por nossos filhos. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era», onde essas crenças são melhor esclarecidas).

Desnecessário é dizer que as predições de Daniel (incluindo aquelas sobre as setenta semanas), bem como as predições do vidente João, neste décimo primeiro capítulo do Apocalipse, não menos do que outras passagens bíblicas, têm sido compreendidas das mais diversas formas. Muitos intérpretes não separam a semana septuagésima de Daniel das anteriores sessenta e nove semanas, e nem a transferem para o futuro, deixando um grande «parêntesis» intermediário, ou seja, não aplicam esses «sete anos» à futura tribulação. E vários outros não reconhecem qualquer período futuro de tribulação, conforme tem sido descrito por alguns intérpretes modernos. Devemo-nos lembrar, entretanto, que a profecia bíblica não foi dada a fim de satisfazer à nossa curiosidade, e, sim, para instruir aqueles que viveram durante os próprios acontecimentos preditos. Portanto, toda a predição bíblica tende por ser muito obscura quando os eventos preditos ainda estão «distantes». Mas, à proporção em que esses eventos se aproximam, lançam sombras à sua frente; e nessas sombras podemos distinguir algo da natureza dos acontecimentos vindouros. Isso significa que quanto mais se avizinham os eventos preditos, melhor podem ser interpretadas as predições bíblicas. Além disso, é minha convicção que essas predições foram feitas para que os crentes saibam de eventos futuros, intuitivamente, e, algumas vezes, por meio da inspiração divina. Portanto, a interpretação da profecia bíblica melhora dramaticamente, à medida em que os eventos se aproximam. Não devemos ficar desanimados, portanto, em descobrir a mais total confusão acerca das passagens proféticas, nos intérpretes mais antigos. Na realidade, pouco lhes interessavam entender as profecias sobre os «últimos dias», já que não estavam destinados a viver nos mesmos. Tal conhecimento não lhes trazia qualquer vantagem. Mas a situação é radicalmente diferente no nosso caso. Possuímos muito melhor entendimento acerca dos *últimos dias*, porque muitos de nós viverão nos mesmos; e certamente nossos filhos viverão nesses dias. Podemos esperar, pois, uma clareza cada vez maior em torno das predições bíblicas, conforme o tempo se for passando.

E não somente isso; mas também em nossos dias os místicos contemporâneos estão apresentando predições surpreendentemente paralelas às profecias bíblicas. Apesar de não precisarmos desse «testemunho adicional», aceitamos ao mesmo de bom grado, porquanto isso nos alerta, ainda mais, para o fato que devemos enfrentar o anticristo e os horrendos acontecimentos que circundarão o seu reinado. Achamos que o anticristo já está vivo; e isso com base na razão, na intuição e nas predições dos místicos contemporâneos, que muito se equiparam às predições bíblicas, e que nos dizem que o tempo é chegado.

Apesar de que os temas principais da seção à nossa frente foram tomados por empréstimo do A.T., pode ser verdade que o oráculo foi primeiramente amoldado por judeus, talvez por judeus zelotes, imediatamente antes da destruição de Jerusalém. Esse evento prefiguraria um futuro «espezinhamento» da Terra Santa, nos dias do anticristo. Josefo informa-nos que entre os zelotes havia profetas de alguma capacidade. A «medição» do tempo pode indicar, portanto, que os zelotes sabiam que seriam «protetidos» dos exércitos romanos invasores, ao passo que o «terreno do templo», as áreas fora do santuário, seriam «pisadas». Isso não indicaria que o Apocalipse foi escrito antes de 70 D.C., mas apenas que essa seção particular se alicerçou sobre um oráculo corrente entre os zelotes, que posteriormente foi incorporado nesta seção. Naturalmente, sabemos que essa predição dos zelotes falhou, porquanto eles não foram protegidos, e, sim, mortos em massa. Mas, depois que Jerusalém e o templo foram destruídos, o «fragmento» ou «oráculo» dos zelotes veio a ser incorporado no Apocalipse, a fim de indicar algo sobre as condições que haverá de prevalecer quando o «anticristo» estiver reinando, e de quem Tito, o general romano, era apenas uma apagada figura simbólica. Naturalmente, tudo isso não passa de conjectura, embora haja algum peso latente na observação que esta passagem é bastante diferente, quanto ao estilo lingüístico, do resto do Apocalipse, trazendo as marcas de um «fragmento incorporado», e não de algo composto pelo próprio autor sagrado. Charles, um dos maiores expositores do Apocalipse em todos os tempos (no *International Critical Commentary*), toma essa posição quanto à questão. Os argumentos dele, em favor da idéia do «fragmento», são os seguintes:

1. O trecho de Apo. 11:1-13 consiste de dois fragmentos independentes, ambos escritos antes do ano 70 d.C.
2. A dicção diferente bem perceptivelmente da forma de escrever do autor sagrado.
3. A ordem das palavras, que é principalmente não-semítica, difere decisivamente da ordem das palavras usualmente empregada pelo autor sagrado.
4. O significado de certas frases, em Apo. 11:1-13, difere de forma absoluta do significado que elas têm no restante do Apocalipse.
5. Certas idéias, comuns a Apo. 11:1,2 e 11:3-13 (os dois supostos fragmentos), são expressas com uma diferente fraseologia, parecendo salientar uma autoria diferente (em grego ou aramaico).

O fragmento «zelote», de conformidade com a opinião de Charles, é o trecho de Apo. 11:1,2. O trecho de Apo. 11:3-13 apresenta um problema maior ainda, mas parece ser um trechinho independente da literatura apocalíptica, certamente judaica, ou então judaico-cristã, mas de origem e sentido extremamente controvertidos.

Apesar da controvérsia sobre as «origens», e se o vidente João realmente compôs ou não as seções sob nossa consideração, ou então usou material à mão, moldando-o com um sentido todo próprio, as próprias predições parecem perfeitamente claras. Isso não quer dizer, entretanto, que não existam muitas interpretações, porquanto cada item do livro de Apocalipse, não menos que a passagem à nossa frente, tem provocado imensa variedade de explicações. Contudo, acreditamos que nossa posição na história, que não está muito distante do cumprimento desses eventos preditos, nos confere uma vantagem decisiva na interpretação dos textos sagrados, e também que podemos distinguir o «quadro geral» do que o livro de Apocalipse quer dizer, embora permaneçamos em dúvida e até mesmo equivocados quanto a muitos detalhes.

É provável que o próprio autor sacrado pensasse que, ao escrever este capítulo, estivesse falando de algo que teria lugar em seus próprios dias, e isso relacionado ao império romano. Naturalmente, ele não tinha idéia que uma longa «era da igreja» interviria antes dos verdadeiros «últimos dias». Mas, a despeito dessa falta de entendimento, cremos que o vidente João foi capaz de penetrar nos «últimos dias», antes da *parousia* (segundo advento de Cristo), descrevendo para nós, com exatidão, coisas que deverão ter lugar.

Quanto ao tempo, a passagem à nossa frente é contemporânea aos capítulos doze e treze deste livro, o período da tribulação, e, mais especificamente, o surgimento do anticristo e seu reinado, ainda que, até este ponto, João não tenha mencionado ou descrito o anticristo. A tradição sobre o anticristo apresentava Jerusalém como o lugar onde o anticristo apareceria. Isso concorda com as predições contemporâneas. Mas também estará associado a Roma, seu centro político, ao passo que Jerusalém parece ser o seu centro religioso. Naturalmente, nisso pode haver o envolvimento de duas personagens, o anticristo e o falso profeta; e este último pode estabelecer-se em Jerusalém, ao passo que o anticristo se firmará em Roma. A história definirá todas essas questões para nós. A verdade é que ambas essas personagens são «anticristos», podendo ser chamadas assim em várias profecias.

Os caps. onze e catorze deste livro parecem ter, pelo menos, uma função comum, introduzindo e antecipando a *última metade* do período da tribulação, a qual será muito mais crítica do que a primeira metade. Aqueles capítulos têm igualmente a finalidade de dar-nos informações muito necessárias sobre a natureza da própria tribulação, bem como sobre os vários «personagens» que estarão envolvidos, desempenhando o seu papel na história humana. Nesses capítulos há sete atores principais: A mulher (ver Apo. 12:1); Satanás (ver Apo. 12:3,4); o menino (ver Apo. 12:5,6); Miguel, o arcanjo (ver Apo. 12:7-17); a descendência da mulher (ver Apo. 12:17); a besta saída do mar (ver Apo. 13:1-10) e a besta saída da terra (ver Apo. 13:11-18). Além disso, se incluirmos as «duas testemunhas», então haverá um total de nove personagens nesses três capítulos, onze e catorze.

**11** Καὶ ἐδόθη μοι κάλαμος ὁμοίος ῥάβδῳ, λέγων, Ἔγειρε καὶ μέτρησον τὸν ναὸν τοῦ θεοῦ καὶ τὸ θυσιαστήριον καὶ τοὺς προσκυνοῦντας ἐν αὐτῷ.

11 | 1166h...μέτρησον Eze 40:3; Zec 1:1-1

11. | λαγών 341(N\*) A 18a 2059 pm lat G; R] praeem και αυστηριου ο αγγελος N° 046 1854 2329 al sy Tyc

11:1: Foi-me dada uma vara semelhante a uma vara, e foi-me dito: Levanta-te, mede o santuário da Deus, e o altar, e os que nele adoram.

A «pessoa» que deu a João a vara de medir (o «caniço») não é identificada; mas os «anjos» estão envolvidos em todas as cenas do Apocalipse, pelo que supomos que isso também se verifica aqui.

A *medição do templo*: É óbvio que essa cena é derivada do livro de Ezequiel, onde se descreve a medição cuidadosa do templo, em todas as suas porções, da parte de um mensageiro enviado dos céus. A tarefa dele foi feita com um caniço e uma corda de linho. (Ver Eze. 40:3 - 42:20; 47:1-12). Cena similar aparece em Zac. 1:16; 2:2-8 e Jer. 31:39. Nessas passagens, a medição é uma providência preparatória para a restauração e a reconstrução do templo. Deverá haver um templo «restaurado», pelo que a área precisará ser medida para ser feita a reconstrução. Yahweh estava prestes a fixar residência, uma vez mais, no templo; e assim Deus haverá de habitar entre o seu povo, como antigamente. Porém, em II Reis 21:13, a «medição» subentende «destruição», e não reedificação. Em Isa. 34:11, Edom também é medido para ser destruído. I Enoque 61:1-5, em contraste com isso, «mede os justos» com cordas, denotando que jamais serão destruídos. É possível que, nas mãos dos zelotes, que podem ter originado o «oráculo» contido nos dois primeiros versículos deste capítulo, a medição indicasse «proteção», porque eles imaginavam tolamente (e até predisseram) que quando os exércitos romanos invasores aparecessem em Jerusalém, os que estivessem dentro do santuário do templo seriam protegidos, ao passo que os que estivessem no terreno do templo e na cidade de Jerusalém, em geral, seriam «pisados», ficando incluídas nisso pessoas e coisas.

Na pena do vidente João, a medição parece concordar com a idéia dos livros de I Enoque e Ezequiel. Deus protegerá aos justos, naqueles dias. Isso tornaria esta passagem pelo menos parcialmente paralela a Apo. 7:3; onde se vê a «selagem» dos servos de Deus. Notemos, no segundo versículo, que o «átrio exterior» do templo não foi medido, porque será esse pisado pelos gentios. E isso significa que tudo quanto houver ali será sujeito à ira de Deus, sendo alvo de vários juízos divinos distintos. Devemos nos lembrar, entretanto, que essa proteção será essencialmente «espiritual», e não física, já que os protegidos serão, claramente, os «mártires em potencial»; e se estes nada terão a sofrer da «ira de Deus», durante o período da tribulação, certamente serão sujeitados à ira dos homens.

Supomos que, por essa época, o templo terá sido reconstruído em Jerusalém, o qual tornar-se-á, uma vez mais, o centro da adoração judaica. Sua medição significa que Deus terá novamente um remanescente para si mesmo, e a esses escolhidos será dada a proteção divina, de natureza espiritual—os propósitos de Deus se cumprirão nele. Na opinião de alguns intérpretes, o décimo terceiro versículo subentende a «conversão» dos judeus; mas isso é cedo demais para qualquer conversão em massa. A conversão dos judeus, como nação, provavelmente ocorrerá quando as forças russas forem derrotadas na Palestina, após terem ocupado a região por muitos anos, talvez começando por volta do fim da década de 1980. A conversão dos judeus só terá lugar no fim do século, quando as forças do anticristo libertarem aquela região da ocupação soviética.

*Sumário das idéias acerca da «medição»:*

1. A medição simboliza a reconstrução e a restauração, tal como em Eze. 40:1 e ss.; 41:13; 43:14; Zac. 2:2-8; Jer. 31:39. Não defendemos esse ponto de vista, embora «algo» de bom, como a proteção dos eleitos, deva estar envolvido.

2. A medição visaria a destruição do templo, conforme se vê em II Reis 21:13; Isa. 34:11; Amós 7:7-9; Lam. 2:8 e II Sam. 8:2a. No presente texto, porém, a destruição é prometida aos que estão «no átrio exterior», e não dentro do templo.

3. A medição talvez aponte para a proteção física, conforme se aprende em II Sam. 8:2b. Creemos que o próprio Apocalipse nega esse ponto de vista.

Os protegidos serão «mártires em potencial», e, finalmente, serão «mártires» reais. Serão protegidos por algum tempo, todavia, enquanto seu testemunho tiver de ser dado.

4. O significado dessa medição é, antes, *proteção espiritual*. Embora os escolhidos tenham de sofrer, sua alma não sofrerá qualquer dano. Portanto, este trecho é paralelo à idéia do sétimo capítulo deste livro, quando da «selagem» dos servos de Deus. Creemos que isso envolverá tanto os crentes gentios como os judeus que vierem a Cristo ou estejam nesse processo. A passagem de I Enoque 61:1-5 tem esse tipo de significado para a «medição». Deus mede o seu «templo espiritual», por assim dizer, a fim de ser «reconstruído». Não poderá sofrer dano e nem adiamentos, enquanto estiver sendo reconstruído.

...o santuário de Deus... Na visão profética é o «templo restaurado». (No tocante aos templos judaicos, ver as notas expositivas sobre João 5:14 e Mat. 4:5).

...altar... No Apocalipse (ao aludir este ao «templo celestial»), aparece um único altar, em lugar dos «dois» altares do templo antigo, na terra, mas que incorporava as funções do altar de sacrifícios (de cobre), que ficava fora do santuário, e as funções do altar do incenso, perante o véu do Santo dos Santos, pelo lado de fora desse véu. (Ver as notas expositivas completas sobre o «altar», em Apo. 6:9 e 8:3). Outras referências no Apocalipse ao «altar», são Apo. 8:5; 9:13; 11:1; 14:18 e 16:7. O altar, neste caso, pode ser, literalmente, aquele do «templo reedificado», porquanto não está aqui em for uma cena celestial, e, sim, terrena.

\*\*\*

*Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:*

1. O «caniço» representa algo de «pastoral», pois simboliza «proteção».

2. Mui provavelmente, o altar aqui em foco é o altar do «incenso». As «orações» dos santos são ouvidas. O curso dos acontecimentos fará surgir em cena o anticristo; mas os eleitos serão protegidos de qualquer dano às suas almas.

3. No oráculo que talvez fique aqui subentendido, o «templo» era o templo de Herodes, que continuava da pé quando esse «fragmento» foi escrito, o qual, posteriormente, foi incorporado no livro de Apocalipse. Profeticamente falando, entretanto, temos aqui o «templo reedificado», que esperamos ver reedificado em nossos próprios dias. Alguns pensam que o termo «templo» deve ser aqui entendido «algoricamente», como se estivesse em foco o «povo de Deus»; é verdade que isso está em pauta, mas isso não esgota o sentido da passagem. Certamente não se deve pensar em algum «templo» da Jerusalém celestial, pois ali não haverá templo, e nem esta passagem se condiz com cenas celestes.

4. O anjo da Deus brande o caniço. Por padrões divinos é que os homens serão julgados, afinal. A vara de medir que Deus usa tanto tem profundidade quanto exatidão, algo que falta à opinião que os homens formam de si mesmos.

«Sócrates dirigia uma escola de julgamento; de forma muito mais perseguida. Jesus encabeça uma escola de julgamento. Em cada época a igreja cristã deve ser julgada por sua capacidade de autajulgamento. A vara de medição deve ser perpetuamente aplicada aos cristãos. Com base na própria experiência deles, segundo vão se tornando claros para eles os padrões do cristianismo, devem os cristãos se aquilatar em si próprios. A autobiografia cristã está repleta desse processo. As «Confissões de Agostinho», em certo sentido, são uma escola de julgamento que ele aplicou à sua própria vida». (Hough, *in loc.*).

5. Os intérpretes da escola histórica buscam incidentes históricos, relacionados com a igreja, aos quais aplicam a presente passagem. Mas certamente incorrem em erro grave. Algumas dessas idéias são incorporadas, à guisa de comparação, na exposição que se segue.

*Variante Textual:* Antes da palavra «dito», alguns poucos manuscritos minúsculos posteriores inserem as palavras «o anjo se põe de pé». Isso encontrou caminho até ao Textus Receptus. A tradição inteira dos manuscritos unciais e o P(47) omitem essas palavras. São uma glosa escríbal que procura dar à declaração um sujeito definido.

2 καὶ τὴν αὐλὴν τὴν ἔξωθεν τοῦ ναοῦ ἔκβαλε ἔξωθεν καὶ μὴ αὐτὴν μετρήσῃς, ὅτι ἐδόθη τοῖς ἔθνεσιν, καὶ τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν πατήσουσιν μῆνας τεσσαράκοντα [καὶ] δύο.



1 2 [B] ζῶθεν P A P 046 04 1006 1611 1854 1856 2038 2042 2053 2065  
2073 2081 2138 2433 it vg sa, bo arm eth? Tyconius

Primasius Andrew? mss in Th-antioch Arethas f ζωθεν N 1 1828 syr<sup>st</sup>  
Victorinus-Pellau Andrew? mss in Th-antioch f ζωκαζωθεν eth?

2 τὴν πόλιν... παρῆουσιν Ps 70:1; Is 63:18; Zch 12:3 LXX; Lk 21:24 μῆρας τεσσαράκοντα δύο Re 12:6; 18:8

[ ζῶθεν 2º] αἶς P<sup>7</sup> 046 2059 2344 αἶς [ «δοθῇ» add και P<sup>7</sup> N\* ] πατηρ.] μετρηουσιν A

A forma ζῶθεν é preferível, com bases internas e externas: (a) é fortemente apoiada por P (47) A P 046 1006 1611 1854 2053 it (61) vg sir (h) cop (sa,bo) ara αἶ; e (b) copistas que entenderam a αὐλή como se fosse o átrio interno, ficaram perplexos pela expressão τὴν αὐλὴν τὴν ζῶθεν, pelo que mudaram o advérbio para ζῶσθεν (N cerca de 35 manuscritos minúsculos sir (ph) αἶ).

11:2: *Man doce a átrio que está fora do santuário, e não a maçã; porque foi dado aos gentios; e eles pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses.*

«...o átrio exterior...» O santuário será protegido, mas os átrios exteriores, como o das mulheres, o dos gentios, etc., não receberão qualquer proteção. Serão entregues nas mãos dos gentios, e sofrerão abusos. No templo de Herodes, de onde foi extraído esse simbolismo, o átrio interior, com suas várias divisões, era acessível somente aos judeus. As áreas até onde podiam aproximar-se os gentios eram separadas do átrio interior por colunas de pedras, com inscrições que advertiam aos gentios que não ultrapassassem daquele limite, sob pena de morte. A arqueologia tem descoberto uma dessas inscrições, em uma das duas únicas pedras que sobreviveram daquele templo e chegaram até nós. (Ver Josefo, *Antiq.* xv.11:5, onde há uma referência a essas inscrições). O «átrio exterior» era chamado de «átrio dos gentios». Esse átrio não era considerado sagrado pelos judeus (ver *Jewish Encyclopedia* xii. 88), embora nosso Senhor tenha atribuído tal qualidade ao mesmo (ver Marc. 11:17; Mat. 21:13 e Luc. 19:46).

A referência original: Os quarenta e dois meses. Se este versículo fazia parte de um oráculo dos zelotes, conforme foi conjecturado no começo deste capítulo, então temos aqui a suposição que enquanto alguém estivesse «dentro» do santuário receberia proteção divina contra os exércitos romanos invasores; mas, fora dali, os romanos teriam pleno poder para ferir e matar. Nesse caso, quarenta e dois meses (idéia tomada por empréstimo de Dan. 9:25 e 12:7) seria o período de tempo em que os romanos teriam tal poder. No seu contexto original, isso se referia ao tempo durante o qual os sírios, sob Antíoco IV, Epifânio, um tipo de anticristo, teria permissão de poluir o templo e destruir a fé e as instituições judaicas. Profeticamente falando, isso se refere ao reinado do anticristo. Os quarenta e dois meses evidentemente indicam a «segunda metade» da tribulação; e os «mil duzentos e sessenta dias» (ver o terceiro versículo deste capítulo) evidentemente aludem à «primeira metade» da tribulação de sete anos. Juntas, essas duas metades perfazem sete anos, e isso corresponde à «septuagésima semana» da profecia de Daniel. (Ver Dan. 9:25 e ss.).

Desnecessário é dizer que os intérpretes não concordam sobre como se deve calcular esse tempo; e muitos estudiosos não apreciam a idéia do «grande parêntesis» entre a semana sexagésima nona e a semana septuagésima. No fim dos comentários sobre este versículo, um exemplar das idéias sobre essa questão é oferecido. Todavia, nunca se conseguiu alguma coisa melhor do que transferir essa última «semana» para o futuro período de tribulação, quando «o relógio da nação judaica começar a funcionar de novo nas profecias bíblicas». É um erro a suposição, entretanto, de que o período da tribulação perdurará apenas sete anos. O mais provável é que haverá um período muito mais longo do que esse, (talvez, 40 anos), durante o qual governará o anticristo. Mas esses «sete anos» serão críticos para a nação de Israel, e a história haverá de demonstrar melhor esse particular. Ou então o número «sete» pode indicar a totalidade da «tribulação», no qual caso essa cifra seria «simbólica» ou «mística», indicando uma «tribulação completa», que haverá nos últimos dias e haverá de realizar os propósitos de Deus, produzindo a «parousia» ou segunda vinda de Cristo. Nesse caso, sete anos literais não precisam ser imaginados, e um período mais longo do que esse poderia estar em foco.

No livro Ascensão de Isaias (4:12-14) ao anticristo é dado um período de mil trezentos e trinta e cinco dias (tomado por empréstimo de Dan. 12:12), durante o qual perseguirá aos fiéis a Deus. Mas isso ultrapassa um pouco aos três anos e meio. As especulações rabínicas sobre os capítulos nono e décimo segundo do livro de Daniel, eram muito variadas, sem que dali se possa tirar qualquer conclusão certa; pois eles procuravam predizer o tempo da vinda do Messias com base no que é dito ali, e algumas dessas tentativas tiveram êxito. Bastaria esse fator para que entendamos que as profecias bíblicas devem ser levadas a sério, até mesmo quando há ali designação de tempos, e ainda que não possamos ter certeza sobre tudo quanto está envolvido nessas designações.

O vidente João percebia que, no tocante à nação de Israel, pelo menos, esse período crítico de quarenta e dois meses «limitava o tempo do governo do anticristo». Contudo, isso não limitaria a sua carreira inteira; e nem ele governaria somente durante os supostos sete anos de «tribulação». Podemos confrontar isso com Apo. 13:4,5. Ao anticristo é dado o prazo de «quarenta e dois meses» para prosseguir em suas blasfêmias, para ser adorado pelos homens, para governar sem qualquer oposição. Mas isso não limita, necessariamente, o seu tempo de governo, a esses três anos e meio. Podemos conjecturar que ele dominará a cena durante mais tempo do que isso, embora também haja um período de quarenta e dois meses, revestido de capital importância, principalmente para Israel e para a região da Palestina.

Notemos as três designações diferentes. 1. Quarenta e dois meses (aqui e em Apo. 13:5). Pensamos que isso alude à «segunda metade» do tradicional período de sete anos da tribulação. 2. Mil duzentos e sessenta dias (ver Apo. 11:3 e 12:6), que reputamos apontar para a «primeira metade» da

tribulação. 3. «Um tempo, tempos e metade de um tempo», ou seja, três anos e meio (ver Apo. 12:14), que provavelmente se refere à primeira metade da tribulação. Todas essas expressões foram tomadas por empréstimo do livro de Daniel. (Ver Dan. 7:25; 9:25 e 12:7).

*Outras idéias sobre o segundo versículo:*

1. Para satisfazer à curiosidade do leitor, nestes pontos damos um sumário da idéias sobre a natureza da septuagésima semana de Daniel, conforme os comentários encaram a questão. O trecho de Dan. 9:26,27 é disputado quanto a muitas particularidades. É incerto quando se deve começar o cálculo das setenta semanas, e o sujeito da sentença, no vigésimo sétimo versículo, é ambíguo. Alguns dizem tratar-se do anticristo, e outros do próprio Cristo. A despeito dessas dificuldades, de modo geral, não sem manipulações, os intérpretes cristãos vêem que o Messias será «cortado» ou crucificado no fim de sessenta e nove semanas. Vários rabinos predisseram a era de Cristo corretamente, com base nessa profecia, e o leitor sem preconceitos com facilidade verá como isso pode ser feito. O verdadeiro problema, entretanto, começa quando se tenta situar a septuagésima semana. Alguns intérpretes procuram localizá-la juntamente com as primeiras sessenta e nove semanas, sem qualquer hiato, levando o total até à destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C. Mas isso exige alguma manipulação fantasiosa. Pois é impossível fazer o Messias ser «cortado» no fim da sexagésima nona semana, para então fazer somente sete anos se passarem daí até a destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C., pois, na verdade, passaram-se então quarenta anos ou mais. Alguns eruditos contornam o problema dizendo que a nação de Israel tornou-se como morta, após haver rejeitado ao seu Messias, pelo que pouco interessava se se passassem sete ou quarenta anos. Mas isso é manusear desonestamente os dados proféticos. Outros iniciam o cálculo de tal modo que as setenta semanas inteiras coincidam, em seu final, com a morte do Messias. Nesse caso, o Messias é quem «confirmaria» o pacto do vigésimo sétimo versículo. Outros pensam que a semana final se cumpriu mediante os esforços evangelísticos da igreja, após a ressurreição, quando Cristo estabeleceu um novo pacto com os homens, por intermédio do evangelho. Isso «conduz» e também «arma o palco» para a total destruição do estado judaico, no fim daquela data, mas ficando trinta anos aqum.

Por conseguinte, a única maneira realmente satisfatória de manusear a questão das setenta semanas é o método dos intérpretes «futuristas», os quais separam a última semana das primeiras sessenta e nove semanas, levando-a a aludir ao período da «tribulação». Se ela representa ou não «sete» anos exatos já é outra questão. Isso é discutido mais acima, nas notas expositivas sobre este mesmo versículo.

2. Por longo tempo os gentios pisam a Terra Santa. No momento (1974), Israel ocupa precariamente aquela terra. Mas uma vez mais, por causa da guerra frequentemente renovada entre árabes e israelenses, os gentios, a saber, a Rússia e seus aliados ocuparão as terras de todos os participantes, a começar nos fins da década de 1980, assim ganhando controle sobre o petróleo no mundo, se pudermos confiar nas declarações dos misticos contemporâneos. Uma vez mais, pois, os gentios pisarão a Terra Santa, mas ainda não conforme será feita quando o anticristo tomar conta da região. A tentativa (finalmente bem-sucedida) do anticristo de expulsar os russos da Terra Santa, dará início à Terceira Guerra Mundial, perto do fim do século XX, com o emprego de armas atômicas. Mas isso ainda não será a batalha de Armagedom. Esta ocorrerá quando a China tentar conquistar a Palestina, após uma longa guerra de conquista da Ásia e da Europa, quando os chineses espalharão seu poder por imensa área do planeta. A China será derrotada, igualmente pelo poder da ímpia federação de nações que se aliarão ao anticristo. A batalha final, que se fará na Palestina, contra os chineses, quando forças sobrenaturais serão envolvidas, é que será a batalha do Armagedom. Dentre essas horrendas sofrimento, que ameaçará a própria existência da humanidade, é que emergirá a «parousia» ou segundo advento de Cristo. O antigo ciclo da existência terminará e o milênio começará.

3. Muitos intérpretes pensam que essas «dias» ou «meses» sejam «anos» ou períodos muito longos, e então tentam descobrir, nas páginas da história, algo que se condene com o pisar dos gentios, após a destruição de Jerusalém. Ainda outros pensam haver aqui alusão à igreja, pensando que isso significa o tempo em que a Palestina e a área do templo foram dominados pelos turcos do Império otomano, ou então significa os abusos do poder papal sobre a igreja. Tais interpretações «históricas» nos envolvem em inutilidades, quando buscamos «calcular» as designações temporais, mostrando-se esses cálculos totalmente insatisfatórios.

4. «Desejo ainda observar, e o leitor terá isso abundantemente confirmado pela pesquisa na história da exegese apocalíptica, que nenhuma solução que comecemos a ser satisfatória já foi encontrada para essas diversas questões (os quarenta e dois meses, etc.). Sendo essa a situação, tenho por norma considerar essas como uma daquelas questões ainda desconhecidas para a igreja, em que precisamos esperar sua elucidação pelos próprios acontecimentos». (Alford, *in loc.*, com um excelente comentário para a sua época). Creemos que os intérpretes ainda mais antigos não podiam mesmo saber o que essas coisas significam, dado a distância em que se encontravam dos fatos preditos no Apocalipse. Em nossa época, porém, que já está bem mais próxima da concretização dessas predições, pelo menos podemos expressar informações como aquelas que oferecemos acima, ainda que sejam meras especulações e não fatos comprovados.

*Variante Textual:* O «átrio exterior» é a forma que aparece nos mss P(47), AP, 046, 1006, 1611, 1854, 2063, no It(61), na Vg, no Si(n), no Cop(sa,bo) e no Ara. Porém, as palavras «no interior do átrio» aparecem no ms Aleph e em cerca de trinta e cinco manuscritos minúsculos que possuímos. A modificação foi feita por não terem os escribas entendido qual o «átrio» particular referido pelo autor sagrado, sem falar-se, talvez, sobre a falta geral de entendimento quanto ao intuito inteiro do versículo.

3 καὶ δώσω τοῖς δυσὶν μάρτυσιν μου, καὶ προφητεύσουσιν ἡμέρας χιλίας διακοσίας ἐξήκοντα περιβεβλημένοι σάκκους.

3 περιβεβλημένοι C 1 1611 2037 20508 2m c1 R] - μόνους N\* AP 046 2060 2329 al

A forma *περιβεβλημένους*, embora fortemente apoiada por N\* A P 046 cerca de 45 manuscritos minúsculos, é um erro escríbal sem sentido, que surgiu da conformação mecânica do caso de *σάκκους*.

11:3] E concederei às minhas duas testemunhas que, vestidas de saco, profetizam por mil duzentos e sessenta dias.

1. De acordo com o que pensam alguns estudiosos, essas testemunhas «simbolizam» as forças cristãs em qualquer época, aquelas que resistem à tirania e ao mal, especialmente à iniquidade espiritual. Nesse caso, as testemunhas não seriam indivíduos literais. No quarto versículo deste capítulo, o simbolismo das «oliveiras» e dos «candeleros» poderia fazer delas «religiosos ungidos» ou «líderes civis» que exercem poder sobre a comunidade cristã. (Ver as notas sobre o próximo versículo, para essa e outras idéias). Mas há aqueles que dizem que essas testemunhas são somente os «ministros cristãos» através da história da igreja.

2. Os intérpretes da escola histórica, como sempre, procuram encontrar «indivíduos» do passado, pensando que se trata de poderosos líderes eclesiásticos. «Lutero e Melancton» são apontados entre os candidatos. As tradições apocalípticas, entretanto, identificam-nas com profetas do A.T., conforme se poderá observar mais abaixo.

3. Também poderiam ser os «propósitos divinos» ou mesmo «seres» que operam mediante agências humanas. Mas a tradição apocalíptica é contrária a isso. Dois seres humanos são as duas testemunhas.

4. Os intérpretes futuristas, apesar de concordarem que duas testemunhas aparecerão no período da tribulação (ver as notas expositivas a respeito, em Apo. 7:14), não concordam sobre a identificação dessas testemunhas. Abaixo temos as idéias centrais:

a. A identidade das duas testemunhas permanece desconhecida, e toda a conjectura é inútil. Deus os levantará, e então, no tempo certo, serão conhecidas. É interessante que alguns futuristas não creem que o número das testemunhas seja necessariamente dois. Poderiam ser muitos. Dizem eles que temos aqui um número místico ou simbólico, e não necessariamente o fato que são duas testemunhas. Por duas ou três testemunhas toda a palavra será confirmada. Porém, a tradição apocalíptica por detrás deste versículo não apóia essa idéia. Outros aceitam que o número dessas testemunhas será dois, mas creem que serão duas personalidades desconhecidas, ou seja, sem história prévia, que ministrarão no «espírito» de Moisés e Elias, embora não sejam Moisés e Elias.

b. Alguns supõem que *Elias e Enoque* estão em foco, havendo precedente para esse ponto de vista nos apocalipses judaicos e na primitiva tradição cristã. Tertuliano, *De Anima*, 50, menciona essa tradição, evidentemente aprovando-a. (Ver também *Ps. Johannine Apoc.* 8; *Ps. Cyprian*, «De montibus Sina et Sion», 5 e, especialmente, I Enoque 90:31, que contém a predição que antes do julgamento Elias e Enoque terão um novo ministério. O livro de IV Esdras 6:26 faz com que as duas testemunhas esperadas sejam homens que não provaram a morte, e, portanto, Elias e Enoque. Uma circunstância que parece ter dado origem a essa tradição é a «transladação» de ambos esses homens, de forma que não provaram a morte física. (Ver Gên. 5:24 e II Reis, 2:11). Foi apenas natural que alguns imaginassem, pois, que em face de não terem eles «morrido», retornariam à terra para terem um novo ministério. Elias, especialmente, sempre foi destacado quanto a isso, pelo que a sua volta para servir de arauto da segunda vinda de Cristo tornou-se um dogma fixo. (Ver Mal. 4:4-6; Deut. 18:15, conforme alguns pensam; e Marc. 6:15). Se isso é verdade, embora não tivessem morrido fisicamente, seria necessária a «reencarnação» para trazê-los de volta a este mundo, e os lugares celestiais não podem acolher corpos humanos comuns, de carne e sangue (ver I Cor. 15:50), pelo que deve ter havido a «transformação» dos corpos de Elias e Enoque, tornando-os sobre-humanos e imortais. Assim sendo, a fim de poderem tornar-se mortais novamente, de modo a poderem passar pela morte física (conforme o sétimo versículo deste capítulo mostra que terá de suceder), teriam tido de passar pela «reencarnação», recebendo novamente corpos humanos normais.

c. Outros pensam que *Elias e Moisés* é que estão em pauta. O presente contexto favorece isso, pois as «coisas» que as duas testemunhas farão fazem-nos lembrar definitivamente as vidas e obras de Moisés e Elias. (Ver o sexto versículo). O fato que tais prodígios lhes são atribuídos (com óbvia dependência do A.T.) dificilmente teria sucedido por acidente, da parte do vidente João. Além disso, há força no argumento que diz que Elias representa os «profetas», ao passo que Moisés representa a «lei». Ambos testificam de Cristo, pelo que voltarão para anunciar o retorno de Cristo e fazer oposição ao anticristo. Acrescente-se a isso que no monte da Transfiguração (décimo sétimo capítulo do evangelho de Mateus) foram esses dois profetas que apareceram com Jesus; e aquela «visão» anunciava a vinda de Jesus em sua glória, para estabelecer o reino. Portanto, temos Moisés e Elias a acompanharem o Senhor, sendo natural pensarmos que o ministério das duas testemunhas será atribuído a eles. E também há precedente nas tradições para esse ponto de vista, já que a Assunção de Moisés diz que este foi arrebatado aos céus do mesmo modo que Enoque. A passagem de Deut. 18:15, que diz que Deus levantaria um profeta semelhante a Moisés, era interpretada, por vários rabinos, como trecho que ensina que Moisés «revivirá», antes da manifestação do Messias; e os samaritanos, em seu «Taheb» (Messias) ensinam que o próprio Moisés será o Messias.

Considerando-se todos os pontos, embora *nada* de absolutamente certo possa ser dito, parece que Elias e Moisés estão em pauta. Será preciso que

surgam espíritos daquela estatura para realizarem a missão que é atribuída a essas duas testemunhas. Elias e Moisés, pois, haverão de «reencarnar-se» para cumprir essa missão, trazendo consigo poderes espirituais que desenvolveram em sua inquirição espiritual e usando os mesmos, uma vez mais, para a glória de Cristo.

*Notemos aqui o drama sagrado da alma.* A alma não é cativa à parte material, ao corpo físico; mas, em sua missão, transcende à matéria, podendo ser investida da mesma para mais de uma missão, terrena ou celestial. Tudo isso depende da vontade de Deus, porquanto ele pode fazer o que melhor lhe agradar, com aquelas almas que lhe são leais. Que seja feita a vontade do Senhor!

«...minhas...», isto é, «de Cristo», porquanto os homens servem ao Senhor Jesus, e os interesses dele estão aqui em foco. É destino de todos os homens acharem em Cristo o seu «tudo», pois ele é «tudo para todos», conforme nos ensina a passagem de Ef. 1:23. (Ver também Ef. 1:10, bem como as notas sobre o «mistério da vontade de Deus», que mostram que essa centralização de Cristo, como alvo da história, é o que Deus quer e o que ele cumprirá).

«...profetizem...» As duas testemunhas terão um ministério específico, de advertência, repreensão e chamada ao arrependimento, e fá-lo-ão segundo os melhores moldes da tradição profética, conforme se vê exibido no A.T., e particularmente, nas vidas de Moisés e Elias.

«...mil duzentos e sessenta dias...» Embora os quarenta e dois meses e o número de dias aqui especificado, na realidade seja o mesmo «período de tempo», cremos que a modificação na maneira de expressar indica que «diferentes» períodos de tempo estão em foco, embora da mesma duração. Portanto, supomos que a designação em «dias» fala da «primeira metade» da tribulação, ao passo que a designação em «meses» alude à «segunda metade». Juntos esses dois períodos, temos os tradicionais sete anos de tribulação. Conforme é mencionado acima, supomos que esse período será apenas uma «parte» da tribulação, um período especialmente importante para Israel, em seu relacionamento com o anticristo. Ou então o fato que o total dá um «sete», isso indica a tribulação completa, o tempo durante o qual serão derramados os juízos de Deus, a fim de trazer a «parousia», não estando em foco sete anos literais. O número, nesse caso, seria simbólico e místico, não devendo ser tomado literalmente.

«...vestidas de pano de saco...» Essa era a vestimenta tradicional dos profetas que conclamavam os homens ao arrependimento, ou mesmo a vestimenta dos que se arrepiavam, por ser sinal de lamentação, de tempos difíceis, de arrependimento. No dizer de Charles (*in loc.*): «A vestimenta tipifica a natureza sombria da mensagem deles (das duas testemunhas)». (Quanto a essa forma de vestimenta, que indica uma atitude penitente, ver Jer. 4:8; Jon. 3:5; Mat. 11:21). Era também uma vestimenta que representava aflição (ver Gên. 37:34; II Sam. 3:31; 21:10; II Reis 6:30; Est. 4:1-4; Jô 16:15; Sal. 30:11; 35:13; 49:11; Isa. 3:24; 15:3; 20:2; Jer. 48:37; 49:3 e Amós 8:10).

O «pano de saco» ou «cilício» era uma fazenda grosseira, usualmente feita de pele de cabra, de cor negra (ver Apo. 6:12). Era usado no luto pelos mortos (ver Gên. 37:34; II Sam. 3:31 e Joel 1:8); quando se orava pedindo livramento, como sinal de humildade, diante da vontade divina (ver II Reis 19:1; Dan. 9:3; Baruc 4:20 e I Macabeus 3:47). O pano de saco usualmente era usado diretamente sobre a pele, para dar desconforto, pois simbolizava o descontentamento com as coisas como elas estavam (ver II Reis 6:30; Jô 16:15 e II Macabeus 3:19). Além dos usos aqui especificados, o pano de saco com frequência era usado para confeccionar as roupas dos pobres, por ser barato. Figuradamente, vestir de pano de saco indica o «escurecimento», como no caso dos corpos celestes (ver Isa. 1:3).

*Outras idéias sobre o terceiro versículo:*

1. *Quão grandioso é esse pensamento!* A alma prossegue; suas missões são muitas; a vida é eterna. Essas lições nos são ensinadas no presente texto.

2. *Quão grandioso é esse pensamento!* Sempre haverá propósito na vida; o despojamento de um corpo físico não destrói nem a vida e nem ao seu propósito. Moisés e Elias voltarão; tinham terminado uma missão, mas agora haverá outra missão terrena para cumprirem.

3. Como é que se manifestarão as duas testemunhas? Haverão de «nascer» uma vez mais, ou descerão dos céus mediante um milagre especial, tomando outros corpos físicos? O texto não nos fornece qualquer indicio a esse respeito. Supomos que nascerão fisicamente, tal como sucedeu da primeira vez. Serão trazidos a essa fase de sua missão por outra experiência de vida terrena. Naturalmente, aqui só conjecturamos, mas talvez isso esteja relacionado à verdade da questão.

4. «As duas testemunhas» farão tornar-se contemporâneos Moisés e Elias. O avanço da religião se concentra e torna aplicável ao presente todas as relações entre Deus e os homens, no passado. A lei dá regulamentos. A profecia infunde alma nesses regulamentos. Portanto, essas duas testemunhas sempre se fazem necessários. Há continuidade do mal neste mundo. Mas também há neste mundo a continuidade do bem. Os homens sábios da lei e os homens de mente efervescente, como são os profetas, são necessários em todos os séculos... As duas testemunhas podem ser vistas como símbolos apropriados daquela longa narrativa de sanção legal e de elocução inspirada, mediante o que Deus trata com os homens, conforme se verifica na igreja viva» (Hough, *in loc.*).

5. Há poder na associação desses dois: pensamos sobre Elias e Eliseu, sobre Moisés e Aarão, sobre Zorobabel e Josué, e sobre como Cristo enviou os seus discípulos de dois em dois. Algumas seitas modernas do cristianismo têm seguido esse precedente. Muitas equipes de «marido e mulher» têm substituído esse princípio com grande sucesso.

*Variante Textual:* A palavra «peribebelenous», «vestidas», é a forma que

aparece nos mss Aleph(1), AP, 046 e cerca de quarenta e cinco manuscritos minúsculos. Mas a forma correta é «paribolamenoi», o nominativo. A outra

forma é um erro escríbal sem sentido, que surgiu devido à conformação mecânica do caso com «sakous».

4 οδοί εἰσιν αἱ δύο ἐλαίαι καὶ αἱ δύο λυχνίαι αἱ ἐνώπιον τοῦ κυρίου τῆς γῆς ἐστῶτες.

4 Zeb 4,3, 11-14

11:4: *Estas são as duas oliveiras e os dois candeleros que estão diante do Senhor da terra.*

O vidente João tomou seu simbolismo por empréstimo de Zac. 4:1-14, onde o profeta viu, em sua visão, um candelero com sete hastes e duas oliveiras. Aprendemos que o candelero septiforme representa os «olhos de Deus», que percorrem a terra inteira, julgando, punindo e pondo em ordem. (Isso pode ser comparado ao trecho de Apo. 5:6). As duas oliveiras provavelmente indicavam Josué e Zorobabel, que eram, respectivamente os líderes religiosos e civil. O vidente João alterou o candelero de sete hastes em «dois candeleros», eliminando totalmente o significado de lhes foi atribuído por Zacarias, e fazendo deles as «duas testemunhas», como «luzeiros no mundo». Supomos que as «oliveiras» representam as testemunhas nutridas por Deus, crescendo devido à sua graça, prosperando espiritualmente devido ao maná dos céus. Assim sendo, serão como «...árvore plantada junto a corrente de águas, que, —no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha...» (Sal. 1:3), porquanto o deleite deles «...está na lei do Senhor...» (Sal. 1:2). Mas os ímpios não são assim, pelo que também terão de sofrer horrendos julgamentos às mãos dessas duas testemunhas, já que, obstinadamente, terão repellido à verdade. Lembremo-nos, por igual modo, que a oliveira fornece o azeite para as lâmpadas, pelo que são uma fonte de luz em si mesmos. Em Zac. 4:12, lê-se que o azeite é «dourado», e, portanto, reveste-se de grande valor.

A «lei é a luz». Por conseguinte, Moisés é associado a um dos candeleros. (Ver Pro. 6:23; Testamento de Levi 14:4 e Sabedoria 17:4). Mas a profecia também é luz, o que justifica a missão de Elias. O A.T. consiste «da lei e os profetas», e essa é a mensagem de Deus para a humanidade (ver Luc. 16:16 e Mat. 7:12). «Moisés e os profetas» (ver João 5:39) testificam de Cristo. E no ministério das duas testemunhas fá-lo-ão de maneira especial, cumprindo uma missão específica.

«...diante do Senhor da terra...» Em Zac. 4:14, Deus é o «Senhor de toda a terra», estando em foco a pessoa de Deus Pai. As duas testemunhas «cumprirão a vontade de Deus» e «cumprirão os seus propósitos». Ele as observa, protege e se utiliza delas. A missão que receberão será atribuída e aprovada pelo Senhor Deus. Na passagem de Zac. 4:15 as oliveiras produzem «azeite dourado», o que mostra que a função das duas testemunhas será valiosa, emprestando algo desse valor a outras pessoas, tudo o que é aprovado por Deus, porquanto o Senhor se utilizará das duas

testemunhas de forma a abençoar e instruir a outros. A missão das duas testemunhas, assim sendo, será «divina». Todos os homens têm alguma missão; e cada indivíduo é ímpar, não tendo quem lhe possa ocupar o lugar. (Ver as notas expositivas sobre esse conceto em Apo. 2:17).

*Outras idéias sobre o quarto versículo:*

1. Notamos, no terceiro versículo, que as testemunhas «pertencem» ao Senhor: «...minhas...». Há alusão a pessoas conhecidas e específicas. Aqui, pois, elas estão diante do Senhor de toda a terra—são-lhe pessoas conhecidas. Deus conhece todos os indivíduos e tem um propósito para todos. A vida é prenha de designio divino. O designio divino é benéfico, contanto que o sigamos. Isso expressa a posição do «telamo». Deus não somente criou a tudo, mas permanece interessado em sua criação, fazendo intervenção na história humana, recompensando e punindo. O delírio, em contraste com isso, ensina que apesar de haver um poder supremo de alguma sorte, ele se divorciou de sua criação, pelo que não faria intervenção, e nem galardão ou castigar. O N.T. sempre apresenta uma atitude «telista», e jamais «delista». (Ver Atos 17:27 quanto a várias idéias teológicas e filosóficas acerca da natureza de Deus e sua maneira de tratar com os homens).

2. Alguns vêem simbolicamente, nas duas testemunhas, que são os dois candeleros e as duas oliveiras, o Antigo e o Novo Testamentos, ou seja, a antiga e a nova dispensações; mas dificilmente isso coincide com a realidade, estando fora de harmonia com o contexto. Nem podem estar em pauta as congregações judaicas e cristãs, conforme alguns intérpretes simbólicos encaram a questão. Pois como é que as Escrituras das «igrejas» poderiam ser «mortas», segundo se vê no sétimo versículo? Poderia o poder do mal chegar a tal extremo? O trecho de Mat. 16:18 responde com um peremptório «Não!».

3. A lâmpada é uma fonte de luz; a oliveira fornece o azeite, que mantém a lâmpada acesa, pelo que a oliveira também é uma fonte de luz. Aquelas duas testemunhas surgirão em cena para serem luzes no mundo. (Ver João 1:7 e ss. quanto a Cristo como a «luz do mundo»; e ver Mat. 5:14 quanto aos crentes como «luzes»).

4. As oliveiras, de acordo com Zac. 4:14, base literária do presente versículo, foram «unidas» por Deus. Assim, pois, fica garantido o sucesso da missão das duas testemunhas. A casa não será edificada enquanto o Senhor não a edificar.

*Variante Textual:* As palavras «o Deus da terra» figuram nos mss 117 36 e vários outros manuscritos minúsculos posteriores. Mas «Senhor da terra» é a forma que aparece nos mss P(47), Aleph, ACP, 046, na Vg. no Si, no Cop e nos escritos de muitos dos pais da Igreja, o que é prova esmagadora em favor de sua autoridade. O pano de fundo literário, Zac. 4:14, diz «Senhor». O termo «Deus» provavelmente foi uma substituição descuidada de um nome divino por outro, por alguns escribas posteriores.

5 καὶ εἰ τις αὐτοὺς θέλει ἀδικῆσαι, πῦρ ἐκπορεύεται ἐκ τοῦ στόματος αὐτῶν καὶ κατεσθίει τοὺς ἐχθροὺς αὐτῶν· καὶ εἰ τις θελήσει αὐτοὺς ἀδικῆσαι, οὕτως δεῖ αὐτὸν ἀποκτανθῆναι.

5 2 Sm 22,9; 2 Km 1,10; Ps 97,3; Jr 5,14

11:5: *E, se alguém lhes quiser fazer mal, das suas bocas sairá fogo e devorará os seus inimigos; pelo se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto.*

Os intérpretes que insistem que devemos interpretar «literalmente» as Escrituras, «sempre que possível», até mesmo o Apocalipse, que é um livro repleto de símbolos «místicos», fazem estranho silêncio aqui. Neste versículo não temos qualquer termo modificador, como «parece» ou «como». Antes, é dito de forma direta que as duas testemunhas, homens mortais que serão, por onde quer que forem e quem quer que sejam (ver as notas expositivas sobre sua identificação no terceiro versículo) serão como monstros que vomitam fogo; e com esse fogo são mortos todos quantos tentarem fazer-lhes o mal. Apesar do versículo ser bem literal em sua descrição, nenhum intérprete, por mais inclinado que seja à escola do literalismo, ousa supor que esses homens serão «dragões» literais, por assim dizer, a vomitarem fogo de suas bocas. Por necessidade, temos de aceitar isso de forma «simbólica», a fim de não cairmos em algum absurdo. O máximo que podemos dizer com certeza é que as duas testemunhas serão protegidas até que seu testemunho terminar; e não serão apenas protegidas quanto às suas vidas físicas e espirituais, mas também, todo aquele que quiser fazer-lhes algum dano, chegará a um mau fim, quando do juízo divino, mediante o «fogo de sua ira», de qualquer modo que Deus ache por bem levar tais indivíduos à morte.

O fogo de Elias. A alusão deste versículo, naturalmente, é o poder de Elias por fazer descer fogo do céu, destruindo os profetas de Baal. Neste caso, a destruição é dos seguidores do anticristo. Elias trouxe fogo dos céus à terra para consumir os mensageiros do rei Acázias (ver II Reis 1:9-16). Eclesiástico 48:1 fala sobre Elias como o profeta cujas palavras queimavam como uma tocha. Assim, pois, o vidente João apanha essas referências judaicas e as modela para seu próprio propósito. «Elias está presente novamente», como que anuncia ele; e continua: «Ele é o profeta do fogo». Na literatura judaica, Moisés, por igual modo, estava associado à destruição pelo fogo. (Ver Êxo. 9:23). Considerando-se esses fatores, e consultando-se também o sexto versículo deste capítulo, onde maior número de prodígios do tipo realizado por Moisés e Elias existem, é quase certo que as «duas testemunhas» devem ser compreendidas como Elias e Moisés.

6 οὗτοι ἔχουσιν τὴν ἐξουσίαν κλεῖσαι τὸν οὐρανόν, ἵνα μὴ ὑετὸς βρέχῃ τὰς ἡμέρας τῆς προφητείας αὐτῶν, καὶ ἐξουσίαν ἔχουσιν ἐπὶ τῶν ὑδάτων στρέφειν αὐτὰ εἰς αἷμα καὶ πατάξαι τὴν γῆν ἐν πᾶσιν πληγῇ ὅσακις εἴν θελήσωσιν.

6 οὗτοι... αὐτῶν 1 Km 17,1

6 ἐξουσίαν ἔχουσιν... αἷμα Ex 7,17, 19-20 πατάξαι... 9m 1,8

*Outras idéias sobre o quinto versículo:*

1. O fogo de Elias, nas páginas do A.T., «desceia do céu». O fogo de Elias, neste ponto, é expellido da boca do profeta. Seja como for, é o fogo do profeta, e as diferenças de expressão resultam das preferências do autor sagrado quanto ao tipo de descrição. É óbvio, de qualquer maneira, que Elias está em pauta, cumprindo, nos últimos dias, um ministério tipicamente dele.

2. Devemos aceitar simbolicamente esse fogo, ainda que no A.T., o fogo das profetas fosse literal. Continuará sendo uma «temporal realidade», mortal para os adversários das duas testemunhas, embora se dê o caso que um fogo literal não amane destruidor das suas bocas.

3. Em Jer. 5:14 lemos: «Visto que proferiram eles tais palavras, eis que converterei em fogo as minhas palavras na tua boca, e a este povo em lenha, e elas serão consumidas». É provável que, no presente versículo, algo parecido com isso deva ser compreendido. Haverá um ministério poderoso e incandescente, da parte daquelas duas testemunhas. Mas este texto certamente vai além dessa idéia. A morte literal sobrevirá àqueles que se opuserem ao ministério das duas testemunhas, mediante o fogo da ira de Deus. Observemos que o fogo também se voltará contra aquelas atividades que busquem prejudicar às duas testemunhas, ao passo que o «fogo de suas palavras» afetará um maior número de pessoas ainda.

4. O Enoque Eslavônico (um dos livros apócrifos judaicos, uma obra apocalíptica, que tem material em comum com aquele usado pelo vidente João) também fala do fogo profético que fere e mata, e isso de maneira literal.

5. Isso pode ser confrontado com a «espada» que saía da boca de Cristo (ver Apo. 1:16). Certamente essa espada não é literal. E nem o é o «fogo», que temos aqui. Antes, as duas testemunhas, armadas de poder espiritual, exercerão tal poder de várias maneiras, até que o seu testemunho se complete.

6. Os intérpretes históricos pensam que o «fogo» é a «mensagem» dos dois profetas; e para isso se utilizam de Jer. 5:14 como modelo. E em seguida supõem que a mensagem de fogo das duas testemunhas consumirá os adversários de Deus, como a Igreja Católica Romana, com suas imoralidades e erros, ou então que essa mensagem «matará» os hereges, etc. Esse texto, pois, é colocado em algum contexto distante no passado, uma opinião errada; e esse erro é manifesto no fato que nos deixa em liberdade para buscar o cumprimento de suas predições em qualquer lugar que melhor nos pareça, ao passo que o Apocalipse foi escrito essencialmente para descrever as condições dos «últimos dias», o período que deverá anteceder à «parousia» ou segundo advento de Cristo.



11:6: *Eles têm poder para fechar o céu, para que não chova durante os dias de sua profecia, e têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para fazer a terra com toda sorte de pragas, quantas vezes quiserem.*

As duas testemunhas terão «fogo», mas também poderão fazer cessar a chuva, transformar a água em sangue e infligir pragas, a saber, os prodígios feitos por Elias e Moisés, nos tempos do A.T. (Ver Exo. 9:23; 11 Reis 1:9-16; 1 Reis 17:1—a seca provocada por Elias; Exo. 7:17—a corrupção da água, por Moisés). O livro de Êxodo mostra-nos que Moisés infligiu contra o Egito muitas pragas, e o vidente João se refere a essa circunstância em uma única declaração geral e inclusiva. Podemos observar que Elias fez cessar a chuva por três anos e meio (ver Luc. 4:25 e Tia. 5:17). Assim também agora, as duas testemunhas ministrarão durante três anos e meio (a primeira metade do período da tribulação, conforme comentamos no terceiro versículo deste capítulo). Então, subitamente, o testemunho desses dois profetas terminará, a proteção divina será suspensa, e eles serão mortos. Mas a morte não poderá prendê-los, tal como não pode segurar ao seu Senhor. As duas testemunhas serão «arrebataadas» e terá início a segunda metade da tribulação de sete anos. Também é possível que haverá uma seca de grande duração, mas o presente versículo não estipula que isso se prolongará exatamente pelo espaço de três anos e meio.

*As forças da natureza.* Essas forças tornar-se-ão instrumentos nas mãos dos dois profetas de Deus, para infligir castigo contra os homens. Talvez não seja sem motivos que inundações, terremotos, etc., sejam popularmente chamados de «atos de Deus». Não queremos dizer que sempre suceda assim, mas é óbvio, com base nas Escrituras, que tais forças algumas vezes se tornem meios pelos quais Deus julga aos homens. Desse modo o homem é lembrado que depende da benevolência divina quanto à sua própria existência. As forças da natureza não estão fora da administração de Deus, e já que produzem o bem ou o mal, são teisticamente controladas. Isso não pretende dizer que não exista realmente o «caos», pois o trecho de Rom. 8:20 (usando o vocábulo «vaidade», que poderia ser trocado por «inutilidade») certamente indica que a queda no pecado criou certo caos, ou seja, acontecimentos que têm lugar «sem razão» alguma. Porém, nem mesmo isso deixa de ter o seu «propósito», pois tende por mostrar aos homens a futilidade de sua existência à parte de Deus. Pois os homens, finalmente, poderão clamar a Deus, pedindo-lhe um «significado» para a vida; e isso os conduz ao arrependimento. O oitavo capítulo da epístola aos Romanos mostra-nos que até mesmo a «inutilidade» é usada por Deus para ensinar aos homens certas lições.

A queda do homem no pecado removeu a razão de viver, de tal modo que as coisas podem acontecer caoticamente, sem nenhum desígnio. Isso é algo horrendo, já que gostamos de pensar que «Deus fez isso» ou que «Deus

permitiu aquilo». E, no caso dos crentes, isso sempre será uma verdade. Mas, no caso dos ímpios, as coisas podem ocorrer por pura chance, sucedendo até mesmo coisas terríveis. Os homens, por conseguinte, têm de esperar que Deus «reorganize», em primeiro lugar, as suas próprias vidas, e então reorganize toda a existência. Deus fará isso eventualmente, por meio de Cristo, para o bem de todos, segundo se aprende em Efé. 1:10. (Ver também Rom. 11:32, nessa conexão). Até mesmo o fato que Deus entrega os homens à «incredulidade» contempla algo de bom nesse ato, pois certos homens terão de aprender a duríssima lição que lhes é ministrada por meio da falta de fé.

É interessante observar, nos escritos de Josefo (*Guerras dos Judeus* v.9.4), que antes do cerco efetuado por Tito, no ano 70 D.C., quando foi destruída a cidade de Jerusalém, ressecaram-se as fontes de Siloé e outras, de tal modo que os habitantes da cidade passaram sede e fome. Mas, depois que Jerusalém foi destruída, a água retornou em tal abundância que os romanos e seu gado tiveram água à vontade, sobrando o suficiente para regar os jardins que eles plantaram. Josefo relata-nos que a mesma coisa sucedeu nos dias de Zedequias, quando o rei da Babilônia veio combater contra os judeus, o que resultou no incêndio da cidade e do templo. Nos últimos dias, pois, coisas similares sucederão, e pela mesma razão. A própria natureza se revolta contra os homens que se mostram rebeldes contra Deus.

«...com toda sorte de flagelos...» O grego, literalmente traduzido, dá a entender que esses flagelos serão mais numerosos e variegados que aqueles infligidos contra o antigo Egito, mediante o ministério de Moisés. (Ver Exo. 7:17; 11:10 e 1 Sam. 4:8 acerca desses flagelos).

*Outras idéias sobre o sexto versículo:*

1. As duas testemunhas terão poder sobre as águas. (Ver Exo. 7:20). As águas serão transformadas em sangue, conforme se vê em Apo. 8:8, sob a ação da «terceira trombeta». Essa «poluição» das águas provavelmente visa dizer-nos que as «águas tornar-se-ão «envenenadas», e não que elas se transformarão literalmente em sangue. Elas se assemelharão com o sangue, mas bebê-las será morrer. Será uma estranha e doentia poluição das águas.

2. «Esses não são dois manãos apóstolos da fé cristã. Fazer cessar a chuva equivalia ao castigo contra a iniquidade (ver Salmos de Salomão 17:20-22 e o décimo primeiro capítulo de Enoque)». (Moffatt, in loc.).

3. Os intérpretes históricos procuram descobrir esses eventos na história, e, naturalmente, têm de «algorizar» o fraseado. A «chuva» seria o evangelho, o qual seria negado à Igreja de Roma e aos movimentos heréticos. A «seca» seria espiritual. A água seria a «água da vida», que atualmente se encontra em sua pureza, mas que será negada por Deus aos rebeldes. Ou então a «água» falaria do povo privado dos benefícios divinos. Antes, devemos pensar que essas coisas descrevem «juízos físicos», que afetarão as condições atmosféricas e as águas potáveis, mediante o que os homens muito sofrerão nos últimos dias, conforme também o livro de Apocalipse procura descrever.

7 καὶ ὅταν τελέσωσιν τὴν μαρτυρίαν αὐτῶν, τὸ θηρίον τὸ ἀναβαῖνον ἐκ τῆς ἀβύσσου ποιήσει μετ' αὐτῶν πόλεμον· καὶ νικήσει αὐτοὺς καὶ ἀποκτενεῖ αὐτούς.

1. to θηρίον... ἀβύσσου Dn 7.3; Rn 12.1; 17.8. ποιήσει... νικήσει αὐτοὺς Dn 7.7, 21; Rn 12.17; 13.7

7. to θηρίον το] τότε το θ. το p<sup>47</sup> 18: το θ. τότε N<sup>8</sup>: το θ. το τε, τартон A | και αποκτ. αυτ., om I 2039a al

11:7: *E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe da abismo lhes fará guerra e os vencerá e matará.*

«...Quando tiverem... concluído o testemunho...» Consideremos aqui os pontos seguintes: 1. As duas testemunhas terão de prestar um testemunho específico, e isso durante um período específico. Nada poderá prejudicá-las, enquanto essa missão não tiver terminado, e isso sucede no caso de todas as vidas entregues ao poder de Deus, e não apenas no caso das duas testemunhas. 2. Nelas haverá «fidelidade», pois, de outro modo, não poderiam ser «testemunhas», e não poderiam ter êxito na sua missão. A mesma coisa se dá no caso de todos os homens. Qualquer homem pode falhar; a experiência humana prova isso. Portanto, deve haver a reação humana favorável à comissão divina. «...não fui desobediente à visão celestial» (Atos 26:19). 3. As duas testemunhas terão forças até ao término de sua missão; a providência divina garantirá isso, porquanto permanecerão «honestos» em suas intenções de cumprir a vontade divina que operará por intermédio delas. «O Senhor é a fortaleza da minha vida...» (Sal 27:1). «...como os teus dias durará a tua força» (Deut. 33:25).

*Qual será o testemunho prestado por esses dois profetas?*

1. Eles pregarão uma mensagem de fogo contra o pecado e a rebeldia, e sem dúvida conclamarão os homens ao arrependimento, assim cumprindo a função autêntica de profetas, que serão.

2. Pregarão especificamente contra o anticristo, pois é este quem, finalmente, haverá de tirar-lhes a vida física.

3. Embora isso não seja dito diretamente, também haverá de anunciar a volta de Cristo para breve, a «parousia».

4. Já que operarão em Jerusalém, deverão atacar, particularmente, ao espírito rejeitador de Cristo que os judeus demonstram (ver o oitavo versículo deste capítulo), como preparação para a conversão da nação inteira, quando aproximar-se o fim do século presente, já perto das últimas fases da Terceira Guerra Mundial. Supomos que muitos homens se converterão devido ao ministério das duas testemunhas, antes mesmo da conversão geral da nação de Israel.

5. As duas testemunhas anunciarão «juízos» ainda vindouros, que ultrapassarão aquilo que já tiver sido sofrido pelos homens; mas a maior parte desses juízos já terá ocorrido por ocasião da abertura do sexto selo e do toque das primeiras seis trombetas, o que ocupará a primeira parte da tribulação. Por meio dos «juízos» da tribulação, as duas testemunhas anunciarão os «juízos» ainda vindouros.

Cremos que o ministério das duas testemunhas será universalmente conhecido através dos meios de comunicação, como os jornais, as revistas, o

rádio e a televisão. Os povos verão com apreensão as carreiras das duas testemunhas, e com alívio saberão de sua morte (ver os versículos nono e décimo deste capítulo). Serão elas os mais «universais» de todos os profetas que o mundo já conheceu, «durante o período de seu ministério». Despertarão o ódio fúgado do anticristo, o qual estará procurando consolidar o seu poder. Isso, finalmente, derrubará as duas testemunhas, mas não antes de haverem completado o seu ministério; e a própria morte não será capaz de conter as duas testemunhas. O mundo inteiro, mediante a televisão via satélites, contemplará os seus cadáveres nas ruas de Jerusalém. E o mesmo mundo contemplará um milagre de ressurreição.

«...a besta...» Isso aponta para o anticristo, a quem João descreverá no décimo terceiro capítulo deste livro. Supomos que se trate da «besta que saiu do mar», aludida em Apo. 13:1. (Há notas expositivas completas sobre o anticristo, em 11 Tes. 2:3). Este comentário defende a crença que o anticristo já está vivo. Os místicos contemporâneos assinalam seu nascimento a 5 de fevereiro de 1962. Teremos de enfrentá-lo e fazer-lhe oposição; e certamente essa será a sorte de nossos filhos. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era», que tem informações sobre as muitas profecias relativas aos últimos dias e a participação do anticristo em tudo isso). Neste ponto ele é descrito como uma «besta», ou seja, uma «fera». Será dotado de tremendo poder e inteligência, mas tudo dedicado ao mal, de forma que não merece o nome de «homem». Será alguém possuindo pelo próprio Satanás, sendo a imitação satânica de Cristo.

A besta. No Apocalipse há menção de três seres que são considerados dessa maneira, a saber: 1. Satanás, o dragão, a besta terrível (ver Apo. 12:3). 2. Há a besta que sairá do mar (ver Apo. 13:1), com dez chifres e sete cabeças, que supomos ser aqui mencionada, e isso pela primeira vez no Apocalipse, embora desde há muito ele já estivesse em operação, porquanto se manifestará antes da tribulação que o Apocalipse vem descrevendo, nos primeiros seis selos e nas primeiras seis trombetas de juízo. 3. Há a besta que sairá da terra, com dois chifres, e que falará como dragão (ver Apo. 13:11), que julgamos virá a ser o «anticristo religioso», mas que estará em liga com o anticristo «político» (a besta saída do mar). Essa besta pode ser idêntica ao «João Batista» do anticristo. Mas o mais provável é que haverá uma totalidade de três personagens. Os místicos contemporâneos asseveram que o «João Batista» do anticristo será um político do estado norte-americano de Nova Iorque, o qual espalhará a fúria e o poder do anticristo, mediante os meios de comunicação em massa. O anticristo visitará com freqüência os Estados Unidos e outras nações poderosas, e assim consolidará o seu poder. Em torno de sua pessoa se desenvolverá um

culto que fará o comunismo parecer comparativamente santo e inocente. Ele fará todos os homens maus da história se assemelharem a crianças, tão profunda será a sua malignidade satânica.

Todas as «bestas» serão encarnações, de um modo ou de outro, do próprio Satanás, o «dragão-besta». Nos tempos do vidente João, a idéia de um «Nero reencarnado» era comum, sendo ele identificado como o «anticristo» que vinha. Mui provavelmente João se apegava a esse conceito, e esperava a reencarnação de Nero para seus próprios dias de vida na terra, conforme nos indica o trecho de Apo. 17:10,11. (Ver as notas expositivas ali existentes). Alguns intérpretes até hoje perpetram essa antiga tradição cristã. Parece quase certo, seja como for, que sua vida na terra, nos últimos dias, não será a sua primeira «vida terrena». A maioria dos estudiosos evangélicos modernos assim crê, mesmo que não o identifiquem com Nero (ou então com Judas Iscariotes, conforme fazem certos evangélicos).

«...surge do abismo...» (Ver as notas expositivas completas sobre o «abismo do hades», em Apo. 9:1). Supomos que o próprio «hades» é aqui focalizado, embora haja outras idéias em torno da questão, conforme é descrito nas notas expositivas sobre Apo. 9:1. Há também outras notas expositivas que descrevem o «hades», e que ali são referidas, de forma que o leitor pode informar-se bem melhor sobre esse assunto. O presente versículo parece ensinar que essa «besta» teve uma história anterior, e, sendo maligna, desceu ao hades. Mas aquele lugar não foi capaz de contê-lo, e assim, reencarnado como infante comum, conforme todos os homens devem entrar neste mundo, haverá de crescer e obter um poder incrível, através de uma inteligência e sabedoria imensas (embora inclinando-se para o mal), chegando a possuir a total posseção satânica. Então se revelará ao mundo e terá início a sua missão satânica. Subirá do inferno, e consigo trará o inferno à terra.

«...pelejará contra elas e as vencerá e matará...» Na narrativa do Apocalipse Akhmim de Elias (capítulos 42 - 43), Elias e Enoque (as duas testemunhas, segundo aquela versão da tradição antiga) matarão ao anticristo. Mas o vidente João, dotado de um discernimento profético superior, percebeu que o anticristo obterá um triunfo temporário. Somente o próprio Cristo poderá destruir o anticristo, tão imenso será o poder maligno do besta (ver II Tes. 2:8). Nem mesmo poderes sobrenaturais, residentes nos homens, serão capazes de resistir diante do anticristo. Só a direta intervenção divina terminará com seu poder. Mas alguns serão resguardados pelo poder divino, para não sofrerem dano sob tão elevado poder maligno, como se dará no caso dos «mártires em potencial», que serão selados, até que chegue o tempo de seu martírio. (Ver Apo. 7:4 a respeito disso).

O anticristo promoverá a maior perseguição religiosa de todos os tempos. A igreja cristã será purificada nesse processo. Isso será o «banho da noiva», necessário para que o Noivo possa retornar. (Ver as notas expositivas sobre o «banho da noiva», em Efé. 5:26,27).

*Outras idéias sobre o sétimo versículo:*

1. A missão espiritual de um homem é protegida por Deus. A cada crente é conferida plena força para cumprir sua missão. Nada poderá fazê-lo estacar.

8 καὶ τὸ πνῶμα αὐτῶν ἐπὶ τῆς πλατείας τῆς πόλεως τῆς μεγάλης, ἣτις καλεῖται πνευματικῶς Σόδομα καὶ Αἴγυπτος, ὅπου καὶ ὁ κύριος αὐτῶν ἐσταυρώθη.

R τῆς πόλεως...ἐσταυρώθη Lk 13:34 καλεῖται...Σόδομα Lc 1:10

8 το πτωμα AC 046 82 1006 al bo; R] τα πτωματα B<sup>4</sup>NP 1 1611, 2059 2329 pm lat sy c | αυτων 1<sup>o</sup>] add εσση ει μεγαλης]

add атафа 2036 pc

11:8 E jazará os seus corpos na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado.

«...seus cadáveres ficarão estirados...» Podemos aceitar literalmente essas palavras. Muitos estudiosos têm pensado que este versículo encerra uma alegoria. Através da televisão o mundo inteiro poderá ver os cadáveres das duas testemunhas, seus corpos estirados em alguma rua de Jerusalém, a cena de suas atividades.

«...a grande cidade...» O vidente João dá pouca atenção a Jerusalém, e somente neste ponto ele identifica essa cidade como o centro das atividades do anticristo. Portanto, sentimo-nos inclinados por pensar que a «grande cidade», que «espiritualmente» se chama Sodoma e Egito, seja a cidade de Roma. Isso é assim porque foi contra Roma que João escreveu este seu livro, por ser o poder romano que perseguia à igreja, à qual ele buscava consolar com suas visões. Alguns estudiosos têm procurado solucionar esse problema sugerindo que não estamos tratando de uma única cidade, e, sim, por assim dizer, com o mundo inteiro que odeia e persegue aos cristãos, o qual seria aqui *alegoricamente* representado pela «grande cidade». Assim sendo, apesar do fato que Roma não pode ser identificada, de modo absoluto, com essa «cidade», contudo, por assim dizer, seria o seu centro. Foi neste «mundo que odeia a Cristo», nessa «grande cidade», que Jesus foi crucificado; mas, nesse caso, Jerusalém seria o centro da mesma. Por mais airtiva que pareça ser essa interpretação, porquanto a mesma preserva para nós o ataque do vidente João *contra Roma*, que é o âmagm mesmo do livro de Apocalipse, preferimos pensar literalmente sobre este versículo, vendo a cidade de Jerusalém como o palco onde as duas testemunhas serão mortas e onde os seus cadáveres ficarão expostos por alguns poucos dias. Por conseguinte, continuamos a compreender que aqui há alusão a «dois indivíduos» apenas, e não a todos os «mártires», representados pelo número de testemunhas, que é de «dois», como se isso fosse cumprimento da declaração bíblica que diz que «por boca de duas ou três testemunhas toda a questão ficará estabelecida».

«...a grande cidade...» Termo usado em outros lugares do Apocalipse para indicar a cidade de «Roma». (Ver Apo. 16:19; 17:18; 18:10,16,18,21). Roma também é chamada de «Babilônia, a grande», em Apo. 14:18; 16:19; 17:5 e 18:2. Isso parece favorecer a interpretação alternativa, sugerida no

enquanto ele permanecer suficientemente honesto para buscar a vontade de Deus em sua vida. Quão profundo e reconfortante é esse pensamento!

2. O texto que ora comentamos mostra que o mal pode vencer ao bem, ao menos temporariamente. Isso não nos deve surpreender. O mundo consiste essencialmente desse conflito, por causa da rebeldia dos homens contra Deus. Toda a maldade que prejudica ao bem, de alguma forma é possuída pelo caráter da «besta». A besta possuirá supremacia a malignidade tamlval que a maioria dos homens possui em doses conatidias.

*O mundo está ficando cada vez pior:*

«Parece curiosamente remoto o tempo, no século passado, quando quase todos sentiam que, mediante algum firme processo de evolução, o mundo estava melhorando mais e mais». (Hough, in loc.).

3. As palavras «pelejará contra» formam a mesma expressão usada para indicar os ataques do dragão contra a «mulher», em Apo. 12:17. São «ataques satânicos».

4. Os intérpretes históricos procurando encontrar «mártires» específicos que possam ser localizados na história, ou de grupos (como os albigenses e os waldenses) ou de indivíduos. E os intérpretes da escola simbólica pensam que aqui temos alusão a todos os mártires da história cristã. Tais interpretações nos desviam para longe da verdade, sendo contrárias às tradições sobre o «anticristo», nos apocalipses judaicos e cristãos.

5. Alguns intérpretes futuristas crêem que a morte e a ressurreição das duas testemunhas ocorrerão no fim da tribulação, coincidindo com a ressurreição e o arrebatamento de todos os santos. Mas isso ignora o fato que tudo isso é representado como algo que sucederá às duas testemunhas antes do «juízo da sétima trombeta», que assinalará o começo da segunda metade da tribulação; e também falha em perceber que o ministério das duas testemunhas ocorrerá durante os mil duzentos e sessenta dias (ver o terceiro versículo deste capítulo), o que quase certamente é uma alusão à primeira metade da tribulação, em contraste com os quarenta e dois meses, que parecem referir-se à segunda metade da tribulação (ver o segundo versículo).

6. «...não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém», disse o Senhor Jesus, em Luc. 13:33. O assassinato das duas testemunhas, em Jerusalém, comprovará o acerto dessa declaração uma vez mais.

7. Os jornais e a televisão anunciarão alegremente a morte das duas testemunhas. Seguir-se-á um natal infernal de trocas de presentes. Até que ponto os homens podem afundar em sua depravação!

8. «Aqui, pela primeira e última vez é estabelecida a tradicional conexão entre o anticristo e a cidade de Jerusalém, por parte do autor sagrado. No resto do Apocalipse essa conexão tradicional é interrompida, e Roma assume o lugar de Jerusalém, ou como sede do império do anticristo, ou como objeto de seus ataques. E isso assinala uma revolução na expectativa do anticristo, mas é algo que, independentemente da imediata situação histórica (95 D.C.), já tivera lugar e deixara a sua marca na reinterpretação do «quarto reino», referido no sétimo capítulo do livro de Daniel, reinterpretação essa que o apontava como Roma, e não mais como o império grego». (Charles, in loc.).

É interessante observar que as predições dos místicos contemporâneos se revestem da mesma «ambigüidade». Isso talvez se deva ao fato que o anticristo operará tanto em Jerusalém como em Roma, e que, na realidade, haverá dois anticristos, um dos quais será principalmente religioso (em Jerusalém?) ao passo que o outro será essencialmente político (em Roma?) E não poderá suceder que a «besta saída da terra» se instale em Jerusalém, e que a «besta saída do mar» se instale em Roma, embora aquela de Roma também venha a ter íntimas relações com as atividades em Jerusalém?

parágrafo acima. Porém, nada há contra a idéia que Jerusalém também pudesse ser denominada de «a grande cidade». De fato, em Or. Sib. v.154, 226,413; e Josefo, c. Apion 1.197,209; Appian Syr., 50; e Plínio, História Natural v.14,70, Jerusalém é assim chamada. Essa expressão devia ser relativamente comum como designação de Jerusalém, mas também de Roma, e talvez, de qualquer outra «capital» daquele tempo. Parece, portanto, que o vidente João, neste ponto, não hesite em chamar Jerusalém dessa maneira, embora, noutros lugares, ele sempre tenha usado a expressão para referir-se a Roma.

Elias e Moisés, naturalmente, estariam associados à cidade de Jerusalém, e não a Roma, se os considerarmos aqui como indivíduos, e não como «representantes» do número inteiro dos mártires. O pano de fundo dos apocalipses judaicos favorece a interpretação que fala em «indivíduos». (Ver o terceiro versículo deste capítulo quanto a notas expositivas sobre a «identificação» dessas testemunhas). Os apocalipses judaicos, além disso, faziam de Jerusalém o centro da perseguição e do assassinato dos profetas, incluindo até mesmo as duas testemunhas. Notemos também, no décimo terceiro versículo deste capítulo, o «grande terremoto». Essa predição, que é confirmada pelos místicos modernos, pertence a Jerusalém, e não a Roma. Além disso, a expressão existente no décimo versículo, concernente àqueles que celebrarão alegremente a morte das duas testemunhas, apesar de indicar que estarão envolvidos os habitantes do mundo inteiro, não dá a entender que ocorrerá um acontecimento que ocupará o «mundo inteiro», mas somente que isso será conhecido pelos homens de todo o mundo. Não temos aqui, por conseguinte, a morte de muitas testemunhas, na «grande cidade universal», mas somente a morte de duas testemunhas, e isso em Jerusalém, um dos centros do anticristo. Finalmente, notemos nos dois primeiros versículos deste capítulo que é o «lugar do templo» que será «medido», visando sua proteção por parte de Deus. Isso identifica o intuito do contexto geral desta passagem com a cidade de Jerusalém, e não com a cidade de Roma.

«...espiritualmente...» Essa é uma tradução literal do original grego. Todavia, há quem traduza essa palavra por *alegoricamente*. Parece haver nessa palavra algum precedente para a idéia de «tipicamente» ou «alegoricamente», embora, normalmente, o vocábulo signifique «de modo

espiritual», em contraste com aquilo que é corporal. O que o vidente João parece querer dizer é que a grande cidade de Jerusalém, quando é «espiritualmente avaliada», embora seja chamada de santa por muitos, na realidade é o lugar onde se concentra o mal, que nos inclinarmos a atribuir a Sodoma e ao Egito. (Quanto a notas expositivas sobre «Sodoma», e como, para os judeus, ela era o protótipo mesmo do mal, ver Mat. 10:15. Quanto a outras referências neotestamentárias a essa localidade, onde aparecem notas expositivas adicionais, ver Luc. 17:29; II Ped. 2:6 e Jud. 7). O «espírito» de Sodoma terá tomado conta de Jerusalém; a malignidade do Egito terá sido adotada pela considerada «Cidade Santa». As formas do mal, mediante a agência do anticristo, dominarão aquele lugar. A glória do Senhor de há muito ter-se-á afastado dali.

Esta porção do presente versículo pode ser confrontada com o trecho de Isa. 1:9,10, onde Judá é comparado com Sodoma. (Ver também, nessa conexão, Eze. 16:46, 48, 49). Em Sabedoria 19:14,15, Sodoma e o Egito são reunidos como lugares tipicamente controlados por profunda iniquidade. O Egito é o contínuo símbolo bíblico do mundanismo e da maldade opressiva, que persegue aos autenticamente espirituais. (Ver Heb. 11:26,27, onde esse simbolismo se faz especialmente evidente, ainda que a nação literal do Egito esteja ali em foco). Moisés abandonou o Egito e todos os seus tesouros, porquanto, nos olhos de sua mente, ele contemplava a glória de Deus, e essa glória se manifestava muito distante das fronteiras egípcias. O trecho de Mat. 2:15 mostra-nos que Deus chamou o seu «Filho» para fora do Egito.

«...onde também o seu Senhor foi crucificado...» Meditemos sobre isso! O sangue de cristãos será derramado onde o próprio Cristo sofreu, na chamada Santa Jerusalém! O vidente João refere-se, indignado, a essa cidade, o que os leitores modernos podem tender a perder de vista. Durante séculos os homens têm sido condicionados a considerar Jerusalém como o lugar onde os melhores profetas morreram; e daí devido à natural hipocrisia humana, consideram-no como um lugar religioso, embora ali imperem a violência e o ódio. Para nós, portanto, não é de surpreender a declaração que ali nosso Senhor também foi crucificado; e agora, suas duas testemunhas especiais sofrerão morte violenta, naquela mesma cidade. Porém, quando o N.T. foi originalmente escrito, tais palavras eram ouvidas

com choque e horror. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «crucificação», incluindo as modernas descobertas da arqueologia, sobre esse modo de execução, usada em Jerusalém, pelas autoridades romanas dominadoras, ver Mat. 27:35).

\*\*\*

*Outras idéias sobre o oitavo versículo:*

1. «Por repetidas vezes há uma horrenda publicidade sobre o triunfo do mal. No mundo antigo, privar alguém de ritos honrosos de funeral era uma amarga infâmia. As personagens que representam a vontade de Deus serão deixadas mortas nas ruas. A bondade faz morte na praça. As duas testemunhas serão não apenas mortas; serão insultadas e escarnecidas. A situação torna-se tanto mais cruel porque o bem, até há pouco, fora tão dramaticamente triunfante. O deboche da Restauração inglesa foi tanto mais trágico quando visto contra o pano de fundo da avassaladora moralidade do período de Cromwell. Em tais épocas, o testemunho das ruas limpas parecia ser a coisa mais poderosa que há no mundo» (Hough, in loc.).

2. Jerusalém incorpora, em si mesma, toda a malignidade que há, ao tornar-se o lugar da morte das duas testemunhas. Pensemos no deboche de Sodoma e na sofisticada malignidade do poderoso Egito. Juntos eles levam os homens, que afirmam conhecer a Deus, mostrarem-se desleais e traiçoeiros para com a tradição do lugar onde vivem. A moderna grande cidade é o centro da mais horrenda quantidade e da mais perversa qualidade de maldades. Uma vez mais, Jerusalém o que há de pior em tudo isso, quando a rebelião aberta, contra a vontade de Deus, revelada pelas duas testemunhas, houver de manifestar-se.

3. «Assim, ante os olhos da humanidade iludida, que terá escolhido a falsidade, será desenrolada uma cena de aparente completa vitória do cristão de Satanás contra os santos profetas de Deus» (Newell, in loc.).

4. As duas testemunhas cairão onde caiu seu Senhor. «...Não é o servo maior do que o seu senhor» (João 15:20).

5. Os intérpretes da escola histórica continuam a ver aqui as perseguições movidas pela Igreja Católica Romana, pelo que Jerusalém seria «Roma». E alguns deles vêm em tudo isso «Napoleão» ou alguma outra personagem ou instituição que tenha perseguido à igreja na história passada. Mas esses intérpretes desviam-nos para longe da verdade. João descreve aqui condições que haverá nos «últimos dias», imediatamente antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo.

9 καὶ βλέπουσιν ἐκ τῶν λαῶν καὶ φυλῶν καὶ γλωσσῶν καὶ ἐθνῶν τὸ πτώμα αὐτῶν ἡμέρας τρεῖς καὶ ἡμισυ, καὶ τὰ πτώματα αὐτῶν οὐκ ἀφίουνσιν τεθῆναι εἰς μνημα.

9 muna] muna 209 pc vg sy<sup>ph</sup> sa Prim 5

11:9: Homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão os seus corpos por três dias e meio e não permitirão que sejam sepultados.

«...os povos, as tribos, as línguas e as nações...» Essa é a lista de povos e nações, dando a idéia de universalidade, que o vidente João usa por várias vezes no Apocalipse, com algumas variações e em diferentes conexões. (Ver Apo. 5:9; 7:9; 10:11; 11:9; 13:7; 14:6 e 17:15). As notas expositivas em Apo. 5:9, abordam esse uso com maiores detalhes.

«...contemplam...» Pela televisão via satélite, com uma alegria diabólica. Os mundanos estarão cansados das repreensões e do convite ao arrependimento, da parte daqueles dois profetas. Mostrar-se-ão fiéis ao anticristo, e assim quererão continuar. Os meios de comunicação às massas dará àqueles profetas a pior publicidade possível. Um culto satânico circundará o anticristo. Os perdidos haverão de segui-lo em cega mas ardente devoção. Terão um senso de «realização» ao lhe prestarem a sua lealdade. Esse culto fará o comunismo parecer relativamente santo. E todo aquele que procurar opor-se a essa adoração ao anticristo, chamando a atenção dos homens para o verdadeiro Cristo, será perseguido. Muitos crentes serão mortos sem misericórdia. Os dois profetas estarão entre essas vítimas. A pior de todas as perseguições religiosas de todos os tempos terá lugar ainda em nossos dias.

«...os cadáveres...» Esses fazerão em uma rua de Jerusalém. Ser-lhes-á negado o sepultamento, negação essa que, em todos os tempos e em quase todas as culturas tem sido vista como, pelo menos, um insulto. Os antigos gregos deram grande valor ao sepultamento supondo que o espírito de uma pessoa não podia entrar no mundo dos espíritos enquanto seu corpo não fosse devidamente sepultado. Seria deixado a vagar interminavelmente, nas praias de um rio que separaria os vivos dos mortos; ou então ficaria a vagabundar na terra. Os cadáveres das duas testemunhas serão sujeitos a tal insulto, a fim de prolongar a alegria feroz dos seguidores do anticristo, por vê-los mortos. Oh, a perversidade do homem! Não conhece fronteiras, não reconhece limites. (Ver a «vergonha» da falta de sepultamento, no A.T., em Sal. 79:3; I Reis 13:22; Salmos de Salomão 2:31. Ver também Joselo, *Guerras dos Judeus*, iv.5.2). Até a Jesus foi dado um sepultamento descente e honroso, apesar do ódio que as autoridades religiosas dos judeus lhe votavam. Nesse particular, a perseguição contra as duas testemunhas ultrapassará em ferocidade à perseguição contra o seu Senhor.

«...por três dias e meio...» Já pudemos encontrar o número místico, «três e meio», nos versículos dois e três deste capítulo. Isso equivale aos «quarenta e dois meses e aos «mil duzentos e sessenta» dias. Está em pauta um período de três anos e meio. Misticamente falando, essa cifra parece indicar «crise», «sofrimento», «ultraje». Três e meio multiplicados por dois resulta em

«sete», o período completo da tribulação. Devemos considerar que esse número aponta para dias literais, a despeito do que o seu sentido místico é bem óbvio. Passar-se-ão três dias e meio de ultraje, enquanto o mal imaginará tola mente que terá triunfado sobre o bem.

«O sepultamento conferido aos mortos era questão de grande importância e honra no mundo antigo. Mas negar o sepultamento indicava a ignomínia na memória deste mundo e penalidades no mundo vindouro. As duas testemunhas serão tratadas como os assassinos dos sumos sacerdotes Anano e Jesus, na sétima década (ver Joselo, *Guerras dos Judeus* iv.5.2). Os espectadores, que evidentemente simpatizavam com o anticristo (comparar com Apo. 16:12), incluirão tanto pagãos quanto judeus» (Moffatt, in loc.).

\*\*\*

*Outras idéias sobre o nono versículo:*

1. «Agora é feita a revelação real do coração do homem: alegria feroz, horrenda, insana, desumana, infernal e fantasmagórica alegria! Haverá real deleite em face da morte das testemunhas de Deus—um deleite desabridido! Os jornais estamparão notícias de primeira página inteira. Excursões serão feitas a Jerusalém, a fim de contemplar os cadáveres insepultos dos profetas de Deus: povos, tribos, línguas e nações contemplarão seus cadáveres por três dias e meio, e não permitirão que esses sejam sepultados» (Newell, in loc.).

2. «Esse deleite dos espectadores é apresentado como 'algo, ao mesmo tempo, infantil e demoníaco'» (Swete, citado por Robertson, in loc.).

3. Neste ponto temos «cadáveres», no plural. Mas no oitavo versículo a mesma palavra aparece no singular. No oitavo versículo temos a forma «coletiva», em que o singular é usado no lugar do plural.

4. «Em um país onde os sepultamentos ocorrem, regularmente, no mesmo dia do falecimento, o tempo de exposição e indignidade será considerado longo» (Beckwith). (Comparar isso com Tobias 1:18 e ss.).

5. Os intérpretes históricos procuram localizar essa «morte» dos profetas na história, usualmente pensando que os «dias» aludem a «anos». Assim, os supostos três anos e meio representariam o tempo que passou entre as nove sessões do concílio de Latrão e a apresentação das «teses» de Lutero, em Wittenberg, pelo que a «morte» teria sobrevivido à igreja. E outros vêem, no fato que os profetas não foram sepultados, instâncias históricas referentes aos reformadores protestantes. Lembra-nos que o corpo de João Huss não foi sepultado e sim, queimado, e que as suas cinzas foram espalhadas no Reno. Os corpos mortos de diversos dos reformadores também sofreram abusos, tendo sido arrastados pela lama e pela sujeira, ou então espancados com alegria feroz; outros tiveram seus ossos desenterrados, etc. Ou então os «três dias e meio» são considerados como símbolos de um «breve período», quando o mal triunfou e as perseguições romanistas floresceram. Também há aqueles que imaginam que os mil duzentos e sessenta são anos, e não dias, como se esse fosse o total das perseguições dos romanistas. Porém, todas essas interpretações são remotas do significado do texto à nossa frente.

10 καὶ οἱ κατοικοῦντες ἐπὶ τῆς γῆς χαίρουσιν ἐπ' αὐτοῖς καὶ εὐφραίνονται, καὶ δῶρα πέμψουσιν ἀλλήλοις, ὅτι οὗτοι οἱ δύο προφῆται ἐβασάνισαν τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς.

11:10: Os que habitam sobre a terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão; e mandarão presentes uns aos outros, porque estes dois profetas atormentaram os que habitam sobre a terra.

«...terra...» Não apenas a Palestina, conforme supõem alguns; e nem Roma e a sua área imediata, e nem mesmo somente o império romano. O versículo nono definiu isso como algo totalmente «universal», porquanto

estarão envolvidos «povos, tribos, línguas e nações». Isso é prova conclusiva de que será algo universal. Os meios modernos de comunicação em massa farão isso tornar-se literalmente possível.

«...alegram...» A «alegria», referida no versículo anterior, ante a morte violenta dos dois profetas, é explicada com maiores detalhes.

«...festas...» As autoridades mundiais declararão feriados oficiais. O



povo ficará em casa, sem ir ao trabalho. Usarão a ocasião como desculpa para deboches e bebedeiras, para festas e orgias de noites inteiras. Tudo isso demonstra a «magnitude» do poder e da influência das duas testemunhas, de modo que os seguidores do anticristo serão tomados de profunda e feroz alegria, devido à queda daqueles profetas do Senhor.

...*enviarão presentes uns aos outros...* Os homens deste mundo organizarão uma espécie de *natal infernal*, no meio do ano. As lojas farão «grandes negócios». Serão impressos «posters» de propaganda, em comemoração ao evento. As companhias lançarão camisas e outros artigos com gravuras que relembram aos povos o triunfo do seu «homem», o anticristo, sob cuja influência fúnebre e demoníaca todos estarão completamente subjugados; e se deixarão dominar por ele voluntariamente, porquanto ele só fará «assoprar as brasas» da rebelião contra Deus que eles têm dentro de si mesmos.

...*dois profetas atormentaram aos que moram sobre a terra...* Dois homens piedosos terão morrido, mas um mundo ímpio, pagão e violento jamais poderá cair em contrição por causa disso. Antes, congratularão o seu «herói», o anticristo, devido à sua vitória contra os dois homens, até então intocáveis, que ninguém pudera até ali vencer (ver os versículos quarto e quinto deste capítulo). Celebrarão o natal do falso Cristo. Isso será um escárnio contra o verdadeiro Cristo.

Os dois profetas terão sido instrumentos de milagres temíveis e até mesmo fatais (ver os versículos quinto e sexto deste capítulo). Também terão sido agentes que proferirão «palavras de fogo», que queimarão as almas dos homens ímpios. Nenhum outro profeta antes deles terá subido tão alto no ódio popular como aqueles dois, embora os profetas tenham sido tradicionalmente odiados em sua própria época. E já que o ministério deles será universal, mediante os meios de comunicação em massa e os resultados generalizados e universais de seu prodígio contudentes, serão correspondentemente odiados por vastíssimo número de pessoas, em todas as nações. Isso se dará principalmente devido ao fato que eles se opõem ao anticristo, o qual obterá a lealdade cega da esmagadora maioria da humanidade.

...Tal senso de alívio quicá não seja sentido raramente hoje em dia, por parte de homens maus, quando algum pregador da justiça ou um exemplo assinalado da bondade é removido». (Swete, *in loc.*). Isso é comum para a natureza depravada dos homens; mas, nos últimos dias, em meio à tribulação, isso se tornará ainda mais evidente e depravado.

Outras idéias sobre o décimo versículo:

11 καὶ μετὰ τὰς τρεῖς ἡμέρας καὶ ἡμισυ πνεῦμα ζωῆς ἐκ τοῦ θεοῦ εἰσῆλθεν ἐν αὐτοῖς, καὶ ἔστησαν ἐπὶ τοὺς πόδας αὐτῶν, καὶ φόβος μέγας ἐπέπεσεν ἐπὶ τοὺς θεωροῦντας αὐτοὺς. 11 πνεῦμα... αὐτῶν Eze 37.5, 10

11 tag] em RP 2 2059a pm | επεσεν ACP 1006 1612 2059a 2329 al; R] επεσεν p<sup>27</sup>N 046 1 82 pm c

11:11: E depois daqueles três dias e meio o espírito da vida, vindo do Deus, entrou neles, e procurou-se sobre seus pés, e cada grande tomou sobre os que os viam.

A Bíblia é um livro realista. Pinta o pecado da cor que deve ser pintado. Em seu realismo, entretanto, vê a grande verdade metafísica que Deus continua entronizado, e que, finalmente, tudo estará bem com o mundo. Isso significa que o triunfo do mal, sem importar quão temível seja, sempre será temporário. Até mesmo esse passageiro triunfo e a queda inevitável do mal podem ser usados para ensinar aos homens certas lições difíceis. Tomamos o versículo à nossa frente, e também o décimo terceiro versículo, como indicações de alguma espécie de «conversão em massa» entre aqueles que contemplarem esse fenômeno, embora a conversão geral de Israel só venha a ocorrer mais tarde. É certo, entretanto, que o anticristo será finalmente derrotado nesse episódio, aquilo mesmo em que ele e os homens a princípio pensaram tratar-se de uma de suas mais rimbombantes vitórias.

...*três dias e meio...* Trata-se de um número místico, comentado no nono versículo deste capítulo. A «crise» e o «ultraje» do período de perseguição e morte, durante o qual o mal triunfará, serão subitamente suspensos. Assim os poderes do bem ressurgirão com tal força que desfarão os efeitos do temporário triunfo do mal. Inteiramente à parte do significado literal desse versículo, que é a ressurreição «corporal» literal desses dois profetas, essa é a lição espiritual aqui ensinada, bem como em todo o restante da Bíblia.

...*um espírito de vida... neles penetrou...* Deus é a fonte de toda a vida, e também é o seu sustentador. Para ele, a ressurreição do corpo físico não importa em profundo problema. (Ver as notas expositivas em Luc. 24:6, quanto à «ressurreição de Cristo», onde são discutidas as diversas teorias acerca de sua maneira. Ver I Cor. 15:20 quanto ao fato e ao sentido espiritual da ressurreição. Esse versículo também aborda a natureza do corpo ressurto). Pensamos que o corpo ressurto não será «físico» e nem formado de «partículas atômicas», porquanto será um «veículo espiritual» da alma remida. Entretanto, poderá envolver o uso de anteriores elementos do corpo físico, posto que de forma «espiritualizada». (Ver I Cor. 15:50 quanto à natureza não física do corpo ressurto; e ver I Cor. 15:40 quanto a maiores e adicionais explicações). No caso de Cristo e das duas testemunhas, é óbvio que os elementos originais do corpo físico foram usados na formação do corpo ressurto.

...*espírito...* Essa palavra pode ser aceita de várias maneiras. Em primeiro lugar, devemos nos lembrar que até mesmo quando o termo grego «pneuma» se refere ao Espírito Santo, não aparece com maiúscula inicial. Portanto, a palavra grega com frequência é sujeita a interpretação, sobretudo quanto não traz o artigo definido, como no caso do presente versículo. Consideremos ainda os pontos abaixo:

1. O Espírito Santo poderia estar em loco, pois ele é o agente da ressurreição. Sem o artigo definido, entretanto, isso não é provável. Contudo, sem importar se ele é salientado ou não como agente direto, deve ser entendido que o Espírito Santo é a origem da vida ressurta.

1. «Notemos agora o progresso do pendão de Satanás (a besta) a partir do momento em que lhe for permitido matar as testemunhas de Deus. Não haverá qualquer restrição moral ou espiritual restante—nenhum laivo de consciencial. Será preciso aprender a crer no pior acerca da humanidade, ou juntar-se finalmente à teologia do diabo» (Newell, *in loc.*). Por essa razão é que Jesus veio a este mundo. Por esse motivo temos um Salvador; para que ele transforme a humanidade, a fim de que esta atinja o seu devido destino espiritual. Mas agora o homem está calado, tendo-se afastado uma distância fantástica para longe de Deus. As «boas-novas» anunciam que o homem pode ser trazido de volta.

2. Uma horrenda idéia de triunfo brilhará nos olhos das massas de homens malignos. Mas eles demonstrarão como realmente são. Vejamos como eles põem de lado toda a pretensão de bondade. Vejamos como eles se juntam em torno do anticristo. Vejamos como eles afundam alegremente em novas profundezas de perversidade. Como será confirmado o trecho de Rom. 3:11: «Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, a uma se fluseram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca deles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos há destruição e miséria; desconhecem o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos».

3. «A repreensão contra o evangelho deles e o exemplo deles... foram para eles uma tortura; havia neles uma voz que reverberava aquela voz—a voz da consciência culpada e a voz do julgamento antecipado». (Carpenter, *in loc.*).

4. O paraíso dos tolos é que zomba do pecado; e os homens enlouquecem quando se regozijam ante a morte de homens justos. Pode-se descobrir muito sobre o íntimo de um homem, quando se sabe o que o torna feliz.

5. O presente versículo pode ser comparado com Eze. 9:19,22, sobre a questão das «trocas de presentes», como sinal de uma atitude festiva e alegre.

6. Tal como o Senhor, também a igreja, e não apenas as duas testemunhas, terão a sua «semana da paixão». O Apocalipse foi escrito a uma «igreja perseguida», e não ao povo de Israel. Portanto, a igreja atravessará a Grande Tribulação. (Essa questão é discutida em Apo. 4:1 e em I Tes. 4:18, onde a questão do «arrebamento» é discutida e onde são apresentados os diversos pontos de vista a respeito).

7. Até que lugar vil os homens podem cair. O «testemunho», que transmite vida e vem dar aos homens a maior de todas as bênçãos possíveis, que é a salvação que Cristo oferece (ver as notas expositivas sobre isso em Heb. 2:3), não somente será rejeitado, mas também os homens que o anunciaram serão mortos. Os rebeldes se regozijarão disso como se algo de bom tivesse sido realizado em favor deles. E que o pecado não somente caga os homens, mas também os enlouquece.

2. Provavelmente há uma alusão a Gên. 2:7, que diz: «...e *lhe soprou nas narinas o fôlego da vida...*», passagem essa que fala à «animação» do corpo físico pela criação original do homem. Se essa é a referência e a dependência literária do vidente João, então ele não estaria falando da pessoa do Espírito de Deus, e, sim, do «princípio de animação», o que, nesse caso, anima a um cadáver, ao invés de dar vida a um corpo recém-formado por ato especial de criação. O mais provável é que isso está em pauta. Contudo, devemos compreender que o Espírito de Deus é o poder capaz de realizar tão grande feito.

3. Algumas traduções dizem aqui *um espírito de vida*, o que dá a essa expressão um efeito «pessoal», embora não aluda à pessoa do Espírito Santo. Essa interpretação pode ser idêntica à interpretação anterior, ou poderia imaginar algum espírito pessoal e inferior, agente divino, que produzirá tudo isso, embora não seja definido de modo mais exato. Essa opinião, porém, consideramos muito dubia.

4. Podemos até mesmo entender isso como novo sopro, de volta aos cadáveres dos profetas, de seus espíritos, que haviam abandonado seus corpos. Embora isso suceda em todos os casos de ressurreição, é extremamente dubio que o autor sagrado tivesse querido dizer tal coisa neste ponto.

É possível também que o trecho de Eze. 37:1-10 estivesse na mente do vidente João, ainda que aquela passagem esteja sujeita às mesmas formas de interpretação que alistamos acima. Pensamos que o trecho quer dizer que Deus tem um método de animar «espiritualmente» aos corpos físicos. O agente dessa animação é o Espírito Santo. Mas o vidente João aponta para o «princípio» dessa operação, conforme também o faz o trecho de Gên. 2:7, sem salientar qualquer «elemento específico» dessa operação. Seja como for, a grande verdade é ensinada: a morte não mata; nenhum dano definitivo pode ser perpetrado contra um homem verdadeiramente bom.

...*vindo da parte de Deus...* Aqui temos um toque pessoal. Deus é a fonte de toda a vida. O que será feito, não poderá sê-lo sem uma intervenção divina. A vida eterna é a intervenção de Deus em uma existência de outro modo impotente e sem esperança. Contudo, a vida eterna é uma «espécie de vida», e não meramente vida interminável. (Ver as notas expositivas a esse respeito em João 5:25,26 e 6:57). Compartilhamos da própria «forma de vida» que Deus tem. Trata-se de uma vida «necessária» e «independente». Ela não pode deixar de existir e é auto-suficiente e auto-sustentadora, porquanto Deus transmite sua própria modalidade de vida aos homens que se tornam seus filhos, após tê-la outorgado, em primeiro lugar, ao Filho, na qualidade de Cabeça federal da raça remida, o qual é tanto o Caminho como o Pioneiro do caminho. (Ver Heb. 2:10 e ss. quanto à «comunidade de natureza» que há na família divina. Ver II Ped. 1:4 quanto à participação dos remidos na «divindade». Ver II Cor. 3:18 acerca de como os remidos estão sendo transformados segundo a imagem e a natureza de Cristo. Ver Rom. 8:29 quanto à nota de sumário sobre esse tema).

...*eles se ergueram sobre os seus pés...* Isso porque uma vida nova

surgirá subitamente neles. Isso será contemplado por milhões de pessoas, mediante a televisão via satélite. Um milagre de ressurreição será abundantemente testemunhado, quando a incredulidade, no caso das massas da humanidade, julgá-la ser isso uma impossibilidade. Mas a «crença», repentinamente, tornar-se-á plausível, em face mesmo da «grande mentira» do anticristo.

«...sobreveio grande medo...» Vinculando esta declaração, com a do décimo terceiro versículo, presume-se que haverá um imenso número de conversões ao redor do mundo, embora isso ainda não signifique a conversão geral da nação de Israel. Contudo, muitas pessoas continuarão sendo espiritualmente sensíveis o bastante para entenderem que o anticristo terá sido derrotado nas vidas das duas testemunhas, pois até mesmo o fato que ele as matou, não conseguiu prejudicá-las permanentemente. Milhões de pessoas entenderão que Deus é a fonte da vida, e o temor as conduzirá à fé.

Os homens rebeldes exigem «ver» alguma coisa. Não lhes basta «crer» naquilo que foi visto por outros. A imensa graça divina permite que os homens, até mesmo nos períodos de maior rebeldia, «vejam» para que possam crer. (Ver as notas expositivas completas sobre a «graça divina», onde há ilustrações com poemas, em Efé. 2:8).

Outras idéias sobre este versículo:

1. As maravilhas divinas jamais cessam; elas fazem os homens temerem. E esse temor conduz os homens à fé. Esse é o propósito de Deus.

2. As testemunhas se puseram «sobre os seus pés»; e isso também foi dito acerca dos «ossos secos» da visão de Ezequiel, em Eze. 37:10. Não existe condição humana fora do alcance do poder ressuscitador de Deus.

3. É possível que aqui haja uma predição sobre as «primícias» da restauração nacional de Israel, porquanto tudo isso terá lugar em Jerusalém. Mas a restauração completa, a conversão de Israel, dar-se-á somente após o juízo da

sétima trombeta, já no fim do período da tribulação.

4. «Tal como o seu Senhor, que sofreu e foi sujeito a vexames, assim também eles agora gozarão da sua ressurreição e exaltação. Subirão para os céus na nuvem, o que não se deu no caso de Cristo, os seus inimigos os contemplarão! Grande temor já terá sobreveio aqueles que contemplavam as duas testemunhas, quando o sopro de Deus veio sobre elas, e se puseram da pé. E agora, a total negação da existência do céu, que então já ter-se-á espalhado como crença por toda a terra, e naqueles dias terá crescido a proporções tremendas, será negada pela subida das duas testemunhas aos céus, diante dos olhos dos homens! A ressurreição de Cristo terá consolado aqueles que 'o viram após ele ter ressuscitado dentre os mortos'. A ressurreição e a ascensão aos céus, por parte dessas duas testemunhas, aterrorizará verdadeiramente aos seus adversários!» (Newell, in loc.).

5. Jesus ficou no sepulcro «até» ao terceiro dia, um período mais curto do que aquele referido neste texto, mas uma situação equivalente. Então vida nova apareceu em seu corpo morto. Ele foi as «primícias» dos que dormem, bem como a «garantia», dada a todos os homens, que a morte nem mata e nem triunfa.

6. Os intérpretes da escola histórica vêem aqui uma variedade de acontecimentos passados, mas especialmente o poder dos reformadores, que põe fim à fortaleza papal no mundo. Os intérpretes simbólicos não buscam qualquer contexto dentro do tempo, mas somente salientam que o poder e a vida de Deus vencem todo o mal, e, finalmente, a morte.

7. O bem tem a palavra final. O mal nunca poderá dar a palavra final; nem é final e nem é soberana a maldade. O carnaval da alegria falsa dos ímpios terá de terminar. Os Hitlers e outros anticristos, e, finalmente, o próprio anticristo, trazem sobre si mesmos a sentença de morte. O processo histórico termina por sepultá-los, porque Deus se faz presente no processo histórico. Há um sopro da vida que desfaz o horrendo trabalho desses indivíduos. O temor é o companheiro constante dos perversos e dos rebeldes. Mas o temor é capaz de ter um efeito restaurador, se Deus é o seu objeto.

12 καὶ ἤκουσαν φωνῆς μεγάλης ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λεγούσης αὐτοῖς, Ἀνάβατε ὧδε· καὶ ἀνέβησαν εἰς τὸν οὐρανὸν ἐν τῇ νεφέλῃ, καὶ ἑθεώρησαν αὐτοὺς οἱ ἐχθροὶ αὐτῶν.

12 ηκουσαν] -σα p<sup>47</sup> 046 x 8a 2059i pl 2 co arm Tyc | Ανάβατε (Anabate?) p<sup>47</sup> RAP 2329 pc; R] Ανέβητε 046 x 8a 100b 161x 2059i pl ε | ἑθεώρησαν] ἐμετρήσαν p<sup>47</sup>

Ao invés de *ἤκουσαν* p<sup>47</sup> N<sup>o</sup> 046 muitos minúsculos cop (bo) ara *α'* dizem *ἤκουσα*. Não só o peso da evidência externa favorece *ἤκουσαν*, mas já que o vidente constantemente usa *ἤκουσα* através do livro (24 vezes), os copistas mais provavelmente teriam substituído *ἤκουσα* em lugar de *ἤκουσαν* e não vice-versa.

10:12; I ouviu uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi para cá. E subiram os céus em uma nuvem; e os seus inimigos os viram.

«...testemunhas...» (Quanto à sua identificação, ver as notas expositivas sobre o terceiro versículo deste capítulo; e quanto ao testemunho prestado por elas, ver o sétimo versículo deste capítulo).

«...grande voz vindo do céu...» Seria a voz de Deus Pai, ou a voz de Deus Filho? (Ver Apo. 10:4,8 quanto à voz do Filho, a qual foi ouvida em experiência mística audível, e não visual). Essa circunstância é comum neste livro, e própria das experiências místicas. (Ver Apo. 1:10 quanto a tipos de visões). Vozes altas—que subentendem sua importância—são de uso freqüente no Apocalipse. Essas vozes são «altas», isto é, «intensas», a fim de obterem a nossa atenção para a mensagem assim transmitida. Elas são altas demais para serem ignoradas. (Comparar isso com Apo. 1:10—a voz de Cristo; 1:15—a voz que soava como «muitas águas»; 5:2—a voz angelical; 5:12—a voz dos anciãos, elevados seres angelicais; e ver também Apo. 1:10; 7:2,10; 8:13; 9:13; 10:3,4,7,8; 12:10; 14:2,7,9,13,15; 16:1,17; 18:2,4,22; 19:1,17 e 21:3).

A voz deste versículo «chama as duas testemunhas» para os céus; até certo ponto ela é paralela à «voz do arcanjo» que convocará a igreja para os céus (ver I Tes. 4:16). Não cremos, porém, que essa voz representa o «primeiro arrebatamento», o «meio da tribulação», que envolveria a igreja inteira (simbolizada pelas duas testemunhas), conforme supõem alguns estudiosos. E nem cremos que se trate do segundo arrebatamento, que envolveria somente os «santos da tribulação», no fim da mesma, conforme outros pensam. Antes, será um acontecimento ímpar, pois, de outro modo, a passagem teria deixado claro que envolverá mais que apenas as duas testemunhas. Não há qualquer indicio que maior número de pessoas será envolvido. Todavia, um bom número de crentes vincula esse versículo à teoria do «arrebatamento no meio da tribulação». Mas isso se dá não porque o próprio texto sagrado ensine tal coisa, e, sim, porque aqueles que expõem alguma doutrina gozam de encontrar «textos de prova» para a mesma.

«...subiram ao céu na nuvem...» A «nuvem» é de ocorrência comum nas passagens bíblicas que falam sobre «arrebatamento» ou «ascensão». Pode-se ver a mesma no caso da ascensão de Jesus (ver Atos 1:9) e no caso do arrebatamento da igreja (ver I Tes. 4:17). A «nuvem» também está associada aos pronunciamentos divinos, em revelações públicas repentinas (ver Marc. 9:7; Mat. 17:5 e Luc. 9:35); mas também está associada às circunstâncias da «parousia» ou segundo advento de Cristo (ver Luc. 21:27; Mat. 24:30; Marc. 13:26; 14:62 e Apo. 1:7). Pensamos que essa «nuvem» faz parte normal das experiências místicas e das visões espirituais, e não como literais nuvens de vapor de água. Há uma nuvem de glória que circundou a ascensão, que circundará a volta de Cristo e o arrebatamento da igreja. Trata-se de expressão do poder e da glória de Deus, e não partículas de água. Trata-se de um «envelope» espiritual, e não de um esconderijo físico. (Ver as notas expositivas acerca da «nuvem», em I Tes. 4:17 e Apo. 1:7).

Também é significativo que Elias (ver II Reis 2:11) e Moisés (ver Ascensão de Moisés em Clem. Alex. Strom. vi.15 e Orígenes, em Josuam hom. ii.1) também foram retratados a subir para o céu em meio a nuvens. Trata-se de um típico colorido apocalíptico; e não há que duvidar que seu

sentido é místico, não expressando qualquer condição meteorológica da atmosfera terrestre. No caso de Moisés, é dito que uma nuvem o escondeu enquanto falava com Deus, em benefício do povo israelita, de acordo com o que se lê em Josefo, Antiq. iv.8.48.

Os mártires serão vencedores. Jesus foi o primeiro dos vencedores. Depois dele começaram a aparecer em cena muitos outros vitoriosos, e muitos outros mais haverá durante a «grande tribulação», como será o caso dessas duas testemunhas. Havia uma tradição que dizia que Tabita, que foi ressuscitada conforme a narrativa de Atos 9:36-43, haveria de enfrentar o anticristo, como representante das mulheres que serão martirizadas. O anticristo, segundo essa tradição, haverá de tirar-lhe a vida, mas ela ressuscitará a fim de informar ao anticristo que apesar dele poder matar ao corpo, não poderá destruir à alma. (Ver Apocalipse Saldico de Elias 6.7, quanto a essa doutrina).

A garantia firme. Esta passagem, nas mãos do vidente João, significa paz e consolo para uma igreja perseguida. Afirma que a morte física não é o fim, pois não pode realmente matar; a alma sobrevive à mesma, mas também sobreviverá o corpo, na qualidade de veltulo da alma, por ocasião da ressurreição, sem importar se o corpo ressurrecto se comporá ou não dos elementos físicos «espiritualizados» do primeiro corpo; mas tudo isso significa que haverá total «restituição» da personalidade humana, quando da ressurreição, embora em nível «espiritual», e não físico. (Ver as notas expositivas a esse respeito em I Cor. 15:20,40).

O propósito do livro de Apocalipse. O propósito central da composição deste livro torna-se evidente neste versículo. Foi escrito a fim de consolar à igreja cristã perseguida, que buscava entre os acontecimentos de sua época o surgimento do anticristo e a «parousia» ou segunda vinda de Cristo. O livro descreve as condições que haverá nos «últimos dias», incluindo o período da «tribulação». Mostra também como a igreja será subjugada em meio aos mais horrendos sofrimentos daquela época. Não foi escrita para uma audiência «fantasma» (historicamente falando) e nem para os judeus (proleticamente falando). Antes, trata-se de um documento endereçado à igreja, cujo propósito é o de consolar à igreja cristã que tiver de enfrentar e sofrer sob o poder do anticristo. (Ver I Tes. 4:15 quanto a um completo estudo sobre a questão do «arrebatamento»). Isso pode ser comparado às notas de introdução ao trecho de Apo. 4:1, bem como ao trecho de Apo. 11:1. Na introdução ao livro de Apocalipse, seção VII, intitulada «Motivo e Propósitos», há um estudo a respeito, ainda mais completo).

«...e os seus inimigos os contemplaram...» Consideremos os pontos seguintes: 1. Essas palavras mostram que o mal mais concentrado pode ser derrotado, e que o bem, por conseguinte, sempre triunfa. 2. Mostram que o triunfo do bem será patente até mesmo para o malfeitores. 3. Mostram, conforme fica subentendido no décimo terceiro versículo, que essa «visão do triunfo do bem» pode converter até mesmo os homens mais malignos e rebeldes. E esse é um nobre propósito, pois podemos agradecer à graça de Deus, que «nunca desiste acerca de qualquer indivíduo». Nada existe além do poder da graça divina, embora, operando ela através do processo histórico, de mistura com as intervenções divinas, às vezes é preciso um longo período de tempo para que se concretize.

Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:

1. «O último capítulo sempre é escrito nos céus. Na terra se fazem perguntas que somente nos céus se terá a resposta, e aqui têm início processos que somente ali se completarão. A voz celestial convocou (as testemunhas). As duas testemunhas da verdade de Deus não mais jaziam mortas nas ruas da cidade. Seus adversários viram-nas no próprio ato de entrarem na felicidade e no triunfo da vida celestial. Contemplaram uma visão de felicidade, da qual não podiam ainda participar. O carnaval do mal terminará com um grande final, que só poderá ser apreendido quando os homens olharem para cima. A viagem para o alto contou a história da finalidade completa da vitória do bem. Os céus falaram e agiram. 'Eis que vejo os céus abertos' (Ato 7:56) exclamou Estêvão, o primeiro mártir cristão, ao morrer» (Hough, *in loc.*).

2. As duas testemunhas serão assim «justificadas» aos olhos do mundo. O testemunho delas será considerado, então, veraz; muitos perceberão a urgência das advertências feitas pelas duas testemunhas. Muitos mais haverão de crer naquela hora, tal como a ressurreição de Cristo primeiramente convenceu a alguns membros de sua própria família, seus meio-irmãos, sobre a validade de suas reivindicações messiânicas; e, depois disso, convenceu a um exército incontável, pelo mundo inteiro.

3. Os intérpretes da escola histórica encontram graves problemas neste ponto. Alguns pensam que a ressurreição das duas testemunhas poderia simbolizar o «revivimento» da igreja, por meio da Reforma protestante. Mas, o que significa a «ressurreição»? Alguns replicam, de modo inteiramente absurdo,

13 Καὶ ἐν ἐκείνῃ τῇ ὥρᾳ ἐγένετο σεισμὸς μέγας, καὶ τὸ δέκατον τῆς πόλεως ἔπεσεν, καὶ ἀπεκτάνθησαν ἐν τῷ σεισμῷ ὀνόματα ἀνθρώπων χιλιάδες ἑπτὰ, καὶ οἱ λοιποὶ ἔμφοβοι ἐγένοντο καὶ ἔδωκαν δόξαν τῷ θεῷ τοῦ οὐρανοῦ.

que isso significa a chamada a postos de mando, com grande autoridade civil, que teria resultado dessa reforma. Esse tipo de interpretação é a sua própria refutação. Também não podemos ficar satisfeitos com a interpretação que faz isso tornar-se meramente «espiritual» ou «simbólico» de alguma espécie de «avanço espiritual» da igreja, que a leva para mais perto de Deus, ou que lhe confira uma comunhão mais íntima com o Senhor. E nem pode estar sendo aqui pintada a igreja das missões modernas (que se seguiu ao período histórico da Reforma protestante) como se isso fosse representado pela «ressurreição» das duas testemunhas, por causa de seu avanço espiritual.

4. Os homens triunfam devido à perseguição e até mesmo devido ao martírio.

A perseguição os arrasta para a fama,

E os vai levando para os céus;

Por isso é que «eles ouviram». (Ellicott)

Variação Textual: A palavra «*ekousans*», aoristo no plural, «ouviram», aparece na autoridade convincente dos mss P(47), Aleph, 046 e muitos manuscritos gregos minúsculos, além do Coptico e do Armênio. A forma singular, «*ekousa*», «eu ouvi» (como se o vidente João é que tivesse ouvido, e não as duas testemunhas) figura nos mss Aleph(1), AP e em vários outros. Provavelmente esta última é uma modificação feita em harmonia com o que já se tornara familiar no livro, «eu ouvi», que aparece por não menos de vinte e quatro vezes no Apocalipse, referindo-se às revelações audíveis dadas a João.

13 Eze 38:19-20

11:13: «*naquela hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e os habitantes foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram atemorizados, e deram glória ao Deus do céu.*»

Neste versículo aparecem quatro elementos principais. E todos ocorrem imediatamente, de tal modo que não pode haver dúvidas quanto à sua conexão com o incidente do arrebatamento das duas testemunhas. Esses elementos são os seguintes:

1. O tremendo terremoto. Pensamos que isso ocorrerá literalmente, e não apenas como um símbolo. Os místicos contemporâneos também predizem um tremendo terremoto em Jerusalém. As predições deles talvez sejam idênticas à que temos aqui. Seja como for, esse terremoto aproximará Israel de Cristo, embora nem assim venha ainda a ocorrer a sua conversão nacional. No entanto, muitos judeus, nessa oportunidade, voltar-se-ão para Cristo, no aguardo da conversão geral dos israelitas, o que se dará mais tarde.

2. O dano às propriedades será imenso, porquanto atingirá uma décima parte da cidade inteira. Todavia, quando do juízo da sétima taça haverá o maior terremoto de toda a história da humanidade (ver Apo. 16:18-20). O terremoto deste versículo, em comparação com aquele outro, será *diminuto*, mas realizará grandes eleitos em Jerusalém. Os terremotos são ocasionalmente utilizados como juízos divinos (ver Mat. 24:7; Luc. 21:11), embora nem sempre tenha de ser assim. No Apocalipse, encontramos cinco desses terremotos. (Ver Apo. 6:12; 8:5; 11:13 e ss.; 11:19 e 16:18). É devesa significativo que tantos terremotos tenham de suceder durante o período da tribulação. Há cientistas que, na atualidade, prevêem a mudança dos pólos. Se assim vier a suceder, então o centro da terra sofrerá tremenda agitação e mudança, e, naturalmente, a superfície do nosso globo será afetada por isso. Os terremotos ensinam os homens a temer a Deus: «...e meter-se-ão pelas fendas das rochas, e pelas cavernas das penhas, ante o terror do Senhor, e a glória da sua majestade, quando ele se levantar para espantar a terra» (Isa. 2:21).

3. Sete mil pessoas serão mortas em Jerusalém. Isso será um total bastante conservador, pois os terremotos com frequência fazem um muito maior número de vítimas fatais. O número «sete», entretanto, é aqui significativo. Quando da primeira missão de Elias, somente sete mil permaneceram fiéis ao Deus de Israel, ao passo que os demais apostataram (ver I Reis 9:12). Aqui a situação se reverterá de forma peculiar—sete mil perecerão. Supomos que os mortos serão aqueles que tiverem feito oposição mais intensa contra as duas testemunhas—Elias e Moisés—em seu novo ministério. O grego diz, literalmente, «nomes de homens, sete mil». Alguns intérpretes pensam que isso significa «nomes de renome», de pessoas proeminentes. É possível que sejam os «oficiais» da cidade. Assim e que observa Seiss (*in loc.*): «Eles não quiseram permitir o sepultamento das testemunhas mortas, e agora eles mesmos serão sepultados em meio às ruínas de suas próprias casas...» Também acreditamos que o número «sete», neste caso, é um número místico, dando a entender que esse juízo será «completo», operando um propósito «perfeito», ao ponto em que as circunstâncias o permitirem, no começo mesmo da Grande Tribulação. O julgamento haverá de ser completo, mas o propósito restaurador também está em pauta, conforme se vê neste mesmo versículo. Pois o julgamento divino nunca é meramente retributivo; também tem finalidades disciplinadoras e restauradoras. Por conseguinte, o juízo e um dedo da mão amorosa de Deus. (Ver as notas expositivas sobre a «ira de Deus», em Col. 3:6).

4. Haverá um pavor geral, que lançará os homens a dar glória a Deus. Não devemos pensar que isso será unicamente medo. Darão glória a Deus por meio de Jesus Cristo, pois sem dúvida Cristo será o âncora das predições feitas pelas duas testemunhas. Creemos que muitos judeus se converterão a Cristo, então, embora isso ainda não seja a conversão geral, prometida em Rom. 11:26. A conversão de Israel, como nação, dar-se-á no fim da Terceira Guerra Mundial. As forças russas ocuparão as terras dos combatentes judeus e árabes. O anticristo procurará deslocá-las dali (por volta de 1999). Seguir-se-á a Terceira Guerra Mundial, quando poderosas armas atômicas serão empregadas. A humanidade temerá, e com razão, pela sua sobrevivência no planeta. As forças do anticristo (a federação das

dez nações ocidentais) haverão de expulsar os russos da Palestina, em meio a uma matança tremenda. Mas, antes disso suceder, Israel enfrentará o perigo de total extinção, como nação. Na hora mais crítica de desdita, aparecerá no firmamento o «sinal da cruz», uma «cruz luminosa». Então Jesus aparecerá corporalmente entre os soldados judeus. Estes se animarão novamente. As notícias da «intervenção divina» se espalharão rapidamente, e a vitória não tardará, embora com tremendas perdas. Israel crerá que Deus interveio, tal como o fizera à beira do mar Vermelho; e se converterá a Cristo, como uma *nação inteira*. Então Israel tornar-se-á uma nação cristã zelosíssima, totalmente dedicada às lides missionárias. Grandes são as maravilhas de Deus!

*Simbolismo do terremoto.* Confiemos no solo sobre o qual nos firmamos. Quando este balançar, somos levados a acreditar que o próprio alicerce da vida, no qual confiamos, é abalado. Os alicerces são sacudidos porque não suportam uma casa digna do nome. A casa construída pelos homens não é digna de possuir um alicerce firme, pelo que também não tem alicerce nenhum. O tremor por debaixo dos pés dos homens fá-los lembrar que algo de errado há, nos propósitos e na direção de suas vidas. O tremor por debaixo dos pés dos homens leva-os a contemplarem ansiosos a estabilidade da casa de Deus, os céus.

*A religião do temor.* A fé religiosa baseada exclusivamente sobre o temor não tem grande valor. O homem moderno, a despeito de suas muitas agonias, não tem sido levado à crença religiosa por meio do temor imposto. Mas virá o dia quando o temor haverá de, novamente, conduzir os homens a Deus. Mas esse trabalho será feito lentamente, pois não obterá resultados imediatos, embora venham resultados.

*Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:*

1. «Deram glória ao Deus do céu» é declaração que não precisa indicar conversão ou arrependimento, mas apenas temor, em «reconhecimento» do poder de Deus. Isso pode ser comparado com Joa. 7:19; Jer. 13:16; João 9:24; Ato 12:23 e Rom. 4:20. Creemos, portanto, que, nessa oportunidade, muitos habitantes de Jerusalém se converterão. Algumas das referências acima indicam a idéia de «arrependimento».

2. Os terremotos são símbolos de grandes levantes, de natureza espiritual ou social. (Ver Eze. 37:7; 38:19; Ageu 2:6; Marc. 13:8; Heb. 12:6 ss.; Apo. 6:12 e 16:18). Mas cremos que os terremotos referidos no Apocalipse serão literais. A passagem de Eze. 38:19,20 prediz grandes terremotos, que anunciarão o fim do presente ciclo terreno.

3. Sete mil pessoas morreram nesse terremoto. Esse número está de acordo com a população de Jerusalém, nos tempos apostólicos, que era de cerca de cento e vinte mil pessoas. Poder-se-ia esperar que um terremoto matasse esse número proporcional. Isso serve de indicação que está em foco a cidade de Jerusalém propriamente dita, e não Roma.

4. A frase «o Deus do céu» reaparece em Apo. 16:11, e isso em relação aos pagãos. Judeus e gentios, igualmente, invocam ao Deus dos céus, conforme se vê em Eze. 5:12. Oração e jejum devem ser feitos diante do Deus do céu (ver Nee. 1:4,5). Portanto, o arrependimento também visa a pessoa de Deus. Ela é o Deus do céu. Os homens possuem deuses de origem e de relações totalmente terrenas. São falsos, porquanto somente o Deus do céu é o verdadeiro Deus. (Ver Eze. 1:2; 6:11,12; 6:9,10; 7:12,21,23; Dan. 2:18,19,37,44, quanto a expressões similares à que temos neste versículo, no tocante à elevada glória de Deus).

5. Os intérpretes da escola histórica continuam a procurar fazer todas estas predições caberem na história passada. Isso resulta em algumas interpretações absurdas. Por exemplo, supostamente os sete mil indivíduos mortos nesse terremoto de Jerusalém seriam as sete províncias holandesas unidas que foram perdidas para o papado, durante a Reforma protestante. Para outros, o «terremoto» teria sido a invasão dos turcos otomanos contra o império grego, o que fez com que caísse parte do império romano. Tais interpretações são tão falsas quanto arbitrárias.

6. Alguns têm usado tais textos para mostrar que Jerusalém continuava de pé quando o Apocalipse foi escrito. Portanto, esse livro teria sido escrito, dizem os tais, antes do ano 70 D.C. Mas o vidente João poderia ter escrito este livro após a destruição de Jerusalém, e mesmo assim ter tido acesso àquela cidade, histórica ou profeticamente. A maioria dos intérpretes acredita que o Apocalipse foi escrito durante o reinado de Domício, perto do fim do primeiro século de nossa era, embora alguns de seus elementos (escritos por João ou por algum outro) tenham sido, talvez, escritos antes disso, após o que foram incorporados na escrita final do livro. (Ver a seção V da introdução geral a este livro, sob o título «Data»).



7. Os homens rebeldes e apóstatas dos últimos dias não reconhecerão qualquer poder celestial. Mas a ira de Deus manifestada ao mostrará eficaz na conversão de alguns. Alguns, ao contemplarem a «mão de Deus, nos juízos

decarregados tão claramente», serão conduzidos a Cristo, conforme diz Adam Clarke, *in loc.*).

14 'H οὐαὶ ἡ δευτέρα ἀπῆλθεν· ἰδοὺ ἡ οὐαὶ ἡ τρίτη ἔρχεται ταχύ.

11:14: É passado o segundo ai; eis que cada vem o terceiro.

Os três «ais» são as trombetas de número quinto, sexto e sétimo. (Ver Apo. 8:13 quando ao anúncio dos «ais»). Estritamente falando, o juízo da sexta trombeta será o juízo dos cavaleiros infernais, descrito em Apo. 9:13-21. O trecho de Apo. 10:1 - 11:14 tem sido um «parêntesis» que introduz a sétima trombeta, que é o terceiro «ai», do qual emergirão os «juízos das sete taças». Mas podemos observar aqui que o que é feito pelas duas testemunhas, e também os juízos que se seguirão ao ministério delas, foram considerados pelo próprio vidente João como parte do juízo da sexta trombeta. Isso fixa, de modo bem definido, o *elemento tempo* do ministério das duas testemunhas. Haverá de ocorrer na «primeira porção» do período da tribulação, porquanto o juízo da sétima trombeta é o começo da segunda parte. O testemunho prestado por elas terminará juntamente com o fim do juízo da sexta trombeta. Portanto, temos razão ao pensar que os mil duzentos e sessenta dias indicam a primeira metade da tribulação (ver o terceiro versículo deste capítulo), em contraste com os quarenta e dois meses, que indicam a segunda metade (ver o segundo versículo deste capítulo).

Não devemos limitar o «segundo ai», entretanto, somente a esse terremoto. E nem se pode chamar o fenômeno aterrorizante do décimo nono

VII. Juízos da Sétima Trombeta (8:7- 11:19).

9. Sétima trombeta: Cristo breve reinará (11:15-19; continuação de Apo. 10:7, onde essa trombeta é anunciada pela primeira vez).

Em Apo. 10:7 aprende-se que a «sétima trombeta» visa trazer a lume o «mistério de Deus». Deus concretizará os seus propósitos remidores, a «parousia» e a subsequente era eterna, porquanto a «vontade de Deus» é a restauração de tudo, em Jesus Cristo (ver Efé. 1:10), pelo menos em parte através da operação do poder da sétima trombeta. Essa trombeta, pois, é algo bem completo, mesclando juízos de horrenda natureza, que agem como intervenções divinas à face da terra, com eventos sobrenaturais que trarão o poder de Cristo de volta à terra, em seu segundo advento. Então os reinos deste mundo tornar-se-ão reinos de Deus e seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre. O décimo quinto capítulo dá início à descrição sobre os «juízos das sete taças», que fazem parte do juízo da sétima trombeta, pois emergem deste último. O propósito de Deus, nessa trombeta, visa igualmente provocar a queda de «Babilônia» e do «poder satânico» e seu governo, conforme se vê em Apo. 17:1- 21:8. Somente então é que poderá manifestar-se plenamente o «mistério de Deus»; e isso é contemplado na sétima trombeta, que é o «terceiro ai». O restante do livro de Apocalipse, em seus capítulos vinte e um e vinte e dois, fala sobre o estado eterno, que também faz parte dessa sétima trombeta, porquanto a «restauração» ali pintada é a concretização do *mistério de Deus*.

Diz Hough (*in loc.*): «O toque da sétima trombeta foi adiado pelos interlúdios retratados em Apo. 10:1- 11:14. A cena inteira é duplicação, com algumas variações, naturalmente, do trecho de Apo. 4:8-11. Na primeira cena, os quatro seres viventes saúdam a Deus com o 'tríplice Santo', asseverando sua onipotência passada, presente e futura. Em resposta a isso, os vinte e quatro anciãos se prostram diante de Deus, em seu trono, e entoam um hino de louvor a Deus, o criador, e uma cena similar é apresentada em Apo. 7:10-12».

Prossegue o mesmo autor: «Nesta instância, depois do soar da trombeta, foram ouvidas 'altas vozes' entoando um cântico que proclamava que os 'reinos deste mundo', isto é, o governo de Satanás, exemplificado pelo império romano, terminou, e em breve será substituído pelo 'reino de nosso Senhor e seu Cristo'. Aqui, mediante uma sentença litúrgica breve, temos o esboço principal do livro de Apocalipse, expressando a esperança apocalíptica do autor sagrado e de seus leitores originais. As palavras desse hino são similares à predição constante em Dan. 7:27». (Hough, *in loc.*)

(Embora esta passagem pareça tão simples e clara, contudo, por três motivos deveríamos marcá-la bem:

1. Ela assinala uma crise no modo de Deus tratar com o mundo, o que deve ser plenamente entendido e lembrado, enquanto prosseguimos neste grande livro.

2. Ela nos oferece o próprio esboço divino sobre os eventos que se seguirão, para sabermos as coisas que o próprio Deus salienta.

3. A meditação preliminar sobre esses temas (sobretudo a ira divina, a ira das nações e o fato que Deus 'assumiu' seu grande poder) esclarece nossas mentes, nestes dias de névoa satânica, para compreenderem o delineamento dos capítulos sucessivos sobre as questões dadas em forma de esboço, em nossa passagem». (Newell, *in loc.*)

Começará neste ponto a «Grande Tribulação». A segunda metade da tribulação tem sido denominada de «grande tribulação» ou de «ira de Deus». Esse período começa agora no Apocalipse. Mas o juízo da «sétima trombeta» incorpora realmente, de alguma maneira, o restante do Apocalipse, incluindo a glória da restauração, porque os seus juízos produzirão exatamente esse resultado.

15 Καὶ ὁ ἕβδομος ἄγγελος ἐσάλπισεν· καὶ ἐγένοντο φωναὶ μεγάλαι ἐν τῷ οὐρανῷ λέγοντες, Ἐγένετο ἡ βασιλεία τοῦ κόσμου τοῦ κυρίου ἡμῶν καὶ τοῦ Χριστοῦ αὐτοῦ, καὶ βασιλεύσει εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

15 Ἐγένετο...αἰώνων Ex 15:18; Ps 10:16; 22:28; Dt 24:7,14; Ob 21; Zeb 14:8

15 αἰώνων add αμην R 94 181 pc it vg\*, cl

11:15: É tocou a sétima anjo a sua trombeta, a houve na céu grandes vozes, que dizem: O reino do mundo passou e ora de nosso Senhor e do seu Cristo, o ele reinará pela séculos dos séculos.

«...sétimo anjo...» (Quanto aos anjos dos juízos das trombetas, ver as notas expositivas em Apo. 8:2. Nessas mesmas notas também falamos sobre o «simbolismo» das trombetas). O sétimo anjo representa: 1. Estará terminado o ciclo dos juízos divinos, por ser esse o número «completo». 2. Mas ele mesmo fará sobrevir um julgamento perfeito, trazendo à tona o «mistério de Deus» (ver Apo. 10:7).

«...no céu grandes vozes...» As vozes intensas proclamam o esboço geral das coisas que terão lugar sob a sétima trombeta. Com frequência o autor sagrado tem usado essas «visões auditivas», as «grandes vozes» dos anjos ou de Cristo, para apresentar suas declarações sobre as coisas vindouras. Por mais de uma vez, nas páginas anteriores deste comentário, temos alistado as

referências onde esse tipo de cena é apresentada. (Ver as notas expositivas sobre o décimo segundo versículo deste capítulo, onde há uma dessas listas). No presente versículo, supomos que muitos e grandes seres angelicais são os que fazem esse pronunciamento em altas vozes.

«...o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo...» Nos pontos abaixo damos a identificação e o significado da sétima trombeta, que é igualmente o «terceiro ai»:

1. Os estudiosos que pensam que as trombetas são paralelas ou equivalentes às «taças», pensam que este versículo é paralelo a Apo. 16:17-21. Mas «limitar» de tal modo a sétima trombeta é um erro. Essa passagem certamente está «incluída» na sétima trombeta, contudo, demonstra quão profunda é a «ira» de Deus, na segunda parte do período da tribulação.

2. Alguns estudiosos pensam que a «última trombeta» (a sétima) equivale à «última trombeta», referida em I Cor. 15:52. É assim situam o

arrebatamento da igreja no fim ou no «meio» da tribulação, já que a sétima trombeta tem «começo» no meio daquele período, embora também se estenda até o seu fim. Apesar de não identificarmos essas duas referências às «trombetas», é quase certo que a igreja passará por uma parte, se não mesmo por todas as duas metades da tribulação. Inclina-mo-nos por pensar que o arrebatamento da igreja só se dará no fim da Grande Tribulação. (Ver 1 Tes. 4:15 e suas respectivas notas expositivas, sobre a questão do «arrebatamento»). Ver também as notas de introdução a Apo. 4:1, bem como as notas sobre aquele versículo, onde expomos outras idéias sobre o tema).

3. Os intérpretes da escola histórica, como é usual, apresentam grande variedade de pontos de vista: alguns vêem no «soar da sétima trombeta» o «começo da Reforma»; e os juízos das «taças» indicariam eventos que deram início àquele período histórico, que se estenderiam até ao fim do ciclo terrestre, até o tempo do fim, com o estabelecimento do reino milenar. Os «juízos das taças» prepararão o mundo para o «reino»; mas, segundo pensam esses intérpretes, isso se estenderá pelo espaço de muitos séculos. Portanto, apesar de estar sendo retratado o «tempo do fim», muitos séculos de história humana estariam supostamente em foco, dentro da sétima trombeta. Alguns intérpretes históricos, contudo, pensam que todos esses acontecimentos se situarão nos «últimos dias», ainda que não os identifiquem, necessariamente, com qualquer período específico de «tribulação», de qualquer dimensão. As muitas «grandes vozes», referidas neste versículo, seriam, conforme pensam alguns desses intérpretes, as vozes dos reformadores e outros líderes cristãos, que haveriam de lutar a igreja da apostasia romanista, levando-a a dias melhores, quando o reino de Cristo seria estabelecido. Esse reino, para alguns deles, seria o literal reino milenar de Cristo, ou visível sobre a face da terra ou invisível, na Nova Jerusalém, a capital dos novos céus e da nova terra; ou então seria um «reino espiritual da igreja». Alguns desses intérpretes afirmam que esse reino durará os mil anos literais aludidos, ao passo que outros dentre eles julgam que esse número apenas simboliza um «período prolongado», etc.

Alguns intérpretes históricos são mais específicos em suas identificações, pensando que a sétima trombeta indica o estabelecimento do evangelho na Suécia e na Dinamarca, sob a agência de reis humanos que rejeitaram ao papado. Outros pensam que isso se refere ao tempo em que a rainha Elizabeth subiu ao trono da Inglaterra, desarraigando daquele país as superstições romanistas. Há ainda aqueles que julgam que essa sétima trombeta alude ao «reinado espiritual» de Cristo, fazendo-o idêntico ao tempo da «igreja de Filadélfia», que seria equivalente ao período das «missões modernas», que teria começado em cerca de 1780. Conforme se pode ver, não há acordo geral entre tais intérpretes; e a única coisa sobre a qual eles parecem concordar é que a sétima trombeta, sem importar quando comece, trará os verdadeiros últimos dias. Naturalmente, não concordam entre si acerca da natureza dos últimos tempos, pois alguns esperam um milênio literal de mil anos, que se seguiria ao fim do presente ciclo terrestre, e outros não pensam assim. Os a-milenistas que também são «intérpretes históricos», também vêem uma série de eventos que seriam de natureza cataclísmica, os quais resultariam no «reino eterno», o reinado espiritual de Cristo, uma nova criação, inteiramente à parte de qualquer milênio.

4. Os intérpretes simbólicos e místicos rejeitam qualquer alusão específica a «ocorrências históricas», supondo que a sétima trombeta, e os juízos das taças, que dali se originam, descrevem estados e atitudes espirituais, ou seja, «ocorrências espirituais», sem que se tenha de rebuscar quaisquer dados cronológicos. O resultado dessas ocorrências espirituais é que o «reinado de Cristo», seria estabelecido, o qual é então variegadamente interpretado, tal como se dá nas opiniões dos intérpretes históricos, conforme se descreve acima, sob o terceiro ponto.

5. Os intérpretes futuristas situam a sétima trombeta (e as taças também) na última porção do período da tribulação, supondo que ali são descritos eventos literais (principalmente, juízos divinos), que anunciarão a «parousia» ou segundo advento de Cristo. A maior parte deles entende que isso terá lugar nos fins do atual século XX. Este comentário também defende esse ponto de vista, embora seu autor pense que alguns desses acontecimentos penetrarão no século XXI.

A sétima trombeta será uma ocorrência complexa. Consiste, essencialmente de tudo quanto resta ser revelado no Apocalipse. Consideremos os pontos abaixo:

1. As ações de sete personagens, incluindo a consolidação do anticristo e seu poder, bem como o aparecimento do «falso profeta» (Capítulos doze e treze).
2. Os respectivos adoradores de Cristo e do anticristo, e os efeitos que isso terá sobre o mundo (Capítulo catorze).
3. Os juízos das sete taças (Capítulos quinze e dezesseis).
4. Queda da Babilônia, o sistema mundano (Capítulos dezessete a dezenove).
5. A queda de Satanás e do anticristo; a «parousia»; o milênio e a revolta

16 καὶ οἱ εἴκοσι τέσσαρες πρεσβύτεροι [οἱ] ἐνώπιον τοῦ θεοῦ κάθονται ἐπὶ τοὺς θρόνους αὐτῶν ἔπασαν ἐπὶ τὰ πρόσωπα αὐτῶν καὶ προσεκύνησαν τῷ θεῷ  
em p<sup>47</sup>A 046 1 1006 2059a p<sup>1</sup> sa<sup>1</sup> et καθημενοι AP 1 2059a 2329 al ε] καθονται p<sup>47</sup>N<sup>1</sup>C 1006 1611 p<sup>1</sup> vg Tyc; R: oi καθηται N<sup>o</sup> 046 82 p<sup>1</sup>

11:16: É ao vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostrarem-se sobre seus rostos e adorar-lhe a Deus,

Os principais eventos referidos no Apocalipse procedem do céu, acompanhados por vários atos de adoração, louvor, ação de graças e aclamação a Deus, pelos seres celestes. Assim também aqui, o autor sagrado nos fornece descrições quase idênticas a algumas que já temos observado. O trecho de Apo. 4:10 é um paralelo próximo a esta passagem;

final; a nova criação (Apo. 19:11 - 21:8).

6. Jerusalém celestial, capital da nova criação (Apo. 22:1-5).

7. Daí se percebe a necessidade de esperar pela concretização desses acontecimentos, e, particularmente, a necessidade de esperar pela «parousia» ou segunda vinda de Cristo, que não pode demorar muito (Apo. 22:6-21).

Certamente é essa a identificação das ocorrências envolvidas na sétima trombeta, o «terceiro a»; e, como se pode ver, será algo homogêneo.

Deus Pai é considerado o Senhor; e Jesus é o Cristo. O reino é deles, conforme também se pode saber em Apo. 3:21. Ambos ocupam o «trono». E, conforme aquele versículo nos ensina, os outros filhos também o ocupam. Os tronos orientais eram bastante largos, admitindo que ali se assentasse mais de uma pessoa.

«...reino...» Esse é um conceito extremamente complexo nas páginas do N.T., sendo usado de diferentes modos por diferentes autores; e até mesmo de maneira diversa pelos mesmos autores. (Ver Mat. 3:2 quanto à nota de sumário sobre o «reino»). Pode ser o reino «no íntimo» (ver Luc. 17:21); pode ser o reino «político» (ver Marc. 1:14 e Mat. 3:2); pode ser a doutrina cristã em geral, com sua prática exigida (ver Rom. 14:17); pode ser a «vida eterna», já nos lugares celestiais (conceito geral do evangelho de João); ou então, pode ser o «reino milenar» (ver Apo. 20:4). No presente versículo, entretanto, a idéia é mais geral. Aponta para o «reino terrestre», incluindo o próprio reino milenar de Cristo, mas envolvendo o fato que todo o governo será assumido por Deus Pai e seu Cristo, em todas as dimensões, terrenas e celestiais. Tudo ficará debaixo do poder do Filho, e o seu reino, por conseguinte, será absolutamente universal, incluindo todos os seres e todas as esferas, e não apenas este plano terrestre.

Nesse «reino» se cumprirá o «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10), o que menciona fazer Cristo ser o centro de tudo, o alvo de toda a existência, sendo «tudo para todos» (ver Efé. 1:23 e suas respectivas notas expositivas). A terra terá de atravessar intensas agonias, contudo, para entrar nesse período; e é isso que os juízos divinos, do período da tribulação, visam realizar.

«...pelos séculos dos séculos...» O grego diz, literalmente, «pelas eras das eras». Os homens sabem o que é uma «era». Portanto, a eternidade é exposta como um ciclo interminável de eras, cada uma das quais, presumivelmente, com seus próprios propósitos e alvos. As obras de Deus nunca cessam, e nenhuma imaginação humana pode abarcar a magnitude das mesmas. (Quanto a diversas fórmulas que expressam a idéia de «eternidade», no idioma grego, ver as notas expositivas sobre Efé. 3:21).

\*\*\*

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. «Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por tua possessão» (Sal. 2:8). Essa profecia se cumprirá no «reino» aludido neste décimo quinto versículo, embora o escopo dessa versículo ainda seja mais vasto. Nenhuma esfera será deixada fora do alcance do poder de Cristo e seu «reino».

2. Consideremos a beleza desse quadro sobre a vitória final de Cristo. Será o evento que provará o triunfo do bem sobre o mal. Retirá-lo o pessimismo da existência humana, bem como retirará o «mal» do problema do mal (comentado em Rom. 3:8, em suas respectivas notas expositivas).

3. Os homens têm escrito muitos livros acerca do «estado ideal», mas nunca foram capazes de concretizar tal ideal. O Apocalipse, entretanto, promete que isso ainda será feito, embora de acordo com as condições divinas, e não com as condições humanas. As «utopias» dos homens falham porque não estão centralizadas em Deus e em seu Cristo.

4. «Esse é o resultado certo e glorioso do milenar conflito contra Satanás, o qual domina o reino do mundo, que ele ofereceu a Cristo no monte, em troca de um ato de adoração. Mas Jesus zombou da sociedade com Satanás no governo deste mundo e preferiu a guerra, guerra até às últimas consequências. Agora é chegado o clímax, em que Cristo aparece como o Vencedor do reino deste mundo, conquistado para seu Pai. Essa é a lição coroadora do Apocalipse» (Robertson, in loc.).

5. O Apocalipse, devemos-nos lembrar, foi escrito para uma igreja perseguida. Essa profecia assegurava-nos que nenhum poder terreno, nem o da Roma e nem o poder revivido da Roma, sob o anticristo, poderá prejudicar finalmente a homens justos e bons.

6. «O reino começa com o reino milenar (ver Apo. 21:9 - 22:2, 20:4-6) o qual, após o julgamento final, passará para o reino eterno de Deus (ver Apo. 21:1-4 e 22:3-5). O reino de Deus e de Cristo é um só. Em Efé. 5:5 encontramos menção ao «reino de Cristo e de Deus», ao passo que em uma epístola anterior — I Cor. 15:24-28 — o Filho resigna seu reinado medianteiro ao Pai, para que Deus seja «tudo em todos». Posteriormente, porém, Cristo também é concebido como «tudo em todos» (ver Efé. 1:23 e Col. 3:11). Esse reino será eterno. Comparar com Dan. 2:44, 7:14, 27 e Luc. 1:33». (Charles, in loc.).

7. Desse modo a fé cristã se tornará uma «fé otimista». O mal não pode permanecer no trono para sempre, nem mesmo neste plano terrestre. Haverá a «restauração» de todas as coisas, de alguma maneira, conforme se aprenda no primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Cristo será tudo para todos, eventualmente. (Ver as notas expositivas em Efé. 1:23, acerca desse conceito).

pois ali também figuram os vinte e quatro anciãos. Em Apo. 5:8, os quatro seres viventes é que se prostram diante de Deus, com palavras de louvor e ações de graças. Em Apo. 7:11 vemos «todos os anjos, os anciãos» e os quatro seres viventes» de rosto em terra, diante de Deus. Todas as idéias inerentes ao presente texto são comentadas naqueles versículos. O trecho de Apo. 19:4 reitera a cena. (A identificação dos «vinte e quatro anciãos» deve ser examinada nas notas expositivas sobre Apo. 4:4. Esse mesmo versículo tem as notas que fornecem explicação sobre os seus «tronos»). Neste

versículo, tal como em Apo. 5:8 e ss., os anciãos representam os remidos; mas as suas ações de graça, devido ao «triunfo do bem», também lhes é algo pessoalmente vital.

Os anciãos tem os seus próprios —tronos e as suas próprias coroas. De modo místico isso fala do poder que tem o crente de reinar com Cristo, embora eles mesmos não sejam «homens redimidos». (Ver Apo. 3:21 quanto a notas sobre a «participação do trono do Pai», por parte dos filhos de Deus). O senhorio de Cristo se manifesta através de outros filhos. O reinado que Satanás estabelecerá, como «imitação» do reino de Cristo, por

meio do anticristo, fatalmente cairá. Então o senhorio de Cristo assumirá suas dimensões apropriadas à face da terra. Até mesmo os céus haverão de expressar seu agradecimento por esse empreendimento, porquanto o mesmo se reveste de implicações e resultados universais.

**Variante Textual:** As palavras «dante de Deus» figuram nos mss P(47), Aleph, ACP e na maioria das versões. Mas a forma «perante o trono de Deus» aparece em 046 e em alguns manuscritos siríacos, o que não serve de evidência muito segura em favor dessa adição. Foi uma glosa escribal, devido à familiaridade com essa expressão.

17 λέγοντες, Εὐχαριστοῦμέν σοι, κύριε<sup>a</sup> ὁ θεός<sup>a</sup> ὁ παντοκράτωρ, ὁ ὢν καὶ ὁ ἦν, ὅτι<sup>2</sup> εἴληφας τὴν δύναμιν σου τὴν μεγάλην καὶ ἐβασίλευσας<sup>c</sup>

\* 17 [C] δτι N\* A P 046 1 94 1611 1828 1854 1859 2020 2053 20N1 2138  
12c=basal vg<sup>a</sup> sy<sup>h</sup> cop<sup>m</sup> Cyprian Primasius Andrew<sup>m</sup> 12c=basal  
Athenas δ qui 12c=basal δ καὶ δτι p<sup>1</sup> N\* C 2344 cop<sup>ms</sup> arm ξ et qui 12c<sup>a</sup> δ

καὶ ὁ ἐρχόμενος δτι 051 1006 2042 3063 2073 2432 vg<sup>a</sup> cop<sup>m</sup> Tyronius  
Andrew<sup>a</sup> Hesius

\* 17 a none, a none: TR Bov Nem BP<sup>1</sup> AV RSV TT // a minor, a minor: WH // a maior a none: Zür Luth Jer // a none, a minor: RV ASV NEB Seg

17 κύριε... παντοκράτωρ Am 3:13 LXX, 4:13 LXX, Re 1:8, 4:8; 15:3; 10:7, 14; 19:6, 15; 21:22 ὁ ὢν Ex 3:14; Re 1:4, 8; 4:6; 18:8

17 πη add καὶ p<sup>47</sup>N<sup>o</sup>C: add καὶ ὁ ἐρχόμενος 1006 2026 al vg<sup>a</sup> 12c<sup>a</sup> bo c | μεγάλην] μινουσεν p<sup>47</sup>

A forma *ὅτι*, na opinião da maioria da comissão, é preferível devido à evidência externa superior (N<sup>o</sup> A C 046 1 1611 1854 2053 it (gig,h) vg sir (ph,h) cop (sa) al) e porque explica melhor a origem das demais formas. A adição de *ὁ ἐρχόμενος ὅτι* (051 1006 dezesseis manuscritos minúsculos vg (mss) e o Textus Receptus) é uma típica adição bizantina, em imitação à tripartite expressão de 1:4,8; cf. 4:8. A forma *καὶ ὅτι*, embora apoiada por p<sup>47</sup> N<sup>o</sup> C 2344 cop (bo(ms) ara, força a sintaxe e parece ser um equívoco escribal.

11:17: dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, a que eras, porque fizas tomando a teu grande poder, o começo a reinar.

«...Graças te damos...» (Quanto à nota geral sobre as «ações de graças», ver I Tes. 5:18). As cenas celestes similares e anteriores apresentam os seres celestes prestando ações de graças por grande variedade de motivos. (Comparar com Apo. 4:9, 11 e 5:9—sem a palavra «graças». Ver também Apo. 7:11 e 19:7). Neste ponto são dadas ações de graças porque Deus é Todo-poderoso, e porque seu poder ilimitado é posto em ação para pôr fim ao reinado do mal, levando os benefícios do reinado de Cristo à criação inteira. Também há ações de graças implícitas no próximo versículo: é bom que os ímpios sejam julgados, que a justiça seja feita, que os bons sejam galardoados, que o mal seja punido—tudo isso é motivo de ações de graças. Em tudo isso deve estar envolvido o «poder» de Deus. O mais elevado «poder», portanto, também é o bem «supremo», em contraste com a idéia dos gregos antigos da divindade, cujos deuses estavam minados pelas fraquezas e maldades humanas, a par com algumas virtudes, e tudo exageradamente em relação às qualidades humanas.

«...Senhor Deus...» Deus é o Senhor de tudo, pelo que ele governa com justiça e faz intervenção na história cósmica e humana. O senhorio de Deus é normalmente exercido através de Cristo. (Ver Rom. 1:4, em suas notas expositivas, sobre a verdade do «senhorio de Cristo». Quanto ao fato que Deus é o «Todo-poderoso», ver também Apo. 1:8 e 4:8, onde as notas expositivas são muito úteis quanto a esse particular).

«...todo-poderoso...» Isso também é dito acerca de Deus em Apo. 1:8 e 4:8. O N.T. equipara com justiça o poder mais elevado ao bem supremo; de outro modo, o Senhor Deus seria um monstro de maldade imprevisível. Os deuses gregos com frequência eram considerados todo-poderosos. O poder absoluto, todavia, é atribuído nas Escrituras unicamente a Deus, mas sem que isso contradiga sua bondade absoluta. É que não pode haver qualquer contradição nos atributos de Deus, e nem podemos lançar alguns desses atributos contra outros. (Quanto a Deus como «todo-poderoso» ver também Gên. 17:1; 28:3; 35:11; Exo. 6:3; Núm. 24:4,16; Rute 1:20,21; Jó 5:17; 6:4; 8:3; 11:7; 13:3; 15:25; 22:3,17; 37:23; 40:2; Sal. 68:14; Isa. 13:6; Eze. 1:24; 10:5; II Cor. 6:18. E, neste livro de Apocalipse, ver Apo. 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7, 14; 19:15 e 21:22).

«...que és e que eras...» Essa declaração também é feita em Apo. 1:4,8 e 4:8; e nesta última referência há a adição «e que há de vir». Há notas expositivas sobre a expressão aqui usada em Apo. 1:4,8. Alguns manuscritos também contam com a adição de «e que há de vir», neste versículo, mas isso equivocadamente.

«...porque assumiste...» Essa onipotência de Deus tem uma expressão particular, isto é, a tomada do poder para reinar, e isso sobre a terra e sobre

a criação inteira. Deus tem permitido que o pecado tenha livre curso; o livre-arbítrio foi necessariamente conferido aos homens e a outros seres inteligentes, a fim de que, por esse modo, pudessem buscar o poder maior da participação nos atributos e na natureza divina, porquanto Deus é o alvo mesmo de toda a existência. (Ver I Cor. 8:6 e II Ped. 1:4 acerca desse conceito. Ver Efê. 3:19 e Col. 2:10 acerca de como os remidos possuirão a «plenitude de Deus»). No entanto, os seres inteligentes têm abusado desse grande privilégio e oportunidade. Deus não os trouxe de volta todos ao mesmo tempo. Antes, tem permitido que o processo histórico ensine aos homens algumas lições amargas, que levam à agonia. Dessa maneira é que o Senhor tem treinado o livre-arbítrio dos homens para que, uma vez mais, prefiram ao bem, por ser bom e por ser benéfico para eles. E assim haverão de agir como Deus age; e, persistindo nesse curso, vão sendo transformados e espiritualizados em sua própria natureza, de modo a virem a participar do próprio tipo de vida que Deus tem (ver João 5:25,26). Não é motivo de pequeno louvor, portanto, que, neste ponto, os seres angelicais expressem seu—agradecimento, porque vêem que os propósitos de Deus, que é o «mistério de Deus» (ver Apo. 10:7 e suas respectivas notas expositivas), estão sendo cumpridos. Isso é boas-novas para todo o homem, todo ser inteligente.

\*\*\*

Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:

1. «A expressão 'Senhor Deus' é considerada por Filo (comentando sobre Gên. 7:6) como especialmente aplicável a períodos de julgamento». (Moffatt, in loc.).

2. «Nosso Senhor ensinou-nos a orar: 'Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como nos céus'. Todos os exércitos celestes estão aguardando hoje em dia pelo toque da sétima trombeta, com grande intensidade de desejo e anelo pelo seu cumprimento, como dificilmente podemos imaginar... Novamente eles se dirigem a Deus em seu nome totalmente revelado, 'Adonai-Elohim-Shaddai, que és e que eras', e não mais acrescentando 'e que virás'. Esse ato de assumir o grande poder e de passar a 'reinar' por fim à grande noite de mistério, quando, em meio a imensas provações, a 'fé' se manteve segura ao 'que virás'. Agora isso já terá sucedido, os céus terão subido para um novo estágio de bênção! Nosso Deus, que é e que era, 'está reinando', finalmente! Ele assumiu o seu grande poder» (Newell, in loc.).

**Variante Textual:** As palavras «que é e que era», são acrescentadas as palavras «e que há de vir», nos mss 061, 1006 e em dezesseis manuscritos minúsculos que conhecemos, além de alguns manuscritos da Vulgata latina. Essas palavras vieram a ser incorporadas no Textus Receptus. Mas os mss P(47), Aleph, CP e vários manuscritos minúsculos, além do Cop(za), da Vg (maioria dos mss) e do Sl(ph,h) omitem essas palavras. Não são autênticas neste ponto, mas foram adicionadas para estabelecer harmonia com os trechos de Apo. 1:4,8 e 4:8.

18 καὶ τὰ ἔθνη ὠργίσθησαν, καὶ ἦλθεν ἡ ὀργὴ σου καὶ ὁ καιρὸς τῶν νεκρῶν κριθῆναι καὶ δοῦναι τὸν μισθὸν τοῖς δούλοις σου τοῖς προφήταις καὶ τοῖς ἁγίοις καὶ τοῖς φοβουμένοις τὸ ὄνομα σου, τοὺς μικροὺς καὶ τοὺς μεγάλους, καὶ διαφθεῖραι τοὺς διαφθειρόντας τὴν γῆν.

18 τὰ ἔθνη ὠργίσθησαν Ps 2:1; 48:8

τοῖς δούλοις...προφῆταις De 9:8, 10; Am 3:7; Zeb 1:8

τοῖς φοβουμένοις...μεγάλους Ps 116:13; Ra 18:8

18 τοὺς μικροὺς κ. τ. μεγ.] τοὺς -ρους κ. τοὺς -λους p<sup>47</sup>KAC 2329; R

A forma *τοὺς μικροὺς καὶ τοὺς μεγάλους*, que é fortemente apoiada por p<sup>47</sup> N<sup>o</sup> A C 2321 2322 2329 2344 2351, é preferível à forma mais fácil *τοῖς μικροῖς καὶ τοῖς μεγάλους* (N<sup>o</sup> P 046 quase todos os minúsculos).

11:18: *hanc-ec, ou verdade, os anjos; então veio a tua ira, e o tempo do sermão julgados os ímpios, e o tempo da tua recompensa aos teus servos, os profetas, e aos santos, e aos que tomam o teu nome, a nação e o grande, e o tempo da destruição os que destroem a terra.*

«...nações se enfureceram...» Há aqui uma evidente alusão ao segundo salmo. As nações rilharão os dentes contra Deus e contra o seu Ungido. O vidente João se utiliza dessa idéia, primeiramente de maneira histórica, em relação aos ataques do império romano contra a igreja; e então, profeticamente, acerca dos assédios do anticristo contra a igreja, ao tempo

da Grande Tribulação. As nações rebeldes enlouquecerão completamente, sob o domínio do anticristo, porquanto se enfurecerão contra tudo quanto é bom e decente.

«...chegou, porém, a tua ira...» A «ira» vem primeiro, na segunda metade da tribulação, mediante diversos julgos, especialmente os das «nações» (capítulos quinze e dezesseis). Além disso, a sua «ira» se manifesta no juízo das nações (ver Mat. 25:31 e ss.): o juízo do «hades», e; finalmente, no juízo do lago do fogo (ver Apo. 20:10 e ss.). (Quanto à nota geral sobre a «ira de Deus», ver Col. 3:6). A «ira» de Deus não aponta para alguma



emoção violenta da parte do Senhor; antes, é um termo técnico que indica «juízo ou julgamento». (Ver Apo. 14:11, em suas notas expositivas, sobre o «juízo».)

«...tempo determinado para serem julgados os mortos...» É doutrina antiga que os «mortos» não deixam de existir por terem «morrido fisicamente», porquanto a morte não extingue. Após a morte, todos têm de enfrentar a retribuição às suas obras, sejam elas boas ou más. (Ver Rom. 2:6). Isso se aplica até mesmo aos crentes (ver II Cor. 5:10). Há uma lei universal da colheita segundo a semeadura, que sob hipótese alguma pode ser alterada (ver Gál. 6:7,8). Qualquer coisa menos do que isso seria uma zombaria contra Deus. Os homens têm de pagar suas dívidas. Não obstante o juízo é restaurador e disciplinador, até onde isso agrada a Deus. Ver I Ped. 4:6.

«...galardão...» O tema das «recompensas» e das «coroas» já foi amplamente comentado noutras passagens. (Quanto ao primeiro desses temas, ver I Cor. 3:14; e quanto ao último, ver II Tim. 4:8). Os «galardões» não consistirão principalmente das «coisas que obtemos», conforme o tema tem sido materialisticamente mal interpretado. Consiste essencialmente daquilo em que nos «tornaremos», a medida de nossa transformação segundo a imagem e a natureza de Cristo, de modo a vírmos a ser-lhe espiritualmente úteis, como seres espirituais elevados. Assim é que lançaremos as nossas coroas «aos seus pés», o que é simbolizado pelo ato dos anciãos, em Apo. 4:10. «Galardão» é termo usado para exprimir a «extensão de nossa participação na plenitude de Deus» — sua natureza e atributos (ver Col. 2:10 e Efê. 3:10). Quanto maior for a nossa participação nessa plenitude, mais poderemos servi-lo. Não há limite na participação nessa «plenitude», pelo que será uma busca eterna. Já que há uma infinidade pela qual seremos cheios, haverá um enchimento infinito. As «coroas» são aspectos de como participamos da plenitude de Deus. Assim, a «coroa da vida» é uma maior participação na forma de vida de Deus (ver João 5:25,26 e 6:57). A «coroa da justiça» é a elevada obtenção da santidade de Deus, em que nossa natureza moral será santificada. Detalhes desse conceito de «galardões» e de «coroas» podem ser examinados nas referências dadas acima. Em suma, estamos destinados a tornar-nos tudo quanto Cristo é, bem como a possuir tudo quanto ele possui (ver Rom. 8:17,29). Será um processo eterno, mas sempre crescente, pois Cristo será «tudo para todos» (ver Efê. 1:23). Ele possui a plenitude de Deus em grau infinito (ver Col. 2:9), pelo que sempre haverá diferença entre o Filho e os filhos, no tocante à participação na plenitude de Deus. Mas essa «extensão» poderá sempre ir diminuindo, através do crescimento espiritual. Esse crescimento nos elevará muito acima dos mais elevados arcanjos, em poder, inteligência e glória, porquanto eles nunca serão «filhos».

«...aos seus servos, os profetas...» O vidente João, neste ponto, fornece uma lista detalhada dos tipos de homens que receberão o «galardão». Serão os «escravos», que são os «profetas»; e também os «santos», ou seja, os que temem a Deus. E esses serão tanto «pequenos» como «grandes». Naturalmente, essa lista justapõe entre si as categorias. O vidente João gostava de fazer essas listas para falar de «universalidade». (Isso pode ser visto no nono versículo deste capítulo). Ao falar da humanidade, universalmente, ele alista «povos, tribos, línguas e nações».

«...servos, os profetas...» Somente um grupo está aqui em pauta. O termo aqui traduzido por «servo» ficaria melhor traduzido por «escravo», pois essa é a idéia aqui localizada. Isso nos ensina que os verdadeiros profetas de Deus são pessoas totalmente dedicadas à vontade do Senhor, para que façam o que ele quer, é assim retratada a atitude de total dedicação. (Isso é comentado em Rom. 1:1). No livro de Apocalipse, o termo «escravo» é usado em sentido espiritual em Apo. 1:1; 2:20; 7:3 e 10:7, onde temos expressão igual à que encontramos neste ponto — «escravos, os profetas», onde também essa expressão é comentada. Nos trechos de Apo. 19:2,5 e 22:3,6 novamente o vocábulo «escravo» é empregado em sentido espiritual. Provavelmente, todos os «profetas» de Deus, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, estão em foco aqui. São indivíduos totalmente dedicados a cumprir a vontade de Deus; passam suas vidas em uma completa dedicação, por amor ao bem, a Deus e a Jesus Cristo, o Filho de Deus. Por essa razão é que receberão grandes galardões.

«...santos...» Essa é uma designação muito comum para os «crentes», que dá a entender o fato que são «separados» e «consagrados» em sua natureza. Esses tornaram-se um povo peculiar, libertos das concupiscências mundanas, dedicados a uma causa justa. (Em Rom. 1:7 há notas expositivas completas sobre os crentes, na qualidade de «santos». Ver notas adicionais sobre isso, em Col. 1:12). Os opositos dos santos, que são os «ímpios», «rebelde», «perversos», sofrerão a ira de Deus, ao invés de receberem galardões. Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). Não há tal coisa como salvação sem santidade, e essa transmitida ao homem, e não meramente reconhecida forensicamente. (Ver as notas expositivas sobre isso, em II Tes. 2:13 e Rom. 6:22). É somente quando somos «libertos do pecado», que podemos esperar a vida eterna. O evangelho tem o seu imperativo moral. É mister que produza uma santidade genuína, pois, de outra maneira, nenhuma experiência real de conversão terá tido lugar. A santificação deve seguir-se à conversão, porquanto é o

resultado natural desta última. (Ver I Tes. 4:3 quanto à nota de sumário acerca da «santificação».)

«...assim aos pequenos como aos grandes...» Porque o evangelho atinge a todas as classes sociais: os ricos e os pobres; os nobres e os humildes; os famosos e os desconhecidos. Até mesmo os menores receberão seu «galardão», já que a posição obtida neste mundo não fará parte do quadro e nem terá importância alguma. Em algumas outras conexões, o vidente João se utiliza dessa mesma expressão. (Ver Apo. 13:16; 19:5,18 e 20:12). O pano de fundo, no A.T., parece ser Sal. 115:13.

«...aos que temem o seu nome...» Isso envolve uma grande e geral categoria, que sem dúvida incluirá todos os crentes, porque ninguém ter-se-á convertido, sob hipótese alguma, se não tiver «temor a Deus», que é o princípio da sabedoria. Essa idéia também é aproveitada do trecho de Sal. 115:13, embora se trate de uma idéia extremamente comum, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. (Quanto ao A.T., esse conceito pode ser encontrado em Gên. 20:11; 42:17; Exo. 18:21; Lev. 19:14; 25:35,43; Deut. 6:2,13,24; 10:12; 31:12; Sal. 2:11; 22:23; 36:1; Pro. 1:7; 3:7; Ecl. 12:13. Quanto ao N.T., ver Mat. 10:26 e ss.; Luc. 18:4; Atos 13:16; Rom. 3:18; II Cor. 7:1; I Ped. 2:17; Apo. 14:7 e 15:4). O indivíduo que não tem temor a Deus, dificilmente temerá ao homem, não respeitando nem as leis humanas e nem as divinas. No original grego, esse vocábulo, «temer», pode significar «respeito reverente», mas com freqüência inclui a idéia de temor genuíno a Deus, o grande Soberano e Juiz de toda a humanidade.

«...e para destruíres os que destroem a terra...» A «ira» de Deus, que já foi mencionada, fará exatamente isso. Deus destruirá aos destruidores. (Ver I Cor. 3:16 e ss.). A expressão aparentemente foi tomada por empréstimo de Jer. 51:52). Por igual modo, em Apo. 19:2, os «justos juízos» de Deus serão descarregados contra a grande metetriz, que corrompia a terra. Indivíduos perversos e violentos destroem os corpos e as almas de seus semelhantes. Quando o Apocalipse foi escrito, muitos cristãos estavam morrendo às mãos do imperador Domício. No futuro, isso será grandemente intensificado, quando o anticristo promover a mais temível de todas as perseguições religiosas que o mundo já conheceu. Mas todos os «destruidores» serão «destruídos». Isto é, julgados e condenados, o que tranca o homem fora de seu correto destino, tornando-lhe impossível a obtenção da glória de Deus. A destruição física está aqui em foco em primeiro plano, porquanto a grande tribulação destruirá os corpos dos ímpios; mas o «juízo» espiritual — também está em foco, já que isso faz parte da concretização da «ira de Deus».

Quintuplo resultado do fato que Deus assumirá o seu grande poder:

1. As nações se enfurecerão contra Deus, procurando fazer-lhe oposição, já que haverá de querer romper o seu domínio sobre elas. (Ver Sal. 2 e 83; Joel 3:9-13; Zac. 14:2-4). Os homens caldos odeiam a Deus e à bondade. Também haverão de lançar-se contra os discípulos de Cristo. Consideremos a perseguição movida contra a própria pessoa de Cristo. Seus discípulos não serão melhor tratados (ver João 15:18 e ss.).

2. O poder de Deus fará descer a «ira», primeiramente contra os homens físicos, e então, quando do julgamento das almas. Nações e indivíduos tornar-se-ão oficialmente inimigos de Deus ou «ateus», com as conseqüentes perversões morais e blasfêmias. O poder de Deus desferirá contra tais coisas a sua ira.

3. O poder de Deus fará vir o «juízo» contra todos, bons, maus, crentes e incrédulos.

4. O poder de Deus dispensará os «galardões» apropriados.

5. O poder de Deus «destruirá» aos «destruidores», física e espiritualmente falando. Consideremos o gênio dos homens, na invenção de mecanismos de destruição, que são imediatamente empregados para «destruir», para causar sofrimento humano, ao invés de beneficiar aos homens. Não existe cura natural para a natureza destrutiva dos homens. Todos os dias, os jornais e o movimento histórico servem de confirmação de que o «destruidor» é o homem. Deus fará intervenção em tudo isso, quando ele assumir seu poder e passar a reinar. Quão tremendamente maligna é a alma humana sem Deus. Contudo, o bem haverá de prevalecer, finalmente. Nossas almas descansam sobre essa esperança.

Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:

1. As «questões finais» estão nas mãos de Deus; se assim não fora, nosso mundo seria horrível e sem esperança. No momento presente, entretanto, devido à intensa maldade dos homens, a glória do Senhor se afastou para longe:

O morcego e a coruja ali habitam;

A serpente aninha-se no altar de pedras;

Os vasos sagrados se emboloram próximo;

A imagem de Deus se foi! (Matthew Arnold)

2. Todos os itens enumerados neste versículo fazem parte do significado do juízo da sétima trombeta.

3. «A alegria não vem apenas por causa da... bênção; também há júbilo ante a queda daqueles que destroem a terra. O reinado do mal provoca a destruição da terra. Os juízos divinos não servem meramente para fazer estacar a propagação dos poderes e princípios destrutivos. As ternas misericórdias dos ímpios são crueldade; os próprios juízos divinos são misericórdias» (Carpenter, in loc.).

19 καὶ ἡνοίγη ὁ ναὸς τοῦ θεοῦ ὁ ἐν τῷ οὐρανῷ<sup>3</sup>, καὶ ὤφθη ἡ κιβωτὸς τῆς διαθήκης αὐτοῦ ἐν τῷ ναῷ αὐτοῦ· καὶ ἐγένοντο ἀστραπαὶ καὶ φωναὶ καὶ βρονταὶ καὶ σεισμός· καὶ χάλαζα μεγάλη.

<sup>1</sup> 19 [C] ὁ ἐν τῷ οὐρανῷ A C 1008 1828 2020 2073 1474<sup>4</sup> cop<sup>ms</sup> arm elh  
Virtorinus-Peltau Andrew<sup>5</sup> ὁ ἐν τῷ οὐρανῷ<sup>6</sup> M<sup>1</sup> N<sup>1</sup> 846 081 1 98 1011 1834

<sup>19</sup> ὁ οὐρανὸς ἀνοίγεται 1 Km 8.1, 8; 1 Chr 6.7

ἀστραπαὶ...σεισμός Bx 10.16; Est 1.1d 1xx; Esa 1.13; Re 8.5; 10.18

χάλαζα μεγάλη Ex 9.24; Re 16.21

1859 2043 2053 2065 2081 2124 2344 2432 1474<sup>4</sup> arm elh<sup>4</sup> vg syriac<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup>  
Tyconius Andrew<sup>5</sup> Arethas ὁ ἐν τῷ οὐρανῷ<sup>6</sup>

Por um lado, a forma com o artigo é apoiada por evidência externa superior (A C cerca de 30 manuscritos minúsculos, incluindo 1006 1828 2020 2073 it (gig,h) cop (bo) ara eti al); por outro lado, porém, já que parece ser uma correção gramatical, a

forma  $\epsilon\nu\ \tau\omega\ \omicron\upsilon\rho\alpha\nu\omega$  ( $\varphi^{47}$  N P 046 051 maioria dos minúsculos  $\alpha$ ) pode parecer preferível. Em face do peso da evidência externa, a maioria da comissão preferiu a forma com o artigo definido, e explicou sua ausência, em outros manuscritos, como resultado de descuido de cópia.

11:19: *Abriu-se e santuário de Deus que está no céu, e na sua santuário foi vista a arca do seu pacto; e houve relâmpagos, trovões e terremotos, e grande saraivada.*

...*abriu-se... o santuário de Deus...* Os comentários rabínicos sobre o A.T., como também trechos bíblicos como Êxo. 25:9,40 e Núm. 8:4, e, no N.T., Heb. 8:5 e 9:22, além das várias cenas sobre o «átrio» ou o «altar», neste livro de Apocalipse (capítulos quarto, quinto, sétimo e o presente versículo), têm sido reputados como evidências, por alguns intérpretes, de que há um «templo literal» nos céus, com os objetos originais que serviram de modelo para o altar, o santuário, etc., do templo terrestre. Supostamente, pois, esses «objetos» foram apenas «copiados» no templo terrestre. Mas isso é um absurdo literalismo. Antes, o templo sobre a terra incorpora «princípios espirituais e celestes», de modo «típico», e não literalmente, como que em «imitação a objetos literais». Por exemplo, Deus governa; é soberano. Isso é dito de modo simbólico: «Deus se assenta em seu trono». Há o «princípio» de aceitação por Deus, mediante oração e sacrifício; e esse ideal espiritual é tipificado no uso dos símbolos dos «altares» — do sacrifício e do incenso; e é bem absurdo imaginar dois altares, objetos literais de alguma sorte, em algum «edifício» existente nos céus. (Ver as notas expositivas sobre Heb. 8:5 e 9:22, onde há explicações sobre essas idéias que dizem respeito ao «templo celeste»). Por que as realidades espirituais teriam de ser materializadas? Por que se pensaria que um livro eminentemente «místico», como é o Apocalipse, não usaria símbolos místicos? Esses símbolos falam de realidades espirituais, atitudes e operações espirituais, e não de «objetos físicos».

...*santuário...* Nesse caso, devemos entender o Santo dos Santos, o que indica, simbolicamente, a presença mesma de Deus. (Ver Heb. 10:19). Temos a ousadia de entrar no Santo dos Santos celeste por meio do sangue de Jesus. Isso fala do «acesso» a Deus por meio de Cristo, e não da entrada em algum cômodo especial, onde Deus se acha sentado em algum trono. Esse «acesso» é a tudo quanto Deus é e possui, fazendo-nos participar de sua própria natureza (ver II Ped. 1:4) e de sua plenitude (ver Efê. 3:19 e Col. 2:10). No presente versículo, deve estar em foco o «Santo dos Santos», porquanto ali foi vista a «arca», e essa era uma peça do mobiliário localizada no Santo dos Santos do templo terrestre.

...*céu...* Usualmente, nos escritos judaicos, a palavra aparece no plural, «céus», ou «lugares celestiais» (conforme Paulo os chama). (Ver Efê. 1:3 quanto a notas expositivas completas a esse respeito). No livro de Apocalipse, porém, o plural é empregado apenas uma vez, e isso em uma citação de outro livro (ver Apo. 12:22). Cremos que os «céus» se compõem de muitas esferas ou níveis celestiais. Os judeus falavam em «sete» desses níveis; mas isso também reflete o uso de uma linguagem simbólica ou mística. Há muitas «dimensões» ou «reinos» da existência espiritual, tal como o templo terrestre se compunha de «muitos compartimentos»; mas o templo, com todos os seus compartimentos, constituía a «casa de Deus», a sua habitação. Todavia, nem todos esses compartimentos tinham o mesmo grau de glória. (Ver II Cor. 12:2, em suas notas expositivas, quanto ao «terceiro céu», conceito esse vinculado à ideia da multiplicidade dos céus).

...*arca...* Aqueles estudiosos que não querem ver a igreja no Apocalipse, após o seu terceiro capítulo, encorajam-nos a crer que a «arca» não pode ter qualquer significado para os cristãos; assim sendo, «judeus» e questões judaicas seriam a matéria desse livro, sobretudo em qualquer passagem que mencione a «arca». O trecho de Heb. 13:10, porém, mostra que isso é falso. Pois para os crentes há um «altar»; portanto, por que não uma «arca»? Ambos são objetos que apareciam no antigo templo. Aproximamo-nos do «trono de Deus»; e ele é retratado como quem está no «Santo dos Santos». Por que a «arca» não se aplicaria a nós? O nono capítulo da epístola aos Hebreus alista os vários artigos existentes no templo, incluindo a arca. E ali o autor sagrado espiritualiza cada um daqueles itens, a fim de que todos eles tenham certa relação para com os crentes cristãos. Tudo quanto o antigo templo tinha e era, simbolizava algo do que Cristo faz em favor dos homens que nele confiam. Os capítulos nono e décimo da epístola aos Hebreus deixam isso perfeitamente claro.

*Simbolismo da arca.* Era chamada de «arca do Senhor», «arca de Deus» ou «arca da aliança do Senhor» (ver Deut. 10:8). Era uma caixa retangular, feita de madeira de acácia, com as seguintes dimensões: 2-1/2 x 1-1/2 x 1-1/2 côvados, isto é, 1,40 m x 0,75 m x 0,75 m. Era coberta de ouro, e era transportada por meio de varas inseridas em anéis existentes em seus quatro cantos. Sua tampa se chamava «propiciatório», porquanto ali era derramado o sangue trazido do animal sacrificado. Essa tampa era de ouro sólido, circundada por estátuas de querubins, com asas abertas. Era usada como um receptáculo das duas tábuas do decálogo (ver Êxo. 25:16, 21 e Deut. 10:1-5), do pote de maná e da vara de Aarão que floresceu (ver Heb. 9:4,5). Era o lugar onde Deus vinha encontrar-se com os homens, a fim de revelar sua vontade (ver Êxo. 25:22; 30:36; Lev. 16:2 e Jos. 7:6). Era o símbolo da presença divina, da aceitação do sacrifício, o que cobria a lei, que exigia castigo por causa do pecado. Era símbolo do sacrifício, o que cobria a lei, que exigia castigo por causa do pecado. Era símbolo da aceitação da parte de Deus, mediante o «pacto», que, nesse caso, era o da «lei». Mas, no sentido cristão, o pacto da graça, a aliança eterna por meio de Cristo, é que está em foco. Dessa maneira, pois, somos aceitos por Deus.

Na presente passagem, vemos, por conseguinte, que Deus está prestes a confirmar a sua «aliança» com a humanidade, por meio da agência de Cristo, quando o seu reino estava prestes a ser instaurado. A terra inteira poderá ver essa grande verdade, pois o «céu» será «aberto». Mas isso não sucederá senão em meio a grande agonia, pois os homens só aprendem

lentamente e com dificuldade acerca das vantagens do pacto de Deus. Por isso é que temos aqui relâmpagos, trovões e um terremoto, ou seja, muitos julgzos que pressionarão aos homens, para que reconheçam a provisão divina.

*A sorte da arca terrena.* Originalmente ela ficava no tabernáculo. Posteriormente, foi transportada para o templo de Salomão. Ninguém sabe o que lhe sucedeu. Desapareceu quando os babilônios tomaram Jerusalém, em 586 A.C. O fragmento preservado em Jer. 3:16-18 proíbe, em nome de Yahweh, qualquer esperança de restauração no segundo templo, pelo que deveria estar irremediavelmente perdida naquele tempo. Há uma lenda que diz que Jeremias a ocultou em uma caverna que servia de habitação, por ordem de Deus (ver II Macabeus 2:4-8 e Resto das Palavras de Jeremias 3:8). Mas essa tradição é claramente mitológica. II Baruc vi.5-10 e Ixx.2 encerram a mesma narrativa apócrifa. Josefo, *Antiq.* xviii.4.1 também menciona esse mito.

...*relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada...* Em Apo. 4:5 lê-se acerca do «trovões» e «vozes»; e isso também se verifica na cena celestial diante do trono, na porção introdutória da abertura dos «selos», tal como aqui temos a introdução à concretização da sétima trombeta. O trecho de Apo. 8:5 fala em «vozes, trovões, relâmpagos e terremotos», isto é, tudo quanto vemos aqui, exceto a «saraivada». Ali temos a introdução ao sétimo selo, ou às trombetas. Apo. 16:18 é passagem que fala em «vozes, trovões, relâmpagos e terremotos», mas não em «saraivada». Ali se introduz o juízo da sétima taça. Apo. 8:7 fala em grande «saraivada», o que também se percebe em Apo. 16:21; portanto, tanto o oitavo como o décimo sexto capítulos deste livro incluirão, finalmente, a «saraivada», nos julgzos ali enumerados, mas não na enumeração juntamente com os outros itens. É óbvio, pelo menos, que essas formas de juízo acompanham as revelações especiais de julgamentos severos contra a terra, tal como se vê na quinta e na sétima trombetas, e também no juízo da sétima taça. São artifícios literários para obter um efeito mais dramático. Esses julgamentos são medidas preliminares para a concretização dos julgzos constantes na sétima trombeta, e não equivalem aos mesmos. Não são o «terceiro ai». A sétima trombeta, em sua inteireza, é que é o «terceiro ai», conforme somos informados em Apo. 8:13. O décimo quinto versículo do presente capítulo procura identificar e explicar a sétima trombeta, em suas notas expositivas.

*Outras idéias sobre o décimo nono versículo:*

1. As promessas de Deus não foram esquecidas. Não importa quão severos venham a tornar-se os tempos, a arca celestial continua a mostrar que há esperança para nós. Mas suas promessas envolvem «condições morais». Portanto, o homem precisa aprender por meio de experiências amargas, para que dê atenção às condições divinas e as cumpra.

2. Deus está agindo por meio de julgzos, desde o seu templo, visando à restauração, tanto de seu pacto com Israel quanto com toda a humanidade. «Eis que faço uma aliança; diante de todo o teu povo farei maravilhas que nunca se fizeram em toda a terra, nem entre nação alguma; de maneira que todo este povo, em cujo meio tu estás, veja a obra do Senhor; porque coisa terrível é o que faço contigo» (Êxo. 34:10).

3. Notemos que esta versículo subentende a posição do «telamo». Deus age em seu céu, e os resultados são sentidos na terra. O que Deus faz no céu provoca «intervenções» na terra. O telamo presume que não somente há um Criador, mas que ele continua a ter relações com sua criação, que suas criaturas intaligentes são moralmente responsáveis, e isso diretamente a ele; e que ele faz intervenção neste mundo, galardando ou punindo aos homens. O «telamo», em contraste com isso, pensa que o criador «divorciou-se» de seu universo, pois apesar de professar crença na existência de algum poder supremo, supõe que esse poder deixou que as leis naturais governassem este mundo, sem que ele mesmo nunca faça intervenção, e, portanto, sem nunca galardar ou castigar. (Ver as notas expositivas em Ato 17:27 quanto a diversas idéias filosóficas e teológicas acerca da «natureza de Deus» e seu relacionamento com os homens).

4. Esta passagem reflete a crença querida dos judeus de que, algum dia (especialmente nos últimos dias), a arca da aliança seria restaurada. Ao invés desse acontecimento, entretanto, o vidente João assegura-nos que a «realidade espiritual», simbolizada pela antiga arca — a aceitação diante de Deus, em uma relação de aliança, continua bem real até hoje, a despeito da ausência da arca física, neste mundo.

5. A arca original se perdeu após a destruição do templo de Jerusalém pelos caldeus (ver II Reis 25:10). O segundo templo não tinha arca. Mas o pacto de Deus com os homens permaneceu de pé.

6. A «artilharia dos céus» (vozes, relâmpagos, trovões, etc.) anuncia os horrores dos julgzos da grande tribulação. Mas não se olvida o Senhor Deus de seu pacto misericordioso.

7. Quanto a uma nota geral sobre a «aliança», ver Heb. 7:22. Ver acerca do «novo pacto», naquela referência e em I Cor. 11:25.

8. Este décimo nono versículo apresenta um outro terremoto. (Ver os cinco terremotos, aludidos no Apocalipse, nas notas expositivas sobre o décimo terceiro versículo).

9. Os antigos objetos e símbolos pereceram. Mas Cristo permanece sendo a lei em nossos corações (ver II Cor. 3:3). Ela é o novo Pão (ver João 6:48); seu cajado é um objeto que nos guia, disciplina e consola (ver o décimo capítulo do livro de João). Ele é o nosso «propiciatório», pois o seu sacrifício substituiu a todos os demais (ver Heb. 7:27,28). (Ver Heb. 9:4 quanto ao «pote de maná»; essa referência também fala sobre a «vara de Aarão», que floresceu; Heb. 9:3 comenta sobre o Santo dos Santos; e Heb. 9:23 comenta sobre os melhores sacrifícios do Novo Pacto).

10. Os intérpretes da escola histórica procuram encontrar nos elementos deste versículo pontos correspondentes na história passada, especialmente nas ocorrências da Reforma protestante; e isso só serve para obscurecer irremediavelmente a significação dessas predições apocalípticas, pois todas elas dizem respeito ao período futuro da tribulação.

*Variante Textual:* O grego literal, dos mss AC e de cerca de trinta manuscritos minúsculos que conhecemos, juntamente com o Italg(h), o

Cop(bo), o Ara e o Eti, diz «o templo de Deus, 'o' do céu». Mas o segundo artigo masculino é omitido pelos mss P(47), Alaph, P, 048, 061 e na maioria dos manuscritos minúsculos, onde se lê: «o templo de Deus, no céu». Essa

evidência está bem regularmente dividida, mas é provável que o artigo definido tenha sido omitido por descuido ou por simplificação feita por algum escriba.

### Capítulo 12

#### VIII. Visões dos Sete Personagens (12:1- 13:18)

O conflito entre o bem e o mal tem raízes cósmicas, e o capítulo à nossa frente, ao introduzir as suas sete personagens, ilustra exatamente isso. Outrossim, esse conflito não se originou na terra, e nem jamais se limitou somente a este mundo. O capítulo expande nossa visão, tanto acerca da natureza do conflito como acerca das questões envolvidas. O Antigo e o Novo Testamentos estão alicerçados sobre a pressuposição que o pecado e a desordem tiveram início no mundo espiritual, atingindo também o mundo físico. (Comparar isso com Isa. 24:22; Dan. 12; Efé. 1:3,10 e Luc. 10:18). A vitória final sobre o mal será tão cósmica como a penetração do caos na criação. Essa vitória terá de ser obtida a um preço horrendo, e sua concretização exige o conflito presente, do qual ninguém se pode eximir.

Esse conflito universal nos é exposto agora, no que tange ao período da tribulação. Sabemos que esse conflito é muitas vezes milenar, e os versículos sétimo em diante evidentemente nos fornecem um lampejo da própria origem do pecado, que deu início a essa luta. Toda a ênfase da narrativa sobre as sete personagens recai sobre o «fim próximo» do conflito, naquilo em que isso afeta aos seres inteligentes, sobretudo os homens, durante o período da tribulação.

O terceiro ai, que é o juízo da «sétima trombeta», referido em Apo. 11:15 e ss., alerta-nos para o fato que o fim do poder de Satanás está próximo. Pois os juízos do «terceiro ai» inaugurarão o reino de Deus e de seu Cristo, e será estabelecida a retidão universal. Porém, antes que isso possa suceder, Satanás intensificará o conflito. Assim é que ele perseguirá a Israel (a mulher) e intensificará a sua maléfica atuação à face da terra, porquanto já não contará mais com lugar garantido nos céus. Fará surgirem em cena ao seu falso cristo e ao seu falso profeta, agentes especiais do mal, preparados para os «últimos dias», e, de fato, para o período da tribulação, aquele tempo de imensas agonias na terra inteira, que não envolverão apenas a nação de Israel. Os capítulos doze e treze deste livro descrevem o conflito que será produzido pela intensificação das atividades satânicas. Esses capítulos fornecem-nos um quadro sobre a posição central da nação de Israel, dentro dos propósitos de Deus. Mas a «descendência» da mulher (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo) certamente inclui a igreja cristã, pois o cristianismo se originou de Israel, já que a «salvação» provém dos judeus (ver João 4:22). Outrossim, a perseguição contra o menino, que é Cristo, subentende, igualmente, a perseguição contra o seu corpo místico, a igreja, porquanto tudo quanto suceda com Jesus Cristo, necessariamente terá de acontecer, por semelhante modo, com sua igreja.

Este capítulo contém algum colorido não-cristão, mitológico e astrológico, embora a tudo seja emprestado um sentido cristão e espiritual. A descrição sobre a mulher celestial, vestida de sol, com a lua sob seus pés e a coroa de doze estrelas, que são as doze constelações do zodíaco, é comparação às descrições sobre a deusa Isis, a rainha dos céus. Essas idéias não faziam parte da cultura judaica, mas penetraram no Apocalipse por meio de empréstimo de símbolos religiosos pagãos. O vidente João não hesitou em empregar tais figuras simbólicas, pois já o fizera antes, no Apocalipse. Ver a secção IV da introdução geral ao mesmo, intitulada, «Dependência Literária», onde se discute sobre as «fontes» dos símbolos usados no Apocalipse. Contudo, João não emprestou aos símbolos tomados por empréstimo os mesmos significados que tinham na cultura helenista, não-judaica. Faz deles símbolos distintamente cristãos e espirituais, e a vivacidade dos símbolos ajuda-o a transmitir sua mensagem vital e impressionante. Neste capítulo há outros símbolos similares, que iremos descrevendo à medida em que forem surgindo. Já dissemos o bastante, nesta introdução ao capítulo, para alertar ao leitor sobre o tipo de simbolismo empregado, que ele encontrará nos capítulos diante de nós, que tratam das sete personagens.

O âmbito do conflito, descrito neste décimo segundo capítulo, é como a fúria do dragão se intensificou diante do nascimento do Messias. Esforços serão duplicados e multiplicados por Satanás: em sua tentativa de desfechar um golpe mortal, tirando o Messias da criação. Mas os ataques de Satanás fracassam todos, e os seus assédios são anulados de tal modo que ele deixa de atacar ao Messias, fazendo voltar a sua ira contra os discípulos daquele. E nessa ira, conforme se vê por todo este livro de Apocalipse, Satanás é altamente sucedido, no aspecto da destruição física dos seguidores de Cristo, ainda que não possa prejudicá-los na sua vitalidade espiritual. Portanto, até mesmo esse ataque é fútil, pois os seguidores de Cristo não podem sofrer nenhum dano permanente, tal como sucedeu também ao seu Cabeça.

«Antes que o reino de Deus comece realmente, Satanás e seus agentes desfrutarão de um breve período, de três anos e meio, para governar. Isso é pintado nos capítulos doze e treze deste livro. De acordo com o esquema aqui seguido, esse período é dividido em sete episódios. Admitimos que essa divisão em sete aspectos pode parecer um tanto arbitraria; mas, visto que outras secções do Apocalipse também se dividem em sete partes, não é provável que João se tenha desviado do padrão normal neste particular». (Rist, *in loc.*)

As sete personagens, ou atores desse palco cósmico, são:

1. A mulher (ver Apo. 12:1,2).
2. Satanás (ver Apo. 12:3,4).
3. O menino (ver Apo. 12:3,4).
4. Miguel, o arcanjo (ver Apo. 12:7-17).
5. A descendência da mulher (ver Apo. 12:17).
6. A besta saída do mar (ver Apo. 13:1-10).
7. A besta saída da terra (ver Apo. 13:11-18).

#### 1. A Mulher (12:1,2)

12 Καὶ σημεῖον μέγα ὤφθη ἐν τῷ οὐρανῷ, γυνὴ περιβεβλημένη τὸν ἥλιον, καὶ ἡ σελήνη ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτῆς, καὶ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτῆς στέφανος ἀστέρων δώδεκα,\*

\* 1-2 a minor, e minor: Bov Net BF<sup>1</sup> ASV / a maior, e nove: (TR) AV RVB (NEB) (TT) 20<sup>a</sup> Luth Jer Seg / a minor, e maior: WH RV

12:1: É visto no grande sinal no céu: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça.

...Viu-se... (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 quanto a «tipos de visões»). As descrições e predições do vidente João têm base em suas visões místicas.

...grande sinal no céu... Os céus continuam sendo a fonte de importantes acontecimentos na terra. Isso expressa a posição do «telmo». Deus mantém o contacto com os homens, e não os abandona, conforme supõe erroneamente o «delsmo». (Quanto a outros usos da palavra «sinal» (no grego, «semeion»), ver Apo. 12:3; 15:1). Os trechos de Apo. 13:13,14; 16:14 e 19:20 dizem algo similar, embora empreguem um vocábulo grego diferente. O termo grego «semeion» era a palavra que comumente significava «sinal» ou «marca distintiva»; mas, nos evangelhos e no livro de Atos com freqüência é usado para indicar um «milagre didático», uma

«maravilha», cuja finalidade é a de convencer os homens acerca de alguma intervenção divina, ensinamento ou lição espiritual objetiva. (Ver as notas expositivas em João 20:30 acerca desse uso, e comparar também com Mat. 12:38,39 e 16:1,3). No presente texto, o «sinal» é uma «maravilha celestial visionária», que visa descrever algo do conflito cósmico entre o bem e o mal, para que possamos orientar melhor as nossas vidas contra o mal.

...uma mulher vestida do sol... É quase certo que o vidente João tomou por empréstimo o seu simbolismo da religião e da astrologia dos egípcios e dos gregos. O nascimento de Apolo foi retratado de modo similar a esta descrição, a qual fala sobre a primeira vinda do Messias. A deusa Leto, que levava um filho infante de Zeus, foi perseguida pelo dragão Fiton, por causa de uma predição que dizia que se ela tivesse um filho, este cresceria e, eventualmente, venceria àquele dragão. Mas, a fim de impedir isso, Zeus ordenou a Boreas, deus do norte, a levar Leto para Poseidon, dando-lhe refúgio em uma ilha, onde ela deu nascimento a Apolo. Depois disso, o



dragão foi para o Parnasso. Pouco tempo mais tarde, Apolo cumpriu a predição, matando o dragão.

O mito egípcio de Isis também concorda bem de perto com o simbolismo deste versículo e do contexto que se segue. (Ver Plut. *de Iside*, 51). Isis deve ser identificada com Virgo, uma constelação do zodíaco. Seu companheiro seria Osiris, o deus-sol. Sete-Tifom, pintado como um crocodilo vermelho do rio Nilo, conseguiu matar a Osiris, após o que pôs-se a perseguir Isis e seu filhinho, Horus, filho de Osiris. Mas Isis conseguiu escapar, ou em um bote de papiro, ou, em uma variação da história, mediante o emprego de grandes asas. Posteriormente, Horus vingou a morte de seu pai, derrotando a Sete-Tifom.

Inácio de Antioquia apresenta-nos uma espécie de «cena celestial de nascimento» do Messias, em sua epístola aos Efésios 19:1,2, que até certo ponto corresponde com as lendas que acabamos de narrar. Segundo aquela história, Jesus foi ocultado do príncipe deste mundo (Satanás) com o sol, a lua e as estrelas ao seu redor, formando um coro, juntamente com a própria «estrela» particular de Jesus (a estrela de Belém). Não é provável que Inácio tenha querido pintar algum nascimento «celestial» de Jesus, antes de seu nascimento terreno; antes, queria retratar seu nascimento na terra mediante figuras celestiais e cosmológicas. Por semelhante modo, o vidente João empregou notáveis símbolos de narrativas egípcias e gregas, a fim de descrever as circunstâncias do nascimento de Jesus, e o que isso significa para a criação inteira.

Objetos que acompanhavam a mulher. A deusa Isis era descrita como quem estava vestida de modo muito parecido com essa mulher celestial. Por cima da cabeça tinha um círculo rebrilhante que se assemelhava à lua; estrelas cobriam a superfície de suas vestes, estando a lua entre eles, fornecendo um grande jato de luz (ver Apuleius, *Metamorfoses* 11:3,4). Em algumas descrições, ela trazia estrelas nos cabelos, bem como uma coroa composta das doze constelações do zodíaco. Isso simbolizava o poder que ela teria sobre os destinos dos homens. O vidente João, pois, tomou por empréstimo essas descrições, com algumas modificações, para tornar o mais vividas possível as suas descrições.

Os intérpretes muito se têm esforçado por encontrar significação para cada item da descrição que temos neste ponto; mas isso serve somente para confundir o quadro, tornando difícil a identificação da própria «mulher». Observemos, primeiramente, os simbolismos possíveis dos itens secundários; e então observemos a identificação da figura principal, a mulher.

«...sol...» Talvez isso indique a revelação, o poder e a presença divina, operantes através da mulher, visando a salvação dos homens. (Ver Mal. 4:2 e Sal. 19). Alguns dizem que esse sol representa o próprio «Cristo», por ser ele o «Sol da Justiça» (Ver Mal. 4:2); e é bem possível que isso seja indiretamente tencionado. Mas o sol, neste ponto, é a glória do Senhor, que rebrilha por meio da mulher. (Ver essa espécie de simbolismo em Sal. 104:1,2).

«...lua...» A lua talvez aponte para a «natureza». Assim sendo, essa mulher tem poder sobre a natureza, no tocante à bondade de Deus para com os homens. Outros afirmam que a lua significa a «glória terrestre», a «luz do A.T.», a «igreja», as «forças turcas», etc. Muitos intérpretes defendem aqui a idéia de que isso representa a «igreja». Pois a lua é o refletor da luz do «sol». Não podemos ter certeza acerca desse símbolo. Talvez nada mais esteja em foco do que o fato que a mulher está revestida de grande poder cósmico, o que tende a conferir algum benefício, porque nela se concentra o propósito redimidor.

«...uma coroa de doze estrelas...» A mulher exerce controle sobre os destinos dos homens, conforme se pensava que isso sucedia às doze constelações do zodíaco. É possível que esse seja o simbolismo aqui tencionado, com propósitos remidores. Mas há outros que vêm nisso uma alusão aos doze patriarcas de Israel, às doze tribos de Israel, ou aos doze apóstolos. Mas esses são significados secundários, embora a idéia das «doze tribos» possa, realmente, fazer parte do quadro tencionado.

O simbolismo inteiro faz-nos lembrar, de qualquer modo, do sonho de José, historiado em Gên. 37:9, porquanto o sol, a lua e as estrelas lhe prestavam honrarias. Isso certamente fala da nação de Israel. Na seção de «outras idéias», apresentaremos um maior número de identificações desses símbolos.

#### Identificação da mulher celestial:

1. Alguns dizem que ela representa a virgem Maria. A descrição da perseguição movida por Satanás se harmonizaria parcialmente com isso; e as idéias de certo segmento da cristandade, que faz dela uma virtual «rainha dos céus», concordaria com a glória de seus trajes celestes. Porém, a maioria

dos intérpretes com razão repele essa interpretação. E essa rejeição é correta porque a perseguição movida por Satanás ultrapassa em muito ao ataque pessoal contra Maria. E nem se lembra jamais que houve qualquer tentativa da parte de Satanás em matar Maria, embora tenha tentado tirar a vida de seu filho infante.

2. A maioria dos bons intérpretes procura fazer essa mulher representar a «igreja» do N.T. Em favor dessa idéia, poder-se-ia salientar o fato que a igreja é retratada como uma «noiva», e, portanto, como uma mulher. Mas, contra essa idéia, deve-se frisar que é difícil ver como a igreja poderia ser a «mãe» de Cristo. Isso é respondido mediante a afirmativa que «Cristo nasce» em cada um de nós, mediante a experiência da conversão, de tal modo que «Cristo nasce no mundo» através da agência da igreja. Isso faz algum sentido; mas certamente há alguma explicação melhor. Alguns se apegam a esse ponto de vista, e fazem a «criança» representar a «companhia dos regenerados». Mas, nesse caso, mãe e criança tornar-se-iam uma mesma entidade, o que certamente seria um simbolismo estranho, e certamente impossível.

3. Ou então a mulher é a congregação do A.T., o Israel verdadeiro ou a nação de Israel, sem qualquer distinção entre verdadeiro e falso, entre espiritual e carnal. Alguns estudiosos pensam aqui na «igreja do Antigo e do Novo Testamentos», que é o «Israel espiritual», mas essa idéia fica sujeita às objeções apreendidas no segundo ponto acima.

4. Ainda pode-se pensar que nenhum «elemento terrestre» está em pauta, porquanto temos aqui uma «mulher celestial». Portanto, a figura seria inteiramente simbólica e mística, indicando os propósitos divinos que trouxeram Cristo a este mundo. Mas essa interpretação, apesar de bem apoiada pelo «quadro celestial» da mulher, não é igualmente bem apoiada pelo «quadro terrestre» dessa mulher. Pois ela é atacada e perseguida por Satanás. Além disso, ela tem «descendentes», que Satanás também persegue. Não é fácil vermos «propósitos» impositivos em tudo isso. Antes, há pessoas, envolvidas em tudo isso de alguma maneira.

O presente comentário pensa que essa «mulher» representa a «nação de Israel», como interpretação mais provável. Isso pelas razões aduzidas abaixo:

1. Essa é a interpretação sujeita ao menor número de objeções, não contendo a realidade, qualquer elemento autocontraditório, conforme sucede às demais interpretações.

2. A narrativa sobre as duas testemunhas, em «Jerusalém» (ver o décimo primeiro capítulo do Apocalipse), arma o palco para a descrição da posição central de Israel, dentro da missão remidora de Deus.

3. Os símbolos usados fazem-nos lembrar da nação de Israel, com base no sonho de José, em Gên. 37:9.

4. A grande glória de Israel (suas vestes celestiais) fala de como Deus elevou aquela nação para produzir o Messias, o redentor universal. Também aponta para a glória futura de Israel, como cabeça das nações, quando todas as promessas e propósitos de Deus estiverem cumpridos nela.

5. Os profetas descreveram a nação de Israel como quem sofria as dores do parto. (Ver Miq. 5:2,3; Isa. 9:6 e 7:14).

6. Israel deu nascimento a Cristo (ver Rom. 9; Miq. 5; Isa. 9:6 e Heb. 7:14).

7. O dragão, neste ponto, persegue Israel, tal como Faraó o fez na antiguidade (ver Exo. 1:15-22), e tal como os profetas proclamaram que Satanás ainda faria, por intermédio do anticristo, já nos últimos dias. (Ver Dan. 9, 11 e 12, e também o «tempo de angústia para Jacó», em Jer. 30:7).

\*\*\*

#### Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:

1. O cristianismo elevou a posição da mulher. Ela pode ser revestida de glória, não menos que o homem. (Ver o desenvolvimento desse tema nas notas expositivas sobre Gál. 3:28).

2. A maternidade pode ser um ato extremamente exaltado. O propósito redimidor operou por meio da maternidade.

3. Pode-se comparar isso com a «noiva» de Can. 6:10, que é descrita de modo bem parecido com esta «mulher». Mas ali a «igreja» está profeticamente em foco, o que não pode ser o caso no presente contexto, pelas razões dadas mais acima.

4. «O sol, a lua e as doze estrelas simbolizam Jacó, Lia, Raquel e os doze patriarcas, isto é, a congregação judaica. Em segundo lugar, simbolizam a «igreja universal», da qual o Cristo é o «Filho ideal», é o «descendente da mulher» (Faustet, *in loc.*, que expressa uma interpretação comum, mas que é passível das objeções salientadas na exposição do versículo). Por isso, alguns estudiosos pensam que essas «estrelas» são os ministros do evangelho. Mas certamente incorrem em erro.

2 καὶ ἐν γαστρὶ ἔχουσα, καὶ κράζει ὠδίνουσα καὶ βασανιζομένη τεκεῖν.

12 2 κράζει... ὠδίνουσα Is 66:7; Mt 4:10

2 ἔχουσα, καὶ κράζει p<sup>47</sup>RC 1006 2059a pc g b vg<sup>ms</sup> Ty<sup>c</sup>; R] ἔχουσα κράζει, (add καὶ A) P 046 051 x 82 161 x 2329 pl vg<sup>ms</sup> et

bo g

12 2: É estada grávida, gritava com as dores do parto, sofrendo tormentos para dar à luz.

Essa mulher é um sacrifício vivo, que sofre qualquer coisa para trazer o Messias ao mundo. A agonia da nação de Israel, para trazer o Messias ao mundo, a fim de que fosse remido, foi uma longa agonia; Israel chegou a enfrentar, por mais de uma vez, o perigo da total extinção, havendo contra ela guerras e deportações, tudo o que poderia ser visto como tentativas de Satanás para tirar do mundo a esperança messiânica. Esse simbolismo é usado acerca de Israel, nas páginas do A.T. (Ver Isa. 66:7,8). Israel deu nascimento ao Cristo (ver Rom. 9; Miq. 5; Isa. 9:6; Heb. 7:14; Mat. 1 e Luc. 2).

Os estudiosos que pensam que essa mulher representa a «igreja», vêem sua agonia para trazer Cristo ao mundo, levando-o a nascer entre a

humanidade. Mas essa interpretação é a menos provável de todas, conforme temos visto em nossos comentários sobre o versículo anterior, onde procuramos identificar a «mulher».

Alguns intérpretes explicam este versículo, naquilo que o mesmo fala de agonia, como se isso houvesse de trazer Cristo de volta ao mundo, para a concretização do reino. Na realidade, porém, isso não aponta para alguma idéia «futura». Antes, trata-se de Cristo, trazido à luz para propósitos remidores—sua encarnação e missão salvadora são aqui localizadas. Isso não contradiz, porém, seu ministério futuro, que consolidará e promoverá resultados maiores, por ter ele, de certa feita, nascido entre os homens. O quinto versículo deste capítulo alude ao aspecto «passado» de tudo isso, pois o «filho», uma vez nascido, pouco depois foi «arrebataado» para os céus, o que alude à ascensão de Cristo. Subseqüentemente, a mulher é perseguida, durante a tribulação. Portanto, nenhum «segundo advento» pode estar aqui

em pauta, como idéia central do simbolismo do «nascimento».

Este versículo não fala sobre as «perseguições aos cristãos», em qualquer época, conforme pensam alguns intérpretes. É verdade que essas

## 2. *Satanás* (12:3-4)

3 καὶ ὤφθη ἄλλο σημεῖον ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἰδοὺ δράκων μέγας πυρρός, ἔχων κεφαλὰς ἑπτὰ καὶ κέρατα δέκα καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτοῦ ἑπτὰ διαδήματα,

3 δράκων...δέκα Dn 7.7

3 πυρρος] πυρος C 046 I 82. 1006 1611 2059\* 2329 al sy

12:3: Via-se também outro sinal no céu; eis um grande dragão vermelho que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas;

...vermelho... Em visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 sobre os vários tipos de «visões místicas».)

...céu... (Ver as notas expositivas a seu respeito, no primeiro versículo deste capítulo.)

...sinal... (Ver também as notas expositivas sobre o primeiro versículo.)

...dragão... Nos quatro pontos abaixo, procuramos determinar sua identificação:

1. Não se refere às perseguições movidas por Nero ou Domiciano, e nem a quaisquer outras perseguições sofridas pela igreja cristã, conforme têm sugerido os intérpretes da escola histórica.

2. Também não se deve pensar sobre as perseguições que serão movidas pelo anticristo, como um ser humano.

3. Não há, por igual modo, alusão ao império romano, ou a qualquer de vários impérios pagãos, à parte do diabo pessoal. Nenhuma combinação de poderes humanos que tem perturbado a este mundo está aqui em foco, como os hunos, os ostrogodos, os visigodos, os francos, os vândalos, os suevos, os alanos, os burgúndios, os turcos, etc., etc.

4. Antes, está em foco o próprio diabo, o qual opera mediante poderes pagãos. Historicamente, ele tem agido especialmente por meio do império romano; e, profeticamente, utilizar-se-á do império romano revivido, sob o domínio do anticristo. (Ver o nono versículo deste capítulo e o trecho de Apo. 20:2, que confirmam essa identificação.)

O símbolo do «dragão». Foi apenas natural que o vidente João escolhesse o «dragão» para pintar a Satanás. Havia muito precedente para isso, tanto na cultura judaica como na cultura pagã e nos símbolos religiosos. As forças más têm sido retratadas como crocodilos, dragões, serpentes e leviatã, a serpente tortuosa (ver Isa. 27:1); e com freqüência também como feras de múltiplas cabeças, como aqui. Por exemplo, a hidra dos gregos tinha nove cabeças. O Sete-Tifom dos egípcios era um terrível crocodilo vermelho; o Azhi Dahaka dos persas era um monstro de três cabeças, e, grotescamente, duas dessas cabeças eram serpentes que nasciam de seus ombros. Os antigos cananeus (conforme a descrição existente nos tablets de Ras Shamra) tinham uma temível serpente de sete cabeças. O leviatã (ver Isa. 27:1) era uma horrenda e «rápida» serpente. No livro de Daniel encontramos uma fera com dez chifres, que também tinha um «pequeno chifre», que simbolizava o perseguidor Antioco Epifânio IV, e o simbolismo da presente passagem está misturado com isso, para mostrar como Satanás opera através de poderes humanos.

O vocábulo grego aqui usado, «drakon», significa «dragão», «serpente», «crocodilo» ou «leviatã» (ver Jó 41:1). Alguma fera monstruosa, semelhante a serpente, está em foco aqui. Essa palavra é empregada nos escritos judaicos como um símbolo de Satanás; e isso foi transferido para o N.T. Foi a «serpente» que tentou Eva; e embora não seja especificamente dito que essa serpente era «Satanás», a maioria dos intérpretes bíblicos entende assim. (Ver Filo; Testamento Aser 7:3; Sib. or. 3,794; Salmo de Salomão 2,25). O nono versículo do presente capítulo identifica especificamente ao «diabo» com essa «antiga serpente». Outro tanto se dá em Apo. 20:2.

...vermelho... Essa é a cor do pecado, do sangue, do fogo e da violência, qualidades possuídas por Satanás em grau supremo. (Comparar com Apo. 6:4, acerca do «cavalo vermelho» do segundo selo, que aponta principalmente para a guerra e a violência). Desde o princípio, Satanás foi o grande homicida, sem nenhum respeito pela vida alheia, física ou espiritual (ver João 8:44). Essa caracterização, sem dúvida alguma, foi influenciada pelas perseguições movidas por Domiciano, que a igreja cristã vinha sofrendo quando João escreveu o Apocalipse. Tais atos eram tidos como satanicamente inspirados. As serpentes das descrições de Virgílio tinham cristas vermelhas como sangue, e as de Homero tinham as costas dessa cor. Também era vermelho o dragão egípcio Tifom, que perseguiu a Osiris. (Ver Plutarco, de Iside, 30-33).

...sete cabeças e dez chifres... Muitas interpretações diferentes têm sido atribuídas a esse item da descrição do dragão, as quais sumarizamos aqui: Não podemos deixar de vincular essas características à da descrição de Dan. 7:7, a terrível besta de uma cabeça, com dez chifres. O «chifre» era símbolo de poder, pelo que essa fera terá completo «domínio mundial», o que talvez seja efetuado por meio de governantes terrenos. A «besta saída do mar» (ver Apo. 13:1) é descrita exatamente como o «dragão», quanto a esse aspecto. Apesar de não quisermos identificá-los entre si totalmente, dificilmente podemos escapar à conclusão que o poder do dragão se manifestará através da besta saída do mar, até onde aquele se relaciona aos homens, nos últimos dias, sem importar qualquer outro tipo de poder que possa ter, em relação a outras esferas da existência, fora da terra. Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito a fim de revelar as condições que haverá nos «últimos dias», imediatamente antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo. Portanto, não é mesmo de estranhar que o anticristo seja retratado de modo parecido com o dragão, já que ambos representam o poder de Satanás. O anticristo será o «falso Cristo» de Satanás, o seu mediador à face da terra. Portanto, o que for dito sobre o poder de Satanás é automaticamente dito também acerca do anticristo.

perseguições têm sido e serão agudas e dolorosas, tanto quanto um trabalho de parto; mas isso não está em harmonia com o contexto geral.

O que significam as «sete cabeças»?

1. Simbolicamente, significa completa sabedoria, um intelecto tremendamente poderoso; mas tudo não passará da sagacidade de Satanás, que chegará perto de aniquilar a humanidade, durante o período da tribulação, tão grande será o mal e a destruição que isso operará no mundo.

2. O simbolismo também salienta quão temível é esse dragão. Não temos aqui algum monstro ordinário; ele é temível e poderoso, conforme eram os legendários monstros de muitas cabeças.

3. O trecho de Apo. 17:9,10 (conforme também fica implícito em Apo. 13:3) diz-nos, especificamente, que as «cabeças» são «sete montes», e também sete reis. Isso os identifica com os «imperadores romanos». (Ver notas mais completas em 17:9,10). Ambas as passagens evidentemente contêm a tradição do «Nero reencarnado» como o «anticristo». Seja como for, as cabeças são governantes terrestres, por meio de quem Satanás operará na terra. Historicamente falando, o vidente João via Satanás operando por intermédio desses governantes, especialmente por serem instrumentos da perseguição contra a igreja. Profeticamente falando, vemos o anticristo e o império romano revivido, a federação de dez reinos por ele encabeçada, satanicamente controlada, o que servirá somente para detrimento da igreja, mas também da humanidade toda.

4. Metafisicamente falando, as «sete cabeças» transcendem a qualquer «poder terreno», pois estão relacionadas a Satanás, o dragão, falando de seu grande poder em todas as dimensões, incluindo a dimensão espiritual. Por meio de Roma e do anticristo (isto é, histórica e profeticamente falando), Satanás fará descer esse poder até os homens.

5. Os «sete montes» identificam a cena toda com a cidade de Roma, pois aquela cidade estava edificada sobre «sete colinas», as quais são até hoje famosas.

O que significam os dez chifres?

1. Simbolicamente significam «poder».

2. Metafisicamente indicam o «poder de Satanás», em todas as dimensões.

3. Historicamente, os «dez chifres» são «reis», de algum modo associados com Roma, talvez imperadores romanos ou «reis» de províncias romanas, que ajudavam Roma e faziam ampliar o seu domínio.

4. Profeticamente, é quase certo que esses «dez chifres» se referem à federação de dez reinos que formará o império do anticristo. Não é mister pensar que todos esses dez reinos pertencerão à comunidade européia. Os místicos contemporâneos dizem que os Estados Unidos, Canadá e o Japão serão três desses reinos; e isso, mui provavelmente, é correto. Essas dez nações serão usadas como instrumentos do poder do anticristo, nos últimos dias. Derrotarão à União Soviética quando da Terceira Guerra Mundial, embora a um preço incalculavelmente elevado. Também farão oposição à china, na Quarta Guerra Mundial, que culminará na batalha do Armagedom. (Quanto a detalhes sobre essas previsões, ver a introdução geral ao comentário, no artigo intitulado *A Tradição Profética e a Nossa Era*. Podemos conjecturar que essas dez nações serão a Inglaterra, a França, a Itália, o Canadá, o Japão, a Bélgica, a Alemanha, a Holanda, a Suécia e os Estados Unidos da América do Norte.

5. Misticamente falando, os dez chifres de Satanás indicam o seu poderoso poder cósmico, que transcende a qualquer situação desta terra.

Essa interpretação, conforme damos no parágrafo imediatamente acima, deve ser correta. Mas há outras interpretações, que enumeramos abaixo:

a. Os intérpretes históricos (pelo menos alguns) dividem as sete cabeças e os dez chifres em fases históricas, não permitindo que pertençam todas a um único período de manifestação satânica. Portanto, removem a questão dos «últimos dias» e a transferem para o desdobramento de um prolongadíssimo processo histórico. Nesse caso, as cabeças e os chifres são normalmente encarados como «reinos» e «períodos de governo», e não como governantes individuais. Segundo dizem eles, «dez» é o número do «curso completo do mundo». Portanto, estaria supostamente em foco o governo completo sobre o mundo, inspirado por Satanás, através da história da humanidade.

Alguns intérpretes históricos pensam que as «sete cabeças» seriam «sete cidades capitais» do império romano, a saber, Roma, Cartago, Aegae, Antioquia, Augustodunum, Alexandria e Constantinopla. Outros vêem, nos «dez chifres», «dez impérios romanos perseguidores», ou então dez sucessivos estágios de governo humano, desde o império romano. Também há aqueles que vêem nisso dez áreas do império romano da antiguidade, como a África, a França, a Bretanha, a Germânia, a Dácia, a Trácia, a Capadócia, a Armênia, a Síria e a Palestina.

b. Outros intérpretes rejeitam inteiramente qualquer conexão com o império romano, com governantes humanos ou com a «besta saída do mar», pensando que os símbolos das cabeças e dos chifres pertencem exclusivamente ao próprio dragão, nada tendo a ver com aquela besta. Isso significaria, pelo menos para alguns desses estudiosos, o governo cósmico de Satanás, e não o seu domínio sobre a terra. Ele seria «todo-sábio» (cabeças) e «completo» (chifres). Se seguirmos essa linha de pensamento, juntamente com alguns concluiremos que as cabeças e os chifres representam poderes «demoníacos» e não governos terrestres. Temos





significa «anjo». (Quanto a esse uso ver os trechos de Apo. 1:16,20; 2:1; 6:13; 8:10,11; 9:1).

«...o dragão se deiteve em frente da mulher... a fim de lhe devorar o filho...». A mulher estava prestes a dar à luz. O dragão aguarda esse acontecimento, estando pronto a destruir seu «filho», assim que este nascer. Mas devemos rejeitar essa interpretação, a qual pensa que esse «filho» a nascer é a igreja ou é Cristo nascido nas vidas dos homens. E nem a mulher é a igreja. A mulher é a nação de Israel, e o filho dela é Cristo, o Senhor. Naturalmente, o que sucede a ele, automaticamente sucede a seu corpo, a igreja; mas isso fica apenas implícito neste versículo, porque não é uma interpretação direta do mesmo. Satanás, que vive combatendo contra Deus, naturalmente faz combate contra o Filho, o qual se encarnou a fim de trazer aos homens a redenção celestial. Este versículo fala de tentativas literais de destruir a Cristo, em sua natureza física, como sucedeu nos dias de Herodes; mas também se refere a «tentativas espirituais» de torná-lo inútil e inoperante, até onde diz respeito ao seu propósito remidor.

O «simbolismo» foi tomado por empréstimo dos escritos gregos, onde se vê Pitom procurando destruir Apolo antes mesmo de seu nascimento, a fim de que, segundo dizia certa predição, Apolo não terminasse por vencê-lo. Mas todos os esforços de Pitom foram inúteis: Apolo nasceu e venceu àquele. Assim também Cristo nasceu, sob a proteção de Deus Pai, e derrotou a Satanás. (Ver Luc. 10:18).

O nascimento do «menino» assinalou o começo do fim da carreira de Satanás, pois em Cristo termina o domínio de Satanás sobre os homens (ver Ef. 1:10). Eventualmente, Cristo será tudo para todos. Esse é o alvo do «mistério da vontade de Deus» (ver Ef. 1:10,23). Não é de admirar, pois, que Satanás tenha procurado destruí-lo assim que ele nasceu em carne humana; e prossegue em suas tentativas, no tocante à influência de Cristo sobre os homens, a fim de que Cristo não nasça neles. Esse «menino» tem um poder ilimitado. Todos terão de vir a ele, em certo sentido, glorificando-o; e, de algum modo, serão beneficiados com isso, ainda que nem todos sejam eleitos, isto é, que nem todos venham a participar da natureza divina. (Ver João 12:32 e Fil. 2:9-11).

Pode-se fazer certa comparação com a narrativa sobre Faraó, do Egito. Ele procurou matar aos meninos israelitas. (Ver Exo. 1:15-22; Sal. 85:13; Isa. 27:1; 51:9 e Eze. 29:3). Herodes tentou fazer a mesma coisa (ver Mat. 2:13 e ss.). Esses foram eventos inspirados pelo próprio Satanás.

Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. Contos, mitos e livros sagrados, ao redor do mundo, pintam o mal na VIII. Visões das Sete Personagens (12:1-13:18).

3. O menino (12:5,6).

Quanto à introdução geral à presente seção, que descreve as Sete Personagens da mesma, ver as notas de introdução a Apo. 12:1.

ὁ καὶ ἔτεκεν υἱόν,<sup>1</sup> ἄρσεν, ὃς μέλλει ποιμαίνειν πάντα τὰ ἔθνη ἐν ῥάβδῳ σιδηρᾷ· καὶ ἡρπάσθη τὸ τέκνον αὐτῆς πρὸς τὸν θεὸν καὶ πρὸς τὸν θρόνον αὐτοῦ.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> B b minor: WH RV ASV (TT) Zür Luth Seg // b maior: TR Bov Nov BP<sup>1</sup> AV<sup>1</sup> RSV<sup>1</sup> NEB<sup>1</sup> Jer<sup>1</sup>

<sup>2</sup> B / maior: TR WH Bov Nov BP<sup>1</sup> AV RV ASV TT Zür Luth Seg // c minor: RSV NEH Jer

B ἔτεκεν υἱόν Ia 7:14; 68:7 μέλλει...σιδηρᾷ Ps 2:9; Io 19:15

g (uow) , R)

12:5: É deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro, e a seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono.

«...filho varão...» Qual é a «identificação» desse «filho»? Isso é respondido nos pontos abaixo:

1. Alguns dizem que se trata de «Cristo nascido nos homens». Em outras palavras, esse menino seria a «igreja». E alguns pensam que a mulher é que é a igreja. Assim sendo, a igreja, nascida de Deus, daria nascimento a certos homens, mediante a regeneração, o que faz com que Cristo nasça neles. Mas essa interpretação ignora o claro sentido do versículo. Pois somente de Cristo se pode dizer que governará as nações com vara de ferro, por ser esse o ofício do Messias, segundo tantas profecias bíblicas esclarecem.

2. O próprio Cristo é esse «filho varão». Não se trata de Cristo «misticamente concebido», nos membros da igreja. Esses fatos, sabemos com certeza em face das seguintes considerações:

a. Cristo é quem está destinado a reinar, isto é, a «pastorear as nações»; somente de modo secundário é que a igreja fará isso, e sempre em associação com Jesus Cristo. (Ver Apo. 3:21; 19:15,16 e 20:6). As predições do A.T. e os escritos rabínicos confirmam essa verdade.

b. Cristo é quem seria «arrebatado» até ao trono, o qual também agora está assentado à mão direita de Deus. (Comparar isso com Atos 5:31; 7:55,56; Rom. 8:34; Ef. 1:20 e Col. 3:1). Esse «arrebatamento», muito provavelmente, é uma alusão à sua «ascensão aos céus». Ora, isso ocorreu exclusivamente com Cristo. (Ver Atos 1:6 acerca das notas de sumário sobre a «ascensão»).

c. Apesar de que os remidos também se assentarão com Cristo, no trono do Pai (ver Apo. 3:21), isso deve ser aplicado primariamente ao próprio Cristo, por tratar-se de um simbolismo comum, ao passo que a idéia de seus discípulos se assentarem juntamente com ele, em seu trono, se limita ao trecho de Apo. 3:21.

d. O sentido geral deste versículo é que Cristo, mediante sua ressurreição e ascensão, frustrou aos desígnios malignos e destruidores de Satanás. A igreja jamais poderia fazer tal coisa; esse poder pertence exclusivamente a Cristo. Conforme diz Lange (in loc.): «É manifesto que o Messias é aqui subentendido com o sentido literal do termo—e não em qualquer sentido metafórico. Essa verdade, porém, não invalida o caráter típico dos fatos

forma de um dragão ou de uma serpente. Somos lembrados de seus «golpes» iracundos, sutis e sem misericórdia. Mas, a despeito de todo o «correto» simbolismo do mal, que há em todas as culturas, Satanás continua sendo o «deus deste mundo» (ver II Cor. 4:4). O propósito da redenção é justamente libertar os homens de seu cruel domínio. Isso será finalmente feito pelo poder de Cristo, que é incansável e total.

2. A coroa de Faraó era ornada por um dragão e pela áspide ou serpente do Egito. Isso simbolizava o poder satânico. Satanás sempre tem os seus agentes humanos. A igreja haverá de descobrir esse fato bem definitivamente no período da «tribulação», o que é comentado em Apo. 7:14.

3. Consideremos a fúria e o poder de Satanás, cuja cauda arrastou uma terça parte das hostes angelicais, que lhe ficaram leais. É por causa desse grande poder que nos é ordenado tomar «toda a armadura de Deus» (ver Ef. 6:11 e ss.). Essa passagem deixa claro que o conflito contra o mal será finalmente cósmico, em suas dimensões, e não apenas humano. Por esse motivo é que precisamos de um poder sobre-humano a fim de obter a vitória nessa luta.

4. Por que o dragão tinha uma «cauda»? Provavelmente isso se baseou no fato que as narrativas e mitos antigos diziam que o poder do dragão, bem como de algumas das comuns serpentes gigantes, reside em suas caudas. Mas o mais provável é que não devemos atribuir a isso qualquer significado especial e isolado.

5. Qual o significado da «terça parte»? Já vimos esse simbolismo, em várias passagens do Apocalipse. Pode-se comparar isso com Apo. 8:7-10. Indica «muito», mas não a «maioria». Portanto, até mesmo nisso houve certa medida da providência divina misericordiosa, para que não fôssemos avassalados pelo mal.

6. O dragão se «dateva», isto é, «pôs-se de pé», conforme diz mais literalmente o grego. Plínio VIII.3 mostra que os mitos antigos concebiam os dragões como feras que normalmente se punham de pé. O «símbolo do dragão», nas histórias antigas, poderia ser resultado da «memória ancestral» dos povos antigos, de animais de proporções gigantes e semelhantes a serpentes, que depois ficaram extintos. Esses répteis gigantescos eram, naturalmente, encarados com alarme, até mesmo com «alarme espiritual», razão porque o rei do mal, Satanás, veio a ser retratado como um dragão na concepção dos antigos.

7. Os intérpretes da escola histórica certamente erram ao pensar que a «derrubada de um terço das estrelas» indica algum evento histórico geral, ou relativo à igreja. Contudo, está aqui em foco um «conflito cósmico», e não apenas terrestre. E também não podemos pensar que o «ministério cristão» esteja em foco, como se Satanás, com suas astúcias, fizesse uma «grande porcentagem» dos ministros do evangelho trair à sua chamada. Também não está aqui em foco o enfraquecimento do império romano, por meio de várias invasões, etc.

\*\*\*

expostos; o povo de Cristo, em quem ele nasce sobre a terra, tal como ele, será arrebatado para os céus, por meio de sofrimento e morte, sendo liberto dos esquemas satânicos, que visam à sua destruição». À guisa de aplicação, pois, pode-se ver a tentativa de Satanás destruir à igreja nos dias de Domiciano e nos tempos futuros do anticristo; mas a interpretação central aponta literalmente para Cristo, e não, «figuradamente», para a igreja.

3. Ainda há outras interpretações, que se desviam mais ainda da primeira das interpretações, acima mencionadas: Constantino, o Grande; a confissão nicena; a Igreja Católica Romana, etc. Mas nenhuma delas merece a nossa atenção.

«...reger todas as nações...» Temos aqui uma alusão ao governo milenar de Cristo, após a «parousia» ou segundo advento de Cristo (ver Apo. 20:6). A «vara» é de ferro, mas também aponta para o cado de pastor, pois o original grego declara, neste ponto, mais literalmente, que ele «pastoreará» todas as nações. A linguagem foi tomada por empréstimo do segundo Salmo (ver especialmente Sal. 2:9). Ele governará como monarca absoluto, mas também será o Supremo Pastor. O grego diz «poimaino», «pastorear» ou «cuidar». Essa palavra é empregada por onze vezes nas páginas do N.T. (Ver Mat. 2:6; Luc. 17:7; João 21:16; Atos 20:28; I Cor. 9:7; I Ped. 5:2; Jud. 12; Apo. 2:27; 7:17; 12:5 e 19:15). Obtemos a idéia que esse «governo de ferro» também será um governo de «amor»; pois tal governo, embora extremamente severo, será bom para os governados, transformando-os em ovelhas de Cristo. Aprendemos, além disso, que nenhuma das medidas de Deus, por mais severa que seja, visa somente à vingança; antes, tudo tem finalidades benígnas. Algumas vezes é mister a vara de ferro para que os homens percebam que o caminho de Deus é melhor. Quando isso acontece, o bem se realiza, Cristo é exaltado e os homens são aprimorados. Até mesmo os juízos divinos têm o seu propósito, o que se aprende em Col. 3:6.

«...o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono...» (Ver o segundo ponto, acima, quanto ao sentido geral dessas palavras). Temos uma óbvia alusão à «ascensão» de Cristo, aqui; e fica entendido, ao mesmo tempo, o poder de sua ressurreição. Assim é que, no livro de Atos, quando se lê sobre a ressurreição de Cristo, automaticamente fica subentendida a sua ascensão. (Ver as notas expositivas sobre esse particular em Atos 2:32,33).

O segundo Salmo continua em foco. O Messias celeste é entronizado,

assim que os inimigos de Deus são derrotados. Jesus, o Cristo, escapou das astúcias e da ira de Satanás, neste mundo. Sua morte, embora derrota aparente, foi uma grande vitória, pois concretizou a expiação de nossos pecados (ver Rom. 5:11). A ascensão e a subsequente entronização e glorificação de Cristo também foram vitórias patentes, e nelas o poder de Satanás foi quebrado, ainda que a plena aplicação dessa vitória até agora não tenha sido estendida a este mundo. Conforme explica Rist (*in loc.*): «... após ter escapado do príncipe deste mundo e dos poderes das trevas, por meio de sua morte e ressurreição, ele foi glorificado e elevado à mão direita de Deus, nos céus. (Comparar com Apo. 3:21; 5:6; 7:10 e 22:1,3).»

#### Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. Rejeitamos aquela interpretação que pensa que o «filho» é a igreja, porquanto os que assim dizem pensam que uma base histórica é, aqui, apenas um «substrato» da idéia. Somente Cristo pode estar em foco nas palavras que ora comentamos.
2. O mal cósmico é tão grande que deseja — e às vezes pode cumprir esse desejo — entrar o bem, em seu próprio nascedouro. Os pais maldosos expõem seus filhos a muito mais do que somente às intempéries. O nascimento do bem

ὅ και ἡ γυνή ἔφυγεν εἰς τὴν ἔρημον, ὅπου ἔχει ἐκεῖ τόπον ἡτοιμασμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ, ἵνα ἐκεῖ τρέφωσιν αὐτὴν ἡμέρας χιλίας διακοσίας ἑξήκοντα.

6 ἡμέρας... ἑξήκοντα Rr 11,2, 13,5

12:6: É a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparada por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.

Para melhor compreensão dessas palavras, consideremos os pontos abaixo:

1. Os intérpretes da escola histórica, que pensam que esses mil duzentos e sessenta dias são outros tantos «anos», pensam que aqui é focalizada a igreja no mundo, a avançar sob a proteção de Deus, a despeito dos ataques de Satanás. Assim sendo, a «mulher» se transforma na «igreja»; mas a maioria desses intérpretes também pensa que o «menino» é a igreja. Apesar dessa interpretação ser engenhosa, pois faz com que tanto a «mulher» como o «menino» sejam a igreja, pois a igreja é que faz Cristo nascer nos homens, devido aos seus esforços evangelizadores, essa idéia é manifestamente absurda. A «mulher» é a nação de Israel. E também não se pode «situar historicamente» essa predição.

2. Alguns eruditos pensam que a «mulher» é a igreja de todos os tempos, ou seja, do Antigo e do Novo Testamentos.

3. É possível, de acordo com a interpretação «futurista», ver aqui um símbolo da «igreja durante a tribulação», porque certamente isso é o que está em foco, naqueles mil duzentos e sessenta dias.

4. Melhor ainda, porém, é tomar a «mulher» como a nação de Israel; e a designação dos dias aponta para a futura época da tribulação. Vemos, pois, como Deus protegerá Israel durante a tribulação, até ao ponto que lhe parecer bem, até que o seu «testemunho» se complete. Essa proteção será, primeiramente, «física», porquanto os «mártires em potencial», referidos no sétimo capítulo deste livro, terão de cumprir o seu destino, para então ser martirizados. Mas, conforme notamos em todas as passagens do Apocalipse que falam sobre «proteção», esta será de natureza essencialmente «espiritual». Nenhuma astúcia do diabo, ainda que venha ele a matar os corpos físicos dos crentes, poderá prejudicar ao indivíduo que pertence a Cristo. Isso já foi ilustrado no caso de Cristo. Ele foi «morto», mas isso só serviu para fomentar a sua causa. Seguiram-se então a sua ressurreição e ascensão, ficando totalmente decretada a queda de Satanás. Embora não seja isso a interpretação principal do versículo, este também aponta para a proteção dada à igreja, durante o período da tribulação, tal como fica sugerida a proteção à nação de Israel. Pensamos que os «cento e quarenta e quatro mil», aludidos no sétimo capítulo deste livro, aludem simbolicamente tanto a Israel como à igreja. Isso é necessariamente verdadeiro, já que o Apocalipse foi escrito para consolar à «igreja sob perseguição», quer do tempo do imperador Domiciano, quer dos dias futuros do anticristo. O vidente João escreveu para a igreja, e não para alguma audiência fantasma. (Ver as notas expositivas, em I Tes. 4:15, acerca da questão do «arrebatamento». Ver também o décimo nono versículo deste capítulo, que fala sobre a «descendência» da mulher, que inclui a igreja).

O trecho de II Esdras 9:38 - 10:59 apresenta tanto a Jerusalém terrestre como a Jerusalém celeste, sob a figura de uma «mulher». Paulo, em Gál. 4:26, diz que a Jerusalém lá de cima é a «nossa mãe». Hermas fala sobre a «mulher sobrenatural», querendo dar a entender a «igreja». (Ver Vis. 1.2; II.1; III.1). Assim, posteriormente o vidente João apresenta a igreja como a «noiva celestial» (ver Apo. 21:2). Portanto, o uso do simbolismo da «mulher» representa uma grande companhia de pessoas, que têm alguma relação especial com Deus, sendo isso um símbolo bastante comum. (Ver as notas expositivas sobre o primeiro versículo deste capítulo, quanto a outras idéias acerca da identificação dessa «mulher»).

Alusões existentes no presente versículo. É possível que tenhamos aqui alusão às perambulações dos israelitas pelo deserto, durante quarenta anos. Deus protegeu Israel naquele «deserto», e fará a mesma coisa nos tempos da «angústia para Jacó». Este versículo também alude à «fuga da santa família» para o Egito (ver Mat. 2:13,14), protegendo-a dos designios insanos de Herodes. Alguns estudiosos vêem uma alusão aqui, por igual modo, ao tempo da destruição de Jerusalém, quando todos os cristãos, advertidos de antemão por visões proféticas, fugiram para Pela, para o outro lado do rio Jordão, e assim não sofreram nenhum dano dos invasores romanos. Por mais de uma vez, um deserto qualquer tem sido a cena da proteção divina para seu povo. Isso sucederá de novo, porquanto esse «deserto» simboliza a situação na qual Deus fornecerá sua proteção, e não apenas alguma localização geográfica específica.

O décimo quarto versículo repete o que temos aqui; mas ali são entregues à mulher as duas asas da grande águia, mediante o que ela voa para o

no mundo veio através de Cristo, que nasce espiritualmente entre os homens.

3. O nascimento de Cristo é a «epifania» para a humanidade:

4. «A vigilância do dragão foi inútil». (Swete, *in loc.*). «O Messias, longe de ser destruído, foi arrebatado para compartilhar do trono de Deus». (Backwith, *in loc.*).

5. O Apocalipse, por assim dizer, anuncia a mensagem seguinte: «Os céus devem acolher ao Messias, até ao tempo em que chegar o tempo maduro dela voltar e reinar. Então é que a sua vitória será vista em todas as suas magníficas proporções». O presente versículo confirma essa verdade. A «parousia», ou segunda vinda de Cristo, faz parte inerente da idéia de Cristo assumir seu poder, a fim de reinar.

6. Alguns intérpretes da escola histórica pensam que esse «trono» seria o do império romano — governado indiretamente por Deus. E esse «menino» seria Constantino ou algum outro imperador que teria assumido aquele «trono». O absurdo dessa interpretação é a sua própria refutação.

7. A «ascensão» não é algum grande «avanço espiritual» da igreja, à face da terra, como se esta se encontrasse em seu «reino espiritual», o tempo da «igreja da Filadélfia», conforme dizem alguns intérpretes da escola histórica. Somente a própria ascensão de Cristo pode estar em pauta aqui.

deserto, e assim escapa ao perigo. Alguns estudiosos pensam que esse simbolismo representa os Estados Unidos da América, como protetor de Israel, devido o fato que o emblema de seu escudo nacional é a «águia». Mas também há aqueles que vêem nisso «eventos sobrenaturais» ou «ajuda angelical». Há também até aqueles que pensam estar aqui em pauta o «vôo dos avidos»; mas certamente essa interpretação é rasteira. Somente nos últimos dias, porém, é que ficará claro que proteção será essa. Entrementes, podemos apenas e tão-somente conjecturar.

«... mil duzentos e sessenta dias...» Em Apo. 11:3 pudemos conjecturar que essa designação de «dias» indica a «primeira metade» da tribulação; e que os «quarenta e dois meses» (que cobre um tempo igual aos mil duzentos e sessenta dias) representa a «segunda metade» da tribulação, segunda metade essa também chamada de «Grande Tribulação». Isso resulta em um total de sete anos de «tribulação». Mas isso não tem de indicar, necessariamente, que somente sete anos estão envolvidos, já que esse número pode simbolizar a tribulação «completa» sob o domínio do anticristo, ou, melhor ainda, os anos que terão uma significação toda especial para a nação de Israel, embora o poder do anticristo venha a prolongar-se por muito mais do que meros sete anos. Seja como for, é óbvio, com base no décimo quarto versículo deste capítulo, que os três anos e meio têm por escopo fazer-nos pensar no «tempo do reinado e poder do anticristo». (Ver as referências bíblicas acima, sobre as especulações acerca do significado dessas designações de tempos, e como tudo se deriva das predições de Daniel. Ver também Apo. 7:14 quanto à nota de sumário sobre a «tribulação»). Creemos que isso será um período de tribulações sem precedente, com agitações incaláveis não só na sociedade humana mas até mesmo na natureza, quando haverá sofrimentos indizíveis, guerras, fomes, pragas e o tempo da pior perseguição religiosa que já teve lugar na história da humanidade. O anticristo far-se-á presente naquele tempo, e será a causa de grande parte desses sofrimentos. Creemos que o anticristo já está vivo, e que nossa época é os últimos tempos. Quanto a razões que esclarecem por que cremos assim, ver o artigo existente na introdução geral ao comentário, intitulado *A Tradição Profética e a Nossa Era*.

Supomos, portanto, que «durante a primeira metade da tribulação», Israel será protegida, até mesmo fisicamente, pelo menos. Essa proteção será maior então do que durante a «segunda metade da tribulação», pois nesta última parte a nação estará à beira mesma da extinção. O «sinal da cruz» será a intervenção divina que salvará Israel da extinção. Uma imensa cruz luminosa será vista no firmamento. Com base nisso, os israelitas haverão de entender que Cristo era e é o seu prometido Messias. A nação inteira tornar-se-á cristã. Seguir-se-á a vitória esmagadora sobre os adversários de Israel. As forças russas, que então estarão ocupando a Palestina e as terras árabes, serão expulsas dali; e tudo isso durante o curso da Terceira Guerra Mundial. O anticristo estará encabeçando uma federação de dez nações ocidentais, que derrotarão à União Soviética e seus aliados, embora mediante um preço horrendo, em forma de vidas perdidas e de destruição material.

#### Outras idéias sobre o sexto versículo:

1. Deus continua entronizado. Nem a nação de Israel e nem a igreja cristã serão destruídas durante o período da tribulação. Nenhum mal final pode sobrevir a um homem verdadeiramente bom.

2. O «deserto», aqui referido, não é alguma localização geográfica, e nem é os «céus». Indica, apenas, «o lugar e a situação», e «realidade» da proteção divina em tempos difíceis.

3. Este versículo serve de introdução e de antecipação. Os versículos treze em diante, deste capítulo, resumem o fio de pensamentos e apresentam os detalhes da questão. O décimo sétimo versículo certamente mostra que a «igreja» estará envolvida nessa perseguição, por ser ela a «descendência» da mulher, como também será o «remanescente dos últimos dias» do Israel literal.

4. O lugar no deserto será «preparado» por Deus. Em última análise, somente em Deus encontramos qualquer bem-estar, físico ou espiritual. Ele é o origem e o alvo de toda a existência (ver I Cor. 8:6) e isso por mediação de Cristo (ver Efé. 1:10,23). Ele cuida dos seus, o que expressa a posição do teísmo, em contraste com a idéia de um Deus «divorciado» de seu universo, que é a concepção apresentada pelo deísmo. Na verdade, Deus faz intervenção, castiga e galardoa (ver Ato. 17:27 quanto a comentários sobre as posições do «teísmo» e do «deísmo», juntamente com outros conceitos teológicos e filosóficos acerca da natureza de Deus e de seu relacionamento com os homens).

6. Já temos mencionado várias interpretações «históricas», no começo dos comentários sobre este versículo. Há interpretações que dizem que isso

simboliza a fuga literal dos cristãos para o deserto, a fim de escaparem do exército romano em avanço, quando a cidade de Jerusalém foi destruída, no ano 70 D.C. Também há interpretações que dizem que isso aponta para a «igreja em fuga» de várias heresias inspiradas por Satanás, nos primeiros séculos da era cristã. Alguns desses intérpretes pensam que isso aponta para uma constante perseguição de Satanás, durante toda a era da igreja. Mas esta versículo deve VIII. *Visões das Sete Personagens* (12:1- 13:18).

#### 4. Miguel, o arcanjo (12:7-17).

Na secção anterior já vimos que há um «conflito cósmico» entre as forças do bem e as forças do mal, cujos comandantes são, respectivamente, o «menino», que é Cristo, o Senhor, e Satanás, o dragão. A secção à nossa frente parece primeiro lembrar-nos sobre a queda de Satanás e sobre as circunstâncias que envolverão essa queda. Mas há bons intérpretes que também vêm aqui (e alguns deles vêm isso com exclusividade, neste ponto) um futuro conflito cósmico, que fará descer ao nível mais baixo o poder de Satanás, de tal modo que sua total derrota não poderá estar longe. O décimo versículo deste capítulo, pelo menos, parece ter um tom definidamente escatológico; e sendo que o Apocalipse é um livro essencialmente profético, sem dúvida quer fazer-nos entender que tudo isso envolve algo ainda no futuro.

Batalhas nos céus e conflitos escatológicos. Embora a secção à nossa frente não conte com qualquer paralelo literário direto, a verdade é que a literatura judaica, especialmente os seus apocalipses, conta com narrativas similares (Ver II Macabeus v.2 e ss.; Josefo, *Guerras dos Judeus* vi. 5.3; *Sibyll.* iii. 796-808). Em I Enoque 29:4,5, e no *Livro de Adão e Eva* 1:6, encontramos a tradição judaica que diz que Satanás, de certa feita, tentou equiparar seu trono ao de Deus, e que, por essa razão, foi derrubado dos céus. Os trechos de Jó 1:6,7; Zac. 3:1 e ss.; I Enoque 40:7, Ascensão de Isaías 7:9 e ss.; II Enoque 7:1; Efé. 1:3,10; 2:6; 3:10 e 6:12, todos refletem a idéia que Satanás tinha um lugar nos céus. A queda de Satanás, pois, deve envolver uma deslocação para fora dos lugares celestiais; e é disso que somos assegurados nas passagens que falam sobre a «guerra» escatológica. (Isso também pode ser comparado com Luc. 10:18 e João 12:31, que certamente refletem as mesmas crenças e tradições judaicas).

Nosso texto fala mais sobre a limitação das esferas de atividade de Satanás do que mesmo de sua total restrição. Outrossim, a terra receberá a carga de tudo isso, ao tornar-se o palco das limitadas atividades de Satanás, segundo se vê no décimo segundo versículo; e isso tornar-se-á um grande «ai» para todos os habitantes da terra, embora os fiéis venham a vencer a Satanás mediante o sangue do Cordeiro (ver o décimo primeiro versículo). O décimo terceiro versículo parece situar a expulsão de Satanás durante o período da tribulação, e, por causa disso, Israel (e a igreja) sofrerá a pior de todas as perseguições, inspirada por Satanás. Já notamos, nos «juízos das trombetas», que está prometida grande atividade satânica para durante o período da tribulação, pois então até mesmo alguns poderes malignos serão soltos, como nunca isso lhes fora permitido antes, e terão acesso à terra. (Ver Apo. 8:8,10,11; 9:1 e ss. 9:14, que são passagens que ensinam essa verdade. Ver Apo. 7:14 quanto à nota de sumário sobre a «tribulação»).

Expectativas de uma guerra escatológica, no tocante ao estado do cosmos inteiro, também são comuns na religião persa. Nos últimos tempos, irromperá a guerra nos céus, e Ahuramazda e Anshspands combaterão contra Angra Mainy e seus seguidores. Estes últimos serão destruídos, juntamente com a serpente Gokihar. Dentro da mitologia persa, também há menção a Ahriman, o qual, no começo da história do mundo, teria sido lançado para fora do céu. (Ver Bund. iii.11,26). Incidentes similares aparecem em narrativas gregas, maniqueias e mandeanas. (Ver Isa. 27:1, onde o grande «leviatã», a serpente veloz, e o leviatã do mar, a serpente tortuosa e a serpente do mar, serão mortos pela espada do Senhor. Alguns têm visto nisso uma referência astrológica, e, como uma tentativa, têm identificado esses três monstros-serpentes com os três «inimigos celestiais de Deus», as constelações de Serpente, Dragão e Hidra. (Quanto a essa particularidade, consultar os comentários de George B. Bray, sobre Isaías I- XXXIX, págs. 449-452, no International Critical Commentary). No livro de Daniel há alusão à derrota de várias bestas, ou através de poderes terrenos, ou mediante a instauração do reinado de Cristo. (Ver os capítulos sétimo, oitavo e décimo primeiro do livro de Daniel).

O lugar de Miguel, o arcanjo. Miguel e seus anjos aparecem como os campeões de Deus. Miguel, na tradição judaica, aparece como o guardião da nação de Israel, o qual luta contra os anjos guardiões de outras nações, em favor de Israel (ver Dan. 10:13,21 e 12:1). Provavelmente é Miguel que é o não nomeado chefe dos anjos, no livro Assunção de Moisés (10:2). Naquele livro, Miguel é uma figura central na derrubada de Satanás. Em I Enoque 54:6, Gabriel, Rafael e Fanuel recebem a tarefa de lançar os anjos caídos na fornalha de fogo, por terem prestado lealdade a Satanás, perturbando os moradores da terra.

Os trechos de Dan. 10:13,21 e 12:1 aludem a Miguel em contextos similares à presente secção; e esse último trecho indica que sua ação protetora terá lugar nos dias da grande tribulação. Essa passagem bem provavelmente situa a guerra escatológica da presente passagem como algo que sucederá, definidamente, nos «últimos dias». Todavia, vemos aqui a continuação do conflito anterior, quando, no começo da história do mundo, Satanás foi pela primeira vez limitado em seu poder, perdendo, pelo menos, parte de seu acesso aos céus, devido à queda dos anjos, que ele mesmo provocou.

7 Καὶ ἐγένετο πόλεμος ἐν τῷ οὐρανῷ, ὁ Μιχαὴλ καὶ οἱ ἄγγελοι αὐτοῦ τοῦ πολεμῆσαι μετὰ τοῦ δράκοντος, καὶ ὁ δράκων ἐπολέμησεν καὶ οἱ ἄγγελοι αὐτοῦ,

7 Micha'el De 10.13, 21; 12.1; Jd 9

12:7: Havia guerra no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão. E o dragão e os seus anjos batalhavam,

...peleja no céu... Quanto a uma descrição do que está envolvido aqui, ver a nota de introdução a este versículo. Supomos haver aqui um duplo sentido: Primeiro, parece haver uma alusão à queda original de Lúcifer, o mais alto dos arcanjos, e que tentara arrebatar de Deus o governo dos céus, ou, pelo menos, ser igual ao Senhor, quanto à autoridade nesse governo. (Ver Isa. 14:12 e ss., que a maioria dos intérpretes pensa ser a história do começo do pecado no universo, o que provocou a queda inicial dos anjos, e, mais tarde, a queda dos homens). Nesse conflito entre o bem e o mal é que teve início o mal cósmico, e todos os seres, e, de fato, a criação inteira, ficaram envolvidos nisso de algum modo. A revolta de Satanás terminou produzindo divisão na lealdade dos anjos, em que uma terça parte de todos os seres angelicais transferiu sua lealdade para Satanás, segundo se vê no quarto versículo deste capítulo. Em segundo lugar, parece haver uma definida referência escatológica nesta secção. A guerra nos céus não ficou resolvida. Haverá uma outra grande batalha, ao tempo da grande tribulação. Dessa vez Satanás será decisivamente derrotado, pelo que sua área de operação se limitará essencialmente a esta terra (ver os versículos dez em diante do presente capítulo). Então é que o grande horror satânico descenderá sobre este mundo, com uma horrível perseguição religiosa, inspirada pelo anticristo. (Ver as notas de introdução ao presente versículo, quanto a detalhes sobre essas tradições e seu pano de fundo). (Quanto a outras referências bíblicas sobre o «intuito» deste versículo, ver I Reis 22; Jó 1-2; Zac. 3; Dan. 10:13; 21; 12:1 e Luc. 10:18).

Assim como a primeira vinda de Cristo trouxe novas manifestações do

ser entendido «futuristicamente», conforme é ilustrado nas notas acima; e isso fazendo uma aplicação primária à nação de Israel, embora o décimo sétimo versículo também faça a igreja entrar em cena.

8. As notas expositivas sobre o primeiro versículo deste capítulo devem ser consultadas, pois é ali que a «mulher» é apresentada pela primeira vez.

poder diabólico (ver Marc. 1:13; Luc. 22:3,31; João 12:31; 14:30 e 16:11), assim também o retorno de Cristo aos céus é retratado como ocasião de renovados ataques ali. (Robertson, *in loc.*).

...Miguel... As referências bíblicas a Miguel, o arcanjo, são as seguintes: Dan. 10:13,21; 12:1; Jud. 9 e Apo. 12:7. As alusões a ele são mais numerosas nos escritos e livros dos rabinos helenistas. Em Jud. 9 oferecemos a nota de sumário sobre ele.

Lugar de Miguel dentro das tradições literárias judaicas:

1. Em Dan. 10:13,21 e 12:1, ele é pintado como o anjo guardião da nação de Israel. Todas as nações são pintadas como possuidoras de tais guardiões angelicais, idéia que certamente não se limita à cultura judaica. Essa idéia foi eventualmente ampliada para ensinar que todos os indivíduos também possuem tais guardiões; e o trecho de Apo. 1:20 amplia o conceito para envolver as igrejas locais.

2. O trecho de I Enoque 20:5 faz Miguel não o guardião de toda a nação de Israel, mas somente dos verdadeiros santos daquela comunidade. Os trechos de Deut. 32:8,9 (LXX); Sir. xvii.17 e Jubileus xv.31,32 distinguem-no dos patronos angelicais das nações, em número de setenta, desde que Israel, supostamente, não estaria sob a proteção angelical, mas diretamente sob a proteção e o cuidado de Deus.

3. No Testamento dos Doze Patriarcas, Miguel é apresentado como o intercessor em favor dos santos de Israel, mas também dos santos de outras nações.

4. O Testamento de Levi tem Miguel como o mediador entre Deus e os homens em geral. Outro tanto aparece no Testamento de Dan. 6:2.

5. A intercessão de Miguel por Israel, nos «últimos dias», quando isso



tornar-se criticamente necessário é salientado em Dan. 12:1; I Enoque 90:14 e Assunção de Moisés 10:2.

6. A passagem de Apo. 12:7 e ss. expande mais ainda a missão de Miguel. Ali ele é apresentado como o maior dos subcomandantes dos exércitos do bem, o oponente direto do próprio Satanás. Jud. 9 também parece indicar algo assim.

...pelejaram contra o dragão e seus anjos... (Quanto a Satanás como «o dragão», ver os versículos três e quatro deste mesmo capítulo). Os anjos caídos são aqui chamados simplesmente de «anjos». Esse termo usualmente é empregado para indicar os anjos bons, mas não necessariamente e sempre. Esses anjos caídos são as «estrelas» caídas do céu, no quarto versículo deste capítulo. São esses que ficaram cativos pelo encanto e poder de Satanás, ao ponto de se revoltarem contra Deus. E «alguns» deles, pelo menos, podem ser poderes «demoníacos» maiores. (Ver as notas expositivas sobre os «demônios», em Marc. 5:2. Ver o Testamento de Aser 6:4, quanto a menção aos «anjos de Satanás». Em Mat. 25:41 também há a menção ao «diabo e seus anjos»).

Outras idéias sobre o sétimo versículo:

1. «A batalha nos céus não é vista (pela igreja) como um mero conflito bruto em busca de poder. No conflito cósmico, as forças do mal se apresentam desafiadoramente diante das forças do bem. As percepções morais que têm sido conferidas à igreja têm vinculações não só terrenas, mas também celestiais.

8 καὶ οὐκ ἴσχυσεν, οὐδὲ τόπος εὗρέθη αὐτῶν ἐτι ἐν τῷ οὐρανῷ.

8 ισχυεν Α αἰ -σαν ρ<sup>1</sup> NP 1 1006 1611 2059s 2329 pm vg sy sa c; R: ισχυον 046 69

12:8: mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou no céu.

A queda gradual de Satanás:

«É conveniente que nos lembremos dos passos do julgamento de Satanás:

1. Ele é lançado, como o 'querubim que cobre', dentro o meio das pedras de fogo, isto é, do lugar principal de liderança, por ser 'profano', para longe da adoração ao Deus do céu (ver Eze. 28:14-16). Sempre senti que a isso é que o Senhor aludiu, no décimo capítulo do evangelho de Lucas: 'Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago'. O resplendor desse ser faria sua queda ser como um 'relâmpago'. Apesar de tão distanciado de sua glória anterior, pois está naquele 'lugar dos céus' onde aparece como 'acusador', o seu poder ainda é grande.

2. Mas, neste décimo segundo capítulo do Apocalipse, Satanás é derrubado de qualquer posição que, no presente, lhe seja permitida (tal como se vê em Jó 1:12; I Reis 22:21 e Zac. 3:1), sendo projetado na terra.

3. Satanás é lançado no abismo, no centro da terra, quando da volta de Cristo, e ali passará mil anos (ver Apo. 20:1-3).

4. Após ser solto, no fim do milênio, 'por pouco tempo', ele conduzirá os homens em uma rebelião desesperada contra Deus e seu povo, sendo então lançado, para sempre, no lago de fogo e enxofre (ver Apo. 20:10). (Newell, *in loc.*).

O direito triunfará, finalmente, sobre o erro. Essa é a nossa confiança. Mas essa vitória será gradual, conforme já tivemos ocasião de observar. Primeiramente será retificado o «céu». Isso, por sua vez, será aplicado à terra. Satanás e suas hostes serão derrubadas, mas isso ainda não será sua destruição. A queda de Satanás à terra, outrossim, aparentemente aumentará sua vantagem nesta esfera terrena, ao menos por algum tempo.

9 καὶ ἐβλήθη ὁ δράκων ὁ μέγας, ὁ ὄφης ὁ ἀρχαῖος, ὁ καλούμενος Διάβολος καὶ ὁ Σατανᾶς, ὁ πλανῶν τὴν οἰκουμένην ὅλην — ἐβλήθη εἰς τὴν γῆν, καὶ οἱ ἄγγελοι αὐτοῦ μετ' αὐτοῦ ἐβλήθησαν

\* 9 d dash WH RSV NEB † d major AV RV ASV Luth See ‡ d minor TR Bov Nem BF<sup>1</sup> TT Zur Jer

9 ὁ δράκων...Σατανᾶς Ro 20:3 ἐβλήθη...γῆν Ia 14:12, 14 10:18, Jo 12:31

12:9: E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo o Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele.

...foi expulso o grande dragão... A fim de conseguir maior efeito dramático, o vidente João nos fornece vários nomes desse poderoso ser angelical, que sofreu tal queda, após ter-se defrontado com uma força superior à sua. (Ver as notas expositivas, no oitavo versículo deste capítulo, acerca da «queda gradual de Satanás»).

...grande dragão... Expressão usada em toda esta passagem para indicar Satanás. (Ver o terceiro versículo deste capítulo, quanto a notas expositivas completas a respeito). No terceiro versículo, ele tanto é «grande», como é «vermelho», dotado de sete cabeças e dez chifres, com sete diademas sobre as cabeças. No quarto versículo é dito que ele tem poder em sua vasta cauda, com a qual ele arrebatou dos céus uma terça parte de seus habitantes, os quais se lhe tornam escravos. Ele se põe de pé sobre suas patas traseiras (ver o quarto versículo, em sua notas expositivas), e espera anelantemente pelo nascimento de Cristo, o «menino», a fim de devorá-lo. No sétimo versículo, é contra o horrendo «dragão» que Miguel combate. Neste versículo, suas grandes dimensões são enfatizadas. Ele é tão grande que preenche os céus, e as próprias estrelas são varridas com sua cauda. Todas essas coisas são descrições «simbólicas» do poder de Satanás, que até então terá acesso ao próprio céu, quanto mais a esta humilde terra, juntamente com seu vastíssimo número de auxiliares satânicos.

...a antiga serpente... Ele é «homicida» desde o princípio (ver João 8:44). E ele foi o «começo» (ou «iniciador») mesmo do pecado, segundo se lê no evangelho de Nicodemos. Encontramo-lo, primeiramente, no livro de Gênesis, onde ele já aparece como um ser maligno. O décimo quarto capítulo do livro de Isaías pinta suas atividades antes da existência da terra; e ali ele já é um poder pervertido e grandemente destruidor. Ele tem estado solto por longo tempo, dotado do caráter de «serpente», um dos constantes símbolos que a humanidade tem usado para indicar um poder astucioso e

Uma vez que se veja as distinções morais e espirituais, essas assumem um significado universal. Assim é que os conflitos à face da terra eram vistos como parte de um poderoso conflito cósmico». (Hough *in loc.*).

2. Os intérpretes simbólicos e históricos pensam que o «céu», neste caso, é o «trono do império romano», ao passo que a «guerra» seria o irromper das agitações civis entre os governadores desse império. Mas isso é um absurdo. Alguns pensam que «Miguel» seria o filho dado à luz pela «mulher», o qual, por sua vez, defenderá a «igreja» contra os assédios do poder dos romanos, o que é uma idéia igualmente absurda.

3. Alguns pensam que «Miguel», neste ponto, é um símbolo de um nome do próprio Cristo; mas isso é contrário às tradições judaicas acerca desse poderoso anjo e de sua missão, confiada por Deus.

4. Os intérpretes da escola histórica tentam fazer essa «guerra» encaixar-se à história passada, e assim acham que se trata da «guerra de Constantino contra o paganismo», uma vez que ele tornou-se cristão. Há outras idéias similares entre elas. Mas tudo não passa de tolices.

5. Essa «guerra» é localizada no período da tribulação, o que também nos é indicado em Dan. 12:1. A terra atravessará um período difficilissimo quando o poder de Satanás circunscrever-se a esta terra. Os juízos das trombetas têm-nos mostrado o que isso significará. Esses juízos falam quase inteiramente dos assédios de Satanás contra a terra, nos «últimos dias». Acreditamos que esses últimos dias são o nosso próprio tempo de vida, ou, pelo menos, o tempo de vida dos nossos filhos. Eles terão de ser crentes melhores do que temos sido.

de tal modo que, mais do que nunca, tornar-se-á ele o deus deste mundo (ver II Cor. 4:4). Mas essa «vantagem» não perdurará por longo tempo, e até mesmo isso mostrará aos homens o equívoco deles, por darem lealdade a Satanás e às forças do mal, porquanto tornar-se-á horrendamente evidente que a lealdade a ele traz indizíveis sofrimentos.

...nem mais se achou no céu o lugar deles... Essas palavras visam mostrar quão «completa» será a expulsão. Idêntica expressão é usada em Dan. 2:35 e Zac. 10:10, em outras conexões. «O dragão será finalmente expulso do céu (comparar com Jó 1:6), embora para nós pareça difícil o conceito que Satanás tivera acesso ao céu» (Robertson, *in loc.*).

Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. Rejeitamos as interpretações históricas que pensam que a «expulsão» de Satanás indica a vitória do cristianismo sobre o paganismo, no império romano, além de outros acontecimentos terrenos e historicamente baseados. O texto sagrado aborda questões de natureza «cósmica», e não meras questões terrenas e humanas.

2. «Há uma fraqueza inerente no mal: um local que pode ser ferido, em face do que toda a sua força murcha. Tão completa foi a derrota de Satanás e suas hostes que nem mesmo o seu antigo lugar pode ser reconhecido. 'Eu fui, e eis! ele desaparecera: eu o procurei, mas ele não mais podia ser achado'» (Carpenter, *in loc.*).

3. Este versículo é o paralelo espiritual da Tia. 4:7: «...resisti ao diabo, e ele fugirá de vós...». Não pode haver vitória sem a decisão de resistir e lutar. Até o próprio Senhor Jesus foi forçado a resistir; e até mesmo sua batalha contra o mal não foi fácil. Alguns dos seguidores do Senhor tiveram de resistir até ao derramamento de sangue, embora outros não tenham tido de resistir tanto (ver Heb. 12:4). Mas todos os seguidores de Cristo têm de empenhar-se no conflito em favor da bondade e da verdade.

destruidor, que ataca sem misericórdia. Por isso é que Satanás é aqui chamado de «a antiga serpente».

«O grande dragão, na qualidade de inimigo mortal de Cristo, desde há muito dera início a seu esporte assassino, na qualidade de antiga serpente. A serpente do paraiso transformou-se no grande dragão do inferno». (Lange, *in loc.*).

Satanás tanto é a «serpente» como é o dragão. O «dragão» é um animal semelhante à serpente, nas histórias antigas. Esses dois vocábulos, no grego, «*drakon*» e «*ophis*», são usados na Septuaginta como termos intercambiáveis para «leviã», ou seja, «monstro-marinho». Trata-se do mesmo «antigo dragão» ou «antiga serpente», que são expressões rabínicas. É um ser malicioso e invejoso (ver Sap. ii:24; En. xx.7 e Testamento de Rúben 5), devendo ser identificado com a serpente do terceiro capítulo do livro de Gênesis, segundo essas referências o demonstram.

«Na qualidade de destruidor, ele é um 'leão que rugir' e na qualidade de enganador, ele é uma 'serpente'». (Faussot, *in loc.*). Mas, na qualidade de «serpente», ele também é um destruidor, pois é gigantesco e tem um tremendo poder em sua cauda.

...que se chama diabo... Esse nome, que no grego é «*diabolos*», significa «acusador», «caluniador», sendo a palavra regularmente usada na Septuaginta para indicar Satanás, o arqui-maligno poder espiritual. Nas páginas do N.T., esse título é empregado por trinta e oito vezes. (Ver Mat. 4:1, 5, 8, 11; Luc. 4:2; João 6:70; Efê. 4:27; I Tim. 3:6, 7, II Tim. 2:26; Heb. 2:4; Tia. 4:7; I Ped. 5:8; I João 3:8, 10; Jud. 9; Apo. 2:10; 12:9, 12; 20:2, 10). O primeiro e o segundo capítulos do livro de Jó apresenta-o como um «caluniador», e isso é especificamente dito acerca dele, no décimo versículo do presente capítulo. (Quanto a notas de sumário sobre «Satanás», ver Luc. 10:18 e João 8:44).

...Satanás... Essa é uma palavra de origem hebraica, que significa «adversário» ou «acusador». No A.T., a palavra «Satanás» é usada como nome próprio somente em três livros: em Zac. 3:1; em Jó (por toda a parte);

e em 1 Crô. 21:1. Satanás está sujeito às limitações impostas por — Deus. E ser-lhe-á permitido ocupar-se de suas atividades malignas até que os homens aprendam a dar voluntária lealdade a Deus e ao bem, porquanto isso é melhor para eles e para a criação inteira. Na tradição judaica posterior, Satanás é promovido à posição de comandante das forças do mal, atribuição essa que, originalmente, não estava vinculada ao seu nome. Esse ponto de vista acerca do diabo entrou nas páginas do N.T. com origem nos escritos judaicos helenistas, incluindo os apocalipses judaicos. Nesses escritos, a Satanás é conferida grande variedade de designações, como Beliar ou Belial, Azazel, Sammael, Mastema, Asmodeus, Beelzebube ou Beelzebub. (Ver as notas expositivas em Mat. 10:25 quanto a «Beelzebube»). Nas páginas do N.T., «Satanás» é o título usado para indicar o arquiniimigo, por nada menos de trinta e seis vezes. (Quanto a algumas escritas referências, ver Mat. 4:10; 12:25; 16:23; Marc. 1:13; 3:23,26; 4:16; 8:33; Luc. 4:8; 10:18; 13:15; 22:3,31; João 13:27; Atos 5:3; 26:18; Rom. 16:20; 1 Cor. 5:5; 7:5; 1 Tes. 2:18; 1 Tim. 1:20; 5:15; e neste livro, ver Apo. 2:9; 13:4; 3:9; 12:9 e 20:2,7. Ver o décimo versículo do presente capítulo, nas suas notas expositivas, acerca de suas atividades como «acusador»).

«...sedutor de todo o mundo...» Ele é a «serpente sedutora», que primeiramente usou sua sabedoria perversa para arrastar uma terça parte dos poderes angelicais para sua órbita. Sobre a terra ele tem sido muito melhor sucedido. Em seus olhos podemos contemplar a sabedoria de todos os séculos; mas ele tem pervertido essa sabedoria. Em seu intrincado designio podemos perceber grande beleza; mas ele a tem conspurcado. Em seus atos e em seus métodos podemos divisar um estranho fascínio. Antes de tudo, ele seduziu Eva, conforme se verifica no terceiro capítulo do livro de Gênesis; e essa é a alusão do presente versículo. Mas não demorou Satanás a cativar o mundo inteiro, tornando-se o seu «deus». Porém, esse poder e essa sabedoria, alicerçados sobre a sedução, eventualmente haverão de cair.

Seus poderes de sedução tornar-se-ão extremamente patentes quando, durante o período da grande tribulação, ele for universalmente adorado, por meio do seu falso cristo, o anticristo. Então a vasta maioria dos homens não mais terá a pretensão de estar adorando a Deus, mas cairá sob o

encanto de Satanás e haverá de adorá-lo francamente, desavergonhadamente, por meio do seu profano e falso «cristo».

«...e com ele, os seus anjos...» Essas palavras podem ser comparadas ao quarto versículo deste capítulo. Então esses «anjos caídos» terão acesso direto a esta terra, do que antes não desfrutavam.

#### Outras idéias sobre o nono versículo:

1. Não se acha no A.T. a identificação da «serpente» do terceiro capítulo do Gênesis com «Satanás». Isso se originou na interpretação rabínica, assim encontrando caminho até aos escritos judaicos helenistas. Em 1 Enoque 89:6, o líder dos anjos caídos, chamado Gadreal, teria tentado Eva. Gadreal pode ser então facilmente identificado com o próprio Satanás. A «culpa» dos «anjos caídos», segundo aquele mesmo livro (54:6) consistiria do fato que eles se tornaram sujeitos a Satanás, o que nos dá licença para identificá-lo com Gadreal, o grande sedutor. Sabedoria 2:24 é trecho que mostra que a morte entrou no mundo por meio de Satanás, e isso foi exibido pela primeira vez no homicídio de Abel, por parte de Caim. O Apocalipse identifica a «serpente» com Satanás, e sem dúvida isso resulta de muita tradição, e não se trata de algo «originado» pelo próprio vidente João.

2. Os «anjos caídos» descerão à terra juntamente com Satanás. Grande será a angústia que então haverá entre os habitantes da terra, quando isso suceder, durante o período da «grande tribulação», segundo os juízos das trombetas o demonstram, pois esses juízos salientam a realidade do assédio satânico sobre a terra, nos «últimos dias». Supomos que «alguns», mas certamente *nem todos* os demônios são anjos caídos. (Ver as notas expositivas sobre esse tema, em Marc. 6:2).

3. Rejeitamos as interpretações «históricas», que fazem essa cena referir-se à «derrubada» do paganismo (que é satanicamente inspirado), dentro do império romano, nos dias do imperador Constantino, quando ele fez com que o império se tornasse oficial e superficialmente «cristão». Nem devemos ver nesses versículos o «triunfo da igreja», em qualquer época específica, ou através dos séculos, conforme alguns supõem. Antes, pensamos que esses serão eventos «cósmicos», que ainda fazem essencialmente no futuro, envolvendo Satanás e seus anjos caídos literalmente, não como eventos «terrenos», embora a terra muito tenha de sofrer com isso, em face das consequências do conflito cósmico, conforme o próprio contexto esclarece.

10 καὶ ἤκουσα φωνὴν μεγάλην ἐν τῷ οὐρανῷ λέγουσαν, Ἄρτι ἐγένετο ἡ σωτηρία καὶ ἡ δύναμις καὶ ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ ἡμῶν καὶ ἡ ἐξουσία τοῦ Χριστοῦ αὐτοῦ, ὅτι ἐβλήθη ὁ κατήγωρ τῶν ἀδελφῶν ἡμῶν, ὁ κατηγορῶν αὐτοὺς ἐνώπιον τοῦ θεοῦ ἡμῶν ἡμέρας καὶ νυκτός.

10 ὁ κατήγωρ... νυκτός Job 1:9-11; Zeb 3:1

10 κατήγωρ A.] κατηγορος rell G; R

O Códex Alexandrinus diz κατήγωρ, um *haxap legomenon* do N.T., ao passo que todos os demais testemunhos (incluindo  $\mathfrak{P}^{47}$  e C P 046) trazem o vocábulo grego mais comum, κατήγορος. A maioria da comissão preferiu κατήγωρ, pois julgou-se ser mais provável que essa palavra tenha sido alterada para κατήγορος do que vice-versa. A minoria da comissão, apesar de reconhecer que o códex Alexandrinus é excelente testemunho no caso do livro de Apocalipse, preferiu κατήγορος, concordando com Tasker que, nesta instância, dizia «bem pode ser que o escriba de A do século V esteja (meramente) refletindo o uso de sua época, e não copiando de um manuscrito que retinha a forma original κατήγωρ. (1)

1. R.V.G. Tasker, *Journal of Theological Studies*, L (1949), pág. 66.

12:10; Então ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e o poder, e o reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo; porque já foi lançado fora o acusador da nossa irmãos, e qual diabo do nosso Deus os acusava dia e noite.

«...ouvi...» Em visão mística audível. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10, acerca do «tipos de visões»).

«...grande voz...» Essa é uma das expressões favoritas do vidente João. Essa «grande voz» anuncia uma mensagem urgente, ouvida por toda a parte, a qual não pode ser ignorada. (Ver essa expressão usada em Apo. 1:10; 1:15—acerca de muitas águas, a voz de Cristo; 5:2,12; 6:10; 7:2,10; 8:13; 10:3; 11:12; 14:2—acerca de muitas águas e de trovões; 14:7,9,15; 16:1,17; 18:2; 19:1,6—acerca de poderosos trovões; 19:17 e 21:3).

«...do céu...» No Apocalipse, essa palavra sempre aparece no singular, exceto em Apo. 12:12, onde a palavra aparece dentro de uma citação. A teologia judaica normal envolvia a idéia de uma multiplicidade de céus. (Ver Efê. 1:3 e suas respectivas notas expositivas sobre esse ponto de vista, que também é comum no N.T.).

Essa «voz» desceu do céu, pelo que estava revestida da autoridade celestial. Provavelmente é a voz de algum elevado ser angelical, como é normal no Apocalipse. Algumas vezes é a voz de Cristo que está em pauta, conforme se vê no primeiro capítulo do livro e em Apo. 10:4,8.

«...Agora veio a salvação...» A destruição do poder satânico está próxima, pelo que isso importa em «salvação» para os que sofrem sob esse poder. Será uma «salvação» para fora da tribulação, o livramento para longe do poder de Satanás, a inauguração do milênio. Mas a «salvação», neste caso, também deve ser tida em sentido geral—tudo quanto Deus faz por meio dos homens que estão em Cristo. (A nota geral sobre a «salvação» aparece em Heb. 2:3).

«...o poder...», ou seja, o «poder de Deus», que governa, que derruba as forças cósmicas do mal, beneficiando aos homens por intermédio de Cristo. Até esse tempo, Deus terá limitado o seu poder, permitindo que os homens ajam mediante seu livre-arbítrio, a fim de que aprendam suas lições gradualmente. Este versículo alude à «intervenção divina» que haverá nos últimos dias. Então o poder de Deus será realmente conhecido, pois passará a operar de uma maneira como não tem acontecido há militíssimos milênios. Isso produzirá a «parousia» ou segundo advento de Cristo.

«...o reino do nosso Deus...» O N.T. muito tem a dizer acerca do «reino de Deus» ou «reino dos céus» (esta última forma é circunscrita ao evangelho de Mateus, embora sejam as duas designações sinônimas). Mas esses termos nem sempre significam exatamente a mesma coisa. Há o reino político, esperado pela nação de Israel; há o reino milenar, esperado pela igreja, e que substituirá a outra idéia; há o «reino do íntimo» (o controle de

Deus sobre a alma; ver Luc. 17:21); há o reino na qualidade de mensagem cristã, que consiste de exigências espirituais (ver Rom. 14:17); há o reino na qualidade de evangelho e suas implicações (ver Atos 1:3 e 8:12); há o reino como «o outro mundo celestial» (ver 1 Cor. 15:50). (Quanto a notas expositivas completas sobre os vários conceitos que estão envolvidos na expressão «reino de Deus», ver Mat. 3:2, onde também aparece a nota de sumário sobre esse tema).

No presente contexto, parece haver certa mistura de conceitos do «reino», como:

1. o reino milenar; e

2. o—estado eterno, com o mundo celestial que isso introduzirá aos homens. Além disso, esse reino também será a «concretização» da salvação, nos termos acima descritos. A idéia do milênio é talvez dominante, embora não seja uma idéia isolada. (Ver as notas sobre o «milênio», em Apo. 20:6).

«...autoridade de seu Cristo...» A autoridade do verdadeiro Cristo de Deus, o Filho, por fim à autoridade do anticristo, o falso «cristo» do dragão. Essa idéia deve destacar-se em qualquer interpretação da presente passagem. Isso significa que Satanás deixará de controlar aos homens, sendo estabelecido, em lugar disso, o controle de Deus. Esse é o tema de 1 Cor. 15:24 a ss. Cristo reinará (conforme temos visto no quinto versículo deste capítulo). Em seguida, o «reino mediano», sobre o qual Cristo governará durante o milênio, será entregue a Deus Pai; e então Deus será «tudo para todos». A passagem de Efê. 1:23 mostra-nos que a mesma coisa se dará no caso do Filho; pelo que, nesta era e em qualquer era, ou mesmo no estado eterno, o poder e a graça de Deus sempre são mediados por intermédio do Filho. E o estado eterno não poderá ser diferente, porquanto o «mistério da vontade de Deus» é fazer com que tudo tenha seu centro em Cristo, tendo nele sua razão de existência, e também a própria origem, formando uma grande unidade em redor dele como cabeça (ver Efê. 1:10). Agora mesmo a igreja mostra como isso poderá suceder. Antes de tudo ocorrerá na igreja, e em seguida ocorrerá em toda a criação. Quando isso tiver lugar, a restauração geral substituirá o atual caos e rebelião. Isso não fará com que todos os homens sejam «eleitos», porquanto nem todos participarão da «vida de Cristo» ou da «própria natureza de Cristo», ainda que, em Cristo, encontrem razão para viver e propósito em sua existência. E tudo redundará na glória de Cristo e no bem dos homens. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios certamente nos ensina isso.

«...o acusador de nossos irmãos...» Estão em foco, na palavra «irmãos», particularmente os «mártires» (conforme se vê no décimo primeiro versículo) dos últimos dias, aos quais Satanás perseguirá especialmente. Mas já que a alusão é à primeira porção do livro de Jó, também devemos pensar na questão em termos universais. Satanás sempre foi um acusador, e todos os

noos «irmãos», de todos os séculos, haverão de regozijar-se com sua queda, sendo libertos de qualquer dano que porventura lhes tenha sido imposto. Nenhum dano final pode sobrevir a um homem verdadeiramente bom. Os seres angelicais não estão em pauta aqui.

A literatura rabínica fazia Miguel ser o «advogado» do povo de Deus, conforme temos mostrado nas notas expositivas sobre o sétimo versículo deste capítulo. E esse «espírito de defesa» e bem-estar haverá de predominar, quando for derrubado o acusador, Satanás, que é o contrário a esse espírito. Porém, Cristo, como nosso Advogado, é muito maior ainda (ver I João 2:1); e idêntico a Cristo é o Espírito Santo (ver Rom. 8:26,27). Portanto, de muitos modos, o benefício é assegurado e fica garantida a derrota e a destruição do mal.

«...foi expulso...» No grego temos o aoristo, que daria em resultado «expulso de uma vez por todas». (Comparar com João 12:31 e 16:8,11).

«...o mesmo que os acusa...» No grego, o particípio presente é usado como se fora um substantivo, com o artigo definido—o acusante—dando a entender alguém cuja tarefa permanente é seu trabalho destruidor. Supomos que o vidente João indica algo parecido com a história de Jó. Satanás tem acesso à presença de Deus, procurando denegrir os justos diante mesmo da face do Senhor, com a idéia de fazê-los perder o favor divino. Ele procura degradar suas vidas, de modo a não haver motivo pelo qual continuem desfrutando do favor divino. Satanás engana e destrói; e isso continuamente. Mas o seu tempo de atuação é limitado.

«...diante do nosso Deus...» Isso porque Satanás é apresentado como quem goza de acesso literal à presença de Deus. (Ver a documentação sobre essa idéia, com base nas tradições judaicas, nas notas expositivas abaixo, em «Outras Idéias»).

«...de dia, e de noite...» Essas palavras asseguram-nos um trabalho constante e incansável da parte de Satanás. Ele é um trabalhador prodigioso em favor do mal; pois nada existe de bem resistente em seu ser. Ele sufocou em si mesmo todo o bem, tendo-se tornado o príncipe do mal. Assim sendo, ele exerce um esforço prodigioso em todas as suas operações. *Wajikra* R. 21 afirma que Satanás acusa aos homens todos os dias, exceto no dia da Expição. (Ver Jó 1:6; I Crô. 21:1 e I Enoque 40:7, quanto à atuação acusadora de Satanás diante de Deus).

#### Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. De acordo com I Enoque 40:7, a função do arcanjo *Panuel* era impedir Satanás de acusar os justos. A atuação desse arcanjo triunfará totalmente, por fim, embora não por seu próprio poder. Deus mesmo, mediante sua intervenção na história humana, é que produzirá isso. Então haverá vitória e benefícios totais, para todos os remidos; e isso não está muito distante.

2. Miguel faz oposição a Samael (outro nome de Satanás). Miguel é um advogado do bem; e Samael é o agente da destruição, mediante suas acusações.

11 καὶ αὐτοὶ ἐνίκησαν αὐτὸν διὰ τὸ αἷμα τοῦ ἀρνίου καὶ διὰ τὸν λόγον τῆς μαρτυρίας αὐτῶν, καὶ οὐκ ἠγάπησαν τὴν ψυχὴν αὐτῶν ἄχρι θανάτου.

12:11: E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de seu testemunho; e não amaram os seus vidas até a morte.

Este versículo identifica os «irmãos» aludidos no versículo anterior. Eles são especificamente, posto que talvez não exclusivamente, os «mártires» dos últimos dias, que sofrerão sob o anticristo. Esses é que sofrerão a perseguição religiosa mais intensa que o mundo já viu. Contudo, o versículo certamente tem um significado histórico. O vidente João escreveu a uma igreja sob perseguição. Essa foi a perseguição movida pelo imperador Domiciano (e, por antecipação, movida por outros imperadores romanos), que os cristãos tinham como satanicamente inspirada. No entanto, os mártires puderam vencer tal perseguição, mediante a lealdade a Cristo, mediante a confiança em sua expiação, aqui indicada pela menção do sangue. Assim sendo, embora Domiciano pudesse matar ao corpo, nada podia fazer para prejudicar à alma remida pelo sangue de Cristo. Isso sucedeu nos dias de Domiciano e também sucederá quando o anticristo promover sua vasta perseguição religiosa, quando, novamente, a igreja cristã tiver multíssimos mártires.

«...venceram...» Essa palavra pode ser confrontada com Rom. 8:31 e ss. Nada pode voltar-se contra nós e obter sucesso, se somos favorecidos por Deus, mediante Cristo. Ninguém pode condenar-nos com êxito; nada pode separar-nos do amor de Cristo—nem tribulação, nem angústia, nem perseguição, nem fome, nem nudez, nem perigo, nem espada, nem matança; não, nada há de finalmente prejudicial para nós, nem a morte, nem os desastres da vida, nem os seres angelicais, nem os maus principados celestiais, nem os poderes negativos; e nem mesmo coisas presentes e visíveis ou futuras e invisíveis; nada do que existe nas profundezas do hades, nada do que existe nas alturas celestes. Nada, em absoluto, pode separar-nos do amor de Deus, que nos foi dado em Cristo Jesus, nosso Senhor. Antes, «...somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou» (Rom. 8:37). Pois o amor divino é maior que a capacidade da mente humana, subindo mais alto que as mais longínquas estrelas e descendo até ao mais profundo hades. (Quanto a notas de sumário sobre o «amor», com poemas ilustrativos, ver sobre o «amor de Deus», em João 3:16 e Rom. 5:8; sobre o amor como «forma diretiva da família de Deus», em João 14:21 e 15:10. Quanto ao «amor de Cristo, que nos constrange a uma vida santa», ver II Cor. 5:14).

No presente versículo, «derrotar» a Satanás significa vencer suas astúcias, mantendo a profissão cristã a despeito das perseguições e da matança, e obtendo o «*summum bonum*» da alma, sendo transportado aos lugares celestiais por meio do martírio. Houve muitos apóstatas que não puderam resistir aos terrores de Domiciano. Outro tanto sucederá no tempo do anticristo. Mas alguns crentes «vencerão» ao anticristo e ao poder satânico que nele está, e obterão a «salvação» aludida no décimo versículo deste

Assim asseveram os comentários de *Schottgen*, I. 1120 e II. 660 (Talmude) sobre o trecho de Exo. 12:29. Esse tema também figura em *Midrash Teh.* sobre o vigésimo salmo; e em *Midrash R.* sobre o livro de Rute, na sua introdução. Em I Enoque 40:7, lemos o seguinte: «Ouví a quarta voz arredando os acusadores e proibindo-os de se apresentarem ante o Senhor dos espíritos, para acusar aqueles que habitam sobre a terra». Essa referência fala em vários «acusadores», sem dúvida todos os anjos caídos de qualquer espécie.

«Que o espírito de Beliar não domine sobre eles, a fim de acusá-los diante de ti, desviando-os enganadoramente de todas as veredas da justiça». (*Sohar Levit.* fol. 43, Talmude).

3. Esse grande clamor de vitória, segundo supõem alguns intérpretes da escola histórica, será um braço de agradecimento a Deus, por ter caído o paganismo no império romano, sendo estabelecido em seu lugar, como religião oficial, o cristianismo, pondo fim à era das perseguições imperiais contra os cristãos. Mas isso está longe da verdadeira interpretação deste trecho.

4. Não obstante, este versículo pode ser «aplicado» a todas as vitórias espirituais, quando Cristo tornar-se o verdadeiro Senhor dos homens. Assim será derrotado Satanás.

*Eles abandonam as insígnias de César;*

*Eles preferem o pendão da cruz;*

*Ao invés dos pendões do dragão, que levavam,*

*drapejando ao vento,*

*Eles apresentam ao madeiro ilustre*

*Que subjugou ao dragão*

(Prudêncio)

5. A «acusação de Satanás», de acordo com os intérpretes da escola histórica, seria feita contra os mártires e os crentes em geral, durante as das perseguições gerais, movidas pelo império romano contra o cristianismo. Entre eles há também os que pensam que isso alude às perseguições havidas ao longo da história eclesástica. Mas a tradição por detrás disso mostra-nos que está em foco uma «acusação nos céus», feita pelo próprio Satanás, nada tendo a ver com alguma acusação na terra, por parte de meros seres humanos, inspirados por Satanás. Naturalmente, há um paralelo disso, sobre a terra; mas não é essa a referência primária deste versículo. Mas até mesmo esse «paralelo» deve ser situado dentro do período da «grande tribulação», por breve período, sobre a terra, promovendo então, por intermédio do anticristo, a pior e mais intensa de todas as perseguições religiosas de todos os séculos.

*Variante Textual.* Um manuscrito, o códex A, diz «kategor» (acusador), ao invés do usual «kategoros». Trata-se de um «hapax legomenon», termo de uma só ocorrência, se o ms A está correto. Os ms P(47), Aleph, CP. 046, porém, trazem o vocábulo mais comum, que poderia ter sido propositalmente modificado para tal. Alguns críticos textuais, entretanto, retêm a palavra mais comum, supondo que o escriba do ms A alterou a palavra para um termo mais usado em seus próprios dias. Não há como resolver a questão com toda a certeza. A forma mais usual tem sido encontrada em outras obras literárias, pelo que o escriba do ms A não a inventou. Os papiros *Graeci Magicae* 10,26 contém essa forma.

capítulo, vindo a participar do «reino».

*Os meios dessa vitória:*

1. O «sangue do Cordeiro». (Comparar com Apo. 1:5, onde seu sangue é que nos «lava» de nossos pecados. A expiação, sob a figura simbólica de uma «lavagem», está obviamente em foco. Isso liberta a alma do pecado condenador, que nos separa de Deus e de seus benefícios. O martírio, pois, torna-se uma libertação para a verdadeira vida, longe de ser o fim da vida. Fica assim claramente demonstrado que «a morte não mata». (Quanto a notas expositivas completas sobre a «expiação», ver Rom. 5:1. Comparar isso com Apo. 5:9, que diz: «...compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação»).

*Conceitos sobre a expiação pelo sangue:* Ver notas completas em Rom. 3:25.

2. Este versículo aponta para um segundo meio de «vencer»—«...e por causa da palavra do testemunho que deram...» Em outras palavras, foram fiéis como mártires, sustentando até ao fim a *profissão cristã*, a despeito de uma horrenda oposição. A menos que alguém «continue» (ver as notas expositivas em Col. 1:23) o processo do «batismo espiritual», em que participa da morte e da ressurreição de Cristo, tal operação não pode ter lugar nele. Portanto, assim como o «sangue» alude especificamente ao que Deus faz por nós, a «continuação» fala do que devemos fazer. A graça de Deus deve ser correspondida pela vontade humana positiva, pois, de outro modo, a graça será anulada em suas operações. A própria experiência humana é testemunho disso, tal como muitas passagens bíblicas. Tudo isso nos envolve no problema da «segurança eterna», anotada em Rom. 8:39. O trecho de Col. 1:23 encerra uma nota expositiva mais breve sobre o problema. Este comentário assume a posição que apesar da «segurança do crente» ser absoluta, ou seja, apesar de que isso caracterizará finalmente todos aqueles que confiaram em Cristo, contudo, a «queda» pode ocorrer como algo «relativo» à experiência terrena do crente. Isso significa que um crente pode realmente cair, e até mesmo apostatar, chegando mesmo a descer à sepultura nessa condição. Mas, de algum modo, ou antes da morte física, ou depois, já no mundo espiritual intermediário, antes da volta de Cristo, quando serão traçados os limites eternos, Cristo se reencontrará com aquela alma, trazendo-a de volta. Isso só pode ocorrer, entretanto, em meio às condições e circunstâncias da maior agonia, que ensinam à alma que não há cumprimento na vida sem Cristo.

\*\*\*

O versículo que ora comentamos ilustra o imperativo absoluto de «Cristo na vida diária». Precisamos apropriar-nos dessa realidade para nós mesmos, pois, de outra maneira, sua expiação e sua vida ressurrecta de nada nos adiantarão.



## Cristo na Vida

*Cristo na vida, valor incomparável, que isso te basta;  
Nenhum outro argumento, nem defesa, nem apelo eloquente ou artifício.  
Eu te apresento; mas antes, Cristo na vida, que isso te basta.  
Não falo do excelente e sutil debate da filosofia,  
De argumentos ontológicos, teleológicos, cosmológicos; disso não falo;  
Desafio-te com as exigências incessantes da alma,  
Repreendo a teu espírito morto, à tua rebeldia e ignorância,  
Que essa palavra chegue, a voz que põe fim a toda contenda,  
Que isso te basta: Cristo na vida!*  
(Russell Champlin)

«...e, mesmo em face da morte...». Outros indivíduos amaram de tal modo suas vidas que abandonaram a fé. O martírio tornou-se tão comum nos primeiros séculos do cristianismo, sob as dez distintas perseguições romanas, que foram formados «clubes de mártires», onde os crentes buscavam ativamente a morte pelo martírio. Entretanto, muitos mostravam-se mais corajosos enquanto não tinham de enfrentar os leões, chegando o momento mesmo da morte. Muitas blasfêmias e apostasias resultavam disso. Foi mister, finalmente, que um concílio eclesiástico reprecendesse e proibisse o «martírio voluntário». O vidente João escreveu a uma igreja que vira muitos crentes morrerem corajosamente, ao passo que outros negavam a Cristo no momento da crise, por haverem amado suas vidas físicas excessivamente. Àqueles primeiros, pois, João elogiou, pois demonstravam desdém pela vida física, a fim de obterem a vida eterna. Paulo expressa essa mesma atitude, em Fil. 1:21: «Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro». E ao assim dizer ele tinha o «martírio potencial» em foco, pois, ao escrever essas palavras, era um prisioneiro das autoridades romanas. O espírito «profético» deste versículo antecipa o caso de homens bravos e de fé, que arrostarão a todas as ameaças do anticristo,

12 διὰ τοῦτο εὐφραίνεσθε, [οἱ] οὐρανοὶ καὶ οἱ ἐν αὐτοῖς σκηνοῦντες· οὐαὶ τὴν γῆν καὶ τὴν θάλασσαν, ὅτι κατέβη ὁ διάβολος πρὸς ὑμᾶς\*, ἔχων θυμὸν μέγαν, εἰδὼς ὅτι ὀλίγον καιρὸν ἔχει.

\* 12 = nome: TR Bov Nae BF<sup>2</sup> RSV NEB TT Luth // s. salmo: WH AV RV ASV Zür Jer Seg

// 12.17—13.1 / number 18, chapter 13.1: TR WH Bov Nae

BF<sup>2</sup> TT Zür Luth Jer Seg // f. no. number, f. chapter 12.1: RSV // f. chapter 13.1, f. no number: AV RV ASV NEB

12 οὐρανοί] φραστ. os A I 1006 1611 2059 p m s [οὐαί] add τοῖς κατοικοῦσιν I 2026 p c s

12:12: Pelo que alegrei-vos, ó céus, a vós que neles habitais. Mas ai da terra e do mar porque o Diabo desceu a vós com grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta.

«Tal como o rolo de condenação e destino, que João ingeriu (ver Apo. 10:10), os eventos vindouros serão doces e amargos para os mártires: doces porque o tempo de Satanás «está curto»; e amargos porque, em sua ira, durante o pouco tempo que lhe restar, ele haverá de lançar «angústias» sobre todos os povos da terra». (Risti, in loc.).

**Determinação do tempo.** Fica repetidamente claro, no Apocalipse, que o vidente João cria estar vivendo nos «últimos dias» e que a «parousia» (segundo advento de Cristo) está próxima, de tal modo que sucederia em seus próprios dias de vida na terra. (Essa atitude também pode ser vista em I Tes. 4:14 e I Cor. 15:51). Isso significaria que, para João, o «tempo» da autoridade de Satanás estava rapidamente chegando ao fim. Nisso ele estava equivocado, conforme contamos o tempo, mas, profeticamente falando, ele estava certo. Nos «verdadeiros últimos dias» (que consideramos estar chegando perto, e que certamente nossos filhos experimentarão) o tempo que restará a Satanás será curto, pois em breve a «parousia» haverá de eliminar a sua autoridade na terra, e ele mesmo será confinado ao hades.

«...por isso...» Essas palavras aludem de volta ao versículo anterior, dando a entender que «a vitória é possível e já é real para os mártires».

«...festejai, ó céus...» Vós, mártires, que já verificastes que Satanás pode ser derrotado, e que entrastes no gozo da vida eterna. Também vós, seres angelicais, pois a queda de Satanás reveste também em vosso bem-estar e de interesse vosso. Regozijai-vos, todos vós, habitantes dos céus, porquanto Satanás foi «expulso» da vossa esfera (ver o oitavo versículo deste capítulo), e isso prefigura quão brevemente ele será expulso da criação inteira, e isso inteiramente. Tudo isso faz parte de como os adversários de Cristo tornar-se-ão sujeitos a ele, de tal modo que o reino eterno possa tornar-se uma realidade (ver I Cor. 15:24).

«...ai da terra...» Pois Satanás, não tendo mais «lugar» nos céus, concentrará todo o seu terror sobre a terra. Outrossim, ele tem uma multidão de poderosos e totalmente depravados auxiliares. (Ver o nono versículo deste capítulo). Os «juízos das trombetas» ilustrarão o que sucederá à face da terra quando Satanás tiver a permissão de descarregar sobre a mesma toda a sua fúria. Ser-lhe-á permitido tal coisa porque os homens se recusam a aprender as lições dadas por Deus por qualquer outro método. Contudo, esses juízos serão medidas disciplinadoras e de correção, e não de mera retribuição contra os atos maus. (Ver Apo. 8:8, 10-12 e 9:1-11 acerca de como os «juízos das trombetas» representam o assédio do inferno contra a terra, a soltura de temíveis seres espirituais, que levarão os homens quase a se aniquilarem inteiramente). E quase certo que poderemos contemplar grande parte disso. E os nossos filhos talvez consigam contemplar o programa inteiro. Terão eles de ser crentes melhores do que nós.

«...cheio de grande cólera...» Devido à sua recente derrota nos céus; ele aniquilará os homens ao máximo de sua habilidade; haverá de enganá-los por meio do anticristo, levando os homens a adorar à sua pessoa, por meio

que chegarão a ser martirizados, mas que vencerão por amor a Cristo e a vida eterna, que ultrapassará ao instinto da preservação da vida física. Esta porção do versículo pode ser confrontada com o trecho de João 12:25: «Quem ama a sua vida, perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo, preservá-la-á para a vida eterna».

Não devemos permitir que qualquer «conhecimento sofisticado» cegue os olhos da alma. Realidade e vitória espiritual se acham somente em Cristo e na nossa lealdade a ele. Os mártires mostrarão isso claramente.

\*\*\*

Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. «Esses mártires foram fiéis ao seu papel... Resistiram até ao sangue (ver Heb. 12:4) e não deram mais valor às suas vidas do que à lealdade a Cristo. Há uma alusão direta às palavras de Jesus, em João 12:26, também ilustradas em Marc. 8:36; Mat. 10:39; Luc. 9:24 e 17:33. O próprio exemplo de Paulo é aqui pertinente (ver Atos 21:13; Fil. 1:20 e ss.).» (Robertson, in loc.).

2. «Essa vitória sobre a terra depende da derrota do mal que Cristo previamente impôs, no mundo superior (ver Col. 2:16)» (Moffatt, in loc.).

3. Os judeus tinham uma tradição (ver Vajikra Rabbá 21, fol. 164.3) que dizia que Satanás acusa os homens todos os dias do ano, exceto no dia da expiação. Assim sendo, para o crente, todo o dia é um dia de expiação, pelo que nenhuma acusação de Satanás pode prevalecer contra ele.

4. «A vitória cristã depende da dependência e da obediência; da dependência a ele (Cristo), sem quem nada podemos fazer; e de obediência a ele, observando os seus mandamentos, o que envolve grande galardão. E é dando nosso testemunho que o testemunho se torna um poder e um tesouro. Assim, quem cumpre os mandamentos de Cristo é o homem que edificou sua casa sobre a rocha. A religião teórica relaxa a energia da fé, ainda que faça funcionar o intelecto; a religião prática revigora a fé, conferindo-lhe sua força e moldando o heroísmo daqueles que, em seu amor a Cristo, «não amaram suas vidas até à morte» (Carpenter, in loc.).

do anticristo. Isso fará com que a natureza inteira se revolte; haverá catástrofes naturais que estontearão à mente; os poderes espirituais malignos percorrerão a face da terra como se fossem leões famintos. Esses poderes inspirarão a violência e o ódio; guerras de dimensões sem precedentes causarão o quase total aniquilamento da humanidade. As enfermidades e as pragas destruirão tantos quanto as armas atômicas e as guerras de germens letais. O tempo restante para Satanás será curto, extremamente curto; ele concentrará nos «últimos dias» toda a perversidade, violência e depravação mais absurda que terá propagado tenuemente no mundo das eras passadas. Os homens, sem temor da ira de Deus, saberão o que a ira de Satanás significa. Essa lição horrivelmente dolorosa, do que «o mal pode fazer», finalmente ensinará os homens a prestar lealdade a Cristo.

«...pouco tempo lhe resta...» Profeticamente, isso alude ao tempo da «tribulação», ou, talvez, à porção da mesma em que o anticristo mostrar-se-á mais ativo, chamada de «grande tribulação». Não precisamos limitar isso a sete anos ou a três anos e meio. (Ver as notas expositivas em Apo. 7:14, acerca da «tribulação». Ver Apo. 11:2,3 quanto a especulações acerca do «elemento tempo» envolvido na tribulação). Não vemos aqui um «tempo curto», conforme os homens computam o tempo. Será curto de acordo com a estimativa divina.

Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:

1. «O mal pertence ao tempo; a bondade pertence à eternidade. As vitórias da iniquidade são temporárias e enganosas. Em nossos próprios dias temos visto quão grandes males têm aparecido e desaparecido. Hitler surgiu no mundo com grande fúria; mas seu período de ação foi breve. Existem forças malignas soltas na terra hoje mesmo, cuja fúria moral parece não poder ser aplacada. Mas, sem importar suas vitórias temporais, o tempo delas é curto. Ir-se-ão pelo caminho de todos os males que têm aparecido na terra» (Hough, in loc.).

2. «Grande cólera», isto é, cólera fervente, conforme o grego dá a entender.

3. «Esse desesperado e último esforço de Satanás é uma característica apocalíptica comum. Comparar, por exemplo, com IV Esdras 13:16 e s.; Apocalipse de Baruc 28:3; 41:1; 78:8; Marc. 13:21; Didache 16; que João identifica mais tarde com o culto imperial» (Moffatt, in loc.).

4. Historicamente falando, João condenou o culto ao imperador, pintando-o como uma manifestação da cólera de Satanás, de breve duração, embora extremamente violento. Profeticamente falando, porém, o culto ao anticristo está em foco, quando Satanás, nos verdadeiros «últimos dias», mais do que em qualquer outra época, manifestará a sua ira. Rejeitamos, porém, as interpretações «históricas» que procuram ver uma grande expansão de tempo, coberto pelas operações de Satanás, como se isso é que o vidente João tivesse aqui em mente. Também não devemos ver aqui a heresia ariana, as invasões dos vândalos, dos godos ou dos turcos. Tais interpretações certamente se afastam muito da verdade. O tempo de Satanás certamente não são os «mil duzentos e sessenta anos» que alguns eruditos supõem, pois esses acham que os dias de certa predição apocalíptica representam ano, e não dias literais.

Variação Textual: As palavras «Ai da terra» figuram nos mss P(47), Aleph, CP e 046, além da maioria das versões. Mas os mss 1, 37, 40 e alguns poucos outros manuscritos dizem «Ai dos habitantes da terra». Todavia, esta última forma foi uma modificação escríbal, para finalidade de adorno. A forma mais «curta» é também a «mais antiga» e mais correta.

13 Καὶ ὅτε εἶδεν ὁ δράκων ὅτι ἐβλήθη εἰς τὴν γῆν, ἐδίωξεν τὴν γυναῖκα ἣτις ἔτεκεν τὸν ἄρσενά.

13 ἐδίωξεν] ἐξεδ- R<sup>2</sup>: ἀπῆλθεν ἐκδιώξαι p<sup>47</sup>

12:12: Quando o dragão se viu precipitado na terra, perseguiu a mulher que deu à luz o filho varão.

Este versículo, por assim dizer, «localiza a nação de Israel» dentro da tribulação. Todos os homens sofrerão horrendamente sob a ira de Satanás, mas Israel é que será um objeto especial dessa cólera. Alguns intérpretes, e, na realidade, uma boa parte deles, continuam a pensar que a «mulher» é a igreja. (Ver o primeiro versículo deste capítulo quanto às diversas interpretações sobre a «mulher»). Cremos, entretanto, que a «mulher» é a nação de Israel, e que a sua «descendência» (ver o décimo sétimo versículo deste capítulo) inclui a igreja. Tanto a nação de Israel quanto a igreja cristã sofrerão muito durante o período da tribulação. (Ver 1 Tes. 4:15 e Apo. 4:1) — notas introdutórias e notas sobre esses versículos — quanto à «questão do arrebatamento»). Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito para uma «igreja sob a perseguição». Não foi escrito para a nação de Israel, «estando a igreja ausente». O vidente João queria que entendêssemos que tudo quanto ele escrevia ou estava sucedendo ou sucederia à «igreja». Ele descreveu condições que «havia» sob Domício, e também, segundo ele pensava, que «haveria» sob outros imperadores romanos que promovessem o satânico «culto ao imperador», que forçava os homens a adorarem ao imperador como se fora uma divindade. O livro inteiro do Apocalipse é um «documento cristão», escrito para os crentes. É destrutivo à verdade ver a igreja cristã ausente no Apocalipse após o seu terceiro capítulo, sem reaparecer senão já no décimo nono capítulo. Pelo contrário, tudo quanto sucede nos capítulos quarto a décimo nono mostra os sofrimentos da igreja cristã, embora também da nação de Israel, pois essa nação jamais será olvidada por Deus, estando o seu destino em foco neste livro.

Lembremo-nos que o vidente João escreveu o Apocalipse como um «manual para os mártires», os mártires cristãos. Será um manual para os mártires cristãos do período da tribulação, tal como o foi para os cristãos perseguidos por causa do culto ao imperador. O antigo culto ao imperador romano era apenas uma sombra do culto satânico ao anticristo. Este último será um culto tão intenso e maligno que fará o comurismo parecer comparativamente santo. A vasta maioria dos homens seguirá ao anticristo com um senso de realização e cumprimento de dever. Entretanto, ele será a maior e mais detrimente mentira de Satanás, impingida aos homens, em todos os séculos. E cremos que ele já está vivo, o que é confirmado pelos místicos contemporâneos. O seu poder e autoridade começaram a surgir por volta dos começos da década de 1990. Ver o artigo existente na introdução geral ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era». Ali são expostas as razões por que acreditamos que o anticristo já está vivo à face da terra.

O presente versículo dá prosseguimento à narrativa iniciada no primeiro versículo deste capítulo. A «mulher», que é a nação de Israel, deu à luz um «menino», que é Cristo. Satanás procurou devorá-lo, mas não obteve êxito nisso. Assim, ele voltará a sua ira contra a mulher e sua descendência. E sobre eles, Satanás obterá uma vitória aparente, porquanto conseguirá tirar a vida da maioria deles. Mas isso será tudo quanto poderá fazer; suas almas retornarão a Deus, e o próprio Satanás será finalmente colido e derrotado.

Nas notas de introdução ao primeiro versículo, pudemos observar que o vidente João tomou por empréstimo os seus símbolos, pelo menos em parte, das narrativas gregas e romanas correntes, com algum colorido dos mitos egípcios e babilônicos. É que ele não hesitou em pedir por empréstimo certos símbolos, embora tivesse revestido os mesmos de novos significados, «cristianizando-os», por assim dizer. Sua ação adiciona senso dramático ao sentido desses escritos. O «dragão» tem perseguido à mulher nos céus (ver Apo. 12:1-3,5), mas também sobre a terra (ver Apo. 12:6,13). Seu intuito perseguidor e destruidor em nada se modificou. A «mulher» escapará «voando». Isis, de acordo com certo mito, teria escapado de Sete-Tifom voando. Essa alusão, porém, mais provavelmente se vincula ao trecho de Exo. 19:4, onde a fuga de Israel dos egípcios é simbolicamente representada como um vôo nas asas da águia. Alguns eruditos vêem profeticamente os Estados Unidos da América, neste ponto, como protetor de Israel, pois o emblema daquela nação norte-americana é a «águia». O episódio da

«inundação», que aqui aparece, não tem paralelo nas fontes informativas judaicas. Mas o «dragão» é equivalente ao «leviata» ou «monstro marinho» (ver Eze. 29:3; 32:2,3; Sal. 74:13; Isa. 27:1; Testamento de Aser 7:3). O símbolo da «inundação», para indicar perseguição (ver o décimo quinto versículo deste capítulo), poderia ter-se originado nessa circunstância. No mito de Isis, o maligno crocodilo Sete-Tifom procurou engolir Isis com a inundação, o que talvez fosse uma alusão à inundação anual provocada pelo rio Nilo. Mas a terra sedenta rapidamente absorverá a inundação, tal como sucedeu no caso do mito de Isis, o que lhe serviu de salvação. É possível que o vidente João tenha tomado por empréstimo desse mito o citado simbolismo, embora lhe empreste um significado inteiramente diferente.

«...perseguiu a mulher...» Como? Inspirando nações para lhe fazerem guerra; mediante perseguições e matanças locais. Mediante a ocupação de Israel pelas tropas soviéticas, o que terá lugar por volta de 1988 e depois. Essa própria circunstância provocará a Terceira Guerra Mundial (ao fim do século), pois o anticristo, com sua federação de dez nações, resolverá expulsar as tropas russas dali e das terras árabes, do que resultará um confronto de tropas que usarão armas atômicas. A própria sobrevivência da humanidade estará na balança. Porém, em meio a essa horrenda matança, Israel será libertada, mediante o sinal da cruz, que aparecerá no firmamento, e mediante a intervenção divina que se seguirá. Sendo libertos por intervenção divina direta, obviamente vinculada a Cristo, o qual também será visto corporalmente pelos soldados israelenses, Israel tornar-se-á, oficialmente, uma nação cristã, tal como Constantino, através do sinal da cruz, tornou-se cristão, ainda que nominalmente, e oficializou o cristianismo como religião do império romano.

«...que dera à luz o filho varão...» Cristo está em foco, como alguém «nascido de Israel». É isso que mais distingue àquela «mulher». (Ver os versículos quarto e quinto deste capítulo, onde Cristo aparece como o «filho» ou «menino»).

#### Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:

1. Que maravilha! Israel, que desde há muito vem rejeitando a Cristo, na realidade é a progenitora de Cristo. Não foi esquecida por Deus. Será perseguida furiosamente por Satanás, mas obterá finalmente a vitória, mediante o poder de Deus e a sua lealdade a Cristo, embora o seu terrível inimigo venha a ser o infernal anticristo.

2. Este versículo reinicia o pensamento do sexto versículo. A mulher fugiu para o deserto. Pois ali ela seria protegida. Mas o tempo da sua proteção terminou, e o dragão agora passou a persegui-la ainda mais violentamente. Somente a intervenção divina, tal como sucedeu às margens do mar Vermelho, poderá salvar a nação de Israel durante as perseguições, guerras e matanças dos «últimos dias». Alguns intérpretes históricos, que pensam que a «mulher» aqui aludida seja a «igreja», muito se esforçam por fazer com que o «deserto» seja os Estados Unidos da América do Norte, e que isso envolva a propagação do cristianismo evangélico naquela pais, após o século XVII. Porém, a presente passagem nada tem a ver com esses acontecimentos. Há outros estudiosos que vêem o retrocesso da igreja à reclusão, para ser protegida, durante o período da perseguição do futuro.

3. A cena é primeiramente descrita como quem está no céu, e, mais tarde como quem está na terra. Alguns vêem nisso a «queda de Israel». Essa interpretação é possível. A apostasia e a rejeição a Cristo retiraram da nação de Israel a sua antiga glória, como também a aprovação divina. Contudo, Deus cumprirá todas as suas promessas a Israel, por amor aos patriarcas. Israel, eventualmente, tornar-se-á uma poderosa nação cristã e missionária, que talvez ultrapasse em zelo aos movimentos missionários da Alemanha e da Inglaterra, bem como dos Estados Unidos da América, a partir da 1999.

4. A tendência geral dos intérpretes da escola «histórica» é ver muitas perseguições contra os crentes, através da história, ou então alguma perseguição particularmente feroz, neste ponto. Alguns intérpretes futuristas vêem aqui a perseguição contra a igreja durante o período da tribulação. Mas a nação literal de Israel é que está em foco, e não o «Israel espiritual», embora certamente a igreja cristã também venha a sofrer os ataques implacáveis do dragão, ao mesmo tempo. (Ver as notas expositivas sobre o décimo sétimo versículo deste capítulo, onde essa idéia é melhor desenvolvida).

14 καὶ ἔδωθ' ἑσαν τῇ γυναικὶ αἱ δύο πτέρυγες τοῦ αἵτου τοῦ μεγάλου, ἵνα πέτηται εἰς τὴν ἔρημον εἰς τὸν τόπον αὐτῆς, ὅπου τρέφεται ἐκεῖ καιρὸν καὶ καιροὺς καὶ ἡμῖν καιροῦ ἀπὸ προσώπου τοῦ ὄφεως.

14 καιρὸν...καιροῦ Dn 7:25; 12:7

12:14; E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade do seu tempo, fora da vista do serpente.

«...mulher...» (Ver o primeiro versículo deste capítulo, em suas notas expositivas, quanto às diversas interpretações existentes sobre a «mulher»).

«...duas asas da grande águia...» Nos pontos abaixo apresentamos as interpretações que têm sido conferidas a essas palavras:

1. Alguns acham que haveria aqui uma referência mitológica à narrativa da deusa Isis, pois certa narrativa a seu respeito conta como ela escapou de Sete-Tifom, o terrível crocodilo do Nilo, ao voar para fora de seu alcance. Mas, ainda que o vidente João tivesse tomado por empréstimo esse simbolismo, o «instrumento» de proteção continuaria sem identificação. Talvez sejamos tentados a dizer apenas que as «circunstâncias gerais» proverão o meio de proteção, resistindo a qualquer tentativa nossa de identificar isso com qualquer coisa específica.

2. Mas o vidente João provavelmente pensava em Exo. 19:4, que diz: «Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia, e vos cheguei a mim». Na narrativa do Êxodo, é evidente que Deus usou muitos meios, alguns naturais e outros divinos, a fim de livrar Israel dos egípcios. Houve milagres e intervenções divinas. Provavelmente o vidente via a mesma coisa no livramento de Israel do poder do anticristo, por meio de quem Satanás opera, bem como seu poder operante através de nações hostis. Por algum tempo, pelo menos, Israel será protegida. Morrendo fisicamente em grandes números, os piedosos serão protegidos de qualquer

dano espiritual que Satanás procure infligir-lhes.

3. Alguns estudiosos pensam que a águia representa o «poder angelical», já que, em Apo. 8:13, há um anjo na forma de grande águia. Mas certamente não é essa a «identificação» aqui teccionada, embora poderíamos ter aqui uma alusão aos citados poderes. Nesse caso, a proteção divina em favor de Israel seria mediada por meio dos poderes angelicais, como Miguel, Gabriel, etc. Isso se harmonizaria bem com as tradições judaicas atinentes ao poder angelical. (Comparar isso com o sétimo versículo deste capítulo, onde essa idéia é desenvolvida).

4. Alguns eruditos pensam que a «providência salvadora» de Deus são as asas da águia, sem que se tenha de buscar qualquer coisa específica.

5. Os intérpretes da escola histórica têm certa variedade de idéias: a águia seria o império romano, ao tornar-se favorável ao cristianismo. As «duas asas» da águia seriam os segmentos oriental e ocidental do império romano, depois de sua divisão, após a morte de Teodócio (ano de 395 D.C.). Outros pensam que a «águia» é os Estados Unidos da América do Norte, e vêem o desenvolvimento da igreja naquele país, onde se desenvolveu grande liberdade religiosa, como se isso fosse o «livramento da igreja». Há ainda aqueles que pensam que isso aponta para períodos posteriores da história eclesiástica, quando a igreja foi protegida por alguma espécie de vôo, como quando os waldenses fugiram para o deserto, ou como os mosteiros, etc. Mas todas essas interpretações erram completamente o alvo.

6. Os intérpretes simbólicos também se mostram atarefados neste ponto:

as duas asas da águia seriam os «dois testamentos», o Antigo e o Novo, que sustentariam a igreja em qualquer de suas tribulações. A fuga da igreja para o «deserto» seria sua missão evangelizadora pelo mundo. Nessa missão ela seria protegida dos ataques de Satanás. Existem muitas outras interpretações dessa natureza, nenhuma das quais mais convincente que a que expomos aqui.

7. Os intérpretes futuristas têm certa variedade de idéias a respeito: a. Alguns creem que o símbolo da águia não pode ser interpretado de nenhum modo específico, já que se refere ao futuro. Outros aplicam a proteção à nação de Israel; e alguns à igreja, dependendo de como compreendem quem é a «mulher». O futuro revelará claramente o que é essa «águia». b. Alguns estudiosos concordam com algumas das idéias acima, como, por exemplo, que a «águia» indica, em sentido bem lato, a «proteção divina», sem exigirem qualquer identificação exata do «instrumento» usado. c. Alguns futuristas pensam que essa «águia» será os Estados Unidos da América do Norte, que defenderá a causa de Israel nos últimos dias, conferindo-lhe proteção temporária. d. Outros pensam que o «vôo» da águia representa os avôes, em que os judeus abandonariam literalmente a cidade de Jerusalém, por meio de alguma ponte aérea. e. A proteção divina também poderia ser efetuada através dos «anjos», conforme este próprio versículo mostra com sua indicação temporal.

Certamente não há meio de determinar o que significa essa «águia». Podemos dizer somente que isso fala da «futura» proteção conferida à nação de Israel, durante o período da «grande tribulação». Deus protegerá Israel naquele tempo, do modo como lhe aprouver.

«...deserto...» Essa palavra poderia indicar uma das seguintes coisas: 1. Algum lugar geográfico específico. 2. O mais provável, entretanto, é que seja o «lugar da proteção divina», sem que nenhuma pessoa seja deslocada de seu lugar. Há eruditos que pensam que isso alude à fuga dos cristãos de Jerusalém, quando do avanço das tropas romanas, no ano 70 D.C. Todos os cristãos escaparam então para a cidade de Pela. Esses eruditos, pois, acham que isso é o que está em foco; ou, pelo menos, que isso simboliza a futura proteção outorgada à igreja, sem importar onde e quando isso ocorra. (Ver as idéias adicionais sobre o «deserto», nas notas expositivas sobre o sexto versículo deste capítulo, o qual é virtualmente paralelo a este versículo).

«...sustentada durante um tempo, tempos, e metade de um tempo...» O sexto versículo deste capítulo alude ao mesmo período de tempo, porém expresso na forma de dias, tal como se vê ainda em Apo. 11:3. Especulamos

13 καὶ ἔβαλεν ὁ ὄφης ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ ὀπίσω τῆς γυναικὸς ὕδωρ ὡς ποταμόν, ἵνα αὐτὴν ποταμοφόρητον ποιῇ.

12:13: E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para fazer que ela fosse arrebataada pelo corrente.

«...água como um rio...» É possível que o vidente João tenha tomado seu simbolismo por empréstimo da história egípcia do maligno Sete-Tifom, o terrível crocodilo que procurou afogar a deusa Isis com uma inundação. Isso sugeria as inundações anuais do rio Nilo. Mas a terra seca absorve facilmente a água. O dragão, pintado como uma serpente marinha, um «monstro aquático» (ver Eze. 29:3; 32:2,3; Sal. 74:13; Isa. 27:1 e Testamento de Aser 7:3), por si mesmo poderia sugerir esse método de destruição da mulher.

Significado da água:

1. Em Osé. 5:10 temos o simbolismo de Deus a enviar sua ira como correntes de águas. Em Sal. 33:6; 124:4 e Isa. 43:2, vemos que os ímpios engolfam os justos, como se fossem uma inundação. É possível que a «água», neste ponto, deva ser tomada de uma maneira simbólica em geral. De muitas e variadas formas, Satanás tentará destruir a nação de Israel nos últimos dias (bem como à própria igreja, ver o décimo sétimo versículo): mediante agentes humanos, mediante desordens na natureza, mediante a atividade dos demônios, mediante a invasão da impiedade, que prejudica ao testemunho e à vida dos cristãos.

2. Muitos intérpretes vêem aqui uma guerra, provocada por «exércitos invasores». De alguma maneira, a despeito disso, Israel encontrará proteção. A terra continuará engolindo os exércitos invasores. Essa ação da terra não deve ser compreendida literalmente, mas como linguagem simbólica. Há proteção e força adequadas para Israel sobreviver ao assédio dos exércitos invasores. As predições contemporâneas afirmam que as guerras árabe-israelenses continuarão e aumentarão de intensidade, enfraquecendo grandemente ambos os lados, até cerca de 1988, quando tropas russas virão ocupar as terras de todos os antagonistas, assim ganhando controle sobre a maior parte do petróleo do mundo. Isso estabelecerá o palco para a Terceira Guerra Mundial. O anticristo, pelos meados da década de 1990, com sua federação de dez reinos, resolverá libertar a Palestina das forças russas. Haverá o emprego de armamentos atômicos, e os Estados Unidos da América e a União Soviética serão as nações que mais sofrerão com isso. O anticristo obterá êxito em seus desígnios, embora com perdas horrendas para a humanidade. A nação de Israel, em meio de tudo isso, converter-se-á a Cristo, quando, após o aparecimento do «sinal do Filho do homem» (uma cruz luminosa no firmamento), Deus fizer intervenção em seu favor. Isso será reconhecido como um novo «mar Vermelho» para Israel, e Jesus Cristo será reconhecido como a força espiritual por detrás de tudo isso. Então Israel tornar-se-á uma nação de zelosos missionários evangélicos.

3. Os intérpretes da escola histórica pensam que a «mulher» é a igreja, e 18 καὶ ἐβοήθησεν ἡ γῆ τῇ γυναικί, καὶ ἤνοιξεν ἡ γῆ τὸ στόμα αὐτῆς καὶ κατέπιεν τὸν ποταμόν ὃν ἔβαλεν ὁ δράκων ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ.

12:16: A terra, porém, ajudou à mulher; e a terra abriu a boca, e tragou o rio que o dragão lançou da sua boca.

que está aqui em pauta a «primeira metade» do período da tribulação (três anos e meio e a presente expressão apontaria para o mesmo período); mas a expressão «quarenta e dois meses» representaria a segunda metade da tribulação, ou «grande tribulação» (ver Apo. 11:2), um período durante o qual Israel não gozará de qualquer proteção «física», tendo de enfrentar o virtual aniquilamento, antes de brilhar no firmamento o sinal do Filho do homem, a «cruz» que ali surgirá, indicativa da intervenção divina. As descrições que se seguem, no décimo sétimo versículo, entretanto, provavelmente nos conduzem ao tempo da «grande tribulação», ou seja, o período final da tribulação. Alguns intérpretes pensam que os quarenta e dois meses, os mil duzentos e sessenta dias, e um tempo, tempos e metade de um tempo são três expressões que indicam, todas, o mesmo período, ou seja, a extensão do domínio exercido pelo anticristo; mas não concordam sobre o que isso significa—se dias, anos, ou o que. (Ver Apo. 11:2,3 e 12:6 quanto a uma discussão sobre os «elementos temporais» da tribulação). Seja como for, alguma proteção divina será conferida a Israel, pois ela será «sustentada», ou seja, «nutrida». (Ver Dan. 7:25 quanto à origem da expressão temporal do presente versículo. Ali, porém, a alusão é à perseguição movida pelo anticristo, e não à proteção conferida a Israel durante aquele tempo. Parece que João empregou essa expressão de uma maneira diferente do que o faz a fonte originária dessa expressão).

«...fora da vista da serpente...» ou seja, fora do alcance dos ataques do dragão, fora de sua vista, de tal modo que não sofra com os horrores por ele impostos.

Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. É possível que a águia seja aqui o gigantesco «grifon-volante». Pelo menos essa é uma ave gigantesca, indicando ampla proteção divina, uma «força libertadora», sem importar como e quando ela entre em cena.

2. As histórias mitológicas tradicionais com frequência fazem a águia ser a grande inimiga da serpente. Dentro dos mitos egípcios, o abutre era o pássaro sagrado da deusa Isis.

3. Deus nutriu o povo de Israel no deserto, com maná. Ele fará a mesma coisa, embora de modo diferente, nos últimos dias. (Ver Deut. 8:3,16).

4. «Não é apenas em uma época, mas em todas as eras, que Deus dá a seus filhos o pão, no dia da adversidade, durante o tempo em que a cova está sendo cavada para os ímpios. Em muitas ocasiões o servo de Deus pode exclamar: 'prepara uma mesa diante de mim, na presença de meus adversários'» (Carpenter, *in loc.*).

que a inundação representa as muitas tentativas de prejudicá-la, através da história, incluindo as heresias e a oposição das forças pagãs, a começar com o império romano. Alguns deles pensam que um sofrimento específico esteja em foco, ou então o assédio a alguma heresia determinada, como o arianismo, o nestorianismo ou o pelagianismo. Também há aqueles que vêem aqui a invasão dos godos, dos hunos, dos vândalos, dos herulos, dos alanos, dos lombardos, etc., que se derramaram sobre o império romano como se fossem um dilúvio. O império romano tornou-se «cristão», dizem-nos eles, e é isso que a «mulher» simboliza neste ponto. Porém, todas as interpretações desse naipe certamente estão erradas.

4. Alguns eruditos futuristas vêem a «igreja» como alvo desta tribulação, e não a nação de Israel. A «inundação», pois, provavelmente indica as tentativas do anticristo para destruir a igreja. O anticristo promoverá a pior e mais intensa de todas as perseguições religiosas da história, e os mártires, uma vez mais, tornar-se-ão comuns entre os seguidores de Cristo, tal como no primeiro e no segundo séculos de nossa era.

5. Historicamente, é provável que o vidente João estivesse pensando na igreja, perseguida pelo imperador Domiciano, e, por antecipação, perseguida pelos imperadores subsequentes. Mas, profeticamente falando, pensamos que a segunda destas cinco possibilidades é a mais provável e correta, embora a de número um também seja possível.

«...a fim de fazer com que ela fosse arrebataada pelo rio...» Isso subentende um «total avassalamento», produzindo completa destruição. Hitler tentou isso contra a nação de Israel, com o seu «genocídio». Os árabes, atualmente, estão pensando em varrer do mapa a nação de Israel; o anticristo promoverá tal intuito; as hordas soviéticas farão algo semelhante a isso. Mas Israel será salva das águas, em parte devido à proteção de nações amigas, em parte por suas próprias forças, e em parte pela intervenção divina; mas através desta última é que, finalmente, ela será liberta da extinção.

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. Há uma analogia definida aqui entre a história do Egito, no episódio da travessia do mar Vermelho, e a presente passagem. Ambas as ocorrências envolvem «água»; ambas envolvem um exército perseguidor. Ambas envolvem um livramento miraculoso. Em ambos os casos, Israel primeiramente foge para o deserto.

2. A serpente no rio era, para os discípulos de Zoroastro, uma criação do espírito mau (Vend. i.3)» (Moffatt, *in loc.*). Assim, o pior de todos os espíritos malignos, o próprio Satanás, persegue a nação de Israel e a igreja (ver o décimo sétimo versículo).

3. A serpente tem muitas astúcias e métodos. A mulher primeiramente escapará mediante o vôo; e então escapará mediante a intervenção divina. O guarda-chuva da proteção de Deus se faz presente, quando isso é necessário; e funciona de diversas maneiras, tal como as dificuldades surgem de vários modos.



...a terra... Abaixo mostramos as interpretações que têm sido aventadas pelos estudiosos da Palavra:

1. Seria a própria terra da Palestina. A despeito das contínuas inundações ou invasões, mediante a ajuda divina, em cada caso, as forças de Israel serão capazes de contê-las, por assim dizer, engoliendo-as.

2. Ou então temos nisso mera figura simbólica sobre os variegados modos através dos quais a nação de Israel será capaz de sobreviver, por suas próprias forças ou com a ajuda de nações amigas, como também devido à ajuda divina.

3. «O dragão será inesperadamente frustrado pela terra, que se faz aliada da mulher, engolindo aos perseguidores, como sucedeu a Coré, Datã e Abirã (ver Núm. 16:30-32). Esse detalhe enigmático ainda não encontrou paralelo na literatura judaica ou dos cristãos primitivos, pois Proteu, Jacobi, 22 é ainda mais remoto do que IV Esdras 13:44». (Moffatt, *in loc.*). Esse autor visa sugerir que já que o simbolismo é incerto, quanto a seu pano de fundo, a sua interpretação deve continuar como algo generalizado, sem pontos específicos atrelados à mesma.

4. Os futuristas literalistas pensam que a terra abrir-se-á literalmente e engolirá aos exércitos invasores, quando tentarem destruir Israel, ao tempo da tribulação; mas isso é altamente improvável. O livro de Apocalipse é um livro de «símbolos místicos», e as interpretações literais do mesmo com frequência nos afastam da verdade.

5. Os eruditos que pensam que a «mulher» é a igreja, e assumem o ponto de vista «histórico» sobre a questão, pensam que a «terra» alude a algum «poder terreno», que protege à igreja de cada vez em que ela é perseguida; e vários desses eruditos têm procurado fornecer exemplos disso. Alguns pensam que a «terra», neste caso, é a «igreja mãe». No mundo, a igreja é perseguida, mas «a terra é do Senhor, e toda a sua plenitude», de tal modo

### 5. A descendência da mulher (12:17).

17 καὶ ὠργίσθη ὁ δράκων ἐπὶ τῇ γυναικί, καὶ ἀπῆλθεν ποιῆσαι πόλεμον μετὰ τῶν λοιπῶν τοῦ σπέρματος αὐτῆς, τῶν τηρούντων τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ καὶ ἔχόντων τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ.

17 ποιῆσαι... Ἰησοῦ 1Jo 2,7, 21; Ro 11,7; 13,7

12:17: E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra aos demais filhos dela, os que guardam os mandamentos de Deus, e mantêm o testemunho de Jesus.

Esse dragão, continuamente frustrado e derrotado em suas tentativas de destruir a nação de Israel, que é a *mulher*, tal como também sucedera em sua tentativa de destruir ao «menino», Cristo, será invadido de intensa e insana ira. Já tivemos ocasião de observar isso no décimo segundo versículo deste capítulo; e isso será um «ai» para toda a terra. Agora temos um «ai» tanto para a nação de Israel como para a «igreja», pois o dragão voltar-se-á contra aqueles que observam os mandamentos de Deus e sustentam o «testemunho de Jesus», o que, na boca do vidente João, que era judeu cristão, só pode apontar para a igreja, ou, pelo menos, deve incluir também a igreja. Lembremo-nos que tudo isso ocorrerá antes da conversão de Israel. Este versículo, pois, mostra-nos claramente que a igreja passará pela tribulação dos «últimos dias». (Quanto à questão do «arrebatamento», ver as notas expositivas sobre I Tes. 4:15 e as notas de introdução a Apo. 4:1, bem como as notas expositivas sobre esse mesmo versículo). O Apocalipse foi escrito a uma igreja «sob perseguição». Historicamente falando, pois, João vê Domício e os demais imperadores romanos a procurarem destruir à igreja, sob inspiração de Satanás. Profeticamente falando, ele via Israel e a igreja cristã a sofrerem perseguições. Assim é que, no sétimo capítulo deste livro, os cento e quarenta e quatro mil representam tanto os mártires judeus como os mártires cristãos, sendo até mais provável que os mártires do cristianismo (o Israel espiritual) estejam mais especificamente em foco. João não escreveu para alguma «audiência fantasma», para uma «igreja ausente», e, sim, para uma igreja «perfeitamente presente, em meio à perseguição e à morte». Já que isso é verdade quanto ao «contexto histórico» do Apocalipse, também será verdade quanto ao seu «cumprimento profético». (Rist, *in loc.*).

Continua o mesmo autor: «Os «descendentes» da mulher, sem dúvida alguma, são os crentes leais e fiéis, que ainda haverão de ser perseguidos e martirizados, a fim de completar-se o número dos mártires (comparar com Apo. 6:11); tal como, inequivocamente, a mãe celestial do Messias preexistente é agora a igreja, a mãe dos fiéis. A igreja será poupada, porquanto ela é eterna; seus filhos, entretanto, haverão de sofrer por algum tempo; mas, a despeito de seus sofrimentos e de sua morte, também sabemos que eles escaparão de seu perseguidor, Satanás, vivendo triunfalmente para sempre. A despeito de sua notável aparição e evidente significação, essa mulher não aparece no restante do livro: no fim, seu lugar é tomado pela noiva de Cristo».

Alguns intérpretes objetam ao fato de serem chamados cristãos os «descendentes» aqui referidos, e isso com base na sua idéia *a priori* de que a igreja não poderá fazer-se presente na tribulação. E assim agarram-se à «palha» que a menção do fato que eles «guardam os mandamentos de Deus», indica que são judeus. Mas nada há de exclusivamente judaico na idéia de «guardar os mandamentos», conforme fica abundantemente comprovado em passagens como João 14:15,21; I João 2:4; 3:22,24; 5:2,3 e Apo. 22:14. Tais passagens falam sobre seguidores de Cristo. E nem é isso uma declaração contrária à graça, porquanto a graça, em seu cumprimento da justiça, requer a observância dos mandamentos divinos pelos discípulos de Cristo. O livro de Tiago ilustra claramente esse particular. Nem devemos supor que somente porque alguém não «fala como Paulo», que tal pessoa não é um crente. Os crentes legalistas da igreja primitiva (ver o décimo quinto capítulo do livro de Atos), nada teriam visto de errado por alguém dizer que os cristãos «guardam os mandamentos de Deus»; e, quando essa verdade é corretamente entendida, nenhum crente deveria ver nisso

que, embora perseguida sobre a face da terra, mediante as operações da providência divina, a igreja emergirá de tudo vitoriosamente. Também há estudiosos que pensam que a terra se refere aos «godos», que destruíram aos seguidores de Ário, ou então, se refere aos concílios eclesiais que fizeram oposição a diversas formas de heresia e as derrotaram. Ainda outros pensam que os islamitas é que são simbolizados pela inundação, ao passo que a «terra» seria a representação da oposição feita, em países cristãos, que contiveram essas invasões dos seguidores de Maomé. Outros ainda pensam que a inundação aponta para as invasões dos sarracenos ou dos turcos, e que a «terra» seriam as forças que ajudaram a conter tais invasores, já nas terras cristãs. Todas essas interpretações não nos transmitem a verdade, mas tão-somente aprimoram nossos conhecimentos históricos.

6. Supomos que a segunda destas interpretações é a correta. Historicamente, porém, o vidente João mui provavelmente pensava sobre as perseguições contra os cristãos, sob Roma, além de pensar sobre a proteção divina de qualquer sorte, o que teria permitido que a igreja atravessasse incólume algum tempo difícil.

Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

1. A terra, já que pertence a Deus, em última análise está ao lado da bondade. Deus, finalmente, fará o sistema da «terra» ficar submisso a si mesmo, quando do reino milenar de Cristo. Este mundo tem-se tornado morada de muitos males, mas isso não pode caracterizar o seu destino final.

2. A terra se revoltará contra os abusos praticados pelos homens. Da própria natureza os homens têm podido extrair um poder quase ilimitado, como é o caso da bomba atômica. Mas a natureza revoltar-se-á contra tal abuso de suas forças, e destruirá aos homens que têm tentado destruir a terra.

3. «A criação, afinal de contas, é uma testemunha em prol da justiça e da verdade. Não é alguma nação ou alguma era que se vê aqui focalizada; mas é uma lei eterna» (Carpenter, *in loc.*).

qualquer erro. Não observamos esses mandamentos a fim de obter «mérito», como que pelos esforços humanos, mas observamo-los a fim de satisfazer à lei moral de Deus, que é administrada, dentro do sistema da graça, pela associação mística com o Espírito Santo, que em nós habita. Nas mãos do Espírito de Deus, os mandamentos tornam-se a «lei do Espírito». (Ver Rom. 8:2). Nas mãos de Cristo, a lei de Deus é escrita «sobre as tábuas do coração», e não em tábuas de pedra (ver II Cor. 3:3). A graça divina não exige «menos» de nós, moralmente falando, do que era exigido pela lei; antes, a graça requer a perfeição absoluta como seu escopo, porquanto, em Cristo, esse alvo será atingido. (Ver Mat. 5:48 e Gál. 5:22,23). A santificação é o meio pelo qual chegamos a esse alvo. (Ver I Tes. 4:3 sobre esse tema). O fato que isso, agora, na esfera terrena, não está sendo cumprido, pois talvez nem mesmo possa sê-lo, nada é contra o fato que esse é o «ideal» cristão. Em nossa progressão na graça, já nas esferas eternas, assim será, porquanto nosso destino é participar da natureza moral do próprio Cristo, e, por meio disso, vir a participar de sua natureza metafísica, ou seja, da mesma modalidade de «vida» que é a «forma de vida divina», conforme se aprende em João 5:25,26; 6:57.

«O restante da descendência simboliza os crentes gentílicos ou a igreja em geral, por todo o império romano, o que é o tema do capítulo seguinte». (Charles, *in loc.*), o qual nos dá o pano de fundo histórico sobre este versículo). Esse autor supõe que a passagem à nossa frente era, originalmente, um oráculo cristão, vez por outra usado entre os discípulos de Cristo, e que tinha algo a ver com a fuga dos crentes de Jerusalém para Pela, por ocasião da destruição da primeira pelos exércitos romanos de Tito. Mas o vidente João teria usado tal oráculo para falar acerca do tempo das perseguições dos romanos contra os cristãos antigos.

O culto ao imperador. Esse culto exigia a adoração aos imperadores romanos. Historicamente, isso é o que está envolvido no presente texto. A igreja cristã sofreu horrivelmente por haver-se recusado a participar de tal blasfêmia. No futuro, entretanto, essa prática será usada pelo anticristo, o qual exigirá que todos os homens adorem à sua pessoa; mas os crentes daquela época futura recusar-se-ão a tal coisa. Então as perseguições satânicas procurarão destruir a «descendência da mulher».

Uma figura antiga, Bíblica, tal como o moderno Cranmer, arrependeu-se de haver negado à fé. «O diabo, pensando que já engolira Bíblias, uma das cristãs que tinham negado a Cristo, desejou condená-la mais ainda, levando-a a blasfemar; e levou-a à tortura, a fim de forçar acusações falsas saídas de seus lábios. Mas ela, lembrando-se do castigo eterno da Geena, devido à sua angústia, contradisse aos acusadores blasfemos, confessou-se cristã, e foi acrescentada ao número dos mártires». Também se lê a respeito de uma certa escrava, a heróica Blandina, a qual sobreviveu ante diversos desses conflitos. Esses incidentes é que povoavam a memória do vidente João. Ele escreveu, pois, a fim de consolar à igreja que sofreria tais horrores. Este livro promete um triunfo final, e sua mensagem é válida não apenas historicamente, mas também profeticamente.

Eles «guardam os mandamentos de Deus» e sustentam o «testemunho de Jesus Cristo». Por conseguinte, estão moralmente puros; são testemunhas cristãs ativas. São seguidores «leais» de Cristo, mantendo-se fiéis ao seu «testemunho». Esses defendem a herança cristã. Essas duas características é que excitarão a ira do diabo, conforme sempre aconteceu. (Comparar com Apo. 1:9; 6:9; 14:12; 19:10 e 20:4). (Robertson, *in loc.*). (Ver as notas expositivas sobre o «testemunho de Jesus Cristo», em Apo. 1:2,9). Os «mártires» conservam o seu «testemunho» (ver Apo. 6:9; ver também Apo. 19:10, quanto ao «testemunho de Jesus»).

Otras ideas sobre el décimo sétimo versículo:

1. Os intérpretes da escola histórica fazem essa perseguição atânica diluir-se por toda a era da igreja; e alguns chegam a destacar eventos específicos de perseguição, ao narrarem a história dos mártires. «A ira do homem sempre acabou redundando no louvor a Deus; a terra sempre ajudou à mulher; dentre milhares de aparentes derrotas, a igreja de Cristo se tem resgaido; o pendão do Senhor foi elevado bem acima de cada inundação. Mas o inimigo não desiste de seus ataques. Ele pode fazer guerra contra cristãos individuais; ele talvez deixe de assediá-la igreja coletiva de Cristo, mas pode assediá-os crentes individuais mediante milhares de desconfortos, mediante oposição amarga, mediante o solapamento de sua moral, mediante a tentativa de torná-los impopulares, não tanto como cristãos, mas como cristão 'bem particulares'; pouca os que serão assim assediados são os que guardam os 'mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus'. Trata-se de antiga combinação de uma vida

18' καὶ ἐστάθη<sup>1</sup> ἐπὶ τὴν ἄμμον τῆς θαλάσσης.

18 ( ) ևս խոսքի ք՝ ՄԱԿ՝ 1829 1934 2086 2344 2432 (1967, համալրված է) :  
vg ayr՝ arm eth Tyconius (Primasus Beatus Haymo չ' ևս խոսքի ք՝ 046

Ao invés de *καὶ ἐστράθη*, que é bem apoiada por  $\mathfrak{P}^4$  & A C cerca de 25 manuscritos minúsculos (incluindo 1854 2344) e it (fig.61) vg sir (h) ara etí *al*, o Textus Receptus, seguindo P 046 051 maioria dos minúsculos sir (ph) cop (sa,bo) *al*, diz *Καὶ ἐστράθην* (antecedidas por um ponto parágrafo). Essa última forma parece ter surgido quando copistas acomodaram *ἐστράθη* à primeira pessoa do verbo que se segue, *εἶδον*.

**12:18: É o drogado parou sobre a cresta da mar.**

*Variação Textual:* «Ele se pôs em pé» é a forma que aparece nos mss P(47), Alph, AC e cerca de vinte e cinco manuscritos minúsculos que nos são conhecidos, além do latim grg. 81; da Vg. do Si(h), do Ara e do Eti. Mas os mss P, 046, 061 e a maioria dos manuscritos minúsculos, de origem posterior (e, portanto, o *Textus Receptus*, que foi compilado com base nos mesmos, além do Si(h), do Cop(sa,bo), dizem «eu me pus em pé». A primeira forma certamente é a correta, apoiada pelos manuscritos mais antigos e mais dignos de confiança. O «dragão», pois, é o sujeito dessa frase. Ele se pôs de pé «sobre a areia do mar», o que talvez faça parte do simbolismo, tencionado a mostrar a parte final da saga da perseguição da mulher pelo dragão, o qual também perseguiu a descendência da mulher. A areia da praia do mar seria a multidão dos habitantes da terra. O dragão, Satanás, é visto como quem domina sobre o mundo inteiro. E isso é dito como preparação para o décimo terceiro capítulo do Apocalipse, onde se conta a história do aparecimento das duas bestas, a que saiu do mar e a que saiu da terra. Uma delas será uma personagem essencialmente política, a outra será essencialmente religiosa. Os manuscritos que asseveram «eu me pus de pé», entretanto, dão a impressão que essa

santa com a fidelidade ao Senhor, o que é a prova da autêntica lealdade. Esses cuidam de si mesmos; permanecem em Cristo; dão ouvidos ao ensino cristão, a fim de que Cristo habite neles. Esses observam a sua palavra e testificam sobre ele, com suas vidas e com seus lábios» (Carpenter, *in loc.*, com uma excelente nota, ainda que não vise corretamente o «elemento tempo»).

2. Nossos filhos, embora talvez isso nos seja negado, terão de enfrentar ao anticristo. Eles terão de ser crentes melhores do que nós, a fim de manterem o «testemunho de Jesus» naqueles dias difíceis.

**Variante Textual:** As palavras «de Jesus Cristo» aparecem em cerca de quarenta manuscritos da Vulgata. Mas a forma mais breve, «de Jesus», é a que figura nos mas P(47), Aleph, CP, 046 e na maioria das versões. E essa última certamente é a forma que corresponde ao original.

051 1 94 1006 1611 1839 2020 2042 2052 2073 2081 2139 *syria cupa* L. Andrew  
Archibald

declaração é introdução ao décimo terceiro capítulo deste livro, ou seja, parte de Apo. 13:1, dando a entender que o próprio vidente João se colocou sobre a praia do mar, ao contemplar a besta que emergia das águas do mar. Antes, o dragão é que está na praia do mar, por assim dizer convocando a besta a surgir dentre as nações, simbolizadas pelo «mar».

O dragão se põe de pé sobre a praia do mar, pisando sob seus pés todos os habitantes da terra. Subitamente surgirá do mar (as nações), a besta temível dotada de dez chifres e sete cabeças, a qual será o instrumento do poder de Satanás sobre o mundo inteiro, nos últimos dias—o anticristo, o «cristo» falso de Satanás. O dragão convocará ajuda vinda do mar; ele descobre tal ajuda, e o mundo inteiro sofrerá por causa disso. Quando Satanás convocar o seu «cristo» falso dentre as nações, o mundo inteiro será vitimado. Cremos que Satanás já fez isso de certo modo, pois o anticristo já vive. Os místicos contemporâneos afirmam que, neste ano de 1974, ele já está com doze anos de idade, e que receberá em breve o conhecimento de sua missão satânica.

## Capitula 13

Há um duplo simbolismo no vocábulo «besta», conforme é empregado nos capítulos doze e treze do Apocalipse. Primeiramente, indica o próprio império romano; e, em segundo lugar, aponta para o «Nero» reencarnado, que desde a antiguidade se espera venha a ser o anticristo, incorporando em sua pessoa todos os males de Roma pagã. Quanto a essa dualidade de emprego, já que os símbolos são instrumentos plásticos, ver as notas expositivas em Apo. 17:3, o império, em contraste com Apo. 17:11, o indivíduo. Neste décimo terceiro capítulo, fazem-se presentes essas mesmas duas idéias. No primeiro versículo há menção ao império romano; mas no terceiro versículo há alusão ao indivíduo Nero, o qual morreu mas reviverá, proveniente do hades (ver Apo. 11:7 e 17:8), ao qual se espera, desde a antiguidade, que volte a este mundo para iniciar outro reinado de terror.

O capítulo diante de nós é, ao mesmo tempo, um dos mais interessantes e um dos mais significativos, profeticamente falando, em todo o Apocalipse. É verdade que os antigos apocalipses judaicos tinham tradições sobre o anticristo, e os primitivos cristãos pensavam que o anticristo seria «Nero redivo», o que certamente é refletido em Apo. 17:9 e ss. Todavia, essa tradição cristã não é homogênea. Por exemplo, nas mãos de Paulo (ver o segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses), ver-se-ia apenas uma personagem, ao passo que o capítulo que ora consideramos descreve duas. Pode haver uma terceira, o João Batista do anticristo, mas é possível que se trate da «besta salda da terra», descrita neste mesmo capítulo. Esse «João Batista» do falso cristo, de acordo com os místicos contemporâneos, é identificado com um político do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, o qual anunciará o levantamento do anticristo, conferindo-lhe larga publicidade, por meio dos meios modernos de comunicação. Esses mesmos místicos afirmam que o anticristo já vive (e suponemos que se trata da «besta salda do mar»), o qual manifestaria o seu poder no começo da década de 1990. Há muitos elementos que ainda estão em dúvida, apesar da ajuda das Escrituras, mas tudo será esclarecido pelos próprios eventos, que julgamos estarem terrivelmente próximos. Seja como for, o «quadro geral» da vinda do anticristo e de seu profeta falso, é perfeitamente claro. Deveríamos preparar nossos filhos para fazer oposição ao anticristo, sem importar se será apenas uma ou mais personagens. Ele promoverá a mais temível de todas as perseguições religiosas. Em comparação com ele, todos os homens maus da história parecerão crianças. Não haverá coisa que ele não ponha sob seu controle neste mundo; seu poder será universal, ainda que perverso; sua sábeedoria rebrilhará admiravelmente em seus olhos, pois ele personificará a sábeedoria de todos os séculos, embora sua sábeedoria seja depravada. (Oferecemos a nota de sumário sobre o «anticristo», em II Tes. 2:3).

Creemos que o «anticristo» aludido em II Tes. 2:3, embora não seja denominado assim, mas antes, «filho da perdição», é o mesmo intitulado «beeta saída do mar», neste décimo terceiro capítulo do Apocalipse. Mas alguns bons intérpretes supõem estar ali em foco a «beeta saída da terra». Seja como for, ambas essas personagens são anticristos, não fazendo grande diferença qual a identificação da figura referida no segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses. Certos intérpretes creem que ele será a «reencarnação» de algum antigo e maligno personagem, como Nero, Judas Iscariotes, etc. Provavelmente isso é correto, embora seja difícil fazer pronunciamentos claros sobre a questão. Certamente o trecho de Apo. 17:9 e ss. dá a entender a teoria do *Nero redivivo*, conforme se pensava de modo geral na igreja cristã primitiva. Os antigos cristãos esperavam ver a reencarnação de Nero, o qual seria o *último* dos imperadores romanos. Nisso estavam eles equivocados; mas esse erro, quanto ao «elemento tempo» envolvido, não invalida a tradição profética. Pois

a visão profética facilmente poderia saltar por cima de muitos séculos, sem dar a menor atenção à questão do tempo, encontrando «Nero» reencarnado, ou alguém que «incorporará» o maligno espírito de Nero, pintando-o como se tivesse de surgir imediatamente depois dos imperadores reinantes do primeiro século de nossa era. Dessa maneira, o «número» dos imperadores romanos poderia limitar-se a «oito», até ao tempo da queda de Roma, ainda que, na realidade, seu número tenha sido bem maior do que isso. Seja como for, o anticristo será o reavivamento do antigo antagonismo romano a tudo quanto é sagrado. Tanto as predições bíblicas quanto as dos místicos contemporâneos se centralizam em torno de Roma. É possível que o anticristo também venha a fazer de Jerusalém um de seus centros de atividade; e isso, uma vez mais, é confirmado pelas Escrituras e pelas predições dos místicos contemporâneos, ainda que a «basta saída da terra» esteja mais intimamente ligada àquela cidade de Palestina.

Não há que duvidar que o vidente João encarava o capítulo à nossa frente como um reflexo do antigo culto ao imperador; e o «Nero redivivo» seria o alvo dessa satânica adoração futura. Isso é historicamente significativo, e o seu número, «seiscentos e sessenta e seis», aponta definitivamente para Nero, por causa do valor numérico das letras de seu nome. (Ver as notas expositivas sobre o décimo oitavo versículo deste capítulo, quanto a esse particular). As visões proféticas retêm esses elementos, os quais terão perfeita aplicação no futuro, quando o anticristão manifestar-se publicamente. O anticristão promoverá um culto em que ele mesmo será a «divindade» adorada; e esse culto será tão maligno e intenso, com tanto zelo, da parte de tão grande número de pessoas, que o comunismo parecerá santo, em comparação com o mesmo. Os jovens deste mundo serão especialmente envolvidos em tudo isso, pois influências satânicas governarão ao mundo, e multissimas vidas serão destruídas. A igreja desaparecerá como uma organização «visível»; e, tal como em outros períodos de grande perseguição, ela passará a viver subterraneamente. Naqueles dias não será fácil alguém ter a Jesus como Senhor e proclamá-lo como tal. Devemos atear-nos e preparar os nossos filhos para enfrentarem esses horrores, porquanto necessitamos de grande força espiritual para atravessar tão imenso furacão, permanecendo leais a Cristo, ao mesmo tempo.

O décimo segundo capítulo mostrou como o dragão, Satanás, de vários modos, tem seguido sua vereda destruidora no mundo, e como, nos «últimos dias», quando o seu tempo for curto, ele se irá e trará indizíveis sofrimentos à terra, com a ajuda de seus muitos auxiliares demoníacos (ver também os capítulos oitavo e nono). Este décimo terceiro capítulo mostra como ele controlará duas malignas personagens humanas, descarregando, por meio delas, a sua cólera contra os homens, antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo. A história do falso «cristo» e seu profeta mentiroso, por assim dizer, será a pintura mais ilustrativa do que Satanás pode fazer entre os homens, quando todas as barreiras ao seu poder, mediante uma imensa depravação humana, caírem por terra. O mundo, em sua presente e louca depravação, está se apressando na direção de ruína total.

O trecho de Apo. 12:18 retrata Satanás de pé sobre a areia da praia do mar, a pisar sob seus pés os habitantes da terra, a convocar os seus monstros, um saído do mar e outro saído da terra.

Este décimo terceiro capítulo é uma convocação aos santos para que se preparem para o martírio, para as sanções econômicas, para as perseguições; pois quando as personagens de Satanás subirem ao poder, nos últimos dias, o martírio tornar-se-á comum para aqueles que tentarem preservar o «testemunho de Jesus» (ver Apo. 12:17).

## VIII. Visões das Sete Personagens (12:1-13:18)

## 6. A Besta sai do Mar (13:1-10).

13' Καὶ εἶδον ἐκ τῆς θαλάσσης θηρίον ἀναβαῖνον, ἔχον κέρατα δέκα καὶ κεφαλὰς ἑπτὰ, καὶ ἐπὶ τῶν κεράτων αὐτοῦ δέκα διαδήματα, καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτοῦ ὄνομα[τα]<sup>1</sup> βλασφημίας.

<sup>1</sup> ὄνομα π<sup>1</sup> M C P 1 1008 2042 2055 2061 (4444) syr<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> 10 arm eth Tyconius Priscillian Andrews<sup>10</sup> Beatus Haymo<sup>1</sup> Clément

A 546 631 64 1611 1828 1844 1850 2020 2033 2073 2138 2344 2432 it<sup>1</sup> ad<sup>1</sup> 1008 1011 vg syr<sup>1</sup> Tyconius Andrew<sup>10</sup> Ps-Ambrone Arethas

13:1 ἐκ...ἀναβαῖνον Dn 7:3 θηρίον...βλασφημίας Rn 17:3, 7-12

Por um lado, a forma *ὄνομα* pode ter surgido com base em *ὀνόματα* devido à omissão acidental de *τα* após *μα*. Por outro lado, porém, após o plural, *κεφαλὰς* copistas podem ter tentado alterar *ὄνομα* para *ὀνόματα*. Com base nos dois manuscritos mais importantes (A 2053), a maioria da comissão preferiu imprimir *ὀνόματα* mas deixar as últimas duas letras entre colchetes, a fim de representar a evidência contrária.

13:1: Então vi subir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre os seus cabeças nomes de blasfêmia.

## O ANTICRISTO

«...vindo...», em visão mística (notas expositivas em Apo. 1:10).

«...do mar...», ou seja, das nações agitadas. O anticristo será a encarnação do que há de pior entre as nações. Se estas são ímpias e violentas, ele será prodigiosamente violento e desavergonhadamente ímpio. Se elas representam a revolta, ele é o rei dos revoltados contra Deus. Se elas perseguem à igreja, ele é o campeão de todos os perseguidores. Se, antes dele, outros homens têm emergido dentre o «mar das nações, que não têm descanso», ele fará todos aqueles outros parecerem crianças, paralelamente à sua imensa perversão moral.

«O mar representa a grande e desassossegada massa da espécie humana; ou então, conforme é expresso em Apo. 17:15, 'povos e multidões'. Tiago compara o indivíduo indeciso com uma onda impelida pelo vento (ver Tia. 1:6). Os indivíduos tal como ondas maiores e menores, compõem esse grande oceano dos homens, impelido pelas paixões impulsivas. Dentre esse mar é que surgirá a besta. Não temos aqui o mesmo vocábulo usado em Apo. 4:7... mas é uma palavra que subentende o predomínio da natureza bestial. Qualquer que seja o poder que tiver de levantar-se, não governará pelo amor ou pela habilidade, mas voluntariamente, impondo terror. É a grande força do poder mundial, que em todas as eras tem sido contra o poder da razão. As feras sempre servem de símbolo dos reinos deste mundo, isto é, dos reinos fundamentados sobre a paixão ou o egoísmo». (Carpenter, in loc.).

«...besta...» No grego é «*therion*», «*fera*», palavra usada na literatura grega para indicar animais «perigosos». (Ver *Antig. Car.* 29). Assim é que Policarpo foi condenado a combater contra as feras (a mesma palavra usada neste texto; ver *Martírio de Policarpo* 2:4). Tal palavra também era utilizada para indicar seres animalescos, de natureza sobrenatural (ver Barnabé 4:5). Há o uso dessa palavra para indicar um dragão monstruoso (ver *Dam. Vi Isid.* 140; *Hv.* 4:1:6; 10, 4:21). Também era usada essa palavra para referir-se a indivíduos de natureza bestial (ver Aristófanes, *Egu.* 273; *Plutus* 439; Josefo, *Guerras dos Judeus* 1,624, 627; *Antig.* 17,117,120). Há aqui um duplo simbolismo. A «besta» é o império romano, em sua impiedade; mas também é um indivíduo, Nero reencarnado, o qual morreu, desceu ao hades, mas haverá de subir dali (ver Apo. 11:7 e 17:8), esperando-se que ele volte a fim de promover outro reinado de terror. (Ver as notas expositivas sobre o terceiro versículo deste capítulo, quanto às tradições sobre o *Nero redivivo*). A besta é o anticristo (notas, II Tes. 2:3).

«...dez chifres e sete cabeças...» Essa descrição fora dada ao dragão, Satanás, em Apo. 12:3, onde há notas expositivas completas sobre seu significado. É óbvio que o vidente João apresente o anticristo como o «homem de Satanás», tão perfeitamente lhe pertencem as descrições dadas a Satanás, tal como as descrições divinas são atribuídas também a ele — O trecho de Apo. 17:12 diz-nos que os «dez chifres» são «dez reis»; e aquela passagem deixa patente que estão em foco auxiliares do imperador ou dos imperadores romanos. (Há notas expositivas completas sobre os «dez chifres», que são dez reis, em Apo. 17:12). Os «sátrapas» persas, que eram esperados vir acompanhando a «Nero redivivo», em seu assédio contra Roma (ver Apo. 17:16), conforme diziam as tradições antigas que falavam sobre esse Nero redivivo, poderiam estar em foco. Mas também poderiam estar em foco os governantes das províncias senatoriais, que a cada ano eram mudados por apontamento do senado. Profeticamente falando, porém, pensamos que se trata de uma federação de dez reinos, que o anticristo encabeçará nos últimos dias, e que envolverá uma área bem mais vasta e diversa do que o antigo império romano. As «sete cabeças» são «sete montes», conforme diz Apo. 17:9, o que é uma alusão velada à cidade de Roma; ao mesmo tempo, porém, são sete imperadores romanos. (As notas expositivas em Apo. 12:3 e 17:12 abordam essas questões detalhadamente, oferecendo interpretações alternativas).

«...e, sobre os chifres, dez diademas...» Em Apo. 12:3, os «diademas» estão sobre as «cabeças» do dragão, mas aqui estão sobre os «chifres». Essa mudança no simbolismo provavelmente não tem qualquer significação especial. Pouca diferença faz se os diademas estão nas cabeças ou nos «chifres». Seja como for, a autoridade satânica estará investida sobre o

anticristo, de tal modo que ele governará por intermédio de seus filhos, que serão governantes terrenos; mas tal autoridade será realmente satânica, conforme a comparação entre essas duas passagens o demonstra. (Ver Apo. 12:3 quanto a notas expositivas sobre os «diademas» ou «coroas», símbolos da autoridade real).

**Fonte original do simbolismo.** Não pode haver dúvidas que o sétimo capítulo do livro de Daniel é o pano de fundo literário do simbolismo desta passagem. Naquele capítulo, várias bestas surgem do mar agitado pelo vento. Os «ventos», mui provavelmente, indicam os «poderes angelicais» que exercem controle sobre a terra, poderes angelicais malignos, bem entendido. Assim também agora o grande dragão, Satanás, põe-se de pé sobre a areia da praia do mar (ver Apo. 12:17), e convoca duas bestas horrendas, uma saída do mar e a outra saída da terra, a fim de fugitar aos homens. As bestas, na visão de Daniel, representam diversos impérios mundiais, a saber: o babilônico, o medo-persa, o grego e o romano. O trecho de Apo. 7:7,24 mostra-nos que «dez chifres» surgem da quarta besta, pelo que também aspecto «profético», do império romano dos últimos dias também é dado. O «pequeno chifre» de Apo. 7:8, apesar de certamente apontar para Antioco Epifânio (ver também Dan. 8:23-35; 9:26,27; 11:36-45), provavelmente é um símbolo profético do próprio anticristo.

«...nomes de blasfêmia...»

**Variante Textual:** A forma singular, «nome», figura nos mss P1471. Aleph a na tradição «koiné» em geral. A forma plural, «nomes», aparece no Códex A, em 2053 e em alguns manuscritos da tradição «koiné». É possível que o singular tenha surgido através da omissão das letras finais dessa palavra grega, «-τα». Por outro lado, o plural pode ter sido produzido por escribas que quiseram harmonizar essa palavra com os plurais «cabeças» e «blasfêmias». A maior parte dos críticos textuais prefere o plural, embora não sem algumas dúvidas. Seja como for, nenhuma diferença é criada quanto ao sentido.

«...blasfêmias...» Um paralelo a isso é o segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses. O anticristo fará oposição a tudo quanto é direito; haverá de exaltar-se acima de tudo quanto é chamado Deus, e exigirá adoração, tal como os antigos imperadores romanos exigiam, no «culto ao imperador». Ocupará o templo de Deus, em Jerusalém, exibindo-se como se fora uma divindade. Nele operará amplamente o «mistério da iniquidade» (ver II Tes. 2:7). Seu aparecimento será no poder de Satanás, e ele fará muitos prodígios da mentira (ver II Tes. 2:9,10). O terceiro versículo deste capítulo oferece a nota geral sobre o «anticristo», havendo notas adicionais na introdução ao presente capítulo. No anticristo haverá, destilada, a própria essência da blasfêmia. Ele operará muitos «milagres científicos», os quais, supostamente, eliminarão a necessidade de crer-se ou prestar lealdade a qualquer Deus «invisível». Já que ele será o falso «cristo» de Satanás, presumivelmente ele eliminará qualquer necessidade de conhecer-se ao Cristo de Deus. Por essa razão, perseguirá à igreja cristã, conforme esta nunca antes fora perseguida; e até os judeus piedosos serão objetos de sua cólera pervertida.

## A Segunda Vinda

Girando e girando em círculos cada vez maiores,  
O falso não pode ouvir o seu treinador;  
As coisas se despedaçam: o centro não pode manter-se;  
Mera anarquia se abate sobre o mundo,  
A maré sangrenta se abate, e por toda parte  
A cerimônia da inocência é abafada.  
Aos melhores falta convicção; os piores  
São cheios de intensa paixão.

Certamente alguma revelação está próxima,  
Certamente a segunda vinda está às portas,  
A segunda vinda! Nem bem são ditas essas palavras  
E a vasta imagem do espírito do mundo  
Atribula minha visão: em algum deserto arenoso,  
Uma forma, com corpo de leão e cabeça humana,  
Com olhar vazio e sem dó como o sol,  
Move-se lentamente, havendo em seu redor  
Sombras revolventes de aves indignadas do deserto.

As trevas sobrevem novamente; mas agora sei  
Que vinte séculos de sono de pedra  
Foram agitados em pesadelo por um herói que halanço.  
E que fera violenta, que haverá de surgir,  
É essa que se aproxima de Belém!  
(William Butler Yeats)



Outras idéias sobre o primeiro versículo do décimo terceiro capítulo:

1. O «nome» de blasfêmia, se a forma singular é a correta, poderia ser uma referência específica ao «divus» ou «augustus» dos títulos com que os imperadores romanos se exaltavam a si mesmos, supondo-se até mesmo divindades dignas de adoração. Quanto a esse «nome», outros eruditos pensam que «papa», «Sua Santidade», etc., são títulos em foco. Mas isso sai muito do centro do alvo.

2. O segundo versículo demonstra que essa «fera» incorpora as características das quatro feras do livro de Daniel, pelo que será o ponto culminante do governo humano rebelde, que vem afligido a terra por tanto tempo.

3. Se a forma plural, «nomes», é a correta, então provavelmente o quadro de cada uma das sete cabeças, munida de um «nome» de blasfêmia, totalizando sete nomes assim, é o que se deve pensar aqui. No anticristo, as blasfêmias terão sua fruição perfeita. Além disso, historicamente falando, sete específicos imperadores romanos estão em foco, cada qual representando uma «blasfêmia».

4. Há diversas outras interpretações deste versículo e desta passagem em geral, conforme mostramos nos pontos abaixo:

a. Os intérpretes da escola histórica vêem aqui muitas coisas diferentes, pois não há acordo entre eles. A maioria não pensa em um «anticristo pessoal», isto é, um indivíduo que seria «o» anticristo. Mas pensam no «sistema romano», em certo número de imperadores romanos ou no papado romanista. Aqueles que pensam estar aqui em pauta a «Roma pagã» (posteriormente «cristianizada») procuram mostrar que havia «sete» formas principais de governo romano, desde reis e cônsules até ao papa. Os «dez chifres», conforme esse sistema de interpretação, não seriam governantes contemporâneos, sob o poder de Roma, e, sim, sucessivos imperadores romanos, com Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Oto, Vitélio, Vespasiano e Tito. Alguns preservam o «décimo» chifre para um governante futuro, talvez do império romano revivido. Essa interpretação faz a visão ser apenas uma revisão mambembe da antiga história romana, o que dificilmente está em consonância com a natureza profética do Apocalipse, o que tem por fito revelar-nos algo sobre as condições reinantes nos «últimos dias», isto é, aqueles tempos que precederão de imediato à segunda vinda de Cristo.

b. Alguns estudiosos vêem aqui algum anticristo pessoal, julgando que será «Nero» ou algum outro imperador romano especialmente poderoso; e diversos intérpretes protestantes pensam que se trata do «papa».

c. Outros procuram incorporar toda a «história do governo humano», como se o poder aqui focalizado fosse a incorporação de todos os principais governos,

desde os tempos dos babilônios. Essa seria o «anticristo», em revolta contra Deus. Toda a autoridade humana sem Deus seria o anticristo, sem importar seu lugar no tempo e na história. Mas isso é contra o pano de fundo histórico e profético do livro de Apocalipse. Historicamente falando, o vidente João atacava ao império pagão e perseguidor de Roma; mas, profeticamente falando, apontava para o «anticristo» e sua federação futura de dez reinos.

5. As «sete cabeças» são uma alusão aos «sete montes» da cidade de Roma. E o próprio número faz da culminação da sabedoria satânica no anticristo. (Ver Apo. 17:9,10).

6. O anticristo encabeçará uma espécie de «império romano revivificado», mas sua federação de dez reinos incluirá nações que não faziam parte do império romano antigo. Essas nações, provavelmente, serão os Estados Unidos da América, o Canadá, o Japão, e outros (ver as notas expositivas a respeito, em Apo. 12:3). Os dez poderes não corresponderão exatamente a dez reis, em que um seria ocidental e outro oriental, aos pares, de acordo com o simbolismo das duas pernas da imagem visionária de Daniel. Mas seu império será universal, espalhando-se para leste e para oeste, embora não queira dizer que cinco nações serão do oriente e outras cinco do ocidente.

Alguns estudiosos conjecturam que os «dois» pés da imagem de Daniel (ver Dan. 2:40 e ss.) indicam dois grandes poderes entre os dez. Os pés e os artelhos são de «ferro misturado com barro», isto é, ao mesmo tempo fortes e fracos, uma federação poderosa, embora frouxamente vinculada entre si, sobre a qual o anticristo terá completa autoridade. O império romano, dessa maneira, reencusitará, ficando curada a sua «ferida mortal» (ver Apo. 13:3) embora essa descrição final também se aplique pessoalmente ao anticristo.

7. A adoração ao anticristo será, *ipso facto*, a adoração a Satanás, porque ele será o «falso cristo» de Satanás, o instrumento de seu poder e presença.

8. O trecho de Apo. 17:12 mostra que os dez chifres serão dez reinos que receberão sua força por se associarem ao anticristo. Seus chifres não terão qualquer reino real e nem poder, enquanto o anticristo não lhes entregar esse poder. O anticristo consolidará tal autoridade, porquanto ele será um técnico nesse mister. Também derrotará as forças comunistas, primeiramente a União Soviética (na Terceira Guerra Mundial) e então a China (na Quarta Guerra Mundial) por causa das quais a humanidade estará perto de desaparecer do nosso planeta. Esperamos que a primeira dessas guerras ocorra em cerca de 1999, ao passo que a segunda delas se dará por volta de 2020, se é que podemos confiar nas declarações dos místicos contemporâneos. «O elemento tempo das predições é sempre incerto; mas especulamos que essas datas não estarão muito longe do alvo».

2 καὶ τὸ θηρίον ὃ εἶδον ἦν ὁμοιον παρδάλει, καὶ οἱ πόδες αὐτοῦ ὡς ἄρκου, καὶ τὸ στόμα αὐτοῦ ὡς στόμα λέοντος. καὶ ἔδωκεν αὐτῷ ὁ δράκων τὴν δύναμιν αὐτοῦ καὶ τὸν θρόνον αὐτοῦ καὶ ἐξουσίαν μεγάλην.

2 τὸ θηρίον...λέοντος. Da 7:4-8

2 leontos; leontwn ἄρκου ἰδὶς rc

13:2: É a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão, e o dragão deu-lhe o seu poder e o seu trono e grande autoridade.

O empréstimo literário é do sétimo capítulo de Daniel, e as «quatro bestas» daquele capítulo, que representam diferentes impérios mundiais, são agora combinadas em uma estranha e aterrorizante fera, apropriada para a figura do anticristo. O vidente João evidentemente deseja dizer-nos que o anticristo e sua confederação de dez nações combinarão toda a perversidade e poder dos reinos antigos, como se fora uma espécie de paganismo supremo. O seu chefe será o homem de Satanás, tal como Jesus Cristo era o homem de Deus. Assim como Cristo foi supremamente possuído pelo Espírito Santo, para o bem, assim esse homem será supremamente possuído pelo diabo, para o mal.

As representações originais. Muitos intérpretes concordam que, originalmente, as quatro bestas do sétimo capítulo do livro de Daniel representavam a Babilônia, a Média, a Pérsia e a Grécia-Síria. O pequeno chifre, um poderoso governante do último desses impérios, foi Antioco IV Epifânio (último nome este que significa «Deus manifestado»). Suas blasfêmias e abusos precipitaram a revolta dos Macabeus, o que, segundo pensam alguns estudiosos, exerceu certa influência nos escritos de Daniel e suas interpretações. Daniel teria prometido a queda de Epifânio para dentro de três anos e meio. É fato histórico que Epifânio não perdeu por muito tempo, e os judeus obtiveram a sua independência. Mas o soerguimento de Roma e a perda da independência mudou a interpretação sobre as «quatro bestas», de tal forma que a quarta tornou-se símbolo de Roma, seu governante, ou ambas as coisas. Isso é claramente visto no tratado talmúdico de *Abodah Zarah* 2b, e em II Barúque 36:40. Portanto, o vidente João, neste seu livro, segue essa «reinterpretação» de Daniel, com a única diferença que agora as quatro bestas são combinadas em uma só; e esse monstro é Roma, e o anticristo, por assim dizer, é o novo e muito pior Epifânio.

O que fica implícito nos elementos da fera combinada?

1. O leopardo representa o reino grego (ver Dan. 7:6), rápido, veloz, conquistador e incansável. O anticristo terá essas qualidades em grau supremo.

2. Os pés de urso representam o império persa (ver Dan. 7:5), dando as idéias de força, estabilidade e consolidação. O anticristo também incorporará esses aspectos em seu poder.

3. A boca de leão representa a monarquia babilônica (ver Dan. 7:4), subentendendo ruína ameaçadora, rugidos de blasfêmia, despedaçamento carniceiro, perseguição e matança. O anticristo será o possuidor supremo dessas qualidades.

4. A quarta besta do livro de Daniel, terrível e feroz, dotada de dez chifres, já fora incorporada nesse simbolismo do primeiro versículo, onde essas idéias são comentadas. Notemos a ordem reversa de apresentação. A feroz besta de dez chifres, que aparece em último lugar no livro de Daniel, aparece em primeiro lugar no Apocalipse. Então seguem-se os outros três, na ordem reversa de sua apresentação em Daniel, provavelmente porque o vidente olhava para trás, ao passo que Daniel olhava para a frente,

historicamente falando.

«O anticristo sumariará todo o brilho (Grécia), todo o poder maciço e pesado (Pérsia), todo o domínio absoluto real e autocrático (Babilônia) que os gentios já conheceram». (Newell, *in loc.*). Mas acrescentamos que o império romano também é enlocado nesse quadro profético.

«Essa besta combina características das primeiras três feras de Dan. 7:2 e ss. A força e a brutalidade do império babilônico, medo e pavor aparecem também no império romano. A vigilância felina do leopardo, o poder lento e esmagador do urso e o rugido do leão, que eram características familiares para os pastores da Palestina». (Robertson, *in loc.* com uma citação de Swete).

«...E deu-lhe o dragão o seu poder...» Já temos observado a sobreje, especialmente no estudo sobre os julgos das trombetas, que o Apocalipse promete uma imensa invasão de forças satânicas nos últimos dias, o que avassalará e aterrorizará totalmente aos homens, tornando-os corruptos e violentos de modo incrível, chegando quase a se extinguirem da face da terra. A principal manifestação satânica será o próprio anticristo, com a sabedoria de todos os séculos em seus olhos, mas dedicado ao mal. Também será o grande enganador, pois muitos, especialmente a juventude, seguirão-o com um senso de realização. Assim como Jesus Cristo foi Deus encarnado, assim também o anticristo será a encarnação de Satanás. Assim como Cristo foi rejeitado pela maioria, assim o anticristo será quase universalmente aceito pela humanidade. Assim como Cristo saiu a fazer o bem, do mesmo modo o anticristo sairá ao redor praticando a maldade. Cristo chamou Satanás de «príncipe deste mundo» (ver João 12:31; 14:30 e 16:11), e, no tempo da tribulação, isso tornar-se-á uma verdade claríssima, porquanto Satanás virá a ser adorado diretamente, mas também indiretamente, por meio de seu anticristo.

«...o seu trono e grande autoridade...» O «João Batista» do anticristo, que alguns místicos identificam como um político do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, fará bem o seu trabalho. O poder que se irá desenvolvendo rapidamente no homem de Satanás, tornar-se-á universalmente conhecido através dos meios de comunicação em massa. Seus discursos e seus arbítrios nas questões e problemas mundiais serão admiravelmente sábios. É claro que ele possuirá uma inteligência prodigiosa. Logo a sua vasta inteligência será recompensada por vasta autoridade. Ascenderá ao trono da aliança de dez reinos, e, com a ajuda do poder do diabo, derrotará a todos os adversários, até mesmo a União Soviética, em uma guerra nos fins do nosso século XX, bem como a China, na segunda década do século XXI. Por conseguinte, nem indivíduos e nem nações serão capazes de resistir-lhe, e a sua supremacia excederá a de qualquer homem que já viveu. Todos os ímpios do passado parecer-se-ão crianças inocentes em comparação com ele.

Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. O vidente João tinha em mente, de forma definida, o império romano; e esperava para breve o cumprimento de todas as suas predições, incluindo a reencarnação de Nero, no esperado anticristo. Seu cronograma estava equivocado, mas certamente ele acertou em cheio quanto às suas predições sobre o homem do pecado, embora não precisemos pensar na reencarnação literal de Nero. Um tipo de império romano revivificado será a área de

atividades do anticristo, embora ele também venha a manter um centro em Jerusalém, o que é demonstrado por Daniel e confirmado pelos místicos contemporâneos.

2. O progresso científico do mundo não tem sido acompanhado pelo progresso moral e espiritual. O que se passa no progresso nestas últimas áreas entregará o mundo nas mãos do anticristo. Os homens creem na astúcia «mentira» de Satanás, pensando que a mesma é a verdade, e seguirão às mentiras do anticristo com um senso de realização espiritual. Mas o mundo haverá de desapaçar-se por suas juntas, nesse interim, as horrendas sofrimentos mostrarão que os homens estarão equivocados em sua nova lealdade.

3. O «dragão» é Satanás, conforme temos visto e comentado em Apo. 12:3.

4. «O império reunia todas as horrendas qualidades dos antigos opressores de

Israel: astúcia, concupiscência por sangue e maldosa energia. Daí a combinação de qualidades com base nas quatro «feras de Daniel» (Moffatt, *in loc.*). Mas o vidente João vê a igreja enfrentando tal opressão em sua luta contra o império romano.

5. Os intérpretes da escola histórica continuam a ver aqui vários incidentes ou períodos históricos, cumpridos nessa besta que combinará as quatro feras do livro de Daniel. Alguns pensam tratar-se das principais heresias, como os gnósticos e arianos, ou então, como o surgimento do islamismo ou do papado, etc.

6. Não dizemos: «Quem é como Deus?» Mas na terra, durante o período da tribulação, os homens indagarão: «Quem é como a besta?» Na face da terra, o anticristo suplantarà a Deus momentaneamente.

3 καὶ μίαν ἐκ τῶν κεφαλῶν αὐτοῦ ὡς ἐσφαγμένην εἰς θάνατον, καὶ ἡ πληγὴ τοῦ θανάτου αὐτοῦ ἔθεραπεύθη.<sup>a</sup> καὶ ἐθαυμάσθη ὅλη ἡ γῆ ὅπισω τοῦ θηρίου.<sup>b</sup>

<sup>a</sup> 3 a maior, a minor: WH Nov Nae B<sup>1</sup> RV ABV Zdr Luth <sup>1</sup> a minor, a maior: TR AV RBV Jer <sup>1</sup> a maior, a maior: NEB TT Naz

2 Θαυμάσθη...θηρίου Rn 17,8

13:3; Também vi uma de suas cabeças como se fora ferida de morte, mas a sua ferida mortal foi curada. Toda a terra se maravilha, seguindo a besta,

«...uma de suas cabeças como golpeada de morte...» É quase certo que a alusão aqui é a Nero, o qual, reencarnado, conforme as tradições cristãs antigas, voltaria como o anticristo. (Ver Apo. 17:9 e ss., onde os sete «montes» de Roma também são reputados «sete reis», dos quais cinco eram caldos, um estava no trono, e o outro ainda viria. Esse seria um «oitavo», mas também pertenceria aos «sete», ou seja, presumivelmente seria a reencarnação de um imperador romano do passado. Assim, em pouquíssimo tempo o vidente João esperava o aparecimento do anticristo. Nero, o notório matricida, martirizou a muitos cristãos, incluindo Pedro e Paulo. Em julho de 68 D.C., Nero foi condenado à morte pelo senado, devido ao seu desgoverno e aos seus crimes, mas fugiu para uma vila, onde cometeu suicídio, golpeando-se na garganta. Mas, tal como no caso das mortes de muitos homens poderosos, sobretudo quando isso se cerca de circunstâncias misteriosas, muitos rumores e lendas fantásticas surgiram em torno da pessoa de Nero. Alguns dizem que ele não estava realmente morto, mas somente escondido, e que reapareceria para assumir seu poder. Outros afirmavam que ele retornaria à testa de uma horda de cavaleiros partas, a fim de invadir e destruir ao império que antes governara. Nos *Oráculos Sibilinos* 5:361-367; 4:119-127, 137-139, é dito que Nero morrerá de fato, mas que ele seria restaurado à vida, e, com um exército, presumivelmente de partas, retornaria para assediar ao império romano. Um maior desenvolvimento desse mito era aquele dos cristãos, que fazia de Nero «redivo» o anticristo; e há cristãos modernos que mantêm esse ponto de vista. Os *Oráculos Sibilinos* pintam esse Nero redivo como alguém que será combatido e destruído pelo rei Messias, enviado dos céus por Deus, com essa finalidade específica. Portanto, nesses *Oráculos*, em 8:88-157, o Nero redivo é retratado como um dragão púrpura e como uma imensa fera. É quase certo que a presente passagem, bem como a de Apo. 17:8, referem-se a essa antiga crença, e evidentemente concordam com ela. Nero morreu ferido na garganta, mas haveria de viver novamente, e, naturalmente, isso encheria o mundo inteiro de admiração, conforme se vê em Apo. 17:8.

Desnecessário é dizer que essa «morte» e «ressurreição» é reputada por muitos intérpretes como um símbolo, e eles procuram adaptar muitos incidentes ou períodos históricos a essa ocorrência. Assim, o bispo Newton observou que a cabeça foi ferida quando «o império romano foi destruído pelas nações do norte, tendo sido posto fim ao próprio nome de imperador em Momyllus Augustulus». Presumivelmente, o «reavivamento» do «império morto» seria achado em algum ressurgimento futuro, ou em algum evento passado da história, como no caso de Carlos Magno e seus sucessores. Ainda outros vêm a «morte» das heresias e o reavivamento das mesmas, em diferentes formas, em tempos posteriores. Também há aqueles que vêm a morte do papado, devido à Reforma protestante, e o seu reavivamento na contra-Reforma. É quase certo, entretanto, que está aqui em foco a lenda do Nero redivo. Alguns intérpretes salientam o trecho de Apo. 11:7, que fala sobre a «besta» que subirá do abismo (ou hades), a fim de fazer guerra

contra as duas testemunhas, para vencê-las e tirar-lhes a vida. Fica entendido que isso significa que o «anticristo» (Nero), tendo-se suicidado, desceu ao hades, mas, subseqüentemente haverá de subir daquele lugar dos espíritos dos mortos, reencarnando-se e continuando seu reinado de terror contra a igreja. Não admira, pois, que o mundo inteiro se «maravilhará» diante da besta, pois nele operarão grandes prodígios inexplicáveis para a ciência.

A falsa ressurreição. Os intérpretes que entendem tudo isso de maneira literal, salientam que Satanás tem sua «ressurreição» falsa, tal como Deus, em Jesus Cristo, tem sua ressurreição para a vida eterna. Alguns deles supõem que o futuro anticristo, e não Nero e qualquer figura histórica reencarnada, passará pelo processo da «morte-ressurreição», e então será aceito como o grande e invencível governante. Esses intérpretes ignoram a lenda do «Nero redivo», ou então supõem que a mesma tão-somente *prefigurava* o que sucederá, e que não é isso a substância da interpretação que buscamos nesta passagem.

Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Tácito mencionava rumores sobre a morte e a suposta volta de Nero, e acreditava que, com base nisso, surgira no oriente um pseudonero, entre os partas. (Ver *História* II.8 e 1:2).

2. Há referências à crença no «Nero redivo» nos escritos de Agostinho (ver *Civ. Dei* 11.19.3, vol. VII, pág. 686). Apesar de Agostinho não ter vinculado essa idéia à nossa passagem do Apocalipse, isso foi feito por vários antigos intérpretes cristãos.

3. Domiciano era chamado de «segundo Nero», e alguns supõem que ele foi o «Nero redivo», razão por que alguns estudiosos pensam que Domiciano foi o anticristo. Outros intérpretes defendem a idéia que Calígula foi o imperador que recebeu o «golpe mortal» (não realmente fatal, pois *ter-se-ia recuperado*) o qual também mandou colocar estatuetas de sua pessoa para serem adoradas, tentando o fazer até mesmo em Jerusalém. Esse *golpe mortal* teria sido uma «grave enfermidade», mencionada por Suetônio, em *Calígula* 14 e *Dio Cassius*, 11.8. Charles (*in loc.*) faz menção a isso, supondo que o escrito original tinha esse sentido, embora, posteriormente, tenha sido modificado para aludir à idéia do «Nero redivo». Supõe ele que algum escrito «anterior» veio a ser incorporado em sua presente localização, com essa mudança de aplicação.

4. A admiração vinculada à recuperação do anticristo, em face do golpe mortal por ele recebido, é reiterada por três vezes (ver Apo. 13:3, 12 e 14) o que mostra que o vidente João considerava isso algo incomum.

5. Se o golpe mortal e a ressurreição se reveste de um significado profético, e não histórico, isso tornar-se-á claro para aqueles que contemplarem tais eventos, durante a tribulação. (Ver notas expositivas a esse respeito, em Apo. 7:14).

6. «A besta, sarada de seu ferimento, retornará não do mar, e, sim, do abismo, pelo que trará consigo novas forças, provenientes do inferno (ver Apo. 13:3, 11, 12, 14 e 17:8)». (Pausanet, *in loc.*, o qual, entretanto, interpreta histórica e simbolicamente esses dados bíblicos, vendo as sete cabeças como sucessivos impérios mundiais, como o Egito, a Assíria, a Babilônia, a Pérsia, a Grécia, Roma e, em sétimo lugar, as hordas germânicas que se derramaram sobre a Roma cristianizada. De acordo com seu ponto de vista, pois, um «paganismo pior irromperá sobre o mundo cristianizado, mais diabólico do que o das primeiras cabeças da besta». Cria ele, entretanto, que um anticristo literal, ainda futuro, culminará na «ressurreição» da besta).

4 καὶ προσεκύνησαν τῷ δράκοντι ὅτι ἔδωκεν τὴν ἐξουσίαν τῷ θηρίῳ, καὶ προσεκύνησαν τῷ θηρίῳ λέγοντες, Τίς ὅμοιος τῷ θηρίῳ, καὶ τίς δύναται πολεμῆσαι μετ' αὐτοῦ;

13:4; e adoraram a dragão, porque deu à besta a sua autoridade; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem poderá batalhar contra ela?

«...o dragão...» (Ver as notas expositivas sobre o «dragão», isto é, Satanás, em Apo. 12:3).

«...adoraram...» Creemos que, nos últimos dias, a adoração direta a Satanás tornar-se-á generalizada. Os homens não fingirão estar adorando a Deus, mas antes, prestarão lealdade aberta e jubilosa a Satanás. Homens «não religiosos» adorarão a Satanás inclinando-se ante as «descobertas científicas» que eliminariam a necessidade (segundo a idéia deles) de crer em Deus. Então Satanás será supremamente adorado mediante o seu «falso cristão», um suposto novo salvador, o qual obterá poder e lealdade universais, mas que, na realidade, será a eptíome mesma do mal.

«...autoridade...» Em sua própria pessoa, no fascínio que exercerá sobre os perdidos, em seu poder de solucionar os problemas mundiais com sua sabedoria aparentemente infinita; mas também através de sua federação de dez reinos (ver o primeiro versículo deste capítulo). Essa autoridade será religiosa e política, porque o anticristo controlará a tudo, os corpos, as mentes e os espíritos dos homens. Toda a autoridade mundial e diabólica que se tem manifestado através da história haverá de ser investida, em forma intensificada, no anticristo, conforme se vê no segundo versículo

deste capítulo.

«...besta...» Assim é ele também chamado em Apo. 11:7; 13:1-4. (Ver as notas gerais sobre a «besta», em 11:7 e 13:1; e sua «incorporação» de outras bestas da história, em Apo. 13:2).

«...adoraram...» Quem é semelhante à besta? etc... Isso é uma paródia de declarações similares ditas a respeito de Deus, salientando o grande poder e a autoridade do anticristo sobre o mundo, por meio do controle e influência de Satanás. (Ver Isa. 40:18, 25; 46:5; Sal. 113:5; Miq. 7:18; Jer. 49:19). Por isso é que com razão é dito, na segunda epístola aos Tessalonicenses, que o anticristo se elevará a si mesmo acima e contra tudo quanto se chama «Deus», situando-se no próprio santuário de Deus, como se fora o próprio Deus, e se exibirá como o mais elevado poder do universo. O oitavo versículo mostra-nos que haverá uma adoração literal e praticamente universal ao anticristo. O sétimo versículo deste capítulo mostra-nos que a sua suposta onipotência permitirá que ele persiga com sucesso à igreja cristã. A «grande tribulação» envolverá a pior de todas as perseguições religiosas de todos os tempos. Por pouco tempo, neste mundo pervertido, confuso e violento, a maldade reinará supremamente e com exclusividade, excetuando um pequeno número de crentes remanescentes, que muito sofrerão, incluindo alguns judeus fiéis, que não se deixarão

enganar pelo falso «cristo» de Satanás.

*Outras idêntias sobre o quarto versículo:*

1. Essa denúncia contra a adoração a Satanás, por meio do anticristo, historicamente falando é a queixa do vidente João contra o «culto ao imperador», que medrava em seus dias, através do que os imperadores romanos eram adorados como se fossem divindades. João antecipa que, nos tempos do Nero redutivo, tudo isso tornar-se-á muito pior, de tal modo que a perseguição aumentará imensamente de intensidade, contra os que rejeitarem unir-se a esse «culto». O vidente fica surpreso diante da contemplação de como o poder maligno poderá vir a controlar a humanidade inteira, passando ele a semear nos poucos os que não se deixarão enlouquecer pelo poder maligno. Mas o mundo, boquiaberto, ficará indagando o que o poder de Satanás pode fazer a um homem. Quando o anticristo, finalmente, aparecer em cena, o mundo terá motivos autênticos de admirar-se ante o incrível poder de Satanás. Mas o mundo necessitará dessa lição, para que a adoração seja prestada, finalmente, ao santo Deus dos céus e a seu Cristo, o qual é o nosso irmão mais velho, e em cuja imagem moral e metafísica estamos sendo transformados pelo Espírito Santo.

2. «Terríveis são os dias que jazem à frente. As trovoadas do juízo vindouro podem ser ouvidas à distância. As nuvens estão se ajuntando. As invenções, tais como as armas atômicas, têm feito os homens tremarem acerca do que faz no futuro. Só há um meio de escape, isto é, através Daquela que é a porta para a segurança absoluta. Aqueles que O recebem e entram pela porta da fé, estão seguros. Esses são descritos como aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro». 'Teu nome está escrito ali?' (DeHann, in loc.).

3. Um número demasiado de livros vem sendo publicado, em nossos dias, sugerindo que todos os padrões são relativos, e que, por isso, a vida é apenas uma forma de expediente. Há algo que não difere muito de um «culto da relatividade» de todos os juízos morais da história. Se isso ainda não é a adoração à «besta» certamente prepara com facilidade o caminho para a adoração à mesma.

4. Este versículo reflete o ponto final da apostasia. A apostasia conduz à adoração direta ou indireta do próprio Satanás. Nos últimos dias, essa adoração tornar-se-á literal e direta. Já existem seitas que adoram abertamente a Satanás, e a intensificação de interesse pelo ocultismo tem tornado comum a possessão demoníaca. O mundo virá coisas piores ainda. Ninguém ficará de pé perante o anticristo. O mundo antigo estremeceu ante a insana irresponsabilidade de Nero. Um mal muito maior que o de Nero ainda aparecerá em cena. Creemos que o anticristo já está vivo. Seu reinado de terror terá início em nosso período de vida terrena, ou então durante a vida de nossos filhos. Esses terão de ser melhores crentes do que nós.

5 *Kai édóthē autō stóma laloun megála kai blasphēmias, kai édóthē autō éxousia poihesai mēnas tessarákonta dúo.*

5 édóthē...blasphēmias Da 7.8, 20, 25: 11.36

mēnas tessarákonta dúo Re 11.3; 12.6

5 blasphēmias p<sup>47</sup>NC 161x 2344 pc vg s; R] -ian P 046 051 82 1834 2060 pm: -phma A 2059 2329 al | éxousia] om N 792 2042 et poihesai p<sup>47</sup>ACP 1 1006 161x 2059i al lat sy c; R] add o θάλα Neth: प्राप्ति polemou 046 051 82 205 2329 pm: polemou 69

13:5: Foi-lhe dada uma boca que preferia arrogâncias e blasfêmias; e deu-se-lhe autoridade para atuar por quarenta e dois meses.

«...Foi-lhe dada uma boca...» Isso é dito porque, conforme já vimos, esse homem, apesar de possuir naturalmente grande inteligência e autoridade, não poderá ser explicado somente sobre bases humanas. Ele terá poderes que Satanás possui supremamente. Essa possessão, pois, é o segredo de seus tremendos poderes. Por seis vezes (número do homem) é dito que esse poder «lhe foi dado» (nos versículos quinto a sétimo, vinculados aos versículos catorze e quinze). Em todas essas instâncias temos o ensinamento que esse homem não será um mero homem; antes, terá contacto direto com forças espirituais malignas, as quais deixarão o mundo boquiaberto com o anticristo. Este não hesitará em usar o que lhe for dado, e o mundo inteiro, em resultado disso, sofrerá tremendas angústias. Essas descrições foram extraladas do trecho de Dan. 7:8, acerca de Antioco IV Epifânio, que também tinha uma boca que «dizia grandes coisas», de forma que não hesitou em falar coisas ribombantes contra «o Altíssimo» (ver Dan. 7:25). A questão da duração de seu poder irrefreado (quarenta e dois meses) também é extralada de Dan. 7:25. O sétimo versículo em diante, que fala sobre a guerra do anticristo contra os santos, vencendo-os, é extralado da idéia de Dan. 7:21. Portanto, é claro que o vidente João aplica as palavras ditas contra Antioco IV Epifânio (historicamente falando) ao futuro anticristo (profeticamente falando). Sem dúvida alguma ele compreendeu os escritos de Daniel desse modo, vendo a dupla aplicação dos mesmos; e aqui nada há de estranho a esse respeito, porquanto as predições bíblicas com frequência precisam ser assim compreendidas. Com frequência elas têm uma aplicação a curto prazo e outra aplicação a longo prazo. Historicamente falando, as palavras de João são uma queixa contra o culto ao imperador, embora também tenham uma aplicação a longo prazo, relativa aos «últimos dias».

«...arrogâncias...» O grego diz aqui, mais literalmente, apenas «grandes coisas». O anticristo jactar-se-á de seus milagres científicos, os quais subentenderão que a crença em um poder divino, criador e controlador, é obsoleta. Ele exhibirá milagres incríveis, que deixarão atônitos as mentes dos homens. Sua sabedoria será tão grande que reis e nações se prostrarão diante dele. Sua folha de serviços e realizações será impressionante, sobretudo no campo das realizações pessoais e diplomáticas. Os homens humildes deixar-se-ão impressionar com isso. E também será grande a sua jactância acerca do que pode fazer e fará. Aos olhos dos homens ele parecerá uma divindade, e eles o adorarão como tal (ver II Tes. 2:4).

«...blasfêmias...» Temos aqui a transliteração do vocábulo grego que significa «palavras injuriosas», «palavras difamadoras», dirigidas contra Deus ou contra os homens. O anticristo procurará «difamar» a pessoa de Deus, tornando-o desnecessário no mundo moderno. Ele ridicularizará o «mito de Cristo». Insultará a «fé dos santos». Antioco IV Epifânio sacrificou uma porca sobre o altar de Deus. Mas o anticristo será a própria porca que procurará substituir o altar dedicado a Deus.

«...quarenta e dois meses...» Essa cifra é tomada por empréstimo do trecho de Dan. 7:25. Literalmente temos «fazer quarenta e dois meses»; mas

5. Somos informados na história que um dos marechais de Napoleão, ao ouvir que aquele imperador escapara do Elba, apressando-se de volta à França para apossar o poder, exclamou: «O quê? Aquela fera está solta novamente?!» O que pensarão os homens quando a mais feroz de todas as bestas estiver governando sobre eles?

6. Adorar a outro homem e prestar exagerada lealdade a qualquer outro, além de Deus e seu Cristo, é idolatria; e isso, indiretamente, é lealdade a Satanás. O vidente João viu claramente que a adoração ao imperador, em última análise, era lealdade a Satanás. Vemos claramente isso, quando pomos a fama e a fortuna, o lazer e o prazer, no trono de nossas vidas?

7. As interpretações da escola histórica fracassam neste ponto. Pois é extremamente difícil ver o poder papal ou qualquer autoridade civil antiga nas palavras do presente texto. Antes, trata-se de um poder maligno, futuro e sem paralelo, que está sob consideração aqui.

8. «Nada existe de tão bem-sucedido quanto o êxito, e a homenagem dos homens com mais frequência é dada ao poder do que ao princípio moral... 'Não podeis ouvir as palavras: Quem é como a besta...?' a atravessar os séculos, desde os lábios dos jovens romanos, falando uns com os outros, a se demorarem juntos no Fórum? (Maurice). Não podemos nós ouvir o eco das palavras, nos Champs Elysées, no Piccadilly, na Broadway, ou na Unter Den Linden, dos lábios de jovens que têm como seu deus a moda, a posição, a riqueza ou o poder mundial em qualquer de suas formas?» (Carpenter, in loc.). Se esse comentarista tivesse vivido um pouco mais tarde, teria mencionado os cultos que se desenvolveram em torno de Hitler, de Stalin, etc. Muito pior será a situação quando o anticristo aparecer, combinando o poder e a inteligência de todos esses indivíduos, mostrando-se muito mais maligno que todos eles combinados. Imaginemos o culto que será criado em volta da pessoa do anticristo, o grande gênio de toda a malignidade, a suprema encarnação de Satanás.

9. Onde o verdadeiro Cristo aparentemente fracassou (não houve fracasso real nenhum, pois sua obra ainda não se completou) o anticristo terá um aparente sucesso. Até mesmo agora, em nossas vidas, o mal triunfa quando amamos ao mundo, buscamos a vanglória, seguimos ao conforto e aos prazeres e mostramos aos amigos do mundo. (Ver Tia. 4:4 e I João 2:15,16).

10. Os intérpretes da escola simbólica não vêem aqui qualquer indivíduo, seita, era, ou poder em particular neste ponto, mas somente a grande lição que pode haver uma adoração mal orientada, que conduz à lealdade ao próprio Satanás. Apesar de tal interpretação certamente laborar em erro, não vendo aqui um anticristo pessoal e o seu reinado de terror, certamente é correta a sua posição, ao exigir de nós uma aplicação moral e universal desse texto, sem importar o elemento tempo.

o seu significado é que essa autoridade «perdurará por quarenta e dois meses». Portanto, ele agirá como anticristo por esse espaço de tempo. Esse será o tempo do «clímax» de sua autoridade. No décimo primeiro capítulo deste livro, já tínhamos encontrado essa designação temporal. Em Apo. 11:3, temos o seu equivalente em dias, ou seja, «mil duzentos e sessenta dias», durante os quais as duas testemunhas prestarão o seu testemunho. Pensamos que isso alude à «primeira metade» do período de sete anos de tribulação. O segundo versículo daquele capítulo menciona os «quarenta e dois meses»; e pensamos que isso aponta para a segunda metade da tribulação, o período mais crítico da mesma, que por isso mesmo é denominada de «grande tribulação». Todavia, não pensamos que a tribulação inteira deverá ser limitada a somente esses sete anos. Antes, essa designação temporal deve ser entendida de dois modos: 1. Seria um período crítico (especialmente para a igreja cristã e para a nação de Israel), mas dentro de um período bem mais longo. 2. O próprio número «sete», nesse caso, conforme também sucede com frequência, simboliza o «ciclo completo» de sofrimentos, ou seja, a tribulação dos últimos dias, embora não deva esse período ser limitado a sete anos literais. (Quanto a notas expositivas completas sobre essa questão, ver Apo. 11:2,3).

*Outras idêntias sobre o quinto versículo:*

1. O homem, em sua natureza inerente, possui grandes poderes, até mesmo de natureza espiritual, que podem confundir e espantar aos homens que se apegam a uma ciência que só vê o lado materialista das coisas. O homem, por ser um espírito — já que, essencialmente, é isso que o homem é — embora cativo em um corpo físico, naturalmente pode manifestar poderes espirituais, comunicando mensagens diretamente a outras mentes, exercendo poder mental sobre a matéria, exercendo o pré-conhecimento, etc. A experiência humana comum demonstra isso, inteiramente à parte dos estudos científicos. Mas também existem poderes negativos, psíquicos e espirituais, que estão sob a influência dos homens ou são possuídos por eles. Creemos na existência de poderes demoníacos, porquanto há muitas evidências sobre isso, e não somente as declarações dogmáticas das Escrituras a respeito. (Ver as notas expositivas acerca dos «demônios», em Marc. 8:2; e acerca da «possessão demoníaca», em Mat. 8:28). O anticristo será possuído pelo próprio Satanás, pelo que confundirá aos homens de ciência com sua ciência materialista. Ele fará as ciências naturais e aos cientistas seus meros escravos, e o mundo inteiro o seguirá. O ceticismo substituirá a fé; mas esse ceticismo será a confiança em Satanás.

2. Este versículo é uma expansão da idéia central que aparece no versículo anterior — o dragão deu seu grande poder à besta.

3. Há consolo no fato que o anticristo exercerá somente a autoridade que lhe for dada exercer. Haverá um limite ao que ele poderá fazer, como também haverá limitações quanto à sua carreira, segundo o quinto versículo nos mostra com clareza. Apesar do anticristo vir a produzir confusão temporariamente, trazendo misérias imensas para a humanidade, tais como nunca houveram antes, Deus continuará entronizado; e, embora haja grande agonia, finalmente prevalecerá o bem.

4. Um imenso culto religioso se formará em volta do anticristo. Ele será reputado o maior de todos os profetas, até mesmo por aqueles que relutaram em admitir a sua «divindade». Especialmente os jovens haverão de segui-lo com





1854 1<sup>st</sup> c. from dia. base vg eth? Ps-Ambrosius 2<sup>nd</sup> c. διόθεν αὐτῷ ἔξιοντα ποιῆσαι  
πόλεμον μετὰ τῶν αἰγύπτου καὶ νικησάτω αὐτοῦ 1859 2030 2065 3132 Primateus  
Irenaeus 2<sup>nd</sup> c. διόθεν αὐτῷ ποιεῖσαι πόλεμον καὶ νικῆσαι Tychonius 2<sup>nd</sup> c. omitt  
p<sup>th</sup> A C P 1<sup>st</sup>: 2043 2033 2061 ay<sup>1</sup> cor<sup>1</sup> smt Irenaeus<sup>2nd</sup> c Andrew<sup>1st</sup> c

| και λαον] οτι ρ<sup>4</sup> ι τοοδ μογρι δις

αἰτῶν P<sup>1</sup> 1008 2065 2432 arm eth Andrew ὁ ὧν οὐ γέγραπται τὰ ὀνόματα  
 M<sup>1</sup> P 051 1 2042 2073 (1008, 2065) vs 2432 vg Arethas ὁ ὧν γέγραπται τὰ  
 ὀνόματα αἰτῶν M<sup>1</sup>

ἐπὶ τῆς γῆς, οὐ οὐ γέγραπται τὸ ὄνομα αὐτοῦ<sup>4</sup>  
 ἐγγεμένου<sup>5</sup> ἀπὸ καταβολῆς κόσμου.





reputada como um equívoco escribal (ἔχει foi escrita em lugar de εἶς); portanto, trata-se de um outro desenvolvimento da segunda forma, mencionada acima (P (47) al).

<sup>6</sup> Entre as doze variantes, a menos insatisfatória parece ser ἀποκτανθῆναι, αὐτόν, apoiada pelo Códex Alexandrinus. Tal como nas duas primeiras linhas do versículo, as linhas terceira e quarta ensinam (tal como o faz também o trecho de Jer. 15:2, sobre o qual se firma a declaração) o dever da constância e o cumprimento da vontade de Deus. Talvez sob a influência de declarações como Mat. 26:52 (πάντες γὰρ οἱ λαβόντες μάχαιραν ἐν μάχαιρῃ ἀπολούνται), copistas modificaram, de vários modos, a difícil construção grega (a qual, conforme Charles salienta, parece ser uma tradução literal de uma distintiva expressão idiomática do hebraico לַמּוֹת הָאֵשׁ עוֹלָם לַמּוֹת «se alguém tiver de ser morto à espada, terá de ser morto à espada») e introduziu a idéia da retribuição (os perseguidores receberão exatamente o que tiverem praticado, segundo a *lex talionis*).

13:18: Se alguém leva um cativo, um cativo irá; se alguém mata à espada, necessário é que a espada seja morto. Aqui até a perseverança e a fé dos santos.

Parece que o autor sagrado está aqui tomando por empréstimo as temíveis predições de Jer. 15:2, embora reanuncie suas palavras. Elas afirmam que aqueles que estão destinados ao desprazer divino e à morte eterna, à fome e ao cativo, certamente serão castigados por causa de sua rebelião. O trecho de Mat. 26:52 diz algo similar. Tudo isso será a concretização, de diversos modos e por várias razões, da lei da colheita segundo a semeadura, que aparece claramente em Gál. 6:7,8, onde também anotamos amplamente o conceito da retribuição justa.

Use dessas palavras no presente contexto. Em primeiro lugar, podem indicar determinismo acerca do sofrimento. Nas perseguições promovidas pelo império romano, devido ao «culto ao imperador», a igreja foi sujeitada ao cativo (encarceramento), e muitos de seus membros foram mortos à espada e por outros meios de execução. Em segundo lugar, aqueles que infligirem essas coisas terão de esperar uma retribuição idêntica por suas ações. Em terceiro lugar, essas considerações visam encorajar aos crentes futuros que sofrerem as perseguições da besta, porque elas mostram que Deus continua entronizado, e que até mesmo os acontecimentos adversos têm seus propósitos, não podendo ocorrer a menos que Deus os permita, a fim de que redundem em algum benefício, em última análise. Homens ímpios e irracionais estão fora do controle de Deus, e uma retribuição justa, finalmente, haverá de sobrevir a todos eles.

No que tange à aplicação profética desta passagem, acerca do anticristo, o versículo trata diretamente da igreja durante o período da «tribulação», pois ela sofrerá a mais horrenda perseguição religiosa de todos os séculos, promovida pelo anticristo. É difícil crer que a palavra «santos», que figura neste versículo, e a menção de sua perseverança e fidelidade, sob o sofrimento, seja uma alusão aos judeus ou aos santos da tribulação. O livro de Apocalipse foi escrito a uma igreja cristã perseguida, para servir como uma espécie de «manual dos mártires». Esses mártires, dentro do contexto histórico, foram os mártires cristãos; mas, em seu contexto profético, serão os «mártires cristãos» da época da «grande tribulação».

«...perseverança...» O grego aqui usado é «*upomene*», que talvez tenha o sentido secundário de «*paciência*» aqui, embora tal significado lhe seja raro. Antes, ele dá a idéia de «*resistência*», de atitude estoica em meio ao sofrimento. Essa «*resistência perseverante*» produzirá uma «*fidelidade*» comprovada. Ambas essas atitudes são requisitos exigidos dos mártires. No dizer de Rist (*in loc.*): «O período de perseguição, que já no futuro, em que os cristãos serão mortos, exige a «*resistência* e a «*fé*», dois requisitos necessários para o martírio, pois sem a resistência paciente, em tempos de perseguição e morte, paralelamente à fé sublime no resultado final, pouquíssimos seriam os mártires».

«...fé...» Nas páginas do N.T., a «*fé*» envolve três significados centrais, a saber: 1. O credo, aquilo em que se crê (fé objetiva), sentido esse limitado quase exclusivamente às epístolas pastorais (ver as notas expositivas a respeito em I Tim. 1:2). 2. A fé como virtude, ou seja, a graça ou característica moral cristã que tem esse nome (ver as notas expositivas a respeito em Gál. 5:22). 3. A fé subjetiva, ou seja, o espírito confiante, a fé exercida na pessoa de Cristo, a «outorga da própria alma aos cuidados de Cristo». Essa é a fé «*salvadora*» ou «*evangélica*». Mas a fé em ação, na vida diária, como uma atitude de dedicação a Cristo, devido à confiança nele, também está em foco. (Ver Heb. 11:1 quanto a notas expositivas completas acerca desse aspecto da «*fé*»). A fé, como virtude, é apenas a fé subjetiva em operação diária, vista de seu ponto de vista moral. No presente contexto, há uma espécie de combinação das idéias de fé como virtude e de fé subjetiva. Em tempos adversos, o crente deve aprender a confiar inteiramente em Cristo; e isso redundará em forte fidelidade a ele e à sua causa. Essa fé, naturalmente, inspirará o crente a confiar em Deus quanto ao «*futuro*», a despeito das atuais e esmagadoras circunstâncias, quando há ameaça de destruição de sua própria vida. (As notas aludidas, em Heb. 11:1, provêm poesias ilustrativas sobre a «*fé*», o que também ocorre em Gál. 5:22).

VIII. Visões das Sete Personagens (12:1- 13:18).

7. A Besta saída da Terra (13:11-18).

Os intérpretes disputam sobre se o anticristo será a besta saída do «*mar*» ou a besta saída da terra, e se é a mesma personagem identificada no segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses. Em espírito e ação geral, ambas podem ser identificadas com a figura daquele capítulo; mas o mais provável é que ali haja uma alusão específica à besta saída do «*mar*», pois parece ser o poder maior, recebendo a ajuda e a exaltação conferidas pela outra. A besta saída do «*mar*» parece que será uma figura política, ao passo que a outra será uma figura religiosa, um «*falso profeta*», o «*João Batista*» do anticristo. Alguns intérpretes, porém, preferem pensar que a segunda besta é que será o anticristo. O ponto não é muito importante. Haverá uma figura política de grande autoridade militar, um ditador mundial, mas que governará especificamente uma federação de dez nações, a qual servirá de trampolim para seu domínio mundial. Creemos que essa figura será o anticristo. Mas haverá um seu ajudante, que fará a propaganda do anticristo. E esse ajudante será a besta saída da «*terra*». Também é provável que «*terra*», neste caso, aponte para a nação de «*Israel*», ao passo que o *mar* alude às nações gentílicas. A primeira besta, pois, será produto

«As situações mais desesperadoras servem de convocação, e não de rendição; convocação à fé e à ação corajosas. A história contém muitos relatos sobre a coragem de homens que se firmaram na verdade, na liberdade e na fé mais do que na própria vida. Esse princípio tem amplas e variadas aplicações. Quando Patrick Henry clamou, «*Dai-me liberdade ou dai-me a morte*», não estava usando de retórica vazia. A mais profunda narrativa desse tipo de lealdade tem a ver com a religião. Encontramos tal exemplo no Antigo e no Novo Testamentos, e por toda a história do cristianismo. Dessa coragem é que se originaram as grandes palavras: «O sangue dos mártires é a semente da igreja» (Tertuliano, *Apologética*, cap. 50).» (Hough, *in loc.*).

«...se alguém matar...» Essa parte da declaração envolve diversas variantes nos manuscritos, as quais afetam seu significado. Ver as notas textuais abaixo.

Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. Notemos as palavras «...se alguém...», por três vezes reiterada neste versículo. Isso salienta a «universalidade de aplicação» da advertência e do consolo que há neste versículo.

2. «A perseguição movida contra os cristãos ricocheteará contra os perseguidores (comparar com Apo. 14:12). Aprisionamento, cativo e morte eram a sorte normal que, naquela época, se dava aos criminosos que se recusavam a invocar ao gênio do imperador. (Comparar com Josefo, *Guerras dos Judeus* iii.10.10; vi.8.2: Filo, da *Flacc* 11, *leg. ad Gaium*, 32)» (Moffatt, *in loc.*).

3. «O espírito dessas palavras relembra-lhes que suas armas eram armas de fé e paciência, de verdade e justiça; e deveriam aceitar a tribulação, tal como seu Senhor aceitara a cruz, porque assim tinha de ser. Ao mesmo tempo, o próprio fato de agirem assim serviria de testemunho, ante seus inimigos, de que «*todos* quantos brandem a espada, perecerão à espada»; e que a espada, da qual os santos não retrocederão, certamente se voltaria contra os que dela usavam. «*Aqui*» (isto é, o suportar essas perseguições, a despeito das quais não apelar para os métodos mundanos para poupar-se e salvar-se) «*está a resistência e a fé dos santos*»» (Carpenter, *in loc.*).

4. O versículo inclui a idéia que as forças da perseguição não podem e nem devem ser resistidas, pois fazem parte inevitável da manifestação do processo histórico, em relação à igreja. Não devemos fazer-lhes resistência, mas não nos poderão avassalar ou derrotar finalmente. Os crentes receberão forças para aguentar tudo, sem resistirem; e assim exercerão grande fé, entregando suas almas aos cuidados de Cristo. A resistência com «*armas carnis*» simplesmente significaria parecer por meio dessas mesmas armas. Mas sofrer o dano, sem retaliar, faz a retribuição divina perseguir e punir aos perseguidores.

Variantes Textuais: Este versículo envolve muitas variantes, algumas das quais afetam seu sentido. As palavras «...para o cativo, para o cativo vai...» figuram nos mss A, Vg e Pa-Ambrósio, explicando melhor a origem das outras formas, pelo que provavelmente é a forma mais correta. Vários manuscritos omitem uma ou outra referência ao «*cativo*», conforme se vê em P(47), Aleph, CP, 046, 1008, 1611, e 2054, mas isso deve ter sido simples esquecimento, na transcrição. A ausência de um verbo com a primeira cláusula levou vários copistas à tentativa de melhorar o texto, adicionando o termo grego «*upagein*», «*levar*» (conforme se vê em 816, 1828, 1854, 1862; 1888, 2033, no It(gg.81), na Vg(mss) e no Si(ph.b), mas). Mas outros manuscritos dizem aqui «*sunago*», «*levar*», conforme se vê em 2059, 2081 e Arethas, sendo esse, igualmente, o texto do Textus Receptus, por ser forma encontrada nos manuscritos minúsculos posteriores que foram usados em sua compilação. Daí a expressão, «*Aquele que leva em cativo, vai para o cativo*». Várias outras variantes, menos importantes, também ocorrem.

«Se alguém é morto à espada, (é necessário) que seja morto à espada...» Essa é uma das formas, contra a qual menos objeção se tem feito, dentre uma dúzia de formas diferentes. Figura no ms A, Charles (*in loc.*) salienta que parece ser tradução literal de uma expressão idiomática do hebraico, a qual diria: «Se alguém deve ser morto à espada, haverá de ser morto à espada». Nesse caso, o sentido é que tal morte está determinada, dando a entender que os crentes devem armar-se para defender-se, como fizeram os Albigeneses e Waldenses em tempos de perseguição. Essa forma foi modificada para «Se alguém mata à espada, a espada deverá ser morto», talvez por influência de Mat. 26:52, onde aparece o mesmo sentimento. Essa é a forma que aparece na grande maioria dos manuscritos, em sentido geral, ainda que ocorram diversas variantes secundárias. Isso subentenderia um certo «*consolo*» para os santos, com base na sua fé de que os criminosos receberão a retribuição por seus crimes.

das «nações», o maior e mais horrendo pagão de todos os tempos. A segunda será produzida por Israel, sendo largamente proclamada como se fosse o «Messias» ou Cristo, porquanto será considerada como um grande profeta.

As predições dos místicos contemporâneos indicam que um indivíduo do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, agirá como uma espécie de «João Batista» do anticristo. E esses místicos afirmam que o anticristo já está vivo. O seu «João Batista» espalhará a sua fama por toda a parte, por intermédio dos meios de comunicação em massa. Parece-me que essa será, entretanto, uma «terceira figura». Essas questões são obscuras porque ainda não começaram a cumprir-se, para que as possamos entender. Os eventos lançam sombras à sua frente, e quanto mais se aproximam, mais bem definidas ficam essas sombras. Cremos que o anticristo e seu falso profeta já estão vivos, e que pelos começos da década de 1990 saberemos quem são eles. Devemos estar preparados para tal evento.

Há muita disputa, naturalmente, quanto aos símbolos usados acerca de ambas as «bestas»; e nada de dogmático dizemos sobre isso. Confiamos, porém, que quanto mais se aproximar o tempo, mais o futuro definirá as coisas. Há aqui uma trindade satânica: o próprio Satanás, a besta saída do mar e a besta saída da terra. Ou então essa trindade poderá ser formada pelo «João Batista» do anticristo (a besta saída do «mar»; a besta; e a besta saída da terra). O certo é que o texto que ora consideramos deixa claro que o papel da besta saída da «terra» será apoiar e promover a causa da besta saída do «mar». Não devemos ver nisso o «papa», conforme têm dito alguns intérpretes protestantes, e, sim, uma nova forma de apostasia, que terá seu falso Cristo, e que quase certamente receberá o apoio de várias denominações cristãs apóstatas, bem como o apoio de Israel, como nação.

A besta saída do «mar» seria o anticristo. Em favor dessa idéia poderíamos asseverar os seguintes fatos:

1. Essa besta virá *em seu próprio nome*, conforme foi predito acerca do anticristo, segundo se lê em João 5:43. A segunda besta, porém, promoverá à primeira, e não a si mesma.

2. O trecho de Apo. 16:13 fornece-nos a trindade ímpia — o dragão (Satanás), a besta e o falso profeta. Um «profeta» fala em lugar de outrem, e não por si mesmo; e o «profeta», neste caso, definitivamente é a segunda besta, dando a entender que se tratará de um subordinado. De maneira alguma poderíamos atribuir tal subordinação ao anticristo, apesar de que poderíamos atribuir tal coisa aos «anticristos» secundários, personagens satânicos de menor envergadura.

3. O segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses fala sobre o anticristo. Ali vemos que ele será *adorado*. Isso sucederá no caso da «primeira» besta. A segunda apenas promoverá a adoração à primeira, pelo que a segunda não poderá ser «o» anticristo. Ver o décimo segundo versículo do presente capítulo.

4. É provável que a primeira besta, devido ao seu grande poder político, seja a figura focalizada em Dan. 9:27, que estabelecerá um pacto com a nação de Israel, somente a fim de desrespeitá-lo. Apesar de que poderíamos conceber aqui a segunda besta, envolvida em atividades políticas, é mais provável que esteja em pauta a primeira besta, a personagem política forte. A figura profética do anticristo, Antioco IV Epifânio, que aparece nos capítulos oitavo e décimo primeiro do livro de Daniel, se coaduna melhor com a «primeira besta», e não com a segunda.

5. Satanás ofereceu a Cristo os reinos deste mundo (ver Mat. 4:8), mas o Senhor repeliu essa oferta, segundo as condições de Satanás. Esse mesmo oferecimento será feito ao «anticristo». Assim sendo, somente a besta saída do «mar» tem estatura suficiente para ser uma figura universal e para cumprir o papel previsto para o anticristo, com seu reino universal de maldade e apostasia. (Ver Apo. 19:19, onde há uma óbvia alusão à primeira besta e seu tremendo poder). Esse terá de ser «o anticristo».

6. A tradição cristã sempre viu o anticristo como quem, pelo menos, teria seu centro em Roma, embora talvez não se originasse dali. Mas não há razão para duvidarmos que ele também operará em Jerusalém apesar de que Roma seja sua verdadeira capital. Isso se harmoniza com a primeira, mas não com a segunda besta, pelo que esse será o anticristo. Esperava-se que «Nero redivo» fosse o anticristo, e os trechos de Apo. 13:3 e 17:9 e ss. quase certamente refletem essa tradição antiga.

7. Notemos, em Apo. 13:2, que é a primeira besta quem incorporará em si mesma todos os impérios pagãos anteriores. Ele será a concretização do que há de pior na humanidade, em revolta contra Deus. Portanto, esse será, especifica e inequivocamente «o anticristo», apesar de que pode haver muitos outros anticristos, entre eles, o falso profeta.

Identificação da *besta saída da terra*. Há certo sentimento que favorece a idéia de Judas Iscariotes reencarnado como esse homem, tal como alguns pensam em «Nero» reencarnado, como a besta saída do mar. A idéia acerca de Judas envolve o fato que ele é chamado «filho da perdição», dando a entender que ele era tal em sentido elevado ou até mesmo exclusivo. Notemos, porém, que isso é dito acerca do anticristo, em II Tes. 2:3. E alguns estudiosos, por causa disso, pensam que a segunda besta é tanto o anticristo quanto Judas Iscariotes revivido. Mas talvez não devamos dar importância demasiada a esse «título», forçando qualquer identificação por meio dele. As passagens de Luc. 22:3 e João 6:70 indicam haver uma malignidade especial em Judas, o que poderia indicar que lhe está reservada uma futura missão diabólica, tão grande seria a sua estatura maligna. Atos 1:25 fala do fato de Judas ter ido para «seu próprio lugar», o que poderia indicar que a sua alma não foi tratada como outras almas, mas foi preservada e guardada em lugar especial, a fim de ressurgir em alguma manifestação futura. Porém, isso pode ser um refinamento demasiado, estranho ao texto sagrado. Por esse motivo, é melhor dizer que simplesmente nada sabemos com certeza, ainda que a idéia da reencarnação de Judas Iscariotes, na qualidade de «besta saída da terra», não é nenhum absurdo. Alguns têm sentido que em face do «anticristo» vir a ser uma «imitação» do verdadeiro Cristo, será ele essencialmente um *profeta falso*, e não um político ou militar; e isso favorecia a idéia da segunda besta ser o anticristo. Que os próprios acontecimentos futuros definam para nós esses problemas.

11 Καὶ εἶδον ἄλλο θηρίον ἀναβαῖνον ἐκ τῆς γῆς, καὶ εἶχεν κέρατα δύο ὅμοια ἀρνίῳ, καὶ ἐλάλει ὡς δράκων.

11 elalai] lalei p<sup>47</sup> g

13:11. E vi outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um carneiro; e falava como dragão.

...Vi... Em visão mística. (Ver Apo. 1:10 quanto a notas expositivas completas sobre as formas de «visões», bem como acerca do «misticismo» que é a base das profecias deste livro).

...outra besta..., ou seja, além daquela que acabara de ser descrita (saída do mar; ver Apo. 13:1; ver também as notas expositivas ali sobre a designação «besta»). Será uma «fera» — um ser humano mas com a disposição de um animal satanicamente inspirado, em que todos os vestígios de humanidade serão eliminados por aquela supermaligna influência. Em II Baruc 29:4 e II Edras 6:49-52, temos duas bestas, o «leviatã», ou terrível crocodilo do mar, e o «beemote», o terrível animal terrestre. É possível que o vidente João tenha tomado dali, por empréstimo o simbolismo que se vê em todo este capítulo.

...emergir da terra... Essa terra poderia ser a «Palestina», a «terra» do povo escolhido. Mas essas palavras também poderiam indicar «de dentro da terra». Nesse último caso, talvez esteja em foco o «hades», já que os antigos pensavam que a habitação dos espíritos desencarnados ficava no centro do globo terrestre. Assim, em Apo. 11:7, temos a besta que emergiu do abismo (ou «hades»), a fim de matar às duas testemunhas. No caso de uma ou de

outra das duas bestas, isso indicaria que teria havido uma história prévia, à face da terra, um longo período de permanência no hades, e a renovação de sua missão maligna na terra. O judaísmo helenista favoreceria esse conceito; e, teologicamente falando, nada há que possamos apresentar contra tal doutrina. Cremos que os destinos finais dos homens serão fixados quando da segunda vinda de Cristo, e não por ocasião da morte física de cada um. Portanto, o presente submundo dos espíritos se acha em estado líquido: trata-se de um estado intermediário, e não de um estado permanente. Essa idéia é comentada detalhadamente em I Ped. 4:6. O trecho de I Ped. 3:18-20 certamente mostra que Cristo levou esperança aos habitantes do submundo; e supomos que essa esperança será válida até que ele feche as cortinas, quando de sua segunda vinda.

A primeira besta vem do mar, i.e. «das nações». Ele será o produto supremo do paganismo das nações. Para controlar a confederação das dez nações, ele terá seu centro principal em Roma. A segunda besta, da terra (da Palestina) terá o seu centro principal em Jerusalém, ou pelo menos, parece assim. Quase certamente a segunda besta será judeu e alguns acham que a primeira também será desta raça, mas outros dizem que ele será «romano» (italiano). Não temos qualquer certeza sobre estas idéias. Quando chegar os acontecimentos descritos neste capítulo, tudo será esclarecido, e não temos muito tempo antes desta realização.

Alguns estudiosos pensam que a «terra» historicamente, seja equivalente à «Ásia», uma alusão ao culto ao imperador naquela porção do mundo, porquanto o Apocalipse foi originalmente enviado àquela área.

«...possuía dois chifres...» Mui provavelmente o autor sagrado tomou essa idéia emprestada de Dan. 8:3, do carneiro com dois chifres. O intuito do autor é salientar que tal besta teria a aparência de mansidão, pois seria mero carneiro de dois chifres, e não um imenso monstro, como era a primeira besta. (Ver sua descrição em Apo. 13:2). Essa aparência de mansidão, naturalmente, existirá porque ele imitará a Cristo como um profeta. Mas os seus atos e discursos, como os de um dragão revelarão sua hipocrisia e profunda malignidade.

O verdadeiro Cordeiro tem «sete chifres», conforme se vê em Apo. 5:6. Alguns intérpretes vêem nisso o fato que o falso profeta será uma «imitação capenga» do verdadeiro Profeta. Alguns dizem que ele será um cordeiro «defeituoso», em contraste com o Cordeiro. Mas outros pensam que terá somente «dois chifres» (conforme sucede a todo o carneiro literal) porque será apenas um homem natural, terreno, e não o Cordeiro celeste. Os intérpretes protestantes que interpretam historicamente ao Apocalipse, pensam que os dois chifres representam as ordens católicas monásticas: mas isso é um pensamento absurdo. Também há aqueles que pensam que há alusão a dois poderes sacerdotais—de milagres e da profecia. Há também quem pense em dois poderes, o secular e o eclesiástico; já que o chifre é símbolo de poder; e ainda há os que imaginam dois «impérios», o ocidental e o oriental (tal como durante o antigo império romano). Não sabemos se precisamos atribuir qualquer significação especial nos «dois chifres». Mas, se houver, então uma ou outra dessas sugestões pode representar o que o vidente João tinha em mente.

«...cordeiro...» (Quanto a Cristo como o «Cordeiro», ver as notas expositivas em Apo. 5:6 e João 1:29). O Apocalipse usa esse termo com frequência, aludindo a Cristo, conforme é demonstrado nas notas expositivas referidas. (Ver Apo. 13:8, em suas notas expositivas, onde há uma lista dessas referências). O uso do vocábulo «cordeiro», neste ponto, apontando para o profeta falso, tem dois sentidos centrais: 1. Ele será a «imitação», e não o legítimo «Cordeiro de Deus». 2. Dará a impressão de humildade e mansidão. Na realidade, porém, será uma força maligna de grande poder, pois em sua alma haverá uma iniquidade prodigiosa.

12 καὶ τὴν ἐξουσίαν τοῦ πρώτου θηρίου πᾶσαν ποιεῖ ἐνώπιον αὐτοῦ. καὶ ποιεῖ τὴν γῆν καὶ τοὺς ἐν αὐτῇ κατοικοῦντας ἵνα προσκυνήσουσιν τὸ θηρίον τὸ πρῶτον, οὗ ἐθεραπεύθη ἡ πληγὴ τοῦ θανάτου αὐτοῦ.

13:12; Também exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença; o fazê-lo que a terra e os que nela habitarem adorassem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada.

«...Exerce toda a autoridade da primeira besta...» A autoridade da besta saída do «mar» já foi descrita em Apo. 13:3 e ss. Outros detalhes do poder específico da besta «saída da terra», ou «saída de dentro da terra», aparecem nas notas expositivas sobre Apo. 13:13 e ss. De alguma forma, essa descrição é mais completa e horrenda do que aquela concernente à primeira besta. Contudo, fica claro que o que for feito não será feito pela besta saída da terra independentemente da autoridade da primeira besta, pois a segunda se subordinará à primeira.

«...na sua presença...» Quase sem dúvida temos aqui uma referência à função sacerdotal no culto ao imperador. Os imperadores romanos eram as supostas «divindades». E os seus sacerdotes eram seus porta-vozes e representantes. Assim também, no culto que surgirá em torno do anticristo, o «falso profeta» será o chefe de uma casta sacerdotal, por assim dizer, os promotores dessa falsa adoração. O «falso profeta» operará debaixo dos olhos do anticristo, visando a glorificação deste e com base em sua autoridade. Mas o próprio anticristo será apenas um títere do «dragão», o verdadeiro «deus» da maldade.

«...a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta...» Isso já pudemos ver nos versículos quarto e oitavo deste capítulo, onde a «fala» é descrito. Neste ponto aprendemos que esse «culto» terá sua casta sacerdotal, com um líder dos sacerdotes, que porá em execução os requisitos dessa adoração. O vidente João certamente aludia ao culto ao imperador, com suas muitas maquinações e contorsões, incluindo o fato que os templos pagãos tornaram-se santuários desse culto, ao passo que a casta sacerdotal se tornou a sua propagandista. Profeticamente falando, este versículo dá a entender que o profeta falso contará com meios para promover e forçar a lealdade dos homens ao anticristo. Aqueles que não se moldarem a esse culto serão perseguidos de uma forma como os homens piedosos nunca foram perseguidos. O anticristo promoverá a mais terrível perseguição

«...mas falava como dragão...» Sua inspiração religiosa virá do próprio Satanás, que é o «dragão» (conforme se vê nas notas expositivas em Apo. 11:3). Tal como Cristo foi inspirado pelo Espírito Santo e falava por Deus, assim esse «falso cristo» será possuído pelo espírito satânico, e falará em prol do reino das trevas. Sua falsidade é ilustrada pelo fato que ele parece uma coisa, mas age e fala de modo inteiramente diverso. Os místicos contemporâneos aliam-se com o anticristo será cercado por um «culto extremamente fanático». Os povos do mundo o seguirão com um falso sentimento de «cumprimento espiritual». O falso profeta é quem promoverá esse culto, e a grande mentira será crida pela vasta massa dos homens. (Ver predição feita por Cristo, em Mat. 7:15, acerca dos profetas falsos, os quais se parecem com cordeiros mas, na realidade, são «lobos» que buscam devorar suas vítimas). Ali a alitude é a mesma que temos aqui. O que parecerá ser bom e saudável, terminará sendo a terrível destruição de grande parte da humanidade, que se deixará envolver pela ilusão satânica do anticristo.

Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. O falso profeta falará com uma voz fingida. Sua doutrina plausível será veneno puro. Sua sabedoria parecerá muito exaltada, mas será apenas terreno, sensual e diabólica (ver Tia. 3:17).

2. Charles (*in loc.*), conjectura que deveríamos entender «apollus» (destrói) em lugar de «elalei» (fala) mas «essa conjectura é desnecessária, pois «fala» já dá bom sentido, conforme se vê acima. Naturalmente, tal «fala» levará os homens à perdição.

3. Esse linguajar astuto e destruidor faz-nos lembrar da astúcia da serpente, na narrativa da tentação de Eva, no terceiro capítulo do Gênesis.

4. Rejeitamos as interpretações históricas que vêem nisso o soerguimento da chamada «Roma espiritual», a igreja romanista, em distinção da Roma secular (que seria representada pela primeira besta).

5. Historicamente, é possível que o vidente João tivesse em mente o culto ao imperador, o centro da religião falava que circundava as pseudodivindades, os imperadores romanos. Talvez ele tivesse em mente algo assim particular, ou então algum indivíduo em particular; mas, nesse caso, não há na Bíblia qualquer indicação sobre quem seria tal figura. O culto ao imperador, que tinha seus profetas e, quicá, mais de um profeta especial, serve de predição do fato que tal forma de adoração será revivida nos tempos do anticristo, e isso em proporções universais.

12 καὶ τὴν ἐξουσίαν τοῦ πρώτου θηρίου πᾶσαν ποιεῖ ἐνώπιον αὐτοῦ. καὶ ποιεῖ τὴν γῆν καὶ τοὺς ἐν αὐτῇ κατοικοῦντας ἵνα προσκυνήσουσιν τὸ θηρίον τὸ πρῶτον, οὗ ἐθεραπεύθη ἡ πληγὴ τοῦ θανάτου αὐτοῦ.

religiosa de todos os homens. O seu profeta falso será o homem certo para encabeçar essa perseguição.

«...cuja ferida mortal fora curada...» Isso alude de volta ao terceiro versículo, à lenda sobre o «Nero redivo». (Há ali notas expositivas completas a respeito). O sacerdócio imperial usa sua autoridade delegada para forçar a adoração ao imperador, o qual é aqui identificado com Nero redivo. Não se fala mais do golpe mortal sofrido por uma das cabeças da besta (ver Apo. 13:3), e, sim, da própria besta. (Charles, *in loc.*). Sem dúvida há aqui, por igual modo, uma paródia zombeteira da descrição do «Cordeiro que foi morto, mas ressuscitou». O anticristo procurará imitar a ressurreição de Cristo.

Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:

1. A interpretação protestante comum pensa que a primeira besta representa a Roma pagã, ao passo que a segunda seria a Roma papal. Mas isso erra totalmente o alvo, histórica e profeticamente. Alguns fazem a segunda besta ser a autoridade delegada do culto ao imperador, em províncias afastadas. Isso é possível, pelo menos em parte. Mais simplesmente, porém, a segunda besta representa a função sacerdotal do culto ao imperador, a casta sacerdotal que promovia a adoração aos imperadores romanos.

2. Assim como a «casta sacerdotal» era contemporânea do culto ao imperador e se mostrava ativa na promoção do mesmo, assim também o «falso profeta» das predições bíblicas será contemporâneo e companheiro do anticristo. Não se deve pensar em alguma «sucessão» de autoridade, por assim dizer, mas tão-somente em dois aspectos de um único culto satanicamente inspirado. Conforme diz Carpenter (*in loc.*): «Isso nos permite perceber que não devemos considerar a segunda besta como um sucessor da primeira, mas antes, como quem lhe dá apoio».

3. Os fantásticos prodígios operados pela segunda besta prepararão o mundo para adorar a primeira besta, porquanto logo se perceberá que a segunda besta terá por seu grande escopo promover os interesses da primeira.

4. A submissão da segunda besta à primeira não alude à sujeição da Igreja Católica Romana ao anticristo político, e nem, historicamente, aos poderes seculares do império romano pagão. O culto que aqui contemplamos será de âmbito mundial, e incorporará grandes partes de todas as denominações que se chamam cristãs. O anticristo será um homem universal em todos os sentidos.

13 καὶ ποιεῖ σημεῖα μεγάλα, ἵνα καὶ πῦρ ποιῇ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβαίνειν εἰς τὴν γῆν ἐνώπιον τῶν ἀνθρώπων.

13 ποιεῖ σημεῖα μεγάλα Mt 24:24; 2 Th 2:9 πῦρ... ἀνθρώπων 1 Km 18:24-30

13:13; E operará grandes sinais, da maneira que fazia até descer fogo do céu à terra, à vista dos homens;

«...grandes sinais...» Esta última palavra é comum nos evangelhos e no livro de Atos para indicar os «milagres didáticos» de Jesus e seus apóstolos. Os «sinais» são milagres que tencionam ensinar lições. No caso de Jesus, visavam provar a sua «autoridade messiânica», e, ocasionalmente, a sua «filiação divina». (Ver João 20:30,31, onde se fazem presentes ambas essas idéias). Quando os homens reconhecem ambos esses elementos, chegam a «crer» nele. Portanto, o falso profeta produzirá prodígios com a mesma intenção. Esses prodígios procurarão provar a «autoridade» do anticristo, sua suposta divindade, para que os homens creiam nele e, literalmente, o

adorem. (Quanto aos «sinais», ver Atos 2:19,22,43; 4:30; 5:12; 7:36; 8:13; 14:3; Mat. 24:24; Marc. 13:22; 16:17,20; Luc. 21:11; Rom. 15:19; II Cor. 12:12). Deve-se notar, especialmente, II Tes. 2:9, onde também é predito que o anticristo fará grandes sinais, poderes e prodígios da «mentira».

Alguns desses prodígios didáticos, efetuados pelo anticristo e seu profeta falso, serão «avanços científicos». Serão «milagres humanos», que supostamente eliminam a necessidade da «idéia divina» para explicar a existência e a natureza do mundo. Deus tornar-se-á «obsoleto» dentro do culto ao anticristo, pois somente ele, na qualidade de super-homem de Satanás, é que será adorado. Mas, não se duvide, muitos dessas «sinais» serão prodígios genuínos que deixarão atônitas as mentes dos homens. Em



tudo isso vemos a tentativa de imitar a Jesus, o grande operador de milagres.

O trecho de Marc. 13:22 indica que o falso cristo será um operador de milagres. Em outras fontes cristãs antigas temos a mesma idéia. (Ver II Tes. 2:9,10; *Did.* 16:4; Ascensão de Isaias 4:4,5). É possível que se pensasse que essa idéia já existia profeticamente, em Deut. 13:1-3, passagem que adverte sobre os falsos profetas, que seriam operadores de milagres e que levariam o povo a adorar deuses falsos.

«...até fogo do céu faz descer à terra...» Esse foi um dos milagres que Elias, o grande profeta do A.T., realizou; e a alusão mui provavelmente foi feita a propósito. Esse homem será tão poderoso que poderá duplicar até as mais difíceis maravilhas dos profetas de Deus, entre os mais poderosos.

O fogo estranho. «Existe um fogo santo, que inspira os lábios e os corações dos santos; e também há um fogo ímpio, um fogo de mero poder, que o espírito do mundo se sente tentado a adorar». (Carpenter, *in loc.*).

«...diante dos homens...» Com que finalidades? 1. A fim de espantá-los. Um ceticismo ímpio será substituído pela crença mal dirigida, em poderes malignos. 2. A fim de fazer os homens reconhecerem a «validade» das reivindicações de autoridade da parte do anticristo. São os pólos opostos das razões por detrás dos milagres operados por Cristo. Cristo levava os homens a exercer fé autêntica: «Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?» (Mat. 8:27). E era ao Cristo autêntico que aqueles do passado davam lealdade.

«...porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos...» (Mat. 24:24).

14 καὶ πλανᾷ τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς διὰ τὰ σημεῖα ἃ ἐδόθη αὐτῷ ποιῆσαι ἐνώπιον τοῦ θηρίου, λέγων τοῖς κατοικοῦσιν ἐπὶ τῆς γῆς ποιῆσαι εἰκόνα τῷ θηρίῳ ὃς ἔχει τὴν πληγὴν τῆς μαχαίρης καὶ ἐζησεν.

14 πλανᾷ...σημεῖα Mt 24:24; 2 Th 2:9-10; Re 19:20 λέγων...θηρίῳ Dt 18:2-4

14 plana] add τους εμους 05 18a al | os] δ R 18a 1006. 1611 2059 2329 pm ε | τῷ om (R) 046 82 al

13:14; e, por meio dos sinais que lhe foi permitida fazer na presença da besta, enganava os que habitavam sobre a terra e lhes dizia que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

«...Seduz...» No grego é «planar», cujo sentido primário é «enganar», «desviar». Os homens serão enganados de tal modo que se afastarão definitivamente do caminho divino da salvação em Cristo. Nenhum homem na história tem obtido tanto sucesso na provocação de tão universal apostasia, como sucederá no tempo do anticristo e seu falso profeta. Assim como Cristo era o Caminho para Deus, assim também o anticristo será o caminho para longe de Deus. Os homens se afastarão da verdade, revoltados contra ela, odiando-a; e isso porque a influência do anticristo apelará para as tendências que eles já percebem em si mesmas, de se esquecerem do Senhor e de se revoltarem contra ele. A queda encontrará sua plena fruição quando os homens começarem a adorar a Satanás por intermédio do anticristo. O mundo inteiro se lamentará quando isso suceder, porque a existência humana na terra transformará-se em um pesadelo violentíssimo. Ao invés do Espírito Santo, que busca restringir ao mal, haverá um espírito maligno que promoverá a maldade. Então é que os homens aprenderão qual é a verdadeira natureza do mal. A revolta deles causará uma ferida aberta em suas próprias almas, a qual não poderá ser curada enquanto o verdadeiro Cristo não assumir os poderes do governo deste mundo em suas próprias mãos.

«...os que habitam sobre a terra...» Para o vidente João, historicamente falando, estavam em foco o império romano, que controlava todo o mundo civilizado e conhecido naquela época. Profeticamente, porém, isso fala de uma total universalidade. Nenhum recanto ou esconchimento estará isento da influência do homem de Satanás, que propagará o terror e o opróbrio. Já pudemos observar nos juízos das trombetas (ver Apo. 8 em diante) como, nos últimos dias, os poderes satânicos assediaram enormemente aos homens, de modo a vencê-los completamente. Os homens terão de enfrentar um poder maligno com o qual vinham insistindo em brincar. O anticristo e seu profeta falso será um homem possuído pelo próprio Satanás, e por meio dele os homens ficarão face a face com o diabo, da mesma maneira que, por meio de Cristo, os homens ficavam face a face com Deus.

Os fiéis, em contraste com os habitantes da terra em geral, serão divinamente protegidos dos engodos do anticristo. Mas a vasta maioria dos homens receberá a marca da besta, demonstrando que pertencem a ele (ver Apo. 13:16). Portanto, não poderão ser protegidos de seus ludibrios e das horrendas consequências disso. Eles mesmos escolherão tal sorte, pois, de outro modo, isso nunca poderia suceder. Eles convidarão ao anticristo, para que os iluda. Haverão de identificar-se alegremente com ele, pois o processo de autodegradação a que se sujeitarão os guiará a tão errônea escolha.

Uma profunda lição espiritual. «Até ao grau em que o caráter de um homem se aproxima de seu ponto final, até esse ponto, se ele tiver sido fiel, estará unido a Deus e estará em segurança contra os poderes espirituais da maldade, em qualquer forma em que se manifestem. Se, por outro lado, tiver sido infiel, por suas próprias ações, e até esse ponto, ele estará predisposto e ter-se-á preparado para ser, ao mesmo tempo, vítima inconsciente de erros espirituais maiores e escravo impotente de poderes malignos». (Charles, *in loc.*).

15 καὶ ἐδόθη αὐτῷ δοῦναι πνεῦμα τῇ εἰκόνι τοῦ θηρίου, ἵνα καὶ λαλήσῃ ἡ εἰκὼν τοῦ θηρίου καὶ ποιῇ [ἵνα] ὅσοι ἔαν μὴ προσκυνήσωσιν τῇ εἰκόνι τοῦ θηρίου ἀποκτανθῶσιν.

15 1D1 ποιήσῃ ἵνα δοῖ A P 1006 2086 2432 11<sup>14</sup> 12<sup>14</sup> vg Hippolytus / ποιήσῃ ἵνα δοῖ 1828 1<sup>14</sup> 2<sup>14</sup> 3<sup>14</sup> 4<sup>14</sup> 5<sup>14</sup> 6<sup>14</sup> 7<sup>14</sup> 8<sup>14</sup> 9<sup>14</sup> 10<sup>14</sup> 11<sup>14</sup> 12<sup>14</sup> 13<sup>14</sup> 14<sup>14</sup> 15<sup>14</sup> 16<sup>14</sup> 17<sup>14</sup> 18<sup>14</sup> 19<sup>14</sup> 20<sup>14</sup> 21<sup>14</sup> 22<sup>14</sup> 23<sup>14</sup> 24<sup>14</sup> 25<sup>14</sup> 26<sup>14</sup> 27<sup>14</sup> 28<sup>14</sup> 29<sup>14</sup> 30<sup>14</sup> 31<sup>14</sup> 32<sup>14</sup> 33<sup>14</sup> 34<sup>14</sup> 35<sup>14</sup> 36<sup>14</sup> 37<sup>14</sup> 38<sup>14</sup> 39<sup>14</sup> 40<sup>14</sup> 41<sup>14</sup> 42<sup>14</sup> 43<sup>14</sup> 44<sup>14</sup> 45<sup>14</sup> 46<sup>14</sup> 47<sup>14</sup> 48<sup>14</sup> 49<sup>14</sup> 50<sup>14</sup> 51<sup>14</sup> 52<sup>14</sup> 53<sup>14</sup> 54<sup>14</sup> 55<sup>14</sup> 56<sup>14</sup> 57<sup>14</sup> 58<sup>14</sup> 59<sup>14</sup> 60<sup>14</sup> 61<sup>14</sup> 62<sup>14</sup> 63<sup>14</sup> 64<sup>14</sup> 65<sup>14</sup> 66<sup>14</sup> 67<sup>14</sup> 68<sup>14</sup> 69<sup>14</sup> 70<sup>14</sup> 71<sup>14</sup> 72<sup>14</sup> 73<sup>14</sup> 74<sup>14</sup> 75<sup>14</sup> 76<sup>14</sup> 77<sup>14</sup> 78<sup>14</sup> 79<sup>14</sup> 80<sup>14</sup> 81<sup>14</sup> 82<sup>14</sup> 83<sup>14</sup> 84<sup>14</sup> 85<sup>14</sup> 86<sup>14</sup> 87<sup>14</sup> 88<sup>14</sup> 89<sup>14</sup> 90<sup>14</sup> 91<sup>14</sup> 92<sup>14</sup> 93<sup>14</sup> 94<sup>14</sup> 95<sup>14</sup> 96<sup>14</sup> 97<sup>14</sup> 98<sup>14</sup> 99<sup>14</sup> 100<sup>14</sup> 101<sup>14</sup> 102<sup>14</sup> 103<sup>14</sup> 104<sup>14</sup> 105<sup>14</sup> 106<sup>14</sup> 107<sup>14</sup> 108<sup>14</sup> 109<sup>14</sup> 110<sup>14</sup> 111<sup>14</sup> 112<sup>14</sup> 113<sup>14</sup> 114<sup>14</sup> 115<sup>14</sup> 116<sup>14</sup> 117<sup>14</sup> 118<sup>14</sup> 119<sup>14</sup> 120<sup>14</sup> 121<sup>14</sup> 122<sup>14</sup> 123<sup>14</sup> 124<sup>14</sup> 125<sup>14</sup> 126<sup>14</sup> 127<sup>14</sup> 128<sup>14</sup> 129<sup>14</sup> 130<sup>14</sup> 131<sup>14</sup> 132<sup>14</sup> 133<sup>14</sup> 134<sup>14</sup> 135<sup>14</sup> 136<sup>14</sup> 137<sup>14</sup> 138<sup>14</sup> 139<sup>14</sup> 140<sup>14</sup> 141<sup>14</sup> 142<sup>14</sup> 143<sup>14</sup> 144<sup>14</sup> 145<sup>14</sup> 146<sup>14</sup> 147<sup>14</sup> 148<sup>14</sup> 149<sup>14</sup> 150<sup>14</sup> 151<sup>14</sup> 152<sup>14</sup> 153<sup>14</sup> 154<sup>14</sup> 155<sup>14</sup> 156<sup>14</sup> 157<sup>14</sup> 158<sup>14</sup> 159<sup>14</sup> 160<sup>14</sup> 161<sup>14</sup> 162<sup>14</sup> 163<sup>14</sup> 164<sup>14</sup> 165<sup>14</sup> 166<sup>14</sup> 167<sup>14</sup> 168<sup>14</sup> 169<sup>14</sup> 170<sup>14</sup> 171<sup>14</sup> 172<sup>14</sup> 173<sup>14</sup> 174<sup>14</sup> 175<sup>14</sup> 176<sup>14</sup> 177<sup>14</sup> 178<sup>14</sup> 179<sup>14</sup> 180<sup>14</sup> 181<sup>14</sup> 182<sup>14</sup> 183<sup>14</sup> 184<sup>14</sup> 185<sup>14</sup> 186<sup>14</sup> 187<sup>14</sup> 188<sup>14</sup> 189<sup>14</sup> 190<sup>14</sup> 191<sup>14</sup> 192<sup>14</sup> 193<sup>14</sup> 194<sup>14</sup> 195<sup>14</sup> 196<sup>14</sup> 197<sup>14</sup> 198<sup>14</sup> 199<sup>14</sup> 200<sup>14</sup> 201<sup>14</sup> 202<sup>14</sup> 203<sup>14</sup> 204<sup>14</sup> 205<sup>14</sup> 206<sup>14</sup> 207<sup>14</sup> 208<sup>14</sup> 209<sup>14</sup> 210<sup>14</sup> 211<sup>14</sup> 212<sup>14</sup> 213<sup>14</sup> 214<sup>14</sup> 215<sup>14</sup> 216<sup>14</sup> 217<sup>14</sup> 218<sup>14</sup> 219<sup>14</sup> 220<sup>14</sup> 221<sup>14</sup> 222<sup>14</sup> 223<sup>14</sup> 224<sup>14</sup> 225<sup>14</sup> 226<sup>14</sup> 227<sup>14</sup> 228<sup>14</sup> 229<sup>14</sup> 230<sup>14</sup> 231<sup>14</sup> 232<sup>14</sup> 233<sup>14</sup> 234<sup>14</sup> 235<sup>14</sup> 236<sup>14</sup> 237<sup>14</sup> 238<sup>14</sup> 239<sup>14</sup> 240<sup>14</sup> 241<sup>14</sup> 242<sup>14</sup> 243<sup>14</sup> 244<sup>14</sup> 245<sup>14</sup> 246<sup>14</sup> 247<sup>14</sup> 248<sup>14</sup> 249<sup>14</sup> 250<sup>14</sup> 251<sup>14</sup> 252<sup>14</sup> 253<sup>14</sup> 254<sup>14</sup> 255<sup>14</sup> 256<sup>14</sup> 257<sup>14</sup> 258<sup>14</sup> 259<sup>14</sup> 260<sup>14</sup> 261<sup>14</sup> 262<sup>14</sup> 263<sup>14</sup> 264<sup>14</sup> 265<sup>14</sup> 266<sup>14</sup> 267<sup>14</sup> 268<sup>14</sup> 269<sup>14</sup> 270<sup>14</sup> 271<sup>14</sup> 272<sup>14</sup> 273<sup>14</sup> 274<sup>14</sup> 275<sup>14</sup> 276<sup>14</sup> 277<sup>14</sup> 278<sup>14</sup> 279<sup>14</sup> 280<sup>14</sup> 281<sup>14</sup> 282<sup>14</sup> 283<sup>14</sup> 284<sup>14</sup> 285<sup>14</sup> 286<sup>14</sup> 287<sup>14</sup> 288<sup>14</sup> 289<sup>14</sup> 290<sup>14</sup> 291<sup>14</sup> 292<sup>14</sup> 293<sup>14</sup> 294<sup>14</sup> 295<sup>14</sup> 296<sup>14</sup> 297<sup>14</sup> 298<sup>14</sup> 299<sup>14</sup> 300<sup>14</sup> 301<sup>14</sup> 302<sup>14</sup> 303<sup>14</sup> 304<sup>14</sup> 305<sup>14</sup> 306<sup>14</sup> 307<sup>14</sup> 308<sup>14</sup> 309<sup>14</sup> 310<sup>14</sup> 311<sup>14</sup> 312<sup>14</sup> 313<sup>14</sup> 314<sup>14</sup> 315<sup>14</sup> 316<sup>14</sup> 317<sup>14</sup> 318<sup>14</sup> 319<sup>14</sup> 320<sup>14</sup> 321<sup>14</sup> 322<sup>14</sup> 323<sup>14</sup> 324<sup>14</sup> 325<sup>14</sup> 326<sup>14</sup> 327<sup>14</sup> 328<sup>14</sup> 329<sup>14</sup> 330<sup>14</sup> 331<sup>14</sup> 332<sup>14</sup> 333<sup>14</sup> 334<sup>14</sup> 335<sup>14</sup> 336<sup>14</sup> 337<sup>14</sup> 338<sup>14</sup> 339<sup>14</sup> 340<sup>14</sup> 341<sup>14</sup> 342<sup>14</sup> 343<sup>14</sup> 344<sup>14</sup> 345<sup>14</sup> 346<sup>14</sup> 347<sup>14</sup> 348<sup>14</sup> 349<sup>14</sup> 350<sup>14</sup> 351<sup>14</sup> 352<sup>14</sup> 353<sup>14</sup> 354<sup>14</sup> 355<sup>14</sup> 356<sup>14</sup> 357<sup>14</sup> 358<sup>14</sup> 359<sup>14</sup> 360<sup>14</sup> 361<sup>14</sup> 362<sup>14</sup> 363<sup>14</sup> 364<sup>14</sup> 365<sup>14</sup> 366<sup>14</sup> 367<sup>14</sup> 368<sup>14</sup> 369<sup>14</sup> 370<sup>14</sup> 371<sup>14</sup> 372<sup>14</sup> 373<sup>14</sup> 374<sup>14</sup> 375<sup>14</sup> 376<sup>14</sup> 377<sup>14</sup> 378<sup>14</sup> 379<sup>14</sup> 380<sup>14</sup> 381<sup>14</sup> 382<sup>14</sup> 383<sup>14</sup> 384<sup>14</sup> 385<sup>14</sup> 386<sup>14</sup> 387<sup>14</sup> 388<sup>14</sup> 389<sup>14</sup> 390<sup>14</sup> 391<sup>14</sup> 392<sup>14</sup> 393<sup>14</sup> 394<sup>14</sup> 395<sup>14</sup> 396<sup>14</sup> 397<sup>14</sup> 398<sup>14</sup> 399<sup>14</sup> 400<sup>14</sup> 401<sup>14</sup> 402<sup>14</sup> 403<sup>14</sup> 404<sup>14</sup> 405<sup>14</sup> 406<sup>14</sup> 407<sup>14</sup> 408<sup>14</sup> 409<sup>14</sup> 410<sup>14</sup> 411<sup>14</sup> 412<sup>14</sup> 413<sup>14</sup> 414<sup>14</sup> 415<sup>14</sup> 416<sup>14</sup> 417<sup>14</sup> 418<sup>14</sup> 419<sup>14</sup> 420<sup>14</sup> 421<sup>14</sup> 422<sup>14</sup> 423<sup>14</sup> 424<sup>14</sup> 425<sup>14</sup> 426<sup>14</sup> 427<sup>14</sup> 428<sup>14</sup> 429<sup>14</sup> 430<sup>14</sup> 431<sup>14</sup> 432<sup>14</sup> 433<sup>14</sup> 434<sup>14</sup> 435<sup>14</sup> 436<sup>14</sup> 437<sup>14</sup> 438<sup>14</sup> 439<sup>14</sup> 440<sup>14</sup> 441<sup>14</sup> 442<sup>14</sup> 443<sup>14</sup> 444<sup>14</sup> 445<sup>14</sup> 446<sup>14</sup> 447<sup>14</sup> 448<sup>14</sup> 449<sup>14</sup> 450<sup>14</sup> 451<sup>14</sup> 452<sup>14</sup> 453<sup>14</sup> 454<sup>14</sup> 455<sup>14</sup> 456<sup>14</sup> 457<sup>14</sup> 458<sup>14</sup> 459<sup>14</sup> 460<sup>14</sup> 461<sup>14</sup> 462<sup>14</sup> 463<sup>14</sup> 464<sup>14</sup> 465<sup>14</sup> 466<sup>14</sup> 467<sup>14</sup> 468<sup>14</sup> 469<sup>14</sup> 470<sup>14</sup> 471<sup>14</sup> 472<sup>14</sup> 473<sup>14</sup> 474<sup>14</sup> 475<sup>14</sup> 476<sup>14</sup> 477<sup>14</sup> 478<sup>14</sup> 479<sup>14</sup> 480<sup>14</sup> 481<sup>14</sup> 482<sup>14</sup> 483<sup>14</sup> 484<sup>14</sup> 485<sup>14</sup> 486<sup>14</sup> 487<sup>14</sup> 488<sup>14</sup> 489<sup>14</sup> 490<sup>14</sup> 491<sup>14</sup> 492<sup>14</sup> 493<sup>14</sup> 494<sup>14</sup> 495<sup>14</sup> 496<sup>14</sup> 497<sup>14</sup> 498<sup>14</sup> 499<sup>14</sup> 500<sup>14</sup> 501<sup>14</sup> 502<sup>14</sup> 503<sup>14</sup> 504<sup>14</sup> 505<sup>14</sup> 506<sup>14</sup> 507<sup>14</sup> 508<sup>14</sup> 509<sup>14</sup> 510<sup>14</sup> 511<sup>14</sup> 512<sup>14</sup> 513<sup>14</sup> 514<sup>14</sup> 515<sup>14</sup> 516<sup>14</sup> 517<sup>14</sup> 518<sup>14</sup> 519<sup>14</sup> 520<sup>14</sup> 521<sup>14</sup> 522<sup>14</sup> 523<sup>14</sup> 524<sup>14</sup> 525<sup>14</sup> 526<sup>14</sup> 527<sup>14</sup> 528<sup>14</sup> 529<sup>14</sup> 530<sup>14</sup> 531<sup>14</sup> 532<sup>14</sup> 533<sup>14</sup> 534<sup>14</sup> 535<sup>14</sup> 536<sup>14</sup> 537<sup>14</sup> 538<sup>14</sup> 539<sup>14</sup> 540<sup>14</sup> 541<sup>14</sup> 542<sup>14</sup> 543<sup>14</sup> 544<sup>14</sup> 545<sup>14</sup> 546<sup>14</sup> 547<sup>14</sup> 548<sup>14</sup> 549<sup>14</sup> 550<sup>14</sup> 551<sup>14</sup> 552<sup>14</sup> 553<sup>14</sup> 554<sup>14</sup> 555<sup>14</sup> 556<sup>14</sup> 557<sup>14</sup> 558<sup>14</sup> 559<sup>14</sup> 560<sup>14</sup> 561<sup>14</sup> 562<sup>14</sup> 563<sup>14</sup> 564<sup>14</sup> 565<sup>14</sup> 566<sup>14</sup> 567<sup>14</sup> 568<sup>14</sup> 569<sup>14</sup> 570<sup>14</sup> 571<sup>14</sup> 572<sup>14</sup> 573<sup>14</sup> 574<sup>14</sup> 575<sup>14</sup> 576<sup>14</sup> 577<sup>14</sup> 578<sup>14</sup> 579<sup>14</sup> 580<sup>14</sup> 581<sup>14</sup> 582<sup>14</sup> 583<sup>14</sup> 584<sup>14</sup> 585<sup>14</sup> 586<sup>14</sup> 587<sup>14</sup> 588<sup>14</sup> 589<sup>14</sup> 590<sup>14</sup> 591<sup>14</sup> 592<sup>14</sup> 593<sup>14</sup> 594<sup>14</sup> 595<sup>14</sup> 596<sup>14</sup> 597<sup>14</sup> 598<sup>14</sup> 599<sup>14</sup> 600<sup>14</sup> 601<sup>14</sup> 602<sup>14</sup> 603<sup>14</sup> 604<sup>14</sup> 605<sup>14</sup> 606<sup>14</sup> 607<sup>14</sup> 608<sup>14</sup> 609<sup>14</sup> 610<sup>14</sup> 611<sup>14</sup> 612<sup>14</sup> 613<sup>14</sup> 614<sup>14</sup> 615<sup>14</sup> 616<sup>14</sup> 617<sup>14</sup> 618<sup>14</sup> 619<sup>14</sup> 620<sup>14</sup> 621<sup>14</sup> 622<sup>14</sup> 623<sup>14</sup> 624<sup>14</sup> 625<sup>14</sup> 626<sup>14</sup> 627<sup>14</sup> 628<sup>14</sup> 629<sup>14</sup> 630<sup>14</sup> 631<sup>14</sup> 632<sup>14</sup> 633<sup>14</sup> 634<sup>14</sup> 635<sup>14</sup> 636<sup>14</sup> 637<sup>14</sup> 638<sup>14</sup> 639<sup>14</sup> 640<sup>14</sup> 641<sup>14</sup> 642<sup>14</sup> 643<sup>14</sup> 644<sup>14</sup> 645<sup>14</sup> 646<sup>14</sup> 647<sup>14</sup> 648<sup>14</sup> 649<sup>14</sup> 650<sup>14</sup> 651<sup>14</sup> 652<sup>14</sup> 653<sup>14</sup> 654<sup>14</sup> 655<sup>14</sup> 656<sup>14</sup> 657<sup>14</sup> 658<sup>14</sup> 659<sup>14</sup> 660<sup>14</sup> 661<sup>14</sup> 662<sup>14</sup> 663<sup>14</sup> 664<sup>14</sup> 665<sup>14</sup> 666<sup>14</sup> 667<sup>14</sup> 668<sup>14</sup> 669<sup>14</sup> 670<sup>14</sup> 671<sup>14</sup> 672<sup>14</sup> 673<sup>14</sup> 674<sup>14</sup> 675<sup>14</sup> 676<sup>14</sup> 677<sup>14</sup> 678<sup>14</sup> 679<sup>14</sup> 680<sup>14</sup> 681<sup>14</sup> 682<sup>14</sup> 683<sup>14</sup> 684<sup>14</sup> 685<sup>14</sup> 686<sup>14</sup> 687<sup>14</sup> 688<sup>14</sup> 689<sup>14</sup> 690<sup>14</sup> 691<sup>14</sup> 692<sup>14</sup> 693<sup>14</sup> 694<sup>14</sup> 695<sup>14</sup> 696<sup>14</sup> 697<sup>14</sup> 698<sup>14</sup> 699<sup>14</sup> 700<sup>14</sup> 701<sup>14</sup> 702<sup>14</sup> 703<sup>14</sup> 704<sup>14</sup> 705<sup>14</sup> 706<sup>14</sup> 707<sup>14</sup> 708<sup>14</sup> 709<sup>14</sup> 710<sup>14</sup> 711<sup>14</sup> 712<sup>14</sup> 713<sup>14</sup> 714<sup>14</sup> 715<sup>14</sup> 716<sup>14</sup> 717<sup>14</sup> 718<sup>14</sup> 719<sup>14</sup> 720<sup>14</sup> 721<sup>14</sup> 722<sup>14</sup> 723<sup>14</sup> 724<sup>14</sup> 725<sup>14</sup> 726<sup>14</sup> 727<sup>14</sup> 728<sup>14</sup> 729<sup>14</sup> 730<sup>14</sup> 731<sup>14</sup> 732<sup>14</sup> 733<sup>14</sup> 734<sup>14</sup> 735<sup>14</sup> 736<sup>14</sup> 737<sup>14</sup> 738<sup>14</sup> 739<sup>14</sup> 740<sup>14</sup> 741<sup>14</sup> 742<sup>14</sup> 743<sup>14</sup> 744<sup>14</sup> 745<sup>14</sup> 746<sup>14</sup> 747<sup>14</sup> 748<sup>14</sup> 749<sup>14</sup> 750<sup>14</sup> 751<sup>14</sup> 752<sup>14</sup> 753<sup>14</sup> 754<sup>14</sup> 755<sup>14</sup> 756<sup>14</sup> 757<sup>14</sup> 758<sup>14</sup> 759<sup>14</sup> 760<sup>14</sup> 761<sup>14</sup> 762<sup>14</sup> 763<sup>14</sup> 764<sup>14</sup> 765<sup>14</sup> 766<sup>14</sup> 767<sup>14</sup> 768<sup>14</sup> 769<sup>14</sup> 770<sup>14</sup> 771<sup>14</sup> 772<sup>14</sup> 773<sup>14</sup> 774<sup>14</sup> 775<sup>14</sup> 776<sup>14</sup> 777<sup>14</sup> 778<sup>14</sup> 779<sup>14</sup> 780<sup>14</sup> 781<sup>14</sup> 782<sup>14</sup> 783<sup>14</sup> 784<sup>14</sup> 785<sup>14</sup> 786<sup>14</sup> 787<sup>14</sup> 788<sup>14</sup> 789<sup>14</sup> 790<sup>14</sup> 791<sup>14</sup> 792<sup>14</sup> 793<sup>14</sup> 794<sup>14</sup> 795<sup>14</sup> 796<sup>14</sup> 797<sup>14</sup> 798<sup>14</sup> 799<sup>14</sup> 800<sup>14</sup> 801<sup>14</sup> 802<sup>14</sup> 803<sup>14</sup> 804<sup>14</sup> 805<sup>14</sup> 806<sup>14</sup> 807<sup>14</sup> 808<sup>14</sup> 809<sup>14</sup> 810<sup>14</sup> 811<sup>14</sup> 812<sup>14</sup> 813<sup>14</sup> 814<sup>14</sup> 815<sup>14</sup> 816<sup>14</sup> 817<sup>14</sup> 818<sup>14</sup> 819<sup>14</sup> 820<sup>14</sup> 821<sup>14</sup> 822<sup>14</sup> 823<sup>14</sup> 824<sup>14</sup> 825<sup>14</sup> 826<sup>14</sup> 827<sup>14</sup> 828<sup>14</sup> 829<sup>14</sup> 830<sup>14</sup> 831<sup>14</sup> 832<sup>14</sup> 833<sup>14</sup> 834<sup>14</sup> 835<sup>14</sup> 836<sup>14</sup>

13 δσοι...ἀποκτανθῶσιν Dn 3.5-6

15 αυτοι p<sup>47</sup>K 046 x pl c] αυτη AC; R | ποιηση] ποιησει K 2060 2329al it; Rm | wa 2° AP 1006 2329 pc lat sy Prim; R (ante ποιηση x pt c)] om p<sup>47</sup>K 046 82 al

No lugar de αὐτῶ, que é apoiado por p<sup>47</sup> K P<sup>c</sup> 046 e por todos os minús., A C P<sup>a</sup> vid substituem αὐτῇ que não tem sentido. Esta variante só pode ser um erro do copista, devido, talvez, «à mente do escritor tendo revertido a εἰκόνα (vs. 14), ou ao fato de que seu olho foi pegado por τῇ εἰκόνι, que segue imediatamente» (H.B. Swete, *The Apocalypse of St. John, ad loc.*).

A palavra ἵνα, que parece ser indispensável com ἀποκτανθῶσιν, figura após ποιήση em A P 1006 2065 al, e antes de ἀποκτανθῶσιν em 051 1 1854 2073 e o Textus Receptus. Esta última forma, que é apoiada por testemunhos externos inferiores, é um óbvio melhoramento escríbal da dificuldade ocasionada por ἵνα... ἔάν seguida por dois verbos no subjuntivo. A omissão de ἵνα em K 046 1611 1859 al parece ser acidental, resultante da mudança de sujeito («para que a própria imagem da besta falasse; e ele fará com que tantos quantos... sejam mortos»). Em face da multiplicidade de formas, nenhuma das quais aclara bem a origem das demais, a maioria da comissão julgou melhor incluir ἵνα no texto, mas deixar o vocábulo entre colchetes. (2)

2. Parcialmente com base em p147 (que diz... πνεῦμα τῇ εἰκόνι τοῦ ποιῆσαι δσοι ἐάν...) Josef Schmid prefere — ἰδὼθαι αὐτῶ δοῦναι πνεῦμα... καὶ ποιῆσαι, onde ποιῆσαι está na construção paralela a δοῦναι Studien zur Geschichte des griechischen Apokalypse-Textes; II. Teil, Die alten Stammes (Münich, 1965), pág. 222).

13:15: Foi-lhe concedido também dar fôlego à imagem da besta, para que a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

«...lhe foi dado...» Por ser um homem «possuído», a segunda besta, naturalmente, terá muitos «poderes» capazes de deixar atônitas as mentes dos homens, convertendo os cétricos, animando os discípulos e prejudicando aos verdadeiramente piedosos. Satanás é a fonte real de seu poder, conforme essas palavras certamente nos indicam. Ele será apenas um «instrumento» de Satanás, embora um instrumento tremendamente poderoso. Por seu intermédio fluirá livremente o poder de Satanás, tal como, por meio de Cristo, flui livremente o poder do Espírito de Deus. Assim, continuará a imitação. Mas, no caso de Cristo, o poder flui visando o bem, tanto temporal quanto eterno. Porém, no caso do falso profeta, fluirá a fim de promover a causa da malignidade mais hedionda. Isso pode ser confrontado às palavras «...que lhe foi dado...», no versículo anterior. A segunda besta fará tudo devido à autoridade de outrem, embora seja ela o veículo supremo desse outro poder. Sem dúvida, será homem de fantástica inteligência e sabedoria, embora tudo tenha ele devotado para o mal. Será um veículo apropriado para realizar milagres demoníacos. Nenhum cétrico será capaz de resistir-lhe.

«...fôlego à imagem da besta...» Há referências abundantes, na literatura antiga, a poderes miraculosos de estátuas. Clemente (Recog. iii. 47 e Hom. II. 32) afirma que Simão Mago declarara que podia transmitir vida e movimento às imagens. Algumas estátuas eram reputadas, por muitos idólatras, como o lugar da manifestação dos deuses, em cuja honra tinham sido erigidas, pelo que qualquer coisa era possível no tocante à idéia de adquirirem elas propriedades de vida. Os judeus e os cristãos primitivos criam que forças demoníacas podiam dar vida às imagens de escultura, manifestando-se por meio delas ainda de outras maneiras. (Ver Teofilacto, ad Autol. i. 8, e Atenágoras, Leg. 18). Há lendas de como em Trôade, a estátua de um certo Neryllinus (Athen. Leg. 26) era capaz de proferir oráculos e curar aos enfermos. Supostamente, uma estátua de Alexandre e Proteu, em Parium, também proferia oráculos. O próprio Atenágoras admite a realidade de tais fenômenos, embora atribuisse os mesmos aos poderes demoníacos. Os cultos orientais possuíam poderes ocultos e apelavam para as artes mágicas e para os truques. Sabemos que as autoridades romanas civis com frequência eram atraídas a tais cultos (ver Ato 13:6 e ss.; ver também Irineu, ao comentar sobre nosso texto, em v. 28.2, onde ele atribui tais fenômenos às artes mágicas e aos demônios). É bem provável que, em conexão com o culto ao imperador, esses fenômenos realmente tinham lugar, ou que havia fraude, ou mesmo ambas as possibilidades. O vidente João tinha plena consciência dessas coisas, e o presente versículo reflete tal conhecimento.

Profeticamente falando, suponemos que essa espécie de fenômeno terá lugar novamente mediante o poder do profeta falso. Assim ele anuviarà as mentes até mesmo dos mais empedernidos cétricos, que desde há muito tinham abandonado qualquer ponto de vista «sobrenatural». Alguns estudiosos, é claro, interpretam de modo simbólico a todos esses informes bíblicos, atribuindo poderes estranhos ao profeta falso, como se o texto sagrado não falasse de fenômenos literais e válidos. Outros pensam ser a imagem uma espécie de expressão religiosa, um «novo-paganismo», o símbolo do culto promovido pelo anticristo, e não uma estátua literal, supondo que estaremos acusando o vidente João de superstição se tomarmos literalmente esse «símbolo». Porém, isso é subestimar os poderes do ocultismo, capazes de coisas fantásticas. Seja como for, ficará

perfeitamente claro o que tudo isso significa quando os próprios eventos sucederem. Historicamente precisamos pensar que essa referência é de natureza literal. Profeticamente falando, assim também deve ser: mas há símbolos aqui que só serão bem compreendidos chegado o tempo do cumprimento dessas predições. As predições bíblicas não foram registradas para satisfazer nossa curiosidade, e, sim, para instruir àqueles que viverem no tempo do cumprimento das mesmas. Portanto, as nossas interpretações não podem ser dogmáticas, e, sim, inquisitivas.

«...fizesse morrer quantos não adorasse a imagem da besta...» O culto ao imperador está novamente em foco. Aqueles que se recusavam a adorar aos «ídolos» ou «estátuas» dos imperadores reinantes, como se eles fossem divindades, eram encarcerados, exilados ou mortos; e muitos crentes sofreram isso durante três séculos consecutivos. Porém, qualquer imperador romano era apenas uma criança em confronto com o que será o anticristo, tão prodigiosa será a iniquidade desenvolvida na pessoa do anticristo. Ele promoverá a maior e pior de todas as perseguições religiosas, e a igreja terá de ocultar-se subterraneamente, tal como se fez nos tempos romanos, em muitas localidades. Mui provavelmente veremos o começo de tudo isso, e certamente nossos filhos sofrerão o peso todo dessa desgraça. Eles terão de ser crentes melhores do que nós, a fim de poderem resistir à pressão, às ameaças e às destruições empreendidas pelo anticristo e seu profeta falso.

Portanto, interpretamos essa «matança» de modo literal, tanto do ponto de vista histórico do versículo quanto do ponto de vista de seu cumprimento futuro. Não podemos ver aqui a «matança das instituições religiosas», ou seja, a repressão às mesmas. Houve aquela «imagem de ouro» representando Nabucodonosor, na Babilônia (ver o terceiro capítulo do livro de Daniel). Os ídéis foram obrigados a adorar à imagem ou morrer. Isso sucederá novamente, de um modo que os próprios eventos definirão as coisas; mas é indubitável que o vidente pensava aqui em perseguições e matanças literais, e não o abafamento e dano a instituições.

A carta de Plínio a Trajano (x.96) demonstra claramente como a recusa de adorar à imagem do imperador levou muitos cristãos à morte. A recusa a anuir ao culto ao anticristo também levará muitos à pena capital, efetuada privada e informalmente, mas também, provavelmente através do estado, por decreto formal das autoridades civis.

**Variante Textual:** O segundo «ina» (a fim de que), que aparece depois de «poiese» (faz), aparece nos mss AP, 1006, 2065, mas antes de «apoktanthosin» (fizasse morrer) em 051, 1, 1854, 2073 e no Textus Receptus. Esta última forma sem dúvida é um aprimoramento escríbal, ocasionada pela existência de «ina... ean», seguidos por dois verbos no subjuntivo. Os mss Aleph, 046, 1611 e 1859 simplesmente omitem o segundo «ina», que resulta de uma mudança de sujeito, embora não de sentido geral: «...para que até a imagem da besta falasse; e ele fará que tantos quantos... sejam mortos» (ASV(mg), aqui vertida para o português). Não há certeza sobre o que diria o texto original; mas os críticos textuais retêm a palavra entre colchetes, indicando que sua autenticidade é duvidosa.

**Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:**

1. O mundo inteiro se renderá ao mal. A mera ciência humana jazerá no pó, pois não poderá explicar os estranhos poderes do anticristo e seu falso profeta. Com sua ciência, os homens têm procurado negar até a existência de Deus. Mas agora a ciência deles será impotente perante o anticristo, pelo que o aceitarão, totalmente confusos.

2. Os homens trairão a si mesmos, pois têm permitido que as forças malignas produzam o anticristo. Eles merecerão o que tiverem produzido. Tendo rejeitado ao verdadeiro Cristo, serão entregues para serem iludidos pelas mentiras do falso cristão. Tudo será apenas o desdobramento, em escala maior, da lei da colheita segundo a sementeira. (Ver Gál. 6:7,8)

16 καὶ ποιεῖ πάντα, τοὺς μικροὺς καὶ τοὺς μεγάλους, καὶ τοὺς πλουσίους καὶ τοὺς πτωχοὺς, καὶ τοὺς ἐλευθέρους καὶ τοὺς δούλους, ἵνα δώσιν αὐτοῖς χάραγμα ἐπὶ τῆς χειρὸς αὐτῶν τῆς δεξιᾶς ἢ ἐπὶ τὸ μέτωπον αὐτῶν,

13:16: É faz que a todos pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, lhes faça posto um sinal na mão direita, ou na fronte,

«...A todos...» Esse número total é dividido em diversas classes, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, para indicar a absoluta «universalidade» do poder do anticristo, de tal modo que nenhum homem, de qualquer posição ou nível social, possa escapar aos seus desígnios. Nesse caso, o desígnio é que todos recebam uma marca de identificação, sem o que ninguém poderá comprar e nem vender. Ninguém será tão grande que

possa resistir às exigências do anticristo. Ninguém será tão pequeno que escape à sua atenção. Ninguém será tão rico que possa subornar ao anticristo; ninguém será tão pobre que o anticristo não julgue sua lealdade. Ninguém será tão livre que possa reivindicar o «direito» de não prestar lealdade ao anticristo. Ninguém será tão humilde e miserável em sua servidão, sem importar qual tipo, que o anticristo não exija sua adoração.

**A marca da besta.** Esse tema tem ocasionado muita discussão e variadas interpretações, representadas pelas interpretações principais, abaixo:

1. O pano de fundo do tema é o «charagma» imperial. Deissmann, em seus *Bible Studies*, pág. 240 e ss., mostrou que os papiros dos primeiros séculos nos fornecem evidências de que os documentos comerciais oficiais tinham de ter o nome e a imagem do imperador estampados. Isso era chamado de *charagma*, a palavra que aparece no texto, traduzida em português por «marca». Nos tempos antigos, tal como agora, os animais com frequência eram marcados com o nome de seu proprietário. Isso também ocorria com frequência no caso de escravos, os quais eram reputados pouco mais que animais. Paulo usava esse fato para ensinar uma lição espiritual: ele trazia a «charagma» de Cristo em seu corpo (ver Gál. 6:17). Lê-se, em Macabeus 3:29, que Ptolomeu Filadelfo compeliu alguns judeus alexandrinos a receberem a marca de Dionísio (folha da hera), o que supostamente os identificava como seus devotos. Era comum que os adoradores de certas divindades ou ídolos mostrassem sua lealdade deixando-se marcar com símbolos ou nomes, algumas vezes com tatuagens e outras vezes a fogo, o que deixava marcas permanentes.

Além desses fatos, notamos que no próprio Apocalipse os verdadeiros santos são considerados «selados» e identificados com a marca do Cordeiro, em suas testas (ver Apo. 7:3 e 9:4). Assim, o anticristo imitará isso também. Alguns intérpretes pensam que o pano de fundo da «marca» se acha na prática dos judeus usarem os «*tephillin*» ou «filactérias», na mão esquerda ou na testa. Era uma marca de piedade e dedicação à lei, embora provavelmente também fosse usada como um amuleto. Não podemos ter certeza total sobre qual dessas várias possibilidades estaria correta, como «pano de fundo» do simbolismo aqui empregado. Já que o vidente João lidava com certo aspecto do culto ao imperador, supomos que algum pano de fundo «romano» se faz necessário. É possível que o culto ao imperador fizesse os homens serem marcados a fogo de alguma maneira, identificando-os como aderentes fiéis dessa forma de adoração. Talvez se tratasse de algum costume local, sobre o qual não temos conhecimento transmitido até nós. O trecho de Lev. 19:28 proibia Israel de fazer marcas e incisões na pele, ou de fazer tatuagens. Portanto, os cristãos primitivos, que também punham em prática essas proibições, deveriam sentir que tais marcas identificadoras eram pecaminosas.

2. Tal como se dava nos tempos antigos, não podemos afirmar com qualquer certeza qual seria a alusão de João no tocante a essa «marca». Assim sendo, nem profeticamente falando podemos ter qualquer certeza. Sem dúvida, muitas idéias falsas têm sido apresentadas, a saber: a. Os observadores do «sábado» pensam que a adoração no «domingo» é a marca da besta. Há outros sentidos simbólicos salientados, evitando-se qualquer marca «literal» na mão ou na testa. b. Outros supõem que a citada marca será uma «confissão» exigida de todos, o que poderia ser aplicada histórica ou profeticamente. As «filactérias», acima mencionadas, eram uma espécie

de confissão; e os que defendem essa interpretação salientam esse fato. (Ver Eze. 3:8, 9). c. O trecho de Apo. 14:11 menciona a «marca de seu nome» (nome do anticristo), e alguns eruditos pensam que a marca é apenas um termo simbólico para indicar a adoração papal. Nesse caso, seria o nome «latino», isto é, culto latino, o desenvolvimento eclesiástico da fé religiosa, segundo é vista na igreja romanista. Essa interpretação «protestante», é claro, representa a posição dos intérpretes da escola «histórica», não merecendo atenção séria de ninguém. d. Já que uma antiga «marca» poderia ser um sinal ou nome tatuado na pele do adorador de uma divindade qualquer, é possível que essa «marca» seja apenas um termo que indica que todos os aderentes do anticristo serão devidamente identificados pela devoção voluntária que lhe votarão e, por outro lado, todos quantos assim não fizerem tornar-se-ão notórios, em razão do que serão perseguidos. e. A conjectura do presente comentário é que essa marca será literal, e não simbólica. Até mesmo hoje em dia é possível imprimir na carne uma tatuagem invisível aos olhos, mas que se torna visível quando certo tipo de luz incide sobre a mesma. Provavelmente, a marca do anticristo será algo dessa natureza, uma espécie de identificação, sem o que qualquer pessoa mostrará estar insubmissa contra esse culto e sistema político, tornando-se alvo de perseguições, sanções econômicas, e mesmo execução capital.

#### Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

1. A «marca» do verdadeiro Cristo protegerá os seus possuidores. A marca da besta identificará aqueles que terão afundado a um nível tão baixo que adorarão a Satanás e lhe prestarão lealdade. Essas duas marcas estarão no mundo nos «últimos dias», e uma crise de conflito resultará disso, criando uma situação nunca vista no mundo.

2. A maldade tomará certas formas extremadas nos últimos dias. Creemos que esses dias estão prestes a chegar. Então a nossa dedicação a Cristo passará o teste mais difícil de todos. Tal como nos tempos do império romano, os supostos cristãos não passarão no teste, mas só os autenticamente regenerados.

3. Paulo não se envergonhava de trazer a marca de Cristo, embora isso importasse em sofrimento. (Ver Gál. 6:17). Será preciso uma fé profunda para seguir seu exemplo.

4. A «fronta» é o símbolo do «caráter», ao passo que a mão é o símbolo do «trabalho». O anticristo tornará subserviente a si mesmo todo o caráter humano e todos os incrédulos o servirão.

5. A «marca» parece ser identificada com o «nome» do anticristo, conforme se vê no décimo sétimo versículo, onde essa idéia é comentada. O número é «seiscentos e sessenta e seis», e a «tatuagem» seria exatamente isso, um «666» invisível. Porém, esperamos que a história revele isso exatamente para nós. Pelo menos é certo que todo homem terá de ser identificado de alguma maneira com o poder maligno que tomará conta do mundo, de forma tão definida que nenhum equívoco haverá sobre quem lhe presta lealdade e não lhe é fiel.

17 καὶ ἵνα μὴ τις δύνηται ἀγοράσαι ἢ πωλῆσαι· εἰ μὴ ὁ ἔχων τὸ χάραγμα, τὸ ὄνομα τοῦ θηρίου ἢ τὸν ἀριθμὸν τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ.

17 χάραγμα... θηρίου Re 14,9, 11: 18,2; 19,20, 20,4

17 [C] καὶ π<sup>o</sup> N<sup>o</sup> A<sup>o</sup> P 046 061 1 94 1006 1828 1854 1896 2020 2043 2068 2073 2081 2138 2344 2422 (it<sup>o</sup> om<sup>o</sup> dom<sup>o</sup> al<sup>o</sup> s<sup>o</sup> vg arm eth Andrew<sup>o</sup> Be<sup>o</sup> Pa-

Ambrose Havmo Arethas / om<sup>o</sup> N<sup>o</sup> C 1611 (th<sup>o</sup> sy<sup>o</sup> ch<sup>o</sup> cop<sup>o</sup> h<sup>o</sup> Irenaeus Hippolytus Tyconius Primasius Andrew<sup>o</sup> Beatus

A ausência de *καὶ* em N<sup>o</sup> C cerca de 23 manuscritos minúsculos (incluindo 1611) sir (ph,h) cop (sa,bo) al, parece ser modificação secundária que surgiu da falta de entendimento sobre a relação entre os vss. 16 e 17. Quando a cláusula com *ἵνα μὴ* foi tomada como dependente de *δῶσιν*, o termo *καὶ* naturalmente, foi considerado supérfluo, ao passo que a cláusula sem dúvida deve ser tomada como dependente de *ποιεῖ* e por conseguinte, coordenada com a cláusula com *ἵνα δῶσιν*. O texto é apoiado por p<sup>o</sup> N<sup>o</sup> A (vid) P 046 051 1006 1854 2344 it (gig). (61) vg ara eti al.

13:17: para que ninguém pudesse comprar ou vender, senão aquele que tivesse o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.

Não é claro aqui se a «marca» é equivalente ao nome do anticristo ou ao número que representa o seu nome, ou se duas coisas separadas, servindo à mesma finalidade, estão em foco. O que é claro é que aqueles que queiram negociar, comprando ou vendendo, terão alguma forma de identificação, a tatuagem do nome da besta, o seu número, ou alguma espécie de marca. A maior parte dos eruditos pensa que a marca será igual ao nome ou ao número da besta. Este versículo quase certamente também indica que o «número» está diretamente relacionado ao nome, isto é, o valor numérico do nome. Lembremo-nos que os antigos, como os hebreus, os gregos e os latinos, usavam letras em lugar de algarismos, porquanto letras ou combinações de letras tinham valores numéricos. Portanto, todo nome tinha um valor numérico. A arqueologia tem descoberto nome de moças, em valores numéricos, inscritos em muros, por rapazes que estavam enamorados delas. Da circunstância que essa prática era tão generalizada, e que certamente isso era familiar para o vidente João, é certo que devemos reconstituir o «nome» do anticristo com base no valor numérico de «seis centos e sessenta e seis». Contudo, esse conhecimento não tem impedido o surgimento de muitas interpretações diferentes. (Ver as notas sobre o versículo seguinte, acerca da variedade de conjecturas sobre o que significa o «666»).

«...comprar ou vender...» Provavelmente isso inclui tanto o comércio como as atividades de exportação e importação, mas também a compra de simples alimentos e outras comodidades essenciais para a vida diária. As possibilidades dessa tirania não tem limites, e a morte à míngua é a sua única alternativa. Os homens que não quiserem aceitar o jugo de Cristo, a fim de obterem uma vantagem eterna, aceitarão as imposições do anticristo, a fim de obterem vantagens temporais. Os crentes autênticos, entretanto, repelirão essas vantagens temporais, preferindo o sofrimento e o martírio, a fim de obter as vantagens eternas. Essa marca da besta certamente distinguirá os crentes verdadeiros dos falsos cristãos, os justos dos profanos, os bons dos iníquos.

**Historicidade deste versículo.** Não há qualquer evidência de sanções econômicas radicais e generalizadas contra os cristãos, nos tempos do culto ao imperador. No entanto, ali há provas de que havia «boicote social» dos cristãos, incluindo alguns fatores econômicos. Assim é que Eusébio, na sua *História Eclesiástica* (V.1.5), fala de uma perseguição que teve lugar algum tempo após 177 D.C., dizendo: «O diabo esforçou-se, por toda a maneira, de praticar e exercitar seus servos contra os servos de Deus, não somente impedindo-nos a entrada em casas, banhos e mercados, mas também proibindo-nos de sermos vistos em qualquer lugar». Esse tipo de situação talvez fosse mais comum, e talvez mais severa, em alguns lugares da Ásia Menor, quando o vidente João escreveu o Apocalipse. Profeticamente falando, este versículo informa-nos que o anticristo se ocupará em tremenda guerra econômica contra todos quantos se recusarem a prestar-lhe lealdade. Naqueles dias, somente os crentes verdadeiros, sustentados pela graça divina, permanecerão fiéis a Cristo e não cederão à pressão exercida pelos perseguidores.

**Nomes e números:** «O método da numeração mística era igual entre os gregos pagãos, os gnósticos, os pais da igreja e os cabalistas judeus. Júpiter era invocado sob o número «717», contido nas letras «*arche*» (o começo). Os gnósticos afixavam às suas gemas e amuletos o termo místico *abraxas* ou «*abraxas*», sob a idéia de que havia alguma virtude a seu número, «365», por ser o número de dias do ciclo solar. Barnabé e Clemente de Alexandria falavam sobre a virtude do número «318», por ser a abreviação do nome de Jesus crucificado, IHT. Nos versos pseudo-sibilinos, escritos por cristãos, perto do fim (provável) do segundo século, há enigmas versificados que dão o número e requerem nomes próprios. A tradução de uma dessas versões é o nome «Jesus», como segue: «Ele virá à terra, vestido de carne como um homem mortal. Seu nome contém quatro vogais e duas consoantes: duas das primeiras têm o mesmo som. E eu declararei o número inteiro. Pois esse nome exibirá, para os incrédulos, oito unidade, oito dezenas e oito centenas» (Vincent, *in loc.*). (Ver *Oráculos Sibilinos* 1:324 e ss. Portanto, o nome de Jesus é «888», em contraste com o nome do anticristo, que é «666»). O cálculo é feito como segue. I (vale 10); e (eta, que vale 8); s (sigma, que



vale 200); o (ômicron, que vale 70); u (upsilon, que vale 400); s (sigma, que vale 200). Portanto, *Iesous* (Jesus), vale 888. Isso nos dá uma idéia de como a coisa funcionava, dando-nos um modo paralelo de calcular o valor de seiscentos e sessenta e seis, reduzindo esse número a um nome.

**Variante Textual:** A palavra introdutória «*kai*» [e] é omitida pelos mss Aleph(1), C e cerca de vinte e cinco manuscritos minúsculos que conhecemos, e também pelo Sinph,hi e pelo Copia,bo). Provavelmente a omissão foi feita a propósito, por escribas que não entenderam a relação entre os versículos dezesseis e dezesseis, pensando que as palavras «*ina me*», do décimo sétimo versículo, dependem do verbo «*dosin*», que figura no décimo sexto versículo. A relação existe em espírito, naturalmente, porquanto a ausência ou presença da marca é que fará possível alguém poder comprar, vender, etc. Provavelmente, porém, «*ina me*» e sua cláusula devem ser vistos como dependentes de «*poi*», «*luz*». O texto, com «*kai*» é apoiado pelos mss P147), Aleph(c), Alvidi, P, 046, 051, 1006, 1854, 2344, It(gig,611, na Vg, no Ecl e em outros testemunhos.

**Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:**

1 Este versículo ilustra a tirania absoluta do anticristo. Em nossa época, os homens se queixam dos vastos poderes do governo, que destroem a liberdade do indivíduo. Porém, chegará tempo em que toda a queixa será observada, para ser castigada. A opressão exercida pelo comunismo parecerá então uma brincadeira ou uma expressão de bondade, em confronto com a opressão do anticristo e seu falso profeta.

18 Ὡς δὲ ἡ σοφία ἐστίν· ὁ ἔχων νοῦν ψηφισάτω τὸν ἀριθμὸν τοῦ θηρίου, ἀριθμὸς γὰρ ἀνθρώπου ἐστίν· καὶ ὁ ἀριθμὸς αὐτοῦ ἑξακόσιαι ἑξήκοντα ἕξ.

18 [H] ἑξήκοντα p<sup>7</sup> M A P 046 051 1 94 1606 1611 1828 1854 1850 2020 2048 2053 2065 2073 2081 2138 2344 2432 It<sup>4</sup> dea<sup>4</sup> kxalel vg syph h cop<sup>4</sup> bo arm: eth Irenaeus Hippolytus Origen Victorinus-Pettau Gregory-Elvira

Primaenus Andrew Arcthan f. τεσσαράκοντα (act 141) It<sup>4</sup> f. δέκα C It<sup>4</sup> m<sup>4</sup> m<sup>4</sup> in Irenaeus Tyconius<sup>4</sup>

18 και ο αρ. αυτου] om N 2028 pc: εστιν δε p<sup>7</sup>: add εστιν CP 051 r 1006 1611 2059a 2329 pm

Ao invés de ἑξήκοντα, que é fortemente apoiada por p<sup>7</sup> N A P 046 051 todos os manuscritos minúsculos it (gig) vg sir (ph,h) cop (sa,bo) ara al, δέκα aparece em C, em alguns manuscritos conhecidos por Irineu (o qual, porém, diz que 666 se acha «em todas as boas e antigas cópias» e «é confirmado por aqueles que tinham visto João face a face») e Ticônio (pt). Segundo a 8ª edição de Tischendorf, o numeral 616 também figurava em dois manuscritos minúsculos que não mais existem (nos. 5 e 11; cf. C. R. Gregory, *Prolegomena*, pág. 676). Quando são usadas letras gregas como numerais, a diferença entre 666 e 616 é apenas mudança de um ξ para um ι (666 = χξς e 616 = χις). Talvez a mudança tenha sido intencional, já que a forma Neron Caesar, escrita em caracteres hebraicos (נרן קסר): equivale a 666, ao passo que a forma latina Nero Caesar (נרו קסר) equivale a 616.

13:18: Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.

...Aqui está subdória... Os leitores sabem como calcular o número, pelo que podem usar dessa sabedoria para chegar à conclusão de quem é o anticristo. O vidente João pode dizer francamente quem é ele; mas preferiu usar um código, a fim de não provocar mais tribulação contra os cristãos, além do que já sofriam. Trata-se de algo parecido com a «Babilônia», usada por Pedro acerca de Roma, já que aludia amargamente a Roma, devido à perseguição desta contra os crentes. (Ver 1 Ped. 5:13). O vidente João, porém, também poderia indicar aqui uma espécie de sabedoria divina que seria dada aos crentes, mediante a qual reconheceriam os sinais dos tempos e encontrariam a solução para os problemas difíceis, como o da perseguição e sua origem, o culto ao imperador.

...o número da besta... Conte-se o seu número, e daí se constitua o seu nome—isso é o que João quer dizer.

...pois é número de homem... Não podemos ter certeza sobre o que isso significa. Pode ser «humano», em contraste com o que é divino; o cristo maligno, um mero homem, em contraste com o Cristo divino; um homem em contraste com Deus; ou o número «seis», que é símbolo da humanidade, ao passo que o «três» e o «sete» é o símbolo da divindade. O autor sagrado poderia estar usando um criptograma que se perdeu, mas algo dessa ordem deve ter sido usado aqui. Alguns intérpretes veem nisso a simples idéia «como os homens usualmente computam», isto é, como se calcula, conforme os métodos humanos, já bem sabidos. Todavia, as outras idéias parecem mais prováveis. O certo é que algum «indivíduo específico» está em foco. O «666» é o número do indivíduo específico que procuramos identificar.

Qual será o significado desse número, seiscentos e sessenta e seis? Abaixo apresentamos um breve sumário das idéias expostas a respeito:

1. O vidente João usou um criptograma que nos é desconhecido hoje em dia, pelo que é impossível recuperar o que ele quis dizer. A maior parte dos intérpretes, porém, continua tentando.

2. O vidente João usou um «símbolo» numérico que hoje se desconhece, pelo que não se pode recuperar o seu significado, embora o futuro deixe as coisas perfeitamente claras.

3. O próprio João, ao receber o número em visão mística, não sabia o que o mesmo significava. E nem nós podemos sabê-lo, enquanto o cumprimento da profecia não revelar seu significado.

4. O número denota uma pessoa específica, e sua identificação deve ser descoberta em alguma espécie de cálculo numérico, mediante o qual o número é transformado em um «nome». Essa é a idéia mais comum, embora se usem vários métodos, através do que diversos resultados são conseguidos, até mesmo pelos mesmos métodos, pois diferentes nomes podem ser constituídos com base no total «seiscentos e sessenta e seis», através de várias combinações de letras. No décimo sétimo versículo, o parágrafo imediatamente antes das notas sobre a «Variante Textual», —mostra-nos como os *Oráculos Sibilinos* transformavam a palavra «Jesus» em «oitocentos e oitenta e oito». Mas há outras palavras, com diferentes valores das letras, que também totalizam esse número. Portanto, temos as seguintes sugestões:

2. «Passaporte para o sucesso em um mundo ímpio: Alguém pode ser selado com a marca de Deus, ou pode ser selado com a marca do diabo. Portanto, podemos vasar em palavras cruas o que o homem de Patmos dizia. A vida comercial pode envolver-se na idolatria corrente de tal modo que alguém não possa ter êxito sem a «marca da besta». Precisamos apenas meditar um pouco sobre o número da besta para notar que o autor sagrado brincava com o valor numérico das letras, combinadas de tal modo que o resultado era seiscentos e sessenta e seis. E devemos lembrar que estamos estudando acerca de uma época em que um nome expressava o caráter mesmo do proprietário daquele nome. O poder corruptor dos costumes anti-éticos, no mundo dos negócios, exige um constante escrutínio. Tem havido épocas em que só se pode negociar, em alguns lugares, a peso de suborno. Os homens procuram dar de ombros ante essas condições, mas, quando os negócios tiverem de ser feitos sob a égide do número da besta isso significará que a sociedade já estará corrompida» (Hough, *in loc.*).

3. Rejeitamos aqui as fanáticas interpretações protestantes, que pensam que esse número se coaduna com o papado, de um modo ou de outro. Podem ser encontrados abusos, ao longo da história, que ilustram o abuso de poder e os princípios que transparecem no texto à nossa frente; porém, o que temos aqui é um acontecimento futuro, e não do passado, pelo menos no que tange ao aspecto profético de nosso texto, além do que terá um âmbito muito mais universal do que tudo quanto pode ser salientado na história passada.

a. *Lateinus*, ou seja, «império romano». Chega-se a esse resultado adicionando-se 1 (300), 1 + 0 (100), 1 (50), 1 (10), e (5), a (1). Similarmente, em grego, a expressão «o reino latino», totaliza «666». Em razão deste último resultado os intérpretes protestantes pensam tratar-se da igreja de Roma através dos séculos.

b. «Teitan» ou Titã, equivalente grego do termo hebraico «Tiamat», ou seja, «Caos primitivo», obtido da mesma maneira a que chegamos a «lateinus», ilustrado no ponto «a» acima. «Tito», o general do exército romano quando da destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C., poderia ser assim designado: mas ele não perseguiu aos cristãos.

Alguns intérpretes, notando que um «indivíduo específico» mais provavelmente está em foco aqui, rejeitam as interpretações «impessoais» dadas acima, porque se fundamentam sobre as palavras, «é número de homem».

c. Os intérpretes têm feito seus cálculos usando valores latinos ou valores gregos, e até mesmo hebraicos, pelo que soluções largamente diferentes são atingidas. Os nomes que têm esse valor numérico, «666», mediante esses métodos tão diversos de cálculo, são Adonício (no hebraico, «o Senhor ergue-se»), Nero, Diocleciano, Lutero, Calvino, vários nomes de papas, os jesuítas, Napoleão, Balaão, César, etc.

d. A solução mais provável é a seguinte: O nome desejado é «Neron Caesar», em que o cálculo é feito à base do valor das letras gregas, «Neron Kaisar», transliteradas do hebraico, de acordo com o valor das letras hebraicas. Isso dá o total «666». Aparentemente, é o *Nero redivivo*, que aparece de vez em quando no corpo da exposição sobre o anticristo, que está aqui em foco. (Ver as notas expositivas sobre isso em Apo. 13:3,12,14. Ver também Apo. 17:9 e ss., cujas notas expositivas também contêm informes sobre a lenda do «Nero ressuscitado»). Que isso é correto é consubstanciado pelo fato que o equivalente hebraico das palavras gregas transliteradas, também é «666»; e o autor sagrado, pensando sempre em termos do hebraico, naturalmente deve ter calculado assim o número. Além disso, sem o «n» final de «Neron», ou seja, «Nero», que é a forma latina desse nome, o valor seria «616», conforme o número figura em alguns manuscritos, e ao que Irineu alude como uma variante ou alternativa para o número representativo do anticristo em seus dias, o que se reflete em alguns manuscritos. (Ver a variante textual acima, que aborda esse problema). Portanto, esse número é apenas a continuação da idéia do «Nero redivivo», que o autor já havia apresentado.

Pode-se chegar à mesma conclusão de outro modo, sugerido por Loymeyer, em seu comentário (Tubingen: J.C.B. Mohr, 1926, «*Handbuch zum Neuen Testament*», págs. 115-116): De acordo com a numerologia pitagoreana, o «666» é o chamado número triangular, sendo a soma dos números de «1» a «36», inclusive; além disso, o «36» é, em si mesmo, a soma dos números de «1» a «8». Portanto, o «666» se reduz ao «8»; e esse é o número significativo em Apo. 17:11, pois o anticristo será um dos sete, mas também será o oitavo imperador romano, de acordo com os cálculos do vidente João. Portanto, «8» é o temível número demoníaco do anticristo. Pelo método aqui usado, é similar ao «666» e aponta para o mesmo indivíduo. Poderíamos supor, assim sendo, que o «666» é um «número

humano», equivalente ao demônio «8». Seja como for, o presente versículo, bem como aqueles que aparecem em Apo. 13:2,12,14 e 17:11, apontam para o «Nero redivivo» como o anticristo. Tudo isso é muito engenhoso, mas não dispomos de meios para saber se o vidente João se deixou envolver pela numerologia pitagoreana ou não. Entretanto, embora não saibamos dizer com certeza se essa forma de numerologia nos leva à solução correta, o que já foi dito acerca do «Nero redivivo» faz bom sentido.

5. O teólogo sueco Petrelli aplicou esse número a Joseph Smith, fundador do mormonismo; mas isso é apenas uma curiosidade histórica e interpretativa.

6. Alguns místicos modernos têm dito que o anticristo nasceu a 5 de fevereiro de 1962. Talvez seja uma coincidência curiosa que adicionando os números da data desse ano, temos  $1 + 9 + 6 + 2 = 18$ , ou seja, três  $\times$  6 ou 666. Não sabemos se isso se reveste de significação, mas confiamos que o anticristo já está vivo. E nós e certamente nossos filhos, teremos de defrontar-nos com ele.

7. O número 666, no sentido profético, pode ter um significado ainda desconhecido, que somente o futuro pode nos revelar.

*Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:*

1. Talvez não haja capítulo mais importante e oportuno, em todo o N.T., do que este décimo terceiro capítulo do Apocalipse. Isso é especialmente verdadeiro se, conforme cremos, o anticristo e seu falso profeta são indivíduos, e não instituições ou condições históricas, e se já estão vivos a face da terra. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era», quanto a indicações sobre a validade dessa afirmativa).

#### Capítulo 14

### IX. Sete Visões dos Adoradores do Cordeiro e da Besta (14:1-20)

#### 1. Os Mártires do Cordeiro (14:1-5).

Se nos lembrarmos que o Apocalipse é, essencialmente, um «manual dos mártires», isto é, instruções para os mártires em potencial da igreja, tanto dos primeiros séculos do cristianismo quanto da época da tribulação, então este capítulo se revestirá de sentido. O autor sagrado já aludira aos mártires selados, os «cento e quarenta e quatro mil», os quais não podem ser prejudicados, em última análise, pelas maquinacões da impiedade (ver o sétimo capítulo do Apocalipse). Não há razão para supor-se que os «144.000» do presente capítulo não devam ser identificados com aqueles. O fato que não são especificamente distribuídos aqui entre as doze tribos, doze mil para cada tribo, é apenas incidental. E o fato que eles são celibatários (esse detalhe não é mencionado no sétimo capítulo) também não favorece a sua separação em dois grupos distintos, pois o detalhe celibatário mais provavelmente é metafórico, visando frisar a pureza e a espiritualidade deles, em contraste com a horrível carnalidade e bestialidade dos seguidores do anticristo. Este capítulo foi escrito especificamente para estabelecer o contraste entre os adoradores do Cristo verdadeiro e os adoradores do falso Cristo, e o «celibato espiritual» torna-se a expressão simbólica que torna mais viva essa comparação. Este capítulo também procura fortalecer uma igreja cristã que inevitavelmente haverá de enfrentar uma perseguição extremamente ampla e devastadora, com inúmeros casos de martírio. Todavia, o triunfo dos seguidores de Cristo dar-se-á afinal, pois essa é promessa que lhes foi feita pelo Senhor.

Em favor da identificação destes cento e quarenta e quatro mil, com aqueles outros, referidos no sétimo capítulo deste livro, podemos apresentar os seguintes argumentos:

1. Já que esse número foi escolhido como um «símbolo» dos mártires cristãos (neste caso, dentre os gentios ou os judeus, conforme possa vir a ser o caso), seria supérfluo introduzir um novo grupo de «144.000», com a mesma função simbólica.

2. É altamente improvável que o vidente João tivesse introduzido um novo grupo de mártires sem alguma indicação definida de que precisa ser distinguido do grupo previamente descrito.

3. É natural supormos que João estava pegando o fio da meada de um tema anterior, ao invés de estar introduzindo um novo assunto, pois nada há que distinga este grupo daquele outro, aludido no sétimo capítulo, exceto a menção de que eram celibatários, o que é apenas uma descrição adicional dos mesmos mártires, e não uma marca distintiva de um novo grupo, em contraste com aquele outro.

4. As descrições dos capítulos sétimo e décimo quarto do Apocalipse coincidem estre si. Em ambos os grupos os participantes são «selados» em suas fronteiras. Neste capítulo, recebemos novas informações a esse respeito, a saber, que esse selo é constituído dos «nomes» do Cordeiro e do Pai. Essa informação é suplementar, não formando nenhum contraste. Essa descrição foi sugerida pelo fato que, no décimo terceiro capítulo, o autor sagrado menciona que a «marca» da besta consiste do valor numérico do nome do anticristo (ver Apo. 13:17,18).

Já que o trecho de Apo. 14:1-5 é essencialmente paralelo a Apo. 7:1-8, os temas que ali são comentados não serão repetidos aqui; antes, o leitor deve consultar aquelas notas. Os principais temas que devem ser consultados, são os seguintes:

1. Identificação dos «144.000», Apo. 7:4.
2. «144.000» como número simbólico, Apo. 7:4.
3. O selo nas fronteiras, Apo. 7:2.
4. Significação da selagem nas fronteiras, Apo. 7:3.

*Descrição em sete aspectos desse grupo, conforme o presente décimo quarto capítulo:*

1. Eles têm o sinal do verdadeiro Cristo, o «selo» em suas fronteiras, o que faz contraste com aqueles que trarão a marca do anticristo, descrita em Apo. 13:16. Esse sinal envolve, em ambos os casos, o «nome» de Cristo ou do anticristo; e isso alude a uma absoluta identificação, dando a idéia de posse, de comunhão íntima com o bem ou com o mal, respectivamente. No caso dos seguidores de Cristo, essa marca também envolve a paternidade de Deus, pois o seu nome também faz parte do «selo», conforme se vê no primeiro versículo deste capítulo.

2. Esse grupo de mártires tem um novo cântico a entoar, ou seja, uma nova espécie de desenvolvimento e relação espirituais com Cristo. Eles ilustrarão como se pode ser mais semelhante ao Senhor, de acordo com o princípio da transformação segundo a imagem de Cristo, a participação em sua natureza, que é o alvo mesmo do crente. (Ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29, quanto a notas expositivas completas acerca desse tema. Comparar ao novo cântico de Apo. 5:9,10). Eles «cantarão» por ter-lhes sido dada a vitória do martírio, por terem triunfado sobre as maiores astúcias de Satanás, praticadas através de seu falso Cristo. O próprio Cristo, embora Filho, aprendeu a obedecer por meio do que sofreu, e dessa maneira tornou-se o Pioneiro do caminho do sofrimento humano, o que conduz à piedade. (Ver Heb. 5:8,9 e também o terceiro versículo deste capítulo).

3. Eles são comprados ou *remidos* da terra, tornando-se possuidores de uma possessão celestial. (Ver Rom. 3:24 e I Cor. 1:30, em suas notas expositivas, acerca da «redenção»). Ver também Rom. 5:11 quanto ao sumário sobre a «expição». São um grupo seleto da igreja dos últimos dias, os mártires que forem vitimados pelo anticristo. Porém, visto terem sido «selados», suas almas estão seguras em Cristo, pelo que triunfarão, afinal de contas. Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito como um manual para

2. Quanto à discussão exposta por Irineu, acerca do número do anticristo, ver v. 28.2.

3. O número do anticristo é o triplice «seis», o número do homem, um menos que o «sete», o número da perfeição divina. Embora ele venha a ser indivíduo revestido de tremendo poder, será a epitome da imperfeição humana, do ponto de vista espiritual. Ele incorporará tudo quanto significa perdição e maldade no homem. Jesus Cristo, por outro lado, incorpora tudo quanto indica a perfeição para o homem, pelo que é o nosso alvo e padrão de vida. O anticristo é o padrão do que deve ser evitado na inquirição espiritual, pois ele será a obra-prima do engodo satânico, em falsidade e destruição. Assim como há a trindade divina, que poderia ser representada pelo «777», também haverá a trindade satânica, composta do próprio diabo, de sua besta saída do mar e de sua besta saída da terra; e o caráter malévolos dessa trindade satânica é simbolizado pelo «666».

4. O anticristo imita o ser divino. No entanto, será apenas um ser humano depravado. Isso é o que não todos os homens destituídos de Cristo. O anticristo será o homem supremamente destituído de Cristo.

5. Há algumas dúvidas acerca de qual das duas bestas se aplica o número «666». É quase certo que indica a primeira, a besta saída do mar. Esse é o «Nero redivivo», conforme se vê nas notas expositivas sobre Apo. 13:2,12,14 e 17:11.

6. Os orientais e os escritores de apocalipses antigos gostavam de modos de expressão simbólicos, enigmáticos e cripticos. O vidente João provavelmente compartilhava desse gozo, embora também tivesse suas razões para empregar tal método. Queria transmitir algo que somente seus leitores pudessem entender, sem intensificar as perseguições que já se processavam, o que sucederia se viesse a ofender aos romanos. (Isso pode ser comparado com formas similares de expressão em Apocalipse de Baraque 28:1.2; *Oráculos Sibilinos* 1:14) e s.: Barnabé 9:8, o que é zombado por Luciano, em *Alex. II*).

os mártires cristãos, e não para a nação de Israel, pelo que é errado não ver a igreja do Cristo em tudo isso. João não escreveu para alguma «audiência fantasma» (ver o terceiro versículo deste capítulo).

4. Eles possuirão uma castidade especial, além de santidade e pureza — a transformação moral segundo a própria natureza moral de Cristo, porquanto são «virgens», o que, mui provavelmente, deve ser entendido metaforicamente. João descreve, com esse uso, a conformação moral daqueles crentes com Cristo, contrastando pessoas tão santificadas com os seguidores ímpios e corruptos do anticristo (ver o quarto versículo deste capítulo).

5. Eles serão companheiros especiais do Cordeiro, — haverão de segui-lo por onde ele for. Certamente isso indica a participação na família divina, o tema que figura em Heb. 2:10 e ss. Também fica sugerido o ofício pastoral de Cristo, e como os mártires serão beneficiados com isso. Apesar de que antes foram privados até mesmo do alimento necessário, não lhes sendo permitido nem ao menos comprar comestíveis, por causa da tirania do anticristo (ver Apo. 13:17), agora todos terão suas necessidades abundantemente satisfeitas (ver o quarto versículo deste capítulo).

6. Eles serão não apenas remidos, conforme se nota no ponto «3», acima; mas, sendo remidos, tornar-se-ão os *primogênitos* da grande colheita que Deus separa de entre a humanidade. E isso mostra claramente que o mal, até mesmo o anticristo, a encarnação de Satanás, poderá ser vencido por homens leais a Cristo. Nessa vitória, haverá uma grande colheita de almas.

7. A sétima descrição se assemelha ao ponto «4», acima, quanto à sua natureza. Eles não tinham engodo ou ludíbrio. Serão o oposto mesmo do anticristo, o arquienganador, e seus seguidores, os quais viverão enganando e sendo enganados, enquanto promovem seu ímpio culto ao anticristo. Isso significa que os «cento e quarenta e quatro mil» serão aperfeiçoados moralmente, conforme é requerido em Mat. 5:48, por participarem verdadeiramente na santidade de Deus, o que é exigido dos remidos, em Rom. 3:25.

Objetivo do capítulo à nossa frente. Entre outras coisas, devemos observar que este capítulo foi escrito para encorajar a igreja cristã, que enfrentava uma perseguição generalizada, e que levaria à morte grande número de seus membros. Historicamente, isso sucedeu. Quando escreveu o vidente João, a igreja sofria sob Domiciano. Mas o autor sagrado esperava que, não muito depois, haveria a perseguição movida pelo anticristo, o «Nero redivivo», o oitavo dos imperadores, de conformidade com seus cálculos. (Ver Apo. 13:3, 12:14 e 17:9 e ss., quanto a notas expositivas sobre essas expectativas). Profeticamente falando, isso também será uma verdade. Nos dias do anticristo será promovida a pior das perseguições religiosas de todos os tempos, a qual visará à igreja cristã. E o culto falso que se formará em torno do anticristo fará o comunismo parecer santo e gentil, em comparação. Isso nos envolve, é claro, na «questão do arrebatamento», o que é comentado com abundância de detalhes em I Tes. 4:15. (Ver também as notas de introdução ao quarto capítulo do Apocalipse, acerca desse problema).

As três visões do presente capítulo, são as seguintes: 1. Nos versículos primeiro a quinto — visão dos mártires glorificados em companhia do cordeiro, no Monte Sião. Isso pode suceder nos céus ou na terra, e pode indicar o reino milenar, embora certamente ultrapasse até a isso. 2. Nos versículos sexto a décimo primeiro — visão do juízo que sobrevirá ao império romano anticristão e seus aderentes, com seus tormentos eternos. (Essa passagem pode ser comparada com Apo. 16:17—18:1). 3. Nos versículos catorze, dezoito a vinte — visão do juízo executado pelo Filho ao anticristo. (Isso pode ser comparado com Apo. 19:11-21 e 20:7-10).

**14** Καὶ εἶδον, καὶ ἰδοὺ τὸ ἀρνίον ἐστὸς ἐπὶ τὸ ὄρος Σιών, καὶ μετ' αὐτοῦ ἑκατὸν τεσσαράκοντα τέσσαρες χιλιάδες ἔχουσιν τὸ ὄνομα αὐτοῦ καὶ τὸ ὄνομα τοῦ πατρὸς αὐτοῦ γεγραμμένον ἐπὶ τῶν μετώπων αὐτῶν.

14 I êkarôn...χιλιάδες Re 7:4, 14:3 ἔχουσιν...αὐτῶν Eze 9:4; Re 3:12; 7:3

1 to 1º] em 3º TP 1 20398 fm 5

14:1: I êkarôn, e eis a Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que traziam na fronte escrito o nome dele o o nome de seu Pai.

...Oêkarôn..., em visão mística, naturalmente, conforme se comenta em Apo. 1:10.

...Cordeiro... (Ver as notas expositivas em Apo. 5:6 e João 1:29, quanto a Jesus como «o Cordeiro»). Esse título é freqüentemente usado no Apocalipse. Há uma lista de seus usos nas notas sobre Apo. 13:8. Subtendente as idéias de «redenção» (comentada em I Cor. 1:30 e Rom. 3:24) e «expição» (comentada em Rom. 5:11).

...em pé sobre o monte Sião... A cena ocorre sobre o monte Sião, que é de importância proeminente nas expectativas apocalípticas e nas esperanças judaicas, o que foi incorporado nas predições da igreja cristã. Em Miq. 4:6-8, vê-se como Deus convoca o remanescente fiel ao monte Sião, como lugar onde receberão as bênçãos celestiais, após o dia do juízo, quando os ímpios forem derrotados em todas as suas forças. (Comparar com Joel 2:32; Isa. 11:9-12 e 40:1-46:13). Em alguns pontos da literatura judaica, o Messias é quem convocará o seu povo para essa unificação triunfal. (Ver II Esdras 13:32-39). Aquela passagem tem muito em comum com este trecho do Apocalipse. (Ver também Salmos de Salomão 17:26-28, onde o Messias reúne os fiéis em Jerusalém, sobre os quais governará com justiça).

É apenas natural que, nos documentos cristãos, tais expectativas tenham Cristo como agente e objeto dessa convocação, pelo que, nesta passagem, é o «Cordeiro» que recolhe os mártires, a fim de abençoá-los. O trecho de Marc. 13:27 alude a como, em seu segundo advento, Cristo recolherá os seus eleitos de uma à outra extremidade da terra. O trecho de Heb. 12:22 concorda com esse ajuntamento no monte Sião, bem como na presença dos anjos. Esse «monte Sião», naturalmente, é algo celeste, e não algum monte à face da terra. O trecho de II Esdras 2:42-48 oferece um paralelo bem próximo desta passagem, pintando a multidão a revestir-se de suas vestes de imortalidade, todos eles reunidos em Sião, ocupados em ardente louvor ao Senhor, que lhes permitiu triunfar. Naquela passagem, um jovem de grande estatura, o «Filho de Deus», é visto a pôr coroas sobre as cabeças dos vitoriosos, entregando-lhes palmas para levarem, o que, naturalmente, são detalhes simbólicos. Ali a multidão é constituída por aqueles que prestaram lealdade ao Filho de Deus, em meio a este mundo pecaminoso e violento, os quais sofreram o martírio devido à sua fidelidade. A semelhança com a narrativa do Apocalipse é óbvia.

Do que consiste o monte Sião? Mais provavelmente é uma cena nos céus, o centro da adoração celeste, por assim dizer, em consonância com o trecho de Heb. 12:22. Alguns milenistas vêem aqui o monte literal de Sião, diante de Jerusalém; mas essa idéia é muito menos provável. Outros vêem as localizações celeste e terrena, combinadas em uma única figura, o que, naturalmente, envolveria o milênio. O sétimo capítulo do Apocalipse

localiza os mártires nos céus, não havendo razão para supormos que a localização de sua existência e de seu louvor tenha sido modificada na presente passagem. Sião é mencionado no N.T., nas seguintes referências: Mat. 21:5; João 12:15; Heb. 12:22 (onde o leitor encontrará a nota geral a respeito); I Ped. 2:6, e aqui. A palavra «Sião» significa «monte ensolarado». Ainda que tal palavra tenha uma lata aplicação (incluindo até mesmo o local do templo de Jerusalém, algumas vezes), indica a colina mais oriental das duas sobre as quais Jerusalém foi edificada. Era também chamada «cidade de Davi» (ver II Sam. 5:9 e I Crô. 11:8). Algumas vezes é vocábulo empregado como sinônimo de Jerusalém. O monte Sião também é identificado como a Jerusalém «lá de cima» (ver Gál. 4:26), e com a cidade de Deus nos céus (ver Heb. 12:22). Essa espécie de uso «espiritual» do termo que se evidencia neste versículo.

...cento e quarenta e quatro mil... Já comentamos amplamente isso no sétimo capítulo. (Ver as notas expositivas em Apo. 7:4 quanto à identificação desse grupo. Nessa referência também se comenta sobre a natureza simbólica desse número). Tomamos a posição que isso alude, essencialmente, aos «mártires cristãos». Mais especificamente ainda, em seu sentido profético, estão em foco os mártires da igreja (o Israel espiritual), durante o tempo da tribulação. Mas isso não exclui o Israel literal, porquanto os judeus também estarão envolvidos nisso, já que os piedosos daquela nação se misturarão com a igreja cristã naquele período. Quase todos os comentaristas e eruditos vêem aqui o Israel espiritual, a saber, a «igreja». Lembremo-nos que, historicamente falando, o Apocalipse foi escrito para os mártires cristãos, e não para a nação de Israel. E o que é verdade «histórica», tornar-se-á também uma verdade «profética». Este capítulo foi escrito para consolar e fortalecer à «igreja», que sofria perseguições às mãos dos imperadores romanos. Isso se evidencia por todo o livro, e não apenas aqui. Uma vez mais a igreja sofrerá sob o império romano revivido, sobre o qual o anticristo será o terrível «Nero» dos últimos dias. O Apocalipse antecipa essa situação em suas visões proféticas. Por conseguinte, a igreja é uma figura central por todo o Apocalipse, e não a nação de Israel, e com isso concordam quase todos os intérpretes.

...frontes escritos o seu nome e o nome de seu Pai... Esse é o «selo» dos mártires, que os protegerá até que completem sua missão; e mesmo depois do martírio garantirá o seu bem-estar espiritual, a saber, a imortalidade de suas almas, em um mundo celestial imensamente bem-aventurado. (Ver Apo. 7:2,4 e suas notas expositivas sobre esse «selo»). Neste ponto aprendemos que o «selo» consiste dos nomes do Filho e do Pai. Isso faz contraste com a «marca» da besta, que é o nome da besta, numericamente calculado. (Ver Apo. 13:17,18 acerca disso). Neste ponto, os santos, os mártires, são «assinados», isto é, são declarados conhecidos por Deus, sendo resguardados de todo o dano final. (Ver Apo. 3:12 quanto a notas



expositivas sobre o que está implícito no fato que um homem tem gravado em sua testa o nome de Deus). Neste ponto vê-se que esse «nome» é mediado através do «Filho», pois seu nome também será gravado sobre os mártires. Isso indica cuidado, posse, selagem, reconhecimento, razão para consolo, porquanto a vitória sobre a morte é inevitável. Todo aquele dotado do nome eterno infalivelmente receberá abundante imortalidade. Os mártires da Grande Tribulação terão os nomes do Filho e do Pai porque estarão inteiramente dedicados a eles, e neles haverão de encontrar expressão eterna, o que redundará na glória do Senhor e no bem-estar espiritual deles. (Ver as notas expositivas sobre Apo. 22:4, onde esse nome é somente o nome de «Deus».)

*Outras idéias sobre o primeiro versículo do décimo quarto capítulo:*

1. O sinal do Cordeiro:

*Acima das colinas do tempo rebrilha a cruz,  
Bela como o sol, quando a noite se faz dia;  
E dali a pura luz do amor se derrama ricamente,  
Para limpar o coração e banir o pecado.*  
(Thomas Tiplady)

2. Os santos sem mácula, sinal de perfeição, de terem obtido a transformação moral em Cristo, e, portanto, de terem obtido a vitória sobre o pecado e as obras más, é o que este versículo nos apresenta.

3. O «Cordeiro» fora morto, mas agora triunfa! Por igual modo os mártires que tiveram seguido seus passos até à morte agonizante, infligida por homens desavairados e ímpios, haverão de triunfar!

2 καὶ ἤκουσα φωνὴν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ὡς φωνὴν ὑδάτων πολλῶν καὶ ὡς φωνὴν βροντῆς μεγάλης, καὶ ἡ φωνὴ ἦν ἡκουσα ὡς κιθαριζόντων κιθαριζόντων ἐν ταῖς κιθάραις αὐτῶν.

2 ὡς φωνὴν ὑδάτων πολλῶν Em 1:34; 43:2; Re 1:13; 19:6

14:2: E ouvi uma voz de céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de uma grande trovão; e a voz que ouvi era como de harpistas, que tocavam em suas harpas.

«...Ouví uma voz...» As visões místicas incluem fenômenos visuais e auditivos. A descrição da «voz» é similar a várias outras que aparecem no Apocalipse, de tal modo que essas expressões são quase um lugar comum. (Comparar com Apo. 1:15, onde se lê sobre uma voz que soava como «muitas águas»; Apo. 4:1, sobre uma voz «como de trombetas»; Apo. 5:2, uma «grande» voz, o que também figura em Apo. 5:12; 6:10 e vários outros lugares; Apo. 10:3, uma «grande» voz, como de leão. E nos trechos de Apo. 4:5; 6:1; 8:5; 11:19 e 19:6, a voz é associada ao «trovão», conforme também se vê no presente texto. Há quase sessenta ocorrências da «voz», neste livro, e com certa variedade de descrições.

«...muitas águas...» Já comentado em Apo. 1:15.

«...de grande trovão...» Já comentado em Apo. 6:1.

«...como de harpistas quando tangem...» Agora a «voz» assume uma qualidade musical, produzida por instrumentos de cordas. Essas «harpas» eram realmente mais similares à nossa «guitarra» do que realmente ao instrumento que chamamos modernamente de «harp». A «kithara» era uma espécie de lira; e é desse vocábulo que se deriva nossa palavra moderna, «guitarra». Todavia, nos tempos antigos havia certa variedade de «harpas», que se assemelhavam um pouco com a guitarra, sendo possível que essa seja a referência tencionada. Vincent, em Apo. 5:8, afirma que o instrumento em questão é uma espécie de alaúde, um instrumento de forma triangular, com sete cordas, que posteriormente se tornaram onze. Josefo menciona um instrumento desse tipo com dez cordas. (Ver também Apo. 18:22 onde a «voz» dos harpistas é mencionada, pelo que esse simbolismo da «voz» das experiências místicas não se mostra isolado aqui, no Apocalipse). O grande som dos céus se transforma em uma música, e de natureza agradável. Tais simbolismos eram usados para mostrar a «bem-aventurança» daqueles que entrarem nos céus por meio do martírio; e isso visa consolar àqueles que em breve teriam de enfrentar as astúcias de Satanás, por meio da besta ou anticristo. Com base neste versículo é que se derivou a noção dos santos assentados em roda, nos céus, a tocarem harpas, como se essa fosse a principal ocupação naquele lugar. Nenhuma idéia assim é tencionada, entretanto. Antes, aprendemos aqui que o martírio conduz a uma maior bem-aventurança, à participação à música e à harmonia nas esferas celestiais mais elevadas. A alma libertada da discórdia e da violência que há sobre a terra, entrará no bem-estar e na harmonia dos céus.

3 καὶ ᾄδουσιν [ὡς]<sup>1</sup> ᾠδὴν καινὴν ἐνώπιον τοῦ θρόνου καὶ ἐνώπιον τῶν τεσσάρων ζώων καὶ τῶν πρεσβυτέρων· καὶ οὐδεὶς ἔδυνατο μαθεῖν τὴν ᾠδὴν εἰ μὴ αἱ ἑκατὸν τεσσαράκοντα τέσσαρες χιλιάδες, οἱ ἡγορασμένοι ἀπὸ τῆς γῆς.

<sup>1</sup> 3 [C] ὡς A C 051 1 1006 3042 2085 2073 3081 2432 [A] 1006 417 1011 1012 vg syr<sup>20</sup> Andrew<sup>10</sup> Ps-Ambrrose Beatus Haymo f. omis p<sup>o</sup> N 1<sup>o</sup> 046 04 1011

4. O fato de estarem sobre o monte Sião indica a «recompensa por sua fidelidade». (Ver sobre o tema das «coroas» em II Tim. 4:8; e dos «galardões», em I Cor. 9:14). As recompensas e coroas falam da extensão com que alguém participará da própria imagem de Cristo e sua natureza, o que resulta em glória proporcional. Tudo o mais é secundário a isso. (Ver Rom. 8:17,29).

6. Os mártires trarão gravado o nome do Pai porque são «filhos» de Deus. Há a participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4) para os remidos, a comunhão de natureza dentro da família divina (ver Heb. 2:10). Essas são conceitos extremamente elevados, com implicações sem limites. (Ver as notas expositivas nessas referências).

8. Os intérpretes da escola histórica tentam situar tudo isso no passado, apesar de termos aqui uma aplicação profética. Muitos intérpretes protestantes supõem estar aqui em foco a Reforma, com seus mártires e seu triunfo; mas essa interpretação erra totalmente o alvo. Os intérpretes da escola simbólica vêem aqui os conflitos de todos os séculos, o triunfo dos mártires, etc. cremos que a questão é muito mais específica do que isso. Assim como, historicamente, tinha uma aplicação definida aos tempos de João, assim também, profeticamente, terá uma aplicação específica nos tempos da Grande Tribulação.

7. Várias selas idólatras antigas marcavam as testas de seus seguidores com os nomes de suas divindades. (Ver Apo. 13:16 quanto à «marca» da besta, que discute sobre o pano de fundo dessa figura simbólica). Os mártires trarão o sinal santo do nome de Deus, indicando que foram especialmente dedicados ao Senhor. O fato de trazerem o sinal de Deus fará com que rejeitem a marca da idolatria, sobretudo a marca do anticristo.

8. Alguns identificam o monte Sião com a própria igreja. Na realidade, porém, o monte Sião é a localização dessa visão, e não o próprio grupo remido.

*Outras idéias sobre o segundo versículo:*

1. Os cantores evidentemente devem ser tidos como mártires. O tanger das guitarras (harpas) acompanha esse cântico celeste. Isso expressa harmonia e felicidade em seu novo estado.

2. «O caráter «celestial» da voz é o elemento principal; são sons de perfeição». (Lange, in loc.).

3. As vozes ouvidas são as dos mártires, embora também reflitam o cântico da igreja universal, devido à sua bem-aventurança e harmonia com os planos divinos. O terceiro versículo pode significar que o cântico é produzido pelos anjos, subsequentemente aprendido pelos «144.000» e entoado por eles.

4. Não há razão alguma para a suposição de alguma no sentido que os «144.000» estão «sobre a terra», pois o cântico e a música se faz ouvir nos céus. Na verdade, a cena inteira é celestial, embora vise produzir efeitos benéficos sobre a terra, na porção da igreja que continuar sofrendo perseguição e martírio.

5. Aqui, como por todo o livro, historicamente falando o texto fala da oposição bem-sucedida que a igreja ofereceu ao culto ao imperador. Muitos cristãos foram martirizados, mas não foram permanentemente prejudicados. Erram aqueles que buscam identificar essa cena com a Reforma protestante, ou com qualquer outro período subsequente da história eclesiológica, após o tempo do vidente João. cremos, todavia, que essa cena é profética, indicando a oposição que os crentes farão ao anticristo no futuro, quando o culto ao imperador houver de manifestar-se em moldes ainda mais horrendos, encabeçado pelo anticristo e seu falso profeta.

6. «...Assim como na antiguidade houve uma voz, vinda do céu, prestando testemunho em favor de Cristo, assim haverá ao redor da habitação dos santos, quando vozes celestiais serão ouvidas, plenas de majestade, de amplitude e doçura, como as dos ruidos do mar e do trovão se misturarem com a música das harpas celestiais. Isso nos traz à memória a magnificência do Salmo 29. Ali, os santos, já seguros em Sião, ouvem o som da voz de Deus ao redor deles, nos ruidos do trovão e do mar, ao mesmo tempo que, em seu santuário, os santos podem entoar hinos em louvor ao Senhor» (Carpenter, in loc.).

7. Alguns estudiosos pensam que esses mártires ainda estão sobre a terra; e outros dizem que eles estão tanto nos céus quanto na terra, e isso faz algum sentido como aplicação, posto que não como interpretação direta. O mais provável, porém, é que o quinto versículo mostra que a cena visa principalmente, mesmo que não exclusivamente, apontar para uma cena celestial. Os «mártires em potencial» serão encorajados ao ver algo do estado agradável daqueles que já foram martirizados e se acham ao redor do trono de Deus. As palavras «diante do trono de Deus», que figuram em algumas versões, não são autênticas neste ponto. Mas a «bem-aventurança» deles quase certamente alude ao seu estado «em espírito», após o martírio.

1826 1854 1859 2020 2053 2134 2344 καινή ᾠδὴν it<sup>40</sup> 1<sup>o</sup> syr<sup>20</sup> cop<sup>20</sup> 1<sup>o</sup> arm eth Methodius Origen Jerome Primianus Andrew<sup>10</sup> P Arethas

3 ᾄδουσιν ὡς ᾠδὴν καινήν Ps 33:3; 40:3; 98:1; 98:1; 144:9; 149:1; Is 42:10; Re 5:9 ἑκατὸν...χιλιάδες Re 7:4; 14:1

O peso da evidência externa em apoio à presença de ὡς (A C 1006 1841 2040 it (61) vg sir (ph) al), é quase igual ao que apóio sua ausência (p<sup>o</sup> N P 046 1611 1854 2053 (2344) it (gig) sir (h) cop (sa,bo) ara etí al). É difícil decidir se a palavra foi mecanicamente introduzida por copistas, como reflexo do vs. 2, onde ela figura por três vezes, ou se foi tirada, ou por acidente, ou por imitação a 5:9, onde a expressão ᾄδουσιν ᾠδὴν καινήν ocorre sem ὡς. A fim de representar o equilíbrio da evidência externa e das probabilidades de transcrição, o termo foi deixado, mas entre colchetes.

14:3: E cantavam um cântico novo diante do trono, a diante dos quatro seres viventes e dos «anjos»; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil, aqueles que foram comprados da terra.

Este versículo assume várias descrições e simbolismos, conforme já se viu em Apo. 5:8 e ss. e 7:10 e ss. (Ver as referências seguintes, quanto a notas

expositivas sobre itens comuns: Em Apo. 5:9, sobre o «novo cântico». Em Apo. 5:8, sobre os «quatro seres viventes». Sobre esses seres, ver especificamente Apo. 4:6 e ss., onde cada um deles é descrito individualmente. Ainda em Apo. 5:8, sobre os «vinte e quatro anciãos». Esses são mencionados pela primeira vez em Apo. 4:4 onde aparecem notas expositivas mais completas. Em Apo. 7:4, sobre a identidade dos «cento e

quarenta e quatro mil» e sobre a função simbólica desse número). Se todas essas notas expositivas forem consultadas, a mensagem total deste versículo terá sido comunicada. Não é de estranhar que os «144.000» tenham um «novo cântico», e que esse cântico seja referido como pertencente a todos os remidos, já que esse grupo seleto representa os remidos. Mas os «144.000» também apontam, mais particularmente, para os mártires da igreja durante os tempos passados do culto ao imperador (referência histórica) e durante os tempos futuros do anticristo (referência profética). Notemos, em Apo. 7:9, que é natural supor que os «144.000» representem a «grande multidão» de mártires de todas as nações, e, provavelmente, de todos os séculos. (As notas expositivas em Apo. 7:4 abordam as várias teorias sobre a identificação desse número).

Observemos que temos aqui uma reiteração da «cena do trono», que já fora exposta de várias maneiras, nas primeiras porções do Apocalipse. (Ver Apo. 4:2 quanto ao «trono existente nos céus», e quanto aos vários significados dados a isso. O trecho de Apo. 4:6 dá continuação à descrição da «cena do trono»). Naturalmente, pensamos que o trono é aqui uma figura simbólica, pois não se deve pensar em uma corte e um trono literais nos lugares celestiais, por assim dizer, bem no seu centro, onde Deus estaria literalmente assentado. Tais símbolos transmitem idéias e estados divinos, que não podem ser concebidos materialisticamente. (As notas expositivas sobre Apo. 4:2 abordam a questão).

**O novo cântico:** Não somos aqui informados sobre qual seria esse cântico. Em Apo. 5:9, porém, o autor sagrado não hesita em dizer-nos o que será. Fala da *redenção* que Cristo efetuou em escala universal, tornando-nos um reino de sacerdotes para Deus. Ainda que esses dois novos cânticos não devam ser identificados entre si, o presente versículo subentende que a «redenção» é o tema do cântico. O contexto instrui-nos que o tema terá algo a ver com o modo como os mártires, ainda que tenham sofrido horrivelmente sob o anticristo, encontrarão plena redenção, paz e vitória final nos céus, sobre todas as astúcias destruidoras de Satanás.

«...comprados...», isto é, «remidos», tal como em Apo. 5:9, onde aparecem notas expositivas completas. O Cordeiro é o Cordeiro «que foi morto», aquele que pagou o preço da redenção. (Ver as notas expositivas em Apo. 5:6,12 sobre esse pensamento). O sangue de Cristo foi aplicado aos mártires, conforme se vê em Apo. 5:9 e 7:14. (Quanto a notas expositivas completas sobre a *expição pelo sangue*, ver Rom. 3:25. Quanto à «redenção», ver Rom. 3:24 e I Cor. 1:30. Quanto à «expição», ver Rom. 5:11; onde são apresentadas as diversas teorias existentes a respeito).

#### Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Ver Apo. 7:10 e II Estras 2:42 quanto a passagens paralelas a esta. Isso pode ser comparado ao «cântico de Moisés», em gratidão a Deus, em exaltado louvor à graça divina. Supomos que tais fatores devem ser parte do «novo

cântico», como também o «novo cântico», de Apo. 5:9, inclui a idéia da «redenção».

2. Esse «novo cântico» não é a música laocívica e de ritmo quente, que caracteriza tantas de nossas igrejas modernas, para nada dizermos sobre o mundo. Antes, é um cântico celestial, com harmonia e graciosidade especiais, entoados por almas imaculadas. O caráter do crente determina a natureza desse cântico. Há um mau cheiro da morte na música mundana importada pela igreja. Sentimo-nos envergonhados por estarmos sujeitos a tal espécie de música. (Quanto a notas expositivas sobre a «música na igreja», onde há citações úteis relativas ao assunto, ver Col. 3:16).

3. Evidentemente, os anjos foram os primeiros a entoar o novo cântico. Então os «144.000» o aprenderam, pois, na realidade, é o cântico deles, embora ensinados pelos anjos. Em Apo. 6:9 os remidos entoam um cântico, mas os seres celestiais também são ali os primeiros a entoar tais louvores. Provavelmente o autor sagrado não procura estabelecer distinções exatas sobre quem canta e quem não canta. Os céus estão repletos desse cântico, ainda que se trate do cântico especial dos mártires, dos «144.000». Assim, pois, crentes menores não podem compreendê-lo e entoá-lo, porquanto sua experiência espiritual foi menos vital e menos dramática. Finalmente, todos os crentes, através do desenvolvimento espiritual, poderão entoar todos os cânticos celestiais. Em outras palavras, participarão de toda a harmonia e beleza do lugar, pois suas almas terão sido preparadas para tanto, mediante a transformação segundo a imagem e a natureza de Cristo.

4. Essa passagem se centraliza em torno do «elevado valor» dessas almas selecionadas. Ela faz-nos lembrar de Eze. 18:16 e 34:20, que aludem aos «primogênitos de meus filhos», que são os remidos.

5. No Talmude (Zohar sobre Números, fol. 70:4) temos a menção do «novo cântico»: «É dito em Sal. 97:1, 'canta ao Senhor um novo cântico'; um novo cântico, porque há um antigo cântico; mas esse novo cântico nunca foi usado pelos anjos em adoração ao Senhor, pelo que é novo». Os anjos nunca foram «remidos». Mas os «cento e quarenta e quatro mil» o foram, e isso adiciona um novo tema no caso dos homens, e do que os anjos não poderão participar.

6. «Nenhum espírito embodado pelos desejos terrenos poderá aprendê-lo... Em meio às vozes mundanas de Babilônia, os homens não podem ouvir e nem cantar corretamente o cântico do Senhor (ver Sal. 137:4)» (Carpenter, *in loc.*).

7. «O cântico é a expressão da vida interior, como também é a medida do desenvolvimento interior dos homens, e, semelhantemente, a medida de sua apreensão espiritual» (Charles, *in loc.*).

**Variante Textual:** As palavras «como que» (no grego, «os»), que resultam em «...entoavam como que novo cântico...», aparecem nos mss AC, 1006, 1841, 2040, no It(61), na Vg e no Si(iph), mas são omitidas pelos mss P(47), Alaph, P, 046, 1811, 1854, 2063, 2344, no It(igi), no Si(h), no Coplae, bol, no Ara e no Etl. Isso perfaz um quase perfeito equilíbrio nas evidências textuais. Poderia aquele termo grego ter sido acrescentado por atração ao segundo versículo, onde figura por três vezes; ou então poderia ter sido descontinuado por acidente, ou por imitação a Apo. 6:9, onde há uma expressão similar sem o «os» em português, «como que»). Portanto, a maioria dos críticos textuais inclui tal vocábulo no texto, embora entre colchetes, para indicar que sua autenticidade é dúbia.

4 οὗτοι εἰσιν οἱ μετὰ γυναικῶν οὐκ ἐμολύνθησαν, παρθένοι γάρ εἰσιν. οὗτοι οἱ ἀκολουθοῦντες τῷ ἀρνίῳ ὅπου ἂν ὑπάγῃ. οὗτοι ἠγοράσθησαν ἀπὸ τῶν ἀνθρώπων ἀπαρχὴ τῷ θεῷ καὶ τῷ ἀρνίῳ,

4 ἠγοράσθησαν] *πραειν* υπο *Ιησου* 046 051 82 1612 al | *απαρχη*] *απ αρχης* **K** *pc* i Prim

14:4: Estes são os que não se contaminaram com mulheres; porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes foram comprados dentre os homens para serem os primeiros para Deus e para o Cordeiro.

«...não se macularam com mulheres...» Essa declaração tem sido sujeitada a diversas interpretações, conforme se vê nos pontos abaixo:

1. Charles pensa que essas palavras estão fora de lugar, crendo que foram interpoladas por escribas antigos, simpatizantes do celibato. Se elas são uma interpolação, então provavelmente visavam ser entendidas literalmente. Contra essa teoria temos o simples fato que todos os manuscritos gregos e todas as versões incluem essa declaração. É difícil ver como algumas cópias do Apocalipse original, sem essas palavras, não chegaram até nós.

2. Alguns eruditos, que tomam essas palavras em sentido literal, e não metafórico, querem fazer-nos crer que elas se aplicam somente a contactos sexuais ilícitos, e não às relações matrimoniais. Portanto, a imoralidade é condenada por essas palavras, ficando demonstrada a boa natureza «moral» dos «144.000». Seriam esses os que respeitam o vínculo matrimonial, sendo fiéis a seus votos monógamos, em contraste com os pagãos, que tão pouco valor dão à pureza sexual, lançando mão das relações sexuais premaritais e do adultério. Porém, é difícil perceber, por qualquer distorção da linguagem ou do pensamento, como é que o ser fiel ou princípio da monogamia poderia ser chamado de «celibato». Isso seria uma linguagem bastante descuidada. A exibição de versículos do N.T., que *exaltam* o casamento, dificilmente pode ajudar-nos neste particular.

3. Alguns pensam que o «celibato» é aqui uma *idéia metafórica*, aludindo à abstinência de toda idolatria, como a que era exigida no culto ao imperador, ou como a que será exigida no culto ao anticristo. Essa idéia é possível, havendo para ela algum precedente bíblico, mas a maioria dos intérpretes não pensa que ela é correta. É verdade, porém, que a idolatria é comparada à prostituição, pelo que essa interpretação, pelo menos, é possível.

4. Há outros que pensam que o «celibato» é aqui literal, supondo que, nos tempos do culto ao imperador, ou então no futuro, nos dias do anticristo, houve e haverá muitos desses dedicados seguidores de Cristo, que preferem o celibato visando seu próprio desenvolvimento espiritual. Aqueles que defendem esse ponto de vista apontam para trechos como Mat. 19:12 e I Cor. 7:1,8,32,36, que mostram que tanto Jesus quanto Paulo favoreciam o celibato como meio de um superior desenvolvimento espiritual. Nesse caso, poderíamos indagar: Somente homens estarão envolvidos neste grupo, ou também haverá melhores no mesmo? O versículo, segundo essa perspectiva, requer que respondamos que somente varões estão envolvidos. Portanto, esse elevado desenvolvimento espiritual estaria franqueado exclusivamente

a homens, o que é uma idéia absurda. Portanto, preferimos pensar que a expressão é metafórica.

5. Muitos intérpretes parecem crer que devemos entender metaforicamente esse «celibato», isto é, salienta-se aqui a alta qualidade moral desses mártires ou mártires em potencial. É verdade que não se imiscuirão com imoralidades e idolatrias, mas o seu «celibato» significa que não se envolverão em *qualquer* iniquidade, nem vício, não sendo vencidos por *qualquer* astúcia ou engodo de Satanás. Parece ser essa a melhor maneira de compreender a questão. Notemos que, no quinto versículo deste capítulo, eles aparecem sem nenhuma «mentira» ou «mácula». A «qualidade moral», no presente versículo, é referida como uma espécie de *celibato espiritual*; e supomos que homens e mulheres estão igualmente em foco.

Devemos admitir que alguns bons intérpretes tomam a quarta dessas posições, e simplesmente entendem que o celibato, nas fileiras cristãs, em alguns lugares do mundo, tornou-se uma prática favorecida, e que o vidente João via nela um grande valor. Sabemos que o celibato era praticado pelos essênios e por alguns gnósticos, e vários dos primeiros pais da igreja vêm aqui o celibato literal. Poder-se-ia indagar, pois, por que João, se isso lhe era questão importante, não inclui tal item no sétimo capítulo, como parte daquela descrição sobre os «144.000», pois ali e aqui quase certamente se descreve o mesmo grupo. (Ver as notas expositivas acerca disso, na introdução ao primeiro versículo deste capítulo). Não há modo certo e absolutamente convincente de solucionar o problema. Mas o presente comentário prefere pensar em um «celibato metafórico», indicando um elevado desenvolvimento espiritual, a transformação segundo a imagem de Cristo, o que leva o crente a participar de sua pureza e de suas virtudes morais positivas.

«...seguidores do Cordeiro...» (Quanto ao «Cordeiro», que é título freqüentemente dado a Cristo, neste livro, ver Apo. 5:6. Consultar também João 1:29, quanto à doutrina envolvida nesse termo). Essas almas muito desenvolvidas e puras são «seguidoras» ou discípulas de Cristo, o qual, para elas, é o Cordeiro de Deus. Essas palavras se basiam, quase certamente, sobre as palavras de Jesus, em Marc. 2:14; 10:21; Luc. 9:59; João 1:43 e 21:19, que falam sobre as exigências do discipulado cristão e sobre o fato que Cristo chama a alguns para «seguir-lo». As exigências do discipulado cristão são elevadas, sendo requerida uma real santidade e fidelidade da parte daqueles que «tomam a cruz». O caráter dos «144.000» demonstra a seriedade envolvida no seguir a Cristo, como Pioneiro da autêntica fé religiosa. Notemos que, em Apo. 7:17, já vimos Cristo como o «Pastor»; e isso subentende o ato de «seguir», por parte de seus convertidos e aderentes. Não há cristianismo sem esse discipulado. «Seguir» e «fazer» são características dos fiéis, dos autenticamente convertidos, pois tudo o mais é

conversa vazia. Os discípulos de Cristo devem segui-lo até à morte (ver Mat. 10:38 e 16:24,25), e isso será exatamente o que farão os «144.000». João, o vidente, escreveu seu livro para mostrar que «vale a pena» seguir a Cristo, porquanto aqueles que fizerem não poderão ser atingidos pela segunda morte, não poderão sofrer qualquer dano permanente. Antes, haverão de seguir a Cristo na glória (ver Heb. 2:10 e ss.).

«...por onde quer que vá...» Isso certamente é um indicio de que o seguir fielmente a Cristo levará os «144.000» ao martírio. E também serve de advertência aos leitores do livro que, se seguirem a Cristo, provavelmente também serão martirizados. O vidente João requer uma total e inflexível dedicação da parte de seus leitores remidos. Solicita-lhes que reconheçam a maldade do mundo e as forças satânicas que o controlam, e exorta-os, por conseguinte, que se dediquem de modo completamente santo ao Senhor.

«...primícias...» Isso é dito acerca de Cristo, quanto à sua ressurreição, em 1 Cor. 15:20. Ele ressuscitou, e os remidos também ressuscitarão, na qualidade de «colheita» daquilo que ele foi o primeiro exemplar. Assim também os mártires são vistos como uma espécie de «melhores e primeiros» frutos do evangelho entre os homens, tornando-se uma «garantia» daquilo que o evangelho, eventualmente, produzirá entre os homens, trazendo à luz a mesma espécie de «fideis discípulos». No caso das primícias da colheita a seguir, a «redenção» deverá mostrar-se ativa, pois, do contrário, não haverá colheita. (Ver as notas expositivas a esse respeito em Apo. 5:9 e no terceiro versículo deste capítulo).

«...para Deus e para o Cordeiro...» O sentido dessas palavras é que as primícias e a colheita que se seguirá redundarão em louvor de Deus Pai e seu Filho, da mesma forma que a colheita de frutos da terra, entre os homens, é uma bênção. Isso é outra maneira de dizer «para a glória de Deus». Há certo deslignio no plantio, na semeadura e na colheita. Tudo visa agradar a Deus e redundar em sua glória. Mas podemos estar certos de que aquilo que beneficiar ao Senhor também haverá de beneficiar-nos, porque nosso destino é de compartilhar de suas obras e de sua natureza (ver 11 Ped. 1:4; Efê. 3:19 e Col. 2:10). Além desta passagem, ver também Rom. 8:23;

ὅ καὶ ἐν τῷ στόματι αὐτῶν οὐχ εὐρέθη ψεύδος· ἄμωμοι εἰσιν.

5 ἄμωμοι... ψεύδος Pa 32.2, Is 43.9, Zeb 3.13

15 [C] ἄμωμοι A C P 1854 2042 2053 2073 2081 it<sup>1</sup> d<sup>1</sup> e<sup>1</sup> h<sup>1</sup> vg<sup>1</sup> Tyronius Augustine Andrew Beatus ὅ καὶ ἐν τῷ στόματι αὐτῶν οὐχ εὐρέθη ψεύδος· ἄμωμοι εἰσιν. 1611 1828 1850 2020 2065 2138 2344 2432 ἄμωμοι it<sup>1</sup> d<sup>1</sup> e<sup>1</sup> h<sup>1</sup> vg<sup>1</sup>

ayr<sup>1</sup> h<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> b<sup>1</sup> arm eth Methodius Irgen Augustine Pa-Athanasius Andrew<sup>1</sup> Haymo Arethas ὅ καὶ ἐν τῷ στόματι αὐτῶν οὐχ εὐρέθη ψεύδος· ἄμωμοι εἰσιν.

A introdução da partícula conectiva γάρ (p<sup>o</sup> N 046 1006 1611 2344 it (61) vg (mss) sir (ph, h) cop (sa, bo) a) é uma adição natural feita por copistas, especialmente em face da expressão παρθένοι γάρ εἰσιν no versículo anterior; ao mesmo tempo que não há motivo por que o termo teria sido apagado. A forma sem γάρ (A C P 1854 2053 2081 it (gig) vg a), é mais solene, e inteiramente própria do estilo do autor sagrado (cf. 16:6). A forma ὅτι ἄμωμοι (051 2056 2073 2131 2254) é obviamente secundária.

Após εἰσιν dois manuscritos minúsculos (296 2049) e vários testemunhos latinos, seguidos pela Vulgata Clementina e pelo Textus Receptus, adicionam ἐνώπιον τοῦ θρόνου τοῦ θεοῦ. Onze outros manuscritos minúsculos (incluindo 424 617 1888 2018 2084) adicionam, após εἰσιν a cláusula οὗτοί εἰσιν οἱ ἀκολουθοῦντες τῷ ἀρνίῳ, uma glosa derivada do vs. 4.

14:5: E os seus bocas não se achou engano; porque são irreprocháveis.

A descrição do caráter moral dos mártires, iniciada no versículo anterior, prossegue aqui. Sem dúvida o vidente João pensava sobre os pagãos de seus dias, em contraste com os mártires. Apesar de todo o seu fingimento «religioso», aqueles eram homens ímpios e violentos; e isso nunca foi tão verdadeiro como quando do culto ao imperador. Esse culto apoiava à grande mentira de Satanás, levando à adoração a um mero homem. Assim também nos tempos do anticristo, o grande ludíbrio de Satanás, os homens se ocuparão da pior forma possível de idolatria. Será mister que apareçam homens «verazes» e puros para se oporem à mentira de Satanás e repelirem o seu culto corruptor. Os «144.000» serão assim. Eles não «negarão» a Cristo; não concordarão com a fraude diabólica do culto ao anticristo. Eles se manterão puros de toda a idolatria e imoralidade.

Sem a verdade não pode haver beleza e nem continuidade. Os esquemas de Satanás visarão à destruição da verdade e sua beleza. O mundo inteiro seguirá enfeitado ao anticristo, crendo em uma mentira, por se terem recusado a dar crédito à verdade. (Ver 11 Tes. 2:11). O próprio Satanás é o pai da mentira (ver João 8:44), e o seu homem será uma mentira viva. Nenhuma pessoa em quem haja a verdade de Cristo, entretanto, será enganado por ele.

«...não têm mácula...» O grego diz «amomos», forma negativa de «momos», isto é, «mácula», «culpa», «censura». Momus é o deus da culpa. Nada será encontrado nos mártires digno de «censura». Isso pode ser comparado com 1 Ped. 1:19, onde Cristo, na qualidade de Cordeiro de Deus, aparece «sem mácula», sem defeito, não podendo ser acusado de qualquer maldade.

«Sem a santificação ninguém verá a Deus» (ver Heb. 12:14). Geralmente damos pouquíssimo valor à santificação, esquecidos de que não pode haver salvação sem ela, o que também é demonstrado por 11 Tes. 2:13. (Ver 1 Tes. 4:3 quanto à nota expositiva detalhada sobre a «santificação»). Ninguém

16:5; 1 Cor. 15:20,23; 16:15 e Tia. 1:18, acerca do uso metafórico dessa palavra. Nos tempos do A.T., a produção agrícola inteira da terra era consagrada ao Senhor, mediante a apresentação das primícias, tal como a nação toda de Israel fora consagrada a Deus nos primogênitos. Quando da páscoa, na manhã após o sábado, um molho de cevada verde (antes que o trigo começasse a ser usado) era sacudido na presença do Senhor, o que era a oferta das primícias. No dia de Pentecoste, cinquenta dias mais tarde, dois pães de trigo (ver o vigésimo terceiro capítulo do livro de Levítico) tinham de ser assim oferecidos. Na festa dos Tabernáculos, no décimo quinto dia do sétimo mês, também se reconhecia diante de Deus pelos frutos da colheita, e o povo agradecia pela colheita e pelo sustento da vida. Além dessas ofertas de âmbito nacional, a lei exigia que os primeiros frutos maduros e líquidos fossem oferecidos pelos indivíduos (ver Exo. 22:29). Em tempos de apostasia, tais exigências eram abandonadas.

Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. Notemos a exaltada posição atribuída a Cristo, o Cordeiro. Os mártires serão, para ele, uma espécie de primícias; mas tal serão, igualmente, para o Pai. Não é provável que se pudessem dizer tal de um mero ser criado. Certamente a divindade de Cristo é aqui indicada, embora não seja diretamente ensinada. (Ver Heb. 1:3, quanto à nota de sumário sobre esse tema).

2. Os mártires seguirão ao Senhor: «Se ele for ao Getsêmani, até ali o seguirão; se ele for para o Calvário, eles tomarão suas cruzes e ali o seguirão. Se ele subir aos céus, até ali subirão eles, igualmente» (Wordsworth, in loc.).

3. Essas «primícias» foram adquiridas pelo preço espantoso do sangue de Jesus Cristo. Isso indica algo do valor prodigioso desses mártires.

4. O martírio conduz à glória—é isso que o versículo nos ensina, porque os mártires já chegam glorificados aos céus. Eles são as primícias dessa glória. Haverá uma imensa colheita para a glória. Esses são «remidos» «por» e «para» o Cordeiro. Isso nos faz lembrar do trecho de Col. 1:16. A criação foi feita «em Cristo», «por Cristo» e «para Cristo». O primeiro capítulo da epístola aos Efésios ensinam-nos a mesma coisa.

5. Características dos fideis: pureza, obediência implícita, discipulado árduo, separação do mundanismo, total veracidade.

será autêntico convertido, ou, pelo menos, ninguém permanecerá convertido, a menos que seja praticante da santificação. Devido à santidade é que compartilhamos da natureza moral de Cristo. E quando participarmos de sua natureza moral, haveremos de participar de sua própria forma de vida, isto é, de sua natureza, o que é comentado em 11 Cor. 3:18).

Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. Os mártires serão «sem mácula», tal como os sacrifícios do A.T. tinham de ser. Talvez pelo uso dessa palavra, neste ponto, fique subentendida a idéia que o martírio dos fideis é um «sacrifício» agradável a Deus.

2. «Um crente pode ser não apenas remido, mas também pode servir de sacrifício oferecido no interesse do Redentor» (Moffatt, in loc.).

3. «Eles (os mártires) se põem de pé sobre o monte Sião, juntamente com Cristo, por terem cumprido eminentemente esse caráter, e por serem semelhantes a Cristo em tudo» (Alford, in loc.).

4. Os «prodígios» do anticristo são denominados «sinais e prodígios da mentira», em 11 Tes. 2:9. Tais prodígios são falsas, como suas obras também serão falsas, por mais poderosas que pareçam ser. Poderão ser «reais» no sentido de não serem meros «truques», mas não conduzem a ninguém ao verdadeiro Deus; antes, afastam os homens de Deus e do seu Cristo. Naqueles dias, os crentes terão de repulir ao pseudoculto ao anticristo.

5. Há uma nota expositiva detalhada sobre os «males da mentira», em Col. 3:9, onde também se destaca a necessidade da veracidade. A «mentira» está ali associada à natureza carnal «antiga», o que é uma contradição para o homem espiritual.

Variante Textual: As palavras «diante do trono de Deus», se acham nos manuscritos minúsculos 206 e 2049, como também em várias versões latinas; e com base em evidência textual tão pequena elas passaram para o Textus Receptus. Porém, as mas P(47), Aleph, AC, 046 e, na verdade, todos os manuscritos unciais, omitem essas palavras, conforme também o fazem quase todas as versões. A evidência textual contra a inclusão dessas palavras é irrefutável.

IX. Sete visões dos Adoradores do Cordeiro e da Besta (14:1-20).

3. Ordem angelical à adoração (14:6,7).

A secção à nossa frente faz-nos lembrar, até certo ponto, da águia descrita em Apo. 8:13, que voava pelo meio dos céus e fazia uma proclamação em grande voz, a saber os três ais acerca dos habitantes da terra. A proclamação angelical dos nossos versículos constitui a segunda visão deste capítulo, diretamente relacionada aos adoradores do Cordeiro e aos adoradores do anticristo. Há um verdadeiro evangelho que contradiz o culto ao anticristo. Esse anjo voa pelos céus e adverte insistentemente aos homens acerca do erro se se deixarem envolver pelo culto ao anticristo. Historicamente falando, os versículos falam dos avisos divinos aos habitantes da terra quanto ao culto ao imperador. Profeticamente, vemos as advertências divinas aos homens



do futuro período da tribulação, os quais, gradualmente, serão envolvidos pelas reivindicações de divindade e supremacia feitas pelo homem do pecado. Mas os homens não serão deixados sem um testemunho divino, e ninguém seguirá ao anticristo se não tiver preferido isso propositalmente. Todos saberão como fazer outra escolha. Certamente isso é o que fica implícito nesta seção.

O anticristo é um falso objeto da adoração dos homens. *Temamos a Deus*, adorando unicamente ao Senhor, porquanto a lealdade ao anticristo levará os homens ao desastre e ao julgamento inevitáveis. Deus é o Criador, pelo que é digno de nossa lealdade e adoração. Rejeitemos a esse falso deus de Satanás!

Conforme diz Charles (*in loc.*): «Versículos 6-11. Visão do juízo divino a ser executado contra o império romano e seus adoradores, quando três anjos fazem suas proclamações. O primeiro proclamará o evangelho eterno a todos os homens, cuja principal mensagem é que devem adorar ao Deus que criou os céus e a terra, porque é chegada a hora de seu juízo (6,7). O segundo anunciará, como algo já concretizado, a queda de Roma, a qual fez todas as nações beberem do vinho de suas fornicções (8). O terceiro proclamará que aqueles que se submeterem às ordens de Roma terão de participar do tormento eterno que a esperam (9-11)».

6 Καὶ εἶδον ἄλλον ἄγγελον<sup>3</sup> πετόμενον ἐν μεσουρανήματι, ἔχοντα εὐαγγέλιον αἰώνιον εὐαγγελίσαι ἐπὶ τοὺς καθημένους ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐπὶ πᾶν ἔθνος καὶ φυλὴν καὶ γλῶσσαν καὶ λαόν,

<sup>16</sup> [C] ἑλλας ἀγγελον κ' A C P 081 1008 1611 2662 2066 2072<sup>a</sup> 2344 2432  
 jw. d. m. d. s. e. h. f. v. vg syriac<sup>h</sup> cop<sup>b</sup> arm Cyprian Maternus Tyconius  
 Virgilius Primasius Cassiodorus Ps-Ambrose Andrew<sup>s.cel</sup> Beatus Haymo /

ἄγγελος ἄλλος 1928 f ἄλλος (omil εἶδος) ἄλλος ἄγγελος εἰς f ἄγγελος  
 1904 194 1854 1856 2028 2042 2072 2081 2128 cop= Onigen Victorinum-  
 Peitau Ambrose Andrew<sup>h.v.</sup> Aruthas f ἄλλος Tyconium

A forma mais difícil, fortemente apoiada por A C 1006 1611 2053 2344 it (gig.(61)) vg sir (ph,h) cop (bo) ara Cipriano *al*, é preferível. A ausência de ἄλλων (<sup>p7</sup> N\* 046 maioria dos minúsculos cop (sa) Orígenes *al*) ou foi uma omissão accidental (devido à similaridade das primeiras letras (ἄλλων e ἄγγελον)) ou, mais provavelmente ainda, foi uma excisão deliberada, devido à sua aparente falta de relevância (pois nenhum anjo individual fora mencionado desde 11:15).

**14:6: E vi outra anja voadora pelo meio da céu, e tinha um evangelho eterno para preclamar aos que habitam sobre a terra e a toda nação, e tribo, e língua, e povo.**

...Vi... Em visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 quanto a tipos de visões e outras experiências místicas).

...outro anjo...

*Variante Textual:* As palavras «outro anjo» quase certamente representam o texto correto, já que é a forma mais difícil. Aparece nos mss AC, 1006, 1811, 2063, 2344, no It (fig. 61), na Vg, no Siph, h), no Cop(ia), no Ara e nos escritos de Cipriano. A palavra «outro», porém, é omitida nos mss P(47), Aleph(1), 046 e na maior parte dos manuscritos gregos minúsculos, como também no Cop(ia) e nos escritos de Orígenes. A palavra «outro» provavelmente foi omitida porque pareceu a algum escriba faltar-lhe relevância, já que nenhum outro anjo fora mencionado desde Apo. 11:15. Tal omissão, entretanto, poderia ser acidental, já que há letras gregas similares em «allon» e «*aggelion*», e o olho de um escriba poderia ter saltado das primeiras para as últimas letras finais, deixando em branco a primeira palavra.

O outro anjo parece ser mencionado em contradistinação aos demais anjos, que já haviam sido descritos. Talvez haja uma alusão a Apo. 10:1, onde um anjo proclamou a condenação iminente do mundo (império romano), pelo que este novo anjo, que faz a mesma coisa, é um «outro-anjo. Alguns intérpretes, porém, supõem haver aqui alguma forma de erro primitivo, no texto grego do Apocalipse, pensando que a palavra «outro» é inteiramente supérflua, embora faça parte do original. Esse «erro» poderia ser um equívoco da mente ou da pena, feito pelo vidente João, ou então uma espécie de repetição do que aparece em outros lugares. Ou então, «outro anjo» poderia significar «outra águia» (ver Apo. 8:13), que os escribas teriam modificado para «anjo».

Alguns eruditos identificam esse «anjo» com o de Apo. 6:2, do primeiro selo, ou então com o anjo da trombeta do terceiro julzo, em Apo. 8:10,11. Mas nada parece existir de genuíno nesse paralelismo.

...voando... Como que com asas. (Comparar com Apo. 8:13 e 19:17). Nas páginas do A.T., não é essa uma descrição comum dos anjos. Somente os últimos livros do A.T. e na literatura judaica do período helenista é que temos essa descrição. (Ver Dan. 9:21). Esse simbolismo fala da rapidez e da revelação obviamente celeste, ou da visão espantosa, que tem por escopo chamar a atenção dos homens de todos os lugares.

...evangelho eterno... O evangelho é imutável, pelo que é eterno. Nenhum outro evangelho está em foco, além do evangelho de Cristo. Mas agora é isso contrastado com o «falso evangelho» do culto ao imperador (ponto de vista histórico), que estava prestes a desaparecer, ou com as perecíveis 'mas novas' que o anticristo forçará os homens a aceitarem, em adoração à sua pessoa (aspecto profético deste versículo). Outrossim, esse evangelho de Cristo envolve certas «advertências»; e esse é o aspecto agora destacado pelo autor sagrado, embora a mera menção do evangelho devesse levar-nos a pensar na graça de Deus para com os que se acham em Jesus Cristo, em todos os seus aspectos positivos. Esse evangelho, seja como for, faz vívido contraste com a mensagem falsa e perecível das forças satânicas. O mormonismo, erroneamente, pensa que temos aqui menção ao evangelho restaurado», ou seja, uma nova versão do evangelho, que teria sido revelada em sua própria religião, mas essa interpretação só pode satisfazer a seus inventores. Não se coaduna com esta passagem nem histórica e nem profeticamente. Historicamente, o evangelho falso do culto ao imperador é aqui combatido; profeticamente, a mensagem do anticristo é posta em confronto com o evangelho eterno, e em nenhuma dessas aplicações resta lugar para as idéias do mormonismo. O culto ao imperador antecedeu em muito ao seu aparecimento, que só se deu no século passado; e o aparecimento do anticristo só ocorrerá no futuro. (Ver a nota de sumário sobre o «evangelho», em Rom. 1:16). Esse evangelho, que oferece a vida aos homens, também promete o julgamento aos que o rejeitarem. Esse segundo aspecto é o que está em foco, essencialmente, neste versículo e no contexto em geral.

Temamos a Deus, e não ao imperador; adoremos a Deus, e não ao imperador. De outra maneira, seremos atingidos pelo juízo divino, e este

será temível. Essas palavras terão profunda e urgente aplicação nos fins dos tempos, quando surgir em cena a pessoa do anticristo. Veremos esses dias, ou, pelo menos, nossos filhos os verão.

...aos que se assentam sobre a terra...» Essa é a forma pela qual o vidente João fez uma aplicação absolutamente universal dessas declarações. Isso é reiterado nas seguintes referências: Apo. 5:9; 7:9; 10:11; 11:9; 13:7; 16:10 e 17:15. Naturalmente, nessas listas, há variações, pois nunca há exatamente o mesmo número de itens, embora permaneça de pé o intuito de expressar a ideia de universalidade. Aprendemos na Bíblia que todos os homens «saberão» que é errado adorar ao anticristo, pois haverá evidências divinas contrárias a ele, e as próprias consciências dirão aos homens que ele é perverso. Apesar de tudo, porém, ele conseguirá brandir uma corda responsiva nos seres dos homens incrédulos, e terminarão por prestar-lhe lealdade, porquanto será ele a epítome de toda a maldade que os homens descobrem em si próprios. O mal triunfará de modo universal. Mas a cada indivíduo será dado o direito de escolha. Ninguém seguirá cegamente a Satanás, pelo menos a princípio. Quão horrenda será a decisão de entregar a própria vida e a própria alma na encarnação mesma de Satanás!

Outras idéias sobre o sexto versículo:

1. «O autor do livro de Apocalipse não se esquece que o evangelho é um convite geral à humanidade. Assim, em meio a quadros que representam o grande cumprimento de terríveis juízos, há também o quadro de um anjo a voar pelo meio dos céus, oferecendo o evangelho eterno a toda nação, tribo, língua e povo. Os binos de convite, em número incontável, refletem essa chamada. No século XVIII, Gerhard Tersteegen escreveu: 'Deus chama ainda? E não ouvirei?' E Anna L. Barbauld, cuja longa vida atravessou a linha entre os séculos XVIII e XIX, escreveu:

Vem, disse a sagrada voz de Jesus.

Vem, e escolhe a minha vereda

«A grande proclamação é a tarefa suprema da igreja, em todos os séculos».  
(Hough, *in loc.*).

2. Curiosamente, Orígenes pensava que o «evangelho eterno» seria predição acerca de um outro livro sagrado a ser escrito. Deus poderia fazer isso, se quizesse fazê-lo; mas dificilmente é isso que está em foco neste ponto.

3. O evangelho é «eterno», ou seja, pertence à «eternidade», não estando sujeito à «passagem do tempo». Esse qualificativo não quer dizer apenas que não terá fim. E assim que os teólogos e filósofos empregam esse adjetivo. O evangelho pertence ao mundo eterno, tendo vindo do mesmo. Nada há de temporal no evangelho, porquanto pertence ao outro mundo de tal modo que tem um importantíssimo uso e aplicação a este mundo, em todos os séculos. Fala daquele que não conhece as barreiras do tempo, a saber, do Filho de Deus, sobre quem o evangelho nos ensina.

4. Os três anjos. Os intérpretes da escola histórica têm procurado encontrar essas três anjos nas páginas da história, pensando que representam personagens ou processos históricos. Alguns têm dito que o primeiro seria Wicliffe, o segundo Huss e o terceiro Lutero, havendo muitos outros arranjos similares que têm sido propostos por intérpretes protestantes, que interpretam tudo quanto há no Apocalipse de modo adverso a Roma. Rejeitamos a todas essas interpretações "históricas", pois preferimos ver nesses anjos poderes de instrução divina, se não mesmo seres angelicais literais, que instruído aos homens contra o anticristo, talvez empregando instrumentos e circunstâncias humanas.

6. Parece que nosso texto promete grande poder espiritual na igreja cristã da época da tribulação, quando o evangelho será poderosamente proclamado por todo o mundo, como se os crentes fossem diretamente auxiliados pelos poderes angelicais referidos neste versículo. Muitos, a despeito do poder tirânico do anticristão, deverão de converter-se ao Senhor. Israel, como nação, talvez faça parte desse grupo de convertidos, antes do fim do reinado do anticristão. Seja como for, Israel tornar-se-á poderosa e zelosa nação missionária, proclamando o evangelho de Cristo no século XXI.

6. A graça divina, assim sendo, antecede à temível condenação imposta aos incrédulos. Deus não deixará os homens sem oportunidade de ouvir o testemunho cristão.

7. Repelimos a idéia de que o «evangelho» possa ser mencionado independentemente da idéia da graça divina, operando em favor dos ouvintes. Certamente que o julgamento será o dedo da amorosa mão de Deus, por mais amargo que seja o juízo, por tratar-se de uma força que obrigará os homens a melhorarem, embora talvez isso só venha a produzir efeito já no estado eterno.

conforme se aprende em I Ped. 3:18-20; 4:6 e no primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Contudo, a ênfase do presente capítulo recai sobre a proclamação

feita pelos três anjos, com o temível julgamento dos adoradores do imperador (aspecto histórico) e dos adoradores do anticristo (aplicação profética).

7 λέγων ἐν φωνῇ μεγάλῃ, Φοβήθητε τὸν θεὸν καὶ δότε αὐτῷ δόξαν, ὅτι ἦλθεν ἡ ὥρα τῆς κρίσεως αὐτοῦ, καὶ προσκυνήσατε τῷ ποιήσαντι τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν καὶ θάλασσαν καὶ πηγὰς ὑδάτων.

7 τῷ...θάλασσαν Ex 20:11; Ps 148:6

14:7; dizendo com grande voz: Temei a Deus, a dai-lhe glória; porque é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

...em grande voz... Essa é uma expressão favorita do vidente João, acerca das mensagens místicas audíveis que recebeu. A grandeza da voz nos convoca a prestar atenção, considerando a importância da mensagem. (Essa mesma expressão aparece em diversos outros lugares: Apo. 1:10; 5:2,12; 6:10; 7:2,10; 8:13; 10:3; 11:12; 12:10; 14:9,15; 16:1,17; 19:1,17 e 21:3).

...Temei a Deus... Nada há de sentimentalismo, conforme se vê nos convites que caracterizam tantas igrejas locais. Antes, a mensagem vai direto ao âmago das coisas, o «temor de Deus». Sem dúvida isso aponta para o «respeito reverente», embora também envolva o temor verdadeiro, de natureza construtiva, que retira o que é supérfluo e mundano, dirigindo nossas mentes e almas para a grande realidade de Deus, o qual exige nossas almas, nossas vidas e nosso tudo. Essas palavras nos fazem lembrar da terrível aproximação de Deus, algo bem diferente daquele convite melífluo que parece dizer: «Faz a Cristo um favor, reconhecendo seus direitos em tua vida». Antes, essa adoração ao Senhor envolve um temor nobre. Incorpora uma solene grandiosidade que com tanta freqüência se ausenta de nossas expressões espirituais de hoje em dia.

Os maiores proclamadores da mensagem cristã sempre deram a entender que reverberavam o caráter espantoso da eternidade. Os senhores franceses do púlpito, na corte da França, não se olvidavam que estavam falando em prol do Rei de reis. Até hoje se pode ouvir as palavras de um daqueles grandes pregadores: «Somente Deus é grande!» (Hough, *in loc.*).

Essa expressão é judaica, pois aparece por inúmeras vezes no A.T., de onde passou para os livros do N.T. No A.T., dando alguns poucos exemplos, vemos-a em Gên. 20:11; Êxo. 18:21; Lev. 19:14; 25:17; Deut. 6:2,13,24; 10:12; I Sam. 11:7; II Reis 17:35 (a ordem para não temer «outros deuses»); I Crô. 16:20; Sal. 2:11; 19:9; Pro. 1:7; Ecl. 12:13; onde o temor de Deus e a observância de seus mandamentos são reputados um dever religioso que a tudo envolve. No A.T. as referências são quase intermináveis, e acima temos uns poucos exemplos. (Quanto ao N.T., ver Luc. 12:5; Atos 9:31; 13:16; Rom. 3:18, onde se aprende que a grande característica dos pagãos, dos pecadores e dos rebeldes é que não temem a Deus. Ver também II Cor. 7:11, onde se aprende que a santidade deve ser aperfeiçoada no temor de Deus; Efê. 5:21, onde se aprende que a conduta cristã é governada por esse temor; e I Ped. 2:17, onde se aprende que o temor de Deus é dever de todo homem).

...dai-lhe glória... O principal propósito da existência do homem, e por meio do que se atinge o bem-estar pessoal, é dar glória a Deus, porquanto então a sua glória é compartilhada conosco, em Cristo (ver II Cor. 3:18). Essa expressão também é extremamente freqüente no judaísmo, o que foi transferido para o cristianismo. No A.T. há alguns exemplos disso em Êxo. 24:16,17; 40:35; I Sam. 6:5; I Crô. 16:28,29,35; Sal. 19:1; 29:1,2; 96:8. (Quanto ao N.T., ver Luc. 2:14; Rom. 3:23; 11:36; 16:27; I Cor. 1:31; II Cor. 1:20; Gál. 1:5; Efê. 1:6; 3:21; Fil. 1:11; II Tim. 4:18; Heb. 13:21; I Ped. 5:10; II Ped. 3:18 e Jud. 25). No Apocalipse essa expressão também é freqüente. (Ver Apo. 1:6; 4:11; 5:12,13; 11:13 e 21:11,23, além do presente versículo). A glória é atribuída a Deus principalmente com louvores proferidos com a língua, mas também com a vida espiritualmente orientada, e através do serviço e da adoração que honram a Deus e caracterizam a vida do crente. Essa glória parece um «reconhecimento» apropriado quanto ao poder e a graça de Deus, e subentende a evidência tangível de uma vida «ideal» a Deus, como o grande Benfeitor.

...adorai aquele que fez o céu... João estava atacando a lealdade dos homens ao culto ao imperador. Somente Deus pode e deve ser «temido». Somente Deus é digno de ser «glorificado» pelos homens. E somente Deus

IX. Sete Visões dos Adoradores do Cordeiro e da Besta (14:1-20).

3. Condenação de Babilônia, centro da adoração (14:8).

O segundo anjo agora se adianta e prediz, mais detalhadamente, o que o primeiro deixara implícito. Babilônia (Roma) em breve cairá. (Apo. 17:9 e ss. é um trecho paralelo). Essa passagem mostra que o vidente João visualizava o fim de Roma após somente mais dois imperadores, deade o tempo em que escreveu seu livro, e, portanto, facilmente, dentro de seu próprio período de vida terrena. Nessa expectativa ele estava equivocado, embora profeticamente estivesse certo, ainda que não fizesse idéia de quanto tempo tudo isso envolveria. Também é possível que ele não tivesse entendido a dualidade de suas predições, porquanto se aplicavam, historicamente, ao culto ao imperador, e, profeticamente, ao fim dos tempos, com o anticristo e sua adoração.

8 Καὶ ἄλλος ἄγγελος δεύτερος ἠκολούθησεν λέγων, Ἐπεσεν, ἐπεσεν Βαβυλὼν ἡ μεγάλη, ἡ ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας αὐτῆς πεπότικεν πάντα τὰ ἔθνη.

\* 8 δεύτερος ἄγγελος A 046 1 192a 1859 2028 213a Primasius Cassiodorus Andrew\* Atet γ [C] ἄγγελος δεύτερος π\* (C δεύτερον) P 051 04 1011 2102 2063 2065 2073 2061 2432 1048 1049 1050 1051 1052 1053 1054 1055 1056 1057 1058 1059 1060 1061 1062 1063 1064 1065 1066 1067 1068 1069 1070 1071 1072 1073 1074 1075 1076 1077 1078 1079 1080 1081 1082 1083 1084 1085 1086 1087 1088 1089 1090 1091 1092 1093 1094 1095 1096 1097 1098 1099 1100 1101 1102 1103 1104 1105 1106 1107 1108 1109 1110 1111 1112 1113 1114 1115 1116 1117 1118 1119 1120 1121 1122 1123 1124 1125 1126 1127 1128 1129 1130 1131 1132 1133 1134 1135 1136 1137 1138 1139 1140 1141 1142 1143 1144 1145 1146 1147 1148 1149 1150 1151 1152 1153 1154 1155 1156 1157 1158 1159 1160 1161 1162 1163 1164 1165 1166 1167 1168 1169 1170 1171 1172 1173 1174 1175 1176 1177 1178 1179 1180 1181 1182 1183 1184 1185 1186 1187 1188 1189 1190 1191 1192 1193 1194 1195 1196 1197 1198 1199 1200 1201 1202 1203 1204 1205 1206 1207 1208 1209 1210 1211 1212 1213 1214 1215 1216 1217 1218 1219 1220 1221 1222 1223 1224 1225 1226 1227 1228 1229 1230 1231 1232 1233 1234 1235 1236 1237 1238 1239 1240 1241 1242 1243 1244 1245 1246 1247 1248 1249 1250 1251 1252 1253 1254 1255 1256 1257 1258 1259 1260 1261 1262 1263 1264 1265 1266 1267 1268 1269 1270 1271 1272 1273 1274 1275 1276 1277 1278 1279 1280 1281 1282 1283 1284 1285 1286 1287 1288 1289 1290 1291 1292 1293 1294 1295 1296 1297 1298 1299 1300 1301 1302 1303 1304 1305 1306 1307 1308 1309 1310 1311 1312 1313 1314 1315 1316 1317 1318 1319 1320 1321 1322 1323 1324 1325 1326 1327 1328 1329 1330 1331 1332 1333 1334 1335 1336 1337 1338 1339 1340 1341 1342 1343 1344 1345 1346 1347 1348 1349 1350 1351 1352 1353 1354 1355 1356 1357 1358 1359 1360 1361 1362 1363 1364 1365 1366 1367 1368 1369 1370 1371 1372 1373 1374 1375 1376 1377 1378 1379 1380 1381 1382 1383 1384 1385 1386 1387 1388 1389 1390 1391 1392 1393 1394 1395 1396 1397 1398 1399 1400 1401 1402 1403 1404 1405 1406 1407 1408 1409 1410 1411 1412 1413 1414 1415 1416 1417 1418 1419 1420 1421 1422 1423 1424 1425 1426 1427 1428 1429 1430 1431 1432 1433 1434 1435 1436 1437 1438 1439 1440 1441 1442 1443 1444 1445 1446 1447 1448 1449 1450 1451 1452 1453 1454 1455 1456 1457 1458 1459 1460 1461 1462 1463 1464 1465 1466 1467 1468 1469 1470 1471 1472 1473 1474 1475 1476 1477 1478 1479 1480 1481 1482 1483 1484 1485 1486 1487 1488 1489 1490 1491 1492 1493 1494 1495 1496 1497 1498 1499 1500 1501 1502 1503 1504 1505 1506 1507 1508 1509 1510 1511 1512 1513 1514 1515 1516 1517 1518 1519 1520 1521 1522 1523 1524 1525 1526 1527 1528 1529 1530 1531 1532 1533 1534 1535 1536 1537 1538 1539 1540 1541 1542 1543 1544 1545 1546 1547 1548 1549 1550 1551 1552 1553 1554 1555 1556 1557 1558 1559 1560 1561 1562 1563 1564 1565 1566 1567 1568 1569 1570 1571 1572 1573 1574 1575 1576 1577 1578 1579 1580 1581 1582 1583 1584 1585 1586 1587 1588 1589 1590 1591 1592 1593 1594 1595 1596 1597 1598 1599 1600 1601 1602 1603 1604 1605 1606 1607 1608 1609 1610 1611 1612 1613 1614 1615 1616 1617 1618 1619 1620 1621 1622 1623 1624 1625 1626 1627 1628 1629 1630 1631 1632 1633 1634 1635 1636 1637 1638 1639 1640 1641 1642 1643 1644 1645 1646 1647 1648 1649 1650 1651 1652 1653 1654 1655 1656 1657 1658 1659 1660 1661 1662 1663 1664 1665 1666 1667 1668 1669 1670 1671 1672 1673 1674 1675 1676 1677 1678 1679 1680 1681 1682 1683 1684 1685 1686 1687 1688 1689 1690 1691 1692 1693 1694 1695 1696 1697 1698 1699 1700 1701 1702 1703 1704 1705 1706 1707 1708 1709 1710 1711 1712 1713 1714 1715 1716 1717 1718 1719 1720 1721 1722 1723 1724 1725 1726 1727 1728 1729 1730 1731 1732 1733 1734 1735 1736 1737 1738 1739 1740 1741 1742 1743 1744 1745 1746 1747 1748 1749 1750 1751 1752 1753 1754 1755 1756 1757 1758 1759 1760 1761 1762 1763 1764 1765 1766 1767 1768 1769 1770 1771 1772 1773 1774 1775 1776 1777 1778 1779 1780 1781 1782 1783 1784 1785 1786 1787 1788 1789 1790 1791 1792 1793 1794 1795 1796 1797 1798 1799 1800 1801 1802 1803 1804 1805 1806 1807 1808 1809 1810 1811 1812 1813 1814 1815 1816 1817 1818 1819 1820 1821 1822 1823 1824 1825 1826 1827 1828 1829 1830 1831 1832 1833 1834 1835 1836 1837 1838 1839 1840 1841 1842 1843 1844 1845 1846 1847 1848 1849 1850 1851 1852 1853 1854 1855 1856 1857 1858 1859 1860 1861 1862 1863 1864 1865 1866 1867 1868 1869 1870 1871 1872 1873 1874 1875 1876 1877 1878 1879 1880 1881 1882 1883 1884 1885 1886 1887 1888 1889 1890 1891 1892 1893 1894 1895 1896 1897 1898 1899 1900 1901 1902 1903 1904 1905 1906 1907 1908 1909 1910 1911 1912 1913 1914 1915 1916 1917 1918 1919 1920 1921 1922 1923 1924 1925 1926 1927 1928 1929 1930 1931 1932 1933 1934 1935 1936 1937 1938 1939 1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949 1950 1951 1952 1953 1954 1955 1956 1957 1958 1959 1960 1961 1962 1963 1964 1965 1966 1967 1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025 2026 2027 2028 2029 2030 2031 2032 2033 2034 2035 2036 2037 2038 2039 2040 2041 2042 2043 2044 2045 2046 2047 2048 2049 2050 2051 2052 2053 2054 2055 2056 2057 2058 2059 2060 2061 2062 2063 2064 2065 2066 2067 2068 2069 2070 2071 2072 2073 2074 2075 2076 2077 2078 2079 2080 2081 2082 2083 2084 2085 2086 2087 2088 2089 2090 2091 2092 2093 2094 2095 2096 2097 2098 2099 2100 2101 2102 2103 2104 2105 2106 2107 2108 2109 2110 2111 2112 2113 2114 2115 2116 2117 2118 2119 2120 2121 2122 2123 2124 2125 2126 2127 2128 2129 2130 2131 2132 2133 2134 2135 2136 2137 2138 2139 2140 2141 2142 2143 2144 2145 2146 2147 2148 2149 2150 2151 2152 2153 2154 2155 2156 2157 2158 2159 2160 2161 2162 2163 2164 2165 2166 2167 2168 2169 2170 2171 2172 2173 2174 2175 2176 2177 2178 2179 2180 2181 2182 2183 2184 2185 2186 2187 2188 2189 2190 2191 2192 2193 2194 2195 2196 2197 2198 2199 2200 2201 2202 2203 2204 2205 2206 2207 2208 2209 2210 2211 2212 2213 2214 2215 2216 2217 2218 2219 2220 2221 2222 2223 2224 2225 2226 2227 2228 2229 2230 2231 2232 2233 2234 2235 2236 2237 2238 2239 2240 2241 2242 2243 2244 2245 2246 2247 2248 2249 2250 2251 2252 2253 2254 2255 2256 2257 2258 2259 2260 2261 2262 2263 2264 2265 2266 2267 2268 2269 2270 2271 2272 2273 2274 2275 2276 2277 2278 2279 2280 2281 2282 2283 2284 2285 2286 2287 2288 2289 2290 2291 2292 2293 2294 2295 2296 2297 2298 2299 2300 2301 2302 2303 2304 2305 2306 2307 2308 2309 2310 2311 2312 2313 2314 2315 2316 2317 2318 2319 2320 2321 2322 2323 2324 2325 2326 2327 2328 2329 2330 2331 2332 2333 2334 2335 2336 2337 2338 2339 2340 2341 2342 2343 2344 2345 2346 2347 2348 2349 2350 2351 2352 2353 2354 2355 2356 2357 2358 2359 2360 2361 2362 2363 2364 2365 2366 2367 2368 2369 2370 2371 2372 2373 2374 2375 2376 2377 2378 2379 2380 2381 2382 2383 2384 2385 2386 2387 2388 2389 2390 2391 2392 2393 2394 2395 2396 2397 2398 2399 2400 2401 2402 2403 2404 2405 2406 2407 2408 2409 2410 2411 2412 2413 2414 2415 2416 2417 2418 2419 2420 2421 2422 2423 2424 2425 2426 2427 2428 2429 2430 2431 2432 2433 2434 2435 2436 2437 2438 2439 2440 2441 2442 2443 2444 2445 2446 2447 2448 2449 2450 2451 2452 2453 2454 2455 2456 2457 2458 2459 2460 2461 2462 2463 2464 2465 2466 2467 2468 2469 2470 2471 2472 2473 2474 2475 2476 2477 2478 2479 2480 2481 2482 2483 2484 2485 2486 2487 2488 2489 2490 2491 2492 2493 2494 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2

2066 2286 it (61) vg etí al). Por igual modo, a forma ἄλλος δεύτερος (p<sup>47</sup> N\* 1006 1841 1854 2040 sir (ph)) parece pressupor a forma ἄλλος ἄγγελος δεύτερος, da qual ἄγγελος foi acidentalmente omitida na cópia, por causa da similaridade de letras em ἄλλος e ἄγγελος (1) (ver também os comentários sobre 14:6).

1. Ver Josef Schmid, *Studien zur Geschichte der griechischen Apokalypse-Textes*; II. Teil, *Die alten Stämme* (Munich, 1956), pág. 104 s.

14:8: Um segundo anjo e seguiu, dizendo: *Caiu, caiu a grande Babilônia, que a todos os homens deu a habitar de vício da ira da sua prostituição.*

...anjo... (Ver as notas expositivas completas sobre os «anjos», em Luc. 4:10 e Atos 1:10. Ver Heb. 1:14 quanto ao «ministério dos anjos» em favor dos homens. Ver as notas introdutórias sobre o sexto versículo deste capítulo e as «outras idéias sobre o mesmo, acerca das interpretações relativas aos três anjos»). Não pensamos que os três anjos que aparecem aqui e nos versículos anteriores representem processos históricos, instituições ou personagens da história. Antes, são símbolos do poder divino, a fazer pronunciamentos, e que poderão operar por meio de instrumentos humanos, porquanto são seres reais que exercerão influência e poder entre os homens, e que se envolverão nos acontecimentos históricos. Profeticamente falando, esses versículos aludem ao poder e ao culto do anticristo, nos últimos dias. Historicamente, aplicam-se ao culto ao imperador dos dias do vidente João, fazendo parte de sua predição que tal adoração, juntamente com o império romano, logo chegaria ao fim. A exposição geral sobre os versículos sexto e sétimo salientaram esses fatos com maiores detalhes.

...caiu, caiu... Uma solene e triunfal declaração, a qual é repetida porque é importante e de âmbito universal. Como os judeus e os cristãos anelavam pela queda de Roma! E quanto anelarão, uma vez mais, pela queda do anticristo.

...Babilônia... Esse é o nome críptico usado pelos cristãos (e, antes deles, pelos judeus) para indicar Roma, em seu poder e natureza política, juntamente com sua idolatria, imposta ao mundo inteiro. (Ver I Ped. 5:13 quanto a outro uso neotestamentário dessa referência indireta a Roma). Em Apo. 13:18, o vidente João também se referirá a «Nero César» de maneira enigmática, por um número que oculta um código. Em Apo. 17:9 ele se refere a sete montes, que são sete reis, e espera que seus leitores vejam nisso a cidade de Roma.

Nossa passagem evidentemente ecoa o trecho de Isa. 21:9b, que diz: «Caiu, caiu Babilônia; e todas as imagens de escultura dos seus deuses jazem despedaçadas por terra». Mas a referência é transferida para Roma. João percebeu que a idólatra Roma tinha de ser quebrantada pelo juízo divino, e julgava que isso sucederia muito em breve. Isso também pode ser confrontado ao trecho de Dan. 4:30: «Não é esta a grande Babilônia...?». É possível que João tenha tomado por empréstimo algum elemento dessa expressão. Assim é que, nas passagens subsequentes do Apocalipse, Babilônia é tachada de «grande». É de fato assim era, já que Roma dominava todo o mundo civilizado conhecido daquele tempo. Mas esse grande poder não poderia resistir diante da grandeza e severidade dos juízos de Deus. Isso consolaria a perseguida igreja cristã, que esperava por justiça e vingança. A literatura judaica, antes do N.T. haver sido escrito, refere-se a Roma, chamando-a de Babilônia. Os romanos foram denominados, por igual modo, «caldeus». (Ver II Baruc 6:8; 11:1 e 67:7). Os *Oráculos Sibílicos* 5:158-161 prediziam a queda de Babilônia como algo provocado pela queda de uma grande estrela (um poder angelical) no mar Mediterrâneo, a qual consumiria a cidade de Roma e a Itália a fogo. É evidente que Roma está aqui em foco, e não deveríamos procurar entrever qualquer Babilônia «literal» neste ponto, e nem qualquer significado «místico» que desvie a nossa atenção para longe do fato que o vidente João estava escrevendo acerca de Roma e seu culto ao imperador (ponto de vista histórico), como também acerca do anticristo e a adoração ao mesmo (ponto de vista profético).

*A idolatria que embebeda:* Essa idolatria é chamada «prostituição», um comum uso judaico. Também pode estar em foco que a idolatria naturalmente conduz a práticas imorais, o que certamente se pode demonstrar pela história. Era comum os cultos idólatras dos gregos e romanos pagãos incorporarem crassa sensualidade, e seus templos eram sustentados, principalmente, pela «prostituição sagrada». Mas João aludia aqui, especificamente, à «prostituição» da alma, mediante o culto ao imperador, o que corrompia aos homens e os separava do verdadeiro Deus. Essa prostituição é aqui retratada como se a abundância de bebidas

alcoólicas amortecesse a sensibilidade espiritual dos homens. Evidentemente João tomava por empréstimo a idéia de Jer. 51:7, que diz: «Babilônia era um copo de ouro na mão do Senhor, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações, por isso enlouqueceram». Elas ficaram insanas, desvairadas. Tinham-se reduzido ao nível dos animais irracionais e ferozes, mediante as degradações da idolatria. (Ver a idolatria representada pela «fornicação», em Apo. 2:20). Por semelhante modo, em Apo. 17:2, Roma é pintada como uma grande meretriz que induz as nações à bebedeira, com o vinho de suas «fornicações». O lamento sobre Babilônia, em Apo. 18:2,3, repete tudo isso com vários adornos.

«Roma é retratada como a grande cortesã, que intoxica e ilude as nações, levando-as à fornicação (17:2,4,6), mas o cálice da ira de Deus, contra ela e seus amantes, está repleto (14:10; 16:19 e 18:2)». (Robertson, *in loc.*).

«Conforme a história o demonstra, o culto a César claramente intoxicava ao povo, especialmente no oriente. Na Ásia Menor, tornou-se uma perfeita paixão em muitas comunidades. E os homens encontraram uma espécie diferente de paixão, escreve tristemente o profeta, apoiado em um poderoso simbolismo do A.T.: a paixão da ira indignada de Deus será forçada por suas gargantas abaixo, em um sorvo amargo (ver o décimo versículo)». (Moffatt, *in loc.*).

*Outras idéias sobre o oitavo versículo:*

1. «O triunfo certamente é expresso na repetição: Caiu Caiu» (Lange, *in loc.*). Esse anúncio visava a consolar a igreja debaixo das perseguições imperiais, porquanto os cristãos se recusavam a adorar ao imperador. As mesmas palavras consolarão a igreja quando o anticristo procurar destruí-la, nos últimos dias.

2. Babel, já desde a escrita do livro de Gênesis, era reputada símbolo dos poderes mundiais que fazem oposição a Deus. O termo «Babilônia» veio a indicar os poderes mundiais «antiteocráticos». Subentendia «ímpia auto-exaltação». (Ver Dan. 4:30). Foi apenas natural, pois, que João tivesse usado o termo «Babilônia» para aludir ao odiado império romano e seu idólatra culto ao imperador. Mas o mundo nunca antes viu o tipo de idolatria maligna com o que será revelado nos tempos do anticristo. Cremos que estamos no limiar desse período. Taremos que fazer oposição ao anticristo, ou certamente nossos filhos o farão.

3. O vinho simboliza o entusiasmo, tal como a fornicação simboliza a idolatria. As duas coisas se combinam quando o anticristo revelar o seu poder. As nações seguirão ao anticristo com um senso de realização, especialmente os jovens. O mundo inteiro correrá atrás do engodo de Satanás, e muito terá que lamentar-se por causa disso.

4. A «Babilônia» é aqui tanto a Roma política quanto a Roma religiosa e idólatra; e, profeticamente, será o reino do anticristo e seu culto religioso blasfemo. O império romano foi universal, conforme os homens consideram as coisas. O poder do anticristo também será universal, e seu culto dominará toda e qualquer expressão religiosa aberta. A igreja terá que viver subterraneamente. Esse culto não se centralizará especificamente em torno da Igreja Católica Romana, ainda que, mui provavelmente, todas as chamadas denominações cristãs que se tiverem desviado da verdade farão sua contribuição para o mesmo. Será algo novo e terrível, que não poderá comparar-se com qualquer denominação cristã, conforme as conhecemos atualmente.

5. O efeito intoxicante da meretriz alude às práticas daquela trista profissão, mulheres que usam de bebidas alcoólicas e vários outros artifícios para atraírem e escravizarem os seus freqüentes. Roma era hábil nessa espécie de atividade, escravizando os homens sob seu poder, tanto política quanto religiosamente. O anticristo melhorará imensamente a eficiência de Roma em tudo isso. Outrossim, um de seus principais centros de atividade será a cidade de Roma.

*Variação Textual:* As palavras «outro anjo, [o] segundo», aparecem nos mss Aleph(c), CP, 661, 1811 e 2063. A mesma coisa figura, embora com inversão de palavras, nos mss A, 048 e mais de uma centena de manuscritos minúsculos. Vários manuscritos minúsculos (seguidos pelo Textus Receptus) eliminam a palavra «segundo», como se fora uma tautologia. Os mss P(47), Aleph(1), 1006, 1841, 2040 e o Siph) não trazem a palavra «anjo», porquanto deve ter sido omitida por acidente, devido à sua similaridade na escrita com a palavra «outro» (no grego), ou então porque o termo «outro» já subentendia «anjo», no presente contexto, tornando supérflua esta última palavra. A primeira das formas, acima, é a que melhor explica a existência das outras, pelo que deve ser a forma correta.

## IX. Sete Visões dos Adoradores do Cordeiro e da Besta (14:1-20).

### 4. Condenação dos adoradores da besta (14:9-12).

Esta passagem adverte os homens rebeldes, contra o indignado juízo divino, como dificilmente se poderá ver em qualquer outra porção do N.T. Comumente, o que aqui é dito sobre os adoradores do imperador (ponto de vista histórico) e do anticristo (ponto de vista profético) é aplicado a todos os homens, no tocante ao julgamento final. Não devemos fazer grande objeção a esse tipo de frouxa interpretação, porque há outros trechos do N.T. que envolvem o mesmo fenômeno, com uma aplicação larga e universal a todos os perdidos. Assim é que o «terceiro anjo» adverte sobre a punição eterna, e não meramente temporal, mostrando assim o drástico resultado para quem rejeita ao verdadeiro Cristo, atirando-se na crassa idolatria, quer a do culto ao imperador, nos tempos de João, quer no culto ao anticristo, nos últimos dias. Estes versículos subentendem, naturalmente, a imoralidade dos perdidos, mostrando que o julgamento divino transcende ao tempo.

*Roma cairá;* o anticristo será derrotado; a lei da colheita segundo a sementeira se cumprirá; mas isso ainda não será o fim do julgamento dos perdidos. Haverá aquele julgamento do estado eterno. Naturalmente, isso é o comum «ABC» da teologia judaica e cristã. Emanuel Kant postulava a necessidade da existência de Deus e da sobrevivência da alma ante a morte física, com base no «argumento moral». Em outras palavras, é óbvio que, neste mundo, não se faz justiça perfeita, não havendo vingança e nem recompensa justas. Mas Deus cuidará que a justiça seja feita em ambos esses sentidos, negativa ou positivamente. Nossa razão também diz que assim deverá ser, e a revelação confirma nossa razão nesse particular. Com isso, todos os crentes autênticos concordam. Mas nem todos os crentes concordam sobre o modo como o Senhor Deus cumpre seus juízos, e o que ficará envolvido nos mesmos. Mas podemos estar certos, pelo menos, que o Juiz de todos fará o que é reto, e que a retribuição divina será de



conformidade com os erros cometidos. Não haverá exageros e nem sentimentalismos. Cada qual colherá o que tiver semeado, pura e simplesmente (ver Gál. 6:7,8 e Apo. 20:12). De vastíssima importância, pois, é a mensagem do terceiro anjo.

9 Καὶ ἄλλος ἄγγελος τρίτος ἠκολούθησεν αὐτοῖς λέγων ἐν φωνῇ μεγάλῃ, Εἴ τις προσκυνεῖ τὸ θηρίον καὶ τὴν εἰκόνα αὐτοῦ, καὶ λαμβάνει χάραγμα ἐπὶ τοῦ μετώπου αὐτοῦ ἢ ἐπὶ τὴν χεῖρα αὐτοῦ,

9 E[...elôna aútou Re 13.12-17, 14.11, 16.2; 18.20 χάραγμα... aútou Re 13.17, 14.11; 16.2; 18.20; 20.4

9 αὐτοῖς] αὐτῶν A arm<sup>1</sup> Prim

14:9: Segue-se ainda um terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, a sua imagem, a receber o sinal na fronte, ou na mão,

...outro anjo... (Ver as notas expositivas sobre esses três anjos, na introdução ao sexto versículo deste capítulo e no começo das notas sobre o oitavo versículo).

...grande voz... Há notas expositivas a respeito no sétimo versículo.

...adora a besta... O culto ao imperador exigia que se prestasse culto aos imperadores romanos, o que, para os judeus e cristãos, era forma crassa de idolatria. Portanto, recusavam-se a participar do mesmo. Mas o mundo inteiro se sentia entusiasmado por esse culto; e, em muitos lugares, a idolatria já existente, era modificada de acordo com os moldes do culto ao imperador. Esse culto, pois, tornou-se uma força perseguidora e homicida, e judeus e crentes primitivos, igualmente, sofreram horrivelmente. O Apocalipse foi escrito como uma espécie de manual dos mártires, tão grande era o número de mártires que havia naqueles dias. Este livro exibe uma forma de anelo, por parte do vidente João (e, supomos, por parte dos cristãos primitivos), por contemplar a vingança contra o terror que era Roma. Os anjos desta passagem prometem vingança e juízo contra Roma, a queda de Roma, e, principalmente, a punição eterna. (Ver Apo. 13:12, que mostra que o sacerdócio pagão, representado pela «besta saída da terra», fará o mundo inteiro adorar a «besta saída do mar», o «anticristo». Nos últimos dias, o anticristo, que será o paralelo profético dos imperadores romanos, adorados no antigo culto, será adorado pelos habitantes do mundo. O falso profeta é quem dirigirá esse culto, que se desenvolverá em torno da pessoa do anticristo. Naqueles dias, haverá a mais severa perseguição religiosa de todos os séculos, e a igreja cristã sofrerá como nunca sofreu antes. Isso fará a Alemanha de Hitler e o comunismo parecerem um paraiso santo. O poder e a ira de Deus, finalmente, fará tudo isso chegar ao seu fim; e aqueles que tiverem promovido tal culto receberão um juízo tão severo que nada lhe será comparável, já que estiveram envolvidos em uma das mais terríveis rebeliões contra Deus que já houve, desde que o mundo começou.

...marca na fronte, ou sobre a mão... Já tivemos ocasião de ver isso. (Ver Apo. 13:16 quanto à «marca da besta». Ver também Apo. 13:17, onde

há maiores explanações sobre a questão). Os justos também terão um «sinal» de identificação, mas da parte do próprio Deus. Esse sinal agiria como selo que garante que nenhum dano permanente poderá sobrevir aos que os possuem, embora possam perecer fisicamente, devido às perseguições e ao martírio que haverá abundantemente. (Ver as notas expositivas em Apo. 7:3, acerca disso. Apo. 14:1 repete o tema).

Outras idéias sobre o nono versículo:

1. Certamente somos aqui advertidos contra a apostasia. O império romano exercia tremenda pressão sobre os crentes, para que negassem a Cristo e adorassem ao imperador. Muitos cristãos, infelizmente, cederam à imposição, conforme a história nos mostra. João, pois, adverte aos cristãos e ao mundo pagão, sobre o perigo de prestar lealdade ao culto ao imperador. De fato, tal aviso é severo. Sua severidade visava ser uma «contrapressão» para conservar os crentes fiéis a Cristo. Naturalmente, isso nos envolve no problema da «segurança eterna do crente», tema esse comentado em Rom. 8:39. João esperava que os crentes fossem «assustados e se agarrassem à fé, mediante os avisos acerca das dores do pecado». (Moffatt, *in loc.*)

2. No tocante à lealdade mundial ao culto ao imperador, e, profeticamente, ao anticristo, ver as notas expositivas em Apo. 13:16.

3. A responsabilidade pela rebelião fica aqui implícita. Já notamos que todo indivíduo receberá informações precisas para poder tomar uma decisão acerca do anticristo. Se, depois de tudo, preferir abandonar a Cristo para tornar-se aderente do culto ao homem do pecado, só lhe restará esperar o mais severo julgamento da parte de Deus.

4. Os intérpretes da escola histórica, conforme já se tem visto ao longo do comentário do Apocalipse, também pensam que esses anjos sejam instituições, processos históricos, indivíduos ou pregadores humanos; e a maioria dos intérpretes protestantes, entre os comentaristas mais antigos, vê aqui a Reforma protestante, imaginando que reformadores como Hus e Lutero seriam esses anjos. Nada disso, entretanto, é aqui ensinado. Historicamente, está em pauta o culto ao imperador; e, profeticamente, focalizam-se os últimos dias, quando o anticristo adquirir seu poder. Outrossim, os anjos são apenas isso, poderes angelicais, ainda que, naturalmente, eles se utilizem de instrumentos humanos. Não é muito provável, porém, que o vidente João tenha antecipado essa significação, mas simplesmente descreveu suas visões místicas, que envolveram elevados poderes angelicais, que entregaram as mensagens constantes destes versículos.

10 καὶ αὐτὸς πίεται ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τοῦ θεοῦ τοῦ κεκερασμένου ἀκράτου ἐν τῷ ποτηρίῳ τῆς ὀργῆς αὐτοῦ, καὶ βασανισθήσεται ἐν πυρὶ καὶ θείῳ ἐνώπιον ἀγγέλων ἁγίων καὶ ἐνώπιον τοῦ ἀρνίου.

10 τῷ...αὐτοῦ Ps 75.8; Lc 51.17, 22; Jr 25.15; Re 16.7; 16.19 πυρὶ καὶ θείῳ Gn 19.24; Ps 11.6; Eze 39.22; 2 Mac 2.6; Re 19.20; 20.10; 21.8

10 ἀγγέλων ἁγίων p<sup>471d</sup> RCP 051 161x 2059a 2329 al lat sy; R] αγγ. αγγ. 69 pc: των αγγ. A pc: των αγγ. 046 8a pm c

14:10: também a tal beberá do vinho da ira de Deus, que se acha preparado com mistura, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro.

...esse beberá... Posto ter-se deleitado no vinho da idolatria, satisfazendo-se com as prostituições ensinadas pelo anticristo e pelo falso profeta, será forçado o tal a beber também da ira indignada de Deus. Assim como fora posto em estado de fúria carnal, pelo vinho do anticristo, assim também um estado da fúria divina o envolverá.

...cólera de Deus... (Há notas expositivas completas sobre isso, em Col. 3:6). A «cólera» ou «ira» de Deus não é uma emoção forte, e, sim, um termo técnico para indicar julgamento. (Ver as notas expositivas sobre o décimo primeiro versículo deste capítulo, onde se esboça a doutrina do juízo eterno).

...preparado... Assim será porque a lei da colheita segundo a semeadura exige um fim destinado e determinado pelas causas provocadas pelo homem. A preparação se coadunará exatamente ao merecimento negativo de cada um.

...sem mistura... Os antigos sempre misturavam água com seu vinho e outras bebidas fortes, o que dava a tais bebidas um baixo conteúdo alcoólico, porquanto apenas oito por cento de álcool é possível pela fermentação natural. Portanto, os antigos bebiam vinho comparativamente fraco, em contraste com os vinhos de nossos dias, aos quais se adiciona certa proporção de álcool, dando-lhes até vinte por cento de volume total de álcool. Mas esse «vinho da cólera de Deus» será sem mitigação, bebida pura. A figura simbólica é a de alguém que é forçado a sorver tal bebida, goste dela ou não. A linguagem é crua, mas certamente é expressiva.

Quanto a essa porção do versículo, parece que o autor sagrado depende do trecho de Jer. 25:15, que declara: «Toma da minha mão este cálice do vinho do meu furor, e darás a beber dele a todas as nações às quais eu te enviar». Essa declaração, utilizada por João e segundo os seus termos, provavelmente prediz as pragas das «sete taças», as quais ele exporá dentro em pouco. Mas o julgamento eterno está igualmente em foco, conforme se vê no décimo primeiro versículo deste capítulo. Por essa razão é que as «taças» são chamadas de «as sete taças da cólera de Deus» (Apo. 16:1).

...fogo e enxofre... Provavelmente devemos lembrar «Sodoma e Gomorra» (ver Gên. 19:24). Em Apo. 21:8, João prediz que a segunda morte será um «lago que arde com fogo e enxofre». Devemos entender simbolicamente essas palavras, juntamente com a maioria dos intérpretes da herança da literatura cristã da língua inglesa. Notemos que, no julgamento do crente, o fogo também se fará presente (ver I Cor. 3:13), mas

ninguém pensa que esse fogo será literal.

...diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro... Isto é, algo que não lhes será desconhecido, como se fora «visto» por eles, enquanto contemplam os sofrendores, talvez com o pensamento que «Merecem tal castigo!». O trecho de I Enoque 48:9 emprega linguagem similar, mas faz os remidos também serem testemunhas das torturas de fogo dos condenados na Geena, referindo-se a isso como se fosse um privilégio dos eleitos, porquanto tal visão é prova da «vingança» divina a favor deles. Clemente (*Hom. xvii*) reitera essa espécie de cena. Stanton, em *Jewish and Christian Messiah*, pág. 344, observa sobre esse tipo de mentalidade: «É impossível compreendermos como tal visão é compatível com a felicidade celeste». De fato, muitas pessoas que pregam a existência de fogo literal, não vendo qualquer alívio, para todo o sempre, em sofrimentos tão prodigiosos e horrendos, parecem pouco preocupados com a questão, exceto em afirmar essa suposta verdade com toda a veemência.

Nas notas sobre o versículo seguinte, procuramos apresentar um breve esboço das idéias sobre o julgamento. O que quer que se possa dizer sobre isso, quanto a seus detalhes, é claro que as Escrituras declaram: «O indivíduo que aceita a bebida idólatra do paganismo, acrescentando 'prazer' à sua vida de vícios carnis, pode esperar beber da taça amarga da cólera divina». No presente contexto, isso significa a aceitação da «marca da besta», a identificação com o anticristo e seu culto; em qualquer era, porém, há meios específicos em que um homem pode aliar-se ao mal. A passagem de I João 3:8 e ss. ensina que aliar-se ao mal é prestar lealdade a Satanás. O Apocalipse tem demonstrado que, nos últimos dias, essa lealdade assumirá a forma de adoração ao anticristo, a encarnação mesma de Satanás. Aqueles que se deixarem envolver em tal idolatria colherão uma colheita particularmente amarga.

«Um homem mau não pode ter uma boa sorte; um homem bom não pode ter uma má sorte. As palavras acerca do vinho da cólera de Deus apresentam um quadro horroroso. No entanto, é um quadro perfeitamente vinculado à realidade das coisas». (Hough, *in loc.*).

Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. ...enxofre... Alguns eruditos pensam tratar-se da forma neutra do vocábulo grego «theios» (divino), ou seja, o «incenso divino», «já que o enxofre a queimar era tido como dotado do poder de purificar e evitar contágios. Mas há quem pecha tratar-se do verbo «thuo», 'queimar', ou seja, 'oferecer sacrifício'. (Vincent, *in loc.*).

2. Quanto ao simbolismo deste versículo, ver Gên. 19:24; Isa. 30:33 e Eze. 38:22.

3. «A cólera de fogo de Deus, contida através dos séculos, será liberada».

(Robertson, *in loc.*).

4. Os impenitentes vão antecorrendo, diariamente, a ira, aguardando o dia da ira. (Ver Rom. 2:8).

5. Roma distribui a bebida forte da rebelião contra Deus. Os beberrões voluntários terão de beber da taça da cólera de Deus. Assim se cumprirá a lei da retribuição. (Ver as notas expositivas a respeito, em Gál. 6:7,8). Essa é a essência do versículo que ora consideramos. (Isso pode ser comparado com os tormentos de Edom, em Isa. 34:8-10).

11 καὶ ὁ καπνὸς τοῦ βασανισμοῦ αὐτῶν εἰς αἰῶνας αἰώνων ἀναβαίνει, καὶ οὐκ ἔχουσιν ἀνάπαυσιν  
ἡμέρας καὶ νυκτός, οἱ προσκυνοῦντες τὸ θηρίον καὶ τὴν εἰκόνα αὐτοῦ, καὶ εἰ τις λαμβάνει τὸ  
χάραγμα τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ.

χάραγμα... αὐτοῦ Re 13:17; 14:9; 16:2; 20:4

14:11: A fumaça do seu tormento sobe para toda a sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que odeiam a besta e a sua imagem, nem aqueles que recebem a sinal do seu nome.

Apresentamos aqui um esboço da doutrina do julgamento divino. Antes de tudo, porém, apresentemos os elementos do versículo, a maior parte dos quais repete aquilo que já fora visto no Apocalipse:

«...fumaça do seu tormento...» A fumaça produzida pelo fogo é outra metáfora comum para indicar ou simbolizar o julgamento. O fogo resseca e queima; o enxofre se apegava à pele, arrancando pedaços inteiros; o mau cheiro da carne sabrecada se eleva como testemunho daqueles que ali queimam, os rebeldes. Com tais termos os sofrimentos dos ímpios têm sido descritos. Há alguns versículos na Bíblia que assim descrevem os sofrimentos dos perdidos, mas há outros que apresentam o juízo sob uma luz diferente. Mais abaixo comentamos sobre o tema de ambos esses pontos de vista, e não apenas do ângulo mais popular. O «fogo» é igualmente simbolizado no julgamento dos crentes (ver I Cor. 3:13), mas nem por isso insistimos que ali está em pauta chamadas literais. Nem se deve pensar desse modo neste ponto. Com isso pode-se comparar o quadro da destruição profetizada de Edom, que teve lugar em meio a enxofre, piche, e muita fumaça. Este versículo evidentemente depende daquela passagem.

«...pelos séculos dos séculos...» Alguns estudiosos têm procurado estabelecer uma idéia qualitativa com base na palavra «eterno», dando a esta frase o sentido de «julgamento pertencente à eternidade», ao mesmo tempo que evitam seu aspecto «interminável». Porém, apesar do fato que a palavra pode significar isso, «aquilo que pertence às eras eternas» (idéia qualitativa), com base em seu uso também se pode supor que está envolvida claramente a idéia de «eternidade no tempo».

«...não têm descanso...» Esse detalhe é fornecido para mostrar que o julgamento será aplicado estando os réus «conscientes». Isso rebate as teorias do «sono da alma» ou do «aniquilamento da alma». Também pode ser comparado com I Enoque 63:6; que diz: «E agora ansiamos por um pouco de descanso, mas não o encontramos; seguimo-lo ansiosamente, mas não o obtemos».

«...nem de dia nem de noite...» Isso torna ainda mais enfática a declaração anterior. João não contempla uma fim e nem mitigação do sofrimento dos perdidos. «Uma condição frenética, por conseguinte, forma o aspecto espiritual de seu «tormento»». (Lange, *in loc.*).

«...adoradores da besta...» (Ver as notas expositivas sobre eles em Apo. 13:12 e 14:9).

«...besta...» Está em foco a besta saída do mar, descrita em Apo. 13:1,2. (Ver acerca do «anticristo», em II Tes. 2:3, onde há notas expositivas completas sobre esse personagem). Historicamente falando, João antecipava o aparecimento de tal personagem em seus próprios dias de vida na terra; mas a sua mensagem, neste ponto, era de natureza essencialmente profética).

«...sua imagem...» (Quanto a notas expositivas sobre isso, ver Apo. 13:14,15).

«...a marca do seu nome...» (Notas expositivas completas sobre isso em Apo. 13:16-18).

O JULGAMENTO: Em outros trechos do comentário há notas expositivas completas sobre esse tema. O leitor deveria consultar os trechos de Col. 3:6; I Ped. 3:18-20 e 4:6. Neste ponto damos apenas algumas poucas declarações. A documentação acerca do fato, isto é, as fontes informativas, que são as interpretações das Escrituras e as opiniões dos autores de comentários, aparece naquele lugar. Aqui tentaremos apenas um resumo das idéias:

1. O juízo dos perdidos será eterno. Em outras palavras, não há qualquer esperança sólida, alicerçada sobre as Escrituras, se as considerarmos como um todo, no invés de considerarmos apenas algumas passagens (como o primeiro capítulo da epístola aos Efésios), de que eles serão salvos em algum tempo.

2. O juízo será de acordo com as obras de cada um, ou seja, será administrado de acordo com «graus» de gravidade. (Ver Rom. 2:8 e Apo. 20:12). O trecho de Mat. 23:14 fala da «maior condenação» de alguns, que tiveram maiores privilégios e oportunidades, mas agiram de modo contrário a isso.

3. O julgamento será preciso, obedecendo à lei da colheita segundo a sementeira. (Ver Gál. 6:7,8).

4. O juízo, apesar de não conduzir os perdidos ao estado da «salvação», não podendo transformar os «não-eleitos» em «eleitos», melhorará o estado dos perdidos, podendo levá-los a certo nível de lealdade e confiança em Cristo, àquele nível que lhes for possível, o que lhes conferirá uma existência útil e cheia de propósito, o que redundará na glória de Cristo. Isso podemos inferir do fato da descida ao hades, por parte de Cristo, bem como da missão que ele efetuou ali. (Ver as notas expositivas em I Ped. 3:18-20 e 4:6). Os homens serão julgados «segundo os homens na carne», com o propósito específico de «viverem segundo Deus, no espírito», ou então, «segundo Deus vive no espírito», dando a entender uma espécie de vida espiritual útil, posto que inteiramente diversa da vida bem-aventurada dos eleitos. Por conseguinte, o julgamento não será apenas «retributivo», mas também terá finalidades disciplinadoras e restauradoras, até ao grau em que isso agrada a Deus.

6. I Enoque 27:2,3; 90:26,27 e IV Esdras 7:36 fazem os sofrimentos dos ímpios servir de espetáculo eterno para os justos. O vidente João retém de modo definido tal tipo de idéia, mas exime os remidos de tal espetáculo. Em I Enoque esse espetáculo figura como algo apenas temporário. Os perdidos logo desaparecerão das vistas dos remidos. (Ver I Enoque 48:9 e 62:12,13).

7. «Diante dos anjos» poderia ser um eufemismo para «diante de Deus». Todavia, por toda a parte os anjos são vistos envolvidos no juízo dos ímpios. (Ver Luc. 12:9).

5. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios certamente ensina que todas as coisas, por toda a parte, serão levadas à «unidade» com Cristo. (Ver Efé. 1:9, 10,22,23). Essa unidade não poderá efetivar-se com a exclusão de alguns, porquanto envolverá «todas as coisas», da mesma maneira que Cristo é o Criador de tudo. Todas as coisas foram criadas «em Cristo», isto é, tiveram sua pessoa como padrão e modelo (sua glória e benefício estando em foco); «por ele», ou seja, através de sua energia criadora e para ele (Col. 1:18), i.e., para sua glória e utilização. Essa criação «para ele» é definida no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, estando envolvida naquela «unidade» total que encontrará em Cristo o seu centro, de tal modo que tudo achará propósito de sua existência em sua pessoa. Por conseguinte, há uma espécie de restauração universal, embora não venha a ser redenção que faça dos perdidos eleitos, ou que os transforme segundo a imagem de Cristo, o que é destino peculiar e exclusivo dos salvos ou eleitos. Portanto, o cântico do Cordeiro ascenderá até mesmo do hades (de debaixo da terra), conforme se lê em Apo. 5:13. Tal cântico, sob hipótese alguma, será o cântico dos eleitos, embora seja um cântico de louvor pela bondade de Cristo, a qual ele dispensará, eventualmente, por toda a parte e para todos. Mas todos os seres, salvos ou perdidos, haverão de atribuir glória e honra à pessoa de Cristo, cada qual no seu nível.

6. Isso, naturalmente, eleva em muito nossa estimativa sobre a eficácia da missão de Cristo, em sua realização final. Erramos por observar somente os versículos que falam sobre o sofrimento eterno, negligenciando aqueles aspectos mais elevados da missão de Cristo. De fato, insultamos ao Senhor por querer seguir apenas certas passagens bíblicas, negligenciando outras, e assim reduzindo as realizações de sua missão a quase nada. Ver as notas sobre Efé. 1:10.

7. A tragédia maior do juízo não é que os perdidos sofrerão, pois certamente isso lhes sucederá. Mas é antes que terão perdido o destino que poderiam ter obtido, sendo transformados segundo a imagem de Cristo e participando de sua natureza (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18), participando da «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10) e, portanto, participando da própria divindade (ver I Ped. 1:4). A tragédia consistirá do que vierem a sofrer, e sem importar ao nível — de lealdade a Cristo a que vierem a ser levados; não poderão jamais obter a vida dos eleitos, que é a própria vida de Cristo. Sem dúvida, essa é uma perda infinita — e essa é a tragédia da perdição. Erramos quando não consideramos esse aspecto da «perdição».

8. O hades é uma sociedade: O mundo dos perdidos é uma sociedade. Não está destituida da presença de Deus, mas antes, é governada por Deus. Tem e terá certo propósito, conforme se esclarece acima. Mas seus habitantes jamais poderão atingir a bem-aventurança dos eleitos.

9. As fronteiras eternas não são traçadas quando da morte física do indivíduo e, sim, serão traçadas quando da segunda vinda de Cristo, segundo se comenta nas notas expositivas acerca de I Ped. 4:6, com muitas outras referências. O «lago do fogo» não será instituído senão após o milênio, conforme se aprende no vigésimo capítulo do livro de Gênesis. A missão de Cristo, até seu segundo advento, pode penetrar no próprio hades, conforme se vê com base em I Ped. 3:18-20. A interpretação que diz que Cristo não desceu ao hades, mas que Noé, por meio do espírito de Cristo, pregou aos perdidos dos tempos imediatamente anteriores ao dilúvio (em lugar de Cristo), os quais morreram, mas estavam vivos nos dias de Noé, nem ao menos foi concebida senão já nos tempos de Agostinho. Todos os pais e concílios anteriores proclamaram a realidade da descida de Cristo ao hades, com os benéficos resultados disso resultantes aos espíritos confinados. A maioria dos intérpretes da igreja cristã continua firmada nesse ponto de vista, em graus variados. Dentre os dezessete comentários consultados sobre a questão, doze concordam que Cristo fez algo para os perdidos do hades, e fim de melhorar-lhes o estado. A maior parte dos comentaristas concorda que Cristo ali desceu a fim de oferecer a salvação a seus habitantes. Alguns insistem na idéia de melhoramento no lugar da oferta de salvação. E a maior parte também crê que isso estabeleceu um precedente, que continuará até que a segunda vinda de Cristo trace barreiras eternas.

10. Os três pontos de vista sobre o julgamento:

a. Em um dos extremos, encontramos aqueles intérpretes que supõem que o julgamento consistirá exclusivamente de retribuição, e que as condições das almas perdidas jamais serão modificadas em qualquer sentido. Esse ponto de vista resulta da aderência tenaz a alguns poucos textos de prova, que se prestam para provar tal noção incompleta.

b. No extremo oposto, encontram-se aqueles estudiosos que imaginam que todos os homens se acharão, finalmente, entre os eleitos de Deus, e que a única diferença entre os homens será o «ponto dentro do tempo» em que tiverem de ser remidos. Essa é a posição do universalismo, uma bela idéia, sem dúvida, mas que não se acha nas Escrituras.

c. O terceiro ponto de vista é o daqueles que declaram que os eleitos serão poucos, comparativamente falando, mas que a missão de Cristo terá efeitos universais, chegando a aprimorar a condição até mesmo dos perdidos, embora sem levá-los à salvação dos remidos. Essa interpretação se fundamenta sobre trechos bíblicos como Efé. 1:10, onde é prometida a restauração geral de todas as coisas; como João 12:32, que parece indicar uma obra universal, de flagelação pela expiação e pela missão de Cristo; como Rom. 11:32, que indica que os julgamentos divinos sempre estarão envolvidos na misericórdia e terão propósitos benéficos. A narrativa da descida de Cristo ao hades, naturalmente, também exerce papel preponderante nessa interpretação (ver I Ped. 3:18—4:6). O trecho de I

Ped. 4:6 quase certamente ensina que o julgamento divino terá aspectos restauradores em sua natureza, e não meramente retributivos. Por conseguinte, podemos antecipar (juntamente com a mensagem de Efé. 1:10) que a restauração de todas as coisas ficará a quem da redenção dos eleitos. Todavia, a restauração emprestará propósito e bem-estar aos perdidos, porquanto Cristo haverá de tornar-se tudo para todos (ver Efé. 1:23). Sem embargo, sem importar o que os perdidos venham a ganhar por meio disso, em comparação com a redenção dos eleitos, tais vantagens terão de ser reputadas uma perda infinita. (Quanto a detalhes sobre esses conceitos, ver as notas nas referências oferecidas. Ver também sobre a «universalidade da missão de Cristo», explicada nas notas referentes a João 14:6). Apressemos-nos a juntar que essa restauração de tudo será efetuada por intermédio do julgamento. Não deixará este para um lado. O julgamento é o dedo da mão amorosa de Deus; mas o amor pode ser severo. O julgamento será severo, mas não será destituído de propósito. E visto que os perdidos não venham jamais a alcançar a salvação—embora sua condição venha a ser melhorada—isso significa que eles permanecerão debaixo da condenação para sempre, porque o julgamento é, essencial-

12 Ὡς ἡ ὑπομονὴ τῶν ἁγίων ἐστίν, οἱ τηροῦντες τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ καὶ τὴν πίστιν Ἰησοῦ.

14:12: Aqui está a perseverança dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.

Já vimos antes a promessa divina de que os perseguidores serão punidos. Esta passagem pode ser comparada com Apo. 13:10. Aquele versículo promete que os que encarcerarem aos outros serão encarcerados, e que quem mata deve ser morto: aqueles que empregam a espada verão que a espada é usada contra eles. Essa certeza de justiça e vingança é uma afirmação, feita aos «santos», que a sua «resistência» e «fé» não são vãs, porquanto deve-se perceber perfeitamente que Deus continua em seu trono, e que haverá de julgar aos homens, ainda que, por algum tempo, o anticristo venha a deixar uma trilha de terror, promovendo a maior perseguição religiosa de todos os tempos. Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito como uma espécie de manual, para a igreja que sofria, que se recusava a participar do culto ao imperador. Era mister que os «santos» daquele tempo fossem informados que Roma não prosperaria para sempre com suas terríveis desumanidades, praticadas contra os cristãos. Outro tanto sucederá novamente no tempo do anticristo. Haverá «mártires», mas o anticristo não conseguirá prejudicar permanentemente à alma que pertence a Cristo. Além disso, a lei da colheita segundo a semeadura haverá de atingir ao anticristo e seu culto ímpio. Aqueles santos, embora horridamente perseguidos, verão o cumprimento do poder de Deus, exercido em favor deles.

«...está a perseverança dos santos...» Essa perseverança é a «resistência paciente» em tempos de adversidade, conforme «upomone» é freqüentemente usada nas páginas do N.T. Raramente significa «esperar com paciência e bom ânimo», em meio às tribulações, conforme agora se usa a palavra «paciência». Antes, é uma «resistência ativa e fiel, em meio às tribulações que tendem a destruir a própria lealdade a Cristo. No presente texto, o fato que homens ímpios e irracionais, que matam e corrompem, que queimam e assassinam, sofrerão juízo, é um fato que nos ajuda a permanecer leais a Cristo, porquanto vemos claramente que ele continua governando, e que a justiça, finalmente, será feita. Nossa esperança na «vitória final», por conseguinte, nos confere agora a constância, em meio à tempestade. (Ver Apo. 13:10, quanto a outras notas expositivas sobre o original grego desta passagem).

«...santos...» Não há nenhum motivo para pensar-se que não estão em foco os «santos» da igreja. Pensar que esses são os «santos da tribulação», tendo a igreja sido previamente «arrebatada», é esquecer-se que o Apocalipse foi originalmente escrito a uma igreja cristã perseguida, que sofria sob o «culto ao imperador». Se este livro foi originalmente escrito para os «santos» da igreja cristã, que direito temos nós de dizer que, «profeticamente», não foi escrita para os mesmos santos? (Ver as notas expositivas de introdução a Apo. 4:1 quanto à «questão do arrebatamento», havendo um estudo mais completo ainda em I Tes. 4:15. Consideramos que esses «santos», pois, era a igreja do tempo do imperador Domiciano (ponto de vista histórico), ao passo que, profeticamente, será a igreja cristã do tempo da tribulação provocada pelo anticristo. O termo «santo», subentende a absoluta necessidade da «santificação» pessoal e prática desse grupo. (Rom. 1:7 encerra notas expositivas completas sobre esse termo e suas implicações; e em Col. 1:2 há notas adicionais que suplementam as notas expositivas na epístola aos Romanos).

«...guardam os mandamentos de Deus...» Eles se tinham recusado a adorar ao imperador romano (não participando, assim, da idolatria). Eles também se recusarão a adorar ao anticristo, pelo que nada terão a ver com seu culto idólatra. Assim, eles observam o primeiro mandamento, que ordena amar e obedecer a Deus somente. Outrossim, os cristãos não se deixaram envolver nas imoralidades do culto ao imperador. São santos e conservam a lei em um plano santo. Poderíamos ser «superdispensacionistas» neste ponto, dizendo que isso não poderia ser dito acerca de verdadeiros crentes. No entanto, muitos trechos do N.T. aludem aos cristãos de modo similar. (Ver, por exemplo, I João 3:3 e ss. que vincula a

mente, aquele estado próprio de quem não atingiu a salvação. Todas as demais considerações concernentes à natureza do julgamento divino, em comparação com esse fator, são meramente triviais.

Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. Certamente o versículo diante de nós ensina-nos a função «retributiva» do julgamento, mas há outros propósitos no juízo divino, e as notas expositivas acima sugerem o que poderiam elas ser.

2. Imaginar que a «fumaça» indica «resistência» por parte dos perdidos, ao juízo divino e seus propósitos, em uma atitude continuamente odiosa, é pura fantasia.

3. «O pecado, que a princípio é abraçado como um deleite, em breve se torna um tirano inexorável, devido a uma tremenda retribuição, que compõe os homens a uma rotina de mau hábito, aos quais têm asco, mas anelando sempre, a vice-versa. Há um destino de desassossego em todo o pecado. 'Os ímpios são como a mar agitado, que não tem descanso'» (Carpenter, *in loc.*).

4. Os simbolismos empregados pelo vidente João, na literatura judaica, envolvem até idéias cruas, como as que os anjos sopram a fumaça dos atormentados ocasionalmente, dando-lhes descanso, e que o inferno «fecha-se» no sábado, por assim dizer, dando aos perdidos descanso de seus tormentos.

observância dos mandamentos aos crentes em Cristo, mais ou menos do mesmo modo que o fazem os trechos de João 14:15, 21 e 15:10. Paulo diz, em I Cor. 7:19: «A circuncisão em si não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus». E lê em II João 6: «E o amor é este, que andemos segundo os seus mandamentos». Isso certamente se aplica a todos os crentes, pelo que nada há de anticristão na expressão que temos neste versículo. Certamente essas palavras se aplicam à igreja. A questão que a lei precisa ser escrita no coração, administrada pelo Espírito, mas não com a atitude do legalismo, simplesmente não aborda o texto. O versículo ensina que os autênticos discípulos de Cristo rejeitam o «paganismo» e retêm a expressão ética da lei santa, que apresenta um quadro inteiramente oposto daquilo que o paganismo defende.

«...fé em Jesus...» Literalmente, teríamos aqui «fé de Jesus», o que poderia ser a fé objetiva, isto é, a «fé cristã» (comentada em I Tim. 1:2). Nesse caso a «fé cristã» está sendo contrastada com a lealdade ao imperador romano ou ao anticristo. Através dessa lealdade é que resistem e vencem. Mais provavelmente, porém, essa pode ser a fé subjetiva, isto é, a «fé em Jesus», a fé que o indivíduo exerce em Cristo, nele confiando e entregando-lhe a própria alma. (Esse aspecto da «fé» é anotado com abundância de detalhes em Heb. 11:1). Mediante a confiança firme no Senhor, a despeito das mais adversas circunstâncias, os «santos» podem vencer, porquanto para além do martírio, vendo a glória que resulta da fidelidade a Cristo, seguindo o próprio exemplo de Cristo. «...Jesus, o qual, em troca de alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus» (Heb. 12:2). A fé também é uma virtude (ver Gál. 5:22) e um dom, quando se torna tão grande a ponto de tornar-se a qualidade distintiva do crente, mediante o que ele pode realizar coisas admiráveis (ver I Cor. 12:9). Seja como for, a «fé» é uma operação do Espírito, porquanto consiste do desenvolvimento espiritual, e não de mera realização humana. Entretanto, requer a resposta humana positiva e a aceitação de seu desenvolvimento. (Quanto a um poema que ilustra bem o tema da «fé», ver Heb. 11:1).

Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:

1. Este versículo tenciona mostrar que pode haver uma atual «vitória íntima», em meio às tribulações mais temíveis. O Apocalipse foi escrito para fortalecer e consolar aos mártires em potencial.

2. «Se permanecerdes e perseverardes em seu temor, e não vos esqueçardes dele, os tempos modificar-se-ão para vosso bem, e vereis o consolo de Sião» (Apocalipse de Baruque 44:7).

3. O versículo contradiz o clamor plangente do sofrimento: «Tenho-me ido para cá e para lá, através das nações, e tenho visto sua abundância, embora não se lembrem de seus mandamentos». E: «Haverá qualquer outra nação que te conheça, salvo Israel? Contudo, seu galardão não aparece, e seu labor não produz fruto». (IV Ezequiel 3:32, 33).

4. A constância na fé, contra grande adversidade, é a prova do genuíno discipulado cristão. Que os não-discípulos tenham de sofrer grande castigo é apresentado como um impedimento contra a apostasia. Os autênticos resistirão—isso é o que o autor deixa implícito.

5. «Aqui está a recompensa da perseverança dos verdadeiros crentes; pois embora eles morram pelo testemunho de Jesus, contudo serão indubitavelmente bem-aventurados» (Adam Clarke, *in loc.*).

Esta breve versículo realmente representa um tema central do Apocalipse, refletindo a razão principal pela qual ele foi escrito. Supõe-se que o Apocalipse foi escrito durante a perseguição movida por Domiciano, e o autor sagrado esperava o aparecimento do «Nero redivo», que aumentaria os sofrimentos já horrendos por que a igreja estava passando. Com freqüência temos visto que o Apocalipse visa consolar e fortalecer aos mártires em potencial, explicando aos que restarem da matança, os propósitos de seus sofrimentos, esclarecendo ainda que a vitória final é certa. O versículo que ora comentamos estabelece eloqüentemente o tema do autor sagrado, embora já tenhamos lido muitas ocasiões para observá-lo anteriormente. A morte, se for sofrida por causa de Deus, não pode destruir o valor da vida do crente. Antes, esse valor é transferido para os mundos eternos. O valor humano, preparado por Cristo, jamais poderá perder-se. Os mártires terão de triunfar.

5. Bem-aventurança dos Mártires (14:13).

13 καὶ ἤκουσα φωνῆς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λεγούσης, Γράψον· Μακάριοι οἱ νεκροὶ οἱ ἐν κυρίῳ ἀποθνήσκοντες· ἀπ' αὐτοῦ· ναί, λέγει· τὸ πνεῦμα, ἵνα ἀναπαύσονται ἐκ τῶν κόπων αὐτῶν· τὰ γὰρ ἔργα αὐτῶν ἀκολουθεῖ μετ' αὐτῶν.

\* 13 B1 vai, λέγει M A C P 061 1 1006 1811 1884 2030 2042 2046 2073 2081 2244 2432 1167-1200, 1201-1202, 1203-1204, 1205-1206, 1207-1208, 1209-1210, 1211-1212, 1213-1214, 1215-1216, 1217-1218, 1219-1220, 1221-1222, 1223-1224, 1225-1226, 1227-1228, 1229-1230, 1231-1232, 1233-1234, 1235-1236, 1237-1238, 1239-1240, 1241-1242, 1243-1244, 1245-1246, 1247-1248, 1249-1250, 1251-1252, 1253-1254, 1255-1256, 1257-1258, 1259-1260, 1261-1262, 1263-1264, 1265-1266, 1267-1268, 1269-1270, 1271-1272, 1273-1274, 1275-1276, 1277-1278, 1279-1280, 1281-1282, 1283-1284, 1285-1286, 1287-1288, 1289-1290, 1291-1292, 1293-1294, 1295-1296, 1297-1298, 1299-1300, 1301-1302, 1303-1304, 1305-1306, 1307-1308, 1309-1310, 1311-1312, 1313-1314, 1315-1316, 1317-1318, 1319-1320, 1321-1322, 1323-1324, 1325-1326, 1327-1328, 1329-1330, 1331-1332, 1333-1334, 1335-1336, 1337-1338, 1339-1340, 1341-1342, 1343-1344, 1345-1346, 1347-1348, 1349-1350, 1351-1352, 1353-1354, 1355-1356, 1357-1358, 1359-1360, 1361-1362, 1363-1364, 1365-1366, 1367-1368, 1369-1370, 1371-1372, 1373-1374, 1375-1376, 1377-1378, 1379-1380, 1381-1382, 1383-1384, 1385-1386, 1387-1388, 1389-1390, 1391-1392, 1393-1394, 1395-1396, 1397-1398, 1399-1400, 1401-1402, 1403-1404, 1405-1406, 1407-1408, 1409-1410, 1411-1412, 1413-1414, 1415-1416, 1417-1418, 1419-1420, 1421-1422, 1423-1424, 1425-1426, 1427-1428, 1429-1430, 1431-1432, 1433-1434, 1435-1436, 1437-1438, 1439-1440, 1441-1442, 1443-1444, 1445-1446, 1447-1448, 1449-1450, 1451-1452, 1453-1454, 1455-1456, 1457-1458, 1459-1460, 1461-1462, 1463-1464, 1465-1466, 1467-1468, 1469-1470, 1471-1472, 1473-1474, 1475-1476, 1477-1478, 1479-1480, 1481-1482, 1483-1484, 1485-1486, 1487-1488, 1489-1490, 1491-1492, 1493-1494, 1495-1496, 1497-1498, 1499-1500, 1501-1502, 1503-1504, 1505-1506, 1507-1508, 1509-1510, 1511-1512, 1513-1514, 1515-1516, 1517-1518, 1519-1520, 1521-1522, 1523-1524, 1525-1526, 1527-1528, 1529-1530, 1531-1532, 1533-1534, 1535-1536, 1537-1538, 1539-1540, 1541-1542, 1543-1544, 1545-1546, 1547-1548, 1549-1550, 1551-1552, 1553-1554, 1555-1556, 1557-1558, 1559-1560, 1561-1562, 1563-1564, 1565-1566, 1567-1568, 1569-1570, 1571-1572, 1573-1574, 1575-1576, 1577-1578, 1579-1580, 1581-1582, 1583-1584, 1585-1586, 1587-1588, 1589-1590, 1591-1592, 1593-1594, 1595-1596, 1597-1598, 1599-1600, 1601-1602, 1603-1604, 1605-1606, 1607-1608, 1609-1610, 1611-1612, 1613-1614, 1615-1616, 1617-1618, 1619-1620, 1621-1622, 1623-1624, 1625-1626, 1627-1628, 1629-1630, 1631-1632, 1633-1634, 1635-1636, 1637-1638, 1639-1640, 1641-1642, 1643-1644, 1645-1646, 1647-1648, 1649-1650, 1651-1652, 1653-1654, 1655-1656, 1657-1658, 1659-1660, 1661-1662, 1663-1664, 1665-1666, 1667-1668, 1669-1670, 1671-1672, 1673-1674, 1675-1676, 1677-1678, 1679-1680, 1681-1682, 1683-1684, 1685-1686, 1687-1688, 1689-1690, 1691-1692, 1693-1694, 1695-1696, 1697-1698, 1699-1700, 1701-1702, 1703-1704, 1705-1706, 1707-1708, 1709-1710, 1711-1712, 1713-1714, 1715-1716, 1717-1718, 1719-1720, 1721-1722, 1723-1724, 1725-1726, 1727-1728, 1729-1730, 1731-1732, 1733-1734, 1735-1736, 1737-1738, 1739-1740, 1741-1742, 1743-1744, 1745-1746, 1747-1748, 1749-1750, 1751-1752, 1753-1754, 1755-1756, 1757-1758, 1759-1760, 1761-1762, 1763-1764, 1765-1766, 1767-1768, 1769-1770, 1771-1772, 1773-1774, 1775-1776, 1777-1778, 1779-1780, 1781-1782, 1783-1784, 1785-1786, 1787-1788, 1789-1790, 1791-1792, 1793-1794, 1795-1796, 1797-1798, 1799-1800, 1801-1802, 1803-1804, 1805-1806, 1807-1808, 1809-1810, 1811-1812, 1813-1814, 1815-1816, 1817-1818, 1819-1820, 1821-1822, 1823-1824, 1825-1826, 1827-1828, 1829-1830, 1831-1832, 1833-1834, 1835-1836, 1837-1838, 1839-1840, 1841-1842, 1843-1844, 1845-1846, 1847-1848, 1849-1850, 1851-1852, 1853-1854, 1855-1856, 1857-1858, 1859-1860, 1861-1862, 1863-1864, 1865-1866, 1867-1868, 1869-1870, 1871-1872, 1873-1874, 1875-1876, 1877-1878, 1879-1880, 1881-1882, 1883-1884, 1885-1886, 1887-1888, 1889-1890, 1891-1892, 1893-1894, 1895-1896, 1897-1898, 1899-1900, 1901-1902, 1903-1904, 1905-1906, 1907-1908, 1909-1910, 1911-1912, 1913-1914, 1915-1916, 1917-1918, 1919-1920, 1921-1922, 1923-1924, 1925-1926, 1927-1928, 1929-1930, 1931-1932, 1933-1934, 1935-1936, 1937-1938, 1939-1940, 1941-1942, 1943-1944, 1945-1946, 1947-1948, 1949-1950, 1951-1952, 1953-1954, 1955-1956, 1957-1958, 1959-1960, 1961-1962, 1963-1964, 1965-1966, 1967-1968, 1969-1970, 1971-1972, 1973-1974, 1975-1976, 1977-1978, 1979-1980, 1981-1982, 1983-1984, 1985-1986, 1987-1988, 1989-1990, 1991-1992, 1993-1994, 1995-1996, 1997-1998, 1999-2000, 2001-2002, 2003-2004, 2005-2006, 2007-2008, 2009-2010, 2011-2012, 2013-2014, 2015-2016, 2017-2018, 2019-2020, 2021-2022, 2023-2024, 2025-2026, 2027-2028, 2029-2030, 2031-2032, 2033-2034, 2035-2036, 2037-2038, 2039-2040, 2041-2042, 2043-2044, 2045-2046, 2047-2048, 2049-2050, 2051-2052, 2053-2054, 2055-2056, 2057-2058, 2059-2060, 2061-2062, 2063-2064, 2065-2066, 2067-2068, 2069-2070, 2071-2072, 2073-2074, 2075-2076, 2077-2078, 2079-2080, 2081-2082, 2083-2084, 2085-2086, 2087-2088, 2089-2090, 2091-2092, 2093-2094, 2095-2096, 2097-2098, 2099-2100, 2101-2102, 2103-2104, 2105-2106, 2107-2108, 2109-2110, 2111-2112, 2113-2114, 2115-2116, 2117-2118, 2119-2120, 2121-2122, 2123-2124, 2125-2126, 2127-2128, 2129-2130, 2131-2132, 2133-2134, 2135-2136, 2137-2138, 2139-2140, 2141-2142, 2143-2144, 2145-2146, 2147-2148, 2149-2150, 2151-2152, 2153-2154, 2155-2156, 2157-2158, 2159-2160, 2161-2162, 2163-2164, 2165-2166, 2167-2168, 2169-2170, 2171-2172, 2173-2174, 2175-2176, 2177-2178, 2179-2180, 2181-2182, 2183-2184, 2185-2186, 2187-2188, 2189-2190, 2191-2192, 2193-2194, 2195-2196, 2197-2198, 2199-2200, 2201-2202, 2203-2204, 2205-2206, 2207-2208, 2209-2210, 2211-2212, 2213-2214, 2215-2216, 2217-2218, 2219-2220, 2221-2222, 2223-2224, 2225-2226, 2227-2228, 2229-2230, 2231-2232, 2233-2234, 2235-2236, 2237-2238, 2239-2240, 2241-2242, 2243-2244, 2245-2246, 2247-2248, 2249-2250, 2251-2252, 2253-2254, 2255-2256, 2257-2258, 2259-2260, 2261-2262, 2263-2264, 2265-2266, 2267-2268, 2269-2270, 2271-2272, 2273-2274, 2275-2276, 2277-2278, 2279-2280, 2281-2282, 2283-2284, 2285-2286, 2287-2288, 2289-2290, 2291-2292, 2293-2294, 2295-2296, 2297-2298, 2299-2300, 2301-2302, 2303-2304, 2305-2306, 2307-2308, 2309-2310, 2311-2312, 2313-2314, 2315-2316, 2317-2318, 2319-2320, 2321-2322, 2323-2324, 2325-2326, 2327-2328, 2329-2330, 2331-2332, 2333-2334, 2335-2336, 2337-2338, 2339-2340, 2341-2342, 2343-2344, 2345-2346, 2347-2348, 2349-2350, 2351-2352, 2353-2354, 2355-2356, 2357-2358, 2359-2360, 2361-2362, 2363-2364, 2365-2366, 2367-2368, 2369-2370, 2371-2372, 2373-2374, 2375-2376, 2377-2378, 2379-2380, 2381-2382, 2383-2384, 2385-2386, 2387-2388, 2389-2390, 2391-2392, 2393-2394, 2395-2396, 2397-2398, 2399-2400, 2401-2402, 2403-2404, 2405-2406, 2407-2408, 2409-2410, 2411-2412, 2413-2414, 2415-2416, 2417-2418, 2419-2420, 2421-2422, 2423-2424, 2425-2426, 2427-2428, 2429-2430, 2431-2432, 2433-2434, 2435-2436, 2437-2438, 2439-2440, 2441-2442, 2443-2444, 2445-2446, 2447-2448, 2449-2450, 2451-2452, 2453-2454, 2455-2456, 2457-2458, 2459-2460, 2461-2462, 2463-2464, 2465-2466, 2467-2468, 2469-2470, 2471-2472, 2473-2474, 2475-2476, 2477-2478, 2479-2480, 2481-2482, 2483-2484, 2485-2486, 2487-2488, 2489-2490, 2491-2492, 2493-2494, 2495-2496, 2497-2498, 2499-2500, 2501-2502, 2503-2504, 2505-2506, 2507-2508, 2509-2510, 2511-2512, 2513-2514, 2515-2516, 2517-2518, 2519-2520, 2521-2522, 2523-2524, 2525-2526, 2527-2528, 2529-2530, 2531-2532, 2533-2534, 2535-2536, 2537-2538, 2539-2540, 2541-2542, 2543-2544, 2545-2546, 2547-2548, 2549-2550, 2551-2552, 2553-2554, 2555-2556, 2557-2558, 2559-2560, 2561-2562, 2563-2564, 2565-2566, 2567-2568, 2569-2570, 2571-2572, 2573-2574, 2575-2576, 2577-2578, 2579-2580, 2581-2582, 2583-2584, 2585-2586, 2587-2588, 2589-2590, 2591-2592, 2593-2594, 2595-2596, 2597-2598, 2599-2600, 2601-2602, 2603-2604, 2605-2606, 2607-2608, 2609-2610, 2611-2612, 2613-2614, 2615-2616, 2617-2618, 2619-2620, 2621-2622, 2623-2624, 2625-2626, 2627-2628, 2629-2630, 2631-2632, 2633-2634, 2635-2636, 2637-2638, 2639-2640, 2641-2642, 2643-2644, 2645-2646, 2647-2648, 2649-2650, 2651-2652, 2653-2654, 2655-2656, 2657-2658, 2659-2660, 2661-2662, 2663-2664, 2665-2666, 2667-2668, 2669-2670, 2671-2672, 2673-2674, 2675-2676, 2677-2678, 2679-2680, 2681-2682, 2683-2684, 2685-2686, 2687-2688, 2689-2690, 26



« 12 a nove, a majore: TR WH Bov Nee BF<sup>1</sup> AV<sup>2</sup> RV ASV RSV TT (Zur) Luth (Be) ¶ a major, a minor: RV<sup>2</sup> ASV<sup>2</sup> NEB ¶ a majore, a dash: Lat ¶ a maior, a minor: AV<sup>2</sup>

13 ἀναπαύονται... κόπων αὐτῶν He 4:10

13 (αποθν. απ αρτι. P al m syb<sup>h</sup> c; R<sup>1</sup>) -θησασκετες. απ αρτι (= ἀναπλῖ) 046 82 al lat Aug Prim; R<sup>m</sup>) |

Embora a forma mais breve, λέγει (p<sup>o</sup> N<sup>o</sup> 336 582 620 628 1918 cop (bo) etí possa ser tida como a forma primitiva, ao passo que as demais formas seriam expansões escribais, talvez seja mais provável que ναί, λέγει seja original, pois é fortemente apoiada (N<sup>o</sup> ACP 051 1006 1611 1854 2344 it (gig). (61) vg sir (ph, h) cop (sa) ara Espéculo al), e está no estilo do Apocalipse (1:7; 16:7; 22:20). As formas λέγει ναί (046 e noventa manuscritos minúsculos) και λέγει 205 2018 2019 2053), e λέγει και (218 522) são obviamente secundárias.

14:13; *Então ouvi uma voz do céu, que dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanham.*

Temos aqui a expressão de um dos mais belos sentimentos do Apocalipse, com frequência usado nos sermões de funerais: e não sem bastante razão. Pois a esperança não termina à beira do sepulcro. De fato, o sepulcro é apenas um lugar vazio, já que a alma não está ali contida, e a morte é apenas uma ameaça oca, pois é somente a transição para um estado melhor. Na realidade, pois, é uma vantagem, e não uma perda. Outrossim, tudo quanto neste mundo tiver sido feito em favor de Cristo, não pode perder-se, mas acompanhará ao crente falecido, conferindo-lhe a devida recompensa por suas boas obras.

«...ouvi uma voz...» Essa voz não foi identificada; mas só pode ser a de um anjo ou a do próprio Cristo, como é normal no Apocalipse. Trata-se de uma voz dotada de autoridade mística que não está limitada à percepção dos sentidos para que haja conhecimento, e que pode falar de modo autoritativo para aqueles que sofrem. A morte não é o fim. Não há morte! Cristo tirou o ferrão e a ameaça que havia na sepultura. A autoridade dessa voz, que concorda com Jesus (ver João 14:1 e ss.), é fortalecida de modo absoluto por sua proclamação que é o «Espírito»: quem afirma essas coisas (conforme se vê mais adiante, neste mesmo versículo).

«...Escreve...» Por causa da revelação desse tremendo fato, que não pode ficar em mera comunicação oral. Deveria ficar ela registrada para todas as gerações sucessivas, para que elas ouvissem e cressem. No Apocalipse, é comum a ordem «escreve». (Ver também Apo. 1:11, 19; 2:1, 8, 12, 18; 3:1, 7, 12, 14; 10:4; 14:13; 19:9 e 21:5).

«...bem-aventurados os mortos...» O primeiro desses termos significa «feliz», embora se origine de uma raiz que significa «riqueza» (no grego é «makarios»), um termo grego originalmente aplicado aos deuses, que seriam felizes e abençoados, em contraste com os homens, que são vis e miseráveis. O N.T., porém, elevou essa palavra, dando-lhe o sentido de «felicidade espiritual», com base no bem-estar espiritual. No presente contexto, a «felicidade» celestial está em foco, a concretização do bem-estar espiritual nos lugares celestes. (Quanto a notas expositivas completas sobre esse termo, ver Mat. 5:3).

No Apocalipse há sete bem-aventuranças. Esta é a segunda delas. (Ver a primeira em Apo. 1:3). Essa promessa de bem-estar espiritual, que inclui a idéia que nenhum bem feito nesta vida pode perder-se finalmente, a despeito até de morte violenta, visava consolar os mártires, que e o tema central do Apocalipse. O consolo dá forças para cumprir alegremente o próprio destino, ainda que tal destino seja difícil, de acordo com os padrões humanos. Essa bem-aventurança é solenemente afirmada pelo Espírito, e não meramente pela «voz» celeste não-identificada. (Quanto às «bem-aventuranças» do Apocalipse, ver Apo. 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7, 14). Também se pode comparar este versículo com a eloquente passagem de Paulo, em 1 Cor. 15:51-58, que é uma expansão das mesmas idéias no presente texto.

«...descansem das suas fadigas...» 1. Em contraste direto com os adoradores da besta, os quais, em tormento eterno, não têm descanso para sempre, conforme se vê no décimo primeiro versículo deste capítulo. Essa comparação é obviamente tencionada. 2. Para mostrar que o sofrimento, o labor, os esforços exaustivos terão fim, redundando em um galardão riquíssimo. O labor desta vida nos deixa exaustos. Não nos cansamos do trabalho, mas no trabalho. Mas o trabalho celestial—pois haverá muitos e elevados projetos que cumprirmos nos lugares celestiais—não nos cansará; pelo contrário, nos inspirará a esforços ainda maiores. Os esforços terrenos nos cansam, mas haverá um descanso glorioso que se seguirá. 3. O descansar dos «labores», no presente contexto, deve significar também a liberação dos sofrimentos e perseguições causados pela lealdade a Cristo, para quem nossos labores serão realizados.

«...as suas obras os acompanham...» Nós descansamos delas, mas elas não descansam de nós. Mostram-se ativas e nos seguem. Essa é uma maneira metafórica de dizer que haverá «galardões» ou «coroas» para os esforços fiéis e diligentes em favor de Cristo, o que necessariamente inclui.

IX. *Sete Visões dos Adoradores do Cordeiro e da Besta* (14:1-20).

6. O Armagedom, a colheita (14:14-16).

Tendo mencionado quão «imediato» será o galardão dado aos mártires, o autor sagrado agora passa para o castigo decisivo de homens maus e irracionais, no fim do período da tribulação, a batalha do Armagedom. (Comparar com Apo. 16:16, onde esse termo é usado). O Armagedom será uma espécie de «colheita», pelo que o simbolismo da colheita é empregado neste ponto. Em Mat. 13:24 e ss., o julgamento também é assemelhado a uma colheita; e ali também estão envolvidos os anjos, bem como na secção seguinte. (Ver também Mat. 24:31). Os anjos «recolherão» aos eleitos. A predição constante em Isa. 63:6, de que o sangue da vida das nações será derramado sobre a terra, é aqui elaborada, e o vigésimo versículo quase certamente situa isso dentro da batalha de Armagedom, talvez incluindo os eventos que conduzirão a tal ocorrência, sobretudo aquilo que tiver causado sofrimentos à igreja e à nação de Israel. Devemos supor que, originalmente, o vidente João tinha em mente o culto ao imperador e o domínio romano. E visto que o mundo inteiro se imiscuiu com essa horrenda idolatria, todas as nações terão de sofrer. João antecipou a destruição de todos os poderes ímpios, de alguma forma juntamente com a destruição de Roma. Mas, se em Apo.

no caso dos mártires, o sofrimento em favor dele. (Ver I Cor. 3:14 quanto a notas expositivas completas sobre os «galardões», Ver II Cor. 5:10 quanto ao «julgamento dos crentes». E ver II Tim. 4:8 quanto a notas expositivas completas sobre as «coroas»). Este comentário defende a verdade que as recompensas e coroas consistem, essencialmente, daquilo que sucede conosco, mais do que aquilo que chegamos a possuir. Rejeitamos o ponto de vista materialista sobre os galardões, como se fossem mansões ou outras vantagens de ordem física. Antes, esses galardões consistem de nos tornarmos mais parecidos com Cristo, por participarmos de sua natureza e forma de vida, sendo totalmente transformados segundo sua natureza moral e metafísica. Muito mais importa aquilo em que nos tornaremos do que aquilo que teremos. (Ver II Cor. 3:18 sobre esse tema da transformação segundo a imagem de Cristo).

**Variante Textual:** Os mss Aleph(c), ACP, 051, 1611, 1854, 2344, o It(gig, 61), a Vg, o Siph(h), o Copisa), o Ara e os escritos de Espéculo dizem aqui: «...sim, diz...», ou então «...de fato, diz... (o Espírito)». Há um texto mais curto que diz apenas «diz o Espírito», e que aparece nos mss P(47), Aleph(1), 336, 582, 620, 629, 1918, o Cópibol e o Etl. Normalmente, a forma mais breve é a correta; mas, neste caso, a forma mais longa está mais de acordo com o estilo do autor sagrado. (Comparar iso com Apo. 1:7; 16:7 e 22:20). É possível, naturalmente, que o original se tenha desviado do hábito do autor sagrado, razão por que é impossível determinar, com absoluta certeza, qual forma é a correta.

**Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:**

1. Todos os crentes mortos se foram. Sentimos sua falta; mas os mortos crentes não estão realmente mortos, e nem se perdeu qualquer coisa que tenham feito em favor de Cristo. Quanto grande é o consolo que isso nos dá!

*Todos eles se foram para o mundo da luz!  
Só eu me demoro sentado aqui;  
Sua própria memória é justa e brilhante,  
E iluminam meus tristes pensamentos.*

..... *Se uma estrela fosse fechada em um túmulo,  
Suas chamas cativas teriam de queimar ali;  
Mas ao ser solta pela mão que a prendera,  
Ela brilha por todas as esferas*  
(Henry Vaughan)

2. «...suas atos de bondade não morrem; eles os seguem para um outro dia bom, que jaz além...» Aqueles que morrem no Senhor não podem conceber a extinção como possível». (Hough, in loc.).

3. (Ver as notas expositivas completas sobre a «imortalidade», em II Cor. 5:8. Ver a secção de introdução ao comentário, acerca da «imortalidade», pois ali há certo número de artigos que abordam o tema, oferecendo-nos notável esperança de vida eterna. Ver as notas expositivas completas sobre a vida eterna, em João 3:15).

4. No quarto versículo deste capítulo vimos que os verdadeiros discípulos de Jesus o seguem «para onde ele for». Ora, ele foi para a glória e a vida eterna. Muitos crentes já o têm seguido até ali. A morte não pode fazê-lo estacar. E nem poderá fazer-nos parar.

5. A morte não envolve qualquer privação, no caso do crente.

6. «A escatologia judaica-contemporânea... tinha um ponto de vista desesperado do mundo (ver Edras 4:26-33). Mas, se os mortos são chamados 'benditos' (por exemplo, em Apocalipse de Baruque 11:7), é porque não viveram para ver as ruínas de Jerusalém e a queda de Israel. Melhor a morte que a experiência da vida!... os mortos bem poderiam ser invejados pelos vivos. No Apocalipse de João, por outro lado, os mortos são felicitados por nada terem perdido com seu martírio» (Moffatt, in loc.). Não há aqui qualquer clamor tristonho e cansado!

7. «Mostra toda a reverência religiosa pelos deuses, pois o Pai Zeus considera secundárias todas as outras coisas: pois a recompensa dos piedosos segue as homens na morte. Quer vivam ou morram, ela não desaparece». (Sófocles, *Filoctetes*, 1441-1444).

8. «Desde agora» é uma expressão que não entende que casos anteriores foram diferentes. E nem implica no «fim do purgatório», no fim da era, segundo têm sugerido alguns intérpretes católicos-romanos. Provavelmente a expressão indica apenas que o «fim glorioso» e o galardão dos mártires estão bem próximos. «Pouco tempo» poderia ter lugar antes disso, pelo que tudo é referido como quase imediato. Os «mortos» no Senhor, antes desse tempo do fim, talvez tivessem de esperar um pouco, enquanto o julgamento não lhes conferir seu apropriado galardão. Agora que chegamos ao fim da era, isso não é mais o caso. «Desde agora» o galardão será dado imediatamente.

17-19-10, ele esboçou elaboradamente a queda de Roma, mediante sete visões, não nos explica qual será o *modus operandi* da destruição dessas nações ímpias. Sabemos, contudo, que isso ocorrerá quando da segunda vinda de Cristo, a qual terá início no Armagedom. João esperava isso para breve, porquanto não esperava que houvesse uma longa era da igreja, conforme tem sucedido. Profeticamente falando, esta passagem fala sobre o tempo quando o anticristo houver de obter o controle do mundo inteiro, mediante a força e os encantamentos; mas tudo terminará em uma imensa tragédia para todos, pois as nações farão oposição a Deus, por haverem dado sua lealdade ao anticristo.

Alguns estudiosos vêem a passagem diante de nós como uma «antecipação» dos juízos que ainda sobrevirão, especialmente os juízos das «taças», como se isso não tivesse nenhuma ligação com o Armagedom. Porém, a cena que temos aqui é vasta demais para harmonizar-se com quaisquer juízos preliminares. Portanto, devemos supor que aqui o autor sagrado antecipava ao fim real, antes dele descrever juízos secundários que o precederão. Nada de estranho há em tudo isso, no presente contexto. O vidente já descrevera o *juízo eterno*. Agora ele descreve aquele terrível julgamento geral, portanto, é favorável à menção ao Armagedom, neste ponto.

Alguns têm considerado esta passagem como um quadro do julgamento eterno, ou seja, da *colheita final*. Mas, já que o vigésimo versículo parece fazer isso algo essencialmente terreno, alguns têm rejeitado a passagem como se fora uma interpolação, suspeitando que a mesma esteja fora de sua exata posição original. É mais provável, entretanto, que João simplesmente tenha antecipado aqui o juízo final, para então prosseguir em suas descrições sobre os juízos decisivos contra o anticristo, em oposição ao verdadeiro Cristo, o Filho do homem. Se assim é o caso, então este trecho é paralelo a II Tes. 2:8, e até mesmo uma versão expandida daquela passagem. E, tal como naquela passagem, a derrota do anticristo faz parte da «parousia» ou segundo advento de Cristo, não sendo mero acontecimento antecipatório.

**Armagedom.** Essa palavra não figura no presente contexto; mas pensamos que esta passagem é paralela ao décimo sexto capítulo do Apocalipse, onde o tema é repetido. (Ver Apo. 16:16 e seu contexto geral). Quanto à própria localização geográfica do Armagedom, os intérpretes não chegaram a um consenso geral. Alguns pensam que o vocábulo significa «monte de Megido», outros, «cidade de Megido», outros, «monte da assembléia», e, ainda outros, «sua colina frutífera». O primeiro caso é a interpretação mais comum. Nos dias de João, havia um câmpo próximo de Megido, com cerca de cento e doze metros de altura, nas vizinhanças da serra do Carmelo. (Ver, em Juí. 5:19, as *águas de Megido*, e, em II Crô. 35:22, «o vale planície de Megido»). Importantes batalhas foram travadas ali, durante a história de Israel, e é perfeitamente possível que esse termo, por essa razão, se tenha tornado simbólico da grande batalha que, finalmente, libertará Israel de seus inimigos e dará o triunfo ao Messias de Israel, o Senhor Jesus Cristo, sobre o anticristo, o último e pior dos perseguidores de Israel. (Ver Eze. 39:1,4, acerca dos «montes de Israel», a cena da derrota das forças de Gogue). Essa passagem é a de Apo. 16:16. O termo Armagedom veio a ser aplicado a qualquer guerra ou batalha de grande força destruidora, mas, biblicamente falando, refere-se somente à batalha decisiva que por fim, por assim dizer, ao antigo ciclo terrestre, permitindo o começo do reino milenar do Senhor Jesus.

No A.T., a planície de Esdrelom, associada ao local do Armagedom, foi o palco de várias importantes batalhas na história de Israel. Ali Baraque obteve grande vitória sobre Canaã, e Gideão sobre Midiã (ver Juí. 4,5 e 7). Saul também morreu ali, tendo sido derrotado pelos filisteus (ver I Sam. 31). Josias também morreu ali, em sua batalha contra Faraó Neco (ver II Reis 23:29,30). Apesar da palavra «Armagedom» certamente simbolizar todo o conflito final das nações, umas contra as outras, e de todas as nações contra Cristo, cremos que a área real da planície de Esdrelom será o principal campo de batalha, embora certamente não venha a ser o único, na guerra final.

Conforme se compreende a profecia, haverá uma outra Guerra Mundial, que ocorrerá em cerca de 1999, entre a federação de dez reinos, encabeçada pelo anticristo, e a União Soviética e seus aliados. A Rússia ocupará Israel e as terras circunvizinhas, a fim de pôr fim ao conflito contínuo entre Israel e os árabes, mas também para tirar benefícios próprios, inclusive o domínio do petróleo do mundo. O anticristo fará objeção a essa ocupação, e movimentará tropas de sua federação de dez reinos contra as forças russas. A União Soviética fará chover bombas atômicas nas cidades costeiras dos Estados Unidos da América, bem como em muitas cidades européias. A federação dos dez reinos fará retaliação, incluindo os Estados Unidos da América, que será um dos membros dessa federação. A humanidade temerá por sua própria existência, e não sem razão. As forças russas serão aniquiladas na Palestina. Os israelenses, vendo ali o «sinal do Filho do homem», bem como o próprio Cristo, corporalmente, reconhecerá que tudo se terá devido a uma intervenção divina, como aquela que houve no mar Vermelho. Israel haverá de converter-se em peso, como uma nação, passando a proclamar a Jesus de Nazaré, oficialmente, como o Messias. Mas isso ainda não será o Armagedom ou, pelo menos, será somente uma parte. O Armagedom será uma matança ainda maior, uma Quarta Guerra Mundial, que também culminará na Palestina. Dessa vez, a China, após ter feito muitas conquistas de territórios na União Soviética e na Ásia, invadirá a Palestina com uma horda de milhões. Mas o anticristo prevalecerá novamente. Esperam os místicos contemporâneos que isso ocorra em 2020 ou mais tarde. O anticristo será destruído, e uma nova era (o milênio) será instaurada. Não sabemos muito acerca dos detalhes sobre tudo isso, mas provavelmente esse é o esboço geral dos acontecimentos finais. Será uma época terrível. Nossos filhos certamente passarão por ela, se não até mesmo nós. Terão de ser crentes melhores do que somos, se quiserem resistir incólumes, espiritualmente falando, naqueles dias horrendos. Nossa tarefa é prepará-los para isso. O Armagedom assinalará o começo da *parousia* ou segundo advento de Cristo.

Pode ser que a Terceira e Quarta Guerras Mundiais possam ser consideradas estágios de Armagedom.

14 Καὶ εἶδον, καὶ ἰδοὺ νεφέλη λευκή, καὶ ἐπὶ τὴν νεφέλην καθήμενον ὅμοιον υἱὸν ἀνθρώπου, ἔχων ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ στέφανον χρυσοῦν καὶ ἐν τῇ χειρὶ αὐτοῦ δρέπανον ὄξύ.

14 [e]...ἀνθρώπου Do 7.13

14 [χρῶν] χρῶντα 8<sup>1</sup> K<sup>2</sup> 42 (2329) al

14:14; E vi, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante a filho do homem, que tinha sobre a cabeça uma coroa de ouro, e em sua mão uma foice afiada.

«...Οἱ...», em visão mística. (Ver as notas expositivas completas, em Apo. 1:10, sobre os «tipos de visões»).

«...nuvem branca...» Um símbolo apocalíptico comum, as nuvens de uma visão mística, e não nuvens literais. (Quanto a diversas idéias sobre a «nuvem», em associação à «profecia», ver I Tes. 4:17. Ver também Mat. 24:30 e Apo. 1:7. Esta última passagem diz: «Eis que vem com as nuvens...»).

«...semelhante a filho de homem...» Em outras palavras, o Messias, que deve ser identificado com Jesus Cristo, o qual é o Filho do homem. (Ver notas expositivas completas sobre esse título, em Mat. 8:20 e João 1:51, onde a história dessa expressão também é ventilada). Trata-se de um comum título messiânico, não raramente vinculado aos eventos apocalípticos. (Ver Mat. 24:30 e a declaração do próprio Jesus, em Mat. 26:64). Não é impossível que o presente versículo repouse sobre aquela declaração do evangelho de Mateus, ou seu paralelo, em Marc. 14:62. Fazia parte da tradição oral que foi reduzida à forma escrita, nos evangelhos, conforme

fica demonstrado por sua presença no evangelho de Marcos. Em Apo. 1:13, temos a descrição de Cristo como «um semelhante a filho de homem». Ficamos sabendo que João, ao antecipar a «parousia» (segunda vinda de Cristo), que ocorrerá imediatamente depois da batalha de Armagedom, chamou Cristo de «filho de homem». (Ver as notas expositivas sobre a «parousia», em I Tes. 4:15). Parece que a passagem de Dan. 7:13 é a fonte originária dessa idéia do «filho do homem», em vinculação aos eventos apocalípticos: «Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem...» No livro de Daniel esse termo sugere um ser sobrenatural, mas não da ordem angelical. I Enoque 90:38 (161 A.C.) nos fornece a idéia de que o Israel fiel será transformado em seres sobrenaturais; e essa é uma expressão usada para indicar tais seres transformados. Alguns estudiosos pensam que, no livro de Daniel, o termo é coletivo, indicando todos esses seres transformados; mas a declaração ordinariamente é tida como um símbolo messiânico. Em I Enoque vemos que o termo é empregado para indicar um único indivíduo, o Messias, em seus capítulos trinta e sete até setenta e um. (Ver também IV Esdras 13:3 quanto ao mesmo tipo de uso).

João antecipou o segundo advento de Cristo, o Filho do homem, pelo que também está antecipando aqui o trecho de Apo. 19:11,12. Porém, antes

disso suceder, terá de ocorrer a batalha do Armagedom, que precederá de imediato aquela vinda; ou então é possível considerar que o Armagedom será o primeiro estágio da vinda de Cristo, por ser um julzo divino que sobrevirá à terra, lançado por Cristo, que visa a destruir ao anticristo e todos os seus malignos aliados.

...*tendo na cabeça uma coroa de ouro...* De acordo com o uso clássico dos termos gregos, trata-se da «coroa dourada», ainda que o grego helenista lhe dava o sentido de «diadema» ou «coroa». Parece que essa é a melhor maneira de entendermos a questão. A coroa é símbolo de vitória e autoridade, de governo, de autoridade. Em Apo. 19:11,12 vê-se Cristo a usar muitos diademas, montado em um cavalo branco. O simbolismo se modifica, mas o sentido é constante e perfeitamente óbvio. Essa coroa é de «ouro» a fim de indicar o grande valor e realza do Rei dos reis. O governo de Cristo será precioso, em contraste com o desgoverno do anticristo, o qual, apesar de toda a sua sabedoria, trará apenas destruição e miséria. Na Frigia, a coroa de ouro também indicava a divindade. É possível que isso também seja indicado neste ponto. (Quanto às «coroas» que há no Apocalipse, ver Apo. 2:10; 3:11; 4:4,10; 6:2; 9:7; 12:1,3; 13:1; 14:14; 19:12). Algumas vezes a coroa se refere aos galardões dos crentes, e, de outras vezes, alude ao anticristo ou mesmo a Cristo; e também aparece vinculada aos seres celestiais, dotados de grande poder e autoridade. Em Apo. 19:12; os «muitos diademas» que ali figuram representam o ensinamento coroador dessa questão. Todas as coroas obtidas pelos santos, na realidade, pertencem a Cristo. As criaturas vivas «lançarão» suas coroas diante de Cristo, isto é, haverão de prestar-lhe seu serviço e devoção, porquanto tudo pertence ao Senhor, devido ao seu poder e dignidade. (Ver Dan. 7:13, que é trecho paralelo a este).

15 καὶ ἄλλος ἄγγελος ἐξῆλθεν ἐκ τοῦ ναοῦ, κράζων ἐν φωνῇ μεγάλῃ τῷ καθημένῳ ἐπὶ τῆς νεφέλης, Πέμψον τὸ δρέπανόν σου καὶ θέρισον, ὅτι ἦλθεν ἡ ὥρα θερίσαι, ὅτι ἐξηράνθη ὁ θερισμὸς τῆς γῆς.

15, 18 Πέμψον ... ἦν J1 3.13. Mt 13.39-40

14:15: E outro anjo saiu do santuário, clamando com grande voz ao que estava sentado sobre a nuvem: Lança a tua foice a ceifa, porque é chegada a hora de ceifar, porque já a seara da terra está madura.

...*Outro anjo...* Para alguns intérpretes, essas palavras dariam a entender que o «Filho do homem» é um «anjo» neste ponto, e não Cristo. Mas essa inferência não é válida, levando-se em conta a história do «filho do homem», na terminologia da literatura apocalíptica. Esse termo aponta para algum ser superior aos anjos, um ser sobrenatural, participante da divindade. (Ver as notas expositivas sobre esse vocábulo, no décimo quarto versículo, juntamente com as referências dadas ali).

...*gritando em grande voz...* A ordem não fora baixada pelo próprio anjo, e, sim, da parte de Deus. Portanto, não temos aqui um mero anjo a ordenar a Cristo que faça alguma coisa. Antes, o Pai foi quem baixou tal ordem, para que se desse início à ceifa, ou seja, ao julgamento dos últimos dias, o Armagedom e os julgos associados à «parousia» ou segundo advento de Cristo.

...*santuário...* Por todo o Apocalipse, temos o «simbolismo» dos céus como se o mesmo fosse um «templo». Não devemos entender isso literalmente, pois é apenas um modo conveniente e instrutivo de falar sobre os céus. Por isso, em Apo. 4:1; lê-se acerca de uma porta a abrir-se nos céus, o que também não é algo literal. Outrossim, depois dessa porta ter sido aberta, o vidente João é conduzido à «cena do trono», nos céus, no segundo versículo. O simbolismo que se segue é o das cortes reais, completas com seus atendentes. João recebeu a mensagem de modo compreensível e atrativo para seus leitores, pois se baseia em algo que lhes é familiar. Não devemos tentar entender esses símbolos de modo literal, aplicando a prosaica mente ocidental a um livro tão repleto de simbolismos místicos orientais. Os trechos de Apo. 3:12; 7:15; 11:1,2,19; 14:17; 15:5,6,8; 16:1,17 trazem o símbolo do céu como um «templo». Os próprios céus podem ser retratados como níveis diversos de glorificação, em consonância com os vários compartimentos do antigo templo terreno, no qual cada compartimento representava um «acesso» mais próximo a Deus. Há níveis variados de glorificação, embora nenhum leve seus ocupantes à estagnação; e cada nível indica uma mais íntima comunhão com Deus e uma maior participação em sua natureza e forma de vida (ver João 5:25,26; 6:57 e II Ped. 1:4). O nono capítulo da epístola aos Hebreus usa a idéia do templo para ilustrar estados e progressos espirituais, na vida futura e eterna. (Ver todo esse capítulo, sobretudo Heb. 9:24).

...*foice...* Tal como no décimo quarto versículo, temos aqui o símbolo da «ceifa», que representa o julgamento. Isso é amplamente esclarecido nas notas expositivas sobre aquele versículo. Neste ponto Cristo recebe a ordem de começar a ceifa, o que terá começo na batalha de Armagedom, a qual,

16 καὶ ἔβαλεν ὁ καθημένος ἐπὶ τῆς νεφέλης τὸ δρέπανον αὐτοῦ ἐπὶ τὴν γῆν, καὶ ἐθερίσθη ἡ γῆ.

14:16: Então aquele que estava sentado sobre a nuvem lançou a sua foice à terra, e a terra foi ceifada.

...*aquele...* sentado sobre a nuvem... Repete-se aqui o simbolismo do versículo anterior. (Ver ali as notas expositivas a respeito).

...*passou a sua foice...* a terra foi ceifada... A ceifa ficou terminada. Muitos intérpretes pensam que isso indica o recolhimento dos ímpios, em consonância com o trecho de Mat. 13:24 e ss. Porém, até mesmo ali, isso alude ao recolhimento dos eleitos e à rejeição dos ímpios, pelo que esta passagem não pode ser confrontada com aquela de modo absoluto, como se já estivesse comprovado que os «eleitos» estão aqui em foco, no tocante à ceifa. Mais provavelmente, a «ceifa» é, ao mesmo tempo, a «vindima» (ver os versículos décimo sétimo a vigésimo deste capítulo), e ambas as coisas se referem ao julgamento dos ímpios, os que apoiavam Roma e seu culto ao

...*na mão uma foice afiada...* A «foice» aparece na mão do Filho do homem porque a idéia da sega representa o julgamento. Em outros trechos, entretanto, aparece uma «espada» nas mãos de Cristo, porque então o simbolismo usado é o da «guerra». (Ver as notas expositivas em Apo. 19:15, quanto ao simbolismo da «espada». Ver Mat. 13:24 e ss. quanto à «sega», no tocante a um símbolo apocalíptico do julgamento final).

*Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:*

1. Cristo brande a foice. Ele tem seus direitos exclusivos sobre a colheita. Sua vontade fatalmente será cumprida. Essa foice é afiada. Dividirá o falso do verdadeiro. Despedaçará o falso. A «foice» é objeto mencionado por doze vezes nas Escrituras, e por sete delas nos versículos que temos nesta seção. A sega será a consumação da era (ver o décimo terceiro capítulo do evangelho de Mateus). O Armagedom, e a «parousia» que então terá lugar, trarão uma nova época, ao passo que os homens da era anterior serão julgados.

2. A «nuvem branca» parece indicar que o Armagedom deve ser considerado como os primeiros aspectos da segunda vinda do Senhor, e não como um evento separado, que antecederá à «parousia». Essa «nuvem» é o símbolo místico da volta de Cristo.

3. Ainda que anteriormente «três anjos» foram descritos, seria um erro considerar a expressão apocalíptica, *filho da homem*, o qual virá entre nuvens, como algo que salienta um mero anjo. A referência é claramente messiânica. Um anjo virá até Cristo e lhe dará uma ordem (ver o décimo quinto versículo deste capítulo); mas essa será uma ordem emanada da Deus Pai, e não uma idéia do próprio anjo. Portanto, nada há aqui contrário à identificação de Cristo com o «Filho do homem», por ocasião de sua segunda vinda.

4. Historicamente, sem dúvida João antecipava a destruição do império romano e do culto ao imperador nesta passagem. Essa é uma das aplicações do presente texto. Mas a outra interpretação é de natureza profética, e faz o texto referir-se aos últimos dias, ao anticristo e ao conflito final do Armagedom.

15 η ώρα θερίσαι] η ω. του θερισμου Ν ρε: ο θερισμος ρ<sup>17</sup>

no presente texto, indica uma espécie de primeira fase da «parousia», pois o Filho do homem virá nas nuvens que produzirão o Armagedom.

O anjo transmite a ordem, mas esta veio de Deus Pai. Isso concorda com Mat. 24:36, onde se lê que nem mesmo o Filho do homem sabe a hora exata desses acontecimentos. Esse conhecimento vem da parte do Pai.

...*ceifa...* (Ler Mat. 13:37,38, passagem paralela a esta). O trecho de II Esdras 4:28-32 pinta duas ceifas, uma na era presente, dos ímpios, e a outra na era vindoura, dos justos. Haverá tanto o «corte» como o «recolhimento» e a «rejeição» do joio. Temos aqui a combinação do quadro duplo da colheita e da vindima, segundo se vê em Joel 3:13, que diz: «Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lugar está cheio...» Alguns eruditos supõem que a «ceifa» do presente texto refere-se aos «justos», ao passo que a «vindima» seria alusão aos ímpios, mas talvez isso seja um refinamento demasiado das palavras do autor sagrado.

...*visto que a seara da terra já secou...* Em outras palavras, chegou o tempo da colheita, pois a metáfora baseada na vida agrícola continua. No momento exato, de acordo com o conhecimento do Pai, começará a colheita. O grego diz, literalmente, «secou» (conforme se vê em nossa versão portuguesa), e não «está madura», segundo se lê em outras tradições. É chegada o tempo além do qual não se poderá passar. Mas o verbo «zerarino» é usado para indicar «estar maduro», apesar de também significar «ressecar-se»; e é evidente que esse é o sentido que devemos entender aqui. Provavelmente a idéia de «secar-se» de maduro se derivou do fato que ao ser ceifada, a messe do campo começa a secar-se, de tal modo que, por assim dizer, o que está maduro está prestes a ressecar-se.

*Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:*

1. Supõe-se que a colheita, em todas as suas menções apocalípticas, envolva os ímpios, a terra maligna, e não os justos; e, muito menos ainda, envolveria os bons e os maus juntamente.

2. «Outro anjo» por ser distinto dos três anjos pouco antes descritos, e não para inferir que o «filho do homem», que há nesta passagem, seja meramente um anjo.

3. O anjo clama com uma «grande» voz, um simbolismo familiar do Apocalipse, quando há algum anúncio importante, que não pode ser ignorado. (Ver esse uso em Apo. 1:10; 5:2; 6:10; 7:2,10; 8:13; 10:3; 11:12; 12:10; 14:7; 16:1,17; 18:2; 19:1,17 e 21:3).

4. Embora o contexto pareça dar a idéia que o julgamento envolve somente os ímpios, há alguma coisa que pode ser dita em favor da interpretação de um «duplo» julgamento neste ponto, a saber, a ceifa dos eleitos e a vindima dos seguidores do anticristo. Ambas as idéias são verdadeiras, ambas os acontecimentos terão lugar, sem importar se isso é o que está em foco ou não na presente seção.

5. As interpretações protestantes da escola histórica, que pensam que tais cenas descrevem a «queda do papado», estão longe do alvo autêntico.

imperador (ponto de vista histórico) e os que apoiarão ao anticristo (ponto de vista profético). (Ver Joel 3:13, onde são usados ambos os símbolos, e onde somente os iníquos estão em foco). Parece ser esse também o intuito do vidente João neste ponto, e talvez a passagem do livro de Joel tenha sido sua origem.

A vida humana pode ser vista como um processo que busca um alvo. A idéia da colheita ilustra o fato que a vida humana não é mera série de ocorrências ao acaso. Há um alvo, uma «ceifa» a ser atingida. Os ímpios, com suas maldades contínuas, colherão para si mesmos uma ceifa amarga e triste, porquanto sempre será fato que os homens deverão colher o que tiverem semeado (ver Gál. 6:7,8 e suas notas expositivas). Se alguém semeia para seu próprio espírito, mediante a ajuda do Espírito de Deus, suas obras amadurecerão para o bem. Mas, se semeia para sua carne, como quem está



em entendimento com o diabo, certamente terá uma colheita amarga. O texto à nossa frente mostra-nos como os seguidores do anticristo, ao seguirem-no com um senso de realização, subitamente serão surpreendidos pelo desprazer do verdadeiro Cristo, o qual também é Juiz. Os grandes dramas da vida quase sempre estão ligados, de algum modo, ao pêndulo da foice de Juízo, ou então, à colheita boa, os homens se esforçam em favor do mal ou do bem, antes da colheita ter lugar. Mas, no momento da colheita, recolhe-se aquilo que houver sido semeado. Ninguém pode escapar a essa regra, porquanto ela governa a criação inteira. Tal como nas antigas tragédias gregas, assim também se dá na vida, usualmente, em que a colheita, amarga ou boa, segue-se a uma longa série de eventos, tornando-se sua pedra angular. A própria eternidade, em certo sentido, é a colheita da vida terrena, mesmo que a vida na eternidade jamais fique estagnada, admitindo a modificação do infortúnio, embora não a mudança dos lugares de julgamento para os lugares celestiais. Como tudo isso funcionará, preferimos deixar ao encargo de Deus. (Ver as notas expositivas em I Ped. 4:6, quanto a idéias sobre esse conceito de «não-estagnação do estado eterno»). A colheita poderá ser a «fruição» de boas obras, ou pode ser o recebimento de um amargo julgamento. O que sucederá com cada um de nós é deixado à nossa escolha. Até os próprios crentes devem preocupar-se com isso, conforme se pode ver em II Cor. 5:10 (ver suas notas expositivas).

Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

## IX. Sete Visões dos Adoradores do Cordeiro e da Besta (14:1-20)

### 7. O lugar de Deus (14:17-20).

No simbolismo da colheita, vimos que isso aponta para a batalha do Armagedom, o que será um passo inicial da «parousia» e do julgamento dos ímpios. Agora, em simbolismo ainda mais vívido, o vidente João nos conta a mesma coisa. Aqui ele emprega a metáfora da vindima, com o pisar das uvas para a obtenção do suco. cremos que o autor sagrado continua a seguir a idéia de Joel 3:13, onde aparece o mesmo duplo simbolismo, envolvendo também o julgamento dos ímpios. (Quanto a notas expositivas como isso pode estar em foco exatamente, do ponto de vista profético, ver as notas de introdução ao décimo quarto versículo deste capítulo). Agora é um anjo que brande a foice, e não Cristo; mas ele age em lugar de Cristo. Em Mat. 13:24 e ss., Deus Pai é quem age como ceifeiro, e os anjos (segundo presumimos) são seus instrumentos. Portanto, pode-se ver que os simbolismos variam em diversas passagens, embora sempre venha à tona a mesma mensagem geral. A vida inteira é que produz a colheita, como conclusão daquilo que o indivíduo tiver praticado por todos os seus dias. (Ver Mat. 13:49, onde os anjos são vistos a separar os bons dos maus, o que aponta para a colheita). Em Mat. 13:36-43, os anjos são diretamente mencionados como instrumentos dessa «colheita» final.

17 Καὶ ἄλλος ἄγγελος ἐξῆλθεν ἐκ τοῦ ναοῦ τοῦ ἐν τῷ οὐρανῷ, ἔχων καὶ αὐτὸς δρέπανον ὀξύ.

14:17: Ainda outro anjo sai do santuário que está no céu, o qual também tinha uma foice afiada.

...santuário... (Ver o décimo quinto versículo, onde aparecem as notas que mostram que os céus, em certos livros bíblicos, são simbolizados por um «templo»). Esse simbolismo é freqüente no Apocalipse, conforme se vê naquelas notas. As cenas celestes, nos capítulos quarto, quinto e no presente, sempre envolveram seres celestes investidos de elevada missão, a saber, anjos que agem por ordem de Deus Pai ou de Deus Filho, o Senhor Jesus Cristo. O termo grego aqui traduzido por «santuário» é «naos», fazendo contraste com o terreno geral do templo.

...que se encontra no céu... Isso identifica o «santuário» ou «templo» com os céus, ou, pelo menos, com uma parte dos céus, a saber, o lugar da habitação de Deus, da mesma maneira que, no A.T., no templo, no Santo dos Santos, Deus manifestava a sua presença.

...outro anjo... Além daqueles mencionados anteriormente neste capítulo. Todos os atores deste capítulo são anjos, excetuando o «filho do homem», aludido no décimo quarto versículo, o qual, como é claro, alude ao próprio Cristo.

...tendo... uma foice afiada... Cristo fora retratado como quem brande

18 Καὶ ἄλλος ἄγγελος [ἐξῆλθεν] ἐκ τοῦ θυσιαστηρίου<sup>18</sup>, [ὁ] ἔχων ἐξουσίαν ἐπὶ τοῦ πυρός, καὶ ἐφώνησεν φωνῇ μεγάλῃ τῷ ἔχοντι τὸ δρέπανον τὸ ὀξύ λέγων, Πέμψον σου τὸ δρέπανον τὸ ὀξύ καὶ τρύγησον τοὺς βότρυας τῆς ἀμπέλου τῆς γῆς, ὅτι ἡκμασαν αἱ σταφυλαὶ αὐτῆς.

<sup>18</sup> ἄγγελος ἐκ τοῦ θυσιαστηρίου p<sup>18</sup> A 181 2053 it<sup>18</sup> vg<sup>18</sup> Tyconius (θεμελιῖον Πριπασίου Andr<sup>18</sup>) [C] ἄγγελος ἐξῆλθεν ἐκ τοῦ θυσιαστηρίου M C P 046 1 94 1006 1825 1859 2020 2063 2081 2138 2432 it<sup>18</sup>

1. «Cristo lança a foice, tal como o fara com seus próprios agentes (ver Mat. 9:37 e ss.; 13:39,41)». (Robertson, in loc.).

2. A terra está agora freneticamente se preparando para uma colheita amarga. A carreira do anticristo (que já vive, acreditamos) começará na década de 1990. Ele apressará o processo da colheita. O mundo inteiro se lamentará.

3. A literatura antiga se utiliza da colheita como figura simbólica da morte e da destruição. A morte com freqüência é personalizada como um esqueleto que brande uma foice. Essa é a forma de simbolismo que o vidente João usa aqui.

4. O simbolismo da colheita é meramente declarado. Mas segue-se a cena da vindima em detalhes pungentes. No décimo nono versículo deste capítulo são misturadas as duas metáforas. A foice tornar-se-á o meio de produzir a vindima.

5. A «parousia» ou segunda vinda de Cristo começará, sobre a terra, quando for lançada a «foice». Por conseguinte, a batalha do Armagedom, por assim dizer, será o começo daquele acontecimento.

6. Cristo tem o poder de julgar. A foice está em sua mão. (Ver as notas expositivas em Atos 17:31, quanto a Cristo como Juiz).

7. Rejeitamos as interpretações simbólicas e históricas, que dizem que os ceifeiros são os ministros de Deus, que a foice é o evangelho, e que a colheita é a conquista de almas. O julgamento da terra está em foco, e não a sua evangelização, o que fica plenamente demonstrado pelo contexto geral. A conversão dos judeus também não está em foco aqui, e nem a queda do papado.

\*\*\*

a foice do julgamento. Mas agora esse anjo também traz uma foice, evidentemente como ajudante de Cristo nesse juízo. Já notamos, nas observações introdutórias a este versículo, como os anjos estão envolvidos nos juízos apocalípticos e no «julgamento final». (Ver as notas expositivas no décimo quarto versículo, acerca da «foice afiada» da colheita, símbolo de «julgamento», no presente capítulo, não apontando isso para o recolhimento dos eleitos). O anjo sai do interior do templo ou santuário de Deus, o que significa que é um instrumento da ira divina.

Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:

1. «Esse quinto anjo, dotado da foice afiada, haverá de recolher a vindima (ver os vs. 18-20), tal como Cristo recolherá ao trigo» (Robertson, in loc.). Embora seja usada uma metáfora diferente, pensamos que esta breve seção também prediz o Armagedom, como um passo inicial da «parousia» ou segundo advento de Cristo, e de intuições paralelos aos da colheita, anteriormente descrita.

2. Rejeitamos aqui as interpretações da escola histórica, que pensam que o texto alude especificamente personagens de durante e de depois da Reforma protestante, ou que tenham outras aplicações além do império romano e seu culto ao imperador, ou, profeticamente falando, aplicações além do anticristo e seus seguidores, nos últimos dias.

...[C] ἄγγελος ἐκ τοῦ θυσιαστηρίου ἐξῆλθεν 051 1854 2073 ἄγγελος ἐξῆλθεν Πριπασίου ἔκ τοῦ θυσιαστηρίου 2042

[ ὁ AC 2329 g vg sy arm.: It] om rel[ ὁ φωνῇ] κραυγῇ p<sup>17</sup> CP 1 82 161x 2059a 2329 pm ε

Por um lado, pode-se argumentar que ἐξῆλθεν foi inserida por escribas com base no vs. 17, algumas vezes após ἄγγελος (N —C P 046 maioria dos manuscritos minúsculos it (h) sir (ph.h) cop (sa,bo) ara al) e algumas vezes após θυσιαστηρίου (051 1854 2073). Por outro lado, a repetição é estilo característico do autor do Apocalipse, e a ausência do verbo, em P (47) A 1611 2053 al, pode dever-se ou a omissão acidental ou a excisão deliberada por escribas que a consideraram desnecessária, em face de sua presença no versículo anterior. Devido ao equilíbrio de tais considerações, a maioria da comissão preferiu seguir N C 1006 al, e incluir o vocábulo no texto, mas deixá-lo entre colchetes, assim refletindo considerável dúvida se tem o direito de figurar neste ponto.

14:18: É o anjo do altar, outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz os que tinham a foice afiada, dizendo: Lança a tua foice afiada, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras.

Embora exposta com um pouco mais de adornos, a «vindima», na realidade, é uma repetição da descrição anterior, sobre a «ceifa», de tal modo que seus detalhes coincidem e ensinam a mesma coisa.

...do altar... Esse é o altar de sacrifício e incenso, ou então somente o altar do incenso (pois prossegue aqui o simbolismo do santuário), pois esse é o anjo que estava encarregado de fazer o fogo arder sobre o altar. Isso é

paralelo do trecho de Apo. 8:3-5 — a introdução aos juízos das trombetas — cujas notas expositivas devem ser consultadas. Naquela seção, vê-se que o anjo cuida das orações dos santos. E nesta presente passagem, a sua participação na vindima é algo que demonstra que ele estava respondendo as orações dos santos, os quais clamavam pedindo vingança contra homens ímpios e desviados, que promoveram a perseguição aos justos, deixando atrás de si uma vereda de terror, que atravessou a igreja. Em Apo. 8:5, vê-se que o anjo lança fogo sobre a terra, em razão do que se seguiram horrendos juízos. Agora ele toma a foice afiada e pune os homens

que se deixavam envolver pela idolatria do culto ao imperador ou do culto ao anticristo, este último do ponto de vista profético.

O anjo cuja missão é conservar aceso o fogo no altar celeste é uma idéia que tem paralelos em outras literaturas. Os seguidores de Zoroastro pensavam que o arcanjo Asha Vahishta seria o guardião do fogo. Em Jubileus 2:2 há anjos «do espírito do fogo», que figuram entre aqueles que controlam os elementos naturais. Em Eze. 10:7 temos algo similar, no querubim que tirou brasas dentre as rodas do trono-carruagem de Deus.

...foice afiada... Esse é um símbolo que reaparece continuamente nesta seção. Isso é explicado no décimo quarto versículo.

...ajunta os cachos da videira... É igual, quanto ao significado, ao décimo quinto versículo, a colheita do trigo, embora se utilize de um simbolismo diferente. Mas uma foice será usada para juntar uvas? Naturalmente que não, apesar do que o simbolismo é claro, sem importar sua incongruência. O décimo oitavo versículo é a combinação das metáforas da colheita de trigo e da vindima, desajeitadamente, através do emprego da foice.

...uvas estão amadurecidas... O sentido dessas palavras é igual ao do trigo «seco» ou «maduro» para a ceifa, conforme se vê no décimo quinto versículo. O trigo está «bem maduro»; e as uvas estão «bem maduras». Não pode haver mais demora. Agora o Armagedom terá de ter lugar, sem demora. (Ver as notas de introdução sobre o «Armagedom», no décimo quarto versículo).

Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:

1. Agora o número dos mártires estava completo, pois o número certo da

almas já se acha sob o altar (comparar com o sexto capítulo). A oração dos mártires fora ouvida, e a vingança seria agora desfechada. O anjo do altar, que cuida das orações dos mártires, adianta-se na capacidade de quem traz o julzo (tal como em Apo. 8:6) e o Armagedom—começo da «parousia» de Cristo—é o resultado.

2. Notemos que, em Apo. 16:7, o próprio altar «...proclama a verdade e a justiça dos julgos divinos. Em Apo. 9:3, uma voz vinda do altar ordena que se solte o primeiro 'ai' demoníaco contra aqueles que não trazem o selo de Deus sobre suas fronteiras» (Charles, *in loc.*). O «altar» celeste, pois, representa a fonte de bênção, mas também a fonte de julgamento. É possível que combine a idéia do altar do incenso e a do altar de ofertas queimadas. (Ver as notas expositivas, em Apo. 8:9, acerca do «altar» dos céus).

3. Grande voz—uma declaração frequente de João, subentendendo algo que deve ser ouvido e atendido, uma mensagem importante. (Ver o décimo quinto versículo e as referências oferecidas ali).

4. As palavras «Toma a tua foice afiada, etc.» evidentemente foram tomadas por empréstimo de Joel 3:13. O simbolismo é mais elaboradamente apresentado aqui do que em seu paralelo do décimo quinto versículo.

5. O judaísmo helenista muito se envolveu no simbolismo astrológico, e contava com anjos encarregados dos ventos, do fogo, dos elementos, etc. Alguns supõem que isso transpareça aqui, no caso do anjo do fogo. Mas, apesar de que ocasionalmente o vidente João emprega tais símbolos, aquilo que agora chamamos de «astrologia» era somente a «astronomia» daqueles tempos, pelo que tais alusões não pareceriam fora de lugar para pessoas espiritistas daquela época. Não parece haver aqui, portanto, qualquer alusão a idéias astrológicas. Mas quase certamente é o fogo do altar de Deus que está em foco, tal como em Apo. 8:3 e ss. (Ver Col. 2:8 quanto a informações sobre a mistura do ministério angelical com símbolos astrológicos, dentro do judaísmo helenista).

19 καὶ ἔβαλεν ὁ ἄγγελος τὸ δρέπανον αὐτοῦ εἰς τὴν γῆν, καὶ ἐτρύγησεν τὴν ἄμπελον τῆς γῆς καὶ ἔβαλεν εἰς τὴν ληνὸν τοῦ θυμοῦ τοῦ θεοῦ τὸν μέγαν.

19 [C] τὸν μέγαν C P 046 081 1 1828<sup>m</sup> 1858 2030 2073 2081<sup>n</sup> 2138  
Tyconius<sup>h</sup> Primateus<sup>h</sup> Andrew<sup>h</sup> Arethas<sup>h</sup> f τὸν μέγα A 94 2081<sup>n</sup> f τὴν  
μεγάλην M 1008 1828<sup>m</sup> 1854 2042 2083 2085 2423 cop<sup>m</sup> Andrew<sup>m</sup> f τοῦ

μεγάλου 9<sup>n</sup> 1611 f τὸν (στ τὴν) μέγαν (στ μέγα στ μεγάλην) 11<sup>n</sup> = dom. dis  
11<sup>n</sup> h. 301 vg syrh<sup>l</sup> arm f omis 181 424 468 eth? Victorinus<sup>h</sup> Petrus Tyronius

19 τὴν ληνόν...μέγαν Ra 19.15

19 τὴν ληνόν] τον λ. A 1 al ei τον μέγαν (A)CP 046 051 1 82 2026 (2059s) 2329 pm]

Ao invés de τὸν μέγαν o Textus Receptus, juntamente com N 1006 1854 2053 al, traz a forma gramaticalmente correta, τὴν μεγάλην (que concorda com τὴν ληνόν). Parece provável ser isso uma correção escrital, pois se o feminino fosse a forma original, seria difícil explicar o surgimento do solecismo τὸν μέγαν em (A) C P 046 051 maioria dos minúsculos. Alguns poucos testemunhos, incluindo P (47) 1611 1773 2019 2078, dizem τοῦ μεγάλου, que provavelmente deve ser tomada como qualificação de τοῦ θεοῦ (cf. 19:15), e alguns poucos manuscritos (181 424 468 al), omitem totalmente o adjetivo, acidental ou deliberadamente.

14:19: É o anjo noturno e sua foice à terra, e vindimou as uvas da vindima da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus.

Quão terrível será esse julgamento é ilustrado pelo fato que o suco das uvas se transformou em «sangue», conforme se vê no vigésimo versículo. As uvas são lançadas no lagar, e assim tem início a grande matança provocada pela ira divina. Naturalmente, conforme vimos nas notas introdutórias ao décimo quarto versículo deste capítulo, o Armagedom, bem como os aspectos do julgamento que acompanharão a «parousia», serão «causados» pela própria estupidez espiritual dos homens e sua rebelião contra Deus, por preferirem adorar ao anticristo. Eles terão repellido ao verdadeiro Cristo, envolvendo-se na adoração indireta ao próprio Satanás, por intermédio de seu falso Cristo. Esse julgamento, pois, tornar-se-á o método de purificar a terra do tipo mais virulento possível de idolatria. O Armagedom fará aos homens um favor. Nem sempre olhamos para o julgamento divino sob esse prisma, mas isso é uma grande verdade. (Ver Col. 3:6 quanto à «ira de Deus», onde também são ventilados os resultados úteis e benéficos do julgamento divino).

...lagar da cólera de Deus... Uma vívida expressão, usada aqui e em Apo. 19:15, em todo o N.T. A expressão «ira de Deus», por outro lado, é bastante freqüente. (Ver Apo. 15:1, 7; 16:1, 19 e 19:15). A «cólera» ou «ira» de Deus não alude a qualquer emoção forte, e, sim, é um termo técnico para indicar julgamento. (Col. 3:6 tem uma nota expositiva completa sobre esse assunto).

...sangue ou suco de uvas, em lugar de mero sangue, uma troca feita com profunda ironia. (Ver Isa. 63:3). (Lange, *in loc.*). Isa. 63:4 e passagem que declara: «O lagar eu o pisei sozinho, e dos povos nenhum homem se achava comigo; pisei as uvas na minha ira; no meu furor as esmaguei, e o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo. Porque o dia

20 καὶ ἐπατήθη ἡ ληνὸς ἑξωθεν τῆς πόλεως, καὶ ἐξήλθεν αἷμα ἐκ τῆς ληνοῦ ἄχρι τῶν χαλινῶν τῶν ἵππων ἀπὸ σταδίων χιλίων ἑξακοσίων.

20 ἑξακοσίων] ἑκατ. ἑξ 2036 9c: διακοσίων K<sup>a</sup> 9c 15<sup>h</sup>

Ao invés de «1.600 estádios», forma bem apoiada por N<sup>c</sup> A C P 046 maioria dos minúsculos, versões e referências patrísticas, vários testemunhos inferiores dizem «1.606 estádios» (χιλίων ἑξακοσίων ἑξ, 1876 2014 2036 2037 2042 2043 2046 2047 2074 2082 André (a)); alguns poucos testemunhos dizem «1.200 estádios» (χιλίων διακοσίων, N<sup>a</sup> 203 506 sir (ph)), provavelmente porque esse numeral se presta melhor à interpretação simbólica. Um manuscrito em Latim Antigo (it (ig)) diz mille quingensis (1.500), e χιλίων foi acidentalmente omitida em 2065 e pela primeira mão copiadora do códex Amiatinus.

14:20: É o lagar foi pisado fora da cidade, e todo sangue do lagar até as freixas das cavalas, pelo espaço de mil e seiscentos estádios.

A matança será realmente aterrorizante. Um «estádio» equivalia cerca de cento e oitenta e cinco metros, o que significa que o derramamento de sangue se estenderá por cerca de trezentos quilômetros. Alguns têm observado que isso equivale mais ou menos ao comprimento da Palestina,

da vingança me estava no coração.... É bem possível, pois que o simbolismo do lagar tenha sido tomado por empréstimo dessa passagem de Isaías.

Outras idéias sobre o décimo nono versículo:

1. Podemos observar aqui a gramática deficiente, no grego, «ten lenon ton megan», combinação dos gêneros masculino e feminino, talvez porque o termo «lenos», no grego clássico, algumas vezes era feminino e algumas vezes era masculino.

2. «Agora as uvas da iniquidade são vistas à parte de toda a planta boa—as uvas do mal e que agora estavam maduras. Foram colhidas e lançadas no grande lagar da cólera de Deus. Ao serem espremidas, grande quantidade de sangue ocorreu delas. Esse quadro é bastante dantesco, pois o sangue se elevou até à altura dos arreios dos cavalos, por vasta área. A iniquidade madra sobre feitos sanguinários; mas agora é espremido o próprio sangue iníquo. Temos aqui um julgamento inflexível e sem mitigação. O sentimentalista sempre oculta algo que lhe parece mal, para que pinte os quadros róseos de sua imaginação. Algumas vezes o poeta canta como se não houvesse tragédia no mundo de suas límpidas melodias. Mas o homem de Patmos sempre encara de frente a natureza feia, amarga e maligna da impiedade, ao entoar o cântico do triunfo do bem. Os grandes satiristas da Roma enfrentavam corajosamente todos os aquerosos males ao seu redor. Quando alguém tiver enfrentado, juntamente com Juvenal, os devios morais de Roma, estará pronto para o quadro de vindima da iniquidade». (Hough, *in loc.*).

Variação Textual: Ao invés de «no grande» (feminino com um substantivo masculino, no grego) os mss Aleph, 1008, 1854 e 2083 trazem a forma gramatical correta, «ten megalen». Mas isso foi uma correção escrital. Nenhum escriba haveria de modificar para pior uma boa frase gramatical. Os mss P (47), 1611, 1773, 2019 e 2078 dizem «του μεγάλου», o genitivo, evidentemente com o intuito de harmonizar-se com «του θεου»; mas isso também é uma emenda feita no texto original. Alguns manuscritos, como 181 424 e 468 omitiram inteiramente o adjetivo, propositalmente (a fim de se livrarem de um erro gramatical) ou acidentalmente.

20 ἐπατήθη ἡ ληνὸς Ia 13.2; Lm 1.15; Ra 19.18

simbolizar um novo julgamento, como o que houve no dilúvio. 4. Um número que fala da extensão inteira do império romano, o qual seria julgado. 5. Quarenta é o número da prova, da punição, pelo que 40 x 40 seria um tremendo castigo. 6. Os intérpretes da escola histórica têm procurado encontrar um período de mil e seiscentos anos durante os quais o juízo de Deus caiu sobre Roma, pagã ou papal. 7. Outros pensam que isso se refere a áreas geográficas, como se estas as representassem. Têm sido sugeridas as Ilhas Britânicas, o império romano e a Palestina. Alguns pensam que se trata de um quadro da Reforma protestante; e o mais incrível é que seria uma cena do martírio de convertidos pagãos. 8. Finalmente, alguns fazem esse número tornar-se literal ou exatamente expressivo do «rio de sangue» que fluirá «daquela área geográfica (do Armagedom)», onde a batalha final e decisiva terá lugar. Observando-se que os místicos contemporâneos dizem que muitos milhões de chineses serão mortos pelas forças do anticristo, a cifra, apesar de talvez ser um pouco exagerada (hipérbole tipicamente oriental), não é grandemente exagerada. Dizem esses místicos que a matança do exército chinês, ao chegar à Palestina, será tão grande, que irromperão pragas que matarão ainda um maior número de pessoas do que as que tinham sido mortas pelos armamentos atômicos. (Ver as notas introdutórias ao décimo quarto versículo deste capítulo, no tocante aos detalhes sobre a profecia acerca da «batalha do Armagedom»).

«...fora da cidade...» Que cidade? Alguns dizem Roma, por ser a capital do anticristo, já nos últimos dias. Portanto, imensa e prodigiosa destruição seria pintada como algo que sobrevirá ao centro mesmo do paganismo. Mas a maioria dos comentaristas, provavelmente com a razão, pensam que se trata de Jerusalém, pois a «colina de Megido» não fica longe daquela cidade, e a Palestina será o local dessa batalha final. Outros, por sua vez, pensam que Jerusalém é a «igreja» (a destruição seria feita sob os olhos da igreja) ou a Jerusalém celestial (a destruição teria lugar enquanto os espectadores veriam tudo do alto, dos lugares celestiais). Muito mais provavelmente, porém, está em foco a literal e terrena cidade de Jerusalém.

Josefo, escrevendo sobre a destruição de Jerusalém, ocorrida em 70 D.C., pelas tropas de Tito (ver *Guerras dos Judeus*, 6,8), diz: «...[os soldados romanos] obstruíram as próprias valetas com cadáveres; e fizeram a cidade inteira encharcar-se de sangue, de tal modo que os incêndios que lavraram em muitas das casas foram apagados com o sangue daqueles homens». Isso mostra o que pode suceder em grandes matanças. Portanto, neste ponto, o autor sagrado faz um rio de sangue escorrer desde Edom até o Carmelo. Ver Isa. 34:7: «...a sua (de Edom) terra se embriagará de sangue». Nesse local é que a matança, supostamente, começará e terminará. Essas predições bíblicas são fatais para as declarações de alguns eruditos, que afirmam que o mundo está melhorando paulatinamente. Toda a evidência diz exatamente o contrário, e grande será a queda de todos os poderes terrenos, antes de começar a época da renovação, inaugurada pela «parousia» ou segundo advento de Cristo. A terra precisa desse julgamento para seu próprio bem. A iniquidade humana chegará a tal extremo de malignidade que somente uma operação drástica será capaz de removê-la de todo.

«...até os freios...» Essa será a «profundidade» do rio de sangue. Além disso, se espalhará por quase trezentos quilômetros. (Isso pode ser comparado com a cena sangrenta de Isa. 63:6). O sangue da vida das

nações será derramado sobre a face da terra. (Também se pode comparar isso com I Enoque 100:1-3, onde se declara que a matança dos ímpios produzirá rios de sangue, até à altura dos freios dos cavalos, submergindo as cartuagens. É bem possível que essa seja a origem da declaração do presente versículo). Por igual modo, há as predições em II Esdras 15:35,36, que falam sobre a destruição de Babilônia (Roma), que farão chegar o sangue vertido até à altura das barrigas dos cavalos, das coxas de um homem ou das corcovas de um camelo. Os *Oráculos Sibílicos* 3:682-684 têm algo similar. Portanto, pode-se ver que as expressões do presente versículo não são isoladas.

O fim da presente era. A queda das nações quando da batalha do Armagedom e da destruição do anticristo, que se seguirá, assinalará o fim da era presente. A batalha do Armagedom será o começo da manifestação da «parousia». O autor sagrado nos apresenta esta seção, antecipando o décimo sexto capítulo deste livro, onde o Armagedom volta a ser a cena central. Isso aparece antes da descrição dos juízos das taças, embora, na realidade, aqueles juízos venham antes desses acontecimentos. O motivo por que isso foi feito, é comentado nas notas de introdução ao décimo quarto versículo deste capítulo.

*Outras idíias sobre o vigésimo versículo:*

1. «Um simbolismo usado, sugerido pela cor das uvas... um quadro usado» (Robertson, *in loc.*).

2. «Após essa antecipação parcial da catástrofe final, o Apocalipse retorna a uma descrição mais cheia e independente de seus processos, em Apo. 16:2-4 (igual a 14:1-5); e em Apo. 16:1,6-18 (igual a 14:8-11,14-20)» (Moffatt, *in loc.*).

3. «Meu Deus, atravessa meu coração com um temor salutar de teus julgamentos!» (Adam Clarke, *in loc.*).

4. «As tradições judaicas desde há muito associavam as cercanias de Jerusalém com a cena do juízo dos gentios. Conforme diz Joel 3:2,12, Deus reuniria e julgaria aos gentios no 'vale de Josafá', expressão essa que Teodócio traduz por 'vale (lugar) do julgamento'. Conforme Midrash Michle, 68(d), Deus haveria de julgar o mundo inteiro nesse vale. Isso também é referido em I Enoque 53:1... Zacarias também alude ao julgamento dos gentios, que deixaram Jerusalém desolada, executados sobre o monte das Oliveiras (ver Zac. 14:2 e ss. e 14:12 e ss.). Em nosso autor todas as nações pagãs é que serão julgadas desse modo» (Charles, *in loc.*).

5. Alguns vêem aqui uma alusão ao local onde sofreu nosso Senhor, o Getsêmani, onde havia um lagar; mas é difícil ver como isso poderia ter sido aludido no presente contexto.

6. Alguns, pensando que a profecia inteira está repleta de elementos simbólicos, podem-nos que examinemos Apo. 18:11-18 como trecho paralelo, onde há «cavalos celestiais», supondo que o sangue fluirá dos arreios desses cavalos, porque estes, por assim dizer, teriam sido mergulhados no sangue. Portanto, tais descrições seriam simbólicas, e não literais, embora continuassem retratando a tremenda matança da batalha do Armagedom.

*Variante Textual:* Ao invés de «1600 estádios», os mss Aleph(c), ACP, 946 e a maioria dos manuscritos minúsculos, além de algumas versões, bem como o testemunho patrístico, dizem «1608 estádios». Alguns mss, Aleph(1), 203 506 e o Silph, dizem «1200 estádios». Presumivelmente o número se presta melhor a uma interpretação simbólica, mas não temos qualquer idéia sobre como isso veio a ser modificado para «1608 estádios». O It[al] diz «1500 estádios», também não sabemos dizer por qual razão. A palavra «mil» é omitida, provavelmente por acidente, no ms 2085 e na primeira cópia do códex Amiatinus.

## Capítulo 15

### X. Juízos das Sete Taças (15:1- 18:21).

Este décimo quinto capítulo age como elaborada introdução para os juízos das sete taças. O autor sagrado estava cênscio de que em breve terminaria seu livro de Juízo, a fim de introduzir a última série de «sete», com uma impressionante «cena celestial», da mesma maneira que outras séries haviam sido introduzidas. Isso pode ser confrontado aos capítulos quarto e quinto, que introduzem todos os juízos existentes no livro, mas, especificamente, o juízo dos «selos», no qual todos os demais estão contidos potencialmente. Assim também, no seu oitavo capítulo, antes dos juízos das trombetas, temos (no primeiro versículo) um estranho silêncio nos céus. Nesses capítulos temos várias cenas «celestes», antes das descrições dos próprios juízos, os quais são impostos por Deus, que é o Senhor dos lugares celestiais. Esse livro não descreve qualquer coisa accidental ou meramente terrena. Diz-nos como Deus, uma vez mais, fará intervenção na história humana; e, dessa vez, a fim de inaugurar a era áurea ou milênio, mediante a queda do anticristo e toda a impiedade que ele personifica. Essa intervenção será a mais decisiva de todas quantas têm havido na história, porquanto colocará Cristo na sua devida posição de total senhorio, com total fruição de sua missão.

«Outra série de calamidades, as sete pragas das taças da cólera de Deus, está próxima a sobrevir à terra. Essas calamidades são similares, em caráter e propósito, às pragas dos sete selos (ver Apo. 6:1- 8:6), às pragas das sete trombetas (ver Apo. 8:7- 11:19), e, sobretudo, a estas últimas. Um período de preparação antecedeu cada uma dessas séries. Na primeira tivemos a aclamação do Cordeiro, como digno de romper os selos do rolo de condenações (ver Apo. 5:1-14). Na segunda, quando da abertura do sexto selo (ver Apo. 8:1-6), houve a preparação para o toque das sete trombetas. Então um outro anjo se pôs de pé sobre o altar, misturando incenso com as orações dos santos, no incensário de ouro. Após essa mistura fragrante ter subido até Deus, o anjo encheu o incensário com brasas do altar, e lançou-se sobre a terra, provocando certo número de distúrbios celestes e terrestres. Depois dessa preparação, os sete anjos passaram a tocar suas trombetas. De certo modo, a preparação para as sete pragas é reiteração do que houve no caso das pragas das sete trombetas». (Hough, *in loc.*).

Na introdução ao livro, em sua seção X, intitulada «Conceitos de arranjos», pudemos mostrar como as trombetas e as taças apresentam uma espécie de perspectiva paralela, uma terrena e outra celestial, dos mesmos juízos. Alguns crêem que esses juízos são exatamente idênticos, mas parece que os juízos das taças vieram mais tarde, a despeito de suas similaridades ao juízo das trombetas. O capítulo que ora consideramos, cronologicamente falando, segue-se ao décimo terceiro capítulo (porquanto o décimo quarto capítulo interrompeu a ordem de apresentação a fim de mostrar quadros contrastantes entre os adoradores do Cordeiro e os do anticristo, formando uma espécie de parêntesis).

«Este capítulo consiste de duas visões. A primeira (vss. 2-4) trata do cântico triunfal, entoado pelos mártires, estando ao redor do mar de vidro, nos céus. Esse é o cântico de louvor e ação de graças puríssimos; pois o último martírio sobre a terra terminou, e as fileiras dos mártires agora estão completas. A segunda visão se relaciona aos sete anjos, que desceram do templo celestial, aos quais foram dadas as sete taças, repletas da ira de Deus». (Charles, *in loc.*).

#### 1. A preparação celestial (Apo. 15). O Cântico de Triunfo dos Mártires (15:1-4)



# 15 Καὶ εἶδον ἄλλο σημεῖον ἐν τῷ οὐρανῷ μέγα καὶ θαυμαστόν, ἀγγέλους ἑπτὰ ἔχοντας πληγὰς ἑπτὰ τὰς ἐσχάτας, ὅτι ἐν αὐταῖς ἐτελέσθη ὁ θυμὸς τοῦ θεοῦ.

15 1 πληγὰς ἑπτὰ Lv 26:21, Ro 13:8

15:1: Vi no céu ainda outra sinal, grande e admirável: sete anjos, que tinham as sete últimas pragas; porque nestas é consummada a ira de Deus.

«...Vi no céu...» Mediante visão mística. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Apo. 1:10).

«...céus...» Esse vocábulo sempre aparece no singular no Apocalipse, com exceção de Apo. 12:12, que contém uma citação. O ponto de vista normal dos antigos é que havia uma pluralidade de céus, com níveis diversos de glória celeste. (Ver as notas expositivas acerca disso em Efê. 1:3).

Todos os juízos constantes neste livro são retratados como algo que teve origem nos céus, e os quadros principais são introduzidos com cenas celestiais. (Isso é comentado nas notas de introdução sobre esta seção).

«...outro sinal grande e admirável...» Uma visão espantosa, que atrai a atenção do vidente João, algo espetacular, como algumas outras que ele já havia descrito. Esses sinais são um tanto paralelos às sete trombetas, quanto à sua natureza. Alguns intérpretes identificam-nos completamente; mas estes são finais, pelo que se sabe que o autor sagrado queria indicar certa diferença cronológica.

«...sete anjos...» Os juízos divinos foram anunciados e mediados pelos anjos, por todo este livro de Apocalipse. De modo geral, esse livro atribui aos anjos um lugar muito mais elevado e ativo do que se dá em quase todos os outros livros do N.T., e sobretudo, na teologia de nossos dias. (Ver as notas expositivas sobre os «anjos», em Luc. 4:10 e Atos 1:10). Há mais de quarenta referências aos anjos no Apocalipse, com o uso direto desse nome ou mediante outros símbolos, tais como a «montanha» de Apo. 8:2 e a «grande estrela» de Apo. 8:10, que certamente são símbolos de algumas ações simbólicas, provavelmente consideradas diabólicas. Na série principal o número de anjos sempre é sete, o número completo e da perfeição. Cada série tem seus propósitos, que precisam ser cumpridos totalmente e à risca.

«...sete últimos flagelos...» Esta é a «última série» de juízos que o autor sagrado apresentará, embora ele venha a descrever mais detalhadamente ainda a queda de Babilônia e a de Satanás, bem como o verdadeiro juízo final (Apo. 17-20). Com essa série de juízos o anticristo cairá por terra, e o mundo será sujeitado à sua agonia final, antes da renovação da era áurea do milênio.

«...se consumou a cólera de Deus...» Em outras palavras, esses juízos cumprirão plenamente o propósito da ira de Deus, manifestada durante o período da tribulação. Esse período será a demonstração da ira divina, típica de sua cólera final, quando do julgamento eterno. (Ver Col. 3:6 quanto a notas expositivas completas sobre a «ira de Deus» e o que a mesma implica. Quanto a outras referências, neste livro, à «ira de Deus» ou à «ira do Cordeiro», ver Apo. 6:16,17; 11:18; 12:12; 14:10,19; 15:7; 16:1,19; 18:3

## 2 Καὶ εἶδον ὡς θάλασσαν ὑαλίνην μεμιγμένην πυρὶ, καὶ τοὺς νικῶντας ἐκ τοῦ θηρίου καὶ ἐκ τῆς εἰκόνης αὐτοῦ καὶ ἐκ τοῦ ἀριθμοῦ τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ ἐστῶτας ἐπὶ τὴν θάλασσαν τὴν ὑαλίνην, ἔχοντας κιθάρας τοῦ θεοῦ.

2 εκ του αριθμου] praeit εκ του χαραγματος αυτου (add και 051 I 2039i al) 051 I 2039i pm c

15:2: É vi como que um mar de vidro misturado com fogo; e os que tinham vencido a besta e a sua imagem e o número do seu nome estavam em pé junto ao mar de vidro, e tinham harpas de Deus.

«...Vi...» Em visão mística. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Atos 1:10. Nessa lista há «tipos» de visões e experiências místicas de que as Escrituras falam).

«...mar de vidro...» Já tivemos ocasião de ler a descrição sobre o «mar de vidro». (Ver Apo. 4:6). Neste ponto João adiciona uma característica ao que já dissera antes, a saber, que seu colorido era como o do fogo. Parece que ele queria dizer que esse mar se tornara uma espécie de «mar Vermelho celestial». Isso significa, pois, que os «mártires», cujo número agora está completo, já atravessaram para o outro lado em segurança, e que o que resta é a total destruição do anticristo e seus exércitos (tal como no caso do exército egípcio perseguidor, nas páginas do A.T.). Desse modo o autor sagrado emprega um simbolismo sutil, expressivo e belo, como ilustração. A cor avermelhada desse mar de vidro faz-nos lembrar do fogo e do sangue. Ambas as coisas falam sobre o juízo vindouro. Os juízos das sete taças dizem-nos, exatamente, como sobrevirá o juízo final.

Não conseguimos perceber como pode ser razoável o raciocínio daqueles que afirmam que em face desse mar de vidro ser claro como o cristal, no quarto capítulo deste livro, esta cena indica que os santos «escaparam» da tribulação, e como, estando esse mar agora mesclado com fogo, isso fala da situação dos «santos da tribulação», que terão de passar pelos terríveis tempos da ira de Deus. (Ver as notas de introdução ao quarto capítulo, que fornecem razões por que cremos que a igreja cristã passará pela tribulação). O próprio livro de Apocalipse foi escrito como um «manual dos mártires», que estavam sofrendo sob a ira do culto ao imperador, dentro do império romano. Profeticamente falando, pois, como poderiam estar de fora os «santos da igreja futura», se, historicamente falando, esses santos foram os endereçados pelo autor do livro, o qual visava consolá-los e fortalecê-los em meio à «tribulação», e não para informá-los que seriam livrados da tribulação? O Apocalipse é um «documento cristão», escrito aos mártires em potencial da igreja cristã. É um erro endereçar esse livro à nação de Israel dos últimos dias, embora certamente venha a incluir aos israelenses que se converterem ao Senhor naqueles dias, tornando-se assim, *ipso facto*, membros da igreja.

«...vencedores da besta...» Está em foco a «primeira besta», aquela saída do mar, que temos identificado como o anticristo. (Ver Apo. 13:1 e ss.; quanto à nota de sumário sobre esse personagem, ver II Tes. 2:3). Cremos

e 19:15). É óbvio que esse tema ocupa lugar de grande importância neste livro. João antecipou que a ira de Deus sobreviria ao império romano pagão, com seu culto ao imperador, em seus próprios dias de vida terrena, pensando que o «Nero redivo» seria o anticristo (ver Apo. 13:13 e 17:10 e ss.). Profeticamente falando, porém, pensamos que tudo isso alude ao anticristo dos últimos dias, que certamente já chegou sobre nós. (Quanto a notas expositivas acerca da «tribulação», ver Apo. 7:14).

### Outras idéias sobre o primeiro versículo:

1. Terrível é a época em que os homens não poderão mais depender da longanimidade de Deus, quando o julgamento final e severíssimo será o único remédio para purificar a terra!

2. Alguns estudiosos identificam os «juízos das sete taças» com a «Grande Tribulação», em contraste com a «tribulação». Teríamos aqui, pois, a real «cólera» de Deus. Mas este termo com frequência é usado neste livro, pelo que essa distinção parece bastante artificial. Alguns creem que a igreja será arrebatada antes do juízo das sete taças, bem na metade da tribulação; mas esses não apresentam argumentos realmente convincentes. Sem dúvida o trecho de I Tes. 5:9, que diz que os crentes não foram destinados à «ira», não pode ser usado como algo que fala sobre a tribulação dos últimos dias. Naquele texto se alude ao «julgamento eterno», e somente um salto da lógica pode fazer uma coisa idêntica à outra.

3. A cólera das «taças» antecederá da derrota do pecado e da impiedade, na batalha do Armagedom. (Ver as notas expositivas sobre o «Armagedom», nas notas introdutórias a Apo. 14:14).

4. Os grandes «sinais» deste livro são revelações de acontecimentos, e não o ocultamento dos mesmos. Não devem ser reputados «mistérios». Creemos que, com base nos mesmos, ficamos sabendo qual o sabor do horrendo futuro que aguarda a terra. Os próprios eventos, porém, definirão melhor os detalhes. A profecia bíblica não foi escrita para satisfazer à nossa curiosidade, e, sim, para «instruir» aqueles que estiverem vivos nos dias de seu cumprimento. Somente eles precisarão conhecer os «detalhes» das declarações proféticas.

5. Os intérpretes da escola histórica, ou, pelo menos, muitos deles, observando que estas são as últimas pragas, reservam tal visão para o futuro, e deixam de tentar achar acontecimentos da história passada que satisficam as descrições do Apocalipse. Outros, contudo, continuam buscando no passado coisas que se adaptem a essas descrições, o que certamente é uma atividade inútil.

6. Os juízos das sete taças evidentemente serão um desdobramento da sétima trombeta, conforme vários autores têm notado. Portanto, encontramos em tudo isso um desenvolvimento telescópico: as trombetas emergem do sétimo selo; as taças emergem da sétima trombeta. E a sétima trombeta (que é a mesma coisa que as sete taças) trará à cena universal o reino eterno de Cristo, paralelamente à total ruína do anticristo, com todas as forças satânicas à face da terra. (Ver Apo. 11:15 e ss., quanto a notas expositivas completas sobre esse aspecto dos juízos das taças).

que o anticristo já está vivo. Nossos filhos certamente terão de enfrentá-lo, ainda que talvez nós não o façamos. Eles terão de ser crentes melhores do que nós somos. Muitos deles se acharão entre a imensa companhia dos mártires, acerca dos quais se lê neste livro, bem como no capítulo que ora comentamos. Que Deus os console, segundo este livro indica que assim sucederá! Que sejam eles os verdadeiros «vencedores» que esta passagem aliaça que serão. Como é que eles serão vencedores? Não porque serão «tirados para fora da tribulação», mas por sofrerem o martírio durante a mesma, mas não cederem em sua fé, não podendo assim ser prejudicada a sua alma. Bem pelo contrário, isso haverá de apriimorá-los espiritualmente, e eles receberão a coroa dos mártires. Os capítulos sétimo e décimo quarto deste livro já os tinha descrito como «vencedores», e o autor sagrado somente faz aqui alusão ao fato, a não ser que agora eles cantem o novo cântico, o hino de vitória de Moisés, por terem atravessado o mar Vermelho e terem triunfado. Deus fará intervenção em favor da nação de Israel e da igreja, naqueles dias horrendos, e destruirá a todos os seus inimigos, tal como sucedeu no mar Vermelho. A nação de Israel se converterá em peso a Cristo, tornando-se uma nação cristã. Então ela será a maior força missionária do mundo, porque reconhecerá que a vitória sobre os seus inimigos, qual novo mar Vermelho, se deverá à intervenção divina, por intermédio do Messias, Jesus Cristo.

«...sua imagem...» (Há notas expositivas completas sobre isso, em Apo. 13:14).

«...número do seu nome...» (Ver as notas expositivas sobre isso em Apo. 13:17,18). O poder do anticristo será imposto a cada indivíduo, pois cada qual terá de receber a marca ou o número do anticristo, em sinal aberto de lealdade a ele. Aqueles que não quiserem participar dessa adoração ao anticristo, tal como os antigos cristãos que não queriam adorar ao imperador romano, serão horrendamente perseguidos, e muitos deles serão martirizados. O leitor deveria consultar as notas aludidas, onde há amplas explicações sobre essas coisas, que não serão reiteradas aqui).

«...tendo harpas de Deus...» Instrumento musical dos louvores celestiais, aludidos em diversos lugares do Apocalipse. (Ver Apo. 5:8; 14:2 e este versículo. Nos dois primeiros damos informações sobre o instrumento referido).

### Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. Notemos a incomum ordem de palavras, que há neste ponto, quando se procura uma tradução mais literal: «...vencedores para fora da besta...» Eles serão vitoriosos «para fora» de suas tribulações, talvez por influência do simbolismo que havia na mente do escritor sagrado, o livramento que houve no

mar Vermelho. Ele «sairão» dessa experiência triunfalmente, por assim dizer. Charles panou que a incombustível expressão que se vê aqui reflete alguma expressão idiomática do hebraico, embora deixe a questão na dúvida.

2. «...em pé no mar...» Talvez em suas praias, ainda que o fraseado, literalmente traduzido, dê a idéia que estavam de pé bem no meio desse mar, talvez sobre sua superfície sólida. Porém, a idéia da «praia» talvez seja mais correta, já que a figura simbólica é que «passaram pelo» mar incólumes.

3. Os personagens nos céus são, particular e especificamente, os «mártires» que houve nos tempos do culto ao imperador (ponto de vista histórico), e os «mártires» que haverá nos dias do anticristo (ponto de vista profético), ainda que eles «representem» todos quantos triunfam em Cristo.

4. O mar não é a mesma coisa que o «batismo», embora o martírio seja uma

espécie de batismo de fogo ou de sofrimentos. Mas certamente neste versículo não se deve pensar em água. O mar aqui referido também não é o «sangue de Cristo», ainda que nesse sangue é que recebemos a vitória, segundo se vê em Apo. 1:6; 6:9 e 12:11.

**Variante Textual:** As palavras «...de sua marca...» são uma expansão escritural posterior, com base em Apo. 13:17, 18. Aham-se nos mss 061, 1 e em alguns poucos manuscritos minúsculos posteriores, de onde passaram para o Textus Receptus e dali, para as primeiras traduções em idiomas vernáculos. Essas palavras são omitidas em todos os manuscritos verdadeiramente antigos, como em P(47), Aleph, ACP, 046 e na maioria das versões, incluindo nossa versão portuguesa.

3 καὶ ἄδουσιν τὴν ᾠδὴν Μωϋσέως τοῦ δούλου τοῦ θεοῦ καὶ τὴν ᾠδὴν τοῦ ἀρνίου λέγοντες, Μεγάλα καὶ θαυμαστὰ τὰ ἔργα σου, κύριε ὁ θεός ὁ παντοκράτωρ· δίκαιαι καὶ ἀληθιναὶ αἱ ὁδοὶ σου, ὁ βασιλεὺς τῶν ἐθνῶν.

1 3 (C) ᾠδὴν N<sup>a</sup> A P 046 051 1 1628 1854 1880 2020 2042 2082 2073<sup>11</sup> 2061 2138 12<sup>12</sup> cop<sup>13</sup> Cyprian Ps-Cyprian Ambrose Andrew Beatus Arethas / πάντων τῶν ἐθνῶν it<sup>14</sup> arm eth Primasius / αἰώνων (mss I Tim 1:17) p<sup>15</sup>

11 3 a none, a none. TR Boy Nss B<sup>16</sup> AV RSV TT Seg // a minor, a minor.

3 τὴν ᾠδὴν Μωϋσέως Ex 15:1 Μεγάλα, ἔργα σου Rv 15:11; Pz 92:5, 111:2, 139:14 δίκαιαι...σου Dt 32:4; Ps 145:17

M<sup>16</sup> C 94 1006 1611 2065 2072<sup>17</sup> 2244<sup>18</sup> 2432 (mss arm eth vg syr<sup>19</sup> h cop<sup>20</sup> Bede Pr-Ambrose Haymo / ἁγίων 206 2049 Victorinus-Pettau Tyconius Apringius Cassiodorus

WH // a minor, a none: Zür Luth Jer // a none, a minor: RV ASV NEB

κύριε...παντοκράτωρ Am 3:13 LXX; 4:13 LXX; Re 1:8, 4:6; ὁ βασιλεὺς τῶν ἐθνῶν Jr 10:10 Theodotion; Tob 13:7, 11; Ec 9:4, 25:5, 27:3

O peso da evidência externa em apoio à forma ἐθνῶν (N<sup>a</sup> A P 046 051 maioria dos minúsculos it (gig), (h)) cop (bo) ara etí Cipriano ad) é quase o mesmo daquele que apóia αἰώνων (p<sup>17</sup> N<sup>a</sup> C 94 469 1006 1611 1841 2040 2065 2073 (mg) 2076 2254 2258 2344 (vid) 2432 it (61) vg sir (ph, h) cop (sa) ad). A primeira forma foi preferida pela maioria da comissão com base em: (a) αἰώνων foi introduzida por copistas que lembravam I Tim. 1:17 (cf. Enoque 9:4 e Tobias 13:4), e (b) a forma ἐθνῶν está mais de acordo com o contexto (vs. 4). A fim de intensificar o sentido, alguns poucos testemunhos adicionam πάντων (it (h) ara etí Primásio). A forma do Textus Receptus (ἁγίων), que tem somente o apoio mais escasso nos manuscritos gregos (296 e 2049, nenhum dos quais estava disponível quando foi formado o Textus Receptus) parece ter surgido devido à confusão dos compêndios latinos para *sanctorum* (sctorum) e *saeculorum* (scolorum [= αἰώνων]); «santo» também figura em vários escritores latinos, incluindo Vitorino-Pettau, Ticônio, Apríngio e Cassiodoro.

15:3: E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Senhor Deus Todo-Poderoso, justas e verdadeiras são as tuas caminhos, ó Rei dos séculos.

Observemos aqui as diferenças de apresentação entre as cenas que envolvem os mártires, aqui e no sexto capítulo do livro. Ali eles clamam pedindo vingança contra seus opressores. E então lhes é dito que descansem, até completar-se o número dos mártires (ver Apo. 8:3,4). Mas agora o seu número já se completou, e sua vitória final está bem próxima. Cruzaram em segurança o mar Vermelho da tribulação, e logo seus inimigos serão afogados no mar da cólera de Deus. Não admira, pois, que tenham irrompido em um cântico de triunfo e ações de graças.

«...o cântico de Moisés...» Assim é chamado esse cântico, em memória de Exo. 15:1 e ss., onde Moisés e os filhos de Israel entoam o cântico de triunfo, por haverem sido libertos do Egito, quando, finalmente, atravessaram em segurança o mar Vermelho. O cântico entoado, aqui e naquela ocasião, não é realmente uma só coisa, mas a alusão àquela situação é evidente. No décimo quinto capítulo do Exodo o cântico salienta a vitória sobre os inimigos de Deus. Neste caso temos, essencialmente, um cântico de louvor. Mas notemos, no quarto versículo, que os juízos divinos subjugarão às nações, e, portanto, apesar de não haver qualquer longa descrição acerca da queda desses adversários, tal como no décimo quinto capítulo do Exodo, não há que duvidar que esse é o espírito do cântico, a sua base fundamental.

«...servo de Deus...» (Ver Exo. 14:31; Núm. 12:7). No grego temos «doulos», «escravo». Fica subentendida uma total dedicação. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em Rom. 1:7).

«...o cântico do Cordeiro...» Esse cântico é o mesmo que o de Moisés. Não se deve pensar em dois cânticos separados, e nem se deve pensar que as palavras «o cântico de Moisés, servo de Deus», representam uma antiquíssima interpolação. (Esse cântico pode ser comparado ao que se lê em Apo. 5:9, o «novo cântico», que se repete em Apo. 14:3, no tocante aos mártires. Muito provavelmente o autor sagrado se utiliza de várias expressões para indicar uma só coisa: uma melodiosa expressão de louvor e triunfo, porquanto os homens «atravessaram o martírio e chegaram aos lugares celestiais», onde receberam a vitória em Cristo e o descanso. Pode-se falar sobre o cântico que «narra a história» da vitória cristã de variadas maneiras. O intuito do autor sagrado é dizer-nos que, a despeito dos mais terríveis sofrimentos à face da terra, incluindo a própria morte, os mártires «triumfarão»!

**O poder da música.** Quão trágico e ultrajante é que a música dos clubes noturnos seja trazida às igrejas evangélicas! Mas isso é o que está sucedendo em nossos próprios dias. A música inspira estados metafísicos, e não deveria ser manuseada superficialmente. No presente contexto, fica implícito o contraste entre a degradação dos adoradores do anticristo e os adoradores santos do Cordeiro. A música é um elemento que pode dizer-nos o que é o quê. Não poderá haver música elevada e inspiradora da alma, no culto ao anticristo. Quão terrível é introduzir nas igrejas locais a música que exalta ideais ímpios, conferindo-lhes «palavras de cunho cristão». A música ímpia jamais poderá tornar-se o veículo de verdadeiras conversões, e nem a verdade cristã pode ser expressa por seu intermédio. O cântico que figura neste contexto glorifica a vitória de Cristo sobre o mal. Como se poderia usar música má para celebrar tal vitória?

«A grande redenção se consumará na forma de um cântico. E esse cântico

reunirá em um todo o significado da antiga lei, mediante a qual os homens foram levados a apreender o caráter de Deus. Quando pensamos sobre os muitos hinários cristãos, que falam apenas de alguns aspectos de nossa experiência cristã, sentimo-nos prontos a pensar na nova apreciação com que correntes inteiras de experiência, entre os homens e Deus, serão mescladas no cântico dos santos vitoriosos, sobre o mar de vidro e fogo» (Hough, *in loc.*). (Quanto a notas expositivas completas sobre a «música», como um dos instrumentos de adoração, ver Col. 3:16).

«...Cordeiro...» Esse é um título mui freqüentemente aplicado a Cristo no Apocalipse, e faz-nos lembrar com freqüência, mas não sempre, da expiação por meio do seu sangue. (Ver as notas expositivas acerca desse título, conforme se vê neste livro, em Apo. 5:6. Ver João 1:29 quanto a notas adicionais sobre esse vocábulo e seu emprego).

«...Grandes e admiráveis são as tuas obras...» No pano de fundo do A.T., as grandes obras, no livramento de Israel do Egito, e no prodígio final, no mar Vermelho, são as «obras» aqui em vista. No presente contexto, o poder de Cristo de conduzir um homem através de horrendos sofrimentos, até mesmo o martírio, à vitória espiritual, por meio do Espírito Santo, o que o levará a desfrutar a redenção celeste, são as obras aqui aludidas, com um lance de olhos lateral sobre como os juízos divinos haverão de derrotar finalmente à maldade dos homens (ver o quarto versículo). Isso é a «vitória tirada da aparente derrota», e uma aparente derrota das mais devastadoras, a saber, o assassinio do corpo! Essa é a vitória sobre o sepulcro e a morte, celebrada em I Cor. 15:51 e ss.; essa é a vitória sobre Satanás e seus poderes malignos, celebrada em Col. 2:15 e ss.; e essa é a vitória sobre o anticristo, com seu culto tirano, o que está especialmente em foco no presente contexto.

Essas obras finais podem ser confrontadas às obras divinas também chamadas «grandes», em Sal. 92:5 e 111:2. (Há um paralelo disso, em Sal. 98:1; 139:14 e I Crô. 16:9, em que as obras de Deus são chamadas de «maravilhosas»). São obras gigantescas, operadas prodigiosamente, com resultados inesperadamente bons, em meio a circunstâncias adversas. Ver as notas expositivas sobre João 7:6. «Vós, santos temerosos, encorajai-vos; as nuvens que tanto temeis estão cheias de misericórdia, e farão chover bênçãos sobre vossas cabeças!» As obras de Deus vão desdobrando os propósitos divinos; nossos sentidos são embotadíssimos, e certamente erram ao interpretar essas obras. Por isso, Deus é o seu próprio intérprete; finalmente, ele fará tudo claro. O presente capítulo aborda o espírito de triunfo que se tem quando se percebe a veracidade de sua declaração: «Deus está em seu trono, e tudo vai bem no mundo». Essa verdade, por essa altura dos acontecimentos, não terá sido ainda aplicada, mas os mártires, aludidos no contexto, mostram como ela poderá ser aplicada, até mesmo quando o desespero parecer que vai prevalecer. O Apocalipse foi escrito para consolar e fortalecer aos mártires em potencial. Este capítulo mostra-nos como esse alvo deve tornar-se eficaz e aplicável à tragédia humana.

«...Senhor Deus, Todo-poderoso...» é um título comumente aplicado a Deus Pai, na páginas do A.T. (Ver Amós 4:13). No Apocalipse, vê-lo em Apo. 1:8; 4:8; 11:17; 16:7,14; 19:15 e 21:22). As notas sobre Apo. 1:8 fornecem o comentário geral sobre esse título. Já que Deus é o Todo-poderoso, isso garante a vitória final da nossa alma. Essa expressão ocorre por cerca de cinquenta vezes no A.T. Nas páginas do N.T., fora do Apocalipse, ocorre somente em II Cor. 6:18.

«...Justos e verdadeiros são os teus caminhos...» Deus não abandonará os mártires à destruição imposta pelo anticristo. Deus não permitirá que os

mártires percam a vida em troca de nada; o Senhor não permitirá que homens ímpios e irracionais escapem à pena pela violência e injustiça praticadas contra outros. Seus caminhos são justos e retos, plenos de justiça; e são incansáveis, aplicando a lei da colheita segundo a semeadura contra todo o pecado e desobediência. (Quanto a passagens bíblicas paralelas a esta declaração, ver Apo. 16:7; 19:2; Sal. 145:17 e Deut. 32:4).

«...6 Rei das nações...»

**Variação Textual:** A palavra *nações* figura nos mss Aleph(2), AP, 046, 051, na maioria dos manuscritos minúsculos, no It(gig,h), no Cop(bo), no Ara, no EtI e nos escritos de Cipriano. Mas a expressão «Rei das nações» figura em uma evidência textual igualmente impressionante, isto é, em P(47), Aleph(1,3), C, 94, 409, 1006, 1811, 1841, 2040, 2066(mg), 2073, 2254, 2288, 2344(vid), 2432; no It(81), na Vg, no Sl(ph,hl) e no Cop(ea). Provavelmente a forma «das nações» é a correta, ao passo que «das eras» teria sido produzida pela memória de algum escriba, com base em 1 Tim. 1:17 e, talvez, Enoque 9:4 e Tobias 13:4. A forma «das nações» concorda mais de perto com o presente contexto. (Ver o

quarto versículo). Os mss 296, 2048 e alguns escritos latinos, seguidos pelo *Textus Receptus*, dizem «Rei dos santos». Mas certamente essa é uma forma muito secundária. Deus passava agora a julgar as nações, com os juízos das taças; e das nações é que os mártires foram salvos. Já que as nações todas se tornaram escravas do anticristo e historicamente, do culto ao imperador. Mas o Senhor Deus, na qualidade de Rei das nações, obterá a vitória; e assim os mártires triunfarão sobre o sistema mundial, satanicamente inspirado.

**Outras idéias sobre o terceiro versículo:**

1. «Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações?» (Jer. 10:7).
2. «Embora nuvens escuras algumas vezes tenham rodeado a Deus, agora ficará perfeitamente claro que 'retidão e juízo são a habitação de seu trono' (ver Sal. 97:2).» (Carpenter, *in loc.*).
3. A Igreja é o verdadeiro e novo Israel, que passará pelo mar Vermelho de fogo, obtendo a vitória celestial. O vidente João usa frases e idéias do A.T. para compor o seu cântico, embora não siga qualquer texto do A.T. em particular. Os santos vencerão devido ao poder divino (ver Rom. 8:32 e ss.).

4 τῖς οὐ μὴ φοβηθῇ<sup>1</sup>, κύριε, καὶ δοξάσει τὸ ὄνομά σου;<sup>2</sup> ὅτι μόνος ὁσῖος,<sup>3</sup> ὅτι πάντα τὰ ἔθνη ἤξουσιν καὶ προσκυνήσουσιν ἐνώπιόν σου, ὅτι τὰ δικαιώματά σου ἐφανερώθησαν.

<sup>1</sup> 4 |C| οὐ μὴ φοβηθῇ A C P 046 1 1811 2042 2033 2061 it. amb. ar. cop. arm. eth. Cyprian Ambrose Primasius Andrew. Beatus f. de ol. φοβηθῇ N 1006 1854 σε μή 2063 2432 f. ol. μή φοβηθῇ σε 051 94 1828 1839 2020 2138

<sup>2</sup> 4 à question, à élnce: TR Bov Nes BP AV RV ABV RSV NEB TT Zkr (Lutb) Jer Beq; f. b minor, f. question: WH

4 τῖς ὁδομα σου γε 10-7 ὡς αὐτὸς σου Ps 98:9; Mt 1:11

A forma que melhor explica a origem das demais é *οὐ μὴ φοβηθῇ*, amplamente apoiada por A C P 046 1611 2033 it (gig,h) cop (bo) ara etI Cipriano *al.* Sentindo a necessidade de um objeto para o verbo, alguns copistas adicionaram *σε* antes de *οὐ* (p<sup>47</sup> N 1006 2065 2073 2432), e outros após *φοβηθῇ* (051 94 1828 1839 2020 2138, seguidos pelo *Textus Receptus*). Alguns poucos testemunhos dizem apenas *οὐ* (N 1006 1841 2040 2065) ou apenas *μή* (1854) *φοβηθῇ*.

15:4: Quem não te temerá, Senhor, e não glorificará o teu nome? Pois só tu és santo; porque todas as nações virão a se prosternar diante de ti, porque os teus juízos são manifestos.

O cântico glorifica primeiramente, em contemplação objetiva do juízo, o governo admirável, universal e monárquico de Deus sobre todo o mundo, e, em particular, sobre as nações — um governo que agora atingirá sua manifestação consumada, sobretudo na retidão e veracidade (absoluta coerência e fidelidade) dos caminhos de Deus. Em segundo lugar, declara a impressão feita por esse governo sobre os conquistadores: produzirá o mais sagrado respeito pela santidade de Deus, bem como um júbilo entusiasmado, que inclinará os vencedores a louvar o nome do Senhor, conforme rebrilha na perfeição de sua revelação. Em terceiro lugar, esse cântico expressa a expectativa profética do efeito que esses juízos de Deus produzirão sobre o mundo das nações: uma característica genuína do N.T., que expressa a esperança que muitos ainda haverão de converter-se, mesmo sob o ministério das taças da cólera (ver Exo. 9:16; 14:7; Sal. 126:2 e Miq. 7:16). (Lange, *in loc.*).

O próprio cântico, a despeito de seu nome, pouca semelhança tem com o cântico de Moisés, no décimo quinto capítulo do livro de Êxodo. Tal como certos outros cânticos do Apocalipse, trata-se principalmente de uma cadeia de frases do A.T. (Comparar com Sal. 11:2; 139:14; Amós 4:13 (Septuaginta); Deut. 32:4; Sal. 86:9; Mal. 1:11; Sal. 144:17 (Septuaginta) e Sal. 98:2). É óbvio que o autor... estava totalmente imbuído das frases do A.T., que fácil e prontamente surgiam na ponta de sua pena, enquanto escrevia. Outrossim, seu arranjo, em linhas paralelas de pensamento, reflete a forma poética do A.T. (Rist, *in loc.*).

«...não temerá e não glorificará o teu nome...» A idéia é paralela à de Fil. 2:9 e ss. e à do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, que proclamam ousadamente o senhorio absoluto de Cristo, de tal modo que todas as vontades se submeterão à dele. Isso levará à glorificação de Cristo como centro de tudo, quando ele será tudo para todos. Tudo quanto se sabe sobre Deus continuará a ser mediado por meio de Cristo, e isso em relação a toda a criação. (Ver também Col. 1:16). Todas as coisas foram feitas «em Cristo», «por meio de Cristo» e também «para Cristo»; e isso é dito acerca de Deus Pai, embora com outros termos, em 1 Cor. 8:6. Haverá unidade de vontade, de propósitos e de lealdade. Medidas drásticas terão de ser utilizadas para que isso se faça realidade, mas essas medidas fazem parte da natureza do julgamento divino. (Ver Apo. 14:11 sobre esse tema e o que está implícito no mesmo). (Esta porção do versículo pode ser confrontada com a passagem de Jer. 10:7, que evidentemente é o pano de fundo literário desta porção do cântico. Ali Deus é igualmente chamado de «Rei das nações»).

«...Senhor...» Esse é o Senhor de todos, que acabara de ser chamado de «Todo-poderoso». Ele é proprietário e senhor, e o mundo inteiro, finalmente, haverá de perceber isso, mediante o processo histórico, completado por meio de várias intervenções divinas. (Quanto a Cristo como «Senhor», ver as notas expositivas em Rom. 1:7). Deus pai, naturalmente, está em foco aqui, embora, normalmente, nas páginas do novo pacto, o vocábulo «Senhor» seja aplicado a Jesus Cristo.

«...só tu és santo...» Uma bofetada contra o culto ao imperador, e, profeticamente, contra o culto que circundará o anticristo. Esses outros cultos foram e são «ímpios», dignos de opróbrio e aversão. Deus, o único que é verdadeiramente santo, é quem merece e requer a nossa adoração. (Ver as notas expositivas em Apo. 4:8, acerca da «santidade de Deus»).

«...nações virão e adorarão...» É possível que essas palavras aludam ao milênio, mas certamente também está em foco o estado eterno, subentendendo que todos os povos e seres encontrarão em Cristo a razão de sua existência, pois ele é o Mediador entre Deus Pai e todas as criaturas. (Ver Efé. 1:23). Nele tudo encontra seu propósito, pois ele é «tudo para todos». Isso incluirá a «adoração», porquanto os próprios perdidos encontrarão em Cristo a razão de sua existência, e haverão de adorar ao

Senhor. O mundo agora prossegue em sua louca e ímpia idolatria, a qual assume milhares de formas diferentes. A situação final do mundo verá tudo isso revertido.

«...diante de ti...» Aos olhos do Senhor, sob o seu poder, com sua aprovação, sob sua orientação, conferindo-lhe total lealdade.

«...porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos...» Este texto poderia significar, as «nações ímpias serão destruídas», do que se concluiria que as nações boas haverão de louvar a eficácia dos juízos e da justiça de Deus, pois o Senhor não permitirá que o mal triunfe finalmente. Provavelmente, porém, mais ainda está envolvido aqui. Pensamos que o primeiro capítulo da epístola aos Efésios e passagem paralela. De algum modo, tudo será restaurado, ainda que isso não envolva a participação de todos os homens na vida dos eleitos. O próprio julgamento envolve elementos de restauração e disciplina, e não apenas de vingança. (Ver Col. 3:6 acerca da «ira de Deus», que explica e documenta esses conceitos. Ver também 1 Ped. 3:18-20 e 4:6, sobretudo as notas expositivas sobre esta última referência). Até mesmo os ímpios, uma vez libertados de sua iniquidade, mediante severíssimo julgamento, embora não lhes seja conferida a vida dos eleitos, terão razões para exaltar a Deus, devido à sua bondade e total justiça. (Ver Apo. 5:13; que mostra que o louvor ao Cordeiro ascenderá até mesmo do hades. De acordo com aquele versículo, esse louvor também será dirigido a Deus Pai). Em tudo isso haverá muito mais que mero «louvor relutante». Deus removerá a «inimizade» dos perdidos, levando-os a encontrar o seu tudo em Cristo. Que gloriosa doutrina! Quão profunda é a graça de Deus!

**Outras idéias sobre o quarto versículo:**

1. «Essas palavras frisam a conversão das nações durante o reino milenar. (Comparar com Apo. 21:24 e ss. e 22:2). Em Apo. 14:7 as nações são exortadas a se arrependerem e adorarem a Deus. Naturalmente, isso envolverá a adoração das nações que sobreviverem aos juízos divinos, retratados em Apo. 18:19; e essas se converterão». (Charles, *in loc.*, expondo um ponto de vista comum). cremos, entretanto, que a questão é muito mais profunda que isso, levando em conta a mensagem do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, que inclui a tudo. É possível, naturalmente, que o vidente João não compartilhava desse ponto de vista.

2. «Este cântico dos mártires tem o tom de majestosa poesia». (Robertson, *in loc.* 1). Errores quando adaptamos o cântico de Cristo à música de cunho mundano.

3. A santidade de Deus exige justiça e julgamento. Portanto, a santidade do Senhor é um dos motivos por que os homens devem temê-lo e adorá-lo. Cada indivíduo colherá aquilo que houver semeado (ver Gál. 6:7,8) e ninguém pode escapar a essa regra divinamente determinada. Finalmente, ninguém achará falta em Deus, a despeito do que os homens venham a sofrer nos juízos divinos. Total retidão e justiça se fará, e todos saberão por que razão e como.

4. «Teus atos de justiça agirão em favor das nações, tanto na publicação do evangelho como na destruição de seus inimigos, tornando-se manifestos» (aristo), como é freqüente nestes escritos, olhando para o passado, como se a questão fosse histórica...» (Alford, *in loc.*).

5. Cânticos duplos podem ser observados em outros escritos representativos da herança literária judaica. (Ver Targum de Jônatas sobre Isa. 28:1 e Targum Schir Hashirim 1.1). Esta última obra tem dez cânticos diversos, a saber: a. de Adão, quando foi perdoado; b. de Moisés e Israel, no mar Vermelho; c. dos israelitas, quando lhes foi dada água no deserto; d. de Moisés, por ocasião da sua morte; e. de Josué, em Gibeom; f. de Baraque e Débora, na vitória que obtiveram; g. de Hana; h. de Davi; i. de Salomão; e j. de Israel, quando foi libertada do cativeiro.

6. Já que esse cântico é de Moisés e do Cordeiro, pode estar subentendida a unidade essencial de Antiga e da Nova dispensações ou Testamentos, bem como a unidade de todos os remidos em Cristo. Sua redenção é boa para o primeiro e para o segundo pactos, não conhecendo limites de tempo, de espaço e de raça.

**Variação Textual:** As palavras «não te temerá» (com ordens de palavras diversas) aparecem nos mss P(47), Aleph e muitos manuscritos minúsculos. A forma mais simples, «não temerá» figura nos mss ACP, 046, 1811, 2063, no





Ped. 1:4, em suas respectivas notas expositivas).

3. A descrição das vastas das anjos indica algo de «sacerdotal», e isso sugere que agiam em favor do noivo «Sumo Sacerdote», Cristo Jesus. Esses anjos se

ocupavam em uma tarefa sacerdotal, pois, através dos julgos trazidos por eles, Deus é mediado até os homens de um modo que poderá ser desagradável, embora necessário.

7 καὶ ἐν ἐκ τῶν τεσσάρων ζώων ἔδωκεν τοῖς ἐπὶ ἀγγέλοις ἐπὶ φιάλας χρυσᾶς γεμούσας τοῦ θυμοῦ τοῦ θεοῦ τοῦ ζῶντος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

7 ἐν] om p<sup>47</sup>28<sup>a</sup> x 2059a al

7 ἐπὶ φιάλας...θεοῦ Ps 75:8; Lc 51:17, 22; Jr 25:16; Rm 14:10; 18 19

15:7: Um dos quatro seres vivantes deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias de ira de Deus que vive pelos séculos dos séculos.

«...quatro seres viventes...» São seres celestiais extremamente elevados, e que servem diante do trono mesmo de Deus. (Ver as notas expositivas sobre eles em Apo. 4:6,7). Têm a forma de um leão, de um boi, de um homem e de uma águia a voar, tudo o que se reveste de significações simbólicas.

«...sete taças...» O termo grego «phiale» indica um vaso largo e raso, usado para propósitos de libação ou para servir bebidas, tal como se vê em Apo. 5:8, onde também são mencionadas «taças de ouro», cheias de incenso, isto é, das «orações dos santos». Essa palavra também era usada em urnas funerárias, onde eram guardadas as «cinzas» dos corpos mortos.

**Simbolismo das taças:** Provavelmente é tencionada a idéia da «taça de beber». Essas taças estavam cheias da cólera de Deus, a qual terá de ser sorvida pelos ímpios. (Ver Apo. 14:9,10 quanto a esse uso). Assim também, em Apo. 16:19, ao ser derramada a última ou sétima taça, é dito que Babilônia teve de beber da taça da ira divina. Também é possível que essas taças sejam consideradas cheias de fogo retirado do altar, tal como sucedeu ao incensário, em Apo. 8:5, fogo esse que seria então atirado à face da terra. Mas talvez seja um tanto exagerado ver aqui essas «taças» como receptáculos para as cinzas daqueles que serão destruídos pelas pragas prestes a serem descritas.

Seja como for, a idéia do «cálce da cólera divina» é perfeitamente comum na literatura judaica, podendo ser associada à idéia de «obrigação de beber» ou à idéia de «derramamento» de fogo e destruição, desde o receptáculo divino. (Ver *Mishnah Menachot.*, cap. 11; seção 4.5; Josefo, *Antiq.* 1.3, cap. 8, seção 10).

«...cólera de Deus...» Uma expressão de uso comum no Apocalipse, comentada em Apo. 15:1, onde há uma lista de referências que contém a mesma. A «cólera de Deus» ou «ira de Deus» é um termo técnico que indica «juízo», não sendo descrição de qualquer emoção violenta da parte do Senhor. (Ver as notas expositivas em Col. 3:6, acerca de um sumário desse tema).

8 καὶ ἐγεμίσθη ὁ ναὸς καπνοῦ ἐκ τῆς δόξης τοῦ θεοῦ καὶ ἐκ τῆς δυνάμεως αὐτοῦ, καὶ οὐδεὶς ἐδύνατο εἰσελθεῖν εἰς τὸν ναὸν ἄχρι τελεσθῶσιν αἱ ἐπὶ πληγαὶ τῶν ἐπὶ ἀγγέλων.

8 ἐγεμίσθη...θεοῦ Ex 40:34; 1 Km 8:10-11; 2 Chr 5:13-14; Is 64; Eze 44:4

15:8: E o santuário se encheu da fumaça pela glória de Deus e pelo seu poder; e ninguém pôde entrar no santuário, enquanto não se consummarem as sete pragas dos sete anjos.

«...santuário...» (Ver as notas expositivas sobre o mesmo no quinto versículo deste capítulo). O «templo celeste» está aqui em foco.

Perto do fim do capítulo quarenta do livro de Êxodo, há um simbolismo similar ao que temos aqui. A «tenda» ficou tomada pela glória de Deus, do poder de sua presença, de sua presença temível, de tal modo que nem o próprio Moisés pode ali entrar (ver Êxo. 40:34,35). A «fumaça» é um dos símbolos judaicos comuns para indicar quão terrível é a presença de Deus, pois ele é inabordável em sua santidade; e isso aparece vinculado à idéia de um fogo requieimante ou de um poder celeste que produz um véu de fumo. (Ver o sexto capítulo do livro de Isaías, como também Êxo. 40:34; 1 Reis 8:10 e Eze. 10:2-4). Alguns estudiosos pensam ver aqui a «cegueira da incredulidade humana», a qual tampa dos homens a visão de Deus; mas essa idéia está inteiramente deslocada. Antes, o que se deve entender aqui é a terrível majestade e glória divinas, que tornam Deus inabordável, até terminar o tempo do julgamento que ele resolveu descarregar sobre a terra ímpia.

«...glória de Deus...» Isso expressa a tremenda presença de Deus, a manifestação de sua majestade, os seus temíveis atributos desvendados. A presença de Deus tornar-se-á então insuportável, tal como se vê em Enoque 14:18 e ss.

«...poder...» Agora o seu poder sem limites está próximo de ser manifestado contra a pecaminosidade do homem; e a criação inteira, por assim dizer, procura ocultar-se do poder divino.

«...ninguém podia penetrar no santuário...» (Isso pode ser comparado com 1 Reis 8:10,11 e Êxo. 40:34,35). Seja como for, Deus é inabordável, exceto por meio de Cristo, que é o Verbo, a expressão de Deus desde a eternidade passada, no presente e no futuro. Sob certas circunstâncias, como aquelas do presente versículo todo o acesso a Deus é interrompido. Por isso é que se lê, em 1 Tim. 6:16, que ninguém pode aproximar-se de Deus, porquanto ele habita em uma luz puríssima que consumiria a qualquer mero mortal.

## X. Julgos das Sete Taças (15:1- 16:21).

### Capítulo 16

#### 2. A preparação e a primeira taça: praga de graves chagas (16:1,2).

O décimo quinto capítulo funciona como a verdadeira introdução ao juízo das sete taças. Em primeiro lugar, vimos como os mártires, agora que seu número se completara, entoaram o cântico de Moisés e do Cordeiro, um cântico de louvor e triunfo, por haverem vencido ao anticristo. Pois apesar de serem martirizados, o anticristo não terá sido capaz de ferir suas almas, e nem prejudicá-los permanentemente. Outrossim, contemplando os juízos das sete taças, esses mártires perceberão que logo o anticristo será derrubado, que o mal será julgado, ficando satisfeito o clamor por vingança (ver o sexto capítulo deste livro).

«...pelos séculos dos séculos...» Essa é uma das fórmulas gregas para a idéia da «eternidade», e que mais literalmente poderia ser traduzida por «pelas eras das eras». A eternidade, pois, é pintada como uma interminável sucessão de eras ou épocas. Desse modo, o que é conhecido é aplicado ao «desconhecido». Supomos que a eternidade consistirá de muitas eras, cada qual com seus propósitos e seus ciclos, tal como na terra as «eras» envolvem algum designio. (Em Efé. 3:21 apresentamos uma nota que discute as diversas «fórmulas que indicam eternidade», nas páginas do N.T.).

A «eternidade» de Deus é aqui referida a fim de impressionar-nos com os julgamentos que estavam prestes a sobrevir, os quais não serão criação de qualquer mera criatura, e, sim, do Deus eterno que existe «necessariamente». Em outras palavras, Deus não pode deixar de existir. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito em João 5:25,26 e 6:57). Por meio da redenção que há em Cristo, chegamos a possuir essa forma de vida necessária e independente, que caracteriza a vida divina.

**Outras idéias sobre o sétimo versículo:**

1. Isso pode ser comparado com Eze. 10:7. Ali, um dos querubins manuseia as brases acesas para serem calcadas pela terra, entregando-as a um dos sete anjos deste julgamento das taças. O simbolismo é idêntico, embora expresso de forma mais elaborada aqui no Apocalipse.

2. Observamos a glória e a pureza das personagens envolvidas — vestidas de linho puro e com cintas de ouro. O juízo divino não será desfechado contra os homens independentemente da beleza e da glória respeitabilíssimas de Deus. O julgamento divino será austero, embora envolva certa beleza, em face de produzir resultados bons e de diversas categorias. É difícil usar vestes de pureza e de ideais de dignidade no conflito contra o mal. Com demasiada frequência os «reformadores» se deixam macular pelo ódio, porquanto não conseguem elevar-se acima da atmosfera do conflito, mas antes, deixam-se corromper pela mesma. Isso não acontecerá a esses juízes angelicais. Não podemos lutar contra o erro com o coração carregado de ódio. A verdade inequívoca é que existem «odiadores profissionais» da religião, até mesmo entre os crentes.

3. Os «seres viventes» impõem sobre os homens uma morte terrível. Mas tal morte será necessária, antes que possa haver a renovação da vida, na idade áurea do milênio.

«...enquanto não se cumprissem...» O fato de Deus ser inabordável tem certo propósito. Deus opera suas obras tremendas, prodigiosas de juízo; e então quem se aproxima dele é restaurado. De fato, o próprio julgamento será um meio de restauração do acesso a Deus, porquanto isso removerá a iniquidade que serve de empecilho. Esse é o conceito central do evangelho.

\*\*\*

**Outras idéias sobre o oitavo versículo:**

1. A glória de Deus preenche o templo (ver Eze. 44:4; II Crô. 7:2,3). O templo ficou tomado por fumo e glória, isto é, as manifestações divinas que tanto ocultam a Deus por algum tempo como falam algo sobre sua tremenda majestade. Mas tudo isso fala da graça de Deus para com os homens, embora segundo os próprios termos morais e necessários de Deus. (Ver Apo. 14:6 e 21:24,26).

2. O texto continua a basear-se sobre a cena do «Êxodo». (Ver Êxo. 40:34,35, tal como no contexto em geral). Uma nova e grande libertação divina está sendo preparada para toda esta terra; mas isso só ocorrerá por meio dos sofrimentos, já que os homens nunca aprenderão de outra maneira.

3. «Deus é inabordável enquanto ele estiver se revelando em todos os terrores de sua indignação» (Milligan, *in loc.*).

4. «Ah! Rússia, se ao menos pudessem ler, notar e te voltares arrependida! Ah! América, se ao menos conhecesse o fim de seus caminhos ímpios!... Séculos de longanidade desprezada, zombada, por uma terra adoradora de Satanás, despertai, finalmente, a fúria divina. Portanto, essas taças de cólera são derramadas por todo este mundo de rebeldes... a invasão da Palatína, por todos os exércitos da besta, formados por todas as nações, apesar de estar sendo preparada sob a sexta taça (ver Apo. 16:12-16) e embora os exércitos da terra se reúnam para a batalha do Armagedom, contudo, serão entregues nas mãos do próprio Cristo, para serem pisados aos pés, quando de sua vinda pessoal, no dia da grande ira, conforme se lê em Apo. 19:11-15» (Newell, *in loc.*).

5. «Os dias de advertência terão terminado. As pragas que agora sobrevêm cairão sobre aqueles que terão brincado com a convocação de pecado» (Carpenter, *in loc.*).

6. «O monte Sinai ficou inteiramente toldado pela fumaça, porquanto o Senhor desceu ali em fogo; e a fumaça subiu como se fora de uma fornalha, e o monte inteiro estremeceu grandemente». (Ver Eze. 40:19 e Heb. 12:13). Cenas similares se repetirão quando Deus tomar vingança, nos últimos dias.

O parágrafo anterior, pois, em primeiro lugar, mostra-nos que a queda do anticristo e seu culto muito significará para os mártires, que já se acham nos céus. Então, começando pelo quinto versículo, há uma elaborada introdução aos anjos, que administrarão os sete últimos julgamentos. Esses anjos, puros e poderosos, são instrumentos da ira de Deus. Os juízos que isso trará à terra são de natureza tão poderosa e prodigiosa que o santuário celestial será temporariamente fechado, e nenhum ser criado terá direito ao acesso a Deus, até que esses julgamentos se completem. Tendo-nos apresentado essa elaborada introdução, no capítulo anterior, agora, em forma bastante abreviada, ele nos apresenta os juízos das taças, um por um. Em sua maior parte, pensamos que serão exatamente o que é dito aqui, pragas de chagas, de enfermidades, modificações na composição química das águas, alterações tão grandes nas condições atmosféricas que tremendo calor requeimará aos homens, trevas incomuns e desnaturais, o ressecamento literal do rio Eufrates, permitindo a invasão dos exércitos chineses e seus aliados, a fim de invadirem a Palestina. O décimo terceiro versículo mostra que haverá gigantesca invasão demoníaca, tal como por ocasião dos juízos das trombetas.

As forças satânicas levarão os homens a quase destruírem a terra, juntamente com a sua população humana. A batalha do Armagedom assinalará a *quase destruição*. Cataclismas naturais da primeira magnitude, envolvendo talvez até a mudança da posição dos polos terrestres e o deslizamento da crosta terrestre, levando antigos continentes a desaparecerem, enquanto outros haverão de surgir, estão em foco nos versículos dezoito a vinte. Isso assinalará o fim mesmo da antiga ordem, do mundo antigo, com o aparecimento de uma nova ordem, a era áurea, o milênio. A «parousia» ou segunda vinda de Cristo é que provocará isso; e esse retorno do Senhor terá início por ocasião da batalha do Armagedom, segundo se vê em Apo. 14:14 e ss.

Alguns estudiosos pensam que as taças são paralelas aos juízos das «trombetas», porque seriam apenas uma forma diferente de contemplar a mesma coisa. Entretanto, levando-se em conta a natureza devastadora do juízo das taças, e sabendo-se que este sucederá no fim do antigo ciclo mundial e no começo de um novo ciclo, temos de considerar que uma coisa ocorrerá depois da outra, além de ser o juízo das «taças» algo muitíssimo mais devastador do que qualquer coisa que houve quando dos juízos das trombetas.

Historicamente falando, esses juízos, tal como o Apocalipse inteiro, refletem a esperança e a expectativa de João acerca da queda de Roma pagã e seu culto ao imperador; mas, profeticamente, isso virá a ser encabeçado pelo próprio anticristo. Profeticamente, ainda, vemos aqui os «últimos dias», focalizando a carreira do anticristo e sua queda final, além do desaparecimento de toda a antiga ordem de coisas, o antigo sistema mundano e rebelde.

**16** Καὶ ἤκουσα μεγάλης φωνῆς ἐκ τοῦ ναοῦ λεγούσης τοῖς ἐπὶ τὰ ἀγγέλοις, Ὑπάγετε καὶ ἐκχέετε τὰς ἐπὶ τὰ φιάλας τοῦ θυμοῦ τοῦ θεοῦ εἰς τὴν γῆν.

1 Ouvii... ναοῦ 1a 68.6; Ra 16.17 ἔκχεετε... τῶν 1a 68.24; Jr 10.25; Eze 22.31 Zph 3.9

1 εκ τ. ναου] εκ του ουρανου 42 pc c dem vg(2) sa i om p<sup>47</sup>vid 046 82 al

As palavras ἐκ τοῦ ναοῦ, que são adequadamente apoiadas por N A C P 1 2020 2057 2329 vg ara André Primásio, são omitidas (talvez por serem reputadas como um tanto impróprias ao contexto) em 046 cerca de noventa manuscritos minúsculos ara (pt) Aretas. A forma ἐκ τοῦ οὐρανοῦ (42 367 468 2196 vg (mss) cop (sa,bo) ara (pt) Ticônio Beato) surgiu quando — ναοῦ foi tomada como forma contraída de οὐρανοῦ (οὐνον).

16:1; E ouvi, vindo do santuário, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus.

«...ouvii...» Isso fala da posição audível das visões místicas de João, o vidente. No Apocalipse, é comum ler-se que às vezes ele «via» e às vezes ele «ouvia» algo, em suas profecias. (Comparar com Apo. 1:10; 3:3; 4:1; 5:11, 13; 6:1, 35-7; 7:4; 8:13; 9:13, 16; 10:4, 8; 11:12; 12:10; 14:2, 13; 16:1, 5, 7; 18:4, 22, 23; 19:1, 6; 21:3 e 22:8).

«...santuário...» No Apocalipse, o céu (sempre no singular, com exceção de Apo. 12:12; onde essa palavra aparece dentro de uma citação) é visto como um templo ou santuário, como a habitação de Deus. (Isso é comentado em Apo. 15:5, 6, 8).

Esses julgamentos virão da parte de Deus, o que revela a posição do «telmo», em contraste com a posição do «delmo». (Ver as notas expositivas sobre a natureza de Deus e sua maneira de tratar com os homens, de acordo com essa natureza, em Atos 17:27). Deus manuseia toda a sua criação, fazendo intervenções, castigando ou galardoando aos homens (posição do telmo). Ele não abandonou a sua criação, deixando-a entregue às leis naturais (posição do delmo).

«...grande voz...» Essa é uma expressão comum no Apocalipse. (Ver Apo. 1:10; 5:2, 12; 6:10, etc.). Essas referências mencionam ainda outros trechos onde figuram essas palavras. Elas visam chamar nossa atenção, mostrando-nos que alguma grande mensagem ou revelação está prestes a ser feita.

«...sete anjos...» (Ver sobre os anjos dos juízos das «taças», em Apo. 15:6). A passagem de Apo. 15:7 mostra-nos que os «quatro seres viventes» (seres superiores a esses anjos) é que entregarão os juízos das taças aos anjos; e isso é uma duplicação do trecho de Eze. 10:7, onde um querubim entrega aos sete anjos o julgamento das brasas de fogo.

«Ide, e derramai...» A missão deles é clara; e eles se mostram obedientes. A missão derrubará o antigo sistema mundial e, juntamente com isso, o reinado do anticristo, o rei de todo o paganismo, que significa estar algum sem Cristo e em estado de revolta contra ele. Essa é a última série de «setes», no tocante aos julgamentos principais, embora ainda tenham de aparecer mais duas séries assim, a saber, as «sete visões» sobre a queda de Babilônia e as sete visões da «derrubada de Satanás».

«...cólera de Deus...» É uma expressão de uso freqüente no Apocalipse, sendo comentada em Apo. 15:1; além de notas teológicas sobre o mesmo tema, em Col. 3:6. Trata-se de um termo técnico para a idéia de

«julgamento» (nesse caso, sobre a «grande tribulação», ainda que, normalmente, indique o julgamento eterno). Não expressa alguma emoção violenta e descontrolada da parte de Deus.

O décimo quinto capítulo deu-nos a impressão de que haverá uma nova experiência do «mar Vermelho» para os mártires. Eles terão atravessado em segurança, a grande tribulação, até à terra prometida dos céus. Já este décimo sexto capítulo mostra-nos como se alogarão as «forças de Faraó», o anticristo. Os mártires só obterão vantagens espirituais com sua morte. Eles estarão em segurança quando o último e mais terrível temporal cair sobre esta terra. Ao anticristo e a este mundo ímpio será dado aquilo que eles deram aos seguidores do Cordeiro: destruição e angústia.

\*\*\*

**Variante Textual:** As palavras «vinda do santuário» (ou templo) são apoiadas pelos mss Aleph, ACP, 1: 2020, 2057, 2329, pela Vg, pelo Ara e nos escritos de André e Primásio. Mas são omitidas pelos mss 046, noventa manuscritos minúsculos conhecidos e nos escritos de Aretas e em parte das versões aramaicas. Alguns manuscritos, 42, 367, 468, 2196, na Vg(mss), no Cop(sa,bo), no Ara, em parte, e nos escritos de Ticônio Beato, temos «vinda do céu». Provavelmente isso se deveu ao equívoco de pensar que a palavra «naou» seria abreviação de «ourano» (sob a forma «ounoun»). A evidência textual objetiva mostra-nos que a primeira forma é a correta. E também não se sabe dizer por que alguns manuscritos omitiram essas palavras. Talvez parecessem inapropriadas neste contexto, segundo a estimativa de alguns escribas.

**Outras idéias sobre o primeiro versículo:**

1. Quem fala aqui é o próprio Deus. João ouviu a voz do Senhor. Isso empresta maior dignidade ao material que se segue. (Comparar com o décimo sétimo versículo deste capítulo). A voz de Deus proveio do «trono».

2. Deus cuidará pessoalmente das últimas pragas. Elas serão uma horrenda intervenção divina, como nenhuma descrição pode refletir em todo o seu horror.

3. Grande parte deste material se baseia na narrativa das «pragas do Egito»: nesse aspecto, pois, os juízos são paralelos ao juízo das sete «trombetas» — capítulos oitavo e nono. Mas é óbvio que ultrapassarão a tudo quanto até agora foi descrito no Apocalipse. Fazemos objeção à teoria da «recapitulação», por ser inadequada para explicar os vastos efeitos dessa nova série de julgamentos. Os «juízos das taças» emergirão da «sétima trombeta», pelo que de modo algum podem ser paralelos aos juízos das «trombetas». Alguns intérpretes da escola histórica, dependendo da teoria do «paralelismo» entre as trombetas e as taças, repetem aqui as mesmas impossíveis interpretações dadas às trombetas, procurando descobrir tudo isso dentro da história passada. Mas um bom número deles reconhece que pelo menos os «juízos das taças» são futuros, considerando as predições acerca dos «últimos dias».

2 ἔγένετο... ἀνθρώποις Ra 9.10; Dt 29.35 τὸ... θηρίον Re 13.17; 14.9, 11. 19.20; 20.4 τοῖς προσκυνοῦντας... αὐτοῦ Re 13.12-17.

14.9, 11, 19.20

16:2; Então foi a primeira e derramou a sua taça sobre a terra; e apareceu uma chaga ruim e maligna aos homens que tinham a sinal da besta e que adoravam a sua imagem.

Neste ponto começa a cumprir-se a promessa feita em Apo. 14:9, 10, onde se lê que os adoradores da besta e sua imagem terão de beber do cálice da



côlera de Deus. A primeira praga das taças provocará tremendo surto de úlceras entre os homens, talvez de fundo canceroso. Isso é uma repetição, em escala maior, da praga das úlceras, a sexta praga do Egito, conforme se vê em Exo. 9:8-12. Naquela oportunidade, Moisés e Aarão lançaram cinzas para o ar, as quais cobriram a terra do Egito, daí resultando a praga. Mas agora o primeiro anjo derrama o conteúdo da primeira taça sobre a terra inteira, disso resultando a horrenda praga das úlceras.

«...portadores da marca da besta...» (Ver Apo. 13:16 quanto a notas completas expositivas sobre essa marca. Ver Apo. 13:1 e II Tes. 2:3, quanto a notas sobre a «primeira besta» ou «anticristo»).

«...úlceras...» No grego é «*elkos*», o mesmo vocábulo que se usa em Exo. 9:9-12, na Septuaginta, para indicar «ferida», «chaga». A palavra é de sentido geral, podendo referir-se às chagas da lepra, às úlceras e a qualquer outro «abcesso» ou tumor.

«...malignas...» No grego é «*kakos*», termo que usualmente significa «más», mas essa tradução portuguesa transmite bem a idéia.

«...perniciosas...» No grego é «*poneros*», palavra que usualmente significa «maldoso», «iníquo». As duas palavras que aqui figuram também aparecem em I Cor. 5:8, embora ali tenham um sentido moral, referindo-se à corrupção que se espalha como o fermento se propaga pela massa para o pão.

A corrupção no íntimo, a malignidade e a decadência do homem interior, haverão de aflorar até à pele, podendo ser vistas à superfície. Deus fará aqueles adoradores do anticristo perceberem como são, realmente, fazendo-os sofrer por isso. Oscar Wilde (*The Picture of Dorian Gray*) conta-nos como um homem de aparência respeitável, muito reputado entre os homens, finalmente não conseguiu mais ocultar sua natureza íntima e corrompida, pois, gradualmente, seu rosto se foi transformando em uma máscara horrível.

Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. Deus haverá de desmascarar a ímpia humanidade. A filosofia da humanidade é uma sabedoria falsa que com freqüência só oculta dos homens a

X. Julzos das Sete Taças (15:1- 16:21).

3. A segunda: o mar transformado em sangue (16:3).

3 Καὶ ὁ δεύτερος ἐξέχεεν τὴν φιάλην αὐτοῦ εἰς τὴν θάλασσαν· καὶ ἐγένετο αἷμα ὡς νεκροῦ, καὶ πᾶσα ψυχὴ ζωῆς ἀπέθανεν, τὰ ἐν τῇ θαλάσσῃ.

3 ἐγένετο...θαλασση Bx 7.17-21

3 ζωης AG 1006 1611 pt sy; R] ζωας p<sup>47</sup>NP 046 051 x 2059a pt lat c; ζωων 2329 arm<sup>pe</sup>; om 82a l | τα AG 1611 2059a pc; R]

των 1006 pc; om p<sup>47</sup>NP 046 x 82 2329 pl lat c

16:3 O segundo anjo derrama a sua taça no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu todo ser vivo que estava no mar.

Podemos comparar essa descrição à segunda trombeta (ver Apo. 8:8,9, onde há notas expositivas mais completas a respeito). Essa segunda praga também se deriva das pragas do Egito, dessa vez, a primeira, quando o rio Nilo tornou-se em sangue, matando os peixes (ver Exo. 7:14-25). Mas aqui o próprio «mar» é afetado. Quando dos julzos das trombetas, somente uma «terça parte» se transmutou em sangue, e somente uma terça parte da vida marinha pereceu. Mas, neste caso, os efeitos serão muitíssimo mais vastos, provando que apesar dessas duas séries de julzos—das trombetas e das taças—serem «paralelas» quanto à sua espécie, não são paralelas cronologicamente falando.

O mar tornar-se-á como o «sangue de um morto», imundo e coagulado, impossibilitando a vida no mesmo. Quantas indústrias e quanto da vida dos homens dependem do mar. Isso será um golpe severíssimo contra a humanidade, um prodígio de proporções capazes de levar os homens ao desespero mental.

«O sangue...uma marca vívida e terrível da morte, o salário do pecado. Essa foi a primeira praga do Egito, o Nilo transformou em sangue... Mas agora será atingido o mar, que cobre a maior parte da superfície de nosso globo. Deus, que o criou, agora o transformará em sangue—como um

4. A terceira: rios e fontes de água transformados em sangue (16:4-7).

4 Καὶ ὁ τρίτος ἐξέχεεν τὴν φιάλην αὐτοῦ εἰς τοὺς ποταμοὺς καὶ τὰς πηγὰς τῶν ὑδάτων· καὶ ἐγένετο<sup>1</sup> αἷμα.

4 τοὺς...αἷμα Bx 7.19-24; Th 75.41

1 c C] ἐγένετο N C P 046 051 1 94 182a 1850 2020 2046 2073 2081 2124 2422 11<sup>12</sup> 14<sup>15</sup> 16<sup>17</sup> 18<sup>19</sup> 19<sup>20</sup> 20<sup>21</sup> 21<sup>22</sup> 22<sup>23</sup> 23<sup>24</sup> 24<sup>25</sup> 25<sup>26</sup> 26<sup>27</sup> 27<sup>28</sup> 28<sup>29</sup> 29<sup>30</sup> 30<sup>31</sup> 31<sup>32</sup> 32<sup>33</sup> 33<sup>34</sup> 34<sup>35</sup> 35<sup>36</sup> 36<sup>37</sup> 37<sup>38</sup> 38<sup>39</sup> 39<sup>40</sup> 40<sup>41</sup> 41<sup>42</sup> 42<sup>43</sup> 43<sup>44</sup> 44<sup>45</sup> 45<sup>46</sup> 46<sup>47</sup> 47<sup>48</sup> 48<sup>49</sup> 49<sup>50</sup> 50<sup>51</sup> 51<sup>52</sup> 52<sup>53</sup> 53<sup>54</sup> 54<sup>55</sup> 55<sup>56</sup> 56<sup>57</sup> 57<sup>58</sup> 58<sup>59</sup> 59<sup>60</sup> 60<sup>61</sup> 61<sup>62</sup> 62<sup>63</sup> 63<sup>64</sup> 64<sup>65</sup> 65<sup>66</sup> 66<sup>67</sup> 67<sup>68</sup> 68<sup>69</sup> 69<sup>70</sup> 70<sup>71</sup> 71<sup>72</sup> 72<sup>73</sup> 73<sup>74</sup> 74<sup>75</sup> 75<sup>76</sup> 76<sup>77</sup> 77<sup>78</sup> 78<sup>79</sup> 79<sup>80</sup> 80<sup>81</sup> 81<sup>82</sup> 82<sup>83</sup> 83<sup>84</sup> 84<sup>85</sup> 85<sup>86</sup> 86<sup>87</sup> 87<sup>88</sup> 88<sup>89</sup> 89<sup>90</sup> 90<sup>91</sup> 91<sup>92</sup> 92<sup>93</sup> 93<sup>94</sup> 94<sup>95</sup> 95<sup>96</sup> 96<sup>97</sup> 97<sup>98</sup> 98<sup>99</sup> 99<sup>100</sup> 100<sup>101</sup> 101<sup>102</sup> 102<sup>103</sup> 103<sup>104</sup> 104<sup>105</sup> 105<sup>106</sup> 106<sup>107</sup> 107<sup>108</sup> 108<sup>109</sup> 109<sup>110</sup> 110<sup>111</sup> 111<sup>112</sup> 112<sup>113</sup> 113<sup>114</sup> 114<sup>115</sup> 115<sup>116</sup> 116<sup>117</sup> 117<sup>118</sup> 118<sup>119</sup> 119<sup>120</sup> 120<sup>121</sup> 121<sup>122</sup> 122<sup>123</sup> 123<sup>124</sup> 124<sup>125</sup> 125<sup>126</sup> 126<sup>127</sup> 127<sup>128</sup> 128<sup>129</sup> 129<sup>130</sup> 130<sup>131</sup> 131<sup>132</sup> 132<sup>133</sup> 133<sup>134</sup> 134<sup>135</sup> 135<sup>136</sup> 136<sup>137</sup> 137<sup>138</sup> 138<sup>139</sup> 139<sup>140</sup> 140<sup>141</sup> 141<sup>142</sup> 142<sup>143</sup> 143<sup>144</sup> 144<sup>145</sup> 145<sup>146</sup> 146<sup>147</sup> 147<sup>148</sup> 148<sup>149</sup> 149<sup>150</sup> 150<sup>151</sup> 151<sup>152</sup> 152<sup>153</sup> 153<sup>154</sup> 154<sup>155</sup> 155<sup>156</sup> 156<sup>157</sup> 157<sup>158</sup> 158<sup>159</sup> 159<sup>160</sup> 160<sup>161</sup> 161<sup>162</sup> 162<sup>163</sup> 163<sup>164</sup> 164<sup>165</sup> 165<sup>166</sup> 166<sup>167</sup> 167<sup>168</sup> 168<sup>169</sup> 169<sup>170</sup> 170<sup>171</sup> 171<sup>172</sup> 172<sup>173</sup> 173<sup>174</sup> 174<sup>175</sup> 175<sup>176</sup> 176<sup>177</sup> 177<sup>178</sup> 178<sup>179</sup> 179<sup>180</sup> 180<sup>181</sup> 181<sup>182</sup> 182<sup>183</sup> 183<sup>184</sup> 184<sup>185</sup> 185<sup>186</sup> 186<sup>187</sup> 187<sup>188</sup> 188<sup>189</sup> 189<sup>190</sup> 190<sup>191</sup> 191<sup>192</sup> 192<sup>193</sup> 193<sup>194</sup> 194<sup>195</sup> 195<sup>196</sup> 196<sup>197</sup> 197<sup>198</sup> 198<sup>199</sup> 199<sup>200</sup> 200<sup>201</sup> 201<sup>202</sup> 202<sup>203</sup> 203<sup>204</sup> 204<sup>205</sup> 205<sup>206</sup> 206<sup>207</sup> 207<sup>208</sup> 208<sup>209</sup> 209<sup>210</sup> 210<sup>211</sup> 211<sup>212</sup> 212<sup>213</sup> 213<sup>214</sup> 214<sup>215</sup> 215<sup>216</sup> 216<sup>217</sup> 217<sup>218</sup> 218<sup>219</sup> 219<sup>220</sup> 220<sup>221</sup> 221<sup>222</sup> 222<sup>223</sup> 223<sup>224</sup> 224<sup>225</sup> 225<sup>226</sup> 226<sup>227</sup> 227<sup>228</sup> 228<sup>229</sup> 229<sup>230</sup> 230<sup>231</sup> 231<sup>232</sup> 232<sup>233</sup> 233<sup>234</sup> 234<sup>235</sup> 235<sup>236</sup> 236<sup>237</sup> 237<sup>238</sup> 238<sup>239</sup> 239<sup>240</sup> 240<sup>241</sup> 241<sup>242</sup> 242<sup>243</sup> 243<sup>244</sup> 244<sup>245</sup> 245<sup>246</sup> 246<sup>247</sup> 247<sup>248</sup> 248<sup>249</sup> 249<sup>250</sup> 250<sup>251</sup> 251<sup>252</sup> 252<sup>253</sup> 253<sup>254</sup> 254<sup>255</sup> 255<sup>256</sup> 256<sup>257</sup> 257<sup>258</sup> 258<sup>259</sup> 259<sup>260</sup> 260<sup>261</sup> 261<sup>262</sup> 262<sup>263</sup> 263<sup>264</sup> 264<sup>265</sup> 265<sup>266</sup> 266<sup>267</sup> 267<sup>268</sup> 268<sup>269</sup> 269<sup>270</sup> 270<sup>271</sup> 271<sup>272</sup> 272<sup>273</sup> 273<sup>274</sup> 274<sup>275</sup> 275<sup>276</sup> 276<sup>277</sup> 277<sup>278</sup> 278<sup>279</sup> 279<sup>280</sup> 280<sup>281</sup> 281<sup>282</sup> 282<sup>283</sup> 283<sup>284</sup> 284<sup>285</sup> 285<sup>286</sup> 286<sup>287</sup> 287<sup>288</sup> 288<sup>289</sup> 289<sup>290</sup> 290<sup>291</sup> 291<sup>292</sup> 292<sup>293</sup> 293<sup>294</sup> 294<sup>295</sup> 295<sup>296</sup> 296<sup>297</sup> 297<sup>298</sup> 298<sup>299</sup> 299<sup>300</sup> 300<sup>301</sup> 301<sup>302</sup> 302<sup>303</sup> 303<sup>304</sup> 304<sup>305</sup> 305<sup>306</sup> 306<sup>307</sup> 307<sup>308</sup> 308<sup>309</sup> 309<sup>310</sup> 310<sup>311</sup> 311<sup>312</sup> 312<sup>313</sup> 313<sup>314</sup> 314<sup>315</sup> 315<sup>316</sup> 316<sup>317</sup> 317<sup>318</sup> 318<sup>319</sup> 319<sup>320</sup> 320<sup>321</sup> 321<sup>322</sup> 322<sup>323</sup> 323<sup>324</sup> 324<sup>325</sup> 325<sup>326</sup> 326<sup>327</sup> 327<sup>328</sup> 328<sup>329</sup> 329<sup>330</sup> 330<sup>331</sup> 331<sup>332</sup> 332<sup>333</sup> 333<sup>334</sup> 334<sup>335</sup> 335<sup>336</sup> 336<sup>337</sup> 337<sup>338</sup> 338<sup>339</sup> 339<sup>340</sup> 340<sup>341</sup> 341<sup>342</sup> 342<sup>343</sup> 343<sup>344</sup> 344<sup>345</sup> 345<sup>346</sup> 346<sup>347</sup> 347<sup>348</sup> 348<sup>349</sup> 349<sup>350</sup> 350<sup>351</sup> 351<sup>352</sup> 352<sup>353</sup> 353<sup>354</sup> 354<sup>355</sup> 355<sup>356</sup> 356<sup>357</sup> 357<sup>358</sup> 358<sup>359</sup> 359<sup>360</sup> 360<sup>361</sup> 361<sup>362</sup> 362<sup>363</sup> 363<sup>364</sup> 364<sup>365</sup> 365<sup>366</sup> 366<sup>367</sup> 367<sup>368</sup> 368<sup>369</sup> 369<sup>370</sup> 370<sup>371</sup> 371<sup>372</sup> 372<sup>373</sup> 373<sup>374</sup> 374<sup>375</sup> 375<sup>376</sup> 376<sup>377</sup> 377<sup>378</sup> 378<sup>379</sup> 379<sup>380</sup> 380<sup>381</sup> 381<sup>382</sup> 382<sup>383</sup> 383<sup>384</sup> 384<sup>385</sup> 385<sup>386</sup> 386<sup>387</sup> 387<sup>388</sup> 388<sup>389</sup> 389<sup>390</sup> 390<sup>391</sup> 391<sup>392</sup> 392<sup>393</sup> 393<sup>394</sup> 394<sup>395</sup> 395<sup>396</sup> 396<sup>397</sup> 397<sup>398</sup> 398<sup>399</sup> 399<sup>400</sup> 400<sup>401</sup> 401<sup>402</sup> 402<sup>403</sup> 403<sup>404</sup> 404<sup>405</sup> 405<sup>406</sup> 406<sup>407</sup> 407<sup>408</sup> 408<sup>409</sup> 409<sup>410</sup> 410<sup>411</sup> 411<sup>412</sup> 412<sup>413</sup> 413<sup>414</sup> 414<sup>415</sup> 415<sup>416</sup> 416<sup>417</sup> 417<sup>418</sup> 418<sup>419</sup> 419<sup>420</sup> 420<sup>421</sup> 421<sup>422</sup> 422<sup>423</sup> 423<sup>424</sup> 424<sup>425</sup> 425<sup>426</sup> 426<sup>427</sup> 427<sup>428</sup> 428<sup>429</sup> 429<sup>430</sup> 430<sup>431</sup> 431<sup>432</sup> 432<sup>433</sup> 433<sup>434</sup> 434<sup>435</sup> 435<sup>436</sup> 436<sup>437</sup> 437<sup>438</sup> 438<sup>439</sup> 439<sup>440</sup> 440<sup>441</sup> 441<sup>442</sup> 442<sup>443</sup> 443<sup>444</sup> 444<sup>445</sup> 445<sup>446</sup> 446<sup>447</sup> 447<sup>448</sup> 448<sup>449</sup> 449<sup>450</sup> 450<sup>451</sup> 451<sup>452</sup> 452<sup>453</sup> 453<sup>454</sup> 454<sup>455</sup> 455<sup>456</sup> 456<sup>457</sup> 457<sup>458</sup> 458<sup>459</sup> 459<sup>460</sup> 460<sup>461</sup> 461<sup>462</sup> 462<sup>463</sup> 463<sup>464</sup> 464<sup>465</sup> 465<sup>466</sup> 466<sup>467</sup> 467<sup>468</sup> 468<sup>469</sup> 469<sup>470</sup> 470<sup>471</sup> 471<sup>472</sup> 472<sup>473</sup> 473<sup>474</sup> 474<sup>475</sup> 475<sup>476</sup> 476<sup>477</sup> 477<sup>478</sup> 478<sup>479</sup> 479<sup>480</sup> 480<sup>481</sup> 481<sup>482</sup> 482<sup>483</sup> 483<sup>484</sup> 484<sup>485</sup> 485<sup>486</sup> 486<sup>487</sup> 487<sup>488</sup> 488<sup>489</sup> 489<sup>490</sup> 490<sup>491</sup> 491<sup>492</sup> 492<sup>493</sup> 493<sup>494</sup> 494<sup>495</sup> 495<sup>496</sup> 496<sup>497</sup> 497<sup>498</sup> 498<sup>499</sup> 499<sup>500</sup> 500<sup>501</sup> 501<sup>502</sup> 502<sup>503</sup> 503<sup>504</sup> 504<sup>505</sup> 505<sup>506</sup> 506<sup>507</sup> 507<sup>508</sup> 508<sup>509</sup> 509<sup>510</sup> 510<sup>511</sup> 511<sup>512</sup> 512<sup>513</sup> 513<sup>514</sup> 514<sup>515</sup> 515<sup>516</sup> 516<sup>517</sup> 517<sup>518</sup> 518<sup>519</sup> 519<sup>520</sup> 520<sup>521</sup> 521<sup>522</sup> 522<sup>523</sup> 523<sup>524</sup> 524<sup>525</sup> 525<sup>526</sup> 526<sup>527</sup> 527<sup>528</sup> 528<sup>529</sup> 529<sup>530</sup> 530<sup>531</sup> 531<sup>532</sup> 532<sup>533</sup> 533<sup>534</sup> 534<sup>535</sup> 535<sup>536</sup> 536<sup>537</sup> 537<sup>538</sup> 538<sup>539</sup> 539<sup>540</sup> 540<sup>541</sup> 541<sup>542</sup> 542<sup>543</sup> 543<sup>544</sup> 544<sup>545</sup> 545<sup>546</sup> 546<sup>547</sup> 547<sup>548</sup> 548<sup>549</sup> 549<sup>550</sup> 550<sup>551</sup> 551<sup>552</sup> 552<sup>553</sup> 553<sup>554</sup> 554<sup>555</sup> 555<sup>556</sup> 556<sup>557</sup> 557<sup>558</sup> 558<sup>559</sup> 559<sup>560</sup> 560<sup>561</sup> 561<sup>562</sup> 562<sup>563</sup> 563<sup>564</sup> 564<sup>565</sup> 565<sup>566</sup> 566<sup>567</sup> 567<sup>568</sup> 568<sup>569</sup> 569<sup>570</sup> 570<sup>571</sup> 571<sup>572</sup> 572<sup>573</sup> 573<sup>574</sup> 574<sup>575</sup> 575<sup>576</sup> 576<sup>577</sup> 577<sup>578</sup> 578<sup>579</sup> 579<sup>580</sup> 580<sup>581</sup> 581<sup>582</sup> 582<sup>583</sup> 583<sup>584</sup> 584<sup>585</sup> 585<sup>586</sup> 586<sup>587</sup> 587<sup>588</sup> 588<sup>589</sup> 589<sup>590</sup> 590<sup>591</sup> 591<sup>592</sup> 592<sup>593</sup> 593<sup>594</sup> 594<sup>595</sup> 595<sup>596</sup> 596<sup>597</sup> 597<sup>598</sup> 598<sup>599</sup> 599<sup>600</sup> 600<sup>601</sup> 601<sup>602</sup> 602<sup>603</sup> 603<sup>604</sup> 604<sup>605</sup> 605<sup>606</sup> 606<sup>607</sup> 607<sup>608</sup> 608<sup>609</sup> 609<sup>610</sup> 610<sup>611</sup> 611<sup>612</sup> 612<sup>613</sup> 613<sup>614</sup> 614<sup>615</sup> 615<sup>616</sup> 616<sup>617</sup> 617<sup>618</sup> 618<sup>619</sup> 619<sup>620</sup> 620<sup>621</sup> 621<sup>622</sup> 622<sup>623</sup> 623<sup>624</sup> 624<sup>625</sup> 625<sup>626</sup> 626<sup>627</sup> 627<sup>628</sup> 628<sup>629</sup> 629<sup>630</sup> 630<sup>631</sup> 631<sup>632</sup> 632<sup>633</sup> 633<sup>634</sup> 634<sup>635</sup> 635<sup>636</sup> 636<sup>637</sup> 637<sup>638</sup> 638<sup>639</sup> 639<sup>640</sup> 640<sup>641</sup> 641<sup>642</sup> 642<sup>643</sup> 643<sup>644</sup> 644<sup>645</sup> 645<sup>646</sup> 646<sup>647</sup> 647<sup>648</sup> 648<sup>649</sup> 649<sup>650</sup> 650<sup>651</sup> 651<sup>652</sup> 652<sup>653</sup> 653<sup>654</sup> 654<sup>655</sup> 655<sup>656</sup> 656<sup>657</sup> 657<sup>658</sup> 658<sup>659</sup> 659<sup>660</sup> 660<sup>661</sup> 661<sup>662</sup> 662<sup>663</sup> 663<sup>664</sup> 664<sup>665</sup> 665<sup>666</sup> 666<sup>667</sup> 667<sup>668</sup> 668<sup>669</sup> 669<sup>670</sup> 670<sup>671</sup> 671<sup>672</sup> 672<sup>673</sup> 673<sup>674</sup> 674<sup>675</sup> 675<sup>676</sup> 676<sup>677</sup> 677<sup>678</sup> 678<sup>679</sup> 679<sup>680</sup> 680<sup>681</sup> 681<sup>682</sup> 682<sup>683</sup> 683<sup>684</sup> 684<sup>685</sup> 685<sup>686</sup> 686<sup>687</sup> 687<sup>688</sup> 688<sup>689</sup> 689<sup>690</sup> 690<sup>691</sup> 691<sup>692</sup> 692<sup>693</sup> 693<sup>694</sup> 694<sup>695</sup> 695<sup>696</sup> 696<sup>697</sup> 697<sup>698</sup> 698<sup>699</sup> 699<sup>700</sup> 700<sup>701</sup> 701<sup>702</sup> 702<sup>703</sup> 703<sup>704</sup> 704<sup>705</sup> 705<sup>706</sup> 706<sup>707</sup> 707<sup>708</sup> 708<sup>709</sup> 709<sup>710</sup> 710<sup>711</sup> 711<sup>712</sup> 712<sup>713</sup> 713<sup>714</sup> 714<sup>715</sup> 715<sup>716</sup> 716<sup>717</sup> 717<sup>718</sup> 718<sup>719</sup> 719<sup>720</sup> 720<sup>721</sup> 721<sup>722</sup> 722<sup>723</sup> 723<sup>724</sup> 724<sup>725</sup> 725<sup>726</sup> 726<sup>727</sup> 727<sup>728</sup> 728<sup>729</sup> 729<sup>730</sup> 730<sup>731</sup> 731<sup>732</sup> 732<sup>733</sup> 733<sup>734</sup> 734<sup>735</sup> 735<sup>736</sup> 736<sup>737</sup> 737<sup>738</sup> 738<sup>739</sup> 739<sup>740</sup> 740<sup>741</sup> 741<sup>742</sup> 742<sup>743</sup> 743<sup>744</sup> 744<sup>745</sup> 745<sup>746</sup> 746<sup>747</sup> 747<sup>748</sup> 748<sup>749</sup> 749<sup>750</sup> 750<sup>751</sup> 751<sup>752</sup> 752<sup>753</sup> 753<sup>754</sup> 754<sup>755</sup> 755<sup>756</sup> 756<sup>757</sup> 757<sup>758</sup> 758<sup>759</sup> 759<sup>760</sup> 760<sup>761</sup> 761<sup>762</sup> 762<sup>763</sup> 763<sup>764</sup> 764<sup>765</sup> 765<sup>766</sup> 766<sup>767</sup> 767<sup>768</sup> 768<sup>769</sup> 769<sup>770</sup> 770<sup>771</sup> 771<sup>772</sup> 772<sup>773</sup> 773<sup>774</sup> 774<sup>775</sup> 775<sup>776</sup> 776<sup>777</sup> 777<sup>778</sup> 778<sup>779</sup> 779<sup>780</sup> 780<sup>781</sup> 781<sup>782</sup> 782<sup>783</sup> 783<sup>784</sup> 784<sup>785</sup> 785<sup>786</sup> 786<sup>787</sup> 787<sup>788</sup> 788<sup>789</sup> 789<sup>790</sup> 790<sup>791</sup> 791<sup>792</sup> 792<sup>793</sup> 793<sup>794</sup> 794<sup>795</sup> 795<sup>796</sup> 796<sup>797</sup> 797<sup>798</sup> 798<sup>799</sup> 799<sup>800</sup> 800<sup>801</sup> 801<sup>802</sup> 802<sup>803</sup> 803<sup>804</sup> 804<sup>805</sup> 805

**Variante Textual:** A palavra grega aqui traduzida por «se tornaram», em alguns manuscritos figura no singular, «se tornou», conforme se vê em Aleph, CP, 046, 051 e a maioria dos manuscritos minúsculos, além do It(81), da Vg e do Ars. É provável que isso represente o texto original, embora se trate de um erro gramatical. A fim de corrigir tal equívoco é que alguns escribas

modificaram o texto para o plural, o que se vê nos mss P(47), A, 1006, 1864, 2063, no It(gig,h), no Si(ph,b), no Cop(sa,bo). É altamente improvável que qualquer escriba tenha modificado propositalmente essas palavras para o singular, tornando a sentença gramaticalmente incorreta.

\*\*\*

5 καὶ ἤκουσα τοῦ ἀγγέλου τῶν ὑδάτων λέγοντος, Δίκαιος εἶ, ὁ ὢν καὶ ὁ ἦν, ὁ ὄσιος, ὅτι ταῦτα ἔκρινας,

5 Δίκαιος εἶ P<sup>a</sup> 119.137; 145.17; D<sup>t</sup> 32.4 ὁ ὢν B<sup>a</sup> 3.14; B<sup>a</sup> 1.4, 8; 4.8; 11.17

5 o 3<sup>a</sup>] om P<sup>47</sup>AC 046 82 x61x 2329 al | (ἐκρινας).  
ς R<sup>1</sup>: . R=)

16:3: E ouvi o anjo das águas dizer: Justo és tu, que és o que eras, o Santo; porque julgaste estas coisas;

«...ouvi...» Em experiência mística audível. (Ver as notas expositivas a esse respeito em Apo. 1:10 e 16:1, que contém referências onde aparecem esse termo muitas vezes reiterado neste livro).

«...o anjo das águas...» Essa idéia é estranha da noção judaica helenista de que cada elemento da natureza é controlado pelos anjos. Assim, teríamos os anjos dos quatro ventos, do calor, da geada, das águas, do fogo, e assim, interminavelmente. (Ver as notas expositivas sobre isso em Col. 2:8, nas quais se vê que tais idéias incluíam conceitos astrológicos, que eram a astronomia daquela época. Ver Apo. 7:1 quanto aos anjos que controlam os ventos; e ver Apo. 14:18, quanto ao «anjo do fogo»). O anjo que aparece neste versículo tem por tarefa guardar os suprimentos de água do globo terrestre. (Ver *Yalkut Simeoni* par. 2, fol. 58:4; par. 2, fol. 167:4; *Mishnah Shakhilim*, cap. 5; secção 1, quanto a passagens talmúdicas que mencionam esses anjos). Os judeus chegaram ao extremo de inventar nomes para alguns desses anjos. O anjo Nicônias estaria encarregado das fontes e valados. Admael seria o anjo da terra, conforme diziam as idéias da época sobre os anjos. O vidente João toma por empréstimo tais expressões em seu livro, evidentemente aprovando essas idéias, embora não necessariamente aprovando seus excessos. Pelo menos aprendemos aqui a lição que Deus controla a tudo, nada havendo fora de sua influência. Isso pode visar a bênção ou a maldição dos homens, dependendo de como os homens se entregam à impiedade ou à santidade.

«...Tu és justo...» (Ver Apo. 15:3 quanto à mesma idéia). Os atos de Deus são grandiosos e poderosos, pois ele é o Deus Todo-poderoso. Mas seus caminhos são sempre «justos» e «verdadeiros». O «Rei das nações» fará somente aquilo que é justo. Mas essa «retidão» pode manifestar-se na forma de julgamento, contra os homens que assim merecem ser tratados—essa é a ênfase do presente texto.

«...tu que és e que eras...» A eternidade e a permanência de Deus são aqui salientadas. Deus transcende ao tempo, embora também se manifeste dentro dele; e se faz sempre presente, cuidando em julgar aos homens pela maldade por eles cometida. Já pudemos encontrar tais expressões em Apo. 1:4,8 e 4:8, onde aparecem notas expositivas completas a respeito. O trecho de Apo. 4:8, tal como aqui, combina essa idéia com o conceito de

6 ὅτι αἷμα ἁγίων καὶ προφητῶν ἐξέχεαν, καὶ αἷμα αὐτοῖς [δ]έδωκας πίνειν ὅξιοι εἶσιν.

6 αἷμα...ἐξέχεαν P<sup>a</sup> 79.3 αἷμα αὐτοῖς δέδωκας πίνειν Is 49.28

16:6: porque derramaram o sangue de santos e de profetas, e tu lhes tens dado sangue a beber; eles o merecem.

«...derramaram sangue de santos e de profetas...» O Apocalipse foi escrito para servir como uma espécie de «manual dos mártires» do cristianismo, e não para os «judeus do tempo da tribulação». A igreja cristã sofria, naqueles dias, sob as perseguições do imperador Domiciano; e João esperava que as coisas piorassem ainda mais. Portanto, ele escreveu seu livro para as igrejas da Ásia Menor, a fim de consolá-las e fortalecê-las. É como se ele tivesse escrito: «O martírio não pode prejudicar à alma». «Nenhum dano permanente pode ser imposto a um homem realmente bom». «O mal será finalmente punido». «Cada qual colherá aquilo que tiver semeado». Este versículo deixa entendidas todas essas idéias, aplicando-as «historicamente», aos cristãos que sofriam sob as perseguições romanas, por se recusarem a fazer parte do «culto ao imperador», quando o imperador romano era forçosamente adorado pelos seus súditos. Profeticamente falando, entretanto, essas palavras se aplicam aos crentes mártires que sofrerão por mandato do anticristo, chegando o tempo da «tribulação» dos últimos dias. Mas até mesmo esses serão vingados. (Ver os capítulos sexto e décimo quinto deste capítulo, onde é expressa a idéia da vingança e da justiça esperadas, e onde se lê sobre como os mártires anelam por tal vingança divina contra os seus assassinos e verdugos).

«...santos...» Os crentes, que são pessoas dedicadas e consagradas ao Senhor, são chamados «santos». No Apocalipse essa palavra é usada em Apo. 5:8; 8:3,4; 11:18; 13:7,10; 14:12; 15:3; 16:6; 17:6; 18:24; 19:8 e 20:9, não havendo nenhuma necessidade de supor-se que estão em foco outros que não sejam crentes. (Ver Apo. 4:1; quanto a notas expositivas sobre a «questão do arrebatamento»). É uma incongruência pensar que esse livro foi escrito historicamente para os cristãos, mas, profeticamente, para os santos israelenses da tribulação. (Ver Rom. 1:7, em suas notas expositivas, sobre os significados do título «santos»).

«...profetas...» O mais provável é que o vidente estivesse pensando aqui somente acerca dos profetas do novo pacto, embora ele pudesse simpatizar,

naturalmente, com os profetas antigos que sofreram o martírio. Na igreja primitiva, os «profetas» eram tidos em grande estima, e o vidente João era um desses profetas. (Ver as notas expositivas sobre os «profetas cristãos» em Atos 11:27, e ver a introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, onde há notas a respeito do «dom da profecia na igreja cristã»).

«...sangue...a beber...» Esse castigo é uma espécie de «punição de acordo com a natureza da transgressão». Aquilo que um homem semeia, isso também colherá. (Ver Gál. 6:7,8 e as suas notas expositivas). Isso é um «abc» da doutrina cristã e da moralidade. Nenhum indivíduo, crente ou incrédulo, pode escapar a isso. (Ver II Cor. 5:10 quanto a notas expositivas sobre o «julgamento dos crentes», onde esse conceito é comprovado; ver também Apo. 20:12, que diz a mesma coisa no tocante aos perdidos).

Deus controla a tudo, pelo que também a recompensa e o castigo a ele pertencem. Podemos aprender essa lição quando consideramos a missão do «anjo das águas». Esse anjo agora punirá os homens sedentos de sangue, dando-lhes sangue a beber. A verdade é que o Senhor Deus controla até mesmo aquilo que os homens bebem. Coisa alguma pode escapar ao seu conhecimento e controle.

**Outras idéias sobre o sexto versículo:**

1. «Eles são dignos; terrível antítese». (Robertson, *in loc.*, tomando por empréstimo uma idéia de Swete).

2. Não se deve ver aqui «mártires protestantes do passado», que foram vítimas pelo papado, e em que seu sangue estaria clamando contra esse sistema. Os intérpretes da escola histórica procuram adaptar as palavras deste versículo à história, de maneira «simbólica»; e isso só nos afasta da verdade.

3. «Antigamente, os romanos fizeram o sangue dos cristãos derramar-se como água. Agora, devido à ironia da providência divina, os homens da época do anticristo só terão sangue para beber. Essa vingança moral... com sua horrenda equivalência entre o pecado e o castigo por causa do mesmo (comparar com Apo. 11:18; 13:10; 18:7 e II Tim. 2:12, etc.). Entretanto, não é levada ao ponto dos elaborados exageros dantescos que se vêem [por exemplo] no Apocalipse de Pedro» (Moffatt, *in loc.*).

7 καὶ ἤκουσα τοῦ θυσιαστηρίου λέγοντος, Naί, κύριε ὁ θεός ὁ παντοκράτωρ, ἀληθινὰ καὶ δίκαιαι αἱ κρίσεις σου.

\*\* 7 e nome, o nome: TK B<sup>a</sup> N<sup>a</sup> N<sup>a</sup> B<sup>2</sup> AV RRV TT Seg // a minor, a minor: WH // a minor, a nome: Z<sup>u</sup> L<sup>u</sup>th J<sup>u</sup>st // a nome,

a minor: RV ASV NEB

7 κύριε...παντοκράτωρ Am 3.13 lxx; 4.13 lxx; Re 1.8, 4.8; 11.17; 15.3; 16.14; 18.6, 18; 21.22 ἀληθινὰ...σου Ps 19.9

119.137; Re 19.3

16:7: E ouvi uma voz de altar, que dizia: Na verdade, é Senhor Deus Todo-Poderoso, verdadeiro e justo não os seus juízos.

...Ouvi... (Ver as notas expositivas sobre o uso dessa palavra, no primeiro versículo deste capítulo).

...do altar... As palavras, «ouvi do altar que se dizia» são uma interpretação dos tradutores ou revisores de nossa Bíblia em português. Literalmente, essa passagem diz: «E ouvi o altar clamar...» João parece descrever o altar como se este tivesse vindo à vida, fazendo a proclamação deste versículo. Ou então o altar é personificado por licença poética. Em Apo. 6:9, as almas dos mártires, debaixo do altar, clamam por vingança. Aqui é o próprio altar que se junta ao louvor a Deus, por ter-se feito vingança. O «altar» guarda as orações dos santos; e agora, vendo que essas orações foram respondidas, subitamente adquire vida e começa a clamar, louvando a Deus. Esse é um quadro vívido, que não deve ser arruinado pelas interpretações prosaicas dos intérpretes, tradutores e revisores. Alguns estudiosos supõem que em vista de ser pintado o santuário, em Apo. 15:8, como um templo abandonado, porque somente Deus pode fazer-se presente ali durante algum tempo, até que a sua cólera houver descarregue sobre a terra os julgamentos das taças, que somente um objeto inanimado como o altar poderia falar, porquanto nenhum anjo poderia ter aberto a boca. Assim sendo, o altar teria adquirido vida a fim de fazer a proclamação necessária.

As palavras provindas do altar representam o cumprimento das orações dos mártires debaixo do altar, em Apo. 6:10, implorando que Deus vingue

5. A Quarta: calor escaldante (16:8,9).

8 Καὶ ὁ τέταρτος ἐξέχεεν τὴν φιάλην αὐτοῦ ἐπὶ τὸν ἥλιον καὶ ἐδόθη αὐτῷ καυματίσαι τοὺς ἀνθρώπους ἐν πυρὶ.<sup>b</sup>

<sup>a</sup> A-B 3. maior, b minor: TH Bov Neo BF<sup>2</sup> AV RV ABV RSV NRB TT Zur (Luth) <sup>b</sup> b minor, b maior: WJ Jer Seg

16:8: O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitida que aquecesse os homens com fogo.

A quarta taça tem mais ou menos o mesmo caráter da quarta trombeta, registrada em Apo. 8:2. Ali fica escurecida uma terça parte do sol, da lua e das estrelas; mas aqui o sol é afetado de outro modo, impossibilitando uma perfeita comparação. Pois neste caso o poder do sol é tremendamente aumentado, ainda que também seja possível pensar-se na redução da atmosfera protetora da terra, de tal modo que os raios solares atinjam à superfície do planeta sem o crivo do «escudo» protetor da atmosfera. Mas isso será exatamente o contrário do que sucedeu quando do juízo da quarta trombeta. Aqui temos um «aumento» e ali temos uma «redução» no poder do sol. Também não encontramos aqui um paralelo real daquela irradiação apocalíptica que prediz o fim do mundo mediante o fogo. (Ver Apocalipse de Pedro 5; Apocalipse do Pseudojoão 14: Os *Oráculos Sibílicos* 2:196-200; 4:162-178; 8:244-248 e 11 Ped. 3:10). Outrossim, quando do juízo da quarta trombeta, os homens serão apenas atormentados, e não consumidos, como nas profecias mencionadas.

Lactância (*Instituições Divinas* VII.26) predisse que Deus fará o sol ficar parado na mesma altura por três dias, criando um calor excessivo que castigará aos povos ímpios e rebeldes. Isso se assemelha mais ao presente versículo. É possível que essa predição esteja relacionada com distúrbios atmosféricos que permitirão que os raios do sol atinjam a superfície terrestre sem filtragem e modificações; e isso bem poderia ser provocado por explosões atômicas e outras modificações atmosféricas provocadas pelo homem. Ou então esse juízo pode vir a ser resultado natural de alguma perturbação solar, totalmente produzida pela vontade divina. A própria ocorrência nos dirá do que se trata, e os homens que estiverem vivos quando isso suceder perceberão o que está aqui predito.

O benfeitor da terra, o sol, tornar-se-á um inimigo. Ordinariamente, o sol é um benfeitor. Sem ele não poderia haver vida em nosso planeta. Porém, a iniquidade dos homens tornar-se-á tão grande que a própria natureza haverá de revoltar-se contra eles, prejudicando-os enormemente, ao invés de

9 καὶ ἐκαυματίσθησαν οἱ ἄνθρωποι καὶ μα μέγα,<sup>b</sup> καὶ ἐβλασφήμησαν τὸ ὄνομα τοῦ θεοῦ τοῦ ἔχοντος τὴν ἐξουσίαν ἐπὶ τὰς πληγὰς ταύτας, καὶ οὐ μετενόησαν δοῦναι αὐτῷ δόξαν.

<sup>a</sup> βλάσφημησαν...δόξαν Re 9:20-21; 16:11, 21

16:9: E os homens foram aquecidos com grande calor; e blasfemaram o nome do Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependiram para lhe darem glória.

(Ver o poema no fim do ponto terceiro, acima, bem como as «outras idéias» acerca do oitavo versículo, quanto a uma mensagem apropriada). Notemos que o «arrependimento» é o objetivo dessas pragas (ver notas sobre arrependimento em Ato 2:38). O juízo divino nunca é meramente «retributivo». Há propósitos bons no mesmo. (Ver Col. 3:6 e Rom. 11:32 quanto a provas acerca desse modo divino de ação). E os homens não são deixados ao desamparo, pois o arrependimento lhes é oferecido, como cura de sua deformação espiritual e para conduzi-los ao lugar da bênção. O arrependimento é uma «mudança de mente», conforme o significado dessa palavra; mas, no uso neotestamentário, é mais que isso. Indica, na realidade, uma «mudança de alma», o primeiro passo da «conversão». A conversão e o arrependimento têm um lado divino e outro humano. Humano, porque um homem deve exercer seu livre-arbítrio para aceitar a provisão divina em Cristo, e isso com seriedade, desejando o fim de sua própria rebeldia. Divino, porque no arrependimento e na conversão o Espírito de Deus «transforma» ativamente àquele que se arrepende, fazendo sua conversão tornar-se o começo de sua transformação segundo a imagem de Cristo, a fim de participar de sua natureza e herança, ou seja, de tudo

seu sangue dos povos da terra, os quais os perseguiram e mataram. E agora que o julgamento divino começara a ser descarregado, o altar fala em favor dos mártires, declarando que esse julgamento é justo». (Rist. *in loc.*). (Quanto a notas expositivas completas sobre o «altar», neste livro, com seu simbolismo, ver Apo. 6:9).

...o Senhor Deus... Deus é o Senhor, conforme é extremamente comum nas páginas do A.T., e conforme também se afirma em Apo. 15:3.

...Todo-poderoso... Isso também é dito em Apo. 15:3, o que faz com que o título aqui usado seja igual ao daquele lugar. (Ver as notas expositivas completas a respeito, naquela referência. Oferecemos ali a lista dos lugares onde esse título aparece no Apocalipse e em outros trechos do N.T.).

O poder total e invencível de Deus fará a justiça completa impor-se; e essa justiça é digna de louvor — essa é a idéia constante neste versículo.

Outras idéias sobre o sétimo versículo:

1. Deus é o «Todo-poderoso». Isso o põe em contraste com o anticristo, o qual, por algum tempo, terá usurpado a autoridade sobre a terra inteira.

2. Os juízos divinos são «verdadeiros e justos». Outra tanto é dito acerca dos caminhos do Senhor, em Apo. 16:3. Os julgamentos de Deus fazem parte de seus caminhos. (Ver as notas expositivas ali existentes, que expandem essas idéias).

3. Não há qualquer dificuldade acerca da idéia poética do «altar a falar», quando consideramos que já vimos águia, o dragão e as bestas saídas do mar e da terra, criaturas não-humanas, a falar e agir de modo inteligente, porque são apenas «símbolos apocalípticos».

\*\*\*

ajudá-los. Por conseguinte, o calor do sol, que ordinariamente transmite vida, tornar-se-á um meio de terríveis torturas. Até mesmo em nossos dias podemos ver como a natureza já se revolta contra os homens, que têm poluído seu meio ambiente. Tais condições irão piorando cada vez mais. Contudo, o juízo divino do presente versículo demonstra que a própria natureza ameaçará o homem de total extinção.

Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. Já que nada pode ocultar-se da luz do sol, será difícilíssimo escapar a essa praga. Lê em Sal. 19:8: «...nada refoge ao seu [do sol] calor».

2. Os intérpretes da escola histórica dão um cunho «simbólico» a esses juízos todos, procurando relacioná-los a períodos diversos da história passada. Neste caso, vários períodos de miséria na Europa, em séculos diferentes, de natureza civil ou religiosa, são salientados; mas tudo não passa de conjecturas inúteis, muito distantes da verdade bíblica. Há mesmo aqueles que pensam estar aqui em foco o poder da luz do evangelho de Cristo no mundo, que ameaçaria os homens de julgamento se não o aceitassem. Essas interpretações são a sua melhor refutação.

3. Nós relutamos somente para nossa própria destruição: nossos abusos ao revoltam contra nós.

Quando nós, em nossa maldade,

Ficamos endurecidos, os sábios deuses nos fecham os olhos,

E nosso próprio todo afundam nossos mais claros juízos,

Levando-nos a adorar nossos erros, e assim,

Relutamos para nossa própria destruição.

4. «Esses versículos são interpretados pelo sr. Faber como se indicassem a presente tirania do governante da França, sobre aquela nação e os demais reinos da besta, no continente europeu. Não estando disposto a controverter essa interpretação, e, muito menos ainda, a dar-lhe apoio, posso somente observar de novo que, em minha opinião, a nossa posteridade, no fim deste século, poderá julgar muito melhor do que nós sobre esse assunto» (Scott, *in loc.*). É que o autor dessa citação entendeu que os castigos aqui descritos ainda jazem no futuro, e que aqueles que viverem em tempos mais próximos de seu cumprimento compreenderão melhor a natureza dos mesmos. A profecia bíblica não foi escrita para satisfazer a curiosidade dos homens, antes do seu «cumprimento», e, sim, para «instruir» àqueles que estiverem vivendo na «época» do cumprimento dessas predições.

quanto Cristo é e possui.

«...blasfemaram...» No grego é «blasphemeo», ou seja, «falar coisas injuriosas», «difamar», «dizer coisas abusivas». O anticristo fará isso, conforme se lê em Apo. 13:6; e seus seguidores, apesar de perceberem que o navio estará afundando, tão fiéis lhe serão que não o abandonarão. Estarão tão fixos em seu caminho maldoso que nenhum sofrimento os demoverá. De algum modo continuarão fixando suas esperanças no anticristo, tão totalmente encantados e iludidos ficarão por sua «grande mentira» (ver 11 Tes. 2:11 e suas notas expositivas, a esse respeito). Isso pode ser comparado à atitude impenitente dos homens que sofrerão com as pragas da sexta trombeta, em Apo. 9:20,21. Na realidade, temos aqui uma repetição dessa atitude, embora os juízos tenham ficado progressivamente piores.

Foram necessárias dez pragas cada qual mais desastrosa para demover a Faraó de seu intento; e mesmo depois de ter permitido a saída dos filhos de Israel do Egito, perseguiu-os a fim de trazê-los de volta, pois seu arrependimento não era genuíno, e nem duradouro. Assim também agora admiramo-nos em ver os homens persistirem contra uma força impossível de ser contida, somente para a própria destruição deles. O vidente João quis dizer-nos algo sobre as atitudes endurecidas dos romanos idólatras, na prática do culto ao imperador. Porém, ao informar-nos disso, também profetizou sobre como o anticristo obterá a lealdade dos homens e a reterá contra todo o raciocínio, para própria destruição deles.



O que os homens persistem em fazer, se for mau, torna-os incapazes de vencer a própria corrupção de sua natureza. A fibra moral é tão debilitada que se tornam incapazes do arrependimento; e esse é um dos aspectos do julgamento contra o pecado, é um de seus resultados naturais.

«...para lhe darem glória...» Como compreender essa declaração? 1. Para reconhecerem que somente ao Senhor pertence o louvor e a exaltação; mas, ao contrário disso, blasfemarão dele. (Ver I Cor. 1:29,30 quanto ao fato que somente ao Senhor pertence a glória, a saber, o louvor, a exaltação e a lealdade de nossos seres).

«...tem a autoridade sobre estes flagelos...» Isso nos ensina, conforme já pudemos aprender por todo o livro de Apocalipse, que Deus tem autoridade sobre os julgamentos. De fato, Deus é a fonte originária dos mesmos. Não obstante, não usa esses juízos de modo arbitrário, e nem os seus julgamentos são apenas retributivos.

*Outras idéias sobre o nono versículo:*

1. Há passagens paralelas a esta, que falam da «blasfêmia contra Deus e seu nome». (Ver Apo. 13:6; Isa. 52:5; Rom. 2:24; I Tim. 6:1 e Tia. 2:7).

2. «Até mesmo o castigo merecido pode endurecer o coração». (Robertson, *in loc.*). Tal é a extensão da queda do homem, a profundidade de sua perversidade.

3. «A blasfêmia não é mais dirigida somente contra o 'nome de Deus' e a revelação divina, mas contra o Deus do céu, a revelação primeira de Deus, contra Deus em sua revelação universal—portanto, contra tudo quanto é

6. A quinta: trevas (16:10,11).

10 Καὶ ὁ πέμπτος ἐξέχεεν τὴν φιάλην αὐτοῦ ἐπὶ τὸν θρόνον τοῦ θηρίου· καὶ ἐγένετο ἡ βασιλεία αὐτοῦ ἐσκοτωμένη, καὶ ἔμασῶντο τὰς γλώσσας αὐτῶν ἐκ τοῦ πόνου, 10 ἡ...σκοτωμένη Ex 10:21; Is 6:22

10 = major, c minor: WH Bov Nes BV<sup>1</sup> Zür Luth Jer Bez  $\frac{1}{2}$  c minor, c major: RSV NEB  $\frac{1}{2}$  c minor, c major: TR AV RV ABV TT

16:10: O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e os homens morriam de dor as suas línguas.

Supomos que a «dor» dos homens se deverá às queimaduras recebidas sob o juízo da quarta taça. Então, subitamente, o mundo será mergulhado em total escuridão. Assim, assentados em trevas palpáveis, sofrendo com suas queimaduras, os homens sentirão tal angústia que remorderão suas próprias línguas; mas nem mesmo esse sofrimento extremo conseguirá conduzi-los ao arrependimento.

«...trono da besta...» Cremos que esse estará em Roma, a própria capital, e que receberá a carga maior do julgamento. Notemos, porém, que o castigo se espalhará por todo o império do anticristo. (Ver Apo. 17:9 e ss. quanto ao fato que em Roma se instaurará o centro do reino da besta). Os místicos contemporâneos afirmam a mesma coisa. Este julgamento (da quinta taça) pode ser parcialmente comparado ao primeiro «ai», o juízo da quinta trombeta. Portanto, de modo geral, as taças repetem as trombetas. Porém, temos observado que são acontecimentos diferentes, em vários particulares. Os juízos das taças serão muito mais extensos e intensos, o que quer dizer que tais juízos não são realmente paralelos entre si. Temos aqui somente a repetição dos mesmos «tipos» de castigos, em forma intensificada. A quinta trombeta fará escurecer-se o firmamento por uma fumaça provinda do próprio hades. Dentre essa fumaça sairão os «gafanhotos» demoníacos. Os juízos das trombetas pintam, de vários modos, as «invasões demoníacas» da terra nos últimos dias, embora isso envolva alguns acontecimentos físicos e literais, que são formas de juízos divinos. Neste ponto, julgamos que o juízo da quinta taça será trevas literais, embora não seja impossível interpretar isso como resultado da atividade demoníaca, tal como na quinta trombeta. Nesse caso, as trevas simbolizarão, essencialmente, as atividades de Satanás.

*Trevas desnaturais.* É verdade que através da história tem havido períodos de trevas estranhas e aterrorizantes, em que o sol, por assim dizer, não nos dava luz. Provavelmente isso se deve à «poeira cósmica» ao atravessar as elevadas camadas da atmosfera terrestre, em quantidade apreciável. Mas não sabemos como ocorrerá o juízo da quinta taça. (Ver Mat. 27:45 quanto a notas expositivas sobre o fenômeno de «trevas em pleno dia», que contém incidentes históricos dessa natureza).

11 καὶ ἐβλασφήμησαν τὸν θεὸν τοῦ οὐρανοῦ ἐκ τῶν πόνων αὐτῶν καὶ ἐκ τῶν ἐλκῶν αὐτῶν, καὶ οὐ μετενόησαν ἐκ τῶν ἔργων αὐτῶν.

16:11: E por causa das suas dores, e por causa das suas chagas, blasfemaram o Deus do céu; e não se arrependeram das suas obras.

Este versículo é uma espécie de reiteração ou sumário dos versículos oitavo a décimo deste capítulo, havendo também alusão ao segundo versículo. Os homens ficarão intensamente angustiados, cobertos de «úlceras» e «chagas», ferimentos feitos por enfermidades e por queimaduras provocadas pelos raios solares; mas nada disso conseguirá levá-los ao arrependimento. Observemos que os efeitos dos juízos divinos se irão acumulando. Eles reterão suas úlceras e suas queimaduras, estando sentados em trevas. Suas desgraças se irão multiplicando, sem jamais se arrependem. Muito pelo contrário, continuarão a blasfemar (algo que já fora visto comentado no versículo anterior). Ali os homens são vistos a blasfemar do «nome» de Deus; aqui, entretanto, blasfemarão do próprio «Deus do Céu». Mui provavelmente, o autor sagrado simplesmente varia suas expressões, sem qualquer tentativa de estabelecer distinções minuciosas sobre o tipo ou modo de blasfêmia.

«...e não se arrependeram...» (Ver as notas expositivas completas a este

7. A sexta: preparação para o Armagedom (16:12-16).

12 Καὶ ὁ ἕκτος ἐξέχεεν τὴν φιάλην αὐτοῦ ἐπὶ τὸν ποταμὸν τὸν μέγαν τὸν Εὐφράτην· καὶ

divino». (Lange, *in loc.*). Esses homens resolverão adorar ao anticristo, pelo que suas faculdades espirituais ficarão amortecidas e pervertidas. (Ver Apo. 13:4f).

4. «Enquanto temos oportunidade de sermos curados, entreguemo-nos a Deus, o curador, dando-lhe recompensa. E qual é essa recompensa? O arrependimento, de coração sincero... Louvemo-lo com louvor eterno». (II Clemente ix).

5. Sete lições extraídas dos versículos oitavo e nono deste capítulo (segundo sugestão de Newell, *in loc.*):

- a. Deus exerce autoridade absoluta sobre o julgamento, e o executa.
- b. Jesus predisse sinais no sol e na lua, e isso cumprirá parte dessa predição.
- c. A ciência dos homens afirma que o sol está paulatinamente esfriando, mas esse julgamento divino haverá de torná-lo muito mais quente.
- d. Nada pode ocultar-se do calor do sol (ver Sal. 19:6). Portanto, todos os homens serão afetados por esse julgamento.
- e. Os homens reconhecerão que por autoridade de Deus é que esses julgamentos sobrevirão. Todavia, uma rebelião incurável impedirá que se arrependam.
- f. Eles odiarão a Deus, pelo que se recusarão a arrepender-se, sem importar e que suceda.
- g. Os rebeldes «blasfemam» de Deus, e os homens aumentarão a gravidade de seus pecados contra Deus. Finalmente, a ira de Deus não mais se conterá. Os últimos dias verão a liberação de uma iniquidade tão pavorosa que a sociedade inteira se corromperá. Terá de haver o julgamento divino contra esse estado de coisas.

\*\*\*

A praga das trevas, neste ponto, faz-nos lembrar de um incidente similar, no Egito (ver Exo. 10:21, a nona praga). Por conseguinte, de modo geral, o vidente João seguia a narrativa do livro de Êxodo. Não há razão alguma para duvidarmos da realidade de tais fenômenos, embora não tenhamos certeza quanto ao seu «modus operandi».

*Outras idéias sobre o décimo versículo:*

1. Essa praga pode ser paralela à da quinta trombeta (primeiro «ai»), envolvendo a agressão demoníaca. Isso explicaria a grande «dor» que os homens sofrerão, porquanto os «gafanhotos demoníacos» afligiram aos homens por cinco meses. (Ver Apo. 9:1 e ss.). Isso não significaria, porém, que nenhum período literal de trevas não faria parte dessa praga. Não sabemos por que falharão os meios artificiais de produção de luz, que os homens conhecem desde a nossa própria época, como a luz elétrica, etc.

2. O «trono» do reino da besta, seguindo-se a indicação do juízo da quinta trombeta, poderia ser o próprio «hades», mas desde que esse é um julgamento terreno, é mais provável que esteja em pauta a cidade de Roma, o centro do culto ao imperador; a idolatria daquela época, que procurava tirar de Deus o seu privilégio exclusivo de adoração da parte dos homens, e a própria cidade de Roma, era esse centro. O trecho de Apo. 13:2 mostra que o dragão é quem dará esse trono à besta.

3. Disse Jesus: «Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas». (Luc. 11:34). Isso nos mostra a distorção moral que o texto que ora comentamos procura expor. Os homens que têm preferido as trevas serão supridos de trevas abundantes. As trevas existentes em suas almas merecerão as trevas literais no mundo, causando-lhes dor. As coisas parecidas se atraem entre si.

4. Os intérpretes das ocultas simbólica e histórica pensam que as «trevas», neste caso, serão apenas espirituais, como as doutrinas falsas, etc. Porém, apesar de que nisso há grande verdade, certamente não está aqui em foco a Europa da idade Média e sim, os dias ainda futuros do anticristo.

5. Alguns estudiosos pensam que devemos pensar aqui na «reconstruída» cidade de Babilônia, às margens do rio Eufrates, como se ali viesse a ser o trono da besta; mas isso é contrário à criptologia daquela época, segundo a qual a cidade de Roma era chamada Babilônia, como que mediante um código. (Ver Apo. 14:8 e suas notas expositivas, onde isso é demonstrado. Ver I Ped. 6:13 quanto a outro incidente sobre esse mesmo uso simbólico). É interessante que aquele trecho afirmaria a presença de Pedro em Roma, conforme as tradições têm asseverado.

11 Re 9:20 21; 16:9, 21

respeito, no versículo anterior). «Tal como em Dan. 2:44. Tal como a altivez de Nabucodonosor contra Yahweh». (Robertson, *in loc.*). Poderíamos acrescentar: Tal como Faraó, que recebeu castigos similares, mas não se arrependeu, até que seus sofrimentos se tornaram insuportáveis; e mesmo assim, após alguma reflexão, retornou a seu antigo e duro coração.

*Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:*

1. «Não temos aqui um quadro sobre o estado final de todo pecado? Não será um vasto poder mundial, somente, que poderá exibir dor e confusão dessa ordem? Isso pode ser visto, por muitas e muitas vezes, entre os homens e as nações. O poder do mal vem e rouba os homens de seus guias acostumados... nunca culpam a si mesmos, nunca se arrependem» (Carpenter, *in loc.*).

2. Quando das pragas do Egito, as trevas eram tão intensas que podiam ser «apalpadas» (ver Exo. 10:21 e ss.). As trevas da maldade são sentidas pela alma; a alma é prejudicada pelo pecado, e sente dor.

3. «A repetição de 11b, após o versículo nono, é característica da expressividade oriental. (Comparar com Jer. 30:3; 31:1, etc.). Mas sumaria o efeito das primeiras quatro pragas» (Moffatt, *in loc.*).

ἐξηράνθη τὸ ὕδωρ αὐτοῦ, ἵνα ἐτοιμασθῇ ἡ ὁδὸς τῶν βασιλέων τῶν ἀπὸ ἀνατολῆς ἡλίου.

12 ἐξηράνθη...αὐτοῦ 1a 11:15; 44:27; 1r 60:26; 51:38

12 μὲραν] add τον ρ<sup>4</sup> AC 1 1006 1621 2037 2329 α1 ε1 R

16:12: O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do oriente.

O décimo sexto versículo mostra-nos estar em foco a batalha do «Armagedom». (Demos um sumário sobre esse tema, nas notas expositivas em Apo. 14:14). Conforme entendemos a questão, haverá uma Terceira Guerra Mundial, perto do fim do século XX, entre a União Soviética e seus aliados, contra o anticristo e sua federação de dez reinos. Os Estados Unidos da América será uma das nações formadoras dessa federação. Isso produzirá destruições atômicas de âmbito mundial, mas a batalha decisiva se lerirá na Palestina. Por volta de 1985, os russos ocuparão as terras árabes e israelenses, pondo fim ao contínuo conflito daquela região, assumindo controle do petróleo do mundo. O anticristo haverá de querer libertar a área, visando seu próprio benefício, e se utilizará da sua federação de dez reinos com esse propósito. Mas quando os soviéticos perceberem movimentação de tropas, destruirão muitas cidades norte-americanas, sobretudo das duas costas marítimas, além de várias cidades européias. O anticristo então retaliará. A batalha final, na Palestina, verá a total derrota e destruição das tropas russas. Mas isso ainda não será o Armagedom, ou pelo menos será somente uma fase do mesmo.

Algum tempo depois levantar-se-á a China, que se tornará a nação mais poderosa do mundo. Uma longa guerra de agressão porá nas mãos chinesas uma boapartida Rússia e da Europa. Então a China resolverá conquistar a Palestina, e, a despeito do bombardeio atômico de suas tropas, milhões de soldados chineses chegarão à Palestina. Porém, os que chegarem estarão tão debilitados que sua destruição será tarefa relativamente fácil. Podemos ver com clareza esse tanto da batalha do Armagedom, que será a Quarta Guerra Mundial. Como o anticristo será destruído em meio a isso, entretanto, não sabemos dizê-lo. Mas o Armagedom é retratado em Apo. 14:14 e ss. como a primeira fase, como o início da «parousia» ou segunda vinda de Cristo. E isso derrubará o anticristo, mediante uma série de eventos que não sabemos esboçar em detalhe. Notemos que o décimo quinto versículo deste capítulo também pinta o Armagedom como o começo da «parousia».

A sexta praga secará literalmente o rio Eufrates, facilitando a passagem de tropas vindas do oriente; e isso apressará o Armagedom. Supomos que essa batalha será a final e culminante de muitos anos de conquistas chinesas, o que talvez ocorra por volta de 2020 ou mais tarde. Há na seção introdutória ao comentário um artigo intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era», onde oferecemos maiores detalhes sobre essa questão.

A sexta taça parece combinar a segunda praga egípcia (ver Exo. 8:1-15) com a sexta trombeta ou segundo «ai» (ver Apo. 9:13-19), com alguns itens de origem desconhecida. O resultado será a repetição da história, embora uma ocorrência distinta, um novo capítulo da história, e certamente o mais horrendo. Tão grande será a matança naqueles dias que os corpos em decomposição provocarão pragas que matarão maior número de pessoas que as explosões atômicas. As «rãs» literais do Egito serão substituídas pelas influências satânicas e pelos espíritos demoníacos que procederão de Satanás e de seu falso Cristo. No juízo da sexta trombeta pode-se observar que o rio Eufrates também esteve envolvido. Mas ali há quatro grandes anjos diabólicos, que estão ali retidos, mas que serão soltos, liberando as grandes hordas de demônios. Isso indica que o Armagedom será satanicamente inspirado, por permissão de Deus; e os homens ficarão tão enlouquecidos pela influência diabólica que a raça humana andará perto da extinção. O desvario satânico governará o mundo inteiro, porquanto os homens rejeitaram a Deus e abraçaram a Satanás e ao anticristo. Mas a batalha de Armagedom assinalará a queda do sistema satânico inteiro à face da terra.

O trecho de Sal. 78:45 narra como a praga das rãs contribuiu para a destruição dos egípcios. Portanto, no futuro, os seres demoníacos andarão perto de conseguir extinguir a humanidade. No nono capítulo deste livro, lê-se que duzentos milhões de demônios invadirão a terra. Havia antigamente um mito segundo o qual Nero invadiria o império que ele antes governara, com um imenso exército pária. Isso pode ter estado na mente do

vidente João, quando ele escrevia, porquanto serviria de pálida ilustração de como as forças do anticristo, em combate contra as forças chinesas, provocarão tremenda destruição no mundo.

O ressecamento miraculoso do rio Eufrates faz-nos lembrar de como Josué foi ajudado em sua invasão de Canaã por um milagre, à beira do Jordão, propiciando a passagem das hostes israelitas (ver Jos. 3:14-17). Também havia uma tradição, corrente nos dias do vidente João, que falava sobre como Deus faria secarem-se as nascentes do rio Eufrates, a fim de ajudar no retorno das dez tribos, para a reunião messiânica (ver II Esdras 13:47 e Zac. 10:11). Além disso, Heródoto, muitos séculos antes, relatara como o rio Eufrates se ressecara, permitindo que Ciro capturasse a cidade de Babilônia (ver Hist. 1.191). Outrossim, há a história da passagem em seco pelo mar Vermelho. Em tudo isso, vemos como João contava com muitos precedentes literários para suas predições. Não se pode duvidar que Deus pode intervir e realmente fará intervenção, conforme é aqui descrito, a fim de apressar a batalha do Armagedom, conforme ele tem feito intervenção de modos similares, no passado.

«...reis que vêm do lado do nascimento do sol...» Em outras palavras, a China e seus aliados. Deus reunirá todos os exércitos do mundo quando da batalha do Armagedom; mas a grande «causa», do ponto de vista humano, será a tentativa de invasão da Palestina por parte dos chineses. Historicamente falando, talvez houvesse menção à idéia que o Nero redutivo traria os partas em poderosa invasão. (Ver o primeiro ponto em «Outras Idéias», abaixo).

Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:

1. Historicamente, é possível que João esperasse uma «invasão oriental» (das partes?) contra Roma, o que terminaria em vasta destruição contra Roma, e até mesmo a queda do império romano. Profeticamente falando, entretanto, a questão será bem diferente, e, talvez ocorram as coisas conforme é descrito acima. Os cristãos primitivos criam que Nero, reencarnado, voltaria a Roma com séptimas partes e cometaria matricídio. (Ver as notas expositivas em Apo. 17:16, onde essa tradição quase certamente está em foco. Ver também Apo. 17:11, que também tem, mui provavelmente, o Nero redutivo em pauta). Esse Nero reencarnado haveria de ascender do próprio hades (ver Apo. 17:8), retornando dotado de grandes poderes demoníacos. O rio Eufrates haveria de secar para dar aos partas um acesso mais fácil para o ocidente.

2. «No milenar conflito entre o reino de Cristo e o mundo, o Eufrates representa a grande fronteira de separação entre os dois reinos, tal como o rio Eufrates era, literalmente, a barreira entre a nação de Israel e os exércitos hostis vindos do norte e do oriente. Era um grande empecilho militar... mas então o Eufrates se secará, e os poderes hostis do mal, sem essa restrição, e sem o empecilho da consciência popular, atravessarão para o outro lado e invadirão o solo sagrado de toda a vida humana» (Carpenter, oferecendo uma aplicação moral dessa passagem).

3. Os intérpretes da escola histórica continuam a confundir o quadro. Para alguns deles, o ressecamento do Eufrates foi o fim do poderio turco (do império otomano). Para outros, entretanto, foi o enfraquecimento do papado, etc. Todavia, não terá êxito qualquer tentativa de localização dessa predição na história passada, ainda que João, historicamente considerando as coisas, talvez tenha visualizado a destruição do império romano por tropas provenientes do oriente, conforme se observa no primeiro ponto, acima. Ainda outros desses intérpretes vêm aqui a «conversão» das nações, no quadro à nossa frente, algo inteiramente errôneo.

4. O rio Eufrates. Esse rio é mencionado por vinte e uma vezes nas Escrituras. É chamado de «grande rio» por cinco vezes. Era a fronteira oriental, tal como o mar Mediterrâneo era a fronteira ocidental da herança de Deus, Israel. Também servia de proteção a Israel, contra inimigos externos. Até mesmo os impérios romanos assinalavam ali suas fronteiras orientais. Além disso, tinha quase três mil e duzentos quilômetros de comprimento, nascendo nos montes da Armênia e fluindo na direção da Palestina, até menos de cento e cinquenta quilômetros do mar Mediterrâneo, antes de voltar-se na direção sudeste, em direção ao golfo Persa. Era navegável por nada menos de mais de mil e novecentos quilômetros. Atravessava a grande e antiga cidade de Babilônia. Outrossim, é mencionado pela primeira vez como rio que ficava imediatamente fora do Eden, no segundo capítulo do livro de Gênesis; e é mencionado pela última vez em Apo. 16:12, no ponto onde o pecado atinge seu ponto máximo, depois de ter tido começo no Eden. Finalmente, seu ressecamento será um temível sinal da invasão vindoura e o mundo inteiro haverá de lamentar-se quando isso suceder.

13 Καὶ εἶδον ἐκ τοῦ στόματος τοῦ δράκοντος καὶ ἐκ τοῦ στόματος τοῦ θηρίου καὶ ἐκ τοῦ στόματος τοῦ ψευδοπροφήτου πνεύματα τρία ἀκάθαρτα ὡς βάρβαροι· 13 βαρβαροὶ] -χους ρ<sup>4</sup> AC 94 ρc

16:13: E da boca do dragão, o da boca da besta, e da boca do falso profeta, vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs.

Essa porção do juízo da sexta taça é uma espécie de duplicação geral do juízo da sexta trombeta (segundo «ai»), quando duzentos milhões de cavaleiros satânicos haverão de invadir a terra, por ordem dos quatro anjos até então amarrados no rio Eufrates. Ambas as coisas retratam invasões satânicas da primeira ordem. Esse simbolismo também envolve certo elemento constante nas pragas contra o Egito, tal como se dá no caso dos demais juízos das taças. (Ver Exo. 8:1-14, acerca da segunda praga do Egito, a praga das rãs). Vemos apenas «três» rãs; mas, sendo demoníacas, elas explicam as grandes hordas de rãs naturais, como equivalentes.

A rã é um sinal de maldade: A religião de Zoroastro dividia os animais em duas categorias, bons e maus, mais ou menos como o faziam os judeus, em limpos e imundos. O deus Ahriman podia mudar sua forma para uma rã, e ele e quem espalharia as rãs e outros seres repelentes a fim de trazer a peste, a dor e as enfermidades. Esses animais simbolizariam também os poderes demoníacos. (Ver Bundarhish 3:9,15; 18:2-6; 28:1; Fargard 5:36; 14:5; Plutarco, de Iside et Osiride , 46). II Dinkard 9:10 apresenta algo similar a este texto, onde serpentes, sapos, escorpiões, lagartos, rãs, etc., se

espalhariam por sobre a terra com finalidades destrutivas. É possível que o vidente João estivesse frisando alguma última grande perseguição contra a igreja, que precederia e acompanharia de imediato a destruição da terra, por ocasião da batalha do Armagedom.

«...imundos...» A rã era um animal «imundo». Portanto, aqueles espíritos serão «imundos», tal como suas fontes originárias, o dragão e as duas bestas. (Ver Apo. 11:3 quanto ao «dragão», ou Satanás; ver Apo. 13:1,2 quanto à besta «saída do mar», ou anticristo; e ver Apo. 13:11 quanto à besta «saída da terra», ou falso profeta).

A missão particular dessas rãs será convocar os combatentes para a batalha do Armagedom, conforme se vê no décimo quarto versículo deste capítulo. Elas enlouquecerão de ira aos homens. Os homens deixarão seus sentimentos violentos tomar conta de seus impulsos, e seguir-se-á uma matança incomparável. Satanás mostrará o que significa adorá-lo, e até onde ele conduz aos seus seguidores.

Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:

1. A atitude refletida nesta passagem pode ser comparada ao que se lê no segundo Salmo. As nações rilharão os dentes contra Deus e o seu Cristo ou «Ungido».

2. Em *Hermes*, *Via*, IV, 1.6 são vistos gafanhotos cor de fogo a saírem da boca de um imenso monstro. Esse simbolismo é similar ao que temos no presente texto. Porém, ali são vistos gafanhotos, e não rãs, conforme também se vê no nono capítulo deste livro.

3. «Assim como as rãs coxam à noite, nos pantanais, assim também aqueles espíritos imundos, em erro tenebroso, ensinarão mentiras em meio ao lodo das mais imundas concupiscências». (Fausset, *in loc.*). É possível que personalidades humanas específicas venham a ser utilizadas para provocar a febre da batalha do Armagedom, como também campanhas de ódio, propaganda política, a convocação à guerra e o convite à matança.

4. Os intérpretes da escola histórica continuam a relacionar todas essas predições com a Europa medieval e depois; e alguns chegam a identificar essas rãs com a incredulidade, o socialismo e a falsa espiritualidade. Tais interpretações entretanto, erram totalmente o alvo. Alguns deles aplicam essas predições a indivíduos específicos, como Lutero, por exemplo, pensou que seriam seus oponentes, a saber, Faber, Eck e Emaer. Calvínia as identificou como os jesuítas, os capuchinhos e os calvinistas. Porém, já vimos de sobejo que não há real valor em todas essas interpretações históricas, pois elas apontam para o passado, ao passo que o Apocalipse aponta para o futuro.

5. Os intérpretes da escola simbólica vêm características repelentes nas rãs,

como algo que teria aplicações espirituais. As rãs habitariam no meio da lama, teriam olhos impudentes, etc., tudo o que se referiria a formas diversas do mal.

6. Os falsos mestres e os falsos ensinos, na igreja, são vistos como essas rãs, por parte de alguns eruditos; mas, na realidade, isso fala de agitações políticas e sociais, por meio da influência de seres demoníacos, que lançarão os homens para a batalha do Armagedom, não se referindo a qualquer coisa que venha a suceder na própria igreja cristã.

7. «Esses espíritos demoníacos são os agentes escolhidos para despertar o mundo na tentativa de abolir da terra a idéia de Deus; e se assemelharão a rãs porque procederão dos lodais pestíferos do universo, para fazerem sua má obra nas trevas da noite da história do mundo, coxando e saltando, maculando os ouvidos das nações com demonstrações ruidosas, até que todos os reis e exércitos do mundo inteiro, impulsionados por uma emoção entusiasta, se reunirão para a batalha final contra o Cordeiro e todo o seu exército». (Seiss, *in loc.*)

8. Historicamente falando, não há que duvidar que João pensava em várias forças inspiradas pelos demônios, existentes no império romano, que procurariam esmagar a Igreja, antes delas mesmas serem finalmente esmagadas. Profeticamente, porém, isso aponta para algo que já foi dito na exposição geral sobre o texto.

14 εἰσὶν γὰρ πνεύματα δαιμονίων ποιούντα σημεῖα, ἃ ἐκπορεύεται ἐπὶ τοὺς βασιλεῖς τῆς οἰκουμένης ὅλης, συναγαγεῖν αὐτοὺς εἰς τὸν πόλεμον τῆς ἡμέρας τῆς μεγάλης τοῦ θεοῦ τοῦ παντοκράτορος.

14 τοῦτ'... πόλεμον Rn 10.10 τοῦ θεοῦ τοῦ παντοκράτορος Am 2.13 LXX; 4.13 LXX; Rn 1.8; 4.9; 11.17; 15.3; 16.7; 19.0, 15; 21.22

14 a [εκπορ.] εκπορευεσθαι p<sup>1</sup> K<sup>x</sup> x<sup>a</sup> al

16:14: Pois são espíritos dos demônios que operam sinais; os quais vão ao encontro das reis de todo o mundo, para as congregar para a batalha da grande dia do Deus Todo-Poderoso.

«...espíritos de demônios...» O N.T. ensina claramente a existência e o poder inegável dos demônios, bem como a realidade da possessão demoníaca. Os juízos das trombetas muito enfatiza como, nos últimos dias, os poderes demoníacos invadirão este mundo, de tal modo que os homens, instigados por eles, chegarão ao ponto de quase se extinguirem da face da terra, porquanto estarão completamente cativados à vontade de Satanás. A existência do homem na terra tornar-se-á quase um inferno. (Ver as notas expositivas sobre os demônios, em Marc. 5:2; e acerca da «possessão demoníaca», em Mat. 8:28. Quanto ao exorcismo, ver Atos 15:8). Os juízos das taças salientam novamente o fato que os demônios terão grande desempenho nos acontecimentos dos últimos dias. Aprendemos assim que os homens receberão aquilo que quiserem. Abandonarão a Deus, e Satanás os recolherá com satisfação; mas somente então começarão a perceber o que significa servir a Satanás, em concupiscência e ódio desenfreados.

«...operadores de sinais...» Nas páginas do N.T., um «sinal» usualmente é um «milagre didático», isto é, um milagre que tenciona ensinar algo. No caso deste versículo, a mensagem é «odiar e matar». E os homens acolherão de bom grado essa lição, cumprindo-a de forma incrivelmente literal. Os «sinais», que também já foram vistos antes, em ligação com o anticristo (ver Apo. 13:14, operados pelo falso profeta), procurarão autenticar a missão e autoridade do homem do pecado, tal como os milagres de Cristo autenticaram a missão e o poder de Jesus (ver João 20:30,31). O anticristo deixará os célicos espantados; ele conseguirá anuviar suas mentes e fechar suas bocas. Finalmente, haverão de crer no sobrenatural; porém, ao assim fazerem, serão enganados por forças satânicas, por terem se recusado a crer no poder divino e benigno.

«...mundo inteiro...» Essa batalha final, do Armagedom, lançará as forças do anticristo contra os chineses e seus aliados. Será uma verdadeira guerra mundial, a Quarta Guerra Mundial. (Ver as notas introdutórias ao trecho de Apo. 14:14). Toda a terra, em seguida, será lançada juntamente em oposição a Cristo, que estará retornando. Como tudo isso se cumprirá, não sabemos dizê-lo. Talvez haja aqui a idéia que essa gente toda, ao se destruir mutuamente, em uma atitude totalmente desumana e satânica, por natureza serão adversários de Cristo, sendo devidamente aniquilados por ocasião de seu retorno. Se o vidente João, historicamente falando, tinha em mente a invasão do império romano por parte dos exércitos parias,

15 Ἰδοὺ ἔρχομαι ὡς κλέπτης. μακάριος ὁ γρηγορῶν καὶ τηρῶν τὰ ἱμάτια αὐτοῦ, ἵνα μὴ γυμνὸς περιπατῇ καὶ βλέπωσιν τὴν ἀσχημοσύνην αὐτοῦ.

15 ἔρχομαι] ἔρχεται K<sup>x</sup> p<sup>c</sup>

16:15: (Eis que vem como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja o seu nudez.)

«...vem como vem o ladrão...» A «parousia» ou segundo advento de Cristo é aqui diretamente focalizada. (Ver I Tes. 4:15 e Apo. 19:11. Ver também Mat. 24:43; Luc. 12:39; I Tes. 5:2,4 e II Ped. 3:10 quanto à segunda vinda de Cristo, como se fora a vinda de um ladrão, isto é, de modo secreto, repentino e inesperado). Não há que duvidar que essa expressão se alicerce sobre uma declaração feita por Jesus de Nazaré, acerca de sua segunda vinda e sobre a natureza da mesma. Pode-se notar que aqui, tal como em Apo. 14:14, que retrata a segunda vinda de Cristo de modo um pouco diferente, é ensinado que o Armagedom é, na realidade, a primeira fase da «parousia». Esta ir-se-á desdobrando em estágios diversos.

«...bem-aventurado...» Essa é a terceira bem-aventurança que figura no Apocalipse. Há sete dessas bem-aventuranças. (Ver Apo. 1:3; 14:13; 16:16; 19:9; 20:6 e 22:7,14). Os justos poderão adquirir grandes bênçãos divinas, que resultarão em felicidade íntima, de várias maneiras: Lendo ou ouvindo com atenção a mensagem deste livro; sendo um mártir justo, porquanto grande é o galardão dos mártires; preparando-se para a segunda vinda de Cristo; fazendo oposição ao anticristo e seu culto ímpio e conservando-se puro das poluições da idolatria; sendo considerados dignos de participar da ceia do Cordeiro, em seu casamento com a Noiva; tomando parte da

conduzidos pelo Nero redivivo, então, até onde ele conhecia as coisas em seus dias, isso envolvia o mundo inteiro.

«Assim como os apóstolos foram enviados pelo Senhor a todas as nações, assim sucederá aos falsos enviados do anticristo». (*Hipólito* vi). (Quanto a uma possível fonte literária dessa idéia, ver *Addit. Esther*, xi.6 e ss., onde os dois dragões clamam, e todas as nações se reúnem sob seu comando, a fim de combater contra Israel).

Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. É tradição judaica comum que todas as nações reunirão forças contra Israel nos últimos dias. (Ver Eze. 38-39; Zac. 14:2 e ss.; En. 66:90; Oráculos Sibilinos 2:310,322,663-674). Essa tradição foi transferida para as idéias e os escritos cristãos. (Ver Apo. 17:14; 19:17-20 e o presente texto).

2. Em Ascensão de Isaias, em seu quarto capítulo, Satanás, sob o disfarce de Nero redivivo, tendo as nações sob seu poder, assediara o império romano, atacando principalmente os justos.

3. Os «milagres» incluirão os «prodígios científicos», embora não exclusivamente, que o falso profeta do anticristo fará para deixar admirado o mundo, tornando obsoleto o conceito de divindade; e isso fará os homens darem completa lealdade ao anticristo, como se isso fosse a solução para todos os problemas humanos.

4. O grande dia será o dia do julgamento, quando Deus fizer intervenção na história humana, imediatamente antes do período áureo, o milênio. (Ver as notas expositivas em Jud. 6, acerca do chamado «dia do julgamento»). O «grande dia» é o «dia do Senhor» (ver Isa. 2:9,22); mas esse termo é usado para indicar qualquer intervenção divina específica. (Ver Atos 2:20 quanto ao «grande e glorioso dia do Senhor»). Isso equivale ao «dia do Senhor». (Ver I Cor. 1:8; 5:5; II Cor. 1:14; Fil. 1:6,10; 2:16; I Tes. 5:2,4; II Tes. 2:2 e II Ped. 3:10,12). Usualmente, nas páginas do N.T., essa expressão alude à «parousia» ou segundo advento de Cristo; e aqui também se reveste dessa associação, conforme se aprende no décimo quinto versículo deste capítulo. A batalha do Armagedom dará início a esse «dia». Isso resultará no julgamento (o qual fará parte desse «dia») e no reino milenar de Cristo, por semelhante modo, porquanto tudo isso representa uma intervenção divina. O julgamento terá por finalidade promover a era do milênio.

5. Os mágicos egípcios operaram grandes «sinais», quase duplicando aqueles de Moisés e Aarão, isso se repetirá nos últimos dias. O anticristo terá os seus mágicos, e eles farão as multidões seguirem à besta, embora isso signifique a destruição daquela gente.

6. A guerra das nações, umas contra as outras, será também uma guerra contra Deus (ver Sal. 2 e 3 e Marc. 13:8). Como isso sucederá, não sabemos explicar por enquanto. Porém, quando os homens se lançam na destruição uns dos outros, tendo-se entregado aos cuidados de Satanás, na realidade estão combatendo contra Deus.

15 ἔρχομαι ὡς κλέπτης Mt 24.43-44; Lc 12.39-40; I Th 5.2, 4; 2 Pe 3.10; Rn 3.3

primeira ressurreição; guardando as declarações deste livro, combatendo o culto ao imperador e a adoração futura ao anticristo, e sofrendo o martírio por isso, se tanto for necessário; e guardando os mandamentos do Senhor Jesus, o que lhes dará o direito de participar da árvore da vida eterna.

A palavra grega «makarios» parece ter tido um sentido original, «rico», como alusão ao estado bem-aventurado dos deuses, o que seria vedado aos homens. Veio a significar apenas «feliz», ainda que o N.T. eleve isso à «felicidade do bem-estar eterno», em conexão com Cristo, devido à transformação segundo a sua imagem, ou seja, à participação em sua natureza. (Ver II Cor. 3:18; Rom. 8:29; Col. 2:10; Efé. 3:19; II Ped. 1:4. Quanto a notas expositivas completas sobre esse vocábulo, ver Mat. 5:3).

«...que vigia e guarda as suas vestes...» João fala da «santificação» posta em prática; e neste caso, isso indica especificamente a recusa de tomar parte no culto ao imperador e sua idolatria, a adoração que caracterizava o império romano. Profeticamente falando, isso indica manter-se afastado do culto do anticristo, com suas blasfêmias e imoralidades.

«...vestes...» Geralmente fala das vestes «imortais». Aquele que conserva puro o seu «andar», andará «de branco» com Cristo, ou seja, receberá da parte dele a imortalidade. (Ver Apo. 3:5 quanto a esse simbolismo, que provavelmente também envolve a idéia deste versículo).

«...vigia...», ou seja, aguarda a «parousia», mantendo-se limpo nesse



interim. (Ver Luc. 21:36; I Cor. 16:13; Col. 4:2; Heb. 13:17; I Ped. 4:7 e Apo. 3:3, acerca da «vigilância espiritual»). O trecho de I Tes. 5:6 aplica essa vigilância à «parousia», tal como neste versículo e em II Ped. 3:10. Indica um espírito «bem desperto», informado, através da agência da iluminação espiritual do Espírito Santo. Isso, é claro, conduz à santidade, porquanto tal espírito reconhecerá e evitará facilmente os pecados corruptores e o espírito desculpado. Tal pessoa mostrar-se-á alerta para com os «sinais dos tempos», reconhecendo que a vinda de Cristo está próxima, até mesmo às portas. Um homem com essa expectativa haverá de purificar-se a si mesmo, segundo o modelo deixado por aquele que é totalmente puro, Cristo (ver I João 3:3).

«...para não andar nu...» Consideremos os seguintes dois pontos: 1. Isso aponta para a indecência, para a falta de pureza, por ter-se entregue ao culto da idolatria do anticristo e à prostituição. 2. Mas, além disso, também indica o espírito despido, ou seja, sem aquela imortalidade que Cristo dá. (Ver II Cor. 5:8 no tocante à nota de sumário sobre a «imortalidade», além de vários artigos, existentes na introdução ao comentário, que versam sobre esse tema).

«...sua vergonha...» Tal como nas nações civilizadas é considerado vergonhoso para uma pessoa ser vista totalmente despida, assim também, aquele que não participa da pureza e da imortalidade de Cristo será uma alma nua, ou seja, sujeita à vergonha e à perda eternas. Também há nisso a idéia de «ser visto como realmente é», ou seja, rebelde contra Deus, coberto de pecados e perversões.

16 καὶ συνήγαγεν αὐτοὺς εἰς τὸν τόπον τὸν καλούμενον Ἑβραϊστὶ Ἀρμαγεδών.

16 τὸν τόπον... Ἀρμαγεδών Jde 5:19; 2 Ksa 9:37; 23:29; Zeb 12:11

-δδ- vg<sup>(w)</sup> c: Μαγεδων βα α ι c vg(4) bo(3): Μαγεδων 046 ιβιι 2053 pc Prim

O locativo místico, usualmente soletrado em português «Armagedom» (baseado em uma forma do texto bizantino posterior), é soletrado Ἀρμαγεδών em —N A E cerca de noventa e cinco manuscritos minúsculos. Outra forma da palavra, à qual falta a primeira sílaba, é soletrada ou Μαγεδών (046 1611 2053 2063) ou Μαγεδών (cerca de oitenta manuscritos minúsculos). Outras variações ortográficas ocorrem em um ou mais testemunhos, incluindo os seguintes (informação sobre a aspiração e acentuação, não é disponível no caso da maioria das formas) Ἀρμεγεθών (2054), Ἀρμαγεδδών (2049 2081(c)), Ἀρμεγεδδων — (2029), Ἀρμεγεδων (N<sup>o</sup> 2028 2033 2044 2054 2069 2083 2186), Ἀρμαγεδῶ (2091), Ἀρμαγεδον (2065) Ἀρμαγεδωμ (205 206 209 2045), Μαγεδωδ (1828), Μαγεδων (2015) e Μακεδδων (61 69). Ainda outras soletrações ocorrem nas versões antigas.

16:16: É o local de conflagração no lugar que em hebraico se chama Armagedom.

Temos aqui a menção à grande batalha final que será o fim da Quarta Guerra Mundial, que haverá em cerca de 2020, após a China conquistar largas fatias da Europa e da União Soviética. Isso terá lugar em Har-Magedom, na planície de Esdrelom. Temos a nota de sumário sobre o «Armagedom» em Apo. 14:14, em suas notas introdutórias. Não se tem certeza sobre o significado dessa palavra, havendo diversas conjecturas. Essas conjecturas são mencionadas naquelas notas. O mais provável é «monte de Megido». Mas essa planície não contém qualquer área montanhosa. Porém, já que esse nome é usado simbolicamente para indicar a última batalha na terra (na presente era), a localização geográfica real é incidental. É possível que a expressão «monte de Megido» tenha sido criada por influência dos trechos de Eze. 38:8,21 e 39:2,4,17; que descrevem as batalhas das nações contra Israel, nos últimos dias, as quais se ferirão nos «montes de Israel». O termo «monte» pode ter sido transferido para o vocábulo «Megido», resultando em «monte de Megido». Essa é uma explicação tão boa quanto qualquer outra que tenha sido dada. Seja como for, esse detalhe não é muito importante. É bem claro «onde» a batalha terá lugar. O termo veio a ser usado para indicar qualquer batalha «final e decisiva», mas horrenda, com grande matança, envolvendo qualquer grande crise com resultados destrutivos em potencial. O vidente João usa-o para indicar a guerra final na terra, antes do estabelecimento da época áurea, o «milênio».

Historicamente, Megido era uma fortaleza no começo da planície de Esdrelom, tendo sido cena de várias batalhas importantes de Israel contra seus adversários. Alguns estudiosos pensam que o «Armagedom» é apenas um nome simbólico da batalha final da terra, e não um termo que deva ser compreendido como designação de uma definida área geográfica. Cremos, porém, que isso aponta para a principal localização da matança de tropas chinesas que invadirão a Palestina, embora o próprio mundo seja o campo de batalha. Há notas expositivas mais completas sobre toda essa questão na

8. A sétima: Condenação proferida contra a Babilônia (16:17-21).

17 Καὶ ὁ ἑβδόμος ἐξέχεεν τὴν φιάλην αὐτοῦ ἐπὶ τὸν αέρα<sup>4</sup> καὶ ἐξηλθεν φωνὴ μεγάλη ἐκ τοῦ ναοῦ ἀπὸ τοῦ θρόνου λέγουσα, Γέγονεν.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> exclamation; RBV NRB Iuth Jer (Seu)

17 ἐξηλθεν...ναοῦ Is 66:6; Ro 16:1

17 μεγάλη om A r 205 pc | ναοῦ ουρανοῦ 051\* r 2059a

al g: ναοῦ του οὐρ. 046 βα ρι c | απο τ. θρονου] του θεου R: add τ. θ. 2027 pc

16:17: O sétimo anjo derramou a sua taça na ar; e saiu uma grande voz do santuário, da parte do trono, dizendo: Está feito.

Podem ser vistos notáveis paralelismos entre o juízo das trombetas e o juízo das taças; mas também há diferenças notáveis, que certamente mostram que os juízos das taças ocorrerão depois daqueles, e serão mais severos, levando-nos até ao fim mesmo desta era, e à inauguração da nova era. Naturalmente, as taças emergem da sétima trombeta, pelo que essa trombeta também estará envolvida nas «coisas finais». (Ver Apo. 11:15 e ss.). No fim daquela série de juízos, sob a sétima trombeta, é dito que «os reinos deste mundo» passarão para nosso Senhor e seu Cristo, o qual reinará para todo o sempre. Pode ver também, em Apo. 11:18, as palavras:

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. Os crentes laodiceenses eram ricos e pomposos, mas estavam «nus» aos olhos de Deus, ou seja, destituídos de valor espiritual, cobertos de vergonha para seus olhos perscrutadores. (Ver Apo. 3:17). Observamos que, em Apo. 3:18, àqueles crentes foram oferecidas «vestes brancas», ou seja, a santidade na imortalidade.

2. Esse simbolismo incluía a idéia de vir a dormir despido, sendo então surpreendido nessa condição, de tal modo que sua vergonha seja inesperadamente vista, com muita consternação de sua parte. No sentido espiritual, quem é deveras piedoso pode ser apanhado de surpresa a qualquer instante, pois estará vestido com as «vestes da justiça». (Ver Rom. 3:21 quanto à «justiça de Deus», que nos é conferida, o único tipo de retidão que tem valor aos olhos do Senhor. Ver Mat. 5:48 quanto ao fato que devemos possuir a própria natureza moral de Deus; e ver Heb. 12:14 quanto ao fato que isso é necessário para quem tiver de entrar nos céus. Ver ainda I Tes. 4:3 acerca da «santificação»; e II Tes. 2:13 quanto ao fato que a santificação é necessária à salvação, porquanto não pode haver conversão autêntica sem ela).

3. «A preguiça e os prazeres podem levar-nos ao lazer, tentando o indivíduo vigilante a pôr de lado as suas vestes, caindo no descanso do sono. Os verdadeiramente vigilantes desejam, a exemplo do apóstolo Paulo, ser achados em Cristo, revestidos da verdadeira retidão da fé (ver Fil. 3:9)» (Carpenter, in loc.).

4. Talvez haja aqui uma alusão à prática do supervisor do templo, que fazia a ronda para ter certeza que os guardas estavam despertos. Se porventura encontrasse algum deles a dormir, espancava-o e queimava suas vestes. Sem dúvida se sentiria muito aflito por sua negligência e preguiça. (Ver Middoth, fol. 34:1; Tamid, fol. 27.8 e 28.1).

16 Ἀρμαγεδων (Ar Moy.) NA 051 r 100b 2059a 2329 ρι vg<sup>(l)</sup>, R]

introdução a Apo. 14:14.

Variante Textual: Há muitas variações na maneira de grafar «Armagedom». Os manuscritos mais antigos — Aleph, AE e cerca de noventa e cinco manuscritos minúsculos, dizem «armagedon». Os manuscritos minúsculos 1611, 2063 e 2063, bem como o manuscrito uncial 046 dizem «mageddon». A forma «magedon» aparece em cerca de oitenta manuscritos minúsculos. «Armageddon» é o que se lê em 2049 e 2081(c). Existem muitas outras variantes, mas pensamos que a primeira forma mencionada é a original, pois, pelo menos, é a que conta com as provas objetivas mais fortes.

Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

1. Não devemos identificar essa batalha com a invasão russa da Palestina, que se espera para os fins do atual século XX, e que será a Terceira, e não a Quarta Guerra Mundial.

2. Os intérpretes da escola histórica são suficientemente corajosos para identificar várias guerras passadas com o Armagedom, embora estejam tristemente equivocados. O Armagedom jaz no futuro, devendo preceder imediatamente a era áurea. Essa questão nada tem a ver com as questões papais, com o islamismo ou com os poderes e conchavos europeus do passado.

3. Historicamente falando, duas linhas proféticas são entretidas aqui: a linha que dizia que o «Nero redivo» invadiria o império romano, à testa de tropas partas, a fim de destruí-lo; e a linha que afirmava que haverá um «conflito final» dos poderes pagãos contra Israel. Ambas essas idéias estão entretidas no Armagedom, que João antecipava para seus próprios dias, dentro do império romano. A visão profética de longo prazo, provavelmente, estava oculta de sua mente consciente. Talvez haja alguma vinculação à tradição de Gogue e Magogue, em Ezequiel (capítulos trinta e oito e trinta e nove), mas aquela profecia parece apontar especificamente para a Rússia e sua invasão da Palestina, ou seja, para a Terceira, e não para a Quarta Guerra Mundial.

4. O nome «Armagedom» poderia ser explicado pelo fato que apesar daquela planície não ter nenhuma elevação em seu interior, é limitada por montes distantes; e tais montes podem ser aludidos em passagens como Juf. 8:18; Eze. 38:8,21 e 39:2,17.

«...chegou, porém, a tua ira...» Portanto, sob a sexta taça, está em foco a «parousia» (ver o décimo quinto versículo deste capítulo), a qual envolverá o Armagedom — como seu ponto inicial (o sexto e o sétimo selos). Os «acontecimentos finais», naturalmente, envolverão mais que o Armagedom, e o sétimo selo nos fornece informações adicionais a esse respeito.

A sétima taça é paralela, em quase todos os pontos, ao «terceiro anjo» (sétima trombeta). Ambas as coisas nos levam ao fim desta era, e ambas envolvem a «ira» final. Ambas são anunciadas com uma grande voz ou com grandes vozes, terremotos, etc., pelo que serão essencialmente acontecimentos paralelos entre si.

«...pelo ar...» As outras taças foram derramadas «sobre a terra», «sobre o

mar», «sobre as fontes de águas e rios», «sobre o solo», «sobre o trono da besta», «sobre o rio Eufrates». Talvez esta taça, derramada «pelo ar», envolva um acontecimento mais universal, que permeará a «atmosfera toda da criação».

«...saiu grande voz do santuário...» (Ver Apo. 16:1 quanto ao «santuário» ou «Santo dos Santos», que representaria a presença ou habitação de Deus, o «templo celestial»). Esse simbolismo é de uso frequente neste livro, conforme se comprova naquelas notas expositivas. A «grande voz» é uma expressão comum do Apocalipse; mas, apesar de usualmente indicar o «anúncios angelicais», aqui só pode estar em foco a «voz de Deus», pois já vimos, em Apo. 15:8, com base na passagem introdutória, que o «santuário» será completamente esvaziado de todos os seres, ficando ali somente Deus, até que se completem os julgados das sete taças. (Ver também Apo. 16:1, onde também se deve ver a «voz de Deus»).

«...do lado do trono...» (Ver Apo. 4:2 quanto ao «trono dos céus» e seu simbolismo). Pensamos que todas essas descrições simbolizam verdades e condições espirituais, e não qualquer templo literal, santuário ou trono. São símbolos apocalípticos, como o são o dragão, as bestas, as trombetas, as taças, etc. Notemos, em Apo. 16:7, que o próprio trono é visto a falar, provando que se trata de uma figura simbólica, e não de algum trono literal.

«...dizendo: Feito está...» Essa é a voz de Deus, e sua declaração é final. Ao terminarem os julgados das sete taças (que incluem os julgados abaixo, contra a Babilônia, Satanás, etc.), estará consumada a obra de purificação da terra e será inaugurada a era áurea—o «milênio». A *parousia*, ou segundo advento de Cristo, faz parte disso, naturalmente. Essa grande voz de Deus corresponde às «grandes vozes» da sétima trombeta, que anuncia que os reinos deste mundo tornar-se-ão reinos de nosso Senhor e seu Cristo (ver Apo. 11:15). Mas agora o próprio Deus, em solene e incansável

pronunciamento, afirma isso. Deus é quem diz a última palavra. Será necessário muitíssimo tempo para os homens aprenderem essa lição; mas o primeiro capítulo da epístola aos Efésios assevera que todos, finalmente, a aprenderão, o que é reiterado em Fil. 2:9 e ss. (Ver uma proclamação divina similar em Apo. 21:6, depois de terem passado o primeiro céu e a primeira terra, com a criação da nova terra e do novo céu, quando a Nova Jerusalém tiver descido à terra). Essa voz anuncia o término das pragas, mas também o cumprimento da razão por que elas tiveram lugar. O sofrimento virá à tona na forma de concretização da vitória espiritual.

#### Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:

1. «Os homens não querem saber das palavras de Cristo no Calvário: 'Está consumado!' Por isso, terão de ouvir o horrível 'Feito está!' da boca do Juiz! Ai! Ai! Oxalá os homens de nossos dias dessem ouvidos a se deixassem advertir, fugindo da tempestade vindoura!» (Newell, *in loc.*).

2. «Está feito! Os resultados do derramamento dessa taça são descritos nos versículos seguintes. Entretanto, antes desses resultados serem vistos, a voz saída do trono—a própria voz de Deus (ver o primeiro versículo)—proclama, como se se regozijasse ante a aproximação do final feliz, 'Está feito!'» (Carpenter, *in loc.*).

3. *Está feito!* «Roma desapareceu!» Isso faz parte importante das expectativas do vidente João. Ele passará a descrever, nos capítulos dezessete e dezoito de seu livro, como isso terá lugar. Ele anela pela queda de Roma e seu idólatra culto ao imperador. Ele descreve essa queda longamente, e tudo isso faz parte do juízo da sétima taça. Essa descrição é dada em uma série de sete visões.

4. Esse juízo é lançado «pelo ar», onde governam as forças satânicas (ver Efé. 2:2 e 6:12 e ss.). Com a queda da maldade à face da terra, Satanás também cairá, e isso é descrito com minúcias em Apo. 19:11-21:8, em uma série de sete visões, que também fazem parte do juízo da sétima taça.

18 καὶ ἐγένοντο ἀστραπαὶ καὶ φωναὶ καὶ βρονταί, καὶ σεισμός ἐγένετο μέγας ὅλος οὐκ ἐγένετο ἂφ' οὗ ἄνθρωπος ἐγένετο<sup>2</sup> ἐπὶ τῆς γῆς τηλικούτος σεισμός οὕτω μέγας.

18 |C| ἀστροπαὶ ἐγένοντο 1<sup>9</sup> ἐγένοντο |A| ἀστροπαὶ δ' ἐγένοντο  
ἀστροπαὶ 2030 cop<sup>ms</sup> arm |eth| δ' ἀστροπαὶ ἐγένοντο M 048 031 1006  
1611 1834 2042 2053 2065 2072 2081 2244 2412 11<sup>9</sup> ἀστροπαὶ δ' ἐγένοντο vg rcp<sup>ms</sup>

|syrrh| Andrew<sup>ms</sup> δ' οἱ ἀστροπαὶ ἐγένοντο 1 94 182A 1836 2138 Andrew<sup>ms</sup>  
Aethas

18 ἐγένοντο...ἐγένετο μέγας Ex 19:16-18; Est 1:1d Lxx; Re 4:5, 8:5, 11:19 ὅλος...μέγας De 12:1

A forma que parece explicar melhor a origem das demais é *ἄνθρωπος ἐγένετο*, preservada no *códex Alexandrinus* e, parcialmente, em *ρ<sup>2</sup>* (*ἄνθρωπος ἐγένοντο*); o boairico e alguns manuscritos saídicos, por igual modo, trazem o singular, bem como o 2020. O plural, com ou sem *οἱ*, parece ter sido introduzido a fim de evitar a repetição de *ἐγένετο* (tal como 046 e cento e vinte manuscritos minúsculos omitem o primeiro *ἐγένετο* pela mesma razão).

16:18: E houve relâmpagos e vozes e trovões; houve também um grande terremoto, qual nunca houvera desde que há homens sobre a terra, terremoto tão forte qual grande.

Essa descrição pode ser confrontada com Apo. 11:19, que diz coisas virtualmente iguais às que temos aqui, exceto que aqui o «terremoto» é muito pior que o do décimo primeiro capítulo. No entanto, o paralelismo é óbvio, e o leitor deveria consultar aquelas notas expositivas quanto a detalhes sobre essas ocorrências tipicamente «apocalípticas», tão comuns em todos os apocalipses. O vigésimo primeiro versículo deste capítulo menciona a grande «saraivada», o que é um item também incluído em Apo. 11:19. Este capítulo deixa de fora a «antífona» dos vinte e quatro anciãos, que figura no trecho paralelo (Apo. 11:16-18), mas, em tudo o mais, esses versículos se assemelham entre si.

O maior de todos os terremotos: Supomos que esse terremoto, que será o mais monstruoso de todos os terremotos, fará parte dos fenômenos gerais constantes do vigésimo versículo. Isso fará parte da mudança repentina dos pólos de globo terrestre, o que, muí provavelmente, também ocorreu por ocasião do dilúvio, nos dias de Noé. O deslizamento da crosta terrestre acompanhará a modificação polar. Antigos continentes desaparecerão, outros surgirão; e, naturalmente, o terremoto que acompanhará tal acontecimento será de proporções inimagináveis. (Ver outras notas expositivas sobre essa questão, nos comentários sobre o vigésimo versículo; também há uma descrição mais detalhada sobre o que se deve esperar disso, no artigo introdutório ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e A Nossa Era»). (Este versículo pode ser comparado ao trecho de Dan. 12:1, que lhe é paralelo em algumas particularidades e do que o presente versículo pode ter dependido literariamente).

Esse terremoto dividirá a cidade de Jerusalém em três partes (ver o próximo versículo); mas seus efeitos também serão universais, conforme se aprende no vigésimo versículo.

19 καὶ ἐγένετο ἡ πόλις ἡ μεγάλη εἰς τρία μέρη, καὶ αἱ πόλεις τῶν ἐθνῶν ἔπαισαν. καὶ Βαβυλῶν ἡ μεγάλη ἐμνήσθη ἐνώπιον τοῦ θεοῦ δοῦναι αὐτῇ τὸ ποτήριον τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς ὀργῆς αὐτοῦ.

19 τὸ ποτήριον...ὀργῆς αὐτοῦ |A| Ps 76:8; Is 51:17, 22; Jr 23:16; Re 14:10, 15:7

16:19: e a grande cidade foi dividida em três partes, e as cidades das nações cairam; e Deus lembrou-se da grande Babilônia, para lhe dar a cálice da vinha da fúria da sua ira.

«...grande cidade...» É possível que a alusão seja a «Jerusalém», considerando-se que quicá seja distinguida de Roma (Babilônia), neste mesmo versículo. (Isso pode ser comparado com Apo. 11:13, onde se lê que um terremoto destruirá a décima parte da grande cidade, matando sete mil de seus habitantes. Espera-se um imenso terremoto em Jerusalém, para a década de 1980, talvez no início da mesma, o que permitirá que as nações árabes invadam a nação de Israel com suas tropas. Mas aqui está em foco algo muito mais destrutivo, o que ocorrerá no final do presente ciclo terreno, talvez tão tarde quanto o ano de 2025. Todas essas datas,

Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:  
1. Podemos comparar tudo isso com Marc. 13:19, que é trecho que descreve a «tribulação» que haverá na terra, nos últimos dias.

2. Os intérpretes históricos e simbólicos vêem grandes «convulsões» nas nações, etc., e não algum terremoto literal aqui, e buscam achar eventos no passado que correspondam ao que se lê neste versículo. Mas tal busca é inútil, pois ignora o que significam os julgados das sete taças, que visam trazer a nós os verdadeiros «últimos dias», até ao fim mesmo da era antiga e ao começo da nova era. Portanto, qualquer coisa «passada» estará aqui fora de lugar. Portanto, não pode haver aqui qualquer alusão à Reforma protestante ou a qualquer acontecimento da Europa medieval ou moderna.

3. Esse «terremoto» também não simboliza o grande abalo dos julgados divinos. Devemos entender aqui um terremoto literal, melhor, terremotos, quando a crosta terrestre deslizar para uma nova posição. Isso por fim ao antigo ciclo, e a era áurea do «milênio» terá começo. O quadro geral, naturalmente, envolve a volta de Jesus Cristo, acompanhada de muitos eventos distintos e horrendos, incluindo a batalha final do Armagedom.

4. Esse terremoto final «abalará» a estrutura antiga, conforme se vê nos capítulos dezessete e dezoito. (Isso pode ser comparado a Heb. 12:26-29). Os julgados anteriores, de certo modo, tinham sido meros arautos deste último. Os três espíritos malignos, saídos da boca do dragão, da besta do mar e da besta da terra, procuraram unir os homens em um propósito comum. Mas esse terremoto afrouxará toda a conexão entre eles. As nações cairão repentinamente e violentamente. Um novo cataclismo como aquele dos tempos da Noe terá tido lugar.

Variação Textual: As palavras «houve homem (sobre a terra)» figuram no ms A. Mas o ms P(47) diz «homem», com o verbo no plural, o que cria um erro gramatical. O singular, «homem», também é apoiado pelo Bo, pelo Sa e pelo ms 2020. A introdução da forma plural, «houve homens», em muitos manuscritos, parece ter sido a tentativa, por parte de alguns escribas, de variar o estilo do versículo, que já tinha o termo «egeneto», o que novamente aparece no versículo seguinte. O ms 046, e cento e vinte outros manuscritos, omitem o primeiro «egeneto», provavelmente pelas mesmas razões. Três ocorrências do mesmo verbo, em fileira, não é bom estilo literário. Mas não há que duvidar que o original contava com todas essas três ocorrências.

naturalmente, são meras especulações, embora não sem alguma base nos informes dos místicos contemporâneos. Há bons intérpretes, contudo, que insistem que a «grande cidade» aqui referida é a cidade de Babilônia, ou seja, a cidade de Roma. Por conseguinte, a destruição aqui descrita é a do império romano, começando pelo seu próprio centro. Isso seria descrito com maior riqueza de detalhes nos capítulos dezessete e dezoito do Apocalipse. Essa opinião bem provavelmente está correta.

As cidades que não são esquecidas por Deus. Seja como for, há uma ou duas cidades que Deus não esquece, embora elas se tenham esquecido dele. Mas quão terrível é essa memória! Pois Deus não se esquecerá de vingar-se contra elas e contra os seus ímpios sistemas. Por igual modo, nos dias da antiguidade, Deus não se olvidou da Babilônia; ele não se esqueceu da

necessidade de justiça, imposta mediante o juízo divino. O trecho de Gál. 6:7,8 assegura que Deus nunca se esquece! Um indivíduo, uma nação, uma cidade, todos os seres e comunidades de seres inteligentes, terão de enfrentar as justas consequências de suas maldades. Um homem ou a comunidade dos homens terá de colher aquilo que houver semeado. Assim é que Roma semeou a idolatria mais vil, adorando ao imperador. O mundo inteiro semeará a idolatria, adorando a Satanás, por intermédio do anticristo. Tais situações só podem mesmo terminar em calamidades as mais devastadoras. Isso também acontece à vida individual na qual Deus é olvidado. Quando Deus é esquecido pelo homem, ele faz o homem lembrar-se, finalmente. Apesar dos homens imaginarem que escaparam da atenção de Deus, a verdade é que Deus está meramente dando tempo para arrependimento. Deus sabe como e quando deve golpear. A justiça exige tal golpe. Contudo, esse «golpe» nunca visa meramente a vingança; também tem finalidades disciplinadoras e corretivas. (Ver as notas expositivas sobre esse «conceito do julgamento», em Col. 3:6).

«...cálce de vinho do furor da sua ira...» Isso reitera o simbolismo de Apo. 14:8 (o vinho da cólera de Deus), o «cálce da sua indignação» (referido em Apo. 14:10). O juízo divino é assim pintado como uma bebida terrível e de fogo, que os ímpios são forçados a beber, o que causa entre eles devastação total. A expressão «ira de Deus» é comum no Apocalipse, geralmente usada sem o simbolismo acompanhante do «cálce» ou do ato de «beber». (Ver Apo. 6:16—a ira do Cordeiro; 6:17—o grande dia da sua ira; 11:18—tua ira; 12:12—grande ira; 11:10—vinho da ira de Deus; 15:7—os cálces da ira divina; 16:1—as taças de ira; 19:15—a fúria da ira do Deus Todo-poderoso). A expressão «ira de Deus», por outro lado, não indica alguma emoção forte da parte do Senhor, mas é mero termo técnico para apontar para o «julgamento divino». (Isso é comentado com detalhes em Col. 3:6). Algumas vezes, no Apocalipse, essa expressão alude à ira de Deus, quando dos juízos do período da tribulação (ver as notas expositivas sobre esse período em Ato 7:14), embora também envolva a «ira final», quando do julgamento eterno. (Ver Apo. 6:14 quanto a notas expositivas

20 καὶ πᾶσα νῆσος ἔφυγεν, καὶ ὄρη οὐχ εὐρέθησαν.

16:10: Todas as ilhas fugiram, e as montes não mais se acharam.

(Essas palavras podem ser comparadas a Sal. 46:2: «...não temeremos ainda que a terra se transtorne, e os montes se abalem no seio dos mares...») A afirmativa deste versículo é literal, não simbolizando a queda política de reinos ou a remoção de poderes religiosos. Os cientistas dizem-nos que a crosta terrestre exerce tremenda tensão em uma direção, mas que isso é contrabalançado por um contratorque no centro dissolvido da terra. Mas a terra, ao passar por diferentes correntes eletromagnéticas, em sua viagem pelo espaço cósmico, algumas vezes experimenta o que é equivalente a um «curto-circuito cósmico», em que o torque do centro dissolvido da terra pára ou é revertido em seu movimento. Quando isso sucede, a crosta terrestre desliza, e disso resulta um cataclismo de proporções gigantescas, havendo o afundamento de antigos continentes, ou partes dos mesmos, e a elevação de novas massas de terra, formando continentes inteiros. Isso já ocorreu por diversas vezes no passado longínquo, conforme a geologia nos mostra, porquanto muitas massas terrestres que agora são «secas», já estiveram no fundo do mar (até mesmo picos montanhosos), ao mesmo tempo que muitos lugares do leito do oceano já foram terra seca. Cidades antigas completas têm sido encontradas sob o nível do mar. Supomos que o dilúvio de Noé foi uma dessas ocasiões, quando massas terrestres inteiras deslizaram e os pólos modificaram sua posição. A «idade do gelo», pois, não resultou de muitos milênios de acúmulo cada vez maior de gelo nas regiões polares, e, sim, da súbita deslocação do gelo dos pólos para novas áreas, que então eram terras de clima quente, com o início de novas capas de gelo, em terras que antes eram quentes.

Isso significa que, subitamente, imensos depósitos de gelo serão criados em regiões que agora são terras de clima ameno ou quente. Esse gelo começará a derreter e se porá em movimento, varrendo tudo à sua frente. Ou então, pelo contrário, uma área que antes era de clima quente, subitamente passa a ter clima frígido, e o gelo começa a formar-se em uma taxa fantasticamente rápida. Cremos que essas informações, que nos são dadas pelos cientistas, muito terão a ver com o cumprimento do versículo que ora consideramos. Disso resultará uma vastíssima destruição. Na verdade, pode-se descrever isso, com razão, como a cólera de Deus, que destruirá a civilização, conforme a conhecemos. Alguns cientistas dizem que isso poderia suceder dentro dos próximos trinta anos, tanto quanto podem passar-se mais trezentos anos antes de tais eventos. Asseveram que se houvesse estudos suficientes, poder-se-ia prever quando a terra terá seus pólos modificados, quando a terra chegará a uma certa posição no espaço que causará um novo curto-circuito cósmico.

21 καὶ χάλαζα μεγάλη ὡς τάλαντιαία καταβαίνει ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἐπὶ τοὺς ἀνθρώπους· καὶ ἐβλασφήμησαν οἱ ἄνθρωποι τὸν θεὸν ἐκ τῆς πληγῆς τῆς χαλάζης, ὅτι μεγάλη ἐστὶν ἡ πληγὴ αὐτῆς σφόδρα.

21 χάλαζα μεγάλη Rv 9:24; Rv 11:19 ἀβλασφήμησαν...πληγῆς Rv 16:1, 11

14:21: E sobre os homens caiu de céu uma grande granizada, pedras quase do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da granizada; porque a sua praga era mui grande.

Grandes chuvas de gelo. A história registra grandes chuvas de gelo que, provavelmente não resultaram de tempestades normais, em que as gotas de chuva se transformam em gelo. Nesses casos, o mais certo é que houve o encontro com verdadeiros «icebergs», grandes formações de água gelada postas em órbita, das quais pedaços quebrados chegaram até à superfície da terra. Não há qualquer boa explicação científica para estranhas «chuvas» de

acerca do «grande dia da ira»).

Outras idéias sobre o décimo nono versículo:

1. «Babilônia» é um código comum para Roma, neste livro. (Isso é comentado em Apo. 14:8. Ver também Apo. 17:5 e 18:2,10,21 quanto a esse uso. E, fora deste livro, ver I Ped. 5:13). Essa código via-se evitar o desprazer e a vingança das autoridades romanas contra os cristãos primitivos, devido a críticas tão cortantes como aquelas que se vêem neste livro, contra as autoridades romanas.

2. Não podemos identificar Jerusalém com a cidade de Babilônia, nos moldes seguidos por alguns intérpretes. Isso é obviamente contrário ao simbolismo da mensagem deste livro. Não obstante, alguns pensam que essas duas cidades estão em foco neste versículo—Jerusalém e Roma. A maior parte dos eruditos, entretanto, vê aqui a cidade de Roma. E essa é, mui provavelmente, a posição correta. A grande convulsão final despedaçará o reino pagão do anticristo. Parece ser esse o intuito do autor sagrado. Diz o trecho de Mat. 16:13: «Toda planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada». A vida do homem é vivida em Deus e para Deus (ver I Cor. 8:6), e isso por mediação de Cristo e em favor dele (ver Col. 1:16). Aquelas que se desviam dessa regra fundamental serão finalmente abaladas; e isso se aplica a qualquer indivíduo, sociedade ou nação. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios demonstra que Cristo será o Senhor final e supremo, que será tudo para todos, conforme alguns traduzem o trecho de Efé. 1:23.

3. Julgamos que o terremoto e a divisão da grande cidade em três partes será algo literal, e não que existirão «três entidades separadas» no império romano, e nem que estejam em foco divisões «políticas» ou «religiosas», que possam ser achadas na história passada ou presente. Alguns pensam que essas divisões seriam os «protestantes», os «católicos» e os «neutros». Mas tudo isso é ridículo, quando observamos que esses juízos e cataclismos finais aludem aos tempos do fim. Também não são aqui focalizados o dragão, a besta saída do mar e a besta saída da terra, os quais, por assim dizer, se encarrigariam de três divisões do império romano ou do paganismo em geral.

4. Todas as cidades do mundo cairão juntamente com Roma, pois o juízo final terá escopo universal, envolvendo o sistema terreno inteiro. Todas as cidades serão fisicamente arruinadas; porque será um cataclismo das dimensões do dilúvio de Noé, o que fica demonstrado no próximo versículo.

20 Rv 6:14; 20:11

Opinamos que aquele vastíssimo cataclismo, chamado «dilúvio de Noé» foi a última mudança dos pólos, e que certamente não foi a única ocorrência dessa natureza. A terra tem uma história deveras longa, sendo perfeitamente possível que muitas civilizações se tenham desenvolvido e perecido, e que toda a informação histórica e religiosa de que dispomos se aplica somente ao presente ciclo ou civilização, exceto que «No princípio criou Deus...» O tema inteiro é mais amplamente expandido no artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e A Nossa Era». Naquele artigo procuramos mostrar que essas grandes modificações e juízos, referidos no Apocalipse, ocorrerão em «nossos tempos». Nossos filhos haverão de ver essas coisas, mesmo que não cheguemos a vê-los com os olhos físicos.

Este versículo pode ser comparado a Apo. 6:14b, onde há descrições bem similares. Cremos, porém, que não há nisso um «paralelismo» direto, mas apenas uma vasta intensificação de eventos anteriores parecidos. É claro que aquela seção poderia estar «antecipando» o fim, e que aqui teríamos o seu paralelo. Na religião do Irã, acreditava-se que as montanhas eram obra do maligno Ahriman, e que, com a sua derrota final, os montes desapareceriam, disso resultando a paz entre os homens das planícies, os quais poderiam ter intercomunicação uns com os outros, sem empecilhos geográficos. Essa é uma idéia interessante; e se a interpretação simbólica deste versículo é correta, então poderíamos supor que o vidente João tivesse em mente um mito como esse, que pode ter influenciado suas descrições. Preferimos pensar, todavia, que este versículo alude a uma destruição literal e física do mundo, e não apenas a destruição das instituições malignas do mundo, de ordem religiosa ou política, embora isso certamente também esteja envolvido, conforme nos mostram os capítulos dezessete e dezoito.

O desaparecimento das «montanhas» é um sinal apocalíptico do «fim do mundo», o que também se pode ver em Ascensão de Moisés 10:4; I Enoque 1:6; Oráculos Sibilinos 7:324,236; Lact. Div. Institutas vii.16,11. Isso pode ser comparado com Isa. 40:4; I Baroque 5:5-9 e Salmos de Salomão 11:5.

Outras idéias sobre o vigésimo versículo:

1. «A convulsão final atingirá cada localidade; só há um reino que não pode ser abalado. (Comparar com Dan. 2:44 e Heb. 10:28)» (Carpenter, in loc.).

2. Temos nosso refúgio e fortaleza. Nem a própria terra poderá ficar de pé, resistindo ao juízo e não sendo devastada. Muito mais passível de destruição é o ser humano mortal.

3. As «montanhas» talvez aludem a «fortalezas» do mal, de tipo secular ou religioso. Mas um universal cataclismo de natureza física está mais em foco. Naturalmente, não há qualquer alusão aqui a conquistas militares, que venham a debilitar os reinos dedicados à idolatria, etc., conforme supõem alguns eruditos da escola histórica.

itens como gelo, peixes, rãs, etc., mas é evidente que isso pode acontecer; e pedaços de gelo de grande tamanho têm caído sobre a terra. É possível que o cataclismo descrito nestes versículos envolva fenômenos terrestres e celestes, e, assim sendo, qualquer coisa poderá vir a suceder.

«...pesavam cerca de um talento...» Pedaços de gelo com cerca de cinquenta quilogramas. Isso já sucedeu, conforme a história o demonstra, mas jamais houve uma chuva de tão grandes pedaços de gelo, todos caídos ao mesmo tempo. (Isso pode ser comparado com Exo. 9:27, que alude à sétima praga, a praga da sarraiva; e também com Apo. 11:19, que fala sobre a mesma coisa que há neste texto, embora em linguagem menos elaborada).



Já pudemos observar que o juízo das sete taças segue bem de perto as descrições dos juízos das sete trombetas, em Apo. 11:15 e ss. Esse é mais um ponto de similaridade.

«...por causa do flagelo...» Os homens não se terão arrependido, pois continuarão amaldiçoando a Deus. Isso será o resultado constante dos juízos divinos referidos no Apocalipse. (Comparar com os versículos nono e décimo primeiro deste capítulo. Ver também Apo. 9:20,21). Os incrédulos continuarão imitando ao anticristo, o campeão dos blasfemadores (ver Apo. 13:6). Essas outras notas expositivas devem ser consultadas, pois ali se oferecem amplas explicações sobre esses termos, e o que está implícito nos mesmos).

Outras idéias sobre o vigésimo primeiro versículo:

1. «Nenhuma linguagem salvo um grito blasfemo. As próprias ilhas e montanhas terão desaparecido de Roma. A natureza terá repudiado a cidade ímpia; grandes pedras de saraiva terão caído dos céus sobre aquela maligna cidade. Finalmente, nada restou senão um grito selvagem. E essa voz é uma maldição. A expressão final da justa vontade de Deus, na condenação dada pelas sete taças, terá deixado os homens impenitentes. O capítulo inteiro é um quadro sobre a natureza recalcitrante da iniquidade. Seu desafio obstinado é inflexível. E Roma é a figura simbólica mesma de sua essência. Grande quantidade de livros modernos toma a posição exatamente oposta. Sempre

aparecem elementos qualificadores na situação; os pensamentos são confusos. As mentes parecem atônitas; compreender tudo é esquecer tudo. Quando todos os elementos de verdade dessa interpretação são admitidos, ainda resta ser dito que há um ângulo de iniquidade no mundo, cuja única voz é o desafio desavairado contra o bem. O livro de Apocalipse nos apresenta um aviso seríssimo, e que deve ser ouvido. Depois de considerarmos essas coisas, não ficamos surpreendidos ante o aparecimento de um homem como Sevonarola, em Florença. O que nos admira é que um maior número de tais profetas não tenha aparecido nas cidades ímpias. Se um profeta simplesmente fala de paz mental, estará anunciando paz, quando não há paz» (Hough, *in loc.*).

2. «A saraiva é um símbolo da cólera divina. (Ver Isa. 30:30; Eze. 13:11; comparar com Jos. 10:11)» (Vincent, *in loc.*).

3. Em I Enoque 60:7 se lê sobre um «anjo da saraiva», pronto a cumprir a vontade de Deus.

4. «Diferentemente do resultado em Jerusalém (ver Apo. 11:13) onde o «remanescente se assustou e deu glória ao Deus do céu» (Fausset, *in loc.*).

5. Supomos que essa última e tremenda praga da saraiva ocorrerá depois da batalha do Armagedom. O mundo já estará totalmente devastado. O mundo atual terá desaparecido de vez, antes que seja inaugurada a era áurea, o «milênio». Pouquíssima será a população do mundo, que restará em vida, naturalmente.

## Capítulo 17

### XI. As Sete Visões da Queda de Babilônia (Apo. 17:1- 19:10).

#### 1. Babilônia, a meretriz (17:1-6a).

Não nos devemos olvidar que o Apocalipse foi originalmente escrito para a igreja cristã primitiva, que sofria perseguições por parte do império romano. Essa perseguição era especialmente intensa porque os cristãos se recusavam a adorar ao imperador romano, conforme se requeria no culto ao imperador. A besta saída do mar representa a Roma secular e pagã. Historicamente, representa o imperador Nero; profeticamente, o «Nero redivivo» ou anticristo. A besta saída da terra representa a Roma religiosa, o culto ao imperador (historicamente falando); mas, profeticamente, ela representa o «João Batista» do anticristo, o falso profeta, que promoverá por todo o mundo o culto ao anticristo, mediante os meios de comunicação em massa. Na antigüidade, a própria cidade de Roma fora deificada, e uma deusa, chamada «Roma», veio a ser a deusa protetora das cidades romanas da Ásia Menor. Roma era a divindade tutelar de Cartago. Em 29 a.C., foram erigidos por Otávio templos dedicados a «Dea Roma» e a «Divus Julius». Também houve templos dedicados ao próprio Otávio em Pérgamo, na Nicomédia e na Bitínia. Os remanescentes desses templos pagãos até hoje podem ser vistos em Pérgamo. E isso talvez seja os restos do «trono de Satanás», que figura na epístola à igreja de Pérgamo, neste livro do Apocalipse. Parece que o culto de Roma estava associado à adoração dos «imperadores falecidos», ao passo que o culto ao imperador dirigia-se aos imperadores reinantes. De tudo isso é que se desenvolveu uma espécie de doutrina da «Roma eterna». Não há que duvidar que o vidente João, no capítulo que passamos a comentar, zombava dessa idéia, sendo provável também que ele fustigava todas as formas da «idolatria romana», representadas no culto a Roma e no culto ao imperador.

A meretriz, que figura neste capítulo, é essa idolatria romana de muitas facetas, ainda que o culto ao imperador seja o ponto mais destacado, conforme se vê por todo o Apocalipse. Roma se tornara o centro das formas mais ousadas e horrendas de idolatria; mas João predisse que nada disso perduraria, pois estava condenado a sofrer a mais contundente derrota que se possa imaginar. Também não se deve duvidar que João esperava que isso ocorresse em seus próprios dias, pois não antecipava a aplicação a «longo prazo» de suas predições. Nessa expectativa, que não se cumpriu em seus próprios dias, João não se mostrou diferente dos profetas do A.T., como Isaías, que esperava o reino messiânico para imediatamente depois do julgamento da Assíria (ver os capítulos dez e onze do livro de Isaías); ou como Daniel, que pensou que o fim ocorreria imediatamente após o julgamento de Atíoco IV Epifânio. Jeremias esperava o reino para imediatamente depois do retorno do exílio. É evidente, pois, que as visões dos profetas ultrapassavam seu próprio entendimento e as suas expectativas pessoais, que tão freqüentemente ficaram sem cumprimento, ainda que Deus tenha decretado seu cumprimento para os últimos dias.

Normalmente, as predições bíblicas têm um cumprimento a curto prazo e outro a longo prazo. Portanto, nos «últimos dias», veremos o aparecimento tanto de um império político, a federação dos dez reinos, controlada pelo anticristo, que terá a cidade de Roma como seu centro, como também veremos o aparecimento de um novo «culto ao imperador», que consistirá da adoração conferida ao homem do pecado. Esse culto tornar-se-á tão forte que dominará as mentes dos homens e os tornará virtuais escravos da malignidade; pois Satanás será adorado por intermédio do anticristo (ver Apo. 13:4). A maior perseguição religiosa de todos os tempos será promovida pelos aderentes do culto ao anticristo; e essa adoração será corrupta e maligna de tal modo que fará o comunismo parecer santo comparativamente. No artigo existente na introdução ao comentário, intitulado, «A Tradição Profética e a Nossa Era», fazemos a tentativa de reunir várias predições que ilustram as condições incrivelmente más que esperamos ver pessoalmente, ou que, pelo menos, serão vistas pelos nossos filhos. Pois acreditamos que o anticristo já está vivo. O artigo acima referido nos apresenta as razões para essa crença.

Para o vidente João, essa «idolatria», quer em seu aspecto antigo — «culto ao imperador», quer em seu aspecto futuro — «culto ao anticristo», é a «meretriz». Mas essa meretriz também será a Roma política e econômica. Não se duvida que João não pôde antecipar muitas das «implicações» dessas predições. Somente os próprios acontecimentos nos ensinarão o que precisamos saber acerca dessas coisas.

A dupla destruição. É claro que nos capítulos dezessete e dezoito deste livro, nas sete visões da condenação de Roma, se retrata a destruição tanto «política» quanto religiosa de Roma. Porém, erraríamos se fizéssemos unicamente a Igreja Católica Romana ser a Roma «religiosa». Sem dúvida, porções de todas as denominações cristãs serão atraídas para o terrível culto ao anticristo. Muitos dos chamados cristãos serão enganados, encarando o anticristo como um novo Messias. Na verdade, entretanto, o «culto» ao anticristo será uma religião inteiramente nova, combinando idéias e crenças do oriente com as do ocidente. Também será uma religião extremamente «antidivina» e «anticristo», por inclinar-se para as idéias do ateísmo e do agnosticismo. Tornar-se-á algo tão imensamente maligno que o comunismo parecerá algo santo, paralelamente a isso.

Não cremos que qualquer denominação verdadeiramente evangélica venha a ser enganada de tal modo que aceite esse culto ao anticristo como algo provindo do Senhor, e que dê lealdade ao anticristo. O mais provável é que as denominações evangélicas venham a ser «purificadas» pelo fogo da tribulação, e que finalmente se formará a unidade de todas as denominações evangélicas, e um «movimento subterrâneo» (porquanto a igreja visível desaparecerá, tão atroz será a perseguição religiosa). Não há como chamar o «romanismo» de a meretriz tonta com o sangue dos santos e dos mártires de Jesus, quando, historicamente, reconhecemos que isso é uma referência ao «culto ao imperador». Esse culto era algo inteiramente fora dos círculos cristãos. Mas é verdade que o culto ao anticristo, em muitos lugares do mundo, se assemelhará, pelo menos no princípio, com uma espécie de «neocristianismo». Todavia, todas as denominações cristãs que realmente sejam formadas de pessoas regeneradas, e que se apeçam às doutrinas centrais da Bíblia, como a «trindade», a «divindade de Cristo», etc., não poderão ficar enganadas para sempre.

Duvidamos que a Roma do décimo sétimo capítulo deste livro seja o «romanismo», e que a do capítulo dezoito seja a Roma

«secular e comercial». Devemos considerar esses quadros apenas como ângulos diversos de uma única coisa. Ambos retratam a «meretriz», porquanto ambos representam a Roma pagã e ímpia — uma do ponto de vista do culto ao imperador, e outra do ponto de vista político e econômico de Roma. Particularmente em foco, por toda a parte, está a «cidade de Roma», e isso ocorre em ambos esses citados capítulos. (Ver Apo. 17:18, onde a «meretriz» é aquela «grande cidade». Comparar com Apo. 18:7, que retrata a «rainha», o que aponta para a mesma figura feminina — mas note-se que essa rainha é uma prostituta). Isso se harmoniza com Apo. 17:2-5. Outrossim, Apo. 18:10 mostra que continua em foco a «cidade» de Roma. O décimo nono versículo reitera a idéia. Mas a cidade «subentende» o império inteiro, por ser seu centro e capital. Essa é uma interpretação que se coaduna com o que sabemos que João atacava em seus dias; e supomos que outro tanto se dará no caso do aspecto profético dos capítulos dezessete e dezoito. Temos aqui as «sete visões» da queda de Roma, e, naturalmente, cada visão dará um ponto de vista diverso de uma mesma e única queda. Profeticamente falando, isso retrata a queda do anticristo, porquanto seu poder envolverá muitos aspectos, religioso, político, militar, etc. Em todos esses aspectos, entretanto, ele cairá; e é isso que os capítulos dezessete e dezoito do Apocalipse estão descrevendo. Notemos que em Apo. 17:9 e ss. temos a Roma «política», mas imediatamente antes disso, no sexto versículo deste capítulo, temos uma alusão inequívoca ao «culto ao imperador», que perseguia aos cristãos que não anuíam a esse culto. Portanto, não há como pôr o capítulo dezessete em contradistinação ao décimo oitavo capítulo, estabelecendo qualquer distinção básica entre eles, a não ser que ali são retratados diferentes aspectos da queda da mesma Roma.

Também não devemos ver aqui o reavivamento da «literal cidade de Babilônia», que viria a ser a capital política e comercial do anticristo. Babilônia é apenas um código para Roma, conforme se vê nas notas expositivas sobre Apo. 14:8; e é evidente que o vidente João escreveu contra Roma, e não contra a literal cidade de Babilônia. Isso é uma verdade histórica, e também será uma verdade profética. A profecia bíblica demonstra claramente (ver Apo. 17:9 e ss.) que o centro de atividades do anticristo será a literal cidade de Roma, e não a cidade de Babilônia, reconstruída.

Para alguns intérpretes, o trecho de Apo. 17:16 fala de uma «Roma religiosa», que a Roma política se deleitará em destruir. E o décimo oitavo capítulo deste livro presumivelmente aludiria a essa Roma política, diante de cuja queda subsequente o mundo inteiro se lamentará. Porém, não são retratadas aqui duas Romas, uma política e outra religiosa. Os povos oprimidos se «alegrarão» ante a queda de Roma (ver Apo. 17:16), mas, ao perceberem que isso os prejudicará, pois Roma os tornou ricos, se lamentarão. Os pequenos poderes sempre se regozijam ante a queda dos poderes maiores, mas geralmente logo descobrem que seu bem-estar está vinculado a estes últimos, pelo que têm motivos de pensar novamente, com maior sobriedade.

O décimo oitavo versículo deste capítulo mostra que a «cidade» de Roma está essencialmente em foco, embora ela represente o império todo. Alguns intérpretes supõem haver aqui uma clara distinção (nos capítulos dezessete e dezoito), entre a cidade de Roma e o império romano.

A razão por que alguns eruditos fazem tão radical distinção entre as duas Romas é que, nos versículos dezesseis a dezoito, há a predição de uma destruição de Roma por parte da besta e sua federação de dez reinos. O pano de fundo histórico disso é a tradição (que nunca teve lugar, historicamente falando) de que o «Nero redivivo», que era identificado com o anticristo nas antigas tradições cristãs, retornaria a Roma, à testa de um exército para, a fim de assaltá-la, cometendo «matricídio». (Ver os Oráculos Sibilinos 5:363-369). Portanto, é fácil entender isso «historicamente». Porém, como entender isso profeticamente não é tão fácil. Os intérpretes protestantes não têm dificuldades aqui, pois supõem que o anticristo, após ter cooperado com a Igreja Católica Romana, utilizando-se dela (como também de seus aliados, as denominações protestantes apóstatas), repentinamente destruirá toda a imensa organização. Mas, apesar disso ser uma conveniente interpretação «protestante», de forma alguma é certo que isso é o que se deve ver aqui. Provavelmente haverá a unidade dos cristãos apóstatas (de todas as denominações) que prestarão lealdade ao anticristo e promoverão seu culto, os quais serão subsequentemente perseguidos e destruídos por ele; e isso poderia cumprir o aspecto profético das descrições à nossa frente. Contudo, sentimo-nos sobre terreno precário quando começamos a «nomear as denominações». Esse «cristianismo apóstata» sem dúvida se unirá a muitíssimas outras religiões mundanas, porquanto a influência do anticristo será universal. É claro que o anticristo não procurará destruir o culto que o incensa, mas tão-somente um certo aspecto do mesmo, e as denominações cristãs apóstatas, por exemplo, poderão cair em seu desagrado, sendo reduzidas a quase nada. A predição sobre a destruição da «meretriz» (ver o décimo sexto versículo deste capítulo), provavelmente inclui a idéia que todas as religiões do mundo desaparecerão, por serem destruídas, ou serão absorvidas no culto ao anticristo. Todas as religiões, excetuando seu culto imediato, terão de existir apenas subterraneamente, incluindo os membros fiéis a Cristo da igreja cristã.

17 Καὶ ἦλθεν εἰς ἐκ τῶν ἐπτὰ ἀγγέλων τῶν ἔχόντων τὰς ἐπτὰ φιάλας, καὶ ἐλάλησεν μετ' ἐμοῦ λέγων, Δεῦρο, δείξω σοι τὸ κρίμα τῆς πόρνῆς τῆς μεγάλης τῆς καθημένης ἐπὶ ὕδατων πολλῶν,

17 1 ἡ καθήμενη... πολλῶν Jr 51:13, Rb 17:15

17:1: Vede um dos sete anjos que tinham as sete taças, o fulco amigo, dizendo: Vem, mostrar-te-a a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas;

Essas palavras servem de introdução aos capítulos dezessete e dezoito, juntamente. A grande «meretriz» é o paganismo romano, mas, especificamente, é a «cidade de Roma» (ver Apo. 17:18). E é a mesma Roma que é descrita aqui, do princípio ao fim, embora de diversos ângulos e de diferentes maneiras. Sete visões revelam-nos a queda de Roma. Notemos que o trecho de Apo. 18:3 enfatiza a «fornicação» de Babilônia; e aqui ela (Roma, chamada «Babilônia» — ver Apo. 14:8 e suas notas expositivas acerca disso) é a «meretriz». Há uma única Roma, mas ela é descrita segundo duas perspectivas ou mais; em todos esses aspectos, porém, ela experimentará destruição. Lembremo-nos que João estava escrevendo contra a Roma de seus dias, contra o império que perseguia e matava aos cristãos, tentando fazê-los adorar ao imperador, no «culto ao imperador». Não se deve pensar em duas Romas aqui, e nem na ereção literal da antiga cidade de Babilônia, que alguns estudiosos imaginam que será reconstruída no futuro. Não obstante, há certo contraste entre a cidade de Roma (a meretriz, ver o décimo oitavo versículo deste capítulo) e o império romano em geral, que está em foco nestes capítulos dezessete e dezoito. A «besta» será Roma como um império, mas também será o nerônico anticristo, que incorporará em si mesmo toda a maldade de Roma. Contrastar entre si os versículos terceiro e décimo primeiro deste capítulo.

...um dos sete anjos que têm as sete taças... O fato que os anjos dos juízos das taças (descritos individualmente no décimo sexto capítulo) estão envolvidos nas sete visões sobre a queda de Roma, permite-nos ver que isso faz parte das sete últimas pragas, por ser um aspecto das mesmas, e não algo distinto delas. O anjo age como um guia, o que é comum no simbolismo apocalíptico. (Ver Apo. 7:13).

...falou comigo... Em visão mística audível. (Ver as notas expositivas

em Apo. 1:10 quanto aos tipos de «visões e experiências místicas»).

«...mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz...» Roma (a meretriz, e, portanto, o império) é chamada de prostituta «grande» devido à sua idolatria e desabrido paganismo, que nega a autêntica adoração a Deus, mas, especialmente, devido ao seu «culto ao imperador», no qual os imperadores reinantes eram adorados como se fossem divindades. Além disso, havia a adoração da deusa «Roma», que eternizava a cidade de Roma e, supostamente, exaltava o sistema romano, promovendo ainda o «culto ao imperador». O simbolismo de «adultério», para indicar idolatria, é uma comum equação judaica.

«Esse julgamento, é claro, é a iminente destruição de Roma, devido à sua idolatria, porquanto ela perseguia aos santos. O retrato da deusa Roma como uma meretriz corresponde ao retrato anterior dos imperadores como uma horrenda besta satânica, além de corresponder ao fato que ela atraía as nações às práticas idólatras, o que é chamado de «fornicação», no quarto versículo. Outrossim, havia nos escritos proféticos bons precedentes para esse simbolismo. João bem pode ter tido consciência que Naum chamara Nínive de meretriz, porquanto seduzia às nações, em face do que terrível condenação sangüinária fora proferida contra ela (ver Naum 3:1-4). De modo bem similar, e por razões idênticas, um outro profeta aplicara o mesmo epíteto vergonhoso a Tiro, predizendo sua ruína (ver Isa. 23:15). Em várias outras passagens, Jerusalém é chamada de meretriz sedutora, desleal ao Senhor e desviada para a idolatria (ver Isa. 1:21; Eze. 16:15; conf. Osé. 2:5). Figuras simbólicas semelhantes são usadas nas profecias sibilinas que predisseram a destruição de Roma, com as seguintes palavras: «Ó Roma, descendente amimalhada do Lácio! Tu, virgem com freqüência intoxicada por muitos pretendentes, como uma escrava (isto é, prostituta), haverás de casar-te sem oerimônias». (Oráculos Sibilinos 3:356-358). O gosto dramático de João pelo contraste já pôde ser observado antes. Agora ele está evidentemente preparando o palco para o contraste entre essa ímpia meretriz e a noiva de Cristo, em toda a sua pureza e em seu resplendor,

como também entre o bestial consorte da meretriz e Cristo, o Noivo». (Rist, *in loc.*).

*Quem é esta prostituta repugnante?*

1. *Historicamente falando*, ela representa a Roma pagã e sua idolatria e adoração do imperador.

2. *Profeticamente falando*, ela representa o novo paganismo do tempo do anticristo, e especificamente, o *cultus* dele, a nova idolatria. Certamente a grande parte das denominações cristãs farão parte do cultus do anticristo, tendo entrado numa apostasia de dimensões incalculáveis. As grandes denominações como a Igreja Católica Romana, as maiores entre as denominações protestantes, aquelas que tem mais dinheiro e poder, sem dúvida, serão os líderes neste movimento (do lado cristão dele). Mas a influência do anticristo será universal e através do poder dele, será realizada uma união das religiões ocidentais e orientais. O resultado será um tipo de cristianismo pagão. Este novo cristianismo será hostil aos verdadeiros cristãos, e uma perseguição de grandes dimensões resultará disso. De fato, o anticristo promoverá a maior perseguição religiosa da história humana. A iniquidade do cultus do anticristo dará para o homem uma oportunidade para expressar suas inclinações mais baixas. A mocidade do mundo seguirá o anticristo com todas as suas forças e sentirá uma auto-realização extraordinária, não sabendo, ou não querendo saber, a profunda perversão de seu herói. A geração atual, sem objetos sagrados, e envolvida em entorpecentes e outros vícios, quase sem controle, será incorporada, facilmente, no movimento do anticristo. A sabedoria deste mundo que faz da escravidão ao pecado um sinônimo de «liberdade» destruirá uma geração completa e a certa será grandemente amarga. Quando o anticristo ganhar seu poder, Marx, Lenin, Stalin, Hitler e outros personagens perversos da história, parecerão bons professores da escola dominical em comparação.

Será, afinal, uma união dos verdadeiros cristãos de todas as denominações, não em termos de organização, mas sim, em termos de compatibilidade de espírito e intenção. Cristo estará fora da igreja no fim deste século (ver Apo. 3:20) e o anticristo será seu líder; alguns poucos se reunirão, entre perseguições, no nome do Senhor.

...*sentada sobre muitas águas*... Babilônia, a cidade protótipo da cidade de Roma, estava assim situada, porquanto o Eufrates atravessava por seu centro, e a cidade contava com muitos canais artificiais. (Ver Jer. 51:13, onde isso é dito acerca da cidade de Babilônia). Roma, naturalmente, não estava literalmente assentada sobre muitas águas. Alguns supõem que já que Babilônia serve aqui de protótipo de Roma, que o autor, ao assim falar, não mencionava nada de especial, mas apenas visava dar-nos uma descrição mais gráfica. Mas dificilmente esse poder ter sido o motivo do autor sagrado por detrás dessas palavras. Portanto, muitos eruditos supõem que as «muitas águas», neste caso, indicam as «nações». Nesse caso, a grande meretriz seria vista a exercer controle sobre as nações, como se estivesse assentada em um trono, sujeitando-as a todos os seus caprichos. Havia um mito babilônico que aludia ao «abismo», «*tiamat*»; e alguns estudiosos

pensam que as «muitas águas» se referem a esse abismo. Assim sendo, Roma estaria assentada, por assim dizer, sobre o abismo do hades. Porém, não é muito provável que isso é o que o vidente João tinha em mente, embora ele talvez conhecesse tal mito. O décimo quinto versículo fornece-nos a definição mencionada pelo próprio João. As águas são «povos, multidões, nações e línguas».

É interessante observar-se que a cidade de Babilônia adquiriu suas riquezas por meio do rio Eufrates e seus numerosos canais de irrigação. Por semelhante modo, a pagã cidade de Roma coletou as riquezas do mundo e prosperou como uma meretriz ricamente enfeitada.

*Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:*

1. Historicamente falando, parece que Ninrode, seguido por muitos, edificou a cidade original de Babilônia, depois dos dias do dilúvio. Nessa cidade havia um templo consagrado a Balo, que mais tarde passou a ser chamado «Baal». Foi ali que Ninrode erigiu a torre de Babel. A primeira grande cidade de Babel, e o reino da Babilônia, eram governados por duas pessoas, um homem e uma mulher. A mulher estava encarregada das funções religiosas do estado, e o homem, das funções políticas. Babilônia veio a tornar-se cabeça de um imenso sistema mundial, conforme os homens viam a extensão do mundo, naqueles dias. Era uma federação iníqua, pelo que o termo «Babilônia» veio a indicar qualquer sistema iníquo, especialmente aqueles dotados de considerável poder e extensão. O programa encabeçado por Ninrode é retratado nos capítulos dez e onze do livro de Gênesis. O nome daquele homem significava «rebelde», a sua pessoa e obra prediziam uma muito maior rebelião e a exaltação do paganismo, que em breve apareceriam em cena. O nome «Babel» significa «portal de Deus», e foi em Babilônia que os homens tentaram criar o seu próprio consócio de Deus, bem como o seu próprio caminho, em rebelião franca contra o caminho de Deus que fora revelado aos homens. O A.T. mostra a queda tanto de Ninrode como da torre de Babel, como também de Babilônia como um estado de âmbito mundial. Por conseguinte, tornou-se um símbolo apropriado para qualquer sistema pagão que rejeite o caminho divino da vida em Cristo. Por essa razão, tanto o vidente João quanto muitos outros autores sagrados, empregaram tal símbolo para aludir à cidade e ao império de Roma. No entanto, repelimos a idéia de alguns estudiosos que pensam que essa cidade será reconstruída nos últimos dias, porquanto nada disso estava na mente do autor sagrado.

2. Profeticamente falando, o revivido império romano, formado pelo anticristo e sua federação de dez nações, está em foco. cremos que essas nações serão a Inglaterra, a França, o Japão, a Itália, o Canadá, a Bélgica, a Alemanha, a Holanda, a Suécia e os Estados Unidos da América. Essa federação, com seu culto ao anticristo será o «novo paganismo», muito mais terrível e corrupto que a antiga Roma pagã. Esse culto incorporará em si mesmo a cristandade apóstata, formada de todas as denominações; mas não cremos que uma única denominação particular esteja em foco aqui, com exclusão de todas as demais. A grande «meretriz», entretanto, não se comporá apenas da cristandade apóstata. Será algo muito mais vasto e mais extenso, uma nova religião mundial e enlouquecida, que incorporará o oriente e o ocidente em um maciço esgoto de iniquidade. Será tão estupidamente maligno que fará o comunismo parecer comparativamente santo; e os homens, sobretudo a juventude, seguirá esse novo culto com lealdade cega e com senso de realização.

2 μεθ' ἧς ἐπόρνευσαν οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς, καὶ ἐμεθυσθησαν οἱ κατοικοῦντες τὴν γῆν ἐκ τοῦ οἴνου τῆς πορνείας αὐτῆς. 2 ἐμεθύσθησαν... αὐτῆς Is 23:17; Jr 51:7; Re 14:8; 18:3

17:2: com a qual se prostituíram os reis da terra; e os que habitam sobre a terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição.

A referência histórica é à adoração da deusa Roma e ao «culto ao imperador». A idolatria associada a essas formas de culto é chamada aqui de «prostituição», em harmonia com o que se vê no primeiro versículo, onde a própria Roma é chamada de «grande meretriz», e em consonância com o simbolismo do A.T. (Quanto à idolatria simbolizada pelo conceito de «imoralidade» e «adulterio», por ser uma forma de infidelidade a Deus, a quem se deve toda a lealdade, ver as seguintes passagens: Isa. 1:21; Jer. 2:20; 3:1,6,8; Eze. 16:15,16,28; 31,35,41; 23:5,19,44; Osé. 2:5; 3:3 e 4:14). Esse simbolismo também foi usado acerca de diversas cidades: Tiro (ver Isa. 23:15-17); Ninive (ver Naum 3:4); e agora Roma é chamada Babilônia, segundo a criptologia do trecho de Apo. 14:8.

Esse vil «adulterio» de Roma atingiu posições elevadas e baixas, tanto os «reis» quanto os habitantes comuns da terra. João mostra a universalidade do «culto ao imperador» e a adoração de «Roma». Nenhuma localização escapou, e nenhuma pessoa, por ser grande demais (como se não pudesse ser forçada), ou por ser insignificante demais (como se pudesse escapar à atenção), ficou isenta de dar sua lealdade a esse culto. Profeticamente falando, isso também sucederá quando o anticristo subir ao poder. Por pouco tempo ele dominará a terra toda, e todos se encurvarão ante a sua vontade. Por causa disso, tal como na Roma antiga, surgirá uma temível perseguição religiosa, a pior da história, segundo se aprende no sexto versículo deste capítulo, porquanto a «meretriz» ficará intoxicada com o sangue dos «santos», isto é, dos «crentes», conforme se vê por todo o

Apocalipse. Isso sucedeu historicamente. O Apocalipse foi escrito para os «mártires cristãos». Profeticamente, também se aplica a eles.

«Assim como Nínive e Tiro desviaram outros povos, forçando-os a cometer idolatria, agora será com Roma, a meretriz do Mediterrâneo, que seduzirá os «reis», juntamente com seus súditos, fazendo-os «beber» do «vinho» de sua «fornicação» (conf. 14:8, quanto a palavras similares); isto é, ela os seduzirá à adoração idólatra de si mesma e seu consorte, e besta, o que o vidente João compara com «fornicação» (comparar com Apo. 2:21; 9:21 e 14:8). (Rist, *in loc.*).

*Outras idéias sobre o segundo versículo:*

1. Os «reis» do tempo da antiga Roma tentaram influenciar Roma para seu autobenefício, no comércio, etc. À fim de receberem essas benéficas, foi mister se tornarem parte do sistema dela, chegando, finalmente, a aceitar seu culto religioso, o «culto ao imperador». Nos últimos dias será necessário aceitar o culto ao anticristo, até mesmo para comprar e vender. (Ver Apo. 13:17). Os crentes terão de valer-se do «câmbio negro», até mesmo para obter alimentos. Como conseguirão manter seus empregos e o suprimento de alimentos para as suas famílias?

2. Todas as nações compartilharam dos vícios e das imoralidades da Roma. O mundo inteiro seguirá o culto ao anticristo, e ficará saturado com sua perversidade. Muitas coisas temíveis sucederão àqueles que se recusarem a tal. Por conseguinte, o Apocalipse é o «manual dos mártires». Adverte, mas também consola a igreja sofredora, assegurando-lhe a vitória final em Cristo. Os capítulos dezessete e dezoito deste livro mostram que Roma será derrubada. Os capítulos dezoenove e vinte mostram que Satanás será derrotado. Os capítulos vigésimo primeiro e vigésimo segundo mostram que o bem, finalmente, haverá de triunfar.

3 καὶ ἀπῆνεγκέν με εἰς ἔρημον ἐν πνεύματι. καὶ εἶδον γυναῖκα καθήμενν ἐπὶ θηρίον κόκκινον, γέμον[τα] ὀνόματα βλασφημίας, ἔχων κεφαλὰς ἑπτὰ καὶ κέρατα δέκα.

3 γέμοντα... δέκα He 13:1 17:12

αἰματα 046 82 1006 al: γαμον ματων I 2059 al: εἰ| εχοντα NP| εχων A 1006 161 I 2059 2329 al: εχον 046 I 82 pm ε; R

17:3: Então ele me levou em espírito a um deserto; e vi uma mulher montada numa besta cor de escarlata, que estava cheia de nomes do blasfêmio, o que tinha sete cabeças e dez chifres.

...Transportou-me... Em visão mística, e não fisicamente, ainda que as palavras «no espírito» possam significar «estando em forma espiritual», e isso seria uma projeção do «psique» ou «alma», saindo do corpo. (Ver as notas expositivas em II Cor. 12:2,3 quanto a esse fenômeno. Alguns intérpretes, entretanto, discutem se aqui devemos entender «no espírito» ou

17. 3 γεμοντα ονοματα (γεμον τα ονομ. Hipp) N\*AP (2329); R] γεμον

«no Espírito». Na verdade, apesar dessa experiência ser causada pelo Espírito de Deus, provavelmente é uma experiência fora do corpo. (Comparar isso com Apo. 1:10 e 4:2, onde há algo similar, e onde se discute sobre as experiências místicas).

...a um deserto... Lugar desolado, laminto, sedento, habitação apropriada para uma meretriz horrenda. A esse lugar o anjo levou João. (Comparar com Apo. 21:10, onde se lê que ele foi levado a um «monte», a fim de ver a descida da Nova Jerusalém, vinda dos céus, como «Noiva de



Cristo»). Sem dúvida há um contraste entre o «monte» e o «deserto», como também a «Noiva» e a «meretriz», sendo possível que João tenha querido que entendêssemos esse vívido contraste.

«...montada numa besta escarlate...» Sem dúvida temos aqui a primeira besta, aquela saída do «mar». (Ver Apo. 13:1,2). Neste capítulo há um duplo simbolismo no termo «besta». Fala do império romano, mas também fala do «Nero redivo», como um indivíduo, que incorporará em si mesmo toda a maldade daquele império. Historicamente falando, foi essa besta antecipada como o anticristo, segundo vê em Apo. 13:3 e notadamente, em 17:10,11, mui claramente. Muitos cristãos criam que a reencarnação de Nero seria o anticristo. Outros continuam acreditando nisso, por causa dessa antiga crença, que é aludida no Apocalipse. Profeticamente falando, vemos aqui o próprio anticristo, que terá seu centro na cidade de Roma. (Ver as notas expositivas completas a seu respeito, em II Tes. 2:3). Ele é visto aqui como uma besta «escarlate» por haver morto aos «santos». Está manchado com o sangue deles. (Ver o sexto versículo deste capítulo). A meretriz montará sobre o imperador (historicamente), e sobre o anticristo (profeticamente), por ser ele o símbolo de todas as iniquidades de Roma. Portanto, há um vínculo bem próximo entre o poder do imperador e o culto idólatra à sua pessoa. Eles andarão como um cavalo e seu cavaleiro; mas não se tratará de um cavalo comum, e, sim, da horrenda besta do capítulo treze.

Alguns estudiosos crêem que, historicamente, a mulher sobre a besta simboliza a conexão entre a adoração à deusa «Roma» e o «culto ao imperador». Porém, parece mais certo ver aquela deusa e tal culto como a «mulher», ao passo que o imperador e tudo quanto ele representa, como a «besta», sobre a qual a mulher cavalga.

«...besta repleta de nomes de blasfêmia...» (Quanto às blasfêmias do anticristo, ver Apo. 13:5). Sua blasfêmia é essencialmente a usurpação da adoração a Deus para si mesmo, exigindo isso no culto ao imperador. A passagem de II Tes. 2:4, afirma: «...o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus...» Notemos que seus seguidores participarão de sua natureza, pelo que também serão blasfemados (ver Apo. 16:9,21). Ele e eles «blasfemarão» de Deus e lhe «difamarão» o nome, que é santo, juntamente com tudo quanto é santificado. E disso consistirá tal blasfêmia.

Em Apo. 13:1 vemos muitos «diademas» sobre a cabeça da besta, mas agora esses diademas não são mencionados.

«...com sete cabeças e dez chifres...» Já pudemos ver isso em Apo. 12:3 e 13:1, cujas notas expositivas nos oferecem completa interpretação. Em Apo. 17:9 vê-se a definição das «cabeças». São «sete montes», uma referência à cidade de Roma, em sua posição geográfica. Mas os «montes» também são «reis» (ver o décimo versículo deste capítulo); e esses são os reis «delicados» do império romano, que o vidente esperava que surgissem antes do «oitavo», o anticristo ou «Nero redivo», aparecer no palco do mundo. João esperava ver o fim pessoalmente, porquanto não antecipava um longo «império romano», e nem a já longa idade da graça, ou da igreja. Os «dez chifres» são «dez reis», de acordo com o décimo segundo versículo deste capítulo, e isso se aplica, profeticamente, à federação de dez reis encabeçada pelo anticristo. Historicamente falando, como é óbvio, isso se aplica aos poderes mundiais que apoiavam Roma. Isso envolveria, quicá, as províncias cujos governantes eram nomeados pelo senado romano, que podiam governar apenas por um ano (pouco tempo, segundo se vê no décimo segundo versículo). Mas outros eruditos supõem que esses reis

seriam sátrapas parfas, que se esperava acompanhassem o Nero redivo (que era tido e esperado como o anticristo, pelos cristãos primitivos), a fim de destruir a cidade de Roma (ver Apo. 17:18). Os quais só teriam poder porque acompanhariam a Nero em seu assédio. (Ver as notas expositivas em Apo. 17:13, quanto a amplas explanações sobre os «dez reis», com várias sugestões, além daquelas que são dadas aqui).

A «besta», por conseguinte, incorporará em sua própria pessoa tudo quanto simbolizava Roma, pelo que é equiparada com ela, tal como a besta se comporá de sete cabeças e dez chifres.

Os «deuses» do imperador são repudiados zombeteiramente por João. Suas sátiras contra eles, por fazerem parte da besta satânica, mostram que eles nada serão, exceto velucos para a meretriz. Assim sendo, longe de serem divinos, tais imperadores, no dizer de João, são apenas feras satânicas, que surgiram a fim de destruir tudo quanto é bom e hígido. E assim, em linguagem vívida e dramática, João adverte aos cristãos contra qualquer participação na idolatria romana.

«Roma fora adoradora das leis civis; mas o homem de Patmos descreve amargamente a cidade de Roma como a grande violadora das leis. E com intensa ironia descreve a grande cidade como uma meretriz, que deriva sua força de uma besta apaixonada e poderosa. Platão descreveu a boa vida, que consiste da participação na realidade das grandes e eternas idéias. Do alto e do após-vida é que vem esse grande poder. Mas Roma recebeu poder do que é sub-humano, abusando da vida humana. Um escritor esperto de certa feita escreveu uma história sobre um homem que viveu uma vida dupla. Era membro do grupo de jurisconsultos que traçavam as leis, mas também era um secreto e bem-sucedido violador das leis. Esse livro foi intitulado 'Lawmaker and Lawbreaker' ('Legislador e Transgressor da Lei'). Quando o grande legislador do mundo tornar-se no grande transgressor de tudo quanto é bom nas leis, a situação se tornará realmente uma tragédia profunda e dolorosa. Assim, pois, Roma tornou-se a cidade desregrada, sem lei». (Hough, in loc.).

#### Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. A cor «escarlate» que envolve a besta pode referir-se ao «sangue dos santos», que a manchava. Mas outros vêem nisso o luxo e as ostentações pretenciosas de Roma, civil ou religiosa.

2. O deserto fala do resequido estado espiritual de Roma pagã e seu culto. (Ver os comentários antes da exposição). Esse deserto também pode subentender «desolação iminente», devido ao juízo, o que é descrito nos capítulos dezessete e dezoito. Certamente não há nenhuma localização geográfica específica, como «Europa», «Itália», etc., conforme supõem alguns intérpretes. Alguns vêem aqui o «deserto» do mundo, o lugar onde a besta dominará. Mas, apesar disso não ser a aplicação primária do termo, é uma boa aplicação.

3. Os intérpretes da escola histórica, protestantes, muitos se esforçam por ver a Roma papal em todas essas descrições. Mas o significado transcende esta idéia grandemente.

4. A mulher e a besta são magníficas, esplendorosas em suas vestes e em seu poder, mas habitam no deserto. Isso se dá também com muitos «insensatos magníficos», que se gloriam nos valores da terra, mas habitam em um deserto espiritual.

5. «Nomes de blasfêmia», tal como em Apo. 13:1, exceto que ali esses nomes estão em suas cabeças. Muitas conjecturas têm sido apresentadas sobre o sentido de tais «nomes», e as notas expositivas em Apo. 13:1 dão um sumário das idéias. Os intérpretes protestantes vêem aqui os muitos títulos e honrarias que a Roma papal tem dado a si mesma. Mas sem dúvida não é isso que está aqui em pauta.

4 καὶ ἡ γυνὴ τὴν περιβεβλημένην πορφυροῦν καὶ κόκκινον, καὶ κεχρυσωμένην χρυσίῳ καὶ λίθῳ τιμίῳ καὶ μαργαρίταις, ἔχουσα ποτήριον χρυσοῦν ἐν τῇ χειρὶ αὐτῆς γέμον βδελυγμάτων καὶ τὰ ἀκάθαρτα τῆς πορνείας αὐτῆς<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> 4 (C) πορνείας αὐτῆς A 081 1 94 1008 1838 2020 2042 2085 2073 2081 2344 2432 2436 καὶ πορνείας (11<sup>a</sup> ed. do lat. vg syro<sup>6</sup> eth Tyconius Andrew & porneias τῆς γυν<sup>6</sup> 046 1011 1834 1850 2033 2138 syr<sup>6</sup> Hippolytus (Cyprus)

de Promissionibus: «Primaque» Arethas & πορνείας αὐτῆς καὶ τῆς γυν<sup>6</sup> N cup<sup>6</sup> & πορνείας αὐτ<sup>6</sup> & τῆς γυν<sup>6</sup> 1014

4 κεχρυσωμένη...μαργαρίταις Eas 26:13; Re 19:18. ἔχουσα...χειρὶ αὐτῆς Ir 51:7

4 γεμον γεμων N<sup>o</sup> 1006 1834<sup>a</sup> al<sup>1</sup> [βδελυγμάτων], R<sup>1</sup> |

αὐτῆς 2<sup>a</sup> A 051 1 1006 2039a pm vg & R] τῆς γυν<sup>6</sup> 046 8a 161a 2329 al<sup>2</sup>; αὐτῆς καὶ τῆς γυν<sup>6</sup> N co

Entre as várias formas πορνείας αὐτῆς parece ser a melhor confirmada, apoiada que é por A 1006 2344 vg sir (ph) al. A substituição de τῆς γυν<sup>6</sup> em lugar de αὐτῆς parece dever-se ao equívoco de um copista. O códex Sinaiticus apresenta a forma mesclada πορνείας αὐτῆς καὶ τῆς γυν<sup>6</sup> (cf. o saídico, «da fornicção dela como os da terra» e o boairico «...com toda a terra»).

17:4: A mulher estava vestida de púrpura e de escarlate, e adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas; e tinha na mão um cálice de ouro, cheio das abominações e da imundície da sua prostituição;

Essa meretriz não é uma decalda comum. Suas vestes eram caras e principescas, o que é simbolizado pelo púrpura e pela escarlate. Sua posição era «imperial». Além disso, estava adornada de «ouro e pedras preciosas», recoberta de pérolas. Isso quer dizer que ela será riquíssima. Seu comércio inlquo muito lhe renderá, e ela se enriqueceu com os presentes que lhe foram dados pelos reis. Ela cobrará caro por seus serviços, tornando-se, por assim dizer, a «superprostituta». Historicamente falando, João descrevia como Roma se enriquecera, sendo reconhecida como Senhora por toda a parte, extraindo das nações todas as riquezas que ela quis. Mas essa mulher riquíssima também é uma prostituta. Roma impunha às nações o seu culto idólatra, afastando-as de Deus. Conforme nos é sugerido por seu simbolismo, João pode ter tido em mente o preço elevado das prostitutas culturais. A sua renda sustentava o culto e pagava os salários daqueles que cuidavam da adoração nos templos, além de financiar

os reparos e a construção de outros templos. Mas para as próprias «meretrizes» ainda sobrava muito. Nos dias de Paulo, Corinto contava pelo menos com mil dessas «prostitutas culturais» profissionais, pelo que aquela cidade se tornara uma atração turística. Assim, João visualizava a própria Roma como uma daquelas luxuosas meretrizes culturais. João se espantou, horrorizado, ante a aparência da mulher. Era uma aparência imponente, mas ao mesmo tempo, asquerosa (ver o sexto versículo).

«...tendo na mão um cálice de ouro...» Seus súditos a serviam como se fora uma rainha. Esse detalhe pode ter sido tirado por empréstimo de Jer. 51:7, onde Babilônia aparece como um «cálice de ouro» nas mãos de Deus, cheia de vinho que deixava as nações alucinadas e bêbedas (comparar com Apo. 14:10 e notar o segundo versículo deste capítulo). Os reis e os habitantes da terra ficaram «intoxicados» com as fornicações dessa meretriz. (Ver também Apo. 14:8,10). Tem segura esse «cálice», mas o mesmo é um cálice de «cólera». Aquela que beberem do «cálice da meretriz» não poderão evitar, finalmente, o «cálice da ira de Deus».

«...abominações...» No grego é «bdelugma», palavra usada na Septuaginta para indicar todas as formas de impureza cerimonial,

sobretudo o que se relaciona a qualquer contacto com os ritos idólatras. Esse termo indica, em primeiro lugar, qualquer coisa «detestável», algo digno de repúdio e desdém. A forma verbal, «*bdelusso*», significa «fazer cheirar mau» ou «ser repelente». O anticristo será a «desgraça mau cheirosa» do mundo, um indivíduo detestável e repelente. O cálice idólatra (fornicação), brandido pela meretriz, está repleto de coisas detestáveis e fedorentas, todas as formas de imundícia. Portanto, aquela que é tão atrativa é mulher doentia e nojenta. É um esgoto de imundícia. Essa é a espécie de idéia que o vidente João desejava transmitir.

Este versículo pode ser confrontado com Dan. 11:31; 12:11; 9:27 e Mat. 24:15. Antiocho IV Epifânio e o anticristo (o antítipo daquele) são algumas dessas «abominações», dignas de serem repelidas. São atrativos em todo o seu esplendor e pompa. Eles fazem muitos favores a seus seguidores; em última análise, porém, são apenas prostitutos doentes e imundos. Assim é que João descrevia Roma, a Roma pagã e seu culto ao imperador. Trata-se de uma linguagem bastante vívida, cortante e impressionante, que deve ter servido de advertência eficaz para a igreja primitiva, a fim de não se envolver com a adoração à deusa «Roma» ou com o «culto ao imperador».

*Outras idéias sobre o quarto versículo:*

1. «Roma é aqui declarada luxuosa, licenciosa e azarrosa». Aqui, tal como no livro contemporâneo de IV Edras 3:2,29, sente-se ser um mistério que a

ὅ καὶ ἐπὶ τὸ μέτωπον αὐτῆς ὄνομα γεγραμμένον, μυστήριον, Βαβυλὼν ἡ μεγάλη, ἡ μήτηρ τῶν πορνῶν καὶ τῶν βδελυγμάτων τῆς γῆς.

μυστήριον, a minor: RSV NRS TT & a dash, a μυστήριον, a exclamation and dash: Jer & a minor, a Μυστήριον, a minor: TR AV RV ASV

ς (γεγρ., μυστηρ.) γεγρ. μυστ. R<sup>m</sup>: γεγρ., Μυστ. ε R<sup>1</sup>) | πορνῶν (πορνῶν 046 pm ε; R: πόρνων 2053 al) KAP ι ρ]

πορνῶν lat Prim

17:3; e na sua frente estava escrito um nome simbólico: A grande Babilônia, a mãe das prostituições e das abominações da terra.

«...na sua frente...» Temos aqui uma marca identificadora, tal como no caso dos adoradores da besta (ver Apo. 13:16), ou no caso dos adoradores do Cordeiro (ver Apo. 7:3). A besta blasfema tem «nomes» de sua perversão sobre as suas cabeças (ver Apo. 13:1); e isso também serve para indicar uma imensa perversão. Não nos é dito o que está escrito sobre as cabeças da besta, mas João informa sobre o que está escrito na testa da meretriz, sem faltar nenhuma letra. Em Roma era costume «marcar» as prostitutas, com um nome na marca, a fim de «rotulá-las». As prostitutas traziam rótulos na testa, para serem identificadas. (Ver Sêneca, Contr. 1.2 e Juv. 6.112 e ss.). Essas marcas identificadoras também têm sido feitas em tempos modernos, como os alemães marcaram suas vítimas, ao tempo de Hitler. Até mesmo as meretrizes eram marcadas por eles, e elas se tornavam virtuais escravas da soldadesca. Seja como for, toda a prostituta é reconhecida pelos seus modos e por seus trajes. A pior meretriz de todas fica bem identificada nesta visão.

«...mistério...» Nas páginas do N.T., um «mistério» é uma verdade antes oculta nos conselhos divinos, mas que agora foi revelada. É um «segredo desvendado». Contudo, não pode ser desvendado pela mera investigação humana. Só a revelação divina pode esclarecer um desses mistérios, e o presente contexto o demonstra. (Ver Efé. 3:4, em suas notas expositivas, quanto a uma discussão sobre a definição neotestamentária de «mistério». Quanto a uma lista e uma breve discussão dos mistérios do N.T., ver Mat. 13:13 e Rom. 11:25). João nos revela, como que por iluminação divina, a imensa depravação de Roma e seu «culto ao imperador». O uso da palavra «mistério», neste ponto, nos permite entender que devemos buscar um significado espiritual oculto, na descrição que se segue. Devemos não esquecer que «Babilônia» é Roma, e compreender que sua idolatria é imoralidade espiritual, e que, considerada do ponto de vista espiritual, Roma é uma abominação diante de Deus, embora, aos olhos do mundo, pareça uma rainha adornada de jóias caríssimas.

«...Babilônia...» Isto é, «Roma», segundo se vê nas considerações esboçadas em Apo. 14:8. Em Roma se vê o reavivamento do sistema ímpio originalmente criado na antiga Babilônia. (Ver as notas expositivas quanto à introdução ao primeiro versículo deste capítulo, a esse respeito).

«...a grande...» Por ser vasta, tendo o mundo inteiro sob os seus pés, levando todas as nações do mundo a adorarem perante seus altares. Aqui

ὅ καὶ εἶδον τὴν γυναῖκα μεθύουσαν ἐκ τοῦ αἵματος Ἰησοῦ. Καὶ ἐθαύμασα ἰδὼν αὐτὴν θαῦμα μέγα.

17:6; e vi que a mulher estava embriagada com o sangue das santas e com o sangue dos mártires de Jesus. Quando a vi, maravilhei-me com grande admiração.

«...vi...» Em visão mística. (Ver as notas expositivas sobre isso em Apo. 1:10).

«...mulher...» Roma, a meretriz. (Ver as notas expositivas no primeiro versículo deste capítulo).

«...embriagada...» Houve dois grandes pecados praticados pela Roma pagã, nos tempos do vidente João. O primeiro era a sua idolatria, sua fornicação espiritual, o tema da passagem imediatamente anterior. (Ver Apo. 17:1-5). Em segundo lugar, Roma martirizava um grande número de cristãos, por se recusarem a prestar culto ao imperador. Esse grande pecado é aqui frisado; e a linguagem simbólica usada é a de uma meretriz embriagada com o sangue dos mártires, que ela sorvera. E o resultado natural é que a meretriz embriagada haveria de querer mais e mais sangue, porquanto assim agem os embriagados. João escreveu este livro para consolar e fortalecer aos mártires em potencial. Escreveu para a igreja cristã. Portanto, somos forçados a interpretar o livro como de aplicação histórica primária à igreja primitiva. Porque, quando o interpretamos profeticamente, temos de aplicar suas predições a outro povo, que não os

prosperidade e a permanência pertenciam a um estado que apregoa sua impiedade e opressão não apenas desfrutando, mas também propagando os seus vícios» (Moffatt, in loc.).

2. Conforme fazem acerca de toda a passagem, os intérpretes protestantes vêm aqui a Roma papal, com todo o seu luxo.

3. O «cálice» é um símbolo de «comunhão». A meretriz propaga a comunhão em torno da imundícia e do debocho. Alguns estudiosos chegam a pensar que se trata do cálice da «transubstanciação» romanista; mas certamente isso está longe da verdade.

4. Algumas prostitutas dão bebidas fortes a seus amantes, ou até mesmo drogas, a fim de arrancar deles o que querem, sobretudo o dinheiro. Talvez haja algo dessa idéia nesse símbolo. É certo, pelo menos, que os homens ficarão intoxicados e totalmente dominados sob o controle da meretriz.

5. «A aparência dela era alegre e afetada. Ali havia todos os atrativos das honras, das riquezas, da pompa, do orgulho mundano, próprias para atrair mentes mundanas e sensuais» (Matthew Henry, in loc.).

*Variante Textual:* A «fornicação dela» é a forma que aparece nos mss A, 1006, 2344, na Vg, no Siph). A «fornicação da terra» é a forma que aparece em vários manuscritos insignificantes, evidentemente uma influência com base no quinto versículo, «abominações da terra». Os mss Aleph tem um texto composto, «fornicação dela e da terra»; e o salcico diz «da fornicção dela com aqueles da terra». O boário diz «com toda a terra». Mas a primeira forma certamente é a original. As outras formas representam equívocos e adornos escribaís.

\*\*\* S a minor, a μυστήριον, a minor: WH Box Nst B<sup>1</sup> RV<sup>m</sup> ASV<sup>m</sup> Zür Luth. Ser. S<sup>1</sup> com.

temos a cidade de Roma, com sua adoração à «Dea Roma» e seu «culto ao imperador».

«...a mãe das meretrizes...» Ela mesma é uma prostituta, o que se vê claramente nos versículos primeiro e segundo. De fato, é a maior de todas elas, aquela que faz o maior número de vítimas. Em seus «adultérios» ela produz muitas filhas, as quais, por sua vez, nascem com as mesmas inclinações dela, e seguem a sua mesma «profissão». Espiritualmente falando, isso significa que Roma tornou-se a influência que causou muitas seitas, nações, sociedades e povos se voltarem para a idolatria, especificamente, para se unirem ao culto ao imperador e à adoração à «Dea Roma». Na Ásia Menor, onde o «culto ao imperador» era seguido com tanto zelo, o que fora incorporado à adoração em inúmeros templos pagãos, os cristãos certamente entenderiam a sugestão de João.

Essa Dea Roma e o «culto ao imperador» podem ser comparados com a «Magna Mater», a Grande Mãe dos Deuses, representada como uma deusa pura e casta, na Ásia Menor, a qual, desde o ano 204 A.C. vinha sendo adorada em Roma e cercanias. A deusa Roma mostrara o que a idolatria realmente é, a despeito dos nomes e tradições por ela patrocinados.

«...e das abominações da terra...» Com freqüência, a própria idolatria, nos escritos judaicos, é chamada «abominação» e é isso, essencialmente, que se deve compreender aqui. (Ver as notas expositivas sobre essa palavra, no quarto versículo deste capítulo). O cálice de ouro, que a meretriz exhibe, está repleto de abominações e imundícias.

*Outras idéias sobre o quinto versículo:*

1. Uma comum interpretação protestante diz que a meretriz é a «Roma papal», e que suas filhas imundas são as denominações protestantes apóstatas. O culto final, ao redor do anticristo, sem dúvida enganará a muitos cristãos de todas as denominações; mas os crentes fiéis se afastarão disso e existirão subterraneamente; e haverá certa unidade nesse movimento subterrâneo, pela sua muralha dogmática ruirão por terra, ficando de pé tão-somente a verdade bíblica. Porém, a meretriz e suas filhas envolvem mais que as denominações cristãs apóstatas. O movimento incorporará religiões orientais e não-cristãs. O trecho de Apo. 18:4 lança o apelo à separação, para que os crentes nada tenham a ver com o culto ao anticristo, sem importar suas vinculações. Essa é a aplicação profética. Historicamente, João estava convocando os cristãos autênticos a não se misturarem com o culto ao imperador, algo inteiramente não-cristão.

2. Que horrenda responsabilidade é a daqueles que são maus, que treinam outros à maldade, ou que os influenciam à depravação!

τῶν ἁγίων καὶ ἐκ τοῦ αἵματος τῶν μαρτύρων

6 Ro 19:24, 10:3

crentes dos últimos dias? (Ver as notas expositivas na introdução a Apo. 4:1, sobre a «questão do arrebatamento»). É evidente que a igreja atravessará a tribulação, se é que o Apocalipse diz a verdade.

«...o sangue das santas...» Esses são os cristãos, os «santos» do N.T. (Ver também Apo. 8:3,4; 11:18; 13:7,10; 14:12; 15:3; 16:6; 17:6; 18:24; 19:8; 20:9). Assim, a «igreja» está bem presente nas predições deste livro, até mesmo nos capítulos quarto a décimo nono e não ausente, conforme alguns supõem. (Ver Rom. 1:7, em suas notas expositivas, no tocante ao termo «santos», que se aplica aos cristãos). Esse é um termo moral, que salienta a «santificação» dos crentes. Sem a santificação ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:4). A santificação é algo necessário à salvação (ver 11 Tes. 2:13). A conversão será falsa, se não for acompanhada da santificação.

«...testemunhas de Jesus...» Essas são as «testemunhas mártires» deste livro, que são tão exaltadas. (Ver as descrições sobre elas, nos capítulos sete e catorze). As «testemunhas» que João descreveu originalmente eram os cristãos que sofriam nos primeiros anos do estabelecimento da igreja cristã. Profeticamente, isso aponta para os «cristãos» que sofrerão sob o anticristo. Creemos que ele já vive à face da terra. Teremos de enfrentá-lo e certamente nossos filhos terão de enfrentá-lo. Terão de ser crentes melhores do que nós,

a fim de resistirem à prova.

«...admirei-me com grande espanto...» Não se deve pensar aqui que João manifestou «admiração» pela meretriz, por causa do esplendor dela, apesar de suas inclinações naturais. Tal declaração significa apenas que ele foi muito surpreendido, e que sua mente ficou atônita ante o espetáculo, não podendo entender o que ela significaria. O versículo seguinte mostra que ele precisou receber explicações sobre a meretriz.

*Outras idéias sobre o sexto versículo:*

1. Talvez esteja particularmente em foco a perseguição nardônica, descrita tão vividamente por Tácito (*Anais* xv.44). Profeticamente, a maior perseguição religiosa de todos os tempos, promovida pelo anticristo está em foco.

2. O conceito de uma nação embriagada de sangue é bastante comum na literatura antiga. (Ver João. *Guerras dos Judeus* v.8.2, acerca dos enfatuados compatriotas seus, cercados pelos romanos; ver Eurípides, preservado em *Philo. leib. Alleg.* iii.71; em Cic. *Phil.* ii.29; em Suetônio, *Tib.* 69; em Plínio, *História Natural* xiv. 22,29; ver também Jer. 46:10).

3. A meretriz e suas filhas são a antítese mesma da moralidade. Mas na igreja de hoje, a atmosfera cultural da Babilônia é destacada. As melodias dos clubes noturnos transformam-se em «hinos evangélicos». São usadas expressões mundanas, e a fé cristã se degrada em face dessa irreverência e pouco caso.

**XI. As Sete Visões da Queda de Babilônia (17:1- 19:10).**

2. Natureza da meretriz e da besta (17:8b-18).

Os comentários sobre o sexto versículo nos provêm parte dessa descrição. Agora temos a continuação da mesma descrição. O anjo explica o sentido da visão. Há estudiosos que se queixam dizendo que as descrições desse anjo ainda são mais complicadas que a cena que deixou confuso o vidente João. Mas, com a ajuda da antiga tradição cristã e de outra literatura, dali conseguimos tirar algum sentido, pelo menos historicamente.

7 καὶ εἶπέν μοι ὁ ἄγγελος, Διὰ τί θαυμάσας; ἐγὼ ἐρῶ σοι τὸ μυστήριον τῆς γυναικὸς καὶ τοῦ θηρίου τοῦ βαστάζοντος αὐτήν, τοῦ ἔχοντος τὰς ἑπτὰ κεφαλὰς καὶ τὰ δέκα κέρατα.

17:7: Ao que o anjo me disse: Por que te admiraste? Eu te direi o mistério da mulher, e da besta que a leva, a qual tem sete cabeças e dez chifres.

O anjo veio aliviar a perplexidade e surpresa de João, a sua admiração. Ele estava atônito pelo que vira, e não sabia o que seria. Sua admiração, conforme se vê aqui, se devia essencialmente à sua incapacidade de compreender o que seria, pelo que o anjo faz aqui o papel de intérprete.

«...mistério...» Isso é explicado nos comentários sobre o quinto versículo, com referências a outros «mistérios» e definições que aparecem no N.T.

«...mulher...» Essa é a «meretriz», que representa o império romano e seu «culto ao imperador». (Ver o primeiro versículo). Alguns estudiosos pensam estar em foco a cidade de Roma (ver o décimo oitavo versículo), em contraste com o império romano em geral, porquanto há certa distinção entre a besta e a mulher; e no décimo sexto versículo a besta vem a odiar e a destruir a mulher. As notas introdutórias ao presente capítulo procuram explicar por que e como os capítulos dezessete e dezoito parecem expor, por assim dizer, duas Romas ou Babilônias diferentes. Historicamente é fácil explicar isso. A lenda que Nero (ressurreto ou reencarnado) retornaria do exílio, à testa de um exército paria, a fim de destruir Roma (essencialmente a cidade desse nome; ver o décimo oitavo versículo) indica a besta a atacar-se contra a meretriz. Profeticamente, porém, o problema se torna mais difícil. Não se pode identificar a meretriz com qualquer denominação cristã apóstata em particular; mas mui provavelmente a cristandade apóstata se misturará com o movimento em torno do anticristo, identificando-se com a meretriz. Profeticamente, porém, o problema se torna mais difícil. Não se pode identificar a meretriz com qualquer denominação cristã apóstata em particular; mas mui provavelmente a cristandade apóstata se misturará com o movimento em torno do anticristo, identificando-se com a meretriz. O anticristo haverá de destruir certa porção desse culto, aquilo que cair em seu desfavor; mas, em linhas gerais, ele haverá de preservar seu culto, ao invés de destruí-lo. Os acontecimentos propriamente ditos, entretanto, deixarão claras todas essas questões.

«...besta...» A primeira besta, o «monstro saldo do mar» (ver Apo. 13:1,2) que é o mesmo anticristo (ver II Tes. 2:3) onde há notas expositivas completas a respeito).

«...sete cabeças...» Esses seriam os imperadores romanos que, segundo João pensava, fechariam o ciclo do império, antes da sua destruição. (Ver as notas expositivas completas sobre essas sete cabeças, em Apo. 12:3).

8 τὸ θηρίον ὃ εἶδες ἦν καὶ οὐκ ἔστιν, καὶ μέλλει ἀναβαίνειν ἐκ τῆς ἀβύσσου, καὶ εἰς ἀπώλειαν ὑπάγει<sup>1</sup>. καὶ θαυμασθήσονται οἱ κατοικοῦντες ἐπὶ τῆς γῆς, ὧν οὐ γέγραπται τὸ ὄνομα ἐπὶ τὸ βιβλίον τῆς ζωῆς ἀπὸ καταβολῆς κόσμου, βλέπόντων τὸ θηρίον ὅτι ἦν καὶ οὐκ ἔστιν καὶ παρῆσται.

<sup>1</sup> 8 [C] ὑπάγει (A 1611 2053 1547 clem div. 4 lat vg syrh copm boi eith? Irenaeus Hippolytus Primianus Andrew Ps-Ambrose Arethas J

4. Essas palavras podem ser confrontadas com Apo. 12:6,6, onde aparece a mulher no deserto, que deu à luz a um «menino». Alguns intérpretes vêem nisso um quadro paralelo. Supõem que a «igreja» é a mulher tanto do décimo segundo capítulo como deste capítulo; assim, a igreja fiel dali é vista como a igreja apóstata daqui. Porém, visto que o vidente João escreveu sobre o «culto ao imperador» (Roma e sua idolatria), ao descrevê-la como a meretriz, não estava falando da igreja em nenhum sentido. Essas passagens só podem ser paralelas verbalmente, mesmo que pensássemos que a mulher do décimo segundo capítulo é a igreja. Na realidade, aquela mulher é a nação de Israel, o seu «menino» é Cristo; e a igreja nem está em foco naquela cena. Por igual modo, a igreja não está em foco aqui, e, sim, o culto ao anticristo, embora isso venha a incorporar supostos elementos cristãos.

6. «Os agrii (santos)... mártires cristãos. Esses não se contaminarão como os demais homens; mas sua pureza será conquistada ao preço da vida deles» (Moffatt, *in loc.*).

6. Os visitantes da cidade de Roma, ao falarem com certo papa, eram por ele instruídos que se queriam relíquias de Roma, bastava tomar um pouco da areia do Coliseu, porquanto tal areia estaria empapada do sangue dos mártires.

7. Um poder cruel intoxicará aqueles que o brandirem. Há quem sinta um prazer sádico no sofrimento alheio. A perseguição da igreja cristã é ao mesmo tempo longa e terrível. Basta-nos ler o *Livro dos Mártires*, de Fox. Sabe-se de um pregador que, considerando a história dos mártires, disse: «A igreja cristã tem pago, não com dinheiro, mas com sangue».

Também pertencem a Satanás, porquanto o diabo governará por meio de seu falso cristo. O trecho de Apo. 13:1 mostra-nos que o anticristo terá essas sete cabeças. Ele será a culminação do governo dos imperadores romanos, incorporando em si mesmo toda a maldade deles.

«...dez chifres...» Isso também é explicado em Apo. 12:3, reiterado em Apo. 13:1. Os versículos nove, dez e doze deste capítulo nos fornecem as interpretações emanadas diretamente do anjo. Historicamente falando, esses chifres eram os «reis das províncias romanas», que apoiavam ao imperador. Mas alguns estudiosos pensam que esses são iguais aos imperadores, e que os dez se tornariam em sete mediante a eliminação de três deles. Galba, Oto e Vitélio, porquanto seu reinado foi muito breve, eram usurpadores, e foram governantes insignificantes. Isso é impossível quando consideramos o décimo segundo versículo, onde é evidente que os dez serão governantes contemporâneos com a besta, apoiando sua autoridade, embora por pouco tempo, ao invés de serem governantes romanos sucessivos, antes do advento do anticristo. Ver o primeiro versículo deste capítulo, sob «Outras Idéias», ponto dois, para uma identificação tentativa das dez nações da federação do anticristo dos últimos dias.

«...leva a mulher...» Ela é vista «montada» sobre o monstro (ver o terceiro versículo). O império romano e seu culto estão intimamente associados ao imperador (à besta), tal como um cavaleiro está associado ao seu cavalo.

*Outras idéias sobre o sétimo versículo:*

1. A meretriz é a cidade (ver o décimo oitavo versículo), mas talvez reputada como representante do império inteiro, que sofreria o açoitio do Nero reencarnado, quando retornaria com tropas parias para destruir a cidade. Supõe-se que a lenda que ensinava isso também indicava que ele destruiria o império até certo ponto, e não apenas a cidade.

2. É possível que o sentido original da «besta» fosse o império romano; e esse seria a mensagem geral de Apo. 13:1,2. O trecho da Apo. 17:3, naturalmente, mostra que o império está em foco, com o uso deste símbolo. Nero, em Apo. 17:11-17, a besta é o imperador apenas, a saber, o anticristo, o «Nero redivo». Esse uso duplo do símbolo pode confundir-nos. Nero, possuído pelos demônios, que se levantaria do próprio hades, reencarnado, dirigiria as parias contra Roma, a meretriz.

ὕπαγειν N P 046 051 1 94 1086 1428 1854 2021 2043 2063 2073 2081 2138 2433 ayr<sup>h</sup> arm Hippolytus Tyronius Andrew<sup>h</sup> 10<sup>h</sup> 11<sup>h</sup> Beatus

8 τὸ θηρίον...ἀβύσσου Dn 7:3; Ra 11:7; 13:1 τὸ βιβλίον τῆς ζωῆς Ka 32:32, 33; Pa 69:28; Da 12:1; Pp 4:3; Re 3:5; 13:9; 20:12, 15; 21:27

| το ὄνομα A 046 82 1006 al; R | τα ὀνόματα KP 1 1611 2059 2329 pm lat bo c | και παρισται] και παρσστιν K<sup>c</sup> 1 20591 al; καιειρα δστιν (sic) c; om vg

Ortograficamente falando, ὑπάγει (A 1611 2053 al) difere pouquíssimo de ὑπάγειν (N P 046 051 1006 1854 al), pois nos manuscritos gregos o ν final com freqüência é representado apenas por um traço horizontal sobre a letra anterior. No contexto, o presente do indicativo é a forma mais difícil, que copistas se inclinariam por alterar para o infinitivo, após μέλλει.

17:8: A besta que visto era o j não é; todavia está para subir do abismo, e vai-se para a perdição; e os que habitam sobre a terra e cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde a fundação do mundo se admirarão, quando virem a besta que era o j não é, e que tornará a vir.

Já pudemos ver todos os elementos deste versículo, pelo que as notas

expositivas em outros lugares devem ser lidas, para melhor entendermos o que está envolvido aqui, a saber:

1. A besta (ver Apo. 13:1,2 e 17:3).

2. Era e não é—palavras que aludem à tradição do Nero redivo. Nero «era», mas morreu. Todavia, voltaria. (Ver Apo. 13:3). Uma das cabeças da



«besta» (neste caso, o império, e não apenas um indivíduo), foi ferida mortalmente; mas a sua ferida mortal foi curada.

3. A besta emergirá do abismo, do *hades*. Já vimos isso em Apo. 11:7. Ser-lhe-á dado poder para sair de sua prisão tenebrosa e retornar à terra. Isso dá a idéia que o anticristo será alguém satanicamente controlado, possuído por ele, a encarnação mesma de Satanás, tal como Jesus Cristo é a encarnação do «Logos» eterno.

4. Ele se encaminha para a destruição. (Ver II Tes. 2:8; Apo. 14:14 e ss.; 16:13 e ss. e os capítulos 17 e 18—as sete visões sobre a destruição de Roma; Apo. 19:11 e ss., especialmente o vigésimo versículo). Essa destruição será física e terrena, mas também eterna, o julgamento da eternidade, o que fica demonstrado em Apo. 19:20. (Ver também Apo. 14:11 acerca do julgamento).

5. Os seguidores da besta não têm seus nomes escritos no livro da vida. (Ver Apo. 3:5 quanto ao «livro da vida», onde se comenta sobre a possibilidade de alguém ter seu nome dali apodado. Ver Apo. 13:8 quanto a uma expressão paralela, até mesmo em sentido, apontando para os habitantes da terra cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro).

6. Desde a fundação do mundo. Isso também figura em Apo. 13:8; mas é provável que ali a expressão seja usada para referir-se ao «Cordeiro que foi morto»: nos propósitos divinos, «desde a eternidade passada». Alguns intérpretes, porém, pensam que ali também há alusão ao fato de nomes «não escritos no livro da vida». Em outras palavras, tais nomes nunca seriam ali escritos. Essa expressão, é claro, sugere a idéia da «predestinação», para a destruição, por tratar-se de expressão altamente determinista. Rejeitamos, contudo, as idéias da «reprovação ativa» e da «reprovação passiva», até onde vai essa expressão. O judaísmo, entretanto, continha tais elementos em sua teologia. (Ver Rom. 9:13 em suas notas expositivas sobre o «voluntarismo», e 9:16-18,20, sobre a «reprovação»). Cristo foi «conhecido de antemão» desde «antes da fundação do mundo» (ver I Ped. 1:2). Ele sofreu «desde a fundação do mundo». Todos esses casos sugerem a «predestinação», porquanto os eventos, por assim dizer, foram determinados antes da existência do homem, ou desde os primórdios mesmos da terra, ou mesmo antes de qualquer criação.

7. Aqueles... se admirarão—Os ímpios habitantes da terra se «admirarão após a besta», porquanto ele era (antes vivia), não é mais (foi morto), e, no entanto, será, ou seja, ressuscitará; melhor ainda, se reencarnará, emergindo do abismo ou *hades*, onde estivera entre os espíritos dos mortos. Essa admiração, prestada pelos habitantes da terra, já fora averiguada em Apo. 13:3,4; e este último versículo mostra que essa admiração se transmutará em «adoração». Haverão de seguir ao anticristo, com um senso de realização, aceitando, sem qualquer qualificação, a sua «grande mentira» (ver II Tes. 2:11).

8. Era e não é e está para emergir—uma alusão direta ao «Nero redivivo».

9 ὁδὲ ὁ νοῦς ὁ ἔχων σοφίαν. αἱ ἑπτὰ κεφαλαὶ ἑπτὰ ὄρη εἰσὶν, ὅπου ἡ γυνὴ κάθηται ἐπ' αὐτῶν.<sup>a</sup>  
 «καὶ βασιλεῖς ἑπτὰ εἰσιν.»

<sup>a</sup> 9-10 é maior, é menor: WH Bov AV RV ASV RSV NRB Jer Seg <sup>a</sup> é menor, é maior: TR Nes BP<sup>a</sup> TT Zur Luth

<sup>a</sup> 9-10 e no number, e number 10: TR<sup>a</sup> WH Bov Nes BP<sup>a</sup> TT Zur Luth Seg<sup>a</sup> é e number 10, e no number: TR<sup>a</sup> AV RV ASV RSV NRB Jer Seg<sup>a</sup>

17:9: Aqui está o monte que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada;

«...o sentido, que tem sabedoria...» O anjo nos dá agora o «sentido espiritual», em símbolos enigmáticos. Preferiu não dizer abertamente: «Essa é Roma». Não queria ofender às autoridades romanas, que poderiam intensificar a perseguição; e, por essa razão, falou em código. O «homem espiritualmente conduzido», que recebe «sabedoria espiritual», entenderá esse código. Há uma mente (no grego, «nous») que possuirá sabedoria espiritual. A «nous» é o órgão da percepção mental, a faculdade intelectual do entendimento (ver Luc. 24:45). Essa é a faculdade do «raciocínio», no homem (ver Rom. 1:28 e Efé. 4:17); e é também o poder do julgamento ou decisão (ver II Tes. 2:2) ou modo de pensar, a consciência moral, com seus pensamentos, sentimentos e propósitos (ver Rom. 14:5 e I Cor. 1:10). Por causa deste último uso possível, alguns estudiosos traduzem a palavra grega «nous», que aparece aqui, por «sentido», «significação».

O que o autor sagrado parece querer dizer é que ninguém poderá compreender a verdade sobre a besta e a mulher, a menos que receba «sabedoria», para que entenda —essa língua enigmática. (Ver a «sabedoria divina», conferida aos homens pela iluminação, em Efé. 1:17). A tradução inglesa RSV diz aqui: «Isso exige uma mente dotada de sabedoria». Somente assim seria entendida a mensagem enigmática.

«...as sete cabeças são sete montes...» João explica claramente qual o meio ambiente geográfico de Roma, a «cidade das sete colinas». Isso, naturalmente, é prova absoluta, se precisássemos de qualquer prova, de que a «Babilônia» do quinto versículo é, na realidade, um nome em código para «Roma». Neste capítulo, a «mulher» é identificada com Roma, e, portanto, é uma cidade (ver o décimo oitavo versículo). Mas logo em seguida isso se amplia para abarcar os «sete reis» ou imperadores romanos; pelo que, indiretamente, está em foco o império romano inteiro. «A natureza plástica do simbolismo agora permite que João identifique as cabeças da besta com a capital do império». (Rist, *in loc.*)

Os intérpretes que negam a identificação com «Roma», neste ponto, supõem que não há qualquer alusão «local», e que estão em foco, simbolicamente, os princípios de grandiosidade e de ambição mundanas. Esses intérpretes salientam que outras cidades existem edificadas sobre sete colinas, como Constantinopla, Bruxelas e Jerusalém. Mas tudo isso deve ser

uma tradição antiga, conforme se vê acima. (Isso é amplamente comentado em Apo. 13:3). Seu ferimento mortal será curado. Estando morto, habitou no *hades*, tendo-lhe sido necessário ascender dali, tomando outro corpo físico. Uma vez feito isso, ele lideraria os partas contra o império romano, especificamente contra a cidade de Roma. Profeticamente, isso indicaria que Nero seria o anticristo reencarnado; e diversos expositores, até hoje, crêem que isso será uma verdade. Outros supõem que haverá somente a necessidade do anticristo encarnar o «espírito de Deus e da Impia Roma», o que é possível, naturalmente. Seja como for, ele terá por centro a cidade literal de Roma (como também Jerusalém), mas o campo de suas atividades será o mundo inteiro. Creemos que o anticristo já está vivo. Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era», onde se busca consubstanciar essa crença.

#### Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. Talvez haja um certo contraste tencionado, entre Deus — «que era, que é e que virá» (ver Apo. 4:8) — e o Cordeiro — «o primeiro e o último», o «princípio e o fim», o «Alfa e o Ômega» (ver Apo. 22:13) por um lado, e a besta, por outro lado, a qual tem uma história infame, que «era, não é mais, mas voltará».

2. Neste ponto, a besta é Nero, um dos imperadores romanos. Mas é igualmente o império inteiro (ver Apo. 17:3; 13:1,2). É empregado um duplo simbolismo. Nero fala profeticamente do anticristo que ainda virá. Ele é o antítipo infernal de Cristo, o cristão de Satanás, que também ascendeu do *hades*, do mundo dos espíritos (ver I Ped. 3:18-20 e 4:6, em suas notas expositivas).

3. O presente versículo é, essencialmente, a duplicação de Apo. 13:8).

4. Quando o Apocalipse foi escrito, o imperador era Domiciano. Naquela época ele promovia amarguíssima perseguição contra os cristãos. Era apelidado de «segundo Nero». Mas João esperava manifestações satânicas ainda mais terríveis, pensando que Nero se reencarnaria e promoveria a pior de todas as perseguições.

5. Aqueles que pensam que a besta é o «reino latino», dando a tudo uma interpretação histórica, supõem que a expressão «era, não é, e será» alude a várias etapas da história de Roma, aludindo ao aparecimento de uma nova Roma. Os intérpretes protestantes pensam que o surgimento do «cristianismo apóstata» cumprirá o aspecto ainda futuro dessa predição. Mas essa interpretação está inteiramente fora do centro, no que tange ao sentido deste versículo. O «era» supostamente se referiria à antiga Roma pagã; o «não é» seria a destruição das nações vizinhas; e o «será» aludiria ao seu ressuscitamento, na Roma papal.

6. O monstro é tão horrendo que será capaz de escapar até mesmo da morte, retornando a fim de fazer maior número de vítimas. Ele imitará a ressurreição de Cristo, mas visando o mal, e não o bem.

7. Outras interpretações protestantes também existem. O «era» seria a Roma papal; o «não é» seria a Roma pagã, ao converter-se ao cristianismo, nos dias de Constantino. O «subir do abismo» seria a entrada dos poderes satânicos no cristianismo, tornando-o idólatra, ou então seria o aparecimento da Igreja Católica Romana. Nesse surgimento do paganismo, dentro da cristandade, a antiga Roma pagã viveria novamente; e isso seria vinculado às palavras «mas aparecerá».

rejeitado por qualquer estudioso sério, não merecendo nossa atenção. O Apocalipse foi escrito a fim de consolar e fortalecer aos mártires em potencial, que até mesmo então sofriam sob o império romano em particular, por causa do imperador romano, Domiciano. Portanto, somente Roma pode estar em foco. Temos aqui uma alusão geográfica literal. Portanto, não há aqui referência às «ordens políticas do mundo», como se seu assentar-se sobre «sete montes» indicasse apenas um domínio «total». Nada tão nebuloso poderia estar em foco, em um livro que atacava, especificamente, a cidade e o império de Roma.

Roma, a cidade de «sete colinas». Essa é uma referência clássica a essa cidade. (Ver Hor. *Carm.* seção 7; Virgílio, *Eneida* vi.782; Marcial, iv.64; Clécio, *Ad Alt.* vi.5; *Propertius* iii.10).

«...mulher...» (Ver as notas expositivas a respeito em Apo. 17:1,7).

«...as sete cabeças sete reis...» Em outras palavras, sete imperadores romanos, e não «sete reinos mundiais», conforme supõem alguns. O décimo versículo deste capítulo deixa isso claro. São imperadores, que João conhecia por conhecimento da história, por sua experiência presente, ou por antecipação.

#### Outras notas sobre o nono versículo:

1. A sabedoria que dá entendimento vem através da revelação divina. As percepções humanas são úteis para a vida neste mundo; mas de modo algum são úteis para o descobrimento de Deus e da vida eterna. (Ver Efé. 1:17 quanto à iluminação que conduz à «sabedoria»).

2. As moedas dos tempos de Vespasiano pintavam Roma como uma mulher assentada sobre sete colinas.

3. Os governantes são grandes montes poderosos que dominam os homens. Pode haver referência ou alusão aos «sete impérios mundiais» neste ponto, representados pelos imperadores romanos; mas isso não seria a interpretação direta do versículo.

4. Assim como a cidade de Roma fora erigida sobre sete colinas, assim os imperadores romanos se assentariam sobre o mundo inteiro e o dominariam.

5. Os reis: a. Alguns pensam que temos aqui alusão a sucessivos e literais imperadores romanos. b. Seriam reis contemporâneos que ajudariam à besta, pelo que seriam governadores de províncias. c. Há quem pense em reinos mundiais. d. Alguns pensam que isso simboliza o poder mundial, coletivamente considerado. e. Seriam formas sucessivas de governo, em Roma. A primeira dessas interpretações é exigida pela mensagem dos versículos décimo e décimo primeiro.

10 οἱ πέντε ἔπεσαν, ὁ εἷς ἐστίν, ὁ ἄλλος οὕτως ἦλθεν, καὶ ὅταν ἔλθῃ ὀλίγον αὐτὸν δεῖ μέναι.

<sup>a</sup> 10-11 é maior, é menor: TR WH<sup>a</sup> Bov Nes BP<sup>a</sup> AV RV ASV RSV NRB TT Zur Luth Jer Seg<sup>a</sup> é menor, é maior: WH

17:10: *ele também era rei; ele já existiu; ele existe; e o outro ainda não é vindo; e quando vier, deve permanecer nesse tempo.*

(Quanto às variadas interpretações deste versículo, que presumivelmente nos dariam meios de datar com exatidão o tempo em que foi escrito o Apocalipse, o leitor deve consultar a introdução ao livro, em «Data», seção V. O seu significado é comentado nos versículos dez e onze, onde aparecem as idéias de vários comentaristas. Em primeiro lugar, pensamos que sejam imperadores romanos, que governaram sucessivamente, e não vários reis que deram seu poder à besta ou anticristo, mas não imperadores. Também não cremos que temos aqui alusão a «formas» de governo, e não sete «impérios mundiais», como Egito, Assíria, Babilônia, etc. O vidente João dizia aos seus leitores, em linguagem enigmática, que atacava Roma e seu «culto ao imperador». Ele acabara de identificar o alvo de suas denúncias, Roma (ao falar sobre os «sete montes»), e agora ao falar acerca dos imperadores romanos; e a enumeração dos mesmos indicaria quando se deveria esperar o anticristo, a saber, o «Nero reencarnado».

Citando Rist (*in loc.*), damos aqui um sumário de idéias: «...quem são os cinco imperadores que tinham morrido? A resposta depende de certo número de itens variáveis. Antes de tudo, a computação deveria começar com Júlio César ou com Augusto? Em segundo lugar, Galba, Oto e Vitélio deveriam ser omitidos na contagem, devido à brevidade de seu reinado, ou deveriam ser contados entre os cinco que já tinham caído? Dependendo da fórmula usada, o sexto monarca, ou imperador reinante, poderia ser Nero, Galba ou Vespasiano. Nero deveria ser excluído como o imperador reinante, pois é impossível ver como a crença do «Nero redutivo» poderia ter-se originado antes de sua morte. O reinado de Galba, segundo se pensa, foi breve demais e sem grandes acontecimentos, não merecendo séria consideração. Mas, se começarmos a contar por Augusto, eliminando Galba, Oto e Vitélio, então Vespasiano seria o sexto imperador. Consequentemente, tem sido proposto que essa passagem, originalmente, era um oráculo judaico, escrito pouco depois do ano 70 D.C., dirigido contra Vespasiano, o qual iniciou o cerco contra Jerusalém. Seu provável sucessor, o sétimo, seria seu filho, Tito, que completou o cerco e se tornou culpado da destruição do templo. Segundo esse ponto de vista, o oitavo e último monarca seria o infame Nero, redutivo, cujo breve reinado terminaria com sua destruição e o fim desta era. De acordo com essa teoria, João teria incorporado o oráculo sobre Vespasiano em sua obra, atualizando-a, ao considerar Domiciano o sexto imperador, governante, com antecipação que ele logo seria substituído pelo anticristo nerônico. Uma variação dessa teoria supõe que Domiciano seria não apenas o sexto imperador, mas igualmente a reencarnação do sétimo, o Nero redutivo. Isso obtém algum apoio quando se leva em conta que Domiciano era considerado um «segundo Nero» por alguns de seus súditos (ver Juvenal, *Sat.* vi.37,38; Mari. *Epigram.* xi.35). Uma outra solução—agora proposta, e, segundo se crê, pela primeira vez, se baseia sobre a observação que somente

aqueles governantes que foram deificados (receberam apoteose) pelo senado romano é que foram adorados. Em consequência disso, é possível que as primeiras cinco cabeças da besta tivessem sido os primeiros imperadores que foram assim honrados, a saber, César, Augusto, Cláudio, Vespasiano e Tito. Se isso é verdade, Domiciano, que exigia ser adorado, enquanto vivia, teria sido o sexto imperador, o imperador reinante, ao passo que o sétimo e último, o anticristo nerônico, o qual, ao mesmo tempo, poderia ser considerado como reencarnação na pessoa de Domiciano, ainda haveria de aparecer».

Alguns intérpretes pensam que toda essa questão é simbólica, não procurando fazer qualquer contagem. Uma cabeça representaria o imperador então reinante, e outra seria o anticristo ainda por vir; mas nenhuma tentativa se deveria fazer para identificar os outros cinco, porquanto meramente representariam a sucessão de imperadores, considerados como um todo. Mas isso não é provável. João queria destacar sete imperadores específicos, embora ficasse incerto a quem ele se referia. O «plano» geral do que ele diz, porém, é perfeitamente claro. Roma terminaria em breve! O reinado do anticristo logo teria início! As coisas iriam piorando cada vez mais! Que os cristãos tivessem coragem e fossem fiéis a Cristo!

#### Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. Há um paralelo quanto à expressão e à idéia geral, no tocante aos versículos dez e onze deste capítulo, em 11 Eod. 11:12, onde «Edras» teria visto uma estranha águia, que se elevava do mar com três cabeças e doze enormes asas. A águia teve poder durante algum tempo, mas, subitamente, foi destruída por um leão. Edras ficou meditando sobre o significado dessa visão, até que Deus lhe deu a interpretação da mesma. A águia é o império romano; as três cabeças eram imperadores. Uma delas era o governante contemporâneo, Domiciano, e os outros seriam seu irmão Tito, e Vespasiano. O leão era o Messias, que destruiria o império. As grandes doze asas seriam doze predecessores imperiais dos três antes mencionados, todos eles da casa imperial dos Flávios. Calmos aqui em alguma dificuldade, ao identificar os «doze»; e alguns estudiosos sugerem, nesse caso, tal como no presente versículo, que eles (tal como os cinco que aqui aparecem) meramente representariam a sucessão de imperadores, sem aludir a qualquer número específico. Pode-se perceber que essas duas visões apontam para a mesma coisa.

2. A história antiga (citações dos pais da igreja) afirmam que o Apocalipse foi escrito durante o reinado de Domiciano. (Ver «Data», seção V, na introdução a este livro, quanto a informações sobre a data do livro).

3. O verbo «cair» aponta para o monte ou, talvez, para a derrubada violenta de algum imperador. (Comparar com Eze. 29:6; 30:8; Isa. 21:9; Jer. 50:15 e 51:8).

4. Os intérpretes da escola histórica desataram seu tempo procurando traçar, através da história antiga e medieval, a sucessão de sete formas de governo, de alguma maneira relacionadas a Roma, conforme eles pensam. Mas nada disso está em pauta aqui. Não devemos ter como guia, neste ponto, a profecia de Dan. 7:23.

11 καὶ τὸ θηρίον ὃ ἦν καὶ οὐκ ἔστιν, καὶ αὐτὸς ὀγδοὺς ἔστιν καὶ ἐκ τῶν ἑπτὰ ἔστιν, καὶ εἰς ἀπώλειαν ὑπάγει. 11 αὐτος] αὐτος N046 Bz 1006 al: add ὁ N205 pc

17:11: A besta que era e já não é, é também o oitavo rei, e é dos sete, e vai-se para a perdição.

«...besta que era e não é, também é ele o oitavo rei...» Isso alude à «tradição do Nero redutivo». (Ver a primeira parte do oitavo versículo deste capítulo, bem como Apo. 13:3, onde há amplas explanações). Nero, segundo diz João, será o anticristo, sendo ele mesmo o oitavo «rei». (Notemos que não diz «reino»). Não há que duvidar que João esperava o «fim» do império romano em seus próprios dias, tendo antecipado somente mais dois imperadores reinantes, antes desse fim. Vários intérpretes têm observado o «erro» desse cálculo. Tal como outros cristãos antigos, João não antecipava qualquer longa «era da igreja» (ver as notas expositivas sobre isso, em I Cor. 15:51), pelo que não hesitavam em predizer o fim do império romano naqueles dias, dentro em breve. Historicamente falando, é claro, ele estava equivocado, tal como estavam equivocados os cristãos do primeiro século, ao esperarem a volta de Cristo em seus próprios dias. Contudo, cremos que eles pensavam assim a fim de se manterem alertas quanto às realidades futuras que pertencem a Cristo, sendo purificados mediante tais considerações (ver I João 3:3). Portanto, o vidente João, em quem operava o Espírito da profecia, não tinha uma visão perfeita da história. Seu erro de cálculo, quanto ao processo histórico, porém, não invalida as suas predições.

Concordamos, pois, com Meyer (*in loc.*), em que esse erro não «aniquila a profecia». Mas tomamos uma posição mais vigorosa ainda que isso. Nem ao menos «entrava» a profecia. Antes, é algo incidental à profecia. Não se deve «encobrir» um erro mediante uma interpretação desonesta, supondo que os «sete imperadores» representam, «simbolicamente», a inteira sucessão dos imperadores romanos, embora o número deles tenha sido maior que isso, e que o «oitavo» seja o «anticristo profético», o qual, por conseguinte, poderia estar separado dos sete por qualquer extensão de tempo, não os seguindo de imediato. Naturalmente, isso é o que tem sucedido e sucederá; mas João não tinha meios para saber que assim aconteceria. Ele esperava, confiantemente, que o fim chegaria dentro dos governos de mais dois imperadores, que viriam imediatamente após o imperador então reinante.

«...procede dos sete...» Isso só pode significar uma coisa: o anticristo será identificado com um dos sete imperadores, a saber, com Nero. Ele será a «mesma personalidade», a «mesma entidade». Essa expressão, contudo,

poderia significar «dos sete», como um grupo, incorporando em si mesmo toda a iniquidade e autoridade dos outros, etc. Mas, no presente contexto do «Nero redutivo», não se pode interpretar desse modo a expressão. Muito menos ainda se pode falar em uma «forma de governo», existente em um «reino» (o último), o qual incorporaria em si mesmo o caráter dos reinos anteriores. Por igual modo, essa expressão não indica um «descendente» de um dos governantes, e nem uma pessoa diferente, que é «descendente espiritual e moral» apenas. Naturalmente, ao assim afirmarmos, não queremos dizer que esse não poderia ser o caso. Em outras palavras, o «anticristo» poderia ser «nerônico» em espírito, proveniente «dos sete», incorporando tudo quanto foi de mau nos imperadores romanos, sem ser uma real «reencarnação» de Nero ou de algum outro. Mas é óbvio que o próprio João expressa a idéia do «Nero reencarnado», uma volta real de Nero dentre os mortos, o qual haveria de subir do hádes a fim de reiniciar o seu reinado de terror no mundo. (Ver os comentários sobre o oitavo versículo deste capítulo). Ele subirá do hádes. (Ver 11:7). Trata-se da mesma pessoa que «morrera», cujo espírito fora confinado ao hádes, mas que agora retornava. Agora, entretanto, ele *trará* consigo o próprio inferno, porquanto será possuído por Satanás, sendo a imitação mesma de Cristo.

#### Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. Moffatt (*in loc.*) defende a idéia que o «Nero redutivo» (ver Apo. 17:8) e um «segundo Nero», na pessoa de Domiciano (ver Apo. 17:11) não devem ser identificados entre si. Talvez essa opinião esteja correta; mas deve-se pensar na pessoa mesma de Nero, reencarnado, que viria após o «segundo Nero» ou Domiciano e que será o anticristo, conforme João procura fazer nos entender. Mais provavelmente, porém, não deve ser feita qualquer distinção entre o oitavo versículo e o décimo primeiro, como se fossem contrastantes. Domiciano foi chamado de «segundo Nero», mas isso não parece estar em foco aqui.

2. Ele irá para a destruição, segundo já se viu no oitavo versículo e em suas notas expositivas.

3. Notemos que o versículo fala claramente em «reis», e não em «reinos». Isso faz afundar a grande massa das interpretações históricas, que pensam que há nítida alusão a sete formas de governo, no decorrer da história humana, após o advento de Cristo e até ao seu segundo advento.

4. O tirano Domiciano foi morto após terrível luta com seus assassinos. O seu final pode ter servido de apoio à idéia de João de que aquelas condições do império romano terminariam em breve.

12 καὶ τὰ δέκα κέρατα αὐτοῦ εἶδες δέκα βασιλεῖς εἶναι, οἵτινες βασιλείαν οὐπω ἔλαβον, ἀλλὰ ἐξουσίαν ὡς βασιλεῖς μίαν ὥραν λαμβάνουσιν μετὰ τοῦ θηρίου. 12 οὐπω] οὐκ A vg(2)

12 τὰ δέκα κέρατα...εἶναι Dn 724

17:12: Os dez chifres que veste não são reis, os quais ainda não receberam o reino, mas receberam autoridade, como reis, por uma hora, juntamente com a besta.

«...dez chifres...» Isso é amplamente anotado em Apo. 12:3 e 13:1. Alguns eruditos supõem que os dez chifres são iguais às sete cabeças, e que ambas as coisas representariam imperadores romanos. Os dez seriam transformados em sete mediante a eliminação de três usurpadores, que reinaram por breve tempo, a saber, Galba, Oto e Vitélio. E os restantes, os sete, seriam os imperadores referidos no décimo versículo. Mas essa idéia é extremamente dúbia. O presente versículo mostra, bem especificamente, que eles governarão por permissão da besta, pois serão contemporâneos do anticristo, e não anteriores a ele. Outros estudiosos, procurando manter de pé a citada interpretação, pensam que as «dez» diferentes personagens são aquelas que figuram em Apo. 12:3 e 13:1; mas dificilmente será esse o caso.

Porém, se esses são dez reis literais, então, quem são eles? 1. Poderiam ser reis dos reinos em liga com Roma, governantes das províncias senatoriais, os quais reinavam apenas por uma hora. 2. Poderiam ser sátrapas partas, que retornariam em companhia do «Nero redivo» a fim de destruir Roma, sobretudo a capital do mesmo nome (ver o décimo sexto versículo deste capítulo). Isso se adapta muito bem ao aspecto «histórico» deste livro, bem como à tradição que então circundava a pessoa de Nero, o qual haveria de voltar em forma reencarnada, e que «coroaria» seus auxiliares partas, embora por pouco tempo (uma hora). Na realidade, houve catorze desses sátrapas entre os partas, mas o vidente João poderia ter feito esse número concordar com o trecho de Dan. 7:7, assim «simbolizando» o grupo inteiro. Considerando-se todos os pontos, essa idéia, no tocante ao aspecto «histórico» da declaração, parece mais provável que a idéia anterior.

As interpretações menos prováveis são as seguintes: 1. Haveria nisso uma referência geral a qualquer governo do império romano que estivesse sujeito ao imperador. 2. Já que agora Nero é retratado como a besta saída do hades, esses poderes poderiam ser demoníacos, e não humanos. Mas isso dificilmente é provável. (Ver outros conceitos igualmente errôneos sob o ponto «dois» de «outras idéias».)

Profeticamente falando, os «dez reis» devem ser os líderes da federação de dez reinos encabeçada pelo anticristo. Espera-se que esses reinos sejam a Inglaterra, a França, a Itália, o Japão, o Canadá, a Bélgica, a Alemanha, a Holanda, a Suécia e os Estados Unidos da América. Esses governantes receberão poder por se porem em liga com o anticristo, e serão usados para

17:13: Estes têm um mesmo interesse, a entregarão o seu poder o autoridade à besta.

Historicamente, isso indica, provavelmente, que os sátrapas persas, já ansiosos por se vingarem de Roma, jubilosamente se aliarão ao «Nero reencarnado», a fim de ajudá-lo a cometer matricídio. Eles desejariam apossar-se dos despojos que isso lhes poria nas mãos, porquanto estariam atacando o próprio centro de um imenso império (ver o décimo oitavo versículo). Ou isso poderia indicar que João, antecipando uma rebelião das províncias limítrofes do império contra a capital, em que um dos imperadores cooperaria com essa rebelião, tenha assim falado. Mas a outra idéia é bem mais provável. Seja como for, a «meretriz», a «mulher», a saber, a cidade de Roma, seria o objeto desse ataque. Profeticamente falando, isso é mais difícil de definir. Supomos que significa que a federação de dez reinos (os nomes dessas nações aparecem nas notas expositivas sobre o versículo anterior) estará em total acordo com o anticristo, dando-lhe apoio em todas as suas aventuras, tanto no ataque às tropas soviéticas, que terão ocupado a Palestina (ver os capítulos trinta e oito e trinta e nove de Ezequiel), como na resistência à China, mais tarde, quando da batalha do Armagedom, bem como em todas as suas ações ambiciosas.

A alitude deste versículo faz-nos lembrar de Eze. 17:37, onde o profeta relata como a «meretriz», Jerusalém, será destruída por seus amantes, porquanto agirão impelidos por Deus, embora disso não tenham consciência. (Ver o décimo sétimo versículo, onde essa idéia é enfaticamente asseverada).

Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:

1. Filo observou a capacidade que tinham os procônsules de iniciar uma

14 οὗτοι μετὰ τοῦ ἀρνίου πολεμήσουσιν, καὶ τὸ ἀρνίον νικᾷ αὐτοὺς, ὅτι κύριος κυρίων ἐστὶν καὶ βασιλεὺς βασιλέων, καὶ οἱ μετ' αὐτοῦ κλητοὶ καὶ ἐκλεκτοὶ καὶ πιστοί.

14 κύριος... βασιλεὺς 1Th 10:17; 1Jo 2:47. 2 Mac 13:4, 3 Mac 8:35, Ecl 9:4; 1 Tim 6:15. Re 19:16

17:14: Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis, vencerá também os que estão com ele, os chamados, e eleitos, e fiéis.

Naturalmente temos, neste ponto, uma alusão à batalha do Armagedom (amplamente comentado em Apo. 14:14), que é o começo da «parousia» ou segundo advento de Jesus Cristo (o que é comentado em Apo. 19:11). Aquela passagem serve de amplo comentário sobre este versículo. Esperamos que haverá uma Terceira e uma Quarta Guerras Mundiais. (Ver as notas de introdução a Apo. 14:14 acerca disso). A iniquidade humana e a sua violência tornar-se-ão tão grandes que Deus fará intervenção, mediante a segunda vinda de Cristo. Então terá início a idade áurea, um ciclo terrestre inteiramente novo. Isso também poderia ser anunciado pela modificação da posição dos pólos, o que produzirá um cataclisma como aquele que houve nos dias de Noé. (Ver Apo. 16:20 a esse respeito). Assim é que o Cordeiro vencerá os malignos exércitos do mundo e imporá justiça e retidão ao mundo, dando início a uma era grandiosa de paz e prosperidade.

«...Cordeiro...» Esse é um título freqüentemente aplicado a Cristo, no Apocalipse. (Há notas expositivas a respeito, com uma lista de referências,

cumprir a vontade dele.

Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:

1. «Uma hora» quer dizer «pouco tempo». Historicamente falando, os «sátrapas persas», de acordo com as lendas antigas, não obtinham senhorio universal quando o «Nero redivo» houvesse de guiá-los a tal posição. João não antecipava que seriam um poder de grande duração. Profeticamente falando, a federação «frouxa» do anticristo não poderá durar por muito tempo, porquanto a «parousia» ou segundo advento de Cristo logo porá fim a tudo. Alguns estudiosos dizem que isso se estenderá apenas por sete anos, ou mesmo apenas por três anos e meio, envolvendo o tempo da tribulação ou somente de «grande tribulação». (Ver Apo. 11:2,3 quanto a essas designações temporais e seus significados possíveis).

2. Rejeitamos a idéia que os dez reis serão «dez reinos», «dez sucessivos poderes mundiais», «dez distintos grupos raciais» ou «dez estágios do desenvolvimento papal», «dez imperadores cristãos» ou «dez distintas divisões do império romano», que surgiram quando o grande império romano foi destruído, ou quando caiu a «Roma pagã». Todas essas idéias são fora de lugar com a expressão «por uma hora», o que limita o tempo do governo deles por um período muito breve. Nesses outros casos, não houve tal limitação, e nem o número dez faz sentido quando aplicado aos mesmos. Os intérpretes da escola histórica desgastam seu tempo alistando esses supostos dez reinos, de uma ou de outra das maneiras acima sugeridas, procurando-os nas páginas da história. Podem ser encontrados na tradição do «Nero redivo» (historicamente falando) e na federação de dez reinos, encabeçada pelo anticristo (do ponto de vista profético). Ou então, historicamente, podemos achá-los nas dez províncias senatoriais.

3. (Ver Dan. 2:34,41,42,44, em conexão com este versículo, especialmente no tocante à federação futura de dez reinos).

4. O décimo sexto versículo pode indicar que esses dez reinos, encabeçados pelo anticristo, destruirão todas as religiões do mundo, exceto o culto imediato do anticristo; mas pelo menos é certo que todos os cristãos autênticos, naqueles dias, terão de tornar-se crentes subterrâneos. Não haverá reuniões abertas, e nem cristianismo viável, exceto aquele promovido por crentes individuais, e isso em meio a terrível matança.

5. Ao interpretar este versículo, não devemos usar o trecho de Dan. 7:23 a ss., como um guia fixo. Esses «reis» não serão dez reinos que se soberguão dentro o quarto grande império, embora os «reis», naturalmente, governem «reinos», de tal modo que as duas coisas não podem ser totalmente distintas entre si. Mas serão governantes de nações «nos últimos dias», os quais receberão poder da parte do anticristo e o apoiarão. Historicamente, é provável que a profecia de Daniel fale acerca de Antíoco Epifânio, o tipo histórico do anticristo.

ἐξουσίαν αὐτῶν τῷ θηρίῳ διδοῦσιν.

revolta contra Roma (de leg. ad Caium xxxiv), porquanto exércitos poderosos eram estacionados em lugares como à margem do rio Eufrates, para proteger a Síria.

2. «Poder», força bruta, autoridade. Direitos e propriedades legais que subjugam as pessoas a algum poder. (Comparar com Apo. 13:2). O dragão deu seu poder e sua autoridade à besta. Mas agora outros farão a mesma coisa. Suas forças crescerão astronômicamente.

3. As sementes da desintegração já existem nos poderes malignos. As forças internas se unem com as externas, embora isso talvez demore. Contudo, trata-se de algo inevitável, sem importar se se trata de uma vida isolada ou da vida de uma comunidade inteira ou nação. Com freqüência há unidade no mal, e então a iniquidade floresce. Deus pode utilizar-se de tal unidade para seus próprios propósitos, normalmente a fim de impor julgamento. Seja como for, os poderes malignos, embora se unifiquem, não têm a última palavra.

4. «Eles se tornarão seus aliados dependentes». (Ver o décimo quarto versículo.) (Fausset, in loc.).

5. Uma só mente, um só intuito interessado, que visa praticar o mal e assassinar, uma única ambição política, unida na depravação, um único ponto de vista perverso sobre as coisas. Sem dúvida será uma unidade indesejável. Nem sempre a unidade é algo desejável. Nem a unanimidade de uma grande número de pessoas, sobre qualquer assunto, garante que eles falarão ou a verdade ou que a porão em prática.

6. Profeticamente falando, essa unidade será a união em torno do «culto ao anticristo», no qual ele será adorado como uma divindade, pois não aponta meramente para lealdades políticas e militares. Entretanto, nada é dito aqui acerca de bispos e autoridades religiosas a darem seu poder e cooperação ao papado, conforme existem alguns dos intérpretes protestantes. Não há aqui qualquer pensamento de como a Roma papal subjugou a si mesma os reinos políticos do mundo.

em Apo. 5:6). Esse título aparece por cerca de trinta vezes neste livro. (Ver também João 1:29 quanto a notas expositivas sobre o título). Com freqüência implica na expiação pelo sangue de Cristo, mas também é empregado em sentido mais amplo do que isso, de tal modo que, algumas vezes, a expiação não está em foco quando é usado. Esse é o caso do presente versículo.

«...Senhor dos senhores...» Usualmente, nas páginas do N.T., o título «Senhor» é aplicado a Cristo. Ele é o soberano de todos, o magneto central do universo (ver o primeiro capítulo da epístola aos Efésios), em redor de quem tudo, eventualmente, se centralizará. Ele é o Senhor moral e espiritual, o qual requer toda a lealdade humana. (O trecho de Rom. 1:4 tem a nota de sumário sobre esse título de Cristo). Ninguém tem a Cristo como Salvador se também não o tem como Senhor e Cabeça. (Ver Col. 2:18; Rom. 10:9,13). Na qualidade de «Senhor dos senhores», vemos que o seu poder é tão grande que os próprios «senhores» precisam reconhecê-lo como seu «Senhor». Sua autoridade não envolve apenas os humildes. Neste ponto o termo lembra-nos do fato que até os «dez reis», e outras autoridades terrenas eventualmente se sujeitarão a ele, porquanto não há limite para o alcance de seu poder. Essa expressão é repetida em Apo. 19:16.



apropriadamente, na cena da «parousia», o que também tem por intuito ser compreendido no presente versículo.

«...*Rei dos reis*...» Os reis incorporam, em si mesmos, poderes regionais e limitados, por maior que seja tal poder. Esse poder também é temporário, porquanto sempre tem havido uma sucessão de «reis». No entanto, o «Rei dos reis» incorpora em si mesmo todos os poderes, incluindo a lealdade de todos os reis terrenos e celestiais, conforme se fica sabendo em Col. 1:16. Todos os «tronos», «domínios», «principados» e «poderes» estão debaixo de seu controle. Ora, se isso é verdade quanto aos poderes celestes, certamente nenhum rei terreno deixará de sujeitar-se a Cristo. Cristo é assim chamado, uma vez mais, em Apo. 19:16, trecho paralelo a este. Em Deut. 10:17, Deus Pai é chamado «Deus dos deuses e Senhor dos senhores»; e em Dan. 10:17, de «Deus dos deuses e Senhor dos reis». O que é dito acerca do Pai ali, é aqui dito acerca do Filho. (Comparar também com I Tim. 6:15, que encerra a mesma expressão, «Rei dos reis e Senhor dos senhores», mas em aplicação a Deus Pai. Em Apo. 1:5, Cristo é chamado de «o Soberano dos reis da terra».)

«...*os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele*...» Os «eleitos» (única ocorrência desse vocábulo em todo o Apocalipse) são os «escolhidos para a eleição». Foram destacados dentre os homens, feitos fiéis. (Ver as notas expositivas em Efé. 1:4, quanto à «eleição».) Eles também são os «fiéis», os que dão toda a lealdade a Cristo. Fica claramente implícito aqui que esses são os que se recusarão a cultivar a besta, nada querendo com seu culto, pelo que sua «fidelidade» será devidamente dirigida. Profeticamente falando, serão os que se recusarem a participar da adoração ao anticristo. Esses acompanharão Cristo na sua conquista do mundo. (Isso pode ser comparado com Apo. 19:14, que fala sobre os «exércitos celestiais», que seguirão a Cristo). Os «mártires» retornarão triunfalmente e ajudarão na luta contra o mal, contribuindo assim para a queda da besta. Assim como o

15 *Kai λέγει μοι, Τὰ ὕδατα ἃ εἶδες, οὗ ἡ πόρνη κάθηται, λαοὶ καὶ ὄχλοι εἰσὶν καὶ ἔθνη καὶ γλῶσσαι.*

17:15: *Dize-me ainda: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas.*

O anjo está interpretando aqui a visão sobre a meretriz, que deixara João tão atônito. Este versículo retrocede até ao primeiro versículo deste capítulo. A meretriz fora vista assentada sobre as águas, algo que Babilônia fizera literalmente. Mas a cidade de Roma foi edificada sobre sete colinas, e não sobre as águas do rio Eufrates e de seus muitos canais babilônicos. Porém, neste caso, as «águas» apontam para todas as nações e povos, poderes políticos e sistemas sociais do mundo. Roma «assenta-se» sobre essas coisas, o que indica que exerce autoridade sobre elas, mantendo-as debaixo de sua sujeição.

«...*povos, multidões, nações e línguas*...» Em vários lugares do Apocalipse há tais «enumerações», incluindo totalidade ou universalidade, todos os povos juntamente considerados. O governo romano era universal. O governo do anticristo também será universal. (Ver Apo. 13:4: «Quem é semelhante à besta? quem pode pelejar contra ela?» Quanto a outras

16 *καὶ τὰ δέκα κέρατα ἃ εἶδες καὶ τὸ θηρίον, οὗτοι μισήσουσιν τὴν πόρνην, καὶ ῥημωμένην ποιήσουσιν αὐτὴν καὶ γυμνήν, καὶ τὰς σάρκας αὐτῆς φάγονται, καὶ αὐτὴν κατακαύσουσιν ἐν πυρὶ.*

16 αὐτὴν κατακαύσουσιν ἐν πυρὶ Lv 21:8; Rm 13:2

17:16: *E os dez chifres que viste, e a besta, estas odiarão a prostituta e a tornarão desolada e nua, e comederão as suas carnes, e a queimarão no fogo.*

«...*dez chifres*...» (Há amplas explicações, com as diversas interpretações a respeito, em Apo. 17:12).

«...*besta*...» A besta saía do mar (ver Apo. 13:1,2); mas também o anticristo nerônico (ver Apo. 13:3). (Ver o mesmo duplo simbolismo em Apo. 17:3; o império romano, em contraste com Apo. 17:8,11, o anticristo.)

«...*odiarão a meretriz e a farão devastada e despojada*...» Historicamente, isso não é difícil de interpretar. Havia uma tradição concernente a Nero, que dizia que ele ressuscitaria dos mortos, ou se reencarnaria, voltando do exílio à frente de um exército para, a fim de destruir Roma, começando pela capital. É possível que essa tradição transpareça aqui. Segundo essa tradição, Nero estava destinado a cometer matricídio, e isso, como é evidente, era amplamente crido pelos cristãos da época de João. Nero ascenderia do hades, o mundo dos espíritos desencarnados (ver Apo. 17:8); e assim, voltaria munido de poderes satânicos, o que o capacitaria a instaurar seu reino de terror à face da terra. Alguns crentes modernos vêem a encarnação de Nero no anticristo dos últimos dias, porque pensam que os textos bíblicos mencionados (incluindo este versículo) indicam isso «literalmente». De acordo com os *Oráculos Sibílicos* 5:363-369, Nero voltaria como um grande terror, destruindo a cidade de Roma e sua maldade, cumprindo assim a vontade divina, embora inconscientemente. Esses oráculos eram em parte cristãos e em parte judaicos, com base em escritos apocalípticos e proféticos, provavelmente do segundo século anterior à nossa era; e refletem o pensamento cristão e judaico da época. Dentre os doze livros ainda existentes, parece que a maioria deles é de origem cristã, embora os livros III e IV geralmente sejam reputados judaicos. Esses oráculos foram escritos em imitação aos antigos oráculos gregos atribuídos a Sibila, uma profetisa pagã que era altamente considerada por alguns judeus, e até mesmo por alguns cristãos.

Outra interpretação possível, embora menos provável, é a que diz que João antecipou uma revolta das províncias limítrofes do império romano, de forma que, por assim dizer, o império cometera matricídio, na destruição da cidade de Roma. (Comparar com Eze. 16:35-46, onde as nações são

anticristo terá a lealdade da federação de dez reinos, assim Cristo terá seus fiéis seguidores. Um grupo é a união em torno do mal; o outro, em torno da justiça. A justiça prevalecerá—essa é a mensagem do versículo. Mas está em vista a «vitória escatológica», e não meramente a vitória do dia a dia. Deus está entronizado, e, finalmente, tudo irá bem no mundo.

A narrativa da batalha entre o mal e o bem se repete, por muitas vezes, no livro de Apocalipse. Algumas vezes a batalha se fere nos céus, e, de outras vezes, na terra. Sempre são vencidas as arrogantes forças da iniquidade. E agora, neste mundo, as forças do Cordeiro são vistas a vencer as forças da besta. Não há detalhes, além do fato que os «chamados, eleitos e fiéis» participarão dessa vitória. Quando, sob Constantino, o império romano tornou-se cristão, os perseguidores repentinamente adquiriram poder. Em um período anterior, o homem de Patmos previu quando os crentes fiéis serão vitoriosos até mesmo no campo político. (Hough, *in loc.*)

Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. «O poder remidor de Cristo, junto com a adoração que momento ele pode reivindicar com justiça, fazem sua causa mais que equiparar-se ao império do mundo. (Comparar isso com o pensamento de Isa. 52:12)» (Moffatt, *in loc.*)

2. Os mártires voltarão a fim de reclamar a vitória sobre os perseguidores e um maligno sistema mundial. O Apocalipse foi escrito para consolar aos mártires. O fato que, finalmente, triunfarão sobre seus inimigos, é grande consolo.

3. A batalha do Armagedom culminará em uma intervenção divina: pois, de fato, o Armagedom é o começo dessa intervenção. Então é que os anjos da imagem se esfarelarão em pó. (Ver Dan. 2:33 e ss.)

4. Os títulos dados a Cristo, «Rei dos reis e Senhor dos senhores» certamente indicam sua devida divindade (comentado em Heb. 1:3). Por meio dele, podemos participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4; Col. 2:9,10; Efé. 3:19) e é disso que consiste o evangelho.

enumerações de povos, ver Apo. 5:9; 7:9; 10:11; 11:9; 13:7 e 16:10).

Os habitantes da terra têm ficado «embriagados com o vinho da fornicação» da grande meretriz (ver o segundo versículo), tendo adorado a ela e à besta como se fossem divindades; e agora terão de pagar caro por seu erro voluntário. A mulher procurou, impiamente, ser rival do próprio Deus; mas, na realidade, será apenas um esgoto de iniquidade. Terá de ser julgada, com todos quantos lhe derem lealdade.

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. No tocante ao uso do termo «águas», para indicar «povos», um simbolismo do A.T., ver Isa. 8:7; Sal. 18:4,16 e 124:14. Quanto a povos e multidões, ver I Ped. 2:9 e Marc. 12:37. Ver as notas expositivas em Apo. 17:1 quanto ao simbolismo da palavra «águas».

2. «O maior perigo por que passava Roma eram as multidões que estavam sob seu domínio» (Swete, *in loc.*). O versículo seguinte mostra isso claramente.

3. O texto nada tem a ver com o domínio eclesiástico de Roma.

4. Esses povos são de muitas «línguas», o que nos faz lembrar da confusão de Babel. O mundo chegará ao clímax do caos, na adoração ao anticristo.

16 *καὶ γυμνήν om 046° x 2059a al*

usadas para punir a meretriz, Jerusalém).

«...*a farão devastada e despojada*...» A meretriz vive despida, por fazer isso parte de seu negócio. Mas aqui ela será despida de todo o seu orgulho, luxo e bem-estar, por causa de exércitos invasores, que a deixarão totalmente «devastada». Evidentemente isso visa contrastá-la com seus anteriores luxos, mencionados no quarto versículo, onde ela aparece ricamente adornada de ouro, pedras preciosas, pérolas, etc. João antecipava uma total devastação de Roma. Suas riquezas desapareceriam; seu poder pereceria. Ela seria deixada envergonhada, «nua», por assim dizer, por seus invasores.

«...*e lhe comederão as carnes*...» Essa é uma alusão aos «corvos». Os exércitos invasores eram acompanhados por corpos, que participavam da carnificina. Metaforicamente, João indica que a destruição de Roma será total. Roma será reduzida a nada. A expressão «comederão as carnes» também implica na extensão da ira e da brutalidade de Nero e suas hostes para, que haveriam de arrasar com Roma. Haveriam de «devorar» Roma, sem limitações e sem mitigarem a sua ira.

«...*e a consumirão no fogo*...» Talvez haja aqui uma alusão ao fato que Nero incendiaria Roma, após o que lançou a culpa sobre os cristãos; mas este ensino é que a total devastação de Roma incluirá até mesmo o incêndio de seus prédios e tesouros, o que era comum nas guerras antigas. Alguns intérpretes também vêem aqui alusão ao castigo imposto às filhas dos sacerdotes que fossem apanhadas em fornicação (ver Lev. 20:14 e 21:9). Elas teriam de ser queimadas vivas. Assim também Roma terá de sofrer.

Profeticamente falando, porém, a interpretação dessas palavras é mais difícil. Muitos eruditos protestantes vêem aqui a destruição de Roma papal e suas filhas, as denominações protestantes apóstatas, por parte do anticristo. Segundo diz essa interpretação, o anticristo primeiramente se utilizará dela para seu próprio proveito, mas, finalmente, haverá de reduzi-la a nada. Este versículo possivelmente indica que «toda a religião» será destruída da face da terra, deixando de pé somente o culto ao anticristo. É provável que o anticristo destrua uma parte de seu próprio culto, aquela que cair em seu desagrado. No tempo da tribulação, representantes de todas as variedades da fé cristã, farão oposição ao anticristo e terão de viver subterraneamente. Pois então é que as grandes

muralhas dos dogmas se dissolverão, e os remidos tornar-se-ão um em Cristo, a despeito de seus grupos denominacionais, isto é, das «bandeiras» que fazem tremular. Já os cristãos falsos ou apóstatas haverão de unir-se ao anticristo, conforme é descrito neste versículo. Não há qualquer certeza sobre a implicação profética deste versículo, mas confiamos em que os próprios acontecimentos definirão claramente o que ele significa.

*Outras idêntias sobre o décimo sexto versículo:*

1. Este versículo ilustra a lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6:7,8). Isso se aplica a indivíduos, a sociedades e a nações. Até o crente está sujeito a isso; diríamos mesmo que isso se aplica especialmente ao crente. (Ver II Cor. 6:10 quanto ao «juízo dos crentes», que segue exatamente essa lei).

2. Esse evento, antecipado por João, não ocorreu como ele havia esperado, embora Roma tenha caído eventualmente. Os intérpretes da escola histórica

vêm aqui a «queda», embora isso nada tenha tido a ver com Nero redivivo ou com a invasão dos partas, nos dias de João ou imediatamente depois. «Nenhum leitor do «Declínio e Queda» deixará de ler material que ilustra e justifica a tendência geral das profecias de João». (Swete, *in loc.*).

3. O trecho de Eze. 23:25-29 pode ter influenciado o fraseado deste versículo, embora nada tenha a ver com este assunto, ainda que relativo a Jerusalém.

4. A ímpia Jezabel sofreu um fim terrível. Assim sucederá à meretriz Roma, conforme João prediz.

5. Os intérpretes da escola histórica seguem vários episódios que teriam contribuído para a queda de Roma pagã; outros acompanham os itens que teriam enfraquecido a Roma papal, como, por exemplo, a Reforma protestante. Mas tudo isso está mui distante do propósito real de João, embora certamente esteja em foco a destruição de Roma pagã, do ponto de vista histórico, segundo se vê nas notas acima.

17 ὁ γὰρ θεὸς ἔδωκεν εἰς τὰς καρδίας αὐτῶν ποιῆσαι τὴν γνώμην αὐτοῦ, καὶ ποιῆσαι μίαν γνώμην καὶ δοῦναι τὴν βασιλείαν αὐτῶν τῷ θηρίῳ, ἄχρι τελεσθῶσιν οἱ λόγοι τοῦ θεοῦ.

17:17: Porque Deus lhes pôs nos corações a executar o intento dele, chegaram a um acordo, e entregaram a besta e seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.

Temos aqui a reiteração do décimo terceiro versículo, mas com adornos. A federação de dez reinos entregará toda a sua autoridade ao anticristo, permitindo-lhe cumprir toda a sua vontade. Mas, cumprindo-se a sua vontade destrutiva, também se estará cumprindo o juízo de Deus, pelo menos em parte. Historicamente, João indicava que os sátrapas persas darão ao Nero redivivo todo o poder necessário para devastar a cidade de Roma, e, talvez, dali, o próprio império. Tudo isso João apresentava como se Deus estivesse usando instrumentos pagãos para seus propósitos; neste caso, especificamente, a destruição de Roma e sua horrenda idolatria. O trecho de Eze. 16:37 tem o mesmo espírito. A meretriz Jerusalém será destruída por inimigos pagãos; apesar de serem pagãos e malignos, serão usados como instrumentos nas mãos de Deus. Naquela passagem, os destruidores são pintados como antigos «amantes». Jerusalém, que se ocupara em uma idolatria adúltera, será destruída por seu próprio culto. Assim também Roma, imersa na idolatria do «culto ao imperador», será destruída por aqueles que antes lhe promoviam o culto. O que isso significará, profeticamente falando, é explicado nas notas expositivas do décimo sexto versículo deste capítulo.

*Outras idêntias sobre o décimo sétimo versículo:*

1. Este versículo ensina e tirania do mal e seu poder destrutivo. Também

18 καὶ ἡ γυνὴ ἦν εἶδες ἔστιν ἡ πόλις ἡ μεγάλη ἡ ἔχουσα βασιλείαν ἐπὶ τῶν βασιλείων τῆς γῆς.

17:18: E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra.

O anjo começara a dar a João a interpretação sobre a visão do nono versículo. O último item dessa interpretação visa identificar claramente a grande meretriz—a cidade de Roma. Temos frisado isso constantemente, ao mostrar como João cria que essa cidade seria destruída pelo «Nero redivivo» e suas forças partas, ou por uma revolta nas áreas periféricas do império. Profeticamente falando, porém, é mais difícil interpretar tal coisa, o que é discutido no décimo sexto versículo. A cidade de Roma era a imperatriz do mundo, o centro do «culto ao imperador», a sede do governo imperial; e o décimo oitavo capítulo mostra-nos que João tinha isso em mente. Ele nos fornece sete visões sobre a queda de «Babilônia» (Roma); e a queda da cidade será apenas parte disso. O império inteiro ruirá—essa é a certeza de João, o vidente. Obviamente, ele estava certo do ponto de vista histórico. Profeticamente, isso também se cumprirá, quando o anticristo e sua federação de dez reinos chegarem ao fim, quando se completar o ciclo terreno que ora vivemos, quando a terra for expurgada pelos eventos da «parousia» ou segundo advento de Cristo. Então será estabelecida a idade áurea, e Cristo reinará supremamente.

Quando da destruição de Roma, tanto o «culto ao imperador» como a «adoração à «Dea Roma», patrona da cidade, seriam reduzidos a nada. Assim também, profeticamente falando, o culto ao anticristo será aniquilado, juntamente com ele mesmo e a sua federação de dez reinos, e a justiça reinará para sempre.

«...a grande cidade...» (Ver as notas expositivas sobre isso em Apo. 11:8).

## Capítulo 18

### XI. Sete Visões da Queda de Babilônia (17:1- 10:10).

#### 3. Pronunciamento da condenação (18:1-3).

Esta décimo oitavo capítulo continua, essencialmente, a descrição da queda da cidade de Roma, a grande meretriz. Mas fica subentendido que o império romano inteiro também está envolvido, pois a queda da cidade provocará também a queda do império. Não há «duas Romas», nos capítulos dezessete e dezoito, mas antes, sete visões que envolvem a mesma Roma. Todavia, supõe-se que João também falava do império, e não somente da cidade. Todos os poderes que se opuserem a Cristo terão de ser derrubados antes de sua «parousia» ou segunda vinda; e isso terá de incluir tanto o império como a cidade de Roma. Neste ponto, devem ser lidas as notas de introdução ao décimo sétimo capítulo, quanto a vários problemas de identificação e interpretação que há nos capítulos dezessete e dezoito, os quais formam uma unidade.

«Este capítulo, que trata da condenação de Roma, começa com um prelúdio profético, no qual o vidente prevê a destruição de Roma como fato consumado, em que a orgulhosa capital da terra se tornará esconderijo de tudo quanto é imundo—tanto demoníaco como pertencente a este mundo. Esse prelúdio, descrito como uma afirmativa angelical vinda dos céus (versículos primeiro a terceiro), é proleptico, já que o restante do capítulo nos apresenta a descrição, em vários estágios, dessa destruição». (Charles, *in loc.*).

Charles supõe que temos aqui uma fonte judaica «vespasiânica», modificada a interesse do cristianismo. Isso indicaria que a predição era originalmente judaica, predizendo a condenação de Roma, que destruíra Jerusalém. Nas mãos cristãs, porém, isso assumiu um aspecto muito mais universal. O trecho de Apo. 19:2,3 indica que a destruição de Roma ocorreria ao mesmo tempo da queda de todos os poderes mundiais ímpios, servindo de prelúdio para essa queda mais vasta, pois, enquanto ainda ascende a fumaça de sua destruição, logo em seguida tem lugar a «parousia», que porá de joelhos o mundo íntegro inteiro (ver Apo. 19:17 e

ensina que o namoro com o mal pode ricochetear contra o indivíduo, para seu mal, pois o tirano não poderá ser subjugado por qualquer mero homem. O tirano do mal, entretanto, pode tornar-se uma força, brandida por Deus, para punir aqueles que usaram desse poder.

2. O trecho de I João 3:8 diz que aquele que pratica o mal «pertence ao diabo». Isso significa que a prática do pecado no envolve na maldade cósmica, e que Satanás se torna nosso mestre. Portanto, ninguém pode pecar «em particular». O pecado, naturalmente, nos vincula às forças do mal, e essas forças podem voltar-se contra nós e destruir-nos.

3. «O controle divino está por cima de todos os movimentos políticos (comparar com Apo. 11:2 e 18:8,7) de acordo com a tradição apocalíptica determinista... A ironia da situação é que os instrumentos usados pela providência são destruídos, após terem servido inconscientemente aos seus propósitos (conforme se vê em Isa. 10:12 e ss.).... A inflexível filosofia de João é que um sócio dessa odiosa união (cidade e estado) será empregado para arruinar o outro. Não muito depois de ter sido feita essa previsão, Vitelio e Vespasiano, na pessoa de seus partidários, devastaram Roma. Em futuro próximo, os aliados de Nero haveriam de lutar, como Coriolano, contra seu «canceroso país, com a bília de todos os seus adversários menores» (Moffatt, *in loc.*).

4. «Desse modo a ira do homem resulta no louvor a Deus» (Carpenter, *in loc.*).

5. Os intérpretes da escola histórica continuam procurando descobrir o cumprimento desta predição na história romana; mas essa posição é basicamente errada, conforme já vimos nos comentários sobre o versículo anterior.

Ela é chamada aqui de «grande» devido à sua autoridade sobre a terra inteira, devido aos seus poderosos exércitos. Grande por ser riquíssima. Mas também havia uma grandiosidade carnal e temporal, que em si mesma continha as sementes de sua própria destruição.

*Outras idêntias sobre o décimo oitavo versículo:*

1. A queda de Roma provoca os cânticos de louvor e os lamentos constantes no décimo oitavo capítulo. O império romano inteiro aparece, agora, como prestes a cair, segundo João confiava. O décimo oitavo capítulo nos fornece detalhes sobre isso. A cidade, naturalmente, está essencialmente em loco.

2. *Aquela que tinha por nome Eterna, que exibiu  
Seus guerreiros só para vencer—aquela que velara  
A terra com sua sombra alva e que exibiu,  
Até terminar o horizonte encoberto,  
Suas asas velozes, oh! aquela que era chamada Poderosa,  
Está caída!*

3. O sistema inteiro do paganismo, incorporado no anticristo, é representado por Roma. Mas não devemos ver aqui apenas a Roma papal. Profeticamente, estão em pauta o anticristo e o culto à sua pessoa.

4. Roma seguirá Babilônia, em sua destruição. A impiedade, em indivíduos ou em nações, faz prever sua total ruína.

5. O «mistério» referido no quinto versículo é agora amplamente esclarecido. O anjo terminara sua interpretação, identificando claramente a meretriz. Era «Roma», a cidade, o centro do paganismo idólatra. Mas esse «mistério» envolve até o fim da presente era, bem como o culto e o poder político do anticristo.

88.).

«O vidente ficou atônito, e o anjo veio explicar-lhe o mistério e a mulher (ver Apo. 17:7 e ss.), abordando suas relações com a besta e sua condenação final, revelando-lhe o que ela era. Mas, embora o anjo tenha proclamado a queda dela, em sua declaração explicativa, o juízo da meretriz não fora visto na visão; devemos, realmente, considerar a porção do último do capítulo, do sétimo versículo em diante, como uma espécie de parêntesis, uma pausa no drama da visão, cuja ação é reiniciada neste décimo oitavo capítulo. Contudo, embora a ação dramática seja reiniciada, não se vê a derrubada real da meretriz, na visão; mas concluímos isso das quatro agências que nos são apresentadas -- o anjo, que proclama sua queda moral (versículos primeiro a terceiro); a voz dos céus, que dá a vívida descrição de sua súbita queda, e da maravilhosa sensação que isso ocasionou (versículos quarto a vigésimo); o anjo que fala do caráter irremediável de sua queda (versículos vigésimo primeiro a vigésimo quarto); e, finalmente, o coro da multidão celeste, regozijando-se por causa dessa queda (Apo. 19:1-4)». (Carpenter, *in loc.*).

Pode-se ver, com base nessas considerações, que os intérpretes que tentam dividir Roma em «religiosa» e «secular», como se as duas se opusessem uma à outra, nos capítulos dezessete e dezoito deste livro, o que faz com que «Roma» seja a literal cidade de Babilônia, quando for «reconstruída» nos últimos dias, certamente laboram em erro. Há apenas uma Roma em foco, embora haja sete visões que nos fornecem ângulos diversos e informações várias sobre Roma, a grande cidade, a imperatriz do mundo inteiro.

## 18 Μετὰ ταῦτα εἶδον ἄλλον ἄγγελον καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, ἔχοντα ἐξουσίαν μεγάλην, καὶ ἡ γῆ ἐφωτίσθη ἐκ τῆς δόξης αὐτοῦ.

18:1: Depois destas coisas vi descer do céu outro anjo que tinha grande autoridade, e a terra foi iluminada com a sua glória.

O N.T. apresenta os anjos como pertencentes a muitas ordens, algumas das quais são elevadíssimas, e daí descendo na escala da importância. (Ver as notas expositivas sobre isso em Col. 1:16). Os «principados» são os «reis» dos céus, dotados de autoridade sobre vastas regiões. Esse anjo é poderoso e magnífico, algo da ordem do anjo mencionado em Apo. 10:1. Sua glória ilumina o céu inteiro, tão notável e o seu resplendor. (Isso pode ser comparado à teofania de Eze. 43:2, que fez a terra brilhar, refletindo a glória de Deus, que transparecia através de seu ser. Ver notas expositivas completas sobre os «anjos», em Luc. 4:10 e Atos 1:10).

«...vi...» Em visão mística. (Ver Apo. 1:10, em suas notas expositivas, sobre os tipos de «misticismo e visões»). No Apocalipse, temos nossa mais elevada fonte de «conhecimento», pois as verdades espirituais não vêm e nem pode vir mediante a percepção dos sentidos. As revelações divinas transcendem à razão e à intuição, por igual modo, e essas são fontes superiores aos sentidos físicos, para a obtenção do conhecimento moral e espiritual. (Quanto ao «Conhecimento e Fé Religiosa», ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse tema. Ali é feita a tentativa de mostrar onde e como a verdade espiritual nos é transmitida).

«...céu...» No Apocalipse sempre aparece no singular essa palavra, exceto em Apo. 12:12, onde uma citação está envolvida. O ponto de vista neotestamentário normal, do mundo superior, é que esse consiste de muitos céus, cada qual com uma glória maior. (Ver as notas expositivas sobre os «lugares celestiais», em Efê. 1:3).

O anjo desce do «céu», o que significa que é porta-voz da esfera celeste, e que ele está pronto a pôr em execução, sobre a terra, a vontade divina. Ele é chamado «outro», a fim de distingui-lo do anjo, mencionado em Apo. 17:1,7, que é o «anjo da interpretação», que deu a João a explicação sobre a visão da mulher, a grande meretriz. Assim, além do «anjo intérprete», apareceu um anjo ainda revestido de maior glória. Sua tarefa foi a de anunciar a queda de Babilônia, confirmando-a e dizendo porque ela caiu (ver o terceiro versículo deste capítulo).

«...grande autoridade...» Porquanto esse anjo, em si mesmo, é um ser

elevadíssimo, conforme é explicado nas notas expositivas que dão início à interpretação deste versículo. Toda a autoridade é «delegada», pois, em última análise, somente Deus possui autoridade. Mas esse anjo tem uma qualidade espiritual altíssima, sendo um ser extremamente elevado na escala espiritual, capaz de realizar elevadas missões. Pensemos, por um momento, acerca da glória do homem. Ele está destinado a subir acima dos mais elevados anjos, porquanto os remidos são a «plenitude» do próprio Cristo, que enche a tudo em todos (ver Efê. 1:23), devendo também participar de «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19), e, por conseguinte, da própria divindade (ver II Ped. 1:4 e Col. 2:10), o que nunca pode ser dito sobre os anjos.

«...a terra se iluminou com a sua glória...» Foi iluminada a fim de compreender, participando momentaneamente da glória de Deus, que rebrilhava através daquele anjo. (Comparar com Apo. 21:23). A Nova Jerusalém não terá necessidade do sol e nem de qualquer outro corpo luminoso natural, pois a glória de Deus e do Cordeiro resplandecem ali. Todos os seres em quem há qualquer bondade, refletem certa porção dessa glória; dando alguma iluminação, por pequena que seja. Mas os seres dotados de espiritualização elevada refletem grande porção da glória divina. Mas fazem isso em proporções «finitas», pois somente Deus possui glória infinita. Contudo, é destino dos remidos irem sendo cada vez mais tomados pelos atributos e pela glória de Deus, já que chegarão a participar de sua própria natureza, conforme se observa mais acima.

Outras idéias sobre o primeiro versículo:

1. «Tão recentemente ele (o anjo) viera da Presença (de Deus) que, ao passar, ele deixava uma larga faixa de luz, através da terra escurificada». (Swete, *in loc.*).

2. O anjo. Alguns dizem que devemos pensar aqui sobre Cristo, ou sobre o Espírito Santo. Mas isso labora em erro. Também não se deve antecipar Miguel ou algum dos outros anjos «conhecidos». Por igual modo, rejeitamos as interpretações históricas que vêem nesse anjo alguma personagem histórica, como Lutero, algum outro reformador, ou algum movimento reformista. Por semelhante modo, esse anjo não é o cristianismo, em alguma fase ascendente.

3. A autoridade do anjo, nesta instância, é, essencialmente, o direito e o poder de anunciar o executar julgamento.

2 καὶ ἔκραξεν ἐν ἰσχυρᾷ φωνῇ λέγων, Ἐπεσεν, ἔπεσεν Βαβυλὼν ἡ μεγάλη, καὶ ἐγένετο κατοικητήριον δαιμονίων καὶ φυλακὴ παντὸς πνεύματος ἀκαθάρτου. [καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου] καὶ μεμισημένου, 2 Ἐπεσεν...μεγάλη Is 21:9; Jr 51:8; Re 14:8 ἐγένετο...μεμισημένου Is 13:21, 34:11; Jr 50:39; Bar 4:35

2 εν ισχυρα φωνη AP 051 1006 161x 2329 al vg; R] om N 046 82 al vg(1): εν φ. μεγαλη 1y co: εν (om I 2059a) ρε ισχυρα φ.

μεγαλη 2060 ρε g Prim: εν ισχυι vg<sup>cl</sup>: εν ισχυι, φ. μεγαλη (Hipp) § | ακαθαρτου 10<sup>a</sup> add και μεμισημενου A 2080 2329 al g |

κ. φ. π. ορνου ακ. N 046 82 al vg §; R] om AP 1 2059a al: add και φυλακη παντος θηριου ακαθαρτου A 161x 2329 al g (sa)

A multiplicidade de variações entre os testemunhos, embora seja questão complicada, é mostrada claramente no arranjo abaixo (traçado para a comissão pelo Dr. Klaus Junack), onde os três principais elementos são representados por 1, 2 e 3, e os cinco grupos de formas são representados por A, B, C, D e E.

1 καὶ φυλακὴ παντὸς πνεύματος ἀκαθάρτου

2 καὶ φυλακὴ παντὸς ὀρνέου ἀκαθάρτου

3 καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου

3a adiciona καὶ μεμισημένου

A: 1 — 2 — 3 3a 2329 cop<sup>a</sup> Oecumenius

1 3a 2 3a 3 3a it<sup>ev</sup>

1 — 3 3a 2 — Primasius

B: 1 — 2 3a — N 2053 Byz vg

1 3a 2 3a — 2080 al

C: 1 3a — — 3 3a A P

D: — — 2 — 3 3a 1611 al

E: 1 3a — — — André

Pode-se observar que em meio à variedade de formas, todas concluem com καὶ μεμισημένου, exceto aquela citada por Primásio, que transpõe os elementos segundo e terceiro. As similaridades do começo e do fim dos três elementos principais deu ampla ocasião para omissão accidental. A comissão opinou que todos os três elementos (cada um dos quais envolve uma alusão a Isa. 13:21 e 24:11) provavelmente pertenciam ao texto original do Apocalipse; porém, já que καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου está ausente de tão importantes testemunhos como N 2053 2080 vg al, foi resolvido deixar essas palavras entre colchetes.



18:3-4 ele chamou com voz forte, dizendo: Cai, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e a guardião de toda a espécie imunda, o guardião de toda ave imunda e detestável.

«...potente voz...» A voz forte ou intensa é a voz dos anúncios apocalípticos, a voz que soa com força irresistível, que exige atenção. Normalmente, no Apocalipse, essa voz indica alguma proclamação angelical, embora, de outras vezes, indique a voz de Deus (ver Apo. 10:1; ver também Apo. 1:10; 7:2,10; 8:13; 10:3,11, 12; 12:10; 14:9 e seus respectivos comentários). Neste ponto, essa voz é literalmente «forte», ao passo que na maioria das outras referências é «grande». São meros meios pelos quais o autor sagrado expressa a forte impressão que essas vozes causaram sobre seus ouvintes.

«...Caiu, caiu a grande Babilônia...» Este capítulo dá continuação ao que diz o anterior. Babilônia é Roma (ver Apo. 14:8). Ali também é anunciada a queda de Babilônia. O capítulo dezessete mostra que está essencialmente em foco a cidade de Roma (ver Apo. 17:18). Pensamos, pois, que os capítulos dezessete e dezoito descrevem ambos a mesma Roma, a cidade de Roma, embora fique implícito o império romano. A pagã cidade de Roma está em vista e não a Roma papal, conforme os intérpretes protestantes tanto gostam de indicar. Nos capítulos dezessete e dezoito há sete visões da queda de Roma, e não a queda de duas Romas diferentes. (Ver as notas de introdução aos capítulos dezessete e dezoito, quanto aos detalhes sobre os problemas que estão envolvidos nessas visões, e quanto às tentativas que têm sido feitas para que se vejam duas Romas, nesses capítulos. Mas todas essas tentativas são vãs. O trecho de Apo. 17:18 chama essa cidade de «grande», pelo que temos aqui, igualmente, «a grande Babilônia». O décimo sétimo capítulo descrevera a queda de Roma; mas agora, neste capítulo, em uma outra visão, será descrito certo aspecto de tal queda, embora isso não signifique que duas Romas diferentes estejam aqui em pauta. O décimo versículo deste capítulo identifica a Roma em vista como a «cidade», pelo que podemos dizer que o presente capítulo expande o que já fora visto no capítulo anterior, sem qualquer mudança de assunto. Assim, Apo. 17:5 diz «Babilônia, a grande», e isso é reiterado neste versículo.

Babilônia é a cidade de Roma (ver Apo. 17:18 e 18:10).

Babilônia é a «mulher» de Apo. 17:3; que também é a grande «meretriz», porquanto em Roma estava centralizada a idolatria do mundo, sobretudo o «culto ao imperador» e a adoração à deusa «Roma». Esse culto foi imposto ao mundo inteiro, e essa imposição envolve adultério espiritual, pois com frequência, biblicamente falando, a idolatria está relacionada ao adultério, pois a lealdade que pertence exclusivamente a Deus é assim transferida para divindades falsas e imaginárias. (Ver Apo. 17:1,2,5 quanto a notas que desenvolvem esse tema).

Babilônia, conforme seu próprio nome indica, quer dizer «confusão», porque os sentidos espirituais dos homens ficam toldados por ela, tornando-se incapazes de entender as realidades espirituais.

Babilônia também importa em sensualidade, na atmosfera e nas circunstâncias do luxo e do progresso econômico. (Ver Apo. 18:10,16,18).

«...covil de toda espécie de espírito imundo...» de todo gênero de ave imunda e detestável...» Esse quadro da sorte final de Roma evidentemente tem base em Isa. 21:9 e ss.; mas o autor sagrado adorna o quadro. A descrição de Isaias pinta a derrubada completa da idolatria, em resultado dos julgamentos divinos. O fato que ela será habitada, não por pessoas ricas e poderosas, porém, por demônios e aves imundas, evidentemente é uma adaptação feita à base de Jer. 50:39, embora ali se leia sobre «animais

ferozes» e «corujas». Para os antigos, os pássaros eram reputados «presságios» importantes; e alguns deles consideravam-nos possuidores de mau caráter. Por conseguinte, tornam-se um símbolo apropriado, no Apocalipse, de possessões e influências malignas. (Ver a profecia de Sofonias contra Nínive, que tem declarações similares às daqui: Sof. 2:14). As aves e as feras quase sempre habitam em «cidades fantasmas», pois os destroços dos edifícios vazios provêm um abrigo apropriado. Assim sendo, o que antes era a grandiosa Roma, tornar-se-á uma imensa cidade fantasma, habitada por demônios, feras e aves. Isso alude a uma total desolação; e esse, evidentemente, é o intuito da mensagem do autor sagrado. No dizer de Swete (*in loc.*): «Os espíritos malignos, vigiando sobre a calda cidade de Roma, como pássaros noturnos e gaviões, que esperam por sua presa, edificaram seus ninhos nas torres arruinadas que se elevarão das cinzas para o firmamento». Robertson comenta (*in loc.*): «Há muitos séculos isso sucedeu realmente a Babilônia e a Nínive, e algum dia também se dará com Roma».

**Variante Textual:** Há inúmeras variações no texto deste versículo, incluindo omissões, adições e ordem de palavras. Abaixo procuramos ilustrar os problemas:

Primeiramente, tratamos das quatro declarações centrais, que são diferentemente manuseadas nos diversos manuscritos: a. «movida (covil) de todo espírito detestável»; b. «e habitação (covil) de todo pássaro imundo»; c. «e habitação (covil) de toda fera imunda»; d. «e detestável» (adicionada, em alguns manuscritos, a «ave» ou a «fera»).

1. Todas essas declarações, e na ordem dada, se encontram no ms 2329, no Cop(a) e nos escritos da Ecumênia.

2. O It(gig) traz essas declarações na seguinte ordem: a, d, b, d, c, d, o que é um adorno extraordinariamente complicado do texto, resultante de uma tradução por demais livre.

3. Primeiro apresenta a ordem a, e, d, b.

4. Aleph, 2063, mas Byz e a Vg trazem a, b, d.

5. O ms 2080 e alguns poucos outros trazem a, d, b, d.

6. Os mss A e P trazem a, d, c, d.

7. O ms 1611 e alguns poucos outros trazem b, c, d.

8. André traz a, d.

Essas dificuldades foram criadas pelo uso livre de passagens do A.T. em que o trecho se baseia (Isa. 13:21; 34:11 e Jer. 50:29), bem como por traduções e um manuseio livres. Os mss Aleph, 2063, 2080 e Vg e alguns poucos outros omitem a posição «c», sendo provável que pelo menos essa parte do versículo não fizesse parte original do Apocalipse, mas antes, tenha sido acrescentada com base em passagens similares do A.T.

**Outras idéias sobre o segundo versículo:**

1. Ver Bar. iv.30-35, quanto ao «fogo do julgamento», seguido pela idéia da morada de demônios, o que também se vê na descrição deste versículo.

2. A beleza de Roma ofusca os olhos, agita a concupiscência e o desejo pelo luxo. Mas, contemplemo-la agora, aviltada, degradada e desolada. Assim são os caminhos dos homens sem Deus, destituídos de bom senso espiritual. Antes mesmo de sua queda, Roma já estava moralmente desolada. As condições externas eventualmente se equipararão às suas condições morais, e isso sem importar se pensamos em indivíduos ou nações.

3. Quanto a atitude para com as «aves», nas Escrituras, ver Sal. 102:6; Isa. 13:21,22; 34:11,13-15; Jer. 1:39 e Sof. 2:14.

4. Historicamente falando, João antecipava a queda literal de Roma pagã, segundo a descrição que temos aqui. Profeticamente, porém, cremos que isso se aplica ao reino futuro do anticristo, e, por extensão, a todos os malignos poderes terrenos, tudo o que será destruído quando da batalha do Armagedom. (Ver as notas expositivas sobre a «batalha do Armagedom» em Apo. 14:14 bem como as notas introdutórias a esse mesmo versículo).

3 ὅτι ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας<sup>1</sup> αὐτῆς μετ' αὐτῆς ἐπόρνευσαν, καὶ οἱ ἔμποροι τῆς γῆς

<sup>1</sup> 3 [C] τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας M 946 94 1806 1856 2020 2138 1856 vg<sup>cl</sup> cop<sup>ms</sup> Hippolytus Tyconius Andrew<sup>us</sup> Arethas / τοῦ θυμοῦ τοῦ οἴνου τῆς πορνείας P 051 1 1828 2042 2063 2073 2081 2122 It<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> arm etb<sup>ms</sup> Hippolytus Priscillian Andrew<sup>us</sup> / τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ are<sup>th</sup>

<sup>2</sup> 3 πεπότῳαν 94 2042 2063 2122 syr<sup>ms</sup> / πεπότῳασιν M 1A C / πέτωσαν 046 1006<sup>ms</sup> 1811 cop<sup>ms</sup> eth Hippolytus / πέτωσαν 1856 2022 (document) / D / πέτωσαν 1828 / πεπότῳασιν 100<sup>ms</sup> 1856 2020 2138

3 τοῦ οἴνου... ἐθνη Is 23:17; Jr 31:7; Re 14:8; 17:2

<sup>1</sup> A forma que parece explicar melhor a origem das demais é τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας, que figura em N 046 1006 1859 2138 cop (sa,bo(ms)) al. A dificuldade de entender a expressão, bem como o descuido por parte de copistas, levou a modificações tais como τοῦ θυμοῦ τοῦ οἴνου τῆς πορνείας (P 051 cerca de noventa manuscritos minúsculos it (gig) cop (bo) ara eti (pp) al), τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας (A 1611 2053 it (61) vg eti (ro) al), τοῦ οἴνου τῆς πορνείας (792 1854 2070 (com) sir (ph) al), τῆς πορνείας τοῦ θυμοῦ—(C), e τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ (sir (h) Ps-Ambrósio).

<sup>2</sup> Por um lado, as formas mais fortemente apoiadas (A C 69 2031) πέτωσαν e πεπότῳασιν (N 046 cerca de cinquenta manuscritos minúsculos, incluindo 1006\* (vid) 1611 cop (sa,bo) al) são dificilmente apropriadas ao contexto, e parecem ter surgido de uma conformação mecânica com ἔπρεσεν no vs. 2. Por outro lado, o sentido da passagem, bem como o simbolismo profético (Jer. 25:15) = LXX 32:15) f.; 51:7,39 (= LXX 28:7,39)), parece exigir alguma forma do verbo «beber» ou «embebedar» (cf. Apo. 14:7). Entre tais formas, a maioria da comissão preferiu πέτωσαν (1828 2321), que também pode ser tida como apoiada por alguma variedade de evidência patrística e das versões, bem como pelos manuscritos gregos que dizem πεπότῳασιν — ou πέτωκεν (que são melhorias morfológicas ou gramaticais de πέτωσαν).

18:3: Porque todos os nações têm bebido do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com abundância de suas delícias.

Este versículo reitera, essencialmente, os sentimentos de Apo. 14:8 e 17:2, mais ou menos com as mesmas frases. (Ver as notas expositivas ali,

πέτωσαν<sup>2</sup> πάντα τὰ ἔθνη, καὶ οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς ἐκ τῆς δυνάμεως τοῦ στρήνου αὐτῆς ἐπλούτησαν.

Ps-Ambrósio / τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας A 1611 2053 it<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> arm vg<sup>cl</sup> eth<sup>ms</sup> Priscillian Ansbart Haymo / τοῦ οἴνου τῆς πορνείας 1854 syr<sup>ms</sup> Tyconius Priscillian Andrew<sup>us</sup> / τῆς πορνείας τοῦ θυμοῦ C

Andrew<sup>us</sup> Arethas / πέτωσαν P 051 1 2073 2081 Hippolytus Andrew<sup>us</sup> / (they drank it<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> eth<sup>ms</sup> arm Tyconius Priscillian Beatus Haymo / omi πέτωσαν πάντα τὰ ἔθνη Priscillian

quanto a amplas explicações). A isso é acrescentado aqui apenas alguns comentários. A idolatria, que é a imoralidade espiritual, está de novo em foco, e esse simbolismo, tomado por empréstimo do A.T., é anotado nos lugares mencionados. Este versículo adiciona um comentário acerca das riquezas comerciais de Roma, a qual se tornara rica por causa do comércio com nações circunvizinhas, geralmente injustamente. É verdade que Roma

estabilizou a vida política e comercial das nações sobre as quais dominava. Produziu o comércio mais intenso, com sucesso sem precedentes. «Roma, a capital, sem dúvida alguma foi a mais rica e magnificente cidade da antiguidade. Houve a necessidade de relações íntimas entre os mercadores e o governo, pelo que foi apenas natural que o autor sagrado, membro de um grupo religioso pobre e fraco, e que era perseguido por motivo de suas crenças, associasse os mercadores com os opressores dos cristãos». (Rist, *in loc.*).

...*luxúria*...» O texto fala de grande abundância, do grande acúmulo de riquezas. Os problemas básicos da sobrevivência, da moradia, do alimento suficiente, etc., desde há muito haviam sido solucionados. Agora a luxúria era a regra, e não algo com o que se sonhava. E juntamente com isso, como sempre se verifica, viera igualmente a corrupção moral e o olvido de Deus, aquele que dá todo o bom e perfeito dom. A palavra aqui traduzida por «luxúria» é «*strenos*», no grego, termo usado para indicar tanto o luxo como a sensualidade. Essas coisas quase sempre andam juntas, conforme a experiência humana constantemente o afirma. Viver na luxúria é viver, quase sempre, na devassidão. A vida devassa, como é óbvio, é diametralmente oposta à vida em Cristo. (Ver I Tim. 5:11).

*Variante Textual:* O grego diz, literalmente, nos mss Aleph, 048, 1008, 1859, 2138, no Cóp(sa, bol (msl, «do vinho da ira da imoralidade». Mas os mss P, 051, a cerca de noventa manuscritos gregos minúsculos, como também o It(ig), o Cóp(bol), o Ara e o Et(1pp) modificam isso para «da ira do vinho da imoralidade». Os mss A, 1811, 2053, o It(81), a Vg, o Et(ro) dizem «da ira da imoralidade». E os mss 792, 1865, 2070(com), o Siphil, trazem a forma mais simples, «do vinho da imoralidade». O ms C diz «da imoralidade da ira». O S(b) e o Pa. de Ambrósio dizem «do vinho da ira». A primeira de todas essas formas parece ser a forma original, que foi variadamente modificada.

#### 4. A Grande Lamentação diante da Queda da Babilônia (18:4).

4 Καὶ ἤκουσα ἄλλην φωνὴν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λέγουσαν, Ὑξέλαθε, ὁ λαὸς μου, ἐξ αὐτῆς, ἵνα μὴ συγκοινωνήσητε ταῖς ἁμαρτίαις αὐτῆς, καὶ ἐκ τῶν πληγῶν αὐτῆς ἵνα μὴ λάβητε·

4 Ὑξέλαθε...μου. Ia 48:20; 52:11. Jr 50:8; 51:6, 9, 45, 2 Cor 6:17

18:4: Ouvi outra voz de céu dizer: Sai dela, povo meu, para que não sajas participante das suas pecadas, e para que não lances mão suas pragas.

...*Ouvi*...» Em visão mística, o que, algumas vezes, é adicionado com fenômenos audíveis. (Ver Apo. 1:10 quanto aos tipos de «misticismo e visão», em suas notas expositivas).

...*outra voz*...» Provavelmente temos aqui a voz do próprio Cristo, em distinção à voz do grande anjo que acabara de declarar a queda de Babilônia. Outro tanto se dá em Apo. 1:10 e ss. Essa outra voz introduz a quarta visão sobre a queda de Babilônia. Tem ela duas divisões principais, a saber: 1. Um cântico de júbilo por causa da queda de Roma, refletindo os sentimentos dos cristãos, pois a passagem é coalhada de interjeições que indicam julgamentos morais. 2. O lamento do mundo pagão por causa da queda de Roma; pois agora os incrédulos verão que a perda terá sido grande, embora antes tenham participado dessa derrubada (ver Apo. 17:16), tendo até mesmo se alegrado com isso. Esse «paradoxo» de sentimentos é um elemento que tem levado alguns eruditos a supor a existência de duas Romas, nos capítulos dezessete e dezoito, a primeira «religiosa», e a segunda «secular, comercial ou política» (neste décimo oitavo capítulo). Porém, não é incomum que um povo a princípio se regozije ante a queda de um superior, chegando mesmo a divertir-se com seu embaraço; posteriormente, porém, se lamentam, quando percebem que tal queda também os prejudica. Consideremos o caso moderno de como se alegraram os aliados dos Estados Unidos da América do Norte, quando a Rússia lançou em órbita seu primeiro satélite, pois o gigante norte-americano recebeu assim um tapa no rosto. Mas, ao perceberem as implicações militares desse feito russo, entenderam que estavam em dificuldade séria, e passaram a ver com mais pressentimentos o que sucedera.

...*Retirai-vos dela, povo meu*...» O vidente João vinha descrevendo as informações que lhe eram dadas nas sete visões, a queda de Roma pagã (historicamente falando), bem como a queda do reino do anticristo (profeticamente falando), o que significará, afinal, a queda de todos os poderes terrenos malignos, quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo. Agora ele convida a «igreja», os «eleitos», o «povo de Deus», a retirar-se de Roma; em outras palavras, a nada ter com seu «culto ao imperador» e com sua horrenda idolatria, e nem mesmo, no futuro, com seu culto ao anticristo. Os intérpretes protestantes, porém, continuam vendo aqui a Roma papal, e vinculam este versículo com Apo. 17:5, onde, segundo pensam eles, ela é descrita como a «mãe das meretrizes», que eles identificam com as denominações protestantes liberais ou apóstatas. Este versículo, pois, transforma-se na chamada à «separação» de Roma e do protestantismo liberal. É possível que essa seja uma aplicação legítima do versículo, mas, na realidade, nem o papado e nem o protestantismo liberal são o tema deste versículo. Este fala, bem ao contrário, do que é totalmente pagão, a idolatria do «culto ao imperador», em que certos imperadores romanos foram adorados (esse é seu contexto histórico), ou então a idolatria que haverá nos últimos dias, quando o próprio Satanás será adorado por meio do anticristo (o que é sua aplicação profética). A «igreja», em ambos os casos, não pode mesmo dar lealdade a tais sistemas; pois, se ela prestasse tal lealdade, de acordo com a lei da colheita segundo a semeadura, teria de ser julgada não menos que Roma pagã.

*A igreja é aqui focalizada.* cremos que a igreja está em foco nesta adficiência, tal como ela aparece por todo o Apocalipse, incluindo seus capítulos quinto a décimo nono. Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito como um manual para os mártires cristãos do tempo de João, que então sofriram perseguição da parte de Domiciano. O livro não foi escrito para uma audiência fantasma. Portanto, a igreja está em foco do princípio ao fim do

especialmente porque suas elaborações produziram dúvidas quanto ao seu significado.

*Outras idéias sobre o terceiro versículo:*

1. O caráter ímpio do comércio. Apesar do comércio ser absolutamente necessário para o bem-estar da humanidade, com frequência tem sido pervertido pelo interesse ímpio, em que a ganância é divinizada, substituindo todos os outros deuses. Inúmeras corrupções entram na vida humana mediante o empreendimento comercial desenfreado, e muitas guerras se têm baseado somente nisso.

2. A queda de Babilônia, devemos notar, significará também o declínio e a queda eventual das nações. As nações se regozijarão ante sua queda, pois os pequenos poderes sempre se alegram em face da queda de algum poder maior (ver Apo. 17:16). Mas essa «alegria» será de pouca duração, pois logo em seguida os poderes secundários seguirão o mesmo caminho de Babilônia, pois dependiam dela.

3. «Ela tem sido inimiga da humanidade, segundo três grandes aspectos: as nações, os reis e os comerciantes. Ela tem feito as nações delirarem; ela tem derrubado reis; ela tem subornado aos mercadores; seus filhos são pecadores profundos; com ambas as mãos, anelantemente, ela tem pecado» (Carpenter, *in loc.*).

4. Os intérpretes protestantes vêem aqui a Roma papal, a negociações com os homens, a escravizar as nações, etc. Elas também vêem quinquilhabias espirituais aqui, como as «missas» celebradas a dinheiro, as indulgências, as idolatrias; as superstições, os falácios e enganadores milagres. Alguns são suficientemente honestos para observar que algumas dessas coisas também têm afligido o protestantismo, especialmente no caso das denominações evangélicas mais ricas. Mas, apesar disso poder ser uma aplicação legítima, não é o que o texto sagrado quer ensinar, histórica ou profeticamente.

5. Este versículo pode ser comparado com Apo. 17:4, que fala sobre a luxúria da meretriz.

livro. Profeticamente, a mesma coisa será o caso. A igreja, perseguida pelo anticristo, receberá instruções contidas neste livro. (Ver Apo. 4:1; em sua introdução, acerca da «questão do arrebatamento», como também I Tes. 4:15). Apesar de que a palavra «igreja» não é mencionada nos capítulos quarto a décimo nono do livro, contudo, estão presentes os «mártires», e esses são «mártires cristãos» (capítulos sétimo e décimo quarto), os quais são consolados e fortalecidos em meio às perseguições movidas pelo império romano; e os santos também são mencionados (ver Apo. 5:8; 8:3,4; 11:18; 13:7,10; 14:12; 15:3; 16:6; 17:6 e 18:24). Não há qualquer razão legítima para dizer-se que os «santos da tribulação» serão distintos dos «santos da igreja ordinária». Isso é uma opinião historicamente falsa, já que o Apocalipse foi escrito para uma igreja que sofria, e não para a nação de Israel, em sua incredulidade. Profeticamente, foi escrito para a mesma igreja. Portanto, aqui, a chamada de «separação» é dirigida à igreja, e não somente aos supostos «santos da tribulação», como se esses formassem uma nova entidade, separada da igreja de Cristo. Portanto, podemos concluir que a igreja passará bem definitivamente pela tribulação, e será mais perseguida do que tem sido em qualquer outro período da história humana. Pois o anticristo promoverá a mais terrível perseguição de todos os tempos. Toda fé religiosa, exceto a promovida por seu «culto», será ou destruída ou terá de viver subterraneamente. Nossos filhos terão de enfrentar isso, mesmo que nós não tenhamos de fazê-lo. E terão de ser crentes melhores do que nós. (Ver Apo. 13:7).

...*não serdes cúmplices*...» Como seriam cúmplices? Enfraquecendo sob a pressão e adorando à deusa Roma, ou então participando, de qualquer modo, da adoração ao imperador, através do «culto ao imperador»; ou então, profeticamente falando, enfraquecendo e cedendo às multíssimas pressões do anticristo, dando-lhe qualquer forma de lealdade, pois tal lealdade é dada ao próprio Satanás (ver Apo. 13:4,7).

Por igual modo, em Jer. 51:45, temos a chamada ao povo de Deus, para que abandone Babilônia: «Sai do meio dela, ó povo meu, e salve cada um a sua vida do brasme da ira do Senhor». As pragas que sobrevirão são aquelas que estão sendo descritas nestas visões, e, particularmente, o Armagedom, o dia de prestação de contas para os sistemas maléficos deste mundo.

...*e para não participardes dos seus flagelos*...» O autor sagrado entenderia a fuga literal para longe de Roma? Dificilmente seria assim, já que o crente comum não teria os meios financeiros para tal. Ele deve ter pensado em uma «fuga espiritual». Os mosteiros vieram à existência quando os homens resolveram fugir do mundo. Seus motivos eram bons, e alguns deles fizeram um vasto progresso espiritual, como indivíduos. Mas Jesus não fugiu do mundo; e não foi viver com os essênios, à beira do Mar Morto. Antes, continuou lutando, e viveu a maior vida espiritual que já houve sobre a terra. Muitos dos que fogem para os mosteiros levam o mundo em seus corações, os quais são cidadelas de destruição. É uma das tragédias da vida que, a despeito das circunstâncias externas, a maioria dos homens leva consigo um mundo íntimo que conduz à destruição própria.

*Outras idéias sobre o quarto versículo:*

1. Este versículo pode ser comparado a Jer. 51:45; Isa. 48:20; 52:11 e Num. 16:26. Diz o trecho de Isa. 52:11: «Retirai-vos, retirai-vos, sai de lá, não toqueis coisa imunda; sai do meio dela, purificai-vos, os que levais os utensílios do Senhor». Evidentemente esse é a base do trecho da I Cor. 6:11 e ss., uma passagem paralela a esta do Apocalipse.

2. Alguns relacionam este versículo a uma época original de Vespasiano, ao começo do cristianismo, ou a um certo período judaico, supondo que isso aponta para a fuga dos cristãos da cidade de Jerusalém, antes da chegada dos exércitos romanos. Não há como provar isso, porém. Seu uso atual, seja como

for, é verdadeiramente legítimo, sendo uma convocação para que os crentes se separem do idólatra «culto ao imperador».

3. «Comparar com a chamada de Abraão (ver Gên. 12:1), com o livramento de Ló (ver Gên. 19:12 e ss.), Nas páginas do N.T., ver Marc. 13:4; II Cor. 6:14; Efê. 5:11 e I Tim. 5:11». (Robertson, *in loc.*).

4. «Foi por causa de suas saudades que a mulher de Ló veio a participar da destruição de Sodoma» (Alford, *in loc.*).

5. «Vós, que desejais viver piedosamente, parti; pois, embora todas as coisas sejam legítimas em Roma, contudo, ser piedoso é ilegal». (Declaração do poeta romano Manuano).

5 ὅτι ἐκολληθήσαν αὐτῆς αἱ ἁμαρτίαι ἄχρι τοῦ οὐρανοῦ, καὶ ἐμνημόνευσεν ὁ θεὸς τὰ ἀδικήματα αὐτῆς.

5 ἐκολληθήσαν...οὐρανοῦ Gn 19:20-21, Jr 51:9

18:5: Porque os seus pecados se acumularam até o céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela.

Havia uma idolatria forçada, e também o martírio para os que não anulsem ante o culto ao imperador. Esses eram os principais pecados de Roma, até onde os cristãos estão envolvidos. Outrossim, essa idolatria era da pior espécie, pois apresentava como objeto de adoração a um mero homem mortal, que substituiu ao verdadeiro Deus, já que o «culto ao imperador» endeusava os imperadores romanos.

Naturalmente, Roma estava dominada pelos mais desatinados vícios. Juvenal criticou Roma severamente, com brilhante ferocidade, por causa de sua interminável corrupção. «Deus lembra-se» dos pecados dos homens. Isso é outra maneira de frisar a lei da «colheita segundo a sementeira» (ver Gál. 6:7,8). Deus «lembra-se» a fim de impor aos atos iníquos o julgamento de que é de conformidade com as «obras», segundo se vê em Rom. 2:6 e Apo. 20:12.

«...se acumularam até ao céu...» (Ver Jer. 51:9b quanto a isso). O julgamento de Babilônia atinge os céus, sendo elevado até ao firmamento. Neste ponto os pecados são retratados como se algum mau cheiro horrendo passasse para além da cena terrestre, atingindo os próprios céus, que tomariam conhecimento do «mau cheiro da terra». Em vista disso, Deus é forçado a agir, pois o acúmulo de pecado atingiu o seu ponto máximo, e tem de ser refreado. Essa parte do versículo, quanto à sua atitude, é igual ao trecho de Rom. 2:5, embora não contenha as mesmas palavras. Ali se lê: «Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus...» Lembramo-nos, por igual modo, da história de Noé, ou da de Nínive, ou da

6 ἀπόδοτε αὐτῇ ὡς καὶ αὐτὴ ἀπέδωκεν, καὶ διπλώσατε τὰ διπλὰ κατὰ τὰ ἔργα αὐτῆς· ἐν τῷ ποτηρίῳ ᾧ ἐκέρασεν κεράσατε αὐτῇ διπλοῦν·

6 ἀπέδωκεν] add υμιν I 2059i pm it vg<sup>cl</sup> arm s

18:6: Torna-lhe dar-lhe como também ela vos deu, e retribui-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber dai-lhe a ele em dobro.

Deus invocará a *lex talionis*, ou a lei da vingança olho por olho. (Ver Jer. 50:59, que talvez tenha estado na mente do autor sagrado, ao escrever estas palavras. Ver também Sal. 137:8, que diz: «Filha de Babilônia, que hás de ser destruída; feliz aquele que te der o pago do mal que nos fizeste!»). E indo além da regra da «lex talionis», o vidente João promete que Roma receberá em dobro por seus crimes e pecados.

«...em dobro segundo as suas obras...» (Ver Rom. 2:6 e Apo. 20:12 sobre o «julgamento segundo as obras»). Roma merece mais do que deu, porquanto se tornou a assassina dos santos.

«...no cálice em que ela misturou bebidas...» Ela misturou um cálice ímpio e destrutivo, forçando os crentes a beberem do mesmo. E também forçou as nações a sorverem desse cálice de corrupções. Por isso, será forçada a beber em dobro desse mesmo cálice. (Ver a metáfora do «cálice», empregado em Apo. 17:4 e 14:8). O cálice de Roma estava repleto de imoralidades, o que deixou as nações embriagadas na depravação (especialmente a idolatria, a imoralidade espiritual). Tal como a meretriz que era, ela misturou para seus fregueses uma bebida forte, para induzi-los à concupiscência, vencendo qualquer relutância que tivessem em participar de seus vícios. Visto que ela era tão hábil em misturar cálices de corrupção, terá de beber um cálice no juízo, de duplo tamanho e de dupla potência. (Ver Apo. 14:10 quanto à indignação de Deus, semelhante a um cálice de vinho). Os antigos sempre misturavam água no vinho que tomavam, o qual

7 ὅσα ἐδόξασεν αὐτὴν καὶ ἐστρηνίασεν, τοσοῦτον δότε αὐτῇ βασιανισμὸν καὶ πένθος. ὅτι ἐν τῇ καρδίᾳ αὐτῆς λέγει ὅτι· Κάθημαι βασίλισσα, καὶ χῆρα οὐκ εἰμί, καὶ πένθος οὐ μὴ ἴδω·

7-8 ἐν τῇ καρδίᾳ...πληγαὶ αὐτῆς Lc 47:7-8

Apesar do que parece ser o uso helenista (ver o comentário final sobre Fil. 3:21), a minoria da comissão preferiu fortemente o uso da «aspiração áspera sobre αὐτὴν».

18:7: Quanto ele se glorificou, e em delícias esteve, tanto lhe dai do tormento e do pranto; pois que ele diz em seu coração: Estou assentada como rainha, e não sou viúva, a de modo algum verai o pranto.

«A consumação do castigo dela (Roma) está presa a um triplice motivo, porquanto será o castigo: 1. De seus maus atos contra o partido sofredor, de modo geral. 2. Do cálice, em particular—pelo que devemos compreender aqui o cálice de amargura. 3. De sua autoglorificação e orgulho, que envolvia, em igual medida, humilhação e opressão contra os sofredores. 'Pois ela diz em seu coração'. Até mesmo agora, tão insuspeitamente segura ela se sente, que não percebe os sinais dos tempos. 'Uma rainha' (ver Isa. 47:7), e 'viúva não sou'. Uma viúva no sentido mais lato, alguém abandonada. (Ver Isa. 47:8,9). Mas também não era mais uma 'noiva' ou

6. «Fica subentendido aqui que, permanecendo em Babilônia, eles estariam sancionando seus pecados, com sua presença; e, com toda a probabilidade, ficariam contaminados pela influência ao seu redor» (Barnes, *in loc.*).

7. «O dever da separação pode, algumas vezes, conduzir a um êxodo literal... À sucussão de uma igreja corrompida pelo mundo mundanismo; mas o perigo jaz no apego ao espírito mundano (ver I João 2:16)» (Carpenter, *in loc.*). (Ver as notas expositivas em I João 2:16, onde se desenvolve a necessidade do crente separar-se do mundo, o que é acompanhado por poemas ilustrativos. Ver Col. 3:1 quanto a um poema que descreve aptamente o peso do mundo sobre a vida diária do crente, atuando sobre o seu corpo).

de Jerusalem. Em cada um desses casos, o juízo divino sobreveio porque a Deus não restava alternativa senão agir, tão grande se tornara o acúmulo dos pecados dos homens. E nesses casos que a laça da iniquidade se entorna, devendo os culpados arcar com suas conseqüências naturais.

*Symbolismos nisso envolvidos:* 1. O mau cheiro que sobe da terra, conforme já foi mencionado. 2. A idéia do «amontoamento» de algo, até chegar isso aos céus. 3. A idéia de adicionar novos pedaços de papiro ou pergaminho a um rolo, até que se forme um volume imenso. Qualquer dessas idéias nos fornece um indicio de como o pecado pode acumular-se, produzindo, necessariamente, o julgamento divino contra isso. O julgamento é adiado pela misericórdia e paciência de Deus.

Babel tinha sua torre, e esta pretendia atingir os próprios céus. No entanto, foi derrubada. Roma também tem sua gigantesca torre de pecado. E essa chegará aos céus. Por conseguinte, Roma, o império, terá de ser derrubada. Alguém poderia pensar que Deus se esquece dos oprimidos (ver Sal. 74:10-23). Mas o Senhor é longânimo, e espera somente a fim de dar oportunidade aos homens, para que sejam salvos. (Ver II Ped. 3:8-15).

*Outras idéias sobre o quinto versículo:*

1. O vidente João buscava consolar a igreja perseguida, assegurando-lhe que seus inimigos não poderão escapar ao juízo divino, não estava longe. Ele esperava ver a destruição de Roma em seus próprios dias. Embora essa expectativa não se tivesse cumprido, a verdade é que o juízo divino sobreviú, chegando seu tempo certo. De outro modo, o universo se veria envolvido em um caos metafísico constante. A essa tese, rejeitamos.

2. Um poema de autoria de Esquilo, apresentado nas notas expositivas sobre Rom. 2:8, ilustra a natureza incansável do juízo divino.

6 ἀπόδοτε...ἀπέδωκεν 1<sup>a</sup> 137:8, Jr 50:15, 29:2 Tb 1:6

já era fraco, porque a fermentação natural da uva só produz um conteúdo alcoólico de cerca de oito por cento. Mas o cálice da cólera de Deus não terá misturas dituidoras. O juízo, pois, será como a «lex talionis», a qual exigia juízo e castigo de acordo com a natureza e gravidade do crime. Por exemplo, se um homem malasse ou ferisse a outrem com uma de suas mãos, essa mão seria decepada. Assim, a meretriz, Roma, dava um cálice às suas vítimas, e um cálice terá de sorver. Essa é apenas outra fórmula pela qual se expressa a lei da colheita segundo a sementeira (ver Gál. 6:7,8 e as notas expositivas ali existentes).

*Outras idéias sobre o sexto versículo:*

1. (Quanto à lei da retribuição em dobro, por causa de alguma ofensa, ver Exo. 22:4,7; Isa. 40:2; Jer. 18:18 e Zac. 9:12). A dupla retribuição era uma provisão das leis levíticas. O vidente João vê justiça em sua aplicação a Roma.

2. (Ver a *lex talionis* no A.T., em Jer. 20:15; 29; 51:24; 56; Sal—137:8). A palavra «talion» vem do latim, «talis», «talo». «Tal como deres, isso receberás». (Ver também Jubileus iv.31 e xlviii.14, sobre essa lei).

3. Deus trata conosco conforme tratamos aos outros. Se desejamos receber, demos; se desejarmos viver em paz, sejamos pacificadores; se quisermos que outros saíam bem de nós, saíam bem de outras pessoas; mas, se cortarmos e queimarmos com nossas críticas, seremos cortados e queimados. Se quisermos ser amados, amemos.

4. «O cálice de sua luxúria tornar-se-á no cálice da vingança» (Carpenter, *in loc.*).

5. «Vós, que tendes bebido do vinho espremido, bebei também sua borra, o juízo do Altíssimo, que não faz acepção de pessoas». (Apocalipse de Baruque xlii.8, escrito aos Romanos).

7 Καθμαι] Καθω 046 pc: Καθω S2 al

uma «esposa», mas apenas uma «poliandra». (Lange, *in loc.*).

«...se glorificou...» O padrão cristão permite que nos gloriemos exclusivamente no Senhor, pois a autoglorificação é, na realidade, uma forma de idolatria. (Ver I Cor. 1:29,30. Ver também a chamada à «humildade», porquanto Deus resiste aos soberbos, em Tia. 4:6).

«...viveu em luxúria...» Tendo resolvido os problemas básicos das necessidades humanas, ela se enriqueceu com luxúria carnal, fazendo da carne e dos prazeres o seu deus. Isso pode ser comparado à parábola do «rico insensato», em Luc. 12:19 e ss. Um homem diz à sua alma: «Es rico, descontrai-te e desfruta tuas riquezas dissolutamente. Mas Deus lhe responde: «Insensato, esta noite tua alma será separada de toda a tua luxúria, e será chamado a prestação de contas». Esse epíteto aplicado por Deus aos que assim fazem se aplica hoje à maioria dos seres humanos, os quais perderam de vista o caminho da excelência. (Este versículo pode ser



comparado ao terceiro versículo deste capítulo, onde são descritos o deboche e a luxúria romana).

...*dai-lhe em igual medida tormento e pranto...* A «lex talionis», discutida no sexto versículo, reaparece aqui. Do mesmo modo que Roma vivera na luxúria e se endeusara, nessa exata medida ela conhecerá tormento e pranto. Assim como antes ela tinha razões para exaltar-se, em face de suas riquezas e prazeres fáceis, então ela terá motivos para lamentar a perda dessas vantagens. No oráculo contra Babilônia, registrado em Isa. 47:8-11; aquela cidade é descrita a desfrutar de segurança e diversões. Por isso, dizia: «...não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos». Porém, em um único dia, ela enviuvará e perderá tudo. Por semelhante modo, nesta passagem, que evidentemente se alicerça sobre aquela outra, Roma se jacta, afirmando: «Estou sentada como rainha. Viúva não sou. Pranto, nunca hei de ver!». A síbila advertiu aos romanos: «Ai de ti, toda imunda cidade da terra do Lácio, frenético e amante do veneno, em viuvez te assentarás, ao lado de tuas margens; e o rio Tibre lamentará por ti, sua esposa, que tinhas um coração sanguinário e uma mente ímpia». (*Oráculos Sibilinos* 5:168-171). (Quanto a notas expositivas sobre esses «oráculos», ver Apo. 17:16).

A cegueira do orgulho: Tal orgulho, como o de Roma, é incapaz de auto-analisar-se. Há grande abundância de sinais para o olho dotado de

8 διὰ τοῦτο ἐν μιᾷ ἡμέρᾳ ἤξουσιν αἱ πληγαὶ αὐτῆς, θάνατος καὶ πένθος καὶ λιμός, καὶ ἐν πυρὶ κατακαυθήσεται ὅτι ἰσχυρὸς κύριος ὁ θεὸς<sup>3</sup> ὁ κρίνας αὐτήν.

8 [C] κύριος ὁ θεός M<sup>a</sup> C P 046 051 1 94 1611 1828 1854 2083 2073 2081 2128 2432 (10<sup>a</sup> = syr<sup>h</sup>) cop<sup>ms</sup> = κύριος; arm Hippolytus Cyprian Tyconius Andrew<sup>1</sup> Beatus J ὁ θεὸς ὁ κύριος M<sup>a</sup> J κύριος ὁ θεὸς ὁ παντοκράτωρ

8 ἐν πυρὶ κατακαυθήσεται, Lv 21:9. Rn 17:16 ἰσχυρὸς... αὐτὴ Jt 36:34

Entre as várias formas, o *θεός* o *κύριος* (N\*) pode ser desprezada como erro de um copista, visto que essa seqüência não ocorre em nenhum outro trecho do Apocalipse. Por igual modo, a forma *ὁ θεός* (A 1006 1841 2040 2053 (com) it (61) vg etl) parece ter resultado da omissão accidental de *κύριος* após *ἰσχυρός*. Novamente, a inserção de *ὁ παντοκράτωρ* após *θεός* (2042 e dez outros manuscritos minúsculos) é uma típica adição escríbal, com base em passagens como 1:8; 4:8 11:17; 15:3; 16:7,14; 19:6,15; 21:22. Dentre as formas restantes, *κύριος* o *θεός* é a bem melhor apoiada (N C P 046 051 maioria dos minúsculos, incluindo 1611 1854 ig (gig) sir (h) (cop (sa,bo)) ara Espéculo a/).

18:8: Por isso, num mesmo dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, a a fome; e será consumida no fogo, porque forte é o Senhor Deus que a julga.

A variedade dos tormentos que lhe são prometidos, que a derrubarão por terra, será igual à grande variedade de suas fontes de riquezas e prazeres. Porém, assim como foram necessários séculos para ela aumentar suas riquezas e seu orgulho, assim cairá ela em um só dia, com a qual expressão João, obviamente, indicava um breve período de tempo, embora talvez não um dia literal de vinte e quatro horas. Diz Rist (*in loc.*): «A despeito da segurança dela, Deus a punirá com certa variedade de flagelos em um dia, o que consistirá do lamento que ela tinha certeza que jamais experimentaria, e, em boa medida, morte, fome e fogo. Tudo isso é inescapável, porque o Senhor Deus tem o poder de impor-lhe o julgamento». João não esperava que houvesse longo declínio e queda, conforme realmente sucedeu na história, e, sim, súbita destruição, da parte de seus adversários, como os partas (conforme ele talvez antecipasse).

É bem possível que o castigo dramático, súbito e completo, esperado para Roma pelo vidente, se refira à idéia anterior, em Apo. 17:16,17, a invasão feita pelo «Nero redívivo», com seus sátrapas persas, a fim de cometer matricídio. «O profeta não vê declínio e queda, e, sim, colapso repentino (ver. 10,16,19)». (Moffatt, *in loc.*). Apesar de que isso não ocorreu na história, esperamos a queda do anticristo (do ponto de vista profético) exatamente desse modo. (Ver acerca da batalha do «Armagedom», em Apo. 14:14, nas notas introdutórias e expositivas). Este versículo pode ser comparado a Isa. 47:8-9, que pode ter servido de pano de fundo literário.

A aproximação dos partas, vindos do Oriente, liderados por Nero, cortaria o suprimento de alimentos de Roma e a reduziria à fome, e a pestilência se desencadearia logo em seguida. A terceira praga (após a morte e a lamentação) prepararia Roma para a destruição pelo fogo». (Charles, *in loc.*).

9 Καὶ κλαύουσιν καὶ κόφονται ἐπ' αὐτήν οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς οἱ μετ' αὐτῆς πορνεύσαντες καὶ στερηθήσασαι·τες, ὅταν βλέπωσιν τὸν καπνὸν τῆς πυρώσεως αὐτῆς,

18:9: E os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em delícias, sobre ela chorarão e prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio;

A começar por este nono versículo, temos a segunda seção natural do capítulo, que é o lamento das nações por causa da queda de Roma. A primeira seção expõe o cântico de louvor dos cristãos, que percebem as razões morais da queda de Roma. Mas a natureza «lamentosa» da seção que ora tem início tem levado alguns estudiosos a suporem que «duas Romas» estão em foco nos capítulos dezessete e dezoito do Apocalipse. No capítulo dezessete teríamos a «Roma religiosa», e neste presente capítulo teríamos a «Roma comercial e política». O trecho de Apo. 17:6 é reputado como a destruição da «Roma religiosa» por parte da «Roma política», o que seria feito «jubilosamente». Mas agora as nações se lamentam ante a queda de Roma; e isso, presumivelmente, indicaria estar em vista uma Roma diferente, a «comercial». Tudo isso, entretanto, não passa de uma interpretação artificial. Temos mostrado que, historicamente, o vidente João reiterava uma expectativa dos primitivos cristãos de que «Nero redívivo», com sátrapas partas, haveria de invadir Roma; e que, assim, Nero cometera matricídio. Mas isso de modo algum sugere «duas Romas», porquanto a Roma de Nero seria a Roma a ser destruída, e essa é a única

entendimento. Mas, em desdenhosa confiança, Roma ignora a todos eles. Tal como em Paris, antes da Revolução, é mais fácil cultivar um cego senso de segurança do que enfrentar os trágicos fatos perturbadores. A cegueira moral, com freqüência é a última qualidade do indivíduo ou da cidade condenados. O instrumento mais aguçado golpeia, e os rostos dos condenados refletem surpresa espantada. Uma das tarefas mais sutis do homem que fala a outros homens, em prol de Deus, consiste de despertá-los de um falso e injustificado senso de segurança. A psicologia que oferece paz à entrada mesma da casa da condenação é um fenômeno estranho». (Hough, *in loc.*).

Outras idéias sobre o sétimo versículo:

1. Isso pode ser comparado à jactância de Tiro, em Eze. 28:2, bem como à autoglorificação de Roma, referida em II Baruaque 12:3.

2. «Para a consciência semita, tal como para a helenista, a queda de um espírito ativo sempre produz o alívio moral. Nada chocava tanto a consciência dos antigos como a presunção dominadora em um estado ou em um indivíduo, o que, certamente, traria contra si a ira esmagadora dos céus» (Moffatt, *in loc.*).

3. «Ela (Roma) não se considerava viúva, pois o poder e a glória mundiais eram seus maridos. Babilônia era a rainha do Oriente; e Roma era a rainha do Ocidente. Nas moedas imperiais era chamada de «a cidade eterna» (Faustel).

2042 J ὁ θεός A 1006 2053<sup>ms</sup> (10<sup>a</sup> = syr<sup>h</sup>) it vg etl J κύριος θεός 2020 2053<sup>ms</sup> ὁ κύριος syr<sup>h</sup> de Primitivus; Apringius Primitius Ps-Ambrase Haymo Aethas

8 ημερα] ωρα ὅς πε m Cyp Prim | Κυριος] om A 1006 pc vg; R<sup>m</sup>

Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. «Ela se julgava forte; esqueceu-se da força do Todo-poderoso. Suas pragas acompanham quatro aspectos, como se viessem de cada quadrante: morte, ante a sua zombaria à possibilidade de viuvez; lamentação, para suas dissoluções desordenadas; fome, ante sua anterior abundância; e fogo e castigo contra suas fornicções (ver Lev. 20:14 e 21:9)» (Carpenter, *in loc.*).

2. «A queda de Babilônia é certa por causa do poder de Deus». (Robertson, *in loc.*). É o Senhor quem castiga. Ele é o verdadeiro soberano, e não Roma. Deus é quem julga. Ele é o verdadeiro objeto de adoração, e não o imperador romano. Deus é quem possui força toda-poderosa, e não Roma. (Ver Deus como o «Todo-poderoso», em Apo. 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7,14; 19:16 e 21:22).

3. A paga cidade de Roma nunca foi incendiada, exceto em porções insignificantes. Por isso, alguns eruditos continuam a pensar aqui na Roma papal. Mas essa também nunca foi julgada assim. Profeticamente falando, o reinado do anticristo é aqui focalizado, e a profecia inteira diz respeito ainda ao futuro. Alguns intérpretes da escola histórica, a fim de se desviarem do fato que nada dessa natureza jamais ocorreu literalmente, pensam que essas julgas são figuradas, e vêem neles vários eventos históricos, como a Reforma protestante, etc. Mas tais interpretações estão inteiramente fora de lugar, quer histórica quer profeticamente.

Variante Textual: As palavras *Senhor, o Deus*, aparecem nos mss Aleph(c), CP, 046, 051, na maioria dos manuscritos minúsculos, e no It(gig), no Silh), no Cop(sa,bo), no Ara e nos escritos de Espéculo. «...o Deus» é a forma que figura nos mss 1008, 2040, 2063(com), no It(61), na Vg e no EtI. Provavelmente houve aqui uma omissão accidental da palavra «*senhor*», por causa do anterior termo grego, «*ischuros*», de aparência similar, o que teria sido causado pelo fato que os olhos de algum escriba saltaram por cima dessa palavra. O ms 2042 e alguns outros manuscritos minúsculos adornam o texto, adicionando «*Todo-poderoso*» após a palavra «*Deus*», seguindo o molde de passagens como Apo. 1:8; 4:8; 11:17, etc. A primeira dessas formas, porém, mui provavelmente, é a que representa o original.

9 Eze 26:16, 27:30-35

Roma que figura nos capítulos dezessete e dezoito. Profeticamente, entretanto, é mais difícil definir o problema, e as notas introdutórias ao décimo sétimo capítulo discutem sobre isso. Seja como for, a «alegria» do capítulo dezessete e a «tristeza» do capítulo dezoito podem, facilmente, andar juntas, porque sempre será verdade que os poderes secundários se regozijam ante a queda de algum poder maior. Contudo, usualmente esses poderes secundários dependem do maior, e a queda deste serve apenas de detrimento para aqueles. Portanto, apesar de se regozijarem a princípio, ante a queda do gigante, logo se lamentam por sua queda, porquanto isso os prejudica profundamente.

Três grupos são salientados aqui, a lamentarem pela queda de Roma: 1. Os «reis» (versículos nove e dez); 2. os «mercadores» (versículo onze); 3. os capitães e marinheiros (versículos dezessete e dezenove). Mas, finalmente, os céus, os santos apóstolos e profetas (a igreja, incluindo os mártires, sem qualquer dúvida), se regozijarão ante a queda de Roma, porquanto a justiça terá sido feita.

Notemos que a descrição segue passagens como Eze. 26-28, onde os reis (ver Eze. 26:15-18), os negociantes (ver 27:36), os marinheiros (ver 27:29-36) se lamentam ante a queda de Tiro. Nesta passagem, a tristeza dos

três grupos, mais ou menos paralelos aos grupos mencionados por Ezequiel, é posta em contraste com a alegria de outro grupo de três: os «céus» (seres angelicais), os santos apóstolos e os profetas (ver o vigésimo versículo deste capítulo).

«...os reis...», a saber, os chefes de governo sujeitos a Roma, o que provavelmente inclui os dirigentes das áreas limítrofes do império romano, que haviam dado voluntariamente a sua lealdade a Roma. Esses «reis» devem ser distinguidos dos partas destruídos, que segundo se esperava, viriam destruir Roma (ver Apo. 17:16). Esses tinham muito a perder com a queda de Roma, porquanto haviam recebido autoridade delegada por Roma; e isso importava em riquezas e prestígio.

«...chorarão...» No grego temos o verbo «*klaiō*», que significa «chorar em voz alta», pois a grande tristeza deles os deixará totalmente tomados de dor.

«...se lamentarão...» Eles expressarão sua tristeza em altos brados de consternação, por causa do que lhes sucedera, porquanto Roma, a fonte do bem-estar deles, havia caído. Profeticamente falando, pelo menos, derivamos a idéia que o reino inteiro do anticristo cairá juntamente com ele, e não apenas ele e sua capital. A federação de dez reinos não ficará isenta de tristeza e destruição. A punição divina atingirá a todos os poderes ímpios, quando a «parousia» tiver lugar, de tal modo que isso dê início à futura «era áurea».

«...que com ela se prostituíram e viveram em luxúria...» Eles tinham participado de suas riquezas e de sua idolatria, de mistura com muitos pecados sensuais. (Isso já fora dito e comentado em Apo. 17:2,4,5. Apo. 18:3 enfatiza novamente a mesma coisa).

«...quando virem a fumaceira do seu incêndio...» João esperava que os partas cortassem o suprimento de alimentos, provocando a fome, uma comum tática militar. Isso provocaria pestilência e lamentação. Então, estando Roma assim debilitada, o «Nero redivivo», cabeça dos sátrapas persas (a federação de dez reinos, em seu aspecto histórico), haveria de incendiar a cidade. Os espantados reis que haviam sido leais a Roma, em contraste com os partas, ficariam à distância, lamentando-se, enquanto observavam a fumaça da destruição. Em Eze. 26:15-17, os príncipes do mar descem de seus tronos para lamentar a queda de Tiro. Seus lamentos aumentarão devido à queda súbita de Roma.

A predição da destruição de Roma a fogo é repetida no versículo dezoito deste capítulo. (Ver também Apo. 17:16).

10 ἀπὸ μακρόθεν ἑστηκότες διὰ τὸν φόβον τοῦ βασανισμοῦ αὐτῆς, λέγοντες, Οὐαὶ οὐαὶ, ἡ πόλις ἡ μεγάλη, Βαβυλὼν ἡ πόλις ἡ ἰσχυρά, ὅτι μὴ ὥρα ἦλθεν ἡ κρίσις σου.

10 ἡ πόλις ἡ μεγάλη... ἰσχυρά Eze 26:17; Dn 4:30

18:10: e, estando de longe por medo do tormento dela, dirão: Ali aí da grande cidade, Babilônia, a cidade forte pelo nome até hora veio o teu julgamento.

«...de longe...» Pois as nações aliadas de Roma temeriam o poder dos partas, não ousando desafiá-los. Portanto, permitiriam que Nero e seus sátrapas persas tivessem amplo poder, conforme bem quisessem; e, desse modo, Roma será completamente destruída e incendiada. Assim também será quando o reino do anticristo for destruído. Nenhum poder sobre a terra será capaz de pôr fim ao que sucederá na batalha de Armagedom e posteriormente, e poderes governantes malignos serão eliminados da face da terra. Somente então é que haverá a era áurea, e Cristo, em espírito, governará supremo em toda a terra.

«...medo do seu tormento...» Temendo que a sua intervenção só os levaria a participar também da agonia de Roma.

«...Aí! Aí!...» As palavras do lamento deles, no nono versículo. Esse lamento é egoísta, porém, pois não se entristeciam pela sorte mesma de Roma, à parte das vantagens que Roma lhes conferia. Será uma «tristeza pecaminosa», por não ser pura, mas egoísta, não levando ao arrependimento. Tinham dó de Roma, mas somente porque sentiam que o que sucedera a ela, também sucederia a eles, pois a queda de Roma os privaria de poder, prestígio e dinheiro.

«...grande cidade. Babilônia...» Babilônia é Roma, conforme os comentaristas em Apo. 14:8. Roma é a «grande cidade», segundo se viu em Apo. 17:18, por causa de sua magnificência e por causa de seu poder sobre todos os reis da terra, de tal modo que governava o mundo como «rainha» (ver Apo. 18:7). A descrição dela, em Apo. 17:5, inclui a declaração, «Babilônia, a Grande».

«...poderosa cidade...» Devido ao seu governo mundial (ver Apo. 17:18) e

Os reis, os mercadores e os marinheiros resolverão unir seus destinos a Roma. A escolha será péssima. Assim preferirão por causa de interesses egoístas e carnaís. Cada indivíduo tem uma escolha similar a fazer.

A cada homem se abre

Um caminho, e caminhos, e um caminho.

E a elevada alma sobe pelo caminho elevado,

E a alma vil se arrasta pelo baixo,

E entre eles, na planície enevoadas,

Os demais vagueiam, para lá e para cá.

Mas a cada homem se abre

Um caminho alto e outro baixo,

E cada qual resolve

O caminho pelo qual irá sua alma.

(John Oxenham).

Outras idéias sobre o nono versículo:

1. «Os reis se entristecem ante a queda repentina do poder (versículo dez) pela reversão da sorte; os mercadores (versículo onze e dezesseis), pela queda de um mercado proveitoso, e os marinheiros pelo golpe repentino infligido no comércio transportado em embarcações (versículo dezanove)» (Moffatt, *in loc.*). Assim é porque, para eles, o «significado da vida» se centralizava em tais coisas, transformando elas essas coisas em deuses. Quão contemporâneo é tudo isso! Como persistem os antigos deuses!

2. Aqueles que se recusam a entristecer-se por causa do pecado, a se arrependerem com tristeza piedosa, finalmente haverão de entristecer-se com os efeitos maus do pecado sobre eles. A escolha é sempre presente, e os resultados da escolha são inevitáveis. Que coisa terrível é o livre-arbítrio!

3. «A lamentação deles expressa duas coisas — por um lado, que foram ofuscados pela grandiosidade e poder de Babilônia; e, por outro lado, que têm consciência de sua culpa, pois falam do 'julgamento' dela, embora não cheguem à penitência consciente de terem cometido fornicação e terem vivido luxuriosamente com ela» (Lange, *in loc.*).

4. «A tristeza descrita resulta de temor mesclado com egoísmo; os lamentadores se lembram, com desprazer, de mistura com o terror, da vida voluptuosa, dos lucros imediatos e grandes, e das variadas vantagens comerciais que eles perderam com a queda dela» (Carpenter, *in loc.*).

5. A queda do anticristo e seu poder produzirá tal tristeza, pois os homens se arrependem com grande lentidão. Mas a «parousia», ou segunda vinda de Cristo, que produzirá isso, levando-o a seus estágios finais, instaurará a verdadeira era áurea, o milênio.

sua imensa riqueza (ver Apo. 17:4). Naqueles dias, todos os caminhos levavam a Roma. No futuro, todos os caminhos conduzirão ao anticristo e seu governo, segundo o décimo terceiro capítulo deixa bem claro.

«...em uma só hora chegou o teu juízo...» O «um dia» do oitavo versículo e aqui apenas «uma hora»; mas ambas as expressões falam de um breve período de tempo. Essa destruição ocorrerá repentinamente, sem qualquer declínio e queda prolongados. (Ver as notas expositivas sobre isso no oitavo versículo). A expressão «uma hora» é repetida no versículo décimo nono.

Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. Quanto ao lamento, na forma de «aia», ver Isa. 5:8,11,20,22; Hab. 2:6,12,19; Zac. 2:5; Amós 5:18). O termo grego «*ouai*» é uma interjeição clássica, que expressa dor ou tristeza. (Ver Epicteto 3,19,1; Soph. Ep. 36 e 62). No N.T. também se pode examinar os trechos de Mat. 18:7b; 23:13-16,23,25,27; Marc. 13:17; Luc. 21:23; 22:22. Essa palavra é usada como uma interjeição para amaldiçoar ou para ameaçar julgamento, como também para indicar um lamento triste.

2. «Há um estranho encantamento na cidade que queimava. Eles temiam ter a mesma sorte» (Robertson, *in loc.*).

3. Vários intérpretes da escola histórica, conforme fazem por todos estes capítulos dezanove e dezoito, continuam a ver aqui a queda de Roma papal, mas o texto nada tem a ver com isso.

4. Antes eram amigos íntimos, intoxicados com os vícios de Roma. O juízo, porém, fá-los se afastarem temerosos. O julgamento modifica as atitudes dos homens. (Ver Fil. 2:9 e ss., em suas notas expositivas, a esse respeito).

5. Para evitar suas pragas, os crentes se põem de longe! (Ver o quarto versículo deste capítulo quanto a esse sentimento).

6. Um típico lamento humano, quando Cristo não tem lugar na alma. Lamentarão a perda, o infortúnio, mas não o pecado; e nem isso os levará ao arrependimento. Essa tristeza conduz à morte (ver II Cor. 7:10).

11 Καὶ οἱ ἔμποροι τῆς γῆς κλαίουσιν καὶ πενθοῦσιν ἐπ' αὐτήν<sup>1</sup>, ὅτι τὸν γόμον αὐτῶν οὐδεὶς ἀγοράζει οὐκέτι,

11 Eze 27:36

<sup>1</sup> 11 [C] ἐπ' αὐτὴν N C P 12<sup>a</sup> 13<sup>a</sup> 14<sup>a</sup> 15<sup>a</sup> 16<sup>a</sup> 17<sup>a</sup> 18<sup>a</sup> 19<sup>a</sup> 20<sup>a</sup> 21<sup>a</sup> 22<sup>a</sup> 23<sup>a</sup> 24<sup>a</sup> 25<sup>a</sup> 26<sup>a</sup> 27<sup>a</sup> 28<sup>a</sup> 29<sup>a</sup> 30<sup>a</sup> 31<sup>a</sup> 32<sup>a</sup> 33<sup>a</sup> 34<sup>a</sup> 35<sup>a</sup> 36<sup>a</sup> 37<sup>a</sup> 38<sup>a</sup> 39<sup>a</sup> 40<sup>a</sup> 41<sup>a</sup> 42<sup>a</sup> 43<sup>a</sup> 44<sup>a</sup> 45<sup>a</sup> 46<sup>a</sup> 47<sup>a</sup> 48<sup>a</sup> 49<sup>a</sup> 50<sup>a</sup> 51<sup>a</sup> 52<sup>a</sup> 53<sup>a</sup> 54<sup>a</sup> 55<sup>a</sup> 56<sup>a</sup> 57<sup>a</sup> 58<sup>a</sup> 59<sup>a</sup> 60<sup>a</sup> 61<sup>a</sup> 62<sup>a</sup> 63<sup>a</sup> 64<sup>a</sup> 65<sup>a</sup> 66<sup>a</sup> 67<sup>a</sup> 68<sup>a</sup> 69<sup>a</sup> 70<sup>a</sup> 71<sup>a</sup> 72<sup>a</sup> 73<sup>a</sup> 74<sup>a</sup> 75<sup>a</sup> 76<sup>a</sup> 77<sup>a</sup> 78<sup>a</sup> 79<sup>a</sup> 80<sup>a</sup> 81<sup>a</sup> 82<sup>a</sup> 83<sup>a</sup> 84<sup>a</sup> 85<sup>a</sup> 86<sup>a</sup> 87<sup>a</sup> 88<sup>a</sup> 89<sup>a</sup> 90<sup>a</sup> 91<sup>a</sup> 92<sup>a</sup> 93<sup>a</sup> 94<sup>a</sup> 95<sup>a</sup> 96<sup>a</sup> 97<sup>a</sup> 98<sup>a</sup> 99<sup>a</sup> 100<sup>a</sup> 101<sup>a</sup> 102<sup>a</sup> 103<sup>a</sup> 104<sup>a</sup> 105<sup>a</sup> 106<sup>a</sup> 107<sup>a</sup> 108<sup>a</sup> 109<sup>a</sup> 110<sup>a</sup> 111<sup>a</sup> 112<sup>a</sup> 113<sup>a</sup> 114<sup>a</sup> 115<sup>a</sup> 116<sup>a</sup> 117<sup>a</sup> 118<sup>a</sup> 119<sup>a</sup> 120<sup>a</sup> 121<sup>a</sup> 122<sup>a</sup> 123<sup>a</sup> 124<sup>a</sup> 125<sup>a</sup> 126<sup>a</sup> 127<sup>a</sup> 128<sup>a</sup> 129<sup>a</sup> 130<sup>a</sup> 131<sup>a</sup> 132<sup>a</sup> 133<sup>a</sup> 134<sup>a</sup> 135<sup>a</sup> 136<sup>a</sup> 137<sup>a</sup> 138<sup>a</sup> 139<sup>a</sup> 140<sup>a</sup> 141<sup>a</sup> 142<sup>a</sup> 143<sup>a</sup> 144<sup>a</sup> 145<sup>a</sup> 146<sup>a</sup> 147<sup>a</sup> 148<sup>a</sup> 149<sup>a</sup> 150<sup>a</sup> 151<sup>a</sup> 152<sup>a</sup> 153<sup>a</sup> 154<sup>a</sup> 155<sup>a</sup> 156<sup>a</sup> 157<sup>a</sup> 158<sup>a</sup> 159<sup>a</sup> 160<sup>a</sup> 161<sup>a</sup> 162<sup>a</sup> 163<sup>a</sup> 164<sup>a</sup> 165<sup>a</sup> 166<sup>a</sup> 167<sup>a</sup> 168<sup>a</sup> 169<sup>a</sup> 170<sup>a</sup> 171<sup>a</sup> 172<sup>a</sup> 173<sup>a</sup> 174<sup>a</sup> 175<sup>a</sup> 176<sup>a</sup> 177<sup>a</sup> 178<sup>a</sup> 179<sup>a</sup> 180<sup>a</sup> 181<sup>a</sup> 182<sup>a</sup> 183<sup>a</sup> 184<sup>a</sup> 185<sup>a</sup> 186<sup>a</sup> 187<sup>a</sup> 188<sup>a</sup> 189<sup>a</sup> 190<sup>a</sup> 191<sup>a</sup> 192<sup>a</sup> 193<sup>a</sup> 194<sup>a</sup> 195<sup>a</sup> 196<sup>a</sup> 197<sup>a</sup> 198<sup>a</sup> 199<sup>a</sup> 200<sup>a</sup> 201<sup>a</sup> 202<sup>a</sup> 203<sup>a</sup> 204<sup>a</sup> 205<sup>a</sup> 206<sup>a</sup> 207<sup>a</sup> 208<sup>a</sup> 209<sup>a</sup> 210<sup>a</sup> 211<sup>a</sup> 212<sup>a</sup> 213<sup>a</sup> 214<sup>a</sup> 215<sup>a</sup> 216<sup>a</sup> 217<sup>a</sup> 218<sup>a</sup> 219<sup>a</sup> 220<sup>a</sup> 221<sup>a</sup> 222<sup>a</sup> 223<sup>a</sup> 224<sup>a</sup> 225<sup>a</sup> 226<sup>a</sup> 227<sup>a</sup> 228<sup>a</sup> 229<sup>a</sup> 230<sup>a</sup> 231<sup>a</sup> 232<sup>a</sup> 233<sup>a</sup> 234<sup>a</sup> 235<sup>a</sup> 236<sup>a</sup> 237<sup>a</sup> 238<sup>a</sup> 239<sup>a</sup> 240<sup>a</sup> 241<sup>a</sup> 242<sup>a</sup> 243<sup>a</sup> 244<sup>a</sup> 245<sup>a</sup> 246<sup>a</sup> 247<sup>a</sup> 248<sup>a</sup> 249<sup>a</sup> 250<sup>a</sup> 251<sup>a</sup> 252<sup>a</sup> 253<sup>a</sup> 254<sup>a</sup> 255<sup>a</sup> 256<sup>a</sup> 257<sup>a</sup> 258<sup>a</sup> 259<sup>a</sup> 260<sup>a</sup> 261<sup>a</sup> 262<sup>a</sup> 263<sup>a</sup> 264<sup>a</sup> 265<sup>a</sup> 266<sup>a</sup> 267<sup>a</sup> 268<sup>a</sup> 269<sup>a</sup> 270<sup>a</sup> 271<sup>a</sup> 272<sup>a</sup> 273<sup>a</sup> 274<sup>a</sup> 275<sup>a</sup> 276<sup>a</sup> 277<sup>a</sup> 278<sup>a</sup> 279<sup>a</sup> 280<sup>a</sup> 281<sup>a</sup> 282<sup>a</sup> 283<sup>a</sup> 284<sup>a</sup> 285<sup>a</sup> 286<sup>a</sup> 287<sup>a</sup> 288<sup>a</sup> 289<sup>a</sup> 290<sup>a</sup> 291<sup>a</sup> 292<sup>a</sup> 293<sup>a</sup> 294<sup>a</sup> 295<sup>a</sup> 296<sup>a</sup> 297<sup>a</sup> 298<sup>a</sup> 299<sup>a</sup> 300<sup>a</sup> 301<sup>a</sup> 302<sup>a</sup> 303<sup>a</sup> 304<sup>a</sup> 305<sup>a</sup> 306<sup>a</sup> 307<sup>a</sup> 308<sup>a</sup> 309<sup>a</sup> 310<sup>a</sup> 311<sup>a</sup> 312<sup>a</sup> 313<sup>a</sup> 314<sup>a</sup> 315<sup>a</sup> 316<sup>a</sup> 317<sup>a</sup> 318<sup>a</sup> 319<sup>a</sup> 320<sup>a</sup> 321<sup>a</sup> 322<sup>a</sup> 323<sup>a</sup> 324<sup>a</sup> 325<sup>a</sup> 326<sup>a</sup> 327<sup>a</sup> 328<sup>a</sup> 329<sup>a</sup> 330<sup>a</sup> 331<sup>a</sup> 332<sup>a</sup> 333<sup>a</sup> 334<sup>a</sup> 335<sup>a</sup> 336<sup>a</sup> 337<sup>a</sup> 338<sup>a</sup> 339<sup>a</sup> 340<sup>a</sup> 341<sup>a</sup> 342<sup>a</sup> 343<sup>a</sup> 344<sup>a</sup> 345<sup>a</sup> 346<sup>a</sup> 347<sup>a</sup> 348<sup>a</sup> 349<sup>a</sup> 350<sup>a</sup> 351<sup>a</sup> 352<sup>a</sup> 353<sup>a</sup> 354<sup>a</sup> 355<sup>a</sup> 356<sup>a</sup> 357<sup>a</sup> 358<sup>a</sup> 359<sup>a</sup> 360<sup>a</sup> 361<sup>a</sup> 362<sup>a</sup> 363<sup>a</sup> 364<sup>a</sup> 365<sup>a</sup> 366<sup>a</sup> 367<sup>a</sup> 368<sup>a</sup> 369<sup>a</sup> 370<sup>a</sup> 371<sup>a</sup> 372<sup>a</sup> 373<sup>a</sup> 374<sup>a</sup> 375<sup>a</sup> 376<sup>a</sup> 377<sup>a</sup> 378<sup>a</sup> 379<sup>a</sup> 380<sup>a</sup> 381<sup>a</sup> 382<sup>a</sup> 383<sup>a</sup> 384<sup>a</sup> 385<sup>a</sup> 386<sup>a</sup> 387<sup>a</sup> 388<sup>a</sup> 389<sup>a</sup> 390<sup>a</sup> 391<sup>a</sup> 392<sup>a</sup> 393<sup>a</sup> 394<sup>a</sup> 395<sup>a</sup> 396<sup>a</sup> 397<sup>a</sup> 398<sup>a</sup> 399<sup>a</sup> 400<sup>a</sup> 401<sup>a</sup> 402<sup>a</sup> 403<sup>a</sup> 404<sup>a</sup> 405<sup>a</sup> 406<sup>a</sup> 407<sup>a</sup> 408<sup>a</sup> 409<sup>a</sup> 410<sup>a</sup> 411<sup>a</sup> 412<sup>a</sup> 413<sup>a</sup> 414<sup>a</sup> 415<sup>a</sup> 416<sup>a</sup> 417<sup>a</sup> 418<sup>a</sup> 419<sup>a</sup> 420<sup>a</sup> 421<sup>a</sup> 422<sup>a</sup> 423<sup>a</sup> 424<sup>a</sup> 425<sup>a</sup> 426<sup>a</sup> 427<sup>a</sup> 428<sup>a</sup> 429<sup>a</sup> 430<sup>a</sup> 431<sup>a</sup> 432<sup>a</sup> 433<sup>a</sup> 434<sup>a</sup> 435<sup>a</sup> 436<sup>a</sup> 437<sup>a</sup> 438<sup>a</sup> 439<sup>a</sup> 440<sup>a</sup> 441<sup>a</sup> 442<sup>a</sup> 443<sup>a</sup> 444<sup>a</sup> 445<sup>a</sup> 446<sup>a</sup> 447<sup>a</sup> 448<sup>a</sup> 449<sup>a</sup> 450<sup>a</sup> 451<sup>a</sup> 452<sup>a</sup> 453<sup>a</sup> 454<sup>a</sup> 455<sup>a</sup> 456<sup>a</sup> 457<sup>a</sup> 458<sup>a</sup> 459<sup>a</sup> 460<sup>a</sup> 461<sup>a</sup> 462<sup>a</sup> 463<sup>a</sup> 464<sup>a</sup> 465<sup>a</sup> 466<sup>a</sup> 467<sup>a</sup> 468<sup>a</sup> 469<sup>a</sup> 470<sup>a</sup> 471<sup>a</sup> 472<sup>a</sup> 473<sup>a</sup> 474<sup>a</sup> 475<sup>a</sup> 476<sup>a</sup> 477<sup>a</sup> 478<sup>a</sup> 479<sup>a</sup> 480<sup>a</sup> 481<sup>a</sup> 482<sup>a</sup> 483<sup>a</sup> 484<sup>a</sup> 485<sup>a</sup> 486<sup>a</sup> 487<sup>a</sup> 488<sup>a</sup> 489<sup>a</sup> 490<sup>a</sup> 491<sup>a</sup> 492<sup>a</sup> 493<sup>a</sup> 494<sup>a</sup> 495<sup>a</sup> 496<sup>a</sup> 497<sup>a</sup> 498<sup>a</sup> 499<sup>a</sup> 500<sup>a</sup> 501<sup>a</sup> 502<sup>a</sup> 503<sup>a</sup> 504<sup>a</sup> 505<sup>a</sup> 506<sup>a</sup> 507<sup>a</sup> 508<sup>a</sup> 509<sup>a</sup> 510<sup>a</sup> 511<sup>a</sup> 512<sup>a</sup> 513<sup>a</sup> 514<sup>a</sup> 515<sup>a</sup> 516<sup>a</sup> 517<sup>a</sup> 518<sup>a</sup> 519<sup>a</sup> 520<sup>a</sup> 521<sup>a</sup> 522<sup>a</sup> 523<sup>a</sup> 524<sup>a</sup> 525<sup>a</sup> 526<sup>a</sup> 527<sup>a</sup> 528<sup>a</sup> 529<sup>a</sup> 530<sup>a</sup> 531<sup>a</sup> 532<sup>a</sup> 533<sup>a</sup> 534<sup>a</sup> 535<sup>a</sup> 536<sup>a</sup> 537<sup>a</sup> 538<sup>a</sup> 539<sup>a</sup> 540<sup>a</sup> 541<sup>a</sup> 542<sup>a</sup> 543<sup>a</sup> 544<sup>a</sup> 545<sup>a</sup> 546<sup>a</sup> 547<sup>a</sup> 548<sup>a</sup> 549<sup>a</sup> 550<sup>a</sup> 551<sup>a</sup> 552<sup>a</sup> 553<sup>a</sup> 554<sup>a</sup> 555<sup>a</sup> 556<sup>a</sup> 557<sup>a</sup> 558<sup>a</sup> 559<sup>a</sup> 560<sup>a</sup> 561<sup>a</sup> 562<sup>a</sup> 563<sup>a</sup> 564<sup>a</sup> 565<sup>a</sup> 566<sup>a</sup> 567<sup>a</sup> 568<sup>a</sup> 569<sup>a</sup> 570<sup>a</sup> 571<sup>a</sup> 572<sup>a</sup> 573<sup>a</sup> 574<sup>a</sup> 575<sup>a</sup> 576<sup>a</sup> 577<sup>a</sup> 578<sup>a</sup> 579<sup>a</sup> 580<sup>a</sup> 581<sup>a</sup> 582<sup>a</sup> 583<sup>a</sup> 584<sup>a</sup> 585<sup>a</sup> 586<sup>a</sup> 587<sup>a</sup> 588<sup>a</sup> 589<sup>a</sup> 590<sup>a</sup> 591<sup>a</sup> 592<sup>a</sup> 593<sup>a</sup> 594<sup>a</sup> 595<sup>a</sup> 596<sup>a</sup> 597<sup>a</sup> 598<sup>a</sup> 599<sup>a</sup> 600<sup>a</sup> 601<sup>a</sup> 602<sup>a</sup> 603<sup>a</sup> 604<sup>a</sup> 605<sup>a</sup> 606<sup>a</sup> 607<sup>a</sup> 608<sup>a</sup> 609<sup>a</sup> 610<sup>a</sup> 611<sup>a</sup> 612<sup>a</sup> 613<sup>a</sup> 614<sup>a</sup> 615<sup>a</sup> 616<sup>a</sup> 617<sup>a</sup> 618<sup>a</sup> 619<sup>a</sup> 620<sup>a</sup> 621<sup>a</sup> 622<sup>a</sup> 623<sup>a</sup> 624<sup>a</sup> 625<sup>a</sup> 626<sup>a</sup> 627<sup>a</sup> 628<sup>a</sup> 629<sup>a</sup> 630<sup>a</sup> 631<sup>a</sup> 632<sup>a</sup> 633<sup>a</sup> 634<sup>a</sup> 635<sup>a</sup> 636<sup>a</sup> 637<sup>a</sup> 638<sup>a</sup> 639<sup>a</sup> 640<sup>a</sup> 641<sup>a</sup> 642<sup>a</sup> 643<sup>a</sup> 644<sup>a</sup> 645<sup>a</sup> 646<sup>a</sup> 647<sup>a</sup> 648<sup>a</sup> 649<sup>a</sup> 650<sup>a</sup> 651<sup>a</sup> 652<sup>a</sup> 653<sup>a</sup> 654<sup>a</sup> 655<sup>a</sup> 656<sup>a</sup> 657<sup>a</sup> 658<sup>a</sup> 659<sup>a</sup> 660<sup>a</sup> 661<sup>a</sup> 662<sup>a</sup> 663<sup>a</sup> 664<sup>a</sup> 665<sup>a</sup> 666<sup>a</sup> 667<sup>a</sup> 668<sup>a</sup> 669<sup>a</sup> 670<sup>a</sup> 671<sup>a</sup> 672<sup>a</sup> 673<sup>a</sup> 674<sup>a</sup> 675<sup>a</sup> 676<sup>a</sup> 677<sup>a</sup> 678<sup>a</sup> 679<sup>a</sup> 680<sup>a</sup> 681<sup>a</sup> 682<sup>a</sup> 683<sup>a</sup> 684<sup>a</sup> 685<sup>a</sup> 686<sup>a</sup> 687<sup>a</sup> 688<sup>a</sup> 689<sup>a</sup> 690<sup>a</sup> 691<sup>a</sup> 692<sup>a</sup> 693<sup>a</sup> 694<sup>a</sup> 695<sup>a</sup> 696<sup>a</sup> 697<sup>a</sup> 698<sup>a</sup> 699<sup>a</sup> 700<sup>a</sup> 701<sup>a</sup> 702<sup>a</sup> 703<sup>a</sup> 704<sup>a</sup> 705<sup>a</sup> 706<sup>a</sup> 707<sup>a</sup> 708<sup>a</sup> 709<sup>a</sup> 710<sup>a</sup> 711<sup>a</sup> 712<sup>a</sup> 713<sup>a</sup> 714<sup>a</sup> 715<sup>a</sup> 716<sup>a</sup> 717<sup>a</sup> 718<sup>a</sup> 719<sup>a</sup> 720<sup>a</sup> 721<sup>a</sup> 722<sup>a</sup> 723<sup>a</sup> 724<sup>a</sup> 725<sup>a</sup> 726<sup>a</sup> 727<sup>a</sup> 728<sup>a</sup> 729<sup>a</sup> 730<sup>a</sup> 731<sup>a</sup> 732<sup>a</sup> 733<sup>a</sup> 734<sup>a</sup> 735<sup>a</sup> 736<sup>a</sup> 737<sup>a</sup> 738<sup>a</sup> 739<sup>a</sup> 740<sup>a</sup> 741<sup>a</sup> 742<sup>a</sup> 743<sup>a</sup> 744<sup>a</sup> 745<sup>a</sup> 746<sup>a</sup> 747<sup>a</sup> 748<sup>a</sup> 749<sup>a</sup> 750<sup>a</sup> 751<sup>a</sup> 752<sup>a</sup> 753<sup>a</sup> 754<sup>a</sup> 755<sup>a</sup> 756<sup>a</sup> 757<sup>a</sup> 758<sup>a</sup> 759<sup>a</sup> 760<sup>a</sup> 761<sup>a</sup> 762<sup>a</sup> 763<sup>a</sup> 764<sup>a</sup> 765<sup>a</sup> 766<sup>a</sup> 767<sup>a</sup> 768<sup>a</sup> 769<sup>a</sup> 770<sup>a</sup> 771<sup>a</sup> 772<sup>a</sup> 773<sup>a</sup> 774<sup>a</sup> 775<sup>a</sup> 776<sup>a</sup> 777<sup>a</sup> 778<sup>a</sup> 779<sup>a</sup> 780<sup>a</sup> 781<sup>a</sup> 782<sup>a</sup> 783<sup>a</sup> 784<sup>a</sup> 785<sup>a</sup> 786<sup>a</sup> 787<sup>a</sup> 788<sup>a</sup> 789<sup>a</sup> 790<sup>a</sup> 791<sup>a</sup> 792<sup>a</sup> 793<sup>a</sup> 794<sup>a</sup> 795<sup>a</sup> 796<sup>a</sup> 797<sup>a</sup> 798<sup>a</sup> 799<sup>a</sup> 800<sup>a</sup> 801<sup>a</sup> 802<sup>a</sup> 803<sup>a</sup> 804<sup>a</sup> 805<sup>a</sup> 806<sup>a</sup> 807<sup>a</sup> 808<sup>a</sup> 809<sup>a</sup> 810<sup>a</sup> 811<sup>a</sup> 812<sup>a</sup> 813<sup>a</sup> 814<sup>a</sup> 815<sup>a</sup> 816<sup>a</sup> 817<sup>a</sup> 818<sup>a</sup> 819<sup>a</sup> 820<sup>a</sup> 821<sup>a</sup> 822<sup>a</sup> 823<sup>a</sup> 824<sup>a</sup> 825<sup>a</sup> 826<sup>a</sup> 827<sup>a</sup> 828<sup>a</sup> 829<

princípio ao fim, é diferente neste ponto. Os mercadores, evidentemente de cidades rivais, assoviam em zombaria ante os sofrimentos de Tiro. Mas, neste texto, os mercadores não são rivais, e, sim, cooperadores do comércio desenvolvido por Roma.

Para os grandes mercadores a queda de Roma significou o fim do seu comércio. As palavras que descrevem os muitos materiais com que ela comerciava, caem dos lábios com certa música amarga. Todo aquele vasto império comercial chegara ao fim. E choravam amargamente. Quando os negócios proveitosos chegaram ao fim, nada lhes restara para amarem. Essas palavras têm sua própria significação desafiadora para aqueles que pertencem a organizações com múltiplos negócios, nos Estados Unidos da América. (Hough, *in loc.*). Naturalmente, essas palavras são de aplicação universal, pois é óbvio que, em muitos lugares, o comércio se transmuta em um deus. Napoleão, de certa feita, acusara sarcasticamente aos ingleses de nada serem senão uma nação de lojistas. As tendências dos indivíduos e das nações é fazerem a auto-indulgência, que vem por meio do comércio, tornar-se o fator controlador de sua existência; e isso, naturalmente, é idolatria.

As fantásticas riquezas de Roma. No Talmude, Qidd, 49b, é declarado que: «Dez medidas de riqueza desceram ao mundo: Roma recebeu nove, e

tudo o resto do mundo, uma parte». Galeno, *De Antidot.* i, v; Plínio, *História Natural* vi, 26 também descreveram a vastidão das riquezas romanas. Nos versículos doze, treze e vinte e nove são destacados os itens desse comércio. O autor sagrado nos fornece esse adorno a fim de indicar quão grande era o comércio romano.

*Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:*

1. Apesar de terem edificado seu império sobre o comércio, suas almas foram deixadas em decadência. Esse é sempre o caso de quem busca a serve somente os seus próprios interesses. Contudo, a alma é a única coisa que sobrevive, dentre a complexa personalidade humana. De fato, a porção física perdura por tão pouco tempo! O deus dos interesses egoístas nos tem cegado para os fatos. Temos perdido a segurança da vontade divina, e assim queremos estabelecer somente nossa própria segurança. A maior parte do tempo de quase todas as pessoas é passado na promoção dessa segurança. Não há que duvidar que o homem é uma criatura decada.

2. Aqueles que aplicam tudo isso à Roma papal encontram invencíveis dificuldades nestes versículos, porque a descrição é tão obviamente da Roma pagã, de seu domínio mundial e de suas fantásticas riquezas, que não reatam dúvidas a esse respeito. O comércio e as riquezas da cidade de Roma devem ser entendidos como algo que envolva, igualmente, o império romano inteiro. Mas Roma era a capital de toda aquela riqueza.

12 γόμον χρυσοῦ καὶ ἀργύρου καὶ λίθου τιμίου καὶ μαργαριτῶν καὶ βυσσίνου καὶ πορφύρας καὶ σιρικοῦ καὶ κοκκίνου, καὶ πᾶν ξύλον θύϊνον καὶ πᾶν σκεῦος ἐλεφάντινον καὶ πᾶν σκεῦος ἐκ ξύλου τιμιωτάτου καὶ χαλκοῦ καὶ σιδήρου καὶ μαρμάρου,

12-13 Eze 27.12, 13, 22

12 ξύλου] λίθου A 1206 pc vg

18:12: mercadorias de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho fino, de púrpura, de seda e de escarlata; e toda espécie de madeira odorífera, e todo objeto de marfim, de madeira preciosíssima, de bronze, de ferro e de mármore;

Os versículos doze e treze alistem vinte e nove itens, o que certamente é uma lista parcial, mas, mesmo assim, impressionante, o que visa mostrar a vastidão das riquezas romanas, conforme é dito em Apo. 18:3,11.

*Categorias das mercadorias:*

1. Os tesouros, de ouro, prata, pedras preciosas e pérolas.
2. Os bens usados na indústria de vestuário, como roupas, linho fino, púrpura, sedas e escarlata.
3. Os materiais usados para o mobiliário das casas, como madeira odorífera, artigos de marfim, madeiras preciosíssimas, bronze, ferro e mármore.
4. Os artigos usados na perfumaria, como perfumes em geral, itens de luxo pessoal, cinâmomo, amomo, fragrâncias, ungüentos, incenso.
5. Os artigos alimentares, como vinho, azeite, trigo de qualidade, gado, ovelhas. Eles tinham tudo quanto era mister para o conforto e o bem-estar, do ponto de vista físico, além de muitos luxos não-essenciais.
6. Artigos de equipamento militar e de transporte pessoal, cavalos e carruagens, coisas possuídas somente pela elite. Mas juntamente com os cavalos, há menção às ovelhas e ao gado, de que até os pobres podiam participar, comendo melhor que as mesmas classes das nações não-romanas.
7. Finalmente, havia os artigos de tráfico humano, «escravos» (corpos) de homens, e até mesmo suas almas, tão completamente essa gente era oprimida e explorada. Ou então o termo «alma» pode ter sido usado aqui como algumas vezes ocorria, para indicar «seres humanos». Eles comerciavam com «escravos», isto é, comerciavam com seres humanos. O autor sagrado talvez aludisse aqui à «prostituição obrigatória», na categoria dos «corpos», porquanto isso sempre sucedeu em Roma, no tocante a homens e mulheres igualmente. O comércio escravagista era lucrativo naquele império, e tal era a prostituição forçada. Os homens chegavam a prostituir suas próprias esposas e irmãs, visando o lucro, para nada dizermos acerca das escravas. Mas também se prostituíam escravos pelas matronas das classes de elite em Roma. Portanto, é fácil vermos como o «comércio» facilmente se mescla com o vício, tal como a ganância se mescla com a concupiscência.

Tendo examinado o plano geral do vidente João, ao apresentar várias «categorias» de bens, observemos, de modo breve, cada um desses itens, separadamente:

«...ouro...» Desde os tempos mais antigos era metal valioso, por sua raridade e bela aparência, em jóias e moedas. Alguém disse que o ouro é amarelo pálido por causa da reação que provoca nos Impios, que constantemente o buscam. O ouro é extremamente maleável e dúctil, não mancha, e é um dos itens favoritos para ornamentos de pessoas ou de sacerdotais. O tabernáculo de Moisés incluía o ouro (ver Exo. 25), tal como sucedia ao templo de Salomão (I Reis 6). O metal era abundante no deserto oriental do Egito. Outras fontes eram as costas ocidentais da Arábia, bem como as montanhas da Armênia e da Pérsia, a parte ocidental da Ásia Menor, e as ilhas do mar Egeu. No princípio da história humana o ouro tornou-se artigo valioso como moeda. É usado como símbolo de realeza, de divindade, de dignidade real.

«...prata...» A prata era reputada como segunda apenas para o ouro (na antiguidade), como metal nobre. Com freqüência é vinculada ao ouro, nas Escrituras. Não se mancha na atmosfera pura e pode transformar-se em um bom espelho, mediante polimento. A prata era abundante nos tempos bíblicos, e sua extração e refinação foram desenvolvidos desde os tempos mais remotos de que temos registros. Jer. 6:29,30 é trecho que usa a idéia do refino da prata como um simbolismo espiritual. As fontes de prata, no mundo antigo, eram mais ou menos as mesmas do chumbo, na Ásia Menor, nas ilhas do mar Egeu, no sul da Grécia, na Armênia, na Pérsia, na parte oriental do Egito. Era usada para indicar simbolicamente a divindade.

«...pedras preciosas...» O termo é geral, mas é certo que o vidente João tinha em mente pedras como aquelas enumeradas na Jerusalém celestial

(ver Apo. 21:19 e ss.), como jaspe, safira, calcedônia, esmeralda, sárdio, etc. Eram artigos de luxo, mas Roma tinha todas essas coisas. As mulheres apreciavam muito as jóias e a decoração, e as pedras preciosas eram altamente estimadas (ver Exo. 11:2; Isa. 3:18-21). Também eram artigos dados como presentes (ver Gên. 24:22,53), e eram usados como padrões de valor (ver Pro. 3:15 e Apo. 21:11).

«...pérolas...» Esse era um item favorito da ornamentação feminina (ver I Tim. 2:9). As portas da Nova Jerusalém serão, cada uma delas, de uma única grande pérola (ver Apo. 21:21); e nisso temos uma aplicação espiritual, o que também sucede no caso da pérola de grande valor, na parábola de Mat. 13:45 e ss. A pérola também pode representar a preciosidade de nossa fé, a qual não deve ser sujeitada às zombarias de homens Impios (ver Mat. 7:6 e Didache ix.5).

«...linho finíssimo...» Um tipo de pano valioso por sua limpeza e delicadeza. É simbolicamente usado como veste de pureza da alma (ver Apo. 15:6). O linho é uma planta que, quando tratada, transforma-se em fibras longas e duráveis, e que as mulheres teciam na forma de panos (ver Pro. 31:13,34). O linho era cultivado e assim usado desde os tempos mais antigos de que se tem registro. O Egito era grande cultivador do linho. O linho vermelho era especialmente valorizado no Egito, onde era chamado de «linho real». O linho também era usado, nos tempos do A.T., para as vestes dos sacerdotes (ver Exo. 28:39). O sumo sacerdote se vestia de linho, no grande dia da expiação (ver Lev. 16:4,23). Era usado, na forma de vestes, como um presente de grande estima, como um homem que presenteava à mulher que amava (ver Eze. 16:10,13). As mulheres apreciavam muitíssimo o linho (ver Prov. 31:22). Era também sinal de riqueza (ver Luc. 16:19). No trecho de Apo. 19:8 refere-se aos atos de justiça dos santos.

«...púrpura...» Vários tipos de tecido eram tingidos dessa cor. (Ver Marc. 15:17,20; Luc. 16:19). A púrpura era cor da realeza, e subentendia riqueza.

«...seda...» As vestes feitas desse material eram consideradas excelentes, sendo especialmente usadas para roupas femininas (ver Pausânias iv.110 e ss). O vocábulo grego evidentemente vem de «seres», um povo da Índia, ou, talvez, uma região da China moderna. Nos dias de Justiniano (cerca de 550 D.C.) os bichos-da-sede foram levados pela primeira vez a Constantinopla; mas, antes mesmo desse tempo já era conhecido o processo do fabrico de roupas com esse fio, no Oriente, o que era importado ou exportado para o mundo e pelo mundo inteiro. Virgílio fala dos Seres e sua seda (ver *Georgicas* ii.121). Para os romanos, a seda era item de luxo. Tácito fala de uma lei que proibia os homens de usarem vestes de seda (*Anais* ii.33), mas as mulheres usavam a seda, quando estava isso ao alcance de sua bolsa. Aureliano queixou-se que meio quilo de seda era vendido em Roma por doze onças de ouro (ver *Declínio e Queda*, capítulo xl).

«...escarlata...» Em outras palavras, pano tingido de vermelho. Vem do termo grego «kokkos», uma baga de cor escarlata, mas que, na realidade, é o corpo da fêmea de um inseto cascudo, que se agarta às folhas de um carvalho, e que, ao ressecar-se, era usado como tintura. Tais roupas tingidas, que nem todos podiam possuir, eram símbolos de luxo, sendo usadas por pessoas da alta sociedade, como reis, oficiais categorizados, etc.

«...madeira odorífera...» Vem do termo grego «thuiá» ou «thua», a «citrus» da África do Norte, nativa de Barbaria, usada como incenso e para entalhes em móveis finos. Plínio menciona a mania que tinham os romanos de obter essa madeira para fabricarem mesas. Ele menciona tábuas dessa madeira com um metro e vinte centímetros de comprimento e quinze centímetros de espessura. Essa madeira tinha veias e salpicos, e sua aparência era altamente ornamental. Suas marcas eram similares às do tigre, da pantera ou do pavão. Sêneca, um filósofo riquíssimo, teria trezentas mesas feitas de madeira odorífera, com pés de marfim (ver Dio, lxi.10.3).

«...tudo gênero de objeto de marfim...» Alusões ao marfim são freqüentes no A.T., mas é artigo mencionado somente aqui, em todo o N.T. Os navios de Târsis traziam marfim para ser usado no templo de Salomão. Também traziam macacos e pavões (ver I Reis 10:22). O trono de Salomão era de marfim (ver I Reis 10:18); e Acabe tinha um palácio de marfim (ver I Reis 22:39), embora talvez isso indique uma casa com painéis de marfim. (Ver



sobre os «palácios de marfim», em Sal. 45:8). Os assírios muito comerciavam com esse item, e os egípcios faziam uso do mesmo para finalidades decorativas, em lares e templos, o que também se verificava na Grécia. Era usado desde a maior antiguidade, pois Homero já o menciona (ver Odisséia iv. 71-74), ao falar sobre o esplendor do palácio de Menelau. O marfim tornou-se símbolo de riqueza, e era usado em móveis, em painéis, em frascos para azeite, para água etc., como também para formar figurinhas, cabeças de animais, encastoados, caixas, frascos, pentes, vasos de unguento, colheres, etc. (quanto a seu uso nos móveis, como decoração (na forma de entalhes), ver Juvenal xi. 120 e ss). Este último uso era extremamente popular entre os romanos.

«...toda qualidade de móvel de madeira preciosíssima...» Vários tipos de madeira decorativa e odorífera, além daqueles já mencionados.

«...bronze...» Nas Escrituras, o bronze é sempre o cobre, o bronze ou o latão, embora este último, na verdade, seja uma liga de cobre e zinco. O cobre puro era usado a princípio, antes de conhecer-se a arte da liga de metais. O verdadeiro latão só foi feito pela primeira vez em cerca de 1000 A.C. Esse metal era usado em grande número de artigos, algumas vezes como instrumentos úteis e, algumas vezes, para propósitos mais decorativos.

«...ferro...» Esse metal é conhecido desde a mais remota antiguidade, mas o processo de refinamento, que lhe emprestou as propriedades do aço, tornando-o apropriado para a fabricação de instrumentos, parece ter

13 καὶ κιννάμωμον καὶ ἄμωμον καὶ θυμιάματα καὶ μύρον καὶ λίβανον καὶ οἶνον καὶ ἔλαιον καὶ σεμίδαλιν καὶ σῖτον καὶ κτήνη καὶ πρόβατα, καὶ ἵππων καὶ ῥεδῶν καὶ σωμάτων, καὶ ψυχὰς ἀνθρώπων.

13 και αμωμον] om 046 x 82 1006 2039n pm 41m vg<sup>1</sup> g

18:13: e canela, especiarias, perfume, mirra e incenso; e vinho, azeite, flor de farinha e trigo; e gado, ovelhas, cavalos e carros; e até almas de humanos.

Prossegue aqui a descrição da lista de vinte e nove artigos representativos do luxo abundante de Roma. Temos aqui apenas uma sugestão das vastíssimas riquezas romanas. O autor sagrado mostra-nos por que razão os «mercadores» tinham bons motivos para lamentarem a queda de Roma, porque, dessa maneira, eles tinham perdido o mais importante dos mercados, e, potencialmente, talvez se tivesse acabado todo o seu próprio negócio.

«...canela de cheiro...» Provavelmente temos aqui alusão ao «cinnamomum zey lancicum», planta da família do louro, cultivada no Ceilão e em Java, e usada como um dos perfumes componentes do «santo azeite da unção» (ver Exo. 30:23), além de ser usado para perfumar leitos (ver Pro. 7:17). Desde os tempos antigos era considerado artigo valioso. Roma contava com ela entre seus artigos de luxo. Era uma especiaria aromática, extralda da casca interna de certa árvore.

«...especiarias...» No grego é «amomon», um bálsamo aromático feito das sementes de alguns arbustos do Oriente, usado como perfume, especialmente para os cabelos, um artigo essencialmente feminino. As melhores eram cultivadas na Armênia, havendo uma outra espécie, de qualidade inferior, na Média e na Pérsia. A própria planta era altamente valorizada. Virgílio (*Eclogue* iv. 25) supunha que, na idade áurea, o amomum haveria de medrar em abundância. Os romanos tiveram, pois, literalmente, a sua idade áurea.

«...incenso...» No grego é «thumiama», substância agradável ao olfato, quando queimada, usada na adoração dos templos ou dos lares, além de servir de simples expediente para perfumar o ar ambiente. Espiritualmente, simboliza a oração (ver Apo. 8:3,4). O incenso com frequência era uma oferenda de alto preço, feita a alguma divindade. Entre os israelitas, somente os sacerdotes podiam oferecer incenso, e havia regulamentos severos quanto ao seu uso. (Ver Lev. 16:12 e ss.).

«...ungüento...» No grego é «muron», um unguento perfumado, muito aromático (ver Phil. Sacrd. Abel. 21), usado em embalsamamentos, juntamente com outras substâncias (Pox. 736,13; Arte. 1,5). Os romanos tratavam luxuosamente até os seus cadáveres.

«...bálsamo...» No grego é «libanos», uma goma resinosa branca, obtida de várias espécies de plantas, principalmente na Arábia. Esse foi um dos três presentes preciosos oferecidos ao menino Jesus (ver Mat. 2:11). Os romanos usavam essa substância como perfume, mas também como ingrediente para ser misturado ao vinho.

«...vinho...» Usado como motivo de prazer, para esquecer as tribulações e também nos ritos religiosos, como parte dos sacrifícios. Normalmente era o suco fermentado da uva, algumas vezes misturado com vinagre, mirra ou incenso. Normalmente o vinho nos fala dos excessos que acompanham a intoxicação alcoólica.

«...azeite...» No grego é «elasion», especialmente o «azeite de oliveira», empregado como combustível para as lamparinas, como medicamento para ser aplicado nos ferimentos, ou adição aos alimentos, para dar-lhes melhor sabor, e para os ritos religiosos e unções simbólicas.

«...farinha de trigo...» No grego é «semidalis», a farinha mais bem molda do trigo. Essa palavra é usada somente aqui no N.T., embora seja de uso comum na tradução da Septuaginta. Roma podia dar-se ao luxo de consumir o melhor trigo do Egito, que era seu supridor dessa mercadoria.

«...trigo...» Um dos problemas romanos era a importação de trigo suficiente para consumo de sua imensa população; mas esse problema foi solucionado com a cooperação do Egito. Roma era suprida de cada uma de suas necessidades, mas também de seus luxos, pessoais, e religiosos. O vinho, o trigo e o incenso eram usados também nos ritos religiosos.

«...gado...» Roma tinha animais de carga, para transporte e para consumo da carne. O grego aqui usado é «kithnos», que pode indicar

surgido entre os hititas. Os filisteus trouxeram essa arte para a Palestina. O minério de ferro era comum em muitos países orientais, inclusive na Palestina. Esse metal era usado no fabrico de instrumentos de agricultura ou no fabrico de armas de guerra. Os romanos também contavam com artigos de luxo feitos desse metal, embora não lhes faltassem úteis instrumentos de ferro.

«...mármore...» Trata-se de uma pedra calcária cristalina e de grão fino, geralmente de cor branca ou creme, embora também possa ter veias vermelhas, róseas ou verdes. Era usado para fazer estátuas e outros itens ornamentais, além de ser material para ornamentação de lares e templos, como parte das paredes ou dos móveis. O vocábulo grego indica algo que «resplandece».

Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:

1. Os intérpretes protestantes procuram relacionar toda essa riqueza e ornamentação luxuosa, etc., à Roma Papal. Mas João falava da Roma de seus dias.

2. Nada faltava a Roma. No entanto, seus habitantes eram extremamente paupérrimos, espiritualmente falando, tal como o era a igreja de Laodiceia (ver Apo. 3:17). A profusão de riquezas nada tem a ver com a piedade.

3. As descrições dos versículos doze e traze deste capítulo são similares às de Eze. 27:1-24, onde Tiro é focalizada, exceto que ali as descrições são mais elaboradas do que aqui. É provável que o vidente João tenha defendido algo daquela passagem do A.T.

qualquer animal domesticado, animal de estimação, animal de carga, de transporte, etc., mas, quando usado juntamente com a palavra «ovelhas», significa gado, conforme temos em nossa tradução portuguesa.

«...ovelhas...» Um animal muito útil, por causa de seu pêlo e de sua carne, pois com um se faziam roupas e agasalhos para frio, e com a outra se saciava a fome. Esse animal também era intensamente usado nos sacrifícios religiosos, tanto pelos israelitas como por outros povos.

«...cavalos...» Usados para transporte e para a guerra. O cavalo também era utilíssimo no transporte de cargas. Os cavalos do mundo antigo eram nativos da Europa Ocidental, da Ásia sueste e ocidental, e da Mongólia. Já havia cavalos no Egito, ao tempo de José. Os egípcios usavam cavalos para perseguir aos israelitas em fuga, no tempo de Moisés. Os cavalos eram exportados ou importados, por causa do seu grande valor naqueles dias.

«...carros...» O grego diz «rede», uma carruagem de quatro rodas, usada na guerra, no transporte e por mero prazer. Cleero usava um carro assim, e há indicações que isso se tornou moda em Roma, um artigo de luxo, por assim dizer.

«...escravos...» O grego diz aqui, literalmente, «corpos»; mas está em foco a idéia de «escravos». Havia um comércio muito lucrativo de seres humanos, cujas vidas não lhes pertenciam, não tinham vontade e nem direitos próprios. Alguns eram levados a trabalhar em muitas profissões, negócios ou trabalhos braçais. Mulheres escravas eram reduzidas à prostituição. (Ver as notas expositivas em Rom. 1:1 quanto a detalhes sobre isso, onde a idéia de «escravo» também é usada como símbolo espiritual. Ver também Atos 20:19 quanto a comentários adicionais, acerca do tráfico de escravos no mundo antigo). A escravatura era um mal enorme de Roma. Onde houver escravatura, não pode haver desenvolvimento espiritual de monta entre os homens. As sociedades ricas sempre tiveram seus escravos, usualmente por motivo de pressões econômicas. Até mesmo crentes em melhor situação financeira escravizavam outros, dando-lhes salários insuficientes, que os pobres não podem recusar, pois não está em seu poder pedirem mais. Um comércio sem ética logo conduz ao tráfico com os corpos humanos. Muitas pessoas vendem seus próprios corpos, a fim de terem lucro; ou então servem ao orgulho ou à concupiscência escravizadores. A maioria dos homens está escravizada ao mal, por mais livres que eles se imaginem ser.

«...e até almas humanas...» Quase todos os estudiosos consideram isso em «aposição» ao item anterior. Havia o tráfico de corpos humanos (escravatura), isto é, o tráfico até mesmo de «almas humanas», que tem o sentido de «seres humanos». O autor sagrado frisa esse mal, declarando mais elaboradamente o seu modo de ser. Parece que possuir um corpo humano, que já perdeu o controle sobre sua própria vontade, equivalia a possuir a alma. A palavra «alma», conforme é usada aqui, entretanto, significa «pessoa», não havendo qualquer alusão à porção «imaterial» do homem. O termo grego «psuche» algumas vezes é empregado desse modo. Comparar isso com seu paralelo no A.T.: Eze. 27:13, que diz: «...em troca das tuas mercadorias davam escravos e objetos de bronze». O mundo antigo abundava nesse comércio, com frequência por causa dos «perdedores» na guerra, que então se tornavam escravos. Em Delos, jovens asiáticos alcançavam preços altos como escravos, pois eram procurados para servirem de pagens, músicos, cortesãos, etc. Após a captura de Jerusalém, em 70 D.C., muitos de seus antigos habitantes foram vendidos à escravidão. Infelizmente, o cristianismo primitivo não se opôs diretamente a esse comércio de pessoas humanas, embora tenha presenteado o mundo com o princípio do amor, que finalmente haveria de extinguir essa instituição, posto que isso tenha precisado de longo tempo, já que houve «escravatura» até mesmo no Novo Mundo, quase até os nossos dias—uma horrenda desgraça na história da humanidade. De fato, o homem é um espírito mui imperfeitamente desenvolvido. Cristo Jesus veio para alterar tudo isso, e agora um homem, convertendo-se, pode participar de sua imagem e natureza (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29), como também da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4).

Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo.

(Ver esta seção sobre o versículo dois, já que as mesmas idéias dali se aplicam aqui).

**Variante Textual:** Alguns manuscritos omitem a palavra «amomum», principalmente minúsculas da tradição bizantina, bem como o latim Vg(1). Os

principais manuscritos, porém, retêm essa palavra, a saber, Aleph(1), ACP e a maioria das versões. Sem dúvida alguma ela faz parte do texto original, e deve ter sido omitida por mero acidente, pois a lista é longa e seria inevitável que um ou mais itens fossem esquecidos em alguns manuscritos.

14 καὶ ἡ ὀπώρα σου τῆς ἐπιθυμίας τῆς ψυχῆς ἀπῆλθεν ἀπὸ σοῦ, καὶ πάντα τὰ λιπαρὰ καὶ τὰ λαμπρὰ ἀπώλετο ἀπὸ σοῦ, καὶ οὐκέτι οὐ μὴ αὐτὰ εὕρησουσιν.

18:14: Também os frutos que a tua alma cobijava foram-se de ti, e todos os objetos delicados e suaves foram de ti e nunca mais se acharão.

Embora a cada hora a vida do homem seja adornada de luxos, prazeres e satisfações, sem Deus o homem terá, finalmente, um trágico fim. Esta passagem é paralela em espírito, embora não quanto ao fraseado, ao trecho de II Cor. 4:18, onde se lê: «...não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas».

Essa declaração, no dizer de Rist (*in loc.*): «...aparece, mui apropriadamente após a enumeração dos dispendiosos artigos de mercaderia que flulam para Roma. Os luxos e regalos de que os romanos tanto gostavam, agora não mais lhes pertenciam, pois a própria cidade se fora».

«...alma...» Conforme esse termo é usado aqui, isso indica o «homem interior», cheio de desejos. São os desejos básicos, pelos quais as pessoas vivem. Porém aquilo que era tão grandemente desejado desaparecera como um fruto maduro que cai ao chão e se estraga. O vocábulo aqui usado, no grego, «opora», usualmente indica o fruto de verão, maduro, colhido no outono. Em visão, agora Roma passava do tempo da colheita, e adentrava a fome do inverno, até mesmo da total desolação.

«...tudo o que é delicado e esplêndido...» A lista anterior ilustra o ponto. Roma tinha muito mais do que precisava, e podia desfrutar de muitos luxos. Mas tudo isso sumirá como frutos caídos e estragados, e então totalmente desintegrados.

«...nunca jamais...» Uma boa tradução para o grego, que é muito enfático, e onde aparecem três palavras para indicar o «negativo» absoluto: «...nunca, nunca, sob condição alguma...» o que Roma perdera poderia ser restaurado. «Duplicada dupla negativa, com o verbo no futuro ativo, uma negação tão enfática quanto pode ser feita no grego». (Robertson, *in loc.*) O vidente João visualizou tanto a súbita quanto a total destruição de Roma. Profeticamente, na pessoa do anticristo e sua federação de dez reinos, isso terá lugar.

15 οἱ ἔμποροι τούτων, οἱ πλουτήσαντες ἀπ' αὐτῆς, ἀπὸ μακρόθεν στησονται διὰ τὸν φόβον τοῦ βασιανισμοῦ αὐτῆς, κλαίοντες καὶ πενθοῦντες,

18:15: Os mercadores destas coisas, que por ela se enriqueceram, ficarão de longe por medo da tormenta dela, chorando e lamentando,

Não há aqui arrependimento e nem tristeza pelo pecado; e nem mudança de caminho. (Ver Apo. 9:20 quanto à atitude obstinada dos homens, sua falta de arrependimento, a despeito dos mais horrendos juízos divinos). Os juízos divinos visam levar os homens ao arrependimento. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios, e igualmente o trecho de Fil. 2:9 e ss., asseguram-nos que, finalmente, isso deve produzir seu efeito, mesmo que não seja obtido o arrependimento dos eleitos. Aqueles homens se enriquecerão, embora não de alma, mas apenas porque se secaram suas carteiras de notas—haviām perdido suas riquezas porque tinham perdido sua principal fonte de renda.

«...se enriqueceram...» Isso pode ser confrontado com Apo. 18:3, onde a mesma coisa é dita e comentada.

«...de longe...» Isso já fora dito e comentado no décimo versículo. João esperava que o «Nero redivo», dotado de poderes demoníacos, retornasse a Roma com os sátrapas partas como seus aliados, a fim de destruir totalmente a cidade de Roma. Ninguém ousaria aproximar-se, com receio de sofrer a mesma sorte.

«...pelo medo do seu tormento...» Em outras palavras, a fim de que não fossem inesperadamente apanhados no vórtice destruidor, sendo privados

16 λέγοντες, Οὐαὶ οὐαὶ, ἡ πόλις ἡ μεγάλη, ἡ περιβεβλημένη βύσσινον καὶ πορφύρου καὶ κόκκινον, καὶ κεχρυσωμένη [ἐν] χρυσίῳ καὶ λίθῳ τιμίῳ καὶ μαργαρίτῃ,

16-17 a number 17, a no number: TR<sup>m</sup> WH<sup>1</sup> Bov. Na BF<sup>4</sup> AV RV ASV RSV NEB TT Zor. Luth Jer Hec. 17 a no number, a number 17: TR<sup>m</sup> WH<sup>1</sup>.

18:16: dizendo: Ai! ai! da grande cidade, da que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas porque nunca se fora foram assoladas todas as riquezas.

Nada deste versículo é novo, exceto que seu material é arranjado na forma de lamentação, o que antes fora descrição da luxúria de Roma.

«...Ai! ai!...» Também há lamentação semelhante da parte dos reis (ver o décimo versículo), onde a palavra é comentada e ilustrada.

«...grande cidade...» Por diversas vezes se vê essa expressão, como descrição de Roma (Babilônia). (Ver «Babilônia, a grande», em Apo. 17:5; «aquela grande cidade», em Apo. 17:18; «aquela poderosa cidade», em Apo. 18:10). Está em foco a «cidade» de Roma, naturalmente, mas não apenas individualmente. Ela era capital de um grande império, que sofreria sua sorte também. (Ver Apo. 14:8 quanto ao fato que «Babilônia» é o código enigmático de «Roma». Ver também Apo. 5:13 sobre isso).

«...vestida de linho finíssimo...» (Ver o décimo segundo versículo quanto a isso, onde o linho fino é um dos itens da luxúria de Roma).

«...púrpura...» (Ver o décimo segundo versículo quanto a esse item, e

Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. A palavra aqui traduzida por «delicado» é, no grego, «tipos», «graxa», algo «gordo» ou excessivo. Está em foco uma condição de vida «rica» e «confortável», a vida de abundância e lazer. Eles viviam em meio a muitos «bens» e «esplendores», que é o sentido do termo grego «lampros». Não havia a existência arrastada e apática da pobreza. Nas páginas do N.T., a palavra aqui usada geralmente é vinculada à idéia de vestes caras, mas seu sentido pode ser mais lato do que isso. (Ver Apo. 16:8).

2. Este versículo ilustra a vaidade ou inutilidade da abundância, quando Deus não é seu doador, quando ele não recebe os louvores pela mesma. A abundância serve apenas para promover o orgulho, o que torna os homens maduros para o julgamento, a menos que se ponham nas mãos de Deus.

3. Os homens tinham muito com que satisfazer seus gostos. Mas deveriam antes ter fome e sede da justiça. Tinham itens úteis; mas deveriam ser úteis para os seus contemporâneos e quanto às realidades espirituais. Tinham itens que promoviam a beleza física, mas deveriam estar antes preocupados com a beleza da alma, e não somente com a do corpo. Deus é o ideal da beleza, como também sua fonte e alvo.

4. Os romanos forneciam um exemplo ao contrário. Eles cultivavam ferozemente o comércio, que acrescentava lazer e benefícios ao corpo. A vida física. Mas devíamos cultivar, não menos ferozemente, as necessidades da alma, em suas muitas variedades.

5. Os intérpretes da escola histórica continuam a ver aqui «Roma papal»; e alguns deles supõem que a Reforma protestante privou-a de parte de seu esplendor e de seus confortos. Mas essa idéia nada tem a ver com o presente contexto.

6. Roma buscou fervidamente uma colheita para a vida física. Olvidou-se da colheita piedosa da alma. (Ver Gál. 6:7,8). Há uma colheita boa e outra má, uma beneficente e outra detrimente.

**Variante Textual:** As palavras «...se extinguiu tudo o que é delicado...» figuram nos melhores manuscritos, como Aleph, ACP, 046 e 051. Mas elas foi modificada para «...partiu tudo o que é delicado...», em alguns poucos manuscritos sem grande significação. Essa modificação de «extinguiu» para «partiu» foi feita sob a influência da parte inicial do versículo, que usa a palavra «apartou», em relação ao fruto sazonado e desejado.

16 Eze 27:24

de todo o bem que lhes restara, ou até mesmo da vida física. Portanto, Roma seria deixada a sofrer sozinha. Nenhum amigo sairia em seu socorro, porquanto a mão julgadora do Senhor cala inexoravelmente sobre ela.

«...chorando e pranteando...» Os mesmos termos gregos, usados para indicar o choro e a lamentação dos mercadores, no décimo primeiro versículo, onde são comentados. (Comparar também com o nono versículo, acerca dos reis, onde é dito algo similar, e que inclui um desses vocábulos).

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. Muito pode ser dito sobre um homem, quando se verifica o que o entristece e o que o torna feliz. Um homem carnal nunca deixa de pensar: «Qual será a importância disso dentro de cinquenta anos?» Ele é como uma criança com brinquedos em sua mentalidade. Trágicas e divertidas são as narrativas de homens antes ricos, que vieram a lamentar-se e sentir a falta de suas riquezas, depois de as terem perdido. Uma das manias da certa riqueza é que ela poderia usar uma nova navalha todos os dias. Perder tal privilégio lhe parecia tremendo sacrifício.

2. O lamento dos «mercadores» (ver os versículos quinze a dezoito) é bastante similar ao lamento dos reis (ver o décimo versículo), mas é mais ornado de detalhes, nesta descrição.

3. Até mesmo a misericórdia pode ser egoísta, tal como se vê neste versículo. Um homem «teme» que aquilo que sucede a outros venha a suceder consigo também, pelo que, aparentemente, se compadece do outro, embora, na realidade, esteja somente se compadecendo de si mesmo, em antecipação. Até mesmo o seu amor é amor-próprio, se seu desenvolvimento espiritual é fraco.

16 κεχρυσωμένη...μαργαρίτῃ Eze 28:13 Re 17:4

comparar com Apo. 17:4).

«...escarlata...» (Também figura no décimo segundo versículo. Comparar com Apo. 17:4).

«...pedras preciosas...» (Já figurara no décimo segundo versículo).

«...pérolas...» (Já vista essa palavra no décimo segundo versículo). Na presente lista, são incluídos apenas artigos de luxo, de considerável valor, usados pelos ricos abastados. Os mercadores lamentam e pranteiam pela perda de toda essa abundância, porque isso significava que seriam mergulhados na pobreza. (Ver Tiro recoberta de pedras preciosas, em Eze. 28:13. Essa é a passagem que era usada e adaptada aqui pelo vidente João).

Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:

1. Podemos aplicar essa lamentação a qualquer indivíduo, crente ou não, igreja ou sociedade secular, que tenha sido tolo bastante para aceitar os padrões mundanos e o orgulho carnal deste mundo.

2. «...porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração» (Mat. 6:21).





apaixonada, porquanto grande será a sua perda econômica.

2. «...chorando e pranteando...» A mesma expressão, com as mesmas palavras gregas, se acham nos versículos onze e quinze. Há uma leve variação disso, no nono versículo, onde é mencionado o lamento dos reis. Em tudo mais João se apega às mesmas descrições, quanto às várias classes que se lamentarão ante a queda de Roma.

3. «...ai! Ai!...» Também é repetição. (Ver as notas expositivas a respeito no décimo versículo, e comparar com o décimo sexto versículo).

4. «...grande cidade...» (Ver Apo. 18:2; «Babilônia, a grande»; ver Apo. 14:8 quanto a «Babilônia» como nome enigmático para «Roma»; ver Apo. 18:10 quanto à «poderosa cidade»; ver Apo. 18:16, quanto a «grande cidade». O trecho de Apo. 17:18 já usara essa expressão, e ali devem ser consultadas suas notas expositivas).

5. «...na qual se enriqueceram todos os que possuíam navios...» (Ver Apo. 18:3 quanto a essa idéia. Comparar também ao décimo primeiro versículo, bem como aos versículos doze e treze, onde há vinte e nove itens de artigos comerciais de Roma, coisas necessárias à vida, mas também artigos de luxo em abundância, a fim de demonstrar as riquezas acumuladas por Roma). Muitos dos artigos de luxo chegavam a Roma pelo mar; mas isso também se dava até no caso de coisas necessárias, como o trigo, que era suprido do Egito e transportado em embarcações. A

20 *Εὐφραίνου ἐν αὐτῇ, οὐρανέ, καὶ οἱ ἅγιοι καὶ οἱ ἀπόστολοι καὶ οἱ προφῆται, ὅτι ἔκρινεν ὁ θεὸς τὸ κρίμα ὑμῶν ἐξ αὐτῆς.*

20 *Εὐφραίνου, οὐρανέ* Dt 32:43 Lxx; Ps 96:11, Is 44:23; 49:13; Jr 51:48

20 και οι 20] om C O51 x 2059a 2329 al it vg\*, cl arm g

18:28: Exulta sobre ela, ó céu, o céu, os santos e apóstolos e profetas; porque Deus vingou a vossa causa contra ela.

Para melhor entender o Apocalipse, devemos lembrar que esse livro foi escrito como «manual para os mártires cristãos», com o propósito de consolá-los sob as perseguições dos romanos, e a fim de mostrar que os mártires deverão triunfar finalmente, a despeito de seus sofrimentos e de uma derrota aparente e horrenda, às mãos de homens ímpios e desvairados. Esse é o «pano de fundo histórico» do livro. A igreja transparece claramente nos seus capítulos quinto a décimo nono, porquanto ela aparece com frequência nos «santos», que são mencionados nesses capítulos. É inteiramente incidental que a palavra particular, «igreja», não figura nesses capítulos. Tais capítulos foram escritos para mostrar como a igreja pode triunfar até mesmo em meio às mais cruéis provações. João não escreveu para alguma audiência fantasma, para alguns «santos» que ainda viriam a existir, mas para a igreja. Ele escreveu a uma igreja que sofria, para consolar os mártires em potencial, ou aqueles que vissem seus entes queridos serem martirizados. Se esse é o contexto histórico do livro, conforme todos os eruditos confessam, por que pensaríamos que a sua aplicação profética se aplicaria aos supostos «santos da tribulação», expressão cunhada por aqueles que pensam em um grupo distinto da igreja? Essa é uma exegese extremamente artificial e preconcebida. Não nos enganemos a esse respeito: a igreja está em foco no Apocalipse, e terá de atravessar o período de tribulação. (Ver as notas introdutórias a Apo. 4:1; sobre a «questão do arrebatamento». Ver também I Tes. 4:15 quanto a notas expositivas sobre esse tema).

Todos os termos deste versículo sugerem a igreja. Ela exultará ante a queda de Roma. Não são alguns «santos da tribulação», distintos da igreja, que estarão envolvidos nisso.

«...exultai sobre ela...» Por algum tempo, Roma se pavoneará como «rainha» do mundo inteiro (ver Apo. 18:7), martirizando a grande número de cristãos (ver os capítulos sete e catorze deste livro), assassinando a santos e profetas (ver Apo. 18:24). Mas seu triunfo sangüinário não poderá durar por muito tempo. Agora, ela mesma é abatida, o que comprova quão certa é a lei da colheita segundo a semeadura, a lei da retribuição, que é inexorável (ver Gál. 6:7,8 e suas notas expositivas). Os santos exultarão porque a Palavra de Deus é veraz, e ele disse que o mal não pode triunfar, em última análise. Exultarão porque a justiça reinará e o bem triunfará por fim. Vivemos porque temos fé nessas doutrinas. Se isso não fosse verdade, o acaso brutal seria o verdadeiro deus deste mundo.

Esse cântico de alegria é uma espécie de ampliação de Apo. 12:12a, fazendo contraste direto com os lamentos dos mártires, em Apo. 6:9 e ss. A vingança, finalmente, cairá contra a grande assassina, Roma, a meretriz jactanciosa e jubilosa. (Comparar isso com os trechos de Isa. 44:23 e Jer. 51:48).

«...ó céus...» Apesar de que os anjos poderão estar envolvidos nisso, o intuito principal do autor sagrado foi o de mostrar como os mártires, já nos céus poderão agora regozijar-se, porquanto o clamor deles, pedindo vingança e justiça, fora ouvido. (Ver Apo. 6:9 e ss. e os capítulos sétimo e décimo quarto).

«...santos...» (Ver Rom. 1:7 quanto a esse título dos crentes, o que subentende a necessidade absoluta de santificação, para que alguém seja realmente convertido). A passagem de II Tes. 2:13 mostra que não pode haver salvação sem santificação. (Ver também Heb. 12:14, onde se aprende que, sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus). A santificação

destruição de Roma representava a esses homens do mar a perda de mercado extremamente lucrativo. Contudo, não lhes restava tempo para arrependimento e tristeza segundo Deus, para a melhoria da alma, mas expressam eloquentemente a sua tristeza pela perda de suas riquezas.

6. «...em uma só hora foi devastada...» Temos aqui, igualmente, uma repetição. (Ver os versículos décimo e décimo sétimo). Não se esperava qualquer declínio e queda graduais, mas um julgamento em autêntico cataclisma, por parte dos exércitos partas, guiados pelo «Nero redivo».

*Outras idéias sobre o décimo nono versículo:*

1. «...opulência...» dando a entender seus «grandes tesouros». Mas seus tesouros eram todos terrenos, pelo que, finalmente, falharam. (Ver a mensagem de II Cor. 4:18 quanto à verdadeira atitude espiritual para com as coisas eternas). Os homens lamentam as coisas erradas, mas também buscam as coisas erradas. Os homens que vivem segundo padrões egoístas, envolvidos em objetivos temporais, devem sofrer as consequências de sua dissolução natural.

2. A extravagância, no viver diário no campo físico, torna o indivíduo espiritualmente empobrecido.

3. As coisas mundanas têm o seu «uma hora» de julgamento, que põe fim a seu breve período de existência. Os sábios, porém, buscam os valores da alma eterna.

4. Ver Jô 2:12 e Jos. 7:6, quanto a modos orientais de lamentação.

vincula a conversão à glorificação; e a salvação não é possível sem isso. (Ver I Tes. 4:3 quanto à nota geral sobre a «santificação»). No Apocalipse, o termo «santos» é empregado frequentemente para apontar para os crentes da igreja, pelo que a igreja está presente por todo este livro. (Ver Apo. 5:8; 8:3,4; 11:18; 13:7,10; 14:12; 15:3; 16:6; 17:6; 18:24; 19:8 e 20:9). Os «santos», neste caso, podem ser aqueles que ainda viviam no corpo físico, em contraste com os que já estavam nos céus, que acabamos de mencionar. Ou então pode estar em pauta o grupo inteiro dos «santos», na terra e nos céus. Seja como for, a igreja universal está em vista.

«...apóstolos...» Na qualidade de «cabeças» da igreja, eles também se regozijarão no triunfo da igreja sobre seus perseguidores, bem como ante o juízo divino que sobrevirá a esses homens sangüinários e violentos. (Ver acerca do ofício do «apostolado», em Mat. 10:1; igualmente há a lista e breve descrição sobre cada um dos apóstolos, em Luc. 6:12. Quanto ao uso mais amplo desse termo, incluindo mais do que os doze apóstolos originais, ver Atos. 14:4. É bem possível que esse seja o sentido tencionado neste versículo).

«...profetas...» Estão em foco, particularmente, os profetas do N.T., embora João pudesse estar pensando na grande igreja universal, de ambas as dispensações, que triunfariam sobre seus inimigos quando Deus trouxesse a justiça ao mundo. (Ver as notas expositivas sobre a «profecia», em Rom. 12:6, e sobre os «profetas do N.T.», em Atos 11:27. Ver sobre o «dom da profecia no N.T.», nas notas de introdução ao décimo segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios e em I Cor. 12:10).

«...contra ela julgou a vossa causa...» Porque, conforme temos verificado, o livro de Apocalipse foi escrito como manual para os mártires cristãos, que sofriam perseguição da parte de Roma. Agora Roma seria julgada, pelo que os mártires serão reivindicados em sua justa causa, revertendo-se a situação da igreja cristã sofridora.

*Outras idéias sobre o vigésimo versículo:*

1. Alguns colocam este versículo após o vigésimo quarto versículo, porque ali parece mais apropriado. Mas não há qualquer apoio nos manuscritos em favor disso. Alguns estudiosos põem tais palavras na boca dos ímpios homens do mar, como se tivessem reconhecido, repentinamente, a justiça do que Deus fizera contra Roma; mas isso também é altamente improvável. Parece que João meramente usa uma espécie de interpolação, pouco antes de começar a descrição da quinta visão que relata a queda de Roma. De fato, este versículo serve como introdução a essa visão.

2. «Deus fez julgamento a vossa favor, contra ela» (tradução inglesa de RSV). Essa tradução parece preferível para a última parte deste versículo. A palavra composta «*ekdikēis*» subentende um julgamento de acordo com a gravidade da culpa, o que ilustra, novamente, a lei da colheita segundo a semeadura, em Gál. 6:7,8. A sangüinária Roma é coberta de sangue. A assassina é assassinada: a homicida se lhe tira a vida. A batalha do Armagedom, profeticamente falando, pode estar particularmente em foco, bem como os outros eventos da «parousia» (que acompanharão a segunda vinda de Cristo). Mas, depois disso, o julgamento espiritual também será imposto. (Ver as notas expositivas sobre a «natureza do julgamento», em Col. 3:6 — a cólera de Deus — e Apo. 14:11).

3. «Deus aprovou a causa celeste» (Robertaon, *in loc.*). A causa dos mártires contra Roma saiu-se vencedora, e Roma terá de sofrer o julgamento que lhe convém.

4. João expõe aqui a confirmação moral da justiça da queda de Roma. A moralidade universal será satisfeita. Todos os homens são reputados moralmente responsáveis pelo que fazem e pelo que são.

5. «A salm fazem todos os santos, na terra ou nos céus, regozijando-se quando qualquer gigante da maldade é derrubado» (Carpenter, *in loc.*).

## XI. Sete Visões da Queda da Babilônia (17:1- 19:10).

### 5. Lamento fúnebre final sobre a cidade (18:21-24).

A sexta visão é o hino de louvor a Deus, por haver ele destruído Babilônia (ver Apo. 19:1-5). O sétimo é o anúncio das bodas do Cordeiro (ver Apo. 19:6-10), o que se tornara possível porque ele vencera os poderes da iniquidade, libertando sua igreja das opressões exercidas por aqueles. Antes desses elementos bastante diversos serem apresentados, João completa a cena do desastre de Roma, descrevendo um lamento fúnebre final sobre a cidade caída.

No que tange a essa seção, o autor sagrado toma por empréstimo elementos de Jer. 50-51, onde o profeta pronuncia um oráculo contra a Babilônia. Ele a acusara de opressão tirânica contra o povo de Deus. «E instruirá a um certo Saraias, que estava de viagem para Babilônia, a tomar um rolo dessa profecia consigo, lendo o mesmo ao chegar à cidade, ao mesmo tempo que lembrasse a promessa divina de que Babilônia seria castigada. Tendo feito isso, deveria lançar o rolo, munido de uma pedra, no meio do rio Eufrates. E enquanto o rolo afundasse, ele deveria profetizar que a própria Babilônia afundaria de modo similar, em resultado do juízo divino, para nunca mais erguer-se novamente (Jer. 51:59-64)». (Rist, *in loc.*)

É óbvio que João adaptou essa cena simbólica do livro de Jeremias, quanto à sua quinta visão da queda de Roma. Mas tão-somente indica que um anjo lançou uma imensa pedra ao mar, simbolizando como Roma haveria de afundar-se sem remédio.

21 Καὶ ἤρεν εἰς ἄγγελος ἰσχυρὸς λίθον ὡς μύλινον μέγαν καὶ ἔβαλεν εἰς τὴν θάλασσαν λέγων, Οὕτως ὁρμήματι βληθήσεται Βαβυλὼν ἡ μεγάλη πόλις, καὶ οὐ μὴ εὗρεθῇ ἔτι.

21 Οὕτως... ἔτι δι 51.63-64; Eze 26.21

21 ἰσχυρός] -ρον 2059i pc (ισχ. N<sup>o</sup>): em A sy | μύλινον A pc | R] -ικον C; μύλον P 046 i xl c; λίθον N

18:21: Um forte anjo levantou uma pedra, que era grande má, e lançou-a ao mar, dizendo: Com igual impeto será lançada Babilônia, a grande cidade, e nunca mais será achada.

«...um anjo forte...» Os anjos são atores comuns e importantes no Apocalipse. Quase todas as visões foram mediadas por eles, e quase de cada vez que se ouve uma voz dos céus, para fazer algum anúncio importante, é um anjo quem fala. As representações angelicais dos capítulos quarto e quinto são elaboradas, concordando com a angelologia da época, que falava em muitas ordens de anjos, em uma hierarquia ascendente de poderes. (Ver Col. 1:16 quanto a isso, bem como Efé. 1:21). Aquele primeiro versículo assegura-nos de que todo poder que existe tem Cristo por cabeça, pois todos são subservientes à sua glória. Os gnósticos haviam reduzido Cristo a apenas um desses poderes angelicais, e nem sempre ao menos o mais elevado. Paulo rebate tal idéia no versículo mencionado; e, no Apocalipse (o mais trinitário de todos os livros do N.T.), podemos entender claramente que Cristo está acima de todos os anjos, os quais são seus servos. (Ver as notas gerais sobre os «anjos», em Luc. 4:10 e Atos 1:10). O «poderoso» anjo do presente versículo, podemos ter como um «arcanjo», embora seja inútil especular qual deles seria. (Ver Apo. 5:2 e 10:1, que também falam de um anjo «forte» ou «poderoso», mas que não é, necessariamente, o mesmo poder referido aqui).

«...levantou uma pedra...» e arrojou-a para dentro do mar... Já pudemos explicar o que isso significa, bem como seu pano de fundo literário, nas notas de introdução ao versículo. A pedra é grande, e afundará rapidamente. Assim também a queda de Roma será repentina, e permanente.

«...será arrojada Babilônia...» O fim de Roma está em foco, o que se dará prontamente, e de modo definitivo. (Ver Apo. 14:8 quanto a «Babilônia», como nome enigmático para Roma). O pano de fundo literário desta seção, em Jer. 50-51, é a literal cidade de Babilônia. Porém, não se deve esperar a reconstrução literal de Babilônia às margens do Eufrates. As predições confirmam que Roma será o centro de atividades do anticristo.

«...a grande cidade...» Uma descrição frequente. (Ver Apo. 18:10,16 e 17:18, que é seu primeiro uso. Comparar também com Apo. 18:2, «Babilônia, a grande»). As referências citadas nos mostram os motivos para esse título, especialmente a do décimo sétimo capítulo.

«...nunca jamais será achada...» A dupla negação é usada para enfatizar a negativa. Assim como foi dito que Babilônia nunca mais se levantaria,

22 καὶ φωνὴ κιθαρωδῶν καὶ μουσικῶν καὶ αὐλητῶν καὶ σαλπιστῶν οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι, καὶ πᾶς τεχνίτης πάσης τέχνης<sup>a</sup> οὐ μὴ εὗρεθῇ ἐν σοὶ ἔτι, καὶ φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι,

<sup>a</sup> 22 [C] καὶ πᾶς τεχνίτης πάσης τέχνης C P 046 081 I 94 1008 1611 1429 1834 1859 2020 2042 2043 2073 2081 2344 2432 [it] omīi πάσης [sy] omīi vg syri<sup>1</sup> cop<sup>a</sup> [eth] Primateus Andreu<sup>1</sup> Beatus Arethas [kai] πᾶς τεχνίτης καὶ πάσης τέχνης 2053 2138 [it] Pr-Ambrósio [kai] πᾶς

22 φωνὴ κιθαρωδῶν... ἔτι Ia 24.8, Eze 26.13

A ausência de πάσης τέχνης em N A cop (bo) provavelmente foi acidental; as palavras são adequadamente confirmadas por C P 046 051 maioria dos minúsculos it (gig) vg sir (h) cop (sa) al, e estão em harmonia com o estilo do autor sagrado, mas dificilmente teriam sido inseridas por copistas. A adição de καί antes de πάσης (2053 2138 Ps-Ambrósio) provavelmente é um erro mecânico de cópia, sugerido pelo uso repetido de καί na primeira porção do versículo. Por causa de homocoteleuton, vários testemunhos omitem acidentalmente uma ou outra das cláusulas que terminam em ἐν σοὶ ἔτι.

18:22: E em ti não se ouvirá mais o som da harpista, da música, da flautista e do trombetaire; e nenhum artifício do arte alguma se achará mais em ti, e em ti não mais se ouvirá ruído do mar;

A vida romana, tão festiva, tão ativa, tão variada, se extinguirá para sempre. Essa é a mensagem geral dos versículos vinte e dois e vinte e três. O autor sagrado continua a seguir passagens do A.T. que falam sobre a queda dos inimigos do povo de Deus. (Ver Eze. 26:13; Isa. 24:8 e Jer. 25:10). A primeira é o oráculo de Ezequiel contra Tiro. Ali diz Deus: «Farei cessar o arruldo das tuas cantigas, e já não se ouvirá o som das tuas harpas». João amplia isso, ao mencionar vários tipos de músicos e instrumentos, adicionando que nenhum artifício será visto ali a trabalhar. Parece que Jer. 25:10 também é trecho em foco: «Farei cessar entre eles a voz do folguedo e a de alegria, a voz do noivo e a da noiva, e o som das mós, e a luz do candeeiro». João rearranja a sequência de declarações em sua adaptação, mas, em tudo o mais, combina as passagens de Ezequiel e Jeremias, onde há itens quase idênticos.

«O fim da música. Os cânticos fúnebres terrenos haviam lamentado a perda das experiências voluptuosas e dos mercados abundantes e de todo o esplendor de vestuários magníficos, bem como do dá-e-toma de um mercado mundial. Mas o cântico fúnebre celeste começa com a cessação da

quando o rolo e a pedra se afundassem no rio Eufrates (ver Jer. 51:59-64), assim também a Babilônia dos últimos dias, Roma, desaparecerá eternamente da vista humana. Aquilo que fora tão grande, tão poderoso, tão ímpio, tão orgulhoso, tornar-se-á apenas uma memória fugidia.

Outras idéias sobre o vigésimo primeiro versículo:

1. O anjo, com seu ato de arrotar a grande pedra, mostrou que Roma haveria de cair violentamente, em súbita destruição. Babilônia seria derrubada com violência. Isso sucederá, profeticamente falando, quando da batalha do Armagedom e dos eventos subsequentes, associados à «parousia» ou segunda vinda de Cristo. (Ver sobre o «Armagedom», em Apo. 14:14, notas de introdução). Os violentos têm de sofrer violência. O anticristo promoverá e mais terrível de todas as perseguições religiosas. Creemos que ele já está vivo. Teremos de enfrentá-lo, ou, quando muito, nossos filhos terão de fazê-lo. (Ver o artigo de introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nova Era», onde oferecemos razões para essa crença).

2. A pedra de moinho (em grego, molen onikos) aqui em vista, provavelmente deve ser aquela que somente os animais podiam fazer girar (ver Marc. 9:42). Não era a pedra pequena, que as mulheres faziam girar, para trabalhos leves (ver Mat. 24:41). Por ser «muito grande», e conseqüentemente, pesada, afundará rapidamente. Isso simboliza a repentina queda de Roma. Como sempre o faz, João não esperava um longo declínio com a queda eventual de Roma. Historicamente falando, porém, as coisas não ocorreram conforme ele esperava. Nero não revivou ou reencarnou-se, e nem regressou a Roma à testa de sátrapas persas para cometer matricídio. (Ver Apo. 17:28; em suas notas expositivas, quanto a essa antiga tradição cristã). Profeticamente, entretanto, há indicações sólidas de que essa expectativa se cumprirá à risca.

3. O anjo é dotado de grande força. Ele mostra possuir forças para levantar e arrotar no mar a gigantesca pedra. Por meio disso aprendemos que Deus possui poderes e instrumentos amplamente capazes para realizar seus propósitos no juízo.

4. «A queda de Roma será irrevogável, súbita e violenta, conforme o demonstrou o anjo, dramaticamente, ao agarrar e enorme pedra e lançá-la ao mar» (Moffatt, *in loc.*).

5. «A grande massa morta, ao afundar irremediavelmente, pela lei de seu próprio peso, dá a indicar uma queda da qual não haverá recuperação. Assim também, Farão e suas hostes afundaram como chumbo nas águas poderosas... Ela não mais será encontrada. As palavras 'nunca jamais', em suas formas, são repetidas nestes versículos (vigésimo primeiro a vigésimo terceiro) por nada menos de seis vezes, como se fora um estribilho fúnebre, proferido ante o sepultamento de um grande poder que desaparece» (Carpenter, *in loc.*).

τεχνίτης N A cop<sup>a</sup> [kai] πᾶς καὶ πᾶς...ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι syri<sup>1</sup> Hippolytus Aphraates Tyconius [kai] πᾶς καὶ πᾶς...ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι 61 88 arm [kai] πᾶς καὶ φωνὴ μύλου...ἐν σοὶ ἔτι N syri<sup>1</sup> eth Hippolytus<sup>1</sup>

música. Os variegados instrumentos de sons harmoniosos fazem silêncio. Roma possua alguma harmonia de sons. Mas não tinha harmonia de vida, pelo que até a harmonia musical cessou. Sons atrativos não podem continuar quando as pessoas não têm música na própria alma. As próprias fontes da música decaem completamente. Orfeu, segundo diz a lenda, levou a música ao submundo escuro e sem amor. Mas ninguém pode musicar uma vida onde as fontes da música se ressecaram». (Hough, *in loc.*).

As rodas denteadas da indústria cessaram. O que é estético parara, mas outro tanto sucederia à indústria, o que dava a Roma a sua riqueza, será reduzido a nada. A pedra de moinho está parada; os ruídos dos artefícios cessaram. Eram como homens que puseram vigias de sentinela, para guardarem a cidade, mas que deixaram Deus de fora, o único capaz de guardar a cidade. Seu gigantesco labor, na edificação do império, tornar-se-á completamente nulo, porquanto não escolheram a Deus como seu colaborador. De fato, grande parte desse labor foi feito em deliberada oposição à espiritualidade. O que é meramente humano deve fracassar afinal, porque é transitório e tende para a inutilidade. No dizer de Hough, *in loc.*: «Há algo de ignominioso no completo silêncio de uma fábrica, quando ela se faz uma greve. Há uma qualidade fantasmagórica na cidade

onde as rodas da indústria não mais giram. A greve pode ser solucionada e as rodas podem ser postas de novo em movimento, mas há uma quietude que é final e completa. A quietude da completa futilidade moral não prevê qualquer movimento futuro das rodas.

...*harpistas*... (Ver Apo. 5:8; 14:2 e 15:2 quanto a menção a harpas e a música para a mente. «Desde o princípio a música envolveu tudo quanto pertence à província das nove Musas; não o mero aprendizado do uso da lira, ou como fazer parte em um coro, mas também como ouvir, aprender e repetir composições poéticas, além da prática da pronúncia exata e elegante... Durante os meados do século V A.C., em Atenas... houve entre os mestres de música homens da mais distinguida habilidade e eminência, mestres de toda a erudição e empreendimento da época, os quais ensinaram o que se sabia acerca da Astronomia, da Geografia e da Física, capazes de manter discussões dialéticas com seus alunos, sobre todos os vários problemas então abordados pelos homens intelectuais». (Grote, *History of Greece*, vl., capítulo lxvii). (Quanto a notas expositivas sobre o uso apropriado da «música», na igreja, ver Col. 3:16).

...*flautas*... » Essa palavra se acha somente aqui e em Mat. 9:23, em todo o N.T. Os tocadores de flauta tinham posição privilegiada na sociedade, especialmente no que tange ao entretenimento nos banquetes, festas e orgias, festividades religiosas e funerais. As tocadoras de flauta, mulheres de caráter dissoluto, com frequência eram empregadas para essas ocasiões. No «Simpósio», de Platão, Eriximaco diz: «Chego-me à jovem flautista que acaba de aparecer para dizer-lhe que se vá embora e toque para si mesma, ou, se assim lhe convier, para as mulheres que estão lá dentro. Hoje, preferimos conversar». (176). Assim também diz Sócrates sarcasticamente em *Protágoras* 347: «A conversa sobre os poetas parece ser uma diversão comum, a que recorrem os vulgares; os quais, por não poderem conversar e divertirem-se uns aos outros enquanto bebem, com o som de suas próprias vozes e conversas, em razão de sua estupidez, elevam o preço das jovens flautistas no mercado, contratando a elevado preço a voz da flauta, e não de seu próprio hálito, para ser o meio de conversação entre eles». (Isso pode ser comparado a Isa. 24:8 e Eze. 26:13).

23 καὶ φῶς λύχνου . οὐ μὴ φάνη ἐν σοὶ ἔτι , καὶ φωνὴ νυμφίου καὶ νύμφης οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι . ὅτι οἱ ἔμποροὶ σου ἦσαν οἱ μεγιστάνες τῆς γῆς , ὅτι ἐν τῇ φαρμακείᾳ σου ἐπλανήθησαν πάντα τὰ ἔθνη ,

23 φῶς) ...Eti Jr 7:34; 16:9; 26:10

οἱ ἔμποροὶ... γῆς Is 22:8

ἐν τῇ φαρμακείᾳ σου Is 47:8

23 (φάνη) φανῇ ε)

18:13; a luz de candeia não mais brilhará em ti, e a voz do noivo e da noiva não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias.

O autor sagrado tem o cuidado de alistar as causas da queda de Roma: abusaram das riquezas (terceiro versículo), o que é aqui reiterado. Entraram em áreas do ocultismo e se imiscularam com os poderes satânicos. A palavra «feitiçaria», neste ponto, não é definida; mas, em outras passagens, notamos que é usada em conjunção com os mais graves pecados, os de idolatria, imoralidade e homicídio. (Ver Apo. 9:21; 21:8 e 22:15, sendo provável que, neste ponto, tais associações sejam lembradas automaticamente pelos leitores). O vigésimo quarto versículo, porém, nos dá a mais importante razão da queda de Roma: «Martirizara aos cristãos».

O autor sagrado continua empregando passagens do A.T. (Ver Naum 3:4, onde Ninive é retratada como a meretriz das bruxarias, vendendo nações por meio de suas prostituições, e vendendo famílias por meio de suas feitiçarias. Isso também pode ser comparado a Isa. 47:12, onde são feitas acusações similares contra Babilônia). Portanto, Roma não se libertará de qualquer dos vícios antigos; pelo contrário, haverá de incorporá-los a todos em seu esgotio de iniquidade. Por causa disso, ela cairá, tal como sucedeu à antiga Babilônia.

...*luz de candeia*... » A luz—artificial—também se apagará. (Ver Mateus 5:15 e suas notas expositivas, quanto ao vocábulo usado aqui. O termo ocorre novamente em Apo. 22:5). Isso talvez dê a entender que Roma contava com iluminação nas ruas. Seja como for, o conforto da iluminação à noite, o seu aspecto atrativo, desaparecerá juntamente com a própria cidade. Essa luz bruxuleante também desaparecerá, porquanto rejeitaram à Luz do Mundo (ver João 1:7-9).

...*voz de noivo*... » O dia do casamento é uma das ocasiões mais festivas. O jovem reivindicou sua jovem e bela noiva; nada há de mais alegre que isso: a vida continua, e isso em meio à felicidade e ao bem-estar. Tais são os simbolismos da «voz do noivo». Mas, visto que Roma rejeitara à voz do Noivo (ver Efê. 5:22,25,27), nenhuma voz de noivo poderá mais ser ouvida nela.

«O fim dos casamentos festivos. As festas de casamento muito atraíram a imaginação de Jesus. Quantos relatos vívidos, através dos séculos, terminam em um casamento! E assim terminam precisamente porque haviam prometido começos felizes. Porém, pode ocorrer alguma tragédia tão completa que chega o fim do suave e belo ritmo da vida doméstica. A história de Tobias, nos livros apócrifos, está repleta de trechos de mitologia, embora também esteja saturada do senso da vida doméstica que prossegue. O casamento é uma experiência sagrada, e o aparecimento dos filhos é a consumação dos dons de Deus. As festas de casamento de Tobias, filho de Tobite, se revestem de profunda significação simbólica. Não há mais a sugestão da busca do fim das esperanças humanas, senão a palavra que a voz do noivo e da noiva serão ouvidas... nunca mais. As experiências felizes, sem alicerce moral, já trazem em si mesmas a sentença de morte. A morte da bondade é a morte de todas as esperanças humanas». (Hough, *in loc.*).

...*pois os teus mercadores foram os grandes da terra*... » A perversidade de Roma, em seu comércio, em seu anelo pelas riquezas, em seu abuso das riquezas obtidas, aparece aqui como razão de sua queda. O capítulo inteiro vem salientando essa razão. (Ver Apo. 18:3). As riquezas materiais são

...*clarins*... » No grego temos a palavra «salpigks», de menção frequente na Bíblia. Havia a trombeta, feita de chifres de carneiro, com uma das extremidades voltada para cima, usada pelos militares, na sinagoga, mas também como instrumento musical em festividades, etc. Também havia a trombeta feita de prata batida (ver Núm. 10:1-10), que em Israel se limitava essencialmente a usos sagrados. Entre os romanos as trombetas eram empregadas em festividades, nos funerais e no teatro.

...*em artifício*... o ruído de pedra de moinho... » (Ver Jer. 25:10; Mat. 24:41 e a nota acima, sobre o fim da indústria em Roma).

A forma negativa no grego, «ou me», se repete por quatro vezes solenes. Roma chegará ao fim: sua música cessará; sua indústria será destruída, sua vida terá chegado ao fim do seu ciclo, sendo subitamente cortada pelo juízo divino.

Outras idéias sobre o vigésimo segundo versículo:

1. Não haverá mais sôna musical; o exercício das artes terminará; e ruído da indústria silenciará; a luz da lamparina não mais existirá; o bulício da alegria doméstica desaparecerá. A vida sem Deus tem de terminar assim.

2. Os intérpretes da escola histórica vêem aqui a Roma papal, profeticamente falando. Não haveria mais festividades religiosas, nem casamentos, nem música sacra, nem órgãos, nem grandes coros e nem cântico Gregoriano.

3. A elaborada descrição do «fim das atividades em Roma» (versículos vinte e dois a vinte e três) se equipara à descrição sobre seus muitos artigos de comércio (versículos doze e treze). Com tão eloquentes descrições, o vidente João pinta um quadro verbal de como a grandiosidade de Roma não conseguia sobreviver aos juízos divinos. A razão principal disso aparece no vigésimo quarto versículo. Roma martirizara aos crentes da igreja. Nenhum reino ou instituição que fizer isso poderá perdurar ainda por muito tempo e para sempre.

*Variante Textual:* A palavra «artífices» se faz ausente nos mss Aleph, A e no Cop(bol), provavelmente por acidente, porquanto seria apenas natural que, em uma longa lista de itens, em alguns manuscritos, um ou outro deles fosse esquecido. Essas palavras são confirmadas nos mss CP, 046, 051 e na maioria dos manuscritos minúsculos, como também no It(gig), na Vg, no S(h), no Cop(sa). Outras omissões ocorrem ainda aqui, em manuscritos relativamente destituídos de importância.

pintadas como um dos grandes elementos corruptores de Roma. A fartura com frequência conduz a todos os vícios, porquanto fornece tempo e dinheiro para que sejam buscados os vícios, quando o coração do indivíduo não se volta para os alvos espirituais. A referência acima indicada desenvolve esse tema.

...*feitiçaria*... » No grego é «pharmakeia», «feitiçaria», «mágica». (Ver isso na lista de «vícios», em Gál. 5:20). Faz parte das «obras» da carne. O termo grego «pharmakon» significa «droga», «remédio», «medicamento» e essa é a raiz do termo que temos aqui. As «drogas» vieram a ser associadas à prática das artes ocultas, conforme continua sendo até hoje, em vários ramos. Isso pode ser comparado ao moderno «caldo das bruxas». Algumas drogas ou «poções» teriam, supostamente, propriedades mágicas, pelo que a ideia inteira da feitiçaria veio a ser associada a esse vocábulo. A palavra «pharmakeia» figura apenas por três vezes no N.T., (ver Gál. 5:20; Apo. 9:21, além do presente versículo. Ver as notas expositivas sobre as «artes mágicas» e sobre o «ocultismo», em Ato 19:19, naquilo que se relacionam à ciência legítima da parapsicologia. Ver também o décimo quinto versículo daquele capítulo, e também o décimo oitavo versículo, sobre a «magia»). Há um estudo legítimo sobre certos poderes espirituais do ser humano. O homem é um espírito, e, naturalmente, possui poderes de telepatia, psicocinésia e precognição, além de muitos outros, numerosos demais para serem mencionados. Porém, há um lado negro em tudo isso, quando o homem apela para a ajuda de espíritos negativos, demoníacos, que o auxiliem nas manifestações psíquicas. Os demônios são seres reais, e a possessão demoníaca é real. (Ver Marc. 5:2, em suas notas expositivas, sobre os «demônios», e Mat. 8:28 sobre a «possessão demoníaca»). Os juízos das trombetas, neste livro de Apocalipse, mostram claramente que, nos últimos dias, haverá uma gigantesca invasão de poderes satânicos no mundo, e as seitas que seguem o ocultismo sem dúvida serão atraídas para essas manifestações e as ajudarão. O próprio anticristo será um mestre do ocultismo, porquanto será possuído pelo próprio Satanás (ver Apo. 13:4-6,14,15). Ele será operador de milagres reais, embora inspirados e ajudados por Satanás.

Atualmente o ocultismo está em franca ascendência, pois as pessoas andam insatisfeitas com a religião destituida de misticismo, destituida de autêntico poder espiritual. Mas esse levantamento do ocultismo continuará aumentando, até atingir proporções sinistras. Os últimos dias serão um tempo da multiplicação impressionante do uso de drogas. O mundo enlouquecerá com as drogas e o satanismo, e o anticristo será o herói daquela gente. O crente, porém, nada deve ter a ver com aquelas seitas que tratam com espíritos que não podem identificar e que, além disso, com frequência são malignos. Ao mesmo tempo, deve o crente buscar ao Espírito de Deus e aos dons do Espírito, o que aumentará, legítima e construtivamente, a sua expressão, pondo-o em contacto com o ser divino, o que o transforma moral e metafisicamente segundo a imagem de Cristo. (Ver II Cor. 3:18).

Outras idéias sobre o vigésimo terceiro versículo:

1. A corrupção de Roma, através do comércio, da feitiçaria ou da perseguição aos cristãos, tem inficionado o mundo inteiro. Os juízos divinos, pois, terão de cair sobre ela, pois, do contrário, todas as nações terminariam em estado de rebelião contra a ordem divina das coisas.

2. Alguns intérpretes protestantes da escola histórica vêem nessa «feitiçaria»



os ludibrios, as doutrinas falsas e a idolatria de Roma papal; mas o texto sagrado está antes vinculado ao «culto ao imperador» e a feiticaria de Roma pagã (historicamente falando), ou então ao culto ao anticristo e às condições dos últimos dias (profeticamente falando).

3. A meretriz tem lançado mão de «drogas» para ajudá-la em sua imunda profissão, a fim de cativar suas vítimas. Essa meretriz, Roma, usa de muitos

meios para realizar seus propósitos, sujeitando a si mesmo o mundo inteiro, incluindo seu diabólico «culto ao imperador», com seus sacerdotes e mágicos. Nos últimos dias, o anticristo também se manifestará de acordo com essas linhas, mas o passado de Roma parecerá brincadeira de crianças, tão grande será o poder da besta e tão profunda será a sua maldade.

24 καὶ ἐν αὐτῇ αἷμα προφητῶν καὶ ἁγίων εὐρέθη καὶ πάντων τῶν ἐσφαγμένων ἐπὶ τῆς γῆς.

24 ἐν... εὐρέθη Jr 51:49; Eze 24:7; Re 6:10; 17:6; 19:2

24 αμα] αιματα 046 051 82 100b 2059i pm; R

18:24: E nele se achou o sangue dos profetas, o dos santos, o de todos os que foram mortos na terra.

Esse é o terceiro e mais grave crime de Roma, os quais provocaram sua queda. De fato, conforme temos tido muitas ocasiões para frisar, o Apocalipse foi escrito essencialmente como *manual dos mártires*. (Ver Apo. 6:9 e ss. e os capítulos sete e catorze). Quando foi escrito este livro, Domiciano, imperador romano, governava e assassinava, espalhando destruição na igreja de Cristo. Foi apelidado de «segundo Nero». O vidente João esperava que o verdadeiro Nero voltasse dentre os mortos, na qualidade de *oitavo imperador*, renovando sua cólera insana contra a igreja (ver Apo. 13:3 e 17:11; em suas notas expositivas). Esperava-se que ele voltasse do hades para a terra (ver Apo. 17:8). Assim sendo, João esperava o pior, pois Nero, proveniente do hades, seria alguém satanicamente inspirado (ver Apo. 13:4). Portanto, em meio às perseguições, e esperando a intensificação das mesmas, João escreveu a fim de consolar à igreja que sofria.

João teve de assegurar a todos os crentes que os mártires nem estavam extintos e nem tinham sido derrotados. Antes, estavam nos céus (ver os capítulos seis, sete e catorze do Apocalipse). Esses verão a vingança divina contra Roma. Isso já pudemos ver especificamente no vigésimo versículo deste capítulo, cujas palavras, segundo pensam alguns estudiosos, pertenceriam ao presente versículo. E este versículo declara agora, enfaticamente, que a queda de Roma se deverá, principalmente, ao fato que Roma perseguia à igreja cristã. Isso foi declarado em relação à própria época do vidente João, porquanto ele pensava que todas essas predições teriam cumprimento ainda dentro de seu período normal de vida, conforme se vê claramente em Apo. 17:9 e ss. Tal antecipação, entretanto, laborava em equívoco, já que ele não percebeu as implicações a «longo prazo» de suas profecias. Mas o renovado império de Roma, formado pela federação de dez nações, encabeçada pelo anticristo, receberá súbito e devastador golpe final, por muitos motivos, entre os quais se destaca a sua maldade para com a igreja, naquela maior de todas as perseguições religiosas de todos os séculos, que será promovida pelo satânico anticristo, a besta.

«...nela se achou sangue de profetas...» Há aqui alusão aos profetas do N.T., conforme se vê e comenta no vigésimo versículo deste capítulo.

«...santos...» Isto é, os santos cristãos, membros da igreja cristã, o que também é comentado no vigésimo versículo.

## Capítulo 19

XI. Sete Visões da Queda de Babilônia (17:1- 19:10).

6. Hino de louvor a Deus, devido à destruição da Babilônia (19:1-5).

De Apo. 17:1 até 19:10 temos sete visões relativas à queda da Babilônia o que é um título enigmático para Roma. A visão que passamos a comentar é a sexta dessa série. (Quanto à introdução geral sobre essa seção, ver as notas expositivas sobre o começo do décimo sétimo capítulo. Essas notas abordam os problemas gerais relacionados à queda de Roma, segundo isso foi visto pelo vidente João, fornecendo-nos tanto o ponto de vista histórico como o quadro profético a longo prazo.

Os capítulos dezessete e dezoito têm muitos lamentos, o cântico de tristeza dos aliados e sócios comerciais de Roma. Em contraste, a seção que passamos a considerar é um cântico de louvor e alegria, porquanto, finalmente, a inimiga da igreja, a perseguidora Roma (liderada por imperadores pagãos, que exigiam adoração às suas pessoas — contexto histórico), bem como o perseguidor culto ao anticristo (aplicação profética a longo prazo), foi derrotada pelo juízo divino. Assim se atenderá ao clamor dos mártires por vingança (ver Apo. 6:9 e ss.), e o resultado é a devastação de Roma. Historicamente, como é óbvio, isso se aplica aos *mártires cristãos*, que participam do quadro dos capítulos quarto a décimo nono, diferentemente do que alguns supõem. O Apocalipse foi escrito para servir de «manual dos mártires cristãos», a fim de consolá-los em meio às tristezas e instruí-los a como resistirem em prol de Cristo. Esse foi o propósito mesmo deste livro. Profeticamente falando, a mesma coisa sucederá. Não temos o direito de dizer que, historicamente, este livro se aplica aos mártires cristãos, mas, profeticamente, a santos não-participantes da igreja. Ninguém ao menos pensou em interpretar desse modo o Apocalipse, senão já em nossa época. Apesar da palavra «igreja» não ser mencionada nos capítulos quarto a décimo nono, contudo, os mártires cristãos estão ali constantemente em foco, pois esses são os «santos» que então sofriam perseguição, sob o império romano. (Ver Apo. 5:8; 8:3,4; 11:18; 13:8,10; 14:12; 15:3; 16:6; 17:6; 18:24; 19:8 e 20:9, quanto aos «santos» do Apocalipse, que aparecem depois do seu quarto capítulo. (Ver as notas introdutórias a Apo. 4:1, acerca da «questão do arrebatamento»).

Esta seção dá continuação à linha de Apo. 18:20, embora com grande adorno. Notemos que quem entoou esse cântico de louvor são o «céu» (especial e particularmente, os «mártires no céu»), os «santos» (certamente crentes do N.T.), os apóstolos cristãos e os profetas do N.T. As descrições elaboradas desta seção nos levam de volta às cenas do trono celestial dos capítulos quarto e quinto, pois quase todos os itens que temos aqui, são repetições de seções anteriores. Portanto, a maior parte das notas expositivas, neste ponto, consiste de alusões aos lugares onde podem ser encontradas as notas expositivas apropriadas.

É possível que o vidente João, por não nos ter dado qualquer visão específica da destruição dos reis partas, que haveriam de ajudar Nero a cometer matricídio (ver as notas expositivas completas sobre esse aspecto histórico das predições apocalípticas, em Apo. 17:16), queria que entendêssemos que a destruição relativa a Roma deve incluir também a derrota final desses aliados de Nero. Profeticamente, devemos entender com isso que a federação de dez reinos, encabeçada pelo anticristo, será destruída juntamente com a queda do reavivado império romano do futuro. O anticristo terá Roma como seu centro de atividades. O trecho de Apo. 19:11 e ss. mostra-nos que todos os poderes ímpios cairão juntamente com Roma, nos eventos que envolverão a «parousia» ou segundo advento de Cristo. A batalha de Armagedom, conforme temos averiguado, é considerada pelo vidente João como princípio da «parousia». (Ver as notas introdutórias a Apo. 14:14, a respeito do *Armagedom*).

Em Apo. 19:1-4, paralelamente a Apo. 16:6b-7 e 19:5-8, temos a resposta dos céus ao apelo de João, em Apo. 18:20. Ele invoca o cântico de louvor e obtém uma grandiosa e impressionante resposta, pois a vitória de Deus é completa, e os mártires são vistos a triunfar maravilhosamente. Esse cântico de louvor abarca todos os habitantes dos céus, os mártires glorificados, mas também

os seres angelicais das diversas ordens. Todos eles, conjuntamente, constituem a «grande multidão»; e apesar de que somente os seres angelicais são especificamente mencionados, já que esta secção é resposta ao apelo de Apo. 18:20, os mártires glorificados, entretanto, também devem estar em foco.

## 19 Μετὰ ταῦτα ἤκουσα ὡς φωνὴν μεγάλην ὄχλου πολλοῦ ἐν τῷ οὐρανῷ λεγόντων, Ἀλληλουιά· ἡ σωτηρία καὶ ἡ δόξα καὶ ἡ δύναμις τοῦ θεοῦ ἡμῶν,

19.1 ἤκουσα... Ἀλληλουιά Tob 13:18

19.1 Μετὰ] praem Kai 051 x 2059s pm 5 | ws] om x 1006 2059s al g sy ia Prim 5

19:1: Depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma imensa multidão, que dizia: Aleluia! A salvação e a glória e o poder pertencem ao nosso Deus;

«...Depois destas coisas...» O grego diz «*meta tauta*», uma expressão usada pelo autor sagrado para assinalar tanto o progresso cronológico em sua narrativa como também o início de alguma nova secção. (Ver as notas expositivas sobre isso, em Apo. 4:1).

«...grande voz...» Trata-se de uma expressão comum no Apocalipse, chamando nossa atenção e anunciando alguma importante mensagem. É ouvida em visão mística. (Ver Apo. 1:10 quanto a «tipos de visões». Quanto à «grande voz», comparar com Apo. 1:10; 5:2,12; 6:10; 7:2,10; 8:13; 10:3; 11:12; 12:10; 14:7,15; 16:1,17; 19:1,17 e 21:3). Em muitas dessas instâncias, e com frequência quando a voz é descrita de outro modo, ela provém do céu, tal como no presente contexto.

«...céu...» No singular, ainda que com frequência apareça no plural, nas páginas do N.T., já que os antigos pensavam nos «céus», compostos de muitas esferas, e não de uma única esfera. (Ver as notas expositivas sobre os «lugares celestiais» em Efé. 1:3). João usa o plural somente uma vez neste livro, e isso dentro de uma citação. (Ver Apo. 12:12). A maior parte do Apocalipse nos é apresentada como informações dadas diretamente da parte dos céus, o que significa que consiste de mensagens fidedignas e extremamente importantes.

«...de numerosa multidão...» Pode-se supor, pois, que a população inteira do céu está envolvida nisso, os mártires e os remidos de todos os séculos, bem como as diversas ordens dos seres angelicais. Os anjos são tão numerosos que, para todos os efeitos práticos, não podem ser computados (ver Apo. 5:11; ver Col. 1:16 acerca das suas várias ordens de hierarquia e poder. Ver também Luc. 4:10 e Atos 1:10 quanto a notas expositivas sobre os «anjos»).

«...Aleluia!...» Essa palavra figura por quatro vezes neste livro (ver Apo. 19:1,3,4,6). De fato, em todo o N.T., esses são os únicos lugares onde essa palavra figura). O quinto versículo deste mesmo capítulo dá sua tradução grega: «Louvado seja o Senhor!» A palavra «Aleluia!» é, na realidade, a mais breve de todas as doxologias. (Ver Efé. 3:21 quanto ao uso das doxologias na literatura sagrada). Em Sal. 111 e 112, tal como aqui, é empregada como «introdução» aos pensamentos a ser expostos; e em Sal. 106, 113, 117, 135 e 146-150, é utilizada a fim de confirmar e ornar os pensamentos já expressos. Quinze dos Salmos começam ou terminam com essa palavra. A maioria desses salmos tem algo a ver com o poder e a majestade de Deus, o que também se verifica neste ponto. Em Sal. 106 ela é usada com «antecipação milenar», o que igualmente se dá aqui, porquanto a queda de Roma (juntamente com a batalha do Armagedom) permitirá que se instaure a era áurea. Os Salmos 104 - 109, entoados principalmente nas festividades da Páscoa e dos Tabernáculos, são chamados de «Grande Halel», porque ali

2 ὅτι ἀληθινὰ καὶ δίκαιαι αἱ κρίσεις αὐτοῦ· ὅτι ἐκρίνειν τὴν πόρνην τὴν μεγάλην ἣτις ἔφθειρεν τὴν γῆν ἐν τῇ πορνείᾳ αὐτῆς, καὶ ἐξεδίκησεν τὸ αἷμα τῶν δούλων αὐτοῦ ἐκ χειρὸς αὐτῆς.

2 ἀληθινὰ... κρίσεις αὐτοῦ Ps 119:9; 119:137; Rm 10:7 ἐξεδίκησεν... αὐτοῦ Dt 32:43; 2 Kgs 9:7; Ps 79:10; Rm 10:10

19:2: porque verdadeiras e justas são as suas juízes, pois julga a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e dos filhos dela vingou a sangue dos seus servos.

Todos os elementos deste versículo podem ser encontrados algures:

1. Os juízes são verdadeiros e justos. (Ver Apo. 16:7 sobre isso).
2. Esses juízes são contra a grande meretriz. (Ver Apo. 17:1).
3. A meretriz corrompeu o mundo inteiro com suas imoralidades, o que é referência direta à idolatria do culto ao imperador (ponto de vista histórico) e à idolatria da adoração ao anticristo (ponto de vista profético). (Ver Apo. 17:2,3. Comparar também com Apo. 18:3,5).
4. Quanto ao tema geral do «juízo», ver Apo. 14:11 e Col. 3:6. Quanto ao julgamento dos crentes, ver II Cor. 5:10. Quanto a esse juízo conforme as obras, ver Rom. 2:6 e Apo. 20:12.
5. Quanto a «Babilônia» (Roma, a cidade), como «grande meretriz», ver Apo. 17:1,18. Quanto a «Babilônia» como nome enigmático para Roma, ver Apo. 14:8.
6. Quanto ao juízo que cairá sobre Roma por causa do «sangue» dos servos de Deus que ela derramou, ver Apo. 6:9 e ss. e 18:20. Parece que essa

3 καὶ δευτέρον εἶρηκαν, Ἀλληλουιά· καὶ ὁ καπνὸς αὐτῆς ἀναβαίνει εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

3 ὁ... αἰώνων Is 34:10

19:3: E outra voz disseram: Aleluia. E a fumaça dela sobe pelos séculos dos séculos.

A segunda Aleluia! («Louvado seja Yahweh!») (Ver as notas expositivas completas sobre essa palavra, no primeiro versículo). Esse louvor aborda particularmente a vingança de Deus contra homens ímpios e irracionais. A justiça precisa ser feita, e só-lo-á, finalmente. Disso somos assegurados. O mundo se transformará em caos, não fora a operação desse princípio.

«...sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos...» Já vimos isso no locante ao juízo do anticristo e seus seguidores (ver Apo. 14:11), onde a questão é

esta palavra é mui frequente.

«Aleluias pessoais podem ser atribuídos a Deus, mas o triunfo que provocará Aleluias universais, da parte de todos os seres santos, ainda jaz no futuro!... Não será assim enquanto não for completamente derrubada e devorada pela indignação divina aquela meretriz, Babilônia, conforme se vê no décimo sétimo capítulo do Apocalipse... e quando tudo quanto é de Babilônia houver desaparecido para sempre, então, e somente então, é que o Aleluia explodirá de todos os lábios santos». (Newell, *in loc.*).

«...salvação...» Essa pertence a Deus, e aqui é atribuída especialmente aos «mártires», pois esses é que tinham sido ameaçados de derrota. Porém, finalmente triunfaram sobre homens ímpios e irracionais. (Ver as notas expositivas completas sobre a salvação, em Heb. 2:3). A salvação envolve muito mais que o mero perdão de pecados. Inclui até mesmo a participação em toda a plenitude de Deus (ver Efé. 4:29), a transformação segundo a natureza e a imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29), e, portanto, a própria «divindade» (ver II Ped. 1:4).

«...glória...» Exaltação, poder, reconhecimento da magnificência do ser. Isso tudo é atribuído a Deus, mediante o cântico. O «louvor a Deus» está sendo descrito. (Quanto ao uso da palavra «glória», em outras doxologias do Apocalipse, e onde a questão é mais amplamente comentada, ver Apo. 1:6; 4:9,11; 5:12,13; 7:12; 11:13 e 14:7). O único elemento dessa doxologia, não encontrado antes, é a «Aleluia!».

«...poder...» Também aparece em outras doxologias em Apo. 4:11; 5:12,13. Está em foco, principalmente, o poder de julgar e reinar.

«...o Senhor...» Usualmente, nas páginas do N.T., é um título dado a Cristo; mas, no Apocalipse, mais frequentemente é título dado a Deus Pai. Ele é o Senhor de todos; embora Cristo seja, mais especificamente, Senhor dos homens, por ser o Salvador deles. (Ver Rom. 1:4 quanto ao fato que esse título é dado a Cristo). Ninguém tem a Cristo como Salvador, se também não o tiver como Senhor (ver Rom. 10:9).

Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:

1. «Assim como cada um dos grandes eventos e juízos deste livro é celebrado por seu cântico de louvor nos céus, assim se dá também agora; mas de modo mais solene e formal que antes, por ser esse o grande empreendimento do juízo de Deus contra o inimigo da igreja» (Alford, *in loc.*).
2. «Não é sem instância que aqui, após o completo juízo dos inimigos de Deus e de seus fiéis ter começado, encontramos a expressão Aleluia! que não aparece em qualquer outra porção do Apocalipse» (Lange, *in loc.*). E essa Aleluia se divide em quatro partes, neste ponto. Hengstenberg descobre aqui a vitória de Deus sobre os poderes malignos da terra, porquanto «quatro» é o número terrestre por excelência.
3. Handel reduziu a «Aleluia!» a um hino imperecível, como parte do seu «Messias», produzido em Dublin, no ano de 1742. É costumeiro as audiências se porem de pé, enquanto canta o «coro de Aleluia!»

expressão foi diretamente tomada por empréstimo de Deut. 32:43b. Essa vingança e resposta às orações dos mártires em Apo. 6:10. Ela estava repleta do sangue dos profetas, dos santos e de todos quantos foram mortos na terra» (ver Apo. 18:24), e teria de pagar por essa matança. O Apocalipse foi escrito para mostrar que a matança não significa a derrota dos mártires, e a presente secção é confirmação parcial disso.

Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. O segundo versículo dá a «razão» dos louvores constantes no primeiro versículo, compondo parte da fórmula daquele louvor.
2. Essa denúncia divina contra o poder corruptor da Babilônia original pode ser comparada a Jer. 28:26. Os santos clamavam impacientemente por vingança (ver Apo. 6:10). Na época determinada por Deus, esse clamor foi atendido. A justiça triunfa afinal, embora pareça que ao demora — essa é a lição da secção à nossa frente. (Comparar isso com a lei da colheita segundo a semeadura, em Gál. 6:7,8).
3. O «motivo» do sofrimento recebe aqui resposta parcial. Será finalmente galardoado, se for sofrido por causa de fidelidade a Cristo. Outrossim, nenhum sofrimento é final. A dor não escreve o último capítulo da história humana. (Ver Rom. 3:8 quanto à nota de sumário sobre o «problema do mal», que inclui a razão do sofrimento).

comentada e onde há um simbolismo mais elaborado). João antecipava que Roma seria incendiada (ver Apo. 14:11 e 18:8), pois pensava que os sátrapas persas, dirigidos por Nero redutivo, a incendiariam totalmente. Certamente, está em foco a fumaça do fogo eterno, e não apenas a antecipação do incêndio literal de Roma. O Armagedom liberará o fogo das armas nucleares no mundo, e haverá a queda do anticristo; mas também há o julgamento de fogo, que simboliza um julgamento exatamente conforme a culpa, consumidor. O juízo divino, não indica mera vingança, porém, conforme nos mostram os trechos de I Ped. 3:18-20; 4:6 e o primeiro





<sup>6</sup> καὶ ἤκουσα ὡς φωνὴν ὄχλου πολλοῦ καὶ ὡς φωνὴν ὑδάτων πολλῶν καὶ ὡς φωνὴν βροντῶν ἰσχυρῶν λεγόντων, Ἀλληλουϊά, ὅτι ἐβασίλευσεν κύριος<sup>a</sup> ὁ θεὸς [τῆμῶν]<sup>2 a</sup> ὁ παντοκράτωρ.

18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000 1001 1002 1003 1004 1005 1006 1007 1008 1009 1010 1011 1012 1013 1014 1015 1016 1017 1018 1019 1020 1021 1022 1023 1024 1025 1026 1027 1028 1029 1030 1031 1032 1033 1034 1035 1036 1037 1038 1039 1040 1041 1042 1043 1044 1045 1046 1047 1048

ὁ θεός Α 1000 2432 π' αὐτοῦ ἐπι<sup>ω</sup> πη ἵστανται δ' ὁ θεός ἡμῶν 951 1061 δ'  
ὁ θεός ο κίριος ἡμῶν Η' δ' ὁ θεός αὐτοῦ εἰς ἑκατοστὴν ἐπι<sup>ω</sup> Primarius

\* \* 4 a none, a none: TR Bor Nes BF1 AV RGV / a minor, a minor: WH Zur Luth / a minor, a none: Jet / a none, a minor: RV ARV NEB TT See

• ὡς ὕδατων πολλῶν. Eze 1:24: 43:2; Re 1:15: 14:2

ἀποστείλας κύριος Ελ 15.18 Ρτ 22.26; 93.1; 97.1, 99.1; Δδ 7.14; Ζζβ 14.9; Ρε 11.16

ὁ θεὸς ἡμῶν ὁ παντοκράτωρ Am 2.12 Lxx 4.12 Lxx. Rn 1.6. 4.8. 11.17. 15.2. 16.7. 14. 19.19. 21.22

É difícil decidir se ἡμῶν foi palavra omitida em alguns testemunhos (A 1 254 792 1006 2023 2040 2065 2070 2186 sir (phc) cop (sa,bo) eti) porque se sentiu ser imprópria para a expressão κύριος ὁ θεὸς ὁ παντοκράτωρ (nenhuma das demais instâncias dessa expressão, no Apocalipse, tem o pronome possessivo, 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7 e 21:22); ou se, por outro lado, copistas introduziram o pronome após ὁ θεός em consonância com o uso nos versículos 1 e 5. Em face do peso da evidência que apóia o pronome (N<sup>a</sup> P046 1611 1854 2053 2344 it (gig,61) vg sir (h) cop (sa(ms)) al), a palavra ἡμῶν foi retida no texto, mas entre colchetes, a fim de expressar a dúvida se ela de fato cabe aqui.

19:6: Também aqui uma vez como a de grande multidão, como a vez de muitas águas, e como a vez de fartos trabalhos, que dizem: Alahel! porque já reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso.

-...uma voz... = A voz mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 quanto a tipos de visões e experiências místicas).

**Descrições das vozes.** Por muitas vezes, no Apocalipse, temos visto a menção dessas vozes, incluindo a do presente versículo. 1. Quanto à «voz forte», ver o primeiro versículo. 2. A voz que tem o som de muitas águas, segundo se vê neste versículo, já fora notada em Apo. 1:15, onde a voz de Cristo é assim descrita. (Ver as notas ali existentes, quanto a informações sobre esse símbolo. Isso ocorre novamente em Apo. 14:2). 3. No tocante à voz associada aos trovões, descrição também existente neste versículo, ver também Apo. 4:5; 8:5 e 11:19. O trecho de Apo. 14:2, tal como aqui, fala especificamente no «trovão». 4. Ver Apo. 18:2, a voz «forte». 5. Além disso, há as vozes dos harpistas (ver Apo. 14:2 e 18:22), e a «voz do noivo e da noiva» (ver Apo. 18:23). Essas vozes são de Deus, de Cristo, dos anjos, e, neste ponto, de todos os remidos, «a voz de grande multidão». (Ver o primeiro versículo deste capítulo, onde está em foco a inumerável multidão).

«**Aleluia!**...» Terminado agora é a quádrupla Aleluia! E é próprio que isso tenha sido proferido pelos remidos de todos os séculos. (Ver o primeiro versículo sobre esse termo e o uso da palavra «Aleluia!». Neste ponto ela proclama o fato que Cristo estabeleceu seu reino e começou a reinar na terra. O poder e o reino são atribuídos, entretanto, a Deus Pai. Mas o livro inteiro mostra que isso será feito com mediação de Cristo. (Ver os versículos onze em diante, que mostram isso).

**Aleluia!** Salvação, glória e poder pertencem a Deus (primeiro versículo).

*Aleluia!* O juízo é lindo, e caem Roma e todos os poderes ímpios (terceiro versículo).

**Aleluia!** Deus é digno de ser adorado (quarto versículo).

**Aleluia!** Deus reina por meio de seu Cristo, e o reino é estabelecido (quarto versículo). Assim dirão as hostes celestiais inteiras, humanas e angélicas (ver o primeiro versículo); a hoste inteira novamente (terceiro versículo); todos os mais elevados seres angélicos (quarto versículo) e os exércitos dos remidos (sexto versículo).

...reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso... Uma vez mais Deus Pai é chamado «Senhor», tal como no décimo nono versículo, além de ser

chamado Deus, o que é comum no Apocalipse. Também é chamado Todo-poderoso por oito vezes no Apocalipse. (Ver Apo. 1:8 quanto a notas expositivas e comparar também com Apo. 4:8; 11:17; 15:3; 16:7, 14 e 21:22). Na maioria desses casos é o Senhor Deus Todo-poderoso que está em pauta, onde é empregado o título completo de Deus, tal como no presente versículo. Seu total poder permite-lhe derrotar Roma e assumir o governo da terra toda, esborçoando-se à sua frente todos os poderes da impiedade. Assim se estabelecerá o Reino de Deus. Está particularmente em foco o reino milenar (notas expositivas em 20:5; mas isso possibilitará a inauguração do reino eterno, descrito nos capítulos vinte e um e vinte e dois deste livro. «E então virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder» (1 Cor. 15:24). «Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos».

O fato que o Pai é chamado de Senhor e Deus, aquele que verdadeiramente reina, provavelmente é uma bofetada contra o «culto ao imperador», no qual os imperadores romanos eram adorados como deuses. Também volta-se contra o conceito de «Roma, cidade eterna», que o culto ao imperador tinha fomentado. Domiciano chamava a si mesmo de «Nosso Senhor e Deus» (ver Suetônio, *Domiciano*, 13) e agora João declara quão absurda é essa declaração.

Outras idéias sobre o sexto versículo:

1. Ver as notas expositivas completas sobre o «reino de Deus», com seus multissimos usos nas páginas do N.T., em Mat. 3:2.

2. A expressão «Senhor, nosso Deus», foi um clamor de convocação entre os judeus piedosos, e, sobretudo, entre os fariseus, durante seu conflito contra a opressão e a agressão romanas. (Ver Salmos de Salomão xxvi.1,2,38,61; 2.34,36 e 5.21.22).

3. Ver Apo. 17:14. O Cordeiro é Senhor dos senhores e Rei dos reis, porque Deus reina por meio de sua mediação.

4. Terminado esse cântico de triunfo, tem início um cântico nupcial. (Matthew Henry, *in loc.*).

6. Este versículo pode ser comparado a Apo. 11:7, que lhe é bastante similar e fala do reinado do Senhor Deus Todo-poderoso.

6. Desse modo, o vidente João consola a igreja sofredora. Ele assegura à mesma que a vitória total e final lhe pertencerá. O Apocalipse, na realidade, é uma afirmação elaborada desse fato.

7 χαίρωμεν καὶ ἀγαλλιώμεν, καὶ δώσωμεν<sup>3</sup> τὴν δόξαν αὐτῷ, ὅτι ἦλθεν ὁ γάμος τοῦ ἀρνίου, καὶ ἡ γυνὴ αὐτοῦ ἡτοίμασεν ἑαυτήν·

17 (D) δώσωμεν P 2081 2344 f δώσωμεν N° A 2042 2053 2055 2432 f  
N° 048 D3 1 94 1006 1011 1054 1859 2020 2073 2138 (as c. dem d. c. sig. lat.)

vg syr<sup>2</sup>: rnp<sup>2</sup> eth (Cyprian: Primasius, Andrew: Ps-Ambrose  
Aethan / ὁδοῦμα: 2034 2505 Tyconius Andrew<sup>2</sup>:

Se δῶμεν (N\* 046 051 maioria dos minúsculos) fosse original, não seria fácil explicar a origem das outras formas. O tempo futuro δώσομεν, embora confirmado por N\* A 2053 *al*, é intolerável no grego após verbos no subjuntivo hortatório e deve ser tido como um erro escribal. A forma menos insatisfatória parece ser δώσωμεν (P e vinte e cinco manuscritos minúsculos), a qual, sendo o subjuntivo aoristo irregular, usado apenas raramente (4:9, em N e seis manuscritos minúsculos; Marc. 6:37, em N e D), parece ter sido alterado intencional ou não-intencionalmente nos demais testemunhos, para uma ou outra das formas.

19:7: Regozijamo-nos, e exultamos, e dançamos-lhe a glória; porque são chegados os tempos do Cordeiro, e lá a sua seiva se prepara.

Alegria, triunfo e glória preenchem os corações da multidão participante das bodas do Cordeiro. Esses louvores são oferecidos a Deus como um sacrifício agradável. (Ver a atribuição de glória, honra e poder a Deus, no primeiro versículo deste capítulo, onde são discutidos esses elementos e onde se comenta a resseito).

A queda de Roma fará inaugurar-se as bodas do casamento do Cordeiro. Assim se completará o triunfo dos mártires, pois o horror do que sucedera redundará em grande glória para eles.

**Simbolismo do casamento.** A Bíblia, no Antigo e no Novo Testamentos, utiliza-se do casamento, uma ocasião festiva, para simbolizar a glória espiritual final e a alegria dos fiéis servos de Deus. No N.T., isso simboliza, especificamente, o recebimento da Noiva por parte de Cristo. (Ver Efé. 5:23 e ss., quanto ao manuseio desse símbolo por parte de Paulo. No A.T., ver Isa. 54:1-8; Eze. 16:7-14 e Qsê. 2:19. No N.T., ver também Mat. 9:15 e João

3:29). A interpretação alegórica de Cantares de Salomão retrata Deus como marido da nação de Israel; e isso tem sido usado pelos intérpretes cristãos para contemplar a igreja como a «Noiva de Cristo». (Ver os comentários rabínicos em Lev. *Rabbah* 2; Ex. *Rabbah* 15:31; Jer. *Shevuoth* 4:25). As religiões helenistas de mistérios também empregavam esse símbolo, considerando a união entre seus adeptos e o salvador-deus como uma espécie de matrimônio sagrado. Os cultos de fertilidade também empregavam tal símbolo.

A parábola das virgens loucas e das prudentes pinta o reino como uma espécie de festa de casamento (ver Mat. 25:1-13; comparar com Mat. 22:1-14). Em Marc. 2:19, 20, Jesus alude a si mesmo como o «noivo», e seus discípulos seriam os convidados. Em João 3:29, João Batista refere-se a Jesus como o noivo. Paulo fez uma aplicação mística e escatológica sobre esse símbolo, dizendo que ele apresentava os gentios convertidos como uma noiva de Cristo. Por ocasião da segunda vinda de Cristo, essa noiva será pura e preparada para o noivo (ver II Cor. 11:2), e esse é o simbolismo que ele elabora ainda mais em Efé. 5:22-27.

O segundo advento de Cristo será o tempo em que Jesus virá recompensar a seus servos. Uma maneira elaborada de expressar como ele os galardoados é provida no simbolismo da festa de casamento. Tão grande será a recompensa dos fiéis que o Senhor os receberá como quem recebe uma noiva.

**A noiva deve estar preparada.** Isso é frisado nos versículos sete e oito. Ela deve fazer preparativos para a chegada do Noivo, e isso inclui a purificação dela, a mesma coisa sugerida em Efé. 5:27. Primeiramente, a noiva deve tomar o «banho nupcial», para então vestir-se de trajes novos e limpos, símbolo da alma purificada e glorificada, ou mesmo da imortalidade, porquanto ela será purificada pelo sangue de Cristo (ver Efé. 5:9), bem como pela água da Palavra (ver Efé. 5:26), através da atuação do Espírito Santo. (Ver II Tes. 2:13 quanto à necessidade absoluta de santificação, para que haja salvação; e ver I Tes. 4:3 quanto à «santificação». A própria tribulação haverá de contribuir para purificar à igreja, preparando-a para receber ao Noivo. Certamente esse é um cerne do ensino do Apocalipse.

**Cordeiro.** Isso nos sugere a expiação pelo sangue de Cristo, mediante o qual ele comprou e limpou sua noiva. (Ver as notas expositivas sobre esse título de Jesus Cristo, em Apo. 5:6). Esse título figura por vinte e sete vezes neste livro, e a referência dada menciona a lista de ocorrências.

Pode-se comparar esse simbolismo com o trecho de Apo. 21:9 e ss. Vê-se ali que o estado de «casamento» prossegue pelas eras da eternidade. Essa é apenas outra maneira de expressar a «proximidade» entre a igreja e Cristo, no tocante à sua natureza e aos seus propósitos. Cristo é o Cabeça, e nós somos seu corpo (ver I Cor. 6:15; Efé. 1:23 e Col. 2:19). Por igual modo, ele é a videira, e nós os ramos (ver o décimo quinto capítulo do evangelho de João). O simbolismo da «noiva» mostra não apenas uma união íntima, mas também alegria e posição elevada. Assim, transformados na imagem de Cristo, haveremos de assumir a posição imediatamente abaixo da dele, no universo—mais alto que quaisquer outros seres criados. (Isso é demonstrado em Efé. 1:23; 3:19 e Col. 2:9, 10). Nisso há alegria e confiança, tal como uma noiva recém-casada se regozija em seu marido e confla em sua força. Todos esses símbolos nos fornecem algum discernimento sobre a natureza da salvação, o que envolve muito mais que o perdão dos pecados e a transferência futura para os céus. (Ver as notas expositivas sobre a «salvação», em Heb. 2:3).

A celebração das bodas será nos céus, pois somente ali há meio ambiente adequado e condições apropriadas para nossa união alegre e triunfal com Cristo. João, por assim dizer, nos declara: «Vede como os mártires triunfarão!» Mas isso, naturalmente, envolve também todos os crentes de todos os séculos. Aqueles que repeliem as prostituições mundanas serão honrados como «noiva de Cristo». Cada indivíduo tem essa escolha a fazer.

8 καὶ ἔδοθη αὐτῇ ἵνα περιβάληται βύσσινον λαμπρὸν καθαρὸν,<sup>b</sup> τὸ γὰρ βύσσινον τὰ δικαίωματα τῶν ἁγίων ἐστίν.<sup>c</sup>

<sup>b</sup> parem, <sup>c</sup> parem: NEB

<sup>b</sup> περιβάληται...tois in 8:10

19:8; e foi-lhe permitido vestir-se de linho fino, resplandecente e puro; pois o linho fino são os obras justas dos santos.

«...linho finíssimo...» O Apocalipse encerra seis referências ao «linho»: em Apo. 15:6 (as vestes de certos anjos santos); em Apo. 18:12 (um item do comércio de Roma, para propósitos comerciais); em Apo. 18:16 (idêntico uso); em Apo. 19:8 (por duas vezes) e em Apo. 19:14. (Quanto ao símbolo geral de vestes limpas, de «linho», no tocante ao caráter santo, ver Apo. 15:6). Neste versículo, o autor sagrado registra que o linho significa a *retidão*, que pode ser entendida como nossas «obras» de bondade (por estarem no plural), mas igualmente a nossa retidão em Cristo, a qual se manifesta em nossas pessoas, pelo que é algo de sobrenatural no crente. (Ver Rom. 3:21 quanto à «retidão de Deus», que todo homem que tiver de entrar nos céus precisa possuir).

Alguns estudiosos têm pensado que aqui há uma interpolação, talvez por causa da antiga idéia que as «vestes brancas» simbolizavam a «imortalidade». De fato, as vestes brancas, mencionadas em Apo. 3:4, 18; 6:11; 7:9, 14 falam de pureza e santidade, no estado imortal, em que os remidos serão vestidos de imortalidade. O próprio corpo ressurrecto está em pauta. Porém, sua própria «brancura» mostra que essa imortalidade foi conferida a seres santos. Portanto, não é de estranhar que o vidente João nos exponha esse segundo aspecto da imortalidade, a saber, a santidade dos seres imortais. Sem a santificação ninguém jamais verá a Deus, conforme se aprende em Heb. 12:14, já que a santidade faz parte integral da imortalidade.

Essa «forma» de imortalidade consiste da participação na natureza divina santa (ver Mat. 5:48; Rom. 3:21; Heb. 12:14 e II Ped. 1:4), e não da mera sobrevivência da alma ante a morte física. A noiva de Cristo terá essa forma de vida, a mesma forma de vida de Deus, ainda que Deus a tenha em grau infinito, e nós só a teremos em grau finito. (Ver João 5:25, 26 e 6:57, em suas notas expositivas). Devemos observar também que as boas obras dos mártires haverão de acompanhá-los aos céus. (Ver Apo. 14:13; 20:12 e 22:12). As boas obras os acompanharão e lhes darão o nível de glorificação que tiverem de receber. Portanto, essas boas obras fazem parte bem definida da extensão de sua glorificação, da espiritualização de seus seres, na direção do alvo de toda a existência humana—o Senhor Jesus. (Nessa conexão, ver acerca do «juízo do crente», em II Cor. 5:10; e acerca dos nossos «galardões», em I Cor. 14; e acerca de nossas «coroas», em II Tim. 4:8). Todos esses símbolos nos envolvem na «extensão da glorificação» que receberemos, na extensão em que duplicaremos a imagem e a natureza de Cristo. E é bem possível que o simbolismo das «vestes de linho», nesta passagem, tenha algo a ver com o mesmo intuito. Portanto, enquanto

**Outras idéias sobre o sétimo versículo:**

1. «Essa conceito é, primariamente, escatológico... O dia do casamento entre Cristo e a igreja será o dia de seu segundo advento. Esse é o aspecto mais íntimo e terno do «reino» divino. Porém, na qualidade de figura tradicional dos mitos orientais (ver Jer. 45 em diante), apontava para o adiamento das bodas da divindade até que esta retornasse vitoriosa (isto é, após ter derrotado as trevas e o frio do inverno). Mas a aplicação religiosa envolve, antes de tudo, a queda dos adversários do Messias (ver Apo. 19:11 e ss.)» (Moffatt, *in loc.*).

2. «O símbolo das bodas denotam a comunhão íntima e indissolúvel de Cristo com a comunidade que ele comprou com seu próprio sangue (ver Apo. 5:6, 8; 7:17 e 14:1). Essa comunhão será atingida primeiramente pelos mártires, os quais reinarão com Cristo por mil anos, na Cidade Santa, que descenderá dos céus, e que, de modo misterioso, é identificada com a Cidade Santa, isto é, a Igreja, a Noiva de Cristo, em Apo. 21:9 e 22:17» (Charles, *in loc.*).

3. Os cônjuges, embora dois indivíduos distintos, tornam-se «uma só carne». Isso é um «mistério», conforme diz Paulo no quinto capítulo da epístola aos Efésios. De algum modo há uma «fusão de seres» no casamento, uma comunhão mística no nível da alma. Essa declaração pode ser confrontada com I Cor. 6:16. Devemos evitar a prostituição porque não podemos ter essa espécie de união mística (legalmente) com uma prostituta, e nem ainda em relações sexuais adúlteras. Na qualidade de «Noiva de Cristo», temos essa união mística com Cristo. (Ver I Cor. 1:4, em suas notas expositivas, sobre a expressão «em Cristo», que aponta para o «misticismo cristão»). Essa expressão, «em Cristo», ocorre por cento e sessenta e quatro vezes nas escritas de Paulo. Quando somos remidos em Cristo, começamos a participar de sua natureza, e, finalmente, chegaremos a participar de toda a plenitude de Deus. (Ver Efé. 3:19 e também Col. 2:10). Essa é a verdade bem ilustrada no simbolismo do «Noivo e da noiva».

4. A noiva estará «adornada», o que significa que terá todas as virtudes morais e espirituais. (Ver Gál. 5:22, 23 quanto a essas «virtudes»). Elas são aspectos diversos do «fruto do Espírito» na vida diária do crente, e não meras qualidades humanas. Por meio delas chegamos a possuir a natureza da santidade e da bondade do próprio Deus (ver Mat. 5:48). Mediante a «transformação moral» chegaremos a ter a natureza metafísica de Cristo (ver Rom. 8:29; II Cor. 3:18).

5. Notemos os três símbolos de casamento, no Apocalipse: a. A mulher que dará à luz o «menino», Cristo (no décimo segundo capítulo). b. A meretriz, Roma (nos capítulos dezesseis a dezoito). c. A noiva de Cristo (nos capítulos dezoeno e vinte e um).

6. «A meretriz divide seu afeto entre muitos; a Noiva se dedica exclusivamente a Cristo» (Fausset, *in loc.*).

7. O símbolo da igreja como «noiva de Cristo» mostra que a igreja entrará na tribulação. Notemos que o «triunfo dos mártires» é pintado especificamente dentro desse simbolismo. Estão em foco os «mártires» da época do culto ao imperador, ou, profeticamente, os mártires do tempo futuro do anticristo. A fidelidade na tribulação conduzirá os mártires ao casamento do Cordeiro, com sua Noiva.

indicam a «santidade», manifestada na forma de boas obras, contudo, determinarão o quanto será espiritualizada a nossa alma. Todavia, já que a eternidade toda estará envolvida na glorificação (ver as notas expositivas a respeito, em Rom. 8:30), não poderá haver fim nesse progresso. Haveremos de ficar cheios de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19). Já que há uma infinitude com que seremos cheios, também haverá um preenchimento infinito. Assim como Deus é, desde agora, o alvo de toda a existência, por mediação de Cristo, assim será sempre. (Ver I Cor. 8:6 e Col. 1:6, onde se aprende que a criação foi feita «para» Cristo, e não somente «em Cristo» e «por meio de Cristo»).

O linho é finíssimo, rebrilhante e branco, por haver sido lavado no sangue do Cordeiro (ver Apo. 5:9). Na antiguidade, o livro tinha valor variegado, dependendo de seu grau de brancura e lustre. Passamos a possuir verdadeira natureza espiritual e autêntico valor espiritual, investido na santidade; mas somente devido à nossa união mística com Cristo (ver I Cor. 1:4), que nos transforma em sua natureza e imagem (ver II Cor. 3:18).

\*\*\*

**Outras idéias sobre o oitavo versículo:**

1. Os mártires atingirão o clima do triunfo, a despeito de terem sido tão maltratados na terra. Essa é a principal mensagem de João. Contrastar as puras vestimentas dos santos com as vestes da grande meretriz, em Apo. 17:4 e 18:16.

2. Confrontar isso com a descrição de Inácio sobre os santos, «inteiramente vestidos nos mandamentos de Cristo» (Efésios x). Os «feitos justos», considerados como suas vestes imortais, são uma idéia paralela a Bar. 11:19.

3. O linho fino era usado nas vestes sacerdotais. Todos os crentes são reis e sacerdotes. (Ver Apo. 6:10).

4. Antes de «receber» essa veste santa, a noiva teve de «preparar-se» para recebê-la (ver o versículo anterior). A santificação é uma estrada de duas pistas. A provisão divina deve ser recebida pela acatitação humana; e a vontade humana deve esforçar-se por aplicar a provisão divina. Nunca nos foi prometida uma santificação sem lágrimas.

5. A justificação e a conversão devem ser seguidas pela santificação. Isso fica claro no simbolismo deste versículo, como também em II Tes. 2:13. Não pode haver salvação sem a santificação.

6. Babilônia, a meretriz, é a antítese mesma da Nova Jerusalém, a Noiva, conforme se vê nesta seção. (Ver também Apo. 21:2, 9 e ss.).

7. O Targum sobre Zac. 3:4 diz: «Eu te vestirei com justiça». Esse é o símbolo usado no presente versículo.

8. «Não somente as vestes são um dom da graça, mas o vestir das mesmas é uma concessão de Cristo, sendo aquilo que ele mesmo realizou. (Ver Isa. 61:10 e Zac. 3:4)» (John Gill, *in loc.*).

9 Καὶ λέγει μοι, Γράψον· Μακάριοι οἱ εἰς τὸ δεῖπνον τοῦ γάμου τοῦ ἀρνίου κεκλημένοι. καὶ λέγει μοι,

Οὗτοι οἱ λόγοι ἀληθινοὶ τοῦ θεοῦ εἰσιν.

9 του γαμου | om N°P x 2059 | al g bo | λογος | add α | A pc

19:9; f disse-me; escrevo: Bem-aventuradas aquelas que não chamadas à cena das bodas do Cordeiro. Disse-me ainda; Estas não se vendem às palmas de Deus.

...Escreve... Para que? Para que essa mensagem se tornasse permanente e transmissível a outros. (Quanto ao mandamento para «escrever», ver também Apo. 1:11,19; 2:1,8,12,18; 3:1,7,12,14; 10:14,13; 19:9; 21:5). O Apocalipse é exatamente isso, a «revelação» da verdade, e não a tentativa de ocultá-la entre símbolos místicos. Portanto, a ordem para escrever é a ordem para transmitir. Somente em Apo. 10:4 algo foi «selado», ou seja, não deveria ser revelado.

...Bem-aventurados... (Quanto a notas expositivas completas sobre essa palavra e seu uso no N.T., ver Mat. 5:3). Há sete bem-aventuranças neste livro. (Ver 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:5 e 22:7,14). Há um estudo de «riqueza espiritual», de «bem-estar espiritual», que o homem pode atingir. Quem o recebe é chamado de espiritualmente «feliz», não se tratando de uma felicidade transitória, e, sim, permanente. A bem-aventurança espiritual é o avanço e o bem-estar da própria alma, e não depende de meras circunstâncias exteriores. Esse bem-estar espiritual, que traz a felicidade espiritual, é prometido aos que são convidados às bodas do Cordeiro, pois eles mesmos constituirão a sua Noiva. Portanto, participarão do seguinte: a. de sua herança (ver Rom. 8:17); b. de sua natureza e imagem (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18); c. de sua santidade (ver Rom. 3:21); e d. da plenitude de Cristo e de Deus (ver Col. 2:10). Disso é que consistirá a «felicidade» deles.

Essa bem-aventurança tem sido pintada na literatura judaica. Conforme já vimos, é elaborada no simbolismo das bodas. Além disso, como se vê em II Baruque 29:4, a «festa» de riquezas será algo inteiramente à parte do casamento. A própria terra responderá miraculosamente e produzirá dez mil vezes mais, de tal modo que ninguém mais sofrerá fome (ver II Baruque 29:5-6). Assim, em Jerusalém, Israel desfrutará de grande banquete em companhia do Messias (ver III Enoque 48:10). Há paralelos dessas idéias em Mat. 22:1-4; 24:1-13; Luc. 12:35-38. Em I Enoque 62:14 lê-se acerca da refeição sagrada que fará parte da felicidade dos eleitos. O Apocalipse de Elias fala de uma espécie de Interim de quarenta anos, entre a antiga e a nova eras, o que será preenchido por banquetes suntuosos do povo de Deus. (Comparar isso com o «maná escondido», de Apo. 2:17). Naturalmente, todas essas coisas devem ser entendidas simbolicamente. Na realidade, são

10 καὶ ἔπεσα ἔμπροσθεν τῶν ποδῶν αὐτοῦ προσκυνῆσαι αὐτῷ. καὶ λέγει μοι, "Ὁρα μὴ· σύνδουλός σου εἰμι καὶ τῶν ἀδελφῶν σου τῶν ἐχόντων τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ· τῷ θεῷ προσκύνησον. ἡ γὰρ μαρτυρία Ἰησοῦ ἐστὶν τὸ πνεῦμα τῆς προφητείας.

19:10; fntdo me inmei e sou pda para adorá-lo, mas ele me disse: Olhe, não faças tal: sou conservo teu e da tua irmãos, que têm a testemunha de Jesus; adora a Deus; pois a testemunha de Jesus é o espírito da profecia.

Este capítulo tem como seu propósito central repudiar a adoração aos anjos, o que é reiterado em Apo. 22:8,9. Sabemos que o judaísmo helenista exaltava aos anjos, com suas descrições de muitas e elevadas ordens angelicais, chegando mesmo a adorar a tais seres. (Ver o Apocalipse Copta de Sofonias 9-10, onde o anjo é tão poderoso que é tomado equivocadamente por Deus, sendo então adorado; mas tal ato é imediatamente repellido). Em Ascensão de Isaias 7:21, Isaias, no segundo céu, prostra-se a fim de adorar seu poderoso guia angelical, mas é repreendido por isso. É informado, em face disso, que nenhum objeto dos seis primeiros céus deve ser adorado. Naturalmente, Deus habita no sétimo céu (conforme pensavam os judeus); e somente Deus deve ser adorado. Quando Isaias chega, finalmente, ao sétimo céu, foi informado que receberia vestes celestes (quadro da vestidura da imortalidade); e, ao receber essas vestes, torna-se «igual aos anjos». Segue-se, pois, que nenhum anjo é objeto apropriado de adoração. Naturalmente, o evangelho cristão eleva os homens muito acima dos anjos, uma vez terminada a sua redenção, já nos céus, quando tiverem recebido a plenitude do próprio Cristo (ver Efê. 1:23), quando forem participantes da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), quando estiverem participando potencialmente de toda a plenitude de Deus (ver Efê. 3:19 e Col. 2:10), coisas essas que nunca foram ditas acerca dos anjos. Disso segue-se que nenhum ser que potencialmente nos é inferior pode ser adorado.

Os gnósticos adoravam aos anjos (ver notas expositivas completas sobre isso em Col. 2:18); e essa fé religiosa era uma forte influência em todas as igrejas da Ásia Menor, conforme se percebe nas epístolas aos Colossenses, aos Efésios e nas de João. Os nicolaitas, em Apo. 2:6, provavelmente eram uma seita gnóstica libertina, e a «Jezabel» de Apo. 2:20 provavelmente era líder de alguma seita dessas. É bem possível que João tenha se aproveitado do ensino para atacar a influência gnóstica especialmente na doutrina de adoração aos anjos, por eles defendida. (Ver Col. 2:18 quanto a uma nota de sumário sobre o «gnosticismo»). Oito livros do N.T. foram escritos para combater essa antiga heresia, que procurava misturar a mitologia grega e a filosofia da mesma origem, além de religiões orientais misteriosas, com pitadas de conceitos cristãos. Esses livros são: «Colossenses, as três epístolas de João, Judas, I e II Timóteo e Tito. O evangelho de João e o Apocalipse refletem a controvérsia dos cristãos primitivos com os gnósticos, embora não tenham sido especificamente escritos para combatê-los.

O bom pode tornar-se adversário do que é melhor. Os anjos são seres elevados, mas não merecia esse anjo a adoração de João. Isso seria idolatria. A idolatria pode ser a «adoração do que é bom», quando o que é bom toma o lugar do que é melhor. Não devemos permitir que as coisas boas substituam nossos mais elevados ideais. Jerônimo confessou que seu fascínio pelo

símbolos insuficientes para retratar a felicidade dos remidos no mundo eterno.

«...ceia das bodas...» Isso é amplamente comentado no sétimo versículo, onde há também a declaração que será «do Cordeiro».

«...acrescentou: São estas as verdadeiras palavras de Deus...» O Apocalipse dá testemunho do fato que o martírio, intenso sofrimento e o desespero da igreja cristã perseguida, não poderão destruí-la, porque o futuro reverterá todos os erros sofridos. O vidente João frisa isso afirmando a verdade de suas declarações, pondo-as na «boca de Deus». Ver também Apo. 14:13, quanto à veracidade da bem-aventurança ali exposta, que é asseverada com estas palavras: «Sim, diz o Espírito...» Ali também se vê que seus feitos os seguirão—a bondade que tiverem praticado, a fidelidade que tiverem demonstrado, não deixarão de ser galardoadas. E, com o simbolismo das bodas, essa mesma verdade é confirmada.

Outras idéias sobre o nono versículo:

1. Os convivas são «convidados», e eles são a noiva. João não se importa em refinar sua figura simbólica, eliminando essa ambigüidade, o que identifica, por assim dizer, os convidados com a própria noiva. Os remidos podem ser vistos tanto como a noiva quanto como os convivas. Nenhuma distinção é feita nesse ponto, e nem devemos nós pensar que os «convivas» sejam o Israel santo, por exemplo.

2. As palavras de Deus são fidedignas. (Comparar com Dan. 2:9). Em meio à tribulação e à morte, quando o desastre houver de atingir cada família, o que sucederá nos últimos dias, nos tempos do anticristo, muitos duvidarão disso, tal como sucedeu a muitos, nos primeiros anos do cristianismo, quando este era perseguido por Roma.

3. A bem-aventurança será, em parte, durante o reino milenar de Cristo; mas não pareça que as Escrituras a restringem somente a esse período.

4. «Essas duas bem-aventuranças (ver Apo. 14:3 e 19:9) do evangelho escatológico correspondem às bem-aventuranças do quinto capítulo de Mateus. São sumarizadas na bem-aventurança e seu título, em Apo. 21:3-6» (Lange, in loc.).

5. Essas palavras são «verdadeiras», isto é, «genuínas», pois todas as palavras de Deus são necessariamente «verazes». Mas João declarava aqui a fidelidade delas, não supondo que estivesse criando artificialmente tal idéia. Ele não quis dizer apenas que transmitia de modo «genuíno» a mensagem de Deus, embora essa idéia, é claro, esteja incluída também.

10 Ae 10.28-28; He 22.8-9

estudo dos clássicos era um perigo para sua suprema lealdade. É possível alguém ser por demais leal a coisas inferiores, chegando mesmo a adorá-las. Tais coisas podem ser boas em si mesmas, mas não devemos permitir que obscureçam nossa visão do Cristo e sua glória. Tudo quanto seguimos e buscamos deve ser subordinado ao *summum bonum*, a inquirição pela espiritualidade, por meio do Senhor Jesus. (Ver as notas expositivas acerca da expressão «para Cristo», em Col. 1:16).

Este versículo também nos acatela contra a idéia de pensarmos, em termos elevados demais, no tocante aos «meios» da tradição profética, às expensas do próprio Cristo. As experiências místicas podem e devem enriquecer-nos espiritualmente, mas podemos perder de vista a pessoa de Cristo, ofuscados por elas. Não devemos buscar os milagres, as profecias, as visões, etc., por amor a elas mesmas, mas por amor a Cristo, a quem elas conduzem. Um misticismo não-centralizado, em Cristo é perigoso.

«...conservo... dos teus irmãos...» Orígenes e outros supunham que, antes da queda no pecado, o homem pertenceria ao mesmo gênero dos anjos. Não sabemos se isso é verdade ou não; mas algo não longe disso deve expressar a verdade do caso. O homem, em pura forma espiritual, antes da queda, provavelmente seria semelhante aos anjos mais elevados, talvez até aos arcanjos. Mas a queda o reduziu a um nível muito inferior; e o caminho de volta a Deus, por meio de Cristo, não é fácil e nem automático. Pois até mesmo quando inicialmente remido, o homem não participa plenamente da natureza e imagem de Cristo. O trecho de II Cor. 3:18 mostra que esse é um processo gradual de espiritualização, por meio do poder do Espírito Santo, o qual nos vai transformando segundo a imagem de Cristo. Participar da plenitude de Deus é o nosso grande alvo (ver Efê. 3:19), e a eternidade inteira envolverá uma «participação» sempre crescente nessa plenitude, pois não pode haver fim da glorificação e do progresso da alma para mais perto de Deus. Assim como Deus é agora o alvo de toda a existência, assim será sempre, com a mediação de Cristo (ver Col. 1:16, onde se aprende que existimos «para ele»; e ver I Cor. 8:6, onde se aprende que tudo existe «para Deus», isto é, tudo se movimenta na sua direção, na espiritualização do ser). Deus é o «Pai» de todas as «famílias». Por conseguinte, todas as famílias de seres, ordens angelicais, o homem, etc., têm a Deus como Pai. E isso significa, por sua vez, que somos «irmãos», nesse sentido. (Ver as notas expositivas em Efê. 3:15, acerca desse pensamento). É possível que o vidente João tivesse em mente essa idéia, e não tanto a igualdade em potencial entre os homens e os anjos, quanto à substância básica da natureza.

Os anjos são servos de Deus e dos homens. (Ver Heb. 1:14 quanto ao ministério dos anjos em favor dos remidos). Portanto, são servos de Cristo e daqueles que mantêm o «testemunho de Jesus». Essa expressão nos faz retroceder a Apo. 1:9-11. João esteve na ilha de Patmos «no Espírito», tendo recebido a comissão de propagar o «testemunho de Jesus». Esse é o testemunho da parte de, a respeito de e em favor de Jesus, dependendo de



como compreendermos o genitivo envolvido. É o testemunho «prestado a Jesus» (Vincent, *in loc.*), nosso testemunho a respeito dele. Trata-se da mensagem que diz que Jesus salva, mas também que ele julga, que voltará, que dará vitória sobre as forças malignas, que fará os mártires triunfarem. É o «testemunho» que o exalta, fazendo contraste com a adoração ao imperador romano. O anjo, pois, confessa que não pode fazer melhor do que aquilo que os homens também podem fazer—dar testemunho; que ele pode somente testificar da grandeza de Cristo e adorá-lo. Assim sendo, o próprio anjo não podia ser objeto de adoração. Além das coisas que já tinham sido ditas, seu «testemunho», mui provavelmente significa a «súmula da revelação que lhe fora feita», a doutrina cristã, o sistema, o credo, a esperança dos cristãos. (Ver essa mesma expressão, «tendo o testemunho de Jesus», em Apo. 12:17).

«...adora a Deus...» Assim como Isaias foi informado que nenhum objeto inferior ao do sétimo céu (portanto, todos os tronos, domínios, poderes, ordens angelicais, etc.) é digno de adoração, assim também aprendemos agora que somente o Deus Todo-poderoso é objeto digno de ser adorado. Isso ataca certas expressões modernas da igreja cristã, que se deixam envolver em certas formas sutis de idolatria. Mas também fere a todos nós, pois, na verdade, todos temos ídolos em nossas vidas, em um tempo ou outro, que substitui o lugar que cabe exclusivamente a Deus. Esse é um grave pecado, muito mais grave que nossa presente mentalidade, que não tem grande desenvolvimento espiritual, nos permite entender. (Ver as notas expositivas em Gál. 5:20 e Col. 3:5 acerca da «idolatria»). Temos motivos para adorar somente a Deus, porquanto nos foram entregues verdades e realidades profundas e elevadas, tal como o «testemunho de Jesus». E é bem provável que isso também seja aludido aqui indiretamente, se é que não há um ensino direto nesse sentido.

«...o testemunho de Jesus é o espírito da profecia...» O testemunho de Cristo será levado a efeito por meio da «profecia», conforme se vê no presente versículo. O Espírito de Cristo é quem inspirará a profecia deste livro, e ficou registrado que esse testemunho acerca de Cristo se cumprirá. Tal declaração não significa que toda profecia deve «versar sobre Jesus», porquanto isso invalidaria grande parte das próprias profecias bíblicas, já que muitas delas abordam a questão do levantamento ou queda de nações, ou mesmo questões pessoais, que nada têm a ver diretamente com o próprio Cristo. Não obstante, toda profecia deve honrar a Cristo, em seu conteúdo moral e em suas implicações espirituais. Falamos aqui, seja como for, de profecias inspiradas por Deus, como aquelas que foram concretizadas nas Escrituras. O homem, por si mesmo, conforme se sabe pelo estudo dos sonhos, pode prever algo do futuro; de fato, está envolvido nisso como função normal. Mas essa forma de predição do futuro em sentido algum é profecia espiritual. Faz parte apenas do mecanismo de solução de problemas, que faz parte inerente da personalidade humana. A «tradição

profética» envolve a exaltação à pessoa do Messias, anunciando sua mensagem ao mundo; e esse é o testemunho de Cristo que inspira toda autêntica profecia. Porém, a mera «predição do futuro» nada tem a ver com isso. Todavia, tais predições, na forma de sonhos, não são ilegítimas, pois, como já dissemos, fazem parte inerente de nossa personalidade, pois, afinal de contas, o homem é um ser espiritual, capaz de exercer funções espirituais.

A profecia, no sentido bíblico, no sentido de ser inspirada por Deus, será o próprio âmago do espírito que inspira o *testemunho de Jesus*. Essa modalidade de profecia testifica acerca de Jesus. Esse será o seu propósito. Contrariamente, o testemunho sobre Jesus será o *tema central inspirado da profecia*, sua razão de existência. É isso que João está dizendo aqui: mas nem por isso queria ensinar que toda profecia «preverá o futuro». A mais comum experiência psíquica consiste de sonhos de conhecimento prévio, e isso faz parte inerente da inteligência humana. Essa função psíquica pode prever alguns eventos bastante insignificantes, sem qualquer conteúdo espiritual. Portanto, não se trata de algo ilegítimo. Porém, quando se fala da tradição profética, *inspirada por Deus*, então confessamos que isso, de alguma maneira, *deve exaltar a Cristo, deve promover o seu testemunho no mundo*.

#### Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. A profecia, no sentido bíblico, existe para dar ao mundo a «revelação de Cristo», de acordo com a atitude deste livro. (Ver Apo. 1:1). É possível que João estivesse atacando indiretamente (na linguagem usada pelo anjo) aos oráculos pagãos, bem como todos os escritos religiosos, mas «não-cristãos».

2. Alguns eruditos supõem que a expressão «o testemunho de Jesus é o espírito da profecia», significa que o Cristo preexistente, em «forma de espírito», tenha inspirado todas as profecias legítimas, incluindo aquelas que foram concretizadas e preservadas no Antigo e no Novo Testamentos.

3. Alguns vêem aqui um toque antijudaico e também antipagão, no tocante à profecia. «Tal é a definição triunfal, ou antes, manifesto, da nova profecia cristã» (Moffatt, *in loc.*). Isso significa que a «profecia cristã», agora suplantaria todas as outras possíveis tradições proféticas.

4. Também pode haver aqui a alusão do «dom da profecia», como função na igreja cristã. Esse dom ou é usado para exaltar a Cristo, ou nada é. «A posseção do espírito profético mostra-se no testemunho a Jesus» (Robertson, *in loc.*). (Quanto a ilustrações disso, ver Marc. 1:10; Mat. 3:16; Luc. 3:21; João 1:61; Apo. 4:1; 10:1; 11:19; 14:17; 15:5; 18:1; 19:1,7-9).

5. «Quando Cristo transmite sua revelação-testemunho a um homem, ele também o enche do espírito de profecia» (Dusterdieck). Isso significaria que João estava agora reivindicando inspiração para seu livro, por haver sido chamado a apresentar esta profecia, que exalta a Cristo. O prólogo, bem como todas as visitações angelicais mostram, naturalmente, que essa era a atitude de João no tocante a este livro. O trecho de Apo. 22:18,19 declara abertamente a mesma coisa.

## XII. Sete Visões de Como Satanás é Derrotado (19:11- 21:8).

O trecho de Apo. 17:1- 19:10 nos dá sete visões de como Roma, a capital do paganismo e da impiedade, foi derrubada. Agora nos é dado a entender que, juntamente com Roma, cairão todos os poderes da impiedade, terrenos e celestes. Especificamente, o próprio Satanás deve cair, pois ele é a origem e a inspiração de toda a iniquidade. Somente quando isso suceder é que poderá ser instaurada a era áurea (o milênio).

Já vimos antes (ver as notas expositivas em Apo. 14:14) que a segunda vinda de Cristo produzirá a tremenda mudança na qual Cristo tornar-se-á o centro e todos os poderes terrestres ruirão. Sua segunda vinda para o crente pode ser repentina, um evento único, pelo menos em sua realização maior. Mas o Apocalipse ensina definitivamente que sua vinda, pelo menos para o mundo, será um processo gradual, composto de várias fases. A batalha do Armagedom fará parte disso (ver as notas introdutórias sobre Apo. 14:14); mas até mesmo antes disso haverá a «sinal do Filho do homem nos céus, bem como a conversão dos judeus; e certamente esses são eventos preliminares da «parousia» ou segunda vinda de Cristo. (Ver as notas expositivas em Mat. 24:30 e Rom. 11:26 quanto a esses eventos. Ver as notas abaixo, sobre o décimo primeiro versículo, sobre a «segunda vinda de Cristo»).

O Apocalipse inteiro, até este ponto, nos oferece seis séries de «setes», demonstrando como Satanás, operando através dos poderes terrenos, controla ao mundo. (Ver essas séries em: os selos (Apo. 6:1- 8:6); as trombetas (Apo. 8:7- 11:19); as sete personagens (Apo. 12:1- 13:18); as sete visões dos adoradores do anticristo e do Cordeiro (Apo. 14:1-20); os juízos das sete taças (15:1- 16:21); as sete visões da queda de Babilônia (Apo. 17:1- 19:10). E a série final de «setes» que aborda a questão dos juízos finais e dos triunfos finais, que darão a Cristo o lugar supremo, fará o bem triunfar sobre o mal, finalmente. Essas visões são:

1. A «parousia», em que ficará selada a condenação dos ímpios e de Satanás (Apo. 19:11-16).
2. A destruição do anticristo e suas forças (Apo 19:17-21).
3. Satanás amarrado por mil anos (20:1-3).
4. O milênio, a era áurea do triunfo do bem (ver Apo. 20:4-6).
5. Gogue e Magogue, a revolta final e sua derrota (Apo. 20:7-10).
6. Desaparecimento da antiga ordem e juízo final (Apo. 20:11-15).
7. A Nova criação e a era eterna (Apo. 21:1-8).

O restante do livro consiste, essencialmente, da descrição das glórias do estado eterno, da Nova Jerusalém, e o epílogo, que é a declaração de que o tempo é curto, e que exorta os crentes para se prepararem para a breve e vindoura *parousia*.

A ordem de acontecimentos do Apocalipse é singular; mas, no neo-hebraico Apocalipse de Elias há pontos similares, embora a duração dos acontecimentos descritos seja diferente. Nessa obra, o Messias vem do céu com seus anjos, para fazer guerra contra o anticristo e os seus aliados pagãos; Israel, então, desfrutará de um feliz período messiânico por quarenta dias. Mas Gogue e Magogue estragarão isso, lançando os pagãos contra os judeus, cercando Jerusalém. Mas o Messias, com a ajuda de Deus, aniquila tal revolta. Segue-se um período triste de condenação, por quarenta dias. Então vem a ressurreição final e o juízo final. Os ímpios serão lançados no inferno, mas os justos viverão eternamente em um autêntico paraíso. A Nova Jerusalém descenderá dos céus e a paz prevalecerá em meio à bondade. Essa obra literária não tem «primeira» ressurreição e nem qualquer descrição sobre a condenação final de Satanás. Porém, à parte disso, a seqüência geral de eventos se assemelha à do nosso Apocalipse. Aquela obra literária é mais antiga que este livro, mas provavelmente João em nada dependeu dela. É possível, porém, que ambas essas obras se tenham alicerçado sobre a comum literatura apocalíptica, que se desenvolvera de modo um tanto diferente do que aqui é descrito.

1. Cristo conquistará: sua «parousia»; condenação dos pagãos; começo da queda de Satanás (19:11- 21:8).







essa manifestação. Na qualidade de «Verbo», ele é também a «fonte» e o «controlador», como também o «sustentador» de toda vida. Ele é a «razão central» de tudo e de todos os seres. Assim, ele deverá julgar ao mal e sustentar ao bem; e é isso que vemo-lo a fazer, no presente contexto. (Comparar esse uso do termo «Verbo», com Heb. 4:12, onde a Palavra de Deus é pintada como afiada espada de dois gumes, que separa e divide, que discerne e julga. Nada está oculto dele, pois ele é a «Razão universal», a «Inteligência todo-poderosa». (Ver também a idéia do Messias militante, em Sabedoria do Salomão 18:15,16, onde o Messias é o grande guerreiro de Deus, que observa os mandatos de Deus como uma espada afiada, que espalha morte e destruição).

Cristo, na qualidade de Palavra de Deus, articula Deus com as mentes humanas. Eles têm de entender que Deus exige justiça, vingança e castigo do mal. Essa é a Palavra de Deus, como também é a Palavra de paz e amor. Contudo, o juízo divino nunca consiste de mera vingança. Também envolve

14 καὶ τὰ στρατεύματα [τὰ] ἐν τῷ οὐρανῷ ἠκολούθει αὐτῷ ἐφ' ἵπποις λευκοῖς, ἐνδεδυμένοι βυσσινὸν λευκὸν καθαρόν. 14 re 2º em RA 046 I 161E 2039I 2329 al g | βυσσ. λευκον] λευκοβυσσινον 1006 pc

19:14; seguíam-no as exércitos que estão no céu, em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro.

...exércitos... no céu... Alguns ou todos os habitantes dos «céus» formarão esse exército. Enoque via tal exército no «quarto céu» (ver II Enoque 17:1). Assim também se lê em Testamento de Levi 3:3. Ali, os exércitos celestes, no dia do juízo, têm a tarefa de executar o julgamento divino contra os enganadores espíritos de Beliar, o anticristo. Em Ascensão de Isaias 4:14 há algo ainda mais parecido com este texto, pois as forças de Cristo são retratadas como um exército de anjos e «santos» (ou remidos), que lutarão contra Beliar. (Comparar com Apo. 12:7, a guerra nos céus, onde Miguel e outros anjos expulsam a Satanás). Jesus falou sobre «legiões» de anjos (ver Mat. 26:53). Neste contexto, os «mártires» estão sem dúvida alguma em foco, como o elemento «humano» dos exércitos celestiais. Eles voltarão em companhia de Cristo para vingar-se de seus assassinos, os Impios romanos, ou, profeticamente falando, o anticristo e seus seguidores.

...céu... No singular, tal como no décimo primeiro versículo deste capítulo, onde a questão é comentada.

...montando cavalos brancos... Para dar a entender a mesma coisa relativa a Cristo, no décimo primeiro versículo. Eles participarão de seu poder, de sua dignidade e de sua vingança contra os Impios.

...com vestiduras de linho finíssimo... Ver essa mesma expressão no oitavo versículo deste capítulo, onde a questão é amplamente comentada, juntamente com referências a outros lugares no Apocalipse que aludem ao linho. Isso alude, quase certamente, ao exército dos mártires, ou mesmo ao

15 καὶ ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ ἔκπορεύεται ῥομφαία ὀξεῖα, ἵνα ἐν αὐτῇ πατάξῃ τὰ ἔθνη, καὶ αὐτὸς ποιμανεῖ αὐτοὺς ἐν ῥάβδῳ σιδηρᾷ· καὶ αὐτὸς πατεῖ τὴν ληνὸν τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς ὀργῆς τοῦ θεοῦ τοῦ παντοκράτορος. 15 Ex...ὀξεῖα, Is 49:2; He 1:16; 2:12, 16 αὐτὸς ποιμανεῖ...σὶδηρῇ Ps 2:9; Re 12:5 αὐτὸς πατεῖ τὴν ληνόν, Is 63:3; 1m 1:13; Jl 3:13; Re 14:20 τοῦ θεοῦ τοῦ παντοκράτορος Am 2:13 LXX; 4:12 LXX; Re 1:8; 4:6; 11:17; 18:3; 18:7, 14; 19:6; 21:22

15 ρομφαία] add διατομος 046 B2 2028 2329 pc vg\*<sup>cl</sup> sy

19:15; Da sua boca saiu uma espada afiada, para ferir com ela as nações; ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar da vinha da furor da ira do Deus Todo-Poderoso.

A maior parte dos elementos deste versículo já foi comentada antes, pelo que aqui quase só apresentamos referências cruzadas:

1. A espada aguda, que sai da boca de Cristo, é descrita em Apo. 1:16.

2. O fato que Cristo governará as nações com vara de ferro fora predito em Apo. 12:5, com base em Sal. 2:9.

3. O fato que Cristo pisará o lagar da ira do Deus Todo-poderoso também é aludido em Apo. 14:19,20. Neste ponto, a declaração é um pouco mais elaborada, pois fala do «furor» da ira de Deus; e isso é idêntico a Apo. 16:19. As referências, no décimo quarto capítulo, como também aqui, dizem respeito à batalha do Armagedom (o que é comentado nas notas introdutórias a Apo. 14:14). No décimo sexto capítulo deste livro, que encerra esta exata expressão, esse furor é dirigido contra «Babilônia» (nome enigmático que representa «Roma»; ver as notas expositivas em Apo. 14:8). (Quanto à nota geral sobre a «ira de Deus», ver Col. 3:16). A palavra «furor», no presente contexto, não denota alguma emoção violenta, mas é um termo técnico para indicar o «julgamento». (Quanto à nota geral sobre o «juízo», ver Apo. 14:11).

4. O Deus Todo-poderoso é expressão comum no Apocalipse. (Ver Apo. 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7,14; 19:15; e 21:22).

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

16 καὶ ἔχει ἐπὶ τὸ ἱμάτιον καὶ ἐπὶ τὸν μηρὸν αὐτοῦ ὄνομα γεγραμμένον· Βασιλεὺς βασιλέων καὶ κύριος κυρίων. 16 Βασιλεὺς...κύριον Dt 10:17; Dt 24:2; 2 Mac 19:4; 3 Mac 6:38; Ro 9:4; 1 Tm 6:15; Re 17:14

19:16; Na mente, sobre a sua coxa tem escrito o nome; Rei das reis e Senhor dos senhores.

...Rei dos reis e Senhor dos senhores... é o mesmo título dado a Cristo, em Apo. 17:14; na batalha antecipatória entre ele mesmo e seus mártires, por um lado, e a besta e seus dez reis. (Ver as notas expositivas completas ali existentes). Esse nome estará inscrito em seu manto e em sua coxa porque talvez isso estará escrito na altura em que a espada pende da cintura. Isso é apropriado, porque seu nome empresta seu poder e autoridade à espada. (Comparar com Sal. 65:3). Há várias outras conjecturas sobre a localização e a maneira da inscrição, como no «cabo da

restauração e disciplina, conforme se aprende em I Ped. 3:18-20; 5:6 e o primeiro capítulo da epístola aos Efésios). Isso não quer dizer, entretanto, que os não-eleitos venham a participar da vida dos eleitos; mas significa que alguma forma de restauração, não à parte do juízo divino, será obtida. Essa é a única maneira honesta de interpretar o primeiro capítulo da epístola aos Efésios (ver o versículo 10 daquele capítulo).

Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:

1. «Tou todo-poderoso Logos saltou do trono real nos céus, como valente guerreiro, no meio da terra condenada, trazendo uma espada afiada, a de seu franco mandamento» (Enoque xc.38). «Não temos aqui um Logos que veio habitar entre os homens a fim de dar-lhes luz e vida; mas é uma figura severa e militante, que ataca vingativamente aos rebeldes» (Moffatt, in loc.).

2. O «Verbo» tem muitas aplicações no caso dos homens. Não há nisto qualquer contradição com João 1:1, mas somente um aspecto diferente de como o Verbo deve apresentar Deus aos homens.

Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. Primeiramente haverá a destruição de Roma. Historicamente, havia a tradição de que o «Nero redivo» viria à tona de um exército da satrapas pernas para efetuar essa destruição. Profeticamente, haverá o anticristo e sua federação de dez reinos. Mas Nero e seus satrapas haveriam de sucumbir; e, profeticamente, isso sucederá também ao anticristo e sua federação. Outrossim, todos os poderes Impios serão destruídos. O Armagedom, e eventos seguintes, estão em foco. (Ver Apo. 14:14, em suas notas introdutórias sobre a questão). Apo. 17:14 prediz a queda de todos os poderes Impios, uma vez que o anticristo e sua federação tenham sido derrubados). Não sabemos como isso sucederá exatamente, mas essa profecia é certa, no tocante à sua realidade.

2. O verbo «seguiam-no» está no imperfeito — «continuavam seguindo». Isso eles farão, como exército santo, porquanto, nos seus tempos difíceis, eles continuaram seguindo a Cristo até ao martírio. A fidelidade deles é agora recompensada. E essa é a nossa garantia: Deus não se esquece de qualquer bem, e nem deixa de julgar a qualquer maldade.

3. O símbolo da guerra mostra-nos que há uma irreconciliável hostilidade entre o bem e o mal. Isso continuará até a vitória final do bem. Cristo, no provou que não pode haver pacto secreto com o pecado.

1. «A vitória do Messias será dele só ('pisa sozinho o lagar'); comparar com o décimo terceiro versículo e com Sap. 18:22; Salmos de Salomão 17:24-27, onde a palavra saída da boca do Messias é a arma espiritual de sua vitória. O significado desse símbolo, a espada, é que o «conselho de Deus é realizado por Deus, como um juízo severo e de poder irresistível. Assim, a derrota final do diabo, antecipada em Apo. 12:12, é continuada pela derrubada de seus subordinados (mencionados no décimo terceiro capítulo), mas também pela sua própria derrota (ver Apo. 20:10), ainda que, ao terminar a parte central do décimo segundo capítulo, o profeta tenha apelado, caracteristicamente, para material extraído de diferentes ciclos de tradições messiânicas correntes» (Moffatt, in loc.).

2. Ver Isa. 11:4; 63:1 e ss. e Sal. 2:9 quanto ao pano de fundo literário deste versículo. «As duas idéias, do lagar (ver Apo. 14:19) e da taça de ira (ver Apo. 14:10), são aqui combinadas, indicando que do lagar pendo por Cristo fluir o vinho da ira de Deus, que seus inimigos serão forçados a beber. É o caso de metáforas misturadas» (Charles, in loc.).

3. «A ira de Cristo contra seus inimigos será executada com os recursos da onipotência» (Fausset, in loc.).

4. «Essa é a colheita da retribuição; os Impios serão cheios do fruto de seus próprios feitos. Assim sucederá na obra terminada do Governante Absoluto» (Carpenter, in loc.). Isso se vê como verdade no fato que a batalha do Armagedom será uma ocasião quando os homens, utilizando-se dos mais terríveis armamentos, incluindo armas nucleares, praticamente se destruirão uns aos outros. E isso fará parte do juízo divino, aqui referido. Os homens, que enlouquecerão, poderão colher fartamente a calamidade semeada por sua loucura.

Βασιλεὺς βασιλέων καὶ κύριος

espada», à altura da coxa. Seja como for, evidentemente havia um antigo costume de gravar o nome do artista sobre a coxa de uma estátua. Assim diz Cícero, acerca da estátua de Apolo: «Uma belíssima estátua de Apolo, em cuja coxa estava o nome de Miro, em minúsculas letras de prata...» (Contra Verres, iv.43). E Heródoto descreve uma estátua de Sesostris que tinha, de ombro a ombro, na largura do peito, uma inscrição com os caracteres sagrados do Egito: «Com meus próprios ombros conquistei esta terra» (ii.106). A arqueologia tem encontrado figuras assírias com inscrições gravadas sobre elas, bem como nas vestes que encobrem seus corpos. Também é verdade que os cavalos, entre os gregos, traziam sinais identificadores sobre suas pernas traseiras.

Neste versículo, as várias maneiras de entender a localização da inscrição se devem a algumas variações no próprio texto, bem como pelo fato que isso pode ser traduzido «...sobre vestes, a saber, sobre sua coxa...» identificando as duas descrições como relativas à mesma localização. Isso significa que havia apenas uma única inscrição. Porém, se traduzirmos «...sobre suas vestes e sobre sua coxa...», então se deve pensar em duas inscrições; ou então uma longa inscrição, desde as vestes até à coxa. A questão, todavia, se reveste de bem pequena importância. Com base na história aprende-se algo do costume de tais inscrições, que certamente João tinha em mente. O que importa é que a própria inscrição indica que Cristo julgará as nações.

*Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:*

1. «Se alguém escrevesse um título sobre o Apocalipse do N.T., bem poderia intitulá-lo 'Rei dos reis e Senhor dos senhores'. Pois tudo, nesse livro, começa, continua e termina em Cristo. O homem de Patmos sem dúvida ouvira falar de Alexandre, o Grande. Ele sabia demais para ter qualquer consolo acerca dos imperadores romanos. E nós temos uma perspectiva ainda mais ampla.

2. Cristo, em sua segunda vinda, esmagará ao anticristo (19:17-21).

Já pudemos ver como, historicamente falando, os sátrapas persas, encabeçados pelo «Nero redivivo», eram esperados como forças que destruiriam Roma. E assim Nero cometera matricídio (ver Apo. 17:16). Além disso, as expectativas históricas dos antigos é que essa ímpia aliança, finalmente, seria destruída, juntamente e com todos os poderes iníquos do mundo (ver Apo. 17:14, em antecipação). E esse é o pensamento geral que o vidente João tinha em mente.

A queda de Roma é elaboradamente descrita por meio de sete visões, no trecho de Apo. 17:1-19:10. A destruição de todas as forças malignas é antecipada na batalha do Armagedom e nos acontecimentos imediatamente posteriores (ver Apo. 14:14 e 16:13 e ss.). A setção à nossa frente - Apo. 19:17-21 - retorna ao Armagedom e acontecimentos posteriores. cremos que o Armagedom terá início quando o anticristo e seus dez reinos farão oposição aos chineses e seus aliados. E espera-se isso, digamos, para a segunda década do século XXI. Antes disso, haverá a Terceira Guerra Mundial, entre o anticristo e sua federação, e a União Soviética, na Palestina. Porém, antes dessa batalha decisiva, haverá destruições mundiais generalizadas, devido ao emprego de armas nucleares. Mas isso ainda não será o Armagedom. Este será a Quarta Guerra Mundial, uma longa campanha de conquista, por parte dos chineses, contra a Europa e a União Soviética. Uma vez mais será vitorioso o anticristo, e os chineses serão derrotados. Não é claro como tudo isso sucederá, mas sabemos que isso significa que todos os poderes terrenos serão destruídos, e que se seguirá a era áurea. A «parousia» de Cristo terá início nesse sinal, e prosseguirá até à batalha do Armagedom; mas incluirá eventos que, por enquanto, não nos são claros. Na série de acontecimentos que comporá a *parousia* ou segundo advento de Cristo, será estabelecido o direito, os homens ímpios serão julgados, e os reinos deste mundo sucumbirão. Em forma abreviada, a passagem que passamos a considerar, diz-nos algo sobre esses acontecimentos. (Ver as notas expositivas completas acerca da «batalha do Armagedom, nas notas introdutórias a Apo. 14:14). Há muitas coisas, em tudo isso, que ainda não tem explicação. Lembremo-nos que as profecias bíblicas não foram dadas para satisfazer nossa curiosidade sobre o futuro, e, sim, para instruir aqueles que estiverem vivendo no tempo dos acontecimentos preditos. Por conseguinte, a predição bíblica, tal como o resto da revelação divina, na realidade é matéria instrutiva. E isso para aqueles que precisarem dessas instruções. Portanto, sempre será verdade que as profecias bíblicas ir-se-ão tornando cada vez mais claras, à medida em que se aproximarem os acontecimentos preditos, porquanto lançam suas sombras à sua frente. Assim sendo, não nos compete solucionar todos os problemas, porque, vivendo ainda a alguma distância dos sucessos preditos, é impossível para nós entendê-los com perfeição. Todavia, o esboço geral dos mesmos, bem como sua importância imensa, são perfeitamente claros para nós.

17 Καὶ εἶδον ἓνα ἄγγελον ἐστῶτα ἐν τῷ ἡλίῳ, καὶ ἔκραξεν [ἐν] φωνῇ μεγάλῃ λέγων πᾶσιν τοῖς ὀρνέοις τοῖς πετομένοις ἐν μεσουρανήματι, Δεῦτε συνάχθητε εἰς τὸ δεῖπνον τὸ μέγα τοῦ θεοῦ,

17-18 ἔκραξεν...μεγάλων. Eze 39:17-20

17 *one*] *allon* *h* *pc* *sy* *co*: *om* 046 82 161*u* 2329 *al*

19:17: *I* vi um anjo em pé no sol e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, ajuntai-vos para a grande ceia do Deus,

«...vi...» Em visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 quanto aos «tipos de visões»).

A descrição do conflito que se segue depende em parte do trecho de Eze. 39:1-20 (comparar com Apo. 20:8-9), pois seu fraseado, embora diferente, visa os mesmos acontecimentos. Pensamos que a passagem do livro de Ezequiel diz respeito à derrota da União Soviética, na Terceira Guerra Mundial. Assim também, naquela passagem do A.T. Deus ordena ao profeta que convoque todos os pássaros para se regalarmem sobre os corpos de Gogue e suas hordas.

«...em pé no sol...» De modo admirável e esplendoroso, o anjo convoca as aves. Sua aparência é majestosa, e sua mensagem é temível. Os chineses invadirão a Palestina, espalhando-se por milhares ao longo do caminho, mas o anticristo fará chover explosões atômicas sobre eles. Os chineses morrerão aos milhares. O número de mortes deixará atônita a mente humana. Seguir-se-ão pragas que matarão ainda maior número de pessoas que as armas de guerra. Os chineses que, finalmente, chegarem à Palestina, estarão tão debilitados que serão facilmente dizimados pelas forças do anticristo. Mas, nos eventos que se seguirão a isso, todos os poderes malignos da terra cairão, e assim o caminho ficará desimpedido para a inauguração da era de ouro, o milênio.

Esse anjo no sol pode ser comparado à águia (anjo) que voará pelo meio dos céus, pronunciando os três fatídicos «ais» (ver Apo. 8:13), e também com o anjo, também passando pelo meio do céu (ver Apo. 14:6), com dois outros que profetizam o feroz julgamento de Babilônia. O vidente João torna a manusear essas cenas anteriores, e uma vez mais nos apresenta essas descrições dantescas do juízo final.

«...aves...» Na literatura antiga os «pássaros» com frequência representam augúrios, e geralmente de condições adversas. As ações das aves deixavam os antigos admirados. Na verdade, hoje em dia conhecemos poucos de seus segredos. As aves de rapina seguiam aos exércitos em grandes bandos, formando nuvens no firmamento. Naturalmente, pois, tornaram-se símbolos de carnificinas horrendas, de morte e desespero. Este versículo pode ser comparado com Mat. 24:28, onde Cristo fala dos hábitos dos corvos.

Os intérpretes das escolas histórica e simbólica vêem as aves como representantes dos godos, vândalos, turcos, hunos, etc., que invadiram ao

Sabemos de muitos reis e de muitos reinos. Os nomes de Tamerlão e Napoleão nos afloram facilmente aos lábios; o nome de Hitler já ocupou o lugar tenebroso de nossos pensamentos, tal como o pensamento de um imperador que queria ser deus, preocupava o autor sagrado do livro de Apocalipse. Continua sendo verdade que todos os senhores ímpios postam-se a um lado, e que o Rei dos reis e Senhor dos senhores está do outro lado. Por muitas e muitas vezes os homens têm procurado olvidá-lo. Céticos ou ados têm falado totalmente do fim de seu poder. Porém, na qualidade de Capitão, montado sobre o cavalo branco, ele dirige para onde quer que seja ferozmente a batalha entre o bem e o mal. Nós o aquietamos somente para descobrir que ele tem uma palavra mais poderosa do que tudo quanto podemos exprimir. E, finalmente, rais-nos o pensamento que estamos debaixo de sua autoridade, embora neguemos o seu reinado» (Hough, *in loc.*).

2. Comparar este texto com I Tim. 6:16.

3. O título «Rei dos reis e Senhor dos senhores» é posto em contraste com os falsos reis e senhores que em breve serão julgados por Cristo — o anticristo e seus aliados, bem como todas as forças da impiedade à face da terra.

império romano, buscando cumprimentos históricos para esta passagem. É claro que tais idéias estão longe do que João visualizava. Esta passagem se refere obviamente ao fim do nosso sistema mundial, aos «últimos dias». Alguns intérpretes protestantes vêem aqui a queda da Roma papal; e, por sua vez, alguns intérpretes romanistas relacionam estas descrições com o mito que Lutero, ao morrer, atraiu sobre seu corpo não apenas muitos corvos, mas até ao próprio diabo, tendo-se suicidado.

«...a grande ceia de Deus...» Isso é dito em ironia, sem dúvida. «Uma festa sacrificial posta na mesa de Deus, para todos os corvos do firmamento». (Swete, *in loc.*). É possível que o autor sagrado quisesse contrastar essa ceia horrenda com as bodas do Cordeiro e a igreja (ver Apo. 19:7). Aos homens dos últimos dias caberá determinar o que preferirão. Mas muitos homens se aliarão ao anticristo com um senso de realização, e seu culto religioso será tão imundo e maligno que o comunismo, em contraste com isso, parecerá santo.

*Varianze Textual:* As palavras *ceia do grande Deus* aparecem nos mss 4, 8, 29, 34 e em alguns poucos manuscritos posteriores de pouca autoridade, sendo seguidos por algumas traduções mais antigas, como KJ e AC. Mas a forma correta diz «a grande ceia de Deus», o que é confirmado pelos mss Aleph, AP, 051, 046 e pela maioria das versões.

*Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:*

1. «O autor sagrado toma aqui por empréstimo o quadro da matança feita por Deus, em Ezequiel 39; mas a derrubada final de Gogue e Magogue, nos escritos do autor sagrado, é adiada para o fim do reino milenar» (Charles, *in loc.*). Isso mostra que o vidente João nem sempre observava o «contexto» de onde tomava suas imagens simbólicas por empréstimo. Mas isso de modo algum afetou a exatidão de suas predições.

2. Os intérpretes históricos e alegóricos vêem as «aves» como representantes das «nações», das forças terrestres; e alguns chegam a pensar aqui nas «igrejas» que se opõem ao anticristo, e que o vencerão. Mas tal interpretação sai totalmente do alvo. Está em foco uma carnificina literal, e as «aves» simbolizam a tremenda extensão da carnificina, pois a idéia é que todas as aves debaixo do céu virão banquetear-se nos cadáveres dos homens.

3. O anjo está de pé sobre o sol, e rebrilha de modo conspicuo sobre o mesmo. Assim evidente será o juízo por ele anunciado.

4. «A ceia ou banquete é a principal refeição do dia, a refeição para a qual os convivas eram convidados. O banquete ou ceia, neste ponto, faz contraste com as bodas do Cordeiro (ver o nono versículo), bem como com a grande ceia (ver Luc. 14:16-24) que os convidados repeliram» (Carpenter, *in loc.*).

5. O anjo não representa aqui os «pregadores do evangelho», que derrotariam a impiedade com sua mensagem. Acontecimentos literais estão em foco nesta

ponto, além da matança literal e queda dos reinos políticos.

8. No tocante ao simbolismo das aves, comparar com *Synopsis Sahar*, pág. 114: n° 28: «No tempo quando Deus executar vingança, em favor do povo de

Israel, ele alimentará as feras da terra por doze meses, com as carnes delas; e todas as aves por sete anos».

18 ἵνα φάγητε σάρκας βασιλέων καὶ σάρκας χιλιάρχων καὶ σάρκας ἰσχυρῶν καὶ σάρκας ἵππων καὶ τῶν καθημένων ἐπ' αὐτῶν καὶ σάρκας πάντων ἐλευθέρων τε καὶ δούλων καὶ μικρῶν καὶ μεγάλων.

18 (πᾶτων), 5 R)

19:18: para comeder carnes da reis, carnes dos comandantes, carnes dos poderosos, carnes de cavaleiros e das que sobre montavam, isto, carnes de todos os homens, livres e escravos, pequenos e grandes.

O versículo mostra vários grupos que proverão comida para as aves, de todas as camadas da sociedade e de várias ocupações, mas, especialmente, aqueles que estiverem envolvidos na luta. Os reis não somente enviavam seus súditos à guerra, mas também, às vezes, os acompanhavam; nomeavam capitães que dirigissem os exércitos. Muitos dos soldados são homens de coragem, treinados para lutar e matar, adestrados no uso de armas mortíferas. Possuem seus veículos e meios de transporte, o que é aqui representado pelos «cavalos». Alguns deles são «livres», e outros «escravos». Alguns irão voluntariamente, e outros por serem forçados. Alguns são «pequenos», conforme os homens aquilatam as coisas, e outros serão «grandes». Desse modo, pois, João retratava a universalidade da matança, bem como o número vastíssimo dos combatentes. Isso será abundantemente ilustrado quando milhões de soldados marcharem contra a Palestina. E, antes disso, milhões marcharão sobre a Europa e a Rússia, e as conquistarão. Porém, já que os exércitos serão tão numerosos, muitos serão os mortos também.

«Pedacos de carne» de todas as classes e condições humanas, que cairão

19 Καὶ εἶδον τὸ θηρίον καὶ τοὺς βασιλεῖς τῆς γῆς καὶ τὰ στρατεύματα αὐτῶν συνηγμένα ποιῆσαι τὸν πόλεμον μετὰ τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ ἵππου καὶ μετὰ τοῦ στρατεύματος αὐτοῦ.

19 τοὺς βασιλεῖς... αὐτοῦ 19 23

19:19: E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos para fazerem guerra àquele que estava montado no cavalo e ao seu exército.

«...vi...» Em visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 quanto aos «tipos de visões».)

«...a besta...» A primeira besta, salda do mar (comentários a respeito—Apo. 13:1-3). Há nisso um duplo simbolismo. Primeiramente, essa besta é «Roma». Em segundo lugar, é «Nero reencarnado», uma figura demoníaca, o anticristo. Profeticamente é Roma revivida, o anticristo. Na introdução ao décimo terceiro capítulo e nas notas sobre os versículos aludidos, há notas gerais sobre o «anticristo». Essa é a «fera», a mais terrível fera de toda a história humana. O anticristo fará os homens maus da história serem apenas crianças, comparativamente. Ele promoverá a pior de todas as perseguições religiosas de todos os séculos. Será seguido pelas massas humanas com fanática lealdade, e uma completa devastação tomará conta da terra, por causa dele, visto que os homens lhe deram preferência, repelindo a Cristo como seu Senhor.

«...os reis da terra...» Talvez, do ponto de vista histórico, devemos pensar nos sátrapas persas que se esperavam invadirem e destruírem Roma, sob a liderança de Nero redivivo. Nesse caso, é chegado agora o momento de serem destruídos. Profeticamente, entretanto, representam a federação de dez reinos encabeçada pelo anticristo. Contudo, é provável que o termo deva ser entendido ainda de modo mais geral, indicando «todos os poderes terrenos», porquanto terá chegado o tempo da prestação de contas. A derrota final desses poderes indicará a inauguração da era áurea. (Comparar com Apo. 16:12 e 17:12; 13, 16, 17).

«...com os seus exércitos...» Por igual modo, em Apo. 17:14 (incluindo—e talvez exclusivamente—a federação de dez reinos), vê-se que as nações lutarão contra o Cordeiro. Alguns distinguem aquela passagem desta outra.

20 καὶ ἐπιάσθη τὸ θηρίον καὶ μετ' αὐτοῦ ὁ ψευδοπροφήτης ὁ ποιήσας τὰ σημεῖα ἐνώπιον αὐτοῦ, ἐν οἷς ἐπλάνησεν τοὺς λαβόντας τὸ χάραγμα τοῦ θηρίου καὶ τοὺς προσκυνοῦντας τῇ εἰκόνι αὐτοῦ· ζῶντες ἐβλήθησαν οἱ δύο εἰς τὴν λίμνην τοῦ πυρὸς τῆς καιομένης ἐν θεῷ.

20 τοὺς λαβόντας... αὐτοῦ Re 13:12-17; 14:9, 11; 16:2 τὸ χάραγμα τοῦ θηρίου Re 13:7; 14:9, 11; 16:2; 20:4 20 ζῶντες... βέβη Re 20:10, 15

20 μετ' αὐτοῦ (μετὰ τούτου) 051 1 2059b pc 5) o N 1611 1854 al 5; R] o μετ' αὐτοῦ 046 8x 100b al: o μετ' αὐτοῦ, o P 233y al: ou

μετ' αὐτοῦ, o A pc bo

19:20: E a besta foi presa, e com ela o falso profeta que fizera diante dela os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e os que adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.

A maior parte dos elementos deste versículo já foram vistos e comentados em outros lugares do Apocalipse. O vidente João tráz-los de volta às nossas mentes, para lembrar os malefícios causados pelo anticristo e seu falso profeta. «aquilo que fizeram e que os tornara merecedores» do castigo que agora recebem. Seus pecados são lembrados, seus atos ímpios, seus enganos, sua falsidade e sua malignidade.

1. «...a besta...» (Ver as notas sobre ela na introdução ao décimo terceiro capítulo, em Apo. 13:1-3; e em II Tes. 2:3 sobre o «anticristo», que é a «besta salda do mar»). Neste ponto o anticristo é aprisionado, seu poder termina, e, imediatamente em seguida, encontra sua sorte eterna horrenda. Não poderá mais enganar, não podendo mais viajar e espalhar sua doutrina perversa; não poderá mais iludir os homens com seus encantamentos, e nem aprisioná-los com seu poder. Aquele que antes era o «super-homem», agora é o «sub-homem». «Se o espírito da bestialidade continua vivo, está vivo somente como um adversário capturado». (Hough, *in loc.*).

na batalha (comparar com Apo. 6:18; 11:13; 13:16; 19:5 e 20:12). A guerra, não respeita a ninguém» (Robertson, *in loc.*). Nessa guerra, a população civil sofrerá não menos que os exércitos. As pragas varrerão a face da terra, devido à carnificina. Talvez até seja mais seguro estar nos campos de batalha do que nas cidades.

Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:

1. «A inserção (décimo oitavo versículo) é feita na narrativa para mostrar a grandiosidade e universalidade da carnificina vindoura» (Alford, *in loc.*).

2. «A repetição da palavra 'carne' ('massas de carne'), por cinco vezes, assinala a grosseria carnalidade dos seguidores da besta. Novamente, o oferecimento de suas carnes às aves, para que as devorem, será uma justa retribuição por causa do fato que não permitiram que os cadáveres das testemunhas de Cristo fossem sepultados (ver Apo. 11:9)» (Fausset, *in loc.*).

3. «Carne, carne, carne, carne, carne, por cinco vezes! Preferiram seguir à carne, espiritualmente falando, e agora suas carnes serão literalmente devoradas» (Newell, *in loc.*). (Ver as notas expositivas sobre a lei da «colheita segundo a semeadura», em Gál. 6:7, 8).

4. «No mundo antigo, o pior opróbrio possível contra os mortos era jazarem eles insepultos, presos dos pássaros» (Moffett). A mitologia grega explica que os mortos assim humilhados não podem, em espírito, cruzar para a outra vida, mas devem esperar na margem do rio que separa os dois mundos, até que seu corpo físico receba a honraria necessária do sepultamento.

19 αὐτῶν] αὐτοῦ A pc 12

pensando que dois acontecimentos e não um só estejam em foco. Primeiramente ocorrerá a queda do anticristo e sua federação; e então virão todos os poderes terrenos. Não possuímos informações certas suficientes sobre isso, para saber como tudo sucederá. Seja como for, a batalha do Armagedom, com os acontecimentos seguintes, significará a queda de todos os reinos e poderes terrenos. Então Cristo reinará como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Por igual modo, tudo isso sucederá mediante uma série de acontecimentos, embora, no momento, devido à distância em que estamos deles, não possamos distingui-los com clareza.

«...contra aquele que estava montado no cavalo...» (Ver Apo. 19:11 quanto a notas expositivas sobre esse símbolo—Cristo sobre o cavalo branco).

«...seu exército...» Isso é mencionado e comentado em Apo. 19:14.

Outras idéias sobre o décimo nono versículo:

1. Não sabemos «como» os exércitos celestiais lutarão contra os poderes terrenos. Mas não podemos aceitar as interpretações «simbólicas», que vêem aqui, meramente, uma forma de luta geral contra o mal, por parte de forças do bem. Cremos que este capítulo fala de um conflito literal, e a batalha do Armagedom fará parte disso.

2. Alguns intérpretes exageram o caráter literal de tudo isso, imaginando que exércitos literais descerão dos céus e farão batalha contra os exércitos da terra, embora também intervenham forças satânicas do hades, de tal modo que venha a ferir-se autêntica guerra cósmica, e não meramente conflitos terrestres, algo jamais ouvido e que ultrapassa toda a imaginação. Tendo nossas dúvidas sobre tudo isso, permitimos que os próprios acontecimentos definam a questão. Seja como for, é certo que está em foco alguma gigantesca intervenção divina nos negócios humanos, pois somente assim poderá tornar-se realidade a idade áurea, o milênio. Esta será inaugurada quando Cristo voltar a este mundo, em seu poder e glória.

2. O «...falso profeta...» Essa é a «besta salda da terra», mencionada e comentada em Apo. 13:11 e ss. Sua horrenda história é narrada aqui. Historicamente falando, isso talvez represente o sacerdote do «culto ao imperador», aqueles que promoviam a adoração aos imperadores romanos. Profeticamente, porém, pensamos que isso será um indivíduo, o «João Batista» do anticristo, que lhe promoverá o culto e fará muitíssimos prestarem lealdade a ele. Alguns místicos contemporâneos, que pensam que isso se cumprirá em nossos próprios dias, dizem que o falso profeta será um político norte-americano, do estado de Nova Iorque, que se utilizará dos meios de comunicação em massa para realizar sua obra perversa, além de muitos outros meios. Seja como for, cremos que tanto o anticristo como seu falso profeta já estão vivos. Talvez tenhamos de enfrentá-los; e nossos filhos certamente os terão de enfrentar.

3. Esse falso profeta realizará «sinais» ou *milagres didáticos*, que instruirão os homens a adorarem ao anticristo. (Ver isso mencionado e comentado em Apo. 13:13-15).

4. O falso profeta terá seduzido os que receberem a marca da besta. Em outras palavras, seus milagres, embora genuínos, promoverão a «grande mentira» do anticristo, a adoração à sua pessoa, como falso Cristo que ele



será. (Quanto à grande «mentira do anticristo», ver II Tes. 2:19,11). O falso profeta terá grande «poder», realizando «sinais» e «prodígios da mentira». Porquanto os homens se recusarão a acolher a verdade de Deus, que há em Cristo, crerão prazerosamente no anticristo e sua grande mentira, porquanto Deus, em seu juízo, lhes enviará «forte ilusão». Isso terminará fatalmente na condenação dos que assim fizerem, conforme se aprende em II Tes. 2:12, o que também é amplamente demonstrado neste texto.

5. A «marca» da besta é mencionada e comentada em Apo. 13:16-18. Alguma forma de marca identificadora será imposta a todos os homens, nos últimos dias, e isso os assinalará como participantes do reino do anticristo. Talvez venha a ser uma tatuagem invisível, que só se torna visível sob certas formas de luz, um processo que já existe.

6. Os homens tornar-se-ão adoradores da besta, conforme já vimos em Apo. 13:4,15. O que é temível sobre isso é que, na realidade, estarão adorando ao «dragão», isto é, a Satanás, já que o anticristo será o homem de Satanás, sendo literalmente possuído por ele. Os homens rejeitarão ao verdadeiro Cristo, e não adorarão a Deus por meio de Jesus. Assim, aceitando a mentira de Satanás, virão a adorar ao próprio Satanás, por intermédio do demônio anticristo.

7. O falso profeta fará uma imagem da besta, conferindo-lhe vida. E exigirá que todos adorem a essa imagem, representação do anticristo. (Ver as notas expositivas sobre isso em Apo. 13:14,15).

*Surge agora um novo elemento*—o anticristo e seu falso profeta são lançados vivos no lago do fogo, ou seja, no juízo final, sem a intervenção intermediária da experiência do «hades», o que mostra que o juízo deles será irreversível. Pois, conforme a interpretação de alguns expositores, com base em idéias extraladas de I Ped. 3:18-20 e 4:6, é possível que mesmo no *hades* alguns venham a encontrar-se com Cristo, convertendo-se e recebendo a vida. O anticristo, todavia, já estivera no «hades», tendo subido dali a fim de renovar sua vida ímpia sobre a terra. (Ver Apo. 17:8 acerca da «ascensão do anticristo desde o *hades*»). Ele não retornará ali, mas descerá diretamente à sua *sorte eterna* de condenação. O *hades*, naturalmente, não é o destino final dos espíritos mortos, mas é apenas um mundo intermediário. O «lago do fogo» é símbolo do juízo eterno, nas páginas do Apocalipse, após o estado intermediário do *hades*. Isso fica claro em Apo. 20:14. O próprio *hades* será, finalmente, lançado no lago do fogo, e isso será «a segunda morte». Até então a «segunda morte» não terá sido experimentada por homem algum.

A maioria dos pais da igreja, conforme nos diz João Damasceno (após 700 D.C.), em seu livro «Fonte do Conhecimento», até aos seus próprios dias, encaravam o *hades* como lugar onde ainda luzia a esperança—ou de um possível encontro com Cristo, e a total *salvação*, ou da *melhoria* das condições ali reinantes, após a descida de Cristo ao *hades*. A verdade, seja como for, é que os «limites eternos» só serão lançados quando da segunda vinda de Cristo, e após o milênio, e não quando da morte do indivíduo. (Ver as notas expositivas sobre isso, em I Ped. 4:6, onde a questão é abordada com abundância de detalhes).

*Lago do fogo*: (Ver Apo. 19:20; 20:10,14,15 e 21:8, que são as referências bíblicas a esse lugar). Não há menção ao mesmo em qualquer outro trecho do N.T., e mesmo da Bíblia inteira. Porém, é similar ao conceito judaico da «geena», o qual é aludido em doze trechos do N.T. (Ver Mat. 5:22,29,30; 10:28; 18:9; 23:15,33; Marc. 9:43,45,47; Luc. 12:5; Tia. 3:6). Na literatura judaica helenista, o juízo a fogo, em um lugar de chamas, é bastante comum, embora ali também não apareça a expressão exata, «lago do fogo». (Ver I Enoque 21:7-10; 54:1,2; 90:26,27; II Esdras 7:36; II Baruch 85:13; *Oráculos Sibilinos* 2:196-200; 252-253, 286; II Enoque 10:2; Apocalipse de Pedro 8; Mekhilla sobre Êxodo 14:21; Hagigah 13v). As referências a este lugar, neste livro, mostram que o mesmo deve ser distinguido do «hades», porque representa o *juízo final*, ao passo que o *hades* é apenas um *juízo intermediário*.

Neste versículo, somente o anticristo e o falso profeta são lançados ali. Mas, subseqüentemente, Satanás também será arrojado ali (ver Apo. 20:3), mas somente após o milênio e a revolta final (ver Apo. 20:10). Após o julgamento final do milênio é que os mortos condenados serão lançados naquele lugar, portanto, não habita ali nenhum homem, pois o juízo final

ainda não foi decretado.

«...fogo... enxofre...» Alguns estudiosos aceitam literalmente esses itens, mas a maioria dos intérpretes pensa em algum simbolismo. Como um fogo literal poderia causar sofrimentos a *espíritos*? Seria como tentar jogar uma pedra contra o sol com a força do braço. Antes, isso simboliza vingança, ira, grande desprazer, vingança contra os que rejeitarem a Cristo e contra os que poluírem a terra. (Ver Apo. 14:11 quanto ao «juízo»; e, em Col. 3:6, acerca da «ira de Deus»).

«O julgamento é tão real para o homem de Patmos que somente palavras as mais vívidas e terríveis podem descrever a sorte da mesma. Aqueles que são capazes de raciocinar mais do que deveriam preocupar-se ante o fato que grande parte da literatura corrente contém a marca da besta. Em nome da arte, a besta parece ter recebido total licença da parte do mundo. O que sucederá às mentes daqueles que continuamente lêem livros com linhas bestiais não censuradas? E qual será a sorte deles?» (Hough, *in loc.*).

*Outras idéias sobre o vigésimo versículo:*

1. «A realidade do inferno é claramente ensinada aqui; mas a linguagem simbólica não deve ser entendida literalmente, tal como não se deve entender o que dizem os capítulos quatro, cinco, vinte e um e vinte e dois sobre os céus, neste livro, como algo literal. Ambas as coisas ficam aquém da realidade». (Robertson, *in loc.*), o qual quer dar a entender que quando se lê de um «altar», «trono», «templo», etc., nos céus, tudo é figurado. Outro tanto sucede aos vários itens da descrição sobre o juízo eterno. Mas isso não tira a realidade dessas coisas, pois esta é perfeitamente óbvia). Seja como for, a grande tragédia da perdição não é que os homens sofram, mas do fato que eles *estão* perdidos. Ele perdeu a possibilidade de ser transformado segundo a imagem de Cristo, de participar de toda a plenitude de Deus (ver Efê. 3:19), de participar da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). Essa perda é «infinita», porquanto o prêmio da salvação é infinito, é o próprio Deus. Essa é a verdadeira tragédia da perdição, o que ultrapassa imensamente ao sofrimento por que os perdidos terão de passar. Se não percebemos isso é que não compreendemos o sentido da salvação. O inferno é uma perda infinita—fique isso bem claro!

2. O texto ensina-nos a levar a sério o julgamento:

*Oh, se trazermos um círculo prematuro,  
Sem importar lucro avantajado,  
Ganância por juros falsos, certamente  
Será má a nossa barganha!*  
(Robert Browning)

3. O fato que o anticristo e o falso profeta serão lançados «vivos» no lago do fogo significa, para alguns eruditos, que não poderão ser homens ordinários, e, sim, seres «demoníacos» que se apresentarão como se fossem homens. Mas a verdade é que serão homens, embora possuídos pelas forças satânicas. Não sabemos como, estando ainda em forma corpórea, serão lançados no campo espiritual. Talvez nessa passagem sejam transformados em seres dotados de alguma espécie de corpo espiritual. Estou certo de que João não esperava que resolvêssemos essas formas de problemas, seja como for. Tal dificuldade, porém, não nos deveria fazer pensar que serão «poderes espirituais malignos», despersonalizando-os. Serão pessoas humanas.

4. «As chamas e o enxofre, a fumaça e outras forças vulcânicas indicam a existência do fogo subterrâneo, o que pode ter levado os antigos a situarem o seu Tártaro e a sua Geena no mundo inferior... Eles suprimiram o simbolismo que se cristalizou na linguagem das gerações posteriores» (Carpenter, *in loc.*).

5. «Não o fogo material, mas a cólera de Deus, que será derramada como fogo e será intolerável, mediante o que esse lago queimará com «enxofre», o que, produzindo um forte mau cheiro, agravará o castigo. O rabino Joden (*Bereshit Rabba*, seção 15, fol. 45:4) diz que quando um homem cheiroso o cheiro do enxofre: «Por que seu fôlego o repela? Porque sabe que será julgado com o mesmo, no mundo vindouro». Parece que a alusão é ao lugar onde estavam as cidades de Sodoma e Gomorra, que se transformou em um lago sulfuroso, servindo de emblema da vingança do fogo eterno. (Ver Judas 8)» (John Gill, *in loc.*).

6. Este versículo deve ser comparado ao que diz o trecho de II Tes. 2:8, acerca do destino do anticristo.

A verdadeira interpretação deve ter algo a ver com a destruição das forças malignas, quando da batalha do Armagedom. A interpretação espiritualizada, que faz a «matança» ser a eliminação do ódio contra Deus, ao passo que a espada seria a «Palavra de Deus», que converte, resultando na salvação das nações, apesar de encerrar alguns elementos de verdade, certamente não é o que está em foco no presente versículo. Porém, é certo que o primeiro capítulo da epístola aos Efésios ensina algo como isso; de fato, em dimensões muito mais amplas e profundas.

21 καὶ οἱ λοιποὶ ἀπεκτάνθησαν ἐν τῇ ῥομφαίᾳ τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ ἵππου τῇ ἐξελθούσῃ ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ, καὶ πάντα τὰ ὄρνεα ἐχορτάσθησαν ἐκ τῶν σαρκῶν αὐτῶν.

21 πάντα...ἐκτὼν Eze 39.17, 20

19:21: E as demais foram mortas pela espada que saiu da boca daquele que estava montado no cavalo; e todas as aves se fartaram das carnes delas.

«...Os restantes...» Em outras palavras, as nações, os exércitos e todos os envolvidos na batalha, ao lado da iniquidade, excetuando o anticristo e o falso profeta, cujas sortes já haviam sido descritas. A sorte final dos restantes não é descrita senão em Apo. 20:14,15, onde se vê que é a mesma do anticristo. Agora, apenas sua destruição física é mencionada. Sem dúvida, dali desceram para o *hades*, onde seriam preservados até ao juízo final que se seguirá ao milênio.

«...mortos com a espada que saiu da boca...» Já vimos esse símbolo em Apo. 19:15 e 1:16. É pela palavra de Cristo, pela mera força de sua ordem, que eles perecem. O decreto divino selará a condenação deles. O «modus operandi» disso não é especificado, mas fica subentendida a «força» por detrás do meio usado para derrubar os iníquos poderes malignos, sendo inaugurada a era áurea. (Isso pode ser comparado ao que é dito em II Tes. 2:8: sobre a destruição do anticristo: «...então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, e o destruirá, pela manifestação de sua vinda»). Essa declaração também simboliza o poder que derrubará à besta, não descrevendo o que realmente

terá lugar.

«...daquela que estava montado no cavalo...» Cristo, conforme a descrição de Apo. 19:11. A vingança é consumada. O apelo dos mártires, em Apo. 6:9 e ss., foi ouvido, e a resposta apropriada foi dada.

«...todas as aves se fartaram das suas carnes...» conforme é elaboradamente anticipado e comentado no décimo oitavo versículo.

*Outras idéias sobre o vigésimo primeiro versículo:*

1. É duvidoso que fique entendido aqui que essas reis e seus exércitos não foram afetados pelo «culto ao imperador», e, portanto, que não sofreram a mesma severa sorte da besta e o falso profeta. Isso dificilmente poderia concordar com Apo. 20:14,15. Eles são culpados por se terem aliado ao anticristo, ou, pelo menos, por se terem voltado contra o verdadeiro Cristo. Outrossim, o trecho de Apo. 14:9 e ss. mostra-nos que se entende que o mundo inteiro é afetado pelo «culto ao imperador», e isso também sucederá no caso do anticristo.

2. É interessante observar que em Ascensão de Isaías 4:14, o anticristo e seus exércitos são lançados na Geena. Ali, pois, nenhuma distinção é feita no castigo e período de sua administração.

3. Os intérpretes da escola histórica procuram localizar esse juízo na história, supondo, por exemplo, que representa a queda da idolatria em algumas partes do mundo, mediante o azequimento do protestantismo, ou por sua eliminação

devido ao levantamento de imperadores cristãos. Mas estão irremediavelmente equivocados. Estão em foco os últimos dias. Lembremo-nos que João esperava que tudo isso sucedesse em seus próprios dias, pois não antecipava uma longa era da Igreja, acompanhando todos os primitivos cristãos. Ver I Cor. 15:51 e I Tes. 5:14, em suas notas expositivas, sobre a expectativa de um «fim» próximo, na Igreja primitiva.

### Capítulo 20

XII. *Sete Visões de Como Satanás é derrubado e seu governo termina* (19:11-21:8).

#### 3. Satanás é amarrado por mil anos (20:1-3)

Prosseguem as sete visões finais do juízo. Agora, a causa do mal, Satanás, está em foco. Ele é o «dragão». (ver Apo. 12:3,4,7,9,13,17; 13:2,4,11; 16:13 e 20:2. Quanto a notas expositivas completas sobre esse ser de suprema maldade, ver Luc. 10:18 e João 8:44). A história angelical e humana do mundo, de certo ângulo, é apenas o conflito entre o bem e o mal, Deus e Satanás, buscando ambos a lealdade dos seres humanos. Deus não força ninguém a prestar-lhe lealdade, mas permita que os acontecimentos ensinem os homens que seu caminho é melhor, para que o aceitem alegre e espontaneamente. Têm de aprender, por triste experiência, que o caminho de Satanás, que é também o caminho do egoísmo humano, inspirado pelo Maligno, não é o melhor; e finalmente, em desespero, voltam-se para Deus para real satisfação em suas vidas. Tudo isso, porém, não tem lugar sem intervenções divinas periódicas. O Livro de Apocalipse descreve diversas dessas diretas intervenções de Deus. A própria tribulação é a ira divina, que visa provocar o arrependimento. O armagedom, que é o começo da «parousia» ou segunda vinda de Cristo, bem como a própria «parousia», são intervenções divinas. A destruição do anticristo, e a ruína dos maldosos poderes malignos da terra também o são, tal como o são os eventos que amarrarão a Satanás, o arcanjo da maldade. Aprendemos, pois, que o programa de Deus, embora envolva muito tempo, permitindo circunstâncias e experiências que ensinam aos homens, embora demore, não pode ter sucesso sem essas intervenções. Outro tanto se dá na vida diária. Ainda que, normalmente, Deus nos permita aprender por nossos êxitos e equívocos, conservando-se por detrás dos acontecimentos, por assim dizer, nas sombras, para ver o que faremos com o livre-arbítrio, contudo, ocasionalmente, ele nos dá a sua «ajuda», algo que transcende às circunstâncias, alguma ajuda direta necessária. A oração é um dos meios pelos quais obtemos essa ajuda, contanto que vivamos em santidade para receber tal assistência.

A secção à nossa frente e, de fato, o Apocalipse inteiro, ilustra o princípio declarado em I João 3:8 e ss. — ninguém peca privadamente, porquanto todo pecado é feito em lealdade ao arquipegador, Satanás. Naturalmente, isso aprofunda a nossa compreensão sobre a terrível natureza do pecado, especialmente daqueles pecados que nos escravizam, pois assim tornamo-nos reais escravos de Satanás. A Bíblia, em todas as suas páginas ensina a personalidade e a realidade de Satanás. Ele é um ser dotado do brilho da sabedoria nos olhos, embora tenha pervertido tal sabedoria — é uma sabedoria negra. Ele é nosso inimigo, e tem muitos auxiliares. Portanto, o convite das Escrituras é que abandonemos os seus caminhos, que são caminhos de destruição. (Ver Tia. 4:7,8). Nossa fuga para longe de Satanás deve ser, ao mesmo tempo, um ato de submissão, uma aproximação ao Senhor, porquanto somente assim seremos capazes de continuar a fazer-lhe «resistência». É óbvio que não poderemos resistir ao diabo com o poder da vontade humana. A experiência já nos ensinou tal verdade. O desenvolvimento espiritual, pois, é a garantia de que os remidos permanecerão livres dos artificios do Satanás e de sua tenebrosa e maléfica sabedoria.

*O anticristo caiu*; os poderes malignos da terra cairam (ver Apo. 19:11 e ss.). Agora o «deus» deles, a sua grande inspiração, é amarrada. Mais tarde ele se associará à sorte do anticristo e seu falso profeta, sendo também lançado no lago do fogo (ver Apo. 20:10). Ali é chamado de «grande enganador», porquanto foi o inspirador da insanidade, impiedade e maldade dos homens, o que destrói as entidades inteligentes, como o homem. A passagem à nossa frente mostra que a carreira de Satanás será interrompida por mil anos, pelo milênio. Mas ele terá mais uma oportunidade de causar dificuldades, e tirará vantagem disso. Mas então sobrevirá seu julgamento final, tanto sobre ele como sobre seus seguidores, e isso expurgará a terra para sempre.

*Paralelos literários.* A passagem que ora consideramos, ao apresentar-nos o milênio e os acontecimentos após o mesmo, encerra expressões singulares em seus detalhes; mas há um esboço similar de acontecimentos no neo-hebraico Apocalipse de Elias. Todos os eventos dali são exatamente os que se encontram no Apocalipse, exceto que não há «primeira ressurreição», e também a duração dos vários eventos difere tremendamente. Apesar dessa obra ter sido escrita depois do Apocalipse, e com grande margem de tempo, muitos eruditos creem que é inteiramente independente do mesmo, refletindo uma tradição apocalíptica judaica de onde o Apocalipse também foi tomado por empréstimo. Mas isso em nada diminui a veracidade de suas predições, já que houve a orientação do Espírito, que nos forneceu o verdadeiro arcabouço dos acontecimentos vindouros. Há alguns pontos paralelos nas narrativas iranianas escatológicas do malvado Ahriman. Este teria um reinado de mil anos sobre o mundo, o que foi interrompido por Fredun, que o venceu e amarrou. Não obstante, posteriormente é solto, mas é morto por Sama, que recebeu tal poder, mas que nunca antes existira, porque Azhi Dahaka não poderia sofrer a morte. (Ver *Bundahish* 29:7-9; 31:7; *Bahamn Yast* 3:58-62; 9:7,8). Porém, não há razão alguma para supormos que o vidente João tenha sido influenciado por esses mitos pagãos, embora haja ali alguns elementos similares do que se vê no Apocalipse.

20 Καὶ εἶδον ἄγγελον καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, ἔχοντα τὴν κλεῖν τῆς ἀβύσσου καὶ ἄλυσιν μεγάλην ἐπὶ τὴν χεῖρα αὐτοῦ.

10:1: É vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia em seu mão.

«...vi...» Em visão mística. (Ver Apo. 1:10 quanto a notas expositivas sobre os tipos de «misticismo e visões»).

«...céu...» No Apocalipse sempre aparece no singular, exceto em Apo. 12:12, que é uma citação. (Ver o ponto de vista comum sobre vários «níveis celestes», em Efé. 1:3).

«...um anjo...» Supomos tratar-se de um dos grandes arcanjos. Os anjos são os principais atores do Apocalipse. Quase cada cena é exposta por eles, sem importar se nos é exposta glória ou juízo. (Ver as notas expositivas completas sobre os «anjos», em Luc. 4:10 e Atos 1:10. Comparar com Apo. 9:1, o anjo que caiu do céu e abriu o abismo, provavelmente com essa mesma chave, a fim de soltar o flagelo temível das forças demoníacas). Supomos estar em foco o mesmo anjo. Mas dessa vez sua tarefa é infinitamente maior. Ele deve amarrar ao próprio Satanás. Naturalmente, não poderia fazer isso, exceto pela autoridade e poder de Deus. Esse amarrar das forças satânicas tem paralelo em I Enoque 10:4-6; 54:5,6; Tobias 8:3; Jubileus 23:28 e Testamento de Levi 18:12 onde se lê que os anjos caídos foram amarrados até ao dia do juízo, idéia essa que também se vê em Jud. 6. Há ali, por igual modo, alguns paralelos nos escritos pagãos, mencionados no último parágrafo das notas introdutórias sobre este versículo.

«...chave do abismo...» (Ver as notas expositivas completas a esse respeito, em Apo. 9:1 e 1:18).

4. Esta versículo é solene confirmação de Sal. 2:10.

5. A arma de Cristo é uma «arma espiritual de poder irresistível» (Bengel, *in loc.*). Pode-se fazer o confronto entre a «espada da sua boca» e o seu nome «Verbo de Deus» (no décimo terceiro versículo) títulos que são ambos usados neste contexto, para indicar um severíssimo julgamento, por decreto divino.

«...abismo...» Uma referência ao *hades* (com notas expositivas em Apo. 9:1) e referências a outros lugares onde há comentários sobre esse lugar. Ver também Apo. 9:2,11, 11:7; 17:8 e 20:3, quanto a referências a esse lugar. O trecho de Atos 2:27 nos dá uma nota de sumário sobre o «hades». Há onze ocorrências desse termo no N.T. (Ver Mat. 11:23; 16:18; Luc. 10:15; 16:23; Atos 2:27,31; I Cor. 15:55; Apo. 1:18; 6:8 e 20:13,14). O abismo não é a mesma coisa que o «lago do fogo». (Ver Apo. 19:20).

«...corrente...» Deve-se entender isso figuradamente, pois indica o poder de amarrar e manter prisionado a Satanás, um poder dado por Deus, e não algum objeto literal. A liberdade de Satanás será interrompida por mil anos, durante o reinado milenar de Cristo.

*Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:*

1. A cláusula, «...vi descer do céu um anjo...» pode ser vista também em Apo. 10:1 e 18:1; e com as suas últimas quatro palavras, em Apo. 3:13; 16:21 e 21:2,10.
2. «Quão completamente Deus removerá o enorme poder dessa cabeça caída dos querubins (ver Eze. 28:14) pode ser visto no fato que um «anjo» o amarrará — nem ao menos se torna necessário Miguel, o arcanjo, mas apenas «um anjo». (Que humilhação!) (Newell, *in loc.*).
3. Os antigos mitos gregos pintavam o *hades* no centro do globo terrestre, e esse ponto de vista transparece nos escritos hebraicos e cristãos primitivos, pois fazia parte da cultura da época, da atmosfera em que respiravam eles. Alguns intérpretes cristãos continuam a insistir sobre isso, mas temos aqui apenas uma cláusula ou descrição sem importância. A localização do «hades» (ou das esferas que o compõem) não importa, e nem penso que temos qualquer informação certa a esse respeito em toda a Bíblia. Contudo, o trecho de Efé. 4:7

reflete a idéia de que o hades está «no centro da terra».

4. De acordo com Apo. 1:18, é Cristo que é a autoridade absoluta que brande as chaves da morte e do hades, a dimensão dos mortos. Portanto, nesta passagem, o uso dessas chaves (que simbolizam a autoridade que abre e fecha) é concedido por delegação divina.

2 καὶ ἐκράτησεν τὸν δράκοντα, ὁ ὄφης ὁ ἀρχαῖος, ὃς ἐστὶν Διάβολος καὶ ὁ Σατανᾶς, καὶ ἔδησεν αὐτὸν

χίλια ἔτη,

20 2 τὸν...Σατανᾶς Hc 12.9

δ R pc | Δαβλολος] p<sup>raem</sup> d N 1611 2399 al co | O Σατ.] om O 1 20591 p m c

2 o ofis e arch. A 1678 1778 2080 sy bo<sup>pt</sup>; R] τον οφιν τον -αν τειλ ε | os].

Após τὸν δράκοντα o Textus Receptus, seguindo a maioria dos testemunhos (N 046 P maioria dos minúsculos), diz τὸν ὄφιν τὸν ἀρχαῖον, assim evitando a incoerência do nominativo, ὁ ὄφης ὁ ἀρχαῖος (A 1678 1778 2080). A última forma está em acordo com o uso lingüístico do Apocalipse, que emprega o caso nominativo para um título ou nome próprio, em oposição a um substantivo no caso oblíquo. Onze manuscritos minúsculos omitem acidentalmente τὸν ὄφιν e dizem somente τὸν ἀρχαῖον.

20:2: *Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos.*

...o dragão... Esse é um dos títulos de Satanás. (Ver Apo. 12:3, 4, 7, 9, 13, 17; 13:2, 4, 11; 16:13 e 20:2, havendo notas expositivas na primeira dessas referências).

...a antiga serpente... Esse título de Satanás também aparece e é comentado em Apo. 12:9.

...diabo... Também aparece em Apo 12:9, mas é nome extremamente comum aplicado a Satanás. É usado por trinta e oito vezes no N.T. (Ver as notas adicionais em Mat. 4:1, 5, 8, 11; João 6:70; Efê. 4:27; Tia. 4:7; Jud. 1:9). No Apocalipse aparece por cinco vezes. (Ver Apo. 2:10; 12:9, 12; 20:2, 10). Essa palavra significa «caluniador».

...Satanás... Também é título freqüente do arcanjo do mal, em Apo. 12:9, onde figuram todos os títulos que se lêem aqui. Esse título significa «adversário». No Apocalipse, esse nome ocorre em Apo. 2:9, 13, 24; 3:9; 12:9 e 20:2, 7. No resto do N.T. se encontra em vinte e sete outros lugares. (Ver Mat. 4:10; 12:26; 26:23; João 13:27; Atos 5:3; Rom. 16:20 e I Tim. 1:20 quanto a outras referências e notas expositivas. Quanto a notas gerais sobre Satanás, sem importar o título que lhe é aplicado, ver Luc. 10:18 e João 8:44). Os vários títulos desse ser nos fornecem diversos ângulos de compreensão sobre o seu caráter maligno. E as notas aludidas, especialmente em Apo. 12:9, nos fornecem essa informação.

...por mil anos... Isto é, durante o «milênio», quando a paz será restaurada à terra, quando a era áurea produzirá fantástico desenvolvimento em todos os setores da vida, científica, social e espiritualmente. Pensamos que isso é um período literal de grande duração, sem importar se perdurará ou não exatamente por mil anos, porquanto isso não se reveste de grande importância. (Ver as notas de sumário sobre o «milênio», no quinto versículo deste capítulo). A carreira de Satanás não terá terminação, mas apenas terá sido interrompida. Os homens, à face da terra, terão a oportunidade de reconhecer que o caminho de Deus é melhor, procurando então desenvolver-se segundo o mesmo. Uma humanidade muito mais espiritualizada emergirá e substituirá os antigos homens de tendências tribais e guerreiras; e a retidão dominará os povos. Alguns, entretanto, mesmo debaixo de tão favoráveis circunstâncias, falharão diante do teste, e, finalmente, apelarão para a guerra e a violência (ver Apo. 20:7 e ss.). Pois há pessoas que só aprendem as grandes lições espirituais com imensa dificuldade, ou mesmo nunca.

*Variante Textual:* As palavras «...a antiga serpente...», que deveriam estar

3 καὶ ἔβαλεν αὐτὸν εἰς τὴν ἄβυσσον καὶ ἐκλείσεν καὶ ἐσφράγισεν ἐπάνω αὐτοῦ ἵνα μὴ πλανήσῃ ἐτι τὰ ἔθνη ἄχρι τελεσθῇ τὰ χίλια ἔτη· μετὰ ταῦτα δεῖ λυθῆναι αὐτὸν μικρὸν χρόνον.

3 ἐβαλεν...ἀβυσσον 2 Fc 2.1; Jd 6

20:3: *Lançou-o na abismo, o qual fechou e selou sobre ele, para que não enganasse mais as nações até que os mil anos se completassem. Depois disto é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo.*

...lançou-o na abismo... (Ver as notas expositivas, no primeiro versículo, sobre o «abismo» e sobre o poder que o anjo recebeu para fazer isso).

...fechou-o... Dentro da linguagem simbólica, a «chave» (ver o primeiro versículo) fecha a porta e a «corrente» segura Satanás, de forma a não poder escapar do hades, conforme sucedeu ao anticristo (ver Apo. 17:8 e suas notas expositivas).

...selo sobre ele... Além da chave e da corrente, haverá alguma espécie de «selo» posto sobre Satanás, impedindo-lhe espaço para qualquer movimento ou ação maléfica. A Oração de Manassés 2-4 tem algo similar. Estamos familiarizados com o «selo» como sinal de autoridade, como instrumento de marcar ou de fechar, com um pouco de cera ou metal, que conserva fechado algum receptáculo ou livro. É possível que, nesta passagem, devamos entender a selagem da entrada do abismo, para que dali Satanás não possa sair. Neste livro, há «selos» mencionados em Apo. 5:1, 2, 5, 9; 6:1, 3, 5, 7, 9, 12; 7:2; 8:1; 9:4; 10:4; 20:3 e 22:10. (Ver I Cor. 1:22; Efê. 1:13 e 4:30 quanto a outras notas expositivas sobre os «selos». Ver também João 3:33; Rom. 4:11; I Cor. 9:2 e II Tim. 2:19). O selo, neste caso, representa uma inviolável determinação divina. Satanás será impedido de qualquer atividade, pela onipotência divina. Comparar esse selo onipotente com o selo de Herodes, posto sobre a entrada do sepulcro de Cristo. Nem a morte e nem o hades puderam conter a Jesus Cristo, mas o hades prenderá a Satanás.

...para que não mais enganasse as nações... Esse próprio ato, através

6. Os intérpretes da escola histórica erram muito ao pensar que este «anjo» foi o imperador Constantino, e que o amarrar de Satanás foi o fim do «culto ao imperador», a queda de Roma pagã ou de Roma papal, etc. Nada é mais claro que o fato que há aqui predições sobre acontecimentos dos «últimos dias», nada tendo isso a ver com a história passada.

no caso acusativo, no grego, de acordo com as estritas regras gramaticais, aparece no nominativo, nos mss A, 1678, 1778, 2080. Mas isso, apesar de não ser correto, gramaticalmente falando, representa o original. Há muitos desses erros gramaticais no Apocalipse, porque o autor sagrado pensava em aramaico, mas escrevia em grego. O grego não era seu idioma «pátrio», mas apenas uma língua adquirida. Ver a introdução, seção VIII, quanto ao «Grego do Apocalipse». Os mss Aleph, 046, P e a maioria dos manuscritos minúsculos corrigem o erro, pondo essas palavras no caso acusativo.

*Outras idéias sobre o segundo versículo:*

1. Satanás será amarrado, conforme Cristo declarou em Mat. 12:29. (Ver também Col. 2:16). Os rabinos tinham fixado mil anos para o tempo do reinado de Cristo, pelo que pensavam ser isso um milênio literal; e o vidente João concorda com isso. (Ver II Enoque 33).

2. Os mil anos podem ser simbólicos da «transição aeterna» entre o mundo atual e a nova criação, que é o estado eterno. Mas algum longo e literal período de tempo está em foco, e certamente isso nada tem a ver com algum «reinado espiritual da igreja», que provocaria a vinda do estado eterno.

3. Sem importar o que pensemos acerca do milênio, essa questão não deveria causar divisões entre os crentes. Diz Robertson (in loc.): «Esse admirável livro (o Apocalipse) foi escrito para consolar aos santos, em tempos de grande tribulação, e não para criar contendas entre eles».

4. A idéia do aprisionamento das forças satânicas, os demônios, aparece em I Enoque 18:12-16; 19:1, 2 e 21:1-6. O lugar em que ficarão amarrados, nesse escrito, também é distinguido do lugar do juízo final. (Ver I Enoque 10:13-16; 18:11; 21:7-10; 54:6; 90:24, 25). Portanto, o autor sagrado dependa literariamente, até certo ponto, da tradição apocalíptica judaica. Charles (in loc.) frisa vários mitos antigos que contêm idéias similares, conforme temos visto na introdução ao primeiro versículo deste capítulo. Mas é duvidoso que João tenha dependido aqui dos mitos iranianos e outros.

5. A duração de mil anos, do reino messiânico, é idéia rabínica. Mas, nos apocalípseos judaicos, como I Enoque 81 - 104; *Oráculos Sibílicos* 3:1-63; Jubileus 23:27-28; Ascepção de Moisés 10:7; II Baruc 22:4 - 30:1; 39:7; 40:3; 72:2-4; IV Esdras 3:32, 26; 7:28 lê-se que esse período duraria somente quatrocentos anos; e há outras fontes que falam em um período ainda mais curto. Seja como for, essas obras literárias, tal como o Apocalipse, pintam esse reino como algo temporário e transitório, uma espécie de preparação para a inauguração do mundo eterno.

6. O número do mundo é dez, e isso é elevado à terceira potência—mil. Esse será o mundo em sua era áurea. Portanto, «mil» subentende o mais elevado grau de perfeição que o mundo atual poderá atingir, antes de ser renovado na nova e futura criação eterna.

7. Os intérpretes da escola histórica procuram descobrir o milênio na história passada (I) como se isso envolvesse algum período de poder ou prosperidade da igreja cristã. Mas todas essas tentativas são vão. João estava falando acerca das «últimas coisas».

3 μετα] p<sup>raem</sup> και 051 1 20591 p m c vg<sup>cl</sup>; bo c

dos séculos, tem causado toda a dificuldade. Visto que Satanás possui imensa sabedoria, não tem dificuldade em enganar meros seres humanos, mediante prazeres ou padrões de vida que oferecem prêmios atrativos, embora vazios. (Ver Apo. 13:14 e 16:13, acerca de como ele tem iludido aos homens, por meio de seu falso cristão). Todo pecado, quando devidamente considerado, representa o ludíbrio de Satanás; mas o «homem do pecado» (ver II Tes. 2:3) será o arquenganador, porquanto será inspirado pelo diabo. Então o mundo inteiro seguirá a grande mentira de Satanás (ver II Tes. 2:11), porquanto terão prazer, na realidade, na injustiça (ver II Tes. 2:12), dando acolhida à grande ilusão e às maravilhas mentirosas da besta (ver II Tes. 2:9, 11). A injustiça é um grande engano, e perverte a mentalidade e as faculdades de raciocínio do homem. (Ver II Tes. 2:10).

...solto pouco tempo... Isso também ocorrerá por decreto divino, para que Satanás possa testar a «nova raça», vendo o que sucederá (ver o oitavo versículo deste capítulo). Alguns cairão novamente ante seus ludbrios, e o resultado será lamentável; mas isso não perdurará por muito tempo. Os homens falham, até mesmo sob as mais favoráveis circunstâncias, a menos que dependam genuinamente do Senhor, mostrando-se leais para com ele e participando do desenvolvimento espiritual por ação graciosa do Espírito de Deus, o qual nos transforma segundo a imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18), de modo a vir a participar da própria natureza de Cristo (ver Rom. 8:29) e da plenitude de Deus (ver Efê. 3:19).

«O que é mais espantoso na predição do vidente é que a pregação do evangelho, durante o milênio, só obterá um êxito parcial, embora as personificações ativas da maldade tenham sido removidas da terra durante esse período. O que fica entendido é que cada qual traz em seu seio as possibilidades de seu próprio céu ou de seu próprio inferno». (Charles, in loc.).



Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Uma corrente haverá de aprisionar a Satanás durante algum tempo, mas nenhum homem se livra do mal sem total revolução espiritual na alma, divinamente conferida. O meio ambiente jamais pode converter ou melhorar uma alma.

#### 4. O Milênio (20:4-6).

O tema desta seção, naturalmente, é muito controverso. No quinto versículo damos a nota geral sobre o «milênio», que aborda aspectos dessa controvérsia. Este livro, que foi escrito para consolar os santos que sofriam sob a tribulação, não deve tornar-se motivo de controvérsia na igreja. Portanto, apesar de ser quase certo que o vidente João tinha em mente alguma espécie de literal «era áurea», durante a qual Cristo reinará supremamente, algo que sucederá à face da terra, e de longa duração, de tal modo que com razão poderíamos chamar esse período de «milênio», não temos o direito de ser dirigidos por preconceitos, sobre este ou aquele tema doutrinário, produzindo contenda entre os irmãos que porventura não concordem com nossos pontos de vista.

No segundo versículo deste capítulo, oferecemos notas que mostram que um reinado literal do Messias era uma expectativa rabínica. A tradição judaica posterior fala de uma duração de mil anos, embora os apocalipses judaicos pensem em uma duração menor, de quatrocentos anos, ou mesmo de mais curta duração. Não há razão para supormos, pois, que João, um produto dessa herança, pensasse de outro modo, senão que haveria uma era áurea, antes do estabelecimento do estado eterno e final. O milênio, pois, seria um período de transição, que assinalaria o desaparecimento da antiga ordem de coisas e anunciaria o estabelecimento de uma nova ordem. Sua duração exata não é importante. É possível que os «mil» anos representem um total simbólico. Mesmo assim, é quase certo estar em foco um real e prolongado período áureo. Os místicos contemporâneos concordam com o fato que haverá uma era áurea, a qual haverá de começar na primeira quarta parte do século XXI. Isso, apesar de que para nós, os crentes, não serve de «prova» de que haverá um verdadeiro milênio, pelo menos serve de outra indicação de que estamos na trilha certa, a nos declararmos «milenistas».

O conceito milenar é um desenvolvimento natural de expectativas veterotestamentárias da vitória final de Israel, bem como do estabelecimento do reinado teocrático em bases mundiais, sobre o que Israel se imporia como cabeça das nações. Essa expectativa criou o conceito do «reino de Deus» (com notas expositivas em Mat. 3:2). E essas idéias, combinadas com outros elementos escatológicos, perfazem o «milênio». Os crentes primitivos, desapontados ante o fato que o reino de Cristo não se concretizara quando de seu primeiro advento, mui naturalmente transferiram aquele reino para o fim da era presente, ou seja, para o segundo advento; e isso foi vinculado às expectativas judaicas acerca do «reino». O reinado de Cristo sobre a terra, pois, é o cerne das expectativas milenares.

A tradição apocalíptica, que se reflete em alguns escritos judaicos helenistas, estabeleceu claro rompimento entre a nova e a antiga eras, entre a antiga e a nova criação, não deixando espaço para qualquer período áureo e de transição, entre o antigo e o novo períodos. (Ver Isa. 24-27). Gradualmente, porém, houve a combinação de conceitos do «reino» e conceitos apocalípticos, e o N.T. reflete essa fusão. II Esdras 7:26-30 também combina os dois conceitos. Naquela obra, os patriarcas, no fim de uma série de desastres, descem dos céus à terra, estabelecendo um reino para os justos que sobreviveram às destruições. Esse reino perduraria por quatrocentos anos. Então a ressurreição e o juízo finais teriam lugar. E, finalmente, Deus estabeleceria a nova era, o estado eterno. II Baroque 39-40 tem algo similar. (Comparar também com as idéias de Paulo, em I Cor. 15:23-28). Já tivemos oportunidade de considerar o Apocalipse Neo-hebraico de Elias, o qual nos dá um esboço de acontecimentos similar ao do nosso Apocalipse. Mas, embora esse outro apocalipse tenha sido escrito depois do nosso, parece ser independente deste, pois se fundamenta sobre apocalipses judaicos anteriores quanto a muitos detalhes.

«O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos» (Apo. 11:15).

O reino de Cristo será universal, abarcando todas as nações e todas as esferas da existência.

4 Καὶ εἶδον θρόνους, καὶ ἐκάθισαν ἐπ' αὐτοὺς, καὶ κρίμα ἐδόθη αὐτοῖς, καὶ τὰς ψυχὰς τῶν πεπελεκισμένων διὰ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ καὶ διὰ τὸν λόγον τοῦ θεοῦ, καὶ οἵτινες οὐ προσεκύνησαν τὸ θηρίον οὐδὲ τὴν εἰκόνα αὐτοῦ καὶ οὐκ ἔλαβον τὸ χάραγμα ἐπὶ τὸ μέτωπον καὶ ἐπὶ τὴν χεῖρα αὐτῶν καὶ ἔζησαν καὶ ἐβασίλευσαν μετὰ τοῦ Χριστοῦ χίλια ἔτη.

4 θρόνοι...αὐτοῖς Dn 7:9, 22, 27; Lk 22:30; I Cor 6:2

τὸ χάραγμα...αὐτῶν Rn 13:17; 14:9, 11; 18:2; 19:20

4 χίλια] prasm ta 0468a ai c

20:4; Então vi nos tronos; e os que se assentaram sobre eles foi dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na fronte nem nas mãos; e reviveram, e reinaram com Cristo durante mil anos.

«...visão...» em visão mística. (Ver Apo. 1:10 quanto a notas expositivas sobre os tipos de «misticismo e visões»).

«...tronos...» (Quanto ao simbolismo do «trono», ver Apo. 4:2). Os tronos, neste caso, são subordinados, e não supremos. Por assim dizer, serão uma participação no trono do Grande Rei. (Isso pode ser comparado aos tronos dos seres celestiais, em Apo. 4:4). Mas não há que duvidar que aqui temos os tronos e domínios dos mártires, ou, talvez, de modo geral, de todos os fiéis, embora os mártires estejam especialmente em foco, conforme este versículo o demonstra amplamente. Agora eles reinam juntamente com Cristo. O milênio, bem como a autoridade que terão durante a mesma, é um dos seus galardões, por sua fidelidade e sofrimentos. Lembremo-nos de que o Apocalipse foi escrito para consolar aos mártires cristãos. Esse consolo consiste, em parte, da promessa de vitória final, de bem-estar, de poder compartilhado com Cristo e de vingança contra seus inimigos. (Ver as «bolas do Cordeiro», que também fazem parte dessa recompensa, em Apo. 19:7). Os fiéis receberão o cumprimento da promessa de Apo. 3:21, que diz que compartilharão do trono de Cristo. (Ver igualmente Apo. 5:10). Aos fiéis foi prometido que reinarão com Cristo. O milênio é, particularmente, um período de galardamento dos mártires, embora sua mensagem seja mais ampla do que isso, porquanto incluirá a todos os fiéis. Mas a ênfase sobre os mártires é típica deste livro, do princípio ao fim, porquanto a eles é que este livro foi escrito, para lhes servir de consolo.

«...autoridade de julgar...» Os mártires não só participarão do trono de Cristo, mas também terão o privilégio de julgarem ativamente, e, quiçá, de executarem vingança, agindo como administradores da justiça, durante o milênio. Por conseguinte, atuarão quais autênticos regentes, dotados de autoridade governamental sobre certas esferas. Conforme comenta John Gill (in loc.): «Em outras palavras, poder, domínio, autoridade real,

2. «Embora o pecado seja abolido, pois os homens continuarão na carne (ver Isa. 66:20), o pecado não será mais um poder universal, pois a carne não mais será seduzida por Satanás. Não mais será ele, como agora, o deus e príncipe deste mundo, e nem o mundo jazerá no Maligno. Cristo reinará...» (Fausset, in loc.).

possessão de um reino, tudo o que corresponde à posição e caráter que têm, como reis que são, assentados em tronos. (Ver Dan. 7:22, 27)». Essa expectativa concorda com a tradição rabínica, que dizia que os homens especialmente piedosos compartilhariam do poder e do governo do Messias, durante o seu reinado. (Ver Yalkut Simeoni, parte 2, fol. 41:4. Esse conceito pode ser comparado ao que diz I Cor. 6:2,3). Os justos chegarão até mesmo a julgar aos anjos.

Razão dos privilégios dos fiéis, como governantes. Todos os elementos abaixo já puderam ser encontrados em outros trechos do Apocalipse, pelo que deveriam ser examinadas as referências sugeridas abaixo:

1. Eles foram martirizados pelo testemunho dado acerca de Jesus, por terem defendido a Palavra de Deus. O texto diz especificamente que foram «decapitados», porque assim é que morriam muitos dos mártires da época de João, já que esse era um método romano comum de execução. Esse modo de execução obviamente representa aqui o martírio. João foi exilado para a ilha de Patmos pelo mesmo motivo que aqueles foram decapitados. (Ver Apo. 1:9). Nasquelas referências há explicações sobre as expressões aqui usadas. Quanto ao «testemunho de Jesus», ou «em favor de Jesus», ver Apo. 1:2,6,9; 12:17 e 19:10. Quanto à expressão «Palavra de Deus», ver Apo. 1:2,9; 6:9 e 19:13).

2. «...não adoraram a besta...» Quanto a adoração à besta—historicamente, aos imperadores romanos, e, profeticamente, ao futuro anticristo—ver Apo. 13:4. Essa adoração era, e será na realidade, a adoração ao próprio Satanás, conforme aquele texto deixa claro. Já que aqueles crentes não participaram do culto à besta, agora são recompensados. Em contraste com isso, aqueles que participarem de tão horrenda idolatria serão severamente castigados (ver Apo. 14:10,11).

3. «...nem são pouco a sua imagem...» Eles não adoraram nem à besta e nem à sua estátua. (Ver Apo. 13:14,15 quanto a notas expositivas sobre essa «imagem»).

4. «...não receberam a marca...» Repeliram a marca identificadora, que será sinal de lealdade ao anticristo. (Ver as notas expositivas sobre essa «marca», em Apo. 13:16).

«...viveram e reinaram com Cristo durante mil anos...» (Quanto a notas expositivas sobre o «milênio», ver a introdução ao quarto versículo e a nota de sumário no quinto versículo deste capítulo).

*Outras idéias sobre o quarto versículo:*

1. Eles reinarão (ver Apo. 2:26,27). Os mártires, em espírito, mas antecipando também a ressurreição, ou seja, a restauração de seus corpos (ver o quinto versículo) descerão dos céus para governar na terra, conforme os apocalípticos judeus afirmavam que fariam os patriarcas (ver II Esdras 7:26-30). Isso será feito em cooperação com o próprio Messias, o que se vê em II Esdras e neste livro.

2. Outros crentes, além dos mártires, participarão da vitória de Cristo e

ὅ οἱ λοιποὶ τῶν νεκρῶν οὐκ ἔζησαν ἄχρι τελεσθῇ τὰ χίλια ἔτη. αὕτη ἡ ἀνάστασις ἡ πρώτη.

5 α. ... ἐτη) em R 82 al sy

26:5) Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se completassem. Esta é a primeira ressurreição.

## O MILÊNIO

*Nota geral:*

1. Pano de fundo literário e relação para com as tradições judaicas. (A esse respeito, ver as notas introdutórias sobre Apo. 20:4).

2. Papias, discípulo de João (ou do presbítero João) era milenista entusiasta. (Ver Irineu, *Haer.* v.33.3). Justino Mártir, que viveu em Éfeso cerca de 136 D.C., escreveu acerca do Apocalipse de João: «E, além disso, um homem entre nós, de nome João, um dos apóstolos de Cristo, profetizou em uma revelação que lhe foi feita, de que aqueles que confessam em Cristo passariam mil anos em Jerusalém, e que depois a ressurreição universal e eterna de todos ao mesmo tempo, terá lugar, como também o juízo» (*Diálogo com Trifo*, 81). A crença no milênio, como realidade literal, pois, é bem antiga, envolvendo nomes excelentes, antigos e modernos, não podendo ser desprezada sob hipótese alguma.

3. A palavra *milênio*: Esse termo vem do latim «mle» e «-annus», mil anos. O termo «chiliasm» também é usado para aludir ao «milênio», e essa outra palavra vem do grego, e tem o mesmo sentido que aqueles termos latinos. Teologicamente, alguns fazem diferença entre os milenistas e os chiliasmistas. Os primeiros criam em mil anos de uma idade áurea; os últimos criam nisso, embora pensem que haverá no mesmo a restauração do antigo judaísmo, com um reino davídico, tendo como rei ao próprio rei Davi, com seus sacrifícios, etc., pensando que as profecias do A.T. se cumpriram *muito literalmente*, naquilo que dizem respeito ao milênio e a essas condições.

4. O milênio será uma intervenção divina, como são intervenções divinas muitos dos acontecimentos descritos neste livro. O milênio envolverá o reinado literal de Cristo. Alguns estudiosos pensam que Cristo reinará visivelmente, ao passo que outros pensam que seu espírito governará este mundo e todo o universo, particularmente por meio de seus representantes.

5. Vários pontos de vista acerca do «milênio»:

a. *Ponto de vista judaico*: A restauração de Israel, seu governo sobre o mundo, a adoração no templo, os sacrifícios de animais, etc. Isso seria o «quiliasm». Os milenistas ordinários não negam a restauração de Israel, mas pensam que as noções dos chiliasmistas são exageradas.

b. *Ponto de vista eclesialístico*: A igreja, vitoriosa, obterá domínio sobre o mundo inteiro, e, mesmo sem o retorno corporal de Cristo («parousia»), estabelecerá o seu reino. O «post-milenismo» é uma forma modificada desse ponto de vista.

c. *Ponto de vista escatológico*. Alguns identificam o milênio com o «estado intermediário» dos crentes, em que haverá a sobrevivência da alma, antes do estabelecimento da era eterna. Mas isso está longe do ensino do presente contexto.

d. *Ponto de vista evangélico*. Para alguns, o milênio é apenas «um triunfo espiritual no íntimo», o que também é a opinião de certos acerca do «reino», segundo os quais não haverá jamais qualquer reino literal, qualquer estrutura política ou social.

e. *Ponto de vista a-milenista*. Essa idéia repousa sobre um total conceito «simbólico» de Apo. 20:4 e ss. Tal termo, «a-milenista», significa somente que não haverá milênio e nem reino terrestre, e nem alguma era áurea, etc. Os mil anos mencionados aqui, seriam apenas símbolo de alguma outra coisa, menos de qualquer período áureo, etc. Talvez pensem no triunfo pessoal de Cristo sobre o mal, tal como no ponto de vista «evangélico», acima, ou como no triunfo da igreja em meio às tribulações. Alguns estudiosos «a-milenistas» não negam qualquer forma de milênio, mas buscam alguma outra explicação para o reinado de mil anos, como se isso não envolvesse qualquer estrutura social e político, nos últimos dias. Alguns deles afirmam que o milênio é apenas símbolo de «descanso completo», o qual Deus dará ao seu povo; e, por isso, alguns o confundem com o «estado intermediário» dos crentes, antes da «parousia», conforme se vê acima, sob o ponto de vista «escatológico». Mas a maioria dos que tomam essa posição parecem crer que o conceito do milênio é apenas símbolo das bênçãos da experiência cristã, nesta vida material. A fraqueza desse ponto de vista é que ignora as predições do A.T., que definitivamente exigem a renovação de Israel, em um período áureo. Também ignora as tradições judaicas sobre esse tema, que João, naturalmente, tomou por empréstimo (ver as notas expositivas sobre isso, na introdução ao quarto versículo deste capítulo). Essa posição oferece uma explicação *menos* do que satisfatória de Apo. 20:4 e ss., impondo sobre essa passagem a idéia de que um súbito cataclismo, quando da vinda de Cristo, dará início, isto contínuo, ao estado eterno. Também é contrária essa posição ao que dizem os místicos contemporâneos, que vêem claramente a inauguração de uma era áurea na primeira quarta parte do século XXI, após uma Quarta Guerra Mundial. (Ver o artigo existente na introdução ao comentário, intitulado «A Tradição Profética e a Nossa Era», que abordam detalhadamente o quadro sobre o mundo do amanhã).

f. *Ponto de vista post-milenista*. Esse é a posição que diz que a vinda de Cristo não antecederá, mas antes, seguir-se-á ao milênio, o qual, por sua vez, é definido como uma espécie de conversão da humanidade, por meio dos esforços da igreja. Agostinho, em sua «Cidade de Deus», parece ter sido o progenitor dessa idéia. Supunha ele que a igreja não somente converteria ao mundo, mas também o governaria de modo bem real, produzindo uma era áurea espiritual. A vinda de Cristo ocorreria em resposta a isso, não sendo a «parousia» o agente da introdução do milênio. Segundo esse ponto de vista, a «primeira

ressurreição» consiste na participação na ressurreição de Cristo, «espiritualmente falando», nada tendo a ver com a ressurreição do corpo. O post-milenismo tende a ir morrendo nos tempos modernos, conforme o mundo vai piorando e a igreja se vai corrompendo e debilitando. Contra tal posição pode-se dizer que as Escrituras nunca prometem essa forma de triunfo à igreja, no nível terreno, sem alguma intervenção divina direta, tal como é a «parousia» ou segundo advento de Cristo. O processo histórico não tem produzido qualquer período áureo, e nem há grandes possibilidades disso, diante da ameaça das guerras atômicas.

g. *Ponto de vista pré-milenista*. Essa posição pode ser dividida entre a posição ordinária dos pré-milenistas, e daqueles que tendem para o exagero «quiliástico». Este último enfatiza a nação de Israel, em sua restauração em todos os aspectos, com seu reino davídico, seus ritos, carismas, sacrifícios no templo de Jerusalém, etc. (Ver o terceiro ponto, sobre as «palavras» usadas em relação ao milênio).

De conformidade com os pré-milenistas, certos acontecimentos antecederão ao milênio. Alguns deles se apegam à idéia do retorno iminente de Cristo para vir arrebatá-la igreja. (Ver notas expositivas completas sobre isso, em I Tes. 4:16, pré-contrárias, e comparar isso com as notas de introdução a Apo. 4:1). Aqueles que creem no arrebatamento iminente são chamados «pré-milenistas-pré-tribulacionais». Seja como for, os milenistas ordinariamente acreditam que surgirá um anticristo pessoal na cena mundial, e de que haverá uma grande tribulação. Essa será uma época de tribulações sem precedente, tanto para a nação de Israel como para a igreja cristã. Cremos nisso com bases bíblicas e não-bíblicas, dizendo ainda que o mundo ainda passará por duas guerras mundiais antes da «parousia», a Terceira e a Quarta Guerras Mundiais. (Quanto a detalhes sobre isso, ver as notas de introdução a Apo. 14:14). Após a tribulação é que Cristo virá arrebatá-la igreja, transformando aos crentes e julgando aos incrédulos. E assim ele estabelecerá o seu reino milenar.

Esse reino poderá ser visível, tendo a ele como Rei; ou poderá assumir um aspecto espiritual, em que ele governaria realmente, embora «fisicamente invisível», por meio do seu Santo Espírito, e através das instituições terrenas de seus representantes. Para o crente, seja como for, entretanto, a vinda de Cristo será «visível», se não mesmo para o mundo em geral. Quando de sua vinda, haverá a «primeira ressurreição», em que as almas serão reunidas a seus respectivos corpos, ainda que estes sejam transformados em «veículos espirituais». (Ver as notas expositivas a esse respeito em I Cor. 15:20,35,40). O milênio será uma autêntica e áurea época, que haverá literalmente sobre a terra. Os crentes terão relacionamentos com ele e seu governo, mas isso será definido melhor pelos próprios acontecimentos.

6. *Características do milênio*:

a. Prevenção da total destruição da terra, o que sucederia em face da tribulação, o qual é descrito nos capítulos sexto a décimo nono deste livro.

b. A revelação universal de Jesus Cristo. (Ver Apo. 19:11 e ss., e Dan. 7:13,14). Cristo reinará. A nação de Israel se converterá a ele. Todas as nações lhe prestarão lealdade.

c. O novo paraíso ou era áurea. Toda a vida, em seus aspectos científico, social e espiritual, fará progressos impressionantes. O mal será removido da face da terra. A duração da vida dos homens será fantásticamente aumentada.

d. Será um período de teste, e nem todos os homens sair-se-ão dela triunfantes (estando excluídos da derrota, naturalmente, os remidos). O mal retornará uma vez mais, por breve tempo. (Ver Apo. 20:7 e ss.).

e. Será um período de preparação para o estado eterno, uma transição do mundo antigo para o novo mundo, da antiga criação para a nova. (Comparar com Apo. 21 e 22).

f. A terra inteira será renovada (ver Isa. 11:6-9). A paz governará juntamente com a santidade (ver Isa. 2:3,4).

g. A raça humana será renovada. Uma humanidade muito mais espiritualizada terá lugar, ao invés dos guerreiros tribais de hoje. (Ver Isa. 65:20). Haverá morte, mas tornar-se-á muito rara.

h. Todos os seres humanos conhecerão a Deus. Haverá progresso espiritual, ainda que não perfeição. Essa será a principal característica do milênio (ver Isa. 11:9).

i. Israel será renovada e tornar-se-á cabeça das nações. (Ver Isa. 12:6; 11:12,13 e 14:1,3).

7. *Propósitos do milênio*:

a. Evitar a destruição total do globo terrestre e sua população.

b. Estabelecer o reino de Cristo sobre a terra, seu conhecimento, e, assim, o pleno conhecimento de Deus entre todos os povos.

c. Quebrar o poder do mal e de Satanás.

d. Prover um teste final para a humanidade.

e. Levar Israel ao seu lugar legítimo e profetizado, e as nações.

8. *Fraquezas das interpretações pré-milenistas*:

a. Literalismo de um livro repleto de símbolos místicos.

b. O resto do N.T. não dá qualquer ensino pré-milenar claro.

c. Forçar as profecias do A.T. para assumirem um aspecto «milenar» pode ser artificial.

d. A teoria do reino «adiado» é duvidosa.

e. A existência de duas ressurreições literais é uma doutrina singular das Escrituras, que se encontra em Apo. 20:5. Talvez seja melhor interpretar a «primeira ressurreição» de modo espiritual, e não literal.

Embora as objeções acima tenham valor para seus defensores, concordando com o tipo de mentalidade que exibem, conforme seus costumes de interpretação, nenhuma delas apresenta qualquer problema especial para os pré-milenistas. O maior problema é que o resto do N.T. não encerra qualquer

senso milenar claro: Todavia, é natural supormos que várias passagens sobre o reino, no N.T. aludem a um reino milenar, além do que vários cristãos antigos também faziam essa ligação. Assim, a circunvalação ou não a um reino de duração de mil anos. Os discípulos diretos de Cristo pensavam que Cristo viria a estabelecer um reino literal em sua primeira vinda. Isso foi simplesmente transferir para os últimos dias - nos quais acreditavam que estavam entrando, vinculando esse reino ao segundo, e não ao primeiro advento de Cristo.

**Exposição do versículo:**

...*Os restantes dos mortos...*» Essa é a parte mais difícil deste versículo. Parece dar a entender que «samente os mártires» participarão da primeira ressurreição, e que isso não envolverá todos os santos. Alguns intérpretes têm insistido sobre isso, sobretudo os que querem refutar o ensino sobre o milênio, neste versículo. Naturalmente, isso não serve a esse propósito. Bastar-nos-ia admitir, em réplica, que o milênio não se aplica à igreja em geral, mas somente aos mártires, e que estes ocupariam as posições de liderança, ao passo que o resto da igreja, presumivelmente, permaneceria nos lugares celestiais durante esse tempo.

Não é impossível que o vidente João tenha exaltado tanto aos mártires, já que este livro foi escrito especialmente por causa deles e para eles. A maior parte dos intérpretes, contudo, supõe que a igreja inteira está em foco, e que o «resto» dos mortos é uma alusão somente aos incrédulos. Pode-se ter apolo para isso em Apo. 2: 26 e 3: 21, que quase certamente mostram que o «governo» juntamente com Cristo será universal, no que tange aos «fiéis» da igreja cristã. Note-se, na primeira dessas duas referências, que eles governarão «sobre as nações». Quase certamente há nisso uma alusão milenar.

\*...mil anos... O «milênio», comentado mais acima.

...primeira ressurreição...» Essa é a ressurreição dos mártires, primariamente, e que será literal. Por terem sido fiéis, ressuscitarão dos mortos e participarão do reino milenar. Mas provavelmente também visa incluir todos os crentes, embora isso tenha de ser inferido. Já que não é algo dito diretamente. Rejeitamos, porém, qualquer interpretação que espiritualize o ponto, pensando tratar-se de nossa atual «vida espiritual em Cristo», conforme a analogia de Rom. 6:3 e ss. Não pode haver dúvida razoável de que João prometia aqui, aos mártires mortos, a renovação de uma existência em corpo. O corpo resurrecto, é claro, não se comporá de partículas atômicas, pois o átomo é a base da matéria. Será um veículo espiritual, pois «carne e sangue», isto é, um corpo material, não pode herdar o reino de Deus. (Ver I Cor. 15:50 quanto a esse conceito, bem como I Cor. 15:20, 35, 40 quanto às notas gerais sobre a «ressurreição» e o «corpo resurrecto». Ver Luc. 24:6 quanto à «ressurreição de Cristo», em seu modo, etc.).

Essa é a única referência que conhecemos, bíblica ou judaica, ou em qualquer livro sagrado, que cria «duas» ressurreições, razão porque alguns intérpretes têm espiritualizado a questão. Mas tal espiritualização é obviamente contrária ao intuito do autor sagrado. Aos mártires «mortos» é

<sup>h</sup> μακάριος καὶ ἅγιος ὁ ἔχων μέρος ἐν τῇ ἀναστάσει τῇ πρώτῃ· ἐπὶ τούτων ὁ δεύτερος θάνατος οὐκ ἔχει ἐξουσίαν, ἀλλ' ἔσονται ἱερεῖς τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ Χριστοῦ, καὶ βασιλεύσουσιν μετ' αὐτοῦ [τὰ]<sup>i</sup> χίλια ἔτη.

 $\delta$  100784...00700 Ex 19.6; Ia 51.6; 1 Fe 2.5; 0; Re 1.0; 6.10

1 6 (1) ra M 840 84 181) 1139 2020 2053 1073 cup<sup>no. 10</sup> § omitt A 031 1

1000 1934 2042 2068 2081 2134 2432 cop<sup>h</sup> arm Andrew Arethusa

A evidência externa em prol da presença do artigo *τά* antes de *χίλια έτη* (N 046 cerca de trinta minúsculos cop (sa,bo)) está quase perfeitamente equilibrada pela evidência em favor de sua ausência (A 051 maioria dos minúsculos cop (bo(ms)) ara André Aretas). Por semelhante modo, as probabilidades de transcrição e intrínsecas são tão indecisivas que a maioria da comissão julgou melhor incluir o vocábulo, mas entre colchetes.

20:4: Bem-aventurada a sante é aquela que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; não serão sacerdotes da Dama e do Cristo, e reinarão com ele durante os mil anos.

« Bem-aventurado... » No Apocalipse há sete bem-aventuranças. (Ver Apo. 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6 e 22:7,14). (Quanto a notas expositivas sobre essa palavra, conforme é usada no N.T., ver tanto Mat. 5:3 quanto Apo. 1:3, que dá o pano de fundo no Apocalipse). Este livro foi escrito para consolar e fortalecer aos mártires cristãos, que então estavam sendo mortos por Domiciano. Por sete vezes eles são chamados bem-aventurados, por diversas razões. É claro que a morte não foi capaz de vencê-los, de prejudicá-los permanentemente, tal como não pudera vencer a seu Senhor. Portanto, ao invés de se sentirem miseráveis, são «espiritualmente felizes», obtendo o «bem-estar máximo», pois são «espiritualmente ricos», tudo o que está implícito nesse vocábulo.

...santos... Porque agora, participando da própria forma espiritual de Jesus Cristo, de seu tipo de vida (ver João 5:24,25 e 6:57), eles possuem, naturalmente, sua natureza santa, a qual é exigida da parte de todos os homens (ver Heb. 12:14), pois sem a «santificação» ninguém jamais verá a Deus. Outrossim, os homens terão de participar da santidade de Deus, e não de mera imitação humana. (Ver Rom. 3:21 e suas notas expositivas, sobre esse tema). Jesus ordenou aos seus discípulos que fossem «perfeitos» como o é o Pai celeste, em Mat. 5:48. Comprendemos isso literalmente. Fosse o alvo — a perfeição absoluta; e isso indica muito mais que a mera ausência de pecado. Aponta para a participação positiva em todos os atributos divinos, como a bondade, a retidão, o amor, etc. (Ver Gál. 3:22,23). Os mártires, neste ponto, obtêm isso em elevado grau, pelo que merecem ser chamados «santos». A inquirição pela santidade divina, naturalmente, é infinita, já que ele é infinito e nós somos finitos. Mas o fim de cada medida irá sendo aperfeiçoado em um processo infinito, que desconhecerei limite ou fim. Assim como Deus é agora o alvo de toda a

feita a promessa especial de uma vida terrena da qual outros não participarão, pelo menos não quanto a uma declaração direta. Alguns eruditos têm imaginado haver aqui uma interpolação, como se essa expressão não fosse original de João; porém, nenhum manuscrito apóia tal idéia, pelo que tal interpolação não passa de uma conjectura. Pensamos que essa ressurreição é paralela ao que diz o décimo quinto capítulo da primeira epístola aos Coríntios e o trecho de I Tes. 4:16, onde se lê que os mortos serão ressuscitados e os crentes vivos serão transformados segundo a imagem de Cristo, compartilhando assim de sua natureza (comentários a respeito em Rom. 8:29), sem passarem pela morte física. Apesar desse ponto de vista não deixar de envolver problemas, envolve menos problemas do que a outra posição.

Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. Nada é dito acerca dos poucos que sobreviverão à tribulação, e que estarão vivos quando do retorno de Cristo. Mas o trecho de 1 Tes. 4:15 soluçãoa isso para nós, embora o autor do Apocalipse talvez não tenha antecipado essa espécie de resposta. É provável que ele simplesmente não tenha dado atenção ao item. Mas também não é provável que ele tenha antecipado que cada crente do período da tribulação tornar-se-á um mártir.

2. O problema de como os santos glorificados, em seus corpos imortais, poderão misturar-se com homens mortais, durante o milênio, também é questão não abordada. Talvez se trate de um pseudoproblema, pois a igreja poderia estar no céu, embora governando espiritualmente a terra. Seja como for, ainda que os imortais se misturem com os mortos, isso não constitui problema. Jesus, já imortalizado, não teve problema algum de misturar-se com seus discípulos ainda mortais.

3. Embora as duas ressurreições sejam uma doutrina ímpar desta autor sagrado, não há dúvida razoável de que isso é o que ele mencionava dizer. O que talvez ele não tenha querido é associar isso com a ressurreição de todos os crentes. Todavia, a «parousia» virá antes do milênio—isso é perfeitamente claro no livro. E a «parousia» trará a ressurreição para os crentes, conforme se vê em I Tes. 5 e I Cor. 15: Portanto, segundo a perspectiva milenar, a ressurreição de todos os crentes terá lugar antes do milênio. Mas é natural supor que os mortos ímpios permanecerão no hades até imediatamente antes do juízo final, pelo que sua ressurreição só ocorrerá após o milênio. E isso que João quis ensinar, embora a questão não seja claramente esclarecida em outros trechos bíblicos. Nada há em desarmonia quanto à questão das «duas ressurreições», em relação ao resto do N.T., ainda que tal doutrina não seja declarada abertamente em outros lugares, salvo aqui.

4. Alford (in loc.) afirma que a posição milanista era a posição comum e universal da Igreja, durante seus primeiros trezentos anos de história.

5. «Duas ressurreições» podem ser subentendidas em Dan. 12:2 e Luc. 20:35, bem como na declaração paulina, «Cada um, porém, por sua própria ordem...», que se fez sobre a ressurreição, em I Cor. 15:23. Comparar também com Fil. 3:8,11, onde Paulo pode estar tirando uma inferência entre uma ressurreição da qual todos participarão — a segunda — e uma «primeira», da qual só participarão os que se tornarem dignos de tanto. O trecho de IV Esdras 7:26 e ss. fala de uma ressurreição exclusiva dos justos; e é possível que essa idéia tenha tornado necessária a apresentação de duas ressurreições, por parte do vidente João, se é que ele participava de tal opinião, porquanto haveria de querer preservar a idéia comum de uma ressurreição dos injustos.

existência (ver I Cor. 8:6), sob a mediação de Cristo (ver Col. 1:16), assim continuará sendo eternamente e do mesmo modo. (Ver a santidade dos mártires aludida de modo figurado, em suas vestes brancas e resplandecentes, de linho, em Apo. 19:8,14).

«...tem parte na primeira ressurreição...» Em outras palavras, é contado entre os mártires, e, talvez, entre os santos de todas as eras. (Ver o sexto versículo, quanto a uma ampla discussão sobre a «primeira ressurreição», onde há referências a outros trechos que ensinam a doutrina da «ressurreição», em tudo que a mesma implica para a humanidade). O bem-estar espiritual, ou «felicidade» dos mártires advém da primeira ressurreição. Assim, recebem a «vida última». O N.T. jamais encara a «vida eterna» como mera sobrevivência ante a morte biológica, por parte da alma. Antes, é uma «modalidade de vida», a qual será transmitida aos crentes por meio da primeira ressurreição. (As notas expositivas sobre a «ressurreição», em I Cor. 15:20 e João 5:25,26 deixam isso claro. Ver as notas expositivas completas acerca da «imortalidade», em I Cor. 5:8).

Quando da ressurreição, as almas receberão os veículos apropriados para a sua manifestação nos lugares celestiais, vindo a receber o mesmo tipo de vida e natureza de Cristo, o que, por sua vez, indica a participação na própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), na plenitude de Deus, em sua natureza e em todos os seus atributos (ver Ef. 3:19 e Col. 2:10). A referência em Colossenses, em suas notas expositivas, aborda os detalhes atinentes a essa doutrina fantásticamente elevada, embora ela seja muito raramente mencionada na igreja. A «salvação» (comentada em Heb. 2:3), tem por mediação, pois, a «ressurreição», mostrando que será algo muito mais elevado que o perdão de pecados e a futura transferência para os céus. Consiste muito mais daquilo que nos acontece, em que Cristo é duplicado em nossos seres. Isso nos exaltará muito acima dos anjos, pois seremos a plenitude de Cristo, e Cristo é a plenitude de tudo o mais (ver Ef. 1:23).

...sobre esses a segunda morte não tem autoridade... (Ver as notas expositivas completas sobre esse tema, a «segunda morte», em Apo. 2:11;



que também aparece no contexto de uma promessa feita aos mártires, pois, tendo-se eles dispostos a sofrer o martírio por amor a Cristo, ficaram fora do alcance da «segunda morte», a saber, daquela que se seguirá à primeira morte, que é a morte física. Outras idéias são oferecidas naquela referência. Esse termo ocorre novamente no décimo quarto versículo deste mesmo capítulo, onde se declara que a segunda morte será lançada no lago do fogo. (Ver as notas expositivas sobre o «lago do fogo», em Apo. 19:20).

«...sacerdotes de Deus e de Cristo...» Por várias vezes se tem lido que essa é a porção dos mártires. (Ver Apo. 1:6 e 5:10. Ver 1 Ped. 2:5,9, onde os crentes figuram como um «sacerdócio real»).

**Variante Textual:** As palavras *os mil anos* figuram nos mss Alaph, 046 e em cerca de trinta manuscritos minúsculos que nos são conhecidos, além do Copla, boi. O artigo definido é omitido pelos mss A, 061, na maioria dos manuscritos minúsculos, no Cop (bo) (ms), no Ara e nos escritos de André e Aretas. A evidência está dividida bem pelo meio, pelo que, com a mesma facilidade, o artigo pode ter sido inserido ou omitido, o que significa que o texto original permaneceu em dúvida.

**Outras idéias sobre o sexto versículo:**

## XII. Sete Visões de como Satanás é derrubado e seu Governo Termina (19:11-21:8)

### 5. Revolta de Gogue e Magogue (20:7-10).

A felicidade imensa do Milênio terminará ainda com uma outra revolta. Os homens, de algum modo, embora tenham vivido em um meio ambiente propício, não aprenderão a ser leais a Deus por meio de Cristo. Portanto, Satanás encontrará terreno fértil quando, por permissão divina, receber outra oportunidade de corromper aos homens. O episódio de Gogue e Magogue se baseia verbalmente sobre Eze. 38-39; mas, profeticamente, aqueles capítulos se referem à Terceira Guerra Mundial, quando haverá uma batalha decisiva na Palestina, entre o anticristo e sua federação de dez reinos, por um lado, e a União Soviética e seus aliados por outro. Este último grupo será derrotado fragorosamente. Portanto, o autor usa uma passagem para expressar-se verbalmente, mas faz tal predição relacionar-se a um período posterior ao milênio, no que se constituirá a revolta final, e não algo antes da tribulação. Naturalmente, pensamos que ambas as predições são verdadeiras: Ezequiel ter-se-ia reportado a um acontecimento, e o vidente João ter-se-ia reportado a outra ocorrência, mas, em ambos os casos, estarão envolvidos exércitos russos. As tradições apocalípticas judaicas manuseiam as predições sobre Gogue e Magogue de modos diversos; algumas dão a entender que tudo será antes do reino messiânico, e outras, depois, e, ainda outras, durante o reino messiânico. (Ver *Abodah Zarah* 3b; *Heb. Apocalypse* de Elias; Lactanius «*Instituições Divinas*» vii.26; *Eptome* 72; *Apocalipse Siríaco de Esdras* 12-13 e *1 Enoque* 56:5-8). Todas essas predições têm em comum, porém, que o ataque é desfechado contra a aparentemente indefesa nação de Israel, especificamente, Jerusalém. Isso se dará no caso da Terceira Guerra Mundial, e, uma vez mais, depois do milênio. No primeiro caso, é atacada a nação literal de Israel; no segundo caso, são atacados os mártires que reinarão em Jerusalém.

7 Καὶ ὅταν τελεσθῇ τὰ χίλια ἔτη, λυθήσεται ὁ Σατανᾶς ἐκ τῆς φυλακῆς αὐτοῦ,

20:7; Ora, quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão.

«Quando...se completarem os mil anos...» (Ver as notas introdutórias a este versículo, quanto à localização variada da revolta de Gogue e Magogue, nos escritos apocalípticos judaicos, e quanto à dependência literária desta passagem. Ver o quinto versículo deste capítulo, quanto a notas expositivas completas acerca do «milênio», com as muitas interpretações que circundam a questão).

«...Satanás será solto...» (Ver as notas expositivas sobre «Satanás» e seus muitos títulos, em Apo. 12:9, e comparar com o segundo versículo deste capítulo. Ver as notas expositivas completas sobre esse «arcanjo do mal», em Luc. 10:18 e João 8:44). Satanás será solto para que submetta os homens a um teste final, por permissão de Deus. Teriam os homens aprendido permanentemente sua lição? Teriam eles aprendido a ser leais realmente a Deus, mediante Cristo? A maioria, sim! Mas alguns, não! Isso é o que aprendemos nesta seção. O milênio será um período de instrução, de prova, e não apenas um paraíso, a idade áurea, embora também seja isso. Este versículo mostra, por igual modo, que Satanás em nada estará mudado, mas os homens terão de aprender isso mediante horrenda demonstração. Somente Deus pode exigir com razão a lealdade da parte dos homens.

«...sua prisão...» Esse será o abismo ou «hades», conforme se vê nos três primeiros versículos deste capítulo. O anjo tê-lo-á amarrado com grande corrente, fechado a chave e selado a porta de entrada do abismo. Mas essa

8 καὶ ἐξελεύσεται πλανῆσαι τὰ ἔθνη τὰ ἐν ταῖς τέσσαρσιν γωνίαις τῆς γῆς, τὸν Γῶγ καὶ Μαγῶγ, συναγαγεῖν αὐτοὺς εἰς τὸν πόλεμον, ὧν ὁ ἀριθμὸς αὐτῶν ὡς ἡ ἄμμος τῆς θαλάσσης.

8 ταῖς...γῆς Eze 7:2 τὸν Γῶγ καὶ Μαγῶγ Eze 39:2

20:8; e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de ajuntá-las para a batalha.

«...seduzir as nações...» Satanás é o grande mentiroso, o pai da mentira, e agora agirá novamente segundo seu caráter inerente. (Ver João 8:44). Nele não há verdade; é o máximo do ludíbrio. Em contraste, Deus tem somente o bem em sua natureza. Já o homem é uma mistura de bem e de mal. Mas Satanás nada tem de bem em sua pessoa. Quando ele dá a aparência de ser bom, fá-lo com motivos perversos e ulteriores. Assim, se ele faz algo por alguém, conferindo-lhe algum pedido, por exemplo, é somente com o propósito de trazer-lhe algum mal final, após ter-lhe conquistado a confiança. Os homens precisam compreender isso. Portanto, Satanás será solto de sua prisão infernal, para que demonstre o que ele realmente é, que em nada mudou. Seu oferecimento de uma lealdade alternativa, uma vez que fracasse, deixará claro que somente Deus merece a confiança dos homens, somente ele pode ser a fonte de bondade e realização. (Pode-se ver como o «engano» tem sido a tarefa principal de Satanás, neste livro, em Apo. 12:9; 13:14; 19:20 e 20:3).

«...as nações que há nos quatro cantos da terra...» Em outras palavras, todas as nações, ainda que os inimigos provenientes do norte de Israel, a terra de Gogue e Magogue, venham a ser os principais envolvidos nessa

1. Soran Kierkegaard declarava que somente os mártires são crentes verdadeiros. É claro que isso é um exagero, embora bem acolhido no contexto do Apocalipse. Pois, embora não sejamos religiosamente perseguidos e nem tendo ameaçadas as nossas vidas físicas, podemos «viver a vida dos mártires», em absoluta dedicação a Cristo, tornando-nos um sacrifício vivo (ver Rom. 12:1,2) ainda que nossa morte não venha a ser violenta. Aquele que vive como um mártir, será honrado como tal.

2. A «segunda morte» será de natureza «espiritual». Mas isso não nos obriga a pensar que a «primeira ressurreição» também deve ser interpretada desse modo. Trata-se de um *non sequitur*.

3. O vidente João olvida-se aqui da sorte dos sobreviventes físicos da tribulação, o que é aboçado em outra literatura apocalíptica. (Ver Dan. 12:12; Salmos de Salomão 17:50). Isso simplesmente não lhe veio à atenção. Mas não significa isso que ele pensasse que não haveria sobreviventes crentes.

4. A expressão «sobre esses a segunda morte não tem autoridades», mal provavelmente é empréstimo feito dos escritos rabínicos; pois vemos ali: «O fogo do inferno não tem poder sobre um israelita que peca» (*Chagiga*, fol. 27:1). «O fogo do inferno não tem poder sobre os discípulos dos sábios» (*ibid.*). «Que o Senhor nos conceda que nunca experimentemos isso (a segunda morte)!» (Matthew Henry, *in loc.*).

situação será revertida. Satanás sairá do hades, tal como antes sucedera ao anticristo (ver Apo. 17:8) e reiniciará a sua carreira de ludíbrio e destruição. Dessa vez, entretanto, será entravado quase imediatamente, após o que é enviado para o juízo final. (Ver Apo. 20:10).

**Outras idéias sobre o sétimo versículo:**

1. Assim como Satanás não terá aprendido sua lição mediante o castigo, assim também homens ímpios e desavairados parecem estar fora do alcance do poder remidor de Deus, o que é pensamento extremamente solene. «Ah! se o meu povo me escutasse, se Israel andasse nos meus caminhos!» (Sal. 81:13).

2. No primeiro paraíso, Satanás teve permissão de usar suas artes maléficas. Conseguiu enganar o homem e conduzir a humanidade ao desastre. Por igual modo, no segundo paraíso, ele terá sucesso idêntico; mas isso não conduzir a uma tribulação universal, conforme sucedera no primeira inventida.

3. A nova tentativa de seduzir aos homens, por parte de Satanás, exaure a paciência de Deus, conforme se vê nos versículos seguintes.

4. Satanás terá de ser solto novamente a fim de mostrar de uma vez por todas, a criação inteira, que ele não pode ser reformado, devendo ser rejeitado total e finalmente. É incorrigível. Os homens, por sua vez, serão testados quanto à sua lealdade. Ninguém pode prestar a Deus mais serviço de lábios. Essas duas razões, e talvez outras, estão envolvidas como explicação de por que Satanás será solto de novo. A lição é que os homens, na verdade, um da nascer da novo, se tiverem de ser realmente santos e dedicados ao Senhor. Não poderá haver imitações infalíveis diante da prova: outroseim, a verdadeira santidade é necessária para a participação na verdadeira vida eterna do estado eterno. (Ver Heb. 12:14 e Rom. 8:21).

8 συναγαγῶν] *praem* καὶ R 051 2059a al g vg

revolta. Os antigos, não entendendo que a terra é redonda, supunham que fosse quadrada, com quatro cantos, o que explica essa expressão. João, por sua vez, usa a linguagem popular de seus dias. (Ver Apo. 7:1 quanto a outra referência a isso, e onde essa idéia é comentada).

«...Gogue e Magogue...» Há várias alusões a esses nomes nos apocalipses judaicos, todas as quais envolvem inimigos de Israel. Mas o seu ataque é variegadamente situado antes, durante ou depois do reino messiânico. (Ver *Abodah Zarah* 3b; *Apocalipse Hebraico de Elias*; Lactâncio, *Instituições Divinas*, vii.27; *Eptome* 72; *Apocalipse Siríaco de Esdras* 12-13 e *1 Enoque* 56:6-8). A dependência literária desses nomes, porém, provavelmente se prende a Eze. 38-39. Aquela predição, contudo, se refere a uma luta antes do estabelecimento do reino de Cristo, durante o período da «grande tribulação», naquilo que consideramos seja a Terceira Guerra Mundial, em que o anticristo e sua federação de dez reinos se lançará contra a União Soviética e seus aliados. A batalha decisiva terá lugar na Palestina, e as forças russas serão redondamente derrotadas. A Rússia ocupará a Palestina toda e as nações árabes circunvizinhas, por volta de 1985, a fim de fazer cessar o contínuo conflito entre os árabes e israelenses e controlar o petróleo do mundo. O anticristo, com sua federação, se arrojará contra a Rússia, na Palestina. Disso resultará uma guerra atômica, com vastíssima destruição. Com a derrota da Rússia, o anticristo reinará supremamente.

excetuando o poder da China. A batalha do Armagedom, pois, será a guerra contra a China, depois que esta tiver conquistado grande parte da Rússia e da Europa. O encontro das forças do anticristo e das forças chinesas será, uma vez mais, na Palestina. Isso sucederá mais ou menos na segunda década do século XXI. Será outro conflito armado terrível, que destruirá nações inteiras. Também haverá intervenções da natureza, talvez com a mudança dos pólos e o rearranjo dos continentes, o que deixará como sobreviventes apenas pequena parte da humanidade. Deus fará intervenção de várias maneiras, e, finalmente, será estabelecida a idade áurea. Entretanto, após os mil anos do reinado de Cristo, a paz e a harmonia serão novamente interrompidas, por outro levante das nações contra Deus, evidentemente encabezadas pela Rússia e seus aliados do norte. Essa revolta final é que está em foco no presente capítulo.

A identificação de Gogue e Magogue não é indubitável. Os comentadores estão divididos quanto às seguintes possibilidades:

1. Seriam os inimigos de Israel vindos do norte, sem distinção de nações particulares.
2. Seriam os inimigos em geral de Israel, sem identificação de localidade (uso espiritual).
3. Alguns vêem aqui os godos e outros antigos povos guerreiros.
4. Josefo identificava as citas como descendentes de Magogue, um povo da Sibéria ocidental. Isso naturalmente, nos leva a uma possível identificação com a União Soviética.
5. Na opinião de alguns, «Magogue» é a designação da nação ou nações envolvidas, ao passo que «Gogue» seria o seu príncipe ou chefe (ver Eze. 38:2). Nessa referência, «Meseque» é identificado por alguns como «Moscou»; «Tubal» seria a cidade de «Tobolsk». Se isso é verdade, então a Rússia está claramente em foco. Pelo menos é certo que Gogue e Magogue são usados como nomes simbólicos para indicar todos os adversários do

9 καὶ ἀνέβησαν ἐπὶ τὸ πλάτος τῆς γῆς καὶ ἐκύκλευσαν τὴν παρεμβολὴν τῶν ἁγίων καὶ τὴν πόλιν τὴν ἡγαπημένην. καὶ κατέβη πῦρ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ<sup>2</sup> καὶ κατέφαγεν αὐτούς· κατέβη...αὐτοῦ 2 Kes 1.10; Eze 38.22; 39.6

19 (C) ἐκ τοῦ οὐρανοῦ A 2042 2053<sup>ms</sup> cop<sup>ms</sup> Tyronius Augustine Primasius Andrew<sup>ms</sup> Rupertus ἄπο τοῦ οὐρανοῦ B4 ἄπο τοῦ θεοῦ 1834 1844 ἄπο τοῦ οὐρανοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ 1886 21.2, 101 046 1839 2020 2138 1844 1845 1846 1847 1848 1849 1850 1851 1852 1853 1854 1855 1856 1857 1858 1859 1860 1861 1862 1863 1864 1865 1866 1867 1868 1869 1870 1871 1872 1873 1874 1875 1876 1877 1878 1879 1880 1881 1882 1883 1884 1885 1886 1887 1888 1889 1890 1891 1892 1893 1894 1895 1896 1897 1898 1899 1900 1901 1902 1903 1904 1905 1906 1907 1908 1909 1910 1911 1912 1913 1914 1915 1916 1917 1918 1919 1920 1921 1922 1923 1924 1925 1926 1927 1928 1929 1930 1931 1932 1933 1934 1935 1936 1937 1938 1939 1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949 1950 1951 1952 1953 1954 1955 1956 1957 1958 1959 1960 1961 1962 1963 1964 1965 1966 1967 1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025 2026 2027 2028 2029 2030 2031 2032 2033 2034 2035 2036 2037 2038 2039 2040 2041 2042 2043 2044 2045 2046 2047 2048 2049 2050 2051 2052 2053 2054 2055 2056 2057 2058 2059 2060 2061 2062 2063 2064 2065 2066 2067 2068 2069 2070 2071 2072 2073 2074 2075 2076 2077 2078 2079 2080 2081 2082 2083 2084 2085 2086 2087 2088 2089 2090 2091 2092 2093 2094 2095 2096 2097 2098 2099 2100 2101 2102 2103 2104 2105 2106 2107 2108 2109 2110 2111 2112 2113 2114 2115 2116 2117 2118 2119 2120 2121 2122 2123 2124 2125 2126 2127 2128 2129 2130 2131 2132 2133 2134 2135 2136 2137 2138 2139 2140 2141 2142 2143 2144 2145 2146 2147 2148 2149 2150 2151 2152 2153 2154 2155 2156 2157 2158 2159 2160 2161 2162 2163 2164 2165 2166 2167 2168 2169 2170 2171 2172 2173 2174 2175 2176 2177 2178 2179 2180 2181 2182 2183 2184 2185 2186 2187 2188 2189 2190 2191 2192 2193 2194 2195 2196 2197 2198 2199 2200 2201 2202 2203 2204 2205 2206 2207 2208 2209 2210 2211 2212 2213 2214 2215 2216 2217 2218 2219 2220 2221 2222 2223 2224 2225 2226 2227 2228 2229 2230 2231 2232 2233 2234 2235 2236 2237 2238 2239 2240 2241 2242 2243 2244 2245 2246 2247 2248 2249 2250 2251 2252 2253 2254 2255 2256 2257 2258 2259 2260 2261 2262 2263 2264 2265 2266 2267 2268 2269 2270 2271 2272 2273 2274 2275 2276 2277 2278 2279 2280 2281 2282 2283 2284 2285 2286 2287 2288 2289 2290 2291 2292 2293 2294 2295 2296 2297 2298 2299 2300 2301 2302 2303 2304 2305 2306 2307 2308 2309 2310 2311 2312 2313 2314 2315 2316 2317 2318 2319 2320 2321 2322 2323 2324 2325 2326 2327 2328 2329 2330 2331 2332 2333 2334 2335 2336 2337 2338 2339 2340 2341 2342 2343 2344 2345 2346 2347 2348 2349 2350 2351 2352 2353 2354 2355 2356 2357 2358 2359 2360 2361 2362 2363 2364 2365 2366 2367 2368 2369 2370 2371 2372 2373 2374 2375 2376 2377 2378 2379 2380 2381 2382 2383 2384 2385 2386 2387 2388 2389 2390 2391 2392 2393 2394 2395 2396 2397 2398 2399 2400 2401 2402 2403 2404 2405 2406 2407 2408 2409 2410 2411 2412 2413 2414 2415 2416 2417 2418 2419 2420 2421 2422 2423 2424 2425 2426 2427 2428 2429 2430 2431 2432 2433 2434 2435 2436 2437 2438 2439 2440 2441 2442 2443 2444 2445 2446 2447 2448 2449 2450 2451 2452 2453 2454 2455 2456 2457 2458 2459 2460 2461 2462 2463 2464 2465 2466 2467 2468 2469 2470 2471 2472 2473 2474 2475 2476 2477 2478 2479 2480 2481 2482 2483 2484 2485 2486 2487 2488 2489 2490 2491 2492 2493 2494 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000 3001 3002 3003 3004 3005 3006 3007 3008 3009 3010 3011 3012 3013 3014 3015 3016 3017 3018 3019 3020 3021 3022 3023 3024 3025 3026 3027 3028 3029 3030 3031 3032 3033 3034 3035 3036 3037 3038 3039 3040 3041 3042 3043 3044 3045 3046 3047 3048 3049 3050 3051 3052 3053 3054 3055 3056 3057 3058 3059 3060 3061 3062 3063 3064 3065 3066 3067 3068 3069 3070 3071 3072 3073 3074 3075 3076 3077 3078 3079 3080 3081 3082 3083 3084 3085 3086 3087 3088 3089 3090 3091 3092 3093 3094 3095 3096 3097 3098 3099 3100 3101 3102 3103 3104 3105 3106 3107 3108 3109 3110 3111 3112 3113 3114 3115 3116 3117 3118 3119 3120 3121 3122 3123 3124 3125 3126 3127 3128 3129 3130 3131 3132 3133 3134 3135 3136 3137 3138 3139 3140 3141 3142 3143 3144 3145 3146 3147 3148 3149 3150 3151 3152 3153 3154 3155 3156 3157 3158 3159 3160 3161 3162 3163 3164 3165 3166 3167 3168 3169 3170 3171 3172 3173 3174 3175 3176 3177 3178 3179 3180 3181 3182 3183 3184 3185 3186 3187 3188 3189 3190 3191 3192 3193 3194 3195 3196 3197 3198 3199 3200 3201 3202 3203 3204 3205 3206 3207 3208 3209 3210 3211 3212 3213 3214 3215 3216 3217 3218 3219 3220 3221 3222 3223 3224 3225 3226 3227 3228 3229 3230 3231 3232 3233 3234 3235 3236 3237 3238 3239 3240 3241 3242 3243 3244 3245 3246 3247 3248 3249 3250 3251 3252 3253 3254 3255 3256 3257 3258 3259 3260 3261 3262 3263 3264 3265 3266 3267 3268 3269 3270 3271 3272 3273 3274 3275 3276 3277 3278 3279 3280 3281 3282 3283 3284 3285 3286 3287 3288 3289 3290 3291 3292 3293 3294 3295 3296 3297 3298 3299 3300 3301 3302 3303 3304 3305 3306 3307 3308 3309 3310 3311 3312 3313 3314 3315 3316 3317 3318 3319 3320 3321 3322 3323 3324 3325 3326 3327 3328 3329 3330 3331 3332 3333 3334 3335 3336 3337 3338 3339 3340 3341 3342 3343 3344 3345 3346 3347 3348 3349 3350 3351 3352 3353 3354 3355 3356 3357 3358 3359 3360 3361 3362 3363 3364 3365 3366 3367 3368 3369 3370 3371 3372 3373 3374 3375 3376 3377 3378 3379 3380 3381 3382 3383 3384 3385 3386 3387 3388 3389 3390 3391 3392 3393 3394 3395 3396 3397 3398 3399 3400 3401 3402 3403 3404 3405 3406 3407 3408 3409 3410 3411 3412 3413 3414 3415 3416 3417 3418 3419 3420 3421 3422 3423 3424 3425 3426 3427 3428 3429 3430 3431 3432 3433 3434 3435 3436 3437 3438 3439 3440 3441 3442 3443 3444 3445 3446 3447 3448 3449 3450 3451 3452 3453 3454 3455 3456 3457 3458 3459 3460 3461 3462 3463 3464 3465 3466 3467 3468 3469 3470 3471 3472 3473 3474 3475 3476 3477 3478 3479 3480 3481 3482 3483 3484 3485 3486 3487 3488 3489 3490 3491 3492 3493 3494 3495 3496 3497 3498 3499 3500 3501 3502 3503 3504 3505 3506 3507 3508 3509 3510 3511 3512 3513 3514 3515 3516 3517 3518 3519 3520 3521 3522 3523 3524 3525 3526 3527 3528 3529 3530 3531 3532 3533 3534 3535 3536 3537 3538 3539 3540 3541 3542 3543 3544 3545 3546 3547 3548 3549 3550 3551 3552 3553 3554 3555 3556 3557 3558 3559 3560 3561 3562 3563 3564 3565 3566 3567 3568 3569 3570 3571 3572 3573 3574 3575 3576 3577 3578 3579 3580 3581 3582 3583 3584 3585 3586 3587 3588 3589 3590 3591 3592 3593 3594 3595 3596 3597 3598 3599 3600 3601 3602 3603 3604 3605 3606 3607 3608 3609 3610 3611 3612 3613 3614 3615 3616 3617 3618 3619 3620 3621 3622 3623 3624 3625 3626 3627 3628 3629 3630 3631 3632 3633 3634 3635 3636 3637 3638 3639 3640 3641 3642 3643 3644 3645 3646 3647 3648 3649 3650 3651 3652 3653 3654 3655 3656 3657 3658 3659 3660 3661 3662 3663 3664 3665 3666 3667 3668 3669 3670 3671 3672 3673 3674 3675 3676 3677 3678 3679 3680 3681 3682 3683 3684 3685 3686 3687 3688 3689 3690 3691 3692 3693 3694 3695 3696 3697 3698 3699 3700 3701 3702 3703 3704 3705 3706 3707 3708 3709 3710 3711 3712 3713 3714 3715 3716 3717 3718 3719 3720 3721 3722 3723 3724 3725 3726 3727 3728 3729 3730 3731 3732 3733 3734 3735 3736 3737 3738 3739 3740 3741 3742 3743 3744 3745 3746 3747 3748 3749 3750 3751 3752 3753 3754 3755 3756 3757 3758 3759 3760 3761 3762 3763 3764 3765 3766 3767 3768 3769 3770 3771 3772 3773 3774 3775 3776 3777 3778 3779 3780 3781 3782 3783 3784 3785 3786 3787 3788 3789 3790 3791 3792 3793 3794 3795 3796 3797 3798 3799 3800 3801 3802 3803 3804 3805 3806 3807 3808 3809 3810 3811 3812 3813 3814 3815 3816 3817 3818 3819 3820 3821 3822 3823 3824 3825 3826 3827 3828 3829 3830 3831 3832 3833 3834 3835 3836 3837 3838 3839 3840 3841 3842 3843 3844 3845 3846 3847 3848 3849 3850 3851 3852 3853 3854 3855 3856 3857 3858 3859 3860 3861 3862 3863 3864 3865 3866 3867 3868 3869 3870 3871 3872 3873 3874 3875 3876 3877 3878 3879 3880 3881 3882 3883 3884 3885 3886 3887 3888 3889 3890 3891 3892 3893 3894 3895 3896 3897 3898 3899 3900 3901 3902 3903 3904 3905 3906 3907 3908 3909 3910 3911 3912 3913 3914 3915 3916 3917 3918 3919 3920 3921 3922 3923 3924 3925 3926 3927 3928 3929 3930 3931 3932 3933 3934 3935 3936 3937 3938 3939 3940 3941 3942 3943 3944 3945 3946 3947 3948 3949 3950 3951 3952 3953 3954 3955 3956 3957 3958 3959 3960 3961 3962 3963 3964 3965 3966 3967 3968 3969 3970 3971 3972 3973 3974 3975 3976 3977 3978 3979 3980 3981 3982 3983 3984 3985 3986 3987 3988 3989 3990 3991 3992 3993 3994 3995 3996 3997 3998 3999 4000 4001 4002 4003 4004 4005 4006 4007 4008 4009 4010 4011 4012 4013 4014 4015 4016 4017 4018 4019 4020 4021 4022 4023 4024 4025 4026 4027 4028 4029 4030 4031 4032 4033 4034 4035 4036 4037 4038 4039 4040 4041 4042 4043 4044 4045 4046 4047 4048 4049 4050 4051 4052 4053 4054 4055 4056 4057 4058 4059 4060 4061 4062 4063 4064 4065 4066 4067 4068 4069 4070 4071 4072 4073 4074 4075 4076 4077 4078 4079 4080 4081 4082 4083 4084 4085 4086 4087 4088 4089 4090 4091 4092 4093 4094 4095 4096 4097 4098 4099 4100 4101 4102 4103 4104 4105 4106 4107 4108 4109 4110 4111 4112

quadro, vemos o «Deus da segunda oportunidade». Todos nós precisamos dessa segunda chance. Mas ela existe a fim de que, por meio de seu uso,

cheguemos ao verdadeiro arrependimento e à nova vida, espiritualmente falando.

10 καὶ ὁ διάβολος ὁ πλανῶν αὐτοὺς ἐβλήθη εἰς τὴν λίμνην τοῦ πυρὸς καὶ θείου, ὅπου καὶ τὸ θηρίον καὶ ὁ ψευδοπροφήτης, καὶ βασανισθήσονται ἡμέρας καὶ νυκτὸς εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

10 ὁ διάβολος...θείου Is 30:33; Re 19:20; 20:15 πυρὸς καὶ θείου Gn 19:24; Ps 11:6; Eze 38:22; 2 Macc 2:6; Re 19:20; 21:9

20:10: o o Diabo, que os enganava, foi lançado no lago do fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados pelos séculos dos séculos.

Quase todos os elementos deste versículo têm sido visto e comentados algures, pelo que aqui damos essencialmente apenas referências cruzadas. O leitor que empregar tempo a consultá-las, obterá o entendimento necessário sobre o que está aqui contido:

1. O diabo, um título de Satanás. (Ver Apo. 12:9, que dá outras referências onde esse tema é desenvolvido. Ver as notas expositivas completas sobre «Satanás», em Luc. 10:18 e João 8:44).

2. Satanás, o sedutor. (Isso é visto e comentado no versículo anterior).

3. Lago do fogo. (Isso já foi visto e comentado em Apo. 19:20). Os primeiros habitantes dali serão o anticristo e o falso profeta. Satanás escapará dali por algum tempo, porquanto será preso no abismo ou hades (ver Apo. 20:1-3). Mas essa será uma ação intermediária. Agora, entretanto, ele sofrerá sua derrota final e irá para seu destino. (Ver o décimo quarto versículo deste capítulo, que identifica o «lago do fogo» com a «segunda morte»).

4. Ali estarão a besta e o falso profeta, tendo sido arrojados naquele lugar antes do milênio (ver Apo. 19:20).

XII. *Sete Visões de como Satanás é Derrubado e seu Governo Termina* (19:11-21:8).

6. Desaparecimento dos céus e da terra: o juízo final (20:11-15).

Na cena à nossa frente, pode-se ver a onipotência de Deus. Esta surge aliada com a justiça. E a justiça, finalmente, será feita. Mas a justiça não poderá ser realizada sem haver vingança contra o pecado. Cada indivíduo terá de pagar sua dívida, e isso totalmente. O egoísmo humano terá de findar, e o homem terá de sujeitar-se a Cristo como Senhor (ver Fil. 29 e ss.). A secção à nossa frente nos dá a certeza, nos termos mais simples, mais vívidos, de que o salário do pecado é a morte (ver Rom. 6:23); que o homem terá de colher o que houver semeado (ver Gál. 6:7,8); que não há como escapar das consequências do pecado; que a vida é intensa e que há muita coisa em jogo.

De modo geral, os eventos do Apocalipse seguem a ordem de acontecimentos dos apocalipses judaicos. (Ver Apocalipse de Baruque 29-30; IV Esdras 7:29,30). O Messias retornará; o juízo será instaurado; prevalecerá a era áurea; os homens se revoltarão de novo; o juízo final dá a solução para tudo. Sim, o juízo final desimpedirá o caminho para o estado eterno. (Ver também *Oráculos Sibilinos* 3:663 e ss.). A antiga cidade de Jerusalém, entretanto, será exaltada durante a idade áurea, mas mesmo assim não poderá usurpar a posição da Nova Jerusalém do estado eterno. Antes do aparecimento da Nova Jerusalém, todavia, novos céus e uma nova terra virão à existência, trazendo, para todos os seres, a imensidade da eternidade. E isso será inaugurado pelo julgamento. A secção à nossa frente descreve de modo bem abreviado, mas em tons dignos e solenes, evitando os excessos dos apocalipses judaicos, aqueles prodigiosos acontecimentos.

Quais são os três grandes obstáculos ao bem-eterno? São o anticristo e o falso profeta, que procurarão estorvar ao plano de Deus (esses serão lançados no lago do fogo, ver Apo. 19:20); Satanás, o enganador universal, cujas atividades se prolongarão por mais algum tempo, até sofrer a mesma sorte daqueles dois primeiros; ver Apo. 20:10; e os homens ímpios, que se recusarem a arrepender-se, repelindo a espiritualidade que a humanidade está destinada a ter, sofrendo, finalmente, a mesma sorte dos três anteriores (ver Apo. 20:15). Oh! a terrível realidade do juízo!

Deus será exaltado, e os ímpios serão subjugados. «Sabe-se que um grande egoísta do século XIX teria dito: 'Não creio em Deus. Pois, se houvesse Deus, eu teria de ser Deus'. Aí se tem uma expressão bem clara daquele egoísmo presunçoso que é incapaz de olhar para cima. É incapaz de reconhecer qualquer autoridade acima de si mesma. Nunca vê, em sua imaginação, um 'grande trono branco'. Perdeu todo o senso de reverência; perdeu o senso de respeito religioso; tornou-se incapaz de toda a nobre obediência. O homem que, em seus pensamentos, não tem lugar para o trono exaltado já começou e perder o senso do significado da existência. E um dia terá de defrontar-se com o trono, embora agora este seja completamente varrido dos seus pensamentos». (Hough, *in loc.*).

11 Καὶ εἶδον θρόνον μέγαν λευκὸν καὶ τὸν καθήμενον ἐπ' αὐτόν, οὗ ἀπὸ τοῦ προσώπου ἔφυγεν ἡ γῆ καὶ ὁ οὐρανός, καὶ τόπος οὐχ εὐρέθη αὐτοῖς.

11-12 Dn 7:9-10, Mt 26:31-40

11 ἔφυγεν...γῆ Ps 114:3, 7

20:11: É vi o grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiram a terra e o céu; e não foi achado lugar para eles.

«... Vi...» Em visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10, sobre os «tipos de misticismo e visões»).

«...grande trono branco...» (Quanto ao simbolismo do «trono», ver Apo. 4:2). Supomos que o trono de Deus nos céus está aqui em pauta, embora o mesmo seja agora visto de modo diferente. Não antecipamos, naturalmente, qualquer trono literal. O vidente João tomara por empréstimo a cena de um tribunal, para ensinar uma grande verdade espiritual no tocante ao juízo. O Rei de todos é agora o Juiz de todos. Supomos que isso será mediado por meio de Cristo (ver Atos 17:31). Observemos que ele compartilha do trono de Deus Pai (ver Apo. 3:21). (Comparar isso com Luc. 1:32,33; Mat. 19:28; Atos 2:30,34,35; 15:14-16). Deus está sentado, e os culpados, os acusados, acham-se de pé ou assentados diante dele.

O trono aparece isolado. Essa cena celestial não menciona qualquer hoste de anjos ou de quaisquer outros seres celestiais. Todos os olhos se fixarão diretamente sobre o trono. «... vasto e rebrilhantemente branco—ocupa todo o campo da visão. Os próprios céus e a terra não mais podem ser vistos, ou porque deixaram realmente de existir, em antecipação à nova criação, ou porque, por causa da visão do grande Trono Branco, não chegam ao campo de nossa visão».

O trono é grande. É de vastíssimas dimensões, enchendo o campo inteiro de nossa visão; expulsa da vista todos os outros elementos. Ameaça; deixa a mente atônita. Trata-se de um infinito julgamento, diante do qual está o

que é finito.

O trono é branco. Resplandece de pureza e de santidade divina, o que exige justiça, castigo, julgamento, purificação e retribuição. O trono de Deus é visto nesse novo aspecto, algo inteiramente diverso de tudo quanto antes fora dito, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. (Ver o primeiro capítulo do Êxodo; I Reis 22:19; Êxo. 24:9-11; Dan. 7 e Apo. 4).

O juízo será inflexível em sua justiça. O que temos agora à frente não é todo um processo de julgamento, mas a declaração da sentença divina contra aqueles que já foram declarados culpados. O grau da punição de cada um, entretanto, será determinado pelas suas obras (ver o décimo terceiro versículo).

«...fugiram a terra e o céu...» Provavelmente isso deve ser entendido literalmente como o fim da antiga criação, conforme se vê em Apo. 21:1 e II Ped. 3:12, 13, onde o leitor deve consultar as notas expositivas. Não se pode pensar em mera «renovação por meio do fogo». Antes, o que é antigo desaparecerá de vez, e uma criação inteiramente nova virá à existência.

«...e não se achou lugar para eles...» Em outras palavras, nenhum espaço será achado para a antiga criação, nem mesmo os antigos lugares celestiais. A nova criação será exatamente isso, algo total e radicalmente novo. E isso será precedido pelo colapso da criação antiga, incluindo o julgamento final. O vidente João não se preocupou com argumentos razoáveis, que expõem a dificuldade do trono existir em um vácuo, não havendo mais nem céus e nem terra, ou onde se assentariam os que estiverem sendo julgados, porque parece que isso seria em um tribunal celeste. Tudo isso, porém, está fora de lugar, pois João alude à renovação de tudo nos termos mais absolutos.

5. Eles serão atormentados de dia e de noite, para sempre. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito, em Apo. 14:11. Ver as «fórmulas da eternidade», dentro do idioma grego, em Efé. 3:21).

Outras idéias sobre o décimo versículo:

1. Quanto à expressão «de dia e de noite», para indicar algo contínuo, ver Apo. 4:8; 7:16; 12:10; 14:11. Quanto à fórmula frequentemente usada, «para todo o sempre», ver Apo. 1:6,18; 4:9,10; 5:13; 7:12; 10:6 e 11:16).

2. A queda de Satanás será gradual. Ele será expulso dos céus (ver Apo. 12:9 e ss.); será aprisionado (ver Apo. 20:2 e ss.) e então será completamente derrotado (texto presente). O bem triunfará, finalmente, sobre o mal—essa é a promessa profética—pois quando Satanás tiver sido totalmente derrotado, o pecado será eliminado da criação inteira, e assim terá início a era eterna, de pureza e imensa bondade e bem-estar.

3. A queda final de Satanás alude, profeticamente, à queda de todos os ímpios, conforme se vê na secção seguinte. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que o estado eterno não será apenas de vingança, mas terá de haver vingança como operação disciplinadora e como uma espécie de restauração, embora os homens não venham, por esse motivo, a participar da vida dos eleitos. Porquanto não poderão ser transformados segundo a imagem de Cristo, sofrerão uma perda de dimensões infinitas, sem importar o grau de utilidade que venham a ter, quando Cristo tornar-se o centro de suas existências (ver Efé. 1:10, que aplica essa idéia em relação a todas as coisas).



Havia uma crença talmúdica de que o trono de Deus existia antes mesmo dos céus e da terra (ver *Gen. Rabbah* 1:4). Portanto, não há dificuldade alguma para João asseverar que essa existência primordial voltará à cena por algum tempo, sem haver qualquer outra coisa, até que a justiça divina fique satisfeita. Além disso, como é claro, temos aqui meros símbolos. Deus é primário em toda a existência, pois somente ele não pode deixar de existir. Ele é um poder sempre justo e absoluto, pelo que seu «trono» existe juntamente com ele desde a eternidade. Uma vez mais, isso tornar-se-á uma realidade, e o mundo inteiro da existência tornar-se-á um vácuo, excetuando Deus e o seu poder, seu juízo e sua incansável correção de todo o erro cometido na criação.

*Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:*

1. O Filho se assentará juntamente com o Pai, em seu trono, para julgar. Mas o Pai é quem figura majestaticamente em todas as seguintes referências:

12 καὶ εἶδον τοὺς νεκρούς, τοὺς μεγάλους καὶ τοὺς μικρούς, ἐστῶτας ἐνώπιον τοῦ θρόνου, καὶ βιβλία ἠνοιχθησαν· καὶ ἄλλο βιβλίον ἠνοιχθη, ὃ ἐστὶν τῆς ζωῆς· καὶ ἐκρίθησαν οἱ νεκροὶ ἐκ τῶν γεγραμμένων ἐν τοῖς βιβλίοις κατὰ τὰ ἔργα αὐτῶν.

12 Ἄλλο... βιβλίον Ex 23:32, 33; Ps 69:26; Dn 12:1; Phb 4:3; Ro 3:5; 13:8; 17:9; 20:15; 21:27 12-13 κατὰ τὰ ἔργα... αὐτῶν Ps 28:4; 62:12; Pr 24:12; Is 59:18; Jr 17:10;

No 2:6; 1 Cor 3:8; 2 Cor 11:18; 2 Tm 4:14; 1 Pe 1:12; Rm 2:23; 18:6; 23:12

20:12: E vi os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono; e abriram-se uns livros; e abriu-se outro livro que é da vida; e os mortos foram julgados pelos livros que estavam escritos nos livros, segundo os seus obras.

...Vi... Em visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10, quanto aos «tipos de misticismo e visões».)

...os mortos, os grandes e os pequenos... Trata-se de uma simples descrição, que indica universalidade. Todos os homens, sem importar o que forem, sem importar onde tenham vivido, acham-se entre os «grandes» ou entre os «pequenos», conforme os homens pensam sobre essas coisas, sobre a importância ou a insignificância. O autor sagrado empregou diversas expressões para indicar a idéia de «universalidade». (Ver a divisão dos homens em «línguas, povos, tribos e nações», etc., em Apo. 7:9; 10:11; 11:9; 13:7; 16:10; 17:15). Assim também os crentes são intitulados «servos», «proletas», «santos» (em Apo. 11:18), ou «todo o conjunto» deles, mediante diversas expressões e termos. Os súditos do anticristo também são chamados de «pequenos e grandes» (tal como aqui), «ricos e pobres», «escravos e livres» (ver Apo. 13:16). Também é usada a expressão «pequenos e grandes» em Apo. 19:5,18.

...em pé... Essa é a posição normal dos réus, diante do juiz. Fica subentendida a segunda ressurreição, dos «restantes dos mortos», isto é, dos incrédulos, pois isso não é declarado. (Ver Apo. 20:5, quanto a notas expositivas sobre as «duas ressurreições»). O judaísmo rabínico supunha que a ressurreição era do corpo físico (ver *Berokuth* 60b, *Sanhedrin* 91a), e essa opinião era compartilhada por vários sistemas do paganismo, como o zoroastrismo (ver *Bundahish* 30:7). Mas o pensamento de que a ressurreição envolvia corpos materiais crassos deu origem à espiritualização do conceito, conforme se vê em 1 Cor. 15:50. (Ver I Enoque 62:15,16; II Esdas 7:32. Quanto ao «corpo ressurreto», ver I Cor. 15:20,35,40). O judaísmo fazia essa questão ser bastante crua. Por exemplo, imaginavam que os corpos seriam enviados por meio de túneis, desde seus sepulcros em Jerusalém até ao lugar apropriado dos ressurreitos, ou então um anjo era enviado aos túmulos, tirando dali os cadáveres. (Ver Apocalipse de Elias e Apocalipse de Pedro 4).

...se abriram livros... Isto é, os livros que contêm os registros dos feitos de todos os homens, em contraste com o livro da vida, que existe apenas para registrar os homens eleitos. Este último determina se alguém é salvo ou perdido; e o primeiro, a extensão do juízo, sua intensidade e sua natureza em geral. (Ver Dan. 7:10, que provavelmente é sua base literária). Essa passagem, a começar pelo nono versículo, provavelmente foi usada pelo autor do Apocalipse nesta seção. Não se deve pensar que esses livros são literais, de papel e tinta. São símbolos espirituais que nos informam que nada escapa ao conhecimento de Deus, porquanto ele sabe de tudo, e que sua justiça será absoluta. Os judeus tinham a crença realista e válida de que a retribuição moral será uma certeza absoluta; e para garantir que isso seria assim, imaginavam livros onde eram guardados registros sobre todos, de tal modo que nada seria olvidado no juízo, quer dos justos, quer dos injustos. (Ver Jubileus 30; Enoque 89-90, quanto ao simbolismo dos «livros»). O trecho de Enoque 47:3, diz: «E naqueles dias vi o Cabeça de dias, quando ele se assentou sobre o trono de sua glória, e os livros dos vivos foram abertos diante de si»). Os seguintes livros contêm os feitos corretos dos justos, de acordo com a tradição judaica: Enoque 51:1; Mal. 3:16; Jubileus 30; Sal. 66:8. Mas também ali estão registrados os atos maus dos justos, como também os atos bons e maus dos injustos. Em outras palavras, os registros são «completos», e um homem é julgado de acordo com a totalidade desses registros. A tradição judaica às vezes tinha Rafael como aquele que mantém os registros, e há outros elementos crus que são adicionados a esses livros tradicionais, do que João nos poupa ouvir.

...outro livro, o livro da vida... (Ver sobre esse livro em Apo. 3:5; 13:8 e 17:8). «Trata-se do rolo dos cidadãos vivos de Jerusalém». (Swete, *in loc.*). A igreja dos primogênitos está ali arrolada, nesse registro celestial (ver Heb. 12:23): «Foi escrito por Ti/O meu nome no céu; Sim, no livro da vida/Foi escrito por Ti»; são as palavras de um hino do Cantor Cristão (485), que celebra esse fato. Não existe questão mais importante do que essa.

13 καὶ ἔδωκεν ἡ θάλασσα τοὺς νεκρούς τοὺς ἐν αὐτῇ, καὶ ὁ θάνατος καὶ ὁ ᾄης ἔδωκαν τοὺς νεκρούς τοὺς ἐν αὐτοῖς, καὶ ἐκρίθησαν ἕκαστος κατὰ τὰ ἔργα αὐτῶν.

Apo. 4:2,9; 5:1,7,13; 16:16; 7:10,15; 19:4; 21:5. (Ver também Heb. 1:3; Atos 17:31; II Cor. 5:10; II Tm. 4:1, onde o juízo do Pai é visto mediado pelo Filho).

2. João nos poupa aqui do detalhe da inutilidade das intercessões, neste ponto, conforme se vê em Esdas 7:33: «E o Altíssimo se revelará sobre o trono de juízo, a compaixão desaparecerá e a longanimidade será retirada». João também nos poupa de crassas descrições dos apocalípticos judeus como a colocação do trono perto da Jerusalém terrena, além de outros simbolismos sem sentido.

3. Alguns apocalípticos judeus reservam o juízo final exclusivamente para Deus, sem a participação do Messias. (Ver IV Esdas 6:1-10; 7:33 e ss.). Mas há outros escritos apocalípticos judeus que incluem o Messias nesse julgamento. (Ver Enoque 45:3; 69:27; Apocalipse de Baruque 72:2-6).

4. ...Vi... aquele que nele se assenta... Isso aponta para Deus Pai, ainda que esse portador não seja claramente declarado. (Ver o mesmo uso em Apo. 4:2,9 e 5:1,7). Alguns intérpretes têm visto nisso um significado todo especial, conforme se menciona alguns, em outras notas expositivas.

Naturalmente, o crente é julgado segundo as suas obras também (ver II Cor. 5:10); mas o juízo da presente passagem não é «geral», conforme alguns têm entendido. Diz respeito somente aos perdidos, conforme o contexto inteiro no-lo mostra. Faz parte do quadro de como Satanás é derrubado, juntamente com todas as suas más obras. No entanto, na opinião de alguns, o décimo quinto versículo parece indicar que «todos» os homens estão sendo julgados, porque, presumivelmente, alguns nomes são encontrados escritos no livro, pelo que essas almas escapam ao juízo proferido. Certamente a tradição judaica falava em um só grande julgamento. Nesse caso, basta-nos supor que o trecho de II Cor. 5:10 também está envolvido nisso tudo. Seja como for, estão centralmente localizados os ímpios, os perdidos.

O conceito dos «livros» foi discutido em Apo. 3:5 e 13:8, mas algumas poucas observações adicionais cabem aqui. Alguns livros contêm somente os feitos dos ímpios, outros contêm os feitos dos justos, e ainda outros (como em Daniel) estão inscritas as ações de ambas essas classes. No Apocalipse parece haver a distinção de um livro da vida, registrando os justos, que não adoraram a besta (ver Apo. 13:8), e outros livros, registrando aos ímpios e idólatras. Todos serão julgados de acordo com suas obras, enquanto estiveram sobre a terra (comparar com Apo. 14:13), mas o critério principal, se não mesmo o determinante, será, naturalmente, se participaram ou não do culto oficial. (Rist, *in loc.*, aludindo ao «culto ao imperador», a adoração ao imperador).

...segundo as suas obras... Isso é dito novamente no versículo seguinte, para efeito de ênfase. Isso também é declarado em Rom. 2:6, onde aparece a nota expositiva expandida sobre esse tema. (Ver II Cor. 5:10 acerca do fato que o crente também será julgado segundo as suas obras. Isso pode ser comparado ao conceito da lei da colheita segundo a sementeira, em Gál. 6:7,8).

*Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:*

1. Não haverá margem para erro, para indecisão, equívoco ou modificação. O que tivermos feito aparecerá novamente naquela dia, e haverá uma única interpretação possível. Não haverá argumentos «pró-e-contra». A justiça absoluta de Deus prevalecerá, o que é um pensamento solene, posto que consolador; pois, sem isso, haveria um caos eterno no mundo. Deus porá ponto final ao caos, quando terminar a ambigüidade e a indecisão a respeito do juízo final e seus resultados.

2. «Então os homens julgados, não de acordo com sua posição, sucesso ou empreendimentos, e, sim, segundo suas obras, conforme é dito aqui por duas vezes, e de conformidade se inclinarão ou não para com Deus. As obras e a vida para com Deus devem ser combinadas. Uma pessoa pode ter, com base em suas atividades na obra cristã, o nome de que vive, mas pode estar morta; o livro da vida e o livro das obras se combinarão para assinalar os reais servos de Cristo. Se alguém tiver trabalhado mais abundantemente do que todos, Cristo é quem terá operado por meio dele, já que sua vida foi a vida de fé no Filho de Deus. (Comparar com Gál. 2:20; I Cor. 15:10 e Tia. 2:14-16)» (Carpenter, *in loc.*).

3. O fato que os homens serão julgados segundo suas obras não faz contradição com o princípio neotestamentário da salvação pela fé. Pois a fé é a fonte das obras retas; de outro modo, as obras nada valem, exceto que serão levadas em consideração no tocante à extensão do juízo, ou no tocante à sua natureza em geral. Espiritualmente falando, obras e fé são sinônimos, porquanto as verdadeiras obras são feitas pelo Espírito Santo em nós, e não coisas feitas mediante o poder e o mérito humano. (Ver Fil. 2:12,13 quanto a esse conceito, juntamente com Efé. 2:8-10).

4. Este versículo ensina que haverá graus de punição. (Comparar com Mat. 11:21-24). Creemos que nos lugares dos perdidos, não haverá estagnação. Em outras palavras, quando alguém houver pago suas dividas, sua condição é melhorada. O alvo é que ate mesmo as almas perdidas possam reduzir em glória para Cristo, encontrando nele o centro de toda a sua vida e existência. Certamente isso fica implícito em I Ped. 4:6 e no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, apesar que aos perdidos não é prometida a participação na vida dos eleitos. Aqueles estão perdidos, e a sua perda será infinita, porquanto não participam da vida e da imagem de Cristo (ver II Cor. 3:18) que é o alvo infinito da existência humana. Estar «perdido» é muito mais do que o sofrimento eterno, embora isso também seja um fator importante.

Variante Textual: As palavras «...diante de Deus...» aparecem no Códex I e em manuscritos posteriores; mas «diante do trono» é a forma exata, que aparece nos mas Aleph, AP, 046, 051, além da maioria das versões.

20:13: O mar entregou as mortes que nele havia; e a morte e a hades entregaram as mortes que neles havia; e foram julgados, cada um segundo as suas obras.

...mar... Não se deve pensar aqui nos oceanos ou nas nações (conforme a definição de Apo. 13:1 e 17:15). Bons intérpretes se postam de ambos os lados da questão: na realidade, não importa o significado desse mar. Pois tudo quanto o vidente João procurava fazer aqui era descrever a universalidade da reunião dos mortos. Não importa como ou quando ou onde alguém morreu. Isso será achado no julgamento do grande Trono Branco. O mar literal, entretanto, tem servido de sepulcro para muitos marinheiros e outros. No entanto, devolverá a todos eles, não ficando ali oculto qualquer indivíduo. As nações perturbadas e pecaminosas têm produzido um número imenso de mortos, mas nenhum deles será olvidado. Todos serão conduzidos à presença de Deus. (Ver as notas expositivas, no versículo anterior, sobre os «pequenos e grandes», acerca de vários modos pelos quais o autor sagrado exprime a idéia de universalidade, no que tange aos homens). Assim também Pirke Aboth iv.32 declara: «Não permitas que tua imaginação te assegure que o sepulcro é um asilo. Nada existe de final na morte física, nem no que diz respeito à existência e nem no que tange ao julgamento».

...mortos... Alguns pensam aqui em «todos os mortos», justos e injustos; mas outros limitam isso aos ímpios, entendendo que o julgamento dos justos (ver II Cor. 5:10) será um acontecimento separado.

...morte... A morte é aqui personificada como um grande carcereiro. Sua prisão não é inviolável. De fato, ela entregará as almas para o julgamento. A morte não é o fim, nem do bem e nem do mal. A morte biológica não determina o destino da alma, e nem pode prejudicá-la. A alma ainda terá de prestar contas daquilo que houver feito por meio do corpo. Alguns homens morrem felizes, pensando que não sobreviverão a ela. Imaginem que a morte os protegerá do juízo. Mas também é possível que a palavra «morte», neste ponto, signifique «morte espiritual», no mundo intermediário, antes de serem traçados os limites finais, o que sucederá por ocasião da volta de Cristo (ver as notas expositivas em I Ped. 4:6). Porém, nem mesmo o estado dos perdidos, no mundo intermediário, poderá esconder uma única alma. Todos serão devolvidos, para se apresentarem em juízo, conforme fica claro no décimo quarto versículo deste capítulo.

...o além... Essa palavra é uma interpretação dos tradutores ou revisores. O grego diz «hades». O hades é o mundo dos espíritos

14 καὶ ὁ θάνατος καὶ ὁ ᾗδης ἐβλήθησαν εἰς τὴν λίμνην τοῦ πυρός. οὗτος ὁ θάνατος ὁ δεύτερός ἐστιν, ἡ λίμνη τοῦ πυρός.

14 οὗτος . . . πυρός (2º)] om 051 r. 2039s ai bo (om

20:14: A morte e a hades foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo.

...morte... Comentada no versículo anterior.

...hades... Comentada no versículo anterior.

...lançados para dentro do lago do fogo... Isso quer dizer que o hades e a morte serão consumidos, mas não aqueles que tinham estado neles. O intuito específico desta secção é mostrar que os mortos ímpios serão finalmente julgados, e que o juízo será a «segunda morte». O que é «intermediário» agora cederá lugar ao que é «eterno», até onde isso envolve os perdidos. Não haverá mais morte e nem «hades» intermediário, conforme eram conhecidos até ali.

Naturalmente, é provável que este versículo também vise ensinar aquilo que se vê em Isa. 25:8 e I Cor. 15:26, «o último inimigo é a morte». Esta seria agora aniquilada. Para os crentes, isso é grande vitória, conforme a expressão de I Cor. 15:55: «Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?» Sim, a morte será tragada pela vitória. Os capítulos vinte e um e vinte e dois do Apocalipse mostram exatamente o que isso significa para o crente. Por igual modo, II Esdras 8:53 diz como a morte «...se escondeu, e a corrupção e o hades fugiram».

...lançados... Não podemos deixar de sentir a dor envolvida na escolha desse vocabulário. Eles não irão para ali voluntariamente. Serão ali arrojados.

...lago do fogo... (Ver as notas expositivas completas a esse respeito, em Apo. 19:20). O círculo temível do juízo agora está completo. O anticristo e seu falso profeta já haviam sido lançados no lago do fogo (ver a referência que acabamos de dar). Então Satanás sofreu essa sorte (ver Apo. 20:10). E agora chegara a vez dos perdidos.

...a segunda morte... Somente neste livro temos a expressão «segunda morte». Supomos que o vidente João indica aqui a «ira de Deus», o «julgamento dos incrédulos». (Ver as notas expositivas sobre essa «ira», um termo técnico para o «juízo», e não mera emoção, em Col. 3:6. Ver também Apo. 14:11 quanto ao «julgamento»). A «segunda morte», é a cólera de Deus exercida no «juízo final», o que é aqui definido mais especificamente como ser lançado no «lago do fogo». Isso, naturalmente, simboliza o fato de não se ter atingido a verdadeira vida em Cristo, a participação em sua vida divina, o tipo de vida que Deus possui (ver João 5:25,26 e 6:57). Trata-se de uma perda irreparável e infinita para o homem, cujo destino é ser um filho de Deus, participando de sua plenitude (ver Efé. 3:19) e de sua própria natureza (ver II Ped. 1:4). Os perdidos perderão tudo isso. Um indivíduo que não atinge essa «modalidade de vida», conforme é descrito aqui, está

desencarnados, e é um mundo intermediário. Esse também entregará todos os seus habitantes para o juízo. A morte e o hades são companhias constantes no Apocalipse. (Ver também Apo. 1:18; 6:8; 20:14). Em Mat. 16:18, as «portas do hades» ou «portas do inferno», apontam para o poder da morte, biológica ou espiritual. (Quanto ao «hades», no Apocalipse, onde há notas expositivas, ver Apo. 1:18 e 6:8. Ver também Atos 2:27,31; Mat. 11:23; 16:18; I Cor. 15:55 e I Ped. 3:18, acerca da descida de Cristo àquele lugar). Conforme diziam as tradições judaicas, o hades era o lugar dos mortos, embora houvesse ali dois campos separados. O N.T. reflete essa idéia. Mas, desde a ressurreição de Cristo, os crentes não vão mais para aquele lugar, ao falecerem, e, sim, diretamente, ao mundo celestial (ver Efé. 1:3). Contudo, no caso dos incrédulos, esse lugar intermediário de punição não foi eliminado. Os trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6 demonstram que Cristo levou esperança àquele lugar; e bem provavelmente essa condição aprimorada perdurará até que sejam traçadas as fronteiras eternas, quando do segundo advento de Cristo. Então o hades terá de entregar todos os espíritos ali retidos (por meio da ressurreição), a fim de que recebam suas retas sentenças.

...foram julgados... segundo as suas obras... (Ver as notas expositivas sobre isso no versículo anterior e em Rom. 2:6).

Outras idéias sobre o décimo terceiro versículo:

1. Este versículo pode ser comparado com Eslavo Enoque 86:8; Enoque 81:4. (Ver também I Cor. 15:26, onde a «morte» é personificada, sendo reputada o último inimigo a ser destruído).

2. Havia uma idéia pagã que dizia que os que morressem no mar não entrariam no hades, o qual se pensava ser no centro da terra. É possível que o autor sagrado tenha dado aqui a entender tal tradição, embora apoiar o que ela dizia. De nada valerá alguém morrer no mar; e nem as almas ficarão para sempre aprisionadas no hades; todos os lugares terão de entregar seus mortos, para serem levados a julgamento.

3. Alguns estudiosos pensam que a «morte» significa estar «sepultado na terra»; e que o «mar» indica estar «sepultado no mar». Mas ambos os lugares, que pertencem a «terra», entrarão seus mortos, por meio da ressurreição, nas mãos do Juiz sentado no grande Trono Branco. «Hades» poderia significar apenas «sepulcro», conforme algumas vezes se lê no A.T. Mas dificilmente isso tem tal significado, nas mãos de um autor sagrado do N.T., e nem está em consonância com as tradições do judaísmo helenista, desenvolvidas em torno desse lugar espiritual.

14 ὁ θάνατος... πυρός; Cur 15.26, 86

tantum η λιμνη του πυρος vg<sup>a</sup> cl sy<sup>ph</sup> c)

«morte», segundo a terminologia bíblica. Isso sucede porque a vida verdadeira não é a mera sobrevivência da alma ante a morte física, mas é uma forma de vida extremamente elevada, a participação na própria forma de vida de Cristo. Aqueles que não entrarem nos «lugares celestiais», e nem participarem das glórias e do bem-estar daqueles lugares, estão espiritualmente mortos; e a morte espiritual, uma vez que sejam traçadas as fronteiras da eternidade, é a «segunda morte». A «primeira» fora a morte física.

A expressão *segunda morte*, embora encontrada somente no Apocalipse, em todo o N.T., é de origem RABÍNICA. «Que Rúben viva nesta era e não morra a segunda morte, com a qual morrem os ímpios no mundo vindouro». (Targum sobre Deut. 33:6). O Targum sobre Jer. 61:39,57 diz: «Que eles morram a segunda morte e não vivam no mundo vindouro». Curiosamente, o trecho do Targum sobre Isa. 22:14 diz: «Esse pecado não te será perdoado, até que morras a segunda morte», subentendendo que haverá o perdão do pecado, por intermédio da segunda morte. Em Enoque 99:11 e 108:3, os espíritos dos ímpios são declarados «mortos no Seul». Isso, é claro, não é o aniquilamento, mas uma morte espiritual, a perda espiritual, a falta de participação na verdadeira vida, segundo ela é definida na Bíblia. Ela é «segunda» por ser da alma e por seguir-se à «primeira», que é a morte do corpo. Isso arruina o destino da alma quanto ao seu propósito original. A despeito do que a alma venha a receber, mediante a misericórdia e a graça divinas, e devido à lealdade post-mortem a Cristo (ver Fil. 2:9 e ss.), o que é demonstrado como algo possível em I Ped. 3:18-20 e 4:6, se a alma houver ultrapassado os limites da graça para aceitar a salvação (por ocasião da segunda vinda de Cristo—ver I Ped. 4:6), não poderá mais atingir a «verdadeira vida», pelo que será reputada «morta». Terá sofrido uma «perda infinita», porquanto o que perdeu é de dimensão infinita.

Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. «Assim como há uma vida superior, depois desta, assim também haverá uma segunda e mais profunda morte. E já que após esta vida não há mais morte (ver Apo. 21:4) assim também, após essa morte não haverá mais vida (ver Apo. 20:10 e Mat. 25:41)» (Alford, *in loc.*).

2. «A morte, como aliada do pecado, será destruída juntamente com o pecado, ao passo que o hades, o nauseabundo receptáculo das vítimas da morte (o encontro intermediário dos mortos, excetuando os martirizados; ver Apo. 6:10) naturalmente deixará de ter qualquer função. Essa era a querida esperança do cristianismo primitivo, tanto quanto do judaísmo (ver Isa. 26:8)» (Moffatt, *in loc.*).

3. «O hades não envolverá mais terrors, para os santos nos céus. Não haverá mais o temor da morte (ver Heb. 2:15), pois a morte não mais existirá (ver Apo. 21:4)» (Robertson, *in loc.*).

15 καὶ εἰ τις οὐχ εὐρέθη ἐν τῇ βίβλῳ τῆς ζωῆς γεγραμμένος ἐβλήθη εἰς τὴν λίμνην τοῦ πυρός.

15 Is 30.33; Mt 23.41; Rm 19.20; 20.10, 21.8 vñ... ζωῆς Ec 32.32, 33. Pn 69.28, Dn 12.1. Php 4.3. Ro 3.6; 13.8; 17.9; 20.12; 21.27

20:15: E todo aquele que não foi achado inscrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo.

«...alguém...» Qualquer um dentre os «mortos», referidos no décimo segundo versículo, pequenos ou grandes, todos agora reduzidos ao terror do pós-vida no lago do fogo.

«...inscrito no livro da vida...» (Ver as notas expositivas completas sobre isso, no décimo segundo versículo). A ausência do nome de alguém naquele livro indica condenação certa, a declaração da sentença. Os demais «livros» determinam a severidade dessa sentença.

«...foi lançado...» Uma vez mais surgem essas palavras chocantes, tal como no versículo anterior. Ninguém irá para o lago do fogo espontaneamente. Todos serão ali arrojados, «lançados». Mas a escolha fora, realmente, deles.

A todo homem que abre  
Um caminho, e caminhos, e um caminho,  
E a alma elevada sobe para o caminho alto,  
E a alma vil se arrasta pelo caminho baixo,  
Entre as planícies enevoadas,  
Os demais vagariam para cá e para lá.  
Mas para cada homem que abre  
Um caminho elevado e outro baixo,  
E todo homem decide  
Qual o caminho pela qual seguirá.  
(John Oxenham)

Pode-se examinar a advertência em Apo. 14:9-11, onde os adoradores da besta são advertidos de antemão sobre as consequências de seus caminhos, juntamente com todos os homens. Essa advertência agora tem cumprimento. (Ver Apo. 13:8, onde se vê que é especialmente os nomes dos adoradores da besta que não se acham no livro da vida; mas tal afirmativa sem dúvida deve ser aplicada aos ímpios de todos os séculos. Ver I Enoque 48:9 quanto a um aviso similar, como também em II Esdras 7:36, sobre o «poço do tormento»). O trecho de II Enoque 10:2 diz «geene de fogo», como lugar reservado para os ímpios. Um quadro mais detalhado do lago do fogo aparece em Apocalipse de Pedro 8 - 14, em *Oráculos Sibílicos* 2:190-338 e em Apocalipse de Paulo 31 - 43. Na escatologia de Zoroastro temos descrições similares, mas ali os ímpios são purificados por meio de suas provas de fogo, o que os conduz à redenção. João não compartilhava desse ponto de vista. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios, porém, nos dá um quadro diferente de vida final para todos, embora isso não lhes confira a mesma forma de vida dos eleitos. Contudo, mostra-nos que Cristo será o centro de toda a existência, dando propósito e significado a tudo. Não obstante, os perdidos terão de sofrer uma perda infinita, porquanto não virão a participar da vida de Cristo (ver Rom. 8:29). Tudo o mais é morte, biblicamente falando.

## Capítulo 21

XII. *Sete Visões de como Satanás será Derrubado e seu Governo Terminará* (19:11-21:8).

### 7. A Nova Criação e o Estado Eterno (21:1-8).

Somente quando a nova criação substituir à antiga é que poderemos dizer que a influência e a obra de Satanás foram totalmente apagadas da existência, pelo que esta sétima visão relata como a criação inteira será libertada dos últimos vestígios do pecado, para sempre. Essa descrição é uma das mais belas de toda a Bíblia, apresentada com simplicidade e dignidade, sem os exageros retóricos e sem verbosidade.

Na escatologia iraniana (Bunsahish 30:32) e nos apocalipses judaicos, juntamente com idéias similares do A.T., temos uma tradição que fala da nova criação, como se fora uma «renovação» do mundo antigo. (Ver Isa. 65:17 e 16:22 e contextos. Ver também II Baroque 32:6; 44:12; 48:50; 51:3 e I Enoque 45:4,5). Mas também há a tradição de uma criação inteiramente nova, e não de mera renovação da antiga. (Ver I Enoque 72:1; 91:16 e II Esdras 7:30,75). Assim sendo, nos documentos cristãos às vezes há a idéia de «renovação», e às vezes há a idéia de uma «criação inteiramente nova». (Ver Mat. 19:28 quanto à idéia da «renovação»; e ver II Ped. 3:10,13, no tocante à idéia de uma criação inteiramente nova). Essa última passagem obviamente fala da total aniquilação da antiga criação por meio do fogo. Cientificamente, com base naquilo que sabemos, isso é totalmente possível. A matéria da criação poderia ser reduzida a mera energia mediante o mesmo processo que causa as explosões atômicas. Quanto ao ponto de vista do Apocalipse, é perfeitamente evidente que esse livro antecipa o total aniquilamento da antiga criação, havendo então um ato criador totalmente novo. Já vimos isso em Apo. 20:11, e esse pensamento é reiterado agora, neste primeiro versículo do capítulo vinte e um.

«Da fumaça, da dor e das chamas, é um alívio passar para a atmosfera clara e limpa da manhã eterna, onde o ar celeste é puro e a vasta cidade de Deus fulgura como um diamante na irradiação de sua presença. A idéia dominante da passagem é que o meio ambiente deve ser de acordo com o caráter e a antecipação; conseqüentemente, assim como o antigo universo estava inevitavelmente maculado pelo pecado, uma nova ordem de coisas deve ser formada, uma vez que a antiga cena de prova e fracasso seja posta de lado... A expectativa (ver Rom. 8:28 e ss.) de que a perda ocorrida por ocasião da queda de Adão seria revertida, dificilmente é a mesma coisa que essa transformação escatológica; esta última prevalece sempre que as inflexíveis exigências da era parecem exigir uma limpeza total do universo, e a atitude apocalíptica para com a natureza raramente tem algo a ver com a ternura e a paixão, por exemplo, de IV Esdras 8:42-48. A seqüência de Apo. 20:11 e ss. e 21:1 e ss., pois, segue o programa escatológico geral, como se vê, por exemplo, em Apocalipse de Baroque 21:23 e ss., onde, após terminada a morte, o novo mundo prometido por Deus aparece como habitação dos santos (comparar com Apo. 21:1 e ss.). A Jerusalém terrestre é suficientemente boa para o milênio, mas não para a bem-aventurança final». (Moffatt, *in loc.*)

«A palavra característica que atravessa a descrição é o termo 'novo'. Todas as coisas se tornarão 'novas'. Existem dois vocábulos traduzidos por 'novo'... um deles ('neos') diz respeito ao tempo; o outro ('kainos') diz respeito à qualidade. O primeiro se aplica ao que recentemente veio à existência; o outro ao que demonstra características novas». (Carpenter, *in loc.*)

«Agora que todo o mal foi destruído para sempre, e que todos os agentes do mal foram lançados no lago do fogo, e que desapareceram os antigos céus e terra, e o juízo final é levado a bom termo, e a morte e o hades são destruídos, então Deus cria novos céus e nova terra, convocando à existência a Nova Jerusalém. Nessa cidade, que nunca conhecerá lágrimas, nem tristeza, nem choro, nem dor e nem maldição, Deus habitará com os homens em seu trono, que é também o do Cordeiro; e seus servos, cujo caráter, como possessão mesma de Deus, dali por diante serão marcados na fronte e o servirão, e eles o verão face a face. E Deus fará a luz de seu rosto brilhar sobre eles em bênção perpétua, e reinarão para todo o sempre». (Charles, *in loc.*)

21 *Kai eídon ouranòn kainòn kai gēn kainēn* ó gar prōtos ouranòs kai ē prōtē gē  
ἀπῆλθαν, καὶ ἡ θάλασσα οὐκ ἔστιν ἔτι.

21 *1 ouranòn...kainēn* Le 65:17; 66:22; 2 Pe 3:13

21:1; E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já se foram o primeiro céu e a primeira terra e a mar já não existe.

Outras idéias sobre a décimo quinto versículo:

1. Enoque 38:5 pinta os remidos a contemplarem o horror do juízo de fogo. João nos poupa esse detalhe. Em Apocalipse de Pedro 26 os mártires contemplam os horrores do castigo de seus perseguidores. João também nos poupa disso. «Se João nos mostra do pelos condenados, também não exibe zombaria calejada pela sorte deles» (Moffatt, *in loc.*)

2. «Onde a segunda e superior vida se faz totalmente ausente, haverá a segunda morte» (Lange, *in loc.*)

3. «Não há espaço para o sono da alma, para algum estado intermediário, para uma segunda oportunidade, ou para o aniquilamento dos ímpios» (Robertson, *in loc.*)

4. Essas palavras podem ser compreendidas figuradamente, segundo pensa a maioria dos eruditos cristãos. Lembremo-nos, porém, que essas coisas simbolizam «algo», e Cristo veio a salvar-nos disso. Trata-se de uma «perda infinita», sem importar como entendamos o resto.

5. Agora está completa a primeira parte do triunfo sobre o mal: o julgamento está consumado. A segunda metade é a glória de ser salvo (capítulos vinte e um e vinte e dois). Desse modo, Satanás e suas obras serão derrotados para sempre.

6. A condenação final é parte do dia do Senhor.

De modo geral, pode-se dizer que todos os grandes eventos da história que contém algum tipo de intervenção divina podem ser chamados «dia do Senhor». Normalmente, porém, essa expressão tem um forte intento escatológico. Esse «dia» começa quando do retorno de Cristo, e termina com a nova criação e o desaparecimento da antiga e seu sistema. (Ver Isa. 65:17-19; 66:22; II Ped. 3:13 e Apo. 21:1). A ordem dos acontecimentos será a seguinte: 1. A volta de Cristo e a primeira ressurreição (ver Mat. 24:29 e ss.; I Cor. 15:51 e ss.). 2. Destruição do anticristo e seu reino (ver II Tes. 2:3 e ss. e Apo. 19:11-21). 3. Julgamento das nações (ver Zac. 14:1-9 e Mat. 25:31-46). 4. O reino milenar (ver Apo. 20:4-6). 5. A revolta final (ver Apo. 20:7-10). 6. A segunda ressurreição e o juízo final (ver Apo. 20:11-15). 7. A nova criação, com o desaparecimento da antiga (ver Apo. 21 - 22 e II Ped. 3:10-13).

Sinais do dia do Senhor:

1. A volta de Elias, precursor do segundo advento (ver Mal. 4:5; Apo. 11:3-6).
2. Perturbações cósmicas (ver Joel 2:1-12; Mat. 24:29; Atos 2:19,20 e Apo. 6:12-17).
3. Declínio da igreja (ver I Tes. 5:1-3).
4. A grande apostasia da igreja (ver II Tes. 2:3 e Apo. 3:14 e ss.).
5. A vinda do anticristo (Apo. 13 e II Tes. 2:3 e ss.).
6. A vasta perseguição contra a igreja (ver Apo. 4-19).
7. Os juízos apocalípticos (ver Apo. 11-18).



«...nova céu...» As notas de introdução a esta secção têm mostrado que não haverá mera «renovação», e, sim, um céu inteiramente novo, parte de uma criação inteiramente nova. (Ver II Ped. 3:10 e ss. quanto a detalhes acerca desse conceito que diz que o antigo desaparecerá de todo antes da nova criação tomar seu lugar. Ver Apo. 20:11, onde já vimos a expressão dessa expectativa). Até mesmo o antigo «céu» fora contaminado pelo trabalho de Satanás, motivo por que não poderá ser eterno. (Ver Apo. 12:4 e ss. Ver Col. 1:20, que mostra que até os céus estão sujeitos à missão remidora de Deus). Deve-se observar, neste ponto, o uso do singular, o que é costume do autor sagrado, excetuando em Apo. 12:12, onde é usado o plural, por tratar-se de uma citação. O antigo ponto de vista era o de uma multiplicidade de esferas, de céus em vários níveis, ou seja, «céus» ou «lugares celestiais». (Ver Efé. 1:3 acerca desse conceito).

«...nova terra...» Não se deve pensar aqui na renovação da antiga terra, através do fogo, e, sim, em algo completamente novo, parte de um novo ato criador. Este capítulo assinala um novo começo, tal como o primeiro capítulo do Génesis marca o antigo começo. Ambas as coisas dizem respeito a atos criadores, e não a atos renovadores.

«...primeiro céu...» Aqui há menção ao céu ou céus, às esferas celestiais, incluindo o nível mais elevado, onde Deus manifesta sua presença, onde está o seu trono. Isso não mais existirá. Os antigos céus fazem parte do antigo ato criador, descrito no primeiro capítulo do livro de Génesis. Tudo isso é passado, agora. Não há vestígios dessa antiga criação, nem mais os lugares celestiais. Os capítulos que ora passamos a comentar mostram como as obras de Satanás serão totalmente aniquiladas, sendo estabelecida uma ordem eterna e completamente nova. Segundo a opinião do autor sagrado, isso não poderá suceder sem o total aniquilamento da antiga ordem, da antiga existência.

«...primeira terra...» Também faz parte do antigo ato criador. Quando a matéria se transformar em energia, como se dá nas explosões atômicas, a antiga terra desaparecerá. Então será criada uma nova terra.

«...o mar já não existe...» Isso é um tanto difícil de entender, pois, naturalmente, se a antiga terra não mais existir, não poderá mais haver mar. Portanto, na opinião de alguns, essa expressão parece bastante supérflua. Supérflua a menos que esse «mar» seja usado de modo figurado, conforme se vê noutros trechos (ver Apo. 13:1). Pensamos que esse é o caso, dando a entender que a antiga ordem de civilização, as nações e seu sistema, desaparecerão. Tudo isso desaparecerá, dando lugar a uma criação inteiramente nova. Haverá uma raça nova, embora de natureza celestial, moldada segundo o próprio Filho, participante de sua natureza e de seus atributos (ver II Cor. 3:18). Há uma alusão ao desaparecimento do «mar»

em Testamento de Levi (109 A.C.), bem como na Ascensão de Moisés 10:6, que diz: «E o mar se retirará para o abismo, e as fontes de águas falharão, e os rios se secarão». (Ver também *Oráculos Sibílicos* v.159,160,447).

Charles (*in loc.*) sugere que os povos semitas, não sendo povos marítimos, tinham horror ao mar. É possível, seguindo-se essa linha de pensamento, que a «ausência do mar» não é mera alusão aos literais «antigos oceanos», mas à total ausência de um oceano sobre a nova terra. Uma mente semita gostaria disso, e, além disso, ficariam livres de más associações marítimas, como dragões, serpentes marinhas, etc. Assim é que Plutarco, em seu *De Iside et Osiride* 7, considera o mar como algo estranho na natureza.

\*\*\*

*Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:*

1. Moffatt (*in loc.*) supõe que a «ausência do mar», na nova terra, se deve ao conhecimento do autor sagrado (e sua aparente depreciação) acerca de mitos vinculados ao mar, como o do «dragão» que faz oposição a Deus, etc. Já que não haverá mar, também não poderá haver dragão, pelo que o bem e a paz haverão de reinar sobre a nova terra. (Ver Isa. 27:1 quanto ao «dragão do mar»).

2. O mar é símbolo da turbulência dos ímpios e dos sistemas mundanos. O testamento de Levi 4 e Isa. 57:20 nos dão a entender isso. O mar espumeggia sujeira (ver Isa. 57:21). Tais elementos não poderão conspurcar a nova criação.

3. Babilônia aparece entronizada sobre as águas; a besta dominará o mar e dele provirá (ver Apo. 13:1 e 17:1).

4. O mar separava terras de terras e dividia povos, servindo, assim, como agente de desunião. A nova criação não terá nada disso.

5. O mar e as grandes águas foram antes o instrumento da destruição da terra. A nova criação será indestrutível.

6. «Os astrônomos dizem que durante as poucas centenas de anos, dúzias de mundos se têm incendiado perante os olhos mesmos dos cientistas. Mundos que antes atravessavam majestosamente o espaço e então repentinamente explodiram e desapareceram. Sob toda esta velha terra existem os vulcões, fontes termiais, rios de lava e glúteres de vapor de água, lembrando-nos que dentro da mesma há um mar de fogo, e que Pedro falava disso quando declarou, por inspiração do Espírito Santo: 'Ora, os céus que agora existem, e a terra, pela mesma palavra têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios'. Perguntamos, pois, por que este velho mundo já não explodiu antes. Quando alguém considera esses fatos, com base tanto nas Escrituras como na ciência, estremece ao pensar sobre o lugar precário em que vive» (DeHaan, *in loc.*).

7. A «nova criação», naturalmente, contrariamente ao que dizem alguns intérpretes, será tanto física quanto espiritual, e isso pela eternidade. Este texto nada tem a ver com o triunfo da igreja sobre a terra antiga, nos últimos dias.

2 καὶ τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Ἱερουσαλὴμ καὶ νῆν εἶδον καταβαίνουσιν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ, ἡτοιμασμένην ὡς νύμφην κεκοσμημένην τῷ ἀνδρὶ αὐτῆς.

2 τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Is 52:1 Ἱερουσαλὴμ...θεοῦ Re 3:12

ἡτοιμασμένην...αὐτῆς Is 61:10; Hc 11:10, 16

2 (ay. Ier. καὶ. ay., Ier. καὶ., § R<sup>1</sup>: ay. Ier., καὶ. R<sup>m</sup>)

21:2: E vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, adornada como uma noiva ataviada para o seu noivo.

«...Vi...» Em visão mística. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10, quanto aos tipos de «visões e misticismo»).

«...a cidade santa, a nova Jerusalém...» Assim como a antiga Jerusalém se tornara a capital da terra durante o milênio, assim também agora, no estado eterno, haverá uma capital, lar da Noiva, a igreja. A palavra «cidade» talvez aluda aos «ocupantes» de um determinado lugar, ou então à própria cidade física. Portanto, presumimos que a «nova Jerusalém» é tanto a «noiva» (os habitantes) como também a cidade literal. Pelo menos parece ser esse o ponto de vista do autor. Se se trata de uma cidade literal, ela é apresentada como um imenso cubo, tão vasto que João teve de ser postado em uma altíssima montanha para poder contemplá-la. Calcula-se suas dimensões em duzentos e quarenta quilômetros de comprimento, outro tanto de largura, e outro tanto de altura! Presumivelmente seria uma cidade de muitos níveis, com ruas superpostas umas às outras. João prossegue a fim de descrever seu «material». Os estudiosos dividem-se em literalistas e simbolistas. Alguém vê nisso uma cidade e materiais literais. Outros enxergam em cada item o símbolo de alguma realidade espiritual que nada tem a ver com a substância física.

Uma Jerusalém restaurada com seu templo, etc., era uma expectativa messiânica e judaica (ver Isa. 54 - 55; Eze. 40 - 48; *Oráculos Sibílicos* 5:423-426; II Baruque 6:9). O Testamento de Daniel 5:12 prediz a restauração tanto do jardim do Éden como da cidade de Jerusalém. Alguns judeus supunham que haveria uma Jerusalém celestial e preexistente, que descia dos céus no dia do Messias (ver II Esdras 13:36 e II Baruque 4:2-7). Em II Esdras há uma espécie de parábola de ensinamento místico, na qual uma mulher lamenta por seu filho morto. Ela é a antiga Jerusalém, a chorar seu filho (os habitantes de Jerusalém), destruído pelos romanos. Subitamente, a mulher é tomada de alegria triunfante, resplandecendo de luz; a terra estremece e ela desaparece, deixando em seu lugar a Jerusalém celestial. A literatura apocalíptica, por igual modo, desenvolve uma doutrina da Nova Jerusalém; e em alguns pontos, tal como se vê neste livro, trata-se de algo celestial, pertencente à era eterna, e não ao antigo sistema mundano. A antiga Jerusalém será suficientemente boa para o milênio; mas, para o estado eterno, terá de haver uma nova e celestial Jerusalém, o lar dos justos. Os trechos de I Enoque 90:28,29; II Esdras 7:26 e 8:52 contam a história dessa expectativa. Assim, no neo-hebraico Apocalipse de Elias, tanto um novo Éden como uma Nova Jerusalém caracterizarão a bem-aventurança da nova era. Ambos descenderão dos céus, tal como no Apocalipse. Lembremo-nos de que os rabinos compartilhavam da noção platônica de como as esferas celestiais ou espirituais são os «arquetipos» de

tudo quanto existe na terra, como paralelos celestes, e segundo o molde dos quais as coisas terrenas foram criadas como imitações. Assim, todas as coisas terrenas têm seus paralelos celestiais. Desse modo, a Jerusalém terrestre seria pequeno quadro de uma outra cidade, seu paralelo eterno. O estado eterno será a realidade, e não uma mera imitação.

«...ataviada como noiva...» A Nova Jerusalém também é a «noiva» de Cristo. (Ver Apo. 19:7-10 quanto às «bodas do Cordeiro». Ver Efé. 5:21 acerca do manuseio teológico desse símbolo). Ali há comunhão, amor e partilha íntima. Em Gál. 4:26, o apóstolo Paulo personifica a cidade celestial como mãe do verdadeiro Israel. Isso pode ser contrastado com a personificação de Roma como a «meretriz». Agora, Jerusalém, a pura, a santa e a eterna, toma conta da cena, da qual desaparecera Roma, a prostituta.

A promessa feita aos mártires. Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito para consolar e fortalecer aos mártires cristãos. O fato que eles estarão e habitarão na Nova Jerusalém, talvez seja a promessa e o consolo finais deste livro. A própria morte será extinta, e os santos, ainda que tenham sido mortos violentamente, às mãos de homens ímpios e desvairados, triunfarão finalmente. Quão grande será o triunfo dos santos!

A Noiva foi ataviada e agora é digna do Noivo. Está adornada com a santidade de Deus, a qual foi duplicada nela (ver Mat. 5:48); também está adornada com a natureza divina (ver II Ped. 1:4), pelo que é digna de ser a Noiva de Cristo; e está adornada com toda a plenitude de Deus, participando de seus atributos (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10). A própria cidade está adornada (o que é frisado aqui); mas seus habitantes também estão adornados (o que é enfatizado em Apo. 21:9 e ss.).

*Outras idéias sobre o segundo versículo:*

1. «Uma noiva». (Comparar com Isa. 61:10 e 62:5).

2. Trata-se de uma «cidade santa». Todos os males que corromperam os antigos céus e a antiga terra, e que exigiram, finalmente, sua própria extinção, agora já não existem. Somente a santidade agora habita ali. (Ver Heb. 12:14, que ensina que sem a santificação ninguém verá a Deus). A noiva participará da santidade do próprio Deus (ver Rom. 3:21) como também de suas virtudes morais positivas (ver Mat. 5:48). E, por causa disso, possuirá a própria natureza metafísica de Cristo (ver II Cor. 3:18).

3. «Não haverá mais apenas um paraíso, como no Éden (embora também haverá isso; ver Apo. 2:7) um mero jardim, mas agora haverá a 'cidade de Deus', muito mais valiosa e imponente, que exigiu um labor muito mais vasto que no caso de qualquer homem que cuidasse do jardim de Éden. As 'pedras vivas', com o tempo, foram laboriosamente moldadas, segundo o modelo da 'principal pedra angular', preparando-as para o lugar que preencherão para sempre na Jerusalém celestial». (Fausset, *in loc.*). Ele faz aqui alusão aos trechos de I Ped. 2:5 e ss., e talvez também Efé. 2:19 e ss.

4. «O Deus santo e bendito renovará o mundo e edificará Jerusalém, a a fará

dancar dos céus». (Midrash Hanaalel. Sohar, Gen. fol. 69, col. 371).

5. «A noiva aparecerá, a saber, a cidade que surgirá, e será vista aquela que agora está oculta da terra». (IV Eadras 6:28).

6. «A nova Jerusalém deverá descer da parte de Deus. O verdadeiro modelo, o único capaz de satisfazer aos mais elevados anelos do homem, é o padrão que houve no monte de Deus (ver Atos 7:44)» (Carpenter, *in loc.*).

3 και ἤκουσα φωνῆς μεγάλης ἐκ τοῦ θρόνου λεγούσης, Ἰδοὺ ἡ σκηνὴ τοῦ θεοῦ μετὰ τῶν ἀνθρώπων, καὶ σκηνώσει μετ' αὐτῶν, καὶ αὐτοὶ λαοὶ αὐτοῦ ἔσονται, καὶ αὐτὸς ὁ θεὸς μετ' αὐτῶν ἔσται, [αὐτῶν θεός,]<sup>1</sup>

<sup>1</sup> 3 [D] λαοὶ N A 046 1 94 2042 2053 2061 it<sup>1</sup> Irenaeus<sup>1</sup> Andrew<sup>1</sup> & λαοὶ P 081 1008 1411 1854 1859 2010 2065 2072 2138 2422 it<sup>2</sup> de<sup>1</sup> de<sup>2</sup> de<sup>3</sup> de<sup>4</sup>

<sup>1</sup> 3 [D] μετ' αὐτῶν ἔσται, αὐτῶν θεός, A 11864 2068 2422 it<sup>1</sup> θεός αὐτῶν 12053<sup>1</sup> & θεός 2053<sup>1</sup> it<sup>2</sup> de<sup>1</sup> de<sup>2</sup> de<sup>3</sup> de<sup>4</sup> vg sy<sup>1</sup> h<sup>1</sup> eth Irenaeus<sup>1</sup> Tyconius Ambrose Arpinigius Pa-Ambrose Beatus & ἔσται μετ' αὐτῶν θεός αὐτῶν, P 051 2042 2073 Andrew<sup>1</sup> & μετ' αὐτῶν ἔσται θεός, 1008 1811 it<sup>2</sup> h<sup>1</sup> de<sup>1</sup> &

3 ἡ σκηνή... ἔσται Lv 26:11-12; 1 Chr 6:18; Eze 37:27; Zec 2:10; 2 Cor 6:16

vg sy<sup>1</sup> h<sup>1</sup> cop<sup>1</sup> h<sup>1</sup> arm eth Tyconius Ambrose Augustine Primasius Andrew<sup>1</sup> & Arethas

ἔσται μετ' αὐτῶν, N 1 2061 cop<sup>1</sup> eth Ambrose Augustine Primasius Andrew<sup>1</sup> & μετ' αὐτῶν ἔσται, 046 84 1830 2020 2138 it<sup>2</sup> Irenaeus Haymo Arethas

3 θρονου NA 94 lat Ir<sup>1</sup>; R] ουρανου P 046 051 82 1006 1611 20391 2329 pl g sy c |

<sup>1</sup> É difícil decidir entre a forma λαοί, que é apoiada por N A 046 2053 e doze outros manuscritos minúsculos it (61) Irineu (lat), e a forma λαός, que é apoiada por E P quase todos os minúsculos, versões e muitos dos pais da igreja. O autor sagrado seguiu as Escrituras proféticas, que coerentemente falam de um único povo de Deus (e.g., Jer. 31:33 (= LXX 38:33); Eze. 37:27; Zac. 8:8)? Nesse caso, λαοί foi introduzida por copistas que por pedantismo conformaram a palavra ao termo αὐτοί anterior. Ou o autor sagrado modificou deliberadamente o conceito tradicional, substituindo «os muitos povos da humanidade remida pela única nação eleita, o mundo em lugar de Israel» (Swete)? Nesse caso, λαός deixa transparecer a mão do corretor, que conformou a forma ao simbolismo do A.T. Principalmente com base no que foi tomado como evidência levemente superior nos manuscritos, a maioria da comissão preferiu λαοί.

<sup>2</sup> Uma vez mais é extremamente difícil determinar a forma original. Foi omitida a expressão αὐτῶν θεός (ou θεός αὐτῶν) (N 046 maioria dos minúsculos) por parecer totalmente supérflua, ou foi adicionada como glosa marginal, derivada de Isa. 7:14 e 8:8? Se argumentar-se que a cláusula anterior (καὶ αὐτοὶ λαοὶ αὐτοῦ ἔσονται) exige algum paralelismo tal, como o que é provido por αὐτῶν θεός ou θεός αὐτῶν, surge a questão se essas palavras pertencem ao autor ou se foram supridas por copistas de percepção. Outrossim, ao escolher entre αὐτῶν θεός e θεός αὐτῶν, enfrentamos considerações conflitantes. A primeira ordem, que envolve a posição não-enfática de αὐτῶν, parece ser contrária ao uso do autor algures (somente em 18:5a aparece tal ordem). A última ordem, entretanto, pode ter surgido como tentativa de evitar a seqüência αὐτῶν ἔσται αὐτῶν, Após considerável discussão, a comissão concluiu que o procedimento menos satisfatório seria imprimir o texto de A, mas deixar as palavras αὐτῶν θεός entre colchetes.

21:3: *I ouvi uma grande voz, vindo do trono, que dizia: Eis que a tabernáculo de Deus está com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles.*

...ouvi... Porquanto as visões místicas também podem ser audíveis. Por todo o Apocalipse há grandes vozes de anjos, que narram a história do julzo e da glória finais.

...grande voz... Uma expressão comum neste livro, para chamar-nos a atenção. Ela é alta e forte, exigindo que ouçamos e aprendamos. (Ver Apo. 1:10; 5:2; 6:10 e 7:2, quanto à mesma expressão, e onde há listas mais completas de sua ocorrência). Algumas vezes está em foco a voz de um anjo, ou então de Cristo ou de Deus; e algumas vezes é uma voz não identificada, como aqui. Também há uma voz que sai do altar ou do trono, nos quais casos, como é óbvio, esses objetos são «personificados». (Ver Apo. 16:7 quanto a isso). Em Apo. 19:5 temos uma voz saída do «trono». A voz soa como um cântico de glória e de louvor. Isso pode ser contrastado ao lamento por causa da queda de Roma (ver Apo. 18:21-24). Esse «hino» se alieça principalmente sobre a fraseologia da A.T. (Ver Eze. 37:27 quanto ao pano de fundo literário. Ver também Isa. 25:8, quanto a alguns dos detalhes aqui incluídos).

...trono... (Quanto ao «trono» e seu simbolismo, ver Apo. 4:2). A voz emana da autoridade máxima, investida do maior poder, a saber, o trono de Deus, onde o Senhor manifesta seu poder ilimitado. Portanto, o que aqui é dito deve ser veraz e inevitavelmente terá cumprimento.

...tabernáculo de Deus com os homens... Assim como o antigo tabernáculo provia um meio para Deus manifestar-se entre os homens, embora de baixa qualidade espiritual, pois isso é tudo quanto os homens podem resistir enquanto são mortais, assim também agora, no estado eterno, Deus armará «tenda» entre os homens, de modo apropriado ao estado eterno e à pura imortalidade. O trecho de Eze. 37:27 diz: «O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo». Deus estabelecerá sua residência entre os homens, pois agora são seus filhos imortais e pertencem à sua família. Deus será imanente, em contraste com o era mortal, quando os pecados dos homens o forçaram a ser distantes.

...Deus mesmo... Isso é o máximo do «telismo». O telismo ensina que Deus não somente criou a tudo, mas também mantém contacto com este mundo, intervindo, recompensando e punindo. Já o delismo, em contraste, apesar de admitir a existência de uma força criadora, ou mesmo de um criador, um ser pessoal, nega que ele tenha qualquer interesse por sua criação. Assim, não faria intervenção e nem castigaria ao mal (exceto através das leis naturais, que ele pôs em ordem), e nem recompensaria ao bem. O N.T. é um documento altamente telista, e em ponto algum isso se destaca tanto quanto aqui. (Ver Atos 17:27 quanto a várias idéias concernentes ao ser de Deus e à natureza de seu contacto com os homens).

...Eles serão povos de Deus... Terão sido conduzidos à verdadeira imortalidade, como filhos em quem o Filho é duplicado, no tocante à sua

7. A maior parte dos eruditos pensa que essa cidade é a «Noiva», ou seja, uma descrição da eterna bem-aventurança da igreja, não se tratando de qualquer coisa física. E isso significa que nenhuma «cidade» literal é antecipada pela maioria deles. Mas alguns, naturalmente, se opõem a tal interpretação. Suspeitamos que o vidente João tinha ambos os pontos de vista.

natureza e atributos; e assim poderão habitar nas mais altas esferas de glória. (Ver Rom. 8:29 no tocante à nota de sumário sobre esse tema. Ver Col. 2:10 acerca de como os homens participam da «plenitude» de Deus por meio de Cristo. Ver Heb. 2:10,11 quanto à «comunhão de natureza» na família divina). Somente assim o homem poderá habitar na presença mesma de Deus. Naturalmente, a participação na natureza e nos atributos divinos sempre se manifestará de forma secundária no homem, e o processo de crescimento espiritual é eterno. Já que há uma infinitude com que seremos cheios, deverá haver também um preenchimento infinito. Ele. 3:19 mostra que existe essa infinitude.

«Com notável franqueza é dito que a habitação de Deus está com os homens. A fim de que não haja engano, as palavras são repetidas: «Deus habitará com eles». E então o pensamento é expresso em um verdadeiro clima de esperança: «Eles serão povos de Deus». E há outra repetição: «Deus mesmo estará com eles». Quanto à plenitude e à propulsão de declaração, essa série de declarações dificilmente tem um paralelo nas Escrituras. Temos aqui o contraste final entre o cristianismo e o pantelismo. No pantelismo os homens são pelo menos visto como unidos em essência com o divino. No cristianismo são vistos em comunhão moral e espiritual com o divino. Os dois conceitos pertencem a dois mundos que nunca poderão conviver juntos harmoniosamente. No pantelismo desaparecem as distinções morais; no cristianismo são vistas como algo gloriosamente permanente. A comunhão moral e espiritual é a característica mesma do cumprimento celestial». (Hough, *in loc.*).

**Variante Textual:** Ao invés de «trono», os mss P, 046 e a maioria dos manuscritos e versões dizem «céu». Porém, os manuscritos mais antigos apoiam a forma «trono», a saber, os mss Aleph, A, 94, A Vg, Irineu (lat), Tícionio, Ambrósio e Haimo. A forma «da parte do céu» parece ser uma assimilação com base no segundo versículo deste capítulo. (Quanto à «voz do céu», ver também Apo. 10:4 e 14:2).

**Outras idéias sobre o terceiro versículo:**

1. A visão é recebida da parte do «antigo templo celestial», conforme se vê por todo o Apocalipse, e não do «novo céu». Pois no novo céu não haverá templo e nem sala do trono (ver Apo. 21:22). Mas, naturalmente, há menção a um «trono», em Apo. 22:1.

2. O antigo «tabernáculo» tinha o shakínah de Deus ou resplendor divino; e na nova criação isso sucederá supremamente. O próprio tabernáculo fora construído de modo a permitir certa manifestação de Deus entre os homens. Mas isso será elevado a um alto nível de poder no estado eterno. Berach 17a fala de como os homens se deleitam na glória da «shakínah». Quanto mais será o caso na manifestação celestial de Deus entre os homens.

3. Haverá um só rebanho e um só pastor (ver João 10:16) na forma mais elevada e idealista possível, no estado eterno, quando os homens se tornarem «povos de Deus». Haverá extrema alegria e comunhão, quando os homens se tornarem Noiva de Cristo.

**Variante Textual:** A palavra povo, no singular, é a forma que aparece nos mss EP, na maioria dos manuscritos minúsculos e nas versões. Mas o plural é a







δ...ἄρῳν 1 Km 22.18; 2 Chr 18.18; Ps 47.8; Jc 8.1; Eze 1.26-27; Sir 1.8; Rm 4.2, 9; 6.1, 7, 13; 8.18; 7.10, 15; 10.4

καὶ αὐτῷ πάντα 2<sup>o</sup> Cor 8.17

[Γραφον, οτι ουτος ε R<sup>1</sup>] Γρ. οτι Ουτος R<sup>m</sup>)

Após λέγει o Textus Receptus, seguindo N P 051 maioria dos minúsculos it (61) sir (ph) cop (sa, bo) ara etí *α'*, adiciona *μοι*. Já que não há razão por que tal palavra, se fosse original, teria sido apagada por copistas, a forma mais breve, apoiada por A 046 cerca de oitenta minúsculos (incluindo 1611 1854 2053) it (gig) vg sir (h) Irineu (lat) *α'*, é preferível.

21.4: E o que estava assentado sobre o trono disse: Eu que faço novas todas as coisas. E os servos: Escrava; porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.

...aquele que está assentado no trono... Uma maneira indireta e bastante comum de referir-se a Deus, no Apocalipse. (Ver Apo. 4:2,9,10; 5:1,7; 6:2; 19:4 e 20:11).

...Eis que faço novas todas as coisas... Essa é a nota principal do capítulo: todas as coisas novas. (Ver Apo. 21:1 sobre os novos céus e a nova terra; ver Apo. 21:2 sobre a «nova Jerusalém»). O quarto versículo mostra que as coisas «antigas» devem ceder lugar à «nova» ordem, onde tudo será novo.

«A era antiga de Satanás terá se acabado para sempre, juntamente com o próprio Satanás. A nova era de Deus terá sido, finalmente, estabelecida. Os pecadores terão sido devidamente castigados, tendo sido lançados no lago do fogo para sempre, ao mesmo tempo que os remidos haverão de desfrutar uma eternidade de bem-aventurança, na Nova Jerusalém, junto a Deus e ao Cordeiro. É estranho que Elias e Moisés, a mulher vestida do sol, os quatro seres viventes, os vinte e quatro anciãos e os exércitos celestiais (salvo um anjo guia e doze guardas angelicais dos portões) não parecem participar das felicidades da nova era. Evidentemente seu papel está terminado, e nessas cenas finais do grande drama, todos foram esquecidos». (Rist, *in loc.*)

Assim também, na consumação da Divina Comédia, de Dante, há a eterna novidade da rosa de amor e fogo, a perfeição da florescência, a beleza que transcende ao poder da linguagem.

...Escreve... A ordem é de escrever, porque a revelação é importante. Seu sentido deve ser preservado e concretizado, porquanto devia ser distribuída entre as igrejas locais. João não recebeu nenhuma visão particular; não devia ser ocultada, e, sim, revelada. Em apenas uma instância deste livro qualquer coisa dita é selada, em Apo. 10:4. (Quanto à ordem de escrever, ver Apo. 1:11,19; 2:1,8,13,18; 3:1,7,12,14; 10:13; 14:13 e 19:9).

ὁ καὶ εἶπέν μοι, Γέγοναν. ἐγὼ [εἰμι] τὸ Ἄλφα καὶ τὸ Ὠ, ἡ ἀρχὴ καὶ τὸ τέλος. ἐγὼ τῷ διψῶντι δώσω ἐκ τῆς πηγῆς τοῦ ὕδατος τῆς ζωῆς δωρεάν.

ὁ δ...ἄρῳν 1 Rm 1.8; 22.13

ὁ...τέλος Is 44.6; 48.12; Rm 1.17; 22.13

ἐγὼ...δωρεάν Is 55.1; Jc 7.37; Rm 22.17

τῆς πηγῆς...ζωῆς Ps 36.9; Jr 2.13

ὁ Γέγοναν (-νασιν 2006 pc) N<sup>c</sup> A pc Ir; R] -να N<sup>c</sup> P 046 051 x 1611 3329 al: -νε 2028 pc ε | εγω 1<sup>o</sup>] add εἰμι A 2006 al lat ε

O término aoristo usual de γέγοναν (N<sup>c</sup> A 1678 1778 Irineu (lat) Primásio) parece ter dado origem às variantes: (a) γεγόνασιν (206 254 469 1006 1841 2020 2053 2062 2065 it (gig) sir (ph) cop (bo) Ticônio Primásio Ecumênio), (b) γέγονε (vinte manuscritos minúsculos vg Primásio), e (c) γέγονα (N<sup>c</sup> P 046 e cerca de cento e sessenta manuscritos minúsculos, cop (sa) ara André Aretas). Com a forma (a) cf. Apo. 16:17, que ocorre em outra cena final; e com (c) a série seguinte de variantes está vinculada.

A maior parte dos testemunhos que dizem γέγονα na série anterior de variantes, não tem ou εἰμι (N P 046 muitos manuscritos minúsculos) ou ἐγὼ εἰμι (maioria dos minúsculos). É difícil decidir se εἰμι deve ser retido (tal como em 1:8) ou omitido (tal como em 22.13, onde apenas cerca de dez manuscritos minúsculos dizem εἰμι). A fim de representar o equilíbrio de probabilidades, foi resolvido reter εἰμι no texto, mas deixá-la entre colchetes.

21.4: Disse-me ainda: Está cumprido: Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim. A quem tiver sede, dá graça Eu darei a beber da fonte da água da vida.

Comparar com a expressão de Apo. 16:17 quanto à expressão «Feito está!» embora esteja em foco uma questão muito diferente. Contudo, é uma das obras de Deus, levada a bom termo, que está em foco aqui. Deus tanto termina como aprova a sua obra, declarando: «Sucedeu!» Provavelmente o significado é «palavras tanto fiéis quanto verdadeiras», as quais declaram que tudo será feito «novo» e agora se cumpre. Por conseguinte, tanto as obras como as palavras estão em foco. A declaração de Deus vale tanto como algo já feito, assegura-nos o profeta. Não podemos deixar de pensar em duas outras instâncias bíblicas acerca disso. A criação original foi terminada e aprovada. Deus disse: «Tudo é muito bom». A obra de redenção sobre a cruz também foi assinalada «pelas palavras»: «Está consumado». Tudo isso serve de prova de como Deus faz intervenção na história humana, visando seu aprimoramento, um fato do qual dependem nossa própria existência e nosso bem-estar. A «certeza» de que assim é e sempre será, nos é transmitida nas palavras seguintes: «Deus é o Alfa e o Omega da criação, o iniciador e o consumidor, o controlador, sustentador e guia de tudo. Nele tudo vive, se movimenta e tem seu ser». (Ver Atos 17:28).

...o Alfa e o Omega... Em Apo. 1:8 esse título é dado a Deus (ali há notas expositivas completas a respeito). Em Apo. 22:13 é aplicado a Cristo. Sua «interpretação», isto é, «o primeiro e o último», é usado como título de Cristo em Apo. 1:17 e 2:8. Deus, por meio de Cristo é a «causa primária» de tudo, mas também é a «causa final». Nele tudo tem origem, material e espiritual, e nele tudo encontra realização e propósito, destino e cumprimento. (Ver Col. 1:16 acerca da criação como algo feito «em Cristo», «por Cristo» e «para Cristo», no tocante a notas expositivas completas. Ver I Cor. 8:6 quanto a uma idéia similar). Nas páginas do N.T., a vida eterna nunca consiste de mera sobrevivência da alma ante a morte biológica. Trata-se de uma «modalidade de vida», da participação na vida divina, segundo se vê em João 5:25,26 e 6:57. (Ver também II Ped. 1:4, que fala da

«...estas palavras são fiéis e verdadeiras...» Também já vimos essa expressão. Ela é usada como solene afirmativa da verdade do que foi declarado; e, na maioria dos casos, ela importa em consolo. (Ver Apo. 3:14 e 19:11). Em ambas essas referências, o próprio Jesus tem esse título. Supomos, pois, que essas são palavras apoiadas pela veracidade e fidelidade de sua própria pessoa. (Ver Apo. 19:9 e 22:6 naquilo que essas palavras se aplicam às «declarações»). O autor sagrado, pois, autentica importantes declarações dessa maneira. É bem possível que as palavras ditas aqui, apesar de se aplicarem especificamente ao que acabara de ser dito, também visem autenticar o livro inteiro, já que agora João nos está dando as últimas cenas de sua visão. Certamente o trecho de Apo. 22:6 tem essa função.

Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. «Essa é a primeira e única vez em que Deus se dirige ao vidente, ou, de fato (à parte de Apo. 1:8), ao menos fala. O silêncio quase inquebrantável atribuído a Deus, no Apocalipse, corresponde à idéia egípcia da Razão divina sem precisar de dizer palavras, mas a dirigir as coisas mortais para mais da retidão (ver Plutarco, da Isida, 76). Por isso é que a deidade era simbolizada pelo crocodilo, que se acreditava ser o único animal sem língua» (Moffett, *in loc.*).

2. «Esta mensagem não foi dirigida a João (ver Apo. 7:14; 17:7; 21:6 e 22:6) mas ao mundo inteiro dos abençoado. (Ver Is. 48:18 e s. quanto às palavras: «Eis que faço novas todas as coisas»). A idéia dos novos céus e da nova terra figuram em Is. 66:18; 66:22 e Sal. 102:26 e s.» (Robertson, *in loc.*).

3. «A verdade diz respeito à promessa dessas modificações; fidelidade ao cumprimento dessas promessas» (Adam Clarke, *in loc.*).

Variação Textual: As palavras «me diz» figuram nos mss Aleph, P, 051, na maioria dos manuscritos minúsculos, no S(pn), no Cop(asm, bo), no Ara e no Eti. Mas a forma mais simples, «...disse...», é a forma que aparece em A, 046 e em cerca de oitenta manuscritos minúsculos, como também no It(gig), na Vg, no Sir(h) e nos escritos latinos de Irineu. Esta última forma é preferível, por ser a forma mais breve, não havendo razão por que o objeto indireto viesse a ser omitido, se fosse o original.

participação na divindade, e II Cor. 3:18, que fala sobre a transformação segundo a imagem de Cristo). Todas essas passagens bíblicas nos ensinam como Deus é o «Omega» para nós. Nele existe a potencialidade de toda a vida e bem-estar. Nele também se acha o cumprimento desses objetivos. É claro, pois, que a nova criação é possível, porque as palavras que a predizem são «fiéis e verdadeiras».

...fonte da água da vida... (Comparar com Apo. 7:17). Os mártires e fiéis recebem a promessa do direito de participarem do «manancial da água viva». Naturalmente, esse é um ensinamento joanino, que ilustra a ligação entre o Apocalipse e o evangelho de João, se não mesmo uma só autoria. Apo. 22:17 é trecho que repete esse simbolismo. (Comparar com João 4:10,11,13,14 e 7:38, onde Jesus—e o Espírito Santo—aparecem como a «água viva»). A água mata a sede física, sendo algo absolutamente necessário para a vida. Assim também há uma água espiritual absolutamente necessária para a vida espiritual, e essa é mediada por meio de Cristo, em seu Santo Espírito. Este versículo, é óbvio, faz o Pai aparecer como o manancial primário da vida e da satisfação espirituais.

Os apetites. Esses representam uma escala ascendente quanto ao valor e à necessidade. O homem pode viver sem satisfazer muitos de seus apetites. Mas alguns deles estão absolutamente vinculados ao sustento da própria vida, como é o caso da água e do alimento. Um homem pode viver sem alimentos durante quarenta dias, mas é impossível que ele resista sem água pelo mesmo tempo. Um homem pode tentar viver sem a realização espiritual de seu próprio ser em Deus, mas isso é impossível. A alma que não estiver centralizada em Deus terá de perecer, ainda que conserve, por algum tempo, uma semelhança de vida. Há uma sede pela eternidade e pelo Deus eterno. Deus é a vida, a beleza, a justiça e a bondade finais. A alma é atraída por essas qualidades e, finalmente, deverá repousar nelas, ou jamais terá descanso.

Outras idéias sobre o sexto versículo:

1. Quanto à «água da vida», ver Apo. 7:17 e 22:1,17, passagens baseadas em



Im. 55:1. Deus dá «livramento» (ver Mat. 10:8; João 4:10; Rom. 3:24; Ato 8:20 e Apo. 22:17).

2. Deus dá livremente. Essa é a lição moral a ser seguida: «...de graça recebemos, de graça dai» (Mat. 10:8). A generosidade é uma qualidade divina, bem como uma obra do Espírito na vida da pessoa. A maioria esmagadora dos homens se mostra por demais egoísta e egocêntrica para dar livre e voluntariamente, quando dão «em mão».

3. Essa é uma «liberal» promessa de santificação de todos os desejos espirituais, e as três idéias de consolo, refrigério eterno e comunhão divina são assim vinculadas, tal como em Apo. 7:14-17. Com isso se pode comparar uma passagem em Filo, *de migrat.* Abr. 6. Essa promessa subentende o trecho de Isa. 44:3 e não Isa. 55:1, onde se lê que a sede é acompanhada pela prontidão e pela ansiedade de aceitar a bênção, que é gratuita (ver o sexto vers.). plana e

filial (ver o sétimo versículo). A sede de Deus se opõe à incredulidade e ao vício, que a abafam, da mesma forma que a vida vitoriosa é contrastada com o espírito mesquinho, que procura evitar as dificuldades e exigências da fé. Mediante um toque raro (desde Apo. 3:22) no Apocalipse, o crente individual é destacado. Usualmente o escritor se interessava pelo grupo em geral dos cristãos, mas aqui, tal como nos capítulos segundo e terceiro, o individualismo religioso segue evidentemente à idéia da promessa pessoal e ao encorajamento individual (comparar com Apo. 22:17) como algo que virá depois do juízo (ver Apo. 22:11,12)» (Moffatt, *in loc.*).

4. Os rabinos concebiam a fonte da vida como algo que pertencia especificamente ao outro mundo. «Ela lhes mostrará a excelência da fonte do mundo futuro...» (Sanh. *Abot* R. Nathan, cap. 31).

7 ὁ νικῶν κληρονομήσει ταῦτα, καὶ ἔσται αὐτῷ θεὸς καὶ αὐτὸς ἔσται μοι υἱός.

7 ἔσται...υἱός 2 Sm 7:14

7 αὐτῷ αὐτῶν A 1 2028 al ei autus est. μ. υιός -τοὶ ἔσονται μ. υιοὶ I 2059 al

21:7: Aquela que vencer herdará estas coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.

«...O vencedor...» Já vimos esse termo por várias vezes. (Ver Apo. 2:7,11,17,26; 3:5,12,21). Em cada caso é prometida alguma bênção celeste ao perseverante, que obtém a vitória neste presente mundo mal. As promessas, como é claro, se dirigem especificamente aos «mártires», pois o Apocalipse foi escrito como «manual dos mártires», e do começo ao fim procura consolá-los e fortalecê-los.

«...herdará...» Por ser um dos «filhos» de Deus, conforme o versículo passa a dizer-nos. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «herança do crente», ver Rom. 8:17). Ele receberá todas essas «coisas novas», todas as imensas bênçãos e as vantagens eternas prometidas no contexto. É claro que sua grande vitória e empreendimento terão lugar em seu próprio ser, na riqueza espiritual da sua transformação segundo a imagem e a natureza do próprio Cristo (ver II Cor. 3:18), na participação na «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:18 e Col. 2:10), e na própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). A consulta a essas referências e às respectivas notas expositivas darão ao leitor melhor compreensão sobre a imensidade de nossa salvação, o que transcende em muito às «coisas» que possamos vir a herdar.

«...eu lhe serei Deus e ele me será filho...» Todas as bênçãos da salvação estão contidas na filiação. Já tivemos ocasião de frisar isso por repetidas vezes, neste comentário. Há uma comunidade da natureza divina (ver Heb. 2:10 e ss.), de tal modo que um crente virá a participar da natureza e dos atributos de Deus, ainda que de maneira secundária ou finita, pois Deus é infinito. Contudo, o propósito é eterno e nunca poderá ser relaxado, pelo que haverá um enchimento eterno e infinito, por parte do infinito. (Ver Heb. 2:3 quanto à «salvação»; e também Heb. 8:29). Nossa predestinação tem por intuito levar-nos à participação na natureza e imagem do Filho. Somos Cristo em formação, pois Cristo está sendo duplicado em nós.

8 τοῖς δὲ δειλοῖς καὶ ἀπίστοις καὶ ἑβδελυγμένοις καὶ φονεῦσιν καὶ πόρνοις καὶ φαρμάκοις καὶ εἰδωλολάτραις καὶ πᾶσιν τοῖς ψευδέσιν τὸ μέρος αὐτῶν ἐν τῇ λίμνῃ τῇ καιομένῃ πυρὶ καὶ θείῳ, ὃ ἐστὶν ὁ θάνατος ὁ δεύτερος.

a τῇ λίμνῃ θείῳ Lc 30:33; Mt 25:41; R 19:20, 20:10, 15 πυρὶ καὶ θείῳ Gn 19:24; Ph 11:4; Eze 38:22 3 Mac

2:8; R 19:20

8 apistos] add και αμαρτωλούς 046 82 2329 pm sy

21:8: Mas, quanto aos medrosos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos adúlteros, e aos feiticieiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente do fogo e enxofre, que é a segunda morte.

O vidente João agora faz contraste entre os bem-aventurados, que herdarão a todas as coisas novas, e que «vencerão», com o resto da humanidade, que é permanentemente arrastada pela iniquidade, vivendo no vício e merecendo a eterna punição. Esses são seguidores de Satanás, e com justiça merecem sua sorte. Todos os vícios desta lista de algum modo estão relacionados ao «culto ao imperador», conforme se verá na exposição; mas, naturalmente, fornecem-nos uma excelente descrição sobre os viciados de todos os séculos. Era comum, nas escolas filosóficas de moral, entre os gregos, usar «listas de vícios» como meios de instrução, algo parecido ao uso dos dez mandamentos da cultura hebraica. (Quanto a esse uso, adotado por vários autores do N.T., ver as notas expositivas em I Cor. 5:13).

«...covardes...» Sem dúvida é uma alusão aos «crentes acovardados», os quais, em tempo de tribulação, abandonam à fé e a Cristo, a fim de salvarem a pele. Nos dias de João, esses, subseqüentemente, davam lealdade ao «culto ao imperador». A inclusão desse vocábulo nesta lista de vícios é cortante e solene. Faz-nos lembrar de como os homens falham, mesmo quando têm as melhores intenções. Faz-nos lembrar da grande agonia da perseguição pela qual passou a igreja, e prevê como os homens reagirão quando o anticristo começar sua maior de todas as perseguições religiosas. Nós, e especialmente nossos filhos, teremos de ser muito corajosos; de outra maneira, nós e eles nos tornaremos covardes. Haveremos de abjurar de Cristo, sob a perseguição?

«...incrédulos...» Aqueles que se recusavam a crer na missão de Cristo e aceitá-la, preferindo elevar um mero homem à posição de divindade, adorando-o, tal como se dava no «culto ao imperador». Cristo é o *fiel*. (Ver Apo. 1:5. Ver também Apo. 2:10,13; 3:14; 17:14). Os verdadeiramente «fiéis» participarão de algo da natureza e dos atributos de Cristo; os demais serão os comprovadamente infieis.

«...abomináveis...» Aqueles que praticavam a idolatria e seus vícios acompanhantes. (Quanto à «abominação», ver as notas expositivas em Mat. 24:15. Ver sobre as «abominações da meretriz», em Apo. 17:4; onde é usada a mesma palavra, e onde há explicações mais completas). Todos aqueles eram maculados e contaminados pelas práticas do culto pagão.

«...assassinos...» Aqueles que matavam aos cristãos, por ordem e em

cooperação com as autoridades civis; aqueles que faziam mártires entre os cristãos. Este livro foi escrito para fortalecer e consolar. (Ver isso comentado em Gál. 5:21, na lista das obras da carne). Jesus mostrou-nos que alguém pode tornar-se homicida, até mesmo sem matar a outrem (ver Mat. 5:21,22).

«...impuros...» Essa palavra alude a qualquer impureza sexual. Os cultos pagãos faziam da prostituição um meio de financiar aos templos e seus sacerdotes. Na época de Paulo, Corinto contava pelo menos com mil prostitutas religiosas profissionais. A cultura pagã estava permeada de vícios sexuais de toda a espécie, e as sociedades modernas não têm melhorado quanto a isso, exceto que poucas religiões a tornam oficial como parte de seu culto. «Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação...» (I Tes. 4:3). Essas palavras foram escritas dentro do conceito dos vícios sexuais. Nas listas de vícios que indicam distorções sexuais, estas são numerosas e predominantes. (Ver, por exemplo, Apo. 3:5. As notas expositivas ali existentes adicionam bastante ao que é dito aqui sobre o tema). Entre as «obras da carne», vários vícios sexuais aparecem em Gál. 5:19, os quais encabeçam a lista. O vocábulo que figura neste texto aparece em primeiro lugar naquela lista. (Ver também Apo. 22:15).

«...feiticieiros...» Isso vem de um termo grego que significa «droga», porque as drogas desempenhavam papel importante na feitiçaria. (Ver Apo. 9:21 e 18:23, onde essa palavra é comentada e onde as práticas da feitiçaria são atacadas. Ver também Gál. 5:20 quanto a esse mal, na lista de vícios, onde são descritas as «obras da carne»). O «culto ao imperador» era promovido pelas artes da magia negra.

«...idólatras...» O culto ao imperador era a forma mais vil de idolatria, já que elevava um homem à posição de divindade, adorando-o como tal. Nos últimos dias, o anticristo será assim adorado. (Ver Apo. 13:4). (Ver a «idolatria» na lista de vícios em Gál. 5:20, e notas adicionais em Col. 3:5. Comparar também com Ato 17:16 e I Cor. 10:14, onde há úteis notas adicionais).

«...mentirosos...» (Contra a «mentira» e a «desonestidade», ver Col. 3:9). O «culto ao imperador» era uma mentira satânica, e a futura adoração ao anticristo será forte ilusão e grande mentira (ver II Tes. 2:9-11). Crê-se em uma «mentira» quando se repele a «verdade» que há em Cristo, conforme aquela passagem nos informa. «...os mentirosos são aqueles que negam a Cristo. Mediante sua conduta, tornam-se completamente diferentes dos mártires, e merecem a sorte que os atingiu...» (Rist, *in loc.*).



«...lago... fogo...» Quanto ao «lago do fogo», antes descrito como o destino dos ímpios, ver notas expositivas completas em Apo. 19:20. Essa será a herança dos ímpos, ao invés dos novos e benditos céus, o lar dos justos.

«...a segunda morte...» Aqui, tal como em Apo. 20:15, o lago do fogo é definido como a «segunda morte». (Ver também Apo. 2:11 quanto a essa expressão).

Outras idêntias sobre o oitavo versículo:

1. Este versículo apresenta o lado reverso do quadro. O autor sagrado vinha se concentrando em apresentar a bem-aventurança da eternidade. Mas agora ele faz uma digressão a fim de mostrar que nem todos participam disso. Alguns estão perdidos, e a terrível é o seu estado. (Ver Apo. 14:11 quanto a uma nota de sumário sobre o «juízo divino»). Isso importa em uma perda infinita, sem importar o que pensamos que Deus fará, em favor dos perdidos, a fim de

conferir-lhes algum propósito em Cristo, em sua existência.

2. Este versículo tem como sua função mais importante o propósito de mostrar que os perdidos merecem sua sorte, pois consideremos o tipo de pessoas que eles são.

3. Não há qualquer referência aos «pecados de omissão», à falta de justiça, gentileza, benevolência, misericórdia e amor, por causa dos quais pecados os homens também serão condenados com justiça. O autor sagrado contenta-se em descrever os atos mais desabridos dos pecadores, suficientes para condená-los.

4. «Eles se desvaneceram do reino de Deus» (Charles, *in loc.*).

5. Notemos a forte ênfase, dada no Apocalipse, ao pecado da mentira, embora isso sempre esteja tão em voga na sociedade. (Ver também Apo. 2:2; 3:9; 14:6; 21:8,27 e 22:16). A mentira nunca é «pequena» ou leve, pelo menos bíblicamente falando, sem importar o que os homens pensam.

### XIII. Jerusalém Celeste, a Capital da Nova Criação (21:9- 22:5).

#### 1. Sua aparência (21:9-14).

A Nova Jerusalém, ou Jerusalém celeste, já fora mencionada e comentada no segundo versículo deste capítulo. Ali parece ser descrita como uma cidade literal, que descenderá dos céus, o paralelo celeste da Jerusalém terrena. Neste ponto são descritos os seus «habitantes», chamados coletivamente de «Noiva de Cristo». Até hoje chamamos de «cidade» tanto aos edifícios e localização geográfica dos mesmos como aos seus habitantes. Esse duplo significado parece ser empregado neste capítulo. Assim, pois, nenhuma cidade «diferente» da do versículo segundo é aqui descrita, mas apenas há uma maneira diferente de contemplar a mesma coisa. A descrição de Jerusalém, que se estende até Apo. 22:5, é detalhada e eloquente, rica em simbolismos. Presumimos estar em foco, do princípio ao fim, um ou outro daqueles pontos de vista sobre a cidade, e às vezes prevalece algum desses pontos de vista sobre o outro.

Creemos que o autor sagrado espera que entendamos alguma cidade literal, até quando a cidade celeste está sendo descrita. Ela terá a aparência descrita; mas os itens que formam sua aparência são, ao mesmo tempo, símbolos espirituais do caráter do estado de bem-aventurança dos justos; ou então, em alguns casos, são descrições do caráter dos próprios justos. A exposição que se segue nos manterá isso em mente, de tal modo que a «glória» não parecerá ser meramente um lugar onde habitamos, mas também uma «realização espiritual», para ser concretizada na alma.

«A queda de Jerusalém acentuou a tendência do surgimento da expectativa de uma cidade nova ou renovada na terra, elevando tal expectativa para a esperança de uma cidade celestial e transcendente (conferir Apocalipse de Baruque 4:2-6, etc.), embora o apaixonado desejo pela restauração da cidade e do templo, na era messiânica, ainda fosse forte... João introduz a identificação definitivamente cristã da Jerusalém celestial com a Noiva do Messias, e combina as várias características de uma cidade preexistente, celestial e renovada — características que ocasionalmente refletem o pano de fundo mitológico de tais idéias anteriores do judaísmo. O conceito intairo, se não a própria passagem, é satirizado nos escritos de Luciano (*Ver Hist.* ii), em sua narrativa sobre a cidade áurea de muralhas de esmeralda, seu rio e sua ausência da noite, para nada dizer de vinhas... Os versículos onze a vinte e um descrevem o exterior; os versículos vinte e dois a vinte e sete, o interior». (Moffatt, *in loc.*).

9 Καὶ ἦλθεν εἰς ἐκ τῶν ἐπτὰ ἀγγέλων τῶν ἔχόντων τὰς ἐπτὰ φιάλας, τῶν γεμόντων τῶν ἐπτὰ πληγῶν τῶν ἐσχάτων, καὶ ἐλάλησεν μετ' ἐμοῦ λέγων, Δεῦρο, δείξω σοι τὴν νύμφην τὴν γυναῖκα τοῦ ἀρνίου.  
9 τῶν γεμόντων RAP 051 2059i 2399 al; R] τας (om 046 82 al) γεμουσας ι 2006 al ε

21:9: É veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostra-te-a e noiva, a esposa do Cordeiro.

Creemos que esse é o anjo que foi o mentor de João desde Apo. 17:1. (Pode-se comparar as palavras do anjo ali, que levou João, «no espírito», a um deserto, para contemplar a grande meretriz, onde também havia a declaração: «Vem, mostrar-te-ei...»). Embora este versículo e o trecho de Apo. 17:1 sejam bem paralelos em sua forma de expressão, aquilo que é mostrado em seguida é bastante diferente. Porém, até mesmo nisso há certo paralelismo (na forma de contraste), porquanto ali a João é mostrada a «meretriz», a «mulher» poluída, que deve ser entendida como Roma pagã, mas aqui lhe é mostrada a mulher pura, a «Noiva de Cristo».

«...sete taças...» Já vimos esses julzos nos capítulos quinze e dezesseis.

«...a noiva...» Já vimos a metáfora da «noiva» por duas vezes, no Apocalipse. (Ver Apo. 19:7 e 21:2 quanto a notas expositivas completas sobre esse símbolo, onde há referências a outros trechos do N.T., onde a mesma coisa é subentendida ou é diretamente asseverada).

«...do Cordeiro...» Cristo, como o Cordeiro, é um símbolo comum no Apocalipse, e isso é algo tipicamente joanino. (Ver João 1:29 e Apo. 5:6,8,12,13; 6:1,16; 7:9,10,14,17; 12:11; 13:8,11; 14:1,4,10; 15:3; 17:14;

10 καὶ ἀπήνεγκέν με ἐν πνεύματι ἐπὶ ὄρος μέγα καὶ ὑψηλόν, καὶ ἔδειξέν μοι τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Ἱερουσαλὴμ καταβαίνουσαν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ,  
10 πόλη] add την μεγάλην 051 ι 1854 2059i pm ε

21:10: E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a santa cidade de Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus,

«...me transportou, no espírito...» Temos aqui, por igual modo, um paralelo do décimo sétimo capítulo, o que é comentado em Apo. 17:3. Ver as experiências místicas em Apo. 1:10. Se a alusão é ao Espírito Santo, ou ao próprio espírito humano de João, ver as notas nas referências dadas. A ausência do artigo é que permite tal ambigüidade. Se ali estivesse escrito «o espírito, então saberíamos, sem grande dúvida, que a alusão é ao Espírito Santo.

«...elevada montanha...» Isso pode ser contrastado ao «deserto», para onde João fora transportado a fim de ver a horrenda meretriz (ver Apo. 17:3). O contraste entre o deserto e a montanha, nessas duas visões, é quase certamente proposital. O primeiro lugar é baixo, ressequido e árido, o lar da meretriz. O outro lugar é elevado, frutífero e saudável, lar dos justos, da Noiva de Cristo.

A cena à nossa frente, como é claro, se alicerça sobre o trecho de Eze. 40:2, que diz: «Em visões de Deus me levou à terra de Israel, e me pôs sobre um monte muito alto...» E dali Ezequiel pôde contemplar o novo templo da restaurada Jerusalém. Esdras (em II Esdras 9:26) se achou em um belo

19:7,9; 21:14,22,23,26 e 22:1,3).

Outras idêntias sobre o nono versículo:

1. «Assim, a nuphe (noiva) é posta em violento contraste com a 'porna' (meretriz)» (Robertson, *in loc.*). Cada indivíduo precisa escolher que atitude caracterizará sua vida. (Há dois poemas que ilustram bem esse fato, nas notas expositivas sobre Apo. 20:16).

2. «Assim como os anjos da ira ou das taças de cólera mostraram ao vidente a ímpia cidade mundana, sob o simbolismo de uma meretriz, assim também agora um daqueles anjos mostra ao vidente a cidade de Deus, sob o nome de noiva ataviada. E parece que o Espírito da profecia desse modo queria ilustrar o fato que a cólera de Deus é uma chama, que pode ser dividida no relâmpago da justiça ou na luz do amor» (Lange, *in loc.*).

3. A «noiva» será descrita (na seção à nossa frente) e não meramente «o lugar» onde ela vive. A verdadeira vantagem espiritual também não se acha onde vivemos, mas naquilo em que somos diariamente transformados, segundo a imagem de Cristo. Um marido se interessa muito mais pela beleza e caráter de sua esposa do que pela casa que ela lhe provê, e na qual ela vive. As recompensas e coroas não são coisas materiais que chegamos a possuir em algum mundo eterno, e, sim, é uma realização espiritual, em que Cristo é formado em nós, tratando-se, assim, de uma realização em nossas próprias almas. (Ver I Cor. 3:14 sobre as «recompensas», em II Tim. 4:8, sobre as «coroas»).

pomar de flores, quando teve a visão da cidade celestial.

O imortal invadirá ao mortal, a eternidade invadirá ao tempo. Por algum tempo João foi capaz de transcender aos antros costumeiros da mortalidade, vendo como o mortal é absorvido pelo imortal, e como o imortal invade ao mortal. Ele conhecera Jerusalém terrena, mas agora via que suas esperanças e ideais haveriam de ser absorvidos e elevados pela Jerusalém celestial. Somente no imortal é que realmente podemos chegar a compreender os propósitos do que é mortal. Somente o homem espiritual tem plena visão do que é a vida mortal, porquanto obteve tal discernimento de parte da eternidade.

«...santa cidade...» Essa última cláusula é reiteração de coisas que já vimos no segundo versículo deste capítulo, a saber:

1. Jerusalém, como «santa».

2. Jerusalém a descer dos céus, da parte de Deus. (Isso pode ser comparado à promessa de Cristo de que ele foi preparar para nós um lugar. em João 14:2). Jesus via o significado da vida mortal somente na esfera imortal. Não se envergonhava de falar e de viver para o mundo do amanhã. Portanto, a própria fé é a dedicação ao mundo eterno e seus valores. (Ver as notas expositivas completas em Heb. 11:1).

10 ἀπήνεγκέν... Ἱερουσαλὴμ Rm 40.2



Jerusalém descenderá. Ela será a «noiva ataviada». Ela fala sobre as alegrias da imortalidade, a beleza da espiritualidade:

**Variante Textual:** As palavras «...aquela grande cidade, a santa...» figuram nos mss 061, 1, 1854 e em alguns poucos manuscritos posteriores de escassa autoridade textual. A forma mais simples, «a cidade santa», figura nos mss Aleph, AP, 046 e nas versões em geral. Era muito mais natural os escribas adotarem os textos, ao invés de abreviá-los, e a forma mais longa, neste ponto, é um adorno. Outrossim, a evidência textual mais forte favorece o texto mais curto.

**Outras idéias sobre o décimo versículo:**

1. «A cidade não deve ser concebida como algo que encobria o monte, mas como algo que descia sobre um local próximo, conforme se vê em Eze. 40:2»

11 ἔχουσιν τὴν δόξαν τοῦ θεοῦ· ὁ φωστὴρ αὐτῆς ὁμοίος λίθῳ τιμιωτάτῳ, ὡς λίθῳ ἰάσπιδι  
κρυσταλλίζοντι

11 Ia 60.1, 2, 10

21:11: toda a glória de Deus, e a sua brilho era semelhante a uma pedra preciosíssima, como se fosse jaspé cristalino;

Na exposição sobre a «descrição» da cidade, procuramos ver ali algo literal, supondo que o vidente João esperava ver tal cidade no mundo eterno; mas também se deve entender tal descrição como simbólica, porque a descrição é da «noiva», aquela que habita na cidade, e não exatamente a própria cidade. Portanto, procuraremos fornecer uma dupla explanação sobre cada um dos itens abaixo:

«...glória de Deus...» Isso indica, particularmente, a presença de Deus, e não somente sua manifestação ocasional. (Ver Exo. 40:34). «Eis o tabernáculo de Deus com os homens...» (terceiro versículo). Deus habitará com eles e eles com Deus, de modo que sua glória tornar-se-á patente aos olhos deles. Essa situação fará a glória divina, a «shekinah», vir habitar permanentemente com os homens.

«...seu fulgor...» Isso alude à luz, ao resplendor da cidade, como se ela fosse uma gigantesca pedra preciosa.

«...pedra preciosíssima... jaspé...» Isso pode ser confrontado com Apo. 4:3, onde a teofania ou manifestação visível de Deus tem a aparência de «...pedra de jaspé e de sardônio...» O que ali foi dito acerca da manifestação de Deus, agora é dito acerca da aparência da cidade, a qual participa da glória divina. Isso é especialmente verdadeiro no caso da «noiva», a qual participará da natureza de Cristo (ver Rom. 8:29).

«O simbolismo aqui empregado mostra sua natureza divina; será, verdadeiramente, uma habitação apropriada para Deus, para Cristo e para seu povo. Em linguagem bastante parecida, a Nova Jerusalém é descrita nos *Oráculos Sibílicos* (5:420-427). Ali é dito que a Nova Jerusalém é 'mais radiante que as estrelas, o sol e a lua', estando engastada 'como uma jóia do

12 ἔχουσα τείχος μέγα καὶ ὑψηλόν, ἔχουσα πυλῶνας καὶ θύματα ἐπιγεγραμμένα ᾧ ἐστὶν [τὰ θύματα] τῶν δώδεκα φυλῶν υἱῶν Ἰσραὴλ·

12-13 Ex 28.21; Eze 48.30-33

21:12: a tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos e nomes escritos sobre elas que são os nomes das doze tribos das filhas de Israel.

Havia elevadíssima muralha, na qual se viam doze portões, três em cada lado do quadrado. Esses lados se voltavam para as quatro direções principais: norte, sul, leste e oeste. Em cada portão havia a gravação do nome de uma das doze tribos de Israel. Tal descrição se baseia em Eze. 48:31-34. João adiciona a isso que havia sentinelas angelicais, uma postada em cada portão. No livro de Ezequiel, a cidade é chamada de «O Senhor está Ali», e isso é apta descrição para a Nova Jerusalém, conforme se vê nesta descrição, embora o vidente João não tivesse adicionado tal detalhe.

«...doze tribos...» Não se pode duvidar, historicamente falando, que, para o vidente João, em Apo. 7:1-8, as «doze tribos» representavam o grupo inteiro dos mártires. Profeticamente, porém, parecem «incluir» os mártires de Israel durante o período da Grande Tribulação. Portanto, as doze portas, neste caso, fazem-nos lembrar dos mártires, e agora os vemos em elevadíssima exaltação.

As portas da cidade, encimadas pelos nomes das doze tribos de Israel, ilustram para nós importante lição. Ninguém pode ouvir o que Deus tem feito pelos eleitos, nessas descrições, sem lembrar-se das revelações divinas que foram dadas por intermédio da nação de Israel. Sem importar de que direção se vê os remidos, temos de ser lembrados da missão terrena de Jesus, o qual, por raça, era judeu. O processo espiritual histórico, que tinha essa nação como seu centro, tem ajudado a produzir esse produto final dos remidos.

Supomos que há um elemento da polêmica que, naturalmente, envolve mais do que isso. A redenção final incorpora tudo quanto Deus tem feito na antiga e na nova dispensações. Essa é a «nova» Jerusalém, mas é Jerusalém; e tem muitos lados e portões, mas tudo está inscrito com os nomes das tribos de Israel. Pelo menos João harmoniza o antigo e o novo em suas descrições, dando a entender que entre os mesmos não há qualquer contradição básica, embora os homens os tenham lançado em conflito forçado. «Os nomes inscritos denotam a universalidade da igreja e sua continuidade com o antigo povo de Deus». (Moffatt, *in loc.*).

**Outras idéias sobre o décimo segundo versículo:**

1. A cidade está de pé pelo poder de Deus. Nenhum poder poderá prejudicá-la. É guardada pelos anjos, protegida por uma elevada e grande muralha. Os erros de todos os séculos terão sido corrigidos. A criação inteira está na palma da mão beneficente de Deus. Nisso há segurança final, e daí é que

(Alford, *in loc.*). Esses detalhes servem apenas para ajudar-nos a visualizar melhor a descrição feita, não podendo ser tomadas como indicações literais.

2. Comparar com Enoque 24 e 26, onde há visões tidas do alto de algum monte. Nesses capítulos é prometido que o Senhor da glória, o Rei da eternidade, visitará a terra, descendo dos céus, trazendo bondade.

3. «A visão das futuras glórias de Deus pode ser melhor contemplada das alturas consagradas da auto-rendição e da oração. Em um monte isolado, o monte da súplica e da separação do mundo, é que a luz e a glória de Deus podem ser melhor contempladas» (Carpenter, *in loc.*).

4. Este versículo subentende alguma forma de contacto com a nova terra, por parte da Jerusalém celestial, pelo menos certa comunicação. Alguns estudiosos supõem que alguns santos terão posições de autoridade sobre a nova terra, durante o estado eterno, mas isso não passa de especulação.

mundo'. Por semelhante modo, aqueles que vissem seu templo a elevar-se até às nuvens estariam vendo 'a glória do Deus invisível, a visão de deleite'. (Rist, *in loc.*).

«...jaspé...» (Ver as notas expositivas completas sobre esse item, em Apo. 4:3). Esse jaspé é como uma pedra «cristalina». Será uma pedra preciosa luminosa, que refletirá, por assim dizer, a glória de Deus, tal como os remidos são a «imagem de Deus», em Cristo, duplicando a natureza do próprio Filho (ver II Cor. 3:18). «Cristo é a luz do mundo (ver João 8:12); e outro tanto são os crentes (ver Mat. 5:14), os quais receberam a iluminação (photismos) de Deus no rosto de Cristo (ver II Cor. 4:6), dali se irradiando sobre os homens (ver Fil. 2:15)». (Robertson, *in loc.*).

**Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:**

1. «Resplendor ofuscante... seu brilho é como uma pedra preciosíssima, um jaspé cristalino, isto é, transparente e rebrilhante como um cristal. O jaspé moderno é um quartzo opaco e tingido, translúcido em parte somente nas beiradas. Talvez esteja sendo reproduzido o trecho de Isa. 64:11,12... o escritor considerava complementares a ambas as cláusulas... Ou então o 'iaspidi' poderia representar uma opala, um diamante ou um topázio, qualquer das quais (pedras) corresponde melhor à descrição de 'transparente' e 'valiosa'. Flinders Petrie, entretanto, sugere alguma variedade de jaspé de cor verde-escura» (Moffatt, *in loc.*).

2. «Com toda a probabilidade é uma pedra transparente e clara como o cristal, embora retendo o tom esverdeado do jaspé. O resplendor geral da cidade era como do diamante, embora com o tom verde do arco de esmeraldas, que envolvia ao trono. Comparar com Apo. 4:3» (Carpenter, *in loc.*).

3. Essa pedra é «preciosíssima». Por igual modo, a salvação que os homens recebem em Cristo não tem descrição em palavras, não podendo ser calculado o seu valor. Isso envolve até mesmo a obtenção de «toda a plenitude de Deus» (ver as notas expositivas em Efé. 3:19).

δώδεκα, καὶ ἐπὶ τοῖς πυλῶσιν ἀγγέλους δώδεκα, τῶν δώδεκα φυλῶν υἱῶν Ἰσραὴλ·

muro do desenvolvimento espiritual, onde os homens irão compartilhando crescentemente da natureza e dos atributos divinos.

2. «Doze é o número da perfeição teocrática. Portanto, é o número dos doze patriarcas, das doze tribos de Israel, dos doze apóstolos, é a Igreja aperfeiçoada ou mundo celestial do Espírito... Esse número, entretanto, se cruza e mescla com o número do mundo, o 'quatro'. pois, de fato, se compõe de quatro multiplicado por três, ou seja, o número do mundo santificado por Deus. Outrossim, o quatro, conforme aparece aqui, continuamente se divide em três. Assim, vemos sobre as doze portas, distribuídas de três em três nos quatro lados da cidade. Além disso, a própria cidade, em sua forma quadrangular, tem três quadrângulos, comprimento, largura e altura, formando um cubo. O número 'doze' é repetido por mil vezes na qualificação dos estádios. A altura da muralha é definida pelo número doze vezes doze, ou seja, cento e quarenta e quatro. Até mesmo com base nessas proporções numéricas, a natureza plenamente simbólica do quadro inteiro da cidade se manifesta, e o mesmo fato é mais evidenciado ainda, em particular, com base na altura da cidade» (Lange, *in loc.*).

3. Os anjos são «...guardas, provavelmente de acordo com o trecho de Isa. 62:6, e de acordo com o tipo dos guardas levitas do templo ou porteiros (ver II Crô. 8:14)» (De Wette, *in loc.*). Assim, apesar da cidade não ter agora «inimigos externos» que a invadam, esses anjos representam simbolicamente a segurança eterna da cidade, e talvez o próprio fato que será servida por seres angelicais de diversas capacidades. (Ver as notas expositivas em Heb. 1:14 quanto ao «ministério dos anjos»). O ministério angelical, pois, aumentará a glória da cidade, bem como a eficácia da «noiva» como «cidade espiritual».

4. A grandeza e altura da muralha falam de segurança, destacando o fato que nenhum ladrão ou inimigo poderá penetrar na cidade. (Ver Isa. 26:1 e Zac. 2:5). A muralha também cerca e «conserva de fora», por assim dizer. Somente os remidos têm o direito de entrar nessa cidade: somente os remidos poderão ver essa cidade, o reflexo e a realização da glória de Deus nos homens. A muralha é elevada demais para que ali penetrem o engano, a concupiscência, os vícios, a iniquidade, etc. E isso significa que aqueles que são descritos no oitavo versículo não terão acesso a essa cidade.

5. Alguns estudiosos vêem esses portões como a obra redidora de Cristo, que tem muitos lados, que lhe dá acesso. Porquanto ele é a verdadeira «porta», conforme se aprende no décimo capítulo do evangelho de João.

6. Aqui, como por toda a exposição, supomos que os itens da descrição visam ser muito mais que uma «destruição física», a da cidade literal, embora devamos entender que haverá tal lugar. A «noiva» está principalmente em foco, e não o lar onde ela habitará. A maior parte dos intérpretes cristãos não vêem aqui qualquer cidade literal, e pensam que essas descrições inteiras são apenas imagens poéticas que representam vários aspectos do caráter e das realizações da «noiva».

13 ἀπὸ ἀνατολῆς πυλῶνες τρεῖς, καὶ ἀπὸ βορρᾶ πυλῶνες τρεῖς, καὶ ἀπὸ δυσμῶν πυλῶνες τρεῖς·



21:13: *As oriente havia três portas, ao norte três portas, ao sul três portas, e ao ocidente três portas.*

Isso pode ser comparado ao acampamento de Israel, onde havia o arranjo das tribos de acordo com direções dos pontos cardeais. A leste ficavam Judá, Issacar e Zebulom; ao sul, Rúben, Simeão e Gade; a oeste, Efraim, Manassés e Benjamim; e ao norte, Dã, Aser e Naftali. (Ver o segundo capítulo do livro de Números). Esse arranjo original das tribos sem dúvida muito tinha a ver com o desenvolvimento do simbolismo da muralha com seus quatro lados e doze portas, da Nova Jerusalém. Nos tempos antigos, porém, Israel estava em um deserto, em uma região hostil e agreste. A Nova Jerusalém eliminará tudo isso. (Ver também Eze. 42:16 e ss., quanto aos três portões de cada lado da muralha. Ver igualmente Eze. 48:31 e ss., quanto a descrições similares). O nome da cidade, «O Senhor está Ali» (ver

Eze. 48:35), corresponde à descrição em que o templo espiritual é habitado pelo Espírito, o que é um simbolismo idêntico (Efé. 2:19 e ss.).

É possível que o fato das portas apontarem para os quatro pontos cardeais subentenda aquilo que é dito diretamente em Apo. 5:9, onde se lê que os eleitos consistem de povos provenientes de cada recanto da terra, de cada raça em que se divide a humanidade. Há uma porta de admissão para todas as variedades humanas; porque o evangelho não tem qualquer atitude exclusivista, racialmente falando.

*Em Cristo não há Oriente e nem Ocidente.  
Nem há Sul e nem Norte,  
Mas uma só grande companhia que viverá  
Por toda a espaciosa terra.*

(John Oxenham)

14 καὶ τὸ τεῖχος τῆς πόλεως ἔχων θεμελίους δώδεκα, καὶ ἐπ' αὐτῶν δώδεκα ὀνόματα τῶν δώδεκα ἀποστόλων τοῦ ἀρνίου.

21:14: *O muro da cidade tinha doze fundamentos, e sobre os mesmos os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.*

Este versículo pode ser comparado com Efé. 2:19-22, onde a casa de Deus é assemelhada a um templo, «edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas», e do qual Cristo mesmo é a principal pedra angular. (Ver também Heb. 11:10; I Ped. 2:5 e Mat. 16:18 quanto a simbolismos similares). Esse simbolismo é apresentado de modo mais realista e detalhado, no presente versículo. Confiamos, pois, que aqui é descrita a «noiva», a ocupante da cidade, e isso de maneira destacada. Se não mesmo exclusiva, apesar de que João, o vidente, também poderia estar antecipando uma cidade literal.

João talvez tenha em mente os doze apóstolos originais, com alguma substituição para Judas, como Matias ou Paulo. Mais provavelmente, porém, ele pensava na instituição do apostolado, e não de doze apóstolos como indivíduos. (Quanto ao ofício do apostolado, ver as notas expositivas em Mat. 10:1. Quanto à lista dos «apóstolos», onde há descrições sobre cada um deles, de modo breve, ver Luc. 6:12).

A raiz prende-se à revelação e à instituição passada. A «Nova Jerusalém» não prescindirá de bases históricas. A revelação que veio por meio de Cristo, mediada pelos apóstolos, forma a base dessa igreja; sem isto, não poderia haver tal concretização. (Quanto aos significados simbólicos do número «doze», ver as notas expositivas acerca do décimo segundo versículo, entre

XIII. *Jerusalém Celeste, a Capital da Nova Criação* (21:9-22:5).

2. *Suas dimensões* (21:15-17).

A seção à nossa frente pode ser comparada com o trecho de Apo. 11:1-2, onde João recebe uma vara para medir o templo. Ali, é bem possível que o símbolo tencionado seja a «medição dos mártires» -- quem são e o que sofrerão. Assim também agora a «noiva» será revelada em suas qualidades, mediante a mediação celeste. Rist (in loc.) sugere: «...os mártires estão agora sendo 'medidos' para sua eterna segurança, paz e bênção na Nova Jerusalém». Seja como for, o simbolismo de ambos os textos parece haver sido influenciado por Eze. 40:3 e ss. Na realidade, a Nova Jerusalém será um imenso cubo, com cerca de dois mil e quatrocentos quilômetros de lado. Suas dimensões gigantescas são paralelas ao tamanho do novo templo edificado por Deus, conforme dizem os Oráculos Sibilinos 5:418-427, no qual haveria uma torre tão imensa que chegaria às nuvens. No Apocalipse Hebraico de Elias a cidade santa é vista com três mil torres, algumas delas a quinhentos quilômetros de distância uma da outra. Talvez a cidade santa seja apresentada como um cubo devido ao fato que o Santo dos Santos, no templo antigo, era um cubo (ver I Reis 6:20); e era a habitação anterior e inferior de Deus, o lugar onde ele manifestava a sua presença.

Pode-se perceber, com base nessas comentários, que o simbolismo usado por João, tanto aqui como por todo o Apocalipse, é extraído em grande parte da tradição apocalíptica judaica, parcialmente bíblica e parcialmente dos livros pseudo-epígrafes, os quais, de fato, provêem rico material para representações figuradas.

15 Καὶ ὁ λαλῶν μετ' ἐμοῦ εἶχεν μέτρον κάλαμον χρυσοῦν, ἵνα μετρήσῃ τὴν πόλιν καὶ τοὺς πυλῶνας αὐτῆς καὶ τὸ τεῖχος αὐτῆς.

21:15: *O que falava comigo tinha por medida uma cana de ouro, para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha.*

As notas de introdução, imediatamente acima, nos oferecem a idéia geral do que deve ser aqui transmitido, na medição da cidade, e no tocante ao pano de fundo literário. O anjo trazia um gigantesco «metron» ou medida, feita de ouro, e não uma mera cana, como ordinariamente era o caso. Isso mostra que o que seria medido se revestia de imensa importância e valor. «A 'medição'» (ver Apo. 11:1 e Eze. 42:16) denota o caráter ideal da Igreja eterna, o conhecimento e a nomeação divina da mesma—qualidades que são expressas em João 17; Rom. 8 e Efé. 1. A medida é de «ouro»: mediante a fidelidade divina, a Igreja ideal tornou-se a Igreja verdadeiramente eterna. O anjo realiza a mediação em sua verdadeira seqüência: primeiramente, a cidade é definida, no tocante à totalidade de seus

habitantes; e, em seguida, as dimensões dos portões e da muralha. (Lange, in loc.).

«Neste ponto, a cidade, ao ser medida, dá a entender a sua total consagração, em todas as suas partes, trazida ao padrão exato das exigências de Deus; outrossim, fica entendido o cuidado de Deus, dali por diante, de cada partícula de sua Santa Cidade, para que o mal não a atinja». (Fausset, in loc.).

«... É a mediação que exhibe a beleza e as proporções da cidade, a qual agora viverá em paz. O ouro é uma das grandes características desta cidade; as ruas são de ouro (versículos dezoito e vinte e um); e isso pode representar o rico esplendor (ver Sal. 77:15 e I Reis 10:14-21) da cidade real; mas a riqueza daquela cidade será o amor». (Carpenter, in loc.).

16 καὶ ἡ πόλις τετράγωνος κεῖται, καὶ τὸ μῆκος αὐτῆς ὅσον [καὶ] τὸ πλάτος. καὶ ἐμέτρησεν τὴν πόλιν τῷ καλάμῳ ἐπὶ σταδίων δώδεκα χιλιάδων· τὸ μῆκος καὶ τὸ πλάτος καὶ τὸ ὕψος αὐτῆς ἴσα ἐστίν.

16-17 Eze 48:16, 17

21:16: *A cidade era quadrangular; e a sua comprimentos era igual à sua largura. E mediu a cidade com a cana e tinha ela doze mil estádios; e a sua comprimentos, largura e altura eram iguais.*

No tocante à observações gerais sobre as medidas e o formato da cidade, ver as notas de introdução sobre o décimo quinto versículo. Nem todos os intérpretes concordam acerca do formato cúbico; mas a maioria crê que assim sucederá. E isso tem precedentes no fato que o Santo dos Santos do antigo tabernáculo também tinha esse formato. Portanto, a nova

«habitação» de Deus provavelmente tem por intuito possuir o mesmo formato.

«...doze mil estádios...» Já vimos comentários sobre essas medidas, em Apo. 15:20. O estádio era uma oitava parte da milha romana, ou seja, cerca de cento e oitenta e cinco metros. Portanto, doze mil estádios correspondem mais ou menos a dois mil e duzentos quilômetros. Porém, devido à ambigüidade das dimensões, conforme são vistas no grego, os intérpretes diferem imensamente no tocante ao seu formato tencionado. Alguns

15 μέτρον... τεῖχος αὐτῆς Eze 40:3, 8

16 καὶ τὸ ὕψος] em 2399



pensam que os dois mil e duzentos quilômetros se referem não a cada lado, altura, etc., e, sim, à medida «total» dos quatro lados. Outros imaginam uma cidade com muitos níveis superpostos. E também há aqueles que supõem que a cidade está posta sobre um alto monte, o que lhe dá tão grande altura. Todas essas explicações e contra-explicações são de pouquíssima importância. O autor parece resolvido a impressionar-nos com a imensidade da cidade, e, portanto, com a imensidade de sua importância e grandiosidade. Já que o formato do cubo também aparecia no Santo dos Santos, na arca do dilúvio e no templo de Salomão e na «casa do rei», supomos que isso é o que está em foco aqui. Talvez as três dimensões iguais devam lembrar-nos do «elemento divino» de tudo isso, já que o número «três» é o número divino.

As lendas rabínicas falavam sobre as muralhas da Nova Jerusalém e diziam que se estendiam de Jerusalém a Damasco, com a altura inconcebível de dois mil e duzentos quilômetros. (Comentários sobre Zac. 9:1). Nos *Oráculos Sibilinos* 5:250 e ss., é descrita uma muralha que iria até Jope, e outras dimensões gigantescas eram aplicadas à Jerusalém celestial, aos olhos dos rabinos. «É inútil tentar reduzir as dimensões ou dar

17 καὶ ἐμέτρησεν τὸ τεῖχος αὐτῆς ἑκατὸν τεσσαράκοντα τεσσάρων πηχῶν, μέτρον ἀνθρώπου, ὃ ἐστὶν ἄγγελοῦ.

21:17: Também mediu o seu muro, e ora do cento e quarenta e quatro côvados, segundo a medida do homem, isto é, do anjo.

Cento e quarenta e quatro côvados é cerca de sessenta e cinco metros; mas alguns estudiosos supõem que se trata da espessura da muralha, e não de sua altura. Seja como for, fica frisado algo de dimensões gigantescas, o que tem o mesmo simbolismo do que já foi salientado acima. Os rabinos supunham muralhas gigantescas na Nova Jerusalém, conforme é comentado no versículo anterior. Para João, talvez seja mais importante o próprio número, o qual deve ser tido como um número místico. Talvez isso nos lembre do apostolado em sua forma perfeita, de tal modo que todos os crentes são elevados ao cumprimento apostólico. Lange (*in loc.*) supõe que «o doze teocrático é multiplicado pelo doze apostólico», e isso fala da consumação do reino de Deus, na plenitude do Espírito de Cristo. É bem possível que João tivesse em mente algum simbolismo inteiramente diverso disso, mas para nós é impossível afirmar que simbolismo seria esse. Parece razoável, porém, supor que tinha algo a ver com as doze tribos e com os doze apóstolos, na esperança do cumprimento do reino teocrático. Moffatt (*in loc.*), entretanto, supõe que muitas das características aqui descritas são meros toques poéticos, não se devendo pensar em qualquer simbolismo. O vidente João, porém, dificilmente teria escolhido esses números ao acaso, sem importar-se com a sua significação.

O Enoque Eslavo 65:10 fala de uma grande muralha que não pode ser derrubada; isso significa força, proteção e segurança, e não há que duvidar que devemos ter em mente essas idéias. Comparar isso com Zac. 2:5: «Pois eu lhe serei, diz o Senhor, um muro de fogo em redor, e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória». As grandes dimensões da Nova Jerusalém falam de como as glórias da era eterna se estenderão a todas as regiões, porquanto a criação inteira será cheia da glória e da majestade do Senhor.

«...medida de homem, isto é, de anjo...» Essa expressão tem deixado perplexos aos intérpretes. Provavelmente isso se deriva do fato que o côvado

XIII. *Jerusalém Celeste, a Capital da Nova Criação* (21:9- 22:5).

### 3. Sua composição (21:18-21).

Contrastemos essa secção com a descrição da «meretriz», no décimo sétimo capítulo. A meretriz estava adornada de modo coruscante, mas segundo os moldes mundanos. Em contraste com isso, temos o decoro da Noiva, a Nova Jerusalém, cuja magnificência e imponência pintam a pureza e o bem-estar de sua pessoa. Essa «cidade» se compunha de ouro e de todas as espécies de pedras preciosas. Nela nada haveria de «comum» ou inferior. O autor sagrado procura expressar grande excelência com seus símbolos, exaltando em nossas mentes a glória que aguarda aos remidos. Há algo similar em Isa. 54:11,12, onde Yahweh promete a glorificação futura dos judeus: «Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida, e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes de rubis, as tuas portas de carbúnculos, e toda a tua muralha de pedras preciosas». Por igual modo se lê em Tobias 13:16,17: «Pois Jerusalém será edificada com safiras, esmeraldas e pedras preciosas. Tuas muralhas, torres e baluartes com ouro puro, e as ruas de Jerusalém serão pavimentadas com berilo, carbúnculo e pedras de Ofir». Esses símbolos também predominam no Apocalipse hebraico de Elias, onde a cidade aparece composta de esmeraldas e todas as formas de pedras preciosas, pérolas, etc. É óbvio, pois, conforme temos notado antes com freqüência, que João toma seu simbolismo por empréstimo do A.T. e da literatura apócrifa dos judeus.

18 καὶ ἡ ἐνδύμησις τοῦ τεύχους αὐτῆς ἰασπισ, καὶ ἡ πόλις χρυσοῖον καθαρὸν ὅμοιον ὕαλι καθαρόν.

18 ἡ 1ª N° AP 1811 2028 pc g 17; R] 4ª N°: γν η 046 1 82 1006 pl vg 5

21:18: O puro ornamento da jaqueta, e a cidade ornada de ouro puro, semelhante a vidro limpo.

«...jaspe...» (Isso já fora visto em Apo. 21:11). A cidade inteira, vista à distância, a descer da parte de Deus, tinha a aparência de jaspe, embora transparente como o cristal, o que é incomum na pedra chamada jaspe. Portanto, poder-se-ia pensar em um diamante com tons esverdeados coruscantes. (Ver as notas expositivas naquele versículo, quanto a amplas explanações, e onde se procura identificar a pedra preciosa em questão). No dizer de Lange (*in loc.*): «O material da muralha, portanto, se reveste de igual importância com a sua altura—valor infinito e duração infinita, qualidades que pertencem às pedras mais preciosas ou preciosas». E comenta Adam Clarke (*in loc.*): «O jaspe oriental é extremamente duro, quase indestrutível. As colunas feitas dessa pedra têm perdurado alguns milênios, e parecem nada ter sofrido dos estragos do tempo».

«...cidade é de ouro puro...» Será um ouro transparente, de qualidade extraterrena, presumivelmente de uma qualidade desconhecida na terra. Será um «ouro celeste». Notemos que não é que as ruas sejam de ouro, mas a cidade inteira será desse material. «A cidade brilhava como uma massa de

interpretações literais a essa linguagem altamente simbólica. Certamente o sentido é que os céus serão suficientemente espaçosos para todos, exatamente conforme disse Jesus (ver João 14:1 e ss.) sem insistirmos sobre a medição materialista de um riquíssimo edifício de apartamentos, repleto de salas». (Robertson, *in loc.*).

«A cidade, pois, apresenta o símbolo da simetria perfeita; isso é tudo quanto se faz mister... O pensamento central... é mostrar a harmonia e as proporções daquela comunidade, onde largos, baixos e altos se encontrarão, e onde nenhuma verdade será exagerada ou distorcida; onde nenhum ajustamento desproporcional maculará sua ordem social; onde todos quantos são encaixados como pedras vivas serão medidos, não de acordo com as falsas estimativas dos pensamentos mundanos (comparar com Tia. 2:4), mas mediante a cana de ouro do santuário». (Carpenter, *in loc.*).

«Os judeus dizem acerca de Jerusalém que, no porvir, ela será tão ampliada que atingirá os portões de Damasco, sim, até ao trono da glória. (Shirhashirim Rahba, fol. 24:1).» (John Gill, *in loc.*).

era uma medida tomada com base na estrutura do corpo humano, o comprimento entre a ponta do dedo médio da mão e a junção do cotovelo. Mas a referência deve passar disso, pelo que os estudiosos têm apresentado muitas idéias:

1. *Prosaica*: seria um lugar onde os homens habitam, embora o anjo tenha feito a medição.

2. Por igual modo, embora o «côvado» fosse uma medida humana, neste caso o anjo é que o empregava.

3. Ou simbolicamente, a «mesma medida» poderia ser usada por um homem ou por um anjo, dando a entender que homens e anjos serão iguais na cidade celeste. Os rabinos imaginavam que o máximo a que os homens poderiam aspirar seria chegar ao nível dos anjos mais exaltados. Assim é que no «sétimo céu» dos *Oráculos Sibilinos* aparece essa noção. O N.T., naturalmente, ensina que os remidos compartilham da imagem e natureza de Cristo, pelo que serão elevados muito acima da natureza e posição dos anjos, embora esse conceito raramente seja ouvido hoje em dia na igreja. (Ver Col. 2:10 acerca de notas expositivas completas sobre isso, e comparar com Rom. 8:29; II Cor. 3:18 e II Ped. 1:4, onde os remidos aparecem como quem participará da natureza divina).

4. Talvez isso signifique que a estatura espiritual do homem é tão grande, uma vez que ele entre na Jerusalém celestial, que será preciso um anjo para fazer o cálculo. Certamente isso está mais próximo dos fatos teológicos do que as demais explicações, ainda que talvez esse não seja o significado tencionado no texto.

5. Outras interpretações menos prováveis também existem, como aquela que supõe que esse «côvado» é uma medida angelical, não do mesmo comprimento do côvado humano (da ponta da mão ao cotovelo), sendo antes de cerca de cento e oitenta centímetros, isto é, da «altura» de um homem. Mas essa opinião é extremamente improvável.

ouro, em contraste com os lampejos do jaspe das muralhas». (Robertson, *in loc.*). No vigésimo primeiro versículo a «rua principal» da cidade é descrita desse modo, e, popularmente, isso tem sido aplicado a todas as ruas da cidade. Alguns intérpretes insistem aqui em um material literal, mas a maioria deles vê o ouro como símbolo de dignidade, valor, pureza e natureza exaltada do caráter da Noiva. Talvez também esteja implícita a sua participação na própria natureza de Cristo (ver II Cor. 3:18). Porém, apesar disso ser um conceito paulino, não é certo se João antecipava isso também. Seja como for, algo importantíssimo aparece aqui, no tocante à natureza e aos atributos da Noiva. Ela é do mais fino ouro, tão fino que nenhuma descrição ou conhecimento humanos podem apreender o seu significado, já que se trata de um ouro transparente e celestial. Isso pode ser contrastado com o caso da meretriz, em Apo. 17:4. Ela estava enfeitada de ouro, mas sua beleza era estritamente mundana. O livro de Apocalipse traz muitas alusões ao «ouro». Para o leitor curioso, esta lista é provida: Apo. 1:12,13,20; 2:1; 3:18; 4:4; 5:8; 8:3; 9:7,13,20; 14:14; 15:6,7; 17:4; 18:12,16 e 21:15,18,21. Mas a maioria das referências alude ao ouro de qualidade celestial.



«O ouro é emblema da natureza divina, difundida por todo o mundo, por causa da fusibilidade desse material». (Moffatt, *in loc.*, referindo-se à explicação de Filo sobre esse metal, em *leg. alleg.* xx).

«O ouro tem uma inalienável ligação com o próprio sol; conseqüentemente-

19 οἱ θεμέλιοι τοῦ τεύχους τῆς πόλεως παντὶ λίθῳ τιμῶ κεκοσμημένοι· ὁ θεμέλιος ὁ πρῶτος ἰασπις, ὁ δεῦτερος σάπφειρος, ὁ τρίτος χαλκηδών, ὁ τέταρτος σμάραγδος,

19 ol...κεκοσμημένοι Is 54.11-12

19 oi] praetm και X\* 051 x 2059a pm vg<sup>cl</sup> sy c

21:19: Os fundamentos da cidade estavam adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento era do jaspé; o segundo, da safira; o terceiro, da calcidônia; e quarto, da esmeralda;

Os versículos dezenove e vinte nos fornecem o material das doze camadas do alicerce, cada qual constituída de uma pedra preciosa diferente. A maior parte dos intérpretes procura achar algum significado espiritual em cada pedra, mas outros supõem que tudo isso é apenas adorno de um só conceito — a «noiva» é gloriosa. Os intérpretes literalistas, é óbvio, creem que o que é dito aqui é uma exata descrição da composição do material de que será feita a cidade celeste.

...fundamentos da muralha... Já vimos os alicerces mencionados no décimo quarto versículo, onde os simbolismos são dados. Os nomes dos doze apóstolos aparecem nesses alicerces, o que dá aos mesmos certa unidade de propósito, mas o material é diferente em cada um deles. Talvez isso seja indício de que as qualidades da glória celestial serão muitas e diversificadas, embora tudo constitua uma unidade.

Notemos que as várias pedras preciosas mencionadas são essencialmente paralelas às pedras do peitoral do Sumo Sacerdote, conforme se vê em Exo. 28:17-21 e 39:10-14. Isso pode ter sido feito a propósito pelo autor sagrado, já que neste livro ele muito exalta o sacerdócio dos crentes. Cada crente é agora um sumo sacerdote, e tem aquele grande acesso a Deus que antes fora preservado para um homem apenas, e isso somente uma vez por ano. Na Septuaginta (tradução do A. T. hebraico para o grego) essas pedras também são vistas no adorno das vestes do rei de Tiro (ver Eze. 28:13), mas isso parece apenas uma coincidência, em comparação ao nosso texto. Seja como for, os crentes são «reis», tanto quanto são «sacerdotes», conforme se vê também em Apo. 1:6 e 5:10.

No livro de Êxodo, cada pedra recebeu a gravação do nome de uma das doze tribos, mas, no Apocalipse, cada pedra tem o nome de um dos doze apóstolos, a despeito do que o empréstimo é óbvio. Desse modo João mostra, como freqüentemente o fizera neste livro, que ele considerava a igreja como o verdadeiro Israel. Os mártires fiéis são os cento e quarenta e quatro mil, representantes das doze tribos e do novo Israel, por assim dizer. Esse é um simbolismo comum no N. T. (Ver Rom. 9:6 e ss e Gál. 6:16).

«As jóias rebrilhantes. Correspondem aos doze apóstolos, que dão

20 ὁ πέμπτος σαρδόνυξ, ὁ ἕκτος σάρδιον, ὁ ἑβδομος χρυσόλιθος, ὁ ὄγδοος βήρυλλος, ὁ ἑνᾶτος τοπάζιον, ὁ δέκατος χρυσόπρασος, ὁ ἐνδέκατος ὑάκινθος, ὁ δωδέκατος ἀμέθυστος.

21:20: e quinto, da sardônica; e sexto, do sárdio; e sétimo, do crisólito; e oitavo, do berilo; e nono, do topázio; e décimo, do crisoprasso; e undécimo, do jacinto; e duodécimo, do ametista.

No vigésimo versículo, temos as seguintes pedras preciosas do fundamento da cidade celeste:

5. Quinto fundamento, sardônio. Uma bela e rara forma de ônix, assim chamada devido à sua semelhança com as veias brancas e amarelas da unha humana (no grego, «onuka»). Nos tempos antigos, evidentemente essa pedra era chamada «ônix», quando o fundo escuro da pedra era rajado ou salpicado de branco; e de «sardônio», quando diferentes cores eram arrançadas em camadas.

6. Sexto fundamento, sárdio. Essa pedra também é mencionada em Apo. 4:3, onde é comentada. (Ver também Exo. 28:17; 39:10 e Eze. 38:13). Era de cor vermelha, usualmente rebrilhante.

7. Sétimo fundamento, crisólito. O termo grego subentende uma pedra de cor dourada. Plínio a descreve como «translúcida e com um tom dourado». Está em foco o topázio, que é um quartzo amarelo. (Ver também Eze. 1:16; 10:9 e 28:13).

8. Oitavo fundamento, berilo. De acordo com Plínio, essa pedra se assemelhava ao verde do mar. Talvez tenha sido uma espécie de esmeralda, embora muitos eruditos pensem que era uma pedra inferior à esmeralda. (Ver Exo. 28:20; 39:13; Eze. 1:16; 10:9; 28:13 e Dan. 10:6).

9. Nono fundamento, topázio. Essa é a nossa pedra *peridot*. Alguns estudiosos afirmam que o topázio era desconhecido dos antigos, mas isso parece improvável. A pedra aqui mencionada era de uma verde amarelado ou de um amarelo pálido. (Ver Exo. 28:17; 29:10; Jó 38:19 e Eze. 38:13).

21 καὶ οἱ δώδεκα πυλῶνες δώδεκα μαργαρίται, ἀνὰ εἰς ἕκαστος τῶν πυλώνων ἦν ἐξ ἑνὸς μαργαρίτου. καὶ ἡ πλατεῖα τῆς πόλεως χρυσοῖον καθαρὸν ὡς ὕαλος διαυγής.

21:21: As doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era de uma só pérola; e a praça da cidade era de ouro puro, transporentemente como vidro.

Cada portão é uma pérola gigantesca, algo que ultrapassa a mais ativa imaginação, e sem dúvida o intuito do autor sagrado é exatamente esse. Todavia, tal idéia não é original ao vidente João; mas vem do Talmude, onde se lê que as portas da Nova Jerusalém se compõem de uma única gigantesca pedra preciosa ou pérola, cada uma delas com cerca de quinze metros de largura. (Ver *Baba Bathra* 75a, *Sanh.* 100a). Em primeiro lugar, essa idéia pode ter sido sugerida pelo trecho de Isa. 54:12, onde se lê que as

te, está vinculado ao próprio rosto de Deus ou de Cristo, isto é, trata-se da manifestação do amor de Deus». (Lange, *in loc.*).

O ouro é claro e puro. O amor dos céus, portanto, será puro, sem qualquer elemento de hipocrisia ou laivo de interesse próprio.

significado espiritual aos alicerces da cidade. São as doze jóias que dão encanto rebrilhante e beleza radiante. O homem de Patmos se esforça ao máximo para fazer o material servo do espiritual. A cidade sagrada tem direito a tudo quanto é esplendor e colorido rebrilhante das raras jóias, como parte de sua própria beleza. Quando o mal houver sido destruído o bem permanecerá na beleza limpa e gloriosa do novo e perfeito mundo. Quando alguém pensa na maneira como as jóias preciosas têm sido uma característica da vaidade e da pompa pretenciosa das circunstâncias mundanas, a ousadia desse quadro das jóias na muralha da cidade santa torna-se tanto mais notável. Nada, senão o mal, será retirado da glória da perfeita cidade de Deus. Conta-se que quando um famoso arquiteto estava planejando a mais encantadora das igrejas de Nova Iorque, declarou: 'Este não é lugar para mero monumento. Farei aqui uma jóia'. O uso que o Cristianismo faz da beleza é um tema profundo e nobre. (Hough, *in loc.*).

1. Primeiro fundamento, jaspé. (Isso é comentado nos versículos onze e dezoito deste capítulo). À distância, a cidade tinha a aparência dessa pedra, e suas muralhas eram compostas da mesma. Agora, uma das camadas do alicerce da muralha é feita dessa pedra preciosa.

2. Segundo fundamento, safira. (Comparar com Isa. 44:11 e Eze. 1:26). Talvez se trate do «lápiz lazúli», ao passo que a moderna safira talvez seja o «jacinto» do vigésimo versículo. Plínio descreve a pedra aqui mencionada (sappheiros) como uma pedra opaca e rajada com tracinhos de ouro, informando-nos que procedia da Média (Pérsia e Bocar). As nações da Ásia e a Grécia davam grande valor a essa pedra, antes das pedras verdadeiramente preciosas terem sido introduzidas de outros lugares. Ordinariamente essa pedra era opaca e azulada.

3. Terceiro fundamento, calcidônia. Assim chamada por proceder da Calcedônia, onde era encontrada nas minas de cobre. Provavelmente era uma esmeralda de qualidade inferior, popularmente chamada, hoje em dia de «esmeralda de cobre». Plínio informa-nos que ela era pequena e quebradiça, e que era furta-cor, quando em movimento, «como as penas verdes do pescoço dos pavões e pombos» (conforme nos diz Vincent, *in loc.*). Este é o único lugar onde essa palavra figura nas Escrituras.

4. Quarto fundamento, esmeralda. Essa palavra já fora encontrada em Apo. 4:3, onde aparecem as notas expositivas a respeito. (Ver também Exo. 28:18; 39:11 e Eze. 26:15).

10. Décimo fundamento, crisoprasso. Deriva-se de uma palavra que significa «alho de ouro». Essa pedra era de um verde dourado e translúcido, e se assemelhava a um alho. Plínio pensava que essa pedra é uma variedade do berilo. Parece ter sido uma forma da calcidônia, mas sua identificação é incerta.

11. Décimo primeiro fundamento, jacinto. (Ver as notas expositivas sobre essa pedra em Apo. 9:17). Trata-se de uma pedra azul, a água-marinha, uma variedade do berilo ou da safira. (Ver Exo. 28:19 e 39:12).

12. Décimo segundo fundamento, ametista. O termo grego significa «não estar bêbedo de vinho», por causa da noção que a pedra evitava a intoxicação alcoólica. Essa pedra é o quartzo ametistino, ou cristal de rocha, que pode receber um tom purpurino, devido ao manganês ou ao ferro.

Alguns intérpretes procuram achar aqui alguma interpretação espiritual, mas dificilmente esse foi o intuito do autor sagrado. Todas essas interpretações são fantasiosas, embora sejam interessantes. (Quanto ao que pode ser dito acerca do significado espiritual dessas pedras, de modo geral, não tentando achar algum significado em cada uma delas, ver as notas de introdução ao décimo nono versículo).

Há nesta descrição grande variedade de pedras e de cores; e isso pode subentender grande variedade de glória, de serviço e de realizações nos céus, tudo adaptado a diferentes indivíduos que têm diferentes missões, até mesmo na esfera eterna. Quanto a isso, ver Apo. 2:17, em suas notas expositivas, pois cada homem é ímpar, dotado de uma missão sem-igual. Mas, nessa imparidade também há unidade, a qual se acha na pessoa de Cristo.

portas de Jerusalém serão feitas de carbúnculos. (Ver notas expositivas sobre as pérolas em Apo. 17:4 e 18:12. Isso pode ser comparado à parábola da «pérola de grande preço», em Mat. 13:45). Pérolas tão gigantescas como aquelas que são aqui descritas seriam de valor incalculável, e provavelmente essa é a lição a ser aprendida por esse simbolismo. As pérolas eram tidas nas antigas culturas como objetos de valor idêntico aos das mais caras pedras preciosas. Portanto, trata-se de um símbolo apropriado para a verdade mais elevada, para a forma de vida mais alta, para as bênçãos divinas mais excelentes, que serão desfrutadas pelos remidos. A pérola é a única jóia que a arte humana não consegue aprimorar. Instrumentos e polimentos podem



dar lustro a outras pedras. Mas a perfeição da pérola deve ser algo original e inerente a ela mesma. As bênçãos mais profundas de Deus, na Nova Jerusalém, não poderão ser melhoradas, porquanto participam da perfeição, da própria perfeição de Deus. Portanto, alguns eruditos vêem aqui a pureza e a preciosidade de Cristo como verdades ilustradas; e, se isso é verdadeiro, então essas nobres qualidades serão compartilhadas pela Noiva. Essa é a lição aqui tencionada, pelo menos em parte.

A «porta» fala do «acesso». As portas, cada uma das quais feita de uma grande pérola, fala do «supremo acesso» da Noiva à herança celestial, à verdade celestial e ao bem-estar celestial. E tudo isso se manifestará por intermédio de Cristo, o qual é e sempre será o «Caminho», por meio do qual os homens podem buscar a Deus e aos seus benefícios.

«...praça...» Literalmente, temos aqui a «avenida principal». Pode indicar a «rua principal»; 2. a praça da cidade, ou talvez o mercado; 3. ou, se for

XIII. *Jerusalém, a Capital da Nova Criação* (Apo. 21:9-22:5).

#### 4. Sua glória (21:22-27).

A glória da cidade celeste será a presença de Deus e do Cordeiro. Nesta vida buscamos essa presença por vários meios, todos os quais são imperfeitos e parcialmente inadequados. Buscamos a Deus em oração, na meditação sobre Cristo, no estudo das verdades espirituais, na busca pelos dons do Espírito Santo e no cultivo da santidade. Chegaremos a certo nível de santidade aqui, e, nessa manifestação da presença de Deus ficamos conhecendo algo de sua glória. Mas na vida futura todas essas limitações serão removidas. Isso não significa que não haverá progresso eterno. A passagem de Efé. 3:18 mostra-nos que não haverá ponto final em nossa inquirição por uma espiritualidade superior, porquanto Deus é o grande alvo, e, sendo ele infinito, também terá de haver um progresso infinito em sua direção, na mesma proporção em que formos compartilhando de «toda a plenitude de Deus». Não obstante, na outra existência serão eliminados muitos empecilhos, e Deus habitará em seu templo de modo voluntário e pleno. Nós é que somos esse templo. (ver Efé. 2:19 e ss.); e também somos essa cidade, a habitação de Deus e do Cordeiro, como se lê em Apo. 21:10.

22 Καὶ ναὸν οὐκ εἶδον ἐν αὐτῇ, ὁ γὰρ κύριος<sup>a</sup> ὁ θεὸς<sup>b</sup> ὁ παντοκράτωρ<sup>b</sup> ναὸς αὐτῆς ἐστίν, καὶ τὸ ἄρνιον.

<sup>a</sup> 22 ὁ nome, ὁ nome, ὁ nome: TR Bov Net BP<sup>1</sup> AV (RV) IASV<sup>1</sup> RSV NEB IT: *Heu* <sup>1</sup> ὁ minor, ὁ minor, ὁ minor: WH <sup>1</sup> ὁ minor, ὁ nome, ὁ minor: Zür Luth Jet <sup>1</sup> ὁ nome.

<sup>b</sup> ὁ minor, ὁ minor

22 ὁ γὰρ...παντοκράτωρ Am 3.13 LXX, 4.13 LXX; He 1.4, 4.4, 11.17; 15.3, 16.7, 14, 19.8, 16

21:22: *Não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.*

Os judeus imaginavam que o templo terrestre fosse mera cópia do templo que haveria nos céus; e de fato, todos os seus objetos e ritos eram cópias daquilo que ocorria nos céus. Da maneira mais crua, criam que houvesse algum templo literal, etc., nos céus, e não que o templo e tudo quanto nele havia e se fazia fossem símbolos de realidades espirituais. É interessante que alguns intérpretes cristãos têm aceito a crueza dessa forma de interpretação. No presente livro, essa crença antiga se reflete nas declarações sobre o «templo celestial» (ver Apo. 3:12; 7:15; 11:19; 14:15 e 16:1, 17), sobre o «altar» (ver Apo. 6:9; 8:3; 9:13; 11:1; 14:18 e 16:7) e sobre o «trono» (ver Apo. 1:4; 3:21; 4:2-6, 9, 10; 5:1, 6, 8, 13; 6:16; 7:9-11, 15, 17; 8:3; 12:5; 14:3, 5; 16:17; 19:4, 5; 20:11 e 22:1, 3). (Ver Heb. 8:5 quanto a outras referências neotestamentárias a antigas idéias judaicas de um templo celestial).

Neste ponto, porém, João percebe que qualquer tipo de templo seria impróprio para o mundo eterno. Isso é verdade porque o templo, em sua própria estrutura, subentendia uma divisão e uma diferença em graus de acesso. Seu centro, o Santo dos Santos, admitia somente uma vez por ano ao sumo sacerdote, pois a vontade de Deus era assim transmitida em segunda mão ao seu povo de Israel. O resto do santuário só admitia a presença dos sacerdotes levitas ministrantes. O átrio de Israel só admitia os varões israelitas; o átrio das mulheres, só as mulheres israelitas; e o átrio dos gentios, mais afastado da presença de Deus ainda, admitia todo o resto da humanidade. Todas essas distinções foram agora removidas, tendo sido provido um pleno e livre acesso a Deus. Essa ausência do templo está de acordo com o espírito da revelação cristã, que alude ao sacrifício de Cristo, como algo que eliminou todos os demais sacrifícios. E a entrada de Cristo no Santo dos Santos dos lugares celestiais subentende a possibilidade de agora nos aproximarmos ousadamente de Deus. (Ver Heb. 4:14 e ss. e 9:23-28 sobre esses conceitos). Além disso, Cristo é o sacrifício que foi morto, o que é indicado por seu título, «Cordeiro» (muito usado no Apocalipse), encerrando em si mesmo tudo quanto o antigo templo envolvia e que supostamente ministrava aos homens; pois o templo era local onde havia muitas formas de «sacrifício», que supostamente dariam acesso ao homem. Em Cristo, pois, se concentra tudo quanto o templo representava; por conseguinte, não há mais necessidade de templo, nem nesta era da

palavra usada de modo geral, as «ruas». A idéia é de algo «largo» e «plano», em contraste com os altos edifícios ou com as partes «altas» da cidade. (Comparar com Mat. 6:5, onde o vocábulo aparece no plural, falando de ruas ou caminhos principais). Não há meio absolutamente certo de determinar o que está em foco aqui. Bons intérpretes escolhem uma ou outra dessas possibilidades. A própria cidade é de «ouro» (ver o décimo oitavo versículo e onde se vêem os símbolos desse metal). E em Apo. 21:18 o ouro também é comparado ao «vidro transparente».

O caminho da vida é de ouro. Jesus declarou: «Eu sou o caminho...» Seu caminho é de ouro, o caminho divino e precioso que conduz à vida. O grande caminho dourado da Nova Jerusalém nos faz lembrar do caminho áureo da vida terrena de Cristo. Esse é o caminho que leva à presença de Deus.

graça e nem na Nova Jerusalém. Deus era o objeto do culto efetuado no templo de Jerusalém; mas agora Deus é atingido por meio de Cristo, e não há mais necessidade de templo. Pensamos que o templo simboliza o antigo meio de acesso a Deus, não se devendo pensar em qualquer templo literal existente nos céus. Quando a Noiva estiver nos céus, em companhia do Noivo, estando ela com «ele», não haverá mais necessidade de templo, para alguém chegar à presença de Deus.

«A cidade inteira será então um só santo templo de Deus. (Ver Apo. 1:6).» (Vincent, *in loc.*). Essa mudança de simbolismo volta para o que se vê em Efé. 2:19 e ss., onde os remidos são declarados templo de Deus, ao invés do próprio Deus ser esse templo; mas isso é uma verdade do estado eterno, não obstante. A Noiva é a suprema localização das manifestações de Deus, e isso por toda a eternidade. Portanto, a Noiva continuará exibindo as graças, a natureza e os atributos de Deus (ver Efé. 3:19), na forma de obras eternas. A Noiva será o principal instrumento da manifestação e das ações de Deus.

O templo era a característica dominante de muitas das cidades antigas, não menos do que em Jerusalém. Portanto, Deus e o Cordeiro dominarão a criação inteira, especialmente as vidas e as manifestações da Noiva. Alvos e elementos inferiores da existência serão totalmente eliminados.

«A Nova Jerusalém não terá lugar para abrigar ao Senhor, porquanto ela mesma será abrigada por ele. Ele armará tenda sobre eles (ver Apo. 7:15). Seus habitantes habitarão sob sua luz manifesta e abrigadora.» (Lange, *in loc.*).

«Aqui somos o santuário de Deus; mas então Deus se tornará o nosso santuário, o que também sucederá ao Cordeiro, conforme se vê nos capítulos quatro e cinco deste livro.» (Robertson, *in loc.*).

«...o Senhor...» Essas palavras aludem a Deus Pai, conforme é normal no Apocalipse, embora esse seja título comumente aplicado a Cristo, no resto do N.T. (Ver seu uso neste livro em Apo. 1:8; 4:8, 11; 6:10; 11:15; 14:13 e 15:3, 4, etc.).

«...todo-poderoso...» Título freqüentemente aplicado a Deus no Apocalipse. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:8 e também em 4:8; 11:17; 15:3; 16:7, 14 e 19:15, acerca desse título).

«...Cordeiro...» Título aplicado a Cristo com grande freqüência neste livro. (Ver as notas expositivas a respeito em Apo. 5:6, onde há uma lista de suas ocorrências neste livro).

23 καὶ ἡ πόλις οὐ χρειαν ἔχει τοῦ ἡλίου οὐδὲ τῆς σελήνης, ἵνα φαίνωσιν αὐτῇ, ἡ γὰρ δόξα τοῦ θεοῦ ἐφώτισεν αὐτήν, καὶ ὁ λύχνος αὐτῆς τὸ ἄρνιον.

23 ἡ πόλις...αὐτῇ Ja 40.10-20; He 22.3

21:23: *A cidade não necessita nem do sol, nem da lua, para que nela resplandeça, porque a glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada.*

A cidade brilha desde seu interior, não precisando de qualquer iluminação externa. A luz de Cristo a atravessa em todas as direções, por tratar-se de ouro transparente, e nada pode impedir a difusão dos raios luminosos de Cristo. Dessa maneira, a Noiva é totalmente iluminada; e, se uma luz real está em foco, e não algo espiritual, então essa luz é certamente secundária à verdade por ela representada. Assim como Cristo é a «luz do mundo» (ver João 1:7-9), e assim como o seu propósito é iluminar aos homens, assim também agora isso é cumprido de modo absoluto. É claro que Deus é a real fonte de luz, em todas as dimensões, mas Cristo é o mediador luminoso, conforme fica bem claro neste versículo. Esse iluminar é igualmente o «Cordeiro», o que significa que sua iluminação depende de

sua obra expiatória (ver Apo. 5:6), bem como de todo o seu ministério em favor dos homens. Assim como antes a luz provinha indireta e imperfeitamente de seu rosto (ver 1<sup>a</sup> Cor. 3:18), agora provirá dali diretamente; assim como antes essa luz iluminava aos homens apenas em parte, agora ela os iluminará plenamente. Os homens, ao serem assim iluminados, tornar-se-ão «filhos de Deus» na realidade, no sentido mais absoluto, porquanto participarão da própria natureza de Cristo, o Filho de Deus, que é o irmão mais velho deles, conforme fica subentendido em João 1:12, na seção onde Cristo é focalizado como a «luz do mundo». Antes a luz de Deus era tão intensa que nenhum ser, principalmente os homens, podiam aproximar-se dela. (Ver 1<sup>a</sup> Tim. 6:16). Mas tudo isso será então alterado, pois, por intermédio de Cristo e sua imensa iluminação, os remidos habitarão na presença mesma de Deus, o que era impossível, anteriormente, até mesmo para os anjos. Assim sendo, tudo isso ocorrerá



porque os remidos ter-se-ão tornado filhos de sua casa, por haverem assumido a própria imagem e natureza de Jesus Cristo.

Tudo isso pode ser confrontado ao que diz o décimo sétimo capítulo do Apocalipse de Abraão. Nenhuma luz é necessária nos lugares celestiais, por causa da intensa luz que emana da presença de Deus, de seu «rostro», o qual provê um esplendor indescritível. Assim também o trecho de II Esdras 7:40-43 assegura-nos que na nova era não haverá necessidade do sol, da luz ou das estrelas, e nem de qualquer outra fonte luminosa, devido ao «esplendor da glória do Altíssimo». É possível que Isa. 60:1,19 seja o pano de fundo literário desses símbolos.

Visto que a Noiva será de «ouro transparente», participante da natureza e dos atributos divinos, ela não oferecerá qualquer empecilho aos raios de luz que emanarão do rosto de Cristo, porquanto será totalmente saturada de luz, com a espiritualização acompanhante segundo a sua imagem.

...*lâmpada*... Cristo será a lâmpada da Noiva. À noite, as cidades antigas eram iluminadas por lâmpadas de azeite ou candeias, defronte das casas. Tudo isso significa que a iluminação era fraca e inadequada, conseguindo espantar apenas pequena porção da escuridão reinante. Mas isso será modificado na nova era. O próprio Verbo Eterno iluminará a criação com imenso poder e perfeição. O avanço espiritual para todos será

24 καὶ περιπατήσουσιν τὰ ἔθνη διὰ τοῦ φωτὸς αὐτῆς· αὐτῶν εἰς αὐτήν·

24 περιπατήσουσιν... αὐτῆς Ia 60:3, 5, Pa 8ol 17:34 (21)

24 do[an] add kai (add tñ) τιμην 046 82 1854 al vg sy c

21:24; As nações andarão à sua luz, e os reis da terra trarão para ela a sua glória.

O trecho de Apo. 20:11 introduz a necessidade de haver uma criação totalmente nova, pois a antiga criação, céus e terra, desapareceram. Os capítulos vinte e um e vinte e dois do Apocalipse descrevem os novos céus, por assim dizer, mediante a descrição de sua capital, a Nova Jerusalém. A passagem de Apo. 21:1 revela-nos que haverá uma nova terra, e não apenas uma nova criação celestial. Agora aprendemos que as nações habitarão nessa nova terra. As profecias do A.T. indicam que Israel será uma delas, e a cabeça de todas.

Portanto, se os reis da terra e as nações trazem sua glória e seus tesouros a ela (à cidade celeste), e se ninguém entrará ali senão os que tiverem seus nomes escritos no livro da vida, segue-se que esses reis e essas nações têm seus nomes inscritos nesse livro. Portanto, alguma luz pode estar sendo aqui lançada sobre um dos mais densos mistérios da redenção. Pode haver—e digo-o com toda a timidez—aqueles que foram salvos por Cristo sem nunca terem formado parte de sua igreja visível e organizada. (Alford, *in loc.*).

Não sabemos se Alford considerava ou não que esses viveram antes ou durante o milênio. Os intérpretes fortemente dispensacionais supõem que Israel não faz parte da igreja; e há aqueles que dizem que poderá haver «amigos» da Noiva, remidos, mas não parte da igreja, e que também não farão parte de Israel. Tudo isso é pura especulação, entretanto, embora possa encerrar alguma verdade. Entretanto, considerando-se a estrutura do Apocalipse, supomos que o autor sagrado pensava sobre as «nações» do reino milenar, as quais, é óbvio, não fizeram parte da igreja glorificada (aqueles que ressuscitaram quando da primeira ressurreição), mas foram encontrados vivos por ocasião do retorno de Cristo. Se essas nações tornaram-se «imortalizadas», por assim dizer, então essas seriam as nações que ocupariam a nova terra. Seja como for, terão de ser «imortais», embora ocupando posição inferior à da igreja, já que não haverá morte no estado eterno. Também é possível que as pessoas que viveram antes do milênio, tendo morrido fora de Cristo, mediante o seu ministério no hades (ver as notas expositivas a respeito, em I Ped. 3:18-20 e 4:6), uma vez que lhe prestaram lealdade, tenham vindo a fazer parte dessas nações. Em outras palavras, esses teriam recebido uma espécie de redenção inferior. Não se deve supor, todavia, que a nova terra será somente a esfera de «remidos inferiores». De fato, as dimensões dos perdidos serão definitivamente beneficiadas por Cristo, tornando-se uma parte da unidade de todas as coisas em seu redor. E assim ali mesmo os habitantes daquelas dimensões terão achado um propósito para sua existência, ainda que jamais venham a participar da vida dos eleitos e nem da sua salvação. Certamente, Efésios 1:10,23 exigem alguma forma de interpretação ao longo dessas linhas. Naturalmente, não pretendemos haver encontrado a solução para o grande mistério do mundo eterno, mas também não queremos ignorar certas passagens das Escrituras que têm sido negligenciadas pela igreja, sobretudo por aqueles que nada vêem no julgamento senão os piores horrores da retribuição divina. (Ver Apo. 14:11 quanto a uma nota de sumário sobre a «natureza do julgamento»).

Existem muitas especulações quanto à natureza da «vida na terra», durante o estado eterno. Supomos que continuará havendo seres humanos,

25 καὶ οἱ πυλῶνες αὐτῆς οὐ μὴ κλεισθῶσιν ἡμέρας, νύξ γὰρ οὐκ ἔσται ἐκεῖ·

25 οἱ πυλῶνες... αὐτῆς Ia 60:11 νύξ... αὐτῆς Zeb 14:7; Re 22:3

21:25; As suas portas não se fecharão de dia, e a noite ali não haverá;

...*suas portas nunca jamais se fecharão*... Isso indica: 1. Hospitalidade; 2. acesso constante ao bem eterno; 3. «dia» contínuo, ou seja, perene alegria e iluminação, em contraste com as cidades antigas, que fechavam suas portas à noite; 4. as nações, a qualquer instante, poderão aumentar a glória da celeste cidade, trazendo a ela sua honra e sua glória, sem limitações.

A hospitalidade da cidade santa. Há uma qualidade rica e calorosa no quadro da cidade de portões abertos. Ela oferecerá o dom das portas abertas a todos os peregrinos da luz. Onde quer que os homens tenham visto estrelas de esperança no firmamento noturno e tenham querido viajar para a pátria da expectativa, têm pertencido à companhia daqueles que foram acolhidos pelas portas abertas da cidade da luz. Até mesmo a lei do A.T. é

imensa. O progresso espiritual será rápido e espantoso.

A «luz» e a «iluminação» são símbolos que servem de outra maneira de dizer que «Deus será tudo em todos», por meio de Cristo; e esse é o ensinamento que se aprende em passagens como Col. 1:16. A criação é «em Cristo», «por meio de Cristo» e «para Cristo». Assim sendo, o mistério da «vontade de Deus» é que tudo se centralize em Cristo, encontrando nele a razão de sua existência (ver Efê. 1:10).

De conformidade com alguns intérpretes, Deus é o «sol» e Cristo é a «lua», ou seja, a «lâmpada»; mas não temos certeza que este versículo tencionava tal refinamento de sentido.

Uma vez mais é aludida a «shekinah». A luz é o emblema do conhecimento e da santidade. Deus é luz, e nele não há treva alguma (ver I João 1:5). Cristo, o Cordeiro, veio como a luz do mundo. A memória da obra de Cristo sobre a terra jamais será obliterada. (Carpenter, *in loc.*).

O Talmude fala de Deus como «a luz de Jerusalém». (Ver *Yalkut Sim.*, par. 2 fol. 57:2). Este versículo exige uma interpretação espiritual, e não literal. Pelo menos a interpretação literal se acha muito em segundo plano, pelo que cremos que a passagem inteira fala mais do que a Noiva é, mostrando suas vantagens e atributos eternos, no invés de descrever onde ela vive.

καὶ οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς φέρουσιν τὴν δόξαν.

incluindo o processo da reprodução, embora de seres imortais. (Ver Isa. 66:22 e a promessa de pelo menos uma nação eterna). Não sabemos, como é claro, qualquer coisa certa sobre essa questão, pois a revelação bíblica que há sobre o assunto é mínima. E qualquer coisa que porventura possamos saber será apenas tema de curiosidade para nós, já que esse não será o nosso destino. O texto ensina-nos, porém, que qualquer luz e glória que venha a haver na nova terra, tudo estará centralizado em Cristo. Outrossim, vemos que a vida sobre a nova terra será controlada pelos céus, e que Cristo é o grande alvo da existência toda, tal como o é dos eleitos, já que ele será o centro de toda a vida (ver Efê. 1:10). As nações, portanto, receberão sua luz da parte de Cristo, sendo iluminadas por ele; e corresponderão a isso adicionando à sua glória e à glória da sua Noiva, já que lhe trazem sua glória e sua honra. Por conseguinte, deverá haver alguma espécie de comunicação e até mesmo acesso às dimensões celestiais, da parte dos de menor glorificação, embora nos falem informações sobre os detalhes do que isso pode significar.

É óbvio que a *idéia básica* das nações que trazem sua glória à Nova Jerusalém é de origem judaica. Ali, porém, a *idéia* é que Israel receberá a exaltação das nações, as quais lhe serão benéficas (ver I Enoque 10:21: «E todos os filhos dos homens me louvarão e adorarão»). Declarações similares podem ser vistas em Zac. 2:11; 8:23; Testamento de Levi 18:9; Testamento de Naftali 8:4 e Testamento de Judá 25:5. Apesar da maioria dessas referências revestir-se de um «contexto do reino», não foi preciso grande modificação para supor que a «Jerusalém celeste» receberá idêntico respeito e glorificação por parte de nações imortalizadas.

Alguns intérpretes vêem nisso tudo certa contradição, porquanto, supostamente, todas as nações terão ou perecido na grande tribulação, ou terão sido enviadas para o lago do fogo, deixando apenas os eleitos no estado eterno, no mundo vindouro. Porém, pode-se imaginar que João era suficientemente arguto para antecipar que tal contradição seria aventada; e, sem ter dado qualquer explicação a respeito, pode ter deixado implícito que seus leitores veriam essas nações como povos iniciados pelos restos das antigas nações, sobreviventes do grande julgo, mas aos quais foi permitido que continuassem. Supostamente, tais nações seriam compostas de homens convertidos mediante a influência de Cristo durante o milênio, embora não pertencentes ao número dos eleitos, porquanto tal número já terá sido completado.

*Variante Textual:* Para ajudar-nos a compreender melhor a frase, há aqui uma glosa textual. Alguns manuscritos dizem «As nações daqueles que estão salvos». Assim dizem o códex 1 e alguns poucos outros manuscritos minúsculos. Mas os mas Aleph, AP, 046, 061 e a vasta maioria das versões não trazem essa adição, «daquelas que estão salvos». Tal adição dificilmente poderá ser original, com tão pouco apoio textual. Não obstante, é justo supormos que isso é o que João queria dizer, ainda que não o tenha declarado. (Ver também Isa. 60:3,11 quanto à promessa de que as nações futuras trarão sua glória ao reino). O vidente João dependeu de Isaías acerca dessas idéias, embora tenha feito uma aplicação diferente das mesmas. (Ver Apo. 22:2, onde as nações são mencionadas novamente. Ali se vê que a árvore da vida possui folhas que servirão para a cura das nações. Supomos que isso indica «para o seu benefício espiritual», o que significaria que o mundo celeste beneficiará ao mundo de redenção inferior).

cheia de ternura para os estrangeiros; estes deviam ser tratados como naturais da terra. Na cidade perfeita não haverá estrangeiros; todos quantos se dispuseram a acolher à luz pertencerão à sua vida. Uma das mais nobres características de nossa época é certa qualidade de simpatia compreensiva... Quando houver portas abertas para a cidade da luz, haverá nova esperança para o mundo. (Hough, *in loc.*).

...*não haverá noite*... Isso deve ser entendido primariamente como uma declaração de sentido espiritual. Não haverá trevas, nem erro, nem pecado, nem egoísmo, nem violência, coisas que encobrem os corações dos homens com uma noite tenebrosa.

Em paz durante o dia, as portas da cidade estarão sempre abertas; e nem haverá noite. Já que o Deus Todo-poderoso será o sol. (Comparar com Isa. 60:11 e Eze. 38:11). Assim como os homens percebem que toda a



dádiva perfeita é proveniente do alto, e que sua força se acha em Cristo, sem quem nada podem fazer, assim também as suas vidas trarão de volta a ele o brilhantismo de todas as suas realizações». (Carpenter, *in loc.*).

«... não terão inimigo a temer, pelo que nunca terão de cerrar suas portas...» (John Gill, *in loc.*).

O Talmude (*Bereshit Rabba*, seção 91; fol. 79:4) afirma que no mundo

vindouro não haverá noite, e é possível que essa fosse uma comum tradição rabínica, que veio a ser incorporada no Apocalipse, o que se deu com tantas daquelas tradições.

«Não haverá mais idolatria, e nem trevas intelectuais...» (Adam Clarke, *in loc.*).

26 καὶ οἴσουσιν τὴν δόξαν καὶ τὴν τιμὴν τῶν ἐθνῶν εἰς αὐτήν.

26 οἴσουσιν... αὐτήν. Ps 72:10-11; Ps 86:17,34 (31)

21:26: e a ele trarão a glória e a honra das nações.

As portas serão avenidas de admissão, de acesso ao interior da cidade, e de fora lhe trarão glória e honra, aumentando seu bem-estar, no mundo eterno. (Ver o vigésimo quarto versículo, onde essa idéia já fora expressa). As «nações» viverão sob a luz daquela cidade, ou seja, a sua existência inteira será governada pela luz de Deus e do Cordeiro. Também lhe trarão ativamente sua glória e honra; suas vidas aumentarão o bem-estar da Nova Jerusalém. Desse modo, haverá um arranjo recíproco, que visa o bem de todos. Agora as portas da cidade são encaradas como motivos de encorajamento para a entrada das nações, pois de modo algum se fecharão e nem se mostrarão hostis. Antes, estarão sempre escancaradas e convidativas. Sendo convidativas, «atrairão» essa intercomunicação com os imortais da nova terra.

Essa descrição pode ser contrastada com a da meretriz, Babilônia, que aumentava suas dissoluções e impurezas por ser o centro do comércio com nações ímpias. (Ver Apo. 17:4). Havia acesso até Babilônia, mas somente

para promover a corrupção. Porém, o acesso à Jerusalém celestial visará promover o bem espiritual de todos. Os que ali chegarem entrarão na luz, pela luz e para a luz eterna.

O ideal de toda civilização. Os homens gostam de falar de seu progresso como se isso indicasse o alívio dos pobres e necessitados, e como se a educação fosse a luz para o entendimento. Nenhum ideal elevado é jamais atingido pelos homens mortais, por mais nobres que sejam as suas tentativas. O mundo eterno é que oferece a verdadeira realização de tudo quanto é nobre e hígido. As civilizações daquela época futura haverão de demonstrar isso. (Ver Enoque 80 e Salmos de Salomão 34-35 acerca de como as nações gentílicas buscariam Jerusalém, trazendo-lhe benefícios). Esse também será o ideal durante o reino milenar. Mas a Nova Jerusalém será o objeto especial e eterno da riqueza das nações. «A cidade de Deus será a beneficiária do melhor de todas as nações (ver Isa. 60:5,11), uma expansão do que diz o vigésimo quarto versículo». (Robertson, *in loc.*).

27 καὶ οὐ μὴ εἰσέλθῃ εἰς αὐτήν πᾶν κοινὸν καὶ [ὁ] ποιῶν βδέλυγμα καὶ ψεῦδος, εἰ μὴ οἱ γεγραμμένοι ἐν τῷ βιβλίῳ τῆς ζωῆς τοῦ ἀρνίου.

27 οὐ... ψεῦδος Ia 32:1; 1 Cor 6:9-10; 2 Ps 2:13; Ra 22:18 τῷ... ζωῆς Ka 32:32, 33; Ps 69:28; Dn 12:1; Phd 4:3; Re 3:5

12:8; 17:8; 20:12, 15

27 o ποιων N\* 82 203 al; R] ποιων A 100b 2329 pc; ποιουν P 046 1 xbt 2059a pm s

21:27: E não entrará nela coisa alguma impura, nem o que pratica abominação ou mentira; mas somente os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.

«...nunca jamais...» A dupla negativa expressa um sentido absoluto. A mente do vidente João agora volta à terra e à presente situação da igreja. Ele se lembra das corrupções do «culto ao imperador», aquela forma de idolatria blasfema. Lembra-se também da «mentira» de Satanás, perpetrada em tal culto, que dominava então ao mundo todo; e pensa sobre os muitos vícios que acompanhavam ao império romano e seu culto. E então assegura a seus leitores que tais condições e tais homens não terão lugar no Mundo do Amanhã. (Isso poderá ser comparado com Isa. 52:1). Jerusalém, a cidade santa, não poderá ser contaminada pelo paganismo, pela imundícia. O trecho de Eze. 44:9 tem uma mensagem similar. O templo de Jerusalém, excetuando o átrio exterior, não estava franqueado aos pagãos. Seu Lugar Santo e seu Santo dos Santos jamais podiam ser adentrados por alguém estranho a Israel. Outro tanto sucederá no caso da Nova Jerusalém, ou seja, por assim dizer, no caso do novo templo, onde não se poderá manifestar qualquer tipo de corrupção, pecado ou perversão, como aquilo que vinha vexando a igreja da Ásia Menor, nos dias apostólicos.

«Na vida presente, penso que nos aproximamos mais do conhecimento quanto menor for a nossa comunhão e ligação com o corpo, não sendo infectados pela natureza do corpo, mas antes, permanecemos puros até a hora em que o próprio Deus agrada-se em libertar-nos. E então será retirada a insensatez do corpo, e seremos puros e poderemos conversar com outras almas puras, reconhecendo por toda a parte a clara luz, que não é outra senão a luz da verdade. Pois nenhuma coisa impura terá licença de aproximar-se do puro». (Platão, *Fédon*, 67).

«...coisa alguma contaminada...» O grego diz aqui «koinos», «comum». Mas, dentro do vocabulário judaico, isso indica «coisas cerimonialmente impuras», de acordo com as leis mosaicas. João alude, assim, aos vários artifícios do paganismo, sua «imundícia» em geral, seus vícios, suas impurezas. O cálice da meretriz, Roma pagã, estava cheio de todas as formas de abominação e impureza (ver Apo. 17:4).

«...abominação...» Essa palavra já fora usada em Apo. 17:4,6 e 21:8. Qualquer coisa abominável, desagradável, pode estar aqui em foco; mas é óbvio que isso aponta especialmente para a idolatria pagã. Particularmente, está em pauta o «culto ao imperador»; profeticamente falando, o culto que se desenvolverá em torno do anticristo. (Ver as notas expositivas sobre esse termo, «abominação», em Apo. 17:4). Quanto ao pano de fundo literário das idéias constantes neste versículo, ver Isa. 36:8, 52:1 (na Septuaginta); Eze. 44:9). Aqueles que praticam tais coisas, naturalmente, já estarão então no lago do fogo, não podendo ter acesso à cidade celestial. (Ver Apo. 21:8).

«...mentira...» Em outras palavras, a mentira satânica promovida no «culto ao imperador», a suposta «divindade» dos imperadores romanos; e, profeticamente falando, essa mentira é a proclamação do anticristo como uma divindade. (Ver II Tes. 10-11, quanto à ilusão e mentira de Satanás, promovida no «anticristo»). Os homens virão a aceitar tal mentira devido ao fato que repeliram o conhecimento e a prática da verdade, conforme ela se acha em Cristo. (Ver Apo. 21:8 quanto ao fato que os «mentirosos» serão lançados no lago do fogo. O trecho de Apo. 22:15 promete novamente que quem quer que pratique a mentira, não terá parte nas bênçãos do mundo eterno: «Fora ficam os cães, os feitiçeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras, e todo aquele que ama e pratica mentira»).

«...inscritos no livro da vida do Cordeiro...» Somente esses possuem a «vida eterna», em um lugar abençoado por Deus, quer na Nova Jerusalém,

quer na nova terra (estes últimos em uma forma secundária de redenção). Portanto, nem todos os inscritos no Livro da Vida possuirão o mesmo grau de redenção, embora todos sejam remidos para alguma grande glória. A exclusão daqueles não registrados ali, tanto da Nova Jerusalém como das bênçãos eternas, já aparecera em outros trechos deste livro. (Ver Apo. 3:5; 13:8 e 20:12,15).

Outras idéias sobre o vigésimo sétimo versículo:

1. Consideremos a grande exclusão. Nem todos os homens chegarão à redenção, no mundo eterno. Alguns sofrerão uma «perda infinita», por não terem preferido a Cristo e ao seu caminho. Sem importar o que Deus fizer pelos perdidos — a o primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra que eles terão propósitos de existência, em Cristo (ver Ef. 1:10) — esses estarão excluídos daquela que, na realidade, era tencionado para todos os homens, a saber, a participação na própria imagem e natureza de Cristo e sua herança. (Ver Rom. 8:17,29 e Col. 2:10 quanto a esses conceitos, nas suas notas expositivas). Portanto, a perda deles será incalculavelmente grande. Haverá uma exclusão assim vastíssima; mas, a despeito disso, tudo será levado à unidade em Cristo, conforme o primeiro capítulo da epístola aos Efésios também o exige. Deus nos mostrará como isso sucederá. Robert Browning, em seu *Pippa Passes*, descreve certo caráter maligno que exultava no assassinato que acabara de cometer. Tal indivíduo se descrevia a si mesmo como «magnífico no pecado». É verdade que assim não alguns homens; mas eles pagarão por isso, e sua perda será infinita. O presente versículo assegura-nos esse fato.

2. A ilusão da satisfação dada pelo pecado, e, de fato, a ilusão que possa existir tal coisa, enseja os pensamentos de muitos seres humanos. Esses são tomados na armadilha do que é material, terreno, mundano. Esses estão ameaçados com a perda infinita e eterna.

3. O Livro da Vida do Cordeiro é que dá admissão ao mundo eterno. A missão do Cordeiro é conduzir os homens a Deus, e ele faz isso em sua morte expiatória e em sua ressurreição que transmite vida. Seu título, «Cordeiro», faz subentender tudo isso. (Ver Apo. 6:6 quanto a notas expositivas completas sobre esse título, e o que fica subentendido no mesmo, neste livro). Esse é um frequente título aplicado a Cristo no Apocalipse.

4. A cruz foi a demonstração suprema do amor de Deus. Ali o Cordeiro mostrou o caminho do acesso a Deus; e, em sua ressurreição, ele possibilitou a entrada para a vida eterna. O Livro da Vida é o livro de uma infinita compaixão, porque contém, exclusivamente, nomes de ex-pecadores. Está aberto para todos; e, no entanto, muitos desprezam as suas promessas.

5. No *Enoque Esauo* há algo similar ao que diz este versículo. Somente os ísaia, os humildes, os justos, os caridosos, os benevolentes e os inculpáveis entrarão no mundo eterno, ao passo que de fora ficarão os que se dedicam à sodomia, à feitiçaria, ao roubo, à mentira, ao homicídio, à fornicação, à opressão, ao calejamento diante do sofrimento humano, algo que também é dito em Apo. 21:8.

6. Neste versículo, conforme diz Carpenter (*in loc.*): «... a alusão é ao cuidado dos judeus em excluir tudo quanto fosse imundo, do recinto do santuário. A contaminação legal e cerimonial tinha sua significação espiritual, que os apóstolos utilizaram por toda a parte. (Comparar com II Cor. 6:17,18; 7:1 e Apo. 18:4)».

7. «Leitor, pertences a esse número? Ou esperas a glória eterna, ao mesmo tempo que vives no pecado? Nesse caso, serás horrendamente desapontado. Presumir a misericórdia de Deus é tão ruinoso como desaperceber de sua graça. Onde Deus dá poder para querer e fazer, o indivíduo deve pôr em ação a sua própria salvação, com temor e tremor» (Adam Clarke, *in loc.*).

8. «A Jerusalém do mundo vindouro não é a mesma Jerusalém deste mundo; a Jerusalém deste mundo pode ser penetrada por quem quiser nela entrar; mas a do mundo vindouro não poderá ser penetrada por ninguém, exceto por aqueles que estiverem preparados e forem nomeados para ela» (Talmude Bab. Bava Bathra, fol. 76:2).

## Capítulo 22

XIII. Jerusalém Celeste, a Capital da Nova Criação (21:9- 22:5).

5. É o novo jardim do Éden (22:1-5).



O mundo eterno, os céus e a Noiva são elaboradamente representados, por todo o capítulo anterior, como a «Nova Jerusalém». Agora o autor sagrado simboliza-os como se fossem um novo jardim do Éden. Ambas as figuras eram comuns nos escritos rabínicos, e aqui, como em outros trechos, o autor sagrado não hesita em fazer empréstimos do A.T. e dos escritos rabínicos. Ambas as figuras são combinadas no texto à nossa frente. A Nova Jerusalém também é o novo Éden. As duas coisas se tornam uma só.

Já seria de esperar que a narrativa sobre o jardim do Éden, no livro de Gênesis, com seu rio dividido em quatro braços, e suas duas árvores, particularmente a árvore da vida (ver Gên. 2:8-13 e 3:22) formasse a base das expectativas proféticas e apocalípticas. De acordo com isso, não ficamos surpreendidos por achar predições de que o jardim do Éden viria a ser reconstituído ou durante o período messiânico dos profetas, ou na nova era das expectativas apocalípticas. Tudo foi peculiarmente adaptado para este último caso, pois a tradição apocalíptica, ao situar a nova era, com frequência ensina que reproduziria o começo da criação. Há ocasiões em que a idéia do novo Éden se mescla com a idéia da nova Jerusalém (ver exeg. sobre 21:2a); mas, em outras fontes, isso é apresentado por si mesmo, conforme se vê no Apocalipse de Abraão 21; em II Enoque 8:1-8; no Testamento de Levi 18:11; no Apocalipse de Pedro 16 e em II Esdras 2:12». (Rist, in loc.).

Isso pode ser comparado a Eze. 47:1-12, onde o autor usa alusões do Éden e de Jerusalém a fim de falar do reino vindouro e da era imortal. (Comparar com Zac. 14:8,9, que descreve os «rios do santuário», certamente restaurada, mas incluem alusões do antigo jardim do Éden, dando a entender que a Jerusalém restaurada também será um novo Éden. O vidente João segue esses passos, e agora nos fornece alguns detalhes do simbolismo do jardim do Éden.

22 Καὶ ἔδειξέν μοι ποταμὸν ὕδατος ζῶντος λαμπρὸν ὡς κρύσταλλον, ἐκπορευόμενον ἐκ τοῦ θρόνου τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ ἀρνίου.<sup>a</sup>

(ASV) RNV NRB Jer<sup>22</sup>

22 I Eze 47:1; Jl 3:18; Zch 14:8

<sup>a</sup> 1-2 a maior, a posse: TR Bov Neg BP<sup>3</sup> AV<sup>3</sup> RVm<sup>3</sup> (ASV<sup>3</sup>); TT Zür Luth (Jer) Seg <sup>3</sup> a posse, a maior: WH (RV)

22. I ποταμὸν] prasm (add 051 2059s pm) καθαρὸν I ζ 1, 2 (Armu.)

em m. t. pl. αυτής ζ R<sup>m</sup>] Ἀρνίου, em m. t. pl. αυτής. R<sup>3</sup>)

22:1: E mostrou-me o rio da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono do Deus e do Cordeiro.

(Ver as notas introdutórias a este capítulo quanto ao pano de fundo conceitual e literário acerca desta seção).

«...me mostrou...» Quem? o anjo que o guiava, apresentado em Apo. 21:9. Em visões místicas, João percebeu a rebrilhante expansão do território eterno. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10, quanto a «tipos de misticismo e de visões»).

«...o rio da água da vida...» Conforme diz Moffatt (in loc.): «O rio é parcialmente sugerido pela apresentação de Ezequiel da torrente curadora que haveria de fluir do novo templo, atravessando a garganta íngreme do vale do Jordão (ver Eze. 47:1-12), parcialmente pela referência (em um apocalipse posterior; Zac. 14:8) as águas que fluiriam perenemente de Jerusalém, que será a habitação de Deus em uma nova era. João não se utiliza da idéia de Ezequiel de que o riacho ajudaria na modificação messiânica da natureza. Ele modifica as numerosas árvores, de cada lado do vale, em uma (genérica) única árvore da vida, revertendo, como antes (ver Apo. 2:7), ao ideal do paraíso semita. Além disso, ele deixa de lado a noção do rio a tornar potáveis as salgadas águas do mar Morto. Comparar com Pirke Eliezer, 51... Diferentemente da Jerusalém terrena, com seu riacho inferior, a nova cidade será ricamente equipada com canais e com tudo quanto torna uma cidade próspera e segura. (Ver Is. 33:21)».

**Simbolismo do rio da vida.** Os intérpretes literalistas vêem um rio literal, com águas refrescantes e curativas; mas é óbvio que temos aqui uma linguagem figurada. O jardim do Éden possuía rios que fluíam através do mesmo, fertilizando suas terras, de tal modo que ali a vida era luxuriante. Assim também agora a Nova Jerusalém terá sua água da vida, e a vida eterna florescerá ali além de qualquer imaginação humana. (Ver a similar «fonte da vida», em Joel 3:18; Jer. 2:13; Pro. 10:11; 13:14; 14:27; 16:22 e Sal. 36:10). Por fim, como é claro, são simbolizadas as provisões feitas por Jesus, o Cristo (Mediador entre Deus e os homens, como canal benéfico), o qual é a água da vida. Quanto a notas expositivas completas sobre essa figura, que ilustrará as idéias do presente versículo, ver João 4:10, 11, 13, 14). Essa água viva é mediada por meio do Espírito Santo, o qual nos leva a compartilhar da própria vida e natureza de Cristo. (Ver também João 7:37 e ss.).

Essa água assegura-nos a «imperecibilidade e o frescor vital do novo mundo» (Lange, in loc.). (Ver o conceito sobre a «vida necessária e independente de Deus», que será comunicada aos remidos, mediante Cristo e sua ressurreição, nas notas expositivas em João 5:25, 26 e 6:57).

**Variação Textual:** «...o puro rio...» é a forma que figura no ms 2059 e em alguns poucos outros manuscritos minúsculos sem qualquer importância especial. Mas o vocábulo «puro» é omitido em todos os demais textos verdadeiramente antigos, e na maioria das versões. Essa palavra foi apenas um adorno escrital.

«...brilhante como cristal...» Sem qualquer poluição, absolutamente limpo, o que sem dúvida visa dar a idéia que será um rio «transmissor de vida», sustentador. A santidade é o alicerce mesmo da concretização de uma vida glorificada, conforme se aprende em II Tes. 2:13, além do que, sem a santificação, ninguém verá a Deus. Portanto, a vida nos é dada mediante a pureza absoluta. O rio também será belo por ser limpo, diferentemente dos rios do mundo, que são poluídos e corrompidos. A santidade importa em beleza, e dali mana a vida. A água é necessária para a continuação da vida, conforme bem o sabemos; pelo que esse item não poderia mesmo ser omitido do simbolismo que João esperava que entendêssemos. Mas também ficamos sabendo que não é qualquer água que se presta para isso. Deverá provir do «trono», ou seja, deve ser «dada por Deus», além do que deve ser pura. Cristo, em última análise, é a água da vida, e ele satisfaz a todas as

qualificações necessárias.

«...sai do trono de Deus e do Cordeiro...» Já nos foi dito, em Apo. 21:22; que não haverá «templo» na Nova Jerusalém; pelo que o autor sagrado não diz que o rio emana do templo, conforme se dizia nos antigos escritos judaicos, o que é mencionado nas notas anteriores. Deus e o Cordeiro é que são o templo; e também são o trono, pois deles se deriva todo o poder e bem-estar. Já vimos o trono de Deus em diversos lugares, e esse conceito já foi amplamente comentado. (Ver Apo. 4:2 quanto ao «trono e seus simbolismos»; ver também essa figura simbólica em Apo. 1:4; 3:21; 4:2-6, 9, 10; 5:1, 6, 11, 13; 6:16; 7:9-11, 15, 17; 8:3; 12:5; 14:3, 5; 16:17; 19:4, 6; 20:11; 21:5 e 22:1, 3). Há alguns pontos que devemos observar: 1. A graça soberana é que faz a provisão da água da vida. 2. A graça soberana é rica em seus benefícios, porquanto fluem como um rio doador de vida. 3. O trono é de Deus e do Cordeiro, o que certamente subentende a deidade do Cordeiro, Cristo. (Ver as notas expositivas sobre esse título de Cristo «o Cordeiro», em seus sentidos e usos no Apocalipse e no resto do N.T., em Apo. 5:6).

**Outras idéias sobre o primeiro versículo deste capítulo:**

1. Lembremo-nos do rio Jordão. Ele tinha tremenda importância na história da Israel. Mas a Nova Jerusalém, que se tornará um novo Éden, contará com um rio sobrenatural — a graça de Deus, que dá vida por meio de Cristo e do seu Espírito. O futuro rio da visão de Ezequiel corre do templo e torna potáveis as águas do mar Morto, onde deságua. João preferiu não incorporar esse simbolismo em sua descrição, mas esse simbolismo é muito sugestivo. Essa água eliminará a «morte», por ser poderosa doadora de vida. Não haverá mais morte. Na realidade, porém, a «vida eterna» não consiste de mera sobrevivência da alma ante a morte biológica. Trata-se de uma espécie de vida, a saber, da participação da vida de Deus Pai e da Deus Filho, conforme as informações de João 5:26, 28; II Ped. 1:4; II Cor. 3:18; Col. 2:10 e Ef. 3:19. É apropriado que o último rio a ser mencionado nas Escrituras seja um manancial doador de vida, e que isso importe em existência eterna para os homens.

2. Isso pode ser comparado ao trono pertencente a Deus e ao Cordeiro, em Apo. 3:21, onde é dito que Cristo compartilha do trono do Pai. (Ver também Heb. 1:8 e Apo. 22:3, onde a idéia é repetida).

3. Apesar da água da vida não ser aqui uma alusão direta à operação e permanência íntima do Espírito Santo, esses elementos fazem parte necessária da compreensão sobre a metáfora, porquanto é o Espírito que comunica Cristo aos homens levando-os a participarem de sua vida. (Ver João 7:37 e ss.).

4. Examinar Gên. 2:10 quanto ao rio que saía do Éden para «regar o jardim». João tinha em mente esse quadro, mas agora combina-o com a Nova Jerusalém, pelo que a Nova Jerusalém também se torna o novo Éden. De fato, as descrições sobre o novo Éden são apenas a continuação das descrições sobre a Nova Jerusalém.

5. Os rios enchiam e saziavam, conforme as condições do tempo. Alguns deles se secam completamente. Mas o rio divino e eterno será uma realidade permanente. O seu fluxo nunca terminará, e nem mesmo diminuirá. Será um suprimento sempre adequado para as necessidades eternas de todos os seres. O trono assegura o fluxo desse rio; e o rio assegura o desenvolvimento da árvore da vida e sua verdura.

6. As interpretações simbólicas que pensam que esse rio aponta para o «batismo», ou outra ordenança cristã qualquer, estão longe da verdade. O templo terá desaparecido; as cerimônias não mais existirão; e a única coisa que permanecerá, com exclusividade, será a provisão de Cristo e de Deus Pai.

7. Um «rio» de vida: isso fala de poder emanado, de abundância, de amplitude, de profundidade de provisão, espalhando-se por muitos lugares, beneficiando a muitos lugares, satisfazendo a todos.

8. «Todas as correntes do conforto terreno são lamacentas; mas ali temos uma corrente clara, salutar, refrescante, dando e preservando vida àqueles que dela bebem» (Matthew Henry, in loc.).

9. Lembremo-nos de que aquilo que aqui é descrito não indica, pelo menos primariamente, algum lugar literal, embora os céus sejam um lugar literal. Não está em foco, particularmente, o «lar» da Noiva, e sim, os seus «habitantes», ou seja, a própria «noiva». Ela é abençoada no novo Éden, a beber da água da vida.

2 ἐν μέσῳ τῆς πλατείας αὐτῆς<sup>a</sup> καὶ τοῦ ποταμοῦ ἐντεῦθεν καὶ ἐκείθεν ξύλον ζωῆς ποιοῦν καρποὺς δώδεκα; κατὰ μῆνα ἕκαστον ἀποδίδου τὸν καρπὸν αὐτοῦ, καὶ τὰ φύλλα τοῦ ξύλου εἰς θεραπείαν τῶν ἐθνῶν.

2 τοῦ...θρόνου Qn 1:9; 3:22; Eze 47:12



22:2: No meio da sua praga, e de ambas as lados do rio, estava a árvore da vida, que produzia doze frutos, dando seu fruto da manhã à noite; e as folhas da árvore são para a cura das nações.

«...praça...» A avenida principal, ou então, genericamente, as «ruas», tal como em Apo. 21:21. Mas aqui o singular parece ser necessário, pelo que supomos estar em pauta a «avenida principal», o «eixo da cidade». A palavra grega significa «lugar plano», em contraste com os edifícios, que são porções elevadas. O «rio da vida» (ver as notas expositivas a respeito no versículo anterior) corre pelo meio dessa avenida, ou pelo meio da «praça», se este último é o sentido almejado.

«...a árvore da vida...» Evidentemente será uma árvore gigantesca que passará por cima do rio, pelo que será visto de ambas as margens. Mas também poderia estar em foco mais de uma árvore. O autor poderia querer dizer «árvores», alinhadas ao longo de ambas as margens do rio, mas releve o singular, por causa da árvore original, de Gên. 2:9. A tradição da árvore da vida começou no livro de Gênesis, mas foi bastante desenvolvida na tradição judaica, inclusive em seus escritos apocalípticos. Em II Enoque 8:3,4 ela aparece como árvore inefavelmente boa, de doce fragrância, adornada com tudo quanto se pode imaginar. Sua aparência é dourada, vermelha como fogo, de dimensões gigantescas, encobrindo uma vastíssima área. O simbolismo é óbvio. A árvore é a fonte de alimentos, especialmente de frutos deliciosos, e assim se torna símbolo da participação em tudo quanto o paraíso tem para oferecer. E posto ser ela a árvore «da vida», isso indica o pleno aprazimento da vida eterna em todos os seus deleites. Assim, em Apo. 2:7, Cristo promete aos mártires que lhes será permitido comerem dessa árvore. (Ver as notas expositivas ali existentes, no tocante aos detalhes dessa promessa. Ver Eze. 47:1-12; Joel 3:18 e Zac. 14:8, quanto a versículos paralelos no A.T.). Na descrição de Ezequiel, as folhas da árvore da vida se revestem de propriedades curativas, e, tal como aqui, ela produz fruto a cada mês, em contraste com as árvores terrenas, que produzem somente em determinadas estações do ano. Em todas essas descrições, como é claro, não devemos imaginar alguma espécie de árvore miraculosa literal. Tudo não passa de símbolos que aludem à participação dos remidos nos deleites e na saúde sobrenatural da vida eterna, quando os homens vierem a compartilhar da mesma forma de vida que Deus tem em si mesmo (ver João 5:25,26 e 6:57).

«...doze frutos...» Na vida eterna há certa variedade, como também abundância. Alguns traduzem isso por «doze colheitas», mas parece que está em vista «tipos» de fruto. As doze variedades, outrossim, são dadas a cada mês. Não haverá falta, nem escassez e nem monotonia no reino eterno.

«...as folhas... para a cura dos povos...» Isso poderia ter o intuito de ser declaração paralela a Apo. 7:9. Os «mártires» vieram de cada tribo e nação.

3 καὶ πᾶν κατὰ θεμα οὐκ ἔσται ἔτι. καὶ ὁ θρόνος αὐτοῦ λατρεύουσιν αὐτῷ, 3 πᾶν... ἔτι Zeb 14:11

22:3: Ali não haverá jamais maldição. Nem estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão, e verão a sua face; e nas suas frentes estará o seu nome.

Jamais haverá qualquer coisa «amaldiçoada» na Nova Jerusalém. O termo grego é «katathema», usado com o sentido de «maldição», em Mat. 26:74. (Isso pode ser confrontado ao «anathematizo» de Marc. 14:71, que certamente se relaciona com esta palavra). O termo usual para «maldição» é «anathema» (ver I Cor. 16:22; Gál. 1:8 e Rom. 9:23). O vocábulo aqui empregado significa qualquer «coisa maldita» qualquer coisa digna da desaprovção ou do juízo divinos. Talvez o trecho de Apo. 2:18 seja uma exposição do que essa palavra significa. Nada, nada da cidade celestial poderá ser «amaldiçoado» por Deus. (Comparar com Zac. 14:11). O termo aqui utilizado tem um escopo bem geral, qualquer coisa má, qualquer coisa inferior, qualquer coisa perversa. Nada disso penetrará na cidade eterna, portanto será um lugar de santidade e perfeição absolutas.

«...trono de Deus e do Cordeiro...» Essa é reiteração da expressão achada no primeiro versículo deste capítulo, onde há notas expositivas completas a respeito. (Ver também os «significados do trono», isto é, seus simbolismos, em Ato 4:2).

«...os seus servos o servirão...» O céu não será lugar nem de estagnação e nem de ócio. Será um lugar de atividades cheias de propósito; e ali, tal como agora, o ideal será o serviço prestado a Deus por intermédio de Cristo. O trecho de Apo. 2:17 mostra que cada homem é impar, encarregado de uma missão impar; e tanto o indivíduo como sua missão florescerão nos lugares celestiais. O próprio ser individual será preparado para um serviço extremamente exaltado, que agora ultrapassa toda a nossa capacidade mental, mesmo que se tente encontrar a menor explicação a respeito. Conforme formos crescendo na estatura de Cristo e assumindo «toda a plenitude de Deus» (ver Ef. 3:19), iremos sendo capacitados a obras poderosíssimas e elevadíssimas. Tudo isso, entretanto, por enquanto está envolto em mistério; mas há versículos, tal como este, que pelo menos

4 καὶ ὄψονται τὸ πρόσωπον αὐτοῦ, καὶ τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἐπὶ τῶν μετώπων αὐτῶν.

4 ὄψονται... αὐτοῦ P: 17 15; 42:2; Mt 8:4 τὸ ὄνομα... αὐτῶν K: 3 12

22:4: I VERÁO A SUA FACE; e nas suas frentes estará o seu nome.

Na «era antiga», ninguém podia olhar a face de Deus e viver (ver Êxo. 33:20). Deus agora é invisível para os mortais, e até mesmo para as ordens angelicais celestes (ver I Tim. 6:16 e João 1:18). Mas isso será alterado na nova era. Assim Cristo foi o mediador do que se pode conhecer de Deus em nosso velho e mortal período (ver João 1:18 e Col. 1:16,19), assim também ele terá essa função por toda a eternidade. Ele é o «Logos» revelador e

Softeram grandemente, tendo perdido a própria vida física. Abusaram deles. Mas agora, no estado eterno, cada ferida sua foi curada, cada perda foi revertida. Verdadeiramente, foram «curados», tendo acesso às folhas da árvore da vida. Por toda a história da humanidade, plantas, ervas e folhas têm sido usadas com sucesso para a cura de enfermidades e mazelas, e essa é a alusão que há aqui. As «nações» envolvidas outrossim, poderiam ser aquelas mencionadas em 21:24,26, os humanos «mortais» que habitarão na «nova terra», dotados de uma redenção inferior. Esses benefícios também se derivam da árvore da vida, e não meramente aqueles que terão a redenção superior da Nova Jerusalém. A metáfora não subentende que «têm algo que os cure», mas antes, que permanecerão em estado saudável, desfrutando de boa saúde em plena imortalidade, porquanto receberam acesso à fonte da vida que há em Cristo, simbolizada pela «árvore».

Outras idéias sobre o segundo versículo:

1. «Comer da árvore da vida, segundo a fraseologia religiosa popular da época, era possuir a imortalidade. Em Enoque 24-25, onde o profeta vê uma admirável e fragante árvore, Miguel explica que ela terá de permanecer intocada até ao dia do juízo... 'Então os justos e os santos a receberão; ser-lhes-á como alimento dos séculos, para dar-lhes vida'. Assim também sucedia no judaísmo contemporâneo, conforme se vê, por exemplo, em IV Esdras 7:63 e 8:52 e Testamento de Levi 18, onde o sumo sacerdote messiânico deverá 'abrir as portas do paraíso e remover a espada desembainhada contra Adão, permitindo que os santos comam da árvore da vida. (No tocante à associação entre a cidade de Deus e o jardim de Deus, comparar com Apocalipse de Baruque 4. Quanto à noção de «cura», ver Apocalipse de Moisés 6; Jubileus 10:12 e s. e a idêntica iraniana de que a árvore de muitas sementes possuía propriedades curativas. Portanto, João empregava a linguagem realista e arcaica da piedade judaica, ao delinear a bem-aventurança dos cristãos no estado futuro, onde todas as glórias e privilégios originais da vida de Deus entre os homens serão restaurados. O céu cristão haverá de possuir tudo quanto o judaísmo anelava e reivindicava para si mesmo» (Moffatt, in loc.).

2. «Ficam antiefeitos tanto a fome como a sede do espírito (ver Mat. 5:6)... Deesse modo a sabbedoria do Todo-poderoso alimentará seu povo com um alimento que lhes convém (ver Pro. 30:8), ainda que, em certo sentido, haverá apenas um alimento espiritual para todos (ver João 6:31) porquanto a verdadeira sabbedoria é árvore da vida para aqueles que se valem dela (ver Pro. 3:18)» (Carpenter, in loc.).

3. Devemos repeli as interpretações que relacionam essa visão a qualquer época temporal, como se o evangelho fosse a árvore da vida, como se seus efeitos fossem a conversão das nações, ou como se seus doze frutos fossem os apóstolos e demais ministros do evangelho, etc. Nem está em foco o milênio, naquilo que as nações haurirão de vir a conhecer a Cristo, acatando-o como ele é. A interpretação rabínica fazia com que o trecho paralelo de Eze. 47:12 se referisse ao «mundo vindouro» (ver Shirashirim Rabba, fol. 19:1) e esse é o significado que devemos ver neste texto.

τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ ἀρνίου ἐν αὐτῇ ἔσται, καὶ οἱ δούλοι

3 «τι AP 046 8a 100b 161x 2060 pm lat sy ç; R] εκαι 051 1 2059

2329 al: om R\*

deixam implícita a sua natureza.

«...servos...» No grego é «douloi», ou seja, «escravos», embora isso não indique qualquer servidão forçada, conforme a própria palavra poderia indicar, e, sim, «total dedicação», a absorção na vontade e na vida divinas. (Ver Rom. 1:7 quanto a essa palavra e seus significados simbólicos, no que tange ao serviço cristão). Um escravo não tem vontade e nem vida próprias. Na proporção em que os homens forem compartilhando da plenitude de Deus, sua vontade irá sendo espiritualizada, a fim de que se tornem apenas extensões da vontade divina, e isso também é verdade no tocante à própria forma de vida, que será absorvida na vida divina, sem que o crente perca a sua individualidade.

Outras idéias sobre o terceiro versículo:

1. Este versículo pode ser comparado ao trecho de Apo. 7:15. Os mártires servirão assim a Deus. Agora todos os seres remidos juntar-se-ão àquele bendito e eterno serviço.

2. A idéia original do «serviço» é «servir por aluguel». Mas a palavra era usada no judaísmo para indicar o serviço prestado a Yahweh pelos israelitas, seu povo especial. Ver Rom. 9:4; Ato 26:7; Heb. 9:1,6. E conforme diz Vincent (in loc.): «Daí a aplicação significativa do termo ao serviço cristão, por parte do apóstolo Paulo, em Filipenses 3:3».

3. «Talvez haja aqui alusão a Joa. 7:12. Há certo empréstimo da linguagem de Zac. 14:11. Todas as coisas malditas serão removidas, e com elas desaparecerá a maldição» (Carpenter, in loc.).

4. «Os seus servos (douloi) serão elevados à dignidade de «servidores-do-templo» (o que é implícito no termo aqui usado para indicar «serviço»). A idéia se assemelha àquela apresentada pelo Senhor em João 15:15: 'Já não vos chamo servos... mas... amigos...'» (Lange, in loc.).

5. A «maldição» imposta sobre nossos primeiros pais e sobre a terra inteira, por causa do pecado, será totalmente levantada. Fora quase inteiramente levantada por ocasião do milênio, mas até mesmo então aquele estado não era perfeito. E teve de ceder lugar à perfeição absoluta, a qual, naturalmente, não pode admitir maldição de qualquer espécie.

sustentador em qualquer criação ou era (ver João 1:1). Ele é a «imagem de Deus», em qualquer era (ver Col. 1:15). Em II Esdras 7:98 vemos que a «sétima e mais alta» recompensa para os justos será o direito e a satisfação de contemplarem o «rosto daquele a quem serviram por toda a vida». O *summum bonum* do cristianismo é a «visão beatífica»; e é isso que está em pauta aqui.

Essa visão beatífica certamente é mais que qualquer «imagem visual» de Deus, transmitida aos espíritos humanos. Na realidade, é uma «visão



transformadora», que ilumina à alma de tal modo que leva os homens a participarem da mesma forma de vida que Deus possui (ver II Ped. 1:4). O primeiro capítulo do evangelho de João nos dá a mesma impressão. Cristo veio como «luz do mundo», a fim de iluminar aos homens. Ao iluminá-los, pois, ele lhes confere «plena filiação» (ver João 1:12). As duas coisas, necessariamente, devem andar juntas, pois a visão beatífica é o último passo da ascensão da alma, e essa ascensão leva à participação na plenitude de Deus (ver Ef. 3:19 e Col. 2:10). Esses conceitos têm sido preditos ao longo deste comentário, mas não com tanta freqüência como são subentendidos ou diretamente ensinados nas páginas do N.T.

A *visão beatífica* é mediada por meio de Cristo, tal como tudo o mais que se dá na vida espiritual. (Ver I João 3:2 quanto a outra menção sobre o tema). Por ocasião da «parousia» ou segundo advento de Cristo haverá uma forma preliminar dessa bênção. Então começaremos a participar da mesma forma de vida que o Filho possui: seremos iguais a ele, participando de seu corpo glorificado. Ora, isso significa que seremos transformados e espiritualizados. Mas isso não será uma ocorrência em um único «estágio». De fato, assim como teremos a alegria de «ver a Deus» continuamente, assim também continuaremos a ser espiritualizados, e a própria natureza divina será nosso alvo eterno. Já que Deus Pai e seu Filho são infinitos, a nossa participação na divindade, em sua natureza e em seus atributos, será secundária, porquanto estará confinada a seres «finitos». Portanto, o preenchimento com o ser de Deus terá de ser um processo eterno, pois assim como há uma infinidade com que seremos cheios, assim também terá de haver um enchimento infinito. A contínua visão beatífica está envolvida em tudo isso. (O trecho de Col. 2:10 nos fornece esse conceito em uma apresentação mais ampla e completa).

«...nas suas fronteiras está o nome dele...» Isso já foi visto e comentado em

καὶ νῦν οὐκ ἔσται ἐτι, καὶ οὐκ ἔχουσιν χρεῖαν φωτὸς λύχνου καὶ φωτὸς ἡλίου, ὅτι κύριος ὁ θεὸς φωτίζει ἐπ' αὐτοὺς, καὶ βασιλεύσουσιν εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.

5 νῦν... ἐτι Zez 14:7; Re 21:25

οὐκ ἔχουσιν... αὐτοὺς Is 40:10-20; Re 21:23

Βασιλεύσουσιν... αἰώνων Dn 7:18, 27; Hc 3:10; 20:8

5 ἐτι RAP 1006 2329 al lat sy; R] ἐκει 1 2059 al c; om 046 82 1611 1854 al | φωτός 1º om P 046 (x) 82 1611 2059 pl c |  
en] om P 046 1 2059 pl c

21:5: E ali não haverá mais noite, e não necessitarão da luz do lampião nem da luz do sol, porque o Senhor Deus os iluminará; e reinarão pelos séculos dos séculos.

Este versículo é, essencialmente, o refraseado do que já foi lido em Apo. 21:23,25, exceto que ali o Cordeiro também está envolvido, como a luz celeste que substitui a todas as outras formas de iluminação. Ali a luz é descrita como a «glória de Deus», a saber, o resplendor de sua presença e graça. (Quanto a notas expositivas completas sobre os conceitos nisso envolvidos, ver os versículos mencionados e suas respectivas notas expositivas).

«...o Senhor Deus brilhará sobre elas...» Em outras palavras, a glória divina iluminará aos remidos, transformando-os e outorgando-lhes os eternos aprazimentos e a total transformação espiritual própria da era eterna. Cristo será a «lâmpada» daquela cidade (ver Apo. 21:23). E, naturalmente, Cristo será o Mediador da luz de Deus até mesmo ali. Observemos que Deus também é chamado de «Senhor». E esse pensamento é desenvolvido na próxima sentença, que descreve o seu reino eterno, ainda que aqui isso seja feito por intermédio de seus filhos. Ele é o «Senhor Deus Todo-poderoso» (ver Apo. 4:8; 11:17; 15:3 e 16:7). Esse título, «Senhor Deus», também figura em Apo. 18:8. Sob a forma «Senhor, nosso Deus», aparece em Apo. 19:1). A expressão «Senhor Deus» é reiterada no sexto versículo deste capítulo. E Jesus Cristo também é chamado «Senhor», conforme se vê em Apo. 22:20,21. (Ver as notas expositivas em Rom. 1:4 quanto ao «Senhorio de Cristo»). O título «Senhor», nas páginas do N.T., usualmente se refere a Cristo Jesus; mas, neste livro do Apocalipse, quase sempre aponta para Deus Pai. Não obstante, Cristo é o Rei dos reis e Senhor dos senhores, em Apo. 19:16. E isso significa que o senhorio de Deus Pai, até mesmo neste livro, é plenamente compartilhado pelo Filho.

«...reinarão pelos séculos dos séculos...» Essa é uma alusão ao reinado eterno dos santos, um item que já tivemos ocasião de ver. (Ver Apo. 20:6). Ali a alusão é ao reino milenar. Agora a mesma coisa é dita com respeito ao estado eterno. Portanto, haverá esferas sobre as quais os remidos reinarão por determinação divina. Isso nos permite entrever algo da era eterna. Haverá muitas esferas, muitos governos, muitas obras, grandes propósitos; e os fiéis serão galardoados tanto pelo que fizeram como por aquilo que XII. O Epílogo: Ele voltará em breve; Preparai-vos! (22:6-21).

Agora o vidente João terminou a descrição de suas muitas visões. Ele volta à sua posição comum de homem mortal, em uma terra invadida pela tristeza, e contempla a igreja cristã ainda a sofrer sob os horrores das perseguições romanas. As visões das esferas celestiais e da nova era estavam indelevelmente gravadas em sua memória; e assim, sua mente se eleva até Cristo, e ele vê que o Senhor «voltará em breve». Essa mensagem ele agora deseja anunciar ao mundo. Esse, pois, é o tema central de seu epílogo, a despeito do fato que o mesmo se compõe de material miscelâneo, reunido de forma um tanto frouxa. Cristo continua a ser o tema central, do começo ao fim, conforme se vê por todo este livro.

Em primeiro lugar ele afirma o valor da verdade de tudo quanto vira e dissera (ver o sexto versículo); e então recebe a promessa do breve retorno de Cristo (ver o sétimo versículo). Ele quis adorar ao anjo, tão arrebatado ficou pela visão recebida; mas foi-lhe recomendado que adorasse unicamente a Deus (ver os versículos oitavo e nono). Competia-lhe revelar a sua profecia, não a deixando selada, advertindo que o tempo era tão curto que aqueles que insistissem na iniquidade corriam o perigo de permanecer para sempre nesse estado (ver os versículos dez e onze). A advertência de que a *parousia* estava próxima é repetida, e é prometida uma recompensa aos que estiverem prontos para ela (ver o décimo segundo versículo). Cristo é agora o Alfa e o Omega, e não somente Deus Pai, conforme se vira antes no Apocalipse (ver Apo. 1:8). Aqueles que o reconhecerem como tal serão abençoados (ver os versículos treze e catorze). Mas alguns haverão de rejeitar o reinado de Cristo até o fim, a saber, os cães, os feiticeiros, os imorais, os idólatras e os que amam à mentira (ver o décimo quinto versículo). Não obstante, é feito a Cristo o convite para que volte prontamente; e a sua bênção, por semelhante modo, é prometida a todos quantos queiram aproveitar-se dela (ver os

Apo. 3:12, e, mais particularmente, no tocante aos mártires, em Apo. 7:3. A idéia simbolizada é de segurança, propriedade, proteção e identidade com o ser divino. Isso pode ser contrastado com o sinal da besta, também na testa dos seus seguidores (ver Apo. 13:16-18). João promete que aqueles que repelirem ao anticristo, em sua marca e seu culto, serão eternamente abençoados por causa disso, recebendo o sinal glorioso de Deus, ao invés disso. Isso, naturalmente, incluirá todos os crentes, e não apenas os mártires, ainda que, no Apocalipse, os mártires ocupem a posição central no palco da apresentação.

#### Outras idéias sobre o quarto versículo:

1. A visão de Deus será conferida *exclusivamente* aos puros (ver Mat. 6:8), podendo ser dada somente aos santos (ver Heb. 12:14; quanto a isso, ver também Sal. 17:15). Agora podemos contemplar a face de Deus por intermédio da Cristo (ver II Cor. 4:6) mas então haveremos de vê-lo face a face (ver I Cor. 13:12) embora continuamente por intermédio da Cristo, pois essa «visão» é uma contemplação da alma, uma transfiguração no nível da alma, e não meramente um «espetáculo» que nossos olhos celestiais poderão vir a contemplar.

2. Na opinião de Robertson (*in loc.*) o «contemplar», etc., é com justiça chamado de «linguagem antropomórfica». Porém, conforme ele diz: «Toca na realidade essencial da religião». «Por conseguinte, a felicidade suprema é atingida na presença imediata de Deus e do Cordeiro» (*Beckwith*). Contudo, ainda está em foco muito mais do que «estar com Deus». Antes, está em foco o «participar de sua plenitude».

3. Alguns pensam haver aqui uma alusão à inscrição existente na mitra do sumo sacerdote, «Santidade ao Senhor», pois agora os santos serão abertos, visíveis e perfeitamente santos». (John Gill, *in loc.*). A santidade é necessária, até mesmo a santidade absoluta, a própria santidade divina insuflada no ser, para que alguém receba a visão beatífica. (Ver Rom. 3:21 quanto à «santidade de Deus, conferida aos homens»).

foram. Em I Enoque 105:2 há idêntica promessa: «Porque eu e meu Filho seremos unidos a eles para sempre, nas veredas da retidão, em suas vidas; e tereis paz; regozijai-vos, filhos da retidão. Amém». Os trechos de Apo. 3:21 e 5:10 também encerram a promessa do reino eterno juntamente com Cristo. Os tronos orientais eram espaçosos bastante para permitir que mais de uma pessoa se assentasse neles. Portanto, no trono da eternidade encontramos Deus Pai, Deus Filho e os filhos de Deus.

«...pelos séculos dos séculos...» Essa é uma comum expressão no Apocalipse para dar a idéia de eternidade. Literalmente, significa «pelos eras das eras». Aquilo que sabemos sobre a história humana é transferido para as eras da eternidade. Estamos familiarizados com uma sucessão de eras, cada qual com seus propósitos e acontecimentos. Portanto, a eternidade é encarada como uma interminável sucessão de eras; e presumimos que cada qual terá seu propósito elevado e sua glória admirável, repleta de nobres labores e com profundo destino. (Quanto às «fórmulas da eternidade», conforme elas se acham no idioma grego, ver as notas expositivas em Ef. 3:21).

#### Outras idéias sobre o quinto versículo:

1. «Agora são terminadas as visões do Apocalipse; atingiram o seu clímax na Nova Jerusalém» (Swete, *in loc.*).

2. Não haverá mais trevas. Os exércitos gostam de fazer ataques de surpresa durante a noite. As trevas da noite têm encoberto a muitos crimes hediondos. Mas no reino eterno haverá luz interminável, porquanto será o dia eterno. Isso significa que a santidade e o bem-estar haverão de dominar para sempre. (Quanto a um estudo completo sobre as metáforas da «luz» e das «trevas», ver Ef. 5:8).

3. «Nenhuma coisa boa lhes será negada: vida, luz e amor lhes pertencem. 'O Senhor dos Exércitos, feliz o homem que em ti confia'» (Carpenter, *in loc.*).

4. Moisés, em seus escritos, fala-nos do paraíso perdido; mas João alude ao paraíso recuperado, o que é muito apropriado para o último livro da Bíblia, em contraste com o primeiro.

*Variação Textual:* As palavras «não haverá noite ali» aparecem nos mas 1, 79 e no Ara. Mas os melhores manuscritos dizem como nossa versão portuguesa, «não haverá noite», a saber, em Aleph. AP, 1006, 2329 e na maior parte das versões latinas e no síriaco. O ms 046 diz apenas «não noite».



versículos dezeessete e dezoito). Também há o aviso de que ninguém deve brincar com esta profecia, adicionando-lhe algo ou tirando algo da mesma; pois quem assim fizer sofrerá as pragas ali descritas (ver os versículos dezoito e dezenove). É uma vez mais soa a promessa da volta de Cristo. Finalmente, conforme se vê em tantos dos livros do N.T., o autor sagrado ora para que a graça do Senhor Jesus Cristo esteja com seus leitores. O «Amém» litúrgico sela o livro, embora não faça parte genuína do original, conforme se verifica também em quase todos os livros do N.T.

O epílogo é uma seção um tanto desconjuntada, composta principalmente de assertivas asseguradoras e exortações. Em alguns lugares é difícil determinar exatamente quem fala. Consequentemente, vários arranjos novos do texto têm sido sugeridos para torná-lo mais coerente. Assim, em sua tradução, Moffatt preparou a seguinte sequência de versículos: 8:9; 6:7; 10:11; 14:16; 13; 12; 17-21. Isso provê uma melhor conexão de pensamentos, mas se alicerça sobre a pressuposição que João escreveu originalmente esses versículos em uma sequência bem ordenada, que escribas descuidados ou algum editor lançaram na confusão. Charles era da opinião que de Apo. 204: em diante, até o fim, houve muitas deslocções de material, provocando incoerência e autocontradição, o que ele atribuía à morte prematura do autor sagrado, ou por causas naturais, ou devido ao martírio, antes de haver completado o seu livro. No entanto, teria deixado notas e outro material, que um discípulo zeloso mas não inteligente usara para terminar a obra de seu mestre. Em consequência, em seu comentário, Charles rearranjou grande parte dos capítulos finais (ver «Revelation of St. John», II. 144-154). Provavelmente, a dificuldade deve ser justificada por outras causas, a saber, que por todo o epílogo, o escritor sagrado nem sempre teve o cuidado de acompanhar as diferentes personagens e suas respectivas declarações. De acordo com isso, a discussão seguirá a ordem dos versículos conforme elas aparecem atualmente no texto». (Rist, *in loc.*).

«O epílogo do Apocalipse sugere fortemente o epílogo do evangelho joanino, tal como o prólogo do Apocalipse se assemelha ao prólogo daquela evangelho, acerca do 'Logos'. Em um caso, tal como no outro, a vinda de Cristo é o pensamento fundamental. E em ambos os casos as Escrituras terminam com uma meditação relativa ao próprio livro; e, em ambos os casos, um modo de expressão misteriosa, claro obscura, se espalha como um véu, por sua inteireza». (Lange, *in loc.*).

6 Καὶ εἰπὲν μοι, Οὗτοι οἱ λόγοι πιστοὶ καὶ ἀληθινοί, καὶ ὁ κύριος, ὁ θεὸς τῶν πνευμάτων τῶν προφητῶν, ἀπέστειλεν τὸν ἄγγελον αὐτοῦ δείξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει.<sup>b</sup>

<sup>a</sup> 6-7 ὁ major, ὁ maior: WH<sup>1</sup> B<sup>1</sup> C<sup>1</sup> D<sup>1</sup> E<sup>1</sup> F<sup>1</sup> G<sup>1</sup> H<sup>1</sup> I<sup>1</sup> J<sup>1</sup> K<sup>1</sup> L<sup>1</sup> M<sup>1</sup> N<sup>1</sup> O<sup>1</sup> P<sup>1</sup> Q<sup>1</sup> R<sup>1</sup> S<sup>1</sup> T<sup>1</sup> U<sup>1</sup> V<sup>1</sup> W<sup>1</sup> X<sup>1</sup> Y<sup>1</sup> Z<sup>1</sup> 1<sup>1</sup> 2<sup>1</sup> 3<sup>1</sup> 4<sup>1</sup> 5<sup>1</sup> 6<sup>1</sup> 7<sup>1</sup> 8<sup>1</sup> 9<sup>1</sup> 10<sup>1</sup> 11<sup>1</sup> 12<sup>1</sup> 13<sup>1</sup> 14<sup>1</sup> 15<sup>1</sup> 16<sup>1</sup> 17<sup>1</sup> 18<sup>1</sup> 19<sup>1</sup> 20<sup>1</sup> 21<sup>1</sup> 22<sup>1</sup> 23<sup>1</sup> 24<sup>1</sup> 25<sup>1</sup> 26<sup>1</sup> 27<sup>1</sup> 28<sup>1</sup> 29<sup>1</sup> 30<sup>1</sup> 31<sup>1</sup> 32<sup>1</sup> 33<sup>1</sup> 34<sup>1</sup> 35<sup>1</sup> 36<sup>1</sup> 37<sup>1</sup> 38<sup>1</sup> 39<sup>1</sup> 40<sup>1</sup> 41<sup>1</sup> 42<sup>1</sup> 43<sup>1</sup> 44<sup>1</sup> 45<sup>1</sup> 46<sup>1</sup> 47<sup>1</sup> 48<sup>1</sup> 49<sup>1</sup> 50<sup>1</sup> 51<sup>1</sup> 52<sup>1</sup> 53<sup>1</sup> 54<sup>1</sup> 55<sup>1</sup> 56<sup>1</sup> 57<sup>1</sup> 58<sup>1</sup> 59<sup>1</sup> 60<sup>1</sup> 61<sup>1</sup> 62<sup>1</sup> 63<sup>1</sup> 64<sup>1</sup> 65<sup>1</sup> 66<sup>1</sup> 67<sup>1</sup> 68<sup>1</sup> 69<sup>1</sup> 70<sup>1</sup> 71<sup>1</sup> 72<sup>1</sup> 73<sup>1</sup> 74<sup>1</sup> 75<sup>1</sup> 76<sup>1</sup> 77<sup>1</sup> 78<sup>1</sup> 79<sup>1</sup> 80<sup>1</sup> 81<sup>1</sup> 82<sup>1</sup> 83<sup>1</sup> 84<sup>1</sup> 85<sup>1</sup> 86<sup>1</sup> 87<sup>1</sup> 88<sup>1</sup> 89<sup>1</sup> 90<sup>1</sup> 91<sup>1</sup> 92<sup>1</sup> 93<sup>1</sup> 94<sup>1</sup> 95<sup>1</sup> 96<sup>1</sup> 97<sup>1</sup> 98<sup>1</sup> 99<sup>1</sup> 100<sup>1</sup> 101<sup>1</sup> 102<sup>1</sup> 103<sup>1</sup> 104<sup>1</sup> 105<sup>1</sup> 106<sup>1</sup> 107<sup>1</sup> 108<sup>1</sup> 109<sup>1</sup> 110<sup>1</sup> 111<sup>1</sup> 112<sup>1</sup> 113<sup>1</sup> 114<sup>1</sup> 115<sup>1</sup> 116<sup>1</sup> 117<sup>1</sup> 118<sup>1</sup> 119<sup>1</sup> 120<sup>1</sup> 121<sup>1</sup> 122<sup>1</sup> 123<sup>1</sup> 124<sup>1</sup> 125<sup>1</sup> 126<sup>1</sup> 127<sup>1</sup> 128<sup>1</sup> 129<sup>1</sup> 130<sup>1</sup> 131<sup>1</sup> 132<sup>1</sup> 133<sup>1</sup> 134<sup>1</sup> 135<sup>1</sup> 136<sup>1</sup> 137<sup>1</sup> 138<sup>1</sup> 139<sup>1</sup> 140<sup>1</sup> 141<sup>1</sup> 142<sup>1</sup> 143<sup>1</sup> 144<sup>1</sup> 145<sup>1</sup> 146<sup>1</sup> 147<sup>1</sup> 148<sup>1</sup> 149<sup>1</sup> 150<sup>1</sup> 151<sup>1</sup> 152<sup>1</sup> 153<sup>1</sup> 154<sup>1</sup> 155<sup>1</sup> 156<sup>1</sup> 157<sup>1</sup> 158<sup>1</sup> 159<sup>1</sup> 160<sup>1</sup> 161<sup>1</sup> 162<sup>1</sup> 163<sup>1</sup> 164<sup>1</sup> 165<sup>1</sup> 166<sup>1</sup> 167<sup>1</sup> 168<sup>1</sup> 169<sup>1</sup> 170<sup>1</sup> 171<sup>1</sup> 172<sup>1</sup> 173<sup>1</sup> 174<sup>1</sup> 175<sup>1</sup> 176<sup>1</sup> 177<sup>1</sup> 178<sup>1</sup> 179<sup>1</sup> 180<sup>1</sup> 181<sup>1</sup> 182<sup>1</sup> 183<sup>1</sup> 184<sup>1</sup> 185<sup>1</sup> 186<sup>1</sup> 187<sup>1</sup> 188<sup>1</sup> 189<sup>1</sup> 190<sup>1</sup> 191<sup>1</sup> 192<sup>1</sup> 193<sup>1</sup> 194<sup>1</sup> 195<sup>1</sup> 196<sup>1</sup> 197<sup>1</sup> 198<sup>1</sup> 199<sup>1</sup> 200<sup>1</sup> 201<sup>1</sup> 202<sup>1</sup> 203<sup>1</sup> 204<sup>1</sup> 205<sup>1</sup> 206<sup>1</sup> 207<sup>1</sup> 208<sup>1</sup> 209<sup>1</sup> 210<sup>1</sup> 211<sup>1</sup> 212<sup>1</sup> 213<sup>1</sup> 214<sup>1</sup> 215<sup>1</sup> 216<sup>1</sup> 217<sup>1</sup> 218<sup>1</sup> 219<sup>1</sup> 220<sup>1</sup> 221<sup>1</sup> 222<sup>1</sup> 223<sup>1</sup> 224<sup>1</sup> 225<sup>1</sup> 226<sup>1</sup> 227<sup>1</sup> 228<sup>1</sup> 229<sup>1</sup> 230<sup>1</sup> 231<sup>1</sup> 232<sup>1</sup> 233<sup>1</sup> 234<sup>1</sup> 235<sup>1</sup> 236<sup>1</sup> 237<sup>1</sup> 238<sup>1</sup> 239<sup>1</sup> 240<sup>1</sup> 241<sup>1</sup> 242<sup>1</sup> 243<sup>1</sup> 244<sup>1</sup> 245<sup>1</sup> 246<sup>1</sup> 247<sup>1</sup> 248<sup>1</sup> 249<sup>1</sup> 250<sup>1</sup> 251<sup>1</sup> 252<sup>1</sup> 253<sup>1</sup> 254<sup>1</sup> 255<sup>1</sup> 256<sup>1</sup> 257<sup>1</sup> 258<sup>1</sup> 259<sup>1</sup> 260<sup>1</sup> 261<sup>1</sup> 262<sup>1</sup> 263<sup>1</sup> 264<sup>1</sup> 265<sup>1</sup> 266<sup>1</sup> 267<sup>1</sup> 268<sup>1</sup> 269<sup>1</sup> 270<sup>1</sup> 271<sup>1</sup> 272<sup>1</sup> 273<sup>1</sup> 274<sup>1</sup> 275<sup>1</sup> 276<sup>1</sup> 277<sup>1</sup> 278<sup>1</sup> 279<sup>1</sup> 280<sup>1</sup> 281<sup>1</sup> 282<sup>1</sup> 283<sup>1</sup> 284<sup>1</sup> 285<sup>1</sup> 286<sup>1</sup> 287<sup>1</sup> 288<sup>1</sup> 289<sup>1</sup> 290<sup>1</sup> 291<sup>1</sup> 292<sup>1</sup> 293<sup>1</sup> 294<sup>1</sup> 295<sup>1</sup> 296<sup>1</sup> 297<sup>1</sup> 298<sup>1</sup> 299<sup>1</sup> 300<sup>1</sup> 301<sup>1</sup> 302<sup>1</sup> 303<sup>1</sup> 304<sup>1</sup> 305<sup>1</sup> 306<sup>1</sup> 307<sup>1</sup> 308<sup>1</sup> 309<sup>1</sup> 310<sup>1</sup> 311<sup>1</sup> 312<sup>1</sup> 313<sup>1</sup> 314<sup>1</sup> 315<sup>1</sup> 316<sup>1</sup> 317<sup>1</sup> 318<sup>1</sup> 319<sup>1</sup> 320<sup>1</sup> 321<sup>1</sup> 322<sup>1</sup> 323<sup>1</sup> 324<sup>1</sup> 325<sup>1</sup> 326<sup>1</sup> 327<sup>1</sup> 328<sup>1</sup> 329<sup>1</sup> 330<sup>1</sup> 331<sup>1</sup> 332<sup>1</sup> 333<sup>1</sup> 334<sup>1</sup> 335<sup>1</sup> 336<sup>1</sup> 337<sup>1</sup> 338<sup>1</sup> 339<sup>1</sup> 340<sup>1</sup> 341<sup>1</sup> 342<sup>1</sup> 343<sup>1</sup> 344<sup>1</sup> 345<sup>1</sup> 346<sup>1</sup> 347<sup>1</sup> 348<sup>1</sup> 349<sup>1</sup> 350<sup>1</sup> 351<sup>1</sup> 352<sup>1</sup> 353<sup>1</sup> 354<sup>1</sup> 355<sup>1</sup> 356<sup>1</sup> 357<sup>1</sup> 358<sup>1</sup> 359<sup>1</sup> 360<sup>1</sup> 361<sup>1</sup> 362<sup>1</sup> 363<sup>1</sup> 364<sup>1</sup> 365<sup>1</sup> 366<sup>1</sup> 367<sup>1</sup> 368<sup>1</sup> 369<sup>1</sup> 370<sup>1</sup> 371<sup>1</sup> 372<sup>1</sup> 373<sup>1</sup> 374<sup>1</sup> 375<sup>1</sup> 376<sup>1</sup> 377<sup>1</sup> 378<sup>1</sup> 379<sup>1</sup> 380<sup>1</sup> 381<sup>1</sup> 382<sup>1</sup> 383<sup>1</sup> 384<sup>1</sup> 385<sup>1</sup> 386<sup>1</sup> 387<sup>1</sup> 388<sup>1</sup> 389<sup>1</sup> 390<sup>1</sup> 391<sup>1</sup> 392<sup>1</sup> 393<sup>1</sup> 394<sup>1</sup> 395<sup>1</sup> 396<sup>1</sup> 397<sup>1</sup> 398<sup>1</sup> 399<sup>1</sup> 400<sup>1</sup> 401<sup>1</sup> 402<sup>1</sup> 403<sup>1</sup> 404<sup>1</sup> 405<sup>1</sup> 406<sup>1</sup> 407<sup>1</sup> 408<sup>1</sup> 409<sup>1</sup> 410<sup>1</sup> 411<sup>1</sup> 412<sup>1</sup> 413<sup>1</sup> 414<sup>1</sup> 415<sup>1</sup> 416<sup>1</sup> 417<sup>1</sup> 418<sup>1</sup> 419<sup>1</sup> 420<sup>1</sup> 421<sup>1</sup> 422<sup>1</sup> 423<sup>1</sup> 424<sup>1</sup> 425<sup>1</sup> 426<sup>1</sup> 427<sup>1</sup> 428<sup>1</sup> 429<sup>1</sup> 430<sup>1</sup> 431<sup>1</sup> 432<sup>1</sup> 433<sup>1</sup> 434<sup>1</sup> 435<sup>1</sup> 436<sup>1</sup> 437<sup>1</sup> 438<sup>1</sup> 439<sup>1</sup> 440<sup>1</sup> 441<sup>1</sup> 442<sup>1</sup> 443<sup>1</sup> 444<sup>1</sup> 445<sup>1</sup> 446<sup>1</sup> 447<sup>1</sup> 448<sup>1</sup> 449<sup>1</sup> 450<sup>1</sup> 451<sup>1</sup> 452<sup>1</sup> 453<sup>1</sup> 454<sup>1</sup> 455<sup>1</sup> 456<sup>1</sup> 457<sup>1</sup> 458<sup>1</sup> 459<sup>1</sup> 460<sup>1</sup> 461<sup>1</sup> 462<sup>1</sup> 463<sup>1</sup> 464<sup>1</sup> 465<sup>1</sup> 466<sup>1</sup> 467<sup>1</sup> 468<sup>1</sup> 469<sup>1</sup> 470<sup>1</sup> 471<sup>1</sup> 472<sup>1</sup> 473<sup>1</sup> 474<sup>1</sup> 475<sup>1</sup> 476<sup>1</sup> 477<sup>1</sup> 478<sup>1</sup> 479<sup>1</sup> 480<sup>1</sup> 481<sup>1</sup> 482<sup>1</sup> 483<sup>1</sup> 484<sup>1</sup> 485<sup>1</sup> 486<sup>1</sup> 487<sup>1</sup> 488<sup>1</sup> 489<sup>1</sup> 490<sup>1</sup> 491<sup>1</sup> 492<sup>1</sup> 493<sup>1</sup> 494<sup>1</sup> 495<sup>1</sup> 496<sup>1</sup> 497<sup>1</sup> 498<sup>1</sup> 499<sup>1</sup> 500<sup>1</sup> 501<sup>1</sup> 502<sup>1</sup> 503<sup>1</sup> 504<sup>1</sup> 505<sup>1</sup> 506<sup>1</sup> 507<sup>1</sup> 508<sup>1</sup> 509<sup>1</sup> 510<sup>1</sup> 511<sup>1</sup> 512<sup>1</sup> 513<sup>1</sup> 514<sup>1</sup> 515<sup>1</sup> 516<sup>1</sup> 517<sup>1</sup> 518<sup>1</sup> 519<sup>1</sup> 520<sup>1</sup> 521<sup>1</sup> 522<sup>1</sup> 523<sup>1</sup> 524<sup>1</sup> 525<sup>1</sup> 526<sup>1</sup> 527<sup>1</sup> 528<sup>1</sup> 529<sup>1</sup> 530<sup>1</sup> 531<sup>1</sup> 532<sup>1</sup> 533<sup>1</sup> 534<sup>1</sup> 535<sup>1</sup> 536<sup>1</sup> 537<sup>1</sup> 538<sup>1</sup> 539<sup>1</sup> 540<sup>1</sup> 541<sup>1</sup> 542<sup>1</sup> 543<sup>1</sup> 544<sup>1</sup> 545<sup>1</sup> 546<sup>1</sup> 547<sup>1</sup> 548<sup>1</sup> 549<sup>1</sup> 550<sup>1</sup> 551<sup>1</sup> 552<sup>1</sup> 553<sup>1</sup> 554<sup>1</sup> 555<sup>1</sup> 556<sup>1</sup> 557<sup>1</sup> 558<sup>1</sup> 559<sup>1</sup> 560<sup>1</sup> 561<sup>1</sup> 562<sup>1</sup> 563<sup>1</sup> 564<sup>1</sup> 565<sup>1</sup> 566<sup>1</sup> 567<sup>1</sup> 568<sup>1</sup> 569<sup>1</sup> 570<sup>1</sup> 571<sup>1</sup> 572<sup>1</sup> 573<sup>1</sup> 574<sup>1</sup> 575<sup>1</sup> 576<sup>1</sup> 577<sup>1</sup> 578<sup>1</sup> 579<sup>1</sup> 580<sup>1</sup> 581<sup>1</sup> 582<sup>1</sup> 583<sup>1</sup> 584<sup>1</sup> 585<sup>1</sup> 586<sup>1</sup> 587<sup>1</sup> 588<sup>1</sup> 589<sup>1</sup> 590<sup>1</sup> 591<sup>1</sup> 592<sup>1</sup> 593<sup>1</sup> 594<sup>1</sup> 595<sup>1</sup> 596<sup>1</sup> 597<sup>1</sup> 598<sup>1</sup> 599<sup>1</sup> 600<sup>1</sup> 601<sup>1</sup> 602<sup>1</sup> 603<sup>1</sup> 604<sup>1</sup> 605<sup>1</sup> 606<sup>1</sup> 607<sup>1</sup> 608<sup>1</sup> 609<sup>1</sup> 610<sup>1</sup> 611<sup>1</sup> 612<sup>1</sup> 613<sup>1</sup> 614<sup>1</sup> 615<sup>1</sup> 616<sup>1</sup> 617<sup>1</sup> 618<sup>1</sup> 619<sup>1</sup> 620<sup>1</sup> 621<sup>1</sup> 622<sup>1</sup> 623<sup>1</sup> 624<sup>1</sup> 625<sup>1</sup> 626<sup>1</sup> 627<sup>1</sup> 628<sup>1</sup> 629<sup>1</sup> 630<sup>1</sup> 631<sup>1</sup> 632<sup>1</sup> 633<sup>1</sup> 634<sup>1</sup> 635<sup>1</sup> 636<sup>1</sup> 637<sup>1</sup> 638<sup>1</sup> 639<sup>1</sup> 640<sup>1</sup> 641<sup>1</sup> 642<sup>1</sup> 643<sup>1</sup> 644<sup>1</sup> 645<sup>1</sup> 646<sup>1</sup> 647<sup>1</sup> 648<sup>1</sup> 649<sup>1</sup> 650<sup>1</sup> 651<sup>1</sup> 652<sup>1</sup> 653<sup>1</sup> 654<sup>1</sup> 655<sup>1</sup> 656<sup>1</sup> 657<sup>1</sup> 658<sup>1</sup> 659<sup>1</sup> 660<sup>1</sup> 661<sup>1</sup> 662<sup>1</sup> 663<sup>1</sup> 664<sup>1</sup> 665<sup>1</sup> 666<sup>1</sup> 667<sup>1</sup> 668<sup>1</sup> 669<sup>1</sup> 670<sup>1</sup> 671<sup>1</sup> 672<sup>1</sup> 673<sup>1</sup> 674<sup>1</sup> 675<sup>1</sup> 676<sup>1</sup> 677<sup>1</sup> 678<sup>1</sup> 679<sup>1</sup> 680<sup>1</sup> 681<sup>1</sup> 682<sup>1</sup> 683<sup>1</sup> 684<sup>1</sup> 685<sup>1</sup> 686<sup>1</sup> 687<sup>1</sup> 688<sup>1</sup> 689<sup>1</sup> 690<sup>1</sup> 691<sup>1</sup> 692<sup>1</sup> 693<sup>1</sup> 694<sup>1</sup> 695<sup>1</sup> 696<sup>1</sup> 697<sup>1</sup> 698<sup>1</sup> 699<sup>1</sup> 700<sup>1</sup> 701<sup>1</sup> 702<sup>1</sup> 703<sup>1</sup> 704<sup>1</sup> 705<sup>1</sup> 706<sup>1</sup> 707<sup>1</sup> 708<sup>1</sup> 709<sup>1</sup> 710<sup>1</sup> 711<sup>1</sup> 712<sup>1</sup> 713<sup>1</sup> 714<sup>1</sup> 715<sup>1</sup> 716<sup>1</sup> 717<sup>1</sup> 718<sup>1</sup> 719<sup>1</sup> 720<sup>1</sup> 721<sup>1</sup> 722<sup>1</sup> 723<sup>1</sup> 724<sup>1</sup> 725<sup>1</sup> 726<sup>1</sup> 727<sup>1</sup> 728<sup>1</sup> 729<sup>1</sup> 730<sup>1</sup> 731<sup>1</sup> 732<sup>1</sup> 733<sup>1</sup> 734<sup>1</sup> 735<sup>1</sup> 736<sup>1</sup> 737<sup>1</sup> 738<sup>1</sup> 739<sup>1</sup> 740<sup>1</sup> 741<sup>1</sup> 742<sup>1</sup> 743<sup>1</sup> 744<sup>1</sup> 745<sup>1</sup> 746<sup>1</sup> 747<sup>1</sup> 748<sup>1</sup> 749<sup>1</sup> 750<sup>1</sup> 751<sup>1</sup> 752<sup>1</sup> 753<sup>1</sup> 754<sup>1</sup> 755<sup>1</sup> 756<sup>1</sup> 757<sup>1</sup> 758<sup>1</sup> 759<sup>1</sup> 760<sup>1</sup> 761<sup>1</sup> 762<sup>1</sup> 763<sup>1</sup> 764<sup>1</sup> 765<sup>1</sup> 766<sup>1</sup> 767<sup>1</sup> 768<sup>1</sup> 769<sup>1</sup> 770<sup>1</sup> 771<sup>1</sup> 772<sup>1</sup> 773<sup>1</sup> 774<sup>1</sup> 775<sup>1</sup> 776<sup>1</sup> 777<sup>1</sup> 778<sup>1</sup> 779<sup>1</sup> 780<sup>1</sup> 781<sup>1</sup> 782<sup>1</sup> 783<sup>1</sup> 784<sup>1</sup> 785<sup>1</sup> 786<sup>1</sup> 787<sup>1</sup> 788<sup>1</sup> 789<sup>1</sup> 790<sup>1</sup> 791<sup>1</sup> 792<sup>1</sup> 793<sup>1</sup> 794<sup>1</sup> 795<sup>1</sup> 796<sup>1</sup> 797<sup>1</sup> 798<sup>1</sup> 799<sup>1</sup> 800<sup>1</sup> 801<sup>1</sup> 802<sup>1</sup> 803<sup>1</sup> 804<sup>1</sup> 805<sup>1</sup> 806<sup>1</sup> 807<sup>1</sup> 808<sup>1</sup> 809<sup>1</sup> 810<sup>1</sup> 811<sup>1</sup> 812<sup>1</sup> 813<sup>1</sup> 814<sup>1</sup> 815<sup>1</sup> 816<sup>1</sup> 817<sup>1</sup> 818<sup>1</sup> 819<sup>1</sup> 820<sup>1</sup> 821<sup>1</sup> 822<sup>1</sup> 823<sup>1</sup> 824<sup>1</sup> 825<sup>1</sup> 826<sup>1</sup> 827<sup>1</sup> 828<sup>1</sup> 829<sup>1</sup> 830<sup>1</sup> 831<sup>1</sup> 832<sup>1</sup> 833<sup>1</sup> 834<sup>1</sup> 835<sup>1</sup> 836<sup>1</sup> 837<sup>1</sup> 838<sup>1</sup> 839<sup>1</sup> 840<sup>1</sup> 841<sup>1</sup> 842<sup>1</sup> 843<sup>1</sup> 844<sup>1</sup> 845<sup>1</sup> 846<sup>1</sup> 847<sup>1</sup> 848<sup>1</sup> 849<sup>1</sup> 850<sup>1</sup> 851<sup>1</sup> 852<sup>1</sup> 853<sup>1</sup> 854<sup>1</sup> 855<sup>1</sup> 856<sup>1</sup> 857<sup>1</sup> 858<sup>1</sup> 859<sup>1</sup> 860<sup>1</sup> 861<sup>1</sup> 862<sup>1</sup> 863<sup>1</sup> 864<sup>1</sup> 865<sup>1</sup> 866<sup>1</sup> 867<sup>1</sup> 868<sup>1</sup> 869<sup>1</sup> 870<sup>1</sup> 871<sup>1</sup> 872<sup>1</sup> 873<sup>1</sup> 874<sup>1</sup> 875<sup>1</sup> 876<sup>1</sup> 877<sup>1</sup> 878<sup>1</sup> 879<sup>1</sup> 880<sup>1</sup> 881<sup>1</sup> 882<sup>1</sup> 883<sup>1</sup> 884<sup>1</sup> 885<sup>1</sup> 886<sup>1</sup> 887<sup>1</sup> 888<sup>1</sup> 889<sup>1</sup> 890<sup>1</sup> 891<sup>1</sup> 892<sup>1</sup> 893<sup>1</sup> 894<sup>1</sup> 895<sup>1</sup> 896<sup>1</sup> 897<sup>1</sup> 898<sup>1</sup> 899<sup>1</sup> 900<sup>1</sup> 901<sup>1</sup> 902<sup>1</sup> 903<sup>1</sup> 904<sup>1</sup> 905<sup>1</sup> 906<sup>1</sup> 907<sup>1</sup> 908<sup>1</sup> 909<sup>1</sup> 910<sup>1</sup> 911<sup>1</sup> 912<sup>1</sup> 913<sup>1</sup> 914<sup>1</sup> 915<sup>1</sup> 916<sup>1</sup> 917<sup>1</sup> 918<sup>1</sup> 919<sup>1</sup> 920<sup>1</sup> 921<sup>1</sup> 922<sup>1</sup> 923<sup>1</sup> 924<sup>1</sup> 925<sup>1</sup> 926<sup>1</sup> 927<sup>1</sup> 928<sup>1</sup> 929<sup>1</sup> 930<sup>1</sup> 931<sup>1</sup> 932<sup>1</sup> 933<sup>1</sup> 934<sup>1</sup> 935<sup>1</sup> 936<sup>1</sup> 937<sup>1</sup> 938<sup>1</sup> 939<sup>1</sup> 940<sup>1</sup> 941<sup>1</sup> 942<sup>1</sup> 943<sup>1</sup> 944<sup>1</sup> 945<sup>1</sup> 946<sup>1</sup> 947<sup>1</sup> 948<sup>1</sup> 949<sup>1</sup> 950<sup>1</sup> 951<sup>1</sup> 952<sup>1</sup> 953<sup>1</sup> 954<sup>1</sup> 955<sup>1</sup> 956<sup>1</sup> 957<sup>1</sup> 958<sup>1</sup> 959<sup>1</sup> 960<sup>1</sup> 961<sup>1</sup> 962<sup>1</sup> 963<sup>1</sup> 964<sup>1</sup> 965<sup>1</sup> 966<sup>1</sup> 967<sup>1</sup> 968<sup>1</sup> 969<sup>1</sup> 970<sup>1</sup> 971<sup>1</sup> 972<sup>1</sup> 973<sup>1</sup> 974<sup>1</sup> 975<sup>1</sup> 976<sup>1</sup> 977<sup>1</sup> 978<sup>1</sup> 979<sup>1</sup> 980<sup>1</sup> 981<sup>1</sup> 982<sup>1</sup> 983<sup>1</sup> 984<sup>1</sup> 985<sup>1</sup> 986<sup>1</sup> 987<sup>1</sup> 988<sup>1</sup> 989<sup>1</sup> 990<sup>1</sup> 991<sup>1</sup> 992<sup>1</sup> 993<sup>1</sup> 994<sup>1</sup> 995<sup>1</sup> 996<sup>1</sup> 997<sup>1</sup> 998<sup>1</sup> 999<sup>1</sup> 1000<sup>1</sup> 1001<sup>1</sup> 1002<sup>1</sup> 1003<sup>1</sup> 1004<sup>1</sup> 1005<sup>1</sup> 1006<sup>1</sup> 1007<sup>1</sup> 1008<sup>1</sup> 1009<sup>1</sup> 1010<sup>1</sup> 1011<sup>1</sup> 1012<sup>1</sup> 1013<sup>1</sup> 1014<sup>1</sup> 1015<sup>1</sup> 1016<sup>1</sup> 1017<sup>1</sup> 1018<sup>1</sup> 1019<sup>1</sup> 1020



porquanto isso era o que João realmente esperava que sucederia. Ele escreveu este livro como um manual para os mártires, a fim de consolá-los naqueles tempos de grande tensão, assegurando que se mostrariam leais a Cristo até à morte. Todas essas coisas estão envolvidas na observância das declarações inspiradas deste livro. Aqueles que as observarem receberão a felicidade e o bem-estar celestiais que João insuflava em suas descrições sobre a Nova Jerusalém, nos capítulos vinte e um e vinte e dois de seu livro. Vivendo na perfeita imortalidade da Nova Jerusalém, e possuindo na própria alma a natureza celestial do Filho de Deus, é que se recebe a «felicidade» final aqui prometida.

«...palavras da profecia deste livro...» Isso é dito porque o Apocalipse é, essencialmente, uma profecia, o único livro inteiramente profético do N.T. (Ver a introdução, secção XII, intitulada «Conceitos e Métodos de Interpretação», quanto aos vários pontos de vista que os estudiosos têm tomado a respeito do conteúdo geral deste livro, ou a respeito de seu intuito em geral).

Outras idêntias sobre o sétimo versículo:

8 *Καὶ ὁ Ἰωάννης ὁ ἀκούων καὶ βλέπων ταῦτα. καὶ ὅτε ἤκουσα καὶ ἔβλεψα, ἔπεσα προσκυνῆσαι ἔμπροσθεν τῶν ποδῶν τοῦ ἀγγέλου τοῦ δεικνύοντός μοι ταῦτα.*

8-9 ἔπεσα... προσκύνησον Ac 10:25-26; Rm 19:10

22:8: Eu, João, sou a que ouvi e vi estas coisas. E quando eu ouvi e vi, prostrava-me aos pés do anjo que me mostrava para o adorar.

«...Eu, João...» (Quanto a notas expositivas sobre o autor, ver Apo. 1:4 e a introdução ao livro, secção III). A expressão «eu, João», também ocorre em Apo. 1:9.

«...quem ouviu e viu...» Em visão mística, audível e visual. (Ver as notas expositivas em Apo. 1:10 sobre os «tipos de visões e experiências místicas»).

«...estas cousas...» Talvez haja nisto uma referência ao conteúdo do Apocalipse inteiro, ou ao conteúdo imediatamente anterior; todavia, esse conteúdo é impressionante, tendo deixado João admirado e atônito, em

9 *καὶ λέγει μοι, Ὁρα μὴ· σύνδουλός σου εἰμι καὶ τῶν ἀδελφῶν σου τῶν προφητῶν καὶ τῶν τηρούντων τοὺς λόγους τοῦ βιβλίου τούτου· τῷ θεῷ προσκύνησον.*

9 και 2º om x 2059a al [λογους] add της προφητειας 8080 pc vg\* 1º Prim

22:9: Mas eis me disse: Olha, não faças tal, porque eu sou companheiro teu e dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.

Este versículo é essencialmente igual ao trecho de Apo. 19:10. As diferenças são as seguintes:

1. Os profetas são mencionados aqui, além dos conservos e irmãos. Os profetas do N.T. eram altamente estimados na Ásia Menor. (Ver as notas expositivas a respeito deles em Apo. 10:7; 11:10; 16:6; 18:20, 24 e 22:6).

2. Em Apo. 19:10 o «testemunho de Jesus» é mencionado como o «espírito de profecia», um tesouro que o anjo possuía juntamente com os profetas humanos. Esse item não é repetido aqui.

3. Neste versículo, o anjo se apresenta como quem, juntamente com os profetas humanos, tinha a necessidade de «observar» as declarações deste livro. Portanto, sob hipótese alguma ele era superior aos profetas humanos; antes, precisava prestar lealdade ao mesmo Deus. Portanto, o anjo não era digno objeto de adoração, conforme João chegou a supor momentaneamente. Provavelmente isso é um ponto polémico contra a adoração aos anjos (entre outras coisas), prática muito comum entre os gnósticos da Ásia Menor, ao tempo de João. Os trechos de Apo. 2:6 e 20 quase certamente são ataques contra a moralidade falsa dos gnósticos, os quais tinham invadido a igreja. (Ver Col. 2:18 quanto a notas expositivas completas sobre o «gnosticismo»).

4. Além da polémica contra a adoração aos anjos, é quase certo que este versículo também visa advertir-nos contra a idéia de «exagerar» a importância dos meios usados na tradição profética, obscurecendo nossa visão sobre o próprio Deus. As experiências místicas podem e devem

10 *καὶ λέγει μοι, Μὴ σφραγίσῃς τοὺς λόγους τῆς προφητείας τοῦ βιβλίου τούτου, ὁ καιρὸς γὰρ ἐγγύς ἐστιν.*

10 Μὴ σφραγίσῃς...ἵσται Dn 12:4 ὁ καιρὸς...ἵσται Rm 13

22:10: Disse-me ainda: Não selas as palavras da profecia deste livro, porque próximo está o tempo.

Essas palavras podem ser comparadas com Dan. 12:4,9. Ao profeta Daniel fora ordenado que selasse suas predições sobre o tempo do fim, quando as circunstâncias históricas houvessem de abrir seu completo sentido. Mas, agora que o tempo do fim já era chegado para todos os efeitos práticos, o Apocalipse não pode ser um livro selado. Suas profecias devem ser propagadas para o bem dos homens, já que suas instruções e advertências visam ao consolo dos mártires em potencial. Era comum, nos apocalipses judaicos, a ordem de «sellar» as suas predições. (Ver I Enoque 1:2 e 104:13). Por igual modo, em II Cor. 12:2-4, a elevada visão de Paulo sobre o terceiro céu, incluiu muito do que era indizível. Com base nisso, algum escritor posterior compôs, em nome de Paulo, no Apocalipse de Paulo, a absurda história de que a «revelação» que fora dada àquele apóstolo estava preservada nos alicerces de sua casa, em Tarso. E então, supostamente, no fim do século IV D.C., um anjo teria aparecido ao homem que habitava nessa casa, ordenando-lhe que divulgasse o conteúdo daquela revelação, o que ele teria feito ao Imperador Teodósio. Basta isso para dar-nos uma idéia do que significa «sellar» uma mensagem profética, e a que absurdos isso tem levado os homens que pretendem descobrir o mistério. (Ver Apo. 10:4 quanto à única «mensagem selada» deste livro. Ali

1. «Guardar» tem aqui o sentido de observar e praticar.

2. «O escritor (sagrado) tinha em vista o rolo de seu livro, que agora estava praticamente terminado à sua frente; mas essas palavras eram palavras do anjo» (Alford, *in loc.*).

3. A voz parece provir diretamente de Cristo (embora talvez repetida pelo anjo): Cristo promete sua volta para breve; encoraja aos crentes à lealdade até à morte, uma mensagem extremamente necessária até aos nossos próprios dias, porquanto contemplaremos os acontecimentos preditos neste livro, ou, pelo menos, nossos filhos os verão. (Ver o artigo de introdução ao comentário sobre «A Tradição Profética e os Nossos Tempos», que fornece evidências sobre isso).

4. O livro do Apocalipse é chamado aqui de «profecia», que também se verifica nos versículos dez, dezoto e dezenove deste mesmo capítulo.

5. «Guardar as declarações». Isso pode ser comparado com João 14:15. Se amarmos a Cristo, haveremos de guardar seus mandamentos. (Ver também I João 2:3,4; 3:22,24; 5:2,3,6 e II João 6, onde a mesma idéia se faz presente. Ver, em Apo. 12:17 e 14:12, a menção à observância dos mandamentos de Deus).

profundo senso de adoração, embora desejando venerar ao objeto errado.

«...prostrai-me... para adorá-lo...» Esse incidente, que aparece tanto aqui como no versículo seguinte, já fora visto em Apo. 19:10, quase com as mesmas palavras, onde devem ser consultadas as notas expositivas.

«Somente o Altíssimo deve receber adoração. Uma vez mais somos lembrados que somente Deus pode ser adorado de joelhos. Nem mesmo o que é alto pode tomar o lugar do Altíssimo—nem mesmo o bom pode ceder lugar ao melhor. A tragédia da lealdade equivocada é uma das grandes tragédias do mundo. Tarde demais, Wolsey percebeu que dera a seu rei, Henrique VIII, o que pertencia exclusivamente a Deus». (Hough, *in loc.*).

enriquecer a nossa espiritualidade, mas nunca devemos buscá-las por si mesmas. É Cristo aquele a quem devemos buscar, e não aos milagres, visões etc. O misticismo que não tem Cristo como centro, é perigoso.

Outras idêntias sobre o nono versículo:

1. João nos apresenta uma «fraternidade espiritual» que promove a profecia, e isso inclui tanto os homens quanto os anjos. Mas ambos esses tipos de seres servem ao mesmo Deus, por meio do mesmo Cristo mediador.

2. «Trata-se de uma afirmação geral da verdade que todos—sem importar se anjos, profetas, ou simples seguidores fiéis de Cristo, estão unidos em um grande laço de devoção e de serviço comum ao mesmo Senhor» (Carpenter, *in loc.*).

3. Aquilo que parecia a coisa «natural» a ser feita era, na realidade, a coisa «errada». A consciência do crente precisa ser ativa e aguçada; e isso vem mediante a espiritualidade superior, e, algumas vezes, mediante a iluminação.

4. A repetição do incidente mostra-nos que a inclinação de João pela adoração ao anjo dificilmente pôde ser algo accidental ou incidental.

5. O propósito desse incidente é não equiparar o profeta humano com o ministério dos anjos, como se as duas coisas fossem iguais. Um anjo, não sendo um ser criado, é um ser bem superior ao homem. Contudo, por fim essa situação será alterada, pois o nosso destino é sermos mais elevados do que os anjos, pois seremos a plenitude de Cristo (ver Ef. 1:23), participantes da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), coisas essas que jamais foram ditas acerca de anjos. O fato que seremos superiores aos anjos mostra-nos quão grande é a nossa redenção. Os apocalipses judaicos falavam da glorificação máxima, no sétimo céu, como se isso consistisse da transformação dos homens para serem iguais aos anjos; mas a revelação cristã eleva imensamente a nossa idéia da redenção. Esta consiste de ter Cristo formado em nós, e nenhum anjo se pode equiparar com Cristo.

há outras notas expositivas sobre a questão).

«...o tempo está próximo...» Isso significa o seguinte: 1. O cumprimento dos juízos divinos preditos. 2. A ocorrência da «parousia» ou segundo advento de Cristo, o que também é declarado nos versículos sete, doze e vinte deste capítulo. (Ver Apo. 1:3, onde ocorre a mesma expressão «o tempo está próximo»).

Outras idêntias sobre o décimo versículo:

1. A profecia não visa satisfazer-nos a curiosidade sobre o que sucederá no futuro. Visa a instrução daqueles que viverão durante o tempo em que essas profecias tiverem cumprimento. Portanto, ao falar de predições que esperava sucederem em seus próprios dias, João, naturalmente, não poderia escrever um livro selado. Tinha de ser um livro aberto, para ser lido e posto em prática. Os mártires da época de João precisavam de consolo e fortalecimento, para enfrentarem os testes amargos por que passavam. Que soubessem, pois, quão grande é a esperança do crente em Cristo, quão real e quão presente.

2. Em Dan. 8:26, a razão para essa selagem é que haveria demora para o cumprimento daquelas predições. Mas isso não tem aplicação aqui. Esperamos ver, em nossos próprios dias, o cumprimento dessas predições; e isso com boas razões, conforme se explica na introdução ao comentário, na secção intitulada «A Tradição Profética e a Nossa Era».

3. Por muitos séculos, as «interpretações históricas» deste livro, que tentam localizar todas as suas predições dentro da história passada, e nas quais



tentativas perpetram verdadeiros absurdos exegéticos, têm servido para obscurecer a mensagem e o intuito deste livro. Mas que algo como isso tivesse sucedido, já era mesmo de esperar. Pois este livro não tem aplicação às gerações passadas, no que toca às suas porções proféticas. Mas agora, que os acontecimentos já estão lançando suas sombras sobre nós, mostrando-nos que tais ocorrências já se avizinham de nós, esse livro vem sendo cada vez melhor compreendido. Pelo menos o seu esboço geral é bastante claro. Haverá uma grande tribulação. Haverá uma imensa perseguição religiosa, a maior que já houve na história; o anticristo surgirá; a vinda de Cristo está próxima. Essas são verdades momentâneas que devem transformar as nossas vidas. (Ver I João 3:3).

4. Consideremos o *imenso equívoco* de alguma hierarquia cristã, que tenha controlado alguma denominação cristã, e que tenha selado a Bíblia inteira.

11 ὁ ἀδικῶν ἀδικησάτω ἐτι, καὶ ὁ ῥυπαρὸς ρυπανθήτω ἐτι, καὶ ὁ δίκαιος δικαιοσύνην ποιησάτω ἐτι, καὶ ὁ ἅγιος ἁγιασθήτω ἐτι.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> 11-12 c paraphr. c paraphr. TR RSV NEH <sup>6</sup> dash with paraphr. c dash with paraphr. WH <sup>6</sup> c paraphr. c major: Bv Nes BF<sup>1</sup> TT <sup>6</sup> c major, c major: AV RV

ASV Luth Jer <sup>6</sup> c exclamation, c major Zur See

11 δικαιος. ποιησάτω] δικαιωθήτω 2060 pc vg<sup>4</sup>. <sup>6</sup> Epist Lugd apud Eus <sup>6</sup>

22:11: Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, santifique-se ainda.

Essa declaração não é contrária à esperança do autor sagrado de que a Roma pagã ainda haveria de arrepender-se, embora certamente ela não esperasse isso. E nem é contrária à sua revelação de que os juízos que sobrevirão aos homens ímpios, terão por intuito levar os rebeldes ao arrependimento. (Ver Apo. 2:21; 9:20, 21; 16:9, 11). O que João diz aqui é uma maneira retórica de dizer: «O tempo é tão escasso que não se pode mais esperar que os homens queiram mudar e mudarão, do mal para o bem, ou do bem para o mal. Portanto, como é óbvio, não há aqui o encorajamento aos ímpios para que continuem praticando a iniquidade, e nem há qualquer ensino aqui de que assim tem de ser, necessariamente.

«...injusto...» No grego é «adikos», o contrário de «justo», «reto». Trata-se de um termo bem geral, sem qualquer sentido particular. (Ver Apo. 21:8 e 27 acerca de itens detalhados da iniquidade da Roma pagã. Ver Apo. 2:11; 6:6; 7:2,3; 9:4,10,19 e 11:5 quanto a outros usos do mesmo vocábulo neste livro, onde assume alguns sentidos levemente diferentes).

«...imundo...» No grego é «rupo», da raiz «rupos», «imundicia». Essa palavra significa, na maioria dos casos, apenas «sujos». Mas, em sentido moral, significa «contaminado». Supomos que João tinha em mente, principalmente, a idolatria do «culto ao imperador», com seus vícios acompanhantes, incluindo a imoralidade sexual que acompanha de perto a idolatria. Portanto, Roma é apresentada como uma meretriz. (Ver Apo. 17:4 quanto à «imundicia de suas abominações»). João pensava que a segunda vinda de Cristo haveria de apanhá-la desse modo, e que essa volta estava tão próxima que não havia a mínima esperança de que ela se modificasse. Profeticamente, a mesma coisa se dará quanto ao mundo ímundo e violento dos dias do anticristo. Seja como for, a morte física apanha a muitos homens no apogeu da sua imundicia.

«...justo...» Essa é a forma positiva da palavra usada pouco antes, «injusto». Aqui temos um indivíduo de inclinações para a bondade e a paz, que tem atingido um bom nível espiritual. O trecho de Rom. 5:7 faz a distinção entre o mero homem «justo» e o homem «bom» ou generoso; a primeira palavra é a do texto presente mas nosso autor não está fazendo essa distinção. O «justo», neste ponto, certamente também é o homem «bom». Que esse saiba que Cristo virá em breve, e que ele mesmo será galardoadado. E que seja advertido contra a apostasia, sob a pressão das perseguições. João escreveu seu livro para consolar e fortalecer aos crentes perseguidos de seu tempo, para fortalecer aos mártires que tivessem de enfrentar a morte violenta.

«...santo...» Por muitas vezes, no Apocalipse, esse título é usado para indicar os crentes. (Ver Apo. 5:8; 8:3,4; 11:18; 13:7,10; 14:12; 15:3; 16:6; 17:6; 18:24; 19:8 e 20:9). Certamente o cristão está em pauta em todas essas referências, e não somente os «santos da tribulação», como se estes não fizessem parte da igreja. O Apocalipse foi escrito como manual dos mártires cristãos, não tendo sido dirigido a alguma audiência fantasma; e isso é verdade tanto no sentido histórico como no sentido profético. O crente deve ser santo, santificado, e é isso que esse termo parece indicar. (Ver Apo. 1:7 quanto a notas expositivas completas a respeito; e ver II Tes. 2:13 quanto à

impedindo-o de ser compreendido pelo povo! Tal hierarquia terá de pagar caro por isso!

5. Nossas vidas, quando são mal vividas, *selam para outros* a mensagem das Escrituras, porquanto somos o único evangelho que algumas pessoas lêem. Se não podem ler ali a face de Cristo, não procurarão vê-la em mais nada.

6. A questão da «selagem» das profecias, no que tange aos apocalípticos judaicos e às obras pseudopígrafas, parece ter sido um artifício literário para explicar as razões por que as «revelações» não foram divulgadas antes. Subitamente, algum autor, ao escrever em nome de outrem, põe-se a explicar as predições de algum antigo profeta, passando a publicá-las. Para explicar como isso pode ter acontecido, tais predições são chamadas «seladas» até ao «tempo apropriado» de sua publicação.

necessidade absoluta da «santificação» para a salvação. Col. 1:2 tem algumas notas adicionais sobre o caráter necessário dos «santos».

Outras idéias sobre o décimo primeiro versículo:

1. As declarações como a do presente versículo visam trazer à atenção da mente humana a seriedade da «finalidade». Visam lançar os homens em ação. Há uma força estranha em um «último», se aquela que o faz tem o poder de executá-lo, e isso pode forçar a ação desejada, quando nada mais pode fazê-lo. O presente versículo é o último de Deus. Não um último destituído de esperança, mas um último que advirte que há um ponto no pecado chegado ao qual o homem não pode retornar senão com as mais ingentes dificuldades, ou mesmo em que a volta é impossível. Os evangelistas muito se aproveitaram desse último. Gostam de pintar o quadro de uma terra que é o ponto de onde não se pode retornar. Essa forma de pregação pode ser eficaz, mas com demasiada freqüência depende do que é meramente emocional para ter poder, não dependendo somente do que é ensinamento sólido.

2. Os apocalípticos judaicos de modo geral, como aqui, não antecipavam nenhuma modificação, por mais desejável que essa fosse. Eram literatura de «crises», que esperava os juízos mais radicais, sem a intervenção de qualquer arrependimento. «Tal como em Dan. 12:10,11 assim também aqui, a crise simplesmente acentua e acelera o caráter humano ao longo de linhas prévias. Nenhuma ansiedade é demonstrada, entretanto, como se vê em IV Edras 4:80 e s., onde o próprio profeta deveria ver o fim» (Moffatt, *in loc.*).

Semear um ato,  
Colher um hábito.  
Semear um hábito,  
Colher um caráter.  
Semear um caráter,  
Colher um destino. (Prof. Huston Smith)

Assim, todos os caracteres  
Devem encolher ou expandir-se, tal como fazem os odres,  
Para acomodar o mais ou o menos que neles ponhamos:  
E os anos adicionados sempre dão uma nova chave  
A predições fixas. (Ellicott.)

3. «Assim, lenta mas seguramente, a capacidade de sermos donos do nosso destino vai saindo de nossas mãos. E nessa lei de nossa natureza que faz a chave de muitos dos mais negros problemas do futuro; e não sem uma solena declaração dessa lei é que termina este livro do Apocalipse» (Carpenter, *in loc.*).

4. «Nenhuma punição pior do que entregar os homens a si mesmos Deus pode conferir. A solena lição é 'Convertet-vos, pois vosso tempo é curto' (do décimo versículo em diante) 'antes da minha vinda' (versículos sete e doze), pois, do contrário, tereis de ficar inconversos para sempre» (Fausset, *in loc.*).

Havia um menino que sala todos os dias,  
E o primeiro objeto em que ele punha os olhos,  
nesse objeto ele se tornava,  
E esse objeto se tornava parte dele,  
por um dia ou parte de um dia,  
Ou por muitos anos ou por ciclos de anos.  
(Walt Whitman)

Variante Textual: As palavras «sede justos» aparecem nos mss 2060 e em outros posteriores, bem como na Vgls, cl, nas escritas de Eusébio e na Epist. Lugd. A forma correta, entretanto, é «práticos a retidão». Assim dizem os mss Aleph. A, 046, 051 e a maioria das versões. A primeira forma era uma alteração da forma verbal do versículo já existente.

12 Ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ, καὶ ὁ μισθός μου μετ' ἐμοῦ, ἀποδοῦναι ἑκάστῳ ὡς τὸ ἔργον ἐστὶν αὐτοῦ.

12 ἔρχομαι ταχύ Re 2:16; 3:11; 22:7, 20 ὁ μισθος μου μετ' ἐμοῦ Ia 49:10; 62:11 ἀποδοῦναι...αὐτοῦ Pb 26:4; 62:12; Py 24:12; Ia 39:18; Jr 17:10; Ro 2:4

I Cor 3:8; 2 Cor 11:18; 2 Tm 4:14; I Pt 1:17; Re 22:3; 19:6; 20:13, 14

22:12: Ele que cedo vem e está comigo a minha recompensa para retribuir a cada um segundo a sua obra.

1. A vinda breve de Cristo. Ver o sétimo versículo deste capítulo, onde isso já foi comentado. Comparar com I Cor. 15:51. A promessa a isso vinculada é a «bênção» da salvação, na imortalidade, para os observantes deste livro.

2. A questão dos «galardões» é comentada plenamente no décimo quarto versículo. Ver sobre as «coroas» em II Tim. 4:8. As recompensas celestiais nunca consistem meramente «do que receberemos», por mais gloriosas que venham a ser essas dádivas. Antes, consistem «daquilo em que nos tornamos», sendo transformados segundo a imagem e a natureza de Cristo, ou seja, a espiritualização de nossos seres, de modo a chegarmos a possuir a própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), e toda a plenitude de Deus (ver Elé. 3:19). Esses conceitos são amplamente comentados nas referências dadas. Portanto, quando da vinda de Cristo, terá começo essa grande bênção da espiritualização, o que também se evidencia em I João 3:2.

Quando Cristo aparecer, seremos semelhantes a ele. (Ver a definição disso em II Cor. 3:18). É um processo de glória em glória, que termina com a própria natureza de Cristo sendo duplicada em nós, porquanto a sua «parousia» será um grande salto, porque então nos tornaremos verdadeiramente imortais, dotados de sua natureza, ainda que não na mesma extensão em que Cristo possui a «forma de vida divina». Toda a eternidade será envolvida na obtenção de uma crescente participação naquilo que Cristo é. Portanto a salvação consiste de muito mais do que do perdão dos pecados e da futura mudança de endereço para os céus, e compete-nos pregar um evangelho mais completo na igreja. (Ver Heb. 2:3 quanto à nota geral sobre a «salvação»).

3. A cada qual será dado segundo as suas obras. Já vimos isso no tocante ao incrível. (Ver Apo. 20:12). Mas esse princípio se aplica a todos, conforme se aprende também em Rom. 2:6, onde esse conceito é mais amplamente comentado. Tudo isso é apenas o desdobramento prático e inexorável da lei da colheita segundo a semeadura, conforme se vê em Gál. 6:6,7.

4. A maior parte dos intérpretes vê Cristo como Juiz neste ponto,



vinculando a declaração com o que se segue e com o que precede, onde Cristo está definitivamente falando. Isso é correto. Naturalmente, Deus é o Juiz supremo, o que se vê no vigésimo capítulo, embora julgue por meio de Cristo. Esse é o padrão do ensino neotestamentário. (Ver a nota de sumário sobre isso em Atos 17:31).

**Otras idéias sobre o décimo segundo versículo:**

1. A recompensa é o «salário», algo ganho. De nós é requerido fazer o melhor com os dotes e a missão que recebemos, e seremos contados como responsáveis pelos mesmos. Nenhuma doutrina de justificação pela fé pode alterar essa verdade.

2. João encoraja aqui aos mártires. Esses teriam de enfrentar um terrível futuro; muitos sofreriam, e alguns se deixariam levar pelo desespero. Mas a recompensa lhes seria dada, e brevemente. João escreveu seu livro especificamente para consolar e fortalecer aos mártires, advertindo-os também do perigo. De acordo com a vida de cada um de nós, será ou consolo ou advertência.

3. (Ver II Cor. 5:10 quanto à nota geral sobre o «juízo» do crente). Ali também se nota que cada qual será tratado de acordo com o que tiver feito, «de

13 ἐγὼ τὸ Ἄλφα καὶ τὸ Ὠ, ὁ πρῶτος καὶ ὁ ἔσχατος, ἡ ἀρχὴ καὶ τὸ τέλος.

13 ἐγώ... ἢ R<sup>a</sup> 1.9; 21.6 ὁ πρῶτος... ἄσχατος Is 44.6; 49.12 R<sup>a</sup> 1.17; 2.9 ἡ... τέλει R<sup>a</sup> 21.6

**22:13:** In sou a Alfa e o Ômega, o primeiro e o derradeiro, o principio e a fim.

“...o Alfa e o Omega...” Esse título tem sido usado acerca do Pai, em Apo. 1:8, onde há amplos comentários a respeito. Em Apo. 21:6 é novamente aplicado ao Pai. Mas aqui é aplicado ao Filho. Isso demonstra as seguintes verdades: 1. Jesus Cristo possui deidade essencial. 2. Tal como o Pai, é ele uma força criadora e é também o alvo de toda a existência. Essas fortes palavras não nos deveriam surpreender, porquanto por todo o Apocalipse João vinha falando nesses termos acerca do Filho. Cristo compartilha do trono do Pai (ver Apo. 3:21 e 22:1), bem como de sua elevadíssima posição, nos mais altos céus. Observemos como, em Col. 1:16, onde se atribui a Cristo o poder de criação, o que redundaria em sua glória (em Cristo, “por meio de Cristo” e “para Cristo”), há um paralelo a I Cor. 8:6 e Rom. 11:36, onde a mesma coisa é dita com referência a Deus Pai. Se Deus Pai é o juiz, outro tanto é Cristo (ver o vigésimo capítulo, em comparação com o trecho de Apo. 22:11. Ver Heb. 1:3 quanto à nota de sumário sobre a “divindade de Cristo”). Quanto ao fato que Cristo é o começo e o fim de tudo, o Alfa e o Omega, o que é dito igualmente acerca do Pai, em Apo. 1:8, consultar Col. 1:16, onde essa idéia é mais amplamente elaborada).

...o princípio e o fim... Essas palavras são uma definição do que significa «Alfa e Ômega». Isso também é dito acerca de Deus Pai, tanto em Apo. 1:8 como em 21:6, onde são dadas as notas expositivas a respeito. Tais títulos se aplicam igualmente ao Pai e ao Filho, porque os dois são um (ver João 17:21 e 10:30).

•...o primeiro e o último...• Outra implicação do título «Alfa e Ômega».

14 Μακάριοι οἱ πλύνοντες τὰς στολὰς αὐτῶν<sup>1</sup>, ἵνα ἔσται ἡ ἐξουσία αὐτῶν ἐπὶ τὸ ξύλον τῆς ζωῆς καὶ τοῖς πυλῶσιν εἰσελθῶσιν εἰς τὴν πόλιν.

[illegible]

Ao invés de *πλύνοντες τὰς στολὰς αὐτῶν*, apoiada por N A cerca de quinze minúsculos (incluindo 1006 2020 2053) it (61) vg cop (sa) *al*, o Textus Receptus, seguindo 046 maioria dos minúsculos it (gig) sir (ph,h) cop (bo) *al*, traz as palavras de som um tanto semelhante, *ποιοῦντες τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ*. Essa última forma parece ser correção escríbal, pois noutros pontos o autor sagrado usa a expressão *τηρεῖν τὰς ἐντολὰς* (12:17 e 14:12). "Outrossim, as preferências dos escribas teriam favorecido *ποιοῦντες τὰς ἐντολὰς* no lugar de *πλύνοντες τὰς στολὰς*" (H.B. Swete, *in loc.*).

**22:14:** Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes (no sangue do Cordeiro) para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.

...*Bem-aventurados*... essa é a sétima bem-aventurança do Apocalipse, e é indubitável que o autor sagrado queria que seu livro tivesse esse número, pois «sete» é o número da perfeição. (Ver as outras bem-aventuranças em Apo. 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6 e 22:7). As principais realizações espirituais são as que obtêm os principais benefícios espirituais. Essa é a mensagem geral que aproveitamos das «bem-aventuranças». (Ver as notas expositivas em Mat. 5:3 sobre esse termo). Ser «bem-aventurado» significa, essencialmente, ser «feliz», embora não aluda a alguma felicidade terrena, que dependa das circunstâncias externas. Antes, é uma felicidade eterna, própria do outro mundo, que depende das riquezas espirituais. No grego clássico se lê sobre os deuses como «felizes» nesse sentido, em contraste com a miséria humana. Eles seriam «felizes» nessa riqueza, e vice-versa, e esse era o significado original do vocábulo. Por conseguinte, o N.T. promete uma riqueza espiritual realmente elevada, a riqueza eterna, aos fiéis, aos que conhecem e seguem a Cristo a todo custo. Essa bênção prometida é apropriada neste livro, o último do N.T.

...lavam as suas vestiduras... Sem dúvida isso significa, embora tal coisa não seja diretamente expressa, "lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro", conforme se vê em Apo. 5:9. Com grande freqüência, neste livro, Cristo é o "Cordeiro" (ver as notas expositivas a respeito em Apo. 5:6), o que significa que seus benefícios fluem da sua expiação, de sua missão terminada, incluindo a vida trazida à luz pela sua ressurreição. (Ver Apo. 1:5 quanto à "lavagem" do pecado, o que, naquele ponto, é atribuído ao "sangue de Cristo". Outro tanto é dito acerca dos mártires, em Apo. 7:14). Mas agora, tendo sido fiéis ao seu redentor, e isso até à morte, é-lhes assegurado que seus pecados foram perdoados, que desfrutarão da bem-aventurança do estado eterno. Por conseguinte, João volta à carga, e

bom ou de mau». Para nós, a morte é algo quase incidental; é mera transição para um estado superior; mas o juízo é outra questão. Haverá de ir ao encontro de meu Senhor de mãos vazias? Tal pensamento agora me preocupa a mente.

4. Naturalmente, não podemos antecipar um estado eterno estagnado; pois o destino do crente é participar de toda a plenitude de Deus (ver Ef. 3:19); e isso será uma busca eterna, que exige um poder e uma espiritualidade sempre crescentes. Não obstante, enfrentar ao Senhor com a vida impura com vazão de boas obras é um pensamento solene. Nosso estágio de glorificação, ao entrarmos no mundo celestial, será determinado pelo que tivermos feito e pelo que tivermos sido nesta vida. A graça divina, entretanto, não poderia mesmo deixar-nos nesse ponto, porquanto ali haveremos de inquirir pelo Senhor de modos novos e superiores, obtendo um interminável e crescente benefício da alma. Alguns dos primeiros pais da Igreja explicaram a glorificação em parte em termos do «tipo de corpo ressurto» que teremos. Alguns seriam mais espiritualizados do que outros, capazes de uma glória e de um serviço superiores. Mas nem mesmo paravam ali, pois até mesmo esse corpo, esse «veículo» da expressão da alma, poderá continuar sendo espiritualizado e glorificado. Apesar disso tudo abordar o terreno das especulações, parece refletir uma verdade vital.

**Outras idênticas sobre o décimo terceiro versículo:**

1. «O grande mestre da vida promete que entrará no mundo, onde os homens vivem em tão grande confusão moral e espiritual, e lá, na plenitude do poder dele. Os deístas pensam que Deus criou o mundo mas deixou-o a girar por si mesmo—edificam seu ponto de vista do mundo sobre a idéia da ausência de Deus. O livro de Apocalipse não vê nenhuma grande ausência, e, sim, uma grande Presença» (Hough, *in loc.*).

2. - As leis morais postas em ação pelo pecado operam assim. A retribuição não é nenhum sonho; é um fato terrível: está escrita em letras maiúsculas por toda a natureza. Mas as leis eternas de Deus, embora ratamente ordenadas, não são Deus: o refúgio para longe das leis eternas, que invocamos contra nós mesmos, com nosso pecado, se encontra no Deus eterno: 'Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último'. Para aqueles que são caçados pela iniquidade de seus próprios feitos, o próprio Deus provê um refúgio: por baixo de todas as leis estão os seus braços eternos (ver Deut. 33:27). Os versículos seguintes mostram o caminho do refúgio e da segurança à nossa frente (Carpenter, *in loc.*).

3. Comparar isso com Heb. 12:2. Cristo é o autor e consumador da fé. Portanto, em todas as dimensões e épocas ele é o começo, a causa primária, e também é o fim, a causa final, a realização daquilo que fora iniciado.

ἔσται ἡ ἐξουσία αὐτῶν ἐπὶ τὸ ξύλον τῆς ζωῆς καὶ

14 τὸ ξύλον τῆς ζωῆς Gn 2.9; 3.22; Eze 47.12; Rv 22.2, 10

2073 2138 2432 (104 syr<sup>1</sup> + rop<sup>2</sup> (acc 79010745 745) Tertullian Cyprian  
Tyronius Andrew: (Beatus) Arctas

fim de lembrar aos mártires que eles não morrerão em vão. E isso ele disse a fim de consolá-los, o que, afinal de contas, é a razão mesma da produção do Apocalipse. (Ver as notas expositivas completas sobre a expiação, em Rom. 5:11; e sobre a "expiação pelo sangue", em Rom. 3:25).

Os três níveis da expiação pelo sangue:

1. Os antigos criam que o sangue das últimas sacrificadas, ao tocar no altar, era carregado com as propriedades, os poderes e as virtudes da divindade a quem a oferenda era feita. Portanto, qualquer indivíduo, que viesse adorar naquele altar, ao tocar no sangue, ficava limpo de pecado ou recebia os poderes e virtudes daquele deus, quase que por uma arte mágica. O N. T., naturalmente, ao falar da «expição pelo sangue», nem pensa sobre tal ideia.

2. O sangue também tem sentidos simbólicos. Indica tudo quanto a «morte» de Cristo faz em nosso favor. Portanto, o «sangue» e a «morte» de Cristo são termos intercambiáveis. Algumas vezes é especificamente mencionada a «morte»; de outras vezes, há alusão ao «sangue». (Ver Col. 1:22; Fil. 2:8; Heb. 2:9; I Ped. 3:18; Rom. 5:10 e II Cor. 5:15, onde a «morte» é mencionada como algo que efetuou a expiação, e sem que haja ali qualquer menção ao sangue).

3. Mas aqui a expiação é mais do que meramente simbólica. Opera através do poder do Espírito Santo. O Espírito derrota as forças satânicas voltadas contra nós, com base naquilo que Cristo fez na cruz (ver Col. 2:15). O Espírito derrota o pecado em nós, mediante seu poder transformador, conferindo-nos a santidade, com base em nossa identificação com Cristo, em sua morte (ver Rom. 6:3). Portanto, a expiação tem uma *qualidade mística*, porquanto envolve a ajuda do Espírito, o qual nos confere tudo quanto a morte de Cristo visa conferir-nos; e isso ele faz de modo eficaz, porquanto essa operação do Espírito nos transforma e nos torna santos. Somos justificados, mas também somos santificados—tudo com base na



expição. II Tes. 2:13 é passagem que mostra que a santificação é necessária para a salvação; e também mostra que é obra do Espírito de Deus. O evangelho nos chama para isso, e a chamada se torna eficaz por meio do Espírito, tudo o que é subentendido no versículo seguinte daquela passagem. E a finalidade de tudo isso é a «glória» final.

«...o direito à árvore da vida...» Em última análise, a imortalidade é prometida àqueles que são lavados no sangue do Cordeiro, e isso define a «felicidade» da bem-aventurança constante neste versículo. (Há notas expositivas completas sobre essa «árvore» e seu simbolismo, em Apo. 22:2). Os remidos têm a «autoridade» de participar desse imenso dom da vida. (Comparar com João 1:12, onde a mesma palavra, «autoridade», é usada, em associação à obtenção da filiação. A árvore da vida é apenas uma figura simbólica da filiação. A filiação envolve a comunhão de natureza, dentro da família divina, conforme se aprende em Heb. 2:10 e ss).

«...o direito... entrem na cidade pelas portas...» Isso indica o «acesso» à Nova Jerusalém, para que alguém faça parte da «noiva», a comunidade dos remidos. (Ver Apo. 21:12, em suas notas expositivas, sobre a questão das «portas». Ver Apo. 21:25 quanto a outros comentários acerca desse conceito. Ver Apo. 21:2 quanto à nota geral sobre a «Nova Jerusalém»). Um duplo simbolismo é assim empregado. Está em foco tanto o «lugar» onde será a capital da nova criação, como também os «habitantes» desse lugar, a saber, a própria Noiva. (Ver Apo. 21:9 acerca de notas expositivas sobre a «noiva»; e Apo. 19:7, quanto a notas sobre as «bodas do Cordeiro»).

Outras idéias sobre o décimo quarto versículo:

1. Os eleitos, fideis e mártires têm direito à «árvore da vida». Esse conceito pode ser confrontado com as passagens de I Enoque 26:4,5; II Emdras 8:62; Testamento de Levi 18:11). Não há a possibilidade futura de «recompensas» pelas dificuldades sofridas, em consonância com o plano deste livro. (Ver Apo. 2:7 e 22:3).

2. Ver Apo. 21:27 quanto ao direito de entrar na cidade celestial, onde a questão é alocada sobre o fato de alguém estar escrito no Livro da vida do Cordeiro.

15 ἔξω οἱ κύνες καὶ οἱ φάρμακοι καὶ οἱ πόρνοι καὶ οἱ φονεῖς καὶ οἱ εἰδωλολάτραι καὶ πᾶς φιλῶν καὶ ποιῶν ψεῦδος. 15 I Cor 8:9-10, Ro 21:8, 27

22:15; Ficará de fora os cães, os feiçiceros, os malditos, os homicidas, os idólatras, e toda a que ama e pratica a mentira.

«...Fara ficam...» Tal como em Apo. 21:8, João interrompe suas descrições de glória e triunfo, a fim de lembrar-nos que nem toda a humanidade pode esperar essas bênçãos, porquanto há alguns que permanecem rebeldes até o fim. Tal como naquele lugar, ele nos oferece uma lista de pecados e vícios, que elabora sobre esse assunto, repetindo designações que já vimos. A palavra «fara» aponta para o «lago do fogo» (comentado em Apo. 19:20), pois não há aqui qualquer pensamento dessas pessoas a pedirem admissão do lado de fora das portas da cidade.

«...cães...» Esse é o único item novo neste versículo, algo que não fora dito antes por João neste livro. (Comparar com Fil. 3:2). Esse era um termo de repreensão no vocabulário judaico, referindo-se aos gentios, a quem consideravam «imundos». De acordo com as leis judaicas, o cão era um animal imundo, não se podendo consumir suas carnes. Um cão não tem moral e nem se importa com isso, pelo que é aqui usado como símbolo da devassidão moral e da adoração paga imunda. (Ver Deut. 23:18). «Como termo de vitupério» nos lábios dos judeus, isso significa, principalmente «impureza»; nos lábios dos gregos, «descaramento». As matilhas de cães que invadem as cidades orientais, sem lar e sem dono, alimentando-se do lixo que abunda nas ruas, entre suas brigas e atacando aos passantes, explicam ambas as aplicações desse simbolismo. (Lightfoot, sobre Fil. 3:2). (Ver aquela referência quanto a outros comentários sobre essa questão).

«...feiçiceros...» O «culto ao imperador» era promovido por meio das artes mágicas, e cremos que outro tanto sucederá no caso do culto ao anticristo. (Ver Apo. 9:21 e 18:23 quanto às «feiticarias», e Apo. 21:8 quanto aos «feiçiceros», onde há notas expositivas completas sobre esses temas. Consultar também Atos 13:6,8 acerca desse tema). Um dos pecados da carne é a «feiticaria». (Ver Apo. 5:20).

«...impuros...» Essa é a forma masculina do termo grego geralmente traduzido por «meretriz» ou «prostituta». Alude a imoralidades físicas e espirituais, a impurezas. A adoração paga era permeada com imoralidades sexuais, toleradas e até mesmo encorajadas como parte da adoração, mediante o que os templos eram apoiados, com seus sacerdócios. (Ver essa palavra também em Apo. 21:8, na lista de vícios dada ali). A palavra «imoralidade» (no grego, «porneia») vem da mesma raiz que se encontra em Apo. 2:21; 9:21; 14:8; 17:2,4; 18:3 e 19:2). Roma era chamada de «a grande meretriz» (ver Apo. 17:1,5,15,16 e 19:2). Isso mostra que a palavra é usada simbolicamente neste livro, para indicar a idéia de fornicação espiritual, isto é, a idolatria, e não meramente a imoralidade física. (Ver Gál. 5:19 quanto a isso, na lista de vícios que ali se encontra, como uma das obras da

3. Não há nenhum lugar para o que é contaminado, em toda a cidade santa. O presente versículo deixa isso claro. Mas tal verdade já fora declarada neste livro. (Ver Apo. 21:8,27).

4. Esta versículo, naturalmente, mostra-nos que a salvação vem pela graça de Deus, e não pelas obras humanas, o que é um comum tema do N.T. Ver Efé. 2:8,9 sobre esse tema, em suas notas expositivas.

5. «Sem graça, não há obediência; sem obediência, não há autoridade para alguém chegar à árvore da vida; sem essa autoridade, não haverá direito algum; sem esse direito, não haverá aprazimento. E é a graça de Deus, por meio de Cristo, que produz o bem e as recompensas, como se tudo tivesse sido produzido por nós mesmos» (Adam Clarke, *in loc.*). Naturalmente, essas bênçãos se tornam nossas mesmas, mas não por nosso próprio poder. O poder transformador de Cristo cria em nós a imagem de Cristo, e participamos assim da própria santidade de Deus (ver Mat. 6:48) e a sua perfeição (ver Efé. 3:19 a Col. 2:10).

Variante Textual: «Os que cumprem seus mandamentos» são as palavras que aparecem nos mss 041, 1, 82, 1611, na maioria dos manuscritos minúsculos, no Ro e nos escritos dos pais da igreja Tertoliano e Cipriano. Mas a forma original diz «lavam suas vestes», conforme se vê na evidência textual mais importante dos mss Alaph, A e em cerca de quinze manuscritos minúsculos, como também no It(61), na Vg e no Cop(sa). Isso foi modificado para «cumprem seus mandamentos» com base em Apo. 12:17 e 14:12 onde tais palavras são autênticas. Ambas as concepções estão em harmonia com a mensagem e o intuito do Apocalipse. Ambas as ações serão recompensadas pela bem-aventurança eterna. Os santos haverão de ser galardoados por observarem os mandamentos do Senhor, mas tudo repousa sobre a santidade que tiveram obtido através da expiação pelo «sangue de Cristo».

A palavra «vestiduras» é adicionada, em alguns manuscritos de pouca autoridade, principalmente aramaicos e latinos, «no sangue do Cordeiro». Mas o texto não tem qualquer autoridade nos manuscritos gregos, e sem dúvida foi uma glosa escrital. Isso não significa, naturalmente, que o N.T. ou o Apocalipse não tenha a idéia de «expiação pelo sangue», mas somente que isso é compreendido aqui, e não expressamente declarado. (Ver Apo. 7:14, onde a lavagem das vestiduras no sangue do Cordeiro é algo genuinamente contido).

carne).

«...idólatras...» Isso fala especificamente sobre o «culto ao imperador», o que forçava as nações a adorarem ao imperador romano como se fora uma divindade; e profeticamente fala da adoração ao anticristo nos últimos dias (ver Apo. 13:4). Essa será a mais horrenda de todas as formas de idolatria, porquanto envolverá a adoração a Satanás por meio de seu falso «cristo». (Neste livro, ver esse pecado aludido também em Apo. 2:18. Ver Gál. 5:20 quanto ao mesmo, na lista de vícios. Ver Efé. 5:5 e I Cor. 5:11 quanto a notas expositivas adicionais).

«...que ama e pratica mentira...» Uma vez mais temos a alusão à «mentira» representada pelo culto ao imperador; profeticamente falando, há aqui alusão à forte ilusão que Satanás promoverá por meio de seu falso cristão. No Apocalipse, ver a alusão aos «mentirosos» em Apo. 2:2 e 21:8. O trecho de Apo. 21:27 é seu mais próximo paralelo, «...o que pratica... e mentira...» Mas aqui é adicionado o verbo «ama». É que os seguidores de Satanás serão iludidos, mas não sem sua entusiástica cooperação, de modo a virem a amar a falsidade que lhes é apresentada. (Ver Col. 3:9 quanto à nota geral sobre a «mentira», onde essa idéia é amplamente adornada).

Outras idéias sobre o décimo quinto versículo:

1. São esses os que não têm objetos sagrados; e, se os têm, tais objetos são falsos, indignos da adoração humana. São esses os que têm abusado do sagrado e profanado do que é humano. Agora eles são sub-humanos, por assim dizer, porquanto são «cães». Perderam seu verdadeiro destino, tendo preferido ficar com algo muito inferior. Sem importar o que a graça de Deus pode fazer por eles, dando-lhes propósito na existência, centralizando-lhes a vida em Cristo, conforme terá de suceder eventualmente, de conformidade com o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, a perda dos tais será infinita, porquanto aqui é que foi prometida em Cristo a grande salvação, a qual chegou a ser possanão deles.

2. «A alusão aos cães, fora da cidade, dificilmente pode ser compreendida pelos ocidentais. No oriente, porém, «matilhas de cães famintos e semi-selvagens costumavam vagar pelos campos e ruas das cidades, devorando os corpos mortos e outras carnes putrefactas (ver I Reis 14:11; 18:4; 21:19; 22:38; II Reis 9:10,36; Jer. 15:3 e Sal. 69:8) e assim se tornaram um incômodo tão grande que inimigos feroces e cruéis são poiticamente chamados «cães», em Sal. 22:16,20» (Carpenter, *in loc.*).

3. Lembramo-nos que há menção às «trevas exteriores» (ver Mat. 8:12; 22:13 e 25:30), isto é, fora do banquete iluminado, onde tudo está longe da abundância e do bem-estar.

4. Com a idéia de «praticar a verdade», comparar a idéia de «não praticar a verdade» (ver I João 1:6; Rom. 1:25 e Efé. 4:25).

5. «Cães» é uma metáfora arcaica, colorida pelo ódio dos nômades aos cães. (Conf. Arabia Deserta 1:337,339, «somente o cão não tem cidadania na vida nômade» (Moffatt, *in loc.*)).

16 Ἐγὼ Ἰησοῦς ἐπεμψα τὸν ἀγγελόν μου μαρτυρῆσαι ὑμῖν ταῦτα ἐπὶ ταῖς ἐκκλησίαις. ἐγὼ εἰμι ἡ ῥίζα καὶ τὸ γένος Δαυὶδ, ὁ ἀστὴρ ὁ λαμπρὸς ὁ πρωτῶνός.

16 Ἐγὼ εἰμι...Δαυὶδ Is 11:1, 10; Ro 1:3; Re 6:5 ὁ ἀστὴρ...πρωτῶνός Nu 24:17; Re 2:28

22:16; Eu, Jesus, envio o meu anjo para vos testificar estas coisas a favor das igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, e resplandecente estrela da manhã.

«...Eu, Jesus...» Este livro é a revelação pertencente a Cristo, proveniente de Cristo e acerca de Cristo. (Ver Apo. 1:1). Foi revelação feita a ser serva, João (ver Apo. 1:1), mediante a mediação angelical, conforme fica demonstrado pelas muitas vozes e visões de anjos. Foi enviado às sete igrejas locais da Ásia Menor, a cada uma das quais Jesus enviou uma mensagem pessoal (ver Apo. 2 e 3).

«...testificar...» Porquanto esse é o «testemunho de Jesus» (ver Apo. 1:2,9; 6:9; 12:17; 19:10). Isso porque o livro não tinha por intuito ser selado, mas antes, comunicado a outros (ver Apo. 22:10). Também porque o tempo urge (ver Apo. 1:3 e 22:10,11). E, finalmente, porque esse testemunho nos assegura da vinda de Cristo para breve (ver Apo. 22:7,12,20, o qual recompensará aos mártires a quem este livro foi escrito, a fim de consolá-los (ver Apo. 22:12)).

Este versículo, tal como o sexto versículo, visa ser outra afirmação da



inspiração divina do livro. As declarações de Jesus só podem ser vistas segundo essa luz.

«...estas cousas às igrejas...» O livro todo, em todo o seu conteúdo, foi escrito para a «igreja». Não tem por objeto alguma audiência fantasma, como os «santos da tribulação», como se esses formassem um grupo separado da igreja. Tal afirmativa mostra-nos que se trata de um «livro da igreja». Desde o princípio temos enfatizado que foi escrito como um manual para consolar e fortalecer aos crentes, devido à perseguição a que eram sujeitados da parte de Roma. Profeticamente falando, terá a mesma função para a igreja durante a «tribulação». (Ver Efé. 3:10 quanto à nota geral sobre a «igreja»).

«...Sou a raiz e a geração de Davi...» Já vimos isso em Apo. 5:5; onde Cristo é chamado de «o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi». Esta descrição adiciona o termo «geração», mas isso é apenas um termo definidor, que não altera o significado geral do título. (Ver as notas expositivas na referência mencionada). Era uma tradição comum que Jesus era da descendência de Davi. (Ver Mat. 1:1; 9:27 e Rom. 1:3). O Apocalipse destaca a pessoa de Jesus celestial, glorificado, mas não olvida que esse mesmo personagem é Jesus, o Cristo, o nosso Salvador, que fez expiação por nós, nesta esfera terrena, sendo ele a fusão das naturezas divina e humana.

*Tua alma era como uma Estrela, e moravas isolado  
E tinhas a voz cujo som era como o som do mar:  
Para como os céus límpidos, majestosos e livres,  
Assim, percorreste o caminho comum da vida,  
Em animada piedade; no entanto, teu coração  
Se impôs a si mesmo os mais humildes deveres.*

(William Wordsworth)

«...estrela da manhã...» Alusão ao planeta Vênus. Já encontramos esse título aplicado a Cristo (ver Apo. 2:28). Essa estrela era símbolo da imortalidade, em toda a sua glória. Jesus garante isso para os fiéis. (Ver II

17 Καὶ τὸ πνεῦμα καὶ ἡ νύμφη λέγουσιν, Ἔρχου. ἔρχεσθω, ὁ θέλων λαβέτω ὕδωρ ζωῆς δωρεάν.

17 το εἰ η] om R

22:17: *l* o Espírito e a noiva dizem: *Vem! l quem ouvir, diga: Vem. l quem tem sede, venha; e quem quiser, recebe do graça a água da vida.*

Por três vezes Cristo promete sua volta para breve, neste epílogo. (Ver Apo. 22:7, 12, 20). Portanto, agora, três personagens, ouvindo essa promessa, instam com Cristo: «Vem!» Esses três personagens são: o Espírito Santo, a Noiva e qualquer que ouvir a promessa de Cristo, unidos na anelante expectativa de sua vinda para breve. Apesar deste versículo haver sido interpretado como um quintuplo convite ao pecador, isso está em desacordo com o contexto, ao passo que aquilo que acabara de ser mencionado está de acordo com o contexto; e com isso concordam quase todos os intérpretes. Contudo, além do triplice convite de Cristo em cumprir a sua promessa: «Eis que logo venho!», há um duplo convite ao pecador, para que se una às imensas bênçãos que aquela vinda conferirá ao mundo. Não limitamos esse convite à «cena celestial», como se o mesmo se dirigisse somente aos seres imortais que já conhecem a Cristo e têm direito à «água da vida». Antes, tudo quanto é dito neste versículo é dito do ponto de vista terreno e temporal, e não do ponto de vista celestial e eterno. Isso significa que a grande maioria da humanidade continua fora do redil do reino, e que essa massa humana agora recebe um convite final. O próprio N.T. é um livro de convite a homens decalados, para que se deixem elevar infinitamente em Cristo. Não está esse convite fora de lugar, portanto; antes, é algo muito apropriado que este livro tenha chegado ao fim reverberando o grande convite do evangelho cristão.

Os três personagens desejam subir à mais alta montanha, para poderem ver, em um lance de olhos, a entrada do Cristo eterno entre os homens, uma vez mais, a fim de que se cumpra o Dia eterno. O vidente João já percebera o significado da eternidade e agora deseja ansiosamente que outros homens compartilhassem de sua visão.

*Abro meu peito para as nuvens que se alargam.  
E intensifico o olhar após as aves que voam para casa...  
Quando subirei para o alto e contemplarei  
Todos os montes em uma única mirada?!*

(Tu Fu)

1. O Espírito diz: *Vem!* O Espírito é o *alter ego* de Cristo, o «paracleto» (ver João 14:16), o qual nos tem ajudado em nossa subida a Cristo, nesta vida terrena. Mas seu ministério terreno necessariamente envolve muitas limitações. Ele é Cristo conosco, mas há um maior cumprimento desse ideal, quando os homens se tornarem imortais. Tanto o Espírito como os remidos anelam por esse ideal, pelo que dão esse convite divino a Cristo para que cumpra a sua missão, o que jamais poderá tornar-se uma realidade enquanto não ocorrer a «parousia». (Ver I Tes. 4:15 e Apo. 19:11, quanto à «parousia», o segundo advento de Cristo). O Espírito é o que falava às «igrejas», às quais foi enviado este livro (ver Apo. 2:7). Ele sabe o que é melhor, pelo que agora anuncia o tempo da chegada de Cristo, e sua sabedoria inaugura aquele dia.

2. A Noiva diz: *Vem!* Isso expressa o anseio da Noiva pelo aparecimento do Noivo, o qual esteve ausente por tanto tempo. É o anelo pela concretização das bodas ou festa de casamento (comentado em Apo. 19:7). Para a donzela que está prestes a casar-se, a vida inteira se centraliza na preparação de seu casamento, e sua própria vida revolve em torno de seu futuro marido. Não é sem razão que esse simbolismo foi aqui escolhido para representar qual deve ser o anelo da igreja pelo retorno de Cristo. A noiva

Ped. 1:19b quanto a essa idéia: a estrela da manhã surge em nossos corações, dando-nos a imortalidade e triunfo). Os mártires precisam dessa certeza, a qual lhes é repetida aqui.

«Tal como a estrela da manhã, ele anunciou o resplendor de um dia vindouro. Somente o cristianismo enche o futuro de luz». (Hough, *in loc.*).

*Outras idéias sobre o décimo sexto versículo:*

1. As crenças antigas diziam que a estrela vespertina apontava para a morte, e que a estrela da manhã, em que era renovada a luz do dia, a imortalidade. A estrela da manhã também simbolizava domínio mundial, e isso está de conformidade com as promessas de Cristo aos mártires, no Apocalipse. (Ver Apo. 20:6. Ver as notas expositivas completas a respeito em Apo. 2:28).

2. A «aurora» era um símbolo messiânico (ver Jer. 23:5; Zac. 3:8 e 6:12) que denotava o «Renovo». Conforme a idéia é usada neste texto, trata-se de um duplo simbolismo. (Vê-la também em Justino Mártir, *Apol.* 1:32). Jesus tinha um passado humano, mas também tinha um futuro divino e glorioso, que se revelará ao homem e ao homem.

3. O simbolismo sobre a estrela da manhã mostra a convicção da igreja do primeiro século, de que ela vivia em uma noite escura e fria, imediatamente antes da aurora de um novo dia. «A senha era aurora e estrela da manhã...» A subversão cósmica indicava uma nova era para seus aderentes. O Apocalipse, pois, termina conforme começou (ver Apo. 1:5,6) com uma nota de ênfase sobre a significação eterna de Cristo dentro do plano e do propósito divinos» (McBatt, *in loc.*).

4. A estrela da manhã: «Cristo era a Luz que estava vindo ao mundo (ver João 1:9 e 8:12)» (Robertson, *in loc.*).

5. «Ela é a brilhante estrela que conduz à aurora do dia eterno (ver Mal. 4:2 e II Ped. 1:19)» (Carpenter, *in loc.*).

6. «Eu sou esplendor e glória para meu reino; assim como a estrela da manhã anuncia o sol, assim eu anunciarei as glórias eternas e límpidas do reino eterno» (Adam Clarke, *in loc.*).

7. «Cristo é a brilhante Estrela da Manhã do dia vindouro da eternidade; por conseguinte, ele também dá a estrela da manhã da visão espiritual do futuro» (Lange, *in loc.*).

καὶ ὁ ἀκούων εἰπάτω, Ἔρχου. καὶ ὁ διψῶν

17 ὁ διψῶν... ἀναγὰς Ia 56.1; Ju 7.37; Ra 21.6

tem supremamente, em sua mente e em sua vida, a pessoa do noivo, e nada fica fora do toque de seu encantamento. Assim também o ideal do cristão é aquele encantamento e aquela beleza de Cristo, que transforma a vida. De nós é esperado que desejemos ansiosamente por sua volta, e isso nos purificará; e essa santificação, por sua vez, nos transformará segundo a própria imagem e natureza de Cristo. (Ver I João 3:2,3; Mat. 25:1-13, 14-30 quanto a parábolas que ilustram a questão vital da expectativa da segunda vinda de Cristo, e como essa expectativa deveria transformar a própria vida). O Espírito Santo torna essa experiência real para nós, transformando-nos a vida; e isso tem de ser parte da experiência cristã, porquanto a vida cristã não pode alimentar-se de emoções e motivações meramente humanas. Deve haver mudança e vitalidade ao nível da alma; e isso devemos ao ministério do Espírito Santo em nossas vidas. Porém, mediante a santificação e o uso apropriado dos meios de espiritualidade—estudo bíblico, oração, meditação centralizada em Cristo, a busca e o uso dos dons espirituais, permitimos ao Espírito que opere em nós sua força transformadora. Ver II Cor. 3:18, em suas notas expositivas acerca do que essa operação tenciona fazer em nós.

Cristo na vida agora equivale a Cristo na vida do dia eterno.

3. O que ouve, diz: *Vem!* Em seu contexto histórico, essas palavras provavelmente aludem aos «mártires em potencial». Eles é que estavam sofrendo. Subitamente, eles ouvem o clamor levantado pelo Espírito e pela Noiva, que convidam Cristo a voltar, a fim de cumprir a sua promessa. E isso será momento de grande triunfo para eles. Portanto «que eles» (os mártires) que ouvem esse convite também unam suas vozes ao grande convite: «Vem!» Mas a idéia também deve ser geral, porquanto há outros crentes fiéis além dos mártires. Que todos esses se unam ao convite clamoroso. Uma interpretação menos provável é a que diz que todos os «homens», até aqueles que ainda não tinham sido remidos, repetem esse convite. Esperaríamos que assim fosse realmente, em muitos casos, pois a «volta» de Cristo promete a cura para todos os povos, pelo que é apropriado que essa doutrina viesse a excitar inclusive aos incrédulos; mas não é muito provável que o vidente João tenha tido isso em mente. Contudo, os incrédulos são convidados a vir e a participar das prodigiosas bênçãos que acompanharão ao retorno de Cristo, conforme fica demonstrado pelas cláusulas seguintes.

«...Aquele que tem sede, venha...» Isso continua aludindo aos mártires, conforme se verifica em Apo. 7:17. (Comparar com Apo. 21:6 e 22:1). Diz Apo. 7:17: «...pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima». Também se lê em Apo. 21:6: «Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede darei de graça da fonte da água da vida». Essa promessa foi feita particularmente aos crentes, e mais especificamente, aos mártires em potencial. Não obstante, todos os seres humanos estão espiritualmente sedentos sem Cristo, e não podemos deixar de sentir que, neste ponto, o autor sagrado queria que entendêssemos algo mais geral do que particular.

«...quem quiser receba de graça a água da vida...» (Ver as notas expositivas completas sobre a «água da vida», em Apo. 21:6). Aquilo que Jesus, na qualidade de água da vida, pode dar-nos espiritualmente, está aqui em foco, é claro; e as notas expositivas ali existentes desenvolvem o tema com as referências cruzadas apropriadas. É provável que, especificamente falando, os mártires e os fiéis estejam novamente aqui em foco, porquanto esses são os que têm «sede pelo reino de Deus», conforme se



aprende em Mat. 5:6: «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos». Na «parousia» ou segundo advento de Cristo começará esse enchimento, em suas maiores dimensões; portanto, os «sedentos» que agora vêem a glória e a beleza de Cristo, são convidados a se achegarem às fontes de águas vivas. Uma vez mais, porém, cremos que a beleza de Cristo pode atrair a todos os homens (ver João 12:32), pelo que todos os homens, de modo geral, estão em foco neste ponto, de tal modo que todo aquele que tiver sede da água da vida poderá dessedentar-se, contanto que permita a atuação de Deus em sua vida.

Passando adiante o convite. Todo aquele que ouve as boas-novas é convidado a espalhar as boas-novas. Temos um senso de inúmeras vozes humanas a repetir: Deus convidou aos homens! Deus convidou aos homens! A propagação dessa notícia é uma das coisas mais fascinantes do mundo. A propagação da melhor notícia de todas é a história de um vastíssimo contágio de bondade. Diz-se que, nos primeiros dias, os vendedores ambulantes, com seus pacotes às costas, costumavam exibir suas mercadorias a pequenos círculos de pessoas interessadas; e então, feitas as vendas, derramavam em ouvidos fascinados a história de como Cristo viera chamar os homens para Deus. Todo aquele que ousou falar era um correio divino» (Hough, *in loc.*).

Outras idéias sobre o décimo sétimo versículo:

1. «O Apocalipse é o livro daquele que vem; termina com o clamor de que aquele que vem virá (comparar com o vigésimo versículo); mas que aqueles que

têm sede por sua vinda que venham a ele. Podemos chegar perto dele, pois ele se aproxima de nós» (Carpenter, *in loc.*).

2. «O poder do evangelho inteiro se concentra nisso, que alguém pode corresponder ao seu convite, repetindo-o de coração» (Bengel, *in loc.*).

3. Para a sede humana há um remédio, embora a alma se tenha afastado muitíssimo de Deus. O convite é feito a todos, mas tem de tocar em uma corda sensível, em um desejo, em uma esperança e na abertura da vontade humana de receber.

Enviad a proclamação por vales colinas...

Para quem quiser vir.

Quão apropriado é que o N.T. termine com uma reverberação dessa mensagem.

4. Deve-se receber a água da vida sem preço, como se fora um «presente». Isso é o que o original grego quer dizer, e não apenas «livramento», no sentido de abundantemente, embora isso também expresse uma verdade. É algo sem preço, mas nem todos o desejam, porquanto a cada homem são oferecidos dois caminhos, e a escolha não é automaticamente a certa.

5. «Essa graciosa e ampla convite é animador, após o quadro macabro dos condenados e perdidos» (Robertson, *in loc.*).

6. «Hosana ao Deus de Davi! Se alguém é santo, que venha à mesa do Senhor; se alguém não o é, que se arrependa» (Moffatt, *in loc.*).

7. O convite é para todos, pois é até para os que não têm dinheiro, isto é, não têm dignidade própria. Mas isso não é empecilho. (Comparar com Isa. 55:1). A idéia de «gratuidade» que há no versículo reverbera o tom evangélico do N.T. inteiro.

18 Μαρτυρῶ ἐγὼ παντὶ τῷ ἀκούοντι τοὺς λόγους τῆς προφητείας τοῦ βιβλίου τούτου· ἐάν τις ἐπιθῇ ἐπ' αὐτά, ἐπιθήσει ὁ θεὸς ἐπ' αὐτὸν τὰς πληγὰς τὰς γεγραμμένας ἐν τῷ βιβλίῳ τούτῳ·

18-19 ἐάν τις...προφητείας τούτης Dt 4:2, 12:32

18 o θεος επ αυτον 046 al c; R] επ ο. ο θ. N 051 2059a pm: ου επ ο. Α\*

22:18: Eu testifico a toda aquela que ouvir as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro;

O autor sagrado estava convencido da inspiração divina de sua obra, tal como temos visto nos versículos sexto e décimo sexto. Portanto, ele muito queria que ninguém viesse a distorcer a sua mensagem. Contudo, ele não profere sua maldição contra algum escriba que, por falta ou falta de atenção, modifique o texto em alguma coisa. Se isso fosse verdade, muitos escribas teriam sofrido a maldição, pois o texto do Apocalipse é o menos certo de todos os livros neotestamentários, ainda que, por meio do estudo, se tenha podido restaurar sua exatidão em alto grau. Antes, o autor adverte àqueles que, propositadamente, alteram o conteúdo e as idéias do livro, que fazem adições ou subtrações. Aquele que profere as últimas palavras ou encerramento do livro é o próprio autor sagrado, e não Jesus, conforme alguns estudiosos têm imaginado. O autor sagrado sentia-se orgulhoso de seu livro, não por ser seu produto pessoal, mas porque o Espírito Santo pudera movimentar-se por seu intermédio, produzindo algo de imenso valor. Portanto, ele adverte aos mexilhões que se mantenham afastados.

As advertências contidas no colofão ou encerramento são bastante comuns nos livros antigos; portanto, o autor sagrado segue um costume literário já bem firmado. No próprio A.T. há algo similar (ver Deut. 4:2 e 12:32). A tradição nos diz que maldição semelhante foi proferida sobre quem quisesse alterar a forma original da Septuaginta. (Ver *Aristeas* 310:11). Uma severa advertência, que não é uma maldição franca, porém, se acha em I Enoque 104:9-13; e há um aviso mais forte ainda em II Enoque onde o autor profere terríveis juízos contra qualquer que rejeitasse a mensagem daquele livro, além de haver uma bênção para seus leitores de bom grado. Comparar isso com Apo. 1:3). A primeira «bem-aventurança», dentre as sete que há neste livro, é prometida aos leitores do Apocalipse. (Ver II Enoque 48:6-9 também. Observar como, em II Ped. 3:16 o autor se queixa de certos hereses que ousavam distorcer as epístolas de Paulo, como também as demais Escrituras! Isso pode subentender não somente interpretações errôneas, mas também modificações propositais nos próprios textos. O vidente João, ao colocar seu livro no mesmo nível do A.T., ou seja, algo digno de ser lido nas igrejas (ver Apo. 1:3), obviamente queria que o mesmo permanecesse conforme fora originalmente escrito. Portanto, ele oferece duas «bem-aventuranças», a primeira e a segunda (dentre as sete; ver Apo. 1:3 e 22:7), que oferecem uma grande bênção aos que derem atenção aos ensinamentos deste livro.

Está em foco o cânon do N.T.? Esse item do colofão — a maldição — tem sido popularmente usado como se fora o «ponto final» da revelação, como se assim terminasse o N.T. Pelo que é dito acima, deve ser óbvio que o autor sagrado não teve tal intenção. Isso deve ser verdade, considerando-se diversas coisas:

1. Nos dias do vidente João, não havia um cânon do N.T. O movimento canonizador só teve início na época de Márcion, nos meados do século II D.C., ainda que, antes disso, certos livros, sobretudo os quatro evangelhos e dez das epístolas de Paulo, fossem tido em alta conta, de tal modo que havia uma espécie de «cânon não-oficial».

2. De fato, o Apocalipse não foi o último livro escrito na coleção que hoje em dia chamamos de *Novo Testamento*.

3. Precisamos dizer que o encerramento da revelação, como se Deus tivesse erigido uma cerca ou uma muralha em torno da mesma, é apenas um dogma humano, e não uma doutrina das próprias Escrituras.

\*\*\*

### Considere Estas Observações

1. Não cremos, porém, que certos livros que atualmente reivindicam para si o privilégio de serem novas revelações, sejam realmente isso, pois a universalidade de aceitação é um dos grandes testes da canonicidade; e outras supostas escrituras não têm obtido essa autenticação.

2. É nossa opinião pessoal que em face do fato de estar tão próximo o fim, não haverá mais livros sagrados válidos. Todavia, não transformamos isso em um dogma.

3. Eventos históricos principais acompanham novas revelações. A revelação do V.T. foi acompanhada pelo desenvolvimento de uma nova nação que ia ser o veículo do propósito redentor. Suas seções foram produzidas em tempos de crise e mudança radical. A primeira vinda de Cristo provocou a segunda revelação, isto é, o N.T. Uma terceira revelação será trazida, sem dúvida, por um movimento histórico de grandes proporções. Acreditamos possível que a Segunda Vinda de Cristo trará tal revelação. Mais uma vez, alguns poderão dizer: «Eu vi!» As revelações modernas, de seitas isoladas, dificilmente cumprem esse aspecto histórico do processo revelatório. As seitas que ganham um ou dois milhões de adeptos, dificilmente podem ter uma revelação de Deus, como se fosse uma propriedade particular, que continua sem o reconhecimento da igreja em geral, e sem qualquer atestação histórica.

«...Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro...» O autor sagrado tinha a certeza que seu livro é inspirado. Por conseguinte, precisava ser protegido de mãos criminosas; pelo que invoca a Deus como aquele que castigará aos perversos, porquanto certamente o ato deles é questão seriíssima.

Alguns autores cristãos da época pós-apostólica também apelaram para esse método ameaçador. De conformidade com Eusébio, em sua História da Igreja V.20.2, Irineu adicionou uma maldição assim a um livro que escrevera combatendo aos hereses; e, mui ironicamente, isso é quase tudo quanto foi preservado até nós de seu livro. Entretanto, em contraste com isso, a integridade do Apocalipse tem sido sustentada até hoje, e seu valor tem sido transmitido de geração em geração.

Outras idéias sobre o décimo oitavo versículo:

1. Os perversos perderão o direito à árvore da vida, às fontes de águas vivas, além do que sofrerão as muitas pragas contidas neste livro, isto é, os severos juízos divinos.

2. Um certo dr. Robert Smith declarou que o Apocalipse ou era lido por doídos ou deixava doídos a seus leitores. Que Deus se preocupe com tal homem!

3. «Essa advertência é dirigida contra as tentativas de perversão deste livro, e não visam o Novo Testamento ou a Bíblia como um todo, embora isso também possa ser incluído» (Robertson, *in loc.*).

4. Essa maldição não se aplica aqueles que honestamente, embora com falta de conhecimento, tenham interpretado equivocadamente o Apocalipse. De outro modo, praticamente todos quantos têm pregado ou escrito sobre esse livro estão debaixo de maldição. A maldição se aplica ao abuso deliberado, e não aos nossos pobres esforços para transmitir o seu significado.

5. Lutero e outros estudiosos se têm queixado da ameaça extravagante dessa «nota editorial», e alguns têm pensado ser lamentável que um livro de tal eloquência tenha terminado com essa nota. Mas Moffatt (*in loc.*), observa mui corretamente: «Essa nervosa ansia de salvaguardar os ensinamentos cristãos fazia parte da tendência contemporânea de considerar a tradição apostólica (comparar com Apo. 18:20 e 21:14) a um corpo de doutrina autorizada, que não pode ser mexida».



19 καὶ εἰάν τις ἀφέλῃ ἀπὸ τῶν λόγων τοῦ βιβλίου τῆς προφητείας ταύτης, ἀφελεῖ ὁ θεὸς τὸ μέρος αὐτοῦ ἀπὸ τοῦ βύλου τῆς ζωῆς καὶ ἐκ τῆς πόλεως τῆς ἁγίας, τῶν γεγραμμένων ἐν τῷ βιβλίῳ τούτῳ.

19 τοῦ βύλου τῆς ζωῆς Qn 2.8; 3.22; Esa 47.12; Ra 22.2, 14

22:19: o se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão descritas neste livro.

(Ver o versículo anterior sobre as notas expositivas completas acerca do colofão ou palavras de encerramento do livro, escritas para assegurar sua contínua integridade). O versículo anterior apresenta o lado «negativo». Os pervertedores do texto sagrado serão severamente julgados. O presente versículo, além disso, dá o lado «positivo», as bênçãos que esses pervertedores perderão, tudo o que já fora aludido nas seções anteriores do Apocalipse.

«...livro desta profecia...» O livro que estamos terminando de comentar é, essencialmente, uma profecia, conforme já vimos antes. (Ver Apo. 1:3; 19:10 e 22:7,10).

«...Deus tirará...» O homem «tira» alguma parte, pelo que é apropriado que algo seja tirado dele. Trata-se da «lex talionis», a lei da vingança mediante a qual qualquer crime era punido exatamente de acordo com a gravidade da ofensa. Assim, de um ladrão se amputava uma de suas mãos; os olhos dos espreitadores eram arrancados. (Pode-se ver essa lei em oração também em Apo. 18:6, comparando-o com Jer. 50:29).

«...árvore da vida...» (Ver notas expositivas completas sobre isso, em Apo. 22:2). Isso constitui parte das imensas bênçãos da imortalidade, na cidade eterna.

«...cidade santa...» Ver acerca da Nova Jerusalém, em Apo. 21:2, onde ela também é denominada «santa». «Os ímpios» que ousarem distorcer as palavras deste livro perderão a «cidade santa».

«...das coisas que se acham escritas neste livro...» Essas são as

20 Λέγει ὁ μαρτυρῶν ταῦτα, Naί, ἔρχομαι ταχύ. 'Αμήν, ἔρχου, κύριε 'Ιησοῦ.

20 ἔρχομαι ταχύ Re 2.16; 3.11; 22.7, 12

1611 2059i 2329 al

20, 21 Κυριε . . . παντων] Κυριε Ι. Χριστε μετα των αγων σου 2329

22:20: Aquilo que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho, Amém, vem, Senhor Jesus.

«...Aquele que dá testemunho...» Essas palavras aludem ao próprio Jesus. (Ver acerca de seu «testemunho», contido neste livro, em Apo. 1:2,9; 12:17 e 19:10). É «acerca» dele, «da parte» dele e «pertence» a ele, além de ser «autenticado» por ele, conforme se vê no presente versículo.

«Certamente venho sem demora...» Essa é a terceira afirmativa acerca da vinda de Cristo para breve, somente neste capítulo. (Ver as notas expositivas completas a respeito, no sétimo versículo).

«...Amém...» Provavelmente temos aqui uma palavra proferida por Cristo, confirmando o que ele acabara de dizer. Mais provavelmente ainda, porém, essa confirmação foi proferida por João. O «amém» pode significar uma afirmação: «Assim é»; ou pode significar um desejo: «Assim seja». Se foi proferida por Cristo, indica uma afirmação; mas, se foi proferida por João, trata-se de um forte desejo. (Quanto a notas expositivas completas sobre essa palavra, empregada como título do próprio Cristo, ver Apo. 3:14. Essa palavra também ocorre em Apo. 1:6,7,18; 5:14; 7:12 e 19:4, e sempre acompanhando alguma verdade ou declaração solene. Quanto a seu emprego litúrgico no judaísmo, ver as notas expositivas em João 1:51).

«...Vem, Senhor Jesus...» Essas são palavras proferidas por João. A triplíce promessa de vinda para breve provocou o triplíce convite feito a ele, para que volte, conforme se vê no décimo sétimo versículo. Agora João, como indivíduo, reverbera esse convite. Isso sempre deve ser verdade. Aquilo que obtemos, obtemos somente como indivíduos. Nossa reação positiva deve ser individual, no que tange aos valores espirituais. Para João não era suficiente

21 'Η χάρις τοῦ κυρίου 'Ιησοῦ<sup>a</sup> μετὰ πάντων<sup>b</sup>.

<sup>a</sup> 21 [D] κυρίου 'Ιησοῦ M A 1611 2053 f κυρίου 1839 f κυρίου 'Ιησοῦ Χριστοῦ 046 081 94 1804 1834 2020 2042 2045 2073 2138 2423 eth Andrew f κυρίου ἡμῶν 'Ιησοῦ Χριστοῦ 208 234 2047 it<sup>1</sup> v<sup>1</sup> dom. di. sta. sa. vg sy<sup>1</sup> sy<sup>2</sup> sa.

<sup>b</sup> 21 [C] μετὰ πάντων A it<sup>1</sup> cum omni<sup>1</sup>bus hominibus, vg<sup>1</sup> Tyconius Beatus f μετὰ πάντων ἡμῶν 208 it<sup>1</sup> dom. di. sta. sa. vg<sup>1</sup> eth P<sup>1</sup> Ambrose f μετὰ πάντων ἡμῶν 2049 2050 f μετὰ τῶν ἀγίων M it<sup>1</sup> f μετὰ τῶν ἀγίων σου 2329 (see footnote 2) f μετὰ πάντων τῶν ἀγίων 046 051 94 1008 1611 1834 1839

<sup>c</sup> 21 [C] omni ἀμήν. A 1008 2006<sup>1</sup> 2422 it<sup>1</sup> v<sup>1</sup> Tyconius Andrew<sup>1</sup> Beatus Arethas f add ἀμήν. M 046 081 94 1611 1834 1839 2020 2042 2053

<sup>2</sup> A forma κυρίου 'Ιησοῦ, que é bem apoiada por M A cerca de quinze manuscritos minúsculos (incluindo 1611 2053), foi expandida por escribas piedosos, que adicionaram Χριστοῦ após 'Ιησοῦ (046 051 maioria dos minúsculos) e ἡμῶν após κυρίου (cerca de quinze manuscritos minúsculos it (gig.61) vg sir (ph,h) ara al). A omissão de ἡ χάρις τοῦ κυρίου 'Ιησοῦ (2329 cop (bo)) surgiu por acidente, quando o olho do copista ou tradutor saltou de 'Ιησοῦ (vs. 20) para 'Ιησοῦ (vs. 21). Por igual modo, a forma ímpar de 1839 (κυρίου) é um equívoco de transcrição.

<sup>3</sup> As palavras finais do livro têm sido transmitidas em formas diversas e curiosas. Apríngio e Primásio omitem o vs. 21 inteiramente, e a versão boairica une os vss. 20 e 21, para que digam: «Vem, nosso Senhor Jesus Cristo, sobre todos os santos, pelo século do século (ou séculos). Amém». Os testemunhos gregos expõem sete términos diferentes (não contando os que adicionam «Amém»):

prodigiosas «bênçãos» que são prometidas aos fiéis, descritas essencialmente nos capítulos vinte e um e vinte e dois deste livro. Os pervertedores pensarão estar servindo a seus próprios interesses egoístas, nesta distorção, mas terminarão sofrendo uma perda infinita. Essa é a lei da colheita segundo a semeadura, referida em Gál. 6:7,8, cujas notas expositivas devem ser examinadas.

Outras idéias sobre o décimo nono versículo:

1. Certamente os versículos desolto e desonra ilustram a seriedade da revelação divina e nossas relações com a mesma. Com nossas declarações dizemos que as Escrituras são divinamente inspiradas, mas com frequência negamos essa verdade nas nossas vidas. Se um anjo, subitamente, aparecesse em uma de nossas reuniões, e proclamasse essa verdade, imediatamente, muitos crentes haveriam de dar muito mais importância à Bíblia, tanto naquilo que dissessem como naquilo que se aplicaria às suas vidas diárias. Sem tal visitação, ficamos frios diante das Escrituras. Mas essa frieza certamente reduzida em nosso próprio detrimento.

2. Quanto perdem aqueles que brincam com a revelação de Deus! Isso pode ser feito mediante a indiferença, ou através da perversão direta das Escrituras. Todos nós, até certo ponto, somos culpados de indiferença para com a revelação divina, naquilo que tange a nós mesmos.

3. Os judeus supunham que nada pode e nem deve ser adicionado ao seu Talmude; e isso demonstra o respeito que tinham por suas próprias tradições. Nossas vidas só podem demonstrar quão profundo e forte é nosso respeito pelas nossas próprias tradições, transmitidas pelas Escrituras Sagradas.

Variação Textual: As palavras «sua parte do livro da vida» figuram em manuscritos latinos e na Vg. Mas a verdadeira forma é «sua parte da árvore da vida». O erro era uma simples substituição de um comum símbolo apocalíptico por outro, provavelmente devido ao descuido na cópia. A segunda dessas formas é apoiada por toda a tradição grega, e também pela maioria das versões.

'Αμήν, ἔρχου, κύριε 'Ιησοῦ.

20 Ἀμήν] om M 2028 2329 pc ge sy<sup>1</sup> sa co | 'Ιησοῦ add Χριστὸς M<sup>c</sup>

que a Noiva, de forma geral, bradasse, «Vem!» Ele mesmo, pessoalmente, sentia que deveria envolver-se nesse convite.

Jesus, que nossa única alegria seja Tu.

Porquanto Tu mesmo serás o nosso prêmio:

Jesus, só Tu agora a nossa glória,

Como também por toda a eternidade.

(Bernardo De Clairvaux)

Este versículo pode ser confrontado com I Cor. 16:22; onde se lê o termo «Maranata!» que significa «o Senhor vem!» É bem possível que algumas das primeiras obras literárias cristãs lançassem mão desse termo como uma espécie de encerramento. O Didache 10:6 mostra que essa palavra era usada liturgicamente como parte da oração de ação de graças, na igreja primitiva. Isso mostra a importância que a «parousia» desempenhava aos olhos da igreja primitiva. A mesma coisa deve suceder entre nós. (Ver I João 3:3).

Outras idéias sobre o vigésimo versículo:

1. «O profeta é o porta-voz da igreja; seu desejo se une ao desejo de todos quantos amam à manifestação de Cristo» (Carpenter, in loc.).

2. «Ver Apo. 1:7 quanto ao assentimento do Senhor a essa chamada. Então João expressava sua crença na promessa do Senhor: Amém. Vem, Senhor Jesus» (Robertson, in loc.).

3. O «Senhor» Jesus é que é convidado a voltar. Seu senhorio é necessário tanto para sua função de Juiz como para sua função de Salvador. (Ver Rom. 1:4 quanto ao fato que Cristo é «o Senhor»). No Apocalipse, esse termo ordinariamente é aplicado a Deus Pai, mas, por algumas poucas vezes é aplicado a Cristo. Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores. (Ver Apo. 19:16).

(εἰς τὴν οὐκὴν Χριστοῦ) arm P<sup>1</sup> Ambrose Beatus f omni f χάρις τοῦ κυρίου 'Ιησοῦ 2329 cop<sup>m</sup>

2050 2043 2053 2113 2073 2138 2423 sy<sup>1</sup> rup<sup>m</sup> arm Andrew Arethas f μετὰ πάντων τῶν ἀγίων αὐτοῦ 2030 sy<sup>1</sup> f upon all the saints unto age of the ages cop<sup>m</sup> (see footnote 2)

2063<sup>1</sup> 2073 2138 it<sup>1</sup> dom. di. sta. sa. vg sy<sup>1</sup> sa cop<sup>m</sup> arm eth Andrew<sup>1</sup> Arethas f add ἀμήν ἀμήν. cop<sup>m</sup>



- (1) μετὰ πάντων
- (2) μετὰ πάντων ὑμῶν
- (3) μετὰ πάντων ἡμῶν ἡμῶν
- (4) μετὰ τῶν ἁγίων

- (5) μετὰ τῶν ἁγίων σου
- (6) μετὰ πάντων τῶν ἁγίων
- (7) μετὰ πάντων τῶν ἁγίων αὐτοῦ

Em favor de (4), que figura em N<sup>it</sup> (gig), está o fato que noutros pontos do Apocalipse é usada a palavra ἅγιος por doze vezes (em 8:3 com πάντων) a fim de designar aos crentes. A forma (2), adotada pelo Textus Receptus, é confirmada somente por um manuscrito grego (296), mostrando a influência de II Cor. 13:13 e II Tes. 3:18. A forma (6), que tem o testemunho mais extenso (046 051 cerca de cento e oitenta minúsculos sir (h) cop (sa,bo) ara André Arctas), parece ser mescla de (1) e (4). As formas (3), (5) e (7) são apoiadas por evidência bastante insignificante. Com base no peso do códex Alexandrinus (século IV), que é apoiado por manuscritos da Vulgata Latina e por Ticônio (389 D.C.) e Beato (786 D.C.), a maioria da comissão preferiu a forma mais breve.

<sup>4</sup> O Textus Receptus, seguindo N<sup>046 051</sup> quase todos os minúsculos vg sir (ph,h) cop (sa,bo) ara etí al, conclui o livro com ἄμήν. Porém, se essa palavra fizesse parte do original, seria difícil explicar sua omissão de testemunhos como A 1006 2065 (txt) 2432 it (gig,61) vários manuscritos da Vulgata (incluindo o códex Fuldensis) Ticônio al.

#### 22:21: A graça do Senhor Jesus seja com todos.

*Variantes Textuais:* Essas palavras envolvem muitas variantes textuais, embora se trate de uma doxologia tão simples:

«Senhor Jesus» sem dúvida é a forma original (retida pelos mss Aleph, A e cerca de quinze manuscritos minúsculos que chegaram até nós). Isso foi expandido para «Senhor Jesus Cristo», pelos escribas dos mss 046, 051 e pela maioria dos manuscritos minúsculos. Alguns poucos outros manuscritos, como também o It(gig), 61, o Sl(ph,h) e o Ara adornam isso para «nosso Senhor Jesus Cristo». As palavras «A graça do Senhor» são omitidas pelos mss 2329 e pelo Cop(bo), porquanto o olho do escriba deve ter saltado acidentalmente do «Jesus» do vigésimo versículo para o «Jesus» do vigésimo primeiro versículo.

1. «...com todos...» Quase certamente isso corresponde ao texto correto, porquanto conta com o apoio dos mss A, da Vg e dos escritos de Ticônio (380 D.C.) Beato (786 D.C.) como também do fato que é a forma mais curta e mais simples que aparece em todos os manuscritos; portanto, seria a forma que mais provavelmente deve ter sido modificada, mediante vários adornos.

2. «...com todos vós...» é uma pequena expansão do texto, que aparece em um só dos manuscritos gregos que conhecemos, o 296, exibindo influências provenientes de II Cor. 13:13 e II Tes. 3:18.

3. «...com todos nós...» é forma que aparece em manuscritos tão insignificantes que nem merece nossa atenção. Os mss 2067, o Lat(gig), a Vg, o Sl e o Bo dizem assim.

4. «...com os santos...» Isso figura no Aleph e no Lat(gig) (uma forma composta), e que é apenas um adorno escribal. Por doze vezes a palavra «santos» é empregada no Apocalipse, e foi apenas natural que algum escriba também a tivesse usado na doxologia final.

5. «...com seus santos...» Assim diz o ms 2329, que também omite a alusão à graça do Senhor Jesus, o que é um duplo erro.

6. «...com todos os santos...» Assim dizem muitos manuscritos da tradição koiné, e o Sl. Trata-se de um adorno.

7. «...com todos os seus santos...» Forma que aparece somente nos manuscritos mais recentes, formando uma evidência textual muito insignificante.

O Amém litúrgico, no fim do livro, não faz parte do texto original. Difícilmente faz parte dos livros e epístolas originais do N.T. No entanto, faz-se presente nos mss Aleph, 046, 051 e na maioria dos manuscritos minúsculos, como também na Vg, no Sl(ph,h), no Cop(sa,bo), no Ara e no Etí. A tentação para adicionar tal palavra deve ter sido avassaladora, o que explica por que a maioria dos escribas cederam à mesma. Mas os mss A, 1006, 2065(txt), 2432, e o It(gig,61) e alguns manuscritos da Vulgata, omitem aqui tal palavra. Se porventura fazia parte do original, não é provável que os escribas a tenham omitido propositalmente.

Isso tudo pode ser comparado ao fato que a graça do Senhor Jesus abrange a «todas», conforme se vê nas introduções e conclusões das epístolas paulinas. (Ver especialmente, as notas expositivas no fim das epístolas aos Romanos e aos Gálatas).

Subtítulo. A Vulgata e o Copta não têm subtítulo algum, o que está de conformidade com o documento original, que também não o tinha. Os subtítulos foram adicionados por escribas posteriores, a fim de prestarem certas informações sobre os livros bíblicos, como sua autoria, proveniência, destino, o amanuense do mesmo, etc. O siríaco meramente duplica o «Amém» litúrgico—«Amém e Amém». O Códex Alexandrino diz apenas: «A revelação de João», com o que concorda o ms Aleph. O etíope e o árabe, porém, apresentam subtítulos elaboradíssimos: «Aqui termina a visão de João: o Apocalipse; Amém; isto é, como se poderia dizer, a visão que ele viu em sua vida; e foi escrito pelo bem-aventurado João, o evangelista de Deus». Assim diz o etíope. E o árabe: «Pela assistência de nosso Senhor Jesus Cristo, a visão de João, apóstolo e evangelista, o amado do Senhor, termina: esta é o Apocalipse, que o Senhor lhe revelou para o serviço dos homens. A ele seja a glória para todo o sempre».

*Graça.* Conforme diz Robertson (*in loc.*): «Essa é uma excelente palavra para encerrar esse admirável quadro da graciosa provisão divina em favor de seu povo, nos céus e na terra». (Ver as notas expositivas completas sobre o termo «graça», em Efé. 2:8, onde também se apresenta a nota de sumário a respeito).

«A Religião da Graça. A cortina caíra. E se indagarmos, profundamente interessados, qual é o sentido central e mais profundo da peça, a resposta terá de ser dada conforme aquelas palavras douradas e finais: 'A graça do Senhor Jesus.' É nessa direção que se movimenta todo o A.T. e é isso que o N.T. proclama. E com essa palavra é que termina o livro de Apocalipse. As

Devoções Particulares de Lancelot Andrewes, que não foi ainda ultrapassado como livro que expressa o encontro da alma humana com Deus, poderia ser considerado um pequeno volume da graça de Deus. No último aniversário de sua vida, Samuel Johnson, com setenta e cinco anos de idade, a quem restava menos de três meses de vida, escreveu uma oração reveladora, cujas palavras características são: Ó meu gracioso Deus. Nenhuma de suas brilhantes empreitadas no mundo dos homens ocupava a sua mente. Estava isolado com Deus, e uma alegria profunda o invadia, por ter encontrado o Deus de toda a graça. Em todos os séculos, essa palavra tem sido expressa nas devoções dos crentes. Em todas as horas de despertamento e de maior inspiração à ação, é a graça que nos fala tanto da cruz como do trono». (Hough, *in loc.*).

«Conforme todos sabem, o A.T. termina com a palavra «maldição», porquanto é a advertência feita a uma terra cujo futuro depende do futuro de Israel—depende da conversão do remanescente e do acolhimento à pregação de Elias (evidentemente uma das duas testemunhas do décimo primeiro capítulo do Apocalipse), pouco antes da volta de Cristo. A lei não podia fazer qualquer promessa absoluta, pelo que a Palavra de Deus, dada por meio de Malaquias, termina assim: «...para que eu não venha e fira a terra com maldição».

«Mas agora Cristo veio e eliminou o pecado pelo seu próprio sacrifício. E embora o Apocalipse tenha tido de desvendar a terrível rebelião do mundo, e os juízes necessários e tremendos de Deus, contudo, repousa a bênção do favor divino sobre aqueles que têm crido, os seus santos. Assim como Cristo levantou as mãos e os abençoou, defronte de Betânia, por ocasião de sua ascensão, assim todos os santos serão abençoados então, por suas mãos traspassadas e levantadas em bênção. Amém!» (Newell, *in loc.*).

A sua graça faz de nós o que somos e aquilo que esperamos ser e devemos ser. A sua graça nos transforma segundo a imagem e a natureza de Cristo (ver Rom. 8:29; I Cor. 3:18 e I João 3:2). A sua graça nos leva a participar de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10) como também da própria divindade (ver II Ped. 1:4). Que mais poderia ser dito sobre a imensidade de sua graça, além disso?

*Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti;  
Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;  
Sabemos que nada somos, mas Tu nos ajudas a ser algo.  
Bendito seja o Teu nome—Aleluia!*

(Alfred Lord Tennyson, *The Human Cry*).

Assim, agora, por essa mesma graça, sinto-me em dívida imensa, tendo chegado ao fim desta exposição do N.T. a 1º de maio de 1974, após um labor realmente obcecivo de quase oito anos. Já vi a boa terra desde Dã a Beerseba, e hoje a minha alma exulta em Cristo, mediante a graça de Deus, que me deu as forças físicas, mentais e espirituais para levar esta obra a bom termo. Assim, por sua graça, apresento ao público do idioma português o primeiro comentário do N.T., versículo por versículo que já saiu nessa língua. (Russell Champlin)

*Oh, a graça de Deus quando devorador eu sou,  
E diariamente sou constrangido a ser;  
Que a tua bondade, como uma algema,  
Prenha a Ti o meu coração vagabundo.*

(Robert Robinson)

*Digo, o conhecimento de Deus, em Cristo,  
Aceito pela tua razão, soluciona, para ti,  
Todas as questões da terra e fora dela.*

(Robert Browning)

*Nota do Tradutor:* Expresso meu preito de gratidão ao Senhor e à sua maravilhosa graça, por ter-me permitido empreender e concluir esta obra até agora inédita na língua portuguesa: um comentário do N.T., versículo por versículo, que jamais se descera de exaltar à pessoa amantíssima do Senhor Jesus. A tradução foi iniciada em janeiro de 1969 e foi concluída no dia de hoje, 3 de junho de 1974. Que tudo redunde na glória do Senhor: Pai, Filho e Espírito Santo! (João Marques Bentes).

